













ASSIGNATURAS  
ANNO 20\$000  
SEMESTRE . . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)  
OFFICINAS  
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO -- WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR -- DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE -- BELLARMINO CARNEIRO

## OS ANNAES

Annaes das sciencias, das letras, das artes e das industrias, esta revista se destina a occupar um posto vago, na imprensa do Rio de Janeiro, posto de sacrificio abandonado por trabalhadores de superior engenho, cujo vestigio brilhante testemunha ainda sinceros sacrificios mal apreciados.

E' possivel que, neste periodo de animadora actividade intellectual, consigamos restaurar a tradição interrompida por desalentos lamentaveis, e, todavia, gloriosa, como precioso subsidio ao desenvolvimento desta terra.

*Os Annaes* serão um registo da nossa vida mental, uma resenha, cuidadosamente feita, das idéas, dos factos, dos phenomenos sociaes, estudados pelo aspecto mais pratico e intuitivo, e de tudo aquillo que possa servir de documentação, ou interessar ao nosso progresso.

Para realisar o plano de um semanario accessivel a todos os paladares, publicaremos, com rigorosa selecção, artigos de critica, romances, versos, chronicas commerciaes e um noticiario dos factos mais importantes do paiz e do estrangeiro, enfeixando, para a leitura do domingo, um punhado de informações, muito uteis áquelles que não podem andar em dia com os jornaes.

Ao alcance de todas as intelligencias e de todas as bolças, *Os Annaes* encetam a sua obra, esperando que o acolhimento do publico os alente e lhes dê meios de se realisarem as suas idéas, com efficacia.

O successo, que é a mais eloquente justificação dos actos humanos, dirá si fomos bem inspirados, nesta empreza; confirmará as nossas esperanças ou, sendo negativo, inflingirá mais uma decepção aos nossos sinceros esforços.

\* \*

Nada ha que dizer contra a nossa collaboração. Ella será constituída da melhor gente intellectual, quer do Brazil, quer de Portugal. Do *paiz das uvas*, esperamos os trabalhos, d'entre outros, de Fialho d'Almeida, a originalidade mais rútila, mais fulgurante das modernas letras portuguezas.

O nome tão glorioso do artista das *Pasquinadas*, dos *Gatos*, do incomparavel creador da *Madona do Campo Santo*, bastaria como recommendação do carinho, do interesse com que havemos de tratar *Os Annaes*. Não somos menos felizes com o contingente que nos promettem trazer os illustres escriptores Virgilio Varzea, padre José Severiano de Rezende, Euclides da Cunha, Joaquim Vianna, Ferreira Vianna Filho, Guimaraens Passos, Emilio de Menezes, Araripe Junior, Sylvio Romero, Viriato Correia, o contador magnifico dos nossos sertões, os professores drs. Ed. Chapot Prévost, Fernandes Figueira, Figueiredo Rodrigues, Otto de Alencar, major Felinto Alcino e os caricaturistas Chrispim do Amaral, Calixto e Raul.

As nossas aquisições não ficarão ahi. Attendendo ás necessidades que o tempo nos apontar, nós não pouparemos esforços em beneficio do publico. Tambem *Os Annaes* abrem as suas columnas á intellectualidade dos Estados, onde não faltam escriptores e artistas, ignorados uns, esquecidos outros, á mingua de meios de publicidade.

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

O facto de maior destaque, nos trabalhos do Congresso, é, sem contestação, o renhido e fulgurante debate provocado pela vaccinação obrigatoria contra a variola.

Não ha discrepancia no humanitario intuito de proporcionar á população da capital da Republica, meios de defeza contra as epidemias que, em exacerbações intermitentes, lhe extor-

quem lugubre tributo de vidas. A di, vergencia surge da escolha dos meios dos processos que, segundo uns, deverão contornar, com religioso respeito, a área das liberdades individuaes, e segundo outros, não se embaraçar em escrupulos sentimentaes, e entrar, francamente, pelas fendas, que a salvação publica, como suprema lei, tem o direito de abrir nos reductos das garantias constitucionaes.

E tem gyrado em torno desses themas, transcendentos e respeitaveis pela velhice, a eloquencia dos mais estimados oradores da Camara, obrigada á maçada de ouvil-os, de interromper a deliciosa apathia, onde se tem afundado, como num tremedal de areia gulosa.

Parece que o projecto não merecia tamanha opposição. Será, quando muito, o meio extremo de emprender a prophylaxia efficaz, uma vez que o povo, pouco preocupado com a defeza de sua saude, não procura, espontaneamente, immunisar-se contra o flagello, de raizes fundas e pertinazes nos antros da cidade.

O povo será sempre, como se tem dito á saciedade, a eterna criança; não tem noção perfeita do que lhe convem, do que o prejudica; não percebe os perigos, nem sabe os meios de os evitar; é indispensavel que alguém cuide delle; necessita de uma governante, que será sempre o governo, cujos beneficios e maldades aceita e soffre com igual indiferença e resignação.

Mas, a defeza dos consagrados direitos individuaes, inscriptos na bandeira de todas as opposições, escorrega, facilmente, para o escabroso terreno da politica, como aconteceu nesse caso da vaccinação obrigatoria, que seria innocente, se o não exacerbasse o intolerante espirito de seita, inoculado, desde o nascedoiro, no organismo da Republica.

A parte esse lamentavel desvio a, discussão teve intenso brilho, e apaixonou os contendores, mas não convenceu á Camara, que applaude com entusiasmo os discursos contundentes de Barbosa Lima, a palavra ornamental de Belisario de Souza, os assaltos violentos de Bricio Filho, assim como o vibrante *sermão* de Erico Coelho; mas vota contra.

\* \*

Além desses projectos, estão na forja umas tantas reformas, denunciando

a recrudescencia de um vèno de resultados negativos. Votam-se leis eleitoraes, que serào letra morta, remenda-se, pela terceira vez, o regimen de fallencias; cogita-se de uma reviravolta salutar na magistratura do Districto Federal; de nova reforma do regimen interno da Camara, ha poucos dias concertado, e apenas arranhado por um coxillo do presidente interino; e finalmente, vae preoccupar a preciosa atençaõ dos representantes da nação, a constitucionalidade do uso dos crachás, concedidos pela munificencia do Imperador e dos soberanos estrangeiros.

Nesta importantissima materia, estam com os srs. Hasslocher e Teixeira de Sá, pensando que o uso de condecorações, como ornato, não depende de interpretação de texto constitucional, *ad instar* das medalhas, inventadas pelo transacto governo por meio de um desprentecioso decreto, para assignar serviços militares. Ninguem protestou contra isso, e a constituição ficou immaculada na sua virgindade de cadaver embalsamado.

## EXTERIOR

As vistas dos homens de estado, dos directores de povos, continuam voltadas para o Oriente, onde se fez uma lucta titanica entre duas raças, envolvendo a solução de problemas sociaes de uma grande parte da humanidade.

A Russia, conservadora, autocratica e semi-barbara, defronta o Japão erguido, ha cinquenta annos, do torpor de tradições atrophiadoras para emprender a missão de guarda avançada da civilisação da raça amarella, missão imposta por afinidades ethnicas e solidariedade de interesses.

Combatem os dois terriveis adversarios pela expansão de dominio em cubigado territorio, que lhes não pertence. E a China, a proprietaria do sólo, onde correm caudaes de sangue estrangeiro, assiste, aparentemente impassivel, ao horrivel duelo de morte, como poucos annos atraz, assistiu á invasão europeá para esmagar a rebeldia cruel dos *boxers*.

A rapidez assombrosa dos progressos do Japão, os prodigios de assimilação de todas as conquistas da civilisação occidental, de que essa guerra, sem precedentes na historia, é um eloquentissimo documento, provaram que a raça amarella não soffre o stygma de incapacidade, nem a miseria intellectual, que a tornaram desprezivel, como factor ponderavel nos destinos da humanidade, afastada definitivamente do convivio das nações cultas.

A experiencia, deduzida de factos contemporaneos, affirma que não convem aos europeus a civilisação da China, pelos moldes das modernas concepções. Elles a consideram, apenas, um valioso e rico productor de materias primas, um consumidor que vale por quinhentos milhões de almas. Por isso a Inglaterra, apezar do seu admiravel systema de colonisação, victorioso na Australia e na America do Norte, se contentou com adquirir portos no Mar Amarello, para protger a sua marinha mercante, oppor um dique ás ambições mercantis de outras nações, mantendo um privilegio de que foi agente o opio, como elemento de degeneração da raça explorada, atrophiando-lhe as energias para a resistencia. Outras nações

lhe secundaram a pista, depois do conflicto sino-japonez, interessadas todas pelos mesmos intuitos de impedir que o Japão auferisse os mais importantes resultados da victoria.

A Russia, occupando a Mandchuria, quebrando compromissos de um tratado, adquiriu um vasto campo de expansão dos slavos, apertados nas solidões glaciaes dos steppes da Siberia. E' a posse daquella fertilissima região que ella disputa a preço das caudaes de sangue do exercito de Kuropatkine e dos homericos heróes de Porto Arthur.

A victoria dos japonezes será um fortissimo dique á onda do imperialismo europeu e o primeiro passo para uma lucta de industrias, cujo desenlace se antolha favoravel aos amarells, que, além de todas as materias primas em profusão, dispõe de milhões de operarios, a salario insignificante, sóbrios, pacientes, tenazes, de prodigiosa habilidade manual.

Não é arrojado prever a fallencia das industrias occidentaes quando forem introduzidos no Celeste Imperio, os miraculosos processos da mechanica, que lhe permitirão fabricar os finissimos tecidos de seda da França e da Italia, os algodões inglezes, as armas belgas, todos os artigos da Ailemanha e da Austria, inclusive os canhões Krupp, as placas nikeladas de Carnegie e os coiragados de Sampson.

Essa perspectiva sombria encobre aquillo que os europeus chamam o perigo amarello.

\* \*

Os telegrammas dos ultimos dias noticiam uma situação de repouso dos exercitos de Kuropatkine e Oyama, no preparo da reprodução de outra batalha campal como a de Liao Yang, e talvez de resultados mais decisivos, si os russos não conseguirem executar o plano de retirada para Karbin.

Em Porto Arthur, prosegue com desesperado vigor, a porfia entre sitiados e sitiados, já consagrados á admiração do mundo por estupendos feitos heroicos.

\* \*

O vulcão revolucionario, que parecia extinto nas republicas néo-hespanholas, volve á actividade, inflingindo serias perturbações ao Estado Oriental e ao Paraguay, onde a paz é uma promessa de todos os dias, sempre adiada.

Ultimas noticias asseguram a imminencia de um accordo entre o presidente Escurra e o general Benigno Ferreyra; entretanto o governo e os revolucionarios continuam a receber consideraveis armamentos.

Parece que as ameaças de revolta que agitam, durante alguns dias, a Republica Argentina, se resolveram em simples opposição ao ministerio organizado pelo presidente Quintana.

No Chile, continúa a politica inconsistente, creada pela divergencia obstinada entre os poderes constitucionaes, determinando uma situação permanente de crises ministeriaes. De resto, não tem sido outra coisa o governo do presidente Riesco.

Poucos são os homens notaveis do partido dominante que não tenham passado pelos gabinetes ephemerios; e tão frequentes têm sido as mudanças e reconstituições, que já se sente falta de quem queira ser ministro.

Ahi têm os adversarios do systema parlamentar, excellentes argumentos para a sua propaganda.

POJUCAN.

## A EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

Ai! a impressão de inamovivel desolamento que nos domina, ao transpormos o paravento da sala exposicional! No primeiro relance em que o olhar circula pelas tólas varias, ha já o intuitivo descortino da impersonalidade morosa daquellas indecisas pinceladas. Digo indecisas, não porque falte segurança e vigor de technica pura ao desenho e ao colorido de alguns; mas a indecisão que eu noto naquella collectividade pictural reportase á inopia geral de concepção, á falta de orientador ideal, á persistente miseria de imaginação e á irremediavel penuria de alma dos nossos pintores, velhos e novos. E é mortificante, este pauperismo esthetico, esta bancarrota artistica, porque, valha a verdade, dentre os nossos pintores, não poucos ha que possuam, como mestres, a sciencia da execução, a noção viva e vibrante das linhas e das tintas, e pódem — talvez não possam — mas poderiam crear a Obra d'Arte palpitante e bella, em vez de perpetuamente perpetrarem essas notaveis fanearias e impertinentes bagatelas numericamente indicadoras de trabalho, mas trabalho de horas vagas, atamancado e nullo. A Exposição, aliás, é *pour cause*, prima pela quantidade e não pela qualidade. Ha alli de tudo, mas de tudo! gente vinda de toda parte para com o maximo aprumo, sem medo de expôr-se, furiosamente expôr. Ao abrir o catalogo. Ah! mas antes de abrir o catalogo, perguntemos quem foi o desabusado alumno que lhe illustrou o frontispicio. Os senhores repararam o frontispicio do folheto? Figura, numa palheta, um baixo relevo em que um ephebo de coma esparsa coroadada de abrolhos sorri, de olhos revirados, mostrando apalermado uma ponta de lingua e cruzando, como em prece, as mãos. Que quer dizer esse criança idiota? E' um symbolo, uma allegoria ou um enigma pittoresco? E a cousa, se, como idéa, está mal ageitada, está, como desenho, de um alarmante estouvamento: na mão direita do rapazelho que, opilada, incha, engalfinham-se os dedos pontudos da esquerda e num pescoço informe collou-se a cara torta de um bôbo. E' réles. Em cima, lê-se, em caracteres mal delineados, *Exposição Geral de Bellas-Artes* e em baixo, numa graphomachia tosca, *Escola Nacional de Bellas-Artes, Rio de Janeiro*. E' revoltante o desenho desses titulos, em letras cambaleantes e esgarabulhadas, de uma factura infantil. Os pinacographos das taboetas theatraes e das revistas humoristicas fazem cousa mais aproveitavel, em desenho de letras, e é inquestionavelmente uma vergonha para nós, num catalogo de exposição official, um ga-



tafunho de mão principiante impingido sem-cerimoniosamente ao visitante obrigado a admirar.

Entra-se já no salão com esse inicial desgosto, e a impressão que o olhar, de voo, recolhe é, já ficou dito, desalentadora. Abramos, porém, o catalogo, sem mais olhar o misero frontespicio, e comecemos, em detalhe, a inspecção dos quadros. Não é facil este trabalho, porque as télas se deramam e se espalham sem classificação de especie alguma. Não se agrupam conforme os auctores nem se arregimentam de accordo com a numeração. O systema—se ha systema—é extremamente fatigante para quem vai alli estudar e observar. Eu, por exemplo, para comparar, deduzir, synthetisar, quero vêr, num conjuncto, a obra do sr. Henrique Bernardelli. Impossivel. Tenho que andar procurando os numeros do sr. Bernardelli de um extremo a outro do salão, numa sarabanda que acompanha o sabbath das télas. Vou ao sr. Joaquim Fernandes Machado, que foi aquinhoado em 1901 com o premio de viagem. E' curioso, este sr. Machado, dizem. Os zigues-zagues, porém, que me obrigam a traçar, para vêr os seus dezesete quadros, desorientam-me. Ah! não, é forçoso desistir, a tarefa é ardua, perambulamos com calma pelo recinto e folheamos trabalhosamente ainda assim o catalogo segundo a contradaça dos numeros. E o exame torna-se inexequivel, as noções baralham-se, ha alli uma gigajoga de algarismos á nfa, uma barafunda onde a gente se perde. O catalogo, nesse labyrintho, não é positivamente um fio de Ariadne. O melhor é ir vendo paripassu as télas, fixando as que, por um motivo ou por outro, se destacam. E assim passo defronte das appetitosas pinturas do sr. Petit, das indefectíveis polychromias do sr. Angelo Agostini, deparo um sem numero de inconsistentes aquarellas femininas e masculinas, cabeceio diante de uns estudos de cabeça, embarafusto pela abundancia afóra das paysagens, páro, para respirar, ante uns retratos que eu olho e que me olham, compunjo-me em frente a uns altares muito alvos de umas capellas muito brancas, vejo o mar barra a fóra e barra a dentro, vejo Paquetá, Itapacy, Andarahy, Copacabana e Leme, defronto a Praia do Russel e esbarro com o Morro da Viuva, vou a Petropolis e logo a dois passos dou commigo em Nitheröy, surjo no Tyrol, em Saint-Cloud, em Villemeux, em Carrara, margeio o Sena, subo á Pedra do Mirante e caio, com a sra. Sarah Del Vecchio e a sra. Amalie Pfam, no meio de uma orgia de fructas de conde, melancias, mamões, peixes, aves, tangerinas, cachos d'uvas, pecegos, marmelos, cajús, abacates e abacaxis, e

fico, naturalmente, no meio de toda essa natureza morta, morto.

Dizer que não ha em todo esse bazar de côres uma obra positivamente notavel, uma unica pintura que reclame a attenção! O sr. Henrique Bernardelli tem duas aquarellas e cinco retratos. As aquarellas são indifferentemente quaesquer e os retratos, se eu exceptuo com muita benevolencia o do sr. Arthur Napoleão, são communs. A aquarella é um naufragio para os artistas e não é para os dilettantes o mar a beber. Estes fazem aquarella pensando que é o genero para elles mais facil e aquelles julgando que a difficuldade para elles no genero é nulla. E as aquarellas, na Exposição, fracussam, a não ser, tal o horror do resto, um trabalho do sr. Eliseo Visconti, *Leitura*, e outro do sr. Modesto Brócos, *Cabeça de contadina*, duas aquarellas de factura diversa, esta feita pelo processo da mancha e aquella pelo processo do traço tenue e seguido. A cabeça da camponia tem relevo e expressão e os dois petizes a lér um livro estão vivos e vivazes. No entanto, o sr. Visconti, que é um dos nossos mais originaes e fortes pintores, expõe, a dois palmos dessa, uma outra aquarella em que as manchas da paysagem são manchas da sua bella reputação de artista: não parece do mesmo auctor da *Leitura*, esse mosaico de borrões. Monopolisam, aliás, a monomania aquatica assras. dd. Anna da Cunha Vasco e Maria tambem da Cunha Vasco, discipulas do sr. Benno Treidler, que nos offerece igualmente aquarellas. Não se pôde affirmar que as discipulas excederam o mestre nem que o mestre tenha feito melhor, para dar o bom exemplo, que as discipulas. Eu reconheço o talento do sr. Treidler, mas o sr. Treidler, que tem talento, não ha duvida, e o tem mostrado, ha de reconhecer por seu turno que aquelle aspecto chuvoso da Gloria não é aquarella não é nada. Quanto ás suas discipulas, é, não vou longe disso, uma amavel e quicá louvavel tolerancia admittil-as á Exposição, mas que o jury lhes conceda menções honrosas, não comprehendendo. Porque não se honorificou, nesse caso então, o sr. Raphael Frederico com a sua aquarella *Aos Cajús*, que pela *gaucherie* do conjuncto e pela ausencia de concepção e execução, corre parellas com as das duas exposicionantes! Que o dilettantismo aquarelleje ás occultas em sua casa tranquillamente e que a ninguem mais senão aos artistas seja patefacto o ádito das exposições officiaes. E que haja rigor para que o estimulo se desperte e o trabalho inspirado e serio renasça. A aquarella não é pintura de principiante nem de amator. A moça que aprende desenho guarde no seu quarto as suas aquarellas e o aman-

tetico das bellas-artes reserve para si e os seus amigos as suas. Nada de exposições. Ainda ha pouco tempo, viu-se aqui, num reclame ousado, o grammaticista João Ribeiro annunciar que no Rio havia, injustamente ignoto, um aquarellista unico. João Ribeiro obrigou o aquarellista unico a revelar-se, e o homem, occulto na zeugma de uma modestia em que *per omnia saecula* devêra ficar sepulto, um dia appareceu. A sua exposição era uma cabra-cêga cahotica de pinceladas. Provou-se que o aquarellista unico não tinha, com effeito, rival no desplante com que se impingia ao zabumbar dos reclames, mas uma segunda exposição flagellou a Arte. Arthur Ferreira, era esse o aquarellista, tinha durante um anno commettido setenta e tantas copias de parasitas e tinhorões, e tulo aquillo emoldurado grimpou os cavalletes exhibitorios. Era a invasão do barrão, era a praga da bóta em rosso, a hortulania do sr. Arthur Ferreira esparramando tinta ao assalto da admiração burgueza. Ora, o sr. Arthur Ferreira, que não é um artista, mas um amator, aliás próbo, exclue-se ou tem sido excluido, das exposições officiaes, e com razão. Porque, pois, abrir logar para outros poncivos amadores? E porque premiar, além do mais, amadores que nunca passarão irrefragavelmente de amadores? Mas eu ia fallando acima do sr. Henrique Bernardelli como aquarellista. O seu principal trabalho é o quadro *Como faria Casals?* Está alli um velho a pensar com o seu violoncello diante, como é que Casals, o violoncellista em gyro, executaria o que? Qualquer cousa. O assumpto é impres-tavel. O olhar do bom homem nenhuma hesitação exprime e aquelle violoncello está obstrutivo e enorme. Como technica, não digo que essa aquarella seja um aleijão, mas não tem a precisão da contadina de Brócos nem a minucia dos petizes de Eliseo. O sr. Henrique Bernardelli, entretanto, tem um bonito trabalho no retrato do pianista Arthur Napoleão. Aquelle piano, naturalmente, é um trambolho e está photographico, mas o perfil do pianista é animado e o olhar vive. Quasi em frente, executado na mesma orientação, está o retrato do sr. Alberto de Faria. Como retrato, vae-se-lhe todo o merito pela falta de semelhança; como obra d'arte, não se lhe salva nem a intenção decorativa dos cavallicóques que, no baixo relevo do fundo, cabriolam ante a impassibilidade do sr. Faria, abstracto nopenso afan de uma digestão difficil. No entanto, o sr. Henrique Bernardelli tem, como pintor, não pequena valia. Ainda ha pouco vi, na casa Vicitas, um quadro seu que é um primor. Intitula-se *Visão*. E' um frade em extase, que a tentação de rojo aos seus pés

não póde empolgar. A physionomia cheia de goso e uncção do frade, ao qual a Virgem com o divino Infante apparece, é um estudo absolutamente notavel, e o quadro tem detalhes que agora não vem de molde frisar, mas que revelam, peremptoriamente, no sr. Bernardelli, o artista, e não simplesmente o pintor.

Quem não é artista nem pintor é o sr. Joaquim Fernandes Machado, que se apresenta na Exposição com uma abundante bagagem variada e impessoal, paisagens, flores, phantasias, estudos. Ha no sr. Joaquim Fernandes boa dóse de pretensão, e o seu quadro *O Christo curando um paralytico* é dos mais pretenciosos. Ha no local um poço em torno do qual se adunam, perto do paralytico, judeus. Ao fundo, muralha de pedra grossa com uma porta á esquerda que deixa vêr uma vaga intenção de casario longinguo ou propinquo. Os judeus estão indifferentes, o paralytico, sentado numa pelle, nem dá pela presença do absurdo Christo que o pintor lhe poz em frente. E' um curioso Christo, esse do sr. Fernandes, sem majestade, magro, baixo, feio, um boneco de cabellos amarellos, com um *cache-nez* passado ao pescoço, um typo vulgar e miseravel, de uma execução infeliz e penosa. E não é só esse quadro que nos desillusiona a respeito do sr. Fernandes. A sua *Tentação de Santo Antonio* (de que Santo Antonio se trata aqui?) é uma pilheria fatua. Numa gruta um monge levanta dois esconjurativos dedos ante duas mulheres nús, uma commodamente deitada e outra calmamente sentada, emquanto ao lado, dentro de umas pinceladas roxas, saracoteia um mostrengo, que deve ser, na concepção do pintor, o demonio, intrusamente sobejo allí, porque, se era questão de tentar o santo, já o diabo se achava competentemente representado pelo elemento feminino, muito anodynamente aliás scenographado. A tēla nada insinúa: allí não ha tentação, não ha combate intimo, não ha pugna espiritual nenhuma. Aquelle feto infernal a cirandar então dentro daquelles tremeliques de tinta roxa, é, não ha negar, de uma insipida e arbitraria phantasia. Santo Antonio (já que assim o denomina o pintor) não se dá, é o que vale, por muito achado com aquellas aparições do além e, se não faz caso das duas nudezes que se lhe antolham, tão pouco liga a minima importancia ao capiroto violaceo no seu *delirium-tremens* sulfurico. E as paisagens do sr. Fernandes são nullas, como aliás a grande maioria das paisagens. Destaco, entretanto, para lhe elogiar a technica, uma paisagem, *Copacabana*, do sr. J. Baptista. Sob um céu magnifico, que é bem o nosso esplendoroso céu, amontoam-se os montes, cheios de verdura intensa, que, luxuriante, viceja ao sol: é um

trecho da nossa natureza opulenta, apanhado com vida e sem a vulgaridade actual dos fazedores de paysagens. Ao fundo, no cabeço de um morro, cuja perspectiva é magistral, encrespa-se a selva farta dormindo á luz vaporosa... E' pena que seja uma pay-sagem desaproveitada, que se limita a estacionar na copia. O primeiro plano dessa tēla é miseravel de prosaismo servil. Porque tudo quanto é copia do natural mata a Arte. Se o artista não souber evocar — seja o artista qual fôr — o mysterio que adeja e palpita em torno de nós, se elle não souber interpretar o seu assumpto e vivificá-lo, será um mero artifice, mestre no seu *métier*, nunca será, porém, um artista. A primeira qualidade do pintor é saber escolher o seu assumpto e a segunda é inocular-lhe, atravez do seu temperamento o filtro que o fará fremmer e viver. Ha, naturalmente, assumptos que devem ser proscriptos, como, por exemplo, nesta Exposição, *A pedreira do Morro da Viuva*, do sr. Araujo Fróes, ou a *Scena domestica*, do sr. Modesto Brócos, ou a *Estrada de Furu-juba* do sr. Honorio Esteves, ou a *Nossa casa*, da sra. d. Angelina de Figueiredo, ou, finalmente, para não onerar columnas, a *Lavadeira*, do sr. Evencio Nunes. Pois uma pedreira é assumpto para um quadro? É aquelle tacho, do sr. Brócos, e a preta a atichar o fogo e a sinhá-moça a mexer o tacho, e as achas de lenha pelo chão e tudo o mais que enche aquella scena domestica desanimadora? É a casa da sra. d. Angelina que interesse nos desperta a par com a estrada do sr. Esteves? O sr. Evencio Nunes pinta-nos uma rapariga que lavou muita roupa e trata de a estender no coradouro. Isso não são assumptos, como não o são tambem todas essas pay-sagens reproduzidas daqui e dali. Quando é que os nossos pintores hão de convencer-se que toda e qualquer copia de montes, arvores, céos, valles, choças, barrancos, regatos e tudo quanto póde entrar numa paisagem, permanece nulla e vã, se á copia não vier juntar-se algo de extranho que o artista arranca de si e do ambiente? De resto, a paisagem pela paisagem não tem importancia artistica, é um exercicio de desenho como os estudos de cabeça ou de natureza morta; é um méro contingente. E por isso tanto pintor se inutilisa, sacrificando o ideal ao prazer ephemero de pintar vistas, casas, flôres e fructas, numa especialisação democratica de habilidades, demagogos da Arte a inferiorisarem-se longe dos aristocratas da Idéa, que, cultivando os generos, não os aproveitam senão como auxiliares na occasião opportuna de crear a obra que immortalisa e glorifica.

Passo portanto de largo por todas essas paisagens inteiramente incu-

riosas, por essas naturezas mortas lamentaveis, por esses estudos de cabeça insignificantes. Que hei de, com effeito, dizer do *Fim da jornada*, que valeu ao sr. Baptista a medalha de primeira clásse, e da *Noite de espectáculo*, do sr. Rodolpho Chambelland, que obteve, em vista desse quadro, a medalha de segunda classe? O *Fim da jornada* é um carro de bois por uma estrada, entre frondes d'arvores que além se envolvem no lusco-fusco natural da hora, e a *Noite de espectáculo* é uma tréva salpicada de lumes de portas, de lanternas, de charutos accesos, de fôcos electricos, na qual tréva se amalgâma uma multidão que debanda. As naturezas mortas? Hei de fallar nos pecegos do impune sr. Petit, na sra. Pfam, que nos manda lá de S. Paulo umas venenosas fructas, na sra. Sarah Del Vecchio, que, na qualidade atroz de sincera discipula do sr. Petit, exhibe melancias inteiras e em talhadas, tangerinas descascadas ou não, abacates de reconfortar a alma e fructas de conde de extasiar o espirito? Os estudos de cabeça, esses já de si tambem nada nos importam. Os estudos ficam nos *ateliers*. São estudos. Vá que se admitta o sr. Rodolpho Amoedo com os seus ensaios de encaustica. E' um professor que está louvavelmente tentando um processo, no qual, se não obtém abortos geniaes, apresenta, entretanto, umas cousas com desenho, simples retratos. Mas que o ensaio não dure muito, porque é tempo que o sr. Amoedo deixe a omelette e principie a pintar, como, em summa, parece resolvido a fazer o sr. Manoel Teixeira da Rocha, que tem um *Interior com figura*, de uma execução firme e larga. Está aqui um pintor que, se quizesse, faria obra de folego. A sua invenção é minima, prova-o a *Paysagem com cabras*; mas a sua technica é precisa, o seu traço é de mestre e as suas tintas são exactas. Ainda poderei citar o sr. Eduardo Pinheiro de Lemos e as sras. dd. Juliette Wencelius e Beatriz Savio. O primeiro tem duas paisagens em que ha minucia de desenho e pouca largueza de execução: em ambas, arvores, folhagens, regato ao meio com uns animalejos a abeberarem-se. E' pobre, mas promette. As duas senhoras dedicam-se a umas especialidades rudes: a sra. Wencelius tem um *Dessus de porte decoratif* tetrico: quatro espeques d'arvores carbonisados, á esquerda, de sentinella a um charco umbroso onde vagam brumas. E' diluido, informe, soturno, pouco, portanto, decorativo. Valham-lhe uns luares, um pôr-do-sol e uma manhã, que, se não espantam, mostram algum talento. A sra. Savio é discipula de Malaguti, esse artista de merito que nos deu nesta exposição apenas um esboço nú com futuras in-

tenções decorativas. E' pouco e rudimentar para Malaguti. A discipula faz estudos de claro-escuro. O escuro sobre-leva ao claro. São vasos com flôres e flôres sem vasos, numa incineração densa. A sra. Savio devia ter-se dado uma fadiga immensa para conseguir aquillo. Talvez lhe fosse aconselhavel tentar, com as sras. Vascos, mas em segredo, a aquarella e abandonar, embora com tão proficiente mestre, o claro-escuro.

E o sr. Helios Seelinger, deixaræi de fallar delle? Não, fallarei delle, do sr. Fiuza e do sr. Dall'Ara. Quem não conhece Helios Seelinger pela sua maneira macabra e pelos seus assumptos estrambos? Eu admiro Seelinger, cujo talento é real. Desta vez, porém, o auctor dos *Faunos*, por bizarra anomalia, apresenta-nos uma série palpavel de indiscutíveis botas. Retratos e paesagens, tudo é pastoso, mediocre, chato, positivamente abominavel, não se salvando nem o autoretrato, que é um sujeito cinzento num fundo de ouro. O sr. Fiuza esteve tambem abaixo dos seus creditos, que são merecidos. Faz muito triste figura com uma cabeça de estudo e um recanto do Tyrol, como o sr. Dall'Ara com uma insignificante paesagem. São dois artistas de talento, no entanto, e que não tem razão alguma para tão mesquinamente se manifestarem.

E que pena a gente dar pela ausencia de alguns pintores, como Decio Villares, de que ainda ha dias vi um quadro de uma delicada perfeição, *De penitencia*, que por signal a sra. d. Irene de Andrade Ribeiro agora imitou, e mal, no seu *De castigo*; pintores como Parreiras, que faz as suas exposições isoladas todos os annos e cujos trabalhos gostaríamos de vêr allí no salão official...

Emfim, a Pintura, na terra da Politica, da Intriga, do Egoismo, não poderá dar senão estas annuaes amosttras, gélidas e enfezadas, e a Exposição Geral de Bellas-Artes vai-se tornando, de doze em doze mêzes, cada vez mais esteril e vasia, creando medalhões e nullidades. A Arte, em summa, neste paiz onde ha artistas, fez-se o monopolio de meia duzia de illetrados, tendo a Critica descido cabisbaixa do seu pedestal para sentar-se na cadeira dos noticiarios sem preparo e sem independencia. Os pintores pintam paesagens sem alma, desenham fructas, estudam cabeças, e o sr. Rodolpho Bernardelli reune todos esses quadros que urlam de se acharem juntos para a Exposição de Setembro, addiciona-lhes uma dôse de pobre escultura e indigente architectura, e eis o nosso Salão official, onde o sr. presidente da republica nem sequer se dedigna de pôr officialmente os pés...

Decididamente, a Pintura, entre nós, não promete medrar... Agora

comprehando a allegoria da capa do catalogo: aquella criança atoleimada e supplice, em cujas temporaes se exasperam urzes, é certamente a nossa Arte adolescente e inculta, que dolorosa, e ainda assim esperançada, implora, mãos em cruz, piedade aos algôzes que a martyrisam.

Essa piedade não virá tão cedo. As exposições setembraes continuarão môrnas e morosas. Teremos de vêr as mesmas aquarellas, as mesmas paesagens, os mesmos retratos, os mesmos bonecos, a mesma furia das naturezas mortas, assistiremos á chromo-pintura do sr. Angelo Agostini, supportaremos a pertinacia immune do calamitoso industrial sr. Petit, admittiremos o sr. Thu-Ceu-Han, o sr. Pedro Bolato, o sr. Alberto Delpino, o sr. Honorio Esteves, todas essas senhoras e senhoritas que aprendem sempiternamente desenho e, quem sabe, talvez, aos nossos olhos pasmos, lá se ostentarão um dia tambem, para complemento de tudo e mal dos nossos peccados, os srs. Arthur Ferreira e João Ribeiro, com aquarellas.

Ah! senhores, nesse dia, *dies illa*, que será da pobre Arte maltratada e inerme? Affirmar-se-ha a victoria decisiva do dilettantismo e o triumpho completo dos medalhões, e o sr. Rodolpho Bernardelli ficará sendo o astro-rei do systema planetario artistico do Brasil, assim como já é o empreiteiro vitalicio de todas as apotheeses bronzeadas da Patria.

Padre J. SEVERIANO DE REZENDE.

Depois do *Luzia-Homem*, que, ha cerca de anno e meio, foi recebido generosamente pelo publico e pela Critica, o sr. Domingos Olympio, nosso director e nosso amigo, lançou a escripta de dois outros romances — *O Almirante* e *o Negro*.

Já sobre o primeiro, correram noticias de apparecimento em livro.

Mas, não era isso exacto. O nosso companheiro, tendo idéa constante de fundar *Os Annaes*, sempre imaginou publicar o seu trabalho antes em columnas de revista, e depois em volume.

E' por esse motivo que *Os Annaes* encetam a publicação d'*O Almirante*. Não nos peza dizer, por que Domingos Olympio é nosso chefe, que o novo romance não deshonrará o nome do auctor do *Luzia-Homem*.

## MEMENTO

Tantos bons corações no meu caminho  
Encontrei: uns feridos, em pedaços  
Outros; e, nenhum delles sem os traços.  
O mais feliz, do mais acerbo espinho.

Todos elles fallavam com carinho  
De perdidas paixões, de rotos laços;  
E as marcas dos mais perfidos abraços.  
Diziam serem doces como o arminho.

Traições, desgostos, penas, amarguras,  
Aquillo que não mata e que enlouquece,  
Cousas achavam elles, as mais puras...

Oh! corações ingenuos, eu vos louvo,  
Louvo-vos, porém digo: ai! do que esquece,  
Que, o que soffreu, vem a soffrer de novo!

GUIMARAENS PASSOS.

## A LIVRARIA

CONFESSOR SUPREMO—LIMA CAMPOS.  
LAEMMERT & C. EDITORES

A casa Laemmert teve a fortuna de editar *Os Sertões* e *No Japão*. Depois destes dois livros essenciaes, o primeiro, sobretudo, de um rebrilhante e extraordinario successo, ella se anda solapando em infortunios de officio.

Atirou ao publico, com pressas de fancaria, ao nosso publico enfreado de indolencias desconfiadas, uma qualquer meia duzia de brochuras idiotas, de um futil inolvidavel, manquejando em prosa e verso, desde uns *Novilunios* e *Pompas* até á tolice ultra Instituto Historico de uns *Perfis* e *Impressões*—com escalas pela *Myrrha* e pelo padre Guizan. Até certo ponto, essa livraria, escorada em tradições de serviços, tem feito dos crystaes das suas *vitruines*, canos de exgoto de umas borras litterarias onde a miseria, latejando variedades incriveis, bole, continúa bo-lindo, como symptomas que podem documentar as indigencias de cerebro, já denunciadas contra o Brazil.

Mediante um tal processo — publicar livros, á custa de cobres pingados, sem mais exame, que seria o pudor profissional — não será difficil á casa Laemmert, a quebra do seu justo prestigio junto ao publico. E de um publico, (refiro-me ao que tem juizo) que, afocinhado em boas leituras do estrangeiro, ainda lê um livro nosso segundo a casa que o edita, ou, em geral, quando é Machado de Assis o escriptor.

Mas, e sobretudo, é tambem de commercio a notavel livraria. Dest'arte, não será muito difficil, em primeiro logar, que esses editores vendam um pouco

desse prestígio a um sujeito que perdido na inconsciência da sua pèquice, venha a impingir, como Laudelino Freire, *panelladas* de provinciano aldeão, ou, como o padre Guizan, as maravilhosas bestidades que desvelam no vigário, um talento inexcedível, especial de dizer asneiras.

Uma casa editora, á semelhança da que dirige, com a superioridade diligente de um apaixonado, o sr. Gustavo Massow, não seria nem liberal em recolta de *Myrrhas*, nem vencida pelo absoluto dinheiro, em pescas de *Via-gens na Europa*. Sob o tino crítico de um intellectual, apprehensivo na arte e no negocio, sem somnolencias que só levantam a palpebra para ver os pronomes e as caturricas fradescas, é certo que a tropa não estiraria o focinho aos editores.

Desse padrão de criterio que, nas condições acima, não pode dar o sr. Said Ali, por exemplo, resultaria claramente que só quem carregasse os mantimentos divinos de espirito, se ariscaria a publicar livros. Estou a ver que o vendilhão dos *Sonetos Brasileiros*, ou o dos *Prosadores Contemporaneos* não se metteriam a litteratos, e o pensamento nacional não se deshonraria mais com a concurrencia dessa litteratura que o sr. Mello Moraes, irradiando cynismo, anda fazendo do suor do proximo, com benevolencias da policia.

Por outro lado, ainda segundo o mesmo criterio, nem Tourinho, nem Padre Guizan, nem Armando Dias, nem Amorins, esfaqueando os brios congenias da especie humana, viriam esfoguear as suas fancarias d'algazarra. Mas, os srs. Laemmert reabilitam-se, agora, dessas exuberancias de piedade e de lucro, dando-nos um livro bom, umas duzentas paginas fortes. Deve-se elle a um dos mais energicos e originaes talentos das modernas rodas litterarias do Rio. O livro é o «Confessor Supremo». O talento é Lima Campos. Lima Campos era escriptor de revistas, e raramente de jornaes. Algumas das suas composições, hoje bem arrumadas numa brochura que não adormece, como os *Sertões*, em flores de café pela capa, varios desses escriptos — a linda *Velha Mangueira*, o formidavel *Cake-Walk* — appareceram na *Atheneida* e no *Kosmos*. E' portanto, no sentido academico, o seu primeiro livro.

Os contos, por via de regra, são curtos, separados entre si por uns *instantaneos*, que os arejam, e nos quaes o auctor visionou sapear o ridiculo de uns homens e de umas coisas, com umas subtilzas de satyras, meio aéreas, meio intangiveis, mas irradiantes do calor do homen que as sentiu.

Lima Campos pratica a sua litteratura, em assumções ideaes de amor. A sua alma estremece puramente.

E ri, ou soffre, com sinceridades magnificas, em cada sulco da sua penna.

Vê-se, de pressa, que é um escriptor, — os senhores sabem: um individuo que pensa, em phrase que encanta. De tal sorte, tem a dignidade exterior do homem de letras, — um estylo seu, pessoal, de originalidades, — a serviço de qualidades de pensador, que completam, essencialmente, o litterato.

(Recordo isto porque, entre nós, difficilmente se alliam essas virtudes, como neste momento, em Portugal, na livraria de Grave, Montalvão, Correia d'Oliveira, de Raul Brandão e João Barreira, ou na obra sumptuaria, plena de luz incomparavel, de Fialho d'Almeida).

O artista do *Confessor* vibra nervos, empurra gestos, aquelles gestos redondos, exactos, que se cortam, que se encontram, em denuncias silvantes do seu espirito. Por isso, os seus escriptos não enlanguescem, nem na frieza sensaborona, inoffensiva, uma frieza de phrase opaca, ennevoada que, entre nós, faz agúados tantos estylos, desde os da escola suburbana, de que é chefe regenerador o sr. Cruvello de Mendonça, até ás inacessiveis torpices criticas, poeticas e litterarias do sr. Laudelino Freire — um homem que devia estar preso.

Num estylo de pompas, por onde esbraceja o seu temperamento, Lima Campos pôz a publico ora as gradações epilepticas do *Confessor Supremo*, ora a vertigem esfusante do *Cake-Walk*, numa perfeição de realidades photographicas.

Tambem prolonga a melancholia do *Pharoleiro* — melancholia super terrestre em que o forte paysagista, em periodos que ficam, nos transmite, com effeito, o que pode ser de ingenua, de bemfaseja, de somnolenta, a tristeza de um sujeito enrolado em aguas que espiam os seus viajantes por um olho que, ás vezes, se estira «em extensa lagrima roxa — milhas em fóra enviuvando o mar». Ha que destacar de uns contos murchos, sempre cheios de estylo, mas sem assumpto, a «Velha Mangueira,» as delicadezas da «Tia Martinha,» o «Natal,» as instrucções sobre cerveja do «Grande Sataninium» e a «*Mater Regina*,» onde a Cleofás realisa uma estupefacção com «as mãos cahidas sobre o regaço e a cabeça exposta, brilhando á luz agonica do sol morrente os fios loiros e os fios brancos, que eram o oiro que Deus lhe dera e a prata que o tempo trouxe» E dentre os *instantaneos*, os pedacinhos de prosa que se não esquecem no intervallo dos contos, para allivio de quem canse, lembro, emfim, o que conta de um touro que «irrompe — alto, negro, soberbo, á bocca escura da furna, do quadro trevoso do curro.»

E' linda a pagina; lembra a «figura de um mytho, de um minotauro,

accordado de repente do seu somno de milhares de annos, que viesse a irromper da treva e do mysterio de uma religião ja morta, para estacar surpreso, na fronteira luminosa do mundo de hoje, olhando, abysmado, as coisas novas da vida e os novos aspectos!»

Mas, por bellezas que dispenda, ao par d'outras, tapando-me os olhos com deslumbramentos, diabo leve o sr. Lima Campos, que escreveu á ultima pagina do livro, com alambicados de novidades nephelibatas:

«*Cariocopolis* — Agosto — 1904.»

ALMA DORIDA — CYRO DE AZEVEDO.

H. GARNIER. LIVREIRO EDITOR

A casa Garnier, tendo que zelar antigas tradições, encarece o seu nome, mais que a Laemmert o seu prestígio, na divulgação dos livros nacionaes. E' a editora, com o *gato* typographico por marca da fabrica, dos nossos melhores escriptores. E', mais do que isso, editora de Machado de Assis. Mas, para variar, para distinguir perfeitamente o bom do máu, de vez em quando faz de Quaresma. E então, louvado Deus, empalha (não é empilha) empalha a *vitrine* das litteraturas que dos outros — coitados! — escamoteia o sr. Mello Moraes.

Este homem, pelo que nos tem espirado de original, de intenso, dá excelente parelha com o sr. Ramiz Galvão, ou com o sr. Rodrigo Octavio, no que este pensador revela de singularmente brilhante da sua collaboração do Almanaque Garnier — um lindo trabalho, bem assignado, que a gente lê, chorando inveja, sobre os membros da Academia Brasileira. Na edição de 29 do mez passado, publicou o *Paiz* o seguinte telegramma de Buenos-Ayres —

Tem causado verdadeiro successo, o livro do dr. Cyro de Azevedo, «Alma Dorida».

Este despacho deve ser uma simples gentileza de cofrespondeute, amigo ou cortezão do nosso sr. ministro naquella cidade. Não é possivel suppor que os contos desse litterato sportivo façam successo, perante o espirito de um povo, acorrentado ás scintillancias da mentalidade européa, por toda a sorte de snobismo. Em todo o caso, tirando o *verdadeiro* do telegramma, fica o *successo*, do correspondente. Ainda assim, o recadinho da estonteante capital portenha, deshonra a gente argentina. Quasi sempre, um livro de contos, mesmo, hoje, os mais commoventes, não levanta «um verdadeiro successo».

Porque, como vocês sabem, essa especie litteraria, apezar de Pöe, por exemplo, é preferida para os assumptos leves, faceis, sem folego, que, de facto, não supportam as grandes, as pro-

fundas visões de espirito. Geralmente a estrutura de um conto é futil, não dá ensejo a impressivas unidades dramaticas, aos lances, aos quadros, ás penetrantes invasões do sentimento. Ora quem tem um « caso » que assuma, precisamente, todo esse activo, não o alastra em poucas paginas, não o estende em pequeno campo; não fará um conto—méro allivio por onde o escriptor desafoga as minuscularias das suas fortes elaborações.

Tudo isto em principio, para explicar a difficuldade dos verdadeiros successos das obras primas do genero. Em realidade, só um povo, de ignorancias pungentes coroará, num excepcional d'acclamações, os contos do illustre diplomata. O seu primeiro defeito é o mais réles, o mais hediondo desconhecimento das lições contesinhadas de grammatica portugueza. Seria gloriosamente reprovado num concurso de praticantes do Correio.

Esse defeito, que espalha manchas por todas as 174 paginas dos dez contos, passaria até despercebido si elles não fossem escriptos no estrangeiro, em Buenos-Ayres, onde todas as coisas se fazem negras num contraste favoravel ás brancuras rutilantes do sr. Cyro. Suppõe-se, com muita observação, que qualquer seu collega naquella cidade saiba mal a sua lingua.

O que, porém, se jura, sobre os Santos Evangelhos, é que nenhum desconhece tão futilmente a sua, com s. ex. diplomatica desconhece, tão vergonhosamente, a portugueza.

Na emergência difficil de um debate, de uma duvida sobre o genero da palavra *dó* em todos os idiomas, o sr. Mitre, no desejo de escangalhar outro Mitre, creio á mão do sr. Oliveira e Silva que pediria protecção ao corpo diplomatico, junto ao presidente Roca. Mas, si, cada vez mais senil, o general batesse ao thesoiro scientifico do sr. Cyro, este lindamente responderia :

— Na minha lingua, grande emulo de Dante, *dó* é do genero feminino ! —

Tudo isso parece sem importancia. Vejam, porém, que a posição social e official do ministro brasileiro em Buenos-Ayres, exige que elle, ao menos, balbucie a lingua da sua correspondencia com o grande homem que lhe é chefe.

Eu si fosse lá ao representante de Eduardo VII, e lhe gritasse :

— Você, John, sabe a regra da concordancia do possessivo em inglez? — o homem faria escandalo e, á eloquencia de alguns ponta-pés, me diria : — com o possuidor. — O sr. Cyro, não. Baixaria a pestana, que elle queima no serviço da psychologia; metteria o rabo entre as pernas, que elle enrija na delicia do *foot-baal*, e moita !

Depois desses desastres, parece que, no Rio, em casa, s. ex. faria melhor carreira litteraria.

Experimente. . . Aqui, a limpeza da linguagem, em que pese aos pedagogos ancestraes, é provisão secundaria.

Ninguém, no Brazil, deixa de amar, puramente amar, o Eça, o Fialho, o sr. Machado, só porque este, escreva numa das « Paginas Recolhidas » — *faziam as delicias*. Aqui mesmo, é exacto, toda a gente teria de um escriptor que ejaculasse, como Cyro, no principio de um periodo do *Vanitas* — « *se esfumavam* aos poucos, as linhas da paisagem » —, o mesmo nojo que se tem de um homem, de responsabilidade, que enróle o pescoço num collarinho negramente pautado de sujo. Nada obstante, mudaria de sorte o escriptor da *Alma Dorida*. Vou encambar os solecismos e cyrismos de s. ex., e manda-los ao sanatorio do sr. Mario Barreto — esperanza de moço que não esbarrará as suas aspirações nos duros estudos da lingua, como ninguem esbarra no alfaiate, todos os desejos da sua missão na Terra. Depois da cura, depois da alta concedida pelo jovem hygienista, *Alma Dorida* ficará na estante, quasi como um doutor num concilio, desafiando á Critica, as peremptorias sentenças, que digam : — Desses cathedrauticos do *já feito*, é o sr. Cyro um dos extraordinarios, por uma serie de motivos — pela graça colante de umas phrases, de effeito raro, de effeito orchestral; pela asneira de umas theses, idiotas e improvaveis, como na *Alma Dorida*, no *Sr. Conde*, no *Beijo*; pelo coxear infantil da sua linguagem, não sabendo, emfim, collocar os pronomes, nas casos mais rudimentares, até á velliacaria commoda de evitar a fusão de *a a*, segundo a figura crase. Já agora, não me inquietá o livro, chamado pelo auctor a realizar psychologias shakspeareanas. O que me inquietá, e não menos inquietá está a Critica, é que elle não emendará a grammatica, nem documentará a psychologia, tendo, como escora do volumezinho, a montanhosa auctoridade do ministro do Interior da Republica Argentina. Isto, infelizmente, não impede que o mirifico litterato deva, a esta hora, estar sendo estudado pelo sr. Ramos Mejia, que annuncia para breve uma nova edição augmentada de *Los Simuladores del Talento*.

WALFRIDO.

#### «EDUARDO PRADO»

Tem este titulo o livro do sr. padre José Severiano de Rezende, que sahirá muito breve.

O padre Severiano notabilizou-se, entre nós, apenas com dois ou tres artigos. Baste isso, que é muitissimo, para esperar do nosso eminente collaborador, um livro forte. Está sendo editado, em São Paulo, pela casa Falcone.

#### «HISTORIAS RUSTICAS»

Já estão na Alfandega, os volumes das *Historias Rusticas*, novo livro de Virgilio Varzea, nosso brilhante collaborador. A edição é da parceria Maria Pereira, de Lisboa.

#### «CONTOS INFANTIS.»

Bilac e Coelho Netto prepararam um livro de contos infantis, illustrados pelo mesmo artista que illustrou as *Poesias Infantis*, do nosso Poeta.

A livraria Alves, que os editou elegantemente, expô-los-á, por estes dias, á venda.

#### Edições de Alves & C.

ARTHUR THIRÉ, Elementos de Trigonometria Elementar, 3\$000.

JOÃO BARBALHO. (Ministro do Supremo Tribunal Federal.) Constituição Federal Brasileira, com breves explicações para os que não são versados na lição dos publicistas e para as classes adiantadas das escolas primarias. 1 vol. 1\$500.

JOÃO RIBEIRO, (da Academia Brasileira.) Grammatica Portugueza, curso superior 11ª edição, completamente refundida, 1 vol. 3\$000.

NERVAL DE GOUVÊA, Lições de Phisica professadas no Externato do Gymnasio Nacional, 1 vol. 6\$000.

OLIVEIRA DE MENEZES, Noções de Paysica Elementar, 1 vol. 4\$000.

OLAVO BILAC, Poesias Infantis 1 vol. caprichosamente illustrado e impresso em Paris, 3\$000.

OLAVO FREIRE, Exercicios Cartographicos em seis cadernos, que se vendem separadamente, cada caderno, 400.

PACHECO DA SILVA JUNIOR, Noções de Semantica, 1. vol.

SYLVINO JUNIOR, Dona de Casa (a mais util publicação em portuguez) 1 vol. 2\$000.

#### DIVERSOS.

AMADEU DE VASCONCELLOS, Anno Sciencifico e Industrial, principaes descobertas scientificas de 1903, contendo 101, gravuras 1 vol. 3\$000.

ANTONIO CORRÊA DE OLIVEIRA, Ara. 1 vol. 3\$000.

ANTONIO CORRÊA DE OLIVEIRA, Auto de Junho, 1 vol. 500.

AUGUSTO FRANCO, Fragmentos Litterarios 1 vol.

ALEXANDRINO CHAGAS E RAUL CARNEIRO, Pathologia Indigena 1 vol.

ALFREDO VALLADÃO, Rios publicos e particulares. 1 vol.

ARNALDO FONSECA, Photographia das côres, pelo methodo directo, pelo methodo indirecto e pelo methodo mixto, estado da questão, sua realisação e actual solução pratica, 1 vol.

Fialho d'Almeida, Livro Prohibido. 1 vol.

GUERRA JUNQUEIRO, Oração á luz, 1 vol.

JULIO RIBEIRO, Padre Belchior de Pontes, nova edição, 1 vol.

LIBERATO BITENCOURT, Reforma do Exercito. 1 vol.

MARIA DA GLORIA FERREIRAS (Dra.) Estudos de Pedagogia Scientifica. Da educação da familia e na escola.

NOVEL, (C.) A Feicidade, 1 vol.

OCTAVIO DE FREITAS, Os nossos medicos e a nossa medicina, 1 vol.

RAUL BRANDÃO, A Farça. 1 vol.

SOPHIA DE SOUZA, Real Confeiteiro portuguez e brasileiro, 1 vol.

TOLSTOI, Conselhos aos Dirigidos, 1 vol.

VIDA AMERICANA. Industria pastoril, agricultura e fabricas nos Estados-Unidos, 1 vol.

VIRGILIO VARZEA, O Brigue Flibusteiro, lenda sobre a ilha da Trindade, 1 vol.

#### Edições de Laemmert & C.

LIMA CAMPOS, Confessor Supremo, contos, 1904. 1 vol. in-12, br. 3\$000.

CONSULTOR POLICIAL, guia para qualquer funcionario de policia, contendo todas as especies de formularios, acompanhado da jurisprudencia dos diversos tribunales e Juizes da Republica, pelo dr. Vicente Reis, 1 vol. in-12, enc. (1904). 4\$000.

FRANCO VAZ, Cymbalos, versos 1 vol. in-8º br. (1904) 3\$000.

VESPASIANO TOURINHO, Myrrha, romance-poema, 1 vol. in-12, br. (1904) 2\$000.

ANNIBAL AMORIM, Novos Poemas, versos. 1 vol in-8º br. (1904) 2\$000.

DR. M. BONFIM, O Facto Psychico, objecto da psychologia. Introducção a um curso de psychologia, (1904) 1 vol. in-12 br. 1\$000.

ARMANDO DIAS, Perfis e impressões (1904) 1 vol in-12 br. 2\$000.

DR. S. STRICKER, Physiologia do Direito, traducção de Adherbal de Carvalho, (1904) 1 vol. in-12, br. 4\$, enc. 5\$000.

AIMÉE BLECK, Principios Theosophicos, (1904) 1 vol in-12, br. 2\$000.

AFFONSO CELSO, Trovas de Hespanha, versos, (1904) 1 vol. br. 3\$000.

PADRE GUIZAN, Viagens na Europa, Suissa, Baviera, Austria e Italia; notas e impressões destinadas a Ricardo Drewitz, (1904), 1 vol. in-12, br. 3\$000.

#### Edições de H. Garnier

MILLE MONNIOT, Diario de Margarida ou Os dois annos preparatorios para a primeira communhão, traducção 2 vols. enc. perc. dourada. 8\$000.

HENRIQUE MARINHO, O theatro Brasileiro, alguns apontamentos para a sua historia. 1 vol. br. 3\$000.

CYRO DE AZEVEDO, Alma Dorida, contos 1 vol. br. 3\$000.

G. DELANNE, O Espiritismo ante a sciencia, traducção de Alberto Durão Coelho, 1 vol. br. 4\$000.

JOSÉ VERISSIMO, Estudos de litteratura Brasileira 4ª serie 1 vol. br. 4\$000.

MELLO MORAES FILHO, Artistas do meu tempo 1 vol. br. 3\$000.

D. LACROIX, Historia de Napoleão, illustrada com 75 vinhetas e retratos, traducção 1 vol. br. 4\$000 enc. 5\$000.

LE SAGE, Gil Braz de Santilhena, traducção 1 vol. br. 4\$000.

MACHADO DE ASSIS, Esaú e Jacob, 1 vol. br. 4\$000.

#### Obras no prelo

JOÃO RIBEIRO E MARIO DE ALENCAR, Paginas escolhidas da Academia Brasileira.

MANOEL BOMFIM, A America latina.

DR. ZEFERINO MEIRELLES, Febre Amarella, estudo medico.

H. ESPANET, A Pratica da Homoeopathia simplificada, trad: brazileira.

OSCAR DE MACEDO SOARES, Codigo penal Brasileiro, 2ª edição correcta e melhorada.

ROCHA POMBO, No Hospicio, romance.

SYLVIO ROMÉRO (da Academia Brasileira) Historia da Litteratura Brasileira, tº 3º.

AMERICO PEIXOTO, Pathologia Dentaria.

J. J. C. PEREIRA E SOUSA E A. TEIXEIRA DE FREITAS, Primeiras linhas sobre o processo civil, nova edição.

JOSÉ VERISSIMO, Homens e Cousas Estrangeiras. 2ª série 1901-1902.

ALUIZIO AZEVEDO, Philomena Borges SCHNEIDER, Guerra da Triplice Alliança.

JOSÉ TAVARES BASTOS, Serviço Policial no Estado do Rio de Janeiro.

PIRES DE ALMEIDA, O Cavallo e o cavalleiro.

DR. CARLOS ANTONIO CORDEIRO, Consultor Commercial. Nova edição completamente refundida, contendo a ultima lei das fallencias, por Oscar de Macedo Soares.

DIOGO PAIVA DE ANDRADE, Casamento perfeito, obra juridica, edição classica.

#### ROSA DAMASCENO

Trouxe-nos, a 6 deste, o submarino, a inesperada noticia do trespasse da actriz Rosa Damasceno, que o Rio de Janeiro mais de uma vez com justiça applaudiu. Rosa Damasceno era uma actriz de que o palco portuguez com razão se orgulhava. A sua forte educação artistica amoldava-se igualmente á tragedia, ao drama, á comedia, triplice manifestação em que o seu talento, ao lado do Brazão e dos Rosas, obteve triumphos que são para poucos. A lingua portugueza tinha um encanto especial quando era modulada por aquella voz positivamente comparavel á *voix d'or* de Sarah. O verso, ella recitava-o deliciosamente, e quem ainda hoje se não lembra da *Madrugada*, do Fernando Caldeira, em que Rosa Damasceno era insigne? E Desdemona e Ophelia, e aquella deliciosa ingenua do *Amigo Fritz*? O grande Garrett, ella teve a gloria e o merito de o interpretar com realce e fulgor. Ora, podemos dizer nestas poucas linhas, em que rendemos preito á morça, uma grande actriz, destas de que se ufana uma geração e de que se orgulha um povo.

#### O ALMIRANTE (1)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

#### CAPITULO I

— Que seria? — disse d. Eugenia, dirigindo-se á filha mais velha — Já passou a hora do jantar, e teu pae não voltou.

— E' na verdade, extraordinario, mamãe — respondeu-lhe a filha compondo os cabellos, onde alvejavam raras fios de prata — Ha muito tempo que não acontece tamanha demora.

— Estamos desacostumadas — accudiu outra filha, que se baloiçava, em abandono, numa cadeira austriaca deante da porta que dava para o jardim — Papae passava semanas no paço, e não sentiamos a sua falta. Elle vivia mais para a Côrte que para nós.

— E fazia muito bem — atalhou a mãe — O serviço de Sua Magestade antes de tudo: a patria primeiro, a familia depois. Além disso, a sua ausencia era compensada pela consideração, pela honra da elevada função ao serviço da augusta mãe dos brazileiros... Agora, depois do enterro do meu adorado monarcha, veio essa rale, essa falta de respeito.

E d. Eugenia, num enlevo maguado, afagava a grande moeda de ouro com o busto do Imperador em plena virilidade, um talisman que ella trazia sempre ao peito como um broche, para lhe nutrir a esperanza de não morrer sem voltarem os dias felizes, sem ver no throno os successores legitimos do magnanimo monarcha, morto no exilio, murmurando, na hora extrema, saudoso queixume do seu querido Brazil, da gente ingrata, a que elle consagrara toda a sua vida. Para a excellente senhora, a revolução fôra um desastre irreparavel, o desmoronamento das aspirações, que não erão demasiadas, reduzidas a casar as tres filhas e manter a familia com dignidade; a interrupção de habitos queridos, como si um violento sopro de desgraça houvesse toldado a serena atmosphaera do seu lar abençoado. Ella não se resignara jamais á dor de ver o marido, o honrado conselheiro Antonino Couto, privado da farda de veador de sua magestade a Imperatriz junto da pessoa do Imperador, que o estimava como fiel subdito e homem de letras, das boas letras de outr'ora, amoroso cultor dos classicos, com optima contribuição para os archivos do Instituto Historico, e larga mèsse de trabalhos occultos na penumbra da mais irreductivel modestia. Exaltando os meritos incomparaveis do esposo, d. Eugenia chegava a insinuar, com malicia ironica, que elle corrigira succulentos

productos da sabedoria imperial, cujos manuscritos de lettra inintelligivel, incerta, de acanhado traço feminino, sem indícios do vigôr da mão adextrada nas redeas do governo, lettra vulgar miuda e acanhada em linhas irregulares, desequilibradas como uma velha cerca de gravetos desengonçados. O Imperador não baixava da região nebulosa, a que ascendera o seu espirito de polyglota, philosopho e estadista, á planície chata da grammatica; desdenhava a collocação dos pronomes e a pontuação, que confiava ao zelo indefectivel do leal conselheiro, de uma dedicação devota, a passar noites e noites decifrando aquelles informes garranchos, que antes pareciam rastos de um mosquito encharcado no tinteiro. Erão delle, do Antonino, como lhe chamava o Imperador na intimidade; erão filhos genuinos do seu éstro, de um suave perfume como o das violetas, alguns versos que passavam por sublime producto dos ocios imperiaes, principalmente um soneto camoneano dedicado a ella, que era a Lydia dos amores de Elmano, quando namoravam num doce idyllo, que terminara, castamente no casamento. Fôra essa innocente imputação de peccado metrico uma gloria para a familia. Elmano transformado em conselheiro e veador; Lydia, a pudica donzella do soneto, ampliada nas fórmas fortes da matrona, afeiçoada á Côrte, muito desvanecida na sua ternura conjugal por ver os saudosos versos passarem, em segunda mão, á serventia do magnanimo coração do monarcha.

Corria-lhe a vida, como canôa leve sobre o espelho de um lago, quando a boa d. Eugenia foi, de repente, arrancada ao seu sonho venturoso, que se delin em tetrica realidade: espalhou-se por toda a parte, arrebatada nas azas de um panico terrivel, a inopinada nova da revolução. Batalhões em festiva marcha percorriam as ruas, erguendo retumbantes vivas á Republica, ao marechal Deodoro, aos proceres da rebeldia victoriosa, e atravessando como a caudal incandescente de um vulcão, as massas attrahidas pelo estranho rumor, immobilizadas num espasmo de surpresa. Mais tarde, negrejou o aspecto do sinistro acontecimento a prisão do Imperador no Paço da cidade, a perfidia de uns, a indifferença de outros, o medo dos mais achegados á corôa e o interesse do maior numero, cavando o valo do abandono, o vacuo da cobardia em torno da victima, do grande velho e da instituição que elle representava, derribados por um sopro, como as gigantescas arvores amazonicas sem raizes, como si durante tantos annos de poder absoluto, de poder pessoal, conforme proclamava a gyria parlamentar, não houvesse elle conquistado dedicações; não soubesse

fazer amigos capazes de defendel-o a preço da propria vida, e sustentar o throno, que era o esteio fundamental da felicidade da patria.

Na opinião de d. Eugenia, naquelle dia nefasto, o caracter nacional, atacado de pusilanimidade, immergira num pantano de vergonha e vilipendio.

Ella rebentou em desapoderado pranto, quando lhe disseram que o Imperador passara a sua derradeira noite no Brazil, sentado junto de uma meza, soffrendo uma perturbação intestinal, ignorando a intensidade do crime, que o victimava. Os poucos fieis, que o rodeavam, não acreditavam na victoria da revolução. Houve quem aconselhasse a transacção imposta pelas circumstancias. O marquez de P... subiu a Santa Thereza para consultar o venerando conselheiro Saraiva, pois julgavam que uma simples mudança de ministerio resolveria a situação. Esperava-se Deodoro, que fôra chamado ao Paço, quando se apresentou o major Solon, participando o facto consumado.

— Não me péza — disse então o Imperador, saccudido de commoção — deixar o throno; não me péza deixar o poder; péza-me deixar a patria e alguns amigos.

A cabeça encanecida pendeu-lhe sobre o peito, e dos pequenos olhos claros e azues, cerrados em funda meditação, rolaram sobre a barba branca lagrimas lentas, lagrimas de amargurada decepção e de resignada dor pugentissima.

Em torno delle, toda a casa imperial, velhos servidores aguardavam ordens. E um principe mandava fechar com pregos as janellas do palacio, como unico meio de defeza. Não tinham armas: a resistencia seria inutil. Doente, privado de todo o conforto, o Imperador passou a noite vestido, alimentando-se, durante vinte e quatro horas, com uma canja chilra, fornecida pelo Carceller, com permissão dos soldados rebeldes, que sitiavam o velho casarão, como si elle encerrasse nm malfetor abominado.

No dia seguinte, sumiu-se com a fumaça do *Alagoas*, atravez das fortalezas envergonhadas, onde não tremulava mais a gloriosa bandeira nacional, a derradeira esperança de d. Eugenia. Estava tudo acabado: a familia imperial deixara para sempre o sólo brasileiro.

Mas, era forçoso enchugar as lagrimas; era forçoso viver, uma vez que Deus não a matara de dôr e vergonha; devia viver para as filhas, pobres creaturas que não tinham culpa dos azares da politica, nem da maldade dos homens. Amelia evitara o casamento, esquivando-se aos muitos pretendentes que a cobiçaram; Laura era uma creatura doce, sempre creança aos vinte e oito annos; Hortencia,

porém, tão jovem, tão formosa, criada com tanto mimo, seria a victima, porque tinha aspirações de princeza; era activa nas suas maneiras meigas, voluntariosa e energica sob aquella apparencia de menina abeirando aos dezoito annos, toda nervos, flexivel como vite e cortante como uma espada. As duas mais velhas erão bem prendadas; teriam coragem para, ao acôcho da necessidade, descerem á abjecção de professoras de canto, piano e pintura: a mais nova, a sua caçula, com aquelle espirito de primor a faiscar-lhe dos olhos negros, sempre toldados pela sombra de um pensamento recondito, jamais mercantilizaria os seus encantos deslumbrantes num casamento de conveniencia. A sorte desta era o pezadello de d. Eugenia, a sua ideia fixa. E sonhava um principe afortunado que surgisse um dia, das perfumadas moitas de roseiras do jardim, para cingil-a com um manto de purpura e arminho, por uma corôa de perolas e esmeraldas, de grandes diamantes phosphorescentes, rojando em cascatas de esplendor sobre as fartas madeixas annelladas, escorrendo-lhe pelas espadoas esculpturaes e brancas como o marmore das estatuas das deusas de Phydias.

Era forçoso viver. O marido, o pobre Antonino, não poderia, em tão avançada idade, procurar clinica, ainda que fossem notorios a sua capacidade de letrado, o seu saber de medico, exhibido eruditamente em notaveis memorias theoricas sobre a febre marella, o mal de cadeiras, além de muitos trabalhos curiosos sobre o clima, as endemias do Rio de Janeiro e o canal do Mangue. Privado do honroso cargo de veador, empobrecido da noite para o dia, como poderia sustentar a familia com decencia, de accordo com as relações sociaes conquistadas pelo merecimento e pelo character? Não era possivel romper, de repente, com os arraigados habitos: descer de pessoa grata ao Imperador, a burguez banal, a se apagar no vasto seio da vulgaridade incolor. O habito é uma segunda natureza. E ella bem sabia que o marido, homem de methodo, de horas certas, de ceremonias recatadas até com ella na mais intima convivencia de esposos amórosos e castos, não resistiria á cruel provação.

A intolerancia da excellente senhora, se adoçou ante o imperio das circumstancias oprimidas. Ella considerava que si outros, engordados com os favores, com a munificencia do magnanimo Imperador, verdadeiros abides de graças e empregose muito mais agrihoados pela gratidão que o Antonino, haviam, sem remorso, renegado as tradições, as crenças, obrigados pela ineluctavel força do facto consumado, como diziam hypocritamente, si esses

ingratos haviam adherido ao novo regimen, porque não faria o mesmo o conselheiro Antonino Couto sob a pressão da necessidade intransigente de amparar a familia? D. Eugenia conservaria a sua saudade interminada, a sua fé inquebrantavel, as suas puras idéas, com os seus principios de lei, como o oiro daquella medalha que lhe ornava o seio, para attestar a fidelidade da familia ao adorado monarcha exilado, que morreria pouco depois longe da terra brazileira e, todavia, sobre um punhado de chão da patria, alastrado no fundo do seu leito de derradeiro somno de bemaventurado e de martyr.

E foi ella mesma, num assomo de abnegação, com a autoridade de mulher, que sempre fôra dona, senhora absoluta de sua casa, quem impoz ao marido a dolorosa submissão á fatalidade. Elle não se revoltou ao sacrificio: foi, todo rubro de vergonha, cosido aos muros e ás paredes das casas, empavezadas de bandeiras e galhardetes, evitando a curiosidade da turba, ébria de enthusiasmo. visitar o marechal Deodoro, no palacio Itamaraty, e adherir ao estado de coisas, já que não estava mais em suas mãos corrigir os erros de uma desastrada politica, que alienara as sympathias do exercito na crise, que se accentuara com o delirio da emancipação dos escravos, e terminara com o anticipado desfecho que toda a gente previra inevitavel, após a morte do Imperador.

— Ah, marechal — murmurou elle, animado pelo affavel acolhimento do heróe do momento — Foi, felizmente, vossa excellencia o enviado pela Providencia para evitar maior catastrophe, a anarchia, o derramamento de sangue. Que o inspire Deus na gloriosa missão de guiar os primeiros passos da Republica. As minhas idéas são conhecidas; entretanto.

— Também sou amigo do velho — replicou Deodoro, sorrindo, e fitando no conselheiro, os firmes olhos de aguia. — Mas a republica está feita e será mantida, enquanto me palpitar o coração, e tiver força para brandir esta espada.

E abraçando o conselheiro, encolhido de timidez, accrescentou com firmeza:

— Conheço os seus serviços ao paiz, e aprecio o seu character, conselheiro. Tenha confiança na Republica, que manterá, lealmente, os compromissos do Imperio.

O conselheiro sorriu contrafeito, e curvou-se, num gesto de satisfação humilhada de quem recebe uma esmola generosa.

Que allivio experimentou o ex-vedador de sua magestade, a Imperatriz, quando se viu num bonde, apertado entre demagogos a falarem alto, cen-

surando, com desbragada irreverencia, os primeiros actos do governo provisório, a organização do ministerio e o despudor de confiar altos cargos aos adhesistas que, na vespera, erão esteios da monarchia.

Um latagão feroz, atirando um jorro de fumaça do cigarro á cara do conselheiro, prorompeu em commentarios, rubros de indignação, sobre a entrega da pasta da guerra ao Floriano Peixoto, ajudante general do ministro da guerra de hontem, bravo soldado, mas estranho á conspiração, capaz de axphyxial-a, si não percebesse as certezas da victoria. Era um absurdo estar aquelle homem, impenetravel e calmo como uma esphinge, ao lado de republicanos historicos, hombreado, no governo, com Benjamin Constant, Quintino Bocayuva e Aristides Lobo.

Era immoral aquelle pagamento da perfidia recente, quando a regra seria amar a trahição, tirar della todo o proveito e aborrecer o trahidor.

— Qual! — perorou o orador desabusado — Isto começa torto. Deviamos fuzilar toda essa cambada de monarchistas. Republica sem sangue não presta.

Estas palavras passaram zumbindo, como balas assassinas, pelos ouvidos attonitos do Conselheiro, que, inteiriçado por um calefrio, retirou, sorrateiramente, da lapela da sobrecasaca um desbotado botão da ordem da Rosa.

— Cedo começam — murmurou ao descer do bond, meditando naquelles conceitos azedos, naquella censura irreverente, inestinguiveis resquícios da opinião transviada pelos vícios, pela degeneração de uma politica de protervia e fraude, cujos effeitos se não extinguiriam com as instituições derrocadas — Cedo começam. Não ha que ver: é o mesmo material, a mesma estôfa. Tiraram-lhe a corôa e puzeram-lhe o barrete phrygio.

(Continúa)

## THEATRO

Vae tudo nesse ramerrão que já se sabe: o publico bocejando ingenuamente, os jornaes esportamente bocejando, os actores fazendo, em festa, os beneficios. E sempre a mesma coisa. As mesmas coisas de dez annos que já foram, os mesmos *Milagres de Santo Antonio*, os quadris cançados da sra. Delorme, os mesmos retalhinhos electricos do sr. A. A., na *Noticia*.

A principio, houve um remexido asanhado de coisas nossas. A critica abelhuda varou ribalta a dentro, e descobriu que lá no fundo dos camarins dos empresarios, entre muita somnolen-

cia e muita pomada, modorravam á espera de ensaios, uns cem volumes de revistas e comedias de uns cem autores brasileiros.

Esperou-se, e quando subiu o panno, o Dias Braga choviscou em scena a cornucópia inteira de uma revista meio creoula e meio lusa, onde havia os tamancos da *terrinha* e os requebrados cá da terra, a cebolada de além mar e a flauta do Instituto. Um assombro!

Os autores — um de cá outro de lá — encheram os bolços e o Recreio transbordou durante mezes. Mas, afinal o prato enjoou. A pepinada á portugueza, adubada no saracoteio á nossa, fez revoltas no estomago, mas só fez revoltas depois de uma indigestão de muitas horas, depois de uma centena de arrôtos.

Baixou de novo o panno, e, quando içou o dito, lá veio o Arthur, de cantaros aos hombros, offerecer a gôta d'agua de uma *Fonte* rimada.

O publico foi com muita sêde ao pote, e dizem que a agua era de uma frescura tão desconhecida que em breve matou a sêde. O sr. Arthur zangou-se. Zangou-se e arrependeu-se de ser tão samaritano. Alçado á grimpa da balastrada do *Paiz*, de olhos pisados, a penna tremendo de commoção, num tom choroso de fazer chorar as pedras, lastimou as noites que perdera em cavar a *Fonte*, chamando-lhe commovedoramente de infeliz. Foi modestia, comprehende-se, mas o que não deixou de ser infeliz foi a lembrança do sr. Arthur, fazendo resumbrar numa comedia alegre, em attitudes pouco amaveis, as figuras amadas de Castro Alves, de Gonçalves Dias e de outros, para os quaes o galhofeiro theatrologo deveria só ter deferencias.

Elle proprio, tempos atraz, quando pôza claro a sua autoridade sobre o *Cão do Inglez*, achou que a peça lhe enchia, por completo, as medidas, mas franziu as sobrelhas para dizer que o autor fizera mal, dando ao cachorro o muito tragico e muito humano apellido de *Shakespeare*. Ha nomes com que se não deve brincar, disse agitando o dedo assim, no grave tom de pregador, no pulpito.

E como a maioria dos pregadores, o sr. Arthur pregou, mas despregou-se.

Depois do recolhimento da *Castalia*, houve por ahi a hemorragia irisada de theatricas de pacotilha, de peças de ganhar dinheiro.

Subiu, em seguida, á tona a *Loteria do Amor* Trazia como promessas de sorte grande, o nome do sr. Coelho Netto — a mais imaginosa envergadura artistica que o Brasil tem tido, o talento mais chromatico da geração medalhada.

Mas no correr da roda, o bilhete sahi branco: a peça não fez o barulho que se esperava. O publico foi deveras



íngrato. Na *Loteria*, o autor não trouxe á amostra aquella nota toda propria, aquella originalidade toda sua, mas o certo é que é boa, sem esses descaramentos de molecagem, sem a chalaría á suja. Já está na reserva. Realmente é pena.

Andam por ahí agora, e vão naturalmente andar por muito tempo, umas taes *Pilulas de Hercules*—immoralidade crúa, patifaria grossa, que o traductor, velho boticario ao paladar do publico, foi o primeiro a engulhar em frente á dose, prevenindo aos paes de moças que a droga fazia mal. O reclamo foi bom. As *Pilulas* fizeram effeito.

Annuncia-se o *Avança*, dos srs. Alvaro Colás e Alvaro Peres. O titulo está em moda e é promettedor. Não se sabe ainda si o petisco é bom. O Colás é bem capaz de adubal-o a gosto. E' intelligente, e além disso conhece a vida de cór e salteada. Tem sido tudo: foi estudante, caixeiro, reporter, empregado publico, esteve quasi a ser frade, advoga, já tomou rapé, é actor dramatico, escriptor agora, emfim, só ainda não foi menino de cego e alcoviteiro de mulher dama, como se diz no Norte. E' Chrispim do Amaral quem faz os scenarios do *Avança*. Já isso é uma avançada agradável. Pelo menos, nossos olhos não se zangarão. Foi o que se deu na *Passagem do Mar Vermelho*. Só se podia olhar—Chrispim. Tudo mais era babuseira, lugar commun em jorros, narcotisação em scena. Admira que em nossa terra, onde os empresarios são tão malandros como os editores, houvesse um Moysés tão temerario e tão cego que fizesse passar no palco, a tropa somnolenta e manca do insosso *Mar Vermelho*.

Apesar disso, o autor não teve de que se queixar. A estação era morta, e até o grito de uma gralha sonorizava. No entanto, foi a estação mais cheia de promessas. Quando por ali andava o Aldo e a Fuller, gritou-se de Pariz que Sarah Bernardt veria ser tirada novamente pelos estudantes de cá. Falou-se em não sei que tenor feroz para cantar no Lyrico. As promessas, como sempre, falharam. A Sarah não veio. Não veio nem mais prometteu vir. Por um lado foi bom. E já o sr. Bilac nos mandou dizer de lá que a Sarah não é mesmo a mesma Sarah, já não tem a mesma modulação na guéla e até (burguesa ironia da banha!) tem engordado como um conego.

Para consolar, Lisboa nos mandou Angela Pinto que no S. José sempre deu o seu recado com aquelle bonito talento artistico, que ninguem lhe nega. Acabou de gemer na *Dor Suprema*, e foi-se.

O tenor tambem não veio. Mas Zanatello encheu sonoramente a nota.

JUSTUS JUNIUS

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### ANESTHESIA PELA ELECTRICIDADE

Os resultados das curiosas experiencias do dr. S. Leduc, no laboratorio da Faculdade de medicina de Paris, parecem indicar que o chloroformio, o ether e outros agentes anestheticsos serão, em breve, substituidos, na pratica cirurgica, pelo somno artificial, produzido pela electricidade.

Em repetidas experiencias sobre cães, coelhos e pombos, o dr. Leduc empregou uma corrente de 10 a 30 volts, cuja frequencia poderia variar na razão de 100 a 200 interrupções por segundo. A acção da electricidade é exercida sobre o cerebro, directamente, applicando os electroides na base posterior do craneo, ou no alto da cabeça.

Esses electroides são de metal, e, para assegurar um perfeito contacto, são guarnecidos de uma esponja embebida dagua salgada, tendo o cuidado de desnudar a região do animal que serve á operação. Alem disso, uma *resistencia*, intercalada no circuito, permite variar a intensidade das correntes conforme as diversas phases da operação, o vigor do animal, etc.

Os resultados obtidos, depois das indecisões preliminares, foram tão animadores, que o dr. Leduc não hesitou em experimentar em si mesmo.

A pressão da corrente foi elevada a 50 volts. Os electroides embebidos em agua salgada foram applicados, um sobre a fronte, outro sobre os rins, de modo que agissem, simultaneamente, sobre o cerebro e a espinha dorsal.

A operação durou cerca de dez minutos, e obteve-se completa anesthesia, sem que o paciente accusasse as perturbações occasionadas pela inalação do chloroformio.

Quando se interrompe a corrente, o despertar é immediato; e o dr. Leduc affirma que experimentou, então, uma agradável sensação de vigor.

### O VENENO OPHIDICO

Segundo telegrammas, que a imprensa diaria publicou, chegou a Pariz no dia 5 deste, o dr. Vital Brazil, medico brasileiro, auctor do *serum* contra o veneno de cobra. O nosso patricio visitou os institutos serumtherapicos e microbiologicos de Lisboa, Lille, Londres, Bruxellas, Berlim, Milão e Roma, aos quaes communicou, minuciosamente, o resultado das suas experiencias, ao mesmo tempo que lhes forneceu diversos frascos dos venenos e do seu antidoto.

O professor Souza Junior, de Lisboa, verificou as experiencias do dr. Vital Brazil e reconheceu a exactidão dos resultados. A respeito deste assumpto, o professor Souza Junior fez um curso aos seus alumnos.

Em Berlim o dr. Vital Brazil esteve com o professor Koch; em Lille, entrou em relações com o professor Calmette, que tambem é autor de um *serum* contra o veneno das cobras, tendo feito longas experiencias na India. O professor Calmette acreditava que o seu *serum* era efficaç contra toda a especie de veneno ophidico. O dr. Vital Brazil demonstrou do modo mais convincente o contrario, veri-

ficando-se profunda dissemelhança entre muitos dos venenos da America e da India.

O professor Calmette continúa a fazer estudos a este respeito, achando interessantissimos os trabalhos do medico brasileiro.

O dr. Vital Brazil prepara actualmente uma obra sobre a sua descoberta. Não resolveu, por ora, si limitar-se á a publical-a simplesmente, ou si fará uma communicação preliminar á Academia de Medicina.

Pretende, em todo o caso, seguir o curso de microbiologia do Instituto Pasteur e depois voltará a Lille para tomar conhecimento do resultado definitivo das experiencias do professor Calmette.

### TARIFAS

As tarifas de caminho de ferro, geralmente adoptadas, são as de base kilometrica, proporcionaes á distancia percorrida, com algumas excepções para certa ordem de mercadorias.

As arrojadas construcções das grandes linhas transcontinentaes do Atlantico ao Pacifico, na America do Norte, demonstraram que a applicação da base kilometrica a distancias tão consideraveis, era impraticavel, sob pena de prohibir o transito das mercadorias de pouco valor.

Por isso, os americanos adoptaram o principio economico de que — não se deve exigir da mercadoria mais do que ella pode dar — para a tarifa dos productos agricolas da California, obtendo os maravilhosos resultados de uma producção desenvolvida em escala sem precedentes na historia da industria, e um trafego largamente compensador dos dispendiosos meios de transporte.

A California exportou em 1902, 7 milhões de caixas de 70 libras de laranjas e limões, 160 milhões de libras de ameixas, 100 milhões de libras de uvas, 60 milhões de pecegos evaporados, 465 milhões de fructos seccos, 1,400,000 caixas de 50 libras de maçãs.

O districto de Los Angeles expediu 18000 wagons carregados de fructos, e as diversas estações californianas 4500 wagons de fructos e legumes conservados; 2300 de feijão branco, 1300 de nozes, e 3200 de legumes diversos, devendo-se accrescentar a esses algarismos assombrosos — 4300 wagons com vinho e 3700 com assucar.

A estação de Los Angeles expediu, por dia, de dezembro a julho, 200 wagons de laranjas.

O trafego do Transcontinental Railwad consiste em trens de 40 wagons, carregados de fructos e legumes.

Graças ás tarifas economicas, cerca de 30% dos productos dos pomares de *far-west*, atravessam o Atlantico e chagam em admiravel estado de conser-

vação, aos mercados europeus. Si considerarmos que os abricots seccos da California podem ser vendidos em Paris, a 80 centimos a libra, verificaremos o prodigioso esforço economico feito, para, num trajecto superior a 8000 kilometros, obter um preço de transporte que não seria jamais obtido com a tarifa de base kilometrica.

E porque, além de certo percurso, a distancia não se toma em consideração nos Estados Unidos, os productos da California pagam de um ponto qualquer do interior do paiz de procedencia, para as estações dos estados a leste de Kansas, Nebraska e Texas, o mesmo frete. A mesma taxa se applica para Chicago ou New York, a 1500 kilometros mais longe. Na direcção inversa, as mercadorias manufacturadas em New York expedidas para as estações terminaes do Pacifico, pagam tanto quanto a que é expedida de Chicago.

Com a nitida intuição dos meios de progresso, em acelerado desenvolvimento, os *yankees* conseguiram fundar sobre bases equitativas e fecundas, o seu regimen de transportes, em virtude do qual desaparecem as vantagens da situação geographica, que poderia favorecer os productores mais proximos dos mercados consumidores e dos emporios de exportação, em prejuizo dos mais distanciados.

Por um accordo com as companhias de transportes maritimos, foram tambem reduzidos os fretes dos transatlanticos, franqueando facil accesso aos mercados europeus. Em consequencia dessa medida salutar, fructos seccos, em caixa ou barril, que pagam 5 francos e 25 cent. por 100 libras para New York, são expedidas até Londres, Liverpool e Antuerpia por 5 fr. 73; para Hamburgo e Amsterdam por 6 fr.; para Bordeaux, Suecia e Noruega por 6 fr. 50. O salmão em caixa de S. Francisco e de Alaska, paga o mesmo preço — 3 fr. 50 por 100 libras — para Liverpool ou Londres, que para Chicago e New York.

E' na verdade, extrordinario que, apesar dessas taxas minimas, os caminhos de ferro norte-americanos, consigam obter desse trafego remuneração superior á do transporte de passageiros. E os resultados são tão consideraveis que a procura de transporte, na California, excede aos meios de acção da industria de transporte por terra.

As despesas de exploração foram reduzidas ao minimo pelo emprego de grandes wagons, para aligeirar o peso morto, e de alongados comboios conduzidos por locomotivas poderosas.

Desses factos se deduz, que a tarifa sobre base kilometrica, é um obstaculo á fertilisação e ao povoamento dos paizes vastos, como o nosso, de maravilhosa capacidade productora, esterilizada pelas distancias.

#### IRRIGAÇÃO

No territorio dos Estados Unidos da America, existe uma zona de cento e vinte milhões de acres de terrenos aridos, no Oeste, dos quaes o trecho mais notavel pela esterilidade e absoluta carencia d'agua, é o desolado deserto do Colorado, comprehendendo o oeste do Arizona e Sul da California.

Nem chuvas, nem rios, nem lagos refrescam esse aspero e lugubre valle do Colorado, abandonado, supprimido ao ingente esforço da maravilhosa actividade daquelle povo, como uma faixa condemnada á perpetua inutilidade, interrompendo a gloriosa marcha da civilisação do Atlantico para o Pacifico.

Esse deserto, entretanto, escondia nas suas entranhas thesoiros, que poderiam rivalisar com os fabulosos productos das abençoadas terras tropicaes, onde a Natureza exhibe as suas opulencias, si lhe não faltasse agua.

Em 1892, o Congresso Americano decretou a lei, conhecida pela denominação—*Reclamation Act*—applicando a renda, proveniente da venda das terras devolutas nacionaes, á contribuição de açudes, reservatorios e canaes para irrigação das zonas aridas do Oeste.

Desde então, a engenharia, representada por homens da mais segura competencia technica se consagravam ao estudo da topographia, escolhendo os sitios mais adequados a obras de irrigação; e, desses estudos resultaram verdadeiros milagres de fertilisação, transformando a terra e o clima, e cobrindo o deserto de pomares, jardins, florestas e pastagens.

O Valle Imperial da California, esteril até 1900 produziu, em 1902, 60 a 80 dollars, em cada um dos seus 165.000 acres irrigados, por meio de um canal de 60 milhas, injectando-lhe as aguas do rio Colorado.

Com a agua, veio a fertilidade ao valle onde se erigiram cidades, outros industriaes, e a terra adusta se transformou em campo de trigo, alfafa, milho, sorgo, avêa, arroz, algodão, canna de assucar, beterraba, hortaliças e fructos diversos das zonas temperadas e tropicaes.

Os aparelhos, empregados na realisação desses canaes maravilhosos, são simples escavadores de tracção animal, traçando o sulco na terra; vem depois a draga fluctuante, puchada á sirga: nem o vapor, nem a electricidade são indispensaveis.

Esses aparelhos estão nas estampas, assim como o açude ou reservatorio, onde se armazenam as aguas derivadas pelo canal principal. Tambem figuram, em eloquente relevo, o deserto depois de cultivado, a exuberancia da

vegetação em sitios, onde, dois annos antes, não havia vestigio de folhagem.

\* \*

O sr. dr. Lauro Müller tem, nesses factos, uma prova irrefragavel dos magnificos resultados de irrigação das regiões aridas, e uma licção preciosa para o guiar no soccorro ás regiões brasileiras flagelladas pelas calamidades periodicas que tantas vidas e tantos esforços consomem. E pode deduzir, logicamente, que, si nos desertos do territorio norte americano se obtêm taes transformações, ellas serão em muito maior escala, applicando os processos, que as produziram, ás regiões fertes, de uberidade excepcional, sujeitas ao phenomeno climaterico periodico.

Si é possivel fertilisar o deserto de maneira a equipara-lo ás regiões mais felizes, facil será corrigir a inclemencia do clima, evitando a falta d'agua, que é o essencial elemento da producção, o elemento que falta ao Ceará, ao Rio Grande do Norte, quando ha secca ou são escassas as chuvas.

Com um systema de reservatorios, nos sitios já indicados por estudo de melhor autoridade, e consecutiva irrigação, o governo conseguirá fertilisar, definitivamente, aquelles trechos do territorio nacional, e evitar o dispendio avultado em soccorros urgentes, mal distribuidos, peor applicados, sem vantagens permanentes, na afflictiva urgencia das calamidades.

\* \*

S. ex. dispõe, agora, de homens competentes, que foram a S. Luiz representar o Brazil: dê-lhes instrucções para visitarem o Oeste, verem os reservatorios, os canaes, como são feitos, o regimen de distribuição das aguas e os seus resultados maravilhosos. E vejam e contem, com singeleza e verdade o que virem, abstendo de dissertações theoricas, das quaes estamos fartos.

Nesse capitulo das theorias; dos estudos eruditos, dos planos pomposos, somos um povo inimitavel. E' verdadeira maravilha ver como os nossos engenheiros discutem calorosamente questões de direito, tratados internacionaes, como planejam, em reuniões graves, estradas de ferro em terreno que não conhecem, ou lhes discutem os menores detalhes, como succedeu, ha pouco, no caso da *Madeira e Mamoré*.

A discussão calorosissima chegou á escolha da tracção pela electricidade gerada pelas cachoeiras, que nunca foram medidas.

Os commissarios de S. Luiz diriam, simplesmente, o que tivessem visto, as obras colossaes, os aparelhos que as construíram e as vantagens obtidas. E si o fizerem com consciencia, contarão ao nobre ministro coisas faceis, coisas intuitivas e vantagens fabulosas.

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDO DE UM ESTUDO CRITICO  
DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1.<sup>a</sup>

CAPITULO I

1. Ha na mathematica abstracta, na parte que recebo o nome de Algebra, duas proposições que se contrariam por seus fundamentos, o que, tendo escapado aos mathematicos e philosophos, lança no espirito dos que iniciam o estudo desta sciencia a mais completa confusão.

Taes são as proposições seguintes :

1.<sup>a</sup> — O numero negativo provém de uma subtracção em que o minuendo é menor do que o subtrahendo ;

2.<sup>a</sup> — O numero negativo é maior que zero e tanto maior quanto maior for o seu valor absoluto.

O facto de não se ter encarado esta questão sob um ponto de vista verdadeiramente philosophico, deo em resultado discussões puramente estereis, estabelecendo-se como verdades contrasensos que deprimem o caracter da Sciencia.

A primeira proposição dá aos numeros negativos um caracter de idealidade, ao passo que a segunda lhes dá uma feição puramente real. A anomalia que apresentam essas duas proposições consideradas em face uma da outra, produz a confusão a que nos referimos, e fere o principio que subordina o abstracto ao concreto. E tal principio, se bem que tarde formulado, guia o espirito humano desde suas primeiras concepções abstractas.

E' assim que por mais abstracta que seja a concepção do numero, tem elle uma base concreta, como bem reconhece A. Comte, quando diz ;

« Etudié convenablement, le calcul, quoique plus abstrait que tout le reste de la hierarchie, ne se montre jamais depourvu du caractère concret, puis que toute notion de nombre emane du monde extérieur même envers le monde intérieur. » (1)

Entretanto é facil de ver que dando para origem dos numeros negativos a primeira proposição, são elles introduzidos na sciencia mathematica como verdadeiros symbolos de impossibilidade, o que os torna incompatíveis com a necessidade em que se encontra o espirito de consideral-os *reales* ou maiores do que zero.

Dessa necessidade provêm as discussões entre philosophos e geometras, desde a mais remota antiguidade, e onde uns se mostram verdadeiramente sabios, outros quasi que cegos de entedimento.

Digamos antes que tudo, que não admittimos ser o numero negativo menor do que zero, como antigamente e hoje ainda se diz, pelo simples facto de não concebermos um valor menor do que aquelle que significa a ausencia de valor, mas o que não podemos admittir é o absurdo que ainda mantêm os geometras dizendo que os negativos *reales* provêm de uma subtracção impossivel, porque o resultado de uma tal operação deve ser um symbolo vazio de sentido.

2. A historia das quantidades negativas se póde resumir nas duas theorias seguintes :

A primeira é aquella em que os negativos provêm de uma subtracção impossivel, e são menores que zero.

A segunda é a theoria em que aquellas quantidades provêm de uma tal subtracção e são maiores que zero.

A primeira dessas theorias é a mais antiga, a segunda é a aceita pela maioria dos geometras modernos.

Não aceitando nenhuma das duas theorias, diremos por enquanto :

a) O numero negativo é real como o positivo, isto é, tem como este um valor maior do que zero ;

b) O numero negativo não provém de uma subtracção impossivel e sim de uma somma de unidades negativas.

Nestas proposições consiste a nossa theoria, e para justificar-a apreciemos mais aprofundadamente as duas outras que regeitamos.

3. Como representante da primeira theoria tomemos o grande Newton.

Diz elle : (1)

Chamam-se quantidades positivas aquellas que são maiores do que zero e negativas as que são menores que zero. Assim é que na vida civil uma fortuna é uma quantidade positiva e uma divida uma quantidade negativa. E' assim ainda que o movimento de um corpo para diante se pode chamar positivo, e o movimento para traz negativo, porque um augmenta o caminho que o corpo faz e o outro diminue. Da mesma maneira em Geometria, si se chamar positivas as linhas que vão em um sentido, negativas serão as que tomarem um sentido directamente opposto.

Por exemplo

fig. 1

A C B

Si *AB* é tirada para a direita e *BC* para a esquerda, e si *AB* for tomada para linha positiva, *BC* será negativa porque ella tende a diminuir *AB* que fica reduzida a *AC* ou mesmo a zero si o ponto *C* cae sobre o ponto *A* ou a um valor menor do que zero si *BC* fosse maior do que *AB*, da qual é preciso subtrahir. (2)

Newton que dá para a origem dos negativos a subtracção impossivel e que os considera menores do que zero, expõe uma theoria simples, na qual o seu racioeínio obedece a uma logica tão segura, que nada fica a desejar.

Admittindo que o ponto *C* coincide com o ponto *A*, achou para resultado zero, como assim devia ser, porque nada mais fez do que subtrahir de uma grandeza outra grandeza igual. Na hypothese do ponto *C* cair á esquerda de *A*, isto é, quando tentou de uma grandeza subtrahir outra maior, achou para resultado uma grandeza menor do que zero. Admittindo por um instante a existencia de uma tal grandeza, vê-se que o resultado a que devia chegar é aquelle a que chegou, uma vez que sua these era effectuar uma subtracção impossivel.

De facto, si a grandeza *AB* vinha crescendo por effeito de uma subtracção e si depois de nulla nós quizessemos que ella ainda decresse (e tal era a these) o resultado só poderia ser menor do que zero.

Ora, não aceitando quantidades menores que zero porque não as concebemos, e a figura acima nos mostrando por outro lado, que a grandeza negativa á esquerda de *A* não pode absolutamente ser menor que zero, somos forçados a dizer que os negativos não podem provir de uma subtracção impossivel, porque então teriamos de admittir a muito logica conclusão do grande geometra, quanto ao valor dessas grandezas.

No estado actual da sciencia não se pode admittir a theoria de Newton, porque ja passou a epoca em que o espirito humano podia admittir um valor menor que zero, mas o que fica evidente é que aquelles que

admittem provirem os negativos de uma subtracção impossivel estão na obrigação de consideral-os como os considerava aquelle geometra.

A sciencia moderna não raciocina desta maneira porque diz :—O numero negativo provem de uma subtracção impossivel e é maior do que zero.

Mas, si a logica de Newton é inabalavel no raciocinio que apresentamos e si os modernos divergem d'elle nas conclusões a que chegou, a moderna sciencia tem perdido de Newton para cá. De facto, a theoria moderna é muito mais confusa e muito menos aceitavel do que a theoria Newton. Para provar-o, tomemos o philosopho Augusto Comte para representante da moderna theoria das quantidades negativas.

Diz elle quando caracteriza os dez elementos algebricos, na instituição do Calculo Algebrico : (1)

Il faut d'abord reconnaitre, envers, le premier couple, que les deux éléments y doivent être distingués, non par la constante, mais d'après la variable indépendante, ajoutée à la base dans l'un et retranchée dans l'autre. Grandie continuellement, elle fait croître ou décroître la variable dépendante, mais d'une quantité toujours égale à la sieme; ce qui n'a jamais lieu pour les autres formations. Une diversité plus prononcée résulte de ce contraste entre les deux éléments du premier couple quand la variable indépendante acquiert une grandeur supérieure à celle de la base. Alors la seconde formation propre à la variable dépendante une valeur négative qui croît autant que la valeur positive de la variable indépendante. Le premier couple algébrique fait ainsi surgir la considération des grandeurs en moins, dès lors devenue ainsi nécessaire au calcul des relations que celle des grandeurs en plus.

Sous l'aspect concret, ce contraste se trouve naturellement, surtout en géométrie, et même en mécanique. Il y consiste dans le changement des sens qu'éprouve la variable dépendante, si d'application de l'une sur la base en dépasse d'origine. Nous voyons ainsi l'opposition de *sigue*, abstraitement résultée de la soustraction, correspondre au contraste de la gauche à la droite, ou d'avant envers après, quand on retranche concrètement la longueur ou le temps. Cette correspondance élémentaire se trouve implicitement comprise, dès le début du calcul, dans la numération, qui réduit, la distinction entre ajouter et soustraire à celle du sens suivant le quel on parcourt l'échelle numérique. Elle permet de remarquer la soustraction comme une addition, ou l'on joint à la base une grandeur négative au lieu d'une grandeur positive. Rapprochés ainsi l'un de l'autre, les deux premiers éléments algébriques restent toujours distincts, en ce que l'accroissement de la variable indépendante fait augmenter ou diminuer la variable dépendante. A quelque mode abstrait ou concret, qui soit du changement corrélatif de signes ou de sens, les deux cas se trouvent également séparés par l'annulation de la grandeur produite. C'est ainsi que les valeurs en moins deviennent aussi propres au calcul des relations que les valeurs en plus, suivant une tendance spontanée à compléter autant par déjouit que par excès afin de diminuer les nombres. On doit toujours soumettre aux mêmes règles algébriques les quantités quel-

(1) Synthèse Subjective pag. 254.

(2) O gripho é nosso.

(1) Vide Synthèse Subjective pag. 204.

conques négatives, ou positives, en ayant égard au signe comme s'il indiquait une combinaison, qui reste sous-entendue. Rien ne peut dispenser d'une telle uniformité, sans la quelle l'al-gèbre ne saurait jamais maintenir l'indétermination nécessaire des grandeurs considérées, tant constantes que variables. A tout instant, il faudrait restreindre, à des grés divers et communément inappréciables, les hypothèses sur les valeurs restés arbitraires, si l'on refusait d'admettre les résultats soustractifs autant que les additifs. » (1)

Basta ficarmos aqui para darmos uma idéa precisa da theoria de A. Comte sobre as quantidades negativas. Do trecho citado, o que logo sobressae é que no segundo elemento do primeiro par de funcções, isto é, em  $y = a - x$  a variavel independente  $x$  faz constantemente decrescer a funcção  $y$ , para os diferentes valores que receber, mas sempre de uma quantidade igual á sua. A funcção decrescendo constantemente para os diferentes valores de  $x$ , adquire um valor negativo, logo que  $x$  receber um valor superior ao de base  $a$ . Assim, segundo tambem A. Comte, as quantidades negativas provêm de uma subtracção impossivel. E' o mesmo raciocinio empregado por Newton, com a differença de que para este geometra as negativas eram menores do que zero, ao passo que para Comte, as negativas são maiores do que zero, porque o valor negativo da funcção cresce tanto quanto o valor positivo da variavel independente, uma vez que esta adquire valores superiores ao da base.

A conclusão do geometra inglez sendo de uma logica inabalavel, segundo o raciocinio que empregou, fica no espirito uma duvida sobre a conclusão de Comte, porque si a funcção  $y$  na formação  $y = a - x$  vae constantemente decrescendo para os valores crescentes de  $x$ , claro está que quando si tiver  $x = a$  a funcção  $y$  será nulla; si se attribuir, depois deste momento, á independente  $x$  valores superiores ao de  $a$ , sempre na formação  $y = a - x$ , o que se pretende unicamente é que a funcção  $y$  depois de ter decrescido e se tornado nulla, continue a decrescer, o que dará para os negativos, que segundo Comte d'ahi provêm, valores menores que zero. Estudada convenientemente esta anomalia entre Comte e Newton, é facil de verificar que si Comte diz que os valores negativos da funcção crescem com os valores positivos da variavel independente, é porque para elle subtrair um positivo é o mesmo que sommar um negativo, isto é, Comte está convencido de que  $a - x = a + (-x)$ .

E' por isso que referindo-se á correspondencia entre o signal e o sentido diz: « que esta correspondencia elemental acha-se implicitamente comprehendida, desde o começo do calculo, na numeracção, que reduz a distincção entre ajuntar e subtrair a do sentido segundo o qual se percorre a escala numerica. E tanto assim é que « ella permite encarar a subtracção como uma addição, em que se ajunta á base uma grandeza positiva. »

Augusto Comte, porem, dando para origem aos negativos a subtracção impossivel, só podia concluir que esses numeros são maiores do que zero, commettendo o erro de dizer que subtrair positivo é o mesmo que sommar negativo, principio este que não pôde mais ter curso na sciencia mathematica depois dos trabalhos de Descartes. E' o que, deixando por um instante a theoria de Comte, trataremos de provar.

Tomemos para isto o principio que Descartes formulou sobre as grandezas que são susceptíveis de uma opposição de sentido. Tal

principio pode ser enunciado mais menos ou nestes termos:

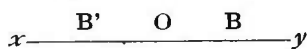


fig. 2.

Si sobre uma recta fixa  $xy$  tomarmos um ponto fixo  $O$  para origem das grandezas  $OB$  e  $OB'$ , e si chamarmos positivas as distancias contadas desta origem para a direita, negativas serão as distancias contadas da mesma origem para a esquerda, e vice-versa, si chamarmos positivas as distancias á esquerda, negativas serão as distancias á direita da mesma origem.

Todos sabem, além disso, que este principio foi formulado por Descartes para vencer a difficuldade que se lhe apresentou ao fundar sua Geometria, porque si se pedir, sobre uma recta fixa, um ponto que diste de um outro fixo de uma grandeza determinada, acham-se duas soluções que igualmente convêm ao problema, as quaes sem a distincção entre positivas e negativas poderiam, no calculo, ser confundidas, ficando em ultima analyse não resolvido convenientemente o problema. E si com esta distincção determina-se unicamente um ponto, a linguagem mathematica fica por isso mais perfeita e mais capaz de traduzir o facto concreto.

Do principio citado e que acha sua justificação no dominio das grandezas, resulta;

1º — A grandeza negativa é tão real como a positiva.

2º — O numero negativo é tão real como o numero positivo.

3º — O numero negativo tem um caracter concreto como o tem o positivo.

4º — O numero negativo provem de uma somma de negativos, como o positivo provem de uma somma de positivos.

5º — Uma vez tomada uma origem, não se pode na mesma recta tomar outra para a consideração das grandezas positivas e negativas.

6º — As grandezas positivas e negativas são directamente oppostas pela origem; isto é, o sentido directamente opposto parte da origem para a esquerda, si o primitivo sentido foi da origem para a direita.

7º — O sentido directamente opposto é differente do sentido contrario, isto é, não se pode, figura 2, confundir o sentido que tem o movel que parte de  $O$  para  $B'$  (sentido directamente opposto ao sentido de  $O$  para  $B$ ) com o sentido que tem o movel quando parte de  $B$  para  $O$ . Si chamarmos sentido contrario, em falta de nome mais apropriado, o sentido que tem o movel quando volta de  $B$  para  $O$ , reconhece-se facilmente que o sentido contrario de  $OB$  e que é  $BO$  tende a desfazer  $OB$ , ao passo que o sentido directamente opposto a  $OB$  e que é  $OB'$ , tende, não a desfazer  $OB$  mas a gerar os negativos taes como  $OB'$ , embora o ponto que parte de  $B$  para  $O$  tenha o mesmo sentido, na accepção vulgar, que o que parte de  $O$  para  $B'$ . Assim, uma vez tomada uma origem, não se pode confundir o sentido directamente opposto, que dá lugar a uma somma, como o sentido contrario que dá lugar a uma subtracção. Na verdade, uma vez que se toma uma origem para a consideração das grandezas positivas e negativas, só ha um sentido directamente opposto, ao passo que ha dois sentidos contrarios, que são os que partem do infinito positivo e do infinito negativo para a origem.

8º — E' facultivo chamar positivas ou negativas as grandezas á direita da origem, porem uma vez chamadas positivas, só haverá negativas á esquerda d'ella.

9º — O numero negativo não pode ser menor que zero porque é o representante abstracto de uma grandeza real, ou melhor representa como o positivo uma relação entre grandezas reaes.

10º — O numero negativo sommadó a u positivo não lhe pode diminuir o valor, porque como este é maior do que zero.

11º — A somma seja entre positivos, seja entre negativos tem um caracter infinito, ao passo que a subtracção tem um caracter finito, quer entre as primeiras, quer entre as segundas daquellas quantidades.

Esta consequencia é, talvez, a mais salutar do principio de Descartes, e que entretanto não foi até hoje percebida. O facto de sobre uma recta tomar-se um ponto fixo para origem das grandezas positivas e negativas não só estabelece a distincção entre ellas, como tambem obriga a que o sentido contrario não vá além da origem. Além deste ponto não ha mais sentido contrario, ha sentido directamente opposto. O sentido contrario existe no campo dos positivos e dos negativos; sentido directamente opposto é o campo dos negativos si o primitivo sentido é o campo dos positivos.

Tal é o papel da origem: separar o campo das grandezas e limitar o sentido contrario.

A importancia philosophica do principio de Descartes está em retirar da mathematica o caracter de idealidade para frisar-lhe o caracter de concreção, por mais abstracta que ella se apresente em seus elementos. Este philosopho percebendo a duplicidade de soluções que lhe apresentava o facto concreto, e, si para distinguil-as, chamou uma de positiva e outra de negativa, nada mais fez do que estabelecer para estas quantidades uma procedencia tão real como a das positivas.

Voltemos agora á theoria de Augusto Comte.

Só commettendo o erro de dizer que subtrahir positivo é sommar negativo, é que este philosopho poderia concluir que os negativos que provêm de uma subtracção impossivel são maiores do que zero. Só assim poderia dizer que a escala numerica permite encarar a subtracção como uma addição, em que se junta á base uma grandeza negativa em lugar de uma positiva. Mas este modo de considerar é contrario ao principio de Descartes que abstractamente faz terminar a subtracção no valor nullo da funcção, e concretamente no ponto tomado para origem. Considerar como considera Comte, é não só contrariar o principio do philosopho, como adulterar-o tambem. De facto, para que se considere a subtracção como uma addição de negativos, é preciso que se admita que

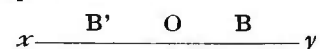


fig. 2 (bis)

o ponto  $B$  seja tomado para origem dos negativos, o que é o mesmo que adulterar o principio que só trata da origem  $O$ . Os pontos  $B$  e  $B'$  são extremos em relação á origem  $O$  e não podem, dentro do principio, ser tomados para origem. Considerar a origem é confundir o sentido contrario com o sentido directamente opposto, ou antes é abandonar o principio. Só mesmo assim poderia A. Comte chegar á conclusão de serem os seus negativos maiores do que zero, porque só errando se poderá negar a logica da conclusão de Newton. Depois que Descartes percebeo a duplicidade de soluções na determinação de um ponto distante de certa grandeza de um outro fixo, o signal menos dos negativos exprime uma qualidade, caracteriza uma especie de numeros, afim de que a linguagem algebrica traduza em sua multiplicidade os factos concretos, e não representa mais uma hypothese desregada como aquella que se formula, quando no calculo se propõe de um numero tirar todas as unidades de um numero maior do que elle. A variavel independente na formação  $y = a - x$  pode receber todos os valores, tanto que a dependencia que liga os elementos desta formação fique no dominio de possivel, sem o que o calculo perderia o seu caracter concreto. Si de antemão sabe-se que de um numero se não pode tirar as unidades de um outro maior, para que attribuir

(1) Os griphos são nossos.

a variavel independente  $x$  valores superiores ao da base  $a$  pelo facto de tratar-se de uma expressão abstracta? Mesmo dando-se á variavel independente, no segundo elemento do primeiro par de funcções, um valor superior ao da base, poder-se-á considerar o resultado da operação um numero negativo?

Será um numero negativo, tal como deve ser concebido depois de Descartes, o resultado da hypothese arriscada formulada por Comte? O proprio philosopho responde que não, quando diz que «deve-se sempre submeter ás mesmas regras algebraicas as quantidades quaesquer negativas ou positivas, tendo em vista o signal como uma combinação que fica subtendida».

A combinação subtendida pelo signal menos dos numeros negativos, mostra simplesmente a origem destes, isto é, como o negativo provem de uma subtracção em que o subtrahendo é maior do que o minuendo, o resultado desta subtracção representa uma parte do subtrahendo que não foi possível tirar do minuendo que esgotou-se, ou o que é o mesmo, o resultado desta subtracção representa a hypothese desregrada que de antemão se fez. Não é o representante abstracto de uma tal hypothese, não é o representante de uma tentativa vã introduzida no calculo, que deva ser o representante abstracto de uma grandeza real. Descartes partio das grandezas para os numeros, das soluções geometricas para seus representantes abstractos, e formulando o seu principio apenas obsteu a que dos numeros se passasse para as grandezas, antes de se ter passado destas para aquelles, ou melhor, firmou a subordinação do abstracto ao concreto na sua forma a mais elementar.

Alem disso, formulando o celebre principio, Descartes banio da mathematica a crença de que  $a - x = a + (-x)$  porque os numeros negativos devem ser introduzidos no calculo como uma necessidade da linguagem algebraica, afim de que em um problema não haja confusão quanto á situação de certas soluções, o que tira ao signal menos dos negativos a idéia de uma combinação subtendida, para frisar a qualidade de certa especie de numeros. O engano em que laborou Comte provem de haver Descartes chamado á segunda solução uma solução negativa, isto é, de haver o grande philosopho recorrido a uma noção já existente na mathematica, o que levou o fundador do Positivismo a não perceber que a formulação do principio por si deixa de parte a idéia que então se fazia d'aquella especie de numeros, para accentuar-lhes uma nova concepção.

Assim, a correspondencia entre o signal e o sentido, tal como a concebe Comte é uma theoria metaphisica, porque parte do abstracto para o concreto, é uma theoria confusa, porque manda considerar um symbolo de impossibilidade como o resultado de uma operação, é uma theoria falsa, porque fundando-se no principio de Descartes nega por completo este principio, é uma theoria inaceitavel porque manda considerar a subtracção como um caso particular da addição.

Dejo's do sabio que escreveu sobre o methodo, a addição é sempre uma addição, a subtracção, sempre uma subtracção, sejam quaes forem os numeros que se combinem, porque os signaes que os distinguem apenas caracterizam sua natureza e não são os signaes indicativos daquellas duas operações, embora tenham a mesma forma. Depois do illustre pensador, deve-se introduzir no calculo as quantidades quaesquer, positivas ou negativas, tendo em vista o signal como representando uma qualidade, porque assim o exige a complexidade dos factos concretos, e não como diz Comte, devendo representar uma combinação que fica subtendida. A combinação subtendida a que se refere provem de si originarem os negati-

vos de uma subtracção impossivel, o que levou o philosopho a chamal-os «valeurs négatives», «valeurs en moins», «resultats soustractifs» multiplicidade de termos que apenas serve para mostrar que o illustre philosopho não formava uma idéa exacta das quantidades negativas, taes como devem ser concebidas depois de Descartes. O philosopho A. Comte acha ser uma necessidade a introdução no calculo, de expressões vazias de sentido, taes são os seus negativos, afim de que a algebra possa manter a indeterminação necessaria das grandezas consideradas, tanto constantes como variaveis. A indeterminação das quantidades que a algebra considera, sendo por si a mais lata possível, não pode entretanto deixar de ser restricta aos casos de possibilidade que certas combinações entre ellas determinam, sem o que esta parte da mathematica deixaria de ser um elemento logico e sim uma vã criação do espirito humano. Por não subordinar essa indeterminação ao espirito da combinação  $y = a - x$  na hypothese de ser  $x = a$ , e pela applicação do principio de que  $a - x = a + (-x)$ , principio que podia convir a Newton que afirmava serem os negativos menores do que zero, mas não a Comte que abraçou o principio de Descartes, é que vemos o fundador do Positivismo erigir uma theoria, que nada mais é do que uma harmonia entre as idéas desses dois ultimos philosophos, mas que não pode ser aceita.

6. Com Descartes deo-se uma circumstancia interessante sobre a questão das quantidades negativas. Este philosopho, que com justa razão é considerado o fundador da sciencia moderna, não percebeo a renovação que introduzio na sciencia mathematica, formulando o seu principio.

Descartes, o mesmo que formulou o principio da correspondencia entre o signal e o sentido, dizia que um negativo era menor que zero e que somiado a um positivo dava para resultado a differença dos dois valores, como se pode verificar em sua geometria, quando resolve o problema de Pappus, o que levou o nosso sabio professor dr. Benjamin Constant a admirar-se de haver o philosopho ficado fiel á antiga theoria dessas quantidades. (1)

Estudando convenientemente o supposto erro commettido pelo fundador da *Geometria Analytica* é facil de ter-se a convicção de que Descartes foi verdadeiramente sabio em abandonar o seu salutar principio. De facto, vimos que Newton, apezar da logica de seu raciocinio não conseguiu dar das quantidades negativas uma theoria aceitavel, porque suppondo de antemão que aquellas quantidades eram menores do que zero, foi naturalmente levado a confundir o sentido directamente opposto com o sentido contrario, ou confundiu o signal menos da subtracção com o signal menos dos negativos. E so podia confundir noções tão differentes, quem como Newton fazia provirem aquellas quantidades da subtracção impossivel, porque só assim é que só pode afirmar que são menores do que zero e só nestas condicções é que se pode dizer que sommar um negativo é o mesmo que subtrahir um positivo, ou por outra, uma vez que os negativos provem de uma subtracção impossivel, chega-se ao resultado de que são menores do que zero, e que a subtracção é uma addição em que se somma um negativo ao em vez de subtrahir um positivo. São collarios que derivam do modo porque os antigos fizeram surgir, no calculo, a especie de numeros que se chamam negativos. Descartes, que disto estava muito convicto, porque era está a theoria de seu tempo, apezar da necessidade em que se achou de dar uma interpretação aos negativos, não podia deixar de afirmar que eram estas

quantidades menores do que zero, e que subtrahir é fazer a somma de um negativo porque como Newton fazia provirem estas quantidades de uma subtracção impossivel. O erro que commetteo este philosopho foi o de não perceber todo o alcance de sua criação, porque si o tivesse feito, havia de ter reconhecido que importava ella em banir na mathematica a antiga procedencia das quantidades negativas e que desde então não podiam mais ser consideradas menores do que zero teria verificado que o principio que diz que  $a - x = a + (-x)$  é um principio erroneo, que provem da antiga theoria.

Esta é a censura que deve ser feita ao illustre philosopho, si não se quizer admitir que tenha o genio um momento de eclipse, mas o nosso sabio professor que dizia provirem os negativos de uma subtracção impossivel, que eram maiores do que zero e fazia applicação, depois disto, do principio—collario da antiga theoria, é que não podia censurar Descartes, unicamente porque este sabio não quiz fazer o consorcio que fez A. Comte de duas theorias que se repellem.

7. Foi com razão que Carnot insurgio-se contra tal harmonia, quando dizia não ser possível acceitar a opposição de sentido, porque teria fatalmente nullo o lado de um quadrado, si chamasse uma parte deste lado, a partir de uma origem,  $+a$  e a outra parte  $-a$ , porque a somma destas duas partes sendo, como elle dizia  $(+a) + (-a)$  ou  $a - a = 0$ , dava lugar a um absurdo claramente accusado pela figura que elle considerava. Carnot tinha razão em não acceitar tal harmonia; porém, não percebendo a causa do absurdo, levantava-se especialmente contra a theoria de Descartes, e era contra ella que elle oppunha aquelle argumento. (1) Entretanto, si o auctor da *Métaphysique du Calcul*, tivesse reflectido em que a opposição de sentido tinha por effeito capital o abandono de principios existentes em algebra, que por seus fundamentos não podiam continuar a figurar na sciencia depois de formulado o theorema de Descartes, teria visto que a somma de  $+a$  e  $-a$  ao em vez de conduzir a um argumento contra a theoria que surgia, pelo absurdo de ser nullo o lado do quadrado que considerava, estava antes declarando que não mais se podia admittir que tal somma fosse igual a differença  $a - a$  ou zero, e teria por consequente acceito e ampliado a theoria.

Não percebendo, porém, a principal consequencia do theorema citado, Carnot mostrou-se, neste ponto, superior a Comte, dizendo que o que provem de uma subtracção impossivel é um «être de raison» (2) e que portanto não pode representar uma grandeza, sem que, entretanto, a theoria que apresentou, possa se manter de pé.

8. Chegados a este ponto de uma ligeira critica, digamos em que consiste nossa theoria sobre as quantidades negativas. Consiste em se reconhecer no facto concreto, a necessidade de se introduzir no calculo os negativos, de uma maneira tão natural como o foram os positivos, isto é, partindo do facto concreto que nos apresenta uma duplicidade de soluções na resolução de um problema como o que formulou Descartes, reconhecer-se que, sem a introdução dos negativos, a linguagem inathematica não seria capaz de traduzir, perfeitamente, o facto daquelle dominio.

Sua origem ficará, portanto, definida pela necessidade de sua introdução no calculo, e os negativos deixarão de provir de uma subtracção impossivel para serem os representantes abstractos de grandezas que existem, ou relações entre grandezas reaes, por uma necessidade que nos impõem a geometria e a

(1) Vide Theoria das Quantidades Negativas, pag. 35.

(1) Vide Geometria de Posição.

(2) Vide Métaphysique du Calcul.

mecanica. Da mesma maneira porque da *medida* de um seguimento, teve-se a noção do numero positivo, assim tambem deve-se ter a noção de um numero negativo da medida de um seguimento, depois de se considerar uma *origem*. Assim como desde os começos da Arithmetica, foi-se levado á noção de numero, partindo do concreto para o abstracto, e somente de numero positivo que bastava para traduzir as necessidades então apresentadas, tambem deve-se partir do concreto para o abstracto para chegar-se á noção de numero negativo, uma vez que a Geometria e a Mecanica vieram crear de uma nova natureza de numeros. Embora tenha sido a algebra a parte da mathematica que motivou a consideração dos negativos, pela resolução dos problemas do primeiro gráo, embora tenham estes numeros uma existencia puramente *abstracta*, fica assás provada pela ligeira critica que fizemos, a inconveniencia e inaceitabilidade da theoria abstracta dos numeros negativos, impondo-se a necessidade de uma theoria concreta que os introduza no calculo como symbolos reaes, tendo por fim representatar grandezas cuja existencia a Arithmetica não poderia accusar, mas que a Mecanica e a Geometria vieram patentear aos olhos da sciencia moderna. E como estas duas partes da mathematica motivaram a criação desta nova especie de numeros, é que os negativos têm uma origem mais restricta do que os positivos. E' assim, que um positivo que figura desde o começo dos conhecimentos humanos, tem uma existencia lata por demais, pois que se chegou a delle ter noção pela comparação entre duas grandezas quaesquer, ao passo que para comprehender-se um negativo é preciso se ficar no dominio das grandezas lineares ou continuas. Assim considerados, os negativos, que tem uma existencia tão real como os positivos, despresam uma numeração especial, e uma vez adquirida sua noção, partindo do concreto para o abstracto, deve-se submettel-os ás mesmas operações que os positivos, porque são symbolos que, como estes, representam uma relação. Vê-se, pois, a necessidade de introduzil-os no calculo, surgir da existencia de grandezas que se não podem confundir, e o não fazendo a linguagem mathematica não adquirirá a amplitude que necessita ter. Este modo de considerar não só define a concepção do numero negativo, como tambem dá a certeza de que a mathematica opéra sobre symbolos de grandezas ou relações que existem, e não sobre symbolos que nada significam. Por este meio ficam livres os geometras da « obrigação de admitir indifferentemente todos as sortes de expressões quaesquer que possam engendrar as combinações algebraicas », como infelizmente reconhece A. Comte. (1)

Esta obrigação não se baseia em nenhum principio philosophico, porque manda que na mathematica se dê curso a coisas que se não comprehendem, como si a sciencia fosse uma méra phantasia do espirito humana.

Entretanto si o illustre philosopho estivesse bem compenetrado da subordinação do abstracto ao concreto, teria dito que os negativos e as expressões imaginarias que provêm da mesma fonte, não devem ser acceitas no calculo, porque, como elle os considera, ou representam uma hypothese desregrada ou accusam um erro no enunciado de um problema. Somente quando tentamos traduzir abstractamente uma these que encerra um absurdo, é que poderemos chegar a uma operação impossivel, porque o dominio abstracto nada mais é do que o dominio concreto visto por outra face.

A applicação que até hoje, se têm feito do principio de Descartes, é uma má applicação, porque não se tendo percebido a re-

novação que devia introduzir na sciencia, apenas serve para corroborar a obrigação de que fala Comte, porque até hoje tal principio só tem servido para justicar a acceitação de symbolos vazios de sentido, uma vez que podem ter uma representação geometrica, mas o que só se consegue pela applicação de um outro principio que deixou de existir com o do grande philosopho. Si tolo tivesse sido o trabalho de Descartes, teria este sabio, não fundado a sciencia moderna, mas falseado a base da sciencia porque partia do dominio abstracto para o concreto. Só assim procedendo, só compenetrado da independência dos dois dominios, é que na formação  $y = a - x$  se pode formular a hypothese de  $x > a$ . Reconhecendo-se, porém, a subordinação dos dois dominios, vê-se, que só depois de se convencionar que a grandeza directamente opposta seja representada por um numero, é que inversamente se pode dizer que uma certa especie de numeros representa uma determinada grandeza. Nestas condições, fica-se privado de formular a hypothese acima, porque no dominio concreto já se reconheceu ser um absurdo.

Depois da instituição da *origem* é no dominio concreto, como no abstracto, que o representa, saber de quanto uma grandeza é maior do que outra que lhe é menor. Desde que tentamos saber de quanto uma grandeza *excede* outra maior, já nos collocamos fóra do problema da subtração, porque enveredamos o caminho do absurdo. Pois oem, si, apezar disso, tentarmos effectuar tal comparação, o nosso absurdo revela-se no dominio abstracto, por uma operação impossivel, como assim devia ser. Entretanto, da subordinação do abstracto ao concreto, resulta um principio que nos deve guiar na formulação do problema ou em nossas hypotheses no calculo. Tal é o seguinte principio:

— *Toda vez que, em um calculo chegarmos a uma operação impossivel, é signal de que nossa hypothese é absurda, ou o nosso problema encerra um erro.*

9. Por estas considerações, concluímos que os negativos devem ser introduzidos no calculo, porque assim o exige a duplicidade de soluções no caso concreto, e que um numero negativo não provem, portanto, de uma subtração impossivel, e nossa theoria ficará caracterizada por estas duas proposições:

a) *O numero negativo provem de uma adição de unidades negativas.*

b) *O negativo é maior do que zero, e tanto maior quanto maior for o seu valor absoluto.*

Deste modo de considerar já resulta uma primeira distincção entre o signal dos numeros negativos e o signal — da subtração, embora tenha sido esta operação que deu lugar á primeira noção de taes numeros. O signal — da subtração, significa uma operação, o signal — do numero negativo significa uma *qualidade*. Assim não se pode mais dizer, como A. Comte, que um numero negativo seja um *valor subtractivo*. Não ha valor subtractivo, porque tal valor é uma coisa que não se comprehende; o que ha é a operação que se chama subtração.

A segunda consequencia que resulta de nossa theoria é que a subtração impossivel é uma operação que deve ser abandonada pela sciencia moderna, porque o unico motivo que a conservava e que era a geração dos negativos, não pode continuar a prevalecer, e porque tal operação representa, no dominio abstracto, uma hypothese desregrada, sem que ache uma justificativa no dominio concreto.

Si o fundador do Positivismo, tivesse isto percebido, teria dito, quando caracterizou os dois elementos do primeiro por de funcções, que a distincção entre elles está em que no elemento  $y = a + x$ , a variavel independente pode tomar todos os valores passíveis, e que no elemento  $y = a - x$ , tem valores limitados pelo valor da base, não pela maneira porque se exprimiu no trecho que da Synthese acima citámos,

Uma terceira consequencia que resulta de nossa theoria, é o preenchimento do vazio, nos permittam a expressão, que existe entre a Algebra e a Arithmetica, e que traduzido pela sentença de uma somma algebraica corresponde, em muitos casos, a uma differença arithmetica. A somma passa a ser a somma, quer em algebra, quer em arithmetica, a subtração é sempre uma subtração, em uma como em outra, e a Algebra pode tomar o nome que lhe deu o immortal Newton, de Arithmetica Universal.

Uma outra consequencia da theoria que formulámos é o *reconhecimento* de uma grandeza negativa em um numero negativo, isto é, a possibilidade de passar do abstracto para o concreto, desde os elementos do calculo. Uma vez que, partindo-se das grandezas, se chegou á noção de numero por simples abstracção, reconhece-se que o numero é o representante de uma grandeza, ou o problema directo que faz partir do concreto para o abstracto, dá lugar ao problema inverso, que do abstracto permite passar para o concreto. E' por este processo que na mathematica superior dada uma curva definida geometricamente procura-se encontrar a solução abstracta que a traduza, e como os meios logicos empregados para tal fim são em tudo racionais, uma vez dada uma equação pode-se pedir a curva que tal equação abstractamente representa. Mas é claro que dada uma equação, não se poderia procurar a curva que ella traduz, si de antemão não se tivesse estabelecido que uma curva definida geometricamente *motivou* uma equação.

Applicando o que acima fica dito aos negativos, é tambem claro que não se poderá dizer que um numero negativo possa representar uma grandeza, si antes não se estabeleceu que uma grandeza negativa foi abstractamente representada por um numero negativo. Como é pois que se pode dizer que um negativo que provem de uma subtração impossivel, e que, traduzindo uma hypothese absurda, é alem de tudo um numero positivo (porque é uma parte do subtrahendo positivo  $+x$  na subtração entre os positivos  $+a$  e  $+x$ , que se representa por  $a - x$ ) pode representar uma grandeza negativa, quando nenhuma grandeza, desta especie *motivou* aquelle negativo *impossivel*?

O signal — de que vem affecta aquella parte do subtrahendo  $+x$  poderá justificar tal confusão?

Só caindo no circulo vicioso em que cahio A. Comte, considerando a subtração já como uma adição de negativos, é que se pode dizer que a parte do subtrahendo que deixou de ser subtrahida é um negativo, mas continuemos esta critica no capitulo que se vae seguir.

TERTULIANO BARRETO,

1º Tenente de Artilharia.

Sobre a theoria das quantidades negativas, publicamos este trabalho original do 1º tenente Tertuliano Pereira Barreto, antigo alumno da Escola Militar. E' uma questão de philosophia mathematica, estudada e resolvida com criterio pelo auctor, que pretende firmar com elle o bello nome que deixou entre seus collegas de curso, recommendado á consideração de seus mestres. Esta obra vae, estamos certos, despertar um vivo interesse no seio dos mathematicos, ou se impôr como mais uma conquista da intelligencia brasileira no terreno das sciencias.

(1) Vide *Phylosophie Positive* pag. 160

## O ANTI-AMERICANISMO

Incompatível com o sentimento natural de solidariedade entre os povos republicanos da America e contrario aos nossos mais evidentes interesses de prosperidade economica, é o antagonismo fallacioso que se tem procurado crear entre nós e os Estados Unidos. Toda uma campanha se moveu, ha tempo, com suggestões calumniosas, tendendo lançar a suspeita entre as nossas relações diplomaticas e outras, com a Norte America. Serviram-se os campeões dessa intriga insustentavel de argumentos capciosos, cheios de insidia e inverdades, conseguindo, por infelicidade, apanhar muitos espiritos incompetentes para julgar do assumpto, nos enredos de um chauvinismo irritadiço e nas susceptibilidades de um jingoismo mal informado.

Os dous grandes paizes americanos que dividem entre si a hegemonia politica e a ascendencia moral sobre o continente, um ao Norte, outro ao Sul, estão mais destinados a se entenderem numa larga mutualidade de conveniencias commerciaes e sociaes que a se ferirem e se prejudicarem em desintelligencias desarrazoadas que comprometteriam a ambos quebrando, perante o mundo, a unidade moral da vida do continente. Os Estados Unidos e o Brasil, um o mais vasto paiz saxonio do planeta, o outro a mais vasta patria latina do globo, são os dous grandes *leaders* das Duas-Americas, dous grandes povos democraticos que têm, cada um, uma missão continental a cumprir, são os depositarios da civilização latina e saxonica na America; e essa differença de raça mais os identifica que os desune, egualando-os, antes de tudo, na importancia politica nas duas secções americanas.

Elles têm que pilotar os outros povos americanos, na sua esphera de acção respectiva, realizando ao mesmo tempo uma vasta solidariedade pan-americana contra o expansionismo europeu commercial e militar, preparando-se ambos para satisfazerem a todas as necessidades materiaes e moraes dos povos hispano-americanos e néo-saxonios. São dous povos de que se poderá dizer que são naturalmente hegemonicos, dous vigorosos pioneiros do pan-americanismo, idéa cara a todos os corações e a todos os espiritos verdadeiramente americanos. É preciso se afirmar energicamente, desde já, que o pan-americanismo é impossivel sem o Brasil ou sem os Estados Unidos; e que o pan-americanismo é impossivel contra o Brasil ou contra os Estados Unidos.

Os dous principaes factores da solidariedade continental e os principaes promotores da americanisação, no mais justo e nobre sentido da pala-

vra, estão pois de antemão indicados nos dous povos. Elles são os elementos mais solidos do conseguimento desses idéaes comuns de paz e de progresso, são por assim dizer os dous pólos que hão de estabelecer através das Americas, a corrente electrica da civilização, nas suas multiplas manifestações de conforto, cultura intellectual e industria, instituindo largos laços de união financeira e moral através do Isthmo, vitalisando as mais ricas regiões agricolas do mundo, as mais extensas minas, os portos mais bellos e seguros da terra.

Quaes os povos americanos que nos poderão disputar a supremacia, essa supremacia pacifica e fraternal, a que devemos, sem duvida, aspirar?

Quaes os cidadãos brasileiros que poderão, com sinceridade e provas, apresentar rasões decisivas contra essa confraternisação de inspirações praticas e de sentimentos generosos?

A invasão da America do Sul pelo norte-americano, é um excellente assumpto de caricatura internacional, nunca um thema de ataque justo ao governo de Washington, por parte de um jornalista ou escriptor imparcial diante dos problemas americanos, que devemos estudar com calma, franqueza e orientação segura.

Sendo o Brasil grande como um continente e do tamanho dos Estados Unidos (e mesmo talvez maior depois do Laudo arbitral de Cleveland, na questão das Missões, da arbitragem de Berna, na questão do Amapá e do Tratado de Petropolis, na questão do Acre) a conquista ou a invasão seriam absurdos de gastronomia imperialista, que seriam um desastre physiologico para a economia nacional dos Estados Unidos.

E onde iriam elles buscar tropas e colonos para se assenhorearem, por exemplo, do Extremo Norte amazonico e do grande Oeste brasileiro, Mato-Grosso e Goyaz? Os nossos sertanejos, filhos genuinos da terra rica e altiva do Brasil, tão destros e ousados como os *cow-boys* do Far-West, que fariam elles, que conhecem tão bem o «interior» como o habitante de New-York conhece Broadway?

Alguns demagogos da economia politica no Brasil, escolheram na recente questão das tarifas aduaneiras sobre os trigos, uma má occasião para reaffirmarem esses preconceitos do anti-americanismo, manifestação de medo e de poltroneria que nos pretende mostrar a toda a gente como uma creança eternamente burlada no collegio das nações americanas, por uma dellas de que se diz haver se erigido em decurião astuto e ambicioso.

O proteccionismo industrial excessivo, a que repugna o regimen da equidade nas alfandegas para com uma nação que nos importa, quasi toda a

produção da nossa monocultura cafeeira, assanhou-se com a questão dos 20 % e tirou da morgue jacobina as tiradas rethoricas do lyrismo patrioteiro, que não se resigna a inhumalas no esquecimento das repetidas injustiças feitas á verdade inilludivel, que procuramos demonstrar e basear, com factos positivos e «illustrações» incontestaveis.

Não existe sentimento de hostilidade no povo brasileiro contra o povo dos Estados Unidos. Nas classes superiores ha comtudo alguma cousa neste sentido, uma desconfiança vaga, uma suspeição imprecisa, um receio inconfessavel.

Pois não será tudo isso apenas um malentendido prejudicial, facilmente annullavel, pelos resultados praticos que nos advirão e que já estamos obtendo com o desenvolvimento das relações commerciaes entre os dois paizes, como no caso da *Light and Power*, de São Paulo, companhia que é um dos elementos da grandeza da magnifica cidade paulistana? Nós nos convencemos dentro em pouco de que temos mais a aproveitar e a aprender com os Estados Unidos do que com todos os povos europeus reunidos, excepção feita da Inglaterra e da Allemanha.

Então não sómente haverá confiança commercial como tambem verdadeira amizade entre a nossa patria e a grande Republica, cuja bandeira estrellada deve ser entrelaçada fraternalmente com a bandeira do Cruzeiro do Sul. E porque não será assim? Que têm a amizade e os capitaes americanos de suspeitos? O dinheiro inglez e o allemão amalgamados em enormes sociedades anonymas ahi estão fructificando largamente empregados no Brasil, em empresas de caminho de ferro, em fabricas, em telegraphos, em bancos, em carris-urbanos, na agricultura e no commercio. E quem os accusa de não serem uteis ao paiz?

É pois, francamente, um erro deploravel do rotineirismo nacional esse retrogrado anti-americanismo. O Brasil foi integrado politicamente na America pela Republica e está sendo lentamente integrado socialmente na America pela democracia. Desta democracia continental, cujo espirito de liberdade infelizmente ainda não protege com sua sombra bemfazeja todas as regiões americanas, é nos Estados Unidos que residem os dois mais estrenuos representantes.

Si a America do Sul póde justamente se orgulhar de possuir um escriptor como Machado de Assis, um diplomata como Joaquim Nabuco, um historiador como Euclides da Cunha, o narrador elegante e profundo da Campanha de Canudos, um estadista como Rio-Branco, um publicista como Ruy Barbosa; a America do Norte póde se ufanar de ter em

eu sei os dous mais bellos typos de alliança entre a alta intellectualidade e a acção intensa, entre a theoria e a pratica, o amor da verdade e a sua defesa infatigavel, idéas essencialmente americanas.

Será, talvez, pelo conhecimento mais intimo dessas duas poderosas mentalidades e destes dous admiraveis homens de acção, que o Brasil ficará estimando sincera e orgulhosamente os Estados Unidos, como irmãos que somos na America, obreiros da obra continental de democracia e progresso, generalisação formidavel de liberdade e justiça, que hoje invade a Europa e dominará o mundo.

São esses dous homens os mais illustres representantes do americanismo, das theorias e dos actos da gente americana; e são elles Gibbons e Roosevelt.

Theodoro Roosevelt, o pregador da vida politica sem tibiezas, da intervenção individual na eleição e no governo, da cooperação autonoma ou organisação do individuo nas collectividades humanas. O cardeal Gibbons, o chefe intelligente e o campeão mais illustre do catholicismo de acção, doutrinario e pratico, visando para a Igreja de Jesus em Roma, o patrocínio de todas as conquistas liberaes e democraticas, no mundo.

A americanisação do Brasil é logica e fatal.

Os que não quizerem crear a opinião, não de seguil-a, porque ella surgirá, em breve, espontaneamente.

JOAQUIM VIANNA.

## A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Grandes factos historicos tiveram como causa determinante immediata, insignificantes acontecimentos. Dizem que, se o nariz de Cleopatra tivesse outra forma, o mundo antigo teria sido profundamente alterado.

Se madame de Pompadour não tivesse tenazmente insistido junto a Luiz XV, para a annexação da Corsega, a França não teria na sua historia, a epopéa Napoleónica, porque o grande capitão não seria francez.

A abolição immediata e incondicional, entre nós, teve como determinante, um insignificante incidente: o caso Leite Lobo.

A lucta entre o ministerio Cote-gipe e a propaganda abolicionista, estava no seu auge. O ministerio, reaccionario, queria impôr á nação o *statu quo* na questão do elemento servil; entregando ao tempo o trabalho de extinguir-lo: pela morte, pela philantropia dos senhores de escravos e pela acção da propaganda. Esta, porém,

impaciente, tendo em seu seio grande numero de agitadores politicos pertencentes uns, ao partido liberal, então no ostracismo, e outros, republicanos, não cessava de agitar o espirito publico nos *meetings*, na imprensa, nas camaras, em debates violentos, em sessões tempestuosas.

Conspirações com a força armada tinham sido tramadas, salientando-se a celebre «questão militar», que esteve a rebentar se não fôra o sacrificio da dignidade do governo, que saiu *arranhada*, na phrase do presidente do Conselho, na memoravel sessão do Senado.

O chefe de policia—dezembargador Coelho Bastos — o Scarpia da escravidão, era um homem feito para o momento. Energico, brutal, confiando só na força, sem as astucias e maleabilidade do seu chefe — o barão de Cote-gipe — não recuava deante do perigo. Agarrava os escravos fugidos, e impiedosamente entregava-os aos senhores, embora fossem os miseros morrer debaixo do chicote e nos *vira-mundos* das fazendas; perturbava as reuniões abolicionistas com a capangagem policial: desordeiros e capoeiras conhecidos; perseguia os mais ardidos propagandistas com inqueritos escandalosos, para provar que elles vivião á custa dos pécúlios dos escravizados, denominando-os as gazetas officiosas de *papa-peculios*.

Apezar, porém, de toda esta agitação, o ministerio ia vivendo e retardando a solução da questão, e teria conseguido demora-la, por mais tempo, se não fôra o incidente Leite Lobo.

Leite Lobo era um homem distincto, official da nossa marinha, em cujo serviço se tinha assignalado pela sua instrucção e bravura.

Mas, infelizmente, uma molestia mental o impossibilitou de continuar no serviço activo, e foi reformado. Se bem que inoffensivo, quando estava em crise, chamava a attenção publica nas ruas pela sua agitação, gritaria que fazia em discussão que travava com estranhos, mas como era muito conhecido, e tinha por costume trazer sempre na lapella o habito de Aviz, era respeitado, e ninguem o desacatava.

Em principio de Março de 1888, a horas adiantadas da noite, no Largo do Rocio, elle foi tomado de uma crise mais intensa, e entrou a gritar em favor da abolição, atacando o governo com violencia. O povo foi se agglomerando em redor d'elle, e com a excitação dos animos, que reinava, ião as coisas tomando maiores proporções, e a policia interveio.

Mas, como sempre, a intervenção foi brutal, e, apezar dos protestos não só do tenente Lobo, que appellava para sua qualidade de official da armada, como dos populares, os soldados de policia arrastaram o pobre demente até á

estação policial da freguezia do Sacramento, que era commandada pelo alferes Baptista, homem da confiança e protegido do chefe de policia. Baptista não quiz ouvir a Leite Lobo, nem aos que o acompanhavam, e mandou mette-lo na enxovia, onde passou o resto da noite.

Chegando o facto ao conhecimento dos companheiros de armas da victima, reuniram-se estes no «Club Naval», cuja séde era numa casa do Largo do Rocio, e exigiram do governo uma reparação a tamanha affronta aos bríos da Armada Nacional.

Ao mesmo tempo, a marinhagem foi á estação do Sacramento, e atacou-a travando-se grande conflicto. A policia armou-se e municiou-se para resistir a marinhagem, e a desordem alastrou-se pela cidade, concentrando-se no Largo do Rocio, em frente ao «Club Naval.»

Durante quatro dias, as estações policiaes erão atacadas não já somente pelos marinheiros, mas tambem por populares.

O governo, que poderia ter evitado o conflicto, com a demissão do chefe de policia ou a prisão do alferes Baptista, e que não quiz ouvir aos amigos mais prudentes, quando vio as proporções que tomavão os acontecimentos, mandou recolher a policia aos quartéis, ficando a cidade á mercê dos amotinados.

A Princeza Regente, que estava em Petropolis, tendo sido informada dos acontecimentos pelo almirante Salgado, que expressamente fôra áquella cidade para esse fim, desceu e convocou o ministerio.

Mostrou-se a Princeza muito agastada com a offensa feita ao tenente Leite Lobo, e notou, com alguma vivacidade, a continuação no cargo de chefe de policia do desembargador Coelho Bastos, e exigio a sua demissão immediata. O ministro da Fazenda Francisco Belisario, amigo particular do desembargador Coelho Bastos, fez algumas observações em favor deste, lembrando os serviços prestados por elle á ordem publica. O barão de Cote-gipe propoz, então, que fôsse dada a demissão a pedido, e nomeado para presidente da Relação da Côrte, que estava vago.

A Princeza disse: «isso seria uma recompensa quando é preciso puni-lo;» e recusou terminantemente a proposta.

Neste caso, disse o barão de Cote-gipe, o ministerio pede a sua demissão collectiva.

E eu a concedo, replicou a Princeza, e peço o favor ao sr. barão de Cote-gipe de chamar o sr. João Alfredo para conferenciar commigo ás 8 horas da noite, na Quinta de S. Christovão.

Assim, cahiu o gâbinete presidido pelo barão de Cote-gipe, que subio ao poder em Agosto de 1885.

A's 6 horas da tarde, recebia o con-



selheiro João Alfredo, em sua casa na rua Marquez de Abrantes, uma carta do barão de Cotegipe, concebida nos seguintes termos:

«Exmo. sr. conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira:

«S. A. Imperial Regente me encarrega de convidar a v. ex. para uma conferencia hoje ás 8 horas da noite, na Quinta da Boa Vista.

Devo informar a v. ex. que se trata da organização de um novo gabinete.»

Tinha a data de 7 de Março, grilhada para lembrar que era a mesma data do gabinete presidido pelo visconde do Rio Branco, de que o conselheiro João Alfredo tinha feito parte, como ministro do Imperio.

E' possível que a carta tenha algumas alterações na redacção, porque a citamos de cór, e a lemos ha mais de 15 annos.

Recebido o conselheiro João Alfredo, a Regente deu-lhe conta da situação, e o encarregou de organizar o novo gabinete. O illustre estadista perguntou si a crise tinha nascido da questão do elemento servil.

—«Não: foi por uma questão de ordem publica, e julguei que o ministério estava fraco e impopular para arcar com os acontecimentos. Tem v. ex. plena liberdade de agir quanto á direcção politica que tenha de imprimir ao novo gabinete. Sómente devo dizer a v. ex. que seria para mim doloroso ter de assignar uma falla do throno que não trate da solução da questão do elemento servil.—

A abolição da escravidão não foi, portanto, uma questão *sine qua non* para a organização do gabinete de 20 de Março; podia inclui-la no seu programma, ou não, sem que por isso viesse difficuldade por parte da corôa.

A Princesa nada impoz e nada recusou ao ministério, em relação á abolição immediata e incondicional.

O que fez a Princesa, e só por isso merece as benções da humanidade, foi não impedir a realisação da grande obra, o que foi decisivo. Mas, não foi tão facil, como parece, esse acto.

Na atmosphera de terror creada pela gente da sua *entourage*, e toda ella pertencente ao partido liberal, a Princesa mostrou qualidades de governo apreciaveis, principalmente energia e coragem.

Não faltou quem não lhe segredasse o receio de um attentado contra a sua vida, a invasão da Côrte pelos fazendeiros em armas, a intervenção da Inglaterra por causa da divida externa, e outras coisas deste jaez.

Nada disso, porém, enfraqueceu o seu animo, e não regateou ao gabinete, o menor elemento de governo.

O gabinete, por seu lado, desde o inicio, nos primeiros dias de administra-

ção, tornou-se popular e fortaleceu-se na opinião nacional.

O chefe do gabinete, no anno anterior, da tribuna do Senado, tomára com Antonio Prado, compromisso de offerer um projecto que extinguisse a escravidão, no prazo de 3 annos. Foi com essa idéa que o gabinete foi organizado. A da abolição immediata e incondicional, ainda não tinha sido suggerida.

Prado foi encarregado de organizar o projecto durante a sua estadia em S. Paulo, para onde se tinha retirado para melhor trabalhar.

Mas, durante esse tempo, os acontecimentos se precipitavam: os senhores libertavam, em massa, em troca de titulos honorificos; as manifestações populares se multiplicavam, entusiasticas, por toda a parte.

A correnteza era impetuosa, irresistivel. Só um louco tentaria represa-la.

A anciedade publica para saber da idéa do governo, sobre a questão, era enorme. Nenhum membro do gabinete tinha tido ainda oportunidade de fallar em publico, se não quando se annunciou um banquete offerecido pelo Club Beethoven, ao seu presidente, nomeado ministro da justiça.

A concorrência foi enorme nas cercanias do edificio em que funcionava o Club, onde se realisava o banquete.

Os ministros, ao chegar, eram recebidos com ovacões delirantes.

O ministro da justiça teve uma verdadeira apothéose quando, no discurso de agradecimento ao banquete, pronunciou as seguintes palavras, que ficaram memoraveis: «O ministério vae tratar de reparar injustiças seculares».

A phrase foi bastante transparente para se vêr a resolução em que estava o governo de propor ás camaras, cuja reunião se daria em Maio, a abolição immediata e incondicional da escravidão.

Assim foi feito em 7 de Maio, no mais indiscrepivel entusiasmo, e a 13, transformado em lei o projecto.

Agora vejamos o que se daria se não fosse o incidente Leite Lobo.

O ministério de 10 de Agosto continuaria no poder odiado, sem apoio na opinião até que uma revolta militar rebentasse, e, com o seu triumpho, seria proclamada a Republica, e feita a abolição.

A familia imperial chegaria á Europa, deportada por se oppôr á libertação dos escravos.

O odio dos senhores dos escravizados contra os libertadores irromperia em breve, e a guerra civil seria travada.

O Brasil sempre foi escandalosamente protegido pela Divina Providencia!

Outubro de 1904.

SCETONIO.

## RUSSIA E JAPÃO

A presente lucta entre a Russia e o Japão é verdadeiramente desoladora, menos para qualquer das duas nações belligerantes — já victimadas por enormes perdas, e ainda na primeira phase da campanha, pôde dizer-se — que para o observador sereno e sensato, que vê com tristeza campear universalmente a mais estranha falta de senso e desorientação sociologica por parte da maioria da imprensa européa e de certos escriptores, terrivel phenomeno de retrogradação mental attingindo a mais alta hypertrophia e quasi delirio na Inglaterra, nos Estados-Unidos da America do Norte, em Portugal, nos paizes da America do Sul e, principalmente, no Brazil.

Realmente, surprehende e abysmalêr-se os disparates que, alliados ao mais assanhado e intolerante espirito de parcialidade e fetichismo pelo Japão, bem como a um total desprezo ou desconhecimento das leis fundamentaes e incontradictaveis da Sociologia, são todos os dias epiléptica e entusiasticamente editadas pela imprensa desses paizes sobre as *extraordinarias* victorias nipponicas e fim proximo da guerra com o *aniquilamento completo* da Russia, no Extremo Oriente.

Que na Inglaterra e nos Estados-Unidos apregõem delirantemente a derrota da sua grande rival na Asia, porque isto muito convém aos immensos interesses commerciaes e politicos que lá têm ambas essas potencias, e particularmente a primeira, dominadora de toda a India — comprehende-se. Mas, que as outras façam o mesmo, por simples macaqueação ou por neurasthenicos arrebatamentos de mal entendida humanidade, e mais sentimentalismos piégas. — é triste e tristissimo.

Entretanto, toda essa descabellada grita de apoio e applauso feita diariamente ao Nippon, em estirados telegrammas e artigos laudatorios, poucos verdadeiros, de jornaes e revistas, ha de ser, dentro em breve talvez, inteiramente suffocada e destruida pelos ultteriores acontecimentos da guerra, de que a formidavel e incomparavel resistencia de Porto Arthur — que difficilmente será tomada — é um pre-nuncio valioso e forte.

E embora, em Pariz, um espirito sério, lucido, erudito e versado nas sciencias sociaes, como MAX NORDAU, contra o Slavo se agite nervosa e furiosamente, num lamentavel eclipse, originado sem duvida na sua stirpe de judeu que abomina a Russia por perseguir o judeu; embora Max Nordau garanta pela *Gazeta de Noticias*, e algumas folhas platinas, que a autocratica e desmoralizadissima Russia do governo a *chicote* e de *funcionarios prevaricadores* virá a ser esmagada

pelo *bravo e poderoso* Japão ; embora, entre nós, uma intellectualidade, como JOSÉ VERISSIMO, affirme pela *Noticia*, que tudo o que ha assentado até agora em sociologia está errado porque isto de questão de raça é *uma tolice* ; embora o brilhante chronista OLÁVO BILAC, num dos seus *Registros* dados de Pariz, commettendo a maior heresia em ethnologia (aliás como Nordau e Verissimo) chame aos belligerantes o *moço Japão* e a *velha Russia*, quando é justamente o contrario, pois a raça mongolica está no palco da historia ha mais de seis mil annos e a aryana ha apenas tres mil ; embora todos esses descabros jornalisticos e scientificos de que decerto estão rindo, em silencio um, Letourneau, um Hartmann e um Häckel, os tres sábios sobreviventes da phalange genial dos homens que estabeleceram as bases immutaveis da Sciencia moderna no seculo passado, como Darwin, Spencer, Huxley, Lyell, Latham, Vogt, Lubbock, Virchow, Mommensen, etc ; embora tudo isso, temos para nós que a victoria final da Russia é certa e o aniquilamento total do Japão inevitavel.

O Japão vae ser o Paraguay da Asia : nunca mais se levantará.

Felizmente, nem o humanitarismo neurasthenico, nem a grita fetichistamente apologista do maior numero em favor do amarello caduco, carnavalescamente *vestido á occidente*, não de mudar jamais as leis geraes da Sociologia.

Häckel, classificando a Humanidade em doze raças distinctas e trinta e seis sub-raças, partindo da mais inferior para a superior, colloca o Japão no grão 20 e a Russia no 36, isto é, no ponto supremo da evolução humana.

Seria, portanto, um absurdo ou loucura admittir-se que o Japão pudesse nunca vencer a Russia.

A nosso vêr, um grande espirito que existiu em Portugal até dez annos atraz, e que poderia ter glorificado qualquer das grandes nações da Europa se em uma dellas houvesse nascido, OLIVEIRA MARTINS, o genial historiador e sociologo, foi, entre todos os eminentes pensadores contemporaneos, quem melhor prognosticou, de um modo geral, os acontecimentos sociaes que se desenrolam actualmente no Extremo-Oriente, e que são naturalmente o inicio das fundas transformações da mesma especie que não de ter lugar no desenrolar deste seculo em toda a Asia, conforme esse egregio mental deixou assignalado no seu longo e notabilissimo estudo *O anno politico europeu de 1886*, publicado na *Gazeta de Noticias*, dos começos de 87.

Ahi, no capitulo final intitulado *Paizagem do futuro*, traçava elle um vasto quadro prospectivo do que se-

riam as grandes nações europeas e os Estados-Unidos nos meados do seculo XX. Parece uma temeridade semelhante estudo, mas é admiravel de previsão e videncia, conforme se verá pelos rapidos trechos que vamos aqui estampar.

Depois de descrever a *Batalha naval de Tantchim* entre a Russia e os Estados-Unidos, já então unicos e absolutos dominadores da Asia, dizia OLIVEIRA MARTINS :

« As consequencias desta batalha são gravissimas. Por muito tempo está posta em chéque a ambição russa de dominar, absoluta, no Oceano Indico, para cercar por mar a China, a quem os exercitos do Czar extorquiram já a Mandchuria, a Coréa e parte da Mongolia ao sul do Altai.

A ultima das tragedias ethnicas do mundo desenrola-se agora nos mares da India... »

No *Dia de Peshawer* dá conta da victoria da Russia sobre a Inglaterra no seu imperio da India, do seguinte modo:

« A batalha naval de Tantchim é tão grave no momento actual, como foi ha trinta annos a celebre batalha de Peshawer, em que os russos destruíram o imperio da India Britanica. Esse dia memorando tinha em embrião, o choqué medonho dos russos, vindos por terra do Occidente, e dos americanos, vindos por mar do Oriente, para um fim commum — a conquista da China.

« Como estamos distantes desses tempos, em que o alastrar obscuramente invencivel do agricultor slavo, precedido pelos batedores de lanceiros cossacos, avançava com prudencia, com cautela, desde Mers até Herat ! A Inglaterra inteira, guiada pelo instincto da conservação, agitava-se a cada passo dos moscovitas... »

(A velha Albion agita-se loucamente no temo da victoria da Russia, que será o prologo do seu aniquilamento na India, dentro de mais um lustro talvez ; e por isso fornece activamente ao nippon transportes para o desembarque de tropas na Mandchuria, carvão de pedra, material bellico de todo o genero e officiaes peritos para machinas e manobras nauticas e de guerra á esquadra do Mikado. A derrota da Russia, desde já, será um allivio para o seu terrivel pesadelo ! ).

« Depois os russos, continúa o sociologo portuguez, alastravam-se como uma inundação desde o Caspio até ao Indo, absorvendo a Persia, o Afghanistan e o Beluchistan, a contar do dia terrivel em que os inglezes, com os seus exercitos de indios, quizeram embargar-lhes o passo para Cabul, na batalha de Peshawer.

« Todavia, como entre os russos e os velhos persas, ha gravissimas differenças, o Czar não commetteu o erro

de annexar a India. Estabeleceu-se solidamente a oeste do Indo, construiu o grande caminho de ferro que liga o Caspio a Teheran, e vem por Herao, por Candahar, por Kelat, insinuar-se nas montanhas littoraes do Beluehistan. Esse caminho de ferro tem a sus testa no porto magnifico de Karatchy, que commanda o golfo Persico e o mar das Indias. As obras do porto que é ao mesmo tempo o maior imperio commercial do Oriente e a mais extraordinaria das fortificações, garante á Russia a sua liberdade de expansão maritima e effectividade do protectorado que exerce sobre a India. Cobrando dos principes indigenas os tributos de soberania, a Russia, deixando seguro o flanco austral do seu imperio asiatico, transpoz, como se sabe o Amur e absorveu toda a Mandchuria. Assenhorou-se da Coréa. Está ás portas de Pekim. Entrará lá ?... »

Na parte denominada *Old England ! alas, poor old England*, conta ao que ficará reduzida, em meados do seculo XX, a Inglaterra :

«... Assim se desmanchou o velho imperio da Inglaterra, que, durante o seculo XIX, se alastrara por sobre o mundo inteiro. No dia de Peshawer, perdeu-se a India. Já o Canada fôra incorporado ao Imperio Americano. (Os Estados-Unidos não de se achar então transformados num immenso imperio, vaticinava o celebre historiador portuguez). Já a Australia se declarara independente. Ficaram-lhe ainda uns farrapos de ilhas dispersas, restos de maior quantia, como a nós nos ficaram Damão e Gôa — brazões historicos. O Cabo voltou aos allemães, que possuem todo o sul da Africa... »

A prophesia sociologica de Oliveira Martins começa agora a cumprir-se, não propriamente pelo desmoronamento do imperio britanico da India, mas por esta guerra do Japão, que tornar-se-á o primeiro grande episodio dessa futura derrocada da Inglaterra, que, por isso, toda se empenha pela derrota da Russia. Semelhante facto, porém, se nos affigura inteiramente impossivel, embora até agora o Japão tenha obtido uma série de triumphos parciaes bellicos.

A *Paizagem do futuro*, de Oliveira Martins, «tem todos os visos de realidade», como elle proprio o disse. A victoria final será da Russia.

E ai ! então do audaz e prospero Japão, que se deixou levar ingenuamente a uma aventura perigosa pela astucia refinada da velha Inglaterra, que lhe acenara, perfidamente e em defeza propria, com o grande sonho delicioso da absoluta hegemonia do Mikado sobre toda a raça amarella e sobre toda a Asia !

VIRGILIO VARZEA.

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. 20\$000  
 SEMESTRE... .. 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Rumores de uma inesperada candidatura presidencial, de precócidade impaciente, agitaram a brusca atmosphera politica nestes ultimos e felizes dias monotonos. Da subtiliza esquivada de boato, que é um pavoroso monstro intangivel, a surpreendente novidade, rompendo o esburacado véo das confidencias, passou a se corporisar em facto muito authentico, muito verdadeiro, auspicioso para uns e sinistro para outros.

Houve uma conspiração ou, em termos mais amenos, uma collisão de chefes, zelosos pelos destinos da patria e muito previdentes para deixarem á accção louca e cega do accaso, interesses sociaes de tamanha monta; houve um innocente conluio para consultar a opinião sobre a viabilidade da candidatura do sr. Campos Salles, exilado voluntariamente no retiro do Banharão.

Quando se diz consultar á opinião, entende-se pedir o apoio dos governadores, que dirigem, soberanamente, as legiões de eleitores feitos á sua imagem e semelhança, disciplinados numa obediencia de pedra bruta.

Na justificação dos motivos desse açodamento, sobremaneira irreverente para o actual chefe da nação, allegaram que era urgente indicar, desde logo, ao paiz, um nome conhecido e amado, um republicano historico, que puzesse em cheque prévio a suggerida candidatura do sr. Affonso Penna, desfigurado no envoltorio do seu repulsivo titulo de conselheiro de sua magestade o Imperador, como gemma preciosissima embrulhada num lenço de rapé.

Não lhes occorreu que essa ponderação ricochetaria, como ferina satyra, até attingir, criminosamente, á suprema altura, inviolavel e sagrada, e outros pincares não menos respeitaveis.

Accrescentaram, num jacto de má vontade ao implacavel ministro da Fazenda, que era imprescindivel ao desenvolvimento da riqueza nacional, voltar ao poder o cidadão benemerito, que havia restaurado as finanças por meio de um regimen de poupança (aqui vae outra insinuação) de efficaz

arrecadação, e proveitosa applicação do suor do povo generoso e docil, que lamentava, agora, numa contricção sincera, o movimento cruel de ultima hora, que sempre foi e será a hora da ingratitude.

De mais o prazo presidencial fôra curto para a execução de um tão longo e tão complexo plano de administração.

Por estas e outras razões intimas, que se não volatilisaram da fragil caçoila do segredo, acertaram na consulta ao ex-presidente, consagrado aos seus cafezas para restaurar, com sacrificios heroicis, a sua fortuna compromettida.

Os governadores, esses não ponderaram ás esperanças dos conspiradores; refugaram uns, francamente, o ardiloso plano, outros se esquivaram manhosamente, na precócidade do caso, ponderando que era cêdo para cogitarem de successão presidencial: todos sorrateiramente, appellaram para a vontade omnipotente de que elles dependem, como dependem de Appollo, os ardentes ginetes do esplendoroso carro mythologico, portador da luz abençoada e fecundante.

Consultaram, tambem, prestimosos chefes que não tinham entrado no patriotico conchavo; obtiveram acquiescencias mastigadas, promessas melifluas e recusas peremptorias, muitas esperanças e raros desenganos; mas, commetteram o gravissimo erro de não apalparem a opinião suprema, a unica opinião valiosa deste admiravel paiz. Esta se agastou, de não ser ouvida nem cheirada; encolheu-se numa contracção de prerogativas; e — dizem — passou a senha aos leaes amigos que protestaram, nesse melindroso caso de successão, se conservarem fieis ao governador dos governadores. Eis como está perigando não se repetir com o sr. Campos Salles, o caso de Cincinato.

E assim se desfez a nuvem, que toldou durante alguns dias os horisontes da politica, trazendo, no bojo obscuro, as mais fagueiras esperanças ou aquillo que muita gente já começa a considerar — o perigo paulista.

### EXTERIOR

Examinando a marcha da guerra russo-japoneza, M. Dubief diz, na *Revue Bleue*, que a perspectiva é para a Russia de perdas e revezes se continuar o sangrento conflicto.

Em S. Petersburgo, começa a tomar corpo a convicção de que não será possivel esmagar o formidavel adversario que surprehen-

deu os europeus com os recursos bellicos mais completos e uma perfeita organização militar. O partido da guerra á outrance, dirigido pela imperatriz mãe, que sustenta Alexieff, pede a destituição de Lamsdorff e de Kuropatkine, ao passo que a Csarina se esforça por inclinar o Csar para a paz, mormente quando já se percebem movimentos revolucionarios bem accentuados, conquistando os habitantes da Polonia, Armenia, Lithuania, Georgia e Finlandia e aguardando o momento favoravel para explodirem, terriveis, em reivindicações justissimas, cuja extenção e effeitos se prevêm claramente, ameaçando o throno e a dymnastia dos Romanoff.

Ante as difficuldades da campanha no exterior, ante as eventualidades, o mau estar das classes productoras, os sacrificios financeiros, tão intensos, que a Russia, em poucas semanas de guerra, foi obrigada a obrar a circulação monetaria, que era de 630 milhões de rublos, com 70 milhões, não é desprezivel o boato de que a medeação das potencias europeas será bem recebida.

São conhecidas as condições exigidas pelo Japão para a terminação das hostilidades: restituição da Mandchuria á China, derrocamento das fortificações de Porto Arthur, independencia da Coréa e a indemnisação das despezas militares.

— Submetter-se-á a Russia a essa humilhação? — pergunta o estadista francez, — ou, com o partido da imperatriz-mãe, preferirá levar ás derradeiras consequencias, a lucta — *pour Dieu, pour le Czar, et pour la patrie* — por entre desastres, hecatombes e ruínas?

Operações iminentes, antes que o inverno immobilise os combatentes, derimirão definitivamente, a duvida. É bem possivel que a primeira victoria da Russia, afastando a questão do ponto de honra nacional, abra larga porta á intervenção dos alliados Inglaterra e França, talvez dos Estados Unidos da America do Norte, cujos interesses mercantis, no Oriente, já os levaram a intervir no caso dos contrabandos de guerra, distinguindo-os em *absolutos e relativos* — nova doutrina de direito internacional á qual a Russia se submetteu.

Além das causas assignaladas, outras da politica internacional actuam em favor da paz. A Inglaterra se prevaleceu do conflicto russo-japonez para invadir o Thibet, transpondo a fronteira do Hymalaya, que sempre foi um dique á sua expansão para o norte. Não será surpresa o conseguir ella dominar, definitivamente, os paizes do Euphrates até os limites da Persia. Annullará, assim, uma das clausulas do testamento de Pedro o Grande, e arphyxiará as ambições dos Slavos, tendo por objecto a peninsula do Indostão.

Deve-se mais considerar que questões insoluveis, adormecidas reivindicações, como a situação da Turquia, a soberania dos antigos principados danubianos e outras que repousam sobre um sedimento de odio no coração dos povos occidentaes, se ergam ameaçadoras, exhibindo resoluções immediatas.

É verdade incontestavel que, superiores aos corrosivos effeitos do tempo e ás tendencias humanitarias das idéas, a flecha de Strasburgo e os picos dos Balkans continuam a dominar a politica europeia.

A imprensa diaria, foram transmitidos pelo telegrapho, compungentes pormenores do desastre da expedição portugueza contra os Cunhamas. Collido, numa emboscada, um punhado de bravos foi esmagado pelo inimigo feroz e superior em numero.

O facto impressiona mais pelo inesperado que pelos efeitos sobre a manutenção da paz nos dominios portuguezes da Africa, onde uma administração patriarchal não promovia progressos comparaveis com os dos colonisadores saxões, mas conquistára, com processos de benignidade, a sympathia dos indigenas, olvidados das violencias da primitiva invasão, das *razzias*, arrancando ás tribus negras muitos milhões de homens, que o trafico da escravatura atirava ás regiões da America.

Chegou a vez de pagar Portugal o tributo de sangue, que a resistencia dos indigenas impõe, em muito maior escala, ao imperialismo das grandes potencias europeas. Ha mais de meio seculo, não ha dia em que não corra sangue de brancos a ensopar a terra, segregada pela tradição maldita aos influxos da civilisação: a França, a Italia, a Allemanha despendem permanentes esforços e enormes sommas para manter e ampliar os seus dominios, preparando um campo propicio á collocação dos seus excessos de população.

A Inglaterra, porém, cabe a mais pezada contribuição ao imperialismo.

Todos os annos, desde 1856, ella tem tropas empenhadas em combate nas provincias de seus vastos dominios colonias, como se verifica na seguinte resenha:

De 1856-57, expedição á fronteira da Persia; de 1856-60, terceira guerra com a China; de 1857-59, o famoso motin da India; em 1858, expedição á fronteira noroeste da India; 1860-61, segunda guerra em Nova Zelandia; 1861, a expedição Sikkhim; 1863, outra expedição ao norte da India; 1863-65, terceira guerra em Nova Zelandia; 1864-65, a expedição Bhotan; 1865, expedição á Jamaica; 1867, guerra com a Abissinia; 1868, mais uma expedição á fronteira noroeste da India; 1870, expedição do Rio Vermelho; 1871-72, ainda expedição áquella fronteira da India; 1873, guerra com os Ashantis; 1875, expedição Pirak; 1877-78, a campanha do Jowakhi, quarta guerra contra os Kaffirs; 1878-79, guerra contra os Zulús e Basutos; 1878-80, segunda guerra no Afghanistan; 1880, expedição contra os Basutos; 1881, insurreiçãõ do Transvaal; 1882, expedição egypcia; 1885-89, expedição do Burmah; 1885-89, primeira campanha no Sudão; 1888-93, expedição á fronteira noroeste da India; 1894, expedição á Africa central; 1895, expedição Chitral; 1896, guerra na Matabellandia; 1897, segunda guerra com os Ashan-

tis; 1897-99, expedição á fronteira noroeste da India; 1899-1900, segunda expedição ao Sudão e a ultima guerra no Transvaal.

Resulta desta funesta lista que, em 45 annos, a Inglaterra se bateu em 35 guerras sanguinolentas, das quaes sete duraram mais de um anno, e oito mais de dois, accrescentando aos seus dominios — de 1884 a 1900 — 3.700.000 milhas quadradas, com uma população de 57.000.000 de almas.

Em quanto durarem as tres causas da expansão: — o valor actual de suas possessões tropicaes, o vasto excesso de capital e a crise nas industrias metalurgicas, a Inglaterra continuará a pagar com sangue o seu imperialismo.

POJUCAN.

EU

SNR. DIRECTOR DA R.

Faz v. a honra de pedir algumas linhas d'autobiografia a um individuo que precisamente se orgulha de não ter historia, e de pôr em difficuldades d'orgulho um intransigente accusado de jamais ter feito campo á mediocridade do seu tempo. O ardil é habil, mas não seja eu quem no aproveite para falar *cubierto* aos seus leitores. Persuado-me tambem que á posteridade pouco se dará que eu tenha nascido em Villa de Frades, no largo da Misericordia, numa casinha de taipa construida por pedreiros da minha gente, e que haja sido meu pai, mestre-escola da terra, e typo de santo austero numa alma de sonhador sempre calado, quem protegesse e dirigisse os rudimentos da minha educação. E' costume, tratando-se dum homem de penna, especificar, nesta altura da historia, a sua vocação precoce para as letras, mas a verdade é que eu, até entrar no Collegio Europeu, ao Conde Barão, em 66, só me senti com vocação para sezões. Fui bom estudante sempre, e uma creaturinha triste e socegada — duas razões que accumuladas com a de meu pae nunca vir da provincia; visitar-me, e de por sua pobreza não poder mandar presentes bons ao director, me valeram cinco annos de privações e de maus tratos, e uma resistencia aparentemente submissa e timida d'orgulho, que pela vida fóra tem sido a minha bella independencia e a minha força. Em 72 deixei o collegio, porque a nossa situação pecuniaria, em vez de melhorar, tendia a decahir, e ahí vou eu apodrecer numa botica, sete annos, uma botica que era a projecção agravada da existencia do collegio, com uma enclausura

mais rude, uma fadiga physica mais forte, e peorias consideraveis de tratamento e convivio, de que ainda hoje me não posso lembrar sem ranger os dentes de despeito. A botica para mim teve a vantagem de me pôr em contacto absoluto com o povo, de me mostrar a existencia dos bairros pobres numa cidade onde o operario enve, lھےce sem a menor idéa de conforto, e cumulativamente ensinou-me o manuseio e preparo dos venenos, arte de que me tenho servido com exito para rebentar diversos ratazanas. Durante esses sete annos d'emplastos e de pilulas, ninguem pôde imaginar os tormentos que eu passei. Davam-me tres horas aos domingos para oxigenar os pulmões cançados de respirar fedentinas de drogas eervas podres; a minha alimentação era uma berundanga que sobrava do jantar da familia do patrão, e que mal pôderei comparar, como nutriencia e aspecto, ás mais asquerosas pastas que os soldados distribuem nos quartéis, á pobralhada. Dormia num cacifro de seis palmos de largo, por vinte de comprido e dez d'altura, numa enxerga metida numa especie de gaveta, que pela manhã reentrava na parede, e da qual tanta vez pedi a Deus me talhasse caixão onde acabar meus grotescos males por uma vez. A baiuca, onde eu praticava, era tão velha, infecta, escura e desornada, que ainda hoje me surprehendo da triumfancia vital deste arcabouço, que pode resistir sete annos áquelle inferno de ratos, pias rotas, miseria alimenticia e raçuns d'unguentos pre-historicos. A's oito horas da noite começavam a entrar os da palestra; armava-se uma conversinha pulada sobre os casos do bairro e da politica: havia o gracioso, o sensato, o espirito inventivo, o intransigente e o erudito, que soadas as onze, depois de se terem envenenado tres horas do azedume des seus ordenados famelicos e dos seus azares de familia embirrativos, debandavam aos pares, erguendo as golas dos fraques, e concordando em que não havia senão ladrões neste paiz. O meu desforço foi por aquelle tempo uma creada que servia um fidalgo, por cima da botica, e que me consolava as tristezas enviando-me mimos de cabelo, e confessando-me por uma frincha da porta, coitada, que nunca encontrára um «amor de rapaz mais dedicado.» Pagou-me essa dedicação indo viver com um barbeiro do largo do Mitelo, homem frascario e facil, quasi tropego, que acumlava o mister capilar, com ess'outro, não menos unctuosos, d'ajudar á missa o padre da Bemposta. Esse barbeiro-sachrista, era ciumento, e tendo mobilado a boca, para a cerimonia nupcial, com alguns dentes postiços, foi a exigir, num accesso de zelos, que a rapariga em testemunho d'amor lh'os engu-



O Creador dos Gatos

lisse. Esteve á morte, e por precaução nunca mais a frequentei—do que lhe peço aqui desculpa, caso ainda viva, a espevitada, com os dentes a esmo na barriga.

Esta residencia entre drogas, estragou-me a saude, e além d'outros achaques de espirito e de corpo, inculiu-me uma tendencia morbida para as letras. Gastei sete annos a percorrer todos os logares communs dos escritores nacionaes, de 1830 para cá, e a matar

o tedio desta leitura com romances de cadernetas e pequenos ensaios literarios de fabrica propria, para os jornaes de provincia, onde a petulancia das minhas asneiras me acarretou por Leiria e Vizeu, fóros de escritorinho esperançoso. Minavam-me o tedio e uma ancia de liberdade insaciavel, e alcancei que me deixassem ir findar os preparatorios do lyceu, findos os quaes, ao matricular-me na Escola Polytechnica, o fallecimento de

meu pae me obrigou a abandonar botica e estudos, para ir acudir ao bem estar dos meus, ameaçado terrivelmente por aquella morte, que nos deixava ás portas da miseria.

Por lá estive um anno inteiro, e tornando no seguinte, por ahi fóra vim vindo, té ultimar o curso medico. Como vivi todo este tempo? |Dos recursos do pouco que minha pobre mãe podia dar-me, d'alguma colaboração avulsa por dictionarios e pequenas folhas litera-

rias, e enfim de lições que fui dando, á hora em que os meus condiscipulos folgavam, descuidosos, felizes, bem comidos, bem vestidos, ignorando o martyrio do bom ganho aos patacos, e os prodigios d'energia heroica consumida a vencer economias de cigarros e de ceias, e a desaparecer enfim de toda a parte onde o « successo tem praça », e poderia ser notado o nosso casaco velho, o nosso cabelo crescido, e as nossas botas roídas nos tacões. Vencidos os cursos scientificos, em vez de seguir, como os meus condiscipulos, nas facilidades profissionaes que elles fomentam, cometti a tollice de me lançar na vida litteraria, de querer viver por uma penna donde continuamente espirravam revoltas, e que fatalmente havia de me agravar as difficuldades do caminho. Tendo escrito desde então, cerca de mil e trezentas paginas por anno, o que representa uma actividade rara num paiz onde a bagagem litteraria é um livro de versinhos e meia duzia d'artigos laudatorios, apenas consegui na opinião de muitos dos meus contemporaneos « arranjados », a reputação dum desequilibrado indolente, que arma a sensação por via do galicismo, e a dum prosador colerico, prohibido do successo pelo mau sestro de não poder ser lido por senhoras. Dos resultados materiaes do meu trabalho acerrimo baste a v. saber que nem lógro auferir da penna o sustento necessario, ganhando menos que um carpinteiro ou um pedreiro, e tendo de resignar os meus gastos a condições de parcimonia de que só eu sei o mysterio, e perante os quaes forçoso me foi abdicar de todas as aspirações e vanglorias que entram por meio na confeção da alegria, e são neste mundo o factor principal da felicidade. Basta-lhe um facto. Tenho publicado até hoje seis volumes de contos e *bluettes*, cujas materias somadas prefazem alguma coiza, como *mil novecentas e oitenta e tantas paginas compactas*. Quer v. saber quanto me deram os editores por toda esta bagagem? *Seiscentos mil réis*. O que representa uma paga a tres tostões por pagina, menos da metade do salario do mais reles e ignaro traductor de Ponsou du Terrail ou Xavier de Montépin.

Ahi tem v. pouco mais ou menos a historia do homem de letras que alguns criticos teem apodado de vaidoso, e topicos mais que necessarios para a interpretação rozonada da minha mysantropia e essencia litteraria. Está vendo já donde procedem algumas das sensibilidades especiaes que melhor ou peor contem a minha prosa: o sentimento da paisagem, nascido da minha origem d'aldeão contemplador; as predileções por assumptos humildes, inspiradas numa longa e quasi exclusiva convivencia entre as classes chamadas inflmas; e enfim todas as mi-

nhas sedes asperas de justiça, reacção natural da minha indole singela contra os despotismos duma sociedade que durante annos a trouxe enrodilhada nos pés continuamente. Quinze annos deste regimen, escravo de quantos obstaculos a pobreza e o orgulho põem nos rails duma vida laboriosa e continuamente orientada na evitação dos faceis triunfos, das lisonjas pulhas e das recompensas servilmente obtidas no desprezível mister de engraxador, se por um lado me teem mostrado a inutilidade material e moral de toda a especie de protesto isolado, deixaram-me vêr, por outro, na convivencia de milhares d'individuos de todas as categorias e de todas as especies; a porção commum de velhacaria e de baixeza que quasi todos elles precisaram desenvolver para instalar na vida o seu talher. A muito poucos dos que ahi estão hoje elevados, e que passaram por mim nas redacções dos jornaes, nos atrios das escolas e nas mezas dos cafés, invejaria um momento a historia ascencional, porque a gloriola ganha sem trabalho, espatifa-se em bagatelas, como o dinheiro do jogo, sem de si propulsionar senão defeitos.

Tornando ás letras, os meus proprios artigos reparam no character fragmentario dos meus escriptos, e os mais ferozes me accusam d'intrometter fézes humanas nas tintas duma paleta onde só deveriam esmair suavemente as cores do espectro. O primeiro ponto é bem notado, e eu mesmo me entristeço de até á hora presente não ter senão uma efemera bagagem de historietas d'espuma e artigos « mais ou menos verrineiros ». Pouco importa que essa obra faça o melhor de cinco ou seis mil paginas, e represente a fadiga de mais de quinze annos de nervos excitados. O publico entre nós não divinisa senão fabricantes de grandes calhamaços (criterio natural num paiz onde a leitura é toda de lombadas), e mesmo que eu fizesse naquelles pobres bocados, maravilhas, passaria sempre por um chronista aguado das futilidades mansas do meu tempo. Resignar-me-hei calado ao *veridictum*, tanto mais sendo elle, quasi por completo, verdadeiro, mas explicando sempre que quem não aufere, como eu, dinheiros do Estado, e tem de ganhar o seu pão dia por dia, não pode senão produzir minuscularias litterarias, obrinhas de facil curso, pagas aos quinze tostões. Deus sabe quando, e escriptas sabe Deus em que disposições de cabeça e de barriga! A cada instante abordam-me os ingenuos—mas porque não escreve você um livro inteiro? um grande romance, um grande quadro critico?

Imaginam que esses trabalhos se abordam com a inconsequencia e a rapidez de vinte ou trinta paginas; mal comprehendem que sejam pre-

cisos longos mezes d'estudo, annos de concentração, paciencias benedictinas de factura; e durante todo esse tempo quem é que garante ao desprovido escritor, o passadio, e depois da obra feita, quanto dá por ella o editor, ou mesmo quem é que a edita, não havendo em Portugal senão tresentas pessoas capazes de pagar até seis tostões por exemplar?

A linguagem plebea agora, e os termos « sujos ». Quem percorre a maior parte dos livros portuguezes escriptos nos ultimos quinze annos, abismado fica da falta d'interesse inherente a quasi todos, e da estulta preocupação que leva os auctores a escreverem em « estylo nobre », isto é, numa algaravia convencional, bosselada de rhetorica, eivada d'incidentes, imagens sédiças, phrases feitas, atravez de cujo urdimento a attenção dos leitores se esfalfa, resultando a convicção de que uma tal litteratura é apenas intrujice de duzia e meia d'espiritos palavrosos, ermos de gosto, sem ideaes nem experiencia do officio, e que quando muito aprenderiam nas aulas de portuguez a syntaxe dos escriptos fradescos que lá é costume apontar como mananciaes d'inspiração litteraria genuina. Imagina-se em geral que todo o fiel patife, poeta ou prozador, capaz d'arreglar sobre o papel, daquellas estopadas, fica *ipso facto* sagrado artista e homem de letras, e ninguem perscruta a razão porque, devendo ser a phrase litteraria a expressão fotografica, instantanea, das ideias, escritor que tenha obscuro e superfluo o estylo, é que certamente carece de limpidez nas figurações ou doutrinas que esse estylo é chamado a visonar. As obscuridades de vocabulario, pois, os torcicollos de phrase, as arborencias excessivamente complexas do periodo, longe de creditarem o talento pictural do escritor, devem ao contrario sobreavisar-nos quanto ao pequeno peso e nenhum feitio da sua bagagem psychologica. Desta vacuidade cerebral hypocrisada de rhetorica, que ha vinte annos tem sido a litteratura artistica do paiz, resultou em primeiro logar a depravação do gosto publico; e em segundo, a indiferença gradual, hoje completa, desse mesmo publico por todos os que fazem em Portugal a profissão de homens de letras. A decadencia é tal, que o estylo em que é uso escrever-se, só é bom quando não exprime coisa alguma, e constar duma serie de logares comuns piégas, amanteticos, que leitura finda, valem ao plumitivo a reputação de literatejar « de luva branca ». Ninguem comprehende a necessidade que ha d'escrever como se pensa e como se fala, limpido, claro, brutal, simples e certo, vehemente ou placido segundo o veio d'agua do assumpto, precipitado ou espraído,

consoante o temperamento emotivo de quem escreve, e sincero sempre, arrancado d'alma, e empregando como Shakespeare diz, para a peor ideia, a peor palavra — venho a dizer, a mais cruel, que é quasi sempre a mais pictural e a mais persuasiva.

Um dos verdadeiros predicados do escriptor é saber elle destringir, na variedade de tantos milhares de formas literarias, qual seja propria para exprimir fielmente um certo assumpto. Latino Coelho, a quando folhetinista, não sei onde, teve o mau séstro de tratar em periodos largos, estylo d'elogio historico, os successos humoristicos ou chalros da semana, e não se imagina o desastre que isso foi! Conhecem uma narração de viagem, de Herculano, á volta do exilio, que vem, me parece, nas *Lendas e Narrativas*? Por qui, por lem, tenta o escritor ferir seus pontos de humorismo, mas o estylo duro do historiador contrahe-lhe o rictus da boca em carantonha, e a gente cuida vêr um mastodonte a detalhar *couplets* velhacos da Judic. Ter o estylo proprio dos seus assumptos é achar para cada genero de literatura uma prosodia propria e uma syntaxe; o estylo desarticulado e curto para as narrativas contemporaneas; o estylo colante, sobrio, mas orchestral, para as narrativas d'assumpto antigo, onde o effeito rezide na erudição da côr e na pompa sylabar; o estylo limpido e leve para os discriptivos de paysagem; gravativo e largo nos elogios dos grandes homens; cortado em zig-zag, aberto ao ar, para os assumptos humoristicos; e para os de satyra silvando entre imprecações e gargalhadas. Gosto pouco de fazer applicações doutrinaes a coisas minhas, mas não deixarei por isso de chamar o criterio de v. para a intuição que sempre me tem guiado os passos neste campo. Se v. percorrer os voluminhos de romance e narração que publiquei, reconhecerá que eu sou um dos rarissimos escrevinhadores portuguezes em cuja obra o *assumpto é que dicta o estylo*, ao contrario dos mais, e onde a propriedade da expressão muitas vezes impele a penna ao exagero de vocabulos que mais gravativamente exprimam as ficções taes como o meu espirito as vê na occasião. Tome v. da minha obra, tres especimens de prosa impressionista: a prosa de romance e descripção, a prosa d'artigo critico, e a prosa satyrica...; e tendo-os comparado intimamente, dir-me-ha depois se algum destes bocados se parece, e se não houve da minha parte, ao tracejal-os, uma comprehensão das afinidades que prendem a qualidade especial do pensamento, á tessitura escrita da expressão. Por consequencia se eu vejo que a primeira aptidão profissional de um homem de letras é fazer ás ideias a *toilette* d'estylo que melhor lhes vae, se eu por exemplo tenho para descre-

vet o campo, um vocabulario especial e rythmos propios, e outro vocabulario e outro rythmo para contar, por exemplo, as desgraças dum mendigo, e successivamente assim té aos assumptos onde a ironia se transforma em chicote e a indignação chufa da boca as insolencias grosseiras do desprezo, como é que os meus censores exigem que eu escreva em estylo nobre, se muitos dos meus assumptos dos *Gatos* são trazidos a publico numa intenção de satyra candente, e se da propria torpeza delles brotam a deleteria tessitura e o estylo mal creado e por vezes obsceno das objurgatorias com que os trato? Não querem entender esses asnos que a linguagem de pamphleto não se fez para pessoas sexuaes, e que a unica formula jornalística capaz de, á hora presente, ferir fundo, deve ser aquella que esbofeteie a hypocrisia infame da sociedade egoista e siphilitica que nos cerca.

Rochefort, por exemplo, estava servido, se para demolir o imperio na *Lanterne* empregasse a proza do chronista nacional Alberto Braga. Argumentamme depois co'a pudicicia alvorotada das madamas, o que me obriga a dizer que o madamismo nacional tem do pudor uma postiga e tola ideação. Na literatura, princezas, não ha nem pode haver palavras sujas. O que ha e assumptos sujos, assumptos pulhas, deleterios assumptos, que os escritores não inventam, e fazem parte do dia a dia da cidade, assumptos enfim de que a linguagem escrita e apenas o impreteavel sigal graphico. Consequentemente o pudor feminino tem apenas, como meio d'impedir que os pamphletarios escrevam pleteismos, o evitar que a sociedade seja menos torpe, e os seus maridos e irmãos menos canalhas.

FIALHO D'ALMEIDA.

GABRIELLE D'ANNUNZIO.

Carlo de Fornaro affirma que não ha homem mais odiado que d'Annunzio na sua propria patria; onde poucos lhe reconhecem genio ou talento litterario, e a maior parte o considera inferior ao poeta pagão Carducci e ao romancista Fogazzaro. Um erudito critico florentino resumiu a opinião geral sobre o autor do *Fuoco*, nestas palavras: somente d'Annunzio pode entender os versos de d'Annunzio, demasiado eruditos, pomposos, e sobretudo, muito pretenciosos.

Alem de um limitado circulo de amigos, ninguem, na Italia, o favorece com uma phrase amavel, e os mais duros, os mais affrontosos epithetos são empregados respeito á sua vida privada.

Outro critico o qualificou de *parvenu*, na vida intima, e *poseur* na litteratura.

Essa má vontade dos italianos provem de julgarem que a grande admiração do resto do mundo ao poeta, é devida ao facto de o considerarem o representante da moralidade da Italia, como Zola dos costumes francezes.

As traducções das obras de d'Annunzio no estrangeiro, na França, na Allemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, produzem para os editores receitas enormes que nunca foram attingidas pelos mais populares romances dos mais notaveis escriptores italianos.

O caso prova mais uma vez que ninguem é propheta na sua terra.

## O bem que podemos fazer ás creanças

### I

Não sei se os pastores d'almas facilmente se tornam psychologos. E' de presumir. Os conselhos que insinuam neste ou naquella systema cultural não raro traduzem a observação paciente do que viram.

Basta lembrar as prescripções hygienicas de Mahomet, que conhecia bem o sordido Oriente. Lutheró, por sua vez, leu na consciencia geral dos homens quando se referiu ás creanças. — « Deus que as poz neste mundo, Deus olhará por ellas. » — E o pensamento, que pode ser confiadamente religioso, traduz o que tacitamente pensa, ainda que o não sinta, a maioria dos pais. A creança virá por si, hade desenvolver-se desde que não adoeça. E, si tal occorrer, não faltam medicos.

Por banal o meu protesto, não deixa de vir a ponto. Fala-se tanto nos meios especiaes de cultivar chrysanthemos, que talvez não seja ocioso recordar que ha umas outras plantas, mais complicadas e mais nobres, das quaes depende a felicidade futura e cujo futuro está em nossas mãos.

Pode não ser muito distincto e finalmente exotico enterreirar esse assumpto, mas cuido mais util que fazer colleções pacientes de cartões postaes.

Nem tema o leitor as asperas minucias technicas da medicina, sinão o desejo de lhe chamar a attenção para o mais trivial dos factos que se tem registado em nossa bellissima cidade. Deve ter notado que, em contraste com a pujança de vida que nos cerca, são aqui os meninos estiolados e molles. Ou magros, dando logo á vista a impressão de pobreza organica, ou de uma gordura branca e flacida. Creanças de rija carnção e rosea face. Creanças de Rubens ou Murillo, bem poucas são ellas, quando ainda ao collo das amas. E já nos cõllegios, ou antes desse tempo, ainda menos robustas se apresentam.

Que tudo depende das circumstancias do meio em que se agita o candidato a homem, — não ha duvidar. Mas essas circumstancias muito defeituosas em nosso paiz, não se mostram menos naquelles que costumamos citar como os modelos acabados do que existe de bom na superficie da Terra. Certo, aqui não possuimos requisitos de hygiene domestica e inspecção medica escolar, que opulentam os vetustos nucleos de civilisação, onde entretanto as condições de vida são muitissimo precarias e a densidade de população incomparavel á nossa. Por outro lado, o generoso sol e as benevolas florestas ainda protegem a saúde dos cariocas.

Ainda assim não podem fazer tudo. A vegetação corôa aqui e allí uns cabeços de monte, e poucos habitantes vão beber a essa fonte de oxygeno nascente. E o sol, que fecunda a natureza inteira, sò em poucos mezes do anno o não irradia demasiado no clementissimo calçamento de pedra. A população infantil vive então, ou na athmosfera confinada das escolas, ou nos pequenas pateos das casas, ou respirando pelas nossas ruas esse ar soberanamente impuro que vem aos pulmões de envolta com a poeira das cidades. E a poeira é o receptaculo de germens tão variados de doença!

Já se vê que falo dos meninos pobres. E foi para esses que o professor Northrup, de New-York, instituiu os *sun-play-rooms*. São grandes salas, envidraçadas, e acima dos ultimos sobrados. Orientadas com criterio, a ventilação refresca-as e procede á renovação do ar. Ao mesmo tempo, a luz solar banha o largo aposento, sem aquecel-o demasiado, empresta vida e alento ás creanças que passam horas brincando á vontade nesse clarissimo ambiente.

Não ha esquecer tão bello recurso, adoptavel a escolas e hospitaes, e muito de ser praticado em alguns mezes do anno, no Rio de Janeiro. Fica, porém, á distancia daquella fructuosa idéa, que immortalizou o nome de W. Bion, vae para trinta annos.

W. Bion não era um sabio, nem um letrado, nem um legislador. Era na Suissa um pastor modesto. Das montanhas de Appenzell trouxe os filhos a estudarem em Zurich, e notou que os rapazes entravam a definhar. Vindas as ferias, reconduziu-os ao clima alpestre. Reffloriram de vigor e saude. E a cada vez que voltavam do campo, estavam mais fortes e dispostos, e melhor estudavam.

Alegre com o resultado obtido, fez Bion propaganda do methodo em prol dos meninos pobres. Os paizes de civilisação superior adoptaram para logo a idéa. A Suissa, em vinte annos, mandou á montanha 30.000 rapazes; por anno, a Inglaterra mais de 20.000, a Allemanha mais de 33.000, a França

perto de 9.000. Algarismos inferiores, mas de não menos valor, são os da Austria, Dinamarca, Belgica, Hollanda, Italia, Noruega, Russia, Hespanha, Estados Unidos, Japão e Republica Argentina.

Não é o governo que toma a si tão meritorio empreendimento. São associações particulares, de homens sensatos e pouco idealistas. Alcançam um pequeno rendimento e com eile contractam o estadio em estabelecimentos ruraes, de clima saluberrimo, para meninos das escolas, durante o tempo das ferias. Segue chilreante o comboio carregado do rapazio. Chegados á estação, dividem-se os pensionistas por varias fazendas, onde ficam entregues aos proprios moradores. Um empregado da associação vae residir á parte, em proxima villa e visita quotidianamente os passeantes, e attentamente fiscalisa quanto ao agasalho de que gozem.

Como se vê, é simples devéras. Temos tão de perto de nós o remedio ás creanças que por aqui amarellecem no verão, suando abafadas noite e dia nos miserimos quintalejos do Rio! Da estação da Central ganha-se, com pouco, a Serra do Mar, e, vingada a Serra, do valie do Parahyba á Mantigueira, além desta ou muito mais perto, começa o Reino da Saúde. E' o Estado de Minas, com sua viúa simples e hospitaleira, que abre os braços aos pequenos enfezados da Capital... Porque não entregal-os, dois mezes por anno, ao carinhoso cuidado daquella gente sincera?! Juiz de Fôra está a tão poucas horas do Rio, e em seus arredores a natureza é prodiga de beneficios ao homem.

Não vou á irreverencia de condemnar as batalhas de flores, mas sempre arriscarei o sacrilegio de garantir que com o producto de uma, é possivel revigorar por anno algumas centenas de meninos pobres. E sómente revigorando-os podemos honestamente combater as devastações provaveis de perigosas doenças. Em lugar de vencer a disseminação do microbio, o que é utopia, trata-se agora de robustecer o organismo para resistir-lhe ao acommettimento. Isso é mais proficuo, e menos platonico, e já está assentado em sciencia.

Com effeito, os estudos a que procedeu na Italia, o dr. Oswaldo Federici, illustram, do melhor modo, a utilidade das «colonias de ferias.» Elle realizou indagações rigorosamente scientificas quanto ao estado dos pensionistas antes e depois da residencia no campo, e as conclusões falam com persuasão a quantos as conhecem.

As vantagens colhidas se concretisam em um mais rapido e proporcional crescimento, augmento de força muscular, riqueza sanguinea, augmento de peso, maior actividade organica.

E o mais é (consoante as pesquisas de Varrentrap, o propugnador de taes idéas na Allemanha, e feitas em mais de 8.000 creanças) que os beneficios armazenados difficilmente são perdidos, quando volta o collegial ao antigo regimen.

Ha então um victorioso resurgimento corporal. Mas encontra-se tambem uma tonificação do cerebro, como attestam os professores, que elucidaram a materia. E não só a creança mais apta se mostra á aquisição do ensino, como as suas noções se enriqueceram com a licção de cousas que a vida rural ministra, com a livre existencia em contacto com a natureza virgem. As idéas augmentam, o menino se fortalece, e o espirito ganha essa independencia de juizo para a qual tanto concorre o alheimento; ainda que temporario, do meio em que sempre se encerrou.

Parece-me que as colonias de ferias, velhas de 30 annos em outras terras, não precisam de mais apresentação. A desvalia do nome, que hoje as recorda a seus patricios, tem a amparal-a as maiores competencias da hygiene moderna. Que essas faltassem — e o leitor poderia verificar, com um pequeno dispendio, dentro de poucos mezes, a veracidade do que aqui fica asseverado, enviando ao clima do campo, alguma pobre e pallida creança do Rio, das consideradas em saúde, — já se vê. Tambem as colonias são destinadas apenas a essas, e que não excedam os 12 annos de idade.

Até o momento da experiencia, não será talvez descabida a inserção d'estas palavras de Spencer:

Quando os rapazes e as raparigas vão crescendo doentes e fracos, os paes ordinariamente consideram esse facto como uma desgraça, como uma punição da Providencia. Raciocinando por essa forma cahotica, entendem que os males succedem sem causas, ou que essas causas são sobrenaturaes. Completo erro. Muitas vezes essas causas são indubitavelmente herdadas, mas outras tantas procedem de methodos errados. Quasi sempre, os paes são os verdadeiros responsaveis de todos esses males, d'essa fraqueza, d'essa depressão, d'essa miseria. Encarregaram-se de vigiar, hora a hora, a vida da prole; com um desleixo cruel não quizeram aprender cousa alguma quanto aos processos vitaes que elles a todo instante violam com suas ordens e prohibições; pela absoluta ignorancia das leis physiologicas as mais simples, foram minando dia a dia a constituição dos filhos; condemnando, assim, á doença e á morte prematura, não só a elles, mas a descendencia.



## SCIENCIA E INDUSTRIA

## LAGRIMAS

Suor das almas cruciadas, sôro dos corações espremidos pela dôr, rocio bemfasejo das flores d'alma, do pezar, das dores, das alegrias, as lagrimas têm sido para os poetas um manancial inestinguível de inspiração. Nas gottas crystalinas, desbordando de bellos olhos, se reflectem as mais commoventes imagens com eloquencia conquistadora, mais valiosas que palavras, dizia Ovidio.

Shakespeare via um inferno de feitiçaria no diminuto orbe de uma lagrima. Para S. Bernardo, das lagrimas dos penitentes se fazia o vinho dos anjos. Ellas tem a magia de commover o proprio Deus. Por isso, diziam os hebrêus: quando se fecham as portas da prece abrem-se os diques das lagrimas.

No curioso trabalho — Revelações do corpo humano —. James Scott dedicou ás lagrimas estudos especiaes, levando-as das regiões ephemeradas da poesia para o estreito campo do microscopico, reduzindo-as a vulgar secreção de uma glandula, cuja função de lubrificador do globo occular pode augmentar em copioso pranto, conforme as excitações violentas do trigemeo com relações psychicas ainda envoltas no mysterio do aparelho cerebral.

Em repetidas experiencias, descobriu o sabio investigador que são as lagrimas salgadas, por estarem impregnadas de sal commum e phosphato de sodium.

Vista ao microscopio, uma lagrima secca parece um escripto cheio de pequenos crystaes de variegada fórma e finamente cinzelados em cruces esparsas, ou reunidos em palma de féto arborescente, como jóias de precioso labor.

James Scott fez experiencias nas lagrimas de seus olhos. Será curioso repetir-as com as dos olhos alheios para verificar si se obtêm resultados identicos em outras, ou si as de dor, de pezar, de alegria se consolidam nos mesmos bellos crystaes, ou tomam fórmas correspondentes ás commoções que as distillaram.

## EFFEITOS DO BORAX

O dr. Wiley acaba de fazer proveitosos estudos para determinar as relações do borax, como preservador de generos alimenticios, com a digestão e a saude.

As experiencias foram praticadas sobre um escolhido grupo de moços voluntarios, submettidos a um regimen especial de alimentação de carne, ovos, leite, legumes e fructos da estação. A carne conservada, como os outros ge-

neros, foi guardada em geladeiras, rigorosamente esterilizada.

O preservativo foi empregado na fórma de acido borax e de borico, misturado com a manteiga e depois administrado em capsulas, começando por quantidades minimas, como as empregadas na preservação da manteiga e da carne, e augmentando-as progressivamente até attingirem ao limite de tolerancia para cada individuo.

As rações, como os *excreta*, foram cuidadosamente pesados e analysados. Um medico examinava, diariamente, os pacientes, seus pulsos e temperatura antes e depois das refeições. Eram registados os efeitos do borax sobre o peso do corpo, sua influencia sobre o metabolismo do nitrogeneo, sobre a oxidação da materia combustivel nos alimentos, e sobre os rins.

Os mais interessantes resultados desse estudo, foram: que o borax e seus equivalentes, tomados com o alimento em pequena quantidade, 7 1/2 grãos por dia, nenhuma perturbação apreciavel produzem; mas os symptomas dos casos de prolongado uso de pequenas doses ou de maiores em curtos periodos, indicaram uma visivel tendencia para diminuir o apetite e produzir uma sensação de fartura e máu estar no estomago, ás vezes nauzeas e peso, ou fortes dores na cabeça.

A administração do acido borico na dose de 4 ou 5 grammas por dia produziu, na maioria dos casos, perda de apetite e indisposição para todo o genero de trabalho.

Ficou fixado em 4 grammas diarias, o limite de tolerancia para cada homem normal.

Concluiu, portanto, o paciente investigador, que o acido borico e os equivalentes do borax em certa quantidade, se deveriam restringir aos casos em que for imprescindivel ou não forem applicaveis outros methodos — de preservação, ou em quem os efeitos da decomposição dos alimentos não conservados, forem mais deletérios que o do preservativo. Nesta hypothese, o dr. Wiley aconselha para protecção da saude dos moços, dos debilitados e dos doentes, que os alimentos conservados contemham no rotulo a quantidade de borax empregado.

Esse conselho não seria impertinente, como excellente cautela hygienica num paiz como o Brasil, cuja população consome grande quantidade de artigos alimenticios importados, e, na maioria, inquinados de fraudes diversas na fabricação, sendo de notar que consumimos artigos marcados com a observação — *para a exportação* — o que equivale a ser a circulação delles prohibida nos paizes de origem.

## O ALMIRANTE (2)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

## CAPITULO I

O inerme servidor do Imperio respirou desafogado quando desceu no largo de S. Francisco de Paula, cheio de patrulhas armadas de carabinas, contendo a multidão apinhada em timida curiosidade para ver um homem fuzilado, summariamente, por tentar uma *rasteira*. Erão ordens da policia, ordens implacaveis, indispensaveis para manter a segurança dos cidadãos, o socego da cidade, as garantias da propriedade, preserval-os das façanhas da capoeiragem, assanhada em maltas assassinas e muito perigosas naquella crise social.

— Queriam sangue — pensou o Conselheiro, esgueirando-se pela travessa de S. Francisco — Ahi têm para o baptismo da Republica, salpicando o pedestal da estatua do patriarcha José Bonifacio.

Chegando a casa fatigado dessa excursão que lhe parecia uma dolorosa humilhação, elle contou tudo á mulher, muito satisfeita pela fidalguia do acolhimento de Deodoro. Apesar da divergencia de idéas e de lhe não perdoar a iniciativa do lance victorioso, ella não lhe contestava o valor, evidentes linhas de superioridade, e, sobretudo, certa firmesa de tacto para conhecer os homens de real merecimento. Era de habil politico attrahir os homens do desmoronado regimen, estadistas experimentados, criteriosos, cujas luzes seriam, mais tarde, imprescindiveis, para se corrigirem os desmandos, os excessos dos moços inflammados de paixões subversivas, desviados, desde a escola, pelas idéas hereticas de uma republica sem Deus, talhada pelos moldes dictatoriaes da philosophia de um lunatico. Os homens feitos, os velhos, representariam o criterio, a prudencia, pondo freios energicos aos interesses subalternos dos exploradores dessas crises, tão repetidas nos processos da historia; reprimindo as ambições criminosas dessa vasa que a agitação elevava á tona e sujaria tudo, afastando, como suspeita, a gente limpa, os homens de talento, e dominando toda a politica, como o desbornamento de um pantano. Elles, os depositarios da experiencia de um passado glorioso, seriam os salvadores dos idéaes da revolução incruenta, seriam os pilotos dessa não, entregue aos caprichos dos ventos e á perfidia das ondas pelas mãos ingenuas dos moços, dos poetas e sonhadores, como garbosas galéras, adornadas de flores, rebocadas por serêias a nadarem celeres no mar glauco, enfunadas as pandas velas de purpura

por zephiros rochunchudos, sympolizando a illusão do primeiro passo desordenado e temerario.

Deodoro era um politico de vista certa e forte pulso: não desdenharia desses auxiliares preciosos que a turba ignára chamava, com sarcasmo, adhe-sistas.

E a prova dessas qualidades resalta-va, eloquente, do facto de haver, pouco depois da visita do Conselheiro, mandado pagar-lhe os vencimentos e lhe consignado uma pensão, até serem aproveitados os seus inestimaveis ser-viços.

D. Eugenia, impacientada pela de-mora do marido, passeava agitada da varanda para a sala de jantar, onde a comida esfriava em longos pratos ovas de metal branco, sobre a meza adorna-da de flores, de cystaes e porcellanas, saudosos vestigios do antigo esplendor.

A sombra gigantesca do Corcovado alastrava sobre a chacara, amortecendo num tom melancolico, o brilho quente das espessas frondes das man-gueiras alinhadas em longa alamêda, até ao sobpé da montanha, escurecendo as ogivas graciosas das moitas de bambús farfalhantes á doce caricia das lu-fadas.

Amelia, num andar firme de soberba castellã nos seus dominios, percorria, lentamente, as ruas do jardim. Laura, para enganar o estomago, comia um pedaço de presunto com pão, estirada em postura indolente, no banco de ferro do serraço. E, como um éco das brisas, que vinham da Gavea, saturadas de perfumes, de sadias emanações mari-nhas, ouvia-se uma doce melodia evola-da do piano ao prestigio dos afiliados e longos dedos de Hortencia, enlevada naquelle sonho sonoro, como se ou-visse estranha voz mystica modulando as palavras não escriptas, o sentido da letra do romance de uma alma ma-goada. Ella tocava indifferente ao tempo, á treva que invadia a sala ve-lada por tapeçarias pesadas, cheia de velhos moveis de jacarandá, severos e tristes como phantasmas da opulencia morta.

— Papai, papai — bradou Laura, correndo para o jardim ao encontro do Conselheiro, que empurrava o grande portão de ferro, fazendo tilintar, agitado, o sino pendente de uma espiral de aço.

Amelia aproximou-se de vagar. Deu a frente a beijar ao pae, que Laura abraçava com gestos de criança e beijou-o com ternura commedida. D. Eugenia esperava o querido retardatario no alto da escada de marmore.

— Estava anciosa por ti — disse ella — Pensei que te houvesse embaraçado coisa importante. Nunca te demora-te tanto... E logo hoje que a cosinheira me pediu para sahir mais cedo para cuidar de um filho doente que

tem de levar ao medico... Não te lem-bravas que não podemos faltar á recepção da marquezia...

— Ai, filha estou cortado de fadiga — anciou o conselheiro, derreando-se numa cadeira de vime.

— Qual foi a causa da demora?

— Eu te conto. Tivemos hoje uma importante sessão do Instituto. A coisa prolongouse, além dos nossos calculos. Discutimos, com certo calor e com a erudição habitual daquella assembléa de notaveis, uma tran-scendente questão de historia patria. Não havendo accordo possível entre as varias opiniões, coube-me, por descnto de meus peccados, a tarefa de redigir-as duvidas: fui encarregado peloe meus illustres confrades de redigir uma memoria sobre o verdadeiro sitio da execução de Tiradentes. Dizem uns que esse sombrio caso aconteceu para os lados de Matta-cavillos; affirmam outros que foi no largo de S. Domingos; ha, finalmente, quem, com as mãos cheias de razões e de provas, conclua que o supplicio se realizou no logar hoje occupado pela empreza de carros funebres. A escolha da minha humilde pessoa para tão honrosa incumbencia foi, talvez, devido ao facto de não haver eu emittido a minha opinião.

— Grande tolice — exclamou a ma-trona — Esses homens sérios não tem que fazer? Que importa a nós, á política, á Republica saber onde morreu o tal barbeiro...

— Olha que foi o proto-martyr da Inconfidencia... E' esta a minha opinião official. Bem sabes que, nesta quadra, um homem sensato deve ter opiniões opportunas, principios de occasião, uma especie de traje mental que a gente deve mudar conforme á temperatura...

— Perdeste então o teu tempo, affligiste a familia por causa dessa tolice?...

— Verdade historica sobre o martyrio...

— Que martyrio!... Foi castigado na forca e muito bem enforcado para servir de exemplo aos outros malfeitores cheios de fumaças de liberdade, de rebeldia cruel, de concomitancia com meia duzia de desmiolados traidores ao seu rei, ao seu bemfeitor. Ah! nós estamos soffrendo as consequencias da generosidade do nosso amado monar-cha. Se elle tivesse estrangulado, no nascedoiro, a hydra, não estaríamos agora penando na desgraça de um erro imperdoavel. Deus me perdôe. O Imperador é culpado, pela bondade, pela tolerancia, dessa calamidade. Bem te lembrás que ser republicano era para elle um titulo de merecimento para as graças, para os empregos e até para subir aos mais altos cargos do Im-derio..

— E' verdade. Mas a corrupção sempre foi uma das mais certeiras armas da politica.

— Para taes resultados seria melhor não a empregar. A melhor norma seria não dar quartel aos inimigos. Quem não é por mim, é contra mim. Uma corja de ganhadores hobreando, senão preterindo a gente fiel e a gente de lei...

— Pois não te resignastes ainda?

— Isto ha de morrer commigo, esta magoa me ha de levar á sepultura. Pensar que fomos cumplices do desastre com a nossa politica de pannos quentes... Não... Não... me resigno.

E continuou a imprecar, acompa-nhando o marido que fôra mudar a roupa, alliviar os pés nuns queridos sapatos velhos.

Ouviam-se ainda, á surdina, como um éco distante, quasi apagado, as harmonias do piano de Hortencia, que não dera pela chegada do pae. Foi preciso mandar chamal-a por uma das mucamas.

— Apagaste o gaz da sala — perguntou-lhe a mãe quando ella appareceu, movendo-se languida, e arras-tando o vaporoso vestido de surah azul celeste, todo enfeitado de rendas molles — E' um consumo de gaz que nos arruina...

— A sala está escura — respondeu a formosa moça, num tom avellupado e sonoro — Não reparei que escurecia... — Tu, filhinha, parece que vives a sonhar.

As duas irmãs sorriram com certa malicia, e trocaram expressivo olhar.

Nesse momento voltou, o conselheiro e tomou assento numa espaldar á cabeceira da mesa.

— E' verdade — disse elle, ao encetar um tassalho de carneiro assado, com molho de vilão — Estive com o Almirante...

— Ah!... Que te disse o ingrato — arguiu D. Eugenia.

— Esteve quase a vir partilhar o nosso jantar; mas era tarde e tinha de com-parecer a uma conferencia urgente com o ministro. Enviou muitas lem-branças a todos, muitas saudades, e a ti, Hortencia, a sua querida boneca, os beijos do costume e uns marrons glacés (esta minha cabeça) que estão no bolço da sobrecasaca.

Hortencia sorriu e partiu, lésta, á procura dos marrons, a sua gulodice predilecta.

— E — continuou o Conselheiro, debulhando com esforço a cansada memoria — umas gardenias, que estão sobre a commoda para Laura... uma caçoletta com um trevo de quatro folhas para Amelia... Cá está no bolço do colete... Esta minha cabeça. Parece que tenho nos miolos Tiradentes e a forca...

— O nosso querido Oscar, tão bom, tão amavel com as meninas, não se

esquece de nós... Amigos como aquelle, se nos ajudasse com o seu prestigio, com as suas sympathias na marinha...

—Estás sonhando Gininha— atalhou o Conselheiro, espantado, e lançando um severo olhar á esposa.

—O Almirante é um soldado tão leal á republica quanto foi dedicado á monarchia. E' um philosopho, um opportunist, como todos os homens superiores. Não faz questão de governo. Qualquer que ella seja, será um servidor da patria.

—E' isso, a banal escapatoria: servir á patria, como se isto os preservasse da vergonha de estarem servindo á republica, a essa...

O marido supplicou com o olhar, e ella estacou, suffocando uma das costumeiras manifestações de entranhado odio, que somente transigia e se amoldava, quando lhe occorria a contingencia de manter a pensão, os meios de subsistencia da familia, o futuro das filhas, tres moças que ella, na cegueira do estremado affecto maternal, considerava sempre meninas, nessa infancia convencional, que chega, ás vezes, aos cabellos brancos.

Terminado o jantar, dirigiu-se o Conselheiro para a varanda e começava a fazer o chilo, beatamente recostado numa poltrona de vime, quando d. Eugenia lhe notificou a visita á marquezia de Uberaba.

—Sabes, Gininha— observou elle, á puridade, com gestos desconfiados— por meu gosto reduziriamos ao minimo possivel as nossas relações com aquella nobilissima senhora.

E como a mulher estremece-se tomada de surpresa, elle continuou mais submisso e mais persuasivo:

—Ninguem mais do que eu a considera e lhe preza as inestimaveis virtudes; mas... acho que nos arriscamos com essa intimidade...

—Pretende interromper relações tão velhas, cultivadas com tanto carinho?...

—Pois não sabes— tornou elle, baixando a voz— que ella conspira... que aquelle palacio é um foco...

—Ora, Antonino— tornou d. Eugenia, com um sorriso zombeteiro— Quem não conspira nesta infeliz terra... Até o governo, que é o maior inimigo da republica, lhe vae cavando os alicerces assentes sobre areia como uma construcção feita ás pressas... Se o governo a está demolindo, nós é que havemos de a sustentar?...

O Conselheiro não discutia com a mulher: aventava timidas objecções e recuava submisso. Estava habituado do a se deixar governar pela esposa, e lograva com essa alienação das suas prerogativas de chefe de familia, da sua experiencia de homem culto, um certo bem estar e a exoneração de preoccupações miudas, que perturbariam a placidez de seu espirito affeito á se-

renidade de cogitações superiores. Era ella, a excellente e dedicada esposa, quem administrava o magro patrimonio da familia; cuidava do marido com inexcedivel solicitude; comprava-lhe a roupa, livros e lhe indicava os deveres sociaes indeclinaveis, as visitas, os parabens de anniversarios natalicios, todas as insignificantes cortezias que mantêm as boas relações de amizade, e o comparecimento ás missas de septimo dia, que constituíam para elle uma devoção, o culto dos mortos.

Nessa accasião, porém, elle ousou insistir numa ponderação, toda forrada de cortezia e de ternura.

—Quero pedir-te, minha querida Gininha— um especialissimo obsequio...

—Esfriar as nossas relações com a marquezia?

—Não, não tanto. Iremos vel-a quantas vezes quizeres; mas, é conveniente que, no meio de tanta gente de todos os credos politicos, antigos liberaes e conservadores, adhesistas forçados, resignados ou voluntarios, alguns suspeitos de espionagem, não te mettas a falar em politica.

— Bem sabes que somente me arrisco a emittir as minhas opiniões aqui, entre nós, na intimidade da familia. E' um desafio.

— Não é tanto assim. Tu não te podes conter, mulhersinha da minha alma; dás á lingua e, adquirido o impulso, vae tudo razo: exaltas-te, tomas calor...

—Eu, que sou a creatura mais calma e mais discreta deste mundo?!

— Não ha duvida. E's muito conveniente, muito discreta; mas não ha como a politica para apaixonar os mais frios...

— Pois tu me accusas de tamanho defeito?

— Não accuso: faço-te uma ligeira observação, ao meu ver, nada fóra de proposito. A' ultima vez que lá estivemos, vocês, senhoras, se empenharam numa polemica ardente sobre o divórcio...

— Querias que eu ouvisse impassivel os ataques perversos aos fundamentos da familia; que nós, mães zelosas pela santidade do nosso lar, pela felicidade das nossas filhas, deixassemos passar sem protesto as theorias immoraes da baroneza, do Castriño, os paradoxos do conselheiro Souza e Mello, um velho gamenho, todo derretido pela mulher daquelle juiz carolho, quasi cego, torto como a justiça que elle distribue?

— Ah! estás tu tomando calor.

— Querias que me não oppozesse em todos os lugares e por todos os meios, a essa propaganda indecente contra o casamento, feito por meia duzia de interessados?

— Considera, querida, que o assumpto é muito escabroso para ser tratado em familia.

— A prova de que não fomos inconvenientes, nem foi inutil a discussão é que conquistamos o apoio de um deputado. Como se chama aquelle moço elegante, de cabellos negros annellados, de grandes olhos melancolicos, barba Andó, com ares de tenor? E' um dos maiores oradores da Camara. — Foi eleito por uma das provincias do Norte. Ah! O Sergio de Lima.. Que Lucidez de idéas, que firmeza de principios! Como elle diz bem as coisas com aquella voz macia e timida... Aquelle vae longe...

— Bem, bem. Tiveste razão daquella vez, mas não tomes a palavra para discutir com tanta vehemencia.

Eu te admiro. Tu ficas eloquente; vibras como um tribuno; mas, attende-me: não discutas politica nesta quadra de perigos para a liberdade de pensamento. Sim... Promette-me?...

D. Eugenia não respondeu, e o marido continuou:

— Confio absolutamente no teu criterio; tenho eu, entretanto, razões poderosas para te aconselhar o retrahimento como vantajosa medida de prudencia..

— Pois serci muda, como um peixe.

— Eis aqui a minha Gininha sempre razoavel, sempre attenciosa para com o seu velho.

—O que não conseguirem de mim...

— E's um anjo de bondade. Vamos, vamos á casa da marquezia.

(Continúa)

FIALHO D'ALMEIDA.

Damos um lindo trabalho de Chrispim do Amaral. E' a caricatura de Fialho d'Almeida, o artista do *Paiz das Uvas*, da *Cidade do Vicio*, da *Lisbôa galante*, dos *Contos*, dos *Gatos*, das *Pasquinadas*, d'*Á Esquina* e da *Vida Ironica*. Tambem publicamos a sua auto-biographia, a cuja scintillação não nos seria possivel attingir, si quizeramos falar do grande espirito portuguez.

## O THEATRO

A revista desses dous Alvaros, um Colás e outro Peres, que alvorou ha poucos dias no *Recreio*, não caceteia a paciencia de ninguem. Não caceteia nem enjôa. Agrada. Pode ser ouvida de fio a pavio, sem abrir a bocca, sem cochilar. E' o bastante e é muita coisa.

E tem ainda uma outra recommendação: não traz arrebiques litterarios. Veio para ser revista e nada mais, e nada mais é do que uma revista. A pretensão dos que a fizeram, não foi

ter um retrato na futura galeria do futuro theatro que vae ser municipal, foi simplesmente encher o Recreio.

Os versos são até máus. Mas, foi melhor assim. Já todo o mundo está cansado de ver a pobresinha da litteratura andar por ahí arranhadamente escripta com tinta vermelha nos priscos quadris da sra. Delorme.

Outra coisa ainda : a peça faz rir. E' verdade que a pilheria não desfia suavemente do entreccho, como devia ser. Vem ás vezes de chôfre, aos pulos como um palhaço, mas vem com nexo, sem rispidez e quasi sempre feliz. Passagens ha onde a pilheria não é de todo farta, essas mesmas passagens agradam pela naturalidade forte, pela observação do ridiculo, pelo ridiculo dos factos mais recentemente em flor.

A musica, como era de esperar, de José Nunes e Assis Pacheco, é boa. Também é boa, também agrada. Mas, (neste *mas* é que é a coisa) mas, (novo parenthesis para pedir perdão aos mestros pela nossa petulancia) mas, falta-lhe um certo *quê* de saltitante ou, melhor, (este *melhor* é mais expressivo) a nota popular das musicas de revistas. Vocês comprehendem perfeitamente o que eu quero dizer: falo dessas musicas irrequietamente alegres, que nos ficam de rapido na memoria, que bolem cá dentro d'alma, que caem no gôto da gente e que a gente, ao sahir do theatro, vae trauteando pelo bonde, como se trauteou logo á primeira audição, o « sou cocheiro das cocotes », da *Capital Federal*. Entenderam? Pois isto que falta. Não é sómente isso. Existem também nos dous trechos, que podem ser muito bonitos para quem entende da arte da semifusa, mas para o grosso do povo e para o grosseiro do nosso gosto, desagradam. *Verbi gratia* : o couplet da Rhetorica. Francamente, achamol-o carrancudo e feio. E mais feio ainda foi a lembrança de pol-o na garganta da sra. Delorme, que, desde muitos annos, tem a *cuja* refrescada nas laranjas da Sabina. A respeitavel senhora não está no seu elemento, e fracassa.

Mas para que havemos de dizer que não ha um trecho onde o cunho popular palpita. Ha. E o Trio dos Serestas (*sic*), onde se sente que é disso que uma revista precisa, que é nesse tom que se deve musicar uma revista. E por falar em Serestas, falemos do Manduca. Os senhores repararam bem no Manduca? E' para mim (com licença das autoridades) a melhor coisa que fizeram os dous Alvaros. Causa pena e até mesmo irrita, que esses dous moços não tivessem aproveitado mais carinhosamente um typo tão nosso, tão bem feito como esse trovador de serenatas.

Com os diabos! já que tiveram a ha-

bilidade de fazel-o tão verdadeiro e tão bom, tivessem também a habilidade de não deixar a gente com agua na bocca, trazendo o Manduca da primeira á derradeira scena com realce em tudo! Uma figura dessas, não se perde, nem se faz passar ligeiramente numa revista; afaga-se, avoluma-se, mandando-a metter o bedelho em toda a parte, opinar e discutir desde a futura presidencia do sr. Campos Salles até ao novo livro de Eduardo das Neves, desde a musica bolorenta do realejo do Parque até á so-vada questão da galera Suzana.

Fal-o o sr. Olympio Nogueira. E o faz com tanta graça e tal destaque que elle se pode cnamar, sem engrossamento, o homem da revista. E o Manduca se inpnõe de tal forma que, desde o primeiro acto, tem-se vontade do segundo para vel-o surgir em scena, de violão ao peito, mandando « aguentar o sustenido » e cantando trovas. No segundo, têm-se desejos que o terceiro chegue, para o vermos de novo, pernóstico como um mulato, no arraiil da Penha, a cantar modinhas ao lado da amante, entre o pessoal da pagodeira. A pagodeira da Penha... está um bom quadro. Alegre, naturalissimo, ridente e sobretudo engraçado. As pilherias se crusam docemente, e o riso rebenta da propria scena, sem o artificio das caretas dos actores. E mais alegre e mais brasileiro se torna quando apparece o Manduca. Outro quadro bem feito é o *Alma Penada*. Não só bem feito pelos dois Alvaros como pelo pintor Marroig. Este sr. Marroig deu-nos também uma bella scenographia no palacio Politicopolis, como o inimitavel Chrispim no trecho da rua do Ouvidor, na *Nuvem Negra* e no *Arco da Velha*, e como Emilio Silva no *Viva a Penha* e no *Coisas e loisas*.

A respeito de voz, a sra. Pepa é que a tem mais delgada. Canta menos mal. Muito má, porém, é a tal vestimenta do *Cartão Postal*. Além de ser barata, é detestavel.

Si não fosse o bonito rosto da sra. Lucilia Peres, o *Cartão Postal* ficaria simplesmente horroroso. Afora isso, todo o enroupamento é caprichoso e caro, ou simulando carestia.

JUSTUS JUNIUS

\*\*

O actor Mesquita, que já tem palmilhado todos os caminhos e veredas nesse negocio de theatro, organisou uma empresa, — Mesquita & C. — que assentará o seu palco no Apollo. A sua companhia estreará com a revista *O Badalo* — unica coisa que a intelligencia do publico está solicitando da intelligencia dos auctores. Haverá uma estréa — a da amadora sra. Maria Amelia, que naturalmente espera vencer na vida, passando pelo palco. A empresa tem o concurso dos actores Peixoto e Machado. Os papeis já estão distribuidos.

MME. SARAH BERNHARDT (EM FÉRIAS)

No mez de agosto, mme. Sarah descança da sua vida activissima, talvez ainda mais activa depois que esteve em Norte America, onde ganhou uma fortuna que lhe bastou para comprar um theatro.

No mez de agosto ultimo, foi para Belle-Isle — en Mer, onde possui uma adoravel residencia comprada e melhorada por ella, ha alguns annos.

Foi passeando no mar, costeando num barco de recreio, que mme. Sarah notou o pittoresco recanto, que logo depois fez seu, por uma aquisição que lhe custou algumas centenas de mil francos.

O Fort — des-Poulains é hoje uma excelente vivenda e é ahí que todos os annos Sarah vae passar algum tempo, com seu filho, sua nóra e netos.

Alguns amigos, dos muito intimos, frequentam-lhe: mlle. Abbema, mrs. Georges Clairin, Haraucourt e alguns outros.

Vimos alguns retratos da illustre artista, tirados ahí e reproduzidos na *Illustration*. Um nos mostra, em larga photogravura, Sarah Bernhardt jogando o *tennis* com o pintor G. Clairin e mais um amigo que se não sabe quem é, nem pela gravura, nem pela nota explicativa.

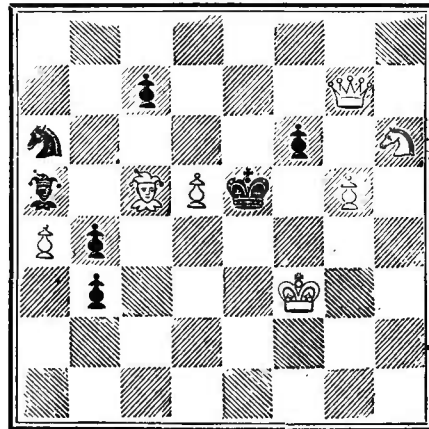
Num outro, Sarah, de saia curta, sentadinha num rochedo perto d'agua, está com uma mão na cabeça e outra em geito declamatorio (?)

Muito *modern style*, como sempre, a inimitavel, a graciosa, a fascinadora Sarah...

Que teria feito ella da sua serpente dipsomaniaca, do seu caixão de defunto e de outras excentricidades assim?

## DIVERSÕES

Poblema N. 1



As brancas jogam e dão mate em tres movimentos.

## A LIVRARIA

TROVAS DE HESPAÑHA--AFFONSO CELSO  
LAEMMERT & C. EDITORES

Quando vi, aliás com sympathia, a capa, das *Trovas de Hespanha*, logo me acudiu que esse titulo, horrendamente enquadrado, fosse uma extravagancia. Eu não imaginava, muito menos sabia no sr. Affonso Celso, essa doce e quasi vadia pachorra de voará Hespanha para buscar, e depois despejar do bico da sua penna, excessivamente nacional, os cantares, as queixas, as maximas, os anceios, as supplicas, as exagerações que d. Melchor Paláu reuniu, no desejo de dar, como elle diz, a autobiographia do povo hespanhol. Não é,

de certo, inutil, a lembrança do poeta brasileiro. Talvez, mesmo, haja publico, entre nós, com tanta gente hespanhola por este mundo do Brasil, para esse livro, cuja factura obedeceu, sem duvida e sem deshonra, a interesse mercantil.

Eu penso, porém, e, commigo, os senhores, que o auctor, exuberando todas as qualidades, todos os carinhosos cuidados desses labores, deveria, antes, gastar o seu gosado tempo em enfeixar todos os soberbos generos da nossa poesia popular. Nesse sentido, Juvenal Galeno, no Ceará, Sylvio Romero, Mello Moraes, no Rio, desenvolveram, com muito amor, com muito zelo, com muita canceira, as diligencias mais fortes, mais pacientes. As *escavações* desses pesquisadores, dos quaes excelle o simples poeta cearense, pararam na poesia chã do Norte, uma poesia de imprevistos, de grandes aspectos inesperados, feita aos dengues dos violões e ás estridencias das viólas, por noites dentro, aos improvisos. Mas, o Sul tambem canta, ou magúado, ou alegre, ou furioso. E não importa dizer que as suas cantigas são insipidas, sem tom, sem musica, ermas das flammis tocantes da *lettra* septentrional, menos bellas, menos emotivas, menos expressivas da alma popular.

A pobreza, a todos os titulos, das trovas do Sul, não é motivo para serem abandonadas. Até como um contraste das delicias dos trovadores nordestistas, seria bom, seria interessante reuni-las.

E ninguem, melhor que o sr. Affonso Celso, faria excellentemente esse serviço. Ao menos nesse particular, o Sul, tão fertil, tão farto de toucinho, de manteiga, de xarque e de matte, não continuaria a se sentir da incrível, da laméntavel desproporção que, na *provincia intellectual*, todo o mundo conhece e quasi chora.

E' verdade que o trabalho de conseguir elementos para dar um volume das nossas poesias populares, é um pouco mais difficil que traduzir as trovas de Hespanha. Mas, sobretudo, o esforço valeria patrioticamente. De industria, emprego o adverbio, que tranquillisa, falando de um escriptor interessado, sempre, em nos aguçar ufancias do Brasil depois de um tirocinio de inutilidads literarias. O sr. Affonso Celso, apesar do que se pode objectar, acha que é bom intuito «tornar conhecidos no Brasil alguns traços interessantes daquella autobiographia, receber, e, si possivel, transmittir aos leitores essa licção.» Alguns dos cantares «acham-se literalmente traduzidos; outros pela impossibilidade da versão, paraphraseados; de outros, apenas se aproveitou a idéa, emprestando-se-lhe forma completamente nova; bastantes, suggeriu-os apenas a leitura da colle-

ção hespanhola. A todos deu-se rima, inexistente ou incompleta no original.» As trovas são magnificas, magnificamente traduzidas. E mesmo a esse proposito, pode-se ir mais longe, permittindo ao auctor a licença de dizer calmamente, esta quadra do livro:

Um trato deste jaez  
Ha entre mim e o aprendiz.  
Sahiu máo? Elle é que fez  
Sahiu bom? Fui eu que fiz.

WALFRIDO.

\* \* \*

#### LIVROS RECEBIDOS:

— *O Diario de Margarida*, ou os dois annos preparatorios para a primeira communnhão, por mlle. V. Monniot, traducção brasileira, edição de luxo, primorosa, da casa H. Garnier, 2 vols. —

— *Gil Braz e Santilhana*, por Lesage, traducção brasileira, de H. Garnier, 1 vol. —

— *Terceiro livro das creanças*, lindamente illustrado, muito interessante, com uma lição de desenho; bem cuidado, que estimula no menino, o gosto á leitura, edição de H. Garnier. —

— Seis fasciculos do vol. 1, de 1904, da *Revista Agricola, Commercial e Industrial Mineira*, publicação mensal da directoria de Agricultura de Minas.

## A Republica e o Encilhamento

O conservatorismo brasileiro não comprehendeu nem o Quinze de Novembro nem o Encilhamento. Estes dous vocabulos se accumulam na sua imaginação de horrores indiziveis. Na sua curteza de vistas e lastimavel fatuidade, no seu pedante egoismo e na sua crassa ignorancia, o elemento conservador brasileiro ainda espera trahir a Republica a que adherio sem saber porque e ainda julga que póde se desviar da corrente progressista a que o actual governo está dando um tão prestigioso impulso.

O nosso conservador tacanho, na sua immobilidade magestática de Boudha sentencioso jura, com os quatro pés juntos, que desse passado tão proximo não ficou uma só reputação incolume e uma só idéa de pé.

Porque soffreu indistinctamente a influencia de bons e máos, de revolucionarismos perigosos e de sãos principios democraticos, de verdadeiros homens de estado e de impostores indefensaveis; porque se metteu não sómente em bôas, como tambem em emprezas ruinosas; todo esse tão proximo passado lhe parece ter sido as duas largas portas por onde entraram o declínio da fortuna publica e o desarranjo irreparavel da machina de governo.

O seu ponto de vista está tomado, sem maior exame, do erro inveterado em que se acoitou; e a resolução a que

se fixou foi a seguinte: nada fazer, deixar o navio se safar como puder do charco de pouco fundo em que se arrasta, tendo-se atirado para adiante a todo o vapor, como se desde o dia 15 e como se desde os primeiros symptomas da febre industrial, a nau poderosa em que todos nós estamos, tivesse de começar logo a navegar em mar alto.

Mas importa saber antes de tudo, que influencias modificadoras trouxeram á actividade politica os novos elementos que entraram no scenario republicano, após a grande data em que nos emancipamos da monarchia artificial e inepta de d. Pedro; que doutrinas e que processos de governo trouxeram os novos contingentes que Gambetta chamaria «as novas camadas», que beneficios teve o organismo social com as novas tendencias industriaes e que alterações ellas impozeram, por exemplo, á educação nacional.

A Republica e o Encilhamento são, na verdade, os dous factos capitaes da nossa historia contemporanea.

O primeiro d'estes dous acontecimentos fechou o cycloglorioso de lucta republicana que se synthetisa n'estas duas datas: 1710 — 1889. O segundo foi o começo da americanisação do Brazil, o despertar agitado de um longo marasmo economico, uma florescencia pujante e rapida das nossas energias adormecidas pelo rotineirismo caduco do Imperador,—um estadista cuja capacidade politica não foi em nada superior a dos dous mil ou cinco mil mandá-chuvas que faziam a politica de campanario, nos altos sertões do paiz.

Com o 15 de Novembro e o Encilhamento, homens novos e idéas novas fizeram uma irrupção no scenario do poder. D'estes homens novos e destas idéas novas, que aliás não serão considerados dentro em pouco senão como precursores de idéas e de homens ainda mais adeantados e ainda mais aptos á evolução do paiz, alguns d'elles e algumas d'ellas eram realmente aproveitaveis e necessarias.

Mas a sociedade brasileira, com uma indifferença revoltante accitou todos novos homens e todas as novas idéas, sem discernimento, sem resistir convenientemente aos homens que não convinham nem para legislar nem para administrar; sem reagir como devia contra certas idéas politicas anarchisadoras e mofadas, tiradas quasi todas, do velho arsenal carnavalesco da Revolução Franceza.

O Brazil accitou tudo, o bom e o máo, o máo e o pessimo; e agora se queixa de tudo e de todos, sem dividir responsabilidades, sem sentimento de justiça, sem vontade de ser exacto e imparcial.

Constatemos como é nullo o poder de resistencia das idéas e dos homens n'esta nacionalidade. Encontra-se, aliás, um simile perfeito para o caso, na fraqueza estranha das faixas do littoral do norte amazonico, diante das investidas do oceano, descriptas pelo sabio francez Elyseu Réclus, nas paginas cento e quarenta e cinco e cento e quarenta e seis do decimo nono volume da sua *Nova Geographia Universal*.

Da-se n'essa orla maritima do nosso territorio um esboroamento gradual, sem que a terra possua o granito que accete a lucta com a violencia do mar.

A argila e o grés se fragmentam, absorvidos no avanço incessante das aguas, ao assalto rude das ondas que fazem lentamente recuar os seus limites naturaes.

Não é pois sómente na nossa natureza moral que tal incapacidade de defeza existe.

Mas na vida politica de um povo, a selecção, producto constante da civilisação, vae constituindo um sedimento de principios, tendencias, tradições e compromissos moraes que, arraigados nos nucleos mais homogeneos da actividade social, constituem uma solida muralha ás oscillações tempestuosas da furia sempre renascente da demagogia.

Não existe, no emtanto, entre nós essa garantia de ordem e estabilidade.

Estamos presenciando diariamente a somnolencia ridicula e a pusillanidade esboroante da sociedade brasileira, que tudo soffre e legitima, na ausencia de uma cohesão social desapparecida ainda em embrião, aliás inviavel, na voragem da abolição e da republica, que arrastou com a queda do throno e a eliminção do trabalho escravo, o paiz ainda cabeceando de somno, para a jornada civilisadora, que ainda não acabamos de trilhar, e em que temos de alcançar pelos nossos propios esforços, a democracia e o progresso, a consciencia inteira dos nossos deveres e direitos politicos e a comprehensão nitida da necessidade e da dignidade do trabalho livre.

O elemento conservador na sua vaidosa presumpção de lhe dar «ordem e progresso» segundo o lemma positivista, vae cada vez mais atrophando o seu instincto de conservaçoão até ao absoluto cretinismo do patriarchado russo. O pacatismo do burguez do Brazil cheio de apolices, de titulos de hypothecas e de *carnets* de chéque de diversos bancos só é, na verda le, comparavel á insensibilidade doentia do servilismo moscovita. O elemento conservador de ha muito que se tornou aqui uma ficção; e emquanto os representantes das profissões liberaes desertam o posto de honra, esquivando-se sempre ao rigor das campanhas politicas, o miu-

do povo se converte á plasticidade completa da gelatina, tão util ao advento das tyrannias, agglunitando-se n'uma massa informe e malleavel, inconsistente á pressão mais insignificante dos demagogos e reaccionarios de todos os feitos.

As raras individualidades brilhantes e enérgicas que no tempo da menor idade do ultimo imperador, pela epocha do segundo imperio e no começo da republica, destacavam-se como vultuosos cimos luminosos no horisonte da planicie popular, desceram quasi todas ao nivelamento da apathia, ao equiparamento da obscuridade, á miseria do suicidio moral.

Se amanhã um punhado de energumenos, tresloucados por um pequeno Danton, um minusculo Robespierre e um liliputiano Marat, conseguír pôr a mão na cadeira da presidencia, como se pretendeu em 5 de novembro, o Brasil depois do facto consumado, será depois de amanhã, pela confirmação da unanimidade das provincias boquiabertas, a presa mansa e feliz da dictadura que se arvorar em salvadora da Republica.

Tres regimentos, um de cada «arma», se quizessem, fariam hoje mesmo um pronunciamento neste paiz de exotismos, sem que a nossa paciencia se desilludisse da sua pasmosa indifferença e sem que a nossa dignidade se enfurecesse contra a usurpação e o desgoverno.

O nosso povo parece incapaz dessas iniciativas tenazes, que nos paizes constitucionaes, expurgam o Executivo e o Legislativo dos individuos nocivos que por ventura se tenham aninhado no poder.

Assim como não tivemos força contra certos financeiros incapazes e certos banqueiros fraudulentos, não temos nenhuma coragem contra os mãos politicos e os funcionarios prevaricadores.

Não tendo animo para discernir o que convem conservar e o que convem destruir, a alimária conservadora prefere virar a garupa a tudo e com os olhos amortecidos pelo pessimismo bonancheirão, descrê da vitalidade da Republica e do credito nacional, dos financeiros e dos politicos, julgando-os a todos em massa, como ladrões e ineptos.

A julgar as cousas em largas generalidades, as duas grandes doutrinas nocivas que surgiram com a Republica e o Encilhamento, foram: o autoritarismo governamental, incompativel com o systema democratico, directa ou indirectamente insuflado pelo positivismo orthodoxo ou «sympathico»; e o proteccionismo industrial a todo o transe, graças ao desenvolvimento precipitado de certas industrias rachiticas, que se quizeram tornar para-

sitas venenosas em todas as ramificações das pautas alfandegarias.

O conservador não se levantou contra o positivismo, politicamente; e nem ao menos protestou, economicamente, contra essa absorpção da direcção economica da acção do governo, pelos interesses phantasticos de meia duzia de industrialistas extravagantes.

A segunda destas doutrinas ainda não chegou ao seu maximum de expansão, mas promete muito; emquanto a primeira, foi desde o primeiro dia o oraculo do republicanismo theorico, que cahiu no lôgro enorme de copiar os figurões legendarios da Revolução Franceza, como elles haviam plagiado as attitudes e as phrases dos herões ds Athenas e Roma.

O positivismo triumphou com Benjamin Constant. A mathematica indigena filiada aos antros dessa maçonaria philosophica, exultou com as glorias do contismo monopolizador. Geometras flammejantes de patriotismo scientifico, agitavam compassos aggressivos, desafiando com injurias pesadas o bacharelismo secular, que se retirava á penumbra, calado e adhesista, curvando as borlas murchas dos capellos doutoraes ante a arrogancia marcial dos pennachos triumphantes. A geometria venceu em toda a linha o proximo; e a algebra e a arithmetica, o calculo differencial e integral, desancavam á espada, as costellas flexuosas dos representantes atemorizados das «sciencias juridicas e sociaes...»

O facalhão symbolico do Direito, já transformado em réles florete de páo, escondia-se prudentemente nas amplas e magestosas dobras do manto da Justiça.

A eloquencia parlamentar brasileira engasgava no atropello revolucionario; a dialectica parlamentar, esfarrapada pelos sabres dictatoriaes, não encontrava palavras expressivas nem citações apropriadas para definir o momento.

O caudilhismo manhoso da vanguarda positivista, emquanto o conservadorismo na sua impotente pulhice, murmurava blasphemias e prophetisava vinganças, ia sorrateiramente espreitando as crises nervosas de Deodoro, espionava-lhe os passos vacillantes, a marcha progressiva da grave molestia que lhe pegára no fastigio do governo — a descrença e o enojamento de tudo.

O positivismo caridoso, insaciavel de dedicação, impaciente de recolher na pessoa de um dos seus a successão presidencial, suggestionava a Benjamin constituir-se elle o enfermeiro politico d'aquella estranha doença, que amollecia periodicamente o autoritarismo do chefe da autocracia provisoria, atirando-o depois aos impetos, em accessos, ao predomínio exclusivo

da sua vontade rigorosa de antigo arregimentador de esquadões.

O positivismo intrigava, torvelinhando pelos ministerios, impingindo pareceres de bandeiras-réclames, máximas civicas-religiosas, ritos regeneradores, doutrinando ao acaso, e muito conseguia e mais conseguiria se não fôra o character de Benjamin Constant, que tendo feito a Republica sem a igreja, nem sempre andou de accordo. . . com a irmandade. . .

O sovadissimo conservador deixou fazer; não se levantou, não tossio, não gritou, não esmurrou; ficou caladinho e bem comportado, enquanto os *enfants terribles* do provisorio e os calouros da Constituinte dansavam uma sarabanda indescriptivel.

O « quarto estado » fez em cacos o nosso pouco divertido *ancien régime*; em pouco tempo, fez voar até o outro lado do Atlantico, a realza; amesquinhou a nobreza, despindo-lhe com sem-cerimonia as condecorações e rasgando-lhe os titulos pomposos; banio o clero do elemento official, separando a Igreja do Estado, com uma facilidade que faz hoje a inveja confessada do sr. Emilio Combes.

O positivismo, neste interim, fez-se, officialmente, o *ponto*, o autor, o ensaiador, o scenographista dessa representação solemne, de que um dos actos acabou na lugubre pancadaria de 93.

O conservatorismo, nada; apenas, algumas vezes, desandava a expectorar dichótes soezes no Marechal Floriano, escondido nas moitas dos « apedidos »; e era só.

Diante da idéa de conjuncto que tiramos desses factos a que nos referimos, somos forçados a nos convencer de que precisamos de politica nova; não de atropellos dantonianos e farças shakespeareanas, mas de um trabalho lento, persistente, calmo e decisivo, procurando modificar pouco a pouco esse cahos que é a politica republicana actual, sem directriz, sem logica e sem horisontes.

Politicamente o nosso dever é claro: eliminar as doutrinas *rousseauistas*, os idealismos perniciosos, as tolices revolucionarias, as empaphias demagogicas, os egoismos jacobinos, as tendencias dictatoriaes do positivismo reaccionario, os preconceitos do conservatorismo.

Economicamente: proteger as grandes culturas nacionaes de hoje: o café, o assucar, o cacáo, o algodão; prepararmos desde já para amparar as duas grandes produções nacionaes de amanhã, a viticultura e o trigo; defender a industria de tecidos e algumas mais, que possuam effectivamente meios de existencia naturaes: tendo-se sempre muito em vista que é preferivel sacrificar-se uma pequena industria manufactureira a uma grande industria agricola.

Lembremo-nos que estamos na America; e democratizando a Republica, enriqueçamos o povo.

Nós acreditamos, talvez por ingenuidade, bem lastimavel aos olhos maliciosos do pessimismo esperto, n'uma profunda e absoluta transformação nacional; e com Tocqueville acreditamos que para um mundo novo é necessaria uma sciencia politica nova.

Os primeiros tempos da Republica e a epocha do Encilhamento foram cheios de desastres immensos, mas de lições proveitosas.

Os nossos estadistas, os nossos industriaes, os grandes senhores territoriaes, não devem ignorar o passado; erros que hontem foram simples inexperiencias, serão praticados amanhã, verdadeiros crimes.

JOAQUIM VIANNA

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDO DE UM ESTUDO CRITICO

DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1.<sup>a</sup>

CAPITULO II

1. No capitulo anterior mostrámos o erro de logica em que laborou A. Comte em harmonisar a antiga theoria dos negativos com o salutar principio de Descartes, além de patentearmos que a theoria de Newton não pode ser acceita. Neste capitulo mostraremos mais claramente a inacceptabilidade daquella harmonia, analysando o trabalho do nosso sabio professor dr. Benjamin Constant, a quem nossa Patria deve tantos e tão relevantes serviços. A Memoria do sabio professor é apenas um desenvolvimento das idéias de Comte, ja por si bem definidas, mas escrevendo o que antes escrevemos, estamos na obrigação de estudar o trabalho de Benjamin.

Da leitura dessa obra, vê-se que em sua construção prevaleceram as ideias seguintes:

1.<sup>o</sup> — Necessidade de uma theoria moderna dos negativos.

2.<sup>o</sup> — Refutação da antiga theoria.

Dividiremos, para maior facilidade, a obra de Benjamin em duas partes, correspondentes ás idéias acima mencionadas.

Na primeira parte, acceita o principio de Descartes, diz que os negativos provêm de uma subtracção impossivel, que são maiores do que zero, e dá exemplos em favor da theoria que sustenta, que outra não é senão a theoria de A. Comte.

Na segunda parte, critica os argumentos que apresentam os defensores da antiga theoria.

Em nenhuma destas partes foi feliz o nosso illustre professor. Disse o illustre mathematico:

« A distincção das quantidades positivas e negativas não é só uma circumstancia accidental, que se pode dar na determinação dos valores numericos das expressões algebraicas, por onde se é levado a considerar quantidades isoladas affectas dos signaes  $+$  e  $-$ ; esta distincção corresponde maravilhosamente na passagem do concreto para o abstracto á opposição de sentido de que muitas grandezas são susceptiveis, tendo assim uma significação clara ao espirito, e apresentando-se como um caracter importante da linguagem al-

gebraica, que concorre para torna-la a mais perfeita linguagem do raciocinio.

A sciencia mathematica apresentaria com effeito uma grave lacuna, limitando-se a considerar as grandezas unicamente quanto aos seus valores, sem attender ao seu modo de existencia. Assim por exemplo:

Si sobre uma linha recta um ponto estivesse 30 metros á direita de outro, e um segundo estivesse 30 metros á esquerda; si um acontecimento tiver lugar 10 annos antes da era christã e outro tiver lugar 10 annos depois; si um individuo possuir 1000 francos, e outro dever a mesma quantia: si um relógio adiantar-se de 7 minutos por dia, e outro atrazar-se de 7 minutos; si a velocidade de um movel augmentar de 8 metros, os numeros 30 m, 10 a, 1000 fr, 7 m, 8 m, não bastarão para determinar as grandezas correspondentes.

« Cada um delles representa duas grandezas: homogeneas e iguaes, mas cujo modo de existencia tem lugar em sentidos directamente oppositos, que não vêm designadas nos numeros que as representam.

« Na passagem do concreto para o abstracto é pois indispensavel que se attenda a esse duplo aspecto que muitas grandezas podem apresentar. O simples valor numerico não basta á sua inteira determinação, é necessario que se lhe ajunte alguma coisa que corresponda na linguagem ordinaria ás idéias que exprimimos com as palavras: á direita, á esquerda; antes, depois; acima, abaixo; além á quem etc.

« A linguagem algebraica seria evidentemente defeituosa, si não possuísse symbolos ou caracteres quaesquer equivalentes a essas palavras. Esses caracteres, attendendo á natureza dessa linguagem, devem ser ao mesmo tempo os mais simples e os mais geraes e portanto independentes da natureza concreta das grandezas consideradas.

« E' pelos signaes  $+$  e  $-$  que a algebra satisfaz completamente a essas condições. Quando duas grandezas da mesma especie tem situações directamente oppositas, exprime-se esta circumstancia affectando uma d'ellas do signal  $+$ , e a outra do signal  $-$ , e affectão-se ambas do signal  $+$ , ou ambas do signal  $-$ , quando têm a mesma situação. » (1)

Em primeiro lugar, resulta do trecho citado que o illustre Benjamin faz provirem os negativos de uma subtracção impossivel, porque essa circumstancia accidental de que fala, nada mais é do que a particularisação dos valores indeterminados das expressões algebraicas, sobre os quaes formulam-se hypotheses gratuitas e que podem conduzir a operações impossiveis.

Em segundo lugar, fica patente que o grande professor acceita o principio de Descartes como uma necessidade, sem a qual a linguagem algebraica seria evidentemente defeituosa, si não possuísse symbolos ou caracteres quaesquer equivalentes ás idéias que exprimimos com as palavras: á direita, á esquerda, etc. E' a mesma harmonia das duas doutrinas oppositas feita por A. Comte, e contra a qual já nos exprimimos, conduzindo ao mesmo erro proveniente de partir-se do dominio abstracto para o concreto. Entretanto Benjamin diz que a distincção entre positivos e negativos corresponde maravilhosamente na passagem do concre-

(1) Vide Quantidades negativas, pag. 56. O grypho é nosso

cto para o abstracto á opposição de sentido de que muitas grandezas são susceptíveis, quando apenas no dominio abstracto chegou ao conhecimento de quantidades negativas por uma hypothese inconveniente.

A affirmação do mestre, não é, como pode parecer, um simples jogo de palavras, é antes uma firme convicção ;

Diz elle :

A maneira de exprimir assim pela opposição ou identidade dos signaes a opposição ou identidade no sentido das grandezas, não é como parece, um simples principio de convenção; ao contrario, esta circumstancia se revela espontaneamente na passagem do concreto para o abstracto. Sempre que uma grandeza muda de sentido, a expressão do seu valor muda de signal e reciprocamente.

Parece ainda reservada ao calculista a liberdade de escolher o sentido em que a grandza deve ser affectada de um dos dois signaes, o outro sendo uma consequencia dessa escolha.

Ha alguns casos em que esta liberdade tem realmente lugar, em outros porém a natureza da grandeza, ou mesmo a natureza da questão determinão em cada sentido o signal conveniente. Para esclarecermos o que acabamos de dizer, tomemos alguns exemplos:

B'    M    B    A  
x-----y

Supponhamos que sobre a recta  $xy$  se trata de determinar uma distancia á partir de um ponto fixo existente na recta.

Representemos por  $x$  essa distancia, e supponhamos que é dada pela expressão algebraica  $a - b$ .

A partir do ponto  $M$  tomemos para a direita uma distancia  $MA = a$ . Para termos a distancia pedida é necessario subtrahir de  $MA$  a quantidade  $b$ , o que se consegue evidentemente tomando de  $A$  para a esquerda uma parte igual a  $b$ .

Si  $b$  for menor do que  $a$ , tomando de  $A$  para a esquerda uma parte  $AB$  igual a  $b$ , obter-se-á um ponto  $B$  situado á direita de  $M$ , e a distancia  $x$  que é positiva neste caso, será contada do ponto  $M$  para a direita.

Si porém  $b$  for maior do que  $a$ , caso em que a distancia  $x$  é negativa, obter-se-ha pelo mesmo processo um ponto  $B$  situado a esquerda de  $M$ ; a distancia será contada do ponto  $M$  para a esquerda, isto é, em sentido opposto áquelle em que eram contadas as distancias positivas.

Si em lugar de marcarmos o intervallo  $MA$  para a direita de  $M$ , o tivéssemos marcada para a esquerda, a distancia pedida seria contada do ponto  $M$  para a esquerda; si a differença  $a - b$  fosse positiva, e para a direita se fosse negativa.

A mudança do signal de  $x$  determina pois a mudança de sentido na distancia correspondente e portanto na posição do ponto  $B$  determinado por elle.

A reciproca é tambem verdadeira. Com effeito, sobre a recta  $xy$  tomemos dois pontos fixos  $M$  e  $N$  e representemos por  $a$  o intervallo  $MN$  que os separa

M    A    N    B  
x-----y

Supponhamos agora dois pontos  $A$  e  $B$  equidistantes de  $N$  e representemos por  $x$  as distancias  $NA = NB$ .

As distancias do ponto  $M$  a cada um dos pontos  $A$  e  $B$  serão evidentemente  $MN + NB$  ou  $a + x$  para o

ponto  $B$ , e  $MN - NA$  ou  $a - x$  para o ponto  $A$ .

Vê-se pois que a opposição de sentido na situação dos pontos  $A$  e  $B$  á respeito de  $N$  determina a opposição dos signaes no valor de suas distancias contadas a partir de  $N$ .

Com effeito, a distancia  $x$  é positiva para o ponto  $B$  situado á direita e negativa para o ponto  $A$  situado á esquerda de  $N$ .

Resulta daqui que si sobre uma recta indefinida, a partir de um ponto, considerarmos como positivas as distancias contadas em um certo sentido, as distancias contadas em sentido contrario serão negativas.

Reciprocamente, si as distancias que, sobre uma linha recta determinão as posições de dois pontos em relação a um outro tomado sobre ella forem de signaes contrarios, os pontos terão situações oppostas á respeito do ponto fixo, existindo um á direita e outra á esquerda d'elle.» (1)

Este exemplo imaginado por Benjamin para provar que os negativos que provêm de uma subtracção impossivel representam na passagem do concreto para o abstracto a opposição de sentido de que muitas grandezas são susceptíveis, é dos menos apropriados.

Verdadeiramente, não ha na primeira parte do problema passagem do concreto para o abstracto; apenas procurou Benjamin determinar sobre um a recta e á partir de um ponto fixo, uma distancia  $x = a - b$ ; formulou as hypothses de  $b > a$  e  $b < a$  e determinou duas distancias limitadas pelos pontos  $B$  e  $B'$ , os quaes caíam um á direita e outro á esquerda de  $M$ .

Para determinar o ponto  $B$  subtraio de  $MA = a$  a grandeza  $AB = b$  e que é menor do que  $a$ , o que deu para resultado  $MB$ .

Para determinar o ponto  $B'$ , subtrahiu de  $MA = a$  a grandeza  $AB' = b$  e que é maior do que  $a$ , o que deu para resultado  $MB'$  e o ponto  $B'$  ficou á esquerda de  $M$  como o ponto  $B$  ficára á direita.

Quer isto apenas dizer que Benjamin procurou representar no dominio concreto o facto que se passava no dominio abstracto, e não foi da passagem do dominio concreto para o abstracto que se revelou a maneira de exprimir a opposição de signal de uma grandeza pela opposição de sentido.

Deixando de lado o capricho de Benjamin em não querer aceitar o principio de Descartes como uma simples convenção necessaria á mathematica, e procurar mostrar que em muitos casos, como o que apresentou, «a natureza da grandeza ou mesmo a natureza da questão determinão em cada sentido o signal conveniente», não se pode deixar de conhecer que o illustre professor confundiu o sentido directamente opposto de Descartes com o sentido contrario.

Com effeito, (1) quem partindo de  $M$  chegasse a  $N$ , si quizesse estar em  $B$  teria de andar se afastando cada vez mais de  $M$ , isto é, teria de effectuar uma somma, razão porque a distancia de  $M$  a  $B$  é dada por  $a + x$ ; agora, quem partindo de  $M$  si achasse em  $N$ , si quizesse estar em  $A$ , é claro que teria de desfazer uma parte do caminho que havia feito; isto é, uma subtracção, razão porque a distancia do ponto  $M$  ao ponto  $A$  é dada por  $a - x$ ; porém quem faz um caminho e volta depois de um certo tempo, não faz um caminho para a direita e outro para a esquerda do ponto de partida (origem), como pensa Benjamin.

De facto, quando tratando da reciproca toma dois pontos fixos  $M$  e  $N$ , um dos quaes  $M$  é necessariamente a origem, e tanto que

tomou as distancias dos pontos  $A$  e  $B$  a partir de  $M$ , só podia concluir que a grandeza  $NA$  é negativa, tomando para nova origem o ponto  $N$ , o que é contra o principio de Descartes que só trata de uma origem.

Não ha portanto possibilidade de no exemplo apresentado se reconhecer que da passagem do concreto para o abstracto é que surge a maneira de exprimir pela opposição de signal a opposição de sentidos que pode ter a grandeza.

Só confundindo o sentido directamente opposto com o sentido contrario, ou o que é o mesmo, só admittindo que subtrahir é fazer uma somma em que uma das parcelas é negativa, o que é destruir por completo o principio do grande philosopho, é que Benjamin poderia ter chegado a uma demonstracção de um principio que foi introduzido na sciencia como uma convenção naturalmente imposta pela consideração do facto concreto.

E chegou a tal demonstracção por um circulo vicioso, porque quando fez a hypothese de  $b < a$  já diz de antemão que a distancia  $x = a - b$  é positiva e quando supõe  $b > a$  afirma logo que a distancia  $x$  é negativa.

Isto é, partindo do abstracto para o concreto, não conseguiu mostrar a subordinação deste áquelle dominio, e só conseguiu representar geometricamente o resultado de uma subtracção, em que apresenta-se o caso de ser o subtrahendo maior do que o minuendo, caso contra o qual o proprio Benjamin já se manifestou claramente.

Em sua obra diz elle:

«Concebe-se facilmente que de uma grandeza qualquer é possível subtrahir ou supprimir successivamente cada uma de suas partes até que a grandeza desapareça ou se aniquile, o que acontecerá evidentemente quando si tiver supprimido todas as partes de que ella se compunha; mas que de uma grandeza se possa subtrahir outra maior ou que ella continue a decrescer depois de aniquilar-se é realmente inconcebivel. Este absurdo que se dá na ordem concreta, tem lugar do mesmo modo na ordem abstracta. Concebe-se que de um numero qualquer se possa subtrahir successivamente cada uma de suas unidades e partes de unidades e que se possa subtrahir mesmo o proprio numero, mas que de um numero se possa effectivamente subtrahir um numero maior, ou que de zero que nem é quantidade se possa subtrahir qualquer numero, é realmente uma violação das leis as mais formaes do entendimento» (1).

Entretanto pensando por esta maneira, fez a hypothese de  $b > a$  na subtracção  $x = a - b$  ou da grandeza  $MA$  tirou a grandeza  $AB'$  que lhe é maior. (2)

Assim, não accetando o principio de Descartes como uma simples convenção, é preciso commetter com Benjamin os erros seguintes; 1º confundir os negativos com a operação que marca a decomposição, ou o que é o mesmo confundir o sentido directamente opposto com o sentido contrario; 2º partir do abstracto para o concreto, não tendo antes partido d'este para áquelle dominio; 3º praticar uma subtracção impossivel; ou esquecer o principio ou cahir num circulo vicioso, desde que se diz que o extremo é origem.

2. Quando a Benjamin convinha effectuar a subtracção impossivel para demonstrar o principio de Descartes, elle a effectuou sem a menor difficuldade, apezar de reco-

□ (1) Os griphos são nossos.

(1) Vide 2ª figura do trecho citado.

(1) Vide quantidades negativas pag. 13.

(2) Vide 1ª figura do texto citado.



nhecer que uma tal operação é realmente uma violação das leis as mais formaes do entendimento, quando, porém, quer fugir á logica da antiga theoria, começa a contornar a questão e lança mão de outros artificios. Assim é, que quando os defensores da theoria hoje abandonada, tratando da subtracção impossivel querem applicar ao resultado de uma tal operação o axioma de que o resto é tanto menor quanto maior é o subtrahendo, em uma subtracção em que o minuendo é constante, para provarem que os negativos são menores do que zero, diz elle :

« Com effeito, no caso em que  $b > a$ , o axioma citado não tem applicação no sentido em que tem para os outros casos:  $b < a$ ,  $b = a$ ; pois nesse caso a subtracção é impossivel no sentido indicado e só pode ter lugar invertidos os termos d'ella, isto é, tomando-se  $b$  para minuendo e  $a$  para subtrahendo. As proposições (1) e (2) (elle se refere a 1.º Todo numero negativo é menor que zero; 2.º Todo numero negativo é tanto menor quanto maior for o seu valor absoluto) seriam verdadeiras si na hypothese de  $b > a$  ainda se tomasse  $a$  para minuendo e  $b$  para subtrahendo. Nesta hypothese sendo absolutamente impossivel a subtracção no sentido indicado, foi-se naturalmente levado a invertel-a, afim de effectual-a no sentido em que é possible. »

Com effeito, quando se decompõe  $b$  em duas partes uma das quaes fosse igual a  $a$ , fazendo depois a redução, o que deo  $-c$  para resultado, foi-se naturalmente levado a tomar  $-b$  para minuendo e  $a$  para subtrahendo,  $-b$  é com effeito uma somma arithmetica, cujas parcelas são neste caso  $-a$  e  $-c$ .

Tem-se tambem evidentemente  $-a < -b$ ,  $-c < -b$ , pois a parte é sempre menor do que o todo.  $-a$  se reduz com  $a$  e fica  $-c$  para resto. Reduz-se pois a questão a subtrahir de  $b$  a quantidade  $a$  e dar ao resto o signal de  $b$  na expressão  $a - b$ . Pode-se pôr debaixo da seguinte forma a expressão deste resto:  $x = -(b - a)$ . » (1)

Benjamin procura uma razão dizendo que na subtracção  $a - b$  quando  $b > a$  o axioma acima citado não tem applicação, porque quando dem nstando o principio de Descartes chego á grandeza negativa  $MB'$ , certo que para elle esta grandeza não devia ser menor do que zero; quando, porém, diz que na hypothese de  $b > a$  foi-se levado naturalmente a inverter a subtracção, afim de effectual-a, no sentido em que é possible, apresenta um argumento improprio.

Si na subtracção  $a - b$  se supõe  $b > a$ , e si se reconhece que nesta hypothese tal operação não pode ter lugar no sentido indicado, é signal de que uma tal operação é uma impossivel e que o bom senso a regeita por completo. Não se deve, pois, tental-a, e Benjamin que ja havia condemnado esta tentativa no trecho que acima citámos, convence-se por fim de que a operação é possible e chega a um resto, pelo modo confuso que fica acima transcripto. Entretanto si quizesse ser mais claro, uma vez que diz que a subtracção é impossivel no sentido indicado e só pode ter lugar invertidos os termos della, isto é, tomando-se  $b$  para minuendo e  $a$  para subtrahendo, o que nos dá  $b - a$ , teria dito que o resto desta subtracção pode ter a forma  $x = +(b - a)$  e não  $x = -(b - a)$ , como affirmou. Mas é facil de ver no trecho que discutimos que, se cheguemos a  $x = -(b - a)$  é porque logo depois diz que o minuendo é  $-b$  e não mais  $+b$ . Tudo isto é por demais exquísito. Si na subtracção  $a - b$ , se tomar  $b$  para minuendo,

a subtracção toma a forma  $b - a$ , e como  $b > a$ , o resto é positivo, porque esta inversão importa em dizer que de uma quantidade só si pode tirar outra igual ou menor. Mas, suppondo mesmo que, quando nesta operação se toma  $b$  para minuendo este ainda seja negativo, só se pode ter a expressão  $-b - a$ , que significa a subtracção entre o negativo  $-b$  e o positivo  $+a$ , e o resto de tal operação deve ser  $-(b + a)$  e não  $-(b - a)$  como diz Benjamin. (\*) Na verdade chega ao resto  $-(b - a)$  porque para elle a subtracção entre  $-b$  e  $+a$  se representa assim:  $-b + a = a - b = -(b - a)$ , isto é, Benjamin querendo effectuar a subtracção impossivel para concluir que os negativos não são menores do que zero, lança mão de um principio que emana da theoria que tal affirma; mas combater uma theoria e servir-se dos principios que della derivam para chegar ao fim, é na verdade muito fraco.

Por outro lado, o raciocinio empregado pelo illustre professor é de uma fragilidade que se destroe por si mesmo. De facto, a operação feita por Benjamin foi a seguinte:  $a - b$  na hypothese de  $b > a$  ou  $b = a + c$ . Tomando  $b$  ou  $-b$  para minuendo, vem:  $-b + a = -a + a - c$  e como  $-a$  se reduz com  $a$  resta  $-c$ .

Será  $-c$  o resto da operação, ou, o que é o mesmo, esta subtracção impossivel, apesar de invertida, dará um resto? Vejamos. Tendo-se  $-b + a$  e decompondo  $-b$  em suas partes, vem:  $-b + a = a - b = a - a - c = 0 - c$  porque zero é o resto da subtracção entre  $+a$  e  $+a$ , e como os termos  $+a$ ,  $+a$ ,  $+c$ , estão ligados entre si pela subtracção, não se pode apagar o zero que provem da subtracção de duas partes iguaes, resto que ainda deve estar ligado ao terceiro elemento  $+c$  pela subtracção. Isto quer dizer que aquella operação pode ser representada da seguinte forma:  $a - b = 0 - c$ , na hypothese de  $b > a$ . Analysando os dois membros desta igualdade vê-se que o primeiro representa uma subtracção impossivel indicada, e que o segundo membro representa outra subtracção impossivel indicada, isto é, o absurdo tentado no primeiro membro da igualdade ainda permanece no segundo membro, o que devia ter lugar.

Foi pois commettendo o erro de apagar o zero, que estava ligado a uma parte do minuendo pela subtracção, depois de dizer que  $-a + b = a - b$  que Benjamin conseguiu chegar a um resto em uma subtracção impossivel, mas só se pode apagar o zero nas operações da forma:  $O + M$ ,  $M +$ ,  $O - M - O$  e não na operação  $O - M$ , sem fugirmos á these que nos propunhamos demonstrar ou commetter um erro.

3. Temos mostrado como Benjamin todas as vezes que tenta harmonisar a theoria que affirma que os negativos devem ser introduzidos no calculo por uma necessidade dos factos concretos com aquella que diz provirem taes quantidades de uma operação absurda, cae nas maiores incoherencias, nos mais profundos sophismas, na mais completa metaphysica. Este illustre professor tinha entretanto certeza de que os negativos deviam ser introduzidos no calculo afim de que a linguagem mathematica fôsse a mais completa possible, ou estava convicto de que, seguindo o caminho que apontou, é que se podia dar daquellas quantidades uma theoria accetavel. De facto, em sua obra diz o grande professor:

(\*) Nota. E' bom lembrar que quando na subtracção entre  $-b$  e  $+a$ , que se representa por  $-b - a$  dizemos que o resto é  $-(b + a)$ , fazemos applicação das idéas de Benjamin, porque para nós tal subtracção si tem um resto é este apenas a differença entre os valores absolutos de  $-b$  e  $+a$ , não se podendo determinar um signal para elle

« Quando sobre uma recta indefinida se consideram como positivas as distancias contadas em um certo sentido a partir de um ponto da recta tomado para origem, as distancias contadas em sentido opposto serão negativas. E' uma convenção geralmente admittida e que como vimos nada tem de arbitraria; é ao contrario, a expressão da profunda harmonia entre o facto analytic e a significação concreta dos signaes  $+$  e  $-$  que recebe neste exemplo uma confirmação decisiva. Assim se referirmos a uma origem  $O$  a posição de um ponto  $A$  movel sobre a recta  $xy$ ,

$z \text{---} \overset{A}{\text{---}} \overset{O}{\text{---}} \overset{A}{\text{---}} y$

representando por  $x$  sua distancia á origem que supomos positiva quando for contada para a direita de  $O$  e portanto negativa quando for em sentido opposto, o valor de  $x$  e o signal respectivo têm aqui a vantagem de fixar respectivamente em cada instante a posição do movel sobre a recta. E' evidente que quanto mais affastado ou mais proximo da origem  $O$  estiver o ponto  $A$ , tanto maior ou tanto menor será o valor absoluto de  $x$  e os signaes  $+$  e  $-$  nada mais indicam senão a sua situação a respeito do ponto  $O$ , o que é indispensavel para determinar em cada caso. Estes signaes não têm pois neste caso outra significação.

Como é pois que deste exemplo, que tão bem caracteriza a significação dos signaes  $+$  e  $-$  e que é tão geral que pode-se applicar a todas as grandezas susceptiveis de opposição de sentidos, se pode tirar argumento a favor das propriedades das quantidades negativas; isto é, que toda quantidade negativa é menor do que zero e tanto menor quanto maior é seu valor absoluto?! Como é que podemos combinar estas idéas de distancias positivas e negativas com taes propriedades das quantidades negativas? Pois não é evidente que, quanto mais o ponto  $A$  se affastar de  $O$  para a direita ou para a esquerda, maior é a distancia que o separa deste ponto e maior é portanto o valor numerico de  $x$ , que representa esta distancia?

A quantidade negativa  $-x$  não terá neste caso uma significação tão clara ao espirito representando uma grandeza real tanto maior ou tanto menor, quanto maior ou quanto menor for o valor absoluto de  $x$ ? » (1)

Deixando de lado a insistencia de Benjamin em não querer que o principio de Descartes seja uma simples convenção, vê-se que o illustre mestre que nutria as idéas tão claras que acima transcrevemos, commetteo o grande erro de não se limitar ás idéas do grande philosopho, acceitando unicamente para origem dos negativos a simples convenção do illustre pensador, e combinando como fez esta convenção com a antiga origem daquellas quantidades. Discordamos do mestre justamente por se exprimir, ora de uma maneira tão clara, ora de um modo tão confuso, como quando reconhece logo no começo de sua obra que a « distincção das quantidades em positivas e negativas, não é só uma circumstancia accidental que se pode dar na determinação dos valores numericos das expressões algebraicas, por onde se é levado a considerar quantidades isoladas affectas dos signaes  $+$  e  $-$ . »

Para Benjamin os negativos tem duas origens: ou provém, no dominio abstracto, de uma subtracção impossivel, ou provém, no dominio concreto, da necessidade de não

(1) Vide obra citada pag. 49 e 50; O gripho é nosso.

(1) Vide obra citada pag. 25 e 26.

se confundir a situação das grandezas. Taes origens se repellem, donde a nossa discordancia com o mestre.

Dissemos no começo deste capitulo que do livro de Benjamin via-se que elle acceitava o principio de Descartes, que considerava os negativos maiores do que zero e que os fazia surgir da subtracção impossivel.

Acceitando o principio, conclue-se logo que os negativos não podem ser menores do que zero, que significam a opposição de sentidos e que não podem mais provir da subtracção impossivel.

Mostramos tambem que Benjamin só podia dizer que os negativos provêm de uma subtracção impossivel e que são maiores do que zero, servindo-se do principio de que  $a - b = a + (-b)$ , principio este que deriva da theoria de que os negativos são menores que zero, porque só sendo assim é que um negativo somado a um positivo poderá diminuir o valor deste, uma vez que o proprio zero não lhe altera o valor. E' por ter ficado provado que o illustre mestre não comprehendendo todo o alcance do theorema do grande philosopho, é por se ter illudido com um principio que Descartes destruiu, que o nosso sabio professôr desenvolvendo as idéas metaphysicas de Comte, neste assumpto, apresentou uma theoria metaphysica.

A theoria de Benjamin pode ser resumida neste trecho de sua obra:

«O estudo da theoria das quantidades negativas que até aqui temos feito, analysando separadamente cada um dos diversos argumentos relativos ás proposições (1) e (2), (1) illogicamente considerados como estabelecendo a base desta theoria, deixa a convicção de que as quantidades negativas têm uma existencia tão real como as positivas, e que na comparação destas quantidades deve-se attendar unicamente aos seus valores absolutos. Os signaes + e - nada influem sobre os valores das quantidades a que são affectos.

Consideradas na accepção puramente arithmetica que ligamos a estes signaes, e portanto debaixo do ponto de vista o mais simples e tambem o mais circumspecto, as quantidades positivas e negativas significão = quantidades a ajuntar = e = quantidades a subtrahir =. Sem perderem este caracter arithmetico que vem expresso nos signaes que acompanham e constituem aquellas quantidades, são ellas susceptiveis, como temos visto, de uma accepção muito vasta e muito mais importante: é pela feliz correspondencia que existe entre a opposição de sentidos de que muitas grandezas são susceptiveis e a opposição dos signaes + ou - dos seus valores respectivos que as quantidades positivas e negativas preenchem em Algebra, assim como em toda a sciencia mathematica um importante papel, dando lugar a muitas importantes e indispensaveis applicações.»

Pela theoria exposta vê-se que os negativos podem ser considerados sob dois pontos de vista: ou como = quantidades a subtrahir = si levarmos em conta o caracter arithmetico do signal que os acompanha, ou como representando a opposição de sentidos de que muitas grandezas são susceptiveis. Pondo de parte o facto de Benjamin falar nos valores absolutos das quantidades negativas que provêm de uma subtracção em que o minuendo decresce depois de se ter annullado, diremos que, depois

(1) — (1) O numero negativo é menor do que zero. (2) O numero negativo é tanto menor quanto maior é o seu valor absoluto.

de Descartes, esta accepção puramente arithmetica de que fala, não se refere aos signaes + e - que acompanham as quantidades positivas e negativas, porque taes signaes significam uma *qualidade* e não uma operação. Si ha accepção puramente arithmetica, refere-se esta ás quantidades, as quaes não podem ter outra accepção, e um numero tem sempre uma accepção arithmetica, quer seja positivo ou negativo. Os signaes caracterizam as quantidades, mas não as constituem, porque o que as constituem é o valor que ellas representam, depois da abstracção que se fez da grandeza correspondente. O signal das quantidades não tem outro fim senão caracterisal-as, isto é, serve para mostrar a origem das quantidades ou accusa sua *qualidade*. Só para aquelles que acceitam a antiga theoria, isto é, só os que dizem que um negativo provem de uma subtracção impossivel e como tal é menor do que zero, é que podem descobrir no signal - das quantidades negativas este caracter arithmetico, que conduz a uma combinação subentendida, na phrase de Comte, o que leva a consideral-as como = quantidades a subtrahir =. Mas o que é uma quantidade a subtrahir?

E' uma quantidade que gosa da propriedade de ser subtrahida na combinação em que fôr introduzida, e esta propriedade lhe vem de duas origens: ou a quantidade a subtrahir é o *resto* de uma subtracção em que o minuendo era menor do que o subtrahendo, e é por tanto menor do que zero, isto é, marca uma *falta*, e na combinação outro effeito não tem senão desfalcar uma quantidade que tenha valor real, ou a quantidade a subtrahir é o *resultado* a que se chegou na subtracção em que o subtrahendo era maior do que o minuendo, e pela annullação deste deixou-se de subtrahir uma parte do subtrahendo, devendo na combinação tal quantidade ser subtrahida da positiva ou negativa a que fôr sommada, porque é ella uma quantidade que só pode ser subtrahida. No primeiro caso a quantidade a subtrahir é um symbolo de impossibilidade.

Vê-se pois, que partindo da subtracção impossivel não se pode erigir uma theoria sã das quantidades negativas, porque taes numeros são abstracções e não podem representar grandezas do dominio concreto.

Si o illustre Benjamin tivesse considerado os negativos, partindo do facto que levou Descartes a formular o seu principio, teria, no dominio abstracto, os negativos como verdadeiros numeros, porque eram os representantes abstractos de grandezas, e não precisaria ter escripto um livro para mostrar que os negativos são maiores do que zero, porque já o eram as grandezas negativas do dominio concreto. Considerando mesmo os negativos como provindo de uma subtracção impossivel, não precisaria ter escripto tanto para mostrar que aquelle -  $c$  a que chegou na subtracção  $a - b$  quando  $b > a$  não é menor do que zero si dissesse que aquelle -  $c$  (admittindo-o isolado) é o *resultado* de uma subtracção impossivel, isto é, é a parte do subtrahendo que deixou de ser subtrahida, porque pelo facto de se haver annullado o minuendo  $a$  aquelle -  $c$  não poderia passar por uma transformação tão grande que ficasse dotado destas duas propriedades: 1.º decrescer até zero; 2.º decrescer alem de zero de uma quantidade igual a  $c$ , em valor absoluto. Porem o que admira é que o illustre professôr tivesse escripto um livro para mostrar que o *resto* de uma subtracção impossivel é maior do que zero e representa uma grandeza. A idéa de *resto* encerra, na verdade, a idéa de valor, embora nullo, e parece que o illustre Benjamin andou acertado, mas é que a subtracção impossivel não da resto.

TERTULIANO BARRETO,  
1.º Tenente de Artilharia

Continúa

## DE TUDO E DE TODOS

### UMA LEMBRANÇA.

Qual seria a opinião de Mirabeau, no nosso Parlamento, sobre o projecto de vaccina obrigatoria? Elle que teve variola?

\* \*

Ha actualmente uma porção de symptomas curiosos.

Um delles, não dos menos significativos, pois que o vimos reproduzido num dos ultimos numeros da *Illustration*: é o papa assistindo a uma sessão de gymnastica.

\* \*

Annuncia-se para breve a publicação, nesta capital, de um grande organo catholico. O titulo é expressivo: «A União»... faz a força.

## NOTAS MERCANTIS

### CAMBIO

Durante a semana finda predominaram as tendencias de alta, tratando todos os especuladores de comprar com franquesa o que podiam.

Desde que es e movimento esmoreça e cesse a procura, não será de estranhar que a baixa se opere e se forcem negocios para as liquidações pendentes.

As tabellas estiveram sustentadas em todos os bancos a 12 1/4 d. stg. por 1\$, havendo no fim da semana pouco movimento; entretanto, o mercado manteve-se calmo.

Eis as taxas fixadas pelos bancos ao encerrarmos estas notas:

Banco da Republica, 12 1/4 a 90 d/v.

London & Brazilian Bank, 12 3/16 a 90 d/v e 12 1/16 a vista,

Britisk Bank, 12 7/32 a 90 d/v e 12 3/32 a vista.

Brasilianische Bank, 12 1/4 a 90 d/v e 12 1/8 a vista.

River Plat Bank, 12 7/32 a 90 d/v e 12 3/32 a vista.

### CAFÉ

Depois da nossa anterior resenha tem-se conservado estacionario o mereado de café.

Os exportadores aptesentam-se retrahidos e esquivos aos negocios, ao passo que diligenciam os commissarios animar e sustentar os anteriores preços.

O mercado fechou calmo ao encerrarmos estas notas e, resumidamente, o movimento geral foi o seguinte:

Entradas	Saccas
Pela Estrada de Ferro Central.....	5.835
Por cabotagem.....	7.580
Por barra a dentro.....	8.069
Total.....	21.484

Os embarques até o dia 12 foram de 74.210 saccas com destinos diversos e as vendas effectuadas não excederam de 36.000 saccas aos preços extremos de 9.600 e 9.800, para o typo n. 7 de Nova-York.

A existencia até o dia 11, era de 477.687 saccas.

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. 20\$000  
 SEMESTRE... 12\$000  
 ---  
 Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Será possível que o benemerito Prefeito desça das alturas, aonde ascendeu glorificado pela opinião publica, para se chafurdar na vasa da politicagem? Será possível que esse homem de energia excepcional tenha cansado de ser grande e se encôlha para se nivelar á craveira commum dos fabricantes de intendentes?

Essa duvida tristonha pôz de promptidão todos os nossos sentimentos de admiração affectuosa. E pensámos em alguma diabolica influencia, infeccionando-a de caduquice, como fazia Jupiter áquelles que queria desgraçar, tenha virado a cabeça veneranda, onde se geraram tantas idéas patrioticas, tantos planos de aformoseamento da cidade, de conforto aos cidadãos e uma serie de medidas de saneamento moral e physico da administração municipal, completamente restabelecida nos seus creditos e nos seus beneficos resultados.

Justifica-se esse formidavel erro pela necessidade de organizar um Conselho de Intendencia, afinado pelo Prefeito, para evitar dissomancias e o escandaloso espectáculo dos desvarios desse, que deveria sair expurgado dos velhos vícios dos anteriores, e saiu peor que a encomenda, desilludindo as esperanças solidamente fundadas em um novo processo de depuração do eleito.

Está demonstrado com lastimosa exuberancia que, nisso de réformas eleitoeas, precauções são inuteis: reformam-se as fechaduras; inventam-se novas gazúas.

De resto, as chapas officiaes sempre provaram mal, porque não são forjadas com a integridade do voto, que já se figura uma aspiração arredada, definitivamente, da raia das coisas, possíveis ou verosimeis.

Mas, é indispensavel arranjar um Conselho destinado, menos ao governo do municipio, que ás manobras eleitoeas, em futuro proximo, nas quaes elle vae ter uma função importante como peça essencial do machinismo da politica do Districto Federal.

Dahi, esse sacrificio da quebra de uma norma de conducta, que era o

traço mais lumiuzo da personalidade do Prefeito — a sua fecunda independencia pela isenção dos compromissos que a politicagem impõe ás suas victimas.

O Prefeito sabe que o segredo do milagre, operado pelo seu governo, foi devido, exclusivamente, á sobranceiria com que varreu dos seus dominios a influencia dos politiqueiros.

Como é que, não obstante essa experiencia, rica de lições proveitosas, vae se privar desse precioso elemento de força, da aureola do seu prestigio; com a infantilidade de Sansão, deixando na ebriedade de um momento de gozo ephemero, lhe cortarem os cabellos?

\* \*

O boato atterrador não surdiu da concha do mysterio; mas não ha duvida que elle andou a fazer das suas. De outro modo se não explicam a promptidão das forças de mar e terra e outras medidas de medo, que é máu conselheiro.

Dar-se-á que essas precauções bellicas corram por conta da vaccina obrigatoria, que está passando para o rol das coisas esquecidas?

### EXTERIOR

#### OS NOSSOS VISINHOS

O Estado Oriental festejou com extraordinarias manifestações de legitimo jubilo, a terminação da guerra civil, desta vez definitivamente, pela redução dos ultimos caudillos recalcitrantes.

Sobraçando ramos de oliveira, volvem aos campos, aos rebanhos, ás charqueadas e aos lares enlutados, os cidadãos desviados pela paixão partidaria; abandonam as armas maculadas de sangue fraterno para, na suave serenidade da paz, curarem feridas, restaurarem as ruinas que marcam a passagem do pampeiro revolucionario.

Essas perturbações, condemnaveis por seus processos violentos, são, ás vezes, reacções irrepressiveis e justas dos opprimidos, soluções de continuidade abertas na ordem pela força de expansão de direitos conculcados pela tyrannia dos dominadores.

Não é opportuno fazer a critica do movimento de rebeldia soffocada ou extincta. Devemos juntar os nossos foguetes aos hymnos do povo oriental; congratularmo-nos com elle por esse feito venturoso que nos traz tambem socego. Vae nisso a pontinha de egoismo de quem vê com satisfação apagado o incendio nas barbas do visinho, cessando as ameaças de contagio do exemplo.

Esses repiquêtes de revolta corriam, anti-gamente, por conta da nossa curiosa politica no Rio da Prata. Não se sabe porque, nem com que vantagens reaes, nos davamos ao dispendioso luxo de ter um partido na Banda Oriental.

Temos, agora, a prova positiva dessa extravagancia, ou chegaremos á edificante conclusão de que revoluções não médram alli sem a criminosa cúmplicidade, que tem na fronteira os seus valhacoutos para a politica e para o contrabando.

Desta vez, á nossa politica internacional, com um correctissimo proceder, resgatou velhos peccados; o exercito nacional pôz embargos ás ligeiras dos passes e repasses, e a revolução ficou de pernas quebradas, privada do seu essencial elemento de vida. Não lhe valeram os auxilios secretos, attribuidos pela protervia internacional a outra nação amiga, tambem inculpada de manobras sympathicas aos revolucionarios do Paraguay, onde, ha bem pouco, nós mettemos em intriguinhas de visulhança, cujas consequencias remotas talvez não sejam estranhas aos tristes acontecimentos de hoje.

E' agradavel registrar que cessaram os receios ao sul. O presidente Quintana occupou a curul do general Roca saúdado pela sua nação, cheia de esperanças. Deus o inspire para rasgar, amplas e boas, as valvulas de segurança do pensamento das, garantias individuaes e do direito de votar, que por lá, como por cá, anda numa crise miseravel.

#### NOS ANTIPODAS

Mais uma derrota de Kuropatkine, uma trenenda decepção para os que acreditaram que a offensiva seria o inicio da execução de um plano pacientemente aparelhado na sangrenta serie de retiradas continuas e desastrosas, cuja explicação não satisfazia aos ardentes amigos da Santa Russia.

Desta feita, Kuropatkine estava superior em numero, dispondo de tropas para esmagar os estropiados soldados de Oku, Nodzu e Kuroki, ainda extenuados do formidavel encontro de Liao-Yang, reputado a maior carnificina dos tempos modernos. Mas, a formidavel iniciativa se esboroou em derrota mais consideravel que as precedentes, com um desfalque de cerca de 40.000 homens fóra de combate.

Não conhecemos ainda a verdadeira extensão do desastre. A sobriedade das noticias de Tokio, as partes officiaes do general Sakharoff, que parece um contador de historias para amenisar a impressão da verdade, não nos fornecem elementos seguros para um juizo exacto sobre a ultima operação. Não ha duvida, porém, que a batalha campal se transformou em ferozes escaramuças que protegem a retirada de Kuropatkine, acossado a oeste por Oku e Nodzu, ao passo que, num desespero homerico, os

russos, a leste procuram embarçar a avançada de Kuroki, contendo-o nas margens do Cha-ho.

E, como tudo se justifica, despontam explicações mais ou menos absurdas — de um lado, Kuropatkine se sacrificou obedecendo ás ordens directas do Czar, impaciado pela fortuna adversa das suas armas; de outro lado, a offensiva foi uma indicação do desespero de effectuar, com vantagem, a retirada até Karbine.

Qualquer que seja o desenlace dessa tragedia deshumana, fica em esplendida evidencia uma proveitosa lição, que o Bom Homem Ricardo ensinaria ha um seculo — um homem que sabe o seu officio vale por dez. E' este o segredo da invencivel superioridade do soldadinho amarello.

POJUCAN



## HENRI HEINE

(TH. GAUTIER)

A ultima vez que vi Henri Heine foi algumas semanas antes da sua morte. Eu devia escrever uma rapida noticia para a reimpressão das suas obras. Jazia elle sobre o leito onde o retinha essa indisposição, ligeira no pensar dos medicos, mas que não lhe permittia levantar-se, havia oito annos. Assim, como elle proprio dizia, se tinha sempre certeza de o encontrar em casa. No emtanto, pouco a pouco, a solidão se fez em torno a si. Por isso, um dia em que Berlioz o foi visitar, recebeu-o dizendo: «Vires vêr-me, tu! Sempre original!» Não era que o amassem e admirassem menos, mas o torvelinho da vida é assim mesmo: na desventura desvia os corações os mais fiéis. Só então a Mãe e a Esposa não nos abandonam, ainda na mais persistente agonia. Os olhos humanos não podem contemplar por muito tempo, sem se desviarem, o espectáculo da dôr. As Deusas mesmo se fatigam, e as tres mil Oceanides que vinham, todas as manhãs, consolar Prometheu sobre a sua cruz do Caucaso, se retiravam sempre pela tarde.

Logo que a minha vista se afez á penumbra que o cercava, sob a luz de um dia brilhante ferindo o seu olhar quasi extincto, distingui uma poltrona junto á sua cama de enfermo e ahí me accomodei. O poeta me estendeu com esforço uma pequenina mão doce, esguia, mate-branco como uma hostia, uma mão de doente subtrahida á influencia do grande ar, e que nada tocava, nem mesmo a penna, desde muitos annos. Jamais os rijos ossos da Morte se acharam enluvados numa pelle tão fina e suave, tão setinosa e polida. A febre, apesar da fraqueza, dava-lhe algum calor. No emtanto, ao seu contacto, experimentei um ligeiro arrepio, como se tivesses tocado a mão de um ser que não pertencia mais á terra.

Com a outra mão, para me vêr, levantou a palpebra paralyzada da vista

que, nelle, conservava uma vaga e confusa percepção dos objectos e lhe deixava distinguir ainda um raio de sol como através de uma gaze negra. Depois de trocadas algumas phrases, quando soube do motivo da minha visita, disse-me: «Não te apiades muito de mim. O retrato da *Revue des Deux Mondes*, que me representa emaciado, com a cabeça pendente como um Christo de Morales, já muito abalou em meu favor a sensibilidade das boas almas. Eu não amo os retratos que se parecem: o meu desejo é ser representado bello como as lindas mulheres. Conheceste-me quando eu era ainda joven e são: substitue, pois, por minha antiga imagem essa effigie piedosa.»

Effectivamente o Henri Heine a quem eu fôra apresentado em 183. pouco tempo depois da sua chegada a Pariz, não se parecia quasi com aquelle que eu via, agora, estendido diante de meus olhos, immovel como um corpo que espera apenas o deitem num caixão.

Era então um bello moço de trinta e cinco a trinta e seis annos, com a apparencia de uma robusta saude. Ao contemplar-se a sua alta fronte, clara como um bloco de marmore, emmoldurada em abundante massa de cabellos louros, dir-se-hia um Apollo germanico. Seus olhos azues scintillavam de graça e inspiração. Suas faces redondas, cheias, de um contorno elegante, não eram sombreadas pela lividez romantica tão em moda nessa época: ao contrario, as rosas vermelhas desabrochavam nellas classicamente. Uma ligeira curva hebraica modificava, sem lhe alterar a pureza, a intenção que tivera o seu nariz de ser grego. Seus labios bem feitos, «unidos como duas bellas rimas», para me servir de uma das suas phrases, guardavam, quando em silencio, uma expressão encantadora. Mas quando Heine fallava, da sua curva rosada partiam, siflando, settas agudas e farpadas, dardos sarcasticos que nunca erravam o seu alvo, porque ninguem como elle foi tão impiedoso e cruel para com a tolice humana. Tinha o sorriso divino de Musagete, a que succedia sempre a ironia do satyro.

Uma leve robustez pagã, que devia expiar mais tarde uma magreza toda christã, arredondava o seu talhe. Não usava nem barba, nem bigode, nem costellets: não fumava, nem bebia cerveja: e, como Goethe, tinha horror a essas tres cousas. Achava-se então em todo o seu fervor hegeliano. Não acreditava que Deus se tivesse feito homem, mas admittia, sem difficuldade, que o homem se tivesse feito Deus. Era essa a sua maneira de pensar. Mas deixemos que elle proprio conte essa esplendida embriaguez intellectual.

«Eu mesmo era a iel viva da Moral: era impeccavel, era a pureza encarnada. As Magdalenas mais compromettidas ficavam purificadas ás chamas dos meus ardores e se faziam outra vez virgens entre meus braços. Estas restaurações de virgindade fallharam algumas vezes, é verdade, e exgotaram minhas forças omnipotentes. Eu era todo amor, e, por isso, todo isento de odios. Jamais me vingava dos meus inimigos, porque não admittia enfrentassem a minha divina pessoa. Tolerava apenas os infieis, porque o mal que me faziam não passava de um sacrilegio, assim como as injurias que me atiravam não eram mais que outras tantas blasphemias. Entretanto, de tempos a tempos, forçavam-me a castigar taes impiedades, mas era isso um castigo divino para o peccador e não uma vingança de rancor humano. Não conheci amigos, mas fieis, crentes, e eu lhes fazia todo o bem. No emtanto as despesas de representação de um Deus que não tem methodo em ser galante e não dirige convenientemente a sua bolsa nem o seu corpo, são enormes. Para desempenhar esse soberbo papel é necessario, antes de tudo, ser rico de muito dinheiro e de muita saude. Ora, uma bella manhã dos fins de fevereiro de 1848, essas duas cousas me abandonaram e minha divindade foi de tal modo abalada que se despedaçou miseravelmente.»

Eu vi muito Heine nesse periodo divino. Era um deus encantador — maligno como um demonio! — e tão bom quanto se podia desejar. Que elle me considerasse como seu amigo ou como seu crente, isso pouco me importava, com tanto que me fosse dado gosar da sua brilhante conversação, pois se elle era prodigo do seu dinheiro e da sua saude, não o era menos do seu talento. Sabia muito bem o francez, mas, algumas vezes, divertia-se em dissimular suas satyras sob uma forte pronuncia allemã, que exigia, para ser reproduzida, as estranhas onomatopéas pelas quaes Balzac figura, na sua *Comédie Humaine*, as phrases extravagantes do barão de Nucingen. O effeito era então irresistivel: era Aristophanes fallando com a pratica de Eulenspiegel.

Ao seu lyrismo se misturava uma especie de força e alegria, e se o luar allemão prateava um dos lados da sua physionomia, o alacre sol de França dourava deliciosamente o outro. Nenhum escriptor como elle, teve, ao mesmo tempo, tanta poesia e tanta profundeza — duas cousas que geralmente se destroem. Quanto á sensibilidade nervosa que faz o encanto do *Intermezzo*, do *Tambor Legrand*, dos *Banhos de Lucca* e de tantas paginas dos *Reisebilder*, elle a occultava na vida commum com singular pudor,

reprimindo opportunamente, por uma palavra subtil e bella, a lagrima que houvesse derramado.

A sua toilette, embora não tivesse nenhuma intenção de dandysmo, era mais cuidada do que costuma ser commumente a dos litteratos, onde sempre certa negligencia desfaz as velleidades do luxo. Os diversos aposentos que habitou não tinham o que se chama hoje «cunho artistico», isto é, não se achavam atravancados de *buffets* esculpidos, quadros, estatuetas e outras curiosidades de *bric-à-brac*: apresentavam, ao contrario, um conforto burguez, onde era manifesta a vontade de evitar o excentrico. Um bello retrato de mulher, pintado por Lamlein e representando a Julieta de que falla o poeta no preludio de *Atta-Troll*, era o unico objecto de arte que me lembra ter visto alli.

Desde que o poeta, para restaurar sua divindade, que começava a decahir um pouco, partiu para a estação de banhos de Cauteretz, onde compoz o singular poema que tem por heróe um urso, misturando a poesia mais ideal aos caprichos mais grotescos—eu o perdi de vista por algum tempo.

Uma manhã, porém, vieram dizer-me que um estrangeiro desejava falar-me. O criado citou-me o nome, mas de tal modo desfigurado que o não pude comprehender. Desci, entretanto, á sala de visitas, e ahí esbarrei com um homem muito magro cujo rosto, lembrando o de Gericault, rematava por uma barba pontuda e loura, entremeiada de abundantes fios de prata.

Por momentos, procurei recordar-me do nome desse hospede matinal, que me saudava tão familiarmente pelo meu appellido litterario e que me estendia a mão com a franca cordialidade de um velho camarada. Não consegui, entretanto, ligar o nome áquella pessoa que, se eu de facto conhecia, se achava por certo bem mudada. Mas ao fim de alguns minutos de conversação, a um traço de espirito do desconhecido, exclamei commigo mesmo: «Este é o diabo ou Heine». Era Heine com effeito, de Deus tornado homem.

Alguns mezes depois, Henri Heine cahia prostrado no leito para nunca mais se erguer: oito annos assim permaneceu, pregado á cruz da Paralysis pelos cravos do Soffrimento.

Durante essa longa agonia deu-se nelle o phenomeno da alma vivendo sem o corpo, do espirito abandonado da materia: a doença, seccando-o pela fraqueza, dissecava-o a seu gosto, e na estatua do Deus Grego modelava, com a paciencia meticulosa de um artista da Idade-Média, um Christo descarnado até ao esqueletò, onde os nervos, os tendões e as veias se salientavam com nitidez. Mas, mesmo assim despojado, elle era bello ainda. E quando

levantava a palpebra entorpecida, uma faisca saltava da sua pupilla quasi cega: o genio reanimava a sua face morta e Lazaro resurgia do seu tumulo por alguns minutos. Esse espectro que se assemelhava, nos seus lençóes, a uma effigie funebre deitada sobre um monumento, tinha então uma vóz para conversar, para rir, para lançar as mais finas ironias, para dictar paginas ineffaveis, para dar vóo a estrophes divinas: e nos dias em que a pedra de seu tumulo lhe esmagava mais duramente os rins, essa vóz sabia gemer lamentações tão expressivas como as de Job no seu incomparavel infortunio. Em tal estado os seus amigos quasi deviam desejar que essa atroz tortura tivesse um fim e que o invisivel carasco dêsse o gólpe de misericordia no pobre suppliciado. Mas sentir que se apagou para sempre esse cerebro luminoso, formado de raios e idéas de onde as imagens sahiam zumbindo como abelhas de ouro, é um facto que se não aceita sem revolta. E' verdade que, ha muito, elle estava pregado vivo no seu ataúde, mas, aproximando-se o ouvido, sentia-se a Poesia cantar sob a mortalha negra. Que pezar de vér um desses microcosmos mais vastos que o Universo e contido na estreita abobada de um craneo, despedaçado, perdido, aniquilado para sempre! Que lentas combinações não serão precisas á Natureza para formar uma cabeça igual!

Henri Heine nasceu a 1 de janeiro de 1801, o que lhe fazia dizer, gracejando, que era o primeiro homem do seculo. Toffer nota o inconveniente que ha, logo que se começa a envelhecer, em revelar-se a idade, sobretudo quando se nasce num milesimo de seculo que nos arrastará perpetuamente consigo. Henri Heine deixou o seu companheiro aos 56 annos de existencia.

Foi por um dia frio, pardacento, brumoso. A hora marcada para o enterro era matinal. Alguns raros amigos e admiradores passeavam em frente á casa mortuaria, aguardando a sahida do féretro. O poeta, momentos antes de expirar, declarara que não queria nenhuma pompa, nenhum ceremonial, pois se julgava morto desde muito e desejava que o pouco que lhe restava fosse levado em silencio do quarto que habitava e que não devia deixar senão para o tumulo.

A' vista do ataúde, muito amplo, muito longo, muito pesado, onde o delicado despojo se achava deitado mais á vontade que no seu proprio leito, involuntariamente me veio á lembrança esta passagem do *Intermezzo*: «Ide buscar um caixão de taboas sólidas e espessas, e que seja maior do que a ponte de Mayença. Trazei-me doze gigantes mais fortes que o membrudo S. Christovão do zimbório de Colonia,

sobre o Rheno: e que elles conduzam o feretro e o atirem ao Mar, porque um grande feretro precisa de uma grande cova. E sabeis porque desejo um tão grande caixão? E' para levar commigo, juntamente, os meus soffrimentos e os meus sonhos.»

O féretro não foi tão grande como o desejára o poeta, nem foi tambem depositado no Mar, mas simplesmente numa cova provisoria, em presença de um pequeno numero de poetas e artistas francezes e allemães, que ahí o cercavam respeitosa e sabendo que assistiam aos funeraes de um Rei do espirito, embora não tivesse um longo cortejo, nem musica funebre, nem tambores velados, nem bandeiras constelladas de Ordens, nem discursos emphaticos, nem tripodes coroadas de chammias verdes. Fechara a cova, cada um desceu a triste colina e se perdeu de novo no immenso formigueiro da vida humana.

Poucos poetas nos commoveram e emocionaram tanto como Heine. E' verdade que não sabemos o allemão e não o admiramos senão através das traducções. Mas que homem não devia ter sido aquelle que, apezar de despido do poder do rhythmo, da rima, do feliz arranjo das palavras, de tudo emfim que constitue o estylo, produziu effeitos tão magicos! Heine é o maior lyrico da Allemanha, e se colloca naturalmente ao lado de Gæthe e de Schiller, tão grande se nos afigura, embora a poesia traduzida em prosa não seja mais que um tenue luar, como elle proprio dizia.

Jamais um temperamento foi composto de elementos tão diversos como o de Heine: elle era ao mesmo tempo alegre e triste, sceptico e crente, terno e cruel, sentimental e satyrico, classico e romantico, allemão e francez, delicado e cynico, impetuoso e frio, tudo, tudo., excepto um entediado. A' plastica grega a mais pura, juntava o sentimento moderno mais original: era verdadeiramente Euphorion, filho de Fausto e da bella Helena.

Não é aqui o logar mais apropriado para tratar da sua obra, que viverá por si, mas della vou procurar dar uma ligeira impressão. Quando se abre um volume de Heine parece entrar-se num desses jardins que elle descreve com amor: as Esphinges de marmore da escadaria alongam suas garras sobre o angulo dos pedestaes e nos fitam com os seus olhos brancos, de uma fixidez inquietante; frémios percorrem-lhe a juba leonina e sua garganta de mulher palpita como se um coração batesse sob o contorno rigido. As portas gemem rodando nos gonzos enferrujados e acredita-se vér uma préga de vestido desaparecendo sob uma arcaria ogival, comose a alma da Solidão fugisse, surprehendida pela nossa presença. O musgo, a ortiga, a

bardana nascem no terraço, entre as abertas dos ladrilhos desconjuntados e os ulmeiros frondosos procuram reter-nos, supplicando-nos não passarmos além. As rosas parecem sangrar entre os espinhos, e as gottas de chuva suspensas de suas pétalas brilham como lagrimas : as outras flôres, enlaçadas pelas hervas damninhas, desprendem perfumes estranhos que asphyxiam e dão vertigem. Na cascata e no lago, a agua negra corrompe-se sob as lentilhas verdes e a Naiade cahida tem a cara achatada como a mascara livida da Morte. O sapo salta através das áleas arenosas e vae annunciar a nossa vinda á sua tia, a vibora. Entretanto o vento suspira elegias e o rouxinol descanta as queixas dos seus amores perdidos. A' janella de um Castello de lenda, uma rapariga apparece, loura e fresca, apertada nas suas véstes de seda, semelhando uma dessas lindas neerlandezas que Gaspar Netcher compraz-se pintar em quadros de pedra ou de vinha virgem. Mas essa rapariga encantadora não tem coração, e em seu seio se condensa uma pequena geleira. Jamais nos fará injustiças, mas para a nossa delicada sensibilidade bem melhor será que abandonemos semelhantes criaturas, que trazem a traição occulta sob o rosado da face — porque essa donzella ineffavel nos infligirá mil supplicios, innocentemente diabolicos, e no dia do Julgamento Final não nos será grato resuscitar com terror de a vermos. .

Heiue, como Goethe, soube crear typos de mulheres os mais verdadeiros — basta-lhe um tóque para que uma figura se desenhe, viva e completa. Que encanto enganoso, que languidez pérfida, que riso d'hiena, que lagrimas de crocodilo, que frialdade ardente, que chammass geladas e que *coquetterie* felina ! Nunca poeta algum logrou tão bem fazer menear a ponta da «cauda do Dragão» ao canto de uns labios côr de rosa. E com que subtilidade diz elle de Lusignan, o amante de Melusina: «Feliz do homem cuja amante não é senão em metade serpente ! ».

Si é certo que Heine esculpiu em paros o mais brilhante, estatuas de deuses gregos e baixos-relevos de Bachantes, tão puros de fórma como os antigos, não é menos certo se haver tornado o igual Uhland e de Tieck, quando canta as legendas catholicas e cavalheirescas da Média-Idade. Elle transforma a trombeta maravilhosa d'Achim d'Arnim e de Bretano em fanfarras que fazem estremecer os veados nos recessos das florestas e abater a ponte-levidiça dos Castellos Feudaes. Quando monta o seu corcél impetuoso, é para roçar com a sua bota a saia armorial da Castelã em caça. E ninguem maneja o venábulo com mais galanteria fidalga.

O nosso meio litterario, muito susceptivel, pôde suppor de uma grande crueldade algumas das composições de Heine, porque elle é inclemente para os poetastros. Mas Apollo não terá o direito de estrangular Marsyas ? A mão que empunha a lyra de ouro brande tambem o espadim agudo para varar o rude satyro.

Vou terminar por esta pagina do *Livro de Lazaro*, um dos melhores especimens do estylo do poeta, que certamente conhece agora toda a verdade desta terrivel questão :

«A pobre Alma disse ao Corpo : Eu não te abandono, fico contigo, contigo quero abysmar-me na noite e na morte, contigo desaparecer no Nada. Tu foste sempre o meu segundo eu : envolvias-me amorosamente como uma vestimenta de setim docemente forrada de arminho. Mas ai ! é necessario agora que eu, completamente nua e separada de ti, um ser puramente abstracto, vá errar lá acima como um nada bemaventurado, lá acima, nesses frios espaços do Céu onde as eternidades me olham silenciosas, num desalento, Ellas ahi se arrastam entediadas e fazem um rumor insipido com os seus pantufos de chumbo ! Oh ! como isso será horroroso ! Oh ! não me abandones, meu Corpo bem amado ! »

O Corpo disse á pobre Alma : «Oh ! consola-te, não te afflijas assim ! Devemos supportar serenamente a sorte que nos traça o Destino. Eu sou a mécha da lampada, é justo, pois, que me consuma : tu, o espirito, serás recolhido para brilhar lá no alto, como uma linda estrella, com a claridade a mais pura. Eu não sou mais do que um trapo, não sou mais do que materia : vá torcida, é necessario que me acabe e que volte ao que era — uma pouca de cinza. Adeus, pois, e consola-te. Talvez o Céu seja mais divertido do que tu pensas. Se encontrares a Grande-Ursa na abobada dos astros, mil saudações da minha parte.»

VIRGILIO VARZEA.

#### VACCINA EM 1806

Illm. e Exm. Sr. — Tenho chegado á real presença do principe regente, nosso senhor, um papel, que escreveu e apresentou ao governador o capitão-general da India o physico mór daquelle estado a respeito das observações da inoculação das bexigas, com a materia vaccina; e conhecendo-se que o dito papel contem sufficiente instrucção sobre o modo de praticar aquella operação, ordenou S. A. R. que elle se imprimisse e se mandasse distribuir pelas capitancias dos dominios ultramarinos, afim de que servindo de lição ás pessoas, que ainda não estão inteiramente convencidas da uti-

lidade da dita operação, as estimulasse a acreditar que é á vaccina que se attribue o não ter morrido tanta gente quanto a que até agora perecia por occasião do flagello das bexigas... Em consequencia, pois, da sobre dita real ordem, envio a V. Ex. os inclusos 40 exemplares do mesmo impresso, para que V. Ex. os distribua como julgar mais conveniente; e S. A. Real espera que V. Ex. procurará que nessa capitania se ponha em observancia a citada operação, como um preservativo de tanta importancia. Deus guarde a V. Ex. Palacio de Villa Viçosa, em 29 de Março de 1806. Visconde de Anna-dia — Sr. Conde da Ponte.

#### A ILHA DE CRUSOË

Lê-se no relatório do consul dos Estados-Unidos da America, em Valparaiso, que a ilha Juan Fernandez, celebrisada pela novella Robinson Crusoe vae tomando notavel desenvolvimento industrial.

A ilha mede quinze milhas de comprimento por oito de largura; tem um excellento porto para abrigo seguro dos maiores navios, muita agua potavel, larga provisão de fructas e legumes que vegetam sem cultura. A industria principal é a da pesca, havendo uma usina para a fabricação de latas e conservação de peixe de todas as especies e dos mais estimados.

#### O DIVORCIO NA SUISSA

Manifestou-se, na Suissa, uma energica reacção contra o divorcio estabelecido pela lei de 1876. De 20.000 casamentos annuaes, 1.170 fôram annullados, nos cantões catholicos, e, conforme a estatistica official, o dobro nos cantões protestantes. A agitação, sem distincção de cultos ou seitas, tende a difficultar, por todos os meios possiveis, a dissolução do vinculo matrimonial.

#### A LOUCURA DAS DEMANDAS

(NOTAS E OBSERVAÇÕES)

Não creio que alguém possa ler sem emoção esse hoje bem conhecido opusculo de Rudolf von Ihering que tem por titulo A LUCTA PELO DIREITO. Confesso que já o li em francez, em portuguez, em hespanhol, e me vou preparando, agora, para o apreciar devidamente no original allemão. De cada leitura tenho trazido uma energia nova para bem amar e bem servir a causa do Direito, sentindo que ella é bella e elevada, uma vez que inspira paginas tão nobres e cheias de fé. Constantemente, rumorejam dentro em meu cerebro os conceitos pri-

mordiaes da pequena obra ; desejaria, mesmo, que nunca se apagassem da minha mente essas palavras sagradas: « resistir á injustiça é um dever do individuo para consigo, pois é um preceito da existencia moral ; é um dever para com a sociedade, porque essa resistencia deve ser geral, para ser bem succedida. »

Nessa verdade se inspira o jurista allemão para fazer a apologia do *demandista* de boa fé. Não é o mesquinho interesse que leva o camponez-lavrador a pleitear teimosamente por uns palmos de terra ou pelo pagamento de uns mil reis ; o que o agita e impelle, o que o retém na lucta, é o sentimento do *seu direito* offendido. Defendendo-o, defende a condição da sua existencia moral—na bella phrase de von Ihering.

Entretanto, a observação de todos os dias nos tem mostrado que, nesse particular, como em outras diferentes situações, se patenteia verdadeira a observação de Claude Bernard : « A saude e a molestia não differem essencialmente ; ha entre as duas uma simples differença de gradação ; o exaggero, a desproporção, a desharmonia dos phenomenos normaes constituem o estado de molestia ». De facto : ao lado do homem bom e de espirito equilibrado, que busca, razoavelmente, amparar seu direito com a espada da Justiça, penetra, tambem, nos tribunaes o degenerado-hereditario, vindo das fronteiras da loucura ; trazendo nas suas pretensões a marca indelevel do desequilibrio mental. Esse mesmo ardor na lucta, que desenvolve normalmente o demandista são, apparece engrandecido, cheio de deliriose e de allucinações varias, quando manifestado pelo enfermo. Curioso é observar, em muitos lances, a igualdade dos processos, das maneiras, dos recursos exercitados pelo *normal* e pelo *anormal*. O demandista commum, no encarniçamento da sua paixão, se confunde frequentemente com o louco, no mais accêso do seu delirio. Isso demonstra que tinha razão o velho Falret, quando dizia que, em geral, os paroxysmos duma paixão violenta não se distinguem, no conceito medico-psychologico, dos prodromos da loucura.

Um juiz, embora experimentado e perspicaz, um advogado, embora arguto e encanecido na profissão, não pôde, á primeira vista ou mesmo de pois de rapida conferencia, decidir-se acerca do estado mental de um individuo que lhe pede justiça ou patrocinio para a causa. Acredito que rolam annos e annos nos cartorios certas demandas que tem origem na insanidade mental dos seus autores, sem que tenha havido tempo para indagar do seu fundamento, o que, aliás, não é cousa para admirar no mundo forense.

onde foi possível desenrolar-se a tragedia-Humbert durante vinte e tantos annos, sem despertar suspeitas !

E, em verdade, o estudo scientifico dos loucos-demandistas não vem de data recente. Parece que foi o medico-legista Casper quem lhes dedicou primeiramente a devida attenção. Aqui tenho presente a 1ª edição franceza da sua obra ; é de 1862.

No primeiro volume, á pag. 361, elle estuda a *mania das demandas (querelles)*.

Encontra sua origem num exaggerado ou deturpado sentimento de justiça. O demandista não comprehende o equilibrio das forças sociaes ; quer para elle só, por excesso de amor proprio, o que a sociedade tem o dever de repartir por todos os seus membros. Dahi resultam processos infundados, queixas, reclamações, tudo subordinado á uma idéa fixa, que acaba frequentemente arrastando o maniaco a actos de violencias. Em regra, se confunde, segundo Casper, a mania das demandas com o delirio da perseguição. Offerece o velho medico legista seis exemplos bem característicos, que recolheu na sua laboriosa vida de perito official.

Se acreditarmos na palavra autorizada de Krafft-Ebing, foram continuadores de Casper, nesse interessante estudo (que abordamos como simples amator), os alienistas Brosius, Snell e Liebmann. O proprio Krafft-Ebing estudou detidamente, como uma modalidade especial da *paranoia persecutoria*, essa loucura dos litigantes, (em lingua allemã *querulantenwahnsinn*. V. *Traité Clinique de Psychiatrie*) Para nós é indifferente a collocação dos phenomenos morbidos a que nos vamos referindo nesse ou naquelle grupo de molestias mentaes.

Basta ao nosso fim a constatação da sua existencia. Entretanto, para comprehensão do assumpto, não é máo aproveitar o que ensina o projecto dr. Teixeira Brandão, e que nos foi fornecido pelo seu discipulo dr. Alvaro Fernandes, na these « MORAL INSANITY ».

O litigante é, na opinião do alienista brasileiro, um *paranoico*. A paranoia é o delirio systematisado dos degenerados, que apparece de chofre, sem perturbação sentimental previa, sem allucinações ( que podem sobrevir accidentalmente, como creação do delirio), tudo evoluindo sobre uma idéa fixa, que constitue o nucleo do mesmo delirio. No litigante a idéa fixa é representada pelo despontar da injustiça ou da perseguição. O dr. Alvaro Fernandes encontrou nos demandistas loucos a convicção profunda do direito proprio ou alheio, isenta de egoismo. Demais, é sempre um facto real que abre a porta a essa forma de

loucura, diz o joven alienista ; quer se trate de um direito insignificante, que lhe foi supprimido, quer de alguma causa importante que perdeu, o doente é levado ao delirio por um facto do mundo real.

Entre as cinco observações brasileiras reunidas pelo dr. Fernandes, divulgamos uma da qual tambem haviamos tomado nota. Reconhecemos facilmente o *caso*, não só pela concordancia das iniciaes, nacionalidade e idade, como tambem pela descripção da vida progressa.

Nesse enfermo se patenteiam os caracteres do louco-demandista, de *typo affectivo ou generoso*.

De uma feita, ha oito ou nove annos, vimol-o distribuir, imaginariamente, por operarios em greve, o *producto* duma renhida demanda... que não tinha vencido. Já sahiu do Hospicio.

Ha diaz, veiu á nossa casa propôr, pela quinta ou sexta vez, uma questão intrincadíssima, que diz ter deixado em Campos, *ha mais de quinze annos*, tendo sido roubado por juizes, advogados e mais pessoas do Fôro. E' bem possível que date dessa epoca o irrompimento da loucura, o que confirma a observação do dr. Fernandes quanto á existencia dum facto real no inicio da interessante *paranoia*.

Outro caso brasileiro, ainda não conhecido nos hospitaes, é o de um creoulo, cocheiro de carro, veterano do Paraguay, ao qual, ainda ha poucos dias, se referia o *Correio da Manhã*, a proposito duma reclamação contra o juiz da 1ª Pretoria. Conhecemol-o e estudamol-o desde nossa entrada para a vida forense, o que quer dizer, ha dez annos.

Suppõe-se filho e herdeiro dum general, pessoa bem conhecida no segundo quartel do seculo passado, e que habitava uma das veigas casas da rua do Nuncio, entre a da Constituição e a do Visconde do Rio Branco.

Tirou certidões do testamento, dos impostos de muitos predios (*que nem todos pertenceram ao general*), accumulou um monte de papeis amarellecidos pela acção do tempo, e eil-o a perigrinar de escriptorio em escriptorio, propondo a causa e proclamando a rapinagem dos que lhe usurparam os direitos hereditarios. A convicção com que esse individuo sustenta seu papel de herdeiro espoliado e a apresentação de documentos que não se podem examinar de prompto tem conduzido advogados serios a acceitar a demanda, e tem tentado mais de um capitalista, desses que usurariamente exploram a compra de litigios. Todos desanimam, e, afinal, comprehendem a loucura quando, se veem a braços com as exigencias desmarcadas do pobre cocheiro, que enxerga uma propriedade do fallecido

general em cada grande palacete ou grande chacara do Cattete ou Botafogo...

O que distingue esse demandista ou *processivo* (como dizem os francezes) dos maniacos que commumente se encontram nos centros populosos, é a coordenação perfeita das ideas, o ajustamento da sua vida ás normas communs, a comprehensão mais ou menos perfeita do processo judiciario. Em tudo que não diz respeito á sua demanda, procede razoavelmente, seriamente, tendo cumprido suas obrigações profissionaes, até ha bem pouco tempo.

Ha outra especie de processivos ou demandistas de um «typo» mais perigoso.

Sómente desses parece ter tratado o dr. Culerre, no seu livro *FRONTIÈRES DE LA FOLIE*.

Elle os descreve como desprovidos de todo senso moral, insubmissos, pouco escrupulosos, capazes dos actos mais baixos, violentos e mentirosos. Constituem verdadeiras pestes sociaes. Esses, em geral, são dados mais especialmente aos processos criminaes e ás queixas contra funcionarios.

Comecam dizendo-se *perseguidos* e acabam sendo terriveis *perseguidores*.

Entre nós, ha, num suburbio, a realisação perfeita do typo descripto por Culerre e que nada fica a dever a um que elle examinou e cujos actos fazem objecto de substanciosa «observação». E' portuguez de origem, naturalizado brasileiro. Parece que, ha annos, exercia a profissão de curandeiro, o que se denuncia pelo appellido, *Herva-Santa*. Ha oito annos não cuida doutra cousa que não seja formar processos e excitar os vizinhos a formal-os. Com essa mania tem gasto o que, com difficuldade, juntou e o que vaee ganhando. Abandona a horta de que parcamente vive e vem, *todos os dias*, para a cidade, cuidar das causas proprias e das alheias; o que quer é ver alguem processado ou preso; isso lhe incute um prazer todo especial, manifestamente morbido. Em havendo crime para aquellas bandas onde mora o *Herva-Santa*, não é preciso perder tempo em indagações: elle tem parte na causa, sem ser directamente cumplice. E' o preparador indirecto ou o excitador. Depois, é a testemunha de accusação ou de defesa, ou o protector de uma das partes...

--- Em individuos dessa especie se nota, como ensina o dr. Augusto Forel, de Zurich, a «perversação pathologica progressiva» do senso moral. O caso que esse autor estudou é interessantissimo. Trata-se de um medico, desabusado charlatão, elevado, por artes de politicagem, a legislador municipal. Não ha um só acto da sua vida publica que não tenha acabado nos tribunaes e em fortes polemicas pela im-

prensa. Abandona os clientes para viver no meio de advogados, rabulas, juizes e escrivães, pleiteando suas causas infundadas. Condemnado a prisão e a multas, não cumpre as penas; revolta-se contra a sentença e ameaça seus executores. Internado em um asylo, é, afinal reconhecido como louco processivo. Sahe mais furioso do que nunca. Entra em periodo de agitação enorme, abala a opinião publica, atacando os peritos que o examinaram e propondo a demolição de todos os asylos de alienados, que appellida *novas Bastilhas*.

A despeito de toda uma serie de actos desarazoados e de escandalos doentios, o *processivo* consegue arrastar alguma sympathia para sua causa; sendo necessario virem os peritos a publico defender sua conducta perante o mundo scientifico (V. *CRIME ET ANOMALIES MENTALES CONSTITUTIONNELLES*, pelos drs. Augusto Forel e Aib. Mahaim, 1902).

\* \*

Como distinguir, no meio da affannosa labutação forense, os demandistas de espirito equilibrado e os que não o possuem?

O problema não é facil, dada uma simples conferencia ou uma consulta passagcira. Para nossa felicidade, porém, os loucos são falladores massantes e prolixos, e é, exactamente, ouvindo-os com paciencia, durante horas, que se lhes descobre a anormalidade.

EVARISTO DE MORAES.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### TORPEDO DIRIGIVEL

O importante papel que as torpedeiras estão representando na guerra russo-japoneza, onde se têm exhibido em terriveis experiencias os mais aperfeiçoados engenhos militares, attrahe a attenção dos profissionaes para os dous pólos do poder naval — a coiraca e o torpedo, ou a mina submarina.

A torpedeira é considerada um poderoso instrumento, mas exige extraordinario sacrificio de vidas; necessita expor-se ao fogo de artilharia para se aproximar do adversario, não podendo ter certeza dos resultados do ataque, ainda que elle se realice nas melhores condições de exito. Além disso uma torpedeira, na maioria dos casos, poderá conduzir e lançar, com vantagem, dois torpedos, dependendo de uma tripulação de vinte homens, no minimo, e custando cerca de 50 a 100.000 £.

Para obviar esses inconvenientes, foi suggerido o emprego de pequenas embarcações de grande força, tripoladas por dois homens, e custando 1.500 £. Um navio de extraordinaria marcha e ligeiramente protegido, con-

duziria vinte ou mais desses pequenos lançatorpedos, que deitaria ao mar no theatro da acção.

A solução mais pratica e mais perfeita desse problema parece obtida com o aparelho que o sr Lamarão exhibiu ha dias — o torpedo automatico — com marcha e direcção reguladas pelo lançador por meio de ondas hertzianas, imprimindo-lhe movimento ao leme, fazendo-o fluctuar ou immergir, explodir pelo choque, ou no momento desejado, ou voltar ao ponto de partida. Além desses movimentos, que lhe dão o aspecto de um organismo vivo, intelligente, o aparelho pode funcçãoar como simples correio entre navios de uma mesma esquadra, ou entre esta e a costa, sempre em condições de passar despercebido ao inimigo.

Nesse aparelho engenhoso, simples e barato, pois poderá ser fabricado pelo mesmo preço dos torpedos Whitehead, se concentram harmonicas e com admiravel exito as funcções da torpedeira, do submarino e do torpedo: foi o que deprehendeu um dos nossos collaboradores da visita feita ao laboratorio do sr. Lamarão, á rua Senador Vergueiro, 15.

Essa invenção foi subvencionada pelo governo, mas teve de ser interrompida por tramites *bureaucraticos*, cujas cansadas delongas ocasionaram a precipitação da verba votada pelo Congresso, no abysmo do exercicio findo — terror dos credores do Estado, empedernida vergonha da nossa organização financeira.

Para as experiencias definitivas, falta apenas o casco do torpedo dirigivel, na verdade coisa insignificante para tão grandes resultados.

### OS RAIOS BECQUEREL

O dr. Ludon publicou em S. Petersburgo, interessantes observações sobre a acção dos raios Becquerel sobre o systema nervoso e os olhos. Elle verificou que, collocando uma caixa com bromidrato de radium em uma gaióla de ratos, estes ficavam paralyticos, cahiam em coma e morriam em cinco dias.

Verificou tambem que individuos totalmente cegos, ou com fraquissima percepção da luz erão muito sensiveis áquelles raios, e podiam formar concepção visual do contorno dos objectos, cujas sombras erão exhibidas num escriptorio por meio dos raios.

### A FATA MORGANA,

A Fata Morgana, bello phenomeno atmosferico, cujo nome vem de uma fada das lendas medievas, e se reproduz no estreito de Messina, foi ha pouco estudado pelo dr. Boccara, do collegio Reggio, o qual vio as aparições sob as tres formas — aerea, marinha e multipla. No primeiro caso, edificios da costa italiana foram vistos projectados nas costas da Sicilia; no segundo — appareciam sobre Messina as arcadas do viaducto de uma estrada de ferro, extraordinariamente augmentados e brilhantes, abaixo da linha do mar; no multiplo, viram-se, simultaneamente aparições aereas e marinhas. Esse phenomeno de refração anormal é attribuida a variações da densidade atmospherica.



## O THEATRO

Só ha pelos palcos o que já se viu. No *Lyrice*, o Aldo vae mudando de cara, de bigode, de corpo e alma, emquanto no *S. José*, as *Pilulas de Hercules* vão envenenando a alma da gente. No *Recreio*, o *Avança* ferve, fumegando a panelada de maxixe, sem ter ainda empanzinado o publico, e não calou até agora o bico o dito do *Papagaio*, que tem bicado muita gente para o *Apollo*.

Novidades—em promessas. Uma dellas, o *Badalo*. E' uma nova revista do Raul e do Vicente Reis: Ainda não se disse uma palavra a respeito do quilate da peça; eu não sei, e bem pouca gente sabe ao certo, se a coisa é boa. E' provavel que seja. Raul tem graça, tem talento e bom gosto, e já mostrou no *Esfolado* que também tem geito em cahir no gôto do publico.

O *Badalo*, até hoje, não deu um só repique, não se lhe badalou, por ora, o merito, para que se saiba se elle vem como fancaria ou como obra litteraria.

Está ahi uma historia que se deve dizer logo, para não haver duvidas, nem desillusões. Expliquemo-nos: annunciam os jornaes a peça de um graúdo nas lettras, de um que creou fama e vive deitado já na cama. Quem corre ao theatro, espera coisa fina, da mesma maneira que ao entrarmos num *sebo*, esperamos encontrar somente livros velhos. Mas, a coisa fina se engrossa, se agrosseira, se aca-panga em attitudes réles, e era uma vez a *arte*. A arte e a respeitavel matrona sra. Decencia.

Resultado: como litteratura, a peça é má, como fancaria, é esplendida.

Mas, ningnem se atreve a dizer isso. E quando se faz uma ou outra referencia fóra da praxe do engrossamento, todo o mundo salta gritando que um publico como o nosso só merece fancaria. Não engulo essa pilula. Isso não é mais que um bello cacoête: todo o artista e incomprehendido.

O que não deixa de ser verdade é que o nosso povo, quando vae ao theatro, alegre, vae disposto a rir, seja por meio de pilheria canalha ou de pilheria limpa, seja por meio de babuseira ou de coisa boa.

Um individuo qualquer ahi quando o estomago dá horas, o que quer é comer. Come com sabor o feijão com carne secca, como um prato de *mayonnaise*. E dê-lhe a *mayonnaise* que elle sairá contarolando pela rua, dizendo por toda a parte que almoçou melhor que um reverendo.

O Raul tem bom senso e bom paladar. Só nos affirmará que o prato é bom se realmente elle fôr iguaria rara.

E' rapaz, tem sonhos, tem merito, e, por isso mesmo, não ha de querer arrumar entre a sua bagagem litteraria

essas revistas feitas a vapor, sem preocupação, sem esforço, tendo por escopo unico a *cavação* da vida. Para que estamos a fallar, se ainda não sabemos se o *Badalo* é na realidade uma obra, ou se é unicamente uma revista. O que sabemos é que depois d'elle, irá á scena o *Mambembe*, de Arthur Azevedo e José Piza. Já o aetor Mesquita tem dois actos dessa burleta, e começará a ensaiar-a depois de prompta a peça do Raul.

Outra promessa mais — a companhia de zarzuela para o *Coliseu*. Pelo que se diz, irá ter esse theatro a mesma affluencia que pelo tempo dos homens de *muque*. A companhia é grande, ha não sei quantas figuras e affirmam por ahi que os srs. Seguin esperam-na comancia e com certeza de successo.

Que sejam felizes! Que tenham também a feliz lembrança de dar uma folga ao realejo!

Por falar em folga, folgamos muito com o recebimento da *Passagem do Mar Vermelho*, que nos mandou o seu autor. O sr. Fonseca Moreira que nos perdôe aquellas amabilidadesinhas que lhe dissemos na nossa chronica primeira. Agora, estamos de perfeito acordo com o sr. Moreira. Estamos de acordo com o sr. Moreira, quando o sr. Moreira diz que a exhibição da sua peça « seria um verdadeiro acontecimento theatral se correspondesse a montagem e luxo. »

Concordamos delirantemente com o sr. Moreira, quando o sr. Moreira affirma que um dos seus quadros, se a peça não fosse mutilada, causaria « um delirio. »

Estamos ainda com o sr. Moreira quando o sr. Moreira prega que « sem progresso não ha vida nem movimento. » De perfeito acordo ainda quando diz que « sem movimento e instrucção o mundo não passaria de uma noite sem estrellas. » Mais de acordo ainda quando firma que « sem felicidade a existencia é um prolongamento de soffrimentos. »

Fazemos echo com o sr. Moreira, quando o sr. Moreira mettendo o páo no pessoal despeitado, grita que « os grandes sabios têm sempre ao seu dispor uma grande tradição: não ha como um dia depois do outro. »

Mas, o sr. Moreira ha de concordar também connosco. Ha de concordar nisto:

O sr. Moreira que não empate tempo: queira ter a bondade de sair do caminho e dar *passagem* aos outros.

Para terminar — uma nova. Octavio Rodrigues, um rapaz que ninguem conhece ainda na vida dos bastidores, leu, ha trez dias, a uma porção de amigos, um seu ensaio theatral. E' uma comedia, em um acto só. *Cadaveres* é o titulo. Não sei se o trabalho em scena produsirá effeito, mas o que é certo é que a rapasiada que assistiu á

leitura, *riu-se* abertamente da primeira á derradeira phrase. E' engraçadissima. E sobretudo leve: não ha uma pilheria canalha. O rapaz tem talento de sobra e geito especial para theatro.

JUSTUS JUNIUS

## O ALMIRANTE (3)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

## CAPITULO II

As casas aristocraticas das ruas do Lavradio e dos Invalidos, palacios da nobreza que se extinguiu sem deixar traços na historia, casarões de pedra e cal, construidos pelo risco desgraçoso e uniforme da pesada architectura colonial, vão perdendo o aspecto senhorial, transformados em pensões baratas, em beliquêtes immundos. Os vastos parques, plantados de laranjaes, de mangueiras em renques colossaes, de jaqueiras frondosas, cortados de alamedas de bambús e de palmeiras, perderam o primitivo aspecto pittoresco. Nos jardins abandonados floresceram hortas e capinsaes, ou foram retalhados em ruas de pequenas casas de cortiços, invadidos pela população pobre de operarios e funcionarios publicos, transbordando do centro da cidade, onde a renda dos predios subira a preços exorbitantes.

Os descendentes dos aventureiros, dos bandeirantes, caçadores de indios e de oiro, os filhos dos donatarios, não souberam conservar a herança paterna: esbanjaram bens, tradições e character, desfibraram-se numa raça molle, quasi sem vestigio do vigor e da bravura epica dos colonisadores, rudes, intrepidos descobridores de territorios, ao contacto do sangue do negro, que alastrou pelo nosso immenso littoral, cavando-lhe os portos, construindo-lhe cidades, fecundando-o com plantações de fumo, de algodão e canna de assucar; que penetrou os sertões inacessiveis e arrancou das entranhas da terra opima, prodigiosamente ubertosa, thesouros maravilhosos, milhões de arrôbas de oiro, alqueires de diamantes, de essencias, de tinturas preciosas, de especiarias, que iam, além mar, cevar o luxo da côrte, os caprichos eroticos de frascarios reis devotos, e subvencionar as magnificencias do delirio de grandeza da metropole. Essa raça maldita, arrancada a ferro e a fogo dos lares africanos, foi o mais proficuo factor da nossa civilisação. Industrias, artes, toda essa antiga opulencia decadente, foram producto do seu sangue, numa faina de alimaria, tangida pelo implacavel latego dos feitores.

A nobreza não podia dispensar o braço escravo. O negro era um manancial de trabalho gratuito, de dinheiro para alimentar o luxo obeso e pesado dos herdeiros da terra, dos descendentes dos agraciados com latifúndios, que pareciam inextinguíveis. Eram os negros bellos, cocheiros e lacaios, habéis operários e fidelíssimos feitores. As negras eram as mucamas, aias, creadas, pessoal de serviço doméstico de que não escapavam os amores anclares, a torpíssima servidão que, como castigo do nefando crime dos dominadores, os infeccionou; enfraqueceu-lhes as energias; esgarçou-lhes os laços essenciaes á perpetuação da família integra e homogénea, dissolvendo-a pela esterilidade das esposas e pela successão dos espúrios, até firmar a preponderancia do typo luso-indio-negroide.

Por isso e por muitas outras razões desenvolvidas pelo illustre advogado — conselheiro Souza e Mello, nas suas tiradas satyricas, saturadas de sociologia, rebuçadas em antropologia e outros envolveres eruditos:

— Desde o dia — sentenciava elle — em que o governo, obedecendo a veleidades sentimentaes, aboliu a escravatura, extinguiu a nobreza e privou o throno de um dos mais possantes esteios. A politica abolicionista procedera como o idiota que serrasse o galho pôdre sobre o qual estava escanchado: foi victima de um desastre irreparavel provocado pela propria ineptia.

Afastado da rua, uma das sombrias transversaes da praia de Botafogo, e meio escondido no arvoredó, o palacio da marquezia havia escapado á sorte de seus congenéres, arruinados, transformado em hotéis ou casa de comodos; conservava ainda os jardins aparados e limpos e a chacara que era um vasto pomar, rico de fructos saborosos pendentes de arvores que o marquez plantara nas horas vagas, com o recreio de seus ocios prolongados. No fundo, perto da montanha, havia um pequeno bosque de ipês e pau-brasil de apparencia selvatica, cobertos de orchideas, intrinçados de cipós, formando um recinto obscuro e perfumado, onde borbullava, em pranto incessante, uma fonte a cair em cascatas sobre rochedos artificiaes de cimento e ferro. Ao lado, encostado a um penhasco verdadeiro, erguia-se um pavilhão, ruina de templo grego, convidando ao repouso e á meditação: ao repouso, nos bancos de alvenaria, e á meditação, contemplando o painel de azulejos de faiança, reproduzindo, em correcto debuxo, o famoso momento do peccado original: Eva, de olhos vesgos de voluptua, offerecendo o fructo prohibido; Adão acceitando-o, desageitado de pudicia, e a serpente enrolada ao tronco da arvore da sciencia do bem e do

mal, lambendo os beiços com a lingua bipartida de contente pela victoriosa perfidia. Este sitio, sombrio e suggestivo na sua aspereza selvatica, era o Paraiso. E, para que mais se confirmasse a poetica denominação, estava erecto á entrada da estreita e tortuosa verêda, que conduzia á fonte, a estatua de um anjo brandindo, ferrivel, ameaçador, o gladio flammejante.

Era ahí, na penumbra desse cantinho perfumado que o marquez passava as séstas nos dias estivaes: elle, mediano e chaboqueiro typo de mameuco, de olhos vivos, espantados sob espessos supercilios, barba e cabellos brancos, labios roxos como grandes amóras, falando alto e com gestos arbatados e firmes de quem está acostumado a mandar; ella, franzina, esbelta, morena de jambo, a se requebrar em denguiques languidas de mulata, denunciada pelos coracões do cabello negro, pelo fulgor dos olhos, sempre lubrificadas por um filtro de voluptua, e o sorriso ironico, mal esboçado nos labios polpudos e vermelhos.

Filha de um afortunado fariscador de diamantes de Goyaz, Guilhermina saíra do convento aos vinte annos para despozar o coronel João Francisco dos Santos, um dos príncipes das feiras de Sorocaba, elevado de tropeiro a grande criador nos vastos campos devolutos, que foi abocanhando, sem cerimonia, nos invios sertões da terra paulista, das margens selvagens do Paraná-pinema aos campos de Guarapuava.

Além de oiro em barra, guayacas cheias da pedras preciosas, maços de apolices, de escripturas de propriedades e uma legião de escravos escolhidos, levou ella para o casal o que faltava absolutamente ao marido: graça e elegancia, dotes de temperamento, que haviam resistido á educação monastica, e uma intelligencia demasiado cultivada para o estreito campo de acção de uma senhora daquelle tempo. As freiras, para não perderem a discipula millionaria, que era um patrimonio para o pobre convento, lhe ensinaram sciencias e artes, que, mais tarde, lhe deram extraordinario realce aos encantos da pessoa e fizeram della um fóco de attracção, uma estrella de primeira grandeza nas sublimes regiões da aristocracia indigena.

João Francisco, agraciado por manobras politicas da esposa com o titulo de barão; eleito deputado e mais tarde, quando organisou um batalhão de znavos voluntarios e libertou algumas duzias de escravos velhos, destinados á guerra do Paraguay, elevado a marquez de Uberaba, seu torrão natal, não perdera as linhas desenvoltas de tropeiro ladino, afoito a discorrer sobre politica e industrias com as noções colhidas nas conversações intimas com a mulher, com o conselheiro Antonino e outros homens illustres que adeja-

vam em torno dos milhões e da influencia politica num formidavel eleito-rado.

Se a incompatibilidade do temperamento, a differença da idade não permitiam que se amassem como dois pombinhos, elles se estimavam sufficientemente para serem felizes: elle, subjugado, encantado; ella, attenuando o contraste da superioridade, se amolgava para quebrar-lhe os impetos; transigia opportunamente; submettia-se com doçura, com simulada obediencia, sem humilhação; torcia-lhe, brandamente, os caprichos, envolvendo-o nos tenues fios de seda de suas caricias inebriantes e governando-o, afinal, com indisputavel despotismo. Mas, como não ha felicidade completa, lhes recusára Deus próle abundante e vigorosa. Os filhos desse casal nasciam com difficuldade; viviam pouco: morriam de repente, sem molestia. Rachiticos, muito morenos, de uma côr morpida e arroxeadada de echymose, apenas dois lograram attingir aos doze annos: os outros não venceram as crises da primeira infancia. Foram ao todo seis, não contando dous móvitos, cujos pequeninos tumulos de marmore marcavam de tristeza uma escura alameda de jaqueiras.

Desilludida da esperança de ver medrarem os filhos, revoltada á idéa de parir moleques, phenomeno sinistro que os especialistas attribuiam a defeitos organicos ou a um pessimo crusamento, concomittante á notavel differença de idade, á dissoluta juventude do marido, á educação della no convento, volatilisada a alma em mysticismo e o corpo privado da expansão normal; desenganada da ineffavel delicia da maternidade, que deve ser o fóco das aspirações das mulheres superiores, a marquezia concentrou todos os seus affectos em Oscar, rapaz robusto de corpo e alma, que encontrára em casa trazido pelo marquez, de uma das frequentes excursões ás fazendas de S. Paulo e Minas Geraes, um orphão que lhe fôra confiado pelo pae, velho amigo moribundo. Contemplando as travessuras do rapaz no parque, onde passava os dias a trepar nas arvores, colhendo as rosas das mangas, os abacates, abios e sapotis nos mais altos galhos, a lidar com os cavallos de sangue, montando-os com agilidade impavida, a manejar com bravura, á porfia com os pretos, os instrumentos aratorios, desobediente aos protestos do Manuel Gião, que era o mordomo na capital e o administrador na roça, a formosa e meiga Guilhermina immergia em funda melancolia, lembrando, saudosa, os filhos condemnados, como se fôra maldito o seu ventre, victima de mysteriosa vindicta da raça opprimida, cujo sangue feroz lhe corria nas

veias, infeccionando-lhe as entranhas.

Surgindo desse extasi de mãe incon-solavel, conchegava ao regaço o rapaz, a palpitar de vida exuberante, a despedir scintillas de intelligencia dos olhos azues e doces: beijava-o, amimava-o com excesso de ternura, como se elle representasse a prole extincta, o ideal inatingido.

O Marquez, para ser agradavel á esposa, fingia ignorar ou fazia vista grossa ás estroinices de Oscar, que davam áquella casa triste a nota de rumorosa alegria; mas, no fim de contas, era tutor, e seii indesculpavel desidia deixal-o crescer em plena liberdade devastando-lhe o pomar, especialmente os abacates manteiga, indispensaveis em todas as refeições do nobre senhor, tanto se lhe encastóara na cabeça a confiança nas miraculosas propriedades, attribuidas pelo vulgo á gostosa laurácea. Além disso, o Gião, que exercia grande influencia no animo do ex-tropeiro de Sorocaba, implicára com o rapaz pelas contínuas faltas de respeito, como elemento de desordem, de anarchia, virando a cabeça do pessoal do serviço, pregando doutrinas subversivas e affirmando, com escandalo, que negros eram creaturas de carne e osso: tinham alma como os brancos e eram todos filhos de Deus. De uma feita, tendo de castigar um molecóte, predilecto companheiro de Oscar, este se oppôz com estranha energia, armou-se de um cacete e intimou o feitor a abandonar o relho e a victima, chamando-lhe—galego ordinario— e outros feios epithetos. Por essase outras, inclusive a clemencia da senhora marquez, a administração andava á matrôca, fóra dos eixos, a indisciplina alastrando entre o pessoal com funestos effeitos.

(Continúa.)

## UM POUCO DE SEMANTICA

Os casos de mudança ou transferencia dos sentidos dos vocabulos são sempre casos interessantes. Os tradadistas de *semantica*, que outros chamam *semiologia*, *sematologia*, ou *semiotica*, sciencia complexa, difficil e por organizar, pois os philologos mais alumiados que della se têm occupado, como Darmesteter, na sua *Vie des mots*, e Michel Bréal, numa obra mais recente, (*Essai de sémantique*) e, entre nós, Pacheco Junior, num livro posthumo vindo a lume o anno passado, não conseguiram ainda reduzir a systema os factos dispersos e as notas sôltas, que têm accumulado a respeito das mudanças que a significação da palavra soffre através do tempo e do espaço,—os tradadistas de *semantica*, digo eu, assignalam como um dos principios actuaes na evolução dos

sentidos a transferencia de accepção quando o objectivo passa para subjectivo, o activo para o passivo, e vice-versa. A significação da palavra tem, por assim dizer, uma dupla face, um duplo aspecto, e, segundo o contexto, designa uma cousa ou a sua contraparte: *hospede*, por exemplo.

Francisco Manuel do Nascimento ou Filinto Elysio nota mais de uma vez na sua traducção das *Fabulas de La Fontaine* que, em latim e em portuguez, *hospede* se diz egualmente do que hospêda, e do que é hospedado.

No livro divino do harmonioso e suave frei Luiz de Souza, o mais perfeito prosador da lingua no conceito de Garrett, encontra-se um exemplo da palavra *hospede* na primeira accepção, isto é, o que dá pousada ou agasalho.

Andava o santo arcebispo bracharense com sua comitiva em visitação pelas serranias de Barroso, quando, ao passar de uma igreja a outra, a meio caminho se cerrou a noite em um despovoado e paragem tal, que com grande trabalho pôde chegar a um casebre onde morava uma velha pobrissima, a quem pediu gasalhado. Para a ceia não havia mais que uma panellinha de caldo que, sem outra mixtura nem mais adubos que umas folhinhas de couve, estava a ferver sobre dois tições.

O veneravel d. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo primaz, comeu as folhas, bebeu o caldo, asseverando que nunca jámais provara coisa que lhe tão bem soubesse. Oiçamos ao fraçe dominicano, na limpidez crystalina de seu estylo: «Fazia-se tarde, a provisão não vinha, que sobreveio chuva e vento, além de ser o caminho por si agro e detençoso. Estavam todos sentidos e agastados, e mais que todos o que trazia a cargo o governo da Familia, que não sabia parte de si de desconsolado, pelo que via padecer ao Arcebispo, e a toda a companhia. Entendeu o Arcebispo o desgosto, que já nenhum o dissimulava. E como elle tinha feito tanto habito de mortificação que em semelhante occasião parecia insensivel, quando mais affligidos estavam, perguntou com muita graça á velha *hospeda*, que era o que tinha ao fogo, e se partiria com elle da sua ceia.»

Não precisa exemplificada a palavra na outra significação, que é hoje em dia a mais commum. Camillo Castello Branco, talvez por evitar o equivoco de palavras bifrontes, emprega *hospedeiro* para indicar o que dá hospedagem, e *hospede* para designar o que a recebe. Vejamos:

«As velhas, acariciando a menina, renunciaram nella todo o direito de *hospedeiras*, declarando-se *hospedas* em casa de sua prima Lucia Peixoto.» (*A doida do Candal*, cap. VI, pag. 58.)

«A festa entrou o portão, sem descompor a fóma que trazia, porque é de praxe inalteravel que os cumprimentos de parte a parte, entre *hospedes* e *hospedeiros*, se troquem em prosa, depois que os cantores teem dito em verso ao que vêm.» (*Quatro horas innocentes*, pag. 31.)

«O hospedeiro, que desvelado como antigo amigo, agasalhára o commerciante, era um lavrador de grandes bens...» (*As tres irmans*, primeira parte, cap. II, pag. 12.)

«Em seguida, Balthazar levantou-se, poz as mãos, orou e pediu aos *hospedeiros* estarrecidos que o deixassem passar pelo somno. Quem não dormiu, foram os vendedores da leira. Ao repontar da manhã, ergueu-se o *hospede* de sobre a taboa do escabello...» (*O santo da montanha*, cap. 34, pag. 291).

Do mesmo fenomeno semantico—emprêgo simultaneo da mesma palavra activa ou passivamente, como sujeito ou como objecto, ainda ha varios exemplos. *Alugar*, conforme a phrase, significa *dar* ou *tomar* d'aluguer; *esmolar* que alternativamente se usa na accepção de *dar esmola* e na de *pedir esmola*. Querem alguns muito rigoristas que a significação exacta de *esmolar* seja unicamente a primeira. Entretanto, ninguem poderá negar que a outra accepção está hoje generalizada. O sr. dr. Heraclito Graça, num de seus artigos magistraes impressos no *Correio da Manhã* e agora, por fortuna dos estudiosos da lingua, reunidos em volume constituindo um thesoiro vasto, immenso, abundantissimo, mostrou que os bons escriptores empregam o verbo *esmolar* assim no sentido de *dar esmolos*, como, fazendo-se echo da linguagem commum, no de *pedir esmolos*, podendo em ambas as accepções usar-se transitiva ou intransitivamente.

Aos exemplos apontados pelo preclaro Mestre, juntaremos os seguintes:

«Não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe *esmole* uma mealha; ...» (A. Herculano — *Lendas e Narrativas*, tom. 1º, A aboboda, IV, pag. 273.)

«Tamanho odio exulcerava-se na invulnerabilidade dos creditos de frei Joaquim, um santo que nada tinha de seu, que mendigava aos ricos para dar aos pobres; que *esmolava* os doze vintens que recebia nos enterros e nas missas, e deteriorava as rendas da irmã — que o agasalhara expulso do seu convento — induzindo-a a demasias de caridade superiores ás suas posses.» (Camillo — *Volcões de lama*, p. 191.) Neste trecho do grande romancista e no do egregio historiador, acha-se o verbo *esmolar* na significação de *dar esmolos* e usado como transi-

tivo. Vejamol-o na mesma accepção, mas como intransitivo.

No monologo da actriz Emilia das Neves, inserto no *Outono*, collecção de poesias, escreveu Castilho, o pontifice da prosa e do verso :

« Vós sois os que *esm.o'aes*, eu sou a que mendigo ».

Outro exemplo, e é de Camillo no cap. X, pag. 84 d' *A sereia* : « A esperança enflorava-lh'as de novo, desde que um pobre, a quem ella, desde menina, *esmolava*, lhe prometteu ir a S. João de Rey levar uma carta, com todo o recato. »

Exemplo de palavra usada activa e passivamente, temol-o em muitos participios, que se podem empregar num e noutro significado: homem *lido*, *corrido*, *viajado*, isto é *que leu*, *que correu*, *que viajou*.

Filinto, na fab. 47 do Liv. 1º, escreveu :

« Ambos com sêde encontram poço, baixam,  
E bebem á vontade, e bem bebidos,  
Diz o Raposo ao Boê:.... »

*Bem bebidos, bem comidos* exprimem sob a fórma passiva os que regam largamente as entranhas e os que comem á tripa forra.

Infinitos tambem ha de verbos transitivos que accumulam a funcção das duas vozes. Julio Ribeiro enumerou os casos em que isto ocorre, e á grammatica do saudoso e douto filologo temos a honra de remetter o leitor. São casos de passividade latente ou semeiotica, passividade apenas expressa pelo sentido: exteriormente não possui o verbo signal algum de passividade: *verdade dura de dizer, é facil de supôr, é facil de adivinhar, coisa difficil de crêr* etc. A palavra que representa o agente desse infinito pôde ser posta em relação adverbial por meio da preposição *por*. O rei mandou *fazer* esta obra *pela policia*; mandei *comprar* o livro *pelo criado*.

« Vae por sete annos que tivemos uma grande impressão, ouvindo pela primeira vez, *decifrar*, com a transparencia meridiana da sua palavra, *pelo dr. Francisco de Castro*, o mysterio da frequencia dos accessos perniciosos entre nós. » (Ruy Barbosa — *A oração do paranympho*, editorial d' *A Imprensa*, de 7 de fevereiro de 1899.)

« Logo que o auctor ou inventor fizesse *reconhecer pelo governo* do proprio paiz o direito exclusivo de reproducção ou a propriedade legal do seu livro ou invento... » (Herc. — *Opusculos*, tomo II, pag. 149.)

« Recebeu a senhora de Simões a quantia, e lavrou com sereno pulso a quitação, depois de mandar *contar pelo feitor* o capital e juro vencido. » (Camillo — *O demonio do ouro*, vol. II, cap. IV, pag. 59.)

Eis ahi verbos de fórma activa com sentido passivo. Inversamente, ha verbos de fórma passiva com significação

activa, como em latim os chamados verbos depoentes: *imitor*, eu imito, *morior*, eu morro, *polliceor*, eu prometto, etc.

« Ao despontar do sol, estava aquelle sepulcro ainda orvalhado de algumas lagrimas, e o guerreiro simulacro de pedra coroado na cabeça e nas armas de louros frescos e viçosos: os cavalleiros *eram partidos* caminho de Zamora. » (A. F. de Castilho — *Quadros historicos*, pag. 42.)

« Passaram dois annos, e *somos chegados* ao de 1840. » (Camillo — *Os brilhantes do brasileiro*, cap. XIV, pag. 103.)

\* \* \*

Sejam as ultimas palavras deste escripto um vivo agradecimento ao illustre e estimado romancista de *Luzia Homem* e director dos *Annaes*, pelo convite que magnanimamente me fez, para collaborar na sua apreciada revista.

Acceitei, cordialmente penhorado, o benevolo convite, e hoje installo aqui uma secção daquillo a que sr. Walfrido Ribeiro, secretario deste hebdomadario, chamou com uma pontinha de malignidade o meu « sanatorio ». Não me dou por meiindrado com a qualificação. Não é desdoiro uma officina de limpeza e desinfecção litteraria. E' antes uma grande honra porque é um grande serviço que se presta. Um dos doze trabalhos de Hercules foi a lavagem que fez o heróe no estábulo de Augias.

MARIO BARRETO

## DIVINA COMEDIA

CANTO XV

DO

PURGATORIO

—

(DANTE ALIGHIERI)

(INÉDITO)

*Caminho, que conduz ao terceiro circulo, onde se expia o peccado da ira. Practica de Dante e Virgilio. Exemplos de mansidão á entrada do circulo apresentados a Dante em visão. Espesso fumo, que tolhe a vista dos objectos.*

1. Quanto caminho faz da tertia hora,  
No giro seu, a luminosa esphera,  
— Sempre a mover-se — qual criança — á  
aurora,
2. Tanto, para acabar o curso, espera  
O sol, e para dar á tarde a entrada:  
Lá vespervas, aqui meia-noite era.
3. De luz me estava a face então banhada,  
Porque, em torno á montanha proseguindo,  
Do occaso em direcção ia a jornada,
4. Quando, mais vivo resplendor fulgindo,  
Offuscado fiquei mais do que de antes:  
Desse portento a acção pasmei sentindo.
5. Acima dos meus olhos, por instantes,  
As mãos alcei, — sombreiro que antepara  
O mór excesso aos raios deslumbrantes.

6. Assim como de espelho ou lympha clara  
Resalta a luz de encontro á opposta parte,  
Subindo logo após, como baixara,

7. Da linha vertical não se disparte  
Uma distancia igual sempre mantendo  
Como nos mostra experiencia e arte:

8. Em frente a luz, assim, se refrangendo,  
Tão penetrante a vista me feria,  
Que a dirigi a um lado, olhos volvendo.

9. « Qual é ao Mestre amado então dizia —  
« Aquelle objecto que me offusca tanto  
E ao nosso encontro, ao parecer se envia? » —

10. « Que inda te offusque não te mova espanto  
A celeste familia » — me ha tornado —:  
« Fallar-te vem um mensageiro sancto.

11. « A veres com delicia aparelhado  
Serás em breve o lume refulgente,  
Quanto ser pôde ao ente humano dado.

12. Acercados ao anjo, alegremente  
Nos disse; — « Aqui passai, menos penosa  
Subida nesta escada está patente.

13. Andando, atraz cantar em voz donosa  
*Beati misericordes* nós ouvimos  
E — Exulta na victoria gloriosa —

14. Para cima, portanto, nos subimos;  
E eu das vozes do Vate cogitava  
Colher proveito, em quanto sós nos imos.

15. E, me voltando, assim lhe perguntava:  
— « O que Guido del Duca nos dizia,  
Quando em bens não partiveis nos fallava? » —

16. « Do seu vicio peor » — tornou — « sabia  
Os damnos; não se extranhe, se o accusando,  
Do mal, que fazer possa, prevenia;

17. « Porque do mundo os bens vós desejando,  
A que partilha todo o apreço tira,  
Ande a inveja, suspiros provocando.

18. « Mas, se a esphera immortal vossa alma  
aspira,  
Levantando-se o anhelo áquella altura,  
Esse temor no peito vos expira.

19. « Tanto mais lá cad'um goza ventura,  
Quanto por muitos ella mais se estende,  
Quanto mais caridade lá se apura. » —

20. « O entendimento — eu digo — « ora  
comprende  
Menos do que antes de eu te haver fallado;  
A' mente ora mór duvida descende.

21. « Como um bem, que é de muitos partilhado,  
A cada possessor dá mais riqueza  
Do que se a poucos fôra apropriado? » —

22. — « Teu spirito » — replica — « na rudeza  
Das cousas terreaes stando immersido,  
Vê trevas onde a luz tem mais clareza.

23. « Esse ineffavel bem, no céu fruido,  
Infindo, para o amor correndo, desce,  
Qual raio a corpo lucido e pulido.

24. « Se ardor acha mais vivo, mais se  
off'rece;  
Quanto mais caridade está fulgindo,  
Virtude eterna mais sobre elle cresce.

25. « Quanto mais vai a multidão subindo  
Mais amar podem, mais a amor se applicam'  
Bem como espelho um no outro reflectindo'

26. Se persistindo as duvidas te ficam,  
Hasde ver Beatriz: da sabia mente  
Razões escutarás, que tudo explicam.

27. « Para apagares, pois, sé diligente  
As chagas cinco, que inda em ti stou vendo:  
Hade cerral-as contricção pungente. » —

28. Quando eu ia dizer — Mestre comprehendo —  
No circulo eis penetro immediato:  
Calei-me a vista allucinada tendo.

29. Julgava então, de uma visão no rapto,  
Estatico que em templo se mostrava  
Multidão grande, de oração no acto.

30. Com piedoso semblante á entrada estava  
Meiga matrona. — « Ó filho meu querido,  
Porque assim procedeste? — interrogava.

31. « Eu e teu pae, com animo dorido  
Te buscamos. » — E como se calara,  
Logo a visão fugiu-me do sentido.

32. Depois de outra no rosto se depara  
Pranto acerbo, que magoas annuncia  
De quem de ira no incendio se inflammara.

33. « Se mandas na cidade » — assim dizia —  
« Por cujo nome os Deuses contenderam  
E onde a luz da sciencia se irradia,

34. « Pune os braços, que, impios, se atreve-  
rem  
Pisistrato, a estreitar a filha tua ! » —  
Elle a quem vozes taes não commoveram,

35. Tranquillo respondia a esposa sua :  
« O que faremos a quem mal nos queira,  
Se ira ao amor corresponder tão crua ? »

36. Vi depois multidão que a raiva aceira :  
A pedradas manço assassina,  
Bradando — morra ! morra ! cárniceira.

37. A dolorida fronte debruçava,  
Já mal ferido, o martyr para a terra :  
Postos ao céo os olhos seus tornava,

38. Pedindo a Deus, naquella horrivel guerra,  
Que aos seus perseguidores perdoasse :  
Riso piedoso os olhos lhe descerra.

39. Quando em minha alma o extase desfaz-se,  
Conheci que no sonho apparecia,  
Não da feição mas da verdade a face.

40. Virgilio, a quem talvez eu parccia  
Homem, que o somno deixa de repente,  
— « Porque estás vacillante? — me inqueria.

41. Tens meia legua andado certamente  
Com titubante pé, de olhos cahidos,  
Como quem dêsse ao vinho ou somno a  
mente. » —

42. — « Vou expôr, meu bom Mestre, aos teus  
ouvidos » —  
Tornei — « quanto os meus olhos contem-  
plaram  
Quando os joelhos tinha enfraquecidos. » —

43. — « Se masc'ras cento a face te occul-  
taram, » —  
Disse Virgilio — « occultos não seriam  
Pensamentos, que, ha pouco, te enlevaram.

44. As imagens, que has visto, te induziam  
Aguas da paz a receber no peito,  
Que as fontes perennas dos céos enviam.

45. Não perguntara, como quem de feito  
Sómente vê por olhos, obcecados  
Quando o corpo da morte jaz no leito :

46. « Mas por serem teus pés mais apressados  
Excitar assim cumpre os preguiçosos,  
Que se esquivam á acção, stando acor-  
dados. » —

47. Nas horas vespertinas pressurosos  
Andavamos, os olhos alongando,  
Do sol cadente aos raios luminosos,

48. Eis, pouco a pouco, um fumo, se elevando,  
Se condensa ante nós, qual noite, escuro,  
Abrigo alli de todo nos faltando.  
A vista nos tolheu, tolhendo o ar puro.

## A FESTA DO PARQUE

Havia muito que a imprensa vinha,  
de roda do festival que se realizou em  
o dia 12 do corrente, no Parque Fluminense, proclamando o exotismo artista, a requintada esthesia, daquellas que, com a galanteria gentil, a graça captivante, a propendencia natural do sexo, emfim,—acolheriam, como grata esmola, os obulos da caridade patricia, em beneficio da associação fundada, nesta Capital, sob os auspícios de « Nossa Senhora Auxiliadora ».

A extranheza dos annuncios levou-me á casa de diversões do Largo do Machado, onde, num compungimento beato, pude, como os demais, gosar da cariciosa dulcidão que resumbrava da maior, senão totalidade dos quadros, em que fulgia o esplendor feminino.

Quer a mim, porém, parecer, que meios outros havia, que não o daquella ridicula palhaçada, para a sympathica associação conseguir os humanitarios fins a que, em bôa hora, se propuzera.

Rarissima é a festa de tal ordem em que se não observe, por parte do feminismo indigena, e sob o pretexto de caridade que se apregôa, (consequentemente não sincera), o prurido futil de apparecer na elegancia das toilettes de luxo, afôfadas em maciezas setinosas, quando, com a quinta, ou a decima parte, talvez, do seu custo, poderiam, no entanto, essas mesmas senhoras, cobrir a nudez de muito corpo frio, tiritante, que o negror da miseria houvesse lançado ao desamparo...

Ao demais, precisamos convir, que só o facto da escolha de um theatrico, em que se repurgam indecencias de *cabarets*, para que, nelle, se procurasse realizar a mais encantadora das virtudes christãs, sob os olhos de uma multidão que o resgate da senha introduzira em promiscuidade duvidosa,— precisamos convir, dizia, que tal idéa, já de si intoleravel, revelou ainda---o que mais é---a perversão do gôsto.

Nos grandes centros europeus, as familias costumam organizar, em prol dos necessitados, *creches*, a que concorrem, de par com a selecção educada, a natureza do logar e a simplicidade do trajó.

E tudo isso por quê ?

Unica e exclusivamente pelo simples motivo de taes beneficios representarem a somma de elementos provindos do aconchego, da intimidade das bôas relações. Uma das muitas cousas que são escrupulosamente observadas, é, como disse, a escolha do local.

Ha salas, salões, theatros particulares, etc., segundo a maior ou menor affluencia dos concurrentes.

Confundir, no espirito do povo, o alardeamento insensato dos vestidos de crepe e gase, com a doçura do abrigo protector, a affeição desinteressada

e pura que aplaca a dor dos pobres, com a caridade, emfim, é corrompel-o, é trahil-o: é acirral-o, de arrancada, a todas as desordens que o egoismo incita; é juntar, aos seus soffrimentos, o tormento de uma inveja estúpida.

Do mesmo modo que uma religião sem pudor, sem humanidade, suppõe uma nação sem costumes, não menos assim o pavoneio jactancioso, com que se procura albardar a Fé, dá mostra de falsa misericordia.

Não basta o parecer virtuoso, mas sê-o.

Não me consta que, como aqui, e em presença de meio mundo, a expansão caridosa tambem lá se reflecta na jogralidade alvar de um typo, desengonçando-se numa dansa ethiópica..

Seja tudo por amor de Deus !

Onde está, pois, a Caridade?--- perguntarão.

E Paula, a sancta irmã---a Caridade, feita mulher --- surge-nos, e itão, de rosto, com a ternura de coração humilimo, com a celeste bondade da alma piedosa, da alma que a eleva ad misericordioso seio de Deus--- e nos supplica, com as mãos ambas, sem falar: e, como o soffrimento a espera, eil-a, já longe, levando nos olhos bons, a candura da lagryma, que é o « Deus lhe pague » da Esmola...

\* \* \*

O que, porém, mais me causou tristura e pesar, foi essa quasi renúncia da pudicicia, que cõra á mais branda indiscreção d'olhar, ao desembaraço rasgado que mais parece licença.

Sim, porquê, para certas *poses*, (refiro-me aos quadros), mister se tornavam taes ou quaes movimentos de abandono lascivo, de morbidez unctuosa, sem o que lhes prejudicariam, inteiramente, a beileza de perspectiva e conjuncto, e a que o natural recato das nossas senhoritas não devêra nunca pôr hombros de suporte, antes, para sempre, metter-lhes entrave.

O irrespeito publico, pelo menos, exige-o.

Pergunto: Para que, pois, vos haveis de sujeitar á impertinencia dos que, como eu, não podem ou não sabem comprehender taes excessos de *coragem*, ou que melhor nome mereça, num sexo por sua natureza tímido, como o vosso ?

Para que ?

Que dirão do vosso festival. Arthur Azevedo, o implacavel demolidor das alegrias de Momo, e Severiano de Rezende, o abutre dos gallinaceos d'arte, o espantalho das pipilações lyricas ? Que dirão elles ?

Lembrai-vos, cariocas meigas, que Sallusto, o velho Sallusto, descrevendo Sempronia, uma das mais formosas, encantadoras deidades do seu seculo, a censurou, sobretudo, por possuir aquillo que, hoje, desejais com tanto ardor e immerecido afan.

Ella cantava e dansava, dizia elle, com muito mais desenvoltura do que a que não conviria a uma mulher honesta; possuia larga mèsse de talentos de tal genero e que eram verdadeiros instrumentos de corrupção.

*Psallere, saltare elegantius quàm necesse est probè: multa alia, quæ instrumenta luxuriæ.»*

\* \* \*

Fallemos agora do Demosthenes da « Villa Petiote ».

O sr. Affonso Celso, com quem aliás sympathiso, é, na arte oratoria, o que conseguiu ser na arte do verso: frio, desenhado, banal e corriqueiro.

Não possúe, na phrase dos antigos, a alma triplíce do verdadeiro orador: « *robur et æs triplex: tres torti radios.* »

Pouco imaginoso, cheio de logares communs, s. ex. arrastou-se, penosamente, em considerações d'ordem politica, a que nunca pôde furtar-se, temperando, com um sorriso brincalhão á flor dos labios, a frouxidão das idéas, que se abordoava á inconsistencia da fórma.

*Herediou-se* a miude, tal quando, em alambazado lyrismo, se lembra, em má hora, de impingir-nos versos.

Não sei mesmo porque, em se tratando do sr. de Celso (s. ex. viajou pela Europa) a lambareira critica se derrêa em mesuras de admiração assaz respeitosa, quando, no entamto, muitos outros de incontestavel merecimento artistico, são, por ella, acolhidos com indifferença e descaso.

Não comprehendendo e nem procurarei sabel-o.

O « dr. Moutinho », a *hilarante* comedia da lavra monarchica de s. ex, não se apresenta ao publico, assim penso eu, como valorosa obra d'arte, dessas que fazem júz, em praça ajardinada ou mesmo sem jardim, á sagração de um bronze.

Não. A gente ri com uma pouca de boa vontade, e suspira, ao fim, com grande gaudio dos órgãos respiratorios...

S. ex., de ha muito, emfim se atemperou ao rancismo dessa arte balôfa, enfermiza, sem idéal, que se amodorra entre os periodos do pieguismo sentimental da « *Minha filha* » e a graciosidade *gauche* das « *Trovas de Hespanha* »...

C. C.

## A LIVRARIA

ESTUDOS DE LITTERATURA BRAZILEIRA---  
QUARTA SÉRIE---JOSÉ VERISSIMO---  
H. GARNIER---EDITOR.

O nome de José Verissimo é um signal de sentido á malignidade. Toda a baixa raiva idiota, que delira na lingua e na penna dos perversos, espuma, lampeja, alastra, num phrenesi

de cólicas, contra a eminencia desse espirito, tão raramente sério, num homem tão singularmente digno.

A farofia, por outro lado, dos « artistas » ginga em cambiantes de escarneo, puxando das suas voluptuosidades, dos seus mordentes idéas de « arte », o carrilhão fanhoso d'algumas injurias, d'algumas pilherias, d'algumas quisilias, que, afinal, não estremeçam, não descontam o nosso critico. Esfusiam, desobrigam gargalhadas, aligeiram indigestões de *blague* e, de resto, veem a verificar o tempo perdido dos « artistas ».

Nesse ponto de vista, que assumem, furiosamente, quasi todos os « novos », e a que eu, com santo horror da classificação, quasi com repugnancia alludo, haveria muito mais que dizer de Sylvio Roméro—o demolidor ou o glorificador, que derruba ou consagra segundo o seu *foguête* de espirito que, no momento, ou leva á Lua o Cruz e Souza, ou afunda na chalaça Eça de Queiroz. Em geral, o nosso historiador litterario não tem meias palavras, não usa meias solas. Ferozmente desillude, escavaca os *aspirantes*, e mesmo os mestres; ou ás carreiras, sem paradas, sem restricções, sem excruciancias de raciocinio, festeja, glorifica, exalta, inappellavelmente, as obras a que elle escorre o seu fulgurante olhar---o seu formilhante olhar de bom que elle é, emfim, para não ver os defeitos até inherentes de todo o trabalho humano. José Verissimo, ao contrario. E' sobrio, commedido, bastante, um abominador ingenito do nosso excesso meridional amantetico, commovente. Verissimo é um resfriado á exuberancia que, entre nós, não leva ao estudo, mas empurra o elogio até ao languido enternecimento da *victima*, ou arma as iras até ás impagaveis allucinações do despeito. Nesse mental, que eu leio e ouço, sentidamente, com carinho, com delicadeza, com a *sympathia* que Carlyle ensina, a vacillação das suas sentenças, onde as agulhantes formigui-nhas da restricção pullulam, é, positivamente, uma denuncia de criterio, que não espirra intolerancia, que accetaria, em ultima analyse, melhor juizo, ou alheio, ou proprio.

E absolutamente sincero, sinceramente elle diz a sua critica.

Si a enuncia, tambem não a discute --- o que, aliás, revela o seu sentimento de dar, apenas, opiniões pessoais, muito suas, coisa que não é da conta de ninguem, e que ninguem, segundo elle pensa, é obrigado, ou convidado a accetar. Além disso, que é o lado mais amavel deste capitulo, os desacertos do critico talvez não tenham desacertos, mediante um espirito que não seja, pelo menos, o do auctor infeliz.

O sr. Verissimo, sabendo-se mortal e, portanto, capaz de errar, não é um

obstinado. Quando erra, ningnem se lhe adeanta em emendar a mão. De sorte que essa virtude --- integrando no espirital essa fascinante qualidade de homem de bem--- seria a sua immunisação contra a ma'vadaz, a injúria, si os esventradores dessas tolices não se assanhassem tão divertidamente.

O factio incontestavel é que o critico, quando desagrada, ha de arrastar, durante todo o seu restinho de vida, um lameiro, manhosamente alastrado, em que, por vezes, tem de escorregar, aclamado, em meio da foguetaria, de *imbecil*, de *tapado*, etc, etc. Nesse volume, que estou a noticiar, ha uma serie de estudos que acirraram, incoercivelmente, todo esse pessoal.

Sobretudo o que, com uma penetração, um conceito, uma razão escintillante, pôz Machado de Assis *à parte* na poesia nacional. De certo, não lêram essas paginas do sr. Verissimo. Ainda pensam, (porque não iêram, como sempre) que mestre Machado subiu ao Parnáso como *primeiro poeta nacional*, eleito pelo sr. Verissimo.

Nada disso, porém, é verdadeiro. Machado é um poeta *à parte* porque tem uma lingua, uma technica, uma philosophia, um certo pudor de idéas, que os outros --- os grandes --- sendo melhores, não trem.

E' só por isso. E não será isso real?

Onde anda o poeta brasileiro que tem na sua lingua, os cristaes, a limpidez, da lingua, do poeta da *Môscã Azul*? E o seu encanto de sobriedade surprehendente, a sua delicadeza idéal de expressão, aquella timidez singular que dirige a sua philosophia, arredando-o da violencia, do estrépito, do barulho?! O sr. Verissimo convenceu-me.

Só não me convence é do que elle préga sobre os meritos, os grandes meritos do sr. Joaquim Nabuco. um milagre de homem que é politico, escriptor, critico, orador parlamentar, tudo isso melhor que o resto da nossa gente do mesmo officio. Eu quero ser o primeiro a gritar forte orgulho de ser brasileiro com o sr. Joaquim Nabuco. Mas, não chegarei ao destempêro de achar, por exemplo, que « um livro do sr. Joaquim Nabuco, mesmo uma simples collecção de artigos já publicados, seja sempre um *regalo*, porque como escriptor o sr. Nabuco é sempre interessante. » E logo depois, num entusiasmo (improprio á madureza do sr. Verissimo) para com a *fórma* do patricio orador, desvéle um pedaço de um seu manifesto de fé monarchica, (cada vez, como sabem, mais tremenda) em que o sr. Nabuco diz, quando muito, idéas bonitas e ferventes que o extraordinario Ruy já vinha tocando no seu glorioso realejo, num estylo que, não sendo o de un. artista, (porque elle não o é) é, todavia, mais bello, mais energico, mais vibrante.

E como factio, vale a pena dizer

que, no trecho transcripto, Nabuco nega a acção do partido republicano a favor da abolição, e nesse mesmo livro --- *Escriptos e Discursos Litterarios* --- elle diz que não ha incompatibilidade na acção dos monarchistas em beneficio do Brazil, sob a republica, como, outr'ora, não houve a mesma incompatibilidade de republicanos e monarchistas a bem da causa abolicionista. Nesse volume, o que me scandalisa é essa quasi *adoração* de um espirito illustre, culto, (como não é o do sr. Nabuco) a este vulto notavel, e ás lettras do sr. Domicio da Gama. O capitulo sobre a obra de Coelho Netto é simplesmente admiravel, e os *novos* encontram no que elle intitulo --- *Alguns livros de 1901* --- a tolerancia, a justiça, a boa vontade que documentam o juizo que puz acima em relação ao sr. Verissimo. Sobre o mais, ao lado de penetrantes apreciações a respeito da nossa supposta *Arcadia*, da innovação metrica, do sr. Magalhães de Azevedo; de uma nova biographia de Camões, por Storck; do livro *Oito annos de parlamento*, do sr. Affonso Celso; do primeiro poeta brasileiro (na ordem chronologica, senhores!) e de outras materias. Para os desgostosos do sr. Verissimo, o seu primeiro fraco é o estylo. Chamam-lhe illegivel, pesado, duro, etc., etc.

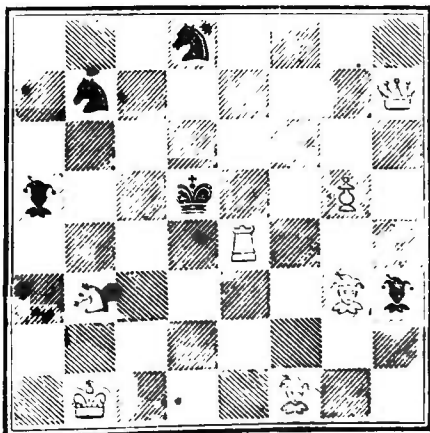
O estylo do sr. Verissimo é, de facto, um pouco difficil, um pouco atravancado, diffuso, exhaustivo. Abusa muito, muitissimo, de orações incidentes, de phrases restrictivas que embargam a facilidade, a naturalidade do pensamento, da leitura --- o que é essencial num paiz, como o nosso, de muito trabalho, de muita canceira.

Seria bem notado si se tratasse de um *escriptor* simplesmente. Mas, antes de escriptor, elle é critico, e de um critico, quer me parecer, o que logo se exige é criterio. Nesta palavra eu resumo todas as condições de critica.

WALFRIDO.

## DIVERSÕES

Problema N. 2



As brancas jogam e dão cheque em dois movimentos.

## O REINADO E GOVERNO DE D. JOÃO VI EM PORTUGAL, E PRINCIPALMENTE NO BRAZIL.

Vamos commetter uma *innocente* indiscrição, noticiando uma obra, que, neste momento, está concluindo o dr. Eunapio Deiró e da qual podemos ler alguns capitulos. Essa obra tem por fim, sinão uma reabilitação historica do governo de d. João VI no Brazil e em Portugal, ao menos a chamar a attenção dos brasileiros a julgar com justiça o soberano, que, durante o seu reinado, prestou á colonia brasileira, os mais relevantes serviços. Realmente é estolido repetir as accusações accumuladas, atravez de tantos annos, sem estudar e esmerilhar os factos para apreciar, com verdade, um governo, que preparou o Brazil a emprehender a grande obra de sua independencia, sahindo do estado colonial. O dr. Eunapio Deiró tomou a si a tarefa de fazer este estudo e para emprehendê-lo sem duvida empregou grande esforço de paciencia e resignação diante dos preconceitos dominantes. O historiador, que só se preocupa da verdade, naturalmente não teme as iras dos inconscientes, que não examinam os acontecimentos e repetem tudo, que lhes vem da tradição. Ora, no caso de d. João VI, a tradição o descreve não só como homem vulgarissimo, mas como Rei quasi imbecil. Os proprios historiadores modernos de Portugal — os Oliveira Martins e Pinheiro Chagas assim o julgam. D. João VI, porém, está sujeito a dous tribunaes — ao do Brazil, onde governou e reinou 13 annos e ao de Portugal, onde governou, como Principe Regente até 1807 e como Rei desde 1817 até á sua morte, instituindo herdeiro da Corôa d. Pedro I, o ex-imperador do Brazil, que figura, na dynastia dos Reis portuguezes, com o titulo de d. Pedro IV

O livro do dr. Eunapio Deiró contem a seguinte dedicatória:—A s. excellencia o sr. visconde de Ouro Preto, eminente estadista e financeiro, eloquente orador parlamentar, consummado juriconsulto e notavel historiador da Marinha d'Outr'ora e o primeiro brasileiro, que, superior a preconceitos, julgou com independencia de razão á luz da justiça e da verdade historica—o monarcha, que reinou em Portugal e preparou o Brazil para ser independente, etc.

O excerpto, que publicamos é do segundo capitulo. O dr. Eunapio Deiró escreve assim:

« Os modernos historiadores portuguezes suscitam e discutem varias questões a respeito da decadencia do Reino, algumas vezes confundem os factos: lendo-os fica-se surpreendido de tanta divergencia e confusão, que rei-

namente elles, já acerca da legitimidade, ou illegitimidade do nascimento de Tareja, casada com o conde d. Henrique, o borguinhão; já sobre os resultados da batalha do campo de Ourique no Alemtejo, qualificada de PEDRA ANGULAR (1) da fundação da monarchia e da nacionalidade portugueza. Não deixa de ser methodico descreminar os periodos para bem apurar os factos, que estabelecem a verdade historica, porque nota-se que os historidores modernos fallam amarguradamente da decadencia do Reino e lançam a responsabilidade desse infortunio nacional sobre os governos principalmente do fim do seculo XVIII, até á quadra da invasão franceza.

Os factos, porém, mostram que a decadencia começou muito antes. D. João VI é um dos que soffrem mais grave accusação. Taes julgadores são accordes em fazer crer que a decadencia do Reino é obra sua. A verificação dos factos depende dum exame dos periodos anteriores. Aos historiadores modernos não occorre esta interrogação — desde quando começou a decadencia do Reino? Exageram o mal, sem reflectir que, nessa temporada, raro era o Estado da Europa realmente prospero e que não se precipitasse em decadencia. Não era Portugal o unico desventurado. Apareciam nos outros paizes os mesmos males, que affligiam-no. Olvidam de ser as suas condições moraes, intellectuaes, economicas, politicas, pouco mais, ou menos, do mesmo nivel. Quando a decadencia avolumou-se, no reinado de d. João VI, já vinha como torrente dos mananciaes antigos. Não nos remontaremos a todos os máos Soberanos das duas dynastias, anteriores á de Bragança. Poderiamos apontar alguns exemplos. Sancho II não é, por certo, um monarcha modelo. Pedro Crú, que levava a brutalidade a ponto de acompanhar-se do carrasco e adjudal-o a executar os delinquentes com as proprias regias mãos, é ou um insensato, ou tyranno asqueroso. D. João VI nunca rebaixou a dignidade e nunca desceu a esse aviltamento odioso. O flagicioso d. Fernando — que *fez fraca a forte gente* — (2) apenas notabilisou-se pela criminosa devassidão ao lado de d. Leonor Telles.

Na dynastia de Aviz tambem houve mediocridades: basta recordar o nome do Cardeal Rei — d. Henrique, ou do louco e incapacissimo general, porém valente soldado de Alcazar Kebir.

Os historiadores modernos obstinadamente accusam d. João VI, como se fosse o unico responsavel pela decadencia do paiz, que infelizmente havia degenerado e não era o mesmo do

(1) Alex. Herculano, *Hist. de Port.*, vol. 1.<sup>o</sup>

(2) Camões—*Luziadas*.

tempo de Affonso Henriques, nem dos bravos de Navas de Tolosa, ou de Aljubarrota.

A decadencia precede á dynastia de Bragança. Um só facto, principalmente, teve acção funestissima e prejudicial sobre as forças da nação. Esse facto actuou e perdurou desde que o guante de Philippe II empolgou-a, até a hora bemdicta da Restauração em 1640. Ora, um povo, escravizado durante 60 annos, tinha perdido as virtudes e energias, que lhe deram supremacia e grandeza, quer nos campos de batalha, quer nas arduas e admiraveis emprezas, que realisaram na Africa, na Asia e na America.

Portugal era já um moribundo, quando d. José I succedeo ao pae — el-rei d. João V. que, antes de empunhar as redeas do governo, havia sido precedido por Affonso VI — um idiota; por Pedro II, homem completamente nullo.

Os historiadores, que atacam dom João VI, passam por aquelles personagens sem lhes dar sequer ligeira attenção, e empregam nimia inexorabilidade em vergastar o neto de d. José.

Nenhum dos historiadores, todavia, arriscou-se a commetter a pequice de encomiar os reinados, que antecederam o do filho de d. Maria I: nenhum ousou affirmar que, duraute esses reinados, não existia decadencia e que o paiz gosava de prosperidade interna e de consideração no exterior: si o tivessem asseverado, a historia lhes daria vehemente, solemne e cabal desmentido.

Lancemos rapidamente uma vista de olhos sobre o estado anterior ao governo de d. João VI para, ao menos, termos um termo de comparação e convencer-mos de que a decadencia do Reino, da qual os historiadores modernos accusam d. João VI, não é um producto do seu governo.

Começando por d. João IV. o beneficiado da revolução de 1640, não se lhe nota outro merito, sinão o de haver figurado --- hesitante --- como campeão da independencia nacional e da restauração da dynastia portugueza--- mais pelos esforços alheios, do que pelos proprios. E' certo que, instigado pelo cardeal de Richelieu para rebelar-se contra a Hespanha, tinha sempre por calculo, ou por prudencia, ou temor. a sabedoria de não expôr-se a perigos e nunca deixava de abster-se de compartilhar de qualquer conspiração, que tentasse despedaçar o terrivel jugo, com que, desde Felipe II, a Hespanha comprimia Portugal. As energias varonis de d. Luiza de Guisman; a sagacidade e patriotismo do dr. Pinto Ribeiro; a coragem heroica de Mathias d'Albuquerque, victorioso em Montijo, derrotando o exercito hespanhol; o impetuoso ardor do Arcebispo de Lisboa, o preclaro d. Rodri-

go da Cunha e de outros portuguezes, foram os principaes factores da revolução, na qual tomou parte, com dedicação, o povo, que queria a independencia e detestava o jugo de Castella. O estado da Europa conturbada por longas e mortiferas guerras; a lucta de França contra a Hespanha, facilitavam a empreitada, que o patriotismo e valor popular desempenharam com galhardia.

O longo periodo do feroz despotismo castelhano e de soffrimento portuguez aggravou e consummou a decadencia nacional, creou e incrementou novas fontes de ruinas por toda parte, desde a metropole até ás colonias da Asia, da Africa e da America.

O duque de Bragança, aclamado em 1.º de Dezembro de 1640---que fez para promover a prosperidade interna e suster o Reino precipitando-se na voragem da ruina? Que praticou para tiral-o do empobrecimento, em que se debatia desde a morte do rei cardeal? Desde a era do despotismo dos Felipe? Nada, ou bem pouco.

Releva notar que — si Portugal recuperou suas colonias; si arrancou o Brasil das garras da Hollanda, deve-o ao esforço de portuguezes e brasileiros — os Fernandes Vieira, Moura Rolim, Vidal de Negreiros, Camarão, Henriques Dias, na Bahia, em Pernambuco e tambem noutras provincias, onde o poder hollandez preponderava. Succedeo o mesmo com as possessões da Asia e da Africa. Durante os 60 annos do regimen philippino parecia plano da politica de Hespanha arruinar completamente Portugal para mais facilmente escravisal-o. Ora, a nação, sahindo de tal ponto que, com annos depois, o Marquez de Pombal comprehendia a urgencia de fazel-a resurgir das profunezas de suas miserias, como fez Lisboa erguer-se dos estragos do terremoto.

Quanto á importancia e consideração, no exterior, não é muito difficil verificar; basta um simples resumo, até porque, nessa epoca, a diplomacia, ainda atrazada e incipiente, não era a *Pythia de Delphos* os seus enigmas decifravam-se.

A guerra dos *Trinta Annos* (1618 a 1648) começada na Allemanha — qual immensa labareda dum incendio alastrava-se pela Europa inteira (3). Originara-se das *secularisações* e do antagonismo dos catholicos e dos protestantes assim como da preponderancia que a casa d'Austria pretendia exercer sobre os outros Estados. A expulsão dos protestantes de Aix-la-Chapelle, a formação da Liga Catholica, sob o influxo de Maximi-

(3) Schiller. Hist. de la guerre de trente ans.

liano, duque da Baviera, a União Evangelica d'Oehringen e varios successos ministravam azo ao começo da diuturna lucta. Esta abrange quatro phases, que nos limitaremos apenas a indicar: 1.ª phase — a *platina* — de 1615 a 1618: 2.ª phase — a *dinamarqueza* — de 1615 a 1629: 3.ª — a sueca — de 1630 a 1635: emfim a 4.ª — a franceza. Nesta ultima a França entrou na contenda, alliando-se com os protestantes allemães e com os da Hungria, da Italia, da Hollanda, da Suissa e da Suecia. De todos os reinos europeus só a Inglaterra, preocupada, provavelmente, com os prenuncios da revolução politica e parlamentar de 1648, ficou es-pectante. Bernardo de Saxe-Weimar apoderou-se da Alsacia. (1638) O Roussillon e a Catalunha rebellam-se contra Felipe IV O Artois é conquistado. (1640).

Neste momento explodiu opportunamente a revolução restauradora de 1640, em Portugal.

O cardeal de Richelieu teceu e dirigio todo o trama da diplomacia, concernente a estes successos, porque assim convinha á sua politica e, morrendo em 1642, legou o mesmo lal ôr: ao seu successor o celebre Mazzarini, que vio as repetidas victorias das armas francezas em Rocroy, Fribourg etc; promoveu a reunião do Congresso de Westphalia, que regulou, principalmente, o estado religioso e politico da Europa por um largo periodo de tempo (4).

No meio desses turbilhões de luctas e de interesses, que embatiam-se, Portugal, restaurando a antiga dynastia de seus soberanos, (Bragança é um ramo d'Aviz, como este é de Borgonha), rompendo as cadeias da escravidão de 60 annos, indubitavelmente precisava ter alliança, que o sustentasse. Ora essa alliança naturalmente lhe foi logo offerecida da parte, a quem interessava crear um inimigo acerrimo, que embaraçasse e hostiliasse a Hespanha, ligada á casa d'Austria; assim que o Cardeal de Richelieu reconheceu immediatamente a independencia e entrou em relações com o rei, aclamado no dia 1 de dezembro de 1640. A politica do Cardeal, ministro de Luiz XIII, era abater a casa d'Austria e a Hespanha, sua alliada. A revolução portugueza fornecia-lhe poderoso e efficaaz auxilio; emquanto os portuguezes absorvessem a attenção e as forças militares da Hespanha, evidentemente a alliança austriaca enfraquecer-se-ia e todas as probabilidades de triumpho seriam para a França.

O prompto reconhecimento da nova dynastia portugueza resultou dessa

(4) Von Meyern-Acta pacis Westphaliae: Bongeant. Hist des guerres et des negotiations, qui precedèrent le Traité de Westphalie;

Voltmann. Hist du Traité de Westphalie.



conveniencia e não do esforço de dom João IV que, em 21 de Janeiro de 1641, nomeou embaixadores, que foram á corte de Luiz XIII. Vê-se que o primeiro rei da dynastia, nem no interior, nem no exterior, elevou-se a grande altura e vamos ainda observar que os seus successores bem poucos fizeram, e na occasião propria reconheceremos que d. João VI, tão acoimado como incapaz, mostrou mais habilidade no governo do paiz, do que os seus predecessores.»

O autor examinou os reinados seguintes até chegar a d. João VI, objecto do seu estudo.

## A PROVA

### I

« O vasto solar dos Taviras por espaço de vinte annos conservara-se fechado. Era uma construcção do seculo XV, cercada de espessas muralhas como uma fortaleza. Uma torre que o salitre do mar ennegrecêra de todo e onde o vento produzia, em certas noites, ruidos sinistros, dominava-a para o lado do Oceano, até a costa alcantilada e indomita. Pelas suas ameias e bastiões, toques estriulantes de trombetas marciaes resoaram durante porfiados seculos, e nas suas portas chapeadas roçaram armaduras de guerreiros que partiam para longes destinos, em demanda de renome e gloria.

Torquato Tavira era o ultimo successor d'essa geração de bellicosos fidalgos que buscavam a sua origem nos tempos cavalleirescos em que Portugal, apenas firmada a independencia, começava a maravilhar o mundo com um novo fulgor das suas armas, sob o sol fulgente da Africa, onde resplandeciam as suas façanhas.

Já muito antes da construcção do solar, n'esse mesmo lugar, e pelas estradas colleantes de Aracena, de Alconcher e de Serpa, onde cada sulco era um traço de sangue, atravez valles e montes, até além do Guadiana, sanguinolentos combates se haviam ferido, nos quaes os seus ascendentes deixaram, certamente, notas esparsas de instinctiva bravura; só se conhece, porém, ao certo, o desdobrar de sua dynastia, a partir do seculo XV, quando, ao lado de Nun'Alvares, o primeiro Tavira illustrou-se e revestiu-se de glorias nos campos de Aljubarrota.

Mas, decorrido esse tempo—como a inactividade os horrorisava e outra época começara a cobrir de novas glorias o reino,—com as primeiras expedições partiram de Sagres, e foram audazes navegadores como os seus descendentes foram denodados conquistadores. E nos céos ainda incertos da India e da America, quando as quilhas luzitanas eram as unicas a sul-

car esses *mares nunca de antes navegados*,—e por alcandoradas e melancolicas terras de distantes paizes, e por valles sombrios, sob desconhecidos céos, levando no olhar o fulgor das conquistas, tinham adquirido a rispidez e a bravura que transmittiram a subseqüentes gerações.

Esse tempo heroico e magnifico findara, entretanto, e já os avós de Torquato, tendo vivido n'uma época em que a flacidez dos costumes abatia o caracter, foram obrigados, para não deshonorar tão glorioso passado, a deixarem-se arrastar uma existencia inactiva e obscura, entre as velhas paredes do solar heroico. Durante todo esse periodo, ao passo que fidalgos e nobres abandonavam os seus palacios e as suas quintas para se entregarem ás vaidades da côrte, ostentosa e decadente,—a casa mantivera, na rigidez dos costumes, as tradições da estirpe.

Mas, com o fallecimento da esposa (de quem um incidente de honra o privara, mezes antes, enchendo-lhe o coração de profunda desolação e descrença) Torquato resolveu mudar definitivamente de terra. E tendo substituido por um caseiro apenas todos os seus zelosos serviçaes, que despediu nas vespervas de partir, abalou para a capital, n'uma invernosissima manhã, disposto a lá morrer sem mais pizar o chão desse venerando solar, que ao fim de tantas gerações illustres pelo denodo e pela honra, a traição ennodouara. Uma vez em Lisboa, em vez de procurar na corte e nos salões consolação para a sua magua, entregou-se á sólido e ao estudo. Os attractivos da sciencia, especialmente a astronomia, o seduziram: e assim, descrente das fatuidades terrestres --- causa da sua deshonor --- voltou para o infinito a attenção.

A riqueza dos Taviras, accumuladas durante seculos, faziam de Torquato um dos fidalgos mais abastados do reino: como estrellas em noite de inverno, pairavam sobre elle o interesse dos homens e a seducção das mulheres. Mas todas as tentações do mundo e da carne passavam-lhe despercebidas, tão ligado tinha o espirito á região bem diversa e distante. Assim, por muitos annos viveu em completo afastamento, e a morte certamente o encontraria nesse severo regimen. si uma dessas fatalidades --- cuja explicação é ociosa --- não lhe despertasse, de subito, sentimentos de ha muito adormecidos.

Fatigado de perscrutar o infinito, o objectivo de sua lente desceu casualmente, uma tarde, sobre a casa que delimitava com o seu palacete, onde uma joven o fitava, sorrindo, entre dois vasos de flores, n'um balcão de gradis de ferro.

Tanto bastou para que o rigido fidalgo ficasse logo fascinado pela gra-

ciosa belleza da joven. Desde tão singular instante, esse rosto sorridente, esse balcão florido, prenderam-lhe mais a attenção que todos os phenomenos celestes.

Então, uma manhã, ao almoço, como de sua sala de jantar se descortinava todo um lado do predio, que era espaçoso e alto, Torquato, mais ralado de curiosidade, perguntou ao seu escudeiro quem habitava aquella grande casa em frente, cujo jardim tão florido confinava com o seu parque, frontente e sombrio.

O escudeiro disse-lhe que era o senhor d. Rodrigo Solano, fidalgo de muito trato e alta linhagem, descendente de hespanhoes, que a havia comprado mezes antes, e possuia tres filhas, as quaes gosavam da fama de serem muito lindas — mas só a ultima, que se chamava Marina, era solteira.

Torquato, que conhecia d. Rodrigo de nome, ficou radiante; — continuou a almoçar com mais appetite, e esperou mais ancioso ainda a hora em que a joven costumava apparecer á janella de saccadas de ferro, que devia ser a do seu perfumado quarto.

Aquella hora, effectivamente, as persianas se abriam e o rosto claro e gracioso de Marina --- que uma blusa cor de rosa mais aclarava e avivava em fulgor --- assomou á janella, já o fitando, toda sorridente como nos dias anteriores --- e foi encostar-se ao balcão, entre os dois vasos que rescendiam.

Assim, nessa doce e mutua contemplação, deslisaram tardes e mezes — e já Torquato, por sobre o muro do parque entablára relações com d. Rodrigo, que do lado opposto via com delicia florir as suas roseiras e craveiros, quando uma tarde, mais minado do que nunca no seu coração, resolveu escrever-lhe uma extensa carta, na qual confessava, em phraseado sentimental, o grande amor pela filha. E a terminava, pedindo-lhe a mão de Marina.

A resposta foi rapida e concisa: d. Rodrigo punha n'esse enlace a sua approvação. E o casamento realisou-se com estrepido e pompa, d'ahi a alguns mezes. N'esse tempo, Torquato roçara já pelos sessenta outonos; Marina era quarenta annos mais nova. Era alta e clara. Os seus cabellos, bastos e d'um negro profundo, contrastavam com o verde dos olhos, um verde claro e humido como esmeraldas desmaiadas.

O fidalgo amou-a loucamente. A sua felicidade, que passava por uma dessas phases mais transcendentas, que os psicologos poderiam denominar — periodo extatico do amor — era partilhada entre a contemplação dos planetas e as doçuras do lar. Então, pela noite fóra, quando o seu olhar fatigava-se de aprofundar a vastidão do espaço, perto encontrava sempre, ao

alcance da curiosidade e do desejo, d'entre a maciez de vaporosos tecidos, tão vaporosos como nuvens—um firmamento proximo e tangivel a devasar, onde dois astros verdes brilhavam com mais bri'ho que todos os astros do infinito... Logo, diante d'esses olhos limpidos, raiados de fibrinhas d'um verde mais intenso como radiculas d'uma planta lacustre, o velho fidalgo quedava extasiado: e n'elles transpunha-se a outros mundos, á outra vida... Sentia-se feliz, não obstante as angustias do ciu e terem marcado, desde o inicio, o seu amor.

A idade tornara-o cauteloso e precavido,—e conhecendo pela experiencia do passado quantos perigos envolve uma negligencia---os olhos dos homens estando cheios de seducções e o coração das mulheres sempre prompto para abrigal-as---trazia Marina bem guardada e soberbamente adorada no doce conforto de seu palacete, como preciosa joia em bello escrinio encerrada.

Até as visitas a d. Rodrigo eram feitas pelo interior dos dois jardins, onde mandára abrir, no muro que os dividia, uma porta de communicação. D'esse modo, a existencia de Marina escoava-se tão triste e solitaria como si ella vivesse em um convento. E arrependida de ter-se unido a marido tão severo, por um desvairado amor que não obedecia, nem ás solicitações da sua idade nem ás exigências do seu temperamento, entregara-se aos poucos á desolação e á descrença.

Já o pae, que raramente sahia, obrigava-a a permanecer semanas e mezes em casa, e como estavam de pouco tempo em Lisboa, e tinha poucas relações, uma das suas distracções consistia em fitar o predio visinho, que era tudo o que se avistava de sua janella, além de arvores e de um pedaço azulado de céu... Todas as tardes, até a hora do jantar, Torquato lia a sua sciencia, sentado no terraço que dava para o lado do quintal de D. Rodrigo. Foi n'uma d'essas occasiões que Marina o conheceu; mas a esse tempo o fidalgo não reparára ainda, embebido na leitura, que tanta juventude e graça acarinhava com meigo olhar a sua velhice e decadencia. As suas preocupações scientificas, o seu ar ascetico passaram desde logo a preocupar o espirito da donzella, que era vaidosa e romantica. E achando-o bello na sua velhice robusta, e sabendo-o rico e nobre—amara-o... Amara-o como se ama a liberdade, pensando menos na felicidade do amor que nos passeios que a attrahiam, nos salões e theatros que a tentavam. Mas o velho, rijo na sua resolução, como um frade de pedra n'uma esquina, depois de possuil-a, guardou-a para contemplação e goso sómente, mais avaro e cioso da sua mocidade e for-

mosura que um avaro do seu oiro.

Sacrificada na sua illusão, Marina não insurgiu-se contra a sorte: acceitou-a em todo o rigor e fez todo o possivel por resignar-se a ella. Esse procedimento alegrára a principio o coração do fidalgo por sentir-se unico dono e senhor absoluto de tão esplendido thesoiro. Mas em consequencia da vida sedentaria que levava, Marina começara de repente a definhar. Em poucos dias não era mais a mesma joven esbelta e forte: na sua cutis fina, a pallidez transparente da cêria ia sumindo rapidamente o antigo rosado, e um leve bistrado azulado sombreava já as suas palpebras, que mais verdes e mais rutilantes tornava os seus olhos, quando o velho fidalgo se apercebeu d'essa rapida transformação; e com o coração alarmado de susto, mandou logo chamar o seu medico, que era dos mais antigos e afamados do reino.

A esse tempo, d. Rodrigo, que tinha paixão pelo mar, por junto d'elle ter nascido e creado-se, achava-se em Alicante, onde a sua filha mais velha casára e residia com o marido e tres filhos, muito unidos e muito loiros, como tres hastes com tres girasões. E das janellas da varanda, olhando as embarações de pesca que partiam ou fazendo barquinhos de papel que os netos puxavam por um fio de linha, d. Rodrigo espairecia o seu tedio de Lisboa, e de todo ignorava a doença de Marina, que por ser a mais nova e a mais formosa, era a mais querida das suas filhas.

No seu quarto, fechado por dentro, —quando o medico diagnosticou em Marina um caso de chlorose, já adiantada, e prescreveu passeios e distracções, o ar das praias e banhos de mar —Torquato sentiu abundante e duplamente o duplo desespero que lhe causavam a enfermidade da esposa e as torturas de tratamento tão penoso para o seu ciueme,

E esse regimen mais torturava-lhe o coração que os riscos da molestia. O ciueme indomavel escaldava-lhe as fontes e alastrava-se colleante qual serpente, pelas suas veias até o coração, que parecia querer saltar-lhe do peito ---só em pensar que outros olhos, ardentes de cubiça, iam envolver aquellas fórmas tão magnificas e tão suas e cada um dos seus gestos; ---e ella, vaidosa e intelligente, comprehenderia e gosaria esses olhares collados nos seus olhos e sobre o seu corpo, e a sua carne joven e sedenta estremeceria de desejo por ver-se tão desejada... E dez dias decorreram, antes de tomar a resolução queurgia. Assim o tempo escoava, e no seu succeder apressado, Marina mais definhava e empallidecia, á semelhança de uma flor que se estiola, á mingua de sol e régua.

O medico não cessava, em cada ví-

sita, de insistir na mudança de ares, tão necessaria ás suas melhoras, e indicára, de preferencia, o clima saudavel e ameno do sul, onde ella podia respirar mais puro ar e viver vida menos reclusa. Ora, justamente nas costas do Algarve, perto de Tavira e mais perto ainda da lepida corrente do Sequa, ficava o solar dos Taviras, que abrigava delicioso pomar e dominava loiras searas de bom trigo e brancas e limpidas praias.

Nesse castello, entretanto, e nos seus arredores, tão cheios de encanto e tradições seculares, occorreram lutuosas scenas da vida de Torquato, que a sua presença de novo iria avivar; ---e o velho fidalgo preferia, certamente, não revolver as cinzas do passado...

Mas depois de muito pensar, abatido pela vigília, tomou de repente a decisão de levar Marina para o solar, onde ella podia mostrar-se a qualquer hora, sem perturbações nem perigos, e o mar lhe proporcionava as distracções de que o seu espirito carecia, e não havia, em toda a redondeza, nem olhares cubiçosos, nem phrases insinuativas, murmuradas de passagem, que a offendessem na sua honra e tentassem na sua carne. Mal tomou essa resolução, expediu logo, na manhã seguinte, criados e artistas para limpar e pintar todo o predio.

E pouco tempo depois, numa tarde perfumada á primavera e toda doirada pelo sol deslumbrante de Maio, os moradores de toda aquella parte da costa viram, surprehendidos, passar na direcção do castello, uma liteira de aluquel que conduzia um velho de barbas brancas e uma joven senhora, assás formosa na sua pallidez nevada, toda de preto vestida e envolta em longa capa bordada.

ANFILOQUIO MARQUES  
(Continúa.)

#### ENJÓO DO MAR

O embaixador italiano em Washington sentindo-se enjoado, numa das travessias do Atlantico, buscou um espelho para examinar o rosto, e notou que os symptomas do terrivel mal desappareciam á proporção que elle se mirava. Maravilhado com esse resultado, ensinou o remedio aos companheiros de viagem e, dentro em pouco, não havia a bordo um só passageiro enjoado.

Remedio efficaç e curioso.

#### O ENSINO NA SUISSA

Na Suissa, os paes são punidos pela falta dos filhos á escola, com multas que, nas reincidencias, augmentam sempre em dôbro. No caso de molestia, o alumno é desculpado. Quando se suspeita alguma fraude, um medico vae visital-o e no caso affirmativo, o pae, além da multa, paga a visita.

\* \* \*

Um americano de City Falls, em Nebraska recebeu um legado de 40:000\$; mas outros parentes, tanto o importunaram para que lhes coubesse parte do legado, que o homem alugou uma carruagem e passeou pelos bairros pobres da cidade distribuindo moedas de ouro, até esgotar aquella somma.

ASSIGNATURAS  
ANNO . . . . . 20\$000  
SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS  
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Não ganhamos para o susto que nos pregou o *Deodoro*, arribando a Laguna, ao sul do pharol de Santa Martha, ao qual, como um desesperado, entregue sem movimento ao capricho das ondas, pedia socorro.

Averiguado o sinistro caso que pôz de promptidão, em cruel sobresalto a nossa possante marinha, verificou-se que não houvera accidente: o navio estava são e forte, com as suas monstruosas entranhas --- o estomago de caldeiras e as tripas de tubos --- em perfeito estado de saude, mas... faltava-lhe apenas carvão. E por isso pôz a bocca no mundo dos solitarios mares, agitando-lhe a serenidade silenciosa com os acenos afflictivos da bandeira a meio pau e com os tiros de seus canhões.

Próva que o instincto de providencia não andou muito aguçado no emprehendimento dessa viagem de cortezia aos nossos queridos visinhos do Rio da Prata, onde fomos, representados por uma unidade da nossa força naval, dar as boas vindas ao presidente Quintana, empossado do poder sem bulha e matinada.

Essa falta de carvão não pode ser classificada entre os accidentes peculiares á vida do mar. Um vaso de guerra, ou um calhambeque qualquer, aprestado para uma viagem de luxo, não tem desculpa de esquecer o combustivel, como ninguem tem desculpa de esquecer o alimento, cuja privação é sempre um caso de violenta força maior.

Mas... houve máu tempo na travessia e lá se foi o combustivel, vendo-se os valentes marinheiros na dura contingencia de sacrificarem á voracidade das caldeiras, tudo quanto podesse ser queimado.

Ora, a tribusana, a que se attribue o sinistro, deveria figurar no primeiro capitulo das previsões corriqueiras, porque todo o mundo sabe que não se deve fiar naquelles mares irrequietos, varidos por paup'iros; além de que precauções se não fizeram para travessias bonançosas, em tranquillos mares de leite, ao impulso das caricias de ventos galernos.

Logo, não ha justificação para a carencia de combustivel, que deveria ser calculado com sobras para os accidentes vulgares, a menos que allí pela marinha não andem as coisas a razão diminuta e magra, mesmo nos generos de primeira necessidade, como deve ser o carvão para os navios de guerra.

Apezar dos testemunhos dignos de fé, não se nos abrem os miólos para essa justificação que parece encobrir coisa muito peor, se é possível, como arriscar a uma viagem de exhibição um navio que não esteja em completas condições de segurança.

Este caso veio em apoio do pessimismo do sr. ministro da marinha, e augmenta a dolorosa série de desastres que se figuram symptommas de uma incapacidade chronica, irreparavel.

\* \*

Na administração do sr. Prudente de Moraes, que era um santo e um presidente desconfiado, um constructor europeu se propoz a nos dotar com uma esquadra de cruzadores do ultimo feitio, para completarem um plano efficaz de defeza das nossas extensas costas no Atlantico.

O fabricante de vasos de guerra receberia o custo da esquadra em apolices da divida publica e se submettia a condições que tornavam suavissimo a sacrificio imposto á nação para se prover de tão formidavel armamento.

O presidente da Republica estudou a proposta em todas as suas complicadas minucias; concluiu que ella era excellente, excepcionalmente vantajosa; mas...

--- A quem entregaremos esses navios? --- perguntou ao ministro da marinha, que não achou resposta a tão simples pergunta.

As perguntas mais simples são em geral as que mais embatucam.

De resto, nesse melindroso ramo da administração, andamos como um chavêco sem bussola. O saudoso almirante Pinto da Luz affirmou, num pomposo relatorio, que tinhamos uma porção de unidades navaes, promptas á primeira voz; succede-o o actual ministro que, muito conhecedor da materia, declara que essa esquadra, não corresponde ás necessidades nacionaes. Dahi o projecto do sr. Laurindo Pitta, censurado por muitos como obra sumptuaria.

O que nos falta e devemos adquirir, com urgencia, é gente que não pretenda, como o inglez com o jejum da mula, inventar o meio de navegar a vapor sem carvão.

### EXTERIOR

A maluquice da famosa esquadra russa do Baltico, dando combate ao rebanho de barcos de pesca em tranquilla faina inoffensiva no Mar do Norte, suscitou, em toda a Europa, uma impressão de ridiculo misturado de indignação.

Procura-se attenuar a insolita violencia como o exercicio do direito de visita a navios suspeitos; mas esse não é o caso, tratando-se de barcos de pesca, que o terror do almirante russo suspeitou serem torpedeiras ao serviço dos planos destruidores da espionagem japoneza.

Parece repetir-se um daquelles casos de allucinação dos viajantes das remotas eras da historia, vendo no mar, mysterioso abysmo donde surgiam inopinadamente, á proporção que se erguiam no céu constellações, e no horizonte novas, novas terras, monstros horrendos, triões e sereias, divindades e adamastores empenhados em repellar o homem do dominio do oceano. A esquadra russa, após muitas sahidas falsas, marchas e contramarchas, encetou a sua viagem para o theatro da guerra sob a pressão do panico, vendo inimigos por toda a parte, nas ardentias, como nas sombras da curva crespada das ondas.

Quem assim começa e marcha para o theatro da guerra, começa mal.

A Inglaterra, ciosa do seu commercio maritimo, é ferida nos seus melindres e interesses toda a vez que se he apreza um navio. Dahi a celeuma que o facto levantou no coração britanico, que palpita no *city* como centro de circulação do dinheiro do mundo.

A imprensa ingleza se assanhou com extraordinario impeto; a calma britanica desappareceu numa agitação patriotica, e o *Times*, o orgão dos millionarios, da gente que tem a perder, deixou a sua gravidade para dizer: que se a Russia não exprimir á Grã-Bretanha, antes de 24 horas o seu pezar pela triste occurrencia, e não apresentar desculpas, compromettendo-se a completas reparações, a nação ingleza espera do seu governo alguma coisa mais que simples palavras.

Na conjuncção em que se acha, a Russia daria todas as satisfações, faria tudo para não exacerbar o leopardo e evitar que o opportunismo de John Bull tire maior partido da occurrencia. Quando muito, se submeterá com um protesto platonico, como no caso do Thibet.

\* \*

Da guerra não ha novidades. Os dois exercitos acampam nas margens do Sha-ho e as posições occupadas não compensam a horrivel carnificina que custou a offensiva de Kuropatkine. A ultima batalha dislocou as fileiras russas em mais de treze mil homems mortos.

O Deus dos exercitos parece que não fez ainda as pazes com o Csar.

FOJUCAN

## NEM MEL NEM CABAÇA

*Suum cuique tribuere*

O sonho doirado, a suprema aspiração da meiga consorte do Azevedo, era possuir uma casa, libertar-se do abutre do aluguel, companheiro voraz de cama e meza, a extorquir-lhe, todos os, dias cinco mil reis, quasi tanto quanto custavam os meios de alimentação da exemplar e venturosa familia. Foi por isso de festa, de indizível alegria, o memoravel dia em que Azevedo, ao regressar do trabalho, impando de satisfação, como um victorioso, annunciou a surpreendente conquista.

— Aqui tens, mulher querida, disse elle, estendendo-lhe, com um largo gesto de orgulho, u n grande envelope — o teu sonho, o teu impossivel realiado... Temos casa, muito nossa, uma pechincha que Deus me deparou em hasta publica no juizo federal.

E mostrou á mulher atonita, tremula de jubilo, mal acreditando no que via com os formosos olhos desbordantes de lagrimas, a carta de arrematação, condecorada de estampilhas multicores, documento da compra com todas as formalidades legaes de uma casa na rua de... n. 45.

Amelia abraçou-o numa immensa effusão grata; beijou-lhe o rosto barbudo, e murmurou, com um longo suspiro de allivio:

— E' um pezo que me tiras da cabeça, esse maldito aluguel mensal. Deus seja louvado, Deus te abençõe, maridinho de minha alma...

— Foi-se tudo; foram-se as economias — observou Azevedo, mas... somos proprietarios...

E contou como por um propicio acaso, sem competidores, conseguira arrematar uma casa daquellas, um palacete que rendia duzentos mil reis por mez, todo de pedra e cal, muito bem acabado, com obras de esquadria que erão uma especialidade. O caso era tão extraordinario, que se lhe figurava um milagre, um especial favor de Deus.

Amelia preferiria uma chacara, cheia de arvorêdo frondoso, com um pomar, uma horta, e, para os meninos brincarem ao ar livre, um delicioso jardim, que ella trataria com desvelo, cortado de ruas calçadas de seixos, com o rio minuscuro, povoado de peixes doirados, a se contorcer por entre as roseiras olentes, passando por baixo de pequeninas pontes rusticas de madeira fingida em cimento e ferro, e precipitando-se numa rumorosa cascatinha forrada de musgo avelludado. Mas, não estava por isso menos contente com a sua sorte: a casa daria bastante para alugar a chacara.

\* \*

No dia seguinte Azevedo, foi visitar o inquilino. Subiu, com ares de quem entra no que é seu, as escadas; bateu

palmas sonoras, e, introduzido na sala por um criado, ficou, durante alguns minutos, examinando o assoalho, o tecto, as portas, o papel das paredes, tudo limpo e pollido, denotando o zelo e os bons costumes do morador.

— Sim, senhor — balbuciu elle — este é pichoso, conserva com solitudine o alheio.

— Que deseja? — disse-lhe o inquilino, apparecendo em trajo matinal — Faça o favor de sentar-se.

— Desculpe vossa senhoria o incommodo. A demora é pouca... Eu... vim participar-lhe que de hoje em diante deve pagar a mim o aluguel, que fica elevado a duzentose cincoenta mil reis.

— O aluguel?... — exclamou o outro, assombrado, como se estivesse diante de um louco.

— Sim, senhor. Comprei-a em hasta publica...

— Não é possivel... O senhor está sonhando...

— Como não é possivel!?. Aqui tem a carta de arrematação feita num executivo fiscal para pagamento de impostos...

— Eu nada devo á fazenda nacional, graças a Deus — retrucou o homem encolerisado.

— E essa?... Fui sempre pontual para não pagar multas. Ha, por força, engano... Ora, espere...

Pouco depois, voltou com um masso de papeis cuidadosamente dobrados e amarrados por uma fita vermelha: erão recibos impressos de quitações de impostos, decimas, pennas d'agua e os documentos de aquisição do predio.

— Nada tenho com isso — concluiu Azevedo, depois de passar desdenhosamente os olhos pelos documentos — Comprei a casa á justiça, que não se engana. Está muito bem comprada com todas as formalidades... Vossa senhoria que se avenha com a justiça...

— Eu, não. A casa é muito minha. Daqui não saio nem á bala.

Esta expressão estava, naquelle tempo, muito consagrada pela superstição politica.

— Pois ha de sair por mal, tocado pelos officiaes de justiça — intimou Azevedo, desconcertado pela resistencia do seu inquilino — E... passe muito bem —

\* \*

Verificou-se que houvera engano no lançamento, em consequencia de uma reforma de numeração, feita em placas esmaltadas. O predio devedor tinha o numero 43, e era muito inferior ao que fôra vendido.

Azevedo fez medonho barulho, portou-se com irreverencia no augusto recinto do pretorio, tal foi o seu atordoamento, quanto se convenceu do terrivel engano e que o proprietario do predio n.43 estava, por sua vez, quite com o erario da Republica.

— Como ha de ser agora, senhor juiz? — inqueriu elle, acabrunhado, quasi em pranto.

— O senhor tem razão, mas eu não posso *ex-officio* reformar o que está feito em processo findo.

— E o meu dinheiro, os meus trinta centos que representam privações sem conto, sacrificios enormes?... Então a gente se fia da justiça, compra uma coisa que ella vende em voz alta na porta da rua; compra de boa fé; e, agora, sem mais nem menos, a justiça diz que houve engano, que eu tenho razão, mas não me pode restituir o meu dinheiro, o preço, os impostos e as custas?...

— Tem razão — ponderou o juiz, que allava um rijo character ao mais piedoso coração. — O senhor não perderá o seu dinheiro; mas é indispensavel promover pelos meios legaes a restituição do que pagou...

\* \*

Azevedo partiu praguejando contra a justiça, geiticulando com gestos desordenados, voltando-se repetidas vezes de punhos cerrados, ameaçadores, para o immundo pardieiro onde funcionavam tribunaes.

Em casa, a sua indignação rubra se transmittiu á mulher que, em contraste com a doçura habitual, as maneiras meigas, entrou a dizer injurias contra a Republica, governada por larrapios, gatunos indecentes, que estorquiam, por meios indignos, dinheiro á gente honrada.

— No tempo da monarchia — exclamava a excellente senhora, esbragada de rancor — casos desses não se dariam, nunca se deram. E, quando tal acontecesse, a gente ia queixar-se ao Imperador, que não pactuava com bandalheiras. Hoje... é isso que se está vendo: A justiça vende o que lhe não pertence e nós, que caímos na asneira de comprar, ficamos ás cascas, vamos nos queixar ao bispo, ou chorar na cama o nosso dinheiro roubado... E' um horror, uma pouca vergonha...

E a pobre, sacudida de commoção, abrigou-se, suffocada pelo pranto, no seio do marido.

\* \*

Azevedo propoz uma acção para haver o seu dinheiro.

Correram sem incidentes, por méra formalidade, todos os tramites do processo, mas afinal o procurador da Republica, para não marear a sua legitima reputação de funcionario zeloso, esgaravatou umas tantas nullidades que, repellidas pelo juiz do feito, fôram decretadas na instancia superior.

O pobre homem tinha carradas de razão; era evidente, palpavel, indiscutivel a injustiça; mas a ethica pro-

fissional impunha o dever de oppor todos os embaraços á restituição do dinheiro recolhido por qualquer titulo aos cofres publicos.

Assim o exigiam os sagrados interesses da União.

Dinheiro, que entra no Thesouro Nacional, é como alma caída no inferno.

Resignado a esse novo golpe, Azevedo pagou as custas, propoz nova acção e obteve sentença favoravel; mas, por seu caiporismo aconteceu que o presidente desta Republica, cuja organização assenta na pedra angular da independencia dos poderes, passasse em substancial mensagem, um pito nos juizes que decidiam contra a União.

Era indispensavel que a Justiça, secundando os patrioticos esforços do governo, dêsse pancada de cégo.

De outro modo, toda a renda nacional, sempre augmentada pelo abuso de contribuições oppressoras, seria insufficiente para pagar as consequencias funestas dos desastres das administrações desorientadas, da desidia, da ignorancia, da concussão de funcionarios, da crueldade, da selvageria dos agentes do governo ao serviço da politicagem, de todos os erros e vicios que estavam desmoralizando e desorganizando o mechanismo social.

Essa exortação, impregnada de patriótico zelo pelos mais transcendentos interesses da Patria, não podia deixar de echoar como uma ordem, nas serenas regiões da Justiça, soberana, independente. E como era indispensavel acabar com as indemnisações, com as reparações de direitos violados, com as restituções de impostos arrecadados illegalmente pelo minotauro do fisco, a Justiça suprema desatou do augusto rosto a venda mythologica para ver melhor e trucidar, inexoravelmente, tudo quanto cheirasse a pretensão contra o estado, principalmente a pedido de dinheiro do Thesouro Nacional.

O Congresso, por sua vez, fiel á sua missão de instrumento subalterno do governo, decretára a mais cabal desconfiança nos arestos, impondo o pagamento dos julgados com desconto de onzenario, estabelecendo umas tantas providencias para embaraçar com nugas de vilissima chicana a execução de sentenças contra a União, ou vencer os litigantes pelo cansaço, pelo desespero.

A justiça para manter o essencial equilibrio dos poderes se submetteu a tudo; engoliu, de cara alegre, todos esses absurdos monstruosos.

A causa de Azevedo por via de appellação obrigatoria para os Procuradores, sob pena de demissão, chegou á instancia augusta, á sagrada acropole da Justiça, precisamente no periodo de maior exacerbação do sagrado zelo pelo intangivel dinheiro nacional.

No julgamento, houve azeda discus-

são entre o relator e Covarruvas, que perturbou a placidez do recinto com phrases energicas, contundentes como pedradas; bradou contra a rude injustiça, qualificou vandálica extorsão a negação daquelle direito, demonstrado pelo facto, assente em razões inexpugnaveis, de evidencia deslumbradora; não logrou, porém demover de seus inexpugnaveis reductos de idéas inabalaveis, de resoluções preconcebidas, os collegas que, indifferentes á escaramuça, ao tiroteio da discussão, conversavam sobre coisas innocentes — as consequencias de um ataque de influenza, as tyrannias de um rheumatismo, a exarcebação das hemorroides ou algum engraçado caso de politica.

Covarruvas perdeu o seu rico latim: os transcendentos interesses nacionaes foram mais eloquentes e o gladio legendario cumpriu, fatidico, o seu dever de instrumento da restauração das corruidas finanças da Republica.

Foi reformada a sentença appellada para ser o autor julgado carecer da acção.

\* \*

Foram assim burladas as mais queridas aspirações, o sonho de ouro da pobre Amelia Azevedo.

Esse golpe desequilibrou as finanças do casal e o voraz abutre do aluguel continuou a roer-lhe as economias, a beber-lhe o suor do rosto.

Nem predio, nem dinheiro. Nem mel nem cabaça...

CUJAS

## OS TREZ PERIODOS DO GOVERNO REPRESENTATIVO E CONSTITUCIONAL NO BRAZIL

### I

Differem profundamente, entre si, os tres periodos de governo representativo e constitucional no Brazil.

Não dominam, em cada um delles, os mesmos principios; não regulam as mesmas praticas; não prevalecem as mesmas idéas.

O regimen do primeiro reinado, toáo excepcional, não é, de certo, identico ao da Regencia, que se lhe seguiu. A revolução de 7 de abril abriu entre elles um vasto vallado de separação, que tambem divide o segundo reinado e os dous precedentes.

Donde provem esta differença, esta variação na pratica do mesmo systema de governo, fundado desde a promulgação da Carta Constitucional de 25 de março?

Questões de historia, que só podem provocar a curiosidade dos amadores da archeologia...

Que interesse podem ter as novas gerações em conhecer a explicação desses phenomenos sociologico-politicos?

O regimen do passado nem sequer tem applicação no presente; já passou da moda. Delle não póde porvir nenhuma licção para os homens novos, que se occupam dos negocios publicos. Ao regimen actual, as praticas do passado são inuteis, ou absolutamente estranhas. Como, porém, ha muita gente, que estuda as instituições da liberdade antiga de Athenas e de Roma, é provavel que estas questões de politica historica encontrem alguns devotos.

Antes de procurar a explicação do phenomeno, convem verificar a existencia provada d'alguns factos: ter como que uma vista rapida do passado.

Não seria temeridade affirmar que o governo do primeiro reinado — nunca foi constitucional, isto é, limitado pela lei, sujeito na esphera de acção, que lhe era facultada. Pelo contrario, foi a prolongação da monarchia tradicional, arbitraria, absoluta e irresponsavel.

Resultavam esse illimitado poder, essa omnipotencia, que eram a prerogativa da Realeza de direito divino — de duas ordens de circumstancias: 1.<sup>a</sup> — da tradição antiga ainda religiosamente respeitada; 2.<sup>a</sup> da ausencia de Constituição e de camaras legislativas desde 1823 até 1826, quando, pela primeira vez, funcionou a Assembléa-geral.

E' facto incontestavel que, durante este periodo, o governo procurava normas em sua vontade, ou na tradição da antiga Realeza. Os homens, que preponderavam na scena politica, evidentemente não tinham outra educação: alguns, como José Bonifacio, reputado o mais sabio, seguiam as praticas estabelecidas pelo despotismo, ás vezes — insano — do ministro de d. José I; do ministro, que foi um despota da peor especie, porque fazia o mal sob o pretexto de querer o bem: theoria, que José Bonifacio realisou como *patriarcha*, fundador da Independencia e iniciador da liberdade civil e politica, que a colonia brazileira ignorava até a vinda de d. João VI.

Ora, si quizermos ver como principiou a funcionar o governo representativo no Brazil, recorreremos aos documentos, que subsistem e que são fontes historicas, onde devemos beber, ou estudar os acontecimentos da epocha — essas fontes são: os actos do governo e os *Annaes* parlamentares, porque a historia só virá mais tarde e ainda incompleta e deficiente.

Na Assembléa Constituinte de 1823, tudo é quasi novo, no exercicio das funcções.

Não havia dantes, na metropole, eschola de politica parlamentar; os nossos homens, portanto, não estavam preparadas a exercel-as.

Em sua maioria, a Assembléa Cons-

stituente era formada de homens bons, mas de mediocre instrucção: não havia, nesse cardume de improvisados legisladores, um homem superior, como Mirabeau, que desde a reunião dos *Trez-Estados*, imprimiu n'assembléa, feliz orientação pela energia da vontade, pela supremacia do talento, pela profundeza da sciencia e pelo poder irresistivel da palavra inspirada.

Os homens mais distinctos por alguma illustração, adquirida, ou nas secretarias d'Estado em Lisboa, ou no professorado, como os Villela Barbosa, Carneiro de Campos, Baependy, Santo Amaro, e José Bonifacio (que era completamente nullo nas luctas da palavra na tribuna parlamentar) --- taes homens não reuniam as condições, que abundavam no Conde Gabriel Honoré de Piquetti, o maior orador da Revolução franceza de 1789. No meio da nossa assembléa, pretendia avultar, impondo-se pelo arreganho e fatuidade --- Antonio Carlos de Andrada, que tinha impetos oratorioos, que deslumbravam os auditorios inexperientes.

Assim que, nos *Annaes* da Constituinte de 1823, o vulto, que refulge imponente em todas as occasiões, é do antigo magistrado d'Olinda, victimado patriota da revolução de Pernambuco de 1817 e prezo, acorrentado nas cadeias da Bahia.

Antonio Carlos, logo nas primeiras sessões, absorve attenção da noviça Camara e conquistou a facil e frivola admiração do auditorio das galerias, que então ficavam repletas e eram curiosas.

Elle suscita e discute todas as questões. Elle opina dogmaticamente. Elle ensina, reprehende e reprova. E' um professor imperioso e irritadiço, inexoravel, dirigindo discipulos submissos.

Mas o que, hoje, nos sorprehende --- após um espaço de 81 annos decorridos --- não é a fatua pretensão, nem a ostentosa rhetorica de Antonio Carlos, é a futilidade das questões; é o tom da discussão; é o estylo guindado, que nos faz rir, mas que arrancava, outrora, calorosos e infrenes applausos, e fazia com que, quando o orador transitava pelas ruas da cidade --- a multidão estacasse deslumbrada e respeitosa o mostrasse com o dedo, dizendo --- *eis ahi o grande orador!*

Dessa palavra, si foi flama, só resta um mesquinho residuo de cinzas... mas o nome do orador, honrado pela estima publica e engrandecido pela tradição, perdura em nossas memorias, qual uma das glorias da tribuna, ainda que a severidade da critica bote um pouco dagua na fervura do entusiasmo. Si estas notas, que escrevo ao correr da pluma, não fossem destinadas a viver, como a *rosa* do velho poeta Malherbe, eu me daria ao trabalho de abrir e compulsar os vo-

lumes dos --- *Annaes* --- colhendo, aqui e acolá, algumas flores da afamada eloquencia, para offerecel-as aos admiradores, nas novas gerações, afim de que não sejam echos da tradição, quasi sempre inconsciente; ao contrario possam fallar e julgar --- *cum scientia atque conscientia*.

Darei, todavia, um ligeiro excerpto, que sirva de *amostra* e justifique a minha critica.

Na sessão preparatoria de 30 de Abril, discutiu-se o cerimonial, com que s. m. Imperial, deveria ser introduzido e recebido no recinto da assembléa dos Representantes da nação. O debate foi futil, mas ardoroso. O padre Dias, deputado de Minas Geraes, derramou-se como uma vaga estendendo-se em arenosa praia. Tratando do assumpto, opinou « que a posição, que se deve designar seja distincta, mas no mesmo plano, onde estiver o presidente d'assembléa, cabeça inseparavel, naquelle acto, do corpo moral, que representa a nação, soberana e independente, e deixaria de o ser, quando tivesse superior. »

A estas pieguices do Reverendo mineiro accode Antonio Carlos, exercendo o seu magisterio parlamentar: ergue-se de subito, com a fronte araiada de luz e com os olhos flammejantes de inspiração, e brada --- « sr. presidente, eu estava preparado para ouvir portentos nessa assembléa, vivemos na idade das maravilhas e somos mui pouco illustrados para não ferverem entre nós os milagres. Confesso, porém, que o que ouço passa toda minha espectação, comquanto grande ella fosse, etc. »

Os leitores queiram ir notando que o vêzo de grandiloquas phrases brilha e inspira as hyperboles da rhetorica andradina.

Antonio Carlos as requinta no desenvolvimento do discurso; elle vergasta o costado do pobre sacerdote das alterosas montanhas de Ouro Preto a tal ponto, que o padre Muniz Tavares, deputado pernambucano, corta pela controversia do modo seguinte --- « acabemos com isso; deixemos questões infructuosas; não queiramos fomentar a desordem no principio dos nossos trabalhos (muitos apoiados). »

As hyperboles, porém, não são de fino e apurado gosto; as frioleiras proferidas pelo prebystero Dias não deviam ser guindadas á altura de portentos, nem este vocabulo pôde lhes ser applicado com propriedade. Não se comprehende como *fervem milagres*. Um milagre é um facto rarissimo, derogação da lei permanente da natureza; logo exclue a idéa de abundancia; é nesse sentido de quantidade, que o orador emprega o verbo --- o que realmente não passa dum dislate. Ainda se deve notar que os milagres não de-

pendem do Estado de mais, ou menos illustração: a alteração da lei natural tem outra causa efficiente, que a religião, por exemplo, attribue ao poder de Deus e a sciencia, ou explica, ou ignora; mas o orador, que devia saber dessas cousas, é um espirito altaneiro e desordenado, que ama as *palavras de penacho*, segundo Aristophanes já notava em oradores e escriptores gregos, que aliás não eram fecundos de idéas originaes, ou proprias.

«Eu, sr. presidente, estou persuadido que no systema constitucional não só se deve ser liberal, mas até prodigo de honras, glorias e esplendor para com o monarcha; só economico de poder --- poder quanto baste para o exacto desempenho das funcções, que lhe attribue a Constituição, e não de mais, que lhe facilite a oppressão dos outros poderes igualmente constituídos, mas gloria, mas apparatus, que inspire respeito, avizinhe-se á divindade.»

Deixando de parte a infantil theoria, que Antonio Carlos professava num Parlamento, que se reputa o representante da soberania nacional e no momento, em que a nação rompe o jugo secular da monarchia de direito divino, notemos que elle restabelece essa crença, ensinando que o *monarcha avizinhe-se á divindade*.

Elle arrogava-se a autoridade de leccionar os noviços politicos, que o escutavam convictos da supremacia do seu talento e deslumbrados pelas scintillações de sua sciencia. Mas, a fracção, verdadeiramente illustrada e de criterio, não deixava de sorrir, á socapa, vendo as estrepitosas ostentações das fanfarronadas de liberalismo e de irreflectida e humilhante idolatria monarchica.

O Imperador aprendia com taes mestres a continuar a crer que era o herdeiro e o representante da realza consagrada, no campo memoravel de Ourique, por milagrosa manifestação da Providencia Omnipotente. Antonio Carlos foi ao cumulo, considerando os ministros de modo que provocou a seguinte replica.

«Não deixarei passar nunca a idéa --- (falla o secretario França) --- a idéa de que os ministros secretarios de Estado sejam servos do Imperador: esta idéa é anti-constitucional e contraria aos principios do Direito Publico; que temos abraçado.»

Os ministros, secretarios de Estado são grandes magistrados do poder executivo, responsaveis á nação pelo que obram em razão de seu officio, ou cargo, e não podem em tal qualidade ser considerados como servos do Imperador. Si este, pois, deve entrar na Assembléa acompanhado somente de seus creados principaes, não podem entrar neste cortejo os ministros secretarios de Estado.»

Assim rebatidos os frívolos conceitos do mestre, eis que Antonio Carlos precipita-se na tribuna e diz: --- «Pasma de não ser entendido, cuidei que fallei claro, mas enganei-me. Eu chamei e ainda chamo aos ministros de Estado --- servos do Imperador --- não do Imperador como individuo, mas do Imperador como poder politico...» --- Depois de fazer umas gongoricas distincções, conclue --- «Sr. presidente, os agentes do poder executivo são servos, não do homem, mas da dignidade, mas da corôa; esta é a linguagem, de que se servem os livros inglezes e que nem os Hampdens, nem os Pym acharam derogatoria do character daquelles, a quem se applicava.»

O contraste, entre os dous oradores, é evidente. O criterio do secretario pulverisa a indigesta erudição, com que Antonio Carlos pretende fazer prevalecer a sua opinião e ainda ficou pulverisado irremessivelmente, quando Carneiro de Campos, tomando a palavra, expressou-se desta sorte. --- «Sr. presidente, prescindindo da questão suscitada entre os dous illustres deputados, que ultimamente fallaram, se porventura os ministros de Estado se podem chamar servos da corôa: recorrerrei a outro principio para demonstrar que não devemos approvar o artigo do projecto, que os exclue da entrada nesta caza no solemne dia de sua installação. Os ministros de Estado, sr. presidente, verdadeiramente não são creados do Imperador, nem tambem officies de sua casa. Elles exercem um poder politico, são membros do poder executivo, este é um dos poderes soberanos e nesta qualidade não se lhe póde negar a entrada nesta augusta assembléa, quando se installa a representação nacional para exercer as augustas funcções do poder soberano de legislador. (Foi geralmente apoiado).»

Carneiro de Campos foi depois Marquez de Caravellas e ministro de Estado diversas vezes, senador do Imperio, regente com Vergueiro e o general Lima e Silva (Reg. Pro. de 7 de Abril). Era, talvez, o espirito mais culto nas sciencias politicas, administrativas e economicas no primeiro reinado. E' ainda o unico orador, cuja leitura é proveitosa. Não se póde deixar de admirar-lhe a erudição vasta, profunda e luminosa. Dos assumptos, que discute, mostra-se inteirado. Parece não ignorar o complexo das sciencias do Estadista e publicista no seu tempo. Não posso avalial-o, como orador parlamentar; falta-me um dos elementos --- a palavra e o gesto, instrumentos poderosissimos da acção oratoria.

O que resta delle nos *Annaes*, dá-lhe jús ao primeiro logar no Parlamento Constituinte de 1823.

E' de crer que tivesse sido considerado digno de occupal-o pelo valor dos

seus discursos, pela importancia das questões, que soia illuminar com as luzes de sua sciencia. E' provavel que voltemos a estudar essa physionomia, na qual sobresahe a pallidez; na qual diviza-se o reflexo da meditação paciente e silenciosa do claustro de São Bento na Bahia, onde elle fez profissão de fé.

Si os leitores attentarem bem nos excerptos, que publicamos, poderão fazer uma idéa do que valia a Assembléa Constituinte de 1823. Poderão imaginar qual o typo do regimen representativo constitucional, regido segundo as superficiaes e frivolas theorias, expendidas por Antonio Carlos e pelas praticas administrativas de José Bonifacio, reputado --- grande sabio --- quando, na verdade, não era mais do que um notavel naturalista, que não era orador, ou estadista, nem liberal e muito menos republicano (1).

Como homem de Estado, foi uma nullidade. Prova-o o desastre do seu ministerio, posto por terra *por uma mulher ignorante*, mas que se mostrou superior ao ministro em habilidade. Quando se pensa no modo, pelo qual *voou pelos ares* o primeiro ministerio do primeiro reinado, ao leve impulso do gracioso pé da M. de S., não se comprehende como se creou para José Bonifacio a nomeada de estadista e de sabio politico!...

Que idéa devemos fazer dum estadista, que governou de modo que cahiu vergonhosamente? De que quilate seria a sua proficiencia politica? Qual a penetração e a lucidez de sua intuição? Nada previu, nada evitou, nada acantelou; foi surpreendido e esmagado; representou o papel do capitão, que responde --- *não cuidei...*

Poderão attribuir o estrondoso desastre ás difficeis circumstancias do tempo; estas circumstancias, porém não devem ser invocadas, por que provam contra o ministro decahido. Ellas lhe eram muito favoraveis e o desastre não podia provir, sinão da ineptia do palinuro, que dirigia a náu do Estado.

Com a demissão do ministerio de 16 de Janeiro de 1822, foi dissolvida violentamente a Assembléa Constituinte, que, dirigida pelos Andradas, não teve a capacidade, nem o patriotismo de organizar o governo constitucional e representativo do paiz, que neste havia depositado a mais viva esperança e completa confiança.

Veremos, noutra occasião, como as circumstancias favoreciam a José Bonifacio, aquem faltaram somente a aptidão e a sciencia do governo.

Elle soffreu, por outros lados, as consequencias das praticas e das doutrinas, em que educou e largamente corrompeu a vontade prepotente e ar-

(1) Vide a carta de José Bonifacio contra os republicanos.

bitraria de Pedro I. Pode-se, esmerilhados e apurados os factos, duvidar si a intervenção de José Bonifacio foi benéfica, ou funesta á causa da liberdade, no primeiro periodo da fundação do regimen de governo constitucional e representativo no Brasil.

EUNAPIO DEIRÓ.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### DIÉTA DE SAL

Deve-se ao professor Ch. Richet e ao dr. Toulouse, a primazia na demonstração da acção precisa da hypochloruração, provando que era possível diminuir, na metade, a dose de bromureto de potassio, que jugula as crises dos epilepticos, supprimindo o sal adicionado e limitando a duas grammas, o sal dos alimentos, diéta que os doentes supportam sem esforço.

Essaulowe Kaupp verificaram que, supprimindo o sal, diminuia consideravelmente a albumina dos Albuminuricos; e os trabalhos mais recentes de Widal e Lemierre, de Widal e Javal demonstraram a admiravel acção da dechloruração nas nephrites, e sua influencia sobre a diminuição dos oedemas.

Na sessão de 10 de julho ultimo, na sociedade de biologia, elles apresentaram observações importantes.

Um primeiro brightico, ligeiramente oedematoso, foi alimentado, durante uma semana, com 400 grammas de pão, 300 de carne, 50 de batatas e 15 a 20 de sal. A albuminuria estava fixada de 9 a 10 grammas.

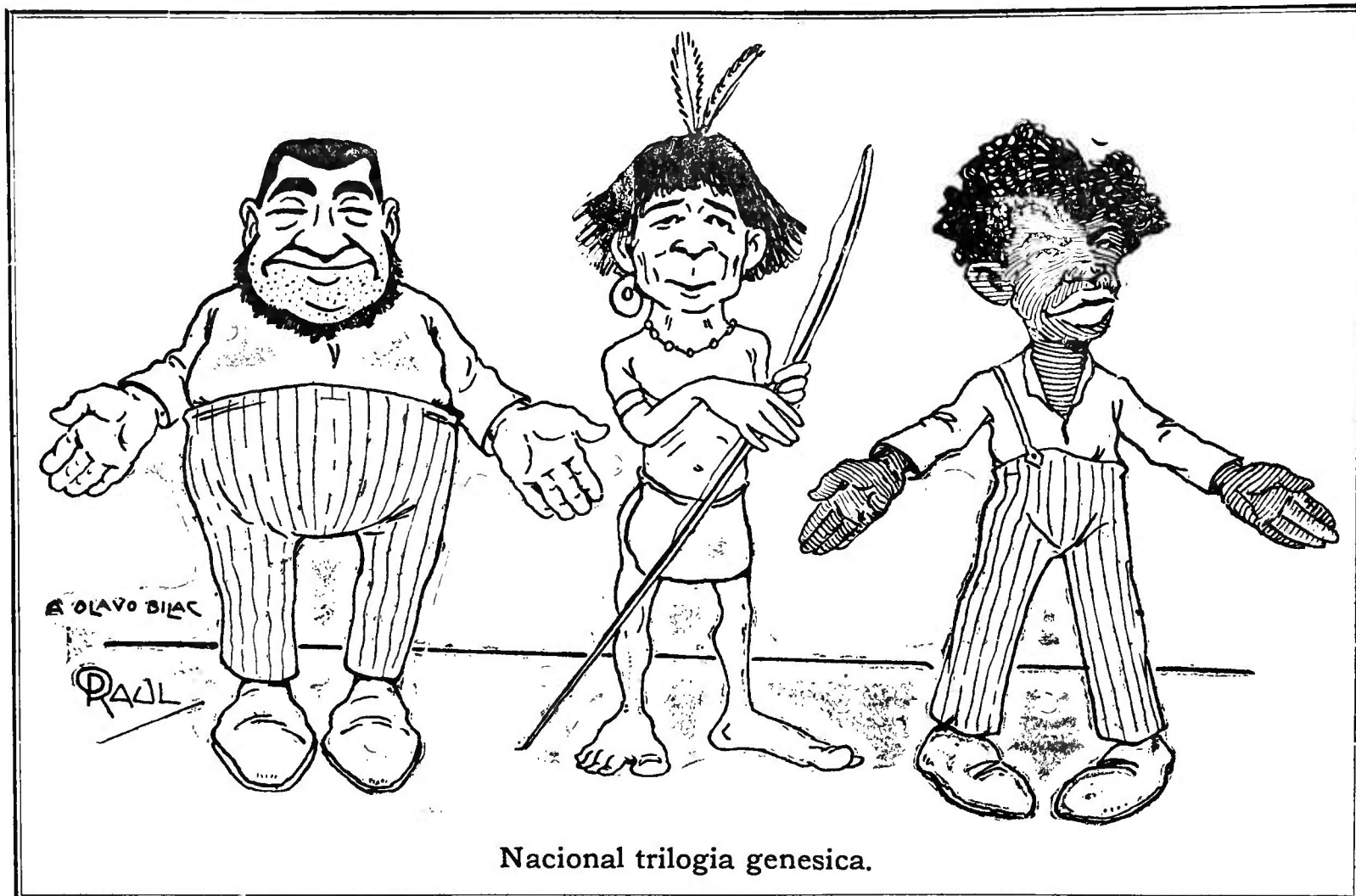
Depois, durante 28 dias, continuou o mesmo regimen com suppressão do sal. Ao cabo de 18 dias, a albuminuria caíra a 2 grammas. Administraram-lhe de novo o sal, e logo augmentou a albuminuria.

Um outro brightico comeu o que quiz, mas sem sal e sem leite: desapareceram os oedemas e a albumina se reduziu a uma gramma.

O terceiro doente, com albuminuria de quatro grammas, submettido ao regimen lacteo, foi entregue á nutricao commum do hospital com muito sal. Em consequencia, a albumina subiu a 13 grammas. Mudando para o regimen da suppressão de sal, a diminuição de albumina chegou a 150 grammas.

Em um doente atacado de nephrite diffusa com oedemas enormes, o regimen carneo, com dechloruração lhe fez perder em 17 dias, 37 kilos de oedema.

Outrora prescrevia-se, unicamente, leite aos brighticos, porque a observação demonstrava a efficacia desse genero de alimentação. O leite contem vestigios de sal, mas não era elle, e sim a dechloruração, que agia de modo



Nacional trilogia genesisica.

favoravel. O regimen debilitante do leite, os drs. Widal e Javal o provam. pode ser substituido pelo de carne, com tanto que se supprima o sal.

E, na verdade, curioso observar o effeito de pequenas quantidades de sal sobre os oedemas e a produçãõ de albumina. Ellas bastam para modificar as trocas osmoticas na economia.

Até hoje é o chlorureto de sodio o unico sal, cujo papel está bem estudado.

Os effeitos de desmineralisaçãõ do organismo em chlorureto somente foram conhecidos pelos physiologistas depois de 1899; entretanto, havia muito tempo, era utilizado empiricamente. O dr. Legrain notou que, entre os kabyilas e os israelitas da regiãõ de Bougia, se tratavam as molestias chronicas, sobretudo as inflamações por uma cura de quarenta dias com tisanas de salsaparrilha, com diéta de sal. Um processo identico fôra observado pelo dr. Romary entre os indigenas do Djebel-Amour.

Entre os arabes, o tratamento iodurado de certas molestias é acompanhado de diéta de sal, durante quarenta dias, com muita efficacia.

Si assim é, e está confirmado aqui, no Rio de Janeiro, em varios casos da clinica dos drs. Chapot Prévost, Figueiredo Rodrigues, e outros, devemos attender muito á dose de sal, da qual abusamos, que tem grande influencia sobre a saúde.

Parece horrivel a diéta de sal; tem se, porém, verificado que, vencida a repugnancia ao insulso nos primeiros dias, os doentes se habituam, facilmente, a ella.

\*  
\* \*

## A PHOTOTHERAPIA

A 25 de Setembro ultimo, falleceu em Copenhague o professor Finsen, em plena maturidade promettedora de grandes conquistas scientificas.

Todo o mundo conhece o seu processo de cura pela luz. Observando a aççãõ das côres sobre o organismo nervoso e epidermico, e acompanhando os estudos feitos em 1889 pelo professor Widmark sobre a aççãõ inflamatória da luz ultravioleta sobre a pelle, Finsen aperfeiçoou os resultados até então obtidos, e inventou a phototherapia, interessante ramo da radiotherapia, a aççãõ curativa da electricidade á distancia.

O facto não era novo: na idade média já se haviam comprovado certos effeitos das côres sobre os tecidos. Mais tarde, o rei Henrique VIII, atacado de variola, foi transportado para uma camara forrada de vermelho. Durante a guerra da independencia da America do Norte, observaram os medicos que prisioneiros, victimas daquela molestia e alojados accidentalmente numa adega, melhoraram consideravelmente, cessando logo a febre e seguindo-se melhoras que se attribuiram ao contraste das bruscas mudançãs de luz.

A theoria essencial do methodo de Finsen consiste, principalmente, na destruiçãõ, por meio dos raios ultravioleta, das bacterias residentes na pelle. Elle obteve curas maravilhosas no tratamento do lupus, que é uma tuberculose da pelle; mas, os resultados parece estarem, em outras molestias, aqum das soluções definitivas. No cancro, por

exemplo, o tratamento pela luz, si bem que proporcione, no inicio, algumas melhoras, produz grande surperexcitacãõ dos germens; activa-lhes o trabalho funesto e precipita o processo destruidor.

Finsen recebeu, a 10 de dezembro do anno passado, o premio Nobel.

## O THEATRO

A sala de espectaculos do *Coliseu* está que é uma belleza. O *Damaso*, dos *Maias*, chamar-lhe-ia *chic*. E está *chic* mesmo. Tudo é novo, limpo, alegre, sorridente, e porque não havemos de dizer primavera? E o tom claro da pintura chega a dar-lhe um ar catita e fresco, uma certa faceirice que apraz aos olhos.

Mas, tu, publico de minh'alma, querias mais do que isso? Querias naturalmente que, por estar o theatro assim, te apparecessem no palco ahi uma meia duzia de Carusos e de Pattis, que guélassem a noite inteira uns trechos de musica que te agradam?! Querias tambem que o livro das *Mil e uma noites* se escancarasse em scena, para que visses mais de perto a belleza triumphal das fadas do livro? E's exigente de mais. Olha, fadas só existem na Arabia, e assim mesmo nos contos. Carusos, Pattis, dou-te um



queijo se, por todo esse mundão afóra, me arranjas para cá uns quatro pares desse pessoal.

Contenta-te com pouco para poderes anciar muito.

Triste de mim, triste de ti, se a felicidade (não sou da opinião do sr. Fonseca Moreira a respeito de felicidade) fosse completa. No meu entender, muitas vezes a infelicidade é uma felicidade.

Queres um exemplo? Eu não me nego nunca aos exemplos. E' a maneira mais mathematica de positivar as coisas. Aquelle poeta que tu estimas faz, de vez em quando, uns bons versos. Mas é um estroina; vive nas tascas, bebe paraty, embebeda-se, não tem poiso certo, dorme na rua e não tem papel para escrever.

Mas tu, quando o mostras aos teus amigos, o achas extraordinario; mas acrescentas que seria o primeiro poeta da terra, se não fosse a vida desbussolada que elle leva.

Esse *se não fosse*, ao mesmo tempo que resume a infelicidade do teu vate, é uma felicidade para ti e a mais frontente glorificação do poeta.

Eu me explico. Calcula que um dia o bardo abandonasse o copo, regulasse a vida, mas continuasse a escrever alexandrinos do mesmo peso que escrevia dantes, na *chuva*. Olha agora tu no aperto, envergonhado, desilludido, tu que o achavas o primeiro tangedor de lyra *se não fosse* a estroinice. A tua felicidade consiste em poderes achar sempre o teu amigo grande coisa. E, como sabes, ha por aqui e por lá muita gente que é grande artista á custa do *se não fosse*.

Mas não é até ahí que quero chegar. Quero mostrar-te que, quando se sacia um desejo, se mata uma felicidade.

Prova-se isso com a mesma facilidade com que se fuma um cigarro. Queres ver? Quando eu era pequeno tinha uma vontade brutal de ter um velocipede. Tive um e dos bons, dos de luxo.

Sabes o que se deu? Vou dizer-t'o: aborreci-o em poucos dias.

Tinha tambem vontade de possuir mil contos de reis. Tenho suado em bicas e nem por um occulo os vi até hoje. Pois até hoje ainda os desejo.

Assim é tudo na vida. Se a empresa Seguin mandasse buscar uma companhia de primeira ordem, tu, publico de minh'alma, ficarias com as medidas cheias e acabou-se! quando viesse uma outra, estarias enjôado, terrivelmente enjôado como eu enjôei o velocipede.

No emtanto estás agora appetecendo uma bôa zarzuela, como eu os mil contos.

Além disso os srs. Seguin não podiam dar duas coisas ao mesmo tempo.

Deram-nos só theatro esplendido.

Vocês conhecem aquelle typo que foi pedir dois favores a um amigo?--- Um ---é que lhe emprestasse 100 mil réis --- outro é que não dissesse nada a ninguem.

Sabes o que o outro respondeu? --- Dois favores ao mesmo tempo é muita coisa. Olha, faço-te um: não digo nada a ninguem.

Os srs. Seguin não poderam dar companhia e theatro. Paciencia. E sou capaz de jurar que a vontade delles era que a sra. Gruas fosse um pouco mais nova, tivesse menos gordura e mais frescor no rosto.

Mas quem pode lá com a idade? Já ouvi muitos velhos dizerem que a idade tudo transforma. Transformou a sra. Gruas. Mas, assim mesmo, a primadona tem muitas vezes na voz modulações bem frescas, bem macias, embora a sua garganta não chegue a encantar. Seria melhor (todos nós estamos de accordo) que ella (a prima) fosse mais magra, mais flexivel, mais nova, cantasse melhor, mas tambem havemos de concordar que isso não é culpa della. Os srs. Seguin têm culpa que a sra. Perez Carmen seja uma artista pesada, gordissima e que abra desmedida e teiamente a bocca quando arranca lá de dentro uma nota forte? Acho que não. Se a sra. Perez pudesse, ella propria é que faria esforço para nos deslumbrar. Mas, nem sempre a força de vontade consegue tudo.

O tenor Barella, por seu gosto proprio, teria aquella voz tão exquesita? E' verdade! a voz do sr. Barella! Põe a gente na alhada. Parece que o tenor canta de fóra para dentro.

Apezar disso, de vez em quando, pode ser ouvido. Tem momentos em que irrita, ou pelo menos causa uma certa estranheza, mas torna-se, ás vezes, aproveitavel. Nas duas primeiras noites não foi de todo feliz, mas já na *Campione* mostrou-se melhor, principalmente no terceiro acto. Nas outras récitas tem ido regularmente.

E' o que se tem dado quasi com todos os artistas, ou, melhor, com todos. As duas primeiras noites (justiça lhes seja feita) não andaram muito para que se lhes diga, mas da terceira em diante criaram mais animo. A segunda representação, então, foi de um caiporismo brutal para o machinista. Os pannos se tornaram impertinentes, ora não querendo subir, ora não querendo descer senão á força de insistencias. Os actores tambem ainda não estreitaram relações com as cabelleiras que trazem em scena.

Estas têm caído descerimoniosamente quando o actor finge ou dá de verdade um tombo, e, o que é peor ainda, tornam-se traquinas na cabeça dos artistas de forma que elles são forçados, no meio de uma aria bonita, a fazer gestos pouco bonitos para concertal-as.

Um cantor que poderá vir a ser um bom baritono é o sr. Garrido. E' moço e pode estudar. Por ora... serve em falta de outro.

Os srs. Segura e Vieira tem feito muita gente rir.

A festa do sr. João Luso, no S. José, apesar de ter sido numa segunda-feira, foi uma bôa festa. Sabem porque? Porque se tratava de um querido nosso, de um rapaz que se fez querido á sua custa, que se fez admirado pelo seu talento.

Começou como começam poucos, conseguiu o que poucos conseguem. Começou impondo um pseudonimo, uma alcunha para a lucta, e terminou por elle proprio ter esquecido talvez o seu proprio nome. Um pseudonimo só cria viço, só se enrama, só se enrobusta quando ou é um bôbo que o estruma para a gente rir, ou é um artista que o planta para se acatar. João Luso obrigou-nos a acatal-o. E' um senhor muito feliz na vida. Até mesmo tem ao seu serviço sympathias que se não explicam facilmente.

Mas, é que acima desse nome, firmado pelo dono desse nome, clareia uma intelligencia ardente, enroupada de vontade, uma intelligencia de escriptor que sabe escrever.

Assomou com os *Contos de minha terra*, subiu depois a escadaria do velho orgão e quando nos appareceu á janella, trazia a obrigação das *Dominicaes*. Ninguem mais lhe quiz saber o nome; a alcunha ficou. Depois, fez a *Prosa*. A alcunha enraizou.

Agora, eil-o no theatro, traduzindo, escrevendo.

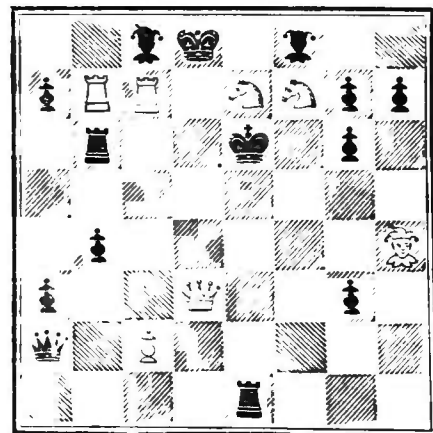
O *Remorso de Armando*, dito tão bem pelo sr. Grijó e pela sra. Maria Falcão, melhor por esta, mostrou quanto um assumpto banal é capaz de tomar volume em sua penna.

A traducção da admiravel *Passerelle* fel-a admiravelmente.

JUSTUS JUNIUS

## DIVERSÕES

Problema N. 3



## O ALMIRANTE (4)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

## CAPITULO II

A incompatibilidade dos dois se accentuou irtolerante desde o dia em que Oscar, andando a caçar *colleiros* pela montanha, lá de cima do penhasco, surprehendeu Gião, profanando o Paraizo em amoroso colloquio com uma retinta e bella creoulinha, que era a mais estimada mucama da marquezia.

--- Ahi, seu Gião! --- gritara o rapaz --- Deixe estar que vou contar á madrinha essa pouca vergonha...

Apanhado em flagrante, o feitor, que era nesse tempo um latagão robusto como um touro, desmanchou-se numa cobardia miseravel; alinhavou explicações absurdas; e, humilhado, quasi a estoirar em pranto, invocou os sentimentos generosos do Oscarinho que, como um menino de juizo, não iria contar semelhantes coisas á tôa, somente para fazer um escandalo inutile prejudicar uma creatura pobre, desmanchar-lhe, cruelmente, o meio de vida. Depois de muitos rogos, lamurias e promessas, o rapaz acquiesceu em guardar o lobrego segredo daquella tentativa de peccado original, com a condição de não serem castigados os moleques. E assim ficou o homem subjugado. A' mais ligeira quebra das condições estabelecidas, Oscar lembrava o Paraizo, e Gião se continha retrahido numa constricção de odio impotente, remordido pela galhofa do fedelho que o trazia, como um boi, de argola ás fustas, incapaz de reagir, porque estaria cortada a sua carreira, perderia a confiança conquistada com tantos sacrificios; seria exilado áquella casa, que era o ninho de suas aspirações. Mas, tanto elle minou num trabalho paciente de formiga infatigavel, para se libertar da obsessão da testemunha da sua falta, que convenceu o marquez da necessidade de afastar o rapaz daquelle centro de seducção, de máos exemplos: o contacto de raparigas que erão um visgo para os seus verdes annos.

Foi preciso empregar um tenaz processo de manhas, alcochoadas de suaves caricias, encarecer a necessidade de começar a formação do Oscar antes de lhe despontar o buço, para que a formozza marquez consentisse no sacrificio de o internar na escola de marinha.

Ella resistiu; chorou copiosamente;

lamentou o lhe roubarem a consolação, a alegria de casa; e quasi desfalleceu numa agonia dilacerante, quando lh'o arrancaram dos braços.

Gião, fiel ao seu odio e aos deveres de servidor abnegado, insinuava ao marquez o que corria á bocca pequena sobre a procedencia de Oscar, historias inverosimeis e absurdas, que as mucamas levaram das alcovas para as cópas e nutriam a protervia da baixa maledicencia. Dizia-se que elle era filho do marquez; outros, ponderando que de tal mameluco não poderia rebentar a quelle bello e vigoroso galho, achavam mais razoavel aceitar a versão calumniosa de um peccadilho da bella Guilhermina, anterior ao casamento, caridosamente perdoado pelo contrapezo dos seus milhões e velado pela innocente farça da tutoria. O proprio marquez surprehendera rumores indiscretos, alluzões ferinas dessa ironia tolerada e elegante, que ás vezes penetra, suavemente, nos mais sagrados recessos, mexericando coisas intimas, suscitando magoas esquecidas ou arranhando feridas mal cicatrisadas. E, á proporção que se expandia o circulo de suas relações, que augmentavam os amigos, a figura de Oscar se destacava entre elle e a esposa como um estranho, um ponto de interrupção onde se accumulava uma porção aos affectos, que constituam o thesouro do seu egoismo de homem apaixonado.

O afastamento do rapaz foi, portanto, uma resolução vantajosa para todos: para a marquezia, que ficava desembaraçada para cultivar com mais assiduidade as suas relações; para o marquez que removiu um obstaculo e principalmente para Oscar que encetava a conquista de uma profissão honrosa.

O tempo venceu a protervia e o esplendor da casa dos Uberabas desdoubrou de intensidade captivante. Nem mesmo quando os primeiros galões do jovem marinheiro, ganhos em brilhante curso, foram celebrados com um baile deslumbrante, occorreu a exhumação dos enfezados episodios do romance que secretos espinhos cravara na alma rija do marquez, que sorria, complacente e tocado de orgulho, pela victoria do pupillo, obra do seu zelo, do seu esforço em violentar a excessiva ternura da esposa para fazer d'elle um homem util á patria e á sociedade. Com o fino tacto de fariscador de diamantes e conhecedor de homens, elle adivinhara naquella creatura, abandonada aos azares da vida, a faisca de uma intelligencia, que, cuidadosamente lapidada, seria um foco de luz. E fôra elle o lapidario daquelle precioso cascalho, que a sorte lhe deparara á borda de um tumulo.

Annos depois, num dia de verão, os pretos ouviram gritos lancinantes que

partiam do Paraizo. Accorreram presurosos e espantados a ver o que acontecera no recatado sitio, cheio de sombras, perfumes e murmurios, consagrado ao repouso e á meditação. Estacaram indecisos ante o anjo ameaçador; mas, animados pela afouteza de Gião e porque recrudesciam mais pungentes, mais doloridos os brados de angustia, infringiram o preceito, invadindo o cerrado de ipés e jácarandás. Lá dentro, sobre um dos bancos de alvenaria, encontraram o marquez morto nos braços da esposa, louca de dor: rebentara de uma apoplexia em pleno vigor dos seus bem vividos setenta annos.

Oscar, promovido a segundo tenente, estava a bordo da corveta *Nictheroy* em viagem de circumnavegação: não havia em torno da viuva inconsolavel um parente que partilhasse da grande magoa, ajudasse a conduzir essa tremenda carga do luto, os pesados e finissimos crêpes a emoldurarem na penumbra de nuvens sombrias e pondo em destaque macilento, o rosto moreno, as formas de correcta solidez triumphantes aos assaltos do tempo e dos dissabores.

Passados os funeraes pomposos, ella confiou ao dr. Souza e Mello a execução do testamento do marido, cuja meiação em titulos e dinheiros fôra quasi toda destribuida em generosos legados ás instituições humanitarias de S. Paulo, de Minas Geraes e da Côrte. A Oscar coube uma deixa de duzentos contos, além de um elegante pavilhão construido em uma das extremidades da vasta chacara para sua residencia. Gião foi tambem legatario de uns vinte contos, uma ninharia, uma decepção, como recompensa aos seus leaes serviços e á faina de aturar, durante tantos annos, um patrão daquelles, violento e bruto. Emfim, poderia ser peor. Outros conhecera mais perversos e mais ingratos. Deus lhe falasse nalma.

Terminado o inventario, a marquezia deixou a Côrte, levando para uma fazenda de Minas, como funebre sequito, as creoulas, as mulatas, os pretos mais queridos e crias de casa, trajando rigoroso luto.

O palacio ficou fechado, entregue a um casal de negros velhos. Grama, hervas damninhas, a vegetação desoladora do abandono invadiram as alamedas e tentavam trepar pelas paredes; o pomar cobriu-se de parasitas; a tiririca esterilizou os canteiros; as rozeiras, afogadas pela vegetação selvagem, esgalharam desgrenhadas e morreram; oxidaram-se as grades de ferro; e o colossal portão senhorial, gemia lamentoso nos gonzos pêrros. A vereda do Paraizo desapareceu num emaranhado de cipós. Cardos e héras enleiraram, numa exuberancia de conquista irreverente, a estatua do anjo ameaçador.

## CAPITULO III

A marquezinha tinha horror á roça, que lhe recordava a infancia obscura, donde surgira para brilhar como os diamantes, que o pae pescava de mergulho nos peraus profundos. Não se coadunava com o seu sangue abrasado, com os seus nervos vibrantes, o exilio das relações sociaes, a privação dos contactos honrosos, que desmancham arestas e pulem asperas aos provenientes das zonas baixas, das estratificações confusas do anonymato humano, alçados de improviso ás regiões culminantes. Ella não podia mais prescindir das exhibições apparatusas da sua formosura empolgante, no esplendor de pedrarias, de estôfas preciosas, como um astro, na sua photosphera, entre constellações humilhadas. Gostava do ruido, do imprevisto, do movimento, do accidente, de tudo quanto quebrasse a monotonia da existencia, como se pretendesse compensar, com o abalo violento de commoções fortes e continuas, o longo periodo de quietação, de placidez scismadora, de extases divinos no inconsciente anelo do desconhecido, de ascender para o céo, agitando no ether luminoso as azas pandas, como as dos anjos que ella via pintados, entre nuvens irisadas nos paineis da capella do convento. No dia em que lhe abriram as portas do triste encerro, ella fugiu pressurosa e contente, dedicada ao homem que a libertara.

A Côrte, que ella sonhava um fóco de elegancia, de primazias de intelligencia e de gosto, foi uma decepção: era uma culminancia desolada e arida como os picos das altissimas montanhas. As raras solemnidades officiaes não tinham esplendor; não havia alli, no vasto palacio, desgracioso, feito a pedaços de informes edificios quadrados, ruido, nem festas, nem uma nota de alegria, mesmo dessas expansões venturosas que enfloram os lares burguezes, porque era habitado por um casal heterogeneo, incompativel pelo temperamento e pelas tendencias: o Imperador, um melancolico, um dispeptico mental, empanzinado de desordenada sciencia e oberado, como elle confessava, ingenuamente, ao pezo dos máus governos; a Imperatriz, matrona virtuosissima de uma simplicidade vulgar, não pudera readquirir com a corôa de um grande imperio o apagado brilho da sua dynastia decahida, nem perdera os habitos de rispidez patriarchal, de severa poupança, de miudo zelo na administração de seus haveres. Faltava áquelle lar os liames dos affectos: era uma repartição do estado na qual os regios esposos viviam, como funcionarios, cumprindo, á risca, os seus deveres, encerrados no lusco fusco de uma pragmatica estreita e curta. Em torno

delles uma caterva de velhos, de senhoras desgraciosas, modelados pelos habitos do Imperador, de serviçaes bisonhos, mal trajados, girava de manso e silenciosa, como numa casa de gente enferma --- todos tristes, de tristeza contagiosa e oppressiva, que penetrou, como um sopro gelado, o coração de Guilhermina — então simples baroneza — quando fez a primeira visita ao paço de S. Christovão.

A commoção que lhe apertava a alma se desfez em colapso quando se achou deante do Imperador, alto, louro, cortada a pelle de setim do rosto sereno por traços de fadiga, o corpo exuberante mettido numa sobrecasaca mal feita, abotoada errado e maculada por velhos pingos de canja de gallinha, que era o seu manjar favorito. Ella não pôde conter um movimento de surpresa ao ouvir esguichar dos labios do colosso uma vozinha fahosa e artificial, como a dos bonecos de *marionnettes*, modulando rapidamente phrases banaes de quem despacha visitas importunas e perguntando-lhe se queria ver a Imperatriz, que estava no proximo salão, vestida de preto, sem um adorno, sem joias, com um sorriso perenne dilatando-lhe o semblante emaciado, e sem expressão os pequeninos olhos de azul desmaiado.

Naquelle meio de simplicidade burqueza, o rico traje de Guilhermina, as suas profusas joias produziam o escandaloso contraste da nota vibrante de uma canção entre as harmonias surdas de uma prece.

Não sabia porque o Paço lhe recordava o convento. Sentindo-se estranha áquelle ambiente oppressivo, ella desafogou da atroz decepção chegando a d. Eugenia, cujo marido estava de serviço naquella tarde, embicado num uniforme sovado, tendo nos galões oxidados o attestado de longos annos de dedicados e leaes serviços á casa imperial.

Disse-lhe, então, d. Eugenia que o Imperador não gostava de festas; detestava o barulho mesmo quando acordava as ondas atmosphericas na forma de palavra ou de musica. Por isso, não podia resistir ao somno no theatro ou nas conferencias da Gloria. O emprego do tempo era a sua grande senão unica preocupação. Andava por toda a parte correndo infatigavel, via tudo de um golpe de vista, passava, entrava e saía como um perseguido pela idéa fixa de voltar logo ao gabinete de trabalho e entregar-se ao seu entranhado amor ás sciencias e ás letras. Naquelle dia, o Antonico estivera toda a manhã encerrado nos aposentos do Imperador, um pandemonio de desarrumação e desordem, juncado de livros atirados a esmo — aqui um volume das *Mil e Uma Noites* em hebraico, além um maço de revistas in-

tactas, um poema catalão traduzido entre as linhas impressas, um tratado de mechanica, o *Principe* de Machiavel, as *Estrellas*, do padre Secchi... e sobre um consólo o chapéo de pello cheio de petições e memoriaes.

O Imperador era um desordenado generoso como o pai, mas não herdara delle o traço cavalheiresco, a gotta do sangue de Nun'Alvares misturado ao sangue burguez dos Braganças: era todo allemão, nebuloso e frio, quasi indifferente, reduzindo as suas expansões affectuosas á herdeira do throno e aos netos, filhos da extincta princeza Leopoldina, principalmente dom Pedro, que era o seu retracto em miniatura. Erão muito tocantes os seus encontros com a filha idolatrada: abraçavam-se, beijavam-se commovidos como dois humildes mortaes numa exaltação de ternura.

— Isto --- continuou d. Eugenia --- é uma côrte que mais parece um convento: aqui não ha pompa, não ha bailes, não entra a alegria.

— Dizem que a Imperatriz --- observou Guilhermina --- é muito ciumenta...

— Ciumes não de mulher, mas de princeza zelosa de suas prerogativas. As recepções são, como está vendo, minha querida, um desfilar monótono de figuras que a veneração entristece, um cordão de políticos, de pretendentes e de pessoas que vêm, religiosamente, por devoção ou por habito, visitar Suas Magestades uma vez por semana, como quem vae á missa conventual aos domingos e dias de guarda. Eu, que adoro o meu querido monarcha, que o considero a garantia do futuro da patria acho que esta côrte não é côrte: falta-lhe o fausto que seduz e deslumbra e é o esplendor do culto civico. A purpura da realeza com os papos de tucano somente apparece em raros dias de gala, desbotada e amarrotada como um fato tirado da mala. O Imperador não cuida de si, nem de sua casa. Faz vista grossa ás bandalheiras, aos desvios de dinheiro, para evitar escandalos. Não se lhe importa de prover ás cavallariças, de substituir carruagens desmanteladas, de vestir os lacaios que, ás vezes, mettem vergonha, tão mal amanhados andam. E gasta um dinheiro surdo, que não apparece, nas despezas dos palacios Guanabara e Duque de Saxe, as quaes saem integralmente do seu bolsinho sem regatear, porque não examina contas, approva-as todas sem hesitações; esbanja como um prodigo em esmolos, em dadivas de insensato. Não sabe dizer — não; e por isso o exploram miseravelmente. Ora, eu não queria que elle se rodeasse de um fausto desmarcado, nem que continuasse uma côrte escandalosa como a do pae — Deus me perdôe — mas essa penumbra de tristeza desordenada em que vive, prejudica o prestigio da dynastia. Ah! minha que-

rida baroneza, não pode imaginar como me irrita a preocupação do Imperador de ser visto pelo estrangeiro; não me contendo quando leio em livro de escriptores que, de passagem pelo Brazil, o visitam, que o Imperador é o monarcha mais democrata do mundo, um monarcha burguez, um sabio que mais aprecia a aristocracia do talento que a do sangue, um Marco Aurelio, e outras banalidades que, ao meu ver, lhe apoucam o prestigio. Um rei é um rei: não se deve rebaixar ao nível dos simples cidadãos. Não concorda commigo?—

(Continúa.)

### VARIANTES VOCABULARES

Qual das duas fórmulas — *flecha* e *frecha*, *cobarde* e *covarde* — é a preferível? Na penna dos escriptores e, não raro, na do mesmo escriptor uma e outra se encontram: nem ha para tal opção um criterio verdadeiro, firme e seguro. Se a indecisão das fórmulas vocabulares já foi enormissima noutros periodos da lingua, hoje não se póde dizer pequeno o numero de fórmulas duplas com a mesma funcção. Uma fixação completa de fórmulas não é possível — escreveu o illustradissimo filologo Adolfo Coelho. Diz-se e escreve-se: *vae* e *vai*, *pae* e *pai*, *céo* e *céu*, *cgual* e *igual*, *idade* e *idade*, *juncto* e *junto*, *dicto* e *dito*, *sancto* e *santo*, *ideia* e *idéa*, *construes* e *constróes*, *loiro* e *loiro*, *touro* e *toiro*, *doudo* e *doido*, *cousa* e *coisa*, *thesouro* e *thesoiro*, *couro* e *coiro* e assim por diante. São tudo variantes realmente licitas. Escrevo — diz Almeida-Garrett, numa das notas ao seu sempre formoso poema *Camões* — escrevo desvairadamente *noute* e *noite*, *ouro* e *oiro*, *roxó*, *rouxo* e *roixo* e semelhantes, não só por conservar esses ricos fóros da lingua, mas porque nesta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita euphonia e belleza. —

Ambas as fórmulas — *flecha* e *frecha* — se explicam por serem *l* e *r* consoantes linguaes, o que vale dizer que são *homorganicas*, isto é, produzidas pelo mesmo organ. E sendo assim, é natural a permuta entre ellas. O *r* é uma letra notavelmente aspera: as creanças a enunciam a custo. Ha pessoas até, que nunca jamais conseguem vencer essa difficuldade nativa, e não tendo lingua habil para vibrar o *r*, mudam-no em *l*, como se lê de Demosthenes e Alcibiades. A este vicio de pronuncia chama-se *lambdacismo*, nome tirado de *lambda*, que é o *l* no alfabeto Grego.

Na trasladação de muitos vocabulos do latim para o portuguez, ve-

mos ora o *r* trocar-se em *l* como *parabola*, palavra, ora o *l* mudar-se em *r*, como *lilium*, lirio, *blandus*, brando, *clavus*, cravo, *plena*, preia: *a preiamar*, sendo a palavra *mar* feminina em portuguez archaico, como ainda o é no francez — *la mer*: tornou-se masculina, subsistindo apenas com o antigo genero nos vocabulos compostos *a preiamar*, *a baixamar*. *Preia* e *baixa* são originariamente fórmulas femininas de adjectivos, concordadas com o substantivo *mar* (1) Na lingua antiga, mui frequente coisa era a troca do *l* em *r*.

Dizia-se pervertendo as letras: *fror*, *groria*, *grosa*, *cramar*, *cremencia*, *craro*, *ingrez*, *framengo*, *prantar*. Havia as

(1) Nem sempre o genero d'hoje em dia é o genero que os vocabulos tiveram outr'ora. *Arvore* já foi masc.: *o arvore*, e, como *mar*, *fim* já foi feminino. Lê-se a paginas 173, cap. IV, d'*A Corja* do genial Camillo: «E vae o Fistula coriscou-lhe taes ameaças no olhar, que a mulher ficou estarecida, emmudeceu de pavor e disse depois ao irmão: — Cuidei que era a minha *fim*. Mas, se elle me batesse, eu dava-lhe cabo da casta.» Isto dizia ao barão do Rabaçal sua mana Felicia, que do leito do conego Justino, com quem vivia abarregada, se passára para o do José Macario, depois de abençoados pela santa madre igreja catholica. O mano barão, que era em tudo uma descompassada bêsta, não sabia nada do mysterio do genero das palavras, e — diz Camillo Castello Branco — emendou na phrase de Felicia o adjectivo articular em concordancia com o substantivo masculino. Elle coitado! não conhecia a nota de Garrett a estes dois versos do «Bernal Francez», tomo II do *Romanceiro*, pag. 140:

Conta-lhe os nossos amores,  
Que aprenda na minha *fim*.

O povo — observa Almeida Garrett — o povo á maneira dos nossos antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferentemente nem a toa. *Fim*, como alvo, objecto, etc., é sempre masculino; como termo, acabamento da vida ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.

Ainda hoje teem genero incerto os nomes *gramma*, *trama*, *personagem* e talvez algum outro. *Ambiguos* chamam os grammaticos a taes substantivos, pois se usam já como masculinos, já como femininos, sem que esta variedade corresponda á do sexo, de que geralmente carecem. Quanto a *personagem*, bem se pudera dizer *o* ou *a* *personagem* segundo nos referissemos a um homem ou a uma mulher. Mas não succede assim, pois se diz *a* *personagem* indifferentemente, sem attenção ao sexo da pessoa. Herculano alludindo a um elegante par que ia entrando numa igreja — um taful e uma senhora — escreveu (*Lendas e Narrativas*, t. 2º, O parcho da aldeia, VII, pag. 236): «Percebeu logo que os saloios estavam de embirração com as duas *personagens* *cortezans*...» Se *personagem* devêra assumir o genero do termo a que se refere, tomára aqui o masculino e não o feminino porque, nos conflictos entre os generos, é o masculino, como genero forte, que triumphava sobre o feminino que é o genero fraco. Assim é que se diz, por exemplo *meus sogros*, fallando-se do *sogro* e da *sogra*, *meus filhos*, fallando-se de *filhos* e de *filhas*, *meus paes*, fallando-se do *pae* e da *mãe*. Assim é tambem que na concordancia do adjectivo com substantivos de genero diverso, é o masculino que determina a concordancia.

fórmulas *prantar* e *chantar* (1) mas succedeu, como diz o doutissimo professor João Ribeiro, que esses typos populares foram vencidos pela forma erudita *plantar*...

Se taes fórmulas se acham hoje totalmente banidas, como folhas seccas que caíram da arvore da lingua, succedendo outras em seu lugar (esta successão de vocabulos o poeta romano a comparava ás folhas das arvores, donde cahindo umas, vêm logo outras substituí-las); se *fror*, *groria*, *sembrante*, *simpres*, *suppricar*, etc., são, dizemos, fórmulas que prescreveram, — palavras ha, no estado actual da lingua, que podemos escrever com *l* ou *r*, se quizermos: *clina* e *crina*, *flauta* e *frauta*, *floco* e *froco*, *neblina* e *nebrina*, *flecha* e *frecha*, *aluguel* e *aluguer*, *patamal* e *patamar* etc.

«D. Inigo e seu pae, o velho senhor de Biscaia, passam as portas de Toledo com a rapidez da *frecha*.» (Herc. — *Lendas e narrativas*, tom. 2º, A dama pé de cabra p. 46.)

«Baralham-se as extensas fileiras: cruzam-nas espantados os ginetes sem donps, nitrindo de terror e de cólera, com as *crinas* eriçadas e respirando um alento fumegante.» (Idem — *Eurico*, X, p. 97.)

«Um guerreiro, cuja barba crespa e cerrada lhe cahia como *frócos* de neve sobre os anneis dourados do saio de malha, estava assentado á direita de Juliano.» (Id. — *ibid*, XIV, p. 185.)

«E até foi necessario esmolar-lhe o enterro, e vender a livraria para pagar o *aluguer* da casa.» (Camillo — *Vingança*, c. 4. p. 40.)

«Voltou aceleradamente ao seu quarto, e vestiu-se, enquanto a creada chamava Thomazinha do *patamal* da escada.» (Idem — *Novellas do Minho*, V, *O filho natural*, 1ª parte, p. 23.)

«José Macario sahiu allucinado d'aquelle baile. A *nebrina* do Douro, de madrugada, refrigerou-lhe a testa vulcanizada de amor, de nevroses lascivas, de ciumes, de raivas.» (Idem — *A corja*, c. 4, p. 169.)

\* \*

Quanto a *cobarde* e *covarde*, tambem indifferentemente se escreve *dum* e doutro modo. *B* e *v* são letras entre si mui chegadas; são homorganicas, labiaes. Substituem-se reciprocamente.

(1) *Chantar* — escreve o esclarecido filologo dr. Silvio de Almeida, nome brilhante no magisterio da capital paulista — concorreu por muito tempo com outra forma popular, — *prantar*; e persistiu literaria até o seculo XVI, encontrando-se na carta de Caminha a elrei d. Manoel (*O antigo vernaculo*, commentario á *Canção do Figueiral*.)

Alexandre Herculano, nas *Lendas e Narrativas*, tomo 1º, A abobada, III, pag. 254, revive a forma *chantar*: «O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros e o fallar não sei de que feiticeiro tudo me induz a crer que o demonio se *chantou* naquelle miseravel corpo, como vós aventaes.»

*Vaginam, vesica* deram, em nossa linguagem, baihna e bexiga, e *caballum, nubem, dubitare, probare, fabam, trabem* deram cavallo, nuvem, duvidar, provar, fava, trave.

Propria dos filhos da mais formosa das provincias do reino---o Minho, o jardim de Portugal---é a troca do *b* pelo *v* e vice-versa. Já isto notava, no seculo de quinhentos, o licenciado Duarte Nunes do Lião. « O que muito mais se vê--- diz elle na sua *Ortografia* --- nos Gallegos e em alguns portuguezes d'entre-Douro e Minho, que por *vós* e *vosso*, dizem *bós* e *bosso*, e por *vida*, dizem *bida*. E quase todos os nomes, em que ha *u* consoante, mudam em *b*. E como se fizessem ás avessas, os que nós pronunciamos por *b*, pronunciam elles por *u*.»

Os minhotos letrados talvez se riam quando o gentio analfabeto diz *binho, bento*, em lugar de *vinho, vento*. Não sabem, porém, máo grado a excellencia de suas letras, que se diz e escreve em bom portuguez: *cobarde* e *covarde, taberna* e *taverna, bespa* e *vespa, abestrux* e *avestrux, labareda* e *lavareda, esbelto* e *esvelto, sobaco* e *souaco, barrer* e *varrer, bassoura* e *vassoura, baranda* e *varanda, assobiar* e *assoviar*. (1)

«O conde não excedia a estatura ordinaria, mas *esbelto* e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos.» (Rebello da Silva—*Contos e lendas*, Ultima corrida de toiros em Salvaterra, p. 176.)

«Julia retrocedeu aos jubilos da infancia quando as fórmas lhe sahiam *esveltas* e desenvolvidas juvenilmente.» (Camillo—*A doida do Candal*, c. 35, p. 256).

«Lancemos a vista por aquelle cahos horribilissimo, aquelle carcere subterraneo e profundissimo, aquella fornalha toda accessa, e ondeando em *labaredas* terriveis.» (Padre Man. Bernardes—*Exercicios espirituaes* — 2º vol., p. 218).

«E a um santo religioso foi mostrada em visão uma escada, que estava no inferno, entre incendios voracissimos e *lavaredas*, que faziam um ruido, como levada de muitas aguas;...» (O mesmo — *Pão partido em pequeninos*, tom. 2º de *Varios tratados*, p. 61.)

«Curvou-se, levantou pelos *sovacos* o corpo inanimado, chamou-o, ungiu o rosto do sangue d'elle ainda quente e

(1) A proposito deste verbo nota Ruy Barbosa na sua magnifica *Réplica*: «Já o *Diccionario da Academia* dava por antiquado o verbo *assoviar*, que Domingos Vieira reproduz, mas que nem Moraes, nem Constancio adoptam. Aulete. Ad. Coelho, João de Deus e Candido de Figueiredo não o conhecem, registando apenas a versão *assobiar*, que é a de Al. Herculanio (*Poesias*, p. 109, 171.) Penso, porém, como Constancio e Moraes, não haver motivo para excluir a fórma *assoviar*, que não perdeu a posse do uso commum, e me parece de onomatopeia ainda mais rigorosa que a outra.»

forcejou por tiral-o a rastos até ás trincheiras.» (Camillo --- *A bruxa de Monte Cordova*, 1ª parte, c. 13, p. 118.)

«E, mettendo as mãos nos *sobacos*, proseguiu aiteando o peito e sacudindo a cabeça.» (Idem---*Novellas do Minho*, X, *A viuva do enforcado*, 1ª parte, p. 64.)

«... e, sobraçando a *bassoura* de giesta para *barrer* o chão, e a almotolia para prover as lampadas, entrou no adro.» (Idem---*Novellas do Minho*, II, *O commendador*, p. 21.)

«Como a velhice nos *barre* tudo da memoria!» (Idem --- *Novellas do Minho*, XIII, *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 42.)

«Estava um imperador turco a uma *varanda*; cahiu-lhe em baixo um papel da *zão*.» (M. Bernardes --- *Nova Floresta*, vol. IV, pag. 226.)

«Nisto, appareceu ella no postigo da *baranda*, e disse-me : . . .» (Camillo --- *Quatro horas innocentes*---p. 25.)

«As auras do mar bafejavam *tépidas*. Elrei passeava nas *barandas* do paço da Ribeira, aspirando o aroma dos laranjaes; e os frades de S. Domingos rezavam *vesperas*.» (Idem --- *O olho de vidro*, c. V, pag. 64.)

Eis-ahi : a mesma palavra ora escripta com *b*, ora com *v*. Os adjectivos que hoje terminam em *avel, evel, ivel, ovel, uvel*, acabavam todos primitivamente em *abil, ebil, ibil, obil, ubil* : depois é que se deu o abrandamento do *b* em *v*; mas, no superlativo absoluto, taes adjectivos readquirem a desinencia antiga: *amabilissimo, terribilissimo*. Nos *Luziadas* não se encontra um só adjectivo acabado em *vel*, todos em *bil*; por exemplo :

«Albuquerque *terribil*, Castro forte, E outros em quem poder não teve a Morte.» (Cant. I, oit. 14.)

E sempre assim : *inexpugnabil, incansabil, instabil, visibil, invisibil, impossibil, vendibil, volubil*.

MARIO BARRETO

## A PROVA

### II

Os primeiros dias foram para Marina de ineffavel satisfação: encheu-a de alegria o agitado poema do mar lançando-se na linha sinuosa das praias, toda semeada de casebres de pescadores, e de barcos de pesca, e o panorama das verdes montanhas que lhe recordava as *paysagens* queridas da terra.

E como por essas redondezas não havia olhares indiscretos que a perseguissem e cubicassem, não houve pedaço obscuro do parque, nem alvuras de praias, nem canto esquecido do solar que os seus pés e os seus curiosos olhos não lograssem percorrer.

Os pintores enviados de Lisboa pelo fidalgo, tinham substituído para cores

a lacres as estragadas pinturas do castello.

Pelas janellas abertas, a brisa saturada do mar já varrêra o derradeiro pó do passado, e o sol, entrando fartamente, dava uma nova expressão ao velho mobiliario e tapeçarias dos extinctos Taviras. As fendas do telhado e as arvores do parque estavam cobertas de ninhos, que assignalavam esse remoto abandono de vinte annos: e agora, não se ouvindo mais toques marciaes nem ruido de armaduras no gasto lagedo, o castello despertava todas as manhãs pela estridente algazarra dos passaros.

Junto ás suas muralhas, pelo lado exterior, onde existia um jardim, giestaes floridos embalsamavam o ar, que Marina com prazer aspirava, quando á tarde ia sentar-se para o pateo, donde se dominava a *paysagem* soberba—como outr'ora, nesse lugar e a essa hora, sentaram-se pensativas fidalgas, demorando os cansados olhos na mesma *paysagem*, a ver si já vinha o marido ou noivo querido, que mezes antes partira, avido de gloriosas aventuras. Ou então, pela manhã cedo, emquanto havia sombra pelos caminhos, ou mesmo ao descahir da tarde perfumada, Marina estendia os seus passos até os primeiros casaes da povoação, que ficava logo por detraz do parque. Mas não passara nunca desse limite, porque o fidalgo não gostava que ella fizesse relações com a rustica gente da aldea.

E com esses exercicios ao ar livre e essa flacidez do espirito, Marina readquiria rapidamente o joven vigor compromettido na reclusão do seu palacete em Lisboa, e as suas faces começavam a tingir-se de leve e delicado carmim—com grande contentamento para Torquato, que a via de novo recuperada da sua formosura e frescor, e já pensava em deixar o solar, onde pungitivas recordações o perseguiram e abatiam..

Mas, ou fosse a commoção ou o ar hispido do Oceano a que o seu organismo já se havia desabituaado, o fidalgo entrou a sentir, desde os primeiros dias, um grande mal estar que o detinha na cama com falta de ar e forte pressão no peito, sem que elle comprehendesse o que se estaria passando no seu corpo, de velhice tão robusta e sadia. Ao anoitecer, algumas vezes, esse estado aggravava-se até as caladas da noite. Nessas occasiões, para satisfazer-lhe a vontade e tranquillisar-lhe o espirito, Marina era forçada a arrastar longas horas junto do seu leito, até que, affagado pela sedativa maciez da mão que ella lhe estendia sobre a fonte, num movimento de caricia, Torquato adormecia de um somno leve e agitado. Sob a luz bruxoleante d'uma serpentina onde ardiã tres velas, que illuminavam o corpo

adormecido do fidalgo e em frente á imagem de uma Virgem das Dores, Marina tremia, apoderada de um medo angustioso.

De balde a joven procurava, invocando a imagem, rezar um mysterio do seu rosario ou lêr um romance de Walter Scott, tirado da bibliotheca do castello.

O medo transia-a, e as paginas do livro ou as contas do rosario succediam-se, sem que o seu pensamento apprehendesse reza ou capitulo.

E como o seu olhar fitasse de mais e todo se concentrasse nos olhos da Virgem, a serenidade desses olhos dava-lhe animo e fé. As lagrimas abundantemente rolavam-lhe pelas faces como gottas de orvalho em petalas de rosa. Então, com receio que o fidalgo acordasse e a visse chorando, levantava-se e caminhava até a sala contigua.

O rumor de seus passos no soturno silencio da noite produzia pelo castello um écho sombrio e agitava as paredes, onde os retratos, mal pintados a oleo, dos avós Taviras pareciam nesse momento reviver nas suas desbotadas couraças. Abria uma janella: e a noite, onde não brilhava outra luz que não fosse a das estrellas, semelhante-lhe um grande cáos como o que havia em sua alma; mas depois de algum tempo o vento do mar refrescava-lhe as fontes que escaldavam. E fechando de novo a janella, voltava para o quarto, onde só a Virgem, que serenamente a fitava com o seu olhar refulgente, podia a consolar e alliviar da sua afflicção. Assim, a morte que a horrorisava, apresentava-se em certas occasões, como unico allivio á sua dor. Procurava, então, nas dobras do seu curto passado, lembrar-se de peccado tão grande que pudesse ter commettido para ser tão grandemente castigada. E pedia, num expontaneo e sincero lamento, que a N. S. das Dores lhe concedesse esse feliz descanso:

— Antes a morte, antes mil vezes a morte que este viver horrendo e sem tregua... ante a imagem da Virgem, desfeita em pranto, exclamava.

Emfim, uma manhã, tendo Torquato passado peor toda a noite anterior, consentiu que Marina mandasse chamar um medico a Tavira --- mas que se escolhesse um medico idoso.

O serviçal partiu a cavallo, e pela tarde voltou, acompanhado do medico, que não era idoso como desejara Torquato, mas moço e sympathico e de maneiras tão distinctas e nobres --- e tão breve nas suas visitas --- que o proprio fidalgo, sendo o mais desconfiado e prevenido dos homens, se sentira logo por elle captivado.

Os mais velhos esculapios, que eram apenas dois, e já curvavam ao fardo dos annos, o criado não os conseguira trazer --- achando-se um delles

doente e o outro em Lisboa --- e escolhera dentre os novos medicos de Tavira, o de mais nomeada...

A' saida, Marina acompanhou o doutor até a escada e perguntou-lhe como achava o estado do doente. Antes de responder, elle cravou os olhos no seu olhar, na curiosidade de penetrar-lhe o intimo e saber si era realmente de amor o sentimento que fazia entristecer tão bellos olhos e quebrar linhas tão suaves de sua physionomia.

Assim, a malicia que nelle a sua belleza gerara e inflirtara, tão depressa lhe assomára ao pensamento, logo expirou diante da serenidade e apagado brilho com que ella envolveu o seu olhar. Penalizado, então, por ver tanta formosura e juventude tão inutilmente empregadas, murmurou para acalmar-lhe o pezar:

--- O estado do marido de v. ex. não inspira cuidados. Conto que dentro de alguns dias estará completamente restabelecido...

Occultara-lhe nessa resposta a gravidade da molestia, cujas melhoras só poderiam ser transitorias e apparentes: o ciume, que não permittira descançar esse corpo e esse espirito, para os quaes a velhice já solicitava repouso, qual velha e gasta machina movida por novo motor --- havia-lhe causado em um anno, nas delicadas funcções do coração, consideraveis e irreparaveis estragos.

Mas quando Marina murmurou tão meigamente e com uma supplica docemente ingenua no seu olhar demorado: «Doutor, por favor, não deixe de vir amanhã...» foi mais pensando nelle, no desejado prazer da sua proxima visita, que na enfermidade do marido. E até elle transpor o vestibulo e montar o seu fozoso cavallo, que o esperava impaciente, Marina o acompanhou com o olhar e o coração, onde adolescente prazer se confundia já á sua langorosa tristeza. Mas a causa desse novo estado de sua alma, ella não logrou apprehender, tão limpidos e honestos eram nesse instante os seus pensamentos. Sómamente, o seu collo arfava com mais intensidade sob o influxo de desconhecida emoção...

Durante uma semana, cada dia o medico voltou pontualmente e cada dia as melhoras de Torquato milagrosamente accentuavam-se. A esse tempo Marina parecia mais florescente na sua belleza, ateando de novo desconfiança e ciume no coração do fidalgo, que a preferia taciturna e pallida como dantes, fenecendo por amor d'elle, que radiante e viçosa qual planta que renasce e floresce sob novas influencias. E Torquato, com a alma transbordando de ciume, pelo mal disfarçado contentamento que em Marina se manifestava, logo que percebia o medico se approximar e ouvia-lhe os passos na escada, começou a desconfiar-a toda absorvida na

imagem desse moço tão distincto e tão bello, cujo physico e maneiras contrastavam e humilhavam o seu acabrunhado physico e asperas maneiras. D'esse modo a sua inferioridade parecia-lhe maior ainda, vista pelo prisma do ciume. E quando á saida, ella acompanhava o medico até a escada, o coração do fidalgo parecia querer lhe saitar do peito. Mas essa demora era sempre tão diminuta que, embora quizesse ver n'ella proposito ou falta, a tranquillidade com que de novo ella entrava no quarto, logo o acalmava.

Como se sentia melhorar e não notando no modo de elle dirigir-se á Marina e de olhal-a, nenhum sentimento latente de coração --- antes achando-o um tanto reservado e de poucas falas --- faltava-lhe animo para bruscamente o despedir, quando o seu estado solicitava-lhe ainda os serviços.

Cuidadosamente observava os vestidos que ella mudava e os seus penteados e o alinhamento com que agora trajava, e estudava-lhe cada um dos seus gestos e maneiras, onde sempre encontrava motivo para julgal-a culpada de traição. E como era de genio pouco communicativo remoia em silencio o seu ciume. Aguardava então, com redobrada anciedade, que mais forte se tornasse o seu corpo abatido, para as resistencias da viagem. Mas uma clara manhã, sobre a mesa onde o medico escrevia as receitas e em face da imagem da Virgem, Marina collocára dois vasos com flores, colhidas por ella dentre as mais bellas e perfumosas do jardim. E bastou isso para que o fidalgo se desesperasse e exacerbasse na desconfiança que o minava --- e logo resolvesse despedir o medico, nessa mesma manhã... Prova mais clara de perfidia e traição não podia desejar! Não se enganara pois o seu coração, quando a trouxera por tanto tempo encerrada e guardada, e agora muito mais encerrada ainda a traria, oh! muito mais! mal chegassem a Lisboa.

O odio fazia estremecer a sua desbotada pelle que a magreza enrugara como a superficie de um lago, roçado e percorrido pela brisa.

Como estava abatido pela enfermidade e quasi exausto pelo excesso da emoção, que mais augmentava a pressão do seu peito, resolvera nada dizer-lhe e aguardar para mais tarde a vingança que tiraria, flagellante e terrível como á sua dor. Ella a desejara e quizera, portanto a teria! Mas, por emquanto, convinha antes dissimular.

Assim, quando o medico chegou essa manhã, com grande surpresa o encontrou vestido e sentado na sua cadeira de longo espaldar, que contava mais dum seculo, na qual estavam gravadas as suas armas. E foi com dissimulado sorriso que o fidalgo lhe par-

ticipara a recente resolução de partir para a capital, onde urgentes negócios o chamavam --- sentindo-se já muito melhor e agradecendo-lhe pela sua grande dedicação.

Emquanto eram ditas estas palavras, Marina, que não sabia da resolução do fidalgo, lançou ao medico expressivo olhar, onde amor e surpresa se misturavam...

Então, nesse intenso olhar, e nos modos contrafeitos do fidalgo e na extranha resolução da sua partida, o joven tudo comprehendeu: que ella o amava, que o fidalgo, mais perspicaz, já levantara o véo dessa occulta paixão... E só elle não a comprehendera, julgando Marina toda dedicada ao marido e somente a elle amando. No entanto, pela sua excelsa belleza apaixonara-se desde o primeiro dia, e com tamanho sacrificio trazia esse sentimento recalçado no recondito do seu peito...

Agora, era tarde demais...

Num relance, vio tambem as flores que ella collocára sobre a meza, onde pousava muito alva uma folha de papel e muito nova uma penna de aço e um tinteiro antigo.

E para que a suspeita do fidalgo não augmentasse, e por seu amor Marina não viesse a soffrer, procurou apparentar firmeza e indifferentismo. Mas no olhar que entre si trocaram á despedida, trocaram-se tambem os corações...

ANFILOQUIO MARQUES  
(Continúa.)

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO  
DAS THEORIAS VIGENTES  
PARTE 1.<sup>a</sup>  
CAPITULO II

4. (1) Depois de termos mostrado a maneira porque o mestre considerava os negativos, tratemos dos exemplos que elle dá em sua obra para provar a *realidade* destas quantidades.

Temos mostrado que Benjamin não ficou verdadeiramente senhor do alcance do principio de Descartes, porque não soube acceitalo como uma simples convenção imposta pela complexidade do facto concreto, pelo que commetteo o erro de limitar-se em seu trabalho a *interpretar* os negativos, quando devia mostrar simplesmente a necessidade de sua acceitação na sciencia mathematica. A confusão da theoria que combatemos melhor se accentúa pela analyse dos exemplos que apresenta Benjamin para provar que um negativo não é menor do que zero. Entretanto, é facil de ver que o illustre professor nem consegue isto provar, nem firma uma theoria racional.

Diz elle em sua obra:

« Supponhamos um corpo movendo-se em linha recta.

Si considerarmos a velocidade como positiva, quando o movimento tem lugar em um certo sentido, será negativa quando o movimento tiver lugar no sentido opposto. *E' uma consequencia a que nos leva neste caso a interpretação dos signaes + e -.*

Como é que deste exemplo se pode tirar argumentos para demonstrar que

toda a quantidade negativa é menor do que zero, e tanto menor quanto maior é o seu valor absoluto ou numerico? !...

Não é possível harmonisar a idéa de velocidade com semelhantes propriedades, que se attribue ás quantidades negativas. Para harmonisar estas idéas é indispensavel suppôr que quando a velocidade é negativa o corpo anda menos do que quando está parado!... e tanto menos quanto maior é a velocidade no sentido indicado pelo signal -. E no entanto não é esta de certo a consequencia a que ninguem quer chegar, posto que ella seja irrecusavel para que as quantidades negativas possam gozar das propriedades que se lhes attribue. (1)

Este exemplo que poderia servir para combater a antiga theoria dos negativos, e, portanto, para firmar a nova theoria, serve apenas para mostrar que o illustre professor não tinha idéas bem accentuadas sobre o principio do phylosopho, porque não se servio deste principio com verdadeira propriedade, uma vez que reconhece ser este exemplo « uma consequencia a que nos leva neste caso a interpretação dos signaes + e - . » Interpretar o signal - dos negativos é reconhecer que elles provêm, não de uma necessidade imposta pelo facto concreto, e sim de uma operação. Quem acceita a theoria de Descartes não tem que interpretar o signal das quantidades, porque esta theoria *creou* os signaes para a *distincção* dellas.

Mas continuemos. A' pagina 28 de seo trabalho diz o illustre professor:

« Vamos a um outro exemplo que se tem tornado geral; consiste elle no seguinte:

Se representarmos por  $a - b$  o estado pecuniario de um negociante ou de um individuo qualquer, representando por  $a$  a receita e por  $b$  a despeza, tres casos se podem dar:  $b = a$ ,  $b < a$ ,  $b > a$ .

No primeiro caso, sendo a receita igual á despeza, o individuo nada possui, mas tambem nada deve; no segundo, a receita sendo maior do que a despeza, tem elle um saldo a seu favor que o representaremos por  $c$ , sendo  $c$  a differença  $a - b$ , que é positiva neste caso; finalmente quando  $b$  é maior do que  $a$ , fica elle devendo a quantia  $c$ . Neste caso, porém, a differença que representamos ainda por  $c$  é negativa e igual a  $-c$ . Resulta pois que:

Se representarmos por  $c$  o valor absoluto ou numerico de uma certa quantia,  $+c$  exprimirá uma quantia que um individuo possui realmente,  $-c$  exprimirá uma divida. E' claro porém que a quantia designada por  $c$  é tanto maior ou tanto menor quanto maior ou quanto menor fôr o numero  $c$  que a representa, quer elle seja affecto do signal  $+$ , quer do signal  $-$ : isto é, quer represente um fortuna que alguém possui, quer represente uma divida.

Como é pois que deste exemplo se pode tirar argumento algum para confirmar ou demonstrar a these em questão?

A expressão  $-c$  representando uma divida, e sendo verdade que toda quantidade negativa é menor do que zero, não havia realmente nada melhor para o devedor.

Neste exemplo, deixando mesmo passar a hypothese  $b > a$ , que Benjamin reconhece ser um absurdo, e admittindo tambem que o que provem de uma subtracção em que se formulou tal hypothese seja um negativo, o illustre professor não foi claro em seu raciocinio.

Com effeito, na hypothese  $b = a$  o individuo nada tem, isto é, o seu estado pecuniario

é nullo. Na segunda,  $b < a$ , o individuo tem um saldo, isto é, o seu estado pecuniario tem um certo valor. Na terceira hypothese,  $b > a$ , o individuo tem uma *divida*, isto é, o seu estado pecuniario é mais precario do que a do individuo que nada tem. Si o estado pecuniario nullo fôr representado por zero, o estado pecuniario do individuo que deve só pode ser menor do que zero, porque quem nada tem e nada deve está em melhores condições do que quem nada tem e deve uma certa quantia.

Mas Benjamin não encontrou este argumento em favor da antiga theoria, porque representando por  $a - b$  o estado pecuniario de um individuo, conclue que uma *divida não pode ser menor do que zero*.

De facto uma divida não pode ser menor do que zero, porque representa um valor, mas si o estado pecuniario do individuo que nada tem é zero, o daquelle que nada tem e deve é forçosamente menor do que zero.

Si Benjamin estivesse bem compenetrado do principio de Descartes não teria a infeliz idéa de representar o estado pecuniario de um individuo pela differença  $a - b$ , para concluir que uma divida não é menor do que zero, porque por uma simples applicação do principio, si se chamou  $+c$  a fortuna ou o saldo que tem um certo individuo e si se chamou  $-c$  a divida que elle tem, apenas representando-se abstractamente o que se dá no mundo real, ninguem irá suppor que seja uma divida menor do que zero. Acceitando-se simplesmente a convenção do phylosopho, isto é, partindo-se do concreto para o abstracto, chega-se cada vez mais a firmar sua necessidade na sciencia, a crear uma theoria que põe por terra a antiga theoria, livrando assim cada vez mais a mathematica da influencia metaphisica, sem precisar recorrer a interpretação dos signaes  $+e-$  como fez Benjamin nos exemplos anteriormente citados e sem partir do estado pecuniario e concluir para a divida como fez no presente.

A estas incongruencias devia elle na verdade chegar, uma vez que confunde negativos com subtracção, e a ellas sempre chega toda a vez que assim procede em sua obra.

Diz elle:

« O argumento tirado da gradação dos thermometros, para o qual alguns appellão coma fornecendo uma confirmação destas propriedades, é tão inefficaz como qualquer outro; e só poderá servir para illudir áquelles que forem completamente ignorantes dos comisinhos principios de physica.

A temperatura de um corpo qualquer, variavel em geral com o tempo, representa em cada instante a quantidade de calorico sensivel que elle contem, e augmenta ou diminue conforme augmenta ou diminue esta quantidade.

Assim pois, o exemplo do thermometro só poderia servir si o zero da escala correspondesse á completa ausencia de calorico num corpo, o que não tem realmente lugar, nem é possível ter; impossibilidade esta que se concebe tanto mais claramente quanto mais se reflecte na especie da grandeza considerada. Este ponto representa sempre, como se sabe, uma quantidade determinada de calorico.

Nos thermometros centigrados e de Réaumur (a que se referem) corresponde á temperatura do gelo fundindo: isto é, a uma determinada quantidade de calorico sensivel que se conserva invariavel durante o phenomeno da fusão do gelo, e no de Fahrenheit a uma mistura refrigerante de gelo pilado e sal marinho, que produz uma temperatura mais baixa que a do gelo fundindo e é representada por 32 grãos abaixo desta.

Qualquer outra temperatura mais alta ou mais baixa poderia ser tomada para zero na gradação de um thermometro tão impropriamente como

(1) O gripho é nosso.

cada uma das mencionadas, uma vez que se a podesse reproduzir á vontade, o que é necessario para a verificação deste appa-ralho.

Assim quando se diz que a temperatura de um corpo é por exemplo de  $-10^{\circ}$ , entende-se nos thermometros centigrado ou de Réamur uma temperatura menor que a do gelo fundindo, e no de Fahrenheit que é menor que a da mistura de gelo e sal marinho

As considerações expostas são sufficientes para dar uma idéa da completa inaptidão deste exemplo para o fim a que se propõe, fornecendo ao contrario nelle mais uma *prova importante a favor da unica e verdadeira interpretação concreta dos signaes + e -*; não obstante convem-nos fazer algumas reflexões mesmo para desvanecer qualquer duvida que possa ainda ter lugar.

Qualquer que seja a temperatura designada por zero, concebe-se sempre e existem realmente temperaturas mais baixas e mais elevadas que esta

E' certo tambem que, quanto maior for o numero de grãos do thermometro que designar qualquer outra temperatura, tanto maior será ella em relação á designada por zero, si elle for positivo, e tanto menor será do que esta, se elle for negativo, o que parece de inteira harmonia com as proposições que combatemos. Ha porém no argumento tirado deste exemplo, como em todos os que em favor destas proposições se tem apresentado, uma inexplicavel confusão entre as idéas de valor e as idéas de relação. Para pôr bem em evidencia uma tal confusão, limitamo-nos por agora a este exemplo: representamos por  $g$  a quantidade de calorico que corresponde á temperatura designada por zero, em qualquer thermometro, por  $t$  uma outra diferente de  $g$ , por  $n$  o numero de grãos que corresponde a  $t$  e por  $c$  a quantidade de calorico que corresponde ao grão do thermometro que é função do calorico especifico do mercurio, da capacidade do reservatorio e do diametro do tubo do thermometro;  $nc$  ou  $t-g$  representará uma quantidade de calorico que é necessaria ajuntar ou subtrahir a  $g$ , conforme a differença  $t-g$  for positiva ou negativa, para ter-se a quantidade de calorico ou a temperatura  $t$  que corresponde a  $n$  grãos do thermometro.

E' evidente que quanto maior fôr  $n$  tanto maior ou tanto menor será a temperatura correspondente, conforme  $n$  fôr positivo ou negativo, pois que no 1.<sup>o</sup> caso, tanto maior é a quantidade de calorico que é necessario ajuntar a  $g$  para ter-se a que corresponde a  $n$ , e no 2.<sup>o</sup> tanto maior é a quantidade de calorico que é necessario diminuir de  $g$ .

Daqui porém nada se pode concluir em favor dos principios que se pretende estabelecer. Em 1.<sup>o</sup> lugar, por mais baixa que seja uma temperatura com relação áquella tomada para zero, ella representa sempre uma quantidade de calorico existente, e que é portanto positiva na accepção mathematica em que se costuma tomar esta palavra; em 2.<sup>o</sup> lugar, o numero  $+n$  ou  $-n$  designa sempre uma mesma quantidade determinada de calorico e directamente proporcional ao valor numerico de  $n$ : os signaes  $+e-$  indicam unicamente que ella deve ser sommada ou subtrahida, o que determina duas temperaturas equidistantes de  $g$ , uma tomada a partir de  $g$  no sentido das temperaturas cres-

tes, outra no sentido das temperaturas decrescentes. (1)

Podemos sem inconveniente ficar aqui.

O exemplo sendo por demais obscuro deixa, entretanto, bem clara a confusão que em toda a sua obra faz Benjamin entre o que deve ser um negativo e a subtracção. Mas acompanhemo-lo em seo raciocinio. Diz elle que quanto maior for  $n$  (numero de grãos que corresponde a  $t$ ) tanto menor será a temperatura correspondente, no caso de ser  $n$  negativo, pois que, neste caso, maior é a quantidade de calorico que é necessario subtrahir de  $g$ : diz, por conseguinte, Benjamin que a temperatura negativa será tanto menor quanto maior for  $n$ ; isto é, das duas temperaturas  $-5^{\circ}$  e  $-8^{\circ}$ , a menor é  $-8^{\circ}$ , porque para se chegar a esta temperatura é necessario subtrahir de  $g$  (quantidade de calorico que corresponde ao zero) uma quantidade de calorico maior do que a necessaria para se chegar a  $-5^{\circ}$ . Parece, portanto, pelo raciocinio de Benjamin, que a quantidade negativa é menor do que zero e tanto menor quanto maior for o seo valor absoluto, e tal era a conclusão a tirar do exemplo apresentado, si não fosse sua affirmacção previa de que por mais baixa que seja uma temperatura em relação á designada por zero, ella representa sempre uma certa quantidade de calorico existente e positiva na accepção mathematica desta palavra. Mas o certo é que apezar desta consideração nada consegue provar quanto á inefficacia do exemplo apresentado pelos partidarios da antiga theoria, porque si por exemplo a temperatura  $-8^{\circ}$  accusada por determinado corpo representa a quantidade de calorico existente, esta quantidade de calorico é sempre menor do que a representada pela temperatura zero, uma vez que para se chegar a  $-8^{\circ}$  é preciso subtrahir da quantidade de calorico que representa a temperatura zero, uma certa quantidade de calorico.

Assim, uma temperatura negativa é sempre menor do que a temperatura zero, embora esta ultima não signifique ausencia de calorico.

Benjamin não quiz tirar esta conclusão e fugio á questão, dizendo que por mais baixa que seja uma temperatura em relação áquella tomada para zero, ella representa sempre uma certa quantidade de calorico existente e que é portanto positiva na accepção mathematica em que se costuma tomar esta palavra. E' um facil recurso, mas que não basta para provar que qualquer temperatura abaixo de zero não é menor que a temperatura zero. E si uma temperatura abaixo de zero representa uma certa quantidade de calorico, é justamente porque o zero da escala não é o zero absoluto. Si o facto do zero da escala thermometrica não representar a ausencia de calorico dá uma idéa da completa inaptidão deste exemplo para o fim a que se propõe, como quer Benjamin, o raciocinio nelle empregado é de todo logico, e por elle uma quantidade negativa é sempre menor que zero.

Depois, quando esquecendo a logica, diz que o caso dos thermometros nada pode offerer em favor dos principios que se pretende estabelecer, porque o numero  $+n$  ou  $-n$  designa sempre uma mesma quantidade determinada de calorico e directamente proporcional ao valor numerico de  $n$ : os signaes  $+e-$  indicão unicamente que ella deve ser sommada ou subtrahida, o que determina duas temperaturas equidistantes de  $g$ , uma tomada a partir de  $g$  no sentido das temperaturas crescentes, outra no sentido das temperaturas decrescentes, o illustre Benjamin torna-se de uma confusão que precisa ser desfeita. Os numeros  $+n$  e  $-n$  são os grãos que representam as temperaturas  $+t$  e  $-t$ , e são portanto directamente proporcionaes ao valor de  $n$ ; isto é, do zero da escala os grãos crescem tanto para cima como para baixo. Por outro lado, para se ter as temperaturas  $+t$  e  $-t$  é preciso sommar ou subtrahir de

$g$  o producto  $nc$ . Si se sommar  $nc$  temos a temperatura  $+t$  que representa a quantidade de calorico  $+nc$  que é superior a quantidade  $g$ ; si subtrahirmos  $nc$  temos a temperatura  $-t$  que representa a quantidade de calorico  $-nc$  que é menor do que  $g$ : portanto as temperaturas positivas são maiores do que a temperatura zero, as temperaturas negativas são menores do que a temperatura zero.

Si Benjamin não encontra no exemplo dos thermometros um argumento em favor da antiga theoria, não é de estranhar, porque aqui como na differença  $a-b$ , admite que os negativos provêm de uma subtracção impossivel, ou fazendo a hypothese de  $b > a$ , ou subtrahindo de  $g$  a quantidade de calorico  $nc$  que lhe é superior e tanto mais quanto maior for o valor de  $n$ . Na differença  $a-b$  o resto é tanto maior quanto maior for  $b$ , porque subtrahir é sommar um negativo, mas no caso do thermometro acha evidente que quanto maior for  $n$  tanto menor será a temperatura, no caso de  $n$  negativo, mas não é menor do que zero porque o zero da escala é arbitrario. Não precisa tanto artificio para se applicar o principio de Descartes ao caso dos thermometros, ou traduzir abstractamente um facto concreto, ou provar que os negativos não são menores do que zero. Ha necessidade de se medirem as temperaturas, ou melhor, de no calculo distinguirse o que se chama em linguagem commum *frio*, daquillo que se chama *calor*. Para se chegar a este resultado é preciso se comparar as differentes temperaturas com outra, certa e determinada. Ha necessidade portanto de ser esta ultima facilmente reproduzida, tomando-se para termo de comparação uma certa temperatura, que para uns é a temperatura da fusão do gelo e para outros é a temperatura de uma mistura de sal commum e gelo pilado.

Qualquer uma destas é a origem das temperaturas. Para se saber de quantos grãos a temperatura actual é superior a origem graduou-se o tubo do thermometro no sentido das temperaturas positivas; para se saber de quanto é inferior graduou-se o tubo no sentido das temperaturas negativas. As temperaturas positivas caracterisam o calor, as negativas significam o frio. Nestas condições tanto as temperaturas positivas como as negativas são maiores do que zero ou a temperatura origem, porque no primeiro caso  $+8^{\circ}$  significa uma temperatura quente superior á temperatura zero, e  $-8^{\circ}$  significa uma temperatura fria inferior a mesma temperatura zero. Signifique o zero existencia ou ausencia de calorico, uma temperatura positiva é sempre maior do que zero, porque significa *calor*, como uma temperatura negativa é sempre maior do que zero, porque significa *frio*, calor e frio comparados á temperatura origem ou zero. Como consequencia, a quantidade de calor ou frio  $+nc$  ou  $-nc$  é directamente proporcional a  $n$ , isto é, os grãos do thermometro crescem a partir do zero da escala tanto para cima como para baixo, e um negativo é tão real como um positivo. Não ha, pois, necessidade de levar-se em conta os signaes  $+e-$ , significando o primeiro que á temperatura zero se deve sommar uma certa quantidade de calorico, e o segundo indicando que se deve diminuir de  $g$  a mesma quantidade, afim de se ter duas temperaturas equidistantes de  $g$ , porque tinhamos de considerar as temperaturas negativas como *temperaturas a subtrahir*, o que é na verdade uma coisa bem difficil de comprehender. O que na realidade é certo é que o numero  $+n$  designa uma quantidade de calorico directamente proporcional ao valor de  $n$ ; isto é, nas temperaturas positivas, quanto maior for  $n$  ou o numero de grãos, tanto maior será a quantidade de calorico e por conseguinte mais alta será a temperatura do corpo; da mesma maneira, o numero  $-n$  designa uma quantidade de calorico inversamente proporcional ao valor numerico de  $n$ ; isto é, nas temperaturas negativas, quanto maior for  $n$  ou o numero

(1) Obra citada pags. 30, 31, 32.



de grãos, tanto menor será a quantidade de calorico, e por conseguinte tanto mais baixa será a temperatura do corpo, não havendo necessidade da explicação de Benjamin que diz que o numero +  $n$  ou  $-n$  designa sempre uma mesma quantidade de calorico e directamente proporcional ao valor de  $n$ , os signaes + e  $-$  indicando unicamente que ella deve ser sommada ou subtrahida.

Taes são os exemplos mais importantes citados pelo illustre professor para combater a antiga theoria dos negativos, e dos quaes, como vimos, não pode derivar uma theoria sã e clara dessas quantidades.

5. Resta-nos agora acompanhar o nosso illustre mestre na refutação que apresenta ás demonstrações dadas pelos representantes da antiga theoria, com o fim de provarem que o negativo é menor do que zero, com a consequencia de ser tanto menor quanto maior fôr o seo valor absoluto.

Passaremos rapidamente por esta parte, porque accitando-se o principio de Descartes e lendo-se o livro de Benjamin, é facil de ver que elle cahi nas maiores contradicções.

Na pagina 40 de sua obra combate a seguinte demonstração de M. Paque:

« Théorème. Une quantité négative est relativement d'autant plus petite, que sa valeur absolue ou arithmetique, est plus grande.

Demonstration. Soit O A X de sens positive de translation

$$\begin{array}{c} O \text{-----} x \\ | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \\ P' \quad \quad P \quad \quad A \end{array}$$
  
 á origine  $o$ , supposons que l'on veuille transporter cette origine en A: soient deux points quelconque P et P' situés entre O e A e posons OA =  $n$ , AP' =  $a$ , PP' =  $i$ ,  $n, a$ , et  $i$ , exprimant les longuers des droites OA, AP' et PP', en fonction d'une unité linéaire quelconque, on a evidemment,  
 $OP' < OP$   
 $OA - AP' < OA - AP$   
 $OA - (AP + PP') < OA - AP$   
 ou encore

$n - (a + i) < n - a$   
 que l'on peut d'ailleurs écrire, en se fondant sur la règle d'addition  
 $n + [-(a + i)] < n + [-a]$

Et pour satisfaire á cette inégalité, il faut que

(1)  $-(a + i) < -a$  ou  $AP < AQ'$

Cette dernière relation, qui établit le théorème proposé, subsiste encore lorsque l'on suppose « a » nul, puisqu'au lieu de  $OP' < OP$ , on a  $OP' < OA$ , par suite on voit (zero ne pouvant être affecté d'aucun signe) que  $-i < o$ .

Vejamos como Benjamin refuta esta demonstração por si tão clara, mas erronea, de M. Paque.

Diz elle á pagina acima citada de sua obra: « Conforme vimos em o n.º (13) chegou Paque á seguinte desigualdade deduzida da figura (1):

$n - (a + i) < n - a$   
 em que

$n = OA, a = AP, e i = PP'$ .  
 Desta desigualdade se conclue immediatamente que é necessario, para que ella tenha lugar que a parte negativa  $-(a + i)$  ou AP' seja maior que a parte negativa  $(-a)$  ou AP, pois que os dois membros desta desigualdade representando differenças nas quaes o minuendo ( $n$ ), ou a parte positiva (OA) é a mesma, para que a primeira differença seja menor que a 2.ª é indispensavel que a quantidade a subtrahir  $-(a + i)$  seja maior que  $(-a)$ , o que aliás é evidente não só na fig. (1) como nas proprias expressões dessas quantidades; o autor poderá suppoz evitar esta consequencia dando á desigualdade a seguinte forma (o que é permitido)

$n + [-(a + i)] < n + [-a]$

Então conclue elle que, cada um dos membros desta desigualdade re-

presentando uma somma composta de duas parcellas, e havendo entre ellas uma parte commum ( $n$ ), para que a primeira somma seja menor que a 2.ª é necessario que, a 2.ª parte da 1.ª seja menor que a 2.ª parte da 2.ª; isto é que  $[-(a + i)] < [-a]$

ou tirando os parenthesis  
 $-(a + i) < -a$  ou  $AP' < AP$

Dahi conclue tambem, fazendo  $a = o$ , que,  
 $-i < o$ , ou  $PP' < o$

Não é preciso esforço para conhecer-se o sophisma infeliz de que elle se servio. Com effeito os parenthesis com que envolveu as quantidades e com que parece que teve em vista mascarar a questão, nem ao menos podem produzir este resultado. Esta 2.ª desigualdade é absolutamente a mesma que a 1.ª; cada membro representa ainda uma differença, na qual a parte positiva ( $n$ ) representa o minuendo e a parte negativa o subtrahendo, e portanto tem-se evidentemente ainda

$[-(a + i)] > [-a]$ , ou  $-(a + i) > -a$ , e  $i > o$ .

Eis como o illustre Benjamin critica a demonstração de M. Paque, mas vejamos si foi claro em seo raciocinio e si foi justo com aquelle autor.

Em primeiro lugar, tomando a desigualdade

$n - (a + i) < n - a$

conclue immediatamente Benjamin que é necessario que a parte negativa  $-(a + i)$  seja maior do que  $-a$  ou AP' seja maior do que AP, quando deveria dizer que a expressão

$n - (a + i) < n - a$

é uma verdadeira desigualdade, porque o subtrahendo do primeiro membro, que é  $+(a + i)$  é maior do que o subtrahendo do 2.º membro da desigualdade, que é  $+a$ , porque ambos os membros representam: o primeiro a differença entre os positivos  $+n$  e  $+(a + i)$ , e o segundo, a differença entre os positivos  $+n$  e  $+a$ .

Resulta, pois, em primeiro lugar que Benjamin confundia a subtracção com os negativos, e é por isso que elle chama no começo a expressão  $-(a + i)$  de parte negativa e depois chama a mesma expressão de quantidade a subtrahir.

Em 2.º lugar acha que é permitido passar da expressão

$n - (a + i) < n - a$  (1)

para esta outra  
 $n + [-(a + i)] < n + [-a]$ , (2)

mas não conclue com M. Paque que é preciso que a parcella  $-(a + i)$  seja menor do que a parcella  $-a$ , isto é, não conclue que um negativo é tanto menor quanto maior for o seo valor absoluto, porque a expressão (2) é em ultima analyse uma differença e é preciso portanto que

$-(a + i) > -a$ .

Na verdade é interessante o artificio. M. Paque achou que tomando a somma (2) e não a differença (1) chegaria mais commodamente ao seo resultado, e Benjamin diz que é permitido passar de uma para outra, mas só se deve tirar a conclusão, considerando sempre a expressão acima uma differença!

E' entretanto facil de descobrir o engano de Benjamin. Vejamos.

M. Paque diz que uma quantidade negativa é relativamente tanto menor quanto maior fôr o seo valor absoluto ou numerico; isto é, para M. Paque um negativo é menor do que zero, e a somma de um negativo e um positivo, dá como consequencia a differença entre seos valores absolutos.

M. Paque, para chegar a demonstrar sua these servio-se de um principio que deriva da antiga theoria, e Benjamin para combater a proposição de Paque serve-se do mesmo principio. Mas, accitando o principio de que  $A + (-B) = A - B$  já se admittio de antemão que o negativo é menor do que zero, e portanto não ha necessidade de se

provar o contrario lançando mão do sophisma de que usou Benjamin.

Si o illustre mestre tivesse reflectido melhor, teria visto que M. Paque em sua demonstração não tratou de negativo algum, porque estes só poderiam existir a esquerda da origem  $o$  na fig. (1), e uma vez que transportou a origem para A e considerou este ponto nova origem, estava contra o theorema de Descartes ou figurou apenas uma subtracção entre grandezas lineares. E' por ter tomado duas origens, isto é, é por ter confundido o sentido contrario com o sentido directamente opposto, que M. Paque chegou ao absurdo de dizer que

$-(a + i) < -a$

e é pela mesma razão que Benjamin chegou

geitosamente a concluir que

$-(a + i) > -a$

quando deveriam concluir que

$+(a + i) > +a$

o que era imposto pelas differenças indicadas nos dois membros da desigualdade, e o que estava muito de accordo com a figura.

Mas acompanhemos o mestre em sua refutação. Diz elle, em seguida ao exemplo que acima citamos:

« Ha uma outra demonstração que tem muita analogia com esta e, por isso aproveitamos a occasião para apresental-a. Trata-se de demonstrar que uma quantidade negativa é menor que zero.

Seja por exemplo  $-30$ .  
 Ajuntando a esta quantidade  $+30$ , tem-se  $(-30) + 30 = o$ .

Dizem então: a parte é menor que o todo, assim pois tem-se evidentemente  $-30 < -30 + 30$  ou  $-30 < o$ .

Basta notar que nem ao menos se lembrão aquelles que apresentam esta demonstração que, se se considerar  $(-30) + 30$  como um todo, deve-se ter tambem  $+30 < o$ , pois que o axioma citado é applicavel a cada uma das partes de que o todo se compõe.

Esta demonstração, além de vir assim estabelecida em alguns compendios d'Algebra, está implicitamente contida na demonstração pelas series de numeros positivos e negativos mencionados em os ns. (11 e (13), (1) onde designámos tambem os compendios em que ellas se encontram. Nesta demonstração o absurdo da argumentação é manifesta; a expressão  $(-30) + 30$ , ou em geral  $(-a) + (a)$ , representa uma differença arithmetica e para que a differença seja zero, é necessrrio evidentemente que o minuendo seja igual ao subtrahedo. Ainda quando se considere  $(-a) + (a)$  como um todo (somma algebraica) é evidente que, para ser nulla uma semelhante somma, é necessario que as quantidades sejam iguaes e de signaes contrarios; isto é, que

$+a = -a$

Assim pois a consequencia, muito diversa da que se pretendia tirar, está ao contrario em perfeita harmonia com o que dissemos sobre a comparação das quantidades positivas e negativas, isto é que a comparação deve ser feita unicamonte entre os valores absolutos fazendo-se abstracção dos signaes (+) e  $(-)$  que podem afectar as quantidades que em abstracto representam operações a effectuar e debaixo do ponto de vista concreto indicação opposição de sentido nas grandezas correspondentes. Como temos visto precedentemente, estes dois pontos de vista debaixo dos quaes se pode considerar as quantidades positivas e negativas, isto é, a sua significação abstracta e a sua interpretação concreta estão sempre em perfeita harmonia. (1) »

(1) Vide obra citada, (2) Os griphos são nossos.

Vejamos até que ponto tem razão o illustre Benjamin.

O mestre admittie que  $-30 + 30 = 0$ , mas não acha applicavel ao caso o axioma de que a parte é sempre menor do que o todo, porque se teria  $+30 < 0$ . Mas se a applicação do axioma é manifestamente logica porque não a acceita? Justamente porque aquella expressão representa uma differença e para que a differença seja zero é necessario que as quantidades sejam eguaes e de signaes contrarios, isto é, é preciso que se tenha

$$+30 = -30 \text{ ou } +a = -a$$

O argumento é forçado. Para que uma differença seja igual a zero, é preciso e basta que seus termos sejam iguaes, isto é, suppondo que  $-30 + 30 = 30 - 30 = 0$ , é preciso que o subtrahendo seja igual ao minuendo, o que na verdade se verifica no caso em questão, e nós temos

$$+30 = +30 \text{ ou } +a = +a, \text{ e}$$

não  $+30 = -30$  ou  $+a = -a$ , expressões que derivam do principio enunciado por Benjamin, e que diz que uma differença é igual a zero, quando seos termos forem iguaes e de signaes contrarios. Mas este enunciado é uma consequencia de se considerar  $-30 + 30 = 0$ , e quem assim considera já admittio que  $-30 < 0$  e não pode sem sophisma tentar provar que  $-30 > 0$ .

O recurso de que lançou mão o mestre em dizer que uma somma de duas quantidades de signaes contrarios se reduz á differença entre ellas, não é pois bastante para combater a antiga theoria, porque se não se admittie o axioma citado, commette-se o erro maior de admittir que um negativo é menor que zero e de se tentar provar que é maior.

O axioma citado, não pode ser acceito no caso em questão para provar que um negativo é menor que zero, não porque aquella somma se reduza a uma differença, mas porque o caso não é appropriado ao fim a que se destinam os partidarios da antiga theoria. De facto, a expressão  $-30 + 30$  não nos dá um todo nullo ou igual a zero; a somma destas duas parcellas de signaes contrarios é, para os que admittem o principio de Descartes, igual em valor absoluto a 60 e a applicação do axioma ao caso, ao envez de provar que um negativo é menor que zero, apenas mostra que o axioma é absolutamente geral. E si o illustre mestre se tivesse lembrado que no começo da sua obra disse que «se sobre uma linha recta um ponto estiver 30 metros a direita de outro, e um segundo estiver 30 metros a esquerda, a linguagem algebraica seria evidentemente defeituosa si não possuisse symbolos ou caracteres quaesquer equivalentes a estas palavras (direita e esquerda) porque o numero 30m. não bastará para determinar as grandezas correspondentes» teria visto que a somma de  $-30$  e  $+30$  não pode ser nulla, porque  $-30$  representam grandezas homogeneas e iguaes. Admittir, porém, que tal somma seja nulla para concluir que  $+30 = -30$ , pela applicação de um principio erroneamente enunciado é de facto combater uma theoria absurda e antiga por outra absurda e moderna.

Entretanto, si, admittindo o principio de Descartes, se disser que a somma de  $-30$  e  $+30$  é igual em valôr absoluto a 60, teremos.

$$(-30) + (+30) = 60$$

Subtrahido a ambos os membros  $+30$ , vem

$$(-30) + (+30) - (+30) = 60 - (+30) \text{ ou}$$

$$-30 = 30$$

o que quer dizer que uma quantidade negativa não pode ser menor do que zero porque é igual a uma positiva do mesmo valor absoluto. A este resultado deveriamos na verdade chegar, porque de antemão admittimos que  $-30$  não era menor do que zero, e o artificio logico que empregamos não podia nos conduzir a outro resultado. Benjamin admittindo de antemão que  $-30$  é menor do que zero, chegou a provar que é maior, não por meios logicos, porém applicando um principio que não deve figurar na sciencia.

Na verdade não podia o mestre proceder

de outra maneira na apreciação que fez, uma vez que para elle as negativas provêm de uma subtracção e são quantidades a subtrahir; mas o que admira é que, tendo reconhecido a necessidade de introduzir no calculo certas noções, diga que estes dois pontos de vista debaixo dos quaes se pode considerar as quantidades positivas e negativas, isto é, a sua significação abstracta e a sua interpretação concreta, estão sempre em perfeita harmonia!

O illustre professor Benjamin Constant, porem, apresenta em sua obra, a par dos artificios de que muitas vezes lançou mão, uma opinião tão clara á respeito dos negativos, que não se pode deixar de lamentar não tivesse o grande mestre se libertado de uma vez da influencia metaphisica da antiga que é explicavel pelo apego que tinha ás theorias, o idéas de Augusto Comte, cuja theoria em má hora lembrou-se de desenvolver. Assim, quando o mestre trata dos negativos debaixo do ponto de vista abstracto, apresenta argumentos absurdos, como temos visto, que muito contrastam com o modo porque se manifesta quando os considera sob o ponto de vista concreto. Diz elle:

«As quantidades negativas se comparam entre si e com as positivas, segundo os seos valores absolutos, abstractão feita dos signaes. Assim se designarmos por (a) qualquer quantidade, é evidente que essa quantidade será tanto maior ou tanto menor, quanto maior ou quanto menor for o valor numerico de (a), quer elle seja affecto do signal +, quer do signal -; estes signaes acrescentam simplesmente á idéa de quantidade uma idéa de qualidade ou de uma circumstancia de qualidade.

Para mais esclarecer o que temos dito, tomemos alguns exemplos.

Supponhamos que por (a) designamos uma distancia. E' evidente que esta distancia será tanto maior ou tanto menor, quanto maior ou quanto menor for o valor numerico de (a), quer elle seja affecto ao signal +, quer do signal -; isto é, quer a distancia seja contada em em certo sentido, quer em sentido opposto.» (1)

Depois de uma clareza tão completa, como a do trecho que citamos dá outros exemplos, que bastam perfectamente para mostrar que estaria verdadeiramente senhor da accepção em que devem ser tomados os negativos, uma vez que ficasse limitado ao theorema do fundador da Geometria Analytica. Deste simples exemplo, pode-se logo concluir:

1º Que os negativos são reaes como os positivos e que portanto como estes são maiores do que zero;

2º Os negativos não provêm de uma subtracção impossivel e são apenas os symbolos com que se representam grandezas reaes. Parece, pois, que Benjamin parte do concreto para o abstracto para fundar uma theoria daquellas quantidades, o que infelizmente não se realisa, porque não conseguiu, apesar da influencia carteziana, libertar-se dos principios emanados da antiga theoria. Isto se vê claramente, quando trata os negativos sob o ponto de vista abstracto. E' o que mais uma vez se pode ver do trecho que citaremos. Diz elle:

«Supponhamos duas quantidades de signaes contrarios, tendo o mesmo valor numerico ou absoluto.

Todos os argumentos que temos apresentado, todas as applicações das quantidades positivas e negativas demonstram que estas quantidades são iguaes. (!!!)

Representemos por (a) o valor numerico commum ás duas quantidades consideradas, e estabeleçamos a seguinte igualdade que resulta de sua comparação: teremos assim:

$$a = -a$$

Uma das objecções que se apresenta é a seguinte:

Si esta igualdade é verdadeira, ajuntando a ambos os seos membros a mesma quantidade, os resultados devem ser iguaes; o que não acontece, pois ajuntando-se (a) a ambos os membros, vem

$$a + a = -a + a \text{ ou } 2a = 0$$

igualdade absurda, logo é tambem absurda a igualdade

$$a = -a$$

Para destruir esta insignificante objecção basta notar que, quando se escreveu (a) com o signal + no 1º membro da igualdade acima, augmentou-se com effeito o 1º membro dessa quantidade; porém, quando se escreveu (a) com o signal + no 2º membro, fez-se a somma algebraica de duas quantidades de signaes contrarios, que corresponde a subtrahir desse membro a quantidade (a). Ora si duas quantidades são iguaes, ajuntando a uma dellas qualquer quantidade, e subtrahindo da outra essa mesma quantidade, os resultados são evidentemente desiguaes, sendo o 1º maior que o 2º; portanto teremos:

$$2a > 0$$

e não

$$2a = 0$$

que é realmente um absurdo, assim como é falso e absurdo o argumento em que consiste a objecção. (1)

Fiquemos aqui, pois nosso intento é mostrar que neste trecho não teve o mestre a mesma clareza que no antecedente. Foi infeliz na refutação á objecção dos partidarios da antiga theoria, porque em primeiro lugar querendo provar que as quantidades  $+a$  e  $-a$  são iguaes, admittio de antemão que ellas o eram e mantem por fim esta hypothese. Em segundo lugar, querendo fugir á influencia do principio de que  $a + (-a) = a - a$ , o que deo para resultado ser nullo o segundo membro da igualdade acima tomada, acabou acceitando este principio e não chegou á conclusão dos antigos, pelo sophisma de que a somma de (a) no primeiro membro o augmentava, ao passo que no segundo o diminuia este, isto é, não fugio ao principio incompativel com as idéas expostas no trecho anterior. Por este trecho, bastaria dizer que  $a = -a$  porque qualquer destas quantidades pode representar a mesma grandeza, e a negativa  $-a$  não pode ser menor do que zero.

Ainda por elle, bastaria afirmar que quando se sommou (a) aos membros da igualdade  $a = -a$  ambos os membros ficaram augmentados da quantidade (a) e o 2º membro não podia mais ser igual a zero, porque não ha mais differença entre somma algebraica e somma arithmetica, uma vez que a sciencia moderna reconhece que o signal - acrescenta simplesmente á idéa de quantidade uma idéa de qualidade ou uma circumstancia de qualidade.

Si a theoria das quantidades negativas tivesse ficado em synthese como a deixou A. Comte, talvez que ainda tivesse uma acceitação duravel na sciencia; desenvolvendo-a, porém, Benjamin prestou um grande serviço, não em mostrar que é uma theoria acceitavel como elle suppunha, mas que é uma theoria metaphisica e que deve ser abandonada.

A analyse rapida que fizemos do livro deste grande mestre, foi talvez bastante para provar o que dissemos no começo deste pequeno trabalho, de que ha na mathematica duas proposições que se repellem e que têm escapado aos geometras e philosophos.

O receio que temos de não ter ainda conseguido provar este asserto, leva-nos a mais algumas considerações.

TERTULIANO BARRETO,  
1º Tenente de Artilharia.

(Continua)

(1) Vide pag. 57 da obra citada. Os gri-dhos são nossos.

(1) Vide pag. 53 obra citada.

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Ha bem poucos dias, a *Noticia* transcreveu amaveis commentarios da *Prensa* e da *Nacion*, sobre emigrantes que, não podendo supportar as inclemencias do clima do Brazil e outros horrores, foram procurar no abençoado sólo argentino, seguro abrigo e vasto campo, onde a prosperidade gréa em deliciosos fructos. Não nos surprehendeu mais essa prova do *affecto* que, cada vez mais, cimenta as relações de fagueira amizade entre as duas grandes republicas sul-americanas, porque os nossos gentis visinhos, apesar de frequentes e ardorosos protestos em contrario, não perdem vazão para perversas alfinetadas no credito do Brasil, o paiz das bananas e dos macacos.

Foi, porém, de assombro lamentavel, a impressão de um telegramma de Lisboa, editado pelo *Jornal do Commercio*, referindo que o conde de Bomfim falára na camara dos pares, pedindo a promulgação de leis que autorisem o governo a facilitar aos subditos portuguezes, que se acham no Brazil, sem recursos para regressar ao reino, os meios de repatriação para as provincias portuguezas do ultramar. E annunciou, como um successo, que a representação, mandada do Rio de Janeiro, sobre o estado precario dos emigrantes portuguezes, ia ser publicada no *Diario Official*, naturalmente para que soubessem os povos luzitanos que não floresce mais, na terra de Cabral, a miraculosa arvore das patacas, e que este paiz, considerado, para honra nossa, o Eldorado da emigração portugueza, descesse á cathedra muito inferior á do sólo inhospito das costas africanas, com os seus pantanos medonhos, as suas feras e os seus cunhamas terríveis.

Não sabiamos que, nesse particular, como paiz de despejo dos excessos da população do velho continente, andavamos em vil cotação, apesar dos milhões despendidos pelo Imperio, com acertada prodigalidade, para fundar nucleos coloniaes nas provincias do sul; entretanto, nunca nos passou pela cabeça que nos desacreditassemos em Portugal, ao ponto de enfraquecer a vigorosa corrente que as tradições glo-

riças, as affinidades ethnicas e os interesses, confundidos num affecto sincero, estabeleceram entre as duas nações.

Não nos vale sermos a mais prospera e a mais fecunda colonia portugueza; em nada contribuem para a nossa reputação os extraordinarios resultados da immigração allemã no Rio Grande do Sul, em Santa Catharina, no Paraná e a immigração italiana em S. Paulo, não falando nos turcos armenios e arabes—de vario colorido e exotica procedencia, que invadiram, e estão quasi monopolisando as pequenas industrias, especialmente o commercio a retalho— a mascateação que, num paciente trabalho de bróca, se interna no coração do paiz até aos mais remotos sertões. De nada serve a nossa carinhosa, a nossa instinctiva tendencia para a hospitalidade: nós figuramos ao estrangeiro um paiz infecto, ninho funesto de molestias assassinas, uma terra espantalho, que relembra, agora, o Brazil presidio, o Brazil terra de degrêdo.

Não sabemos se os factos indicados são ou não verdadeiros; não ha duvida, porém, que elles gritam, chamando a attenção do governo para o assumpto, cuja gravidade salta aos olhos mais inimigos das verdades acabrunhadoras, e traspassa as palpebras rebeldes á luz quando ellas se fecham para resistirem a essas dolorosas impressões.

O nosso ministro da agricultura é um bello rebento da colonisação teutonica. Não lhe deve, pois, passar despercebida a crise da immigração, para lhe procurar as causas, attenual-as e removel-as, desde que está demonstrado que os governos estaduaes não se submettem a essa maçada de cuidar do povoamento do territorio, assim como de outras coisas, que não estejam dentro das linhas acanhadas da réles e funesta politica dos governadores --- esse pôlvo da Republica.

A oportunidade da intervenção do operoso ministro, está sendo reclamada, e abre-lhe brécha o projecto do deputado Abdon Milanez, reorganizando o olvidado serviço da immigração, o qual vem tarde, neste rabo de sessão, e está ameaçado de dormir nas profundezas dos estudos da commissão de obras publicas.

S. ex., ministro de longa vista, deve estar convencido de que é absurdo não ser o mais rico paiz do mundo um paiz de immigração.

### EXTERIOR

As estrepolias da esquadra russa, em viagem para o oriente, abafaram os rumores do theatro da guerra, que continúa no fóco de toda a politica europeá.

Espera-se que Kuropatkine reivindique, com uma offensiva mais acertada e energica, os seus fóros de tactico, muito comprometidos nos ultimos combates.

Emquanto os adversarios se preparam, separados por alguns metros, para um novo encontro, parece que os heroicos defensores de Porto Arthur, em situação desesperada, agonisam em titanico estertor. Rasgados pela dynamite abrem-se em largas brechas os baluartes inexpugnaveis; voam os depositos de polvora e a implacavel chuva de obuzes mortiferos vae esfarlando e devastando o que ainda existe de ruinas para abrigo dos combatentes exaustos nessa resistencia epica, que passará á historia como um dos mais admiraveis feitos da bravura humana.

Emquanto ao sul se representa o epilogo da formidavel tragedia, nos arredores de Mukden, os japonezes recebem reforços consideraveis; avançam para leste em columnas compactas no intuito pertinaz de contornar o exercito russo que vae manobrando, cautamente, á espera de recursos de resistencia pouco provaveis, porque o inverno que se aproxima com intensidade excepcional difficulta as communicações.

Annuncia-se, como propicia nova, a retirada de Alexieff para S. Petersburgo, libertando os russos da Mandchuria de sua influencia nefasta, porque o almirante vice-rei já foi consagrado como aza-negra da campanha, cuja direcção, desde o inicio, foi muito prejudicada pelas dissenções entre os dois chefes.

\* \*

Quanto ao incidente de Hull, parece assentado que o Csar pagará ás victimas de seus marinheiros allucinados, uma indemnisação de dois milhões de rublos, se bem que esteja convencido da veracidade do relatorio do almirante Rodjestvensky. A Inglaterra, numa attitude desconfiada, aguarda, armando-se até aos dentes, os resultados do inquerito.

Para confirmar o adagio—*a quelque chose malheur est bon*— os revêzes da Russia têm determinado reformas humanitarias, que concorrerão para desbarbarisar o grande imperio moscovita e acalmar a agitação revolucionaria que vae alastrando aterradora.

Em commemoração ao decimo anniversario de sua ascensão ao throno, o Csar Nicoláo assignou um decreto ampliando a liberdade de imprensa.

POJUCAN

## O bem que podemos fazer ás creanças

### II

Quem entra ás horas de refeição em uma casa do Rio de Janeiro, fica devéras surpreso. Em uma sala acanhada, (a elegante e higienica é só para as visitas admirarem) sentam-se á mesa crianças e adultos, e á frente

do talher de adultos e crianças, alinham-se caixinhas de pilulas ou de capsulas, vidros de xarope ou de vinhos, amarellados e finos conta-gottas de soluções. Ninguém logra saúde, pelo que se vê. As senhoras precisam sempre de tonicos, de tonicos precisam sempre os meninos. E será com a absorpção de medicamentos, poucas vezes aconselhados pelos competentes, que se fornecerá aos pequeninos, a dupla nutrição de que necessitam para viverem e para crescerem?

A's crianças, e mesmo as de pessoas abastadas, não rodeia uma revigorante atmosphera. Dormem em quartos mal ventilados, que o dia inteiro abafam cortinas e reposteiros, senão nos malfadados porões, a mais abominavel das especies de domicilios. Custa mesmo crer que pessoas de criterio se confinem a aposentos baixos, não raro humidos, mal dispostos e pouco convidativos. Alli, muitas familias passam os dias, (para não se estragarem os estôfos ricos dos salões) e nem ao menos os meninos aproveitam dos magnificos jardins que circulam os predios opulentos. Jardins são objectos de ornato, contemplados com inveja pelo transeunte, e absolutamente não gozados pelos possuidores. A disposição pacovia e symetrica que o jardineiro dá ao que lhe é confiado, corresponde á abstenção de interferencia dos donos ou de seus filhos. Os meninos podem destruir a grama ou quebrar as roseiras; é-lhes sufficiente um porão para recreio.

Não cuido que assim possamos preparar para as grandes luctas, que não tardam, as gerações que nos não de succeder. O estrangeiro, que ahi vem, em legiões, atravessando o Atlantico, traz em sua alma a ambição de uma patria. Mourejou além, foi vencido, emigrou. O que procura é a conquista ultima da tranquillidade e da fortuna, e para a empreza está armado com o esforço o mais decidido e a experiencia da vida, que por completo nos falta. Vae medir-se com um adversario fraco: a escravidão, a facilidade de existencia não nos ensinaram a trabalhar; o descaso paterno malbaratou a educação physica indispensavel. Nem todos podem ser atletas; todos devem ser homens.

E' certo que a assistencia á infancia começa antes que a criança exista. As uniões enfermigas difficilmente aperfeiçoarão a especie. Mas, não sei como inscrever uns severos preceitos de hygiene na escada de seda de Romeu. No jardim dos Capuletos, na hora rapida e eterna da entrevista, os olhos não sabem ler. Nem elles enxergam mais que um só objecto e um destino unico, se a integração do homem no matrimonio não decorre do raciocinio. De modo que, nesse particular, descreio dos alvitres coercitivos.

O eminente professor Souza Lima já propoz em um Congresso Medico, a intervenção do patrio poder para vedar o casamento aos tuberculosos. Ampliou o conhecido profissional algumas disposições legais, e pensou em sujeital-as á apreciação dos juristas. Talvez que, bem ventilado, encarado sob as multiplas faces, o assumpto fornecesse qualquer elemento util á nossa legislação; mas, por ora, ainda jaz em o numero dos que não têm sido devidamente estudados.

Não o merecera, porque os filhos de tuberculosos não se mostram os mais perfeitos modelos de robustez. Tambem trazem comsigo heranças funestas as creanças outras, cujos paes corroidos pelo alcool ou por mais feroz miseria, legam temiveis calamidades á prole. Estará ella para sempre condemnada? E' irremediavel a acção do legado pathologico?

A velha instituição dos «medicos de familia» cahiu em desuso. O profissional que conhecia os accidentes morbidos de mais de uma geração e poderia guial-as á aquisição da saúde, quasi não existe mais. Chegamos á perfeição de se curarem as doenças sem lhes saber os nomes, ao menos: tudo quanto ao sobrenatural parece approximar-se é o melhor acceito do nosso povo adiantado. E' dest'arte bem pouco valor assiste ás noções positivas, que os verdadeiros homens de sciencia accumularam após seculos de investigações, e que campeiam como verdades indestructiveis nos centros civilisados.

A' hygiene bem dirigida cabe cercar a possivel explosão de affecções herdadas. Sirvam de exemplo os resultados que assignala o dr. Mercier. O orphanato agricola de Douet, em França, abrigou durante longos annos 127 crianças, das quaes 79, como foi verificado, eram oriundas de paes tuberculosos: desses meninos tres apenas succubiram á mesma affecção. E' dos irmãos delles, e que permaneceram no seio das respectivas familias, que não foram hygienicamente tratados e isolados, cincoenta por cento morreram tísicos!

Ora, se a organismos originariamente debeis foi possivel emprestar a necessaria vitalidade para resistirem á predisposição legada, mais suave será a tarefa dos progenitores para tornar fortes e aptos os meninos isemptos de qualquer mácula morbida. Evidentemente quasi nada se adiantará com a ingestão inopportuna de drogas e a inobservancia de comesinhos principios. Tampouco o medo do ar e as flannels constantes fortalecem os corpos. A subserviencia a taes receios reduz o homem a um ser desgraçado. Ter pavor do frio e do sol, da chuva e da noite, da madrugada e do luar, não sei se poderá chamar-se viver. «Vivre

médicalement c'est vivre misérablement», já escrevia Locke, a censurar tão perniciosos exaggeros. A primeira condição para ser feliz, é ser forte.

Devemos, então, acima de tudo, fornecer aos meninos ar puro e sempre renovado; aposentos largos e claros. A alimentação substancial e simples: café e bebidas alcoolicas são venenos para a tenra idade. A's salas de espectáculo sobrelevam, em vantagem para o cerebro e para os musculos, os passeios ao campo e ás florestas: a Gavea, a Tijuca ou a Copacabana, que excellentes logares para recreio aos domingos!

A gymnastica impõe-se, desde que seja attingido certo gráu de desenvolvimento. Mas, deve ser proporcional á constituição de cada um, e dirigida segundo opinião de medico. Não é indifferente sujeitar ao mesmo exercicio, pessoas de compleição diversa, e a banalidade desse conceito vive esquecida a todo o instante. Nos collegios tem-se em geral a opinião do publico: A gymnastica é uma cousa excellente, da qual não queremos saber de modo algum. E, por isso, que seja administrada de qualquer geito, com exito ou com prejuizo do menino.

Que a criança precisa de exercicio, o bom senso proclama. Desde o berço começa ella a mover os membros roseos. Levanta as pernas, sacode-as, sorri-se. Depois, deleita-se a mirar os dedos e agita os braços effusivamente. Já sustem a cabeça e senta-se alegre. Vae se arrastando, agarra-se aqui e acolá; anda emfim. E' quem não conhece a poesia daquelle primeiro passo, que a pintura fiamenga fixou na téla immortal?

Começa, então, a marcha. Vae cambaleante, mas vae. E' logo que o equilibrio se firma, o andar é a carreira. Correr, pular, mover-se, eis a aiegría das crianças. A natureza dellas repelle a estagnação pachorrenta da velhice. O coração não se lhes cança, ainda que saltem em horas de ininterrupto folgar. E' o que lhes brilha então no olhar satisfeito é o prazer sem mancha, a grande ventura, a aiegría de viver.

Ajudemos---e é tão facil!--o trabalho proficuo do organismo que cresce. Demos-lhe o pouco que pede na meninice: a adolescencia virá melhor, e a mocidade será realmente a mais dourada pagina da vida.

DR. FERNANDES FIGUEIRA

## O AMOR NA PROSTITUIÇÃO

O caso ainda deve estar na lembrança de toda a gente: em uma casa de commodos da rua Santa Anna almoçavam dois homens e uma meretriz, todos de nacionalidade italiana; um dos homens, casado com a prostituta, era,

em relação a ella, o que entre nós se appellida azeiteiro ou *casten*; na Italia *ruffiano*; na França *souteneur*; o outro, criatura bem conhecida no nosso estreito mundo criminal, partilhava das preferencias da desgraçada, parecendo viverem os trez em boa harmonia; de repente, o primeiro desfecha, a queimou, de surpresa, um tiro de revolver contra o segundo; mata-o; a mulher é alvejada em seguida, vacilla e tomba, nas ancias da morte; o homicida, então, em lance de supremo desespero, põe ao ouvido o canno do revolver e suicida-se.

Circumstancias e minucias, depois apuradas, tornam certo que os homicídios revestiram a forma de verdadeiros justicamentos, premeditados e nascidos de paixão violentissima e acabradora. A desconfiança vinha de algum tempo; já entre o *ruffiano* e a meretriz houvera troca de palavras acerca das relações que elle suspeitava existirem entre ella e o outro. O almoço, que tão tragicamente acabou, foi, portanto, uma terrível cilada, a que serviu, está provado, inconscientemente o braço da mulher, escrevendo o convite que attraíra a primeira victima. Que ao tiro não precedeu discussão acalorada, nem luta, prova-se por duas circumstancias: dando-se o facto em modesta casa de commodos, ninguém ouviu qualquer signal de altercação entre as pessoas que almoçavam naquelle compartimento; Antonio Ferro foi encontrado morto junto á propria cadeira em que, antes, sentado, tomava a refeição, vendo-se no chão a garfada que ia levando á bocca quando foi atingido. Explicação unica: trata-se de um crime de vingança, crime de ciume, crime de amor.

Vem á baila o debatido problema de psychologia que consiste em sàber-se si ha, de facto, *amôr* nessas relações repugnantes do rufião e da meretriz. O geral da opinião é negativa. Caracterizando-se o amor, como nos ensina, entre outros, o velho magistrado Luiz Proal, pelo desejo da posse exclusiva, parece, absurda sua existencia dada a innegavel prostituição da mulher. E na falta dessa explicação para as uniões lamentaveis a que nos referimos, logo acódem outras: o terror que o miseravel incute á desgraçada é que a mantém aparentemente affectuosa, e d'ahi resultam para elle essas quasi inexplicaveis dedicações e preferencias. Da parte do homem o que domina é pura e simplesmente a preguiça e a ganancia; para viver vida folgada, sem trabalhar, faz-se amante da prostituta.

Ahi está a solução mais simplicista; dá-se o phenomeno por averiguado *segundo sua feição exterior*, sem maiores indagações, nem demoradas cogitações.

Presumida a impossibilidades de se dedicar amor á mulher publica, con-

clue-se, pela certa, que só o terror e a cobiça alimentam essas ligações que ahi vemos florir, no mundo prostitucional, como exquisitos productos da lama.

.. Mas, as realidades da vida todos os dias protestam contra essas e outras soluções, de facil arrançamento. A constante e purissima espiritualisação do amor já não vae além dos romances á Ohnet.

A subordinação desse sentimento ás contingencias da natureza humana e á miseria social do nosso tempo, não escapa aos menos observadores. Estudam-se, com cuidado esmeril, todas as fraquezas e todos os delirios do amor morbido, as dissoluções doentias da «força de amar»; outrosim, se estudam as variadas formas que a lucha das classes imprime aos gozos do amor: --- requintados, ideiaes, quasi divinos, nas camadas sociaes superiores, onde a Religião, a Educação, e a Moral tradicional impõem suas leis; lubricos brutaes, cheios de animalidade, nas camadas de baixo, onde a *bête humaine* vive á mercê dos instinctos, gritando as duas eternas fomes que atormentam o individuo e a especie! . . . .

Entre aquelle amor normal, sentimento nobilissimo, que cimenta a familia e serve de base para a harmonia collectiva, e este amor puramente animal, que tem suas raizes nas necessidades organicas, no desejo instinctivo e indomavel da perpetuação da especie, o Vicio criou outro amor sensual e extranho, que encontra satisfação num só momento de entrega plena e de gozo partilhado, que se alimenta da propria miseria e da mesma vergonha, vivendo na sombra do prostibulo, cercado do opprobrio social. Para que negal-o, si esse amôr existe? Suas manifestações ali estão, frequentemente, despertando a attenção dos homens da Policia e da Justiça, dos sociologos e dos psychologos. Onde quer que o meretricio plante uma tenda escandalosa, esse amor se impõe á observação e ao estudo:---domina na prostituição livre, na que vive fermentando dentro dos bordes, bem como na clandestina e na do *demi-monde*.

Aqui é o *souteneur* que acompanha a prostituta e a defende, nas occasiões propicias, bem como a ajuda no trabalho da *racolage*; mais adiante, é o *amant du cœur*, que exalta os triumphos da actriz em vóga e recebe a recompensa em delirantes caricias, quando *o que paga* não está em casa.....

Ambos são amados --- cada um por suas qualidades. Amdos amam---cada um a seu modo. E provas sobejas do seu amor dão esses homens, em mais de um lance da existencia amargurada, commettendo crimes, manifestando loucos ciumes, soffrendo cruciantes dores, quando succede fugir-lhes a mulher que lhes dá, com seu amor gratui-

to, a suprema consolação da vida. Proclamam a existencia desse amor, que viceja no meio da prostituição, a chronica da Policia e a chronica dos tribunaes. . . .

Parece que não tinha razão Luiz Puybaraud, quando, no seu substancioso livro acerca dos malfeitores profissionaes, insinuava que nessa ligação da prostituta ao seu *amigo*, se misturam amor, terror e desprezo. Pode haver casos, bem raros, em que só o terror explique o facto. (Dizemos raros, porque dada a protecção que modernamente as policias dos paizes civilisados dedicam ás mulheres publicas, com prejuizo e desvantagem dos seus *parasitas*, ellas com facilidade se desligam dos que se mostram exigentes e brutaes).

A verdade, porém, é que da parte da mulher prostituida existe, tambem, essa necessidade de ser especialmente protegida e amparada, de ter alguém a quem dedique mais affeição do que a um freguez indifferente que paga e passa, de poder confiar na dedicação de um homem. Si este se faz terno e amoroso, si corresponde á affeição particular que lhe é tributada, consegue, pela reciprocidade do affecto, formar para os dois um mundo sentimental, que nós bem pouco conhecemos, no seu íntimo, mas que indiscutivelmente brilha a nossos olhos, quando o observamos, em determinadas condições. Já dissémos quaes são as mais favoraveis: o amor na prostituição deve ser examinado atravez da experiencia policial e da chronica judiciaria. Vimos como Puybaraud, não obstante ser fino observador, nesse ponto nos transmittiu uma impressão que reputamos falsa.

Feliz foi, no nosso pensar, o ex-chefe da Segurança Goron. Para elle, uma das observações mais curiosas que pode fazer, no mundo das prostitutas e dos *seus homens*, foi a da violencia da paixão amorosa manifestada entre elles. O ciume—diz Goron—occupa, nos seus amores, o maior espaço. O *souteneur* que monta sentinella em um canto de rua para vêr si a *marmita* trabalha bem, attrahindo gentilmente os freguezes — sente-se possuido de ciume feroz, *desde que ella dá a parceber que se quer entregar a outro souteneur*.

Nas linhas gryphadas é que «bate o ponto», como diz o povo.

A proposito cita Gorou, com muita propriedade, o caso de Eyraud com Gabriella Bompard.

Vale a pena recordal-o, em breves palavras, soccorrendo-nos do que a respeito escreveram Alberto Bataille, Laurent, Mauricio Talmeyr e outros. Eyraud era um tratante, cheio de vicios, que vivia agarrado ás saias de Gabriella Bompard, rapariga não menos viciosa, hystérica, que, desde algum tempo, exercia a prostituição

clandestina em Paris. Combinaram atrahir um velho endinheirado, Gouffé, para o matar, procurando apoderar-se dos seus bens. O crime foi executado friamente, em condições sinistras, quando a victima toda se entregava ás sabias caricias de Gabriella.

Conseguiram os criminosos escapar, durante mezes, á prisão e ao processo, ficando ignorada a autoria do crime.

Certo é, porém, que Eyraud, o ruflão desbriado, o homem que animava a prostituição da amante, certo dia escreveu a Goron uma carta, denunciando-a, e assim, se denunciando, porque estava louco de ciúmes, vendo Gabriella tomada de amores por outro homem, não mais deícando a elle aquelle particular affecto, aquella « preferencia sentimental » dos velhos tempos.

Para o *souteneur*, como para o nosso azeiteiro --- o freguez, o homem que paga, nada exprime; quem lhe provoca o estrugir do ciúme, quem lhe agita as fibras mais fortes do amor animal, é o *novo amante*, o *novo querido*, o que, até certo ponto, lhe vem roubar o seu thesouro; só este é concorrente temível, que deve ser eliminado, por bem ou por mal.

O vagabundo — jogador ou o soldado arruaceiro que, entre nós, maneja a navalha ou o revolver, nas baiucas da rua do Regente ou da Conceição, disputando, semi-alcolizado, a posse da rameira preferida, é bem igual a esses *souteneurs* descriptos por Goron e por Macé, que desafiam os rivaes para duellos de morte, e, na presença das suas *marmitas*, talham a gloria dos seus nomes a golpe de faca. Goron descreve o entusiasmo da prostituta que, findo o combate, quando o vencedor segue caminho da prisão, corôa a victoria, proclamando, bem alto, o amor que lhe devota.

O facto, talvez, se prestasse a servir de prova á theoria atavistica de Lombroso, si elle já não a tivesse abandonado ha muito tempo. Incontestavelmente, lembra as luctas entre povos primitivos para a posse das mulheres. Era, mesmo, possível ir além, entrar pelo terreno do atavismo pre-humano, e encontrar semelhança entre o facto narrado por Goron, e por nós alludido, e os combates entre certos animaes, como os veados, quando chega o tempo de amar e lhes é forçoso pleitear a posse da femea...

Mas, deixemos isso, que nos levaria longe.

Reatemos o fio das nossas considerações. Resumimos o caso, apontado por Goron, de Eyraud denunciando Gabriella Bompard, sua cumplice, por ciúme de um novo amor a que ella correspondia, quando era certo que, antes, sempre, permittira a franca prostituição da rapariga.

Aqui temos outro facto identico,

anteriormente succedido, e que nos é referido por Macé, no MON MUSÉE CRIMINEL. Em agosto de 1876, foi assassinada, em Pariz, uma velha que se occupava na guarda da famosa torre Malakoff.

Recahiram suspeitas em um tal Alberto, *souteneur*. Não obstante sérias pesquisas, não se descobriu seu paradeiro. Um anno depois, o assassino veio entregar-se. Porque ?!

Porque queria vingarse da sua amante e cumplice, a prostituta Hortencia Louet, que acabava de abandonar-o, para acompanhar outro homem da sua laia. O ciúme levou o desgraçado ao ponto de arrostar a guilhotina...

\* \* \*

Nesta cidade, deu-se, ha annos, um facto bem semelhante ao que provocou este ligeiro estudo.

Em 1889 brilhava, aqui, no mundo da prostituição, a bella Alzira Rosa, quando se apresentou, entre seus admiradores, um sujeito de typo hespanholado, que deu o nome de Antonio Garcia. Emquanto teve dinheiro, gastou á farta, trazendo a mulher completamente illudida. Depois, mudaram-se para essa mesma rua de Santa-Anna que acaba de figurar na chronica do crime. Garcia revelou-se um refinado cavalheiro de industria e desabusado explorador de mulheres. Alzira, aborrecida com a falta de recursos e envergonhada com uma accusação de roubo que pesára sobre o amante, resolveu separar-se. Demais, appareceu, na occasião, um afortunado toureiro, que conseguiu fazer-se, no coração da bella mundana, substituto de Garcia. Este dissimulou quanto poudes a ira que, desde logo, o dominou; e conseguiu não repetir as tremendas scenas de ciúme que atormentaram os primeiros tempos dos seus amores.

Certo dia, tendo Alzira mudado a residencia para o « Hotel Ravot », alli foi Garcia pernoitar com ella. Era um sabbado. No dia seguinte, sahiam como bons amigos, almoçaram no « Pariz », dirigindo-se, em seguida, para uma casa de commodos da rua da Assembléa, fechando-se no quarto occupado por Garcia. O que ahi se passou ninguem soube, antes de ouvir detonações repetidas de uma arma de fogo.

Os que alli penetraram viram já cadaveres Alzira e Garcia.

O illustre criminalista dr. Viveiros de Castro, de quem aproveitámos a narração deste caso, propondo-se explicar seu motivo, regimenta-se decididamente entre os que não admittem o amor e o ciúme manifestados por parte de um homem como Antonio Garcia.

Entretanto, aqui, como nos casos

referidos, uma *nota psychologica*, uma circumstancia *determinativa*, é constante: esses homens que admittem a prostituição da mulher amada, que vivem della, que são parasitas do metreticio, que se sujeitam ao mais degradante dos papeis, só não toleram que outro, *nas mesmas condições*, venha se lhes collocar no caminho.

Não são os *homens* que lhes excitam os nervos e lhes fincam as garras do ciúme; é o *homem*, o novo preferido, o que váe ser ou já está sendo amado, por aquella forma toda particular, especialissima, com que a prostituta os captivou e os prendeu. Para Antonio Garcia em pouco importavam os gozos bem remunerados que Alzira distribuia a freguezes de passagem; apenas, não podia admittir a ligação com o toureiro, cujo fundamento se encontrava provavelmente em qualidades superiores de destreza e de vigor, e não em lucros pecuniarios. Mais feliz do que Antonio Ferro, o toureiro não se achava em frente do revolver de Garcia. Talvez fosse obra do acaso, talvez simples effeito de cobardia.

Seja como fôr, o que liga os dois casos é a identidade do processo de vingança.

E ainda se deve notar, em apoio da these que sustentamos, uma circumstancia: nem Antonio Ferro, nem o toureiro era um *parasitario* concorrente. Aqui, o lado do interesse material não se revêla, como poderiam dizer, pelo despeito. Só se pôde divulgar, em casos taes, a manifestação do amor pelo ciúme.

E' extranho, confessamos; mas é uma realidade da vida. Outras, ha ainda mais extranhas!

EVARISTO DE MORAES.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O CRITICO E O GATO

Deus fez o homem á sua imagem e semelhança, e fez o critico á semelhança do gato.

Ao critico deu elle, como ao gato, a graça ondulosa e o assôpro, o rhon-rhon e a garra, a lingua espinhosa e a *calinerie*. Fel-o nervoso e agil, reflectido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até á tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indifferentes, e terrivel com aggressores e adversarios. Um pouco lambareiro talvez perante as bellas coisas, e um quasi nada sceptico perante as coisas consagradas; achando a quasi todos os deuses pés de barro, ventre de giboia a quasi todos os *homens*, e a quasi todas os tribunaes, portas travessas. Amigo de fazer *jongleries* com a primeira bóla de papel que alguém lhe atire, ou seja um

poema ou seja um tratado, ou seja um código. Paciente em aguardar, manso e apagado, com um ar de mysterio, horas e horas, a sortida de um rato pelos interstícios dum tapume, e pelando-se, uma vez caçada a preza, por fazer da agonia della, uma distracção; ora enrolando-a como um cigarro, entre as patinhas de velludo; ora fingindo que lhe concede a liberdade, e atirando-a ao ar, recebendo-a entre os dentes, roçando-se por ella e mordendo-a, té a deixar num picado ou num frangalho.

Desde que o nosso tempo englobou os homens em tres cathogorias de brutos—o burro, o cão e o gato—isto é, o animal de trabalho, o animal d'attaque, e o animal de humor e phantasia—porque não escolheremos nós o *travesti* do ultimo? E' o que se quadra mais ao nosso typo, e aquelle que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

FIALHO D'ALMEIDA.

\* \*

#### A MONARCHIA, SEGUNDO NABUCO

Nenhum homem vale nada, porque nenhum é sustentado pelo paiz. O presidente do conselho vive á mercê da corôa, de quem deriva a sua força, e só tem apparencia de poder quando se julga em logar-tenente do Imperador e crê ter no bolso o decreto de dissolução, isto é, o direito de eleger uma camara de apaniguados seus. Os ministros vivem em uma escala inferior, á mercê do presidente do conselho, e os deputados em terceiro plano, á mercê dos ministros. O systema representativo é assim um enxerto de fórmulas parlamentares em um governo patriarchal, e senadores e deputados só tomam a serio o papel que lhes cabe nessa parodia de democracia, pelas vantagens que ella lhes produz. Supprima-se o subsidio e obriguem-se elles a não servir-se de sua posição para fins pessoais e de familia, e nenhum homem que tenha o que fazer se prestará a perder seu tempo em taes *skiamaxiai*, em combates com sombras, para empregar uma comparação de Cicero... Ministros sem apoio na opinião, que, ao serem despedidos, caem no vácuo; presidentes de conselho que vivem noite e dia investigando o pensamento esotérico do Imperador; uma camara consciente de sua nullidade e que só pede tolerancia; um senado que se reduz a ser um Pritaneu; partidos que são apenas sociedades cooperativas de collocação ou de seguro contra a miseria; todas essas apparencias de um governo livre são preservadas por orgulho nacional como o foi a dignidade consular no imperio romano; porém, no fundo, o que temos é um governo de uma simplicidade primi-

tiva, em que as responsabilidades se dividem no infinito, e o poder está concentrado nas mãos de um só. Este é o chefe do Estado. Quando alguém parece ter força propria, autoridade efectiva, prestigio individual, é porque lhe acontece estar nesse momento exposto á luz do throno; desde o momento em que dá um passo para a direita ou para a esquerda, e se aparta do séquito, ninguém o nota na obscuridade».

*Reformas nacionaes. — O abolicionismo, Londres, 1883.*

\* \*

«A sessão de hontem (a em que os conservadores annullaram o diploma de José Marianno) resume a corrupção e a degradação do nosso systema de governo; é impossivel que o paiz, depois de ter conhecido a abjecção a que tocou esse systema, continúe por muito tempo sujeito a elle e não faça desde logo um esforço para salvar a sua dignidade e o seu nome!»

\* \*

«Ha neste paiz duas instituições que eu não sei si se estimam ou si se odeiam, mas que se unem para avasalar tudo o que quer ser independente e livre... — a monarchia e a escravidão!»

*Discurso proferido em 1885, ao apresentar-se á camara, o ministerio Cote-gipe.*

\* \*

#### AS GRANDES BATALHAS

Para se avaliar a intensidade dos ultimos encontros, na Mandchuria, damos o funebre quadro das batalhas mais mortíferas do ultimo seculo:

##### BATALHA DE AUSTERLITZ

2 de dezembro de 1805

	Francezes	Austro-russos
	80.000 homens	90.000 homens
perdas	7.000 "	20.000 "

\* \*

##### BATALHA DE EYLAU

8 de fevereiro de 1807

	Francezes	Russos
	70.000 homens	75.000 homens
"	15.000 "	25.000 "

\* \*

##### BATALHA DE WAGRAM

6 de julho de 1809

	Francezes	Austriacos
	150.000 homens	140.000 homens
"	16.000 "	24.000 "

\* \*

##### BATALHA DE MOSCOVA

7 de setembro de 1812

	Francezes	Russos
	130.000 homens	140.000 homens
	30.000	60.000

\* \*

##### BATALHA DE LEIPZIG

15 a 19 de outubro de 1813

	Francezes	Alliados
	180.000 homens	310.000 homens
	25.000	45.000

##### BATALHA DE SADOVA

2 de julho de 1866

	Prussianos	Austriacos
	220.000 homens	200.000 homens
	780 canhões	700 canhões
perdas	9.000	23.000

\* \*

##### BATALHA DE SAINT-PRIVAT

14 de agosto de 1870

	Francezes	Allemaes
	120.000 homens	200.000 homens
	430 canhões	720 canhões
	12.000	15.000 "

\* \*

##### BATALHA DE SEDAN

1 de setembro de 1870

	Francezes	Allemaes
	120.000 homens	180.000 homens
	430 canhões	550 canhões
	14.000	13.000 "

Deste quadro se verifica que a batalha mais sangrenta foi a de Moscova, onde os adversarios estiveram heroicamente em proporção; os officiaes se bateram e sacrificaram a vida como os soldados, e cincoenta generaes foram, de parte a parte, mortos ou gravemente feridos. O mais formidavel encontro dos tempos modernos foi o de Leipzig, agora excedido pelo de Liáo-Yang, entre 520.000, e o de Ien-Tai entre 590.000 homens.

#### CASA VASIA

Ha dez annos, em certa casa, vi-a  
Moça, forte, feliz, garrida e bella;  
E amei-a, e a casa — o doce ninho della  
Muito mais do que um templo parecia.

Parti, depois. Que lugubre era o dia!  
Que triste vento o que enfunava a vela  
Do barco em que eu, áquella minha estreita,  
— Della, embora nostalgico — fugia.

Vólto, e a antiga paixão inda me abraza...  
Busco-a, sem vél-a... Chamo-a, a casa é fria...  
Vae-se-me o animo; foge-me a razão;

E eis-me a tactear a velha e muda casa  
A' tóa! A muda casa era vasia;  
Era a imagem daquelle coração!

PEDRO RABELLO

#### SCIENCIA E INDUSTRIA

##### PHOTO-TELEGRAPHO

Os mais rapidos processos de transmissão do pensamento humano a grandes distancias, erão os executados pelosapparehos telegraphicos de Hughes de Wheastone, de Baudot, que foram agora excedidos por um novo appareho allemão de Siemens e Halske, baseado sobre a photographia e o emprego de correntes electricas de alta tensão, obtendo um coeficiente de duas mil letras por minuto, cerca de vinte mil palavras por hora.

Esse maravilhoso appareho consiste — na estação de partida — de um instrumento semelhante a uma machina

de escrever, permittindo traduzir o despacho transmittido pelo expeditôr em uma série de pontos, formando caracteres especiaes perfurados por ponções em uma tira de papel, que, contendo a série de telegrammas a enviar, é collocada num apparelho de contacto, munido de um disco de transmissão que gyra duas mil voltas por minuto, e que envia, a cada turno, um signal correspondente a um dos caracteres perfurados.

Na estação de chegada ha uma roda, tendo na peripheria, agrupados em certa ordem, 45 letras, algarimos, signaes de pontuação, a qual tambem gyra duas mil vezes por minuto. Diante desta roda, move-se, continuamente, uma tira de papel photographico sensibilizado. A cada volta, quando a letra correspondente ao signal transmittido da estação expeditora, passa diante da tira, uma scintilla electrica salta e photographa a letra sobre a tira. Esta parte do apparelho está encerrada numa camara escura.

Uma vez impressionada, a tira se desenrola num prolongamento da camara escura, onde entra em contacto com um primeiro compressor com esponja embebida de liquido revelador, depois com outro com o fixador e, finalmente, com o terceiro, guarnecido de caoutchouc, para seccar a tira—que sae, então, do apparelho para ser collocada nas formulas, e remetida ao destinatario. A parte photographica da operação dura nove segundos.

Este novo systema, assumpto de um estudo publicado por M. Lucien Fournier na *Nature*, produzirá uma benéfica revolução na telegraphia, facilitando o trabalho de recepção e expedição e reduzindo o custo dos telegrammas a taxas minimas.

\* \*

#### NAUPATHIA

Referimos em um dos nossos numeros anteriores, o caso de um embaixador que se curou de enjôo, olhando para um espelho, cura explicada como um phenomeno de autosugestão.

O facto de se attribuir o desastre da esquadra russa, na memoravel sortida de Porto Arthur, ao enjôo do almirante Witherft, morto no combate, chamou para essa terrivel molestia a attenção dos profissionaes, e um destes, notavel medico da marinha franceza, emittiu a seguinte opinião:

Para prevenir e neutralisar a nau-pathia nada eguala a suggestão. Muitas pessoas particularmente sujeitas a esse mal na fórma mais grave, obtiveram desse meio de cura resultados magicos, o beneficio inesperado de uma immundade tutelar. No momento de embarcarem o medico lhes prohibia de ficarem doentes, creando, assim, graças a uma allucinação benéfica,

um centro inhibitorio de reflexos lamentaveis.

Esse processo já foi objecto de uma communicação á Sociedade de biologia de Pariz e é muito empregado em psychoterapia. Os drs. Bérillon, Garodischze empregam com successo a suggestão não somente contra o enjôo, senão contra o alcoolismo, a morfomania e muitas outras phobias, manias ou pathias, provenientes de uma excitação permanente ou passageira do systema nervoso.

Os fascinadores desse genero não se encontram, infelizmente, nos caes ou a bordo dos navios, e nem todos os doentes são susceptiveis de hypnotisação.

De accordo com o dr. Rafael Dubois, as modificações occasionadas pelo balanço das vagas na circulação e respiração abdominal se traduzem, principalmente, por uma alteração profunda da ventilação pulmonar, produzindo uma especie de intoxicación do ar residuo, necessariamente viciado. Dahi, um principio de asphyxia, como succede na atmosphaera reduzida de uma sala onde ha muita gente.

A bordo de um navio, no convéz, não falta ar fresco e puro, mas dá-se o mesmo que si elle fosse corrompido: os pulmões desorientados não o podem absorver a contento.

Os peiores accidentes se manifestam nas senhoras, cujo peito está apertado pelo espartilho, impedindo a livre expansão dos pulmões. Além disso, o primeiro indicio do enjôo é, na maioria dos casos, essa especie de sêde de ar, provocada pela inconsciente sensação da deficiencia de oxigeneo.

Assim, se explica logicamente, o conselho de combater o mal por meio de uma gymnastica respiratoria methodica, de modo a accomodar as respirações e inspirações ao systema do balanço.

O dr. Raphael Dubois recommenda não só contra o enjôo como contra o mal das montanhas, as inhalações de oxigeneo, cujo effeito é neutralizar a acção nefasta da accumulção de ar viciado.

### O ALMIRANTE

(5)

ROMANCE

. POR .

**Domingos Olympio**

#### CAPITULO III

Como se não ouvisse a pergunta de d. Eugenia, Guilhermina percorria com o olhar distrahido as paredes forradas de papel desmaiado, os quadros vulgares suspellidos por grossos cordões de sêda terminando em grandes borlas empoeiradas, os pesados reposteiros de casemira verdes e galões amarellos, tendo no centro o escudo imperial, ondulando lentamente, e as

velhas cortinas de sêda adamascada, indicando em manchas pallidas o colorido devorado pela exuberancia de luz, que entrava pelas janellas através das rendas amarelladas, e dava tons doirados aos moveis arrumados á maneira antiga, grandes sofás estufados, divans obesos, cadeiras forradas de damasco vermelho com palmas doiradas e altos espaldares, tendo no alto a corôa sustentada por griffos, consolos de mogno com enormes jarras de Sevres vazias, armarios de Boule ornados de bellos mosaicos em cercaduras de encrustações magnificas e bordos de bronze doirado --- tudo disposto em symetria, alastrando pelo tapete sovado, de grandes florões e ramagens desmaiadas.

--- Está mal impressionada --- inqueriu d. Eugenia --- com esta simplicidade, com esta pobreza?... Por isto faça uma idéa do resto. E' verdade que estes compartimentos são destinados aos visitantes, que entram aqui de sapatos enlameados, e até cospem no chão. Ha salões bem bonitos, sempre fechados, guardando moveis raros, quadros e tapeçarias de valor, como uns gobelins e outras preciosidades provenientes de davidas regias; mas não é bastante para o brilho da casa imperial. A joia deste palacio é a bibliotheca --- setenta e cinco mil volumes. Oh! A mania dos livros.

Não é possivel que o Imperador tenha tempo de passar a vista pelas centenas de volumes, de revistas e jornaes scientificos em todas as linguas, um verdadeiro carregamento de productos intellectuaes recebido, quasi diariamente, pelo correio. Para ler essa avalanche ha um empregado erudito, o professor Seybolds. E' um grande homem e um grande original o nosso querido monarcha. A sciencia o absorveu e quasi nada lhe deixou de humano. Imagine que nunca se falou delle, nenhuma aventura galante agitou jamais a atmosphaera placida desta casa, ou esguichou das relações intimas imperiaes para dar pasto á maledicencia. Não se lhe conhece um pedilho sentimental, desses que se perdôam a todo o mundo, principalmente aos principes, porque, afinal de contas, por se cingir uma corôa não se deixa de ter coração, e o amor é o soberano dos soberanos...

--- E' extraordinario --- balbuciou Guilhermina, restaurada da apathia da desillusão pela loquacidade de d. Eugenia --- Confesso que me surpreendeu esta simplicidade austera. Fiquei muito vexada com esta toilette...

--- Não tem de que, minha querida. Está, com effeito, primorosamente vestida, muito bem e muito á côrte, para realce dos seus encantos pessoais, desses olhos...

--- Ora, d. Eugenia.

--- Não se pôde contestar que a ba-



roneza de Uberaba seja a mais bella, a mais brilhante estrella da nobreza. A sua superioridade resalta, mas não pense que o Imperador tenha reparado na senhora. .

--- Disseram-me, entretanto, que elle tem prodigiosa memoria. .

--- E' exacto. E' capaz de reconhecer uma pessoa que tenha visto ha muitos annos e repetir-lhe, promptamente, o nome inteiro, a profissão e o logar de residencia; mas, não se impressiona com a fórmula; não tem o instincto da plastica, para se commover diante de uma mulher bonita. Foi educado por um frade, que lhe espremeu o coração; tirou-lhe a seiva toda, deixando-o esterilizado, mesmo para a fé. Seria natural que sahisse um devoto, não é? A religião nelle é apenas quanto baste para o imprescindível adorno de um príncipe catholico. Saiu da infancia para a politica, e ficou um septico. Isto que lhe digo fica entre nós: nem por sonho desejo que se saiba. Eu sou quasi pessoa da casa, devotada de coração aos augustos imperantes; mas, não posso escurecer a verdade a uma boa amiga, como a senhora, em cujo criterio confio absolutamente.

— Conte com a minha discreção.

— Da educação fradesca provei-lhe aquella melancolia de orphão. Bem se vê que não teve carinhos e affectos paternaes a guial-o nos primeiros passos da vida. Mãos mercenarias e interessadas lhe formaram o character, num meio de agitação politica. Hei de lhe dar a ler uma memoria historica do Antonino sobre a tutoria dos Andradas e os mais intimos episodios da menoridade e da regencia, desmanchando uma porção de mentiras consagradas como verdades officiaes. O Imperador, no fundo, é bom, clemente e caridoso; mas, o seu espirito oscilla numa atmospheria de prevenções arraigadas e tolerancias descomedidas. A senhora nunca ouviu falar no lapis fatidico? . . . Quando elle embirra com um individuo ( e nisso se parece muito com a Imperatriz ) põe-lhe no nome um traço: o misero está condemnado; nunca mais terá accesso; nunca mais poderá pretender coisa alguma. E' como se morresse. Ha, entretanto, alguns sujeitos, cheios de mazellas, conhecidos exploradores da politica, que lhe caíram em graça e tudo obtêm. Não vê com bons olhos os homens notaveis adquirirem demasiado prestigio; tem um pronunciado fraco pelas mediocridades. .

— E' um defeito dos poderosos. E' mais facil dominar com os mediocres que com os homens superiores.

— Tem razão. O Antonino sempre me observa que o nosso amado monarcha se compraz em subjugar os fortes pela corrupção, como fazia o pae. Compare o procedimento delle

com o Euzebio e com o Paraná: rebelde ás idéas do primeiro, que era um homem excepcional e que só foi ministro uma vez, e docil, como uma creança, aos caprichos do outro, que era uma vulgaridade astuciosa e violenta. Não ha um só dos nossos estadistas de real merecimento que não tenha delle um pingo de resentimento: saem todos dos conselhos da corôa mais ou menos desgostosos e arranhados nos seus melindres. Quer um exemplo? Aqui, para nós: não é por ser meu marido. De resto, ninguem contesta os serviços e a capacidade do Antonino, aliados a uma modestia patriótica; entretanto, está marcando passo sob o fardo de honrarias inúteis. Pois um homem, como o meu pobre marido, não era para estar feito senador, ou conselheiro de estado? Não tem elle servido bastante á familia imperial para merecer, pelo menos, um titulo de barão, quando se tem agraciado quanto pé rapado por ahi anua, até gente de cor?

A baroneza tornou-se rubra, e d. Eugenia estacou enfiada, reparando no moreno jambo e nos cabellos crespos da formosa interlocutora.

--- Eu cá --- continuou ella, recobrando o aprumo --- não sou de prejuizos e preconceitos. Ha de convir, porém, que é irritante ver um sujeito, que todos conhecemos, filho de uma quitadeira africana, marcada de ferro em braza na espadua, feito visconde, todo cheio de condecorações porque a negra velha lhe deixou, no fundo do bahú, uns cobres; ao passo que meu muito honrado marido, descendente, em linha recta, de Mathias de Albuquerque e da mais pura fidalguia florentina emigrada para o Brazil nos tempos heroicos da colonisação, não passa de conselheiro, veador de sua magestade a Imperatriz, commendador da Rosa e de Christo, amarrado, como um funcionario de ponto, ao cargo, e, por cima, obrigado a serviços particulares do Imperador, serviços litterarios que nada rendem senão canseiras, em parte por sua culpa porque não tem geito para se insinuar, para pedir, nem sabe andar pelos caminhos escusos e tortuosos que são os mais curtos para chegar ás altas posições. A dolorosa verdade é que vae ficando atraz com a sua fidelidade, a sua illustração e o seu patriotismo, preterido pelos aulicos, os exploradores de mediocridade chata. Isto que lhe digo é um desabafo de intimidade e confiança. Deus me livre que o saibam: seriamos riscados. Não me queixo; não desceremos, uma linha, da nossa superioridade; nunca desmentiremos o sangue altivo que nos corre nas veias. —

A confidencia foi interrompida pela chegada de uma senhora ainda moça, sanguinea, de olhos muito espertos e inquietos, falando alto com excessivo

desembaraço, e um tanto voluvel. O cavalheiro, que a acompanhava, era ainda moço, de maneiras distinctas, porte elegante, cabeça erecta, rosto sympathico, onde sobresaia um nariz aquilino, cavalgado por um pince-nez de vidros esfumados.

--- Que calor, conselheiro --- gemeu ella, abanando-se com um grande leque de pennas de avestruz --- um calor senegalesco. Parece que o simoun tosta as nossas epidermes faciaes. . .

--- Está, com effeito, muito quente --- confirmou o conselheiro, com enfado.

— Se podessemos tomar um refresco gélido?

— Qual! minha senhora. Isto aqui é árido como um sarah. . . Quando fui ministro, curti fome e séde durante as longas horas do despacho, que terminava, ás vezes, pela madrugada.

--- A paciencia é a virtude dos sabios. Esperemos que sua magestade a Imperatriz acabe de receber aquella caterva de plebeus. Oh! Eu tenho horror á plebe. E' um desdoiro da imperial vivenda o contacto dessa gente infima, maltrapilhos, mulheres de militares, que vêm mendigar.

— A Imperatriz é uma santa, boa mãe de familia, excellente dona de casa, mas muito menos caridosa que o Imperador.

— Não a censuro por isso. Os reis devem praticar a caridade, que é a mais ornamental das virtudes, em ponto grande para que todos vejam, em doações a instituições humanitarias e não em pequena escala, em esmolas individuaes que alimentam o vicio da mendicidade pernicioso. Procuremos um exemplo escandaloso. E' direito e compativel com a decencia de um palacio imperial o espectáculo que offerecem os quartos baixos do paço da cidade, transformados em albergue immundo de gente pobre? . . . Aquillo é um escandalo. . . —

E continuaram a conversar em voz baixa.

— Aquella—disse d. Eugenia, á puridade — é a baroneza de Cangaty. Falla por todas as junctas, e como um livro. E' de provocar tonturas quando discorre sobre politica, sciencia e artes, como uma preciosa ridicula em constante exhibição pedantesca. Aquelle que a acompanha é o conselheiro Cleto. Foi ministro muito joven e deu provas de muita actividade e talento. Oxidou o lustre um orgulho desmarcado. Era um dos mais notaveis redactores d' *A Reforma*, grande órgão liberal que appareceu como um campeão destemido, cujo programma era — Reforma ou Revolução, — pugnando pela eleição directa, secularisação dos cemiterios e outras utopias. Não se fizeram as reformas, nem elles fizeram a revolução. Esqueceram principios e idéas apenas se conchegaram ao poder pessoal que elles tanto verberavam. E é isto a po-

litica, minha querida, a lucta pelo poder...

— Eu não entendo muito disso — ariscou Guilhermina — penso, entretanto, que politicos não devem luctar por outra cousa.,.

— E os idéaes do partido, e as crenças, a fé?... Bem se vê que a baroneza não está ainda bem informada do que seja a nossa politica. Olhe, aquelle que alli está era um fogoso tribuno, um pamphletista terrivel. Disse cobras e lagartos do Imperador, do poder pessoal, da corrupção, da falta de moral; chegou mesmo, em um manifesto aos seus eleitores, a pregar a revolução como extremo remedio ás liberdades opprimidas. Hoje, é um aulico submisso igual aos outros. Anda se inculcando para a primeira organização ministerial. E' um homem superior, não ha duvida... Oh! ha de ir longe. Tem coragem e talento para todas es emergencias, precisamente como o Imperador gosta.

Guilhermina ouviu, tomada de pasmo, os commentarios de d. Eugenia; admirava seu perfeito conhecimento dos homens e do meio, naquellas eminentes regões.

Sentia-se diminuida, como creatura futil, indifferente á funcção suprema do mecanismo social, aos instrumentos de governo dos povos, toda entregue á satisfação de seus caprichos, dos seus requintes de gôso.

Tinha inveja a d. Eugenia, que se lhe figurava senhora superior e lhe recordava os immortaes especimens do sexo: rainhas, damas famosas brilhando a par de homens celebres, homens de genio — os grandes artistas da comedia humana, com rutilante sulco na historia.

Rica e formosa, dessa belleza infernal das mestiças, faltava-lhe ao espirito culto, iniciativa, audacia para emergir da vulgaridade, e penetrar o campo de actividade reservado ao homem, nessa esphera elevada, onde d. Eugenia se destacava com a agudeza de seus instinctos de observação e analyse, com a mesma intensidade com que examinaria os arabescos de uma reuda rara, a contextura de uma estôfa preciosa. A historia da humanidade é uma immensa tēja, onde os factos e os homens, as calamidades, as crises e as victorias se vão debuxando em traço firme cu inedeciso, brilhante ou apagado, conforme o colorido das circumstancias e a collaboração das forças fataes, que impellem os povos para os seus destinos. D. Eugenia sabia, como testemunha viva, a historia de seu tempo.

--- Como a senhora --- avançou Guilhermina. com admiração reverente.. é versada na politica!..

--- Nascino meio della, minha cara amiga.

(Continúa)

## THEATRO

Até que afinal houve desta vez, embora vacillativa ainda, uma certa independencia da nossa critica na apreciação de uma peça theatral. O caso é raro e por isso mesmo espanta.

Entre nós, criticar theatro, é empannar os olhos, convencer os ouvidos de terem ouvido o que sómente presta e sugigar a penna para cantar lôas. Mas, o facto se explica facilmente. O critico é sempre intimo dos artistas, intimo dos emprezarios, intimo dos autores. Uma phrase extranha á pragmatica provoca vibratibilidades, arrepia melindres, magôa amidades. Quem quer lá magoar um amigo! No outro dia, nos bastidores, a gente precisa dar explicações, mostrar que obrou justiceiramente e dahi uma discussão, da discussão uma descortezia, da descortezia um pesar. Ou bem que se é amigo ou bem que se não é!

O melhor meio é calar a bocca, o melhor é elogiar.

Não ha dessa maneira quem se zangue: o emprezario sorri-nos, o autor sorri-nos, o actor, a actriz, a actriz, meu Deus que lindo sorriso ella nos traz na bocca! A amizade continúa firme, teza, sem crespidão. O escriptor offerece-nos volumes louvaminheiramente, o emprezario passa-nos o braço por cima dos hombros, o actor, a actriz, recebem-nos nos camarins com aquella alegria franca da gratidão, com aquella intimidade estreita da camaradagem.

Mas, com a peça de Raul e do dr. Vicente Reis, a nossa critica teve assomos de imparcialidade e de justiça. Se me perguntarem porque, sou bem capaz de explicar.

Raul, como artista, é o primeiro a reconhecer o que são essas peças feitas para ganhar dinheiro; é, com certeza, o primeiro a não fazer cavallo de batalha de sua revista, a não considerá-la nas nuvens. Tanto se lhe faz que se diga bem, como que se diga mal. Bem ou mal, não se ligará, em absoluto, ao seu nome artistico.

Pois bem, a critica sabe, ou pelo menos imagina isso, e dahi a respiração algo folgada e algo ampla que ella pode ter.

No *Badalo*, ella reconheceu as coisas boas e (louvada seja!) reconheceu tambem as coisas más. Na peça de Raul ha disto e ha daquillo. E' com tudo a primeira revista das que este anno temos tido. Abre com um quadro parte infernal e parte santo, onde ha carêtas do Tentador e resplandores de Celestino, mas abre friamente, a ponto de se pensar que ella continúe num desenrolamento de cacêtadas. Tal não se dá. Já no segundo quadro, cria-se alma nova. Aparece-nos acom-

panhada das filhas, a d. Bibiana, uma velha impagavel, gorda como toda a velha, tagarela como toda a sogra em projecto. E' a figura que mais faz rir, a melhor figura da peça, embora não tenha o cunho da originalidade. Tem a mania de encontrar em todo o mundo um parente, um sobrinho do tio de um compadre da avó de seu marido, e, quando encontra, familiarisa-se depressa, de uma maneira extraordinariamente comica.

O primeiro parente que se lhe apresenta é o Guedes — um moço que anda procurando o *Badalo* — nome de um seu cãosito de estimação, que fugira. Este Guedes — personagem inverosimil, que chega a ficar pauperrimo para re-haver o *Badalo*, — trava relações com a d. Bibiana, ou melhor, a velha sacudindo os galhos da sua geneologia, descobre que o rapaz é fructa da mesma arvore, e, como elle prometta de bôa vontade escravizar-se a quem lhe encontrar o cachorrinho, ella e as filhas — meninas á procura de marido — partem juntas á procura do animal.

Mas, os autores não aproveitaram d. Bibiana como deviam.

Quando a velha nos assoma no primeiro acto, vem tão feliz, que imaginamos logo que ella vem fazer a delicia da peça.

Realmente faz, mas não faz como se deseja, e como se esperava que o fizesse. No segundo acto, já se lhe nota um certo esmorecimento e no terceiro, quasi que não tem vida.

Os autores deviam ter sustentado a nota, e, ainda menos se lhes perdôa a falta, quando se vê que o papel foi entregue á sra. Bibiana Maia, que é sem duvida e sem engrossamento a primeira actriz no genero *canaille* que ha hoje entre nós.

No papel de Bibiana, então, encheu-nos as medidas. E' pena que se veja forçada em certas scenas, a assistir quasi calada, a ouvir quasi mudamente o que os outros dizem, quando seria de um bello effeito comico a sua tagarellice de velha.

Todo o primeiro acto é de uma *verve* extraordinaria.

Um quadro, que, embora se tenha dito por ahi, que é alguma coisa cacête, nos agradou bastante. E' o primeiro do segundo acto, onde o barbeiro é ao mesmo tempo sacristão, delegado, e, se não nos falha a memoria, até juiz em disponibilidade.

Melhor seria se o sr. Brândão, um actor delirantemente querido do publico, por ter, de certo, muito de *clown* e pouquissimo de actor, não fizesse tantas carêtas. Está aqui um que a critica e o publico estragaram. Conclamam-lhe o merito por ahi afôra e por ahi afôra, apontam-no como um comico soberbo. A cada gesto seu, rebentam palmas; em cada fim de acto é chamado á scena. E' benevolencia de mais. Falta ao

sr. Brandão a compostura artistica; a sua voz rouquenha, insubstituivel em algumas phrases, é, a maior parte das vezes, desgraciosa e desagradavel; a gesticulação é estabanada, affectadissima, impropria. Convencido de que a carêta é o mais forte elemento para fazer rir, fal-a em tudo, em cada phrase, a cada instante. Certo já da sua fama, faz, ás vezes, no palco, o que seria muito engraçado num circo de cavallinhos. Quando não conhece bem o papel, em vez de disfarçar, planta-se affrontadamente aos pés do ponto e não lhe desprêga os olhos. Quando da sua véstia o chapéo faz parte, enterra-o desmedidamente na cabeça, até junto das orelhas, como se isso lhe desse graça. Emfim, a gente deve em lugar de criticar o sr. Brandão, criticar o publico, que ainda o tolêra, sem apedrejal-o.

Não morremos de amores pelo quadro *Trastes novos e usados*. E' simplesmente um reclame de moveis, como o *Vagas e Vagalhões* o é de clubs de regatas.

A não ser isso, a revista pode ser ouvida com agrado, e com gargalhadas. Ha papeis bem feitos. O homem das muletas, por exemplo, feito pelo sr. Machado, é interessante.

O vestuario é que é rico. Rico, caprichoso e bonito. A respeito de scenario, o sr. Marroig deu-nos a esplendida apotheóse da *Paz* e da *Guerra*. O sr. Chrispim, sempre o sr. Chrispim, admiravel em todos os seus quatro quadros. A apotheóse á *Rainha Victoria*, feita pelos srs. Thimoteo Costa e Affonso Silva, está bem bôa. Não achamos graça no tal scenario *art nouveau*.

JUSTUS JUNIUS

## CORPO DE ESTATUA

(ANTE UMA MULHER NÚA)

Este corpo é um thesouro em dias de pobreza!  
Desperta a inspiração; ergue-a á altura imprevista,  
Põe-lhe ás mãos o buril que a perfeição conquistou,  
Para a pedra rasgar com serena firmeza.  
Resumindo o esplendor da excelsa Natureza  
No marmoreo vigor dos seus traços — á vista  
Ofusca, accorda e faz vibrar nalma do artista  
A saude que a Fôrma hoje tem da Belleza.  
A radiosa nudez dos seus membros robustos  
Enche de raiva ultriz e colericos sustos,  
No altar onde pompeia — a divindade fatua.  
A belleza moderna ao seu brilho desfaz-se,  
E da Grecia pagã toda a pompa renasce  
Na gloria esculptural deste corpo de estatua.

LEAL DE SOUZA

(*Bosque Sagrado*)

## A LIVRARIA

ESAU' E JACOB — MACHADO DE ASSIS —  
H. GARNIER — EDITOR

Em primeiro lugar, desculpa... meus senhores. A desculpa, a pecinha amavel e gasta no uso, ou no realejo dos officiaes deste officio.

Mas, aqui, a meu serviço, é sincêra, explica-se, e mais eu a desejo, com fervor e com fé, á maneira de quem, devendo alta honrenagem, apenas faz uma deferencia. Já sabem vocês que de não escrever vastamente do mestre prosador Machado, a desculpa, sobre outras, é o — espaço — angustiado nesta columna curta, esguia, em sérios apêtos, uma columna simples que se não quer estender para além das suas curtas intenções de noticiar só: que appareceu um livro, uma brochura, original ou roubada, que tem auctor, ou auctores, cada qual o melhor, cada qual o peor. Digo que *Esau e Jacob* é de Machado de Assis. Digo uma doidejante novidade e, sobretudo, um dos mais maravilhosos trechos do logar commum, em materia de... critica.

Porém, ás vezes, como agora, esse cliché é uma salvação, uma providencia que resume, num idéal de criterio, o que eu, com ancia, com pressa, com todo o meu amor á obra de Machado, viria a pensar, neste lúcido momento do *Esau e Jacob*. O trabalhador do *Quincas Borba* resplandece no romance dos gêmeos, como no *Braz Cubas*. Sobre isso, não é veneravelmente velho notar que o puro Artista não envelheceu. A primavêra alenta naquella espirito, todo um cyclo de activo esplendor. Cada livro seu, mesmo uma pagina, um periodo, é uma resurreição de mocidade.

E me bastaria como melhor phrase, querendo dar a melhor idéa. O essencial encantador num trabalho d'elle, o que mais irresistivelmente desafia a todas as seducções do grande bello, não é o entrecho, não é a intriga. Aliás, ella excelle a de todos os romancistas da nossa lingua.

Nenhum, aqui e além, lançaria a factura *material* de um livro de Machado, contando tão bem a *historia* através de um processo tão difficil, tão trabalhoso e, ao mesmo tempo, tão apprehensivo d'acção. Por vezes, no andar da narrativa, parte-se a linha, quebra-se a urdidura, as coisas, que não de apparecer, alternam-se, trocam-se, transpõem-se, e os capitulos se revêsam, não ligam a mesma idéa de sorte que, como no *Esau*, a um capitulo que o vulgar impessoal daria o n. I, elle dá o n. 8, ou o n. 13, ou traça a *visita do palacio*, embora seja uma divagação, uma inutilidade para o enrêdo, mas uma necessidade primaz para a sua maneira de construir.

E logo emmaranha num claro, num aberto embaraçado de episodios, que se distanciam, que se alongam, que se esvahem, esvahindo a curiosidade devorante do leitor, que se subdividem em muitos outros, vários e estranhos, com o poderdo mesmo interesse, da mesma arte, que o seu genio, sempre alli, transmite e revigora. Um romance de Machado não tem vertigens tempestuosas, não é dramatico, é uma semelhança de mosaico, é um romance de episodios que, parece, se chocam, se repellem, se alheiam. (*A esmola da felicidade, A epigraphe, A missa do coupé, Ha contradicções explicaveis*, etc.) Mas, afinal, o facto é que se entendem, se communicam e se apuram e se enlaçam, e, ao cabo, nós verificamos, maravilhosamente, uma perfeição de unidade e de trama. Depois, esses episodios que assim rebentam e se cólam, assim dão, deliciosamente, a expressão magnífica da sua graça amoravel. «Perpetua compartia as alegrias da irmã, as pedras tambem, o muro do lado do mar, as camisas penduradas ás janellas, as cascas de banana no chão. Os mesmos sapatos de um irmão das almas, que ia a dobrar a esquina da rua da Misericórdia para a de S. José, pareciam rir de alegria, quando realmente gemiam de cansasso. Natividade estava tão fóra de si que, ao ouvir-lhe pedir: Para a missa das almas!» tirou da bolsa uma nota de dous mil réis, nova em folha, e deitou-a á bacia. A irmã chamou-lhe a attenção para o engano, mas não era engano, era para as almas do purgatorio. (*Cap. II*).

«Era a missa do *coupé*. As outras missas vieram vindo, todas a pé, algumas de sapato roto, não raras descalças, capinhas velhas, morins estragados, missas de chita, ao domingo, missas de tamancos.» (*Cap. II*).

Não exálam *emoção*, nesse esbraseado sentido meridional, que solicita o estrepito, o ardor, o mesmo fogo dos deslumbramentos. Nem arrebatam, nem estremecem, nem atijam convulsões de nervos. Fazem resurgencias de alegria, borbulham delicadezas, fascinam calmamente pelo exquesito das suas situações, pelo recorte plastico da sua suavidade, pelo geito leve da sua ironia. No episodio, Machado espraia as subtilezas, o seu dom superior, super fino, de recato, de timidez, de pudor; a discreção, a medida o contém; e surge, vacillante e alegre, o divertido da sua duvida, o mais pittoresco dos seus aspectos litterarios.

Eu me sinto á vontade, sorrio simplesmente; ninguem se irritará deante della, a bolir conosco; antes, oscillar-lá, desconfiará, tambem, sentindo-a, penetrando-a, com a mesma volupia, numas brandas claridades de goso. «Era um mysterio, talvez um caso unico... Unico! Um caso! A singular-

ridade do caso fel-o agarrar-se mais á ideia ou a ideia a elle; não posso explicar melhor este phenomeno intimo, passado lá onde não entra olho de homem, nem bastam reflexões ou conjecturas.» (Cap. XI).

Dessa timidez, dessa duvida — e dahí os excessos de sensibilidade, os seus trocadilhos, os jogos de palavras, as incertezas, os contrastes, as apparencias de respeito ao publico, os disfarces, as renuncias de opinião, os «possiveis» — desse pudor, que organisa o mais original, o mais homogeneo, ou, antes, o unico temperamento litterario do Brazil, irradiá, lindamente, o seu *humorismo*, que, nelle tendo o melhor artista, nem é amargo, nem desesperado, nem furioso; mas, tão finalmente sceptico, é tolerante, contemplativo, bemfazejo.

E' pois, exacto, logico, inteiriço, o processo do creador do *Dom Casmurro*, um processo que effectúa a perfeição do *humorismo*, o que é bastante para julgar a um *humorista*, tanto quanto, como ninguem, elle o é soberbamente. Ha gente, qualquer bocado de gente illustre que não toléra o methodo do sr. Machado de Assis. Um homem que escreve bem já me disse, com impunidade, que essa coisa do sr. Machado metter os pés pelas mãos, essa licença dos episodios, dos capitulos em branco, das reticencias, é um desprezo ao publico. Esse homem que escreve bem só farejava nos romances do sr. Machado, o drama, a vil banalidade do entrêcho. E não entendia, por isso, que notando no sr. Machado, desprezo ao publico, signalava, precisamente, um dos fortes caracteristicos do seu typo de *humorista*. E porque tem juizo e geito, o esperto homem só devia considerar o escriptor como elle é, de facto, — dentro do seu temperamento.

Mas, eu ia mettendo pela discussão, ou, talvez, tentativa de estudo do romancista. Estaria fóra de logar e do dever actual. . que é fechar a noticia com a delicia de falar no estylo do sr. Machado. O *Esau*, deitado á luz sem barulho, com calma e com paz, rebriha o amado estylo, a sobriedade, sem igual, a doçura, os furta-côres da graça, a iris scintillante.

Esse feitio da sua litteratura é ainda sem par, não tem gemo, (vê-se bem que dou noticia do *Esau e Jacob*) não tem outro na lingua que elle lapida e amansa. A sua *fôrma* compléta a idéa pegando-lhe os matizes; e, portanto, o estylo de Machado ha de ser subtil. Não tendo violencias de brilho, nem lances a deslumbrarem, é na ironia que lhe está a *maneira*. Não é descriptivo; menos, opulento; menos, fragoroso. Os exteriores d'um quadro, d'uma paisagem não o preoccupam; naturalmente despontam. De tantos, um exemplo precioso: «Não é que sentissem alguma coisa opposta, á vista da

praia e do céu, que estavam deliciosos. Lua cheia, agua quieta, vozes confusas e esparsas, algum tilbury a passo ou a trote, segundo ia vasio ou com gente. Tal ou qual brisa.» (Cap. XXXVI).

Mas, onde eu vejo em Machado a maior virtude de arte, é em dizer o pensamento. Não é cathegórico, e parece desejar que a sua phrase nunca enfeixe uma sentença. A ironia nelle, como no Eça ou no Fialho, traz o pensamento, e atalha o exaggero. A sua arte deixa que o leitor tambem trabalhe na leitura, e fal-o pensar. O *Esau* transborda de phrases. Daria um lindo livro de pensamentos leves, encantadores, sem presumpção, sem pó, sem solemnidade. (Bôa lembrança a Mello Moraes, bôa inspiração a Laudelino Freire). Mais que nunca, a respeito desse mestre, a gente sente profundamente a perfeição da idéa visionando o toque extremo, o acabado, a perfeição do estylo. Pela subtilidade dos seus recursos, das suas cambiantes, pelo imprevisito do seu movimento, pela finura e pela plastica, pela tinta e pela propriedade, o estylo, no *Esau*, arranca deste idioma o que elle, em verdade, ainda pôde recolher de attico, de fino, de suave e de espiritual. De resto, considerem a seriedade, a inteireza e a cohesão da sua obra; obra que, por ser pensada e sentida, faz de Machado a unica, a indiscutivel gloria liquida das lettras brasileiras. Quando elle nos dê o seu ultimo livro, será, emfim, o primeiro, por tudo isso.

Os ultimos serão os primeiros.

\*\*

NOVOS POEMAS — ANNIBAL AMORIM —  
LAEMMERT & C. — EDITORES.

A má signa desabou sobre a casa Laemmert. Novo jorro de esgôto, novos versos do grande poeta Annibal Amorim. Minhas homenagens a este *escaphandro*, por onde, neste dia 3 de novembro, eu desço ao fundo do mar, no desejo de ver Gonçalves Dias. O extraordinario poeta Amorim, a quem estou muito sensível pela dedicatória com que me trouxe o seu glorioso folheto de versos maravilhosos, junte á carta de Alberto de Oliveira, as alegrias, o prazer, a gloria que eu tenho em ser brasileiro, em ser compatriota de Annibal Amorim, depois que comecei a vel-o, daqui, trepidando e deslumbrando, cercado na auréola que as mãos celestes da poesia propulsionaram.

Acho muito bom o poeta Eugenio Amorim; é espontaneo, originalissimo, carréga, nas suas estróphes, todo um mundo de idéas, novissimas sobretudo; ama a natureza e não a desna-

túra. As suas rimas são riquissimas. Já não escreve mais

.correcto

como num

... romance idéal de Coelho Netto.

Ah! contemplativo! agarra na carta de Alberto de Oliveira, agarra nos teus versos, despreza a canalha, os zoilos, e segue, ó Homero, o teu resplandecente caminho de martyrio pela *fôrma*, e de sagração pela mesma.

Annibal Amorim acaba de lançar a revolução na Poesia. Ha nelle, como poeta consagrado, coisas tão estranhas, tão liquidamente astraes que eu, no meio de ferozes impressões, resolvi iniciar, por estes dias mais chegadinhos, o mais sersacional *inquerito* — o inquerito da Poesia, sua immortalidade, sua renovação, etc. etc. O primeiro a ser ouvido será o eminente artista dos *Novos Poemas*.

WALFRIDO

## O THEATRO MUNICIPAL

Esta questão magna do theatro municipal não deixa de ser, sobre complexa, complicada. E' necessario um theatro a mais aqui, no Rio? Caso seja, compete á municipalidade construí-lo e sustental-o? E, uma vez construido, será destinado á opera, e nesse caso o Lyrico não basta? ou tambem apto á comedia e ao drama, e então porque deixar de lado o velho S. Pedro, vestustamente tradicional? E, para a construcção do novo theatro, qual a planta a utilizar-se? A do francez Guilbert, magnifica, mas ultra-dispendiosa, ou a da Prefeitura, economica, mas charra? Podia-se fazer uma combinação eclectica das duas?

E' dahi, um labyrintho de problemas, se a Prefeitura podia concorrer, se o plano do sr. Oliveira Passos é d'elle ou de outro, se o jury foi ou não imparcial, se a bifurcação do primeiro premio é justificavel, e emmaranham-se debates, em que se deblatéra sobre architectura, sobre arte dramatica, sobre, já se vê, a vida alheia, emquanto, de bruços na ruina solitaria do seu antigo sonho, o sr. Arthur Azevedo explica ao publico e ao Prefeito a historia pessimista das suas desillusões theatraes.

Eu ponho de parte, nesta materia, todas as inuteis e impertinentes questiunculas, e, já que a construcção do theatro prefetural é cousa decidida, só enxergo, a discutir, no prismatico assumpto, duas arestas essenciaes e actuaes:

— a arte dramatica e o novo theatro;  
— o novo theatro e as plantas approvadas.

Como se sabe, e eu já, em mais de um artigo, demonstrei, não ha, no

Brazil, theatro; a arte dramatica está, entre nós, prematuramente morta, dado que se admitta que ella tenha, com João Caetano, algum tempo existido. E não ha theatro pelo seguinte patefacto axioma: auctores, não os temos nem os tivemos nunca, e actores, a não ser o esporadico João Caetano, nunca os possuímos. João Caetano mesmo, senhores, que especie de actor podia ter sido? Era um latagão corpulento com uma guéla de estentor a sacudir, num palco de quatro metros, uns braços de briaréo e umas melenas de trovador, diante de uma platéa que lhe admirava, na *Gargalhada*, a robustez da larynge válida, como aliás hoje applaude em arroubos o dó de peito de um tenor taludo e os garganteios de quarto d' hora de um soprano... ligeiro. O sr. Arthur Azevedo é, ao que parece, contra a construcção do theatro da Avenida. Na sua opinião, acabou-se o futuro da comedia e do drama com o novo theatro, que é, pelas suas largas proporções, exclusivo para a opera, e os poucos artistas que ainda temos «irão representar no outro mundo», os que se illusionam ainda com brilhaturas na ribalta caducarão senectos, e as producções theatraes á espera da consagração de Melpomene e Thalia, no fundo inglorio das gavetas, eternamente dormirão. O theatro nacional será, então, mais do que nunca, uma utopia, e os estrangeiros é que virão fruir aquillo que o «espírito dos legisladores» tinha creado para propulsionar a arte indigena, animar os nossos artistas e encorajar os nossos theatrographos. O sr. Arthur Azevedo acha que auctores dramaticos não nos faltam e que, quanto a actores, ainda ha por ahí uns «quatro ou cinco» aptos para inaugurar, se fosse possivel, o nosso encantado theatro. O que é certo é que ninguem conhece os nossos auctores dramaticos senão por umas exhibições ridiculas e mediocres e toda a nossa litteratura theatral é, francamente, de uma inquietadora inopia. O sr. Arthur Azevedo sabe úisso, e creio que não será a *Vespera de Reis*, a *Viagem ao Parnaso*, o *Retrato a oleo* ou a *Fonte Castalia* que hão de reformar e reorganisar o palco brasileiro. E: procuro, com uma exorbitante boa-vontade, entre os nossos escriptores, um theatralista que haja creado uma obra de valor, e não encontro senão a *pochade* sedica, a comedia de costumes banal, a revista de anno immunda e pasquinenta, a magica enfadonha e futil, e toda uma série de traducções e accommodações de *vaudevilles* bandalhos e operetas torpes. Isto quanto ao presente, porque, olhando atraz, ha o intoleravel e inepto Martins Penna, com as suas comediarras pulhas, o pesado Macedo com o seu *Phantasma branco*, o seu *Primo da California*, a sua *Torre em concurso*,

o incolor José de Alencar com o *Demónio familiar* e outras que taes comediasitas e dramas de se representar em familia, não fallando nos França Junior, nos Norbertos de Souza, nos Gonçalves de Magalhães... O sr. Arthur Azevedo, por causa da sua assiduidade em litteratura theatral, adquiriu fóros de mestre, collocou-se á frente do movimento regenerador da nobre arte, constituiu-se pontifice e conductor da collectividade que se agita nos bastidores — e, no emtanto, o sr. Arthur Azevedo não tem uma unica peça que fique. Não tem nenhuma que não seja a pachuchada á França Junior e a revista annual degradante, pondo-se-lhe de parte o respeitavel mistér de traductor das *Pilulas de Hercules* e identicas industrias. E onde está o outro escriptor de talento que soerga o theatro? Apareceu o sr. Oliveira Lima com uma indecisa e fluctuante amostra, o *Secretario d' El-Rey*, e o sr. Affonso Arinos com um inédito episodio colonial, o *Contractador de Diamantes*, que o auctor leu apenas a um nucleo restricto de amigos e jornalistas, e que os jornalistas e amigos elogiaram. Como se vê, não ha muito onde respigar. Um apenas resta que me daria esperanza: é Coelho Netto. Artista cujo valor ninguem contesta, o creador de tantas obras primas poderá ser o levantador, no Brazil, do theatro, se se não deixar arrastar pela alliciente ganancia dos emprezarios que, para explorar o publico, exploram primeiro os auctores, fazendo-os fabricar umas saladas pifias. A *Loteria do Amor* foi uma fraqueza que se não perdôa a quem fez o *Pelo amor*, egualando Maeterlinck, e a quem escreveu essa deliciosa *Pastoral*, que eu, entusiasmado, applaudi em Campinas. Netto pôde ser, se quizer, o fundador da nossa litteratura theatral: será o primeiro, porque os outros que houve e que ha não fizeram, esta é que é a verdade, absolutamente nada. Porque toda essa gente fez do theatro uma idéa notavelmente erronea: admittiram, banindo o espirito, a chalaça, e em lugar da alma humana, que vive e palpita, collocaram no palco uns titeres a bravejar aos berros, ou copiaram scenas mórnas da sociedade ou reproduziram trechos inertes da historia universal. Nem os antigos como Eschylo e Sophocles, nem os menos remotos como Shakspeare e Goethe, nem os hodiernos como D'Annunzio e Maeterlinck, puderam ensinar os nossos dramatistas a serem humanos e reaes ao mesmo tempo que grandes e mages-tosos. Rostand, no seu discurso da Academia, exprime bem o meu pensamento: «Et voilà pourquoi il faut un théâtre où, exaltant avec du lyrisme, moralisant avec de la beauté, consolant avec de la grâce, les poètes sans le faire exprès, donnent des leçons d'âme! Voilà pourquoi il faut un théâ-

tre poétique, et même heroïque!» Pôde-se afirmar, sem receio de um desmentido serio, que não temos tido, pois, auctores dramaticos até agora, e se desse lado ainda pôde haver alguma esperanza, não vejo, positivamente, relanceando em torno os olhos, senão, entre os escriptores, Coelho Netto, quem seja capaz de algo promover em materia theatral. O resto é illusão e pretenção, amor-proprio tolo e autolatria cega. Isto, quanto aos auctores. E os actores? O sr. Arthur Azevedo acha que ainda temos «quatro ou cinco» actores (\*). Onde estão elles? Por mais que prescrite e inquiria, não os vejo. O sr. Henrique Marinho, no seu livro *O Theatro brasileiro*, cita trinta e um, á pagina 90, e desses trinta e um, seriamente, eu não lobrigo quatro ou cinco que se tenham de pé, com a melhor boa-vontade do mundo. A indigencia de artistas é total; neste ponto a nossa terra fez ha muito tempo fallencia, e, nesta bancarrota notoria, seria homericamente hilariante o appello, para a reivindicacão do theatro, a «quatro ou cinco» absurdos carnifices da arte dramatica. Nestas circumstancias, é digna de um supremo louvor a iniciativa theatral do Prefeito. O sr. Francisco Passos cortou a questão radicalmente. Haverá um grande theatro, no Rio de Janeiro, eis tudo, e, como nós em casa não temos peças, nem actores para as representar, esse grande theatro não poderá certamente ser o valhacouto do rebutalho dos tablados cariocas. A idéa do Prefeito foi uma idéa salvadora. Desse modo, baqueiam, de uma vez, os castellos da mediocridade que não examina a consciencia, e as barracans de argilla da philaucia cabotina rúem, ficando o novo theatro embora para a opera lyrica, para as companhias estrangeiras, mas livre da variegada babel de incultos fantoches que as ilhas nos exportaram para os diversos mistéres da industria, do commercio e da lavoura, mas que a critica dos jornaes transformou, de uma hora para outra, em artistas brasileiros. O sr. Francisco Passos fez uma obra de expurgativa benemerencia expungindo antecipadamente do novo templo os mercanciaeiros malbaratadores, irreverencias da Arte.

E, a sobrancear a Avenida, a cúpula do theatro municipal em breve refulgirá, triumphante.

As plantas não faltaram. A Prefeitura abriu um concurso de planos, num edital-programma, em que, não sem alguma pretensão, estipulou uns detalhes de condições *sine qua non* que outra vantagem não podiam ter senão a de atralhar, sem esclarecer, os concurrentes. A clausula, por exemplo, de que o theatro não fosse igual a nenhum outro conhecido era, pela

(\*) Paiz, de 17 de Outubro de 1904.

implicita intenção de prevenir os possíveis plagios, pueril, e a exigência de uma luxuosa demonstração de estabilidade, num projecto de concurso, que não é um projecto de execução, avulta como um capricho de bedel ou mestrescola. Pretender que um architecto demonstre a segurança dos edificios que plancia, equivale a, por exemplo, num concurso de litteratura, exigir um exame de grammatica. O programma-edital, aliás, se por um lado coactava a liberdade aos artistas concurrentes esmerilhando minucias, por outro lado, ao contrario, os impossibilitava, pela deficiencia informativa, de trabalhar a gosto. Assim é que, fixada a construcção em 1.500 contos, os estrangeiros que concorressem, como poderiam, ignorando a natureza do terreno, os preços da mão de obra e dos materiaes, adstringir-se á meta orçamentaria? Foi por isso talvez que o sr. Guilbert, auctor de um dos planos, idealizou uma sumptuosa e luxuriante fabrica, inscio das nossas carestias, e magnificamente machinejou, ignáro do nosso sub-solo aquoso, num largo subterraneo, toda a barafunda magica dos scenarios. A limitação do preço continha, ao demais, uma exclusão enigmatica: o custo do theatro seria de 1.500 contos, sem a decoração interior. O que é que a Prefeitura terá querido significar por decoração interior? Eis um architecto que apresenta umas columnas com a base decorada, o fuste decorado e o capitel decorado: que arduo e gigantesco esforço algebrico precisará esse homem fazer para calcular o preço das suas columnas despidas e nús, sem os ornamentos que aliás as integralisam? Esse logogrypho da materia ornamentária occasionou, entretanto, a irremediavel penuria esthetica do projecto *Aquila*, cujo auctor, querendo de certo obedecer á clausula que procrastina o arrebique interno, executou uma sarcophagica almanjarra, impropria para reanimar a Arte e indigna mesmo de, se o caso fosse, tumular pharaós. De resto, o estatuto Prefeital não offerece de positivo senão tres itens: a planta do terreno, que o sr. Guilbert, sem desvantagem, ultrapassou, o numero maximo de espectadores, que tanto importa na verdade ser mil como 1.400, e o limite das despesas, com essa phantastica abstracção das decorações do interior.

As plantas, em todo caso, como se ia dizendo, não faltaram. Nada menos que sete, que o publico viu, apreciou e commentou, e nesse publico havia artistas, dilettantes, profissionaes. A opinião geral estigmatizava o jury que geminou os projectos *Aquila* e *Guilbert*, dividindo entre os dois o primeiro premio. Mas, francamente, dessas sete plantas, a bem justificar um veridicto, apenas duas se apuram

de real valor, e são a de Guilbert, pelo seu imponente aspecto e pelas suas mil vantagens, e a que veio de S. Paulo com a auctoria de *Néo*, pela sua originalidade e pela sua factura. As cinco plantas restantes, inclusive a da Prefeitura, não possuíam, certo, a necessaria copia de requisitos approbatorios, e, entre esses requisitos, o primeiro é, sem duvida, a belleza architectonica do todo. O theatro de Guilbert é, toda a gente viu, um trabalho de artista qua pensou a sua obra e fel-a magnificante e estupenda, e os poucos inconvenientes que apresenta, facilmente num projecto de construcção se modificariam. O estheta que tiver examinado a planta do francez, não hesitará. Que importam insignificantes detalhes, que a *côterie* explora e que o nativismo exagéra, se o principal se afirma numa expansão energica de belleza? Porque é que eu hei de censurar a Guilbert a usurpação de oito metros a mais na área marcada, a fabricação de um interior incompativel com a nossa canicula ou a parcimonia de demonstrações collegiaes de estatica? *De minimis non curat pretor*. E estas minusculas ridicularias dissolvem-se diante da opulencia do todo e das partes. O aspecto exterior é monumental e o interior grandioso, e eu não quero fallar no que diz respeito ao que se chama commodidade e segurança de publico: serviço de carros, por fóra, serviço de incendio, por dentro, arejamento e ventilação rasoaveis, e o mais que se requer e se deseja num theatro que não é um café concerto escancarado a todas as brisas da terra e do mar. O projecto *Néo* estheticamente tambem seduz. E' um theatro que esfusia no ar, numa ioucura mourisca, em que ha, pelas cimalthas e pelos tectos, farandulas de huris, um palacio de fadas que se elança bysantinamente, leve, claro, rútilo, phantastico! Esse, realmente, quiz que o seu theatro, de accordo com o edital, não se assemelhasse a nenhum outro, e conseguiu, com exito, aquarellar um castello feérico que é uma suggestão violenta das *Mil e Uma noites*. Obteve o terceiro premio e merecia indubitavelmente o segundo.

Mas, quem não podia ser nivelado com Guilbert, na irmanação do primeiro premio, era o sr. Oliveira Passos, auctor do projecto *Aquila*. Este projecto, idéado pelo consultor tecnico da Prefeitura, foi executado com o auxilio da repartição tambem tecnica da mesma Prefeitura. A' inspecção inicial, o que primeiro nos alarma naquelles planos é a hesitação do traço e a *gaucherie* das côres. Vê-se logo que não se está tratando com artistas, mas com simples curiosos de desenho linear a fazer tentativas de coloridos; as figuras decorativas, os gryphos lateraes, a aguia da cúpula, vacillam,

sem contorno e sem realce, e as fachadas desoriginaes, enfeitadas nesse vulgar estylo das construcções gringas, ostentam, na faina do arejamento, um incrível desperdicio de janellas, e prodigalisam, na previsão de emergencias igneas, uma fecundidade providencial de portas. Ah! senhores, mas os telhados! Ha-os para todos os gostos, lembrando tectos de *ateliers* photographicos e affectando telheiros de cervejaria, não fallando na abobada central á guisa de pôpa de navio emborcada a tampar a sala, e nas cúpulas dos torreões da frente que umas cornijas a imitar kiosques ou lanternas venezianas encimam. E, a envolver e a sophismar a telhadaria, platibandas que orçam por tres metros e tanto de altura, verdadeiros muros de quintal, que o enfeite das indefectivas urnas do costume, de espaço a espaço, aprinóra. E, no caso de particularisar defeitos, santo Deus, seria um nunca acabar, desde o movimento dos vehiculos, a que se não attendeu, desde o serviço de incendio, que é feito na platéa e não, como conviria ser, na caixa, desde os gabinetes de *toilette*, que não existem, desde o restaurante de 25 metros quadrados de superficie e o *bar* acanhado e sem dependencias, desde o guarda-mantos de 14 metros quadrados (lembrem-se que a lotação é de 1.400 pessoas), desde, emfim, a caixa toda furada, a prejudicar a acustica, com cento e sete portas e janellas, até, que sei eu, a grande chaminé chamadora de incendios que se abriu no centro da sala e que para o arejamento era nutil, a platéa com logares apenas para 600 espectadores, o *atelier* de scenographia com a illuminação, que devia cahir de cima, lateral, a escadaria da frente descoberta, emfim, a falta do sentimento das proporções, da visão exacta do conjuncto, a ausencia de unidade na concepção, o ajuntamento hybrid e teratologico dos accessorios vários, formando, afinal, em vez de um todo harmonico, indivisivel, equilibrado e perfeito, um amalgama de irrationalidades architectonicas, um acervo desconnexo, incoherente e illogico de compartimentos participando de uma collaboração informe, em que pedaços de palacios se aggregam a perspectivas de armazens, e aspectos de *chalets* se confundem com proeminencias de solár.

A não ser a preocupação dos vigamentos e travejamentos, aliás ociosa, tudo o mais denota a inexperiencia e o inesthesismo — e isto prova unicamente que, se as outras artes entre nós agonisam, a Architectura, essa grande arte estacionária, expira. Como eu disse no começo, o Prefeito, decidindo fazer um theatro á custa do municipio, cortou, talvez sem querer, o nó gordio da questão theatral que o sr. Arthur Azevedo patrocinava. Livres

do theatro nacional e da praga ilhõa das vocações theatraes, que nos não envergonhe o dispaüterio architectural de uma caranguejola obstruente e nulla. Dentre os que applaudem o sr. Percira Passos, eu sou dos mais entusiastas. A sua competencia tem já transformado em pouco tempo esta cidade; mas não se pôde ser tudo a um tempo, e s. excia., que possue a argucia e a energia de um administrador completo, carece inteiramente de senso esthetic. A essa mingua de esthesia, que requer as admonições de um mentor, devem-se, por exemplo, essas solemnes comptas funerarias dos tristemente bronzeados balaustres do caes da Lapa e os dois retroactivos botequins que, no jardim do Rocio, escoltam a estatua do primeiro Imperador.

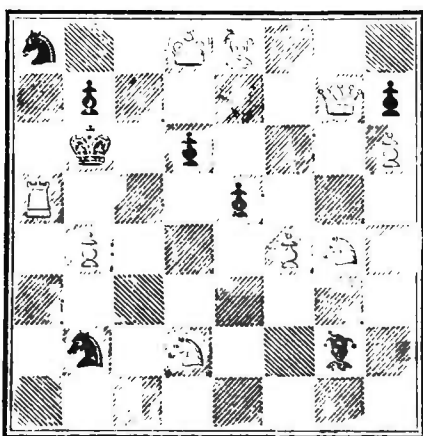
Que irá fazer o sr. Francisco Percira Passos quando se tratar de construir o theatro? Adoptará o projecto *Aquila*, desprezando o outro, ou, dos dois, fará um terceiro, que será o definitivo?

Não, s. excia. consulte, como já lhe foi alvitrado, um jury mais imparcial do que o primeiro: exponha outra vez os projectos e que á disposição dos visitantes haja um grande livro onde cada um registre a sua impressão. Desse comicio, a que os competentes não faltarão, sahirá um desempate justo e insuspeito e ao menos o publico que paga terá, neste regimen democratico, intervindo pela primeira vez nalguma cousa. E já é um consolo.

PADRE J. SEVERIANO DE REZENDE.

DIVERSÕES

Problema N. 4



As brancas jogam e dão mate em dois movimentos.

THEORIA DOS ERROS

(PRIMEIRAS NOÇÕES)

Probabilidade de um acontecimento é a relação entre o numero de casos favoraveis á producção do acontecimento e o numero total dos casos possíveis. Para que a definição seja valiosa, é necessario, porém, que todos os casos sejam igualmente possíveis, isto é, tenham a mesma probabilidade. Ha, portanto, um circulo vicioso.

Na impossibilidade de alterar a definição, sem que se caia numa petição de principio, formula-se a hypothese de serem os casos igualmente provaveis em cada applicação particular. E uma vez estabelecida a hypothese, o calculo procede por meio de regras fixas e por deducções de caracter tão preciso como quaesquer outras de geometria ou de analyse. Ao calculo em si não compete o exame da questão metaphysica — verificar si o assumpto se encerra nas leis do acaso e si os phenomenos possíveis são ou não igualmente provaveis.

O calculo das probabilidades repousa fundamentalmente sobre a nossa ignorancia.

Não existiria probabilidade, mas simplesmente certeza, se fossem-nos conhecidas as leis de todos os phenomenos. Ao jogar um dado as regras da dinamica são respeitadas, mas a complexidade e a variabilidade das forças actuaes nos inhibe de prever a posição final do objecto.

A probabilidade de sahir um numero qualquer az, dois, terno, etc. é  $\frac{1}{6}$ : um só caso é favoravel, seis são possíveis.

O calculo das probabilidades se funda em dois principios: o principio das probabilidades totaes e o principio da probabilidade composta.

Consideremos dois acontecimentos A e B. As seguintes hypotheses são as unicas possíveis:

A e B occorrem simultaneamente, hypothese que se designará por AB,

A ocorre e B não, hypothese que se formulará por AB,

B ocorre e A não, hypothese que se denominará AB,

A e B não occorrem, hypothese que se chamará AB.

Supponhamos que as occurrencias se dão do modo seguinte:

AB ocorre a vezes,

AB " β "

AB " γ "

AB " δ "

E' claro que se A e B não podem coexistir, a é zero. O numero total dos casos possíveis é evidentemente  $a + \beta + \gamma + \delta$ .

A probabilidade de que A appareça, será

$$p = \frac{a + \beta}{a + \beta + \gamma + \delta}$$

porque A pode vir em AB e AB.

A probabilidade de que B appareça, será

$$p = \frac{a + \gamma}{a + \beta + \gamma + \delta}$$

porque B pode vir em AB e AB.

A probabilidade de que appareça A ou B será visivelmente

$$p = \frac{a + \beta + \gamma}{a + \beta + \gamma + \delta}$$

porque só num caso AB, nem A nem B figuram,

Si A não pode coexistir como B, a é zero e tem-se

$$p = \frac{\beta}{\beta + \gamma + \delta}$$

$$p = \frac{\gamma}{\beta + \gamma + \delta}$$

$$p = \frac{\beta + \gamma}{\beta + \gamma + \delta}$$

e, portanto,

$$p = p + p$$

Logo, si os dois acontecimentos não podem coexistir, a probabilidade de que appareça um delles é a somma das probabilidades isoladas de cada um. E' o principio da probabilidade total.

Na mesma ordem de idéas, a probabilidade de AB é

$$p = \frac{a}{a + \beta + \gamma + \delta}$$

porque só a hypothese AB é favoravel.

A probabilidade de A, si B já occorreu será

$$p = \frac{a}{a + \gamma}$$

porque si B já occorreu, só ha possíveis os casos AB e AB e destes o primeiro apenas é favoravel. A probabilidade de A, quando si não cogita de haver occorrido B, é

$$p = \frac{a + \beta}{a + \beta + \gamma + \delta}$$

Si se estabelecer a igualdade

$$p = p$$

os acontecimentos são independentes: a probabilidade é a mesma quer se saiba, quer se ignore o acontecimento anterior. Mas da igualdade

$$p = p$$

ou

$$\frac{a + \beta}{a + \beta + \gamma + \delta} = \frac{a}{a + \gamma}$$

deduzem-se

$$1 + \frac{\gamma + \delta}{a + \beta} = 1 + \frac{\gamma}{a}$$

ou

$$\frac{\gamma + \delta}{a + \beta} = \frac{\gamma}{a}$$

ou

$$\frac{\gamma + \delta}{\gamma} = \frac{a + \beta}{a}$$

ou

$$1 + \frac{\delta}{\gamma} = 1 + \frac{\beta}{a}$$

ou

$$\frac{\delta}{\gamma} = \frac{\beta}{a}$$

ou

$$\frac{\delta + \gamma}{\gamma} = \frac{\beta + a}{a}$$

Façamos esta igual a λ. Teremos

$$\delta + \gamma = \lambda\gamma, \beta + a = \lambda a.$$

Em virtude disto tem-se

$$p_1 = \frac{\lambda a}{\gamma a + \lambda \gamma} = \frac{a}{a + \gamma}$$

e como é

$$p_2 = \frac{a + \gamma}{a + \beta + \gamma + \delta}$$

virá

$$p_1 p_2 = \frac{a}{a + \beta + \gamma + \delta} = p_4$$

A probabilidade do acontecimento AB é o producto das probabilidades dos acontecimentos A e B, quando estes são independentes. É o principio das probabilidades compostas.

A probabilidade de um acontecimento é p; a do acontecimento contrario é q. Ha  $\mu$  occurrencias. Qual a probabilidade de vir o acontecimento favoravel  $\mu$  vezes e, portanto, o acontecimento desfavoravel  $\mu - m$  vezes?

Assimilemos o problema a uma partida entre dois adversarios onde o empate seja impossivel. A probabilidade do ganho de A é p e a do ganho de B é q. Os acontecimentos são contrarios, porque se excluem: quando A ganha, B perde necessariamente.

A probabilidade de A, ganhar uma partida sendo p, a de ganhar m partidas será p.p.p... = p em virtude do principio da probabilidade composta.

Mas o numero total das partidas attinge a  $\mu$ : logo B ganha  $\mu - m$  partidas. A probabilidade, portanto, de uma serie em que A vence m partidas e B  $\mu - m$ , será

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{p^m q^{\mu - m}}$$

Escrevamos a serie das partidas por ordem de successão

$$1^a \ 2^a \ 3^a \ 4^a \ 5^a \dots \ \mu^a$$

N'esta serie ha m partidas ganhas por A e  $\mu - m$  ganhas por B. Marquem com um indice a as primeiras.

$$1^a \ 2^a \ 3^a \ 4^a \ 5^a \dots \ \mu^a$$

Figuram pois m indices. A probabilidade de ter esta serie realisada é

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{p^m q^{\mu - m}}$$

Mas evidentemente si a ordem é indifferente, outra serie qualquer em que haja m indices dispostos de outra maneira satisfaz a questão. Por exemplo

$$1^a \ 2^a \ 3^a \ 4^a \ 5^a \dots \ \mu^a$$

e a probabilidade d'esta nova serie é igualmente

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{p^m q^{\mu - m}}$$

Logo, qualquer serie em que haja  $\mu$  letras e m indices, é uma solução do problema.

Ora o numero d'estas series é igual ao numero de combinações distinctas que se podem formar com  $\mu$  letras diferentes m a m. As series serão, pois,

$$\frac{S_1 S_2 S_3 \dots S_m}{C^m}$$

qualquer d'ellas com a probabilidade

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{p^m q^{\mu - m}}$$

A probabilidade, por conseguinte, de occorrer uma qualquer dellas será pelo principio da probabilidade total

$$P = p^m q^{\mu - m} + p^m q^{\mu - m} + \dots$$

em que no segundo membro ha  $C^m$  isto é

$$\frac{\mu!}{m! (\mu - m)!}$$

parcelas.

Logo a probabilidade pedida é

$$(1) \ P = \frac{\mu!}{m! (\mu - m)!} p^m q^{\mu - m}$$

onde necessariamente é

$$p + q = 1,$$

pois que p + q indica a probabilidade de ganho de um dos adversarios, e esta probabilidade se converte em certeza.

A assimilação que se fez é sempre permittida e a formula (1) é uma solução completa do problema proposto.

Qual o valor de m correspondente á probabilidade maxima?

Para que P seja maximum é necessario que se tenha

$$(2) \ P < P > P$$

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{m + 1} < \frac{p^{m+1} q^{\mu - m - 1}}{m} < \frac{p^m q^{\mu - m}}{m - 1}.$$

Mudando m em m - 1, tem-se

$$P_{m-1} = \frac{\mu!}{(m+1)! (\mu - m + 1)!} p^{m+1} q^{\mu - m - 1}$$

Mudando igualmente m em m + 1, acha-se

$$P_{m+1} = \frac{\mu!}{(m+1)! (\mu - m - 1)!} p^{m+1} q^{\mu - m - 1}$$

ou, o que é o mesmo,

Quando  $\mu$  é immensamente grande, a formula (3), se pode substituir por uma formula asymptotica, levando em conta o theorema de Stirling:

$$P = \frac{\mu^{\mu - m} e^{-\mu} \sqrt{2\pi\mu}}{p^m q^{\mu - m} \sqrt{2\pi p\mu} \sqrt{2\pi q\mu}}$$

Effectuando simplificações faceis, acha-se

$$(4) \ P = \frac{1}{\sqrt{2\pi p q \mu}}$$

A probabilidade de que o acontecimento favoravel occorra  $\mu p - h$  vezes será

$$P = \frac{\mu!}{h^{\mu p - h} (\mu q + h)!} p^{\mu p - h} q^{\mu q + h}$$

h é denominado o afastamento.

A expressão procedente se pode escrever

$$\frac{e^{-\mu} \mu^{\mu} + \frac{1}{2}}{e^{\mu p - h} \mu^{\mu p - h} \sqrt{2\pi} p^{\mu p - h} q^{\mu q + h}}$$

$$P = \frac{h^{-\mu p + h} \mu^{\mu p - h} + \frac{1}{2}}{e^{(\mu p - h)} \sqrt{2\pi} e^{-\mu q - h} \mu^{\mu q + h} + \frac{1}{2}}$$

pela formula de Stirling.

Simplificando, acha-se

$$\frac{\mu + \frac{1}{2}}{\mu} p^{\mu p - h} q^{\mu q + h}$$

$$P = \frac{p^{\mu p - h} q^{\mu q + h}}{h^{\mu p - h} \left(1 - \frac{h}{\mu p}\right)^{\mu p - h} (\mu q)^{\mu q + h} \left(1 + \frac{h}{\mu q}\right)^{\mu q + h} \sqrt{2\pi}}$$

ou

$$P = \frac{1}{h^{\mu p - h} \left(1 - \frac{h}{\mu p}\right)^{\mu p - h} \mu q + h + \frac{1}{2}}$$

$$\sqrt{2\pi \mu p q} \left(1 - \frac{h}{\mu p}\right) \left(1 + \frac{h}{\mu q}\right)$$

$$P_{m-1} = \frac{\mu!}{m! (\mu - m)!} p^{m-1} q^{\mu - m + 1}$$

$$P_{m+1} = \frac{\mu!}{m! (\mu - m)!} p^{m+1} q^{\mu - m - 1}$$

ou

$$P_{m-1} = P \frac{q}{p} \frac{m}{\mu - m + 1}$$

$$P_{m+1} = P \frac{p}{q} \frac{\mu - m}{m + 1}$$

Para que se dêem as desigualdades (2), é visivel que se devem ter

$$\frac{q}{p} \frac{m}{\mu - m + 1} < 1$$

$$\frac{p}{q} \frac{\mu - m}{m + 1} < 1$$

ou

$$q m < p \mu - p m + p$$

$$p \mu - p m < q m + q$$

A 1ª dá ainda, attendendo a que é p + q = 1,

$$m < p \mu + p,$$

e a 2ª

$$p \mu - q < m.$$

Logo é

$$p \mu - q < m < p \mu + p.$$

Dahi se conclue em numeros inteiros

$$m = p \mu$$

e, portanto,  $\mu - m = \mu - p \mu = \mu (1 - p) = q \mu$ . A probabilidade maxima é

$$(3) \ P = \frac{\mu!}{p^{\mu} q^{\mu}} \frac{p^{\mu} q^{\mu}}{p^{\mu} q^{\mu}}$$

Os acontecimentos tendem a se produzir proporcionalmente ás suas probabilidades respectivas.



Notemos, porém, que é

$$1. \left(1 - \frac{h}{\mu p}\right) \left(1 + \frac{h}{\mu q}\right) = \left(\mu p - h + \frac{1}{2}\right) \left(-\frac{h}{\mu p} - \frac{h^2}{2\mu^2 p^2}\right) + \left(\mu q + h + \frac{1}{2}\right) \left(\frac{h}{\mu q} - \frac{h^2}{2\mu^2 q^2}\right)$$

despresando potencias superiores de  $\frac{1}{\mu}$ .

O logarithmo precedente é pois,

$$-h + \frac{h^2}{\mu p} - \frac{h}{2\mu p} - \frac{h^2}{2\mu p} + \frac{h^3}{2\mu^2 p^2} - \frac{h^2}{4\mu^2 p^2} + \dots$$

$$+ h + \frac{h^2}{\mu q} + \frac{h}{2\mu q} - \frac{h^2}{2\mu q} - \frac{h^3}{2\mu^2 q^2} - \frac{h^2}{4\mu^2 q^2} + \dots$$

ou

$$\frac{h}{2\mu} \left(\frac{1}{q} - \frac{1}{p}\right) + \frac{h^2}{2\mu} \left(\frac{1}{p} + \frac{1}{q}\right)$$

despresando os termos em  $\mu^{-2}$

A expressão achada pode se escrever, attendendo a que é  $p + q = 1$

$$\frac{h}{2\mu} \left(\frac{1}{q} - \frac{1}{p}\right) + \frac{h^2}{2\mu pq}$$

Conclue-se então que é

$$\left(1 - \frac{h}{\mu p}\right) \left(1 + \frac{h}{\mu q}\right) = \left(\mu p - h + \frac{1}{2}\right) \left(\mu q + h + \frac{1}{2}\right)$$

$$= e^{\frac{h}{2\mu pq} + \frac{h}{2\mu} \left(\frac{1}{q} - \frac{1}{p}\right)}$$

Ter-se-á pars  $P_h$

$$- \frac{h^2}{2\mu pq} - \frac{h}{2\mu} \left(\frac{1}{q} - \frac{1}{p}\right)$$

$$(5) \quad P_h = \frac{1}{\sqrt{2\pi\mu pq}} e$$

Nesta formula h é sempre muitopequeno em relação a  $\mu$ ; a diferença  $\frac{1}{q} - \frac{1}{p}$  tende a diminuir ainda mais o segundo termo do expoente.

Adimitte-se, então, que é sensivelmente verdadeiro escrever

$$(6) \quad P_h = \frac{1}{\sqrt{2\pi pq \mu}} e^{-\frac{h^2}{2\mu pq}}$$

A probabilidade de um afastamento comprehendido entre o e H se obtem immediatamente pelo theorema da probabilidade total. Supponhamos que os afastamentos são possiveis entre os limites o e H e formados pela serie

$$o \ u \ u \ u \dots \ u \dots \ u \quad \left(u \leq H\right)$$

1 2 3 i n

A probabilidade do afastamento comprehendido entre o e H será a somma das probabilidades individuaes dos afastamentos o u u.. u.. u

1 2 i n

Ter-se-á, pois, segundo uma notação facil de comprehender

$$P = \sum_{i=0}^{i=n} \frac{1}{\sqrt{2\pi\mu pq}} e^{-\frac{u_i^2}{2\mu pq}}$$

com a condição de ser  $u_0 = 0$ .

Si os afastamentos comprehendidos entre o e H constituem uma serie continua, procedendo, portanto, segundo diferenças infinitesimae, os principios do calculo integral auctorisam a escrever

$$(7) \quad P = \frac{1}{\sqrt{2\pi\mu pq}} \int_0^H e^{-\frac{z^2}{2\mu pq}} dz$$

A probabilidade de um afastamento compreendido entre + H e - H será

$$P = \frac{1}{\sqrt{2 \pi \mu p q}} \int_{-H}^{+H} e^{-\frac{z^2}{2 \mu p q}} dz$$

Esta formula se pode transformar. Façamos

$$\frac{z}{\sqrt{2 \mu p q}} = t$$

Teremos

$$P = \frac{1}{\sqrt{2 \pi \mu p q}} \int_{-\frac{H}{\sqrt{2 \mu p q}}}^{\frac{H}{\sqrt{2 \mu p q}}} e^{-\frac{t^2}{2}} \sqrt{2 \mu p q} dt$$

$$P = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\frac{H}{\sqrt{2 \mu p q}} \text{ ou } \frac{H}{\sqrt{2 \mu p q}}}^{\frac{H}{\sqrt{2 \mu p q}} \text{ ou } \frac{H}{\sqrt{2 \mu p q}}} e^{-\frac{t^2}{2}} dt$$

A probabilidade de um afastamento compreendido entre + ∞ e - ∞ deve ser igual á unidade, porque é certo que o afastamento occorra entre estes limites.

Logo deve ser

$$\frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\infty}^{+\infty} e^{-\frac{t^2}{2}} dt = 1$$

d'onde

$$\int_{-\infty}^{+\infty} e^{-\frac{t^2}{2}} dt = \sqrt{\pi}$$

o que é uma verificação da justeza dos principios (aliás além da expectativa pois que as formulas são asymptoticas), desde que a integral precedente é, como se sabe

$$\int_{-\infty}^{+\infty} e^{-\frac{t^2}{2}} dt = \sqrt{\pi}$$

Convem determinar um afastamento η tal que a probabilidade de um afastamento inferior a η em valor absoluto seja igual á probabilidade de um afastamento superior. Em outras palavras:

A probabilidade de um afastamento compreendido entre + η e - η é  $\frac{1}{2}$  η se deduz, então, da equação

$$\frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\frac{\eta}{\sqrt{2 \mu p q}}}^{\frac{\eta}{\sqrt{2 \mu p q}}} e^{-\frac{t^2}{2}} dt = \frac{1}{2}$$

d'onde, pelas taboas de Kramp,

$$\eta = 0,4763 \cdot \sqrt{2 \mu p q}$$

Os theoremas e resultados anteriores referem-se a acontecimentos quaesquer, que pela sua complexidade e variabilidade occorrem como meros effectos do acaso. E já fizemos notar que em virtude da nossa ignorancia, esta palavra conserva um sentido. Todavia ha na sua significação intrinseca um elemento de contradicção e incongruencia com os principios fundamentais da sciencia. Para um acontecimento isolado o acaso não tem predilecções e não obedece a leis. E a unica logica, aliás negativa, do arbitrario.

Entretanto, quando os acontecimentos de uma mesma categoria se multiplicam indefinidamente, é essa mesma logica que nos faz descobrir na massa compacta dos phenomenos regras fixas e não arbitrarías, leis precisas que se traduzem por equações. Seria, portanto, irracional applical-as a factos isolados ou pouco numerosos, quando ellas presuppõem a coexistencia de uma immensidade d'elles. Não repugna á razão humana admittir certa harmonia na distribuição das provas incessantemente repetidas, ao passo que seria contradictorio suppor uma conducta qualquer para os pequenos numeros.

Assimilamos os erros fortuitos, inherentes a todas as observações, a effectos do acaso. A experiencia mostra que, si as observações são numerosas, o numero de erros positivos é sensivelmente igual ao numero de erros negativos.

Ainda mais: os grandes erros são pouco frequentes e os pequenos se accumulam em torno do erro nullo.

Os erros são produzidos por causas cuja natureza ignoramos. Apenas se deve crêr que essas causas são em numero immensamente grande. Entre ellas umas tendem a alterar profundamente as observações; outras têm uma influencia desprezível. Mas pode-se dar a taes causas um arranjo ficticio e consideral-as occupando duas categorias—causas positivas e causas negativas—de igual probabilidade. Uma observação põe em jogo um certo numero de causas positivas e um certo outro numero de causas negativas. A maxima probabilidade é que occorram tantas causas positivas como negativas. Um excesso sobre este numero será um afastamento, e a probabilidade de um comprehendido entre O e H será

$$\frac{1}{\sqrt{2 \pi \mu p q}} \int_0^H e^{-\frac{z^2}{2 \mu p q}} dz$$

em que p = q =  $\frac{1}{2}$

□ E' obvio que este afastamento será proporcional ao erro cemitido.

Designando por ε o erro correspondente ao afastamento H, ter-se-á

$$H = \lambda \varepsilon$$

λ sendo um coefficiente constante de proporcionalidade n'esta serie de observações.

Assim a probabilidade de um erro comprehendido entre o e ε será

$$P = \frac{1}{\sqrt{2 \pi \mu p q}} \int_0^{\lambda \varepsilon} e^{-\frac{z^2}{2 \mu p q}} dz$$

Façamos

$$z = \lambda t,$$

virá

$$P = \frac{\lambda}{\sqrt{2 \pi \mu p q}} \int_0^{\varepsilon} e^{-\frac{\lambda^2}{2 \mu p q} t^2} t^2 dt$$

Emfim ponhamos

$$\frac{\lambda}{\sqrt{2 \mu p q}} = h,$$

e acharemos

$$(8) \quad P = \frac{h}{\sqrt{\pi}} \int_0^{\varepsilon} e^{-h^2 t^2} dt.$$

para probabilidade de um erro comprehendido entre o e ε.

OTTO DE ALENCAR SILVA

(Continúa)

## NOTAS MERCANTIS

### CAMBIO

Com o pretexto do imminente conflicto armado entre a Inglaterra e a Russia, tiveram occasião os baixistas de pôr em execução os seus planos para a baixa do cambio, no decorrer da semana passada, tendo os negocios regulado entre os extremos de 12 3/8 d. e 12 9/32 d. Porém, descrentes de tal boato, passaram os bancos a comprar a 12 3/8 d. com os saques a 12 5/16; mas, insistindo o ratrahimento, subiram o bancario a 12 11/32 d. e particular a 12 13/32 d., sendo que com esses preços permaneceu o mercado firme.

No principio da presente semana, manteve-se a attitude do mercado na de alta, si bem que pouco notavel.

Ao deixarmos o mercado, tinham os bancos affixado a seguinte tabella:

	90 dias á vista	
Republica .....	12 5/16	—
London .....	12 5/16	12 3/16
River Plate.....	12 5/16	12 3/16
Briths Bank.....	12 5/16	12 3/16
Allemaõ.....	12 3/8	12 1/4

### CAFÉ

Tivemos inalterada a situação do mercado na semana expirante, não se tendo notado melhora de preços, apesar da sensível baixa do cambio.

As offertas dos exportadores, na semana anterior, foram mantidas.

As entradas de café, de 26 de Outubro a 2 de Novembro, foram:

	Saccas
Pela Estrada do Ferro Central.....	33.743
Por catotagem.....	3.305
De Barra a dentro.....	30.231
Total.....	67.279

Os embarques no mesmo periodo, foram de 65.469 saccas com varios destinos, e as vendas foram feitas aos preços extremos de 9.300 a 9.500 para o typo 7, de New-York.

A existencia no dia 2 do corrente era de 519.563 saccas.

ASSIGNATURAS  
ANNO . . . . . 20\$000  
SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
RUA DO OUVIDOR, 113 (Sub.)

OFFICINAS  
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Seria occasião para entusiasticos parabens ao Congresso pela reforma eleitoral, se nos não resfriasse o impulso patriótico a dolorosa experiencia do valor dessas reformas, na essencia excellentes, muito bem intencionadas, e, na pratica, absolutamente deturpadas.

Não basta que a lei seja um padrão de sabedoria ; é essencial que seja executada, que não vá jazer no cemiterio das letras mortas, tão vasto e tão cheio que um humorista suggeriu, como medida de extraordinario alcance, a promulgaçãõ de uma lei, armada de sancçãõ despotica, mandando executar as outras leis, olvidadas umas, desmoralisada a maior parte.

A recente lei foi concebida sob os melhores auspicios. Fadas de magico prestigio, as mais reputadas por artes e manhas nos mysterios da politica, lhe presidiram o nascimento, — fazendo-lhe poderosos dons contra os caprichos dos destinos e outorgando-lhe a faculdade maravilhosa de expurgar a representaçãõ nacional dos vicios herdados de uma ascendencia de fraudulentos, perdida na sombra de um vergonhoso passado de trapaças e traumas.

Mas, a dolorosa licçãõ destes quinze annos de democracia nos faz estremer pelo futuro da recém-nada, tão catita, tão semelhante aos paes, (benza-a-Deus) e nos inspira o agouro de que ella não logrará existencia venturosa e rica de fructos bemfazejos, se a não levar á pia baptismal o padrinho todo poderoso, cujo aceno reorganisa e restaura, domina as forças, as energias de todo o organismo politico ; regula o bom e o máu tempo ; engendra dias negros, tempestuosos, dias de glorioso sol primaveril, neste paiz de mandachuvas, endurecidos na despotica vesania de fabricantes de unanimidades para uso e abuso de inconfessaveis interesses.

Esses frequentes remendos no processo eleitoral têm sido absolutamente inúteis; têm sido emendas peiores que os sonhos de legisladores empanzinhos da lymphã de Castalia, poetas calumniados pelo sympathico e venerando mineiro, que lhes imputou, cru-

elmente, os desastres da politica; têm sido meias-solas em velhos sapatos desformados, contorcidos, a magoarem os callos precoces dos divinos pés da Republica.

Se lhes assistisse á execuçãõ o patrocínio do omnipotente padrinho, as leis remendadas seriam boas; não teriamos eleições com chapas completas, sophismando o terço, garantido pela Constituiçãõ caduca, não teriamos a fraude, triumphante com ominoso escandalo, no seio do Congresso, nem se effectuaria esse medonho divorcio da politica e da moral, justificando todos os crimes, e nos estigmatizando com o labéõ de um povo corrompido.

E' para esse padrinho que voltamos o nosso olhar de supplicante, invariavelmente, indeferido. Valha-nos elle, e a reforma será excellente. Continúe a fazer vista grossa e ella será pessima. Predominarão os funestos casos, que podem mais que as leis.

\* \*

### EXTERIOR

#### No Oriente

O desastre da offensiva de Kuropatkine, produzindo uma forte impressãõ de desanimado, na Russia, determinou a partida, tanta vez adiada, da esquadra do Baltico, cuja viagem se iniciou sob os máus auspicios já conhecidos.

A opiniãõ dominante era que os japonezes venciam por serem senhores do mar, e a manutençaõ dessa superioridade naval era a condiçãõ essencial da victoria final. Nada se podendo esperar dos destroços da esquadra do Pacifico, parte encerrada em Porto Arthur, acossada pelo constante chuva de obuzes japonezes, parte insignificante em Wladivostok, que será em breves dias um porto interdito pelo gelo, era de extrema necessidade lançar mão de um recurso heroico — defrontar com a tradicional bravura russa, as dificuldades da travessia de 12.000 milhas maritimas, de Libau a Wladivostok, ou do Baltico ao mar do Japão.

Resta saber se essa esquadra, transporá todos os obstaculos de viagem, entre os quaes avulta o fornecimento de carvão ; e, sem uma base de operações, se poderá medir com o adversario formidavel, aguerrido em varios encontros.

Pelos calculos mais certos, a esquadra do Baltico somente em 15 de fevereiro poderá chegar ao theatro da guerra. E, até lá, quantos factos, quantos accidentes influirão para alterações profundas no plano de campanha ?...

A esquadra em viagem dispõe de sete coiracados — *Boradino*, *Alexandre III*, *Sisson-Veliky* e *Nucarino*, os quatro primeiros muito poderosos, do typo do *Czarewitch*, em condições de igualdade com as unidades similares do inimigo, não contando o valor do material, nem a pratica das equipagens. O *Ostabilia* do typo do *Peresviet*, cala 12.000

toneladas; mas a sua coiracãõ e grossa artilheria são fracas. Os dois ultimos coiracados vêm de 1890 a 1894 ; deitam 16 nós e têm a artilheria mal protegida, não podendo lutar com os coiracados japonezes.

A desproporçãõ entre os cruzadores coiracados é desanimadora — elles são dois apenas — o *Nakhimoff* e o *Dimitri-Donskoi*, veneraveis anciãos de 1883 e 1885, que, em vão, tentaram rejuvenescer. Serão impotentes diante dos similares japonezes de 10.000 e 7.000 toneladas, sendo o mais velho construído em 1898.

Os cruzadores protegidos — *Aurora*, *Sveitlana*, *Izumrud*, *Lenschuy* — são notaveis em rapidez, mas o seu armamento, excepção feita do *Aurora*, é muito deficiente, ao passo que os japonezes dispõem de excellentes armamento.

Quanto a torpedeiras — os russos dispõem de sete contra mais de cincocenta do almirante Togo.

Desse quadro se deduz que as probabilidades de successo dessa temeraria empreza depende de grande somma de hypotheses favoraveis, que os defensores de Porto Arthur, agonisantes nos ultimos reductos, resistam, que os destroços da esquadra do Oriente possam ajudar a esquadra do Baltico e que a estrella de Kuropatkine se torne propicia.

Nestes ultimos dias, não temos noticias das forças belligerantes, que continuam muito proximas fortificando as respectivas posições e preparando-se para uma grande batalha. Porto Arthur estrebucha nos derredores alentos da gloriosa defeza.

\* \*

### OS NOSSOS VISINHOS

Estão muito indignados os Argentinos com os protestos da nossa imprensa contra as desleaes manobras tendentes a desviar a emigraçãõ para o Rio da Prata ; e renovam as seguranças das boas intenções que os animam. Assim devêra ser, mas nós deduzimos dos factos, infelizmente verdadeiros, as nossas legitimas reclamações.

Em todo o caso, seria de grande beneficio ás relações cordias das duas republicas, suffocasse a nossa grande visinha os resquícios de um velho odio impenitente que, por qualquer pretexto futil, esguicha, irrepresivel, uma ciurada caduca, porque os dois povos podem proseguir na conquista de seus idéaes, sem collisões ; tão vasto é o campo de acçãõ para o desenvolvimiento dos abundantes elementos de progresso de que dispõem.

E o voto do Brazil, voto sentimental, mas sincero, se manifesta sempre pela uniãõ das grandes republicas em beneficio da civilizaçãõ e gloria da America do Sul.

### Na America do Norte

Roosevelt triumphou, sendo reeleito por grande maioria. Seu competidor, o juiz Parker, endereçou-lhe o seguinte telegramma : « O povo, por seus suffragios, approvou a vossa administraçãõ.

Acceitae as minhas felicitações. »  
Que maguifico exemplo !....

## O CULTO DO UNIFORME

Rio, 2 de novembro de 1904.

Meu querido amigo.— Recebi a tua adorável carta, datada de Nancy. Imagina quanto prazer tive, lendo as impressões da França militar, apanhadas ahí, nesse ponto da fronteira, onde se concentra tudo quanto a velha patria gauleza tem de mais illustre em suas refulgentes armas!

Triste a situação do official brasileiro, isto é, do official, daquelle que tem sentimento da sua profissão, que ama, sobre todas as cousas, a bandeira de sua patria e o uniforme de seu regimento!

Nós vivemos mais das impressões de fóra.

A vida, materialmente levada, temol-a aqui, nesta banalissima existencia de quartéis e de escolas, sem enthusiasmos, sem vibrações; espiritualmente comprehendida, passamol-a fóra de nossa terra, na delicia dos livros estrangeiros e no goso das revistas militares que nos vêm da França, da Allemanha, da Belgica e da Argentina. Da Argentina!? Imagina tu com que dôr de alma eu confesso sinceramente que aprendo nas cousas militares da Argentina...

Mas, passemos á tua carta. Fallas de manobras, de exercicios, de livros, de fuzis, de canhões e da guerra russo-japoneza.

Eu sou sinceramente amigo dos francezes. Folgo muito, acolho com a mais viva satisfação todas as noticias que chegam ao Brazil, dos seus crescentes progressos militares. Inclino-me a crer que a geração dos Bonnal, dos Langlois, váe desaffrontar a França, dos crimes dos Bazaine, dos Canrobert, dos Mac-Mahon. *Yener oder Sedan?* Talvez *Yener*. Este é o meu juizo anticipado da futura lucha em que a França se desobrigará das ameaças, que o pobre De Wimpfeu atirou á face de Bismark, naquella noite terrível de Sedan, naquella lugubre sala da casa de Douchery.

Para esse estado do meu espirito, estimo ver contactadas pelo teu precioso testemunho, as informações que tinha da officialidade franceza.

Intellectualmente conheço-a muito; creio que deste ultimo decennio, poucas, muito poucas serão as grandes publicações militares da França, que eu não tenha devorado. O principio salutar da disciplina intellectual que desenvolve a iniciativa até os extremos, creou, em cada posto, definidas individualidades cheias de discernimento de vontade, e de acção. Depois, dentro daquella profusão de conhecimentos technicos, daquelles detalhes, daquelle rigoroso methodo de exposição, de estudo, em que se está educando a mocidade militar franceza, ha

uma grande alma que vibra pela Patria, um solido espirito militar, que funde num mesmo idéal todos os homens do uniforme.

Acima do potencial dos seus canhões, da bôa doutrina tactica, que se infiltrou no espirito dos chefes, formando os *principios de guerra* do exercito francez, elles têm uma educação militar aprimorada, tão aprimorada hoje que o sentimento de camaradagem entre os officiaes, e de subordinação através da hierarchia, poupará á França, desastres como o de 5 de agosto de 1870, em que a batalha se perdeu, pela falta de solidariedade dos generaes. O culto do uniforme é a manifestação exterior desses sentimentos. Tu, meu querido amigo, naras em tuas cartas, scenas que eu tenho divulgado, e em que se descobre bem quanto se ama a bandeira, nessa bella terra de França!

Eu sinto que essa é a primeira condição que um exercito precisa ter para afirmar sua grandeza. Os francezes, os allemães identificam o prestigio do uniforme com a veneração da bandeira. O official tem pelo seu dolman, pelos minimos detalhes de sua *tenue* o mesmo cuidado, o mesmo desvelo que provoca a bandeira. Nada orgulha mais, desde o simples *gefrente* até os generaes, a um militar prussiano, do que vestil-o garbosamente. E ahí está porque nas ruas de Berlim, ou nos *boulevards*, em Pariz, uma tão viva *sympathia* acolhe o uniforme. Aqui, diante desse desprezo que a população tem do soldado, da pouca attenção que desperta um official, enxerga-se um innato sentimento de repulsa pela *farda*, quando ao contrario esse facto é determinado inconscientemente pelos proprios militares.

Nós impopularizamos e ridicularizamos o uniforme. O official brasileiro tem repugnancia em vistil-o e quando o veste, veste-o, quasi sempre, muito mal. Que série de voltas não dá aquelle guapo tenente para ir da rua Direita ao quartel-general, contanto que não passeie pela rua do Ouvidor as suas calças vermelhas?! Mas si uns têm esse horror pela exhibição do uniforme, outros não o poupam.

Usam-no, de dia, de noite, ao sol, ou á chuva; vestem-no indifferentemente, como se envergassem uma *japona* qualquer; mal se ageitam nelle e sahem á rua, desataviados, offerecendo-se, de tão grotescos que ficam, á galhofa dos transeuntes e ao lapis dos caricaturistas.

Tu conheces muito bem essas preciosidades da nossa terra. Nada me produz impressão mais dolorosa do que um militar sem garbo, e quantos, e quantos temos por aqui!? E' difficil encontrar um official desempenado. Um francez disse que a falta de *aplomb* dos nossos militares, pareceu-lhe um de-

feito organico; observára nos homens do paiz uma deformação physica, uma lentidão de marcha, que devem ter ficado como uma tara de raça.

Não me aprofundo nessas conjecturas; contéstó apenas o facto. Predomina na nossa officialidade a falta de garbo. Os kepis deformam; os capacetes achatam, aniquilam.

Poder-me-has objectar que nós não fazemos absolutamente selecção physica, que pouco nos importa fazer official de cavallaria, um esquimáu de 1m. Mas, eu não quero typos allemães ou francezes, que difficil seria encontrar entre a degenerencia do nosso brasileiro; resignemo-nos a ter más figuras; mas isso não quer dizer que eu me conforme, vendo vestir tão miseravelmente o uniforme. O modo capadoçal de trazer o *bonet*, pondo á mostra uma detestavel cabelleira de barbeiro, irrita-me, desespera-me, insulta-me.

Nós possuímos, incontestavelmente, no meio de uns individuos in differentes e desleixados, uma guapa officialidade que surge cheia de esperanças.

Ella váe reagir.

A correcção do uniforme não é uma *coqueterie*, é um dever. Não é preciso ir ao exagero, ao burlesco, no modo do militar vestir-se, para attingir esse garbo esse *aplomb*, que, em vez de uma simpies exhibição pessoal, é um modo de trazer dignamente as côres de sua Patria. Não servem, de certo, uns ares arrogantes de *sabreur*, olhares ameaçadores e pizadas quixotescas. Dentre de um uniforme sóbrio, pôde-se manter uma linha sufficientemente marcial e elegante.

Tu, meu querido amigo, pensas assim. Quantas e quantas vezes nós conversamos, combinando-nos para reagir contra esses habitos, contra essa indifferença, que se traduz francamente pelo desamor da profissão?

Depois attende a outra cousa. Outra observação que denota o desprezo que temos pelo uniforme. (Dolorosa confissão! Basta para condemnar um corpo de officiaes.) Nós, militares brasileiros, somos muito mal educados. Officiaes se encontram na rua, e pertencam á mesma corporação ou sejam de corporações differentes, raras vezes se cortejam.

Ora, como expressão de solidariedade affectiva, de *sympathia* mútua, não conheço nada mais estimavel do que o cumprimento reciproco a que se obrigam todos os que vestem o uniforme.

Longe de ser feita num rapido e elegante movimento, a nossa continencia é uma detestavel *gaucherie*...

Desgraciosamente, mollemente, ridiculamente, leva-se a mão, ora amplamente aberta, ora ligeiramente concava, ora fechada, com um dedo apenas livre, apontado erectamente para

o ar, até a vizeira do *kepi*. E tudo isso com um abandono que revolta, uma timidez e um desauimo que matam.

Mas, lembra-te que fazem isso os que ainda se comprimentam militarmente. Outros correspondem ás continencias dos soldados, tirando rasgadamente os bonets — *chapeau bas!* — Outros passam indifferentemente diante de seus camaradas, roçando-lhes o hombro, resmungando que esse typo é um idiota, e que é simplesmente aviltante andar a gente a saudar uns sujeitos que particularmente detesta. Isso é, até, um attentado á liberdade de consciencia!

Has de convir que profissão militar, assim comprehendida, exercito desse geito, é simplesmente uma farça.

Sem o cuíto do uniforme, sem o cultivo dessas regras, desses preceitos, que resumem a missão do soldado e que constituem a parte mais brilhante da profissão, creando em torno do exercito, o respeito e a sympathia das classes civis nós nos reduzimos a um bando de simples funcionarios publicos, méras peças da grande machina *burocratica* do estado.

\* \*

Mas, meu caro amigo, como vão longas estas linhas!

E que escrevi eu; que te disse de util, de importante, de verdadeiro e de real, até agora? Nada. Comecei assim: —recebi a tua adoravel carta datada de Nancy—e. deitei a sonhar, a sonhar. Sob a impressão suggestiva de tua prosa puz-me a fazer militarismo. Esquece tudo isso. Deixa Nancy; corre a Paris, a Bruxellas, a Haya, vae depois á Inglaterra; sacóde o pó dos teus livros, abre os tratados de philosophia; olha, vae ás conferencias, aos congressos. Que loucura! Officiaes que se occupam de fuzis, de canhões, de guerra. Que loucura! Manda-me noticias dos tribunaes de arbitragem e da paz universal.

Como a França está atrazada?! Nós somos super-civilizados. O nosso exercito não é um instrumento de guerra, é um factor de conquistar idéas abstractas! Estamos tratando de organizar as pequenas patrias. Mando-te pelo correio, dous artigos interessantes; um, tirei-o da revista—*Via Lucis*—da Escola do Realengo; trata, como verás, de atirar o ridiculo sobre a nossa bandeira; outro, é da revista *Luz!* da Escola de Porto Alegre; trata de demonstrar que a Paz Universal não é uma utopia. Que educação invejavel! Não, não ha duvida, temos um exercito luminoso!

Olha, espera um pouco, tenho outras noticias.

Amanhã, um major realizará no Club Militar uma importante conferencia sobre a inadiavel necessidade de adherirmos ao *desarmamento*. O caso tem causado escandalo; os jornaes

protestam e oppõem aos argumentos do nosso camarada os armamentos da Argentina. Mas qual! Para responder ao exercito do sr. Richieri, que tanto desprezo encontra aqui, não precisamos de canhões, não precisamos de esquadra. Digam lá o que disserem, eu ainda confio na eloquencia nacional. Socéga meu amigo; lembra-te que sobre os destinos da nossa terra correm dous grandes rios: um de agua doce, outro de palavras..

Temos discutido muito a vaccinação obrigatoria, é um assumpto interessantissimo para os militares. Não imaginas o somno que nos dão os jornaes da guerra, e as revistas *technicas*, que nos tens mandado. E' como se deres a um parteiro, um curso de artilharia.

Ora bolas, que paiz admiravel o nosso! A ninguem acudiu ainda, na França, manter um exercito permanente... de *philosophos*?

Adeus, meu amigo.

Teu *ex-corde*.

J. DE SOUZA REIS.

## O ALMIRANTE

(6)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

### CAPITULO III

E contou como vira passarem os grandes homens applaudidos, chacoteados, gloriosos e ridiculos, ignorados ou em excessivo destaque; uns guindados de repente, outros apeiados de surpresa, sem se saber porquê, sem motivo apparente, como se a razão de estado, o criterio da corôa fossem rebeldes aos impulsos da justiça, da logica; como se fosse uma força omnipotente indisciplinada, vária, incerta como o vento. Assim, não se atinava porque, estando no poder o partido conservador, com esmagadora maioria na camara, fôra esta, da noite para o dia, dissolvida e feito um appello á nação, quando nenhuma questão social, nenhuma importante medida de governo estava em jogo, quando nenhum accidente da politica indicavam o emprego dessa prerogativa da corôa, que desfechava a torto e a direito verdadeiros golpes de estado.

O Antonino ponderava-lhe, com fina observação dos factos, que esse systema arbitrario e violento, num governo, que se dizia parlamentar, de opinião, enfraquecia lentamente o prestígio da corôa, provocando essas opposições desabridas ou subserviencias humildes e, por fim, a dissolvente indifferença da grande maioria dos cidadãos, na qual a fraude eleitoral, as eleições officiaes feitas a bico de penna

ou pela Camara no ridiculo terceiro escrutinio, haviam apagado os idéaes e amortecido a fé nos principios. O Imperador, que não era homem de favoritismos, nem de *coteries*, teria razões pessoaes para assim proceder, razões que assentariam em solida base patriótica, como fosse evitar a consolidação de olygarchias, mas a verdade era que, na mór parte dos casos, ellas erão demasiado transcendentales ou intimas: não chegavam á percepção vulgar da razão das coisas.

Os resultados surgiam em lamentavel evidencia: já se não hesitava em atacar a propria augusta, inviolavel e sagrada pessoa do monarcha. Os mais vehementes e offensivos apôdos lhe erão assacados pela imprensa e da tribuna parlamentar. Já fallavam em despotismo mascarado no poder pessoal, affirmava-se que o Imperador reinava, governava e administrava, sem fazer caso da nação, nem dos partidos constitucionaes, tendo sempre á mão homens incolores, servidores obedientes para encarnarem, no governo, a sua vontade omnipotente de Cezarcaricato, principe conspirador, meio jesuita, meio machiavel, um cordeiro governando como uma rapoza.

Quanta vez com as suas maneiras reservadas e timidas, o Antonino, que era um philosopho e um vidente, um mixto de veador e propheta, suspirava apprehensivo, exclamando conster-nado:

— Isto vae mal. O Imperador concentra demais e perturba a salutar harmonia dos poderes. Não será para admirar que, um bello dia, o mecanismo se desarranje, em consequencia da excessiva pressão, e o machinista seja victima do desastre.

Se sua magestade tivesse amigos sinceros, se os soubéra fazer, certo perceberia, com o conselho delles, os perigos que está engendrando. O Bom Retiro, unico homem que se poderia gabar de intimidade imperial, era um timido, muito honesto, muito sincero, mas não arriscava conselhos; insinuava, de longe em longe, uma ligeira observação, como se pensasse pelo Imperador, attribuindo-lhes as idéas que ousava emittir. Era um homem de valor, mas sem prepoderancia nas deliberações, sem intervenção directa nos actos da corôa.

O monarcha estava no topo da montanha num meio passivo; e, posto não fosse accessivel ás emanções inebriantes da lisonja, não percebia, senão através de prismas deturpados e, rara vez, nitidamente, os queixumes que atroavam no valle; não via, talvez pela demasiada confiança em sua força e prestígio, os elementos de desordem alastrando por toda a parte sem repressão, desenfreiados, avasallando tudo e produzindo já symptomas assustadores, como esse resurgir da

idéa democratica afogada em sangue na sua ultima e mallograda tentativa de 1848, a separação do Norte, a federação das provincias e essa previsão sinistra de que o imperio acabaria com o derradeiro suspiro de Pedro II.

As ponderações de Antonino tinham sempre o tom de um dó sincero. Elle pensava que o caminho direito seria o mais seguro e o mais facil, que nada impediria dirigir o governo no sentido das aspirações nacionaes, contentar o povo, que pedia muito, mas ficaria satisfeito com uma qualquer coisa, como creanças que berram por uma mesa de doces e aquíetam com um biscoito. Que querem? Eleição directa, descentralisação administrativa, separação da igreja e do estado, casamento civil, secularisação do cemiterio, grande naturalisação, temporariedade do senado, um farto cardapio de orgia democratica? Pois dêmlhe a eleição directa: ficará a casa quiéta e não será alterada uma linha do systema de governo. Sua magestade não a decreta, porque não quer; porque é rotineiro e tímido para empreheuder innovações. Por isso, emprega o astucioso artificio de amordaçar os paladinos das reformas, chamando-os para juncto delle, deslumbrando-os com a visinhança da corôa ou sobrecarregando-os com a responsabilidade do governo. Esses, quando sobem os degráos das escadas do paço, mettem a viola no sacco; deixam lá fóra idéas e principios, e vestem desvanecidos a honrosa libré. E o povo, vendo emmudecerem os seus apóstolos, os verbéras de incapazes, esquecidos de realisarem no poder, aquillo que pregaram na opposição.

Estabelecia-se, dessa arte, um regimen de apostasias e adhesões sem fé, de servilismo sem fidelidade, que terminaria, forçosamente, num grande desastre irreparavel. —

A observação do pacato e discreto Antonino era verdadeira e lucida. Nunca se abalançara a communicar ao Imperador, porque este não gostava de conselhos espontaneos e jamais consultava os fiéis servidores acerca das questões de estado, senão *pro formula*, e insinuando logo a sua maneira de pensar.

— Vê aquelle sujeito baixo e gordo — continuou d. Eugenia — mostrando um recémvindo antipathico de grandes olhos estrabicos de uma asymetria horrivel — E' uma pustula, um homem apodrecido de vicios. O Imperador o detesta. E' um advogado administrativo de grande influencia politica; consegue tudo do governo. Comprou a pezo de oiro uma cadeira na camara. Foi um escandalo sem precedentes. —

Guilhermina experimentou uma forte impressão de asco do homem que entrava recurvado, dirigindo palavras gaguejadas e amaveis á baro-

neza de Cangaty, e familiaridades chateadas ao conselheiro Cleto.

— Aquelle monstro — acrescentou d. Eugenia — tem amantes, que são instrumentos politicos. Custa crer que haja mulheres bastante degradadas para acceitarem a sua côrte; ellas, entretanto, o adoram, como os politicos o temem: é um demolidor insinuante e manhoso. —

Nesse momento chegou o barão de Uberaba.

— Fiz-te esperar muito mulhersinha — disse elle, dilatando, num sorriso de satisfação, os grossos labios rôxos e polpudos como beringélas — Tive de falar com o Paulino. Que homem adoravel e fino naquella gravidade de esphyngé. E' um conservador dos meus: quebra, mas não torce. Quer vir connosco d. Eugenia?

— Impossivel, meu caro barão. Ficarei até que o Antonino termine o honroso serviço de sua magestade a Imperatriz.

— Até logo, então — disse Guilhermina, beijando-a ternamente — Até á noite, sim? . . —

Caía a tarde tocando de tons rubros a paysagem do parque da Bôa Vista. O magnífico *coupé* dos Uberabas, em suaves balanços, rodava chiando pela alamedas de sapucaias. Emquanto o barão descalçava as luvas, em que o suor imprimia manchas negras, a formosa Guilhermina, embutida nos molles coxins de seda azul, numa postura de abandono fatigado, contemplava melancolica os cysnes que vogavam de manso nos lagos, procurando refugio nas moitas de bambús; outros descansavam na grama viçosa, tapetada de pennas brancas, catando-se com os longos pescoços flexiveis, como se se preparassem para a dormida. Pequenas marrécas irriquiétas, soltando gritos estridulos, contrastavam com o silencio calmo e magestoso dos cysnes e das garças criteriosas, pousadas, em attitude scismadora de quem immerge com o pensamento nas profundezas do mysterio ou no amago de coisas transcendentales.

Ella meditava na tristeza da casa imperial, nessa tristeza que se expandia em torno, pelas alamedas, pelos jardins desertos, cumprindo o ambiente como a atmospha pesada e sombria de um cemiterio. Via sumirse o seu sonho de grandeza — brilhar nas eminencias com o seu espirito de escol e com os seus milhões, adorada como um idolo, ascendendo num nimbo de gloria, elevando comsigo o marido, galgando com elle as posições até á conquista da notoriedade, da fama, como os homens mediocres, que rodeavam o Imperador e pelos quaes elle tinha, como disséra d. Eugenia, particular predilecção, quasi um fraco.

O marido era um homem vigoroso, de aguda intuição dos negocios. Posto

não fosse cultivada a sua intelligencia, adquirira os habitos da alta sociedade e ninguem seria capaz de perceber nelle, correctamente vestido, com o peito constellado de condecorações e as grossas mãos enluvadas, o principio das feiras de Sorocaba. Era um homem feito por si mesmo, pelas suas energias excepcionaes, e seria muito mais se o ajudassem. Porque não poderia ser senador, ministro, como já era deputado?

Daria um excellent ministro da agricultura com a sua preciosa experiencia de lavrador, de criador, de garimpeiro, surgido das licções da lucta pela vida, muito mais uteis e efficazes que os processos theoreticos, as informações colhidas nos livros. Seria um ministro pratico, que daria forte impulso aos negocios da pasta, a mais importante do gabinete, onde se elaboravam as solidas bases da prosperidade do Brazil, que ella estava habituada a ouvir chamar paiz essencialmente agricola. Ministra, ella abriria os seus salões; offuscaria com exuberante esplendor a propria côrte; attrahiria, como poderoso fóco luminoso, as senhoras formosas, os homens de talento, os homens de valor. Jornalistas, poetas, estadistas, industriaes, a creme das letras, da polica e da finança, viriam, encantados, render-lhe homenagem, e proclamariam o seu prestígio, as suas virtudes, os seus meritos de mulher forte, os seus dons de mulher bella. E ella seria uma rainha omnipotente na posse do sonho de gloria, na ebriedade dos supremos anhelos realisados.

(Continúa)

## PAGINAS ESQUECIDAS

A MONARCHIA, SEGUNDO SILVEIRA MARTINS.

«Confesso, srs., isto que vejo é para desanimar um homem que tivesse menos fé do que eu no futuro da patria;—eu não tenho fé nas instituições. Depois do que annunciou o sr. barão de Cotegipe e do que pratica, depois do que ouvimos dos dissidentes e de como procedem, ninguem póde acreditar nas instituições. Na patria, sim, acredito eu, porque essa não morre, nem tem direito de morrer.»

*Discurso pronunciado em 1875, contra o gabinete de 25 de Junho.*

«O orador não é propheta, mas não acredita na regeneração deste paiz, porque os homens que o dirigem mostram e manifestam em todos os seus actos a sua incapacidade; o que querem são maiorias que os apoiem, e o orador já não tem mais fé no que possam dar os partidos militantes.»

*De um discurso pronunciado em Junho de 1887.*

«Contrahiu sua magestade o habito, que não mudará facilmente, de go-

vernar com a mascara constitucional».

«O governo é máu, o systema é máu e os governos que se têm mostrado covardes, fracos, incapazes sujeitam-se a tudo e sujeitar-se-ão sempre a este absolutismo, disfarçado, sob cuja pressão vivemos e é preciso acabar, para felicidade do imperio, onde só soffrem os fracos e campeiam os poderosos.»

«Srs., eu acho-me de todo ponto no polo opposto ao em que se achava Thiers; e digo que, si eu fosse contemporaneo da independencia ou pudesse dar á minha patria a fórma de governo da minha preferencia, antes de arremedar a Inglaterra, que tem uma nobreza de raça, antes de caricatural-a com barões de seus proprios nomes, dar-lhe-ia a fórma de governo da America do Norte, porque prefiro, em materia de fórma de governo, a republica á monarchia.»

«Creio que nada mais temos a esperar deste reinado, que nos leva fatalmente á anarchia.»

«Somos um miseravel rebanho de ovelhas.»

## O THEATRO

Uma historia que me tem, de certo tempo para cá, bolido no miolo, é essa celebre questão da decadencia do nosso theatro.

E o que mais me arrepia, é ver gente de bom quilate, homem de certa conta, sair dos seus cuidados, para levar esta coisa a serio. Até Clovis Bevilaqua, até Alvares de Azevedo, até Silvio Romero, tiveram a ingenuidade de encher tiras e mais tiras de papel, para tratar do assumpto.

Adherbal de Carvalho foi quem mais tocou na alma da coisa. Acha a causa da decadencia do nosso theatro no nosso sangue.

Sangue de negro, cruzado com o sangue azul e o azul misturado com o caboclo, dão, calculem os senhores o que tudo isso dá? Dá macaco.

Dá, segundo o fazedor das *Ephemeras*, «a terrivel e pernicioso mania da imitação». Ora, isso é profundo como o diabo!

Por isso mesmo é que não vale nada. Outros acham as causas da decadencia na benevolencia da critica, na falta de estudos dos artistas, no abandono do theatro pela gente de talento, na falta de escolas, na falta de boas peças, na indisciplina, nas *reprises* e no jogo.

Mas, os senhores não me dirão o que quer dizer decadencia?

Conheço uma senhora que é a mulher mais feia deste mundo. E' horrivelmente gorda, tem as bochechas moles, os dentes podres, a pelle encarquilhada, a voz insupportavel.

Mas, ha poucos dias, um idoso, que

rendo dar-me idéa da belleza passada da repolhuda senhora, affirmou-me que ella estava decadente.

Compreendi, e qualquer um dos senhores comprehenderia tambem. A senhora foi linda em moça, mais a idade foi chegando e a belleza decaiu.

Mas, se alguém por ahi, quizer me provar que o Padre-Eterno está decadente, levanto um grito de revolta e de protesto. O Padre-Eterno «foi um Deus sempre velho, um Deus sem mocidade», teve sempre a barba longa como hoje tem, a cabelleira branca como algodão...

Com o nosso theatro dá-se o contrario do que se deu com o Creador: foi sempre creança, um *bebé* enfesado, um anãosinho tristonho, que nunca deixou as mamadeiras e os coeiros.

Pode-se dizer que o bichinho decahira? Não. Devem-se procurar as causas que lhe fizeram a atrophia.

Quaes foram ellas? Se vocês soubessem a tentação que estou sentindo de fazer philosophia, seriam bem capazes de concordar commigo. Emfim, vamos lá.

Uma das causas da decadencia do nosso theatro é (não se riam que, se não é certo, bem pôde passar por verdadeiro) a estatua de João Caetano.

Explico-me. Nós somos um povo essencialmente descobridor. Ahi está o padre Gusmão, o Osvaldinho, Santos Dumont, o Lamarão e um rebanho de outros. Sabem porque isso? Porque a estatua de Cabral — o descobridor — está alli á vista, no caes da Gloria, para todo o mundo olhar.

E' um estímulo: todos nós anciamos a nossa figura em bronze e nos atiramos ás descobertas.

Mas, a estatua de João Caetano, encafuada naquelle becco escuro, não estimula ninguem.

(O sr. Henrique Marinho, na segunda edição do seu *Theatro Brasileiro*, queira ter a bondade de não se esquecer de mim).

Outra causa, a mais forte: a gente velha.

Conheço uma familia que é um assombro em intelligencia. Um dos rapazes deu para poeta. Foi uma alegria na casa, no dia em que um jornaleco lhe trouxe na primeira pagina um soneto agúado.

Um outro — para pintor. A mãe e avó não saíam das casas intimas, mostrando os quadros do rapaz.

O terceiro, um dia raspou o bigode, e preveniu a familia que iria entrar para o theatro. Rolo medonho! A mãe chorou, a avó chorou. Aquelle rapaz era a desgraça da familia, a desmoralisação da raça! Os outros tinham puchado aos antepassados, tinham dado para coisa, emquanto elle iria para o palco fazer graça para o povo rir, pintar a cara como palhaço, dormir em deboche com as actrizes.

As nossas velhas acostumaram-se a achar o theatro um lugar de perdição, onde se passa a noite acordado, onde se beija e onde se é beijado.

Isso entranhou-se na nossa educação. Uma actriz para nós tem quasi sempre menos valor do que uma moça honesta, um actor é capaz de todas as baixeiras. Um pintor, um poeta, um jornalista por mais devasso que seja, tem as honras de entrar em nossa casa, de dançar nos nossos bailes, de comer á nossa meza. Um actor não pôde; uma actriz. qual é a mocinha pudibunda que tem a coragem de dar a mão a uma actriz, na rua do Ouvidor?

A culpa é das velhas.

Até agora tenho falado de actores. Vocês hão de perguntar porque não temos autores. Pela mesma razão que onde não ha flor ninguem se enfeita.

João Caetano (embora o padre Severiano o negue) foi uma andorinha só que não fez verão. De lá para cá não temos tido nada.

Uma artista de quem devíamos esperar muita coisa era da sra. Lucília Simões. Mas essa mesma (é de fazer raiva a gente) bateu as azas para Portugal.

Agora uma outra, a sra. Eliza de Castro, que, se não era em absoluto excellente, era comtudo uma boa actriz, acaba de morrer.

Oh! manes do theatro! Dai-o, que eu preciso de assumpto...

JUSTUS JUNIUS.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### PLANTAS ELECTRICAS

Do ponto de vista theorico, são muito interessantes as observações de phenomenos electricos nos vegetaes. As actividades electro-motoras, existentes nas differentes partes das plantas, são devidas ás desigualdades chemicas das varias camadas das celulas, correspondendo não somente a estímulos mechanicos, como acompanhando manifestações na assimilação do dioxido de carbono no processo regular da nutrição.

Certas plantas, como a iris, a nicotina, a begonia, o nasturtium, são, extremamente, favoraveis a taes experiencias. Collocada uma dellas em conexão com um galvanometro por meio de electroides, ligados ás folhas por differentes lados, exposto um dellas ao sol e outro permanecendo na sombra, manifesta-se, dentro de alguns segundos após á exposição, uma corrente electrica de 005 a 02 volts da parte illuminada para a escura, a qual dura cerca de cinco minutos.

A corrente electrica das folhas verdes é menor na luz solar difusa, maior na refractada e ainda mais notavel na

luz direita. E' curioso accrescentar que a fervura em agua quente destróe a actividade electrica que não se encontra nas plantas, que não tem folhas verdes. Dahi, se deduziu a prova de que a producção de electricidade acompanha a assimilação do dioxido de carbono.

\* \*

## LAVADOR ELECTRICICO

Em Budapest, está sendo empregada, com muita vantagem, uma nova machina de lavar por meio da electricidade, sendo o sujo, manchas e gordura removidos por meio de correntes electricas. Essa machina pôde lavar de duzentas a tresentas peças de roupas em duas horas sem o auxilio do homem.

\* \*

## FRUCTAS MEDICINAES

E' sabido que os morangos são excellente remedio para o rheumatismo, porque o acido salicilico que elles contém, é um especifico contra aquella molestia na fórmula aguda. E' tambem certo que esse acido é um constituinte normal de quasi todas os fructos: encontra-se nas uvas, nas laranjas, maçãs, cerejas e ameixas, na proporção de 1.32 % de gramma por um kilo de fructas.

Fructos frescos possuem propriedades antecorbuticas e contém sães, que, rapidamente absorvidos, se transformam em carbonatos, mantendo um estado alcalino da economia e evitando a formação de depositos de acidos.

As jaboticabas são excellente hemostatico, vulgarmente empregado nas hemophtheses e as laranjas são consideradas nutrição de primeira ordem para os tuberculosos.

\* \*

## O DINHEIRO ANTISEPTICO

A rainha Alexandra tem tamanha aversão aos microbios que não toca numa moéda, senão depois de ser esta cuidadosamente desinfectada.

O dinheiro para os gastos pessoaes de sua magestade, é previamente mergulhado num liquido antiseptico e, depois desse banho, é que vae para a real bolsa.

Nas compras, os trocos são recebidos pela dama de honor que acompanha a rainha, e desinfectados quando regressam ao palacio.

Ao nosso papel moéda, reduzido, em pouco tempo, a um trapo repugnante, tal é a vertiginosa rapidez com que circula, não se pôde applicar esse benefico processo, tornando-se um dos mais perigosos vehiculos de molestias infecciosas, principalmente para aquelles que têm o detestavel habito de contal-o molhando os dedos na lingua. Seria de bom conselho, como prophe-

laxia, serem as notas, que entram para o Thezouro, substituidas por outras novas, como succede com o papel moéda em diversos paizes.

Para evitar as despezas exigidas por essa precaução salutar, o governo empregaria notas de baixo preço e de varias estampas, obtendo mais, por meio dessa substituição frequente, um excellent obstatulo á industria da falsificação, muito desenvolvida entre nós, e uma compensação ao immoralissimo lucro proveniente dos trocos com abatimento, como é feito nas substituição periodicas.

## SUPPLICA

Se rezas ao Senhor,  
Pedindo o que elle dê  
De benção, de mercê,  
De gloria, de valor ;

Supplica, em rezas taes,  
P'ra alguem, que é infeliz,  
O muito que elle quiz  
E que não teve mais.

PEDRO RABELLO

## JUSTIÇA DE MULHER

O coronel Ennes, garboso official do exercito, em serviço de sua afanosa profissão tinha que partir naquelles dias na espectativa, tão dolorosa para si como para a familia, de permanecer ausente do lar por praso mais ou menos longo.

O seu afastamento da mulher adorada que concentrava todo carinho na maneira cuidadosa de arrumar-lhe a bagagem, antevedendo, com meticulosidade exaggerada, os mais insignificantes pormenores que tudo, numa circumstancia dada, poderia sanar um embaraço imprevisto, o afastamento, dizia eu, coincidia com o anniversario natalicio da esposa bem amada.

Apesar de ha muito consorciados e de varias separações breves, entre os dois esposos amorosos jamais se verificára a conjunctura lastimavel de, em tão festivo dia, estarem distantes um do outro.

Thereza, era-lhe esse o nome, não atinara até os ultimos dias anteriores ao seu anniversario com o doloroso d'aquelle facto.

Já curtia ella as saudades incalculaveis do marido, tão prodigo em ministrar-lhe as maiores felicidades, na vida conjugal constituidas, principalmente, pela certeza de que os conjugues se prestam mutua fidelidade, quando de accôrdo da proximidade de seu natalicio. Faltavam apenas quatro dias-Num assomo de indomavel amor proprio, Theresa se possuiu de vivo descontentamento imaginando que o ma-

rido, nas cartas que lhe dirigira não se refirira áquella data, e, conseqüente, mente, nem se lembrara do accaso de-pela primeira vez, após 15 annos de casados, verem separados o surgir de uma alvorada que, até então, era esperada, naquelle lar feliz, com a mais aguda anciedade.

Lgrimas profundamente sentidas correram-lhe pelas faces ; era esse o destino inevitavel que a sorte lhe guardara: assistir em vida, ainda no fulgor de sua beleza encantadora, na frescura de sua mocidade, ao esquecimento de sua propria pessoa por aquelle quem ella dedicava tão prodigioso affecto. As mulheres feridas de tal maneira perdem o dom do raciocinio ; o que cresce e se avoluma aos seus olhos, numa expansão sinistra e aterradora, é o receio de se verem olvidadas, substituidas por um novo amor, que ellas tornam ainda mais cobiçado porque lhes são o maior senão o unico estorvo.

Ella quiz, do vacuo em que se sentia, erguer uma prece a Deus ; dominava-a porém, intensamente, o odio á rival phantastica, creada pela sua imaginação desponderada, e no seu espirito, envolvido por aquella nuvem densa de ciume, o coronel lhe apparecia como a antithese solemne do homem que realmente era ; todas as maldades moravam-lhe agora no coração, todas as indignidades florescia naquelle ser obliterado e perverso.

Passaram-se morosos os dias, Theresa estava na vespera do seu natalicio ; chega-lhe ás mãos uma carta do coronel ; ao mirar, inquieta, a lettra, um raio luminoso reviveu por um instante, todas as esperanças mortas ; venceu, tremula e agitada, a resistencia do envolucro e perdeu-se a catar, soffrega, na extensa carta do marido, uma referencia ao vindouro anniversario.

Havia naquelle extenso papel, que o coronel enchera de sua lettra miuda, de emvôlta com as minunciosas noticias de sua pessoa, as mais suaves palavras de ternura e de amor endereçadas á companheira de sua vida feliz e victoriosa.

O coronel Ennes era um affectivo ; nada turbava a placidez e bonhomia, que o invadiam apenas transpunha o limiar de sua casa elegante ; ausente do quartel, onde, sob as exigencias da disciplina militar, que lhe era um culto, elle se esforçava por manter sempre, uma attitude de impenetravel reserva, o coronel, em se livrando daquella atmospha mavorcia, dava a mais franca expansão ao seu bom humor incomparavel.

Nas epistolas aos de sua amizade esse traço do caracter do coronel Ennes tornava-se saliente ; e, em se dirigindo á mulher, que lhe era o encanto de existencia, mais se avolumava a maneira amorosa de exprimir a delicadesa de seus sentimentos.



Thereza, no meio de todas aquellas meigas referencias ao seu nome, á sua bondade, ás excellentes qualidades que, em verdade, possuia, só queria descobrir uma ao dia de seus annos, e essa, justamente, faltara ! De mais não carecia para ter alli um verdadeiro corpo de delicto ; estava patente a criminalidade do marido.

Todo aquelle passado, que a trouxera ao presente abominavel, era apenas uma successão de hypocrisias e enganos que ella, innocentemente, na sua bôa fé invejavel, vinha engolindo e tragando.

Num movimento brusco de colera insoffrivel, Thereza arrojou a carta do coronel, machucada entre os dedos, á cesta de papeis velhos ; depois, sentindo que lhe não bastava a prova magna de culpabilidade, que colhera, dirigiu-se á secretária do marido. Deu busca a todos os papeis ; vendo que alli tudo falava pela innocencia do esposo acabou dizendo : —sim, tão tôlo não seria de deixar as provas aqui, quasi em minhas mãos. —Fechou as gavetas e, mais calma, abriu a pasta ; havia nella um papel, um recibo, e não era habito de Ennes deixal-os assim, entregava-os sempre a ella, que os tinha todos sob sua guarda, como zelosa dona de casa.

—Horriavel, meu Deus ! — exclamou Thereza, apenas demorou a vista sobre o recibo.

Era de um joalheiro; recebera do coronel Eneas dois contos de reis, custo de um anel de rubim oriental, a mais linda, para ella, de todas as pedras preciosas, e não n'a lograra ainda possuir e já outra a arrancava das mãos daquelle homem funesto...

Thereza sentia-se humilhada, menoscabada; a posse, porém, daquella prova absoluta e sorprehendente era-lhe um thesoiro. Sim, até agora, pensava ella, tenho vivido illudida, mas raiou o sol para mim e hei de desmascaral-o ao contacto da luz, que esse papel irradia.

O coronel, saudoso, via escôarem-se, trabalhosos e tristonhos, os dias de ausencia da mulher querida; antevia o proximo natalicio; ella só, elle longe, tão longe, sem lhe poder prestar as homenagens do seu amor.

Separavam-nos trinta horas de viagem; fez os calculos, desejo de partir e viu a impossibilidade, já agora sem remedio, de manter a tradição estabelecida de esperarem juntos, soar, meia noite, e o irromper das datas em que vieram ao mundo um para o outro, exclusivamente.

Thereza, por demais amargurada, quasi fora de si, muita vez se suppunha victima de insanidade mental e reforçando, com um desejo ardente de se dominar, as energias cerebraes, chegava á conclusão logica, insophismavel, pura como a verdade, de que,

alem de attraçoada, estava, agora, esquecida.

Pensamentos sinistros vagavam no cerebro da airosa dama; e, carecendo de um roteiro para a sua conducta futura, ella, que até agora só cuidara de juntar, cada dia, mais um formoso dote ao seu character purissimo, á sua bondade illimitada, pensava já no goso de uma vingança heroica.

— Amor paga-se com amor e a infidelidade com a... — e Thereza não se arrojara a rematar aquella conclusão horrenda, dictada pelo coração tremendo de dor intensa, profunda.

Mas da situação a que a arrojaram as pesquisas feitas no proprio lar, no primeiro momento em que lhe nasceu a má inspiração de suspeitar do honesto proceder de Ennes, tinha que se livrar a mulher dolorida e, sem mais pensar, guiada pelo instincto que nos leva, nas crises tremendas da vida, a recorreremos aquelles a quem respeitamos e amamos, Thereza tomou o carro e partiu em demanda da casa de sua sogra d. Maria Clara.

Ella sabia a rizeja dos principios dessa matrona veneranda; muitas vezes lhe ouvira falar de mulheres ultrajadas pela devassidão dos maridos, facto a que, num assomo de solidariedade mulheril, ella emprestava os peiores qualificativos.

Cheia de fé, Thereza ambicionava o juizo da sogra esclarecida.

Fabricar argumentos favoraveis ao filho ser-lhe-ia impossivel; a existencia do recibo, que levava consigo, como elemento irrecusavel de accusação, dava-lhe forças sobejas para arrostar qualquer susceptibilidade materna; deante daquelle documento irrefragavel a sentença condemnatoria impunha-se numa evidencia esmagadora.

Assaltavam seu espirito essas conjecturas esperançosas quando o carro esbarrou ante a casa do conselheiro.

D. Maria Clara leu na physionomia da nora; antes que essa pensasse nos meios de entabolar conversação no sentido almejado, a primeira indagou, entre apreensões e vivos receios, que coisa succedera.

Thereza fez-se em prantos; a custo venceu a crise e, quando sentiu a voz capaz de lhe transpôr os labios, disse, o rosto coberto pelo lenço ensopado, estrangulada de dôr, desesperada : — eu sou uma desgraçada !

— Como, filha, falla...

— E Thereza, num movimento precipitado, saccou do seio aquelle pequenino papel horrendo, e numa attitude heroica, de quem lança a ultima cartada numa peleja de vida ou morte, pol-o entre as mãos da sogra espantada, contando-lhe, concomitentemente, toda a sinistra situação que o recibo do joalheiro lhe fazia surgir ante os olhos.

D. Maria Clara formava de seu filho

um conceito honrosissimo ; as esperanças que eram, quando elle lhe sugava ainda nos primeiros momentos de vida, os seios abundantes de leite, o melhor alimento de sua maternidade feliz, realizaram-se todas com o correr dos tempos ; vira, aos poucos, erigir-se, moldado pelo seu amor, obediente a seus conselhos, o character de seu filho amado, o unico que lhe surgira do unico amor que houvera germinado no seu coração de mulher, e agora todo aquelle edificio ruía pela culpa maxima a que via ligada irremissivelmente, a deshonra de seu filho e a infelicidade de sua nora Thereza. Não ha como as mulheres para se afundarem no pélagos da desconfiança e da descrença ; a mãe e a esposa de Ennes conservavam-se mudas, uma ante outra ; a mesma fatal convicção era um elo a prender aquellas creaturas magoadas e infelizes, irmanando-as na negrura atroz daquelle instante tragico.

A virtuosa velha imaginava, no evento lancinante, o imprevisto de um drama que ella tantas vezes assistira nos theatros, ao lado do conselheiro, mettida na sua felicidade de esposa respeitada e querida, conciliando jamais o espirito com o lado máo da vida conjugal, buscado sempre pelos dramaturgos como o mais appetecido thema de suas creações.

No emtanto era no prolongamento de seu proprio lar, bafejado sempre pelas auras do socego domestico que ella via surgir um abrolho temeroso... e o protagonista era seu filho, o filho tão carecedor de uma defesa habil e ella ante a magestade daquelle papelucho horrendo, balda de forças, incapaz de produzil-a.

— Minha filha, clamou emfim, amargurada, busca na tua resignação um lenitivo para os primeiros momentos ; o tempo abranda as dores mais atroztes ; consola-te ; o raio que penetrou no teu lar feliz fez desabar tambem a felicidade do meu.

Taes palavras eram unguidas da maior sinceridade ; a dôr das duas mulheres, uma ultrajada pelo marido, outra cheia de vergonha pelo proceder do filho, fazia-as possuidas de mutua piedade e, abrandada por esse doce sentimento, galardão das almas eleitas Thereza, apenas minorada a intensidade esmagadora do abalo, regressou ao lar deserto de tudo quanto até então o fazia invejavel, e repleto, agora, de tristezas inãndas.

\* \* \*

Tanto que o conselheiro penetrou em casa deu com o aspecto lugubre da companheira. Quando a consciencia o accusava de haver originado o agastamento da mulher — elle se mettia nas encolhas e não lhe proporcionava, cauteloso, occasião para um desabafo ;

actualmente nada lhe pesava, e elle, n'uma solicitude calculada, indagou o porque d'aquelle aspecto fóra do commum.

—Digo-lh'o em quatro palavras e cuide do caso, que eu estou fóra de mim. Olhe, esse recibo tem data antiga, é anterior á partida de Ennes. Venderam-lhe uma joia, um anel de rubim, por dois contos, e não o viu a mulher, não o vi eu, e ella sómente sabe dizer é que encontrô o recibo na pasta do marido. —

O conselheiro ouviu calmo a concisa exposição da mulher, e, desejoso de experimentar o amargo da justiça feminina, ajuntou-lhe ás proprias palavras :

—E tu não te sentiste com força de attenuar-lhe o erro, mesmo convencida de que elle incorreu na falta ?

— Absolutamente. Seria querer occultar o sól com uma peneira ; deante desse papel e das circumstancias todas, que o cercam, seria tomar o partido do criminoso contra a innocente e eu, eu, não esqueço a justiça pelos preconceitos.

— Bem Clarinha—ponderou o conselheiro — a tua justiça idéal, á qual não sacrificas um preconceito, faz-te sogra do teu proprio filho. —

Assombrada pelo dito do conselheiro d. Maria Clara teve um impeto de revolta ; ella via nas palavras do marido o laço de cumplicidade que talvez, de ha muito, ligasse pae e filho.—

— E' — accrescentou — sempre a justiça com os homens e a solidariedade entre elles contra as mulheres, mesmo nas melhores causas que nós pleiteemos. Demais, no caso, nada me seria mais necessario do que salvar a honra de meu filho perante a esposa e, dentro dos limites da tolerancia fal-hia contente. . mas nesse facto seria tomar a libertinagem sob minha tutela.....

— Não é tanto assim.... respondeu, calmo, o conselheiro e, com visível surpresa da mulher, attonita ante a quietude com que elle recebia a aggressão formal a todo um sexo de criminosos, unidos para a defesa commum, enveredou o velho pela outra sala, o seu gabinete de trabalho, donde, em curto instante, regressou, trasendo na mão, aberta, uma caixa de joia, em que refulgia, sobre o negro forro de velludo, a mysteriosa pedra, cercada de brilhantes finissimos, symbolo della, na sua belleza e magestade, dessa justiça humana, a cada momento, sacrificada.

O nosso filho, disse elle, incumbi-me de entregar esse anel a Theresa no dia de seus annos e recommendou, ao mesmo tempo, muito segredo.....

EURICO CRUZ.

## OS TREZ PERIODOS DO GOVERNO REPRESENTATIVO E CONSTITUCIONAL NO BRAZIL

### II

Em 1822, a transicção do governo da monarchia absoluta, despotica e irresponsavel para o regimen constituido, limitado, que exclue, condemna e pune a acção illimitada e irresponsavel do poder, era quasi impossivel, não só para os governantes, como para os governados.

A educação d'uns e de outros se fizera na eschola do absolutismo. Estavam todos os homens ainda imbuidos das ideas, preconizados por Antonio Carlos ; ainda vigoravam as crenças da origem divina—*Omnis potestas à Deo* ; ---do belprazer d'Elrei, por isso, na alludida discussão, Antonio Carlos ensina que---o Monarcha *avizinhe-se á divindade e que os ministros de Estados sejam seus servos*. Nas audacias de sue altivez, pretendendo ostentar thesouros de erudição, citou em apoio de ideas, tão futeis, perigosas e funestas, que José Bonifacio, como ministro, pôz em pratica---os nomes dos grandes patriotas, ou *dos livres inglezes*---Pym e Hampden.

O principio da hereditariedade não se modifica rapidamente; prevalecia na raça portugueza, que venerou sempre a Realeza e submetteu-se, por longo tempo, ao despotismo---ás vezes cruel, as vezes estúpido --- do Marquez de Pombal.

D. Pedro I representava e comprehendia essa tradição de obediencia e, por temperamento, era d'uma vontade impetuosa e absoluta, com quanto não fosse sanguinario e cruel, era violento, irreflectido e pertinaz.

Sentia elle duas grandes paixões, que lhe referviam nos seios d'alma---a ambição do mando e a exaltação da liberdade.

Duas cousas elle queria ser---Rei de vontade e poder absoluto; demagogo e popular, prodigo de constituições.

O Principe, que ficou regente do reino, quando d. João se partio para Lisboa, estava talhado para pôr-se á frente do movimento revolucionario, como fez; mas, de veras, não tinha nem indole, propria a dirigir um governo de regimen constitucional representativo. Esse regimen é o dos contrapezos, dos obices, segundo a expressão dos publicistas inglezes. N'esse regimen toda acção é limitada, previamente traçada e regulada ; ninguém pôde fazer tudo á sua vontade; só a lei é que faz o que quer, porque manda e obriga. Eis ahí a característica dos dous sistemas.

D. Pedro --- excellente nas funcções de Senhor absoluto, era incapaz, ou improprio para adaptar-se ás difficuldades, ás limitações, aos obices e contrapezos dos preceitos constitucio-

naes, que excluem, coarctam e prohibem os impetos da vontade, exercida fóra da orbita legal.

Durante os dez annos, em que d. Pedro I occupou o throno, o seu governo é uma lucta permanente, uma violação perenne das leis, uma indifferença prepotente pelas regras estatuidas, uma imposição continua da vontade imperial.

E não podia ser de outro modo, por que, si elle---o chefe---estava educado na antiga eschola do poder absoluto, os ministros --- *seos servos* --- eram na verdade d'uma obediencia, que lembra a exclamação de Tiberio na curia romana: --- *tam projecta patientia servientium taedebat !*---E Tacito, que a refere, imagina o gráo de subserviencia, capaz de inspirar asco a alma potrefacta de Tiberio !..

Quando d. Pedro teimou em organizar o gabinete de 5 de abril, achou doces ao seo bel-prazer---os marqueses de Inhambupe, de Baependy, de Lages, de Paranaguá e o visconde de Alcantara, que não podiam ignorar que o acto era uma attentado de consequencias funestissimas.

Já estavamos na vigencia da Constituição e no exercicio das funcções legislativas. Mas, no inicio do reinado, não havendo Camaras nem Constituição, qual era a norma a seguir? A vontade do Imperador---ignorante e arbitrario, ou a do seo ministro José Bonifacio --- *meio illustrada* e profundamente despotica, por que elle simulava imitar as insolencias do marquez de Pombal, cujas portarias truculentas copiava --- *ipsis verbis* e as applicava á um povo, no laborioso momento, em que fundava o imperio, a independencia e a liberdade civil e politica.

De 1822 a 1823 prolongou-se o antigo regimen. A legislação civil e criminal das devassas, dos crimes de lezagemestade, as praticas administrativas, a preponderancia da Corôa, como poder unico ; a irresponsabilidade do governo, tudo continuou como d'antes, no meio das agitações, das acanhadas aspirações do povo, que queria ser livre e independente e mal sabia o que são a liberdade e a independencia.

Vê-se como d. Pedro e o seu ministro José Bonifacio comprehendiam o regimen, na serie de actos, que praticaram. Em 1823 o Imperador, cujo espirito fóra corrompido pelas theorias e exemplo das arbitrariedades de José Bonifacio, não hesitou em despedir a Assembléa Constituinte á maneira de Crommwell. Já havia destituido o gabinete de 16 de janeiro, que era apoiado pela mesma Assembléa Constituinte.

Agora, sem camaras e tendo provado sua força e resolução pelos dous actos---demissão do ministerio e dissolução da Assembléa---o Imperador ficou na magestosa attitude de poder unico, soberano, absoluto e irresponsa-

vel — o que augmentava a obediencia de seos --- *servos* —, os ministros, conforme a doutrina frivolamente ensinada por Antonio Carlos na sessão de 30 de abril. (Vide o vol. 1.º dos Annaes, pag. 6).

Assim foi, pelo largo periodo do seo exercicio de realza tradicional, sem camaras, sem constituição — que d. Pedro preparou-se para o governo representativo e sendo servido por ministros *servos*, educados na mesma eschola.

Passo por muitos factos, que evidenciam o meu proposito, de mostrar que os trez periodos do regimen representativo differenciam-se pelos principios e orientação, que seguiram. Tóco apenas num, que é comprovado por documento authentico e irrecusavel e demonstra perfeitamente como era entendido o manejo do regimen, composto de poderes independentes já consagrados na Magna Carta de 25 de março.

Depois da dissolução da abortada Constituinte, a primeira Assembléa legislativa reuniu-se em 1826. Esta camara já trazia em seu seio alguns homens da geração nova, que tiveram educação politica differente da dos Andradas, Baependy, Villela Barbosa e outros conselheiros da monarchia tradicional.

E' claro que essa fracção, mais joven e mais audaz, preferindo viver das idéas novas, abria luctas com as carunchosas, envelhecidas e gafas do passado.

A camara legislativa, reputando-se com o direito e a missão de fiscalisar os actos do executivo, até então dominador absoluto, resolveo conhecer de taes actos. Em consequencia officiou ao governo, *pedindo uma conta de todos os actos, que a Constituição obriga a dar, logo que se acham reunidas.*

Eis como se abriu o primeiro campo de combate.

O pedido é modesto, simples e regular. A camara reclamava aquillo, que depois e ainda hoje, é conhecido pelo nome de *Relatorio*, que cada ministerio apresenta no começo de cada sessão annual. Hoje não haveria um ministro tão ósado que se furtasse a cumprimento d'esse dever.

Não no entendiam assim o governo do Imperador e os ministros, que pensavam poder, no regimen representativo, seguir as normas, uzos e principios da monarchia absoluta de origem divina.

— O governo dar contas?! O governo não tem superior!

Negocios do Estado são negocios da propriedade do rei. Pedro I pensava, como Luiz XIV---*l'État c'est moi.*

O filho de Luiz XIII e de Anna d'Austria, de chicotinho em punho, entrava no Parlamento e impunha a sua vontade aos severos, graves e empoados magistrados.

O bisneto de d. José I ordena acs

seos marquezes que respondam ás Camaras --- que ellas nada tem que vêr com os negocios do Estado; estes pertencem ao governo de s. magestade.

E' curiosa a correspondencia; mostra a idéa, que naquelle periodo se formava do regimen representativo --- idéa, que só podiam ter os homens do antigo regimen, onde não havia representação politica da nação, que era objecto do dominio e propriedade regia. O regimen representativo só pôde ser concebido e praticado onde prevalece a idéa da soberania nacional. E' evidente que o regimen representativo do primeiro periodo do governo constitucional tem um typo singular, bem differente dos outros, isto é, da Regencia e do 2.º reinado, onde se formou e aperfeiçoou-se o governo parlamentar --- governo da intelligencia, da sciencia e da palavra eloquente.

Respondeu o visconde de S. Leopoldo:

«Tendo recebido o officio de v. ex., em que me participa que a camara dos deputados resolvera que se pedisse ao governo a conta de todos os actos, que a Constituição obriga a dar ás camaras, logo que se acham reunidas em sessão --- cumpre-me responder a v. ex., pela parte que me toca, que não julgo sujeita a semelhante obrigação a secretaria de Estado dos negocios do Imperio, por que o exame da publica administração, de que trata o tit. 4.º, cap. 2.º, art. 37, § 1.º da cit. Constituição --- só tem logar nos termos do § 6.º, art. 15, cap. 1.º do referido tit. isto é, na morte do Imperador, ou vacancia do throno, caso que felizmente não se acha verificado. Todavia o governo de s. m. Imperial, querendo dar as mais decisivas provas de quanto deseja cooperar para o maior acerto das deliberações da Camara dos deputados e providencias legislativas, transmittirá pontualmente ao conhecimento da mesma camara informações exactas sobre cada um dos ramos, que em especial se lhe indicarem e que estejam a cargo da Repartição dos negocios do Imperio. Deos G. Paço em 31 de maio de 1826 --- José Feliciano Fernandes Pinheiro Ao sr. Manoel José de Souza França.»

Esta resposta condiz perfeitamente --- não dizemos com ignorancia do systema --- mas com a ordem de ideas tradicionaes do antigo regimen, as quaes estavam incrustadas no espirito dos conselheiros imperiaes, que, como *servos*, obedeciam ao Imperador, que amava e queria o governo --- d'um só.

Ainda a correspondencia induz-nos a fazer uma serie de conjecturas. Em verdade trata-se d'um principio fundamental; que um ministro não pôde conceder, ou negar a seu talante. Si não é o caso, que a Constituição permite, a consequencia deve ser a recusa. Não cabe na *competencia* do governo dispensar, ou substituir o preceito da lei

suprema. O ministro, começando por estabelecer o principio contrario ao pedido da Camara, conclúe, se lhe submettendo e compromettendo-se *transmittir pontualmente ao conhecimento da Camara informações exactas sobre cada um dos ramos que em especial lhe indicarem etc.*

Crê justificar essa incoherencia com os motivos de mera utilidade.

O que transluz é ainda o systema tradicional da vontade regia, absoluta e irresponsavel, que não se quer submeter-se a uma regra, a uma limitação.

Para d. Pedro, que não era lettrado, antes inculto e mal educado, (1) o regimen de governo, sahindo dos moldes da monarchia do *sic volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas* --- era uma causa estranha, pouco estudada e sabida. Os seus conselheiros, si não estavam no mesmo caso, tambem ou tinham ideas erroneas, ou mal systematisadas.

Já demos uma amostra das noções da sciencia politica de Antonio Carlos, a mais ruidosa reputação de orador parlamentar, que ainda hoje é citada nos extasis dos arroubos de enthusiasmo e de idolatria, por muita gente, que nunca leu as hyperbolicas e prolixas declamações dum homem, que incontestavelmente era dotado de talento e que muito avultava naquella temporada.

Quando o officio, exigindo a *conta* cahiu sob o tecto de S. Christovão, qual bomba de dynamite, no dia 27 de maio de 1826, houve um alarma tremendo, que ululou por todos os corredores do velho Paço: os aulicos contorciam-se, pavidos de espanto,

O Imperador rugiu --- transido de raiva. O Chalaça rememorou o modo, pelo qual seu augusto amo deu cabo do ministerio Andrada e da inoffensiva Assembléa Constituinte, --- esse estreito theatro, onde retumbavam os brados da estrepitosa rhetorica de Antonio Carlos; onde obscurecia-se a silenciosa hypocrisia de José Bonifacio; onde salientavam-se as travessuras de Montesuma, que promettia ser um grande e illustre parlamentar; onde vibrava --- solemne e graciosa --- a voz argentina do marquez de Abrantes. O Imperador não hesitava em dar a mesma sorte á nova Assembléa facciosa de 1826.

Notavam-se neste Parlamento a energica e expressiva catadura do tonsurado Feijó; a serena severidade de Vergueiro; a meditação calculada de Abaeté; a discreta reserva do futuro regente marquez de Olinda.

Finalmente no meio de todas estas figuras desapparecidas, arrastava-se o mais poderoso e fecundo espirito de

(1) Elle proprio o disse: são suas estas palavras --- «Os ultimos mal creados da familia de Bragança» seremos nós --- eu e o mano Miguel, cuidou muito na educação dos filhos.

estadista, que o Brazil ainda teve --- Bernardo Pereira de Vasconcellos, que tudo movia, dirigia e inspirava.

D. Pedro I, era valente, temerario e resolutivo. Já queria tomar as botas e montar a cavallo. Alguns generaes e coroneis presentes asseguraram-lhe que o exercito era inteiramente dedicado a s. magestade.

A questão parecia ter de liquidar-se a ponta de espada e a golpes de baionetas --- eis sinão quando certo conselheiro, notavel pelo saber e bom conselho, avisinhando-se do Imperador, tentou dissuadir-o da reloucada empreza e ponderou-lhe que --- era mais habil e mais proficuo uma estrategia á moda de Machiavel, do que uma fanha do genero do *Brumario* de Bonaparte.

D. Pedro acalmou-se, escutou e reflectiu alguns momentos.

O conselheiro acoroçou-o a persistir no terreno da moderação, não se atrevendo a dizer-lhe que não tinha razão.

.....

D. Pedro --- si não dispunha da sabedoria, adquirida nas paginas dos livros, possuia, comtudo, certo talento de intuição e comprehendeu das palavras do sincero e benemerito conselheiro --- que lhe estava preparado um reinado de luctas, cujo desenlace não podia prevêr.

Acceitando o conselho, procurou, com geito e fina manha, contornear a difficuldade e inspirou ao ministro --- visconde de S. Leopoldo, aquella resposta contradictoria, de quem, ao mesmo tempo, julga-se ter poder para recusar, e generosidade para ceder.

A Camara, todavia, não ficou satisfeita. Na sessão seguinte Vergueiro, deputado de S. Paulo, agita de novo a questão com a seguinte indicação: --- «Não podendo esta camara tomar deliberação sobre muitos objectos, que nella se têm proposto, sem conhecer o estado actual dos negocios, requeiro que se lembre ao governo a necessidade que ha do relatorio, que cada um dos ministros deve dar do estado de sua repartição.» (2)

Ficamos admirados de vêr que taes discussões fossem travadas no recinto da Camara e sustentadas pelo governo nas communições officiaes. E' por demais natural e simples a nossa admiração --- pois que não reflectimos que a liberdade politica travou e ainda sustenta uma lucta, que parece eterna. O grito das victimas, echôa através dos seculos, --- desde as primitivas sociedades até ás nossas, já exhaustas de fé e de coragem. O poder e a liberdade dos povos, rarissimas vezes, convivem harmonicamente; um pretende supplantar ou destruir o outro.

Não se desconhece a eterna lucta ---

que começou desde os arrebóes da civilização, e quem sabe quando terminará --- reaparecer na Assembleia de 1826.

Ouvi de muitos contemporaneos competentes a narração de varias circumstancias, que serão convenientes e proveitosas á historia do governo parlamentar, quando tivermos historiadores, que encarem esses assumptos com a patriotica solicitude d'um barão de Barante e Duvergier, em França, ou de Cornwall Lewis e Esch May, na Inglaterra.

A Camara voltou á carga e o governo está empregando meios para subtrahir-se ao jugo, que lhe quer impôr a soberania nacional. A controversia continúa interessante sob o ponto de vista da historia parlamentar. Não sei, porém, se me sobrarão lazer, vontade e paciencia, para narrar e expô-la aos nossos leitores.

EUNAPIO DEIRÓ.

## A PROVA

### III

No emtanto, depois dessa brusca despedida, o fidalgo não se sentira ainda com animo para empregar a sua penosa viagem, aguardando que no decorrer da semana mais as suas melhoras se accentuassem e mais forte se lhe tornasse o corpo abatido.

Agora, retomando antigos habitos, todas as manhãs levantava-se, mal o sol despontava, e esparecia a sua tristeza pelas desertas galerias do castello, embebendo o olhar ao oiro novo dos trigaes maduros e no verde negro dos pinheiros, e aspirava com a frescura da brisa marinha o delicioso perfume das giestas, cujos ramos, inclinados ao pezo das flores, osculavam e perfumavam as suas janellas.

Com a saúde parecia tornar-lhe a tranquillidade ao espirito. Não mostrava já constrangimento nem rispidez no modo de tratar a esposa, nem lhe prohibira os costumados passeios ao parque ou á praia, pela hora doce da tarde. Jamais tambem lhe dissera o motivo que o levou a bruscamente dispensar as visitas do medico, nem até uma só vez se referira a essa insolita scena, nem ás flores que fizeram inflammam no seu peito o desespero.

E como Marina não deixasse transparecer desapontamento ou tristeza pela despedida do medico, já ao coração de Torquato volvera o fervor da paixão e quasi de todo pareciam olvidados os seus projectos de vingança: o amor obscurecia-lhe os sombrios sentimentos, como por cima de lodo cresce a relva fina e tenra e desabrocham alvos nenuphars.

Assim, Marina não deixava de aproveitar essas horas de liberdade, que

eram as unicas de que podia gosar. E foi na tranquillidade e frescura de uma dessas tardes que, dirigindo os seus passos despreocupados até a praia, avistou, caminhando vagarosamente para o lugar onde elle estava, como se despreocupado tambem estivesse, aquelle por quem tão saudosamente o peito lhe palpitava.

Na emoção que lhe causára essa surpresa, sentiu o coração opprimir-se e pelo seu rosto passou a sensação de uma onda de sangue que o percorresse.

Logo concluiu que o medico estava alli por sua causa: soubéra certamente que ella costumava sahir á tarde, sózinha, e esperava-a, com o fim talvez de lhe dirigir uma declaração, depois que pela expressão do seu olhar sabia-a apaixonada por elle... Ah! mas enganara-se o joven, suppondo-a susceptivel de deixar-se conquistar como uma mulher facil!. E foi com simulada frieza que o recebeu. Elle desculpou-se de estar alli, áquella hora, junto a dominios do castello; vinha de visitar um doente á aldêa, e não resistia ao desejo de vel-a, tão viva lhe pairava no espirito a sua imagem...

No enleio em que ella ficou dessas palavras, as suas faces de novo tingiram-se de um leve rubor que mais as revestia de encanto. Era a primeira vez que ouvia phrases quasi de amor, que lhe eram dirigidas; de resto, já as esperava por essa argucia que é innata na mulher.

Pela primeira vez na sua existencia sem emoções, ella se via a sós com um extranho, que era, além disso, joven e bello e por quem o seu coração, num augusto enlevo, nesse momento se agitava. Lembrou-se que o fidalgo podia vir a saber d'esse encontro e teve vontade de despedir-se e voltar immediatamente para o castello... Deixou-se no emtanto ficar. Na presença do medico, nos traços da sua physionomia sympathica, nas palavras que lhe dirigia, havia tanto attractivo e encanto, que não teve coragem para furtar-se ao intenso prazer de ouvir da pessoa a quem amava, phrases de tão expressivo sentimento. Além disso, tão segura estava da sua propria virtude, como se uma muralha os separasse.

Como ella se conservára calada, elle falou-lhe d'outros assumptos, referiu-se ao mar, que passára o dia todo embravecido e apenas palpitava agora na sua coberta azul, como si estivesse extenuado:

—Gosta do mar? Eu amo-o, porque elle se parece pela sua grandesa, pelas suas rapidas mudanças e pelos seus arrebatamentos, a um coração ardentemente apaixonado.

Ella sorriu da comparação, cujo sentido comprehendera, e respondeu:

—Sim, o senhor ama-o, porque elle se parece com o coração dos homens na audacia e na inconstancia. Mal roça-

(2) Annaes—de 1826—vol 2º, pag 84.

lhe o fremito d'uma briza que vem de muito longe, já toda a sua superficie se agita; mas no fundo é sempre o mesmo...

Elle ficou surprehendido da promptidão e malicia da resposta: não julgára nunca que ella tivesse tanta vivacidade de espirito. Ella sentia-se agora mais á vontade, passada a impressão do encontro.

A tarde começava a cahir. O sol agonisante feria as vidraças do solar, que brilhavam por entre a folhagem da devêsa, como diamantes de uma joia antiga. O mar e o céu quasi se confundiam ao longe, na linha indefinida do horisonte. A costa estava deserta a essa hora; mas a pouca distancia, uma embarcação pequena de pesca singrava a placidez das aguas. Ella volveu o olhar nessa direcção. E já os homens colhiam as vellas e lançavam os remos, quando o medico, receiando que esse incidente desviasse para outro assumpto a sua conversação, ou que alguém viesse perturbal-os no suave isolamento d'esse encontro, rebuscou na exaltada imaginação uma phrase, um vocabulo, que reatasse o assumpto interrompido. E nem uma palavra occorreu-lhe ao espirito: o desejo sensual produz d'essas perturbações: ao passo que sensibilisa as cousas materiaes, dando-lhes uma alma apparente e bellezas que não possuem, materialisa os sentimentos mais subtis e mais delicados.

Ella então disse:

—São horas de eu voltar.

Mas não se despediu logo, fitando o joven, como se lhe faltasse coragem para deixar a sua fascinante companhia. E esperando talvez que elle lhe dissesse mais alguma cousa, deixou-se inconscientemente prender ao seu olhar que a attrahia e envolvia.

Segurando na mão com que ella segurava o vestido, elle murmurou muito baixo:

—Marina.

Ella ficou nm momento confusa; procurou em seguida desprender-se dessa mão, cujo contacto causára no seu corpo um doce estremecimento.

—Deixe-me, por favor!

E foi com tanta energia que proferiu essas palavras, que elle logo a soltou, mais confuso ainda.

—Eu amo-a loucamente... ajuntou, tremendo-lhe a voz.

Ella sorriu com desdenhosa superioridade: não acreditava nessa paixão que jamais se declarára num gesto ou num olhar, se não depois que ella tinha expressado, de modo positivo, o amor que lhe votava.

—A sua paixão, doutor, é como a de todos os homens: basta que elles imaginem ter despertado um sentimento de sympathia no coração duma mulher, para se julgarem já os seus possuidores.

O joven, suspirando, murmurou então:

—Que prova quer que eu lhe dê da minha sinceridade?

No seu olhar uma grande tristeza se desenhava. Ella respondeu com energia:

—Nenhuma. Só ha uma prova justificavel em amor: é a que se dá sem anticipada intenção, no momento opportuno. Não a nota quem a dá; percebe-a, no emtanto, quem a recebe...

A sombra do crepusculo ia envolvendo aos poucos todas as cousas. Os objectos mais distantes perdiam as linhas mais agudas, confundiam as suas côres.

Da embarcação haviam já saltado os pescadores, e um delles, que tinha brancas as barbas e um rosto alegre e corado, aproximára-se, sorrindo:

—Vvs. exs., ao que vejo, são os novos donos do castello.

E logo, com a franqueza que caracteriza os homens do mar, lhes falou do solar e do seu ultimo proprietario, fidalgo irascivel e cruel, que elle conhecêra. Na aldêa espalhára-se — quando inesperadamente as janellas do castello se reabriram depois de vinte annos e operarios alçaram nas velhas paredes as suas compridas escadas — que todo o solar, com as vastas terras que lhe pertenciam, fôra vendido a nobres e ricos senhores, que magnificamente o transformariam em deliciosa morada...

Isto disse-lhes o velho, sorrindo e tomando-os pelos novos proprietarios. Marina não o tirou dessa persuasão, curiosa de conhecer algum traço da vida do fidalgo, que ella de todo ignorava. E como lhe perguntasse que crueldade commettêra o fidalgo, para ser taxado de cruel, elle narrou esse caso caracteristico e extranho da sua historia.

—Um dia um joven morgado, primo da fidalga e que tinha perdido a mãe mezes antes, para suavisar a tristeza do luto, viera passar algum tempo ao castello. Tinham os dois jovens a mesma idade e rivalisavam em formosura. Murmurava-se que se amavam e sabendo que Torquato era ciumento e perverso, não fizeram caso do seu ciúme e perversidade.

Neste ponto, Marina interrompeu o velho, exclamando num entresonho:

—Ah! como eu comprehendo um amor assim!

—Uma noite, entretanto, ventosa e fria, em que as estrellas eram mais brilhantes, houve quem visse dois vultos passar, pelo lado do mar, conversando e fumando... Mas logo em seguida um delles voltou apressadamente, refugiando-se no castello, por uma porta de que só Torquato tinha a chave. No dia seguinte não se viu nem fidalga nem mancebo. A fidalga encerrára-se nos seus aposentos, donde nunca mais sahiu nem mais abriu o

postigo de uma janella, pelo espaço de um anno, que tão longe foi ainda a sua existencia. O mancebo foi encontrado morto, no fundo escuro dum fosso, formado por duas grandes pedras, e tendo no peito cravado um punhal. E como o fidalgo não o procurasse, nem se referisse nunca ao seu desaparecimento, nem mais se dirigisse para aquellos lados do parque — o corpo do morgado lá ficou até que os corvos o descobriam e devoraram, — e lá se encontra ainda parte do esqueleto que o tempo não consumiu, com o punhal atravessado...

Quando o velho acabou de contar-lhes esse caso, o medico tinha o rosto pallido como se fôsse de cêra. Não imaginára nunca que o coração do fidalgo abrigasse tão grande perversidade. Elle mesmo que o sabia vingativo e ciumento, não o julgára nunca capaz de tão perfida e sinistra vingança!...

Depois de um momento de silencio, Marina perguntou:

—Póde-se ir a esse lugar? Eu desejava vel-o...

O velho marinheiro indicou-lhes o caminho a tomar.

Em seguida, dirigindo-se ao medico, ella accrescentou:

—Quer acompanhar-me, doutor?

—Com todo o prazer.

Para se dirigirem ao lugar indicado, tomaram por um atalho que álamos ensombravam. Para os lados viam-se os restos dum jardim antigo. O sangue fresco das papoulas salpicava a relva.

Já o sol se sumia no horisonte e uma larga faixa de ouro inundava o céu desse lado, quando chegaram aos rochedos. Apoiando-se no braço do medico, Marina subiu um declive que ia ter ao ponto designado pelo velho, onde logo avistaram entre duas grandes pedras, uma gargante negra como um abysmo. Segurando-se então nas pedras e inclinando os rostos, que chegaram a tocar-se, começaram aos poucos a perceber, sobre um fundo mais negro que azeviche, uma fórma esbranquiçada — alguma cousa de semelhante a um esqueleto, cujo craneo se tinha já separado e rolára para o lado, e no logar do coração, entre duas vertebraes, o cabo dum punhal que tambem pendêra para um lado...

Ella perguntou:

—Vê alguma cousa, doutor?

—Sim, vejo...

A sua voz era entrecortada. Ella estava apparentemente calma: as mulheres com muito mais facilidade que os homens escondem as emoções...

Então, como se proseguisse uma phrase interrompida, ella disse:

—No emtanto, meu caro doutor, ha uma attenuante para os conquistadores: é quando elles amam, de facto! Mas o amor é um sentimento tão antigo e tão distanciado dos nossos cos-

tumes, que é hoje mais difficil de ser encontrado que o fossil dum megatherio. Actualmente limitam-se os homens a fazer promessas de affrontar perigos ou vencer sacrificios, mas em chegando ao momento da prova, quando ella custa sacrificio ou perigo, quasi nunca a realisam. E as pobres mulheres satisfazem-se com as apparencias.

Distrahidamente, quando se debruçára, ella tinha descansado uma das mãos sobre a delle, e não a retirára. O suave contacto dessa mão, de que debalde elle tentára apoderar-se ha pouco e que agora se lhe abandonava

por inexplicavel descuido, e onde o aro de uma alliança refulgia—causava-lhe em todo o corpo uma extranha sensação de volupia e de terror...

Marina fitava-o com o olhar amortecido; elle passou-lhe um braço pela cintura. Ella não resistiu, apenas murmurando:

— Não teme que meu marido nos veja?

— Eu a defenderia até a morte.

E todo o receio do medico expirou diante da languida expressão que tomou o rosto de Marina, esse rosto de linhas tão suaves, quasi infantil, onde os traços incertos da adolescen-

cia se não tinham ainda de todo apagado, sob a graça e o frescor primaveril da mocidade.

De dia, sob a influencia da luz, a sua belleza extasiava; mas o crepusculo, envolvendo-a num tenue manto que lhe velava as fórmas, sem as prejudicar, transformava-a em deusa pagã.

No occidente, uma nuvem escura abafou de todo a agonia do sol. E ella, ante essa prova de que elle a amava, docemente entregou-se aos seus braços, fechando os olhos.

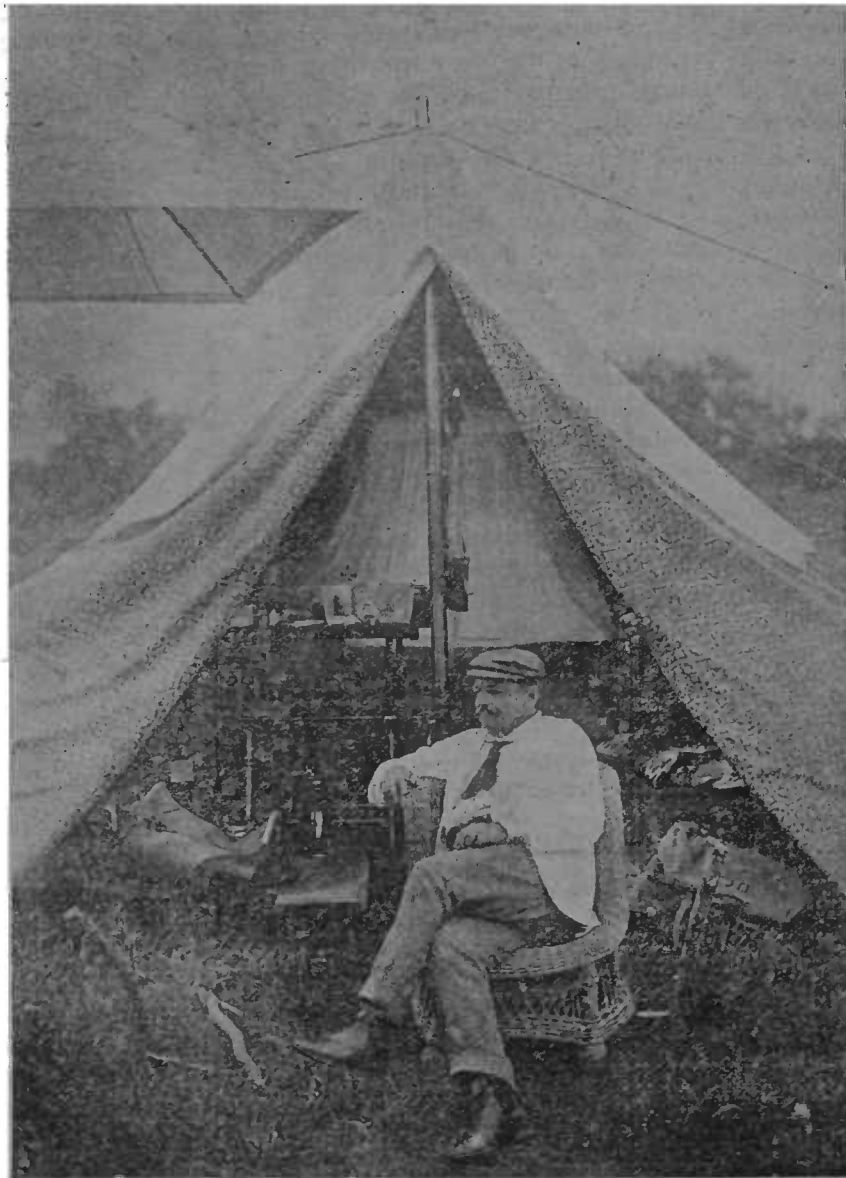
ANFILOQUIO MARQUES.

## UM LITIGIO SECULAR

A fronteira entre o Brazil e a Republica Argentina estende-se da barra do Quarahim, no Uruguay, á foz do Iguassú, no Paraná, formando trez secções: 1ª, subindo, para o norte, o Uruguay até á foz do Peperyguaçu na sua margem direita; 2ª, subindo este rio até á sua nascente principal, desta pelo mais alto do terreno até encontrar a origem mais proxima do S. Antonio, e descendo este até á sua foz no Iguassú; 3ª, descendo o curso deste, até á foz no Paraná.

As corôas de Portugal e Hespanha para deimirem as duvidas suscitadas pela nunca respeitada linha de limites de suas possessões na America do Sul, a linha de demarcação, concedida em 4 de Maio de 1493 pelo papa Alexandre VI e modificada pelo tratado de Tordesillas, de 7 de Junho de 1494, approvedo pela bulla de Julio II, de 24 de Janeiro de 1506, consistindo num meridiano, que passaria 370 leguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, celebraram o tratado de Madrid, de 13 de janeiro de 1750, no qual foi fixada a extensa linha que partia de Castilhos Grandes, perto da foz do Rio da Prata, ao norte do Amazonas e da linha equinoxial.

Este tratado suscitou grave opposição nos dois paizes, principalmente por parte dos jesuitas de missões e do Paraguay, e sómente depois de batidos os Guaranyes, em 10 de Fevereiro de 1856 na batalha de Caaibaté, começou em 1759 a demarcação que determinou como lindeiros, de accordo com o art. 5º do tratado, os rios Peperyguaçu e S. Antonio.



As operações dos demarcadores da fronteira do norte não foram iniciadas em consequencia dos embarços, que os missionarios hespanhóes e portuguezes do Orenoco e do Pará oppuzeram aos demarcadores.

O tratado de 1750 foi annullado pelo assignado no Pardo, a 12 de Fevereiro de 1761, sobrevindo a guerra entre as duas potencias, terminada pelo tratado de paz celebrado em Paris, a 10 de Fevereiro de 1763. Em 1º de Outubro de 1777, foi celebrado o tratado de S. Ildefonso, que, no art. 8º ratificou, a linha da segunda secção, de accordo com os trabalhos dos demarcadores de 1759.

Os executores do tratado de 1777 suscitaram duvidas ácerca do verdadeiro Peperyguaçu e S. Antonio, pretendendo que os demarcadores de 1759 haviam commettido grave erro, e que esses rios ficavam mais ao norte, sendo os que são actualmente conhecidos pelos nomes de Chapecó e Chopim ou Jangada que, depois se verificou ser o San Antonio-guazu de Oyarvide.

Essa duvida não foi derimida pelas metropoles.

Em 14 de Dezembro de 1857, o Brazil e Argentina concluíram esse tratado na cidade do Paraná, reconhecendo e adoptando, no art. 2º, a fronteira dos rios dos demarcadores de 1759; esse tratado, approvedo pelo Congresso Argentino, não foi ratificado.

Pelo tratado de 28 de Setembro de 1885, os dois governos concordaram em explorar o territorio contestado por uma commissão da qual fizeram parte, como representantes do Brazil, o bárão de Capanema, almirante Guillobel e general Dionysio Cerqueira, cujas operações começaram em 1887, e terminaram em 1889.

Em 7 de Setembro de 1889, foi concluido o tratado de Buenos Aires submettendo o litigio a arbitramento, que prevaleceu em consequencia de não ser approvedo pelo Congresso brasileiro o tratado celebrado em Montevideo a 26 de Janeiro de 1890, dividindo entre as duas partes, o territorio de Palmas.

Essa contenda secular terminou com a sentença do presidente Cleveland, em favor do Brazil.

Nesses precedentes, indicados a largo traço, se resume a accidentada historia daquelle trecho da fronteira.

O general Dionysio Cerqueira, que a nossa gravura representa na sua barraca do acampamento da foz do Qua-

rahim, figurou nas phases mais notaveis da controversia: como explorador do territorio contestado em 1887; como ministro plenipotenciario na missão especial que teve como chefe o illustre barão do Rio Branco, em Washington; como ministro das relações exteriores no tratado de execução do laudo arbitral e demarcação de toda a fronteira, e como chefe da commissão que acaba de demarcal-a com um exito sem precedente na historia dos nossos limites.

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO  
DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1.<sup>a</sup>

CAPITULO III

7. O illustre dr. José Faustino tratou das quantidades negativas em um trabalho que escreveu em 1889, a titulo de lição, e que foi depois publicado. Tomaremos este trabalho nos pontos que mais nos interessam, com o fim de mostrar a anomalia de serem os negativos uma coisa no dominio concreto e outra no dominio abstracto. A' pagina 10 desta obra se lê:

### ORIGEM DAS QUANTIDADES NEGATIVAS

« Foi na Arithmetica, tratando-se da subtracção dos numeros inteiros, que vimos surgir pela primeira vez as quantidades affectadas do signal —, as quaes receberam o nome de negativas, afim de differencal-as das outras affectadas do signal +, ás quaes deo-se o nome de positivas.

Analysemos esta operação da Arithmetica, porque foi de sua interpretação que se originou o erro dos antigos.

Tem por fim esta operação, conforme rezam os compendios « determinar o resto, excesso ou differença entre dois numeros » chamados: *diminuendo* (numero que tem de ser diminuido) e *diminuidor* ou *subtrahendo* (que marca o quanto se tem de subtrahir ou diminuir no outro) e chamam-se aos dois conjunctamente *termos de subtracção*.

Consideremos esta definição com referencia a cada um dos vocabulos *resto, excesso* ou *differença*, os quaes com quanto synonymos têm suas accepções peculiares.

Vejamos com referencia ao primeiro:

Resto de uma coisa é, sem duvida, aquillo que fica restando quando se tira uma porção qualquer dessa mesma coisa. Portanto, determinar o resto entre dois numeros, *diminuendo* e *subtrahendo*, significa tirar do primeiro uma parte igual ao segundo e vêr qual é a porção que fica restando; corresponde isto a separar no *diminuendo* duas partes de modo que uma seja igual ao *subtrahendo*, sendo a outra portanto o *resto*.

Resulta deste raciocinio o seguinte methodo natural e espontaneo para praticar-se esta operação: « tira-se do *diminuendo* tantas unidades quantas compõem o *subtrahendo* e as que sobram constituirão o *resto*. »

Portanto para acharmos o resto

entre o *diminuendo* 8 e o *subtrahendo* 5, ter-se-ha de tirar do *diminuendo* 8 cada uma das unidades que compõem o *subtrahendo* 5; assim tirando de 8 uma unidade ficam 7, tirando-se outra ficam 6, tirando-se outra ficam 5, tirando-se outra ficam 4, finalmente tirando-se outra ficam 3, que é portanto o que fica restando ou o *resto*.

Equivale isto a separar no 8 duas partes, uma igual a 5 que se tem de tirar e a outra que será o *resto*; assim fazendo ter-se-ha:

$$8 - 5 = 5 + 3 - 5 = + 3$$

Si o *diminuendo* e o *subtrahendo* forem iguaes, seguindo-se o mesmo methodo, ter-se-ha para *resto* zero, isto é, nada restará; e a operação indicarse-ha do seguinte modo:  $+ 5 - 5 = 0$ .

Si, porém, for o *diminuendo* menor que o *subtrahendo*, tornar-se-ha incomprehensivel por absurda a definição que analysamos e inteiramente impraticavel o methodo espontaneo que della decorre, pois que tendo-se de tirar do primeiro uma parte igual ao segundo, não se o pode fazer por ser impossivel tirar-se de um todo mais do que elle contem, ou ainda separar-se nelle uma parte maior do que elle proprio. Corresponde isto a pretender-se possuir o que não existe; é a mesma exigencia de uma criança que quer forçosamente mais queijo, tendo-se acabado o queijo, ou que exige duas laranjas quando só existe uma.

Vejamos pois como se deve praticar e entender esta pretendida operação, que o bom senso claramente manifesta ser impossivel e como deve ser interpretado o seu resultado.

Seja 5 o nosso *diminuendo* e 8 o *subtrahendo*. Seguindo-se o mesmo methodo espontaneo anteriormente exposto, ter-se-hia que tirar do *diminuendo* 5 cada uma das unidades do *subtrahendo* 8; acontece porém que tiradas as 5 unidades nada mais existe ficando entretanto faltando tirar-se ainda tres unidades.

Longe pois de dar-se a um tal resultado e nome de resto, que é aquillo que sobra de um todo donde se tirou uma certa porção, deve-se-lhe chamar desfalque, para exprimir que faltando tirar-se ainda alguma coisa, já não ha mais de onde se tire por se ter esgotado o mesmo todo, que assim estava desfalcado, isto é, não era tanto quanto se pretendia que o fosse.

Não ha duvida alguma que esse numero de unidades que falta tirar-se, é um resto, mas não do *diminuendo* e sim do *subtrahendo*, pois não foi o *diminuendo* que por esta fórmula ficou separado em duas partes, uma igual ao *subtrahendo*, e a outra determinando o *resto*; ao contrario, foi o *subtrahendo* que ficou decomposto em duas partes, uma que se tirou do *diminuendo* e igual a este, e a outra indicando quanto ficou faltando tirar; parte esta que portanto, deve permanecer affectada do mesmo signal indicativo do todo de que fazia parte, isto é, do signal (—) para que assim fique indicada qual a operação que se teria ainda de praticar, caso fosse possivel continual-a.

Eis o calculo correspondente ao raciocinio que acabamos de fazer:

$$5 - 8 = 5 - 5 - 3 = - 3$$

Do exposto se vê que houve completa inversão de papeis, servindo o *subtrahendo* de *diminuendo* e o *diminuendo* de *subtrahendo*; assim como invertido foi o sentido do resultado que, em vez de ter sido um excesso do di-

*minuendo* sobre o *subtrahendo*, foi ao contrario um excesso deste sobre aquelle, isto é, em vez de um *resto* ou sobra, encontra-se um desfalque do *diminuendo*.

Ora, essa inversão de papeis entre os dois termos da subtracção, que redundou em correspondente inversão ou opposição de sentido do resultado, que em vez de *resto* foi *desfalque*, precisa ficar por qualquer fórmula assignalada, afim de que em todo o tempo se saiba a qual dos dois termos pertence o *resto*, isto é, em qual dos dois é que houve a sobra relativa de um sobre o outro; e nenhum signal melhor se presta para isso do que o proprio signal que por convenção é anteposto ao *subtrahendo* e que portanto deve permanecer anteposto á parte delle que ainda faltou tirar-se do *diminuendo*, por se ter este esgotado.

Eis ahi pois uma dupla significação do signal (—) collocado antes de qualquer quantidade: indicar uma subtracção que não foi completada por se ter esgotado o *diminuendo*, e ao mesmo tempo a inversão de papeis entre os dois termos, e consequente opposição de sentido do resultado que, em vez de um *resto* é um *desfalque*.

Longe pois de servir o signal (—) para designar uma quantidade menor do que zero, o que seria absurdo, serve para designar a parte restante entre duas quantidades que foram comparadas, mas tendo sido tomadas em sentido contrario do indicado pela definição: isto é, em vez de indicar um *resto* (excesso do *diminuendo* sobre o *subtrahendo*), indica um *desfalque* (excesso do *subtrahendo* sobre o *diminuendo*). Assim o signal + anteposto a qualquer quantidade indica uma sobra ou *resto*, e o signal — indica uma falta ou *desfalque*.

Mas para que a definição possa ser applicavel a todos os casos será preciso modificál-a do seguinte modo: « Subtracção é a operação que tem por fim determinar o *resto* ou o *desfalque* entre dois numeros chamados: o primeiro *diminuendo* e o segundo *subtrahendo*.

Passemos a examinar agora a mesma operação tendo em vista a definição referente ao vocabulo *excesso*: « A subtracção é a operação que tem por fim determinar o *excesso* de um numero chamado *diminuendo*, sobre outro chamado *subtrahendo*. »

Desta definição decorrem naturalmente dois novos methodos espontaneos para chegar-se ao resultado, os quaes consistem: o primeiro em fazer-se decrescer o *diminuendo* até tornal-o igual ao *subtrahendo*; e o segundo, ao contrario, em fazer-se augmentar o *subtrahendo* até igualal-o ao *diminuendo*.

Pelo primeiro ficará determinado quanto havia de *excesso* no *diminuendo* sobre o *subtrahendo*; e pelo segundo qual o desfalque do *subtrahendo* ante o *diminuendo*; excesso e desfalque estes, sem duvida iguaes porque o que sobra num é justamente quanto deve faltar no outro, para que fossem iguaes (1)

Vejamos agora o caso em que o *diminuendo* é menor do que o *subtrahendo*; e sejam ainda 5 o *diminuendo* e 8 o *subtrahendo*.

Incomprehensivel e absurda tor-

(1) Em seguida o autor toma dois casos: 1º minuendo, subtrahendo; 2º minuendo = subtrahendo, que não transcrevemos por não ser preciso.

na-se ainda a mesma definição, pois que, exigindo ella que se determine o excesso do *diminuendo* sobre o *subtrahendo*, é isto impossivel porque, ao contrario, o *subtrahendo* é que excede ao *diminuendo*.

E nenhum dos dois methodos espontaneos decorridos desta definição pode ser applicado ao caso vertente; pois consistindo o primeiro em fazer decrescer o *diminuendo* para igualal-o ao *subtrahendo*, será isto impossivel porque o *diminuendo* já sendo menor que o *subtrahendo* só poderá igualal-o augmentando e não diminuindo; do mesmo modo será impossivel applicar o segundo methodo, que consiste em augmentar o *subtrahendo* para tornal-o igual ao *diminuendo*, pois que, já sendo aquelle maior do que este, só poderá igualal-o decrescendo e nunca augmentando.

Para chegar-se ao resultado, pois, será necessario ainda inverterem-se os papeis dos dois termos, passando o *diminuendo* a ser *subtrahendo*, e o *subtrahendo* a ser *diminuendo*; tornando-se então applicaveis os dois methodos acima explicados.

Necessario pois torna-se o emprego de um signal qualquer que denuncie esta inversão dos dois termos da subtracção, e bem assim a consequente inversão de sentido do resultado que, em vez de ser um excesso do *diminuendo* sobre o *subtrahendo*, é ao contrario um excesso deste sobre aquelle, isto é, um *desfalque* do *diminuendo* em vez de um *excesso*.

E nenhum signal se presta melhor para isto, como já vimos, do que o proprio signal da subtracção, que indicará ao mesmo tempo qual a operação donde proveio aquelle resultado, operação que teria de ser continuada caso fosse maior o *diminuendo*.

Necessario tambem se torna modificar a definição no intuito de tornal-a applicavel a todos os casos, quer o *diminuendo* seja maior, igual ou menor que o *subtrahendo*, não devendo ella de modo algum dar a perceber nada sobre o tamanho relativo dos dois termos da subtracção.

Assim, não será conveniente empregar-se na definição os vocabulos *resto* e *excesso* porque dão a perceber por sua significação, ser o *diminuendo* maior que o *subtrahendo*; e bem assim o vocabulo *desfalque* que exprime, por sua vez, ser o *diminuendo* menor que o *subtrahendo*.

Será pois preferivel o vocabulo *diferença*, que significando aquillo em que duas cousas differem, de modo algum revela qual das duas contém ou deixa de conter o predicado que constitue essa diferença; podendo pois servir perfeitamente, quer para o caso do *diminuendo* maior, quer menor, do que o *subtrahendo*, e até para o caso de serem iguaes, pois, dizendo-se que *diferença* é zero, tem-se dito que não ha *diferença*.

A melhor definição portanto, será a seguinte:

« Subtracção é a operação que tem por fim determinar-se a *diferença* entre dous numeros chamados o primeiro *diminuendo* e o segundo *subtrahendo*. (1)

(1) Aqui faz o autor a seguinte nota: Do exposto se vê que não é bastante apropriada a denominação de *diminuendo* dada ao primeiro termo da subtracção, pois que, trazendo a idéa de quantidade a diminuir, dá a perceber ser esse termo maior do que o segundo (subtrahendo).

E por isso mesmo que o vocabulo *diferença* pode indistinctamente ser usado quer para o caso do *diminuendo* maior que o *subtrahendo* e quer para o em que seja menor, necessario se torna o emprego dum signal qualquer por meio do qual em todo o tempo se saiba, se foi uma ou a outra destas circumstancias que teve lugar.

E como a *diferença* é uma parcella do *diminuendo*, no caso de ser elle maior que o *subtrahendo*, deve continuar affectada do mesmo signal do todo de que fazia parte, isto é, do signal +; do mesmo modo sendo a *diferença* uma parte do *subtrahendo*, no caso em que este é maior que o *diminuendo*, deve permanecer com o mesmo signal convencionado para designar o subtrahendo, isto é, do signal —.

Portanto sempre que uma quantidade estiver affectada do signal + deve-se subentender que ella é um *resto*, isto é, o resultado de uma subtracção em que o *diminuendo* é maior do que o *subtrahendo*; e sempre que estiver uma quantidade affectada do signal (—) deve-se subentender a idéa opposta, isto é, que essa quantidade é um *desfalque* do *diminuendo* ante o *subtrahendo*, ou, o que é o mesmo, um excesso deste sobre aquelle.

Observemos agora que, neste detido estudo que acabamos de fazer da subtracção em seus diversos casos do *diminuendo* maior, igual, e menor que o *subtrahendo*, operamos sempre sobre numeros abstractos, jamais nos referindo á nenhuma especie particular de grandezas, e que portanto, são genericas, isto é, applicaveis a quaesquer grandezas, as conclusões a que chegamos.

Assim, qualquer que seja a especie de grandeza considerada, o signal + anteposto a ella indicará que ella é um excesso, e o signal — que é um desfalque (isto é, sempre uma opposição de sentidos, qualquer que seja a especie de grandeza de que se tratar) exprimindo por sua vez, o zero que não existe nem excesso, nem *diferença*.

Se por exemplo tratarmos de quantias á receber e á pagar, sendo as primeiras affectadas do signal +, as segundas terão o signal —, indicando então o zero que nada se têm á receber nem a pagar

si a quantidade affectada do signal + for uma força que impelle, indicará o signal — uma força que puxa, e o zero exprimirá a não existencia de força alguma quer empurrando e quer puxando...

Eis a maneira pittoresca pela qual o illustre Dr. Faustino comprehende e desenvolve a theoria dos negativos. E' na verdade uma theoria interessante; mas só pode ser aceita pela criança que forçosamente quer mais queijo quando já não ha mais queijo. Apezar do titulo desse trecho transcripto prometter nos dar a origem das quantidades negativas, as quaes, segundo o autor, surgiram na arithmetica da subtracção entre numeros inteiros, todos ficamos sabendo que os numeros positivos tambem surgiram da subtracção, e é por por isso que todo numero ou grandeza positiva significa um *resto*. Esta genese é na verdade interessante.

A conclusão a que chegou o illustre auctor, dando o vocabulo *diferença* como o que mais convém para caracterisar o fim da subtracção entre duas coisas, pelo motivo de não revelar qual dellas contém ou deixa de conter o predicado que constitue a *diferença*, é um destes assertos que escapam á critica mais acurada. O auctor accentuando

a impropriedade dos termos *resto*, *excesso* e *diminuendo*, em se tratando da subtracção, parece querer antes regeitar esses termos, é reformar a definição de subtracção, do que apresentar o modo pelo qual surgiu a noção de negativos. Na impossibilidade da applicação dos methodos naturaes ou espontaneos que decorrem da definição de subtracção, e apezar de incomprehensivel uma tal operação, no caso de ser o minuendo menor do que o subtrahendo, o citado autor conseguiu, entretanto, effectuar a operação isto é, remover a difficuldade criada pelo bom senso, invertendo os papeis dos termos da subtracção, o que dá em resultado passar o minuendo a ser subtrahendo, e vice-versa. Com este expediente, consegue a mathematica o que a razão repele e o resultado é um numero negativo!

Estes numeros são, portanto, oriundos de uma impossibilidade e de um artificio. Entretanto, si a impossibilidade em que se encontra o espirito para resolver uma subtracção, quando o subtrahendo é maior do que o minuendo, leva a se tomar este para subtrahendo e aquelle para minuendo, fica tambem evidente que os casos da subtracção só se podem reduzir a dois: 1º igualdade dos termos da subtracção; 2º superioridade do minuendo sobre o subtrahendo. No primeiro caso teremos um resto nullo, ou não teremos resto; no segundo teremos um resto positivo, que significa o *excesso* do minuendo sobre o subtrahendo ou a *diferença* entre este e aquelle. Tentando um terceiro caso—de subtracção—aquelle em que o subtrahendo é maior do que o *diminuendo*, o illustre auctor, se viu na contingencia de recahir no segundo caso aquelle em que o minuendo é maior do que o subtrahendo—, isto é, foi levado a considerar minuendo o que era subtrahendo, e vice-versa, mas não chegou a um resto, que devia marcar o *excesso* ou a *diferença* entre o numero que na verdade devia ser o minuendo e aquelle que verdadeiramente devia ser o subtrahendo. Achou, sim, um *desfalque* do seu minuendo ante o seu subtrahendo; mas, uma vez que foi obrigado a fazer aquella substituição, renunciou á these em questão por absurda, e reconheceu que só ha resto na subtracção quando se verifica o segundo caso. No seu terceiro caso não ha um resto positivo. Ora, se quem procura a *diferença* entre os numeros positivos + 5 e + 8, operação que se indica pela forma:

$$5 - 8$$

é levado pelo artificio a inverter os termos desta subtracção, e chega á conclusão de que só de 8 é que se póde tirar 5 o que se exprime pela forma:

$$8 - 5,$$

deveria chegar ao resultado + 3 e não ao *desfalque* — 3.

Mas o illustre autor chegou a este *desfalque*, porque para elle:

$$5 - 8 = 5 + (-8) = +(-5-3) = 5-5-3 = -3,$$

isto é, o autor citado admite o principio de que  $a - b = a + (-b)$ , que decorre de se considerar um negativo menor do que zero e tanto menor quanto fôr o seu valor absoluto. E' verdade que não sabe a origem de tal principio, tanto assim que o considera uma convenção, quando diz que o signal — é o convencionado para designar o *subtrahendo*. Em subtracção da forma  $5 - 8$  tanto o minuendo como o subtrahendo é positivo e o signal convencionado para designar o subtrahendo que é positivo é o signal +, servindo neste caso o signal — unicamente para designar a relação em que se acham os numeros 5 e 8, ou para indicar a operação que sobre elles se deve effectuar.

Já dissemos em outro capitulo que na hypothese que nos occupa a operação se effectua da seguinte forma:

$$5 - 8 = 5 - (5 + 3) = 5 - 5 - 3 = 0 - 3$$

no caso de se effectuar a operação como é



indicada, isto é, na hypothese de se querer tirar de um numero outro maior, o que dá no segundo membro da expressão final

$$5 - 8 = 0 - 3$$

um absurdo da mesma natureza que o encerrado no primeiro membro da expressão, ou na hypothese.

No caso de se inverterem os termos o que dá :

$$8 - 5$$

já dissemos que o resultado só pode ser da forma :

$$8 - 5 = 5 + 3 - 5 = + 3$$

Já dissemos também que, se feita a inversão dos termos da subtracção, o subtrahendo ainda conservar-se *negativo*, a operação só poderá ter a seguinte form :  
 $- 8 + 5 = - 8 + 5,$

isto é, nós teremos uma somma entre duas quantidades de signaes contrarios, que de accordo com o precu'sor da Synthese Subjectiva, só pode dar uma somma e não uma differença, isto é, o resultado daquella operação é igual ao numero que em valor absoluto representa a somma dos dois.

O recurso do *desfalque*, tão mal aplicado ao caso, e que, no dizer do auctor, é um *resto*, não do *diminuendo* e sim do *subtrahendo*, sendo motivado pela completa inversão dos termos da subtracção, deixa perfeitamente prever onde quer elle chegar. Visa na verdade a opposição de sentido de que muitas grandezas são susceptiveis, e é por isso que diz que foi *invertido o sentido do resultado*. Melhor suas idéas se accentuam quando claramente affirma, que operou sempre sobre numeros abstractos, no estudo que fez da subtracção, jamais se referindo a nenhuma especie particular de grandezas, e por isso se achava com o direito de dizer que si a quantidade affectada do signal + for uma força que impelle, o signal - indicará uma força que puxa. Mas si o numero negativo é um *desfalque*, a força negativa é uma força que *falta*, e não comprehendemos como uma tal força possa imprimir um movimento.

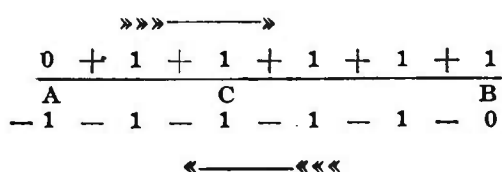
A taes absurdos devem chegar aquelles que, como o illustre professor, partem do abstracto para o concreto, e estabelecem uma theoria de numeros, apezar de quererem tornar as coisas tão claras, que examinando detidamente o melhor vocabulo que deva caracterisar o fim da subtracção sejam levados a modificar sua definição no intuito de tornal-a applicavel a todos os casos, não devendo ella de modo algum dar a perceber nada sobre o *tamanho relativo* dos termos da subtracção, subtracção que elles effectuaram sobre numeros abstractos.

2. Uma vez mostrada a maneira pela qual o dr. Faustino fez surgir os negativos, desde a arithmetica, da subtracção dos numeros inteiros, acompanhemos o illustre autor em suas idéas complementares. Diz elle, seguindo o trecho que acima transcrevemos :

« Para melhor comprehensão do que fica exposto procuremos representar geometricamente o resultado da subtracção em cada uma das tres hypotheses consideradas: do *diminuendo* maior, igual ou menor que o *subtrahendo*.

Seja a recta A B (fig. 1<sup>a</sup>) o nosso diminuendo; supponhamol-a composta de cinco unidades medidas sobre a dita recta á partir de A e na direcção de A para B, isto é, da esquerda para a direita, sendo portanto A o nosso ponto de partida ou *origem* e B o *extremo*.

Fig. 1



E' claro que esta recta deve ser representada pelo numero 5 affectado do signal +, por que foi formada pela *addição* successiva de unidades, á partir da origem até o extremo, pois é este o signal convencionado para indicar-se a *addição*.

Assim teremos

$$A B = 1 + 1 + 1 + 1 + 1 = + 5$$

Se agora partirmos do *extremo B* em direcção á *origem*, isto é, da direita para a esquerda, retrocedendo por tanto, e formos supprimindo cada uma das unidades ha pouco medidas, corresponderá isto á irmos subtrahindo successivamente da mesma recta cada uma de suas componentes unidades; e si pararmos no ponto C, distante de B tres unidades, corresponderá isto a termos subtrahida 3 das 5 unidades que compunhão a mesma recta.

Este numero 3 deverá pois ser affectado do signal - que é o convencionado para ser anteposto ao subtrahendo.

$$\text{Assim } B C = - 1 - 1 - 1 = - 3$$

E notemos de passagem que, estas 3 unidades affectadas do signal menos e que constituem o nosso *subtrahendo*, foram medidas á partir de B para A, isto é, em sentido contrario ás do *diminuendo* 5.

Feita esta suppressão ou subtracção, nota-se que ficou restando um segmento composto de duas unidades, tendo ainda a mesma *origem* A e cujo *extremo C* está ainda á direita da origem, isto é, na mesma direcção da recta A B da qual fazia parte o mesmo segmento, o qual portanto deve permanecer affectado do signal +.

Toda esta operação poderá ser assim representada :

$$A B - B C = A C + C B - B C = A C$$

Ou substituindo estes diversos segmentos por seus valores numericos :  
 $+ 5 - 3 = + 2 + 3 - 3 = + 2.$

Se agora continuarmos a mesma operação até termos supprimido também as duas unidades do segmento restante, chegaremos novamente ao ponto de partida ou origem e teremos :

$$A B - B A = 5 - 5 = 0$$

Do exposto se vê que, tomando-se sobre uma recta um ponto para origem e seguindo-se dahi em direcção a outro ponto considerado *extremo*; o resultado da medição, correspondendo a uma *addição* de unidades, deve ser representado pelo signal +; e ao contrario partindo-se do extremo em direcção á *origem*, deve-se representar o numero de unidades assim medidas affectado do signal -, porque o que justamente se faz é uma subtracção; e então a origem deve ser representada por zero, significando a extincção da recta ou grandeza considerada.

Notamos que, estando o ponto *extremo* collocado á direita da origem a medição da recta se fez da esquerda para a direita, e a subtracção em sentido contrario, isto é, da direita para a esquerda; si porém o ponto *extremo* estivesse a esquerda da origem, a medição da recta se faria da direita para a esquerda, e a subtracção da esquerda para a direita; em qualquer dos casos porém o primeiro resultado (quando se parte da origem para o *extremo* terá o signal + porque é uma *addição* de unidades) e o segundo (quando se parte do extremo para a origem) o signal - porque corresponde a uma subtracção; ficando assim a fixação destes signaes dependente de uma previa fixação de qual das duas ex-

tremidades da recta se considera origem e qual a escolhida para extremo; mas uma vez feita esta escolha não é mais permittido mudal-a, porque occasionaria completa inversão dos resultados.»

Eis na opinião do autor, como o principio cartesiano surge da subtracção, isto é, como as grandezas contadas a partir da origem são affectos do signal + e como as que partem do extremo são affectas do signal -.

Descartes não pensou em tal coisa e si tal pensasse não teria feito mais do que representar geometricamente a operação chamada subtracção, que muito antes delle já havia sido feita. E si tal pensasse, o seu principio seria enunciado da seguinte forma :

Si sobre uma recta fixa tomarmos dois pontos fixos, um chamado origem e outro extremo, as grandezas contadas da origem para o extremo serão positivas, si as contadas deste para aquella forem negativas, o que é na verdade muito differente do principio que enunciou para vencer a difficuldade que se lhe apresentou ao fundar sua Geometria.

O illustre autor que estudamos representou *geometricamente*, no seu dizer, os dois casos da subtracção, que já no dominio abstracto lhe fez surgir a noção de negativos, com a differença que neste dominio as quantidades affectas do signal + provinham de uma subtracção e significavam um *resto*, ao passo que geometricamente aquelle signal serve para representar o resultado de uma medição que corresponde a uma *addição* de unidades; da mesma maneira que os numeros negativos, provindo nos dois dominios da subtracção, representam no abstracto um *desfalque*, e no concreto uma subtracção.

Nota-se no trecho transcripto, que o autor apezar de ir preparando o espirito do leitor, para chegar a convicção de que os negativos significam geometricamente a opposição de sentidos, limita-se entretanto a caracterisar o *sentido contrario*, que define a subtracção, sem nunca falar no *sentido directamente opposto* que caracteriza os negativos, pelo que na verdade parece que só quiz representar geometricamente a subtracção. Suas idéas, porém ficarão melhor a descoberto quando tratarmos do caso da subtracção impossivel que representa também geometricamente.

Convem entretanto lembrar, que já o principio de Descartes é por elle invocado nos dois casos de subtracção que effectuou, de uma maneira, porém, bem diversa daquella pela qual o seu eminente autor o formulou. De facto, o dr. Faustino diz, na nota que termina o trecho acima, que é indifferente chamar-se positiva ou negativa a distancia que parte da origem para o extremo, ficando, entretanto, a fixação dos signaes + e - dependente de *prévia fixação de qual das duas extremidades da recta se considera origem e qual a escolhida para extremo, mas uma vez feita esta escolha, não é mais permittido mudal-a*. Bem diversa da concepção cartesiana, a concepção do autor é, entretanto, mais restricta, porque Descartes via a possibilidade de tomar-se para origem um ponto qualquer da recta, ao passo que o dr. Faustino só achou possivel considerar-se origem a extremidade da recta.

Quando o illustre dr. nota de passagem que as tres unidades affectadas do signal menos (no caso em que da recta cinco tirou a recta tres) e que constituem o subtrahendo, foram medidas á partir de B para A, isto é em sentido contrario ás do *diminuendo* 5, não fez applicação nem procurou interpretar o theorema de Descartes, porque apenas fez uma subtracção; mas quando em seguida dá a entender que tal operação leva ao mesmo theorema, e nota que ficou restando um segmento de duas unidades, tendo ainda a mesma origem A, e cujo *extremo C* está ainda á direita da origem, ensi-



ASSIGNATURAS  
 ANNO .. . . . 20\$000  
 SEMESTRE .. . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Um forte sopro de anarchia tresloucada se desencadeou em pavoroso tufão, alastrando a cidade de ruínas, de ensanguentados destróços de homens e coisas, vencendo os extraordinarios meios de resistencia, empregados pelo governo no cumprimento do dever de preservar a ordem publica.

Aos observadores levianos desses lamentaveis acontecimentos ocorre sempre a nota impressionista do espectáculo, que offerecemos ao estrangeiro, a triste figura de desordeiros, de mashorqueiros, de povo ainda não familiarizado aos processos da civilização, como se, no seio dos povos cultos, que blasonam de conductores do estandarte do progresso e do aperfeiçoamento da humanidade, se não repetissem, com mais frequencia, com mais ardor e maior brutalidade, essas explosões das massas, minadas pelo mal estar, que politiqueros, agitadores de todos os matizes, agindo nas altas camadas como nas baixas estratificações do sólo social, exploram em proveito de desvairamentos theoreticos, de utopias, de interesses partidarios que são os mesmos em toda a parte.

Nesta quadra de convulsionado presente, as velhas sociedades oscillam remexidas por gravissimas perturbações, desordens, morticinios, como o dos estudantes na Italia, dos reservistas na Russia, onde, ha pouco tempo, offereceu a policia, como espectáculo de sport, a mortandade de judeus, e as continuas agitações que as gréves occasionam no seio das multidões de operarios.

E aos observadores da selvageria dos povos cultos não occorre jamais a impressão da miseravel figura que elles fazem, dando um pernicioso exemplo aos povos inferiores, uma prova negativa do valor das conquistas civilisadoras aos paizes que se estão formando pelos moldes delles, copiando-lhes os costumes e as instituições.

Esse—que dirá o estrangeiro é deprimemente da nossa virtude, dos nossos sentimentos de povo moralizado e ordeiro; induz a crer que, se não formos alvo da censura exterior, nada valeriam esses actos de subversão que

denunciam estarmos soffrendo o contagio dos achaques das velhas nações decrepitas.

Em vez de nos preocuparmos com o juizo do estrangeiro, volvamos os nossos olhos para os factos, penetremo-lhes o âmago, procurando, na fição delles, o germen do mal e os meios prophylaticos de futuros desastres, porque esse movimento anarchico, qualificado pelo *Jornal do Commercio* — *verdadeiramente popular*, não explodiria em funestos effeitos ao simples pretexto da vaccina obrigatoria, se não existisse, de facto, no seio das massas, o sedimento de amargas decepções, os residuos de esperanças mortas e essa falta de fé, que obscurece e desorienta os espiritos mais vigorosos.

O nosso povo saú dum regimen de despotismo para um regimen de excessiva liberdade, que, desde a Independencia lhe aguçou os instinctos democraticos, vencedores na organização republicana. Seria, portanto, muito natural que fosse demasiado sensível ás restricções inesperadas ou ás deturpações dos principios da sua lei organica, e ao imperio dessa fraude despuadora, que desfigura, systematicamente, a soberania nacional. E todavia, comparações feitas e contas ajustadas nos archivos policiaes demonstram que somos o melhor, o mais governavel povo do mundo.

Essas explosões são esguichos de irritado despeito de povo que não vota, e somente occorrem aqui, no centro da civilização brasileira, que se destaca em duro contraste com o sublime aspecto das populações dos Estados, divididas em condemnados e eleitos, como os cabritos e as ovelhas do juizo final, os que comem e os que têm fome, soffrendo resignados o aviltante jugo de governadores ineptos.

Não perdoemos esses desvarios de crueldade inutil que são consequências naturaes da impunidade, num paiz, onde os crimes não inutilizam os homens; mas não calumniemos a excelente indole do povo, infeccionado de elementos máus, trazidos pelo enchurro da *immigração*, peritos constructores de barricadas, aguerridos em arruaças, sem idéaes, sem motivo, por simples amor á arte, ante os quaes foram impotentes os meios ordinarios de manutenção da ordem, apesar de confiadados a dois praticos abalisados, que, sabem comose fazem e se desmançam

revoltas, e, certamente, os menos proprios para darem ao povo exemplo do valor da sancção das leis, ou, como nos quintos actos de dramalhões, do castigo do vicio e premio da virtude.

\* \*

Os alumnos da Escola Militar deveriam estar desconfiados desses perfidos *bombons*, periodicamente fabricados no forno das conspirações. Ingenuos patriotas, basta dizer-lhes que são os baluartes da Republica, os conservadores do legado de Benjamin Constant e da memoria do Marechal de Ferro, para se atirarem de olhos fechados nas mais perigosas, nas mais absurdas aventuras.

Se esses rapazes impulsivos, valentes, tão valentes que, em um grupo de duzentos, repelliram forças muito superiores; se esses moços não têm justificação para essa reincidencia de rebeldia, não ha qualificativos bastante energicos para os seus desleaes alliciadores, que não tiveram a hombridade vulgar, o instinctivo impulso de brio para acompanhar as suas victimas ao extremo do sacrificio.

A atmospha de polvora e o ruído das balas não são muito agradaveis aos nervos bambeados nas inebriações dos applausos pelas victorias incruentas, ganhas a tiroteios de palavras e schrapnels de logares communs.

Se foram levados ao arriscado passo por convicções sinceras, pela defeza de um idéal, o dever delles estaria na vanguarda, que seria talvez o logar da morte; mas era, certamente, o posto da honra.

\* \*

O governo decretou o estado de sitio e não se lhe pode contestar a oportunidade da medida, para espremer, definitivamente, esses furunculos denuncia-dores de uma infecção do joven organismo da Republica.

E' de esperar que essa operação se execute sem violencias, sem excessos que machuquem; provoquem dôres e façam a doente gritar, perturbando a cura radical pela placida acção de medicamentos energicos.

Os amigos da paz, que são a grande maioria, devem confiar no criterio do governo.

EXTERIOR

*Oriente*

Da guerra russo-japoneza nos chegam amortecidos échos de escaramuças, algumas das quaes valem por batalhas, continuo duello de artilharia, e a attitudo ameaçadora dos adversarios, espreitando o momento da aggressão, enquanto o sudario de neve não envolve a ensanguentada região do Cha-Ho.

Assignala-se, todavia, uma importante operação — a marcha para o norte da ala direita do exercito de Kuroki, esse general lendario, cuja morte foi duas vezes affirmada pela imprensa moscovita, procurando atacar a esquerda do exercito do Csar, doze milhas a leste de Mukden.

O heroismo dos defensores de Porto Arthur, tão duramente provado, attinge ao paroxismo. Uma torpedeira evadida para levar noticias da praça, parece haver confirmado esperanças de resistencia, apesar dos estragos feitos pela artilharia dos sitiados e do ferimento do general Stoessel. Outra versão affirma que escassearam viveres e munições, de sorte que a praça não poderá aguardar a chegada da esquadra, em accidentada e tragica viagem para o theatro da guerra.

\*\*

*Na Europa*

Occupa-se o telegrapho com a viagem dos reis de Portugal á Inglaterra, fidalgamente hospedado pelo magnifico Eduardo VII, concluindo os dois soberanos um tratado dos que estão agora em moda, nas relações internacionaes europeas, demonstrando um vehemente movimento sentimental em favor do arbitramento.

\*\*

*Os nossos vizinhos*

Afóra algumas gréves na Argentina, e a revolução no Paraguay, passam todos muito bem. Uma commissão organizada em Buenos-Ayres, composta do bispo Roméro, drs. Zeballos e Roque Saens Peña, partirá para a Formosa, muito esperaçada de demover a teimosia dos revolucionarios e concluir uma paz honrosa.

POJUCAN

**HOMENS E COISAS DOS ESTADOS****ARTHUR ACHILLES**

Comprender o mundo para, deffrontando as formas superiores da vida, realizar a victoria da intelligencia, não se deparou problema irreductivel, ao espirito que ora celebramos nestas linhas.

No evocar a sympathia de uma gratidão, a memoria, despertando o sentimento, aviva, de esquecidos tempos, impressões suppostamente apagadas. E se, no deslocar das posições, no ruir dos planos sem realidade, a dor substitue a visão deslumbrante, para amargura desse roteiro sem extremos conhecidos, que nós chamamos — vida — mais sobreléva amar os poucos momentos de retrocesso aos bons enleios da alma, em communhão com outras de verdadeiras fulgurações de talento.

Que o merito, perpasse, nocalor das paixões, indifferente á faina industrial do parvoalho, mantendo a vertical da propria força, com o sacrificio da propria vida.

Não quer dizer, com tanto, estar terminada a historia; não ha, tambem, a registrar uma morte definitiva; pois, o capricho da inveja falha, se visa um merecimento capaz de avantajarse ao seu tempo.

Poucos conhecem, e, desses, alguns apenas conhecem bem Arthur Achilles, o jornalista parahybano, um talento que dispensa adjectivos barateados na apologia da mediocridade absorvente e triumphante, tão incaracteristica pela justiça, como notoria pela presumpção.

Não prendeu ainda a attenção nacional, por facto notavel, a Parahyba do Norte, onde vive.

E' um Estado longinquo e pobre. Não avulta no parlamento, em tropa, nem se arrisca em lutas. Amortece silenciosamente, sem gemidos formidaveis, quando mesmo a fome e a sede o surpreendem sem recursos. No escaldante das seccas que o infelicitam, deixa-se, quietamente, em somnolencia — irmão docil da familia brasileira. Não pertence ao bando dos filhos dilectos, é modesto e, por isso, sempre esquecido.

Affirmar-se que soffre uma injustiça da natureza, ou uma tyrannia dos homens é perder bellissima occasião para não falar. E dizemos assim, porque as fórmulas da egualdade politica são horisontes de luz, que não alcançam depressões de fortuna. Pairam nos alterosos pincaros — paulistano ou mineiro — illuminando rebanhos que pastam felizes, no descuido da justiça, alimentando-se solertes nos ubertosos valles.

Quando murmuram os famintos, redobram de voracidade, branqueando os cimos. Tal se me afigura mais ou menos esse ajuntamento de Estados, em desproporções assombrosas para o sentimento patrio.

Entretanto, digamos orgulhosos, no desolado paiz da fome, se não ha abundancia de esplendidas searas, lourejando em vastos campos, o espirito humano assume a resistencia inaudita para o combate e para a conquista das formas sobrenaturaes das sociedades cultas.

Arthur Achilles, a quem queremos alcançar com estas palavras, é a affirmação das qualidades eminentes de uma epocha, entre os seus coestadancs.

Elle consubstanciou a aspiração popular, enriqueceu-a com o seu talento, e havemol-o encontrado formidavel em todas as situações.

Por mais que divague a opposição á sua inexhaustivel propaganda, não perlustra a nossa historia character

mais accentuadamente evolutivo para corrigir a normalidade das transigencias do povo com a prepotencia dos mandatarios.

Homem de pensamento, deslaçado dos preconceitos do meio onde milita, ascendeu da modestia de uma vida sem preconicios de elevadas posições, ao brilhantismo da direcção intellectual de um geração.

E' o seu posto de honra.

Como nos revéla em periodos de franqueza, a sua vida é sóbria e simples.

« Empregado obscuro de uma casa commercial, presto ao meu patrão os serviços que elle de mim exige, pagando-me o bastante para minha subsistencia que váe rolando sem calotes ao açougueiro, que me fornece a carne verde, ás vezes, de má qualidade; nem ao vendeiro, onde me provejo de manteiga para o pão, nem ao padeiro que toda a manhã m'o leva á porta, recebendo, immediatamente, a respectiva importancia.

« Fôra dahi, as horas que me restam disponiveis, desde 7 da tarde até meia noite, 1 e 2 horas da manhã, emprego-as na factura deste jornal (*O Commercio*) onde me considero o homem mais independente deste mundo, acercado de uma pequena banca, a dizer o que penso, e o que sinto de tudo quanto diz respeito ao futuro desta terra.

« Esta faina tem me valído muitos desgostos; mas que outro sacrificio posso eu depositar no altar de minha patria? »

Nenhum, respondemos; e outro mais alto não existe, para dignificar a intelligencia a serviço da humanidade, como quer que esta seja representada.

Ninguem néga a Arthur Achilles o ardor productivo de um polemista extraordinario, individualidade litteraria para brilhar no mais adiantado circulo de idéas.

A sua polemica não se exerce no campo ingrato das retalições pessoas, ou do jogó improficuo de premissas que armam o effeito á feição de interesses baratos. E' exacto, sem ser sentencioso, sincero, sem excessos de exaltação. Não alardeia principios de apoucada philosophia, infirmados e vacillantes, senão descreve com verdade ou condemna de boa fé.

Na vida de uma provincia, onde a natural desconfiança transmite máus intuitos a toda a conducta publica, as ambições inferiores se multiplicam em astucias para trancar a palavra e restabelecer o silencio propiciatorio do crime.

Ao contrario do destino dos governos que gravitam para a ordem, instrumentos ha dos povos, incapazes de seguir a directriz dos compromissos assumidos, pela infeliz casualidade

que lhes commettem investidas de solemnes responsabilidades. Mas, ao proposito da força contra a idéa, resgatam as gerações o direito á liberdade, independendo da vontade de alguns mancos estadistas.

A acção da palavra é incalculavel, e néga, aos fracos de espirito, o brilho dos effeitos, o esplendor dos deslumbramentos apreciaveis.

Si a truculencia das tyrannias suppõe exterminar a idéa escripta, para alimento dos povos, é porque espera, no amortecer ephemero da liberdade, um consolo á impotencia da propria vida. Invisivel, porém, e constante, o sentimento da justiça purifica os homens, para lembrar ao mundo quantos serviram de victimas para o triumpho do pensamento.

As sociedades, importantes ou pequenas que sejam, não se differenciam ao ponto de transformar as grandes leis.

E o esforço que despede scintillas, no tumulto dos grandes centros populosos, como a palavra de Gladstone, é igual á penna humilde do jornalista provinciano, reivindicando, no desconhecido da vida nacional, a mesma liberdade, o mesmo direito, a mesma justiça.

Arthur Achilles, na Parahyba, como João Brigido, no Ceará, valem o seu tempo.

A sua alma voltada sempre para a luz, tem educado os moços de sua terra, na independencia de sua palavra energica. Outro conselho não tem, e si se lhe antolham caprichos mesquinhos da cidade, a qual serve generosa e desinteressadamente, o seu primeiro gesto imprevisto é o da verdade. Quem o vê assim, delicado e simples, feição de franqueza extrema, lembrando algo de Daudet, ten: difficuldade em penetrar o âmago de um talento fidalgo, com irradiações superiores.

A cidade philippéa o conhece bem, e o admira. Sob a impressão das misérias que a degradam, a inclemencia do clima ou a avareza dos homens, todo o povo lê o jornal de Arthur Achilles como quem repete as proprias palavras, balbucia os mesmos queixumes que a penna do jornalista transfere para a vida collectiva.

Na intimidade, um puro.

Ao carinho do lar, no extremo dos affectos, não descamba na negligencia pelos entes do coração. Sempre o conhecemos impetuoso, na luta, modesto, no poder, conciliador e conselheiro para a mocidade, solícito para a familia.

Para desanimar o trabalho, não tem palavras, para vender o sacrificio dos que se lhe chegaram no perigo, não presta o seu character de eleito do espirito.

Num parenthesis, culmina, brilhantemente, nessa bôa prática do adver-

sario, obrigando-o a render homenagem, involuntaria, ás vezes, á integridade de suas opiniões.

Podendo fugir á estreiteza ou logar onde nasceu para procurar melhores compensações noutras terras, não declinou do patriotismo, e acceitou, sublime, a luta para fazer de um povo sem vistas, numa somma de energia para o progresso.

FRANCISCO CARNEIRO DA CUNHA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### O TRATAMENTO DO CANCRO

O millionario americano Crocker exigiu judicialmente do famoso cirurgião, dr. Doyen, a restituição de cem mil francos pagos para a cura da mulher atacada de um cancro no seio, visto estar provado a inefficacia do serum empregado como remedio infalivel.

O incidente judiciario provocou uma discussão sobre o serum, e levou á ordem do dia no Congresso de cirurgia, reunido em Paris, a cura do cancro, e a Academia de medicina pôz em concurso para o anno vindouro o estudo dos effeitos therapeuticos dos raios X sobre o terrível neoplasma.

O decano da faculdade de Paris affirmou que, no estado actual da sciencia o cancro é incuravel, mas essa desconsoladora sentença depende de confirmação que, talvez, surgirá negativa das applicações dos maravilhosos raios X e do serum do dr. Doyen, que pretende ter descoberto o germen do cancro, por elle denominado — *micrococeus neoformans*.

O dr. Doyen affirma a efficacia do seu serum, mas profissionaes notaveis, como o dr. Poirier, a contestam, allegando que a existencia do *micrococeus* não foi demonstrada. Demais, os casos de supposta cura pelo serum, cujo processo é segredo do autor, consistem em doentes operados, de modo que não se pode affirmar se os resultados favoraveis são devidos ás injecções ou ao bisturi. Doyen retruca que, sendo o cancro um neoplasma, a extirpação dos tecidos comprometidos apressa a acção benefica do serum.

O dr. Calmette declarou, em uma carta, que o microbio de Doyen por elle examinado, era a seborrhéa do coiro cabelludo, mas Doyen observou que aquelle microbio, como o seu, não se liquefaz na gelatina.

No Congresso de cirurgia, o dr. Tuffrei falando sobre o tratamento do cancro, declarou que não havia obtido resultado algum com o tratamento pela radiographia, quando se tratava de cancros do estomago, do figado, dos rins.

Nessa occasião, o dr. Doyen subiu á tribuna; distribuiu profusamente a sua brochura — *Etiologia e tratamento do cancro*, e tomou a palavra em defeza do seu processo, e disse, em resumo: que tinha encontrado em todo o cancro, desde 1901, um microbio identico que denominára *micrococeus neoformans*. Descoberto o microbio, procurou e achou a vaccina e o serum anticancerosos. Explicou o seu processo e concluiu affirmando que tratára 242 cancerosos, dos quaes 46 estavam ainda em observações, de 20 não teve noticias; 120 não saráram, porque o tratamento começára muito tarde, ou fôra interrompido contra a vontade do medico; 6 morreram de molestias intercurrentes; 42 dois foram curados e podem ser examinados pelos que pozerem em duvida o facto.

O dr. Doyen terminou a sua exposição, convidando os collegas a examinarem serum e doentes na sua enfermaria.

O Congresso, por seu presidente o dr. Pozzi, deliberou nomear uma commissão para estudar o tratamento e cura do cancro.

Os celebres cientistas Metchnikoff e Roux, do instituto Pasteur, Czerni e von Bergmann, vão estudar o tratamento nos doentes apresentados pelo dr. Doyen, enchertando fragmentos de néplasma.

Opportunamente, daremos conta aos nossos leitores dos resultados desses estudos de importancia inestimavel para a debellação da terrível molestia que, se bem menos frequente no Brazil que nos paizes europeus, principalmente naquelles em que a cidra é muito usada, tende a desenvolver-se, como têm observado os nossos clinicos mais competentes.

### INDUSTRIA PASTORIL

O clima e o territorio de todo o sul do Brazil são admiravelmente favoraveis ao desenvolvimento da industria pecuária; mais vastos e mais favoraveis que os da Australia e Nova Zelandia, sujeitos a seccas devastadoras. Queenstande está agora restaurando a sua industria pastoril quasi anniquilada por sete annos de secca. Contam-se por milhões os carneiros victimas, annualmente, desse flagello.

E, deante das admiraveis planicies, das ondeadas colinas, fartamente regadas e providas de forragens, occorre indagar porque não se povôam ellas de rebanhos; porque não attrahem o capital estrangeiro para essa industria primitiva, facil, e de resultados assombrosos?

As estatisticas consignam que, durante o anno passado, a renda de lã foi: na Republica Argentina, de £ 4.000.000; em Nova Zelandia, £ 3.500.000; na Australia, £ .. 16.000.000.

Levados em conta os males apontados e a distancia dos paizes oceanicos aos centros consumidores, é logico deduzir que, no Brazil, por sua proximidade da Europa, aquella industria obteria lucros maravilhosos, mais certos e compensadores, que os empregados nas aventuras das mizas de ouro.

O capital estrangeiro permanece desconfiado do Brazil e se canalisa para regiões longiquas, em primeiro logar porque não temos justiça garantidora da propriedade, nem merecem esse nome as organizações de magistratura ao serviço dos governadores; em segundo logar por serem as industrias exceptantes fulminadas por um systema de impostos, essencialmente prohibitivo, e, peor do que isso, incerto, augmentado de anno a anno, como, sensatamente, observou um Neozelandez, no penultimo numero da excellente *The Brazilian Review*.

Um creador paga uma taxa pelo carneiro abatido e outra pelo exportado, além do excessivo frete, da difficuldade de obter praça nos caminhos de ferro, e das medidas vexatorias que constituem os meios regulares de arrecadação do fisco municipal e estadual, aphyxiando, no nascedouro, as mais esperançosas tentativas das pequenas industrias.

E assim se sacrificam a opulencia e a felicidade do paiz a uma politica inepta e antipatriotica que faz recordar, com saudades, o regimen de governo dos tempos coloniaes.

#### A POLICIA NO THEATRO

E' uma instituição *sui generis* a policia do Rio de Janeiro.

E' facto que a mais subalterna das corporações guarda, entre seus membros, um espirito vivissimo e nobre de solidariedade, que a policia regeita e menospreza, como prova, aliás, da sua pessima organização.

Successos diarios mostram que as associações existentes nesta terra zelam o bom nome e a reputação propria — vedando a chalaça, o ridiculo, a critica injuriosa sobre seus homens, seus actos mais publicos, suas mazellas mais notorias: só a policia do Rio de Janeiro parece exultar ante esses ultrages aos seus membros, os quaes, infelizmente, repercutem sobre toda a instituição, desprestigiando-a escandalosamente.

Mal se comprehende que seja a policia desta capital, tão necessitada de solidificar a sua reputação, cada dia mais comprometida pelos que mais deviam de zelai-a, a primeira a rir indifferente, num despudor revoltante, ante graçólas que a tisnam, que põem a rir a sua venalidade, a sua incompe-

tencia, o máu nome dos que a malservem, bem servindo-se dos cargos de que ella os investe para regalo de suas torpezas.

No penultimo carnaval, a população carioca viu aspirantes, marinheiros e officiaes desconjunctarem o prestito que se aproveitava dos insuccessos da marinha, para fazer rir, com ferinos enxovalhos á classe, os nossos compatriotas boçaes e os estrangeiros, que assim recebiam, de nossas proprias mãos, num dia de embriaguez e de deboche, o attestado do nosso espirito extravagante, zombeteiro da propria decadencia. Eguaes investidas reparadoras têm partido da mocidade das escolas militares, num numero crescido de vezes, e de quantas corporações que, ciosas do seu credito e nomeada, não consentem em fazer do máu exito de suas empresas pasto de chalaça deslavada. E todos esses factos seriam evitados si a policia, desvelada pelo seu renome, comprehendesse o instincto salutar de solidariedade, que enlaça os membros das demais corporações, os quaes bebem nessa fonte a sua força e o seu prestigio, e nella conquistam a unidade, que lhes valem muitissimo nas grandes refréguas e nos máus dias.

A policia, porém, mostra-se abaixo desse espirito elevado que, enaltecendo as outras instituições, é por ella repudiado ignobilmente.

O *Badalo*, revista que é o deleite da mandriagem carioca presentemente, dá-nos uma triste amostra, entre muitas que nos seria facillimo colher, desse espirito dissolvente da nossa policia malfadada. Ha alli uma successão de scenas reproductoras da venalidade da policia; por qualquer gratificação obtem-se a indifferença, senão a cumplicidade do policial até então cioso da sua *auctoridade*; sobresae, porém, num destaque irreverente, pusilanime, no ultimo acto, a cantiga indecorosa da *mulata* relatando os prodigios e a fecundidade dos *cento e dezesete mil reis* do seu homem — os quaes lhe proporcionam conforto, luxo e honrarias.

A allusão é clarissima; desabrócha o riso no auditorio a bandeiras desprezadas, e, para solemne irrisão, a maioria desses espectadores é composta do pessoal da rua do Lavradio, desde o delegado da mais alta investidura até o derradeiro apaniguado, mettido na excentricidade do seu hediondo chapéo de abas largas, e ostentando a pujança inconsciente do bengalão justiceiro.

Edizer-se que á policia compete fiscalisar os theatros, compete consentir na representação das peças, supprimindo-lhes os pedaços affrontosos da moral publica e do respeito devido aos poderes publicos. Ou aquelle individuo é um criminoso e a policia deve banil-o do seu seio, para honra sua, e, apesar disso, não admittir que se faça do descalabro de uma reputação, motivo para

que por ella se possa suspeitar da honestidade das outras; ou elle é um innocente e, como tal, devia estar garantido de tão injuriosa diffamação. Em qualquer dos casos o papel da policia nos theatros é muito desfavoravel á dignidade propria.

Este é o facto. E o assignalamos sem a menor intenção de assentar doutrina. Simplesmente contamos um curioso e manso despendimento da policia, que, no *Badalo*, ri da propria desgraça, e menos ainda sabe quando deve fazer a *censura*.

## O ALMIRANTE (7)

ROMANCE

POR

**Domingos Olympio**

### CAPITULO IV

Depois do jantar, vencida pela fadiga e macerada pelas impressões daquella tarde, Guilhermina contemplava, melancolica, o marido, sentado ao lado della, quasi adormecido numa modorra de homem satisfeito e seguro de seu destino.

— Tu não te consagras á politica como deverias — observou ella de subito, como se deduzisse de uma secreta série de idéas.

— Não tenho geito para isso, minha querida — respondeu o antigo tropeiro, arrancado do delicioso torpor — Estou muito contente com a minha obscura posição na camara, uma especie de cargo honorario: não me tomando tempo, nem me sujeitando a maçadas... Eu não tenho geito para essa entrigalhada. Basta que dê conta do meu districto. Quando peço alguma coisa para os meus amigos, sou servido porque peço pouco e porque não ando a bajular.

— Não é dessa baixa, dessa politica rasteira que falo: refiro-me á alta politica na camara, no senado, nos conselhos da corôa.

— Não tenho geito para isso...

— Mas tens dinheiro...

— Ora, mulhersinha — continuou o marido depois de longa pausa — Tu queres metter-me em alhadas. Se saio das encospias, arrisco-me a não dar conta do recado. Serei obrigado a iniciativas estranhas aos meus habitos; serei obrigado a tomar a palavra...

— Ha deputados silenciosos, senadores mudos de grande prestigio. Não falam, mais trabalham. Não é sómente com discursos que um estzista serve á sua patria. Demais, tu podes, sem termos empolados, em linguagem de quem conversa, discurrir sobre o plantío do café, sobre o que é essencial para o desenvolvi-

mento da lavoira, da industria pastoril, que conheces como ninguem. E todos dirão que não és orador, que não tens dotes de palavra, mas que tens muito criterio, que és um homem pratico, de bons conselhos.

— Não te basta a nossa vida socegada, feliz?...

— Não, não basta — respondeu ella, exaltando-se.

Eu quero ver-te muito alto, lá em cima, entre os mais eminentes, os mais notaveis...

— E tu ao meu lado.

— Sim, conquistaremos pela politica aquillo que não se consegue com o dinheiro — a notoriedade, o nosso sonho de grandeza.

Desde esse dia, Guilhermina empenhou todos os seus recursos de mulher superior na execução do plano que a dominava como uma idéa fixa. Tornou-se assidua frequentadora do paço; apparecia em todos as recepções dos homens da superficie brilhante da sociedade carioca; angariou relações preciosas dos proceres da politica militante; lia os jornaes; acompanhava com interesse as discussões importantes, os debates parlamentares, de sorte que, em breve tempo, estava, plenamente informada dos homens e das coisas e conhecia o meio, como d. Eugenia, cujo auxilio muito lhe valeu para se familiarisar com os mysterios da arte de governar povos.

As suas prodigalidades principescas, os seus encantos de primor fizeram de seus saíões o mais apeteçido nucleo intellectual da côrte, irradiando esplendores onde ella se exhibia ao culto dos adoradores com prestigio de deusa numa apothese.

Não foi difficil eleger o marido membro da commissão de agricultura: era o caminho mais curto para chegar ao ministerio.

Attribuiram-lhe a luminosa idéa da propaganda do café no exterior; da fundação de fazendas modelos onde fossem experimentados todos os processos modernos, a organização de agencias de immigração para supprir os braços que tinham escasseado, sensivelmente, depois da libertação do ventre escravo e a expansão da rêde de caminho de ferro, pois estava convencido e repetia com sentencioso entono, de que o principal inimigo do progresso do paiz erão as distancias, recordando, talvez, as mortificantes caminhadas no costado de burros roncios no processo lento de tropas que elle conduzia através de sertões infundaveis.

Um dia, na tribuna da camara, um deputado, orador de pólpa, terminou o seu discurso com estas palavras fatidicas para a fama do barão: Como bem disse o illustre barão de Uberaba, sr. presidente, o grande inimigo deste

portentoso paiz, tão descurado pelos governos, é a distancia.—

Os deputados applaudiram, calorosamente, voltando-se para o barão, que se encolhêra modestamente na sua cadeira. Aquella phrase completou-lhe a notoriedade.

De facto, as idéas do Uberaba erão idéas da mulher que, como bôa esposa, lhe attribuia a paternidade dellas, dizendo sempre: meu marido pensa, meu marido entende, meu marido resolveu, quando era ella quem pensava, entendia e resolvia com esse fino instincto, que as senhoras cultas possuem e as guia como lucida intuição, nos mais difficeis transes da vida, na familia e na sociedade.

Aconteceu, não raro, encontrar-se o barão em lances atrapalhados nas discussões no seio da commissão; elle, porém, adoptára a manha de sorrir com certa bonhomia repassada de superioridade desdenhosa e conduzia, invariavelmente, com ligeiro tom de misericordia — Theorias, meu caro collega. Theorias... Eu cá sou um homem pratico.

E assim se crystallizou, rapidamente, o conceito do firme criterio do homem, do seu valor velado de modestia e da sua inabalavel honestidade de especimen da velha tempera, rija e bôa, dos de quebrar mas não torcer, qualidades que ficaram em evidencia rutilante, quando, em aparte, fez a sua profissão de fé, exclamando:

— Sou homem de governo, mas os interesses da patria estão acima de tudo. De resto, a politica não tem entranhas...

Isto se deu quando, figurando pela segunda vez em uma lista triplice, adoçando o golpe com o titulo de marquez, o Imperador o preterira. E Guilhermina, apesar da insigne graça recalçando o despeito que lhe fervia no coração, relembra o lapis fatidico, o fatal instrumento da teimosa ogerisa contra os homens superiores, entrando ao marido a entrada no Senado, onde a perpetuidade lhe daria independencia para agir com mais firmeza, reservando a cadeira da camara para Oscar. Era indispensavel trocar a tactica de passividade conservadora por uma attitude aggressiva, temivel, pouco de acordo com os habitos e o temperamento do marido. O Imperador — pensava ella — não faz caso dos homens que se não fazem temidos.

Mas, não sendo o marido homem de opposição, era forçoso impellil-o para a frente, dando-lhe destaque na propaganda abolicionista, que então se apresentava com o programma de libertação dos escravos velhos.

Em vão, elle ponderou que a lei Rio Branco bastaria para satisfazer as

aspirações nacionaes; que seus effeitos aceleravam a extincção da escravatura e que não era prudente dar vigor á propaganda que exigia mais, uma loucura, um perigo, cujas consequencias se não podiam prever — a ruina da lavoira, a anarchia. Demais, daria elle, grande proprietario de escravos, um pernicioso exemplo, afastando-se de seus amigos politicos que repelliam o programma do gabinete Dantas. Guilhermina tentou suffocar-lhe a resistencia com um morno amplexo apaixonando, e murmurou-lhe com a voz abemolada que o remexia por dentro:

— Não vês, meu marido, que ahi vem uma onda irresistivel que a corôa pretende desviar com esse programma sem consequencias, irrisorio, ridiculo, para mostrar que não é infensa ás idéas vencedoras? Não percebes que homens notaveis, como Cotegipe, consomem o seu genio em resistencias inuteis para retardar o facto que vencerá o prestigio das chamadas classes productoras, porque é inevitavel? Cêdo ou tarde os nossos escravos estarão, irremediavelmente, perdidos.

Será uma inepcia ficarmos com os vencidos na junta do couce, com os retardatarios rebeldes á evidencia das coisas. Incorporemo-nos, em quanto é tempo, aos vencedores d'amanhã para não fazermos o ridiculo papel de partidarios da ultima hora, partidarios da victoria.

— Neste ponto, minha amiguinha, tem paciencia. Esta cabecinha bonita está cheia de caraminhólas...

— Consideras ridiculo lavar a mácula que degrada a nossa patria?

— Theorias, theorias...

— Serás um benemerito. O nosso nome ficará na historia...

— E a lavoira? Quem apanhará o café, onde encontraremos trabalhadores para as nossas fazendas, as nossas minas?

E a immigração?...

— Theorias. O governo tem gasto um dinheirão surdo, mais de duzentos mil contos para colonisar o sul; trata os colonos á vela de libra e somente conseguiu fundar meia duzia de colonias de luxo.

Lembras-te do resultado dos meus esforços de propaganda em favor do café no estrangeiro, das minhas agencias de immigração?... Tem paciencia, queridinha... Tu já me metteste na politica, onde somente cólho dissabôres: nisso da patuléa abolicionista, na extorção da propriedade é que não entro...—

Todo o sangue do antigo tropeiro lhe affluu ao rosto. Elle percorria, agitado, o vasto salão, e lançava, a furto, olhares indagadores e timidos sobre a mulher que, silenciosa e triste, não insistia por saber o que seria inutil, quando elle tinha esses violentos im-

petos de resistencia. Era preciso deixar passar a crise para dominal-o exaustado pelo remorso de magôal-a com uma recusa.

—O caso — ponderou elle, acercando-se de Guilhermina—não é para tristezas. Era o que faltava vir essa maldita politica perturbar a nossa harmonia. Vamos lá. Que queres? Que me sacrifique, abandone os meus amigos, embarque nessa aventura, desminta o meu passado? Esperemos um pouco; é a opinião do conselheiro Antonino, que tem faro e não confia na sorte do gabinete. Não te zangues commigo, minha adorada. Eu te provarei que não sou escravocrata. E para que não digas que discordo de tuas idéas.

O marquez de Uberaba caminhou commovido para uma pequena secretaria da mulher e, com mão tremula, escreveu em elegante papel de correspondencia feminina com larga e forte letra, algumas linhas.

—Aqui tens, meu amor.

Guilhermina leu com olhos razos de lagrima o papel, que oscillava nas suas mãos tremulas:

«Os marquezes de Uberaba declaram que, nesta data, libertam todos os seus escravos maiores de cincoenta annos.»

E, de um salto felino, enlaçou-o nos braços, beijou-lhe as faces rubras, murmurando: — Deus te recompense. Neste papel derramou-se o teu coração de ouro. Tu és a minha gloria, meu adorado marido.

No outro dia, os jornaes publicavam a noticia da estupenda acção humanitaria, que repercutiu no parlamento como um brado subversivo e na casa imperial como generoso exemplo de um cidadão benemerito. Mas, o marquez não abandonou os seus amigos da coalisção que, dentro em pouco, derrotou o gabinete liberal.

Dessa vez, tivéra razão contra as phantasias, as theorias da mulher, muito resignada á derrota. Não colheu, porém, as vantagens desse passo de habil politico, porque a morte o surpreendeu quando, no doce recesso do Paraiso, architectava com a formosa companheira novos planos de desenvolvimento dos elementos que a fortuna politica lhe deparava.

\*  
\* \*

A marqueza, que detestava a roça, procurou, na solidão de uma fazenda longinqua, esconder o seu lucto, a sua magoa pelas illusões, cruelmente rôtas, as suas sublimes aspirações, o seu sonho de grandeza e de gloria sepultados no tumulo do marido.

(Continúa)

### OS TREZ PERIODOS DO GOVERNO REPRESENTATIVO E CONSTITUCIONAL NO BRAZIL.

#### III

Provas irrecusaveis de não ter havido, no Brazil, governo representativo e constitucional, durante o primeiro periodo, que se estende da fundação do Imperio até a revolução de 7 de abril, a historia exuberantemente nos fornece.

Uma analyse succinta e rapida verificará o facto.

D. João VI, não queria mais regressar a Portugal; havia, muitas vezes, dito que fundaria na America um vasto Imperio; considerava o Brazil — o seio de Abrahão, onde, feliz, desfructava santo ocio, que não o perturbava a turbulencia da irrequiéta diplomacia na diplomacia na Europa.

Desde que Napoleão, sahindo fulminado de Waterloo, como Prometheo, ficou agrilhoado no rochedo de S. Helena, e a paz geral restabeleceu-se entre a França e as outras nações, varios soberanos pediram ao rei de Portugal que voltasse aos seus antigos dominios, abandonando a colonia brazileira, que elle convertera em reino.

O rei da Inglaterra era um dos que mais fervorosamente redobrava a insistencia, chegando até a enviar, ao Rio de Janeiro, uma esquadra, sob o commando de sir John Beresford, para acompanhar el-rei.

D. João recusou o obsequio e quedou-se na sua côrte. Elle amava a obra, feitura de suas mãos, isto é, a força de cohesão dos elementos da unidade nacional, que havia formado, reunindo as provincias ao centro — o Rio de Janeiro.

Ora, mudar a residencia para Lisboa importava prejudicar a obra começada e já em pleno desenvolvimento. Demais, via no regresso muitos males, que tinha a peito poupar ao povo brazileiro. El-rei não confiava tambem na estabilidade da paz: julgava a Europa agitada, ainda, pelos residuos da grande revolução franceza, pelos males, originados das diuturnas e devastadoras guerras de Bonaparte, pelos interesses e ambições da *Santa Alliança*, que pretendia impor-se dominadora; tudo lhe parecia incerto e perigoso. No Brazil estava seguro e tranquillo.

Por outro lado, el-rei reputava de grande conveniencia permanecer no Brazil, attentando nas frequentes aggressões das colonias hespanholas, que o cercavam, principalmente depois que a Hespanha o havia ameaçado — si não se retirasse da margem oriental do Rio da Prata o exercito luzo-brazileiro.

D. João dizia — que a idéa de transferir a côrte portugueza para o Brazil não tinha sido sómente sua; fôra aventada no tempo de d. João VI e renovada pelo ministro de d. José I, por conseguinte, que não havia nenhuma novidade em conservar-se nos seus dominios da America.

Mas, quando a revolução liberal do Porto irrompeu, proclamando o regimen constitucional, el-rei viu-se coagido a abandonar as plagas da Guanabara; assim mesmo tentou evitar de beber o calix de amargura; pretendeu enviar o filho d. Pedro para pacificar os espiritos dos patriotas Fernandes Thomaz, Ferreira Borges e outros, que queriam estabelecer no reino o regimen constitucional e reunir cortes constituintes (1).

D. João, perplexo, não sabia que resolução tomar. O conde dos Arcos, um de seus conselheiros, que já previa a proclamação probabilissima da separação e da independencia do Brazil, e preferia que essa fosse feita por d. Pedro, empregou esforços em persuadir a el-rei de ser um grave erro mandar d. Pedro — uma creança — arriscar-se no meio da guerra civil, em que se abrazava Portugal; o caso exigia a presença autorisada do rei e não do principe, que seria absolutamente improficua.

D. João cedeu á razão e ao bom senso; resignou-se e partiu, deixando d. Pedro, como seu lugar-tenente e regente do reino americano. Venceu o conde dos Arcos, que calculava inspirar, dirigir, ou governar o principe, collocando-o á frente dos brazileiros, que aspiravam realisar a Independencia. As intrigas, que sobrevieram, effectivamente impediram o antigo governador da Bahia, o fuzilador do padre Roma e de outros patriotas da revolução pernambucana, de colaborar na proclamação da Independencia, porque, antes, o conde dos Arcos foi violentamente prezo e deportado para Portugal.

D. Pedro, recente, exerce o governo; governa e administra segundo a legislacção antiga e as normas e praticas do regimen absoluto.

José Bonifacio, chamado pelo regente a fazer parte do miuisterio, não governa sinão com a legislacção antiga: abuzá prodigamente dos alvarás de crime de lesa magestade, das devessas em larga escala, emfim de todos os aparelhos do feróz despotismo do marquez de Pombal. José Bonifacio, si não podia governar com leis constitucionaes, por que não as havia, devia, inspirando-se nas idéas da liberdade moderna, não empregar os instrumentos da tyrannia, cobrindo-os com o manto das hypocrisias do liberalismo.

(1) Historia da Revolução do Porto.



Proclamada a Independencia, ainda continúa o mesmo regimen absoluto.

A Constituinte de 1823 não teve tempo de alterar a legislação vigente, nem de fazer a constituição, sendo dissolvida pela força armada, antes de desempenhar a sua augusta missão.

E' evidente que de 1822 até 1824 o governo não foi constitucional, por uma razão muito simples,—porque não havia constituição, a qual só será promulgada a 25 de março de 1824; assim também não funcionava a assembléa legislativa, e a primeira, que se reunirá, será em 1826.

O Imperador e seus ministros governaram o paiz, até 1826, pelas leis normaes do regimen antigo. Esse primeiro periodo, é, innegavelmente, a prolongação do governo da realza absoluta, irresponsavel e

E o facto da reunião das camaras legislativas, em 1826, alterou as normas até então seguidas?

Não; a prova acha-se nas proprias discussões da camara temporaria e nos actos do ministerio de 21 de janeiro.

Como o Imperador, d. Pedro I e os seus ministros entendiam e applicavam a constituição de 25 de março?

Applicavam-na com o espirito, com a tradição e a maneira do regimen da realza absoluta.

O que prova que o governo imperial não era sinão o prolongamento do governo absoluto.

Não podia ser de outro modo. D. Pedro e seus ministros foram educados na escola desse regimen despotico e irresponsavel; habituados a exercer o poder illimitado, de certo não podiam de repente sujeitar-se a um regimen de acção limitada, circumscripta pela lei constitucional numa esphera, que exclue o absolutismo.

E vê-se logo da maneira, pela qual procede com a camara, que lhe pede CONTA da marcha, ou do estado dos negocios publicos.

Dar o governo conta de seus actos, quando o Imperador é que tem o direito de governar, direito tradicional, transmittido por seus predecessores? !...

E' claro que Imperador e ministros, interpretam a propria constituição de 25 de março muito ao contrario do poder limitado; desconhecem os *contra-pezos* do regimen.

Ora, a educação da liberdade civil e politica, devéras não se improvisa; é lenta; precisa de longo tirocinio e de paciente coragem.

Mostramos no artigo precedente a resposta do ministro do imperio, negando *in limine* competencia á camara para exigir que o governo lhe dê *conta* da marcha dos negocios publicos. Resposta, porém, absurda e contradictoria, porque, negando, promette informar pontualmente sobre certos assumptos especificadamente.

Está entrando pelos olhos — que o governo não quer, dessa forma, reconhecer a competencia da camara: reserva-se o direito de limitar a *conta* pedida a assumptos indicados a seu bel-prazer.

Essa resolução mesma, é um ardil — si a camara se contentar com tal condescendencia, *ipso-facto* reconhece a sua incompetencia e o governo continúa a exercer acção illimitada, como dantes.

Muito custou a tomar essa astuta resolução.

Contavam os contemporaneos—que o primeiro impulso do Imperador foi repetir a lição, que dá a constituinte de 1823; mas, acceitando o conselho do secretario florentino, d. Pedro fez-se —VULPE.— Praticando a doutrina machiavellica, entreteve uma controversia com a camara durante alguns dias, emfim; compenetrrou-se da imprudencia de dar um novo golpe de Estado.

A camara, porém, comprehendeu que não devia ceder, que tratava-se não só do seu direito e dignidade, mais ainda de sua propria existencia, como um dos ramos do poder delegado e representante da soberania nacional. Resolveu resistir á usurpação duma das mais importantes de suas prerogativas.

A commissão, que examinou o officio alludido do ministro do Imperio, appresentou o seguinte parecer:

«A commissão de constituição, á vista do officio do ministro do imperio dirigido á esta camara, com data de 31 do passado mez e em resposta á um outro, que lhe fôra dirigido, pedindo-lhe contas daquillo que, na forma da constituição elle devia dar á esta camara, é de parecer — que se responda ao dito ministro, que, não obstante haver elle respondido segundo á letra do officio, que lhe fôra enviado; comtudo s. ex. deve ficar entendendo — que o espirito da camara não fôra dirigido a entrar no exame da administração passada. pois que felizmente não nos achamos nesse caso; mas sim a procurar uma informação do estado geral dos negocios pertencentes á sua repartição, para se poderem estatuir as providencias necessarias ao bem publico; e posto que a constituição não declare expressamente essa obrigação, comtudo, pela natureza da couza é verdade demonstrada que o corpo legislativo, nada pôde resolver acerca da economia interna do imperio, sem ter presentes os relatorios do estado da repartição interna; e tal é a pratica de todos os governos constitucionaes, Paço da Camara dos Deputados, 10 de junho de 1826 — José Lino Coutinho, Lucio Soares Teixeira de Gouvêa — Bernardo Pereira de Vasconcellos».

O Imperador, que havia contido o

seu primeiro impeto e havia entrado no caminho da moderação, não quiz todavia reconhecer a justiça da exigencia da camara. Essa obstinação de sua parte pôde-se explicar pela convicção, enraizada em seu espirito, das idéas da monarchia tradicional e do poder absoluto, illimitado, que se harmonisava perfeitamente com as suas ambições de mando, com as doutrinas, que aprendêra nos actos arbitrarios do seu *mestre* José Bonifacio. Não é dado suppôr que o seu proceder era resultante de sua ignorancia no tocante ao systema, por que eram seus ministros—os homens mais instruidos do primeiro reinado — os Carneiros de Campos, visconde de S. Leopoldo, marquez de Inhambupe, marquez de Baependy, marquez de Paranaguá. Estes estadistas tinham, porém, um grande senão—o da subserviencia á vontade imperial e á educação recebida na escola do regimen de governo absoluto. Ora, si estes ministros não ignoravam o systema constitucional, tendo alguns delles redigido a Magna Carta de 25 de março, não havia outra razão, que se oppozesse a satisfazer o pedido da camara, sinão a vontade de reter e conservar o poder sem *contra-pezos*, que d. Pedro tanto amava e estava habituado a exercel-o e não queria abrir mão dum instrumento, que reputava privilegio da realza. Qualquer que fosse a causa que determinava o negativa do governo imperial á solicitação dos representantes do paiz, —é um facto evidente e incontestavel —que, nesse primeiro periodo, o governo representativo e constitucional não foi comprehendido e praticado, como nos dous periodos posteriores—isto é—da regencia e do segundo reinado. A differença em principios, doutrinas e praticas, é por demais visivelmente profunda.

Note-se desde já que a apresentação dos relatorios foi o resultado dessa lucta e dessa conquista da primeira assembléa legislativa; foi dess'arte que ficou firmado o dever do governo para com a representação nacional. E esta lucta revela a energia de resistir e coarctar a acção do governo irresponsavel e absoluto, que se prolongará além de 1826, quando já existem constituição e assembléa legislativa funcionando. Podemos, hoje, imaginar que, — si a Camara sahiu victoriosa—a lucta foi sustentada com tenacidade pelos ministros, acurvados á prepotente vontade de d. Pedro I.

Vamos acompanhá-la nas diversas phases, que atravessára.

Hollanda Cavalcanti, ( visconde de Albuquerque ) deputado pernambucano, apresenta, na sessão de 14 de junho, nova indicação. Esta reincidencia mostra que a lucta entre o ministerio, onde domina a vontade imperial, procrastinava-se e que o poder execu-

tivo mantinha-se no proposito de avasalar o ramo legislativo, que a constituição creára independente, e, como o executivo, delegação da soberania nacional.

« — Proponho (diz Hollanda Cavalcanti) que a camara officie a cada um dos ministros de Estado, dizendo que, fazendo-se necessario á camara ser informada dos differentes negocios de cada uma das representações, que exigirem providencias immediatas e urgentes, assim tambem de todas e quaesquer representações, que das differentes autoridades espalhadas pelo imperio tenham sido dirigidas ao ministerio, em que peçam providencias legislativas e exponham os meios de se estabelecerem estas, segundo a localidade e recursos de cada provincia, é indispensavel que o ministro de cada repartição exponha um relatório desses negocios e representações, para com melhor conhecimento de causa e proveito do publico haver a mesma camara de regular os seus trabalhos.»

A indicação, recebida pelo gabinete, foi respondida pelo ministro de estrangeiros, em nome do Imperador.

Não ha duvidar de que Hollanda Cavalcanti não exprimia, n'aquelle documento, um pensamento individual, pelo contrario se vê dos debates; se sabe, por outras fontes, que a obstinada negativa dos conselheiros da corôa havia açulado as paixões dos partidos e forçado a camara a ser pertinaz na affirmativa e reconhecimento do seu direito.

A resposta, dada pelo governo, ainda contestá e não reconhece á camara nenhuma competencia para exigir a *conta* dos actos administrativos.

O gabinete de 21 de janeiro não limita-se a negativa, acintosamente a ultrapassa: decide imperiosamente que—só ao ministerio compete e pertence regular a marcha do governo, segundo a constituição, etc, etc.

Ora, dessa solução imperativa deduz-se—que o ministerio não tem que dar *contas* e que a exigencia da camara é, além de improcedente, inconstitucional.

Emquanto a camara discursa e agita-se, d. Pedro, qual a *raposa* de Machiavello, tentava e empregava os meios de fazer emmudecer os impertinentes falladores, não querendo reconhecer a competencia do parlamento. Assim, a lucta travada, desde a sessão de maio, foi perdurando, sem vencedores, ou vencidos.

Veremos, noutro artigo, o desenlace desse primeiro pleito parlamentar, que preoccupou e irritou a opinião publica e lançou alguns prenuncios de funestos, longiquos e obscuros acontecimentos, mysteriosamente escondidos no seio impenetravel do destino de 7 d'abril.

EUNAPIO DEIRÓ.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### AMOR

Busque Amor novas artes, novo engenho  
Para matar-me, e novas esquivanças;  
Que não póde tirar-me as esperanças  
Pois mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!  
Vêde que perigosas seguranças!  
Pois não tenho contrastes nem mudanças,  
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas com quanto não póde haver desgosto  
Onde esperança falta, lá me esconde  
Amor hum mal, que mata e não se vê.

Que dias ha que na alma me tem posto  
Hum não sei quê, que nasce não sei onde;  
Vem não sei como; e dóe não sei porquê.

LUIZ DE CAMÕES

\* \* \*

### OS PREGÕES EM PORTUGAL

Poucos paizes têm, como o nosso, menos musicos, possuindo uma tão impressiva intuição da melodia. De que cyclo historico nos vem ella, e de que filão de raça procede? Entraria em Portugal pelo Algarve, vinda dos aduáres talvez da orla d'Africa; pelo Alemtejo, vinda do paiz andaluz, reminiscenciada talvez do tempo dos califas; e entraria tambem pelo Minho, quem sabe! com a gaita de folles do gallego.

—No Algarve, produzindo as *toadas* das populações pescadoras do littoral, duma tão admiravel riqueza de cambiantes lyricos. Dando no Alemtejo, as preguiçosas cantigas de trabalho do paiz desolado, do paiz cheio de florestas, do paiz sem nevoas, do paiz sem mar, incommunicavel com o resto do mundo, e gretando sob um sol caustico, que em agosto faz amadurecer as uvas, seccar o milho, e verter fogo, a phantasia dos rapazes. E no norte, por ultimo, gestando essas melopéas saracoteadas e lorpas, de que é typo a *caninha verde*, e sobre que se têm escripto todas as especies d'encomios delambidos.

Ora, todos os rythmos e andantes destas trez especies de melodias populares — a minhota, a algarvia e a alemtejana — partidos successivamente dos pontos mais longinquos e oppostos do paiz, ao chegarem á capital, deliquesceram num todo: e saíu esta preghiera excentrica, esta bijouteria de som que se chama o pregão das ruas de Lisboa.

O que nelle ha de persuasiva eloquencia, de supplicante meiguice, de petulancia ou de satyra, faz todo um ilucidario fallado, que por completo resume a vida do povo lisboeta; e é

grato vêr nesta cidade descórada e suja, com bacias de barba por tanques, e paliteiros de pedra por monumentos, sem typo fixo de habitante, nem typo fixo d'architectura, feíssima apesar do porto, bisonha apesar do céo, insalubre do clima... é grato vêr, dizia eu, quebrarem a monotonia de tudo, essas melopéas dum inexprimivel sentimento poetico, aosom das quaes a mulher vende azeitonas, o homem couves, e a raparigota queijos, carapáus, ou marmellos assados. Não quero assim dizer que esta toada vá deleitar grandemente os *dilettanti* que se aborrecem, de casa, pelas cadeiras de S. Carlos, nem que as ruas da Baixa valham um concerto de Colone, á hora matinal em que as varinas saem do mercado, com a canastra prenhe de besúgo e sarda gorda. Porém, vão vocês residir ahi para um arrabalde socegado, para uma encosta de monte, onde não passem carruagens, para uma betêsga humilde e sem passagem; e quando as chaminés fumam na luz, e a pequenada desce para a mestra, escutem, ás 8 da manhã, do fundo dum quarto d'estudo, a mulher da hortaliça soltando ás *menagères* o cadenciado appello das maravilhas hortícolas que ella alli traz na cesta e nos ceirões.

Que rythmo admiravel o dalgumas! que alada melancolia no *smorzar* certos finaes, e como a voz dellas colleia e váe, num inexplicavel poder de suggestão pathetica e campina! Dentre essa variedade de dez mil pregões, que quotidianamente estrugem nas ruas de Lisboa, trez typos saltam, onde o observador poderia agrupar sem violencia, todos elles.

A saber: o pregão dos que vendem provisões d'origem marinha; o dos que vendem provisões de origem terrestre; e finalmente o pregão dos belfurinheiros de ruas e vendilhões de jornaes.

Destes trez grupos, o ultimo tende a eliminar-se, já porque os pequenos fanqueiros de rua, os vendedores de sapatos, os capellistas do carrinho ambulante, etc., cada vez são mais raros, mesmo nos bairros pobres, mercê da transformação porque estão passando os habitos caseiros das nossas mulheres. já porque os jornaes, com a feição pratica e antipathica que tomaram, deixaram de se poder apregôar pelos garotos na cantilena ondeante em que ainda hoje se apregôa, por exemplo, o *Diario de Noticias*.

No pregão das peixeiras tambem se notam, de ha uns annos para cá, tendencias rotineiras. As ovarinas são rebeldes á criação de novos typos musicas para o pregão, e preferem estagnar em trez ou quatro fórmulas seculares, invariaveis, como aquella em que se menciona simplesmente o producto — *Postas de pescada!* por exemplo — num ligeiro cantado que não commenta nem exálta o género, á fre-

guesia — como ess'outra, em que junto ao nome do peixe, váe especificado o seu destino culinario: ex.: *Cadellinha pr'a arroz!* ou *Irozés p'ra tigelada!* — ou ainda como aquella em que se elogia o producto, sem lhe dizer o nome, como acontece em — *Fresca!*..

Já não acontece o mesmo ao pregão dos vendilhões de comestiveis hortículas, cuja musica tende quotidianamente a enriquecer-se de novos motivos melódicos, originalísimos estribilhos; e variedades metricas, duma imprevisita fragancia d'expressão. Raro é o dia em que o vendilhão recémchegado da sua provincia, não lance nas ruas da capital, uma esfuçada inédita de notas,

*Broinhas de milho*

*Quentinhas de herba doce!*..

uma destas volatas de travor mourisco começando por um brado estrídulo, caíndo depois numa especie de recitativo a dois ou trez haustos, para acabar afinal numa cadencia bucolica ou cascalhada.

Todos têm no ouvido a deliciosa melopéa da mulher das melancias...

*Quem nas quer da vorzea!*

*Melancias á jaca!*

e a mulher das azeitonas

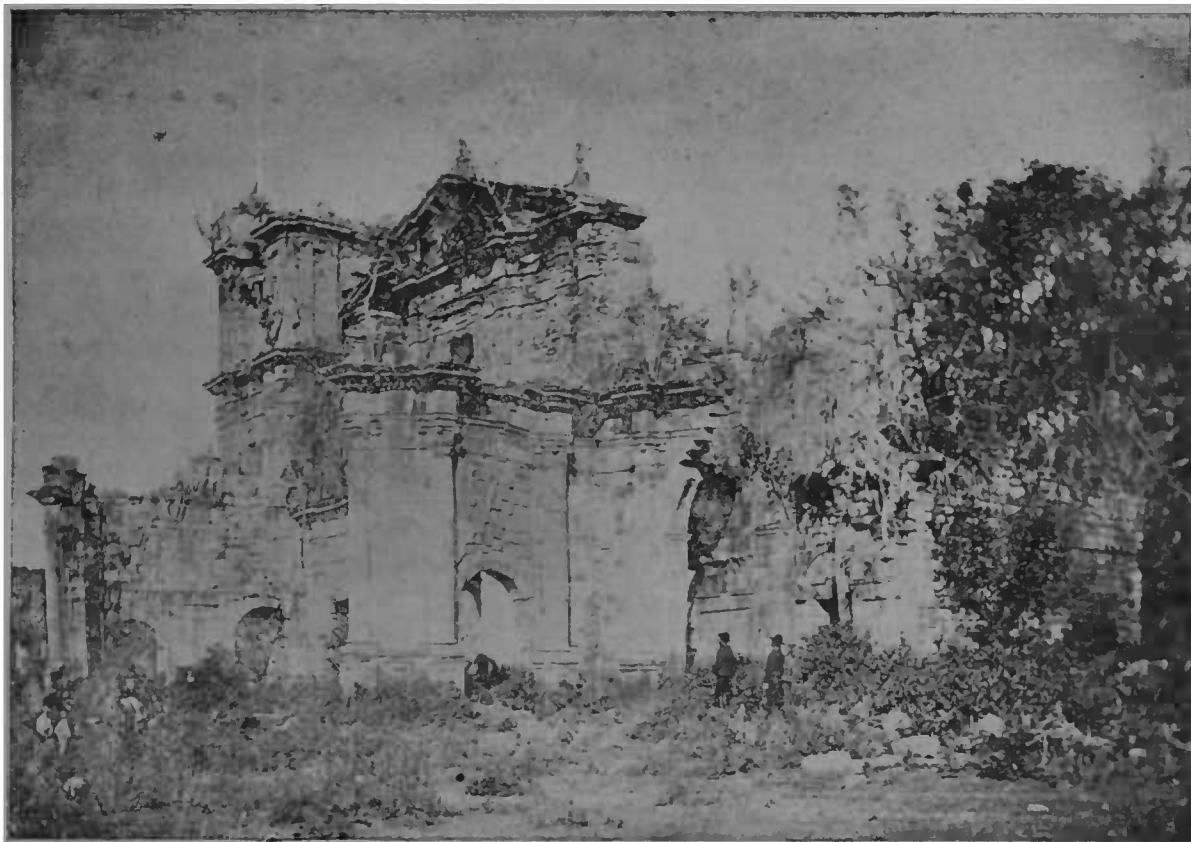
*A vinte e cinco o salamim,*

*Quem quer azeitonas novas!*

e se recordam com infinitas saudades do pregão do homem do gergelim, tão imaginosamente detalhado; dos pregões insubversivos do *Furibundo*, que vendia jornaes republicanos, pondo em rima as insolencias que elles vo-

mitavam; e desses pregões emfim que já morreram, e ao som dos quaes nós acordavamos todas as manhãs, nos nossos bairros d'estudantes e de caixeiros, quando a cidade ainda mantinha, ha vinte annos, aquelle seu ar provinciano, e á nossa adolescencia bastava um echo, para evocar na phantasia uma scena idyllica, recantos de paizagem, estados d'alma contemplativos ou extasiados — chiméras, emfim, que se desfazem com os primeiros cabellos brancos, e sobre que já não é possível escrever sinão recordações, ou epitaphios.

FIALHO D'ALMEIDA.



RUINAS DE S. MIGUEL

## RUINAS DE S. MIGUEL

No dia 30 de julho de 1902, chegámos ao pouso Timbaúva, donde se avista, muito próxima, e ao sul, a lendaria capital das sete missões do Uruguay, com as suas ruinas monumentaes.

No dia seguinte fomos visital-a. Antes de lá chegarmos, atravessámos um pequeno povoado de algumas casas sem importancia e mal dispostas, onde ha, felizmente, uma escola primaria. Além, estavam as ruinas da capital que, fundada em 1687, chegou a ter dez mil habitantes. A praça principal, vasta, quadrada, conserva em cada uma das faces vestígios da antiga grandeza — baldrâmes grossos de pedra talhada,

capitéis, fustas e bases de columnas, com relevos e florões, aduellas de archivoltas, pedaços de frisas esculpidas, cantos de cornijas de grés roseo, aqui e alli amontoados, ou esparsos em desordem. Esses montões de despojos da riqueza de uma civilização especial pelos seus moldes demasiadamente hieraticos, quiçá, mais consoladora para aquella região, ainda hoje em embryão social, do que a actual, em desoladora estagnação, sem o mais leve indicio de progresso, de industria e arte, esses tristes despejos juncam a praça em torno da vasta e magestosa ruina do velho templo jesuitico, a mais bella e monumental das que ainda existem no priveligiado territorio missioneiro.

Depois da expulsão dos padres da Companhia, as correrias do Andrésito Artigas, os saques de Fructuoso Ribera e as malfadadas revoluções posteriores transformaram essa bellissima região num triste deserto que só precisa de paz e justiça para se povoar, e transformar-se em terras cultivadas e fazendas de criação, para as quaes tem maravilhosa capacidade.

Do antigo templo de S. Miguel, salvo do incendio ateado na povoação em 1756, na guerra dos Guaranyes, mas que não pôde resistir abandonado á acção demolidora do tempo, restam ainda as espéssas paredes de pedra talhada, com pequenas galerias de passagem. Tem 77 metros de comprimento e 62 de largura. A figueira invasora, a

arvore typica das ruinas, introduziu-se entre as juntas dos paramentos das grandes naves e foi abrindo-as, separando-as e hoje presas a ellas e amparando-lhes os blocos desequilibrados, ostenta-se aqui e alli em dimensões colossaes.

O grande portico magestoso cahiu; restam pedaços de arcadas, fragmentos do rico entablamento suspensos, columnas desaprumadas, pedestaes cobertos de musgo e de espinhos, fustes em pedaços, mutilados. A torre, toda de pedra lavrada, onde havia um gallo de bronze amarello, derribado pela cobiça de aventureiros que o suppunham de oiro, foi fendida ao meio por um raio e as duas metades desaprumadas e pendidas ainda não cahiram. Tenues lianas as abraçam, e cardos espinhosos, como candelabros monumentaes, decóram aquelles muros em imminente desmoroamento. O tecto desabou e a luz do sol illumina as cruces carcomidas, pendentes sobre sepulturas abertas no pavimento, outr'ora lageado e, hoje, esburacado, cheio de poços profundos, abertos em grande numero em a nave central e nas lateraes, por exploradores dos phantasticos thesoiros da Companhia de Jesus.

Do material existente na velha Missão, se poderiam construir ainda bellos edificios; mas ninguem se lembra disso. Parece que se tem medo de tocar naquellas ruinas, effeitos de tantas guerras, de tantos crimes.

As casas da insignificante povoação moderna são pobres ranchos de madeira ou de taipa.

Quem passa pelas Missões brasileiras e argentinas sente, como eu senti, uma dolorosa impressão, como se passasse sobre aquellas regiões, esplendidamente dotadas, um estigma de maldição, detendo a mão do homem, quando tenta fazel-as prosperar.

O povo atrasado e supersticioso que alli vive, além da indolencia natural da raça acredita no anáthema. Ouvi em S. Borja que o logar começou a ir para atraz desde que cortaram as pernas de S. Francisco de Borja, que era demasiado grande para um nicho.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Extractos de um diario)

## MISERIA E CRIME

### I

A obra monumental de José van Kan, corôada pela Universidade de Amsterdam, e referente ás «causas economicas da criminalidade», dissipou as ligeiras duvidas que ainda perduravam nos espiritos de bôa fé acerca do momentoso assumpto.

O estudo foi feito exhaustivamente, alimentado desde o principio por curio-

sidade inexcedivel, através de vastissima e escolhida bibliotheca. Quem tiver, como nós tivemos, o cuidado de verificar algumas citações e a fidelidade dalguns resumos não será desilludido; não acontece com o escriptor hollandez o que frequentemente succede com Lombroso e outros de igual estôfo: ser encontrado em flagrante delicto litterario, citando falso ou interpretando deploravelmente o pensar alheio.

Qual foi, afinal, a primeira conclusão a que elle chegou, de accordo com a maioria absoluta dos autores modernos? Foi esta: a *situação economica* determina grande numero de crimes contra a propriedade, sendo sua *causa indirecta*; a *necessidade urgente e aguda* é *causa directa* dessa criminalidade generica, bem como o é a *miseria chronica*.

Terminada a leitura proveitosissima da profunda monographia, nos occorreu a idéa de procurar a solução juridico-penal para os casos em que a necessidade urgente e inadiavel apparece como a causa directa dos crimes contra a propriedade. O assumpto é, devéras, tentador e já tem provocado, sob certos pontos de vista, a attenção de alguns juristas e litteratos. Temos, pois, fundada esperanza, assim bem amparados, de não ficar no meio do caminho.

Ha dez annos, um escriptor de vigoroso pulso, escrevendo na excellente REVUE DES REVUES, observava que a sociedade moderna, não punindo directamente a pobreza extrema, conserva, entretanto, em seus codigos penaes, verdadeiras sobrevivencias barbaraes, que servem para a iniqua punição de actos que resultam da miseria!...

Não ha salvação possível (continua) para o pobre que a desgraça impelle ao crime. Os deuses inviolaveis da organização social vigente são o «dinheiro» e «a mercadoria». Derivada desse estado de consciencia colectiva, a lei penal pune severamente os attentados á propriedade, sem distincções, como outr'ora eram punidas, como muito graves, as offensas feitas ás poderosas e supremas divindades.

Aconselhava, então, ao socialistas que seguissem uma verêda nova, escrevendo, entre as reclamações possibilistas do seu programma, a reforma dos codigos penaes, no sentido da attenção dada á miseria, como causa social dos delictos contra a propriedade.

Para a solução dos casos bem expressivos da influencia da miseria na producção do crime, isto é, em se tratando do *furto praticado por fome* — parece-nos que mais de um codigo já offerece o necessario elemento de excusa ou de justificação.

Antes e depois das leis penaes, a doutrina tem firmado o principio da

impunidade desses *crimes necessarios*. As raizes dessa theoria do «direito á vida» sobrelevando ao «direito á propriedade» — se encontram nos theologos e canonistas. Do ponto de vista propriamente religioso elles enxergavam justificação para o furto nos PROVERBIOS (*L. de Salomão* cap. VI, versiculos 30 e 31) e nos EVANGELHOS, (*S. Lucas*. VI, 15; — *S. Matheus*, XII, 18). Sob o ponto de vista da philosophia social, essa doutrina resultava, em linha recta, da theoria da «comunidade dos bens». Para os grandes theologos, só a decadencia do homem levou-o á separação individual dos bens. A propriedade indivisa foi o primeiro idéal economico do Christianismo. (\*) Sendo assim, o furto, quando praticado pelo pobre nos transes da fome, exprime, nada mais nada menos, uma volta ao estado primitivo do communismo, uma especie de restituição, muito legitima.

Thomaz d'Aquino, considerado a figura mais importante da Igreja do Occidente, e, sem duvida, o maior philosopho da Idade Média, emprestou a essa doutrina de solidariedade humana a autoridade do seu preclaro engenho. «Emfim, ensinava o sabio doutor, no caso de uma necessidade tão grave e tão urgente que não admitiria demora, é permittido apropriar-se alguem do que é alheio, mas tão sómente em quantidade que baste para satisfação dessa necessidade de que por outra forma não se poderia livrar.» (SUMMA THEOL. II, 2ª parte, *quest. LXVI*, art. 7º).

O papa que deu nome a um dos seculos mais brilhantes da civilização humana, Leão X, decretou a impunidade do furto commettido por extrema necessidade.

No *Corpus Juris Canonici*, ha uma passagem precisamente dedicada ao furto necessario (Cap. 3º X, *De furtis* ns. 5 e 18). Verificou-se que o alludido trecho das "Decretaes" fôra tirado dos *livros penitenciaes* dos primeiros tempos da Igreja, o que mostra ser tradicional entre os Christãos o principio que alli se contém. Vê-se que a pena era muito modica: — *peniteat hebdomadas tres*.

Na Idade Média, os glossadores, indo além do Direito Canonico, que tinham em vista desenvolver e estender ás relações civis, fixaram a doutrina da absoluta impunibilidade do furto por fome. A extrema necessidade se lhes deparava como uma circumstancia absolutamente excusativa para o furto. O pobre miserando, no exercicio do seu direito sobre os bens superfluos do rico, não tinha motivo para deter-se, quando podia satisfazer a fome á custa do bem alheio.

(\*) V. LE DROIT DES HUMBLÉS, por J. E. Fidáo, pags. 45-79

Demais, vinha, para reforço da doutrina, a já alludida theoria religiosa do "communismo primitivo". Sustentavam os glossadores que "in necessitate omnia sunt communia".

Assim se patenteia que para theologos, canonistas e glossadores, o acto necessario de um furtador esfaimado é simples exercicio dum direito; seu proceder é identico ao do proprietario que toma conta do que é seu.

Depois, os casuistas — a quem se deve muito innegavel esforço na formação do Direito Moderno — adoptaram os mesmos principios e os deduziram, tambem, da theoria do communismo dos bens. São dignos de citação especial: Julius Clarus, com sua *Practica Criminalis*, e Farinacius, com sua *Praxis et Theoria criminalis*. Este ultimo, retomando o rigor dos padres da Igreja, sustenta a obrigação em que está o rico de vir em auxilio do pobre; tirando d'ahi a conclusão de dever o rico permittir a pratica do furto, quando resultante da extrema penuria. *Ut fur isto casu propter necessitatem excusetur, debat credore dominum rei furatæ permissum.*

Notaveis autores se podem citar sustentando a mesma doutrina, em tempos mais proximos. Do seculo 17º são os justamente celebrados Grotius e Puffendorf. Quanto expenderam esses dois acerca do assumpto, vem fielmente resumido por Paulo Moriaud, na sua bella monographia DO DELICTO NECESSARIO E DO ESTADO DE NECESSIDADE.

Approveitemos, como já fizemos em mais de um ponto, o precioso trabalho, que mereceu os mais elevados e encomiasticos conceitos de Gabriel Tarde. Grotius limitava o direito de subtracção necessaria; mas não desconhecia que, em casos graves, o pobre póde apoderar-se do que é superfluo ao rico, sem commetter crime. Puffendorf sustentava que, por mais respeitavel que pareça o direito de propriedade, não póde evitar que o pobre se apodere dos bens de que extremamente necessite.

O homem, reduzido á extrema miseria, para a qual não tenha contribuido, e não podendo obter, por simples pedido, os meios necessarios para livrar-se da fome e cobrir a nudez, póde lançar mão do bem alheio, pois não é criminoso.

Entretanto, queriam Grotius e Puffendorf que, em tempo opportuno, quando pudesse, o furtador restituísse ao prejudicado a cousa ou o seu valor.

.....  
Notou Felix Marchand, na sua obra DE L'ÉTAT DE NECESSITÉ que modernamente, isto é, no seculo XIX, poucos escriptores tratam desenvolvidamente o assumpto. Cita, como mais digno de consulta, Le Sellyer, no seu

*Tratado da penalidade, da responsabilidade e da criminalidade*, que aceitou as opiniões de Grotius e Puffendorf.

Criminalistas do nosso tempo apenas alludem á questão.

Para prova do pouco caso que a ella se tem ligado, basta considerar que Lombroso, recentemente, tratando do assumpto, apenas encontrou, para citar em apoio da sua opinião, a de Cremani, criminalista do seculo 18º. Vale a pena saber o que diz o notavel fundador da escola anthropologica do crime. Entende que o furtador necessitado é um *criminoso á força*. Seu delicto, verdadeiramente occasional, exclue a applicação da pena. (LE CRIME, 1899, pág. 505). E' interessante verificar em que ponto dalguns codigos modernos se encontram as disposições que garantam ao pobre o direito á vida, excusando o furto commettido em estado de necessidade.

Depois, veremos a applicação que da doutrina e da lei já tem feito a magistratura do nosso tempo.

EVARISTO DE MORAES.

#### OS ACONTECIMENTOS

Em primeiro lugar, o que vale a pena de ser notado, aqui, como indicação aos futuros penetradores da psychologia social, é o prodigio de imaginação que, a remexer os ultimos successos, tem dispendido a imprensa.

A primeira nota é da *Tribuna*. Já verificou esse confrade que a bernarda do dia 14 tem raizes quasi antigas e quasi fundas.

Magnificamente contou que em outubro de 1901 e em julho de 1902, se concertou, com entusiasmo, a *revolução*, que devia estalar aqui, em S. Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná e Pernambuco, onde, aliás, o entusiasmo era menor apezar das suas tradições.

S. Paulo e Rio Grande eram as maiores potencias da lucta. O plano da revolta era formidavel, era republicano e era, principalmente, do senador Sodré. Um emissario foi mesmo enviado a Montevideo. Ia fazer adeptos, com 150 contos — diga-se logo. Na capital do Uruguay, pouco depois da sua chegada, o emissario reuniu chefes politicos descontentes da politica do sul. As coisas tramavam-se, os chefes combinavam, correspondiam-se com pseudonymos varios: *Rodrigo, Luiz, Laurindo, Anibal, Luciano, Valerio, Carlos.*

O do senador Sodré era *Estacio*. O dinheiro evaporou-se. Pediu-se mais, torceram-se narizes, e, afinal, foi resolvido que se mandariam mais 150 contos. Ficou, porém, na resolução, porque *Estacio*, do seu lado, resolveu

achar inoportuno o momento da acção. Os chefes appellaram, então, em linguagem cifrada, para o patriotismo de *Estacio*. *Estacio* não recebeu esse appello, o emissario regressou de Montevideo, depois de uma ultima conferencia em Paso de los Toros, e o movimento passou, sobretudo porque, em agosto, chegara ao Rio, o couraçado *Chacabuco*, do Chile. A nossa policia tudo acompanhou; mas, por milagre, nunca se mettu a bolir na trama. O movimento ficou assentado para o dia 4 de novembro de 1902, sob a égide da Escola Militar, onde dois alferes faziam, depressa, a propaganda de *Estacio*. O governo, que era o do presidente Campos Salles, soube do plano, e congraçou os alumnos adversarios de *Estacio*, meio que, no momento, seria impedir a posse do actual presidente.

Um outro meio tambem falhou, como o resto: um alumno laurista teria ido ao tunel grande da E. F. Central, deitar dynamite quando tivesse de por alli passar o comboio conduzindo o presidente eleito.

Falhados todos esses manejos, *Estacio* appellou para o caso do Acre. Foi em vão. Agora, appellou para o caso da vacinação obrigatoria. Tambem não foi muito feliz. De tudo o que precedeu aos actuaes acontecimentos, sabia o chefe de policia do governo passado, que os narrou ao presidente Rodrigues Alves, na vespera da sua posse. São, como vêem, bem feitas as excavações da *Tribuna*. Excavou a historia e a argucia do então chefe de policia, que tudo viu e soube e burlou.

—Victimas da *revolução*, morreram até o dia 20, 22 pessoas.

—Effectuaram-se centenaes de prisões de populares.

—Tambem foram presos o general Silvestre Travassos, tenente coronel senador Lauro Sodré, chefes do movimento; general Olympio da Silveira, major Raymundo Gomes de Castro, capitão Antonio Mendes de Moraes, cumplices.

—A Escola Militar foi fechada, e della foram desligados 300 e tantos alumnos, que tomaram parte na sublevação.

—O general Travassos foi ferido gravemente no joelho, e o senador Lauro Sodré, levemente, no couro cabeludo.

—Até entre a policia, houve conpirações. Um delegado, o da circumscripção a que pertence a Escola Militar fechou o estabelecimento, e mandou em paz os empregados. Si não foi por medo, foi por sublevação. Passa, pois, á Historia, o nome desse delegado — dr. Almeida Nobre.

—O senador Sodré, depois de preso, teve a melhor phrase, como heroe do movimento: «especularam de tal modo

com o meu nome, que me esqueci da minha posição, da família, dos amigos e até da Republica.»

No ponto de vista revolucionario, este periodo diz tudo.

—O governo tem cercação de todo o carinho, a familia e a memoria do major Fabricio, morto pelo alferes Theodomiro, que sublevou o contingente do 16 de infantaria, da Bahia, commandado por aquelle official, que succumbiu em virtude de não ter concordado com a sublevação.

—Houve dois movimentos absolutamente distinctos — o do baixo povo, (por causa do projecto do regulamento da lei da vaccinação obrigatoria) que começou no dia 12 de novembro e terminou na noite de 14; e o da Escola Militar, que anoiteceu em 14 e não amanheceu, com o plano de depôr o governo. Para o dia 15, estava annunciada uma parada commemorativa do anniversario da proclamação da Republica. As arruaças distrahiram e cansaram as forças da guarnição. De modo que a parada foi adiada, adiando o plano da revolução, que era prender o presidente, quando passasse revista ás tropas. O governo, ou, antes, a nação agradece a Deus os disturbios. Não ha mal que não traga um bem..

## THEATRO

O theatro da revolução...

Que espectáculo comprido, meu Deus! Houve muito de tragedia — o necroterio o attesta — houve pantomima grossa — Porto Arthur o affirma. Todá a cidade freuiu como um arame, esguélou como uma doida, esperneou como um cabrito, e, em vez de palmas, — a pateada dos tiros por cima do tempo. Por cima do tempo e da gente. Cá está um que por acaso, (acaso sr. estado de sitio!) assistiu a uma scena da tragedia, e que hoje, quer acordado, quer dormindo, ainda ouve o zinado de uma bala que de carreira lhe passou pelas orelhas, sibilando, de carreira, a musica detestavel do outro mundo.

E a impressão desse zinado é tão profunda, electricou-me de tal fórma as impressões, que, agora mesmo, a cada palavra que a penna velha váe rangindo no papel, olho e reólho de um lado a outro, arisco como um veado, ouvindo no rangido que a penna váe fazendo, o assobio que a tal bala me cantou pelos ouvidos.

O theatro não teve palco. Talvez minta. Cada canto de rua era um bastidor, um scenario em cada bairro, cada praça uma ribalta e os camarins — eram cada porta aberta que se encontrava. Iam-na varando batente a dentro, sem perguntar pelo dono do camarim e o numero do dito.

O palco era a rua, eram as praças,

era a cidade inteira. Nunca se viu um palco assim. Não havia bilheteiro á porta do theatro — a entrada era gratis. A sahida... á sahida é que era a cobrança. O que pagava menos, o réles espectador da geral como eu fôra, trazia o maldicto sibilado dessa bala que me canta nos ouvidos, e outros, os das cadeiras ou dos camarotes, eram levados para o outro mundo. Actores foram em porção.

Meus olhos nunca viram tanta gente em scena. Actrizes, poucas, muito raras, e essas mesmas, (num drama têm-se ás vezes papeis sem sorte) o revez do acaso trouxe-lhes o revez da sorte. Entraram em scena por um acaso, foram feridas por um acaso, morreram porque as ferira o acaso. Onde está o tribunal que julga o acaso, o promotor que o accusa, o juiz que o condemna? Vocês não me dirão? Qual! O que lhes digo é que ellas morreram, e, como eram pobres, dormem ao acaso, por ahi, numa sepultura sem nome, no meio de outras sepulturas.

A peça não teve auctor — não se podia responsabilisar ninguem. A collaboração foi vindo aos poucos, espontanea, gratuita, nevrotica, desbaratada. Quem tinha um braço agia, quem tinha revolver disparava-o. Eram scenas de dramalhões por toda a parte. Os actores, sem o chamado do contra-regras, surgiam em roupas de um ensaio, e representavam como num espectáculo a capricho. E surgiam graciosamente, com o fâro dos cães de caça, para a desordem e para a morte.

A peça, como diziamos, não teve auctor. Talvez seja mentira. Talvez seja verdade. Ao certo, um auctor não houve, auctores é que houve muitos. Quem assomava em scena, trazia o seu papel de casa, feito pelo seu proprio punho, ou improvisava-o de momento, numa eloquencia comburent e caustica, crepitante e má — a eloquencia da pedra de encontro aos lampiões, da baioneta, do revolver, da carabina e da bala.

Houve auctores de desordens na Saúde, auctores de uma idéa em Botafogo.

Os primeiros riram, galhofaram, apalhaçaram. Fizeram da areia dynamite, de um combustor um canhão, de coisas velhas um forte.

Os outros empanaram um sonho numa temeridade, apagaram-no num fracasso, e, mais do que a vida, sacrificaram o futuro pelo sonho. Eram uns ideólogos, e ante os seus olhos de moços, a patria era um frangalho de patria chacoteado por todos os ventos, sujeito aos embates das tempestades, ao estonteamento dos furacões. E acima de tudo isso, a miragem de uma nova patria clareava-se-lhes ridente e fresca, aberta para o sol, desnudada para o céu, uma patria sem má-

cula, sem enfermidade e sem sombras, como as patrias que se vêm em sonho.

A miragem não passou de miragem. E quando a caravana partia com os olhos fitos nella, (nos desertos é sempre assim) o simoun rebentou posante, obumbrando o céu.

Nos outros theatros, é sómente em scena que a mulher briga com o marido, que o marido briga com a mulher, que a dita atraição o dito, que o dito mata o amante; palco afóra, são todos amigos, ou inimigos se já o eram antes. E quando o quadro impressiona, o povo os chama á scena; os que tinham acabado de morrer naquelle instante, os inimigos terriveis, apparecem de vida nova, amigos, de mãos dadas, rindo e agradecendo.

Aqui, a coisa não foi assim. Quem morreu, morreu de verdade, quem não morreu, ou está ferido ou está preso.

E' o theatro de Antoine com todos os requintes, com toda a perfeição do natural.

E o povo interessou-se tanto, emocionou-se de tal fórma, que os theatros onde se pagam entradas tiveram que fechar as portas por incapazes de representar a vida como ella o é na morte. De dias para cá, um ou outro foi abrindo medrosamente.

No *Apollo*, o *Badalo* continúa; no *Lucinda*, a *Capital Federal*; no *Parque*, a companhia lyrica, e o *Recreio*, para dar mais uma nota de dôr em tudo que se deu, abriu com o *Martyr do Calvario*.

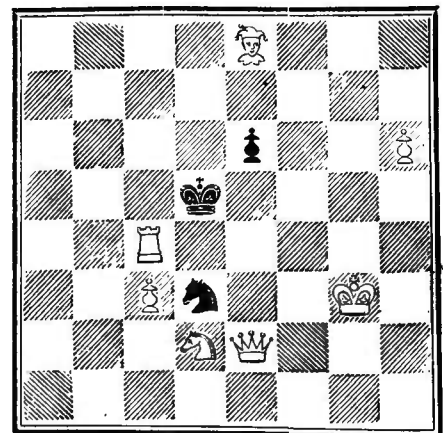
De tudo isto, eu lhes queria falar a miúde, mas aquella maldicta bala que de carreira passou, pelas minhas orelhas, cantando a musica detestavel do outro mundo, faz-me ouvir em cada palavra que a penna velha váe rangindo no papel, o tal assobio que ella me cantou pelos ouvidos.

Quem é que póde escrever com semelhante impressão?

JUSTUS JUNIUS

## DIVERSÕES

Problema N. 5



As brancas jogam e dão mate em dois movimentos.

## DIMINUTIVOS

(Carta adereçada a trez ou quatro senhoritas' do conhecimento do auctor.)

Em verdade não sei, minhas Senhoras, porque teimam vossas excellencias em esrever á hespanhola no endereço de suas cartinhas perfumadas, o gentil diminutivo com que de alguns annos para cá se principiou a designar-as. Escrevem *senhorita* com o *n* tilado, caso unico em que o hespanhol usa da notação chamada *til* para representar o som particular do nosso *nh* ou do *gn* francês, isto é, as consoantes *molhadas*: *leño, tamaño, año, maña, niñez, pañito, mañoso*.

Porque não escrevem *senhorita* á portugueza? Talvez que por suporem que o suffixo *ito* e *ita* pertence exclusivamente á lingua castelhana. Mas vossas excellencias enganam-se. Tal terminação, minhas prezadas senhoras, tanto é de um como de outro idioma, pouco importando que de Hespanha a tenhamos recebido. Querem exemplos de diminutivos nossos em *ito*? Saltam-me de roldão dos bicos da penna: *livrito, cestito, rapazito, reizito, casita, mocita, mulherita, pequenito, pouquito, copito, porquito, doidito, Thomézito, Annita* e um sem conto d'outros vocabulos. (1)

Quando vossas excellencias leram Camillo Castello Branco, porque de certo o leram e nem ha mulher a quem não interesse um escriptor cuja vida foi uma meada de paixões amorosas mais ou menos violentas e que envelheceu a amar, segundo a sua propria confissão, quando vossas excellencias leram o grande, o inquieto, o tragico, mas sobretudo amargurado Camillo, passaram-lhes despercebidos dois trechos, um a paginas 120, cap. 15, dos *Brilhantes do brasileiro*, e o outro a paginas 182, terceira parte. cap. I, das *Trez irmans*, nos quaes trechos apparece a palavra *senhorita*, trajada á portugueza, mas, ao que parece, usada em sentido pejorativo. — «Eu tenho muito medo que meu irmão se apaixonone por alguma d'estas *senhoritas* cá de Barrosas que andam a armar-lhe a

(1) Merece lida a seguinte observação feita por dom Andrés Bello, sempre cuidadoso da propriedade e justeza das expressões que usava:

«No Chile, como em alguns outros paizes da America, abusa-se dos diminutivos. Chama-se *senhorita*, não somente a toda senhora solteira, de qualquer tamanho e idade, que tambem a toda senhora casada ou viuva; e quasi nunca são nomeadas senão com os diminutivos *Pepita, Conchita*, por ancians e corpulentas que sejam. Devêra desterrar-se semelhante pratica, já porque tem o que quer que seja chocante e ridiculo, já porque confunde diferenças essenciaes no tracto social.» (*Gramática de la lengua castellana*.)

rediosca com presentinhos de queques e ramos de flôres.» (*Os brilhantes do brasileiro*).

«Se queres que te diga o que sinto, seria mais facil eu casar com uma menina virtuosa e pobre da classe mechnica, que fazer feliz uma dessas *senhoritas* que não sabem ao certo o nome do seu vigesimo avô!» (*As trez irmans*.)

Não se lhes afigura a vossas excellencias que o diminutivo *senhorita* nas duas passagens de Camillo, é um diminutivo despectivo?

Pouco importa que seja ou que não. O ponto capital é que o termo existe em nossa lingua e data de um pouquinho mais longe do que vossas excellencias porventura cuidavam. Num diminutivo a ideia de mesquinhez, e a de carinho, ternura, compaixão, ou semelhantes, são ideias accessorias, podendo muitas vezes exprimir ora uma, ora outra, conforme o tom que se lhe imprime, — escarninho, depreciativo, jocosos, affectuoso ou meigo.

Mas ainda ha coisa mais grave. Já, com estes meus olhos de grande peccador, vi num sobrescripto a palavra representada deste geito com esmerada caligraphia: — *signorita* tomando-se o radical italiano. Isto, porém, é que não é possível, — tenham paciencia. O diminutivo de *signora* é *signorina*, na doce lingua do

... bel Paese

Ch'Appennin parte, il mar circonda e l'Alpe.

Teem os hespanhões o suffixo *ito* e *ita*, nós tambem o temos como uma differenciação do suffixo *inho*; teem os italianos *ino* e *ina*: *nipotino, cavallino, Carlino*. Ao que diz Constantino Arlia nos seus *Passatempi filologici* (Milão, 1902), a desinencia em *ito* começou a usar-se entre os italianos quando, nos primeiros annos do seu politico resurgimento, entrou a correr na boca dos italianos, d'envolta com os outros nomes dos valorosos, o de *Annita*, uma mulher da America portugueza, uma filha do Brazil, que, impavida, ao lado do esposo immortal, o seguia nos campos de batalha. De então por diante, numa gentil intenção de reconhecimento, ou de grata lembrança para com a admiravel consorte de Garibaldi, as *Anne* e *Annine* de Italia chamaram-se *Anite* ou *Annite*; as *Teresine* não quizeram ficar atrás e converteram-se em *Teresite*.

Não se riam as senhoritas bazi-lienses das «*signorine*» italianas. Ninguem tem que se rir do seu proximo e demais todas são rés do mesmo delicto.

Deus sabe que tristezas são as de certas meninas por terem o doce e sacratissimo nome de Maria. Maria é um bonito nome, mas já muito trivial! Sôa melhor em inglês — *Mary*, fica mais sympathico, mais harmonico do que em portugues.

Marietas, Antonietas e Julietas ha

que para darem um tal qual aspecto de originalidade graphica ao nome, ou para lembrar o francês *Mariette, Antoinette, Juliette*, duplicam-lhe o *t*, e ficam com um nome que, orthographicamente falando, não é coisa alguma, nem portugues nem francês. O suffixo vernaculo *eta* escreve-se com a consoante singela: *caixeta, caneta, vareta, cançoneta, opereta, estatueta, historieta, saleta, papeleta, caderneta*, etc.

Aquella Maria Benedicta que apparece no *Quincas Borba*, de Machado de Assis, sentia-se vexada por ter tal nome, — um nome de velha, dizia ella, o nome de sua avô; ao que a mãe retorquia lembrando que «as velhas foram algum dia moças e meninas, e que os nomes adequados ás pessoas eram imaginações de poetas e contadores de historias.» E Sophia, a bella e sagaz Sophia, accrescentou que os mais feios nomes são lindos, conforme a pessôa.

E notem por fim vossas excellencias que, tambem para ridiculo do sexo de quem lhes escreve, os homens não teem querido manter-se nas fronteiras da seriedade e, por processos identicos aos das creaturas do sexo de vossas excellencias, buscam attenuar a fealdade dos seus nomes delles, nomes que lhes parecem pêccos e charros.

Como alguns por nome Jayme se trocam britanicamente em *James*, e outros de nome Gualterio transmudam-se germanicamente em *Walter*, assim bem pôde ser, minhas queridas senhoras, que o auctor destas linhas ainda venha a assignar-se *Marius*, em latim.

Se vossas excellencias me perdôam o atrevimento com que talvez ferí no coração o «ridiculo» de vossas excellencias, beijo-lhe mil vezes as mãos e nestas e em todas as materias fico sempre prompto para servil-as.

Criado de vossas excellencias

MARIO BARRETO.

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDO DE UM ESTUDO CRITICO

DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1ª

CAPITULO III

No dominio conrecto, a actual theoria é exposta da seguinte maneira:

Supponhamos que sobre a recta *XX'* tomamos um ponto fixo *O* para *origem* das grandezas positivas e negativas.

B'	A'	O	A	B
X				X'

Suppondo que um ponto parte de *O* e chega a *B*, tem elle gerado a grandeza positiva *OB*; admittindo agora que o ponto que está em *B* parte para *O* e pára em *A*, tem elle produzido a grandeza negativa *BA*, porque desloca-se nesse movimento, em sentido oposto ao sentido em que se deslocou quando

de  $O$  partio para  $B$ , e como em sua volta para  $O$  o ponto outra coisa não faz senão extinguir a recta que existia, e seo primeiro movimento, fica explicado porque um negativo implica uma subtracção, o que no dominio abstracto traduz-se por  $a - b = a + (-b)$ , principio este que existe neste dominio e que é confirmado pelo caso geometrico. Isto equivale a se tomar o ponto  $B$  para origem dos negativos, e é justamenje por isso que, no dominio concreto, um negativo não é menor do que zero, porque desde a origem  $B$  que os negativos crescem em valor absoluto.

Ha entretanto autores que pretendem ser mais conformes ao principio de Descartes e não tomam logo o ponto  $B$  para origem, mas effectuando simplesmente uma subtracção entre duas grandezas, das quaes a que deve ser sotrahida é maior do que a outra, levam a medição até á esquerda da origem e encontrando uma grandeza á esquerda de  $O$ , dizem ter demonstrado o principio do philosopho concluindo, pela figura, que o negativo é menor do que zero.

O que ha, entretanto, de verdadeiro é que quer se tome o ponto  $B$  para origem, quer não se tome, um numero negativo nem significa uma subtracção nem della provém.

Si não se tomar o ponto  $B$  para origem dos negativos, e si se pretender que este ponto assignale unicamente o ponto de partida da subtracção, como pensam alguns geometras, um negativo que provém de tal operação só pôde ser maior do que zero, levando-se a operação além da origem, ou effectuando-se uma subtracção impossivel, o que evidentemente só pôde ter lugar, si se admittir tambem que subtrahir é fazer uma addição entre duas parcellas em que uma seja negativa. Mas uma vez que se acceitar tal principio, já se tem admittido o ponto  $B$  para origem, ou já se confundio o sentido contrario com o sentido directamente opposto.

Si se tomar o ponto  $B$  para origem e si se disser que  $BA$  é negativo, já se confundio os dois sentidos, e tanto haverá negativos a esquerda do extremo  $B$  como á esquerda da origem  $O$ .

Confundir o sentido contrario, que significa subtracção com o sentido directamente opposto que significa addição, é o mesmo que acceitar o principio acima referido, e neste caso, como no primeiro, um negativo não pode ser maior do que zero, porque pela applicação do principio, já elle era menor.

Assim, partindo-se do abstracto para o concreto, não ha meios de chegar, sem sophisma, a provar que um negativo seja real e muito menos que represente uma grandeza.

Acceituando-se simplesmente o principio de Descartes, como uma necessidade imposta pela complexidade de certos factos geometricos e mecanicos, um numero negativo não pode ser menor do que zero porque no dominio abstracto designa ou lembra uma grandeza que existe no dominio concreto e que se teve necessidade de representar abstractamente, afim de que a linguagem mathematica fosse a mais completa possivel.

Partindo-se do concreto para o abstracto, não se pôde confundir o sentido contrario com o sentido directamente opposto, porque o verdadeiro alcance da instituição da origem foi prohibir tal confusão.

E' assim que, Descartes, se deve vêr no theorema de Carnot relativo á projecção de um contorno poligonal fechado sobre uma recta fixa, um caprichoso exemplo do *sentido contrario*, porque ahi, não havendo negativos de especie alguma, existe apenas uma addição e uma subtracção, produzidas pelo movimento de um ponto, que pelas interessantes circumstancias do facto conduz a um resultado nullo.

Na instituição das coordenadas, deve-se com o mesmo philosopho, vêr um verdadeiro exemplo do sentido directamente opposto,

e ahi não ha sentido contrario ou subtracção de especie alguma.

Repizar um assumpto esteril como o que nos occupa, torna-se por demais enfadonho para o leitor, mas temos necessidade de abordar a theoria por outro lado, o que faremos na investigação que se segue.

TERTULIANO BARRETO,

1º Tenente de Artilharia.

(Continua)

## A LIVRARIA

ARTISTAS DO MEU TEMPO SEGUIDOS DE UM ESTUDO SOBRE LAURINDO RABELLO — MELLO MORAES FILHO — H. GARNIER — EDITOR.

Vacillo, positivamente. Estou a ver, de dois meios certos, o que me leva ao melhor juizo sobre esse livro. Ha o que eu tiraria do Bocage — está escripto o nome do auctor; estou vingado. E ha este, magnifico: transcrever, nestas columnas, todo o *stock* das pullulantes futilidades esventradas nesse volume. Todo o angustioso mundo provaria, dest'arte, o diabolico pavor de ver, claramente ver, em meio de syncopes e desmaios, um acabado e maravilhoso monumento de coisas vindas numa colligação de asneiras. Mas, em poucas phrases eu digo tudo dessa brochura, as mesmas que diriam sufficientemente da vasta palhada escripta do dr. Mello Moraes. Tambem não é preciso mais a uma noticia, que deve ter, sem orgulho, a proporção do trovador do *bumba-meu-boi*. Si eu visionasse, aqui, outra coisa, de certo, numa intenção de piedade, metteria pelo que elle já tem *arranjado* por conta do que váe fazer no céu das formigas. Mas, como sabem os senhores, o dr. Mello Moraes é desapoderado. Na *cavação* da vida, não ha, não pôde haver forças que o conttenham. Todas as philosophias asseguram-lhe, aliás, esse direito primordial. E eu saio deste principio para louvar a canceira do terrivel *cavador*. E' futil, cruel, malvado; mas, é *cavador*. Eu quereria, porém, que tivesse *modo*; lançasse a munhéca, pegasse o alheio, colhesse em alheias seáras, fizesse livros lamentaveis. Mas, c'os diabos, só fosse isso. Não tem uma obra sua, propria, trabalhada, representando suóres sanctificantes de rosto.

O que se sabe desse malandro de *marráfa* é o prefacio, em pagina e meia de prosa colonial, das escamoteações a que procede, com displante reincidente, dos trabalhos do proximo. E' um sujeito que veio ao mundo viver, impunemente, do que os outros fazem, sabe Deus com que bravuras e sacrificios. Tem escripto, num estylo de archivo, umas anedoctas futeis, sem graça, sem geito, umas anedoctas piadas numa linguagem de bôbo faminto, em tempo de lua, como esses miserimos episodios, sem nexo, sem interesse, sem valor, a que elle chamou — o pulha — *estudo sobre Laurindo Rabello*.

Mal a casa Garnier as *poderia* estruturar no seu *Almanaque*. Nesse terreno, a colheita não pôde ser constante, nem fértil ao bolso. Atira a rêde ás modinhas populares... e arruma uns volumes formidaveis. Seria, então, um excellente serviço.

Mas, vejam os senhores, é um simples e réles trabalhinho de colleção, tão facil, tão espalhada, tão êrma de critério, como a faria, mansamente, qualquer colleccionador de ferro velho ou de *coupons* de bondes. Não dá uma nota, uma indicação, não rectifica chronologias, não adeanta, siquer, uma classificação, o logar, o tempo. Apanha aqui, acolá, conta as tiras, embrulha-as (embrulha tudo e a todos) e leva-as ao editor, recebe o cóbrê, conta, mette no bolso, e sáe, rua a baixo, as melenas sovando a corcova, e convencido de mais um titulo proximo dessa mesma gloria litteraria que lhe deu uma das fluctuantes cadeiras da Academia de Lettras. Depois, as sandices estancaram... Ahí surge, pois, o dr. Mello Moraes, vário e encantador. Ganha os morros de São Christovão, sapateando, pinotando, á sirga da rapaziada e das meninas. E' atrôa, numã voz que desfaz trombas d'agua, a *Náu Catharinêta*. A cabelleira esfalripa-se, lampejam os seus corrimentos de prata, o azeite; elle encolhe-se, tira trémulos do corpo, espalha-se, embóla... Uma folia. No alto do morro recebe os loiros. Volta a casa, amansa o entusiasmo, dorme; em risos gloriosos, sobre esses loiros e depois... por exemplo, *Artistas do meu tempo*: uma série de paginas onde as anedoctas choutêam, segundo o compasso do mestre no delirio dos *fandangos*: lamurias, tristezas, infortunios, miserias condolentes de *artistas* que elle conheceu. A não ser Carlos Gomes, (o *campineiro maestro*, *campineiro auctor*, *illustre caipira*, etc, como elle lhe chama) Insley Pacheco e João Caetano, os *artistas* valem mais ou menos o dr. Mello Moraes. Que adeantava, portanto, o estudo desse pessoal? E' que valor tem ou pôde ter esse *documento* do auctor? esse estudo de creaturas vulgares, alfarrabistas e musicos e actores banaes, sem typo d'originalidade, de excepção, uns quaesquer sujeitos que só importam a uma intelligencia parallelamente pêca?!

Mas, desprezada essa razão superior, ficaria do livro o estylo, ficariam idéas, ficariam notas daquelle tempo. E' a falta disso o que ha de mais doloroso e commovente nessa brochura. O auctor, habituado ao vicio, desenvolve uma porção apavorante de palavras e conceitos que se podiam facilmente consolidar como leis, como expressão da fraqueza de um espirito. Eu disse, ao começo, que transcrever o livro seria a melhor critica do livro. E' isso impossivel. Mas, é possivel distribuir uns pedacinhos violentamente expressivos. Elle espracou uma divina



imagem para figurar o sr. Insley: « A's vezes, como que coada pelo nevoeiro, uma figura pequena, magra, de cabellos alvos e silenciosos como a neve, de caixa e palheta sobraçadas, lésto, porém, como um caçador de cabritos montezes, volteia as praias, ronda florestas, galga os mamelões negros das restingas, espalhando, perplexo, olhar inspirado... »

— E' o paizagista Insley, que vae surprehender o sol nos braços da alvorada... »

Tem palavras amargas para São Paulo, que « deixou de nos dar poetas e musicos, para offerecer ao Brazil politiquieiros de raso nivel. »

Fala de um librettista italiauo, á casa de quem iam pedir libretto os maestros Gomes e Ponchielli. O librettista chamava-se Chislanzoni, e porque morava ao pé de um lago, o dr. Mello Moraes ficou a lhe chamar « lyrista de *juxta-lago* »! Carlos Gomes é a maior victima do *cavador*: de vez em quando esse maestro é o « promontorio dos idéaes da noite », alvo de « anonymo personagem » que, « em estreita scena, sobre rampa escorregadia e escura, crescêra vesgo. » Esse personagem, « não obstante o disfarce, ninguem o ignorava, pois hontem, mais tarde, agora, a sua denominação foi sempre uniforme — a Inveja. »

O velho cégo Castilho tambem é um « promontorio » « das letras portuguezas. »

Mello Moraes mata a Almeida Reis, um dos artistas do seu tempo, de um modo incrível: « como é calmo e de chumbo o somno dos mortos!... » A sua « vocação poderosa se estiolára neste meio sempre ingrato ao homem de aspirações e de genio que teve a desgraça de nascer no Brazil. »

Paula Britto é outro artista — « o mestiço illustre comprehende-se sobranceiro como os elementos, altivo como um *promontorio*. » O sr. Mello Moraes é uma bahia. Quiz ser padre. E' a nota mais véramente notavel do livro, em cuja pagina de offerecimen-

tos, elle dedica esse livro idéal a Alberto de Oliveira — « o artista das *idealisações* e da forma! »

Mello Moraes é um nome que eu amo porque ainda será motivo de um forte trabalho de expurgo.

WALFRIDO.

UM CAPITULO DO *Esau*: UM GATUNO.

Chegaram ao largo da Carioca, apeararam-se e despediram-se; ella entrou pela rua Gonçalves Dias, elle enfiou pela da Carioca. No meio desta, Ayres encontrou um magote de gente parada, logo depois andando em direcção ao largo. Ayres quiz arrepiar caminho, não de medo, mas de horror. Tinha horror á multidão. Viu que a gente era pouca, cincoenta ou sessenta pessoas, e ouviu que bradava contra a prisão de um homem. Entrou num corredor, á espera que o magote passasse. Duas praças de policia traziam o preso pelo braço. De quando em quando, este resistia, e então era preciso arrastal-o ou forçal-o por outro methodo. Tratava-se, ao que parece, do furto de uma carteira.

— Não furtei nada! bradava o preso detendo o passo. E' falso! Larguem-me! sou um cidadão livre! Protesto! protesto!

— Siga para a estação!

— Não sigo!

— Não siga! bradava a gente anonyma. Não siga! não siga!

Uma das praças quiz convencer a multidão que era verdade, que o sujeito furtára uma carteira, e o desasocego pareceu minorar um pouco; mas, indo a praça a andar com a outra e o preso, — cada uma pegando-lhe um dos braços, a multidão recommçou a bradar contra a violencia. O preso sentiu-se animado, e ora lastimoso, ora aggressivo, convidava a defeza. Foi então que a outra praça desembainhou a espada para fazer um claro. A gente voou, não airosamente, como a andorinha ou a pomba, em busca do ninho ou do alimento, voou

de atropello, pula aqui, pula alli, pula acolá, para todos os lados. A espada entrou na bainha, e o preso seguiu com as praças. Mas logo os peitos tomaram vingança das pernas, e um clamor ingente, largo, desaffrontado, encheu a rua e a alma do preso. A multidão fez-se outra vez compacta e caminhou para a estação policial. Ayres seguiu caminho.

A vozzeria morreu pouco a pouco, e Ayres entrou na Secretaria do Imperio. Não achou o ministro, parece, ou a conferencia foi curta. Certo é que, saindo á praça, encontrou partes do magote que tornavam commentando a prisão e o ladrão. Não diziam ladrão, mas gatuno, fiando que era mais doce, e tanto bradavam ha pouco contra a acção das praças, como riam agora das lastimas do preso.

— Ora o sujeito!

Mas então?... perguntarás tu. Ayres não perguntou nada. Ao cabo, havia um fundo de justiça naquella manifestação dupla e contradictoria; foi o que elle pensou. Depois, imaginou que a grita da multidão protestante era filha de um velho instincto de resistencia á autoridade. Advertiu que o homem, uma vez creado, desobedeceu logo ao Creador, que aliás lhe dera um paraíso para viver; mas não ha paraíso que valha o gosto da opposição. Que o homem se acostume ás leis, vá; que incline o collo á força e ao bel-prazer, vá tambem; é o que se dá com a planta, quando sopra o vento. Mas que abençoê a força e cumpra as leis sempre, sempre, é violar a liberdade primitiva, a liberdade do velho Adão. Ia assim cogitando o conselheiro Ayres.

Não lhe attribuem todas essas ideias. Pensava assim, como se falasse alto, á mesa ou na sala de alguém. Era um processo de critica mansa e delicada, tão convencida em apparencia, que algum ouvinte, á cata de ideias, acabava por lhe apanhar uma ou duas...

Ia a descer pela rua Sete de Setembro, quando a lembrança da vozzeria trouxe a de outra, maior e mais remota.

## THEORIA DOS ERROS

(PRIMEIRAS NOÇÕES)

Em uma série indefinida de erros a probabilidade de um erro  $\Delta$  é infinitesimal e igual á probabilidade de um erro comprehendido entre  $\Delta$  e  $\Delta + d\Delta$ . Seu valor será, pois,

$$P = \frac{h}{\sqrt{\pi}} \int_{\Delta}^{\Delta + d\Delta} e^{-h^2 t^2} dt = \frac{h}{\sqrt{\pi}} e^{-h^2 \Delta^2} d\Delta.$$

Em um conjuncto finito de erros a probabilidade de um erro  $\Delta$  será

$$\frac{h}{\sqrt{\pi}} e^{-h^2 \Delta^2}$$

A formula (8) é fundamental na theoria dos erros, e tal como a

apresentamos, é uma consequencia do theorema de Bernouilli. Existem outros processos de deducção, particularmente o processo de Gauss filiado a um pequeno numero de hypotheses que são verdadeiros postulados. Gauss suppõe:

1º Que a probabilidade de um erro  $\Delta$  é uma funcção deste erro e não da grandeza medida;

2º Que a media de um conjuncto de unidões é o valor mais provavel da medida.

Ambas as hypotheses são susceptiveis das objecções formuladas por Bertrand. Todavia nos casos em que bem precisamente se põem as questões, as difficuldades assignaladas por Bertrand caem de si mesmas.

Repetem-se as medidas de uma mesma grandeza e acham-se os valores

$$\begin{matrix} x & x & x & \dots & x \\ 1 & 2 & 3 & & n \end{matrix}$$

A média será

$$\bar{x} = \frac{x_1 + x_2 + x_3 + \dots + x_n}{n}$$

E' o valor mais provavel segundo o postulado de Gauss.

Um mecanismo conveniente poderia ser adaptado ao instrumento de que o observador se utiliza e dar directamente os quadrados

$$\begin{matrix} x^2 & x^2 & x^2 & x^2 \\ 1 & 2 & 3 & n \end{matrix}$$

O quadrado mais provavel seria

$$\frac{x^2_1 + x^2_2 + x^2_3 + \dots + x^2_n}{n}$$

e a raiz quadrada desta expressão deveria ser igual a  $\bar{x}$ . Não o é, como se sabe.

De um modo geral, ao passo que as grandezas medidas são

$$\begin{matrix} x & x & x & \dots & x \\ 1 & 2 & 3 & & n \end{matrix}$$

têm-se as funcções

$$\begin{matrix} f(x) & f(x) & f(x) & \dots & f(x) \\ 1 & 2 & 3 & & n \end{matrix}$$

e pela definição da media seria

$$(9) \quad f\left(\frac{x_1 + x_2 + x_3 + \dots + x_n}{n}\right) = \frac{f(x_1) + f(x_2) + \dots + f(x_n)}{n}$$

Mas a objecção desaparece si reflectirmos que os erros são muito pequenos, que si  $\bar{x}$  é a media, ter-se-ão

$$\begin{matrix} x - \bar{x} = \epsilon \\ 1 & 0 & 1 \\ x - \bar{x} = \epsilon \\ 2 & 0 & 2 \\ x - \bar{x} = \epsilon \\ 3 & 0 & 3 \\ \dots \\ x - \bar{x} = \epsilon \\ n & 0 & n \end{matrix}$$

$\epsilon$   $\epsilon$   $\epsilon$   $\epsilon$  sendo quantidades extremamente pequenas. Tem-se

então pela formula de Taylor

$$\begin{matrix} f(x) = f(\bar{x}) + \epsilon f'(\bar{x}), \\ 1 & 0 & 1 \\ f(x) = f(\bar{x}) + \epsilon f'(\bar{x}), \\ 2 & 0 & 2 \\ f(x) = f(\bar{x}) + \epsilon f'(\bar{x}), \\ 3 & 0 & 3 \\ \dots \\ f(x) = f(\bar{x}) + \epsilon f'(\bar{x}), \\ n & 0 & n \end{matrix}$$

despresando os quadrados e potencias superiores de  $\epsilon$ . Effectuando a somma membro a membro, acha-se

$$\begin{matrix} f(x) + f(x) + f(x) + \dots + f(x) \\ 1 & 2 & 3 & & n \\ = n f(\bar{x}) + f'(\bar{x}) (\epsilon + \epsilon + \epsilon + \dots + \epsilon) \\ 0 & 0 & 0 & & n \end{matrix}$$

Observando que é

$$\epsilon + \epsilon + \epsilon + \dots + \epsilon = 0,$$

virá

$$f(\bar{x}) = \frac{f(x_1) + f(x_2) + \dots + f(x_n)}{n}$$

que é a formula (9). D'ahi se conclue que no caso dos pequenos erros a media não levanta contradicções.

A lei da distribuição dos erros contem e justifica a media. A probabilidade do erro  $\Delta_1$  em um conjuncto de medidas é

$$P = \frac{h}{\sqrt{\pi}} e^{-h^2 \Delta_1^2}$$

A probabilidade de virem os erros  $\Delta_1 \Delta_2 \dots \Delta_n$  é, pelo principio da probabilidade composta

$$P P P \dots P = \frac{h^n}{\sqrt{\pi}^n} e^{-h^2 (\Delta_1^2 + \Delta_2^2 + \Delta_3^2 + \dots + \Delta_n^2)}$$

Pode-se tornar este producto funcção de uma só variavel. Sejam com effeito,

$$\begin{matrix} x & x & x & \dots & x \\ 1 & 2 & 3 & & n \end{matrix}$$

as grandezas medidas e  $x$  uma variavel actualmente desconhecida. Contemos os erros commettidos sobre a variavel  $x$ .

Teremos,

$$\begin{matrix} \Delta = x - x \\ 1 & 1 \\ \Delta = x - x \\ 2 & 2 \\ \Delta = x - x \\ 3 & 3 \\ \Delta = x - x \\ n & n \end{matrix}$$

A probabilidade composta será

$$P P \dots P = \frac{h^n}{\sqrt{\pi}^n} e^{-h^2 \left( \frac{(x-x)^2}{1} + \frac{(x-x)^2}{2} + \dots + \frac{(x-x)^2}{n} \right)}$$

e o problema actual consistirá em determinar a posição que deve occupar  $x$  na serie de medidas para que a probabilidade seja um maximum.

E' claro que para isso se deve ter

$$\frac{(x-x)^2}{1} + \frac{(x-x)^2}{2} + \dots + \frac{(x-x)^2}{n} = \text{minimum},$$

ou, pelas regras do calculo differencial,

$$\frac{(x-x)}{1} + \frac{(x-x)}{2} + \dots + \frac{(x-x)}{n} = 0,$$

d'onde

$$x = \frac{x_1 + x_2 + \dots + x_n}{n}$$

$\bar{x}$  é a media.

Convem precisar a natureza do parametro  $h$  na formula

$$P = \frac{h}{\sqrt{\pi}} \int_0^\epsilon e^{-h^2 z^2} dz.$$

Façamos

$$h z = q;$$

a formula acima se transforma em

$$P = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_0^{h\epsilon} e^{-q^2} dq$$

Consideremos duas series de medidas, effectuadas em condições differentes. A probabilidade de um erro comprehendido entre  $\epsilon$  e  $0$  na primeira serie é

$$P = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_0^{h\epsilon} e^{-q^2} dq$$

e a de um erro comprehendido entre  $\epsilon'$  e  $0$  na segunda é

$$P' = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_0^{h'\epsilon'} e^{-q^2} dq$$

Si as duas probabilidades são iguaes, temos tantas possibilidades de commetter um erro entre  $0$  e  $\epsilon$  na primeira, como de commetter um erro entre  $0$  e  $\epsilon'$  na segunda.

Mas para que as probabilidades sejam iguaes, basta que se preencha a seguinte condição

$$(10) \quad h\epsilon = h'\epsilon'.$$

Assim, os parametros  $h$  e  $h'$  que são caracteristicos das duas series de medidas, estão na razão inversa dos erros commettidos. D'ahi, a denominação de modulo de precisão dada a este elemento.

Do mesmo modo por que se definiu o afastamento provavel define-se o erro provavel como o erro que tem probabilidade iguaes de ser ou não ultrapassado. Seu valor resulta evidentemente da equação

$$\frac{1}{2} = \frac{h}{\sqrt{\pi}} \int_{-r}^{+r} e^{-\frac{1}{2} h^2 z^2} dz = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-hr}^{+hr} e^{-q^2} dq,$$

que conduz a

$$(11) \quad hr = 0.47693$$

Consideremos uma serie de observações, immensamente grande ou mesmo infinita, cujos erros positivos sejam

$$\begin{matrix} \Delta & \Delta & \Delta & \dots & \Delta \\ 1 & 2 & 3 & & n \\ \Delta & = & \Delta & + & d \\ i+1 & & i & & i \end{matrix}$$

podendo ser  $n$  infinito e portanto

ASSIGNATURAS  
 ANNO ... .. 20\$000  
 SEMESTRE ... .. 12\$000  
 ---  
 Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Se o governo pedir licença á Camara e ao Senado para processar os membros do Congresso, apanhados dentro da ratoeira do Codigo penal, como responsaveis pela bernarda, dará um magnifico exemplo de cordura, de sensatez aos desvelados amigos, em grande numero partidarios da victoria, que lhe suggerem violencias, excessivos rigores destoantes das suaves cordas harmoniosas das nossas tendencias, por ventura sentimentaes, como apregôam, mas effectivamente caracteristica do nosso aspecto de povo bom, inimigo de estardalhaços, de omnipotencias e tyrannias.

O governo procederá bem e lucrará não sair da Constituição, que é o invencível reducto dos governos honestos e patriotas.

E' curioso signalar que quasi todos esses ferrabrazes, zelosos pela tranquillidade da Republica, pelo radicamento das instituições, são devedores de muita gratidão ao sentimentalismo piégas, a essa tolice do perdão, cujos effectos suaves, restauradores, elles esperimentaram em dias de um tenebroso passado, ainda vivo, e tão proximo, que lhe podemos tocar nas cicatrizes dolorosas.

Não é possivel que a amnistia tenha extirpado das consciencias, os callos dos crimes ou das estroinices politicas, perpetradas com circumstancias de vandalismo, ou na illusão de um patriotismo desorientado, como esse que andou perturbando a paz do abençoado Rio de Janeiro. Não se arranca um remorso como um dente cariado, nem se varre da memoria a importuna reminiscencia dos factos de hontem; nem o passado deixará de governar o presente para servir interesses de occasião. E por isso o povo, — que pensa, que tem o que perder, que ama a Republica sem mira em recompensas, em collocações de relevo no scenario politico — não acredita na sinceridade dos conselheiros do rigor a ferro e fogo para anniquillar, de vez, a enfezada raça dos rebeldes.

Sendo conselheiro, o presidente da Republica não precisa de conselhos, mórmente quando elles tresandam ao

bodúm da cobardia ou ao bolôr do engrossamento: elles entram por um dos augustos ouvidos de s. ex. e saem pelo outro, sem lhe alterarem a calma, sem lhe abalarem as bases do criterio para orientar a sua acção benefica nas luminosas avenidas da lei.

A trebusana, com a utilidade que vem no âmago de todas as desgraças, depurou a atmospheria; e o primeiro magistrado da nação descortinou, nitidamente, todos os recessos, os mais proximos e os mais remotos do meio de apparencias que o cercava; assim viu a verdadeira face dos amigos desmascarados na hora suprema do perigo. S. ex., com um sorriso ironico, contou os que, naquelle tragico instante, estavam ao seu lado formando uma barreira de dedicações impavidas, mas não pôde tomar nota dos que occorram depois, com as almas desbordantes de entusiasmo, entôando hymnos á victoria: os outros erã poucos; estes são legião nas manifestações destoantes da dolorosa impressão, que os acontecimentos esculpiram nos corações bem formados.

O caminho traçado pelo dever é o desbravado pela lei e o governo deverá segui-lo, sem hesitação, para corresponder á confiança nacional, que o ampara nesta crise lamentavel.

\*  
\* \*

### EXTERIOR

#### A Guerra

Os dois exercitos se mantêm em incommodo contacto, preparando os seus quartéis de inverno ou pensando nelles, nas defezas contra o frio terrivel, a roupa e combustivel, porque não se pôde ainda prever qual dos dois invernará em Mukden; se Kuropatikine, resistindo ás contínuas escaramuças de Oyama, até que a temperatura immobilise os adversarios; se os japonezes, na hypothese de adoptarem os russos o plano de recuo até Karbine, na impossibilidade da provisão de recursos e reforços sufficientes para uma victoria, não decisiva, pelo menos bastante estrondosa para se rehabilitarem dos contínuos e pavorosos desastres.

A inactividade prolongada importa cruéis prejuizos aos belligerantes. Emquanto adiam indeterminadamente a grande batalha, a expectativa, sem o ardor, sem as vibrações estimulantes dos combates, váe custando caro: em doze dias — de 20 de outubro a 2 de novembro — o exercito russo perdeu, mortos, extraviados e feridos, 32.154 homens, figurando nesse algarismo 943 officiaes.

Um mez de inactividade com perdas proporcionaes; abrirá vastos claros nas fileiras, claros difficeis de preencher porque o trafego do transiberiano é muito prejudicado pelos

rigores da estação. Essa demora, em que os dias se contam por milhões gastos, de lado a lado, prolonga-se sem resultados apreciaveis.

As despezas militares dos seis mezes de campanha montam, para o Japão, em cerca de 142,634,400 dollars, conforme um calculo muito autorisado de correspondente americano, e para a Russia, de accordo com os dados, de procedencia franceza..... 1,097,167,500 francos. Leroy Beaulieu estima em cinco milhares de francos, o custo da guerra, se durar um anno.

Adicionando a essas colossaes despezas, a irreparavel perda de vidas, e de invalidos, ter-se-á uma idéa nitida do absurdo dessa campanha, cujos intuitos o povo russo não comprehendu ainda, pois são muito problematicas as preconizadas vantagens de manter no Pacifico a porta-aberta em casa alheia, no territorio chinéz.

Os pacifistas têm, na estatistica dessa guerra, dados eloquentes para a sua propaganda humanitaria.

POJUCAN

## A LINHA NEGRA

### Reminiscencias de campanha

Não se sabe quem lhe deu o nome sinistro.

Passaram perto de quarenta annos, e a maior parte dos que lá estiveram desapareceu para sempre; mas, aquelle nome ficou e celebrisou-se.

Não era escura. Ao contrario, havia allí muita claridade—de dia e de noite. De dia, os raios do sol dardejavam através da folhagem rarefeita dos cimos da matta, cortada, em todos os sentidos de picadas abertas, a machado e alargadas á bala. A' noite, não se accendiam fogueiras; fazia-se fogo, na ala de apoio, em fundos buracos. Quando alguém queria fumar, não riscava phosphoros, batia o isqueiro: todo o clarão allumiava o caminho da morte.

Era, entretanto, bem clara a famosa linha negra: illuminava-a o relampaguear tormentoso do tiroteio, que nunca cessava. Talvez lhe tivessem dado o nome de negra, porque negro é o lucto; e, allí, muito se morria. Era a secção mais perigosa das avançadas do exercito.

Em 1866, foi assim denominada pelos soldados, em sua linguagem pittoresca, a picada aberta na matta do Potreiro Pires, defronte das posições paraguayas do Sauce. Ia desde a lagôa Pires até á bocaina, onde Jeronymo Jardim construiu uma trincheira, que conservou o seu nome, já

então distincto. Para a direita, chegava á bateria dos Morteiros, que era quasi tão mortifera quanto ella.

Estavam alli destacados alguns rapazes da artilharia—o Girard, o Graça e outros, que moravam em ranchos cobertos de palha, bastante pittorescos e, sobretudo, muito arejados e claros, porque o ar circulava, livremente, através das paredes de taipa, rendilhadas pelas balas, e os raios do sol penetravam em grandes feixes irisados pelas frestas abertas pelos estilhaços das enormes granadas da *vovó*, que não dormia.

Além, para a direita, jazia o campo cheio de banhados, lagôas e macegaes, cortado de redentes, reductos e longas linhas alternadas terminando do lado dos argentinos em caudas de andorinha.

De vez em quando, marcavam-na uns montões de ossadas humanas meio carbonisadas, restos dos paraguayos de 24 de maio, tantos que não podendo ser enterrados, foram amontoados em grandes pilhas e cremados. Aqui e alli, um cavallo resequido, com os beiços repuchados, com os dentes arreganhados, como os do corcél da estatua de Tamerlão, de Jérôme, aspirando as emanções hediondas das batalhas. Ao lado, uma caveira com barretina de sóla, ou um farrapo de *bichará*, envolvendo vertebrae e tibias, ou um *bogó* de coiro crú, muito duro e encarquilhado, com a guasca retorcida, apertando um homoplata.

A' esquerda, no recesso da matta tetrica, testemunha de muitos gemidos, de muito estertor, de muitos actos de heroismo, estendia-se a linha da morte, a linha luctuosa, a Linha Negra.

Alli se representavam diariamente, a cada hora, as scenas mais interessantes daquelle drama pungente do exterminio de homens que nem se conheciam. Não havia um dia em que aquelle sólo tragico não fosse tincto pelo sangue de muitos brazileiros: officiaes e soldados pagavam alli, á porfia, o tributo da vida á patria amada.

Quando a linha se rendia, recrudescia, sempre, o tiroteio, e cahiam bravos, amigos, camaradas cheios de esperanza. Se algum official se distrahia e deixava arrastar a espada, cahia ferido ou morto: o ruido o denunciava.

Quantas vezes camaradas de rancho, agrupando-se despreoccupados em torno da *boia* ingrata, do magro ferido, erão interrompidos por uma bala que virava, enchia de terra o prato do pirão, ou derribava um dos convivas.

Havia atiradores paraguayos que nos alvejavam de cima das arvores, occultos nos galhos frondosos.

A picada era larga; tinha, se bem recordo, uns oito metros, e chegava-se a ella por uma estrada aberta pelo

batalhão do Tiburcio, meu commandante querido, immortal.

A' esquerda, estava a Trincheirinha, de triste nomeada, feita de saccos de areia com muitas setteiras, por onde as nossas vedêtas vigiavam o inimigo, á falla; por onde penetravam tambem balas que lhes vasavam os olhos, ou despedaçavam os craneos.

A' esquerda da Trincheira, estava a lagôa Pires, vasta, funda e cheia de juncos, tendo na margem ipés gigantescos, onde trez homens davam uma vedêta; á direita as *Chapas de Ferro*, abrigando uma sentinella deitada de barriga no chão; o resto da picada, cerca de seiscentos metros, era guarnecido, de dez em dez passos, por grupos de trez soldados, mettidos em cóvas de metro e meio de diametro e pouco menos de fundo, onde um velava, sempre attento, o inimigo; tão visinho que o ouviamos conversar, em voz baixa, no seu idioma guttural.

Quando a noite era tormentosa, um delles mais audaz, deslizando como uma cobra, calado, subtil, sem quebrar um gravêto, nem estalar uma junta, surprehendia, com um golpe de espada ou de bayoneta, uma vedêta brazileira meio adormecida.

O somno é tão exigente e o serviço andava tão apertado.

Outras vezes, a sentinella era um sertanejo, habituado á *espera* das onças e dos veados; recebia o paraguay astuto com um tiro á queima-roupa. Ouvia-se a detonação, um grito, um ai de agonia e o estrebuchar de um corpo. Quando clareava o dia, se a victima vivia ainda, o filho do sertão dava-lhe toda a agua fresca do cantil para lhe matar a sede. O sangue perdido faz a bocca tão secca! Não estava mais, alli, um inimigo: era um homem que soffria, compungindo o coração generoso e bom do nosso soldado.

Naquelle tempo, abaixarmo-nos quando vinha roncando uma granada, ou occultarmo-nos atraz de obstaculos, quando o inimigo apparecia, era uma vergonha. Hoje, dizem os tacticos, é preciso matar ao abrigo da morte: é mais util.

A guerra é um corolario de absurdos, qual mais barbaro, qual mais monstruoso; parece, entretanto, ter attracções e, até, encantos para o homem. Está, infelizmente, muito longe a bella visão dos pacifistas, a homogeneidade da consciencia planetaria e a inviolabilidade da vida pela victoria do altruismo. Bem longe está: a intelligencia humana despede lampejos geniaes e faz prodigios de energia, quando se trata de destruir o proximo. O santo Tolstoï, verdadeiro discipulo de Jesus, váe pregando em vão.

Nós já estavamos habituados áquelle vida, ouvindo tiroteiar a cada instante, comendo debaixo de balas e

dormindo embalados pelo canto das granadas de 68 e pelo tilintar das bombas dos morteiros, que explodiam no meio de nossos acampamentos; rasgavam as nossas barracas e furavam os nossos travesseiros. Já nos era indifferente a morte. Ninguem acariciava mais a doirada chiméra de rever a terra abençoada da patria. As nossas saudades eram como flores fanadas, sem o viço da esperanza. Contavamos ficar alli, dormindo para sempre naquelles estêros e macegaes desolados, com os amigos e camaradas, que viamos, a cada hora, cahirem.

O Tiburcio, quando ao 16º competia o serviço na Linha Negra, entrava na matta a cavallo, de bandeira desfraldada e musica á frente do batalhão, rendendo o outro com todas as formalidades. Era, ainda, major. Os galões novos lhe reluziam na farda de artilheria. A sua voz era um tanto rouca, mas energica, fulminante, rapida. Quando mandava—*firme!*.. nenhuma pestana se movia sobre os olhos dos soldados fascinados.

Chovia sobre elle e sobre todos nós uma saravada de balas, que passavam silvando, gemendo como gente, miando como gatos, cantando como passaros em gorgeios e trinados; umas, roucas; outras aflautadas; algumas, fanhosas, ligeiras, cortando os ares com sons provocadores, sons de latego; ou lentas, vagarosas como um ai que váe morrendo. O commandante era ou parecia invulneravel; examinava; via tudo com impassivel calma; corria os piquetes; rondava em pessoa e dava ordens, como quem as sabia dar e queria que fossem cumpridas religiosamente, ou melhor—militarmente. Tinha por elle entusiasmo, fanatismo quasi, pois fôra elle quem dera vida e fama ao nosso glorioso *Dezeséis*.

\* \*

Um dia, estavamos de linha;—as nossas vedêtas na orla da matta; nós, no campo a-peito descoberto; os paraguayos de dentro do bosque, abrigados, nos fuzilavam á vontade. Entendeu-se com o commandante da divisão, o general Argollo, que foi depois visconde de Itaparica; avançamos, fizemos o inimigo recuar e, alli, ficámos. Desde então estabeleceu-se a Linha Negra, que não avançou, nem recuou: ficou onde Tiburcio a estendêra.

Faxinas do batalhão de engenheiro abriram *bocas de lobo*, onde os homens se abrigavam; fizeram *espaldões* para a força de apoio, e trincheiras de saccos de areia para os piquetes mais perigosos. Os soldados da divisão os ajudaram em alguns dias de actividade.

O Senna Madureira, assistente da brigada do d. José, gostava de nos visitar nas avançadas.

Era muito temerario. Na Trinchei-

rinha da esquerda, subiu, de uma feita, ao parapeito; e, sob um chuveiro de balas, empunhou uma corneta e gritou: — Olá, paraguayos, ouçam como berra a mulher do Lopez. Levou ao labios o instrumento; ia tocar, mas o som não sahiu: uma bala no meio da testa atirou-o a fio comprido no terra-pleno. Corremos todos: estava vivo; tornou a si e sorriu—Não foi ainda desta—disse.

Brincava-se com a morte.

O general Argollo ia, em pessoa, collocar sentinellas nos pontos mais arriscados, como quem praticava, caprichosamente, esses actos de temeridade. Nas *Chapas de ferro*, o lugar fatal, parou um dia para examinar não sei quê. Dalli nada podia ver senão a matta cheia de mysterios; cada arvore escondendo um homem que nos espreitava. Havia, no seu estado-maior, tres rapazes distinctos: os dous Argollos, seus primos — o Paulo, morto gloriosamente em Itororó e o Chico, que é hoje marechal; o terceiro era o Lustosa do Piahy— todos voluntarios da patria. Além destes, havia outros, notadamente um já maduro, de elevada estatura. Demorava-se o general, calmo e tranquillo, no lugar da morte, observando a matta. O grupo era um alvo excellente, de grande valor. Os paraguayos faziam um fogo tremendo. Uma bala passou zumbindo pelo ouvido do official mais alto, que, instinctivamente, se abaixou, erguendo-se, logo, revoltado contra aquelle movimento natural. O general fitou-o e disse mansamente com um sorriso singular: — Dou graças a Deus por me ter feito pequeno: não tenho necessidade de me abaixar.

Nesse momento, uma bala arrancou um pedaço de arvore a uma pollegada da sua cabeça.

A elle se podia, desassombradamente, confiara defeza de uma posição. Nunca vi chefe tão activo, cuidadoso e previdente, tão meticoloso e de tão pouco dormir. Tinha a fama de ser maçante, mas era o melhor vigia do exercito.

Uma vez, na linha, dormia Tiburcio a somno solto, por ter velado até tarde. O dia vinha amanhecendo. Ouviu-se o toque de — 1.<sup>a</sup> divisão, sentido. Era o Argollo. O commandante tinha o somno leve, despertou e calçava-se ás pressas para recebê-lo. O general estava muito perto, com o alto chapéu de feltro, o sobretudo de panno piloto, que lhe cobria as grandes botas até o meio da perna, deixando apparecer a ponta da bainha da espada. Eram amigos; saúdaram-se affectuosamente. Um sabia o que o outro valia. Affectando seriedade, disse o general: Commandante, porque não dorme de botas?

— Porque— respondeu, rapido, o Tiburcio, perfilando-se— enquanto cal-

çar as botas, terei tempo de pensar no que vou fazer.

O general sorriu. Elle dormia sempre de botas e certamente sonhava com o que tinha de fazer. Se elle não pensava em outra coisa. Era official de artilheria e estudava muito. Gostava de fazer trincheiras e de dar regras aos officiaes de engenheiros sobre o traçado a adoptar. Ora, queria um redente, ora, uma luneta ou barrete de clerigo; e quando a obra era extensa, discutia com vantagem se devia ser uma frente abaluartada ou polygonal. Era exigente nos revestimentos e muito minucioso na execução dos fossos e parapeitos. As suas trincheiras erão primores de sapa.

Os soldados da 1.<sup>a</sup> divisão sabiam muito bem cortar abatizes; aguçarlhes as pontas, prendel-os com ganchos, cavar bôcas de lobo, collocarlhes estrêpes, cortar bellas leivas, construir plataformas e canhoneiras.

Uma vez, o illustre chefe da commissão de engenheiros, que era de genio assomado e facil de se encolerisar, já contrariado pelas repetidas exigencias do general, mandou-lhe, por um official, o seguinte recado:— A trincheira está prompta; v. ex. ordene qual deva ser o revestimento: se de varas ou pranchões, de taboas ou de moirões, de leivas ou de cestões, de coiros ou salsichões. —

O general ouviu impassivel aquelle capitulo rimado de fortificação passageira, e disse, muito calmo e muito serio, ao jovem official:— sr. tenente, diga ao senhor doutor (carregou nesta palavra) que póde revestir do que quizer, menos de pomada. E fez o tenente repetir a resposta algumas vezes e voltar ainda, depois de montado, para repetir de novo, afim de não esquecer.

Quando moço, portou-se com tanto arrojo na Revolução Praieira de 1848, que até o Deodoro, que tinha a bravura do Osorio e a intrepidez do Andrade Neves, lhe disse: Não serás jamais bom general:— falta-te calma. Esse conceito impressionou o jovem capitão, que quiz ser um bom general e foi dos melhores que temos tido. A sua calma admirava a todos; era estudada; era uma victoria disputada, tenazmente, ao temperamento fogoso. E por isso mesmo aquelle homem me parecia mais admiravel.

DIONYSIO CERQUEIRA

(Continúa)

## PAGINAS ESQUECIDAS

AOS MEDICOS

Um chapado, um retumbante  
Coriphêo de medicina  
Certa menina adorava,  
E adoeceu-lhe a menina.  
Eis para cural-a o chamam,  
Pela alta fama que tem:  
Geme o doctor, e responde:  
« Não vou que lhe quero bem. »

Lavrou chibante receita  
Um Doctor com todo o esmero;  
Era para certa moça,  
Que ficou san como um pero.  
« Tão cedo! E' milagre. » (assenta  
A mãe, que de gosto chóra)  
— « Minha mãe, não é milagre,  
Deitei o remedio fóra. »

\* \* \*

Estando enfermo um poeta  
Foi visital-o um doctor,  
E em rigorosa dieta  
Logo, logo o mandou pôr.  
« Regule-se, coma pouco »  
Diz-lhe o medico eminente:  
« Ai senhor! (acode o louco)  
« Por isto é que estou doente »

\* \* \*

« In fide parochi attesto  
(Escrevia inchado cura)  
Que soffreu Lopo Forçura  
Da morte o golpe funesto.  
« Tal clareza não se achou  
« Dos obitos no registo;  
« Mas attesto-o por ter visto  
A receita que tomou. »

BOCAGE

\* \* \*

ARTHUR BARREIROS (\*)

Este sujeito escreve-me que tem uma excellente bengala de Petropolis com a qual me baterá, se eu fôr ao Brazil admirar os cerebros de tapioca. O mulato estava a brincar; elles tem a debilidade escangalhada do sangue espurio, escorrido das podridões das velhas colonias que de lá trouxeram á Europa a gafaria corrosiva; ás vezes excitam-se bastantemente com cerveja ordinaria, tem então impetos immoderados, dão guinchos, fazem caretas, coçam as barrigas, exigem banana, cabriolam se lhes atiram ananaz, e não fazem mal á gente branca.

Eu lá vou brevemente, resolvido a dar-lhe nozes e caçal-o no cabaço. Se me sahir um mono vulgar, pacifico, o *simia satyrus* de Cuvier, com o focinho proeminente, sem nadegas, sem unhas nos polegares dos pés; tenciono trazer-o commigo para me desferrar das despezas da viagem. Ha de chamar-se Simão Arthur, seu paidego! Hei de mostral-o na feira de Belem a pataco; para soldados e crianças vinte réis. Se me sahir feroz, de bochechas papudas, focinho longo e crista nas sobrance-lhas, emfim, um cynocephalo, então faço-o rebentar com tres pontapés d'um pujante carroceiro do Minho, e mando-o empalhar ao Justino de Jesus Caxias, da rua dos Invalidos. Ouvirei a opinião dos doutores Pereira Neves e Souza Lemos, medicos da policia. Se elles me disserem que o macaco, apezar de empalhado, fêde em viagem, limitar-me-hei a esfolal-o e trago a pelle. Se o sr. Paiva Raposo, que faz collecção de folles de quadrumanos ma-

(\*) *O Cancioneiro Alegre*, de C. Castello Branco. Rio de Janeiro, 1879 — Carta — 8 pags.

maes, não tiver a especie, dou-lh'a. Elle tem o macaco longimano (o *simia lar*); tem o cinzento (*simia cinera*); tem o chimpanzé (*simia troglodytes*); tem o saitaia do Pará, o mico, o marquinha do Maranhão, tem os variados monos patazes de nadegas callosas e cabeça chata; possúe com grande estima o papião, o mandril, o bugio pongo, os diversos macacões garibas de rugido medonho e tambor osseo na guela: falta-lhe o gorilha-Arthur, o *simia-asinus* de Buffon.

\*

Eu, antes de conhecer este mestiço, era da opinião de de Condolle, de Flourens, de Blainville, de Milne Edwards a respeito da immutabilidade de cada especie e da unidade objectiva. Não podia admittir Lamark resuscitado em Darwin, nem a theoria das gerações expontaneas do americano Hudson Tuttle, no *Arcana of nature or the history and laws of creation*. Figurava-se-me um paradoxo scientifico que o homem fosse um macaco aperfeiçoado. Parecia-me isso tão absurdo como poder sahir o boi da rã, e a aguia dos Alpes d'um badejo que se transformou em ave por se vêr embaraçado nos arbustos da praia. Hoje abundo nas theorias que refuguei; creio que o homem é o macaco aperfeiçoado, excepto quando é a imperfeição do macaco. Esta segunda hypothese verifica-se quando Arthur faz esgares de bugio com a bengala de Petropolis através do Atlantico; porque nesse caso a sua imperfeição de mono está na tolice; que o macaco—sejamos justos—póde fazer acções deshonestas, lascivas; mas não é tolo. Arthur como macaco é imperfeito; está no penultimo avatar; ainda lhe falta uma ou duas transformações que o limpem. Como homem selvagem, Arthur, á parte o nome romantico que lhe deram na pia, devendo chamar-se Tujucane ou Jararaca, é um tapuia caápora degenerado. Elle já sente as mãos a fazerem-se-lhe pés, e os pollegares a separarem-se; o focinho vai gradualmente retrahindo-se, e o carão faz-se-lhe mais vertical; os sorrisos ainda não são caretas bem accentuadas; custa-lhe a ter-se verticalmente; faz dyspepsias de mandioca, sente impetos de trepar aos cajueiros, e faz trejeitos de querer enroskar o rabo em bengalas de Petropolis. Tal é elle.

Se o fulo mulato ainda tem algumas tradições grossologas dos velhos guinchos articulados dos seus antepassados, deve perceber a lingua tapuia. Eu preciso de lhe dizer duas cousas em resposta á sua carta; mas corre-me o dever de lh'as communícar em linguagem pouco sabida na Europa. Veja se entende:—*Indê gpê saravaia tapirá, turusu maranhave busapu. Taiassé, nhamim nhapunguará xenaxatupê.*

Assim se exprimia o seu decimo avô, o botucudo, pintado com rajadas de urucú e genipapo, e tinha batoque de páu no beijo e nas orelhas, e comia o tapy e os primos, nas pessôas dos macacos, mettido, com sua decima avó, nas folhudas choupanas da patiôba.

Traduza, e espere-me lá com a bengala de Petropolis, seu capoeira! Então o senhor realmente faz uso do páu? Isto, no Arthur, é chalaça: elle e os seus patricios usam do páu, mas é em farinha. Não batem com elle: comem-no. Farinha de páu é que elles teem no cerebro e nos ossos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A STÓVAINA

Occupam-se as gazetas scientificas da Europa, da stovaina, substancia que, injectada no canal vertebral, anesthesia, em blóco, nervos vindos dos membros ou do tronco, sem expor o doente aos accidentes do chlorotormio e dos outros anesthesicos empregados na cirurgia.

Sobre esta supposta conquista da sciencia, um notavel cirurgião francez emittiu em *Le Journal*, um parecer que será de grande interesse para os nossos leitores.

«Anesthesia significa insensibilisação, que póde ser local ou geral. A local é obtida pelo frio—gelo pilado e sal, pulverisação de ether, jactos de chlorureto de ethyla. A geral serve para as grandes operações, e para obtel-a é necessario amortecer os centros nervosos: é uma especie de envenenamento momentaneo, muito fugaz por ser produzido por substancias volateis. Donde se dedúz que todos os processos de suppressão momentanea da sensibilidade podem ser perigosos.

Os defeitos imputados á anesthesia geral provém de que todos os medicos diplomados podem empregal-o, mas, nem todos sabem fazel-o com prudencia e arte. O doente, adormecido até á perda da sensibilidade, fica numa situação muito proxima da morte. Augmentar a dóse de anesthesico, qualquer que ella seja, póde dar resultados fataes. As mortes subitas produzidas pelo chloroformio, no principio das inhalações, são devidas ao facto de se suffocar o paciente. E' preciso que este sinta suavemente o cheiro do chloroformio, que deve ser afastado immediatamente desde que se lhe oppõe violenta resistencia. Quando o doente é fraco e está adormecido, basta para matal-o que o chloroformisador desvie o olhar para a operação ou para o operador, continuando a derramar as gottas na mascara.

Como os trabalhos delicados, esse

da chloroformisação exige attenção ininterrupta. Nos casos de accidentes desse anesthesico, não ha um por cento, em que a morte não podesse ser evitada com mais attenção e prudencia.

O ether, preconizado pela escola de Lyon e pelos cirurgiões inglezes, não garante o doente da morte durante a anesthesia: elle provoca, muita vez, nos doentes fracos, broncho-pneumonias mortaes.

Como anesthesico geral, conhecem-se o protoxido de azoto—gaz hilariente dos dentistas, de effectos rapidos, e, todavia, não isento de perigo.

Imputam-se, sem fundamento, os accidentes a molestias do coração que, em máu estado, não impede o prolongamento da anesthesia por muito tempo e não predispõe á morte subita na primeira inhalação.

Empregou-se o bromureto de ethyla, anesthesico de curta duração, que torna o doente rôxo e fal-o beber como na etherisação. Mais recentemente, foram descobertas as propriedades do chlorureto de ethyla, como anesthesico geral, o mais fiel, o mais rapido e o menos perigoso, não produzindo no paciente a agonia da suffocação sendo empregado na dóse de dez grammas por dous minutos até que o doente fique insensivel, e administrando-se, então, pequenas doses de chloroformio e de ether.

Quer se trate de cocaína, da eucaína ou de um novo anesthesico analogo, como *stovaina*, a injecção delles no canal rachidiano sómente produz a anesthesia por uma acção sobre a medúla; ao passo que, aspirados os vapores do chloroformio ou do chlorureto de ethyla, elles são absorvidos pela mucosa pulmonar, e penetram o sangue, que os leva aos centros nervosos.

A cocaína, injectada no canal-rachidiano, a sua acção actúa onde ella se acha em contacto com a extremidade da medúla; e, por isso, esse processo não interessa sinão á parte inferior do corpo. Donde se póde deduzir que nenhum anesthesico local, injectado no canal local rachidiano, tem o privilegio da inocuidade, porque se não fôr toxico não produzirá effecto.

A rachicocaínisação foi abandonada, apesar dos encomios de seus partidarios, em consequencia de uma estatística desanimadora.

Não se deve dar valor a um anesthesico, que sómente insensibilisa a parte inferior do ventre e os membros inferiores. Muitas operações de appendicite ou de fibroma uterino, têm sido interrompidas por violentas dores do paciente, forçando o appello ao chloroformio.

Si a nova substancia apenas se applica aos membros inferiores, que são a parte do corpo onde menos se opera,

ella não é grande conquista da cirurgia.

Além disso, na rachicocainisação, se deve levar muito em conta o estado moral do doente tímido, que assiste á scena da operação, num caso de accidentes vulgares, numa hemorragia, a inquietação do cirurgião, apostrophando seus ajudantes. O paciente, embóra não sinta dôres, póde commover-se e o cirurgião não terá, então, a liberdade, indispensavel ao successo, para agir conforme a sua arte e a sua consciencia, como quando o doente está adormecido.

Quando o chlorureto de ethyla é bem administrado, e a anesthesia continúa no doente adormecido pelo emprego prudente do chloroformio, não ha perigo que temer.

A maior parte dos accidentes sob o chloroformio, são devidos a imprudencia, ou a impericia.

A essas considerações, convém acrescentar que a rachicocainisação, nos nossos hospitaes, não tem produzido resultados confirmadores de suas vantagens.

#### AFFECÇÕES CHRONICAS DA CABEÇA

O professor Armand Gautier apresentou á Academia de Medicina de Pariz, um engenhoso dispositivo com o qual o dr. Ostwal consegue submeter os olhos e outras partes da cabeça a banhos locais super-aquecidos, de muita efficacia em doenças chronicas, rheumaticas e outras, expondo as partes affectadas ao ar aquecido a 160° e 180°, tendo o cuidado de isolar as partes sãs.

Observou-se que o globo ocular póde supportar temperaturas muito elevadas, ao passo que as palpebras se irritam á acção das mais baixas.

Trata-se de um precioso recurso therapeutico para as ophtalmias, blepharites, keratites, iridochoroidites, nevralgias faciaes e sub-orbitarias.

#### UM CAVALLO INSTRUIDO

Uma commissão dos mais notaveis veterinarios de Berlim, fez um inquerito ácerca do cavallo Der Kluge Hans, que tem a faculdade de pensar. Seu possuidor, Hern von Osten, dedicando-se, ha quatorze annos, ao estudo do instincto dos animaes, verificou em um cavallo russo signaes evidentes de anormal intelligencia, e consagrou-lhe diariamente uma hora de ensino, com o mais assombroso successo, sob o methodo adoptado nas escolas elementares — pedra e giz, quadros e objectos para desenvolverem o sentido da côr, do olfacto, etc. O animal, actualmente, conta com precisão, somma, subtráe, multiplica e divide, e está se exercitando, agora, em fracções decimaes e regra de trez.

Esse cavallo phenomenal, candidato á celebridade, com maior direito que

os seus congeneres registados na historia — *Pégaso, Bucephalo, Incitatus* — respondeu, com bôa vontade e celeridade a todas as ordens dos peritos; decifrou escripta; conheceu o valor de cartas de jogar e de dinheiro, a hora exacta em um relógio e reconhece qualquer individuo, cuja photographia lhe seja anteriormente mostrada. Suas respostas são feitas, para dizer — *sim*, enclinando-se; para dizer — *não*, balançando a cabeça.

A's questões de arithmetica responde batendo com a pata direita no sólo, empregando a esquerda quando queria affirmar a resposta.

Em uma occasião, von Osten observou-lhe que elle se havia enganado contando 2 e 2 como 4, ao passo que o mestre achava 5; o cavallo impacientou-se e repetiu, vehemente, 4, batidos pelas duas patas. A pedido das pessoas presentes ao exame, elle indicou as palavras — cão, gato, janella, escriptas na pedra pelos peritos, do mesmo modo as côres, e as perguntas de quantas pessoas presentes usavam oculos, e indicou as senhoras que tinham chapéos verdes.

Para demonstrar que não havia fraude ou os artificios empregados no theatro em exhibições de animaes sabios, o cavallo ficou na sala com alguns officiaes de alta patente, e respondeu-lhes correctamente e com tamanha precisão que tendo um delles perguntado a hora mostrando-lhe uma moeda de oiro, elle não se deixou enganar.

Um millionario da America offereceu por Kluge Hans 150.000 marcos, que foram recusados.

Entre as pessoas presentes á experiencia, estavam o duque de Coburgo-Gotha e o conde Moltke, varios principes e ajudantes do Imperador e o ministro da Agricultura.

No jury de investigação, figuravam muitos scientistas de grande reputação — os professores Stumpf, Nagel, Messner, Richard Kandt — os quaes verificaram no phenomenal Kluge Hans, um desenvolvimento intellectual correspondente ao de um rapaz de treze annos.

#### THESOIROS IMMERSOS

Os esforços seculares, empregados por todos os povos para se apoderarem de thesoiros submergidos no mar, foram sempre inuteis; agora, porém, o italiano Cavaliere Pino váe experimentar aparelhos, compostos de um hydroscopio e um elevador, na pesca do oiro e da prata dos galeões, postos a pique na bahia de Vigo em 1702, no valor de vinte e oito milhões esterlinos. No contracto para esse fim celebrado, caberão ao governo hespanhol 20 % do thesoiro salvo.

O hydroscopio consiste em uma especie de sonda composta de tubos de

aço, como um telescopio ordinario, os quaes se vão estendendo para o fundo do mar até attingirem á profundidade desejada. Na ultima secção, estão as lentes, que permitem ao operador que desce por dentro, inspecionar o terreno submatino a longa distancia, com a mais perfeita nitidez.

O elevador é um aparelho simples. Consiste em atar grandes saccoes flexiveis ao objecto submergido e injectar-lhes ar por meio de bombas poderosas, empregando tantas quantas sejam necessarias para trazer o objecto á superficie.

Taes são os aparelhos empregados para a pesca do thesoiro dos galeões do Mexico, na bahia de Vigo, pelo vapor *San Clemente*. Projecta-se utilisal-os para tirar do mar os coiraçados e outros navios de guerra, sacrificados na guerra actual, avaliados em vinte milhões esterlinos.

#### O JAPÃO

No palacio dos transportes, uma das mais curiosas secções da exposição de S. Luiz, occupa o centro uma carta em relevo do imperio do Japão, com a extensão de 40 metros.

Ha 50 annos, essa carta indicaria, apenas, verêdas trilhadas pelos irikishas e pastores semi-selvagens. Hoje, uma rêde de caminho de ferro, telegraphos e telephones cobre todo o paiz, onde a primeira linha telegraphica foi construida em 1852, sendo, actualmente, de 100.000 kilometros a rêde de communicações por esse systema.

Ha 20 annos, os camponeses fugiam apavorados ao ruido das primeiras locomotivas; hoje, attingem a 10.000 kilometros os caminhos de ferro, com 1.400 locomotivas, representando um capital de 320.000 contos, dando aos habitantes abundante e barato meio de transporte, no que excede o Japão aos paizes mais civilizados.

A carta em relevo tambem regista o desenvolvimento postal. Até 1880, erão somente conhecidos os correios por expresso ou por diligencias; hoje, ha 5.000 agencias postaes, manipulando 816 milhões de cartas e de correspondencia variada.

### O ALMIRANTE (8)

ROMANCE

POR

**Domingos Olympio**

CAPITULO V

Por uma coincidência propria, o Imperador, que era frequentador de mezas de exames nos institutos de ensino official, assitira a uma das provas do jovem Oscar Ferreira; e houve quem lhe ouvisse dizer ao ajudante de

campo que, "se o rapaz não bromasse, seria um homem notavel."

Realisou-se o vaticinio imperial. Oscar percorreu os cursos com brilhante destaque de sciencia e de caracter, meigo e energico, que lhe conquistára a sympathia dos camaradas e superiores, marinheiros zguerridos sob o commando de Tamandaré, Barroso e outros capitães heroicos, cheirando, ainda, á polvora do Riachuelo, Cuevas e Humaytá.

Naquella epoca, os jovens aspirantes veneravam esses vultos gloriosos, como uma lição viva de civismo, falavam da guerra como de uma façanha épica, cujas anedoctas, illuminadas com os tons maravilhosos de legenda, fixavam no cerebro e no coração da mocidade militar a historia ignorada da sangrenta campanha, os feitos de bravura dos humildes e dos desprotegidos, que não passaram á notoriedade pelo vehiculo fallacioso das partes officiaes, onde, ás vezes, se forjam benemeritos, que jamais experimentaram o susto de uma refréga. Diante daquelles moços estavam, como attestados eloquentes, as cicatrizes dos navios, varados de balas, a prôa do *Amazonas*, a mastreação esguia, elegante dos invenciveis navios de madeira, o costado rijo das pequenas canhoneiras, dos monitores embicados como tartarugas nas suas coirças, toda aquella esquadra involvidavel, que pelejava, durante cinco annos, longe dos arsenaes, sem base de operações, improvisando recursos, inventando meios de conservação e navegando rios suspeitos que por tradicional negligencia o nosso almirantado jamais sondára. A esses cascos desmantelados, já condemnados como veteranos invalidos, atrazados dos progressos da sciencia deixa, o Brazil a sua posição preponderante na America do Sul, como arbitro da paz, dominando as irriquetas republicas visinhas com uma politica de paz e prosperidade, talvez demasiada, desinteressada e sentimental.

Quando Oscar, numa correcção impecavel de militar, harmonisada com a elegancia das maneiras de adolescente em plena florescencia de força disciplinada e proficua, se apresentou com os seus galões de segundo-tenente, o Imperador o mediu de alto a baixo e murmurou com um sorriso de paternal carinho:

— Sim senhor. Que bello almirante.

E voltando-se para Guilhermina, a estostrar de ternura com esse meigo orgulho das mãos lisonjeadas, accrescentou:

— Dou-lhe parabens, senhora baroneza, pelo guapo soldado que deu á patria.

Desde então, Oscar ficou conhecido pela honrosa alcunha de Almirante.

O Imperador o disséra; os jornaes

levaram o caso á publicidade; e, como palavra de rei não volta atrás, os comensaes dos Uberabas, os camaradas e, por chacota, os superiores deixaram de lhe chamar Ferreirinha, que era o appellido na escola. Era uma questão de tempo, a confirmação do que reputavam uma solemne promessa imperial. Caíra em graça; o monarcha sympathisára com elle: isto bastava para lhe assegurar rapida carreira, não contando o incontestavel merito, a influencia politica e as preciosas relações sociaes dos paes adoptivos.

Além disso o conselheiro Antonino estava no paço a relembra-lo com precavidos encomios e com o zelo que teria por um filho e tão solícito, que a maledicencia o attribuia a interesses de familia, como fosse o de casar o jovem marinheiro com Amelia, a primogenita do Conselheiro.

Vieram as promoções, umas sobre outras, de sorte que, quando foi Deus servido chamar á sua santa gloria, o benemerito marquez de Uberaba, Oscar estava nos mares asiaticos como capitão-tenente.

A sua auzencia augmentou o pezo do lucto da formosa viuva. Elle seria, naquella transe, ao lado della, unica pessoa da familia e filho querido, o anjo da consolação; seria seu companheiro de exilio, nos dias monotonos, nas noites tetricas, que ella passava na fazenda ouvindo o Gião dar contas minuciosas dos negocios da administração, que ia mal, muito mal, depois da libertação dos escravos, homens feitos, de juizo assento, os melhores trabalhadores. Os fazendeiros visinhos, rara vez, appareciam para lhe mitigarem a tristeza.

As mucamas favoritas, crias de casa, estimadas como pessoa da familia, resmuneavam com insolencia: umas fugiram; outras tiveram o arrojo de lhe dizer, com desenvolta franqueza, que não recorrem á justiça para se libertarem por meio de arbitramento, pois não haviam de ficar captivas toda a vida, quando os paes e filhos são livres. Essa ingratição, consecutiva á embriaguez de liberdade, proporcionada pelos aliciadores, que infestavam as fazendas, portadores do sopro anarchico da propaganda abolicianista, victoriosa nas provincias do norte, como se nenhum laço de affecto, de reconhecimento, prendesse os escravos aos senhores, mesmo áqueiles de jugo suave, magoava, profundamente, o coração da marquez, que não comprehendia o instincto e subita represalia da raça opprimida, sequiosa de fruir sem commedimento todas as consequencias da posse de si mesma.

Foi com lagrimas que ella soube que a Joanna morava na villa proxima com casa posta, e luxava como qualquer moça branca, tendo como

criada a Maria Pequena, retinta creolinha, abeirando aos dezeseite annos. A Virgilia, sua cosinheira de tão bom paladar, tão cuidadosa em lhe preparar saborosos quitutes, negra velha, que parecia ajuizada, tambem deixára a casa para se alugar em uma fazenda visinha. E porque ella abolira o açoite, os moleques, que não viviam na calçaria das vendas, somente obedeciam urgidos pela fome; tornaram-se incapazes, inuteis, incapazes dos mais leves serviços. Os negros, homens feitos e robustos, estavam recorrendo ao arbitramento por vil preço homologado pela clemencia de magistrados abolicionistas. Preferiam a vida de tropeiros, de operarios, trabalhos mais fatigante que os da bôa e meiga senhora, á permanencia no sitio maldito, onde haviam penado os seus antepassados, onde, em quartos escuros, elles viam ainda os troncos, os instrumentos de supplicio, apontados pelos pretos velhos, invalidos, como vestigio afrontoso de ignominia, de castigos que lhes foram inflingidos.

Ouvindo-lhe a lastima da ingratição da subversão da escravatura, Gião, sorria ironico, ponderando-lhe.

— Ahi tem, vossa encellencia, em que deram a sua bondade, a falta de castigo. Quando eu lhe dizia que essa gente não tem alma, que esses negros são brutos, como bestas de cargas, eu era um homem sem coração, era um carrasco a surrar sem piedade os pobresinhos. Que é dos moleques, companheiros de estrepolias do Almirante? Veja se reconheceram o bem que lhes fez?

Esta gente é uma cambada de mal-agradecidos, minha rica senhora. E as mulatas, as raparigas que vossa encellencia creou como filhas? Despencadas todas pelo mundo, muitas desgraçadas, comendo o pão que o demonio amassou, numa miseria de metter dó, preferem tudo a viverem aqui num trabalhinho de perna ás costas. Ainda ha poucos dias encontrei a Balbina, aquella peça de primeira ordem alforriada pelo maluco do açougueiro da villa, num bebedeira que se não podia lambar, de trôça com os soldados do destacamento. E' uma pena, um máu exemplo, que está sendo a desgraça de escravos e senhores. Mas... sua alma sua palma. Preferem a desgraça, a ficarem em casa dos senhores, fingindo de escravos, porque isso de captiveiro já lá vae, com cama e meza, roupa lavada, medico e botica. E pensar que o defunto, senhor marquez, que Deus haja, concorre para essa doidice, alforriando os melhores escravos da fazenda.

O governo está com o juizo a premio, tolerando isso que se está fazendo, essa praga de alforrarias por dez reis de mel coado e alforriando os velhos.

Não pensa no mal que está fazendo.



á terra. E já está tendo a paga : toda a gente, que tem o que perder e que se vê roubada da sua propriedade, da noite para o dia, só não chama o governo de santo.

E' um descontentamento que já parece um levante que rebentará se, como dizem, forem libertados todos os escravos. Não é para menos, ver as fazendas privadas de braços, cafezaes no matto, a herva de passarinho matando as plantas, tudo abandonado... E' de metter raiva e dó ao mesmo tempo. Ainda cá por casa, ha meia duzia de pretos que vão atamancando, nas outras fazendas... é uma desgraça

Se isso continuar assim, póde-se dizer adeus ás safras e comer o ganhado até quando Deus fôr servido...

A marquezia sentia que Gião apreciava com muita sensatez a situação da lavoira, mas não concordava com as suas idéas pessimistas acerca das consequencias da libertação, e continuava a sustentar que a emancipação do elemento servil seria um dever nacional, uma medida altamente humanitaria, fossem, embora desastrosos para as classes productoras. Se os escravos fugissem do trabalho, abandonassem as plantações, procurassem os fazendeiros braços livres que os substituissem, promovessem o povoamento, a cultura aperfeiçoada da terra e seriam, largamente, compensados, porque o trabalho livre produziria, incomparavelmente, mais que o escravo, além da influencia benéfica que a imigração exerceria como elemento ethnico no melhoramento da raça. Era essa a linguagem dos abolicionistas, dos economistas que discutiam, com vehemente ardor, o problema, no parlamento, na imprensa e nos comícios populares.

Os fazendeiros estavam agrilhoados á rotina de absurdos e caducos processos de cultura e administração. Era imprescindível que elles, muitas das quaes não empregavam ainda o arado, instrumento prehistorico, adoptassem novos meios de accordo com as idéas victoriosas pelas conquistas scientificas, como a reparação das terras exaustas, a cultura intensiva, o emprego de machinas que augmentassem e poupassem o esforço muscular do operario, restaurassem a polycultura para evitar os perigos de confiar a fortuna publica e particular, exclusivamente ao café ; promover a selecção das especies de gados pela introdução de procreadores mais perfeitos, e, como cupola de todo esse trabalho de reconstrucção idéal, a fundação de escolas para instrucção do trabalhador, de institutos bancarios destinados a formentar o desenvolvimento agricola, caixas economicas, estabelecimentos de amparo á orphandade e á invalidez e reorganisação do regimen legal da propriedade territorial com

providencias efficazes de garantias reciprocas nos contratos de locação de serviços.

A maioria, a grande maioria de fazendeiros—agricultores e criadores— não penetrava a essencia dessa reforma, admiravelmente complexa, ou muito complicada para as suas broncas intelligencias. Não concebia como seria possivel fazer tanta coisa, uma verdadeira revolução de seus habitos e idéas, nem atinavam donde viria o dinheiro para tamanha trapalhada. O que elles sentiam e comprehendiam era a pura realidade de superficie escabrosa, desolada. Nem era preciso ter grande perspicacia para apprehender, em toda a intensidade assustadora, o futuro que se lhes antolhava em consequencia dessa reviravolta de costumes de ricos indolentes, criados na abundancia, de que o negro era essencial factor.

A marquezia, apesar dos protestos reverentes de Gião, adversario de innovações perigosas, emprehendêra o exemplo de revolta contra a rotina. Não calculára com precisão as consequencias da arrojada ventura, nem visára outras vantagens que não fossem uma propaganda benéfica das idéas novas : encontrava nisso uma consoladora distracção para o seu espirito solitario e ocioso.

Da concepção á execução do seu vasto plano, não houve hesitação nem desfallecimento. Era rica bastante para supportar, sem abalo de sua immensa fortuna, todos os assaltos do imprevisto.

(Continúa)

## MISERIA E CRIME

### II

A *extrema necessidade* ou o *estado de necessidade* ainda não constitúe, a bem dizer, uma situação perfeitamente juridica, a manifestação de um "direito formal" — perante qualquer código moderno. A esse proposito, a licção mais aproveitavel nos vem de autores allemães, compendiados por Franz von Liszt e por seu traductor brasileiro, o dr. José Hygino, de radiante e saudosa memoria.

Mesmo no caso supremo do *furto por fome*, códigos e doutrina não querem justificá-lo como simples manifestação do direito á vida. Essa moeda ainda não é corrente, não tem curso na lei e na generalidade dos autores.

Principiemos definição do estado de necessidade, tal como se o comprehende modernamente. E' uma situação em que o agente para salvar um bem, compromette ou lesa outro bem; ou antes: um estado de cousas de tal natureza que leva á pratica de um acto

delictuoso para a salva-guarda de um bem, que sem isso se perderia. Não ha, ahi, segundo a theoria legal vigente, o traço de um direito, o sainete da sancção juridica.

O acto derivante do "estado de necessidade" não passa de um caso de tolerancia legal; alguma cousa parecida com a exposiçao duma criança em roda de expostos. A lei não aconselha, nem sanciona, tolera. E' assim que doutrina von Liszt:

«O legislador não prohibe a acção que não quer punir; limita-se aqui, como em outros casos, a ter em conta a brutalidade dos factos; tolera o que não póde modificar; regula o que se vê forçada a tolerar.»

Não confere ao individuo que corre perigo um direito de necessidade, mas deixa-lhe o campo livre».

Entretanto, a aspiração humanitaria do penalista tudesco váe além dessa theoria, que é a dos códigos. Elle entende que se deveria considerar como conforme ao direito a situação em que o individuo delinquisse, estando em jogo a conservação de um interesse de maior valor e o de um interesse menos valioso; por exemplo: — *a vida contra a fortuna*. (*Tratado de Direito Penal Allemão*, vol. I, pags. 235-236).

A opinião de von Liszt é, com pequenas differenças, a dos seus compatriotas Berner, Geyer, Halscher Bindnig e outros.

Uma vez que iniciámos nosso humilde estudinho pelos autores allemães (a este respeito mais abundantes do que os francezes e italianos) — enacetemos pelo Código Penal Allemão as citações de direito positivo.

O *estado de necessidade* está previsto no art. 54 do Código de 1871.

O artigo anterior se refere á legitima defesa.

Entende-se "estado de necessidade", por Direito Penal Allemão, a situação de perigo actual para a vida ou para a integridade do corpo, só podendo ser removida pela lesão de interesses licitos de outrem; pouco importando que essa situação tenha sido produzida por forças naturaes ou por actos de terceiros. Distingue-se esse *estado* do de legitima defesa, porque nelle não se trata de reagir contra «uma aggressão injusta por parte da criatura humana».

Temos presente um estudo tão resumido quão profundo do dr. Herman Suffert, professor de Direito Penal na Universidade de Bonn, onde se reconhece que o Código Allemão tratou magistralmente a legitima defesa, mas fixou insufficiente criterio para caracterisar o estado de necessidade. (*V Le Droit Criminel des E'tats Européens*, publicação da *União Internacional de Direito Penal*. ed. franc. de 1894, pag. 281).

— Depois da Allemanha, é natural

lembrar-se a França, que hoje, mais do que nunca, lhe disputa a hegemonia intellectual na Europa. O Código Penal Francez parece ter previsto o estado de necessidade no art. 64, que resa assim:

«Não ha crime nem delicto quando o accusado tenha estado em demencia na occasião do acto, ou quando tenha sido constringido por uma força á qual não pudesse resistir». (1)

Observou, a proposito, Felix Marchand, na sua obra já citada, que esse art. 64 define mais precisamente o estado de constringimento (*contrainte*), e não o "estado de necessidade". A distincção não é especiosa, nem difficil. O constringimento colloca o criminoso em face da violação da lei e o obriga a agir, só lhe deixando aberta uma verêda — aquella para a qual o impelle. A "necessidade" colloca, igualmente, o criminoso em face da violação da lei; só lhe abre, igualmente, um caminho; *mas deixa-lhe plena liberdade para abster-se e sacrificar o bem ameaçado ao respeito do bem alheio.*

O esfaimado que furta um pão bem pôde deixar de o fazer. Ha pessoas que morrem á mingua — como heróes da miseria!

—Garraud confunde os dois estados, cuja distincção apontámos, de accordo com Marchand.

A lei, diz elle, não ordena o heroismo; o art. 64 tanto se pôde applicar ao constringimento physico como ao moral (*Droit Criminel*, 1895, pag. 169).

A confusão feita pelo eminente professor, toda se divulga no ponto em que elle reconhece que "ha hypotheses em que o agente se acha sob o imperio de uma especie de necessidade, que lhe opprime a vontade ao ponto de não lhe deixar livre a escolha de uma solução mais moral do que a da conservação propria".

A vida está cheia — continúa elle — desses combates do dever, em que a vontade, que não é heroica, se curva ao peso das circumstancias.

Em todo caso, Garraud não acceta como *de direito* a situação do "constringido" que se apropria do bem alheio; seu acto é, apenas, toleravel, e por isso, só por isso, não é punivel, embóra cheio de criminalidade.

—O Código Penal Italiano estatuiu, no seu artigo 49, que não é punivel quem commette crime, estando constringido por necessidade de salvar-se ou a outrem de um perigo grave e im-

minente, contra a personalidade, ao qual não déra causa voluntariamente, e que por outra forma não se possa evitar.

Essa definição legal nos parece ser a mais perfeita. Foi commentando-a que Eugenio Pincherli se referiu, precisamente, á questão da *fome* considerada como *forza maggiore che sopprime la imputabilità d'ichi per conservare la vita s'appropria la cosa altrui*. A proposito, cita Pincherli o eminente chefe da « escola classica », Francisco Carrara, que admite a exclusão da pena quando o furto é determinado por extrema necessidade, não havendo ahi o fim de lucro e, sim, o supremo escopo de salvar a vida. Exige Pincherli, bem interpretando o art. 49, que o « constringido » pela fome, antes de attentar contra a propriedade, haja empregado infructiferamente outros meios, taes como o pedido de trabalho e o de esmola.

Levanta, tambem, a delicadissima questão da « causa da necessidade », concluindo pela recommendação, feita ao juiz, no sentido de attenuar a pena ou illidil-a, conforme o accusado tenha ou não culpa da sua situação miseranda. (IL CODICE PENALE ITALIANO ANNOTATO, 1890, pag. 79).

Florian cita um accordam da Côte de Cassação italiana, referente a um crime colectivo commettido em estado de necessidade, que foi reconhecido. A multidão faminta tinha impedido a exportação do trigo, que enchia os armazens duma cidade, empregando para isso violencias e ameaças. (V TRATTATO DI DIRITTO PENALE por Florian, Pozzolini, Zerboglio e Viazzi, vol. I, pag. 231).

— Por Direito Penal Belga, o estado de necessidade é uma causa de justificação subjectiva, prevista no art. 71. Adolpho Prins observa que não ha um *direito geral de necessidade*; mas, sim, um simples *estado*, uma *situação*.

A definição dada por Adolpho Prins váe além dessa theoria strictamente legal. Vê-se que elle não está longe de von Liszt, de quem, aliás, foi o mais prestimoso collaborador na União Internacional de Direito Penal. Eis a definição:

« Estado de necessidade é aquelle em que a salvaguarda de um *direito* ou de um bem demanda a execução de um acto propriamente criminoso ».

E acrescenta:

« O acto é necessario quando salva um *direito* ou um bem que por outra forma não poderia salvar-se ».

Mais adiante aborda a questão que particularmente motivou estas observações. « Aquelle que, para se salvar da inanição, ou a seus pais, ou á sua mulher, ou a seus filhos, se apropria

de viveres que lhe não pertencem, entende-se agir em estado de necessidade ». Em nota, Ad. Prins cita a já aqui bem lembrada monographia de Moriand e aponta o julgado do juiz Magnaud relativo á pobre mulher que furtou um pão. (Dal-o-hemos na integra, acompanhado dos seus precedentes e consequentes).

— E' tempo de abrir espaço para o direito penal nosso. Começemos do passado, pois é sempre agradável ao nosso espirito associar o methodo historico ao comparativo.

No velho reino de que herdámos a lingua e a civilização, por uma lei de 1251, reinando d. Affonso III, o *Bolonhez*, se permittiu ao viajante, quando caminhasse terras despovoadas e estivesse desprovido de recursos, apropriar-se, mesmo com violencia, dos bens necesarios á conservação da vida. Outros casos de extrema necessidade, admittida como justificativa, foram previstos na Ord. do L. V, sendo de destacar-se o do Tit. 107, § 10 e 12, que os commentadores inscrevem sob a epigraphe: « necessidade extrema faz lei ».

No nosso Código Criminal de 1830, o constringimento (*contrainte* — dos francezes) foi satisfatoriamente separado do estado de necessidade.

O primeiro constituia uma circumstancia dirimente da criminalidade, prevista no art. 10, § 3º. O segundo valia como circumstancia justificativa, figurando no § 1º do art. 14.

O dr. Thomaz Alves entendeu, a nosso vêr erradamente, que o caso do furto por fome se enquadrava na dirimente da famosa *força irresistivel* (art. 10, § 3º).

Temos para nós que a situação seria justificavel em face do § 1º do art. 14 — crime commettido para evitar mal maior.

No Código Penal vigente, a disposição a applicar-se, na falta doutra, deve ser, precisamente, a do § 1º do art. 32, que corresponde ao ultimo dispositivo citado.

Quer o Código, nessa hypothese, que, ao evitar-se o mal maior, concorram as tres segintes condições: certeza desse mal que se propoz evitar; falta absoluta de outro meio menos prejudicial; probabilidade da efficacia do meio que for empregado (art. 33).

Conforme judiciosamente observou o dr. José Hygino, o conceito do nosso código não tem a largueza precisa para abranger, por completo, o estado de necessidade.

Falla o legislador em « evitar mal maior ». Incorre, portanto, em pena quem pratica crime para evitar *mal igual*.

Aqui vem a talho de fouce o exemplo, que é classico no assumpto: — o do naufrago que, em lucta com as ondas,

(1) Millerand, de accordo com o presidente Magnaud, propoz á Camara dos Deputados, a reforma de te art. 64, melhor definindo o "estado de necessidade". Na França, porém, succede como aqui: — todo projecto que contem uma idéa verdadeiramente util e aproveitavel é preterido pelas discussões de interesses pessoas e pelas tricas da politicagem.

arrebata a outro, nas mesmas condições, a taboa da salvação. Evita-se, no caso, um mal igual. Força é convir, porém, que, separando o « constrangimento » do « estado de necessidade », os codigos brasileiros abriram largo espaço á defesa jurídica do que furta por fome. Colocado o estado de necessidade ao lado do de legitima defesa — já se esboça ( não ha duvida ) a idéa de um direito.

No projecto do futuro Codigo Penal, tal como apparece na ultima redacção da Camara dos Deputados, o caso de extrema necessidade foi definido pelo art. 27 ( n.º III ). Não será punido, segundo esta disposição, « aquelle que tiver sido constrangido pela necessidade de salvar a si ou a outrem de um perigo actual, a que não déra causa, e que de outro modo não podia ser evitado ».

A definição legal nos parece das mais felizes, podendo amparar, sem esforço interpretativo, o pobre levado ao crime por coacção da miseria extrema e desvalida.

A significação do acto praticado pelo furtador, nas condições indicadas, é que precisa ser firmada de accordo com os principios da solidariedade humana, tão bem comprehendidos pelo juiz Magnaud.

Para nós, de pleno accordo com Felix Marchand, o acto necessario do que furta ou rouba *para não morrer de fome* é a expressão de um direito soberano.

Assim como, na legitima defeza, o individuo que mata *para não morrer* exerce uma justiça privada, em nome da sociedade que não pôde acudir a tempo ; assim como, no dizer de Fioretti, a legitima defeza tem o caracter de uma forma abreviada de juizo penal, cuja sentença é logo dada e executada ; assim como o individuo que age em legitima defesa representa um instrumento de *defesa social*; assim como num caso de perigo grave, injusto e inevitavel, e sociedade transfere ao individuo o direito de proteger-se directamente, repellindo a força pela força ; tambem o esfaimado a quem a sociedade não pôde soccorrer a tempo ; que não foi causa directa da sua propria miseria ; que não pôde evitar por qualquer fórma as tremendas amarguras da falta de alimentação ; que se vê assim atacado no seu direito á vida, tem em seu favor um *direito especial de expropriação*, tão legitimo como o outro, cujos caracteres e cuja significação esboçamos. Apenas não ha o aggressor injusto, contra o qual pessoal e precisamente deva ser dirigido o ataque. O *meio social*, todo elle, com suas imprevisões, com suas infamias, com suas miserias, é o culpado da situação em que se acha o desgraçado.

Qualquer membro do corpo social

póde, pois, soffrer a expropriação, dentro dos limites da necessidade urgentissima.

EVARISTO DE MORAES

## O MAR

A SEVERIANO DE REZENDE

Eil-o : azul e infinito, espelhando a infinita  
Immensidade azul... Eil-o : sereno e doce,  
Céos azues espelhando...

Eil-o : calmo e tranquillo ; uma véla palpita,  
Qual se d'uma gaivota o vôo branco fósse,  
Desgarrada do bando.

\* \* \*

Sob a alfombra floral dos rutilantes astros  
Dorme ; sob o frescor levantino da aragem  
Desperta e esplende ao sol !

Embarham-se além cabos, vergas e mastros...  
Procellafias o leque abrindo da plumagem,  
Pintalgam o arrebol !

\* \* \*

Ora, da superficie á flor, a bocca informe  
Eis que de um monstro surge ; ora, da vaga,  
o vento

O dorso incha bramindo,  
Té que no enorme céo, té que no espaço enorme,  
Brilhe o luar, e se veja, emfim, no firmamento,

O estellarío fulgindo.

\* \* \*

Em pós, qual dantes, torna ; em pós, qual  
dantes, a ira  
Em silencio amortalha, e o equóreo somno  
ascende

Á via-lactea exúl...

Resplandece na noite a liquida saphira...  
E suave e meigo e mésto e brando o anceoio  
extende,

Do polo norte ao sul !

Rio — 1904.

CYRO COSTA.

### AS NOSSAS GRAVURAS

As nossas gravuras representam as construcções de um dos marcos, o da fóz do Quarahym, onde começa a linha de limites, que váe torminar na fóz do Iguassú.

Esse marco é um obelisco triangular com cinco metros de altura, acima do pedestal, tendo dois metros de largo o triangulo da base, construido de alvenaria de pedra e cimento, tendo embutidas em bronze as armas da Republica dos Estados Unidos do Brazil, de modo que será, como todos os outros da nossa fronteira com a Republica Argentina, um padrão indestructivel.

Os marcos de madeira, embóra feitos das madeiras mais rijas, duradoiras e abundantes nas florestas brasileiras, não resistem á acção corrosiva das intemperies.

A commissão mixta não encontrou vestigios dos marcos das demarcações do XVIII seculo, dos marcos de Alpoim e Arguedas. O mesmo acontece com os da linha da fronteira da Bolivia, demarcada pela commissão a

cargo do visconde de Maracajú, e os do fronteira peruana, onde trabalharam os barões de Teffé e do Ladario.

Do marco da bocca do Beni, tornado famoso pela controversia ultimamente resolvida pelo tratado de Petropolis, nenhum ligeiro vestigio foi encontrado; do marco da nascente do Javary que era o ponto terminal da linha geodisica, nem Cunha Gomes nem o dr. Cruls poderam fixar, ao menos, o sitio exacto.

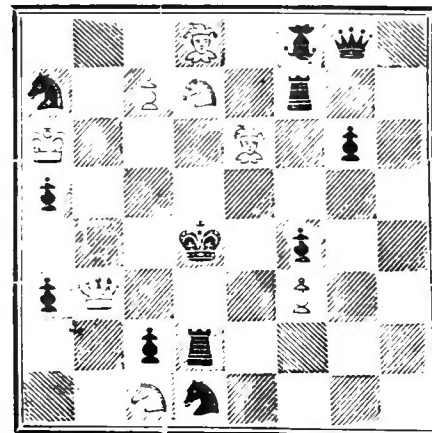
Esses marcos de madeira erão empregados pelo facto de se afigurar extremamente difficil obter, naquellas regiões inhospitas, material para o trabalho de cantaria, principalmente a cal ou o cimento, que deveria ser conduzido através de longas distancias, em canôas, subindo rios de accidentada navegacção, quasi todos encaichoeirados, nos quaes os demarcadores mal puderam conduzir instrumentos, armas e provisões, em lucta constante com a natureza e os selvagens. que frustraram os esforços de Teffé e Ladario e oppuzeram serios embaraços á exploração de Cunha Gomes.

E' entretanto, digno de nota que os portuguezes, heroicos descobridores e exploradores daquellas paragens, tivessem, quando a região era, absolutamente, barbara, transportado, assaltados por continuos perigos, através de cachoeiras, pantanaes e florestas impenetraveis, o material de construcção, petrechos bellicos e a artilharia do lendario forte Principe da Beira, reducto erguido em custodia aos mysteriosos caminhos das minas fabulosas, cujo roteiro perdido é, ainda hoje, objecto de vans explorações.

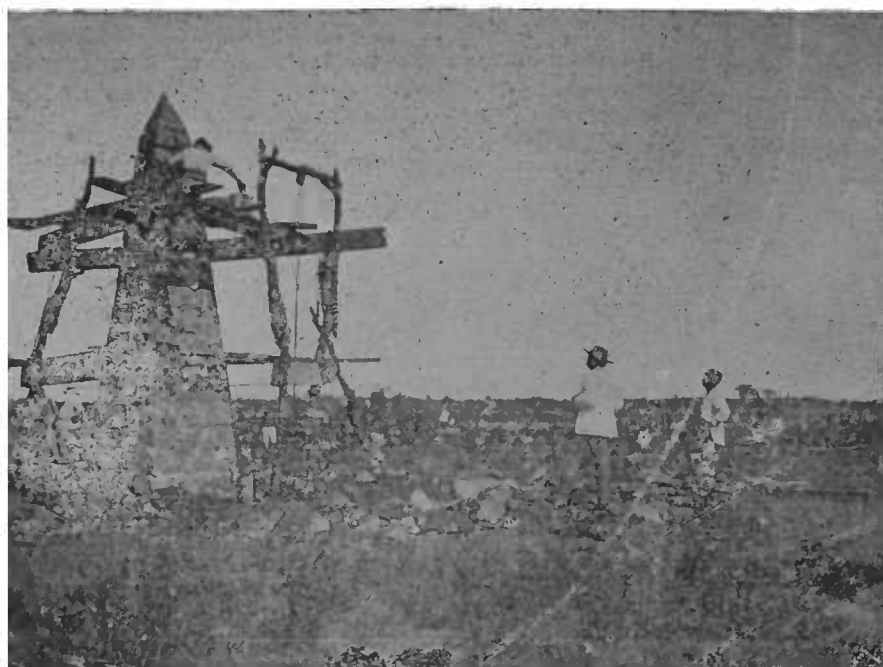
A commissão mixta demarcadora da nossa fronteira com a Republica Argentina, se bem que operasse em região mais conhecida e mais povoada, não deixou de encontrar dificuldades para realisar o plano de construcção de indestructiveis marcos de alvenaria, como são todos os principaes da linha, principalmente os da fóz e da nascente do Pepery-guassú, cuja gravura a falta de espaço não nos permite dar hoje.

## DIVERSÕES

Problema N. 6



As brancas jogam mate em trez movimentos.



CONSTRUÇÃO DO MARCO DA FÓZ DO QUARAHYM

### PHYSIOLOGIA DA DEMOCRACIA

A epocha actual é constantemente qualificada democratica. Pretende-se que a democracia influiu, ao mesmo tempo, nas artes, na litteratura, no commercio e na religião.

Todo o pensamento contemporaneo está saturado da idéa de que a democracia domina o presente e tornar-se-á mais esmagadora á medida do decurso dos annos. As allusões a ella são frequentes; as affirmações de sua influencia são tão universalmente acceitas, que vale a pena demonstrar que essa palavra, na maioria dos casos, não

passa de um termo ôco, uma immensa coisa vazia, tendo apenas, em o nosso espirito, uma significação muito restricta e muito attenuada, sendo util verificar exactamente aquillo que abrangia esse vocabulo e o que elle ainda contém.

A concepção deduzida da natureza e do futuro dessa especie de combinação politica será muito differente do que é commumente acceita. Um processo analytico pôde inverter, em absoluto, a conclusão esperada e baseada em resultados brutos, até então obtidos; do mesmo modo será possível demonstrar que o desenvolvimento da democracia não é a phase inicial de um movimento universal que proseguirá

inflexivel na direcção actual e não passa de um primeiro impulso de forças que se desviarão em caminho inteiramente diverso.

Tomemos os *Direitos do Homem*, como foram proclamados pela Revolução, pelo enunciado da democracia: o nosso actual estado democratico será a realisação pratica daquellas reivindicações, em relação ao individuo, sob a fórma de uma liberdade sem peias em materias, até então, sob o dominio da jurisprudencia social, sendo assim obtidos — a abolição dos freios religiosos e moraes, o reconhecimento do direito de propriedade, a suppressão das restricções e privilegios especiaes.

A democracia moderna consiste, politicamente, na negação do direito ou das faculdades que teriam certos e determinados indivíduos de agirem á sua vontade, em nome da communhão.

Sua idéa fundamental é a da representação: o governo baseado na eleição, sendo, pelo menos em theoria, delegado e servidor da vontade popular. A theoria democratica implica com a vontade popular que se suppõe ser, no que concerne aos negocios publicos, a somma total das vontades de todos os cidadãos. Sob o seu aspecto menos perfeito e mais usual, essa theoria se figura uma doutrina ethica, que declara injusta a recusa de acquiescencia do governado, ou um commodo compromisso politico, o menos discutivel de todos os methodos de fiscalisação publica, com o minimo de mal estar geral.

Não ha nos estados modernos, governo democratico electivo, cujo absurdo não possa ser demonstrado em cinco minutos.

E' evidente que em innumeraveis circumstancias de interesse da collectividade, não se encontra a vontade collectiva e sim uma indifferença perfeita no espirito do eleitor: o systema electivo colloca o poder entre as mãos dos agentes eleitoraes mais esptos. Nem os homens, nem os seus direitos são eguaes, porque esses direitos variam conforme o individuo, e é indiscutivel que o minimo ou maximo de felicidade geral não dependem, directamente, da fiscalisação publica: a prova disso é que se supportam, sem protesto, as miserias impostas pelo governo, que aliás se mudam pelos mais futeis pretextos.

O complexo de objecções e argumentos contra as razões *a priori* preconisadora da democracia, são de tal modo formidaveis, que é impossivel admittir seja a enorme invasão das instituições democraticas resultado de convicção sincera: occorre necessariamente a suspeita de que o termo *democracia* não passa de um verniz verbal a cobrir factos, essencialmente differentes.

A democracia do typo moderno, com o suffragio universal, só se tornou phenomeno evidente nos ultimos annos do secculo XVIII. Sua genese está tão intimamente ligada á expansão primitiva do elemento productivo no Estado, graças ao mechanismo e á organização cooperativa, que uma relação de causa a effeito immediatamente se impõe. Quanto mais perto se examinar a vida social e politica daquelle seculo, tanto mais plausivel se torna essa relação.

Factores novos, poderosamente influentes, haviam apparecido na sociedade: o manufactureiro organisador, o operario intelligente, o fazendeiro habil e a massa das baixas estratificações urbanas. As velhas tradições

da posse do solo, a monarchia, a aristocracia não progressiva, dominantes na christandade, tornaram impossivel, sem choque ou convulsão destruidora, a reorganisação que teria incorporado ou disciplinado esses novos factores. No caso do Imperio britanico, accresceu a incapacidade do governo para assimillar a civilisação das colonias americanas. Por toda a parte, nascendo com o mechanismo, apparecem elementos novos, ainda mal analysados e pouco definidos; por toda a parte os antigos governos tradicionaes e os antigos systemas sociaes, muito bem definidos e analysados, se mostraram cada vez mais obstructores, contradictorios e pusilanimes nos esforços empregados para attrahirem, para dirigirem as novas potencias.

Essas potencias novas eram ainda informes. Não houve um conflicto entre organizações—novas e velhas—mas o enfraquecimento preliminar, a deliquescencia de uma ordem de coisas gasta, parallelas ao desenvolvimento da massa embryonaria de um novo regimen. Era impossivel avaliar as forças proporcionaes, as probabilidades e as relações reciprocas dos novos elementos destinados á construcção, em proximo futuro, de uma organização social.

Agora, como ha cem annos, nenhuma formula de reconstrucção definitiva foi adoptada. Essas forças, augmentadas, incoativas, cujo nascimento acarretava a caducidade do antigo regimen, sua transformação ou sua destruição, foram obrigadas a formular, de momento, suas reivindicações em proposições geraes affirmativas, que, na realidade, nada tinham de affirmativas, mas tendiam para a refutação e a rebellião.

— Os reis, os nobres, os privilegiados, exercendo funções preemptas não podiam mais dirigir os nossos negocios — era coisa evidente, era a questão essencial. E como nada havia de effectivo, á mão, como substitutivo, a commoda doutrina da infallibilidade collectiva, em opposição á incapacidade indiscutivel do individuo, tornou-se, a despeito de seu absurdo essencial, uma hypothese acceitavel.

Assim, nasceu a democracia moderna.

J. H. WELLS.

## PALPITES

O' mulher, onde metteste tu o dinheiro?

—Que dinheiro, homem de Deus?

—Não te queiras fazer fina! responde e deixa-te de historias. Que fizeste do dinheiro que estava no pé de meia?

—No pé de meia não havia vintem.

O que havia no pé de meia ficou na barrella.

—No pé de meia havia duzentos e tantos mil réis em muito boas notas, que eu lá guardei. Vamos, deixemo-nos de brincadeiras: onde metteste o dinheiro?

—Se eu te digo que não havia vintem...

—Vintem não havia, havia notas, já te disse. Onde estão?

—Foram por agua abaixo, na lavagem.

—Máu! máu! Olha que eu não estou disposto a rir. Quem sabe se a senhora quer imitar o ministro? imitar, digo mal, porque elle queima. Vamos, diga onde pôz o dinheiro se não quer que eu faça aqui uma das minhas... Depois. Aqui d'el-rei...!

—Homem, queres que eu seja franca?

—Sem duvida.

—Pois o dinheiro. o dinheiro... levou-o o burro.

—Que burro, senhora? Para que quer um burro duzentos e tantos mil réis?

—Foi o burro. Elle não levou os duzentos mil réis de pancada, foi levando aos poucos.

—Como? então o burro entrava no quarto, abria a meia, tirava o dinheiro que queria. ? Homem, mulher, tu pensas que eu sou idiota?

—Quem tirava não era o burro, Manoel...

—Então quem era?

—Era eu.

—Tu! Então que historia é essa do burro?

—E' que era o burro que o levava. Tu nunca jogaste no bicho?

—Eu? a senhora bem sabe que eu não tenho vicios.

—Pois foi o burro do jogo que levou o dinheiro. O caso foi assim: Tu conheces a mulher do Cunegundes, uma ruiva, que tem dois filhos pequenos?

—Conheço. Mas que vem cá fazer a mulker do Cunegundes?

—Ouve. Como sabes o Cunegundes está de cama ha uns pares de mezes. Emquanto teve saúde, foi um homem de trabalho, atirava-se a tudo para ganhar a vida — trazia a casa farta, a mulher limpa, os pequenos sempre bem vestidos; a molestia, porém, acabou com tudo isso. O pobre homem, para não morrer á mingua, aprendeu a fazer charutos, mas os charutos dão muito pouco... Que eram cem charutos por dia para uma familia como aquella? A Adelaide andava varada, pallida; os pequenos, rotos, descalços, pediam pão de casa em casa, até fazia pena. Quanta vez eu aqui lhes dei comida... Ah! meu amigo, quando um pae de familia cahe numa cama...

—Pois sim, mas vamos ao burro...

—Vamos. As cousas estavam nesse pé quando, um bello dia, a Adelaide,

que não tinha um casaco decente para chegar á janella e andava sempre a chorar, a lamentar-se, pedindo a morte para ella e para os filhos, appareceu risonha e mais contente do que dantes e, todos os dias, eu, por entre as reixas da janella, via chegar gente com embrulhos para a Adelaide: eram queijos, caixas de vinho, fazendas e a Adelaide a deitar luxo até que um dia sahio de carro como a senhora do doutor.

—E o pobre do marido a fazer charutos...

—A fazer? á fumaça, e dos bons, deitado em lençóis de linho, com frochas de renda nos travesseiros: um luxo de principe. Eu fiquei a banzar e, como não sou maliciosa, disse comigo: «A Adelaide tirou a sorte...» E um dia, apanhando-a a geito, disse-lhe em ar de pagode: «Então, sua felizarda, sempre apanhou um bilheteinho premiado, hein?!» Ella ficou muito espantada e respondeu: «Não, senhora: eu não jogo na loteria. Ah! já sei porque a senhora fala — é porque me vê andar assim, apesar da molestia do Cunegundes, coitado! Que quer, minha amiga? quem não tem cão, caça com gato.

—Que gato?

—Espera, cuve, homem. «Emquanto o Cunegundes tinha saúde e força, eu não me preocupava, mas veio a doença e, a senhora sabe, as creanças têm fome e o homem da venda não fia principalmente quando sabe que o dono da casa está entrevado no fundo de uma cama. Procurei trabalho... Só me appareciam charutos; desanimei. Foi então que uma comadre minha, cujo marido anda longe, apanhando borracha nos sertões do Amazonas, disse-me que eu aventurasse alguma cousa no touro. Aventurei. A primeira marrada custou, isso custou, mas hoje...» e desatou a rir, só para que eu lhe visse os dentes obturados a ouro, como lá diz o outro. Eu fiquei a olhar para ella e, com franqueza, extranhei aquella alegria porque a Adelaide era alegre, mas agora dá umas gargalhadas... «Então a senhora vive agora á custa do touro?»

—E' verdade, respondeu ella.

—E seu marido?

—Ah! meu marido não sabe. Para uma mulher ser feliz no jogo do bicho, deve guardar segredo, principalmente para o marido. A senhora porque não tenta?

Tu sabes que eu não gosto de bois, não gosto de touradas, boi só vacca, essa mesma cosida.

—Não, D. Adelaide, eu não gosto de bois.

—Não gosta! A senhora diz isso porque ainda não experimentou. Eu também não gostava e hoje não posso passar sem elle. Experimente, experimente—e dobrou-se toda noutra gar-

galhada. Eu fiquei pensando e depois que ella sahio resolvi experimentar.

—Tu!?

—Então? No primeiro dia, mandei pedir porco; deu o burro; no segundo dia, mandei buscar elephante, deu outra vez o burro. Fiquei desconfiada com tanto burro: Diabo! isso não é um jogo, é uma estrebaria! Quem sabe se não é Deus que me está mostrando o caminho da felicidade! pensei. A' noite, sonhei que estava agarrando um burro pelo rabo. Foi naquella noite em que te agarrei, não te lembras?

—Sim, mas eu não sou burro.

—Nem eu te agarrei pelo rabo. De manhan, muito cedo, fui ao pé de meia e mandei comprar no burro... couce! e... de couce em couce, meu velho, fiquei a tinir. A Adelaide vive regaladamente á custa do touro, eu com o burro só conseguí amofinações e misérias.

—Então os duzentos e tantos mil réis foram todos no burro?

—Todos.

—Muito bem.

—Antes eu tivesse jogado no touro — ainda hontem deu.

—Se a senhora tivesse jogado no touro ia agora mesmo, como um fuso, para o olho da rua, entende? O touro dá todos os dias, mas, se me constar que a senhora joga em semelhante bicho, eu faço um banzé dos diabos nesta casa. Touro não é bicho que entre em casa de familia, está ouvindo?

—E a Adelaide?

—Que tenho eu com a Adelaide?

—Ella não joga em outro.

—Por que o marido está entrevado, mas eu não estou, com a graça de Deus. Emfim — no burro póde jogar uma ou outra vez, pouco, com touros é que eu não quero negócios. Se eu souber que me entrou touro aqui em casa a senhora váe para o olho da rua em dois tempos. E' o que lhe digo. —

(E foi; todos os jornaes noticiaram o caso commentando-o). O homensinho que apertára os cordões á bolsa, levando para a Caixa Economica o que dantes deixava nas meias, começou a desconfiar dos lautos jantares que a mulher lhe apresentava — eram verdadeiros festins — e, farejando os pratos, perguntava desconfiado:

—Mulher, isto é burro?

—Tudo é burro, pelo moderno.

—Então agora não dá couces?

—Qual! está manso como cordeiro.

—Pois sim, mas não te fies.

Depois appareceram sêdas, chapéos, costumes de panno francez, joias, camarotes do lyrico...

—E' burro?!?

—Então! que ha de ser?

—Olha lá, mulher, acho muita carga para um burro só.

—A culpa não é minha. se elle dá. Um dia, porém, o homem entrou em casa justamente na occasião em

que a mulher fazia o jogou e viu... Que viu elle? Sei apenas o que os jornaes disseram: que elle travou dum páu e desancou a mulher. Sem razão — disse a coitada ao delegado, explicando o caso: na occasião em que o marido entrou no quarto, ella abria a porta de espelho do guarda casaca e o homem tomou por uma desobediencia o que era a sua propria imagem.

—Eu permitti que ella jogasse no burro, senhor doutor, mas o que eu lá vi de burro não tinha nada.

—Então que era?

—Ora! que havia de ser? palpites da Adelaide.

COELHO NETTO

## A LIVRARIA

FRAGMENTOS LITTERARIOS — BREVE  
RESPOSTA — AUGUSTO FRANCO —  
BELLO HORIZONTE.

Desses dois volumes, já agora quasi velhos, quasi fóra do proposito e da oportunidade desta columna, o primeiro é meu conhecido desde o principio do anno. O outro é do anno passado.

Confesso que, com uma cochilante indisposição, neste momento providencial, empurro uma referencia a semelhantes coisas... essencialmente provincianas. Ninguém nega, nem mesmo faz questão de negar ao seu auctor a erudição com que elle atúlha a sua prosa, feita em desalinho, uma prosa a granel, esculpida em presumpção, trançada sem ordem, tecida sem intelligencia, sem talento litterario.

Sobretudo o auctor dá idéa de que a sua *maneira* sae frouxa, molle, exangue, ainda espirrando umas sandices de expressão e de pensamento que, já hoje, na mesma provincia, não se toleram, não se dizem nem se escrevem. Vejam o triumphante gôso, a divertida bravata desse Franco, a verificar que o sr. Magalhães de Azeredo não disse mal, como esperava, do sr. Sylvio Romero, a quem chama *illustre deputado*, mesmo querendo referir-se ao critico:

«Felizmente, vejo que tal não se deu; mas, *mesmo que se desse*, o glorioso pensador sergipano continuaria o grande que é, *pois as apreciações negativas a elle feitas se parecem com as dentadas da serpe á lamina.*» Nota-se, á vontade, o capoeira espalhando a *bombacha*, desempalando o chapéo e glorioso de não ter encontrado um *bicho* que aguentasse tempo.

Desborda de alegria, exúlta, delira, porque, como convem á sua *sylviomania*, Magalhães de Azeredo «chama ao illustre deputado de *meu prezado amigo*». E' feroz.

No capitulo em que allúde a um seu confrade, o homem escreve um

período assombroso para notar, sublinhando a emenda, pondo aspas ás palavras do outro, que esse confrade escreveu *Henri Taine* em logar de *Hippolite Taine*. Transcrevo-o, e irei transcrevendo algumas das mais encantadoras amostras da virilidade do escriptor. E' o melhor succedaneo da minha preguiça, e o melhor programma do melhor juizo :

«Um ou outro descuido poderia ser levado, não á conta de ignorancia, mas á de simples engano, aliás desculpavel em trabalhos eruditos. Disso, por exemplo, é prova referir-se o auctor aos «magnificos estudos de *Henri Taine* sobre as condições da producção da obra de arte (pag. 24)», quando se sabe perfeitamente haver sido o eminente critico *Hippolite Taine* quem, no seu soberbo livro—*Philosophie de l' Art*, cogitou sabiamente dessas condições». Com toda a sua *gaucherie* de fórma, o auctor é, sem duvida, um erudito, principalmente em lingua allemã, cuja citaçãozinha não dispensa, como o meu amigo Candido Jucá, em cada entrada ou sahida. de artigo.

Qualquer das duzentas paginas dos *Fragmentos* prova a cultura que esse Franco ( com muito trocadilho ) váe engrossando ou váe *avolumando* (outro trocadilho) numa *pose* aliás tão sincera como a graça que me concede a solemne convicção do seu retrato, posto na pagina de luxo para dar uma impressão, embóra longinqua, embóra dispersiva, da furia, da raiva e da habitual prepotencia (demos a isto côr local) do polemista, cujos olhos, varando um par d'oculos, lançam chispas de temerosas ameaças.

Não tenho vontade de esmiuçar com palavras. Por isso, Deus me perdõe, eu ainda citarei outros documentos da força do escriptor. Leiam o capitulo sobre *as producções de Péthion de Villar*, que os senhores conhecem como o *exhibicionista* mais escandaloso e perfeito da raça latina. Esse artigo desse Franco foi naturalmente encomendado pelo cigano da Bahia. Ha nelle, de principio a fim, a preocupação do reclamo, o predomínio da vaidade mais idiota. Esta chega, com aquelle, á tolice infantil de notar que um tal trabalho do tal Villar sahiu publicado em *columna de honra* do «*Jornal do Commercio*», que o dr. Egas tem recebido cartas de todos os homens illustres do mundo, e que um jornal allemão transcreveu, com palavras amaveis, um bello estudo do mesmo Egas e que Zola escreveu que é um grande paiz um paiz que produz poetas como Egas, etc. etc. Uma creatura, entre nós, teve a ingenuidade de escrever, ha uns dois annos, umas febricitantes phrases commemorativas da obra do Eça. O critico de *juxta serras*, como diria o dr. Mello Moraes, promoveu o anniquilamento dessa creatura, do

seguinte terrivel feitio, a que nem Scherer, por exemplo, escaparia, tendo escripto, quarenta annos depois da morte de Chateaubriand, sobre sua obra:

«O ultimo capitulo do livro é dedicado a — *Eça de Queiroz*. Outra ingenuidade do sr. Frota Pessôa... Pois quem é que, a não ser extremamente ingenuo, terá coragem de lançar no papel apreciações sobre a personalidade, obras e valor litterarios de Eça? Já se não disse tudo quanto se tinha a dizer e era preciso dizer a esse respeito? *No melhor jornal de Portugal ou do Brazil, com a assignatura do mais competente dos criticos modernos, um artigo com o titulo — Eça de Queiroz ninguém leria, quanto mais um fragmento de livro de estreante, embóra intelligente.*»

«*Eça está consagrado*. Occupa, no mundo da litteratura luso-brasileira, o alto logar, em que, com justiça e com direito, o seu genio o collocou.»

«Deixemol-o ahi em paz, venerando-o mudamente e amando cada vez mais as suas obras.»

Sobre Zola escreve que toda a gente só conhece o romancista e não conhece o critico. Augusto Franco preenche essa lacuna, ennumerando, para conhecimento do mundo, os livros de critica do escriptor francez.

A outra brochura — *Breve Resposta* — é uma resposta ao sr. Laudelino Freire. E' um monstro curioso. Reparem na solemnia auctoritaria da facécia, no tom convencido e victorioso da *linha* em que elle descarrega sobre o outro :

«Qual! A este sr. Laudelino só se lhe pondo uns oculos de couro crú. Não ha meios de a gente guiar este individuo para o terreno da verdade. Anda a tropeçar que faz pena. Mas — *co' os diachos!* — só se levando o homem a troça, que elle não merece ser tomado a serio.»

«*Os leitores queiram desculpar-me estas franquezas*. Mas é que ellas convêm ao caso. E' preciso esfregar um pouco a petulancia dos zotes.»

Póde-se dizer que um contendor vale o outro contendor. E eu digo, emfim, sem favor, e sem palavras minhas, mas com a prova dos *autos*, que o sr. Augusto Franco é um erudito cruelmente dispeptico, e nada tem de escriptor, mesmo desses escriptores que, na provincia, deslumbram as tropas incautas do publico.

WALFRIDO

## MODERN STYLE

Neste turbulento máu tempo do nosso viver, deve considerar-se feliz quem possuir quatro paredes de um gabinete, arejado por uma janellita franqueada ao sol, onde se homize das

estouvices e resingas dos desvairados por gloriolas e riquezas. E mais feliz será, nesse obscuro remanso, embóra despido de objectos raros e commodidades voluptuosas, quem conseguir consolo e revigoramento d'espírito com demorado olhar sobre luxuosas paginas da *Deutsch Kunst und Decoration* e do *Studio*, ao tempo em que a cigarrilha, pendente do labio, fumega preguiçosa e aromática.

E', realmente, um conforto a contemplação desses documentos da grande vida espiritual dos fortes, claros, sérios povos da Civilisação, que levantam sobre velhas formas e velhos preceitos, a nova Arte do seculo XX.

A propria Architectura, da qual se annunciára o termo por asseverações de auctores conceituados, surge do seu pretencioso amontoado de combinações classicas, despojando-se das regras estabelecidas por mestres do esquadro, que combinaram a austeridade da Grecia antiga, a da Belleza e da Philosophia, com a mesclada pompa da aristocratica Renascença. Horta, em Bruxellas, levanta as habitações collectivas, chamadas *maisons du peuple*, inspirando-se nos primeiros triumphos do Socialismo e para as quaes, diz Gustavo Kahn : o passado não offerece modelos. A exemplo desse, outros, como Hankar e Van Waerbeghe, cortam com uma intelligente, ponderada dyssimetria, o monotono e sobrecarregado conjuncto da decorativa das construcções. Plumet, Schoelkopf, em Paris, retocam e mudam as frontarias do hybridado, estreito estylo francez, que se suppunha a concretisação da gracilidade e garridice duma raça na resistente alvenaria duma estructura architectonica ; na original e pratica Gran-Bretanha, na sonhadora e sabia Germania, Printice, James Müller e Townsed, Schilling e Graeberer desenharam e edificam com um imprevisito impressionante de linhas néo-compositas, nunca, até hoje, conjunctadas harmoniosamente.

A Esculptura, que nos ultimos decenios do seculo XIX reviveu com o detalhe de Monteverde, com a expressão e grandeza de Rodin e Gerôme, com a fina elegancia de Falguière e, sem perder a consciencia das tradições, entrou na posse de elementos novos d'emoção pelo magistral cinzel do incomparavel Constantino Meunier, pelos esboçadores dessa formosa Theza Feodorowna que vibra com a violencia michel-angelesca nas formidaveis massas talhadas em forma humana, a esculptura desgarrada dos limites em que se exerceu e vem cooperar na industria moderna pelo concurso de sua caprichosa applicação, unindo-se á Pintura que, primeiro se expandiu na conquista dessa extraordinaria reforma, a que, intimamente, estão

ligados o genio francez pelo proveitoso ensinamento d'Eugéne Grasset, e o nome de Johns Ruskin pela importancia do seu *naturismo* na educação do gosto artistico moderno.

É por isso mesmo, por este renascimento da intervenção directa das artes do desenho na industria de utensilios, por ventura de modo mais decisivo e generalisador do que já foi, que a obra contemporanea está ganhando uma feição estranha, mas cheia de intelligente e encantadora urdidura e fascinantes relevos.

O mobiliario, cujo inicio reformador partiu da originalidade ingleza com o japonézismo applicado, váe se desenvolvendo numa prodigiosa variedade de formas inéditas e uteis. As pesadas poltronas de carretilhas, as cadeirinhas pelintras de bambú vermelho ou de xarão, o almanjarrado canapé, transformam-se, sob o lapis inventivo dos desenhistas, em moveis leves, esbeltos, solidos, sem bruteza, commodos, sem desproporção. O velho *armario* de caixa envidraçada, o toucador rispivamente quadrado, a familiar *commoda* desgraciosa, desaparecem na engenhosa combinação de formatos que, por garantir o aproveitamento completo do seu todo, também concorrem á parte ornamental do interior. E as linhas componentes, que formam o corpo desses moveis, ao contrario dos antigos, que obedeciam á symetria classica, são alcançadas por estudo de opposições de curvar, rectilindades e angulos interrompidos d'onde resultam attractivos inesperados, verdadeiras composições singulares que despegam o sentimento esthetico das corriqueiras usanças do passado.

Pela apparente propriedade de utilisação, (não digo—sobriedade), tem esse mobiliario, hoje reconstruido, alguma coisa do grego restaurado sob o Directorio, além de que, por esse modo destróe o irritante anachronismo, proveniente da estonteada imitação da bugiganga dos *ateliers*, que levava a uma saleta burgueza cadeiritas Luz XV em lacca dourada e seda-pompadour, risónhos e voluptuosos moveisinhos feitos para a porcelana viva dum corpo de *marquissette*, e nunca para as nédias carnes de fecundas mulheres em mandriões de morim..

E como no mobiliario, este espirito reformador se manifesta por milhares d'encantos, de ineditismos surprehendedentes, de applicações suggestivas, na ourivesaria, no kaolim das porcelanas, n'argilla da ceramica, na modelagem dos metaes, no tear manual, na téla dos bastidores, nos trabalhos da vitrificação, em tudo a que a mão do homem póde communicar o calor de suas arterias, transfundir a febre da sua imaginação creadora.

E' no torno do modelador ou na banquêta do oleiro, contornando a punhada de barro fresco, ora empollando-a nas lias de stalactites e stalagmites, ora distendendo-a num elance de gorja de floração exotica; é nas mãos do lapidario debastando a crôsta das agathas, dos beryllos, dos carbunculos, para o polimento de seus preciosos veios ou lisas, translucidas superficies que serão conchas de tigellões, fauces de *cratêras*, quadris decepados de amphoras; é sob os ferros cortantes do entalhe escarafunchando a tartaruga mosquêada ou a irisada madreperola, que surgem as maravilhas desse qualificado *modern style*, tão inspirado na natureza e de tal maneira interpretativo que, direis, só lhe faltarão motivos quando a grande Procreadora se tornar estéril a fantasia dos homens fallir, por exhausta!

Vão se abandonando os assumptos classicos, que estão estafados, que já não podem abalar o egotismo desta sociedade contemporanea, sahida, atordoadamente, da vibração ininterrupta dum seculo delirante. Faz-se necessaria a renovação dos aspectos dos contornos, dos ornatos, como a das idéas e da fórma na literatura. A arte decorativa, por sentir cansados os recursos de que dispôz, volveu-se para a deslumbrante Flóra das terras virgens, para os monstregos escaravilhados do lôdo palpitante dos pélagos. Então, um thesoiro lendario se lhe desvendou. Opuleucias scintillaram, numa profusão d'estrellas em céu sem lua, na série das profundezas maritimas, donde os escaphandros emergem como que aturdidos. Encantamentos de fabelas da Meia-Edade se lhe revelaram no rumorejante mysterio das florestas, das quaes se desembrenham os naturalistas maravilhados. E como a analyse hodierna, implacavelmente fria, ainda não conseguiu se deslocar da influencia directa da supersensível Fantasia, a arte entrou a interpretar e applicar toda essa enorme riqueza dos tenebrosos Desconhecidos.

Nos tentaculos grimpantes nos cipós encontrou paralyações carfologicas de mumias, contorsões estacadas de suppliciados, que lhe sugerem nervosos enrodilhamentos de feixes ou comprimidos torçaes de ornamentos; n'agrestidade de, algumas folhas percebeu o arremesso desesperado de labarêdas, de que retira empolgantes effectos singulares. São primores de agrupamento e colorido certos festões selvagens; tem flexibilidade, jamais reproduzida na fertil curvelinidade *rocaille*, o filamento das *trepadeiras* dos tropicos; avencas e begoneas reconstróem pelo seu recurvo garbo, pela sua estranheza, pela sua adaptação accessorial, grandemente ornamentativa, os conhecidos materiaes da estamparia dos estylos...

Do que parecia vulgar, do que se

menosprezava por chulo, súrde, inesperado, o excentrico; no que até hoje passou como desprezível o artista descobre delicadezas inapreciaveis, por vezes subtilezas lineares duma faisante, quasi intangível proporcionalidade. Assim, o transbordo duma taça desperta um motivo novo e admiravelmente adequado; do esqueleto duma folha sáe uma trama delgadissima, transparente e vaporosa, capaz de revolucionar a tecedura rotineira dum tear.

Mas, o que impressiona, sobretudo, nesta arte do utensilio de hoje, é o caracter de probidade de que ella se reveste.

Como no mobiliario, os seus recursos ornamentaes, os seus relevos e enfeites, resultam duma premeditada, attenta combinação; têm estricta coherencia com a utilidade peculiar a cada objecto e a mais perfeita relação com a materia de que é feito. Sem duvida que algumas vezes estas qualidades falham, mas isso não entra em conta da esthetica que preside á producção duma época; é um vesvio morbido de todos os tempos.

O que é exacto, porém, é que a remodelação das artes da industria se está fazendo por processos novos, procurados em novas fontes. E' o que nos dizem e nos mostram as luxuosas paginas da *Deutsch Kuns und Decoration*, do *Studio, d'Il secolo XX*, esses documentos da grande vida espirital dos fortes, claros, serios povos da Civilisação, para a qual olhamos attonitos, sem na comprehender bem, porque ainda estão connosco o refractarismo dos bugres, a obtusidade dos africanos e a casmurrice dos nossos maiores, dos quaes se alardeiam de respeitadores os guínolas da trampolina.

GONZAGA DUQUE.

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO  
DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1ª

CAPITULO IV

1. As quantidades negativas surgiram da discussão dos problemas do primeiro gráo, onde se foi levado a praticar a subtracção impossível, afim de se realizar a inteira generalidade que deve presidir ás transformações algebricas.

Procurando entender os resultados chamados negativos, chegou-se a estabelecer a antiga theoria, onde uma tal quantidade foi considerada menor do que zero e, como consequencia dessa asserção, tanto menor quanto maior fosse o seo valor absoluto.

Eram, pois, as quantidades negativas symbolos sem significação, mas se foi levado a introduzil-as no calculo, com o fim de sempre manter a Algebra a indetermina-



ção das grandezas que ella considera, ou, como dizem outros, afim de estabelecer a maior generalidade possível nos resultados a que se chega por via das transformações do dominio algebrico. E era preciso introduzil-as no calculo, como o foram os positivos sem o que a todo o instante, seria preciso restringir em grãos diversos e communmente inapreciaveis, as hypotheses sobre os valores ficados arbitrarios, si se recusasse admittir os resultados subtractivos como os additivos »

Foram, pois, os negativos introduzidos no calculo como um meio de generalisação.

Como, porém, os negativos introduzidos na sciencia mathematica por esta theoria eram menores do que zero, se foi logicamente levado a formular o principio de que uma addição entre duas quantidades de signaes contrarios reduz-se á differença entre os valores absolutos dessas quantidades. Este principio que é uma consequencia das duas proposições que constituem a base da antiga theoria vem completal-a perfectamente. Sem elle não se poderia dar á Algebra a inteira generalidade que deve ter o resultado de suas transformações.

Esta theoria é na verdade logica, e tanto que Descartes, o mesmo que formulou o principio da opposição de sentidos, não conseguiu libertar-se de sua influencia.

O principio do grande philosopho teve, pois, no seo tempo unicamente por fim vencer a grande difficuldade que encontrou ao fundar sua Geometria. Não apprehendendo todo o alcance da concepção do philosopho, julgam os modernos que elle só teve por fim, introduzindo na sciencia esse principio, interpretar as soluções negativas, isto é, justificar sua introdução no calculo. Por certo que não foi este o movel que levou Descartes a imaginar seo *theorem*, uma vez que abandonava as soluções negativas como falsas.

Convenientemente interpretada, aquella convenção só pode significar o presentimento da necessidade de se estabelecer a theoria concreta das quantidades negativas, porque a que existia era puramente *ideal*.

Isto não comprehendendo, e diante da insufficiencia da antiga theoria, a sciencia moderna fundou a theoria que vimos de analysar e que é constituída da harmonia entre a base concreta das quantidades negativas, a base da antiga e uma consequencia desta. E' justamente por isso que os modernos affirmam que uma quantidade negativa significa uma opposição de sentidos, provém de uma subtracção impossivel e sommada a uma positiva lhe diminue o valor.

Muitos se tem manifestados contra essa harmonia, sem que entretanto tenham trazido algo de verdadeiro para a sciencia, e nos manifestando por nossa vez, apenas cabe-nos o esforço de mostrar até que ponto a actual theoria se resente da metaphisica.

2. O principio da somma algebrica entre quantidades de signaes contrarios, que mostrámos não ter razão de ser quando se trata de negativos reaes, é uma consequencia logica da antiga theoria; mas por uma persistencia no erro nos poderão dizer que tambem é um convenioção, como é o principio de Descartes, considerar-se o subtrahendo da expressão  $a - b$  um numero negativo, o que dá no mesmo que dizer ser uma simples convenção o principio de que  $a - b = a + (-b)$ .

Entre muitos algebristas, o illustre Bertrand, depois de estabelecer as regras que devem reger a Addição e a Subtracção dos polynomios, diz na verdade, em sua obra:

« § III. Enunciado mais simples dos resultados precedentes.

20. Convenção que introduzem os negativos para simplificar os enunciados.

A forma dos resultados preceden-

tes se pode simplificar por meio de uma convenção muito util em Algebra.

Esta convenção consiste em se considerar todos os termos tanto positivos como negativos de um polynomio como *juntos* uns aos outros.

Assim convenciona-se considerar a differença  $a - b$  como resultando da addição de  $a$  e  $-b$ ,

$$a - b = a + (-b) \dots (1)$$

A expressão isolada  $-b$  que se chama um numero negativo, não adquire por isto nenhuma significação; sómente diz-se apontar  $-b$  em lugar de se dizer subtrahir  $-b$

Convenciona-se da mesma maneira que subtrahir  $-b$ , significa juntar  $b$ ,

$$a - (-b) = a + b \quad (2)$$

Seria absurdo procurar demonstrar as formulas (1) e (2): as definições não se demonstram.

Deve-se notar entretanto, que a convenção expressa pela formula (2) é uma consequencia muito natural da primeira. Com effeito, si se ajuntar  $-b$  a  $a$ , obtem-se segundo a primeira convenção, a expressão

$$a - b,$$

si agora se subtrahir  $-b$  do resultado, tem-se de accordo com a segunda convenção,

$$a - b + b$$

ou simplesmente  $a$ : as duas operações se destroem, o que deve ser.

Mas si não se fizesse a segunda convenção, aconteceria que, ajuntando o principio a um numero  $a$ , depois subtrahindo do resultado uma mesma quantidade  $-b$ , não se encontraria o numero  $a$ .

Esta nova convenção é pois necessaria, desde que se adoptou a primeira. »

E' uma argumentação que nos pode ser feita, esta da preferencia das convenções.

Segundo M. Paque, as convenções não devem ser acceitas, salvo se são sem influencia sobre os resultados, e M. Bertrand está convicto de que aquellas de que fala estão em taes condições.

A convenção de Descartes está nas condições de ser acceita porque teve como influencia a renovação da sciencia mathematica e dilatou o dominio das quantidades algebricas, porque reconheceu ser muito vasto o dominio da situação das grandezas. Por esta convenção é que se pode operar sobre grandezas que os factos geometricos e mecanicos têm muitas vezes de considerar, chegando-se á possibilidade de introduzir no calculo grandezas que existem em diversas situações, sem que se possa jamais confundil-as apezar de se operar sobre seos representantes abstractos.

As convenções de que fala M. Bertrand têm como influencia o estabelecimento da metaphisica no seio da mathematica. Por ellas se é forçado não só a accuitar unia quantidade menor do que a que representa a ausencia de valor, como ainda a dizer que é de grande utilidade operar sobre quantidades taes.

O que impressiona, tratando-se dessas convenções, é que a segunda parece justificar a accitação da primeira, quando na verdade é um erro que nasce de outro erro, porque, desde que, se comprehendendo mal a interpretação dos symbolos algebricos, se diz que uma addição é uma subtracção, tem-se nas mesmas condições, de forçosamente dizer que uma subtracção é uma addição, e nada mais.

Para quem vê em taes symbolos, além da indeterminação que os caracteriza, mais complexidade que nos symbolos arithmeticos, porque além da idéa de valor encerram

em si a idéa de *qualidade*, mas que não confunde esta *qualidade*, distincta por um signal, com a operação que tambem se indica por elle, nunca poderá affirmar que se possa effectuar uma operação impossivel e não affirmará, portanto que ha na mathematica um caso em que a addição se reduz á subtracção.

Uma quantidade negativa devendo ser real como uma positiva, não pode, sommada a esta, lhe diminuir o valor, e outro não é o effeito da subtracção a que conduz no dizer de M. Bertrand, e portanto suas convenções não podem ser acceitas pela sciencia que vê naquellas quantidades um certo modo de existencia, que é o sentido directamente opposto.

Um simples exemplo esclarecerá melhor a questão.

Admittindo-se que,

$$a + (-b) = a - b,$$

tem-se que,

$$a + (-a) = a - a = 0.$$

Tomaremos este caso particular da addição entre quantidades de signaes contrarios, que melhor esclarecerá a questão.

Supponhamos que na recta  $XX'$  o ponto  $O$  seja uma estação de estrada de ferro.

$A'$	$O$	$A$
$X$	$X$	$X$

e admittamos que da estação  $O$  partem dois trens ao mesmo tempo, um para a direita, outro para a esquerda, ambos com a mesma velocidade, e que no fim de um certo tempo pede-se a distancia entre elles.

Quando no fim do tempo  $t$  o primeiro trem chegar ao ponto  $A$ , o segundo chegará ao ponto  $A'$ , e as distancias  $OA$  e  $OA'$  serão iguaes, e a distancia entre os dois trens será evidentemente  $AA'$ . Si representarmos por  $+a$  o caminho  $OA$  feito pelo primeiro trem, o caminho feito pelo segundo ou  $OA'$  será representado por  $-a$ , e a expressão da distancia entre elles será,

$$D = (+a) + (-a) \quad (1)$$

Si admittirmos que um negativo é real e que portanto sommado a um positivo não lhe diminue o valor, temos que a expressão (1) diz que a distancia entre os dois trens no fim do tempo  $t$  é igual ao caminho feito pelo primeiro mais o caminho feito pelo segundo, o que na verdade é exacto.

Si admittirmos, porém, a primeira convenção de M. Bertrand, a expressão da distancia será,

$$D = (+a) + (-a) = a - a = 0, \quad (2)$$

resultado que se pôde traduzir da seguinte maneira:

Quando dois trens partem de uma estação com a mesma velocidade, um para a direita e outra para a esquerda, depois de andarem um certo tempo, a distancia entre elles é nulla, isto é, os trens não andaram e ainda estão portanto na estação.

Tal é a consequencia da convenção de M. Bertrand, convenção que foi introduzida na mathematica para simplificar o resultado das operações!

Fica, portanto, claro que M. Bertrand introduzindo taes convenções na sciencia nunca pensou no sentido *directamente opposto* e só conhecia o *sentido contrario*, mas a importancia do *theorem* de Descartes está justamente em abranger casos que se podem dar, tanto nos dominios das questões geometricas como mecanicas.

Assim, devendo-se accuitar a convenção de Descartes, afim de que a linguagem algebrica possa sempre traduzir os factos correctos, e sem confusão para quem calcula, vê-se a impossibilidade de se admittir a convenção que por uma figura temos chamado de M. Bertrand.

E' por estas considerações que temos combatido a theoria moderna, na autoridade

de A. Comte, porque ella representa a harmonia entre Newton e Descartes, o que se viu ser de todo impossivel.

3. Uma vez provada a incompatibilidade da primeira convenção de M. Bertrand com o estado da sciencia, nada precisaríamos dizer sobre a segunda, que é, como affirma o proprio auctor, uma consequencia muito natural da primeira. Mas é facil mostrar que pela concepção de Descartes esta convenção não pode prevalecer como uma verdade.

Com effeito, si

$$(+ a) - (- b) = a + b \quad (3)$$

esta igualdade é uma identidade.

Sommando  $-b$  a ambos os termos da expressão (3), vem

$$(+ a) - (- b) + (- b) = a + b + (- b)$$

ou

$$(+ a) + (- b) - (- b) = a + b + (- b). \quad (4)$$

O primeiro membro da expressão (4) reduz-se evidentemente a  $+a$ , porque sommar a quantidade  $+a$  á quantidade  $-b$  e depois do resultado subtrahir  $-b$ , é o mesmo que nada sommar á quantidade  $+a$ ; o segundo membro, porém, é muito superior a  $+a$ , porque a esta quantidade se deve sommar em primeiro lugar a quantidade  $+b$  e depois ao resultado se deve sommar o valor da quantidade negativa  $-b$ , e como a somma de uma quantidade negativa não corresponde á subtração do seu valor absoluto, o segundo membro é sempre maior do que o primeiro e a expressão (4) deixa de ser uma identidade, ou a 2ª convenção não traduz uma verdade.

Assim, quer a theoria abstracta das quantidades negativas as introduza no calculo para simplificar os resultados, quer pela necessidade que tem a Algebra de manter a indeterminação necessaria das grandezas consideradas, tanto constantes como variaveis, não ha possibilidade de se acceitar uma semelhante theoria, porque deve ser traduzida como a *subordinação do concreto ao ideal*, uma vez que os symbolos que ella considera são symbolos sem significação, apesar de se dizer que representam a opposição de sentidos de que muitas grandezas são susceptiveis.

A theoria de M. Bertrand, não é mais acceitavel que a de A. Comte. Vimos que a theoria deste philosopho bazêa-se na indeterminação dos symbolos algebricos, enquanto que a de M. Bertrand basêa-se em convenções. Ambos são, entretanto, logicos até um certo ponto.

De facto, si este illustre mathematico diz que a introdução dos negativos no calculo é uma convenção que tem por fim simplificar os resultados, e si para este fim formulou as convenções (1) e (2), é justamente porque para M. Bertrand os numeros negativos também são uma convenção, como se pode ver em seu tratado de Algebra.

Diz o illustre autor:

« Outra convenção. Si se considerar uma differença  $(a - b)$  e si se supuzer que  $b$  é maior do que  $a$ , a operação é impossivel; convencionou-se então considerar a expressão  $(a - b)$  como representando um numero negativo igual ao excesso de  $b$  sobre  $a$ ,

$$a - b = - (b - a), \quad (3)$$

Esta convenção é muito natural; e se a não fazendo, destruir-se-ia a analogia que existe entre as operações relativas aos numeros negativos e positivos.

Designemos, com effeito por  $d$  o excesso de  $b$  sobre  $a$ :

$$a - b = a - (a + d)$$

si, pois, applicar-se a regra da subtração, ter-se-á:

$$a - b = a - (a + d) = a - a - d = - d = - (b - a)$$

Provamos assim que é natural fazer a convenção em questão, mas não demonstraremos a formula (3).

Nosso raciocinio é, com effeito, fundado sobre a applicação de uma regra de subtração que, até aqui, não tem sentido senão para as subtrações possiveis.

E' natural e commodo atender a todos os casos, mas isto não é menos arbitrario.»

E' logico, pois M. Bertrand, quando diz que a addição entre um negativo e um positivo se reduz a uma subtração, por uma simples convenção, porque já para elle os negativos representão outra convenção.

E si acha natural fazel-a, é justamente porque sua convenção tem por effeito confundir a *qualidade* expressa pelo signal — com a operação que representa a decomposição, sem o que teria dito, como já vimos antes, que na hypothese de  $b > a$ , o resultado da operação devia ser,

$$a - b = 0 - (b - a)$$

o que por certo mostra não ser natural considerar aquella subtração um numero negativo.

Considerar um negativo uma convenção, leva naturalmente a se formular as convenções (1) e (2) de M. Bertrand para simplificar os resultados, da mesma maneira porque A. Comte, esquecendo a subordinação racional dos elementos da formação  $y = a - x$  e apegando-se demoradamente á indeterminação da variavel  $x$ , e tirando daquella expressão os negativos baseados na indeterminação dos seus elementos, foi naturalmente levado a introduzir no calculo os negativos, sob o pretexto de que sem isso a algebra nunca poderia manter a indeterminação necessaria das grandezas que ella considera, tanto constantes como variaveis. E porque este philosopho, apegando-se sempre á indeterminação de taes grandezas, formulou na expressão  $y = a - x$  a hypothese de ser  $x > a$ , que é uma hypothese desregrada, é que diz que « a todo o instante seria preciso restringir, em grãos diversos e commumente inapreciaveis, as hypotheses sobre os valores ficados arbitrarios, si se recusasse admitir os resultados subtractivos tanto como os additivos.

Comte e Bertrand são logicos em suas theorias, e é por isso que ellas tiveram curso na sciencia, mas sua logica encerra no fundo muita metaphisica, como temos provado.

Feita esta ligeira analyse da concepção dos numeros negativos pelos philosophos e geometras modernos, apreciemos como ainda actualmente se effectuam as operações sobre taes numeros.

TERTULIANO BARRETO

1º Tenente de Artilharia

(Continúa)

## NO LITTORAL CATHARINENSE

A tarde esmorecia serenamente, na vastidão do céu limpido, azulado. Por traz das altas montanhas de Cubatão, de uma côr rôxa e nostalgica, com agudos pincaros em recorte, sumiam-se, escoavam-se os ultimos listrões d'ouro do occaso.

A velha fortaleza de Sant'Anna adormecia sobre as pedras, á beira d'agua. Nas muralhas denegridas, antigas peças enormes alongavam, em fileira, o pescço de bronze, a bocca aggressiva e temerosa, oxydada pelo tempo numa longa inacção. A um angulo, junto de uma guarita arruinada, um mastro delgado e alto sustinha tristemente, cahida ao longo da haste, a bandeira nacional, desbotada, silenciosa e murcha no abandono dos ventos.

Em baixo, o mar estendia-se, aplainado, manso, turvo, numa larga refulgencia d'ago polido.

A nordestia dura de março acalmára, depois de açoutar a costa por espaço de dias, cobrindo-a de nevoeiros.

Reinava uma grande calmaria.

Do ancoradouro da Praia de Fóra pequenas embarcações de cabotagem, arribadas alli, arrancavam ferro e proseguiram a viagem retardada, levadas pela corrente, as velas pardacentas a bater contra os mastros.

Aqui e além, como parados nas ondas, latinos claros de botes, virgulados de rizes e com as amuras recurvas, semelhavam, de longe, estranhas laminas gigantescas de foices ao alto.

De uma e outra banda do canal, sobresahindo saudosamente á distancia, no pendor das encostas, ou na linha rasa das planicies, brancuras de casas, denunciando os povoados — S. Miguel, Biguassú, Sambaqui, Gacopé.

Alvuras de praias desenrolavam-se, norte-sul, como fitas brancas debruando as enseadas. Entre pontas, distante, a barra: ilhas mal distinctas já no crepusculo, a vastidão das aguas atlanticas.

E sob a luz violacea e melancolica da hora, em meio ao Taboleiro, desenhando-se á claridade poente, uma enorme barca, com o panno todo largo; sahindo lentamente para o norte, em lastro, na maré da vasante.

VIRGILIO VARZEA

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Não era preciso ser um alho, possuir qualidades excepcionaes de previsão, de clarividencia prophetica, para verificar que a organização das prefeituras, consequentes ao Tratado de Petropolis, não correspondia á constituição do territorio, aos costumes, ao gráu de civilização daquella população exotica de exploradores de seringas, esparsa na vastissima região, entre a famosa linha obliqua e a recente fronteira boliviana, compreendendo o Acre, o Yaco, o Alto Purús, o Envira e o Taroacá, formadores do Juruá, sem um nucleo de concentração, de povoação, villa ou cidade.

Para quem conhece aquellas paragens, os decretos constitucionaes das prefeituras se assemelham a um fato, cortado a olho, sem medida, sem conhecimento do individuo que o deve envergar. Por isso, as prefeituras, com o seu apparatuso mechanismo de justiça, de policia, de administração fiscal e militar, se figuram indios encartolados, casacalmente vestidos, de um ridiculo commovedor.

Aquella região de maravilhosa riqueza, povoada á *la diable*, como o *Far West*, quando os aventureiros do oiro da California se regiam pelos primitivos principios da força ab serviço da ambição, não era possivel applicar, de chôfre, um regimen de governo das sociedades adultas, impor-lhe os complicados processos, que demandam, como condição essencial, o radicamento da população ao sólo, concentrando interesses sociaes e economicos, sobre as bases da cultura moral, da propriedade e da familia.

As relações dessa população esparsa são ainda, puramente, mercantis. Comerciantes, concessionarios da terra, em vastos latifundios, ou méros occupantes, reúnem em torno de si trabalhadores, quasi na totalidade adventicios que, na estação da colheita do precioso sangue da *syphonia elastica*, affluem e refluem com a onda da emigração do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Parahyba, ou individuos de todos os Estados, nacionaes e estrangeiros, desávidos com a ordem e as leis, obrigados a procurar naquellas

paragens um refugio contra os vexames da policia.

Linhas regulares de navegação — em vazos de pequeno calado, em lanchas, ou embarcações a remo — a montaria, a igarité dos regatões, são os unicos meios de transporte. Os rios são estradas são as ruas por onde trafegam, como os bondes das nossas cidades, aquelles vehiculos, parando onde ha passageiros e carga: estradas e ruas serpeiando por milhares de kilometros, tortuosas, apertadas entre ribanceiras alagadas, na enchente, ingremes e asperas, na vazante, ponteadas, a grandes distancias de barracões, armazens dos mais ricos, de humildes choças de seringueiro, de maneira que um passeio, uma deligencia de policia, de justiça importam em longa e fadigosa viagem.

Esses meios de comunicação, se bem que, relativamente, abundantes, não conseguiram ainda dar áquella população o caracter definitivo de povo civilisado.

Em taes condições, a inexequibilidade do systema de pomposas prefeituras era intuitiva ou daria os resultados negativos, que, nestes dias, a imprensa tem registado, contrarios, em absoluto, ao plano, concebido com os melhores intuitos, pelo governo da Republica. Acresce que o plano, embóra inspirado sob melhores auspicios, pelo conhecimento perfeito da região, seus elementos ethnicos, pela noção exacta de seus interesses, seria burlado em seus beneficos effeitos, confiado a executores que, por seus precedentes de ineptia, de vèzos atrabiliarios e violentos, dariam, certamente, com os burros n'agua.

O acerto da escolha do prefeito do Alto Purús dá eloquente destaque ao erro dos outros.

Um espirito de equidade, depurado de prevenções e da intrigalhada, que andou inventando heróes, transformando bandidos em benemeritos e deprimindo homens honestos, de valor intrinseco, indicaria a repetição do processo empregado a respeito dos territorios reivindicados pelo benemerito barão do Rio Branco, nos arbitramentos de Washington e Berne. Mas, o governo do Amazonas não estava em cheiro de santidade: a politica central, que engoliu, sem carêta, o caso das pedras, ainda atravessado na veneranda garganta do Supremo Tri-

bunal, e outros escandalosos calháus duros de roer, perpetuadores da fama da alcandorada administração do quadriennio passado; essa politica que, em accessos de melindres esporadicos, extorquirá á terra de Ajuricaba o direito de escolher seus senadores, e os fabricára, aqui, com um displante, sem precedentes nos fastos das tranquiernas dos reconhecimentos de poderes, essa politica, de ouvidos prenhes de protervia, refugou confiar a quem de direito a administração da zona conquistada, prolongando, sem apparatuso, sem enormes despezas, o regimen administrativo estabelecido, e resalvando a indemnisação dos onus do Tratado de Petropolis.

Em vez disso, que seria simples, natural e conforme ás indicações das circumstancias, que são os melhores roteiros de governo, preferiu-se inventar um systema especial, fóra das linhas constitucionaes da Republica, com accommodações magnificas para um governador e seu sequito de afilhados, juizes, que fizeram acto de presença, empregados fiscaes e o resto de parasitas, arrojados em arriscada parada, num lance de fortuna.

Não pertencemos ao numero dos pessimistas systematicos, exploradores dos desacertos do governo, para os quaes este erra por gosto e insiste no erro para não desprestigiar os seus attributos de infalibilidade ou para não dar o braço a torcer. O governo enganou-se, pelo menos na escolha do pessoal, que mentiu á sua confiança e contra os quaes os factos estão berando.

Esse engano não é, felizmente, irreparavel.

\*  
\*  
\*

### EXTERIOR

#### *Os nossos visinhos*

Não está ainda feita a paz, no Paraguay. Os rovolucionarios insistem na aggressão ao governo. A lucta se prolonga com incidentes, que estiveram a pique de provocar um conflicto internacional com a Republica Argentina, complicando o problema, que as commissões pacifistas procuram resolver em beneficio da paz e da humanidade.

De Manáos, vem a noticia de um conflicto, na bocca do Amonea, entre forças brazileiras e peruanas; estas, desde outubro de 1902, alli estabelecidas e entrincheiradas, exigindo que os vapores brazileiros arvorem a bandeira peruana e paguem impostos ao Perú pela borracha do territoric, neutralizado pelo accordo do *modus vivendi* de 12 de

julho ultimo. Esse conflicto custou a vida de um soldado brasileiro e de nove peruanos.

O general Carlos Eugenio teve participação official desses acontecimentos, da capitulação do major Hurtado e do capitão Avila, commandantes da força, e da retirada dos soldados peruanos, desarmados, para o Ucayale, sendo as respectivas armas e munições entregues ao consul peruano em Manáos.

Parece que ficam, assim, afastados os receios de que esse incidente viesse perturbar a marcha das negociações amigáveis entre o Brazil e o Perú.

#### No Oriente

Nada de notavel, além do pavoroso ataque japonês e conquista das posições da montanha dos 203 metros a cavalleiro de Porto Arthur.

Dizem os ultimos telegrammas que a lucta continuava desesperada, heroica, de parte a parte.

#### POJUCAN

### A LINHA NEGRA

Quando estavamos na Linha Negra, cada um sabia o seu dever de todos os dias — piquete na trincheirinha da esquerda, ou da direita, perto da bocaina, ronda na picada, promptidão no apoio — dever cumprido com prazer, a dia e meio de folga. Eramos disciplinados por gosto; tinhamos orgulho do nosso batalhão, do nosso commandante e nos sentiamos bem quando estavamos de linha.

O acampamento nos enchia de tédio, ao passo que, na picada funesta, as nossas impressões erão variadas e fortes.

O infatigavel Tiburcio nos trazia sempre animados, distraídos e muito occupados. Todos os seus subordinados procuravamos subir no conceito daquelle homem excepcional. Ora ordenava um reconhecimento pela orla da matta, protegido pelo macegal da lagôa ou da bocaina, até sahir na rectaguarda dos paraguayos; outras vezes mandava partirmos abaixados, de bayonêta armada, sem respirar quasi, e assim surprehendiamos a deshoras os seus piquetes. Andavamos sempre em actividade.

O coronel Noya, esse velho republicano, valente como poucos, que anda ali pela rua do Ouvidor com um só braço por ter perdido o outro, gloriosamente, em Lomas Valentinas, era segundo sargento da 7ª companhia do *Dezeseis* e dobrou muito nesse serviço de escaramuças e combates parciais.

Na frente da bateria dos morteiros, havia uma trincheira-abrigo; em baixo, estava o parapeito. O fôssco ficava pelo lado de dentro e não tinha escoamento. Quando chovia, ficavamos com agua pelos joelhos durante noites, muito frias. O piquete paraguayo estava defronte, muito perto, a tiro de

pistola e entrincheirado como nós. Alli perdemos um camarada muito distincto — o alferes Patricio Sepulveda, que levantou a cabeça acima do parapeito e cahiu fulminado com os miolos de fóra.

Uma noite, estava eu de serviço. Apareceu o Tiburcio com o Floriano Peixoto, o Madureira e o alferes Timotheo Bastos, do meu batalhão. Este rapaz se tornára notavel pela temeridade louca: era bahiano e meu amigo. O commandante deu-lhe quatro praças do meu piquete e a ordem seguinte: — « Siga em frente até duzentos passos; deverá estar além do piquete paraguayo; dê-lhe uma descarga e volte. » A noite era escura e os clarões habituaes do tiroteio não a illuminavam. Havia algumas horas que o inimigo estava calado: o Tiburcio desconfiou desse silencio e, por isso, mandou reconhecer. Partiram os cinco. Acompanhamo-lhes os vultos até se perderem nas trevas. Esperamos algum tempo. Vimos uns clarões: era a descarga. Estava alli o Timotheo; não ficaria nisso. Logo depois, pipocou outra descarga. Illuminou-se o macegal de clarões fugaces. Pela nossa frente, pelos flancos, do alto da trincheira, da costa da matta chovia sobre nós um diluvio de balas.

O campo estava cheio de paraguayos. O Tiburcio mandou, então, o alferes retirar a marche-marche. Parece que este não ouviu a ultima parte da ordem porque o ouvimos caminhar a passo lento e fazendo fogo. Um dos homens trazia a *minie* na mão esquerda: não era canhoto; estava com o braço direito quebrado.

Talvez tivesse o inimigo simulado o abandono da trincheira para mais tarde cahir sobre nós. E era eu quem estava mais perto delle. Quem sabe se estaria hoje lembrando este episodio?

Uma semana depois, o Timotheo estava de ronda e foi morto, nas *Chapas de Ferro*, por uma bala, que lhe varou a cabeça. Pobre amigo. Ha ainda quem se lembre da tua bravura de leão!

Quando as balas passavam muito altas, assobiando por cima das nossas cabeças, um soldado gritava: Abaixa a pontaria, caboclo do diabo!

Nós nos divertiamos com essas pilherias.

O alferes Aurelio de Moraes estava um dia de piquete na celebre Trincheirinha da esquerda. Alguns rapazes e eu fomos, alli, palestrar. Ouvimos um grito de agonia e uma sentinella cahiu, victima de uma bala que entrára pela setteira. Outro foi occupar o seu lugar. Um dos officiaes teve, então, uma idéa singular, despertada, talvez, pelo espectáculo daquelle homem morto. Tirou um lenço do bolso e disse sorrindo:

— Quem de vocês é capaz de ir buscar este lenço lá fóra?

— Eu, eu, eu — responderam várias vozes, unisonas.

Todos erão capazes daquelle temeraria façanha.

O lenço vôou enrolado por cima do parapeito e cahiu além do fôssco. Todos se precipitaram para fóra; um, porém, chegou primeiro e voltou triumphante, agitando o lenço como trophéo. Que estupendos moços erão aquellos!

Conversamos, depois, sobre o estado de apathia, em que viviamos, dizimados, nas avançadas, pelo inimigo, e, no acampamento, pelo cholera. Mais valeria uma batalha. Certamente já estariamos longe daquelle sitio funesto.

— Dizem — affirmava um — que as posições fortificadas do Sauce são formidaveis. Uns *passados* contam que represaram as aguas do estero Rojas para inundarem os grandes fôsscos das suas trincheiras.

— Passal-os-emos a nado — observava outro.

— Depois de 18 de julho, em que lá ficou o Fontoura mais velho, nada mais se tem feito.

— Tudo alli é mysterio para nós. Nem aquella trincheira que alli está, em frente, conhecemos.

— Isso é facil — avancei eu. A' primeira vez que entrar de piquete, neste posto, lá irei. . .

— Prosa — aparteu um dos amigos, sorrindo ironico, talvez para me estimular.

— Vocês verão — confirmei, resolutamente.

Desde aquelle momento, comecei a architectar, no meu cerebro de dezoito annos, o plano que executei e que, hoje, me parece um sonho.

Pouco tempo depois desse incidente entrei de piquete. Era um dia como os outros; tiroteiava-se por toda a parte e a todas as horas.

Para cumprir, como devia, a minha promessa, ao meio-dia mandei cessar fogo. Atei num sabre-bayonêta, um lenço branco, e levantei-o acima da Trincheira.

Defronte, o fogo cessou tambem. Nos outros pontos das avançadas, os tiros continuavam, como sempre, ora amiudados, ora rareando.

Subi ao parapeito e vi uma vedêta paraguaya encostada a uma arvore, segurando a arma escondida com o braço direito occulto. Gritei-lhe em hespanhol, que Cervantes não applaudiria:

— *Puedo ir allá?* . . .

O homem voltou-se, e logo appareceram alguns outros: entre elles um alto, muito trigueiro, de grandes bigodes grisalhos. Era o commandante, e respondeu-me:

— *Si, puedes venir.* . . .

Antes de partir, disse eu ao sargento :

— Esteja attento ; não me deixe cahir vivo nas mãos daquelle gente.

— Póde contar, sr. alferes — foi a resposta.

Transpúz, de um salto, o fôssó e segui em frente pela picada que a fuzilaria incessante, de todos os dias, tinha alargado. A uns dez passos da trincheira inimiga, o velho alto e trigueiro disse :

— *Deje su sable...*

Desembainhei a espada, a mesma que achára, na porta da minha barraca, a 24 de maio ; finquei-a no chão, e aproximei-me desarmado. Saúdei o commandante, que me mandou :

— *Adelante...*

Entrei no terraplano por uma abertura á direita.

O velho passou-me a mão pelo hombro e, mirando-me com olhar compassivo, perguntou :

— *Que venistes a hacer aqui?...*

— *Nada* — respondi — *vine a visitar...*

— *Sientate, pues.*

Sentei-me num tronco de urunday, o nosso páu-ferro, e vi-me logo rodeado por muitos homens, que me olhavam com curiosidade hostil. Além desses, havia outros occultos atrás das arvores.

A trincheira se parecia com a nossa, mas não tinha saccos de areia. O parapeto era feito de troncos e terra.

O velho abraçou-me, convidando-me para ficar com elle.

— *Que esperanza!* — disse eu, sorrindo — *Tu é que debes ir commigo. Nós tratamos muito bem os passados. Dizem que vocês, aqui, são muito maltratados, que o Lopez é terrivel... Vem commigo ; tráz toda a tua gente e serás bem recebido...*

O velho soldado fitou-me com um olhar, que nunca mais esqueci, de surpresa e de bondade. Talvez tivesse um filho da minha idade, que eu, naquelle momento, lhe recordava. Pôz-me a mão grande e callosa sobre o hombro, e disse com uma voz grave, cheia de melancolia :

— *Nosotros somos soldados, como tu, y nuestro honor nos manda morir por la patria. Eres mui joven, retirete...*

— *Tienes rason, amigo* — respondi-lhe.

Deixei-lhe, como lembrança, um grande lenço de sêda amarello e um cachimbinho de escuma, muito quilotado. Era o que eu possuia de mais valor. Elle deu-me um *porquinho* de coiro crú cheio de herva matte e a faca de bainha de coiro e cabo de osso guarnecido de prata, que tinha na cintura. Apertei-lhe a mão e voltei pensativo, para o meu piquête.

Quem sabe se aquelle nobre velho não foi fuzilado naquelle mesmo dia por me ter poupado ? Guardo, ainda

hoje, trinta e oito annos depois, e bem nitida na memoria, a imagem sympathica daquelle soldado rude, muito alto, de bigodes grisalhos, muito trigueiro, que me mirava, generoso e bom, com olhos paternaes.

O meu espirito não procurava, então, medir o alcance dessa aventura que me parecia trivial, na qual haveria para mim desenlace peor do que a morte, a suspeita deshonorosa de uma deserção, se eu não tivesse voltado. Em nada reflectira : o essencial era cumprir a promessa, solememente feita, aos camaradas.

Espalhou-se a noticia do facto no batalhão. O commandante soube d'elle e não foi ao meu piquête, como costumava. Disseram-me que se mostrou muito contrariado.

No dia seguinte, quando me recolhi ao apoio, com a faca de cabo de osso guarnecido de prata, luzindo ao lado da chapa do talim, elle perguntou-me :

— Onde comprou essa faca ?

— Não a comprei, sr. commandante : deu-m'a o paraguay que commanda o piquête da trincheira fronteira á nossa.

— Foi lá ou elle mandou-lh'a ?

— Fui lá. Estava curioso por conhecer aquella posição...

Ameaçou-me com a Guarda do Exercito. Parecia zangadissimo. Creio, entretanto, que continuou a ser meu amigo, porque, dahi a uns dias, confiou-me o commando de uma força, que devia fazer uma surpresa á noite.

Havia um atirador paraguay, de fama terrivel. Diziam os soldados que era um negro. Alguns o tinham avistado. Matava muita gente nossa, de preferencia officiaes. Atirava de cima das arvores, occulto atrás dos galhos frondosos.

Quantos camaradas pagaram a esse monstro, o descuido e indifferença da morte !

O *Dezeseis* tinha um joven alferes, bahiano e bravo. (Deixem passar o pleonasma). Chamava-se Aristides Bibiano Pereira de Faria. Estava de ronda commigo na Linha Negra. Era cêdo ; não se ouvira ainda o toque de meio-dia. Percorriamos a picada até ás extremidades e nos encontravamos no meio. Tivamos parado para conversarmos um pouco. Pediu-me uma *mortalha*, fez um cigarro e nos separámos. Mal cheguei ao posto das *Chapas de ferro*, um soldado, que vinha a marche-marche, disse-me offegante :

— Sr. alferes, Aristides está baleado e manda chamar vossa senhoria.

Apezar do habito áquellas scenas, senti-me profundamente commovido ao aspecto do amigo moribundo.

Chegaram o commandante e outros officiaes a soccorrel-o. Elle era muito estimado. Pedi licença para leval-o ao

hospital, que ficava longe ; arranjei uma padióla de varas, atadas com cipós ; forrei-a de mantas ; fiz dum capote travesseiro e cobri-a com uns raminhos para interceptarem o sol.

No hospital, o medico de dia, meu bom amigo Alexandre Bayma, examinou-o com carinho e disse-me que era gravissimo o ferimento. A bala, depois de atravessar um baralho inteiro, penetrou no abdomen e interessou o figado.

No dia seguinte, á tarde, fui vel-o. Tinha os olhos brilhantes, os labios muito rubros e as mãos escaldantes. Era a febre da peritonite traumatica.

— Creio que me vou — murmurou elle, serenamente.

— Não penses nisso. O teu ferimento é leve — affirmei para tranquillal-o.

— Soffro muito — continuou o misero e valente rapaz — mas morro satisfeito, porque penso, como o general Sampaio, que dizia ser feliz o homem que morre no seu officio.

— Sim — disse eu — Deus abençoa aquelles que se sacrificam pela patria.

— Tenho tantas saudades de minha mãe — gemeu elle, docemente, como se todo o coração lhe borbulhasse á flor dos labios.

Não pude mais : sahi soluçando.

Dois dias depois, fiz parte da força, que lhe prestou as honras funebres.

Tive outro bom amigo no *Dezeseis*, o capitão da 7.<sup>a</sup>, Antonio Lopes Castello Branco e Silva Sobrinho, filho do Piauhy. Que official !... Era muito moço ; tinha o curso d'arma, muita bravura, grande talento, coração de oiro e braço de ferro. Caçador de primeira ordem, atirava como um jagunço.

Estavamos de serviço na Linha Negra, dias depois da morte do Aristides. Eu era seu subalterno. Conversavamos, muito distrahidos, no meio da picada, quando se cravou no chão, entre nós, uma bala, cobrindo-nos de terra. O Castello correu á sua carabina, murmurando :

— E' hoje que me pagas.

Com o olhar de caçador emerito, prescrutou a matta sombria e descobriu, bem perto de nós, um vulto escuro, que nos apontava a carabina, trepado numa arvore alta, por trás de um galho ramalhudo. Era talvez o terrivel assassino negro.

Assisti, emocionado, áqueile duello de morte entre o amigo querido, que se offerencia a peito descoberto e o inimigo que acabára de tentar contra a nossa vida e se escondia. O capitão apontou ; elle se sumiu. Teria medo ? Era um matador de profissão. O Castello esperou impassivel com o olho na mira, e, mal appareceu a metade da cabeça do sinistro negro, apertou o ga-

tilho : o tiro partiu e ao estampido succedeu um quebrar de ramos e um baque secco no chão.

O tiroteio recrudescu em toda a linha, occasionando-nos algumas baixas de feridos sem gravidade. Ficámos por algum tempo livres dos atiradores, que nos escolhiam para alvo, trepados nas arvores altas, escondidos na ramaria.

E continuámos nessa vida dramatica das avançadas, até que o exercito levantou acampamento e fez a marcha de flanco para o Tujucué, sob as ordens do grande Caxias.

DIONYSIO CERQUEIRA

### PAGINAS ESQUECIDAS

#### OS PALHAÇOS

Heróes da gargalhada, ó nobress saltimbancos,  
Eu gósto de vossês,  
Porque amo as expansões dos grandes risos  
francos

E os gestos d'entremez,

E prézo, sobretudo, as grandes ironias  
Das farças joviaes,  
Que em visagens, crueis, imperturbaveis,  
frias,

A' turba arremessaes !

Alegres histriões dos circos e das praças,  
Oh ! sim, gosto de os vêr  
Nas grandes contorsões, a rir, a dizer graças  
Do povo enlouquecer,

Ungidos para a lucta heroica, descambada,  
De giz e de carmin,  
Nas mimicas sem par, heróes da bofetada,  
Titães do trampolim !

Correi, subi, voai num turbilhão fantastico  
Por entre as saudações  
Da turba que festeja o semi-dcus elastico  
Nas grandes ascensões,

E no curso veloz, vertiginoso, aério,  
Fazei por disparar  
Na face trivial do mundo egoista e sério  
A gargalhada alvar !

Depois, mais perto ainda, a voltear no espaço,  
Pregai-lhe, se podeis,  
Um pontapé furtivo, ó lividos palhaços,  
Luzentes como reis !

Eu rio sempre ao vêr aquella magestade,  
Os tragicos desdens  
Com que nos divertis, cobertos d'alvaiade,  
A troco duns vintens !

Mas rio ainda mais dos histriões burguezes  
Cobertos d'ouropéis  
Que tomam neste mundo, em longos entre-  
mezes,

A sério os seus papeis.

São elles, almas vãs, consciencias rebocadas,  
Que emfim, merecem mais  
O commentario atróz das rijas gargalhadas  
Que ás vezes disparaes !

Portanto é rir, é rir, hirsutos, grandes, léstos,  
Nas comicas funcções,  
Até fazer morrer, em desmanchados gestos,  
De riso as multidões !

E eu que amo as expansões dos grandes risos  
francos

E os gestos d'entremez,  
Deixai-me dizer isto, ó nobres saltimbancos,  
Eu gósto de vossês !

GUILHERME D'AZEVEDO.

#### A ROSACEA DA CAPELLA GOTHICA

A impressão colorida da vidraça gothica ficou-me indelevel no olhar como o deslumbramento fulgente e persistente de um sol. Encheu-me de um fluido luarento a grata villegiatura, idéalizada num mysticismo raphaelico de desenho ethereal que arastasse todo um murmúrio de anjos que acompanham virgens, entre um côro embalado e desfallecido de fiandeiras. Ella viveu, para mim, na sua apothéose archangelica de azul e oiro, bebendo as tintas explosivas do Sol moribundo, como um fóco irradiante de vozes e de cytharas, gemido num silezio monacal de nave, por gargantas puras de enclausuradas. Lá no alto, abria-se ella num rasgão intenso, com um destaque vivo na parede vetusta e grisalha da capella extincta : era o grito obstinado e secular da ruina, como um coração engastado nos rendilhados subtis da pedra, dizendo a via-sacra da Côr sob as rutilancias do Sol, sob os afágos da Lua.

Babugens de algas escorriam dos beirões em couraças verdes que encobriam o peito das caryatides, pelo meio das pedras esmoronadas encurvava-se a saliencia de um musculo, via-se um thorax decepado, uma cabeça em visagem sobre que cahia um toucado de heras viçosas. A's vezes, uma curva de ogiva demandava o azul, cortada bruscamente na sua viagem como uma aspiração assassina, e o bloco massiço de um santo desenhava no espaço um gesto violento, envolto em roupagens agitadas e hirtas. E todo este agrupamento granitico destacava no alto da rocha, desamparado e altivo, inaccessivel quasi que mais se diria uma dependencia do céu. Um cypreste perfilava, ao pé, a sua attitude erecta de sentinella funebre, guardando a sepultura de um ermita secular, cuja lenda ungia a arcaria e o valle num perfume religioso e santo de thuribulo.

Entardecia. Uma liquefação de sanguinea alagava o céu, ruborizando uma tira de agua pacifica entre aservas velludas, que ia para longe, fundindo, na linha do horisonte, o seu vermelho com a explosão do alto. Era como um pedaço de sangue espalhado pelo coração do Sol, que cspirrara sobre a terra numa fita lminosa, de um lacre vivo de arteria, disseminando nos traços finissimos das junças uma capillarisação de notas escarlates. Manchas de charcos immoveis, disseminados na planicie, filigranas delicadissimas de ramusculos, os vidros incendiados de uma vivenda ao longe, tudo o que oitava o Sol, ensopava-se nessa pulverisação triumphal de gloria olympica. Porque a explosão esfarrapada do rubro lançara sobre os montes

tambem a sua viveza faiscante de brazido, dominando e çançando o polvilhamento loiro das folhas, pallidas já nas primeiras exhaustões outomnaes da seiva. O cypreste mesmo, taciturno na esterilidade da sua tristeza, córava tambem, lá no alto, como dominando esta congestão immensa.

Mas a alma, a alma sangrando viva neste emaciamento de purpura, o côro triumphal que irradiava como a essencia sonóra de Côr, dispersa em notas de gargantas crystalinas e extra-humanas, a symphonia medieval e candida de uma ascensão de espiritos acompanhando um fremito de azas, vivia alli nos reflexos córados da rosacea gothica.

As onze mil virgens desenrolavam, em circulo, numa peregrinação infinita e sacrificada, as linhas primitivas de pureza idéal, quasi abstracta, de olhos rasgados e luminosas de bondade, nadando num fluido liquido, como a essencia da graça. Cantavam, choravam es hymnos virginaes das Origens, a musica divina das esferas, os primeiros cantos que a Terra-Mãe ouvira, modulados já nessas paysagens perdidas de edenica belleza, de que a Biblia conta, antes do Peccado Original. E indifferentes ao revolutear vário e contradictorio da Vida, intangiveis e insexuaes, cantavam na luz immaculada a sua aspiração branca e eterna de castidade. As suas frentes, lisas entre os bandós doirados e ondados de messe, eguaes e gemeas, como o destino igual que as aconchegara, convergiãam todas para o centro da rosacea onde o symbolo ritual da sua pureza se desenhava, branco, na fórma graciosa e delicada de um lyrio. Os mantos, como farrapos de céu, que as alongavam afileando-as, quasi não tocavam a sua nudez emmagrecida e seraphica, num derradeiro gesto de desdém e de ancia espiritual. E afogueadas pela luz vehementemente do Sol, que as ungia bondosamente com o seu beijo de gigante, fecundo e masculino, parecia entoarem entre as vibrações atomicas da luz agonisante, no pincelamento alagado desse céu de incendio, o hossana final da Côr, a morte enraivecida dos Brilhos e das Scintillações.

Morria a luz, preguiçosa e lenta, e já a Lua era no céu como um laivo de neve a derreter-se. Longe, numa dobra de serra, elevava-se um fumosito bafejado e leve como um halito, esbatia-se no azulamento frigidado, violáceo, quasi desfallecido numa anemia de côr e de alma. A emanação leitosa das florescencias e das sombras que se aninham, vinha desenrolando do valle a sua ronda vaporizada de volatilisações aquosas em flocos liquidos de tule que se desfaz : pairava já um silencio recolhido e sideral, como um cansaço ou como um agradecimento mudo das

Coisas á luz acariciante e fresquissima da Lua. Uma dissolução de luar prateára a immobilitade da agua, alongando para além a tira luminosa e liquida, esfuminhada ao longe entre a sombra das altas hervas. Nada corria no ambiente meigo, as ondulações immaculadas arfavam em fremitos silenciosos como seios de virgens, na montanha havia o recolhimento immenso, deificado, azulado de uma colina do céu.

Lá no alto, ao pé do cypreste rigido e severo, a rosácea gothica resplandecia, numa alvura de hostia que se elevava, pura como um santuario, sob o afago gelado da luz branca. Um circulo de azulejos envolvia-a num disco de aureola, irradiando uma luz rebrihante e mineral: uma frieza polar arrefecia os tons, e nesta emanção leitosa da côr uniforme, sem caracter e sem vida, a alma tentava um vôo, tremendo toda, para um abrigo acolhedado que conservasse a nostalgia do Sol. As virgens da rosácea, brancas como uma toalha de altar, emmudecidas num silencio arripiado de cella, pareciam mais transparentes e ethéreas, mais desdenhosas e intangiveis, diluidas num banho de graça, no momento supremo da consagração divina. Enlevadas num extasis de absoluto prazer, parecia dissolverem-se como laivos de bruma, sem voz e sem linhas, immateriaes, perfeitas, engastadas no sereno brilho de uma contemplação, banhadas pela eterna luz, crystallizadas na eterna tranquillidade immutavel. E o sorriso que as ungia como um agradecimento mudo, era tão brando e tão tremulo, que dir-se-hia uma ondulação do silencio. O seio do Senhor abria-se como um tabernaculo acolhedor e agasalhado, entre luzeiros sempre vivos, numa ladainha de murmúrios calmos, dando as boas-vindas aos limpidos romeiros da Pureza — symbolo pacificado da patria dos eleitos. Tudo olhava este tenue desprendimento ascencional, projectando no céu uma estrada lucida de brancuras: em volta, na Natureza, havia um silencio tumular como o que deve haver entre os astros.

Subito, com a precisão electrica de uma corrente, vibra uma risada em timbre, prolongada e fria, como lançada por um bando de espectros dantescos, girando num rodopio infernal e contorcido, para o concilio da meia-noite. Dir-se-hia o tremulo metallico e phosphorejante de uma aparição de magica, um rangido sêcco de ossos que se trituram, lembrando fórmulas occultas na protecção das sombras, agitadas numa bacchanal de prazeres e de odios, enovelando-se em anceios gritados de voluptua e de morte, estorcegando-se, dando ais que o luar arranca e beija para lançar no espaço branco toda uma agitação luminosa de

concupiscencia. A folhagem envelhecida, tentando ainda um derradeiro esforço de seiva extravasada, tremulava em caricias de vozes que segredam baixinho coisas que passam como philtros, murmúrios rezados na religião do amor, bafos de aromas quentes e fecundantes. E a nevoa alva, como um emissario da Lua, arrastada num langor de preguiça, esbatida em curvas lacteas de epiderme, fazia a ronda nocturna das alcôvas nupciaes que a natureza alfombra para as almas que arrastam no azul a nostalgia magoada de um collo branco, que arquejou por ellas, ao morrerem. Outras almas, tristes como violinos, andavam dispersas na luz, diluidas em canções derradeiras de ingenuos amores infelizes. Uma creança chorava, de olhos enygmaticos de espanto, num abandono cheio de presagios.

E' então que o luar condensa, em baixo, na tira argentea da agua immovel, uma fórmula de Mulher, radiosa e pagan, altiva num gesto de apothéose, essencia da Luz e dos Sons, sacrario quasi immaterial dos Prilhos e das Fórmulas. Emergira do seio da terra como um trecho de Lua, impavida e serena, marmorea e immortal, como o sonho de um grego, vindo fazer a concertante do côro abafado e intimo da noite creadora, espalhando num gesto de seára cheia de fructos, as ondas magnificas dos seus poderosos cabellos loiros.

Um fremito de notas agradecidas vôou para ella como um bando de pombas, no estremecer repetido de uma aclamação immensa. A Lua lançára-lhe a sua benção protectora de todas as noites, e a agua, brunida e clara, reproduzia-lhe a imagem nitida, como bebendo-a. E toda a noite, gemidos de confissões chegavam até ella, revelações de prazeres indiziveis e sonhados, queixas choradas numa perda irreparavel, todo o cortejo das amorosas que gotteja o sangue da mentira, diz o entusiasmo do prazer inédito, canta a tranquillidade imperecivel da absoluta posse. A Fada Branca ouvia o martyriologio das Chimeras, evocava e consolava, espargia novas dôres, semeava os abrolhos de novos prazeres. Fria e voluptuosa, tremia toda em arripios vigorosos de desejos contidos, elevava num rythmo de palpitações carnaes a linha dura dos seios, aguçados sobre os murmúrios do valle, como rochas immoveis onde vinham bater as ondas bafejadas do luar purissimo.

Fôra ella que na Meia-Edade, arrastando um cortejo incoherente de espaldas, de ventres afofando-se em sedas macias, de bôccas mordidas, fizera tremer, num terror sagrado, a carne macerada do velho monge, enterrado, no alto, á sombra recortada das arcaas gothicas; fôra ella que lhe assas-

sinára a prece mil vezes repetida, fazendo-o gritar num extasis de contricção, roído já de Duvida, o nome dôce do refugio: *Jesus, Jesus, Jesus* .. E girando através do tempo, rolava sobre a eternidade do seu somno a mesma gargalhada de tentação como se o quizesse fazer agitar e rugir, ainda, no leito secular. Emergindo na tristeza quieta deste valle monastico, punha a nota rubra de uma blasphemia, echoando bruscamente na quietude de um templo: era como um desafio da Vida, exuberante e forte, cahindo satanicamente sobre a sêcca e arida Renuncia, o tremulo-cheio da Fecundidade, cantando a sua marcha guerreira e serena no meio dos applausos fecundantes da Natureza inteira. Tudo se elevava, numa prece, para esse symbolo da procreação.

E o olhar desdenhoso das virgens da rosácea, tão gelidas sob o luar? Olhei. A sombra do cypreste encobria-as tenebrosamente como um crepe, isolando-as, numa protecção, deste extravasamento luminoso e calido.

JOÃO BARREIRA

\* \* \*

OS DESTERRADOS DE ABRIL — AS VOLTAS DO MUNDO — «DIARIO OFFICIAL», ANNO XXXI, N. 102 — 13 DE ABRIL DE 1892 :

«O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil;

Considerando que é supremo dever do governo a manutenção da ordem e segurança publica, sem as quaes periclitam todos os grandes interesses sociaes;

Considerando que *máus* cidadãos, *abusando* das immuniades dos cargos em que os investiu a soberania nacional, *attentaram* contra ella propria, que tanto vale conspirar contra os seus legitimos e constitucionaes representantes;

Considerando que, a pretexto de manifestar ao cidadão que primeiro exerceu a presidencia da Republica, praticaram-se actos bem caracterizados de *conspiração* e *sedição* (art. 115 § 4º e 118 do Codigo Penal);

Considerando que a situação melindrosa do paiz, ainda em periodo de reorganisação politica e reconstituição financeira, mais imperiosa torna a necessidade de paz publica, de confiança e de estabilidade;

Considerando que a *impunidade de attentados semelhantes*, commettidos na propria séde do governo, na praça publica, com *escandaloso desacato e acinte aos poderes constituídos*, e por alguns mandatarios do povo, altas patentes do Exercito e da Armada, pretensos representantes da opinião publica, seria causa fecunda de maiores calz-

midades e mais graves commoções, que ao governo incumbe a todo transe impedir ;

Considerando que importa, de uma vez por todas, encerrar o *periodo de desordens e sobresaltos* que tanto nos desacreditam e prejudicam no conceito das nações estrangeiras ;

Considerando que, a vingarem ou mesmo prolongarem-se taes perturbações da ordem publica, impossivel se tornaria qualquer governo regular, e seriam inevitaveis consequencias — a anarchia geral, o desmembramento da Patria pela separação dos Estados, os horrores da caudilhagem, o sacrificio da fortuna publica e particular, a completa ruina das nossas finanças ;

Considerando que as medidas de rigorosa repressão, que a salvação publica impõe, traduzem os votos patrioticos de todos os bons cidadãos, civis e militares, desde os mais elevados postos e cargos até aos mais obscuros, porém dedicados servidores da Republica ;

Considerando, finalmente, que as instituições republicanas, ainda ameaçadas por *exploradores de todas as ruins paixões*, têm hoje a seu favor os mais solemnes testemunhos da consciencia nacional, e que, portanto, hão de ser mantidas á custa de quaesquer sacrificios,

Resolve, de accordo com art. 80 § 2 da Constituição e nos termos do decreto n. 791 de 10 do corrente mez e até ulterior deliberação,

#### DESTERRAR :

Para Cucuhy, Estado do Amazonas :  
DR. JOSÉ JOAQUIM SEABRA,  
CORONEL REFORMADO ALFREDO ERNESTO JACQUES OURIQUE,  
MARECHAL JOSÉ DE ALMEIDA BARRETO,  
MAJOR REFORMADO SEBASTIÃO BANDEIRA,  
MANOEL LAVRADOR,  
JOSÉ CARLOS DO PATROCINIO,  
CONDE DE LEOPOLDINA.

Capital Federal, 12 de abril de 1892,  
4º da Republica.

(Assignados) :

Floriano Peixoto,  
Fernando Lobo,  
FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES,  
Antão G de Faria,  
Serzedello Correia,  
Custodio de Mello,  
Francisco A. de Moura. »

## O BOM JUIZ

(Conclusão do ensaio «Miseria e Crime» (\*)

Certo, no seculo passado, em mais de uma sentença se proclamou o *direito á vida*, manifestado pelo "furto necessario" Juizes de varias nacionalidades fôram levados, por vezes, a esquecer, até certo ponto, a inflexibilidade das leis penaes, para attender aos reclamos de um sentimento todo fraternal e aos impulsos generosos dos seus corações propensos ao Bem — ao terem de enfrentar com pobres furtadores de alimentos.

Mas, nenhum magistrado ousou mais bravamente fallar a verdade, em favor do pobre contra a dureza da lei penal; nenhum juiz se compenetro mais fuudamente do *direito á vida*; nenhum membro da sociedade dinheirosa e altaneira se afastou tanto da sua gente para commungar com os desherdados da fortuna — do que o presidente Magnaud, do tribunal de Chateau-Thierry.

Dirigindo a justiça em uma localidade sem importancia, desconhecido até sete annos atrás, conseguiu ter, hoje, um nome de bôa fama universal cercado de admiração e de prestigio. Jorge Clemenceau, em vibrante artigo publicado, em março de 1898 na *Aurore*, de Paris, chrismou-o *Bon Fuge* — e desde aquella epocha o appellido glorioso se tem mantido, através de sentenças tão inspiradas de principios humanos como a que motivou, principalmente, a celebridade de Magnaud.

Antes, havia elle proferido decisões em que affirmava, com inexcedivel bravura, o dever de introduzir, nos tribunaes o respeito á vida e á desgraça; mas, o movimento operado em redor da sua bella iniciativa humanitaria só se revelou com a absolvição de Luiza Menard, accusada do furto de um pão. A sentença tem a data de 4 de março de 1898. Desculpada a fraqueza da traducção, eis-a, na integra:

«Considerando que Luiza Menard, accusada por furto, reconhece ter-se apropriado de um pão no estabelecimento do padeiro P.;

Considerando que ella se mostra mui sinceramente arrependida de ter sido levada a commetter esse acto;

Considerando que a accusada tem a seu cargo um filho de dous annos, em cuja manutença ninguem a auxilia, e que, desde ha algum tempo, não obtem trabalho, a despeito dos esforços que tem empregado para obtel-o;

que é bem vista na sua communa e passa por ser trabalhadora e bôa mãe; que agora o seu unico recurso se limita a dous kilos de pão e duas libras de carne, que semanalmente lhe

são dados pela repartição de beneficencia de Charli, para ella, sua mãe e seu filho;

Considerando que, no momento em que a accusada se apropriou do pão em casa do padeiro P., não tinha dinheiro e que os generos que recêbera estavam esgotados, havia 36 horas;

que nem ella nem sua mãe tinham comido, durante esse tempo, deixando para a criança algumas gottas de leite, que existiam em casa;

que é iamentavel que numa sociedade bem organizada, a um dos seus membros, mórmente a uma mãe de familia, possa faltar o pão, por motivo que não lhe seja imputavel;

Que, quando tal situação se apresenta, e que fica, como no caso de Luiza Menard, muito precisamente estabelecida, o juiz pôde e deve interpretar humanamente as inflexiveis prescripções da lei;

Considerando que a fome tem força para tirar ao ser humano uma parte do seu livre arbitrio e diminuir nelle extraordinariamente, a noção do bem e do mal;

Que um acto, ordinariamente reprehensivel, perde muito do seu character fraudulento, quando aquelle que o pratica procede apenas impellido pela imperiosa necessidade de obter alimentação, sem a qual não funciona nossa organização physica;

Que a intenção dolosa é ainda bem mais attenuada quando ás torturas resultantes de longa privação de alimentos vem juntar-se, como no caso em questão, o desejo muito natural, por parte de uma mãe, de evitar essas mesmas torturas ao filho que só ella sustenta;

Que dahi resulta que todos os caracteres da apropriação dolosa, livremente e voluntariamente executada, não se reúnem no acto commettido por Luiza Menard, que se offerece para indemnisar o padeiro P., com o producto do primeiro trabalho que obtiver;

Que si certos estados pathologicos, notadamente o estado de prenhez, têm, muitas vezes, permittido absolverm-se como irresponsaveis as autoras de furtos perpretados sem necessidade, deve esta irresponsabilidade, com mais razão, ser admittida em favor de quem procede sob o impulso irresistivel da fome;

Que ha motivos, portanto, para julgar improcedente a accusação, sem ficar a ré obrigada a custas e por applicação do art. 64 do Cod. Penal, o tribunal absolve Luiza Menard.»

... ..  
... ..  
Esta sentença que proclamou, na phrase de Henrique Leyret, o direito á vida anterior ao direito á propriedade, essa decisão que obrigou a Lei inclinar-se perante a Fome—provocou

(\*) V. nos. 7 e 8 dos *Annaes*.



barulhada infrene. (\*) A velha magistratura franceza sentiu-se atacada em seu reducto de pacifica defensôra do Capitalismo, interpretando o acto de Magnaud como a deserção de um soldado traidor, que se tivesse passado para as fileiras dos pobres e dos humildes !.

A imprensa pariziense, obedecendo, na sua maioria, a inspirações officiaes ou judiciarias, recebeu a humanitaria sentença com doéstos e sarcasmos, alguns tão brutaes quão isentos de espirito. No Parlamento reflectiram todas essas indignações mal contidas; houve interpellações ao governo, sendo o ministro da Justiça forçado a declarar que o presidente Magnaud não exprimia a opinião geral da magistratura — o que, aliás, toda gente sabia. Parecia que a propriedade experimentava o pavor das grandês catastrophes; a absolvição da inditosa Luiza Menard surgia, deante dos olhos esgazeados dalguns, como o clarão de um incendio devastador que estivesse ameaçando bens e fortunas, accumulados durante um seculo de pacifica expoliação burgueza...

Magnaud, porém, altivo e sereno, continuou sua obra de bondade e de equidade. Desde logo, algumas sympathias o animáram; alguns valentes pulsos o auxiliáram.

O publico correu a subscrever em favor de Luiza Menard, que se viu liberta da miseria. O jornal feminista LA FRONDE offereceu-lhe o emprego que ella occupa até hoje. Já notámos o successo do artigo de Clemenceau, unindo ao nome do magistrado de Chateau-Thierry, o feliz appellido que como o substitue.

A Côrte de Appellação de Amiens, que desde certo tempo testemunhava sua desapprovação a tudo que fazia o presidente Magnaud, viu-se dessa feita, obrigada a acceitar a conclusão da sua sentença, embóra sem lhe adoptar os motivos.

Ao menos, absolveu tambem. Já não foi pequena a conquista.

A importante *Gazete des Tribunaux*, de Pariz, abrindo debate juridico a respeito da applicação do art. 64 do Cod. Penal francez ao caso do furto necessario, reconheceu ser ella juridica.

De toda a parte, recebeu o bom juiz cartas e telegrammas de felicitações.

A's criticas de bôa fé elle entendeu dever responder, justificando sua maneira de pensar perante a lei e a doutrina. Não só enviou uma carta á *Aurora*, que o tinha applaudido, como dirigiu, depois, algumas explicações á *Republica Franceza*, que o havia atacado desabridamente. A' primeira dizia Ma-

gnaud, 12 dias após haver proferido a memoravel sentença : « A fome, depois de trinta e seis horas de jejum, parece-me bem ser uma força a que não se pôde resistir. Não é possivel fallar, em casos taes, de vontade livre, nem de discernimento. Toda questão reside em saber-se si a fome foi simples pretexto, ou uma necessidade real e absoluta, dominante, na occasião do furto, e si, por isso mesmo, a subtracção fraudulenta não passou de um gesto instinctivo e mecanico.»

Foi ainda nesse sentido, querendo fixar o limite da impossibilidade no caso em discussão, que elle doutrinou, dois annos depois, em uma sentença :

« A fome, para ser causa de irresponsabilidade penal, deve ser comprehendida, não como essa vontade de comer que nos opprime passadas algumas horas depois de um precedente repasto, mas como uma abstinencia forçada e de tal fórma prolongada que por ella a existencia possa ser comprometida ; nessas condições, a fome torna-se uma força irresistivel que, de accordo com o art. 64 do Código Penal, faz desaparecer o delicto e obriga a absolvição do accusado, por carencia do elemento doloso.»

Na carta que a *Republica Franceza* publicou, forçada por decisão judiciaria, em agosto de 1899, Magnaud ensinava aos ignorantes e aos criticos de má fé, a differença entre seus principios do perdão, sustentando a justeza e a base perfeitamente juridica dos seus julgados.

Não escurecemos, com Felix Marchand, que a concepção do bom juiz desmerece o reconhecimento do *direito á vida*, uma vez que se apoia no art. 64 citado, onde se cogita de uma derimente, qual é o constrangimento por força irresistivel. Mas, isso mesmo foi attendido pelo eminente magistrado. A prova está no projecto da lei por elle apresentado e francamente acceito por Millerand, que o apadrinhou perante o parlamento francez. Tratava-se de reconhecer o estado de necessidade, prescrevendo que não seriam puniveis os que commettessem crimes, constrangidos pelas ineluctaveis necessidades da sua propria existencia ou da existencia de pessoas que estivessem, legal ou naturalmente, a seu cargo. Em todo caso, o juiz de Chateau Thierry encontrou apoio em mais de um jurista no tocante á applicabilidade do art. 64 a situações como o de Luiza Menard. O dr. Daniel Folleville, decáno honorario da Faculdade de Direito de Pariz, e o notavel advogado belga Paulo Janson, fôram dos primeiros a apoiá-lo, nesse sentido. Não menos interessante foi o estudo do dr. Maximo Leroy, professor no Collegio Livre de Sciencias Sociaes, de Pariz, commentando juri-

dicamente, no *Temps*, as decisões do presidente Magnaud ( 18 de março de 1898).

Fóra da França, o bom juiz mereceu muito depois da absolvição de Luiza Menard e quando publicadas todas suas decisões até 1900, os mais calorosos applausos de homens cheios de responsabilidade, como o magistrado italiano Raphael Majjetti e o seu compatriota e collega Lino Ferriani (\*).

A repercussão da *justiça a Magnaud* é, na epoca actual, evidente no mundo judiciario francez. Em discursos inauguráes de audiencias, em circulares do chefe do Ministerio Publico, em decisões de varios juizes, surgem, quando não referencias directas, ao menos manifestações de innegavel solidariedade com o juiz humanitario.

Em discurso pronunciado numa audiencia solemne, o advogado geral de Nancy, Marchand, tomou para thema « o furto em caso de extrema miseria e o estado de necessidade ». Então, disse que é de mister conceder mais protecção á vida, porque o direito de propriedade deve ser temperado com o principio da solidariedade humana. Em Pariz, notou o fino chronista judiciario do *Figaro*, Henrique Varenne-alguma cousa se tem mudado no Fôro; os magistrados se encastellam menos dentro da rigidez da lei morta e fria ; a piedade e a caridade vão penetrando a alma do Direito; a pouco e pouco, se váe formando uma jurisprudencia de bondade.

Entre os de outros magistrados que decididamente acceitáram as idéas de Magnaud, celebra-se o nome do presidente da 8ª Camara Correccional, Séré de Rivières, appellidado o *bom juiz pariziense*. Foi elle quem disse que a *solidariedade* é obrigatoria em principio, para garantia da vida social e só ella deve inspirar á justiça.

Longe de Pariz, citam-se os juizes Lévie, presidente do tribunal de Ajaccio, e Devillebichot, presidente do tribunal de Autun. Inspiram-se nos mesmos sentimentos, introduzindo humanidade nas decisões judiciarias.

Todos esses são *bons juizes*, que seguem o exemplo do de Chateau Thierry. E, na phrase burilada de Anatole France, o bom juiz deve unir o mais alto espirito philosophico á simples bondade.

.....

E dizer-se que todo esse bello movimento, que ainda se está operando, resultou quasi exclusivamente da absolvição duma esfaimada que furtou para comer ! Isso consôla.

A Justiça, parece, váe deixando de

(\*) V a obra de Lezrey — LES JUGEMENTS DU PRÉSIDENT MAGNAUD. 1900. pags. 16 e seguintes.

(\*) V. LES NOUVEAUX JUGEMENTS DU PRÉSIDENT MAGNAUD, por Henrique Leyret, 1903, pag. 37.

ser, afinal, a *sanção das injustiças estabelecidas* (\*).

Os codigos olham para o passado, a magistratura humanitaria olha para o futuro.

Dia virá em que, reformada a legislação penal, os *bons juizes* serão maioria, para bem da misérea creatura humana.

EVARISTO DE MORAES.



## O ALMIRANTE (9)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO VI

Fez-se o cadastro do vasto territorio da fazenda com a indicação de suas applicações á cultura, á industria extractiva conforme a constituição geologica de extraordinaria variedade e incomparavel riqueza.

Uma grande área da terra primitiva e farta, coberta ainda de floresta soberba, foi cuidadosamente demarcada e subdividida em pequenos lotes, tendo cada um delles uma casinha para habitação dos colonos italianos, encommendados, em S. Paulo, a uma agencia de immigração, para formarem o primeiro nucleo de um grande plano de colonisação do latifundio da marquezia de Uberaba, como lição intuitiva aos fazendeiros daquella zona fertilissima, estiolada pela rotina.

As senzalas fôram reformadas, pintadas de côres alegres para desinfectal-as do fartum do preto, adherente ás paredes ennegrecidas de fuligem, para apagar os vestigios da escuridão, que seria um espantão ao colono branco. A ancestral casa velha, de estylo colonial, agarrada á magnifica igreja, como se, na época da descoberta dos invios sertões selvagens, o trabalho dos valentes aventureiros buscasse o abrigo da casa de Deus, foi adoptada á função de escola, destinada á educação dos filhos dos colonos.

Nesse trabalho de reconstrucção, de reparação scientifica e humanitaria, fôram empregados engenheiros, artistas e uma legião de operarios ganhando salarios elevados porque a marquezia não regateava meios: ia em linha recta, sem hesitação, aos seus elevados fins, toda entregue ao seu plano, apparentando absoluta confiança no exito.

Viéram depois as machinas; foi um nunca acabar de grandes volumes, enormes caixões, contendo peças de ferro complicadas, pulias, entrosagens

alambiques, moendas, turbinas, aparelhos para beneficiar o café, para fabricar farinha de mandioca e para o aproveitamento das preciosas madeiras da floresta. Foi preciso construir um carro especial para conduzir as caldeiras colossaes e as peças do motor da mais proxima estação da estrada de ferro.

A marquezia requerêra ao governo permissão para construir um ramal para a fazenda; mas... como sempre acontece, e graças á tradição vesanica de contrariar por meio de futeis entraves os impulsos da iniciativa individual, o papel percorria infindos tramites administrativos e soffrêra já uma pessima informação da directoria da estrada, allegando, em longa demonstração temperada de citações de leis, de decretos e de avisos, que tendo ella privilegio de zona, seria illegal, absurdo, conceder um ramal particular, muito embóra a supplicante o construísse á sua custa, sob a fiscalisação do governo e pagasse pelo transporte na linha construida os fretes da tarifa official em vigor, uma tarifa que se diria feita com o intuito especial de reduzir o trafego a proporções minimas. Além disso—concluía a informação meticulosa e erudita—a concessão desse ramal seria um precedente de todo o ponto de vista perigoso porque, provavelmente, outros fazendeiros, nas condições da marquezia, solicitariam igual favor, perturbando e complicando, com essa intervenção de iniciativa privada, a função do proprio nacional, que estava destinado a ser o principal instrumento do progresso da riquissima zona de seu percurso.

Fatigada de esperar despacho, esgotados a paciencia e o prestigio dos amigos politicos contra a chicana invencivel do funcionalismo, uma das mais corrosivas pragas desta terra de burocratas, mechanicos, automaticos e ronceiros, mandou reparar a velha estrada de rodagem, solidificar as pontes e cortar desvios, numa extensão de vinte kilometros, para que o pezado e enorme material fôsse transportado são e salvo.

Foi dia de festa o da chegada das caldeiras sobre enormes carros, tirados por muitas juntas de bois, marchando, lentamente, a passo tardo, offegantes de fadiga, os focinhos lubrificadas de bába pegajosa, musculos repuchados num esforço titanico e os meigos olhos vesgos a supplicarem a libertação daquelle trabalho torturante, sob os brados dos conductores e as espetadas de ferrões acerados. Os monstruosos cylindros de aço vinham enfeitados de palmas, ramaria virente e grandes festões de flores sylvestres, a bandeira nacional e galhardetes tremulando ao rijo vento sertanejo. Sobre um delles, trepára a banda de musica da villa

proxima, uma charanga desafinada, estrídula, cujo principal instrumento era um bombo a trovejar incessante, encantando a gente curiosa, os convidados, os trabalhadores, os fazendeiros presentes áquella festa de civilisação e progresso, de que aquellas caldeiras erão os mensageiros, conduzindo no bojo amplo os germens da força colossal, que transformaria em eden de actividade fecunda, a velha fazenda colonial apodrecida na rotina. Os carros cessaram de rinchar e pararam entre brados de victoria que estrugiam nas quebradas da serra; de concerto com gyrandolas de foguetes, ribombos de ronqueiras, ao mesmo tempo que, no interior do palacio espoucava champagne regando as congratulações hypocritas dirigidas á marquezia pelo seu extraordinario empredimento. Os velhos fazendeiros se entreolhavam com geitos de incredulidade sardónica, e apoiavam a opinião irreverente do Gião, que parecia afflicto, como se o dinheiro gasto em tamanhas obras e prodigalidades inuteis, lhe fôsse arrancado das duras entranhas; e murmurava que, pelos modos, a patrôa acabaria no hospicio, numa camisôla de força, ou na miseria.

Proseguiram as obras com vehemente actividade. Por toda a parte se ouvia o suggestivo rumor do trabalho fecundo, o troar dos martellos, o chiar das serras, o offegar dos fôles oxigenando as chammas das forjas nas officinas improvisadas, a algazarra alegre dos operarios échoando no recesso da matta virgem, nas frágoas dos morros, onde alvejava ao sol o jasmim dos cafezaes em flor. Em companhia do dr. Sumer, a marquezia administrava as construcções, a montagem das machinas. Trajando rigoroso lucto, ella, desde a madrugada, apparecia nos sitios mais afastados do palacio, ora reclinada, mollémente, nos coxins do *break*, puchado por magnificos trotadores do Kentucky, ora montada no seu creoulo favorito, o corpo esbelto de mulher perfeita, bem modelado na estreita amazona, ou a pé, passeando de vagar, com attitudes de fadiga e tristeza que lhe ensombrava os bellos olhos languidos e amortecidos nas orbitas rouxeadas. Dir-se-ia que ao condão do seu prestigio, ao influxo do seu espirito creador, surgiam do seio da seiva, por encanto, milagres de arte e de industria, transformando, adaptando os restos caducos do primitivo esforço da raça morta em nucleo de actividade moderna, estabeleceu a usina idéal, um grande exemplo para os scepticos.

O anniversario da lei redemptora do ventre escravo foi escolhido para a inauguração da colonia, que seria denominada *Princesa Isabel*, com licença especial de Sua Alteza, carinhosamente interessada no exito da generosa empreza da marquezia de Uberaba.

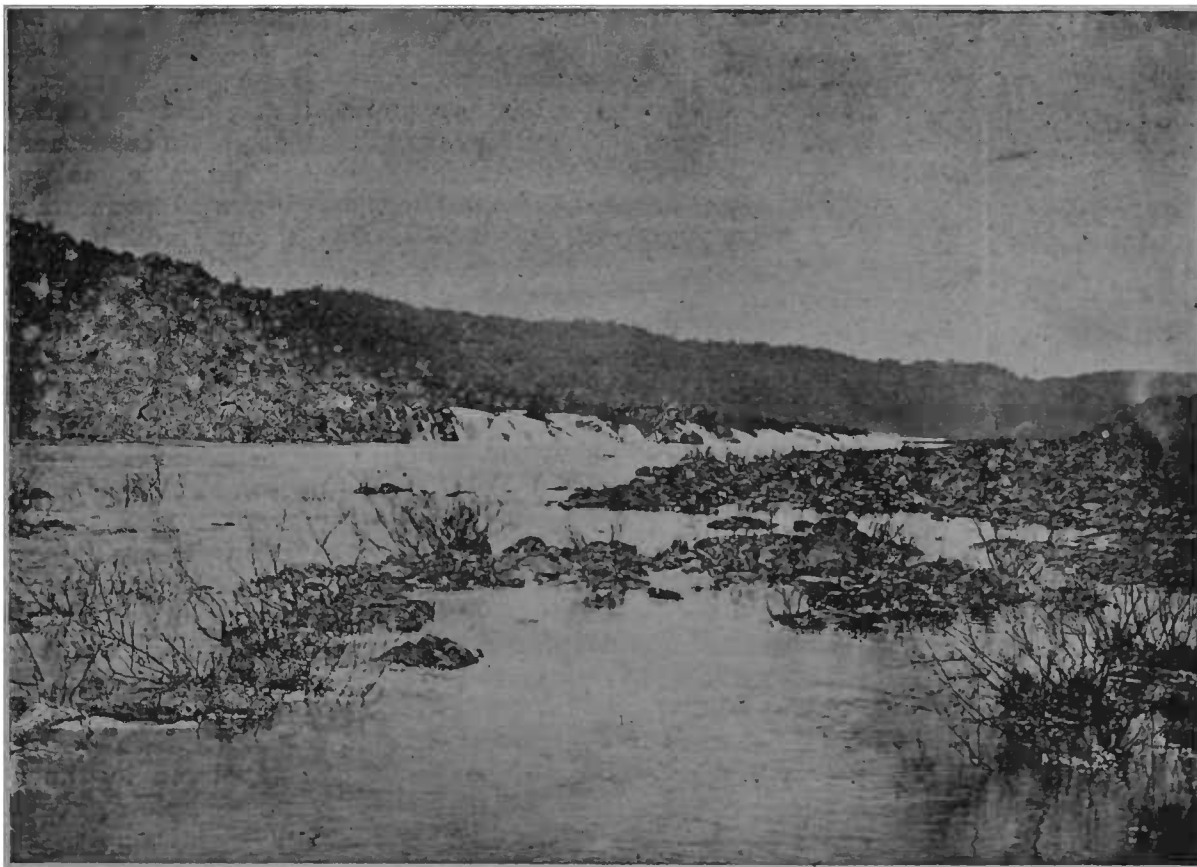
(\*) ANATOLE FRANCE, na deliciosa novella CRAINQUEBILLE.

Assim que empallideceu o céu da manhã de 28 de setembro, o apito dos enormes geradores de força e movimento vibrou no silencio como o grito triumphal do despertar de uma nova era de progresso; e a passarada estremunhada que, em pios dispersos, afinava as gargantas crystallinas para entôar o glorioso hymno matinal, no bosque humedecido de orvalho, nos pomares oberados de fructos, esvoaçou espavorida pelo estranho ruido, jamais ouvido naquellas paragens tranquilladas, apenas perturbadas pelo rangir dolente dos eixos ensebados dos pesados carros puchados por bois, ou os échos dos machados mordendo os troncos rijos. Novellos de fumo negro jorravam da extremidade das altas chaminés e as valvulas de segurança projectavam, a

com que tudo fôra feito, supuzéramos haver tudo previsto; mas o acaso, forças maiores emergentes, inesperadas, engendraram insuperaveis obstaculos á completa realisação do seu querido plano. Soubéramos por um proprio que os colonos se haviam revoltado, em viagem, no trem especial que os conduzia; ameaçaram de morte o representante da empresa de immigração; agrediram o conductor; provocaram conflictos nas vendas proximas ás estações, onde o trem parava para se prover d'agua ou aguardar as passagens dos do horario. Fôra preciso intervir, energicamente, a policia local para que elles continuassem a viagem; e lá estavam, na estação, empilhados em formidavel promiscuidade, mais de quatrocentos homens, mulheres e cre-

*fregemôscas*, dirigido pela Colleta, com a Chica na cosinha, e na sala dos freguezes um rapaz portuguez muito vigoroso e alambazado, com pratica de cantar quitutes do succulento cardapio. Collecta, bella creoula retinta e forte se submettêra a esse trabalho por amor ao Gião, que era o seu tudo na terra, abaixo de Deus, e por que era tempo de cuidar do futuro dos filhos, galantes mulatinhos, muito espertos e ladinos, nascidos de amôres como aquelle que Oscar surprehendêra, em embryão, no Paraiso.

— Não te esqueças, filha — disse-lhe Gião, batendo-lhe carinhosas palmadas nas lustrosas costas de ebano, — de preparar uma caldeirada de maccarrão que é o de comer dessa cambada de carcamanos. Macarrão e angú de mi-



SALTO DO MOCONAN, NO RIO URUGUAY

golfadas e chiando, alvissimos jactos de vapor. Os trabalhadores, trajando fatos domingueiros, estavam a postos: erão libertos, escravos e portuguezes bisonhos e fortes, attrahidos pelo generoso salario promettido pelo Gião, enquanto não viessem as cem familias de colonos que haviam chegado, dois dias antes, á estação do caminho de ferro.

Os colonos, — era o que faltava para que fôsse completa a festa da inauguração do nucleo industrial, da fazenda modelo — *Princesa Isabel*.

A marquezia disfarçava a sua contrariedade por esse accidente, recebendo com amabilidade fidalga os convidados accorridos ás centenas, para testemunharem o extraordinario acontecimento. Ella, apesar da precipitação

anças, á espera de conducção para a fazenda, porque não estavam habitua-dos a caminhar e se queixavam todos da fadiga da accidentada e penosa viagem. A marquezia providenciára, para que lhes nada faltasse — comida abundante, excellente carne, legumes, café e leite; e lhes enviára, na vespera, todos os vehiculos disponiveis e uma grande tropa de burros arreados.

Gião estava muito atarefado em aviar os freguezes que iam bebericar na sua venda, a *Flor do Minho*, grande armazem de seccos e molhados destinado ao fornecimento de provisões aos habitantes da colonia. De accordo com a patrôa, elle se encarregára de resolver essa parte do problema, adiantando genero por conta do salario. Nos fundos do armazem, havia um

lho, regado pela surrapa do tal Albalnelo, que eu púz com agua em garrafas de Chianti, são um regalo para essa corja de vagabundos que, em se lhe tirando o realêjo, a caixa de engraxar ou o tacho de metal, panellas e canécos, para nada mais prestam. Homens para o trabalho, burros de carga não ha como nós outros portuguezes, que fizemos este Brazil o que elle é: nós e os pretos. Vejão se os taes colonos chegaram a tempo... A patrôa não quer dar o braço a torcer; mas não fôsem os meus galêgos, isto que ahi, anda, essa trapalhada de modernismos, estaria por fazer. E ainda verá boas, quem viver. Colonisação é isto..

E Gião indicou, num gesto largo, os mulatinhos que brincavam no terreiro da venda.

Chegaram, afinal, os colonos, as cem famílias muito reduzidas, destinadas a imprimir o impulso realizador das novas idéas de regeneração da lavoura. Vinham a passo miúdo, arrastado e aos tróços os adultos que não puderam supportar o trote das mulas, moças tostadas de mormaço a lhes saltar sangue das faces lubrificadas de suor e conduzindo trouxas na cabeça. Os carros de boi, com toldos destendidos nos fueiros, despejavam matronas, raparigas e meninas, descalças, trajando roupas sujas, exóticas, de côres vivas desbotadas, tagarellando todas, sem cessar, em dialectico barbaro. Uns morenos, outros brancos, loiros e ruivos, de semblante espantado, ou carrancudo, traçados de fadiga, miséria e soffrimento, a legião de maltrapilhos, dos quaes alguns conduziam, como bagagem, poucas peças de roupa envoltas num jornal, aquelles typos diversos no aspecto, na lingua, nas crenças, na raça, lembravam destroços do exército de Xerxes, eram residuos humanos colhidos nos portos cosmopolitas do Mediterraneo, lixo apanhado nas ruas de Genova como emigrantes engajados a tanto por cabeça por exploradores sem escrupulos. Notavam-se, entre elles, individuos de melhor trato, de maneiras distinctas, que eram chefes, exercendo sobre os outros grande influencia, e percorriam os grupos queixosos, acalmando rixas e chamando á ordem os recalcitantes, em disputas suscitadas na distribuição das bagagens, saccoes immundos e um pandemio de coisas de utilidade domestica.

Feita a chamada verificou-se que as cem famílias se compunham de uns quatrocentos individuos, inclusive as creanças, faltando vinte colonos e duas raparigas fugidos ou dispersados na viagem. E houve azêda discussão entre o agente da immigração e o doutor Sumer, director geral da colonia, allegando aquelle, gastos extraordinarios e que havia contractado famílias e não certo numero de individuos. Essa pendencia terminou com a intervenção da marquezia, que mandou pagar tudo para não espantar a corrente immigratoria e fortalecer o credito dos fazendeiros contratadores de colonos.

Gião ao lado sorria ironicamente e balançava a cabeça demasiado cheia de idéas, que elle não ousava emittir deante da patrôa.

Houve missa em acção de graças pela inauguração do nucleo, resada pelo padre Paulo que, como director espiritual da casa, approvára com expansões entusiasticas todo aquelle trabalho meritorio, e apresentava ruidosos parabens á excelsa fundadora, que exultava de satisfação, vendo iniciado o seu plano grandioso, a patriótica lição aos refractarios, aos negreiros insurgidos contra o governo,

as idéas novas, que lhes extorquiam os escravos, e já murmurando contra a dynastia exausta e valetudinaria como o velho Imperador doente.

Foi uma festa estrondosa, jamais vista naquella região pacata, de costumes simples. Emquanto os moços convidados dansavam nos amplos salões do palácio, os colonos assaltavam o restaurante do Gião. Estavam cortados de fome. As caldeiradas de macarrão, feitas pela Colleta, desapareceram num momento; linguças, lombinhos de porco, maçagadas de couve á mineira, panellas de angú e canigica, promontorios de arroz sumiram-se na voragem daquelles estomagos de avestruz; e, apesar disso, muitos delles disputavam furiosos a posse de ossos pellados das pernas de porco e carneiro, devorando e lambendo os meninos os residuos dos pratos.

A Colleta protestava afflicta; as ajudantes da cosinha raparam o fundo das cassarolas, das caldeiras: nada mais havia que comer, e Gião bramia:

— Vão comer assim para a casa do diabo. Essa corja parece que nunca viu comida, troça de carcamanos de borra... Ah! não me enganei.. Isso de colonos é uma desgraça, um conto do vigario.

*Continúa.*

## PHYSIOLOGIA DA DEMOCRACIA

Ella não foi, como pretendem eloquentes personagens, creada pelo povo soberano assumindo definitivamente, conscientemente, o poder (o povo soberano, em França, durante a Revolução nada comprehendia do que se passava); resultou do declinio das antigas classes diigentes deante do desenvolvimento quasi natural do mechanismo e do industrialismo, e da falta de preparo e organização dos novos elementos intelligentes do Estado.

Os seres humanos em sociedade, como uma variedade innumeravel de nuanças, agitadas e misturadas, dão um tom cinzento uniforme, mas illusorio. Todas essas côres confundidas obedecem a um processo de segregação que as reunirá de novo em massas distinctas: o tom uniformemente pardo não é devido á identidade, á monotonia, mas a uma variedade desordenada, confusa.

A democracia, nas suas applicações, pretende ser essa uniformidade, essa monotonia. A fórmula democratica, é um symbolo de negação, concreto no aspecto e negociavel; é a manifestação, nas discussões e artificios sociais, dessa deliquescencia social e moral, cuja natureza e possibilidade já foram expostas.

A democracia moderna affirmou-se, ao principio, nos reinos de França e da Gran-Bretanha, abrangendo as colonias inglezas da America, e foi nas comunidades das linguas franceza e ingleza que se desenvolveu de modo mais completo. De accordo com a nossa hypothese, a democracia nasceu naquelles Estados, porque elles estavam á frente do progresso material, porque fôram os primeiros onde se expandiram o industrialismo e o mechanismo, com grandes massas de população em actividade insubordinada, e fôra do systema politico estabelecido; a natureza, o momento e a violencia da ruptura com esse systema fôram determinados pelo character do governo de então, e pelo gráu de exasperação de parte a parte. Mas a deslocação de uma parte inteira da nova classe média, da ordem aristocratica da Inglaterra para formar os Estados Unidos da America, e o repentino rejuvenescimento da França pelo rapido e completo esboroamento de sua monarchia gasta, as guerras que se seguiram e a aventura napoleonica—obstaram e modificaram a transformação parallela que, de outro modo, se teria effectuado, alternativamente, em cada paiz da Europa ao oeste dos Carpathos. As monarchias que, provavelmente, ruiriam ao impulso das forças internas para dar logar aos Estados democraticos de hoje, fôram abatidas pelo exterior, e se interpôz um processo de reconstrucção politica, que nunca passou, provavelmente, pela phase democratica completa e fórmal, complicando as tradições religiosas, nacionaes e dynasticas. De uma a outra extremidade da America, na Inglaterra, e, após vicissitudes extraordinarias, em França, a democracia politica se estabeleceu legalmente, e, do modo mais completo, nos Estados Unidos.

O contra-golpe e a influencia do governo democratico nas regiões em contacto intellectual com elle, fôram bastantes e consideraveis para fazer de suas monarchias, organismos politicos de um novo genero, quasi republicas democraticas. Na Allemanha, na Austria, na Italia, por exemplo, ha uma imprensa que é ouvida quasi tanto quanto nos paizes mais francamente democraticos, e que tem uma influencia sensivelmente igual; existem assembléas legislativas constitucionalmente estabelecidas, e um identico, um não official desenvolvimento de potencias financeiras e industriaes temiveis, com as quaes o governo deve contar. Na discussão de grande parte dos negocios publicos desses Estados, os postulados da democracia estão, claramente, implicitos. Da mesma fórma que as republicas da America, na realidade, essas organizações são baseadas na confusão e não no equilibrio das classes; ellas constituem,

como os seus gráus e suas várias diferenças individuaes, o governo dessa mistura de todas as nuanças, dando como resultado, o cinzento uniforme, confusão illusoria que deve, cedo ou tarde, **desapparecer** para predominar a côr formada por uma classe média, scientíficamente educada, e de uma especie sem precedentes, que não provirá das antigas classes médias, mas as substituirá. Essa classe constituirá conscientemente o Estado; disciplinará e restringirá muito as trez massas, sem funcção, ás quaes está ainda indistinctamente misturada. A natureza geral de sua formação na confusão actual, e o caracter de sua victoria final pôdem ser já previstos com certo gráu de certeza, embóra os seus inicios sejam ainda vagos e pouco animadores. Actualmente as pessoas capazes e de instrucção especial—classe que comprehende medicos, en-

tado como uma especie de animal sabio. O especialista em artilheria, por exemplo, pôde mover canhões e disparal-os, mas não pôde dizer sobre que é preciso atirar e o individuo incumbido desta funcção ignóra as leis do alcance e da trajetoria. O engenheiro pôde pôr em movimento um navio, descarregar uma bateria, mas não poderá fazel-o sem um homem entendido que lhe grite as ordens por um tubo acustico. Os individuos da classe governante não comprehendem que possam existir conhecimentos especiaes ou factos inexoraveis. Fôram educados em collegios dirigidos, na Inglaterra, por mestres amadores, cujo ato real na vida—se é possível que tenham qualquer mira—é obter uma cáthedra episcopal; e, nessas escolas, pouca coisa aprenderam, senão que nesta nossa epocha democratica, as apparencias têm esse poder irresistivel. Ter

pre mais complicado, nenhum meio apparente tem de intervenção. Na maior parte das especulações politicas correntes, o desenvolvimento e o destaque final dessa classe são completamente desprezados e a attenção geral se concentra no processo de transformação da machina politica; e, por isso mesmo, é muito facile exaggerar a preponderancia de uma ou outra das duas forças, que estão, exactamente, equilibradas no machinismo do governo democratico.

Ha nessa machina, duas séries de entrosagem antagonicas, que operam de encontro uma á outra, e a concepção dos progressos futuros é, necessariamente, determinada pelo valor relativo dado a esses dois elementos oppostos. Pôdem ser comparados esses dois grupos á Potencia e ao Trabalho collocados nas duas extremidades da balança: de um lado, fica o que paga as



QUÉDAS DO IGUASSÚ

genheiros, todos os que exercem profissões scientíficas—estão na grande maioria, afastadas da vida politica: não fazem parte della como factores activos, ficam á parte, e é preciso, para a sua intervenção especifica, ter consciencia de uma intervenção collectiva e manifestal-a. Ha forças que trabalham, activamente, para lhes conferir o papel principal.

A democracia moderna, ou a quasi—monarchia democratica conduzem os seus negocios como se não existissem os conhecimentos especiaes ou a educação pratica. Todo o tributo que ellas pagam aos homens instruidos e praticos se redúz a consulta—os occasionalmente sobre pontos especiaes, sem fazer caso de suas opiniões, ou confiar-lhes alguma missão impossivel subordinada a restricções extremas. O homem, que se fez especialista em certo ramo de sciencia, é tra-

attitudes de convenção e possuir uma bôa reputação são os meios de successo. O nosso systema politico ignóra os individuos que exercem um cargo social activo e fundamental; opéra como se elles não existissem; como se nada, de facto, existisse, fóra da classe opulenta, irresponsavel, e dos financeiros que manipulam riquezas irresponsaveis e, opposta áquelles, uma comunidade innumeravel, incolor, politicamente indifferente. Considerando, isoladamente, a condição actual da vida politica, pareceria que esse estado de coisas devesse continuar indefinidamente, desenvolver-se de accordo com as leis que regem as relações da classe governante charlatanesca com a massa mórna dos governados. Na ordem politica e social actual, a classe dos homens de solida instrucção—classe que augmenta sem cessar, graças ao systema mechanic da vida social sem-

despezas da machina, distribúe os salarios e as recompensas, subórna os jornaes: é a influencia central; do outro lado, está a massa votante, collectivamente incolôr, com certos prejuizos e certas tradições, certas leis e certas limitações de pensamento, que a imprensa explora e dirige á medida de seus meios. Ao procurarmos as possibilidades do primeiro elemento, poder-se-á evocar o fim pratico da democracia e a apparição de um Estado conduzido, inteiramente, por um grupo de intellectuaes energicos. Suppomos, de bôa vontade, financeiros fazendo, com audacia e habilidade, eleições, graças á organização e á direcção perfeita das forças de seu partido, encaminhando toda a politica para fins industriaes. Uma das prophecias mais vulgares do futuro dos Estados Unidos, é o dominio de um grupo de organizadores de *trusts* e de *boss* politicos. Mas, um homem,

ou um grupo de homens, bastante forte e intelligente para submeter á sua vontade e ás suas idéas, o mecanismo inteiro de um partido, seria apenas, na historia do mundo, um phenomeno transitorio e accidental. Semelhante exploração da direcção central será discreta e clandestina, ou modificará seu dominio conforme as necessidades impostas pelo segundo factor, e suas manobras deverão ser, em larga escala, resultantes das forças delle. De resto, homens muito subtis não têm taes ambições; e, quando as têm, naufragam, porque a subtilidade da intelligencia implica a subtilidade de character, gostos difficeis e certa fraqueza.

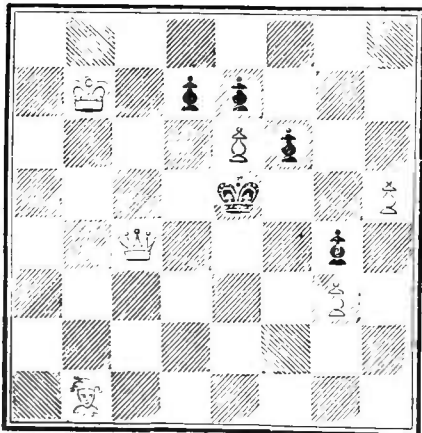
Passado o periodo loquaz, em que a facilidade de linguagem e as attitudes impressionadoras erão condição indispensavel para attingir á proeminencia politica, a direcção cae, cada vez mais, nas mãos de uma classe de rábulas, de intrigantes, dotados de espirito pratico, agil e tenaz. Os que fazem funcção a machina são pessôas—que têm fé—como dizem os pregadores populares. De facto, homens, que não analysam, que, sem outra preocupação, tomam a machina, como ella é; modelam a ella as suas ambições, fazem-na funcção; não a dirigem.

Será *boss* quem quizer sel-o e achar nisso uma satisfação completa, final, e não aquelle que, desejando ser *boss*, complicar as coisas afim de as dirigir em outro sentido. Hoje, (ha razões para crer que isso continuará durante muito tempo) a machina é governada por individuos «que acompanham o movimento»; que são, de facto, resultantes somente, tendo de soberano a apparencia e não chegando senão a compromissos. Essa pretensa direcção, feita no interior do mechanismo e por tráz de uma politica visivel, assemelha-se muito ao maravilhoso Rodin do *Fudeu Errante*, com a mesma verosimilhança dos romances de Eugène Sue.

J. H. WELLS

## DIVERSÕES

Problema N. 7



As brancas jogam mate em dois movimentos

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A ULHA BRANCA

Um syndicato financeiro foi organizado para explorar uma parte das maravilhosas quedas do Zambéze, de 1500 metros de largura, precipitando-se num desfiladeiro de muros verticaes de 120 metros de altura, no minimo, e 90 de largura, com vertiginosa rapidez. As quedas Victoria são duas vezes maiores que as do Niagara e mais altas o duplo, fornecendo um volume d'agua sufficiente para uma gigantesca usina electrica, com o poder de trinta e cinco milhões de cavallos, para um amplo desenvolvimento industrial no coração da Africa, que não é mais a terra mysteriosa, a terra incognita.

Essa usina poderá enviar força ao Rand, região das minas de ouro da Africa do sul, e tracção á uma grande parte dos caminhos de ferro, a começar pela secção do Cabo da Boa Esperança ao Cairo, a qual brevemente atravessará o Zambéze.

Calcula-se poder distribuir electricidade num raio de 450 a 480 kilometros, distribuição que poderá attingir, mais tarde a 700 ou 800 kilometros, até ás explorações mineraes da Africa meridional.

A installação da usina hidro-electrica e dos tuneis de conducção e de evacuação das aguas, será facil, porque o rio, nesse ponto, corre em pleno terreno basaltico.

O syndicato calcula despender nos estudos do projecto, 250.000 francos.

Na fronteira, que o general Dionysio Cerqueira acaba de demarcar, figura o salto do Iguassú; cujas formosas quedas pódem, como as do Zambéze e as do Niagara, fornecer força á industria da riquissima região, na proporção de dois milhões de cavallos, na estiagem, conforme o calculo feito pelos engenheiros da demarcação.

Do lado do Brazil, além de outras, ficaram as trez cataratas denominadas — *Benjamin Constant*, *Florian* e *Deodoro*, precipitando-se sobre uma plataforma, que parece feita de proposito para facilitar os trabalhos de installação de turbinas e outros appa-relhos geradores de electricidade, sem as formidaveis despezas com tuneis de conducção e evacuação, exigidos pelas quedas do Zambéze e do Niagara, que não têm aquella plataforma providencial.

Em uma das nossas gravuras damos um trecho das quedas do Iguassú com os trez saltos acima mencionados.

\* \*

### O PEZO DE UMA ESTRELLA

M. Adalbert Prey, de Vienna, tentou, recentemente, uma nova deter-

minação da massa dos componentes do systema duplo 70 Ophiuchus. Sabe-se que esta estrella está situada, cerca de cinco gráus a leste de  $\beta \gamma$  Ophiuchus, em uma região muito rica de estrellas amontoadas. Sua posição, referida em 1900, é

$$AR = 18^h 0m 24; D = + 2^\circ 31' 4''$$

Nos instrumentos de potencia média, ella se apresenta sob o aspecto de dois sóes côr de laranja: um da grandeza de 4, 1; outro de 6, 1.

Os componentes desse systema effectuam sua revolução completa, um em redor do outro, em 87 annos, no sentido retrógrado e descrevendo uma eclipse, cujo eixo apparente attinge cerca de 9''. Em consequencia da obliquidade dessa orbita sobre o raio visual, a distancia dos dois astros oscila entre 7'' e 2''

Póde-se avaliar a sua parallaxe em 0'' 16. A distancia, que lhe corresponde, é formidavel — 192 trilhões de kilometros, que a luz gasta 20 annos e 5 mezes a percorrer. Nós vemos, portanto, esse bello par como elle era ha 20 annos, tendo, na realidade, os seus componentes realizado um quarto de sua evolução, durante o trajecto da luz.

Mr. Prey, servindo-se das posições dadas nos catalogos desde 1820, epocha em que se começou a fazer distincção entre as posições de cada uma das duas estrellas, estabeleceu que o centro de gravidade do systema está a 4/5 da distancia e mais perto do companheiro. A massa deste é, pois, 4 vezes maior que a da estrella principal. Adoptando a parallaxe de Schür (0'', 16), as duas massas são, respectivamente, de 0, 32 e 1, 28, tomada a do nosso Sol por unidade.

O todo das duas massas é, portanto, 1, 6 vezes a do Sol, ou 519.000 vezes a do nosso planeta.

Póde-se tentar fazer uma idéa da quantidade de materia representada por semelhante algarismo. A massa da terra é 5, 957, 930 quintilhões de vezes a de um kilogramma. Para escrevel-a, é preciso acompanhar o numero 5957930 de 18 zéros. Si se quizer avaliar em kilogramma a massa do systema 70 Ophiuchus, chega-se ao algarismo phantastico de 309 octilhões ou: 3092 000 000 000 000 000 000 000 000. Taes algarismos nada representavam ao espirito, impotente para comprehendel-os.

A estrella 70 Ophiuchus é um notavel exemplo de um systema binario, em que a relação das massas é absolutamente differente do dos brilhos: aqui o companheiro é 4 vezes mais pesado e 6 vezes menos luminoso.

O exemplo mais conhecido é Sirius, cujo companheiro é da 9ª grandeza, ou 14.000 vezes menos luminoso. Quanto a Procyon, cujo companheiro é da 13ª

grandeza, cem mil vezes menos luminoso, a massa é, entretanto, 7 vezes maior.

Em. Touchet.

(*La Nature*)

\*\*\*

#### CARVÃO ELECTRICO DA TURFA

Carregam-se com pedaços de turfa cylindros de ferro gyratorios, postos em movimento com grande rapidez. Depois que a força centrifuga, ajudada pelos apparatus interiores de percussão, expelle quasi toda a humidade da turfa, introduzem-se nos cylindros electroides convenientemente ligados a um dynamo; e a propria massa da turfa, completando os circuitos entre os electroides, oppõe uma certa resistencia á passagem da corrente; carbonisa-se; transforma-se em uma série de particulas ennegrecidas que se consideram conter toda a parte utilisavel do minerio. Fazem-se depois, agglomerados dessas particulas carbonicas cujos *briquettes* se quebram em pedaços de tamanho conveniente, empregado como carvão.

Esse processo de Johnson e Philipps permittirá aproveitar os immensos depositos de turfa das margens do Amazonas, desde Manáos a Iquitos, em S. Paulo e em todo o paiz.

\*\*\*

#### A CULTURA DA BAUNILHA

De uma comunicação do sr. Genot, engenheiro agronomo, director do baunilhal de *La Providence*, em Madagascar, extrahiu o sr. Alvaro da Silveira as seguintes notas, de alguma utilidade para aquelles que se dedicarem á cultura da baunilha.

O baunilhal de *La Providence* tem 30.000 lianas de diferentes idades.

A parte mais antiga do baunilhal está plantada em espaldeira e a outra em quicuncio, sobre tutores isolados.

A plantação por pés isolados, preconizada desde mais de trez annos pela direcção de agricultura é incontestavelmente superior ao outro methodo, visto que permite seguir as lianas separadamente, e regular a producção proporcionalmente ao vigor de cada planta.

E' preciso frequentemente substituir os supportes horizontaes nos baunilhaes installados em espaldeira. Esta operação é dispendiosa; é, pois, mais uma razão para se preferir a plantação por pés isolados.

A cultura da baunilha só póde deixar resultado com a condição de ser tão bem tratada como um jardim.

E' preciso ligar grande importancia á escolha das estacas (mudas), do que depende, em parte, o feliz exito da plantação. Em *La Providence* não empregam, para esse fim, sinão lianas muito vigorosas, e sómente os *corações*, isto

é, as extremidades das lianas, munidas de seu botão terminal.

A epocha do plantio, lá em Madagascar, é em dezembro, janeiro e fevereiro, isto é, a mais propicia do anno para proceder á operação.

Até ás primeiras colheitas, os cuidados que requer a plantação, consistem em capinas que devem ser executadas com a maxima precaução para não offender as raizes da baunilha, visto estas se desenvolverem quasi sempre á flôr da terra.

No fim de quatro annos, a baunilha entra em plena producção. Nesta occasião, deve-se chegar a terra ás raizes e tambem palhas, folhas e capins seccos destinados a proteger a planta contra a sequeidão e a formar a terra vegetal necessaria e conveniente. Isto é tão importante como as limpas. Ao mesmo tempo transformam-se as linhas de baunilhas em platibandas de 80 centimetros a 1 metro de largura, cuja terra é mantida com o auxilio de troncos velhos de qualquer natureza.

Estas platibandas permittem accumular a terra humosa ao pé das lianas e evitar a agua estagnada em contacto com as raizes.

De vez em quando é preciso fazer descer as lianas que subirem muito alto nos tutores, e mantel-as bastante baixas para permittir ás raizes adventicias chegarem rapida e facilmente ao contacto do sólo.

Os botões floraes apparecem em Madagascar no correr do mez de agosto; a fecundação artificial começa no fim de agosto ou em principio de setembro e se prolonga até os primeiros dias de janeiro.

Nas lianas em quicuncio, collocadas contra tutores isolados, regula-se a fecundação conforme o vigor da planta.

Não se fecundam, em média, senão oito cachos por planta, e em cada cacho, apenas dez flores. Toma-se depois a precaução de supprimir quatro fructos novos em cada cacho, conservando-se, portanto, só seis em cada inflorescencia. Deste modo, chega-se a evitar mais ou menos completamente, a producção de baunilhões e de fructos rachiticos.

A colheita começa geralmente em junho e dura até o fim de setembro.

O methodo de preparação é conhecido pelo nome de *aferventação em tonel*. Consiste em aferventar as vagens encerrando-as durante um certo tempo em tonel, onde se despeja uma certa porção de agua fervendo. Continúa-se a preparação expondo as baunilhas ao sol sob cobertas de côr carregada, e depois, acabando lentamente a dessecação á sombra, sobre prateleiras installadas no interior da casa.

Termina-se a preparação encerrando as baunilhas em caixas metallicas, onde ficam durante seis a oito semanas.

Ellas são em seguida medidas, classificadas, empacotadas e arranjadas em caixas de folha de Flandres, e assim exportadas.

Quando o tempo corre bem, isto é, não é nem muito secco nem muito humido, a colheita regula, aproximadamente, de uma tonelada de baunilha preparada.

O preço de um kilogramma de baunilha preparada é de 40 a 50 francos ou cerca de 32\$000 a 40\$000, em moeda brasileira, ao cambio actual.

#### SALTO MOCONAN

Está a uma legua abaixo da bocca do Pepiry-guassú o Salto Moconan, no rio Uruguay, que tem, nesse trecho, 600 metros, na média, de largura, e é muito violenta a sua correnteza

O rio, chegando ao grande paredão, que lhe obstróe o leito, alarga-se para a margem direita, formando a enseada — De las Catalinas. O paredão se prolonga quasi no eixo longitudinal do rio, enclinando-se desde a parte superior, que quasi toca á margem brasileira, até á inferior, que se confunde com a Argentina.

A sua extensão é de cerca de dois kilometros. Entre elle e a margem direita, o rio espraiado e pouco profundo, tem o leito juncado de pedras e ilhotas de sarandys. Do lado do Brazil, depois de abrir larga brécha na parte superior do paredão, o rio corre apertado entre elle e os rochedos da costa, com uma largura média de 40 metros na estiagem. As aguas, represadas do lado argentino, precipitam-se em grande numero de cascatas de uma altura que attinge a 10 metros na vazante.

Pelo estreito canal é impossivel passar, tal é a velocidade das aguas: as canôas passam arriadas, pela margem argentina.

O general Dionysio Cerqueira descreve, com muita verdade, os accidentes da navegação do Salto Moconan, no seguinte trecho de seu diario:

« Quando o Uruguay está muito cheio, as aguas elevam-se muito; nivelam-se com as cristas mais altas do paredão, que desaparece submerso, e as embarcações correm o salto, arrimando-se o mais possivel á margem brasileira. Quem não tiver a destreza dos canoeiros do Alto-Uruguay, não se deve arriscar nesse lance perigoso.

Em meia enchente, como estava quando o passámos no dia 27 de setembro de 1902, offerece maiores difficuldades a travessia. Abaixo do varadouro das canôas, o grande Uruguay, que passa apertado com quarenta metros de largo entre altas ribanceiras de pedra, alarga-se um pouco; mas tem o leito eriçado de penedos, entre os quaes se destaca, pela fama sinistra, a

Pedra do Bugre, bem no meio da torrente vertiginosa, como que balisando o canal dos naufragios. É' difficil evital-a. Os rodomoinhos, os vortices profundos que se lhe abrem ao redor, pequenas *malstroms*, attráhem as pequenas embarcações e tragam-nas em um momento e mais abaixo vomitam-nas, ás vezes, em pedaços.

A commissão Argentina mandou abrir uma picada pela margem direita, desde o alto do varadoiro até um ponto abaixo dos éstos perigosos e das marettadas banzeiras dos rebójos. Por ahi passaram os membros da commissão, e tambem algumas das suas cargas. As suas canôas seguiram antes das nossas.

Depois de varadas as nossas canôas e bem presas ao flanco do paredão, onde se chocavam como no mar em dia de ressáca, fôram novamente carregadas. Na minha, ia o Julio Amaro, excellente pratico do rio e homem habituado áquelles asperrimos trabalhos. Era o nosso timoneiro, e suas mãos robustas empunhavam o longo cabo da pesada e larga espadilha. Na prôa, estavam postados dois homens com remos de vóga. O capitão Cavalcanti, o auxiliar Cincinato Braga e eu eramos os passageiros. Tudo o que possuíamos de precioso, naquellas alturas, as nossas cadernêtas, os nossos livros, as nossas plantas e calculos ião dentro da canôa.

Recommenderei aos outros pilotos que largassem successivamente, umas após outras, as suas canôas e seguissem nas nossas aguas. Todos promptos, o pratico mandou largar, abrir a prôa para o largo e remar a toda a força: queria passar á esquerda da Pedra do Bugre e ganhar o remanso dos Cascaes.

Os dois rapazes, na prôa, se dobravam sobre os remos, que vergavam rangindo, e a canôa, jogando como no mar alto, parecia ora submergir-se nas boccas dos funis, ora gyrrar nas espiras dos rodomoinhos e, depois, elevar-se dansando na crista das espumas, para tombar, mais adiante, nos flancos de uma onda. O Julio Amaro era senhor daquellas aguas e equilibrava a fragil embarcação a cada guinada, dirigindo-a, calmo e attento, na carreira vertiginosa. Estavamos já em frente á pedra do Bugre; elle mandava:—*rema, rema com força!*... Avistamos debaixo das espumas a sombra negra do rochedo, e o piloto gritava:—*rema, rema, que vamos encima do Bugre!*... Os homens redobraram esforços, e partiu-se o tolête do remo do proeiro. A canôa atravessára; uma onda entrou-lhe pela borda, e houve, entre nós, um momento de apprehensão.

Ouvi alguém dar uma ordem; fil-o calar, dizendo:—aqui sò manda o piloto, — que, mostrando-se na altura da situação, exclamou:—Não ha novidade.

Curvou-se sobre a grande espadilha; a canôa desviou-se da pedra fatal e, de prôa virada para cima, desceu veloz até encontrar a margem argentina. Dalli vimos, então, uma scena commovente. A guarnição da segunda canôa não conseguiu fugir dos funis da Pedra do Bugre: a canôa foi a pique. Iam nella cinco homens — dois soldados e trez paisanos. O primeiro foi tragado pelo abysmo e desapareceu: era um excellente camarada e bom nadador. Chamava-se Theodoro Martins; era rio-grandense. Os outros quatro sabiam nadar como elle e luctavam, desesperadamente, com aquellas águas ruidosas, quando o alferes Guericco, que estava em frente, embarcou em uma das canôas da commissão argentina e salvou-os, secundado pela respectiva tripulação.

O governo brasileiro, tendo sciencia deste facto, condecorou aquelle official com a medalha humanitaria de primeira classe.

Do logar onde estavamos nada podíamos fazer, porque era impossivel subir, vencendo a correnteza.

Vimos, logo depois, a canôa passar emborcada. Caixões, barracas, saccos passaram, fluctuando ainda, ou meios submergidos; mas, nada podemos salvar.

Foi um dia luctuoso. Recommendei á minha gente, no Pepiry-Costa, que procurasse o cadaver do desventurado proeiro; que o enterassem e que plantassem na sua sepultura uma cruz. E assim se fez».

\* \*

### OS KONGUSES

Ignora-se quem são, donde provêm os Konguses, temerarios bandidos que tanto perturbam, com as suas surprehendedentes investidas, as operações do exercito russo.

A ethnographia não lhes determinou ainda a origem ou de que residuos surgiram esses grandes demonios, de faces oleosas, com os cabellos torcidos em cócó no alto da cabeça. Sabe-se, apenas, que elles são inquietadores, do perigoso contacto.

Formam bandos organizados tendo, quasi sempre, em diversos logares, principalmente em Niou-Tchouang, desde o principio da guerra, verdadeiros centros de informações que lhes dão sobre o movimento commercial da Mandchuria, preciosas communicôse; indicam as descidas de barcos carregados de mercadorias, a marcha das caravanas que, facilmente, podem surprehender e roubar, porque se agrupam, se reunem e atacam de improviso.

Tiveram chefes celebres, como Haidengu, cuja capital ficava na região das fontes do Soungari, e a qual o general russo Fock, em novembro de 1900, gastou um mez para subjugar; veio depois o famoso Tulensan, contra

quem, em outubro de 1903, se mobilizou uma columna russa. Esta se mantem ainda em campanha, depois de ter perdido o seu fiel immediato, o russo renegado Fulenhoy, evadido de Sakhalin, ao qual se deve a organização actual dos terriveis bandos.

Os Konguses marcham com uma bandeira vermelha na qual está escripta a palavra demasiado eloquente—vingança. Hoje não se limitam a perseguir caravanas, inquietam os comboios do exercito, apoderam-se dos isolados, dos retardatarios e, sem constituirem um perigo de natureza grave, são uma preocupação incessante.

Quando capturados, são enforcados, ou entregues ao alfange da justiça chinesa, que os decapita sem processo. Elles marcham para o supplicio com estoico desdém, com absoluta indifferença.

As ultimas noticias da guerra referem que numerosos grupos de Konguses, formando um exercito de trez mil homens, commandados por officiaes japonezes, operam na rectáguarda de Kuropatkine, entre Mukden e Karbine.

\* \*

### ANTIGUIDADE

Foi descoberto no Egipto, encerrado no tumulo de Thothmes IV da decima oitava dynastia, o carro em que um dos pharahós passeiava nas avenidas de Thebas.

Esse tumulo consiste, como os seus congeneres, em uma galeria cortada na terra da montanha, terminando em um grande salão, em cuja extremidade jáz um grande sarcophago de granito com inscripções de textos do Livro dos Mortos. Não estava nelle a mumia de Thothmes IV: fôra encontrada, havia alguns annos, no tumulo de outro rei e está, agóra, no museu do Cairo. Sellos de gesso com o nome do pharahó estavam nas portas do salão, attestando o seu real destino. O pavimento estava, literalmente, coberto de vasos, pratos, symbolos da vida e outros objectos de faiança, infelizmente quebrados, ou mutilados pelos ladrões que exploram essas preciosos depositos de antiguidades.

O carro, bem conservado, á excepção das rodas, consistia em uma armação de madeira, coberta de *papier-marché*, feito de papyras, revestido de um estuque, onde estavam gravados, por dentro e por fóra, varios episodios de batalhas pelejadas pelo pharahó, na Syria, gravuras de arte primorosa, com os detalhes tão perfeitos que se distinguem os rostos dos syrios prisioneiros de guerra. Junto desse carro, encontrou-se uma luva de coiro, que é considerada pelos egyptologistas o mais bello e mais curioso especimen de arte antiga.





$x - x$  é evidentemente o erro da media.

Designemol-o por  $\delta$ .

Têm-se, pois,

$$\begin{aligned} \gamma_1 &= \delta + \varepsilon_1, \\ \gamma_2 &= \delta + \varepsilon_2, \\ &\vdots \\ \gamma_n &= \delta + \varepsilon_n. \end{aligned}$$

Elevando ao quadrado e sommando, acha-se

$$\gamma_1^2 + \gamma_2^2 + \dots + \gamma_n^2 = n\delta^2 + 2\delta(\varepsilon_1 + \varepsilon_2 + \dots + \varepsilon_n) + \varepsilon_1^2 + \varepsilon_2^2 + \dots + \varepsilon_n^2$$

ou, por uma notação facil de comprehender

$$[\gamma\gamma] = n\delta^2 + 2\delta[\varepsilon] + [\varepsilon\varepsilon].$$

Em virtude, porém, de uma propriedade já accentuada dos residuos da media, é

Restará  $[\varepsilon] = 0.$

$$[\gamma\gamma] = n\delta^2 + [\varepsilon\varepsilon]$$

Por outro lado, sommando membro a membro as igualdades (9), acha-se

$$\gamma_1 + \gamma_2 + \dots + \gamma_n = n\delta$$

Elevando ao quadrado ambos os membros, tem-se

$$[\gamma\gamma] + 2 \sum_{i,j} \gamma_i \gamma_j = n^2 \delta^2.$$

Já fizemos notar que os erros não têm predilecção por signal, que os ha positivos e negativos, iguaes em valor absoluto. D'ahi se conclue que no signal sommatorio os termos rectangulos se destróem dous a dous. Restará a igualdade

$$[\gamma\gamma] = n \delta^2$$

Por definição o erro medio dará lugar a

$$m_n = [\gamma\gamma]$$

Tem-se, pois,

$$m_n = n \delta^2$$

ou

$$m = n\delta^2$$

$$m_n = n\delta^2 + [\varepsilon\varepsilon].$$

Eliminando  $n\delta^2$  ficará

$$m_n = m + [\varepsilon\varepsilon]$$

d'onde

$$m = \frac{[\varepsilon\varepsilon]}{n-1}$$

que é o valor approximado do erro medio.

Da expressão

$$m = n \delta^2$$

vê-se que o erro a temer sobre a medida é

$$\delta = \frac{m}{V_n}$$

Justifiquemos de outro modo.

A probabilidade de um erro  $\Delta$  é n'um conjuncto finito

$$P_{\Delta} = \frac{h}{V\pi} e^{-h^2 \Delta^2}$$

A probabilidade do erro nullo sendo

$$\frac{h}{V\pi}$$

tem-se

$$P_{\Delta} = P_0 e^{-h^2 \Delta^2}$$

A propabilidade de que occurram os erros  $\Delta_1 \Delta_2 \dots \Delta_n$

será

$$P = \frac{h^n}{V_x^n} e^{-h^2 [\Delta_1^2 + \Delta_2^2 + \dots + \Delta_n^2]}$$

Sabemos porém que são

$$\Delta_1 = \delta + \varepsilon_1$$

$$\Delta_2 = \delta + \varepsilon_2$$

$$\Delta_n = \delta + \varepsilon_n$$

Logo se tem

$$P = \frac{h^n}{V_x^n} e^{-h^2 \{n\delta^2 + 2\delta(\varepsilon_1 + \varepsilon_2 + \dots + \varepsilon_n) + [\varepsilon\varepsilon]\}}$$

no

$$P = \frac{h^n}{V_x^n} e^{-nh^2 \delta^2 [\varepsilon\varepsilon] h^2}$$

Si a media fosse o valor exacto ter-se-ia

$$P_1 = \frac{h^n}{V_x^n} e^{[\varepsilon\varepsilon] h^2}$$

$P$  pode ser considerado a probabilidade de um erro  $\delta$  na media,  $P_1$  a probabilidade de um erro nullo. Tem-se, pois,

$$P = P_1 e^{-nh^2 \delta^2}$$

d'onde se conclue para o modulo de precisão da media

$$h = nh$$

o

ou

$$h_0 = \frac{h}{V_n}$$

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

— Estadista na Praia Grande! —  
 Tal foi o brado que saudou o sr. Nilo Peçanha, quando encetou a administração de um Estado fallido, atrophiado em seus centros motores pela cruel lépra da politicagem, já então attenuada pelo solícito tratamento de Quintino Bocayuva, o grande augure da Republica.

Quando as redeas do governo passaram ás mãos daquelle moço, feito em escaramuças parlamentares, aureoleado por merecidos louros conquistados na tribuna, a protéria murmurou ironica como se se tratasse de uma dessas transacções indecentes que já passaram á ordem dos actos licitos, em virtude das quaes as olygarchias se estão perpetuando. Quintino Bocayuva elegêra seu filho espirital, o seu amado discipulo, o companheiro de campanhas, o amigo indefectivel em todos os transes de uma gloriosa peleja pelos idéas da democracia.

Mas, a verdade, agóra demonstrada pelos factos, é que o Mestre querido descobrira, sob a coiraça do jovem paladino das incruentas campanhas da eloquencia, ridicularisada pelos incapazes, a pôlpa do administrador, do financeiro, não accorrentado á rotina, corajoso, cheio de energia para reduzir a cacos os velhos moldes e trilhar o caminho luminoso desbravado por idéas intuitivas, simples na execução, promissoras na efficacia, que jamais tiveram accesso dentro da dura cachola daquelles que, a pretexto de sectarismo conservador, administram, como remeiros, de costas voltadas para o fim que almejam.

Os nossos administradores são, em geral, refractarios á lição dos factos. Os insuccessos não o desilludem, as decepções não o desanimam, todos os sinistros de uma politica, que tem razes nos tempos coloniaes; a historia nefasta das mesmas medidas de resultados negativos, dos mesmos planos de effeitos desastrosos não os demovem; elles têm, por timidez ou incapacidade, verdadeiro terror ás innovações.

Poder-se-ia comparar a administração das coisas publicas a um carun-

choso bonde, sobre velhos trilhos enferrujados, puchado por tracção animal, porque o conductor se apavóra ante os prodigios da electricidade. Mudam-se os burros por estropiados ou cansados, mas não se muda o vehiculo; ficam os mesmos trilhos, a mesma linha, a mesma orientação, embóra seja evidente, como a luz do dia, que o trafego vicioso explorou, empobreceu, esterilizou a região do percurso, de sorte que a receita não dá mais com que cobrir a despeza.

Os recursos unicos, que se antolham ao conductor para reparar o desastre do *deficit*, é pedir dinheiro emprestado, augmentar o preço das passagens, a tarifa das cargas; mas, como isto prodúz inevitavel augmento de despeza e diminuição da concurrencia de passageiros e de carga, elle verifica, com pasmo infantil, que a empreza abeira as aréas da fallencia, que só poderá evitar, carregando ainda mais a mão nas tarifas, embóra ellas attingam o funesto limite da prohibição.

Depois, muito convencido desses absurdos processos de ineptia, demonstram com phrases commovedoras, com cifras, sisudamente alinhadas em columnas de marcha forçada regressiva, que a região não presta para nada, que os habitantes são uns malandros impenitentes, preguiçosos, incapazes de se assimilarem ás conquistas da sciencia e do progresso.

E' este o aspecto de nossas leis, principalmente as orçamentarias, onde ser effecte, com uma nitida intensidade, a situação do paiz, de setenta e dois annos para cá.

Dir-se-ia que os nossos estadistas conduzem a náu do Estado, guiados, em vez de bussola, por destróços de naufragios, attestando a incapacidade dos navegantes precedentes naquelle roteiro funesto, que, todavia, não os impelle a procurar outro caminho na planicie do immenso oceano, livre de rochedos traidores.

O sr. Nilo Peçanha abandonou o velho trilho carcomido, enveredou por novos caminhos e, com perfeita noção dos males e suas causas, empregou meios simples e velhos, processos fecundos, preconizados pelas theorias e pelos resultados desde o pae Adam Smith até aos economistas contemporaneos.

O Estado do Rio tapava com empréstimos, com impostos oppressivos,

os seus *deficit* chronicos: era intuitiva a diminuição da despeza, augmentada, enormemente, por aventuras sumptuarias, ou por demasiada confiança na riqueza publica; era indispensavel o augmento da receita, o que equivalia, no pensar dos carrancistas, a pedir movimento a um mecanismo desaranjado, vida a um corpo moribundo, que só poderia ser preservado da decomposição imminente por um milagre da divina Providencia.

● Pois o sr. Nilo Peçanha, sem pretenções a instrumento de Deus, na Praia Grande, fez o milagre.

O processo foi simples, foi banal. Mas, o estadista, já illustre, necessitou ter cabellos no coração, reprimir os éstos sentimentaes de seu meigo coração, para cortar, largamente, cruelmente, na grande massa de funcionarios inuteis, no queijo das despezas improductivas; podou, sem piedade, as excrescencias ramalhudas da venenosa vegetação da politicagem.

Não lhe custou menos esforço cortar as unhas das municipalidades, o abutre que está mais perto do contribuinte, diminuir as taxas da exportação, substituindo-lhes as exorbitancias por uma leve contribuição sobre a terra, os latifundios esterilizados, onerando a preguiça e desafogando o trabalho, e debellando o inimigo mais temivel—a carestia dos meios de transporte, as tarifas prohibitivas.

Os resultados dessa politica estão brilhantemente demonstrados numa simples noticia do *O Paiz*, de 9 do corrente:

« A estatistica, que abrange, por emquanto, certos productos exportados de janeiro a setembro, pela Central e pela Leopoldina, fornece os seguintes dados:

	1903	1904	
Arroz.	630	8.603	saccos
Farinha.	12.941	215.087	»
Feijão...	3.295	16.666	»
Milho..	142.909	421.867	»
Toucinho e carnes preparadas.	109.674	335.349	kilos
Aves e ovos...	1.160.636	1.519.569	»

Éra inevitavel. Diminuiram os impostos, o preço dos meios de transporte; e o trabalho, livre de peias, augmentou fecundo, produzindo em proporções assombrosas. O mechanismo entrou a funcionar sem attrictos. O corpo de-pauperado erguen-se cheio de vigor. O Estado do Rio se restaura dos erros que o esterilizaram, e encéta uma nova éra de franca prosperidade.

O processo desse milagre, que nada tem de sobrenatural — diminuir taxas para augmentar rendas — já tem cabellos brancos: a elle se devem os prodigios financeiros de Robert Peel e Huskisson, os constructores da grandeza, da soberania commercial da Inglaterra.

— « Os governos do continente — dizia Huskisson — não sabem quanto é sábia e commoda a politica de augmentar as rendas publicas pela redução das taxas e quanto ganhariam se deixassem aos povos mais franqueza para commerciareem com os seus vizinhos. »

No espaço de quatro annos, de 1842 a 1846, Robert Peel reduziu sucessivamente taxas e impostos na proporção de sete e meio milhões de libras e, todavia, pôde annunciar aos seus eleitores Tamworth que a renda ordinaria do anno acabado a 5 de julho de 1847 excedêra, consideravelmente, (derivada das mesmas fontes) á do anno financeiro que precedêra á sua ascensão ao poder.

Não cabem nesta chronica os eloquentes algarismos representando as extraordinarias vantagens da politica de R. Peel, que foi apedrejado pelos carrancistas com toda a ordem de apôdos, e até de maluco, quando a iniciou na mais tremenda crise que, jamais, flagellou a Grã Bretanha.

— Absurdo! — gritariam se o governo da Republica propuzesse uma diminuição das taxas postaes, das tarifas dos caminhos de ferro, dos direitos aduaneiros sobre a grande massa de artigos de importação, que constituem o maior factor da arrecadação respectiva. Seria, entretanto, esse o meio infallivel de augmentar a renda, porque da diminuição das taxas resultaria augmento do consumo e, o que é mais importante, o allivio do contribuinte, o burro que, conforme a opinião de Philippe II, de negregada memoria, devia ser sobrecarregado para não escoucear.

Não nos móve o intuito de fazer alusões ou talhar carapuças. De resto, não seriamos responsaveis pelo tamanho, conformação e miôlo das cabeças em que ellas ficaram a matar. O nosso empenho se redúz a registar os sucessos do sr. Nilo Peçanha, como lição proveitosa.

POJUCAN

## SI VIS PACEM PARA PACEM

Por ser antiga e romana, não é menos tôla e falsa aquella safada sentença, do *Si vis pacem para bellum* como são tantas outras que não têm por si senão a sua longinqua ou remota origem.

Antes que Roma se houvesse lançado ás aventuras da conquista, ao que chamamos hoje imperialismo, deu ao mundo um rarissimo exemplo de virtudes domesticas e civicas, e foi verdadeiramente feliz e próspera, sem ser forte. A sua decadencia, tão grande como a sua grandeza, começou, verificam-no todos os seus historiadores, com as suas empresas militares e conquistadoras, pôde-se assegurar com a criação do seu exercito. Emquanto soube limitar-se á sua porção do Latio, ao seu *ager romanum*, e fôram seus soldados e officiaes os seus cidadãos, que, como Cincinato, ainda victoriosos, abandonavam a espada triumphante pelo arado laborioso, a cidade romana, dando a essa palavra a sua significação latina e historica — é um dos factos mais gloriosos da historia humana. O espirito de conquista do mesmo passo que militarizou Roma, desmoralizou os seus costumes domesticos e civis e, desenvolvendo-se, creou o typo da civilização militar, aparelhando a preponderancia, sempre funesta dos generaes (e mesmo dos coroneis) as guerras civis, a destruição da Republica, a anarchia e a dictadura militar, o advento do imperio baseado nos batalhões, a guerra constante, e por fim a mesma invasão e victoria dos barbaros — a que todo aquelle militarismo, com todas as suas bravatas, não soube resistir.

Foi certamente nesse periodo, quando a victoria de hoje creava e impunha a necessidade de guerrear amanha, que algum ambicioso — pois Roma é a terra do militar-politico, salvador da patria — sabeudo como se enganam os povos com palavras, inventou a formula irrational do *Si vis pacem para bellum*.

E depois d'elle, politicos e militares ambiciosos, ou ambos misturados, em procura de lisongear vaidades nacionaes ou favonear preconceitos patrioticos e darem-se como salvadores da republica, não deixaram passar ensejo de repetil-a a proposito e até fóra de proposito.

A sua forma, de uma belleza lapidar, e o seu mesmo vasio faziam-na bem aceita; e a sua enfadonha repetição, longe de lhe prejudicar o curso, o favorecia.

Um dos entes mais odiosos que a humanidade já produziu, mas cujo detestavel nome não pôde ser esquecido nesta contenda, Napoleão, gostava de

dizer que a melhor figura de rethorica é a repetição.

O vulgo se não fatiga com ella, antes aceita-a como um criterio de verdade. Roma viu insensivel — o povo romano nunca brilhou pela intelligencia — que ao contrario das guerras provaveis ou possiveis lhe determinarem o armamento, era quando se elle armava, por influencia e sob a acção de algum general, que lhe surgiam as guerras. E assim foi sempre, em toda a historia, como evidentemente resulta, ainda da sua mais perfunctoria leitura.

Exemplo frisantissimo a esta quasi verdadice é o desse mesmo Napoleão, que viveu preparando a França para a guerra e fazendo-a, sempre, ao envêz justamente do preceito romano. E na historia da vida desse grande matador, nenhum caso mais proprio a illustrar o nosso conceito, que o da guerra contra a Austria e a Russia, em 1805.

Gorára, por completo, a empresa louca do ataque á Inglaterra, « expedição por tal modo chimerica, escreve um historiador francez, como quasi todos elles, entusiasta do monstro, que se duvidou si Napoleão não teria antes querido fazer á Inglaterra uma falsa ameaça de desembarque. »

E o mesmo auctor se pergunta « como um unico soldado do Grande Exercito poderia ter sahído do sólo britanico? »

O « genio » tinha muitas destas falhas, indesculpaveis em generaes de segunda ordem. Mas, a « Grande Armée » que devia invadir e submeter a Inglaterra, estava preparada e sem emprego alli naquelle Campo de Boulogne onde o comediante dêra um grande espectáculo inutil aos seus soldados; affeiçoando-os para a carnificina proxima. Era preciso empregar essa força que a victoria de Nelson, em Trafalgar, principalmente tornára sem objectivo.

E ahi nesse Campo de Boulogne, Napoleão que comprehende não pôdem ficar inactivos e desoccupados esses 120 mil homens armados em guerra, e não queria, diz o mesmo historiador, ficar com o ridiculo do abôrto dos seus formidaveis preparativos contra a Inglaterra, e precisava erguer o seu prestígio e o de seu exercito, o mais bello, o melhor adestrado que jamais se viu, e empregal-o em novas campanhas, resolveu e planejou a guerra á Austria e á Russia, e immediatamente a fez. Magnifico exemplo da exactidão do *Si vis pacem para bellum*.

O contrario, porém, demonstra-o a historia, demonstra a sociologia, demonstral-o-ia, bein consultada, a mesma biologia, é que é verdade: *si vis pacem para pacem*.

Um exercito é um orgão, cuja função é a guerra.

Todo o orgão tende instinctiva-

mente a exercer as suas funcções, e si não as exerce se atrophia.

Um exercito é mais um órgão consciente, que sabe a sua força e aprecia os meios de empregal-a.

Só este facto o torna, em cada paiz, o partido da guerra: é a sua funcção e seria contra a natureza querer que elle consentisse de boa mente em não exercel-a e, portanto, em atrophiar-se.

Que creou na Europa, desde os annos de 60, o estado de guerra latente, o estado de paz armada, segundo o euphemismo, em que ella, de então para cá, vive, sinão os grandes armamentos do reino militar da Prussia? E era acaso a paz que preparavam com esses armamentos os Guilhermes 1<sup>os</sup>, os Bismarcks, os von Roons e os Moltkes?

Não precisamos sequer responder; os factos são de hontem, e eloquentissimos.

Não, si eu quero viver bem com meu visinho não encho minha casa de capangas, nem me armo; trato-o bem, com a cortezia a que elle tem jús, respeito-o e lh'o próvo com meus actos.

Podemos levar o simile ás nações: para haver paz entre ellas é preciso que todas, com o mesmo espirito de fraternidade humana, procedam, uma em relação ás outras, com o mesmo animo de respeito mutuo, de reciproca benevolencia e a mesma intenção de viverem em boas relações. Emfim, que esse indefinido espirito christão—tão falado e tão pouco realizado—e que sob a sua forma moderna é o espirito da solidariedade humana vingue difinitivamente no mundo, triumphando de todos os preconceitos de raça, de patria, de nacionalidade, de religião que ainda lhe são impecilhos.

Eu creio piamente no seu triumpho—e de todo o coração o desejo.

JOSÉ VERISSIMO

## PAGINAS ESQUECIDAS

### UM TOUCADO

Chaves na mão, melena desgrenhada,  
Batendo o pé na casa, a mãe ordena  
Que o furtado colchão, fôfo, e de penna,  
A filha o ponha alli, ou a criada.

A filha, moça esbelta e aperaltada,  
Lhe diz co'a dóce voz, que o ar serena:  
« Sumiu-se-lhe um colchão?! E' forte pena;  
Olhe não fique a casa arruinada ».

« Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?  
Tu cuidas que, por ter pae embarcado,  
Já a mãe não tem mãos? » E' dizendo isto.

Arremette-lhe á cara, e ao penteado;  
Eis senão quando (caso nunca visto!)  
Sáe-lhe o colchão de dentro do toucado.

NICOLAU TOLENTINO

### AMIGOS DO MEU

Quando alguém tem pão em sua casa, tem também em sua casa amigos.

Esta casta de amigos, não meus, senão do meu, têm varias semelhanças que declaram mais a sua falsidade. Uns disseram que se pareciam com os golfinhos, que acompanham festivamente aos meninos, que andam nadando, emquanto ha bastante agua onde elles possam nadar também; mas, tanto que esta falta, se retiram ao alto, porque não querem nadar em sêco.

Outros os comparam ao corvo, que tornou para a arca em companhia de Noé, só emquanto não achou cadaveres que comer, porque o diluvio estava ainda sobre a terra.

Outros os comparam ao azougue, que se pega muito ao oiro, onde quer que lhe dá o faro delle; mas, se o mettem no fogo, em um momento vóa. Ha hoje muitos amigos azougados que, no tempo do fogo da tribulação, logo fogem.

Outros os assemelham ás formigas, que nunca andam pelos celleiros vazios.

PADRE MANOEL BERNARDES

\* \* \*

### BANQUETES BARBAROS

Uma orgia bestial—eis o que é a alimentação nas zonas periphericas onde habitam os homens infimos. Burchel viu os boschimanos amontoados sobre o cadaver de um hippopotamo, rasgando-lhe o ventre e devorando-lhe as entranhas crúas, como cães.

O australio, quando uma baleia naufrága na costa, accende fogueiras nos altos para chamar os companheiros ao banquete. Pouco a pouco, vêm chegando homens, mulheres, creanças, dando gritos de alegria, com tregeitos e momices. Amontoavam-se, pisavam-se, precipitavam-se; as creanças com o olhar acceso insinuam-se de rastos por entre os joelhos dos paes; e, num instante, a montanha gordurosa apparece, coalhada de gente, como o cadaver de um cão inchado, cuspidado na praia pelo mar, coberto de moscas negras. Um vago sussurro, um zumbir de mastigação incessante. As banhas do cetáceo, em pastas molles, esbranquiçadas, correm dissolvendo-se ao calor das fogueiras e da gente ansiosamente faminta. Ha quedas; e a pelle negra dos selvagens vê-se escorrendo uma gordura fétida; os cabellos estão ensopados, as mãos, os braços tintos de sangue e oleos.

Précipites sobre a carcassa, com a bocca escancarada, devoram, ás dentadas, introduzindo a cabeça por entre as visceras quentes. A orgia dura dias e noites, sem cessar, emquanto dura a

comida. Por fim, o esqueleto apparece com os ossos nús, e dentro das linhas do arcabouço, como cavernas de um navio, os que não dormem já bebedos de comer, disputam, iuctandó, os ultimos pedaços de carne. Ha cadaveres e sangue de homens misturados com as poças coaguladas do sangue e da gordura do cetáceo; ha vomitos e immundicie, resomnar de digestões dificeis, um fumo espesso das banhas ardendo nas fogueiras, e um fétido nauseabundo de coisas podres.

Nos confins austraes da America, o pecherez também assim procede, se um acaso mais raro lança uma balcia contra as rocas da Terra do Fogo; mas o seu alimento habitual são os mariscos e os pequenos peixes que devóra vivos e inteiros. Mira-os; com o dentre vigoroso trinca a cabeça, e engole-os. Assim faz também aos passaros. E sobre os yeados marinhos, em companhia dos cães domesticos, come também, ás dentadas, as carnes crúas. A lembrança de applicar o fogo á preparação dos alimrentos é-lhes tão desconhecida, como aos eskimós dos confins oppostos da America, nas zonas boreaes.

Nas regiões desoladas do frio, o eskimó tem o furor da fome e da sêde. O inverno é morto e duro. Desesperados, comem, a pedaços, o gelo que arde como lume na lingua, e deixa a bocca escorrendo em sangue. Pequenos immundos, bestiaes, com os beiços abertos, a lingua inchada, offegantes como cães, assim morrem muitos de sêde no meio da agua gelada que os cerca. Bebem sangue quando o têm; o frio augmenta-lhes a voracidade. Caçam a phoca, o narval e a baleia. Quando o sol reaparece, a crise diminúe: vêm os dias da fartura. O explorador Ross assistiu a um banquete eskimó: era um boi abatido nesse instante. Em torno do animal, a familia eskimó, com facas de pedra, tirava talhadas das carnes ainda quentes, e engolia vorazmente. Paravam, a miudo, para respirar, com a larga fatia de carne pendente da bocca, escorrendo sangue e sôros. Estonteados, como bebedos, cahiam, adormeciam com a cara rubra, o pulso rapido, com a bocca escancarada. Por fim, de rastos, na impossibilidade de se moverem, ainda, acoradas ao lado, as mulheres lhes mettiã a carne pela bocca, empurrando-a com os dedos; mas a guéla e os dentes, de cançados, não podiam mais; a mulher ia roendo do lado opposto a talhada de carne parada e presa na garganta do dormente. Com um resómno agitado, grunhidos de plenitude, dormitando, os olhos fechados, o sangue, as gorduras escorrendo-lhe dos beiços pela face e pelo peito, o eskimó digerira.

OLIVEIRA MARTINS

## OS LATIDOS

A' sobrezeza de um banquete, em Portugal, escreveu-se o seguinte num leque de setim côr de ouro, ornado de uma aguarella representando um grupo de cinco cães, e sobre os quaes estava escripto: OS AUCTORES.

## I

*Quem muito ladra, pouco aprende.* — Anthero de Quental.

## II

*Escriptor que ladra não morde.* — Oliveira Martins.

## III

*Dentada de critico cura-se com pêllo do mesmo critico.* — Ramalho Ortigão.

## IV

*Cão lyrico ladra á lua; cão philosopho aboca o melhor osso.* — Eça de Queiroz.

## V

*Cão de letras — Cachorro! Guerra Junqueiro.*

## ENVOI

*São cinco cães, sentinellas  
De bronze e papel almasso,  
De bronze para as caellas,  
De papel para o regaço.*

(Assignado) *A matilha.*

## A CASA DO CORAÇÃO

O coração tem dois quartos :  
Nelles moram, sem se ver,  
Num a Dôr, noutro o Prazer.

Quando o Prazer, no seu quarto,  
Acorda cheio de ardor,  
No seu adormece a Dôr.

Cuidado, Prazer! cautela...  
Falla e ri mais devagar,  
Não vás a Dôr acordar! ..

ANTHERO DE QUENTAL.

\* \* \*

TELEGRAMMA DO SR. LAURO SODRÉ AO MARECHAL FLORIANO, EXPEDIDO DE BELÉM DO PARÁ, EM 11 DE SETEMBRO DE 1893.

Todos os corações, sinceramente patrioticos, continuám aneando o desenlace da crise grave, que atravessa a Republica, fazendo votos ardentes para que consiga ella consolidar-se pela victoria da constituição e sabias leis democraticas, que regentam nossos destinos. Confiamos no tino, prudencia, firmeza e patriotismo acendrado do benemerito marechal Floriano Peixoto, esperando confiantes que será dominada a revolta acêsa *por uns poucos brasileiros esquecidos dos sagrados deveres impostos pela religião e amor da patria.* O Estado do Pará continúa em paz. Espero que não será perturbada a ordem, *graças aos sentimentos bons do povo paraense e á correção e conducta dos officiaes da armada, aqui estacionados, e disciplina dos corpos da guarnição federal e estadual.*

LAURO SODRÉ

Um prologo de Medeiros  
e Albuquerque

## I

Boleslau Prus, no *Pharaó*, bellissima reconstrucção romantica do Egypto de Ramsés XIII, pinta este joven soberano, depois de uma grande batalha, parado diante da Esphinge, a meditar.

Ramsés XIII agita-se. Afôga-o a angustia do futuro. Não é o mysterio que o sossobra, mas o symbolismo infernal, que a arte sagaz dos sacerdotes do Nilo havia posto na face immobilizada daquelle enigmatico monstro de pedra. Impressiona-o horrivelmente esse vulto estranho, que não é homem nem quadrupede, nem rochedo, e que, apesar disso, se impõe como um ser real pela fusão extraordinaria de todas essas qualidades contradictorias.

Que intenção haviam tido os padres egypciacos, quando fizeram fixar no granito o eterno e clandestino sorriso, que voêja no semblante da Esphinge e penetra até ás raizes da alma de quem a encára? Porque sorria o monstro com esse mesmo sorriso, que não o desertava, quer Typhon flagellasse o valle do immenso rio com os seus cavallos de fogo, quer as aguas das inundações apojassem as terras baixas, enchendo-as de fertilidade e de contentamento?

O olhar sinistro, numa alegria opaca e cristalizada, defluia do rosto do animal, que nunca conhecêra as tristezas do nada da vida humana, nem pestanejára commovido diante das inconcebiveis miserias dos povos ribeirinhos. A Esphinge sorria do mesmo feitio para as dezenove dynastias reaes, que haviam passado por aquellas regiões, e que consecutivamente se abysmaram nos areiaes, á sombra das pyramides; e mostrava-se tanto mais pavorosa, quanto o seu rosto humano era cheio de doçura e os seus seios de mulher offerciam aos transeuntes a serena sensualidade do regaço maternal.

Piedade ou calma de um immortal? Nada disto.

O que alli se vê é o sarcasmo eterno! No silencio pneumatico, que evolve o monstro, ha um pavôr colossal, que transpõe os horisontes da vida conhecida. Peior do que o homem, porque tem corpo de leão; peior do que o felino, porque tem cabeça de homem; peior do que a rocha, porque na sua rigidez, occulta uma vida mysteriosa, essa creatura satanica confunde o espectador e acaba por atiral-o, através do infinito, nos abysmos insondaveis da incondicionalidade do pensamento. Nem crueldade, nem ironia; talvez a resignação melancolica de uma divindade, que não conseguiu explicar-se aos homens.

A sciencia, ou antes a curiosidade humana, em presença dos phenomenos naturaes, parece-me bem com esse rei egypcio que pretendia interpretar o sorriso petrificado da Esphinge, movimento esse tão sacrilego como seria insensato o de tentar erguer o véo com que a jurisprudencia sacerdotal cobrira a deusa Isis.

Naquelles tempos, o egypcio parava diante da estatua, reverente, não raro assombrado, sempre confuso. Hoje, turistas inglezes sobem á cabeça do monstro, e, sem o minimo respeito, arrancam-lhe fragmentos para enriquecer as suas collecções de archeologos amadores.

Tambem naquellas éras, e ainda noutras, menos remotas, phenomenos como a electricidade, fulminavam de medo a massa dos ignorantes, e eram convertidas logo em divindades malfazejas. Hoje, porém, qualquer garoto, em Londres ou New-York, cavalga essa mesma electricidade, reduzida a commodo vehiculo ou a ginête docil, dirige-a para onde quer e bem lhe apraz; e a força bravia, agóra domesticada, obedece ao motorneiro, que não é mais nenhum bonzo, nem sinistro alchimista, e offerece-se mansa, pacifica, diligente, aos mais comeseinhos mistéres da vida quotidiana das cidades e dos campos.

Que importa que esse elemento, em si, continúe a ser esphinge para todos nós, si nos familiarisamos com elle?

Que mais temerosa esphinge do que essa força que em nós mesmos se agita e constitúe a nossa alma, a nossa propria personalidade? A alma que sentimos vibrar, de continuo, na voz, na palavra, no olhar, nas energias da vontade, nas relações da imaginação, na contenção da memoria, na penetração philosophica, nos prodigios da arte, de onde vem? como se produz?

E, todavia, quando se falla em estender estas forças; quando se pensa em dilatal-as um pouco além dos confins da vida conhecida, eis de novo o homem apavorado. A sciencia recalcitra; o espiritismo inventa o microbio psychico.

De nada valem as maravilhas da existencia. Estamos acordados? Os mosquitos zumbem-nos aos ouvidos. Esquecemos a belleza dessa machina microscopica, desse syphon alado, que nos injecta nas veias o veneno da febre amarella e nos rouba o sangue, sugando-o como a mais perfeita bomba hydraulica; e com um golpe digital o esmagamos. Adormecemos? sonhamos? O universo se transforma. Porque? Porque penetramos uma polegada na região obscura, para o lado nocturno da natureza que nos circunda.

E logo ergue-se o espectro da sciencia occulta, dando á vida motores diferentes daquelles que nos fazem

vêr, ouvir, sentir, querer, amar e obedecer ás leis que regulam a existencia humana.

Taes as considerações, que em meu espirito ia produzindo a leitura do prólogo de Medeiros e Albuquerque ao livro de Alberto Costa, *Phenomenos psychicos occultos*, publicado pela casa Garnier, quando os meus olhos cahiram sobre as singulares palavras: «*toda a idéa tende a realizar-se*».

Esta simples phrase, aliás empregada naquelle prólogo sem a menor preocupação metaphisica, fez-me, de subito, transpôr o mundo da philosophia e cahir estatelado na região do phantastico raciocinante de Edgard Poë. Lembrei-me, então, de uma passagem característica do *Eureka*, a mais philosophica das obras do excêntrico escriptor americano.

«E' obvio que o cerebro humano não pôde agir sem apoiar-se nessa sensação que se chama *Infinito*, nem deixar de seguir o phantasma da idéa.» Mas, tambem é certo, accrescenta o phantasia, que não temos o direito de affirmar ou de deixar de inferir a existencia de uma interminavel successão de mundos, de universos, mais ou menos semelhantes — *clusters of clusters*. Todavia, si taes mundos se succedem, é bem provavel que o material de que elles porventura são construidos, não possa impressionar os nossos sentidos, as nossas capacidades psychicas, e dahi o limite da nossa intelligencia.

Cada um destes mundos existirá, á parte e independentemente, *in the bosom of its proper and particular God*? Quem nos diz, que a sua influencia não se manifestará ainda um dia pela interpenetração das actividades, que nestes centros conseguiram differenciar-se?

Edgard Poë preocupava-se com a myriada dos systemas solares; com a diffusão infinita da poeira das estrellas. Os psychologistas, porém, não sentem a necessidade de acompanhá-lo nessa digressão phantastica. Cingem-se a estudar a irradiação da força psychica, ou antes, como diria Pascal, procuram augmentar os pontos de contacto da intelligencia com a esphera infinita que a circumda.

Dahi o campo intermino do desenvolvimento da sciencia e a sua segurança diante das possibilidades do universo.. Tudo é realisavel, com tanto que condicionavel ao pensamento humano. São, pois, dispensaveis as explicações extra-naturaes. O sobrenatural não existe para o philosopho.

Não ha perigo, assim, de que ao pensador moderno succeda o mesmo que succedeu a Ivan Karamazoff, o estranho personagem descripto por Dostoiewski. Admittida a possibilidade do augmento daquelles pontos de contacto, não ha mais razão para

confundil-os com a influencia de forças contrarias ou divergentes da natureza conhecida. Elle não tomará as impressões do *novo*, que se ergueu das profundezas da propria alma, como expressão concreta do DIABO.

Si, portanto, o diabo um dia appareceu na historia da humanidade e *evangelisou* as multidões com a sua presença, segundo um systema inteiro de existencias espectraes, não o fez sinão porque o homem não só possúe uma imaginação capaz de concebê-lo, mas tambem porque esse homem é dotado de força interna sufficiente para projectá-lo fóra da consciencia e dar-lhe uma especie de existencia no ambiente. Realizar esse phenomeno, consciente ou inconscientemente, constitúe outra questão. O homem é um constructor de deuses. E parece que o seu poder nesta especie conseguiu fazer-se senhor não só na transformação dos astros e dos sonhos nocturnos em mythos, mais ainda na sua cristallisação no espaço em figuras sem alma mas nem por isso menos verdadeiras.

Medeiros e Albuquerque, por ora, procura subordinar este facto á uma lei, formulada nestes termos: *Toda idéa tende a realizar-se*.

Como? pergunta o critico. «Não sabemos, responde elle. Mas si a idéa é uma força capaz de mover um dedo, no organismo de quem a produziu; capaz de produzir qualquer alteração physiologica; capaz de agir sobre a evolução do embrião no ventre materno; capaz de forçar, por suggestão mental, outro individuo a proceder de determinado modo: não ha motivo para resistir á possibilidade de que essa mesma força se materialise objectiva e realmente no espaço, em corpos tangiveis, corpos com as propriedades de todos os outros».

Por mais ardua que pareça essa hypothese, ella não repugna ao conceito que formam os psychologos modernos da actividade mental tal qual a vêem desenvolver-se no organismo humano. Essa hypothese pôde muito bem estar contida em novos ou futuros contactos da esphera dessa actividade com o mudo infinito circumjacente.

A primeira objecção que se offerece, entretanto, é de que semelhantes materialisações da idéa constituiriam uma verdadeira criação. A objecção é formidavel, maxime quando se attende ao principio de que na natureza nada se augmenta, nada se perde. E Medeiros e Albuquerque não desconhece semelhante difficuldade quando affirma a efficacia daquella lei.

«Seria preciso admittir a criação da materia, diz elle. E perguntam os incredulos anciosos: *Como se explicaria o facto de um medium fazer apparecer um corpo real, um corpo palpavel?* Antes de mais nada, cumpre arredar a pergunta. Não é possivel neste mo-

mento ter a pretensão de explicar *como* os factos se passam. Que elles são reaes, não ha duvida. Alguns espiritistas, entre outros Aksakoff, cujo livro é talvez o melhor trabalho de defeza da doutrina que abraça, são forçados a convir que muitas materialisações são produzidas por idéas que elle objectiva inconscientemente. Como? Ninguem o pôde dizer. Mas *como* se faz a realização de uma idéa da mãe no organismo do feto? *Como* se faz uma suggestão mental? *Como* se consegue uma vesicção suggestiva? *Como* se obtem um movimento voluntario? Tudo isto é ainda mysterio. Nada vale illudirmo-nos com palavras e dizer que nestes casos os factos se explicam pela transmissão de vibrações. Nada vale lembrar, como uma simples comparação, ao tratar da suggestão mental, o que succede com o telegrapho sem fio. São vagas analogias, que não explicam coisa alguma. Devéras, ninguem sabe nada. E' tão espantoso vêr o movimento voluntario de um dedo, como a apparição de um phantasma materializado?» (1)

Realmente, para quem reflecte um pouco sobre o mysterio da vida, não ha milagre maior do que o da percepção do Universo e da força da vontade — a visão de macrocosmo no microcosmo humano, e consecutiva acção e reacção. A continuidade dos phenomenos e o seu desdobramento através da actividade cerebral são coisas sobre as quaes têm esbarrado todas as explicações tentadas desde os Eleatas até os mais geniaes especuladores dos tempos modernos.

*Ibi vivimus*. E é o mais que pôde affirmar a philosophia.

Comtudo, como dizia Montaigne, «*l'homme va béant après les choses futures*»; esse movimento penetra-o cada vez mais, do desejo de enredar-se na decifração das coisas e o tráz em continuo sobresalto diante dos muros, que lhe fecham occasionalmente a interpretação dos factos.

Não lhe basta a theoria mecanica do Universo; e a sua razão, acaso embalada pelas leis de Newton e de Keppler, surge de repente espavorida, quando se lhe tenta explicar em como o movimento transformou-se em pensamento e vice-versa.

ARARIPE JUNIOR

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### CONSERVAÇÃO DA BATATA

Para conservar a batata ingleza, durante muitos mezes, devem-se, a principio, escolher todas as que estiverem

(1) *Phenomenos psychicos occultos*. Prefacio, pag. LVII.

perfeitamente sãs, e deposital-as sobre grades feitas de taquára ou bambú em um quarto, tendo o cuidado de evitar que os tubérculos se toquem. Em seguida, fecha-se, o mais possível, o quarto e accende-se fogo onde se collocam ramos verdes de modo a fazer muita fumaça. Conserva-se o quarto assim enfumaçado durante 4 ou 5 dias, fazendo de novo o fogo sempre que fôr necessario.

Tomam-se os tubérculos um a um, e collocam-se em uma caixa contendo palha miúda, tendo ainda o cuidado de fazer que elles ahi fiquem isolados. Faz-se uma segunda camada sobre a primeira, e assim por diante, até que a caixa fique cheia e coberta de uma ultima camada de palha. A caixa é então fechada.

\*\*

#### TRATAMENTO DA VARIOLA

Ha muito, já devia ter sido riscado da nomenclatura pathologica, a variola.

A vaccina de Jenner pôde nos livrar do contagio; apezar disso, ningem se vaccina e menos se revaccina. Ha a liga dos opposicionistas, dos anti-vaccinadores. Porisso, de vez em quando, apparece um caso de vaccina, e não é muito difficil que, num bello dia, se alastre uma epidemia variolica.

Estava em uso um methodo de tratamento, que parece bom, baseado no sequestro do doente a qualquer luz que não seja a vermelha.

As janellas devem ser vermelhas, as cortinas, as coberturas; tudo deve ser vermelho.

O dr. Barbary pensou que se podia fazer melhor. Elle conserva esse tratamento photophilo, isóla o doente no vermelho, mas applica tambem um medicamento antiseptico interno e externo muito methodico. Duas vezes por dia, loções com uma solução de sublimado 1/2 por mil; vaporisação de uma solução da mesma natureza, porém, mais fraca, a 1 por 4.000, sobre a face e as partes mais invadidas pela erupção; pincelagem do corpo com uma solução alcoolica de salicylato de sôda.

A medicação interna consiste em dar uma poção phenicada e um pouco de salol, addicionando quinina quando a febre fôr um tanto forte.

Como alimentação, leite, café e agua de Vichy.

Graças a estes meios, seguidos sem discrepância, os doentes curam-se rapidamente, sem suppuração e, sobretudo, o que é mais inportante, sem marca de cicatriz mais ou menos profunda.

(La Nature.)

\*\*

#### O AMMONIACO

O ammoniaco restitúe aos tecidos de sêda, a côr que tiveram perdido devido ás nódoas de fructas.

Uma colhersinha das de chá com ammoniaco, em meio litro de agua mórna, applicada com uma esponja, limpa as alfaias e tapetes, tornando mais vivas as côres. Misturado, em partes iguaes, com agua-ráz, faz desaparecer qualquer nódoa de tinta nas roupas. Si as nodoas já estiverem seccas, convém pôr a parte manchada na agua, deixando-a ahi ficar algum tempo, para amollecere antes de ser esfregada. Molham-se tantas vezes quantas fôrem necessarias, até que as nódoas desapareçam.

Usado no banho, na dóse de uma colher de sôpa, conserva a pelle fresca, clara e sem cheiro algum desagradavel.

Uma colhersinha de ammoniaco em uma chávena de chá da India, applicada com uma pequena escôva, limpa joias de ouro, dando-lhe brilho como se fôsem novas; e a mesma quantidade dentro de um copo d'agua, limpa todas as impurezas dos pentes e escôvas para cabelo.

\*\*

#### A LECITHINA

A lecithina possúe a admiravel propriedade de acelerar o desenvolvimento dos musculos e a estrutura dos ossos.

O dr. Wiley, chefe da secção de chimica do ministerio da agricultura, em Washington, realisára curiosas experiencias empregando como alimentação de varios animaes a clara de ovo. Verificou que elles cresciam rapidamente, com extraordinario desenvolvimento de musculos e de intelligencia. E o professor Shinkiski Hatai, da universidade de Chicago, repetindo as experiencias do dr. Danilevosky, verificou que ovos de rã, postos n'agua temperada com quinze centesimos de lecithina, ganhavam, em quarenta dias, trezentos por cento mais em pezo, que igual numero de ovos da mesma procedencia conservados em agua pura. O dr. Koch empregou, exclusivamente, esse genero de alimentação em cobaias e ratos. Fervendo a lecithina em agua distillada para esterilisa-la, administrou-a áquelles animaes pela bocca e em injecções hypodermicas, resultando que esses animaes, comparados com outros nutridos pelos meios ordinarios, cresciam e se desenvolviam na razão de sessenta por cento mais, sendo que a alimentação deu melhores resultados pela via digestiva.

A mais interessante conclusão das experiencias do dr. Danilevosky foi que a lecithina age sobre o cerebro, é um estimulante do sangue, onde circulam as materias primas dos ossos e dos tecidos, e as suas propriedades são as de um composto organico de phosphoro, ou, como diz o dr. Wiley—uma gordura na qual o phosphoro substitúe parte do hydrogeneo.

A clara de ovo contém grande quantidade de lecithina que se encontra tambem nas sementes, onde está depositada, como no ovo, para alimentar o embryão.

Os drs. Wiley e Maxwell procuram, com penosa investigação, saber o destino da lecithina das claras dos ovos, e chegaram a affirmação de que, durante o processo da incubação, o phosphoro organico da lecithina se transformava no phosphoro inorganico dos ossos e tecidos.

## O ALMIRANTE (10)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO VII

Quando não havia mais que devorar, saíram as mulheres, com as creanças, pendentes dos seios, enroladas em trapos sujos, com os meninos agarrados ás saias, a mendigar entre a multidão de curiosos que as rodeavam, attrahidos pela originalidade do traje e da lingua, que não entendiam, e lhes davam grandes moédas de cobre, movidos por essa piedade racional, misturada de respeito, que o estrangeiro inspira aos brasileiros.

O resto do dia foi empregado na distribuição das familias pelos quartos de senzala renovada, enquanto não occupassem as casas dos lótes concedidos com a condicção de serem remidos por uma pequena contribuição, descontada mensalmente, do salario. Era esse o meio da assegurar a permanencia do colono, radicando-o, pela propriedade, ao sólo.

Entraram em actividade as machinas. Como enormes bezouros, zumbiam serras desdobrando, em pranchões e taboas, colossaes troncos de ipê e peróba; toneladas de cannas, conduzidas por trens minusculos, estalavam esmagadas por possantes moendas; os flancos das montanhas de calcáreo, marmores de todas as côres, se fendiam ao estoirar de minas; os fórnos de cal e olaria, fumegavam dia e noite; e, em contraste com esse rumor vário, vibrante e impulsivo, nas encostas dos morros alcatifados de grama, de capim melado, pastavam rebanhos fecundados.

Com a exploração de uma bacia carbonifera, denunciada pela conformação geologica de um valle agreste e aspero, ficaria completado o plano de uma concentração industrial com todos os elementos de maravilhosa prosperidade. O dr. Sumer, alumno de uma universidade da Pennsylvania, esperava as sondas encommendadas para a exploração definitiva. E assim seriam aproveitadas as immensas ja-



zidas de ferro e manganez, aflorando á superficie dessa terra inegualavel, onde a natureza prodiga amalgamára thezoiros inexgotaveis de materia prima.

Inaugurados os trabalhos, a marquezia experimentou o colapso subsequente ás prolongadas tensões cerebraes; sentiu necessidade de repouso; pensou em regressar á Côrte, cingindo os louros de sua conquista; mas resistiu á tentação e resolveu ficar na colonia mais algum tempo até que as explorações, emprenhadas com vigor, tomassem curso normal e seguro.

O dr. Sumer lhe inspirava absoluta confiança. Activo, infatigavel, como um *yankee* puro sangue, criterioso e illustrado, seria capaz de dar conta da difficil tarefa; mas o Gião tanto ponderou á patrôa que olhos de dono naquellas circumstancias, erão imprescindiveis, que ella se dicitu a esperar o regresso de Oscar, do seu Almirante, empenhado em desenvolver o espirito com a incomparavel licção das viagens.

Para attenuar a monotonia da vida campestre, ella mandára vir a menina Hortencia, que d. Eugenia, em interessantes cartas sobre a politica e os mais notaveis acontecimentos da vida fluminense, disséra estar magrinha, como planta delicada a estiolar-se na estufa da cidade, necessitando de ar livre, de exercicio, de alimentação sadia, que lhe tonificassem o organismo franzino, fatigado pelo precóce desenvolvimento do cerebro. Era uma pilha de nervos, e a mãe receiava que ella não pudesse resistir á crise da puberdade, ao alvorecer da mulher. Demais, a conselho da professora, seria para ella muito salutar uma interrupção dos estudos, em que fizera progressos admiraveis.

Hortencia foi a nota de alegria do vetusto palacio. Ella e a marquezia saíam em longos exercicios pelo campo; galgavam montanhas; penetravam grutas; passejavam, em canôa, pelo rio que atravessava serpeando tortuoso toda a zona cultivada da fazenda; e, nesse continuo e variado *sport*, a languida Guilhermina, sempre melancolica e envolta em trajos regros, ao contacto daquella companheira, flôr em botão, desabrochando exuberante de seiva, sentia-se remoçar e volver á inolvidavel quadra da adolescencia, pensando que teria sido como Hortencia, se a não houvessem encerrado no convento; se, flôr sylvestre, a tivessem deixado no meio em que nascêra. Assaltava-lhe a magoa cruciante de recordar a mocidade, não vivida, sem liberdade, sem carinhos maternas, que a sollicita piedade das freiras jamais podêra substituir, porque a ternura daquellas senhoras, exiladas da vida, se lhe figurava, sempre um acto de caridade, que não vinha de coração amoroso, mas deter-

minado, como um dever, pelo amor de Deus. Percebêra que ellas a educavam com os mesmos impulsos humanitarios com que se sacrificariam ao cuidar de doentes no leito anonymo dos hospitaes, visando salvar a propria alma pela penitencia, pela pratica severa de uma virtude theologal, e conquistar fieis para maior gloria de seu divino Esposo. A caridade e o amor não se confundem. Um dever, mesmo elevado ao gráu de virtude, jamais prodúz a suavidade empolgante, a ternura de um sentimento espontaneo, desinteressado. E Guilhermina sentia ainda a sensação de humilhação, que lhe imprimia na alma a piedade das freiras. Saciada de gozos mundanos proporcionados pelos seus opulentos haveres, animada pela estima dos potentados, festejada pelos invejosos e elevada ao fastigio da sociedade, faltava, todavia, ao seu coração, quasi êrmo, devastado pelo impetuoso amor sensual do marido, a sensação dos carinhos espontaneos, que se não compram, nem se imitam: era adorada, não era amada como aspirára nos sonhos de mulher superior. E seria absoluta e triste a viuvez de sua alma, como fôra a sua orphandade de affectos, se Oscar lhe não orvalhára, com inninterrupta ternura de gratidão, as flôres da saudade da próle, que Deus lhe roubára cruelmente.

Ao atordoamento do esforço na concepção e na execução rapida do seu plano de redempção da lavoura, succedera a reacção. Resurgiram os habitos indolentes de mulher formosa; veio uma phase de apathia, marcada pelos fios de prata que lhe despontavam na cabelleira, de façiga moral extenuante que ella procurava combater com a companhia de Hortencia, um estimulante para os seus nervos combatidos. Ella percebia um phyltro capitoso de juventude emanando da esguia menina, de corpo flexivel, doce nas maneiras, na voz de um avelludado sonóro encantador, no magico olhar sombrio, onde a candura da infancia já se toldavam com os lampejos ou as nevoas dos vagos e proximos idéaes de moça, num mixto de graça diabrina e meiguice de anjo.

Quando esmorecia o rumor do trabalho, nas longas noites tristes do inverno, a marquezia ficava na sala do piano, rasgada de amplas janellas para o jardim; e, nesse ninho saturado das fragancias sensuaes das orchidéas em flôr, reclinadas em cestos de cipó, pendentes das arcadas, dos jasmíns deliciosos, das rosas opulentas, das exuberantes magnolias, transmittiu á menina o que aprendêra no convento, em lições intuitivas, rapidamente assimiladas; repetia com ella, ao piano, trechos de musica infantil, immorredoiras melodias anonymas, em que rutila a poesia da alma popular em

modulações puras, suaves, que gerações após gerações vão cantando saudosas.

O dr. Sumer era o mestre de linguas. Nos serões, em que vinha partilhar o chá da marquezia, falavam francez, inglez e allemão e assim passavam até dez horas. Nessa hora regimental, o americano erguia-se e saúdava com um *good-night*; Hortencia, somnolenta, seguia, a passo bambo, para o seu quarto, depois de beijar a marquezia, que ficava, ainda, debruçada á janella, em absorta attitude scismadora.

Nessas occasiões succedia ser despertada pelo Gião emergido da sombra, como se rondasse o jardim. Dava bônoite á patrôa e, com a loquacidade habitual, passava em revista os casos do dia, os episodios mais notaveis da vida da população aggreemiada na fazenda, salpicando a exposição tosca com uns tons de impressivel maledicencia e de idéas reaccionarias.

Na opinião do empedernido feitor, os taes colonos sómente serviam para comer: erão uns alarves e uns bebedos, muito malandros e rezingentos, refugando trabalho a pretexto de molestia, de não poderem supportar o sol. Além de lôrpas, erão insubordinados os *carcamanos*, obtidos com uma despeza louca, não falando das mulheres, umas porcas, escanzinadas e palradeiras. Uma turma delles, armada de machados e foices, ficára estupefacta diante da matta, onde temiam entrar com mêdo ás fêras, ás serpentes. Foi preciso empurrar-os quasi a muque. Não poderam cortar uma só arvore, dessas que os portuguezes e os pretos derribavam em alguns minutos, brincando. Homens degenerados em habitos de preguiça criminosa, qualquer esforço os extenuava. E murmuravam, descaradamente, contra o agente que os illudira com a miragem de uma Chanaan, que os seduzira a deixarem a patria, as ruas fétidas de Genova, a immundicie dos famosos canaes de Veneza, a torpeza dos bairros pobres de Napoles, para exilar-os, como condemnados, naquella paiz selvagem e bruto, onde a natureza amesquinhava e absorvia o homem.

A occupação delles, dos preconizados colonos, era pescar no rio, apanhar passaros em armadilhas e devastar, a furto, o pomar. Em menos de dois mezes da chegada daquella cáfila, a passarada fugira, já não gorgejavam pela manhã no laranjal os canóros sabiás; não havia mais fructa madura, nem caixos de vez nos bananaes, nem laranjas, nem goiabas, nem abacates: tudo desapparecêra na voragem dos tantalicos estomagos, assaltados por uma fome hereditaria de muitas gerações de mendigos e vagabundos. Não podiam tragar a carne secca e o feijão, e por isso malsinavam a excellente comida do

restaurante do Gião, um primor de fartura e tempêro, dirigido pelas mãos habéis e o delicado paladar da Colleta, egregia cosinheira de fôrno e fogão.

— Era muito mal feito — ponderava o Gião — tratar com excessos de carinhos, aquella canalha, que não tinha geito para nada e custava um dinheirão atirado fóra. Tirando-os da malandragem das cidades, ficavam como peixe fóra d'agua. Melhor seria mandal-os embóra, para libertar a fazenda de um pernicioso elemento de indisciplina e desordem. Ficariam os trabalhadores portuguezes e os pretos fôrros, cansados da vadiação ou acosados pela fome; os escravos desenganados da proxima libertação seriam sufficientes para o amanho das terras, dos gados e outros trabalhos indispensaveis. E não havia como a nossa gente, que come da nossa panella e entende a nossa lingua e adora o nosso Deus, para fazer serviço limpo a tempo e á hora. Além disso, havia, entre os colonos, uns senhores moços, uns typos de figurões de oculos, de livro debaixo do braço, vagando pelo matto, á caça de borbolêtas, bezoiros, hervas, trepadeiras e parasitas. Outros, de melenas desgrenhadas, passavam dias photographando paizagens e, durante as noites, atordoavam o juizo da gente com os guinchos estrídulos de clarinêtas, o estertor de trombones, o gêmido de violinos fanhosos, o *funfun* de samphonas, num zangarreado incessante. Havia de tudo, menos gente para o trabalho. E as mulheres?... Dessas, então, nem era bom falar. Muito preguiçosas e velhacas, ambiciosas e pedinchonas, falando pelos cotovêlos, queixavam-se por qualquer *dá-cá-aquella palha*, cheias de luxos e denguiques que, certamente, não tinham na terra dellas, a julgar pelos trapos que vestiam. Chegára o desafôro dessas harpias a não terem coragem de ensabôar os pannos dos filhos, umas porcas, que tinham horror á agua, de que, graças a Deus, era bem fornecido aquelle afortunado sitio.

A marquezia ouvia complacente as observações do Gião, exaggeradas pela má vontade á obra do progresso, contraria aos seus planos de permanecer na fazenda independente, sem superiores; ella percebia que, nō fundo, eram verdadeiras e sensatas, mas não dava o braço a torcer, nem renunciaria á obra regeneradora, que era o seu orgulho, o seu padrão de gloria.

— Um bello dia — ponderou o feitor á ultima vez que verberou a effcacia da immigração — a patrôa passará por sérios desgostos por causa dessa gente sem alma. Vivem a brigar, pucham facas e se ameaçam de morte por qualquer coisa átôa. Ah, minha rica senhora, vossaexcellencia foi lograda pelo tal agente de S. Paulo.

Isso, que ahi veio, é um rebutalho de vadios, ladrões e assassinos, verdadeiros réos de policia. Não sabem pégar numa enxada, nem jamais ouviram falar em lavoira... E' desenganar que não trabalham, nem á mão de Deus Padre, emquanto houver passarinho no matto, fructa no pomar e peixe no rio. A minha gente e os pretos são os homens com quem podemos contar. Não presta essa córja, patrôa; não presta. E a prova de que são viciosos de marca maior, é que refugam a feijoada, mas não estranharam o paraty: bebem-no como gambás.

## CAPITULO VIII

O Gião sumia-se na sombra por entre as moitas de rozeiras e camelias, contundindo com os pesados tamancos as ruas ensabradadas do grande jardim e ella ficava horas esquecidas, fitando no céu estrellado os olhos dolentes, absortos na contemplação do infinito, como se o seu espirito, evolasse em mystica viagem á região dos sonhos ephemeros, viajasse com o Oscar, companheiro do silencio e da solidão, evocado pela saudade, nas travessias de mares bravios, varridos pelas tormentas, pelos cyclones devastadores, ou de terras longiquas, paizes exóticos e barbaros, continentes mysteriosos, ilhas perdidas no vasto oceano infinito, nos quaes germinava lentamente a semente civilisadora, levada pelos aventureiros ousados, desde os pioneiros das descobertas até os modernos piratas, agentes das expansões commerciaes dos povos varonis.

Onde estaria elle áquella hora? Na ultima carta, datada de Calcutá, havia oito mezes, narrava, como homem de espirito e observador seguro, coisas e factos estranhos e pittorescos da terra dos rajhas, os milagres dos fakirs, abrogando leis naturaes, contrariando verdades fundamentaes, affirmadas pela physica e pela biologia, curiosos problemas paradoxaes a desafiarem, indecifreveis, a sciencia occidental. Dahi, com licença do governo, partira a bordo de um navio francez para Nouméa e outros sitios em ilhas esparsas, fóra da escala das linhas ordinarias de navegação, até S. Francisco da California. Essa viagem interrompêra a correspondencia mantida por cartas eruditas, cheias de interessantes narrativas, transbordantes de ternura, cartas que ella mostrava com orgulho de mãe, ao dr. Sumer.

Quanto duraria essa auzencia? Se Oscar voltasse, teria um motivo plausivel para deixar a fazenda, onde vivia, sobresaltada pelos continuos conflictos provocados pelos colonos, e muito aborrecida pelos obstaculos que, cada dia, surgiam mais infensos á sua grandiosa empreza. Tornára-se insoffrivel

aquelle viver, durante annos, accidentado de sustos, de preocupações constantes, mal attenuado pela companhia de Hortencia, demasiado jovem para lhe comprehender e mitigar o doloroso estado d'alma. Eram timidas, diminuidas ante a sua superidade as senhoras que, raramente a visitavam; não enchiam o vácuo do espirito, uma zona neutra, escura, onde ella caía em syncopes de melancolia.

Depois começava a gravitar para a realidade, considerando no rendimento quasi nullo do nucleo colonial, das enormes despezas que o Martins, seu correspondente na Côrte, lhe demonstrava em pavorosas contas-correntes. Não a impressionavam, todavia, os algarismos do capital empregado, mas a ineffcacia de seus esforços convictos, o insuccesso systematico das melhores combinações para attingir ao almejado fim de regenerar a lavoira; e doía-lhe com a intensidade de uma decepção amarga, não conseguir convencer os visinhos a adoptarem os processos de trabalho e de cultura, exhibidos de modo tão intuitivo: os resultados do arado não haviam podido supprimir o uso da enxada. A corajosa e nobre creatura estava, todavia, disposta a luctar, a exgottar os ultimos recursos de convicção para o successo de sua obra regeneradora.

(Continúa)

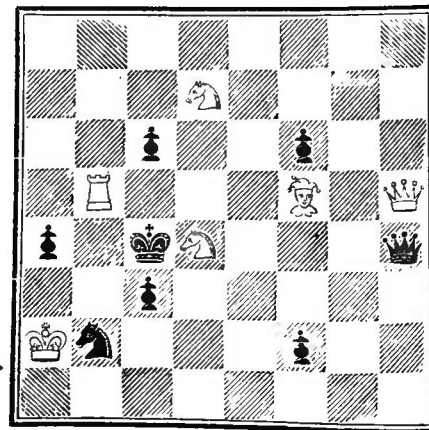
## REDACTOR CELLULAR

Na imprensa japoneza ha uma criação interessante que a faz destemida — o redactor cellular. — Esse senhor é o que aqui se chamaria — *testa de ferro*.

O unico trabalho desse personagem, no jornalismo do Japão, é se reponsabilisar pelo que os confrades façam. Por isso, ganha mais que qualquer outro, o que lhe é bastante para se indemnisar das prisões que soffra.

## DIVERSÕES

Problema N. 8



As brancas jogam mate em dois movimentos

## PROLOGO DO LIVRO DO ESPIRITO

O Espirito

Alma, filha do céo, presa na escura terra,  
Busquemos luz maior no azul que o azul encerra !

A Alma

Não, não posso attender á tua seducção ;  
O que pensas é sonho, o que crês é illusão...  
Eu não posso fugir ; tenho as azas partidas  
E preciso velar por mortes e por vidas !  
Que é que me importa sêr o agazalho da dôr  
Si pompeia na mágoa o cardo azul do amor ?  
Adeus, adeus Irmão, tu te abrazas em febre.  
E não tens um poder que essas algemas quebre !  
Vôa, vôa no azul sobre as terras e o mar,  
Torna-te estrella e luz sobre o divino altar !  
Que me importa ficar num deserto de gêlo  
Si esse céo que te attráe eu da terra hei de vê-lo ?  
E' cinzenta a manhan como um sudario griz ;  
Por cima o azul, o eterno azul, Irmão feliz !

O Espirito

A primeira saudade e as illusões primeiras  
Semêam no caminho antros de feitiçerias...  
E' preciso evitar no mal o mal maior ;  
Sêr bom é natural, é mister ser melhor !  
Ah ! porque tanto affecto e tão grande amargura  
Por quem o teu amor atira á sombra escura ?  
Captiva foste e vil ; martyr serás tambem ?  
Abre azas no espaço, abre as azas e vem !  
Porque queres morrer ? Porque serás escrava  
De quem te arrasta á morte e o teu sepulchro cava ?

A Alma

Toda a terra desperta e queimando o arreból,  
Tinge em torno os miarnéis a púrpura do sol.  
Existe alguém no mundo, Espirito-Perfeito,  
De quem sou vida e luz e sou sangue do peito !  
Prefiro me acabar doida, ardente, febril !  
A palpitar de amor deante de outro perfil !  
Si eu chorar ha de ter um sacrario o meu pranto,  
A cruz que me affligir sobre um Golgotha-santo  
Ha de florir em rosa, Espirito-Revél !  
Vôa, vôa no azul, — enganoso ouropél !

O Espirito

Liberta-te do mundo, em meu seio te abriga ;  
Deixa que volte o corpo á argilla muda e antiga...  
Não te tortures mais, não te afflijas em vão,  
Escuta a minha voz — clara voz da Razão !  
Como é triste fitar o sol e andar de joelhos,  
Como é triste ser treva ante occasos vermelhos !  
Anda commigo, vem para a altura immortal  
Donde dimana a luz e surge o vendaval !

A Alma

Soffrer é dar de si prova que a Deus contente,  
E' sêr peccado em graça, é fé na alma do crente.  
Mais ama quem mais soffre e vive, porque em fim  
Nem só de goso o amor é feito... Quanto a mim  
Fico na terra ; tu, mais ligeiro que a espuma  
Entre as estrellas sóbe, amando-as de uma em uma !

O Espirito

Quem tem azas e o pó deseja, um crime faz !  
— Adeus, Alma sem sonho, adeus, descança em paz !  
O Corvo máu da dôr, Alma, da sombra expia ;  
Descança em paz, adeus, virei buscar-te um dia !...

## O bem que podemos fazer ás creanças

## III

Pode-se discutir o fundamento das reivindicações operarias em nossa terra, mas que ellas já existem é incontestavel. Lastimo apenas que o mimetismo tão deprimente para as nossas superioridades dirigentes e que nos leva a imitar, sem maior exame, a sociedade do Velho Mundo, não houvesse escolhido outros modelos.

Porque, dentro mesmo desse temeroso problema social, que somente as vistas estreitas não descobrem a todo instante nos dias de hoje, dentro delle ha causas sagradas, que desafiam dedicações em qualquer latitude, ahi onde se encontrem duas almas boas e lucidas.

Trabalhadores intellectuaes labutam muitas vezes mais de oito horas por dia, e desse trabalho continuo e exhaustivo partem á collectividade lucros immensos, que ella nem sempre avalia bem. Esses homens, que não representam somente o braço, não têm a quem pedir que lhes limite ás oito já classicas, as horas de extenuante esforço. Soffrem calados, que a dedicação não conhece estardalhaços, e entretanto as estatisticas demonstram á sociedade o constante padecimento do proletariado intellectual em toda a parte. Tanto como elle, estão sujeitos, e dentro das officinas, a reaes infelicidades os seres fracos. E são elles as mulheres e as creanças.

Os algarismos de Pinard falam alto. Os meninos oriundos de mulheres que trabalharam até ao ultimo momento, são debeis, pesam pouco. De maneira que, para efficaz assistencia á infancia, é preciso não consentir a frequencia nas fabricas á mulher que se aproxima da maternidade.

Dir-se-ha que, desvalída e sem recursos, se váe hibernar no lar sem pão, mas é inexacta a affirmativa. Ha hoje casas, hospitaes que abrigam com o carinho maximo as creaturas naquellas condições. Já não lembrando a Misericordia, silenciosa e benemerita, prodigalizando os maiores serviços, temos agóra a Maternidade, da rua das Laranjeiras, a nobilissima instituição. Puerperas alli recebem um conforto, que falta por ventura ás mais opulentas senhoras. Porque o rigor scientifico é perfeito e inexcedivel, e os mais custosos reposteiros e as finas cobertas dos leitos absolutamente não equivallem aquella fonte innegavel de saúde.

Certos estabelecimentos desse genero, e por maiores que sejam, dentro de poucos annos não chegarão — é possível objectar. Mas, outros meios se impõem. O livro recente do dr. Pecker descreve a organisação da original «Sociedade de Manle». Compõe-se de senhoras, que, com sufficientes conhecimentos de obstetricia, acódem ás

mulheres pobres, em domicilio, de modo a que não lhes falte alguma cousa nessa hora «feita de minutos de vida e minutos de morte», consoante á phrase de Machado de Assis. E, depois, acompanham com desvêlo e sciencia a creação do novo ser.

Seja como fôr, resguardada a saúde da creança, para que ella venha á luz nas melhores condições de resistencia e de vitalidade, é de esperar que a honesta organização de outros soccorros interponha efficazes auxilios. Teremos as *crèches* — consolo da mãe necessitada, o logar onde possa deixar o seu filhinho enquanto váe ás occupaões diurnas, — e as chamadas «gottas de leite», as «consultas para lactantes», pontos em que se distribúe o alimento ás creancinhas e se ensinam as regras de hygiene

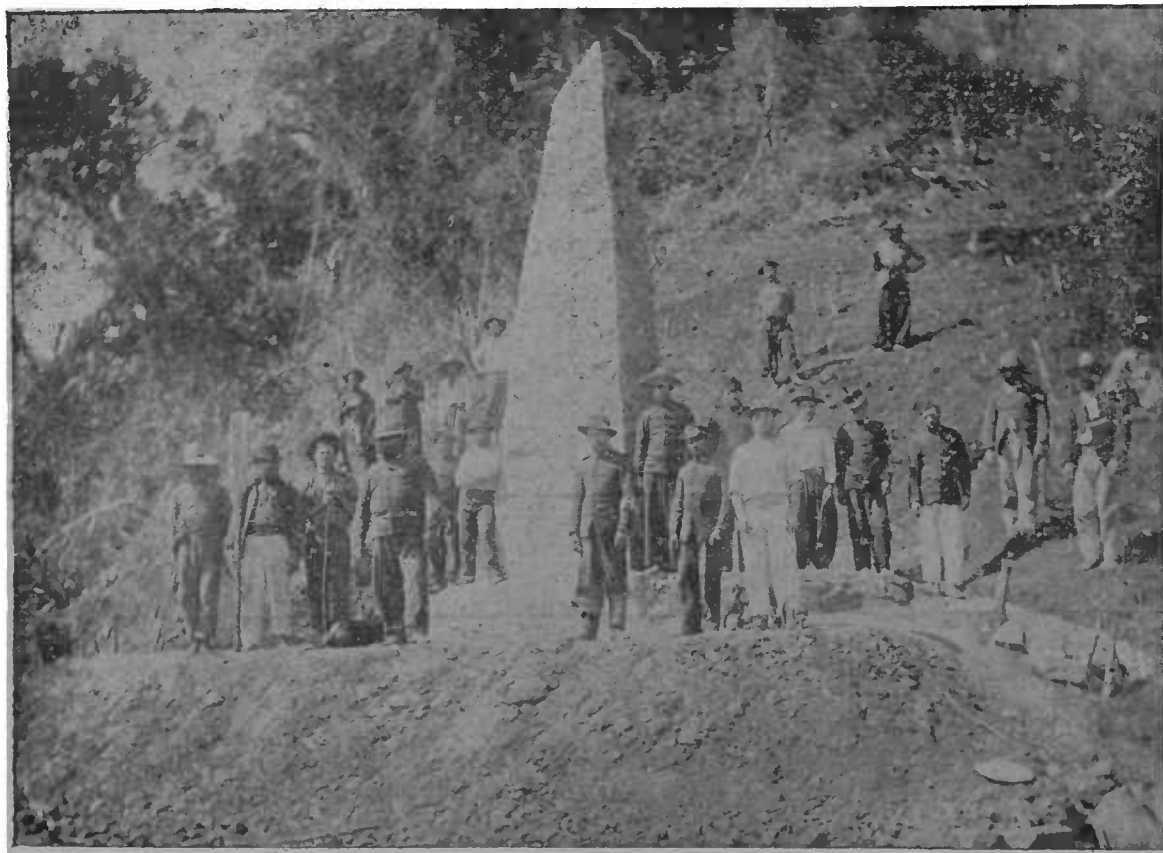
capazes de propagar a doença, o que exige desinfecção prévia rigorosa, a juizo de pessoa habilitada.

Tudo isso está indicando que ás officinas e collegios é indispensavel a fiscalisação no tocante ao contagio morbido. Essa deve ir mais além, mandando se examinar no referente á tuberculose, todos os individuos em contacto directo com os estudantes, e elles mesmo. Lei municipal a respeito já foi sancionada, se não me trahe a memoria. Pól-a em execução será inquestionavelmente um bom serviço á população infantil do Rio de Janeiro.

Nos logares em que trabalham os meninos, ha ainda a regularisar a dóse de esforço que se lhes impõe. Chasbin descreve uma forma enganadora de imbecilidade: o das creanças maltra-

Basta que o governo canalise essa onda de affecto caridoso que transbórda em nossa patria. Mas canalise com discernimento, evitando a legião de exploradores de todas as especies, que por ahí vivem, ao que parece. E' de crer que o projecto de assistencia publica, obra meditada do sr. dr. Ataulfo de Paiva, satisfaça ainda os mais esclarecidos no assumpto.

Que com a bôa vontade de cada um, todos triumphem. No dia em que partir o primeiro trem para «as colonias de férias», a riqueza dos que veranêam em Petropolis será mais brilhante e mais util. E quando as creanças dos menos favorecidos da fortuna encontrarem desde o nascimento o justo agasalho, á parte o supérfluo, dos que que nasceram opulentos, teremos ven-



O PESSOAL DA COMMISSÃO DE LIMITES, JUNTO DO MARCO BRAZILEIRO DA FÓZ DO PEPIRY-GUASSÚ

infantil. As leis de assistencia velarão tambem pelo exame das amas de leite e pela infinidade de outras providencias que todas tendem a resguardar, de sofrimento e degeneração, a tenra idade. E já temos no Rio de Janeiro utilissimos elementos para tão bella cruzada, ainda que — é bem de ver — não completos.

Carecemos de inspecção medica das escolas e das fabricas. Os estudos scientificos, revelaram que os convalescentes de algumas doenças infectuosas agudas pôdem ainda transmittil-as. Para isso os governos da Europa estabelecem um prazo fixado pelos medicos: em França o collegial só pôde frequentar a escola um mez depois de curado da diphteria. Quanto á variola, é de conhecimento banal que as crostas são

tadas, que têm pavôr de quantos se lhes approximam. A exploração d'ellas, por este ou aquelle motivo, não é facto desconhecido. Já se disse que a politica engóda aos incautos com a liberdade; com a caridade as religiões. A historia de certas casas pias da nossa terra é bem conhecida: appello ao publico, que acóde generosamente, successivo abuso dos directores, desmoralisação da obra iniciada. Confio que as leis nacionaes cercêem a possibilidade de delictos em tal direcção. Toda a pessoa que deseja felicitar as creancinhas, não deve recêar severa fiscalisação.

A republica de Platão será irrealisavel sob muitos pontos de vista, não no que é attinente á protecção da infancia.

cido os anarchistas do futuro. Já não é pouco preparar esses dias felizes. E hade ser o paiz em que não se morre de fome; que, sem delirios comiciaes e sem êmphase rhetorica, praticamente fará a proclamação dos direitos dos pobres.

DR. FERNANDES FIGUEIRA

## HOMENS E COISAS DOS ESTADOS

OS MEUS ANNOS !

I

Hoje, completo 70 annos, e antes que alguém falle disto, fallo eu, que tenho mais direito. Si é feio ter 70 annos, mais feio será negal-o.

Nasci na villa de S. João da Barra, a 3 de dezembro de 1829, dia de S. Francisco Xavier, disse minha santa mãe, e notei no meu primeiro *aide-mémoire*, quando fazia as primeiras letras. Nasci, portanto, *capixába*. Lopo após uma lei desannexou aquella villa, reunindo-a á provincia do Rio de Janeiro. Não protestei, porque má-mava.

Francisco me devia chamar, segundo a folhinha, mas João quiz meu pae que eu ficasse, em homenagem a meu padrinho João Baptista de Castro, socio do conde de S. José na fazenda *Barra-secca*, em cuja capella me alistaram christão.

Ganhei com a mudança de nome. Em pequeno, me terião chamado—Xiquinho; adiante — Xico; e agóra? Xicão!

Muita gente admira, como se vive septenta annos! Vive-se por acaso, e portentoso acaso, tratando-se de menino, como eu fui.

Para dar idéa disto, farei a resenha dos perigos que tenho vencido.

Em S. João da Barra, localiso o meu primeiro accidente. Comendo banana assada (S. Thomé), e súgando as têtas duma prêta de Angóla, adquiri volume e forças para engatinhar. Neste exercicio, finquei num dos meus dois pés uma grossa espinha de robálo, peixe do Parahiba. Tendo sido impossivel extrahil-a, ficou residindo ahi até hoje, por ventura!

De S. João da Barra, meu pae se transferiu para a cidade de Campos, com toda a familia. Alli, escapei de ficar orphão. Angelis e Regis, officiaes do exercito, intrigados com dois negociantes irmãos, (Theotônio e Victorino) tentaram matar a um destes, dando-lhe Regis um tiro de pistóla á noite; e depois quizêrão fazer o mesmo a meu pae, porque lhes moveu acção criminal. Sendo-lhe de mistér ir ao Rio, accusar a Angelis, num conselho de guerra, alli contrahiu uma affecção do peito, que o levou ás portas da tuberculose.

De Campos fômos para o Rio, via S. João da Barra; e na altura de S. Thomé, soffremos uma tempestade, que atirou por ahi além uma frota inteira de sumácas, da qual faziamos parte, salvando-se tão sómente a nossa, sem o panno, e avariada.

Do Rio, seguimos para o Ceará no paquete *Niger*, 2º commandante Amazonas; viagem cheia de mil accidentes. O Imperador tinha chegado de Minas, e se passavam as noites terróras das garrafadas, quando nos fizemos ao mar. Aportados a Pernambuco, aguardavamos navio para o Aracaty, quando chegou a noticia do 7 de abril, anarchisando-se a cidade. Havia levantes, todos os dias.

No Recife, encontrámos Pinto Ma-

deira, que foi morar com o meu pae, por amor do seu coreligionario, e pessimo amigo — Francisco Xavier de Souza, nosso companheiro de viagem, desde Campos.

Nessa comensalidade, Pinto Madeira deu ordem a dois sequazes seus, que atirassem da varanda abaixo o celebrissimo estudante. Oxalá, cacêteador, do qual minha mãe lhe havia feito queixas. Pôde salvar o desgraçado, já de roldão. Si o teem morto, iria ella para a cadeia até dissiparem-se as suspeitas de ter concorrido para o crime; pois que era a unica pessoa de autoridade, que, no momento, estava em casa.

Navegámos para o Aracaty no *Delmira*, navio de Domingos José Pereira Pacheco, e na entrada da barra estivemos segunda vez a perder-nos.

No sobrado desse ricaço, rolei do primeiro ao ultimo degráo da escada! Não morri, porque tinha de fazer os 70.

Chegámos ao Icó, assento da minha familia, (Brigido) em 1831, junho, mez, que então chamavão de S. Antonio; isto, ao mesmo tempo, que Pinto Madeira, pelo interior, chegava ao Cariry com Xavier, e còmeçavão os rumores da guerra civil. Em Dezembro, estava tudo em armas, e combatia-se. A 4 de abril de 1832, o Icó foi accommettido por 4.000 pintistas.

Toda a minha familia fugiu da villa, (embóra o rigor do inverno memorando), homens, mulheres e creanças, uns a pé, outros a cavallo com garúpas, ou gente na lú da sella.

E lá fui numa lú de sella, vadeando rios e riachos, nesse panico, aliás sem motivo. Pinto Madeira jamais consentiria que nos tocassem. Ininigo politico de meu pae, tinha minha mãe na maior estima e respeito; e quanto a mim. . . eu tinha sido o seu mimoso no Recife. Possuia ainda um bonet, que elle me havia dado, meu irmão Constantino, um chapéozinho.

Meu pae advogava nos diversos pontos da comarca. Do Icó, foi chamado ao Crato para defender os pintistas. Lá fômos, após elle, eu, minha mãe e Constantino, (meu irmão mais velho). Nos altos de S. Antonio, *coxilando* no meio duma carga, cahi, e me feri tanto no pédregulho, que fiquei em pannos de vinagre!

## II

Voltando ao Icó, fômos dalli para S. Matheus, onde meu pae enfermára, advogando uma causa contra o ferocissimo João André. Este, acabando por matar-lhe o constituinte — (José Cavalcante de Luna), ameaçava fazer-lhe o mesmo, quando foi preso, por outros crimes, e teve de chamal-o para seu advogado! Meu pae, a muito cústto, conseguiu que o não enforcassem, obtendo garantias de vida para elle, e appellação, á mercê do capitão-mór

da villa — Gonçalo Baptista, de santa memoria.

Em S. Matheus, estrepei uma virilha numa vára de espichar coiro, e quando me restabelecia, fracturei a tésta numa quina de balcão. Tanto um como outro accidente, me custou assás.

De volta ao Icó, quebrei a cabeça com uma peúrada; enterrei num canhar um prégo, que meu pae, muito a custo, arrancou; e esperneando em derredor de um pilão, deitei-o por sobre mim, perdendo os sentidos! O peor de tudo foi uma molestia, com vomitos tão pertinazes que o meu medico (um burro) me declarou condemnado. Escapei, porque tinha de ver a Republica!

Tambem, duma topada, correndo, me saltou longe, limpa e sêcca, uma unha do pé; duma canélada fracturei una tibia; finalmente passei por insistentes soffrimentos dos olhos, feridas nas fóssas nazaes e por tráz das orelhas! Por amor disto, tomei muitos *gumitorios, purgas e relaxantes*, como chamavão as velhas do Icó.

Foi em S. Matheus que entrei nas primeiras letras, forçado duma grande súrra. Tinha horror aos carrascos, que fazião de mestres naquelle tempo. Carrascos, porém, vim encontrar no Icó. Foi meu mestre um monstro — João Felipe, — velho litão, vermelho, vestindo timão e ceroilas *meia-coronha*. Empregava não só a palmatoria, mas ás vezes o bacalháu. Daquella soffri amargamente; deste escapei, porque minha bemdicta avó, na primeira crueldade, lhe passou grande descalça-deira, e me fez sahir.

Meu segundo mestre foi um ex-sargento, herculeo, e mais vermelho ainda, tomava o seu copíto, e sabia tão pouco, como o primeiro.

De palmatoria em punho, de pé, iracundo e bravejando, dava bôlos de rachar as mãos das creanças!

Do Icó nos passámos para o Quixeramobim, terra faminta, fóco de intrigas e de impáfias sertanejas; cem vezes mais atrazada, que o Icó. Ahi, fiz o meu latim. E ensinava-se igualmente a pancadas, ou bôlos; velho systema dos jesuitas: *Literæ cum sanguine intrant*. Com mêdo nada se aprende: mas aprendi, assim mesmo, para o gasto.

Nessa terra má, trilhei um pé, e por duas vezes estive a afogar-me. Levei muitas quédas de cavallo, e uma terribilissima de João-galamarte. Soffri terribes dôres de ouvidos, e arranquei a ferro, o primeiro dente. O peor de tudo foi um pleuriz, que ia dando cabo de mim. Na cura, até me queimaram, entornando umas ventosas, com a sua véla!

Acabei magro e triste. Tinha inveja aos cães!

Meio amphibio, nadador afoito e jogador de *cambapé*, eu vivia nos rios

cheios e nos pòços. Nessas vadições salvei da morte a quatro companheiros: o actual escrivão, capitão Antero; José Raymundo Façanha Filho, meu irmão Guilherme e Antonio Conselheiro. Este salvou-se ao meu pescoço, apanhado, commigo, por uma tarrafa, num pòço estreito e profundissimo. Eu, mesmo, ia-me afogando depois, saltando, por temeridade, do alto duma umuriseira, num pòço profundissimo. De outro salto, trilhei um pé.

Na secca de 1845, com 16 annos apenas, fiz a pé uma viagem de 10 leguas, ida e volta; outra de 20.

E fui rolando assim, tudo para chegar aos 70 annos, que, em se mettendo no coiro da gente, fazem tudo fender-lhe.

Em viagem de Baturité para Quixe-

Maranguape, o qual me alugára os cavallos, quiz matar-me á faca. Defendi-me com uma pessima estaca de cêrca. Teria morrido, porém, si um ex-praça, (Manoel Cigano) meu arriero, não vò a tempo de pôr outra faca aos peitos do facinora, fazendo-o recuar.

La deixandó de fazer os meus 70, por mal ouvido. Debalde, meu pae se tinha pronunciado contra a minha viagem em tal companhia. Eu lhe havia respondido: Não tenho mêdo deste cabra.

Colocado no Jardim, uma meia noite, indo a toda a brida, nos desertos do Araripe, um galho de páu metteuse-me entre a perna direita e o lóro. Dos trez, um devia quebrar-se; quebrou-se o galho, cahindo eu tambem. Tinha a curva cortada até ao ôsso, por

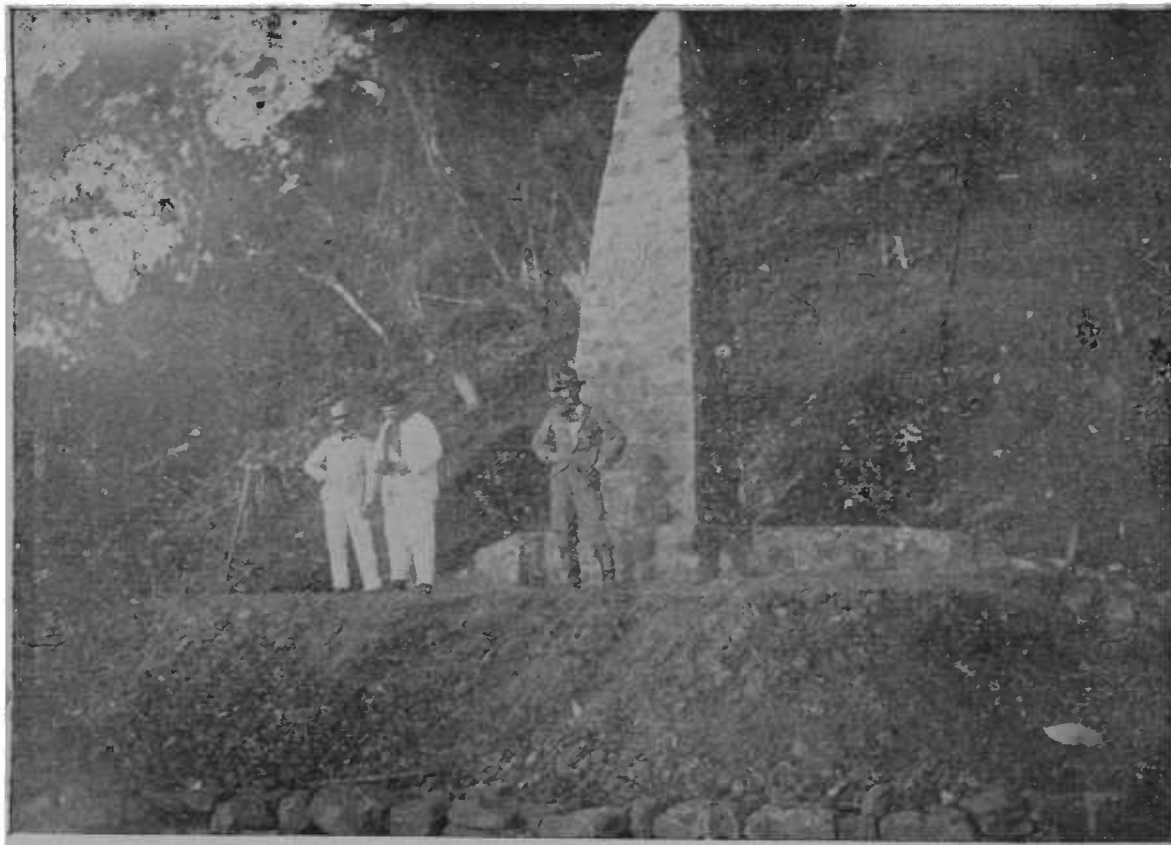
traição, porque, no instante, um amigo derribou a cacête o malvado, que me veio pelas costas. Era um negrão, especie de gigante *Galafre*, chamado Pé-de-páu.

Eu nem era mais anjinho; aos 21 tinha me casado.

#### IV

Durante minha residencia na Barbalha, fiz duas viagens, por terra, ao Recife; a primeira com 150 leguas e a segunda com cêrca de 200, tocando em Papari, junto a Natal.

Não se admirem, pois, de tanta quêda que eu dêsse. Viagens, que tenho na memoria, excedem de 5.000 leguas, um terço dellas a galópe. Remexi quasi todos os sertões do sul do



MARCO PRINCIPAL DA FÓZ DO PEPIRY-GUASSÚ

ramobim, cahio-me o cavallo, e desloquei a mão esquerda, que deixei ficar mesmo torta; por que não me fazia perder casamento.

#### III

Em 1846, viemos para esta capital, onde tive complicado sarampo. Deu-se mais o seguinte: um soldado bêbado, em furia, quiz esfaquear-me á noite, na praça do Ferreira; um páu de jangada, em banho do mar, me descadeirou para muitos dias; e na eleição de 1848, o cadête Fiusa, conhecido por — *Esporão de gallo velho*, por pouco me espêta na baioneta, no acto de despejar a igreja, dos *chimangos*. Eu era destes.

Seguindo para o Crato, um cabra gágo, facinora do Apodi, residente em

cima o coiro contundido de modo que se mettia a mão! O resto da viagem foi um tormento. Fiquei de molêtas, e um charlatão diagnosticou: ou a perna cortada, ou um aneurysma! Recalcitrei, e 15 dias depois, me encarrerei nos 70.

Na Barbalha, para onde me transferi, um coice, (num pé), me fez voltar ás molêtas. Sofri, trez annos consecutivos, uma febre maligna, que, da ultima vez, me ia fechando o caminho. Um pistolão, que eu examinava, disparou-se em frente a meus olhos, e me pôz inteiramente cêgo, e num atordamento tal, que me voltei para o lado, em que tinha outro pistolão, para disparar na cabeça; salvou-me meu irmão Cassiano, ligando-se commigo. Numa eleição de grossa pancadaria, escapei duma tijolada á

Ceará, mór parte dos do norte, e muitos do Rio-grande, Parahyba e Pernambuco até o S. Francisco em frente a Pambú da Bahia.

Na primeira ao Recife, passava o sol debaixo das legendarias oiticas, extremo da pittoresca villa do Ingá, quando me viêrão dizer que, no peadouro, entre os cavallos, estava desmedida serpente. Acompanhado de uma visita, o tenente coronel José Paulo, que com tanto lústre fez a guerra do Paraguay, corri para allí.

Era com effeito, um monstro; medía cerca de 20 palmos. Vendo-nos, quiz escapar-se. Cercamol-a, e lhe demos combate a pedradas. Eufurecida, ella se entrouxou e pôz a cabeça no alto. Mandámos fazer-lhe fogo com um BACAMARTE, e errou o tiro. Então, foi um furor, berrava como um cabrito i

Nunca tinha visto aquillo ; investi, porém, com um enorme varapáu, e tanto lhe descarreguei o golpe, como ella, desdobrando-se, vôou a mim, com um palmo de bocca escancarada !

Que susto ! Não me apanhou uma perna, porque eu lhe batêra, saltando para trás. Um sequáz de José Paulo, que, ao estampido do tiro, corrêra em procura d'elle, com outro tiro mais certo deu cabo do reptil, esmigalhando-lhe a cabeça.

No Crato, ultimo ponto, em que residi nos sertões, tive o cholera, ficando uma mumia ; tive nos ultimos tempos uma bexiga, tal qual, e uma nevralgia, que me fez arrancar o segundo dente, este com parte da gengiva ! O operador não era gente, não !

Um amigo disparou desastrosamente um revolver sobre mim, indo a bala fincar-se na parêde, um palmo acima da minha cabeça ! Quasi enlouquece de terror essa creatura, de quem me lembro com profunda saudade.

Com elle, inseparavel de mim, eu já tinha corrido perigo em 2 de agosto de 1861, no vapor *Iguarassú*, indo de encontro ao recife da barra do Natal. Tal foi o chôque, que cahiram todos, quantos iam nelle. O navio arreventou o focinho, e o metteu nagua, tendo de voltar ao ancoradouro cercado de pequenas embarcações de soccorro. A bandeira negra hasteou-se no fortim.

No decurso de 70 annos, com a minha indole e character, se passão muitas cousas. Após, finalmente, outra eleição, de Missão Velha, aborrecume aquillo, e passei-me para esta cidade da Fortaleza de Nova Bragança (1865).

De então para cá, mil cousas me têm acontecido, outros perigos e de outros generos, que contarei em dezembro de 1900. Accrescentarei somente que comecei aqui por uma invasão de febre amarella, que abortou ; fui á cama affecado duma bronchite, capaz de enthyicar a qualquer MACHACAZ ; e, por ultimo, uma dispepsia, companheira desde os 30, se declarou atritismo, gotta traçoeira, que me levou a tentar inutilmente a medicina, até que Torres Homem diagnosticou, com a sua grande autoridade.

Assim é que tenho vivido 70 annos ; assim é que não poderei chegar aos 90, como meu avó materno, Francisco de Paula Robim, mineiro, cásca grossa, bom e verdadeiro senhor, que foi, das terras do Parahyba, entre Corrego-dos-Indios e Meia-laranja, do antigo municipio de Cantagallo, ora da Magdalena.

Minha ascendencia paterna foi de menos vida. Meu bisavó João dos Santos Lopes, era um portuguez, segundo tenho verificado, de sangue berbére, casado com uma bahiana da familia de Cypriano de Almeida Barata.

O mais para 3 de dezembro de 1900. E não se afflija quem me quizer mal ; que só hei de esticar a canéla no seculo XX.

Ceará, dezembro, 1899.

JOÃO BRIGIDO.

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO

DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 2ª

CAPITULO I

OPERAÇÕES

1. Mostramos precedentemente que não mais se deve considerar os negativos como provindo de uma subtracção impossivel, operação esta que derivava da hypothese absurda que se fazia sobre um dos termos da subtracção, e que só podia ser effectuada admittindo-se que a subtracção é uma addição em que a um positivo se somma um negativo, supposição esta que a concepção de Descartes fórça a retirar da sciencia.

Vimos porque maneira essa concepção limita o campo das hypotheses, o que acarreta para a mathematica um alto gráo de racionalidade, ficando portanto livres os geometras da « obrigação de admittir indifferentemente todos as sortes de expressões quasquer que possam engendrar as combinações algebraicas (1) como determina A. Comte, porque tal obrigação decorre da irracionalidade de hypotheses que derivam de mal se interpretar a indeterminação daquelles symbolos e da confusão que se faz entre a qualidade das quantidades algebraicas e as operações de composição e de decomposição que se é levado a effectuar sobre ellas.

Mostramos que diante dos factos geometricos e mecanicos sente-se a necessidade de introduzir no calculo os negativos, afim de que a linguagem algebraica possa effizamente traduzir os factos do dominio concreto, e que partindo deste dominio, chega-se a fazer uma idéa tão clara dos negativos como se faz de um positivo, o que define perfeitamente o principio da subordinação do abstracto ao concreto.

Vimos que accetando o principio de Descartes, não com o fim de interpretar os resultados anormaes que motivaram hypotheses gratuitas, mas como uma necessidade logica imposta pela possibilidade de uma dupla solução na determinação de um ponto do espaço ou do plano, duplicidade de solução que se pode dar em muitos dominios, a *naturalidade* dos negativos se impõe, como correspondendo a uma aspiração verdadeiramente scientifica, ficando-se, pois, obrigado a retirar da mathematica a parte de mataphisica de que ainda se resente.

E' assim que ficamos habilitados a vêr em um numero negativo *uma colleção* de unidades negativas, como em um positivo reconhecemos uma colleção de unidades positivas, sendo a unidade negativa, como a positiva, uma grandeza ou quantidade negativa de valor conhecido e que serve de termo de comparação a grandezas ou quantidades da mesma especie.

Por certo que accetar por tal maneira os negativos é mais philosophico que admit-

til-as como resultados anormaes que o calculo nos apresenta, porque o calculo só *pode* conduzir a resultados taes, si de *antemão* nossas hypotheses já os encerram.

2. Feito este resumo da primeira parte, deveriamos nesta tratar das operações e problemas, conformes á nossa theoria, mas para mais clareza lembremos como actualmente se entendem as operações e como se raciocina no caso dos problemas, effectuando nós depois de exposta cada uma destas partes, as operações e problemas de *accordo* com a theoria que apresentamos.

Eis em resumo como actualmente se procede.

Supponhamos que temos de addicionar ou subtrahir dois polynomios taes como *P* e *Q*, cujos valores respectivos tenham esta

forma ;  $A - B$  e  $C - D$ .

Teremos :

$$P + Q = (A - B) + (C - D) = A - B + C + D. \quad (1)$$

$$P - Q = (A - B) - (C - D) = A - B - C - D. \quad (2)$$

O illustre Bourdon, concluiria immediatamente que « sommar um negativo é o mesmo que subtrahir o seu valor absoluto » e que subtrahir um negativo é o mesmo que sommar o seu valor absoluto » porque : 1º quando se somma  $-D$ , na expressão (1) este termo apparece no resultado com o signal  $-$  ; 2º quando se subtrah este mesmo termo na expressão (2), apparece elle no resultado com o signal  $+$ .

Dizemos que ha engano no raciocinio de Bourdon e que é facil descobrir onde está elle.

E' sabido desde a arithmetica que sommar uma differença é o mesmo que sommar o minuendo e do resultado subtrahir o subtraheudo.

Bourdon sommou uma *differença indicada*, e achou na verdade o minuendo sommodo e o subtrahendo subtrahido, o que o levou a concluir a regra para sommar um numero negativo.

Na differença indicada  $C - D$  não ha, porém, negativo de especie alguma, porque *C* e *D* são positivos, e a expressão  $C - D$  apenas diz que da quantidade positiva *C* se deve tirar o valor da outra positiva *D*.

Ha, porém, um meio de dizer que na differença  $C - D$  o subtrahendo *D* é um numero negativo, e é como temos visto que  $C - D = C + (-D)$ , foi por esta razão que Bourdon operando sobre termos positivos concluiu para termos negativos.

Neste caso, porém, o illustre mathematico cáe em um circulo vicioso, porque de posse da primeira convenção de M. Bertrand, vae estabelecer uma regra quelela propria convenção.

O mesmo diriamos para o segundo caso em que se subtrah uma differença indicada e se conclue a regra para a subtracção de negativos.

3. O illustre Comberousse, segue um caminho pouco differente.

Toma as expressões (1) e (2) :

$$P + Q = (A - B) + (C - D) = A - B + C - D \quad (1)$$

$$P - Q = (A - B) - (C - D) = A - B - C + D \quad (2)$$

e diz :

Si suppuzermos que *A* e *C* se annullam, depois dos valores numericos attribuidos ás lettras, a formula (1) dá :

$$(-B) + (-D) = -B - D = -(B + D) \quad (3)$$

A *somma* de dois numeros negativos é pois um numero negativo tendo para valor absoluto a somma dos valores absolutos dos numeros dados.

Pelas mesmas hypotheses a formula (2) dá :

$$(-B) - (-D) = -B + D \quad (4)$$

(1) Philosophia Positiva pag. 160.

A differença entre dois numeros negativos tem pois para valor absoluto a differença dos valores absolutos dos dois numeros dados, e este valor absoluto deve ser affecto do signal + ou do signal - segundo o valor absoluto do numero a subtrahir for maior ou menor.

Vê-se ao mesmo tempo pelas formulas (3) e (4) que :

Ajuntar um numero negativo é subtrahir seo valor absoluto.

Subtrahir um numero negativo é sommar seo valor absoluto.

A addição e a subtracção de dois numeros, um positivo e outro negativo, reduz-se pois respectivamente a uma subtracção e a uma addição, quando o numero positivo é o maior dos dois em valor absoluto. » (1)

Eis uma outra maneira de entender a addição e subtracção sobre as quantidades negativas.

Si as expressões  $A - B$  e  $C - D$  são differenças indicadas, temos que as  $A$  e  $B$  estão ligadas entre si por uma subtracção, dando-se o mesmo com as quantidades  $C$  e  $D$  na expressão  $C - D$ .

Na hypothese de  $A = 0$  e  $C = 0$ , ou a subtracção indicada persiste ou não persiste.

Si a subtracção persiste a expressão (1) se transformam na seguinte :

$$(0 - B) + (0 - D) = 0 - B + 0 - D = 0 - (B + D)$$

ou

$$(0 - B) + (0 - D) = 0 - (B + D) \quad (5)$$

porque tanto faz á differença entre zero e  $B$  sommar a differença entre zero e  $D$ , como o primeiro termo da igueldade (5), ou por outra, tanto faz de zero tirar  $B$  e depois de zero tirar  $D$  e sommar os resultados como logo se tirar de zero a somma ( $B + D$ ). Suppondo-se pois que a dependencia entre as quantidades  $A$  e  $B$ , como entre as quantidades  $C$  e  $D$  persiste depois da hypothese de  $A = 0$  e  $C = 0$ , vemos que se chega a um resultado incompreensivel, que apenas serve para mostrar que annullando-se os minuendos  $A$  e  $C$  naquelles dois binomios que se acham ligados por uma addição, a hypothese perdura no resultado, que nada mais é do que a differença entre a somma dos subtrahendos e a somma nulla dos minuendos.

Mas os subtrahendos  $B$  e  $D$  são positivos e sua somma tambem é positiva, e a hypothese de Comberousse não leva, portanto, á consideração alguma de negativo, como affirma este mathematico.

Si, porém, a dependencia entre as quantidades  $A$  e  $B$  como a dependencia entre as quantidades  $C$  e  $D$ , expressa pela subtracção indicada entre ellas, não persiste depois das hypotheses de  $A = 0$  e  $C = 0$ , a expressão (1) se transforma na seguinte :

$$(B) + (D) = B + D = + (B + D),$$

porque annullando-se os minuendos  $A$  e  $C$  que são positivos, os subtrahendos  $C$  e  $D$  que tambem o são, não podem por essa hypothese se transformarem em negativos.

Rigorosamente estudado, o artificio empregado por Comberousse não pode conduzir á regra para a somma das quantidades negativas, pelo simples facto de operar aquelle autor sobre quantidades exclusivamente positivas, muito embora se accete ou não, depois de nullos os minuendo, a dependencia que liga os termos de uma subtracção indicada, ou se diga que naquella hypothese, a subtracção continua ou não entre aquelles dois binomios.

(1) Comberousse, Algebra elementar, pags. 322 - 323.

Por um raciocinio identico será facil de provar que a expressão (2) tomada por Comberousse, não pôde tambem conduzir á regra para a subtracção dos negativos, porque trata da differença entre duas differenças indicadas.

E se este autor chegou a enunciar accertadamente as regras que devem presidir á addição e á subtracção entre as quantidades negativas, é porque evidentemente considerou os subtrahendos  $B$  e  $D$  negativos, ou fez a applicação do principio de Bonrdon.

O facto de se chegar a enunciados verdadeiros não deve, porém, justificar a accettazione de tal principio, porque, d'elle se fazendo emprego, só se chega a resultados certos á custa dos raciocinios os mais abstrusos, o que muito concorre para o descredito das sciencias exactas.

Ficamos nestes dois autores não só para não levar muito avante este estudo, como porque a totalidade dos algebristas usam sempre de artificios mais ou menos identicos, que entretanto podem ser facilmente desfeitos.

4. Passamos agora a tratar das operações sobre as quantidades negativas, considerando estas quantidades sob o ponto de vistas da concepção carteziana, que temos procurado restabelecer.

Tomamos, porém, em todas as operações, o caso das quantidades positivas, para melhor comprehensão das operações sobre os negativos.

#### ADDIÇÃO

#### DEFINIÇÃO

Addição algebraica é a operação que tem por fim achar a somma de duas ou mais quantidades.

Supponhamos que temos de addicionar as quantidades positivas  $+A$  e  $+B$ .

Sendo o nosso intuito sommar estas duas quantidades, é claro que o nosso resultado deve ser uma expressão algebraica que contenha todas as unidades de  $+A$  e  $+B$ .

Obtem-se em algebra a expressão que procuramos ligando as duas quantidades dadas pelo signal + que indica a addição.

Assim, temos o seguinte quadro algebrico que traduz nossa operação :

$$(+A) + (+B) \quad (1)$$

Introduzindo aqui uma simplificação decorrente de uma convenção sem importancia para os resultados, podemos passar para a expressão :

$$A + B \quad (2)$$

E' evidente que tanto faz considerar a expressão (1) como a expressão (2), e isto se traduz em algebra ligando-as pelo signal =.

Assim temos,

$$(+A) + (+B) = A + B$$

para representar finalmente o quadro algebrico de nossa operação.

Si supuzermos que existe uma quantidade positiva  $+C$  que encerra todas as unidades de  $+A$  e de  $+B$ , o que é facil de admitir, teremos em ultima instancia,

$$(+A) + (+B) = A + B = +C,$$

o que conduz á definições que anteriormente dcmos.

5. Supponhamos agora que temos de addicionar as duas quantidades negativas  $-A$  e  $-B$ .

Da mesma maneira é evidente que devemos ter para resultado uma expressão algebraica que contenha todas as unidades de  $-A$  e  $-B$ , e portanto o quadro representativo de nossa operação será a expressão

$$(-A) + (-B) \quad (3)$$

Ora, a somma de duas parcelas negativas sendo evidentemente um numero negativo, igual em valor absoluto á somma dos valores das parcelas, é clara que da expressão (3) poderemos passar para esta outra

$$-(A + B) \quad 4$$

porque esta significa um numero negativo igual á somma das parcelas dadas. Assim, teremos :

$$(-A) + (-B) = -(A + B)$$

Representando por  $-C$  a quantidade negativa que encerra todas as unidades de  $-A$  e  $-B$ , teremos finalmente :

$$(-A) + (-B) = -(A + B) = -C \quad (1)$$

D'aqui já concluímos que a somma de dois numeros negativos é um numero negativo, igual em valor absoluto á somma dos valores absolutos dos dois numeros dados, como a somma de dois numeros positivos é um numero positivo, igual em valor absoluto á somma dos valores dos numeros dados.

6. Examinemos o caso da addição de duas quantidades uma positiva e outra negativa.

Sejam  $-A$  e  $+B$  as quantidades a addicionar.

Pelas razões expostas acima, a operação se representará assim :

$$(-A) + (+B) \quad (5)$$

expressão que tambem poderá ser representada maneira

$$-A + B$$

donde teremos :

$$(-A) + (+B) = -A + B = B + (-A)$$

Esta somma não pôde ter um signal unico como actualmente se diz e como pensa o illustre Comberousse, isto é, não pôde ter o signal + quando  $B > A$ , ou o signal - quando  $B < A$ , porque não corresponde á differença  $B - A$ , a não ser que se admita que um negativo seja uma quantidade a subtrahir, o que provamos não ser possivel.

Quando naquella somma se transpõe as parcelas, o que se encontra é  $B + (-A)$  que ainda significa uma somma, o que na verdade é uma consequencia da concepção de Descartes, e não a expressa  $B - A$  que evidentemente é uma subtracção entre positivos.

Não podendo ter um unico signal, como se dá no caso de dois positivos ou de dois negativos, o caso que nos preoccupa sendo, por assim dizer o caso de uma addição hybrida, é claro que a unica coisa que se pode affirmar é que elle conduz a um resultado que tem para valor absoluto um valor igual a  $C$ .

Com effeito, desde que uma quantidade negativa é tão real como uma positiva, ficando apenas distincta desta por sua qualidade e não pelo character de subtracção que até hoje lhe tem sido attribuido, conclue-se que a somma entre  $-A$  e  $+B$  ou entre  $+A$  e  $-B$  terá para valor absoluto o mesmo valor que as sommas entre  $+A$  e  $+B$  ou entre  $-A$  e  $-B$ , isto é, um valor igual a  $C$ .

Quando se tratou de duas quantidades da mesma qualidade, a somma dellas conduzio a uma quantidade da qualidade das com-

(1) E' bom não esquecer que  $-(A + B)$  não quer dizer  $---A ---B$ , e sim  $(---A) + (---B)$ ; para se passar de  $---(A + B)$  para  $---A ---B$ , é preciso admitir a primeira convenção. Além disso  $---A ---B$  quer verdadeiramente dizer que da quantidade negativa  $---A$  se deve subtrahir a quantidade positiva  $+A$ , o que muito diverso do que caso de nos occupamos.



ponentes, no caso que nos occupa, o que se deve dizer é que a somma deve lembrar as qualidades das componentes, o que leva a adoptar-se a signal + (mais e menos) para expressão do valor da somma. Assim teremos :

$$(-A) + (+B) = -A + B = B + (-A) = +C.$$

Analysando os resultados a que chegamos, conclue-se uma regra geral para a addição de dois monomios, quer sejam da mesma *qualidade* quer de qualidades diferentes : —

*Para se sommarem dois monomios, escrevem-se seguidamente com seus proprios signaes, ligados pelo signal de addição, os monomios dados,*

Esta regra se applica naturalmente a um numero qualquer de monomios. Este modo de comprehender a addição, quer se trate de quantidades da mesma *natureza* ou *qualidade*, quer se trate de quantidades de *naturezas* diferentes, estabelece perfeita harmonia entre a addição algebraica e a addição arithmetica, no sentido de sempre trazer esta operação a idéa de augmento.

Nota. Empregamos de preferencia o termo *qualidade* ou *natureza* em lugar do termo *signal*, na expressão « quantidades da mesma ou de qualidades diversas » porque a expressão « quantidades de signaes contrarios » parece ainda lembrar a característica das quantidades negativas, que era uma subtracção subentendida.

6. Examinemos agora o caso da subtracção.

## SUBTRACÇÃO

### DEFINIÇÃO

*Subtracção algebraica é a operação que tem por fim achar a differença entre duas quantidades ou expressões algebraicas dadas.*

Supponhamos que temos de subtrahir a quantidade positiva + B da quantidade tambem positiva + A.

Nossa operação se representará assim :

$$(+A) - (+B) \quad (1)$$

por ser esta a maneira porque a algebra representa o intuito de da quantidade + A se subtrahir + B.

Pela convenção de que fizemos applicação ao caso da addição, poderemos ainda representar a operação pela forma :

$$A - B$$

Por considerações identicas ás que fizemos anteriormente, chegaremos á igualdade :

$$(+A) - (+B) = A - B$$

Chamemos *D* a quantidade que representa a differença que ha entre o valor de *A* e o valor de *B*. Como as quantidades dadas são positivas, é intuitivo que sua differença só poderá ser positiva, e portanto o signal de *D* é o signal que caracteriza as quantidades positivas.

Assim ainda poderemos escrever para ultima expressão de nossa operação o seguinte quadro algebrico.

$$(+A) - (+B) = A - B = +D$$

No caso de subtracção entre duas quantidades positivas, representada por :

$$A - B$$

só admittimos a hypothese de  $B < A$ , não só afim de que fiquemos dentro do problema da subtracção, como tambem por não admittirmos que haja sciencia capaz de ensinar os meios de se tirar de uma quantidade uma outra que lheseja superior em valor absoluto.

No caso da subtracção possivel a mathematica conduz a um resultado comprehensivel, dando-se o contrario no caso da subtracção impossivel.

De facto, seja  $A = D + B$  ou  $A > B$ , na subtracção

$$A - B$$

Substituindo *A* por seu valor, temos :

$$D + B - B = D + 0 \quad \text{ou} \\ D = D$$

que nos diz que, effectuando-se uma subtracção possivel, chega-se ao resultado de que a quantidade positiva *D* é igual a uma outra quantidade positiva cujo valor é ainda *D*.

Suppondo agora que  $B = A + D$  ou  $B > A$  e effectuando a mesma substituição, tendo de antemão admittido que naquella hypothese chega-se ao negativo  $-D$  como affirma a actual theoria, temos

$$A - (A + D) = A - A - D = -D \quad \text{ou} \\ 0 - D = -D$$

que nos diz que se effectuando uma subtracção impossivel chega-se ao resultado de se considerar uma quantidade negativa como sendo igual a uma differença entre zero e o valor absoluto dessa quantidade, resultado que até hoje tem sido entendido pelos modernos, mas que é verdadeiramente incomprehensivel. Não se comprehendendo tal resultado, se é forçado a não acceitar a hypothese de  $B > A$  e limitar a subtracção ao caso do possivel, o que é na verdade uma consequencia natural da concepção de Descartes.

7. Abordemos agora o caso em que se pretende tirar de uma quantidade negativa  $-A$  uma outra negativa  $-B$ .

Por considerações identicas ás expandidas anteriormente, a operação se indica assim :

$$(-A) - (-B) \quad (2)$$

Ter a differença entre duas quantidades negativas é o mesmo que ter uma quantidade cujo valor absoluto iguale á differença das quantidades dadas. Assim da expressão (2) poderemos passar para esta :

$$-(A - B)$$

porque esta indica uma quantidade negativa igual em valor absoluto á differença entre as quantidades negativas dadas, donde teremos :

$$(-A) - (-B) = -(A - B) \quad \text{ou ainda,}$$

$$(-A) - (-B) = -(A - B) = -D$$

representando por *D* o valor igual á differença entre os valores de *A* e *B*. (1)

Desta maneira concluímos que a differença entre duas quantidades negativas é uma quantidade negativa, como a differença entre duas positivas é uma positiva, sendo seu valor igual a differença de valores das quantidades dadas.

8. Como no caso de duas quantidades positivas, só admittimos a hypothese de  $-B < -A$ , no caso que nos occupa, não só para ficarmos de accordo com a verdadeiro objecto da subtracção, como ainda para não chegarmos a completar a tarefa mal acabada da actual theoria.

(1) Convem não esquecer que a expressão  $-(A - B)$  não quer dizer  $-A + B$  ou  $B - A$ , como vulgarmente se diz. Da expressão  $-(A - B)$  só se póde passar para  $-A + B$ , por um absurdo do emprego do parenthesis. Somente quando se tem de subtrahir de uma quantidade uma differença indicada é que a suppressão do parenthesis corresponde á subtracção do minuendo e a addição do subtrahendo. Aqui não se trata de subtrahir differença indicada alguma, e apenas a expressão  $-(A - B)$  significa uma quantidade negativa igual em valor á differença entre duas outras. Depois  $-A + B$ , já vimos, não tem um unico signal e  $-(A - B)$  tem o sinal — que na verdade lhe compete.

Quem effectua uma subtracção impossivel e diz que os negativos dali provêm, não institue uma theoria completa. Tratemos de completal-a para melhor se aquilatar de sua racionalidade.

Supponhamos que na subtracção  $(-A) - (-B)$ , seja  $-B > -A$ .

Segundo o modo porque raciocinou Benjamin para o caso dos positivos, devemos dizer : como não se pode effectuar a subtracção no sentido indicado, se é naturalmente levado a inverter os termos da subtracção, tomando o subtrahendo  $-B$  para minuendo e o minuendo  $-A$  para subtrahendo. Suppondo  $(-B) = (-A) + (-C)$  e effectuando a subtracção,  $(-A)$  subtrahendo se reduz com  $(-A)$  que é uma parte do minuendo  $(-B)$  e resta a outra parte  $-C$ .

O signal deste resto devendo sempre indicar que os termos da subtracção foram tomados em sentido contrario, deve ter o signal contrario ao signal — que tem e vir portanto affecto do signal +, o que nos dá para verdadeiro resto + C; isto é, a actual theoria se define pelas proposições seguintes :

1º *Todo numero negativo provêm da subtracção impossivel entre dois numeros positivos.*

2º *Todo numero positivo provêm da subtracção impossivel entre dois numeros negativos.*

A theoria bem estudada não pode ser mais absurda, e por isso limitamos a subtracção aos casos de possibilidde, quer se trate de positivos, quer se trate de negativos.

9. Todos os autores mathematicos apresentam os dois casos de subtracção seguintes :

1º Differença entre uma quantidade positiva e outra negativa, ou

$$(+A) - (-B);$$

2º Differença entre uma quantidade negativa e outra positiva, ou

$$(-A) - (+B);$$

e procuram a expressão que deve corresponder respectivamente a cada um destes casos.

E' assim que tomando o primeiro caso acham que,

$$(+A) - (-B) = +A + B$$

ou applicando a convenção que diz que subtrahir  $-b$  significa ajuntar  $b$ , como faz Bertrand e outros, ou pela conclusão decorrente de uma analyse falsa do caso de subtracção seguinte :

$$M - (P - R) = M - P + R$$

em que se commentte o erro de dizer que *R* (que é o subtrahendo na differença indicada  $(P - R)$ ) é um numero negativo, erro que significa que se admite ser  $(P - R) = P + (-R)$ , e que equivale a se acceitar ainda a primeira convenção de M. Bertrand.

Estes recursos extravagantes, que apenas visam chegar a um resultado intelligivel, como é  $+A + B$ , partindo-se do caso de subtracção que nos occupa, bem mostram que

$$(+A) - (-B)$$

é uma coisa que não se comprehende.

Tomando o segundo caso da subtracção entre quantidades de *naturezas* diversas acham que

$$(-A) - (+B) = -A - B$$

empregando, aliás, um raciocinio acertado, mas analysando-se bem este resultado, vê-se que elle encerra alguma coisa que concorre para que se o não acceite.

Como as quantidades positivas e negativas só differem pela *qualidade* que as caracteriza, conclue-se que se tirando da quantidade positiva + A a quantidade negativa  $-B$  chega-se a um resultado *C* que em valor absoluto é naturalmente menor do o valor absoluto de + A; da mesma maneira, se tirando da quantidade negativa  $-A$  a quantidade positiva + B chega-se ao resultado *C* que em valor absoluto é menor que  $-A$ .

E' isso, além de tudo, uma verdade reconhecida pela actual theoria das quantidades

negativas, quando se diz que «a comparação das grandezas se reduz sempre á de seus valores numericos; os signaes + e - nem uma influencia exercem sobre ella, quer se a considere em relação á sua significação abstracta, quer em relação a sua interpretação concreta.» (1)

Os dois casos de subtracção acima referidos se reduzem, pois, á subtracção entre os valores absolutos das quantidades consideradas, e no entanto, temos para resultado do primeiro caso a expressão

$$+ A + B$$

que evidentemente é maior do que  $+ A$ , ao passo que o resultado do segundo caso foi

$$- A - B$$

que evidentemente é menor do que  $- A$ , pois significa que esta quantidade está reduzida de  $B$ .

Isto nos mostra a impropriedade da suposição da existencia dos dois casos de subtracção a que nos referimos, porque verdadeiramente não se comprehende o que seja subtrahir uma quantidade positiva de uma negativa, como não se concebe o que seja subtrahir uma quantidade negativa de outra positiva. A subtracção presuppõe a addição e verdadeiramente só pode haver subtracção tendo havido antes uma addição, o que limita o problema da subtracção aos dois casos de existencia ou entre quantidades positivas, ou entre quantidades negativas, porque sendo esta operação a traducção logica do que temos chamado sentido contrario, é evidente que só pode haver decomposição tendo ja havido uma composição; isto é, para que uma quantidade decresça é preciso que ella tivesse sido gerada previamente.

No caso de

$$(+ A) - (- B)$$

em que se quer que o minuendo, ou a base  $+ A$  decresça da quantidade  $- B$ , não pode haver decomposição alguma marcada pelo valor de  $- B$ , porque não houve previamente uma composição no sentido dos negativos, que deveria ser marcada pelo valor da quantidade negativa  $- A$ .

Da mesma maneira, no caso de

$$(- A) - (+ B)$$

em que se quer que a base  $- A$  decresça da quantidade marcada pelo valor de  $+ B$ , não pode haver decomposição alguma marcada pelo valor de  $+ B$ , porque não houve antes uma composição no sentido dos positivos, que deveria ser marcada pelo valor da quantidade positiva  $+ A$ .

A subtracção entre duas quantidades positivas é um phenomeno que se comprehende, por que se reduz a tirar do minuendo positivo uma parte que elle encerra, isto é, uma quantidade positiva igual em valor ao subtrahendo positivo; da mesma maneira é comprehensivel o caso da subtracção entre duas quantidades negativas, que se reduz a se tirar do minuendo negativo uma parte que elle encerra, isto é, uma quantidade negativa marcada pelo valor do subtrahendo negativo.

No caso, porém, da subtracção entre quantidades de *qualidades* diferentes, não se pode mais comprehender esta operação, poque suppondo que de  $+ A$  se tenha de subtrahir  $- B$ , a operação se reduz a tirar do minuendo positivo  $+ A$  uma parte negativa igual em valor absoluto a  $- B$ , que evidentemente o minuendo não encerra.

O mesmo se deve dizer quanto ao caso em que se trate de  $- A$  subtrahir  $+ B$ .

10. Si se levar em conta a alta subordinação do abstracto ao concreto, é facil de reconhecer que, não se deve esperar na traducção abstracta de um phenomeno geometrico ou mecanico, por mais lata que seja a accepção em que tomarmos estes termos, que os seus elementos appareçam ligados pela relação expressa por uma subtracção entre uma quantidade positiva e uma negativa, ou vice-versa, e isto pelo caracter de continuidade que preside ás questões de que se occupa a sciencia mathematica.

O que se pode dar, e é o que sempre se tem dado, é que, na traducção abstracta de um phenomeno qualquer, se tenha de considerar uma expressão algebraica que marque a subtracção entre uma quantidade positiva ou negativa e uma diferença indicada, diferença que será sempre da mesma *natureza* da quantidade antes considerada. Ainda guiadas pela arithmetica procederemos ás transformações convenientes.

O espirito do calculo diz claramente que se póde ser levado a subtracção de uma quantidade negativa, na traducção de um phenomeno, si de antemão a questão deo lugar a uma quantidade negativa que sirva de base á subtracção, o que evidentemente faz recair no caso da subtracção entre quantidades negativas, que é na verdade uma operação possivel.

Mesmo á titulo de simples transformação, o que resulta das idéas que vamos expandindo é que si se quizesse, por exemplo, passar de um dos membros de uma igualdade para uma quantidade negativa que estivesse sommada ou subtrahida, só se poderia fazelo com proveito, si no outro membro ja houvesse uma quantidade negativa sommada ou subtrahida, o que recáe seguramente em um dos casos da subtracção ou da addição entre taes quantidade, unicos que podem aconselhar a passagem de uma quantidade de um termo para outro, com o fim de uma redução.

Vê-se, pois, que de qualquer maneira, a sciencia não comporta os dois casos de subtracção entre quantidades de *naturezas* diferentes, pelo que as retiramos deste pequeno trabalho.

TERTULIANO BARRETO,

1º Tenente de Artilharia

(*Continua*)

## ESCOLA DE BELLAS-ARTES

Na athmosphera de indiferença e hostilidade que envolve a arte nacional, é curioso observar como nascem e se desenvolvem os artistas, luctando com deficiencias de caracter primordial e a opposição do meio completamente infenso a manifestações desse caracter.

A exposição dos alumnos de Bellas-Artes, sem ser uma mostra para divertir o publico e attrahir grande concurrencia, é interessante sob diversos pontos de vista.

A secção de pintura, principalmente, em que dois mestres, os srs. Prof. Amoêdo e H. Bernardelli apresentam seus discipulos, merece especial attenção pelos methodos technicos empregados pelos alumnos na interpretação

dos differentes assumptos que lhes fôram dados para estudo.

Na galeria, destacam-se, fortemente, os alumnos de um e outro mestre, pois, não obstante alguns dos expositores serem já artistas, não fazem mais que reflectir a maneira de seus respectivos professores.

Percebe-se immediatamente entre os alumnos do sr. H. Bernardelli, o modo de encarar a technica como um meio de alcançar um fim, abandonando *vistuosismos* de pincel e visando sómente efeitos da verdade.

O sr. Lucilio de Albuquerque, seu primeiro discipulo, expõe trabalhos affirmadores de um talento de bella envergadura. Já se salientou em diversos *Salões*, onde é acarinhado pelos *connaisseurs* que o acompanham interessadamente.

«Pygmalião», seu trabalho de concurso final, julgado pela commissão tão justamente digno da medalha de ouro, é devéras notavel pelas qualidades technicas, composição plastica e sentimento artistico. Ha ainda uma cabeça de mendigo, em que a caracterisação da expressão é tão completa que mais do que um estudo, é um quadro, concorrendo tambem para este efeito a solidez da factura e a comprehensão da fôrma.

Os srs. Bevilacqua, França e Arthur Timotheo acompanham o seu collega, fazendo bôa figura.

Ha ainda as sras. Julietta Ribeiro, Georgina Andrade, os srs. Alvarenga, Manna; (não lhes importe o nome) etc, que nos fazem esperar larga mêsse de artistas em futuro pouco remoto.

Da aula do sr. Amoêdo, o sr. Rod. Chambelland é o discipulo que mais se caracteriza e que assimilando facilmente a technica do mestre, dezenha e modéla com talento, conseguindo ter maneira propria na interpretação da fôrma e da côr. Os srs. Puga Garcia, Timotheo da Costa e C. Chambelland mostram-se excellentes como coloristas, e, em busca incisiva, fazem cantar os tons claros ou fanados com uma infinita variedade de meios harmonicamente postos em pratica.

Em esculptura, o sr. Cunha e Mello, com um anno de trabalho conseguiu resultado, o que é prova de um talento plastico modelar.

A sra. Julietta de França mandanos um grupo — «le songe de l'enfant prodigue» — em que pretende acompanhar a Prodin, seu mestre, na interpretação das immutaveis leis da esthetica. Esse grupo figurou no *Salon*, de Pariz.

Nas outras secções, nada ou quasi nada ha do que falar, sendo lastimavel o abandono das aulas de architectura e gravura.

(1) Vide B. Constant, pag. 23.

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

O Congresso mineiro váe metter mãos á obra de uma reforma financeira urgente, inadiavel, na autorisada opinião do presidente do Estado das alterosas montanhas, e da qual depende a prosperidade, a felicidade dos quatro milhões de habitantes daquelle immenso torrão privilegiado, amassado de oiro e pedras preciosas, com inegalaveis campos para um amplo desenvolvimento da industria pastoril, com o barro rôxo para as plantações de café, terras uberrimas para cereaes, o trigo, todos os fructos das zonas temperadas e da zona torrida, um clima delicioso, todos os dons mais preciosos dos thezouros da Providencia, tudo quanto é essencial para que um povo floresça, progrida, cresça e se multiplique.

Uma reforma dessas, regeneradora de uma situação embaraçosa, devêra ser um ramallete de idéas, de medidas sabias, amadurecidas á estufa de um estudo paciente, de um exame scientifico dos variados e prodigiosos meios de producção, que a ubertosa terra de Tiradentes possúe em proporções extraordinarias, ou a exploração de fontes de riqueza abandonadas ou intactas. Pois não é nada disso: é uma cruel reforma de fouce e machado para uma póda desapiedada, de que serão victimas instituições, ramos de serviço publico, uma reforma de bóta-abaxio, synthetisada nos seguintes itens tenebrosos:

1º Suppressão do Senado, cuja conservação não se justifica, quando outros ramos do serviço publico, entre elles o das comarcas, têm recebido córtes.

O poder legislativo não é melhor que o judiciario; assim, diminuida a razão de justiça, de magistrados applicadores da lei, é natural e logico que se reduza o numero de fabricantes desta.

Com essa importantissima medida não somente se faz uma economia de alguns contos de reis, como se dá uma rutilante licção ao governo federal, demonstrando com factos que elle póde passar sem o senado, reduzido a um homologador passivo das deliberações da camara.

2º Reducção do numero de depu-

tados, talvez á metade, porque está verificado que, na maioria, são uns incapazes filhotes da politicagem, eleitos para fazerem jús ao subsidio, sendo reduzido o numero dos que se dedicam, conscientemente e com proveito, á causa publica.

Este capitulo da reforma tem ares de insinuação com oportunidade applicavel ao que se está passando na camara dos deputados federaes.

3º Reducção de institutos de instrucção publica, comprehendendo:

A extincção do internato do Gynasio de Barbacena;

Retirada da subvenção á faculdade livre de direito, presidida e dirigida pelo inclyto cidadão Affonso Penna, vice-presidente da Republica;

Suppressão de algumas escolas normaes; porque, para instrucção do povo mineiro, ha excesso, verdadeiro luxo, senão absurda prodigalidade, de meios de ensino: basta conservar as escolas ordinarias, anormaes.

4º Simplificação da imprensa official, que se converterá, simplesmente, em orgão de registos dos actos do governo, os quaes serão tambem reduzidos, o mais possivel, para poupar o desbarato formidavel de penna, tinta e papel. Demais, está demonstrado que os melhores governos são aquelles que nada fazem.

5º Reducção de seis contos de reis na cóngrua do presidente, porque a bóa justiça, em taes derribadas, deve começar por casa.

Houve um movimento de pavor quando se annunciou que o Presidente perpetraria o sacrificio de se reduzir a pão e laranja com um magro honorario de seis contos por anno; s. ex., porém, se apressou em tranquillisar os candidatos á presidencia, rectificando o engano.

E'ahi estão, luminosamente condensadas, as idéas capitaes da reforma, que váe reerguer a opulenta Minas dos erros das administrações passadas, dos desvarios de empresas colossaes, como esse louco, esse delirante capricho de construir uma capital elegante na risonha planicie do Curral d'el-rei, uma cidade com todos os luxos da civilização e da arte para substituir o velho agrupamento de casas, agarradas ás aréas de alcantis, dispostas em ruas tortuosas, de altos e baixos, com escadarias gigantescas, ladeiras mortificantes, verdadeiras vias dolorosas, como

essa velha e pittoresca Ouro Preto, cheia de tradições gloriosas, de paginas de historia, de recordações patrioticas, assente em lagédos de oiro.

Ha dias escrevemos sobre o sr. Nilo Peçanha, como Moysés, arrancando jorros d'agua do coração da rocha bruta; hoje, veio-nos á penna, como um contraste lamentavel o sr. Francisco Salles, na attitude mesquinha de um millionario forreta, como um Aladino sem a lampada prodigiosa, a mendigar meia pataca para um pão que atóche um estomago atribulado.

E' incrível, mas é dolorosissima verdade: Minas, a mais fulgurante estrella da constellação federal, Minas, a mais rica terra do Brazil e do mundo, está pela voz lamentosa de seu presidente, está gritando—Aqui d'el-rei—como se abeirasse, com os seus filões de oiro, os seus diamantes purissimos, os seus rebanhos fecundos, os seus thezouros de Pomona, as suas inexgotaveis jazidas de ferro, os seus morros de manganez, ao pavoroso abysmo da fallencia. A riquissima, a exuberante Minas, com os seus quatro milhões de almas bóas, de rigissima tempera, chegou á triste contingencia de perpetrar economias de gravêtos, de reduzir a razão de toicinho da sua patriarchal feijôada, de contar-lhe pela metade os saborosos grãos negros, as folhas de couve, a farinha, o fubá, pois tanto importa fechar as escolas, decepar um dos galhos do poder legislativo e praticar outras mutilações barbaras, somente justificaveis como remedio heroico, administrado com os santos oleos da extrema uncção.

Tenha a santa paciencia o honrado Presidente: essas ridiculas medidas inuteis denotam que o seu Estado entrou no regimen de finança de miseria; traduzem impatriotica denuncia de exgotamento que, talvez, seja effeito da hallucinação, da phantasia decadente dos que teem preguiça de pensar, de estudar, e não ousam, esmagados pela fatalidade da inercia, romper com a rotina, que já deu tudo, todos os erros, todas as obstrucções, os desfalecimentos, resultantes dos desvarios do terrivel panico da incapacidade.

Quem conhece, mesmo por informação vaga, a potencia productiva do portentoso sólo mineiro, a indole do seu povo sóbrio e amigo do trabalho, não póde acreditar que tenha soado para elle a hora do desastre. Ninguem póde

conceber que um administrador, em-bóra myope, não encontre meios de augmentar a renda : ninguém acredita que se tenham esterilizado as prodigiosas fontes de producção do nobre Estado de Minas Geraes, forçado por esse golpe do destino a vender prata de casa, a reduzir despesas, que são elementos de progresso, como as feitas com a instrucção publica.

E o progresso, em nossos dias, na sua marcha victoriosa, guiado pelas sciencias, pelas industrias, custa caro: os povos modernos não podem prescindir dos meios que outros conquistaram por um processo secular.

Dar-se-á que Minas, além de exgotados os seus recursos materiaes, esteja em penuria de elementos mentaes, quando ella conta entre os seus filhos illustres, espiritos de primor, homens aparelhados com fartos subsidios de sciencia e patriotismo para a arte de fazer a felicidade dos povos, homens como David Campista, Estevão Lobo, Gastão da Cunha ?

Quando o actual Presidente de Minas era apenas candidato ao honroso cargo, uma Sybilla de má sorte amolou, durante muito tempo, a paciencia dos leitores do *Formal do Commercio*, com uma enfezada mofoina, em que se attribuia a s. ex. o papel de *coveiro* do Estado.

Estar-se-á realizando o vaticinio da funesta Sybilla ?

POJUCAN.

## CONTO DO NATAL

Ha-de passar talvez das onze horas. A noite afinal pôz-se serena, não bóle vento, as solidões escutam...—é como se a terra inteira estivesse á espreita d'ouvir tocar o sino para a missa. Pela estrada que passa entre Villa de Frades e Vidigueira, vem descendo uma velha arrumada ao seu bordão de pobresinha. O rastejo dos passos dir-me-hia por ventura a idade della: o luaceiro, entanto, nuverinhado em céo de bruma, apenas deixa aperceber a silhueta curvada para a terra, com um pedaço de manta sobre os hombros, o sacco ás costas, e as canellas sem meias, entapadas em ligaduras repellentes. Ao pé da ponte a mulher pára. Por detrás daquelles choupos, lá em baixo, á beira rio, havia noutro tempo um forno de tijollo, agóra pelo inverno abandonado. Ella adeanta-se, procura... A estrada passa d'alto, ladeada d'acacias e eucalyptus. E, de redor, nos plainos baixos, as escavações do barro espapam-se nas aguas da cheia, em lugubres lameiros, cujo hervançum dá residencia a uma colonia rouca de sapos.

A velha estende o bordão para a barreira, procurando vereda num chão

firme, em cujo barro os seus pobres sapatos rotos não mergulhem.

Máu grado o embrutecimento da idade, o frio, a fome, e o desejo d'amosendar para alli, no fôrno de tijollo, longe das apupadas dos cães e dos rapazes, uma nostalgia poetica ergue-lhe a vista, e então recorda-se, e quer circumvagar os seus cançados olhos para o largo. E' uma esqueletica pay-sagem de dezembro, núa e cançada, quando já a natureza se alquébra toda em desalentos, e os troncos das arvores parece que estrebucham, como os famintos de Londres, numa bebedeira d'odio, truculenta. No primeiro plano ha terras de vinha, olivaes muito negros, e colinas redondas com moinhos. Para as bandas da Vidigueira risca a neblina um traço negro, que deve ser a torre do relógio—depois, á direita, uma mancha de cal, o cemiterio. Lentamente, á medida que o raio de visão se prolonga no horisonte, os outeiros complicam-se, as fórmias perdem sua delineação traço por traço, e toda a cordilheira dir-se-hia pintada numa successão de pannos de theatro, a cinza claro, e gradações mais e mais desvanecidas.

Oh que socego! Uma divina essencia, abstracta. ethérea, vem oscular as urzes e as levadas. Do seio das negridões, de quando em quando, brotam suspeitas de fórmias vagabundas, a branco cinza: esboços de sonhos, almas erraticas que debandam, noitibós que se acolhem, friorentos na noite, ás pedras das ruinas. Vem um accorde triste dos cardos seccos d'á margem dos alquêves, dos pilriteiros sem folhas, e dos zambujos frugaes das ribanceiras. E as aguas do ribeiro trôam nas pedras, por entre as cannas e os choupos, cujas varas se esfalripam nos ares, tísticas e brancas, com um ou outro côrvo por folhagem.

Da outra banda são semicirculos de terras e valados, com freixos altos em silhueta no tom madreperola da lua, e alternativas de negro e zonas claras, que dir-se-hiam feitas num desenho a carvão, com lapis prateado.

Todas aquellas brancuras veem do extremo horisonte aos olhos da mendiga, por suspeitas, desagregadas das fórmias, abstrahidas do resto da pay-sagem, e todas poderiam interpretar-se como effeitos de neve, de luar, d'agua dormente, tanto a neblina enche de phantasmagorias a noite, e presta uma alma incoherente áquella scenographia deballada.

\* \* \*

Ha, porém, no sopé daquelles montes um ponto que a velha anciosamente procura. E' o pequenino convento de capuchos que alveja da banda de Villa de Frades, derrocado, entre oliveiras. Lá corre o muro da cêrca, té se perder

num grupo de cyprestes. Naquella cêrca, já depois de profanado o conventinho, era antigamente o cemiterio: um cemiteriosinho d'aldeia, com malmequeres e figueiras bravas, craneos á solta, e nenhuma cruz ou mausoléo commemorando a jazida de qualquer. Alli repousam os parentes e amigos da pedinte, paes e irmãos, filhos e netos: só ella, errante de povo em povo, sem um affecto que a proteja, sem uma bocca amiga que a consôle, váe pelo mundo a mendigar de porta em porta!

Vinte e dois annos passaram depois que ella abalou da sua terra, e quatro ou cinco vezes lhe succedeu passar alli como estrangeira, com os olhos no chão, corrida de vergonha, vendo a igreja aberta e tendo medo d'entrar, passando ao rez-véz das casas ricas, e arreceando-se de pedir esmola á creadagem: e depois ao toque das trindades, noite fechada, detendo-se a escutar de longe os conhecidos rumores do logarejo. Oh, essa chafranafra da volta do trabalho, com guizadas de mulas tintinando, estrupidas de carros desferrados, e as bôas noites trocadas, os cavadores cantando em côro pelos caminhos, a crepitação da lenha das lareiras—e depois no bôccal das fontes, o mulherio que pousa os cantaros, e entre risotas commenta as picarescas historias da semana!

E' quando numa melancholia doce o dia morre, e grandes nuvens esmagam no poente as vermelhidões crepusculares. E' quando uma exalação envolve as cúpulas das arvores, e das terras molhadas, claridades ephemerias phosphorejam, e uma vóz corre e suspira á flôr das hervas.

Pois acabou-se, acabou-se! E a triste da mulher desce a barreira, aggredida por tudo, as recordações, a noite, o frio, a fome. Não, não repousará entre os demais, no pobre cemiterio da sua aldeia, em que avoêjam corujas e francêlhos: a casa onde nasceu foi demolida: arrancaram a vinha que o marido plantára, ha cincoenta annos, com sollicitudes de bom cultivador: e ninguém na villa já se recorda da Josepha, a viuva do Pratas, mãe duma filha bonita que anda agóra nas feiras, de cigarro, e passa o inverno em braços de soldados, numa viella infame d'Estremóz. Ao acercarse do fôrno, uma claridade viva a surprehende. O alpendre ficava do outro lado, numa descachida brusca do monticulo, e alli está gente, ha fallas de homem... —ai pobre velha! aonde ha-de ella ir passar a noite áquella hora?

Por um momento ainda ella faz um passo para costear o fôrno, e ir pedir agasalho á fogueira de quem quer se acoite no telheiro. Mas, logo em seguida reflecte. Que qualidade de gente será? Recebel-a-hão com caridade? Um vago terror se apossa dos seus

membros: pé ante pé busca afastar-se. Mas, como tem as pernas e os braços regelados! Um torpor lhe paralyza os movimentos, anestesia-lhe os dedos, e peza-lhe nas palpebras com somnolencias de chumbo. Nos campos paira um socego terrivel e perverso, em cuja abobada se respondem os latidos dos cães, pelas malhadas. A geada branquêa o alquêve das courellas, queima os favaes. E a claridade no alpendre é cada vez mais confortante, milhares de faúlhas sobem pelos ares, na fumarada da lenha humida d'oliveira, que estála é arde em flammasi-nhas rapidas e alegres. Ella então cede, resolvida a entrar na zona illuminada, e a pedir agasalho aos forasteiros que a anteciparam.

Chegára quasi á bocca do telheiro, occulta ainda por trás dum grupo d'arvores, perto do rio— quando, de repente, estruge um grito largo, começado em surdina, e saccudido depois em phreneticas uivadas, com uma expressão de soffrer dilacerante.

7

\* \*

Ao primeiro berro, um homem que estava acororado por deante da fogueira, salta de golpe, e fica um instante seccado, á escuta da noite, bebendo os rumores do largo, enquanto desenróla a cinta da cintura. Aquelle berro, a velha conhece-o, é horrivel e terno, angustioso e deliciado, e toda a mulher que o solte, principia esposa e acaba mãe.

Havia, pois, no alpendre uma parturiente a reclamar os seus cuidados. O desejo da velha era correr, mas do seu canto de sombra a pobre hesita, vendo o homem girar pelo telheiro a passos furiosos, ir, voltar, acachapar-se instantes sobre o vulto que bóle lá no fundo do alpendre, em estremeções afflictos: e enfim, jurar, bramar, ordenar-lhe silencio, prometter-lhe pancada, exasperado cada vez mais, por aquella algazarra que póde deitar tudo a perder.

Ha um momento em que elles cuidam ouvir um murmúrio de rodas, afastado, talvez uma sege que passa, levando alguém á missa de Natal. Aqui a raiva do homem não conhece limites, e eil-o corre á mulher de punho armado, prestes a dar-lhe, caso prosiga o berreiro escandaloso. Vem, com effeito, na estrada uma berlinda, com guizadas nas mulas, e vermelhidos de lanternas entre as arvores. E o homem precipita-se, enclavinha os polegares assassinos sobre a garganta da mulher.

— Calas-te ou morres!

E a sua voz surda, pequena, sacudida, humilde quasi, vem explosindo e crescendo, té bravejar num rouquejo de colera exhaustinada.

— Cala-te, diabo! Cala-te estaferno! A mãe, coitada, mal póde estran-

gular os urros que a expulsão lhe arranca, em dôes medonhas, como se trinta mãos brutaes lhe estivessem arrancando as visceras, ligamento a ligamento. Já a berlinda passa, ao trote rapido das suas quatro mulas hespanholas. um ou outro côrvo solta nas faias o seu grasnido estremunhado, e outra vez a paysagem fica muda, entre as brumas e as sombras, o fragor da ribeira, e a uivada dos cães pelos curraes. E' esse o instante da mendiga fazer um passo, abandonando o circulo de sombra, prestes a dar-se, toda cheia de celestes compaixões por essa misera mulher que a desgraça forçou a vir parir numa ruina, sem ao menos ter a aquental-a, como a Virgem, o halito da vacca e da jumenta, e as sollicitudes idéaes do carpinteiro.

Mas, tudo aquillo é rapido e fugace. Os gritos da mulher tinham cessado: lento e sinistro, o homem voltára a acorar-se perto da fogueira, com uma expressão de camponio perverso, meia animal, meia humana, onde o brilho dos olhos punha uma sagacidade extraordinaria. Elle despira a jaquêta, tem as mangas da camisola arregaçadas, as mãos sujas de sangue...

— E' rapariga ou rapaz? — disse a mulher.

Elle estivera algum tempo a ligar-lhe co'a cinta o ventre dolorido: não retrucou. Déra na torre da Vidigueira a meia noite, e em Villa de Frades logo começou a tocar para a missa do gallo. O cerraceiro morrêra pelos campos, e as cumiadas do céu, azues e vastas, refulgiam d'estrellas e luar. Mas, nem por isso a paisagem tinha ficado cristallina. Coisas opacas brotavam dos terrenos, fórmis dormentes, que pareciam vaguear nas ouviéllas molles dos farejaes.

Perto, nos choupos, havia gestos d'angustia e imploração: sahiam vózes da agua, preguiçosas e mysticas como threnos, e certas troncagens tinham expressões humanas na noite, que perturbavam de morte o arregaçado.

Outra vez, então aquelle homem se ergueu com modos lentos, veio escutar. Os sapos tinham-se, afinal, calado nos algares, pairavam no socego as azas aphonas dos mochos, dando espiraes de roda ao fôrno de tijollo. E' máu grado o frio, aquella noite de Natal vinha suave, com poucas côres mas delicadas, e cambiantes de céu, que o vento uma após outra, transmutava.

— Dá-me a creança, disse a mulher... Quero-lhe dar mama, não me morra de frio a pobresinha!

Elle tinha nas mãos o pequeno ensanguentado, que vagia de frio, conjugando os beicitos numa succão d'instincto, que devêra ter feito sorrir d'enternecido um outro pae. E' sahiu do telheiro, o pequeno pendente da manápola, o cenho tórvo, o ar faccinoroso.

A velha, vendo-o, estendêra-lhe os braços do seu canto: e elle vagueou assim por aqui, por lém, entre os troncos das faias e os silvados, atascados na lama, mas sem poder estar quiêto em parte alguma, e como se pela marcha desse vasante ao phrenesi mental que o devorava.

Havia á beira d'agua, um pedregulho. Elle deteve-se. Instantaneamente a sua cara envelhecêra, leques de rugas radiavam-lhe dos cantos das palpebras, sobre a pelle da testa e da faceira, e a livida bocca, agóra secca, supplice quasi, tinha sombras d'angustia ás commissuras, e convulsivos tremores nos beiços desbotados.

Mais uma vez, lançou a vista ao de redor, numa suspeita atróz de o estarem vendo, e ergueu o braço, com o pequeno seguro pelos pés, como um coelho... Porém a luz do luar incommodava-o.

Tornára para trás, desalentado, furibundo comsigo, e resmungando alto imprecações. Mas, veio-lhe de repente uma venêta, e bruscamente, com um resfolegar de bezerro, escavacou o pequeno contra a rocha. A pancada déra na pedra um som de melancia pôdre, esborrachada em surdina, bassa e turgente. Foi um momento aquillo, e todas as coisas voltaram ao extasi hibernal de instantes antes.

O homem ainda esteve curvado um pouco de tempo, sobre os atasqueiros glacidados do rio— uma solemnidade pairava ao fundo do espaço— té que afinal sahiu das hervas, com o cadaver suspenso pelos pés, todo sangrento, um cadaversinho d'infante recém-nado, roliço e rôxo, cuja boquilha ria d'innocencia, e cuja alma devêra estar-se incorporando áquella hora no cortejo d'eleitos, que todos os annos vem, com o menino Deus, refazer na crença dos simples, a suavissima lenda do Natal.

FIALHO D'ALMEIDA

### A SERPENTE

Deixa a serpe rasteira o covil e caminha  
Rojando-se no chão, immunda e traiçoeira,  
A' procura da presa incauta em que mesquinha  
Imprima, em sello abjecto, a dentada cer-teira.

Lambe-lhe o corpo o sólo e, em sinuosa  
linha,  
Subtil como um ladrão, entre as folhas se  
abeira  
Da estrada, e, ennovellando o corpo, mais  
definha  
A cada movimento a entidade rasteira.

Um passaro que andou pelo espaço vibrando  
As notas de cristal da limpida garganta  
Veio á fonte, e o sorveu aquelle cáos nefando.

E a ave que, voando ao céu, conversára com  
os astros,  
A ave por quem saudoso um mundo de aves  
canta,  
Não pode se livrar de quem anda de rastros.

VIRGILIO BARBOSA.

## A Escola Litteraria do Recife

NO ULTIMO QUARTEL DO SECULO IX

(Carta aberta a Arthur Orlando)

A leitura de duas publicações, ultimamente feitas em Pernambuco (*A Cultura Academica*, — numero consagrado a Martins Junior, e *Memoria Historica da Faculdade do Recife* — no anno de 1903 —) publicações, aliás, excellentes, e por isso mesmo que o são, a leitura dellas causou-me algum desgosto, sob o ponto de vista que te vou indicar.

Se se tratasse de qualquer dessas babuzeiras que diariamente sahem á luz no Rio de Janeiro, nas quaes o desconhecimento de nossas luctas ahí do norte é completo, eu não me abalançaria a protestar, como o vou fazer nas presentes linhas que te peço sejam publicadas no *Diario*, sendo, porém, coisa vinda do Recife, o caso muda muito de figura.

Por cinco vezes diversas, tenho historiado, ora mais, ora menos amplamente, o que eu mesmo denominei a *Escola Litteraria do Recife*, e foi na *Philosophia no Brazil*, na *Litteratura brasileira e a Critica Moderna*, no ensaio — *A Prioridade de Pernambuco em movimento espirital Brasileiro*, na *Historia da Litteratura Brasileira* e no livro sobre *Machado de Assis*.

As trez phases dessa escola, nomeadamente na *Historia da Litteratura* (2ª edição, 2º vol. de pags. 461 a 476), estão perfeitamente determinadas, e indicados, com a maior amplitude, os nomes dos respectivos combatentes.

Notó, entretanto, nas publicações a que me refiro, o claro proposito de se alludir ao periodo *condoreiro* (1863—68), bifar o notabilissimo periodo de *reação* contra o *romantismo*, *condoreiro* ou não, contra o *eclectismo* de Cousin, phase da *predica de novos ideaes litterarios e scientificos*, periodo que bem merece o nome de *critico-philosophico* (1868—76) e dar um púlco para a terceira phase (1882 em diante até aos dias proximos)...

Ora, isto é uma falsificação injustificavel dos factos.

E' bem verdade o dizer-se ser a historia que mais se desconhece a que fica mais proxima ao tempo em que se vive; porque nem é a velha historia que já anda escripta, nem é a actual a que se está a assistir... E' exactamente o que se dá com o que eu e Tobias Barreto e varios companheiros praticámos ahí em Pernambuco, — de 1868 a 1876, váe por perto de quarenta annos.

Cá no Rio de Janeiro — os inimigos delle não lhe falam no nome, e os meus ou não referem o meu, ou, se o referem, é para dizer as maiores barbari-

dades. — Fazem-me mais moço do que aquelle amigo vinte ou trinta annos; mettem-me no numero dos seus alumnos na Faculdade do Recife; baralham os factos; confundem as idéas, com o maior desconhecimento da natureza e indole das doutrinas diversas que andámos sempre a sustentar. Ora, a verdade é a seguinte, como já tenho affirmado muitas vezes: Tobias me precedeu em Pernambuco pura e simplesmente nos cinco annos de sua *acção poetica, primeira phase da escola do Recife*, ou *periodo condoreiro* (1863—68). A datar de 1868 em diante, sendo elle ainda alumno da Faculdade e eu tambem, é que se iniciou a *segunda phase da escola*, ou *periodo critico-philosophico*. Ahí nós fomos companheiros: *Nos fuimus simul in Garlandia*. No primeiro periodo teve por auxiliares ou rivaes, a Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior e outros de menor vulto. No segundo, teve-me a mim, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Pereira Lagos, Generino dos Santos, Inglez de Souza, e outros menos conhecidos. Em 1871, retirou-se para a Escada sem descontinuar, é certo, as luctas. Eu fiquei; e só em 1876, é que deixei o Recife, após oito annos de polemicas constantes.

Em 1882, quando já era eu no Rio de Janeiro lente do Gymnasio Nacional, é que foi iniciada a *terceira phase da escola do Recife* ou *periodo juridico-philosophico*. Já então estava d'alli ausente; mas fui um precursor do movimento, com a minha defesa de theses, em 1875, especialmente com a *dissertação*, na qual já largamente caracterisava os novos horisontes do direito e pregava a sua *intuição evolucionista*, citando um trecho de von Ihering — da *Lucta pelo Direito*, — aspiração que veio a ser, mais tarde, uma realidade com o concurso, lições e escriptos de Tobias, nos ultimos annos de sua vida.

Os actores, então, além do grande sergipano, fôram José Hygino, João Vieira, e logo após — Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando, Martins Junior, França Pereira, Theotonio Freire, João Freitas, Phaelante da Camara e outros. Lembro estes factos, porque a terceira phase da escola não se comprehende sem a segunda; e erroneo é o criterio do meu querido amigo Phaelante e dos escriptores da *Cultura academica*, quando saltam para essa terceira phase (1882 em diante), sem levar em linha de conta os annos intermedios, nos quaes se operou a passagem do *ultra-romantismo* de Hugo e do *eclectismo* de Cousin — para as modernas idéas, de que as professadas de 1882 em vantê não passaram de natural desdobraimento. Em que pése a quem quer que seja, não estou disposto a deixar ser bifado o meu logar na historia intellectual brasileira. E' mistér descriminar os periodos da es-

cola e determinar o quinhão de cada um dos obreiros nas lides espirituas.

Tobias influiu sobre todos que trabalharam a seu lado, nas trez phases de sua vida, pelo *espirito de reacção*, pela *intuição critica*, pelo *temperamento de lucta*, e não por um complexo de idéas feitas, reduzidas a systema.

D'est'arte, eu, por exemplo, sendo sempre muito amigo e muito admirador seu, sempre estive separado delle nas doutrinas mais sérias. Em *poesia* — elle foi pelo *romantismo de Hugo*; eu — pelo *scientificismo*, seguido mais tarde por Martins Junior, e contra o romantismo, que ataquei com força. Em *critica litteraria* — elle foi pelo *allemanismo*, como cousa a *ser imitada* pelos brasileiros; eu — do *allemanismo* só accetava a *influencia historica da raça germanica* e o seu *espirito critico*. Elle era em letras preferentemente pelos assumptos estrangeiros; eu pelos *nacionaes*. Elle desdenhava da *poesia popular* e da *ethnographia*, como base das producções quaesquer dos povos; eu atirava-me a *ambas*, como bases para a *compreensão da vida nacional*. Em *critica historica* — eu era por Buckle; elle não era sectario deste grande inglez. Em *philosophia* — eu fui, depois de procurar um caminho seguro, por Herbert Spencer; Tobias não admirava este notavel genio, ao qual antepunha Hæckel e Noiré, depois de haver passado por Vacherot, Schopenhauer e Hartmann. Em *philosophia do direito*, elle foi pelo *transformismo hæckeliano* e *monismo noiérista* em toda a linha; eu — por uma concepção mais aproximada de Spencer e S. Maine. Finalmente, não admittia elle a *psychologia* e a *sociologia* como sciencias, no que, desde muito cedo, não o pude acompanhar. Nossa acção teve, pois, pontos de contacto e linhas de divergencia que só uma critica obtusa desconhecera. Em 1879, elle no *Contra a Hypocrisia* e eu no *Reporter*, a proposito de umas censuras estapafurdias que nos fez o finado dr. Antonio H. de Souza Bandeira, indicámos várias dessas linhas de divergencia e desses pontos de accordo. Esta é a verdade, e nós só queriamos a verdade.

Escrever do periodo *condoreiro*, sem falar em Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Castro Rabello e alguns mais; escrever do periodo — *critico-philosophico*, ou, antes, saltar por elle, e não falar no meu nome, no de Celso de Magalhães, no de Souza Pinto, no de Pereira Lagos, no de Generino dos Santos, no de Inglez de Souza e diversos, é como escrever do periodo puramente *juridico*, e não falar em José Hygino, em João Vieira, Clovis Bevilacqua, Martins Junior, Arthur Orlando e outros, isto é, praticar um puro disparate.

A Phaelante, é justo declaral-o, sou grato, porque, mui de leve e sem o

cabal aproveitamento do facto, é certo, alludiu á minha defeza de theses em 1875 e ao escandalo por ella causado. (*Memoria Historica*, pag. 12)

Outro tanto não posso dizer dos que ahí fingem ignorar que, tendo sido eu, como diz o proprio Tobias, nos *Estudos Allemães, quem primeiro no Brazil atacou o romantismo*, fui tambem que, bem antes de Martins Junior, falei em *poesia scientifica*, como elle mesmo confessa, no seu opusculo que tem este titulo.

De tudo foi o que mais desagradavelmente me impressionou. Tal o protesto que tinha a fazer, inutil para os que (como tu e o incomparavel Clovis) conhecem toda a minha vida espiritual e todos os meus escriptos, mas indispensavel para novas gerações por quem desejo ser julgado com pleno conhecimento de causa.

Teu

SYLVIO ROMÉRO

— — —  
Quanto tens. tanto vales  
— — —

Quanto tens... tanto vales... Eis aqui o proloquio mais profundo e mais extenso do nosso tempo, e que melhor exprime a situação actual do espirito humano, pois em quatro palavras formulou a verdade mais irreductivel de todas as que poderiam caracterisar a sociedade do nosso tempo. E' um proloquio fundamental a que se poderia reduzir uma infinidade de variantes, como por exemplo: *Quanto pareces... tanto és; Quanto queres... tanto tens; Quanto dizes... tanto te ouvem; Quanto ouvem... tanto te dizem*, etc.

A verdade deste proloquio está tão intimamente incorporada na psychologia do seculo — que mesmo aquelles que julgam detestal-a se submettem inconscientemente a ella: está no sangue de cada um de nós, nos nervos, no senso geral—quer dizer tão intimamente identificada connosco que nós não sentimos, não nos apercebemos de que lhe damos a sancção mais absoluta no mesmo instante em que suppomos negal-a. E isso se demonstra em todos os aspectos da vida ordinaria, em todas as vicissitudes da existencia quotidiana — nos nossos desejos, nas nossas ambições, nos motivos do nosso esforço, nas nossas tendencias, nos nossos costumes, nas nossas relações pessoases, nas nossas virtudes mundanas, nos nossos gostos, nos nossos pensamentos, nos mais insignificantes impulsos do nosso coração.

Preguem como quizerem a soberania de certas virtudes interiores, a excellencia de certos bens moraes: mesmo os que protestarem e disserem ufanos que preferem esses bens e essas virtudes — estudai-os e vereis como todos esses mesmos não passam de afirmações inconscientes mais ou menos

intensas do adagio. Não lhe fogem á fidelidade mais escrupulosa nem os que exercem o sacerdocio da piedade e da justiça, os que se devem suppôr mais fieis a Jesus e á lei que a todos iguala: o padre e o juiz. Vêde o modo como no templo se recebe o conde e o pobre-diabo, como no tribunal se ouve o senhor e o João Ninguem.

Dizem-nos que isso é só por fóra; que é a tal contingencia humana, a razão social, que explicam tudo. Mas não é só isso, não. E' por fóra e é tambem por dentro. E mesmo afinal, o que nos interessa é exactamente isso — o que vem cá para fóra.

Tomai, para exemplo, duas creaturas: Judas e o Discipulo Amado. O Discipulo Amado, que é o anjo, vesti-o de andrajos e privai-o até de uma sombra onde repouse. A Judas cobri de finos estôfos e pedrarias; enchei-o de vigor, de frescura; dai-lhe a esthetica dos grandes do mundo. Que cheguem os dois á porta de um convento: um, pedindo pão, outro, reclamando homenagens. Posso assegurar-vos que Judas honrará aquella casa de Deus, e o Discipulo Amado ha de cahir na sargêta da frente, morto de inanição.

Será porque o Discipulo Amado ficou dentro de si e Judas veio para fóra, pondo-se ao alcance de olhos humanos? Ha de ser isso mesmo. Notai, porém, que longe dos dois as almas do convento pregarão contra Judas...

E tudo neste mundo é mesmo assim. Em todas as situações e tratando-se de todas as creaturas que andam connosco — ha de haver contradicção entre a alma e o homem. O que proclama a justiça perpêtra a iniquidade. O que appella para a razão cae no absurdo. O que falla em honra desce ás baixezas mais incriveis. O que brama contra a fé vive obsedado de superstições. O que diz crêr nega sem sentir. O que confia em Deus duvida da propria sombra.

E tudo isso só porque, entre os nossos sentidos, o da vista, sendo o mais infiel, o mais perfido, o mais fallivel, é exactamente o que regula no mundo. O que nós vemos deróga o que nós sentimos.

Todos nós temos, portanto, na vida a obsessão da figura. Para todos nós que convivemos não ha sinão aspectos. O que se parece é o que se é. E segundo o que somos é que o mundo se põe, por sua vez, diante de nós. A attitude delle corresponde á nossa attitude. O que é certo tambem é que, por nossa vez, todos nós vemos o mundo conforme elle nos vê a nós. Ha uma certa correspondencia invisivel entre o sujeito e o objecto.

Quantas vezes, nas velhas côrtes mediévas, o *bôbo* era mais do que o *rei*. Mas nem o rei, nem o bôbo, nem os cortezãos se enganavam: nunca se esqueciam do seu papel. E si um dia, a

côrte se enganasse e começasse a ver no *bôbo* o rei e o rei no *bôbo* — ficai certos — as duas figuras entrariam logo, passada a primeira surpresa, cada qual no seu papel...

E não se poderia dizer que é calculadamente que andamos a trahir a propria alma ou a pôr em contraste a noção moral com os nossos actos. A' medida que descemos na escala da cultura ou quanto ao nivel moral, vamos tendo testemunhos cada vez mais irrecusaveis de que neste mundo nada mais somos do que aquillo que os outros *vêem* que nós somos e que portanto, o valor — como diz o grande Vieira — não é valor mas valia; e nós todos somos o que valem.

Mas, esta collisão em que andam sempre o nosso agir e o nosso senso interior é estranha demais e nos sugere pelo menos presentimentos que nos assombram. Que quererá dizer isto de em these termos uma sancção espontanea e absoluta para tantos dos grandes principios que na pratica inconscientemente esquecemos ou negamos? Que quererá isto dizer sinão que ha em nós, no fundo da nossa natureza moral, uma tendencia ou uma noção ou uma força que se affirma contra as indecisões, ou os desfallecimentos, as fraquezas do nosso ser exterior e contingente?

Dahi — revelações que nos surpreendem. Então, uma creatura já não é aquillo que parece. Andamos todos neste mundo a dissimular-nos a nós proprios na vida, capitulando por fóra emquanto na profundeza do nosso ser alguma coisa resiste e protesta. As nossas acções não reflectem a nossa alma. Emquanto nossa alma, isolada de relações, condemna — nossos olhos, infieis como a perfidia mesma, absolvem. E vice-versa.

E logo outras noções veem decorrendo dessas primeiras, como corollarios de uma premissa. Quanto subimos, menos nos vamos negando; de sorte que a nossa aptidão para affirmar se mede pela escala ascendente da nossa vida.

O Ente Supremo deve ser então a affirmação absoluta: de Deus só se pôde dizer que ELLE É, tanto quando pensa como quando age. Talvez mesmo que o seu pensamento e a sua acção sejam um só phenomeno.

Ir, portanto, para Deus, é estar na existencia temporal, pondo sempre o seu modo de ser e de agir numa correspondencia ou numa igualdade cada vez mais perfeita com a luz interior.

SER o que se é, qualquer que seja a situação em que se encontre a creatura, é ser mais, talvez, do que os genios e os proprios santos.

Até hoje, pela terra, só passou um ente em semelhante altura: JESUS.

ROCHA POMBO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

*C' erano tre zitello  
E tutte tre d'amor.*  
(Canto popular do Latium).

## I

A mais moça das trez, a mais ardente e viva,  
Aquella que mais brilha,  
Quando, sorrindo, aos seus encantos nos  
captiva,  
Eu amo, como filha.

A segunda, que tem da pallida açucêna,  
Aberta de manhã,  
A côr, o cheiro, a forma, a languidez serena,  
Eu amo, como irmã.

A outra é a mulher, que me enleia e fascina,  
E' a mulher que eu chamo  
Entre todas gentil, é a mulher divina,  
E' a mulher, que eu amo.

## II

A mais moça das trez é linda borbolêta ;  
Entra, abre as azas, sahe ;  
Não comprehende bem, nem néga, nem re-  
geita  
O meu amôr de pae.

A segunda é uma flor de essencia melindrosa,  
De rara perfeição ;  
Não sei, se ella desdenha, ou se ella entende,  
e gósa  
O meu amôr de irmão.

A terceira é a mulher : anjo, monstro, hydra,  
esphinge,  
Encanto, seducção :  
Amo-a : não a conheço : é verdadeira ou  
finge ?  
Não a conheço, não.

## III

Se a primeira casasse, oh ! que alegria  
minha !  
Eu lhe diria : váe,  
Veria nella um anjo, um astro, uma rainha,  
O meu amôr de pae.  
Se a segunda casasse, eu mesmo iria á igreja,  
Leval-a pela mão :  
Dir-lhe-hia : o céu azul virar-te aos pés  
deseja  
O meu amôr de irmão.

Se a terceira casasse, oh ! minha infelici-  
dade !  
A mais velha das trez,  
No horror da escuridão, fôra uma eternidade  
A minha viuvêz.

## IV

Se a primeira morresse, oh ! como eu cho-  
raria  
A minha desventura !  
Com lagrimas de dôr lavára noite e dia  
A sua sepultura.  
Se a segunda morresse oh ! transe amargu-  
rado !  
Eu choraria tanto,  
Que ella iria nadando, em seu caixão doirado,  
Nas aguas do meu pranto.  
Se a terceira morresse, em seu caixão dei-  
tada,  
Sem que eu chorasse, iria ;  
Porque noutro caixão, ó minha morta  
amada.  
Alguem te seguiria.....

LUIZ DELFINO

## O POLVO

O polvo, com aquelle seu capello na cabeça, parece um monge; com aquelles seus raios estendidos, parece uma estrella; com aquelle não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E, debaixo desta apparencia tão modesta, ou desta hypocrisia tão santa, testemunham contestemente os dois grandes doutores da egreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas côres de todas aquellas côres, a que está pegado. As côres, que no camaleão são gala, no polvo são malícia: as figuras, que em Protheu são fabula, no polvo são verdade, e artificio. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e, se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E d'aqui que succede? Succede que o outro peixe, innocente da traição, váe passando desacautelado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fal-o prisioneiro. Fizêra mais Judas? Não fizêra mais; porque nem fez tanto; Judas abraçou a Christo, mas outros o prendêram; Judas com os braços fez o signal, e o polvo dos proprios braços, faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas deante: traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo, escurando-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz, é á luz, para que não distinga as côres. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

\* \*

## O SEGUNDO REINADO

O brasileiro que atravessar a phase actual do segundo reinado, terá que testemunhar á descendencia, com as cãs envergonhadas, uma longa pagina de amargura e vilipendio, onde os olhos de nossos filhos buscarão de balde um ponto de refrigerio em que espaiçam: um paiz opulento, inexaurivel como a natureza mesma, e, todavia, physica e moralmente estagnado, na sua immensa amplidão, como um vasto pantano; os municipios, sombra da mais cordial e utilmente popular das instituições, sem raizes no sólo, sem autonomia, pedintes abysmados numa existencia vegetativa, estéril, perpetuamente subalterna; as provincias sugadas pela centralisação até á medulla, famintas, esfarrapadas, umas arrastando a praga de empenhos crescentes e insolúveis, outras em estado

real de bancarôta; um governo lição viva de todas corrupções; a casa dos padres conscriptos feita a grande escola publica da cortezania imperialista; a camara dos deputados aviltada, graças ás suas proprias obras, até ás vaias das galerias; os gabinetes, serventuarios servis de el-rei, sem solidariedade nenhuma, nem a de honra; as assembléas provinciaes decaídas, medicrisadas, nullificadas; a magistratura, atirada fóra a toga da justiça, a ostentar, deslavadamente o escandalo das mais delirantes e indecentes paixões de partido; o executivo dissipando, transigindo, contrahindo encargos publicos, sem auctorisação orçamentaria; os ministros da fazenda accumulando montanhas de divida; a voragem do deficit a escancarar de dia em dia um sorvedouro capaz de tragar dentro em pouco a nossa receita total; a quebra da fé nacional aconselhada nos relatorios das secretarias de estado como innocente recurso de finanças; a fallencia do estado prevista, receiada, talvez imminente como um traço terrivelmente negro no horisonte; a lavoura em profunda e mortal cachexia; o commercio e a industria, sob a pressão de impostos irrationaes, condemnados ao mais lastimoso rachitismo; a irresponsabilidade absoluta do poder em todos os grãos de hierarchia; a mentira nas urnas, nas depurações parlamentares, nessas lisonjarias mutuas da pragmatica annual entre o throno e a legislatura, nos melhoramentos officiaes, no orçamento; a instrucção publica uma cousa ainda por crear, uma ridicula mesquinha negaceada ás classes carecentes, aleijada, impura, envenenada pelo patronato, inacessivel á maioria dos contribuintes; do systema representativo ludibriados até os ultimos simulacros no acto soberanamente dictatorial da corôa que afferrolhou por dezasete mezes as portas da assembléa geral, e não se sabe porque não lhes affixou logo os escriptos de aluguel; de quando em quando um caracter de estadista enlameado e perdido; um nome lustroso para cada baixeza; as convicções levadas a riso, o scepticismo cynico applaudido; a desconfiança, a inveja, a gana ás reputações sãs, todos os instinctos malévolos da servidão curtida subservientemente; tudo, funcionarios ou pretendentes, servilismo e venalidade, indigencia e luxo, medo á liberdade e anarchia, afilhagem e delapidação, desprezo impertérrito da lei e pharisaica idolatria das conveniencias pessoaes, docilidade ao arbitro official e insubordinação ao dever, um apparatus de jactanciosa dignidade e uma pusillanime abdicación do direito, falsificação systematica das instituições e culto mysteriosamente respeitoso á impertinencia da papelada administrativa, covardia universal perante a verdade e contubernio



familiar com a hypocrisia sob todas as fórmulas; afinal, um rei indifferente ao diluvio nos seus dias ou nos de sua mais visinha progenie, despota como Carlos X e Napoleão III, e, ante a Europa, vaidosamente disfarçado no incognito de chefe constitucional, de humor cosmopolita, homem de todos os climas, phreneticamente viajador, insaciavelmente soffregos de curiosidades, polyglotta apaixonado, especialista em todas as especialidades, em todas as sciencias de especulação e em todas as sciencias de indução, em todas as artes do idéal puro e em todas as artes do progresso material, em todas as profissões liberaes e em todas as profissões industriaes, nos segredos mais mimosos da litteratura e nos mais asperos segredos da critica historica, nas maravilhas mais colossaes e nas miudezas mais mycroskopicas da observação humana, arguidor de todos os sabios, decifrador de monumentos prehistoricos, e por uma veia caracteristica, escrevedor de versos,—de quem, acaso, por ahi, quando não restar delles mais do que a noticia, alguma idade futura, como daquelle outro, menos douto, mas não menos caprichoso, e tambem corôado artista, descuidadamente dirá: Poetou, signal de que as bôas lettras não lhe eram de todo estranhas. *Et aliquando, carminibus pangendis, inesse sibi elementa doctriæ ostendebat.*

1877.

RUY BARBOSA.

\* \*

## A LINDA VIOLANTE

## CANTIGA

Antes que o sol se levante,  
Váe Violante a ver o gado;  
Mas não vê sol levantado,  
Quem vê primeiro a Violante

## VOLTAS

E' tanta a graça que tem  
Com a touca mal enrolta,  
Manga da camisa solta,  
Faixa pregada ao desdem;

Que, se o sol a vir deante,  
Quando váe mungir o gado,  
Ficará como enleado  
Ante os olhos de Violante.

Descalça ás vezes se atreve  
Ir em mangas de camisa;  
Se entre as arvorcs nem pisa  
Não se julga qual é neve.

Duvida o que está diante,  
Quando a vê mungir o gado,  
Se tudo é leite amassado,  
Se tudo as mãos de Violante.

Se acaso o braço levanta,  
— Lá porque a baetilha encolhe  
Já qualquer pastor que a olhe  
Leva a alma na garganta.

E' ainda que o sol se levante  
A dar graça e luz ao prado,  
Já a Violante lh'as tem dado,  
Que o sol tomou de Violante,

RODRIGUES LOBO

## O ALMIRANTE (11)

—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—

## CAPITULO VIII

A sua distração predilecta, nas longas horas de insomnia, era reler as cartas de Oscar, os minuciosos relatorios em que d. Eugenia lhe contava por miudo todos os factos da vida fluminense, da situação politica, muito interessante e cheia de accidentes assustadôres depois da molestia que forçara o Imperador a entregar pela segunda vez, a regencia á filha idolatrada, e procurar repouso na Europa.

Referindo-se ao gabinete de 20 de agosto e ás causas de sua retirada do poder, attribuidas a um pequeno attricto entre Cotegipe e o principe consorte, d. Eugenia affirmava que o grande estadista previra as difficuldades da situação. Ella estava em casa d'elle, quando chegou o convite para comparecer ao paço de S. Christovão. Antes de partir, declarou á familia e aos amigos presentes que, se acceitasse a incumbencia de organizar o ministerio, mettessem-no no hospicio, bem apertado numã camisola de força. Horas depois, regressou abatido e respondeu aos que o interrogavam com olhar ancioso: Mettam-me: mettam-me na camisola... E os seus presentimentos se realisaram, se bem que nada lhe denunciasse, então, a possibilidade do advento da regencia e a incompatibilidade emergente.

Com a quêda de Cotegipe, se rompera a derradeira resistencia á propaganda abolicionista, que já se annunciava victoriosa com o gabinete de 10 de março, organizado por João Alfredo, o homem das deliberações decididas e das acções promptas e energicas.

Essa noticia se propagou, rapidamente, e á noite os fazendeiros, assustados com os commentarios sobre o programma da situação politica, se reuniram na fazenda da marquezia, que sabiam sempre muito bem informada pelos eminentes amigos da côrte.

Vieram os mais ricos, os mais reaccionarios e compareceu tambem o padre Paulo, que era um grande e fervoroso admirador da Princeza.

— Dizem — affirmou um delles — que a Princeza, embóra arrisque o throno, dará o golpe decisivo.

— Não tem o direito de fazer esse sacrificio, que será a ruina da nação — protestou um titular de grande influencia politica. — Estamos nós aqui dispostos a empregar todos os meios de protecção ao nosso direito. Demais, é de esperar que o Principe intervenha contra essa perigosa phantasia da esposa.

— Que diz a isso a senhora marquezia?

— Eu? — respondeu Guilhermina, sorrindo da exaltação daquelles homens que pretendiam encontrar a salvação agarrando-se ao cadaver da escravidão. — Eu penso que o Principe não intervirá. Conhece, como insigne mestre, todos os recursos da tactica; vê nitidamente a situação e submeterá, como homem superior, ás consequencias dos acontecimentos, cuja marcha não poderá deter...

— Porque não quer — atalhou o barão. — Porque cuida mais de negocios que de politica.

— Perdão, meu caro — observou o padre Paulo, que ouvia com certo ar desdenhoso as objurgatorias e os vehementes, os acrimniosos conceitos daquelles senhores de escravos. — V exc., como homem superior, senhor barão, não deve partilhar dessa maledicencia empenhada em denegrir um cidadão illustre, de meritos exceptionaes e sincero amigo do Brazil. O vulgo o observa com prevenções levianas contra o estrangeiro, em posição tão eminente, com essa odiosidade velha, incuravel de todos os povos contra os principes consortes. Mas, a verdade é que s. alteza vê longe, e isso que interpretam como demasiado apêgo ao interesse, aos negocios, é acertada previsão do futuro da familia dependente dos caprichos e azares da politica. Elle tem o exemplo na familia, uma eloquente e dolorosa lição: sabe que os reis se não democratisam impunemente e que o empenho de adquirir popularidade os condúz ao sacrificio do prestigio da corôa. Elle sabe, melhor que ninguem, que sua magestade é um decadente... Começou muito jovem, e muito mais cedo do que devia, a extenuante funcção de imperante; é natural que esteja exgottado... Os symptomas são, desgraçadamente, evidentes...

A marquezia approvou com um gesto, em que luzia a faisca do amortecido resentimento pela preterição do defuncto marido em duas listas triplices. Os interlocutores a secundaram com um movimento de ameaça, como se esmagassem alguma coisa, a corôa, o throno...

— Eu, como sabem — continuou o padre, que era o augure daquellas paragens — não me metto em alta politica, mas deste meu cantinho de roça lhe acompanho as vicissitudes, principalmente depois da regencia da serenissima e piedosa Princeza, que, obedecendo aos impulsos de seu coração de santa, ha de querer ligar o seu augusto nome á mais sublime, á mais bella, á mais nobre reforma social.

Estrugiram apartes, mas o palavroso sacerdote proseguiu impavido:

— Ninguem lhe pôde contestar a magnanimidade dessa aspiração, digna

das rainhas suas antepassadas, que estão no céu, entoando hymnos de gloria.

--- Pois se engana redondamente --- retrucou furioso o refractario barão. --- E fique sabendo, reverendissimo, que não se governam povos com sermões, com rezas e romarias. Não sei se me entendem.

O padre Paulo se submetteu com um gesto de resignação. Não lhe convinha discutir com um homem daquelles, á teima em carne osso e um dos seus melhores amigos. Interveio, felizmente, o dr. Sergio de Lima que, até então, conversára com Hortencia, recostados a uma janella enluzada, pouco distante dos discutidores.

--- A minha opinião --- affirmou o jovem bacharel — é que a situação é muito séria. Quanto mais concederem ao povo, tanto mais elle exigirá. A victoria da abolição, em vez de o saciar, será estímulo para outras campanhas mais radicaes, pelejadas com mais vigor, com mais audacia, a audacia dos victoriosos. Admittamos que s. alteza obtenha do parlamento a abolição, não fechára com ella o caminho a outras reformas. Ella resistirá, com certeza á outras mais velhas nos programmas do partido: a separação da igreja e do estado, por exemplo, o divorcio...

— Isso nunca! — exclamou a marquezia vivamente.

— E outras — contiuiu o bacharel, animado pela approvação da maioria dos ouvintes — que contam paladinos da ordem de Saldanha Marinho, um tremendo luctador, Taunay, um espirito de primor, e uma pleiade de homens de selecção, pensadores, poetas, jornalistas concretizando as aspirações da nova geração, para os quaes é de mau agouro a piedade da Regente, sua frequencia ás igrejas, sua intimidade com o clero. Não sei se foi Ferreira Vianna quem disse ao Imperador que o reinado de sua augusta filha não era deste mundo.

Ha' um quê de prophético nessa ironia. Outros, os republicanos e os descontentes, que constituem o maior numero, affirmam que o terceiro reinado recordará o de Maria I. Eu, que consagro á sua alteza o mais devotado affecto, que a considero um modelo de virtudes civicas e domesticas, bem vejo que os maldizentes visam mais a dynastia que a sua augusta pessoa; mas não se pôde escurecer que os excessos de exercicios religiosos a incompatibilisaram de certo modo com as aspirações nacionaes. Ella procurára, em vão, uma politica de justo meio: a conciliação entre coisas antagonicas é impossivel.

--- Esta é a verdade --- accentuou o barão --- Eu e os meus amigos não

embarcaremos nessa canôa furada, tripolada pelo novo ministerio.

--- Fará muito mal --- continuou o bacharel. --- O barão é politico e o seu logar deve ser ao lado dos victoriosos, embóra os abandone mais tarde, quando o arrastarem outros interesses superiores. Não ha duvidar, meus senhores, Cotegipe e outros estadistas contemporaneos terminaram a sua carreira; elle foi sempre um elemento de resistencia conservadora, em certos momentos muito efficaç. Não ligará o seu nome a uma só reforma; consumiu o genio em pelejas parlamentares na maioria estéreis.

Hortencia contemplava, num enlevo de admiração o moço que era o fóco da attenção daquelles homens graves, respeitaveis, cuja excitação ella não comprehendia, e lhe pareciam creanças amuadas, ridiculamente ameaçadores. Falavam todos ao mesmo tempo numa anarchia de gestos cutilantes, em explosões de censuras acres ao governo, ao Imperador, que não estava em condições de integridade mental para dirigir o paiz na conjunção afflictiva da lavoira agonisante, demandando o esforço de um braço possante. O grande Velho prestára inestimaveis serviços ao Brazil, mas se aproximava da decrepitude. Os signaes de perturbação do organismo social minado pelas idéas democraticas, eram de evidencia assustadôra. Não havia mais ordem nem garantias desde que a força publica, em assomos indisciplinados, recusava, sob pretexto de não serem os soldados capitães de matto, proteger a propriedade do cidadão, a escravatura, que representava avultados capitães, o unico elemento seguro de manutenção da lavoira agonisante, e era uma propriedade como outra qualquer, sagrada, inviolavel.

Seria uma violencia de louco, sacrificial-a ás levianas idéas humanitarias ou á piedade de uma senhora devôta, que alienaria, imprudentemente, a sympathia e apoio das classes conservadoras, o mais solido sustentaculo da dynastia e do throno. A libertação dos escrvos sem indemnisação seria uma violencia absurda, uma extorsão iniqua. E aos olhos de Hortencia o jovem advogado Sergio de Lima se destacava dentre aquelles homens retrogradados, amarrados á rotina, refractarios ao esplendor das idéas novas, ás lições dos factos, com a empolgante superioridade do talento em promissôras manifestações.

O prestigio, as exortações da marquezia não conseguiram abrir brécha nos reductos escuros, onde se encastellavam aquelles espiritos obsecados na sua resistencia inutil ao plano do governo da Regente, que capitulava, nobremente, ante a opinião vencedôra,

em todo o paiz, para evitar as consequencias funestas de uma reacção deshumana e perigosa. Não havia argumentos, nem demonstrações eloquentes para aquelles irreductiveis voluntarios da cegueira.

Nessa noite, ao partirem as visitas, a marquezia deteve o padre Paulo que, afastado da discussão, cochilava serenamente num recanto escuro do salão.

--- Estamos fartos de politica --- disse-lhe ella --- Vamos tratar de coisas mais amenas. Sabe que a Eugenia me recommenda com muita insistencia a educação religiosa de Hortencia, que está moça e não fez ainda a primeira communhão. Isto para a mãe, é um peccado mortal, quasi um escandalo de que com muita razão me inculpa. A mim, não me peza isso na consciencia, mas tenho summo interesse em contentar a Eugenia que se tem privado durante tanto tempo da companhia da filha, para me ser agradavel.

--- Acha, então v. ex. indispensavel --- observou o padre --- levar essa admiravel creatura ao tribunal da penitencia?..

— Não acho, não: cumpro as recommendações de Eugenia, que, como todos as senhoras da côrte, estão agora muito mettidas em exercicios religiosos para serem agradaveis á Princeza, que é muito fervorosa. E' a moda essa reacção, conduzida pela filha de um pai livre pensador.

— Diz muito bem, senhora marquezia. E' a moda esse excesso de praticas religiosas, exterioridades muito ao sabor de padres estrangeiros, que estão vindo para o Brazil, como apostolos para uma terra de gentios, e se apoderam dos nossos bispos que, assim, desprestigiam o cléro nacional. Quanto á Hortencia. Quer que lhe fale com sinceridade? Acho melhor conserval-a como está, nessa pureza d'alma. A's vezes no confissionario se realiza o primeiro contacto com o peccado, em revelações perigosas para os espiritos ingenuos. A confissão de rigor é, na minha opinião, uma imprudencia; a confissão *pro formula* não passa de um sacrilegio inutil. De mais, eu não sei como interrogar, directamente, uma creatura dessas.

A marquezia sorria das observações desse padre profano, virtuoso homem, que ousava externar taes franquezas de consciencia; e descarregou sobre elle a responsabilidade da infracção das recommendações de d. Eugenia:

— Assumo inteira a responsabilidade — concluiu o padre, despedindo-se. — Fique vossa excellencia tranquilla.

Não perigará a candura daquella alma de anjo.

(Continúa)

## Um prologo de Medeiros e Albuquerque

### II

A razão humana espavorida, disse eu muito de intenção.

Já váe longe o tempo em que o sentimento do medo, junto á phantasia, modelava os deuses, satisfazendo as faculdades religiosas do homem; ainda o terror do nada impede a philosophia se entregue, de pés e mãos ligados, ao materialismo dogmatico.

As sciencias positivas não conseguiram fechar a janella que o nosso espirito abriu sobre o mundo metaphysico. Reina desselado a escravidão, mas nem por isso se insiste menos em fazer penetrar um raio de luz nessa noite psychica.

De vez em vez, das trevas do abysmo, que se sente exterior á experiencia, surgem sombras. Taes sombras, apenas se delineam, apagam-se como phosphorencias agitadas pela aza da procellaria.

Um côrvo vem pousar no balcão dessa janella escusa; e ha quem ouse, não obstante, interrogal-o.

Desse dialogo estranho procede a sciencia de que Medeiros e Albuquerque se occupa no seu prólogo.

Por tal conducto chega até a nós o *Milagre*, de que se apoderou o occultismo; e muitos dos scientistas em vóga buscam demonstral-o com os mesmos argumentos, menos osapparelhos modernos, de que Descartes, Bossuet, Fenelon, Pascal e Malebranche se utilisavam para provar a existencia de Deus.

Si não recorrem a sylogismos de relojoeiros suissos, todavia enveredam pela selva bravia das subtilezas, ou dependuram-se dos trampolins da logica, ou exhibem trucs de magia branca philosophica, que atordôam uns, fatigam outros, acabando por determinar a capitulação, por indefferença, do maior numero.

Apparece, todavia, um Wallace, que, pela sua alta probidade scientifica e incontestavel competencia em biologia, nos deixa perplexos diante da serenidade das suas affirmações, tão categoricas como as que funda em experiencias realisadas nos seus laboratorios.

Como se sabe, na sua contestação ás asserções de Hume e de Lecky, elle começa por inculcar de erradas as definições correntes do *milagre*.

«Milagre é a violação das leis da natureza; ou uma transgressão da lei natural, devida a uma volação particular da Divindade ou a intervenção de algum agente invisivel.»

O defeito da primeira definição, diz elle, reside em attribuirmo-nos implicitamente o conhecimento de todas as

leis da natureza. Ora, segundo tal conceito, nega-se que tal effeito particular podesse rezultar de alguma lei natural desconhecida, que perturbe a lei que conhecemos; e isto nada tem de philosophico.

A segunda definição pecca por não especificar, como devia, a possibilidade de algum agente *intelligente* invisivel, differente do galvanismo ou da electricidade, quando é certo que estes agentes, hontem descobertos, não permittiram ainda que se fixasse o papel exacto que representam na ordem natural.

Accresce que os termos *violação* e *transgressão*, pelo emprego improprio que delles fazem, constituem uma verdadeira petição de principios.

Para Wallace, milagre é «um acto ou um facto inferente necessariamente á existencia e á funcção de intelligencias sobre humanas, considerada a alma, o espirito do homem, desde que se manifesta fóra do corpo, como uma dessas intelligencias sobre humanas».

Não resta duvida, portanto, que o grande naturalista não hesita em accetar a dualidade da substancia. Existem dous mundos, completamente differentes, embóra coordenados.

Longe, porém, de recorrer aos archetypos de Leibnitz ou ás categorias da Logica, para mostrar a necessidade desse parallelismo, fiel á sciencia que brilhantemente professa, como bom naturalista, suggeriu a experiencia; e é somente sobre a experiencia, hoje base de toda a sciencia dos spiritas, que Wallace condiciona a philosophia do milagre, cuja realidade, no seu parecer, se impõe com evidencia comparavel á dos factos communs da vida humana.

Na sua opinião, os argumentos de Hume são fallaciosos.

Nunca, diz o auctor das *Pesquisas sobre o entendimento humano*, houve em paiz algum quem visse e constatasse a resurreição de um morto. Contra esta e outras occurrencias miraculares, a experiencia é uniforme e equivale a uma prova directa e completa, tirada da propria essencia do facto; prova indestructivel, uma vez que o milagre só seria susceptivel de tornar-se crível, si apparecesse prova opposta capaz de modifical-a ou supprimil-a.

A tal asserto, oppõe Wallace a consideração de que, nestas condições, nenhum facto absolutamente novo seria susceptivel de prova, pois que o primeiro testemunho e cada testemunho que se seguisse, seriam, desde logo, averbados de falsos por contrarios á experiencia universal.

«Um simples facto, como por exemplo, a existencia do peixe voador, seria para todo o sempre impossivel de estabelecer-se, si o argumento de Hume fôsse verdadeiro. O primeiro homem que o viu e descreveu, devia, com effeito,

ter contra si a experiencia universal de que a um peixe fallecem as faculdades do vôo; e assim o seu testemunho seria logo regeitado. O mesmo argumento naturalmente applicado teria de ser ao segundo, e cada um dos attestadores que depois se apresentassem, de sorte que nenhuma pessoa que até agóra tenha visto com os proprios olhos um peixe voador, e voando no momento de ser observado, seria isento da pécha de insensato, si dêsse credito á existencia de um tal prodigio.» (1)

Segundo Hume, só existe o que se explica por uma lei attestada pela universalidade da experiencia.

Wallace reputa essa affirmação do philosopho escossez flagrantemente contradictoria: 1º, porque ha factos communs inexplicaveis, os quaes, entretanto, estão no dominio de todo o mundo e que são praticamente utilizados na vida quotidiana; 2º, porque a experiencia uniforme, por seu lado, não oppõe resistencia aos qualificados de miraculosos.

Basta recorrer á historia e aos milhares de relatos feitos por individuos de todas as procedencias e da mais variada autoridade, para verificar-se que a experiencia a que Hume attribue tanta importancia, não lhes é contraria.

«Que milagre mais surpreendente, diz elle, do que o da *levitação*, isto é, a suspensão dos corpos humanos no espaço, sem causa visivel. No emtanto, este facto tem sido certificado durante uma longa série de seculos. Alguns exemplos são muito conhecidos. São Francisco de Assis foi visto, innumeras vezes e por muitas pessoas, suspenso no ar, o que vemos attestado por seu secretario, que mal podia tocar-lhe nos pés. Santa Thereza, religiosa num convento de Espanha, ergueu-se muitas vezes no ar, em presença de toda a comunidade. Lord Orrery e M. Valentim Greatrak informaram ambos ao dr. Henry More e M. Glauvil que no palacio de Lord Conway, em Ragle, na Irlanda, o despenseiro deste gentil homem, em sua presença, em pleno dia, ergueu-se no espaço e fluctuou na atmosphera, percorrendo todos os pontos do aposento, em que estavam, e por cima de suas cabeças, acontecimento este que se encontra relatado por Glauvil no seu *Sadducismus Triumphatus*. Occurrencia semelhante reférem, de S. Ignacio de Loyola, testemunhas occulares; e M. Madden, na biographia de Savanarola, após a narração de caso igual, obsérva que taes phenomenos são enunciados repetidas vezes, e que a evidencia, sobre que repousam os casos referidos, é tão segura e digna de fé, quanto pôde ser qualquer testemunho humano... Em fim, ninguém ignóra que em Londres

(1) Wallace. — Les miracles et le moderne spiritualisme. Paris. p. 15.

existem pelo menos cincoenta pessoas, de alta responsabilidade moral, que estão promptas a afirmar terem visto e constatado o mesmo facto relativamente a M. Home.» (2).

Uma das objecções modernas mais em voga contra o milagre, é a seguinte:

« Si alguém me disser que veio de York pelo fio telegraphico, responder-lhe-ei que mente. Si 50 homens me affirmarem que fizeram essa viagem utilizando o mesmo vehiculo, mandal-os-ei passear. Si um numero infinito de pessoas me contarem a mesma historia, não lhes darei credito. Logo, M. Home não fluctúa no espaço, a despeito de seja qual fôr a somma de testemunhos exhibidos como prova desse facto. Si outra pessoa me disser que viu o leão de pedra de Northumberland—house, descer até á praça de Trafalgar e beber agua nas fontes que ahi existem, não o acreditarei. Si cincoenta individuos,

Não menos inconsistentes, pensa ainda Wallace, são as objecções de Lecky, o celebre autor da *Historia do Racionalismo*. Este autor pretende representar o verdadeiro sentimento moderno, em materia de espiritismo.

Segundo Lecky, as pessoas instruidas não descrêem dos milagres, riem-se delles e zombam da coisa em si. Porque?

Porque o milagre é o resultado da tendencia do homem primitivo para o maravilhoso, o producto de uma faculdade puramente humana rudimentar. Os milagres cessam, desde que os homens cessam de crêr nelles ou deixam de esperal-os. São illusões que apparecessem *verdadeiramente* durante certos estados da sociedade, como expressão normal de uma phase dada do conhecimento ou capacidade intellectual do homem.

E' este o aspecto mais commum do milagre na escola positiva.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A MAIS ANTIGA ESTATUA

O dr. E. J. Banks, director da expedição do *General Exploration* da Universidade de Chicago, actualmente em Bagdad, descobriu uma estatua de marmore branco, que se presume ser a mais antiga obra d'arte desse genero. Inscricções hyeroglyphicas gravadas no braço da figura, mostram que ella é a effigie do rei Da-Udu, talvez David, rei de Ud-nun, o primitivo nome da cidade babilonica de Bismya.

Essa estatua, foi achada em fragmentos e transportada, secretamente para a casa do explorador, para não melindrar a susceptibilidade fanatica dos indigenas, empregados nas excavações. O rosto, que muito se assemelha ás feições de mr. Depew, senador



INAUGURAÇÃO SOLEMNE DO MARCO DA CABECEIRA DO PEPERY-GUASSÚ

ou numero maior, disserem: nós também vimos, nem por isso eu deixarei de responder-lhes: é mentira.»

O vicio de taes argumentos por absurdo reside, acrescenta Wallace, em que toda sua força decorre de uma proposição que nunca se submetteu á prova, isto é, que um numero vasto de testemunhas independentes, honestas, sãs de espirito e de sentidos oudessem, em separado e repetidamente, certificar a existencia de um facto nunca presenciado. Pódem averbar de ineptas e falsas as theorias diabolicas da loucura sabbatica; entretanto os casos de feitiçaria estão provados, não pelas deposições dos indigitados, que a tortura fazia fallar, mas, por testemunhos independentes, confirmados por uma série infinita de phenomenos analogos verificados pela sciencia actual.

(2) *Obr. cit.* p. 16.

Pois bem, essa theoria não explica, nem dissipa o milagre.

E porque Lecky afirma que os nucleos miraculares têm sido sempre pessoas ou instituições eminentes, em tôrno dos quaes a faculdade do maravilhoso faz surgir o prodigio, observa Wallace que, neste caso, os Papas, na Igreja Romana, que aliás tem sido um grande theatro de milagres, deviam ser os operadores de milagres por excellencia, quando é certo que, exceptuados um ou dous pontifices, muito proximos á origem da instituição, nem um facto desta ordem é attribuido á grande maioria delles. Os milagreiros têm sahido das classes baixas, dos crentes infimos, de clerigos ou leigos obscuros, canonizados depois justamente em razão dessa sua extraordinaria humildade, escolhida para vehiculo das grandezas da outra vida.

ARARIPE JUNIOR.

por New-York, tem uma accentuada expressão de riso, como se despertasse satisfeita do seu somno de milhares de annos.

\*  
\*\*

### CONSERVAÇÃO DOS OVOS

Acaba de ser applicado o *vidro solvel* como meio de conservação de ovos durante 8 mezes.

O *vidro soluvel* é um sal alcalino. E' o silicato de potassio ou o silicato de sodio. Resulta do ataque dos silicatos, da silica (areia) pelos alcalis ou pelos carbonatos alcalinos producto este, de facil obtenção e de preços moderados. E', pois, um sal que se póde facilmente obter em solução na agua. Elle existe aliás, já prompto nas drogarias, importado do estrangeiro. Seu preço porém, ahi é excessivo e em desacordo com os respectivos preços na Europa. E' fornecido aos laboratorios,

da Escola Polytechnica e de Medicina e outros, á razão de 4 mil réis o kilo, enquanto na Europa, pouco mais de um franco custa, isto é, a sexta parte ou menos do que no nosso paiz.

E' isso que fez o seu emprego vantajoso na Europa.

Em todo o caso, damos a receita, que produz bom effeito, como o attesta a imprensa periodica franceza, entre outros orgãos a *Semaine Agricole*, de Casimir Perier.

Toma-se um litro ou pouco mais ou menos dous kilôs de silicato soluvel (sendo o de sódio o mais barato na Europa), que se dilúe em cerca de 10 litros d'agua pura. Arrumam-se os ovos em quantidade de cerca de 12 duzias em caixa estanque e sobre elles váe se despejando o liquido que os afogará.

Os ovos que sobrenadarem, devem ser retirados.

Para guarda, basta collocar a vasilha (que nesse caso póde ser de barro cozido tambem) em logar fresco, com uma tampa; para transporte é mistér fechar hermeticamente.

A razão de serem conservados os ovos, acha-se no facto de ficarem os póros das cascas entupidos pelo silicato vitreo, que impéde a entrada do ar ou o contacto fermenticio deste com o interior do ovo.

E', pois, um processo facilmente applicavel pelos criadores de gallinhas; vendedores de ovos e pelas familias.

\* \*

#### EUCALYPTUS NAUDINIANA

Esta variedade de eucalypto é originaria de Nova-Pomerania. A denominação «naudiniana» foi dada por um botânico allemão-australiano (Ferd. von Muller). E' uma arvore de rapido crescimento, de dimensões gigantescas. Sua altura attinge 50 a 70 metros e é encontrado em abundancia em todas as margens dos rios de Nova Pomerania. O seu lenho, de um vermelho pardo muito pronunciado, é facilimo de se trabalhar e de grande duração. E' a primeira dentre as mais bellas variedades de eucalypto e os australianos a denominaram --- *eucalyptus magno*.

Em todos os mercados de madeiras, alcança sempre os mais elevados preços.

\* \*

#### FRANGOS PHOSPHATADOS

Julgava-se, até bem pouco tempo, que os ruminantes só podiam absorver o phosphato de cal proveniente dos vegetaes. Provou-se, porém, por experiencias bem conduzidas, não ser esse principio verdadeiro, digerindo esses animaes o phosphato contido no pó de ossos. O *Jornal d'Agriculture Pratique*, indica tambem, como meio de melhorar

a alimentação dos frangos, desenvolvendo-lhes o esqueleto e todo o corpo, com a addicção de 4 grammas de pó de ossos á sua ração ordinaria.

Tomados 2 frangos da mesma ninhada, com 700 grammas de peso inicial, e alimentados 120 dias, um com a ração ordinaria, o outro com a ração phosphatada, o resultado, foi o seguinte:

	ração ordinaria kg.	ração com pó de ossos kg.
Peso vivo. . . . .	2,690	2,470
» depois de depennado . . . . .	2,445	2,000
» do esqueleto. . . . .	0,236	0,190

O *frango phosphatado* distinguia-se facilmente á primeira vista, pela largura do peito, desenvolvimento dos membros e articulações.

Quando se quer adoptar o regimen phosphatado na alimentação, deve-se empregar pó de ossos desgelatinados á alta temperatura, para evitar a transmissão de molestias.

#### PHYSIOLOGIA DA DEMOCRACIA

Se voltarmos, agóra, nossa attenção para o elemento antagonista na machina — a opinião publica, o pensamento collectivo da massa incolôr — e se considerarmos como elle chega a acreditar em si mesmo, a se suppôr possuidor de certas convicções, graças ao testemunho concreto dos jornaes diarios e de alguns eloquentes personagens, evocaremos, immediatamente, como contraste uma visão de demagogos extraordinarios e de syndicatos de jornaes excluindo de sua direcção tradicional, a machina politica. O crescimento da população, a multiplicação dos divertimentos, das occupações, a differenciação dos habitos sociaes, a diffusão das grandes cidades, tudo indica que não mais veremos, em immensos salões, as assembléas de votantes, donde os demagogos tiravam o seu poder. Nunca mais, nos Estados democraticos do mundo, se esguerá, como potencia temivel, um homem vulgar e desprezado, de voz clangorosa, rosto vermelho, contorcido, congestionado, o collarinho barbado, machucado, desabotoado, os cabellos desgrenhados, braços em gesticulação epileptica, falando, declamando, esguélendo-se pelas portinholas dos wagons, na plataforma das estações, de caminho de ferro, nas sacadas dos hoteis, trepado sobre barricas, estrados, andaimes, tribunas, sempre infatigavel, inextinguivel. Pouco a pouco, o demagogo discursador desaparecerá deante das manifestações organisadas, com insignias emblematicas, pendões, bandeiras, cortejos, canticos e musicas, que percorrem as ruas sem effervescencia nem desordem.

M. Harmsworth, director do *Daily Mail*, em um interessantissimo artigo, indicou o poder de quem concentrasse a propriedade de um systema, universal de jornaes simultaneos; mas não analysou a influencia dos jornaes no decurso das phases successivas do XIX seculo, nem as modificações provaveis que ella experimentaria no futuro; elle se inclina, em summa, a exagerar a importancia da direcção intencional que um proprietario de jornal póde imprimir aos actos e ás opiniões de seus leitores, e alargar muito os limites definidos, nos quaes essa influencia se exerce.

Na Inglaterra, no principio do periodo victoriano, a classe independente, restricta, relativamente instruida e muito homogenea, tinha um costume particular de raciocinar; sua segurança tranquilla ácerca da maior parte das questões theologicas e sobre todas as questões estheticas, não deixava ao pensamento outro dominio, além do dos problemas politicos e, por consequencia, os jornaes sérios da época tinham a possibilidade, erão chamados a discutir, não sómente situações particulares, mas tambem principios geraes. Era essa sua função principal, e o trabalho de applicar esses principios, conforme as necessidades occasionaes, incumbia aos oradores. Os jornaes faziam, então, muito mais que hoje, para formarem a opinião, ainda que a sua intervenção nos negocios publicos não tivesse as proporções de seus modernos successores. Preparavam os caminhos por onde os acontecimentos avançavam de modo inesperado. Mas, os jornaes mais baratos e mais barulhentos que vieram com a nova democracia nada fazem para modelarem a opinião, porque, na realidade, não ha mais opinião collectiva a formar sobre a maior parte das questões de interesse publico. Os protectionistas, por exemplo, assim como os livre-cambistas, não passam de um grupo infimo; e, sobre todas as questões de detalhe, ha o cháos.

Os jornaes se esforçam, apenas, em conseguir venda enorme, em merecer annuncios, offerecendo aos leitores uma mistura, a mais vária e empolgante possivel, visando onde a multidão é mais densa e procurando sem a menor preocupação de insistencia, o que póde provocar a commoção mais violenta sobre o maior numero. O diario actual gasta o seu capital em descobrir e publicar, na mais rapida successão, as notícias mais superexcitantes e é disto que espera auferir lucros. As noticias geraes têm importancia secundaria.

A critica, a discussão, a grave responsabilidade da informação, desaparecem do jornalismo e o poder da imprensa torna-se assim, méramente, dramatico e emocional; o poder de gri-

tar --- *Aqui d'el-rei!* — no scenario do mundo, de dar, momentaneamente, enorme valor a uma personalidade, um acontecimento, uma hypothese, uma apparencia verdadeira ou falsa, sem conseguir dar uma direcção especifica ás forças que essa disposição dos factos pôde abalar. Desde que a imprensa actual sáe desse genero de attribuições e dispõe a estudar proposições definidas, alguma affirmação de principios e de crenças; desde que escolhe e elimina, passa da miscelanea ao sectario e não fica mais em contacto com a parda indifferença do publico. Aqui, é offensiva e escandalosa; alli, tergiversa e desgosta; como o bom politico, o jornal de grande tiragem pôde

exame das transformações provaveis da organização dos partidos, somente dá resultados negativos, pelo menos emquanto durar a incolôr confusão social, que importa na permanencia da mechanica dos partidos em seu estado actual, e a permanencia dos Estados democraticos e dos governos na direcção a que, actualmente, obedecem.

Como começará a classe de homens capazes, que ha de, brevemente, emergir, modificar a fórma de governo e as monarchias democraticas? Esse acontecimento não se realizará sem perturbações imprevistas, sem uma infinita complicação de incidentes. A suppressão do equilibrio dos partidos nos paizes, puramente democraticos,

ponto de se tornar perigoso, é a condição inevitavel dos governos democraticos. O ser patrioticamente rixento se impõe como necessidade imperativa aos partidos dominantes nos paizes democraticos. Elles não possúem um principio, uma politica definida, porque não ha mais opinião publica definida, mas será mistér, apezar disso, terem um fim ostensivo para lhes explicar a cohesão, um empréstimo qualquer sobre o commum, afim de assegurar ás secções de voto a presença de eleitores em quantidade sufficiente para salvar o governo dos ataques de seitas pouco importantes, mas determinadas. Esse empréstimo será sem uniformidade moral ou religiosa, com



ACAMPAMENTO DA COMMISSÃO BRAZILEIRA NO RIO URUGUAY

se propôr a trabalhar logicamente, tendo em mira um fim ulterior.

O jornal moderno de grande tiragem, o jornal que se dirige ao elemento incolôr, ao individuo democratico ordinario, o jornal da deliquescencia, vê seu poder ir de encontro a esses limites. Se a nossa asserção precedente é justa: isto é — que a sociedade humana deixou de ser homogenea e apresenta novas massas operando, na confusão universal, uma segregação necessaria — taes permanecerão, no futuro, os limites de imprensa, que poderá passar por modificações, desenvolvimentos, mas nenhuma transformação lhe dará mais importancia politica do que a que tem agóra. O nosso

a suplantação, quanto aos empregos officiaes, dos ricos e dos privilegiados nos paizes monarchicos, serão effectuadas por homens capazes, praticos, organisadores, inspirados pela crença em uma theoria commum de ordem social. Essa reforma se fará, pacificamente, gradualmente, como um processo regular, ou violentamente; mas é inevitavel e será consequencia da imminencia ou dos desastres da guerra.

E' notavel, e impossivel de explicar, que os governos de confusão tendam para a guerra com um impulso e uma vehemencia incomparavel com as tendencias guerreiras de outr'ora.

Um patriotismo sombrio e aggressivo, manifestado, publicamente, ao

interesses materiaes complexos e confusos, que não restará para a exploração do politico senão uma generalidade e o aspecto mais vasto do egoismo humano, o orgulho do homem pelo que elle imagina ser traço peculiar de sua raça — o patriotismo.

Nos paizes submettidos ás influencias democraticas surge ou surgirá um partido politico violenta e acanhadamente patriota, indeciso quanto ás outras possiveis relações de homem a homem. Este facto se verifica não sómente nos Estados, ostensivamente democraticos, mas tambem nas monarchias modernas reconstituídas, como a Italia, a Allemanha, porque, com suas differenças legislativas, re-

pousam também na massa incolôr. No futuro os conflictos, entre partidos, versarão sobre quem seja verdadeiro patriota; serão provocados pela suspeita de que o monarcha ou o governo, no poder, seja, mais ou menos, evidentemente traidor, e serão evitadas quasi todas as outras questões litigiosas com receio de comprometter a unidade do mecanismo nacional. O patriotismo não é uma flôr que se expanda no vácuo: necessita de um estrangeiro. Um partido nacional e patriota é um partido nativista e a moderna deusa — Democracia — reclama em seus altares o holocausto do estrangeiro. Para manter o poder, e nunca pelo gosto em fazer mal, o governo, o organismo politico, deverá insistir nos perigos e dissensões exteriores, levar os eleitores ás urnas com brados alarmantes e procurar sempre increpar ás tentativas de organização dos partidos competidores a suspeita de uma influencia estrangeira: A imprensa patriótica fará o papel de cão de guarda e, a proposito de toda a discussão interior, latirá contra um povo visinho que, por sua vez, será muito sensível á canzoada.

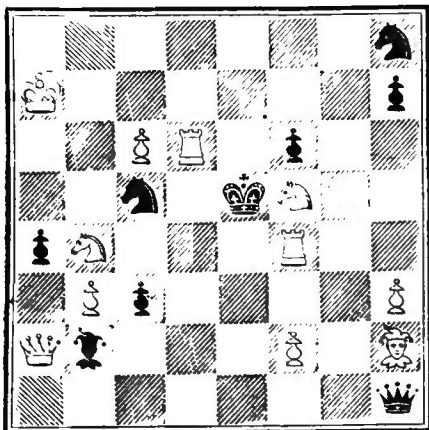
Já se vê, de uma á outra extremidade do mundo moderno, um paiz rosnar diante de outro, não sómente, sob pretextos bellicos senão por causa de encarniçadas rivalidades commerciaes, absolutamente, desrazoadas, porque é demencia querer exportar tudo sem nada importar, commerciar com povos arruinados e sem negocios. O inexoravel designio dos governos fundados na massa incolôr é entreter inimizades internacionaes: suas proprias alianças não passam de sacrificios a antagonismos mais intensos.

(Continúa)

J. H. WELLS.

## DIVERSÕES

Problema N. 9



As brancas jogam mate em trez movimentos.

## A LIVRARIA

HISTORIAS RUSTICAS — VIRGILIO VARZEA — PARCERIA MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA — LISBOA.

Numa brochura simples, leve, feita com o zêlo, o digno carinho dos editores portuguezes, Virgilio Varzea, auctor de dez livros, pôz, neste farto fim d'anno litterario, mais um bocado dos seus contos. Porque elle é lido, na muito tempo averiguado pela Critica e pelo publico, já vocês, num saber definitivo, sabem seguramente a precisão forte, a sinceridade, a flagrantia pictural e nitida da sua arte. Segundo a sua indole, o seu genio, que apura e rectifica no estudo, no refinamento da idéa e numa tranquilla e deliberante honestidade de trabalho, esse artista tem empurrado os impetus do seu talento para a busca dos aspectos que, da natureza, como ninguem na sua lingua, elle agarrou e pintou, aos toques largos, com limpidez, com intensidade, nas côres, nas cambiantes, nos traços poderosamente alastrados da sua penna.

Sabe-se o genero de Varzea e, entre nós, elle o iniciou, cultivou e firmou. Nesse rumo, tem vindo, num trilho certo, o seu tirocinio, ou, na fórmula do cliché, a sua carreira litteraria.

Pois é um destacado, um excepcional, um definido, fazendo o que deseja e sabendo o que quer, e, melhor, sabe a gente o que elle visiona. Positivamente, isso não é pouco em qualquer parte. Positivamente, isso é muito, é demais bastante, no Brazil, á illucidação duma gloria, sob um regimen de litteratura caibaleante e desmareada, sem objectiva, sem alcance — Deus me perdôe — vária e indecisa. Todo o mundo dirá que Virgilio Varzea é o nosso artista do mar. A sua obra, o seu essencial, o que prima, o que bóle, o que estremece de vivo, de illucidante realidade na sua obra é isto: o mar. Ha vinte annos, escreve; ha vinte annos trabalha na ancía sanctificante desse idéal, na fadiga dessa pintura, immensa, exacta, enervada de minucias, que diga, emfim, ao contemplativo, todas as sensações do mar, os imprevistos, da sua colera, os insondaveis do seus abysmos, o mundo das suas opulencias, os longes da sua immensidade, os pavôres, quasi os seus segredos de longinqua melancolia, de fumegantes jubilos, de alegrias ensolaradas, de mansidão compassiva.

Nisso, para onde váe o seu intelligente amôr, a sua anciosa augustia de attingir, o seu esforço resume todas as suas diligencias de espirital. E uma vida que se faz e refaz nessa lucta, nesse desespêro, palmilhante do mesmo caminho no mesmo rumo, é, pelo menos, o documento da seriedade, da

consciencia, da convicção de uma obra assim uniforme, liquida, bem pensada, bem orientada. Uma paysagem sua é uma vida, é um pedaço da natureza em que o artista, estralejante de nervos, lhe entalha violencias, tintas de fogo, delirios, ou espargue vibrações meigas, supplicantes carinhos, serenidades affectivas. E' o que se sente no simples das *Historias Rusticas*, uns contos feitos de delicadezas, uns contos macios, calmantes.

Nessas paginas não ha sinão coisas meigas, contadas com calma, sem arborrecencias, sem espasmos, sem, de resto, a eclampsia dos estylos heroicos. Na *Volta do Lar* como no *Dia de S. João*, no *Meu Sitio Natal*, ha estremecimentos, assaltadas de candura, de bonanças, d'affectos, e a gente vê e surprehe o escriptor numa face plena do seu espirito, bom, espalhando conforto, resfriando dos arrepios, das eclosões perturbantes que lhe dão a outra face. Virgilio Varzea é um artista; a sua penna tanto espirra furias, calores, raivas flammejantes, como se revigora e se alisa em toda uma gamma de enternecimentos.

O homem particular, fugitivo ás dissipações, ás delicias mundanas, enrijou-o no trabalho; o lar não lhe pôz brumas, atirou-lhe o estímulo que o tem levado a realizar, contra a litteratura das *rodas*, da bohemia que *gyra* vinte e quatro horas por dia, êrma de todas as virtudes, a litteratura que pôde não ser a melhor, a mais forte, a mais intensa, a mais profunda, mas não é a menos sincêra, a menos esforçada. Hoje, mais que o Brazil, Portugal o procura e estima pelo orgão dos seus escriptores, do seu publico e dos seus editores.

\*\*

A BICO DE PENNA—COELHO NETTO—LIVRARIA CHARDRON---PORTO.

De Coelho Netto, que digo eu ?

A *bico de penna*, que o Chardron editou lindamente, é ainda do estheta do *Sertão*, do cerebral da *Conquista*. Quero dizer que aquelle estranho, aquelle mólle engranzador de phrases inêrmes, de phrases múdas do *Pendjab* desapareceu. E' isso a bem da sua obra primacial, da sua rutilante arte. Aquella multifária e estonteada estroinice que produziu uma meia duzia de livros máus, nefastos, prejudiciaes da reputação de um admiravel artista, deu o lugar ao trabalho sério, pensado, forte e magnifico com que Coelho Netto, assim, lançou, facilmente, aos perversos e descrentes da sua força, a prova do seu talento, do seu poder de criação, porque das suas rebrilhantes facultades de estylo ninguem se mexeu a duvidar. Da sua livraria, feita com sacrificio de paciencia, de calma, de





rente considerar a subtracção ou a addição, porque uma operação pôde ser substituída pela outra;

2º — O segundo signal — do primeiro membro é substituível pelo segundo signal + do segundo membro, isto é, uma quantidade negativa pôde ser positiva, porque não ha differença entre suas qualidades!

Este modo de encarar a *qualidade* das quantidades algebraicas é extremamente ambiguo.

E' exacto que o illustre Montferrier abraçava a antig theoria das quantidades negativas, e é por isso que diz que  $-a$  multiplicado por  $-b$ , outra cousa não é senão o negativo  $-a$  junto negativamente a si mesmo. Esta é a concepção dos que attribuem aos negativos o caracter de *negação* e os consideram portanto como significando uma *falla*, porém não nos referimos a Montferrier nem a elles, mas aos que dizendo terem uma idéa clara do modo porque devem ser encarados os negativos, admittem ainda taes raciocinios, como o fazem os representantes da theoria moderna.

12. Recordemos agora a marcha que se-guem outros autores que, reconhecendo talvez a metaphisica do raciocinio por meio do qual se chega á regra dos signaes da consideração dos monomios, bastava estabelecer a partir da multiplicação dos polynomios.

Apresentaremos a marcha seguida nos Elementos de Algebra, dos illustres Moraes Regos que, sobre ser mais ou menos a maneira seguida por varios autores, prima pela clareza e concisão.

A' pagina 321 dessa obra, lê-se :

« Supponhamos agora, que se trate de multiplicar  $a-b$  por  $c$ . Para obtermos a expressão do producto, é necessario multiplicarmos  $a$  por  $c$  e subtrairmos do resultado o producto de  $c$  por  $b$ , porque  $a-b$ , sendo menor que  $a$  da quantidade  $b$ , o seu producto por  $c$  deve ser menor que o producto de  $a$  por  $c$  de uma quantidade  $b+c$ .

A expressão equivalente do producto vem a ser portanto  $ac-bc$ .

Seja em segundo lugar multiplicar  $a-b$  por  $c-d$ .

Representando o segundo binomio por  $m$  teremos reduzido a questão á determinação do producto de  $m$  por  $a-b$ .

Como vimos ha pouco, temos para expressão dese producto  $ma-ab$ .

Substituindo em lugar de  $m$  o seu valor, teremos :

$$a(c-d)-b(c-d)=ac-ad-(bc-bd)=ac-ad-bc+bd.$$

Assim, pois, um simples artificio reduziu a segunda questão a repetir um certo numero de vezes a primeira e a uma subtracção.»

Em seguida examinam os illustres autores o caso da multiplicação de um trinomio por um binomio, e a de dois trinomios, que deixaremos de transcrever, por nada alterar sua suppressão, a analyse que vamos fazer. Depois, á pagina 322 da obra que nos occupa, lê-se :

« Assim, pois, por meio de contracções reduziríamos a multiplicação de dois polynomios quaesquer a um maior ou menor numero de multiplicações de um monomio por um binomio ou a uma série de transformações da forma  $c(a+b)$ .

Assim se reduz a este caso a multiplicação das quantidades negativas isoladas.

Supponhamos que se trata de multiplicar  $-d$  por  $-h$ .

Como vimos, podemos substituir  $-d$  pela formula equivalente  $a-c$ , sendo  $c-a+d$ , e  $-h$  por  $c-f$ , sendo  $f=e+h$ .

$$\begin{aligned} \text{Temos, portanto, } -d &= a-e & e \\ & -h = e-f & \text{ ou} \\ d &= c-a & (1) \\ h &= f-e & (2) \end{aligned}$$

A questão está, portanto, reduzida a determinação do producto  $(a-c)(e-f)$  que nos dá, como vimos,  $ae-ec-af+fc=fc-ec-(af+ae)=c(f-e)-(f-e)a$ ; substituindo  $f-e$  pelo seu valor  $h$  (2) teremos:  $(a-c)(c-f)=ch-ah=(c-a)h$ .

Substituindo  $c-a$  pelo seu valor  $d$  (1) teremos:  $(a-c)(e-f)=dh$  e portanto  $-d+-h=dh$ .

Supponhamos que se trata de multiplicar  $a$  por  $-b$ .

Substituindo  $-b$  por  $c-d$ , sendo  $d=c+b$  teremos  $-b=c-d$ .

Fica assim a questão reduzida á determinação do producto  $(c-d)a$ , o que nos dá  $ac-ad=(c-d)a=-ab$ .

A simples inspecção destes resultados nos mostra :

Primeiro que para obter-se a expressão do producto de dois polynomios é necessario formar todos os productos do multiplicando por cada um dos terminos do multiplicador e sommar ou subtrair no resultado final cada um destes productos, conforme o termo do multiplicador que lhe corresponde é positivo ou negativo.

Segundo, que todos os termos do producto, que resultaram da multiplicação de dois termos affectos do mesmo signal, são positivos e todos os que resultaram da multiplicação de dois termos de signaes contrarios, são negativos, facto este consequente do primeiro, isto é, da somma algebraica de todos os productos parciaes de cada termo positivo do multiplicador pelo multiplicando e da subtracção algebraica de todos os productos parciaes de cada termo do multiplicador pelo multiplicando.

A origem, pois, da modificação dos signaes na multiplicação, é a transformação por substituição.

Este facto foi muito tempo um dos pontos obscurecidos pela intervenção metaphisica no dominio do calculo.

No emtanto nós vemos que elle nada tem de mysterioso que exija subtilidades de argumentação para justificar-o cabalmente.

Referida á transformação por subtracção, a multiplicação dos signaes que apresenta a formula do producto, fica a ligação logica entre as transformações algebraicas melhor e mais racionalmente estabelecida, mostrando claramente como o modo de relação entre os elementos dos factores determinou uma modificação necessaria no modo de relação entre os elementos do producto. E isto tanto mais era de esperar quanto nós sabemos que em arithmetica um producto varia quando variam os seus factores, facto que algebraicamente, onde o modo de dependencia é essencial, devia necessariamente se manifestar de uma maneira precisa.

Esta formação dos signaes dos termos do producto pelos signaes dos termos dos factores, pôde ser representada pela imagem :

$$\begin{array}{r} + \times + = + \\ - \times - = + \\ + \times - = - \\ - \times + = - \end{array}$$

Daqui resulta a seguinte regra para determinar a expressão do producto de dois polynomios: multiplicação-se todos os termos do polynomio multiplicando por cada um dos termos do polynomio multiplicador e dá-se a cada termo assim formado o signal mais ou menos, conforme os termos multiplicados têm os mesmos ou diferentes signaes. »

Este trecho fórma na verdade uma bella exposição, e a escolhemos para typo porque nelle o raciocinio é claro, quer se tome o caso de de dois binomios, quer o caso de dois polynomios quaesquer e a regra citada é verdadeiramente applicavel a qualquer desses dois casos, porque funda-se em principios logicos.

Não assim, porém, quanto ao caso das quantidades negativas isoladas, porque a multiplicação destas não se reduz a multiplicação de um monomio por um binomio, como affirma o texto.

Sómente considerando estas quantidades como provindo de uma subtracção impossivel, é que se pôde dizer que a multiplicação de  $-d$  por  $-h$  se reduz a multiplicação de  $(a-c)$  por  $(e-f)$ , pois é preciso admitir que  $-d=a-c$  e  $-h=e-f$ , na hypothese de serem respectivamente  $c-a+d$  e  $f=e+h$ , o que tudo é acceito pelo trecho citado.

E por se ter considerado os negativos como provindo de uma subtracção, é que se estende a essas quantidades a regra achada para os signaes dos termos do producto resultante da multiplicação de dois binomios.

Admittindo mesmo aquella procedencia para os negativos, ha um vicio no raciocinio expellido no caso da multiplicação dessas quantidades que tira todo o valor que se lhe possa attribuir.

Com effeito, pelo texto vimos que

$$\left. \begin{array}{l} -d = a - e \\ -h = e - f \end{array} \right\} A$$

ou

$$\left. \begin{array}{l} d = c - a \\ h = f - e \end{array} \right\} B$$

Não precisa grande esforço para se reconhecer que as expressões que chamamos  $B$  e que provieram das que chamamos  $A$ , são a base da transformação.

E' claro, porém, que partindo-se das expressões  $A$  só se pôde chegar ás expressões  $B$ , multiplicando-se as primeiras por  $-1$ , porque mesmo a transposição de termos neste caso não conduz ás expressões  $B$ , visto que uma quantidade negativa isolada segundo o texto como é  $-d$  ou  $-h$ , conserva-se da mesma maneira negativa, quer esteja no primeiro, quer no segundo membro de uma igualdade, isto é,  $-d=a-c$  é o mesmo que  $a-c=-d$ .

Mas, se só é possivel passar das expressões  $A$  para as expressões  $B$  multiplicando-se aquellas por  $-1$ , já se admittio de antemão que  $-+-=+$ , o que faz cair no estabelecimento da regra dos signaes em uma petição de principio.

Assim, vê-se que partindo-se dos binomios ou considerando os negativos como substituíveis por uma differença indicada que encerra uma hypothese absurda, só se pôde estender a essas quantidades as regras obtidas para regular os signaes dos termos dos productos entre binomios ou polynomios, por um circulo vivicios, que naturalmente representa a intervenção metaphisica no calculo das relações.

E' o que se devia esperar, porque a irradificação dos signaes, dizem os illustres autores, dos termos do producto, é motivada pela « transformação por subtracção » e as quantidades negativas nada têm que ver com semelhante operação.

13. Expostos os methodos seguidos até hoje para a determinação dos signaes do producto entre quantidades positivas e negativas, entre estas e aquellas, ou entre quantidades negativas exclusivamente, e tendo em vista o resultado a que se chega pelo emprego de principios que se não compadecem com a questão, diante da necessidade que tem hoje a sciencia de considerar os negativos como se considera os positivos, tratemos de achar a regra que deve guiar na determinação dos signaes do producto entre aquellas quantidades, segundo a concepção de nossa theoria.

Tomemos em primeiro lugar o caso dos positivos, e seja-nos permitido lembrar algumas preliminares: —

Do facto de se considerarem os negativos como *reaes* ou tanto maiores do que zero quanto maiores forem seus valores absolutos, resulta que uma grandeza negativa pôde ser encarada como uma successão de unidades negativas, e o numero negativo, que exprime a relação entre uma grandeza negativa de valor desconhecido e outra de valor conhecido, pôde tambem ser considerado como representando uma *collecção* de unidades negativas, como, abstractamente, é facil de conhecer.

De facto, vimos que na addição entre  $-A$  e  $-B$ , chegámos a um resultado  $-C$ , como havíamos encontrado  $+C$  da addição em  $+A$  e  $+B$ .

Si, pois, nas expressões

$$\left. \begin{aligned} (+A) + (+B) &= +C \\ (+A) + (-B) &= -C \end{aligned} \right\} (1)$$

suppuzermos successivamente:

$$\begin{aligned} +A &= +B = +1 \\ -A &= -B = -1 \end{aligned}$$

as mesmas expressões nos dão:

$$\begin{aligned} (+1) + (+1) &= +2 \\ (-1) + (-1) &= -2 \end{aligned}$$

o que se pôde traduzir da seguinte forma:

O numero positivo  $+2$  proveio da somma da unidade positiva comsigo mesma ou  $+2$  é a unidade positiva repetida duas vezes.

O numero negativo  $-2$  proveio da somma da unidade negativa comsigo mesma, ou  $-2$  é a unidade negativa repetida duas vezes.

Assim podemos dizer de um modo geral: — um numero positivo representa a unidade positiva repetida um certo numero de vezes, como um numero negativo representa a unidade negativa repetida um certo numero de vezes.

Supponhamos, agora, que se trate de multiplicar  $+a$  por  $+b$ .

Como a multiplicação nada mais é do que uma addição entre parcelas iguaes, e como  $+a$  é o multiplicando e  $+b$  o multiplicador, claro está, que nossa questão se reduz a procurar um numero tal que se de-

rive do mutiplicando como o mutiplicador se deriva de sua unidade.

Ora  $+b$  se deriva da unidade, repetindo-se a unidade positiva  $+1$  um numero  $b$  de vezes, ou

$$+b = (+1) + (+1) + (+1) + (+1) + \dots + (+1) + (+1) \text{ um numero } b \text{ de vezes, portanto o producto de } +a \text{ por } +b \text{ se reduz a uma somma de parcelas iguaes a } +a \text{ tomadas tantas vezes, quantas } +b \text{ contém sua unidade, porque esta somma representa em derradeira analyse um numero que se deriva de } +a \text{ como } +b \text{ se deriva de } +1.$$

Assim, temos que:

$$(+a) + (+b) = (+a) + (+a) + (+a) + (+a) + \dots \text{ um numero } b \text{ de vezes.}$$

Chamando  $c$  o numero que representa esta somma, este numero é necessariamente positivo porque provém da addição, de parcelas positivas, e teremos por fim:

$$(+a) + (+b) = +c.$$

Supponhamos em segundo lugar que se trate de multiplicar  $-a$  por  $-b$ .

Esta questão se reduzindo a se procurar um numero que se derive do multiplicando  $-a$  como o multiplicador  $-b$  se deriva da unidade, e como o multiplicador  $-b$  se deriva da unidade repetindo-se a unidade negativa (que é a sua unidade) um numero  $b$  de vezes, claro está que este caso de multiplicação se reduz a se fazer a somma da parcella negativa  $-a$  comsigo mesma tantas vezes quantas o multiplicado  $-b$  contém sua unidade  $-1$ .

Assim teremos,

$$(-a) + (-b) = (-a) + (-a) + (-a) + (-a) + \dots + (-a) \text{ um numero } b \text{ de vezes.}$$

Chamando da mesma maneira  $c$  o numero que representa esta somma, será elle necessariamente negativo porque provém da addição de parcelas negativas, e teremos finalmente:

$$(-a) + (-b) = -c.$$

Seja em terceiro lugar a multiplicação de  $-a$  por  $+b$ .

Ainda aqui, se tendo de procurar um numero que se derive do multiplicando  $-a$  como o multiplicador se deriva da unidade, é facil de comprehender como o producto de  $-a$  por  $+b$  se reduz á somma:

$$(-a) + (-a) + (-a) + (-a) + (-a) + \dots + (-a) \text{ um numero } b \text{ de vezes que é o numero que a unidade positiva } +1 \text{ entra para a composição de } +b.$$

Chamando  $-c$  o numero que representa esta somma de parcelas negativas iguaes a  $-a$ , teremos finalmente:

$$(-a) + (+b) = -c.$$

Supponhamos finalmente que se trate de multiplicar  $+a$  por  $-b$ .

Ainda aqui teríamos de repetir o numero positivo  $+a$  um numero  $b$  de vezes, que é o numero que a unidade negativa  $-1$  entra para a composição de  $-b$ , o que nos conduziria á somma:

$$(+a) + (+a) + (+a) + (+a) + (+a) + \dots + (+a) \text{ um numero } b \text{ de vezes, ou}$$

$$(+a) + (-b) = +c$$

porque  $+c$  provem da somma de parcelas positivas iguaes a  $+a$ .

Analysando os resultados encontrados chegamos ao seguinte:

1º Quando se multiplicou  $+a$  por  $+b$  e  $+a$  por  $-b$  os productos encontrados tinham o signal  $+$ ;

2º Quando se multiplicou  $-a$  por  $-b$  e  $-a$  por  $+b$  os productos encontrados tinham o signal  $-$ ; ou, quando o multiplicando é positivo, seja o multiplicador positivo ou negativo, o producto é positivo, e quando o multiplicando é negativo, seja o multiplicador positivo ou negativo, o producto é negativo.

E' isto o que se deveria esperar, attendendo á funcção toda especial do multiplicador.

De facto, o multiplicador representando o numero de vezes que deve ser tomado o multiplicando, concorre para o producto unicamente como valor, sua natureza nada influindo na natureza do producto.

Não assim o multiplicando, que representando o numero que deve ser repetido, concorre para a formação do producto, não só como valor, como dá ao producto a *qualidade* que lhe caracteriza a existencia.

Isto deriva da funcção do multiplicando, e o resultado a que chegamos na multiplicação dos monomios, se pôde traduzir, quanto aos signaes, finalmente da maneira seguinte:

O signal de um producto está intimamente ligado ao signal do multiplicando, isto é, quando o multiplicando é positivo, o signal do producto é positivo, quando o multiplicando é negativo, o signal é negativo,

O schema abaixo representa perfeitamente nossa regra:

$$\begin{array}{l} + \times + = + \\ + \times - = - \\ - \times - = + \\ - \times + = - \end{array}$$

Esta é a regra a que conduz a verdadeira interpretação das quantidades negativas, não devendo, pois, prevalecer a que se origina de uma falsa interpretação, ficando, portanto, banida a extravagancia mathematica de se dizer que  $-a$  multiplicado por  $-b$  seja positivo, quando ninguém se lembra de dizer que  $+a$  multiplicado por  $+b$  seja negativo.

14. Deduzida a regra dos signaes do producto, não ha difficuldade alguma em se determinar os signaes do quociente, na Divisão, e por isso não trataremos dessa operação, porque da regra acima resulta:

1º Quando o dividendo é positivo, o quociente é positivo, seja qual for a *qualidade* do divisor;

2º Quando o dividendo é negativo, o quociente é negativo, seja qual for a *qualidade* do divisor, isto é:

$$\frac{+}{+} = + ; \frac{-}{-} = +$$

Próva:  $+ \text{ dividendo} = + \text{ quociente} \times + \text{ divisor}$  ou  $+ \times + = +$   
 $+ \text{ dividendo} = + \text{ quociente} \times - \text{ divisor}$  ou  $+ \times - = -$   
 Da mesma maneira

$$\frac{-}{-} = - ; \frac{+}{+} = -$$

Próva:  $- \text{ dividendo} = - \text{ quociente} \times - \text{ divisor}$  ou  $- \times - = +$   
 $- \text{ dividendo} = - \text{ quociente} \times + \text{ divisor}$  ou  $- \times + = -$   
 como preceitúa a regra dos signaes do producto.

Na prova da divisão, é necessario não esquecer que o quociente representa o multiplicando e o divisor o multiplicador, especialmente nos casos de divisão entre quantidades de *naturezas* diferentes, o que resultado ainda da verdadeira interpretação das quantidades negativas, não se podendo, pois, inverter a ordem dos termos, embora sejam elles abstractos, porque, como ficou dito, em algebra, além do valor, se considera a *qualidade* das quantidades.

Na verdade, si o quociente representa uma fracção do dividendo, tem deste a *qualidade*, e, si effectuarmos a prova com o fim de verificar nossa operação, o quociente deve ser o multiplicando porque a nossa multiplicação apenas virá reproduzir o dividendo.

TERTULIANO BARRETO,

1º Tenente de Artilharia.

(Continua)

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000  
 ———  
 Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob).  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

O sympathico general Glycerio, um dos mais atilados politicos contemporaneos, disse, no Senado, quando se discutia a licença para o processo do sr. Lauro Sodré, que os homens mudam de opinião conforme as circumstancias.

Se s. ex. fôsse um cultor da lingua de Cicero, teria repetido o *sapientium est mutare consilium*. Preferiu, porém, parodiar o brocardo popular — só os burros não mudam de opinião, amenizando a fórmula de um conceito que, por mais severo que se figure aos melindres carrancistas, não deixa de ser profundamente verdadeiro, para debuchar as crises de fraqueza, de vacillações, em que o maior numero mette num sacco os principios, as idéas e a violá, suppondo ser agradável a Cesar.

O caso em discussão não era novo. Em quinze annos de Republica, o Senado e a Camara se têm achado na dolorosa contingencia de emittir a sua augusta opinião sobre elle, em aréstos luminosos, adubados de jurisprudencia americana, succulento mólho de erudição, como devem ser as deliberações de corpos collectivos, onde se condensam as luzes, o saber e o patriotismo da nação, em peregrina essencia.

O caso não era novo; devia, por consequente, a jurisprudencia sobre elle estar firmada de pedra e cal, luminosamente, estreme de duvidas, num reducto de hermeneutica impermeavel á cnicana, sem bréchas de conveniencias, sem rachas que denunciasssem a fragilidade de argamassa, cedendo aos assaltos das intemperies, á catapulta fatal do dia depois do outro. O caso era velho, mas as circumstancias são sempre novas, engendrando o que, em politica, constitúe o opportunismo, que é uma especie de brisa suave a impulsionar as ventoinhas das opiniões abalissadas dos sabios, dos patriotas, dos conductores de povos para as conquistas da liberdade. Por isso, o conceito do general Glycerio, mesmo rebuçado de ironias, é profundamente verdadeiro.

Os homens superiores não têm opiniões fixas. Como annuncios pregados em muralhas, ellas devem variar de accordo com as oscillações do mercado, conforme a procura e a offerta dos artigos de mercancia, mais favoreados pelo embotado gosto do publico, os

aperitivos miraculosos, as panacéas de filtros engenhosas para attenuarmos cruciantes dispepsias, nas varias fórmulas dessa nevrose moderna.

Os hirtos *gentlemens* inglezes mudavam o córte das calças, do paletot, o nó da gravata, a fórmula do chapéo, não por um capricho da móda, mas por inspiração divina que vinha do alto, do ex-principe de Galles, a quem o pezo da corôa não privou da eminente função de *leader* da elegancia nas ilhas e no continente.

Ha, portanto, em todos os planos de vida social, uma força impulsiva, uma força mysteriosa, omnipotente, fatal como o destino, da qual emana o determinismo das circumstancias, influindo na tempera do pensamento dos homens, formando um molde onde elle, como o metal e a cêra em fusão, se entórnem e se solidificam em opiniões rijas, ou formando um macio colchão de penas, onde a opinião se estira, se acomóda, suavemente, para as somnécas restauradoras de cerebros muito torturados pelas locubrações patrióticas.

Antigamente, quando um homem mudava de opinião, dizia-se que havia virado a casaca, ficando na attitude grotesca de um ridiculo carnavalesco. Hoje, em dia, as casacas não têm fórrô: pôdem ser viradas impunemente, sem perturbarem a compostura, a elegancia do traje.

E tanto isso se radicou nos costumes da nata social, que o saber mudar de opinião é uma qualidade de primôr na industria, nas artes, na politica, onde os casmurros, os pé-de-boi, a corja de radicaes aferrados ás opiniões, idéas e principios, são suspeitos, refugados por inconvenientes, por infractores refractarios da disciplina e da ordem, os dois elementos essenciaes á efficacia dos actos humanos.

Em tudo, na vida affectiva como na vida material, e até respeito aos phenomenos naturaes mais vulgares, as circumstancias dominam as opiniões: toda a gente se queixa do sol tostante dos dias de verão; todos abençoam, como um dom divino, o fulgor de seus raios beneficos na quadra hibernal.

Tem razão o illustre general: s. ex. viu no fundo das almas, e fez, de um traço firme, a psychologia do pessoal.

Por falar de opinião, vem a proposito o projecto do sr. Medeiros e Albuquerque, o prodigioso trabalhador de

aptidões diversas em todos os terrenos de actividade do pensamento, sempre externado com excepcional precisão de vistas, e um solido criterio, quer elle pontifique na critica litteraria, quer aprecie os factos e os homens, da tribuna da Camara ou na *Ordem do Dia*, que já se tornou um dos assumptos predilectos dos incontaveis leitores d'*A Noticia*.

Medeiros e Albuquerque pretende, com o seu projecto, defrontar um perigo, humanisar o frade, tiral-o do meio de privilegios divinos para reduzil-o a cidadão de carne e osso, obrigado a todos os onus que as leis impõem aos brasileiros. E cada um dos artigos do formidavel projecto transsubstancia apurado estudo das multiplas faces do problema; contém, em uma synthese admiravel, a idéa e a justificação com a firmeza de quem faz obra de convicção e de coragem.

Não se impugna o exercicio do sacerdocio; não se proscvem as praticas religiosas, que continuarão a ser uma das prerogativas da liberdade de pensamento, comtanto que fiquem dentro dos limites das leis organicas da sociedade.

Esse projecto foi recebido com especial frieza pela Camara: não houve manifestações de agrado ou de repulsa; as consciencias dos representantes da nação, dominadas por uns restos de superstição, ou, na maioria, pelo receio de manifestações imprudentes, metteram-se nas encóspias, aguardando, talvez, a opinião dos chefes sobre esse gravissimo caso, que muito bem pôde suscitar uma questão politica de transcendental alcance, dadas as relações amistosas, mantidas por vinculos tradicionaes, pela ternura do namôro entre o principe da igreja fluminense e o governo.

O sr. Medeiros e Albuquerque emprehendeu precaver o paiz contra os resultados da immigração de frades evadidos, como elementos perniciosos, dos mais cultos paizes do mundo.

Nós não somos inimigo do padre, seja elle um vencido pelas decepções, escabriado pelos enganos e chiméras do mundo, seus encantos, tentações e torpezas, ou um convicto delle afastado por vocação, por tendencias irresistiveis para as mysticas idealisações da fé, entregando-se a uma vida de sacrificios, de abstenções, com os quaes está muito certo de concorrer para a absolvição dos peccados, para a resurreição da carne, ou para mitigar os

soffrimentos provocados por molestias, miserias, maguas moraes e outros males deste valle de lagrimas.

Veneramos o homem que, superior á sua carne, se esterilisa, abandonando todos os gozos, todos os deliciosos vicios tolerados, que constituem o melhor quinhão de felicidade da maioria dos mortaes. Um homem desses é um forte, um victorioso na lucta heroica contra si mesmo, contra os instinctos que governam, despoticamente, a especie.

Mas... nos apavoramos diante dos frades congregados, recordando o que fizeram nas Filipinas, mantendo, durante trez seculos, uma população de quasi dez milhões de habitantes, na mais escura ignorancia, de olhos vendados pelas mais grosseiras superstições, muito visinhas de um fetichismo selvagem. Numerosos, senhores absolutos da terra, que permanecia estéril, miseravel, em tórno dos conventos, elles não souberam continuar a obra dos martyres, nem se modelaram ás exigencias da civilisação: a sua função foi a de uma barreira negra, inexpugnavel.

O Brazil não precisa da catechese desses frades; passou o tempo das missões, em que elles fôram verdadeiramente uteis. Para as nossas necessidades espirituas, é sufficiente o nosso padre secular, inoffensivo, vivendo, como um amigo, no meio da sociedade, ajudando-a, na medida de suas forças, a progredir, a crescer, sem estardalhaços pharisaicos, sem esses luxos de devoção, que estão agóra em móda, de resultados negativos para as conquistas da fé e da civilisação.

POJUCAN.

### Um prologo de Medeiros e Albuquerque

#### III

A incompatibilidade do milagre com o espirito da critica, segundo Lecky, torna impossivel a sua realisação num meio culto ou philosophico.

Wallace não se confórma com essa affirmacão, e rebate-a com o facto de existirem actualmente no mundo civilisado e principalmente nos centros academicos e no seio de muitas sociedades sabias, uma infinidade de pessôas, que, pelo testemunho dos proprios sentidos, acreditam nos phenomenos que Lecky e outros qualificam de miraculosos e, por consequente, de incriveis. Ao contrario de ser indicio de um certo estado da sociedade ou expressão normal de uma dada phase do conhecimento ou da capacidade intellectual, semelhante crença existiu em todos os estados de desenvolvi-

mento da sociedade. Assim, vemos que Socrates, Plutarcho e Santo Agostinho deram delles testemunho pessoal, o mesmo fizeram os reformadores Luthero e Calvino; e na Inglaterra, todos os philosophos e homens competentes até sir. Matheu Hale, attestam factos semelhantes. Enorme é a lista dos homens de sciencia, professores, medicos e magistrados que, ao tempo em que Wallace escreveu a sua obra, pleiteavam a causa do moderno espiritalismo.

Não lhe parece ainda que o argumento de Tylor, de que a crença nos milagres seja uma sobrevivencia de um estado mental selvagem, tenha importancia, porquanto é elle mesmo quem declara que ignora quaes os factos que induzem essa crença.

E neste caso caber-lhe-ia sustentar, do mesmo modo pejorativo, que a crença moderna de que o sol é uma massa ignea, constitue uma sobrevivencia do pensamento selvagem, porque alguns selvagens têm igualmente essa crença.

A questão para Wallace é uma questão de facto. O milagre entrará, pois, na ordem dos phenomenos naturaes. Não é como pensa o professor Tyndall, um ataque á lei da conservacão da energia; implica apenas a existencia de seres intelligentes invisiveis a nós, comtudo capazes de agir sobre a materia, como nós pelos meios communs agimos sobre ella.

O termo «sobrenatural» é empregado por commodidade da linguagem, certo, como é, que as leis naturaes régem todos os phenomenos, sem excepção alguma.

Essas leis não são incompativeis, nem impêdem que seres intelligentes existam em torno de nós e entre nós, sem que durante toda a nossa vida cheguemos a perceber-os. Não destoa da natureza que taes seres em determinadas condições se dêem a conhecer, agindo sobre a materia. A sua *possibilidade* é incontestavel.

«A existencia, diz Wallace, de seres sensiveis, se bem que fóra do alcance dos nossos orgãos naturaes, não infringiria aquellas leis, como não infringem os protozoarios, organismos gelatinosos e sem estructura que apresentam os mais completos phenomenos da vida animal, apezar da ausencia da differenciação de partes ou especialisação de orgãos que parecem exigir as funções necessarias a essa vida animal.» (1)

O naturalista, portanto, não trepida em admittir estes seres de natureza immaterial como explicação dos phenomenos de que se trata. Estes seres não são compostos das fórmulas mais subtis e diffusas da materia, porque

(1) Wallace — *Les miracles et le moderne spiritualisme*, pag. 164.

assim ter-se-iam de confundir as duas grandes ordens de phenomenos que constituem o Universo. Como, porém, poderiam essas intelligencias actuar sobre corpos ponderaveis?

Esta difficuldade ou esta objecção, Wallace pensa responder com a evidencia mysteriosa da luz, do calor, da electricidade, do magnetismo, a vitalidade e a gravitação, considerados *modalidades de movimento* de um ether que enche o espaço. Ha fórmulas de materia impalpavel, cujo conhecimento provém unicamente dos efeitos que nos envolvem. Si existem, pois, intelligencias que podemos dizer de natureza ethérea, seria absurdo negar-se-lhes o uso dessas forças ethéreas, que constituem «a fonte inesgotavel do que engendra sobre a terra força, movimento e vida».

«Os nossos sentidos e a nossa intelligencia, accrescenta o sabio, com quanto limitados, permitem que recebamos impressões e que remontemos até á origem de algumas das diversas manifestações do movimento ethéreo em phases distinctas como a luz, o calor, a electricidade e a gravidade; nenhum pensador, todavia, se arrojará a affirmar que não haja, além destes, outro modo possivel de acção desse elemento primitivo... Sem o sentido da vista, nosso conhecimento da natureza e do Universo seria reduzido a milissima parte do que é. Dada a sua ausencia, nossa intelligencia diminuiria numa extensão, que não podemos calcular; e é licito crêr que, com elle, a natureza moral nunca ter-se-ia desenvolvido por completo e difficilmente teriamos attingido á dignidade e supremacia de homem. Portanto, é possivel, e até provavel, que existam modos de sensação superiores e excedentes aos nossos na mesma proporção que váe da vista ao tacto ou ao ouvido.» (2)

Para Wallace, não resta duvida, os milagres são phenomenos naturaes, sujeitos á observação e á experiencia como quaesquer outros phenomenos. Os nossos cinco sentidos, grosseiros instrumentos para prescrutar os imponderaveis, são todos os dias substituidos por aparelhos, que vão gradualmente penetrando, desvendando essas coisas, na phrase de Hamlet, existentes na terra e nos céos, e de que não cogitava a nossa vã philosophia.

Passando o spiritismo assim á categoria de uma sciencia experimental, restaria a prova dos factos.

Wallace no capitulo do livro, onde se trata da realidade objectiva das aparições ou daquillo a que o vulgo chama espectros, refere-se a experiencias de variada especie, e enumera casos de phantasmas, cuja objectivi-

(2) *Obr. cit.* p. 66.

dade se tem provado por meio de relações de espaço definidas, pela impressão por ellas produzidas sobre irracionais, pela producção de efeitos physicos os mais variados, deslocações, fusões, sons musicas, pela photographia, pela communicacão a distancia, pelas reacções chemicas, etc., etc.

A natureza destes artigos não me permite acompanhar as experiencias a que allude o sabio naturalista, cujos escriptos preferi aos de Aksakoff, Delanue e outros, por parecer-me o representante dessas idéas mais digno de respeito, graças á sua serenidade, que já não é a mesma do sabio Crookes.

Não dissimularei, porém, a instabilidade de tudo quanto elle affirma, diante de uma unica consideração, que assalta o espirito mais desprevenido.

Si é verdade que os argumentos de Hume, Lecky e Tylor não convencem o mais desapercibido de conhecimentos philosophicos, não é menos certo, que o experimentalismo spirita assume por sua vez um tom de verdadeira magica theatral. Não é que d'ahi se deva inferir a irreallidade dos factos multiplos, testemunhados por homens serios, e das experiencias realizadas, sob a ascendencia da doutrina spirita; mas succede que até hoje, ainda não houve analyse quantitativa exercida sobre aparições e espiritos; e emquanto lá não chegarmos, licito será pôr de quarentena o caracter experimental da nova sciencia, a que Wallace e Crookes juntaram o seu prestigio scientifico.

Por outro lado, ha a considerar a questão preliminar dos fundamentos da certeza. Neste caso, teriamos de refazer Kant ou destruir o pyrrhonismo moderno.

Medeiros e Albuquerque, que não crê no milagre, nem mesmo *naturalizado*, á maneira de Wallace, em face dos phenomenos irrecusaveis, que lhe puzeram diante dos olhos, preferiu encarar o homem como um todo concreto, onde trabalha a idéa, como uma força capaz de produzir forças, agindo sobre o ambiente.

«*L'homme n'est ni ange, ni bête, et qui veut faire l'ange, fait la bête.*» O autor do prologo, que analyse, comprehendeu bem esse conceito de Pascal.

Fiquemos na possibilidade do desenvolvimento da força, que somos, ao par de tantas outras residentes na terra, mas com quem nunca podemos estabelecer conversa; e no que respeita a almas do outro mundo, vivam, *in pace*, na cabeça dos que as géram, emquanto não se provar a existencia de duas substancias differentes, isto é, que o espirito e a materia não são aspectos de uma mesma coisa, solidaria em todos os seus pontos de resistencia, em todas as suas manifestações terrestres.

Estes conceitos, porém, não signifi-

ficam que eu esteja de acôrdo com a theoria de Medeiros e Albuquerque.

«Toda a idéa tende a transformar-se em facto.»

Para que aceitasse esse princípio, seria preciso que incorresse na confusão de considerar a idéa causa e não effeito, ainda mesmo admittindo a extravagante theoria de Feuillee e de Striker, das idéas matrizes.

«Nós não temos consciencia alguma, diz o autor do prologo á obra de Coste, nem da localisacão das nossas idéas, nem do modo por que ellas são executadas. Só conhecemos os termos extremos: 1<sup>o</sup>) idéa de movimento a effectuar; 2<sup>o</sup>) movimento effectuado.

«O que se pretende demonstrar aqui é que *toda idéa tende a se realizar* :

«a) realiza-se normalmente no proprio individuo, quando elle pensa em executar um movimento com os musculos chamados voluntarios—isto é—com aquelles que estão habitualmente sujeitos á vontade;

«b) realiza-se tambem no proprio individuo, mas em condições especiaes, e nomeadamente no hypnotismo, quando se trata de phenomenos que parecem escapar á vontade (elevação de temperatura, secreções, hemorragias, vesicações, etc.);

«c) realiza-se num corpo extranho, desenvolvido dentro do organismo, mas sem ter com elle nenhuma continuidade anatomica, quando se trata de um feto, no ventre materno;

«d) realiza-se em um ser differente no caso da suggestão mental;

«e) realiza-se na natureza, objectivando, creando, *realmente* objectos e seres, quando se trata das chamadas materialisações espiritas.» (3)

Nada ha que oppôr á veracidade do phenomeno tal qual o illustrado critico o descreve nesta pagina interessante. Mas, ou eu me engano, ou no conjunto dessa exposiçãõ ha uma tautologia philosophica.

Das duas, uma: ou o escriptor confessa-se um materialista dogmatico, um decidido epicurista, ou então a idéa, que põe no inicio de todo o acto humano, é um elemento estranho, sobrenatural,—um ente independente, que intervém no corpo humano, pela fórma por que o entendia Platão, de conformidade com a metempsychose que por algum tempo dominou a philosophia grega.

Julgo, porém, que o equivoco de Medeiros e Albuquerque nasce de uma metathese muito commum.

Não se trata de idéas; mas de ESTADOS. E toda a força humana confunde-se com esses estados conscientes ou não conscientes.

ARARIPE JUNIOR.

(3) *Phenomenos psychicos occultos*, de Albert Coste. Prologo, p. L.

## AS MULTIDÕES CRIMINAES

Datam do ultimo quartel do seculo recém-findo, os ensaios e observações da chamada «Psychologia Collectiva». Foi Henrique Ferri, o eminente sociologo da chamada Escola Penal Positiva, quem lhe traçou as linhas geraes.

Fez notar que entre a «Psychologia individual» (*que estuda o homem isolado*) e a «Psychologia social ou Sociologia» (*que estuda os homens em suas relações normaes e constantes*), ha espaço para outra sciencia que se podia chamar «Psychologia collectiva», destinada ao estudo das relações anormaes ou transitorias entre os homens, isto é, as reuniões, as collectividades, devidas á occasião ou ao caso, e que não são estaveis e organicas, mas, sim, inorganicas e ephemerias, taes como os publicos dos theatros, as assembléas, as multidões, etc. (\*)

Rapidos fôram os progressos da PSYCHOLOGIA COLLECTIVA; já notando, em 1897, o magistrado Fabreguettes que estava na ordem do dia «o estudo das multidões e dos grupos, da sua moralidade, das suas paixões, da sua criminalidade».

Em especial, a criminalidade das multidões tem merecido grandes attentões e cuidados scientificos. Entre os que lhe dedicaram o melhor da sua actividade intellectual, destaca-se o nome de Scipio Sighele, advogado italiano, actualmente professor na Universidade Nova, de Bruxellas. Na França, se occuparam com o assumpto Gustavo Le Bon e Fournial, dedicando-lhe substanciosas monographias. Tambem Gabriel Tarde, depois de ter saudado com gradissimos applausos a brilhante iniciativa de Sighele, dedicou á criminalidade das multidões um profundo relatorio, lido perante o Congresso de Anthropologia Criminal de 1892, tomando parte na discussãõ mestres respeitadas, como Benedickt, Paulo Garnier, Dekterew e Zakrewsky. Na Hespanha, d. Concepcion Arenal, em trabalho cheio de originalidade, publicou algumas observações ácerca do delicto colectivo, assignalando suas relações com as questões e os problemas sociaes, politicos e economicos. (\*)

Ultimamente, no Congresso de Anthropologia Criminal de Amsterdam, tratou-se novamente do momentoso objecto, sendo relator Scipio Sighele e tendo fallado a respeito os já citados Dekterew e Benedickt e o professor Stemimetz.

(\*) *Actas do Congresso de Anthropologia Criminal*, reunido em Amsterdam, em 1901, pag. 68.

(\*) V. traducção franceza na REVUE INTERNACIONALE de SOCIOLOGIE, Maio de 1895. A edição hespanhola emendada está no tomo 12 das obras de d. Concepcion, (1896).

Por outra parte, os penalistas modernos e a magistratura teem procurado a melhor solução juridica desses casos tremendos e apavorantes em que o concurso para o crime parte de muitos e muitos criminosos, momentaneamente unidos, sob o impulso de uma idéa ou de uma emoção violenta. Para nós, que aproveitamos os «reflexos mentaes» projectados pela sciencia europeia, é chegado o momento de relancear, em meio de theorias e observações, as leis e principios já definitivamente assentados e que tendem a influir na jurisprudencia dos tribunaes.

\*  
\* \*

Sejam quaes fôrem os elementos sociais de que se componha uma multidão, a analyse psychologica tem revelado que, em regra, os phenomenos da sua emotividade e da sua intellectualidade são os mesmos. Na multidão, a personalidade individual consciente tende a desaparecer, orientando-se na mesma direcção as idéas e os sentimentos de todos os individuos. Forma-se, por assim dizer, uma alma collectiva, transitoria, mas cujos caracteres são nitidamente perceptíveis. Domina, ahi, o que Gustavo Le Bon chamou *lei da unidade mental collectiva*. (\*)

Os caracteres principaes que se encontram nas multidões criminosas — e que são communs ás de outras especies — pôdem ser resumidos assim: extrema mobilidade emocional e mental, exaggerada impressionabilidade, que as transforma em joguêtes de todas as excitações, de todas as impulsões, e as sujeita aos arrastamentos de suggestionadores mais ou menos habéis; essa sensibilidade é dominada por uma imaginação ardentissima, que determina actos sem reflexão, intolerancias, despotismos, que leva aos mais terribes accessos, ficando as multidões surdas á voz da piedade e do bom senso. A multidão é capaz de sentir e de agir; não é capaz de raciocinar. (*Fabreguettes*)

São causas dessa extranha agitação quasi inconsciente — a *imitação*, a *sugestão* e o *contagio*. (\*\*) Si é factó, como observou Tarde, que *sociologicamente* os trez processos se confundem, não menos certo é que *psychologicamente* se distinguem, e por fórma irilludível. A *imitação* resulta, essencialmente, de um «acto voluntario», é a repetição de um movimento alheio, feita *com consciencia*. A *sugestão* exprime a transformação em acto de uma idéa alheia que nos é imposta, segundo ensina o competentissimo Bernheim. O *contagio* (no sentido psychologico) é a «imitação

involuntaria»; exprime essa influencia moral que se exerce de um para outro homem, inconscientemente, irresistivelmente, identica á que se dá entre os organismos phisicos. Pelo *contagio* se exercita uma acção intercerebral, uma especie de *electrisação psychologica*, na expressão feliz de Gabriel Tarde. O que tem de particular o *contagio* e o que o destaca, intimamente, da *imitação* e da *sugestão* é seu «processo inconsciente». Quem imita é consciente; quem suggestiona tambem o é; entretanto, no phenomeno do *contagio* verifica-se que, não obstante uma pessoa soffrer a influencia da outra, haver um ente *activo* e outro *passivo*, o primeiro é tão inconsciente como o segundo.

Demais, a *sugestão* nunca é espontanea, e nem sempre é subita; o *contagio* é sempre subito e espontaneo, como todos os movimentos em que não domina a vontade.

Bem estudada uma multidão criminosa, vê-se que o aggregado se formou, quasi sempre, por *imitação*; pois, é voluntariamente que accorrem a um mesmo ponto os individuos que o compõem ou alli se juntam movidos por um mesmo sentimento ou idéa consciente. Depois, a simples aproximação phisica de creaturas humanas gera o phenomeno do *contagio psychico*. E nesse meio dominam as *sugestões* dos mais intelligentes, dos mais activos, dos mais fortes, dos mais audazes. A resultancia dessas influencias combinadas é a desaggregação da vontade individual e a absorpção em uma vontade collectiva, que determina os actos de todo o grupo. (\*) A *sugestão* se impõe pelo *contagio*, estabelecendo-se a orientação; o *contagio*, por sua vez, facilita a *sugestão*; e como se dá sempre, as idéas tendem a transformar-se em actos. Afinal, como disse Sighele, acompanhando Tarde, no seio de cada multidão cada um individuo é suggestionado pela collectividade — especie de suggestionador collectivo — e no meio desta se erguem os suggestionadores parciaes, individuaes, que a dominam. Dá-se, ahi, um phenomeno de acção e reacção psychica. A subitaneidade e a irresistibilidade são evidentes, quando se considera que alguns individuos, tendo-se dirigido sem intenções sinistras, quasi indifferentemente, para um logar onde se massacra, se incendia, se destróe, tendo começado por censurar energicamente os criminosos, acabam por acompanhá-los, victimados pela *sugestão* e pelo *contagio*. (\*\*)

Geralmente, no principio, em pequena minoria reside a «unidade mental

collectiva». Maior numero vem chegando por curiosidade, para *vêr o que é*; bem depressa o *contagio* se apodéra de todos os assistentes, que de testemunhas se transformam em delinquentes. Assim se patenteia o horrivel *contagio* do homicidio, por occasião de certos movimentos populares.

E' incontestavel que o *meio social-economico* serve de elemento ou de factor determinante — conforme observou finamente d. Concepcion Arenal; é indiscutível que no paiz em que se reunir a maxima garantía da liberdade individual com o maximo confôrto do individuo, não medrará facilmente o delicto collectivo. Mas, bem poucos individuos que soffrem as consequências de um regimen afflictivo — politica ou economicamente fallando — seriam capazes de crimes de sangue, fóra da provocação do motim e da desordem collectiva. A maioria é de soffredores pacíficos, que, em grande numero, nem sabem, ao certo, a quem attribuir seus soffrimentos. Entretanto, reunidas em multidão, passa-lhes pelos cerebros o turbilhão da loucura e eil-os transformados de pacientes cordeiros em tigres ferocissimos!... Psychologicamente, a situação do individuo normal é esta: acha-se em estado momentaneo e accidental de desaggregação, causada pelo meio e pelo contacto phisico e psychico com seus semelhantes. O individuo que se encontra no seio de uma multidão passa a *um estado particular* que muito se aproxima, no dizer de Le Bon, do estado de fascinação em que fica o hypnotisado diante do hypnotisador. Cumpre notar, aqui, a influencia decisiva que tem o *numero*, a *agglomeração* de pessoas. Já Espinas havia ponderado que é lei psychologica de valor absoluto que a intensidade de uma emoção cresce na proporção directa do numero de pessoas que della participam, ao mesmo tempo e no mesmo logar.

Foi nesse sentido que os medicos Vigouroux e Juquelier escreveram:

«Quando se lêem, nas obras de Sighele, Tarde, Le Bon, descripções de crimes collectivos commettidos pelas multidões, fica-se impressionado com a subitaneidade desses attestados, com a intensidade verdadeiramente pathologica das emoções offensivas da multidão. Ella é um dos meios mais favoraveis para o *contagio*, e esse é tão mais rapido e mais intenso quão maior o numero de individuos. Os crimes commettidos pelas multidões são grandes movimentos impulsivos.»

Outros medicos, não menos reputados, os drs. Pitres e Régis, observaram que os movimentos que agitam os individuos, no seio das multidões criminosas, são derivantes das mesmas causas que provocam a loucura comunicada (*folie à deux*). Considerando isoladamente, os individuos são calmos

(\*) PSYCHOLOGIE DES FOULES, 1895, pags. 11 e seguintes.

(\*\*) V. a recentissima publicação dos drs. Vigouroux e Juquelier LA CONTAGION MENTALE.

(\*) V. Pugliese, DEL DELITTO COLLECTIVO, citado por Lombroso, LE CRIME POLITIQUE ET LES REVOLUTIONS, II, pag. 152.

(\*\*) V. AUBRY, LA CONTAGION DU MEURTRE, 2ª ed., pag. 224; Sighele, LA FOULE CRIMINELLE, 1892, pags. 62—71.

e inoffensivos; agglomerados, a menor fagulha os inflamma e os arrasta aos actos mais sinistros.

EVARISTO DE MORAES.

## O DIVORCIO

Trecho de uma carta.

Dariam uma monographia as minhas impressões sobre o divorcio nos Estados Unidos da America do Norte; conteriam, talvez, revelações interessantes para demonstrar o erro fundamental do conceito vulgar, muito propagado entre nós, ácerca dos costumes, principalmente, da organização da familia na terra de Washington. Esse trabalho, superior aos limites de uma carta, encontrarás completo no ultimo livro de Johanet, obra de observador e psychologo, muito consciencioso e verdadeiro.

Nesse livro marquei as palavras attribuidas pelo autor a Mac-Allister, o oraculo dos salões o *social leader* dos *fourhundred*, a nata, o batalhão sagrado das legiões de millionarios de New York:

«A sociedade repousa sobre a santidade do lar, vinculada pelos laços da familia. O divorcio distróe o lar, desorganizará a sociedade quando esta acolher em seu seio os divorciados.»

Vem a proposito um caso, muito particular para te dar uma idéa precisa da sorte dos divorciados ou, antes, — das divorciadas.

Habitava eu, em Washington, uma casa nova, n. 1916 da rua 16<sup>a</sup>, elegantemente construida por uma senhora viuva, cujo marido fôra um brasileiro, filho de um certo Lebréton, homem de letras ou artista immigrado com d. João VI. A' nossa direita, morava a proprietaria em predio perfeitamente igual ao nosso e á esquerda residia em uma bella casinha pertencente ao dr. Bagett, uma senhora ainda moça, formosa, de maneiras distinctas, trajando, correctamente, sem estardalhaço de côres, finissimos vestidos.

Como era natural, depois de alguns dias de residencia, procurámos conhecer a vizinhança, e a nossa proprietaria, muito amavel, nos deu a respeito completas informações; notámos, entretanto, que se abstinha de falar da graciosa e sempre melancolica vizinha da esquerda, que vivia com um filhinho, sem receber visitas, sem sair jamais além do pequeno patamar onde terminava a escada de marmore branco. Aquelle ar de tristeza, as maneiras de carinho com que tratava o filho, bello menino de cinco annos, nos inspirava secréta piedade, como se suspeitássemos nella o personagem de um drama intimo, dominado por uma dôr silenciosa, resignada.

Em uma tarde de verão, quando, sob a magnifica folhagem dos castanheiros que enfeitam as ruas da capital, viamos brincarem, na relva virente, os nossos filhos, em plena expansão de infancia feliz e alegre, nos impressionou o menino da vizinha a contemplal-os triste, retrahido, como se desejasse, mas não ousasse, associar-se ao bando garrulo,

Ousei então, por piedosa curiosidade, perguntar a mme. Lebréton quem era aquella senhora. Ella respondeu-me baixando a voz, para que as creanças não ouvissem e como se me fizesse uma revelação funesta:

—E' uma divorciada.

O tom dessas palavras causou-me uma estranha impressão de surpresa e mágua, pois estava longe de suppôr que, na terra do divorcio, no paiz onde os casamentos se fazem e se desmancham com extrema facilidade, uma naufraga do lar despertasse aversão ou mesmo fôsse notada.

Mme. Lebréton, senhora de rara cultura, percebeu o meu espanto e procurou esclarecer-me.

—Então—disse ella, sempre á puridade—o senhor não percebeu ainda que das facilidades das leis reguladoras do casamente sómente se aproveitam aquelles, cujo senso moral está degradado; que a gente limpa e honesta é contraria a esse escandalo perturbador da ordem, na sociedade e na familia? Divorciam-se os levianos, as mundanas, os *parvenus*, que são muitos nesta terra, os improvisados surgidos da massa incolôr, do anonymo, adquirindo fama graças aos milhões, aos milagres da intensa vida, dos prodigios da industria na America do Norte; divorciam-se os exploradores de ambos os sexos, as actrizes, que pretendem evitar a prostituição, legalizando os seus caprichos, aproveitando a differença das leis matrimoniaes nos diversos Estados. Casados em New York, se descasam ou se recasam em New Jersey, repetem a manobra no Illinois; e, assim por diante. Não pense, porém, que a parte sã da sociedade, a burguezia séria, como a verdadeira aristocracia de descendentes dos *peregrinos*, numerosa classe exemplar pela pureza de costumes, os puritanos emfim, deixe de marcar os divorcistas com o estyigma de despreziveis creaturas transviadas do dever por um impulso repugnante de interesse ou de sensualidade. Para essa gente de lei, para nós, que somos a cabeça e o coração reguladores da grandeza, do assombroso progresso da America do Norte, o divorcio é uma torpeza. E contra elle ha um bem accentuado movimento em todas as classes de todas as religiões, de todas as seitas, tão varias neste paiz cosmopolita.

Deixaram-me funda impressão as

palavras de mme. Lebréton, talvez demasiado puritana, mas muito verdadeiras na generalidade. Comecei desde, então, a observar a situação das divorciadas, colhendo documentação viva para os fundamentos do meu criterio ácerca dessa importante questão social; e verifiquei que a situação creada pelo divorcio era, com raras excepções, de segregação, de constrangimento, mesmo em relação ás innocentes como era a minha vizinha da esquerda.

Os casos de divorcio, na alta sociedade dos ricassos deslumbrantes, provocam sempre retumbantes escandalos pela enorme publicidade que lhes dão os jornaes, reproduzindo os retratos dos personagens da comedia, dos interessados no *negocio* e descendo aos mais vexatorios pormenores. A vida social e intima de uma senhora divorciada fica assim exposta a toda a sorte de commentarios dos moralistas retrogrados e aos desapiedados assaltos da maledicencia.

As divorciadas passam a confundirse com as mundanas celebres, que contam maridos ás duzias; e, mesmo immersas no esplendor dos milhões de dollars, não conseguem lavar a mancha deixada pelos vinculos rôtos.

Contam-se casos de artistas—estrellas de primeira grandeza que, para não serem rebaixadas á condição de mulheres sem dono, adquirem maridos em vez de amantes.

Lillian Russel, a mais bella mulher jamais vista no palco—apaixonou-se pelo tenor italiano que com ella cantava no Cassino de New York: era um guapo rapaz e a diva não era de tempera para deixar caprichos insaciados.

Divorciada do sexto marido, atravessou o Hudson com o seu tenor amado e o desposou em New Jersey.

O acto, conforme a lei desse Estado foi, perfeitamente legal; o *mayor* beijou a noiva, scintillante de pedrarias raras, e o venturoso par regressou a New York, como quem faz um passeio do Rio á Praia Grande.

Amaram-se, legalmente, alguns dias; depois, satisfeito o capricho, passada a setima lua de mel, a formosa actriz percebeu que havia entre ella e o marido absoluta divergencia de character; não erão feiços um para o outro, e a justiça foi chamada a cortar o laço ainda fresco dos ressabios dos ardentes beijos de alguns dias de incomparavel ventura.

Grças a esse admiravel regimen matrimonial, Lillian Russell amou a fartar, e ficou sendo mulher honesta.

Isto ou legalisarem a prostituição parece serem a mesma coisa.

Seria natural que, no paiz de multiplos regimens legaes do matrimonio, onde os *divorce mills* rompem vinculos e trituram casaes com incrível rapidez, onde a mulher recebe educa-

ção egual, senão superior, á do homem, e se apparelha para entrar só em todas as batalhas da vida, o divorcio fôse accidente vulgarissimo, entretanto causa sempre a mais violenta impressão de repugnancia, porque a sociedade americana percebe que elle é um germen de dissolução e, por um instinctivo movimento de conservação, começa a empregar os meios de defeza, a prophylaxia e os antisepticos da educação moral, pela propaganda, pelos invenciveis meios de que dispõe para extirpal-o.

No livro, cuja leitura provocou estas linhas, encontrarás paginas em que o autor pleiteia com os factos a causa da indissolubilidade do casamento.

Mrs. Sara Stevens, uma das mais notaveis *leaders* da sociedade americana, «Eu emprehenderia com facil successo lançar na alta sociedade qualquer senhora bem educada, solteira, viuva, com tanto que fôse rica e não tivesse a macula do divorcio no seu passado. Com maioria de razão uma divorciada casada seria indigna de figurar entre a gente fina de New York.»

«E' força convir—diz Johanet—que os *fourhundred* não têm adoptado os principios de pura moral como base da concepção de uma civilização moderna. Já existe entre elles quem não considere o divorcio um verme roedor de um bello fructo. O velho adagio *noblesse oblige* não lhes actúa mais nas consciencias e elles vão endossando a pesada responsabilidade da violação das leis divinas e dos juramentos humanos.»

«Do ponto de vista das relações mundanas, a prophécia de Mac-Allister se váe realisando ao pé da letra: a sociedade acolheu os divorciados e, como todo o reino dividido contra si mesmo, está sendo destruida.»

«Não é possível reunir no mesmo salão um antigo marido com a ex-esposa casada com um perfido amigo que, por sua vez divorciado, se expõe a encontrar a sua ex-mulher pelo braço de um novo esposo. O que se concede á licença é vedado á liberdade; e, apesar de tudo, não se é livre na livre America para receber em casa quem se quer.

E, a proposito disso, nada é mais typico que os *embroglios* seguintes: a mãe da duqueza de Malborough, mrs. William K. Wanderbilt, divorciada, casou-se com O. H. Belmont, cuja mulher legitima desposou George L. Rives, divorciado de miss. Schermerhorn; William K. Wanderbilt tambem se recasou com miss. Alva Smith; miss. Jenny Smith, irmã da ex-mrs. W. K. Wanderbilt se divorciou de Fernando Iznaga e se recasou com William Tiffany; por seu lado Iznaga desposou a mulher divorciada do conde Zichy; miss. Lelia Roosevelt, divor-

ciada de m. Roosevelt Schuyler, se recasou com Reeve Merritt; mrs. William Havemeyer se divorciou para desposar um Boodgood; a filha mais velha de William Astor se divorciou de Coleman Drayton e se recasou com George Haig.

As devastações do divorcio, assim se manifestaram no proprio coração dos *fourhundred*, até em familias respeitaveis como as dos Wanderbilt e dos Astor, e todos os membros dessa gente de primor fôram por elle gangrenados. De todos esses grupos, outr'ora reunidos, depois esphacelados e, agóra, feitos de pedaços reunidos ao acaso; de todos esses parentes e amigos separados pelos successivos casamentos, como seria possível formar, em um salão, grupos harmonicos?

Se os convivas, reunidos tantas vezes nas recepções deslumbrantes de mrs. Astor, á sua meza, voivessem hoje aos seus antigos logares, que mudanças, que aspectos se lhe antolhariam insupportaveis; e, sobre tudo, que exotica *mise en scene* de casaes desmanchados e remendados!»

Applica isto á nossa sociedade do Rio de Janeiro, um meio apertado, onde todos se conhecem, onde as mais notaveis familias se acham, fortemente, entrelaçadas, e verás que o espectáculo dos divorciados recasados, das trócas de esposas e maridos, das concubinas feitas esposas e *vice-versa*, seria repugnante, insoffrivel, impossivel.

E... ahi fica implicita a opinião que me pediste...

DOMINGOS OLYMPIO

### PAGINAS ESQUECIDAS

#### NARIS

Naris, naris e naris,  
Naris, que nunca se acaba,  
Naris, que se elle desaba  
Fará o mundo infeliz;  
Naris, que Newton não quiz  
Descrever-lhe a diagonal;  
Naris de massa infernal,  
Que, se o calculo não erra,  
Posto entre o sol e a terra,  
Faria eclipse total!

#### GLOSAS

##### OS DUROS GRILHÕES DE AMOR

Vejo-te a face mimosa,  
Porque a tanto amor se atreve,  
Vejo sorrir dentre a neve  
Uma rosa e outra rosa:  
Vejo-te a mão preciosa,  
Que tem dos jasmims a côr;  
Vejo-te o rosto inda em flôr,  
Que é iman do meu desejo  
E adoro, idolatro, beijo

*Os duros grilhões de amor »*

BOCAGE

#### PAYSAGEM

A ramada, suspensa em esteios de pedra, formava o enfolhado docél do tanque. Pendiam já doirados os enormes cachos do ferral. Alguma folha escarlate, outra amarellecida pelo queimar do sol, realçavam, variegando as côres, a abobada afestoada. Nos rebordos da bica rustica por onde a agua derivava, grogolejando nas algas, deixavam vegetações filamentosas, pendentes como meadas de esmeraldas, e miniaturas de reveldos, onde os insectos se pousavam num rufar deleitoso de azas, no regálo da frescura, oscilando as antenas. Duas gallinhas, com as suas ninhadas, esgaravatavam na leiva humida, a cacarejarem a cada granulo, ou insecto, que bicavam e deixavam cair e retomavam de novo, com umas negaças, para ensinar os pintainhos, que se disputavam a posse do cibato em corrimaças impetuosas, azoradas. De vez em quando, á tona d'agua, rente com o combro de cantaria, afôfado de musgos verdes, emergia a cabeça glauca de uma rã, que pinchava para a alfombra, coaxava o seu dialogo interrompido com outra rã do beiral fronteiro, e ambas, a um tempo, mergulhavam de pincho, quando Cécilda batia a roupa na pedra esconsa do lavadouro. Estava o sol a pino; mas, pela densidade folhuda do parreiral, apenas coavam umas lucilações a laminarem tremulamente a agua ondulosa e escumada do sabão.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

\*  
\* \*

#### NO HOSPICIO

Era uma louca alegre e descuidada,  
Jámais viram-na triste ou desgostosa;  
Pendia-lhe dos labios côr de rosa,  
Frequentemente a flôr de uma risada.

Muitas vezes, á luz já desmaiada  
Do sol do occaso, timida, medrosa,  
Sentava-se a cantar uma saudosa  
Cantilena de amor, doce e magoada.

Quem sabe o que ella fôra antes!  
Nunca eu lhe pude ler sobre o passado,  
Nada logrei-lhe ouvir da propria bocca.

Sei que apenas um dia, no gradeado  
Desse hospicio, chorava com vóz rouca,  
Ao vêr passar um carro de noivado.

OLIVEIRA MARTINS

\*  
\* \*

#### PASQUINS

Desejaria por ventura algum curioso saber, porque se chamam pasquins estes ditos que, occultando-se o auctor d'elles, costumam apparecer escriptos em verso, ou em prosa nos logares publicos, satyrisando, ou picando nas acções de alguma pessoa, ou familia particular.

Responde-se: que em Roma houve antigamente um alfaiate, que o era do papa e tinha por nome Pasquillo, ou



Pasquino, o qual naturalmente era dizedor e gracioso; e como, pela entrada que tinha nas casas dos principes e cardeaes, via ou sabia muitas coisas que não lhe pareciam bem, chanceava sobre a materia e achava applauso nos que o ouviam.

Depois de morto, succedeu desenterrar-se junto da sua casa uma antiga estatueta de marmore, que representava um digladiador, com outro metido debaixo dos seus pés. E deram os ociosos em dizer que o Pasquillo resuscitára; e, quantos querem satyrisar ás escondidas, vão pôr nas costas da dita estatua (que está em pé e em logar publico) os seus papeis, ou emblemas.

O papa Adriano, vendo-se perseguido e motejado dos ditos do Pasquim, desejou lançá-lo ao Tibre; porém Luiz Suessen o lhe respondeu:

— Senhor, o pasquim é da especie das rans, que debaixo da agua fallam mais.

PADRE MANUEL BERNARDES.

## TIECK

### I

A litteratura allemã, vasta, rica, abundante e maravilhosa não é tão conhecida e cultivada, como a franceza, que, graças á facilidade da lingua e á seducção corruptora de seus romances, principalmente, domina, ha longo tempo, a intelligencia dos que sabem ler no Brazil.

Raras vezes, apparece a traducção de uma obra allemã; as versões, porém, das obras francezas, são innumerables.

Aquelles que não pôdem ler no original, alimentam o espirito nas traducções, que ainda mais os corrompem.

Os cultores da litteratura da douta e sonhadora Germania, entre nós, formam uma limitada cathogoria de espiritos privilegiados. Não obstante reconhecer esse factio, resultante de diversas causas e, sem pretender contrariar o gosto dominante, tentaremos chamar a attenção de alguns dos leitores dos *Annaes* para os talentos que illustraram uma litteratura, que ainda no principio do seculo XIX, a propria França ignorava, ou conhecia bem pouco, até que lhe foi, por assim dizer, revelada pelo livro de mme. de Stael.

Na litteratura allemã, de certo, ha muitos sonhos da phantasia d'alma; muitas emoções do coração; tambem avultam idéas grandiosas e profundas, concepções artisticas de alto valor e o drama das terriveis paixões, que agitam a humanidade por toda parte, em todos os seculos, atravéz dos quaes perdúra a lucta interminavel da liber-

dade contra as forças cégas e inquebrantaveis da fatalidade da natureza.

O espirito humano ama a variedade. Deixando as idéas francezas por um pouco, sem duvida achará algumas delicias em ler as composições dos poetas allemães. Goethe e Schiller são os mais conhecidos entre nós; outros ha, porém, que merecem ser lidos, por exemplo, Tieck, de quem nos occuparemos nestas paginas.

O espirito não pôde permanecer sempre, qual a corda do arco, já o dizia o Evangelista; tem aspirações, ama, alando-se da terra, valle de lagrimas, remontar-se ás espheras idéaes e poder com o poeta das *Meditações*, repetir—*Rever, aimer, chanter, priér — voilà toute ma vie!* (1)

Nesse caso, vou ministrar aos leitores algumas paginas, que se não lhes satisfizerem os anhélos, pelo menos lhes serão ligeiramente agradaveis; lembrarão a uns aquillo que já leam, e serão para aquelles, que ainda não leram, uma novidade, que lhes contentará a curiosidade, que, ás vezes, cria a paixão e desenvolve as energias occultas do talento.

O estudo das litteraturas não é um méro e inefficaz passatempo, nem emprego só de ociosos; não. E' uma das mais fecundas culturas do espirito humano. Aquelles que disputam a esse respeito, não passam de creaturas atrazadas e rotineiras, alheias ao grande movimento do seculo.

Pensando assim, não atinavamos com a litteratura, que poderia nos convir para offerecermos uma bella pagina aos leitores—eis sinão quando se nos perpassa pela mente a litteratura allemã, opulenta, seductora, phantastica e sobretudo instructiva, porque nella o sentimento e o pensamento marcham de par.

A franceza é muitas vezes frivola; a ingleza pezada, e dum character especial; a italiana, muito effemizada, lenta e verbosa; a hespanhola, energica até á extravagancia; a portugueza, que possúe riquezas e bellezas, infelizmente voltêa em torno das outras, principalmente do romantismo e do naturalismo das escolas que fôram da móda e hoje, mortas, estão abandonadas.

Quanto á nossa, puramente brasileira, nacional, é apenas um germen; hade abrolhar e só as pósteras gerações poderão applaudil-a carinhosa e calorosamente.

No presente os que exageram a existencia duma litteratura brasileira, fazem esforço extraordinario para ostentar uma creação—*ex nihilo*.

Ora, nestas cogitações, se me depa-rou um nome, talvez pouco apreciado, ou desconhecido. Não tem a notabilidade de Goethe, ou de Schiller, que

todos conhecem. E' verdade que, em litteratura, como na historia, só se observam os gestos dos grandes homens. O culto dos heróes exclúe as figuras secundarias, que cooperaram na obra geral, que a ninguem exclusivamente pertence. Quando se falla de litteratura allemã, unicamente se vê Goethe ou Schiller; quando se trata da ingleza, surgem Shakespeare e Byron. Em cada uma, só os grandes homens apparecem: são os heróes. A gloria os sagra; o culto os immortalisa.

O nome, de que vamos tratar, entre nós não é muito applaudido, mas o é na poetica e erudita Germania. Tieck chama-se o poeta que outr'ora floresceu e figurou dignamente nas evoluções litterarias do fim do seculo XVIII e começo do XIX.

Fallaremos delle, mas advertindo aos leitores de que não temos a pretensão de inculcar originalidade em tudo que escreveremos aqui. E' um factio a existencia do poeta; por conseguinte já delle se occuparam os historiadores da litteratura; já o apreciaram e juigaram. Não temos as primicias da invenção. São dessas cousas, de que o velho poeta venusino dizia—*multa repetita placebunt*.

Procederemos, como observa um historiador da litteratura ingleza, alludindo ao vasto systema de traducção, posto em pratica pelo rei Alfredo, traduzindo elle proprio—*De consolatione*, de Boecio.

Pouco importa esse methodo, quando indubitavelmente fornece uma noção util aos que não têm lazeres para estudar uma litteratura complicada, profunda e vasta. Nós é que nos condemnamos a um labor inglorio para dar aos leitores uma leitura, pelo menos, instructiva. E' provavel que, sem isso, muitos dos leitores não se déssem ao trabalho de ler as obras de Tieck: ora, com este methodo ficarão sabendo alguma cousa, não continuarão immersos na ignorancia anterior. Os leitores de boa fé o reconhecerão sincera e francamente; os outros—não; mas se lhes dirá—*multus est magnus numerus stultorum*.

Tieck é um poeta do tempó da escola romantica, que floresceu n'Allema- nha do seculo XVIII, escola que se renovou em França no principio do seculo XIX, e dominou durante os trez quartos do seculo, quando cedeu o logar ás novas seitas—do realismo, do naturalismo, do symbolismo, do néo-hellenismo, etc.; tudo isto, hoje, fóra da moda, desprezado, ridiculizado, está morto e enterrado. Que virá succeder a estas escolas, que tanto ruido fizeram? que tantas controversias suscitaram e sustentaram apaixonada e rudemente? Nos horisontes nenhum signal dos tempos novos! Só no correr do seculo, poderá resolver-se

(1) Lamartine.

o problema. Assim, occupemo-nos do passado, que pertence á historia, a qual é coetanea da humanidade, testemunha de suas luctas e só com ella hade perecer.

A escola romantica precisava, na Allemanha, dum poeta: acreditou havel-o em Tieck.

Louis Tieck fez os primeiros estudos e as primeiras armas no campo racionalista. Fôra Nicolai o seu primeiro mestre, ou antes inspirador. Grudou-se-lhe no espirito um grão de scepticismo que, em contacto com o scisma romantico, foi se convertendo em ironia.

A ironia, diz Tieck em suas conversações com Goethe, a ironia é uma força, que permite ao poeta dominar a materia, da qual trata: o poeta não deve entregar-se inteiramente ao assumpto, mas collocar-se superior a elle (2).

As suas metaphoras, porém, são um poucopueris: em nada se assemelham á omnipotente evocação de Fausto, dizendo ao espirito da terra:—*Graças a ti, a natureza é meu regio dominio! E tu m'a concedeste, para que eu possa cabalmente subjugal-a. Um espirito para abrangel-a, um coração para gozal-a!*—(4)

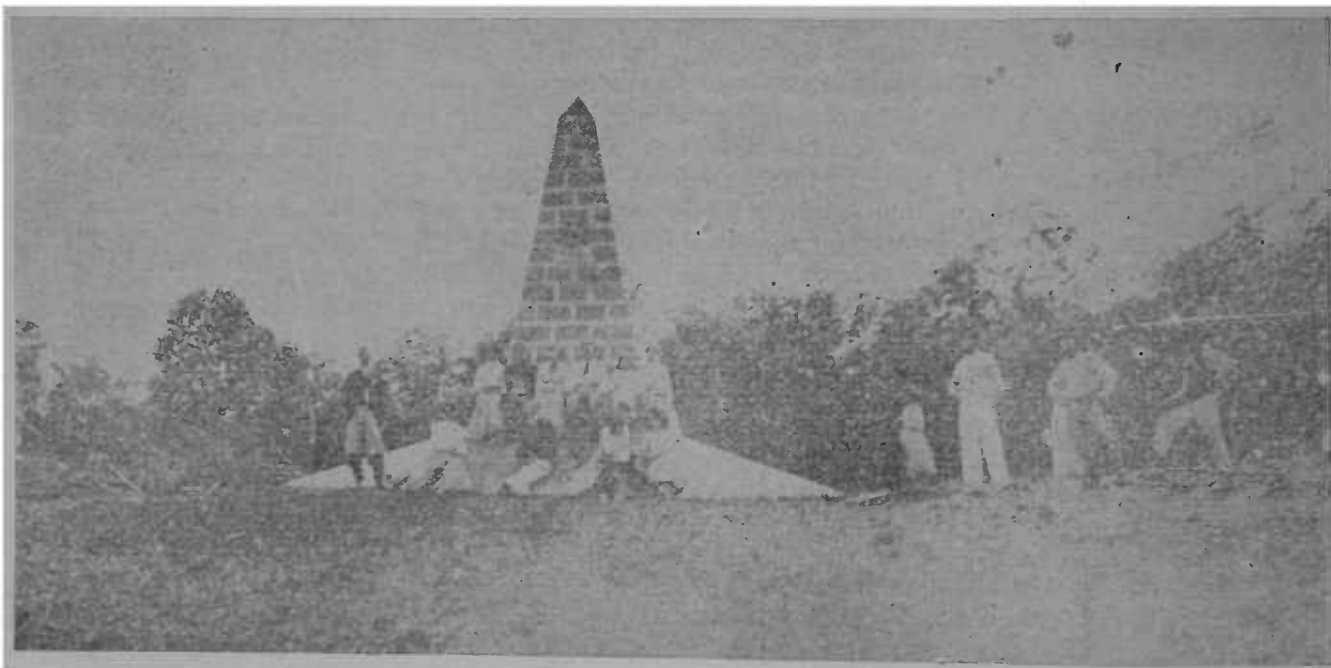
A natureza para Tieck é um ornamento. Na pintura do coração humano, não transpõe os limites de certa superficie brilhante. E' um homem de espirito, que tem uma penna facil, e os romanticos, pela excessiva importancia que lhe deram, puzeram ás claras a mediocridade da escola.

Tieck passou grande parte de sua vida no centro do romantismo—em Berlim, onde nasceu, e onde morreu em 1853. Foi duma precocidade, que não é commum, até para os poetas. Ainda nos bancos do collegio já elle ensaiava

os da mania do suicidio. Eram, como dizia elle proprio,---*as sombras, que estendiam o véo sobre a sua alma*---e, de vez em quando, o visitavam. Assim, duplica-se a côr sombria das obras de sua mocidade.

Vê-se, nellas, ora um melancolico, que acha consolação no espectáculo da natureza; ora, como no romance—*Abdallah*, um parricida perseguido pelos remorsos. As duas narrativas sobressahiam pelos relêvos de procedencia oriental, conforme a moda do dia.

*Charles de Berneck*, pela data, foi o primeiro destes dramas fatalistas, que procedem da---*Fiancée de Massine*---de Schiller, mas abroilharam do sulco da terra romantica naturalmente. Tieck chama esta peça um---*Oreste cavalheresco*---.Vê-se, nella, como no Oreste antigo, um filho punir a propria mãe para vingar a morte do pae.



MARCO BRAZILEIRO DA FÓZ DO RIO IGUASSÚ

Os romanticos elevaram a ironia á altura duma doutrina litteraria, cuja applicação mais completa foi a poesia de Tieck (3).

Ninguem mais, do que elle, não se entreteve com o maravilhoso: os assumptos, os mais inverosimeis, não lhe causavam surpresas, mas por sua vontade não os trata, só, por assim dizer exteriormente, como quem não quer comprometter-se nem se deixar enganar. A natureza inteira sente, respira e vive em suas poesias, especialmente nos dramas e ainda os passaros, as fontes e as flôres, a que os poetas sempre attribuiram uma vóz, até—o azul do céu—e tudo isso Tieck foi o primeiro a pôr em scena.

(2) Kœpke—Ludwig Tieck. — 2 vols. —

(3) Foi Fred Schlegel quem se fez o principal theorista da ironia, e, alludindo á philosophia de Fichte, a denomina—*palhaçada transcendental*.

scenas dramaticas. Um de seus mestres, Rambach, tomou-o como collaborador de seus ruins romances. Confiavam-se-lhe os principaes papeis num theatrinho de sociedade, que o mestre de capella, Reichardt, havia organizado em casa. (5)

As suas primeiras admirações, ás quaes sempre se conservou fiel, fôram por Cervantes e Shakespeare. No mesmo tempo, porém, mostrava singular gosto pelas mais extravagantes producções do dia—ultimos echos da litteratura—do *Sturm-und Drang*.

Tieck teve periodos de ---*wertherienismo*. —

Durante a frequencia na Universidade de Halle, teve successivos acces-

(4) Fausto de Goethe, a scena — *Wald und Hohle*. —

(5) Reichardt foi uma das victimas de Goethe e de Schiller nas — *Xenies*.

O que, porém, é novo---é um phantasma dum antepassado, que persegue toda a sua raça até o dia, em que um dos seus descendentes---matará o irmão, a quem devéras ama.

A obra menos importante da mocidade de Tieck e simultaneamente a mais curiosa para a historia do espirito humano, é um romance sob a fórma de cartas --- *William Lowel*---o tumulto de muitos soffrimentos e erros --- qual o denomina elle proprio. *Lowel* é um *Werther* sem poesia; é um ente exaltado e fraco, que recebeu educação honesta, mas cuja virtude cede ao minimo choque; um entusiasta inconsistente. Cahe nas garras dum intrigante, que systematicamente, por uma série de meios combinados com astucia, o destróe pouco a pouco, alma e corpo. Vem-se a saber, no fim, que este perfido companheiro---o grande machinista, que não

cessa de trabalhar---assim procedia para saciar uma vingança. Elle tem cúmplices, menos audaciosos, mas da mesma perversidade. Em face delles, como contraste, mostra-nos o autor alguns typos da burguezia---os representantes da moral vulgar, gente egoista, ou parva. Parece---quando se ouvem as confissões destes diversos personagens---que o homem não tem a optar, sinão entre uma actividade livre e desinteressada, que leva a uma horrivel desillusão, ou a uma existencia tacanha, estreita, limitada ao dever prescripto, que se condemna pela châtêza. Um delles escreve:— só pôde ser feliz aquelle que não funda grandes esperanças na vida, nem mórmente sobre si proprio. O orgulhoso que

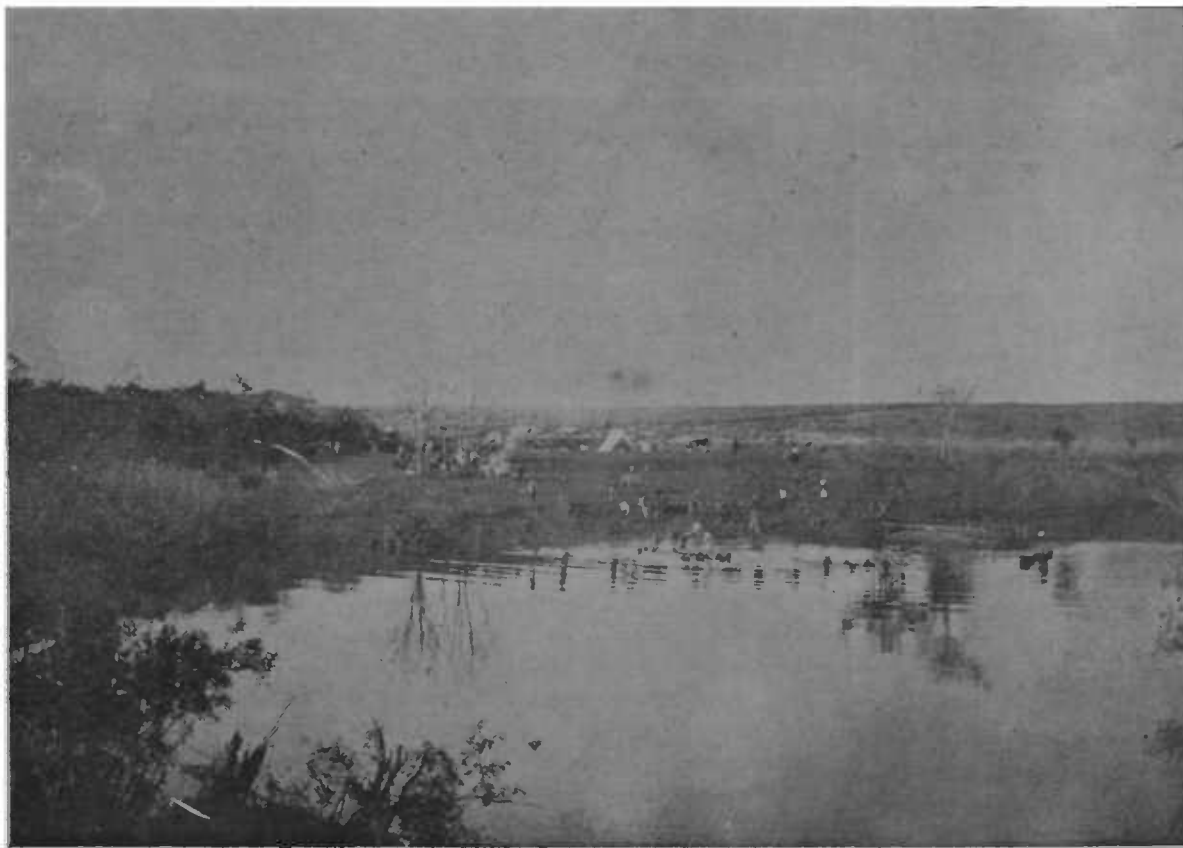
*Lowel*, fornecia, a Nicolai, dia a dia, para se publicarem em uma revista periodica, umas novellas, em parte traduzidas do francez, nas quaes zombava de todas as excentricidades da moda.

Data da mesma temporada o romance, não concluido—*Pierre Leberech*,—imitação de Sterne. Ha nelle questão dum preceptor, a quem roubam a noiva no mesmo dia do casamento. O heróe, que é historiador de si mesmo, declara, antes de tudo, que não se verá em suas narrativas—nem espectros, nem magicos, nem mysterios de sorte alguma; nada daquillo que enleva os leitores allemães e se lhes fazem irriçar os cabellos. De feito, os personagens são simples burguezes, até simplorios em alguns

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### OS RAIOS N

Cerca de um anno, mr. Blondlot, professor da faculdade de Nancy, proclamou uma nova descoberta no vasto campo da physica, onde, depois das conquistas dos nossos dias, recuaram consideravelmente, as fronteiras do impossivel. Elle verificára que certos fôcos luminosos, além de suas radiações de calôr e luz, desprendiam outras *sui generis*, dotadas de propriedades insólitas, raios luminosos com todos os caracteristicos da luz, como a refração e a polarisação, mas invisiveis, emittindo o que se poderia chamar luz obscura.



A COMMISSÃO BRAZILEIRA DA DEMARCAÇÃO DOS LIMITES ENTRE O BRAZIL E A ARGENTINA, PASSANDO O RIO PIRATINIM

confia em seu genio e contempla as profundezas de sua alma, para contar os thesouros, que contém, por fim se reconhece como o mais miseravel dos mendigos. Eu, por mim, pertenco á classe, demasiado desprezada dos mediocres. Modera-te, resigna-te: eis o segredo do que se pôde chamar—felicidade, embóra lhe recusem os entusiastas tal nome.»

O pessimismo, um pessimismo passivo e resignado, extreme de orgulho, que lhe não serve de excusa, seria a ultima conclusão do romance, se nelle quizermos descobrir uma intenção philosophica, se quizermos ver outra cousa que uma série de themes, os quaes, ao talante da imaginação insoffrida, o auctor desenvolve. Em quanto acabava de compôr *William*

instantes e duma burguezia verdadeiramente muito prosaica.

Tieck parece ter definitivamente se decidido em pró dos mediocres contra os entusiastas, e Nicolai applaudia-lhe a escolha.

Em breve tempo, crivou de tiros mortiferos os mediocres tambem; então foi que Nicolai se sentiu alvejado, como outros, que tinham sido feridos. Naturalmente Nicolai, offendido, tornou-se um inimigo terrivel.

Fallaremos, noutro artigo, das obras do poeta e da influencia, que essas obras exerceram no movimento intellectual da Allemanha e da importancia, que lhe dão os criticos, ás vezes rancorosos, mas em todo caso competentes.

EUNAPIO DEIRÓ.

Por mais contradictoria que pareça essa denominação, não é menos verdadeiro que os phenomenos luminosos não dependem absolutamente de um orgão capaz de os perceber: não deixam de existir fontes de luz pelo facto de serem tão fracas que os nossos olhos desarmados não as pecebam, da mesma fórma que não percebem as nuanças que se decompõem no spectro de maneira evidente.

Os raios Blondlot vinham de alguma fórma afirmar a theoria da luz negra formulada por Gustavo Le Bon.

O processo para reconhecer esses raios invisiveis consistia em collocar, no seu trajecto provavel, uma superficie phosphorescente de sulphurêto de zinco ou de calcio, platíno-cyanurêto de baryo, etc. cuja luminosidade se

avivava ao choque daquelles raios. E assim pôde Blondlot reconhecer que essas radiações, que são interceptadas pela agua, pelo chumbo, pela platina, mas atravessam, como os raios X, a madeira, o papel, laminas de aluminio etc, são emitidas, não sómente pela ampôla de Crookes, o bico Auer, a lampada Nerst, mas tambem por qualquer corpo que se expozera á luz, soffrera uma forte pressão ou um esforço molecular prolongado.

Outro professor de Nancy, m. Charpentier excedeu a Blondlot: chegou a verificar que os raios N podiam ser emitidos pelos tecidos vivos, vegetaes ou animaes, e até pelo corpo humano, com variações correspondentes ás contracções musculares e nervosas, cujas repercussões poderiam ser lidas a olho nú no escriptorio phosphorescente.

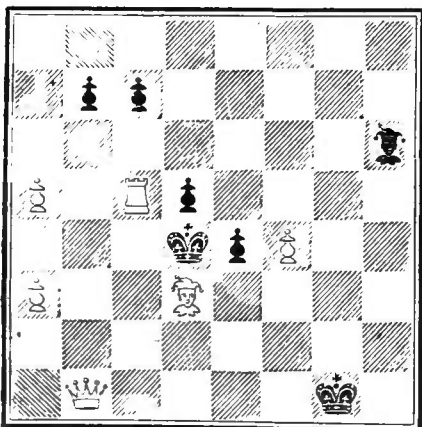
Por mais paradoxal que se figurasse, a descoberta era maravilhosa com todos os caracteres de um caso scientifico bem definido.

Surgiram, porém, duvidas. Experiencias feitas fóra do circulo de sectarios de Blondlot não deram resultado, insuccesso que este professor attribuia á delicadeza do processo, á falta de precauções meticulosas indispensaveis para a observação do phenomeno e outras razões que não encontravam eco no espirito dos incredulos. E a *Revue Rose* tornou-se interprete das desillusões de homens da estatura de Salvioni, Robert Wood, Herzen, Suerton, Henry Dufour, Rubens, Waller.

Diante de tão sérias contestações e de incertezas, a verdade scientifica exige um inquerito, extreme de riscos de erros, de modo que fique excluida a menor sombra de duvida. Não basta para a satisfação do amor proprio do iniciador — Blondlot, que spiritas, magnetisadores e outros occultistas tenham applaudido a descoberta dos raios N, nos quaes a gente da mytagogia julgava vêr a confirmação inesperada da objectividade do fluido odico e do corpo astral

## DIVERSÕES

Problema n. 10 — NEGRAS



As brancas jogam. Mate em tres movimentos.

## O GENERAL PEDRO LABATUT

(CEARA')

O general Pedro Labatut é um dos muitos personagens que se vão eliminando dos quadros da nossa historia de provincia, á falta de quem recolha a sua memoria, dispersa em muitos documentos do seu tempo. A geração actual já sente difficuldade, procurando restaural-a, e o vulto mais e mais se apaga nas nossas lettras.

Havia pouca imprensa, outr'ora, e muita distancia, desligando. Aqui, não se sabia o que ia por alli e por acolá. Todo homem era novo para cada terra a que chegava.

Perpetuar o que temos podido recolher sobre Labatut, será dispôr á volta desse nome dos tempos regenciaes. Outros investigadores virão retocar o quadro, e reviver os contornos que as edades têm gasto; trarão á luz factos, que escápan ao nosso estudo.

Este nosso escripto é uma provocação ao trabalho meritorio, que já não admitte demoras.

Não é de muito tempo o interesse que o publico nacional manifesta por esta ordem de estudos, no sentido de reconstruir o passado, e é tempo ainda de recolher noções diversas e muitos elementos ethnicos dispersos na lembrança dos sobreviventes, assim completando-se os bustos e fixando-se-lhes a devida feição moral.

Labatut serviu no Ceará, como homem de armas, na guerra civil que succedeu á abdicção, e ficou chamada — guerra de Pinto Madeira.

Não é que elle tivesse alcançado o periodo dos combates em que se deram a maior cópia de sangue no Ceará.

Até então, as luctas de partido não tinham produzido mais do que escaramuças, salvas as poucas vezes em que se encontraram imperialistas e republicanos no sul da provincia, em 1824, e as matanças a sangue frio.

Quando Labatut, enviado do Rio-de-janeiro, com alguma força, pela regencia trina, aportava á Fortaleza em 23 de julho de 1832, os grandes combates já tinham passado. Apenas a 25, tinha lugar o encontro do Brejo, e a 29 o de Cacaré. Encontrára, pois, em dispersão, as forças de Pinto Madeira.

A tarefa do general foi a de pacificar, e era por ventura a mais espinhosa. O partido vencedor, ainda na embriaguez do sangue, dividia-se; uns se encarniçavam, perseguindo; outros começavam a apiédar-se. A anarchia estava em todas as mentes, e a soldadesca, méro instrumento das matanças, acreditava-se arbitro da situação, com arrhas no futuro.

Ou havia médos, que annullavam,

ou odios, que fermentavam; e a desordem augmentava pelo alvorecer do jornalismo, que, balbuciando, articulava só impropérios como creança de máus instinctos entregue a si mesma, sem o correctivo e a mordação do saber e da experiencia, que ainda agóra lhe falta em politica, para ser uma nota edificante na manifestação do pensamento humano, para ser uma Minerva ao serviço dos partidos.

As pacificações fazem muita vez perder o juizo a quem logrou trazer inteira a cabeça das batalhas em que andou.

\* \*

Labatut era fracez de origem, filho de paes abastados, ao que parece, natural de Marselha, onde tinha propriedades. Serviu até Waterloo, nas hostes napoleonicas; era, pois, um homem escápo de mil perigos com certo titulo á consideração dos seus conterraneos.

Na restauração, foi posto em disponibilidade, no pôsto de coronel de 1ª classe, condecorado com o officialato da legião de honra. Como outros officiaes, procurou serviço na America, onde andava accêsa a guerra que veio a fundar tantas nacionalidades do mesmo typo, por desmembração de uma mesma raça de além-mar, que envelhecêra e caducára nas atrocidades de um captiveiro, que tinha raizes nos seculos.

Acolhido pela Columbia, batalhou por ella, e, retirando-se d'alli, decididamente, em consequencia dos ciumes e rixas que estavam a decompôr constantemente as forças patriotas, trouxe, como signal da estima, que alcançara, uma patente superior a general de brigada, e uma pensão, annual de 200 pesos fortes.

E' de presumir que se tenha incompatibilizado, por discordias, na Columbia, visto a sua nimia susceptibilidade e grande apêgo a outra disciplina, que aprendêra no exercito francez, e não professavam as turbas armadas da America do Sul, fazendo de exercito.

Labatut veio residir no Rio-de-janeiro, onde adquiriu propriedades, e vivia em certa opulencia e conforto, tratando-se como homem de alta hierarchia.

Alli, pediu a Pedro I, regente do Brazil, que o arrolasse no exercito, que elle organisava para reaver a Bahia, que o partido das côrtes portuguezas procurava subtrahir ao seu governo, apoiado em forças respeitaveis, ao mando do brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello.

A 3 de julho de 1822, foi incorporado ao exercito nacional, na patente de general de brigada, e a 9 desse mez lhe foi conferido o commando das tropas brazileiras, que faziam frente a Madeira; tropas do mesmo typo das

columbianas, a saber — paisanos armados e sem nenhuma disciplina, ao lado de soldados insubordinados do pessimo exercito brasileiro e de officiaes sem mestría na arte da guerra, e sem educação civil, não menos turbulentos e rixosos— um pessimo exercito para causa tão boa e para um general tão avêso aos costumes militares, que subsistiam, da colonia portugueza.

Eram, por mór parte, analphabetos commandados e commandantes, cogitando de liberdade e de reformas das velhas instituições politicas !.

Os modos e o todo do general não eram de feição a inspirar sympathias no meio daquella gente.

Labatut era de fôrmas agigantadas, corporatura fóra da craveira nacional, os pés excedendo ás fôrmas do paiz, a vóz dissonante e a expressão bastarda de um francez vasconço e de um portuguez saturado do columbiano !

Facil de suggestionar-se, era uma criança para os seus secretarios. Ouvia sobretudo pela bocca do cirurgião militar José Maria Cambucy do Valle, homem de saber, para aquelles tempos e para a terra, baixo, rotundo ; e de um abdomen protuberante, o menos proprio para, desde logo, metter pelos olhos de alguém o amor e o respeito, que uma boa presença insinúa, fazendo esperar os bons actos.

A boa apparencia attrahe, como uma força centipetra.

\* \* \*

A campanha da Bahia foi um desastre, sem embargo da superioridade moral de Labatut a muitos respeitos, e da sua competencia professional. Elle via com outros olhos as cousas da terra, e melhormente, muitas vezes, no ponto de vista do acatamento, que mereciam os vencidos, e das preferencias que, entre si, disputavam os do seu partido. Embóra a sua estouvação e tanta carne, elle tinha uma alma que accordava aos brados da justiça e da verdade. A sua qualidade, porém, de estrangeiro, em guerras de nacionalisação, o fazia suspeito, por mais que se adiantasse no aprendizado da moral politica, que se queria acclimar numa terra tão esterilizada pelo captiveiro original.

Por outro lado, as fôrmas grosseiras e as noções mui superficiaes de governo, que tinha o general, não eram de vez para a prompta solução do problema bahiano.

E a situação era embaraçosa, mesmo para os dois partidos.

A cidade estava no poder de Madeira, mas este em criticas circumstancias. A côrte de Lisbôa o trahia, accedendo ás vistas paternas de dom João, que desejava todo o arranjo no sentido de não se tirar o prestigio a seu filho regente. O Congresso, no emtanto, queria subtrahir as provincias brasileiras á influencia de d. Pedro, e con-

spirava contra a autoridade de Madeira.

Em quanto este servia aos intuitos do Congresso e do partido liberal da metropole, que trabalhava pela identificação do Brazil com Portugal, visando effeitos economicos, a esquadra surta no porto da Bahia, sob o commando de João Felix, recebia instrucções secretas da côrte, para não affrontar os brios do Principe, e a colonia portugueza se arreceiava de quebrar as suas relações com as entidades da provincia, sacrificando interesses de commercio e de familia.

Quasi todos os portuguezes da Bahia tinham affinidades alli. No campo opposto, estavam os brasileiros de sangue, ou por apêgo á terra, senhoreando o Reconcavo, e trancando a Capital.

Parte destes, com as suas tradições heraldicas, representava a lavoura e a criação, forças vivas da colonia, constituindo a sua plutocracia e nobreza; outra parte formava um mixto de soldados pretenciosos e vorazes, com populares audaciosos, fugitivos da cidade e do campo; quasi escravos estes ultimos na zona do littoral, quasi nomadas os que vinhão dos altos sertões, carregados de armas, formando sequitos para os potentados, nos seus crimes e caprichos.

Labatut estava mal avisado de tudo. Partindo do Rio-de-janeiro, com alguma tropa, foi estacionar em Alagôas, onde recebeu uma brigada de Pernambuco. D'ahi seguindo por terra, pôz Sergipe sob a obediencia de d. Pedro, e a 28 de outubro entrou na feira de S. Anna, estabelecendo o seu quartel-general em Engenho-Novo.

Ao chegar, já encontrou algumas forças avulsas em Pirajá, guarnecendo os pontos do Coqueiro e Cabrito, excellentes posições para hostilizar a praça, e mais perigosas para esta, com os refórços que elle recebeu.

Estas tropas agiam sob a autoridade da Junta do Governo, que os patriotas tinham constituido na cidade da Cachoeira, fóco da resistencia, nucleo da nobreza crioula.

Madeira, sentindo que se tratava de completamente assedial-o, fez atacar essas posições na madrugada de 8 de novembro. Os brasileiros, fortes em Cabrito, repelliram o ataque, e levaram diante de si as tropas portuguezas, que debandaram.

Primaram nesta acção as tropas de Pernambuco, com o major Joaquim José da Silva Santiago, que mais tarde foi acabar tristemente, assassinado pelos *cabanos*, no Pará, onde commandava as armas.

Releva dizer que Labatut não soube guardar o decôro devido á sua causa : deslustrou-se por uma acção ignobil. No dia 21, mandou fuzilar 51 captivos, que aprisionára nas proximidades de Pirajá. As pretas, que os acompa-

nhavam, fôram cruelmente surradas; — toda essa gente, sem nenhuma culpa, de ter sido entregue a Madeira, por seus senhores, para combater em pról de uma causa, que não era sua.

A brutalidade de Labatut bem mereceu os ultrajes e amarguras que lhe estavam por diante; mas, naquelle instante, não produziu a execração dos patriotas !

Após alguns ligeiros combates, Labatut empreendeu um ataque geral ás linhas de Madeira, em 28 de dezembro, com a brigada de Pirajá, e, transportando-as até Soledade, retrocedeu, para evitar que a sua força, desajudada das outras brigadas, pudesse ser envolvida pelo inimigo.

Este combate foi mui decisivo para o cêrco. O general portuguez ficou hermeticamente fechado nos muros da cidade, só podendo receber, por mar, escassos aprovisionamentos.

Ao combate de 29 de dezembro, succederam-se outros pequenos; a 15 de fevereiro de 1823, um das forças portuguezas com as brasileiras, que estavam postadas em Itapuan e Conceição; em 3 de maio um fogo mais renhido nessas immediações da capital; um outro, finalmente, em 20 de maio.

Um grande escandalo, porém, punha termo ás victorias do soldado amestrado, mas inepto commandante, e malquisto.

O coronel Felisberto Gomes Caldeira, chefe da brigada da esquadra, tão nefasto depois commandando as armas na Bahia, e tão cruelmente punido da sua turbulencia e ambição de poder, prendeu o general no seu proprio quartel de Pirajá, e mais ao seu responsavel moral, secretario Cambucy. O governo da Cachoeira deu-lhe por successor o coronel graduado José Joaquim de Lima e Silva, chefe da brigada do centro, o qual veio a ser um dos membros mais salientes da dynastia de soldados, que, mais tarde, teve o dominio do exercito brasileiro.

Lima e Silva o remetteu para o Rio-de-janeiro, carregado de accusações !.

Labatut logrou livrar-se, por unanimidade, de todas as imputações do partido de Caldeira, num conselho de guerra a que foi submettido em 9 de fevereiro de 1824.

O conselho supremo militar houve por boa esta decisão, mas ella não lhe conciliou a boa vontade dos chefes do serviço militar.

Desde então, o general ficou virtualmente eliminado do exercito, até que o 7 de abril lhe trouxe a rehabilitação.

\* \* \*

Em 18 de julho de 1824, lhe foi assignada uma licença de anno. Em 2 de abril de 1825, outra; e em 3 de maio de 1826, foi ella renovada, pelo mesmo tempo; em 2 de outubro de 1828, o

favor attingiu a 2 annos. Antes, porém, de esgotar-se o prazo deste ultimo *despêcho*, o decreto de 5 de fevereiro de 1829 o mandou eliminar do quadro do exercito de sorte que, por premio de sua campanha na Bahia, lhe coube nunca mais desembainhar a espada, pelo resto do tempo, em que reinou Pedro I.

Os portuguezes lhe ficaram votando odio, e os portuguezes pesavam demais no animo do Imperador.

Labatut era suspeito de *liberalismo*, e com certo fundamento, pelo que se viu depois.

No 4º dia da abdicção, (11 de abril de 1831) já a regencia provisoria o fazia voltar ao exercito. Lê-se na sua fé de officio que o acto proceden de: *Ter-se em consideração a injustiça e arbitroriedade, com que, sem preceder sentença e sem alguma outra declaração, fôra demittido do serviço militar, quando era digno, de certo, de melhor sorte, pelos serviços prestados á independencia do imperio na expulsão dos luzitanos.*

A reintegração de Labatut, 4 dias depois da deposição de Pedro I, está indicando que elle tivéra contra si o Principe, mas estava nas graças do partido que conspirava. Sua demissão foi resolvida no ministerio de Joaquim de Oliveira Alvares, portuguez, a quem o Imperador era devotado até sacrificar por elle o seu prestigio pessoal, e a reabilitação foi obra do ministro José Manoel de Moraes, quiçá do regente Francisco de Lima e Silva.

Fallando da conducta do governo para com o chefe do exercito independente da Bahia, Cambucy do Valle se exprimiu assim, num artigo que firmou no *Semanario Constitucional*, do Ceará, de 23 de fevereiro de 1833.

«Todo o Brazil sabe a barbara ingratição, com que o governo cahido em 7 de abril de 1831, por intrigas do abominavel ex-ministro da Guerra, Joaquim de Oliveira Alvares, demittiu este bravo e integerrimo servidor da Independencia, mandando-o sahir em 6 dias para fóra do imperio, com o espalhafato de publicar nas provincias do norte, que o prendêsem, caso nellas aportasse; o mesmo Brazil sabe que elle, assim injuriado por um governo que não era o nacional, tornou de França somente para justificar-se antes que lá chegasse o resultado da inclyta e sempre louvada resolução da Camara dos Deputados e honroso decreto da regencia, que o chamava ao Imperio, restituindo-lhe o bem merecido posto de brigadeiro e dando-lhe, por seus serviços, a carta de naturalisação.»

(Continúa)

J. BRIGIDO

## O ALMIRANTE (12)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO IX

O gabinete 10 de março nascêra de uma ruptura entre Cotegipe e a Regente.

D. Eugenia relatára os pormenores da crise, accrescentando-lhe aquillo que as conveniencias politicas, cautelosamente, occultaram; o processo mortificante das intrigas palacianas provocando um pretexto, na verdade muito futil, para a demissão do gabinete 20 de agosto, que mantinha a todo o transe o chefe de policia, da côrte, um probo e illustre magistrado, partidario intolerante da reacção contra os desvarios da propaganda abolicionista, e provocára descontentamento do exercito e da armada. Dir-se-ia que Sua Alteza obedecia, no motivo da demissão do ministerio, ao secreto intuito de inutilisar, de reduzir á inacção, as grandes energias de resistencia, concentradas na extraordinaria personalidade do grande estadista bahiano, que, sentindo-se forte pelo apoio da opinião, com recursos necessarios para manter a ordem, muito perturbada na capital do Imperio, «não podia admittir que para Sua Alteza merecessem mais credito outras informações que não as dadas sob a responsabilidade dos seus conselheiros constitucionaes.» O barão de Cotegipe, nesse trecho da carta, em que deu a demissão do seu ministerio, alludia ao conde d' Eu, por elle, afoitamente, averbado de incompetente para, excedendo á raia do seu papel de principe consorte, intervir na direcção dos negocios do Estado.

Concedendo a demissão do ministerio, a Regente antecipou um facto inevitavel quando se reunisse o parlamento; e, ou porque não confiasse no partido liberal, ou para não se arriscar a dissolver a Camara naquella situação melindrosa, entregou-se, resolutamente, a um chefe conservador cujos precedentes asseguravam firme e prompta execução de um programma de governo de accôrdo com as circumstancias.

O novo ministerio se erguia, no scenario politico, como terrivel ameaça aos reaccionarios; continha paladinos provados em gloriosas campanhas, como Vieira da Silva, Thomaz Coelho, Antonio Prado e Ferreira Vianna, politico e apostolo, capaz de todas as bravuras, sob a rija coiraça de oiro e aço, onde scintillavam, em irradiações exóticas, os fulgores da fé, as chispas das convicções politicas numa fusão encantadora de mysticismo e liberdade. A fama desses combatentes

vaticinava o successo inevitavel da batalha decisiva, que ia ser ferida. E, por isso, mais intensas se tornaram as explosões de odios crueis; mais se accentuaram as manobras desesperadas dos refractarios, apavorados diante do victorioso espirito de abolição, penetrando as fazendas e despertando senzalas, asphixiando nos seus tradicionaes reductos a instituição aviltante: era a luz invadindo os antros.

A marquezia percebeu, nitidamente, a conjuncção. Não havia tempo para hesitações, nem podia resistir aos nobilissimos impulsos de seu coração. Depois de uma longa conferencia com o padre Paulo, Sergio de Lima e o dr. Sumer, aos quaes transmittiu todas as revelações de d. Eugenia, deliberou desfechar o golpe, havia muito tempo premeditado e contido pelo receio de não provocar uma perturbação de ordem, naquella zona dominada por fazendeiros intransigentes, capazes de todos os excessos para defenderem a sua propriedade agonisante.

— S. ex., senhora marquezia — ponderou o padre — sabe que, como sacerdote de uma religião de amor, de caridade, não devo encobrir as minhas idéas abolicionistas, e a minha consciencia me impede de oppôr restricções a um tão bello movimento que Deus recompensará. Devo, entretanto, chamar a attenção de v. ex., para a gravidade dessa resolução, cujos effeitos não poderemos prevêr. Esses desalmados são capazes de tudo. Eu lhe conheço as manhas: não serão capazes de aggressões francas, mas.

— A minha opinião — interrompeu Sergio de Lima — com o respeito devido ao venerando amigo, é que nos devemos antecipar nas fileiras dos vencedores do dia d'amanhã, quaesquer que sejam as consequencias: será um fiasco fazer, em virtude de uma lei, aquillo que poderíamos ter feito, espontaneamente, por um impulso do coração...

— Muito bem — apartou Hortencia, que esperava, ao piano, o termo da conferencia para continuar um estudo interrompido.

Sergio de Lima agradeceu-lhe com um olhar embaciado de ternura, e voltou-se para o dr. Sumer, com um gesto de interrogação.

— A minha opinião — disse sem hesitar, o engenheiro — é que a resolução não prejudicará absolutamente os trabalhos e a ordem da usina. Os poucos escravos que aqui trábalm não se lembram mais da escravidão.

A marquezia approvou com um aceno da bella cabeça, e concluiu;

— Está resolvido de accôrdo com a maioria.

Hortencia, num impeto de alegria, executou o preludio do hymno nacional e, de um salto, abraçou a marquezia, beijando-lhe muitas vezes as

faces, como ella beijára o defuncto marquez, alguns annos antes.

Em vão, Sergio de Lima encareceu ao manhoso padre o extraordinario merito desse acto que o destacaria aos olhos de Sua Alteza e do governo, em cujo programma deveria figurar a multiplicação dos bispados, além de outras vantagens que a piedade da Regente asseguraria ao clero: o padre não se demoveu da obstinada recusa. As boas obras, como as virtudes, não necessitavam do alarde da publicidade: bastava que Deus, o supremo juiz infallivel, as comprehendesse e recompensasse com os dons da sua infinita misericordia.

—Pois a mim—retrucou a marquezia, não me impressionam as consequências. E para proval-o vou convidar os nossos vizinhos para a festa com que vou commemorar o caso. Tu, Hortencia, expedirás, immediatamente os convites.

O padre, erguendo para o tecto, olhos piedosos, lamentava em compungido recolhimento mental, o que elle, intimamente, estava convencido de ser um acto de ousadia louca daquella senhora vibrátil e caprichosa como uma adolescente, ainda não provada pelas asperzas da realidade: ella e Hortencia pareciam da mesma idade e não ser a marca implacavel dos fios de prata que deslisavam já através da densa trama revôlta dos magníficos e opulentos cabellos. Ao menos, louvado Deus, os caprichos lhe davam para o bem.

No dia seguinte, o nucleo colonial amanheceu embandeirado. Os sinos da capella repicavam freneticamente; rouqueiras e fogueiras estoiravam sem cessar; e diante do palacio se agglomerava a multidão de trabalhadores, colonos, libertos e o povo de lavradores, atraídos pela noticia do extraordinario acontecimento que, na opinião do vulgo era devido a uma ordem da Rainha, mandando libertar todos os escravos.

Gião se absteve dos festejos. Como representante genuino da junta do coice, recalrava o seu rude despeito, ficando em casa, a pretexto de cuidar dos negocios da venda, naquelles dias muito rendosos. Todo o entusiasmo daquelles malucos vinha procurar incentivo nos copinhos de paraty, que elle e a Coleta não tinham mãos a medir. tão extraordinaria era a concurrencia de freguezes. Os proprios moleques da fazenda, seus subordinados, fôram beber irreverentemente, affrontando no primeiro dia de liberdade, o antigo e terrivel feitor.

—Vamos, seu galêgo — exclamou um delles—passa um trago da branca.

O felpudo peito do portuguez arfou com violencia; uma congestão de colera inpotente lhe rouxeou as faces barbadas, e com um gesto violento elle tirou o relho pendente a uma das pra-

telheiras, como symbolo do seu poder; mas o moleque esgueirou-se por entre um grupo de freguezes, proferindo injurias obscenas.

—E' isso--- murmurou Gião, fulo de raiva --- é isso que os senhores estão vendo. Avaliem o que será mais tarde. A patrôa perdeu de todo a cabeça com os conselhos daquelle padre e os palavreados do tal doutorsinho, que anda a farejar a pequena, pensando que ella ha de metter o dente nos cobres cá da casa. Só cegos não vêem esse derriço, que já está cheirando a pouca vergonha. Eu, emfim, nada tenho com isso: que se arranjem e depois não se queixem das maluquices.

Não fui ouvido nem cheirado, eu que sempre fui o tomo da casa do defuncto marquez, que Deus tenha em gloria, mais por amizade do que por interesse; eu, um servidor fiel, com quem ella sempre se achou nos momentos difficeis... Emfim... seja tudo pelo amor de Deus. Quando isto me aborrecer, pego em mim, na Colleta, e nos filhos e ponho-me a andar aonde me reça mais... que aqui já dei o cacho...

Pelo cair da tarde começaram a chegar as carruagens, *break*, carregados de familias da visinhança, cavalleiros garbosos accudindo ao convite da marquezia. Com surpresa do padre Paulo, estavam allí os fazendeiros mais refractarios á abolição, os quaes, ou dominados por favôres de ordem financeira prodigamente feitos em momentos de apêrtos, que eram mui frequentes, ou pelo calculo de se não mostrarem despeitados e inferiores ao desafio que lhe fôra lançado, não se recusaram a render homenagem á opulenta visinha pelo seu acto de beneficencia: a presença delles era um méro acto de cortezia, que nada tinha com os seus principios e as suas idéas politicas inabalaveis. Todos elles, apezar dos pronunciamentos da imprensa da côrte da certeza inequivoca acerca do programma do novo gabinete, acariciavam a esperança de que a Regente, quando comparecesse em maio ao parlamento, não ousasse defrontar o problema com uma medida radical e confiavam que a assembléa nacional, na extrema contingencia de ceder aos votos da corôa, concedesse a abolição mediante indemnisação e outros favores reclamados pelas precarias condições da lavoira. Cotegipe e Paulino, reunindo os fortes contingentes do elemento conservador, tinham ainda bastante prestigio para salvar o paiz da crise ameaçadora.

A marquezia os recebeu com a habitual amabilidade fidalga, multiplicando-se em carinhos, que captivavam os mais rebarbativos, que não poderam conter ligeiras insinuações ao pernicioso exemplo que ella dava, desapiedadamente, sem a menor consideração aos interesses daquella zona de terras ainda cultivadas pela escrava-

tura, pela sorte dos amigos, cujos havêres estavam todos comprometidos pela escassez de braços, em progressão assustadora.

Mas, a profusão do banquete desanuveou os espiritos, suffocando as inuteis expansões sobre a politica. A sobremeza, dir-se-ia não haver mais dissidentes: beberam todos pela saúde da marquezia, quando o padre Paulo, animado pela attitudo pacifica dos fazendeiros concretisou um brinde nestas palavras eloquentes: « Uma mulher esmagára a cabeça da serpente, outra mulher esmagaria a hydra da escravidão. A marquezia de Uberaba era a precursôra desse facto providencial ».

Passado o mez de abril, sem incidentes, chegou o momento, esperado com verdadeira anciedade. Reunira-se a assembléa geral e a situação se desenhára, nitidamente, com a falla do throno, a representação do ministerio, e o projecto de extincção da escravidão no Brazil, recebido com ruidosas aclamações no recinto da Camara, nas ruas da capital, repercutindo nas provincias, no interior do paiz, como se a alma nacional se erguêsse ao éco do grito de redempção, e, por fim, transformado em lei, tendo, apenas, uma fragil contestação dos representantes do Rio de Janeiro.

No dia em que chegaram os jornaes noticiando as festas extraordinarias em honra da Regente e o entusiasmo popular desbordante em manifestações estrondosas, a colonia foi abalada pelo alarma de incendio no cannavial que se estendia como um mar ondulante no valle, ao longo do rio. Ao longe, por trás de um outeiro doirado pelo sol cadente, subiam bulcões de fumo negro. A marquezia mandou preparar o *break* e partiu com Hortencia para o sitio do sinistro, onde encontraram o dr. Sumer, commandando todos os operarios em lucta desesperada com o fôgo devastador. Não havia esperança de salvação porque o fôgo irrompêra de diversos pontos, e avançava em trombas de fumo e chamma, como columnas de um exercito invisivel, diabolico. As caunas se contorciam, como se fôsem arrancadas pelas raizes em toiceiras, agitando loucamente as folhas vêrdes, o pennacho dos pendões, e estalando rebentadas, num crepitar de tiroteio. Chammas ageis subiam e desciam pelos troncos das arvores collossaes, conservadas no cannavial, ou se enrolavam nelles como serpentes lambendo-lhes numa ancia devoradora o cerne rijo e ennegrecido. E, por fim, como gigantes fulminados, ellas tombavam com estrepito no meio do brazeiro enorme, levando densa nuvem de fumo onde dansavam doidejantes myriades de fagúllas perdendo-se no espaço em particulas carbonisadas que o vento levava para a floresta

proxima. O dr. Sumer, penetrando afoitamente o brazeiro á frente dos seus homens, e Gião, por sua vez, commandando um troço de portuguezes, erão, por vezes, envolvidos pelo inimigo traiçoeiro, e recuavam cortando, abatendo a foice e a machado tudo quanto pudesse alimentar o incendio, deliberando, por fim, preservar a matta, isolando-a.

A marquezia, de um pequeno morro, observava, afflicta aquelle pavoroso espectáculo, a onda ignivoma, percorrendo o valle numa furia de féra, avançando, recuando ousada, resoluta, vacillante, como se executasse manobras de uma tactica sinistra, desaparecendo quasi extincta, desfallecida e surgindo além mais vigorosa, mais intensa, e deixando na superficie da terra desolada um rastro de cinzas negras, onde as lufadas abriam sulcos, erguendo a poeira encandescente. De concerto com o ruido das arvores que tombavam, ella ouvia o barulho das vózes dos trabalhadores, o ruido sonóro dos machados, mordendo cutilantes so troncos duros para abrir o asseiro entre o cannavia destruido e a floresta que podia ainda ser salva. Ella admirava o valor daquelles homens indifferentes á fadiga, ao calor infernal, irradiante da tremenda combustão, aos novêllos de fumo que os suffocavam, ás fagulhas que lhes sapecavam os pés, as mãos, os rostos, e animando-se com brados de alegria e de chacóta. E ella pensava que toda a exuberante riqueza daquella terra fecundada pelo seu genio, pelo seu esforço, estava naquelle momento, de pendente da bravura daquelles homens, daquelles humildes heróes, prestes a succumbirem extenuados numa pelêja desigual.

Quando o sol desapareceu, a brisa mudou de quadrante, e começou a arrastar o fogo para o lado do rio. Os turbilhões de fumaça corriam uns após outros, desfazendo-se despedaçados, desgrenhados, rôtos, como se se retirassem, em confusão, ao latego do vento triumphante. Os homens do dr Sumer puderam, graças a essa intervenção providencial, concluir o trabalho de isolamento da floresta e das plantações adjacentes.

Hortencia, que se approximára mais do incendio, regressou e contava-lhe, animada e cheia de entusiasmo, as peripecias do combate, emquanto a carruagem rodava para o palacio. A

marqueza, porém, acabrunhada pelo espectáculo horrendo que lhe combalira os nervos, mal podia attendel-a tal era a super-excitação que lhe perturbára todo o organismo.

Dias depois, serenados o espirito e o corpo, ella soube pelo dr. Sumer que o incendio fôra ateado por mãos criminosas de alguns colonos perversos, imbuídos das idéas de pan-destruição. Resolveu, então, abandonar a rôça. Entregou a administração da colonia ao americano, e partiu para a côrte, donde se afastára havia tantos annos. O motivo dessa resolução subita foi a urgencia de consultar um especialista: não queria que se lhe lançasse em rosto ter abandonado por cobardia a sua obra, o trabalho regenerador de demonstrar, com a eloquencia dos factos, os modernos processos de cultura, as vantagens da substituição do escravo pelo colono, e os efeitos salutaes do nucleo industrial consagrado a Izabel, a Redemptora.

(Continúa)

## O THEATRO

Bom dia, senhores ! Permitti que eu vos tire o chapéo de novo, permitti que de novo eu vos aparte a mão. Já nenhum de vós se lembra da côr do meu chapéo, já ninguem se recórda da grossura dos meus dedos. E' natural. Dizem por ahi os que não são mysticos, que a ausencia ensombra tudo. Creio. Os dias que passei sem vos mostrar a minha caraça, apagaram, sem duvida, da memoria dos que me conheceram, a imagem dessa caraça. Apagaram ou ensombraram. Si apagaram, eil-a de novo acêsa, si ensombraram, eil-a novamente desanuviada, ao sol, mandando-vos aqui do corredôr desta columna os meus respeitos, o meu chapéo amavel, o meu aperto de mão amigo.

Não vos quero contar a historia da minha ausencia. E' tragico, e tenho receio que os vossos olhos se ensópem d'agua, que a nossa alma enternêça e chóre. E que eu chóre tambem ; tenho o coração de sensitiva e não posso vêr ninguem chorar por mim que não caia num berreiro enorme. Temperamento, pura questão de temperamento. Não sou como o poeta que soffre menos, quando vê alguém soffrer por elle.

Mas... talvez não ficasse mal a tragedia da minha historia. Esta columna é de theatro ; a tragedia, si não me falla a lembrança, é coisa de theatro.

A questão aqui, porém, não é de tragedia, é do tamanho da tragedia. E' uma historia muito comprida, que principia aqui e váe acabar além, começa em Adão e termina em nossos dias. Ou nos meus dias, a coisa deu-se comigo. Mas, não conto a historia, não. Tenho receio que todas as dezeseis paginas desta revista sejam escassas para contal-a.

Vamos, porém, ás outras historias, ás historias alheias.

Todo o meu desejo, agóra, era contar alguma coisa do *Mambembe*. Mas, é impossivel. Não vi o *Mambembe* ainda. Não preciso dizer o porquê. Já todo o mundo sabe que houve arrelia na minha vida, occupaões em jôrro e um jôrro de vira-voltas. Mas, prometto e juro que a primeira occasião é tua, leitor amigo. A primeira chronica será para ti e para o *Mambembe*.

Hoje não te posso falar em nada. O abraço que o Walfrido, secretario cá da casa, me deu ao vêr-me novamente, deixou as minhas costellas em máu estado, e a abundancia de materia, preciosa e rara, que os *Annaes* vão tendo, faz que o Walfrido me esteja a insistir, por detráz da minha cadeira, que seja breve neste numero. Far-lhe-ei a vontade. Na edição futura, farei a minha, contando o que por ahi anda, pelos palcos. Mesmo agóra não ha novidade a se falar.

Ha uma : a chegada da Lucinda Simões. E' pena que o auctor desta columna não tenha por ahi uma festonada de adjectivos cambiantemente coloridos para multicolorisar a ribaltá desta chronica ; é pena que a admiracão não se próve por meio de palavras. Si eu aqui deixasse escorrer o filête de uma lagrima, unha lagrima de alegria pela chegada da luminosa artista de além-mar, muita gente por ahi diria que eu tinha perdido a minha composutura. A lagrima, por mais grossa que seja, é sempre feminina para um homem. Não chíro, mas curvo com respeito a cabeça.

Outra chegada ainda: a do Eduardo Victorino. Entrou pelo Lucinda manipulando as afamadas *Pilulas de Hercules* e está agóra mandando levar o *Bode Expiatorio*. E váe-nos deixar com agua na bocca : por aqui passa de carreira e váe sul abaixo, em busca de outros palcos.

E até quinta-feira que vem.

JUSTUS JUNIUS.

## THEORIA DOS ERROS

(PRIMEIRAS NOÇÕES)

Designemos por

$$\frac{\eta}{o} \text{ e } \frac{m}{o}$$

o erro provavel e o erro médio da media. As fórmulas relativas a esses elementos, já deduzidas anteriormente, auctorizam-nos a escrever

$$\frac{h}{o} \eta = h \eta = 0.47693\dots$$

$$\frac{m}{o} h = m h = \frac{1}{\sqrt{2}}$$

e como tínhamos achado

$$\frac{h}{o} = h \sqrt{n}$$

n sendo o numero das observaões, virá

$$\frac{\eta}{o} = \frac{\eta}{\sqrt{n}} \cdot \frac{m}{o} = \frac{m}{\sqrt{n}}$$

Assim, o erro a temer na média não decresce proporcionalmente ao numero das observaões, sim á raiz quadrada desse numero. Caso das observaões de peso desigual — Sejam

$$\frac{x}{1} \quad \frac{x}{2} \quad \dots \quad \frac{x}{n}$$



n medidas effectuadas directamente mas que não inspiram igualmente a mesma confiança.

Isto equivale a dizer que o erro médio de  $x$  é em geral diferente do erro médio de  $x$ . Designemos por  $h_1, h_2, \dots, h_n$  os módulos de precisão das medidas obtidas e sejam  $p_1, p_2, \dots, p_n$  as probabilidades respectivas dos erros  $\Delta_1, \Delta_2, \dots, \Delta_n$  que as affectam. Chame-mos, por outro lado,  $x$  um valor sobre o qual se contam esses erros. Teremos

$$\Delta_1 = x - x_1$$

$$\Delta_2 = x - x_2$$

$$\Delta_n = x - x_n$$

$$p_1 = \frac{h_1}{\sqrt{x}} e^{-\frac{h_1^2}{2}(x-x_1)^2}$$

$$p_2 = \frac{h_2}{\sqrt{x}} e^{-\frac{h_2^2}{2}(x-x_2)^2}$$

$$p_n = \frac{h_n}{\sqrt{x}} e^{-\frac{h_n^2}{2}(x-x_n)^2}$$

A probabilidade da occorrença de todos os erros será

$$P = p_1 p_2 \dots p_n = \frac{h_1 h_2 \dots h_n}{\sqrt{x}^n} e^{-\frac{h_1^2}{2}(x-x_1)^2 - \dots - \frac{h_n^2}{2}(x-x_n)^2}$$

O maximum de  $P$  corresponde ao minimum de

$$\frac{h_1^2}{2}(x-x_1)^2 + \frac{h_2^2}{2}(x-x_2)^2 + \dots + \frac{h_n^2}{2}(x-x_n)^2$$

e, portanto, a

$$h_1(x-x_1) + h_2(x-x_2) + \dots + h_n(x-x_n) = 0$$

d'onde o valor mais provavel de  $x$

$$x = \frac{h_1^2 x_1 + h_2^2 x_2 + \dots + h_n^2 x_n}{h_1^2 + h_2^2 + \dots + h_n^2}$$

Façamos

$$\frac{h_1}{1} = a p_1$$

$$\frac{h_2}{2} = a p_2$$

sendo um coefficiente de proporcionalidade. Teremos

$$x = \frac{p_1 x_1 + p_2 x_2 + \dots + p_n x_n}{p_1 + p_2 + \dots + p_n}$$

Designemos por

$$\begin{matrix} a, b & k \\ 1 & 1 & 1 \\ a, b & k \\ 2 & 2 & 2 \\ \dots & \dots & \dots \\ a, b & k \\ n & n & n \end{matrix}$$

grandezas ficticias, as de indice 1 sendo em numero  $p_1$  as de indice 2 em numero  $p_2$  e finalmente as de indice  $n$  em numero  $p_n$

Podemos imaginar que essas grandezas correspondam a medidas virtualmente effectuadas com o mesmo grau de precisão.

Façamos

$$\begin{matrix} p_1 x_1 = a + b + \dots + k \\ 1 & 1 & 1 & 1 & 1 \\ p_2 x_2 = a + b + \dots + k \\ 2 & 2 & 2 & 2 & 2 \end{matrix}$$

$$p_1 x_1 = a + b + \dots + k$$

A media converte-se em

$$x = \frac{a + b + \dots + k + a + b + \dots + k + \dots + a + b + \dots + k}{p_1 + p_2 + \dots + p_n}$$

o que equivale a suppor que  $x_1, x_2, \dots, x_n$  são médias de observações ficticias de igual precisão.

$p_1, p_2, \dots, p_n$ , por causa da analogia entre a expressão da media e a formula barycentrica, são denominados os pesos das observações  $x_1, x_2, \dots, x_n$

Assim têm-se

$$x = \frac{\sum a}{\sum p} \quad x = \frac{\sum a}{\sum p} \quad x = \frac{\sum a}{\sum p}$$

por uma notação facil de comprehender.

Chamando  $m_1, m_2, \dots, m_n$  os erros medios de  $x_1, x_2, \dots, x_n$  e  $f$

o erro médio de uma observação ficticia, obtém-se

$$m_1 = \sqrt{\frac{f}{p_1}}$$

$$m_2 = \sqrt{\frac{f}{p_2}}$$

$$m_n = \sqrt{\frac{f}{p_n}}$$

Comparando-as com

$$\frac{h_1}{1} = a p_1$$

$$\frac{h_2}{2} = a p_2$$

$$\frac{h_n}{n} = a p_n$$

acham-se

$$\frac{h_1 m_1}{1} = a f$$

$$\frac{h_2 m_2}{2} = a f$$

$$\frac{h_n m_n}{n} = a f$$

em que o segundo membro é, como se sabe,  $\frac{1}{2} f$  permanece desconhecido.

A introdução dos residuos permite obter uma formula asymptotica para  $f$ , sufficiente na pratica.

Sejam, pois,

$$\begin{matrix} x_1 - x = \gamma \\ 1 & 1 & 1 \\ x_2 - x = \gamma \\ 2 & 2 & 2 \end{matrix}$$

$$\begin{matrix} x_n - x = \gamma \\ n & n & n \end{matrix}$$

Façamos, por outro lado,

$$\begin{matrix} a - x = a \\ 1 & 1 & 1 \\ b - x = \beta \\ 1 & 1 & 1 \end{matrix}$$

$$\begin{matrix} a - x = a \\ 2 & 2 & 2 \\ b - x = \beta \\ 2 & 2 & 2 \end{matrix}$$

$$\begin{matrix} a - x = a \\ n & n & n \\ b - x = \beta \\ n & n & n \end{matrix}$$

Teremos por uma formula já estabelecida

$$f = \sqrt{\frac{a + \beta + \dots}{1}} = \sqrt{\frac{a + \beta + \dots}{2}} = \dots$$

$$= \sqrt{\frac{a + \beta + \dots}{n}} \quad \text{ou}$$

$$(p-1)f = a + \beta + \dots$$

$$(p-1)f = a + \beta + \dots$$

$$(p-1)f = a + \beta + \dots$$

Façamos ainda

$$a - x = A \quad b - x = B \quad \dots$$

$$a - x = A, \quad b - x = B, \quad \dots$$

$$a - x = A \quad b - x = B, \quad \dots$$

Teremos

$$f = \sqrt{\frac{A + B + \dots + A + B + \dots}{p + p + \dots + p - 1}}$$

$$(p + p + \dots + p - 1) f = A + B + \dots + A + B + \dots + A + B + \dots$$

Mas, em virtude de convenções feitas, tem-se

$$a + x - x = A, \quad \beta + x - x = B$$

$$a + x - x = A, \quad \beta + x - x = B$$

$$\text{ou} \quad a + \gamma = A, \quad \beta + \gamma = B$$

$$a + \gamma = A, \quad \beta + \gamma = B$$

$$a + \gamma = A, \quad \beta + \gamma = B$$

D'ahi conclue-se

$$A + B + \dots + A + B + \dots + A + B + \dots =$$

$$= a + \beta + \dots + a + \beta + \dots + \dots + a + \beta + \dots +$$

$$+ p\gamma + p\gamma + \dots + p\gamma$$

por serem

$$\Sigma a = \Sigma a = \dots = \Sigma a = o$$

A equação acima dará por substituições

$$(p + p + \dots + p - 1) f = (p-1) f + (p-1) f + \dots + (p-1) f +$$

$$+ p\gamma + p\gamma + \dots + p\gamma$$

$$f = \sqrt{\frac{[p\gamma^2]}{n-1}}$$

Nota sobre a formula de Stirling. O methodo mais simples para estabelecer uma expressão asymptotica da factorial

é, parece-nos, o seguinte.

Sabe-se que, por definição, é

$$\Gamma(n+1) = \int_0^\infty e^{-x} x^n dx = n \Gamma(n)$$

$\Gamma(n)$  sendo a função enleriana de segunda especie. Tem-se, pois,

$$\Gamma(n+1) = n!$$

n sendo inteiro e positivo. Trata-se de achar um valor aproximado para n immensamente grande. Consideremos o logarithmo

$$1. \left(1 + \frac{x}{n}\right)$$

e desenvolvamos em serie. Teremos

$$1. \left(1 + \frac{x}{n}\right) = \frac{x}{n} - \frac{x^2}{2n^2}$$

despresando termos de terceira ordem, por ser n immensamente grande. Conclue-se, portanto,

$$\left(1 + \frac{x}{n}\right) = e^{\frac{x}{n} - \frac{x^2}{2n^2}}$$

$$\text{ou}$$

$$n^{-1} (n+x) = e^{\frac{x}{n} - \frac{x^2}{2n^2}}$$

$$n^{-n} (n+x)^n = e^{\frac{nx}{n} - \frac{x^2}{2n}}$$

$$e^{-n} (n+x)^n = e^{-\frac{x^2}{2n}}$$

Multipliquemos por dx ambos os membros e integremos de  $-\infty$  a  $\infty$ . Ficarã

$$e^{-n} \int_{-\infty}^{\infty} (n+x)^n dx = \int_{-\infty}^{\infty} e^{-\frac{x^2}{2n}} dx.$$

Façamos

$$n+x=z$$

e teremos: para  $x = \infty$  é  $z = \infty$  para  $x = -\infty$  é  $z = n - \infty$ , valor que se póde considerar tendo para zero, pois que n é immensamente grande.

A integral se converterã no seguinte

$$e^{-n} \int_0^\infty e^{-\frac{z^2}{2n}} z^n dz = \int_{-\infty}^{\infty} e^{-\frac{x^2}{2n}} dx.$$

$$e^{-n} \Gamma(n+1) = \int_{-\infty}^{\infty} e^{-\frac{x^2}{2n}} dx.$$

Fazendo

$$\frac{x}{\sqrt{2n}} = t$$

$$\Gamma(n+1) = n^n e^{-n} \int_{-\infty}^{\infty} \sqrt{2n} e^{-t^2} dt$$

$$n! = n^n e^{-n} \sqrt{2n\pi}$$

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. 20\$000  
 SEMESTRE .... 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1<sup>a</sup> DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Não seria justo acoirar de estéril a sessão do Congresso, que terminou, atabalhoadamente, nos ultimos dias do agitado 1904. Da sua sabedoria colheu a nação saborosos fructos em penca: a reforma eleitoral, a reforma da magistratura do Districto Federal e a reforma do material da marinha, de imperecível lustre para o nome querido do saudoso Laurindo Pitta.

Esses fructos honram a pujante uberidade daquelle galho dos poderes constitucionaes, pela fragrancia, pela belleza tentadora, como a dos pomos da arvore da sciencia do bem e do mal; mas ninguem confia nos seus effeitos nutrientes, quando chegarem ao desarranjado estomago da nação.

O povo não tem fé na reforma eleitoral; não acredita nos beneficos effeitos por ella prometidos, porque está escabriado com a experiencia de quinze annos de Republica; porque já foi dito e repetido até se gravar em *cliché* muito sovado — que se não reformam costumes a golpes de decretos, e as meticulosas calafetações das fendas, por onde extravasa das urnas a genuina manifestação da soberania nacional, não são sufficientes para assegurar a pureza do voto, num paiz que jámais fruiu essa prerogativa democratica. Mudam-se as fechaduras: inventam-se novas gazúas; e os gatunos de votos continuarão a sua nefasta depredação, qualquer que seja a subtiliza dos meios da policia e o rigor do processo eleitoral. Permanecerão organisadas com todos os artificiosos aparelhos de fraude, de prepotencia e despotismo, as machinas partidarias, cada vez mais aperfeiçoadas para a função constrictora da opinião e dos direitos individuaes. E nada se fará para desmontal-as, para lhes encravar a entrosagem nefasta.

Essa reforma será, como as anteriores, uma cataplasma anodyna sobre uma velha chaga purulenta: os germens de corrupção do character, de dissolução dos costumes irão esgarçando, delindo todos os freios dos escrupulos, inutilizando todos os elementos de inibição criminosa, até aggravarem este estado de anesthesia, que mantém o consagrado divorcio da

moral com a politica, concretisado na fórmula — todos os meios são licitos para vencer, porque a victoria justifica todos os crimes, os mais vis, os mais hediondos.

Além disso, é factio irrefutavel que as mediocridades, de que se nutrem as democracias, não podem prescindir dos processos fraudulentos que lhes disfarçam a deformidade crétinica no envoltorio de suppostos diplomas populares, como certificados authenticos de saber, de patriotismo, de virtude e de força.

Seria irrisório suppôr que os próceres da politicagem, cogumélos das falcatrúas, guindados por vias tortuosas e violencias impudentes, a posições que jamais attingiriam por meios honestos, se suicidem; abandonem, voluntariamente, os deliciosos proventos do mando absoluto para se escravisarem ao jugo do respeito á lei, á garantia sentimental da verdade do voto. Esses próceres crearam amor á função; têm entranhas sensibilissimas; têm próle engordada na ociosidade; têm amigos servís, sectarios infieis; têm cúmplices gananciosos, cardúmes de parasitas devoradores, que a politica ha de nutrir e saciar para lhes assegurar a fidelidade.

Nessa organização de fallaciosa apparencia de governo democratico, só ha uma força capaz de operar salutar transformação nas odiosas praxes electoraes; mas a augusta pessoa, que a exerce, não se mexeu até agóra; nada fez ainda para debellar a infecção, apesar de lhe ter ella posto a vida em perigo, provocando insidiosas explosões de rebeldia. Emquanto essa força não se libertar da tēja das conveniencias para agir ao serviço das aspirações nacionaes, tem fundados motivos o povo para não confiar em reformas electoraes.

A reorganisação da magistratura do Districto Federal foi arrancada com supremo esforço ás entranhas do Congresso: o Senado fez-lhe negaças que a Camara rebateu, difficilmente, na angustia das ultimas horas de sessão.

Será ella efficaz para acalmar justos clamôres, despertados pela defeituosa distribuição da justiça, restaurar a confiança nos seus aréstos, que outros poderes constitucionaes têm procurado, por todos os meios, desmoralizar? Affirmam alguns que ella não alcançará as causas do mal, porque se limita

a uma alteração improficua da magistratura, com uma singéla promessa de modificação do processo archaico, que nós herdámos das ordenações affonsinas, e conservamos com o religioso respeito ás coisas velhas. Esse processo é o ponto doloroso do problema. Emquanto elle fôr mantido, com todos os indecorosos escaninhos da chicana, das alicantinas, será profundamente perturbada a nobilissima função da magistratura, o caridoso trabalho de saciar a cruciante sêde de justiça.

\* \* \*

A restauração da marinha nacional foi, sem contestação, acto de benevolencia.

A nossa posição na America do Sul, o nosso tamanho, a extensão das nossas costas, os nossos rios estupendos exigiam esse elemento de respeito, que não é simples apparato de força bravatosa, perturbadora, mas uma garantia da paz, da prosperidade nacional, da restauração de tradições gloriosas.

A prova mais eloquente da oportunidade, da efficacia dessa medida patriótica, é que os nossos vizinhos a malsinaram como significativa ameaça, precisamente quando elles, fatigados por uma prolongada expectativa de guerra, se desfazião das armas, e procuravam fazer excellente negocio com as unidades das suas esquadras, muito procuradas no sangrento mercado do Oriente.

Não temos motivos sérios para nos apercebermos com poderosos meios de defeza: as controvérsias internacionaes serão victoriosamente derimidas pela nossa diplomacia, como têm sido, no longo periodo de paz consecutiva á guerra do Paraguay; as nossas relações com os povos do velho continente e com a America do Norte se manterão dominadas pelos reciprocos interesses mercantis, sem a pressão das ameaças que nos superexcitam os melindres patrióticos; tudo nos assegura uma inalterada quietude benefica, a cuja sombra poderemos desenvolver os nossos recursos de nação rica, mas não podemos prescindir da força, que será o nervo, o propulsor energico do nosso desenvolvimento.

Quando outra coisa não houvesse produzido o Congresso, na pachorrenta faina de oito mezes de sessão,

essa reforma da marinha seria bastante para elle fazer jús aos calorosos applausos da nação agradecida.

As menos assim, váe desmentindo, com boas obras, os vaticínios de esterilidade, inspirados na sua origem espúria.

Com os parabens ao Congresso pela saída feliz, fazemos sinceros votos por melhores entradas no anno de 1905, que é o ultimo e o mais apertado desta legislatura, anno de despedidas, de protestos de amor, de fidelidade incondicional, anno de eleições...

POJUCAN.

### Psychologia do crime colectivo

Tem-se observado que a multidão é, em geral, mais predisposta para o mal do que para o bem. Sua actividade emocional colectiva, em regra, se limita á colera, que determina movimentos cruéis e sanguinarios. Porque? A isto respondeu Scipio Sighele, que é o mais seguro guia neste assumpto. Sem fallar nos varios elementos de que se compõe uma multidão, onde, ao lado de homens sensiveis, vêm-se indifferentes e perversos, junto a pessoas honestas, vêm-se vagabundos e criminosos, pôde-se responder áquelle «*porque*» dizendo que, na multidão, as boas qualidades particulares, em vez de se unir, elidem-se. Só se sommam as energias inferiores da cerebração. Não são as qualidades de *élite*, as distincções moraes, que se pôdem juntar para formação do character de uma multidão, e isso porque essas qualidades são diferentes de individuo para individuo. O que se somma, o que serve de parcella, é certo elemento homogêneo, igual, básico, de todos os caracteres humanos, de todas as almas, certas tendencias instinctivas, animaes, que se encontram por baixo das camadas superiores que a cultura foi accumulando durante seculos. Ha muito tempo, Barbaste alludia a uma disposição homicida primordial, a uma especie de furor primitivo, funesto attributo da humanidade. Fallando, com Sergi, a linguagem geologica, pôde-se dizer que as ultimas e melhores *stratificações* do character, aquellas que a civilização e a educação conseguiram solidificar nas almas dalguns individuos, são eclipsadas pelas *stratificações* médias, que constituem o patrimonio commum; na somma total, estas dominam, aquellas desaparecem.

Em 1885, apparecia no periodico medico *The Lancet*, de Londres, um artigo que não pôde ser esquecido (e, de facto, não o tem sido) em todo trabalho referente aos crimes das multidões. Entre outras observações, nelle se encontram as que explicam a mal-

dade instinctiva das agglomerações humanas.

« A palavra multidão, por si mesmo, implica a reunião de elementos heterogeneos, exclúe, até certo ponto, a idéa de organização, a pre-existencia de um fim commum. Não é, pois, possível que a vontade collectiva de uma multidão seja constituida pelas faculdades elementares as mais elevadas dos cerebros daquelles que a compõem. A actividade mental da multidão é limitada á colera, á imitação, aos actos instinctivos. E' perfeitamente possível que, em uma multidão de pessoas impressionaveis, cada uma dellas proceda em opposição directa aos seus principios individuaes. Ha no *numero* uma influencia subtil, e poderosa que agita as paixões e força o individuo a imitar seu visinho.»

Secundamente, para explicar a crueldade característica das multidões, ahí temos, bem patente, a influencia decisiva dos elementos máus, os loucos, os criminosos, os viciosos. Commummente, a direcção das massas populares amotinadas não cabe aos mais calmos, aos mais moderados, aos mais conscientes; são ellas movidas, quasi sempre, pelos agitados, ébrios, loucos, criminosos, que gritam fortemente, que manifestam mais vivo enthusiasmo.

Hyppolito Taine, na sua obra monumental *LES ORIGINES DE LA FRANCE CONTEMPORAINE*, de que aproveitaremos mais de um trecho, notou, no periodo mais anarchico da Revolução Franceza, a influencia decisiva dos criminosos, dos loucos, dos alcoolicos, da ralé social, privada de todos os bons sentimentos, avêsada ás violencias. Unidos esses miseraveis á multidão, por sua natureza facilmente impulsional, é bem de vêr que lhe communicaram sua crueza e sua loucura. Como se pôde admirar, nessas condições — indaga Taine — a crueldade dos actos praticados pelas multidões?!

A este respeito disse, com intensa verdade, d. Concepcion Arenal que as multidões idolátram os loucos, por isso mesmo que, adorando-os, ellas se adoram — como loucas que são. De que se compõe — pergunta a preclara correccionalista hespanhola — essa turba que esbraveja e mata, na maioria dos motins populares? E, logo, responde:

— dos loucos que são tirados do hospício ou dos que ainda lá não estavam por imprevidencia social;

— dos delinquentes que a prisão acabou de corromper e que, della sahindo, não acharam seguro patronato que os amparasse e os encaminhasse para o bem;

— dos vagabundos, victimas das actuaes condições sociaes;

— dos semi-selvagens, embrutecidos pela ignorancia e pelas privações em que os deixa permanecer o actual regimen plutocratico e immoral;

— de creanças que se corromperam cedo, victimas, tambem, da desorganização social, que dissolve a familia e despreza ou envilece a criança;

— de prostitutas, que, geralmente, fôram atiradas ao vicio pelo egoismo dos homens e nelle mantidas pela imperfeição do systema administrativo vigente, que quasi lhes concede fóros de negociantes ou lhes regulamenta o exercicio da *profissão*.

Toda essa gentalha exprime, no dizer de d. Concepcion, a secreção purulenta das classes abastadas e felizes. E no meio de todos os degenerados abundam, tonitruam os epilepticos, os vesanicos de toda ordem, os maniacos ferôzes, que arrastam os imbecis e os retardatarios da especie.

\* \*

Até aqui, temos exposto, um tanto desordenadamente, algumas leis mais geraes, derivadas da observação dos factos. Vejamos, agóra, alguns desses mesmos factos, para illustrar a theoria, e solidificar-a. Occorre, desde logo, a lembrança da Revolução Franceza. Taine bem chamou seu primeiro periodo de *Anarchia Expontanea*. Em verdade, foi a multidão brutal e selvagem que nelle dominou soberanamente.

A administração se acurvou a esse jugo, si é que se pôde chamar *administração* um conjuncto de autoridades sem energia, servindo-se de principios legaes já sem efficacia. No dia 15 de de Julho de 1789, a multidão começou a demolição da Bastilha, que, na vespera, tomára de assalto — e foi sancionado seu acto. Os impostos de barreira ou de entrada fôram suprimidos, por imposição do poviléo armado.

Não sómente o povo condemna, e, como sempre, ás cegas. (\*) Ao mesmo passo que mata sem lei e sem justiça, livra os que os tribunaes condemnaram. E' assim que, a 11 de Agosto de 1789, em Versailles, a multidão tira das mãos do carrasco um parricida condemnado á morte. A 16 de Outubro, na Normandia, em Granville, proclama a turba esse seu direito de perdão, arrancando aos executores judiciaes, dois infames assassinos.

Em verdade, o populacho se fez soberano, á móda oriental, sem admittir censura, nem discussão dos seus actos.

O que ha de notavel, entre tantos horrores e violencias, é a perfeita inconsciencia dos criminosos, quanto á natureza immoral das suas acções. Todos os que matam, pilham e incendiam, estão convencidos da legitimidade

(\*) Obra cit. 22ª edição 1899, 2ª parte, vol. I, pag. 131.

dade dos seus actos. Em qualquer dos periodos ensanguentados da Revolução Franceza se vislumbra esse estado de falsa consciencia. Os assassinos entendem, sempre, ter cumprido um dever civico. Foi o que se deu por occasião do assassinato do sr. de Launay, director da Bastilha. O cosinheiro que lhe decepou a cabeça, louvado por toda a gentalha, erguido em triumpho, pretendeu uma medalha por aquelle serviço patriótico.

Depois, em 1792, nos terriveis massacres do Terror, vemos patentear-se a mesma extranha convicção.

Como se compunha o grupo de umas trezentas pessôas, conhecidas, na historia tragica d'aquelles tempos, por « septembriseurs »? O numero de patifes e scelerados era relativamente diminuto; maior era o numero de operarios, pequenos negociantes, caixeiros, até então honestos e pacíficos. No entanto, insinuada a ordem official para o massacre (\*) dos presos politicos, todos entenderam receber um nobre encargo, de que se sentiram orgulhosos. Transformados em juizes e carrascos, não se sentiram criminosos — na phrase de Le Bon. Para base do seu juizo adoptaram a supposição mais simplicista. Desde logo, descobriram que certos presos, pertencentes ás classes elevadas—nobres, padres, officiaes militares — eram inimigos da Republica, criaturas perigosissimas; bastava sua condição social para lhes caracterisar a criminalidade. Em seguida, um perverso qualquer se lembrou de ser tambem applicavel aos presos communs o mesmo processo de eliminação. Eram boccas inuteis, que estavam comendo o pão da Republica; podendo ser que, entre ellas, existissem alguns inimigos das novas instituições.

D'ahi resultou serem assassinados os presos communs, entre os quaes se achavam velhos e crianças!

Acabados todos esses labores assassinos, affluiram os criminosos ao governo, pedindo medalhas, empregos, soccorros, honrarias, como se tivessem praticado obra meritoria e digna de recompensa.

— Não menos fertil em exemplos semelhantes, é a triste historia da Communa de Pariz.

Vem-se, na maioria dos seus crimes collectivos, as características que deixámos notadas na primeira parte deste ensaio. Ainda ha pouco, os irmãos Margueritte publicaram, em forma de romance, uma obra fartamente documentada, em que é descripto o estado d'alma que dominou, em Pariz, durante aquelles dias tormentosos. Aqui temos, como exemplo, a descrição da morte de Clement Thomas, o

antigo commandante da Guardá Nacional. A multidão arrasta-o da praça Pigalle ao local em que se devia reunir momentaneamente o *comité*. Entretanto, o povo exige que se organise, logo, um conselho de guerra, que tambem deve julgar o general Lecomte, preso antes de Thomas. As portas são arrombadas, a multidão irrompe gritando *à morte, à morte!* Alguns amigos do povo querem protestar, são injuriados, maltratados e apedrejados, Já não se espera o julgamento. Começam os tiros, muitos disparados por meretrizes bebedas, que gritam obscenamente. Cahindo Clement Thomas crivado de balas, voltam-se as iras selvagens para o general Lecomte, que é fuzilado pelas costas; depois, arrastam o cadaver e o atiram sobre o da outra victima, arrancando-lhe as botas e parte das vestes. E em volta dos cadaveres, semi-nús, dansam os assassinos, como Caraibas! (\*)

Antes da Communa, por occasião do cerco de Pariz, scenas extraordinarias se passaram, demonstrando a impulsividade que determina as multidões enlouquecidas. O neuropathologista Luys dá testemunho do que se passava, então, com individuos que eram apontados como « espiões prussianos » Uma palavra, uma phrase, um gesto impelião a multidão, facilmente emocionada. Um transeunte, tomado por espião prussiano, difficilmente escapava das mãos do poviléo amotinado. Si a cada um dos espancadores se pedisse a razão do seu acto, certamente não poderia explical-o. . .

E assim é por toda parte.

EVARISTO DE MORAES.

## OS URUBU'S

Num extenso campo apaúlado e crestado pelas geadas d'inverno, um bando de urubús famulentos atacava com furia bravia e insaciavel, numa destreza de bicos aduncos, as carnes intumecidas e putrefactas de uma grande rês morta que eu vira, dias antes, nédia e bella entre as demais rêzes, nessas pastagens verdejantes.

Era medonha a ancia devoradora das harpias negras.

\* \*

E eu me lembrei de Ti — loucura!  
— da tua carnação tentadora de mulher perdida, quente e côr de rosa

(\*) *La Commune*, 1904, paginas 80-82. Descrição differente dá Luiza Michel, *La Commune*, pag. 121

outr'ora, mas hoje álgida e livida, corroida pela miseria e a doença, onde os meus desejos de gozo, vorazes como os urubús, fôram calir tanta vez, insaciaveis e indomitos, numa soffreguidão de morte!

VIRGILIO VARZEA.

## NOS ASTROS OU NO PÓ?

*Vida, findareis no pó?*

LUTHERO.

I

Olhos, que sois os fulgidos riachos  
Dos sonhos, das chimeras, dos encantos,  
E dáes vinhos de vinhas de aureos cachos  
Para allucinamentos e quebrantos...

Olhos, que sois os seductores fachos  
Da luz do Amor que se desfaz em mantos...  
Olhos, que, quando merencóreos, baixos  
Lavam-se, gemeos, de piedosos prantos...

Dizei-me, riachos de emotivos vinhos,  
Se os vossos meigos, dúlcidos carinhos  
Algum dia terão de andar no Ethéreo?

Ou terão de acabar, sinistramente,  
Em dois buracos de caveira algente  
Na atra desolação do Cemiterio?!

II

Bocca aromada a flôr de cardamomo  
Para a gente beijar, beijar, beijar...  
Para a gente beijar num vivo assomo  
De quem beija o sacrario de um altar.

Bocca de psalmos luminosos como  
Um livro escripto pela luz do luar,  
Um delicado e mysterioso tomo  
Para ser lido por quem saiba amar.

Ah! bocca d'ouro! bysantina taça  
De doçuras de vinhos e de graça,  
Encantadora ambula sagrada,

Que de vós será feito quando um dia  
Baixardes, bocca, á terra fria, fria,  
E vos virdes dos vermes assaltada?

ARAÚJO FIGUEIREDO

## FARIAS BRITO

Não quero dizer que se trata, nestes ligeiros artigos, do maior pensador entre os que pensam no Brasil hoje em dia. E não quero dizel-o, só porque este homem é do Norte: e ha por ahi, em penumbras escuras de *coterries*, uns pruridos de delimitar zonas nesta patria immensa, e até de fazer isso quanto a uma certa ordem de factos ou a uma esphera de phenomenos que não reconhecem fronteiras e muito menos divisas.

Julgo, em todo caso, do meu dever esta sinceridade e franqueza com que começo affirmando que, nestes dois ou trez artigos, pretendo pôr em destaque, tanto quanto me fôr possivel, o mais

(\*) *Proal*, CRIMINALITÉ POLITIQUE, pags. 27--28.

original, o mais profundo, o mais legítimo e mais sabio dos pensadores actuaes do Brazil.

E' claro que restrinjo o meu asserto ao circulo do que se chama propriamente philosophia. Si se tratasse de especialisar estudos ou de discriminar competencias, de certo que outros nomes ali estariam, pelo menos a suggerir as mais justas reservas á generalidade e ao tom absoluto do juizo.

Trato de um philosopho, e refiro-me, portanto, aos que presentemente cultivam e professam no Brazil a alta philosophia.

Uma civilisação que começa não produz grandes sabios. Não sei si este postulado nos salvaria, explicando sufficientemente a nossa lamentavel inopia de pensadores, de philosophos, de cientistas de nota ao menos. Hesito ainda em admittir que a nossa, para attenuante da nossa quasi indigencia, seja o que se deve entender por uma civilisação incipiente. Aqui, como em toda a America, houve uma trasladação de cultura, e não propriamente o que se chama o espirito humano no seu primeiro encontro com a natureza, a consciencia de uma raça ou de uma familia a despertar, a soffrer e a reagir no meio em que desperta. Parece, á primeira vista, que só neste ou em caso semelhante é que o asserto seria verdadeiro: os povos que nascem para a historia não têm sabios—quer dizer—não entram nella pela sciencia. Ah! estão indios, persas, assyrios, egypcios, gregos, romanos—quasi todos com os seus grandes poemas, e, no entanto, sem obras notaveis que lhes attestassem a cultura. E' só depois dos Homeros que lhes apparecem os Platões e os Aristoteles.

Mas, ainda no nosso caso, é para crer que não falhe o principio. Começemos por notar que em toda parte, na America, a tendencia dominante dos espiritos mais distinctos é para as letras e para as artes, e mesmo, entre as artes, a litteraria, que é a mais immediata e directa, a mais intensa e flagrante como processo de manifestação. Ora, isso nos quer parecer simplesmente natural. Vinhamos de uma civilisação superior e enfrentavamos com uma natureza nova e de opulencia excepcional. Si fóssemos destacados de grandes raças, teriamos feito aqui prodigios e produzido assombros na esphera da arte. E' verdade que ha alguma coisa que desconta a nosso favor. Não ha duvida que sabiamos de uma civilisação em todas as linhas mais elevada que a de quasi todos os povos que aqui encontramos; mas tambem é verdade que, sobretudo, os primeiros elementos que se trasladaram para o Novo Mundo, estavam longe de ser os portadores

féis da cultura da Europa no que ella tinha de mais excellente. Dahi a balburdia que aqui creamos e a insufficiencia com que demos signaes do nosso espanto ao enfrentar com a natureza americana.

Não era possivel a analyse em taes condições, e só quando analysa é que o espirito humano entra na phase philosophica. O que foi possivel foi o que nós fizemos. Por isso, mesmo nas zonas onde se exteriorizou a cultura trasladada e que não era, como temos dito, propriamente a européa na sua plenitude, mesmo nessas zonas só se constatarem manifestações incompletas da alma que traziamos. Por allí mesmo, ou porque não eram representantes da Europa classica os que vinham para aqui, ou porque o deslumbramento nos attenuasse as faculdades exteriorisadoras, ainda nesses pontos as proprias manifestações litterarias têm uma importancia mediocre. Nos Estados Unidos, por exemplo, não se contam, talvez, até hoje, dez homens notaveis na esphera da arte. Sendo o paiz onde mais rapido, e de modo mais admiravel, se dilatou, na ordem material, a intelligencia dos povos que para este lado se destacaram da corrente historica—e sendo talvez exactamente os que mais trouxessem della—é para notar que seja, ao mesmo tempo o paiz onde relativamente as fixações do espirito pela producção litteraria são mais restrictas e mais obscuras. Tanto as letras como as artes na grande republica do outro hemispherio americano, nada têm de comparavel ou de correspondente á esplendorosa civilisação industrial que é um facto unico, e dir-se-ia estranho na historia das conquistas humanas em todo o planeta. Mesmo na esphera das especulações scientificas, os Estados Unidos não se pódem desvanecer de haver feito muito mais do que as republicas de origem latina. Só de pouco é que o homem parece estar entrando allí na posse da grande herança; e ainda isso em generos especiaes, em ramos particulares da sciencia, talvez os mais connexos com a caracteristica da phase em que se encontra aquella civilisação.

E' propriamente em materia de philosophia, de investigações scientificas, de estudo directo da natureza, o americano do Norte não excede aos outros americanos. A sciencia delles é, por emquanto, a mesma sciencia européa. Os mais notaveis dos seus professores são espiritos que se fizeram com os sabios da Europa. Exemplo frisante disso é Draper, o mais illustre e o de mais valor entre os contemporaneos que se elevaram até formular synthese da obra humana. Draper é perfectamente um pensador europeu.

Tudo isso, portanto, parece estranho á primeira vista, mas afinal se explica. E não se póde dizer que sejam apenas

as causas que indicámos. Outras ainda é preciso adduzir a essas, como explicação do retardamento ou da insufficiencia do nosso esforço na cultura propria. As populações que se trasladaram para o Novo-Mundo estiveram, e deve-se dizer que ainda estão quasi todas, até hoje, preocupadas com dois grandes problemas: primeiro, o problema da conquista e povoamento; e, logo em seguida, o problema politico. Si exceptuarmos os Estados-Unidos, veremos todos os outros povos sahindo das luctas do regimen colonial para os longos e interminaveis dissidios por um contracto politico que até hoje não está definitivamente assentado. E' por isso talvez que, mesmo nos paizes onde se constata uma ecclosão intellectual mais sensivel e uma actividade mais intensa na esphera scientifica, como os Estados-Unidos, os espiritos quasi que não saem de uma certa ordem de questões: em regra questões de ordem politica, tanto interna como internacional. E' assim que os norte-americanos têm já os seus homens de Estado, os seus diplomatas, os seus internacionalistas. E' quasi mais nada.

De sorte que, além de se não haver para aqui transportado o que havia de melhor na cultura européa, ainda estes dois problemas formidaveis intervieram como factores de nossa pobreza no que respeita a revelações espirituales.

ROCHA POMBO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O CASQUILHO

Quem de Ovidio os contos leu,  
Certo inda tem na memoria  
A mais curiosa historia  
Que elle em seus contos metheu:  
— De como Jove indignado  
C'o uma nação de velhacos,  
Para os não fazer em cacos,  
Os converteu em macacos.

Vendo-se assim humilhado,  
Veio o povo castigado,  
De constricto coração,  
A pedir perdão  
Ao deus que fulmina o raio e o trovão.  
Fazendo caretas, ganindo e guinchando,  
Lhe vinham bradando  
Em mona e bugia:

— «Restaura-nos, ó padre soberano,  
O antigo vulto humano  
Co'a perdida razão.»

O tonante, a quem passado  
Era o primeiro furor,  
Dos bugios ao clamor  
Prestou ouvido apiedado;  
Mas do macaco requerimento  
Não despachou senão a metade,  
E o resto a deidade  
Mandou dispersar nas azas do vento.

Mal o aceno omnipotente  
Troou na celeste abobada,  
A monaria contente  
Se ergue altiva, impávida,  
Toda se empavezou  
E repimpou  
E como gente  
A andar por este mundo se deitou.

O pêlo esfarrapado,  
Que as cabeças téli lhes ouriçava,  
Em lindos caracões se debruçava  
Agora pelo rosto transmudado.  
Não mudou por dentro o caco,  
Que ficou sempre macaco ;  
E a cara por fóra  
Tambem não mudou muito do que fóra.  
Os mesmos focinhos,  
As mesmas caretas,  
E os parvos risinhos,  
E as fofas e tretas.

Assim meio mudados, meio não,  
Lhes fez o padre Jove um bom sermão,  
E lhes mandou tomar  
Ao pé da raça humana o seu logar.  
O homem com desprezo o bicho olhou,  
Nem sequer nome para dar-lhe achou ;  
Mas a mulher gostou  
Da tal farófia de apparente brilho,  
E á coisa poz o nome de — *Casquilho*.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

\* \* \*

#### LORD BEACONSFIELD

Recomeçando hoje estas CARTAS DE INGLATERRA — que eu não podia escrever de Lisboa, onde estive alguns mezes gozando os ocios de Tityro, *sub tegmine fage*, á sombra dessa faia constitucional que se chama o Gremio --- devo memorar, ainda que tarde, a morte de Benjamim Disraeli, lord Beaconsfield, occorrida no dia 19 de maio, pela madrugada, em Londres, na sua casa de Curzon-Street. A doença de lord Beaconsfield, uma complicação de gôta, asthma e bronchite, arrastou-se cruel e longa; o mal, porém, foi debellado, e lord Beaconsfield succumbiu realmente á fraqueza, á fadiga dos 77 annos de uma existencia tão episodica, tão cheia, tão commovente, que ella ficará como o seu melhor romance, bem superior, em estylo e interesse, a TANCREDO ou a ENDYMION.

Desde o primeiro dia, lord Beaconsfield perdeu logo a esperanza de se restabelecer; mas passou a encarar a morte, como encarára sempre as suas derrotas politicas, com uma coragem desdenhosa e fria e um ar de facil superioridade. Durante a doença, aos accessos agudos de dôr, respondia elle com esses sarcasmos mordentes e rebrilhantes, que tinham sido sempre a sua desfórta querida perante um adversario mais forte.

No dia 18, á noite, cahiu pouco a pouco numa somnolencia comatosa, e assim permaneceu até ao romper da manhã; momentos antes de morrer, agitou-se, ergueu-se, ainda dilatou o peito, lançou os braços ao ar --- como costumava fazer nos grandes debates da Camara; depois, recahiu sobre o travesseiro, estendeu as mãos a lord Rowton e lord Barrington, seus secretarios, murmurou debilmente --- *estou vencido* — e ficou como adormecido para sempre. E, considerando que nesse momento toda a Inglaterra, o

mundo inteiro esperavam anciosamente noticias daquelle quarto de Curzon-Street, onde expirava o homem que sessenta annos antes era um pobre escrevente de cartorio — póde-se dizer que nesta carreira tão feliz a morte mesma foi feliz.

O seu proprio funeral teria agradado á sua imaginação --- a certos lados delicados da sua imaginação de artista. O testamento que deixou não permittiu que se celebrassem funeraes publicos na abbadia de Westminster --- disposição estranhavel num homem que mais que tudo amou a pompa e os grandiosos cerimoniaes; mas, não teve tambem o lugubre scenario da morte, os crêpes, as plumas negras, as tochas, os fumos, as caveiras bordadas --- tudo isso que deveria ser tão antipathico ao seu luminoso espirito. Foi sepultado no seu querido castello d'Hunghenden, no meio das arvores do seu parque, por uma fresca manhã de maio, na capella toda ornada de flôres como para uma alegria nupcial; o caminho que lá levava ia por entre jásmineiros e rosas; em vez do dobre dos sinos de Westminster, teve o gorgear das suas aves; e o caixão, seguido pelos principes de Inglaterra, por todos os embaixadores, pela aristocracia que elle governára --- desapparecia sob corôas, ramos, molhes de *primroses*, que a rainha Victoria mandára com estas palavras, escriptas pela sua mão:

*As flôres que elle amava.*

Depois, ao outro dia, em todas as cathedraes da Inglaterra, em cada capella rustica, o clero fez do pulpito o elogio de lord Beaconsfield; nas universidades, nos institutos, nas academias os professores commemoraram aquella carreira soberba; pelas plataformas dos *meetings*, nas assembléas commerciaes, em qualquer parte onde se juntam homens, alguma vóz se ergueu a honrar os seus serviços e o seu genio: lord Granville, na Camara dos lords; na Camara dos commons, Gladstone, fizeram, em sessão solemne, o seu panegyrico publico; e durante dias toda a imprensa ingleza, a imprensa de todo o mundo civilisado (excepto a de Portugal, infelizmente) vieram cheias de seu nome, da commemoração dos seus livros, da sua pittoresca historia.

E assim lord Beaconsfield desappareceu --- como fóra o desejo de toda a sua vida --- num rumor de apothéose.

\* \* \*

E todavia nada parece mais injustificado que uma tal apothéose. Lord Beaconsfield, por fim, foi um homem de estado que fez romances. Ora, os seus romances, como obras d'arte, já começam a apparecer a esta geração de sciencia e d'analyse, tão falsos, tão ficticios como as novellas lyrico-

religiosas do visconde d'Arlincourt; e, como homem de estado, o nome de lord Beaconsfield não fica de certo ligado a nenhum grande progresso na sociedade ingleza. Crear o titulo de imperatriz das Indias para a rainha de Inglaterra, roubar Chypre, restaurar certas prerogativas da corôa, tramar o *fiasco* do Afghanistan não constituem, de certo, titulos para a sua glorificação como reformador social: por outro lado, escrever *Tancredo* ou *Endymion*, não basta para marcar numa litteratura, que teve contemporaneamente Dickens, Tackeray e George Elliot.

Como succede, além disto, que a Inglaterra, paiz tão pratico, tão bem equilibrado, se deixe levar em um tal arranque de admiração pelo homem que foi a personificação, a encarnação de tudo quanto é contrario ao temperamento, ás maneiras, ao gosto inglez? E' que lord Beaconsfield, mais que nenhum outro contemporaneo, impressionou a imaginação ingleza — e na fria Inglaterra, como sob céos mais calidos, são grandes as influencias da imaginação.

Podia-se, ás vezes, sorrir das suas phantasticas obras d'arte, protestar contra as suas theatraes combinações politicas, mas, através de protestos e sorrisos, sua propria personalidade nunca deixou de maravilhar e de fascinar. Qualquer inglez, medianamente educado, a quem se pergunte a sua opinião sobre lord Beaconsfield, dirá: *foi um homem extraordinario!*

Extraordinario — é como elle se nos representa, agóra que se vê o conjunto da sua existencia — que não parece ter sido um producto natural dos factos ou das occasiões, mas uma criação subjectiva da sua propria vontade, e como um enredo de romance talhado pela sua penna. Se não, veja-se. Tendo nascido judeu — tornou-se o chefe de uma aristocracia saxonia e normanda, a mais orgulhosa da terra: começando em um obscuro circulo litterario e vegetando algum tempo em um cartorio de Londres — veio a ser o mais famoso primeiro ministro de um grande imperio; não possuindo senão dividas — bem cedo se tornou o inspirador das grandes fortunas territoriaes: homem de imaginação, de poesia, de phantasia, foi o idolo das classes médias de Inglaterra, as mais praticas e utilitarias que já-mais dirigiram uma nação commercial: sem religião e sem moral, governou um protestantismo que não concebe ordem social possivel fóra da sua estreita religião e da sua estreita moral: confessando o seu desprezo pela omnipotencia da sciencia moderna — foi o grande homem de uma sociedade que quer dar a todo o progresso uma base puramente scientifica: emfim, sendo o *menos possivel inglez*, tendo um modo de ser e de sentir quasi estrangeiros,

dirigiu annos e annos a Inglaterra, o paiz mais hostil ao espirito estrangeiro, e que conhecia bem que não era comprehendida pelo homem que a governava. Tudo isto parece paradoxal — e a existencia de lord Beaconsfield foi, com effeito, um perpetuo paradoxo em acção. Para realisar tudo isto era necessario que o seu genio, por um lado; por outro a sua habilidade, fôsem grandes. E realmente em dons pessoas nada lhe faltou: prodigiosa finura de espirito, uma vontade de aço, uma coragem serena de heróe, uma infinita veia sarcastica, um fogo ruidoso de eloquencia, o absoluto conhecimento dos homens, a luminosa penetração no fundo dos caracteres e dos temperamentos, em poder subtil de persuasão, um irresistivel encanto pessoal — e tudo isto envolvido (como por uma athmosphéra luminosa) por alguma cousa de brilhante, de rico, de largo, de imprevisito, que era ou fazia o effeito de ser o *seu genio*.

\*  
\* \*

Eu, por mim, começo por admirar a sua propria apparencia. Diz-se que fôra forinoso como um Apollo — e que isto concorrêra muito para seus primeiros triumphos: agóra, já tão velho, era apenas pittoresco.

A sua grande testa, sobre a qual cahiam aquelles dois extraordinarios caracções parallelas, o seu olhar recolhido e como concentrado em pensamentos muito fundos, o nariz de pura raça israelita, a bocca descahida na sua eterna curva sarcastica, o beijo inferior muito recurvo e muito pendente, e a sua estranha pêra de Mephistopheles, — constituíam uma destas physiognomias que se sentem que vão ficar na galeria da historia, e que servirão a futuros historiadores para explicar um destino e um genio. Em novo, e quando as modas romanticas o permittiam, vestia-se de setim e velludo, recobria-se dum luxo de medalhões e joias, as suas proprias calças tinham bordados d'ouro. Agóra, era mais sobrio de *toilette*: usava apenas esses casacos compridos como tunicas — a que os homens de origem judaica são particularmente affeioados, e o seu unico adôrno eram os bellos ramos que lhe enchiam o peito. Um jornalista francez, num dia de crise politica, em que lord Beaconsfield devia fazer um discurso decisivo, encontrou-o, momentos antes, num dos salões da Camara, occupado a encher d'agua o tubosinho de crystal que por tráz da botoeira da casaca conservava frescas as suas rosas. Todo o homem está neste traço.

De raça oriental, teve sempre o amor do fausto, das pedrarias, dos ricos tecidos, da pompa: os seus romances transbordam de descripções de palacios, de festas, perante as quaes as

mais ricas galas de Salomão são como desbotados scenarios de theatro de feira: o seu estylo resente-se deste gosto: é um sumptuoso estôfo, com recamos de ouro, cravejado de joias, scintillante e espêsso, cahindo em bellas pregas ao comprido da idéa. O dinheiro, o ouro, preoccuparam-no sempre, menos pela sua influencia social que pelo méro esplendor da sua amontoação. Os seus heróes possuem fortunas tão prodigiosas que seriam impossiveis, nas condições economicas do mundo moderno; *Lothario*, o famoso *Lothario*, querendo dar um presente de annos a uma senhora catholica, offerece-lhe uma cathedral toda de marmore branco, que elle mandou construir e que dedicou á santa do nome della; o seu custo excederia, de certo, a 2.000 contos fortes. Confessamos que é *chic*. Pois bem: presentes destes, dava-os *Lothario* todos os dias. O banqueiro *Sidonia*, uma das mais curiosas creações de lord Beaconsfield, querendo dar ao seu amigo *Tancredo*, uma carta de credito para os banqueiros da Syria, redige-a deste modo: «Pague á vista ao portador tanto ouro quanto seria necessario para reconstruir os quatro leões de ouro massiço que ornavam a porta direita do templo de Salomão.» — Tambem muito *chic*.

Estou certo que um dos grandes prazeres de lord Beaconsfield era poder manejar os milhões de Inglaterra. Todos os seus ministerios custuram caudalosos rios de dinheiro; gastava o ouro como a agua — e dava-se o luxo de realizar por si, e á custa do seu paiz, as larguezas épicas do seu banqueiro *Sidonia*. Mesmo quando estava no poder, estava ainda no romance. —

EÇA DE QUEIROZ.

Londres, 1881

(Continúa).

## O GENERAL PEDRO LABATUT

(CEARA')

Uma das consequencias do movimento de abril de 1831, foi a lucta que se empenhou na comarca do Crato (nova comarca) entre Pinto Madeira e os liberaes daquella villa, exaltados, intolerantes e soffregos de perder esse inimigo, que tinha sido allí o chefe da reacção de 1824, e exterminára, em nome da legalidade, os inimigos do throno.

Pinto Madeira tinha sido muito soprado para a resistencia; mas, primeiro, dirigiu preces fervorosas ao vice-presidente, em exercicio, da provincia, para fazel-o poupar pelas autoridades do Crato, intrusas aliás, pois que tinha havido deposição das que existiam ao tempo da abdicação.

A graça lhe foi recusada, pois allí se obrava de concerto com o chefe liberal, senador José Martiniano de Alencar, que tinha dividas de sangue muito em tempo de cobrar.

Não estava ainda divulgada na villa do Jardim a posse do presidente José Martiniano de Albuquerque Cavalcante (18 de outubro de 1831), quando a Camara Municipal daquella villa, attentos os preparativos bellicos da gente do Crato, no dia 14, proclamava a revolta, entregando a Pinto Madeira o seu estandarte, em solemne reunião do povo, e nomeando-o commandante em chefe das milicias daquella municipio.

Os revoltosos nutriam esperanças da volta do velho regimen, e contavam com o concurso dos antigos imperialistas do Ceará, sem se aperceberem de que elles já estavam a adherir em chusma, sem excepção dos antigos chefes da capital e do Rio-de-janeiro!

José Mariano, antigo companheiro de prisão e amigo de Alencar desde 1817, e aquinhoado por este com uma cadeira na Constituinte do Rio-de-janeiro, era agóra uma escolha sua para o ajuste de contas do Ceará. Na quadra, a provincia era exclusivamente de Alencar, como preço da sua efficcissima cooperação no movimento de abril.

É um tal presidente era de molde para as cousas mais odiosas. Emquanto fechava os ouvidos a todas as queixas que lhe faziam os perseguidos, e repudiava todo o voto de obediencia, procurava esmagal-os por todos os modos, tirando a limpo o pensamento do seu amigo e chefe.

Foi em consequencia de solicitações deste, que a regencia resolveu enviar a José Mariano soccorros de gente, dinheiro, munições e armamento, mandando que Labatut se puzesse á frente dessa expedição.

Expedição e commandante, tudo participou das indicações e apresentações de Alencar, eixo de todos os negocios do Ceará, por isto que Manoel do Nascimento Castro e Silva, que pudéra concorrer com elle na politica da provincia, visto a sua bôa collocação no Rio-de-janeiro, só entrava na situação como adhesista, em quanto o seu émulo se sagrára chefe antes delle, conspirando *ab ovo*. Só em 7 de outubro de 1834, o antigo chefe espirital dos *carcundas* do Ceará se considerára homem-feito para dirigir, isto é, quando entrava para a pasta da fazenda, á qual se collou nos gabinetes organizados em 15 de janeiro de 1835 e no 1º de novembro desse anno, occupando esta dominadora posição até 16 de maio de 1837, quasi 38 mezes.

Para intelligencia dos factos, que vamos expôr, não será ocioso deixar algumas linhas sobre as aventuras destes dois cultores da politica, os quaes, por toda a vida, jogaram a ca-



*bra-céga* em torno dos partidos do Ceará.

Na adhesão falhada do Ceará ao movimento de 1817, (em Pernambuco) Alencar, ainda seminarista, punha em campo a sua família; melhormente — mettia sua mãe e parentes na cadeia, enquanto Nascimento acompanhava a sua família, fazendo a côrte ao governador Sampaio, que se atirava áquelles, como um lobo.

Na eleição para as côrtes portuguezas, Alencar, ainda nôvel, alcançou alguns votos, e conseguiu sentar-se, como supplente, ao lado de Nascimento, deputado eleito para aquella Constituinte.

Alli, Alencar era do partido ultrabrazileiro; Nascimento, porém, professava o *laissez faire*. D'ahi, o seu nome não sahir das urnas para a Constituinte do Rio-de-janeiro; mas, o do seu antagonista, de parceria com quatro collegas, (padres) — Pacheco Pimentel, Xavier Sobreira, Hollanda e Antonio Manoel de Souza, e dois homens de 1817 — José Mariano, e o ex-ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho, que tanto soffrêra das suspeitas, e, mais que isto, da soberba do sanhúdo governador portuguez.

Dissolvida a Constituinte, Nascimento foi eleito, com um parente, para a legislatura de 1826, porque a sua família estivera contra a *republica do Equador*; Alencar não o foi, por ter se illudido com os acontecimentos, entrando para ella.

Em 1830, Nascimento voltava ainda á Camara com outro seu parente; mas, dessa vez, Alencar foi eleito tambem, porque dois terços dos velhos partidos tiveram necessidade de se approximar. O partido de Nascimento tinha se fraccionado no Ceará, em vista do rompimento de sua familia com os amigos de Conrado e Alencar, que fluctuára algum tempo entre as duas fracções, se approximára daquelle soldado e do seu séquito de fuziladores, sem combater a alguém ou manifestar-se vivamente. Indo com geito e perspicacia, fez-se eleger com outros dois padres seus amigos. (Pimentel e Paula Barros.)

Aproveitando-se da quadra, em 1832 entrára finalmente para o Senado, fazendo expellir daquelle casa o Marquez do Aracaty, antigo e sabio governador do Ceará.

Assim é que no 1º periodo regencial, estava arbitro do Ceará, enquanto Nascimento, embóra o seu pronunciamento em 1830, contra o ministro Oliveira Alvares, ficou na posição muito secundaria, que lhe valeram as suas hesitações, quando se trabalhava para o 7 de abril. Desta sorte, de amigos da ultima hora ou *adhesistas* já encontrára cheia a casa, no momento em que se juntou aos vencedores...

Labatut foi nomeado para comman-

dar a expedição do Ceará, por acto do ministro da guerra Manoel da Fonseca Lima e Silva, a 7 de junho de 1832.

Nesse documento, se disse que, além dos officiaes, na expedição que vinha auxiliar José Mariano, e operar de accôrdo com este, vinham 100 praças do exercito.

Feijó, porém, em carta de 13 desse mez, dirigida ao ouvidor Cardoso, disse que a expedição constava de 200 praças, e parece que foi com este effectivo que Labatut desembarcou na Fortaleza, o que teve lugar no dia 23 de junho de 1832. Veio a expedição no brigue *Alcides*, e mais um transporte (o *Olinda*, talvez) que tinha sido posto á disposição d'elle, desde 10 de junho. A partida como que foi transferida para além de 13.

Labatut não encontrou José Mariano na Capital, e se annunciou com uma proclamação datada da vespera, no *Alcides*. O presidente, em fins de março, tinha-se posto a caminho para o theatro da guerra, deixando o expediente a cargo do seu secretario, padre Antonio Pinto de Mendonça, homem habilissimo, cultivado e geitoso, que deu ao governo de José Mariano, uma feição escripta menos grosseira e desalinhada do que seria, si José Mariano se *secretariasse* a si mesmo, ou tivêra continuado o velho formulario dos presidentes e governadores do Ceará, tósco e avelhantado.

O presidente tinha chegado ao Icó, após o combate mortifero de 4 de abril, no qual os rebeldes, mal armados, se houveram bem, porém combateram num verdadeiro *pêlé mèle*, e a legalidade se houve com mais basofia do que valentia e disciplina, e, em todo caso, com mais ferocidade. A' pouca força de linha se tinha aggregado a paisana, ou sertaneja, tendo á sua frente prepotentes famarazes, perdidos e viciados nas luctas de outros tempos, parte delles — antigos *carcundas*, que adheriram, voltando as armas contra os amigos!

Entre a gente da legalidade, formando um effectivo de 300 homens, salientava-se Agostinho José Thomaz de Aquino, coronel de milicias, coberto de condecorações, pelo Imperador deposto, em attenção aos morticínios de 1824, nos quaes figurára ao lado de Pinto Madeira, quiçá com menos respeito á vida e á honra dos republicanos, e com maior gana á fortuna delles.

Agostinho, astuto, máu e deshonesto, havia sido o factor principal da *comissão*, chamada *matuta*, que, no Icó, condemnou á morte diversos patriotas, e fel-os executar no dia seguinte, em frente á igreja do Bomfim!

José Mariano estava nos sertões, mettido num chafurdio horrivel de sangue, de politica aldeã, de especulações e de baixo militarismo, não dispondo de luzes, discernimento, pru-

deficia e força moral privada; pois que até era malsinado de usar immoderadamente de alcool, e os seus mesmos partidistas lhe estavam a lançar á cara, todo dia, a indisciplina, com que ajudára seu sogro a matar ao seu general (Manoel Joaquim) na revolta de 6 de março de 1817. nos quarteis do Recife.

A sua tropa matava desapiedadamente, sem nenhuma repressão.

Labatut, acompanhado da sua força, dirigiu-se para o Icó, onde, no dia 4 de setembro de 1832, recebeu de José Mariano, o commando de todas as tropas que operavam na comarca.

Concluida, porém, a guerra, como ficára com a derrota que José Mariano lhe inflingiu em Missão Velha (22 de junho), o papel do general se amesquinhára. A sua tarefa reduziu-se a cumprir as instrucções do presidente, dissolvendo os pequenos nucleos de vencidos, e a prender, assim, os cabeças da revolta, como os minimos auxiliares, para entregal-os á justiça.

Era grande a sêde de sangue. A vingança individual transformava em *pintista*, quem mais em paz se deixára ficar em sua casa. Agostinho fuzilava pelas estradas, e o alferes Antonio Vieira do Lago Cavalcante de Albuquerque (\*) mettia horror, pela crueldade e furor, com que se havia.

\* \* \*

Partido que vence, partido que se desaggrega. Os vencedores começavam a retalhar-se: a tropa da terra via com máus olhos a fluminense, que vinha succeder-lhe, cortando nos seus proventos. O que foi ciúme nos primeiros dias, tornou-se malquerença para logo, começando as desintelligencias de officiaes da terra com officiaes da expedição, os quaes os deslumbravam pelo melhor pôrte, sinão educação urbana, parecendo destinados a recolher os louros da victoria.

As praças da expedição fluminense eram negros, na quasi totalidade, havidos na Bahia e Rio-de-janeiro.

A populaça dos sertões, habituada aos soldados da terra, cabôclos, quasi todos, de origem, acolheu com estranheza aquella novidade, e entrou nas vias costumadas do motejo, prorompendo nas versalhadas e cantigas, com que acolhia os factos, por mais graves que fôssem.

A arraia miúda do Icó descantava na sua tuba mal sonante:

*Fecha a porta,  
Lá vem Labatut  
Com tropa de negros  
Parece urubú.*

Um tal acolhimento não era de feição a ter em grande harmonia, os soldados e a populaça.

(\*) Era tio-avô de Pedro Borges, ex-presidente do Ceará, responsavel da carnificina legal de 3 janeiro de 1904.

No entanto, Labatut, deixando-se vencer pela lastima, em que encontrára tanta gente, e movido da rivalidade que entrára até pelo seu espirito, affrouxou a perseguição aos vencidos, discrepando das instrucções de José Mariano.

Em marcha do Icó (pela estrada de S. Matheos) para o Cariri, chegou ao Crato em 19 de setembro, e officiou ao major Francisco Xavier Torres, que estacionava nessa villa, succedendo a José Mariano :

« V. s. nada mais faça, do que pôr-se na deffensiva, até a minha chegada nessa villa. Os povos estão cansados das suas passadas desgraças. Cumpre ter humanidade com aquelles que, instrumentos cégos dos perversos cabeças da revoita e sedição, desejam retirar-se a seus lares, para cuidarem da manutenção de suas miserias familias, que é necessario amparar e proteger.»

fez companhia na viagem a S. Matheos, mais ateando os ciúmes de Agostinho e Cavalcante.

Em 17 de outubro, Labatut já pedia do Crato, a José Mariano, que o deixasse retirar-se, com a sua expedição, para o Rio-de-janeiro, seguindo elle, dalli mesmo por Pernambuco, com o seu estado-maior e um piquete.

Na sua marcha de S. Matheos para o Crato, no acampamento de *Correntinho*, tinha recebido a Pinto Madeira e vigario Antonio Manoel, seu consocio na revolta, que, desarmados, com cerca de mil rebeldes, se tinham vindo entregar, deixando os seus escondrijos.

Labatut commetteu o crime *morte piandum* de mandar os rebeldes em paz para as suas casas, e de subtrahir os dois chefes a José Mariano, que os teria deixado matar immediatamente, como era costume e proposito dos seus amigos.

bro mais saliente da familia, assim mais numerosa da terra, como mais ardente e rixosa ; alli devia Pinto Madeira morrer morte affrontosa, si voltasse um dia, para remir, com o seu sangue, tanto mal, que lhe que-riam !

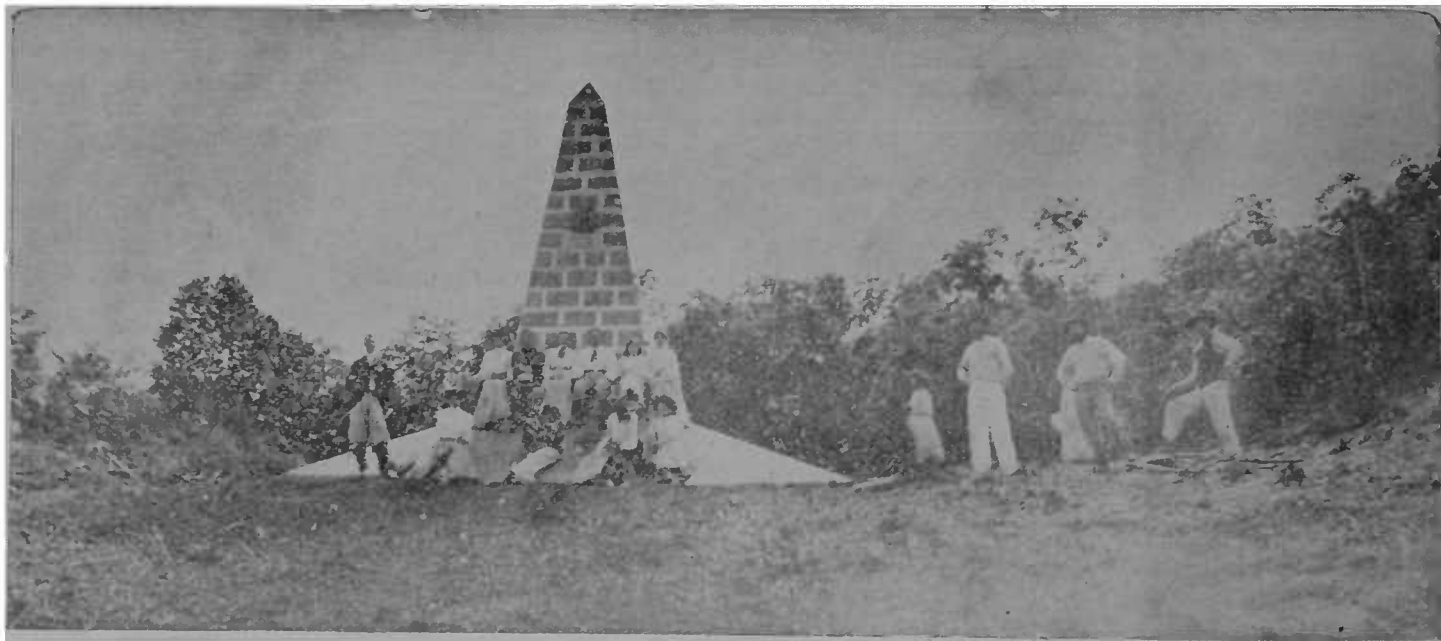
J. BRIGIDO.

(Continúa).

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### O LEITE ESTERILISADO

São conhecidas as impugnações feitas ao leite esterilizado para alimentação das creanças, como insufficiente e de digestão difficil. Entre nós, muita gente não acredita nas vantagens daquella precaução, como uma garantia da saúde dos filhos na primeira infancia.



MARCO PRINCIPAL DA FÓZ DO IGUASSÚ, NO FIM DA LINHA DA FRONTEIRA ENTRE O BRAZIL E A ARGENTINA

Esta linguagem era de Cambucy do Valle ; o sentimento positivamente deste reflectiu n'alma de Labatut, que já estava trabalhado pelo despeito resultante dos *quolibets*, que começava a perceber, tudo importando já um rompimento com o partido do governo.

Outra não menor inconveniencia tinha commettido o general, accetando os bons officios do velho chefe *carcunda*, tenente-coronel João André Teixeira Mendes — uma das feras de 1824, já então inimigo figadal de Agostinho, e principalmente do seu apaniguado alferes Cavalcante, que o tinha deixado quasi morto de cacête, em janeiro de 1824. João André meditava fazel-o morrer, como aconteceu a 30 de Julho de 1833, quando o desaparecido general já tinha deixado o Ceará.

João André, obsequiosamente, lhe

Fôram entregues ao capitão José Joaquim da Silva Santiago, que tinha vindo de Pernambuco com alguma força occupar a villa do Jardim. Era a ordem—escortal-os, garantindo-lhes a vida, e entregal-os ao presidente de Pernambuco, a quem o general officiou, dizendo que ficavam á disposição, directamente, da regencia.

Labatut communicou o facto á regencia, em termos a fazel-a propicia aos dois chefes da revolta, os quaes elle costumava considerar, antes umas victimas da perseguição dos seus inimigos, do que os criminosos de Estado, que elles figuravam.

*Inde ira*

No Crato, estava o fóco dos inimigos de Pinto Madeira. Alli fazia politica a familia Alencar; alli era chefe *abrilista* José Francisco Pereira Maia, moço sem sizo e turbulento, mem-

O dr. Variot, medico do hospital das creanças, em Pariz, autorizado por uma longa experiencia, preconisa o leite esterilizado a 108 gráus, que administrou, durante doze annos, na quantidade de 400.000 litros, a 3.000 de seus pequeninos clientes, e verificou que elle não perde o valor nutritivo, conservando suas lecitinas, seu citrato de cal, sua lactosa. Esta não se caramelisa, como erradamente se suspeitava.

\* \*

### PARASITA DE SARDINHA

Nas sardinhas pescadas nas costas da Vendéa, descobriu o dr. Marcel Baudoin um novo parasita, um pequeno crustáceo, denominado pavilhão, de fórmulas elegantes, e brilhantemente colorido quando está vivo, agarrado aos peixes menores daquella especie.

Essa descoberta é muito importante porque se attribue a esse parasita a diminuição das sardinhas, forçando os pescadores francezes e inglezes a procural-as noutras costas, como as de Portugal e Hespanha, suscitando essa pesca de contrabando sérias contestações internacionaes.

O combate a esse parasita restaurará uma industria que constitúe o meio de subsistencia de grande parte da população pobre do littoral francez.

\*  
\*\*

#### INFECÇÃO DO CÃO TRANSMISSIVEL AO HOMEM

Isto váe como conselho de amigo ás senhoras que têm o máu costume de beijar cães, de consentir que estes lhes lambam os labios em caricias repugnantes.

A lingua do cão, por mais mimoso

#### FERMENTOS METALLICOS

Fazem elles o assumpto de um interessante estudo de Albert Robin de collaboração com G. Bardet.

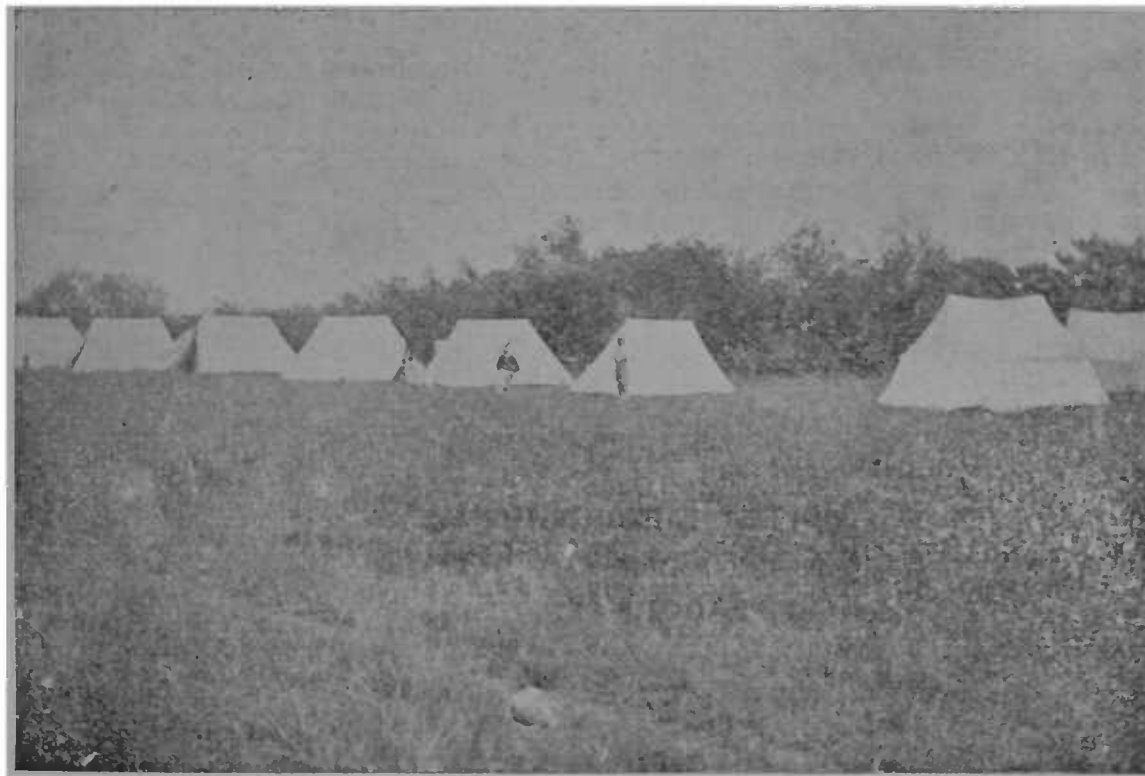
Injectando sob a pelle soluções contendo alguns decimos-millesimos de gramma de um metal — opalladium, a platina, o oiro, a prata — observam-se effeitos chimicos consideraveis, em tudo similares aos das diástases extrahidas dos levêdos. Nessas doses, quasi infinitesimae, os metaes dissolvidos n'agua são capazes de uma grande actividade, attribuida pelo professor Robin ao seu estado de extrema divisão, que liberta, de algum modo, seus átomos, e os torna susceptiveis de desenvolverem mais energia, effeito analogo ao dos raios rarefeitos de Crookes, de sorte que esses metaes se pódem considerar — materia metallica no estado radiante.

peuticos do mal que vamos assignalando.

E' velha e estafada já esta phrase, cuja paternidade não conhecemos, mas que anda por ali de bôcca em bôcca: *abrir escolas é fechar cadeias*; e seria, portanto, ocioso, nos dias que vão correndo, pretender adduzir novos argumentos afim de demonstrar a sua exactidão.

A questão do ensino obrigatorio, porém, pelas divergencias que tem suscitado, merece a nossa attenção por alguns momentos, uma vez que a extensão e a natureza deste livro não comportam mais desenvolvido estudo a seu respeito.

Antes do mais, todos sabem que, por muito que se pretenda ou se consiga democratizar as proprias democracias, hão de subsistir em seu seio sempre, essas differenciações de classes e



ACAMPAMENTO DA COMMISSÃO BRAZILEIRA EM S. MARCOS

e aceiado que elle seja, é vehiculo de varios germens nocivos, como o da molestia hydatica, devida á invasão dos echinócoccus e consecutivas lesões, kistos perigosos, no figado e nos rins do homem.

Os cães e, excepcionalmente, os gatos, se contaminam, comendo visceras de boi, de carneiro e de porco, invadidas de echinócoccus muito férteis.

Como prophylaxia dessa infecção, o dr. Blanchard aconselha medidas muito severas nos matadoiros urbanos — a distruição por incineração de todas as visceras invadidas pelos hydatidos; assim como a prohibição de entrarem nelles cães, que se constitúem portadores do germen.

A melhor prophylaxia, porém, é evitar beijos aos cães como um contacto extremamente perigoso.

Passando da theoria á pratica, o professor Robin procurou tirar proveito da energia desses fermentos metallicos para o tratamento de certas molestias, em que é preciso estimular a reacção do organismo contra a infecção e seus productos toxicos, obtendo na pneumonia resultados muito satisfatorios.

#### ENSINO OBRIGATORIO (\*)

(CONSIDERAÇÕES GERAES)

Não nos parece que sejam precisas aturadas ponderações para demoustrar a necessidade do ensino obrigatorio, senão do ensino geral, pelo menos do ensino primario, que é, no presente caso, o de maior importancia, como um dos mais efficazes agentes thera-

de hierarchias, impedindo assim, o nivelamento de todas as camadas. Perscrutando as suas origens, pôde-se chegar á conclusão de que se não trata somente de preconceitos, nem de prerogativas estabelecidas, de privilégios de raças nem de paizes: trata-se, principalmente, das condições de educação, variando de grupo para grupo.

Ora, se é verdade que entre as classes chamadas dirigentes, entre as classes superiores, pela sua educação, pela sua situação economica, pela sua genealogia, uma lei de ensino obrigatorio poucas vantagens viria trazer á instrucção da infancia porque essa se exerceria quasi do mesmo modo que com o actual ensino voluntario — o mesmo não aconteceria em relação ás classes inferiores, ás classes pobres, ás classes ignorantes, onde justa-

mente o crime vá encontrar os seus sequazes.

Deve-se pôr de lado, como incapaz de ser tomado a sério, o argumento levantado pelo strabismo sectario, que tudo vê por um prisma unico, o protesto injustificavel dos que se querem insurgir contra essa utilissima medida, por julgal-a attentatoria da liberdade do homem.

Se semelhante theoria podesse prevalecer, teria que mudar completamente a face de todas as cousas.

Porventura o direito que assiste ao Estado, em beneficio de toda a communnão, de impedir o analphabetismo, de *obrigar* todos aquelles que estão sob a sua jurisdicção a aparelhar-se para a vida futura com a aquisição de elementos especiaes que serão indispensaveis ao seu desenvolvimento, a conhecer as suas relações com a sociedade, a saber quaes são os deveres que ella lhe exige e as recomendas que lhe dispensa, não é o mesmo direito que faz *obrigar-nos* ao pagamento de impostos, ás formalidades indispensaveis para a realização dos actos civis, ao serviço militar para a defeza do nosso territorio?

O zelo tanto maior, o interesse tanto mais avantajado que dispense aos seus subditos, dotando-os dos recursos que possam eleva-los e engrandecer a sua patria, não deverão, de preferencia, ser tidos em grande apreço, do que combatidos e condemnados? Seria contraproducente negal-o.

Pela uesma razão por que cumpre aos poderes publicos impedir que um individuo se apresente entre os seus semelhantes inteiramente desprovido das véstes que o compõem aos olhos da collectividade, é justo que se lhe dê igual autoridade para evitar que esse individuo venha para a communnão dos homens, com o cerebro totalmente vazio, sem uma idéa, sem um pensamento, sem noção de cousa alguma, impedido de ser verdadeiramente util á patria e antes podendo ser nocivo, expondo-se e expondo-a, algumas vezes, aos perigos que d'essa ignorancia possam decorrer.

Se precisassemos demonstrar a asserção acima formulada, seriam desnecessarias outras provas além desta que, para melhor, se applica ao nosso caso particular: quem indagar da situação espirital dos nossos criminosos, terá occasião de apurar que é diminutissima a porcentagem dos que possuem uma soffrivel cultura intellectual, um pouco maior a dos que sabem ler e escrever apenas e maior que as outras a dos analphabetos.

Já no capitulo terceiro da primeira parte deste trabalho, quando nos occupamos do que se póde chamar o abandono physico da primeira infancia, assignalámos com dados estatisticos, a cifra colossal do analphabetismo no

Brazil—que sóbe a 12.213.356 individuos!—e tivemos occasião de afirmar que deve ser procurada ahí a explicação judiciousa para todos os males que nos assoberbam. Logo em seguida transcrevemos algumas palavras characteristics de Gabriel Caillaut, acerca da instrucção na Inglaterra, palavras para as quaes, não fôsse o receio de parecer importunos, chamariamos de novo a attenção dos que neste momento passam os olhos sobre estas linhas.

Ha, entretanto, um grupo de escriptores, entre os quaes podemos aqui citar Fouillée, que vêm na Escola Publica, uma das causas de perdição da mocidade. E' preciso, todavia, considerar, sem demora, admittindo o fundamento dessa proposição, que ella em nada destruirá o valor e a efficacia do ensino obrigatorio.

Porque um estabelecimento presidiario é mal organizado, não se infere d'ahí que se devam abolir os presídios, ou porque a constituição d'um paiz repousa sobre bases que não consultam as suas tendencias e as suas necessidades, não se conclue, tampouco, que essa nação deva desaparecer.

O fundamento dos que, como Fouillée, acreditam, baseando-se em estatisticas criminaes, que a Escola Publica é tambem factor do crime, ao inverso do que affirmamos acima e sustentámos com calor e comnosco a maioria dos bons autores, repousa sobre este ponto que, seja dita a verdade, é muito consentaneo: frequentando-a em commum crianças de varias edades, de varias procedencias, de varias condições sociaes, de varias indoles, aquellas cujo gráu de perversidade e de corrupção já seja manifesto influirão maleficamente sobre as que são ainda boas e innocentes, corrompendo-as e pervertendo-as tambem, sabido como é que os exemplos seguidos pelos alumnos entre si é em muito maior escala do que aquelle que vem dos mestres.

Não se poderia attribuir esse mal á moralidade dos professores, entre nós merecedora de toda consideração e assim tambem nos demais paizes, como se deprehe de dum relatorio sobre a *Criminalidade Profissional*, apresentado em 1896 ao Congresso de Anthropologia Criminal de Genebra, pelo eminente escriptor francez Gabriel Tarde, por onde se verifica que, entre as differentes profissões, a classe dos professores fornece o diminuto contingente annual, para a criminalidade, de 1,58 por mil, ao passo que os homens de letras e os sabios concorrem com 4,49 por mil e as profissões liberaes, em conjuncto com 6,35 por mil.

O autor dessa estatística, ao qual nos reportamos, accrescenta que é fazer uma injuria aos professores represental-os como factor de immoralidade e factor de criminalidade.

Proseguindo no seu estudo, Fouillée constata que, sobre 100 crianças detidas no *Petite Roquette*, a escola congreganista concorreu com 11, ao passo que a escola leiga concorreu com 87. Elle proprio observa em seguida que não se póde por isso proclamar a inferioridade do ensino leigo, pois as condições das duas especies de estabelecimentos de ensino dão pouca margem a um estudo comparativo nesse sentido. Emquanto as escolas congreganistas pódem escolher os seus alumnos, as escolas publicas são obrigadas a receber todas as creanças que nella vão buscar ensino, sendo quadrupla, senão quintupla, a sua lotação em relação áquellas.

Em seus *Études de Psychologie Sociale*, Tarde pondera que neste particular dá-se approximadamente o que se dá com as prisões communs: da promiscuidade resulta que a virulencia das enfermidades moraes se exerce de modo desvantajoso, fazendo com que as muitas creanças boas, adquiram, por contagio, os males de que apenas poucas estavam atacadas. Acontece, porém, que, se nos estabelecimentos penitenciarios ha um remedio para esse grave inconveniente, que é o regimen celllar, para a escola esse remedio é improductivo, pois ninguem conceberia uma Escola Publica para ensino primario, ou mesmo secundario, dividida em cellulas.

Além disso, dividir uma Escola Publica, mesmo em secções, conforme o gráu de moralidade das crianças que a frequentassem, seria não só degradante para os alumnos atingidos por essa medida severa, como para os seus paes. Qual a medida, então, capaz de produzir melhores resultados? Pensa Tarde, com inteira razão que será de indiscutivel utilidade fazer com as escolas o mesmo que deverá ser feito com os hospitaes e com as prisões: diversifica-los, ao envez de engrandecel-os e unifical-os: em lugar de grandes «palacios escolares», fazer funcçionarem muitas escolas, cada uma das quaes para um limitado numero de alumnos, «offerecendo a diversos grupos da população um meio de segregação expontanea».

Vencidas todas essas objecções, o ensino primario obrigatorio será de vantagens indiscutíveis em nosso meio e acabará com essa massa compacta de analphabetos que alastra vergonhosamente o nosso paiz. Ao demais, accresce que essa medida não seria inquisitorial: cada familia teria a liberdade de collocar o seu filho, ou a criança, qualquer que fôsse, sob sua guarda, na escola que melhor lhe aprouvésse e melhor confiança lhe inspirasse, desde que esta se sugeitasse á fiscalisação do Estado, para evitar a nociva mercantilisação do ensino, aquillo que Araripe Junior chamou «o charlatanismo dos industriaes».

No intuito de se poder colher os fructos duma legislação nesse sentido, apurar-se-ia, escrupulosamente, a frequência de cada alumno, instituindo, a exemplo de algumas legislações estrangeiras, das quaes nos vamos occupar adiante, toda uma série de penas, desde as mais simples até ás mais severas, para serem applicadas, tanto ás crianças recalcitrantes como aos paes que tivessem tão fraca consciencia dos seus deveres, permitindo ou estimulando o não comparecimento de seus filhos a esses estabelecimentos de ensino.

Taes penas variariam, como em diversos paizes, desde a simples admoestação, até á perda do poder paterno e á internação da criança em escolas especiaes durante um determinado espaço de tempo, espaço que poderia ser prolongado, em caso do menor revelar más inclinações e máus costumes.

Já Olavo Bilac, o fino poeta e chronicista nacional, em novembro de 1904, na apreciada secção *O Registro*, que redige na *Noticia*, levantou a bandeira do ensino obrigatorio; e José do Patrocinio, o denodado campeão do abolicionismo e o fulgurante jornalista que todos nós amamos, na secção que tem a seu cargo naquella mesma folha, occupou-se brilhantemente do assumpto, secundando, com o seu applauso, as palavras daquelle primoroso escriptor. São dous nomes esses que valem bem para que seja preciso renovar argumentos em favor de tão nobre cruzada.

Buscando, como acabamos de buscar, em refôrço ás nossas considerações, a autoridade dum estimado poeta, não é justo deixar de citar estes versos tão expressivos :

«Avons-nous protégés ces femmes? Avons-nous  
Pris ces enfants tremblants et mis sur nos  
genoux?  
L'un sait-il travailler et l'autre sait-il lire?  
L'ignorance finit par être le delire.  
Les avons-nous instruits, aimés, guidés  
enfin,  
Et n'ont-ils pas eu froid? et n'ont-ils pas eu  
faim?»

FRANCO VAZ.

(\*) Do livro *A infancia Abandonada*, em preparo, no desempenho duma commissão junto ao ministerio da Justiça.

### BISBILHOTICES

A leitura dos jornaes que se publicam na Capital Federal, consome, diariamente, 100:000 horas, concedendo que sómente 100:000 pessoas se occupem desse trabalho ou exercicio intellectual, e que sómente este numero de

pessoas faça exercicio de leitura no meio de uma população que não deve ser inferior a 800:000 habitantes.

Será mesmo muito mais de 100:000 o numero de leitores, e a média de uma hora, para cada um, não é exaggerada, ainda porque não incluímos nesta perda de tempo, o que se gasta na leitura de manuscritos e livros diversos, em quantidade avultadissima, que são manuseados, noite e dia, pelos apaixonados, ociosos, *diletanti*, etc.

Que seja sómente de 100:000 horas, o consumo de tempo nessa especialidade de occupação urbana, temos ahi um dispendio de 4.166 dias.

Ora, toda essa gente, a plantar batatas, produziria quanto bastasse para o consumo de toda a cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, como lhe chamava o celebre dr. Francisco Alberto Patroni Martins Maciel Parente.

Com mil pessoas que façam a leitura diaria de jornaes no Rio de Janeiro, extendidas em linhas pegadas umas á mão das outras, fariam um cordão de nunca menos de 700:000 palmos, isto é, 70:000 braças, ou 70 milhas, as quaes iriam além de Cabo Frio.

Nestas condições, se tivéramos a dictadura dos trabalhos e industrias humanos, fariamos supprimir trez quartos dos jornaes que se publicam no Rio de Janeiro, e, nos restantes, trez quartos dos annuncios e palavreados chôchos; e por coisa alguma permitiríamos que viesse á luz o jornal *União*, que pretende as honras de órgão dos interesses e direito de Nosso Senhor; jornal que reputamos tanto menos urgente, quanto é certo que, até este momento, não está organizada nenhuma opposição á politica de Deus, e nem tem que vêr com ella absolutamente o estado de sitio vigente.

Segundo Beranger, parece certo, outro tanto, que Deus já não está em idade de entender bem a idéa que se fórma delle neste mundo; e o que se diz na *União* lhe ha de parecer *grego*.

Eis, portanto, como nos julgamos no direito de dizer á *União*, que não havia pressa; muito dispensavamos o seu apparecimento agóra, porquanto os assumptos mais momentosos, como seja a discussão do *Padre Nosso*, e outras que taes, já encontram um valente campeão, na tribuna da Camara, na pessoa do deputado Gonçalo Souto, futuro marquez de N. Senhora do O' e bispo titular da villa de Maria Pereira, no Estado do Ceará, contra cujo verbo e adverbios têm se mostrado impotentes os infieis, mesmo os da força do sr. Erico Coelho.

Em conclusão, cumpre não augmentar o numero das pessoas que devem estar plantando batatas.

J. HYBRIDO.

## O ALMIRANTE (13)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO IX

O conselheiro Antonino e a familia formavam o nucleo de um denso grupo de amigos, que esperavam, na estação da estrada de ferro d. Pedro II, a marquezia e Hortencia. Alli estavam, em variada selecção, as figuras mais salientes da politica, da côrte, certos typos caracteristicos dos diversos aspectos pittorescos da sociedade fluminense: a baroneza de Freicho, esbelta e loira, de uma têt doentia, colorida de tons febris, de labios breves, muito rubros como uma cicatriz fresca, sempre entreabertos num sorriso triste, sem expressão, um inalteravel ricto de boneca, os olhos de azul celeste luzindo na penumbra de palpebras rouxeadas, arrastando a sua permanente preguiça figurava um corpo molle, desarticulado, contorcendo-se nas amplas dobras de vestidos preciosos; muito assiduo junto della, Souza e Mello dizia-lhe coisas alegres, pimentadas de malicia, de ironia irritante com que salpicava as suas palavras de celibatario impenitente, os seus conceitos de jurista abalisado; o Castrinho, esperto corrector da alta finança, trajado á ingleza, com os cabellos emplastrados na fronte curta e morena, onde caíam como úas azas de passarinho, muito aparadas, as pastinhas rálas demais para encobrirem a calvicie precóce, todo elle muito esticado e erecto, andando aos saltos, pulinhos espertos de tico-tico.

Afastados do grupo, como se não ouzassem conchegar-se ás pessoas de tamanha importancia, estavam José Martins, o compadre, como lhe chamava a marquezia, com a mulher, a meiga Marianninha e os filhos, o encanto e a gloria do casal, desde o mais velho, um bello rapaz de deseseis annos, até á Guilhermina, com seis annos apenas; todos vigorosos, vibrando de graça encantadora, loiros, corados, os rostos róseos, a provocarem beijos.

Notando-os entre o povo, que enchia a estação, aguardando viajantes ou a multidão de passageiros que os trens de suburbio despejavam e recebiam sem interrupção, d. Eugenia se acercou de Marianna, que fôra sua collega de collegio, até se separarem — esta para ser esposa de um obscuro negociante, interessado numa casa de seccos e molhados, vivendo no hemispherio inferior da sociedade; a outra se unira a um medico e pairava nas sublimes regiões da côrte. A diversidade de destinos não lhes afrouxára os laços de affeição: continuaram muito amigas, encontrando-se uma vez por

outra, e visitando-se raramente : uma, muito atarefada com os seus deveres conjugaes ; outra, tendo, além da educação de trez filhas, a penosa tarefa de manter relações valiosas, os varios onus vexatorios da grande ródá em que vivia, obrigada pela elevada função do marido.

— Logo vi que não faltarias — dizia d. Eugenia, depois de uma estalada tróca de beijos — á recepção da tua comadre que me raptou a Hortencia, ha quasi dois annos.

— Tinha tanta saudade, tanta pena della — redargui Marianna com voz meiga e lenta — que corri a abraçá-la

— Como estás bem, Marianninha ! Achô-te um tanto gorda, mas admiravelmente conservada, o mesmo typo do collegio mais ampliado e mais correcto.

— Saúde, graças a Deus, não me falta, minha cara Gininha ; meu marido é um santo ; os filhos a minha alegria, apesar do immenso trabalho que me dão. Quando algum delles adoéce, chego a perder a cabeça. Olha que são oito.

— E. pelos modos, és ainda capaz de outro tanto.

Marianna corou e sorriu.

— Se deixasses — continuou d. Eugenia, num tom de doçura maternal — essas maneiras bisonhas ; se te vestisses com mais apuro, serias ainda mais bella. E' verdade que isso váe do genio : sempre te conheci retrahida, embuçada nuns vestidões pesados, muito simples . . .

— Agóra, peor ainda ; porque eu mesmo os côso . . .

— Sobra-te ainda tempo para isso ?

— O tempo chega para tudo, quando a gente sabe empregal-o. Eu te digo : o dia começa com os filhos, que não sabem ainda vestir-se sósinhos ; depois, dou almoço ao marido e começam as lições, todos em ródá de mim, muito agarradinhos commigo. Emquanto escrevem ou estudam, eu coxico os meus trapos. Mais tarde dou uma vista d'olhos á cosinha, e, á tarde, mudo de traje ; torno-me seductora para receber o maridinho, coitado, que chega fatigado do trabalho ; toma o infallivel banho frio e jantamos : isto até cinco horas. Terminado o jantar, damos uma volta pela chácara com a meninada a correr, a brincar em torno de nós ; cuidamos das nossas rozeiras, das nossas queridas flôres até que a noite nos manda ao ninho. Os filhos se entretêm com o pae, que os atúra com paciencia inalteravel, ao passo que eu lhes preparo bem fofinhas e limpas as camasinhas, trabalho jamais confiado aos creados.

Quando elles adormecem, eu e o Martins conversamos durante algum tempo, umas duas horas ; elle me faz confidencias dos negocios, dos casos mais notaveis da vida da cidade, ou

trabalho em escripturação urgente, interrompendo os meus cochillos com alguma palavra amavel, até que nos servem o chá.

A's dez em ponto recolhemos ao nosso quarto, tendo antes passado rapida revista ao dormitorio dos pequenos. Isto é o ordinario, o infallivel, quando não nos distrahem visitas.

— Deve ser monotono . . .

— Estou tão habituada e tão satisfeita, que o tempo passa depréssa.

— Ah, minha querida, tua casa é um mecanismo de precisão ; a minha é um relógio desconcertado, que me faz mal aos nervos. Apesar dos habitos de regularidade do Antonino, as meninas desorganizam tudo ; cada uma dellas tem as suas predilecções ; as suas horas de despertar . . . E' o café com leite para Amelia, o chocolate com grandes torradas para a Laura, o chá para a Hortencia a horas diversas. Imagina isso agóra sem os escravos, com os creados de aluguel que tiram o juizo da gente, além de não se poder contar com elles . . .

— Era peor com os escravos, preguiçosos e máus ; por, que eramos forçados a atural-os. Agóra, temos o recurso de despedil-os.

— E o serviço ? . . .

— Faço-o eu. Isto acontece rara vez, porque estou satisfeita com os meus.

— E' verdade que ha amos muito peritos em domesticar criados.

— Outros são insupportaveis ; nem um santo os serviria.

O conselheiro Antonino, que discreteava com o Martins sobre as promessas de medidas salvadoras, feitas pelo gabinete, approximou-se das duas senhoras e, com irreprehensiveis maneiras meigas e fidalgas, apresentou suas homenagens a d. Marianna.

— Eu estava — disse elle — tagarellan com o amigo Martins : não quiz interromper o muito que as senhoras têm a úizer, quando se encontram, como boas amigas que são.

— E . . . velhas — concluiu Marianna, sorrindo.

— A mocidade — proseguiu Antonino — é uma flôr que dura, para as senhoras, cincoenta annos. Não lhe pergunto pela saúde, porque se lhe vêem no rosto traços muito accentuados de vigor e bem estar. A próle aqui está inteira . . .

— E o sr. conselheiro sempre amavel.

— Ah ! minha querida senhora, se bem que a cortezia seja o mais sagrado dever de um cavalheiro para com as damas, uma virtude antiga dos homens superiores, eu sou, strictamente, justo e convicto quando lhe apresento a minha devoção de amigo e admirador, e, releve-me, dizel-o : quando fazemos, em familia, a critica dos costumes fluminenses, que se vão encrustando de barbarismos, destoantes com a nossa tradição e a nossa

indole, acóde-me, sempre, a senhora, como exemplo do typo de mãe de familia brasileira.

— Oh, meu Deus, tanta honra ! . . .

— Outro dia, em uma recepção no palacio Guanabara, não sei a que proposito.

— Das parasitas — acudiu d. Eugenia.

— E' verdade. A proposito de bellas orchidéas que o senhor Martins offerrou á Serenissima Princeza. Sua Alteza, amadora apaixonada dessas joias de nossa opulenta flóra, ficou encantada. Dos dez especimens raros, quatro erão absolutamente desconhecidos, classificados pelo doutor Rand, naturalista americano residente no Pará, e autor de um precioso tratado de botanica.

Como Sua Alteza manifestasse o desejo de conhecer quem lhe fizera o régio mimo, a Eugenia fez a biographia do nosso amigo e a de vossa excellencia. —

— Por signal que me lançaste olhos cheios de censura quando eu dizia: madama Martins, como é chic na alta sociedade.

— Que horror ! — exclamou — Marianna — Quando ouço chamarem a uma senhora brasileira de *madama*, se me figura tratar-se de uma costureira arremedando modistas francezas.

— Mas, é a móda.

— Muito bem, muito bem — afirmou o conselheiro, com vehemencia. — A móda é isso: o arremêdo inconsciente, vicioso, sem respeito ás nossas tradições, nem á hygiene, nem ao clima.

E' o gallicismo, deturpando a mais formosa e rica das linguas, transportando, com os seus termos exóticos e pandegos, os acháques das velhas nações decrepitas. Não é uma degeneração lamentavel substituir o nosso *dona*, tão elegante, tão fidalgo, por *madame*. E não fica ahi o vêzo: invade a familia; transfórma a camara, em *boudoir*, a alcova em *quarto de dormir* o nosso timão, em *robe de chambre*, o traje, em *toilette*; váe á sala de jantar com os termos *menú*, *entrées*, *dessert* . . .

— Eu não me acommódo com esses francezismos — disse Marianna.

— Entretanto, tu falavas francez — objectou d. Eugenia.

— Ainda arranho um pouco para ensinar os pequenos.

Ouviu-se, nesse momento o silvo da locomotiva do expresso retardado, aproximando-se da estação, offegante, ruidoso, como um monstro extenuado, cuspiendo para o tecto do galpão golphadas de fumo negro em contraste com os jactos de vapor alvissimo a esguicharem das valvulas abertas.

Houve um fremito de alegria entre os amigos da marquezia: avançaram todos para o comboio e se conchegaram ás platafórmas dos carros, dentro dos quaes se moviam, como

sombras vagas, os viajantes mettidos em largos guardas-pó brancos, passando a carregadores mal vestidos de blusas pardas, numerados no peito e nos velhos bonets murchos, malêtas e embrulhos pelas janellas estreitas.

A baroneza de Freicho e o Castrinho não se moveram: a ella custaria muito arrastar-se no percurso de alguns metros, envolver-se na multidão, acotovellando-se com maltrapilhos, gente pobre, que tambem ia ao encontro de parentes e amigos com esse alvoroço delicioso de quem vê matar velhas saudades. Ella tinha horror á promiscuidade, á ralé. Irritavam-lhe os nervos, muito melindrosos, as roupas usadas, as emanações acidas, como as dos rebanhos, exalados dos agrupamentos humanos, não disfarçados pelo artificio de perfumes subtis, maravilhosas invenções da clinica da elegancia. Por felicidade della, chegou muito apressada, muito afflicta pela supposição de não chegar a tempo de dar as bôas vindas á marquezia, a Dolôres, conduzida pelo marido, o doutor Adeodato, cujo semblante, sempre dilatado num sorriso contrafeito, era deformado por oculos azúes. Ella, muito enfeitada, trajando sêdas rugidoras; elle, muito singêlo, de uma simplicidade passiva e resignada, soltaram exclamações explosivas de banal cumprimento avistando a baroneza que lhes estendia, mollemente, a mão enluvada.

— Já desembarcou a querida marquezia?—inqueriu Dolôres, quasi suffocada.

— O trem acaba de chegar — respondeu Castrinho, avançando para ella, com dois pulos de passarinho.

— Estivemos a pique de perder o bonde — observou o doutor. E' sempre assim.

— Ora, a minha eterna, a minha grande culpa — exclamou Dolôres — Ha sempre alguma coisa, que se olvida á ultima hora. Além disso, passei todo o dia a morrer de enxaquêca... Melhorei, felizmente, ao cair da tarde e resolvi partir... Estavam aqui ha muito tempo?... Ui! Que calor!

— Viemos com o conselheiro — respondeu a baroneza, suspirando — Madame Martins tambem veio, com a infallivel ninhada. Um escandalo. Como é que uma senhora tem coragem de andar na rua com oito filhos!...

— E muito cheia de si — concluiu Dolôres. Eu, graças a Deus, estou livre disso. A proposito, como váes daquillo?

— Assim... assim: não muito bem. Tenho soffrido tanto.

— E' que, talvez, não tenhas feito, com precisão, o que te ensinei. Outras amigas a quem communiquei o segredo estão muito satisfeitas e passam admiravelmente. Ao principio, é meio aborrecido... depois... Ah! mi-

nha querida que allívio, que tranquillidade.

— Deus queira. Tenho supportado dôres atrózes. A's vezes, fico tão magoada, que não posso andar. E o peor é soffrer em silencio, sem me queixar para que o barão não saiba.

— Ora, o barão. Quê se contente com possuir uma mulher bonita e chic como tu. Palavra que aquelle lôrpa não te merecia. Olha, a nossa fidalga, a nossa querida marquezia.

E as duas fôram ao encontro da marquezia, que vinha caminhando lentamente pelo braço do conselheiro, e saudando os circumstantes com gestos amaveis. Hortencia, muito crescida, surprehendêra a mãe e as irmãs com os seus modos de moça, roceira numa portentosa exuberancia de vigor e saúde.

— Como váe passando, baroneza? Dolôres, como estás — dizia a marquezia, meio suffocada por beijos e abraços — Acho-as muito desfeitas..

— E' este empestado clima do Rio de Janeiro — respondeu a baroneza, magoada.

— Pois eu não me sinto mal — atalhou Dolôres.

— Pôde ir descançada senhora comadre — interrompeu o Martins — que me encarregarei das bagagens.

— Ah, meu caro, você é uma providencia.

E seguiu, apoiada no enrijado braço do conselheiro, acompanhada pelo numeroso séquito de amigos até ás caruagens, postadas defronte da estação, no meio do atordoamento da vozeria dos cocheiros e dos carregadores, em desabrida disputa.

(Continúa)

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO

DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 2<sup>a</sup>

CAPITULO II

PROBLEMAS

1. Tratemos agora das quantidades negativas como soluções dos problemas do primeiro grão, onde nos demoraremos muito pouco, por já ir este trabalho mais adiante do que era o nosso desejo.

Ha um principio em Algebra que fornece um meio de se aproveitarem as soluções, ditas negativas, a que dão lugar certos problemas, o qual pôde ser assim formulado:

*Toda a solução negativa de uma equação do primeiro grão a uma incognita, sendo tomada positivamente, satisfaz á equação que se obtém, mudando na primeira o signal dos termos em que figura a dita incognita.*

E' tambem sabido que este principio teve lugar depois que se resolveu um problema do genero deste: — *Um obreiro trabalhando em casa de um particular durante 12 dias, e tendo comsigo, durante os 7 primeiros dias, sua mulher e seu filho, receber 46 francos;*

*trabalhou depois na mesma casa 8 dias, sobre 5 dos quaes teve elle ainda em sua companhia sua mulher e filho, e recebeu 30 francos; pergunta-se quanto ganhou por dia por sua parte e quanto ganharam conjuntamente, no mesmo tempo, sua mulher e filho — no qual, se chamando a o ganho diario do marido e y o da mulher e filho, se chega ás equações*

$$\left. \begin{aligned} 12x + 7y &= 46 \\ 8x + 5y &= 30 \end{aligned} \right\} (1)$$

que dão para solução:  $x = 5$ ;  $y = -2$ .

Diante do embarço creado pelo valor negativo de y, si substituirmos o valor de x nas equações (1), teremos:

$$\left. \begin{aligned} 60 + 7y &= 46 \\ 40 + 5y &= 30 \end{aligned} \right\} (2)$$

que nos deixam vêr que o valor negativo achado para y, provém de encerrar o enunciado do problema um absurdo, pois que na primeira equação 46 não pôde evidentemente ser igual a 60, quanto mais a  $60 + 7y$ ; da mesma maneira que na segunda 30 não pôde ser igual a 40, quanto mais a  $40 + 5y$ .

Como procede, porém, a sciencia actual?

Da seguinte fórma:

Si em lugar de se considerar o dinheiro attribuido á mulher e filho como um ganho, se o considerar uma despesa feita por elles, será preciso subtrair essa importancia do dinheiro ganho pelo marido só, e não haverá mais cotradicção nas equações (1), pois que ellas se transformam em:

$$\left. \begin{aligned} 60 - 7y &= 46 \\ 40 - 5y &= 30 \end{aligned} \right\} (3)$$

que nos dão:  $y = +2$ ; donde se conclue que si o marido ganhou 5 francos por dia, sua mulher e filho lhe deram uma despesa diaria de 2 francos, o que é facil de verificar.

E' bem claro, pois, que o valor negativo de y, nos advertindo de que o enunciado do problema encerra um absurdo, pelo artificio empregado de considerar o valor de y não um ganho, mas uma despesa, o nosso problema deve ser o seguinte:

*Um obreiro trabalhando em casa de um particular durante 12 dias, tendo comsigo, nos 7 primeiros dias, sua mulher e filho, que lhe deram uma despesa, recebeu 46 francos; trabalhou depois 8 dias, sobre 5 dos quaes teve comsigo sua mulher e filho, que ainda lhe deram uma despesa, e recebeu 30 francos; pergunta-se quanto ganhou por dia, e quanto gastaram sua mulher e filho.*

Problema este, que condúz evidentemente ás equações:

$$\left. \begin{aligned} 12x - 7y &= 46 \\ 8x - 5y &= 30 \end{aligned} \right\} (3)$$

que são as equações. (3)

Eis, pois, a maneira porque actualmente, na maioria dos casos, se interpretam as soluções negativas, isto é, como a sciencia actual que considera os negativos maiores do que zero, e exprimindo um sentido directamente opposto, serve-se muitas vezes de uma solução negativa para reconhecer no enunciado de um problema o absurdo que não foi reconhecido á primeira vista.

D'ahi, surgiu o principio a que acima nos referimos, e que ensina o meio de vencer o embarço em que se encontram os mathematicos diante de uma solução que o problema não comporta.

Será racional, e obedecerá a uma philosophia sã a acceitação de um tal principio?

Uma solução negativa sendo tão natural como uma positiva, conduzirá, na verdade, a um tal principio? Não.

Com effeito, o problema em questão não conduziu a solução negativa alguma. Para se achar o valor de y, se substituiu na segunda das equações (1) x pelo seu valor 5, o que dá:

$$40 + 5y = 30, \text{ donde} \\ 5y = 30 - 40, \text{ donde}$$

$$y = \frac{30 - 40}{5}$$

Este quadro nos mostra que  $y$  é, não um numero negativo, e sim o quociente da divisão entre uma subtracção impossivel e o numero 5, isto é,  $y$  é o representante de uma operação impossivel, e como tal uma entidade sem significação.

E si se notar que o problema que encerrava um absurdo conduziu a uma operação impossivel, tendo, além disso, sido traduzido abstractamente com toda a regularidade, o que se deve concluir é que:

*Quando na traducção abstracta de um problema se chegar a uma operação impossivel, este problema encerra um vicio, accusado pela impossibilidade, de se realizarem as operações a que deu lugar.*

Este deve ser o principio formulado pelos que reconhecem a fatalidade da subordinação do abstracto ao concreto, porque si a mathematica abstracta, representando por signaes os elementos de um phenomeno, determina seu modo de relação, é claro que, quando se chega a uma operação impossivel, só se póde concluir, dada a perfeita traducção abstracta, que a questão formulada encerra um absurdo, visto que as transformações analyticas só pódem conduzir a resultados anormaes, por effeito de hypotheses desregradas.

Quer se formúlem taes hypotheses no dominio abstracto, quer no dominio concreto se formúlem problemas que encerram absurdo, não se chega a numero negativo, ou solução negativa alguma, e portanto é falso o principio a que vimos nos referindo, e deve ser banida das sciencias exactas.

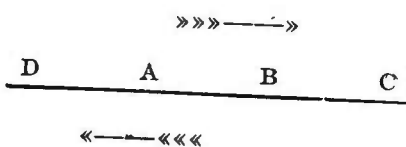
Foi uma operação impossivel e não uma solução negativa que nos advertiu encerrar o problema citado um vicio, que consistia em se fazer uma somma, quando se devia fazer uma subtracção.

E si o engano das actuaes theorias se limitasse a considerar a operação impossivel, que por um contrasenso se effectuou, como uma solução negativa, que póde convir ao problema uma vez que se lhe mude o signal, como si a *qualidade* de uma quantidade podesse tão facilmente mudar, seria este um engano muito simples, diante da extravagancia de se verificar por meio das soluções, ditas negativas, o principio de Descartes, o que actualmente ha quem tenha se lembrado de mostrar.

O illustre dr. José Faustino é um dos autores que tiveram semelhante lembrança, como se lê á pagina 31 de sua obra, quando diz: —

«Para verificarmos com exemplos tudo quanto acabamos de expôr e demonstrar com relação ás quantidades negativas, e verificarmos concrectamente a rigorosa exactidão da interpretação de Descartes com relação ás grandezas geometricas, ampliada por Benjamin Constant para todas as especies de grandezas, passemos a resolver alguns problemas:

Dois estafetas partem ao mesmo tempo dos pontos  $A$  e  $B$  distantes um do outro  $d$  leguas e seguem na direcção de  $A$  para  $B$  (da esquerda para a direita) fazendo o primeiro  $a$  leguas por hora e o segundo  $b$  leguas; pergunta-se: a que distancia se hão de encontrar?



«←←←

Supponhamos que o ponto de encontro seja  $C$  distante de  $A$   $x$  leguas e de  $B$   $y$  leguas.

Assim  $AC = x$ ,  $BC = y$ ,  $AB = d$  e  $AC - CB = AB$ , ou substituindo estes segmentos por seus valores,  $x - y = d$ , que é uma das equações do problema. Vejamos a outra;

Si o primeiro anda  $a$  leguas por hora, gastará para percorrer a distancia  $x$ , tantas horas quantas vezes  $a$  se contiver em  $x$ , portanto esse numero

de horas será  $\frac{x}{a}$ ; e se o segundo anda

$b$  leguas por hora, gastará para percorrer a distancia  $y$  tantas leguas (1) quantas vezes  $b$  se contiver em  $y$ , ou  $\frac{y}{b}$ .

Ora, si ambos partem na mesma occasião, quando se encontrarem terão gasto o mesmo tempo; assim, teremos

$$\frac{x}{a} = \frac{y}{b} \text{ para segunda equação do}$$

problema, que sendo resolvido por qualquer dos methodos de eliminação conhecidos, dará:

$$x = \frac{d a}{a-b}; \quad y = \frac{d b}{a-b}$$

Supponhamos agora  $d = 5$  leguas,  $a = 3$  leguas e  $b = 2$  leguas, virá:

$$x = 15, \quad y = 10$$

Donde se vê que o primeiro estafeta terá que andar 15 leguas, desde o ponto de sua partida  $A$  até o ponto de encontro  $C$ ; e que o segundo terá que caminhar 10 leguas, desde o ponto de partida  $B$  até o encontro  $C$ ; e como seus valores são positivos devem ser contados, conforme a interpretação de Descartes na direcção de  $A$  para  $B$ , de accordo com o enunciado do problema.

Supponhamos, porém, que tendo-se ainda  $d = 5$  leguas, temos ao contrario  $a = 2$  leguas e  $b = 3$  leguas; então virá:

$$x = \frac{10}{-1} = -10 \text{ e } y = \frac{15}{-1} = -15$$

valores estes negativos, que, conforme a interpretação de Descartes, devem ser contados em sentido contrario ao precedente; isto é, o primeiro a partir de sua *origem*  $A$  para a esquerda e o segundo a partir de sua *origem*  $B$  tambem para a esquerda.

Assim fazendo-se, encontra-se um ponto  $D$  que distando de  $A$  10 leguas, dista de  $B$  justamente 15 leguas, como devia ser, o que prova a exactidão do encontro nesse ponto; e assim se vê que em vez dos estafetas terem seguido na direcção de  $A$  para  $B$  (da esquerda para a direita) seguiram em direcção opposta, isto é, de  $B$  para  $A$  (da direita para a esquerda).

Fica assim verificada a interpretação de Descartes.

Vejamos até que ponto tem razão o illustre dr. Faustino.

(1) Por engano está no texto *leguas* em lugar de *horas*.

Deixemos o facto do autor ainda uma vez se referir a *sentido contrario*, quando váe tratar de grandezas *directamente oppostas*.

Depois das hypotheses feitas sobre as quantidades a que estão ligadas as incognitas, o enunciado geral do problema se transforma em dois enunciados todo particulares.

Tomando as formulas geraes a que conduziu o problema geral,

$$x = \frac{d a}{a-b}, \text{ e } y = \frac{d b}{a-b}$$

e suppondo, de accordo com as primeiras hypotheses, que  $d = 5$  leguas,  $a = 3$  leguas e  $b = 2$  leguas, é claro que o enunciado do problema se reduz a este:

*Dois estafetas partem ao mesmo tempo dos pontos  $A$  e  $B$ , distantes um do outro 5 leguas, e seguem na direcção  $A$  para  $B$  (da esquerda para a direita), fazendo o primeiro 3 leguas por hora e o segundo 2 leguas; pergunta-se: a que distancia se hão de encontrar?*

Por outro lado as formulas acima se transformam em:

$$x = \frac{5 \times 3}{3-2}, \text{ e } y = \frac{5 \times 2}{3-2}$$

que nos dão:

$$x = 15 \text{ e } y = 10.$$

Isto quer dizer que sendo o problema traduzido abstractamente, encontraremos os valores de  $x$  e  $y$  por processos normaes, valores que nos dizem ser preciso que o estafeta que parte de  $A$  tem de andar 15 leguas para encontrar o estafeta que partindo de  $C$  só necessita andar 10 leguas, e que portanto o ponto de encontro se fará a 15 leguas de  $A$  e a 10 leguas de  $B$ , o que na verdade está de accordo com o enunciado do problema, pelo qual os dois estafetas estavam distantes um do outro de 5 leguas.

Si diante dos valores positivos encontrados para  $x$  e  $y$ , retomarmos o enunciado do problema, veremos que houve normalidade nas operações que effectuamos para determinar taes valores, porque na verdade o problema encerra a possibilidade de um encontro entre os dois estafetas, visto que, si o estafeta que parte de  $A$  anda 3 leguas por hora, e si o que parte de  $B$  anda apenas 2, haverá naturalmente, na direcção da marcha, um ponto em que os estafetas se devem encontrar; isto é, o problema encerra uma possibilidade de encontro, a Algebra determina por sua vez o ponto desse encontro.

Teremos agora o segundo grupo de hypotheses.

Suppondo no problema geral, que se tendo ainda  $d = 5$  leguas, temos ao contrario  $a = 2$  leguas e  $b = 3$  leguas.

De accordo com estas hypotheses, o problema geral reduz-se a este:

*Dois estafetas partem ao mesmo tempo dos pontos  $A$  e  $B$  distantes um do outro 5 leguas, e seguem na direcção de  $A$  para  $B$  (da esquerda para a direita) fazendo o primeiro 2 leguas por hora e o segundo 3 leguas; pergunta-se: a que distancia se hão de encontrar?*

Por outro lado, as formulas geraes:

$$x = \frac{d a}{a-b}, \quad y = \frac{d b}{a-b}$$

se transformam em:

$$x = \frac{5 \times 2}{2-3}, \text{ e } y = \frac{5 \times 3}{2-3} \text{ ou}$$

$$x = \frac{10}{2-3} \text{ e } y = \frac{15}{2-3}$$

Já vimos que neste caso o dr. Faustino dizendo que  $2 - 3 = -1$ , achou para  $x$  e  $y$  os



valores respectivos  $-10$  e  $-15$ , que, conforme a interpretação de Descartes, devem ser contados em sentido contrario ao precedente: isto é, o primeiro a partir de sua origem  $A$  para a esquerda e o segundo a partir de sua origem  $B$  tambem para a esquerda, o que determina um ponto  $D$  que distando de  $A$  10 leguas, dista de  $B$  justamente 15 leguas, como devia ser, o que prova a exactidão do encontro nesse ponto; e assim se vê que em vez dos estafetas terem seguido na direcção de  $A$  para  $B$  (da esquerda para a direita) seguiram em direcção opposta, isto é, de  $B$  para  $A$  (da direita para a esquerda).

E' na verdade interessante, dizemos nós, que o nosso problema dizendo que os estafetas tendo seguido da esquerda para a direita, venha a Algebra dizer, e logo em nome de Descartes, que os estafetas realmente seguiram da direita para a esquerda!

Contemplando-sc melhor as formulas

$$x = \frac{10}{2-3} \quad \text{e} \quad y = \frac{15}{2-3}$$

se deveria dizer, não o que acima disse o illustre dr. e sim que o nosso problema deu lugar a uma operação impossivel de effectuar, na determinação dos valores das incognitas.

E' porque foi traduzido abstractamente com toda a regularidade, si diante do facto anormal que se nos apresenta, retomarmos o seu enunciado, veremos que na verdade encerra elle um absurdo, porque si os dois estafetas partem ao mesmo tempo, na direcção de  $A$  para  $B$ , e si o que parte de  $A$ , ou o que anda atraz, percorre 2 leguas por hora, e si o que parte de  $B$ , ou o que vae na frente, anda 3 leguas, não poderiam se encontrar na direcção, da marcha, mesmo no caso de ser nulla a distancia que os separa, quanto mais sendo ella de 5 leguas.

Significa isto que, nas hypotheses acima referidas, o nosso problema encerra o absurdo de pedir um ponto de encontro na direcção de  $A$  para  $B$ , quando pelo proprio enunciado não pôde haver este ponto, isto é, no limite daquellas hypotheses não temos problema possivel.

Si voltarmos, agora, ás formulas, veremos que a impossibilidade de um ponto de encontro, que em si já existia no dominio conrecto, foi realmente accusado no dominio abstracto por uma operação que não se pode effectuar, isto é, o dominio abstracto não teve o poder de achar uma solução para um problema absurdo, o que equivale a dizer que este dominio repelle as hypotheses formuladas.

Não são, pois, soluções negativas oriundas de problemas absurdos, que possam concorrer para « verificar conrectamente a rigorosa exactidão da interpretação de Descartes », porque este philosopho apenas criou um principio que nos deve servir de guia na traducção abstracta de um phenomeno conrecto, no caso de concorrerem grandezas succetiveis de uma opposição de sentidos.

E o erro do illustre dr. está em procurar verificar esta interpretação, recorrendo a expressões que, incapazes de uma tal verificação, apenas lhe estão a dizer que não é permitido abusar da indeterminação dos symbolos algebricos e que no dominio abstracto não é possivel formular qualquer hypothese que se pense.

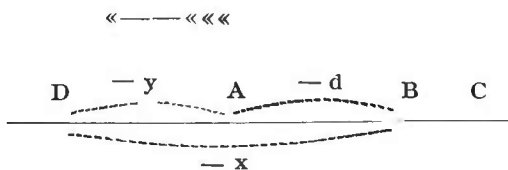
2. Ao contrario do illustre dr. que procurou uma verificação do principio de Descartes, façamos uma applicação deste principio.

Tendo a Algebra provado que o problema não podia existir nos termos em que foi formulado, isto é, que suppondo  $d=5$ ,  $a=2$  e  $b=3$  não se podia encontrar o ponto de encontro que se queria, na direcção de  $A$  para  $B$ , vejamos, de accordo com Descartes, si é possivel determinar esse ponto, conservando-se aquellas hypotheses.

Como o dominio abstracto mostrou que

não ha ponto de encontro na direcção da esquerda para a direita, vejamos si ha na direcção da direita para a esquerda, e o nosso problema será :

Dois estafetas partem ao mesmo tempo dos pontos  $A$  e  $B$  distantes um do outro  $d$  leguas e seguem na direcção de  $B$  para  $A$  (da direita para a esquerda) fazendo o primeiro  $a$  leguas por hora e o segundo  $b$  leguas: pergunta-se: a que distancia se hão de encontrar?



Si supuzermos que o ponto de encontro seja em  $D$ , e si representarmos respectivamente por  $d$ ,  $y$ , e  $x$  ás distancias  $BA$ ,  $AD$ , e  $BD$ , teremos, por uma applicação do principio de Descartes, que as distancias  $BA$ ,  $AD$  e  $BD$  são negativas, porque estas distancias eram positivas quando os estafetas andaram na direcção da esquerda para a direita, ao passo que agora andam em direcção directamente opposta, isto é, o estafeta que então andava de  $A$  para direita, anda agora de sua origem  $A$  para a esquerda; e o que então andava de  $B$  para a direita, anda agora de sua origem  $B$  para a esquerda, da mesma maneira que a distancia  $AB$  ou  $d$  que então era tomada na direcção da esquerda para a direita, é agora tomada em uma direcção directamente opposta, isto é, da direita para a esquerda.

Nisto é que está a applicação do principio do philosopho e segundo ella, teremos:  $BA = -d$ ;  $AD = -y$ ;  $BD = -x$

Por um raciocinio igual ao que foi seguido pelo autor do problema, teremos:

$$BD - AD = BA \quad \text{ou} \quad (-x) - (-y) = -d \quad (1)$$

para primeira equação do problema.

Para termos a segunda equação, lembremos que o estafeta que parte de  $B$  andando  $b$  leguas por hora, andarà a distancia  $BD$  ou  $-x$  em  $\frac{-x}{b}$  da mesma maneira

que o estafeta que parte de  $A$  andarà a distancia  $AD$  em  $\frac{-y}{a}$  horas, e teremos

$$\frac{-x}{b} = \frac{-y}{a} \quad (2)$$

para segunda equação. Resolvemos, pois, o systema de equações

$$\left. \begin{aligned} (-x) - (-y) &= -d & (1) \\ \frac{-x}{b} &= \frac{-y}{a} & (2) \end{aligned} \right\}$$

Como tratamos de verdadeiras operações sobre numeros negativos, baixarem a detalhes, com o fim de mostrar como entendemos deverem ser feitas taes operações.

Na equação (1) sommemos a ambos os membros a quantidade negativa  $-y$ , o que dá :

$$(-x) - (-y) + (-y) = -d + (-y)$$

O primeiro membro diz que da quantidade negativa  $-x$  devemos subtrair a quantidade negativa  $-y$  e depois ao resultado somma a mesma quantidade negativa  $-y$ , o que evidentemente da  $-x$ , para resultado final.

(E' o mesmo conjunto de operações que se faz na expressão entre positivos :

$$x - y + y$$

que dá  $x$  para resultado.)

Assim a primeira equação nos dá :

$$-x = -d + (-y) \quad (3)$$

Por outro lado a equação (2) nos fornece:

$$-x \cdot a = -y \cdot b \quad (4)$$

Subtraindo nesta expressão o valor  $-x$  dado pela expressão (3), vem

$$[-d + (-y)] a = -y \cdot b$$

Effectuando a multiplicação do multiplicador positivo  $+a$  pelos multiplicandos negativos  $-d$  e  $-y$ , no primeiro membro vem:

$$-d \cdot a + -y \cdot a = -y \cdot b$$

Subtraindo de ambos os membros desta igualdade a quantidade negativa  $-y \cdot a$ , vem

$$-d \cdot a + (-y \cdot a) - (-y \cdot a) = -y \cdot b - (-y \cdot a)$$

ou, simplificando o primeiro membro :

$$-d \cdot a = -y \cdot b - (-y \cdot a)$$

Ora, o segundo membro sendo uma differença entre os negativos  $-y \cdot b$  e  $-y \cdot a$ , que tem o factor negativo commum  $-y$ , podemos pol-o em evidencia, e teremos

$$-d \cdot a = -y (b - a)$$

Dividindo ambos os membros desta igualdade por  $b - a$ , vem:

$$\frac{-d \cdot a}{b - a} = -y \quad (4)$$

para a formula (4), ou a expressão do caminho que deve fazer o estafeta que parte de  $A$ .

Substituindo-se este valor de  $-y$  na equação (1), para termos o valor de  $-x$ , vem:

$$-x - \left( \frac{-d \cdot a}{b - a} \right) = -d$$

Eliminando o denominador  $b - a$  temos

$$-x (b - a) - (-d \cdot a) = -d \cdot (b - a)$$

sommado a ambos os membros a quantidade negativa  $-d \cdot a$ , o primeiro membro se reduz a  $-x (b - a)$ , e o segundo em que se tem de multiplicar  $-d$  por  $b - a$  e sommar ao resultado a quantidade  $-d \cdot a$ , o que dá  $-d \cdot b - (-d \cdot a) + (-d \cdot a)$  se reduz evidentemente a  $-d \cdot b$ , assim teremos para expressão da equação (1), depois da substituição de  $-y$  pelo seu valor dado pela formula (4)

$$-x (b - a) = -d \cdot b$$

donde, dividindo ambos os membros por  $b - a$ , acharemos:

$$-x = \frac{-d \cdot b}{b - a} \quad (5)$$

para a expressão da equação (3) ou a expressão da distancia que tem de andar o estafeta que parte de  $B$ .

Assim, os incognitos do problema são dados pelas formas (4) e (5) :

$$-y = \frac{-d \cdot a}{b - a} \quad -x = \frac{-d \cdot b}{b - a}$$

Introduzindo as hypotheses feitas no segundo enunciado do problema, isto é,  $b = 3$ ,  $a = 2$  e  $d = 5$ , vem

$$-y = \frac{-5 \times 2}{3 - 2}; \quad -a = \frac{-5 \times 3}{3 - 2} \quad \text{ou}$$

$$-y = \frac{-10}{1} = -10; \quad -x = \frac{-15}{1} = -15$$

resultados estes que nos dizem: Si os estafetas quizerem se encontrar, tem o primeiro,

ou o que parte de  $A$  de andar 10 leguas no sentido das grandezas negativas ou de  $A$  para a esquerda; isto é, nas condições em que foi posto o problema; enquanto que o segundo tem de andar nas mesmas condições 15 leguas, o que na verdade devia ser, porque a distancia —  $d$  que havia entre elles foi considerada igual a  $-5$  e  $(-10) + (-5) = -15$ .

Recapitulando vemos que, sendo impossível o problema nas hypotheses acima, quando se considerara grandezas positivas, a criação de Descartes introduziu a possibilidade de ser aquelle problema resolvido, isto é, Descartes contribuiu para maior amplitude do dominio algebrico, sem terem os geometros necessidade de recorrerem a artificios ou sophismas condemnaveis, porque, se o problema não foi possível em certo sentido, com sua theoria foi possível resolvel-o no sentido em que na verdade tinha uma solução.

E si com este mesmo problema, supuzermos, agora, que  $d = 5$ ,  $a = 3$  e  $b = 2$ , chegaremos a operações impossiveis, que nos dizem da mesma maneira que nestas hypotheses não ha, na direcção da direita para a esquerda, um ponto de encontro, ou que o problema é impossível.

Assim, a verdadeira interpretação do theorema de Descartes, consiste na necessidade que tem a algebra de considerar quantidades que por essa *qualidade*, lembrem ou a opposição de sentidos de que são susceptivas muitas das grandezas geometricas e mecanicas, ou as noções que temos de direita e esquerda, etc, e não como pensa o dr. Fambino, que fazendo uma analyse sophistica de resultados incongruentes a que dão lugar problemas absurdos, attribue ao grande philosopho a triste concepção de interpretar resultados de operações impossiveis, que por si não têm significação:

Não é, pois, um problema deficituoso que fornece soluções negativas, soluções tão naturaes como as positivas, e não é partindo de um tal problema que se possa chegar a formular um principio que tenha por fim aproveitar as soluções absurdas a que dá lugar, sob o titulo de soluções negativas, porque um problema nessas condições só poderá fornecer ensinamentos erroneos, si o resultado a que conduzir tiver de ser, por uma falsa comprehensão da logica, aproveitado para alguma coisa.

Não se podendo, portanto, dizer que as soluções negativas sejam provenientes da resolução de um problema cujos elementos, todos positivos, estão ligados por certos modos de dependencia, e não mais se confundindo taes soluções com o resultado de um erro ligeiramente mascarado, flue naturalmente a impossibilidade de se dizer com a theoria do illustre Carnot, que:

«Toute valeur negative trouvée et pour une inconnue par la resolution d'une equation, exprime, abstraction faite du signe de cette valeur, la difference de deux autres quantités, dont la plus grande a été prise pour la plus petite, et la plus petite pour la plus grand, dans l'expression des conditions du problème», (1) porque na verdade o resultado de uma tal inversão não constitue uma solução negativa, a não ser que se entenda por esta expressão, um symbolo de impossibilidade. O que exprime essa inversão na expressão das condições do problema, não é uma solução negativa, por que esta é tão aceitavel com uma positiva, e sim a operação impossível a que se chega, e portanto o principio de Carnot em nada veio melhor as condições do estado de confusão que ainda reina na mathematica, por

(1) Vide Metaphisique du Calcul.

que apenas assignala o motivo que, em certos casos, poderia conduzir á uma operadaquella natureza, sem apontar o caminho verdadeiro que se devia seguir.

3. Falta-nos, para completar estas idéas dentro do dominio da Algebra, sem procurarmos desenvolver as modificações que nossa theoria introduz no ser da Geometria Algebrica, unicamente por nos não prender muito as cogitações mathematicas, dizer algumas palavras sobre a primeira modificação que introduz no proprio seio da Algebra, a regra dos signaes por nós estabelecidos, por que bem comprehendida nossa theoria as modificações ás theorias geometricas surgem facilmente.

A modificação inter-algebrica se refere aos

### IMAGINARIOS.

Os geometras têm chegado, na resolução dos problemas do segundo gráo, a expressões que não podendo ser comprehendidas, deram lugar a grandas discussões e a sorprendentes paradoxos.

Taes são as expressões imaginarias que' como dizem uns, sendo vazias de sentido' servem entretanto como um meio de simplificação e generalisação no calculo.

Outros têm resistido a essa introdução, porque considerando uma mystificação a vantagem que traz para o calculo a acceitação de taes expressões, reconhecem que sob o ponto de vista arithmetico são ellas verdadeiros symbolos de impossibilidade. Muitos, porém, aconselham a acceitação dos imaginarios, interpretando-os como simples, factos analyticos.

Todos sabem, além disso, que taes expressões ja foram representadas geometricamente, e que depois desta interpretação foram as expressões imaginarias acceitas ou reconhecidas como expressões algebricas, mesmo por aquelles que mais trabalharam para repellir da sciencia os symbolos vãos de significação.

Muito se tem escripto e pensado sobre esta sorte de expressões que a Algebra considera, e estão hoje por tal maneira divulgadas na sciencia mathematica, que todos reconhecem seu emprego como verdadeiramente salutar.

Depois dos trabalhos de Gauss, Cachuy, Wallès e tantos outros, julgamos não valer a pena seguir nesta direcção, afim de ajuntar mais uma pedra ao grande monumento, ainda mais quando não se póde hoje comprehender a efficacia de taes expressões.

Apenas diremos que o estudo dos imaginarios é hoje um estudo perdido, porque fundando-se no facto de se haver convencio-

nado que  $\sqrt{-1} \times \sqrt{-1} = \sqrt{(-1)(-1)} = \sqrt{(-1)2} = -1$ , e isto pela impossibi-

lidade de se extrair a raiz quadrada de um quadrado negativo, diante da regra dos signaes que estabelecemos, fundados na verdadeira maneira de considerar as quantidades negativas, desapareceu por completo essa impossibilidade, sabendo hoje que um quadrado qualquer tem sempre uma raiz quadrada conclusão a que se não podia chegar na vigencia da antiga regra dos signaes.

Formulando-se aquella convenção que é visivelmente contraria á esta regra, é que o estudo dos imaginarios póde progredir, isto é, estas expressões só tiveram vida, devido a uma opposição formal entre uma convenção acceita e a regra da multiplicação das quantidades negativas.

E' tambem exacto que se chegou a provar

que  $\sqrt{-1} \times \sqrt{-1} = -1$ , por conside-

rações de que aqui não queremos tratar, o que decido da acceitação das expressões imaginarias; mas este ultimo trabalho apenas serviu para melhor accentuar a opposição de que falamos.

Estabelecendo nossa regra dos signaes, apenas provamos que tal opposição não existe, e a vida dos imaginarios que nella se funda, vem *ipso facto* por terra.

A sciencia actual não precisa mais da noção de imaginarios, porque tal noção provém de se considerarem os negativos como expressões mysteriosas, que deram lugar á antiga regra dos signaes, pela qual se não podia extrair a raiz quadrada de uma quantidade negativa.

Si *imaginario* é a expressão algebrica que resulta da impossibilidade da extracção da raiz quadrada de uma quantidade negativa, não mais existe imaginario, porque da nossa regra dos signaes se conclue que

$\sqrt{-B^2} = -B$ , uma vez que ella estabe-

lece que  $-B \times -B = -B^2$ , e isto por considerarmos os negativos como devem ser considerados pela verdadeira sciencia, e não como resultados de uma subtracção impossível, que traz como consequencia o principio de que  $A + (-B) = A - B$ , principio que serve de base á antiga regra dos signaes, regra esta que creou a impossibilidade da extracção da raiz quadrada de uma quantidade negativa.

E' o facto de se por effectuar esta operação, uma vez que a sciencia reconhece a necessidade da introdução dos negativos no calculo, que estabelece verdadeira uniformidade e generalidade das concepções mathematicas, e não a acceitação de symbolos que se não comprehendem, embóra sob o pretexto de simplificação e generalisação no calculo.

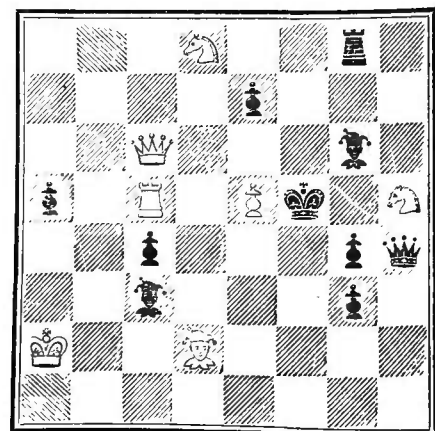
Esta é a primeira modificação que introduz na philosophia mathematica nossa theoria, deixando nós que as mais interessadas busquem as outras a que dará lugar.

TERTULIANO BARRETO

2º Tenente de Artilheria.

### DIVERSÕES

Problema n. 11 — NEGRAS



As brancas jogam. Mate em dois movimentos.

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1.<sup>o</sup> DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Attinge a milhares, a lista de candidatos aos cargos creados pela recente reforma judiciaria. Não ha bicho carêta, dispondo de alguns votos, da protecção de homens altamente cotados na politica, de padrinhos prestimosos, que não pretenda uma collocação rendosa, sejam embóra completamente estranhos á profissão, afastados do cultivo de letras juridicas por incapacidade notoria ou por inverterada diversão por outras provincias das habilitações intellectuaes.

Não se cogita do tirocinio essencial á formação de magistrados, não se leva em conta o senso da profissão demandando longo e afanoso trabalho de sciencia, de probidade, de abnegação; tão pouco se indagam os precedentes honrosos, precedentes de virtude, praticada na vida privada, de caracter, de patriotismo, revelados em serviços á causa publica, nem se consultam, finalmente, as tendencias, a vocação, imprescindiveis para a investidura desse sagrado sacerdocio social; a reforma é, simplesmente, uma oportunidade magnifica para a doação de cargos rendosos, para assegurar vida quiêta e farta á occiosidade incapaz, ou aos gananciosos que pretendem tudo incondicionalmente, numa despu dorada ancia de subir, pelas devêsas escusas do nepotismo, ás eminentes posições.

A especialisação de várás, como as da provedoria e de orphãos, a criação de tabellionatos rendosos, aguçaram a cobiça de deputados e senadores, que pretendem, assim, libertar-se dos azares da politica para se alojarem em tenças vitalicias; suscitou o appetite de filhótes, que estiveram de tocaia ao momento azado para a iniciação de uma carreira que lhes assegure, definitivamente, o meio de vida fóra do alcance de sua iniciativa, de seus meios de actividade.

E dessa opulenta comedia, offerecida aos amigos do peito, aos compadres, aos afilhados, aos servidores fiéis, não ficará um osso para os famintos, que não pedem, embarçados pelo pêjo da supplica humilhante; para os capazes, para os homens de merito incontestavel, retrahidos na confiança ingenua de serem procurados pela

attracção de sua evidente capacidade, de seus precedentes, de seus serviços desinteressados á Republica. Quem não chóra não mama; quem não tem padrinho morre pagão: taes são as correctissimas fórmulas em que a sabedoria popular esboçou a deprimente feição dos meios mais convinhaveis á victoria das aspirações mais absurdas.

Na atmospheria politica, toldada de vapores deleterios, de miasmas da decomposição, que váe devastando o organismo social, como um mal necessario, irreparavel, proprio á exploração dos mais espertos e dos mais ousados, não se reflectem os esplendores do talento, das habilitações especiaes, das vocações provadas, da virtude sem jaça: ha, em torno dos doadores de cargos, uma densa penumbra, espessada pelo engrossamento, ao abrigo da qual as mediocridades chatas ou pedantescas vão abrindo sorrateiramente caminho; vão disfarçando as deformidades evidentes, até surdirem, de surpresa, embiocadas, triumphantes, na investidura das elevadas funcções.

Magistrados não se improvisam; depositarios de melindrosas attribuições não se formam da noite para o dia, como se enfeitam em reis, em príncipes, em cavalheiros garbosos, réles comparsas de theatros, porque, nesse accidentado e aspero scenario da vida, é essencial que os comicos tenham vocação para a arte, saibam na ponta da lingua os papeis, sob pena de se comprometterem, de se annullarem os efeitos commoventes do pomposo drama, e serem burlados os encantos das apparencias, que dominam a ordem social.

Temos precedentes de improvisações mallogradas. O Marechal de Ferro, entre muitos actos de consolidação da Republica, de salvação das instituições democraticas, perpetrou uma ridicula invenção de magistrados, com o fim evidente de rebaixar, pelo acanalhamento ou pelo despejado ludíbrio, as forças vivas que pudésem oppôr obstaculos ás suas tendencias de rebaixamento para ficar proeminente, no scenario desolado, a sua figura de heróe.

Recordamo-nos ainda com uma congestão de pudor, da nomeação de medicos, de generaes para a funcção de ministros do Supremo Tribunal; e não ha encomios sufficientes para a resistencia do Senado á perpetuação desse acto de loucura dos poderosos. Não se attendeu, então, a inegualavel

capacidade technica do medico, nem a bravura e conhecimentos militares dos honrados cidadãos forçados por mêdo, por obediencia passiva, contrafeitos, disfarçados em jurisconsultos, a figurarem na farça cruel de desprestigio do mais augusto poder nacional; preponderou, na deliberação do Senado, a consideração de serem essenciaes á investidura provas de habilitações imprescindiveis aos supremos interpretes da lei.

Conta-se que o marechal, querendo preencher uma vaga naquelle tribunal, pedira a indicação de um mineiro a um amigo íntimo, que lhe suggeriu varios nomes de juristas notaveis com honrosas tradições na magistratura e amorosa dedicação á cultura do direito. Esses nomes, porém, fóram peremptoriamente rejeitados e, como o amigo lhe ponderasse que não conhecia, na terra mineira, outros cidadãos capazes, elle retrucou com placidez fria:

— Não preciso de jurisconsultos, a Constituição apenas me obriga a escolher os juizes dentre os cidadãos de notavel saber e reputação, elegiveis para o Senado. Ora não se póde contestar que eu seja o arbitro desse saber, dessa reputação; e, sendo a medida do meu criterio, a capacidade para o Senado, onde toda a gente póde entrar com a simples condição da idade, é claro que posso escolher qualquer paisano do meu agrado e confiança.

E sublinhou, com o perpetuo sorriso de ironia, essas palavras, que fóram muitas e excessivas para os seus habitos de silencio desconfiado.

\* \* \*

Fazendo justiça á sériedade do governo, prevemos as dificuldades que o têm assaltado no suadoiro de depurar a monstruosa lista de candidatos, onde figuram — dizem — amparados em magnificos espéques, verdadeiro réo de policia com immensas probabilidades de victoria, que não seria facta virgem nos factos contemporaneos; prevemos a energia necessaria para resistir aos assaltos furiosos do nepotismo sem escrupulos, e nutrimos a convicção de que o honrado cidadão, presidente da Republica, considerando a transcendencia do serviço que váe reorganisar, corresponderá, plenamente, á expectativa confiante na sua acção salutar e patriotica.

S. ex. deve estar profundamente convencido de que a causa dos males que corrompem o serviço publico, provém da pessima escôlha do pessoal, inspirada pela influencia pernicioso do patronato, inventando homens para os cargos, e que essa reforma malsinada será completamente nulla e contraria aos intuitos beneficos, que a dítaram, se não houver escrupulosa selecção de homens pela capacidade, saber e probidade.

POJUCAN.

### Um prologo de Medeiros e Albuquerque

#### IV

Que é a força em si? Não ha philo-  
rophia que o diga.

Todavia, essa força, em nós, por nós e para nós, existe. Sentimol-a em toda a sua plenitude, agindo, querendo, percebendo. E só o que temos como certo é que ella se resolve em successivos estados constituintes de uma personalidade.

São estes estados, conscientes ou inconscientes, que se projectam imprimindo nas coisas, a fôrma exterior, no que exprime a vida. E' a esses estados, portanto, que poderíamos pedir a explicação de todas as modificações do ambiente que com os mesmos se relacionam, porque a idéa, o pensamento, também são relações entre esses estados e o mundo circumjacente, e de taes phenomenos seria inutil exigir palavra.

Penso, pois, que, a ser verdadeira a theoria de Medeiros e Albuquerque, dado que o individuo possa organizar, por influencia physica directa, a materia ambiente, de maneira a imprimir-lhe essas fôrmas subtis, a que alludem os spiritas, mas não creal-as. Tirando-as do nada por um *fiat*, o motor desse *milagre* nunca será a idéa, o pensamento, mas o homem, tomado como conjuncto de energia, desenvolvivel no tempo e no espaço, sem limites.

Toda e qualquer analyse, que se tente effectuar, no sentido de decompôr esse conjuncto, tem, como unico resultado, dissipal-o. E' assim que, desde os philosophos vedantas, até hoje, se realisa, ininterruptamente, a formosa lenda de Psyché, tão brilhante na fôrma, quanto profunda no intuito, que lhe incutiui o genio de Apuleu. Accendida a lampada, o Amôr evola-se, desaparece.

Kant, sem embargo dessa experiencia dos nossos antepassados, tentou, na *Critica da razão pura*, accender a lampada, e erguer o véo que escondia a COISA EM SI.

Nós outros pedéstre da philosophia não podemos ir mais longe. Si insistissemos, cahiriamos, como Roberty e outros descobridores do *monismo logico*, nas soluções abstrusas da ficção universal.

Enverêdar por essa selva selvagem e escura da philosophia, nunca! Seria preferivel um mergulho na theoria do turbilhão, ou na *Maya*, segundo a concepção hindú.

E' o caso, então, de retroceder ao ponto de intercessão da vida, onde as circumstancias puzeram o homem pensante, e manter a logica em equilibrio entre a sombra e a luz. E' inglorio repetir o paradoxo de Nietzsche: tudo é permittido, nada é verdadeiro! Mais proveito haveria em apanhar-lhe a digna inspiração, quando, revoltado contra as theorias de Locke e outros philosophos inglezes, se arrôja a dizer que elles reduziram o universo a uma machina estúpida e sem expressão. (1)

Na minha opinião, tanto se illúde o microscopista, que dedúz a vida de um microbio ou a considera uma fermentação andando, como desvaira Swedenborg derivando de uma molecula da sua imaginação, todas essas maravilhas, que constituem a vida moral do homem.

«Não ha na terra, diz o suéco illuminado, quem não possúa o céo dentro de si. D'ahi se vê quanto engano existe em pensar que entrar no céo é o mesmo que ser suspenso até á região dos anjos, seja qual fôr o estado de sua vida interior. O céo, portanto, é um dom que cada qual recebe pela immediata misericordia de Deus; e nada inflúe, para os fins ulteriores, a existencia de um céo fóra de si. Ha muitos espiritos que são desse pensar, e por isso mesmo, por sua fé, puderam transportar-se ao céo exterior. Dessa coincidência nasce tudo, porque o céo existe em nós e não fóra de nós.» (2)

Que demonstra essa eloquencia e a de tantos outros illuminados, antigos e modernos? Demonstra apenas que a logica, que é um instrumento automatico, posta a serviço da imaginação, é capaz de tudo, uma vez firmado um ponto de partida.

E si o pensamento fôsse, como diz Medeiros e Albuquerque, capaz de organizar directamente alguma coisa material, fóra de si, já ha muito tempo que se teria obtido a materialisação do céo e do inferno dos catholicos.

Felizmente, apesar dos mil e novecentos annos decorridos, não houve ainda quem de lá voltasse, a não ser pelos processos logicos de Jacob de Bohm e de Swedenborg. E si a Idade Média não chegou a materialisal-os,

(1) Nietzsche — *Par delà le bien et le mal*, § 252.

(2) Swedenborg — *Du ciel et les merveilles et de l'enfer d'après ce qui a été vu et entendu*, § 54. Trad. Le Boys des Guays, 1899.

fôra de nós mesmos, dispondo os horrores do cilicio, as torturas celestias, as fogueiras da Inquisição, e atijando a ancia de milhões de crentes, que os pediam e queriam furiosamente, pôde-se affirmar que passou a oportunidade dessa materialisação, e não existe, no presente, mais quem tenha fôrça para reunir tantos milhões de sêres em rôda da celha de Cagliostro, para produzir a corrente mesmeriana.

Comtudo, Myers pensa ter provado scientificamente a persistencia da personalidade de cada homem depois da dissolução do corpo. Por subtis demais, os seus argumentos e experiencias não attingiram a lucidez necessaria para produzir a evidencia. Pouco percebi do que constitúe a sua fôrça.

«Não é o cerebro, diz Lewis, mas o homem quem pensa.»

A consciencia, que opéra a somma de todos os infinitamente pequenos da sensibilidade, é a expressão psychica da unidade organica. (3) Como conciliar esta verdade scientifica com a dualidade de Myers? isto é, como admittir que essa unidade organica se dissólva e que o homem pensante deixe de ser homem para ser alma do outro mundo?

Respondem os spiritas que contra factos não ha argumentos. «Somos experimentalistas, accrescentam; e quem quizer tocar em almas, appareça.»

Estas experiencias, como já vimos, não passaram ainda do campo puramente dos cinco sentidos em operação simples, e, portanto — campo subjectivo. Não chegaram os spiritas á resistencia reduzida a numeros; e si acaso declaram que espiritos escapam a essa operação, todo o edificio que até agóra architectaram, rúe por terra, porque sem isto não se comprehende sciencia experimental.

São, todavia, evolucionistas. Com isso nada adiantam.

Velhas concepções dos hindús já apresentavam o espirito num eterno *devenir*. Que era a metempsychose sinão a evolução dos espiritos para uma perfeição infinita?

Nos tempos modernos, Leibnitz, cedendo a essa longa pressão do passado philosophico sobre a dualidade das substancias, inventou a harmonia preestabelecida. Não havia outro meio de conciliar a vida com a morte, uma vez reconhecida a existencia de um mundo de espiritos.

Mais coherente, talvez, Swedenborg aventou que a terra era um reflexo permanente e symbolico do céo que se movia em Deus,

Todas essas machinações, porém, não passam de romances philosophicos, prestigiados pela elevação dialectal dos genios que os computaram.

(3) Bourdeau. *Theorie des sciences*, II, 563.

No fundo, taes systemas de idéas não são melhores do que os que, agóra, o interessante romancista inglez Wells anda traçando a proposito das forças da humanidade do futuro.

A logica é, de sua natureza, architectonica ; é a constructora de mundos imaginarios, por excellencia. E nenhum romancista excedeu ainda o engenho de Platão. Foi elle que lembrou o demónio de Socrates e pôz á conta de Alcibiades, a mutilação da cauda do seu cão. Tambem inventou a Atlantida. Não ha que admirar, assim, que os philosophos, uma vez chegados a esse ponto da razão experimental, em que a luz começa a bruxolear, comecem do mesmo modo a sentir-se attrahidos para o grande *Eureka*, que a Edgard Poë valeu a construção do seu poema mathematico.

Terminarei transcrevendo um pensamento de Pascal :

« O mundo visível é um traço imperceptível no seio amplo da natureza. Nada do que pensamos se approxima desse incommensuravel universo. Podemos entumecer, enchendo de vento, as nossas concepções, e leval-as além dos espaços imaginaveis, não produzimos sinão átomos em prejuizo da realidade das coisas.» (4).

ARARIPE JUNIOR

(Conclusão)

(4) Pascal — *Pensées*, I, 1.

## CORAÇÃO ENFERMO

*A Mater Divinæ gratiæ.*

Virgem Senhora da Conceição  
Refúgio astral das minhas crenças,  
Trago-vos aqui meu coração  
Cheio de longas, fundas doenças.

Venho implorar-vos neste momento  
Um doce olhar para este enfêrmo :  
Vós bem sabeis o seu tormento  
E o seu viver profundo e êrmo.

Como um tisico que só á tarde  
Póde, arrastado, olhar o caminho,  
Meu coração em febre arde  
— Dir-se-á ébrio dum máu vinho.

Tantos lembrando os grãos de areia  
Dos desertos não viajados,  
Tantos assim, na dôr que o lanceia,  
São-lhes os ais desesperados.

Como as ondas que o vento impêlle  
Que impêlle em furia, em tempestade,  
Rugem na praia, — por todo Elle  
Ruge tristeza, ruge anciedade.

Vive lembrando uma ave presa  
Longe do sol que lhe deu vida,  
Ave chorando a Natureza,  
Ave prisioneira — aza partida.

Não ha gemido nos hospitaes,  
Não ha facada que grite tanto  
Como os seus ais, como os seus ais,  
Como o seu pranto, como o seu pranto.

Não ha sangria que se compare  
Com a que fére meu coração :  
Mandai um Anjo que o ampare  
Virgem Senhora da Conceição.

Mandai-lhe um Anjo ou dai-lhe ao menos  
O cajado do vosso Esposo :  
Desçam sobr'Elle dias serenos,  
Dias serenos e repouso. . .

Elle é tão moço, mas já parece  
Cem annos contar. Que afflicção !  
O Inverno desce, o Inverno desce. . .  
Dai-lhe o Estio da vossa mão.

Cobri-o com a ponta da vossa aza,  
Aza de pomba mensageira ;  
Trazei-lhe paz á sua casa,  
Trazei-lhe um ramo de oliveira.

Trazei-lhe em meio de resplendores  
Favos abertos, de mél de abelha,  
Pomba mais casta do que as flôres  
Diga-o Jesus, S. João e a Ovelha. .

Pelo mendigo que cõrre a rua  
Numa atróz desesperação  
De fome e sêde, a carne núa,  
— Lagrimas véрте meu coração.

Pela criança pobresinha,  
Pela criança — flôr em botão —  
Que atravessa a vida sósinha  
— Chagas rôxas em meu coração.

Pela Esposa como a que um dia  
Vi de joelhos póstos no chão  
E que nunca mais teve alegria  
— Urzes crescendo em meu coração.

Pelo náufrago que abre os braços  
E nada tem p'ra salvação  
E que afinal vem-lhe o cansaço  
— Ais de morphéa em meu coração.

Pelo infeliz que em cárcere triste  
(Triste, Senhora, é toda a prisão !)  
A's recordações não resiste  
— Sonhos mortos em meu coração.

Pelo passaro numa gaióla,  
Passaro que ama o sol de verão  
Elle cuja alma alli se estióla  
— Prados no outomno do meu coração.

Pela doçura despresada  
Do olhar amissimo dum cão  
Que o homem arrasta e mata á pedrada  
— Garras de féra em meu coração.

Pelo pranto de um santo brilho  
Nuns olhos de Mãe pela razão  
De vêr fecharem-se os de um filho  
— Coróas tristes em meu coração.

Pelos que soffreram nas senzalas  
(Maldita, maldita a escravidão !)  
Rosarios de opálas, rosarios de opálas  
— Lagrimas brancas do meu coração.

Pelos meus filhos, quando eu os deixar,  
(Que pungente separação !)  
Lagrimas tantas como um Mar  
A afogar o meu coração !

Virgem Senhora da Conceição  
Manhã que os campos verdes orvalha,  
Quando morrer meu Coração  
Seja-lhe d'astros a mortalha !

Santa Catharina.

ARAUJO FIGUEIREDO.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

### A BATALHA DE TUYUTY

—  
NA VESPERA

O meu batalhão tinha a honra de pertencer á divisão do general Sampaio, a terceira do exercito. Comandava-o o tenente-coronel Pereira de Carvalho, intelligente, bom manobrista, e com fama de não ter rival na penna. Foi, depois, barão de S. Sepé, marechal, conselheiro de guerra.

Acampavamos na vanguarda, á extrema esquerda. A famosa artilheria do grande velho Mallet, estava á nossa direita. O general Osorio, com o exemplo da bateria do bravo capitão Cardoso de Mello, tomada pelo inimigo no combate de 2 de maio, ordenára, logo que chegámos ao Tuyuty, no dia 20, a construcção de um grande espaldão para abrigal-a. A' nossa esquerda, acampavam — o 6º de infantaria e outro batalhão de linha e de voluntarios — e, por ultimo, o 11º, commandado pelo major Cavalcanti, daquella pleiade memoravel de capitães do 1º de fuzileiros da cõrte, os quaes tanto illustravam a nossa historia militar — Guimarães Peixoto, Valporto, Cavalcanti, Azevedo, Eduardo Fonseca, Valente.

Para lá do 11º de voluntarios, estendiam-se um macegal baixo, banhados razos e arêaes cobertos de *barbas-de-bóde* ; depois, fechava a perspectiva a matta mysteriosa, com as suas bocainas largas e trilhas estreitas, tortuosas por onde o inimigo, astuto como todos os homens de sua raça, nos vinha espreitar, vigiar os nossos movimentos, perscrutar a nossa vida de acampamento, e, até, contar os nossos homens, os nossos canhões e as nossas carrêtas de transporte. Nós não tivéramos a curiosidade, aliás muito natural, de conhecer os segredos daquelles bosques. Não postámos alli nem piquêtes avançados, nem vedêtas, ao menos. Do outro lado da matta, estava o Potreiro Pires com alguns batalhões nossos.

O intrepido general Flôres acampava á esquerda da artilheria, o general Mitre á direita, e o general Osorio em uma eminencia, no centro do grande exercito : parecia ser o commandante em chefe.

A' direita do quartel general, ficava o commercio e, á retaguarda, o pesadissimo trem de transporte e o hospital.

Era o meado do outomno. Naquellas paragens, proximas de dois rios immensos, cobertos de lagôas e banhados, de grandes *estêros* e densas florestas, a humidade era grande, e a temperatura baixava muito.

Estavamos a 23 de maio. Tinha eu acabado de devorar, com um appetite dos 18 annos, um magro churrasco, que mais parecia carne daquelles *mocós* moqueados, vendidos, aos centos, pelos meus patricios da Feira de Sant'Anna, e servia — o classico chimarrão num *porongo* de litro, quando se perfilou diante de mim, o *cabo de dia* da 7.<sup>a</sup> companhia, estendendo-me o caderno do detalhe. Vi que estava escalado para a faxina de lenha no dia seguinte, e que, ao meio dia, o meu batalhão deveria formar, a meia marcha, não faltando praça alguma, «nem mesmo os bagageiros e camaradas dos senhores officiaes.» Na *lembrança*, o commandante recomendava aos commandantes de campanha que passassem, antes, revista de armamento. Iamos reconhecer as posições paraguayas.

Ao toque de recolher, ás oito horas da noite, todos os corpos formaram. Depois da chamada, os sargentos *puxaram* as companhias para a *frente de bandeira*, e resou-se o têrço.

Algumas praças, os melhores cantores, entôavam com vóz vibrante, sonóra e cheia de sentimento, a velha oração do soldado brasileiro : « Oh, Virgem da Conceição, Maria immaculada, vós sois a advogada dos peccadores, e a todos encheis de graça com a vossa feliz grandeza. Vós sois dos céos princeza, e do Espirito Santo esposa. Maria, mãe de graça, mãe de misericordia, livrae-nos do inimigo e protegei-nos na hora da morte. Amem.»

As musicas de quarenta batalhões acompanhavam, emocionantes, aquella préce ao luar, resada tão longe do lar querido.

Tocou, depois, *ajoelhar corpos*. Todos aquelles homens simples, rudes e crentes, que se iam bater como leões, no dia seguinte, cahiram de joelhos, e, com as mãos musculosas apertando os largos peitos valorosos, entôaram, cheios de contricção e de fé, o «Senhor Deus, misericordia».

A minha companhia estava de promptidão no quarto das nove ás onze. Ao toque de silencio, entrámos em fórma. Depois de soar a ultima nota, vibrou nos ares, maviosa e plangente, a cornêta do corneteiro-mór do 7.<sup>o</sup> de voluntarios, batalhão de S. Paulo. Era um verda-

deiro artista ; tinha o orgulho da profissão; não tocava, *regularmente*, como os outros: flôreava, tremia, chorava, gemia e cantava ; executava o tóque como um hymno de saudade, e terminava lento, suave e muito triste, até morrer como um gemido longinquo, confundindo-se no silencio da noite.

Como nos commovia o tóque de silencio do corneteiro-mór do 7.<sup>o</sup> de S. Paulo ! Que saudade tenho ainda daquelles tempos !

A's onze, fômos rendidos pela 8.<sup>a</sup> companhia e dormimos, ouvindo o tinir das varêtas batidas pelas vedêtas, que estavam proximas.

#### NO DIA

O 24 de maio amanheceu claro e sereno. Antes da alvorada, formámos para o *alarmá*. Vimos, pouco a pouco, surgindo da escuridão, as alvas tendas do grande exercito, estendido em columnas por aquellas coxilhas fóra. Depois, os tons róseos da madrugada alta fôram se tingindo de purpura e doirando-se á approximação do sol, que se levantava rubro, achatado, rutilo e cõrtado, ao meio, por uma cinta esbranquiçada e fina de *stratus*, como uma agatha immensa onde o genio do Brazil gravaria, com aquelles esplendores, uma data das mais memoraveis da sua historia.

Antes do tóque de parada, tocou faxina. Os sargentos entregaram ao *brigada*, os homens escalados. Recebimos do ajudante; eram vinte; mandei — *trez-á-direita, volver* — e marchei com elles para a matta da esquerda. Alli, ensarilharam as armas, e se dispersaram em busca de lenha. Fiquei só junto do sarilho. Passava o tempo, e de vagar. Olhei para o relógio : eram mais de 10 horas. Dahi a pouco, fez alto, na minha frente, o soldado José de Barros; *quadrou-se*, levou a mão direita á pála do bonet, e disse, em vóz clara e bem timbrada, com o sotaque de sertanejo :

—Saiba vossa senhoria, sô alferes, que o matto está vermelhando de cabôclos.

Encarei-o : não parecia assustado. Fui ver se era verdade ; penetrei o bosque por uma das tortuosas trilhas, e vi, muito longe, meio occultos pelas arvores, vultos vermelhos e grandes barretinas de sóla, que se moviam: eram os paraguayos.

Ou não nos viram, ou fingiam não nos perceberem, por lhes não convir se denunciarem com um ataque. Eramos tão poucos... Alguns dos nossos homens já voltavam ao sarilho, com o feixe de lenha ao hombro. Mandei chamar os outros ; formei-os, e segui para o acampamento.

Mal eu dava parte do que descobrira, e entregava a lenha ao official de estado, detonou sobre as nossas cabeças

uma granada inimiga. Ao estrondo, seguiu-se o tóque de *sentido*—*chamada ligeira*: todos correram ás armas.

Os paraguayos já estavam sobre nós. A granada fóra o signal do ataque geral.

O 4.<sup>o</sup>, meu batalhão, entrou em fórma, rapido como um relampago, e, mais rapido ainda, mettu em linha, frente á esquerda. Avançava sobre nós, a galope, pelo flanco direito um regimento da cavallaria inimiga ; ia chocar-se com as duas primeiras companhias : as outras, as da esquerda, tinham pela frente uma lagôa bastante funda. Em fileira dupla apenas, resistimos ao chóque. Elles não poderam rompelas, nem retroceder. E' que tinham pela frente os nossos bravos, cheios de ardor nessa primeira vez em que combatiamos devêras; e, pela rectaguarda, outros corpos da cavallaria paraguayana tambem avançavam.

Desfilaram, então, para a esquerda, ao tróte, entre nós e a lagôa. Nós os fuzilavamos efficaçmente, quasi á queima-roupa. Manobraram para nos cortarem a rectaguarda. Debalde : o nosso fogo era tremendo e a linha muito extensa : cada pelotão formára com trinta e quatro filas. O terreno era meio atoladiço. Do tróte passaram ao passo. E os bravos guerreiros do Lopez cahiam, dando lanças e talhos de espada quasi inutilmente.

Nós os batiamos de flanco. Os nossos soldados, enthusiasmados, ardentessahiam das fileiras, e os atacavam á bayonêta. Foi um morticinio medonho: poucos dessa força escaparam.

Grandes columnas de infantaria inimiga surdiam pelas bocainas da esquerda e accommettiam a nossa 3.<sup>a</sup> divisão.

Sampaio cavalgava, trajando o seu bello uniforme de general, bordado a oiro, á frente das suas tropas: mandou estender linhas de atiradores e avançar. O nosso impeto foi violento. O inimigo recuou até á matta ; voltou, depois, e carregou sobre nós com bravura. Retrocedemos, pelejando.

A' nossa esquerda, combatia tambem em retirada, o 6.<sup>o</sup> de voluntarios, depois 33.<sup>o</sup>, commandado pelo Valente.

O terreno era pesado. A's vezes, atolava. Caminhava-se difficilmente. Os paraguayos avançavam lentos, calmos. Nós já protegidos pela ponte da lagôa, os fuzilavamos quasi de flanco:!

Vi, então, alguns officiaes inimigos darem de prancha nos soldados para que avançassem. Sempre ha gente que ama mais a vida que a honra.

Avançavam, e os nossos voluntarios do 6.<sup>o</sup>, recuavam fazendo fogo, como se estivessem, em dia de exercicio, manobrando ao tóque de cornêta. O commandante Agnello Valente, alto, magro, sympathico e sereno, estacou o cavallo; estendeu a espada horizontalmente e mandou tocar—*alto-frente*. O 6.<sup>o</sup> já pisava terreno solido : o chão

estava secco. Os paraguayos continuavam a avançar, lentamente, e fazendo fogo; nós os fuzilavamos sempre, e pelo flanco, presenciando, cheios de anciedade, aquella scena grandiosa.

A distancia entre a columna inimiga e os nossos voluntarios, era de cerca de 150 metros, quando o commandante se firmou nos estribos; ergueu-se sobre a sella; encarou, sublime, o inimigo, e fallou ao cornêta: sôou, vibrante e alegre, o toque de avançar. As bayonêtas já estavam armadas. Os bravos filhos da minha terra deram um viva entusiastico á Patria, e marcharam impávidos sobre a columna, que avançava, sempre lenta, magestosa e solemne.

Que momento aquelle!

Vibrou o som festivo do tóque de acelerado, e, logo após, os ares estrugiram com o mais grandioso de todos — o tóque de carga, que foi repetido por toda a banda. Os nossos rapazes cruzaram bayonêta, e correram impetuosos e vivos sobre o inimigo, que fez alto.

Parou?... Estava perdido.

As duas linhas se chocaram. As nossas bayonêtas penetraram nos peitos dos mais bravos daquelles heróes e nas costas de outros que, embóra valentes, recuavam em debandada. Batemos palmas, orgulhosos dos nossos companheiros. E das linhas dos veteranos do 4º de infantaria, ergueu-se um viva delirante ao 6º de voluntarios, que seguia, como louco, ferindo e matando, e juncando de cadaveres aquella terra tão ensopada, naquelles dias, com o sangue de seus valorosos filhos.

O cabo Militão, veterano da guerra do Rosas, e filho de Pilão Arcado, exclamava: — Valente como o defunto sô coronel Victor.

O velho bahiano tinha sido praça do *Tremeterra*, o antigo 5º de caçadores, hoje 12 de infantaria.

O 4º avançava tambem.

Novas columnas, de côr avermelhada e armas scintillantes, surgiam após outras, do verde escuro das bocainas, e guerreiros acobreados, espadaúdos, montados em pequenos cavallos, com os estribos de *rodella* entre dois dedos dos pés, com *chiripás* de lâ vermelha listada, tiradores de coiro bem sovado na cintura, cahindo abaixo dos joelhos, com *boleadeiras* nos tentos, empunhando lanças enormes, ou brandindo espadas curvas afiadas, avançavam a galope, em gritaria infernal, sobre os nossos batalhões, meio desordenados já pelas cargas repetidas que davam, pelas linhas de atiradores que sahiam, pelas fileiras que rareavam, pelos officiaes que morriam, pelos chefes que tombavam.

Sampaio fôra ferido gravemente; o meu commandante tambem estava fóra de combate.

A nossa bandeira tremulava, beijada pela amorosa brisa da gloria. O alferes Celso de Assis, joven paraense, meu amigo, tinha a honra de carre-

gal-a; estava orgulhoso, sorridente. Os cabos que a guardavam eram valentes como elle. Inclinou-se, de repente, o pavilhão glorioso, mas não chegou a cahir. Ergueu-se de novo, mais bello e mais alto, fluctuando sereno e manso, estendendo as largas dobras á direita e á esquerda, como que agradecendo áquelles que, abrigados á sua sombra augusta e sagrada, derramavam o seu sangue para que elle continuasse a tremular sempre immaculado.

Estava morto o querido Celso. Uma bala atravessára o talabarte e lhe varára o coração. A haste escapou-lhe das mãos hirtas; a bandeira enclinou-se; ia cahir. Um cabo levantou-a; outro cabo amparou o moço official, que morreu sem um ai. O talabarte tinha, na altura do peito, um grande rombo, e o veludo verde, os galões de oiro se tingiram de vermelho pelo sangue que jorrava abundante. Tiveste, amigo Celso, um glorioso fim. Se pudéres, da mansão da gloria, descobrir o que se passa na terra, verás o velho camarada derramar sobre a tua memoria uma lagrima de saudade.

Os batalhões avançavam; a artilheria rugia rapida, infatigavel; parecia a revolver: era um contínuo trovejar. Cornêtas sôavam a carga; lanças se enristavam, crusavam-se as bayonetas; rasgavam-se as carnes sadías dos heróes; espadas brandidas ás duas mãos, como os montantes dos pares de Carlos Magno, abriam craneos, cortavam braços, decepavam cabeças. Quadrados se formavam aqui; além, ouvia-se o tóque de *assembléa* e as linhas de atiradores se reuniam, ora em circulo, ora formando os quatro camaradas de combate, de bayoneta crusada contra a cavallaria que vinha a galope: era uma confusão immensa, toda cheia de fortes impressões. A batalha attingia o momento decisivo. O ataque mais forte fôra á 3ª divisão, que resistia heroica, porque todos, modestia á parte, a consideravam o escól do exercito.

Havia bem cinco horas que combatiamos sem cessar, e não estavamos fatigados. Não ha tempo que corra tão ligeiro como o das batalhas.

De quem seria a victoria?

Surge, no seu bello cavallo de combate, o general Osorio, com o largo chapéo de feltro negro, o ponche fluctuante deixando ver a góla bordada, com a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, com o olhar fascinante, dominando aquelle scenario tragico da gloria e da morte. Ouviu-se um viva retumbante. De todos aquelles labios seccos, daquellas gargantas roucas, sahiu immenso, entusiastico, um viva ao general Osorio!

Tudo se transformou ao tremular magico da bandeirola da lança legendaria. A nossa infantaria avançou galvanizada por aquelle homem, immen-

samente amado, e levou de vencida, até ás profundezas densas da matta, os guerreiros inimigos, que sobreviveram á horrorosa hecatombe.

A batalha estava ganha.

Quando chegou o general Osorio, o Pantaleão Telles, commandante do seu piquete, e meu amigo, chegou-se a mim e disse-me: — Acaba o *Velho* de retomar, em pessoa, á frente de dois batalhões bahianos, a artilheria do Mitre.

Alguns corpos destacaram linhas de atiradores, que tirotearam, friamente, até ao anoitecer.

A derrota foi completa. O campo de batalha ficou, literalmente, juncado de inimigos mortos.

Lopez empenhára, nesse dia, todas as suas forças, e as atirára contra nós por todos os lados. O ataque foi fulminante. As forças são quasi iguaes. Tinhamos, felizmente, á nossa frente, o grande Osorio, que surgia sempre, como um semi-Deus, nos momentos mais criticos, levando comsigo a victoria. Eu ouvi, e narro com ufanía e orgulho, soldados feridos, estorcendo-se nas vascas da agonia, levantarem-se a meio, com a auréola da morte doirando-lhes os cabellos empastados de sangue, murmurarem com vóz desfallecida, quando elle passava: viva o general Osorio; viva Osorio.

Sôou, finalmente, o tóque de *cessar fogo*. Eu estava numa linha de atiradores. Recolhi com ella ao batalhão, que formava em columna cerrada á beira de um laranjal. Quantos, dos que jaziam para sempre debaixo daquella sombra amena, pensaram, exálando o ultimo suspiro, nas flôres daquellas arvores e na morte das esperanças de moços?

Quando se acabou a batalha, eu tinha a minha blusa, unica, rôta na altura do hombro direito, por uma bala, que me passou triscando a pelle. A minha espada estava partida pelo meio, e as botas, que eram uns cothurnos reiúnos trazidos do 1º regimento, tinham deixado os soldados nos banhados.

Era noite quando voltámos ao acampamento. Perto da minha barraca, estava estendido morto, com os miólos de fóra, um amigo de infancia, collega do collegio Dois de Julho, na Bahia, o tenente de voluntarios Emygdio de Azevedo Monteiro. Ajoelhei-me ao seu lado; apertei-lhe a mão gelada e dei-lhe um beijo de adeus na larga tésa ensanguentada.

A' porta da minha barraca, achei fncada no chão, uma espada de official, empapada de sangue. Experimentei-a na bainha: serviu; fiquei com ella e, com pezar, atirei fóra o pedaço que restava da outra, a minha companheira mutilada. Nunca pude saber a quem pertencia; guardei-a e prometti honral-a sempre.

DYONISIO CERQUEIRA

## PAGINAS ESQUECIDAS

## A CABRA, O CARNEIRO E O CEVADO

Uma cabra, um carneiro e um cevado  
Iam numa carroça todos trez  
Caminho do mercado:  
Não iam passear, é manifesto;  
Alguem que fôsse no rasto  
Dava com elles talvez  
Nalguma casa de pasto...

Mas, emfim, vamos ao resto.  
Ia o cevado numa gritaria,  
Que a cabra e o carneiro,  
Não podendo na sua boa fé  
Advinhar a causa do berreiro,  
Diziam lá comsigo:  
« Que mania!  
Cá este nosso amigo e companheiro  
Por força gôsta mais de andar a pé.»

O caso é  
Que o cevado gritou tanto ou tão pouco,  
Que o carroceiro  
Perde a cabeça,  
Váe como um louco,  
Saca um fueiro  
E diz-lhe: « Hom'essa!...  
Essa agora!

Pois o senhor não vê que esta nem chóra,  
Que nem sequer as lagrimas lhe saltam  
Como é tão natural numa senhora?...  
Guélas não lhe faltam, e de ferro...  
O ponto é que ella as abra;  
Mas é cabra...  
Teve creação:  
Não dá um bérro  
Sem alguma razão!  
E cuida que este cavalheiro é mudo?  
(Aqui o cavalheiro  
Era o carneiro);  
« E' sério, tem proposito, é sisudo!  
A's vezes bérra, que estremece tudo;  
Mas só quando é preciso;  
Tem juizo!  
Miôlo!»

— « Miôlo? exclama o outro; pobre tôlo!  
Elle suppõe que o levam á tosquia,  
E' por isso nem pia!  
Esta pensa tambem que váe de carro  
Ao tarro;  
Deixá-los, lá se avenham;  
Mas porcos não se ordenham;  
Cevados não se ordenham nem tosquam;  
De mais sei eu o fim com que se criam,  
De mais sei eu!...  
Por isso brádo ao céo,  
Por isso chóro a minha triste sorte!  
Por isso gritei, grito e gritarei,  
Do fundo da minha alma, até á morte,  
Aqui d'el-rei!»—

Fallava como um sabio! Muita gente  
Não discorre com tanta discreção,  
Infelizmente.

Quando o mal  
E' fatal,  
A lamuria que vale?!  
Que vale a prevenção?  
Antes ser parvo, do que ser prudente;  
Porque o parvo, esse, ao menos, menos sente.  
Não vê um palmo adeante no nariz;  
Vé o presente  
E' está contente;  
E' mais feliz!

JOÃO DE DEUS.

## LORD BEACONSFIELD

## II

As linhas da sua biographia são conhecidas. Seu pai era um desses litteratos mediocres e trabalhadores que vão desenterrando e colleccionando, através de *in-folios* e bibliothecas, casos curiosos e archaicos de historia e de litteratura.

Benjamin Disraeli nasceu, por isso, entre os livros — litteralmente entre os livros, porque a casa em que viviam os Disraeli, offercia o espaço de uma bocêta, e no quarto de criança, entre a accumulção vetusta dos calhamaços, havia apenas espaço para uma cadeira e para um berço. O velho Disraeli era judeu: mas, felizmente, para os destinos futuros de seu filho, rompeu com a synagoga, e todos os Disraelis se fizeram christãos. Benjamin tinha então dezeseite annos, e o seu padrinho na pia baptismal foi um certo Samuel Rogers, notavel por ser, ao mesmo tempo, um dos mais ricos banqueiros da *City* e um dos poetas mais elegiacos do seu tempo — e notavel ainda por não ficar na historia, nem como banqueiro nem como poeta, mas como um requintado *Gourmet*, o grande Lucullus de Londres, que deu os mais celebres, os mais finos jantares da Europa.

Assim marcado com o rotulo christão, Benjamin Disraeli largou a caminhar pela vida fóra, mas foi encalhar bem depréssa num cartorio de tabelião — onde se diz que, durante dous annos, este moço orgulhoso, que já então se considerava um semi-Deus, redigiu procurações e testamentos. Com a mesma penna, porém, ia escrevendo *Vivian Grey*: e da tempestuosa sensação que este romance produziu, data a sua grande carreira. A obra, á parte algumas fugitivas scintillações de um genio ainda desequilibrado, é no seu conjuncto ao mesmo tempo pesada e vaga; mas satisfazia, os gostos escandalosos e intrigantes da sociedade d'então, pondo em scena todas as individualidades marcantes de Londres, politicos, dandys, «rainhas da moda», poetas e especuladores.

O melhor resultado de *Vivian Grey*, foi tornar Disraeli Junior (como elle então se assignava) o favorito de lady Blenington e do conde d'Orsay, as duas dominantes figuras do Londres dessa época, e que tinham, *de sociedade*, o mais selecto, mais intelligente, mais appetecido salão de Inglaterra.

Lady Blenington era uma mulher de graciosa e olympica belleza, de uma extrema audacia de character e de alta energia intellectual: estes dois formavam um typo destinado a reinar. O conde d'Orsay, esse era o homem que durante vinte annos governou a moda, o gosto, as maneiras, com a mesma indisputada auctoridade com que hoje o principe Bismark arbitra na Europa.

Usar um modelo de gravata ou admirar um poeta que não tivessem sido approvados pelo conde d'Orsay, seria correr o mesmo risco d'uma nação que hoje, sem auctorisação secreta do principe de Bismark, organisasse uma expedição militar. Lady Blenington, entre outras cousas embaçadoras, tinha uma filha: e o bello d'Orsay, não sei porque, nem elle o soube jámais, casou com essa menina. Os noivos vieram viver com lady Blenington; e bem depréssa, entre seu brilhante marido e sua resplandecente mãe, a pobre condessa d'Orsay foi como uma pallida lampada bruxuleando entre dous astros. Fez então uma cousa sensata e espirituosa: apagou-se de todo, desapareceu. E o conde d'Orsay e lady Blenington, livres daquella senhora que entrestecia, regelava as salas com o seu ar honesto e frio, começaram então a scintillar tranquillamente, como constellações conjunctas no firmamento social de Londres. E Londres curvou-se diante desta nova e original situação domestica, como se curvava diante de uma nova sobrecaçaca do conde d'Orsay, ou diante de uma decisão litteraria de lady Blenington.

Benjamin Disraeli tornou-se bem depréssa um dos heróes deste salão — onde desde logo se mostrára com esse ar de tranquilla superioridade, de correcto desdém, que foi um dos segredos da sua força. Ordinariamente conservava-se callado, apoiado ao marmore da chaminé, numa pôze d'Apollo, melancolico, abandonando-se á caricia ambiente dos olhares das damas que viam nelle a encarnação radiante do poetico *Vivian Grey*. As pessôas mais íntimas, começando por lady Blenington, já lhe chamavam sempre *Vivian*, querido *Vivian*. O conde d'Orsay fizera-lhe o retrato a sépia — honra que elle dava raramente, e a mais appetecida nesse curioso mundo.

Todos estes triumphos de Disraeli Junior não deixavam de surprehender Disraeli Senior. Um dia, dizendo-lhe alguem que o filho estava compondo um romance em que entravam duques e toda a sorte de grandes, o velho e laborioso litterato exclamou: — Duques, senhores! Mas, meu filho nunca viu nenhum sequer!

Viu muitos depois, viu-os todos — e governou-os com uma vára de ferro. Mas, nesse tempo, o bello Disraeli Junior era ainda radical, ou tomára ao menos essa attitude. Meditava mesmo, a sua *Epopéa da Revolução* — a sua unica obra em verso de uma vaga rapsodia, que eu nunca li, mas que os criticos mais benevolos fallam como dum volume de duzentos paginas, sem uma só linha toleravel. E, cousa curiosa, este homem tão fino, tão sceptico, tão experiente, nunca perdeu a candura quasi comica de se considerar um



grande poeta como Virgilio ou como Dante, e a esperança phantastica de que as gerações futuras pôriam a *Epopea da Revolução* ao par da *Eneida*, ou da *Divina Comedia*.

Apezar de poeta abominavel e de perfeito dandy — ou, talvez, por isso mesmo — Benjamin Disraeli era reconhecido, nesse tempo, como um dos chefes do movimento da *Joven Inglaterra*.

A *Joven Inglaterra* consistia num grupo de rapazes, ardentes e aristocratas, que se tinham embebido de revolução através da litteratura; fallavam muito da Humanidade, e queriam sobretudo um *burgo pôdre* que os nomeasse deputados; cultivavam pelos salões o amor platonico, quereriam ver o povo feliz comtanto que estivessem elles no poder para promover essas felicidades, e (traço decisivo das suas maneiras e da sua *pose*) quando se escreviam uns aos outros tratavam-se por *my darling, meu amor!*

Tinham ainda outros distinctivos: usavam o cabello á *nazarena*, mostravam a coragem (enorme nesse tempo) de admirar o odiado Byron, e procuravam elevar e aperfeiçoar a arte da cozinha em Inglaterra!

No emtanto, Benjamin Disraeli já estava bem decidido a sacudir o seu radicalismo — quando fôsse necessario aos interesses da sua carreira. E essa carreira via elle, então, apezar de desconhecido e pobre, tão claramente triumphante no futuro, como se a tivesse diante dos seus olhos escripta, parte por parte, num programma.

Em pleno reinado dos *tories*, é característica já a sua resposta a lord Melbourne, primeiro ministro então, que lhe perguntava «o que elle tencionava fazer.»

— Ser eu primeiro ministro d'aqui a pouco — respondeu o dandy, com as suas maneiras á *Vivian Grey*.

Lord Melbourne viu nesta resposta, uma odiosa e insolente jactancia. E assim parecia, quando, tempos depois, Disraeli, já deputado por Wycombe, fez o seu primeiro discurso — e o viu suffocado pelas gargalhadas e pelos apupos. Como não podia dominar o tumulto, calou-se, dizendo apenas estas palavras mais:

— Hoje não me quizestes ouvir. Um dia virá em que eu me farei escutar!

E um dia veio, em que, não só a Camara dos Communs, mas a Inglaterra, todo o continente, a terra civilisada, escutavam com anciedade as palavras que iam cahir dos seus labios, e que traziam consigo a paz ou a guerra na Europa.

EÇA DE QUEIROZ

Londres, 1881.

(Continúa).

## O GENERAL PEDRO LABATUT

(CEARÁ)

Desse momento, ficou accentuado o rompimento. Alencar retirou a sua protecção a Labatut, e José Mariano assumiu, em frente delle, posição hostil, e a imprensa da situação, o *Cearense Jacaúna*, redigido na capital por José Ferreira Lima Sucupira, e o *Clarim da Liberdade*, (no Aracaty) redigido pelo energúmeno Joaquim Emilio Ayres, deixaram de cantar os feitos *gloriosos* de Labatut, para converterem-se em buzinas, a lhe aturdiem os ouvidos, com improperios de cada dia!

Sucupira era da familia que fazia politica no Crato, para Alencar. Com obscuras antecedencias de soldado, tinha andado em todas as rusgas do Ceará, desde 1817, em que padecceu muito. Em 1823, Carvalho Couto, que se apoderára do governo provisório, na ausencia de Filgueiras, o destinou á morte com o almoxarife João Carlos da Silva Carneiro. Em 1825, a commissão militar ainda o condemnou á morte; remettido, porém, para o Rio, alli foi posto em liberdade por Pedro I, accedendo á lastima das suas filhas. Depois se fez padre, depois advogado, depois, finalmente, jornalista. Era o que se chama um homem *azougado*, menos máu por indole, do que por atordoamento. Em cousas graves da politica nacional, elle perdia a cabeça. Escrevia mal, e discernia peor.

Joaquim Emilio Ayres era um ourives anarchista, que fugira de Alagôas á imminencia do fuzil, nas desordens de 1824, nas quaes fizera, aliás, papel somenos. Vivia no Aracaty com aquelle falso nome, com o qual escapára, pois que se chamava, primitivamente—Joaquim Ignacio Wanderley.

Turbulento, e até malfasejo a ponto de fazer assassinar a tiros, pelas grades da cadeia do Aracaty, a um infeliz, que votára ao trabuco dos seus entusiastas, attribuindo-lhe intenções de matal-o. Ayres escrevia por páus e por pedras, num apostolado de *federação*, sem nenhuma correccção, e num estylo detestavel.

Fazia de medico, provisionado pela camara municipal e, com isto, armou a popularidade, ou *populacidade*, como dizia José de Alencar.

No Aracaty, adquiriu, em ponto pequeno, a respeitabilidade de Marat, de quem parecia uma viva emanção. Quasi á força se fez juiz de paz da opulenta villa, o que importava ter esta sob o seu jugo.

Tanto Sucupira, como Ayres, tinham *rouha* á familia Castro, cuja séde era o Aracaty; isto, por factos da sua preponderancia de outros tempos.

Estes dois periodicos serviam de orgão do *abrilismo* puro, principal-

mente o *Jacaúna*: e havia outro periodico — *Semanario Constitucional*, da Fortaleza, que representava o *adhesismo*, sob os auspicios da familia Castro, sendo chefe Nascimento.

O seu redactor era Angelo José da Espectação Mendonça, homem do fôro, de uma familia do Icó, muito quintada pelo fuzil da *commissão matuta* e pelo bacamarte dos *carcundas*.

Associára-se aos Castros, quando estes se tinham separado de Conrado, e ficou com elles até adiante de se reunirem a Alencar.

Era juiz de paz da Fortaleza. Escrevia mal como os dois collegas, porém mais comedido.

\* \* \*

Foi um furor, quando se soube da entrega de Pinto Madeira e Antonio Manoel ao presidente de Pernambuco. Aquillo vinha a ser uma traição á causa, e tudo se envidou para colhel-os ás mãos, e entregal-os á autoridade do Crato, para fazel-os morrer!

Alencar tratava do grande *desideratum* junto á Regencia, emquanto a sua imprensa praguejava Labatut, clamando vingança, da qual, si o vigario Antonio Manoel logrou escapar, não foi sinão por obra do seu collega vigario do Crato, que intercedeu por elle junto ao filho, já então senador, e, na côrte, do regente, uma especie de amon.

No emtanto, Labatut, de uma garulice extrema para amainar os odios, tinha no seu secretario um amigo, que soffria de *empofia* e que, presumido de penna privilegiada, mettia inveja, ostentando uma sapiencia, que, embóra muito tumida, excedia, todavia, á que se encontrava na terra; pois que, seja dito de passagem, o Ceará era po-brissimo em sciencias, e os seus homens estavam no coice das classes lettradas, que surgiam no paiz, ou, mais que tudo, pedanteavam.

Era uma miseria a nossa imprensa de 1832, e tudo mais á imagem della. No mundo official, distinguia-se o padre Antonio Pinto de Mendonça, embóra sacrificando sempre ao seu futuro, e na politica; e Manoel José de Albuquerque, antigo secretario da presidencia, estudante bahiano que passára por Coimbra — creatura de quem se pôde dizer que fôra a manha e a astucia humanadas.

Labatut perdeu inteiramente a cabeça, quando se viu accommettido pelo *Clarim* e *Jacaúna*, vindo em auxilio delle sómente o *Semanario*.

A's banalidades, em má lingua, do energúmeno de Alagôas, quiz responder com a força! José Mariano, que, em officios mui geitosos, do estylo do padre Pinto, o fez abandonar a sua idéa de regressar por Pernambuco; prohibiu-lhe tambem, expressamente,

vir pelo Aracaty, onde elle pedia permissão para tocar afim de *reprimir o anarchista*, que dictava a lei aos turbulentos da terra, e se tinha feito forte, com um partido de rapazes, e a sua vára de juiz de paz, lugar de extrema preponderancia naquelles tempos.

Não traduzia bom senso e capacidade politica tanto furor do general, si bem que a imprensa nascente encomendasse tanto aos espiritos não affeitos á novidade. Cambucy do Valle não foi mais correcto do que o seu amigo.

Ao chegar a S. Bernardo, 10 leguas do Aracaty, Ayres, prevenido das tentações de Labatut, fez enorme patacuada de resistencia, armando a flôr da sua gente; mas, Labatut viu-se obrigado a renunciar ao seu proposito, entrando na Fortaleza em fins de março de 1833.

\* \* \*

A expedição mallogrou-se, portanto, no sentido da guerra, visto Labatut não ter tido occasião de dar um tiro, e quanto á politica, não deixou de lhe ser fatal. Emquanto elle aguardava transporte para o reconduzir, degladiavam-se *Jacaína* e *Semanario*, em phrase desrespeitosa, e se accentuava mais o desmembramento dos partidos, ficando os Castros— Joaquim José Barbosa, João Facundo de Castro e Menezes e outros, em posição muito esquerda para com Alencar, embóra as hesitações e incoherencias de Nascimento, que chegava a render, de quando em vez, o seu tributo aos inimigos de Labatut, como fôsse Cavalcante, a quem dirigiu uma carta de felicitações pelos serviços da campanha: perpetuo escandalo para as almas piedosas!

Houve rumores de ajuntamento de gente por Cascavel, Aquiraz e outros pontos, para forçar o embarque, mais cêdo, da expedição: motejos por ter o general uma guarda á sua porta, etc. E tudo produziria uma rusga, si não fôra a diversão que já se ia operando no campo dos seus adversarios.

O ouvidor Manoel José Cardoso, juiz da escola de Alencar, homem amalucado, já andava ás trélas com Emilio Ayres, no Aracaty, incorrendo no desagrado daquelle chefe. Os poucos officiaes da terra, que estavam na capital, tendo á frente o tenente Manoel Lopes Pecegueiro e alferes João Baptista de Mello, rompiam com José Mariano, doestando-o na imprensa, e dispondo uma *bernarda*, que por fim, sahiu á rua em 10 de novembro, quando Torres, deixando o commando da nova comarca, veio reunir-se aos seus parentes, que monopolisavam a farda no Ceará, constituindo uma tribu militar.

Chegado á côrte em 30 de abril de 1833, como que Labatut se achou novamente fóra das gaças dos situ-

acionistas. Em 17 de junho, foi licenciado por um anno, para ir á Europa, só voltando ao serviço em 30 de setembro de 1834.

\* \* \*

Em completa disponibilidade no Rio-de-janeiro, foi aproveitado, em 10 de janeiro de 1840, pelo ministro marquez de Lages, para uma commissão de guerra, a saber—o commando de uma expedição por S. Paulo, (Paraná) destinada ao Rio-grande-do-sul.

Demittido desse cargo, a 11 de fevereiro de 1841, apresentou-se no quartel-general, vindo já do Rio-grande-do-sul, e para logo (19) foi submettido a conselho de investigação em consequencia de accusações, que lhe fez o general em chefe do exercito do Rio-grande-do-sul.

Labatut foi absolvido, sendo declarado sem culpa nos insuccessos da campanha. Fôram estes os factos...

O regente Pedro de Araujo Lima tinha combinado um plano strategico contra os rebeldes de Piratinim, consistindo este em retel-os em Vião, para ahi batel-os, como Andréa havia indicado, e devia ser levado a effeito pelo seu successor, general João Paulo dos Santos Barretto.

Labatut, organisando em S. Paulo, uma força de mais de mil homens, sob a denominação de — divisão *Paulista*, devia seguir para Sta. Catharina, e dali para o Rio-grande.

Effectivamente, elle chegou a Lages, e, partindo dahi, attingiu á serra, para occupar a posição de Passo-fundo.

Os rebeldes viram perfeitamente o perigo, que corriam, de ficarem sem sahida desde que o exercito legal, além das communicções por mar, tivésse caminho aberto por Sta. Catharina para as suas communicções com o Rio-de-Janeiro. Pelo lado do sul, elles estavam inhibidos de sahir por se acharem bem guarnecidas as diversas passagens.

Era de mistér escapar a Labatut, ganhando os campos para terem liberdade de movimento.

João Paulo estava em Rio-pardo, quando Labatut chegou alli.

Canabarro deixou Vião em começo de 1840 com cêrca de 1800 homens, em quanto Bento Gonçalves se deixava ficar com uns 500, apparentando não ter havido aquella retirada, devendo os dois reunir-se na Serra, para baterem Labatut, e entrarem na campanha.

O reconhecimento, que uma fôrça de Porto-alegre executou sobre Vião, pôz a limpo o estratagema dos dois chefes, e isto decidiu Bento Gonçalves a seguir outro caminho, conseguindo reunir-se a Canabarro em Vaccaria, a 27 de dezembro.

No emtanto, Labatut, que já tinha engrossado as suas fôrças com 1600 praças, tendo chegado a Passo-fundo, receioso, deixára esta posição, seguindo para Cruz-alta, onde julgava de necessidade provêr-se de cavalhada. Não a tendo obtido, regressou com a sua divisão, e deixando-a em caminho, mal armada, mal vestida e sem a precisa mobilidade á falta de cavallos, seguiu dahi para o Rio-pardo, a entender-se com João Paulo, e do Rio-pardo para Porto-alegre, onde chegou a 6 de janeiro, doente e em extremo cansado.

Tanto bastou para que Bento Gonçalves completasse o seu movimento de retirada.

Chegado a Passo-fundo no 1º de janeiro, e, não encontrando a divisão de Labatut, o transpôz, ficando a salvo do cêrco projectado.

\* \* \*

Labatut não mais voltou ao seu commando, e, mal recebido no Rio-de-janeiro, retirou-se da scena inteiramente. Já era um homem invalidado pela idade, molestias e trabalhos.

Com a patente de refôrma em marechal de campo, deixou o Rio-de-janeiro, e foi residir na Bahia, onde falleceu a 24 de setembro de 1849.

Sepultado no mosteiro da Piedade, fôram os seus ossos transferidos em 4 de setembro de 1853, para a matriz de Pirajá, como elle pedira, querendo por ventura que essa terra os guardasse com o amôr que esperava, visto os seus serviços á Independencia.

A Bahia tem tido em muita veneração esse cidadão adoptivo, na conta de um dos seus homens mais notaveis.

Ao lado delle, jazem outros vultos da historia daquella provincia — brigadeiro Luiz Paulino da Fonseca Garcez, Manoel Joaquim Pinto Pacca, João Jacome de Menezes Doria e o major Joaquim Lopes Jequiriça.

Além da tradição, que recolhemos durante muitos annos nos sertões do Ceará, devemos esta mais copiosa noticia sobre o general Labatut, ás informações que o snr. marechal Mallet nos fez ministrar pela repartição da guerra; á leitura de Accioli, de Abreu Lima, de Teixeira, de Ara-ripe, etc.; e ás polemicas do *Jacaína*, *Clarim e Semanario Constitucional*, jornaes da época regencial.

J. BRIGIDO

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### TELEGRAPHOS

As linhas telegraphicas da Australia têm uma extensão de quarenta e oito mil milhas, com um desenvolvimento de fios excedente a cem mil

milhas, miliagem maior que a dos paizes europeus, exceptuadas a Russia, a França e Allemanha. Em proporção, o numero de habitantes é provavelmente seis vezes maior que a de qualquer paiz do mundo, exceptuando, apenas, a Nova Zelandia. Existem alli mais de trez mil estações telegraphicas sempre ao serviço da população que não excede a quatro milhões, e a renda arrecadada é sufficiente para o custeio e para dar 3% de remuneração do capital empregado nas linhas.

Para as cidades e suburbios, numa ráia de dez milhas, a tarifa fixa é de vinte centavos por um despacho não excedente de quinze palavras, e de dezoito centavos para os despachos de igual numero de palavras no territorio do mesmo estado, e vinte e quatro para dentro do paiz, sendo, em todo o caso, a taxa para cada palavra extraordinaria, dois centavos. Essas taxas são as mais baixas conhecidas, á excepção das adoptadas em Nova Zelandia; entretanto, estão perfeitamente justificadas pelas experiencias mais lisongeiras nos Estados—New South Wales, Victoria e Queensland.

Comparando essas taxas minimas com as existentes nos Estados Unidos da America, da mesma área territorial que a Australia, e ponderando que as distancias percorridas pelas linhas, são maiores que as das estações telegraphicas americanas, a taxa australiana vem a ser menos de metade da norte-americana, não falando da tarifa urbana, que não tem paralelo.

A principal razão desse resultado admiravel, é ser o telegrapho administrado pela industria privada cujos processos são mais economicos e productivos. Assim, os dezoito milhões de dollars, tomados, por emprestimo, pelo governo australiano, impõe-lhe um onus inferior a 3%. Além disso, os serviços telegraphico e telephonico estão incorporados ao postal, de sorte que a mesma estação, os mesmos agentes operam, sem difficuldade e com minima despeza, nos trez.

Nos Estados Unidos, ha uma agencia de correio para uma área habitada por mil pessoas, ao passo que nos mais novos, nos mais pobres e de menos densa população, existem na Australia seis mil estações postaes ou uma para cada seiscentos e sessenta e seis habitantes, e mais de trez mil dellas são, ao mesmo tempo, estações telegraphicas, cabendo uma para mil e quinhentas pessoas.

Nos paizes europeus, a Gran Bretanha, com uma população muito densa dentro de pequena área, é o que maior uso faz do telegrapho: das mensagens expedidas tocam, por anno, duas a cada habitante; nos Estados Unidos, onde a população é muito disseminada e separada por grandes distancias, o coeiciente é um despacho por anno para

cada habitante. Na Australia, onde a população de quatro milhões é ainda mais esparsa no vasto territorio, os fios telegraphos, emittem, para cada habitante, duas mensagens e meia por anno. Nova Zelandia, entretanto, excedeu á sua vizinha. Alli, o governo fornece uma estação postal para quinhentos habitantes e um pôsto telegraphico para oitocentos. Cada habitante expede quatro telegrammas por anno, sendo a renda deste serviço, apezar das taxas mais baixas que as australianas, muito mais satisfatoria.

Estas observações convérgem, eloquentemente, para demonstrar que o serviço particular é mais vantajoso para o publico, offerecendo-lhe melhor artigo por mais baixo preço, além da inestimavel vantagem de libertar o governò do onus dessa complicada administração, mórmente quando ella está, como entre nós, dividida em repartições dispendiosissimas, com grandes legiões de funcionarios, e dominada pela politica, a pretexto de ser esse serviço de confiança immediata do governo. Succede, muita vez, que a nomeação de um agente de correio, a demissão de um chefe de linha ou a remoção de um telegraphista, provocam crises partidarias.

## O ALMIRANTE (14)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO IX

Hortencia, abraçada á mãe, começou a contar-lhe a vida da rôça nos dois annos depréssa passados, narrativa pittoresca, salpicada de episodios alegres, burlêscos, que continuou durante o trajecto da estação ao palacio da marquezia. D. Eugenia, encantada com a robustez e as bellas côres da filha, tostada pelo sol, muito crescida e graciosa, ouvia, com infantil curiosidade e a ancia de saciar saudades, os casos que a imaginação da vibrátil rapariga enfeitava com o colorido vivo e forte de factos notaveis; contava-lhe as incessantes caricias da marquezia, a magnificencia das festas da fazenda, a perfeição dos trabalhos, das machinas, e as qualidades primorosas do doutor Sumer, seu professor de linguas e gymnastica, homem extraordinario que sabia tudo e era um bravo, como tivéra occasião de observar no incendio do cannavial. Affirmava, por fim, que, se não fóra ingratição, desejaria morar no campo: mas o papá não podia, infelizmente, deixar o emprego no Paço, e as manas detestavam a rôça, como genquinas cariocas, moças da côrte, para quem a Tijuca e a Gavea estão nos antipodas da ineffavel, da impre-scindivel rua do Ouvidor.

—Tu — observou Amelia — te resignaste á rôça por seres muito moça ainda. Confesso que sinto arrepios, lembrando-me da monotonia dos campos, das montanhas, tudo deserto, tudo selvagem, da escuridão das noites infindaveis, dos barulhos dos sápos, dos pios das corujas... E, quando chove, é, então, um horror..

—Pois eu—atalhou Laura—estimaria passar algum tempo fóra da cidade, onde houvesse muito leite, muita fructa. Quizéra ficar, como a Hortencia, tostada, como uma cabôcla robusta.

—E as relações com tabaréos, com gente rude, sem educação, sem trato social.

—Enganas-te—ponderou Hortencia —Tinhamos excellentes relações, muito bons amigos da vizinhança, moças educadas na Europa, na côrte, o padre Paulo, o doutor Sergio de Lima, um moço muito distincto e bem bonito. . . que era o nosso companheiro de quasi todas as noites, muito amavel, de educação primorosa. . . Se o conhecessem, ficariam encantados. .

Como tu estás enlevada! —insinuou Amelia, ironicamente — Já não acho extraordinario que te apaixonasses pela rôça.

Hortencia corou e abraçou, mais uma vez, a mãe, para dissimular a commoção que lhe avivava as palavras da irmã mais velha.

Chegando ao palacio, illuminado pela primeira vez, depois da morte do marquez, e, percorrendo-lhe todos os aposentos, que Marianna arrumára com solícito cuidado para lhes tirar o melancolico aspecto do abandono, a marquezia não pôde conter as lagrimas provocadas pelas recordações alegres e tristes, que lhe occorreram de tropél, como um bando de amigos saudosos a lhe invadirem o coração.

— A minha casa — exclamou ella, entre soluços — Como me dóia estar longe della. Ah, minha casa querida...

Um creadoa presentou-lhe uma carta, entregue, havia poucos minutos, por um caixeiro de Martins & C.

A marquezia estremeceu de jubilo, vendo sellos americanos no volumoso subscripto, e a letra de Oscar, grossa, alta e cerrada, como um pelotão de marinheiros alinhados nas vêrgas em continencia. Passou-lhe pelos olhos um fulgor de ventura como se aquella carta lhe compensasse as saudades, as commoções do regresso, como se toda a alma se lhe expandisse num deleite ineffavel. Era a carta esperada como prenuncio da volta do querido Almirante. Leu-a com soffreguidão, desdobrando, com mãos tremulas, as folhas de fino papel marcado com o annuncio de um hotel de S. Francisco, sorrindo, meneando a cabeça, ora rapida, ora lentamente, demorando nos tópicos mais interessantes, até sellar com um

beijo as palavras finaes — filho do coração.

E, voltando-se para os amigos, que a interrogavam, em silencio, com olhares brilhantes de curiosidade, disse-lhes, com um suspiro de allivio, e limpando as lagrimas :

— Oscar voltará dentro de um mez. Que bonitas coisas me diz. Esses episodios interessantes da viagem á Australia, a Nova Zelândia, de Hong-Kong a Honolulu... E que de perigos o ameaçaram atravessando o immenso oceano terrivel, açoitado por cyclones... Que horror !... Que lições para a vida do homem do mar... Está muito satisfeito, e manda lembranças a todos...

— De mim não se lembrou — disse Hortencia.

— Ingrata ! Ouve : « A' querida Hortencia agradeço a consolação que te proporcionou, fazendo-te companhia no exilio a que te condemnaste para realizar o teu admiravel plano de transformação da fazenda...

— Elle escreveu isso ?

— Vê, incredula...

E Hortencia, tomando a carta, repetiu a leitura do trecho e mais as palavras : Dize á Amelia... Mas a marquezia interrompen a leitura, deixando-a numa irrepresivel ancia por saber todo o recádo dirigido á irmã mais velha, que continha, a custo, uma forte commoção.

Mais aguçada ficou a curiosidade de Hortencia, quando a marquezia, aproximando-se de Amelia, lhe disse, á puridade, algumas palavras sublinhadas com um sorriso de malicia :

— Não sabia que vocês se correspondiam : Oscar escreve que talvez não tenha mais tempo para responder-te.

Amelia enrubesceu, e murmurou com fingida indifferença :

— Uma carta vulgar de felicitações... com algumas noticias da côrte...

— Sômente noticias ?

— E... algumas banalidades de velhos camara-las... Que mais poderia ser ?...

— Por tão pouco não valia a pena ficares toda vermelha e vêxada... Bem sei que as moças não gostam de quelhe devassemos o coração. Agóra, toma conta dos amigos que vou mudar este traje de viagem.

A marquezia encerrou-se nos seus aposentos.

Marianna inspeccionava a cópa, dando ordens aos creados, e d. Eugenia, no salão, fazia as honras da casa, recebendo os amigos em grupos, cada vez mais engrossados pelos que iam chegando a darem bôa vinda á fugitiva castellã. Fallava-se da politica ; commentavam-se os ultimos acontecimentos, a superexcitação popular suscitada pelo projecto de abolição, immediata, incondicional, explodindo entre vibrantes aclamações á Regente,

a quem, como Joaquim Nabuco dis-séra, na Camara, se devia « essa mutação tão rapida. Os grandes pensamentos vêm do coração e tambem os grandes reinados, como essa curta regencia que, em tão pouco tempo, deu ao sentimento de patria outra doçura e á palavra humanidade outro sentido. » E mencionavam, com applausos, a gloriosa propaganda da marquezia, realizando com os seus recursos, sem auxilio do governo, esse arrojado heroico de bravura feminina, o milagre de transformação dos caducos processos da lavoira colonial. Da estupenda sáfra de 1888, ella não perderia um grão de café, ao passo que os seus visinhos, inanidos pelo golpe da abolição, não poderiam, por falta de braços, fazer as suas colheitas.

— Historias, meus amigos — declamou o illustre advogado Souza e Mello — Isto váe de agua abaixo. A Republica está ahi e espreita o momento azado para vibrar o ultimo golpe. A extincção da escravatura estava feita, desde que Cotegipe, por convicção ou por impulso estranho irresistivel, aboliu o chicote.

— Não acredito — objectou o barão de Freicho, que viéra em busca da mulher.

— V ex. — retorquiu o advogado, que começou a vida vendendo escravos, sabe melhor do que eu que o rêlho era o sceptro dos fazendeiros.

O barão ficou escarlate, e tossiu.

— A Republica esta feita: a Princeza deu o primeiro golpe — de picarêta — na cóva da monarchia. Nenhum braço poderá deter a onda desbordante dos diques arrombados imprudentemente. Não é com préces, com piedosas novenas e procissões, que se governam póvos.

O conselheiro Antonino ouvia, em silencio, aventurando, a espaços, um sorriso magoado, um ligeiro gesto de approvação ao velho amigo Souza e Mello, se bem que lhe não secundasse os assomos de irreverencia, de ironia acerba, com que elle tratava a politica e os homens mais notaveis da época. Não se podia recusar certa dóse de bom senso, de criterio, de patriotismo, aos seus duros conceitos, nem justiça aos golpes cruéis que elle, abolicionista, desfechava na situação dominante. Aquelle homem notavel era uma exotica pilha de contradicções para estar sempre em desabrida opposição ao governo. Republicano, no dia em que fôsse proclamada a Republica, estaria ao lado da dynastia desthronada.

Quando ia mais accêsa á objurgatoria do douto advogado ao ministerio 10 de março — uma sucia de imprudentes correndo atrás das flechas dos foguêtes da popularidade — a marquezia surdiu no salão :

Esta incerrada a discussão — disse

ella, com um gracioso tom de autoridade — Vamos tomar alguma coisa que Marianninha nos offerece : ella é ainda, a dona da casa.

Durante a ceia, que era um mimo de quitutes delicados preparados sob a perita direcção de Marianninha, continuou a revista dos assumptos mais importantes da actualidade, commentados os factos com as inexoraveis cantadas do intolerante Souza e Mello, que considerava o paiz á garra, como um barco desnortado, sem piloto, entregue aos caprichos sentimentaes de uma santa mulher, excellente para o lar, porém muito inexperiente para a politica e pouco preparada para a mutação, talvez repentina, da scenario, quando desapparecesse a figura do Imperador pela abdicação prevista como consequencia da molestia que o affligia.

A abolição parecia um prenuncio significativo da entrada triumphal da herdeira do throno no governo, o estrondoso inicio do terceiro reinado. E o projecto casuidico, na imminencia de uma transformação de idéas, de processos, de personagens, expunha aos convivas, abalados pelas suas conclusões radicaes, as suas theorias condensadas num arcabouço de plano administrativo para quando fôsse proclamada a Republica, já victoriosa na propaganda. Elle organisára uma refórnia da magistratura começando por dar uma collocação ao Adeodato, que estava na côrte, consumindo licenças e dinheiro á espera de uma comarca, sempre preterido apezar de protegido por gente de grande influencia e dos incessantes esforços de Dolôres, resolvida, depois de tantas decepções, a abandonar a magistratura : preferiu interromper a carreira do marido a voltar para o interior, que seria o exilio, o abandono de excellentes relações com a gente graúda, a encantadora vida de gosos elegantes, consonantes com o seu temperamento de mulher bonita.

Sob uma saravada de objecções, de protestos vehementes, de ironias acerbas, Souza e Mello verberava, impávido, os erros, os escandalos, todos os achaques incuraveis do regimen decrépito, a falta de iniciativa, de idéas correspondentes ás legitimas aspirações nacionaes, represadas em carunchosos processos caducos.

— Não podemos — concluiu elle, brandindo o talher — escapar á evidencia dos factos : o que não fôr sedição, rotineiro, imitação servil, não presta neste paiz de beocios incapazes. A administração das coisas publicas, no Brazil, é um desengonçado carro de bois sobre veilha estrada esburcada : mudam-se situações com promessas pomposas, mudam-se os homens : atrélam-se successivamente, conservadores ou liberaes ; renovam-se

as juntas da guia e do recavam; o carro segue, aos tombos, o mesmo rumo, guiado pelo mesmo conductor, o poder pessoal. Quanto tem feito esse governo é velho, imprestavel, senão imprudente e perigoso. Muito melhor e mais sabio plano de administração foi o de d. João VI, tão crumentemente calunniado pela ignorancia. Chamaram-lhe idiota, lôpa, por não ser comprehendido como innovador de larga vista. Eu, governo, tranfôrmo isto da noite para o dia: refôrmo o exercito, decreto a separação da igreja do Estado, o casamento civil.

Souza e Mello foi interrompido por um Credo! que sahiu espontaneo dos labios de Marianninha. As senhoras se entreolharam, Dolôres fez um ligeiro signal approbativo á baroneza de Freicho.

— E o divorcio? — inqueria Castinho, com um sorriso zombeteiro.

— Uma coisa — respondeu o advogado — seria consequencia da outra; mas... a nossa sociedade, organizada em moldes theocraticos, não o reclama, nem os costumes o supportariam: não chegou a opportunidade dessa refôrma. A monogamia foi um remedio contra a dissolução dos costumes. Nós, no Rio de Janeiro, não estamos ainda bastante emancipados para prescindirmos do nó indissolúvel.

— E' porque o amigo não é casado — observou o barão, mastigando uma canja de gallinha.

— Quem se não quizer submeter ao laço inquebrantavel, faça como eu: fique celibatario... Creio que o amigo barão não falla por experiencia propria; não tem razão de queixa...

— Não tenho, não senhor, em tão bôa hora o diga... Mas, sou homem de idéas adiantadas. Isso de ficar um homem amarrado toda a vida a uma Eva mal escolhida, levada da bréca, é um absurdo. Olhem que ha enganos que devem ser reparados, e um delles é o da differença de genios.

— Tem seus conformes — ponderou o conselheiro Antonino — Em todos os casos, meus conhecidos, de naufragio matrimonial, a culpa tem sido, invariavelmente dos maridos pelos seus habitos dissolutos, tolerados pela sociedade. A incompatibilidade de genio é um motivo fuñilissimo; porque não ha genios eguaes, harmonicos, que se adaptem um no outro como duas conchas de um marisco. A natureza impôz á superioridade do homem, corrigir a desigualdade.

Devemos, além disso, levar em conta os desfallecimentos de character, a leviandade perigosa das uniões sem amor, por impulsos de conveniencias interesseiras, ás quaes falta a sinceridade, a virtude do chefe de familia e o exemplo, principalmente, nos casamentos de sensualidade brutal incompativel com a monogamia, porque não se sacia jamais...

— Ahi está — interrompeu o advogado — o que é falar com sabedoria. Se, na minha republica, eu instituisse o divorcio, praticaria a tolice de suscitar contra ella dois inimigos terriveis: as senhoras honestas, alliadas aos homens virtuosos e...

— Os padres — accrescentou o Castinho.

— Os padres, sim senhor. Os padres, que estão no seu direito defendendo a doutrina de que são ministros, e a moral imprescindivel ás sociedades bem organisadas.

— Eu não sou inimiga dos padres — aventurou a baroneza de Freicho — E' tão elegante, tão chic ser catholico, ir á missa.

Dolôres segredou-lhe, então :

— Reparašte como a marqueza está abusando do vinho do Porto? ..

A ceia chegou ao termo. Souza e Mello não conseguiu expôr todo o seu admiravel plano de governo democratico, materia para uma das *cacetadas* em que era useiro e viseiro. Ficou o assumpto engatilhado para a seguinte opportunidade. Elle tinha o séstro de reatar as suas perlangas com o invariavel: *como ia dizendo outro dia...* Esse caso do divorcio era da feição para a sua ironia e azêdos commentarios.

A despedida, a marqueza annunciou que receberia ás terças, como dantes quando era feliz, quando sabôreava, em toda a plenitude, a delicia de viver.

(Continúa)

## A LIVRARIA

### MORS-AMOR—FELIX PACHECO

Decididamente é esse póeta, entre os chamados symbolistas brasileiros, o que afinou mais rijamente ao diapasão da Melancolia Negra, clave em que nem Cruz e Sousa soube tirar effeitos tão seguros quanto as sonoridades funéreas espalhadas nos versos de Felix Pacheco.

Parece-nos que a intenção mais constante do auctor de *Mors-Amor*, como de *Via-Crucis*, é dar-nos essa impressão angustiante de horror e desolação da Morte, mesclada com um desejo vago, uma aspiração indefinida de achar nella a felicidade final, a felicidade unica. Essa impressão é conseguida, o leitor sente o peito oppresso, lendo qualquer desses sonetos, e suspira alliviado ao findar o tercêto ultimo. Cremos, portanto, ser elogio dizer que a leitura total do poema nos trouxe um religioso pavor.

Intencionalmente chamamos *Mors-Amor* um poema, pois os caracteristicos de unidade de concepção, com a unidade de estylo e de fórmula, nelle residem, e não será a disposição deta-

lhada das diversas poesias que lhe possa tirar essa unidade, que é um mérito, e não pequeno, na obra d'arte.

*Via-Crucis* não era um livro assim inteiriço, nem alli o canto da Morte vibrava ainda com a profundeza de antiphona a que chegou a musa de Felix Pacheco no presente volume. Tinha de commun a latinidade do titulo. *Via-Crucis* exprimia bem as primeiras dolencias, preludio da marcha funebre que atravessa *Mors-Amor* e arrebatava as almas num delicioso desejo e medo do Além.

Não somos dos que põem em duvida a sinceridade do poeta, quando nos expõe tanto soffrer inenarravel, tanta dôr infinita. Ahamos mesmo difficil, em Arte, fazer-se bello sem sinceridade. Um sentimento que nos pareça pueril, póde avultar á visão do artista, segundo o gráu de força creadora que elle possúa, e, como em tudo a relatividade impéra, o que a nós parece somenos, é grandioso e pathetico para a alma do contemplativo.

Entretanto, comprehendendo muito bem o objectivo do poeta, admittindo a sua sinceridade, portanto a sua honestidade artistica, confessamos não ter uma completa sympathia pela sua esthetica. Quanto á fórmula e estylo, achamol-os magnificos e inexcédível aquella entre os nossos versejadores.

Não admittimos, em absoluto, a sua esthetica, por uma razão de gosto e temperamento, toda pessoal, que certamente não póde prevalecer num estudo critico, mas que servirá para mostrar da nossa opinião todas as faces, e assegurar ao poeta a nossa franquesa completa.

O motivo de amor e morte irmãos, fecundando uma felicidade supérna, victorioso na poesia através do pessimismo de Leopardi, consagrado na musica pelo genio semi-divino do auctor de *Tristan e Iseult*, exprime realmente com toda a sua angustia irreparavel, o estado d'alma do mundo moderno, a sua aspiração a uma nova fonte de idéal, a uma Vida Nova.

O tom quasi macábrio que dá ás suas visões do Além o poeta brasileiro, o entrechocar de tábidas caveiras, o aspecto cemiterial das suas paysagens interiores, certamente de um effeito tragico estupendo, não commove, entretanto, como desejaríamos, brandamente despontando em nossa alma idéas e visões da paz religiosa, da infinita paz espirital e da Morte.

Em algumas composições de Felix Pacheco ha, todavia, tanta frescura e pittoresco, sonhos tão felizes, tanta vida emfim, (leiam *Karnak*, *Espelhos*, *Orpheu captivo* e outras) que ousamos prophetisar, com sincéro desejo, que uma transformação se realisar á breve na alma do poeta, os grilhões prometheicos que o acorrentam á Morte se romperão, um hymno de plena ven-

tura terrena brotará da sua musa encantadora, e Felix Pacheco nos dará a sua AMOR-VITA.

E para esse poema de resurreição, o talentoso Mauricio Jubim pôde ir, desde já, desenhando qualquer cousa de tão poetico e finamente comprehendido, como a capa do presente livrinho, incontestavelmente a melhor que tem apparecido até hoje nas edições brasileiras.

B.



## REORGANISAÇÃO DA FAMILIA

Por causa da mulher é que mais se escreve e se questiona. Seria enfadonho dizer minuciosamente o numero dos auctores que se têm expandido a respeito, não sómente sobre suas forças physicas como intellectuaes, educação e modo de viver. Alguns proclamam a sua belleza em prosa e versos calorosos; também não esquecem as inutilidades e defeitos. Não têm faltado Schopenhauers para detestál-as e até pachorrentamente levar seus cerebros ás balanças para verificarem que são mais estupidas do que o homem. Alguns repartem igualmente as mentalidades. Houve um que chamou, ha pouco tempo, á mulher que se distingue por seus predicados intellectuaes, um aleijão. Disse outro que, se o genio mais admiravel deste mundo tiver o rosto de uma mulher feia, não lhe descobrirá nenhum valor, porque o talento é sempre nullo defronte da belleza; todos esses da fileira inimiga correm, numa vertigem, para provar, com todas as logicas, que a mulher não tem capacidade, forças, nem vontade. Não é de hoje esta questão: no tempo de Renán e Augusto Comte, essas cordas tinham fortes vibrações. O primeiro também achava que a belleza de uma mulher verdadeiramente bonita, subjugava a propria virtude; o segundo levantou um altar a Clotilde de Vaux, que ainda hoje sobrevive entre os positivistas.

Dizem também que o grande philosopho achava que o homem devia se ajoelhar sómente defronte de uma mulher.

Infelizmente, esse genio tão admiravel, tendo tanta veneração pela mulher, não amou, nem considerou muito a sua. Por mais extraordinario e admi-

ravel que tenha sido, legou á sua memoria este ponto empalledecido e triste.

Stuart Mill, Bridel e muitos outros estrangeiros são partidarios da elevação da mulher; alguns até fanaticos. Ao menos, isso vinga e consóla as impertinencias de Schopenhauer e de Lombroso, que duvida tanto do talento do sexo fraco que não o julga capaz de imaginação creadora e producções originaes; acredita mesmo que, aos trinta annos, o desenvolvimento de sua intelligencia se paralisa. Por mais que estes e outros batam fortemente, o terreno váe cedendo. Parece que tendem a melhorar.

Aqui mesmo, na querida patria brasileira, onde este assumpto é menos discutido do que nos outros paizes, e onde são mais os contrarios do que os partidarios do feminismo, se conta já um bom numero desses civilisadores muito illustres, como os drs. Arthur Orlando, Oliveira Lima, Frota Pessoa e muitos outros, não esquecendo o dr. Tobias Barreto, que também revelava francamente sobre esse ponto, as suas idéas, e tanto se avolumava o seu enthusiasmo nessa causa professada e defendida com ardor, que, dos seus preciosos discursos proferidos aqui, na Assembléa de Pernambuco — sessão de 22 de março de 1879 — pôdem-se colher pedaços bellissimos, muito interessantes, ora sob a acção do sentimento triste, desgostoso do ataque injusto dos adversarios, ora humoristicos e engraçados, como o seguinte: « é possível mesmo que o mais bonito homem seja sempre superior em belleza á mais bonita mulher, como já houve quem dissésse, posto que, da minha parte não duvide em opinar diversamente; e sendo sabido, como é, que Byron, por exemplo, foi um homem formosissimo, todavia eu preferia, sem hesitação, dar um beijo no pé de Guiccioli, a beijar a fronte do grande poeta. »

Prosigamos. Essa viagem idéal sonhada por milhões de creaturas, é, sem duvida, enfadonha, como todas as travessias longas; porém, um dia, chegará ao seu termo. E' preciso caminhar compassadamente sem afflicções nem o aneio torturante dos agoniados, que têm prèssa de chegar primeiro. Correr impensadamente atráz da ventura, é perdê-la mais cedo.

Outr'ora, nas praças publicas, attendendo aos barbaros costumes, também se matavam os criminosos, para fazer justiça, anniquillando, ás vezes, tantas vidas innocentes, que unicamente a apparencia condemnava!...

Essa crueldade horrorisante, como a condemnação de ser escravo, felizmente passou!...

Esse jugo terrivel surgiu tempestuoso e medonho, como o vento da desgraça, acompanhado de faiscas phosphorecentes de electricidade, que devasta a vida e a propria terra, que rúe tremendo, apavorada debaixo do seu luzeiro sobrenatural. Durou muito tempo essa pressão brutal, mas a civilização, a base mais poderosa para a sociedade, pouco a pouco conseguiu devastar e aplinar esse campo inculto.

Assim, ainda nos nossos dias, veremos, talvez, transformações que se archivem no futuro junto a recordações risonhas e alegres quanto são humilhantes e desoladoras as lembranças do passado.

E não se pôde escurecer que, agóra mesmo, os progressos civilisadores são visiveis, pelo menos nos pontos em que se trata de instrucção.

... ..

Estou convencida de que o caminho mais seguro para o apaziguamento do homem e da mulher, esses dois viventes caprichosos que se amam tanto quanto se odeiam, é o seguinte: a educação do homem um pouco menos livre. Acompanhando os usos, o menino de doze a treze annos, passeia por todos os lados, váe onde lhe parece, e faz o que entende, desenvolve e age como quer e como a tendencia do seu espirito lhe ensinúa; vemol-o, ás vezes, atirar pedras, desrespeitar familias, fazer pandegas e mil travessuras consideradas como insignificantes. Em muitas occasiões têm se visto, pelos estabelecimentos de ensiuo publico, verdadeiras selvagerias; nas horas de recreio, nem se pôde passar por elles senão ao trote formidavel de vaias e corridas desses pequenos estudantes, que avançam pelos taboleiros de dôces, espedaçam, estragam tudo em ar trocista, sem pena ou consideração. Aos proprios mestres não rendem preitos merecidos, como também não ligam importancia a ninguem!

Tempos depois, sabem diversas linguas e sciencias, chegam mesmo a al-

cançar e comprehender a arte com todo o relêvo. Mas, forçoso é dizer, nem todos, com as suas glórias de sabios, seus talentos deslumbrantes levaram a base mais necessaria na vida para o sustentaculo de suas doutrinas por todos os terrenos: — A EDUCAÇÃO — E' por isso que, mais adeante, encontramos o atirador de pedras no salão, todo enluvado, encartolado, cercado de considerações e preitos; porém, no intimo, um vaidoso a pensar sempre nos seus proprios merecimentos. Esse homem mais tarde, quando se casa, é sempre um grosseiro. Gasto de paixões de toda a especie, não pôde ter pela familia as considerações que as sociedades civilisadoras exigem. Dessa união desequilibrada vem logo, desde o primeiro momento, o desespero de ambos, que nunca se comprehendem.

A mulher, cheia de enlevos trazidos da familia, se revolta diante desse sêr que a envolve no circulo de suas indifferenças e scepticismo. Nesse momento de brusco e terrivel despertar, ella contempla a realidade que lhe sorri sarcasticamente em cima do rosto humedecido de prantos, e, exprobando a sua desgraça, admira-se de como foi rapido o seu sonho venturoso.

Nesse culto de suas adorações, as primeiras despertadas pelo amor que a fascinou em arrebatamentos apaixonados e fervorosos, ella é muitas vezes forçada, em pouco tempo, a descrer, não vendo mais naquella a quem amou considerando como a um ente superior a quem desejaria tomar para modelo, senão o phantasma triste das baixezas, das trahições e das abominações.

Os paes, que sabem, quasi sempre, incutir na alma das filhas sentimentos de delicadezas e altruismos tão verdadeiramente tocantes, porque não educam da mesma fórma tambem o filho?

Será porque o estimam mais, ou unicamente para salientar o soffrimento e a decepção da menina?

Tenho certeza absoluta de que teriamos melhores cidadãos, e uma familia completamente unida, se se corrigisse esse molde velho.

O homem, geralmente, salvando-se algumas excepções, é sempre muito bom. Se a sua tendencia para o crime, ou para o vicio é muito mais desenvolvida do que na mulher, é por causa da educação physica e moral que recebeu

desde o primeiro momento que teve consciencia da vida. Apesar de tudo, dentre os cascalhos e pedras rusticas atulhadas, aos montes, por toda a parte, colhemos as joias mais finas e mais preciosas. Sem grande trabalho na contagem, se poderá fazer um grande circulo dos homens verdadeiramente bons; alguns mesmo se tingem de matizes tão perfectos, tão fóra do commum, acompanhados de um mysticismo todo caracteristico, de sentimentos grandiosos e encantadores em toda a a expressão da palavra, que se poderiam equiparar, na delicadeza de genio e modos de sentir, ao coração de uma mulher verdadeiramente bôa.

Se não fôsse assim, a vida não seria mais do que medonhas cavernas cheias de fogo, escuridões, e terrores de onde todos bracejassem para se escapar. Estes, que guardaram religiosamente no intimo d'alma os resquicios dos amores maternos, sempre tão angelicos e attrahentes, vão compassadamente abrindo largas passagens e introduzindo o espirito da justiça, educando e formando, a seu geito, escolas muito mais aperfeiçoadas.

Milhões e milhões de mulheres passam, estacionadas dentro das casas, vidas inteiras, sem outro meio de subsistencia a não ser o minusculo ordenado adquirido pelos chefes das familias: Essa quantia insignificante, quantas vezes não é repartida pelos parentes ainda mais pobres, ou simplesmente para alimentar o vicio de qualquer paixão? Elles frequentam sociedades, gozam algumas paizagens do mundo, porque, sendo os unicos que possuem dinheiro, são tambem os que liberalmente pôdem dispendel-o á vontade. As mulheres desses individuos, privadas geralmente de tudo o que a phantasia lhes representa, sem terem meios de trabalhar para subsistir, aborrecidas, atormentadas, com os filhos e a criadagem indisciplinada, não aspiram mais nem se quer á liberdade de expandir o espirito pela natureza dos campos, ruas, ou salas; vejetam o mesmo viver embarricado de planta, que se desenvolve no estreito circulo de um jarro e ahi se acaba amarellecendo, sem enraizar. Nessa perpetua e invariavel escala de todos os dias, sem mudança, sempre a mesma monotonia, o mesmo contar de

horas: almoçar, jantar e esperar que os homens voltem dos empregos ou passeios favoritos... Assim, num viver todo inutil, essa quantidade de gente que poderia empregar seus prestimos e actividade, váe embrutecendo, perdendo o estimulo e até se desprezando...

Nessa lufa-lufa, homens e mulheres amam e detestam. Enciumados uns dos outros, cada qual combate mais por seu direito, porque os principaes factores desta vida, como diz Schiller, são a fome e o amor.

\* \*

Civilise-se a familia. Instrúa-se a mulher, eduque-se o homem que, sendo perito conhecedor das sciencias, tendo viajado, ponto por ponto, as estradas de todos os deveres, estudado, excogitado, aprendido as leis e o direito, conduzirá pela mão até o infinito dos paizes doirados da felicidade, aquella que, incontestavelmente, é de physico mais delicado, que mais necessita de arrimo, e que, talvez, nem pense tanto em lhe roubar as glórias; penso mesmo que se consolaria unicamente com um pouco mais de justiça e sinceridade.

\* \*

Não tenho nenhum interesse pessoal, tomando a liberdade de trazer um aparte a esta referencia de homens e mulheres. Os antigos captivos, que não eram maltratados, tão humildes e submissos ficavam aos seus senhores que, embóra libertos, alli ficavam, para sempre, ao serviço dos patrões queridos. Como elles, não aspiro a nenhuma gloria a não ser um espaço no coração dos que estimo. Este escripto é apenas a opinião sincera que alguém me pediu a respeito. Finalizando-o, retiro-me convencida de que unicamente a consciencia e o amor encaminharão esta marcha triumphante para o bem.

Eu, que sempre considere e ame apaixonadamente o proximo, amo tanto o homem como a mulher, e o que mais ardentemente desejo é vê-los unidos na terra em bandos harmoniosamente amigos, como as estrellas nos apparecem na limpidez do céu esplendidamente azul.

Recife.

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA.

## A UMA MULHER

O' sombra que velaste o sol que eu tinha na alma  
Como um frémito sobre o mysterio dos sonhos,  
Por que deixaste assim meu coração sem calma,  
Meus labios sem calôr e meus olhos tristonhos ?

Por que vieste, Querida, á minha mocidade  
Aberta num jardim de myrthos e asphodélos,  
Se havias de deixar-me entregue a esta saudade,  
Chorando o funeral dos perdidos anhelos ?!

Por que vieste, Querida, ah ! por que vieste ? — Nunca  
Demorasses o olhar suave no meu olhar . .  
Para que eu não sentisse o horrôr de uma espelunca  
Ou nos dias sem pão ou nas noites sem luar !

Poeta, não resisti ao canto da Sereia !  
Homem, pela caricia éphemera perdi-me !  
E vivendo de ti, minha alma soffre — cheia  
Do remorso que traz a lembrança de um crime !

Eu te amei — pôdes crêr neste verso dorido —  
Eu te amei, eu te amei. O meu amôr immenso  
Ora tinha o furôr de algum monstro ferido,  
Ora a vaga fluidez das volutas de incenso !

Mas, agóra, que sou mais infeliz que os brejos  
Onde coacham á noite os sapos gemebundos,  
Sei que era de cicuta o hydromél de teus beijos  
E inutil te librar á gloria de outros mundos !

Ri desta magoa e váe novamente á procura  
Das surpresas communs da vulgar alegria,  
Porque eu prefiro a dôr, a volupia, a tortura  
De não saber gozar os amôres de um dia !

RAYMUNDO MONTEIRO

(Volutas)

## ENSINO OBRIGATORIO

Sr. redactor. — Permitta-me v. ex. que abuse alguns instantes da sua complacencia para commentar um topico que se me deparou no bom artigo do sr. Franco Vaz, o *Ensino obrigatorio*, publicado no n. 13 dos *Annaes*.

O auctor do excerpto extrahido de um livro em preparo, *A infancia abandonada*, avançou que o nosso festejado homem de lettras, o sr. Olavo Bilac, «levantára a bandeira do ensino obrigatorio, acompanhando-o José do Patrocínio, «o fulgurante jornalista.»

Carece de contestação, essa affirmativa. Em um trabalho que, como o do escriptor, representa o desempenho de uma commissão official, não deve figurar essa asserção; por isso, apresso-me a annotal-a.

A questão do ensino obrigatorio, para honra do Brazil, se aventou em relatorios ministeriaes; não tendo, até hoje, infelizmente, sido executada.

O sr. conselheiro João Alfredo, em 1871, referindo-se aos planos de ensino cogitados no decreto de 17 de fevereiro de 1854, referendado pelo ministro Couto Ferraz, tocava nesse assumpto, cuja necessidade, dizia, não

precisar de demonstração. E o illustre estadista via a impraticabilidade do principio, emquanto diminutas as escolas publicas gratuitas, considerando violencia o emprego de meios coercitivos si espalhados não fôssem collegios publicos, de modo a ser facil e possivel a frequencia.

Em 1878, o ministro Leoncio de Carvalho, não obstante o seu funesto exaggêro da liberdade do ensino, prescrevia, no seu relatorio, a obrigatoriedade da instrucção primaria.

Tirante os politicos e estadistas, encontra-se referida a inconveniencia do analphabetismo, em trabalhos de Souza Bandeira, Tito Livio de Castro, Sylvio Roméro e outros que, quer se occupem propriamente da educação nacional, quer apontem o consideravel numero dos que não sabem ler nem escrever, abordam, directa ou indirectamente, o importante problema.

Não é, portanto, assumpto novo, nestes ultimos tempos tratado, a obrigatoriedade do ensino primario. Sempre houve, entre nós, uma corrente infensa ao analphabetismo, sobre o qual, algúres, já tive ensejo de me manifestar.

Assim, pois, dada a verdade dos

factos, ficando, á evidencia, provado que a questão do ensino primario não symbolisa uma bandeira modernamente erguida, mas data de annos, é justo signalar no trabalho official, não ter passado despercebido no Brazil o problema pedagogico da obrigatoriedade da instrucção primaria.

THEODORO MAGALHÃES.

## NAS AGUAS DO MAR

O pulpito da sua maior eloquencia não tinha entalhes preciosos nem recamos classicos; por elle não andára o formão, nem a goiva o cavára; por elle não se ennastravam folhagens nem anjos o rodeavam, em córos jocundos, soprando tubas ou tangendo harpas— o pulpito de sua maior eloquencia foi um bruto e desconforme penhasco, negro e calvo, ficando nas areias de beira-mar. Na sua base a onda fervia, e o verde e putrido sargaço formava uma orla verde. Alli pousavam as gaivótas nos dias azúes, alli refugiavam-se as procellarias quando os grandes ventos conflagravam os mares; d'alli falou o santo aos peixes.

Não era Antonio um frade do abysmo, posto que as fundas aguas de esmeralda tambem possúam congregações religiosas. Heine fez menção de dois ou tres bispos marinhos que déram á costa nos frios littoraes do Norte arrojados á praia por um algum vagalhão heretico, ou collidos na rêde dum pescador ousado.

Antonio, nascido em Lisbôa, era frade paduano, e a razão que allegam os seus biographos explicando o seu capricho de prégar aos peixes é ponderosa: os homens incrédulos e desattentos, faziam ouvidos de mercadorás suas santas palavras. Debalde, elle os chamava para a virtude, debalde lhes promettia a bemaventurança, os homens ingratos achavam maior prazer no vicio e preferiam a vida terrena, que conheciam, á outra que era apenas uma hypothese de prégaradores. «Mais, vale um passaro na mão que dois voando», diziam, e a igreja ficou ás moscas; eis porque o santo resolveu prégar aos peixes.

Logo que elle surgiu no cimo do penhasco, acardumou-se o mar que, de verde que era, ficou colmado de prata — robálos, badéjos, sardinhas, pescadas, baleias monstruosas, tubarões vorazes, linguados, raias, polvos, enguias, todos os representantes do povo escamoso, acudindo apressadamente dos antros, subiram á tona do mar placido, e ouviram devotamente a prégação do frade.

Antonio falou com muita inspiração, referindo-se aos gozos enganadores e ephemeros da vida, e, quando alludiu ao céo, foi tal o póder da sua palavra



inflammada que os peixes entraram a flagellar o mar com as barbatanas, que é assim que os peixes manifestam o seu entusiasmo. Alguns, mais sensíveis, ficaram com os olhos arrazados, e, convertidos, levantaram um grande e atroante clamor, pedindo o baptismo.

Desceu Antonio do penhasco, e, como os cathecumenos estivessem na melhor das pias, limitou-se a pronunciar as palavras sacramentaes dando a cada um o nome que lhe subiu á bocca naquella hora milagrosa, e foi assim que os peixes ganharam os nomes porque são hoje conhecidos nos mercados.

Finda a prégação despediu o santo o seu auditorio e desceu do sáxeo púlpito. Foi, então, uma alegria immensa no mar. Os peixes, confiando na promessa de paz que lhes fizera o santo, sahiram contentes nadando á flôr das aguas, que o luar fazia de prata — as baleias golfavam trombas espumantes, os bôtos viravam as mais arriscadas cambalhôtas, as raias saltavam cahindo de chapa na agua, com estrépito, e as sardinhas, aos milhares, toldavam o mar, semelhando ilhas brancas e resplandecentes que fulguravam ao luar. Só um velho espadarte desconfiado e prudente, em vez de sahir em triumpho apregôando a bondade do propagandista e a facundia do orador, como faziam os seus irmãos, desceu a metter-se na lapa mais funda, entre as mais enredadas algas, buscando, com difficuldade, encravar-se nos labyrinthos de corál, e quiêto, lá se deixou ficar a vêr em que paravam as módas.

Alli, jazia mestre espadarte quando viu passar uma gorda tainha, muito garrida, a dar de cauda com préssa, como se fôsse ligeiramente a algum negocio urgente :

—Irman tainha, perguntou o matreiro peixe, onde váes tão tafúl e com tamanha azáfama e açodamento ?

—Onde vou ? que pergunta ? Vou gozar o luar que lá em cima esplende, e vou aspirar o aroma que chega dos jardins da terra.

—E não receias o anzól e a rêde do pescador, irman ?

—O anzol e a rêde ? pois não ouviste o sermão do santo, irmão espadarte ?

—Ouvi, irman ; ouvi e aqui estou nesta lapa porque não ha outra mais funda por esses mares ; e acho que farias bem se te deixasses ficar entre as lages em que nasceste. Deixa lá o luar, deixa lá o perfume ; enlapa-te, irman tainha, enlapa-te.

—Pois desconfias do santo, irmão espadarte ?

—O santo é homem e eu sou peixe, irman.

—Que tem isso ?

—Que tem ? Ah ! minha irman, bem se vê que és muito nova. O Deus dos homens, minha irman, morreu por elles, e não por nós. Fôram os homens

que o trouxeram á terra com os seus pedidos de misericordia; e que fizeram os homens ? : prégarão em uma cruz. Que devia acontecer depois de tamanha ingratição ?; devia baixar sobre os homens um castigo tremendo, não é verdade ?

—Sim . . .

—Pois, minha irman, o castigo baixa, mas é sobre os peixes que nada fizeram. Quando os homens commemoram o sacrificio do seu Deus, atiram-se a nós sem misericordia e é uma devastação por esses mares que. não te digo nada. Se nós tivéssemos um Deus, poderíamos ter uma quaresma e nella tirariamos uma justa vingança dos homens, mas nós somos peixes, não temos Deus, não temos politica, não temos nada.

—Então acham que Santo Antonio . . . ?

—Eu acho que Santo Antonio quer prégar-nos alguma. Palavras de tal homem a peixes . . . uhm ! isso é isca . . . Minha irman, quando um superior desce assim a intimidades com a canalha, desconfia delle: o menos que póde pedir é a vida. Para o homem, o reino é o do céu; dos peixes, é o escabêche. Enlapa-te, irman tainha, e deixa lá andar em cima quem anda.

Pela manhan, uma sardinha passou desgarrada e espavorida deante do velho espadarte :

—Que é isso, irman sardinha ? Que ancia te leva assim afogueada ?

—Ih ! irmão espadarte. o sermão do frade . . . o sermão do frade.

—Lindissimo ! Admiravel ! um primor de fóрма.

—Uma isca perversa ! As rêdes varreram o mar de praia a praia, e, como nós confiavamos na promessa de paz, a pesca foi avultada, nem sei mesmo se ainda haverá peixes que continúem a especie nestas aguas.

—De outros não sei, mas, que ha espadartes e sardinhas, garanto—sardinhas, porque atravessam as malhas por serem pequeninas, espadartes, porque não se fiam em palavras.

Palavras, palavras, palavras . . . e parecia que a alma de Hamlet se havia encarnado no atilado peixe.

Desde então, nunca mais quizeram os peixes ouvir sermões . . . E por essas e outras, vão os milagres rareando e . . . não apparecem eleitores em dias de eleição.

COELHO NETTO.

## A GUERRA

Em um dos nossos primeiros numeros affirmámos que uma das consequencias inevitaveis da guerra seria provocar no seio do grande imperio moscovita a expansão das idéas de revolucionarios assignalados em duas gerações de martyrs.

Desde a morte do terrivel ministro Plewe, que augmentára os contingentes de exilados para a Siberia e atulhára de homens de letras, de jornalistas, de representantes de ambos os sexos de famílias notaveis, as prisões da Russia se accentuou um poderoso movimento liberal conquistando os *zemstros* as municipalidades, agóra francamente favoraveis a um systema de governo compativel com a dignidade de nação culta.

E' notorio que o Czar procurou em vão esse successor do detestado ministro do interior, e o principe Sviatpolk-Mirsky acceitou o penoso encargo com um programma, que, não partilhando as idéas dos radicaes e revolucionarios, emprehendeu um movimento de reconstrucção moderada, de accordo com a maioria do espirito liberal contrario ás violencias, reverente ao Czar, inimigo da burocracia.

A attenuação da censura sobre os jornaes, uma politica mais humana em relação á Filandia, a abolição dos castigos administrativos, a tolerancia para com os judeus fôram os primeiros actos do novo ministro, que está soffrendo grande opposição dos burocratas e do Santo Synodo, cujo procurador, Pobiedonostseff, intimou ao Czar do perigo imminente da autocracia e da orthodoxia, se esse novo regimen proseguisse na sua obra liberal.

A imprensa, assim libertada, tem impugnado com franqueza a guerra cruel, pedindo a paz em nome da honra nacional, pondo em relêvo os imperfeitos meios de acção e a incapacidade dessa famosa esquadra do Baltico, ameaçada de desbarato antes de chegar ao theatro das operações; e graças a essa propaganda patriotica surgiu de todos os pontos do immenso imperio, uma reacção benefica em favor das novas idéas.

A guerra desvelou a fraqueza da Russia. Um caricaturista allemão, em suggestivo traço, demonstrou que era uma inoffensiva lagôsta aquillo que toda a gente temia como um formidavel e feróz urso branco. As requestadas allianças perderam o valor ; fôram um verdadeiro *bluff* para as nações que as obtiveram com extraordinarios sacrificios. E o povo diante da nação, envergonhada pela imprevidencia dos burocratas que a exploram protegidos pelos enfezados partidarios da autocracia do *knut*, desperta da letargia do servilismo. Não haverá força capaz de esbarrar esse movimento humanitario.

Estamos, portanto, diante de um desses milagres do inesperado na historia : o Japão civilisará a Russia. Qualquer que seja o desenlace final da guerra, Porto Arthur é um golpe na autocracia, alcançando, talvez, a dynastia dos Romanoff e reivindicando a capacidade da raça amarella.

## Nova theoria das quantidades negativas

## REFUTAÇÕES

1. Em « Os Annaes » de 15 de dezembro ultimo, em continuação ao seu trabalho cujo titulo emcima este artigo, o meu camarada, o sr. tenente Tertuliano Barreto, tratando da operação mathematica — a subtracção — disse que em caso algum o subtrahendo positivo B poderia exceder ao minuendo positivo A.

Isto é, que não se poderia ter

$$A - B = - D,$$

na hypothese de ser  $B > A$  ou  $B = A + D$ ; e isso porque nunca tal hypothese poderia corresponder á realidade concreta.

Admittindo que assim seja, eu desejaria que o meu camarada explicasse como devemos proceder quando se trata de procurar o logarythmo de uma fracção propria, logarythmo que é, como sabemos, negativo, porque resulta do caso de subtracção que justamente não está subordinado ao dominio concreto, como se vê abaixo,

Seja a fracção  $\frac{n}{N}$  em que é o denomi-

nador maior que o numerador.

Tomando os logarythmos, têm-se

$$\lg \frac{n}{N} = \lg n - \lg N$$

Ora, sendo  $n < N$ , é  $\lg n < \lg N$ ; e como esses logarythmos são ambos positivos, a expressão acima formúla justamente o caso considerado impossivel pelo sr. tenente Tertuliano Barreto.

Mas, nós sabemos, desde a Arithmetica, que não existe absurdo ali porque os resultados reciprocos constituem prova; pois dada uma fracção propria, acha-se pelo calculo acima o logarythmo negativo correspondente; e deste logarythmo negativo se remonta á fracção que lhe deu origem, o que não teria logar si a primeira operação fôsse absurda.

Assim, vê-se que, no calculo, surgem as quantidades negativas, mesmo independentemente de considerações concretas que lhes possam ter dado origem; e é mesmo no dominio abstracto que notações mais ou menos singulares tem cabida, taes como as expressões imaginarias, os simbolos de indeterminação, as notações differenciaes no calculo infinitesimal, absolutamente impossiveis de um correspondente concreto equivalente, pois, não se comprehende que um infinitesimal de uma ordem qualquer, comquanto se refira a grandezas geometricas, possa ter o seu equivalente geometricamente representado, na vida pratica.

Accresce ainda que a quantidade essencialmente negativa é tambem independente de qualquer convenção prévia sobre os sentidos em que possam ser consideradas as grandezas. Porque na figura abaixo

$$\frac{B}{-10} \quad \frac{C}{10} \quad \frac{A}{A}$$

si o ponto C é tomado como origem de onde partem, no mesmo instante, dois moveis com igual velocidade, admittindo que tenham andado em sentidos oppostos, 10 metros, a

maneira de indicar essa opposição de sentido, está expressa no emprego dos signaes mais e menos.

Mas, esses signaes não poderão, de modo algum, influir na natureza do numero 10 pelo facto de substituirmos os designativo: á direita, á esquerda, para a frente, para traz, etc., pelos signaes mais e menos, não faremos com que, por isso, o numero 10 possa ser positivo ou negativo. E tanto é assim, que si o seguimento C B fôr designado por menos dez, e o seguimento C A por mais dez, teriamos para a distancia

$$A B = A C + C B \quad \text{o valor}$$

$$A B = (10) + (10) = 10 - 10 = 0$$

o que é absurdo.

E nesse resultado, patenteia-se a razão que tem o sr. Tertuliano, quando diz que operação dessa natureza não póde ser effectuada como acima o foi, porque só se poderá ter para o valor de AB, 20 metros; isto é,  $AB = 10 + 10 = 20$ .

Mas, resalta, sem duvida nenhuma, que os menos dez acima considerados, não são essencialmente negativos, porque nós não podemos fazer os numeros tornarem-se negativos á nossa vontade, como succede na hypothese acima, porque tanto fiz C B igual a menos dez e C A igual a mais dez, como poderia ter procedido de modo inverso.

Em casos semelhantes, a abstracção do signal menos impõe-se, o que não succede quando se opéra com as quantidades essencialmente negativas, porque dellas é inseparavel o signal que as caracteriza.

Assim, pois, o numero menos dez a que me refiro, na figura anterior, não é negativo; o numero negativo surge no calculo, como succede no exemplo logarithmico citado, e nos imaginarios do segundo grau para não ir além.

Eu não indago, no momento presente, si a equação do segundo grau cujas raizes são imaginarias traduz, de facto, um phenomeno concreto susceptivel de traducção analytica.

O que todos nós sabemos é que a singularidade dessas raizes da equação do segundo grau

$$ax^2 + bx + c = 0$$

provém do caso de ser

$$b^2 > 4ac$$

na fórmula das raizes

$$x = -b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}$$

Si, de accordo com o sr. tenente Tertuliano, a subtracção indicada sob o radical é absurda, como explicar o facto de se dar a verificação da equação?

2. Reconheço ter sido feliz o meu camarada, na separação necessaria que institue da função do signal menos proprio á subtracção.

Eu proporia que os signaes mais e menos, méramente indicativos do primeiro par de operações, não deversem ser confundidos com os meios proprios a caracterisar a positividade ou a negatividade das quantidades.

Realmente, quanto á caracterisação da quantidade positiva pelo signal mais, não traz confusão com o signal additivo porque aquella quantidade dispensa o signal; mas, o mesmo não se dá com a quantidade negativa cujo signal lhe é sempre inseparavel.

Então, si a idéa de negatividade é inseparavel do valor numerico, como succede com os logarithmos cuja característica sómente é negativa, tanto assim que, para distinguir a característica negativa da mantissa positiva, se collóca o signal menos sobre o numero que apresenta a característica, eu conviria em indicar a generalisação de semelhante uso, de modo a cobrir sempre o valor numerico negativo em toda a sua extensão com a barra horisontal adequada.

Posto isto, os casos geraes das operações mathematicas preliminares, apresentar-se-iam pela combinação por addição, subtracção, multiplicação, divisão, etc., da quantidade positiva A com a positiva B ou a negativa  $\bar{B}$ ; e da quantidade negativa  $\bar{A}$  com a positiva B ou negativa  $\bar{B}$ .

Esta convenção, já conhecida e applicada no dominio mathematico, na theoria dos logarithmos, traria a vantagem de evitar confusão actual de uma mesma expressão  $A - B$ , por exemplo, poder corresponder tanto á subtracção da quantidade positiva B da quantidade positiva A, isto é, á operação

$$A - (B) = A - B;$$

como á addição da quantidade positiva A e da negativa  $(-B)$ ; isto é, a

$$A + (-B) = A - B$$

Com a convenção proposta, ter-se-á no segundo caso

$$A + (\bar{B}) = A + \bar{B},$$

que indica sempre uma addição a que a natureza da questão, ou o resultado do calculo poderá levar.

3. Finalmente, chamo ainda a attenção do meu collega, em face das ponderações que faz na citada revista, para os resultados abaixo.

Considerando a fracção propria

$$\frac{n}{N}$$

podemos escrever

$$\frac{n}{N} = \frac{1}{\frac{N}{n}}$$

Tomando os logarithmos, vem:

$$\lg \frac{n}{N} = \lg \frac{1}{\frac{N}{n}} \quad \text{ou}$$

$$\lg n - \lg N = \lg 1 - \lg \left( \frac{N}{n} \right) \quad \text{ou}$$

$$\lg n - \lg N = \lg 1 - (\lg N - \lg n), \text{ ou}$$

$$\lg n - \lg N = \lg 1 + \lg n - \lg N.$$

Mas, fazendo

$\lg n - \lg N = -D$ , por ser  $\lg n < \lg N$ ; e por ser ainda

$$\lg 1 = 0 \quad \text{vem}$$

$$-D = 0 - D.$$

resultado que o meu collega diz ser absurdo, por não poder ser uma quantidade negativa igual á differença entre zero e o valor absoluto dessa quantidade.

No emtanto, não ha absurdo em todos os estados da identidade acima.

Em 22 — 12 — 1904.

JOÃO FREIRE JUÇA  
Alferes-alumno

ASSIGNATURAS  
 ANNO ... 20\$000  
 SEMESTRE .. 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1º DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Nenhum curioso nessa arte trivial de alinhar cifras, teve a pachorra de calcular quanto teem custado aos cófres da Republica, os successivos remendos nos pardieiros, destinados á funcção augusta da justiça.

A mesma penna que rabisca esta chronica protestou contra os concertos projectados nas duas casas da rua da Constituição, no tempo em que accommodavam mal e indecentemente os tribunaes da justiça local. Os concertos eram provisórios e caros, e nós pensavamos que, em vez de estar fecundando mulher alheia, seria mais vantajoso e mais economico construir o *forum*, um templo condigno daquelle sagrado ministerio social. Mas, os homens do governo, abrigados na infallibilidade de suas deliberações, como uma tartaruga no duro casco, fizeram ouvidos de mercador ás suggestões sensatas, e mandaram concertar os dois predios, porque, sendo provisoria a séde do governo federal no Rio de Janeiro, não convinha dispender fortes sommas com um edificio apropriado.

Depois desse remendo, se verificou que os taes pardieiros, de carissimo aluguel, e imprestaveis, deviam ser abandonados. Cogitou-se, então, de remover a justiça para o velho edificio do museu da praça da Republica, removendo este para a quinta da Boa-Vista, de modo que ficassem as nossas collecções preciosas, o producto de penosas investigações de trez gerações de homens de sciencia, segregados do alcance dos estudiosos ou da curiosidade dos estrangeiros que nos visitam; e dispenderam-se cêrca de quatrocentos contos em adaptar aquelle outro pardieiro ao trabalho dos tribunaes.

Esse remendo, feito a peso de ouro,

foi, como os anteriores, em pura perda: o immenso casarão mal pôde conter a côrte de Appellação e duas pretorias, ficando o Jury no andar térreo, escuro, baixo, infecto e tão ruim que, para o julgamento de causas celebres, foi necessario recorrer a outros solões, como aconteceu no caso do *Attentado*, cujos responsaveis fôram julgados no paço da Intendencia Municipal.

Nesse interim, adquiriu o governo, para proporcionar gôrda gorgêta a um afeiçoado, advogado, administrativo, outro casarão da rua dos Invalidos, cujo valor andou por obra de duzentos contos de réis, e alojou allí, atabalhoadamente, as camaras civil e criminal.

Não se attendeu a inconveniencia da situação daquelle predio, distante do centro de negocios da cidade, numa rua barulhenta, preferida pelos vehiculos pesados que, além de uma trepidação horrivel, provocavam nuvens de poeira suffocante e doentia: as reclamações da imprensa caíram no clvido, porque era indispensavel justificar com aquella adaptação absurda o excellente negocio feito pelos amigos gananciosos.

E, tomado, então, de um zêlo occasional pela justiça federal, o governo se compadeceu della, dos ministros, juizes e funcionarios, enclausurados no lixo, nas traças, na immundicie abjecta da sujidade veneravel de outro pardieiro da rua do Lavradio, e deulhe o palacio da rua 1º de Março, construido, na sumptuosa crise de delirio da febre do *ensilhamento*, para o Banco da Republica.

Dessa vêz, pagou as fâvas o encontro de contas, uma especie de rôda de engeitados, onde procuravam refugio todos os filhos espúrios da politica-gem; onde se liquidaram todos os negocios inevitaveis e aquelles que não cabiam nos apertados canaes do The-soiro Nacional. Passaram tambem, por allí, as prodigalidades do governo, que cortou largo no débito do Banco

da Republica, como se elle não representasse dinheiro da nação, como se fôsse divida perdida numa liquidação de miseria.

A politica financeira fixára, então, o seu eixo na limpeza dos negocios velhos, nas liquidações que se arras-tavam carunchosas por interminaveis tranmites fiscaes.

Mas, installado o Supremo Tribunal no palacio que custou milhares de contos de réis, se reconheceu que as accommodações de um estabelecimento bancario não eram adaptaveis á funcção dos tribunaes federaes; que aquelles tectos doirados, ornamentados profusamente, não haviam obedecido ás leis de acustica. Em consequencia desses notaveis defeitos, a vóz dos juizes veneraveis, já enfraquecidos pela idade, se tornou quasi imperceptivel para os curiosos e interessados, que allí vão em busca da palavra augusta e sabia dos mais elevados magistrados da Republica.

Para remediar esse mal, foi necessario calçar de asphalto a circumvisinhança, uma vez que era impossivel supprimir o transito daquelle rua, a mais activa e barulhenta da capital, durante as horas de sessão.

No intuito de reparar a série de erros anteriores, o governo deliberou, agóra, remover a côrte de Appellação para o pardieiro da rua dos Invalidos, reparado rapidamente mediante o dispendio de uma centena de contos de réis, e o outro pardieiro, que elle abandonou, váe ser adaptado ao alojamento do Archivo Publico, com uma despeza de quatrocentos contos.

Para não torturar o leitor com algarismos, basta ponderar-lhe que, sómente, esse casarão da praça da Republica váe custar, em dois concertos successivos, setecentos contos.

Addicionando a essa gôrda quantia, o valor dos concertos anteriores de outros prédios inuteis no periodo de quinze annos, e a aquisição do pa-

lacio da rua 1º de Março, verificaremos que essa contradança de adaptações incoherentes, imprestaveis, tem consumido rios de dinheiro, melhor empregado se, ouvindo as indicações do bom senso, o governo construisse, com todas as regras d'arte, um edificio especial para a installação definitiva dos tribunaes.

Mande o honrado ministro da justiça dar um balanço nessa despeza de desperdicio em reformas, em repáros de casas velhas, nos alugueis dos predios das pretorias, e se convencerá de que é muito mais vantajoso dotar a capital com o tão ambicionado palacio da justiça, applicando a isso o valor dos proprios nacionaes que serão muito bons, destinados á habitação privada, mas não servem, absolutamente, para repartições publicas.

Deve s. ex. aproveitar a auspiciosa tendencia para o embelezamento da cidade, secundar a patriótica iniciativa que vá transformando a cidade na mais bella capital da America do Sul e esmagando a protéria secular, que afastava do nosso porto, systematicamente, como de um fóco de peste, a concorrência estrangeira que se canalizou para Buenos Aires.

Não ha quem conteste ao governo do sr. Rodrigues Alves, o merecimento — de applicar a esse nobilissimo empreendimento o tempo que lhe sóbra de ouvir os insaciaveis pedidos da politicagem, de remexer, deslocar, transferir os pobres funcionarios, que se não submettem passivamente aos caprichos dos manda-chuvas, e de augmentar as legiões incontaveis de officiaes da guarda nacional, uma das pragas da nossa organização ; não ha quem regateie louvores aos melhoramentos que nos dão abundancia de ar, de espaço e bellas perspectivas, factores de saúde e prosperidade ; e, assim como todos acolheram a idéa de dotar a Camara dos deputados com uma installação correspondente á sua alta função, ninguem deixará de apoiar o sr. ministro da justiça, se s. ex., abandonando o trilho de erros funestos, absurdos e carissimos, resolver dotar com um templo o sacerdocio da justiça.

## SYLVIO ROMÉRO (1)

(POLEMISTA)

No estudo de Sylvio Roméro sobre Martins Penna, publicado na *Revista Brasileira* em 1897, salienta-se um systematico pessimismo que quasi chega ao absurdo. Nesse trabalho, elle se incumbem de provar que o Brazil está condemnado a ser eliminado, por completo, do quadro das nações intellectualmente civilisadas.

O capitulo é triste ; e ainda mais triste é que taes conceitos encontrem assentimento de José Verissimo e João Ribeiro, cada um por seu feitio.

José Verissimo diz, por exemplo, «que, assim como em philosophia e em sciencia, somos inaptos para cogitações abstractas e generalisações fecundas, somos por igual improprios para as creações artisticas que demandem capacidades efficientes de observação, de analyse, de generalisação e de synthese. Não temos até hoje um verdadeiro pensador no rigor do termo». (2) Taes palavras revelam, si não desalento occasional, pelo menos necessidade de coherencia ; parecendo antes que o auctor, ao verberar a litteratura apressada dos nossos tempos, para diminuir a crueza dos termos em que atacava a *Flôr de sangue*, romance de Valentim Magalhães, não achou outro geito de ser justo senão fundamentando os seus assertos numa levandade constitucional da raça brasileira. Procedendo por este modo, o critico exigia um impossivel do Brazil, nação de hontem e mal educada, pedindo-lhe aquillo que só póde, em summa, apparecer no fim de seculos de mestrança, mas tambem punha de parte a biographia e os productos intellectuaes de homens como João Francisco Lisbôa, José Bonifacio, Gomes de Souza, Teixeira de Freitas e outros, que só não fôram maiores por falta de theatro adequado a uma producção mais copiosa. Porque não somos desde já a Allemanha, ou a Inglaterra, não se segue que nos falte a faculdade de abstrahir e generalisar. Ao contrario disto, vejo no Brazil bastantes disposições para isso. Lembre-se o illustre escriptor de que até aos ultimos dias do Imperio, não se nos deixou escrever a nossa historia, e é bem sabido o porquê dessa lacúna. Como era possivel que houvesse pensadores ou philosophos originaes, rigorosamente falando, onde a historia politica ainda não pudéra ser cultivada ?

João Ribeiro, no denegrimto das condições da existencia nacional, é mais percuciente. A sua viagem á Allemanha, si por um lado permittiu-lhe apoderar-se de uma bella armadura scientifica, maxime no que entende com os estudos sobre a historia da ci-

vilisação, por outro fez-lhe germinar no espirito prevenções, não direi demoniacas, mas de um sceptismo cruel, aliás cheio de sympathias e enthusiasmo pela cultura teutonica. O phenomeno, porém, por operar-se num espirito cordato e sereno, como folgo de reconhecer-lhe, tem explicação na alma poetica e cheia de sensualismo artistico desse sergipano de apparencias muito burguezas. Passado o sossôbro esthetico, a reflexão o reconduzirá á medida da philosophia, que ambos professamos, depois de havel-a bebido nos bons auctores inglezes. Todavia, não convém deixar sem commentario, embóra rapido, as novas idéas de tão alevantado talento.

O illustre professor do Gymnasio Nacional tambem sustenta a nossa incapacidade para tudo quanto não seja fazer desordens e publicar versos lyricos. Para condemnar a vida brasileira, elle começa por atacar a democracia e o patriotismo. Os argumentos, váe-os buscar no humanismo de Goethe e de Schiller, desenvolvido de modo mais completo pelos bellos espiritos da Germania de hoje. E quaes são esses argumentos ? São os que se dedúzem da qualidade provisoria desses sentimentos. João Ribeiro, que não trepida declarar-se contrario ao patriotismo e ao liberalismo, diz, para quem o queira ouvir, que o «patriotismo é um sentimento mortal na America do Sul», e que «todos os americanos patriotas são por isso mesmo aborigenes. provisorios, primitivos pelasgos, autochtones, que a civilisação um dia varrerá do sólo». (3) Sem entrar na explicação do que se deva entender por autochtones, *vis á vis* do que se chama civilisação, nem tão pouco definir o que venha a ser essa humanidade concebida, não por philosophos, mas por artistas, descuidados da observação dos phenomenos expansionistas e economicos, bastaria para provar a inanidade de taes idéas, lembrar o facto, aliás visivel para os menos instruidos, de que no momento actual as nações civilisadas ou europeas são as que mais se acirram no patriotismo, que outra coisa não é sinão a tendencia cada vez mais crescente, em cada uma dellas, de se individualisar no concurso feróz da apprehensão das riquezas produzidas pelos povos ditos coloniaes. E' verdade que essas injustas nações, emquanto se conservam dentro do proprio territorio, que a historia lhes assignou, não se descuidam de lêr os seus philosophos e prégar a utopia do humanitismo, sem a qual já se teriam entre-devorado; mas, o que é revoltante é que ellas no momento em que, montadas em suas esquadras, se afastam do Mediterraneo e das costas do Atlantico, não escrupulisem construir essa theoria innominada, de que os povos transoceanicos não têm *humanidade*, e por-

tanto, na qualidade de provisórios, deverão ser varridos da face da terra, ou melhor escravizados. E por que não ellas, si, *mutato nomine, de fabula narratur*? Acaso haverá maior e mais escandaloso provisorio do que o dessas potencias, que, aferradas á manutenção incondicional das suas tradições, se desorientam, todavia, no inutil esforço de dissimular a necessidade de transformações successivas dessa sua milenaria estructura, que é incompativel com o mundo, e que as está arrasando a guerras expansionistas—guerras que já lhes vão custando terriveis desenganos? (4)

Pôrei de parte o que o publicista nos pretendeu dizer acompanhando David Strauss, que aliás teve em Lange cabal refutação, a respeito do que ha de mysterioso e divino na idéa monarchista, porque não comprehendo como a Republica pode eliminar no Brazil os valores creados pela instituição decaída, a não se querer corporisar esses valores, em alguns homens ainda vivos como o visconde de Ouro Preto e Andrade Figueira. E acredito que, no momento actual, João Ribeiro, a quem incontestavelmente se reserva uma brilhantissima carreira, terá diante dos factos recentes, modificado suas idéas, repellindo a lição de Rich André, quando diz que «a civilização é um producto da Europa, pela Europa e para a Europa, que fóra do seu grupo ella não existe». (5)

Nenhum dos dois pessimistas citados, porém, ataca tão fundamentalmente a nossa cultura e o nosso desequilibrio, como o auctor da *Historia da litteratura brasileira*.

Sylvio Roméro começa fazendo a historia da maledicencia brasileira. Desde Gregorio de Mattos até Abreu e Lima, são postos em contribuição todos os pessimistas de vulto que fallaram mal da sua terra. O critico sergipano condemna-os e não lhes dá quartel. Todavia, si bem que se declare collocado no meio termo entre o optimismo e o pessimismo, desanima de que o Brazil possa tão cedo vir a ser uma verdadeira nação, dominada, como é, por uma maioria de mestiços. Pensa elle que só quando a immigração povôar de brancos o sul do Brazil, e este refluir sobre o norte, si tal hypothese se dêr, haverá alteração da constituição do exercito de mulatos que nos governa, e a vida nacional tomará outro rythmo. «Até lá, muita agua terá que rolar pela cachoeira de Paulo Affonso, e o Pão de Assucar será testemunha de muito acontecimento». (6)

E porque somos, segundo a sciencia, um povo secundario, não ha sinão esperar a mais completa anarchia politica e a mais completa ausencia de dotes artisticos e litterarios. E' a essa mutilaria que devemos as desgraças que nos opprimem; foi ella que em todos os

tempos se produziu na historia como fatora dos mais deploraveis erros. Sylvio Roméro, porém, não adduziu os factos que devem robustecer essa sua theoria. Entretanto, seria occasião de perguntar si os escandalos de todas as épocas e a politica desequilibrada que secularmente nos afflige, tem sido obra de outros, que não os descendentes da raça branca.

Gregorio de Mattos não era branco? Os Andradas não seriam brancos? Não era branco o sr. d. Pedro II? Cito apenas tres exemplos para não fatigar os leitores, aos quaes não será difficil organizar o catalogo dos escandalosos por temperamento e dos factores dos erros politicos commettidos nesta patria. Por outro lado, perguntaria de que raça seriam os que mais concorrem para a coordenação da vida nacional. Não me encarregarei, neste momento, de cital-os para não despertar furias ethnologicas.

Na opinião, pois, de Sylvio Roméro, não haverá melhor providencia a adoptar do que entregar o Brazil á direcção da politica puramente internacional, cujas bellezas todos nós, no momento em que escrevo, estamos contemplando, surprezos e combalidos. (7)

A logica devia forçal-o a esta conclusão. Mas, não. O critico sergipano é muito caroavel a estes e outros arrastamentos. Foi a politica de Sergipe que levou o seu espirito de ataque a exprimir-se como acabamos de ver. E as comedias de Martins Penna, que era pouco observador e ainda peor psychologo, ministraram-lhe as scenas e os aspectos, todos falsos, do Brazil, que no momento convinha apresentar como justificativa dos seus assêrtos.

Que esse pessimismo é occasional e determinado pelas necessidades psychicas do polemista, prova-o aquillo que o mesmo Sylvio Roméro escreveu, em 1888, na *Historia da litteratura brasileira*, onde não se encontra precisamente a apologia dos que fulminam a incapacidade da mestiçagem. Ao contrario, o critico defende-a dos hybridistas, e enaltece a raça nacional a ponto de dizer que, excluido Camões, nada ha em Portugal que nos possa causar inveja; e, inda melhor, essa sua opinião é defendida por Hypolito José da Costa, que o critico escolheu para patrono de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Não pertenco á casta dos criticos indifferentes; e já uma vez disse que não afagaria os intellectuaes sem patria, que, a titulo de philosophia primeira e de grande arte, pretendem systematisar o syndicato do gôso *sobre-humano*, evadindo-se ás mais elementares responsabilidades da especie e do grupo que os formou. (8) Si estou em erro, direi, parodiando Leopardi, apesar de pessimista: *naufragare in questo mare m'e dolce*.

Estou convencido de que ha idéas traidoras, como ha homens perfidos e dissimulados. Ora, o pessimismo de alguns de meus patricios, nasce não de uma philosophia, vem desse desalento que gera a decadencia, mas em regra de se terem encasquetado de que o pessimismo constitúe um instrumento de progresso. Não ha quem desconheça que no homem como nas sociedades o impulso nasce do confronto que se faz da realidade com o idéal que cada um ou cada uma pôde architectar. Toda a dinamica social encerra-se nisto: sair de um estado de consciencia inferior para um superior. Si se trata da obstinação em buscar esse incremento, preferindo o esforço contínuo á immobilisação no *statu quo*, serei o mais refinado pessimista, pois ninguém tem vivido mais do que eu a ansiar por taes deslocaciones. Não é este, porém, o pessimismo que professam os criticos nacionaes a que me refiro; e um delles é até nacionalista. Que é, pois, que os impede de tomar o caminho desse meliorismo, de que falava George Elliot, e de se tornarem menos acriminosos para a gente brasileira? Cuido tel-o descoberto na suggestão da idéa infiel de que o desprêso das qualidades constitutivas do fundo brasileiro, é o unico meio de transformar esta terra em um paiz civilisado. Lembrou-se um dia Gustavo Lebon de attribuir o «atrazo das republicas americanas do sul, na frequencia das suas revoluções, ao máu resultado produzido pelo cruzamento de raças desigualmente desenvolvidas». Essa idéa, em grande parte producto da angustia latente na Europa, e para cujo correctivo a Allemanha tem buscado remedio na theoria das raças e no darwinismo, achou a sua primeira repercussão séria entre nós através do livro de Eduardo Prado, *A illusão americana*, e avolumou-se com o concurso de opiniões lateraes, mas que, na minha opinião, os levam forçosamente a central-as por via directa ou indirecta, num só movimento — no desprestigio das democracias americanas. Neste presupposto, o Brazil appareceu como uma nação perdida, não só por força das instituições *impossiveis* que adoptou, mas tambem porque a raça composita, que fórma a sua população, é uma raça decadente, arruinada, incapaz de desenvolver-se e de crear. (9)

Ora, eu me acho inteiramente em discordancia com este conceito, por mais apadrinhado que venha pelo darwinismo, que aliás não o suffruga, e por sabios europeus, indifferentes ás nossas desventuras. Ao contrario disto, penso que temos raça capaz de todos os progressos, e que, longe de desprezarmos as nossas qualidades differenciaes, devemos cultival-a com amor,

de sorte que, entrando no concerto das nações e tirando delle a força que nos falta, possamos dizer ao mundo qual nosso papel e a feição que a natureza nos destinou.

Não é o Brazil *le plus valet des peuples*, como dizia Sylvio Roméro em 1872. Nem nos deixemos confundir pelo daltonismo, que essa theoria, fundada para auctorisar a expansão e justificar a expropriação dos povos sem esquadras, inventou a philosophia fim de seculo inspirada pela audacia dos Guilherme II, dos Cecil Rhodes e de outros impulsivos, que se illudem, tomando a hypertrophia da volição pelo destino e guia das nações.

Felizmente, vejo que nem todos os escriptores europeus se deixaram perverter por esse arrastamento, mixto de terror e de anceios de grandezas, do qual só tenderá a sair o substratum de que se formarão os Neros modernos. O illustre russo Novicow, na sua obra *L'avenir de la race blanche*, refúta cabalmente a hypocrisia da escola politica, que tem procurado fundar numa pretensa nobreza ethnica as pretensões das nações anglo-saxonicas ao predominio, ora mystico, ora industrial, do mundo, e o seu consecario, que é o exterminio das raças inferiores que ameaçam pelo numero a civilisação européa. Nesse livro, são dignos de leitura os capitulos escriptos em resposta aos terrores de Faguet diante de uma imaginaria probabilidade de invasão amarella, e ás theorias de Le Bon e principalmente de Lapouge, o qual inventou para a raça a que pertencem os seus clientes, o principio ethnologico do *eugenismo*, que não é outra coisa sinão a glorificação desse *dolycocéphalo* louro, o *Homo Europæus*, em opposição ao *brachycéphalo* moreno e ao *mesaticéphalo* miseravel, theoria esta que prestou mão forte aos despautérios poeticos de Nietzsche.

Todos os exagêros scientificos têm o seu limite no tempo e no espaço. A comparação e os successos posteriores á doutrina, acabam por tirar-lhe o util, e despresando o extravagante fazem-na entrar na ordem universal e na marcha historica da humanidade, que ella tentou perturbar. E' o que já vaé acontecendo com a theoria dos philosophos puramente biologistas, que tudo querem reduzir ao seu ponto de vista de ratos de laboratorio.

O factor que excede a todos em ensinamentos é o da successão das idéas na vida de humanidade. «As idéas dos homens determinam o seu estado social, diz Novicow, e, sendo este estado, em ultima analyse, uma resultante de causas innúmeras e complexas, é inevitavel que escapem á debilidade de nosso espirito, o que parece muito natural, porquanto perturbando-se diante dessa infinidade de malhas inextricaveis, para escapar ao

soffrimento resultante dessa anciedade, por uma especie de reacção, se é levado a attribuir tudo a uma causa unica. Assim, por exemplo, no que entende com a civilisação, cada auctor suggère uma causa differente: segundo Lapouge, ella procede do eugenismo; segundo Buckle, da diffusão dos conhecimentos positivos; segundo outros, da relegião dos grandes homens, etc., etc.» (10)

E tudo isto cifra-se num mixto de preguiça e orgulho, que não se sujeita á lei da continuidade do trabalho, pensando cada grande philosopho, como cada grande conquistador, que o mundo váe se acabar.

Não sirva, pois, o ponto de vista eugenico de pretexto para que as nações adiantadas se precipitem, como feras sobre as que se atrazaram um pouco, como o estão fazendo agóra, porquanto não só poder-se-á encontrar nessas mesmas nações surprêsas para a sciencia e reacções inesperadas na politica, mas tambem ninguem sabe que forças se occultam entre os povos hoje chamados barbaros, e que conclusões a historia está disposta a tirar das combinações desses novos elementos. (11)

Não necessitamos, portanto, para salvar o sólo do Brazil, eliminar o povo, que o tem regado com lagrimas e suór, e chamar a conquista européa ou americana, como unico meio de fazel-o florescer e de libertar esta terra «da humildade do negro, da indolencia do indio e da incapacidade do portuguez»

\* \* \*

Na Republica, fôram ainda as faculdades aggressivas de Sylvio Roméro que lhe proporcionaram occasião de manifestar-se na critica politica.

A revolta de 23 de novembro de 1891 sacndiu as saudades do parlamentarismo, e tanto bastou para que o critico sergipano, esquecendo-se do seu Spencer, se atirasse contra o presidencialismo.

Refiro-me ao auctor dos *Primeiros principios* intencionalmente, porque este mestre não suffragaria as idéas do escriptor do pamphleto *Parlamentarismo e presidencialismo*, publicado em 1893.

Com effeito, as idéas de Spencer, expostas na sua *Sociologia*, quando descreve a triplíce natureza das organizações politicas adiantadas; e o modo por que se constitúe a funcção reguladora das nações, não nos induziriam no desconhecimento da sobreexcellencia do regimen descoberto pelos americanos, sobreexcellencia esta que Boutmy, na obra que o publicista brasileiro cita, não consegue, como pretende, desfazer, antes, pelo contrario, explica, embóra julgando na qualidade de francez o regimen perezível,

por falta desse *poder moderador*, que a pratica ingleza creou para decidir as pendencias dos dois syndicatos de familias entre si alternadas no governo da Grã-Bretanha, e que os francezes pensaram ter assimilado desde a publicação da obra de Benjamin Constant. (12)

Neste trabalho, o publicista pôz o talento que possui, a serviço de seus caprichos e indignações de momento. Não é difficil, porém, apprehender onde se esconde a razão do equivoco dos seus argumentos contra o presidencialismo: essa razão encontra-se na preocupação de um desequilibrio possível dos trez poderes que dividem entre si a soberania nacional. Sylvio Roméro chama a isto a systematização da desordem. A palavra é espirituosa, mas não corresponde aos factos, porque, em substancia, ella existe no mais absoluto e uno dos governos. A expressão *poderes independentes e coordenados*, usada pela nossa Constituição, condensa perfeitamente o estado de uma sociedade pacificada pelos antecedentes de sua historia. E' a perfeição da representação popular; é o consensus politico; é a logica da historia.

O presidencialismo, termo creado para exprimir o pensamento daquelles que não comprehendem execução embaraçada continuamente pelas opposições systematicas, nem o feitio de governo de discussão tão ao sabor dos criticos de todas as naturezas e dos incontentaveis de temperamento diserto; o presidencialismo passou a ser, na sua opinião, o regimen ou da desordem ou da carnificina. Entre nós, elle, pelos menos, já soube impôr silencio aos faladores e tambem ás velleidades de mudanças diarias de situação. Quando, porém, essa experiencia não nos convencêsse da melhora do regimen, não seriam as opiniões latitudinarias de Bryce, nem de Noailles, nem de Boutmy, que nos demoveriam de reconhecer a verdade.

Sylvio Roméro, todavia, não se cingiu ás auctoridades que se teem pronunciado na materia, aliás européas, pela maior parte, sem o sentimento da realidade pratica, pois nem os auctores americanos, nem os de outra origem, como Von Holst, que escreveram sómente depois de identificados com a pratica do systema, admittem essa desconfiança; elle foi buscar razões fundadas na precedencia historica; e, numa série de artigos publicados na *Cidade do Rio*, defendeu as proposições emittidas no opusculo atrás citado, de um modo que não revélam sinão espirito de polemica.

O dr. Felisbello Freire emittira o pensamento de que o presidencialismo representava a mais recente criação da sciencia politica dos povos, e o auctor destas linhas accrescentou depois que

achava a *these* daquelle illustrado brasileiro perfeitamente de accôrdo com os factos. Tanto bastou para que Sylvio Roméro se julgasse obrigado a investir contra o auctor dessa blasphemia, e tratasse de provar que o presidencialismo era anterior ao parlamentarismo, que, por sua vez, passava a ser a ultima expressão das instituições politicas. Não é preciso dizer que esses artigos, em grande parte, eram invectivas, em que tudo se negava ao publicista aggreddido. Nem elle, nem o auctor destas linhas, tinham lido Freeman; logo, nada podiam articular nessa materia, que não fôsse erro. Como si o grande philosopho da historia politica da Inglaterra tivésse em si o segredo e as chaves dos archivos dessa nação, tratando-se de uma questão de facto, ou de documentos existentes em toda a parte!

O critico sergipano pensa, entretanto, ter provado o que esposou. Mas, não admira que assim aconteça, quando não é novo chegar-se ao que se quer logo que a gente se sente animado por uma idéa preconcebida, ou por uma intenção systematica. Já houve quem, numa obra exhaustiva, demonstrasse em como as instituições americanas não eram obra de colonos inglezes, mas de hollandezes, e que tinham sido transportados para a America, de Haya ou Amsterdam, no *May-flower*.

\* \*

O ultimo trabalho de tomo dado aos prêlos por Sylvio Roméro, foi um estudo sobre Machado de Assis.

Um phenomeno curioso é o que se nota nesse estudo. Sylvio Roméro a cada instante declara que mudou de temperamento, amainou as vélas e se acha predisposto a uma grande complascencia. Machado de Assis não lhe parece ser o homem impossivel que elle atacava em 1872 e 1880. Tem qualidades, e representa um bom esforço litterario. Todas essas declarações, porém, são illusorias; e o critico que, segundo me parece, não quiz concentrar o seu espirito na obra, já bastante extensa, do autor de *Bras Cubas*, faz resurgir suas antigas antipathias, recorrendo ao seu processo predilecto de esbordoar os outros com essa clava de Hercules chamada Tobias Barreto.

Com justa razão, geralmente se achou extravagante que o critico escolhesse o fallecido lente de criminologia do Recife, para confrontar com o nosso, pôde-se dizer, unico humorista. Si ainda o fizésse para mostrar o contraste dessas duas naturezas, vá; mas, não se deu isto: o auctor da *Historia da litteratura brasileira* pretendeu, antes de tudo, mostrar que Tobias era um humorista valente e incomparavel diante das deliquencias de Machado de Assis.

Não sei si deva dizer que o que alli

se expende a respeito do auctor dos *Dias e noites*, causou a impressão de um corpo estranho mettido á força numa garrafa de azeite. O livro, na sua maior parte, repete o que Sylvio Roméro já disse vinte vezes sobre o talento indisputavel do grande sergipano; apenas acrescenta algumas novas considerações relativas ao seu temperamento alegre. Tobias, porém, podia ser tudo, menos um humorista; e nem ao critico apadrinhado as opiniões de Scherer e Taine, quando definem esse genero de litteratura.

Que pôde haver de commum entre esse excentricismo ou humorismo anglo-saxonio e a alegria ruidosa de Tobias? Conheci o illustre morto nos seus melhores tempós; e posso garantir, pelo que observei e tenho lido desse auctor, que nunca sobre a terra pisou homem de alma menos tristonha. Tobias era um bohemio incorrigivel, genial talvez, e para cujo temperamento maligno nada havia superior, em deleite, ao exercicio do espirito de *troça*. Nas questões mais intrincadas e sérias, raro era que elle não dêsse largas a esse seu genio e, de subito, não irrompêsse em verdadeiras *molecagens* para fazer encavacar os seus antagonistas. Lembrarei uma dessas *troças*. Examinavam um estudante em direito ecclesiastico, e Tobias, no impedimento de um dos cathedromaticos, fazia parte da mesa examinadora. Perguntára o lente da cadeira ao examinando o que era cardeal.

— «Cardeal, disse o rapaz, é uma dignidade da Igreja que fica mettida entre o papa e o bispo.»

Como era natural, o examinador irritou-se com a resposta, e começou a invectivar a ignorancia do estudante. Tobias ouvira tudo isto sorrindo e puchando um bigode hirsúto. De subito, brilharam-lhe os olhos! Dirigiu-se, então, ao collega, e, interrompendo-o:

— «Perdão; agora eu. . .»

E virou-se para o arguido:

— «Diga, sr. estudante, que o seu professor não lhe quer revelar a verdade verdadeira. Respondeu bem; cardeal é uma especie de intruso na Igreja, que lambe os pés do papa, emquanto não lhe chega a vez de ser lambido, e que olha de esguêlha para o bispo, cuja auctoridade não exerce, por ser eunucho, nem respeita, por ser safado. E ha outras coisas mais, que essa dignidade accumulá; mas, que só no compendio do Boccacio, o senhor terá occasião de aprender, logo que se liberte desse direito espoliastico.»

\* \*

Aqui termino esse estudo sobre a personalidade de Sylvio Roméro, polemista. Escolhi o traço aggressivo de preferencia aos outros, porque é a sua caracteristica.

Deixei um pouco de lado o philosopho, o homem das grandes generalizações sobre a historia do paiz, porque este não me interessava tanto; além de que, segundo as suas proprias opiniões, em philosophia os brasileiros pouco valem, por serem talvez um povo de mestiços incapazes de produzir um Spinoza ou um Stuart Mill.

ARARIPE JUNIOR.

(1) Este artigo é a conclusão de um ensaio, publicado na *Revista Brasileira*, fasciculos de agosto, setembro, outubro e novembro de 1898 e janeiro de 1899. Chegou a ser impresso para o fasciculo de fevereiro desse anno; mas, infelizmente, aquella optima publicação cessou, e o numero não foi distribuido.

(2) *Revista Brasileira*, (1897) tomo 10, pag. 212.

(3) *Revista Brasileira*, tomo XIV, pags. 182 e 18.

(4) Ao tempo em que estas palavras fôram escriptas, (1899) estava muito longe de pensar na possibilidade do castigo da Europa. Hoje, estou convencido de que esse castigo não tardará.

Castigo historico, bem entendido...

(5) *Revista Brasileira*, tomo XIII, pag. 354.

(6) *Revista Brasileira*, tomo X, pag. 251.

(7) Referia-me á politica contra a China, ou, melhor, á tentativa, que falhou, de devorar a China, e aos prólomos da tragedia do Transvaal.

(8) *Hist. da lit. braz.*, 1º vol., pags. 91, 138 e 212 e 22; vol. 2º, pags. 858, 860, 867 e 1177.

(9) Araripe Junior, *Litteratura brasileira, Movimento de 1893*.

(10) Novicow, *L'avenir de la race blanche*, pag. 118.

(11) As surpresas effectivamente já surtiram. Os successos do Japão de hoje justificam as conjecturas que em 1899 eu emittia a médo.

(12) Spencer, *Sociologie*, trad. Cazelles, vol. 2º. Cf. Boutmy, *Etudes de droit constitutionnel et Le développement de la constitution et de la société politique en Angleterre*.

## VERSOS DE OUTR'ORA

Até que enfim, minha Senhora, pude hoje apertar a vossa mão mimosa — lirio nascido entre os juncões do açúde, da encósta verde — rescendente rósa.

E ha nella um mixto estranho de virtude, que, nesta saudação affectuosa, sentiu-se a minha — callejada e rúde, muito feliz e muito mais ditosa!

Bemdicta seja, pois, essa mãosinha, que num momento, muito embóra, breve, teve a ventura de apertar na minha;

e, possa eu desta vida entre os escólhos, beijal-a um dia, para que, de leve, venha na morte me fechar os olhos. . .

BELMIRO BRAGA.

Minas, 1905.

## GRAMMÁTICA DA VIDA

## DO VALOR DOS ADJECTIVOS

Não te insultes nunca. Infame, bandido e outros desafôros praguejados por labios poderosos, devem ser ouvidos com prazer. As palavras, como os numeros, têm um valor relativo, o valor que se lhes quer dar. Infame! Quando é um labio ciumento que o diz, mesmo quando esse labio é o de uma cabotine — agrada até aos reis. Ha na historia, que sempre foi um repositório de adjectivos desvalorizados, exemplos fataes. E se infame perde assim de importancia, bandido é um trisyllabo fraternal, meigamente, superiormente fraternal entre os artistas. Os litteratos dizem : — aos meus braços, bandido! como quem diz : — triumphador, abraça-me!

Desde que a mulher e o artista, os dois encantos do mundo, Venus sempre radiosa e Apollo sempre illuminado, transformam o valor dos adjectivos — porque tu, que queres ser ao menos escrivão de policia, não lhes mudará também o desagradavel sentido?

Certo não és Apollo nem mesmo Venus, porque és homem pratico, e não é com rimas que se pôde ser amigo de confiança do ministro. Mas, todos te consideram intelligente, até tu mesmo ao deitar, todos affirmam o teu immenso desejo de vencer. Ora, considerar esses velhos desafôros e outras pragas de effeito nos melodramas romanticos insulto, — é atrazo e preconceito.

A moral e a philologia estão fartas de dizer o valor das palavras. O que foi hontem violencia é amabilidade hoje, o que hoje é amabilidade faria estremecer o antigo mais brutal. Imagina o futuro firmado no passado! Talvez bandido atirado interjectivamente á cara de um cidadão, seja muito em breve o premio da integridade do character. Hoje, é difficil a gente dizer : — que homem probo! com convicção. No dominio das possibilidades, é por consequencia provavel que as gazetas, daqui para alguns annos, denominem de : — glorioso bandido! o chefe politico que estiver senhor do poder. Já nesse tempo os gatunos terão outro nome e fugirão da policia da mesma maneira, mas a breve associação de sons será nobilitadora.

Se a lingua é tão ductil, ha razão para zangar quando um labio poderoso cóspe o desafôro?

Não! E' uma questão pratica. Quando a praga vier de uma influencia, sorri; quando vier do ministro, abre os braços — a intimidade começa.

A principio custa, como em geral todas as estréas. Havendo coração, porém, bôa vontade, temperamento,

a coisa váe, porque a gente vingase, manda o adjectivo desagradavel ao primeiro pobre diabo que encontra, e passa a um simples reflexo de macreações, acariciando o proximo com o raio recebido directamente. Ainda que esse esforço não tivéra mais bem que revelar uma ousadia — a ousadia de ser polido — só isto bastaria!

Ha, entretanto, votações sopitadas que não conhecem a evolução vertiginosa da moral e tremem de se comprometter. Quantos por ahí, estoirando desejos de cavar a vida, receiam as linguas mal dizentes! Mal sabem elles que esse nobre desejo é anterior á guerra de Troya, existe ha mais de quarenta seculos, que digo? existe ha muito mais, desde que no mundo surgiram as convicções para que o homem superior não as tivésse! malsabem que o prodigioso sentimento transformador das sociedades e das expressões, essencialmente moderno através dos tempos, faz o poder, os jornaes e a vida!

Uma creatura pôde não vencer, mas não deixa de tentar a relatividade dos adjectivos, pôde ser sincera, mas engróssa, engróssa pelo menos uma vez na vida, e desde que se engróssa uma vez, desde que está na massa do sangue o valor das palavras, capaz de fazer as disciplinas, os exercitos, os delegados de policia, as religiões e outras columnas do edificio social, só por idiotice não se educará uma qualidade tão nobremente humana e tão canina.

As patrias mesmo são um resultado dos adjectivos relativos. Na politica começa a gente a ser menospresada para mais tarde menospresar e tanto o adjectivo de louvor — admiravel! — significa uma coisa pessima e conveniente como — patife! — qualificativo horripilante, demonstra ás vezes uma trôça bem bôa. E isso em todos os tempos, desde que Noé, após o diluvio, plantou com outras sementes, a semente da nossa admiravel raça de homens.

Depois destas profundas reflexões, quem não fará do ductil valor o meio mais seguro de trepar?

Eu conheci, ha tempo, continuo de redacção, um infeliz intelligente que o preconceito arrastára até tão baixo lugar. Na descida, o pobre homem tivéra tempo de examinar o pouco valor emprestado á rectidão de não aturar desafôros.

Certa noite, o redactor-chefe, cavalleiro neurasthenico em crise constante, ao receber uma carta desagradavel, bradou:

— Cachorro! Porque não disséste que eu não estava?

Cachorro! O moço corou, mas reflectiu. Cachorro, já dizia Boileau, é um animal nobre; e se não fôsse assim, Boileau e eu tornaríamos a jurar que Homero não o teria posto a saudar

a volta de Ulysses com um leve ondular de cauda, nesses memoraveis cantos da Odysséa. Cachorro, por consequencia, significava — homem da minha inteira confiança!

O moço intelligente ficou. Viéram outros nomes, a confiança do desafôro fêl-o camarada, um mez depois era reporter, e bruscamente, quando menos se esperava, escreveu um artigo de fundo atacando a opposição! Vi-o, por ultimo, tão alto que tremi do abysmo. Atracou-me numa praça.

— Estou á espera do ministro. Váe levar-me no seu carro. A bêsta do cocheiro está demorando. Levo aqui bombons para a familia do excellente ministro.

Depois, como o excellente passasse, o moço adiantou-se, perguntou pela familia de s. ex., soube da saúde dos cachorros de s. ex., passou o pé no leve coupé de s. ex., sentou-se ao lado de s. ex., e rodou com a mesma para a Intendencia! Eu só o vira mais alto e mais sublime uma vez, na boléa de um carro, levando a familia de certa influencia á estação do caminho de ferro.

Que seria desse moço, ó adolescentes, se continuasse a ter o preconceito de não comprehender o valor real dos adjectivos? Continuaría cachorro, — porque na sociedade o homem é sério para dois outros e canalha para o resto — já estaria morto, a estas horas, de despeito, de raiva, de vocação abafada, bebendo, como Rolando, o sangue da propria chaga, por falta de dinheiro; em vez de ter caminhado para a gloria, tomando os desafôros por intimidades e distribuindo-os em seguida por precauto louvor proprio...

Quando alguem, de que possas vir a ter necessidade, te injuriar, finge que não percebeste, reflecte nesse moço exemplar, pensa que a palavra é som que passa... Tú serás, pelo menos, a possibilidade de um deputado opposicionista!

JOÃO DO RIO.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

## O TYPHONOIDE

André Gambin pretende ter feito uma descoberta para revolucionar a navegação, construindo navios que possam desenvolver a marcha de 500 nós por hora, ou 1.000 kilometros, com a mesma facilidade com que os navios vulgares andam 15 a 20 milhas.

Dest'arte, tempo virá em que um *touriste* poderá almoçar em Londres e jantar no mesmo dia em New York, viajando nos navios maravilhosos de sucção peneumatica ou typhonoides.

A invenção consiste em collocar na



frente de um navio especial um aparelho em fôrma de cone para a sucção d'agua, o qual, effectuando revoluções em tórno de uma arvore de helice, formará um vácuo onde o navio se precipitará para diante e vôará como cartas nos tubos pneumaticos empregados nos correios de Pariz.

Como demonstração da sua theoria, mr. Gambin construiu um modelo de 2,30 de comprimento e 0,17 de diametro, com a propulsão feita por um aparelho de relojoaria. Este modelo marchou 14 metros num espaço de tempo impossivel de calcular. Sem o typhonoide, e armado de um helice, o mesmo modelo andou apenas 20 a 30 centimetros no mesmo tempo. Donde conclúe o inventor que, com o mesmo navio, a mesma força e o mesmo motor, o resultado do emprego do typhonoide foi de 50 a 60 vezes superior ao do helice, que, nas condições mais favoraveis, representa um quarto como propulsor, sendo o resto perdido em outros movimentos no liquido adjacente, inteiramente contrarios á marcha.

Um navio em marcha deslôca uma egual massa de liquido, e computando a fricção lateral e outras forças oppostas, a força, que produz o movimento dos navios ordinarios, fica reduzida a 24 %. Os grandes paquêtes inter-oceanicos, como o *Deutschland*, com 38.000 cavallos de força, grandes devoradores de carvão, perdem mais de 36.000 cavalios, utilizando apenas 15.000. Tambem se observa que as pás dos helices em revolução, e o movimento avante produzem um vácuo chamado pelos inglezes — *cavitation*; e, quanto maior fôr a força do navio, tanto mais importante se tórna esse vácuo assim como todas as outras resistencias. E' sabido que, marchando 18 nós por hora, um navio é obrigado a consumir o duplo de combustivel para addicionar á sua marcha 2 ou 3 nós.

O typhonoide obvia todas essas forças contrarias, das quaes as mais effectivas são a *cavitation* e a resistencia da prôa, e as convérte todas em factores de marcha.

\* \*

#### A PORCENTAGEM DA MORTE

Parece um paradoxo que o numero de mortos tenha diminuído na razão do aperfeçoamento das armas de fogo; entretanto, os factos o confirmam. A extraordinaria mortandade da guerra russo-japoneza é attribuida ao fanatismo com que se batem, expondo-se, em massas temerarias, ao fogo das fortalezas.

Quando a polvora era desconhecida, as guerras se prolongavam durante gerações ou seculos. Cem annos, quasi sem intermittencias, durou a guerra da Inglaterra com a Escossia e com a

França, e as guerras dos trinta e dos sete annos assignalavam épocas na historia militar. A guerra da sessecção, ainda empregando os velhos fuzis de carregar pela bocca, se prolongou por quatro annos; e, mais tarde, a Prussia subjugou a Austria em sete semanas; derrotou a França em oito mezes. Os Estados Unidos da America, em noventa dias, esmagaram a Hespanha.

A ultima guerra sul-africana, durando dois annos e meio, seria considerada absurdamente curta nos dias de Crécy e Agincourt.

Quando as armas eram arcos e flechas, espadas e achas d'armas e nenhuma arma conhecida podia attingir o inimigo á distancia, além de algumas centenas de metros, a mortalidade era de um para quatro combatentes, excedendo, algumas vezes, a essa enorme porcentagem; ao passo que, nas batalhas modernas, com armas muito mais mortíferas, raramente se verifica a porcentagem de um para vinte.

Na batalha de Alma, os mortos fôrão 54 por 100 ou 1 para 18,5; em Inkerman regulou 1 para 20; em Sedan 1 para 60; em Gravelotte 1 para 111; e em Waterloo 1 para 21. Na guerra da Criméa, 89 milhões de tiros mata-ram 120 mil homens ou regularam — 742 tiros para cada homem. Em Gibraltar 258.387 tiros attingiram apenas 1.341 alvos humanos. Na guerra Franco-prussiana, um combatente morto custou 254 tiros

Devem-se, finalmente, levar em conta as balas dos fusís modernos, balas humanitarias pondo o combatente fóra de combate, sem lhe produzir lesões graves.

\* \*

#### BACTÉRIAS LUMINOSAS

Os vegetaes productores de luz na obscuridade se encontram entre os Thallophitas — bactérias, cogumélos e algas, principalmente no primeiro grupo. A' presença de taes bacterias se attribuem os tons, accidentalmente luminosos, que se notam em carnes de açougue, dos quaes se pôde isolar o *bacterium phosphoreum*, que, cultivado em meios convinhaveis, conserva a luminosidade, e inoculado em carne normal lhe communica a phosphorescencia.

Esse phenomeno foi observado em 1852, pelo chefe do serviço sanitario de Vienna, em salsichas confiscadas por emittirem de toda a sua superficie, luz bastante intensa para permittir a leitura de letras impressas; tornavam luminosa a agua onde eram immergidas, ao passo que, expostas á luz, nada apresentavam de anormal.

Têm-se observado cadaveres humanos phosphorescentes, como um apodrecido nas catacumbas de Roma, coberto de uma poeira tão vivamente luminosa que illuminou o tumulto durante alguns mezes.

Phenomenos semelhantes pôdem ser observados pela inoculação do *bacterium phosphoreum* e outros de vinte e cinco especies, capazes de provocar luminosidade das substancias organicas em que se desenvolvem.

Nos peixes marinhos, a phosphorescencia é mais intensa de vinte e quatro horas depois de mortos até o terceiro ou quarto dia, quando a putrefacção modifica sensivelmente a natureza chimica do meio.

\* \*

#### OS CANAES DE MARTE

Os canaes do planeta Marte, observados por diversos astrônomos fôrão muito contestados e attribuidos a defeitos dos instrumentos ou da visão dos observadores; entretanto, por mais que se esforcem em combater a hypothese os defensores do privilegio da habitabilidade e das actividades vitaes da Terra, é um facto que os defeitos apontados não se reproduzem na observação de outros planetas, pelos mesmos astrônomos e com os mesmos telescópios.

Não se pôde, entretanto, recusar fé aos factos demonstrando a existencia desses canaes duplos, já medidos com certa precisão. Elles não são perfeitamente parallelos, como se suppunha; têm curvas e desvios, não podendo, por isso, provir dos defeitos indicados, nem das apparencias de desdobramento, devidos á refracção da atmosphéra marciana, de densidade inferior á nossa.

Por sua conformação e variabilidade, esses não pôdem ser um resultado natural; fôrão feitos por habitantes do planeta para a irrigação necessaria á vegetação na primavera e no outono do planeta, do sólo, pouco áspero, com algumas raras montanhas, de altura maxima de 4.500 metros, conforme Flammarion, e abundantes planicies desprovidas de rios. Assim, em Marte, se reproduz o processo empregado no Egypto: fazer desbórdar, periodicamente, o Nilo para fecundar os terrenos arenosos, sendo a agua conduzida por numerosos canaes para as terras onde cultivava o trigo, o arrôz, o milho.

Os canaes de Marte existem ha muitos seculos, porque não podiam, por suas dimensões gigantescas de 50 a 100 kilometros, ser feitos e destruidos em 24 horas, mas sómente são visiveis quando cheios d'agua. Disto dependem as mutações observadas nesse regimen de irrigação: um canal novo desaparecendo e tornando a ser visivel alguns mezes mais tarde, um dia ou dois; o nascimento de um canal secundario paralelo ao primeiro, factos que dependem, evidentemente, do aspecto d'agua enchendo ou fugindo dos leitos artificiaes e se espalhando nas regiões circumvisinhas.

Considerando que Marte, por suas condições cosmologicas, distancia do Sol, densidade a pêsco, é mais velho que a Terra, que a evaporação na sua superficie é muito rápida e a condensação muito difficil, conclúe-se que a irrigação é para elle uma necessidade indeclinavel.

Os canaes duplos apparecem nas épocas mais favoraveis á vegetação, quer funcionem, artificialmente, quando occôrre a necessidade delles, quer entrem naturalmente em actividade, para evitar as inundações, quando as neves se derrem: é, em todo o caso, fóra de duvida, por sua confirmação e fórmula de se manifestarem, que não resultam de accidentes do terreno, mas de uma criação intelligente e activa.

Fica assim desmoronado o privilegio da habitabilidade da Terra e demonstrado que a vida é universal e progride no infinito do tempo e do espaço.

Taes são as conclusões de A. Breydel.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO

Fez annos o leão, quiz ir á caça ;  
 E a delle não costuma ser escassa ;  
 Não consiste em pardaes, em bagatellas,  
 Mas em bons javalis, e em corças bellas.  
 O rei dos bosques, pródigo e discreto,  
 Para sortir effeito o seu projecto,  
 Chama o burro, animal de voz não fina,  
 E o burro váe servir-lhe de buzina.  
 Elle ao posto o condúz, cobre-o de ramos,  
 Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos  
 Crê que ainda os mesmos brutos, que dão  
 provas

De atróz braveza, fugirão das cóvas :  
 Não era aquella tropa ainda uzada  
 Ao fragor de asinina trovoadá.  
 No ar o espantoso orneio emfim resôa ;  
 Vaga o terror e as grutas despovôa :  
 Tremendo, a turba agreste alonga o passo ;  
 Foge tudo, e, fugindo, eis cáe no laço,  
 Onde os espera a garra penetrante.  
 «Então, que tal, que tal? Não sou chibante?»  
 (Diz o burro ao leão c'o a fronte alçada,  
 Arrogando-se a gloria da caçada).  
 «Trôas (volta o leão), trôas devéras,  
 E se não conhecesse quem tu eras,  
 Eu mesmo com teus zurros me assombrava!»  
 O burro, se pudésse, resmungava,  
 E tinhamos arenga, inda que havia  
 Motivo para aquella zombaria.  
 Pois quem ha-de soffrer, quiéto e mudo,  
 Que um, que não vale nada, arróte em tudo?  
 Quem soffrerá que audacia o burro affecte?  
 Character fanfarrão não lhe compete.

BOCAGE

### LORD BEACONSFIELD

#### III

A reputação de salão que gosava lord Beaconsfield, levou algum tempo a transformar-se em popularidade ; mas a sua popularidade, apenas obtida, penetrou rapidamente a enorme massa trabalhadora, e tornou-se em poucos annos essa vasta e possante nomeada, que fez o seu nome familiar, quasi domestico, em toda a parte onde se falla inglez, na mais rude aldêa de pescadores de Cornwall, no *bush* d'Australia, entre os mesmos montanhezes barbaros dos *Highlands*, e que, quando elle se dirigia ao congresso de Berlim, attrahia ás estações do caminho de ferro as populações da Allemanha, a contemplarem o *grande inglez*. E este reconhecimento de gloria constitúe um dos phenomenos mais curiosos da carreira de lord Beaconsfield; porque, em geral, não se avalia bem a difficuldade portentosa de obter uma fama, mesmo medíocre.

Não ha nada tão illusorio como a extensão de uma celebridade; parece, ás vezes, que uma reputação chega até aos confins de um reino — quando na realidade ella escassamente passa das ultimas casas de um bairro.

No momento de sua prodigiosa vóga, o velho Alexandre Dumas ficou assombrado de que o magistrado de uma villa, visinha de Pariz, homem illustrado, de resto, não soubésse com que lettras se escreve esse glorioso nome de Dumas !

E se nós pudéssemos reduzir a numeros, as proporções das glorias contemporaneas, ficaríamos aterrados perante a grotesca mesquinhez dos resultados. Nós outros jornalistas, criticos, artistas, homens de estudo, e de curiosidade litteraria, julgamos quasi impossivel que haja alguém na Europa que não tenha lido Victor Hugo, ou que, pelo menos, não conheça esse nome de syllabas faceis, que ha meio seculo fére, a grande estrondo, o ouvido humano; pois bem, póde-se dizer que fóra de França, apenas cinco mil pessôas, talvez, terão lido Victor Hugo — e que não passará de certo de dez mil o numero de creaturas que lhe saibam o nome, incluindo mesmo a vasta massa democratica de que elle é o épico official. E já isso constitúe um famoso progresso — desde o tempo em que Voltaire ambicionava ter *cem leitores* !

A conhecida allegoria da Fama, cantando o nome dum varão com as suas cem bôccas, applicadas ás suas cem tubas, e voando de um a outro confim do Universo — é uma das imagens mais descaradamente falsas que nos legou a Antiguidade. Esse estrondear das cem tubas morre como um suspiro dentro da área humilde dum curriculo ou duma *coterie*: e nada viaja com uma

lentidão igual á da Fama. Um fardo de fazenda gasta quatro dias a vir de Londres a Lisbôa — e os nomes de Tennyson, Browning, Swinburne, os trez grandes poetas da Inglaterra, e que ha quarenta annos são a sua mais pura gloria, ainda cá não chegaram. E' verdade que todo o mundo necessita flannels — e nem todo o mundo supporta Poesia.

Mas, uma celebridade não encontra só difficuldades em transpôr a fronteira — acha-as sobretudo quasi insuperaveis em fixar a attenção da grande turba dos seus concidadãos. Principalmente num paiz como a Inglaterra, em que a áspera lucta pela existencia, a soffrega preocupação do pão diario, o feróz conflicto da concurrencia, não permitem esses pachorrentos vagares, os vagares portuguezes ou hespanhóes, em que se está de barriga ao sol, prompto a reparar, a admirar o menor foguête que estála nos ares.

Em Inglaterra, o duque de Wellington era de certo popular — porque ganhou a batalha de Waterloo, e, portanto, segundo a crença contemporanea, salvára a Inglaterra da invasão. Gladstone é conhecido em cem cidades e mil aldeias, porque alliviou a nação dos seus grandes impostos. Mas, esses formam as excepções ; as outras celebridades inglezas, ou sejam politicos como lord Salisbury, ou philosophos como Spencer, ou poetas como Browning, ou artistas como Herkomer — permanecem profundamente ignorados da grande massa do publico. São reputações de salão, de academia, de club, de redacção de jornal.

Ora, lord Beaconsfield realmente nunca fez cousa alguma para se tornar popular e sempre lembrado : nunca ligou o seu nome a uma grande instituição, a um grande beneficio publico, a uma campanha victoriosa. Tudo, ao contrario, nessa original personalidade, parecia destinal-o á impopularidade : a sua origem, os seus gostos e habitos ante-inglezes, a sua poderosa veia sarcastica, a sua oratoria requintada e subtil, o gongorismo metaphysico das suas concepções litterarias, e certos lados muito accentuados do seu fundo semítico. E a isto accrescia que, para a a grande maioria da nação, elle representava um *parvenu* de auctoridade oligarchica, surdamente hostile á idéa de democracia e de soberania popular.

A sua assombrosa popularidade parece-me provir de duas causas : a primeira é a sua idéa (que inspirou toda a sua politica) de que a Inglaterra deveria ser a potencia dominante do mundo, uma especie de Imperio Romano, alargando constantemente as suas colonias, apossando-se e *britannizando* os continentes barbaros, reinando em todos os mercados, decidindo com o pêsco da sua espada a paz ou a guerra do mundo, impondo as suas instituições,

a sua lingua, as suas maneiras, a sua arte, tendo por sonho um orbe terraque que fôsse todo elle um imperio britannico, rolando em rythmo através dos espaços.

Este idéal, que tomou o nome de *imperialismo*, nos dias de gloria de lord Beaconsfield, é uma idéa querida a todo o inglez; os mesmos jornaes liberaes, que com tanto furor denunciavam os perigos dessa politica romana, no fundo gosavam uma immensa satisfação de orgulho em proclamarem a sua inconveniencia. Havia tanta prosápia britannica em conceber um tal imperio, como em o condemnar, e em dizer, com um ar de nobre renunciamento: «Não nos convém a responsabilidade de governar o mundo!»

Lord Beaconsfield, sendo a encarnação official dessa idéa imperial, tornou-se naturalmente tão popular como ella. Foi considerado então como o instrumento da grandeza exterior da Inglaterra, como o homem que a fazia dominante e temida, que mantinha alta e reluzindo terrivelmente aos olhos do mundo, a espada de John Bull.

Gladstone, Bright, a grande escola liberal, conhecida pela *escola de Manchester*, era agóra accusada de ter—com a sua politica de abstenção só occupada de melhoramentos materiaes, de finanças, de civilização interna—deixado definhar, morrer o prestigio inglez na Europa.

E ali vinha agóra aquelle extraordinario judeu, apoiado na riqueza, na prosperidade interior que lhe tinham legado os liberaes, collocar de novo a Inglaterra á frente das nações, fazendo resôar ao longe e ao largo a sua voz de leão.

Todo o paiz andou durante annos inchado com esta grandiosa filaucia, que lord Beaconsfield ia sempre entre-tendo com os seus discursos bellicosos, as ameaças theatraes, as concentrações de frótas, um constante movimento de regimentos, invasões aqui e além, a occupação de Chypre, a quasi absorpção da propriedade do isthmo de Suez, sempre algum lance brilhante em que a Inglaterra apparecia entre os fogos de Bengala da sua eloquencia, como a senhora do mundo. E John Bull adorava isto, apesar de ver que a espada de Inglaterra, depois de flammejar um momento nos ares, era invariavelmente recolhida á baínha, apesar de comprehender que o dinheiro se gastava como a agua das fontes; apesar de sentir que os impostos cresciam; apesar de perceber que a Inglaterra estava tomando sobre os hombros responsabilidades desproporcionadas com a sua força mesma.

Depois, um dia, o grande sensò pratico da Inglaterra viu claramente a necessidade de brilhar menos aos olhos do mundo—e de se occupar da machina interior, que começava a desarranjar-

se; pôz fóra o grandioso Beaconsfield, e chamou o pratico Gladstone—o homem que reconstitúe as finanças, que allivia os impostos, que faz as grandes reformas interiores. Mas, apesar de tudo, Beaconsfield ficou como o typo do estadista que mais que nenhum outro amou e desejou a grandeza imperial da patria.

A esta causa de popularidade deve juntar-se outra—a *réclame*. Nunca um estadista teve uma *réclame* igual, tão contínua, em tão vastas proporções, tão habil. Os maiores jornaes de Inglaterra, de Allemanha, de Austria, mesmo de França, estão (ninguém o ignora) nas mãos dos israelitas. Ora, o mundo judaico nunca cessou de considerar lord Beaconsfield como um judeu—apesar das gôtas d'agua christã que lhe tinham molhado a cabeça. Esse incidente insignificante nunca impediu lord Beaconsfield de celebrar nas suas obras, de impôr pela sua personalidade, a superioridade da raça judaica—e por outro lado, nunca obstou a que o judaismo europeu lhe prestasse absolutamente o tremendo apoio do seu oiro, da sua intriga e da sua publicidade. Em novo, é o dinheiro judeu que lhe paga as suas dividas; depois, é a influencia judaica que lhe dá a sua primeira cadeira no parlamento; é a ascendencia judaica que consagra o exito do seu primeiro ministerio; é, emfim, a imprensa nas mãos dos judeus; é o telegrapho nas mãos dos judeus, que constantemente o celebraram, o glorificaram como estadista, como orador, como escriptor, como heróe, como genio!

EÇA DE QUEIROZ.

Londres, 1881.

(Continúa)

## FARIAS BRITO

### II

Disse eu que a nossa pobresa de homens é ainda mais deploravel na esphera scientifica, e, sobretudo, em materia de philosophia propriamente—entendida mesmo como processo de systematisação ou condensação de todo o saber. O estado da nossa intellectualidade não é, no emtanto, particular ao Brazil, mas a toda a America, si guardamos uma justa reserva quanto aos Estados-Unidos, onde agóra se opéra um notavel movimento em certos generos especiaes de cultura—assignaladamente a historia, o direito, as sciencias naturaes.

O que dizemos, portanto, em relação ao nosso paiz, pôde-se tornar extensivo a todo o continente: no Brazil, como na America em geral, a acção do homem é ainda mais forte (e isso por menos que seja) do que a intelligen-

cia. A nossa cultura scientifica, por emquanto, tem sido de simples assimilação. Isto não quer dizer que, num ou noutro genero, um ou outro espirito não haja feito alguma coisa. Sobretudo em materia de historia natural, de archeologia prehistorica, de linguas indigenas, já temos alguns trabalhos de merito no nosso activo, e podemos apresentar nomes que se notabilisaram por esforço consciencioso no estudo da nossa fáuna, da nossa flóra, das tribus selvagens, da questão das origens, das linguas, etc. Já tivemos um Alexandre Rodrigues Ferreira, notavel naturalista, que estudou toda a flóra do Amazonas e de Matto-Grosso, e que deixou grande numero de obras até hoje inéditas;—o doutor Mello Moraes (pai do illustre poeta homonymo) e que foi um espirito laborioso, escreveu um *Diccionario de Botanica*, além de outras muitas obras, tanto sobre a sciencia que professou como sobre historia patria;—o doutor Niculau Moreira, abalisado naturalista: deixou, sem contar numerosos outros trabalhos, um *Diccionario de plantas medicinaes brasileiras*—1862;—Domingos Ferreira Penna;—doutor Arruda Camara;—João Alfredo de Freitas (deixou este um trabalho que julgamos os entendidos de alto preço, intitulado *Excursão pelos dominios da entomologia*, estudos e observações sobre a formiga);—e tantos outros. Entre os vivos, contamos estudiosos de valor, como o doutor Francisco de Paula Oliveira, o doutor Sergio de Carvalho, o doutor Carlos Moreira e muitos cujos nomes de momento me não acódem. O doutor Carlos Moreira é assistente do nosso Museu, e dizem que tem trabalhado com esforço e mesmo com enthusiasmo e paixão certamente comparaveis aos desse outro espirito, o doutor Benedicto Raymundo da Silva, tão nobre e modesto, dedicado ás sciencias naturaes, com heroismo que tem resistido a toda a indifferença e a todas as decepções que em nosso paiz em regra affligem a quantos exercem aptidões de semelhante natureza. Benedicto Silva parece que não pôde até hoje publicar coisa alguma. Tem, no emtanto, pelo menos duas obras de verdadeiro valor: *Contribuição para a historia natural dos lepidopteros do Brazil* e *Diccionario de zoologia do Brazil*.—Entre os naturalistas que teem enriquecido a nossa litteratura scientifica, tem preeminencia, sem duvida, o doutor Barbosa Rodrigues. Pelo grande numero de obras publicadas e ultimamente pela sua monumental *Sertum palmarum*, é o doutor Barbosa Rodrigues um nome europeu.—Bem que eu podia inclúir nesta lista um nome, o de Emilio de Menezes, cuja grandeza, sem duvida, não teria com isto que augmentar. Quem ha por ahi que se convença de que, vendo bem, descobrirá um natu-

ralista muito grave de sob os fulgores do glorioso poeta ?

Em summa: acaba-se de ver que, pelo respeito a sciencias naturaes, temos sempre alguma coisa. Isso, no emtanto, é preciso dizer com franqueza, não nos auctorisaria ainda a sustentar que o nosso espirito já enfrentou aqui resolutamente com a natureza. Ainda não se deu aqui a larga expansão, o vasto desdobramento da intelligencia humana, sentindo-se em presença dos phenomenos e já capaz de impressões directas, proprias, originaes. Isso é evidente que só acontece quando os espiritos mais capazes encontram um meio social que os não sollicite poderosamente ou pelo menos uma phase politica em que os problemas de ordem historica não absorvam de todo a actividade espiritual.

E si, tratando-se do estudo concreto da natureza, do exame detalhado deste ou daquelle grupo de phenomenos, é certo que ainda muito pouco havemos feito — muitissimo mais sensivel é a nossa indigencia na esphera da pura especulação. Resalta sobretudo a nossa penuria quando nos inquirimos sobre o que temos ao menos tentado quanto á construcção synthetica, ao trabalho coordenativo, ao methodo, aos processos de analyse, á disciplina, já não digamos das faculdades creadoras, mas ao menos das faculdades de assimilação.

Digamos pois: quasi nada é a philosophia no Brazil, como na America. Em arte, ainda passamos: temos poetas, musicos, pintores, que não se fizeram de certo figuras universaes (e de muitos até se poderia dizer que o não são, mais pelas circumstancias do meio que por deficiencia de genio) mas que incontestavelmente fazem honra ao nosso espirito. Na provincia das sciencias naturaes, no que diz cultura profissional, temos até representantes que na Europa seriam verdadeiras celebridades.

Em philosophia, propriamente, somos, porém, quasi tão pobres como Job. (E assim mesmo — digamol-o entre parenthesis — somos ainda dos mais ricos do Novo Mundo.) Explica-se isso, já o dissemos; e, ainda por isso, não ha desar em confessal-o.

\*  
\* \*

Tratando-se de espiritos que ascenderam á ampla critica do universo, á synthese philosophica, á alta psychologia — a nossa historia se faz em poucas linhas. Não sei si antes de Mont'Alverne se tem algum nome a interpellar, a não serem alguns padres, que aliás nada nos deixaram. Tivemos muitos professores de philosophia no antigo collegio d. Pedro II, Gymnasio Nacional hoje; por exemplo: o dr. Paula Menezes, o padre-mestre Patriçio Muniz, frei Saturnino, frei Santa-

Maria Amaral; tivemos frei Rodovalho, frei Francisco de Sampaio, o padre Souza Caldas, philosopho e poeta, Claudemiro Caldas, o marquez de Maricá e o visconde de Cayrú, (estes se distinguiram principalmente em psychologia e moral) frei Itaparica, frei Raymundo Nonato da Madre de Deus Pontes, theologo e orador. Devem ser citados ainda alguns contemporaneos ou pósteros immediatos de Mont'Alverne, taes como Domingos Magalhães (visconde de Araguaya) — poeta e philosopho; o dr. Ferreira Pinto, o visconde de Saboia, (combateu vigorosamente o positivismo) etc.

Quasi todos esses, porém, não passaram de simples assimiladores: nada ou muito pouco fizeram de original, e, portanto, não se pôde dizer que affirmaram o nosso espirito. Alguns escreveram artigos para jornaes e revistas e uns quantos chegaram a publicar livros. Esses livros não fôram mais, no emtanto, do que méras condensações, resumos, em regra, da philosophia classica. A dialectica, o estylo, os principios — tudo na pura escolastica.

Não fôram, portanto, propriamente philosophos, pois que não fôram pensadores.

ROCHA POMBO

#### A criminalidade das multidões e a repressão penal

Para os que nos teem pacientemente acompanhado, nesta série de artigos referentes aos crimes collectivos, não é difficilissima a solução do problema penal que elles implicam. Conhecidos os caracteres psychologicos de um delicto commettido no seio da multidão; sabidos os moveis a que, geralmente, obedece um individuo que della faz parte, desde logo occôrre que sua responsabilidade penal tem de ser fortemente attenuada, quando não excluida de todo. Em dadas circumstancias — que os tribunaes saberão apreciar — bem se poderá dizer, com o grande Napoleão, que os crimes collectivos, crimes de toda a gente, a ninguem compromettem. Na maioria absoluta dos casos, táes crimes se praticam sob o impulso de uma idéa nobre ou de um sentimento altruistico, dominando a supposição de um serviço prestado á patria, ao grupo social, ou á humanidade. Psychologicamente — disse-o Le Bon — não podem ser considerados criminosos os actos violentos commettidos pelas multidões. E dil-o porque.

«Poderosa suggestão agita e impelle os individuos, diminuindo-lhes a responsabilidade, e elles procedem na convicção de que obedecem a um de-

ver — o que exclúe a criminalidade». Referindo-se ao assassinato do sr. de Launay, director da Bastilha, observa Le Bon:

«Um acto desses poderá ser considerado legalmente criminoso, mas não psychologicamente». Sem adoptar, em absoluto, a theoria, apenas psychologica, do anthropologista e sociologista francez, vemos que ella contém grande somma de verdade, deduzida da observação dos factos.

A theoria de Sighele — que se modificou um pouco de 1892 para 1901 — resentiu-se, no principio, da influencia da escola de anthropologia criminal lombrosiana, acceitando o *typo do criminoso nato*, com seus stigmas e caracteres differenciaes. Em 1892, dizia elle: «A escola positiva não nos dá resposta decisiva, nem pôde offerecer uma fórmula que sirva para todos os casos.

Pôde haver na multidão «criminosos-natos» e criminosos de occasião; pouco importa que elles tenham commettido os mesmos crimes. A pena deverá ser applicada, segundo pensamos, não sómente de accôrdo com a gravidade objectiva do delicto commettido, mas tambem segundo a temibilidade de quem o commetteu» (*La Foule Criminelle*, pag. 162).

Identica foi a opinião manifestada por Garofalo, na *Tribuna Judiziaria* (12 de agosto de 1891).

Aqui nos occorrem as duvidas que cercáram a theoria do criminoso-nato incorrigivel (constituindo um «typo anthropologico») e que, afinal, depois do Congresso de Bruxellas (1892) — determináram seu repudio pelo mundo scientifico. Bem não sabemos como os da Escola Anthropologica de Direito Criminal se poderiam habilitar para, no correr de um processo, distinguir, *sem attenção aos actos*, um criminoso typico de um occasional. Em todo caso, para nós, apologistas decididos da individualisação da pena, não é inacceptavel, em absoluto, a theoria de Sighele e Garofalo, si se admittir a classificaçã dos criminosos, feita de accôrdo com os stigmas sociaes, vida pregréssa, natureza das paixões manifestadas, etc. Assim, affastado o duvidoso criterio do *typo-criminal anthropologico*, não é especiosa a distincção entre *habituaes* e *occasionaes*. Repugna identificar, ainda no seio de uma multidão de grévistas, levada ao crime, o operario laborioso e pacifico com o vagabundo ou criminoso conhecido, violento e rixoso, que aproveita o *motivo* para exercer seus actos costumeiros.

O *remedio* repressivo a applicar a um, não serve para o outro. Mas, aqui, bem se comprehende que o que determina a distincção não é o reconhecimento de caracteres anthropologicos, fallíveis quasi sempre.

Ultimamente, collocando-se em ponto de vista propriamente juridico, Sighele, perante o Congresso de Amsterdam, expunha sua theoria, mais ou menos, pela seguinte forma:

A suggestão collectiva não supprime inteiramente a responsabilidade, mas a diminúe, em grandissima parte. Demais, a difficuldade da prova é enorme, porque, no meio da multidão envolvida por ella, a testemunha está sujeita a verdadeiras allucinações, a mentiras inconscientes.

E' no crime colectivo que domina, com toda sua força, o phenomeno da suggestão, agindo rapidamente e irresistivelmente. Não ha tempo para reflectir, nem para reagir; o individuo é positivamente arrastado. Dado que commetta um crime, bem pôde ser que sua consciencia honesta, na embriaguez moral do tumulto, esteja adormecida. Dispertada, após o acto criminoso, o homem de bem sentirá horror pelo que fez — e experimentará remorsos. Não pôde, pois, ser tratado como um criminoso vulgar. (\*)

Desenvolvendo sua theoria penal, Scipio Sighele observou que os tribunaes italianos já a haviam accettato, mais de uma vez. E disse a verdade.

Florian, no recente *Trattato di Diritto Penale*, (escripto de collaboraçã com Pozzolini, Viazzi e Zerboglio) — dá noticia dos accordãos citados por Sighele, na ultima edição italiana da *Multidao criminosa*, e publica outros, não menos interessantes. Em geral, os juizes italianos, attendendo ao estado de semi-irresponsabilidade em que se encontram os criminosos em multidão, teem abrandado grandemente as penas taxadas no Codigo de 1889.

\* \*

Florian adverte que só figuradamente se pôde fallar em *crime colectivo*, e em *multidão criminosa*, pois a responsabilidade penal é exclusivamente pessoal.

Ninguém o contesta. Mas, nas condições em que um crime se commette no seio da multidão, o criterio da repressão penal não pôde ser o mesmo que determina a repressão de um crime commum, praticado individualmente. Esse ambiente de febre e de embriaguez, que os auctores descrevem, leva o individuo a alienar-se da sua personalidade. Um crime colectivo é phenomeno bem diferente de crime identico commettido por uma pessoa ou por algumas pessoas *intencionalmente associadas*. Certo não é a «entidade social» constituída pela multidão, o agente do crime; são os individuos que a compõem.

(\*) ACTAS do Congresso de Amsterdam, 1901, pags. 76-77. A discussão da these está mais adiante; pags. 414-421.

Entretanto, resta saber si os codigos vigentes fornecem seguros meios para apreciação e julgamento dessas manifestações delictuosas, que tanto abalam a ordem publica.

Ainda mais; é preciso vér si, ainda attenuadas extraordinariamente, são justas as penas que, na maioria dos codigos, se estabelece para certos crimes, como homicídio, roubo, incendio, ferimentos graves. etc., *quando applicadas a membros de uma multidão*. Florian parece satisfeito com a minoração da penalidade, tal como se pratica na Italia. Entre nós, um espirito de alto discortino e de vasta cultura, o dr. Clovis Bevilacqua pretende ser cousa facil a apuração das responsabilidades individuaes, no meio de um crime colectivo» (*Criminologia e Direito* — 1896, pag. 51).

Para o illustre jurista não é tarefa impossivel perscrutar os animos dos accusados, esmiuçar-lhes os actos, dividindo responsabilidades. (Depois, viria a medição mathematica das penas, temperadas com aggravantes e attenuantes, tal como se procede com os delictos individuaes !)

Sem idéa de desconsideração para com os mestres, ousamos sustentar que é mui estreita, contraria á verdade e á apreciação scientifica dos factos, essa maneira de resolver o problema.

A multidão não é só um *ambiente*, um *meio*; é, tambem, uma *condição* segunda, extraordinaria, que modalisa o individuo, que o transfórma, que o «despersonalisa» por completo. Apurar responsabilidades pessoaes, no meio de um delicto verdadeiramente impessoal, commettido por dezenas ou centenas de individuos, é cousa impossivel. Em verdade, seriamente, o mais que se pôde ter como averiguado é que taes e taes pessoas faziam parte do grupo. Nada mais.

Já vimos *como* procedem, e *porque*. Já sabemos que papel representam, nos movimentos convulsivos de uma multidão, a *imitação*, a *suggestão* e o *contagio*. Ainda podemos, aqui, lembrar, para recordação do que já deixámos firmado na primeira parte, o que escrevia a professor Debierre, tratando do assumpto que nos occupa :

«Os crimes tremendos commettidos pelas multidões, em tempos de revoluções e de convulsões sociaes, se explicam pela imitação e pelo contagio. A emoção começa, sóbe, levanta, como a maré; váe-se communicando dos sentidos de uns aos dos outros, como a electricidade entre as mãos dos que seguram na mesma corrente electrica; exalta-se, torna-se louca; o impulso, apparecendo em algum membro da multidão, irrompe como o vapor incandescente que sáe de cratêras vulcanicas; e todos seguem, desde os impulsivos e irreflectidos, até os indifferentes e timidos.

(LE CRÂNE DES CRIMINELS, pags. 366 e 367).

Mais adiante, Debierre falla em «embriaguez moral», para caracterisar esse estado de relativa irresponsabilidade a que são levados os individuos que delinquem em multidão. Sighele igualmente reconhece que ha um momento em que o delicto é louco, sem causas e sem fins, resulta de verdadeiro phrenesi, sem dominação do raciocínio e sem comprehensão dos actos praticados. O dr. Paulo Aubry affirma que «a multidão se torna inconsciente nos massacres».

Em que se parece o roubo ou o homicidio, commettido nessas condições, com igual delicto praticado por um só individuo ou por pessoas já ligadas por criminosa intenção? Tomando para base de argumentação o Cod. Penal Brasileiro, perguntamos: — é justo applicar penas de seis e quinze annos a homicidas quasi inconscientes, embóra tendo em grande consideração as attenuantes communs?

Um homem honesto, envolvido pela multidão, quebra um mostrador commercial ou arromba uma gavêta, tirando genero ou dinheiro. Qual é a pena, *no minimo*? Dois annos de prisão cellular! E as circumstancias aggravantes?! Preciso é contar com ellas. Admittindo a apuração das responsabilidades individuaes e o esmiuçamento dos actos praticados, teremos forçosamente, em caso de homicidio, de attender ás aggravantes da superioridade em armas, do motivo frivolo, da surpresa, do arrombamento, etc. E haverá cousa mais absurda, em se tratando de crimes perpetrados por grupos heterogeneos, formados occasionalmente, sem idéa fixa e sem rumo?! Os juizes italianos teem sophismado a lei penal, para acudir a taes situações embaraçosas.

No Brazil, seria preciso fazer o mesmo, pois o nosso Codigo, na parte geral, como em outros pontos, derivou em linha recta do Codigo-Zanardelli.

\* \*

—Afinal — perguntará o leitor paciente e amigo—qual a solução que você tem a audacia de apresentar?

E responderei, sem falsa modestia e, tambem, sem vangloria. Já foi dada em parte uma solução razoavel. Eu, aqui, apenas lhe proponho a ampliação.

O eminente dr. João Monteiro, da Faculdade de S. Paulo, tratando dos delictos commettidos em *rixa* ou *collição de individuos*, opinava no sentido de se estabelecer uma pena especial, moderada, para o «facto de ser parte ou membro do grupo», não tendo em grande consideração os resultados materiaes da lucta. Entendia o mestre ser absurdo apenar com 30 ou 24 annos de prisão cellular, o homicidio commettido em tumulto, onde

bem não se podem destacar as responsabilidades, pois, no meio do disturbio, todos *dão* e todos *apanham*.

Com maior força de razão, se pôde dizer que é iniquo applicar as graves penas de homicidio e de roubo a individuos que matam ou saqueiam, fazendo parte de uma turba, que os arrasta e os allucina.

Ao lado dos delictos commettidos por individuos, mais ou menos conscientes, se deve escrever, nos codigos penaes, o facto de fazer parte de uma multidão que delinque, sendo as penas muito inferiores ás estabelecidas para os mais graves crimes praticados, ~~admittindo~~, como aggravante especial, a circumstancia de já ter sido o individuo condemnado por delicto de igual natureza, praticado em condições differentes. O que a lei penal deve punir é a condição de ser membro de um uma multidão criminosa. Será isso um delicto *sui generis*, igual a muitos outros consagrados nos codigos.

Gabriel Tarde havia notado que o jury decidia sempre absurdamente, quando tinha de julgar « crimes collectivos ».

Considerando um crime collectivo como simples somma de actos individuaes, acreditando que cada um dos accusados, estando fóra do grupo, seria capaz de proceder pela mesma fórma, — o jury ou augmentava ou diminuía excessivamente a responsabilidade de cada um, por não ter seguro criterio de apreciação. Com o systema que, ora se propõe desaparece o perigo dessa maneira de julgar.

Outra solução que me occórre, de momento, é a de constituir uma circumstancia attenuante, de força muito particular, o facto de haver o individuo agido como membro de uma verdadeira multidão, só podendo o effeito dessa attenuante ser contrabalançado pela aggravante da reincidencia. A quem tivesse procedido nas condições indicadas, só poder-se-hiam infligir as penas da cumplicidade, tendo em vista as attenuantes que fôsem applicaveis, como a menoridade, o bom comportamento anterior, etc.

A attenção dada á reincidencia (caso o primeiro delicto tivesse sido praticado individualmente) serviria para repressão dos criminosos verdadeiramente temiveis e, até certo ponto, individualisaria a pena, sem deixar, tambem, de lhes ser levado em conta o arrastamento provocado pela multidão.

Esta solução parece-me, entretanto, menos accetavel do que a outra; porque, collocado no ponto de vista da actual legislação penal nossa, um criminoso primario, homem sério, envolvido em multidão homicida, poderia ser condemnado, no minimo, a 4 annos de prisão cellula...

Termino, pois, recommendando ao estudo dos doutos, a primeira solução proposta: — a criação de uma figura criminal *sui generis*.

EVARISTO DE MORAES

### A LIVRARIA

ODES E ELEGIAS — MAGALHÃES DE AZEVEDO — ROMA.

Sómente á sombra de uma velhissima columna do Palatino, vendo faiscar nas lages imperiaes o Sol sempre novo do Latium, ou no alto do Pincio, sob um múrmuro loureiro, dominando os horisontes gloriosos da Campanha, poderia um poeta ter meditado e creado esses versos, de um tão elegante geito latino, de um tão nobre classicismo, atravessado um pouco da nervosidade, que se não pôde conter, do artista moderno.

Em outro meio, em outro ambiente, onde se não respirásse aquelle ar saturado da Grande Historia, onde não fôsse a paisagem em todos os aspectos enquadraada pelos vestigios dos monumentos do tempo heroico, onde tudo, céo, campo, cidade, colinas, vias, jardins, templos de pé e palacios derrocados, não lembrásse um passado que sempre com emoção lembramos — um poeta, mesmo de tanto talento, e de musa tão dócil, não poderia resuscitar com exito esses velhos metros e esses velhos rythmos latinos, conservando, como o faz o sr. Magalhães de Azevedo, com o sabor classico, um pouco da voluptuosidade e do amaneirado dos romanos da decadencia.

A tentativa da adopção de taes rythmos na poesia portugueza, como já ha feito em outras linguas, menos capazes de supportal-os, parece dar resultado excellente atravéz dos poemas desse distincto brasileiro, por isso que os seus quadros, esboçados sobre um fundo romano, completados por um espirito francamente latinizado, encontram naquelles metros desaparecidos, mais um meio de exprimir os sentimentos ou as visões da antiguidade classica.

Não cremos, entretanto, que a fórma preconisada nas *Odes e Elegias*, quando se tratar dum aspecto da vida moderna, em que nenhum lado lendario ou heroico da historia romana ou grega, possa ser invocado, se preste da mesma fórma; antes nos parece pouco artistico o contraste entre um rythmo que nos embalou sempre com os échos de grandes cousas passadas, e as paisagens e paixões deste seculo, já servidas por uma poetica de fórma maleavel, melodiosa, colorida, propria a desenhar os mil suaves contornos da sentimentalidade do tempo presente.

O proprio auctor deve ter palpado a asperesa desse contraste, porquanto, ás vezes, sentindo que as figuras do quadro não possuem a mesma vetusta physionomia greco-romana, serve-se do sempre novo e fulgurante decassylabo, manejando-o com raro vigor e completa sciencia. Leiam *As abelhas*, *Sinfonia das Fontes*, *Dois Mundos* e *A Cantora*.

O poeta consegue um outro effeito, que auxilia enormemente a illusão de estarmos lendo um latino: é a sua *maneira*, como diria um pintor, imitada com muita graça e finura dos eglocistas. As expressões « chilreiam estivas cigarras », « hortas humildemente uteis » e outras semelhantes, não parecem vertidas dos classicos?

Comtudo, neste livro, a sua adjectivação sempre tão feliz e cheia de encantador imprevisto, pareceu-nos por vezes falsa, e de um rebuscado falho. Positivamente não conseguimos gostar de modos de dizer, taes como: « tom robusto » (de uma vóz); « Venus deliciosa e formidavel » (a estatua do Capitolio); « sorriso gracioso e magnifico » (das figuras de marmore), etc.

De outro lado, em alguns poemas deste volume, ha o senso do grandioso e do tragico, mas o estylo é frio e hirtito... Quizéramos que sobre o desenho severo, lembrando um pouco as frisas gregas, se esbatésse um colorido mais vivo, como nas pequeninas *manchas* do livro de Albert Samain, *Aux Flancs du Vase*; quizéramos que em todos presidisse o encanto fundo e dominador que existe nos versos *Escuridão*, ou a amorosa vitalidade que nos delicia nas estrophes *Dois Mundos*.

Mas, isto é muito pouco desgostar, diante da impressão magnifica que nos deixou a leitura desse ultimo livro do joven e illustre brasileiro, de certo inferior em inspiração aos anteriores, mas denotando um fino espirito do seculo, accórde com as grandezas do Passado, e um vigoroso cultor da lingua.

\* \*

PAMPANOS, SONETOS — COSTA GOMES — MARANHÃO

Depois de tratarmos de um espirito nobre e profundo, vem-nos difficilmente o tom preciso para dizer de um poeta ingenuo, cheio de encantador provincianismo, provavelmente muito moço.

Só a sabia ingenuidade dos vinte annos podia fazer nascer essa lembrança imprevista de offertar um livro, que se atira aos azáres da publicidade, aos dois magnos *leaders* das lettras patrias, os srs. Sylvio Romero e José Verissimo; só um infantil illusionismo assentaria um futuro de paz no seio da Critica, nas opiniões-dogmas a res-

peito dos destinos da poesia e da missão do poeta, tiradas dos escriptos dos dois eminentes homens de letras, e exaradas, como uma prédica que se não deve olvidar, na primeira folha do livrinho; só uma fé sincera nos effeitos da *réclame* faria estampar em leve tira de papel da ultima hora, grudada á capa, a impressão d'além-mar de um escriptor lusitano, recebida á leitura de alguns sonetos do auctor dos *Pampanos*.

Entretanto, o sr. Costa Gomes não necessitava desses artificios, significando vãos temôres, para enfrentar uma critica sincera e incapaz de magoar illusões.

Valha a verdade que aos seus versos, de optima factura, e escriptos em correcto vernaculo, falta justamente o que pedem aquelles dois grandes guardas das letras, isto é, lyrismo espontaneo e sincero; falta-lhes tambem novidade, falta-lhes sobretudo inspiração pessoal.

A inspiração é a mesma que serviu aos melhores padrões da poesia nacional contemporanea, e o proprio sr. Costa Gomes, viu-se obrigado a dedicar o soneto imitado das *Pombas*, a Raymundo Corrêa. Porque não resalvou com o nome de Olavo Bilac o soneto *Contigo*, francamente tirado de *Ouvir estrellas?* Porque nos não faz uma apresentação em regra desse outro soneto, que trata de uma visita á casa abandonada, onde nem a voz de sua mãe escuta, e onde, pela chacara paterna

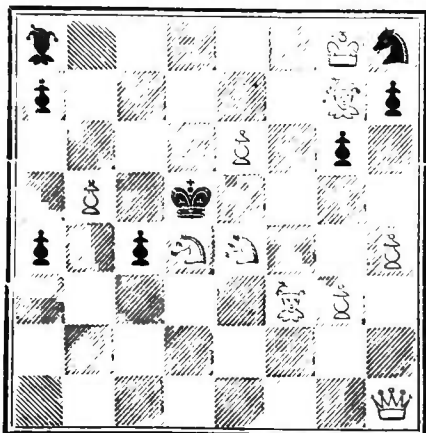
Cada tronco soluça uma elegia,  
Murmura uma saudade cada pedra!...

Se o sr. Costa Gomes é moço, auguramos que, de posse de uma versificação tão facil, e tratando discretamente a lingua, como o faz, poderá ainda abandonar os moldes já vistos, e fazer cousa sincera e sua, de accordo com o talento que lhe adivinhamos.

L. B.

## DIVERSÕES

Problema n. 12 -- NEGRAS



As brancas jogam. Mate em tres movimentos.

## O ALMIRANTE (15)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO IX

A meia noite, a marquezia permanecia ainda á janella do quarto de dormir, ora meditativa, ora fitando no céu limpido, as constellações rútilas, luminoso enchame surgindo do horisonte, numa arribação de outro hemispherio, por tráz da ramaria escura do frondoso arborédo do parque silencioso. O cheiro capitoso das gardenias, a pontuarem de manchas alvas os canteiros, recentemente desbastados das hervas damninhas, de mistura com as fragancias das rósas, sobreviventes ao longo abandono, se lhe figurava uma linguagem mysteriosa de amigos esquecidos, de amigos mortos, em comunicação telepathica através do espaço infinito, avivando-lhe a saudade do Almirante, a esperança de tornar a vêr, dentro de um mez, essa creatura amada, concentrando o immenso affecto, que era a summa do amôr de mãe e esposa, vencido pela fatalidade. Ella estava alli, só, como uma exilada, a esperar consolação do somno, mulher inutil, separada por uma barreira lugubre da perspectiva dos idéas das mãis obscuras; como Marianninha, victoriosa no seu ninho povoado de vigorosa próle, ella estava privada do encanto de sobreviver nos filhos; e, para socegar o seu espirito errante, fugitivo do cerebro, fixava a attenção em coisas que lhe restituíssem o sentido das coisas vivas, acompanhando os rumores vagos do trabalho incessante da eterna força creadora e fecunda, agindo na tréva de concerto com o trillo dos grilos, ás martelladas sotúrnas dos sápos no ambiente saturado pelo filtro magico das flôres, sequiosas de pollen.

Naquelle silencio tristonho, naquellas moitas escúras, agitadas pela brisa marinha com um ruido de sêdas amarrotadas, viviam e se transformavam legiões, que se amavam, que se reproduziam, que se destruiam em luctas ignoradas, vencedoras e derrotadas, glorias e miserias mudas, sem repercussões de hymnos ou gemidos, na submissão ás implacaveis leis da vida univernal. Ella, rica, vigorosa e bella, fadada para collaborar na grandeza do seu meio, se contaminára do ascetismo estéril do convento, chegando, depois de ephemero percurso pelas altas regiões mundanas, á velhice prematura, como um destroço de naufragio, uma vencida sem combate. Restavam-lhe, sómente, de sua actividade creadora, os tumulos dos filhos, na alamêda de jaqueira, ou, no cemiterio, encerrados em pomposo mausoléu, onde dormiam o eterno

somno ao lado do pae. Oscar era a esperança consoladora amenizando a inolvidavel saudade, que a cruciava.

Mas, a atmosphéra começava a esfriar, e a temperatura deprimida lhe transmittia estranho máu estar, ligeiras dôres errantes, attribuidas á trépidação do wagon durante muitas horas de viagem. A marquezia fechou a janella e, á tenue luz de uma lampada veladora, despiu-se com uns gestos lentos, fatigados, e derreou-se no sumptuoso leito que fôra o seu tálamo e lhe recordava, naquelle instante, as incertezas, as afflições de moça, ante as revelações do primeiro passo, no limiar da vida de esposa, a lhe occorrerem em desapoderado tropél, com os pensamentos, as tentações diabolicas, tão frequentes outr'ora, durante a sua clausúra de educanda das freiras, e reincidentes com a viuvez.

A carta de Oscar era um derivativo. Ella a releu repetindo em voz alta as phrases de ternura filial, transbordando, eloquentes, daquella alma selecta. Elle divagava em considerações sobre o futuro; mantinha o proposito de não pensar no casamento, que deveria realizar no momento indicado pelo destino, sem plano, sem o minimo calculo, sem processo de escolha meticulosa, acolhendo aquella que lhe surgindo no caminho lhe despertasse o coração enrijado pela vida do mar. Mas, o tempo não se faz cúmplice dos projectos humanos, nem espera que elles chegem á maturidade: a occasião inesperada não se apresentava, e já o bello homem ia perdendo, com as illusões, os cabellos precocemente salpicados de branco. Referia-se ás cartas de Amelia, muito correctas, muito carinhosas e reservadas, nas quaes se lhe percebia, através dos véos do pudor, o coração dictando a mêdo o segredo de uma afeição dominadora, e recalçada sob a fidalguia de maneiras frias e altivas com enorme esforço de vontade. E isso o magoava, penetrando o seu espirito ennobrecido por intensa cultura, como um sôpro perturbador da calma inalteravel e alegre, que elle considerava o seu precioso quinhão de ventura. Accusava-se de impassibilidade, de indiferença, que attingia á descortezia, a mais feia pécha de um homem superior. Figurava-se-lhe um dever ir ao encontro daquelle amor, poupar á pobre Amelia o martyrio de occultal-o e a violencia ao pendor de o denunciar, quando lhe cumpria, como homem, perceber-o, adivinhal-o como se percebem pela fragancia as flôres escondidas, custasse-lhe isso sacrificio sublime, que não tinha coragem de praticar, elle, um estoico, um bravo e um meigo, capaz de arriscar a vida por um impulso de piedade, de altruismo vulgar.

— Pobre Amelia! — murmurou a marquezia, abandonando a carta, e ven-

cida afinal pelo somno—Não te ama... não te ama...

O resto da noite, passou ella em continuo desassocego, assaltada por sonhos máus, estorcendo-se entre carráscos a lhe apertarem a cabeça num circulo de ferro. A' frente delles, um frade de severo rosto esqualido, o espectro do director espiritual do convento, lhe exprobase em tom rúde, com palavras obscenas, iniquidades de pensamento, o horrendo peccado de succumbir á tentação pelo amor ás grandezas, aos gosos sumptuosos, ás injuncções do demonio da vaidade, abandonando o refugio do tribunal da penitencia e o soccôrro efficaç da oração. Deus lhe punira as faltas, amaldiçoando-lhe o ventre, fulminando-lhe os filhos e arrebatando-lhe o marido. E como a pobre se prostrásse em lamentosos protestos de arrependimento, o terrivel frade, abrazado em subito furor, desatava da cintura o cordão nodoso, rasgava-lhe os vestidos e lhe flagellava, cruelmente, o corpo nú, exposto aos olhares cúpidos dos algôzes. No auge do supplicio, despertava estremunhada, a bôcca sêcca e áspera, o peito opprêso e o coração a tremer em angustiado descompasso. Não ousava abrir os olhos para perceber a realidade ; recaía na letargia invencivel, e o somno continuava noutro scenario, com outros personagens lúbricos, monstruosos, a lhe lamberem os stygmata da flagellação, a lhe morderem os labios com beijos encandescidos, a conchegarem ao seu bello corpo dolorido as pelles felpudas de longas crinas ásperas espetadas, despedindo emanações acres, filtros eróticos, de uma lascivia brutal. Libertou-a, finalmente, desse inferno, uma languidez de ébrio e um delicioso repouso de instinctos saciados.

Ao despertar, ella percorreu com os olhos machucados, turvos de horror, o quarto invadido pela claridade do sol, coado das persianas. Junto della, estava a creada, contemplando-a com semblante piedoso e offerendo-lhe, sobre uma bandeja de prata, o café matinal. Soergueu o busto, inundado em suor ; apoiada nos traveseiros, passou pela frente a mão tremula para varrer as nevoas do sonho macábri ; palpou, gemendo, as nádegas, onde sentia ainda as contusões do cortante látigo do frade ; e, com o rosto livido, deformado por uma pungente expressão de asco, murmurou offegante :

— Que horror !

Ergueu-se, afinal, com esforço, envolta num amplo roupão de flanella, ornado de opulentas e tenues rendas ; e, caminhando trôpega, mirou-se ao espelho. Os cabellos, muito crespos, desgrenhados, os olhos amortecidos dentro de orbitas lívidas, os labios entreabertos, dilatados em angustia,

lhe davam o estranho aspecto de secreto pavor.

— Seria isso loucura ? — murmurou — Seria um sonho máu ?

Não era a primeira vez que esses pesadellos a assaltavam ; nunca, porém, com tanta intensidade. O dr. Sumer os attribuiu a irregularidades de estomago, a superexcitação de nervos, e aconselhára repouso, distracções tranquillias, ou uma viagem á Europa. Ella não podia acreditar que os seus nervos lhe infligissem tão cruel supplicio, a tortura daquelles sonhos infames. Era urgente cuidar da saúde, consultar um medico, um especialista.

A creada abriu a larga janella e o sol alastrou pelo quarto a sua intensa luz amiga, afugentando os phantasmas monstruosos, e tocando de tons alegres os moveis, as tapeçarias, o leito que fôra, havia poucas horas, grêlha de horrendo soffrimento.

(Continúa)

### ENSINO OBRIGATORIO

Sr Redactor — Só hoje, por muito atarefado, pude inteirar-me das considerações feitas pelo sr. Theodoro de Magalhães, em uma carta que dirigiu a essa distincta redacção, a proposito dum artigo que publiquei no n. 13 d'Os Annaes, de 5 do corrente mez.

Nessa missiva, lamenta o seu auctor que eu tenha omittido outras tentativas feitas no antigo regimen e o nome de outros brasileiros illustres que têm pugnado pela introducção, em nosso paiz, duma lei de ensino primario obrigatorio, e cita, entre estes, Leoncio de Carvalho, Couto Ferraz, João Alfredo, Sylvio Roméro e outros compatriotas nossos, que tambem já se empenharam nessa nobilissima cruzada, ou já lhe trouxeram, pelo menos, o concurso do seu elevado apoio.

Devo dizer que no meu ligeiro artigo, inserto n'Os Annaes, artigo que faz parte da monographia *A Infancia Abandonada*, em elaboracção, por incumbencia do illustre sr. ministro da justiça, eu não me propunha, de modo algum, fazer o historico das tentativas duma legislação sobre ensino obrigatorio e, ainda menos, uma resenha das opiniões que a esse respeito têm sido externadas em nosso paiz,—o que, sobre ser enfadonho, pouco interesse viria trazer ao meu estudo, além de me ser muito penoso, com a escassez de tempo de que disponho para o desempenho da minha tarefa (seis mezes apenas). O que eu quiz alli, antes de mais, foi, de passagem, fazer algumas «considerações geraes» ácerca de tão momentoso assumpto, por julgar-o como constituindo um dos pontos para que os governos devem olhar sem demora e sem vacillações, na repressão e na pro-

tecção ás crianças criminosas e moralmente abandonadas. Quando me referi, pois, a Olavo Bilac e a José do Patrocínio, foi por terem sido estes, dos nossos intellectuaes, os que mais recentemente fizeram referencias ao assumpto e cuja impressão, portanto, mais accentuada estava e melhor dizia com a nossa situação actual.

Affirmando que Olavo Bilac «levantou a bandeira do ensino obrigatorio» eu não fiz mais do que repetir uma expressão de Patrocínio—acertada, de resto, porque a bandeira dessa nobre causa, que fôra erguida na monarchia e tinha sido posta de pé algumas vezes, cahira afinal no esquecimento. Outro campeão, portanto, e bem illustre, podia tornal-a a «levantar». Foi o que eu me esqueci de dizer : que era um novo «levantamento».

Confesso mesmo que nesta questão de ensino obrigatorio e do interesse que lhe tivessem dispensado no regimen decahido, apesar de todo o respeito e de toda a admiracção que me merecem os nomes citados pelo meu illustre contestante, a nenhum maiormente venéro do, que ao do eminente sr. Ruy Barbosa, que o distincto articulista exactamente se esqueceu de citar.

Pois bem, em 1882, o sr. conselheiro Ruy Barbosa apresentou ao governo Imperial um relatório substancial e magistral, como todas as peças elaboradas por s. ex. — no qual largamente se occupava da materia, opinando tambem pela introducção, em nosso paiz, do ensino obrigatorio.

Li esse trabalho ha muitos annos, e delle conservo apenas vagas reminiscencias.

Em meados ou fim de dezembro ultimo, se não me falha a memoria, antes de traçar o alludido artigo, escrevi ao sr. conselheiro Ruy Barbosa, solicitando informações de s. ex., sobre a data da publicação do seu trabalho no *Diario Official*.

Poucos dias decorridos, tive a felicidade dum encontro com s. ex. na livraria Briguier, onde me deu a honra de informar tudo quanto eu desejava, pondo á minha disposição um exemplar do seu relatório. Já, porém, o meu artigo estava publicado.

Eu me explico melhor, e dou fim a esta longa exposiçao : quando estampeo o referido artigo era já resoluçao minha amplial-o mais tarde, antes de leval-o á impressao definitiva.

E' opportuno portanto, confessar, e ninguem poderia melhor testemunhal-o do que o eminente dr. Ruy Barbosa — que mantendo a resoluçao em que já estava, havia muito, de augmentar e refundir o citado artigo, quando tiver de entregar á definitiva publicação.

Esta declaracção me offerece mesmo o feliz ensejo de poder affirmar que,



não só aquelle como outros trechos, da minha monographia, que têm sido publicados em jornaes e revistas, serão remodelados e enriquecidos, se assim posso dizer, sempre que me pareça necessario, e até receber a derradeira amalgama.

O sr. Theodoro de Magalhães é escriptor tambem; e eu não farei a injustiça de suppôr que lhe não sejam costumeiros taes processos, que não o atraia sempre essa mesma ancia de aperfeiçoamento e de melhora.

Rio, 16 1 905.

FRANCO VAZ

### A EMBAIXADA

A criação de uma embaixada do Brazil em Washington, repercutiu, em todos os circulos diplomaticos, como o primeiro passo da nossa preponderancia legitima na politica internacional das republicas sul-americanas.

O facto de coincidir esse movimento com as affirmações cathgoricas do presidente Roosevelt, dando feição definitiva á doutrina de Monróe, ao contrario do que suppõe a imprensa londrina, parece indicar que as duas nações estão de perfeito accôrdo no plano de defeza commum da integridade americana contra as pretenções do imperialismo europeu, desvanecendo o sonho da Allemanha Antartica, que teem, profundamente, impressionado a chancellaria norte-americana, aos seus publicistas mais notaveis e a sua imprensa de todos os matizes.

A esse pensamento e ao intuito de estabelecer um forte centro de resistencia pacifica, na America do sul, obedece o desenvolvimento da nossa marinha, assegurando ao Brazil o posto a que tem direito por todos os titulos, não só por ser o mais vasto e o mais rico, o mais populoso dos paizes da America meridional, como pelas tradições honrosas, entre as quaes fulgura a função de mantenedor da paz, da liberdade e da integridade do continente, especialmente dos povos visinhos.

Os povos fracos são timidos, oscilantes no desenvolvimento de sua capacidade mental e economica, sempre perseguidos pelo phantasma da ambição das nações fortes. Os novos elementos de defeza nos darão tranquillidade para proseguirmos com firmeza na conquista pratriotica dos nossos idéaes, condensando, numa synthese grandiosa, a prosperidade desta parte do Novo Mundo.

A nossa politica internacional é demasiado evidente para se prestar a interpretações de subtiliza suspeita. Não se nos podem attribuir intuitos hostís e, muito menos, planos de expansionismo, que seriam, sob todos

os pontos de vista, absurdos, porque nós temos de sóbra territorio com variadissima e vasta capacidade para todas as fecundas applicações da actividade humana.

A embaixada a Washington não pôde ter a significação que lhe emprestam o *Times* e o *Morning Post*, de uma reincidencia da tentativa, tantas vezes falhada, de uma coalisção das republicas sul-americanas contra os Estados Unidos da America. Ella indica, claramente, um accôrdo, um estreitamente de vinculos, fortificando a solidariadada de interesses internacionaes contra ameaças, quiçá ephemerass, talvez exageradas, mas, em todo o caso, perturbadoras. Ella indica a concretisação de uma velha idéa que, desde a iniciativa de J. Blaine, abriu sulco profundo na opinião, e surge, agóra, victoriosa.

A embaixada de Washington é a mais solemne affirmação do prestigio do Brazil.

### CANTIGA

Bem muito mais do que quem anda pelo  
mar,  
Quem dos teus olhos está proximo pe-  
riga...  
Eu aos teus olhos vou fazer uma can-  
tiga  
Que inda ha de ser uma cantiga de en-  
cantar.  
Vendo-os tão dôces, a luzir, não ha  
quem diga  
Que tu não tens uns negros olhos de  
matar...  
Ah! quem me déra que os teus olhos,  
minha amiga,  
Fôssem a minha eterna noite de luar!  
E anda esta phrase pela rua a esvoaçar:  
— « Que olhos, os desta petulante ra-  
pariga! »  
Feliz de quem, por te estar proximo,  
consiga  
Toda a caricia e todo o amor de teu  
olhar!

PEDRO RABELLO

### Notas sobre a theoria da pilha

Conhecidas as leis da electrolyse, enunciadas por Faraday, o effeito Joule nos circuitos electricos e o principio da conservação da energia, pelo menos no que diz respeito aos phenomenos de calor, era natural que se tentasse construir uma theoria da pilha, sob a condicção de a submeter

ulteriormente ao *criterium* experimental. Foi sob taes auspicios que Ed. Becquerel procurou em 1853 dar uma forma precisa á transformação electrochimica de um par voltaico, e conseguiu estabelecer dois principios geraes que pareciam, *à priori*, resolver o problema definitivamente. Conduziam elles a uma expressão das mais simples para a força electromotriz, isto é á mesma formula que demonstrou William Thomson em 1851 como consequencia de uma *mechanical theory of electrolysis*. A força electromotriz é proporcional ao calor de combinação da unidade de peso do electrolyto e ao equivalente electrochimico; o coefficiente de proporcionalidade é aliás o equivalente mecanico do calor. Este resultado contem implicitamente a seguinte proposição:

*O Calor chimico é integralmente convertido em calor voltaico.*

D'ahi se conclue que a comparação das forças electromotrices fica reduzida a simples medidas calorimetricas.

Mas para sancionar a formula de Thomson, ou, o que vem a dar no mesmo, os principios de Becquerel, restava o *controle* da experiencia, aliás difficil n'uma epoca em que escassejavam dados thermochimicos precisos. Todavia Fabre o fez em diversas notas publicadas nos *Comptes Rendus* da Academia de Sciencias, annos de 1853 a 1858, das quaes resultam confirmarem-se as idéas emittidas por Becquerel no seu segundo principio e se repellirem por completo as que se contêm no primeiro.

Em conclusão, a formula de Kelvin é inexacta e dá á força electromotriz um valor exagerado.

Como poderá parecer extranho que uma consequencia de principios firmados em leis rigorosamente demonstradas pela experiencia esteja com ella em desaccordo, façamos algumas considerações accessorias.

Si designarmos por  $R$  a resistencia do circuito exterior, por  $r$  a resistencia da pilha, por  $E$  a força electromotriz e por  $I$  a intensidade da corrente, a lei de Ohm prescreve que esta intensidade é o quociente de  $E$  por  $R + r$  e a lei de Joule dá immediatamente para o calor  $Q$  desenvolvido no circuito exterior a formula  $Q = R I^2$ . Chamando agora  $q$  a quantidade de calor desenvolvida na pilha, o principio da conservação da energia auctorisa a escrever, si não ha pressão ou esforço antigravitacional a contrariar ou favorecer, de accordo com Becquerel,

$$R I^2 + q = J K L I.$$

No segndo membro  $J, K$  e  $L$  são respectivamente o equivalente mecanico do calor, o equivalente electrochimico e o calor de combinação por unidade de peso.

Becquerel suppõe sem que experiencia alguma o confirme, ser sempre  $q = r I^2$  o que é aliás o seu primeiro principio. Concluisse-ia, então,  $I (R I + h I) = J K L I$ , ou  $E = J K L$ , que é a formula de Tomson, d'onde resulta que a inexactidão da formula é uma consequencia da hypothese enunciada no primeiro principio. Mesmo o principio da conservação da energia, cujo rigor seria difficil pôr em duvida após os trabalhos de Meyer e Joule, teve no caso figurado por Becquerel applicação legitima?

As experiencias de Fabre o confirmam.

Na epoca a que nos reportamos, os principios que serviam de base á theoria da pilha, continham, além da possivel avaliação das forças electromotrices por medidas calorimetricas, grandes promessas á industria dos electromotores. Suppunha-se, com effeito, que a totalidade do calor do circuito exterior seria convertido em trabalho mecanico utilisavel. Si, portanto, a pilha tivesse uma

resistencia interna extremamente fraca, recolher-se-ia integralmente sob forma cinetica a energia chimica posta em jogo. E comparando, então, os electromotores com as machinas thermicas, cujo rendimento é sempre muito inferior á unidade, todas as vantagens penderiam do lado dos electromotores. D'ahi a reluctancia em se condemnarem os principios de Becquerel, que a todo o transe se quizeram conciliar com as experiencias...

Hoje sabe-se que estes raciocinios são falsos e contrarios ao principio de Carnot.

Provado ser  $q$  diferente de  $r l^2$  por experiencias que lhe pareceram decisivas, apezar das contestações de la Rive, Fabre foi levado a introduzir na equação acima uma resistencia adicional. Assim Fabre concluia que ha uma parcella de calor chimico que não concorre para produção de corrente, mas abstinha-se de formular qualquer hypothese sobre a natureza da *resistencia adicional*.

Na mesma ordem de idéas Raoult (1864), Edlund (1869 e 1883) e Hirn anteviram a possibilidade de se applicar á pilha o segundo principio da Thermodynamica.

Em 1878 Braun partia d'essa idéa fecunda e concluia que a energia chimica apenas indica o maximum possível da força electromotriz. Para a maioria dos pares voltaicos, estudados por Braun, a energia voltaica achou-se ser inferior á energia chimica, de acordo com suas previsões. Todavia os pares seguintes

Prata—Sulf. de prata—sulf. de zinco—zinco

Prata—Iod. de prata—Iodo—Carvão

Cadmium—Iod de cadmium—Iodo—Carvão

provaram uma excepção: o calor voltaico é para esses elementos superior ao calor chimico.

Taes anomalias vieram finalmente se esclarecer nos trabalhos de Gibbs e de Helmholtz, os dois eminentes physicos que simultaneamente tiveram a percepção nitida do papel que desempenha a variação da entropia nos phenomenos hydro-electricos. Mas é sobretudo a Helmholtz que se deve o estabelecimento da equação fundamental, isto é a formula de Kelvin com o termo complementar, que hoje não é licito desconhecer.

A deducção d'essa equação, provém, quer se a faça provir dos theoremas de Duhem sobre o potencial thermodynamico, quer se a considere uma consequencia das propriedades das funções de Massieu, o que fundamentalmente é o mesmo, exige — e tal é o ponto essencial da questão — a extensão do theorema de Clausius aos cyclos irreversiveis e a adaptação do mesmo theorema ao caso da pilha.

Deixaremos de parte as discussões que se têm suscitado em torno d'este problema de Physica mathematica e passaremos a analysar os estudos de Helmholtz e as consequencias que d'ahi derivam.

As antigas theorias — sem reportar-nos a Volta e contemporaneos, que concebiam o phenomeno voltaico em desacordo com a conservação da energia, a tal ponto que o movimento perpetuo cessaria de ser uma utopia — as antigas theorias, como ficou dito, estabeleciam a equação simplicissima  $E = J K L$ , que a experiencia jamais verificou.

Reconhecido que  $E$  é em geral diferente de  $E'$ , força electromotriz real, podemos escrever  $E + E'' = J K L$ , em que se procura determinar  $E''$ .

Tratemos, para materialisar, do caso em que o electrode soluvel é o zinco.

Imaginemos que Zn. parte de um estado inicial, caracterizado pelo indice *zero*, para um estado final, caracterizado pelo indice *um*, esta transformação sendo em geral irreversivel. A esta operação, que se realiza no interior da pilha, façamos succeder uma outra artificial, mas reversivel, em virtude da qual o systema voltaria ao estado inicial. O cyclo descripto será um cyclo irreversivel e si considerarmos a integral de Clausius decomposta em duas partes, a somma das duas integraes é sempre negativa, pelo theorema de Clausius. Tem-se, pois, uma desigualdade, em que a primeira integral refere-se ao percurso irreversivel e a segunda á região reversivel do cyclo. Mas esta ultima dá logar a uma diferença de entropia  $S_0 - S_1$ , d'onde se conclue ser, para o cyclo completo, a primeira integral inferior ao accrescimento de entropia, contanto que se considere positiva uma quantidade elementar de calor fornecida ao systema.

No caso de uma modificação infinitesimal

ter-se-á simplesmente  $dS > \frac{dQ}{T}$ , em que  $S$ ,

$Q$  e  $T$  têm as significações habituaes da Thermodynamica.

Em se tratando da pilha será  $dQ = -$

$L dm$  e  $dS = -\frac{L' dm}{T} - L' dm$  designando a quantidade de calor elementar desenvolvida em uma modificação infinitesimal reversivel, na qual se dissolve o peso  $dm$  de

zinco. Assim ter-se-á  $-\frac{L dm}{T} + \frac{L' dm}{T} < 0$ .

A' quantidade negativa do segundo membro, que é a transformação não compensada de Clausius, podemos attribuir a forma

$-\frac{L'' dm}{T}$ . E d'ahi se concluirá  $L = L' + L''$ .

isto é:

*O calor chimico total é igual á somma do calor compensado e do calor não compensado.*

Esta proposição havia sido enunciada por Gibbs.

Para d'ahi deduzir a equação que rege os phenomenos voltaicos, Helmholtz admite o seguinte postulado, aliás demonstravel:

*O calor voltaico é igual ao calor não compensado da transformação.*

Façamos uma modificação infinitesimal, em que a temperatura varia de  $dT$ , a pressão de  $dp$  e ha a dissolução de um peso  $dm$  de zinco.

Ter-se-á uma equação da forma

$dQ = C dT + B dp - L' dm - L'' dm = T dS - L' dm$ , pelo que ficou dito acima.

Ao mesmo tempo conclue-se a igualdade  $\frac{dS}{dm} = -\frac{L'}{T}$  Introduzindo agora o principio de Meyer e a segunda função característica  $H'$  de Massieu, chega-se facilmente a  $dH' = SdT + L'dm - Avdp$ . Condições de integrabilidade conduzem evidentemente a

$\frac{dS}{dm} = \frac{dL'}{dT}$  donde por substituições

$\frac{dS}{dm} = \frac{dL'}{dT}$  donde por substituições

$$-E'' = T \frac{dE'}{dT}$$

Ter-se-á, pois, para forma electromotriz de um elemento voltaico

$$E' = J K L + T \frac{dE'}{dT}$$

que é a equação de Helmholtz.

Do facto de ser  $dS$  uma diferencial exacta.

conclue-se ainda  $\frac{1}{JK} \frac{d^2 E'}{dT^2} = \frac{1}{T} \frac{dC}{dm}$  e

Applicando a  $dH'$  o mesmo principio acha-se

$$\frac{dE'}{dp} = -K \frac{dv}{dm}$$

Si em uma pilha o calor compensado, ou, o que é o mesmo, a diferença entre o calor chimico e o calor voltaico fôr independente da

temperatura virá  $T \frac{dE'}{dT} = R$ ,  $R$  sendouma

constante e d'ahi se concluem  $\frac{d^2 E'}{dT^2} = -\frac{R}{T^2}$

e  $E' = R \log T + U$ . Si particularmente a totalidade do calor chimico fôr convertida em calor voltaico,  $E'$  se torna independente da temperatura e a capacidade calorifica permanecerá inalteravel durante as reacções que se passam no interior da pilha. A reciproca d'esta proposição, que é devida a Lippman, não é verdadeira.

Em conclusão a theoria de Helmholtz conduz aos seguintes resultados.

*a* — Si em uma pilha o calor chimico é superior ao calor voltaico, a força electromotriz diminue quando aumenta a temperatura, sob a mesma pressão.

*b* — Si o calor chimico é inferior ao calor voltaico, a força electromotriz augmenta com a temperatura, á pressão constante.

*c* — Si o calor chimico é igual ao calor voltaico, a força electromotriz é independente da temperatura.

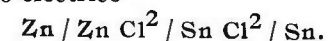
*d* — N'este ultimo caso a capacidade calorifica permanece constante. (Lippman)

*e* — Si durante o funcionamento a pilha experimenta accrescimento de volume, a força electromotriz decresce quando a pressão augmenta. (Duhem)

*f* — Si ao contrario a reacção é acompanhada de diminuição de volume, a força electromotriz cresce com a pressão. (Duhem).

Não nos parece, porem, aceitavel a seguinte proposição do illustre auctor da *Mecanica chimica*: *para que a diferença entre o calor chimico e o calor voltaico seja independente da temperatura, é preciso e basta que a reacção produzida no systema não altere a capacidade calorifica.*

As consequencias *a*, *b* e *c* foram verificadas experimentalmente nas pilhas hydroelectricas por Moser, Czapski, Gockel, Jahn e Bouty ao mesmo tempo que as proposições *e*, *f* e *g* eram confirmadas nas experiencias de Gilbert. No que concerne os pares pyro-electricos, os trabalhos de L. Poincaré, Brown e Buscemi demonstram brilhantemente os mesmos theoremas. A pilha de Daniell para a qual se applicam as proposições *c* e *d*, Poincaré contrapoz o par pyro-electrico



ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1.º DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

O caso da Sorocabana é um facto consumado, encerrado no sarcóphago inviolavel das coisas que teem a suprema consagração do irremediavel; mas o extremo recurso da resignação não é incompativel com os commentarios consoladores que a chronica tem o direito de deduzir para o thezouro da experiencia e dos preciosos elementos do criterio para o julgamento dos homens e das situações, quando se instaurar a inflexivel instancia da historia.

Eminentes collegas da imprensa diaria criticaram sem paixão, com punhados de provas naturaes, brotadas dos factos, de implacaveis algarismos, demonstrando que o Estado de S. Paulo fizera excellente negocio adquirindo aquella via férrea, mas que o Thesouro da União era desfalcado em nove mil contos, realisando a transacção sob a base ouro.

Isto entrava pelos nossos olhos, leigos em tricas financeiras, como púas luminosas abrindo fendas á evidencia eloquente; e, na confusão da nossa ignorancia, teimámos, como quem procura a decifração de um enigma pittoresco, em descobrir por que, em vez de acolher o alvitre dos insuspeitos collegas cheios de auctoridade na materia, o governo optára pelo ouro, com a circumstancia aggravante de aceitar para a conversão do papel á taxa de doze dinheiros esterlinos, quando a taxa corrente no mercado cambial, attinge a quatorze, e tende a subir a casas, consideradas inabordaveis em consequencia da sabia gestão dos negocios da Republica.

Por mais que nos sedúza a opinião abalisada, impugnadora desse negocio da China, não podemos admittir que esse apparente absurdo, muito mal figurado aos inexperientes em negocios, não tenha uma justificação per-

feita, uma razão que a nossa humilde razão não apprehende, ou um motivo superior, senão para salvar a arithmetica do governo, ao menos para manter o seu zêlo administrativo na grande conta em que o temos.

Demasiado sentimentaes, experimentamos torturante vexame, quando os nossos amigos se não defendem de imputações percucientes como essa da escólha — de base ouro e da taxa cambial inferior á persistente na praça. E não temos remedio senão o de pensarmos com os botões da nossa consciencia, bem embraguilhada em céga confiança, e entregues á doce inspiração dos affectos, que o governo, dormindo, entende mais dessas coisas de finança, do que o *Jornal do Commercio* e *A Noticia* acordados.

Ninguem nos tira da cabeça que não houvesse um motivo poderoso para esse procedimento, uma razão financeira ou uma razão de Estado, a mais persuasiva, a mais decisiva das inventadas pelo engenho dos estadistas, quando é forçoso saciar as exigencias da opinião faminta de claridade.

Vem de talho observar que os nossos governos democraticos adoptaram o muito commodo e, até certo ponto, louvavel costume de não darem explicações de seus actos á bisbilhotice impertinente da imprensa, que só tem prestigio nos paizes onde a opinião se congréga em partidos politicos capazes de guindar e arriar governos, como acontecia nos ominosos tempos da monarchia. Mas, não seria inconveniente, em casos muito especiaes, como esse da Sorocabana, caírem do alto algumas palavrinhas, dando a pédra do enigma, ao menos como ficha de consolação aos amigos attonitos, afflictos na cansada pesquisa do anhelado motivo recondito, encerrado em duras entranhas de esphinge.

Noutros tempos, o governo se encontrou, não raro, na dura contingencia de solicitar do *Jornal do Commercio*, uns substanciosos artigos de fundo,

que eram encyclicas definindo artigos de fé politica. Depois, nos primeiros passos da Republica, o governo provisório expôz, muita vez, os seus actos nas gravebundas columnas do *Diario Official*. E o povo, fôssem ou não aceitaveis as explicações, as acolhia como uma deferencia, uma prova do respeito do mandatario ao committente.

Isso, porém, passou ao ról de velharias enfezadas. incompativeis com a presumpção de sabedoria infallivel dos governos democraticos. E ficou assente que nada é mais duramente ridiculo, nada oxída mais o esmalte do prestigio, do que essa hombridade antiga de dar mãos honradas á palmatoria da censura leal e sincéra, confessando, de bôa fé, um erro, e reparando-o nobremente.

Um governo que se preza não se deve penitenciar.

\* \*

Nós não nos conformaremos jamais com a supposição de que o governo tenha dado, de mão beijada, nove mil contos ao opulento Estado de S. Paulo, pela simples razão de lhe devermos o trabalho de ser seminario de presidentes de Republica, ou em retribuição fidalga do valioso favor de nos mandar a sua invencivel e bella brigada policial fazer acto de presença para deitar agua na efervescencia revolucionaria.

Esses nove mil contos ajuntados aos cinco mil do pródigo lance, que deu o ramo ao procurador da Republica, unico concurrente no leilão dessa complicadissima Sorocabana, para favorecer uns pobres credores, perfariam quatorze mil contos, que teriam mais fecunda e mais remuneradora applicação, empregados na construcção de uns quatrocentos kilometros de caminhos de ferro para Goyaz e outros sertões riquissimos afastados da civilização; esse dinheirão seria melhormente empregado na fertilisação definitiva da generosa terra brasileira nos trêchos, onde a sêde e a fome arreca-

dam, todos os annos, um lúgubre imposto de vidas, evitando assim que se accúse o governo de ser somitico para os pequenos, para os infelizes, e mãos rôtas para os opulentos, como se a federação fôsse uma familia de filhos e enteitados, se bem que não seja injustiça tratar desegualmente sêres deseguaes.

\*  
\* \*

Deus nos defenda de nutrir a mais ligeira suspeita sobre as correctas intenções do governo, tanto mais quanto é representado, nesse negocio da Sorocabana, por um cidadão illustre, notavel pelo seu desvelado e zeloso apêgo ao dinheiro da nação, de uma sovina-ria patriótica que lhe tem válido honrosas antipathias. Nós, como todos os seus admiradores, requereríamos, apenas, para completar os elementos de prôva, no processo da historia, não ficasse a censura campeando numa victoria apparente, sómente porque o censurado se não dignou replicar, como poderia fazel-o de modo esmagador, e para que não se allégue consentimento tacito nesse silencio irreductivel, que a palavra official poderia illuminar com fulgôres de uma evidencia empolgadora.

O governo é uma especie de sacro collegio de cardeaes, presidido por um papa: não pôde errar. E, quando as suas deliberações se figuram em conflicto com os factos, com a razão, devem os crentes murmurar, constrictos, a suprema expressão da fé incondicional, capaz de suspender o Pão de Assucar—*Credo quia absurdum*.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS

### O MARECHAL FLORIANO

Escôavam-se, tristonhos, os negros dias da revolta de setembro.

De quando em vez, estrugia a metralha impiedosa. O ribombo do canhão não mais amedrontava a população cariôca, afeita já ao lúgubre bombardeio.

Era eu, a esse tempo, alumno do Collegio Militar. Perdurando a revolução, o governo mandára fechalo. Abandonaram-no quasi todos os alumnos, e o Collegio se despia assim do seu mais bello ornamento: uma numerosa juventude feliz, asylada naquelle

tecto querido e abençoado, brincando e, ao mesmo tempo, trabalhando, sem sentir que nesse duplo encargo consistia o encanto melhor daquelles dias breves e risonhos da infancia.

Uns poucos, onze, si tanto, não tinhamos desbravado o caminho para o lar, e a sorte nos obrigava a ficar no immenso collegio, longe das familias e longe dos companheiros... Ah! nunca tão fundas saudades se abrigaram em corações infantis!

Onze meninos num edificio enorme, um mundo, impedidos de lhe transpôrem os muros... retidos alli, como prisioneiros, quando o aspecto marcial da cidade, o littoral em armas, a esquadra insurrecta em operações de guerra, os mil episodios da lucta horrenda, os attrahia, aguçando-lhes a insaciavel curiosidade.

Para sahirmos, inventavamos cem pretextos; muitos delles naufragavam ante a perspicacia dos officiaes. A ida ao dentista era o alvitre luminoso, e, por muito tempo, surtiu o melhor effeito.

Mostrava-se o cartão; dia e hora marcados, com multa, para os que faltassem, de vinte mil reis; dessa maneira, logravamos o melhor passapôrte, o mais seguro para nos conduzirmos ao centro da cidade. Verdadeira delicia! Percorriamos, então, o littoral guarnecido por patriotas; ouviamos, de perto, o ronco da celeberrima *Vóvó*, calibre 550; miravamos as ruinas heroicas de Willegaignon, sobre cujas construcções esborôadas, de instante a instante, o Castello, a cavalleiro sobre ella, a Lage, S. João, Santa Cruz e as baterias improvisadas nos morros, despejavam a pesada artilharia; contemplovamos as brilhantes evoluções dos cruzadores, a audacia dos encoiraçados, o heroismo de ambos os belligerantes, perdido, tristemente, entre os soluços da patria amada, malferida no grande seio hospitaleiro, pelos proprios filhos em discórdia.

Na nossa edade, era um espectaculo bellissimo; hoje, não sei como poupar ao cérebro a sua recordação, tão fundamentalmente se imprimiu nelle o horror daquellas scenas violentas. E bem quizera, já agóra, nunca as ter presenciado, tanto me horrorisa o quadro pungente, visto com outro entendimento, através um prisma de que não se apercebiam os meus treze annos.

Numa das sahidias do collegio, encaminhei-me, ligeiro, para o largo do Paço. Havia, nesse local, óculos de alcance; mediante 200 rs., o scenario da revolta, dessa maneira, ficava a poucas braçadas do observador. Ora, não tive duvidas; apeguei-me ao instrumento, e, durante largo tempo, demorei a vista sobre um encoiraçado — o *Aquidaban* — que offerencia, ao espectador, encanto monumental, indizível. Via-se-lhe a tripolação nume-

rosissima: era um formigueiro humano a mover-se na pesada ilha de aço.

Ficou-me na mente a sinistra imagem daquelle ambiente terrifico. O quadro negro que, então, defrontei, ainda hoje não se sumiu do meu cerebro. A faina contínua, absorvente, da tripolação andrajosa e suja, num constante váe-ven sobre toda a extensão do pesado navio, arriscado aos mil projectis que o ambicionavam, ás incontaveis surpresas de uma lucta sem tre-goas, tudo quanto vi me pôz no coração, um sinistro temor dos homens; — pareceram-me todos máus, muito máus...

Deixei, magoadissimo, a excellente lunêta e, despreoccupado, volvi o olhar para o vasto largo deserto; mas, logo me surpreendeu, do outro lado, um bando de gente compacta, que vinha, num passo calmo, silenciosamente, percorrendo, como em procissão, aquella zona perigosa, e exposta assim, em massa, descautelosamente, a um ataque subito, inesperado, dos rebêl-des.

Eram cêrca de quatro horas da tarde. O companheiro, que me seguia, buscou, commigo, atinar com a origem do agrupamento incolôr, silencioso, movendo-se, lento, pelo littoral, ao alcance das balas inimigas.

Em vão, as nossas pesquisas, completamente em vão.

Mas, não podiamos abandonar a multidão; si aquillo ainda não era alguma coisa, havia de sê-lo... e, impellidos por bem justa curiosidade, aggregámo-nos ao povaréu, cujo andar seguimos, na mesma cadencia moderada. A um dos circumstantes, indagámos o motivo do ajuntamento. Não nos respondeu; talvez, como nós, o desconhecêsse. O silencio geral impressionava-me; ninguem se abalçava a proferir palavra. Mas, não podia ser contida a minha sôffrega curiosidade: dirigi-me a outro typo, e este, sem mais aquella, sem dizer patavina, apontou, num movimento ligeiro, com o dedo, para outro individuo que caminhava na frente, coberta a cabeça com um amplo chapéo de palha preta, trazendo, na mão, uma bengala simples, vestindo terno de frack azul, e tendo, meio pendente do bolso de detrás, um lenço branco.

Suppúz, no primeiro instante, que lhe houvêssem prégado um *rabo*; mas, em pouco tempo, verifiquei de que se tratava, atinando com o mysterio que nos envolvia: aquelle homem, singularmente feio, seguido de tantos curiosos, era — nada mais, nada menos — o marechal Floriano Peixoto.

Nunca o vira até então.

Bem diverso o imaginava; não o podia conceber tão feio, á paisana, com um tão grande chapéo, e tão descuidado... Mas, o cabôclo era sympathico.

Acompanhei-o. Em breve, desembo-cavamos, pela travessa da Natividade, proximo á Camara dos deputados, na rua da Misericordia. Nunca me mettêra por aquellas bibócas estreitas.

De repente, parou o marechal.

A multidão parou tambem. Eu, fardado, com o meu uniforme luzidío, tambem parei. Dahi a pouco, o marechal de Ferro fazia-me, com o indicador, um gesto, chamando-me.

Com a mão na pala do bonet, encaminhei-me para elle.

Acariciou-me. Perguntou-me que fazia; disse-lhe, em resposta, commovido, qualquer coisa.

Todos olhavam para mim; sentia-me seriamente enfiado.

Em pouco tempo, desaparecêra toda a minha commoção; o marechal entablára um diálogo interminavel, perguntando-me de quem era filho, que tal a *boia* do Collegio, si eramos bem tratados; emfim, uma infinidade de perguntas minuciosas....

Muitos homens pungidos ao pêso de menores responsabilidades, sem transpôrem asperrima quadra de lucta de exterminio, cujo alvo principal era a propria pessoa, não esqueceriam, por um instante, os gravissimos encargos de tão sinistra e perigosa situação, para estabelecer uma conversa innocente, tão alheia ás grandes preoccupações do momento, com uma creança, cuja curiosidade, naturalmente percebida pelo marechal, elle quiz deixar amplamente satisfeita.

Mezes depois, justamente a 14 de março de 1894, dia bellissimo, eu estava novamente, ao lado do vice-presidente da Republica, seguido de varias pessoas, (o general Cunha Junior era uma dellas) numa lancha, que nos trazia de bórdo dos navios da esquadra legal, ancorada, na véspera, na Guanabára.

Vi-o, então, o mesmo homem imperturbavel; todavia, naquella data, era elle o vencedor absoluto da revolta de setembro — o homem de maior prestigio no Brazil — podendo, dado o seu valor, sem egual na nossa historia politica, mudar, num rapido aceno da sua vontade omnipotente, o destino á mais vigorosa e á mais pujante nacionalidade sul-americana. Veremos, noutra artigo, o desdobrar das grandes peripécias do dia 14: a sahida heroica das destemidas corvêtas portuguezas tomando a si a humanitaria emprêsa de acolher, no seu bôjo, os vencidos da guerra civil; o aspecto do cruzador *Nictheroy*; o encontro, nesse navio, dos alumnos da Escola Militar com o marechal Floriano; a passagem da esquadra americana ante a esquadra legal, em contraste vivissimo, uma e outra, em todos os pontos de vista; e, entre outros incidentes, os *hurrah* trocados entre marinheiros americanos do *Nictheroy* e seus compatriotas da esquadra

*yankee*, em meio o silencio expressivo da tripolação brasileira.

BENTO DA GAMA

## PHYSIOLOGIA DA DEMOCRACIA

As phases da transformação democratica são simples e seguras. Imposto por uma desapiedade rivalidade, o tom das vociferações tornar-se-á cada vez mais furioso; as occasiões de irritação, os incidentes perigosos, as chicanas mesquinhas serão sempre mais dramaticas, por causa do vácuo e da desordem do espirito publico. Os ciúmes e as disposições xenóphobas, as luctas aduaneiras, as offensas commerciaes, as obstrucções ruinosas, estupidas e exasperadoras, que a ninguem aproveitam, contribuirão para a permanencia dessas animosidades sem as saciar completamente. Os politicos do futuro arrastaram, á porfia, uns aos outros para a beira do abysmo, onde não querem precipitar-se, mas são por sua propria natureza, obrigados a obedecer ao declive, e porque tomar outra direcção importaria em compromettimento, em perda do poder. Consequentemente, o desenvolvimento final do systema democratico, quanto ás suas forças intrinsecas, não será mais a preponderancia do *boss* que a dos *trusts* ou do jornal: não haverá, em summa, preponderancia, mas rivalidade, concurrencias, exasperação e hostilidade entre as nações e, por fim, o estabelecimento definitivo da supremacia irresistivel, esmagadora do mais austero e do mais educador dos amos: a guerra.

Aqui se offerece uma senda tentadora, ao longo da qual os precedentes historicos, como uma floresta de póstes indicadores, nos convidam a seguir. No limite de perspectiva, se ergue a figura de Napoleão com a legenda — Cesarismo—inscripta no pedestal.

Deixando, momentaneamente, á parte, certas considerações estrangeiras, e suppondo que a democracia attinja á conclusão prevista, verificamos que, no caso do nosso Estado generalizado, a machina politica, com a nação, cuja conducta lhe é confiada, será necessariamente forçada a uma guerra nacional apaixonada; mas, depois de estribuchar nos combates, essa machina se figurará ter realisado o seu destino.

Um governo de partido politico ou um governo popular, como o espirito do homem possa inventar, mirando, exclusivamente, esse fim, tráz em si os germens da guerra e de extraordinaria desordem, não estando organizado para se desempenhar dellas com victoria. Um governo electivo do governo moderno não póde ser guiado por desígnios de longo alcance: é construido

para obter o poder, conserval-o e nada fazer, sendo as condições de sua duração manter muito elevadas as apparencias e muito baixos os impostos. A preocupação de organizar e manter o exercito e a marinha, estão absolutamente além de suas capacidades.

As profissões militar e naval, nesse Estado moderno, substituirão, em grande parte, na tradição: em vez de dirigil-as, o governo as entorpecerá; e nada, nenhuma força agirá para evitar a influencia corruptora de uma longa paz; não organizará manobras apropriadas, nem proporcionará a adaptação adequada do material inutilisado a condições novas e, continuamente, mudadas e transformadas. Permittir-se-á a personagens incompetentes, mas presumpçosos e energicos e possuindo certa influencia politica, a superintendencia dos diversos serviços; inventar-se-ão artificios para que, em tempo de paz, o equipamento produza uma impressão terrivel no animo da massa que vóta; mas, os soldados, de facto capazes, desertarão desse exercito, ou serão d'elle expulsos, quer como, politicamente, despreziveis, quer como innovadores importunos muito preocupados em gastar dinheiro em frivolidades.

Assim preparada, a nova democracia embarafustará na guerra, e a primeira phase desse proximo conflicto terminará pelo desmoronamento catastrophico dos exercitos permanentes: será a vergonha a derrota e uma desordem louca entre massas, mais ou menos sortidas de pessoas aterrorisadas, tomadas de panico furioso. É a natureza especial do conflicto que decidirá se a guerra terá o valor de um accidente assustador e suggestivo ou se elevará ás dimensões de um desastre universal, sendo, todavia, certo que toda a guerra importante será, para o Estado moderno democratico, uma experiencia terrivel, medonha, que abalará as constituições e dará aos povos uma dura, uma severa lição.

Prevista essa possibilidade, é facil dar na pista do precedente napoleonico. Prediz-se, pressurosamente, que sob a opprimente necessidade da guerra, ou na hora fatal da derrota, um *homem* surgirá, forte na acção, brutal e acêrbo, bello e, continuamente, victorioso. Esse filho da occasião supprimirá os parlamentos; emmudecerá os demagogos; conduzirá a nação ao triumpho e á gloria, reconstituindo-a em um imperio que será mantido com a circulação do seu perfil nas moedas, nas medalhas, nos escúdos e organizará outras victorias. Conforme vistas occasionaes de antecipações contemporaneas, codificará tudo, removerá o papado decrépito, ou, pelo menos, reanimará o christianismo; organizará, com mesquinhas personalidades, scenaculos scientificos minusculos, intrigantes

tes e prescreverá um maravilhoso systema de educação. As nações reconhecidas deificaram, uma vez mais, um egoismo aggressivo e feliz. E aqui a visão se desfaz.

Nada disso acontecerá, ou toda a enscenação não passará de um intermédio, um incidente sem importancia no progresso geral do drama humano. O mundo não será contribuido por um déspota do acaso, assim como uma cidade não pôde ser illuminada com os foguêtes de um fogo de artificio. As intenções do destino se desenham sobre acontecimentos consideraveis, e passou a época das dictaduras individuaes. Falsas analogias e falsos precedentes levam a predizer o dominio de um chefe militar, de uma paródia de Cesar, como foi Napoleão I, que embarafustou, campeão rapidamente futilisado, no xadrez do mundo. Vaticinios erroneos por ignorarem duas coisas correlativas: o constante desenvolvimento de uma classe instruida, que não existia outr'ora, uma especie de corollário da expansão da sciencia e da mechanica, e a revolução que estas hão de operar nas artes da guerra, que teve, no passado, um character muito differente do que terá com os apparatus do futuro. Foi theatral, dramatica, emocionante e restricta; será, no futuro, muito differente; era feita de combates e heroismos; as batalhas e campanhas dependiam de um grande capitão a cavallo, pittorescamente se destacando no céu, ordenando e dirigindo tudo. No futuro, a guerra será uma questão de preparo, de longos annos de previdencia e de imaginação disciplinada; não haverá victoria decisiva, mas um conflicto disseminado, espalhado por toda a parte; cada vez menos, ella dependerá de chefes autocraticos e de emoções empolgantes, e cada vez mais da intelligencia e das qualidades pessoas de um grande numero de homens habeis.

Tornar-se-á, então, evidente que, antes ou depois, em todo o caso no momento da guerra, e talvez de súbito, as entrosagens do poder são impelidas por uma nova classe de pessoas intelligentes e scientificamente educadas.

No meio das difficuldades occasionadas pelo estado da guerra, se perceberá, provavelmente com surpresa, que esses possuem as cidades, os meios de transporte, os caminhos, os ferro-carris, os canaes e os aqueductos, os recursos e provisões de toda a ordem, viveres, agua, electricidade, uma artilheria e apparatus de destruição e de intimidación dos quaes não suspeitavamos a existencia. Esses homens se capacitarão de uma cruenta e commum consciencia de si mesmos, a qual os destacará da massa incolôr, um fim e aspirações solidarias que a analyse audaciosa da sciencia começa a pôr em

evidencia. Achar-se-ão ante uma perspectiva de desastres horriveis, de effusão de sangue, e estará nas suas mãos perpetrar, ou não, essas abominações.

Elles dirão: «supponhamos que, afinal de contas, não façamos caso dos faustosos e eloquentissimos personagens que governam lá emcima, como dessa multidão confusa e impotente que está lá embaixo; suponhamos que agora sejamos os freios, e que procuremos alguma coisa mais estavel e mais logica. Esses homens do poder teem, naturalmente preceitos e direitos estabelecidos; confeccionaram as leis de accôrdo com os seus designios, e a Constituição nos ignóra; elles teem a mão a justiça; domesticaram a imprensa, pôdem ter quanto querem; mas, não pôdem evitar o desmoronamento. Nós, por nossa vez, dispoemos desses apparatus subtis e muito engenhosos. Supponhamos que, em vez de arriscar esses admiraveis apparatus e as nossas pessoas preciosas em uma rixa de insensatos, os ponhamos ao serviço de uma razão mais elevada e desobstruamos as ruas desses vociferadores guerreiros...»

E' possivel que a expressão dessa idéa se faça sem ruido, que, sem collição, o novo cromwelismo e os novos «Castellos de ferro» sejam acolhidos com palavras pomposas, lisonjeiras, bandeiras e fanfarras: seja como fôr, ella será externada e determinará actos positivos. Aquillo que não passa, agora, de uma opinião consoladora, se tornará evidente: que a riqueza não é uma potencia final, mas uma influencia agindo sobre o rebanho da multidão irresolúta guardada pela policia.

Em quanto reinar a paz, a classe dos homens capazes poderá ser mantida pelo freio, amordaçada, dominada, e a direcção dos negocios e do actual estado de coisas ficará nas mãos dessa outra classe que trafica com as apparencias. Mas, assim como, em chimica, uma solução supersaturada crystallizará se se agitar o recipiente que a contém, do mesmo modo a nova classe de homens se organizará com os abalos da guerra, a unica e terrivel coisa a que os charlatães não resistem, obrigando-os, inexoravelmente, a se agarrarem ao *chauvinismo* e ás suas violencias, á hostilidade internacional, os quaes constituem a força que os sustenta.

Do exposto se conclúe que, na desordem de uma revolução ou, pacifica e lentamente, essa confusão incolôr, que é a democracia, deve, por suas condições essenciaes, desaparecer como um crepúsculo; e, assim como a confusão embryonaria da crysalida se metamorphosêa em um organismo mais perfeito, essa democracia será mãe do Estado mundial do futuro.

H. G. WELLS.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A BATATA DO URUGUAY

Tem causado verdadeira sensação, entre agricultores profissionaes ou simples amadores europeus, a descoberta de uma nova especie de batata, denominada batata do Uruguay, possuindo extraordinarias qualidades.

De accôrdo com varias communicações dirigidas á Sociedade Nacional de Agricultura de França, e á Academia de Sciencias, ella se caracteriza pela producção fabulosa, susceptivel de attingir, nos terrenos humidos de sua predilecção, 80.000, 90.000 e 100.000 kilogrammas por hectar, em tubérculos de 1.500 a 1.600 grammas, ao principio extravagantes, de aspecto torturado como raizes de mandrágora, tendendo depois a tomarem a fórma definitiva regular, ovóide ou semi espherica, das batatas vulgares, tendo a propriedade de crescer sob o sólo ou ao ar livre.

A sua vegetação é exuberante e suffóca, sob densa sombra, as plantas estranhas. Os cipós gigantes, de 3 a 4 metros de extensão, enterrados, produzem immediatamente novos tubérculos, de sorte que essa planta se reproduz automaticamente em ininterrupto rendimento.

O sabôr dessa batata, rica em fécula na razão de 17%, é delicioso, sendo, além dessas propriedades excepcionaes, refractaria ás molestias cryptogamicas, que dizimam suas congêneres, e de uma bella côr violêta.

Quanto á physiologia, ella provém, por filiação directa e legitima, de uma pequena batata selvagem — *solanum commersonii*, da America do Sul, e brotando, espontaneamente, nos alagadiços. De uma destas, um proprietario de Vienna viu, com surpresa, nascerem trez variedades, uma amarella, outra rósea mal fixada e a violêta. E fôram necessarios apenas trez annos para operar essa metamorphose tão completa que suscitou a suspeita de não se tratar de uma variedade, mas de uma especie vegetal inédita.

Referindo o facto, mr. Emile Gautier accentúa que todas as plantas, como todos os seres vivos, tendem, naturalmente, a variar sob a influencia de circumstancias diversas, externas ou internas, as quaes, sob a acção modificadora do homem, pôdem ser artificial e systematicamente provocadas, como succedeu com a maior parte das plantas cultivadas, alimentares, textis, ornamentaes, derivadas todas de especies selvagens. Mas, ninguem previra ainda que uma simples mudança de clima e canteiro, auxiliada com precauções culturaes vulgares, pudéssem determinar, em algumas estações, uma tão radical e vantajosa transformação.

Essa variação, de algum modo explosiva, justifica as theorias do illustre botânico hollandez, Vries, sobre o phenomeno que elle chama progresso espasmódico, em contraste com a lenta evolução de Darwin. E para a generalisação de prodigios eguaes ás modificações da batata do Uruguay, não são necessarias revelações novas, nem meios extraordinarios: bastam os conhecimentos e recúrsos actuaes para conseguir transformações que o progresso tornará mais faceis, menos custosas e mais remuneradoras.

O problema se redúz a estudar, a experimentar todas as causas suceptiveis de provocarem, de fornecerem as variações naturaes, a agrupar systematicamente todas as influencias modificadoras, a luz, o calor, a electricidade, a hygrometria, a composição do sólo, a hybridação, a selecção das sementes, os fermentos, etc, de maneira a realisar, com a sua collaboraçoão disciplinada, em sentido preconcebido, o maximo e o optimo das condições vitaes. Basta isso para fabricarmos, nos nossos jardins, campos e vergéis, assucar, amido, óleo, alcool, cellulose, como se fabrica assucar ou acido sulphurico, e transformarmos explorações agricolas em manufacturas ao ar livre, nas quaes, cada haste representando uma bobina, um aparelho, tudo será previsto, calculado a pezo e medida. Foi assim que se aperfeçoaram as colheitas de beterrába, em quantidade e qualidade, ao ponto de se poder determinar, com precisão, o rendimento por héctar, o pezo e a quantidade de assucar; pelos mesmos processos, — escólha do terreno, das sementes, dos estrumes chimicos, — se obtiveram novas especies de trigo, características pela abundancia das espigas, riqueza de gluten no grão e maior resistencia; pelos mesmos processos, os horticultores conseguiram fabricar orchidéas, rósas, tulipas, chrysantemos, dhalias, variando-lhes, infinitamente, a côr e o desenho, ou transformando flôres em comestiveis, como acontece no Japão, onde os chrysantemos se comem em salada; foi, finalmente, por esses meios artificiaes prodigiosos, que os celebres agronomos americanos Cyril Hopkins e A. O. Shamel, tão populares quanto Edison, conseguiram governar systematicamente a cultura do milho, regulando á vontade sua composição chimica, forçando-lhe o producto em assucar, em proteíma, em materia gorda, alongando ou diminuindo as espigas e as fôlhas, resultando dessa cultura artificial um augmento de valor na proporção de 450 milhões de dollars.

Esses prodigios indicam proxima a hora em que a industrialisação scientifica da agricultura será a suprema preocupação dos povos civilisados.

#### A HULHA BRANCA

Tratando-se da utilização de forças hydraulicas de que é fartamente dotado o nosso territorio, é opportuna a estatistica dos progressos desse poderoso instrumento da industria universal, do qual já nos occupámos quando nos referimos ás maravilhosas cataractas do Iguassú.

Campbell Swinton fez, nesse sentido, preciosas indicações á Associação Britannica de Cambridge, calculando a força das quedas d'agua, empregadas na producção de correntes electricas, nos principaes paizes do mundo, em cêrca de um milhão e meio de cavallos, distribuidos assim:

Estados Unidos .	527.000	cavallos
Canadá ..	228.000	»
Italia . . .	210.000	»
França ..	162.000	»
Suissa ....	133.000	»
Allemanha ..	81.000	»
Suecia .. ..	71.000	»
Mexico.. . . .	18.000	»
Austria... . .	16.000	»
Gran-Bretanha ..	12.000	»
Russia . . . .	10.000	»
India ..	7.000	»
Japão.. . . .	3.500	»
Africa Austral.....	2.000	»
Venezuela ..	1.200	»
Brazil.. .. .	800	»

Os ultimos algarismos, relativos á Venezuela e ao Brazil, indicam simples tentativas inciaes, porque, nestes paizes, a industria dispõe, para o seu desenvolvimento, de maravilhosos depositos hydraulicos da cordilheira dos Andes e das quedas dos maiores rios do mundo, como no Brazil, em todas as zonas do territorio, ao norte, no interior e no sul, regado pelas formidaveis massas d'agua do Amazonas e seus affluentes, e do Rio da Prata, inexgotaveis depositos de força, até hoje desaproveitados.

\* \* \*

#### CATAGLOTISMO

Mr. Debove, decáno da Faculdade de Medicina de Pariz, fez á Academia, na sessão de 27 de dezembro ultimo, uma referencia interessante ao curioso trabalho do dr. Marcel Baudoin, intitulado — *Maraichinage*, estudando um singular costume, praticado em todo o littoral da Vendéa, e destinado a favorecer os casamentos, combatendo o despovôamento do territorio.

Não dispomos de periphrases sufficientes para descrever esse processo, evitando-lhe as escabrosidades, denunciadas pela decomposição do nome que a sciencia lhe deu — *cataglotismo* — que

se fórma de duas palavras gregas — o prefixo *cata*, em baixo, e *glotis*, lingua, de cuja junção se advinha qualquer mutilação, intervenção cirurgica, semelhanças á circumscisão.

\* \* \*

#### ARTE DE FABRICAR ESPADAS

Está perdida a exquesita arte dos armeiros orientaes. Não se fabricam mais as genuinas laminas de Damasco, as cimitarras, os alfanges famosos pela témpera, pela riqueza dos ricos lavôres dos punhos, dos côpos, das bainhas, cheias de incrustações preciosas.

Os japonezes eram mestres na fabricação de armas brancas. Fala-se, ainda hoje, de uma lamina célebre composta de 4.194.304 camadas de aço, e tão polida que as mais finas pastas de lustrar europeas a arranhavam.

Dessa arte de fabricar armas, geralmente se apreciam as bellezas das bainhas, dos apparatus exteriores, sumptuosos, uma espada não passa de um instrumento de aço para cortar.

Mas, um armeiro japonéz forjava uma espada, como quem executa um ritual sagrado. O metal era tratado cuidadosamente, com apparatus especiaes para cada operação, era temperado por meio de processos subtis e secrétos, como confidencias de deuses, empregando methods carissimos de fixar no metal maravilhosos effeitos de colorido que os mais habéis artistas europeus jamais puderam imitar.

Contam-se coriosas lendas desses velhos armeiros japonezes. Massa-Meone, habil ferreiro do XIV seculo, deixava cair um cabello ou um bago de feijão secco sobre o gume de uma das suas espadas que os cortavam ou, mergulhando a lamina num arroio, partia ao meio um pedacinho de papel, uma pétala de flôr que a torrente conduzisse de encontro a ella. Mura-Masa forjava espadas ao grito de — *Tenkaitaira* — guerra ao homem — e as caldeava no sangue quente de uma victima humana. Isto inspirava ao aço uma tão insaciavel sêde que elle atravessaria o ferro como um melão, em busca de vidas. Guardadas, durante muito tempo, nas bainhas, essas espadas transmitiam aos seus possuidores um violento desejo de matar e, desenhadas por divertimento, feriam os dêdos dos imprudentes que as manejavam. E tão terrivel era o córte dessas espadas que o seu uso foi prohibido por um dos Tokugawa Shoguns.

Os artistas inferiores se contentavam com fabricar espadas que traspasavam apenas moédas de cóbre ou de bronze, armas, certamente, ridiculas comparadas com as maravilhosas laminas que cortavam um cabello, ou dividiam ao meio um fio de sêda impel-

lidos por suave brisa, e penetravam sem móssa, como num queijo, o ferro e o aço.

Mas, essa idade de ouro dos armadores lendarios passou, e seus netos fabricam, hoje, inimitaveis carabinas.

—  
—  
**O ALMIRANTE** (16)  
—  
—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—  
—  
CAPITULO X

A marquezia de Uberaba occultára aos seus amigos, o lamentavel estado dos seus nervos combalidos; mas, o soffrimento, em progressiva aggravação, chegára á crise, em que surge a necessidade das confidencias consoladoras, dos queixúmes, exagerados em narrativas minuciosas, como se a piedade alheia o pudésse attenuar com dôces meios suasorios, tanto é verdade que sóffre o duplo, quem padece em silencio.

Sabendo que ella estava disposta a procurar os conselhos medicos de algum professional celebre, Dolôres foi visital-a, offerecer-lhe o auxilio de amiga dedicada, com muita experiencia em acháques femininos.

Depois de ouvir as queixas da marquezia, estendida languidamente, em voluptuoso abandono do corpo, nitidamente modelado nas dobras de um leve traje matinal, num divam de cordovão negro, entrou Dolôres a fazer a critica dos medicos illustres, na maioria uns charlatães de fama injustificavel, ao passo que os de incontestavel merito não eram falados; realisavam, modestamente, verdadeiros prodigios de curas que não iam para os jornaes em agradecimentos encommendados ou extorquidos aos doentes. Na sua opinião, confirmada por muitos casos, só havia na Côrte um medico, um verdadeiro homem de sciencia, exercendo o seu officio como um sacerdocio, capaz de resolver aquelle caso, que não tinha gravidade, mas não deixava de ser uma tortura, como todas essas insignificantes molestias, ás quaes a gente se habitúa, e pôdem, todavia, provocar, com o tempo e o desprezo, sérias perturbações.

— E' uma pena — dizia ella — que este admiravel corpo de estatua, esteja a soffrer, pela falta de resolução para procurar o allivio infallivel. A senhora tem fébras de jovem; sente-se-lhe ainda muito vigor nesses olhos que impressionam até a nós outras mulheres; nesses musculos que vibram com seiva; e essas dôres, esses sonhos, não passam de um protesto contra a viuvez immerecida, que é um verdadeiro martyrio. Conheci uma amiga, que ficou reduzida a um estado lamen-

tavel por causa desse excésso de virtude que se impõe á nossa fraqueza, com o fim de nos transformarmos em santas para a sociedade despotica. Um medico, meu amigo, lhe restituirá, facilmente, sem drogas intragaveis, a preciosa saúde.

Experimente, querida marquezia, e convencer-se-á do que lhe affirmo. Eu estava sendo tratada por um homœopatha, porque, apesar da prevenção contra os remedios *aguinhas*, elles fazem curas milagrosas; mas, aconselhada por uma amiga, fui consultar com o dr. Valente, sem que o Dádá soubésse. Não imagina como aquella figurinha de marido é ciumento. Se o consultásse, não consentiria; vinha o céo abaixo com mil observações e caturrices. Não sei porque quasi todos os maridos teem horror áquelle sabio medico. Fechei ouvidos aos preconceitos e fui á fonte do allivio. Ah! minha amiga! Que bello homem, que maneiras delicadas, fidalgas, encantadoras. Todo elle transpira *sympathia* irresistivel... E' pena que a vóz seja um tanto áspera e arrastada. Os olhos brilham, como carvões acêsos, são fascinadores, parece que nos vêem por dentro...

—Mas... que molestia soffria? — atalhou a marquezia...

—Eu, além dessa maldita enxaquêca, nada.

—Não era difficil a cura. Vivia, (aqui para nós) horrorizada com a idéa de ter filhos.... Meus partos eram lances horriveis, perigosos. Fôram trez, e deu-me Deus trez bellas meninas, que estão agóra com mamãe... Era horrivel o trabalho de creal-as, a canceira com as amas de leite me tirava a paciencia. Eu não posso amamental-os... Sou muito anemica. Depois, a uma senhora de sociedade prejudicam muitos cuidados com os filhos, que lhes sùgam a belleza, os encantos...

—Oh! Dolôres!...

A marquezia ouvia, horrorizada, as revelações da esposa do dr. Adeodato.

—Que tem? Só as mulheres ordinarias e vulgares não se preocupam com isso. Está, hoje, assentado que a gente tem o direito de ter os filhos que quizer, que puder crear e educar. Ha muita miséria por ahi, occosionada pela incontinencia das mulheres... que parem como cadéllas. Imagine a nossa triste situação: o Dádá desempregado, esperando a comarca; nós, consumindo com as nossas relações, a nossa posição social, o pouquinho que temos, os auxilios que mamãe nos manda, e eu a ter filhos... uns sobre outros... porque um marido desoccupado... Não, não era possivel continuar esse desarranjo da nossa vida. Para mim, cada filho que nascia era uma pedra que me amarravam ao pescôço, tolhendo-me os movimentos, arrastando-me ao

fundo desse mar de enganos e *illusões* que é a vida, e no qual fluctuamos. É o martyrio da gravidêz, esse soffrimento implacavel, medido mez a mez, num processo de deformação estúpida?!... Eu, então, que fico horrivel, mesmo uma sapa, não tenho coragem de olhar para o espelho. Dou para cuspir e aborrêço o pobre Dádá que, com a sua amabilidade, os seus carinhos de pae victorioso, me irrita... causa-me náuseas... Ah! minha querida! São nove mezes de reclusão na fazenda de mamãe... Não appareço a ninguem... Uma amiga, senhora de um medico homœopatha, auxiliado na clinica pelo espirito de Torres Homem, ensinou-me uma injeccão; mas... nunca tive coragem de matar os pobresinhos que não tinham culpa... como (isto fica entre nós) a baroneza de Freixo, que é useira e vezeira desse meio de libertação... O marido, coitado! ignóratudo, e tem gasto inutilmente sommas fabulosas para curar a esterilidade da mulher, porque daria tudo para ter um filho, herdeiro da fortuna adquirida no infame commercio de pretos.

—E não desconfia? Os medicos não lhe revêlam a causa, essa barbaridade atróz?...

—Os medicos diagnosticam pelos *sympthomas* que ella inventa. E' uma refinada velháca com aquellas maneiras dengosas de ingenua. A senhora não calcúla quem está alli, naquella figura de bonéca desengonçada... Fala-se muito della... É verdade que ha muita calunnia, muita lingua venenosa que não poupa as mais virtuosas senhoras: não ha mulher honesta que esteja na Côrte, livre dessa protérvia vil: basta a gente apparecer, sobresaír pela elegancia, pela graça, pela formosura... Olhe: eu vivo a medir os meus passos para não ser victima das más linguas do vulgo e dos mexericos das nossas amigas invejosas. Mas... como ia dizendo: a baroneza parece que não se deu muito bem com o remedio, e está disposta a consultar o dr. Valente. A principio, pôz-se com luxos e escrúpulos; mas cedeu, a conselho meu... e vae empregar os meios decisivos, o invento do extraordinario medico, uma gloria do Brazil, a providencia das senhoras elegantes.

—Esse homem é um criminoso.

—E' o que assoalham os collegas despeitados, os especialistas abandonados pela clientéla, uns ineptos, de idéas atrasadas, carrancistas e ignorantes, que só curam com os ferros, com as operações barbaras. O dr. Valente é humanitario; é inimigo do derramamento de sangue, das mutilações que aleijam a gente para sempre, ou deixam estragos irremediaveis. Elle, não: apenas emprega o remedio maravilhoso, o methodo approved pela mais eminente das nossas summi-



dades scientificas. O systema delle é perfeitamente legal e moral como conservador e preventivo... O Dádá damna quando lhe digo isso. E' a tal birra estúpida contra aquelle grande homem. Parece que se comprazem com o soffrimento que coube, em partilha, ás pobres mulheres... Nós, todas, devemos infinita gratidão ao sabio medico que nos absolve da condemnação, por Deus infligida a Eva no Paraiso. Onde está o crime?... No seu caso, por exemplo: a senhora está soffrendo, já consultou os mais afamados especialistas; que lhe disseram elles?

— Que não me impressionásse... que era victima de uma crise natural, passageira. Receitaram-me codeína, calmantes para os meus nervos demasiado vibrates e muito abalados por excésso de preocupações... Aconselharam-me viagens, divertimentos, regimen de repouso mental, que sei eu? palliativos que me não alliviam a dôr de cabeça, as palpitações e esse máu estar geral que não sei explicar...

— E' o que lhe digo, querida marquezeta: não sabem, não conhecem a molestia; andam ás apalpadéllas, e os doentes que se resignem... Ora, o que nós procuramos na sciencia é a cura do que é curavel, ou o allivio e a consolação quando não ha remedio. Se os seus soffrimentos, na opinião dos seus medicos, não inspiram cuidados, é porque são curaveis; logo, não ha crime, não ha peccado, é, pelo contrario, muito natural e até um dever, procurar quem a cure daquillo que para os outros não tem outro remedio, senão o de esperar, soffrendo, pela acção da natureza. Depois que mal havia em experimentar? A senhora consulta-o; tem intelligencia bastante lúcida para julgar os meios que elle lhe propuzer. E deve consultal-o emquanto é tempo. Conheci uma senhora, precisamente nas suas condições: muito escrupulosa, muito confiante no charlatanismo de medicos amigos, de grande nomeada. A consequencia foi uma desgraça medonha: deu para beber até se embriagar, escandalosamente, com paraty e foi acabar doida varrida, numa casa de saúde em Pariz.

A marquezeta estremeceu, arrepiada por intenso calefrio de terror, e fitou em Dolôres olhos sombreados de desconfiança a prescrutarem o intuito daquellas palavras que pareciam encobrirem uma allusão aos soffrimentos já bastante evidentes para serem percebidos pelos menos perspicazes; as sensações estranhas que, havia certo tempo, a affligiam, máus sonhos, appetites extravagantes, como a sêde, que se saciava com as libações de licôres capitosos, um vinho do Porto já muito velho na adéga, bem provida de raridades preciosas a seduzirem-na com encanto irresistivel.

Teria Dolôres inventado aquelle caso

de alcoolismo para convencer-a a consultar o dr. Valente, ou revelára, sem intenção perversa, e, sómente, pela futilidade predominante no seu character, o infortunio de uma amiga?

Como quer que fôsse, essa duvida a torturava, e ella não tinha energia para repellir as insinuações de Dolôres, se bem que experimentásse profunda aversão ao procedimento della, ás suas maneiras desenvoltas, quasi impudicas, e ás conversas licenciosas nas confabulações intimas, nas quaes ella narrava anedóctas, episodios galantes das mundanas mais salientes dentro e fóra dos salões fluminenses, as estrelas do *high life*, cujas máculas eram expostas, como pecadilhos veniaes de gente fina e elegante, e ouvidos com tolerancia e curiosidade, porque Dolôres era muito engraçada; contava-as com fina ironia, misturada de ingenuidade, fazendo crêr que ella não era uma mexeriqueira maligna, mas uma mulher de espirito, muito festejada nas ródas masculinas e muito apreciada nas altas regiões onde penetrára, á caça do emprego para o marido.

Percebendo a desconfiança da marquezeta, Dolôres apressou-se em desmanchar a má impressão que provocára.

— Não penso—disse ella—que a querida marquezeta sóffra de semelhante molestia, uma verdadeira mania ou consequencia de esterismo. Não, nunca!.. Apenas lhe indico o sabio medico por me interessar pela senhora, e me penalisarem muito os seus soffrimentos. A's vezes, tudo isso passa com o tempo: é simples nervoso. Tambem que idéa a de se metter na rôça, longe da sua ródá, dos seus amigos!.. Lembra-se da Clarinha?... Era a mãe leval-a para a fazenda, vinham-lhe atáques, melancolias, falta de appetite, que passavam por encanto quando a libertavam do degrêdo. O medico da familia dizia que era uma grande manhôsa, e por isso lhe não dava remedios... O certo é que com dois verões em Petropolis, sarou por milagre, e casou. Já era tempo, porque ella estava passando. Foi um casamento de conveniencia, e é muito feliz. Ah, minha querida, as allianças por amor estão provando mal. O romance termina rapidamente; a realidade desfaz o idyllo e fica a desillusão irremediavel... E quer um exemplo? Lembra-se da Biby e do Juca Mattos? Dois pombinhos, arrulhando em apaixonado enlêvo! Todo o mundo os considerava feitos um para o outro; entretanto, a paixão se evaporou pouco depois do casamento: ella, ralada de desgostos, já não apparece; elle, vive abertamente com uma cocôtte que lhe consome rios de dinheiro, não falando dos escandalos.

— Foi uma infelicidade—observou a marquezeta—que, na verdade, ninguem poderia prever: uma verdadeira desgraça...

— Infelizmente muito frequente, porque os homens não teem escrúpulos; vivem escravizados aos seus vicios. Nesse particular não tenho razão de queixa: o Dádá é o exemplo dos maridos, ás vezes meio caturra, cheio de preconceitos, muito ciumento, mas de um ciúme tranquillo que mais se manifesta por queixúmes disfarçados em carinhoso respeito, e observações muito delicadas, do que por impetos de grosseria selvagem e ameaças. Oh! o Dádá é encantador quando se enciúma... O seu semblante zangado com aquelle olhinho defeituoso de ôvo estallado, desvairado dentro das palpebras murchas, dá-lhe uma graça!. . Quando me trata por senhora, já sei que está desconfiado. Então eu, para evitar aborrecimentos, fico triste; não como; entro a meditar com suspiros magoados, até desapparecerem os prenuncios da tormenta. . Oh, esses artificios são muito salutaes. Demais, os homens gostam de ser enganados com arte. Caricias, mesmo fingidas, lhes sabem mais que franquezas rúdes. O que os irrita é o desaso das mulheres vulgares, expondo-os ao ridiculo, á maledicencia; o que os irrita é o escandalo. A senhora não se recórda daquella phrase do Moiro de Veneza? Não se lhe importava que a mulher fôsse amante de todo o regimento, mas que elle não o soubésse..

Ouviu-se o chiar das rodas de um carro na arêa do jardim. Dolôres interrompeu as suas considerações.

— Como o tempo vôa?!—exclamou, olhando o relógio— Adeus, querida amiga. Não pense no que lhe disse. Não se deixe impressionar pelos meus conselhos, nem faça caso de minhas bisbilhotices. Adeusinho. Não deixe de falar ao ministro sobre a pretensão do Dádá... Eu sei que uma palavra sua á Princeza, basta para que elle seja nomeado...

— Eu nada válho.

(Continúa)

## A VÓZ DO ALÉM

Que vóz é esta, Senhor?

Santo Agostinho.

Sentei-me junto a um tumulo fechado

E a fronte reclinei na lousa fria.

— Quero escutar, disse eu, a litanía

De um coração que aqui jáz enterrado.

Nisso, de dentro parte um som maguado,

De uma emotiva e funda nostalgia.

— Quem és? E o som responde-me: «Maria,  
A tua filha, o teu amor sonhado!»

Um frio então, sinistramente horrendo,

Corre-me os ossos e me váe correndo,

As veias, que afinal se regelavam...

Mas, fiquei sem saber se a vóz maguada

Era a dessa Ovelhinha idolatrada

Ou era a dos Vérmes que de mim zombavam!

ARAUJO FIGUEIREDO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

## CANÇÃO

Por meio de umas serras mui fragosas,  
Cercadas de silvestres arvoredos,  
Retumbando por asperos penedos,  
Correm perennes aguas deleitosas.  
Na ribeira de Buina, assim chamada,  
Celebrada,  
Porque em prados  
Esmaltados  
Com frescura  
De verdura,

Assi se mostra amena, assi graciosa,  
Que excede a qualquer outra mais formosa,  
As correntes se vêm que, acceleradas,  
As ervas regalando e as boninas,  
Se vão a entrar nas aguas Neptuninas,  
Por diversas ribeiras derivadas.  
Com mil brancas conchinhas a aurea areia

Bem se arreia ;  
Voam aves ;  
Mil suaves  
Passarinhos  
Nos raminhos

Áccordemente estão sempre cantando,  
Com doce accento os ares abrandando.

O doce rouxinol num ramo canta,  
E de outro o pintasilgo lhe responde :  
A perdiz de entre a matta, em que se esconde,  
O caçador sentindo, se levanta :  
Voando váe ligeira mais que o vento ;  
Outro assento  
Váe buscando,  
Porém quando  
Váe fugindo,  
Retinindo,

Traz ella mais veloz a setta corre,  
De que, ferida, logo cae, e morre.  
Aqui Progne, de um ramo em outro ramo,  
Co' o peito ensanguentado anda voando,  
Cibato para o ninho indo buscando :  
A leda cordoniz vem ao reclamo  
Do sagaz caçador, que a rede estende,  
E pretende  
Com engano  
Fazer damno  
Á coitada,  
Que engodada

De uns esparzidos grãos de loiro trigo,  
Nas mãos váe a cair de seu imigo.

Aqui sôa a calhandra na parreira ;  
A rôla geme ; palra o estorninho ;  
Sáe a candida pomba do seu ninho ;  
O tordo pousa em cima da oliveira :  
Vão as doces abellas sussurrando,

E apanhando  
O rocio  
Fresco e frio,  
Por o prado  
De erva ornado,

Com que aureo licor fazem, que deu  
A' humana gente a industria de Aristéo.

Aqui uvas luzidas penduradas  
Das pampinosas vides resplandecem :  
As frondiferas arvores se offerecem  
Com diferentes fructos carregadas :  
Os peixes na agua clara andam saltando,

Levantando  
As pedrinhas  
E as conchinhas  
Rubicundas  
Que as jucundas

Ondas comsigo trazem, crepitando  
Por a praia alva, com ruido brando.

Aqui por entre as serras se levantam  
Animaes Calydonios, e os veados,  
Na fugida inda mal assegurados,  
Porque do som dos proprios pés se espantam.  
Sáe o coelho, a lebre sáe manhosa

Da frondosa,  
Breve matta  
D'onde a cata  
Cão ligeiro  
Mas, primeiro

Que ella ao contrario férvido se entrégue,  
Ás vezes deixa em branco a quem a segue.

PADRE ANTONIO VIEIRA

\*  
\* \*

LORD BEACONSFIELD

IV

Como romancista, lord Beaconsfield nunca escreveu propriamente um romance tal como nós modernamente o comprehendemos. Alguns dos seus romances são pamphletos em que os personagens constituem argumentos vivos, triumphando ou succumbindo, não segundo a logica dos temperamentos e as influencias do meio, mas segundo as necessidades da controversia ou da these. Outros fórman verdadeiras allegorias como as tem a pintura decorativa nas muralhas dos monumentos publicos. Num dos mais celebres — *Lothair* — ha um mancebo idéal, encarnação do espirito inglez, que ama successivamente trez mulheres: uma italiana, casada com um americano, bella creatura de perfil classico, e fórmas de Deusa, que representa a Democracia ; uma ardente rapariga de cabellos negros e revôltos, sempre em extasi, que é a personificação da Igreja Catholica ; e, emfim, uma dôce e loura donzella, séria, grave e térna, que symbolisa o protestantismo. Depois d'hesitar entre estas trez paixões — decide-se, como um bom inglez, por casar com o Protestantismo, quero dizer, com a loura, conservando um culto vago e secréto pela Democracia, quero dizer, pela soberba americana de perfil marmóreo. Moral: a felicidade dum povo está na pösse duma forte moral christã alliada a um uso moderado da liberdade. Isto dava uma excellente e apparatusa *frêsc*a na sala dum parlamento. E lord Beaconsfield accentúa os detalhes allegoricos com uma tal ingenuidade — que faz, por vezes, sorrir ; assim, por exemplo, a americana, isto é, a Democracia, apparece sempre em *soirées* e festas, vestida á grega, com uma estrella de brilhantes na fronte, como a cabeça da *republica* nas moédas francezas de cinco francos !

O meio em que os seus romances se passam, tem quasi sempre um ar feérico: tudo são, como disse ha pouco, palacios dum fabuloso e sombrio luxo, festas como as não tiveram os Medicis, fortunas de banqueiros, de duques, perante as quaes os Crésus, os Monte-Christos, os Rothchilds, todos os ricos da lenda ou da realidade apparecem como despreziveis pelintras.

A linguagem destes personagens corresponde ao esplendor das suas moradas e ao nebuloso dos seus destinos. *Misses* de dezoito annos, habitando prosaicamente Belgrave Square, fallam aos seus namorados com a pompa allegorica do *Cantico dos Canticos*; e quando (o que é frequente) dois brilhantes espiritos como Sidonia ou mrs. Coningsby conversam, vêm-se, cruzando rapidamente dum a outro labio, as imagens rutilantes, os luminosos conceitos, como se as duas creaturas se estivessem recitando um ao outro, numeros do *Intermezzo* ou tercêtos de Petrarcha.

Esta linguagem, de resto, convém ás idéas, aos sentimentos, ás aventuras que elle attribue aos seus typos principaes ; tudo que é humano e real fica absolutamente de fóra dessas transcendentales creaturas: fallando como poemas, compórtam-se naturalmente como chiméras.

O seu mais famoso heróe — *Tancredo* — váe a Jerusalém e á Syria com este fim — *penetrar o mysterio asiatico*. Não percebem? E' facil. Sendo Jerusalém e as planicies da Syria o unico ponto do Universo em que Deus jámais conversou com o homem ; em que appareceram os prophetas e os Messias ; em que das sárças, do murmúrio dos rios e do écho dos desertos, surgiram as Leis Novas, dando á humanidade destinos novos — o moço *Tancredo* parte, para que lá, nesses logares, Deus lhe falle, um raio de luz o divinise, uma religião lhe seja revelada; e tendo partido de Londres como simples lord, possa regressar a Regent Street, como Messias, e regenerador das sociedades.

E (perguntar-me-hão) que succede a *Tancredo* na Syria? O que succede a todos os personagens de lord Beaconsfield, que nas primeiras paginas partem para sobrehumanos destinos, como os antigos cavalleiros da Tavola Redonda: succede-lhe que casa com uma linda e honesta menina, e que tem muitos filhos no meio de muita felicidade...

E o *mysterio asiatico*? Parece que o não achou. Mas, descobriu coisas curiosas, e de rara fábula: por exemplo, um povo pagão, onde reina uma bella sacerdotisa de Apollo, que celebra ainda hoje nobres cultos hellenicos, e que se namóra de *Tancredo*. Mas, *Tancredo*, cavalleiro christão, depois de a defender da invasão dum outro povo que adóra ídolos infames, foge, foge

á desfilada, deixando a classica rainha a gemer de amor aos pés da estatua d'Astarte. Depois, elle mesmo está para ser rei do Libáno. Emfim, uma grandiosa e rutilante salsada. E tudo isto se passa ahí por 1858, no tempo da exposição de Pariz.

Mas, que prodigioso talento, que arte, que amplidão d'imaginação para pôr de pé, em todo o seu brilho, este desordenado monumento d'Idéalismo!

Com effeito, que artista fino, e por vezes poderoso!

Apezar deste abuso do gongorismo na ficção, do vago e ao mesmo tempo do amaneirado das suas concepções, destes enrêdos e destes personagens que, por vezes, parecem uma mystificação — os seus romances nunca deixam de interessar, direi mesmo, nunca deixam de captivar. Atravessa-os sempre um enthusiasmo sincero — em que se sente o amor poetico com que elle segue os seus generosos herôes, as suas bellas mulheres nesses destinos fóra da realidade. Depois, a sua fina sensibilidade, o seu idéalismo um pouco convencional, mas de grande *élan*, os requintes dum gosto supremo — levam-no a dotar os seus personagens e a acção em que elles se móvem, duma tal belleza espirital, duma tão alta nobreza de costumes, que os olhos se enlévam, a imaginação namóra-se desse mundo ficticio, dessa humanidade de poema, onde nada existe de vulgar ou de baixo, e onde brilham fórmulas maravilhosas e transcendentales do pensar, do sentir e do viver.

Isto dá-lhe uma qualidade encantadora: — *é luminoso*. Personagens, paesagens, interiores, o proprio movimento da aventura — tudo está banhado numa luz serena e graciosa. Pintando as coisas fóra da verdade social, não tendo de lhe apresentar as sombras tristes, exclúe dos seus vastos quadros, tudo o que na vida é duro, brutal, feio, máu, estúpido, as fórmulas várias da baixezza humana.

Escrevia para uma sociedade rica, nobre, litteraria, requintada, e mostra-lhe um mundo d'ouro e crystal, gyrando numa bella harmonia, batido duma luz côr de rosa...

Tenho insistido neste lado *não real* dos livros de lord Beaconsfield. Todavia, um homem destes, antigo *dandy*, critico, estadista, habituado a governar, observador por necessidade, não podia deixar de ter accumulado uma grande experiencia dos caractéres e da sociedade; e essa experiencia deveria necessariamente transparecer nas suas pinturas da vida. E lá está com effeito. Por entre as suas grandes creações symbolicas, de indisciplinada imaginação, (*Tancredo, Lothair, Sibil*) mó-

ve-se todo um mundo real, de uma vida exacta e forte, figuras de carne, postas de pé com um singular vigor de desenho e côr. São os seus personagens secundarios, os seus politicos, os seus intrigantes, os seus homens de letras, as suas mulheres da móda, os seus lords elegantes. Todos estes typos fóram copiados do natural. Londres conhecia-os, dava-lhes logo os nomes; e o escandalo destes retratos foi mesmo uma das grandes causas do successo de lord Beaconsfield. Mas, mesmo para quem não frequenta a sociedade de Londres, e não conhece os originaes, estes typos interessam — porque *vivem*.

Ordinariamente, são apenas esboços — mas magistraes; e apparecendo assim em destáque, ao lado de creações de pura imaginação, descomedidamente poetica e de contórnos fluctuantes, esses typos reaes adquirem um relêvo maior como perfis da verdadeira humanidade, mostrando-a por entre o nebuloso de uma mythologia.

São elles os que interessam, e da vasta galeria de lord Beaconsfield, só elles ficarão lembrados.

Seria impossivel, neste estudo ao correr da penna, feitos só de impressões, — marcar todos os traços de uma individualidade tão complexa como a de lord Beaconsfield.

Poucos homens teem produzido um tão curioso conflicto de apreciações: diz-se delle que foi um grande homem de Estado, e diz-se tambem que foi apenas um charlatão; a critica tem-no apresentado como um romancista de genio — e como um máu alinhavador de novéllas! Homem de partido, soffreu em politica e em litteratura, ora a idolatria, ora o rancor da parcialidade partidaria. Uma coisa, porém, tinha a seu favor — é que todos os mediocres o detestavam.

E' difficil, de resto, separar nelle o politico do romancista: fazia méra politica nas obras d'arte, que se tornavam assim resôantes manifestos das suas idéas de estadista — e fez romance no governo, que parecia muitas vezes um *scenario* de drama, sobre o qual elle estava de penna na mão, combinando os lances d'effeito. Seja como fôr, a Inglaterra perdeu nelle um dos seus genios mais pittorescos e mais originaes.

Individualmente, foi um *feliz*. Tendo, em novo, lançado o plano da sua vida futura, como quem prepara um enrêdo de romance, realisou-o plenamente, em todos os pontos, num continuo triumpho. Foi formoso, foi amado, foi rico, teve a melhor espôsa de Inglaterra, (como elle dizia) deixou uma vasta obra litteraria, foi o confidente

escolhido da sua rainha, governou a sua patria, pesou nos destinos do mundo, e findou numa apothéose. Foi então absolutamente, ininterrompidamente ditoso? Não. Este homem triumphante viveu acompanhado dum secréto, dum pequenino, dum ridiculo desgôsto: — nunca pôde fallar bem francez!

EÇA DE QUEIROZ

Londres, 1881.

(Conclusão)

## ENSINO OBRIGATORIO (\*)

SUA APPLICAÇÃO EM DIFFERENTES PAIZES E SUA NECESSIDADE ENTRE NÓS

Quasi todos os paizes civilisados já instituíram em suas organizações administrativas o ensino primario obrigatorio, podendo-se até, entre elles, citar o Japão que, de alguns annos a esta parte, com uma energia e uma pertinacia verdadeiramente assombrosas, conseguem, sob todos os pontos de vista, collocar-se ao lado das nações mais cultas.

Desde 1880 que o Mikado adoptou a instrucção obligatoria, fazendo logo funcionar em todo o imperio escolas primarias de duas cathogorias: para as crianças de 6 a 9 annos de idade e para as de 9 a 13. Mais tarde essas duas cathogorias fóram subdivididas em oito *graus* cada uma. Os alumnos frequentam durante seis mezes cada um desses *graus*, o que dá a todo o curso primario a duração de oito annos.

Uma lei de 1890 obriga as municipalidades das cidades e das aldeias a crear salas de gymnastica em todas as escolas. Um imposto escolar facilita ao governo as despezas com construcções de escolas, que devem ser sempre bastante espaçosas. Se um municipio é pobre e escasseiam-lhe recursos para manter uma escola, funde-se, nesse intuito, com um ou alguns dos que lhe ficam perto. Ha diferentes disposições de lei, relativas ao pagamento daquellas despezas. Basta dizer que, para fazer face a este maravilhoso systema de educação publica, o Japão, victorioso da China, começou destinando a totalidade da indemnisação de guerra, ou sejam 250 milhões de francos, ao ensino e á construcção das escolas, segundo affirma Storckelley.

Algumas estatisticas japonezas o desenvolvimento evidenciam alcançado em materia de instrucção naquella paiz, depois da lei de ensino obligatorio. Emquanto em 1874, apenas 1.700.000 creanças frequentavam as escolas, em 1891, essa cifra subiu a 4.600.000, e actualmente pôde-se calcular a frequencia escolar em cinco milhões de creanças.

Quanto aos mestres, é intuitivo, esse algarismo elevou-se também consideravelmente, pois que eram apenas em numero de 17.000, de 1873 a 1878, e, entretanto, elevaram-se, em 1901, a 92.000, para chegar actualmente á avultada cifra de 100.000 !

Comprehendendo bem que, em materia de ensino, não se deve olhar a dispendios, o governo japonês tem gasto grandes sommas com a educação do seu povo.

As despesas nesse sentido, que já eram, em 1874, de 8 milhões de francos, elevaram-se a 21 milhões em 1895, 75 em 1901, e attingem hoje á importante somma de *cem milhões*, sem fallar nos gastos feitos, com fim identico, pelas municipalidades.

O Japão, convencido de que ao ensino universitario sobrepujam em fins praticos as escolas que aparelham, em grande numero, os filhos do paiz para poderem ganhar laboriosamente a vida, possui apenas duas Universidades, que são: a de Tokio e a de Kyoto, fundadas, a primeira em 1877, e a segunda em 1897. O seu ensino universitario, ainda assim, firma-se, a exemplo dos Estados Unidos da America do Norte, em vantagens menos theoreticas do que praticas, possuindo a primeira daquellas universidades uma fazenda-modelo, um jardim de experiencias, laboratorios, museus, hospital de veterinarios, ricas florestas com uma superficie de dez mil hectáres, uma opulenta selva e outras condições magnificas, que a tornam muito recommendavel.

Possúe ainda o Japão excellentes *escolas especiaes*, entre as quaes sobresahem: a de *Senmon* e a de *Keio-Guidjku*. O nome desta ultima representa uma homenagem do Japão ao seu eminente filho, o philosopho Keio, cujo excellenté programma em materia de instrução, foi condensado nas seguintes palavras:

« O nosso systema de ensino consiste em dar a maior importancia ás sciencias occidentaes modernas. As sciencias classicas do Japão e da China não contém cousa alguma que mereça sêr tomado em consideração. A razão de ser da importancia na sciencia occidental é que se baseia na natureza, explica as causas e os efeitos das cousas, derrama luz immensa sobre a humanidade e deu á vida direcção positiva, exacta e comprehensivel. »

Todas estas informações, colhidas num magnifico artigo de Stortckley, a quem já acima nos referimos, dão uma idéa bem clara do gráu de superioridade do ensino no Japão, e fazem-nos crêr, como, de resto, a todos os espiritos analyistas, que seja encontrada ahí a principal explicação para o rapido e surprehendente engrandecimento daquelle encantador paiz oriental.

Convém registrar ainda que o Japão possui alguns « jardins da infancia » do admiravel modelo creado por Froebel, e que lhe permite, assim, dar uma educação racional ás creanças de tenra idade.

A França reconhecendo os sensiveis resultados que deveriam ser colhidos com a instituição do ensino obrigatorio, por meio do qual, movida a guerra de exterminio ao analfabetismo, dar-se-ia, por um dos flancos, proveitoso combate á delinquencia prematúra e ao crime em geral, estabeleceu, egualmente, em 28 de março de 1882, a lei do ensino primario obrigatorio para as creanças de 7 a 13 annos.

Para ser levada a effeito essa salutar disposição legislativa, o governo creou immediatamente grande numero de escolas, elevando-se, de modo consideravel, as despesas, como é facil verificar pelos dados colligidos por Alfred des Cilleuls.

Ainda assim em 1894, Y Gaufrés, conselheiro municipal de Pariz, declarava na *Revue Penitentiaire*, que naquella capital mais de *seis mil* creanças se viam impossibilitadas de frequentar as escolas, á falta de collocação.

As estatisticas d'aquelle tempo registravam que em 225.000 creanças possuindo a idade escolar, cêrca de *vinte mil* deixavam de receber instrução, notando-se mais que, em toda a França, a relação entre as creanças *inscriptas* e as que frequentavam regularmente a Escola, era de 89 %. Sobre um total de 5.545.000 alumnos, havia cêrca de 600.000, nos quaes o principio da obrigatoriedade deixava de ser exercido.

Em seus artigos 12 a 14, a lei de 1882 estabelecia uma série de penas contra os paes que recaltrássem na sua desidia, penas que se resumiam no seguinte: admoestação, affixação á porta da *mairie*, condemnação a multa e, por fim, á prisão, determinada pelo juiz de Paz.

Luiz Rivière diz em seu livro *Mendiants et Vagabonds*, que não era possível applicar essas penas rigorosamente, pois a escola não se achava em condições de receber todos os contraventores, accrescentando que, tanto a privação das escolas congreganistas (no que, a nosso ver, se trouxe, por um lado, desvantagens para o ensino, por outro lado, produziu beneficios) como as paixões politicas que, infelizmente também abundam em nossa patria, teem prejudicado os bons resultados da lei.

Dez annos antes do Japão e doze antes da França, já a Inglaterra havia estabelecido o ensino obrigatorio, sen-

do uma das principaes características de diferenciação entre a legislação ingleza e a franceza o ter abolido esta o auxilio das associações religiosas, ao passo que aquella os encorája aceitando, de bom grado, o seu concurso, desde que se submettam aos seus programmas. Uma commissão, nomeada pela autoridade competente, que escolhe de preferencia pessoas que nenhuma liga tenham com a politica, verifica constantemente o gráu de frequencia escolar. Os respectivos commissarios inspeccionam, a miúdo, as escolas, examinando as listas de presença dos alumnos, dirigindo-se ás residencias dos ausentes, a cujos paes fazem ver a necessidade de observar a lei.

No caso de que as suas advertencias sejam improficuas, o juiz de Paz intervém, então, pronunciando a internação, durante limitado tempo, em uma escola de punição.

Depois das leis de 1870 e 1876, que regem a materia, fôram tomadas na Inglaterra, providencias bastante severas contra aquelles que se furtam ao ensino.

A frequencia escolar é registrada com o maximo escrupulo; os paes que consentem na ausencia dos filhos são advertidos pelo seu proceder; e se aquellas faltas não teem termo, ou pelo desleixo paterno ou porque as creanças « gazeiem » ou ainda quando sejam estas insubordinadas, o Estado fál-as recolher a escolas especiaes, ora como internas (*truant schools*) ora como externas (*day industrial schools*) onde permanecem durante um espaço de tempo, que, em geral, não excêde de trez mezes. Esgotados esses recursos, se as creanças reincidem, são mandadas para escolas industriaes communs. Uma multa é, então, imposta aos paes que de tal modo descuram da educação de seus filhos. Quando, além de negligentes, os paes se tornam reconhecidamente incompetentes, por miseria, máus costumes ou quaesquer outras circunstancias lastimaveis, de desempenhar as suas funcções respectivas, ao juiz cabe a faculdade, de conformidade com as leis de 1891 e 1894, de retirar-lhes os seus filhos, collocando-os sob a vigilancia do director da escola, onde elles recebem educação até a idade de 18 annos.

Essas e outras sabias disposições de lei fazem o autor que ha pouco citamos e no qual colhemos taes informações, affirmar que na Inglaterra toda a creança criminosa ou abandonada está segura de encontrar um genero de educação apropriado á sua condição; e só se lhe applica um regimen puramente repressivo quando se chega á plena convicção de que o menor é inteiramente incorrigivel. O Estado não toma a seu cargo a educação das creanças que os juizes subtrahem ás

suas familias; confia-as a estabelecimentos privados, sobre os quaes exerce fiscalisação e aos quaes subsidia.

Para poder attender a todas essas necessidades, a Inglaterra tem creado successivamente, como veremos depois, um grande e variado numero de estabelecimentos desse genero.

Basta, presentemente, uma simples advertencia da auctoridade, para que um homem, que não seja de todo máu pae, um operario mais ou menos sério, obedêça immediatamente, e faça o seu filho frequentar a escola. E' por esse motivo que a população actual das escolas de punição compõe-se de filhos de ébrios e filhos de individuos desclassificados.

O mesmo auctor considera ainda que, por não proceder a França de igual modo, é que se perpetua a vagabundagem das creanças nas grandes cidades do seu paiz, a despeito da lei de 1882, a que já fizemos referencia.

A falta de instituições destinadas áquelles fins, dá margem a que mesmo as creanças assíduas á escola estejam sujeitas ao perigo das ruas; pois fechando a escola ás 4 horas da tarde, deixa-lhes geralmente trez horas de liberdade até o regresso de seus paes da officina de trabalho para a casa.

Demais, tendo a lei de 1882 decidido não permitir a nenhum ministro de culto penetrar na escola, o seu art. 2.<sup>o</sup> estabeleceu que ás quintas-feiras de todas as semanas, deixaria de haver aulas, afim de que possam as creanças frequentar, á vontade de seus paes, os cursos religiosos. Durando as aulas destes cursos muito pequeno espaço de tempo (uma ou duas horas, em geral) a creança fica, no correr das demais horas do dia, exposta aos perigos da vadiagem, dos máus conselhos, das más companhias, dos máus lugares.

E' verdade que providencias tem sido tomadas nesse sentido, mas, para que possam ser largamente benéficas, é preciso que largamente se estendam. Nesse intuito, fôram creadas em França varias *classes de garde*, onde as creanças pódem trabalhar depois das aulas e sob as vistas de um mestre. Além dessas classes, existem *cantines scolaires*, custeiyadas pelas caixas das escolas, isto é, secções especiaes, onde, por pequeno preço e, algumas vezes, gratuitamente, as creanças conseguem fazer, dentro da própria escola, as suas refeições.

Os *cours de vacance* (cursos das férias) para as creanças que não têm quem olhe por si, durante os dois mezes que annualmente costumam concedidos para descanso nos estudos; os *comités* de colonias escolares, cujo fim é enviar ao campo ou para localidade maritima, as creanças cuja constituição

reclame esses cuidados e os patronatos, que velam pelos alumnos, em seus dias de descanso e que são na França em numero considerabilissimo — todas essas instituições dizem bem claramente o interesse vivo e constante que alli desperta, privada e publicamente, esse assumpto, cuja importancia, depois do que temos dito, não é mais preciso encarecer, devendo sómente ser-nos permittida, pela terceira, pela quinta, pela decima vez, lamentar que até agóra os nossos homens o tenham tido em tão pouca monta.

\* \*

As proporções a que se tem de restringir este estudo impédem-nos, infelizmente, de maiores detalhes e de mais largos commentarios ácerca do assumpto, occupando-nos das legislações de outros paizes civilizados, entre elles a Allemanha, a Hollanda, a Suissa, etc, no tocante ao ensino obrigatorio, como poderosa e invencível barreira, quando regularmente applicadas, contra a mendicidade, o abandono e a vadiagem das creanças, que é, como já se disse, a escola elementar do crime.

Não deixaremos, comtudo, de lembrar que não é sómente de bem elaboradas leis sobre ensino obrigatorio que necessitamos, a bem dos nossos creditos, da nossa moralidade, do nosso engrandecimento; precisamos, sobretudo, que sejam fiél e rigorosamente cumpridas as disposições proveitosas que ellas encerrem no seu bôjo.

Vem a proposito referir as observações feitas por Nassoy, director da colonia de Santo Hilario, no departamento de Vienne, (França) em trabalho apresentado ao 5.<sup>o</sup> congresso internacional penitenciario, reunido em Pariz, em 1895, commentando a applicação da lei de 28 de março de 1882.

Nassoy reconhece que a mencionada lei, rigorosamente executada, deveria impedir que as creanças com menos de 13 annos de idade se entregassem á vagabundagem e á mendicidade de um modo contínuo, mas que não são sómente as creanças desta categoria que fogem á escola e sim quasi todas aquellas mandadas corrigir, assignalando que, dentre estas, conforme documentos irrefutaveis, o nivel de instrucção tem baixado de modo consideravel. Desde alguns annos, augmenta visivelmente a proporção dos analphabetos que dão entrada nas casas de reforma. Nassoy conclúe, com taes elementos, que a lei do ensino obrigatorio conserva-se letra morta e pede que, a bem dos interesses das creanças abandonadas ou filhas de paes indignos, seja exercida em toda a parte uma fiscali-

zação sevêra, afim de que todos os alumnos, que devem comparecer á escola, frequentem-na realmente.

FRANCO VAZ.

(\*) Vide, sobre o mesmo assumpto, o n. 13 desta revista, de 5 do corrente, onde vem a primeira parte deste trecho dum estudo sobre «*A Infancia Abandonada*», em elaboração, por incumbencia do sr. ministro da Justiça.

## SPIRITISMO

Foi na luctuosa quadra do terror, marcada, na historia dos nossos dias, por traços de lama e sangue a sujar a victoria do vencedor, como se lhe não bastasse a gloria de debellar um facil adversario, surprehendido a discutir sociologia e a disputar a investidura de cargos superiores.

O Manéco Rósas não estivera com os vencedores nem com os vencidos; vira quasi indifferente passarem pelejando as hôstes de irmãos desvairados numa loucura odienta; assistira ao despovoamento dos campos talados; aos incendios ateados pelo fâcho da guerra civil devorando estancias e lâres; e, muita vez, dera piedoso abrigo, no seio da terra amada, aos cadáveres abandonados á margem das estradas, mutilados uns, degolados o maior numero, os prisioneiros em massa, por que não se dispunha de meios para conservar os que caíam nas *volteadas* das surpêsas e da sorte dos combates, ou fôram colhidos pela ferocidade de uma brigada que havia sempre evitado encontrar com o inimigo. Haviamos, então, importado sinistros habitos de crueldade, que se cévava em victimas indefêzas para saciar uma sêde cruenta, uma sêde céga a enxergar inimigos nos ingenuos homens do campo, nas mulheres, nas creanças, abrigadas, transidas de pavôr, nos lâres abandonados pelos paes. E, atravéz do fumo denso da destruição inutil, se esgueiravam as vindictas pessôaes, marcando os suspeitos, com delações infamissimas, que se tornaram um meio muito commodo de eliminar credôres.

O Manéco Rósas estava com a sua trópa de mulas ao serviço do vencedor, pela simples razão de ser esse officio de tropeiro o seu ganha-pão, quando lhe disseram que fôra declarado trahidor da Republica. Conhecendo as consequen-

cias desse stygma, o pobre rapaz se considerou condemnado a espíar o seu crime pela faca, mediante um processo summarissimo, no qual o vóto dos espiritos, tutelares das instituições democraticas, tinha mais preponderancia que as resoluções de juizes de carne e osso.

Um sacerdote do espiritismo concentrava a direcção suprema do territorio subjugado, e as suas deliberações eram tomadas numa especie de conselho de guerra formado por espiritos inspiradores, cruéis nymphas Egérias, invisíveis, que tranquillizavam a melindrosa consciencia do chefe. Quando lhe traziam um prisioneiro, elle se concentrava numa evocação piedosa, e proferia a sentença com um simples gesto sêcco e rapido da mão espalmada, roçando o pescoço, e murmurando num tom de lastima invejosa :

—Que felizárdo ! Foi chamado. Concluiu a sua perigrinação na terra.

Propalára-se que o crime do Manéco Rosas, muito popular e querido, consistira em atrevida expansão de idéas, certas liberdades de pensamento, irreverencias de palavra, muito escandalosa no meio de subserviencia do terror, ou da passividade hypocrita, cuja senha era—eliminar, a ferro e fogo, os inimigos da Republica. O fervor patriótico se caldeava em requintes de perversidade. E quem se derretêsse em melindressentimentaes, era tarado com a sinistra marca da suspeição.

Ora, o Manéco, prevendo, como camponio ladino, que os espiritos o considerariam libertado do processo de depuração terrestre para ir fazer uma estação de penitencia noutra planeta, nalgum Cucuhy, donde ninguem volta, pôz-se a pannos; atravessou campos verdejantes, transpôz montanhas enfeitadas de pinheiraes frondosos, e penetrou o seio das mattas que alcatifavam o berço de grandes rios.

Elle percebêra, na delação calumniosa, o dêdo de um sujeito que lhe devia uns carrêtos, e procurava esse meio, então muito vulgar, de liquidação: pagar dividas no outro mundo. Se não fôra anachronismo, poder-se-ia attribuir a esse cruel vêzo do calóte ensanguentado, a denominação popular de cadáveres aos credores exigentes.

\* \*

Mas, o guapo rapaz não era de temperamento para viver nas brenhas, como

um cobarde, um foragido, em contínua inquietação, faminto, abandonado naquella solidade medonha, eriçada de perigos. A fuga se lhe figurava uma fraqueza. Preservaria a vida; mas, arriscaria a de entes queridos, responsabilizados pela sua ausencia. E, tanto o horror á idéa de cobardia lhe penetrou o cerebro, que deliberou affrontar, denodamente a truculenta justiça dos patriotas e dos espiritos.

Na casa paterna, onde chegou de surpresa, foi acolhido como um temerario louco. Nem as exortações do velho pae, nem as lagrimas das irmãs, o demovêram do irremissivel projecto de se apresentar ao general, revestido da suprema confiança do governo para custodiar a sorte da Republica, naquellas paragens.

O grande Cabôclo tinha atilado tacto para escolher os seus auxiliares, os seus instrumentos de terror. O seu olhar firme e sombrio destacava sempre homens excessivos, fanatisados, ou apaixonados pelo que consideravam dever para com a patria; homens feitos para a execução fria das ordens mais absurdas, ou para as desobedecerem com monstruosos exagêros de zêlo expedito, não lhe dando tempo para corrigil-os com o arrependimento, com desafôgos de consciencia em actos de piedade e clemencia.

Todos os jacobinos de pápo vermelho pôdem dar testemunho de que o inolvidavel Cabôclo era incapaz de matar uma môsca; tinha um coração de heróe e de pomba; mas, os medonhos auxiliares lhe frustravam os generosos impulsos, interpretando cruelmente as suas ordens e com tamanha precipitação, que elle, sómente tarde e a más horas, tinha conhecimento dos fusilamentos, dos degolamentos perpetrados em seu nome. Esses auxiliares, loucos ou ferózes, lhe borravam continuamente a pintura, lhe borriam a memoria immortal se não se houvésse, providencialmente, fundado a empresa de glorificação, que o levará em andôr á posteridade.

Pungiu-lhe immensa dôr, quando soube dos fuzilamentos do seu velho camarada e amigo barão de Batovy, do seu camarada velho Noronha, quando ouviu, com o coração opprêso, a narrativa horripilante do supplicio de Sérro Azul e seus companheiros de martyrio. Sempre tarde, muito tarde,

lhe chegavam as noticias desses crimes. E elle se encontrava na dura conjuncção de não poder castigar os criminosos, com receio de desprestigiá-la a republica em perigo.

Mais tarde serão contados tristes episódios da *idade média* da Republica.

\* \*

O representante da dictadura, na, quelle Estado, não disfarçava as suas idéas philosophicas, nem as suas crenças no evangelho spirita: é bem provavel que o intimo convívio de almas do outro mundo, tenha determinado a sua selecção para tão melindrosa commissão. Manéco, como toda a gente, conhecia as anedóctas dessa vezania fanatica. De uma feita, elle fôra visto, num campo do suburbio commandando um corpo de exercito invisivel; noutra occasião, viram-no passeiar em confabulação animadissima com espiritos zombeteiros que lhe provocavam gostosas gargalhadas; muitas vezes, elle se curvava reverente, numas humildes maneiras de engrossamento a sêres superiores, que ninguem lobrigava. Não era, por isso, estranhavel que o povo, ignorante dos transcendentes mysterios do spiritismo, o considerásse doido varrido, ou creatura com partes com o demonio.

Um bello dia, Manéco deliberou sair da humilhante situação de foragido, custásse-lhe, embóra, essa imprudencia as carótidas. Deixou a casa paterna, trepou, lésto, a escadaria do palacio, e disse aos ordenanças que desejava fazer ao general, uma importante communicação. Os guardas hesitaram, mas o alferes, que os commandava, farêjando a delicia de uma delação, franqueou-lhe o accésso ao gabinete.

Corrido o reposteiro pesado, em cujas dôbras verdes se defórmaram as linhas das armas da Republica, a bóla, a legenda — *ordem e progresso* — no equador de trancelim e as estrellas do cruzeiro, o ousado moço se achou, arrepiado de pavôr, diante do homem taciturno, sentado como uma chiméra ornamental no tópo de uma meza, cercado de cadeiras vazias.

—Perdão—disse Manéco, hesitando surprehendido, e curvando-se para duas cadeiras em posição opposta, como se estivessem occupadas por pessoas venerandas.

—Está espantado? Diga o que quer — rugiu o general, com máus módos,

irritado porque a presença do importuno o arrancára do extase de uma digressão pelas regiões do éther.

— E' que — balbuciou Manéco — eu suppúz que vossa excellencia estava só.

— Que está dizendo?

— Vossas excellencias queiram desculpar-me — continuou o moço, em tom de supplica humilde, dirigida ás cadeiras. — Eu não sabia que estavam em conferencia...

— Em conferencia, seu idiota?... Essa é bôa... Com quem?...

— Pois o cidadão general não vê aqui, nestas cadeiras, o cidadão marechal Deodoro e o cidadão general doutor Benjamin Constant?...

O general deixou a attitude de chiméra, arregalou, assombrado, os fatidicos e tristes olhos.

— Deodoro!... Benjamin! — exclamou, arrebatado num ésto de fé pela evidencia do milagre. — Sêde bemvidos, selectos espiritos que me dáes a honra ineffavel de uma comunicação directa... E' estupendo; é de converter os scepticos mais endurecidos.

E reprimindo a desmedida alegria, se retrahi, murmurando num tom liturgico:

— Concentremo-nos, irmão.

A formidavel cabeça triangular, cabeça de arára, pendeu-lhe para o seio, e os braços se lhe cruzaram na symbolica attitude de armas de S. Francisco; cerrou os olhos, e immergiu em funda meditação.

Manéco arremedou-lhe os geitos de religiosa attitude; e, quando elle despertou com um prolongado suspiro de satisfação psychica, aventurou, num tom de timida sinceridade ingenua:

— Eu vim apresentar-me á vossa excellencia, cidadão general, porque ouvi dizer que estou condemnado á morte.

— Condemnado você? — inqueriu o homem, com meiguice—Você, um medium ráro, um medium vidente de primeira ordem?... Não é possivel... Espere...

E meditou, de novo, com prévia venia pedida aos dois espiritos superiores, occupantes das cadeiras vazias.

— Não — continuou, prazenteiro — Os seus dias não estão contados; você não foi ainda chamado. A nossa religião não póde prescindir de um tão

poderoso auxiliar para resolver certos pontos methaphysicos da sublime doutrina. Que quereis?...

— Se a religião necessita da minha humilde pessoa, eu desejaria um salvo-conducto...

O general escreveu, rapidamente, uma ordem de *passé*, e terminou sorrindo:

— Ide em paz, irmão; deixáe-me para que eu receba as ordens e a inspiração dos eminentes espiritos que me honram...

De recúo, curvando-se em reverentes mesúras ao general visionario, Manéco se esgueirou, apertando ao seio o precioso papel que lhe salvará a existencia.

EUCLYDES

## FINANÇA

O sr. visconde Rodrigues de Oliveira, intelligente cultor de estudos economicistas, nos remetteu um interessante opúsculo: *Projet de Réforme Monétaire et de Création d'une Banque d'Emission au Brésil, par Edmond Théry*, director do *Economiste Européen*, no qual, com a indiscutivel auctoridade do auctor, se offerece uma solução ao problema financeiro, dando estabilidade ao padrão monetario e creando um banco de emissão, que se encarregue da substituição do papel-moeda pela circulação fiduciaria, garantindo ás capacidades productivas do paiz, seguros meios de desenvolvimento pela restauração do crédito sobre bases, solidamente, estaveis.

A importancia da materia nos induziu a dal-a em traducção aos leitores dos *Annaes*.

### PROJECTO DA REFORMA

#### MONETARIA NO BRAZIL

##### I

#### Posição da questão

No manifesto de 1898, o sr. Campos Salles esboçou um plano de restauração economica e financeira do Brazil, resumido nos seguintes termos:

Restauração do valor da circulação fiduciaria pela emissão gradual do papel moeda; diminuição das despesas publicas; repartição dos serviços publicos de modo que a União fique encarregada dos que são de caracter essencialmente federal; augmento da renda publica com severa fiscalisação da respectiva arrecadação; suppressão do *deficit* orçamentario; restabelecimento da confiança publica; expansão do credito do Estado e importação de capitaes estrangeiros.

A obra de restauração economica e financeira do Brazil, deveria ser a questão capital de sua legislatura. «E' — disséra elle, no alludido manifesto—a questão predominante e vital, a que responde, mais intimamente, aos interesses da patria. A influencia que ella exerce e a gravidade de seus effeitos, no interior como no exterior, são de tal natureza que essa questão deve egualar para o povo brasileiro, os mais sérios problemas internacionaes.»

O programma de restauração economica e financeira do sr. Campos Salles, foi acceito pela unanimidade do povo brasileiro, e o Brazil, que parecia, no começo de 1898, condemnado á ruína, e do qual quasi todos os economicistas europeus vaticinavam fallencia material e moral dentro de breve prazo, graças á honestidade incontestavel da sua população, á energia e clarividencia patriotica do governo federal, viu atravessar, victoriosamente, a crise mais formidavel que uma nação, digna desse nome, jámais soffreu.

Os quatro exercicios de 1895 a 1898, tinham deixado *deficits* orçamentaes, que exigiram recursos extraordinarios consideraveis, e nos quaes novos emprestimos e emissões fiduciarias figuravam com 8.122.080 £ e 216.350 contos em papel-moeda. A conversão das libras sterlinas em contos de réis, ao cambio médio dos quatro annos — 8d.,5 por mil réis — daria um *deficit* total aproximadamente de  $216.350 + 194.929 = 411.729$  contos.

Ao contrario, conforme o ultimo relatório do dr. Leopoldo de Bulhões, ministro de finança da União, a renda ordinaria, nos exercicios de 1900 a 1903 fôram de 184.293 contos ouro e 1.094.206 contos papel, e o complexo de todas as despezas, feitas pelo Thezouro Federal, foi de 163.802 contos ouro e 1.184.781 contos papel, deixando, provisoriamente, um excedente de 20.491 contos ouro e um *deficit* de 90.575 contos papel, por não estarem ainda esses exercicios officialmente liquidados.

Convertendo o excedente de 20.491 contos ouro em contos papel, conforme a média do cambio daquelles quatro annos — 11 d., 4, — obter-se-iam. . . . 48.531 contos papel, reduzido o *deficit* real daquelle periodo a 42.044 contos papel, suppondo, bem entendido, que a liquidação definitiva não modifique o resultado final dos quatro exercicios.

Assim, sem necessidade de estabelecer uma comparação mais minuciosa entre a situação financeira do Brazil em 1898 a 1904, comparação que será feita adeante, quando examinarmos a divida publica, póde se admittir agóra:

1º Que uma ordem relativa reine na administração brasileira e que se empregam esforços perseverantes no sentido de melhorar progressivamente

todos os ramos de administração federal e local dos Estados autonomos;

2º Que o orçamento da Federação está solidamente firmado e que os seus recursos normaes se desenvolvem, regularmente, e fazem face a quasi todos os encargos internos e externos;

3º Que, graça a esses resultados iniciais e á execução rigorosa das estipulações do *Funding* de 1898, relativas á retirada de papel moéda, o cambio exterior do Brazil, melhorou sériamente, assim como seu crédito de Estado nos mercados estrangeiros, com grande vantagem dos interesses nacionaes;

4º Que o presidente Rodrigues Alves, assim como o sr. Leopoldo de Bulhões, habil ministro das finanças e os principaes homens politicos brasileiros, manifestam o sincero desêjo de continuar a applicação dos sabios principios inaugurados pelo governo do sr. Campos Salles, os quaes pôdem, por si sós, assegurar a rapida valorisação das innumeradas riquezas naturaes do Brazil e sua emancipação financeira.

Depois de admittir a verdade desses factos, convém reconhecer que a obra feita entre 1898 e 1904, foi a da regularisação das finanças federaes, tão gravemente comprometidas durante o primeiro periodo do novo regimen.

Para estimular as aptidões individuas do povo brasileiro no sentido da valorisação do territorio nacional, para permittir ao Brazil tornar-se, rapidamente, o grande paiz de produção agricola e industrial, que será certamente, num futuro mais ou menos proximo, o governo federal deve ainda transpôr os dois seguintes trechos de trabalho:

1º, Restaurar o padrão monetario nacional e supprimir o curso forçado do papel moéda actual, creando uma circulação de origem unica, conversivel em ouro e proporcionada ás verdadeiras necessidades do paiz;

2º, Organizar instrumentos de crédito sob todas as suas fórmulas — commercial, territorial, agricola — e lhe assegurar a repartição automatica no interior da Confederação brasileira.

E, quando essas operações fôrem realizadas, a situação financeira do Brazil se consolidará, verdadeiramente, iniciando sua prosperidade economica um desenvolvimento racional.

(Continúa.)

FARIAS BRITO

III

Ha cerca de uns trinta ou quarenta annos é que começámos a ter espiritos de primeira ordem, ou pelo menos es-

piritos que pôdem ser considerados como pensadores dignos de tal nome. Os dois mais notaveis que abrem a nova phase são incontestavelmente o visconde do Rio Grande e o visconde de Araguaya. O visconde do Rio Grande deixou, entre outros muitos trabalhos, um livro que está esquecido, mas que ha de dar sempre um alto testemunho de tão nobre espirito — *O fim da Creação*. O segundo, o poeta da *Confederação dos Tamoyos*, teria sido talvez maior como philosopho si houvesse dado outra direcção a seu espirito e certa unidade a seu esfôrço como pensador. Escreveu sobre psychologia e moral.

Depois destes, não sei si temos alguém mais a citar até Tobias Barreto, sem duvida o mais notavel entre os da geração que precedeu á actual. Este só não fez um nome europeu porque nasceu no Brazil e escreveu pouco. Elle tinha as grandes qualidades de um pensador de raça. Nas suas obras, ha a nota pessoal: e sente-se nellas uma forte personalidade. Foi um espirito que se não fez por outros espiritos. Não teve modelos, isto é, não andou servilmente com ninguem, nem mesmo com aquelles que lhe mereciam mais legitima sancção

Isto não quer dizer que elle tivesse apparecido milagrosamente, isolado de tudo o que se havia feito até alli. Pelo contrario: elle tinha a grande e vasta cultura do seu tempo, como não é possível que deixe de fazer todo aquelle que quizer levar avante a obra das gerações precedentes. Mas, o que o distinguia do simples assimilador é o talento de ver as questões, julgar os factos e pôr os problemas com alma propria.

E' pena que não vivêsse em meio mais amplo, onde o seu espirito encontrasse *humus* para a vida plena e exuberante, expansiva das naturezas tropicaes. Elle nascêra para os grandes theatros e para as grandes luctas. Ainda assim, quando fizemos a historia do espirito humano nesta parte do continente, o seu nome ha de encher uma boa pagina dessa historia.

O grande mal para Tobias Barreto foi ter vivido num quasi completo isolamento espiritual e, por assim dizer, sitiado sempre de uma profunda aversão, de uma suspeita obsidente no meio acanhado em que viveu: emquanto o seu espirito tinha a convivencia muda e secreta dos grandes mestres, o seu temperamento ardente e aggressivo se irritava encontrando-se com os homens do seu meio estreito — alheios todos á salta esphera onde elle planava. D'ahi o orgulho que nelle se gerou e creceu desmesuradamente, orgulho a que se lhe devem attribuir os graves defeitos de pensador, que não pôde nunca dissimular. Isso explica o tom áspero e apaixonado em que discutia: mesmo quando não entrava em disquisições compasso alguma, tinha sempre

motivos ou pretextos para atacar alguem.

E é assim que a sua obra ficou imacabada. Sobretudo nos ultimos tempos da sua vida, elle se tornou de uma intolerancia absurda e lamentavel, si bem que, desde o principio, o seu espirito tivésse desandado das alturas em que sempre deve pairar o verdadeiro philosopho. Nem seria possível dissimular que foi um grande mal feito á sua memoria a publicação pósthuma desse livro, que eu estava quasi chamando de monstruoso, no qual o dr. Sylvio Roméro reuniu muitos artigos de polemica, a maior parte sem direito a reedição, pois, em vez de augmentar tiram alguma coisa, muita coisa mesmo á gloria do philosopho pernambucano

Contemporaneos de Tobias são, entre outros muito poucos: o visconde de Taunay e o dr. Sylvio Roméro. O visconde de Taunay nada fez em materia de philosophia, menos por falta de talento do que por haver empregado nas lettras o pouco tempo que lhe sobrava da politica e da administração. O dr. Sylvio Roméro foi amigo devotado e sincero admirador de Tobias Barreto. Possúe tambem toda a vasta cultura do seu tempo, é tambem germanista, muito preocupado sempre em dar combate ao positivismo, e tem-se imposto pelo esfôrço consciencioso com que trabalha. A sua obra já é grande, é mesmo enorme para o nosso meio. Bastaria citar a sua *Historia da Litteratura Brasileira* e a sua *Philosophia no Brazil*, para dar uma idéa da sua consideravel bagagem de auctor. — De Tobias Barreto, parece que o dr. Sylvio Roméro tomou o espirito de aggressão. Os seus artigos de imprensa fornecem prova disso: a sua dialectica é segura, sobretudo em questões de politica e de moral. O polemista, porém, é sempre ardente e sempre desdenha do adversário.

Póde-se dizer que Tobias abre a phase em que florescem agóra espiritos como, além dos srs. Teixeira Mendes e Miguel Lemos: o dr. Fausto Cardoso, o dr. Samuel de Oliveira, o dr. Clovis Bevilaqua, o dr. Pedro Lessa e não sei bem si mais alguns. Fausto Cardoso é um dos talentos mais brilhantes que tenho conhecido. E' pena que ainda hesite na escolha da róta a seguir e até do genero em que deve esplender em toda a pujança. Elle anda das altas questões philosophicas para o direito, da politica para as lettras. Hoje, parece que se sente mais poeta do que advogado. Advogado é que elle é á força. Como poeta, creio que viria a ser maior do que como philosopho mesmo. Como philosopho, tem trabalhos de merito incontestavel. Conheço-lhe uns artigos na *Revista Brasileira*, sobre philosophia da historia, realmente de um vigor, brilho e originalidade não communs. Sei que elle já



publicou em volumes muita coisa que é sufficiente para dar nome até aos menos modestos no solicitar caricias á fortuna. Mas, como poeta, elle tem lampêjos verdadeiramente admiraveis. Eu só estranho e só lamento que Fausto Cardoso não fique definitivamente com as Musas.

O dr. Samuel de Oliveira não me é tão conhecido como o precedente. Basta-me, no entanto, o que delle tenho lido para considerá-lo como uma das intelligencias mais lucidas e mais bem preparadas da actual geração de pensadores.

O dr. Clovis Bevilacqua me é, talvez, ainda mais estranho do que o dr. Samuel de Oliveira. Parece que o illustre professor, a quem coube a honrosa tarefa de redigir o projecto do Codigo Civil, se tem dedicado, quasi exclusivamente, a questões sociaes e, de modo particular, a estudos de direito.

Do dr. Pedro Lessa, possúo felizmente o documento mais completo, sem duvida, de quantos me pudésem dar um perfeito testemunho da alta e vasta intellectualidade do illustre professor paulista: é o livro em que sob o titulo de — *E' a historia uma sciencia?* — deu em avulso o prefacio de uma traducção de Buckle. E' um trabalho erudito, conciso, substancioso, trabalho que se deve dizer digno de um sabio.

Aos que ahí declinamos, bem que se poderiam juntar alguns outros nomes de pensadores contemporaneos. A maior parte dos que poderíamos citar, porém, não publicaram, até agóra, obras de philosophia propriamente dita: são pensadores, mas não se entende que sejam philosophos: — assim como outros são philosophos, que não se pôde dizer que sejam pensadores.

E do meio de todos esses é que vamos ver como se destaca a poderosa mentalidade do grande cearense que é objecto destes artigos.

ROCHA POMBO

### O RIBEIRO AURIFERO

O humilde ribeirão, que alli serpeia,  
Corre entre frágas, sobre um leito d'ouro.  
Vê-se embaixo, no estreito sorvedouro.  
Tremeluzir a fascinante areia.

Ha um seculo, a rústica bateia  
O homem maneja e explora este thesouro,  
Catando o pó maravilhoso e louró,  
Sob a agua azul, que docemente ondeia.

Rios immeusos, que inundáes florestas,  
O humilde ribeirão de aguas modestas  
Não vos inveja o leito vasto e fundo!

Elle possúe, no claro alvéo guardado,  
O metal deslumbrante e cubiçado,  
Cujo brilho solar domina o mundo!

LEOPOLDO BRIGIDO

### A LIVRARIA

AS RELIGIÕES NO RIO — JOÃO DO RIO  
(PAULO BARRETO) GAZETA DE NOTÍCIAS — EDITORA.

Terriveis razões, razões materiaes ainda concedem que eu chegue a ponto de adherir ás festas que toda a gente mais litteraria, menos litteraria esfoquêteou em honra das *Religiões no Rio*. Deste livro, foi dito, preciosamente, — desde a notação gratuita do noticiario elegante até á secúra solemne, qualquer coisa bizarra, dos psychiatras, — quanto era justo, quanto era certo dizer para que esse infatigavel successo de livraria e de critica ladeásse o dos *Sertões*, o da *Chanaan*, o do *Luzia-Homem*. Considerou-se, num formilhar d'applausos, o que esse livro assume de originalidade, de inédito na pesquisa, e de simples scintillante na factura. E, como quiz, sem excesso, sem immodestia, a modestia do prefacio, em que a graça tem requintes, conviêram em que se tratava méramente de um trabalho — extraordinario — de reportagem. E não ha duvida. Bem foi uma reportagem — que remexeu, com solicitude e ancia, antros e templos, salas claras de fé e escuridões temerosas de feitiçarias. Mas, no Brazil, onde, não raro, a imprensa, sem falar na columna *leader*, se estira e desanima no réles das *partes* policiaes, e se faz repartição publica em que os funcçionarios gosam e amollêcem na preguiça cynica do trabalhinho manso da *cosinha*, sem mais ambição que a do *vãle*, sem mais gloria que a salário — isso, vinha eu a pensar, que João do Rio commetteu, com um estranho escandalo de brilho e um violento irradiar de popularidade, é, com effeito, mais que reportagem, e não é, emfim, menos que um surpreendente esforço de observação, de raciocinado estudo, esvahido de paciencias intrépidas, illucidantes, tendo como dever o zêlo da verdade e, como prestigio, a tessitura resplandecente do estylo. As revelações, quasi inverosimes, por vezes febricitantes, não faltou o documento, a precisão — a rua, o numero da casa, o nome dos chefes, dos papas, dos doutores. E tudo isso, que podia parecer uma *phantasia*, um mesmo embúste, um mesmo encanto, alojados na imaginação, na desconfiança do povo, desencantou-se, affirmou a realidade. Não é, de resto, sómente um livro de reportagem esculpida na ancia, na coscuvilhice inconsiderada do *reporter*. E' demais disso, um livro de litteratura exacta, estou a dizer opulenta pelo maravilhoso de emoções que recólta, de imprevistos extasiados, de qualidades em que colligam excellencias de primor numa obra que á

ficção preferiu o facto, e ao facto entalhou suggestões persuasivas, ornamentaes de fórma. E, para lançar o raro bello nessas trezentas paginas em que o escandalo galga a curiosidade afflictiva de referir, sem espancar crenças, sem aggreir superstições, umas coisas inconcebiveis, não precisou o mais elegante dos nossos jornalistas mundanos de entornar uma série de philosophias. Apenas, vindo a orientar e levar o leitor ao entendimento das complicações religiosas que alastrou, deu, aqui e alli, as origens, os fundamentos, a meia historia das seitas, dos ritos, das tragedias e comedias através dos quaes o mais ou menos sobrenatural fluctúa e fascina. Por leve, passageira, superficial, em que se marcou a indagação de João do Rio, ella não deixa de ser erudita e consideravel. Ha capitulos — os maronitas, os positivistas, os baptistas, os phisioátras, os satanistas, etc., — que são resurgencias de cultos, de esplendores antigos, evocações soluçantes de bondades veneraveis, de exaspêros, de bestiaes delirios, que se impõem e se repassam na alma do artista de geito a penetral-o dos mesmos sentimentos, das mesmas santidades de fé, dos mesmos impetos d'ideal. As religiões reveladas, revelaram-me esse lado suave do seu espirito, essa condição em que se não sobressaltam as idéas alheias. Paulo Barreto, que ha trez annos não dava um amor, um affecto, e era um nervoso dentro da sua arte e um espiritual dentro do seu orgulho, e não sabia quem era o vice-presidente da Republica. — João do Rio, com a graça de Deus, já hoje, sendo até politico, e quasi amando, considêra o sentir do proximo — a antiga bêsta — e ainda o transmite, sentidamente, com a mesma sinceridade, a mesma fé consoladora! Por isso, ninguem, como eu sobretudo, deixará, depois do que elle nos conta, de ver qualquer forte porção de meigo heroismo, de supplicante ternura, de esperança resignada, ou na propaganda positivista ou na lamentação dos maronitas. Ainda nesse ponto, tomando todas as côres, gosando todos os ambientes, elle váe no rumo de ser uma perfeição de jornalista. A *Gazeta*, certa nas suas tradições, ha dois annos, arrumou no seu *stock*, mais essa revelação radiosa. A mim, porém, é que não o revelou. apezar do seu prestigio. Eu o conheço desde o tempo em que da *Cidade do Rio*, Paulo Barreto me informava do seu admiravel talento. Depois, no *Correio Mercantil*, dirigido pelo dr. Virgilio Brigido, que o recebeu quando a imprensa, a *Gazeta* á frente, lhe não dava nem *hospitalidade*, nem *ruido*, en tive, mais de uma vez, de reconhecer não só uma capacidade intellectual, mas tambem uma prodigiosa capacidade de traba-

lho, nesse escriptor, já scintillante, erudito e original, capaz de tudo, escrevendo tudo, mesmo, e superiormente, cartas veridicas de Pariz. Paulo Barreto era, então, um malquisto, um malsinado.

E, do seu lado, era um demolidor porque era inteiramente um artista. Devia, pois, só ter para os gloriosos logares communs da nossa gloriosa litteratura quotidiana, aquelles mordentes, aquelles recortantes e recortados adjectivos que num primor de raiva, conduziam sátyras rútilas, brutas, sátyras esquerdas de tortura contra o povoado litterario, que não se convencia e já agóra, em reverente préssa, se convence da scintillação desse artista.

.....

Que eu, afinal, só quiz, na lavra desta noticia, triumphar na realidade desse triumpho; só quiz, na confiança delle, reviver contrastes sobre a infinita delicia d'outros... mais amaveis.

\* \*

RELATORIO SOBRE OS CRIMES DE NOVEMBRO, APRESENTADO PELO DR. A. A. CARDOSO DE CASTRO AO SR. MINISTRO DA JUSTIÇA—IMPRESA NACIONAL.

Acima falei, alegremente, de revelação; falo, de novo, agóra, não alegremente, mas escandalosamente alegre. A revelação não é da *Gazeta* — é auto-revelação. Magistrado, talvez jurisconsulto, publicista, o chefe da policia revelou-se, num passe maravilhoso, um maravilhoso litterato.

Os succéssos de novembro, que eu ainda abomino, á memoria de um grande sústo, deram, apesar da má seimete, esse fructo bom, dos mais raros neste paiz, em que, até ao dr. Cardoso de Castro, exclusive, o officialismo era illitterato.

E', pois, a primeira vez que, numa coisa — quero dizer — peça official, e sobretudo policial, súrge um escriptor. Fui á historia, á chronica, ao dr. Vieira Fazenda, ao Instituto Historico, e, depois de bem investigar e considerar, não me foi possível topar, em outros *annaes*, uma tão forte fibra de litteratura na policia, desde os tempos policiaes da Independencia. Não só de litteratura, mas, positivamente, de rebrilhante e solemne philosophia. E' mais um lado da revelação... destes *Annaes*.

Mas, a despeito desse *furo*, através do qual se vêem, mexendo e formigando, cellulas philosophicas de incalculavel poder, não chega até ahi o meu espanto, o meu terror deliciado.

Porque entre criminosos, entre crimes, a philosophia é um nervoso, é uma qualidade obrigada por simples e natural associação de idéas. Sobre o

estyllo do relatorio é que eu pasmo, é que a minha impressão é incontavel. Pensei, profundamente pensei; e, ao cabo, assegúro que o dr. Cardoso de Castro é, por um lado, shakspeareano, e, por outro, bocageano. Como quer o tragico, elle tem para a peor idéa a peor palavra; e, segundo os versos do comico — o poeta predilecto — não sáe deste conselho:

*Com a materia, convém casar o estylo;  
Levante-se a expressão, se é grande a idéa;  
Se a idéa é negra, a locução negreje;  
E tenue sendo, se attenue a phrase.*

Feito, lançado nesta altura de regra, o relatorio é, completamente, um serviço memoravel. O exórdio é temeroso. As palavras agarram-se, teem chóques, teem syncopes, vertigens de luz, e lançam, por fim, estampidos... de uma coragem reveladora do perigo em que andou o *regimen institucional vigente*, sob o maior alarma social que tambem pôz em risco imminente a vida, a propriedade e a honra dos habitantes.

Até ahi, Bocage. O estylo enfeitase de citações em linguas festivas. E' o seu lado fidalgo. Escreve de um telegramma para um jornal de Genova, cujo texto, mais ou menos apprehensivo, lhe chega ao conhecimento já traduzido para o inglez — idioma em que o nosso adoravel confrade pontifica. Outra revelação... E não é das menores — a originalidade critica do interessante artista, váe por ordem numerica:

1.<sup>a</sup>—critica da attitúde do presidente Rodrigues Alves, em honra do qual os adjectivos queridos de um bravo general se esgóttam violentamente. O illustre escriptor delirando soberbamente, numa aberração de fórma olympica, iniciou um processo muito moderno de praxes: o presidente é elogiado; o presidente, depois de 15 de novembro ultimo, é um subalterno do chefe da policia;

2.<sup>a</sup>—originalidade: esta é philophica e profunda — a Escola Militar, de marcha para o Cattete, ia deitar a Republica nos braços da Monarchia.

*Plaudite!*

A *Gazeta*, que revelou o jornal barato, léve, commodo á intelligencia e á bôlsa, e tem sido uma reveladora de mentalidades, me perdôe a concurrencia.

O novo candidato á Academia de Letras é um revelado seu, delle, e dos *Annaes*. E pois, meu Deus, bem se diz que não ha mal que não traga um bem... Recebemos, com o relatorio que nos mandou o nosso confrade, um massiço de sabedoria — por um lado, a jorrar philosophia, e, por outro, a espirrar estylo. A brutalidade dos succéssos deu um escriptor.

O dr. Cardoso escriptor...

WALFRIDO

## A RUSSIA

O vasto sudario de néve, que encobre os parques, os jardins da perspectiva do Néva e se crystalisa nas cornijas dos palacios imperiaes, está tincto de sangue do povo, resistindo, ferózmente, á oppressão da *bureaucracia* parasitaria, formando, em torno do throno dos Romanoff, uma barreira sinistra contra o accésso das idéas liberaes.

O urso branco, domesticado a *knut* pelos jograes de uma farça de civilização christã, num impeto de nostalgia selvagem, quebrou os laços que o prendiam, arrancou a focinheira e arremetteu contra os seus algôzes.

Os échos dos factos se figuram aos ouvidos da Europa, attonita aos primeiros gritos do estertor da autocracia, e repercutem por toda a parte como tremenda lição aos oppressores, aos barbaros conselheiros, que aventuraram o prestigio nacional, leviamente, numa guerra exterior, e provocaram, no interior, uma convulsão revolucionaria, onde súrge ameaçadoras as reivindicações da Polonia, da Finlandia e dos milhares de martyres, que expiaram com a vida, em supplicios infamantes, loucos sonhos de liberdade.

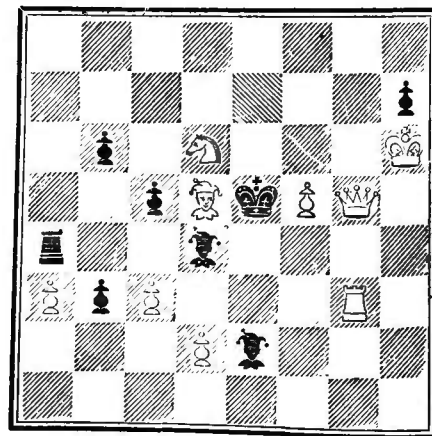
A politica européa assiste, assombrada, aos sangrentos combates, muito mais interessantes, agóra, que a situação das forças belligerantes na Mandchuria. Elles são o primeiro encontro formidavel de dois principios antagonicos, as tradições de resistencia tyrannica e os idéaes do povo repressados pela veneração ao Czar, desprestigiado pelo grito: Não temos mais imperador! Viva a republica!...

E o tufão alástra, levando á frente esse assobio terrivel que sáe dos labios do *pope* Gapon, como um grito soberbo de exterminio. O *pope* Gapon está ameaçado... de prisão; mas, elle prometteu ao povo abrir o caminho das liberdades russas.

Terá chegado o fim da santa Russia?

## DIVERSÕES

Problema n. 13 -- NEGRAS



BRANÇAS

As brancas jogam e dão mate em cinco lances.

ASSIGNATURAS	
ANNO . . . . .	20\$000
SEMESTRE . . . . .	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
RUA 1.<sup>o</sup> DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

A Constituição da Republica vêdou aos Estados — crear impóstos de transito pelo territorio de um Estado, ou na passagem de um para outro, sobre productos de outros Estados da Republica ou estrangeiros, e bem assim sobre os vehiculos de terra e agua, que os transportarem; mas, os Estados, não satisfeitos com os impostos sobre a exportação, sobre a producção do seu sólo, o suór do seu povo, pensaram que era uma das prerogativas da autonomia estabelecer pequenas alfandegas, barreiras oppostas á livre circulação dos productos nacionaes e estrangeiros, já desobrigados para com a União dos impostos de importação.

A manha dos governadores inventou, ao principio, vários meios de burlar a disposição constitucional; arteficios fraudulentos do fisco estadual fôram empregados para attenuarem a violenta arrecadação illegal de impóstos disfarçados sob denominações diversas; e, como a coisa rendesse, resolveram, depois, perpetrar-a, francamente, sem escrúpulos, carregando a mão, com tal gana, que a tróca de productos nacionaes se tornou quasi prohibida por impostos de arrancar couro e cabelo.

Em alguns Estados, pagavam fortes contribuições a farinha de mandióca, os cerêaes, as manufacturas procedentes dos visinhos; e um houve que taxou com dois mil réis cada um kilo de livros, com o louvavel intuito de proteger a litteratura local.

Os interessados, porém, protestaram contra essa cruel tosquia, e procuraram, ingenuamente, a protecção da justiça federal, que os satisfez, dando-lhes razão em numerosos aréstos, interpretando com muita sabedoria a disposição constitucional, aliás clara e terminante. Esses aréstos luminosos, sentenças de juizes seccionaes, accor-

dãos do Supremo Tribunal, obtidos com immenso dispendio de paciencia, de custas, através das torturas de um processo, obsolêto e absurdo, nunca fôram cumpridos, porque o governo federal, muito medroso da execução do art. 6.<sup>o</sup> da Constituição, nunca ou sou intervir — «para assegurar a execução das leis e sentenças federaes», que passaram a figurar no immenso rôl das letras mortas. Demais, importaria isso uma infracção ás convenções da politica dos governadores, essa aliança de olygarchias, organizada para maior gloria e prosperidade da Republica, e com o patriotico intuito de harmonisar, num fórte hybridismo, a autonomia dos Estados com a soberania da União.

O governo federal se considerava, voluntariamente, de mãos atádas pelas conveniencias ultra respeitaveis, impotente para suffocar os deletérios efeitos dessa politica fiscal, a minar, como um vérme voráz, as energias economicas do paiz. Allegava-se, com um firme tom de sériêdade, que a Constituição nada valia sem as leis organicas para a execução dos seus sagra-dos preceitos, e nessas condições se achavam as disposições dos arts. 6.<sup>o</sup> e 11.<sup>o</sup> Dessas dependiam os meios que armariam o governo federal para combater o despotismo dos governadores insaciaveis, cuja fome de impóstos attingira a excéssos de extorsão in-supportaveis.

Eis porque, sómente passados quinze annos de governo republicano, o Congresso deliberou decretar a lei de prohibição das contribuições inter-estadoaes, desafogando a lavoura, a industria, o commercio nacionaes, cujos productos oneradissimos, deveriam ainda passar pelo estreito crivo das alfandegas-mirins, ou ficarem represados, sem consumidores, nos territorios productores.

Essa lei foi recebida com espontaneos applausos, mas não tardou a desillusão: os governos estadoaes que se

tinham recusado ao cumprimento das sentenças da justiça federal, tambem refúgam obediencia á recente lei que, na opinião delles, deveria ser considerada uma satisfação sentimental aos clamôres da opinião, aos interesses jugulados pela desmarcada ambição, ou pela inépcia dos financeiros locaes, cuja politica consiste em arranjar renda, inventando, augmentando impostos a tôrto e a direito.

E estamos deante desta bella situação: os agentes dos governos locaes, surdos ás prescripções da nova lei, continúam, tranquillamente, a arrecadar as contribuições prohibidas, embóra os juizes federaes pretendam oppôr-lhes embargos á ligeireza, ao crime, porque elles contam com a impunidade e prevêem que o governo federal, muito preocupado com a manutenção da ordem, ainda apavorado com os removidos riscos de um levante debellado, não ousará intervir na fórmula do n. 4 do art. 6.<sup>o</sup> da Constituição, mórmente quando a esse preceito falta ainda a indispensavel lei regulamentar, que o inolvidavel Prudente de Moraes solicitou com insistencia, e o Congresso recusou com teimosia irreductivel. Ellés estão convencidos de que essa gritaria, contra a desobediencia ás sentenças federaes, só terá o efeito de fatigar, de augmentar o acêrvo de maçadas, que obéram a paciencia do governo; elles explóram a lentidão dos trâmites administrativos que, no emprego dos meios suasórios, das admoestações paternaes, das exhortações amigaveis, consumirão muito tempo, até esgottarem as energias dos contribuintes, desilludidos das garantias legaes.

Não necessitamos de encarecer ao governo, a gravidade do caso e fiamos de sua integridade um remedio prompto, efficaz e definitivo a essa situação vergonhosa.

\*  
\*\*

E' um dever de justiça reconhecermos que o governo procedeu, na me-

dida de suas forças, o mais correctamente possível, na difficillima taréfa de prover os cargos creados pela nova organização da justiça local. Foi preciso ter cabellos no coração para resistir ás injuncções, aos pedidos dos amigos mais intimos, mais queridos e mais influentes, de uma dedicação céga. E porque a medida do agrádo não se pôde aferir pela bitóla infinita das ambições, já esguicham grandes jactos de desgostos, rompendo as mais herméticas solidariédades.

O governo teve dêdo amestrado em certas escólhas, como essa do nosso querido poeta das *Ondas*, para o cargo de escrivão da Provedoria.

O que tem de ser tráz fôrça. O maviôso Luiz Murat exhibiu sempre a mais decidida vocação para aquelle cargo, que é uma recompensa muito merecida, libertando um homem notavel do fatigante trabalho de cavar a vida com a lyra.

De escriptor a escrivão, a differença não é de palmo. Os officios de justiça e de arte não são incompatíveis. E ha certa semelhança entre uns autos e um poema. A graphia da rãza está subordinada á tarifa de trinta letras, assim como a do vérsio á metrificacção, que o Guimaraens Passos acaba de dotar com um Diccionario de rimas novas, para regálo dos candidatos ao Parnáso.

O cartório não absorverá o poeta, nem lhe estancará o éstro peregrino. A penna brilhante, que traçou versos sonóros, não se embótará rabiscando termos de arrecadação.

Se o grande Bilac, o poeta das *Estrellas*, é escriptor do *Registro*, porque não poderá ser o Murat, o artista das *Ondas*, escrivão da Provedoria?

POJUCAN

## O CABEÇA DE FERRO

Nesse anno de 1782, em Minas, no mesmo lugar em que assenta hoje a cidade de Diamantina, as auctoridades de Portugal, monopolisando para a Corôa portugueza, o commercio dos diamantes, eram implacaveis no seu despotismo.

Entre os trabalhadores empregados na extracção, a miseria era grande. Quasi todos os escravos, soffriam fome, enquanto pelas suas mãos passavam milhões de pedras, que valiam quantias assombrosas, e iam enriquecer o thesouro portuguez.

O trabalho era duro. Primeiro, era preciso descobrir o trecho do rio, em cujo fundo se esperava achar o jazida. Cavava-se ao lado delle um valle, forrado de táboas unidas e calafetadas: cercava-se depois o rio; desviavam-se as suas aguas para o vâlle. Então, secava-se o leito assim descoberto. Quebravam-se as rôchas que o forravam, tirava-se a camada inutil de terras e areias: e via-se logo, sob a fórma de um cascálho feio e grosseiro, a preciosa mina, em que dormiam as grandes e rutilantes pedras preciosas. Muitas vezes, o trabalho ficava perdido: não se encontravam diamantes na porção explorada do rio, e era preciso recommear mais longe a mesma dura taréfa.

Tratados com rigor intoleravel, privados de tudo, soffrendo, pela menor falta, castigos horrorôsos, trabalhando sem cessar de sol a sol, os desgraçados entendiam-se com os contrabandistas, a quem vendiam os diamantes que furtavam. As auctoridades condemnavam, sem processo, os accusados desse crime. Os contrabandistas, que eram conhecidos pelo nome de *garimpeiros*, eram perseguidos sem tréguas pela tropa. Ás vezes, desesperados, acóssados pela patrúilha da metrópole, os garimpeiros organisavam guerrilhas e resistiam. Corria o sangue de parte a parte.

Os escravos suspeitos eram condemnados á morte, summariamente. Não se abriam devássas. Não se admittiam defezas. Bastava uma simples desconfiança, bastava uma simples denuncia. Alguns, amarrados a troncos de arvores, eram surrados até morrer; outros acabavam crivados de bálãs; outros expiravam de fome, no fundo de masmórras sem ar.

Em 1782, era intendente dos Diamantes, José de Meirelles, homem cruel que conseguia ser ainda mais tyranno do que os seus antecessores. O povo dava-lhe o nome de *Cabeça de Ferro*. Violento, fez pesar sobre Minas a sua maldade. Quem por esse tempo viajava pela região, que ficava sob o domínio do Cabeça de Ferro, via, de espaço a espaço, corpos no chão, varados de tiros de espingarda, cadáveres de enforcados oscillando nos galhos das arvores. Eram as victimas do intendente.

Mas, não eram sómente os suspeitos do crime de contrabando que soffriam o peso do seu odio. Bastava ter pena do soffrimento dos pobres escravos, para ser considerado cúmplice delles. A cadeia do arraial estava constantemente cheia de innocentes, cujo crime unico era o ter dado um pedaço de pão a um trabalhador faminto. O Cabeça de Ferro era omnipotente. Quem ouzava contrarial-o, se escapava da morte, era degredado para a Africa, e deixava a familia na miseria, porque todos os seus bens eram confiscados para o Estado. E, quando o intendente atravessava o povoado, arrógante, de sobre-

cenho cerrado, seguido da multidão dos seus guardas armados, o terror corria as ruas. Portas e janéllas fechavam-se. Nenhum olhar se atrevia a fitar o olhar do orgulhoso senhor, que tinha nas mãos o destino de todo o povo.

Essa tyrannia já durava trez annos, quando, por occasião de se celebrar uma festa religiosa no arraial, veio para prégar o sermão, na Villa do Príncipe, um sacerdoté modesto,— homem de rara virtude, cuja palavra ardente estava sempre cheia de bençãos para os humildes e de maldições para os orgulhosos. Era o vigário Brandão. Ninguem imaginaria, vendo o pequenino, fraco, de olhos postos no chão, tão pobremmente vestido que causava dó, ser aquelle o homem que nunca receiára dizer a Verdade, por terrivel que fôsse, aos grandes da terra. O povo, quando o viu chegar, acolheu-se sob a sua protecção.

O vigario viu os arredores do povoado cobertos de cadáveres sem sepultura; viu as casas dos suspeitos incendiadas por ordem do intendente; viu a cadeia cheia de infelizes, que gemiam sob o peso dos ferros, victimas quasi todos de accusações infundadas; viu o pavôr que affligia toda a gente: e, com palavras duras, que o amor da justiça inspirava, intimou o Cabeça de Ferro a respeitar as leis da Humanidade. O intendente sorriu. E a sua cruéldade augmentou.

Chegou o dia da festa.

A igreja, cheia de povo, resplandecia de luzes. Quando o vigario ia falar, entrou o intendente; seguia-o a sua guarda: e o implacavel tyranno, arrógante, caminhava de olhos erguidos, dominando com a sua presença temerosa a multidão, que tremia.

O vigário começou a falar. A sua voz clara e colérica, tinha uma magestade divina. Falou dos magistrados que apenas para opprimir os pequenos e os pobres sabiam usar do poder que a vontade de Deus lhes confiára.

O seu olhar não se afastava do ponto em que estava o intendente, e o seu gesto, dirigido para elle, apontava-o como o causador da desgraça das familias condemnadas á orphandade e á fome; lançava-lhe em rosto o assassinato frio de tantos innocentes; condemnava-o a vagar sósinho na terra, fadado a uma velhice de angustias e de remórsos, para pagar a sua deshumanidade: e descrevia, ao vivo, o soffrimento dos que jaziam no fundo das masmórras escúras, dormindo sobre a lama, gemendo de sêde, com os corpos chagados pela pressão das cadeias de ferro.

O povo todo, immóvel de assombro, diante de tamanha audacia, escutava em silencio. O Cabeça de Ferro, com as faces accêsas de cólera, tremia na sua cadeira. Levantou-se, cruzou os braços, e encarou o prégador.

Durante minutos, que pareceram seculos, esses dois homens, — um, todo poderoso, temido, rico, armado, cercado de trópa, representando a auctoridade despótica de el-rey, — e o outro, fraco, pobre, sem armas, sem soldados, tendo apenas por si a Verdade, — longamente se fitaram em silencio. Foi o homem poderoso que cedeu.

O intendente baixou os olhos, com todo o corpo abalado de um tremor convulsivo. O povo murmurava. E o padre, sem tirar os olhos do criminoso, clamava:

— Ministro de Satanaz! como afe-rôlhas miseros innocentes nesse horri-vel calabouço, quando o seu crime só foi terem tirado da terra os thesouros que a Providencia ahí occultou, para que egualmente a todos os homens servissem? Um dia, a innocencia clamará contra ti, no tribunal divino, longe das paixões do mundo: e a maldição de Deus pesará sobre a tua cabeça!

Houve um movimento geral na multidão. Viram todos que o intendente, de cabeça baixa, trémulo e abatido, se encaminhava para a porta da Igreja. Seguiam-no os soldados da sua guarda: e o povo abria álas para deixar passar, humilhado como um réo, aquelle que, havia pouco, passára sobranceiro como um deus.

Houve ainda quem temesse que, ao saír dalli, o Cabeça de Ferro fôsse preparar a sua vingança contra o atrevido que o injuriára, cobrindo-o de opprobrio e de vergonha.

Mas, no dia seguinte, soube-se no arraial, com allivio, que todos os que estavam presos injustamente, tinham sido póstos em liberdade; que os cadáveres que jaziam nos arredores sem sepultura, servindo de pasto aos còrvos, tinham sido enterrados; e que a sôrte dos criminosos, nos calabouços, tinha sido suavizada. E, de então por diante, todo o povo respirou, vendo o intendente reconciliado com a justiça e com a humanidade.

Porque, quando o amor do Bem e da Verdade palpita na vóz humilde de um jústo, essa vóz, por si só, é bastante para illuminar e purificar a alma endurecida de um tyranno.

OLAVO BILAC

## DOR

O livro de contos, que o leitor váe percorrer, é escripto por um moço já conhecido na imprensa desta capital, e que podia muito bem dispensar estes dois dedos de prosa insípida e incolôr.

Não se tratando, portanto, de uma cerimonia de apresentação, para a qual aliás confesso a minha inópia, pois

que em casos taes chego até a esquecer o nome dos apresentandos, cingir-me-ei a collocar entre a pagina de rôsto do livro e o primeiro conto, meia duzia de phrases, que traduzam rapida e sincéramente a impressão produzida em meu espirito pelo talento do auctor.

Escragnolle Doria é um delicado. Seus mestres, no estudar os assumptos e na arte de dizer, fôram os Goncourts. Esta influencia não carêce de ser demonstrada; o discipulo já a confessou em bem cuidados artigos publicados no *Jornal do Commercio*, sobre a indole litteraria dos dois escriptores francezes. Não é impunemente que se admira um artista de talento; no extase váe uma enorme absorpção, e, quando menos pensa, o cultor de bella obra tem se saturado della, tem-se nutrido com sua seiva. O que seria para estranhar era que o auctor de *Dôr*, praticando assiduamente com os Goncourts, não adquirisse esse parentesco intellectual.

Todavia, o estudo dos processos goncourianos não lhe fez perder a individualidade. Escragnolle Doria segue dócilmente o proprio temperamento. Não é um impasssivel até a crueldade; nem a observação attinge nos seus trabalhos essa acuidade quasi feróz, que matou o pobre Jules. Brando, sério, sincero, convencido, gôsta de descrever atritos de almas primitivas em interiores domesticos e aristocraticos. No intuito de exprimil-os, sem grandes rebuscamentos, elle procúra produzir os effeitos mais pelas differenças do que pelas analogias.

Cada conto desse livro tem o seu *leit motiv*, — um sentimento subtil, que se entretêce gracilmente com os contrastes esparsos atravéz da narração.

Narrando, o auctor muitas vezes intenta gracêjar; mas, vê-se logo adeante que o gracêjo não reside na estructura de seu espirito: sempre emittidas a furto, raramente expansivas, as phrases que o insinúam esfriam e dissolvem-se em uma ironia vaga, abortada.

Ironia, diria eu; accrescentarei: livrêsa. Por certo, não é de natureza lancinante como impressão nascida do *sunt lacrimæ rerum*; antes, pelo contrario, essa ironia assemêlha-se muito a uma cautêla de delicado deante do mundo, mansa, sem hostilidades súrdas, talvez benigna.

Explico os laivos do scepticismo inculcado em *Olga Perfection* pela vida do auctor, educado em um meio differente do commum, residindo em Petropolis, e pelos contactos dos circulos diplomaticos. Quem não sentirá o effeito da displicencia *high-lifiana* lendo *Miss Star* e *Lucia Sourire*? Estes contos revêlam o tacto e o conhecimento das conveniencias da vida de salão. Tudo nelles transpira distincção social e esméro de observador, cuidadoso e discreto, das reticencias, sem as

quaes não se comprehendem as relações, principalmente femininas, de pessoas habituadas a viver com os pés em Petropolis e os olhos em Nisa. Esta e outras historias, colleccionadas no livro, dir-se-iam escriptas por uma penna segura por dedos enluvados. Não me consta que Escragnolle Doria ande em Petropolis permanentemente de luvas; aqui, na rua do Ouvidor, ao contrario disto, tenho-o visto várias vezes, em dias de chuva, envolvido em casacão de *cheviot*, xadrez marron e amarello manteiga, que lhe dá o aspecto de um judeu de Frankfort. Seja, porém, como fôr, certo que algumas de suas composições resentem-se de luvas, pelo menos no espirito.

Ha um Arriaga no conto intitulado *Dôr*, em que, segundo parece, o auctor descarregou todas as suas intenções de artista. Na bôcca desse *souffre douleur*, collocou elle phrases como estas: — «Busquemos a verdade gemendo.» — «Não será mais doce respirar cem flôres do que desfolhar uma?»

Arriaga era «um investigador da belleza feminina; empregava a imaginação inteira evocando, na linha, no perfume, na fórmula das fibras de Eva a essencia das idéas proprias; despia-as para vestil-as com as côres do seu sonho.» E, porque sonhava como artista, em todas as coisas, Arriaga falhava a vida. Casado com uma mulher apathica, imaginosa e quiçá nevrosthénica, um dia adoeceu do insuccêso do seu romance *Ultimo amor*. Incomprehendido pela esposa e por sua vez não a tendo comprehendido, esse infeliz morre com um gesto de existencia annullada pela insufficiencia de correlações entre a concepção e a fôrça executiva, e entre esta e o meio ambiente. Não creio que o artista pretenda endóssar as tortúras desse typo, até o fim. Desconfiança? Provavelmente. Talvez preocupação do *chic*; ou, melhor, reminiscencia do desastre de Jules Goncourt. Torturado rigorosamente pela fórmula, suppliciado, precito — é que nunca. Faço justiça ao temperamento de Escragnolle Doria: pelos seus nervos não corre aura epiléptica.

Deixemos em Arriaga o que constitúe simples veleidade. O Doria que eu vi á porta da *Semana*, em dia tempestuoso, sorrindo por entre o pello hirsuto do seu casacão de judeu, será incapaz de morrer como Keats, do mal de *Andromaca*.

Vejamos a emoção. Neste capitulo haveria muito que examinar e discutir. Limitar-me-ei ao que resálta da simples leitura.

De ordinario, o contista desdenha provocar no leitor qualquer emoção intensa; o seu intuito visível é fazer de preferencia reflectir. Como, porém, nem sempre a imaginação ou o factio observado offerêce elementos, que sub-

stancialmente sublévem a alma, succede que o escriptor vê-se impellido a usar das amplificações do estylo, e começa a brincar com os assumptos em vez de desenvolvê-los. A penna esfusía pelo papel, talvez illudindo a si mesma, e acaba por firmar conceitos, ora por conta propria, ora postos na bôcca dos personagens; conceitos que inculcam compenetração superiorá importância das théses propostas. A preocupação dos personagens em causa, muita vez é frivola, e accúsa um desejo de entrar profundamente na esphéra da clarividencia psychologica. Não serei eu quem censúre as pretensões de vários personagens do livro, num tempo em que tantos escriptores se propõem a imitar Stendhal, ainda que se exponham, como o magistrado do romance de Dostoiewsky, aos sorrisos de Raskolnikoff.

Sem embargo disto, ha contos de Escragnolle Doria, que produzem larga emoção. Entre outros, citarei *Magna eterna*, historia concisa e rapida do martyrio de um doente a bórdo de um transatlantico. A dedicação do irmão do infeliz passageiro, a morte deste, a dôr excruciante do primeiro, tudo isto desfiado atravéz do ruído de bórdo, no meio da etérna e limpida marinha do Oceano Atlantico e da alacridade de viajantes indifferentes; tudo isto o auctor descreve em tom elegiaco, provocando uma sensação de soluço dentro d'alma. Notarei outros contos que participam de eguaes qualidades: *Sangue Iscariota*, que é a historia de uma traição entre duas irmãs, que amam o mesmo homem, determinada inconscientemente por uma vesania de temperamento; *Almas honestas*, em que se vê uma pobre mãe brutalmente apunhalada pela noticia do fuzilamento do filho nos acampamentos do exercito brasileiro em operações no Paraguay, por ladrões, justamente quando pensava encontral-o glorificado na victória.

O estylo de Escragnolle Doria não se resente, sinão raras vezes, desse pontilhado cansativo, que caracteriza o dos goncourianos. A phrase córre espontânea e ataca o espirito do leitor de modo incisivo, salvo quando o auctor, na ausencia de assumpto concrêto, começa a crear nas proprias tiras de papel em que escreve, de improviso, caracteres vasios de significação, e portanto angustiados em paradóxos ou aphorismos philosophicos.

A paisagem, a descripção dos meios é sempre rapida, e apparece como um complemento da psychologia do personagem. Um ligeiro tóque na téla, um esfumado aqui, uma nota crúa acolá, e ahí tem o effeito conseguido. O desenho meréce mais cuidadas minucias do escriptor.

Todavia, paginas encontram-se no livro que manifestam a influencia de uma prósa que tem invadido os roda-

pés dos jornaes fluminensas. Refiro-me a certas historiêtas que o contista pretende narrar no tom intimo da linguagem usada nas salas de jantar das nossas casas de familia. Esse tom não está de accôrdo com a indole de tal artista. Conversar á manga lássa, na liberdade do lar domestico, não é o mesmo que dizer uma anedócta picante ou notar um caso curioso, em róda cerimonia, guardadas as conveniencias exigidas pela cultura social.

Prefiro o Escragnolle Doria de luva de pellica.

Riachuelo, dezembro, 1895. (\*)

#### ARARIPE JUNIOR

Este artigo deixou de ser insérto como prefacio ao livro criticado, por motivos independentes da minha vontade. Foi redigido ha 9 annos. Não ha motivos para alteral-o. Publico-o hoje.

A. J.

#### PAGINAS ESQUECIDAS

##### DESCRIPÇÃO DO QUARTO DO AUCTOR

De escarros a parêde matizada,  
Sobre a mesa bastante papel velho,  
Noutra parte, sem aço antigo espêlho,  
E um tinteiro, que só vê tinta aguada;

Do tecto immensa têa pendurada,  
Duas cadeiras já sem apparêlho,  
Immundicie que dá pelo joêlho,  
E a pequena janella esburacada;

Quatro livros francezes emprestados,  
E um estreito lençól de côr mui preta  
Aonde enrósco os membros descarnados;

De mordedoras pulgas tropa infecta,  
Persevêjos cruéis, ratos malvados:  
Aqui tendes o quarto de um poeta.

XAVIER DA CUNHA

(*Este poeta das margens do Vouga entra no templo de Apollo pelo cano de esgôto. Vivia sujaente não tem outro merecimento além da basófia e alárdo da sua sordidez. No seculo passado, o poeta de officio acanalhava-se, fazendo gála de pelintra. Era condição obrigatoria para graugear a irrisoria alcuinha de poeta exhibir os cotovêlos coçados da casaca, as melenas hirsútas a esvurmar caspa, os dentes lurados e os gestos idiotas da allucinação extatica. Assim devia ser este Xavier da Cunha, que fez em um soneto a «Descripção do quarto do auctor», «pedida por uma senhora».*)

CAMILLO CASTELLO BRANCO)

\*

##### O REI LUIZ DA BAVIÉRA

Luiz II, o Bem-amado, nascêra em 1845. Em junho, quando foi o desenlace tragico, estava a ponto de fazer quarenta e cinco annos. Era neto daquelle rei que abandonára throno e scéptro pelo rodopío funambulêscio de Lôla Montes, a célebre dansarina.

Tinha o principe dezenove annos, quando em 1864 succedeu a seu pae. Era um rapaz bom e corajoso, mas atacado da «doença de rei» — essa molestia que nos latinos se chamou já «loucura cesariana», e entre os germanos se devia chamar a «loucura de Hamlet»: um mixto da ambição e pessimismo, de desdém e de phantasia, nebuloso e tragico á maneira desses céos da Além-Rheno, que põem nas consciencias dos homens a fluidez de um estado permanente de equívoco.

Em 1866, estalou finalmente o ultimo acto desse duéllo historico entre a Prussia e a Austria, começado na Refórma. O rei Luiz, espécie de d. Sebastião da Allemanha (porque o nosso heróe foi um rei Arthur perdido no extremo occidente, nas praias do mar venturoso); descendentes dos Wittelsbach, que desde 1180 reinavam na Baviéra; neto de Othon I, o grande, que houvera o ducado do lendário Barbaruça e com elle combatêra em Italia, esmagando Henrique XII, o leão; representante de uma familia que tantas vezes estivera a ponto de pôr na cabeça a corôa imperial — o rei Luiz odiava o *borussio* com um odio de raça, e por isso montou a cavallo e partiu para a aventura que a espingarda de agulha liquidou em Sadówa.

Vencido com a Austria, desilludido cruelmente, o Bem-amado disse como Hamlet:

*Mau delights me not!*

O mundo aborrêce-me; mas, o mundo respondeu-lhe tambem:

*Alas! poor Yorik.*

Ai de ti, meu pobre doido!

Doido estava, positivamente, o rei Luiz. Começou pela manía dos palacios. Construia para abafar o seu tédio. Umaz vezes, estava em Berg; outras, em Hohenschwangon; outras, em Lindehop, errante sempre, fugidío, trocando as voltas a toda a gente. Sentia-se um rei da comédia, vestido pelo cancellér prusso, elle que sonhára, talvez, com a corôa da Allemanha. Alta noite, levantava-se perseguido pelas visões, montava a cavallo e galopava, galopava na matta do castello, para se atordoar. De uma vez, vinha, á frente do seu estado maior, passar revista ao exercito, que o aclamava; mas, esse exercito não era d'elle, era do prusso, e, de repente, ferido por esta idéa, corrido de vergonha,

partiu a toda a brida, fugindo de tudo, de todos, e foi enclausurar-se no seu ascetério de Berg.

Os seus palacios eram de fadas, nos recéssos mais agréstes das montanhas, sobre pincaros inacessiveis, ou em ilhas banhadas pelas aguas dos lagos alpéstrés. De noite, ao luar, na sua barca, fazia de cysne — o cysne da lenda, o Lohengrin da phantasia germanica. As salas tinham alçapões e esconderijos, portas falsas e sahidas mysteriosas em galerias subterraneas.

O seu luxo era feito para desorientar a gente. Pagava dois milhões por uma *toilette* de porcelana de Saxe. Um lustre célebre, um lustre que a fabrica de Meissen levou quatro annos a fazer, custou-lhe setecentos mil marcos. Certa cama um milhão; e nessa cama havia uma cólcha da China, bordada a ouro — uma maravilha. Não podendo reinar, gastava.

Havia, então, na Allemanha outro doido, que traduzia a sua nevróse em palacios musicaes, tão phantasticos, tão extravagantes, como os do rei Luiz. Wagner, perseguido tambem pelos credores, estava escondido em casa de um amigo seu, em Stuttgart. Soube-o o rei — e abraçaram-se as duas realézas, as duas loucuras, as duas desgraças. Deu ao musico o seu theatro, fez-lhe depois outro expressamente em Beyruth, exigindo como recompensa unica ouvir sósinho, ás escúras, a Tetralogía épica em que os seus sonhos tomavam realidade, e em que o mundo lhe parecia um só, o da scena e o dos homens, o das visões e o dos factos, interpretados em symphonias de uma allucinação atroadora.

Wagner, porém, um bello dia morreu, e foi como quando em Sadówa se desfizeram em fumo as suas esperanças de grandeza monarchica. Ia-se agóra, em fumo, em cinzas tambem, o homem que lhe curava a nostalgia ideal que lhe restava.

Correr os credores e os ministros a ponta-pés, e pedir á escória da gente a satisfação caustica do seu desespero. Fechava-se num quarto, e o Lohengrin da loira Germania sentava-se á mesa com lacaios e policias, com soldados e cocheiros. Encarregava o seu cabellereiro de lhe formar um ministério. Sumia-se por uma porta falsa, quando appareciam as barbas do tio Luitpoldo; e quando os ministros vi-

nham dizer que tudo ia mal, dava-lhe com as portas na cara e com a biqueira da bota na parte menos nobre do corpo humano.

Com aquelle respeito sempre grave de allemães, perante o throno, os ministros agitavam-se involuntariamente, e sahiam todos curvados. Mas, o sério era que todas as questões do Estado se resumiam no pagamento das dividas do rei, insondavel abysmo! O tio Luitpoldo já déra trez milhões. O dr. Erb já diagnosticára sabiamente a alienação mental. O *Bem-amado* ordenára aos seus ministros a liquidação de certos *cães* mais raivosos de Munick; e, vendo que nada faziam, despachou dois cavallarias para lhe trazerem preso o sr. de Lutz, presidente do conselho.

Nos jornaes, nos botequins, nas cervejarias de Munich, não se falava em mais do que no desbrágamento do rei. Os architectos, os estofadores, todos fórmavam um côro de lastimas clamorosas, e, por fim, decidiram-se a intentar uma acção civil contra o rei caloteiro. Não havia, sequer, já um judeu habil que dêsse um ceitil!

Interviêram, então, os medicos e deram-no por doido. Os drs. Gudden, Hagen, Grashey e Aubrico declararam sabiamente que o rei padecia de *paranóia*, o que em linguagem vulgar significa demencia. E eis ahí o triste fim da historia começada em 1866, no turbilhão da campanha da Bohemia, entre o estalar rapido das espingardas de agulha.

Depuzêram-no, acclamando seu irmão — outro doido! Confiaram-no á guarda do dr. Gudden, e, uma manhã, antes de almoçar, passeavam ambos, o doutor e o rei, em volta do lago. Os abetos alpestres photographavam-se no espelho azul da agua, que tinha paizagens, visões encantadas, gandiósas, de um mundo talvez menos cruel.

—Doutor, disse o rei, de repente. E um banho?

Eram ambos altos, robustos, sanguineos. O rei tirou o casaco, o collête, o chapéo, e jogou-os para longe. E lançando-se sobre o outro, pegou-lhe dos braços fortemente. Luctaram, giraram, e, por fim, o rei, levando consigo o medico, afogou-se com elle.

*To die, to sleep.*

*Perchance to dream...*

A vida é um sonho, disse Calderon;

morrer é dormir, disse Shakespeare; sonhar, quem sabe? Vida e morte, realidades e phantasias, são tudo interrogações.

*Quem sabe?* como o hespanhol diz, é, no fim de tudo, a summa inteira da sabedoria... A doutorice affirmou que o rei estava doido; mas elle, suicidando-se, desmentiu-a, porque o suicidio é um acto de loucura, que sómente praticam os que estão em seu perfeito juizo. O *Bem-amado* julgou encontrar no mysticismo da Arte, o segrêdo das ambições perdidas. Foi um romantico, e, por isso, o seu povo o chorou com desespero tal, que se tornou necessaria a intervenção da trópa.

OLIVEIRA MARTINS.

## REMINISCENCIAS

14 de Março de 1894

### O CRUZADOR NICTHEROY

O MARECHAL FLORIANO  
AS CORVÊTAS PORTUGUEZAS  
A ESQUADRA AMERICANA

A's primeiras horas do dia 14 de março de 1894, alguns alumnos do Collegio Militar embarcavamos, no cões entrincheirado do arsenal de Guerra, em uma lancha, delicadamente cedida pelo coronel Emilio Jourdan, auctor da conhecida obra sobre a lucta de 65 a 70, contra o governo de Lopez.

Em pouco tempo, singravamos as aguas da bahia; eramos, talvez, dos primeiros a fazel-o, após a rendição das fôrças de Saldanha da Gama, tendo em mira, eu, um alvo supremamente pacifico: abraçar um irmão, alumno da Escola Militar, que a urgente necessidade do momento transformára, como a quasi totalidade de seus companheiros, em tripolante da esquadra legal.

Advertiram-nos do perigo da nossa excursão naquella linda superficie, sempre tentadora e mansa, da enorme bahia; bem era de temer a existencia de minas explosivas, de linhas de torpêdos, póstas, no seu bôjo, em todos os sentidos, pela marinagem revoltada. Nós, porém, creanças e inconscientes, não demos guarída ás previdentes observações do coronel Jourdan, e, em meio á barafunda daquelle instante, embarafustámo-nos em o recésso da embarcação e, em pouco tempo, abordavamos o immenso navio, o legendário capitânea da esquadra legal, outr'ora simples transporte de bananas de Cuba para Nova-York: o cruzador *Nictheroy*.

Minha missão era de paz; não me

conduzia á náu fortificada o instincto bellicioso de investigar, mas puro sentimento fraternal, que, durante todo o tempo da lucta, fez pairar, sobre o famoso cruzador, minhas mais delicadas preocupações de irmão, misturadas sempre com préces a Deus pela bôa sorte do navio. Si os espiritos acompanham, afastados do cerebro, os objectos sobre que recaem, estou certo que o meu não se afastou, um minuto sequer, do navio de guerra; foi-lhe sempre ao encálço, pelos mares fóra, tão constante, talvez, como a branca esteira, que, dia e noite, no oceano deserto, deixava a náu, no seu ligeiro singlar, envolvida ora por fugázes esperanças duma aventura feliz, ora por sinistros preságios dum mergúlho eterno no seio insondavel dos mares.

O meu irmão querido, eu o vi logo, de muito longe, a face tostada, magro, ferido, no início da sua mocidade, por aquella prova amárğa de seu amor ao dever, numa lucta civil.

Eis uma impressão commovedora que não tentaria descrever: para esmiúçar a bemfazeja alegria daquelle momento longinquo, palavras simples eu não as teria sinão lavadas pela eloquencia das lagrimas.

\*  
\* \*

O cruzador *Nictheroy* não era um navio de guerra: constitúa, antes, depósito inqualificavel dos mais diversos armamentos, das mais diversas munições; monstruosa mina de dynamite, mal protegida por um casco penetravel pelo mais inoffensivo projectil, elle, levado pelos ares, medonhamente, apenas o transpuzesse o primeiro balázio do inimigo, explodiria.

A sua artilharia devia de ser excelente, lindos canhões, a B.B. e a B.E.; o melhor delles, num dispáro experimental, em Santa Catharina, entrou; o assento frágil distava das necessarias proporções exigidas pelo póрте poderoso da peça. Na prôa, aggressivo, assestaram o horrivel pneumático, engenhado pelo tenente Zelinsk, da marinha americana; o monstro medía, no comprimento, 15 metros. Era todo prateado. O sol, batendo no dórso, arrancava-lhe faíscas.

Amedrontava. Tinha uma legenda: elle, só, operaria o desbaráto completo, a destruição irreparavel da esquadra revoltosa. Eu tive, naquelle dia, bem nitida idéa do que seria, na verdade, de sua estrutura, um fórte chinês, arrancado ao papelão pela manufactura oriental.

O navio de guerra não é só a fôrça, na sua bruteza. E' o asseio, é a disciplina, é a ordem. O *Nictheroy*, em conjuncto, destôava da ordem, do asseio e da disciplina, constituindo o invérso de taes predicados, essencialissimos á missão que desempenhava, o caracte-

ristico expressivo da sua organização intóleravel.

A tripolação compunha-se de soldados, alumnos militares, e de numerosa marinhagem, onde, excépto diminuto numero de marújos brasileiros, tudo mais era pessoal norte americano, recrutado, a peso de bons *dollars*, mediante intervenção da diplomacia indigena, nas cidades maritimas da outra America.

Devia de ser penoso aos nossos compatriotas, naquella emergencia lamentavel, o contacto com gente estranha, mercenários da peor espécie, visando todos o aniquilamento material de uma parte das forças armadas do paiz, insurgida contra o governo republicano, o primeiro que, constitucionalmente, o novo regimen *instituido pelo exercito e pela armada, em nome da nação*, fructificára, quatro annos antes. Aquella méscia era producto de extrema necessidade de defesa e, simultaneamente, oppróbrio extremo, a consorciar, no recinto de fortificação militar, onde tremulava o pendão nacional, o sentimento altruista de nossos compatriotas, movidos por convicções nobilissimas, a instincto egoista e requintado de estrangeiros, que só a peso d'ouro movidos, só impellidos pela *auri sacra fames*, vinham prestar toda a efficacia de seu concúrso a uma causa para a qual apenas os attraía o tinir de libras esterlinas. O *Nictheroy* era, desse modo, a confusão e a balbúrdia; nova Babel erguida nos mares da patria brasileira; os elementos nella congregados eram estranhos em todos os sentidos: na lingua, na raça, na religião, na nacionalidade, e até no móvel que os punha sob um pavilhão commum. Em verdade, o symbolo de nossa patria estava deslocado quando o arvoraram no mastro do *Nictheroy*, porque o principal caracteristico desse mesmo symbolo é a unidade, é a solidariedade, é a fraternidade, e elle, alli, estendia a sua sombra sobre o conluio de tudo quanto a alma humana póde contêr de mais diverso, oppôsto e antagonico.

Mas, fuçamos a essas considerações de ordem moral. Continuemos a descrever o material do navio, os alojamentos da sua tripolação, a essencia, emfim, de sua organização material.

Os destemidos alumnos da Escola Militar passaram, naquella antro, soerguido ás pressas, improvisadamente, os mais incommodos dias da pelêja contra a revólta.

Sem exaggêro — era de lama o leito sobre que repoisavam da fadiga.

Construidos de madeira, nem sequer pintada, os seus alojamentos afiguravam-se a essas construcções onde se abrigam os gallináceos nas praças de mercado mal construidas; appellidavam-nos, com muita propriedade, de *poleiros*. Não havia espaço para

evoluções nas praças do navio: tudo estava accumulado nellas, e expostas a explodirem ao contacto de simples fagulha, viam-se, aqui, alli, acolá, na vasta náu, as mais diversas munições, desde as minúsculas balas de carabinas até o monstruoso alimento do pneumático monumental — cujo tamanho excedia o de um homem avantajado em proporções. E tudo era dynamite, dynamite, dynamite!

E o *Nictheroy* era o capitânea da esquadra legal; nelle permaneceu, continuamente, o almirante Gonçalves, o marinheiro reformado que, em vista da disseminação do sentimento da neutralidade na armada nacional, acudira, solícito, ao appello do marechal Floriano.

Foi nesse scenário — nessa Babel erguida á flôr dos mares brasileiros, que eu, no dia seguinte ao da victória da legalidade vi, novamente, o marechal Floriano Peixoto. Estava fardado dessa vez: vestia sobre-casaca e calças brancas.

O marechal correu todo o navio. Alguns monossyllabos proferiu o vice-presidente victorioso; mas, sorumbatico, indifferente, quasi, a tudo. Quando deparou o canhão pneumático, notou-se-lhe, no frio semblante, algum espanto; depois, o marechal, sem proferir palavra, abraçou alguns alumnos militares, desceu a escada do navio e, entre salvas retumbantes, sumiu-se, calmo. Dahi a pouco, a tripolação do navio acorria toda para um dos bórdos: eram as tão frágeis quanto heroicas corvêtas portuguezas que, rumo da barra, se moviam, levando, no bôjo pequenino, o restante da marinhagem brasileira revoltada, que escapava assim, graças a um acto de benemerita humanidade, á posição acêrba em que ficariam deante dos vencedores, sinão á *bôcca de lóbo* que a aguardava. Portugal, que nos tempos antigos, traçara nos mares desconhecidos, com a quilha de suas náus fragíllimas, o caminho das Indias, e que, de permeio, arrancára o Brazil á selvageria, avolumou, muitas centenas de vezes, o mérito de suas tradições gloriosissimas, arrojando-se á humanitaria empreza de azylar os brasileiros vencidos, no seio hospitaleiro de suas fracas corvêtas. Não se passaram muitos instantes e outro espectáculo mais bello, mais grandioso, mais pujante, na fôrça indomita que representava, deparavam os nossos olhos: era a esquadra americana que tambem se ia, rematada a sua missão (*interventora?*) na lucta civil brasileira.

Branca como a alma de Washington, forte como a consciencia nacional americana, disciplinada como a indole ordeira do *yankee*, ella passava pela fróta brasileira — suja, preta, com as tripolações debandadas no convéz num desalinho, numa barafunda indiziveis.

Dos navios americanos, o *Brooklyn*,



o *New-York*, o *S. Francisco*, sôava uma musica que era o hymno nacional do Brazil. Via-se a tripolação americana formada no tombadilho, em continencia, mettida na brancura de seus unifórmes, ostentando o garbo, o viço, a sériédade da sua organização naval militar. Ah! confronto acêrbo de duas grandes patrias, as maiores do novo-mundo, como deixaste confrangidos, penalizados e tristes os corações brazileiros, naquelle momento unico e singular de nossa historia politica!

Antes de receber o soccôrro estrangeiro para debellar a revólta, deveria o governo, como escreveu o sr. Joaquim Nabuco, transigir com a revolução?

A criação desse triste *precedente nacional* parece hoje despida dos grandes perigos com que a encarou esse escriptor notavel, levado por uma nova e patriótica politica internacional á culminancia da nossa diplomacia. Permitta Deus que o concúrso estrangeiro nas nossas luctas civís se afaste de vez, e que o exemplo de 93, assignále, solitário, na vida nacional, o maior recúo que um povo póde praticar, quando o dominam as cégas paixões politicas ambiciosas.

BENTO DA GAMA.

### O PINTOR LUIZ DE FREITAS

E' um rapaz pequeno e louro, de olhos claros e fundos, cheios de uma certa anciedade interrogativa, esse pintor brasileiro do sul, que de volta de uma curta estadía sob os céos d'arte e amor da Italia, expõe agóra os seus quadros na galeria Vieitas, depois de ter tentado mostral-os ao publico, em um edificio qualquer, sito á rua 1º de março.

O arsinho inquieto, apparentemente nervoso, desse artista, esconde um calmo trabalhador, muito convencido da sua arte, e que prodúz tudo quanto póde dar o seu talento — esses bons quadrinhos de genero e essas discrétas paisagens, nas quaes ha sempre alguma cousa que admirar, quando não seja o afinco, o esforço, a taréfa levada a termo com todo o ardor de um bom estudante.

Em geral, o sr. Freitas não mostra grandes pretensões nas suas télas — é um modesto agindo. Mas, entre as paisagens expóstas, a de mais vulto, *Omnia vincit amor...*, procúra certamente traduzir o sentimento virgiliano do eterno amor, em contraste com a eterna labúta humana: um casal de moços do campo, que se namóra ante um extenso trigal, rumorejando com a ceifa, e sob um sol faiscante, que não fecunda apenas o trigo...

Certamente, a concepção não offerece novidade, a disposição das figu-

ras não é nenhum achado, nem a paisagem é de impressionar. Ha de bom, comtudo, o colorido quente e louro, a louvavel afinação do campo e das creaturas esparsas nelle, o que é raro entre os nossos paisagistas, mesmo os melhores, que muitas vezes mettem desastradamente numa paisagem verdadeiros borrões, com o ar de figuras.

As demais télas — vistas e interiores — si não agradam ao primeiro relance, por causa do aspecto commum de coisas já conhecidas, são tratadas technicamente com frescura e brilho, o que lhes dá algum preço.

As aguaréllas não nos agradaram muito, e póde ser que não tenham agradado aos competentes. Na *Noite de inverno*, as figuras são rígidas e de faces duras, e no *Jogo da Mora*, os dois sujeitos não teem nenhuma flexibilidade, e as côres se entrechócám, confusas, sem a suavidade que se quer na aguarélla.

Achamos que o sr. Luiz de Freitas, um consciencioso trabalhador, como é, poderia ter apresentado uma exposição mais completa. Comtudo, soube dar, nestes quinze dias de horrivel calor e horrivel poeira, a unica impressão de arte para o Rio de Janeiro.

### O ALMIRANTE (17)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

#### CAPITULO X

— Oh, marqueza, a senhora é uma potencia de primeira ordem. Adeusinho...

E partiu, arrepanhando as sáias num gesto brejeiro, quasi desenvólto, mostrando uma nêsga de perna torneada e vigorosa, em contraste com o corpo flexivel e delgado.

Na sala immediata, encontrou d. Eugenia, e exclamou, com alvoroço:

— Que pena! Eu saío quando a minha querida d. Eugenia chega... Como vão as meninas? E o conselheiro?... Esqueceu o Dádá?... Ah! que luta por tão pouca coisa!... Tenho movido Deus e o mundo e... nada. A politicagem é um terrivel obstáculo, minha cara... Lembre-lhe a remoção do meu adorado maridinho... Sim?... Adeusinho. Não me posso demorar um instante.

Beijou d. Eugenia nas duas faces, com estrépito, e desapareceu numa tempestade de sêdas rugidôras e tréscalando a musgo, que era o seu perfume predilcto.

A marqueza fôra ao encontro da amiga.

— Saío agóra mesmo a Dolôres — disse ella, com um suspiro de allivio.

— Encontrei-a — respondeu-lhe d. Eugenia — tão apressada que nem me deixou falar.

— Fez bem em vir. Tenho estado tão nervosa.

— E' a ancía de abraçar o nosso Almirante.

— Não duvido. Os dias passam com morosidade cruel. Oh! como é penoso esperar.

— E Hortencia? Vim vê-la. Já não quer mais saber da casa.

— Deve estar no parque, ou no *Chateau*, que está um brinco. Tudo feito por ella. Parece que passou por alli a mão encantadora de uma fada... E o nosso conselheiro?

— No Paço... Sempre preso ao dever e mal recompensado. Ah, marquezeta, os velhos servidores já nada valem; não são ouvidos nem cheirados. Estamos numa quadra de novidades, de loucúras, de aventuras perigosas. Olhe: o exercito está descontente.

— Que importa se os negocios vão admiravelmente. Renasce a confiança, no governo da Princeza, que remiu os brazileiros de uma mácula infame. Tinha razão o padre Paulo, quando disse: uma mulher esmagou a cabeça da serpente; outra mulher esmagará a hydra da escravidão. E ella, mulher predestinada, está recebendo as bençãos do povo, acclamada por todas as camadas sociaes o instrumento providencial, a meiga e adorada Isabel, a Redemptora.

— Como viu, marqueza, realisaram-se todas as previsões do Antonico. O Imperador, fiél aos seus habitos politicos, não quiz desfechar o golpe, cujos efeitos se lhe figuravam muito perigosos: elle temia um abálo social, porque, diz meu marido, consérva a impressão das revoluções sangrentas que lhe deixaram na infancia traços indeléveis. E' bem possivel que povôem os seus sonhos os phantasmas dos martyres da revolução do Equador, a figura de frei Canéca, do padre Roma, Mororó, Pedro Ivo, Nunes Machado e outros, que marcaram, com sangue, as convulsões politicas que terminaram em 1848.

— Seria para mim uma distração ler a historia dessa época.

— Isto não está nos livros, nem nos compendios da historia, senão pallidamente narrado: porque ninguem ousou, jámais, escrever com verdade os horriveis pormenôres dessas revoluções para não incorrer no desagrado da Corôa. O Antonico tem tudo isso na cabeça e em nótas para um grande livro, que será publicado depois da sua morte, sob o titulo: *Memorias de um servidor fiél da monarchia, ou contribuições para a historia da fundação do Imperio*. Não imagina o que ha alli de talento e conhecimentos profundos. Só eu sei o que vále aquella cabecinha de velho, sempre encapótada numa modéstia tóla.

Mas, como ia dizendo : o Imperador, desconfiado e cauteloso, arriscou a filha á aventura, durante a sua ausencia. Se fôsse mal succedida, a responsabilidade recairia sobre ella, como uma imprudencia de mulher piédosa, sentimental ; e, então, elle voltaria da Europa a concertar as coisas com o seu prestigio. Agóra, porém, o imprevisito assegurou o prestigio da Regente com uma victória extraordinaria, e o Antonico diz que estamos no alvorecer do terceiro reinado, talvez, pela abdicação, mais proxima do que se suppõe.

—Seu marido prevê isso ?

— Aquella creatúra vê longe no futuro. Ainda hontem, voltando do Paço, elle me disse : não te illudas, minha mulher. Entrámos num periodo de surpresas, de precipitação de idéas, ha muito reprovadas, cuja corrente caudalosa está minando os ultimos diques para se precipitar devastadora sobre os fundamentos da ordem social. E não haverá braço capaz de contê-la, porque o povo verificou que o perigo de refórmulas radicaes não passa de um espantálho dos interessados, sob pretextos de cautélas, de intuitos conservadores. Seja como fôr, minha querida, vivo atormentada por máus presentimentos, quando ouço o Antonico, ao ler os jornaes, murmurar preocupado : isto váe mal, muito mal. . .

—O conselheiro é da velha escola, conservador como ninguem.

—Não é isso. Elle vê longe. Ah ! Que homem de Estado estaria alli se não fôsse tão tímido, tão desinteressado. Pobre Antonico ! E' um galé da confiança do Imperador, preso á corrente de honrarias. . . Ha de morrer veador. Não é por meu gosto. Eu bem o instigo, mas o homem não se móve daquelle carrancismo, ao passo que outros, sem os merecimentos delle, vão explorando as posições e cuidando do futuro da familia. . .

—Deixe estar que lhe arranjaréi um logar de director da minha companhia. . .

—Oh ! minha cara marqueza, faça isso. Veja se o lança aos negocios. Elle lhe quer tanto, que não será capaz de recusar. . .

D. Eugenia, sacudida de contentamento, desfez-se em protestos de reconhecimento, planeou os meios de demover o conselheiro da resolução de não se metter em negocios ; a marqueza, porém, caíra em fundo scismar, quasi indifferente ás manifestações ardentes da amiga, todo o seu semblante defórmado por um véo de tristeza. Após algum tempo, como se despertasse, inquiriu.

—Gininha, você conhéce um doutor Valente ?

—Oh ! o medico das senhoras ? O medico da móda ? Quem não o conhéce ? Contam delle coisas increditaveis, como sábio e como char-

latão, desastres e curas occasionadas pelo que elle chama o seu invento.

— Que inventou elle ?

—Uma feitiçaria para esterilisar mulheres. Mas. . . porque m'o pergunta ?

—E' que a Dolôres acabou de fallar delle com um enthusiasmo. . .

—Não ha que ver. Talvez já seja das taes. Ah. . . minha amiga, como a nossa sociedade váe descendo !. . . Como está, moralmente, mudado o nosso Rio de Janeiro !. E' uma lástima. Entretanto, ha quem diga que essa desenvoltúra de costumes é um signal de progresso. Eu, por mim, prefiro o carrancismo, as idéas atrazadas a esse progresso de falta de respeito e de vergonha. . . que váe alastrando, como um enxurro, sujando tudo e revolvendo, como numa váza, a gente sã e a gente ruim. E ficamos na triste situação de não podermos evitar o contágio, porque, onde quer que estejamos, encontraremos esse vicio elegante e seductor ao lado dos nossos maridos, face a face das senhoras honestas, e perturbando a candúra das nossas filhas. . . E' um horror, marqueza, uma desgraça. . . E, se a gente quizer evitar essa promiscuidade perigosa, tem que ficar reduzida a um limitado circulo de amigos, de relações muito restrictas. . . como as minhas.

—Nem sempre é possível restringilas : os deveres, as conveniencias nos arrastam a contragosto. Não podendo organizar a sociedade conforme as nossas idéas, não ha remédio senão aceital-a como ella é, com as suas imperfeições, as suas torpêzas. Cada um se presérve, como poder, do contagio.

—E' por isso que o Rio de Janeiro váe se tornando insaciavel. Vão escasseando os centros de reunião das familias, onde se encontrem e cultivem afféctos em plena confiança as familias de lei, a gente limpa. . . isenta do veneno da calúnia. . .

Hortencia penetrou na sala com rumor de lufada, rubra de mormáço e o trage em desalinho. Estacou, surpreendida ao encontrar a mãe, e atirou-se-lhe nos braços, num espontaneo impulso de ternúra.

— Ah ! marqueza — murmurou d. Eugenia — está deitando a perder uma rapariga. Veja como está queimada. Parece que ainda está na rôça. . .

—Não foi nada, mamãe — balbuciou Hortencia, ainda offegante. Montei num dos cavallos que chegaram hontem. O animal entrou a galopar suavemente, mas, ao chegar ao fundo da chacára, espantou-se com a roupa estendida a córar e disparou pela avenida das jaqueiras, na direcção da cocheira. Um dos homens, que trabalham no jardim, o apanhou pelas rédeas ; elle estacou, empinou para se libertar, e eu saltei na relva. Que bello animal !.

—Vejam isso ; podia ter caído. . .

A marqueza sorriu.

— E' a senhora a culpada — continuou d. Eugenia, afflicta — com a sua tolerancia, a sua excessiva bondade, pelos desatinos desta cabecinha de vento. . . Que differença das irmãs : Amelia é o juizo em pessôa ; Laura, creatura pacáta e meiga, que mal se preocupa com os prazeres de sua idade. Esta, porém, não repára que já é uma moça para abandonar esses módos de creança. O pae tambem é responsavel por isso. . . Acha elle graça em tudo e diz-me sempre que a reprehendo : que pretendes, mulher ? Contrariar a natureza, o temperamento ? . . . Pois não te queixavas de que ella se estiolava, franzina e moleirona ? . . . Ah ! a tens transformada com a vida ao ar livre do campo, o oxigeneo das montanhas, a musculatúra desenvolvida pelo exercicio, sã de corpo e alma.

—O conselheiro tem razão — observou a marqueza. Não me creassem num convento, eu seria outra. Não estaria apoquentada pelos meus nervos e seria muito mais feliz. Teria os meus filhos vivos e robustos. Não estaria agóra com inveja de você, Gininha, da Marianninha, das mães venturosas.

— Vá ver o que fiz, mamãe — atalhou Hortencia — Como arranjei tudo direitinho, com muito juizo. O *Chateau* está um brinco. Parece uma casinha preparada para receber noivos. Uma belleza. Toda cercada de rozeiras que entram pelas janellas e trepadeiras, madresilvas a se enroscarem pelas columnas com uma graça deliciosa. Tudo meio selvagem como um bósque, porque não consenti que os homens, que estão aparando tudo pelo jardim sem piédade, cortássem um galho das môitas em tôrno da bella casinha que está mesmo atufada num ninho de verdúra, alegre e cheirosa.

—Vejam que partes ! — observou d. Eugenia, intimamente satisfeita — Ha de estar frêsca a tua arrumação. Faça idéa. Vamos ver essa maravilha.

E as trez saíram para o jardim e seguiram, procurando a sombra das grandes arvores, de toiceiras de bambús, que rugiam, lâmures, ao açôite das brisas da tarde, até alcançarem a casinha do Almirante, uma construção rústica de pedra e cimento com torções forrados de héra virente, as parêdes de pedra tôsca rasgadas de esguias janellas ogivaes, onde brincava, numa orgía de lampêjos, a luz do sol decomposta nos vidros de forte e variegado colorido. Em tôrno, como Hortencia disséra, cresciam, numa exuberancia adústa, a côma intonsa de môitas de rozeiras e bogaris, léques lustrosos de palmeiras delgadas, entrelaçadas de ramos, onde rebrilhavam com fulgor as manchas purpúreas, os

calices de hypoméas sensuaes. E os jasmíns, as madresilvas, as gardêneas e as rósas casavam os seus perfumes, num filtro suavissimo e capitoso, a evolvar, mysterioso e subtil, das caçõilas fartas, onde palpitavam, mollemente, grandes borbolêtas azúes.

Aquella vegetação nascêra na liberdade do abandono, sem as correcções da estéthica monotona dos jardineiros, com o tom selvático de plantas damninhas, urzes ouriçadas de espinhos, bromélias e cáctos, como o castello lendário onde dormisse uma princeza encantadora o somno secular, á espera do despertar pelo amor. Hortencia respeitára a pequena brenha, como a marquetteza deixava intácto, impenetravel o Paraiso, o saudoso ninho do amor extincto, denunciado apenas pelo murmúrio lamentoso da fonte, como um pranto sem consôlo.

Sob a arcada do perystilo, donde pendiam, em festões, voluptuosas cataléas, havia já o vestigio das mãos de Hortencia: entrada desembaraçada, os bronzes da porta de imbúia polidos como oiro, um fôfo capácho rematando a tira de lona de friso azúl, desdobrado sobre o ladrilho de mosaico e o assoálho envernizado da salêta de entrada, adornada de painéis esculpidos em relêvo, panóplias de armas raras, grandes jârras de faiança chineza e moveis de carvalho, uma antiga cáthedra do côro de uma egreja de Minas, cinzelada por ignóto artista e uma arca de sândalo que procedia da India, transportada para o Brazil na bagagem dos descobridores. Nas ontras salas, o gabinete de fumar, o salão de recepção, de jantar, os aposentos do andar superior, quarto de leito, sala de trabalho e bibliothéca, havia a mesma ornaentação, sóbria, sem decaír do traço artistico, da marca de apurado gôsto do intellectual, que, pacientemente, colhendo aqui e acolá, com segúra escôlha de entendedor, accumulára, sem excêso, sem estardalháço, thezoiros de elegancia e de confôrto. E tudo um aceio impeccavel, um carinho de trato, como se a mimosa casinha não houvesse permanecido tanto tempo em abandono. Estava tudo perfeito, sem a rigidez de premeditada arrumação, uma ordem espontanea, sem resquicio de artificio, tal como o prodigioso instincto da Hortencia concebêra o interior da vivenda de um homem culto.

(Continúa).

## A LIVRARIA

CYMBALOS — FRANCO VAZ — COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL — RIO DE JANEIRO

O constante cuidado que teve de evitar os versos frouxos, é o que levou o poeta dos *Cymbalos* á orgulhosa

exigencia do *Roteiro* da primeira pagina do livro :

Quero o verso opulento, o verso retumbante,  
De inabalavel estrutura...

O seu orgulho é razoavel. As suas estróphes são impeccaveis, tratadas, ás vezes, com um requinte de—como diremos? — compressão moléculardas syllabas, levada á tortura chineza dos sapatinhos de ferro...

Nos versos :

« Seja a ancía a da Verdade, o triumpho é o da Mentira... »

« O Odio rúge, o Odio clama, o Odio vence, o Odio impéra... »

E a alva cohórte triumphal das estrellas esplende... »

parece que o habil versêjador, em vez de evitar as difficuldades syllabicas, procurou-as, afim de nos deslumbrar com a sua versificação de ferro, que retórce, ageita, esmága as palavras, dentro da jaula do alexandrino ; pois ninguem dirá que são de fácil leitúra as palavras « triumpho » e « cohórte triumphal », contadas como exige o méτρο.

A preocupação do verso forte é uma influencia de Felix Pacheco, que nos mette invêja a todos, com os seus alexandrinos bronzeos... Mas, essa tendencia é salutar, pois o amor que profêssam os poetas nóveis para com a fórma, e o culto mais cuidadoso da lingua, levarão pouco a pouco a nossa poesia, na falta de inspiração e perfeita originalidade, a um repositório excellent da bôa linguagem portugueza.

As poesias contidas nos *Cymbalos* são poucas, — não podemos dar o numero aproximado dellas, por falta de um indice, que nos abreviaria a contagem. Essa ausencia de indice será um esquecimento, ou uma originalidade?

São poucas ; mas, todas de leitúra fácil e agradavel. Não que haja nellas grande emoção e novidade --- são destes versos bem feitos que estamos acostumados a ler aos centos, nos poetas brasileiros—mas contêem tanta sonóridade harmoniosa, que nos fazem deslembrar todo o destino espiritual da poesia, para só pensar na probabilidade que teria um artista talentoso como o sr. Franco Vaz, de ser um excellent compositor musical.

\*  
\* \*

CALVARIO — MENDES MARTINS — IMPRENSA INDUSTRIAL — RECIFE

pense melhor que nesse ou naquelle Estado.

O que é indiscutível é que existe uma differença palpavel, apreciavel á primeira leitúra, entre as producções de um poeta estranho a este meio cariôca, e a dos que já respiraram alguns annos a poeira da rua do Ouvidor. A comparação é favoravel aos moços provincianos, cuja feliz ingenuidade, cuja deliciosa fé nos idéaes e nas tradições da Poesia, os tórna, mesmo os medióces, infinitamente mais sympathicos e supportaveis que os versêjadores cheios de orgúlho nephelibáta, incensadores do seu Eu, os quaes, quando se lhes não descobre talento, se tórnam extremamente ridiculos.

O contráste entre o auctor dos *Cymbalos* e o auctor do *Calvario*, sérve de exemplo. Aquelle é um civilizado, um ardente lapidário da fórma, não deixa a Musa ruflar, á vontade, as azas, pois córre o perigo de vêr desmantelladas as suas rimas... O sr. Mendes Martins é profúso, copioso, variado, tenta todas as fáces do seu éstro, é lyrico, é philosophico, é patriótico, aquêce-se aos brazídos da *Officina Litteraria Martins Junior*, e orgúlha-se de ter uma Musa plebéa e... muláta.

No meio das suas duzentas paginas de versos sincéros, mas medióces, de imagens, algumas graciosas, a maior parte banaes, existe um certo enthusiasmo juvenil, uma visível bôa intenção de se inspirar nos aspectos nobres da Vida, dando em resultado a criação dos alexandrinos *Tentação*, que encérram reaes bellêzas e sentimento muito puro, e, entre alguns outros, o seguinte sonêto, ternamente concebido :

### O OLHAR

Pelo olhar eu conheço o que padêce,  
O que a mágua sem trégua dilacêra.  
O que á vida detêsta e se aborrêce,  
Da vida, embóra, em plena primavêra.

O que anda pelo mundo da chimêra,  
E o sol da crença, do infinito, aquêce.  
O que não cança de esperar e, á espera,  
Do desalento a noite não conhêce.

Olhos—alguem já disse—espêlhos d'alma!...  
Pelo olhar eu conheço os que têm calma,  
E os que immérgem da vida no escarcéo.

Os venturosos vão olhando a êsmo,  
O indifferente, esse olha p'ra si mesmo,  
E os desgraçados... olham para o céo.

\*  
\* \*

GUIMARAENS PASSOS — DICCIONARIO DE RIMAS --- FRANCISCO ALVES — EDITOR

Ninguem mais apto que o brilhante poeta Guimaraens Passos, para essa obra, com rara opportunidade emprehendida e intelligentemente realisada, de um novo Diccionario de rimas da lingua portugueza.

A sua competencia provém da ha-

bilidade do versêjador correcto, que com maestria resolve todos os pequeninos e torturantes problemas da métrica e da rima, e que, na tarefa árdua da compilação de um repositório desse genero, soube dar uma certa nota de bom gosto á escolha das rimas exóticas, e trazer uma novidade lexicologica que deve causar orgulho aos nacionalistas, --- os nomes geographicos e os substantivos communs da lingua geral parcimoniosamente, discretamente collegidos.

A oportunidade desse livro é óbvia. Os milhares de velhos poetas, poetas maduros e poetas novissimos que proliferam por este vasto torrão patrio, numa extraordinaria progressão crescente, havia muito sentiam a falta de um guia menos sedição que o bom Castilhos, afim de penetrarem --- pacientes garimpeiros — ás grotas onde se escondem os diamantes das rimas...

Comtudo, Deus permitta que um livro, feito com tão louváveis intenções, nos não traga uma calamidade de espécie nova — o crescimento demaziado rapido dessa raça, tão malfadada e tão sympatica dos poetas; não que o facto possa fazer perigar o cultivo das batatas, pela diminuição do numero dos que podiam estar a plantal-as, como disse, pittorêscamente, a outro proposito, o velho João Brigido, e sim pela probabilidade de vêrmos, neste paiz inimigo das artes, as ruas e os hospitaes povoados de mais alguns milhares de melancolicos ociosos.

A rapida inspecção feita através das paginas do Dictionario, nos permite attestar o cuidado minucioso com que o distincto poeta concatenou e reviu o seu trabalho, e affirmar que o mesmo é completo, o mais completo no genero.

Respigando aqui e alli, podemos, entretanto, perceber fálhas ligeirissimas, como a ausencia de *Volga*, nas rimas em *olga*, e de *Algeria*, ou *Argeia* (como quer o sr. Candido de Figueiredo) no logar onde podia caber. Tambem achamos excusadas as rimas em *enito* (congenito, etc.), todas com a mesma desinencia, e que só por um poeta de máu gosto podem ser usadas.

A casa Alves podia têr imprêso, em vêz de uma edição barata, no estylo das suas edições escolares, com péssimo papel, cousa mais elegante, mais digna de ser guardada pelos bons bibliophilos.

L. B.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### FEBRE TYPHOIDE

O dr. Guiart, aggregado da Faculdade de Medicina de Pariz, accúsa de collaboração nefasta com o bacillo de Eberth, o tricocéphalo, um bello verme intestinal, que poderia servir de

modelo a um bróche *art nouveau*.

A medicina de outros tempos attribua á presença de vermes intestinaes, grande numero de perturbações mórbidas, que não podia explicar. O reinado dos micróbios depôz os vermes, que ficaram muito por baixo, e agora vólvem á baila depois da descoberta do anquilóstomo nos intestinos dos mineiros perfuradores do tunel de S. Gortardo. Esse vermesinho, em fórma de gancho, adquiriu, rapidamente, grande notoriédade: é o terror dos mineiros na Belgica e na Westphalia. Veio, depois, a vez do tricocéphalo que o dr. Metchnikoff tornou célebre constituindo-o verme do appendice. O dr. Julien Guiart, finalmente, lhe consigna um grande papel na etiologia da febre typhóide, tendo o professor Raphael Blanchard feito, sobre os seus exames e conclusões, uma communicação á Academia de Medicina.

O dr. Guiartestúda, ha muitos annos, a acção dos parasitas intestinaes do homem, tendo, desde 1899, considerado os helminthas extremamente perigosos, que agem como lancetas de inoculação fazendo penetrar, na mucosa do intestino, micróbios, sem a presença daquelles, inoffensivos. O verme abriaria, assim, caminho aos bacillos. O intestino é impenetravel, blindado pelo seu epithélium; os bacillos não se podem desenvolver sinão na sua superficie; mas, desde que um verme perfúra o tecido, o bacillo o inváde.

No tempo em que se cuidava de vermes, desde 1762, Roderer e Wagler se referiram a uma epidemia de febre typhóide, attribuida, precisamente, ao grande numero de vermes, tricocéphalos — descobertos pela autópsia nos intestinos. Em 1807 Pinel indicou, como suspeitos, os vermes intestinaes nas febres mucósas; Raspail tambem affirmou que a palavra — febre typhóide deve ser considerada synonymo de pululação do tricocéphalos nos intestinos. Davaine, finalmente, notou a grande abundancia delles, naquella molestia, facto muito significativo, porque este professional negava a função infecciosa aos vermes intestinaes, e apoiava o triumpho das actuaes theorias bacterianas. O dr. Guiart, recordando esses pormenóres, tornou-se partidário convencido do papel primórdial dos tricocéphalos na etiologia da febre typhóide.

«Não diremos --- escreve elle --- que essa febre tenha por agente o tricocéphalo, pois não recusaremos ao bacillo de Eberth a sua acção específica; mas, acreditamos, firmemente, que sómente um individuo de intestinos libertados de vermes pôde ingerir, impunemente, agua contaminada pelo terrivel bacillo; a qual chegando aos intestinos cheios de tricocéphalos, estes para sugarem o sangue de que se nütrem perfúram com a sua extremidade anterior a mu-

cósa intestinal, inoculam, ao mesmo tempo, bacillos e fazem explodir a infecção. Dahi, se conclúe por que em uma população, bebendo a mesma agua contaminada, poucos individuos são atacados; isto é, aquelles que hospedam vermes intestinaes, especialmente tricocéphalos. De resto, o bacillo não penetraria no intestino, si lhe não abrissem a porta.»

Sendo o tricocéphalo o verme intestinal mais vulgarizado, a elle se deve attribuir a infecção do intestino. Mas, como é possível admittir que esse verme, vivendo no intestino tão rico de micróbios, possa romper, impunemente, os vasos, quando se sabe que uma simples picada de agúlha abre a porta ás bacterias pyogêneas, que a picada de uma púlga pôde inocular a peste, a do mosquito o paludismo, a filarióse ou a febre amarella?

Poder-se-ia objéctar que as lesões da febre typhóide se dão particularmente ao nivel do intestino delgado, ao passo que o tricocéphalo habita a parte inferior do grosso intestino, ao lado do cócum; mas, desde as experiencias de Davaine, se sabe que o ovo embryonado se abre no estomago, de sorte que as primeiras phases da vida livre se devem passar no estomago. Além disso, Wrisberg viu tricocéphalos no duodeno, na faina de furar o tecido; e, portanto, deve elle ser o introductor do bacillo de Eberth.

Estando em Brest, no principio da ultima epidemia de febre typhóide, o dr. Guiart examinou doze doentes; em dez encontrou, facilmente, óvos de tricocéphalo; num que morreu, encontrou, na autópsia, seis tricocéphalos vivos; o ultimo não foi examinado.

Em todo o caso, não será excessivo repetir as experiencias, porque se deve sempre desconfiar das coincidencias, si bem que parêça bastante averiguado que a molestia é o resultado de dois factores — a picada do tricocéphalo e a inoculação do bacillo de Eberth.

O professor Blanchard accentuou, como de alta importancia, a observação do dr. Guiart. Si, na verdade, o agente etiológico inicial da febre typhóide, é o tricocéphalo, deve ser logo atacado. Os medicos respeitam, sempre com o maior cuidado, o intestino: mas, em presença de uma enterite febril qualquer, se deve applicar o tratamento antihelmitico pelo thymól para expulsar os vermes e os micróbios.

\*  
\* \*

### A CURA DO CANCRO

Esta secção noticiou a descoberta do *micrococcus neoformans*, descoberto pelo dr. Doyen, e entregue a commissões de estudos, entre ellas uma de professores do Instituto Pasteur, dirigida pelo sabio Metchnikoff, em consequencia da contestação formal opposta por illustres cirurgiões.

As conclusões scientificas respeito a esse interessante assumpto, dependiam de estudos, que podemos agóra transmittir aos nossos leitores. E não poderíamos fazel-o de modo mais completo do que traduzindo a carta de Metchnikoff e o parecer da commissão de medicos.

NOTA SOBRE AS INVESTIGAÇÕES MICROBIOLOGICAS PRATICADAS EM CASOS DE CANCRO

## I

Em divérsas séries de tubo, nos quaes o dr. Doyen introduzira, em minha presença, fragmentos de cancos operados por elle, obtive cultúras puras de um micróbio, identico ao descripto por aquelle cirurgião, sob o nome de—*Micrococcus Neoformans*. Em um caso, os tubos ficaram estéreis, mas em varios outrós produziram cultúras, na maior párté do micróbio de Doyen, ao passo que, em alguns, as cultúras eram constituídas por um stréptocócco, o bacillo pyocyanico e alguns outros micróbios.

Sobre trez casos operados pelo dr. Doyen, insistirei sobre trez cancos do seio, operados no mesmo dia. Dois delles, fechados, isto é, não ulcerados, deram cultúras do referido micróbio, ao passo que, em um terceiro caso, um cancro muito volumoso e muito ulcerado, apenas deu cultúras do bacillo pyocyanico e de um stréptocócco. Esses ultimos micróbios, assim como o de Doyen, dos outros casos de cancro, se reproduziram em tubos de caldo, semeado com o proprio tumor e ganglios adjacentes.

Fóra da clinica do dr. Doyen, estudei, de collaboração com os drs. Lavaditi e Veinberg, divérsos outros casos de cancro: dois não ulcerados, um caso dos dois ovários com generalisação no epiplon deu igualmente cultúras puras do micróbio Doyen.

Todas as precauções necessarias fôram tomadas para assegurarmos a esterilidade dos meios de cultura e o isolamento dos fragmentos de tumôres introduzidos nos tubos.

## II

Nas cultúras do micróbio Doyen, observámos todos os caractéres descriptos por elle a proposito do *micrococcus neoformans*; mas, a questão da acção especifica desse micróbio não foi definitivamente resolvida: é um problema muito difficil, porque as espécies bacterianas são, em geral, muito delimitadas. E' util, por exemplo, applicar, para distinguil-as, método aperfeiçoado, taes como a agglutinabilidade dos micróbios por meio de sérums especificos. Estamos em via de preparar esses sérums, cujos resultados só poderão ser obtidos em dois ou trez mezes.

Pelo aspecto das cultúras do *micrococcus neoformans*, apresenta este uma grande analogia com as do *coccus polymorpho* da pelle, mas o exame das cultúras sobre gelóse accúsa certa differença entre elles.

## III

O estudo da acção pathogenica do micróbio Doyen sobre animaes, demanda muito mais tempo do que o que tivemos.

## IV

O meu papel de bacteriólogista se limita aos trez primeiros parágraphos desta nota; porque os meus conhecimentos microbiológicos não me auctorizam, absolutamente, a abordar o lado clinico, tanto mais quanto não sou cirurgião nem mesmo médico. Não tenho, portanto, competencia para emittir um juizo; mas, pelo que púde examinar divérsas vezes, durante as minhas investigações bacteriológicas, durante dois mezes, em numerosos doentes da clinica do dr. Doyen, tive a impressão de que muitos, atacados de cancos graves, melhoraram com as injeções do mesmo cirurgião.

*Elie Metchnikoff.*

A commissão médica, por outro lado, concluiu um longo documento, relatando seus divérsos trabalhos e observações, nos termos seguintes:

«As conclusões desta primeira série de experiencias, confirmadas por investigações feitas no Instituto Pasteur, por mr. Metchnikoff, e pelo exame dos doentes submettidos á commissão médica, são as seguintes:

1º O *micrococcus neoformans*, como o descreveu Doyen, foi encontrado, com todos os seus caractéres, nos cancos ascépticos de divérsa procedencia. A presença habitual desse micróbio, nos tumôres cancerosos, é um facto incontestavel;

2º O tratamento anti-canceroso, praticado por Doyen, determina, habitualmente, em duas ou trez semanas, nos néoplasmas malignos, modificações favoraveis, susceptiveis de lhes reduzir o volume, de mobilisal-o, de tornar operaveis tumôres, que não poderiam sel-o antes do principio do tratamento.

Os pontos concernentes á especificidade do *micrococcus neoformans* e sua acção pathogenica estão ainda em estudos, que demandam muitos mezes, talvez annos para serem completos e efficazes, porque as experiencias sobre animaes são muito prolongadas.

Quanto á cura definitiva de um certo numero de casos, tratados por Doyen, ella parece já demonstrada, clinicamente, pelos primeiros casos tratados, ha dois ou trez annos e, num delles, quasi quatro annos; não será, todavia,

provada, scientificamente, sinão pela ulterior observação dos casos tratados, que deverão ser acompanhados durante muitos annos.

Doutores:  
*Gallois*  
*Blondel*  
*Jean*  
*Steuber*

Depois da leitura desses relatórios, bacteriológico e clinico, o dr. Doyen apresentou á Sociedade de Cirurgia, oito doentes, uns em tratamento e outros antes d'elle. A Sociedade nomeou uma commissão composta de mrs. Berger, Kirmisson, Nélaton, Delbert, Charles Manod, para estudar o tratamento do cancro pelo método Doyen.

\* \*  
\*

## AGUA OXIGENADA

Mr. Albert Robim apresentou á Academia de Medicina de Pariz uma nota do mr. Jaubert sobre o perborato de sódio, nova substancia chimicamente definida, que corresponde a uma combinação de borax com agua oxigenada. Por simples dissolução n'agua, elle produz um liquido com todas as propriedades d'agua oxigenada e, ao mesmo tempo, as do borato de sódia: sendo de algum modo, o antiséptico idéal, que o dr. Miquel, chefe do laboratorio bacteriológico da cidade de Pariz, considera superior ao proprio sublimado.

O perborato de sódia, denominado, tambem, *pó d'agua oxigenada* púde ser empregado no estado de solução em agua fervida para lavagens e compressas antisépticas, ou directamente, em pó no curativo de feridas.

\* \*  
\*

## NOVO MÉTHODO DE OPERAR O STRABISMO

O dr. Landolt apresentou, na mesma sessão, um novo método operatório do strabismo.

Sabe que a operação, habitualmente praticada, consiste na secção dos tendões de certos músculos oculares; mas acontece algumas vezes, que o strabismo *divergente* é apenas corrigido, de modo imperfeito, e que um strabismo *convergente* se transfórma em strabismo *divergente* muito feio.

O dr. Landolt substituiu esse método por outro mais efficáz. Os músculos são fortificados em vez de enfraquecidos; augmentam-se, em vez de diminuir, as excursões dos olhos, evitando o risco da substituição de uma do strabismo por outra invérsa e, nos casos muito graves, em que a secção do músculo parece justificada, elle preconisa um processo novo que permite estender o músculo, conservando-lhe o ponto de ligação, de sorte que, assim operado, sua acção se approxima muito mais da normal.

## SOB AS ARVORES

Eu vi no seu olhar um vago sentimento,  
Uma cousa idéal, assim como um lamento,

E púz-me a meditar, á sombra da avenida,  
Naquelle estranho olhar, naquella luz querida:

«Porque será, meu Deus?... Si o amor é um perfúme,  
Um bálsamo do Céu, um sempitérno lume,

«Que dos mundos sustém a vivida harmonia,  
E liga o sêr ao sêr, e prende a noite ao dia;

«Si o amor deve ser o cingulo sagrado,<sup>17</sup>  
Unindo, num só feixe, esse poema iriado

«Das nossas illusões, para as fazer brilhar  
Numa dôce isenção de luz crepuscular;

«Si elle é a grande lei etérna, universal,  
Que vem da estrella á flôr, desce do monte ao vâl,

«E váe da terra ao céu; si elle é, como inda penso,  
O intimo fremir da criação, o immenso

«Alçaçar, onde o deus ignóto se repousa,  
Etérno a se rever nessa amplidão formosa;

«Si o amor é tudo isto e tudo mais ainda  
Que ha de grande e de bom na immensidade infínida;

«Si elle faz rebentar do ventre da matéria  
As explosões da vida, e na amplidão sidérea,

«Presas á mesma lei, as fitas constellares  
Rolarem no infinito aos centos, aos milhares;

«Si é o poderoso amor a grande alma do mundo,  
Delicado e fatal, abrasador, profundo;

«— Porque faz esta flôr, assim, tão triste, esquiva,  
Como se lhe faltásse aquella fonte viva,

«Donde mana a torrente plácida e suáve  
Dos puros idéaes? Porque será que esta ave,

«Em vez de rebrilhar numa ária apaixonada,  
Como canta a calhandra, á luz da madrugada,

«Põe-se triste, na sombra, o olhar perdido além  
No cerrado do bosque, a sós, bem como quem

«Assiste ao perpassar de indecisas chiméras,  
Ou evóca as visões de outras perdidas éras?...

Porque?...»

E púz-me a pensar naquella luz querida,  
Emquanto ella sentou-se ao fundo da avenida...

## ENSINO OBRIGATORIO (\*)

SUA APLICAÇÃO EM DIFFERENTES PAIZES  
E SUA NECESSIDADE ENTRE NÓS

Para melhor illustrar, nesse ponto, nosso estudo e fornecer alguns esclarecimentos relativos ao assumpto, não podemos deixar de recorrer ao excellent trabalho de Estatística do ensino primario do Districto Federal, elaborado em 1897, pelo dr. Aureliano Portugal, trabalho paciente e metuculoso, preenchendo, em bôa hora, uma sensível lacúna, porque até então, esse importante ramo da estatística — do ensino publico — havia sido inteiramente descurado.

Fica-se sabendo, por aquelle estudo, que em 1897 existiam, em todo o Districto Federal, 250 escolas primarias, das quaes eram 154 escolas officiaes, sendo 58 para o sexo masculino e 96 femininas ou mixtas (com meninos até 10 annos de idade); 44 subsidiadas, masculinas e mixtas; e 52 subvencionadas. A matricula maxima nessas escolas, foi de 20.908 em julho e 15.261 em abril, ou seja, na média para todo o anno, de 19.067

Embóra uma rapida analyse desses algarismos, baste para dar idéa da deficiencia do ensino no Districto Federal, impórta estabelecer uma relação entre aquella cifra e a da população escolar, isto é, fazer um simples confronto entre o numero de alumnos que se matricularam nas escolas e o numero daquelles que, pela sua idade e pela necessidade de se instruirem, *deviam ter se matriculado*.

Existiam, em 1897, no Districto Federal 106.390 creanças de 7 a 15 annos, das quaes pertenciam 55.351 ao sexo masculino, e 51.039 ao feminino.

O dr. Aureliano Portugal estabelece a comparação entre o algarismo relativo á matricula e á população escolar, por meio dos seguintes calculos, que evidenciam ser inferior a 20 % a matricula de creanças de idade escolar em todo o Districto, isto é, menos da quinta parte daquillo que devia ser!

Eis os calculos:

Sexo mas..  $9.041 \times 1.000 \div 55.351 = 163,34$   
fem..  $10.026 \times 1.000 \div 51.039 = 196,39$   
Dois sexo.  $19.067 \times 1.000 \div 106.390 = 179,21$

O auctor dessa estatística accrescenta que, ainda considerando a hypóthese optimista de haver equal numero de matriculados nas escolas primarias particulares (algumas já incluídas naquelles calculos por serem subvencionadas) bem como internatos e externatos de instrucção secundaria, «o coéfficiente da matricula escolar não attingirá a 400 por 1.000 ou 40 %; portanto, *mais da metade dos futuros cidadãos da Republica, entrará na vida civil sem o menor gráu de instrucção —intei-*

ramente *analphabetos*». (Os gryphos são nossos).

Mas, não é tudo.

Procedendo-se a novas investigações e organisando-se novas operações de estatística, chega-se á certeza de que a frequencia escolar não attingiu, em 1897, a 600 por mil, isto é, entre os menores mesmo matriculados na escola, pouco mais da metade frequentou-a o que quer dizer: pouco mais da metade conseguiu aproveitar os beneficios outorgados pelo ensino.

« Este phenomeno — diz o dr. Aureliano, muito justamente impressionado, — cuja gravidade não precisamos encarecer e nem devemos encobrir, está exigindo providencias energicas, capazes de modificá-lo.

Uma lei de instrucção obrigatoria, que seja exequivel, providencias policiaes que reprimam a vadiagem e a vagabundagem dos menores, a nosso ver, não só augmentariam muito a matricula como, especialmente, a frequencia escolar.

Isto para o Districto Federal sómente. Que dizer em relação ao Brazil inteiro, a todo esse vasto territorio que constitúe o nosso paiz ?

Infelizmente, escassêam-nos dados estatísticos que nos habilitem a julgar com precisão nesse sentido. Não existindo o censo para o ensino geral em toda a nação, e estando este a cargo das administrações locaes, em virtude da autonomia dos Estados, estabelecida em nossa carta fundamental, é difficil, senão impossivel, pela ausencia de dados a respeito, chegar a um resultado exacto e definitivo.

Quem, porém, reflectir sobre o assumpto, concluirá facilmente que se são más as condições do Districto Federal, em materia de ensino primario, applicado ao interior da nossa patria deve aquelle qualificativo attingir ao gráu superlativo !

Para só fallar em trez estados, faremos aqui ligeiras referencias á materia, em sua relação com os mesmos.

Na mensagem dirigida em 7 de setembro de 1904, ao Congresso Legislativo do Pará, pelo respectivo governador, dr. Augusto Montenegro, salientava este que «trez faces precisam ser consideradas ao estudar a espinhosa questão do ensino primario, além de sua propria organisação: a) o professorado; b) do programma de ensino; c) a inspecção»; e expúnha os vários melhoramentos introduzidos, em sua administração, nesse ramo do serviço publico, entre os quaes avúlta o augmento dos grupos escolares do Estado «que encerram, no dizer do sr. dr. Montenegro, — todas as esperanças de engrandecimento do ensino publico entre nós», augmento que consistiu na elevação de 1 para 6 na capital, e de 7 para 17 no interior.

A matricula nas escolas primarias,

em todo o Estado, attingiu a 14.843 alumnos, assim distribuidos: 3.132 nos 6 grupos da capital; 843 nas 16 escolas isoladas, existentes no perímetro urbano; 715 nos grupos do Mosqueiro Pinheiro e Castanhal, no interior do municipio da capital; 455 nas 16 escolas isoladas do interior do municipio da capital; 2.744 nos 12 grupos que funcionam nos municipios do interior do Estado, e 6.954 em 212 escolas isoladas, que o Estado possúe.

Na mensagem que o sr. dr. Pedro Borges dirigiu, em 1 de julho, tambem de 1904, á Assembléa legislativa do Estado do Ceará, de que era presidente, encontra-se, antes de outras considerações, o seguinte trecho, que não nos furtamos ao desejo de reproduzir:

«Se alguns serviços de maior monta me fôra permittido prestar á causa da instrucção, seria tentar uma nóva réforma, no intuito de associar-lhe a fundação de algumas escolas praticas de agricultura e artes mecanicas, habilitando os alumnos, desde a infancia, a conhecer experimentalmente a vida e as necessidades agricolas, as profissões technicas nas suas modalidades essenciaes, para, por meio de um trabalho honesto, entrarem na lucta pela vida e obtêrem os meios de subsistencia, sem essa preocupação obsedante de consumir seus dias e seus esforços na esterilidade dos empregos publicos.

Ha um seculo quasi, Dupin *ainé* proferia no comicio de Chamecy, estes conceitos dignos de todo o applauso, em qualquer oportunidade: — «Todas as quintas-feiras leve o professor os alumnos ao campo, faça-os palpar e conhecer as differentes naturezas de sólos, argilosos, calcáreos, silicosos, graniticos, em uma palavra, todas as espécies que existem no paiz; explique-lhes por que razão tal terra, muito compácta, tem necessidade de ser dividida, e tal outra, muito léve, deverá receber substancias capazes de adubá-la e dar-lhe mais consistencia; por que razão tambem a cal muda a natureza das terras graniticas, lhes traz o elemento que lhes falta e, em lugar de cevada, lhes permite produzir trigo.

Ha um lavrador na vizinhança, ha uma charrúa *Dombasle*; vá á escola vê-la trabalhar e faça o mestre notar aos alumnos o que constitúe um bom amanho, a profundeza e regularidade dos sulcos. Siga, com elles, as divérsas operações agricolas.

Quando a primavera volver, virá outra vez ao campo, com seu rancho, para fazer a sementeira. O mestre explicará aos meninos porque vingam pequenas sementeiras ou plantas mondados nos sitios que, no anno anterior, produziram trigo: é a theoria dos afólhamentos.

Maistarde, irá ver a ceifa, as mondas, o enfeixamento, divertir-se-á em ver

trabalharem os ceifadores e as machinas de debúlhar.

Ouso afirmar que, em 20 lições assim dadas no theatro de observação, os dicipulos aprenderão muito mais do que lendo todas as brochúras em que certas pessoas, sábias demais para meninos, fallam só de azôto, oxygeno, ammoniaco e outras substancias, das quaes ellas decompõem os elementos e dão a fórmula com o soccôrro da Algebra.

Bella sciencia, na verdade! mas scieacia perdida para o commum dos mortaes, e que cumpre reservar para um ensino mais alto do que este, cujo método, todo elementar, aconselho aqui. Será deste modo que a mocidade deverá aprender, conhecer e estimar os trabalhos do campo, e nelles achar prazer em instruir-se, divertindo-se, porque nessa idade aprende-se melhor pelos olhos do que pelos ouvidos; gosta-se mais de ver que de ouvir.

Nesses delineamentos, está traçado, com pulso firme, o ensino agricola e o das artes mecanicas, associadas de modo pratico á instrucção publica. Seria, portanto, de indiscutivel vantagem e utilidade inicial-o no Estado, — idéa fecunda a produzir benéficos fructos.»

Existem actualmente no Ceará, 246 escolas publicas, assim distribuidas: na capital 21; nas cidades, 75; nas villas, 82; nas povoações e nos arraiaes, 68. Essas escolas fôram, em 1903, frequentadas por 8.433 alumnos, tendo a matricula attingido a 11.091.

O governador do Estado do Amazonas, coronel dr. Sylverio Nery, váe mais longe, reconhecendo, como atrás reconhecemos tambem, a necessidade inadiavel da obrigatoriedade da instrucção e propondo a sua applicação naquelle Estado: «Será conveniente, entendo, que, cogitando do assumpto, por demais digno do nosso estudo, legislassem, de módo a tornar obrigatoria a educação dos menores, nas escolas, infligindo penas aos que, sendo responsaveis por elles, se eximissem a entregal-os á vida escolar.»

Nessa mesma péça, assignala o dr. Sylverio Nery «que a frequencia nas escolas do interior váe em assombrosa proporção decrescente, de que resultá um lamentavel augmento da população analphabéta.»

De tudo quanto, concisamente embóra, acabamos de explanar, resultá de maneira positiva, a necessidade inadiavel de instituir-se em todo o Brazil, principalmente no Districto Federal, o ensino obrigatorio, instituição que, se se quizer chegar a tempo de remediar grandes males, não deve tardar nem mais um anno — que dizemos nós?! — não deve demorar nem um só dia.

Dado esse primeiro e gigantêscopasso, o Brazil entrará, sem duvida alguma, em uma nova éra promissôra,

em uma phase social de franca regeneração; e para completar a obra iniciada, para corôal-a superiormente, reconhecendo, como terá de reconhecer, que a instrução, principalmente apenas a primaria, não podendo, por si só, constituir elemento sufficiente de educação dum povo e menos ainda da facção mais rudimentar e mais grosseira desse povo, daquella que cêdo se transvía, deverá crear, sem perda de tempo, estabelecimentos especiaes, escolas de refôrma, escolas preventivas, industriaes, profissionaes, agrícolas,—todas essas importantes instituições, cujo proveito já está consagrado definitivamente entre as nações mais cultas, cujos resultados, como verdadeiros sanatórios para a delinquencia prematura, já estão demonstrados, de modo a não ser mais preciso discutil-os.

E' das organizações administrativas dos differentes paizes, que dizem de perto com a matéria das suas legislações e da constituição de vários daquelles institutos, alguns delles esplendidos, que nos vamos occupar dentro em pouco.

Antes, porém, de fazel-o, respigaremos em tôrno destes importantes pontos da questão: a) a efficácia que pôde ter uma educação bem administrada, tanto sobre aquelles em quem a instrução não extinguiu as más tendências, como sobre aquelles em tôrno dos quaes ella não chegou a diffundir a sua luz; b) a pêrda do poder paterno, como indispensavel antecedente para que o Estado possa exercer, sem peias, a sua acção, e tenha a liberdade, por certo muito nobre, de poder fechar as portas da perdição aos que querem, á viva força, transpôr os seus umbráes ou que são para os mesmos conduzidos exactamente por aquelles que lhes deviam energicamente embargar os passos: c) o discernimento dos menores em face do Código nosso e dos Codigos estrangeiros e a sua collocação em familia para serem educados.

FRANCO VAZ

(\*) Vide, sobre o mesmo assumpto, os ns. 13 e 16 desta revista, de 5 e 26 do corrente, onde sahiram publicadas a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> parte deste trecho dum estudo sobre *A Infancia Abandonada*, em elaboração, por incumbencia do sr. ministro da Justiça.

### Projecto da Reforma Monetaria no Brazil

Depois de uma exposição documentada das consequencias economicas e financeiras da alta e baixa do cambio, assim como dos resultados da politica adoptada pelo governo Campos Salles, mr. Théry, termina o capitulo III, sob o titulo—*Necessidade de fixar o padrão*

*monetario*—com as seguintes conclusões:

E' preciso, agóra, sem pêrda de tempo, consolidar aquelles felizes resultados, regularizando o regimen monetario brasileiro, dando estabilidade ao valôr em ouro da unidade mil reis, a uma taxa que, sendo a expressão mais approximada da verdadeira situação economica e financeira do paiz, dê, na medida do possivel, satisfação a todos os interésses actuâes, que — deve-se lealmente reconhecer—são de algum modo contradictórios.

O interésses dos productores indigenas, exportadores de seus productos para o estrangeiro, especialmente os agricultores de café, exige que seja baixa a taxa da estabilisação. De facto, verificamos, estudando a influencia do cambio sobre o preço do café, que a baixa do mil reis tinha, ao principio, servido áquelles interésses e, por isso, desenvolvido consideravelmente a producção. Na mensagem de maio de 1903, o presidente dr. Rodrigues Alves, fiél continuador da politica economica financeira inaugurada pelo seu antecessor, dá disso testemunho, affirmando:

«A crise agrícola provocada pelo excêssos da producção do café, que *quadruplicou em doze annos*, passando de quatro a quinze milhões de saccos, causou grande prejuizo a diversos Estados. *A alta do cambio, coincidindo com a baixa dessse genero, aggravou a situação dos productores.*»

«Estes, felizmente, se organisam em syndicátos agrícolas para defenderem seus interésses e o Banco da Republica lhes presta, na medida de suas forças, precioso concúrso, para desenvolver o crédito quasi nullo.»

Com effeito, em 1903, o quintal de café (100 kilos) se vendêra, na média, a 74 fr. no Havre, ou, deduzindo 20 % de despesas divêrsas, cêrca da 59 fr. 20 a receber pelo Brazil, e o cúrso do cambio, naquelle anno, de 12 d. 09, 1 fr. 269, cada quintal de café constituiu para a producção brasileira uma entrada de:

$$\frac{5920}{1269} = 46 \text{ mil réis } 69$$

Se a taxa do cambio tivesse subido a 14 d. ou 1 fr. 47 ficando o mesmo o preço do café: cada quintal não teria valido para o Brazil senão:

$$\frac{5920}{147} = 47 \text{ mil réis } 27$$

um preço de ruina para os agricultores.

Ao contrario, com um cambio de 10 d., o valôr no Brazil, do mesmo quintal, vendido pelo mesmo preço, no mercado da Havre, teria dado:

$$\frac{5920}{105} = 56 \text{ mil réis } 38$$

O que acontêce com o café se dá,

egualmente, com a borracha, o cacáu, o algodão, o tabáco, o mätte, as pêlles, o manganez, etc.; de sorte que os 744.705 contos de productos brasileiros, exportados em 1903, não representariam, apenas, com os mesmos preços de venda no estrangeiro, mas com um cambio de 14 d. por mil réis:

$$\frac{74.705 \times 12}{14} = 638.318 \text{ contos}$$

A mesma desvalorisação se applicaria, naturalmente, aos 498.954 contos de mercadorias estrangeiras importadas para o Brazil em 1903; as quaes, ao cambio de 14 d., teriam custado aos consumidores:

$$\frac{498.954 \times 19}{14} = 427.674 \text{ contos}$$

Os consumidores de productos estrangeiros teriam, assim, poupado 71.28 contos, perdendo os productores indigenas—106.387 contos.

Se applicarmos o mesmo cálculo ao serviço da divida federal em ouro, verificaremos que, com um cambio de 12 d., os juros della cústam, annualmente, ao thezouro brasileiro, 61.497 contos.

Ao cambio de 14 d., esta somma se reduziria a:

$$\frac{61.497 \times 12}{14} = 52.712 \text{ contos.}$$

Ao contrario, com um cambio de 10 d., ella se elevaria a

$$\frac{61.497 \times 12}{10} = 73.796 \text{ contos.}$$

Esses algarismos provam que os interésses actuâes são contradictórios, e que não é possivel satisfazer uns sem prejudicar outros.

\* \*

Essa difficuldade demonstra, em todos os casos, a gravidade da questão e a necessidade absoluta de resolvel-a, fixando definitivamente o novo valôr do padrão monetario brasileiro.

Desde o começo do anno de 1901, o cambio brasileiro oscilla em tôrno de 12 d., e pôde-se affirmar que o complexo de interésses economico e financeiro do paiz se assimilou de algum modo a essa taxa média de 1901 a 1904.

Poder-se-ia, evidentemente, eleva-la a 14 d., e acima: bastaria retirar da circulação uns cincoenta mil contos de papel-moêda; assim seria possivel baixal-a a 10 d., lançando na circulação cincoenta mil contos de notas do Estado. No primeiro caso, o thezouro e os consumidores brasileiros de productos estrangeiros seriam favorecidos em detrimento da producção indigena; no segundo caso, a producção indigena obteria vantagens como no periodo de 1890 e 1896; mas, o crédito do Estado se encontraria, de novo, em perigo, e os grandiosos resultados, obtidos pelo governo federal ha seis annos, restaurando as finanças da Republica e regularizando sua situação



relativa aos credores estrangeiros, se arriscariam irremediavelmente.

Melhor seria, pois, conservar a taxa de 12 d., a que o paiz já se habituou, facto que constitúe o melhor argumento em seu favor, e operar a reforma indicada, em breve tempo, porque, enquanto o curso forçado não fôr supprimido, no Brazil; enquanto a reforma monetária não se realisar, o cambio será instavel, o futuro aleatório e o desenvolvimento economico do paiz estacionário.

\*  
\*\*

Um dos mais graves inconvenientes da instabilidade do cambio e do papel moeda de curso forçado, num paiz novo, onde a poupança nacional não teve ainda tempo de se constituir em forte escala, é isolar dos grandes mercados financeiros internacionaes e impedir a rapida valorisação das riquezas naturaes do seu territorio.

Este é, precisamente, o caso do Brazil, que poderia ser um dos mais ricos paizes do mundo, se os seus meios de acção, financeiros e economicos, se a densidade e aptidões de sua população estivessem em relação com os immensos recursos mineraes, industriaes e agricolas com que a natureza, generosamente, o dotou.

Para o Brazil, a instabilidade do padrão monetário não teve, sómente, como effeito, arruinar as finanças publicas e duplicar a importancia dos seus encargos fiscaes e administrativos; ella entorpeceu o desenvolvimento economico, diminuindo sensivelmente a corrente de imigração e afastando do paiz os capitães estrangeiros, que nelle se empregariam, como aconteceu nos Estados Unidos da America, no Canadá, na Australia. e não virão ao Brazil enquanto não tiverem certeza de poderem sair sem difficuldade.

E' verdade que o governo federal e alguns dos grandes Estados autónomos encontram facilmente, em Pariz ou em Londres, capitães que, emprestados sob a garantia e responsabilidade dos governos, mesmo quando são empregados em caminhos de ferro e obras publicas, não poderão dar grande impulso aos negocios industriaes, agricolas e commerciaes. Prestam evidentemente, reaes serviços, mas cústam muito caro, e a taxa do juro pago em ouro, está, ás vezes, em desproporção com o fim a attingir.

Ao contrario, os capitães privados que vêem, sem garantias, empregar-se nas explorações indigenas, crear empresas industriaes, agricolas, mineiras, não pêsam sobre o presente, nem sobre o futuro das finanças publicas; têm a immensa vantagem de se assimilarem, immediatamente, aos interesses nacionaes, de trazerem do exterior operarios amestrados para formarem pouco a pouco, operarios indigenas,

de applicarem á industria e á agricultura processos aperfeiçoados que serão, com o tempo, copiados pelos concurrentes nacionaes, e organisarem, assim, centros energicos de producção, dos quaes advirá, como resultados finaes, a transformação economica do paiz e sua emancipação financeira.

E' essa a historia dos Estados Unidos da America do Norte; e, se os Estados Unidos do Brazil quizerem imitar esse grande exemplo, deverão, prèssurosamente, regularisar a sua situação monetária como fizeram com as suas finanças e seus compromissos no exterior; isto é: passarem do regimen papel moeda de curso forçado, ao regimen da moeda sã.

Porque os capitães privadas se afastam systematicamente dos paizes de cambio instavel? Porque, uma vez empregados nesses paizes, ficam prisioneiros do premio sobre o ouro, e sóffrem, em suas relações com os capitães do paiz de procedencia, todas as vicissitúdes do cambio: tórnam-se, assim como os juros que podem produzir, inconversíveis em ouro como o papel-moeda de curso forçado a que se encorporáram.

#### IV

##### JUSTIFICAÇÃO DA TAXA DA ESTABILISAÇÃO DO CAMBIO BRAZILEIRO A 12 DINHEIROS OURO POR MIL REIS

A estabilisação do cambio brasileiro, na taxa de 12 d. ouro por mil reis ou em uma taxa qualquer inferior a 27 d., e a reforma do padrão monetário a que essa estabilisação servirá de base, não devem e não podem ser senão medidas de ordem interior destinadas a consagrarem e a consolidarem um estado de coisas existente ha cerca de quatro annos: são duas questões essencialmente nacionaes, affectando, sómente, interesses indigenas pela propria razão da solução arbitrária que compórtam, e, sómente, poderiam ser reguladas entre brasileiros. Por consequencia, todos os compromissos do Estado, todos os contractos particulares contraídos em ouro sobre a antiga base de um mil reis=27 d. ouro, serão escrupulosamente respeitadas, como fôram os contractos particulares da Austria-Hungria e da Russia, no momento das suas reformas monetárias.

A applicação desse principio afasta, de ante-mão, todas as reclamações estrangeiras. Mas, do ponto de vista brasileiro, poder-se-á sustentar, como succede em relação ás reformas monetárias austro-hungaras e russa, que a estabilisação legal do mil reis papel á taxa de 12 d. ouro, constituirá uma espécie de fallencia nacional disfarçada, e causará sério prejuizo aos detentores dos 674.400 contos de notas do Estado, ainda existentes, no Brazil, a 31 de março de 1904, sob o pretexto de que essas notas fôram emittidas a taxas

mais elevadas. O argumento não tem muito valor, porque, de um lado, a fallencia nacional disfarçada se deu no momento em que se estabeleceu o curso forçado; de outro lado, os detentores actuaes das notas não são, certamente, aquelles que os receberam do Estado ou dos bancos na occasião de sua emissão. Convém, todavia, examinar essa questão.

EDMOND THÉRY

(Continúa).

#### A MUSICA DOS SINOS

— *Que vózes de alegria e de dor têm os sinos!...*

SCHILLER.

Ah! quando o sino emocional bimbálha:  
*Blim-de-blim! blim-de-blim!* divinamente  
Se é manhã, pelo doce Azul se espálha  
Uma alegria de encantar a gente.

Ah! quando o sino emocional bimbálha:  
*Blim-de-blim! blim-de-blim!* divinamente,  
Se é á tarde, o nosso peito se agasálha  
Nos effluvios, do Angelus, frémente.

Mas quando o sino de uma igreja tange:  
*Dlom-dlom! dlom-dlom!* toda noss'alma  
abrange  
Uma funda saudade indefinida...

E' que o *dlom-dlom!* do sino de uma igreja  
Lembra o grasnar de um córvo que voêja  
Sobre os ultimos dias desta Vida.

ARAÚJO FIGUEIREDO.

Tinha o seguinte titulo a chronica que, todas as semanas, apezar da doença, Patrocinio escrevia para a *Noticia*. Como se sabe, elle morreu quando ia em meio da que foi a ultima. E' dever da imprensa brasileira, recolher o derradeiro esforço do seu maior jornalista. Por isso, transcrevemos da *Noticia*, todo o pedaço da prosa em que parou aquella penna:

#### A'S SEGUNDAS

Alto, corpulento, desempenado, bastos cabellos encaracollados, rôsto cesarianamente glábros, algumas vezes, outras embellesados por uns bigódes cheios e recorcidos, bôcca rasgada, labios de sensual e uns olhos grandes de um brilho feito de intellectualidades, negros como os cabellos e os bigódes, este era o Bordallo que eu conheci soberano da graça, no mundo artistico portuguez.

Quando entalava o monóculo, e fitava, tomava um grande ar senhoril em que se traía a sua petulancia no ataque. Um sorriso perenne amaciava-lhe, porém, a catadúra ephemera e via-se bem que elle era, intimamente, bondade e despretenção.

A natureza déra-lhe como dóte para a vida, um museu de almas comicas que elle adaptava, com o seu lapis genial, as physionomías as mais refractárias á caricatúra, ou mais consagradas pela gloria para tornal-as irresistivelmente burlêscas. Com a rapidez de um relampago, apodêrava-se do meio onde estava e assenhoreando-se das physionomías e dos caractéres, podia desde logo transfigural-os de memória, sem perder uma linha, um gesto, surprehendendo o que havia de caricato em cada individualidade, e o traço com que elle a caractérisasse, nunca mais se apagava.

Tendo aprimorado litterariamente a sua intuição psychologica, ia buscar nos grandes modêlos as suas adaptações e por este procêso conseguiu ser sempre novo, fazendo uma arte absolutamente sua. Ora a sua penna rendilhava como uma aranha, reunindo centenas de figurinhas ornamentaes num canto de desenho, ora o seu lapis tinha os traços destinados á perspectiva, e com quatro borrões creava um colosso. A sua retina era um animatógrapho, surprehendia a vida dos personagens, que punha em scena, e a reproduzia com a mesma exactidão.

Vivemos juntos no *Besouro*, elle, o Henrique Chaves, o Dermeval da Fonseca, o Thomaz Alves Junior, o Arthur Barreiros e eu. O periódico foi fundado com capitaes fornecidos pelo conde de Mattosinhos, o Joãozinho Reis, que sonhou para esta terra uma imprensa nos moldes da que illústra as mais civilizadas capitaes do mundo, e viu o seu sonho duás vezes realizado no *Besouro* e no *Paiz*. Nós viviamos como anthéras numa corólla, sem desigualdades, trocando pensamentos, e embriagando-nos no perfúme de nossa alegria. Usavamos da liberdade de que os moços se invêstem, e que é filha do desprezo de uma confiança chimérica no futuro. Eramos todos artistas, á Victor Hugo : nove partes de vaidade e uma de interêsse. Convertimos as contrariédades em bom humor, ridicularisavamos as carrancas ameaçadoras do destino, pouco se nos dava que o mundo desabásse, comtanto que não perdêssemos a pilhéria do dia.

O Dermeval, sempre escondido na sua modestia, mas de uma operosidade incessante, como a dos bancos de

coral; tinha os originaes promptos, com uma regularidade do sol no horizonte ; o Chaves, martyrisando a unica victima, que elle tem feito neste mundo, — a ponta do bigode direito, disciplinava e exemplificava o amor ao trabalho ; o Arthur Barreiros, ciliçando-se com a grammatica e o estylo de Camillo Castello Branco, era a encarnação da ordem ; o Thomazinho esperava fleugmaticamente o momento psychologico ; eu ia com os outros.

O Bordallo, porém, insurgia-se. Que diabo ! não era possivel obrigar o espirito á hora certa duma citação judicial !. Não achas tú, hein ? Isto vem, não está ás ordens do patrão, como um carro de aluguél, homem ; e mesmo quando já cá dentro, não está para cada momento, como um bico de gaz, a que basta dar uma volta á torneira e chegar-lhe um phósphoro.

— Mas, olhe que hoje, é quinta-feira, e o jornal tem de sahir sabbado.

— E então?! Pensa você que a vida social pára, como o sol de Josué, para que eu tenha o assumpto palpitante da semana, desenhando agóra?.. E as vinte e quatro horas que séguem, homem? Vocês calumniam o espirito humano, tirando-lhe a espontaneidade.

Só á ultima hora, quando só dispunha do tempo strictamente necessario para desenhar, mettia mãos ao trabalho, tirando o jaquêtão inglez e atirando-o sobre uma cadeira, murmurando entre dentes :

— Anda, Sysipho ; tóca para a pedra...

Fôram assim feitas as immortaes paginas do *Besouro*, collaboração, poderosa na intensificação da alma democratica do nosso paiz, de que Bordallo se fez compatriota com a extrema lealdade cosmopolita, que o alistava sob a bandeira de todos os idéaes bem-fasêjos.

Portuguez de lei, era-o elle pelo amor ao progresso, pelo orgulho da tradição, pelo heroismo com que se dedicava ao desenvolvimento da civilização da sua patria. Fazer a caricatúra, como Bordallo, é uma gloria indestructivel e branca, como a cathedral dos Jeronymos, que tanto assombra pela magestade do seu desenho original, como pela delicadeza de seus lavôres. A sua caricatúra entra no patrimonio da genialidade portugueza, como os

vêrsos de Camões, como os periodo de Vieira e de Eça, como os burilamentos de suas custódias e os sonhos de pedra de seus architectos.

Todo o olhar intelligente que pairar sobre o *Antonio Maria* e o *Besouro*, sem fallar nas suas outras obras, não poderá deixar de exclamar : é um genio !

\* \*

Falla-se na organização definitiva de uma sociédade protectora dos animaes.

Eu tenho pelos animaes um respeito egypcio. Penso que elles têm alma, ainda que rudimentar, e que elles têm conscientemente revóltas contra a injustiça humana.

Já vi um burro suspirar como um jústo, depois de brutalmente esbordado por um carroceiro que atulhára a carróça com carga para uma quadríga, e queria que o misero animal a arrancásse de um atoleiro

.. .. .

### MAELSTROM

Existe nas cóstas da Noruega, cavado no oceano como as fáuças de um abysmo, um terrivel sorvedeiro, cujo tempestuoso e infernal bramir enche de allucinação e pavôr, o robusto coração dos Nautas.

Os navios que súlcam essas paragens, onde se desenrolam desoladamente as vagas gélicas e tórvas do Oceano Glacial Arctico, são ás vezes arrastados nas espiraes monstruosas dessa cratéra formidavel que os despedáça e afunda, para sempre, num turbilhão de espúma.

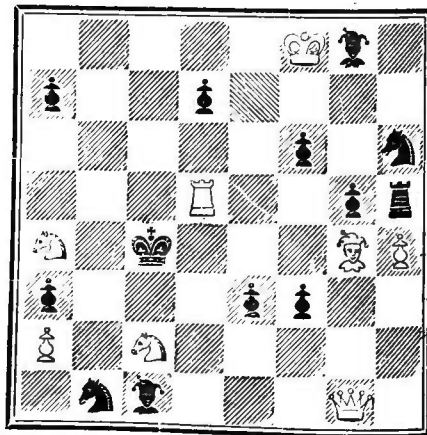
\* \*

Maelstrom é o teu coração, cruel Indifferente, onde vão naufragar, um a um, todos os meus sonhos, illusões e afféctos!...

VIRGILIO VARZEA

### DIVERSÕES

Problema n. 14 — 13 PEÇAS



BRANÇAS, 8 peças

Jogam e dão mate em trez lances.

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALTER RIBEIRO

DIRECTOR — DÓMINGOS OLYMPIO

GERENTE J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

A impressão do accórdam do Supremo Tribunal, abrazado de santo zêlo pela inviolabilidade do domicilio, foi de panico para uns, de gáudio para outros, conforme os campos de opiniões, em que se entrincheiram os adeptos das idéas vencedoras, convencidos pelos factos, pelas indicações da sciencia, ou os séctários da rotina fórrada de preconceitos veneraveis, muito carôaveis ás tendencias de opposição em todos os terrenos, sob todos os pretextos.

A palavra augusta, caída da acrópole da justiça, foi uma consagração da resistencia aos esforços de saneamento da cidade, limpeza que todos anhelam, com tanto que seja feita sem desinfecção, sem expúrgos, sem ácido phenico, sem enxôfre, que constituem cruéis violencias aos narizes, aos pulmões e, sobretudo, aos habitos de uma parte da população, encharcada na soberania da sujidade, e, cégamente, embuçada na convicção de que a gente morre quando a hora é chegada, ou quando Deus quer.

Ninguem se insúrge, francamente, contra a idéa de jugular as epidemias tradicionaes que eram o nosso padrão de vergonha, de relaxamento, de descrédito; mas, ha uma porção de séveros respeitadores da Constituição, de defensores encarniçados dos intangiveis direitos individuaes, que repêllem como um crime as medidas essenciaes para a consecução dos fins por todos almêjados. Limpem-se as ruas: atérrem-se os pantanos; promôvam-se todos os meios de limpeza exterior, para que se vêja e brilhe, aos raios do sol tropical, o nosso asseio, para que todos vêjam essa prova matêrial de nossa cultura, mas respeitem-se os interiores immunos; consêrvem-se sob a égide da Constituição os focos de peste, de contágio que constituem uma terrivel arma de

opposição, quando explódem, devastadores, ceifando milhares de vidas e ornamentando de lucto, de orphandade, os lares, onde a morte apagou as claridades da ventura.

Quando a cidade era açôitada pelo terrivel flagêllo da febre amarella, os séctários da hygiene exterior gritavam contra a desidia do governo, preocupado com a politica e olvidado da preciosa saúde do pôvo, condemnado a morrer á mingoa; o governo era culpado de peřmittir o desenvolvimento dos germens terriveis a expulsarem do nosso sólo abençoado, a emigração, o crédito, os elementos essenciaes ao progresso. Quando o governo se decide a defrontar, energicamente, os males fautores do máu-estar, da miseria, do entôrpecimento do pôvo, gritam contra as violencias, que se redúzem á execução de um regulamento, que poderá ser inconstitucional, defeituoso sob divêrsos pontos de vista, mas obrigatório, emquanto não fôr emendado, refórmado ou revogado pelos meios legais.

Essa hygiene exterior está muito de accórdo com os povos fracos e novos, não libertados ainda da influencia perniciososa do fetichismo sélvagem, perpetuado nas veias da nossa rãça pelo sangue do sélvagem, do africano e do elemento ethnico colonizador, que não foi, certamente, recrutado no escól da metrópole.

Os cubanos damnavam com as medidas de saneamento dos higienistas norte americanos; os semisélvagens das Filipinas refúgaram, com igual fúria, todos os beneficios de saúde e civilização que os conquistadores lhes offerciam; os néohespanhóes do Panamá estão fúriosos com a vaccina obrigatória, com o saneamento das miseraveis cidades, estacionárias, como tapêras malditas á margem de pantanos venenosos; e, até em certa zona do continente, no coração dos Estados Unidos da America, houve crúa opposição á guerra sanitária ás novas idéas de prophylaxia, in-

fligindo aos mata-mosquitos de lá, máus quartos de hora. Entretanto, graças ás dôces violencias dos providenciaes agentes da saúde, Cuba está restaurada da pécha de fóco de fébre amarella; as Filipinas estão progredindo, em trez annos, mais do que em trez séculos de domínio hespanhól, de frades e capitães-móres, e o Panamá, agraciado com as prerógativas de Estado soberano, está se limpando para o papel de empório da grandiosa via maritima transoceanica, completando o humanitário sonho de Lesseps — *abrir a terra aos povos*.

Não se póde, a menos que predominem os effeitos de túrra incoercível, negar que esses extraordinários beneficios compensem largamente as violações aos lares inféctos, onde se encastêllavam a ignorancia e os preconceitos ou os instinctos de resistencia ao que tem o repugnante cheiro de obrigação em proveito commum, porque não se dêve admittir que um cidadão sêja obrigado pelos *esbirros* da hygiene, pelos *cafagêstes de esmeralda* a limpar a sua casa para que não sôffram os visinhos, para que não sôffra uma cidade inteira. Para satisfação dos preceitos da moral publica e attestado dos nossos créditos de limpêza, basta que o exterior estêja lavado, pintado, adôrnado com brilhantes côres, porque, em geral, todos vivem para a galêria. Gastam-se contos de réis no frontespicio das casas, com arabêscos horriveis, figuras de gêsso monstruosas, monogrammas pomposos, cães, leões e griphos, em bestiaes attitúdes de esphynges; mas, a casa não tem um banheiro decente, nem uma latrina inodóra. E os agentes da saúde publica nada têm com isso, porque, no interior do lar, inviolavel e sagrado, quem manda é o dono da casa, absoluto senhor dos seus narizes.

Para que um individuo parêça gente que se láva, basta trazer collarinho e punhos alvos, bótas lustrosas, casáco e calças bem escovados: ninguem tem

o direito de penetrar ás intimidades do traje para saber se a camisa, as ceroulas, as meias accúsam semanas de uso. A inviolabilidade da porcaria domestica é tão sagrada quanto essa inviolabilidade do chulé.

Essa resistencia aos beneficios das idéas novas, ás conquistas da sciencia não é, felizmente, defeito peculiar da nossa raça, muito dócil e assimilavel: todos os povos têm o seu resquicio de selvageria transportada pelo atavismo, e são mais ou menos fetichistas e muito preguiçosos para o trabalho de mudar de opinião. E esses defeitos não se nótam, sómente, nas classes menos cultas: ha medicos que não acreditam em micróbios, que desdénham a asépcia e não trépitariam em dilatar o furunculo de uma creança com um canivete que acabásse de opélar um syphilitico; ha gente de alto valôr mental, que não consentiria fôsse curado com banhos frios um parente atacado de febre typhóide, apesar da demonstração eloquente dos factos mais positivos.

Não é, portanto, estranhavel que haja, ainda quem, por obsessão séctaria, por ignorancia ou opposição systematica, contéste os brilhantes resultados dos procéssos hygienicos, consagrados, na theoria e na pratica, por todo o mundo scientifico.

\*  
\* \*

Mas, voltemos ao venerando accórdam, o pé de cantiga, que ameaça transfôrmar-se em berraria contra o governo.

Ha quem diga, com um horrôr de razões, tão juridicas quanto a do accórdam, que a stricta execução de um regulamento, proveniente de auctorisação legislativa, não pôde constituir violencia, cmquanto os executores lhe não excederem as raias; porque, se o regulamento tem o vicio organico de inconstitucionalidade, não será violencia aos direitos do cidadão executal-o, emquanto não fôr revogado pelo poder competente. Esse poder poderá ser o Supremo Tribunal, que tem attribuição para isso, mediante o procésso especial.

O *habeas-corpus* é o meio salutar de reparação das injustiças, das exórbancias dos agentes do poder contra a liberdade do cidadão, mas não é, absolutamente, o meio de obstar violencias das leis e regulamentos. E assim tem

decidido o proprio Supremo Tribunal, numa longa série de sentenças, que illústram a jurisprudencia federal.

POJUCAN

## FARIAS BRITO

### IV

Seguramente, a *Finalidade do mundo* é a obra mais vasta entre quantas podem dar testemunho da nossa capacidade, do poder mental da raça na investigação dos phenomenos mais complexos e mais elevados que incidem sob o espirito humano. O dr. Farias Brito já publicou em 1895 e em 1899, os dois primeiros dos trez volúmes que devem constituir toda a obra, sem contar um trabalho especial, que prométte, sobre philosophia critica.

Para se fazer idéa da extensão desta obra, é bastante apanhar-lhe bem a nitida synthese, fórmulada pelo auctor e impréssa no frontespicio do I volume, como um desdóbramento do titulo geral:

« A theoria mais importante que até hoje tem sido propôsta como explicação da natureza é a theoria da evolução. O auctor se propõe a mostrar que essa theoria não basta, que á theoria da evolução é preciso acrescentar a theoria da finalidade. A fórmula geral do unívsero deve ser, não *fôrça e matéria*, mas *movimento e pensamento* ou *evolução e finalidade* ».

Dês dahi, se coméça a vêr que a cerebração com que se encontra o nosso espirito é incontestavelmente de um grave pensador. No prefácio deste I volume, desenvolvendo ou explicando a estrutura dessa grande synthese, divide elle toda a obra em trez partes, assim delimitadas:

I — a philosophia como actividade permanente do espirito humano;

II — os dois grandes métodos da philosophia moderna; e

III — a theoria da finalidade.

No prefácio do segundo volume, teve que fazer uma ligeira modificação no plano primitivo. A segunda parte da obra se tórna tão ampla que foi preciso dar-lhe um titulo mais proprio. O exame, que a principio se havia propôsto, das duas grandes correntes modernas — a metaphysica e o positivismo — assumiu proporções de um largo inventário de todo o espirito humano durante o periodo que decórre da Idade Média até os nossos dias. E tão extensa ficou esta parte que o auctor teve necessidade de destacá-la para fórmr uma obra separada.

Comquanto assim distribuidas as matérias e fórmndo cada parte uma obra distincta, a *Finalidade do mundo* apresenta, no seu conjuncto, o mais ir-

recusavel carácter de unidade fundamental, como é fácil de reconhecêr pelo respectivo summário. E' o auctor mesmo quem diz ainda melhor:

« Como se vê pela simples disposição das matérias, obedece o trabalho a uma ordem lógica e necessária, sendo que cada uma de suas partes tem por objecto uma questão distincta, mas estão todas ellas tão intimamente ligadas que cada uma pôde ser considerada como a consequencia immediata da precedente, e todas não fórmam senão aspectos differentes de uma só e mesma questão fundamental ».

O III volume da obra deve ser o mais importante e elle proprio o declara, depois de explicar as questões dos dois primeiros. Mas, como, ao que se vê pelo desenvolvimento historico do pensamento, quasi de todo negativo é presentemente o resultado das idéas, porquanto o que hão feito os maiores espiritos desde a Renascença até nossos dias, não tem sido senão promover a dissolução das crenças tradicionaes da humanidade — outra questão surge: como reconstruir o futuro? — E' ao exame desta questão que se destina a terceira parte desta obra ».

E', portanto, este terceiro livro, que, segundo estou infórmodo, já se acha no prélo, que tem de dizer-nos a palavra definitiva sobre a personalidade do auctor. Sim, porque os dois já publicados fallam da extensão de conhecimentos, da vasta cultura, da dialéctica serena e firme, do método, da escrupulosa disciplina mental, da grande isenção de ponto de vista, do estylo sóbrio e elegante e de outras muitas qualidades *technicas*, por assim dizer, do auctor com que enfrentámos.

Agóra, da sua independencia espectral, da sua originalidade, do seu poder créador, da coragem propria com que se érgue deante da natureza para encarál-a conscienciosamente e para júlgál-a e entendêl-a por sí mesmo — é, certamente, o terceiro volume que nos váe dizer.

Antes que nos chégue, no entanto, o constructor, não se pérde nada (pelo contrario!) em vêr com que aptidões prométte elle vencer a taréfa collossal, e de que ordem e de que prêço são os matériaes de que se váe servir.

Notemos logo a lógica profunda e sólida com que elle dispôz, numa ordem perfeita, os elementos da obra, ou antes as trez partes da vasta concepção.

I volume — Neste livro, trata o dr. Farias Brito de difinir a philosophia, de assignar-lhe os limites e a connexão com outros conhecimentos. Para sentir a alma com que elle encéta a obra que « o absórve de tal modo » que tudo na vida lhe anda prêso a esse grande pensamento », lêia-se este trêcho ma-

gnífico que elle põe como epígrafe a esta primeira parte, ou, antes, á guisa de inscripção num pórtico ante o qual não se chega sinão dominado de um pouco do incendimento de que elle se agita :

“ Quando uma era nova dêve começar e uma antiga desaparecer, é preciso que duas grandes coisas se combinem : uma idéa moral capaz de inflamar o mundo e uma direcção social bastante poderosa para elevar de um grau considêravel as massas opprimidas. Isto não se opêra com o frio entendimento, com systemas artificiaes. A victória sobre o egoísmo que québra e isóla, e sobre o zêlo dos corações que mata, não será alcançada sinão por um grande idéal que apparecerá como um « estrangeiro vindo do outro mundo », o qual erigindo o impossivel, fará sahir a realidade fóra dos seus eixos. ( LANGE — *Historia do materialismo* ).

Eis ahi com que ufanía e alacridade espiritual váe este homem immêrgir nas profundezas do univêrso !

ROCHA POMBO

## DESASTRES DA IGNORANCIA

Sob o titulo, muito expressivo, « *Ils ne savaient pas* . . », Ludovic Naudeau, o magnífico correspondente do *Le Journal*, indica, com a segurança de testemunha dos episódios da guerra, as causas das victórias japonezas, resultantes, principalmente, da extraordinária instrucção militar dos chefes e subaltêrnos, todos perfeitamente conhecedores do seu officio.

Emquanto os méstres de táctica não fornecêrem eruditos estudos dessa guerra, sem precedentes na historia, será muito interessante a narrativa dos feitos homéricos, feita por aquelle correspondente, que allia á bravura, á investigação incansavel, um admiravel estylo.

O ATAQUE DE TOU-MOUIN-LING

*Mukden, 20 de novembro*

Entre os talhados da montanha, na sinuosidade dos vâlles, sob as cristas erriçadas de blócos côr de sangue, sob as muralhas de granito calcinadas pelo sól dos séculos, a batalha se desenvolvia movêdiça, infórme, illimitada.

E os canhões martêlavam, perfuravam, comprimiam, laminavam o espaço, com ruídos de fórja titanica. E as batêrias atiravam longas salvas para o que não viam ; os projectis caíam sem se saber donde : era a lucta do espaço e da extensão, lucta do mys-

têrioso, do invisivel. E havia dois dias e duas noites, a fuzilaria crépitava incessante, monótona, angustiosa: dir-se-ia que uma prodigiosa borrasca de saraiva caía sobre um sólo magicamente sonóro. Era o dia 11 de outubro, com Stakelberg.

Súbitamente, ao sul, por tráz do mais alto e maissélvagem dos montes, que fórmam a convulsiva cordilheira, cujo contórno o nosso exército ladeava, em um vâlle, occúlto aos nossos olhares sómente pelos rochêdos lascados, asperêzas intransitaveis desse colôssio, rebentou, de golpe, uma fuzilaria semêlhante ao rumôr do mar, ampliando-se, a cada segundo, e rolando ao nosso encontro, como poderosa onda de maré, como uma avalanche. Percebemos que a infantêria, lançada á vanguarda, fazia um fôgo furioso contra as posições, donde partiam uma tromba de projectis.

— Que se passou ? Todos sabiam : começou o atáque do terceiro côrpo.

Emquanto o primeiro côrpo siberiano combatia encarniçadamente, de frente, os defensôres obstinados do desfiladeiro, que impedia a passagem de todo o exército de Stakelberg para os vâlles, por onde se esperava pudesse este se precipitar em um atáque pela réctaguarda sobre o grosso do exercito japonéz, o terceiro côrpo siberiano avançara parallêlamente a nós, e se lançara tambem para a passagem, que abordára de flanco, pelo lado que se suppunha mais vulneravel. Quanto tempo durou isso ? Meia hora apenas. Houve um cyclône de descargas : o ar, revolido em vibrações estranhas, rúgia, como se efflúvios magnéticos irrompêssem no espaço ; houve um paroxismo pavoroso, um rebôjo de rumôres, durante o qual ouvimos, anciosos, as metralhadoras japonezas descarôçarem, automaticamente, com uma cadencia de machina de costura, seus rosários de projectis.

Era o assalto. Mas, muito rapido, o tumulto se attenuou ; a fuzilaria tornou-se menos intensa, e adivinhámos que a vaga humana, depois de se desmanchar sobre o dique, que nos reprê-sava, rebentára ; comprehendemos que, domada, arrastada por um reflúxo súbito, ella se esvaía ao longe.

O atáque do 3.º côrpo fóra repellido.

Do que acontecêra de tráz da montanha, nada víramos, mas adivinhámos, comprehendêramos, sentíramos. Os que acompanhavam, sem combater, o 1.º côrpo siberiano, haviam, immóveis, crispados, palpitantes, as unhas enteradas nas palmas das mãos, ouvido os échos desse drama fulgurante ; e comprehendendo, então, que a miragem da victória, mais uma vêz, se desvanecêra, voltavam com tristeza os olhos para as posições onde o 33.º, o 34.º regimentos siberianos continuavam sua obstinada fuzilaria.

## A GUERRA PHANTASMAGORICA

Eu fóra admittido no estado-maior de um dos generaes do exército russo. Elle e seus officiaes estavam acocórados entre pedras e úrzes de uma crista, donde lhes era fácil contemplarem o que parecia ser o conjuncto das posições japonezas. Uma batêria inimiga se estabelecêra perto delles, e o observador, que lhe dirigia o fôgo dêveria estar escondido em abrigo singularmente escolhido, porque ella fazia grandes estrágos nas fileiras russas, se bem que atirásse devagar, com grandes interrupções de silencio.

Dois projectis japonezes, dois apenas, sibillaram acima da colina, onde o general russo se installára ; e, depois de a contornarem, rebentaram com precisão diabólica no vâlle, entre os refórços, que chegavam em fileiras cerradas. Trinta homens caíram : foi tudo, e a batalha continuava.

Está ahi bem esbôçado o traço predominante da guerra moderna: um general que se estabelêce num cúme, cuidadosamente escolhido para derigir as suas tropas ; combate-se, furiosamente, a dois ou trez mil metros deante delle ; projectis caem a mil metros atráz desse pôsto ; o proprio general córre imminente perigo de ser descoberto pelos caçadores japonezes e crivado de shrapnels, morrer como o general Keller ; mas, elle nada vê, e sómente conhêce as peripécias da batalha pelas informações, que para elle convêrgem a cada instante. Póde, á fôrça de observação e de reflexão, adivinhar a posição das batêrias inimigas, divisar um pico desoccupado, aonde poderia mandar a sua infantêria ; póde ter presentimentos, inspirações ; coórdenar os movimentos da sua brigada, da sua divisão ou do seu côrpo com os do complêxo do exército ; mas, raras, afinal, são as circumstancias, em que póssa observar com os proprios olhos, com precisão, os detalhes dos acontecimentos, em que representa papel essencial. Na guerra moderna, tudo é mystêrioso, dispêrsado, longinquo, invisivel, abscôndito, abstrácto: lucta de géstos, de signaes aérios, de ramificações, de communições eléctricas ou heliográficas, concurrencia de exploradores audaciosos, de observadores cheios de astúcia, de agentes de infórmações, de espíões, conflicts de intelligencias, de astúcias, de imaginações, de intuições.

Perto dos combatentes, salvo nos raros minútos, infinitamente rapidos e raros, de um assalto, apenas se vê uma trincheira, donde emérgem, sómente, cabeças e fuzís, ou uma batêria que, occúlta numa dóbra do terreno, parece, sem alvo e sem motivo, bombardêar, automaticamente, o espaço. Longe dos combatentes, no pa-

norama que se descortina, todas as minúcias se dissimulam, se desfazem; as posições da infantêria desaparecem, como se a terra as tragasse; as proprias batêrias se enterraram, escamôteadas pelo relêvo do sólo. Milhares e milhares de homens combatem e morrem no espaço, que o olhar abrange; sabe-se, ouve-se o fracasso de sua fuzilaria, mas ninguem os vê, dispersados, encolhidos em buracos. Apenas, se divisam os glóbulos de fumaça dos shrapnels, que saltam alácres para o ar como bôlhas de sabão; dá-se uma perpétua illusão de phantasmagoria, que parece confundir de propósito as leis da óptica e da perspéctiva. Certos dias, poder-se-ia affrontar a morte a cada instante, avançar sob uma sarivada de bálãs; sem conseguir outra coisa, além de minúcias infimas, destituidas de importancia para o conjunto das operações.

Eis a guerra, tal qual é; a guerra invisível, sem belleza, sem pittorêscico, sem poesia, sempre fragmentária, em pedaços, infôrme, dissimulada, esparsa, sem unidade, a guerra, que desliza como serpente, sombrio trabalho, incumbencia sinistra, fâina de condemnados!

\* \*

Approximei-me do general, pensando no meu artigo, e perguntei-lhe o nome do desfiladeiro ante o qual estavamos, havia dias, o 1º e o 3º còrpos siberianos. Elle me contemplou perplêxo, embaraçado, reflectiu alguns instantes, e respondeu-me: que não sabia.

Não sabia; nem elle, um general, sabia... Decididamente, não sabiam nada! Quanto tempo duraria isto, quanto tempo seria possível guerrear sem saber nada? E pensei no que acabava de ser a avançada do nosso exército, o exército de Stakelberg, através dessas montanhas quasi desconhecidas, estendidas ao suêste de Liao-Yang; lembrei as hesitações dos generaes, suas confabulações múltiplas, febrís com os guias chinezes, seus collóquios com os intérpretes, os *perivotchiks* que elles exórtavam, em cada garganta, a consultar os homens do paiz para se assegurarem do caminho mais conveniente; rememorei seu despeito, seus temôres, quando verificavam ser incompleta, approximativa, mentirosa, a carta unica de que dispunham.

Porque a 7 de outubro fez alto o exército repentinamente? Porque ficára inérte, quando o tempo urgía, e se tratava de opêrar, o mais rapido possível, um movimento envolvente, do qual dependia o succêso da batalha? Porque? Porque o general Stakelberg, sentindo pesar sobre si uma responsabilidade esmagadôra, não tinha indicações sobre o paiz, onde dêveria dirigir 50.000 homens; e, verificando

que os vâlles, em que se ia intêrnar, tinham um aspêcto, singularmente contôrnado e ameaçador, julgou dever telegraphar ao general Kuropatkine, communicando-lhe suas apprehensões numa mensagem, concluída por estas palavras: Na carta do estado-maior, em vez das montanhas que se érguem deante de mim, encontro uma mancha branca.

Lembrei-me, tambem, das primeiras illusões dos generaes, a crença que, a principio, parecêra unânime, no exército de Stakelberg, de que os japonezes se retirariam, lentamente, ante a vanguarda russa até ao rio Tatscho; veio-me á memória a admiracão, a inquietação desses generaes, quando aquella vanguarda se chocára, de súbito, contra um desfiladeiro, cuja existencia o estado-maior russo não ignorava, mas cuja configuração e visinhanças lhes eram totalmente desconhecidas, um desfiladeiro que se revelava inexpugnável. Esse desfiladeiro era o *Tou-Mouin-Ling!*

## PAGINAS ESQUECIDAS

### MORS-AMOR

Esse negro corcél cujas passadas  
Escúto em sonhos, quando a sombra desce,  
E, passando a galópe, me apparece  
Da morte nas phantasticas estradas

Donde vem elle? Que regiões sagradas  
E terríveis cruzou, que assim parece  
Tenebroso e sublime, e lhes estremêce  
Não sei que horrôr nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,  
Formidável, mas plácido, no pôrte,  
Vestido de armadúra reluzente,

Caválga a féra estranha sem temôr,  
E o corcél negro diz: « Eu sou a Morte! »  
Responde o cavalleiro: « Eu sou o Amor! »

ANTHÉRO DE QUENTAL

\* \*

### A ARTE SATYRICA EM PORTUGAL

#### BORDALLO PINHEIRO

Acabo de receber o numero do *Antonio Maria*, publicado hontem, com a declaração de que nelle finda a série desses folhêtos semanaes, que durante seis annos consecutivos, sem interrupção de uma semana, tivêram em constante evidencia perante o publico — umas vêzes enthusiasnado, outras vêzes suspenso, outras cançado de uma tão resistente vitalidade — a veia inexaurível e a fecundidade maravilhosa do lapis sátyrico de Raphael Bordallo Pinheiro.

O conflicto dos representantes da imprensa com as auctoridades de Lisboa, a propósito da organização de um

bando precatório, em beneficio das victimas dos terremotos da Andaluzia — conflicto de que lhes dei noticia na minha ultima carta — parece haver determinado esta súbita resolução do proprietário do *Antonio Maria*, que com as seguintes palavras termina as explicações dadas sobre tal assumpto:

« Foi de balde que, numa reunião de jornalistas, onde ia tratar-se da caridade, que é muito, e da dignidade da corporação, que tambem é alguma cousa, da dignidade da corporação manchada, a meu vêr, pelos altos poderes do Estado; foi de balde que eu procurei jornalistas!

Mais ou menos, ninguem o era!

Um era official do exército, primeiro de que tudo; outro era amanuense de secretaria, primeiro de que tudo; mais outro era deputado, primeiro de que tudo; e só eu — pobre de mim — não era nada daquillo para ser unicamente jornalista.

Eis, pois, a minha dolorosa situação.

Eu não pertenço ao ajuntamento dos jornalistas, por isso que estou sózinho e não ha ajuntamento só duma pessoa; eu não pertenço ao grupo monarchico, porque este me chama revolucionário; eu não pertenço ao partido republicano, porque este mealcunha de VENDIDO!

Nestes termos, não podendo ser nem politico, nem jornalista, vou fazer-me simplesmente operário — o que, afinal de contas, talvez venha a ser mais alguma cousa.

Assim, considerando que este paiz pertence a sua magestade el-rei;

Considerando que a Caridade é, praticamente, propriedade de sua magestade a rainha, que a exerce, e, theoreticamente, da actriz Rosa Damasceno, que a descrêve (vide pensamentos dos artistas no jornal *A Tragedia*);

Considerando que ambas essas cousas e tudo mais são egualmente propriedade do sr. Fontes;

Considerando que o partido progressista o que tem de mais limpo, são os accôrdos com o partido regenerador;

Considerando que o partido republicano tem a sra. Angelina Vidal e,

Considerando, finalmente, que o jornalista não têm aquella cousa que faz córar as donzellas da Baixa, quando os namorados lhes pedem um beijo á furtadéllas:

resolvi entêrrar o *Antonio Maria*, sentindo-me muito vaidoso pelo vêr em questão de dignidade, descer á cova de palmito e capélla.»

Não entrarei no exame dos factos nem na analyse dos argumentos d' duzidos, com mais ou menos logic por Bordallo Pinheiro, para pôr tern ao seu periodico. Essa questão é, resto, inteiramente secundária. O que é importante para a historia do jornalismo, para a historia da sátyra.

para a historia da arte portugueza, neste seculo, *é que o Antonio Maria acabou*. Os que não vêem neste acontecimento senão uma trégua appetecida á successão de ir reverencias que nessa revista affligiam e moléstavam periodicamente o doce aconchego pacifico das nossas pobres vaidades, vêem tão pouco, e vêem tão mesquinamente nos factos do espirito, que eu, do mais intimo do meu coração, lhes dou toda a minha lástima, juntamente com os meus parabens por esta nóva.

O *Antonio Maria* não é uma obra de philosophia, nem uma obra de educação, nem uma obra de misericórdia. É uma obra d'arte. Assim considerado, é absurdo perguntar se elle é jústo, se é logico, se é fino, se é discreto. Ninguém tem direito a exigir d'elle senão uma cousa: — que seja bem desenhado. A esta exigencia, por mais severamente que a formúlem, corresponde elle da maneira mais victoriosa.

Bordallo Pinheiro é o mais extraordinário caricaturista que eu conheço. Gavarni é mais profundo, Busch é mais comico, Cham é mais espirituoso; alguns poderão ser mais subtís e mais amaveis; ninguém é tão desenhista como elle; ninguém, como elle, possúe a arte do retráto, que é a próva suprema da exactidão da linha; ninguém, como elle, sabe surprehender e registrar, de um traço, toda a expressão que é suscéptivel de assumir a figura humana. Dir-se-ia que é na propria alma do individuo que elle tem o segrédo de embeber o bico do seu lapis, para fazer o mais ligeiro *croquis*.

Em vêz das linhas do rôsto, da configuração dos olhos, da curva do nariz, do recôrte da bôcca, do modelado da cabeça, parece que é da intima, da profunda impressão moral da pessoa, que elle repentinamente se apodéra, e que redúz ao signal graphico por meio de uma espécie de transcendente e indefinivel algebrismo. Desde esse momento, elle possúe a physionomia do retráto, tão completamente e tão discricionalmente como se tivésse entre os dêdos, modelada em gutta-percha, e desenha-a em séries enórmes de variantes, sob as mais divérsas combinações de linhas que se póssam imaginar, mantendo-a sempre parecida com o original, invariavelmente semêlhante, constantemente viva: estira-a, acachápa-a, engórda-a, entisíca-a, envelhece-a, remóça-a, escava-a, encabelleira-a, tórna-a bella, tórna-a horrenda, fál-a rir, fál-a chorar, fál-a dar bérros, dar solúços ou dar espirros, vibrar de valôr ou tremar de mêdo, ter fome, ter frio ou ter somno, hesitar, reflectir, resolver-se, desistir, embasbacar ou arremetter.

É atravéz de todas essas transformações, por entre as mais estranhas, as mais oppostas, as mais contradictó-

rias e mais phantasticas desarticulações da linha, o sujeitinho retráto é constantemente o mesmo, é sempre elle proprio, prodigiosamente sobrevivente de individualidade a todos os tratos de expressão contingente e transitória.

É preciso conhecer pessoalmente o artista, ter vivido com elle, tê-lo visto na rúa e tê-lo visto ao trabalho, na convivencia dos seus amigos e na camaradagem dos seus collaboradores, para se fazer uma idéa da sua natureza jornalística. dos seus procéssos technicos e dos seus pontos de vista philosophicos.

Bordallo é o mais genuino e o mais puro typo de meridional que eu conheço. O retráto d'elle mais parecido, á parte os vicios locais determinados pela contaminação ambiente, é o que fez Daudet de *Numa Roumestan*. Forte, sanguíneo, sensual, largos hombros, tendencia para a obésidade, como Courbet, André Gill e Théophile Gautier, lábio grosso e vermêlho, cabêllo crêspo e olhos negros, scintillantes e papúdos. A feição mais característica desta máscara, prodigiosamente parecida na configuração anatomica com a de Goya e com a de Daumier, é a linha consideravelmente accentuada e longa do beijo superior. Champfleury, referindo-se ás analogias physionomicas achadas por elle, entre a figura do artista hespanhól e do artista francez, particularisa o desenvolvimento do beijo, tão fortemente accusado nos retráto de Talleyrand, e o illustre critico accrescenta: «Será no lábio superior, desenvolvido como o dos macacos, que resíde a revélação physiologica do espirito sátyrico? Os physionomistas nada dizem a este respeito. Numa sciencia tão arbitraria que não chega a ser sciencia, trez pormenóres préstam-se a tantas controvérsias que só adquirem importancia, quando apoiados em analogias, e estas são notaveis nos dois méstres, cujo parentesco julgo ter entrevisto.» A figura de Bordallo confirma exactamente a observação feita pelo erudito historiador da *Caricatura Moderna*.

Nos retráto de Bordallo, principalmente naquelles em que elle figura sem bigóde, o comprimento do beijo superior accusa-se com pronunciada evidencia, e, cotêjando um desses retráto com o medalhão de Daumier, feito por Michel Pascal, e com a gravúra de Goya, feita por elle mesmo na primeira pagina dos *Caprichos*, a semelhança dos trez artistas é tão flagrante, que Bordallo e Daumier parecem dois filhos gêmeos do immortal iniciador da pintura sátyrica do nosso tempo.

Ha poucas noites ainda, no theatro de S. Carlos, emquanto uma cantôra no proscenio concentrava em si todas as attenções da sala, eu me occúpei, do

fundo de uma frisa de bôcca, em examinar ao óculo as divérsas expressões physionomicas do publico, pousando de frente e em meio corpo nas cadeiras da superior.

No meio dessa grande exposição de caras, pela maior parte incaracterísticas e banaes, de lindos janótas bem anédiados, corrêctos, insípidos, estreitos de tudo — de hombros, de casaca e de tésta —; entre rôstos suínos de antigos burocratas, fuínhas de papelada official, gallináceos de parada militar, os graves tocheiros decorativos de salão de embaixada; a accentuada figura d'elle, energicamente modelada, de uma sólida carnação á Van der Helst, corôada por uma espessa juba leonina, a cabeça alta, um vidro no olho, uma grande rósa na lapélla, destacava de tudo mais com o contráste de um sêr palpitante e vivo, no meio de uma galéria de personagens decêra.

Natureza de terrôr — como diz Daudet — exúberante, expansiva, *tout en dehors*, prodigalisando-se ao publico, servindo-o desinteressada e incondicionalmente ao sabôr de todos os seus desêjos, de todas as suas paixões e de todos os seus erros, em todos os enthusiasmos, em todas as alegrias, em todas as tristezas e em todas as cóleras; vivendo, por esse motivo, sempre fóra de si mesmo, distraído, a todo o momento arrancado das meditações do gabinete pelos frêmitos da rúa; elle tem atravessado a existencia, ruidosamente e ovantemente, no écho triumphal da sua eterna barcaróla, entôada a todo o pulmão e lançada em largos géstos de tribuno vencedor ás brisas da fama.

Não é uma organização philosophica, é um apparatus puramente condensador ao qual corresponde no artista um instrumento portentosamente vibrante.

Collóquem esta natureza, ao mesmo tempo recéptiva e sonóra, no seio de uma sociedade sólidamente equilibrada, com uma forte vida civil, com uma logica systematisação de idéas geraes, com tradições, com principios e com fins claramente definidos, e a obra do individuo, com taes dótes de temperamento e de espirito, será, como o *Punch* na Inglaterra, o orgão mais genuino da opinião, o écho mais fiél e mais expressivamente nacional das idéas e dos sentimentos do povo.

Em Portugal, onde a vida da nação, ha tão pouco tempo ainda, deixou de ser um monopólio dos frades e dos capitães-móres, do cléro e da côrte, onde o regímen de discussão e o systema de liberdade se iniciam apenas como um apprendizado de iniciativas contradictorias, a opinião popular acha-se por constituir.

Bordallo Pinheiro teve de inventar arbitrariamente para seu uso, o perso-

nagem symbolico de *Zé povinho*, porque na iconographia nacional não existia a imagem synthética correspondente á que exprime o cidadão *Jonathan* nos Estados Unidos, ou *John Bull* na Grã Bretanha. O typo imbecil e grotêsco de *Bertholdinho* é tudo quanto tinham na tradição como expressão pittorêsca da alma popular.

*Zé Povinho* é, na obra de Bordallo, uma espécie de polichinello da antiga comédia de títeres, encarregado de arrecadar as sóvas que Pierrot e Arlequin não cêssam de lhe applicar: um pouco menos idiota que *Bertholdinho*, já com um principio de capacidade para ganhar a vida como official do officio, mas não sabendo, por emquanto, ler nem escrever, nem tendo da existencia métaphysica do Estado mais do que uma noção extremamente rudimentar, nevénta e confusa. Deixou de ser exclusivamente o que serve, é tambem agóra o que paga, mas não é ainda o que pensa, o que decide e o que resolve, mais ou menos subsidiariamente, as questões relativas á marcha social. Já não é a massa inerte, passiva e amórpha. É um instrumento consideravelmente aperfeiçoado e enobrecido na producção do trabalho, mas está ainda longe de ser um factor na equação especulativa, no problema intellectual do nosso tempo.

Bordallo representa-o na sua obra tal como elle realmente é: ignórrante, sêrvil, ingenuo, bonacheirão, tomando o symbolo supremo da *albarda* como synthese collectiva de todos os phenomenos administrativos, mais ou menos baseados no impôsto, e representados ao seu espirito como outras tantas arbitrariédades de que elle é victima, e nas quaes se resúmem todas as suas relações com o poder, com a communiidade, com o Estado, com o governo, com a policia civil, com a guarda municipal, com o recebedor de fazenda ou com o rei, porque, para elle, todos estes termos diversos são expressões synonymas da mesma entidade mystériora e omnipotente que o albárda.

Contra todas as várias fatalidades que a albarda symbolisa e resúme, elle não conhece senão um meio de resistencia: *atirar com a albarda ao ar*. Esta métaphora profundamente vaga a que elle nunca, em sua vida, conseguiu alliar o sentido de um unico factio preciso e claro, constitúe a encyclopédia scientifica e litterária de todas as suas idéas ácêrca dos direitos do homem e do cidadão.

Sempre que attribúe idéas a *Zé Povinho*, Bordallo cáe na banalidade e na êmphase rhetórica, declama, desdiz-se, contradiz-se, e, cuidando exprimir fielmente a opinião do publico, elle não faz nessas paginas, que são a parte fraca da sua obra, senão repetir, timidamente, o êcho de um ou de outro club em que a bôa fé do tribuno e o eph-

mero entusiasmo do audictório nem sempre sùpprem a falta do convencimento philosophico ou da commoção artistica.

Constantemente inspirado no mundo exterior, incitado pelo espirito da multidão em movimento, as influencias que determinam a actividade artistica de Bordallo Pinheiro, pôdem dividir-se — se me é permittida esta classificação de physica numa questão de esthética — em influencias acústicas e influencias ópticas. Quando é pelo ouvido que elle recebe a suggestão artistica, o seu espirito raramente discrimina a verdadeira nota predominante sobre a qual o seu instrumento tem de elaborar a synthese pittorêsca da idéa e do factio.

A impressão do olhar é que não o atraiçôa nunca. A sua visão é de uma profundidade maravilhosa e de uma nitidez incomparavel. Daqui, esta conclusão: o seu talento, como o de todas as naturezas profundamente impressionaveis e genuinamente artisticas, é todo descriptivo, é essencialmente dramatico, extraphilosophico, é absolutamente alheio e independente das intenções, dos processos e dos fins da critica.

A sua funcção não é comparar factos nem filiar idéas, nem dedúzir theorias. A sua funcção é crear imagens e prodúzir emoções. Se a emoção communicada é profunda, porque a imagem é verdadeira, palpitante e viva, o artista é grande. Que impórta o valôr da these que elle se propôz, ou a circumstancia de se ter elle propôsto ou não uma these?

Quem é que, lendo ou ouvindo o *Hernani* ou o *Ruy-Blas*, se preoccupa com o intuito que teve o poeta de representar, como elle diz, nestas duas pêsças (vide prólogo de *Ruy-Blas*) *o nascimento e o occaso do sol da casa da Austria*?

O que interéssa o publico da obra de arte, é o modo como o artista a executou, não é o fim para que elle a resolveu fazer.

O grande critério infallivel na obra de Bordallo Pinheiro — e não precisa doutro — está para elle na recéptividade e na retentiva prodigiosa da sua retina.

A enórme collecção dos seus retrátos constituindo, já hoje, a mais vasta galeria de que ha exemplo na historia da caricatúra européa, consta de successivos improvisos, feitos na maxima parte, de memória, sem borrão, sem apontamento prévio, no ardôr do trabalho mais tumultuoso e mais apressado, durante a apparição de cada numero do *Antonio Maria*.

Esses retrátos admiraveis, acima de toda a competencia com o que se faz em obras do mesmo genero em França, na Inglaterra, na Italia e na Hespanha, retrátos muito mais vivos, muito mais

parecidos com o original do que as proprias photographias dos personagens que representam, desenhou-os elle de um só jacto na pedra lithographica ou no papel autógrapho, entre a meia noite e as cinco horas da madrugada, em pé a um banco, sob a luz crúa e mordente do gaz, sempre á ultima hora, febricitante de préssa, escorrendo suor, com a tésta e o nariz manchado de preto pelas dedadas de crayon, fumando ávidamente cigarritos, fallando sempre, cantando, assobiando ou deitando, complacientemente, a lingua de fóra ás figuras, que ora desenhava de cima para baixo, principiando-lhes pela cabeça, ora desenhava de baixo para cima, principiando-lhes pelos pés, e que parecia saírem feitas, em arabêsco, do bico da sua penna para a superficie da pagina, assim como sáe para a palhêta o esguicho da tinta de óleo, de um tubo apertado nos dedos.

A facilidade é indubitavelmente a primeira condição caracteristica do genio. Para comprehender em que alto gráu Bordallo Pinheiro possui essa qualidade, é bom saber-se que Daumier, o caricaturista com quem elle tem mais pontos de semelhança, ia para a galêria da camara dos pares, em França, com um pouco de barro molhado, na algibeira, e era em frente dos originaes que elle modelava pacientemente, em ponto pequeno, as cabeças dos deputados e dos ministros de Luiz Felipe, depois immortalisados por elle nos desenhos das primeiras séries famosas da *Caricature* e do *Charivari*. Granville fazia innúmeros *croquis* de ensáio para cada uma das suas estampas, chegava a recórtar á tesoura e a collar em novo papel as figuras feitas, para as ampliar e corrigir de novo, e era só depois da mais lenta e penosa elaboração, que elle extraía a imagem a ferros, das linhas da phantasia, para a fazer penetrar na realidade artistica, que Bordallo attinge, directamente, de um primeiro e unico impulso, sem outro algum prepáro, sem outro esfôrço além do da memória do olhar, em que toda a imagem que elle viu uma vez, parece fixar-se mecanicamente como num *cliché* mysterioso, o qual por meio do seu lapis elle transpórta ao papel numa só mancha precisa, completa e definitiva.

RAMALHO ORTIGÃO

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### CURA DO ALCOOLISMO

Um medico americano affirma ter verificado os mais extraordinários factos no estudo do alcoolismo. Depois de curiosas observações, achou uma relação,



quasi infallível, entre os defeitos da visão e a tendencia para as bebidas; e, na sua grande clinica de especialista, nunca encontrou um alcoolista que não tivesse alguma coisa de anormal nos olhos; assim conseguiu elle, curando as perturbações da visão, restabelecer da mania alcoolica doentes, que pareciam incuraveis.

\* \*

## ALFINÊTES

Todos sabem que é immenso, extraordinário o consumo de alfinêtes, de grampos de cabêllo e agúlhas. Grózas, massos, duzias desses instrumentos, indispensaveis á mulher, desaparecem rapidamente, sem se lhes saber o destino, e poucos ou raros são os encontrados no sólo, nos assoálhos.

Um inglez achou a solução desse problema: os alfinêtes se transfórmam em pó. Grampos experimentados pelo observador, desapareceram sendo esfregados durante 154 dias; alfinêtes polidos tiveram a mesma sorte durante oito mezes; agúlhas de aço em dois annos e meio; os alfinêtes vulgáres se desfizeram rapidamente.

\* \*

## UM VAZO DE ESMERALDA

Na antiga cathédral de Genova, tem sido conservado um vazo durante 600 annos. Essa preciosidade foi cortada em uma esmeralda de 12 1/2 pollegadas do maior diâmetro com 5 3/4 pols. de altura. Está guardada em um cófre com várias fechaduras, cujas chaves se distribuem por divérsas pessoas, e raramente se expõe ao publico.

Nessas occasiões solemnes, suspendem-na por um cordão ao pescôço de um padre e ninguem pôde tocar-lhe. Um decreto de 1475 prohibe, sob rigorosas penas, a aproximação dessa preciosa reliquia.

\* \*

## MATERIAL PRECIOSO

Os trilhos do Mexican Gulf Railway são assentes sobre dormentes de mogno, sendo as pontes construidas de mármore branco. No oeste do Mexico, ha uma linha com dormentes de ébano e lastro de minério de prata. Os engenheiros, constructores dessa linha, não encontraram outro material proximo, e acharam mais barato empregar essas preciosidades, do que importá-lo.

## OS MEUS ANNOS!

Eis-me novamente a fazer annos, e bem desconfiado.. já — 71!

Septenta e um... é um modo de dizer. Si nasci em em 3 de dezembro de 1829, e devo contar annos eguaes

de 365 dias; com os 17 biséxtos, que tenho vencido, o meu anniversario, sempre recuando, está já agóra em 16 de novembro.

Nada conheço que mate tanto, como ter vivido muito. Os latinos diziam: *Senectus est morbus*. Melhor fôra terem dito: *senectus est mors*. Quando o cóstado dá nos septenta e um, já um pé está na cóva, caminho do Paraiso; dizem outros — do *Pára isso*.

Ainda sinto muito vigôr, mas de vigôr morre muita gente, quando attinge a certa idade. Córda velha não se estica.

E' jústo que, quem viveu de publico 71 annos, não se retráia no fim delles, mas se exhiba.

Pósso dizer que levei a vida na rúa, porque não ha *fóra de portas* mais completo do que a imprensa. Põe diáphano um homem inteiro. Comecei na *jornalice*. Ainda meninôte, escrevi o *Zephyro*, jornal de estudantes, com Thomaz Candido Lerak de Sá, mui lembrado collega, que foi máu soldado, pois que era muito bom poeta.

Isto fazia, estudando no Lyceu, ao mesmo tempo que trabalhava de alfaiate para mim, e como typographo no primitivo *Cearense*.

No Crato, escrevi o *Araripe* e o *Cratense*, jornaes de combate contra o bacamáрте reinante, ensinando os matútos a se desaffrontarem com *correspondencias*, que não quêbram *costélla*, de preferencia ao bacamáрте. Foi aquillo um processo de desarmamento, que produziu um *charivarí* medonho.

Mas valeu a pena.

Enfiando por ahi, fui redactor do *Cearense* e collaborei na *Constituição* e *Pedro 2º*. em épochas de liga entre adversários políticos. Escrevi tambem na *Gazeta do Norte* e no *Ceará*; redigi exclusivamente o *Liberal*, o *Martim Soares*, e o *Sol*, depois de Pedro Pereira. Ultimamente, rabiscava na *Republica*. Da *Fraternidade* fui a penna principal. Era um jornal contra o cléro que, por signal, foi excommungado, e, por isto, muito procurado.

Entrementes, para cada jornal, que súrgia no Ceará, escrevia qualquer cousa, ou muita cousa.

A chronica da provincia fil-a muito inteira, sendo o primeiro que nella metteu o nariz; primeiro que Theberge, e primeiro que Araripe. Fiz-me socio do Instituto Historico do Rio de Janeiro, matúto ainda e professor primário, isto, aos 33 annos, quando essa honra era muito ambicionada pela gente mais lettrada do Brazil.

Não só escrevi para sua *Revista*, como enriqueci a sua bibliothéca com documentos, os mais preciosos, sobre as antiguidades do Ceará.

Vim a demittir-me dessa sociedade; exemplo primeiro, que foi seguido pelo visconde de Taunay.

Depôsto o Imperador, senti-me fáрто

de Araripe, Homem de Mello e outros cultôres da *verdade* historica!

Não me ficou, portanto, do espirito, lado algum, sobre que não desse uma réstea da luz da imprensa. Só não me conhece o moral, que m é cégo de mais. Tenho vivido sempre ás claras, no ôlho da rúa.

Para melhor, á falta de advogado nos sertões. para os muitos processos, que os *caranguêjos* me forgicavam, entrei para o officio. Foi occasião de fazer mais inimigos; e isto me serviu muito, para andar direito. E' bom ter se sempre uma meia duzia, pelo menos; sérvem de embono, para a canôa não virar.

Diz a régra: Quem tem inimigos, não dórme.

Em ajústando as causas, tinha logo em vista, que dois têrços do honorário eram para defender, dos advérsários, os meus constituintes; o outro têrço para defendêl-os dos juizes, cousa que se dava muitas vêzes.

Querendo me fazer mal, os *caranguêjos* fizéram-no a si proprios. Comecei a ganhar muito dinheiro, que queimava em eleições contra elles.

Sempre, no fim de uma eleição, os votantes me deixavam limpo; até parte da roupa tinham conduzido!

Uma vêz, o mesmo relógio de algi-beira me carregaram do tórno!

Mas, a minha clientéla dava para tudo.

Neste sarilho, não saía da arêna obrigada dos partidos. A politica é, no Brazil, o grande inconveniente de se aprender a lêr. Por todo caminho, que a gente escólha, váe dar com as ventas na politica.

E, para mim, a politica sempre trazia prejuizo. Pelo plebeísmo, que professo, sem nenhum canalhismo, e por uma audácia congenita, que me faz ver todos os homens do mesmo tamanho, atáquei quantas dynastias se succedêram no meu tempo. Luctei com os Fernandes Vieira, com os Castros, com os Alencares e com os Paula Pessôas, e muitas vêzes divérgi dos Pompeus, que têm sido os meus amigos.

Andei ás trélas com o cléro e com a trópa; nunca deixei que me pisasse nem *rei*, nem *roque*,

De quantos dominaram nesta *Judéa*, fiz-me advérsário, convértendo em injúrias, pêrdas e damnos, as honras e o ouro, que outros, por outros caminhos, recolhiam; quero dizer — fui praça *riúna* do batalhão dos tólos. Em politica, a cúva foi sempre o camiuhu mais cúрто.

Atirava-me a todos os Holoférnes, que súrgiam.

Luctei com o barão do Crato, com Theodorico, com Rodrigues Junior, com Ibiapaba, com presidentes, chefes de partido, espadachins da terra, etc.

Deputado em 1868, fui depurado, arcando, sem pedir misericórdia, com

os poderosos da camara *ligueira*; e da tribuna lhes disse tanto, como se ouve na ribeira. Voltando alli em 1879, tive a honra de ser o primeiro a quebrar a unidade da Camara, censurando no *Jornal do Commercio*, o chefe do gabinete e do partido, o formidoloso Sinirbú, do qual me tinha separado na questão *Xingú*, uma villêsa official, contra a qual nominalmente votei. Vingou-se, me fazendo perder 14 contos, na liquidação da *Baturité*, todo o pecúlio que eu preparava para minhas filhas.

Era o menos.

Minha actividade, porém, não se consumia só nesse attrito, no fim de tudo, de futilissimo alcãnce. Meu idéal era o alevantamento moral do Ceará, se lhe dando as ázas do trabalho, *ergo* da riqueza.

Meio operário, comecei por ministrar agua potável ao povo da Barbalha, fazendo-lhe um pôço, que ainda hoje é a sua aguáda.

Iniciei e promovi a construcção da via férrea de Baturité, organisando um syndicáto para o contrácto della, esmolando a maior parte do seu capital, contraíndo empréstimos, servindo de director e de advogado da empresa, finalmente solicitando a sua encampação, pelo governo imperial, que a levou, por fim, até á cidade de Baturité, em 1879.

Cumprer dizer aqui: deve o Ceará a Pedro 2º, pessoalmente e principalmente, esse grande beneficio. Foi grande tambem o auxilio, que encontrei para essa encampação no conselheiro Buarque, de saudosa memória, e no bom cearense dr. Castro Carreira.

Tão intensa foi, no momento primeiro, a gratidão ao principe brasileiro, que todos, neste Ceará, o julgaram digno de uma estátua!

A estátua... foi lhe rasgarem o retráto a punhal, e nem um *Pater* lhe rezarem! Ao contrario, alguns, que lhe quizeram ouvir uma missa, no Rosário, tiveram que recuar!

Fômos eu e Joaquim Bento os promotôres, na Camara, assistidos por Buarque, do crédito para o prolongamento de Canôa a Baturité. Ausentando-me do Rio, o crédito caíu no Senado; mas, aquelle bom cearense, com as suas amizades, o fez, milagrosamente, restaurar.

Quando, no entanto, se fez a inauguração do trêcho, bebeu-se á saúde de meio mundo que comeu da vérba...; a delle ficou no cópo!

Toda a bicharia technica e official teve o nome em estações e locomotivas. A mim, coube só perder aquelles 14 contos, a que tinha direito na liquidação, e ser muito descompôsto pelos advérsários politicos, passando de roubado a ladrão! Vinguei-me archivando todos os papéis da antiga Baturité, para os meus filhos e nétos.

Convidado por Morsing para fazer as desapropriações, se me pagando, respondi que só as fazia gratuitamente; e entrei na pesada e odiosa taréfa, pondo-me a côbro de novos desafôros, pela renuncia do dinheiro, sobre que corria tanta gente. Archivei os agradecimentos, que não enchiam barriga.

E vinguei-me ainda mais, um dia, entrando mui repimpado, em Quixeramobim, dentro de um wagon de 1ª classe, eu, que tinha sahido dalli, na sêcca de 1845, com 16 annos, a pé de ceroulas arregaçadas!

Dei, assim, uma taponna naquella desgraça, que me ficára pelas cóstas!

A açúdagem do Ceará, que foi propaganda minha na imprensa com o senador Pompeu, antes de todo o mundo, tive a satisfação de impulsionar quando deputado. O açúde do Quixadá, que lembra ainda Pedro 2º, foi me indicado pelo sr. José Jucá. Directamente, apresentei a idéa ao então ministro Buarque, numa memória, que me pediu, sobre os pontos açúdáveis da provincia; isto, para informar ao Imperador.

Apaixonado pela irrigação, que estudára nos fástos da India, o bom principe tinha feito vir da Europa o engenheiro Revy, para a introduzir no Brazil, começando pelo Ceará. ... pelo Ceará, o seu filho mais velho, o preferido para os estudos da commissão scientifica, o soccôrrido na fome, apesar dos Cotegipes, Sinimbús e outros.

Na minha memória, encareci tambem a açúdagem dos Boqueirões de Lavras, Arneirós e Puty.

Na libértação dos escravos, entrei com a minha palavra, com a minha penna, com a minha bôlsa e com as minhas amizades. Libértei duas escravas que tinha, indo a minha mulher para a cosinha no dia seguinte.

Numa commissão com o meu fraterno amigo, o legendário general Tiburcio, fiz inimigos, os mais despeitados da santa causa, abrirem mão das suas pretendidas propriedades.

Já, ao serviço do gado humano, de que falla Camões, eu tinha feito no chólera do Crato, uma campanha de 60 dias, sem trégoas, caíndo exausto, quando a cidade era já uma necrópole, uma podridão. E na sêcca memoranda de 1878, tinha feito contribuir quasi toda a maçonaria do Brazil, trabalhando de parceria com Antonio Mendes, G. Rocha, Feijó, J. Camara e outros chefes da maçonaria cearense. Só o immortal Saldanha Marinho, meu sempre lembrado amigo, nos enviou, para soccôrro dos pobres, cêrca de trinta contos.

E na minha casa, a titulo gratuito, não entrou um grão de farinha, embóra estivesse pobre, como rato de egrêja.

A vólta de Cratheús para a jurisdi-

ção do Ceará foi iniciativa minha, *desideratum* que levei ao cabo, com o concúrso do marquez de Paranaguá, Freitas, Basson e Serival de Moura. Custou-me bôa descompostúra, por amôr de umas areias, que o Piauhy recebeu em tróca, e os pedantes chamavam—patria minha cearense, muito amada; isto, por instigações de Araripe.

Fui um deputado.

Felizmente para o Ceará e para sua representação, não tinha ainda começado a injústa prevenção originada das sêccas, e convertida em odio pelo facto da libértação, e em menosprêso, por trapalhadas da Republica sobre-vinda.

Aqui, nesta Fortaleza de Nova Bragança, advogei, promovi e gastei dinheiro em muitos melhoramentos máterias. A abertúra da rúa por trás do Rosario, foi iniciativa e teimosia minha, e do finado, meu amigo, Manoel Bezerra, e Confucio Pamplona. E quando essa rúa se tornou uma realidade, não lhe déram o meu nome, nem tão pouco o de Bezerra ou o de Confucio; mas, o do coronel Bezerril, que governava, e porque governava.

A mim só, com a minha meia patáca e a minha taraméla, dêve a cidade ter desaparecido do centro della uma torpêsa — o célebre *quebra pernas*, tão vitupérado com o nome de *calçadas altas*.

Hoje, temos ali um grande, bonito e honesto trêcho de rúa.

Ainda foi minha e de Bezerra a iniciativa do bello monumento, que decóra a praça de Palacio, recomendendo á posteridade, o mérito do general Tiburcio.

Quem restaurou o *Passeio Público*, e o tornou o que é, fômos nós ainda, eu e Bezerra, este como ajudante do engenheiro municipal, eu, como vereador da ultima camara que teve a Fortaleza; a ultima, repito, e a primeira... que me venham tomar satisfações...

Um dos que mais concorreram para o *brilharetur* do Ceará, na Exposição de Chicago, levando a deanteira ás demais provincias do Brazil, fui eu; e já tinha sido eu o segundo patrióta do Ceará, que apresentou ao governo provincial um contingente de *voluntários* para a guerra do Paraguay: cêrca de 25 homens valentes do Cariry.

Quem me lér, dirá que *ando encimado*.

Que pena! . . . O premio, que eu mais quizera, conferiu-me o homem primeiro do Brazil, nestes quatrocentos annos. Fica-me na gavêta, o seguinte recado: *Diga ao sr. João Brigido que elle é um homem de mérito*.

Foi do sr. d. Pedro 2º quem m'ô enviou a dizer, para o Ceará, por occasião de lhe fazer entregar um dos meus livros, em 23 de outubro de 1883:

Tambem fica archivado.

Nada, porém, será tudo isso, desde que não me tira, nem me accrescenta

annos. Estou com 71, muito meus. O que cumpre saber é si, atravessando as trez sêccas, de 1845, de 1877 e de 1888, atravessarei tambem a de 1900, mais mortífera, por ventúra, do que qualquer das outras.

As tripas nos roncam, e, muitas vêzes, suppômos ser o coração. Assim é que eu vou mettendo a cara neste novo perigo, acreditando caber-me ainda dar um apêrto de mão aos transeúntes de 1901.

Minha fé provém de que matava mais, que as sêccas, muita onça, com quem boli nos sertões do Ceará.

Não é que eu fizésse inimigos por passa tempo; é que os comprava, nunca me excúsando de ir em soccôrro de terceiros, que pediam a minha assistencia, muitos delles, para me deixarem a sós no momento do perigo.

Aqui, defendendo um constituinte, que mais tarde por 10\$000 se malquistou commigo, por pouco sou victima, nas rúas da cidade, de uma malta de patifes, que corria, furiosa, sobre elle.

Mêdo nunca me faltou; mas, eu tinha programma feito desde menino. Quando me senti só, crescido sem pae alcáide, em meio de um pôvo, que só tem amôr áquillo que elle engórda para comer, e que só respeita aquillo que teme, assentei que me cabia fazer, como aconselhou Abd-el-Melek, em *Alcacerquebir* — tirar a espada, deitar fóra a baíha.

Si é máu a gente talhar-se mui grande, porque mais se presta a servir de alvo, ainda é peor talhar-se mui pequeno, porque os outros lhe hão de passar a perna.

E porque duvidar que eu atravésse a sêcca reinante ou republicante?

Perigo de todos os generos tenho vencido, muitas e muitas vêzes, no decúrso dos meus 25.932 sóes, graças ao destino.

No mar, salvei-me de perigos tantos!... Além da travessia de S. João da Barra e da entrada de Natal, no *Iguarassú*; ainda em viagem no *Olinda*, entre Cabo-frio e Victoria, estive a levar a bréca. Certa vêz, dentro da barra do Rio-de-janeiro, numa ressáca num escalér; e, finalmente, no alto mar e alta noite, no vapor *Ceará*, abalrôado por uma balieira, que se fez em pedaços, caíndo ao mar toda a tripolação, e se afógando um marinheiro.

Um cavallo desbocado cahiu-me por cima; outro, mais malvado, me atirou as costéllas por sobre um tóco. Quêdas desses brutos levei duzias, e elles tinham razão.

Quem escápa de tantas, bem pôde escapar á sêcca, para voltar á paléstra em 3 de dezembro de 1901, e fallar da politica, que viu, ouviu, provou, cheirou e apalpou; cousa muitissimo edificante, e sobretudo muitissimo engraçada!

Devo prevenir ao publico que fui sempre liberal. Assim como conservador vema ser todo o bicho humano, que subscrêve os caprichos do seu tempo, liberal é todo aquelle que não se conforma com elles e dá-lhes um pontapé, reclamando sempre cousa melhor, á sua imagem, ou phantasia.

Sempre estive em revólta com as situações, que atravesssei, me parecendo, ainda hoje, que este mundo não presta, e que o outro dos poetas e dos padres não ha de ser lá o que elles dizem.

Respeitavel publico, si em 3 de dezembro de 1901, eu não estivér mais neste órbe terráqueo, para vos cacêtear, ainda essa ultima vêz, perdoáeme, que não foi por meu gôsto.

JOÃO BRIGIDO

Ceará, dezembro, 1900.



### A FILHA DO DOGE

A intelligencia, a graça, o espirito, a belleza,  
São as jóias sem par do seu régio diadema;  
Sua fronte possúe a radiação suprema  
De uma idéa, ao fulgôr da poesia accêsa.

A surprehendente vóz de suavidade extrema,  
O olhar evocadôr, a bem dita pureza  
Do sorriso e o seu gésto airoso de duqueza  
Cantam, numa harmonia idéal, um vivo  
poema.

Recórdo sempre, ao vél-a, uma velha gravúra  
De algum poeta pintor; toda a vida alta e  
púra  
De Veneza ducal, alli palpita e fôge:

Nobalcão dum palacio emérgindo das aguas,  
Pállido súrge, cheio o olhar de nobres ma-  
guas,  
O orgulhoso perfil duma filha do Dóge.

LEOPOLDO BRIGIDO



### O ALMIRANTE (18)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO X

A marqueza sentiu-se bem naquelle meió luxuoso e sóbrio; marchava, lentamente, pelos aposentos, approvando, com o olhar languido, o trabalho de Hortencia, emquanto a mãe desta, não podendo conter os effeitos do deslumbramento, se sentava nas cadeiras, inspeccionava os móveis, as ricas credencias, os armários de carvalho, erGUIDOS sobre columnas retorcidas, examinando as estatuêtas, os quadros, as tapeçarias exóticas e as grandes peças de bronze *cloisonné*, de porcelana esmaltada, que o Almirante mandára do Oriente.

— Muito bem, Hortencia — disse a marqueza, com vóz de mágoa, lenta e dôce — Muito obrigada. Estou satisfeita e estás perdôada de todas as estroinices de que fui cumplice. Não é assim, Gininha?

— É — respondeu esta, envolvendo, num olhar caricioso, a filha enleuada e confusa — é só para que tens geito. Grandezas, grandezas, luxo, elegancia. — Não sei como ha de ser... quando caíres na realidade de môça pobre, fóçada a contraíres as tuas aspirações, os teus idéaes romanticos para cabêrem no acanhado espaço da tua condição. O Antonico sempre me recommenda: eduquemos as nossas filhas para o seu destino natural e logico, eduquemo-las para mães de familia. Educação sóbria e sólida para se não surprehenderem com os caprichos da sôrte, para se não despenharem, depois de extincta a fascinação de sonhos ephêmeros, na realidade inexóravel. Quem não nasceu com azas, não dêve alimentar o anhêlo do vôo: dêve rastêjar para não cair. Meu marido tem sempre razão como um sabio, que é; mas, não me ajúda a pôr em pratica as suas idéas... Eu vivo do abstrácto, diz-me elle; tu te encarregarás do concrêcto. E esse concrêcto é um alvo que jámais attingirei, porque a sua tolerancia, a paixão pelas estroinices da filha, pertúrba e desviam todos os meus esforços. É isto que a marqueza vê; uma menina, quasi creança, com fumaças de elegancia, indólcias artisticas, fantasias... fantasias... tudo por instincto, porque faço o possivel por tirar-lhe taes carminhólas da cabeça. Deus sabe quantas noites tenho perdido a meditar no futuro desta doidinha...

Hortencia ouvia, em recolhimento religioso, as palavras da mãe, e o seu semblante se nublava de tristeza, quasi cerrados os grandes olhos languidos, que o illuminavam com fulgôres de luar.

— Não vale a pena de entristecer este anjo com estes sermões — observou a marqueza, envolvendo Hortencia num amplexo amoroso.

— Entrego o futuro a Deus. Não te preoccupes com o destino: o que tem de ser está escripto nos designios da Providencia. Está muito bem feito quanto fizéste, minha filhinha. Oscar ficará encantado, quando lhe dissér que tudo isto é obra tua, do teu apurado gôsto, do teu engenho de primôr... e, sobretudo, da grande amizade que lhe tens.

— Não a censúro — interrompeu d. Eugenia — Lastimo que, em tão tenra idade, sintas aspirações que estão fóra do seu alcance; obedêça a tendencias que a condúzem ao impossivel. Se tivérmos com quê, se a fortuna nos bafêjasse, eu teria o immenso prazer de lhes satisfazer todos os caprichos,

mesmo os mais absurdos. Infelizmente, não é possível, nem ha esperanças de melhorarmos de sorte. Meu pobre marido acabará como as victimas do dever — honrado e pobre...

— A fortuna nem sempre condúz á ventura sonhada — retórquiu a marquezia, com um longo suspiro — Tens em mim, um exemplo: dispondo de havêres immensos, não me púde preservar de dissabôres e mágoas: minha vida é uma série de decepções amargas.

E, como deixavam a casinha do Almirante, a marquezia apontou, com um gésto tragico e doloroso, para os dois túmulos de mármore, rebrilhando ao sol, na avenida de jaqueiras.

— Alli estão as minhas esperanças...

D. Eugenia conchêgou a filha ao seio, e assim seguiram as duas a marquezia, até ao palacio. Mas, a carícia materna não conseguiu destóldar o semblante de Hortencia, que parecia atormentada pela nítida noção da realidade, do sonho desfeito pelas cruéis palavras da mãe, como um vaticinio sinistro.

## CAPITULO XI

O alvorôço da proxima chegada do Almirante, a ancía de abraçál-o, após tão prolongada ausencia, o antegôso da consolação de ter junto de si a unica pessoa, que lhe projectava, no coração magôado, lampêjos de affectos puros, não conseguiram varrer do espirito da marquezia, a insistente preocupação da moléstia, desse soffrimento mortificante e lento, que parecia minar-lhe as energias de mulher forte, apparelhada para os mais rijos combates da existencia.

As revelações de Dolôres, por mais que se lhe figurassem absurdas, immoraes, lhe cavaram no espirito largo sulco, por onde penetrára a curiosidade do maravilhoso, açulando essa tendencia innáta das mulheres a se apaixonarem pelo que excéde ao normal, ao verosímil, e se embrenharem pelas verêdas phantasticas do sobrenatural, que a razão não comprehende, nem a contingente sciencia humana explica. Em vão, ella repelliu a irresistivel attracção, e tentava varrer da imaginação superexcitada a lembrança das cúras milagrosas, operadas por mysteriosos procêssos, os effeitos das suggestões que a fama do grande medico exercicia com irresistivel influencia.

O projecto de consulta ao dr. Valente, ao principio repellido como indigno da sua posição social, da sua cultura, se tornou verdadeira obsessão e uma necessidade indeclinavel, cuja satisfação fixada para o dia seguinte, depois de noites mal dormidas, era adiada pela timidez, por uns vislumbres de consciencia a bruxôlearem na sua alma contúrbada.

De resto, não havia sério perigo

numa simples consúta. Ella teria bastante discernimento para juigar o valôr da sciencia do extraordinário especialista, desprezar as suas indicações, ou utilisál-as se lhe parecêsem razoaveis ou disparatadas. Quem sabe se não hesitava, como uma creança, em dar o passo que seria o allivio, a saúde restaurada, recobrada a alegria de viver, tranquillada a velhice, que se denunciava progressiva e avassalladora dos seus encantos de mulher pelos cabellos brancos a lhe matisarem, já profusos, a bella, a melancolica e suave cabeça? Não havia mal nisso. Muitas outras senhoras não tinham hesitado embaraçadas por escrúpulos puerís. Além disso, Dolôres affirmára a mais sevêra discreção das relações do sabio medico com as suas clientes notaveis, aquellas que mais concorriam para o lustre do seu renome.

E, nessa hesitação, passaram-se dias e noites de verdadeiro supplicio, até que, recebendo da Bahia um telegramma do Almirante, resolveu fazer a consúta antes que elle chegásse.

Ao amanhecer, partiu de carro, e apeiou-se no largo de S. Francisco de Paula.

Uma chuva miúda e bamba borrifava a cidade, que amanhecêra triste, envôlta em densa bruma humida e penetrante. Pelas ruas, empapadas de lama immunda, transitavam, lentamente, vehiculos pesados, carrôças sobrecarregadas, a saltarem, aos solavancos, sobre as protuberancias do calçamento, deslôcando pedras e salpicando de jáctos negros as parêdes e os transeuntes, que ousavam affrontar o máu tempo, abrigados sob grandes guarda-chúvas, luzidíos de agua, crépitando, como tambôres, ao açôite das goteiras. Aqui e alli, bondes de cortinas sôltas por entre as quaes se percebiam, na penumbra, passageiros conchêgados uns aos outros, esperavam se desobstruirem as estreitas linhas. Os conductores, embrulhados em capôtes velhos, ulcerados de buracos, emplastrados de remendos que pareciam cicatrizes de longo uzo immoderado, ou em pannos encerados, ouviam, impassiveis, chufas dos carregadores, prágas obscenas dos cocheiros repimpados nas boléas de enôrmes caminhões, parados ás portas dos armazens, esperando, tambem, lhe ficasse franco o trajécto,

Em um desses bondes, de sanéfas arriadas, invadido de lama, a marquezia de Uberaba, como qualquer burguezia obscura, expôta ao vasculho das lufadas, comprimida entre passageiros, que fumavam infectos cigarros, e mal disfárçado o seu semblante inquieto, sob denso véo negro, esticado sobre a capôta de grandes plúmas lustrosas, donde emérgia um ramalhete de violêtas artificiaes, olhava, impaciente e a mêdo, para todos os lados, procurando, pelas fréstas das cortinas

molhadas, o sitio onde deveria descer e libertar-se do martyrio daquela promiscuidade aviltante para ella, habituada a se transportar nos seus trens, construídos em Pariz por Binder, de mólas suaves, cochins assetinados, onde se amorteciam os chóques na delícia de suave embálo voluptuoso.

Depois de uma forte cúrva de rodas rangindo plangentes ao attrito dos trilhos, o pesado bonde abalou com estrépito por uma viéla, ainda mais estreita que as outras, egualmente súja, esburacada, pouco frequentada naquelle momento, órlada de estabelecimentos commerciaes, êrmos de freguezia, armazens onde trabalhavam carpinteiros aproveitando táboas de caixões — desfeitos em material para a construcção de málas, ou sipilhavam largas táboas desse pinho rezinôso impórtado das regiões articas, dos gêlos do Canadá e da Noruêga, como quasi exclusivo material de construcção, no paiz de floréstas immensas e preciosas; pequenas lójas sombrias, com mostradores scintilantes de jóias de baixa extracção, com os mostradores salpicados de lama, fórmndo doloroso contráste entre um açouge e um antro negro onde se vendia carvão.

Quasi no extremo da viéla, o bonde párou, e a marquezia, muito pállida e commovida, desceu arrepanhando as saías, que rugíam e entrou numa lója de imagens, onde, em profusão horriavel, sarapintados e muito agalôados de frisos e flôres de ouro nos mantos de côres vivas, estavam enfileirados, nas fiteiras, santos desfórmes, alguns, verdadeiras monstruosidades; grandes quadros representando o supplicio de Maria Stuart; Gambeta na camara francêza, indicando Thiêrs, o libertador do território, em bellos chrômos; em gravúra, Tasso na côrte de Ferrara, Shakspeare, lendo a Elisabeth os seus dramas, e as suas immortaes tragédias, havia, em ruím desenho, scenas de piédade, como a *Morte do Justo* e a *Morte do Peccador* e retratos do Imperador e familia imperial e dos estadistas, mais em vóga ou ainda conservados por meio de lithographias, na memória publica. Era indispensavel, então, serem lithographados pelo vélho Robim, os homens, que se destacavam e aquelles que logravam ascender ao Senado ou aos conselhos da corôa. Ella passou o olhar pelos mostradores, um olhar vágo, que não via, e quando o caixeiro se aproximou sorridente, passou rapidamente da lója á escada que condúz ao sobrado.

Ao chegar ao patamar, illuminado por uma clárabóia envidraçada, acêrcou-lhe, com geitos cortêzes e humilhados, um muláto, que, arregaçando um repôsteiro de réps, lhe disse, mostrando os dentes muito alvos e muito largos, sob espessos bigôdes grisálhos: — Tenha a bondade de esperar um

instantinho. O doutor attende já a v. s.; é só mandar-lhe o seu cartão...

— Não é preciso — balbuciou a marquezia — que saiba o meu nome...

— Como quizér, excellentissima... O segrêdo é a alma desta casa...

A marquezia entrou para o gabinete quasi escuro, e derrêou-se num amplo divan de marroquim verde, tréscalandu um brando cheiro de péllles finas, misturado com o perfúme de flôres em exúberantes ramalhêtes, ornando vasos de porcellana sobre *etagères* de jácarandá polido. Nas parêdes pendiam, em moldúras largas e doiradas, diplomas scientificos, muito cheios de sêllos em discos de lácre rúbro, e photographias de mulhêres núas com enôrmes ventres, ou em estado normal, com a legenda em lêtras gôrdas: *Antes do tratamento — Depois do tratamento — e um Aviso* de que a metade dos honorários seria pága adeantada, terminando com o sacramental — *gratis aos póbres*.

Na sala immediata, havia um murmúrio de vózes: uma, dolente, arrasada, quasi impercêptivel, respondendo a outra, muito áspera, e a esfôrçar-se por ser carinhosa. Por vêzes, um gemido interrompia o diálogo, e a vóz áspera murmurava palavras de satisfação e de segurança, que chegavam aos ouvidos attonitos da marquezia, como um écho de terrôr.

— Tenha paciencia, excellentissima — tornou o muláto, sempre sorridente, e em tom de confidencia maliciosa — A baroneza é uma cliente muito cheia de luxos e muito dengosa; mas, já está há bôa meia hora. Está na injécção.

E saíu, curvando-se em mesúras, lançando á marquezia um olhar illuminado de ironia respeitosa, olhar que a humilhou, como se revelásse todo o ridiculo da sua situação, do seu erro: a ignomínia, ao penetrar naquelle ambiente saturado de emanações estranhas, secretando um odôr de segrêdos, de crimes, phyltros magicos e capitosos a recórdarem a passagem de personagens de dramas intimos, de desgraças secrêtas, envôlto numa neblina de confidencia e de mystério; a vergonha de se nivelar ás elegantes damas mundanas como Dolôres, ou como a baroneza de Freixo, levianas ou perversas, cujos nomes andavam arrastados pela infécta lama da protérvia, servindo de pasto aos cães vorázes da maledicencia.

Tomou-lhe, então, o animo vacillante um doloroso arrependimento de haver succumbido á tentação, ella, a mulher fórte e sensáta, que se deixára desvairar por soffrimentos vulgáres, que não confiára na sciencia de seu medico e nas garantias do dr. Sumer, um amigo dedicado, para se deixar sedúzir pelo maravilhoso das historias inverósíneis, de cúras milagrosas, ver-

dadeiras bruxarias, nem sempre empregadas com fins legitimos.

(Continúa)

### Projecto da Reforma Monetaria no Brazil

Entre 1 de janeiro de 1890, quando o cambio brasileiro começou a descer abaixo do seu antigo par, 27 d., e 31 de dezembro de 1898, fôram emittidos, deducção feita das retiradas, 595.465 contos de notas, sendo 361.863 pelo Estado e 233.602 pelos bancos.

Se, durante o periodo de 1890 a 1898 o cambio brasileiro permanecêsse a 27 d., poder-se-ia affirmar, em rigôr, que, acceitando esses 595.465 contos de novas notas, o publico dara ao Estado e aos bancos a equivalencia de 66.989.812 libras esterlinas; mas, não aconteceu assim: basta reproduzir, conjuntamente com as emissões annuaes liquidadas daquelle periodo, o mais elevado, o mais baixo, e o curso médio do cambio de cada um desses annos, para demonstrar que a observação não tem fundamento.

EMISSÕES LIQUIDADAS de notas do Estado e dos bancos, de 1º de janeiro de 1890 a 31 de dezembro de 1898.

Em contos de réis

Annos	Situação no principio do anno	Emissão do anno	Retiradas	Situação em 31 de dezembro do anno	Taxa do cambio		
					alta	baixa	média
1890	184.500	113.300		297.800	26.25	20.50	22.83
1891	297.800	215.927		513.727	20.87	10.87	16.48
1892	513.727	47.273		561.000	15.25	10.43	11.91
1893	561.000	73.700		634.700	13.50	10.12	11.42
1894	634.700	77.300		712.000	12.12	9.12	10.18
1895	712.000		33.934	678.066	11.37	9.12	9.95
1896	678.066	34.289		712.355	10.62	7.93	9.07
1897	712.355	8.607		720.962	9.62	6.87	7.73
1898	720.962	59.003		779.965	8.93	5.62	7.27

Depois de 31 de dezembro de 1898, não houve novas emissões, e a circulação das notas do Estado e dos bancos, confundidas sob a responsabilidade do governo a partir de 1890, diminuiu progressivamente, na execução do *funding* de 1898, até attingir o alga-

rismo de 674.400 contos em 31 de março de 1904. Parallélamente a essa diminuição, o cambio médio annual se elevou a 7.49 em 1899; a 9.58 em 1900; a 11.94 em 1901; a 12.01 em 1902; a 12.09 em 1903 e a 12.13 no primeiro semestre de 1904.

Assim, os 595.465 contos, emittidos entre 1 de janeiro de 1890 e 31 de dezembro de 1898, representaram, no momento de sua entrada em circulação, um valôr em ouro variando na proporção de 20.25 a 5.62, taxa do cambio mais alto e mais baixo, durante o periodo alludido. Admittindo que essas notas fôssem emittidas sobre a base da taxa média de cada anno, o valôr em ouro da emissão teria sido:

VALÔR DAS EMISSÕES pela taxa média do cambio annual

Annos	Valôr ao cambio médio do anno	
	Contos papel	Contos ouro
1890	113.300	95.801
1891	215.927	131.795
1892	47.273	20.852
1893	73.700	31.172
1894	97.300	29.145
1895-96	355	125
1897	8.607	2.464
1898	59.003	15.887
Totales	595.465	327.241

Entretanto, é sabido que foi, sobretudo, o annuncio dessas emissões, a causa da baixa do cambio, e é, por isso, certo que o valôr em ouro das notas, na occasião da emissão, devêra ser notavelmente inferior á taxa média annual: todos sabem, além disso, que o governo brasileiro, durante o periodo de 1890 a 1898, comprou seus saques sobre o estrangeiro, muito mais caro que a taxa média annual do cambio, facto que confirma a precisão da observação.

Como quer que seja, tomando por base a taxa média do cambio actual, mais favoravel á critica, tem-se, para as notas emittidas de 1890 a 1898, um valor de emissão relativo a 327.541 contos ouro. Adicionando a este valor os 184.500 contos, existentes antes de 1 de janeiro de 1890, cuja emissão devêra regular cerca do par 27 d., chega-se a uma equivalencia total de 511.741 contos de ouro, dados pelo publico brasileiro em trôca de 595.465 + 184.500 = 779.965 contos de notas.

Se o cambio brasileiro estivesse de-

finitivamente firmado a 12 d. ouro, os 779.965 contos em questão, representariam:

$$\frac{779.965 + 12}{27} = 346.651 \text{ contos ouro}$$

e a perda consagrada sobre o valôr das referidas notas, no momento da sua emissão:

$$511.741 - 346.651 = 165.090 \text{ contos ouro.}$$

Eis a perda theorica que a estabilisação do mil réis brasileiro consagraria, não em detrimento dos actuaes portadores das notas em circulação, mas em prejuizo daquelles que as recebendo, no momento da emissão, ou antes de 1890, as conservassem até a occasião da refôrma.

Não se dêve, porém, perder de vista que o cambio brasileiro foi cotado a 5 d. 5/8 e que a essa taxa o valôr em ouro dos 779.965 contos de notas caíra:

$$\frac{779.965 \times 5.62}{27} = 162.348 \text{ contos ouro.}$$

Por conseguinte, se se pudesse tomar como argumento da estabilisação do cambio a 12 d., o facto de consagrar essa taxa uma perda de 164.893 contos ouro em detrimento dos portadores originários, poder-se-ia invocar, em favôr dessa mesma taxa, o facto de consagrar ella um lucro de. . . . 346.651 — 162.348 = 184.303 contos ouro, em favôr dos portadores de 1898.

As duas théses seriam, em summa, ambas falsas pela excellente razão de não ser possível organizar a lista dos portadores originaes e dos de abril de 1898.

Os subscriptores dos antigos empréstimos interiores, em mil réis, poderiam tambem, se conservassem os seus titulos originarios, queixar-se da taxa de estabilisação a 12 d. ouro, sustentando que esta importaria uma redução, na proporção de 27 a 12 do poder Liberativo de suas rendas do exterior, as quaes, sendo cobradas em mil réis, o argumento seria, exactamente, da mesma natureza que o dos portadores das notas papel-moéda, e a resposta seria a mesma.

Quanto aos portadores de titulos dos empréstimos em ouro, nacionaes ou estrangeiros, não poderiam formular reclamação alguma contra a taxa de 12 d., porque continuariam a ser pagos em ouro sobre as mesmas bases actuaes.

\* \*

Em resumo: a refôrma monetária brasileira sobre a taxa de 12 d., por mil réis ouro, consignaria aos 674.400 contos de notas em circulação, no Brazil, na data de 31 de março de 1904, um valôr effectivo de 299.733 contos do antigo estylo, ou 33.719.962 libras esterlinas, e cada dinheiro acima de 12,

augmentaria esse valôr a 24.977 ou 2.809.912 libras esterlinas.

Póde-se, portanto, organizar o quadro seguinte, que dá o valôr dessa circulação confôrme as diferentes taxas:

VALÔR NOMINAL: 674.400 contos — papel

Libras esterlinas	Contos ouro antigo systema	Estabilisação
33.719.962	299.733	12
36.529.874	324.710	13
39.339.786	349.687	14
42.149.698	374.664	15
44.959.610	399.641	16
47.769.522	424.618	17
50.579.434	449.595	18
61.819.082	549.503	22
70.248.818	624.434	25
75.870.000	674.400	27

Considerando, sómente, o lado monetário da questão e sem computar os grandes interesses da producção brasileira, parece que seria vantajoso para o Brazil fixar o valôr do seu novo padrão monetário a uma taxa mais elevada que a de 12 d., por mil réis, pois a União, para o serviço da sua divida exterior, e os importadores de mercadorias estrangeiras para as suas compras, teriam menos de mil réis a pagar; mas, nesse raciocinio, se olvidaria que o antigo mil réis, papel-moéda, considerado pela lei um mil réis ouro em nova paridade theorica, não seria, realmente, trocavel pelo seu par metallico, qualquer que seja a taxa da paridade escolhida, senão quando houvesse bastante ouro no paiz para lhe assegurar a conversão sobre base fixa.

O Brazil não tendo, actualmente, ouro em circulação publica, seria preciso importá-lo em empréstimos especiaes combinados com a criação de um novo banco de emissão (sobre o qual diremos mais adeante) ou — o que seria mais longo, por via dos saldos da balança commercial.

Num como noutro caso, a quantidade de ouro a impórtar para o pagamento das notas em espécie, deverá ser proporcional ao valôr legalmente consignado ao novo mil réis.

A taxa de 12 d., cada novo mil réis ouro pesaria 0 gr. 3661 de ouro fino; á taxa de 18 d., por exemplo, o mesmo mil réis pesaria 0 gr. 5491. Para cunhar um conto ouro, seria necessário comprar no estrangeiro, sob qualquer fórma, 366 gr. 10 ouro com a taxa de 12 d., e 549 gr. 10 com a taxa de 18 d., ou, por conto, um augmento de pêso de 183 grammas de metal fino. Por conseguinte, suppondo que sobre os 674.400 contos de papel-moéda em circulação, agóra, no território brasileiro,

81.200 sejam convertidas em moéda divisionária, os 593.200 contos restantes para serem convertidos em ouro, representariam:

*Pêso de ouro fino*

$$\begin{aligned} \text{A } 18 \text{ d.: } & 593.200 \times 594,10 = 325.726 \text{ kilogs.} \\ \text{B } 12 \text{ d.: } & 593.200 \times 366,10 = 217.170 \text{ "} \end{aligned}$$

$$\text{Diferença..... } 108.556$$

*Valôr em libras esterlinas*

$$\begin{aligned} \text{A } 18 \text{ d.: } & 325.726 \times 136,56 = 44.184.142 \text{ £} \\ \text{B } 12 \text{ d.: } & 217.170 \times 136,56 = 29.656.735 \end{aligned}$$

$$\text{Diferença..... } 14.824.407$$

ou = 374 milhões de francos !

A elevação da taxa de estabilisação a 18 d., ouro, seria, evidentemente, muito vantajosa aos portadores actuaes dos 593.200 contos a converter, porque receberiam, por cada conto, 549 gr. de ouro fino, contra 366 gr. com a taxa de 12 d.; mas, a operação seria má para o Thezouro Federal que teria de supportar o onus de 108.556 kilos de ouro, ou 14.824.407 £ para pagar os júros e assegurar a amórtisação.

Não haveria, portanto, vantagem real para o paiz, e restariam todos os inconvenientes assignalados em relação á producção nacional.

\* \*

Nenhum cálculo permite, todavia, estabelecer qual a taxa de estabilisação que exprimissem, mais aproximadamente, a verdadeira situação economica e financeira do Brazil e da balança dos seus pagamentos no exterior, porque os elementos de semelhante problema são, ao mesmo tempo, incertos e essencialmente variaveis de um anno a outro. Sómente a experiencia pratica pôde indicar a solução, e ella milita em favor da taxa 12 d., que pôde ser, facilmente, mantida, no Brazil, durante quatro annos consecutivos. Escolhendo uma taxa mais elevada, lançarmo-nos-íamos no desconhecido e a refôrma monetaria se arriscaria a ruir ao primeiro symphthoma da crise commercial, como aconteceu, na Italia, em 1881.

Os maravilhosos resultados da restauração do crédito e das finanças, obtido depois do fim de 1898, seriam, então, compromettidos irremediavelmente, e o desenvolvimento economic se acharia, de novo, entorpecido por muitos annos.

Não se dêve olvidar que o problema a resolver não é dar ao Brazil uma nova unidade monetaria de base ouro. Seu principal objecto é, sobretudo, assegurar a convertibilidade em ouro do stock monetário existente, assegurar uma paridade estavel á nova moéda, garantir assim o paiz contra as terribes fluctuações do cambio exterior do periodo de 1890 — 1898, as quaes aruinaram as finanças da Republica afastaram de seu território, os capitales privados estrangeiros, sem os quaes

Brazil não poderá jámais valorisar suas immensas riquezas naturaes.

Ora, quanto mais a nova paridade fôr superior a 12 d, tanto mais importantes deverão ser os esforços e os sacrificios para manter a estabilidade do cambio exterior e tanto mais aleatório será o succésso final da refôrma monetaria.

(Continúa)

EDMOND THÉRY

### A' BRIZA

Geme de léve, ó briza sussúrrante,  
Ao beijar este mármore alvadío !  
Que nesta cóva o teu suspiro cante,  
No mais suave e débil murmurio...

Para esta dôr sombría e flagellante  
Em que meu triste peito hoje atrophío,  
Que me descóra o pálido semblante,  
Fôra um escárneo teu gazil cicío !

Passa de léve, ó sussúrrante briza  
Neste sepulcro múdo que se enflóra  
De lírios, que de gôivos se tapiza...

E beija-o com respeito ! Desta terra  
O pequeno pedaço, a doce auróra  
Da minha vida amargurada encérria !

DARIO CESARIO

### PRESENTE DE CABEÇAS

Toda a vêz que rebenta uma revolução em Marrocos, os vassallos fiéis, para serem agradaveis ao Sultão, o presenteiam com cabeças de insurgentes e recebem por ellas um premio.

Não é raro encontrarem-se, actualmente, nas planices de Fez, combóios de homens carregados de sáccos duplos cheios de cabeças, colhidas ao acaso, ao capricho do zêlo cruél, despertado pela munificencia do soberano.

No reinado do precedente Sultão, durante a guerra com a tribu dos Zemnours, uma companhia de soldados chegou, na tarde de uma batalha, a casa de um inoffensivo mestre-escola, que nunca tivêra a idéa de se revoltar; mas, faltava uma cabeça para a grinalda, que o chefe do bando contava offerecer a sua magestade para ser promovido, e a do pobre diabo lhe pareceu muito apta para completar a collecção. O homem gritou, supplicou, protestou sua dedicação á pessôa real e sagrada do imperador de Marrócos; o córte do sábre suffocou-lhe, para sempre, a vóz angustiada.

Os musulmanos de Marrócos são os mais musulmanos de todos os musulmanos. Para elles, a vida de um homem nada vále, graças ao seguinte raciocinio: se o decapitado é culpado, mereceu o supplicio; se é innocente, tem certeza de ir direitinho para o paraíso. Não ha, portanto, motivo de queixa.

O Sultão júlga ter necessidade de

certo numero de cabeças para impressionar os rebéldes, que desconhecem a sua auctoridade. E esses horriveis despójos humanos, defórmados em contracções macábras, são espétados em pôstes deante das tendas dos chefes, suspêndidos ao peitoral dos cavallos, nôs pescôços dos camêllos. Todas as tardes, essas cabeças são rôladas no sal, afim de se conservarem mais frêscas; mas, de tempo em tempo, é indispensavel fazer nova provisão sinistra, e se enviam cavalleiros ao campo, onde as decépan sem escôlha, porque Allah saberá reconhecer os seus.

Durante a tyrannia de d. Manoel Rosas, em Buenos Ayres, as cabeças cortadas, durante a noite, aos *sélvagens unitarios*, amanheciam expostas nos açougues, ornadas de côentro e salsa.

Esses factos demonstram que, em toda a parte, as paixões e o servilismo barbarisam os homens.

### Vantagens do regimen celllar (\*)

Embóra não sêja das mais velhas, a questão do regimen penitenciário, da prisão ou detenção em célula, é daquellas já bastante discutidas e que dispensariam, portanto, as luzes que por ventura, lhe pretendêssemos trazer.

Sêja-nos, comtudo, permittido, em traços fugáces, assignalar aqui as suas vantagens sobre o systema da prisão em commum, uma vêz que ao assumpto já alludimos, e tereinos ainda occasião de lhe fazer referencias.

Occórre-nos, neste momento, uma phrase que lemos algúres, proferida por um jovem detido da *Petite-Roquette*, phrase que dá bem a medida de quanto as proprias creanças reconhecem os efeitos benéficos da célula.

O padre Millerio, célebre prégador, vinha de proferir na capélla da casa, um dos seus sermões costumeiros, terminado o qual, um dos menores detidos affirmava, convencido: «Le père prêche bien, la cellule prêche mieux encore».

Dáta do século XVII, a idéa refôrmadôra do systema das prisões, que tomou algum incremento no século XVIII, e ainda maior no que lhe succedeu. Até então, dominava em toda a parte a promiscuidade dos séxos, das edades, dos crimes mesmo, cujas naturezas divêrsas se confundiam, fórmando, por assim dizer, os orgãos e os membros múltiplos dum grande corpo gangrenado, entre si espalhando profusamente os gérmenes hediondos da sua podridão moral.

Um desgraçado qualquer, num violento impúlso momentâneo, commettia um crime; mas, apurando bem, os seus sentimentos não haviam ainda attingido o gráu médio, siquer, da

pervêrsão; ainda lhe restava alguma cousa de bom ou, pelo menos, de soffrivel; ainda o seu coração seria capaz de pulsar por uma idéa generosa e nobre.

A justiça, porém, d'elle se apoderando, atirava-o á sordidez duma lôbrega cadêa, onde o pobre homem, abatidos o espirito e o côrpo, embóra sustentásse uma lucta ténaz com aquelle meio fatal, a elle, por fim, se tinha de curvar e adaptar, recebendo, pouco a pouco, a influencia corrósiva das mais execrandas suggéstões.

«La peine--diz Delpech--est un agent suprême de démoralisation... Les mal-faiteurs de toute sorte, de toute âge, de toute condition, s'y trouvent réunis; ils s'enseignent mutuellement á devenir plus mauvais. Dans ces abîmes du mal, où une surveillance efficace est impossible, l'estime de soi-même, ce premier et le meilleur des freins, se perd complètement. Que de complots s'ourdissent lá pour être exécutés á la sortie; que d'enseignements pervers et mutuels, que d'instructions données par les demeurants á ceux qui sortent pour commettre tout les crimes. Lá se préparent et se concertent les récidives á réaliser». (1)

Tôrnou-se geral, dentre em pouco, a convicção de que a prisão em commum apenas servia para afastar da sociedade, o indivíduo que a ameaçasse em suas garantias e em sua tranquillidade, preenchendo, desse modo, a primeira utilidade do direito penal modérno; a segunda, porém, ficava em eterna irrealisação, porque era impossivel melhorar o carácter do sentenciado, que encontrava apenas na prisão elementos maléficos, em vêz de se ver cercado das condições em meio das quaes poderia, talvez, voltar á sociedade, modificado e são.

Um dos primeiros estabelecimentos penitenciários foi o que, em 1677, o abbade Filippo Franci fundou em Florença. Na Belgica, (em Gand) tambem em 1794, foi inaugurada uma prisão celllar. Esses fôram os dois mais antigos ensaios levados a effeito.

Em 1821, ensaiava-se, egualmente, o systema, em Auburn, adoptando-se a prisão em solitária de dia e á noite, o isólamento absoluto, sem trabalhos nem passeios, a que os americanos denominavam *solitary confinement*. O regimen era por demais rigoroso, e por isso não provou bem, cedendo logar a outro mais humanitário, no qual se procurava tornar a vida do sentenciado menos dolorosa, mantendo-o em prisão solitária, á noite, e deixando-o trabalhar em commum durante o dia, como foi instituido em New-York e Sing-Sing.

A Pensylvania, adóptando o principio da prisão celllar, modificou, todavia, o primitivo processo de Auburn, e em Cherrg-hill, Pittsburg, estabeleceu a prisão celllar, de dia e á noite,

com trabalho e visitas do administrador e outros auxiliares do estabelecimento.

Tráva-se logo depois, em todo o mundo civilisado, uma renhidissima discussão ácerca das vantagens e desvantagens da refórma, na qual se empenha um grande numero de especialistas.

Fazem-se pesquisas, organisam-se estatísticas, enfileiram-se argumentos, reúnem-se opiniões contrarias, afim de impedir que a obra sêja levada a cabo. Citam-se casos de suicídios e graves enfermidades, causados uns e outros pela célula, e publicam-se mesmo monógraphias e brochúras, com o fim de desacreditar o novo systema e provar que elle condúz o condemnado, grande numero de vêzes, á perturbação mental, aquillo que deprêssa se convencionalmente denominar «a loucura penitenciária».

Outros escriptores succedem, em maior numero, aos primeiros, onde os seus auctores opinam pela excellencia do regimen penitenciário, contra os que a refítam e o condemnam.

Dá-se uma larga parte nesta discussão aos casos de loucura, verificados nas penitenciárias que são attribuidas causas ora extérnas ora inherentes ao regimen, como sêjam: além da propria encarnação, alimentação e outros. (2)

O dr. Pietra Santa, depois dum estudo a que procedêra na prisão de Mazas, onde havia 1.100 condemnados, concluía que «a primeira applicação do systema célula feita em França, nas condições mais favoráveis de installação, organização, vigilância administrativa, fornêceu resultados deplôráveis, no ponto de vista do numero das alienações mentaes, do numero dos suicídios.»

Por toda a parte, estudou-se o assumpto profundamente, esmiúçaram-se-lhe as circumstancias pró e contra, e chegou-se á absoluta conclusão de que, introduzidos alguns melhóramentos, o regimen preencherá uma importantissima lacuna, e a célula virá, quanto antes, fazer com que se obtivesse aquillo que a prisão commum já mais déra ou dará algum dia esperanças de ser conseguido.

De tal modo o novo systema acreditou-se que, em 1878, Thonissen proclamava a sua superioridade com esta phrase laconica, mas que só ella substancia todo um vasto tratado: «Eu desêjo a applicação univêrsal da prisão célula.»

Um testemunho eloquente e de grande valôr é o de R. Vaux, que assim se exprime:

«Durante trinta e cinco annos, tenho feito um exame, um estudo constante do systema de tratamento individual ou separado; tenho feito pes-

quizas sobre os resultados praticos deste systema, e pôsso affirmar que nenhuma das objecções que se lhe fazem é confirmada pela experiencia de todos aquelles annos, de um só que seja.»

Por seu túrno, o juiz Föhring, de Hamburgo, no intuito de documentar as suas assérções, justificando a sua attitúde de franco apologista do systema penitenciário, cita, entre outros, um facto bem significativo. Trata-se duma mulher, durante vinte annos detida em células, em Vechta (Grão Ducado de Oldemburg) onde seu comportamento era irreprehensivel. Todos os annos, de accôrdo com o que o código Penal manda fazer quando expire o terceiro anno de prisão célula, perguntava-se-lhe se desejava mudar de regimen, passando a vida em commum com as demais detentas, e ella respondia negativamente, manifestando a sua preferencia pela célula, onde se dizia satisfeita.

Walter Crofton, irlandez, foi quem conseguiu, afinal, tornar de todo recommendavel o regimen célula, depois das excellentes modificações que lhe introduziu, amenisando a situação de isólamento do sentenciado.

O systema de Crofton, — assim se ficou chamando — ou *systema progressivo*, por cuja designação é tambem conhecido, consiste, como esta segunda denominação dá mesmo a entender, em um processo *progressivo* de prisão, a que o sentenciado é sujeito, fazendo-no passar, succéssiva e lentamente, por diferentes espécies de encarcêramento, desde a menos confortável e mais propicia a tornal-o acabrunhado e meditativo, até aquella em que já se acha perto da verdadeira liberdade.

Essa progressão é constituída por trez periodos distinctos, ao primeiro dos quaes o condemnado fica sujeito durante nove mezes, no maximo. (3) O ultimo periodo, a que o sentenciado faz jús pelo seu comportamento, seu aproveitamento no trabalho, etc., é o de liberdade relativa. Crofton mantém, além disso, em Lepoglava um asylo onde são recolhidos aquelles a quem é concedida liberdade, antes de se retirarem definitivamente.

O systema de Crofton, hoje bastante conhecido e conceituado, espalhou-se, em brêve, da Irlanda a outros paizes que, com uma ou outra modificação, o adóptam presentemente.

Desse ou de qualquer systema diverso, o certo é que os criminalistas modernos mais illustres e os congressos penitenciarios mais importantes, têm proclamado a superioridade do regimen célula; e em toda a parte do mundo civilisado, os governos a têm reconhecido, francamente.

A França, a Allemanha, a America do Norte, a Suissa, a Inglaterra, Saxe,

a Austria e a Hungria, a Hollanda, a Suécia, a Noruéga, a Dinamarca, o Japão, a Hespanha e outros paizes possuem hoje innúmeras prisões cellulares, embóra as suas organizações não sêjam unifórmes.

Vários são tambem os paizes dentre aquelles, que têm fundado prisões cellulares especiaes para menores, ou departamentos em prisões de adultos.

Forçoso é mesmo reconhecer e é opportuno confessar que, se a célula poderá ser benéfica para o adulto, sêlo-á mais ainda para o menor. Se ella evita a pervêrsão dum sem numero de sentenciados, a quem a idade dá maior conhecimento das cousas e dos factos que os rodeiam, que dizer em relação aos menores, cujo espirito se está ainda fórmando, cuja idade os torna em condições perfectas de receber e apprehender rapidamente toda a sôrte de impressões e de influencias más ou boas?

O Brazil, cujo atrázo nessas cousas é simplesmente assombroso, não possúe ainda uma verdadeira penitenciária. Ha no nosso paiz uns arremêdos de prisão célula, isso mesmo em dois ou trez estados, porque na Capital propriamente, não existe uma só. As casas de Detenção e de Correccão têm como regimen o que pôde haver de mais censuravel e obsoleto. Dellas fallaremos depois, com mais alguns detalhes que deixamos de inserir aqui.

No entanto, que resultados magnificos dêveria dar entre nós a fundação de duas ou trez penitenciárias, do systema de Crofton!

Mas, não é só nas prisões para os condemnados que a célula se torna util. Especialmente para os menores, ella dêve existir em todos os logares onde sêja preciso conservál-os em detenção, para que não tenham de permanecer em qualquer desses focos de infécção moral e physica, que são os xadrêzes onde são reunidos ás dúzias.

Detido por qualquer motivo, elle dêve ser pôsto em célula, até ter o destino que melhor convenha.

Mas, onde essas células, podendo satisfazer a táes exigencias?

E' o que convém adquirir.

No capítulo subordinado ao titulo *Prédios para a Policia*, do seu relatório apresentado em 1904 ao sr. ministro da Justiça, o sr. chefe de policia, expondo os excéssivos gastos effectuados pelo Estado, para pagamento do aluguel dos prédios que a policia occupa e onde funcionam as suas delegacias, propõe que o governo faça várias aquisições, por meio das quaes lhe sêja permittido proceder a melhores installações, cuja propriedade usufruirá desde então.

Para chegar a tão auspiciosos resultados, seria necessária a somma de mil contos, dos quaes quatrocentos



destinar-se-iam á aquisição dos prédios ns. 88 e 90 da rua do Lavradio, dos que lhe ficam visinhos e dos que, situados na rua dos Invalidos, dão fundos para aquelles, bem como aos reparos e ás obras a effectuar, afim de adaptá-los definitivamente.

Os seiscentos contos restantes seriam destinados á construcção de 20 prédios «de typo uniforme, como propõe o sr. dr. Cardoso de Castro, que servissem de séde ás delegacias urbanas, feito o cálculo á razão de 30:000\$000 para cada prédio».

Com táes aquisições, ficaria o governo, no fim de seis annos e sem augmento de despeza, desonerado do encargo que lhe proporciona, annualmente, o pagamento de alugueis daquelles prédios.

Desse modo, seria possível em cada delegacia existir, pelo menos, meia duzia de células, para encarceramento provisório de jovens delinquentes e vagabundos. Com uma ou duas dezenas, approximadamente, que se construíssem na repartição central da policia, desapareceriam essas scenas, tristemente impressionadoras, de menores recolhidos, na mais inconsequente e absurda promiscuidade, em xadrezes infectos e esconsos, verdadeiros sepúlchros para essas almas quasi vasias de illusões, verdadeiras sepulturas, onde os ultimos resquícios da moral humana descem soturnamente os sete palmos, para o anni-quillamento fatal de todo o sempre.

Ousariamos, mesmo, proclamar, se na hora actual fôsse ainda preciso fazê-lo, que a célula é o primeiro remédio efficaz contra o desrégramento infantil, é a medicação de effectos mais enérgicos e mais prompts, capaz de preparar sufficientemente o organismo da creança, para receber os seus mais poderosos reconstituintes: — a escola de refôrma e a escola de preservação.

FRANCO VAZ

(\*) Trêcho de um estudo sobre *A Infancia Abandonada*, em elaboração, por incumbencia do sr. ministro da Justiça.

(1) — *De l'influence du régime pénitentiaire français sur les récidivistes*. Revue pénitentiaire, 1878.

(2) — Vide, por exemplo, estes dois trabalhos: *Recherches sur la folie pénitentiaire*, de Sauze, que, como medico da prisão cellullar de Marseille e de alguns asylos de alienados, acreditava não ser a célula causadora de taes loucuras, apresentando observações de dois annos; *Etudes sur l'emprisonnement cellulaire et la Folie Penitentiaire* (1858) pelo dr. Prosper de Pietra Santa, medico adjunto da prisão cellullar de Mazas, cuja opinião é contraria áquella.

(3) — Em Lepoglava, onde Crofton introduziu o seu systema, esse primeiro periodo dura, quando muito, oito semanas.

## VELHOS MARAVILHOSOS

Os homens de pensamento sempre se distinguiram pela idade. Solon, Sophocles, Pindaro, Anacreonte e Xenofonte fôram octogénarios. Kant, Buffon, Goethe, Fontenelle, Newton e Harvey, o descobridor da circulação do sangue, morreram depois de oitenta annos.

Muitos dos maravilhosos velhos, que honram a humanidade, produziram excellentes obras, depois dos oitenta annos. Lander escreveu as suas *Conversações Imaginarias*, com oitenta e cinco janeiros; Izaac Walter manejava a brilhante penna, aos noventa; Hahnemann casou-se aos oitenta, e trabalhava, ainda, aos noventa e um; Miguel Angelo pintava um enórme quadro aos oitenta e cinco; Ticiano, aos noventa, trabalhava com o vigôr de um jovem; Fontenelle era tão lúcido aos noventa e oito quanto aos quarenta; Newton, aos oitenta e trez, trabalhava intensamente como na meia idade; Cornaro, aos noventa e cinco, gozava de plena saúde, e tinha a vivacidade feliz de um rapaz; o doutor du Boisy clinicava, no Hanover em 1897, fazendo visitas diarias, aos cento e trez. William Reynold Salomon, morreu no dia 11 de março de 1897, na idade de cento e seis annos. Ao tempo do seu fallecimento, era o homem mais velho, de idade indisputavel e authentica, o mais velho medico, o mais velho membro do Royal College of Surgeons e o mais velho maçon do mundo.

Legouvé, fallecido, ha pouco, aos noventa e seis annos, era o mais velho homem de letras da Europa. Seu successor, no pôsto de decano da litteratura, foi o dr. Samuel Smiles, com a idade de noventa, vindo na série da velhice o dr. Nicolao Beets, theólogo e romancista allemão, com oitenta e oito, e sir Theodoro Martin, com oitenta e seis. A idade de oitenta e cinco foi attingida por sir Joseph Hooker; e G. J. Holyoake, o dr. Theodoro Momsem, Vapereau, Dean Hole, o professor Montagu Burrows chegaram aos oitenta e trez; Herbert Spencer excedeu dessa idade; sir W. H. Russel passou dos oitenta e oito; aos oitenta, attingiram os professores David Masson e Alfredo Wallace Russel; a setenta e oito o professor Turnivall; aos setenta e seis, Rolf Boldrewood; Jules Verne, George Meredith, John Hollingshead passaram os setenta e sete; o conde de Tolstoï, dr. Ibsen e James Gairdner já fizéram setenta e quatro.

A immensa fadiga do trabalho cerebral, á qual se attribue o enfraquecimento das gerações modernas, não fazia móssa no organismo desses velhos maravilhosos, cujo vigôr parecia augmentar na razão da somma de obras, realisadas com admiravel integridade mental. O cérebro possue

inexgotaveis meios de resistencias para as suas funcções superiores, quando não as perturbam affecções de outros orgãos.

Quasi todos esses patriarchas das letras, das sciencias e das artes conseguiram os brilhantes resultados de suas obras, methodisando a sua maneira de trabalhar, disciplinando os seus habitos, evitando as longas vigílias, e, sobretudo, o abuso do alcool, o mais feróz inimigo da actividade humana.

## A LIVRARIA

SELÉCTA CLASSICA — JOÃO RIBEIRO  
FRANCISCO ALVES — EDITOR.

João Ribeiro, poeta, historiador, musico, pintor e philologo, por excellencia, como, por excellencia, é poeta, compôz uma *selécta* de um material todo classico e ante classico. E', de facto, um livro unico, completo, de um grande mérito. E' destinado ao curso superior de portuguez, como complemento da grammatica que elle, com a sua fórte auctoridade, escreveu. Por isso mesmo que é completa, a *Selécta* é excessiva. Um tal trabalho, de tal modo erudito e bem feito, que reuniu tanto esforço, tanta abnegação, é bom de mais para o estudo da lingua portugueza no Brazil. O esforço é inutil, — direi melhor — não aproveitará, indo ao que se destina. Si os mesmos escriptores, entre nós, todos mais ou menos bonitos e *chics*, não se dão a essa canceira de escrever, e aprender, com limpêza, com fácil hygiene, isso que lhes dêve ser tão elementar quanto ao pintor o desenho, como é que os nossos inéffaveis mancêbos, suspirantes de mimos e caricias da mamãe, se hão de metter a balbuciar o idioma, segundo a lição, tão perfeita, desse esforço? Mas, João Ribeiro está pensando que, realmente, si esse desleixo fôr o padrão dos trabalhadores, nada aqui se fará de sério. E' muito certo. Por isso, eu creio que o seu fim só foi fazer uma obra digna do seu nome, da sua fama, da sua capacidade. Acima das considerações que púz, está o seu estímulo de mestre consumado da lingua, o seu dever de espirito gráve, sem as preocupações pequenas dos nossos escriptores didacticos, que, em primeiro logar, cuidam da renda...

A *Selécta* é dividida em *período anteclassico*, *período classico*, *os quincentistas*, *os seiscentistas*, e no dos escriptores do século XVIII — Nesse apanhado, João Ribeiro compendiou, com critério, com intelligencia, o que essa veneranda litteratura tem de mais suggestivo e de mais conveniente a uma *Selécta*. Fazer uma colléctânea á altura da que elle emprehendeu, é, de certo,

considerável, sobretudo sendo a melhor que já appareceu no Brazil. Mas, acompanhar os trêchos colligidos, das informações que João Ribeiro dá, é um trabalho excépcional. Quer de prósa, quer de poesia, cada porção do modelo classico é esclarecida de notas cujo interêsse está na medida do saber do auctor. Só esse mérito da *Selecta* é decisivo, porque qualquer das notas é uma solução.

WALFRIDO.

## OS BANHOS DE MAR

— Não me péza na consciencia—dizia um médico, muito notavel—ter recebido aos meus clientes banhos de mar.

E, como lhe exprimisse a minha admiração, elle continuou :

— Ha tempo, foi suggerida a idéa de irrigar a cidade com agua salgada; mas os especialistas opinaram ser preferivel permanecer ella envolta em nuvens de pó sujo e asphixiante, portadores de germens nócivos, a ser, diariamente, lavada e refrescada com agua da bahia de Guanabára. Eviéram, em porções eruditas, argumentos, saturados de chimica e hygiene, demonstrando os precipitados deletérios, resultantes da evaporação da agua salgada em depósito na superficie do calçamento das rúas, allegando-se, finalmente, que essa irrigação equivaleria a transportar para os centros populosos, toda a porcaria despêjada no pôrto, resíduos de toda a ordem, entre os quaes se salientavam os dejectos pestilentos da *City Improvements*. Entretanto, meu caro senhor, essa agua que não presta para a irrigação da cidade, é aconselhada para banhos hygienicos, abluções medicinaes! E' um verdadeiro contrasenso, um absurdo inqualificavel, que sómente encontra explicação na insânia humana, propensa a disparates. Todas as manhãs, os trens suburbanos condúzem á Central, madrugadores, na maior parte senhoras depaupéradas, anemicas, victimas dos funéstos efeitos da falta de hygiene domiciliar, as quaes concórem aos banhos do Boqueirão, das praias do Flamengo e S. Luzia, e algumas experimentam melhóras, attribuidas aos banhos, quando ellas são resultado immediato do exercício matinal, da interrupção dos habitos sédentarios das nossas familias, cuja geral diversão, senão unica, são os passeios para exhibições de *toilettes* na rua do Ouvidor, ás horas de calôr e poeira.

E concluiu as suas impugnações aos banhos de mar, com a seguinte observação :

— Os banhos no Boqueirão e na praia do Flamengo, banho burguez ou aristocráta, poderiam, ainda, ser tolerados; mas, o da praia de Santa Luzia

é um verdadeiro perigo. Imagine que, nessa praia, defluem os esgotos da Santa Casa de Misericórdia, independentes dos colletores da *City Improvement*, e, por isso, lançados na bahia sem as providencias, as cautélas de desinfecção prévia, embóra imperfeita, conduzindo os germens de moléstias infécciosas, os resíduos das lavagens dos assoálhos do tratamento de feridas operatórias, das úlceras, e tudo quanto secréta um hospital de milháres de doentes. Ha de o senhor achar curioso que a Santa Casa, durante tantos annos, tivésse exgotos independentes, mas é a verdade, que se dava tambem em relação a um grande collégio da praia de Botafogo. Não lhe pôsso assegurar que isto aconteça ainda hoje, porque desenganado de obter resultados das minhas invéstigações, nesse assumpto, deixei-as de mão, e não procurei mais informações sobre elle. Os abusos têm grande poder, nesta terra, onde se perpetuam, contra todas as indicações do bom senso, da logica e dos factos.

— Que diz ácerca dos banhos em Copacabana ?

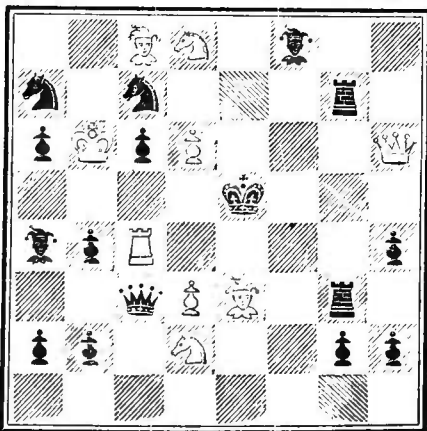
— São excellentes os dessa praia, como os do Leme, os de Ipanema, praias de alto mar, limpas e ventiladas, onde os concúrrentes pódem tonificar os seus pulmões com oxigeneo puro, em primeira mão. Mas, a nossa população, preguiçosa por indole, não se abalança a uma viagem súlutar, preferindo os banhos sujos. E' um verdadeiro serviço á saúde publica, o desaparecimento dos famosos sitios de banho dentro da bahia. O perigo delles é substituido pela avenida maritima, melhóramento de grandes vantagens, contra o qual nada se poderá allegar com fundamento. Se nenhuma outra vantagem produzísse, bastaria, para jústificál-a, essa de acabar com a perigosa pratica dos banhos inféccionados.

E foi essa a essencia de uma conferencia intima, que julgámos de utilidade transmittir aos nossos leitores.

R.

## DIVERSÕES

Problema n. 15 -- PRETAS, 13 PÉÇAS



BRANCAS, 9 péças

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

## A FICÇÃO E A REALIDADE

A realidade excéde, muita vêz, á ficção da phantasia mais arrôjada, na criação de scenas commovedoras.

Nas columnas dos jornaes se encontram, diáriamente, os assumptos mais pathéticos, mais horriéis, mais pittôrescos, que, ao magico e fórte colorido da penna de um escriptor de talento, dariam capitulos vibrantes de sentimento, de psychologia, de impressões contundentes, de esmagar corações.

E' uma pécha de péssima reputação litterária produzir o que o vúlgo denomina *dramalhões*, romances á Xavier de Montepin, á Paul Féval e outros celebrisados em folhetins infinitos dos rodapés dos jornaes. E, tanto os criticos e censores moêram a escóla sensacional, que os escriptores vencidos, si bem que não convencidos, evitaram as scenas de fórtes efeitos, procurando explórar, friamente, os modelos do que chamavam vida real, vivída, observada, para não incorrerem no peccado de máu gôsto, de velharía, incompatíveis com as tendencias da sociedade moderna.

Mas, o realismo não exclue o pathético, o dramatico, o commovente, o brutal, o sélvagem, o desnaturado, que são o tráço, a feição vária das paixões, sempre as mesmas através dos séculos, dos costumes, do progresso e da civilização da humanidade.

Um escriptor, que explorásse o caso da rua Marquez de Abrantes, poderia produzir um admiravel romance sobre o estafado assumpto do adultério, com episódios inverósimeis e, todavia, conscienciosamente estudado por modelos vivos. *O caso das pedras* contém o entrêcho de um romance com peripécias á Gaboriau, e com elementos excepcionaes para o estudo de uma crise de carácter.

O caso dos 805 contos, finalmente, é um drama feito, com scenas nitidamente delineadas, de efeitos torturantes, como aquella da descoberta do dinheiro escondido: a imaginação mais aguçada não inventaria melhor, nem mais pungente episodio, do que esse onde se exhibem as próvas naturaes do crime. Aquelle minuto de angustia, em quanto os agentes da policia pesquisavam em tórno do luxuoso móvel, cuja peanha se transformára em cófre do segrêdo terrivel, o desesperado estado d'alma dos personagens principaes shakspeareanos, de intensidade formidavel.

Que seára fáta encontraría o escriptor nesse caso, agóra caracterisado, francamente, com todos os *symptomás* de curiosissima kléptomania.

Temos, em breve periodo, a nossa vida fluminense a pullular de assumptos commovedores, nos quaes a realidade excéde á ficção, sem pre malsinada pelos criticos.

ASSIGNATURAS  
 ANNO ..... 20\$000  
 SEMESTRE ..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DE MARÇÓ, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

E' velha manha de chronistas preguiçosos, queixarem-se da mingua de assumptos, e, com essa lástima, enchem as tiras de papel que obstruam o espaço de jornal destinado á obrigação periodica de dizer algo, de commentar os factos e coisas, registando-os como elementos de experiencia, ou tirando delles proveitosa lição. Nestes dias ardentes e agitados, não téem, certamente, os nossos parceiros de officio, razão de queixa; pelo contrario, de frontam a difficuldade da escôlha, tão abundante, curioso e vário se lhes offerece o almêjado matérial para o trabalho.

Este nariz de cêra saúu á guiza de satisfação aos nossos leitores pelo facto, destôante com os nossos habitos, de insistirmos, hoje, na matéria da nossa chronica anterior, assumpto transcendente, de grande alcance social, provocado pelo accórdam do Supremo Tribunal, contra os expúrgos, accórdam anonymo, na phrâse felicissima do sr. Medeiros e Albuquerque, e fonte de embaraços, de perturbações do patriotico plano sanitário, pela primeira vêz, executado no Brazil, a valer, com brilhantes resultados.

E insistimos no assumpto para ponderar que, no motivo da controversia, a inconstitucionalidade do regulamento de 8 de março de 1904, se encontra, apenas, cavando com cuidado, mais uma questão de palavras que uma questão de essencia, porque, de facto, as disposições delle não estão em desaccôrdo com a lei de 5 de janeiro de 1904, nem existe a suppôsta lacúna de uma sêxta excépção, que deveria ser accrescentada ás cinco do art. 196, e ás trez do art. 199 do codigo Penal, garantidora na parte em que estabelece a sancção da inviolabilidade da casa do cidadão.

Não seria para admirar que a lei se

resentisse dessa falha, que estivesse mesmo crássamente errada, tão frequente, são as suas imperfeições como leis feitas sobre a pérna, no afôbamento dos ultimos dias de sessão, por legisladores que sómente téem em mira ser agradaveis ao governo, que os elegeram e lhes recompensará o sérvilismo com a reeleição, transfórmando a função legislativa em rendosa *bureaucracia*.

Mas, a lei, que reorganizou os serviços da hygiene administrativa da União, não contém essa lacúna, que está, implicitamente, preenclida com a disposição do seu art. 1º, enunciado nestas palavras téxtuaes :

«Art. 1º E' reorganizada a Directoria Geral da Saúde Publica, ficando sob sua competencia, além das attribuições actuaes, tudo que, no Districto Federal, diz respeito á *hygiene domiciliaria, policia sanitaria dos domicilios*, logares e logradouros publicos, tudo quanto se relaciona á *prophylaxia*, geral e especifica, das molestias infecciosas, podendo o Governo fazer as installações que julgar necessárias e pôr em *pratica as actuaes posturas municipaes* que relacionem com a hygiene.»

Não ha duvida que, nesta disposição, a lei incumbiu os agentes da saúde publica da *hygiene domiciliaria, da policia sanitaria dos domicilios*; e, como pela intuitiva razão de que, quem quer os fins auctorisam os meios, é consequente achar-se implícita, nessa incumbencia, a auctorisação de entrada na casa alheia, suspeita de sujidade, ou transfórmana em fóco de infecção, porque essa policia sanitaria dos domicilios seria, sem isso, uma búrta, um impossivel, um destampatório. E, como não é licito suppôr que a lei decréte absurdos, coisas insensatas, dêve, nos casos de obscuridades, de anomalías, ser interpretada confôrme ás normas do bom senso e ás deducções naturaes da logica por meio do raciocinio lúcido, estreme

de prevenções e interésses, detúrpadores da visão das coisas mais nitidas.

Desde que a lei decretou a policia dos domicilios, não se referiu, certamente, ao aspécto exterior, ás bellezas da architectura, ás condições de asseio das fachadas, á pintura das portas e janéllas, ou aos desnivelamentos das calçadas. Domicilio é o interior, o logar onde móram os cidadãos, onde se abrigam, onde dôrmem, onde permanece a familia, cuja segurança e repouso a lei assegurou com a inviolabilidade; logo... é o interior onde deve ser exercida a policia sanitária, que não pôde ser efféctuada, sem a inevitavel permissão de entrada no consagrado asylo do cidadão.

E' muito natural que, não sendo os agentes sanitários escolhidos entre santos, de inexgotavel paciencia para receberem de cára alégre os desafôros, as obscenidades, ou a resistencia dos adversários da saúde publica, se dêem abusos, violencias, que não infirmam a disposição legal obrigatória, enquanto a lei não fôr revógada. Esses abusos, essas violencias são prevaricações, subordinadas a meios de reprêsão, que os cidadãos offendidos pôdem e devem reclamar.

Dêve-se, ainda, notar que a providencia sanitária, objecto de tamanha assuáda, não é nenhuma novidade: ella se encontra nas postúras municipaes, especialmente na disposição do n. XIII do art. 20 do decreto n. 41 H, de 21 de junho de 1893, do conselho municipal, disposição que impõe aos commissários de hygiene — visitar, systematicamente, todas as habitações do seu districto, publicas e particulares, afim de fiscalisar o regimen e installação de apparéllhos sanitários, de cujos defeitos pôssam advir sérios damnos á saúde publica, e verificar se estão de accôrdo com as postúras municipaes em vigôr.

Poder-se-á allegar que essa disposição é inconstitucional por ser obra de quem não tinha competencia para le-

gislar sobre a matéria; mas, a verdade é que a lei federal de 5 de janeiro de 1904, na disposição do art. 1.º, ratificou essa medida de policia, mandando «pôr em pratica as postúras municipaes que se relacionem com a hygiene.»

Dessas deduições simples, tiradas, sem manha e artificios, do têxto claro da lei; chega-se á conclusão de que o regulamento de 8 de março de 1904 não offendeu a Constituição, como acto do poder exécutivo, exórbitante da auctorização legal, que elle ampliou, desenvolveu e completou dentro do pensamento e do têxto, sem excéssos condemnaveis.

A luz dessas noções, hauridas na leitura das disposições legaes, não se pôdem sustentar os fundamentos do accórdam que suscitou a pendencia, com gáudio dos impugnadores, por gôsto e tendencias do temperamento, aos beneficios que partem do governo, que não dança pela desafinada musica dos incontentaveis.

Essa deliberação do mais alto tribunal do paiz foi combustivel de primeira ordem para os alambiques das cóleras da opposição systematica, que tanto se irrita quando o governo acérta, quanto se rejubila com os seus erros, desvios e desastres, pela razão muito evidente de que os actos de benemerencia, de sabedoria, de patriotismo, robustecem o adversário que desejamos destruir. E' dos instinctos de conservação não poupar o inimigo, para lhe não morrer nas mãos.

Dizem que o governo está abarbado com o já famoso accórdam, que lhe desmancha o plano de combate aos velhos inimigos da nossa vida e do renome nacional, hesitando em admittil-o, como fórmula legal obrigatória, ou considerál-o como simples decisão especiosa. Se se tratásse de governos estaduaes, o caso seria um páu pelo olho, porque, para elles, as decisões do Supremo Tribunal não valem dois caracões: são lettras vãs que elles atiram á cêsta do olvído das coisas impréstaveis. E não ha quem lhes vá ás mãos com a palmatória da obediencia impôsta pela Constituição, sempre inferior ás manóbras e designios da politica.

Se o governo estiver, agóra, dispôsto a prestigiar as sentenças do poder judiciário, obedeça e espere: não ha nada como um dia depois do outro.

Quem sabe se, muito breve, quando menos se suspeitar, não virá outro luminoso accórdam, resolvendo a difficuldade e affirmando, peremptóriamente, que a visita para expúrgos não lésa a Constituição e que o *habeas-corpus*, não é meio hábil para revógar leis e regulamentos?

POJUCAN

## FARIAS BRITO

### V

Na introdução á primeira parte da sua obra, o dr. Farias Brito começa immergindo logo na vastidão do mundo objectivo, e tirando, da grande anciedade em que fica o pensamento humano, ao immergir nesse mundo, o novo unívérso em que o philosopho váe viver. Como isolado de toda a Creação concreta, elle recórda as palavras de Socrates — *philosophar é aprender a morrer*; mas, previne immediatamente o espirito do leitor contra o possivel perigo do contráste em que porventura presinta essas palavras com a orientação em que o auctor váe ficar. E' claro que no philosopho grego, poderiam vêr o intuito de recórdar a todos os homens, como sentença desoladora, o nada da existencia humana. E si não lêssemos do livro do pensador cearense, mais que a primeira pagina, bem poderíamos accusál-o, *in limine*, de uma contradição flagrante da phrâse citada com as palavras que se seguem. Porque, depois que nos dá o apoplteigma socratico, o auctor nos põe, dir-se-ia despercebidamente, ante os olhos, uma phrâse cuja profundeza nos abala: «Vivemos todos como si fôssemos immortaes.»

Oh! temos então presente sempre, sem esquecê-lo um instante, o nada da existencia humana; vivemos numa lucta contínua; e emquanto as desillusões nos atropellam, emquanto a dôr é a nossa inseparavel companheira nesta jornada mysteriosa, ao fim da qual sabemos que está a morte — vamos todos vivendo como si fôssemos immortaes? E não váe ahí, porventura, a affirmação de que ha na vida alguma coisa inamissivel que zomba da morte?

Não ha, porém, contradição alguma, pois o nosso proprio philosopho desenvolve, logo depois, o seu pensamento e o que nos impressionára á primeira vista, reconhecemos que não provém sinão da subtilidade da dialéctica. Adeante algumas paginas, depois que põe num largo confronto Schopenhauer e Hartmann de um lado e de outro o grande restaurador da alma eleatica (durante cêrca de dois séculos ensombrada pelos sophistas) — diz o auctor da *Finalidade do mundo*: «Era preciso

lembrar o memoravel exemplo de Socrates, depois de haver citado Schopenhauer e Hartmann, para dar, desde logo, uma idéa do espirito que preside á concépção deste livro. Ficam, assim, em face uma da outra, duas doutrinas oppostas: uma, que partindo da consideração do soffrimento, afirma que a vida é uma desgraça irremediavel e leva á moral do desespero, sustentando que a finalidade é o nada; outra, que reconhecendo a existencia da dôr como um facto unívérso, ensina-nos, em todo o caso, a ser lórtes, collocando na resignação o principio da sabedoria e sustentando que a morte pôde ser e deve ser explicada como uma libertação.» «Pois bem—lê-se ainda adeante: considerando a dolorosa contingencia a que estão sujeitas todas as nossas condições existenciaes, quanto ha de illusório em todas as nossas aspirações, a quanta desgraça estamos sujeitos todos nós que vivemos, condemnados irremediavelmente á morte; considerando o nada de todas as grandezas humanas: —quero indagar da significação real desta natureza immensa que nos cêrca, quero indagar que relação tem a minha existencia com a existencia unívérso; quero, numa palavra, interrogar os segrêdos da consciencia, de modo a explicar a cada um a necessidade em que está de comprehender o papel que representa no mundo. Tudo passa, tudo se anniquila. Pois bem: eu quero saber si do que passa e se anniquila, alguma cousa fica em virtude da qual se pôssa ter amôr ao que já não existe ou ao que deixará de existir; si do que passa e se anniquila, alguma cousa fica que não ha de passar nem anniquilar-se: quero estudar esta sciencia incomparavel de que fallava Socrates: quero ensinar aos que padecem como é que se pôde esperar com serenidade o desenlace da morte: quero dirigir aos pequenos e humildes, palavras de confôrto: quero levantar contra os tyrannos, a espada da justiça: quero, em uma palavra, mostrar a todos que, antes de tudo e acima de tudo, *existe a lei moral, e que é sómente para quem se põe fóra desta lei, que a vida termina.*»

Essas palavras são realmente de uma eloquencia irrecusavel como testemunho de uma isenção espirital propria do sabio, e, sobretudo, do extraordinário valôr com que este alto espirito se érgue ante o espectáculo do unívérso, para interrogál-o e sentil-o. «Ora — conclúe elle — si o mundo em todas as suas manifestações está subordinado a leis invariaveis e, seguindo uma marcha perfeitamente regular e perfeitamente unifórme, váe de transformação em transformação sem que ao mesmo tempo nada se perca, nem deixe de concorrer para a harmonia geral; ou mais propriamente e para empregar a palavra magica do século: si a natureza evolúe e evolúe

sempre a consequencia logica, inevitavel é que tende necessariamente á realisacão de um fim. Qual é o fim a que tende a evoluçao univérsal, para onde váe tudo isto que nos cerca, em que consiste a finalidade do mundo?»

Eis ahi. Outros e muitos outros ficam, de regra, no estudo apenas dos grandes mestres: este ouve tambem os mestres, mas quer, ao mesmo tempo, não satisfeito só com isso, ouvir directamente a voz, a augusta voz que os mestres analysam e procuram interpretar. Limitam-se, quasi sempre, outros á technica, por assim dizer, do entendimento, á formalistica dos processos, á critica das leis sob cuja direcção deve andar o espirito no exame dos phenomenos; quasi que se podia dizer que perdem todo o tempo em saber qual é o método melhor, o ponto de partida e o ponto de vista mais seguro e os processos mais logicos; este, porém, quer dizer, antes de tudo e a seu modo, como ouviu a grande voz.

Só incidentalmente, é que elle nos declara em poucas palavras: «Parto deste principio: o fundamento real, o critério ultimo de toda a verdade é o testemunho directo da consciencia, de modo que, para mim, quando qualquer conhecimento estiver de accôrdo com esse testemunho, é verdadeiro; quando em desaccôrdo com elle, é falso.»

Pódem-se, é claro, offerecer objecções a semelhante critério. Parece que aqui — *consciencia* é o conjuncto dos conhecimentos, ou, como define o proprio auctor «o órgão mesmo do conhecimento». Ora, si a consciencia é a faculdade que consiste na apercepção clara e actual de tudo que se chegou a saber — é evidente que póde não bastar o testemunho da consciencia, por exemplo, para constatar uma verdade da qual não estamos ainda de posse, mas que, nem por isso, deixa de ser verdade tão sólida como as que já possuímos. Por outros termos — não é necessário que a verdade já estéja na nossa consciencia, isto é, que já estéja incorporada aos nossos conhecimentos para ser verdade. Ilustremos com este caso a objecção: qual seria a attitúde da nossa consciencia ao defrontar com certos phenomenos de physica até ha pouco desconhecidos — esses, por exemplo, que permittiram a invenção da telegraphia sem fio, do raio Røetgen e outros prodigios que assombram o mundo nos nossos dias? E ainda: são falsos ou são verdadeiros esses espantosos phenomenos de telepathia e de imposição da vontade a cujo estudo não mais se pódem eximir os proprios sabios que até hoje os negaram?

Poder-se-ia, portanto, criticar o principio de que parte o philosopho cearense; o que não seria lícito negar-lhe é a firmeza com que elle esta-

belece as condições do exame philosophico.

Parece-me, ainda, que a consciencia de que nos falla é mais extensa do que elle proprio diz. Prefiro ficar entendendo que para elle aqui — *consciencia* quer dizer a summa capacidade mental, a suprema luz do espirito.

Agóra o côrpo da obra.

ROCHA POMBO.

## O VIADO BRANCO

(L. UHLAND)

A H. Ribeiro

Debruçados num barranco  
Cochichavam tres caçadores  
A' cata do viado branco...

Ouvem-se leves rumôres,

O PRIMEIRO

«Quando eu vir a caça arisca  
«Saír do matto: *iska! iska!*»

O SEGUNDO

«E se á frente me passou,  
«Mão no gatilho: *paf! pouh!*»

O TERCEIRO

«Pela minha parte, eu cá  
«O corno embôco: *tra-rá!*»

Vão falando e de repente  
Eis que o viado saltou...

E agóra os tres inutilmente:

*Iska! pif! tra-rá! paf! pouh!*

JOÃO RIBEIRO.

## A VACCINAÇÃO NO CEARÁ

O trêcho do ultimo livro do sr. Rodolpho Theophilo — *A Variola e a vaccinação no Ceará* — que abaixo váe, é um intenso documento de maldade, de barbaria, de bestialidade selvagem.

Vão vêr como, no Brazil, neste seculo, o interêsse dos labregos politicos da provincia não se amansa nem quando tópa o interêsse da humanidade, o interêsse da salvaçao publica.

Chega a ser incrível o que nesse doloroso trêcho se conta da propaganda da imprensa official do Ceará, contra os serviços de caridade, de benemerencia que o sr. Theophilo preston á população daquella terra. E o governo desse Estado, permittindo essa crueldade da sua imprensa, só teve este móvel: vingar-se do escriptor que escreveu um livro — *Secas do Ceará* — para vérberar a indifferença do poder publico estadual deante do flagéllo.

«Saía diariamente—diz o auctor, referindo-se á vaccinação domiciliária—pelos subúrbios a pratical-a.

La seguindo o meu caminho, alentado da esperanza de em breve ver realisado o meu idéal.

Com muita paciencia, havia desbravado os ignórrantes e acreditei limpa de urzes a estrada que seguia.

Como me enganava!... La enfrentar

agóra, não aos cegos do entendimento, mas aos cegos pela maldade.

Entrava eu na via dolorosa do insulto; e agóra, mais do que nunca, precisava de paciencia, de grandeza de animo.

Suppunha que em toda a Fortaleza não houvésse pessoa capaz de malsina-me por aquella cruzada de beneficencia.

Como era ingenuo! Que pretensão a minha suppôr uma sociedade composta sómente de homens bons e expurgada de homens máus.

Que estulticia acreditar-me immune do dente da maledicencia!...

Tolerava que me insultassem, que me caluniassem, mas que não deslustrassem nem de leve a minha obra de beneficencia.

Sabiam os perversos que me feriam muito, desrespeitando aquelle santuario do amôr e do trabalho. Pois bem: foi o que escolheram para impiedosamente profanar!...

No dia 22 de novembro, em um pasquim, o *Tempo*, apparecido em Fortaleza, no dia 1º do mesmo mez, e editado e redigido por alguns membros do partido governista, um prolongamento do jornal official *A Republica*, lia-se a seguinte local:

A lymphia do sr. Rodolpho Theophilo é mesmo uma maravilha. De uma creança, sabemos nós, que tendo sido vaccinada pela manhã, á tarde era com os anjos. Não resistiu a innocente creaturinha, ao frouxo, que a lymphia lhe produziu.»

A essa noticia, seguiu-se uma série de verrinas, qual mais obscena, mais insultuosa, communicações apócrifas, todas visando incutir no espirito do pôvo, o risco de vida que corria aquelle que se deixava vaccinar com a lymphia por mim preparada.

Só agóra, depois de um anno, foi que lí toda a collecção do *Tempo*, e ví o acervo de obscenidades e de insultos.

Inimigo incondicional da baixa imprensa e do anonymato, não leio pasquins, e por isso ignorei aquella noticia até que algumas pessoas me interpellaram sobre o facto.

Entre outras, lembro-me perfectamente do meu amigo Claudio de Oliveira, hoje fallecido, que, encontrando-se commigo no bonde, me perguntou si a creança que havia morrido victima da vaccina, não estaria já doente?

Ignórando a local, entrámos em explicações e pude então avaliar de quanto é capaz a maldade, e a sabedoria do adágio — *a calunnia é como o carvão, não queima, mas tisona*. Voltaire tinha razão, quando dizia — *a mentira muito repetida adquire fóros de verdade*.

Si entre gente mais ou menos culta, a noticia do pasquim foi mais ou menos acreditada, que produziria ella

no povo, que além da grande prevenção que tem contra a vaccina, não pôde, por sua ignorancia, distinguir o jôio do trigo ?

Não fôram precisos muitos dias para ter a prova do mal que haviam feito á minha propaganda, publicando aquella mentira.

Pensei que a torpêza dos inimigos do Ceará, que felizmente não são cearenses, são forasteiros vindos de outros Estados, não se divulgasse até á plêbe; mas, illudi-me.

O vulgo não lê, mas ouve lêr, o que é peor ainda.

Poucos dias depois da citada publicação, vaccinava eu na estrada de Pacatuba.

Chegando á casa do jornalista João Francisco da Silva, homem muito meu conhecido, e de cuja familia já tinha vaccinado, havia tempos, algumas pessoas, encontrei uma creança de quatro mezes por vaccinar.

Pedi para vaccinál-a. O jornalista não consentiu, dizendo-me, com muito bons modos, é verdade, as palavras seguintes, que deixo transcriptas para ficar bem caracterizada a época que atravessamos :

— Vcê me perdôe não deixar a menina se vaccinar.

— Porque ?

— Porque eu ví lêr nas folhas que a vaccina de Vcê., está empéstando, e morreu uma menina das que Vcê., vaccinou.

— Não vê você que isso é uma calúnia ?

— Eu não sei, é negocio lá de Vcês., brancos.

A calúnia achava écho. A semente da maldade começava a germinar.

Senti-me revoltado. E quem se não revoltaria ?

Voltei para casa no firme propósito de abandonar aquelle serviço.

Foi fórte a tentação.

Reflecti e ví que era fraqueza de animo deixar em caminho aquella obra, só por me ter a maledicencia atirado os seus bôtes.

Era o cúmulo da vaidade pretender louvôres até dos máus !

Envergonhei-me de minha fraqueza e, cheio de fé, coragem e paciencia, continuei a minha via-ságra.»

## O ALMIRANTE (19)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XI

Nesse momento, ergueu-se outro repôsteiro, e a vóz áspera que dialógava no aposento visinho, murmurou em tom cortêz :

— A's suas ordens, minha senhora.

A marquezia ergueu-se, tomada de surpresa. Estava deante della um homem de alta estatúra, gôrdo e musculôso, trajando uma sobrecasaca prêta, muito comprida, apertada e abotoada como uma farda. O pescôço de touro sustentava uma cabeça pequena, ornada de profúsa cabelleira e bárbas negras, annéllada em caracões lusidíos e lubrificadas com óleos tréscalantes. Do rôsto rubrose destacavam o nariz semítico e os olhos, grandes olhos desvairados de myope, a lampêjarem atrás dos óculos de áro de oiro, olhos irrisistiveis aos quaes Dolôres attribuia o prestigio de verem a gente por dentro. Elle evócava a visão dos patricios da Roma decadente, como os debuxaram os historiadores, com paginas immortaes, colôssos amollecidos pelos requintes de sensualidade brutal, amaneirados em dengues femininos, opilados de enxundias.

— A's ordens de vossa excellencia— repetiu o médico, procurando attenuar o tom áspero da vóz. — Queira passar ao consultório.

A marquezia obedeceu, como um autômato, e passou por baixo do repôsteiro, que elle, com inexcêdível polidez e em postúra de reverencia, mantinha erguido.

O aposento era simples, uma sala de parêdes pintadas a óleo de vêrde pálido, illuminada por dôce luz coada através de vidros opácos. Por mobilia, havia estantes de perôba, cheias de livros de dôrsos lustrosos e vermêlhos, um amplo sofá de palhinha, destinado ao perfunctório exame dos clientes, duas poltronas de canélla esculpida e uma grande secretária, onde rebrilhava um grande tinteiro, encastado no pedestal de uma estátua de prata, representando a fama cavalgando fogôso ginête e embocando a gloriosa trombêta. Ao lado, uma grande aguia de bronze sobre um rochêdo de améthysta, de azas pandas, sustentava, pendente do bico adunco, um relógio. Viam-se canêtas de ouro cravêjadas de pedras preciosas, adágas de marfim, sinêtes e vários utensilios de escriptorio, verdadeiras jóias, e grandes livros abertos anontoados em desordem, marcados com fitas bordadas com dedicatórias gratas, denotando que o sabio médico os consultava no intervállo das consultas.

— Estêja a seu gôsto — disse elle, indicando-lhe uma das poltronas e fitando na marquezia os grandes olhos, meio estrabicos — Quasi todas as senhoras ficam commovidas quando penetram nos consultórios. Aqui, nada ha que a intimide. Não vê estantes com instrumentos cirurgicos, nem quadros de terrôr, nem imagens sangrentas de peças anatomicas, com que os charlatães arman effeito á imaginação dos doentes que lhes cáem nas garras carnicieras. Aqui se ministra a saúde por

procêssos modêrnos, sem mutilações barbaras, sem soffrimento. Vamos ; a apparencia de vossa excellencia é admiravel. Parece que não terei muito que fazer. Pequenas perturbações e nervos muito vibráteis ? Não é assim ? Oh ! As senhoras são pilhas eléctricas...

Recobrada a coragem, a marquezia cöntou, hesitante e trémula, as suas máguas, as noites de vigília, os máus sonhos, as dôres de cabeça e aquellas pontadas lancinantes que sentia nos quadris.

A' proporção que ella falava, o médico sorria, emittia um monossyllabo guttural de approvação, á maneira de um rugido, e revolvía nas órbitas papudas, os grandes olhos desvairados. Quando terminou, houve pequena pausa : ella, fitando o medico ; elle, meditando em religioso recolhimento.

— Com licença— disse elle, aproximando-se da marquezia ; e, tirando-lhe a capa de casemira negra, entrou a ausculta-la— Pulmões magníficos... Coração excellente, se bem que tímido como o de um passaro. Por aqui, tudo normal. Vejamos: muitos filhos ?

E, como a marquezia lhe contásse a dolorosa historia da sua maternidade, a triste historia dos filhos mortos como fructos sem seiva, elle meneiou a cabeça e esfregou, com um gêsto lento, uma na outra, as mãos enôrmes e gôrdas, como mãos de creança gigantésca.

Depois, fêl-a andar pela sala, e observou-lhe o movimento, com gatimonhas:

— O seu caso, minha querida senhora, é sério ; mas, perfeitamente curavel. Téem me passado, aos milhares pelas mãos, sempre com o mesmo infallivel e maravilhoso succêso. Outro qualquer dos pseudo especialistas que por ahi avultam, indicaria uma operação mais perigosa que a doença ; eu, porém, garanto a cura radical em seis mezes. Depende de submissão absoluta ao meu regimen, e paciencia. porque não faço milagres. O tratamento será feito aqui ou no domicilio de v. ex.

— No domicilio, não— interrompeu a marquezia, vivamente.

— Como quizér. Com quem dêvo entender-me quanto aos honorários ?

— Commigo. Sou viuva... Quanto custa ?

— Apenas dez contos de réis. Cinco serão pagos adiantados, como é praxe inalteravel no meu consultório. Não é caro, tratando-se de uma cliente como v. ex., e da grave responsabilidade que vou assumir... além dos golpes da invêja e da calúnia, que me não poupam. A's invéctivas da ignôrancia, respondendo com o meu desprezo e as minhas victórias scientificas. Infelizmente, não temos senão ráros homens de valôr, na minha profissão. São todos, na grande maioria, charlatães que lambem os doentes e ladram á sciencia.

O dr. Valente falava, escrevendo num cadérno de papel, com cabeçalho de pomposos dizêres impréssos, e, destacando a fôlha, convidou a marqueza a assignál-a, dando-lhe, molhada em tinta, uma pequena penna de condôr esculpida em ouro, em cuja rama estava gravado: *Ao meu salvador. Gratidão etérna* — em pequeninas lettras de brilhantes, partindo, como pontas de um laço, do centro, formado por uma grande esmeralda.

A marqueza assignou um contrácto impréssos e a ordem de pagamento da prestação adeantada: *Aos srs. Martins & C. Pague-se. Marqueza de Uberaba.*

— Muito bem — murmurou o médico, sorrindo — agora v. ex. terá a bondade de designar o seu dia...

— Quinta feira — respondeu a marqueza.

— Começaremos na proxima semana. E dê v. ex. parabens á bôa fortuna que a conduziu a esta casa.

— Muito obrigado dr., balbuciu ella, erguendo-se.

— Obrigado lhe fico eu, pela grande honra de contar na minha clientéla a creme da nobreza brazileira, a formosa marqueza de Uberaba, que será mais um nome de prestigio a laurear os meus obscuros préstimos e esforços de professional despretençioso, absolutamente consagrado, com amôr e desinterêsse, á humanidade soffredora.

A marqueza dirigiu-se para a porta velada pelo repôsteiro; mas, o dr. Valente delicadamente indicou-lhe outra saída do lado oppôsto.

— Os clientes — murmurou elle, sorridente — não gôstam de encontros indiscretos. Esta pôrta communica com a casa visinha. Como vê, está tudo previsto para garantia da mais absoluta discreção.

Do outro lado, era a alcôva das damas, onde ellas se despiam para serem tratadas, auxiliadas por uma camareira, velha parteira aposentada, que abandonára as comadres para se consagrar, exclusivamente, ao serviço do dr. Valente. Nada faltava allí de conforto e elegancia: móveis raros, ricas alfaias, espêlhos, perfúmes, pó de arrôz subtilissimo, pentes de marfim, escôvas, vasos de Sèvres, com grampos e alfinêtes, agulhas, linhas... tudo quanto poderia exigir, occasionalmente, o reparo do traje.

A marqueza mal saúdou a velha, que se desmanchava em cortezias e chorámingava phrásas de louvôr á sciencia do patrão: acompanhou-a até á escada sombria: desceu-a trôpega, e, quando se sentiu banhada de luz á porta da rúa, suspirou, como libertada de transe angustioso, procurou orientar-se da direcção a seguir. Havia muito tempo que ella não percorria a cidade para aquelles lados, onde se emaranhavam rúas, bêccos estreitos, de aspécto estranho.

Nesse momento, a chuva miúda recrudescceu em bátegas fortes. Uma torrente de lama espumosa inundou a viéla, e a marqueza foi obrigada a esperar, recolhendo ao corredôr sombrío, receiosa de ver surdir outra cliente, que seria tambem retida pelo temporal e ficariam juntas, como delinquentes do mesmo crime, da mesma abjécção: ella, denunciada, expôsta á curiosidade da outra, que seria, talvez, uma dessas infelizes sem escrúpulos, capaz de compromettê-la.

Um bonde parou a poucos passos de distancia, e a marqueza, sem attender á chuva, que continuava a pingar cada vêz mais abundante, entrou nelle e deixou-se cair num dos bancos molhados que o conductor fingia enchugar com um sujo trapo de camúrsa. O vehiculo percorreu a linha até á extremidade, onde mudaram os burros; e voltaram, com estrépito, os encôstos dos bancos, e, depois de percorrer muitas rúas estreitas e alagadas, parou no largo de S. Francisco de Paula.

A marqueza, tiritando de frio, muito molhada e muito commovida, tomou o *coupé* que a esperava sob uma amendoeira frondosa de fôlhas reluzentes, como placas de esmalte vêrde luminoso.

— Para a casa — disse ella ao cocheiro, todo embiocado num capôte de borracha.

O carro partiu a largo trôte.

(Continúa)

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A ENXAQUÊCA

A enxaquêca hemicrânea é uma moléstia de accéssos, repetindo-se muitas vêzes por anno, por mez, ora naturalmente, ora provocada por uma influencia qualquer. Como causas de predisposição, pôdem-se citar a hereditariédade, as diátheses arthritica e gottôsa, o herpétismo, a anemía, e, como causas occasionaes — as prolongadas vigílias, os trabalhos intellectuaes, as digéstões difficeis, a luz viva, os cheiros.

Essa moléstia tem um periodo inicial ou prodómico, caracterisado pela inaptidão para o trabalho, pela irritabilidade, pela hyperesthesía sensórial. Apparece, depois, o segundo periodo, geralmente, pela manhã, apôz uma noite de somno pezado e prolongado, ou depois do almôço.

A duração dos accéssos é variavel — de seis horas a um ou dois dias.

A cephalagía é, ao principio, limitada a uma região temporal ou circumórbitaria, depois generalisada a um lado inteiro, o esquerdo; a mór parte das vêzes, é lancinante, pezada, esperada pelos movimentos da marcha,

do barúlho, da luz. Algumas vêzes, passa de um lado para outro; em certos casos, a dôr é atrôz, o doente tem a sensação de esmagamento, de perfuração, de desconjunctamento dos óssos do crâneo; tem a face injéctada ou pállida, grande agudêza nos sentidos, sendo as dôres superexcitadas pelo menor ruído, pela mais fraca luz.

No principio do accéso, os doentes sentem um máu estar do estomago, bocêjam, têm náuseas e, por fim, vomitam, seguindo-se sempre a prisão de ventre. Depois dessas manifestações, consêrvam um torpôr intellectual que só desaparece com o somno.

A enxaquêca tem caractéres tão perfeitos, que é impossivel confundil-a com outras cephalagías.

Admittiu-se uma enxaquêca ophthalmica, tendo como caractéres especiaes, a obnibulação — espécie de deslumbramento, de vertigem, a hemiopia e o scótomo scintillante. O doente experimenta a sensação de feixes de faíscas, de bólas de fogo; vêem, depois, os outros symptomas — dôr frontal, náuseas, vomitos e, algumas vêzes, certo embaráço da palavra.

Esta espécie de enxaquêca não é de prognóstico grave; contra ella, dão bons resultados a antipirina, a quinina; mas, é indispensavel que, ao apparecimento do accéso, o doente se conserve no mais absoluto repouso em logar frêsko, obscuro e silencioso. Como tratamento extérno, obtém-se allivio com algumas gôttas de éther em uma compréssa d'agua fria, applicada á região dolorida.

Nos intervallos dos accéssos, o ferro, a hydrotherápia, os alcalinos, os arsenicaes pôdem ser muito utéis; mas, sómente, o médico dêve indicál-os, confôrme a causa da moléstia.

Essa moléstia torturante, traídora, que nos assalta de repente, que nos inutilisa de um momento para outro, e ameaça de incerteza permanente a nossa actividade, passa, ás vêzes, súbitamente, sem remédios.

E' a enfermidade para a qual existe a maior somma de mésinhas inventadas pela superstição. Ha doentes que trazem, continuamente, na algibeira, duas castanhas de cajú; e, além de muitas bruxarias, que seria fastidioso enumerar, ha quem aconselhe trazer, como preservativo uma gallinha. O soffrimento prolongado, chronico, não discute, não escólhe meios de allivio. Sem isso, não existiriam charlatães.

\* \*

### NUVENS ELÉCTRISADAS

O *New York Herald* narrou um curioso phenomeno, testemunhado pelo capitão Urghart, commandante do navio inglez *Mohican*, em viagem para Philadelphia.

O navio navegava para o Delaware

Breakowater, quando uma nuvem phosphorescente o envolveu, magnétisando tudo a bórdo. Casco e tripulação estavam cercados de fôgo, e a bússola, tresloucada, entrou a girar com rapidez.

Por ordem do commandante, diversos marinheiros tentaram remover, sobre o convéz, correntes de férro; isto, porém, não foi possível, si bem que seu pêzo não excêdesse de vinte e oito kilogrammas, cada uma. Tudo estava imantado—correntes, cavilhas, prégos, barras adheriam fortemente ao convéz, como si estivessem a elle soldados.

A nuvem era tão densa que não foi possível governar o navio. Não se via nada a pequena distancia, e cada objecto figurava como uma massa abraçada. A nuvem se elevou repentinamente, ao ar e a phosphorescencia enfraqueceu sobre o navio; e dentro de alguns minutos, estava longe, podendo ser acompanhada com o olhar, durante algum tempo, a pairar sobre o oceano.

Esse phenomeno é rarissimo, e não consta que outrem o tenha observado tão perto e com tanta intensidade, como o capitão Urrhart.

\* \* \*

## COBRAS EM OVOS

As supérstições são cosmopolitas; encontram-se em todos os povos, selvagens, barbaros e cultos, com pequenas variações.

Affirma a gente do campo que ha cóbras, que furtam o leite aos bezeros, mamando o leite das vacças. Nos sertões do norte, passa, como certo, que cóbras pretas, inócuas, se introduzem no leito das mulhières puérperas; afastam-lhes os filhos do seio e os illúdem, mettendo-lhes a ponta da cauda na bôcca, enquanto ellas sugam, suavemente, o leite matérno.

Todas as cóbras são muito amigas de ovos; mas, parece inverosímil que dentro delles se encontrem cóbrinhas vivas como muita gente rúde acredita e affirma; entretanto, o phenomeno não deixa de ter, como todas as abusões populares, um fundo de verdade, falseada pela má observação.

As cóbrinhas observadas dentro de ovos são vérmes.

Conta Henri de Parville que um fazendeiro levára a mr. Dervieux um ovo de gallinha, com a casca intácta, no qual, observado á luz, se divisava um còrpo comprido que circulava na clára, confórme o plano perpendicular ao grande eixo do ovo. Quebrada a casca, encontrou-se um vérme muito espérto, de quasi quatro centímetros de extensão, o qual se enrolou com presteza em tórno do dêdo do observador.

Esse vérme morreu algumas horas depois de sua exposição ao ar.

Todos os naturalistas conhecem a intrusão de vérmes em ovos; são elles, em geral, heterákis que representam,

nas aves, o mesmo papel que as ascáridas nos mamíferos e no hoimem. Vivem no intéstino, e pôdem descer á cloáca, subir dali para o óviducto, sendo retidos na albumina e na casca do ovo; e, assim como dentro desta um pinto pôde desenvolver-se, não é admiravel que o mesmo succêda com o helmintho.

E fica, deste modo, scientificamente explicada a presença de cóbrinhas dentro de ovos, phenomeno que não é commum, mas nada tem de sobrenatural ou maravilhoso, confórme a crençice popular.

\* \* \*

## ROUPA DE PAPEL

Eram conhecidas várias applicações do papel aos mais extraordinários mistéres: delle se fabricavam parêdes, téctos impermeaveis, móveis, pratos e até ródas de wagons, não falando nos collarinhos, lenços, saías, usados de longa data; agóra estão sendo fabricados, em Pariz, colêtes de papel por mr. Crabbe.

O papel é um isolador de primeira ordem do calôr e da eléctricidade. Basta esfregar, fortemente, uma fôlha de papel vulgar, bem sêcca ao fôgo, para obtêr que ella adhira a uma parêde, e produzir scentêlhas azuladas si lhe tocarmos com o dêdo no escuro; e, applicado á pelle, pôde exercer uma função therapeutica. Em relação ao calôr, é ainda mais notavel a sua propriedade isoladora. E' por isso que os velhos andarilhos, caçadores, usam de jornaes para embrulharem os pés quando sentem frio, ou collocál-os dentro dos sapatos, ou como abrigo ao peito, produzindo melhores effeitos do que qualquer tecido de egual espêssura.

Sendo, porém, o papel ordinário mui pouco resistente, mr. Crabbe inventou um, sólido, como um tecido de sêda, análogo ao empregado, actualmente, no exército japonéz; e com elle fabrica colêtes, que se applicam sobre a pelle, sobre o colête de flanella ordinária ou sobre a camisa, impedindo, absolutamente, os resfriamentos, e podendo ser trazido, por prevenção, bem dobrado no bôlso.

Esse colête péza 45 grammas e é muito barato.

Não precisamos desses presérvativos do frio, e recommendariamos a mr. Crabbe um tecido de papel que não amolecêsse ás inundações de suor, e nos alliviásse da temperatura abraçada que, nestes dias de verão, nos derrête os miólos, e nos estiôla a actividade para trabalhar.

\* \* \*

## O SEXTO SATÉLLITE DE JUPITER

Escreve Emile Touchet, de *La Nature*:

Está ainda bem viva a impressão

produzida pela descoberta, feita pelo astrónomo Barnard, do observatório de Lick, no monte Hamilton da California, em 9 de setembro de 1892, do quinto satélite de Júpiter, gyrando em tórno do planeta principal em... 11h57m23s, muito fraco, da 15.<sup>a</sup> grandeza.

Mr. Pickering, mais recentemente, em 1899 e na America, descobriu por meio da photographia, um nono satélite de Satúrno, astro que não foi, immediatamente, acceito por todos os astrónomos, sendo sómente confirmada esta descoberta, visualmente e photographicamente, o anno passado.

Elle era muito pequeno e demandou os mais poderosos instrumentos para ser percebido.

Viram-no Barnard e Turner, a 8 de agosto ultimo, com o auxilio do equatorial de 1m,05 do observatório Yerkes, como um ponto imperceptivel, de 15 1/2 ou de 16.<sup>a</sup> grandeza, não devendo o seu diâmetro exceder a 160 kilometros, com movimento retrógrado, no sentido invérso ás outras oito lúas conhecidas do mesmo planêta.

Os contínuos progressos da óptica deveriam promover grandes resultados das investigações feitas para a descoberta de outros satélites; e assim succedeu. Mr. Perrine, no mesmo observatório de Lick, acaba de descobrir um sêxto satélite de Júpiter, pequeno còrpo, cuja existencia foi verificada no exame de *clichés* photographicos, obtidos de 3 de dezembro ultimo a 4 de janeiro. Seu brilho seria de 14.<sup>a</sup> grandeza, e elle estava á distancia de 45, do planêta, a 4 de janeiro. No mesmo dia, a sua observação dirécta foi feita no reflector Crossley, do mesmo estabelecimento.

Essa nova adição á familia de Júpiter, é devida á photographia, cuja influencia, como meio de investigações astronomicas, se affirma cada dia mais nas descobertas de grande importancia scientifica.

Não se dêve esquecer que Júpiter, por seu intenso brilho, tórna as investigações muito difficeis por causa da illuminação que prodúz, e não que se eclipsam todos os pequenos còrpos em derrédor.



## O KAISER, FRANCEZ

Será para muitos uma surpresa saber que o imperador da Allemanha é de descendencia francêza—pelo lado de seu pae, pelo lado de sua avó patérna e pelo lado de sua mãe.

Diz o barão de Heckedorf que, erigindo o Kaiser uma estátua ao almirante Coligny, rendeu homenagem á memoria de um antepassado sem a significação, attribuída por muitos, de uma manifestação politico-religiosa,



ou uma espécie de protésto contra o massacre da S. Barthelemy.

O imperador é duplamente descendente de Colygnny, tanto pelos Hohenzollerns, como pelos duques de Saxe Weimar. O almirante Gaspar de Colygnny deixou uma filha — Luiza, que, em 1583, se tornou espoza de Guilherme de Nassau-Dillenburg. Deste casamento, nasceu Frederico Henrique de Nassau, que se casou com Emilia de Solms, cujo segundo filho — Luiza Henriquétta, se tornou, em 1646, mulher de Frederico Guilherme I, de Brandenburgo, sendo descendente desse enlâce, em linha récta, Guilherme I, avô do Kaiser.

Pelo outro ramo, elle é descendente de Colygnny por sua avó, a imperatriz Augusta. O terceiro filho de Frederico Augusto Nassau e Emilia de Solms, chamado Henriquétta Catharina, tornou-se mulher de George II, de Anhalt-Desseau, e a imperatriz Augusta é descendente do segundo filho dessa união.

Finalmente, o Kaiser por sua mãe, a imperatriz Frederica é ainda de descendencia franceza. Elle é, de facto, descendente, pelo lado matérno, de Claudio, duque de Guise e de Alexandre Denuier, de Olbreuse.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### MORENA

Não negues, confessa  
Que tens certa pena  
Que as mais raparigas  
Te chamem morena.

Pois eu não gostava,  
Parece-me, a mim,  
De vér o teu rosto  
Da côr do jasmin.

Eu não... mas enfim  
E' fraca a razão,  
Pois pouco te impórta  
Que eu góste ou que não.

Mas, olha as violétas  
Que, sendo umas prêtas,  
O cheiro que téem!  
Vê lá que seria  
Se Deus as fizésse  
Morenas tambem!

Tu és a mais rára  
De todas as rósas;  
E as coisas mais raras  
São mais preciosas.

Ha rósas dobradas  
E ha-as singélas:  
Mas, são todas ellas  
Azúes, amaréllas,  
De côr de açucenas  
De muita outra côr;  
Mas, rósas morenas,  
Só tu, linda flôr.

E olha que fôram  
Morenas e bem  
As moças mais lindas  
De Jérusalém.  
E a Virgem Maria  
Não sei... mas seria  
Morena tambem.

Moreno era Christo.  
Vê lá depois disto  
Se ainda tens pena  
Que as mais raparigas  
Te chamem morena.

GUERRA JUNQUEIRO.

\*  
\*\*

### BILHETES DE PARIZ

*Aos Estudantes do Brazil*

—  
SOBRE O CASO QUE DELLES CONTA  
MME. SARAH BERNHARDT

—  
I

Mme. Sarah Bernhardt publicou recentemente no *Figaro*, uma concisa apologia da sua Vida e do seu Genio.

Apezar da concisão, tão substancial e recheiada de factos, nos apparece este papel, que bem penso que a consideravel senhora o poderia ter intitulado: — *Historia da minha Missão e da minha Influencia Civilisadora na America do Norte e do Sul*. E se em tal documento, desde hoje historico, ha verdade historica, vós, ahí no Brazil, meus amigos, sois estranhamente culpados! sois horrendamente culpados, oh! meus dôces amigos!

Ora, eu creio que a Apologia de mme. Sarah Bernhardt é sólida e veridica. Ella não nasceu nem da verdade, nem da illusão. Não temos aqui uma velha e manhosa actriz que, por hábito de camarim e de «maquilhagem», devendo recapitular deante de um Publico crédulo a sua carreira, a sobrecarréga, á préssa, com grossas pinceladas de púrpura e d'ouro, para lhe dar a radiancia postíça de um sól. Não temos aqui tambem uma ingenua creatura que, vivendo sempre dentro de uma luminosa névoa de louvôres, perde o sentimento exacto da sua estatura, se considera tão grande como esse illuminante nevoeiro a apparenta, e, dôcemente embriagada, aliúde á sua grandeza com a simplicidade e a graça lhana com que alludiria á côr dos seus olhos, que não póde disfarçar nem pintar. Não! Nesta Apologia de mme. Bernhardt ha méramente uma mulher muito conscienciosa, muito séria, que, em perfeito silencio e perfeita solidão, longe do sussúrro adulator das turbas, se collóca em frente da sua Vida, a interrroga, a esquadriinha, a revive, e não encontrando através della senão altos feitos, concepções geniaes, triumphos radiosos, influencias nobremente exercidas, se

vê forçada (apezar da sua modéstia e da sua humildade) a confessar publicamente, estridentemente, que é heroica, que é genial, que é triumphadora e que bem mereceu dos Póvos! Por isso, mme. Bernhardt, muito candidamente, e baixando os olhos, chamou ao seu documento, EXAME DE CONSCIENCIA.

De resto, os motivos que a levaram a emprehender este grave *Exame*, garantem a sua veracidade. Senão, vêde! A Litteratura de Pariz, aquella parte da Litteratura que mais especialmente vive do Theatro, creando, criticando, noticiando, ou apenas parasitando, resolveu celebrar a Apotheóse de mme. Sarah Bernhardt. Apotheóse absolutamente legitima. Mme. Bernhardt não é sómente a actriz de garganta de ouro e alada inspiração, que, através dos Dous Mundos, com muita glória e muito lucro, nos tem arralhado e rugido *D. Sól*, a *Dama das Camélias*, a *Phédra*, a *Theodóra* e outras tocantes ou terriveis.

Um mérito mais raro e mais estheticamente precioso a tórna merecedora de todas essas honras cesareanas, quasi divinas, que (segundo ella affirmava) a Terra unanime lhe tem prodigalizado. Como muito bem notou o bom poeta Rostand, num dos sonetos jaculatórios que fôram declamados nesse dia da Apotheóse (porque agóra, em Pariz, como Lisbôa, no tempo do sr. d. João VI, não ha festa sem soneto) mme. Bernhardt é a derradeira inspirada que nos resta, neste século de chata e monótona materialidade, capaz de resuscitar, com sumptoso idealismo, as emoções e as maneiras das edades Épicas e Romanêscas. E este dom é inestimavel. Só mme. Bernhardt, com effeito, sabe ainda descer uma branca e tragica escadaria, e parar patheticamente em cada branco degráu, com solemnes brocados brancos a arrastar, exálanlo, toda ella, fatalidade e terror! Só ella sabe, num altivo scenário de arcarías e douradas abóbadas, atravessar entre alas de escravos ou de príncipes, toda rutilante e hirta com o pézo das pedrarias, os olhos hieraticamente estáticos, erguendo na mão um lirio pállido! Só ella ainda sabe com o braço nú, brandindo um ferro, lançar uma imprecação ao destino. Só ella póde ainda ser, entre nós, a Cortesã Hindú, corôada de rósas e enamorada de um Deus! Só ella, nestes tempos de crimes deselegantes, assassina com elegancia!.. Ora, no meio do descorado burguezismo do Drama Contemporâneo e da chocarrice villã das Comédias, e da universal fealdade das attitúdes, estas cousas grandiosas que mme. Bernhardt ainda sabe fazer, com tão esplendido relêvo, são uma consolação para os que conservam o salutar amôr do Pittorêscico e do Romanêscico. E accrésce ainda que esta privilegiada mulher,

quer represente em Pariz, quer se exhiba no Nicarágua, todas as noites, depois de muito arrulhar e tão arrulhadamente que ninguem percebe as doçúras que ella arrulhou, e depois de rugir e tão rugidoramente que ninguem comprehende os furôres que ella rugiu, tem sempre ahi, cêrca das onze horas ou onze e meia, um momento, dois momentos, em que é genuinamente e incomparavelmente sublime.

De sôrte que ninguem, com algum gôsto pela paixão e pela sua expressão decorativa, pôde regatear a Apotheôse a esta Princeza dos gritos magnificos e a Rainha das nobres attitúdes.

A Apotheôse devia consistir num almôço no Grande Hotel, a 30 francos por cabeça, vinho comprehendido... Sim, amigos, velemos a face, gemendo! *Grand Hotel* — trinta francos — vinho comprehendido!... Que que-reis? E' a irremediavel pelintrice dos tempos. Ah! não! não estamos já no século radiante, nesse Domingo de Páschoa, em que Petrárcha, vestido com a tunica de púrpura que lhe déra Roberto d'Anjou, trovador e rei de Napoles, precedido pela Assembléa da Nobreza, toda emplumada e coberta tambem de escarláte e de ouro, seguido pelo Senado nos seus grandes mantos de brocado vêrde, atravessava as rúas de Roma, entre as aclamações de um pôvo deslumbrado, sob uma perfumada chuva de flôres, para receber nas escadas do Capitólio, das mãos do Syndico Romano, a corôa de louro. a corôa dos antigos triumphos, enquanto resôavam as tubas e repicavam os sinos, e diante do Poeta se inclinavam todos os estandartes da Italia!

Ah! de certo, mme. Sarah Bernhardt seria a mulher para atravessar os *boulevards* de Pariz, sobêrbamente envôlta na tunica de púrpura de Roberto d'Anjou.

Mas, só ella nos resta — e tudo o mais nos falta! Já não ha rei de Napoles, bom humanista e bom trovador, para remetter por uma embaixada a púrpura augusta! Já não ha Nobreza que, para uma gala poetica, se cúbra de vellúdos recamados de ouro! Já não ha senadores arrastando brocados vêrdes sobre um chão juncado de rósas! Já não ha sinos que repiquem, nem pendões que se inclinem quando um Poeta passa! Já não ha nada: — ha só mme. Bernhardt, o *Grand Hotel* e um resto de vinho falsificado. Todavia, sejamos jústos. Além do almôço e do hymno, e do sonêto inevitavel de Coppée, havia no programma da Apotheôse — uma Surpreza. Todo o Pariz, todo o Pariz de theatro, se entrelhava sorrindo com enternecimento (ou com malicia) e se entre-segrêdava a Surpreza. Na véspera da Apotheôse, os jornaes, piscando o olho, alludiram

á Surpreza. Já mesmo mme. Bernhardt, séria e grave, conhecia a Surpreza?... Sabeis qual era a Surpreza?... No dia da Apotheôse, cêdo, de manhã, o Estado iria ao *Grand Hotel*, penetraria pé ante pé, na sala do almôço ainda desérta, e, deante do logar bem enfeitado de mme. Bernhardt, resvalaria sorrateiramente, entre o prato e o guardanápo, a crúz da Legião de Honra! Esta era a Surpreza.

E foi então que o *Figaro* (com aquelle seu bello fáro hespanhol pelas coisas intensamente picarêscas) pediu a mme. Sarah Bernhardt que procedêsse a um *exame de consciencia*, recolhêsse a sua vida tão largamente espalhada pelo mundo, e interrogásse com sevêra sincêridade, e declarásse depois, perante a Europa, pondo a mão sobre o ardente coração, se na realidade se considerava merecedora da Apotheôse, do almôço, do hymno, do sonêto e da Surpreza. Mme. Sarah Bernhardt, naturalmente habituada aos lances pathéticos, não hesitou. Durante uma longa noite, na sua alcôva (ou no seu Oratório, que esta terrivel mulher é capacissima de o ter!) recolhida, *ensimesnada*, segundo a velha fórmula metaphysica, esmiúçou toda a sua Vida, nos seus motivos e nos seus resultados, com escrupuloso rigôr de quem, estando deante de si propria, se sentia deante de uma Divindade... E ao outro dia de manhã, subiu á mais alta columna do *Figaro*, e muito sóbriamente, recusando ao seu discúrso esses bordados e lavôres que prodigalísa nos seus vestidos, declarou que, tendo examinado a sua Consciencia, considerava-se merecedora da Apotheôse, do almôço, do hymno, do sonêto e da Surpreza! E assim se considerava porque, além de ser uma artista genial e ter hercúleamente trabalhado, concorrêra (escutai! escutai! não percais isto!) — concorrêra a civilisar a Austrália, o Canadá, sobretudo a America do Sul, e a implantar nessas regiões o amor da França, das lettras francezas e da Civilização franceza! E de um modo tão insinuante, com uma graça tão intelléctual, que recebêra desses pôvos (escutai! por Deus! não percais agóra este final!) — recebêra desses pôvos ovações, preitos, vassalagens, gritos de reconhecimento, honras quasi divinas, como só as recebem os conquistadores d'almas e os annunciadores de Evangélhos!... E seguidamente mme. Bernhardt citou, como próvas historicas, esses preitos, essas vassalagens. Disse o desembarque triumphal na Austrália. Disse o portentoso cortêjo no Canadá, sobre a néve. Disse o episódio pavoroso com as senhoras do Chile. E, por fim, disse o caso supremo, o caso que ultrapássa todos os casos, o caso com os Estudantes do Brazil!

Ah! meus dôces amigos, é ver-

dade?... Mas, para conversar sobre este caso, que me suffôca, eu necesito o ar, o espaço e a tranquillidad de outro bilhête.

ÊÇA DE QUEIROZ.

Pariz, 1893

\* \* \*

#### VERSOS SOMBRIOS

Fítamo-nos um dia. O desconfôrto  
De vil desdíta sobre nós caía...  
Era igual nossa Cruz, o nosso Hôrto,  
O Gólgatha sem fim que nos pungia!

Irmãos roláram sempre os nossos prantos  
Teu solúço foi sempre irmão do meu,  
Tu me amparáste nos mortaes quebrantos,  
Nos teus quebrantos amparei-te eu.

Perfilou-nos a mesma Desventura,  
Tombei no mesmo pó em que tombáste...  
Astros,—brilhamos numa igual altura!  
Astros,—caímos dum equal engáste!

Que tórvos dias! Que soffrer medonho  
A que rendi-me e alfim tu te rendêste!  
Ali perdi o meu primeiro sonho,  
E o sonho derradeiro tu perdêste.

Tão fratérnal nos mundanaes caminhos,  
Foi nossa vida tal tem sido aqui,  
Que quando a Sôrte me crivou de espinhos  
Em densas sombras envolveu-te a ti.

Ali entramos joviaes, facêtos,  
Labio encrustado de sorrisos francos,  
Ali entramos de cabêllos prêtos,  
Dali saímos de cabêllos brancos.

.....  
Temos o mesmo norte,—a sepultura,  
E dos homens as mesmas ironías,  
Basta dos sonhos duma equal ventura  
E adóptivos das mesmas agonías.

E máu não fui, a consciencia diz-m'o  
E o meu dôce passado que fulgiu;  
Perdôo a mão que me lançou no abysmo  
E o coração sem dó que me feriu!

Na vida, que nos foi um livro brando,  
Bello tomo de fôlhas côr de rósa,  
Esses dias que fiquem negrêjando  
Como uma reticencia dolorosa!

JOÃO DE DEUS DO REGO.

#### A GUERRA DO ORIENTE

Depois de dez mezes de Mandchuria, Ludovic Naudeau, chegou á conclusão de que o succésso dos japonezes é devido simplesmente a isto: elles sabem; os russos não sabem nada.

Do paiz, que os japonezes durante annos estudaram com immenso cuidado as montanhas, os vâlles, os rios, as estações, as cultúras, os recúrsoes de toda a ordem, a maior parte dos russos ignoravam, e os proprios officiaes, que alli haviam estado, apenas conheciam a ouréla de zona norte sul á margem do caminho de ferro.

Nunca essa ignorancia absoluta, essa falta de preparo para a guerra se manifestou mais deploravel que, no curso do movimento envolvente, tentado pelo exército do general Stakelberg, quando a experiencia provára que, nove mezes depois do inicio das hostilidades, o estado maior russo não possuía noção alguma precisa sobre o paiz, a 50 kilometros a léste do trêcho de caminho de ferro entre Mukden e Liao Yang.

Qualquer outra nação que, em vêz dos russos, tivésse occupado a Mandchuria desde 1895, seu primeiro cuidado seria levantar a carta do territorio; nenhum obstáculo a isso se opporia; mas, não pensaram nisso, e os vícios inherentes ao regimen russo crearam empecilhos á boa vontade de officiaes laboriosos, e. . . *Nitchevo!*

Mesmo durante o periodo de tensão que precedeu á guerra, todo o anno de 1903, os russos deveriam ter preenchido essa lacúna; entretanto, não tomavam ao sério os protéstos japonezes e, obsecados de orgúlho, não tinham idéa vaga das fôrças do adversário. Disse Naudeau saber, de fonte absolutamente segura, que um dos generaes encarregados, no exército actual, de uma das posições mais importantes, dizia, durante os primeiros dias da guerra a um coronel, cheio de inquietações: — Não se preocupe. Tenha sempre bem presente no espirito que os japonezes dêvem ser batidos, como chinezes.

Esse estado de animo era, evidentemente, desfavoravel á preparação racional da campanha.

Essa carta, que não fôra levantada em 1895, nem em 1903, deveria, ao menos, ser esboçada durante a guerra.

De 8 de fevereiro aos primeiros dias de setembro, a guerra se desenvolveu ao sul de Liao-Yang; tinham, portanto, os russos dominado toda a zona, e lhe poderiam, facilmente, estudar o relêvo; mas, não haviam sequer previsto que teriam de enviar álli um de seus exércitos, para mandarem estudá-la por seus cartographos ou, ao menos, officiaes do estado maior. Na guerra, é indispensavel prevêêr e pensar, porque, para defrontar as difficuldades da guerra moderna, é a previdencia a qualidade essencial de um chefe; entretanto, a dolorosa verdade é: que a carta de toda a região dilatada ao suêste de Mukden, ou ao sul de uma linha, traçada de Fouling a Fonchoun e Impan, sómente foi começada em setembro, alguns dias antes de iniciar o exército de Stakelberg o seu movimento envolvente.

Além disso, desde as primeiras horas da guerra, os mais graves equívocos fôrão imputados á ignorancia, em que laboravam os generaes russos, da configuração do terreno onde deveriam manóbrar. Na occasião da passagem

do Yalou pelos japonezes, a batalha Turreu-Cheu demonstrára, claramente, que estes tinham sobre os russos, quanto aos conhecimentos geographicos do paiz e ás possibilidades da guerra de montanha, uma superioridade tal que, para evocá-la por palavras, se compararia o enórme ao infimo.

Muita vêz, centenas de vêzes, desde o principio da guerra, devêram os russos repetidos desastres, sinão catástrophes, á imperfeição de suas cartas; muita vêz, na confiança de indicações inexactas, pequenos destacamentos se perderam e não conseguiram chegar, a tempo, ao ponto destinado, ou se lançaram, cêgamente, no grosso das fôrças inimigas. Muita vêz, confiando em cartas falsas, generaes e coronéis russos se enganaram ácerca da altura de certas montanhas e consideraram absolutamente inaccessíveis cristas, onde, de repente, surgiam a infanteria japoneza e canhões de montanha.

A mais grave consequencia da rudimentária noção do paiz, demonstrada pelo generalissimo e seus chefes, foi a conquista, fácil para os japonezes, dos desfiladeiros que se abrem sobre o suêste de Liao-Yang, e dominam, absolutamente, as visinhanças dessa praça fôrte. Acabámos de presenciar a offensiva russa, todos os regimentos sibirianos se despedaçarem no desfiladeiro de Tou-Mouin-Ling, onde ouvimos dizer que os japonezes haviam deixado fôrças muito modéstas e onde ficaram victoriosos, empregando, apenas, com parcemonia, a sua artilharia.

Durante as horas, que passei em Tou-Mouin-Ling, recordei as palavras prophéticas de um principe estrangeiro, addido ao exército russo: abandonámos, agóra, dando combates de réctaguarda, os desfiladeiros que fôrman, aos meus olhos, o verdadeiro systema de defeza de toda a Mandchuria, os quaes, defendidos racionalmente, deveriam esbarrar os japonezes e ficarem juncados de cadáveres. No dia em que o exército russo tomar a offensiva, quando fôrmos de encontro a um desses desfiladeiros, ali sacrificaremos, em pura pêrda, regimentos inteiros. Essas linhas de passagem, das quaes retiramos, com tanta benevolencia, custará, quando quizérmos retomá-la, cincoenta mil homens.

Mas, para defender esses desfiladeiros, seria indispensavel estudar as montanhas, que os cêrcam; verificar si os declives são ou não accessíveis; si as respectivas cristas poderiam, ou não, ser guarnecidas de artilharia, quaes os cúmes, finalmente, dominantes dos outros e de todo o massiço. Isto, que os russos ignoravam, os japonezes conheciam perfeitamente. De resto, que poderia fazer o exército russo, desprovido de artilharia de montanha, contra os japonezes, possuidores de centenas desses pequenos canhões, tão

leves, tão fáceis de manóbrar, de guindar aos cúmes, sómente considerados inaccessíveis aos olhos de homens inexperientes, afastados, pela primeira vêz, das suas planicies? Os russos não tinham artilharia de montanha; não sabiam que, para a guerra na Mandchuria, era essencial aquella arma; que o adversário eventual poria em linha numerosas baterias desses canhões ligeiros. E isto demonstra que fazer guerra em montanhas, guerra offensiva, é um impossivel para um exército desprovido de uma boa carta.

Os russos dispunham de pessimas cartas, e essas mesmas, (coisa incomprehensível) em outubro, nove mezes antes do primeiro atáque a Porto Arthur, fôrão distribuidas em numero insufficiente. Sei de officiaes do estado maior, patriotas descoraçoados e, todavia, resolutos, que, muita vêz, se viram obrigados a esperar que um collega lhes emprestasse uma dessas cartas.

A verdade essencial que, na situação actual, domina todas as outras, é que as tristezas, as incoherencias, as perturbações da primeira campanha, resultam da surpresa de 8 de fevereiro.

Esta guerra não é normal; é um accidente, uma catástrophe, na qual os russos se acharam envolvidos sem nada preverem, sem as idéas geraes de que deveriam decorrer, em tal paiz, a estratégia e a táctica.

Desse paiz, os russos ignoravam tudo, não sómente a geographia, mas as particularidades mais caracteristicas. Ouvimos, no mez de maio, quando os *gaolian* attingiam, apenas, os joelhos de um homem, officiaes perguntarem o que era essa planta e para que servia. Ignoravam que, dois mezes mais tarde, o paiz estaria, em extensões immensas, coberto de um junco, que modificaria, completamente, as condições da guerra; tornaria impossiveis os reconhecimentos, e facilitaria singularmente a offensiva. Os russos ignoravam, ao passo que os japonezes sabiam disso.

\* \* \*

Durante o estío, doloroso e mortal, observando o ridiculo fardamento dos soldados e officiaes, reflectí si, partindo para a Mandchuria, esses bravos tinham alguma noção do clima do paiz onde se iam bater, e cheguei á conclusão de que o ignoravam absolutamente. Nada mais disparatado, mais incoherente e menos militar que as roupas de estío improvisadas, aqui, com fazendas chinezas para muitos officiaes, que, parecia, terem chegado com os seus uniformes de inverno como si não tivéssem recebido da administração fardamentos regulares apropriados ao clima. Vimos mercadores, carregadores venderem na estação de Mukden e Liao-Yang, pelo triplo do

valôr, tunicas de *khaki*, disputadas pelos officiaes, porque não se previa que, nos calôres de julho e agosto, os officiaes necessitassem de uniformes léves. Não se pensára, tambem, em fornecer aos soldados que iam combater em montanhas, sapatos ferrados para facilitarem a escalada dos declives; e eu constatei que mortos e feridos japonezes calçavam bôtas, armadas de fôrtes prégos, verdadeiros sapatos de alpinista.

Quanta vêz, experimentei uma profunda piedade, vendo tantos infelizes soldados russos receberem, stoicamente, no periodo chuvoso do estío, trombas que encharcavam seus miseraveis molambos. Ouvira-se, certamente, dizer, na Russia, que a estação das chuvas reinava na Mandchuria; fizérase um grande esfôrço para providenciar a respeito; mas, as roupas impermeaveis chegaram tarde, em pequena quantidade, de sôrte que a mór-parte dos soldados fôrão lavados e relavados pelas chuvas do estío e do outono. Exgotados por longas marchas, por um calôr de estúfa, o côrpo molhado, o estomago cheio de pepinos vêrdes, colhidos, livremente, nos campos, é natural que cada soldado fôsse victima da desyntheria. Dahi, o facto de existirem trinta mil doentes nos hospitaes de Liao-Yang, Mukden e Karbin; e, si bem que a mortalidade fôsse, relativamente, pequena, muitos ficaram anemicos, de pauperados. Prohibiu-se, por fim, aos soldados, o consumo do pepino; mas muito tarde. Dever-se-ia, entretanto, saber, desde o inicio da campanha, que soldados europeus, embóra de uma raça robústa, não poderiam, sem os mais graves prejuizos, suppórtar o clima do verão da Mandchuria, sem certas precauções. Quanta vêz, imaginei as polemicas violentas que se suscitariam em Pariz, em Londres, si se enviassem trôpas a uma guerra colonial, em condições tão rudimentárias: seria isso motivo para quedas de ministério, demissões de generaes.

E' agradável referir que o exército russo não se deixou surprehender pelo frio, como fôra pelo calôr. O estranho paiz que, desde fevereiro, habitamos, tem, no verão, uma temperatura igual á do sul da Algéria, e Marrócos; mas, no invérno o seu clima corresponde ao da Groelândia. Muito atacado pelos abraçamentos trópicaes, o exército russo iniciou, desde setembro, os preparativos de invérnagem. Milhares de capôtes alcôchoados chegaram da Russia e a industria chinesa forneceu hediondos trajés, muito quentes.

Os russos conhecem os grandes frios; estão habituados a luctar contra elles; não os incommodavam preparativos de invérnagem: isto, ao menos, elles sabiam.

## BURRO OU CÃO?

Burro ou cão? e Melchisedec da Silva, de mãos nos bolsos, medía, a largas passadas, o seu quarto de sabio e celibatário, com uma duvida no espirito, mais incoercível que a de Hamlet: burro ou cão?

A mascara de burro, um primor, lembrava a cabeça asinina que Puck fez crescer sobre os hombros de Bottom; a de cão era tão perfeita que o velho Pachá andava pelos cantos, erriçado, desconfiado, a roncar. Melchisedec não se decidia e, hesitante, queimava charutos, e era tanta a fumaça no aposento que as estantes, altas e atochadas de preciosos volumes, desappareciam abrumadas pelo fumo, menos denso, entretanto, do que a duvida que escurecia o claro espirito do profundo psychólogo. Burro ou cão?

Quando entrei para consultar o meu esclarecido amigo sobre um aphorismo complicado de Mencio, o espanto reteve-me á porta, sobre um velho atlas de ethnographia, que servia de capacho. Não vi Melchisedec, o que vi foi uma espécie de Anubis, de quinzena, contemplando-se a um espelho com serenidade. O velho Pachá bufava trepado na mais alta estante, com os olhos rebrilhando como duas brazas. Por fim, o cynocéphalo voltou-se para o meu lado, e, em vêz de ladrar, disse-me com intimidade: «Entra, homem»; e logo reconheci a vóz do meu erudito amigo que, para tranquilisar-me, retirando a mascara, mostrou-me o seu rôsto magro e pállido, onde a barba crescida punha uma arripiada sombra.

— Que capricho é esse, Melchisedec? O sabio encolheu os hombros estreitos, e sentou-se cançadamente, com um suspiro.

— Váes saír fantasiado?

De novo, encolheu os hombros com indiferença. Por fim, depois de alisar a fronte vasta, perguntou-me:

— Que dizes: burro ou cão?

— Burro ou cão?! não te compreendendo, Melchisedec.

Intimamente, eu sentia um alvôrço contando com uma nova e argúta subtilidade philosophica, e cravei os olhos na face macilenta do austéro homem.

— Não me comprehendes?

— Não.

— Pois não ha difficuldade alguma

na minha pergunta. Senta-te e ouve

Sentei-me e dispúz-me a ouvir a palavra, sempre fecunda, do grande e desconhecido commentador dos moralistas chinezes.

— Sabes que fui, de novo, preterido por um mocinho chamado Alfredo, filho de um chefe politico que dispõe duma centena de vótos por ahi algures? Estou vivendo dos meus livros...

E levantando o braço direito, o mesmo que elle eleva para os céos, á noite, para indicar-me as constellações luminosas, mostrou-me uma das estantes, consideravelmente desfalcada.

— Estás vendendo os teus livros, Melchisedec?! — exclamei pasmado e indignado.

— Alguns. Que hei de fazer? o senhorio e o estomago são exigentes. Mas, vamos ao caso: fui preterido e queres saber porque?

— Porque não levaste um empenho...

— Talvez tenhas razão, mas eu attribúo á fama que vocês, meus amigos, crearam em tôrno do meu nome: que eu sou um homem de estudos, que tenho o meu bocado de philosophia, que penso, que escrevo a minha lingua sem grandes erros compromettedores... e que sou independente. Estudos e inteireza de carácter, são duas qualidades más para quem precisa. O regimen é dos mediócrs... e dos bajuladores: burro ou cão, não te parece?

Na face magra de Melchisedec tremeu um sorriso triste.

— Aquelle rapazóte, que foi nomeado secretario de legação, foi meu alumno durante trez mezes: quando se inscreveu na secretaria, ainda escrevia *omenajen*, e affirmava que a primeira missa no Brazil fôra rezada na egrêja da Candelária. Lá está na Europa, e Deus o tenha por lá muito tempo para que a lingua não sôffra com os seus constantes atáques. O governo entende que, como elle váe viver no estrangeiro póde, perfeitamente, dispensar o portuguez. O regimen é dos mediócrs dos engrossadores, como agóra se diz. Um homem secco, como eu, não pôde engrossar, mas tambem não me convén morrer á mingua—é preciso que eu arranje alguma coisa. Com a minha cara estou certo de que não consigo u lugar de porteiro nem mesmo de vairedor. Tenho aqui duas mascaras: qual dellas dêvo levar: a de burro ou a de cão? Qualquer desses animaes

tem cotação: o ignorante impõe-se, o servil consegue tudo. Estamos no carnaval e estou aqui ensaiando os papéis de burro e de cão, e amanhã, optando por um ou por outro, lanço-me por ahí á aventura, subo as escadas da primeira secretaria, dirijo-me ao ministro, e zurro ou gano.

—Tú estás pessimista, Melchisedec.

— O que estou é convencido de que isto é o paiz dos analfabétos e dos zúmbrios. Olha que é um crime saber ler, meu caro. Eu vivi a absorver sciencia e litteratura, e hoje não tenho uma camisa decente. Que é o carnaval? a vida voltada pelo avêso, não te parece? Todo o homem tem em si uma feição que se occulta sob as conveniencias. Anthero, que é mais triste que uma missa de setimo dia, só se fantasia de palhaço, e tem graça, faz rir a valer — ninguem dirá que, sob aquella mascara comica, está a cara consumida do mais taciturno homem que o sól cobre... Na quarta-feira de cinzas, Anthero recomeça a pensar no suicidio. As creanças, que são verdadeiros diabrêtes, trocam, de bom grado, o mais rico trajo de principe, pela ganga rabuda de um diabinho; os velhos são, em geral, rapazes lépidos — eu vou virar-me pelo avêso mostrando-me burro ou cão e, quem sabe lá? é até possível que se dê commigo o que se dá com o Anthero: que os solecismos me acudam em borbotões e que a minha espinha se torne mais flexivel do que um junco. Queres, em summa, a verdade? Vou exercitar-me, vou aproveitar os trez dias de irresponsabilidade para despêjar asneiras, afeiçoando-me aos barbarismos indispensaveis e para lambar todas as mãos e todos os pés que me apparecerem. A vida é dos que mais fingem — tudo está em saber disfarçar. O rapazote não está a percorrer cidades, de embaixada em embaixada, a rir-se, e com razão, das minhas preocupações espiritalistas? E eu que faço? Não tenho uma côdea para roer e durmo sobre um catre duro, como um penitente. A sociedade deu-me o diploma de sabio; pois bem: faço agóra questão de merecer o titulo de bêsta, e só me considerarei feliz no dia em que ouvir louvôr á minha passagem, coisa que se pareça com isto: «Alli váe o maior camêlo desta terra!» e, no dia afortu-

nado em que tal coisa se dér, poderás procurar-me, porque serei uma influencia no paiz. A duvida que me retém é esta: como dêvo ir: de burro ou de cão?

Eu estava pasmado, e o meu espanto cresceu de ponto quando Melchisedec enfiou na cabeça a mascara de burro e sobraçou um grosso volume:

— Que diz você? — roncou — Estou bem assim?

— Eu acho que tú estás doido, Melchisedec.

— Não te pergunto se estou doido, pergunto-te se estou bem como burro.

— Isso estás.

— Pois então, meu amigo, prepara-te para a surpresa.

— Que váes fazer?

— Vou ao ministro. Ponho-me de quatro pés, subo as escadas, ornêjo deante do repôteiro, entro, escoicinho, e.

— E sães corrido a páuladas, como aquelle burro da fábula que se mettu a fazer caricias.

— Então vou de cão... Filho, — irrompeu de repente, — eu preciso fazer pela vida; isso assim é que não pôde continuar. E' preciso transigir? transijo. Os homens querem a mediocridade lisongeira: sêja feita a vontade dos homens.

— Váes renegar a sciencia, relápsos?

— A sciencia? tudo! o que eu quero é um emprego. Vou passar o resto da vida disfarçado em asno ou em cão, ou alternativamente: em cão e em asno. Viverei como *Pelle de burro* — em publico, bêsta quadrada; em casa, com o ferrôlho corrido, philosopho espiritalista. E que pensas? a maior parte dos phantasiados que por ahí andam, esmóe uma idéa. Dêspe o *princez*, desmacará-o e talvez encontres debaixo da belbutina um desgraçado que se atordôa, ou um infeliz que tem fôme. Já alguém observou que o carnaval, nos tempos de crise, é sempre deslumbrante — é que a loucura é proporcional ao desespero: ha homens que bebem quando téem maguas. Dizem que é a festa da Folia: a apothéose da Hypocrisia é que é. Como eu, quantos haverá amanhã nas rúas? Emfim, nada tenho com os outros, dize lá — como dêvo ir: de burro ou de cão?

— Não sei, Melchisedec.

— Vou de cão.

Se os senhores encontrarem pelas rúas, um sujeito pequenino, magrinho com uma cabeçorra de cão, lastimem-no: é Melchisedec que anda cynicamente a mendigar emprego ou a ensaiar-se para um alto cargo.

Pobre Melchisedec! não sabe o misero que a gralha pôde disfarçar-se em pavão, mas o pavão... esse é que nunca se disfarçará em gralha. Com cabeça de cão ou de burro, elle ha de ser sempre o mesmo philosopho, o mesmo erudito, incompativel com as propinas gôrdas. Em todo o caso, não lhe matemos a esperança — deixêmol-o illudido nesses trez dias de illusão.

— Burro ou cão... que animal!!!

COELHO NETTO

### Projecto de Reforma Monetaria no Brazil

O NOVO SYSTEMA MONÉTARIO BRAZILEIRO

Moêda de Ouro

O antigo mil réis de ouro brasileiro continha o gr. 8.965 de ouro fino ao titulo de 917 *mos* de fino, isto é:

$$\frac{0.8965 \times 917}{1.000} = \text{o gr. 82209 de métal}$$

fino.

O conto pezava, portanto, exactamente, 822 gr. 09 de ouro fino.

A libra estérlina péza 7 gr. 988 de ouro ao titulo de 91666 *mos* de fino, ou:

$$\frac{7.988 \times 916.66}{1.000} = 7 \text{ gr. 322 métal fino}$$

Cada conto de ouro brasileiro valia, pois, exactamente:

$$\frac{822.09}{7322} = 112 \text{ lib. st. } 1/2$$

E como cada libra estérlina vale 240 dinheiros, o conto ouro valia: ... ..  $112,5 \times 240 = 27.000 \text{ d.}$ , o que dava ao mil réis uma paridade de ouro de 27 d. ou de 2 fr. 835.

Cada libra estérlina vále 20 shillings de 12 d., donde resúlta que cada shilling péza:

$$\frac{7322}{20} = \text{o gr. 3661 de ouro fino}$$

e cada dinheiro:

$$\frac{0.3661 \text{ ou } 7322}{12} = \text{o gr. 030508 ouro}$$

fino

Si o novo padrão monetário brasileiro se tornasse o mil réis de 12 d. ouro, cada novo mil réis conteria.  $0,030508 \times 12 = 0$  gr. 3661 de ouro fino.

Os 10 mil réis 3 gr. 661

Os 20 mil réis conteriam 7 gr. 322, o pèzo exacto de uma libra estérilina.

E o novo conto ouro equivaleria a 366 gr. 1, ou 50 libras estérilinas.

O novo padrão monetário brasileiro ficaria, assim, perfeitamente adaptado ao padrão inglez, e um mil réis, pelo novo systema, teria a equivalencia de 1 shilling.

Mas, não seria necessario escolher o titulo da liga ingleza — 916.66 millésimos de métal fino — que é de applicação muito difficil nos paizes de systema métrico.

Todos os paizes, que, ha meio século, modificaram seus padrões, adoptaram para as suas moedas de ouro o titulo francez de 900 *mos* de fino, que se adapta, rigorosamente, ao systema decimal, e que dá ás moedas cunhadas, uma grande resistencia contra as pèrdas do uso: tal é o caso da Allemanha, da Suécia e da Noruéga, da Dinamarca, da Hollanda, para os seus novos florins de ouro, da Hespanha, da Austria-Hungria, da Russia, Estados Unidos, do Japão, etc.

Escolhendo o titulo 900 *mos*, que é o titulo geral, a libra ouro brasileira, depois de cunhada, pézaria:

Ouro fino..	.... gr. 7,322
Liga. ....	.... « 0,813
Total. ..	8,135

Ella pezaria, assim, 0 gr. 147 mais que o soberano ouro inglez, ao cambio, exactamente, do mesmo valôr.

O padrão monetário sendo o mil réis ouro, cada mil réis pezaria 0 gr. 4068; isto é: 0 gr. 3661 de ouro fino e 0 gr. 0407 de liga.

\* \*

Não aconselharemos a cunhagem de moedas superiores a 20 mil réis, moedas de 40 ou de 80 mil réis, porque o publico tem uma accentuada tendencia para guardar as grandes moedas: isto aconteceu em França, onde não existem mais, na circulação publica, as magnificas moedas de 40 fr. de 50 e de 100, si bem que se tenham cunhado, dessa espécie, ha cêrca de cem annos, mais de 310 milhões.

Além disso, as notas do banco de 40 mil réis, convertíveis em ouro, exercerão a funcção das moedas de 2 libras, e não correriam o risco de serem arrecadadas e escondidas nas gavêtas, como estas sêl-o-iam com certeza.

Do mesmo modo, não indicariamos a cunhagem de moedas valendo menos de 10 mil réis, porque as de 5 mil réis

ouro, não são, na realidade, sinão moedas divisionarias, sendo de incontestavel vantagem fabricar estas de prata.

Por conseguinte, as duas moedas de ouro, que parece convirem mais ao novo systema monetário brasileiro, são: 1º a libra brasileira = 20,000 réis, tendo um pèzo legal de 8 grs. 135, ao titulo de 900 *mos* (7, grs. 322 ouro fino); 2º a meia libra brasileira = 10,000 réis, tendo o pèzo legal de 4 grs. 068 ao titulo de 900 *mos* (3, grs. 661 ouro fino).

O governo federal, além disso, conservará a faculdade de conceder cûrso legal ás moedas de ouro estrangeiras, na paridade do seu valôr entrínseco de métal fino.

### MOEDA DE PRATA

O novo padrão monetário brasileiro sendo o mil réis ouro, todas as moedas de prata, qualquer que sêja o seu módulo, serão moedas divisionarias não tendo valôr liberatório senão para sommas de minima importancia. Essas moedas, não podendo ser convertidas em ouro, deverão apenas substituir, na circulação fiduciária, as notas pequenas que ella comprehende, actualmente, como moedas divisionarias.

Os paizes da *União Latina* — França, Italia, Belgica, Suissa, Grécia — tinham admittido, em sua convenção primitiva 6 fr. ou 4.000 réis por habitante. Em 1894, reconhecida insufficiente essa quôta, os Estados contractantes a elevaram a 7 fr. Mas, sendo muito mais intenso o commercio interior dos paizes da União que o do Brazil, calculámos que não será necessario cunhar mais de 4.000 réis de prata por habitante, cêrca de 80.000 contos para a população brasileira, mesmo quando ella excedesse de 20 milhões.

Os módulos a adoptar deveriam ser, exactamente, os mesmos das pequenas notas a serem retiradas da circulação, isto é, moedas de 500 réis, de 1.000 réis, de 2.000 réis e de 5.000 réis; aos quaes o publico brasileiro se habituou, durante longos annos, porque o antigo systema monetário comprehende moedas de prata daquelle valôr; e, portanto, respeitando esses hábitos, a mudança se effectuaria, sem perturbação, á medida da cunhagem das novas moedas.

\* \*

No fim do anno de 1898, sobre nma circulação total de papel-moeda de 779.965 contos, havia, no Brazil, 81.186 contos de notas pequenas, assim enumeradas:

13.758.000	notas de 500 =	6.879	contos
17.063.000	1.000 =	17.069	
11.417.500	2.000 =	22.835	
6.882.500	» 5.000 =	34.411	»
49.121.000	notas =	81.188	

Suppondo que estes algarismos sêjam os mesmos, isto é, que a incineração ou a retirada do papel-moeda sómente tenha comprehendido notas de valôr superior a 5.000 réis — o que parece verósímil — são esses 47.121.000 de pequenas notas, representando o valôr nominal de 81.188 contos, que deverão desaparecer, sendo substituídos pelas moedas de prata de 500, 1.000, 2.000 e 5.000 réis, perfazendo, em numeros redondos, os 81.000 contos.

Trez questões se antólham então: o titulo adoptado, o pèzo legal das moedas e a despeza do governo com essa operação.

\* \*

1º — Os paizes da *União Latina* cunham suas moedas de 5 fr., com pleno poder liberatorio para qualquer somma ao titulo de 900 *mos*, e suas moedas divisionarias, com poder liberatorio até 50 fr., ao titulo de 835 *mos*.

O Brazil, passando ao padrão ouro, todas as moedas de prata, não impôrta de que valôr, não passariam de moedas de trôco: seria, assim, inutil dar-lhes liga diferente: o titulo 900 *mos* convirá a ambas, sendo estabelecido pelo lei monetaria que terão poder liberatorio até a concurrencia de 40.000 réis, ellas terão cûrso forçado em todo o territorio brasileiro, e que para o excedente daquelle quantia, sómente serviriam de elemento fraccionario até os referidos 40.000 réis.

\* \*

2º — Partindo desse principio — que as moedas de prata serão fragmentarias, a questão de pèzo legal das novas moedas tem apenas importancia secundaria, porque ellas não se expôrtam, e, sómente, circularão no interior do Brazil.

A piástra mexicana péza 27 gr. 073 ao titulo de 902.7 *mos*; o dólлар americano péza 26 gr. 729 ao titulo 900 *mos*; a antiga prata brasileira de 2.000 réis péza 25 gr. 5 ao titulo de 917 *mos*, os 5 fr. francez pézam 25 gr. ao titulo 900 *mos*. E' este ultimo módulo o que dêve ser escolhido de preferencia para a nova moeda de prata de 5.000 réis, porque uma ou duas grammas de métal, de mais ou menos, não augmentarão, sensivelmente, o valôr intrínseco dessa moeda, que não passará (cumpre notar) de um signal representativo e não um equivalente do valôr. A grande vantagem do módulo francez consiste em constituirem 25 gr. uma fracção decimal precisa, mais facil de pézar, de adicionar, de multiplicar e dividir, do que 26 gr. 729, ou 27 gr. 73.

Esse módulo permitiria, emfim,

par como pézo legal, 10 grammas ás moédas de 2.000 réis, 5 gr. ás de 1.000 réis e 2 gr. 5 ás de 500 réis, donde resultaria o mérito de uma grande simplicidade para o systema monetário brasileiro.

3º — Quanto custaria ao governo a cunhagem da nova moéda de prata? Admittindo o algarismo redondo de 81.200 contos, cada mil réis de prata fina, devendo pézar 4 gr. 5, seria preciso adquirir :

$$\frac{81.200.000 + 4.5}{1000} = 365400 \text{ ks. prata fina}$$

Notaremos, de passagem, que essa massa apenas representa uma décima quinta parte da produção de prata annual — 5.400.000 kilos no mundo inteiro — e que as operações de cunhagem poderiam ser feitas em dois annos.

Computando o kilogramma de prata fina a 100 francos, preço superior á média annual, a primeira despesa da operação de cunhagem — seria :

$$365.400 + 100 = 36.540.000 \text{ francos.}$$

A administração franceza das Moédas, na época da cunhagem livre de moédas de prata, cóbrava pelo kilogramma de prata, ao titulo de 11900 mos; 2 fr. 85 pelas moédas de o fr. 50 ; 2 fr. 20 pelas de 1 fr. ; 1 75, pelas de 2 fr. ; e 1 fr. 50 pelas de 5 fr., preços que comprehendiam as despesas de fabricação e o preço da liga. Mas, essa antiga tarifa seria, sensivelmente, diminuida, si se tratasse de uma massa de 365.400 kilogrammas de prata a cunhar.

Não contando com reduções, no Brazil, as despesas com a cunhagem dos 81.200 de moéda de prata custariam :

Numero de moédas	Valór em réis	Pézo ao titulo de 900 mos		Despesas de cunhagem	Fr.
		de cada moéda	Total		
		Gramm.	Kil.		
12.000.000	500	2.5	30.000	85.500	
18.000.000	1.000	5	90.000	198.000	
12.000.000	2.000	10	120.000	210.000	
6.640.000	5.000	25	166.000	349.000	
			406.000	842.500	

Recapitulando as despesas totaes da operação, teriamos :

Compra do métal... 36.540.000 fr.  
Dito da cunhagem... 842.500 »  
Despeza total 97.382.500 fr.

Cada dinheiro de ouro, valendo-o fr. 105, e um mil réis de 12 d. = 1 fr. 26, como o shilling, essa despeza corresponderia a :

$$\frac{37.382.500}{1,26} = 29.667,7 \text{ contos novo systema}$$

ou 1.483.350 £.

A operação seria, portanto, excellente para o thesouro federal, porque 1.483.385 £ lhe permittiriam retirar da circulação 81.200 contos de papel moéda, e que, se fosse necessario substituir esses 82.200 contos por notas novas embolsaveis a 12 d. ouro por mil réis, teria assumido um onus efféctivo de  $81.200 \times 50 = 4.060.000$  £, realisando uma economia real de 2.576.615 £ ou 51.532, 3 contos do novo systema.

\*\*

Si essas idéas fôssem adoptadas, o quadro das moédas brasileiras se figuraria pela fórmula seguinte :

NOVAS MOÉDAS BRAZILEIRAS

Valór em moédas inglezas	Pézo de fino	Titulo	Pézo legal
			Ouro, padrão legal
			Prata
20.000 réis...	8 gr. 135	900 mos	7. gr 322 1 libra
10.000 — ...	4 " 068		3 661 10 sh.
5.000 réis...	25 gr. 00		22 gr. 5 5 sh.
2.000 — ...	10 " 00		9 " 6 2 sh.
1.000 — ...	5 " 00		4 " 5 1 sh.
500 — ...	2 " 50		2 " 2 1/2 6 d.

(Continúa)

EDMOND THÉRY

ANDORINHAS

I

Lembras-te? Quando, outr'óra, vinhas  
A primavera annunciar,  
Súbito, em vólta de meu lar,  
Esvôaçavam andorinhas...  
Eras o só das avesinhas,  
E eras o só do meu amór,  
E para as muitas dôres minhas  
Tinhas o bálsamo melhor...  
Tinhas o bálsamo do beijo  
Para matar o meu desêjo...  
Mas, ha que tempo te não vêjo  
De minha casa em derredór!

II

Para meu lar já não caminhas;  
Morrendo as arvores estão...  
E ha tantas rósas pelo chão,  
E andam tão longe as avesinhas!  
Fugiste ás cóleras damninhas  
Dos frios ventos hybérnaes,  
E fôste como as andorinhas  
E não voltáste nunca mais!  
Ah! se eu te encontro — e é quanto almêjo!  
Tão púra como te desêjo,  
Talvez que — amór! — a um nosso beijo,  
Renasçam rósas nos rósaes!

PEDRO RABELLO

OS ZEMSTVOS RUSSOS

Estudando a nova éra que alvoréce, na escura perspéctiva do povo russo, J. Dillon deu no *Review of Review*, de Albert Shaw, interessantes informações sobre os Zemstvos, instituição de marcada influencia nos recentes acontecimentos.

\*\*

Sob este systema de governo, diz elle, fundado na suppressão dos direitos individuaes e em toda a sôrte de coércões barbaras, o povo russo não tem patria: para a *bureaucracia*, elle não pássa de um animal pagador de impóstos. Os camponezes, que fórmam trez quartos da população, os negociantes inferiores, assim como os ricos, não pódem matricular seus filhos nas escolas navaes ou militares, porque pertencem a uma classe indigna dessa honra, e são privados de outros direitos, ainda mais elementares. O negociante proprietario de vastas empresas industriaes, que fornecem subsistencia a milhares de operarios, não ousa ler-lhes as noticias dos jornaes acêrca da guerra, nem mesmo um capitulo do Evangelho: isto seria crime de traição ao regimen autocratico.

— Que ríricula espécie de patria é esta — escreveu o jornalista russo do *Nowoye Vremia*, Menshikoff — em que um homem não póde tocar em coisa alguma, que não se diga: não ser de sua conta? Que nos impórta, então? Si nada temos com os negocios da Russia, segue-se que somos estrangeiros. Si todos os meus direitos se resúmem ao pagamento de impóstos, seria preferivel mudar-me para a Inglaterra, onde me garantiriam a egualdade de todos os cidadãos, protecção e liberdade de pensamento e de consciencia.

O governo arbitrario, modelado por essas linhas, engendrou a fallencia das leis; perseguições religiosas pro-

duziram a hypocrisia; e a coerção, violencias criminosas. Veio a estagnação. Ministros, governadores, proeminentes funcionarios fôram assassinados pelos descontentes, e a latente hostilidade rebentou em guerra aberta. Sipyagin, ministro do Interior, foi morto á bala; Plehwe, seu successor, foi morto por uma bomba. E a machina administrativa parou no interior, agindo mal no exterior. Suscitou-se, então, a duvida-si deveria continuar o antigo regimen, e passaram semanas, sem deliberação. Uma victoria de Kuropatkine poderia alterar a balança dos acontecimentos; mas, o telegrapho sómente transmittia as dolorosas noticias de desastres e retiradas. Os annaes da campanha continham muitas noticias forjadas por ordem do governo. Ergueram-se altos murmúrios contra a continuação das hostilidades, censúras violentas contra a *bureaucracia*, que empenhára a nação numa guerra inutil, e se formularam decisivas reclamações pela conclusão da paz. Finalmente, o principe Soyatopolk-Mirski foi nomeado ministro do Exterior. Homem de encantadora franqueza, maneiras attrahentes, vistas largas e illustradas, discordou das opiniões de Plehwe, desapprovou os seus métodos e lhes deplorou os resultados.

O novo ministro empregou a verdadeira linguagem acompanhada por judiciosos actos; mas, nada alterou quanto aos princípios de governo do seu predecessor: começou assegurando sua confiança no povo russo; deu liberdade aos mais notaveis súbditos do Csar, encarcerados sem motivo; libertou muitos outros do exilio; tolerou os triviaes peccadilhos da imprensa e se abstêve de mandar para a cadeia muitos homens pelo facto de não concordarem com as opiniões da *bureaucracia*. Mas, todos os seus actos e palavras tinham o cúnho pessoal: sómente a elle obrigavam. De sorte que, si deixar o poder, seu successor poderá reverter, livremente, ao systema de Plehwe, sem abolir uma lei, sem repudiá-los nenhum axioma de governo. E' este um dos mais importantes elementos da situação.

\*  
\* \*

O grande acontecimento historico do novo regimen, é a assembléa dos

presidentes das commissões do *Zemski*, uma reunião privada, quasi secreta, cuja importancia provém da circumstancia de ser pública, quando se poderia realizar occultamente.

Os *zemstvos* são corporações provinciales eléctivas, investidas de um limitado numero de poderes — a incumbencia da conservação dos caminhos, de soccórros médicos á população rural, a organização de escólas, da estatistica, e de salvar da fome e das moléstias milhares de individuos, que deixam, annualmente, as suas aldéas, em busca de trabalho. Devido, menos aos poderes que lhes fôram conferidos, que ao seu character representativo, ao seu espirito de iniciativa, essas corporações contéem, no âmago, os gérmens de desenvolvimento, e são capazes de se expandirem para fórmarem a assembléa legislativa — o parlamento russo.

Durante vinte annos, os *zemstvos* organizaram e propagaram a educação, ao principio rapidamente, depois com esmorecimento, em consequencia da ferrenha opposição da *bureaucracia*. O ministro perturbava a obra meritória por todos os meios e modos. Muitas escólas, por elles fundadas em 1880, fôram retiradas de sua direcção em 1884. Em 1897 vários *zemstvos* pediram ao governo para abrir, á cústa delles, escólas para ensinarem a lêr e escrever; mas essa auctorisação foi recusada, porque educação e autocracia são como fogo e agua, coisas que se não pôdem combinar. Elles continuaram, todavia, a progredir em face dessa terrivel opposição, até que o governo, recorrendo a medidas extremas, lhes reduziu o orçamento e lhes estreitou a área de actividade educadora.

Mas, as directorias locais continuaram a trabalhar sempre em beneficio do povo desprotegido, dando-lhe a metade do pão que lhe não poderiam mais dar inteiro. A's escólas prohibidas substituíram livros, que não eram obras perniciosas, as melhores creações da litteratura classica da Russia; mas, neste empenho, ainda fôram obstados os esforços dos *zemstvos*. Em 1901, as auctoridades centraes lhes védaram propagarem, em edições baratas, os classicos russos para a instrucção do povo; não represaram, porém, o affluxo da pornographia su-

persticiosa e obscena, que inundou as provincias. Para cúmulo de perversidade, quando os *zemstvos* manifestaram o desêjo de se reunirem em assembléas, para cuidarem de medidas uniformes de amparo aos soldados doentes e feridos, o governo recusou: cada conselho local deveria agir em separado, sem combinação ou harmonia com os outros.

Era essa a situação dos *zemstvos*, quando Plehwe foi morto—privados de poder, mas providos de conhecimentos que o equivalem. Elles, sómente elles, conheciam as massas, seu estado economico e moral, as misérias e témpera do povo; e, como o governo teria de recorrer ao auxilio do povo, isso dependeria da boa vontade e cooperação dos *zemstvos*, porque é bem verdade que toda a estrutura economica do Czarismo está estalando e altuindo; tem, dentro, em vários compartimentos, alguma coisa quebrada, e precisa de ser, breve, reconstruida. Sem os *zemstvos*, que são a lingua e alma dos camponeses, o governo tacteará no escuro, porque, ao contrario de outros governos, não tem conselheiros leaes, nem cooperadores prestimosos. Os homens illustres e proeminentes, exilados na Sibéria, ou prisioneiros em outros logares, são todos partidarios dos inimigos da autocracia. O novo ministro, cujo systema parecia consistir em conter o povo em attitúde reverente, favorecia, assim, os *zemstvos*. Fez saber aos presidentes dos directorios de districto que, si quizessem reunir-se para adoptar medidas de soccôrro aos fêcidos, poria ás suas ordens uma das salas do palacio ministérial, onde auctorisaria as sessões. Foi isto, para o governo, um largo passo em direcção á democracia: permittir que os representantes dos corpos eléctivos populares se reunissem e deliberassem sobre qualquer matéria, era facto novo; marcou uma época na historia da Russia.

A assembléa foi marcada para 19 de novembro de 1904. Os presidentes dos districtos se regosijaram; acceitaram a concessão, como um ponto de partida, e, com a franqueza impôsta pela gratidão, declararam ao ministro que, além do soccôrro aos feridos, discutiriam outros assumptos, porque a massa do povo russo, que não recebeu ferimentos dos japonezes, soffria duras privações, misérias, que poderiam, fa-



cilmente, ser evitadas. Seriam discutidas medidas de allivio a esses males, e para evitar a sua reincidencia. Chegaram, mesmo, a fazer allusões a uma camara representativa. O principe Mirski saccudiu os hombros: não lhes prohibiria o debate sobre o estado da Russia, nem o auctorisaria. Quanto ao parlamento, era idéa afastada da discussão. Não seria melhor fixar a reunião para janeiro?

Os dignitarios *bureaucraticos* e outros partidarios da autocracia, pura e simples, se assustaram com o plano da assembléa que deveria, succedesse o que succedesse, ser evitada.

Prevenir era melhor que curar. Fizeram vehementes representações ao Csar, e um dos mais influentes, entre elles, chegou a affirmar que, si os presidentes *zemstvos* chegássem a se reunir com permissão do imperador, essa assembléa seria o principio do fim, e por isso este ponderou ao ministro que ella poderia ser adiada para janeiro, e recusou a auctorisação. Como o principe Mirski ponderasse a sua Magestade, que essa auctorisação já fôra prometida, elle respondeu que mais tarde, veria isso mais detidamente.

Na mesma tarde, o ministro repetiu essa conversação a Shipoff, presidente da Assembléa, e, em consequencia, os presidentes dos *zemstvos* deliberaram reunir-se, em particular, e sem auctorisação official. A vantagem desse modo de proceder, do ponto de vista do governo, consistia na circumstancia de que as resoluções do consello seriam as de uma centena de individuos sem posição official, deliberações que a ninguem obrigaríam. Do ponto de vista do povo, a auctorisação era uma fórma sem importancia. Para toda a Russia, dizia-se, *una voce*: ella aspira pelo governo de si mesma; e, uma vêz pósta a massa em movimento, ella assumiria as proporções de uma avalanche, que destruiria todos os obstáculos ao seu progresso.

O 19 de novembro tornou-se uma data historica, nos annaes da Russia, análoga ao 4 de maio nos pródromos da revolução franceza, quando se reuniram os Estados Geraes. Na noite daquelle sabbado fatídico, noventa e oito dos cento e dez chefes *zemstvos*, con-

vidados, se reuniram numa casa do Rio Fontanka, e se constituíram em parlamento preliminar, deliberando, durante trez dias, a portas fechadas, sem admissão de estranhos, como se haviam compromettido com o ministro do Interior. A imprensa foi prohibida de publicar, por precaução do principe Mirski, qualquer noticia da existencia da Assembléa. Os resultados dos debates fôram a affirmação, por grande maioria, de que o actual regimen não se podia, absolutamente, harmonisar com as necessidades e aspirações do povo russo, que deveria ser chamado a tomar parte activa na direcção dos seus negocios. O futuro governo, qualquer que fôsse, deveria ser baseado na lei, e as repugnantes medidas de arbitrio, a contéxtura e essencia da legislação deveriam consagrar a liberdade de consciencia, de imprensa, de reunião e o estabelecimento de uma assembléa permanente de representantes para legislar, votar os orçamentos, fiscalisar as despezas e os actos dos ministros. Essas resoluções fôram, em particular, entregues ao ministro, que as remetteu ao Csar.

Taes fôram os factos. O resultado desses acontecimentos, pouco conhecidos em minúcias, pertence ao futuro. As classes intelligentes da Russia estão muito esperanças; os operarios, os socialistas são decididos; os estudantes e a joven geração são impulsivos. O exército, porém, e todas as forças organisadas estão nas mãos do governo autocratico, que não está disposto ao suicidio.

Mais cedo do que suspeitára o escriptor desse artigo, as consequencias da assembléa dos *zemstvos* explodiram nas extraordinarias manifestações de rebeldia, que estão minando a velha e odiosa autocracia, e desmoralizando a influencia moral do Csar, manchado com o sangue de milhares de victimas trucidadas, nas ruas de S. Petersburgo, pela ferocidade dos cossacos.

#### A LIVRARIA

EDUARDO PRADO — PADRE JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE — N. FALCONE & C. — S. PAULO.

Nesse livro de Severiano, o illustre padre intelléctual do Brazil, só me impressionou, só me dêve impressionar

o que elle exála e documenta de brilho e de poder litterario. Porque o *motivo*, isso de que o artista arrancou uma violenta obra d'arte, é o assumpto mais discutivel e mais discutido do mundo. Prégar a excellencia do catholicismo, a sua grandeza, as alturas da sua magestade, os seus suaves encantos, os seus suggestivos idéaes de pompa; dizer, em ultima análise, a sua superioridade sobre todas as outras lendas que ainda esquentam a fé no proximo, simples e manso, é tão inoffensivamente velho como o catholicismo. E, depois, isto é sempre uma controvérsia, sempre viva, sempre escabujante, de que ninguem sáe convencido, nem alterado nas idéas anteriores. Apenas, um excésso de calôr da discussão, esfriando um pouco a amizade dos adversários... Cada qual dos heróes combativos, que súam na peléja todos os heroismos de imaginação, todos os esforços de insolencias, recólhe, por fim, ás suas convicções, e manda, mais ou menos, com delicia, o outro

« *Pastar longas caupiuas livremente* »

De resto, não me adeanta nada, nesta vida, duvidar ou crêr, ou, afinal, debater sobre a realidade da crença cathólica de Eduardo Prado. Creio firmemente que a sorte do Brazil, a minha sorte, a sorte do padre Severiano, a tua sorte, leitor, não depende muito dessa encantadora fé, que o esforço, méramente litterario, de magnifico, de sobêrbo *sport* espiritual, do artista, procura effectuar, numa concurrencia rútila de phrâses, no fascinante *poseur* que foi o fino paradoxal da *Illusão Americana*. Esse mesmo esforço, que maravilhosamente deu duzentas paginas de força persuasiva, d'intensidade viváz, léva uma creatura a considerar, talvez por uma extravagancia, que a crença de Prado é cada vez menos clara, menos decisiva, menos feita de convicção e sinceridade, e é deliciosamente scintillante de *póse*, de *chic*, de futilidade radiosa. Emfim, não me irrita, assombra-me, antes, esse deliberante arrôjo dum artista por amôr doutro, exgótar veios dialécticos, opulencias de recúrsos, maravilhas de habilidades, para impôr, diante da calma incrédula, compassiva da *victima*, isto é, do publico — que Prado era cathólico *esclarecido*, *pratico*, *denodado*, etc., etc.

Contar o catholicismo do áttico descontente dos *Fastos* e do imprévisto e forte narrador das *Viagens*, não deixa, precisamente, de ser uma taréfa estimavel e sobretudo agradável ao leitor, quando é um escriptor, quando é Severiano o seu heróe. Lê-se, sorri-se, e a gente, ao cabo, fica perfeitamente encantada nas scintillações de um estylo singular e fundamente original. Isso mesmo é o que eu sinto e penso sobre o que, nesse volume, escreve

Severiano das suas idéas monarchicas e da sua respôsta á bôa velha Maria Amalia e ao bom velho Pereira Barreto.

No primeiro caso, não creio — ai de mim! — na sincéridade dessas idéas, entre nós de um ridiculo interéssante, como não creio no monarchismo e catholicismo pratico e convencido de Prado. Para mim, — vê tu, Severiano, que horrôr! — elle foi tudo isso por simples elegancia, que a sociedade fútil de Paris e mesmo de Lisbôa e mesmo aqui solicitava, para que elle fôsse elegante e fidalgo. Em Paris, Prado era o chefe do partido monarchista do Brazil, porque Prado precisava de ser *chic*. Mas, em casa, na rua Rivoli, na *Revista Moderna*, na companhia do Eça, era apenas artista no seu idéal monarchico, no seu catholicismo, porque o catholicismo, já hoje, é apenas uma bella coisa, luminosamente esthética. Era, pois, catholico e monarchista porque era esthéta...

Severiano é *chic*, acreditando no catholicismo de Prado; não é menos, querendo provál-o. E, sobre isso, é extasiante, lavrando o seu crédo, o seu amor á monarehia... até suppôr, quasi com graça, com um desplante encantador, que o *brazileiro que na hora actual se exime de ser monarchista não pôde achar geito de ser, por mais que malabarise, patriota*.

Não é propriamente *chic*; mas, é um resultado disso, o que elle, de gratuito e de máu, escreve em periodos de fôgo, contra o sr. Pereira Barreto — homem de sciencia séria, vencido, em polemica, por Prado, segundo Severiano; e vencedor, segundo aquelles dos entes que não resmungam a Cartilha. Sêja como fôr, o que não deixa de ser superiormente bello é que esse pensador, adversário de Eduardo Prado, tenha engrossado, com as suas, as homenagens feitas, á memoria do artista, numa mutualidade de extinctos elogios, em que só elle deu uma nota original de critica, pensando com honestidade, com celeste horrôr dos estylos exangues, sem alma, sem vibração, das *polyanthéas*, que o padre amigo tão santamente abomína.

Eu, tu, elle estamos, bem socega-dinhos, no nosso pacáto direito de descrêr da linda convicção de Prado. E, dahi, a que vem o insulto dos padres? Vem a que... o livro de Severiano tem um capitulo immortal — pelo esfusiar faísicante, estridente, quasi rubro da phráse, do feitio da violencia; mas, sobretudo, pelo absoluto heroico da verdade: é o *catholicismo pratico*. Tudo o que esse padre diz, soberanamente desprezado de conveniencias, de certas conveniencias de sotáinas, é isto: um descarregar impiedoso, definitivo de objurgatória admiravel contra o catholicismo *carôla*, de benzedéllas publicas pelos palama-

res das egrêjas e safadezas intimas pelo bôlso e pela honra do proximo. E', ainda, contra o catholicismo falso, velháco, insincêro, isto é, o catholicismo de estatistica, isto é, o catholicismo brasileiro — por um lado, *chic*; por outro, ganhador e commodo. Esse capitulo é o livro, e, por insuspeito, vindo de uma tão alta auctoridade, é um documento a favor das idéas dos livres pensadores.

Mas, o artista!

Em cada qual dos generos, de critica e polemica, em que o livro se mette, o estylo é que, como eu disse á entrada, impressiona e interéssa. Esculpido num portuguez que, por vêzes, pôde agastar o dr. Candinho, mas que consôla, satisfaz, o estylo é um vigor, tem vertigens de talento, de originalidades illuminantes; vále, sacóde, lança sensações estranhas, bizarras, sensações de prazer, de estremecido gôso intelléctual. A technica, o decorativo inédito da expressão, nesse padre artista, é uma rutilancia preciosa, splendidamente rara.

WALFRIDO.

### AVE NEGRA

*Ave da Dor e da Tréva, de onde vens tu? !...*

GÉRARD DE NERVAL.

Côrvo sinistro, que me representas  
Somnambúlica ave tacitúrna,  
Trazendo ás pennas a visão noctúrna  
De frias luas-mortas, augurentas.

Côrvo, côrvo sombrío das nevoentas  
Trévas não sei de que medonha fúrna,  
Que nem nos olhos a canção diúrna  
Da luz, por mais tenuissima, alimentas!

O' ave negra, tu nas garras trazes  
Toda a flagéllação dos Satanázes  
Que desce sobre este meu peito anciado.

Dize-me, ó ave negra! ó luto etérno!  
—Serás um monstro que saíu do Inferno?  
—Serás o Tédio corporificado?...

ARAUJO FIGUEIREDO.

### A EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

Ha bem pouco tempo, quando se tratava da representação do Brazil em congressos scientificos ou industriaes, um ferrenho espirito de sovinaría estéril allegava, com estardalhaço da nossa miséria, que o Brazil não tinha meios financeiros para comparecer, como responderia um individuo mal educado, escusando-se de comparecer a uma solemnidade por não ter casaca ou não poder comprar um par de luvas.

Esses congressos, entretanto, offereciam magnificas oportunidades para

a exhibição dos nossos recúrsos intelléctuaes e economicos, e um meio de propaganda indispensavel aos paizes exóticos, quasi ignorados como nós fômos, propaganda que nos descuidámos de fazer, na supposição de bastar a fama das nossas riquezas naturaes, do nosso brilhante futuro, reflectindo além dos mares como um aperitivo aos capitaes, ás iniciativas fertilisadoras.

Essa fama de *Eldorado*, porém, era acompanhada pela pessima reputação de paiz pestífero, quasi sélvagem, inhóspito á immigração e pouco assimilavel ás conquistas do progrésso humano.

Concorremos, felizmente, ás exposições americanas, mais pela obediencia ás conveniencias da politica internacional que aos intuitos de nos exhibirmos como nação rica, como paiz feracissimo, propicio a todos os desenvolvimentos da actividade industrial.

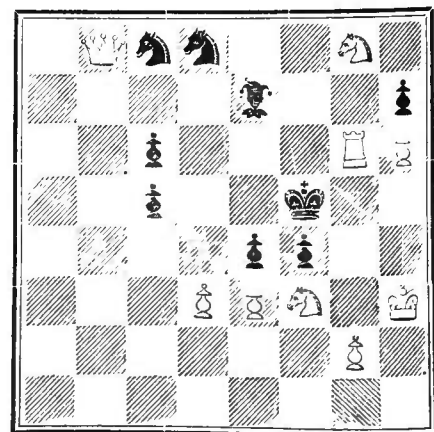
E o concúrso ás duas exposições não foi estéril, como demonstram o interéssese que os americanos do norte estão tomando pelo Brazil, que elles viram através dos productos exhibidos, que elles querem, agóra, conhecer *de visu*, como campo de exploração para o seu admiravel genio emprenhedor.

Temos uma turma de capitalistas norte-americanos na Amazonia, estudando os soberbos, os formidaveis recúrsos economicos do rio-mar; temos, desde ante-hontem, na bahia Guanabára o hiate *Margaret*, numa excúrsão de estudo dos portos do Brazil, conduzindo homens de finança como W. T. van Brunt e C. U. von Schrader, engenheiros como mrs. E. J. Robinson, M. R. Sherred e J. C. Roberts, aos quaes devemos desejar bôa vinda, como mensageiros de uma nova éra de progrésso, conduzindo a semente maravilhosa que produziu a inegualavel grandeza dos Estados Unidos da America.

### DIVERSÕES

Problema n. 16

PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE .. . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1º DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Um dos amaveis leitores dos *Annaes* reparou, com phrases rebuçadas de azedúme, que o auctor destas chronicas houvése assacado á briosa guarda nacional, o epitheto de *praga da Republica*, e deduziu, com eloquencia, a defeza theorica dessa instituição.

Em resposta aos melindres do censor, diremos que conhecemos, sufficientemente, a historia dessa milicia; sabemos o que foi a antiga guarda nacional de verdade e a actual guarda nacional de pilheria, a guarda nacional desmoralizada desde os ultimos annos do Imperio, quando a politica emprehenheu, desassombradamente, aquillo que nós, republicanos prehistoricos, denominámos, ironicamente, a coronelisação.

Quando fômos surprehendidos com a invasão do territorio nacional pela flôr das tropas de Solano Lopez, não tinhamos exercito preparado para essa campanha. O governo appellou para o voluntariado, que correspondeu, brilhantemente, mas não em quantidade bastante para repellir o que se chamou então, exhuberantemente, em prósa e vérso, inspirados pelas vibrações frenéticas da alma nacional, affronta aos brios da patria.

Mas, o entusiasmo arrefeceu depressa, ao verificar-se que a guerra era uma coisa séria, num paiz barbaro, desconhecido, governado por um déspota fiel aos humanitarios môdelos do santo doutor Francia, um paiz considerado, naquelle tempo, um Japão, que a companhia de Jesus fechára aos perigosos contactos da civilisação.

As valentes legiões de voluntarios do norte se iam bater em clima estranho, num meio inteiramente advérso aos seus habitos, ao seu temperamento; e, após ás primeiras e dolorosas impressões de campanha, mandaram

contar aos parentes e aos amigos, a somma de heroismo despendida para cumprirem, stoicamente, o penoso dever de soldado, numa campanha, em que tudo se improvisou do pé para a mão, sob a atordoadora influencia da violenta surpresa.

Em consequencia, amorteceu o entusiasmo; muitos voluntarios arranjaram, por empenhos politicos, voltarem aos lares, e o governo teve de recorrer ao recrutamento forçadissimo, sob o disfárce da famosa *designação*, feita cruelmente, sêndõ quintadas ás fileiras da guarda nacional, fileiras de homens de carne e osso, inscriptos nos grandes *livros-mestres*, forrados de couro, encantoados de bronze, que eram o terror dos matutos e tabaréos.

Quem debúlha, agóra, os factos desta velha historia, viu *designados*, voluntarios de páu e córda, arrancados da lavoura, das campinas povoadas de rebanhos úberes, marcharem amarrados, algemados, pelas ruas de cidades do interior para a cadeia, transformada em antecamara dos quartéis, onde se preparavam, apréssadamente, as levas de mobilisação militar.

Todos se recordam, como da mais dolorosa vergonha que jámais vergastou os brios de um povo, que o governo se encontrou na dura contingencia de mandar para os banhados, para os estéros do Paraguay, transformados em voluntarios, pretos alforriados e galés do presidio de Fernando de Noronha, nos quaes a clemencia imperial trocára a grilhêta pela grana-deira.

Os voluntarios por impulso patriotico e os voluntarios da guarda nacional se bateram, denodadamente, e venceram, desapercibidos para a lucta, um adversario valente até ao fanatismo e preparado de longa data. As suas victorias passaram, legitimamente, para as paginas de ouro da historia, illuminadas pelo éstro dos poetas e dos oradores, aos quaes forneceram inexgotavel assumpto.

Convém recordar que, naquelle tempo, não havia militarismo; os soldados não pretendiam intervir na direcção da politica e tão horrenda era, no interior do Brazil, a profissão das armas que, quando um pae carrança desejava chamar á ordem um filho rebelde, o ameaçava de *pôr-lhe uma farda nas costas*. De resto, o exercito era, para o povo em geral, uma classe para a qual se entrava pela porta do recrutamento, confiado, como terrivel instrumento politico, aos manda-chuvas dos sertões.

A guerra do Paraguay teve, como consequencia, a restauração dos creditos do exercito, aureolado de gloria: o povo percebeu, então, que elle não servia, sómente, para prender criminosos, executar outros serviços banaes, subordinado ao chicóte dos archaicos artigos de guerra do cruel conde de Lippe; verificou que era uma nobilissima corporação de cidadãos armados, que tinham direitos, prerogativas especiaes, além do muito que lhes outorgou a pródiga e legitima gratidão nacional.

Os reiúnos promovidos por actos de bravura e os voluntarios educados, saídos da nata social, das escolas superiores, influíram, poderosamente, para a nobilitação das fileiras, onde muitos permaneceram, depois da guerra, augmentando, com a educação technica a pleiade de officiaes, bravos e illustrados, que fôram os geradores da intervenção militar na politica, funcção que lhes não poderia ser contestada como salvadores da honra nacional.

Mas, a guarda nacional não teve a mesma sorte. Magnifico instrumento de occasião, o governo a desprezou por inutil, uma vez que ia emprehenher a reorganisação definitiva do exercito por meio da conscripção, obrigando todos os cidadãos ao serviço das armas.

Resquicios de preconceitos, de terror ao exercito, provocaram, em algu-

mas provincias, reacções sangrentas. Os executores da lei se amedrontaram, e o Imperador, muito medroso de revoluções, deixou que ella se conservasse, como muitas outras, pomposa lettra morta.

Desde então, a guarda nacional passou a ser uma ficção, um exercito de papel sem soldados, um exercito de officiaes, cujas patentes eram concedidas como recompensa a serviços electoraes, corrupção malsinada pelos republicanos e transformada, na Republica, em verdadeira praga, sob o vergonhoso pretexto de fazer da concessão de patentes a Deus e ao mundo, uma opima fonte de renda federal.

Conta o inolvidavel Ferreira de Araujo, nas suas *Coisas Politicas*, que os tabaréos se escondiam no matto com medo ás dragonas, no tempo da coronelisação nefasta; hoje, elles as apetezem, ardentemente, como um adorno, como um symbolo de consideração, de importancia, de mando, ou de prepotencia.

E, por isso, alastrou a prága, prodigiosamente desenvolvida e corruptora, penetrando os logarejos dos mais invios sertões, onde, de uma centena de habitantes, se organisam batalhões, brigadas das trez armas, cörpos de infantaria sem carabinas, regimentos de cavallaria sem cavallos, regimentos de artilharia de posição e de campanha sem canhões, legiões phantasticas, sem registros de alistamento, dos quaes são conhecidos, apenas, pelo arame arrecadado das patentes, os garbosos officiaes de bobage.

Seria curioso e pittoresco, seria de um ridiculo desopilante verificar, nos registros do governo, o numero de batalhões e brigadas, e a quanto montam as legiões de officiaes, que illustram, quasi diariamente, as paginas do *Diario Official*. Verificar-se-iam sommas incalculavis de agaloados, excedendo, absurdamente, ao numero de brazileiros mercedores dessa honra pela simples razão de saberem ler e escrever.

Ha poucos dias, o Bréjo da Madre Deus, logarejo pernambucano, que nós conhecemos com a justa reputação de valhacouto de assassinos, de ladrões de cavallo, foi agraciado com mais uma brigada.

\* \* \*

O nosso amavel censor nos relevará, certamente, de julgarmos as coisas

como ellas são, inspirado pela verdade historica e pelos evidentes factos contemporaneos. Nós não podemos julgar a guarda nacional por essa ficticia organisação de soldados de chumbo, arranjados ou recrutados, nos momentos psychologicos, pelo invicto orador general Leite de Castro: ella foi e continúa a ser, em maior escála, um meio de corrupção com a simples utilidade, muito corriqueira, de dar aos seus officiaes delinquentes ou revolucionarios, o privilegio de repousarem no estado-maior da brigada policial, em vez de darem com o costado, como qualquer outro cidadão desagaloado, nos cubiculos da casa de Detenção.

E, como a nossa justiça de republicano não variou com a mudança de instituições, nós, que profligámos, durante o Imperio, o vergonhoso tráfico da guarda nacional, como arma corruptora nas unhas da politicagem, não podemos, ante o espantoso desenvolvimento que lhe deu a Republica, deixar de consideral-a uma verdadeira praga.

Não é, sómente, nisso—valha a verdade—que nós, republicanos, arremedamos, para peor, os vêzos dos ominosos tempos.

POJUCAN

## O EREMITA

(DE UMA CHRONICA MEDIEVAL)

No fundo de triste valle dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia, que deixára as abominações do seculo pela soledade do deserto. Não passava toda a sua fortuna de uma caverna aberta na rocha, abrigo commum com outras bestas féras, e de uma escudella onde aparava a agua do céu.

De todas as partes onde chegava a fama de sua piedade, (e ia muitas leguas em redor o fulgor de sua corôa) acorriam homens e mulheres a vêr o pobre frade, o santo, exausto, de pelle rugosa, marulhando sobre aquella alma agitada de extasi. Posto não fôsse feio nem repugnante, era certo que não se lhe viam os olhos, nem os ouvidos, de tão encobertos pela greinha devota e suja, despenhada pelos hombros abaixo. De compleição, era magro e comprido; as mãos, tinha-as elle bem feitas e tantas como as unhas. E fugia dos homens menos para forrar-se á admiração delles do que para evitar damnosos contactos dos que

sóiam trazer nas véstes a poeira das cousas decompostas e mundanas.

Dias inteiros, passava-os Ambrosio (era esse o nome do eremita) todo absôrto e alheiado, fóra de si e, pudéra dizer-se, fóra de todas as cousas, tamanho lhe era o desprendimento dos sentidos; e daquella contemplação só se interrompia para mascar folhas apanhadas a esmo por desalterar a fome e a sêde.

Uma noite, voltando da floresta, rasgado dos tojos, sangrento e humilde, encontrou a caverna occupada de um lóbo, e pois que era bom hospede, deixando a besta em paz, logo saíu: e foi ao pé de um arbusto, despiu-se, dependurou o habito a um ramo e estendeu-se nú sobre a rélva fria e congelada.

E adormeceu. E no espaço, o habito dependurado, irregular e confuso suspenso sobre o corpo cadaverico do eremita, parecia um abutre prestes a abater-se sobre a carniça.

E assim, vejetava esse Vaso Insigne, pleno de todas as virtudes; torturas e fadigas, tudo tramava e entretencia nelle a grinalda do martyrio. A sua gloria mesma de perfeição mais lhe aggravava a delicia de sóffer e merecer. Mas, porque nem até a virtude escapa á abominação do peccado e nem ha vaso sagrado a que no fundo não se lhe apéguem algumas fézes, estava reservado a Ambrosio o deixar-se vencer pela cillada demoniaca do orgulho.

Foi o caso que passando uma vez pela estrada alguns mercadores, homens de duro trato, que corriam várias feiras do mundo, o eremita, de longe apercebendo-os, esgueirou-se para dentro de uma moita cerrada e occultou-se o mais que pode; mas não tanto o fez que não pudesse ouvir as fallas dos viandantes.

— «Certo—fallava um delles, esperando a mula com o chicote—Ambrosio é talvez um santo, mas não vale o nosso santo preboste de Aquiléa...o maior santo da christandade»...

E as vózes e os viandantes perderam-se ao longe.

Aquellas palavras caíram como dardos sobre as carnes do eremita. Orgulho humanal e triste! eis o que valia a sua penitencia inutil deante daquelle novo Espelho! não passava de um peccador sem freio na obstinação de todos os horrores, e já se avaliava um santo e já se julgava glorificado! E acabrunhado e abatido pelo peso de suas dedicações inefficazes, quasi indecorosas deante da incomparavel corôa desse santo preboste, pôz-se o velho eremita a uivar lugubremente as suas culpas á face do céu, e, cheio de cóleras, porque ha cóleras santas e divinas, galgou uma ladeira proxima e deixou-se rolar abaixo pelo pedregulho, gritando pela morte, desdenhando

todas as misericórdias, pedindo lépra e piólhos... lépra e piólhos...

No outro dia, levou a considerar quanto lhe faltava ainda para chegar áquelle esplendor perfeitissimo do santo preboste de Aquiléa; pois era de razão que posto Deus se achasse de conselho prompto em toda a parte, todavia mais elle fulgurava nos exemplos que escolhia neste do mundo. E agóra mais benigno e humilhado, pensou que devia ir ter ao preboste e pedir-lhe o caminho da verdade e da beatitude.

— Aqui, dizia comsigo, aqui não é o aprisco das ovelhas sagradas, porque, que muito é a ovelha perfeitissima onde não ha lóbos que a devam?

E tomou resolutu um pouco de hervas, fez de uma vara bastão, e partiu.

\* \*

A caminho de Aquiléa, foi Santo Ambrosio pensando em como havia de fazer, ao avistar o preboste: estender mãos súplices, pedir-lhe para matar a fome o cascão terroso dos sapatos; e se o preboste não houvésse sapatos? lambem-lhe as sólas dos pés. Repartiria com elle a sua pouca herva dos Abruzzos. Não. Não repartiria cousa alguma. E atirou as hervas fóra, pensando, com gula, na doçura deliciosa da poeira dos sapatos desejados.

Pelo caminho, viu Ambrosio tristemente a sua fama a diminuir, diminuir até que se extinguiu deante da do preboste, que brilhava violenta como um incendio. Num certo albégue, tomaram-no por um mercador de Ravenna; isso acordou o orgulho do pobre frade e pôz-lhe a maldição dentro d'alma. Nessa noite, rejeitou a dormida sobre feno espalhado na terra, onde o luar lento e tremulo parecia-lhe um abão luminoso a enxotar-lhe as moscas da podridão execranda; e saiu e procurou uma mácea de porcos e deitou-se na sujudade e adormeceu. E para dar maiores provações ao seu corpo, aguilhoado de fome velha e atrazada, revolveu-se na immundicie, clamando em prantina desenvolta:

— Senhor! eu não sou digno!

\* \*

Dias e noites tristissimas escoaram-se para o santo peregrino. Valles asperos, caminhos difíceis, torrentes rugidoras, elle as atravessou resolutu, ainda que se mais perigos houvéra mais o exaltava a ancia de correl-os a risco de tudo. Em toda a jornada, sentia-se já o esplendor do preboste, invadindo como um cheiro celeste as seáras em flôr; as aves parece que cantavam os seus louvores; e o clarão inexoravel daquella vida lançava pelas terras dentro uma faixa luminosa, branca,

longuissima, como um rastro de ladaíña mystica.

Num momento, á beira da estrada, (encanto indizível!) viu o pobre eremita alguns aldeões que se atiravam de ventre á terra, murmurando: — o santo preboste! o santo preboste! — e, logo, uma cavalgata, levantando poeira, rapida e troante passou como tempestade.

A Ambrosio, então, quasi lhe veio a cólera aos labios. — Pois era este o preboste piedoso? era esse que ia com um séquito luxuoso, em cavalloz ajazados de prata e de testeiras de ouro e as capas rubras adejantes?! Santo!! esse peccador abominavel de apreguada santidade!? Mas, logo Ambrosio aplacou a cólera e emendou-se, contricto, porque, ás vezes, as apparencias illudem e « as ovelhas só são perfeitas onde ha lóbos que as devórem. »

Entrando em Aquiléa, procurou o eremita a casa do preboste — que era um palacio maravilhoso a projectar-se no ar sereno da noite, com as janellas amplas, abertas, incendiadas de luz. Entrou; e foi logo empurrado para uma grande sala que a vastidão de uma mesa opipara enchia com exquisitos manjares, faisões, cristaes cantantes na joalheria dos refléxos, amphoras esgalgadas e serenas, derramando capitosos odóres. Atordoado e varado de fome de dezoito dias de abstinencia desde a mácea dos porcos, Ambrosio sentiu-se desfallecer entre a algazarra dos convivas vorazes, e quando deu fé de si, comia (horror e tristeza!) comia uma perna de porco assado e já havia esvasiado um copo da bôa uva, abominavel e immunda.

O santo preboste chegou, então, indifferente, abstracto, e tomou o logar vago de um lacaio. E Ambrosio notou naquelle homem a piedade santa e infinita dos seus olhos sem vista, encoados, e viu-lhe a face escaveirada e pallida, a bôcca immovel, quasi feita de pedra, serena e incomparavel. Viu-o, com espanto, (e era de costume) reprimir a gula, rejeitar os pratos, nem sequer aspirar o vinho, e apenas apanhar da toalha uns restos de pão já mordido e escuro. E o eremita lembrou-se instinctivamente de que não ha perfeição de ovelha longe da voracidade dos lóbos; e o preboste avultou aos seus olhos, por sabê-lo rico e a sua riqueza era dos pobres, por sabê-lo esposo da mais bella mulher d'Aquiléa e guardar a castidade, por vê-lo num banquete perenne, do qual era elle o cão sem fome, sob a mesa, esperando a migalha despresada.

Mas, em breve, soou o estrupído da cavalgata em aprestos á porta, e o preboste, tomando o capacete, saiu pela noite fóra com o seu séquito.

\* \*

Pouco depois, ao penetrar no apo-

sento que lhe fóra designado, e era o quarto do santo preboste, sentiu Ambrosio subir-lhe ao pescoço a cólera quasi a despejar-se em náusea. Na remissão de precóces enthusiasmos, via bem claro, agóra, que não podia ser certamente santo o homem que mantinha mulher e leito branco, fôfo e largo como aquelle, ninho abominavel de femea a julgar pelas minúcias imponderaveis do cheiro e da volúpia que andava no ambiente. Jazia para tráz do leito uma cuba d'agua tranquilla, para os effeitos sacrilegos do aceio.

Volúpia! volúpia!

Aquiétou-se emfim; despiu o habito e deitou-se. A lamparina, eternamente moribunda, vacillava compondo sombras que iam e vinham pelas paredes, subiam ao tecto, desciam e desappareciam. Lá dentro, na sala, vózes tambem compunham-se, e logo se desfaziam; parecia que aquella parte se desarticulára da casa e ia fugindo, porque as vózes e os rumores fóram pouco e pouco morrendo, morrendo, e extinguiram-se.

Afinal, caíra tudo em silencio absoluto. E foi-se-lhe estreitando então o circuito das idéas confusas, e Ambrosio pôz a catalogar os seus peccados nitidos, a perna de porco assado, o copo de vinho que lhe assolava os humores, os juizos temerarios e crimosos... e ia já a cerrar os olhos quando, de subito, uma porta se abre, e entra pelo quarto um grande rumor branco. Era a mulher do preboste.

O santo eremita encolheu-se todo na cama e estirou as mãos pelo côrpo, a ver se estava composto. Mas, a mulher nem sequer o olhou — encaminhou-se a um canto do aposento em frente á lampada, sempre moribunda, e foi desatando os vestidos: como de uma rósa em violencia de vento, fóram-lhe as roupas voando em sussúrro, e afinal a camisa contra a luz, empôlada sob os braços, luminosa e quente como um balão, voou pelo alto, invertida e difficil, deixando a trepidar os seios rijos e nús.

E o eremita viu-a, ave pernalta e branca, bambolear-se em vôo, ir chegando, passar-se para cima do leito, aconchegar-se ao pobre homem, metter-lhe ao pescoço os braços em escapulario, e dobrando o joelho travejar-lhe o corpo magro com a perna forte e macissa. Naquelle contacto, tenebroso e terrivel, sentia o misero frade a profusão inenarravel das serpentes curvas, de peçonhas invenciveis. E ao attrito dos seios, que respiravam, o pobre eremita começou a perceber, longinqua, a harmonia das espheras, indo e vindo em rythmo divino, lentas, redondas, formidaveis e, todavia, mansas como ladaínhas. E pôz-se a louvar e a cantar a Virgem Castissima, a Virgem Amantissima, o Refugio, a Consolação dos Afflictos, e, de novo, a Arca da Alliança, amantissima, aman-

tissima, trez vezes amantissima... e num momento, de dentro da barba hirsúta, cerrada e suja, aquella sua bôcca, outr'ora afundada, sem palavra, saíu fóra, proeminiu, voráz e bivalve, para colher a perola do beijo sacrosanto.

Mas, logo que foi percebida a bestialidade do eremita, a casta esposa do preboste empurrou-o para longe e de tal arte e com tamanha indignação, que o mesquinho frade foi cair com estrondo dentro da cuba d'agua regelada. E Ambrosio, molhado a escorrer, a tiritar de frio e desengano, levantou-se e atirou-se de novo ao leito; corria-lhe por baixo um rio d'agua como a lavar-lhe as virtudes, e desta vez a perna de porco, o vinho cáldo, e o juizo temerario contra aquella cuba, vaso não de crear volúpias damnosas, mas de aplacar furores sacrilegos, tudo subiu-lhe á cabeça confusa. Sentiu o pobre eremita as veias cursarem-lhe o corpo e accender-se-lhe dentro uma fogueira. A febre declarou-se intensa e indomavel, e nem mais ouvia nem via cousa alguma certa. Parecia-lhe, entretanto, ver melhor que ouvir. Via o leito estirar-se uma légua, e depois encolher-se, e elle ia tambem se encolhendo e diminuindo ao ponto de ter os pés collados no queixo, juntos á bôcca; via, depois, o leito afundar-se, descendo, descendo... e o seu habito, solto nos arés, tomava o feitio estranho de tesouras cavalgando uma ovelha, toda ovelha, mas ao pé de um lóbo. De repente, o leito ia subindo, subindo, subindo e *zas!* emborcava para baixo, e lá ia elle tombando a cair com os lenções, com a mulher do preboste, ora por baixo, ora por cima, caíndo mas sem nunca cair porque não topavam em nada. Depois, mudava-se o theatro, e via-se a si mesmo nos Abruzzos, numa montanha de pedra com um Joelho em terra, e as mãos quanto podia estendidas, estiradas em imprecação ao céo, e logo as mãos se colhiam para baixo correndo o ventre, a afundar-se na ignominia...

Afinal, as idéas e as emoções confusas, aéreas, altas, caíram de chôfre, como pancada de chuva, jorraram grossas, e fôram-se. E aplacou-se tudo, e veio a tranquillidade absoluta.

Santo Ambrosio expirava.

JOÃO RIBEIRO

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A ORIGEM DOS LEVÊDOS

Um levêdo ou fermento é uma especie de microbio que, collocado em certos meios, ahí realisa o estranho trabalho da fermentação. A sciencia distingue um grande numero de levêdos, reunidos sob a denominação geral de *saccharomyces*, que, muito

conhecidos, como o da cerveja, ou familiares sómente aos sábios, são agentes de muitas producções necessarias ao homem,—a fabricação da cerveja, a fermentação do vinho e dos alcools, o trabalho do pão, a fabricação do vinagre, a transformação dos amídos em assucar, a preparação do acido lactico, do pyrogallol, dos acidos gallico e butyrico, empregados pela industria, pela medicina, pela photographia, etc.

A origem desses levêdos está ainda envôlta nas brumas do mystério.

«O. cervejeiro — diz Duclaux — que deseja fermentar uma cuba, serve-se, ordinariamente, da semente de levêdo, tirada dos residuos de uma operação anterior. Todas as fermentações de uma cervejaria, bem dirigida, são filhas umas das outras, desde tempo immemorial. O cervejeiro que deixa estragar-se ou perder-se o seu levêdo, pede-o a uma cervejaria vizinha... De sorte que as cellulas, utilizadas hoje pela industria, provêem, em descendencia directa, das primeiras cervejarias estabelecidas no mundo, e remontam, pelo menos, ao mais antigo periodo da historia dos egypcios.» Além desse remoto passado, nada sabemos. E como aconteceu com o levêdo da cerveja, em particular, se repetiu com todos os levêdos. Até agóra, os biologistas tiveram de considerar os levêdos ou *saccharomyces*, como uma familia de organismos independentes, sem poder ligal-os a nenhuma outra familia botanica. Essa lacúna, unica na sciencia, captivára, havia muito tempo, a curiosidade dos sábios. Pensando, sobretudo, nas consequencias praticas do problema, fica explicado o ardor em lhe encontrar a solução.

Pelo facto de ignorarmos a origem dos levêdos, não podemos encontral-os ou produzil-os á vontade. E, por isso, todos os cuidados dos industriaes, que preparam vinagre e outros productos acima indicados, convergem para protegerem os seus levêdos contra as molestias occurrentes, e conserval-os o mais intactos possivel. Si elles se estragam, é indispensavel intervir, purificar o fermento, remoçal-o, e, muita vez, compral-o ao industrial vizinho, purificando e renovando o material infectado. Percebem-se as despezas consideraveis, as ruinas rapidas e faceis que aquelle facto desastroso pôde ocasionar aos interessados.

Conhecer a origem dos levêdos, saber onde encontral-os sempre novos e puros, produzir, á vontade, um fermento que esteja no seu maximo de fôrça e pureza, tal é o objecto dos esforços inveterados de investigadores em França, na Suissa, na Allemanha, paiz da cervêja, na Dinamarca, onde se fundou o laboratorio de Carlsberg, especialmente para esses estudos.

Desde Gay-Lussac e Cagniard-La-

tour, esse problema occupou os mestres mais auctorizados, como Frémy, Liebig, Boutroux, De Barry, Jørgensen, Hansen, Klocker, Schionning e outros.

Pasteur, apaixonado pela questão, emittiu, por sua vez, uma hypóthese, de que o grande sabio francez, o dr. Odím, parece ter feito uma realidade.

Não podemos descrever, minuciosamente, os processos do dr. Odím. De resto, o que sobretudo interéssa são as conclusões das suas investigações, assim resumidas:

1º Todo o levêdo provém de um cogumêlo;

2º Um levêdo determinado provém de um cogumêlo determinado.

Desde então, conhecemos a origem, a certidão de baptismo de cada levêdo. E, quando tivérmos necessidade de tal ou qual especie, poderemos produzil-a á vontade, fal-a-emos nascer do seu antepassado, que conhecemos, e obteremos, sempre que quizérmos, um fermento, absolutamente novo, jovem, puro, resistente, são, desaparecendo, assim, os dispendiosos trabalhos de purificação, de remoçamento, de verificação dos levêdos doentes; desaparecerão os cuidados constantes impostos pela vigilancia e protecção dos preciosos fermentos: têl-os-emos sempre novos, com todas as suas qualidades nativas.

\* \* \*

### A SÓJA COMO FORRAGEM

Muito se tem escripto sobre a sója. A maravilhosa riqueza dos grãos dessa leguminosa, em substancias azotadas e gordas, serviu de preconicio para que se aconselhasse a sua cultura. No dizer dos seus defensores, os usos a que se prestava eram innumerados: comiam-se os grãos cosidos, como ervilhas; reduzidos á farinha, com esta fabricava-se um excellentê pão; servia para fabricar-se um queijo muito apreciado pelos japonezes e tão nutritivo como o de leite de vacca. Seja, porém, que o paladar indigena não estivesse afinado pelo dos japonezes; seja por falta de conhecimento dos processos culinarios que deviam de ser empregados, o certo é que a ninguem parece ter agradado o famoso grão, que os cultivadores não conseguiram collocar no mercado. Sabemos mesmo de um colono de Pouso Alegre, Minas, que obteve magnifica colheita, que não pôde vender. Tal resultado devia ter desanimado o colono, que não continuou a cultivar a sója. Outros entusiastas certamente seguiram o seu exemplo.

Em vista de taes factos, não viriamos tratar dessa planta, si não tivéssemos em mira objectivo completamente diverso: seu emprego como forragem.

As forragens que crescem expontaneamente em nosso sólo e que servem

quasi exclusivamente á alimentação do gado (como o capim gordurã) são bastante pobres em materias azotadas, de sorte que sempre é de utilidade o conhecimento de uma planta forrageira, rica em proteína, isto é, em substancia azotada.

Além de que, o uso da sója, como forragem, não é recente e acha-se muito generalizado em paizes onde o systema de criação é dos mais aperfeiçoados, como nos Estados Unidos, onde, no Rhode-Island, se emprega na alimentação das vaccas de leite, quer a forragem verde, quer o feno, que com ella se prepara. Para tal mistér, o seu emprego, unido ao do milho, condúz a excellentes resultados.

As analyses mais interessantes da sója, considerada como forragem, são as do sr. Lechartier, que analysou as hastes, as folhas e as vagens da planta, cortada antes da maturação.

Na analyse de uma forragem, ha interesse em conhecer-se principalmente: 1º, as materias azotadas que constituem a *proteína*; 2º, as materias graxas; 3º, as materias hydro-carbonadas, que são o amido, o assucar, etc.; 4º, a cellulóse, que tambem constitúe uma parte alimentar.

Referida a essas trez classes, a analyse da sója verde dá o seguinte :

COMPOZIÇÃO DA FORRAGEM VERDE  
NO ESTADO NATURAL

	Hastes	Folhas	Vagens
Agua.....	72,47 %	73,33 %	75,86 %
Proteína.....	1,31 %	2,84 %	4,78 %
Materia graxas..	0,29 %	1,04 %	1,65 %
Hydro-carbonadas	13,62 %	14,81 %	10,92 %
Cellulóse.....	11,10 %	4,79 %	5,44 %

Esta analyse indica que a riqueza em proteína e em substancias graxas váe crescendo das hastes para as folhas, e destas para as vagens; ha vantagem em cortar a forragem quando os grãos começam a se formar.

A composição da planta inteira, que é a mais interessante para a applicação que estamos fazendo, é a seguinte :

Agua.....	73,98 %
Proteína.....	3,12 %
Materias graxas.....	1,06 %
Hydro-carbonadas.....	13,12 %
Cellulóse.....	6,62 %

A relação nutritiva de uma tal forragem, determinada de accôrdo com Sanson, é a relação da proteína para o sal formado pelas materias graxas e hydro-carbonadas, isto é:

$$3,12 : 14,18 \\ \text{ou } 1 : 4,5$$

Isto quer dizer que a forragem tem 4,5 de materias graxas e hydro-carbonadas para 1 de proteína. Essa relação é perfeitamente conveniente ao regimen das vaccas de leite, o que não acontece ás relações das forragens, que de ordinario se empregam entre nós, e cujo theor em proteína é muito pequeno em relação ás materias graxas e hydro-carbonadas.

Julgamos, pois, aconselhavel a plantação da sója, para servir de forragem verde nos logares onde o clima fôr propicio ao seu crescimento.

Devemos accrescentar que sua cultura não empobrece a terra em relação ao azoto, porque sendo ella uma leguminosa, tem a propriedade de utilizar-se do azoto do ar.

Como, porém, as nossas terras são geralmente pobres de acido phosphorico, e as leguminosas só se desenvolvem bem em terrenos ricos desse elemento, é conveniente adubar-se o terreno com a escória Thomaz.

Desse modo, obter-se-ão boas colheitas de uma forragem que em nada é inferior á alfafa.

ARTHUR GUIMARÃES.



O ALMIRANTE (20)



ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO



CAPITULO XII

— Meu Deus ! Como estás tu mudado, Oscar ! — exclamou a marqueza, estreitando-o num amplexo frenetico e demorado, como se quizesse confundir no mesmo pulsar os dois corações.

— A poeira dos mares e a poeira dos céos me crestaram a face e os cabelos — respondeu Oscar, sorrindo com ampla dilatação dos labios corados, mostrando os dentes alvos, muito eguaes e bem separados — mas o coração é o mesmo, a rebenlar de saudades. Não houve um dia, um instante, em que me abandonasse a lembrança do nosso Rio de Janeiro, da minha querida Guilhinha, do conselheiro, das meninas.

Parece que de longe queremos com mais ardor; redobram de intensidade os affectos. Eu me sentia isolado na multidão de estranhos, de indifferentes. Não era meu aquelle céu, não brilhavam para mim aquellas constellações de fulgor esmorecido, sem as pompas das estrellas do nosso hemispherio. Nenhuma mão amiga; nenhum olhar compassivo, nem sombra de caricia me consolavam, na perigrinação através de paizes e de povos; tudo frio, impassivel, mechanic, convencional, sem a vibração do contacto das almas amigas. A minha vida ficára aqui, eu era um corpo triste a rolar em vólta do mundo, a encalhar aqui e acolá... Meu consôlo fôram aquellas cartas massantes...

— Que eu lia e relia na soffreguidão de estar contigo pelo pensamento.

— e um trabalho, um livro, um diario de viagem, com as notas e observações de *touriste* e marinheiro.

— Escreveste um livro?

— Que intitulei: *Em redor da Terra*.

— Dêves offerecê-lo á Princeza.

— Quasi acertou Guilhinha; mas offereci-o ao Imperador.

— Fizeste mal. Não sabias, certamente, como isto anda por cá. O Imperador já é uma reliquia querida. A politica váe soffrer profunda alteração e não será surpresa apparecer, da noite para o dia, o acto. Sim o acto da abdicação.

— E' possível?

— E o terceiro reinado de Isabel, a Redemptora. Eis porque dêves offerecer a ella o livro. Demais, o Imperador está doente, e ha pouca esperança de recobrar a preciosa saúde para dirigir os negocios do Estado. Tu sempre fôste avêso á politica e estou vendo que te não causam móssa estas noticias. Ha intrigas na Côrte, e fórma-se, á surdina, um partido em favor do principe d. Pedro, partido da usurpação, que combateremos em todos os terrenos. Para evitar uma conflagração no caso de morte do nosso amado monarcha, deliberou-se a abdicação. Tenho estado afastada das rodas officiaes desde a morte do teu padrinho; mas, o conselheiro, que vive no paço, conta tudo á mulher, como sabes, minha melhor amiga. Os adversarios da abdicação não hesitam em lançar mão de todos os meios para impedil-a: chegam ao extremo de accusar a Princeza de beata, de varredora de egrejas, como se a piedade não fôsse o mais refulgente diadema da alma de um rei! Dizem que ella entregará o governo aos padres; allegam outros que seremos governados pelo marido, um principe estrangeiro... E tudo isso tramado em silencio, hypocritamente por homens que tudo devem áquella santa creatura. Felizmente, o ministerio está connosco e tem bastante influencia no animo do Imperador e bastante popularidade para impedir tamanho desastre.

Os convidados para a recepção de Oscar se haviam retirado depois do banquete, e os dois conversavam na antecamara da marqueza, naquelle ninho de elegancia e confôrto, onde ella passava as angustiosas e longas noites de vigilia, assaltada de pensamentos tristes, martyrisada pelos seus nervos e embevecida na melancolia da saudade do passado doloroso.

A espaços, ella fitava, absôrta, os grandes olhos desmaiados no rosto de Oscar, como se duvidasse da realidade, de têt-o a seu lado, ao alcance de seus braços carinhosos, de seus beijos maternaes. E repetia, num suspiro:

— Meu filho, meu Oscar. Nunca mais nos separaremos. Nunca mais... A tua ausencia me affligiu tanto que fiquei doente. Não vês os meus cabelos brancos, meus labios como flôres fanadas, meu rosto descarnado e pallido?.. Agóra, sinto-me outra, contigo voltam-me a saúde, a esperança, a vida...

Oscar sorria; mas, algo notára de es-

tranho no semblante, nas maneiras da marqueza, as expansões affectuosas de envôlta com as preocupações politicas e uma agitação destôante com a meiguice serena, os requintes da graça de formosa mulher, que elle deixára empenhada no realce da carreira politica do marido.

—Murmura-se — disse-lhe ella, continuando as informações politicas — que ha sério descontentamento nos quartéis. O chefe de Policia, que esteve aqui um dia desses, disse-me, a respeito, em meias palavras assustadoras, que estavamos em vespéras das maiores surpresas, de lamentaveis acontecimentos...

— Não creio — affirmou Oscar, em tom de convicção inabalavel — O espirito revolucionario foi suffocado, definitivamente, em 1848. E que se diz da marinha? Estarão os meus collegas mettidos, tambem, na politica?

— Fala-se no Wandenkolk. que não é amigo do ministro da marinha, que ficou impopular com o rigor exercido contra o Custodio, por uma ninharia, a conta de representação no Chile. Não valia a pena de fazer tanto barulho uma insignificante quantia. O ministro devêra ponderar que, estando a bordo um príncipe, neto do Imperador, regatear aquella despeza era uma catturice impraticavel. Foi má politica... provocar o escandalo que andou pelos jornaes.

— Excellente politica para um republicano como o ministro da marinha...

— Pois elle, o Ladario?...

— Não sabia?

— E' possível?!

— E' verdade. E' republicano e fiel ao Imperador, porque entrou para o ministerio que se empenha em cohibir os excessos das paixões republicanas, e não as idéas...

— E', talvez, do partido dos republicanos para quando o Imperador morrer.

— Não ha duvida que é um excellente marinheiro e um homem de bem.

— Mas, não serve para a politica, principalmente quando está imminente uma crise de alta importancia para os destinos do paiz...

— Guilhinha, você nasceu para chefe de partido... para a politica.

— Infelizmente. Se ao menos tu tivesses fibra de estadista. para aproveitar o prestigio, os elementos politicos do teu padrinho!

— Porque me fez militar?

— Para reunir em ti a fôrça e a intelligencia, a coragem e o talento. . . A carreira militar não é incompativel com a politica: ali tens Caxias, Inhamã, Osorio e outros, para não falar nos antigos generaes, que realçaram os seus dotés em commissões administrativas. Dévo, entretanto, confessar que nunca te supponho capaz de te apaixonares pela tua profissão, de te absorveres, tão completamente, em estudos aridos,

positivos que, na minha opinião, extenuam o espirito, encerram a alma num apertado ambiente de verdades crueis, sem adorno, sem poesia, como num laboratorio cheio de apparatus, de livros velhos, com grandes paginas cobertas de calculos, indecifráveis como hyeroglyphos. A minha professora no convento, que era uma santa e uma sábia, dizia-me que as mathematicas eram a sciencia dos espiritos acanhados. Quando penso num sabio, vêm-me á memoria, o dr. Fausto...

— Prova de que a sciencia não anestesía o coração...

— Mas, é preciso o milagre: a volta á mocidade por obra de Satanaz. E isto hoje já não surge do seu antro infernal para tentar os homens, nem revelar aos corações desfibrados a visão do amor. Tu és prova do que digo. Tens quarenta annos, e não te percebi a mais ligeira inclinação por uma das muitas moças bonitas e elegantes da nossa roda, que é a mais brilhante e selecta da Côrte. Quantas vezes, no meio dellas, vejo com tristeza que estás longe, absôrto não sei por que idéas e pensamentos, com essa grande ruga precóce que te sulca a fronte. E penso que envelheceste antes do tempo...

Oscar escutava, encantado, as palavras da marqueza, cuja vóz musical o arrebatava, carinhosa e meiga, como devêra ser a da mãe, que elle não conhecêra. Experimenta a impressão suave e triste de ser comprehendido, de ser o seu coração devassado pelo instincto feminino, que presentira a máguia indefinida em que se engolfára á força de se dedicar, exclusivamente, á sua profissão, aos deveres rigidos de soldado, privado do consolo das illusões, dos confortos da phantasia, que são a poesia da vida.

— Isso que parece tristeza — disse elle — é resultado da nostalgia. Passará dentro de poucos dias, á influencia benéfica dos ares da patria e d'agua carioca. Não lhe disse que meu coração ficará aqui? Pois bem, reconquistei-o; não o deixarei mais e verá que a transformação será rapida e a cura completa. Estou plenamente satisfeito com o sacrificio que tenho feito, para ser digno da minha classe; mas penso que é tempo de descansar, nesta calmaria obrigatoria de marinheiro d'agua dôce uma marinha que não tem o que fazer, senão a fachina de navios fundeados, desde que o governo não nos incumbe de nos apparelharmos do muito que não temos, estudar a nossa carta, os nossos rios. afim de prestarmos o nosso concurso á civilização do nosso paiz. Descansarei se o seu terceiro reinado não nos viér perturbar.

— Não fales ironicamente, Oscar. Eu não sou visionaria; deduzo do presente e vejo longe no futuro.

— E. . . nessa perspectiva, não occorreu a hypothese da republica?

— A republica! . . .

A marqueza ergueu-se, saccudida por um impulso poderoso, como se todos os musculos do corpo alquebrado tivessem readquerido, repentinamente, a primitiva energia, em crispações de terror. A suggestão das palavras de Oscar havia despertado suspeitas, que ella procurava asphyxiar sob os fundamentos dos planos optimistas de não estabelecer soluções de continuidade entre o segundo e o terceiro reinado, mantendo, pela abdicação, o prestigio do Imperador para amparar os primeiros passos do reinado da filha. Falava-se, é verdade, na eventualidade de redundar o mal estar das classes conservadoras num movimento republicano; ella, porém, conhecia, por experiencia propria, que os mais descontentes ou aquelles que tinham razão de queixa, eram incapazes do minimo sacrificio. Demais, os planos financeiros do governo influiriam para destoldar os horizontes e desfazer os ephemeros indícios de procélla. As classes militares... essas ficariam satisfeitas com uma modificação do ministerio. A paz e estabilidade das instituições valiam bem o sacrificio de dois ou trez correligionarios.

— A republica? — repetiu ella, fitando em Oscar, os grandes olhos rutilantes de terror — Nunca! Seria a desgraça desta terra.

E acalmando com esforço, tomou das mãos de Oscar, envolvendo-o num meigo olhar de incomparavel ternura.

— Não me fales mais nisto, que me irrita os nervos. E' tarde. Váe dormir. Amanhã, depois, conversaremos: não me sacio de te ouvir. Olha, se por absurdo, por desgraça, a hydra revolucionaria erguer a cabeça, contamos com a lealdade dos soldados, a tua lealdade, Oscar, a tua espada.

Oscar sorriu, abraçou-a, e partiu para o seu castello encantado.

Acompanhando-lhe o vulto esbelto, a deslizar em silencio pela sombra densa dos renques de jaqueira, a marqueza ficou á janella, atormentada pela idéa de um levante democratico, o phantasma dos seus sonhos, surgindo de escombros enfumado pelo fogo de incendios, agitando o facho da anarchia e deixando um rastilho de sangue na sua marcha sinistra. A republica seria o terror, o monstro demagogico, tripudiando sobre victimas inermes, sobre coisas sagradas; seria a Communa destruindo a ferro e fogo, um sopro de loucura transformando homens em fêras, abolindo o senso moral, e entregando a propriedade, a honra, os direitos, as instituições á raiva de paixões desenfreiadas. E da escuridão das massas socegadas do arvorêdo, adormecido ao tépido arfar da noite placida, ella via surgirem cohórtes de espectros hediondos, sangrentos em bandos macâbros, envôltos em densas névoas de



fumaça, e se erguerem ao céu limpido e sereno, empanando o brilho das estrellas, tremulas de medo, como aves de rapina a esvoaçarem, em graciosas espiraes, sobre montões de cadaveres. Vinha-lhe, ao mesmo tempo, o sussúro longinquo de uma melopéa lubrica, em que gargalhadas diabolicas se misturavam aos gemidos das victimas e aos accórdes de um hymno sinistro, entoado pela plébe vencedora, na embriaguez da victoria.

Para afugentar a visão terrivel, ella voltou o rosto, deformado de repugnancia, e fechou a janella com estrepito.

(Continúa)

## PAGINAS ESQUECIDAS

A UMA SENHORA

A QUEM DERAM UM PE-  
DAÇO DE SITIM AMARELLO

Se derivaes da verdade  
Esta palavra *sitim*,  
Achareis sem falsidade  
Que após o *si* tem o *tim*,  
Que tine em toda a cidade.  
Bem vejo que me entendeis ;  
Mas por que não falle em vão,  
Sabei que esta Nação  
Tanto que o *si* concedeis  
O *tim* logo está na mão.

E quem da fama se arreda,  
Que tudo vai descobrir,  
Deve sempre de fugir  
De sitins, porque da sêda  
Seu natural é rugir.  
Mas pano fino e delgado  
Qual a raxa e outros assi,  
Dura, aqueuta, e é calado,  
Amoroso, e dá de si  
Mais que *sitim* nem brocado.

Mas estes que sêdas são  
Com quem se enganam mil damas,  
Mais vos tomam do que dão ;  
Promettem, mas não darão  
Senão nódoas para as famas.  
E, se não me quereis crêr,  
Ou tomaes outro caminho,  
Por exemplo o podeis vêr,  
Quando lá virdes arder  
A casa d'algum visinho.

Oh feminina simpleza,  
D'onde estão culpas a pares,  
Que por um Dom de nobreza  
Deixam dons de natureza  
Mais altos e singulares !  
Um dom que anda enxertado  
No nome, e nas obras não.  
Fallo como exp'riamentado :  
Que *sitim* d'esta feição  
Eu tenho muito cortado.

Dizem-me que era amarello ;  
E quem assim o quiz dar,  
Só para me Deus vingar  
Se vem á mão, amarêl-o\*,  
O que eu não posso cuidar.  
Porque quem sabe viver  
Por estas artes manhosas  
(Isto bem pôde não ser)  
Dá a meninas formosas  
Sómente por as fazer.

Quem vos isto diz, senhora,  
Serviu nas vossas armadas  
Muito, mas anda já fóra ;  
E pôde ser que inda agora  
Traz abertas as fréchadas.  
E, posto que desfavores  
O tiram de servidor,  
Quer-vos ventura melhor ;  
Que dos antigos amores  
Inda lhe fica este amor.

CAMÕES

\* Amal-o-eis

\* \*

O Céu

O mais antigo prégador que houve no mundo foi o Céu. Supposto que o Céu é prégador, deve de ter sermões e deve de ter palavras. Sim, tem, diz o mesmo David; tem palavras e tem sermões, e muito mais tem ouvidos. E quaes são estes sermões, e estas palavras do Céu? As palavras são as estrellas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso d'ellas. Vêde, como diz o estylo de prégar do Céu com o estylo que Christo ensinou na terra! Um e outro é semear, a terra semeada de trigo, o Céu semeado de estrellas. O prégar ha de ser como quem semêa e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, como as estrellas. Todas as estrellas estão por sua ordem, mas é ordem que faz influencia, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o Céu em xadrez de estrellas, como os prégadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se d'uma parte está branco, da outra ha de estar negro; se d'uma parte está dia, da outra ha de estar noite; se d'uma parte descer luz, d'outra ha de descer sombra; se d'uma parte dizem desceu, d'outra hão de dizer subiu. Basta, que não havemos de ver n'um sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar em fronteira com o seu contrario? Apprendamos do Céu o estylo da disposição, e tambem o das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. Assim ha de ser o estylo da prégção, muito distincto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estylo baixo; as estrellas são muito distinctas e muito claras e altissimas. O estylo pôde ser muito claro e muito alto; tão claro, que entendam os que não sabem; e tão alto, que tenham muito que entender n'elle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrel-

las para a lavoura, e o mercante para a sua navegação, e o mathematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico e o mercante, que não sabem ler nem escrever, entendem as estrellas, e o mathematico, que tem lido quantos escreveram, não alcança a entender quanto nellas ha. Tal pôde ser o sermão: estrellas que todos as vêem, e muito poucos as medem.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

\* \*

OS PADRES NO BRAZIL

Sabe-se que a França comprehendeu, não já sem tempo, que um elemento máu conspirava contra a ordem de cousas que conseguiu libertal-a da divida e dos estragos da guerra com o militarismo absorvente do sr. de Bismarck. Esse elemento máu leval-a-ia de novo aos regimens corruptores que provocaram tal guerra desastrosa, e acabariam por destruir a republica que se tem impôsto á admiração de toda a Europa monarchica, pelo criterio e patriotismo com que tem reconstruido o paiz.

Sem hesitar, com a serenidade e a segurança que dá a consciencia da acção bôa, o governo francez foi ao padre, e partiu-lhe as armas que elle trazia escondidas sob a batina.

Não confundamos os termos da questão: ha padre e padre. Ha o padre inoffensivo, que exerce o seu officio como exerciria qualquer outro, e que é ainda necessario para umas certas formalidades que não passaram de todo da moda: ha o padre util, que é o amigo dos fracos que o rodeiam, que tem palavras de consolação e conforto para uns tantos espiritos, que, não tendo a fôrça, abrigam-se á crença; mas, ha tambem o padre — homem politico, o pamphletario do pulpito, o propagandista do confissionario, soldado do Syllabus, irmão pedinte do dinheiro de S. Pedro, para quem todos os meios são bons, comtanto que se dê a Deus — ao Deus delles — não só o que é de Deus, mas tambem o que é de Cesar.

Foi a esse padre que a republica franceza, sem inquirir se praticava uma violencia ou uma arbitrariedade, porque estava certa de que praticava o bem, convidou, o mais polidamente que pôde, a que fôsse fazer politica fóra das fronteiras de França.

Nos archivos dos tribunaes francezes, figuram centenas e centenas de processos em que ficou provado que muitos desses padres, além do mal que faziam ao paiz com a sua politica, eram uns individuos simplesmente despreziveis, de uma moralidade negativa, cujos actos clamavam por uma nova edição do castigo do céo que incendiou Sodoma.

Pois bem: o nosso governo sabe disto; o nosso governo sabe que esses padres procuram sempre immiscuir-se na direcção dos paizes que habitam; o nosso governo sabe que esses padres têm, como principal campo de acção, o collegio.

Pergunte quem quizer ao governo, se conhece os padres que ultimamente têm chegado ao Brazil; se indagou se são os seus proprios nomes os que estão nos passaportes com que entram, se é que elles trouxeram passaportes. Todos esses padres pertencem a congregações; quando mudam de paiz, quando mudam de cidade num mesmo paiz, e até quando mudam de estabelecimento em uma mesma cidade, mudam tambem de nome. Esse systema é tambem seguido pelas irmãs de caridade, filiadas, como elles, a congregações.

Pois esses padres e essas irmãs chegam aqui e são dispensados de provas de capacidade profissional, e vão ensinar; ninguem inquire se são dos que fôram expulsos porque faziam politica, ou dos que fugiram ás condemnações em que incorreram por pratica de actos immoraes; trazem o salvo-conducto da satâina, têm entrada livre.

E' talvez, a essa gente que váe ser entregue a educação da infancia desamparada. E' que são uns grandes educadores; um delles inventou um arithmometro muito engenhoso; ha alguns, infelizmente, que são homens de intelligencia superior, e, portanto, muito mais perigosos; têm asylos de instrucção profissional; fundar-se-ão com elles asylos agricolas, estabelecimentos de educação industrial, tudo, emfim, que possa fazer de um menino desamparado um sujeito capaz de ganhar a sua vida, e de ficar preso pela gratidão e pelo terror supersticioso ao padre que o educou.

Contra tudo isto, terão de lutar as novas sociedades. A de immigração terá de lutar com o padre, porque onde o padre domina, não ha colono possivel: ha, quando muito, possibilidade de utilisar o braço-machina do chim.

Aqui, na Côrte, o padre não médra. Em regra, o padre brasileiro não é fanatico; a igreja é frequentada nos dias de festa, por uns, porque o divertimento é barato; por outros, porque fazem figura nas irmandades. O confissionario não está bem nos nossos habitos; só o padre estrangeiro, notavelmente o capuchinho, o impõe aos seus devotos. Nós, que vivemos presos á igreja pelo registro de nascimento e de casamento, se não somos um povo de incrédulos, tambem estamos longe de ser um povo de beatos.

Fôra da Côrte, porém, o caso é diverso; e os asylos, ainda que sejam edificadas em plena rua do Ouvidor, o que não é natural que aconteça, ficarão tão isolados do mundo como se estivessem em Matto-Grosso.

Um bello dia, quando a gente menos o pensar, sairão de lá, — a encontrar-se com as cohórtes de Itú e com as que educam em Santa Rosa os Salesianos, e com as de colonos arregimentados pelos franciscanos que se estabeleceram em Petropolis, e com as discipulas das irmãs de caridade, — os discipulos dos expulsos e condemnados da França, repletos da sciencia contra a qual a principio se insurgiu o padre, mas que depois adoptou como uma arma, sciencia que é luzeiro para que os que a cultivam por amor della mesma, sciencia que é um facho incendiario para os que della se servem como meio de realisar uma politica.

Dous exemplos formidaveis offerece hoje o mundo do que pôde a sciencia applicada ao mal: o militarismo prusiano, e o ensino clerical.

Daquelle estamos nós livres: este, porém, procura insinuar-se, entra aqui, como em toda a parte, com pés de lã, e se o grito de alarma contra elles se fizér esperar, dentro em pouco cada um de nós terá junto de si um espião armado.

Durante este tempo, o governo continuará a não cuidar de coisas minimas, ou, se a sua acção se fizér sentir,

será para facilitar o ingresso aos padres, porque lá está para inspirar a fé bebida na fonte milagrosa de Lourdes.

Venham, pois, as associações, que, empregando a sua actividade em um certo sentido, sirvam de resistencia ao mal que nos ameaça.

Cumpra a sua missão a Liga do Ensino, e que se não atérrem com ella as familias, que, libertas da praga da superstição, guardam as crenças puras de uma religião que não é a desses padres.

Ninguem quer destruir a poetica lenda do Crucificado; ninguem quer arrancar aos crentes esperanças consoladoras. O que se pretende é fazer da escola uma officina de trabalho, onde o mestre fórma o espirito do alumno; para formar-lhe o coração, ha as mães.

A religião não é uma sciencia, não precisa de mestres; o homem que tem de ser medico, que tem de ser advogado, que tem de ser artista, que tem de ser operario, que tem de ser negociante, não precisa ser doutor em theologia; não precisa metter a religião na arithmetica, a religião no direito, a religião na arte.

No estado a que chegaram as coisas, se a religião ainda tem de sobrenadar a este mar revólto de invenções e descobertas e progressos scientificos, que reduziram os livros santos ao que realmente são, isto é, esplendidos poemas, o meio de salvação é justamente este: que venha a crença das mães, que não discutem, mas que não impõem, que não analysam, mas tambem não tórcem. Com o tempo, essa semente portar-se-á conforme a natureza do terreno em que tivér caído, e o prepero que nelle tivér feito o mestre.

E' esta a differença essencial entre a escola leiga e a escola clerical. Na quella, o mestre não préga nem com bate a religião; nesta, o padre fa convergir todos os conhecimentos humanos para um ponto unico: a superstição, a obediencia cega e passiva vontade do superior ecclesiastico, que se diz ministro de Deus.

FERREIRA DE ARAUJO.

Outubro, 1883.

## O LIVRO DO PADRE SEVERIANO

(CARTA AO SR. WALFRIDO RIBEIRO)

O artigo da sua lavra, que acabo de lêr no n. 19 dos *Annaes*, poupa-me ao esforço da analyse, a que teria de submeter o livro do rev. Severiano de Rezende, sobre a obra de Eduardo Prado,—livro que o auctor me enviou, com a gentileza de expressão que os escriptores de raça costumam pôr generosamente nos seus carinhosos offer-torios.

De accôrdo com todas as proposições, nesse artigo emittidas, não só relativamente ao objecto da monographia, mas tambem á fórma do estylo e á linguagem usada pelo sr. padre Severiano, não hesitaria em subscrever, sem discrepancia, o seu trabalho, si não sentisse necessidade de accrescentar algumas reflexões sobre o character extraordinario do biographado e ainda sobre o mechanismo, sobre a technica estylistica do escriptor, em que, desde logo, reconheci um terrivel fundibulario da palavra.

O sr. padre Rezende não escolheu mal o assumpto para exhibir os dotes de cultor da phrase sediciosa e malcriada, cujos segredos astutamente procura surprehender.

E pela primeira impressão que recebi, desprevenido do seu livro apologetico, posso avaliar que formidavel orador sagrado se está alli formando, e que exito se lhe antólha, caso as circumstancias o colloquem num pulpito de ataque, como o padre Julio Maria, enfrentando livres pensadores.

Fallei em livro apologetico. Nenhum brasileiro se prestava a um desses torneios, em que Origenes e Tertuliano fôram eximios, do que Eduardo Prado, recém-convertido ao catholicismo, e por isso mesmo objecto de controvérsias no meio scientifico do qual desertára com escandalo, sendo ainda por cima oriundo de uma familia rica de dinheiro, e, o que mais é, convencida, como foi a dos Andradas, da sua supremacia intellectual.

Não cheguei a conhecer Eduardo Prado, sinão de vista. Li, porém, todos os seus escriptos; e começava a apreciar-o justamente no momento em que *Frederico de S...* se manifestou um dos intellectuaes brasileiros mais pessimistas que já se ostentaram em nosso meio, deante do advento do «15 de novembro.»

No que toca á raça, o que eu sabia era que todos os Prados eram notavelmente dotados de intelligencia, de gosto artistico e, principalmente, de instinctos de grandeza. Quando estive em S. Paulo em 1891, por occasião de inaugurar-se o monumento do Ipiranga, mostraram-me o palacio e parque feérico, em que ainda hoje reside

d. Verediana Prado, typo de antiga castelã, que se não farta de crear em tôrno de si um mundo de arte e de aprazimentos e de cujos gostos os seus filhos, sem excepção de um só, tornaram-se reflectores intensissimos.

Comprehendo hoje porque o dr. Martinho Prado foi um dos mais arrojados tribunos da terra paulista; porque Eduardo se entregou ao sybaritismo das viagens e depois apojou na angra da religião catholica; porque o conselheiro Antonio Prado se transformou num constructor de cidades *yankees*; porque Caio Prado conseguiu, durante a sua rapida administração no Ceará, impressionar o retirante e governar, com applauso, uma provincia, onde a cada canto se encontrava um *frondeur*, um Paula Ney.

Todos esses rebentos dessa familia privilegiada tinham um sonho de grandeza. O dr. Martinho Prado pensava no luxo e na grandeza das multidões dominadas pelo verbo de um Rienzi. Eduardo Prado sentia os éstos do benedictino da arte, e, nas horas de digestão ideal, imaginava, talvez, reconstituir a vida incomparavel dos Medicis de Florença. O conselheiro Antonio, de todos incontestavelmente o mais tranquillo, cuidou em realizar uma obra de engrandecimento da região outr'ora perlustrada pelo genio de Anchieta e a audacia dos bandeirantes, seus antepassados. Caio Prado, o mais nevrosthenico dos quatro irmãos, apenas lhe confiaram o governo de uma provincia, imaginou-se um proconsul, como o fôra Cicero na Syria, e logo imprimiu na machina da governança tal pressão, que já não escrevia; e não foi surpresa vê-lo administrar pelo telegrapho, expedindo diariamente mais telegramma do que o teria feito outro no decurso de dois annos.

Pois bem, era esse mesmo Caio que, a um intimo, profundamente intrigado com a sua feição esthetica e com os seus arrosos e desembaraços administrativos, dizia o seguinte:

— Você mostra-se pasmo deante dos meus processos extravagantes de administrar e do meu feitio, no que toca ás minhas singulares relações sociaes, porque não conhece o Eduardo, que actualmente mora em Pariz. Multiplique-me por 10 e têt-o-á completo e acabado. Sou um pigmeu em face das heresias e archaismos physicos desse meu irmão estupendissimo!

E o Ceará — *moleque*, como lhe chamava o fallecido José Mendes, o homem de mais espirito que já houve naquella terra; o Ceará, só porque Caio Prado regulava, em excentricidades, pela decima parte de seu irmão Eduardo Prado, admirou-o, amou-o; e, sendo um povo intolerante, no capitulo do *snobismo*, consentiu que o seu presidente, immune de vaías, pas-

seiasse pelas ruas da capital, montado em cavallo, arreado á gaúcha, trotando como no Rio Grande do Sul, de cartóla na corôa da cabeça, empunhando, á guiza de xiquerador, um bengalão de castão de ouro fôsko.

Ora, Eduardo Prado, a menos que não falhasse o conceito do irmão amado, devia ter sido tambem um nevrosthenico quintessenciado.

Viajou todos os continentes, comparou costumes, viu todas as cidades, illustrou-se em todas as litteraturas; por fim, fatigado do mundo, que se lhe afigurava sem interesse, como espectáculo, deu fundo em Pariz, a capital dos intellectuaes, e da galhófa, e com o requintado artista Eça de Queiroz, dispôz-se a mudar de vida. Mas, que vida podia ser, então, a sua, sinão a dos sybaritas do archaismo?!

Os tempos andavam reessos ás creações do pseudó-liberalismo, que fôra no principio do seculo XIX o pabulo das almas christãs e de eleição.

Em Pariz, principalmente, a mocidade, sob os auspicios de alguns grandes escriptores, do typo de Barbey d'Aurevilly, reagia contra a revolução franceza, contra o paganismo, e contra a philosophia do livre arbitrio. O resultado desse movimento, aliás contradictorio, fôra dividirem se os novos poetas e litteratos em turnias, e começaram a emigrar; uns, para a devoção e para o culto de Maria, outros, para a archeologia religiosa medieval; outros, finalmente, para a patrologia, em que as vidas miraculares dos santos offerciam ricos assumptos para poemas e monographias deliciosas, sob a influencia capitosa e, ás vezes, sensualisante, da myrrha e do incenso: o que tudo não impediu que alguns dos moços. componentes dessas turmas, em face das senhoras, que se levantaram desoladas para fugir do incendio pavoroso do Bazar de Caridade da rua Jean Goujon, de Pariz, abrissem caminho a rijos golpes de bengalas, allucinados pelo egoismo, que o cavalleiro de Bayard fulminaria com o tremor dos supercilios.

Essa sociedade, que Eça de Queiroz nunca deixou de examinar com os seus olhos de critico malvado, para descrevel-a, como si tratasse de um bando de faunos e silenos disfarçados, ou de muito bons candidatos á ópa *modern style*; essa sociedade que Du Parny teria, de bôa vontade, incluido na sua *Guerra dos Deuses*, pareceu a Eduardo Prado o melhor dos retiros para um sybarita aposentado, que, não obstante, desejasse manter a sua actividade cerebral, até ao fim da vida.

Eduardo Prado era o paradoxo na litteratura. Passal-o para a politica e para a fé não seria coisa muito custosa. Este, portanto, não só se passou para esse novo campo com armas e bagagens, mas assumiu a attitude de

quem se propunha *viver logicamente* o proprio paradoxo.

É desde esse instante, o escriptor sentiu-se francamente livre para discutir com os theologos questões interessantissimas, como, por exemplo, estas: Si o corpo de Christo, depois de ressuscitado, conservava as cicatrizes do supplicio, ou sobre saber quaes eram as occupações de Deus, antes da creação do mundo.

Bem se vê que só nessa atmosphera paradoxal de idade média, podia Frederico de S. . . preparar a vida, que foi a sua ultima preocupação, do seraphico Santo Antonio de Lisbôa.

Vê o amigo que eu tinha razão em dizer, no principio desta carta, que o padre Severiano escolhêra optimo assumpto para apparelhar o pulverizador do seu stylo. Era só encher-o de perfumes capitosos, diluíl-os na essencia Prado, entontecer o leitor, e, por outro lado, atacar os que, em vida, tinham xingado o insigne auctor da *Illustração americana*.

Ora, é no proprio livro do padre Rezende que eu encontro a respeito da exma. sra. d. Maria Amalia Vaz de Carvalho, o juizo de que esta senhora era uma atrapalhada.

Si bem entendi, esse termo, applicado á escriptora portugueza, quer dizer apenas que ella tem uma psychologia complicada,—digo mal—uma psychologia furta-côr.

Não serei tão injusto que repute Eduardo Prado um *atrapalhado*, no sentido furta-côr; mas, com certeza, esse espirito foi muito complicado, como todo o verdadeiro intellectual;—bonachão, nas fórmulas exteriores, como Renau; profundamente sceptico, e, por isso mesmo, aparentemente tolerante, quando, no fundo, a sua indignação era holophernica, desde que algum tólo pisava nos callos da sua fantasia.

Pois bem, o padre Severiano de Rezende, que é da mesma especie, não podia deixar de enamorar-se desse talento, cheio de reticencias e de elipses interiores sobre os dogmas da Igreja Catholica.

— E' o meu homem! disse consigo mesmo; e guai! de quem se arrojar a contestal-o, porque, contestando-o, contesta os seus proprios talentos.

E, então, esquecendo a sua filiação litteraria, que é a mesma de Barbey-d'Aurevilly, de Voguë, quiçá de Huysmans, irmãos de leite ou afilhados do auctor da *Vida de Jesus*, e que ainda se confessam e commungam, *avec un petit diable assis au coin des lèvres*, o critico brasileiro busca explicar a santidade da *Vida de Santo Antonio de Lisbôa* pelos crimes e pelo satanismo daquelles, que da sua obra blasphemaram. O processo é engenhoso; e aqui o declaro francamente: eu, no seu logar, faria a mesma coisa.

Foi Renan quem enriqueceu a ironia

de Eduardo Prado com o fluor das idéas religiosas; pois Renan que tome aqui para o seu tabaco.

O sr. Barreto metteu-se a contrastar o seu scientificismo com a nova fé desse Juliano *a rebours*; pois que esse doutor, atheu, se recôlha aos bastidores, e não pretenda mais tomar vinganças de percevejo, porque, como bem disse Voltaire, esse máu vêzo é privilegio dos jesuitas, que, de parceria com esse interessante insecto, invadiam os leitos de Luiz XIV, interrompendo os seus colloquios religiosos com a gravebunda Maintenon.

Uma senhora portugueza, graphomoniaca, cogita em dar licções de philosophia a um morto illustre; essa senhora receba um conselho util: não seja trapalhona; cuide nos filhos, si os tem: pesponte sua costura si aprendeu a manejar a agulha; cosinhe castanhas para as visitas, si as recebe; mas não diga barbaridades sociologicas em phrases chloroticas, porque de mulheres athéas e que negam a virgindade de Maria, temos de longe conversado.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa).

### Projecto de Reforma Monetária no Brazil

#### CUNHAGEM LIVRE DO OURO

O padrão monetario sendo o mil réis ouro a 0 gr. 3661 de métal fino, a cunhagem das moédas de ouro de 20.000 réis e de 10.000 reis seria livre e illimitada no Brazil, onde ellas teriam poder liberatorio para qualquersomma (o que equivaleria, ao mesmo tempo, ao curso forçado e curso legal) porque seriam, simplesmente, a unidade monetária nacional multiplicada por 20 ou por 10.

A França, tendo o regimen da cunhagem livre, illimitada, a tarifa de cunhagem da sua Administração é de 6 fr. 70 por kil. de moéda ouro ao titulo 900 *mos*; isto é: 7 fr. 444 por kil. de métal fino, preço que comprehende as despesas de fabricação e liga.

Suppondo que a tarifa brazileira seja egual á franceza, cada kilogramma de ouro fino, para ser transformado em moéda, custaria ao publico brazileiro, como despesas de cunhagem:

$$\frac{7.444}{1,26} = 5.908 \text{ réis}$$

A moéda de 20.000 réis, pezando 7 gr. 322 de ouro fino, cada kilogramma de ouro permittiria talhar 136.56 *libras brazileiras* de ouro, exactamente a paridade da libra esterlina.

Donde se segue que cada moéda de 20.000 teria de soffrer 43,3 réis de custo de cunhagem e um conto ouro 2 mil réis 165.

Isto permittirá calcular o *Gold point* da entrada e saída do Brazil; isto é: determinar a que nivel do cambio brazileiro conviria importar ouro do estrangeiro para o Brazil ou exportar o ouro brazileiro para o estrangeiro.

\* \* \*

O cambio brazileiro cotando, em Londres, 12 d. por mil réis, um habitante desta cidade, necessitado de fazer, no Rio, o pagamento de um conto de réis, saccará por intermedio de um banco, que tivér transacções com o Brazil, uma somma de 50 libras est., a equivalencia de um conto de réis ao cambio de 12 d., e, mediante uma commissão suplementar de 0,25 %, ou 2 sh 1/2 ou 2.500 réis.

Essa transacção é o cambio por letras; effectúa-se por via de compensação, arbitragens, ou troca de saques entre o Brazil e a Inglaterra, cada conto custando 1.002 mil réis; cada mil réis a pagar, no Rio de Janeiro, chega, portanto, em Londres a:

$$\frac{1.002,5 \times 12 \text{ d.}}{1.000} = 12 \text{ d. } 030$$

Si existisse, no Brazil, a cunhagem livre, illimitada, do ouro, nas condições acima expostas, e, si 366 fr. de ouro fino tivésse o direito de se transformar em um conto liberador, mediante 2.165 réis de custo de cunhagem, o mesmo habitante de Londres poderia pagar a sua divida de um conto, enviando 366 gr. 1 de ouro fino á Casa da Moéda do Rio de Janeiro.

Suppondo que elle possa adquerir esse pezo de ouro ao par, o que é, geralmente, o caso de Londres, teria, ao principio de gastar 50 lib. est., mais cêrca de 0,80 % do valor da barra para as despesas de transporte para o Rio, seguros, etc., isto é: 8 sh. ou mil réis, aos quaes se accrescentariam 2.165 réis, representando as despesas de cunhagem no Brazil, ou, no total—10.165 réis.

O conto custando assim—1,010 mil réis 165, cada mil réis a pagar, no Rio, custaria em Londres:

$$\frac{1.010.165 \times 12 \text{ d.}}{1.000} = 12 \text{ d. } 121$$

A primeira transacção seria mais vantajosa, porque economisaria, em relação á segunda, um pouco mais de 7 mil réis 1/2 por conto enviado ao Rio.

Mas, si o cambio brazileiro montasse, em Londres, a 12 d. 10, o preço do métal ouro ficaria ao par, o conto saccado saíria a 1.000 × 12, 10=12.100 d., ou 50 £ 8 sh. 4 d., mais 2 sh. de commissão, ou 50 £, 10 sh., 6 d.; isto é: 1.010 mil réis 833.

Por conseguinte, cada mil réis pago no Rio, custaria em Londres:

$$\frac{1.010.833 \times 12 \text{ d.}}{1.000} = 12 \text{ d. } 129$$

Isto significa que, si a reforma monetaria brasileira se realizar sobre a base 12 d. ouro por um mil réis, e si a cunhagem livre, illimitada, do ouro der a 336 gr. 1 desse métal, o direito liberatorio de um conto de divida no territorio da União, mediante 2.165 réis de despezas de moédagem, o *Gold point* de entrada no Brazil será attingido, quando o mil réis chegar, em Londres, á taxa de 12 d. 10.

Acima dessa taxa, haverá interesse em fazer remessas para o Rio em métal ouro de preferencia a letras de cambio, porque essa transacção será mais vantajosa para os devedores estrangeiros.

\*  
\* \*

Ao contrario, o *Gold point* de saída do Brazil será attingido quando o valor em ouro do mil réis cair, em Londres, ácerca de 11 d. 90.

Sendo as notas de bancos brasileiros embolsaveis em ouro, ao par e á vista, no Rio e em todas as grandes cidades da União,—si o cambio brasileiro recuasse, em Londres, abaixo de 11 d. 90, os estrangeiros, tendo sommas a receberem no Brazil, ou os brasileiros tendo pagamentos a effectuar, no estrangeiro, encontrariam vantagens em receber pelo Banco de emissão 12 d. ouro por mil réis em notas apresentadas ao pagamento, porque o métal ouro teria, em relação ao sáque, um poder liberatorio, tanto maior no exterior, quanto mais baixo que 11 d. 90 estivesse o cambio brasileiro em Londres.

Mas, salvo graves acontecimentos de ordem exterior, a baixa do cambio num paiz de um unico banco de emissão, póde ser facilmente evitada quando o estabelecimento regulador da circulação monetaria se mantém, strictamente, nas suas attribuições salutaras e sabe cumprir o seu dever. Basta, para isso, que elle fiscalise, attentamente, a situação economica e financeira do paiz, que conserve, sempre, uma sabia proporção entre as suas aberturas de crédito e seus fundos disponiveis, immediatamente, realisaveis em ouro, que reduza, em consequencia, a sua circulação fiduciaria, desde que as circumstancias o exigirem e, finalmente, obste, por uma intervenção energica e opportuna no mercado do cambio, as manóbras sempre nefastas da especulação cambista.

#### MOÉDA FIDUCIARIA

A emissão fiduciaria do Estado e o systema da pluralidade dos bancos de emissão produziram crueis desillusões e deixaram lamentaveis recordações no Brazil para ser necessario insistir, nos seus inconvenientes e nos perigos dos dois systemas.

No primeiro caso, a facilidade do Estado de fabricar moéda em papel

chega fatalmente ao curso forçado. No segundo caso, o direito, conferido a vários estabelecimentos, de emittir notas ao portador e pagaveis á vista, tira á circulação fiduciaria nacional sua homogeneidade e diminúe, por isso mesmo, o seu poder regulador e creador do crédito publico.

Com effeito, a circulação fiduciaria, que se tornou o principal instrumento monetario das nações civilisadas, por ser a expressão synthetisada da unidade monetaria nacional, não póde servir bem aos grandes interesses do paiz, tendo de soffrer a concurrencia interior.

Devendo ser, ao mesmo tempo, a medida commum do valor das coisas nacionaes, a circulação fiduciaria não poderá, si tivér diversas origens de emissão, exercer muito tempo essa dupla funcção, porque os estabelecimentos de emissão não serão dirigidos e administrados pelos mesmos môdes, e, por isso, por esse facto inherente ao systema, as notas postas, respectivamente, em circulação por elles, não gozarão do mesmo crédito perante o publico e não serão, uniformemente, conversiveis em ouro, ao par e á vista.

O valôr das coisas é hoje medido e representado, no Universo, pelo métal ouro, ao qual todas as grandes nações commerciaes concedem o privilegio da cunhagem livre, illimitada e curso forçado.

Segue-se que a situação monetaria de um paiz, tomada no todo, não se consideraria normal ou sã, sem que a sua unidade monetaria nacional e toda a sua circulação fiduciaria, que é, de facto, a moéda nacional concentrada, se possam converter em ouro ao par e á vista, condição quasi incompativel com a pluralidade dos bancos de emissão.

São estes os principios fundamentaes da reforma monetaria do Brazil si não se quizer repetir a historia do passado e se arriscar de novo ás peiores aventuras.

\*  
\* \*

A emissão fiduciaria brasileira, baseada no mil réis de 12 d. ouro, será, portanto, concedida a um banco unico que terá o privilegio exclusivo dessa emissão em todo o territorio da União.

As notas do Estado, em circulação actual no Brazil, serão, progressivamente, retiradas e trocadas por novas notas do banco emissor, salvo as pequenas de 500 rs., 1.000 rs., 2.000 rs. e 5.000 rs., que serão substituidas, na circulação, por moédas de prata, moédas fraccionarias, de valôr nominal equivalente.

O trôco das antigas notas do Estado pelas novas do banco se fará por equivalencia nominal; o portador de uma nota do Estado do antigo valôr nominal de 100.000 rs., por exemplo, receberá uma nova nota de banco do valôr

de 100.000 rs. ao titulo de 12 d. ouro.

A' medida que a trôca se fôr effectuando, o thezouro federal depositará no banco de emissão, a credito de sua conta, as sommas correspondentes ao valôr das notas retiradas, sendo esses depositos em especie ouro, ou em *bonus* do thezouro federal pagaveis em ouro, sem júro, sobre a base de 12 d. ouro por mil réis das notas retiradas.

O banco não poderá dispôr, em caso algum, da reserva ouro assim constituida, emquanto não fôr decidida a continuação dos pagamentos em especie ouro da nova circulação fiduciaria.

Durante todo o periodo do trôco, as novas notas do banco terão curso forçado como as notas actuaes do governo e seu pagamento em ouro, ao par e á vista nos balcões do banco de emissão, começará, sómente, quando fôrem retiradas as notas do governo e quando o banco dispuzer de uma somma effectiva, em ouro, bastante para emprender o pagamento em especie e para a suppressão do curso forçado no Brazil, a qual, além disso, sómente será resolvida depois de um accôrdo entre o banco e o ministro das finanças do governo federal, inspirado nas circumstancias e na situação do mercado, sendo esse accôrdo submettido á ratificação do poder legislativo.

As notas do banco serão, ao principio, de 10, 20, 50, 100, 500 e. . . . 1:000.000 rs.; mais tarde, quando o ouro houver sufficientemente penetrado a circulação brasileira, as notas de 10.000 rs. poderão ser substituidas por numero proporcional das de maior valôr.

A partir do momento dos pagamentos em moéda, a somma das notas em circulação, que não poderá, sem approvação do poder legislativo, ser augmentada além dos limites prefixados, por motivos que explicaremos adeante, e os depositos dos particulares em numerario, assim como o das caixas publicas deverão ser sempre representados na caixa do banco por um valôr, ao menos equivalente em moédas de ouro, titulos de commercio, sáques sobre o interior ou sobre o estrangeiro e adeantamentos de vencimento não excedente a trez mezes; mas, em caso algum, a somma das notas em circulação será superior ao triplo do lastro em ouro disponivel na caixa do banco.

O governo da União exercerá uma fiscalisação effectiva sobre a circulação fiduciaria por meio de dois commissarios federaes, fiscalisando um, as operações relativas á emissão de notas; outro, os serviços de thezouraria do governo, dos quaes o banco se encarregará, em todas as cidades da União, onde terá succursaes em condições determinadas. Todas as notas do banco, sem excepção, terão a firma do seu director e do commissario da emissão.

Será feito, no fim de cada mez, um balanço do banco, comprehendendo: o capital social e as reservas, a somma das notas em circulação, o lastro em ouro e prata, da carteira de desconto e sáques com menção do valôr dos títulos de commercio e sobre o estrangeiro, os adeantamentos sob caução, as contas correntes credoras e os depositos particulares, a conta corrente do thezouro, etc. Esse balanço geral, assignado pelo director do banco e pelos dois commissarios, será datado do fim do respectivo mez e deverá ser publicado, num prazo maximo de oito dias, no *Diario Official*.

O banco de emissão terá a sua séde social no Rio de Janeiro, onde serão installados seus escriptorios centraes; poderá crear succursaes em todas as capitães dos Estados e ter agencias em todas as cidades do interior e do estrangeiro onde julgar necessarias. As contas dessas succursaes e agencias serão concentradas na séde social e comprehendidas no balanço mensal.

\* \* \*

A nova circulação fiduciaria brasileira, suppondo que a somma de notas do governo, existentes em 1 de agosto de 1904, se tenha mantido, se elevará a 674.000 contos, dos quaes se deduzirão os 81.000 contos, em algarismos redondos, de pequenas notas de 500, 1.000, 2.000 e 5.000 réis a serem transformadas em moédas de prata fraccionarias, importando, em algarismos redondos, em 593.000 contos.

Contemplando o numero de habitantes e as necessidades do commercio indígena, caracterisados pela divisão da circulação actual, esses 593.000 contos poderão ser fraccionados em 14.233.000 pequenas notas, assim repartidas:

Numero de notas	Valôr das notas	Somma total
	Mil réis	Contos
7.000.000	10	70.000
3.500.000	20	70.000
2.000.000	50	100.000
1.400.000	100	140.000
240.000	500	120.000
93.000	1.000	93.000
14.233.000		593.000

A gravura e vinhêta de cada typo de nota serão differentes, mas terão todas o titulo do banco de emissão, sua séde social, um numero de série e seu numero particular na série, indicação do valôr nominal, a declaração de que é pagavel á vista em moéda metálica de ouro brasileiro, a firma do director do banco e do fiscal federal da emissão fiduciaria.

O banco mandará fabricar á sua custa, ou fabricará elle mesmo, as notas pelas quaes será, sempre, responsavel.

O banco de emissão, finalmente, sendo o regulador natural da circulação brasileira, poderá ser encarregado da execução material da refôrma monetaria, principalmente da cunhagem das novas moédas de ouro e prata, mediante accôrdo com o governo federal.

EDMOND THÉRY

(Continúa)

### GREGORI GAPONE

#### O APOSTOLO DA REVOLUÇÃO

Circulava, recentemente, na Russia, uma caricatura representando o Czar curvado sob o pezo do gigante Tolstoï, sobre cuja cabeça de philosopho se agitava um personagem minuscuro, altivo, inquieto, figurando o nascente proletariado operario. A marcha do Czar era atravancada pelos *popes* que se lhe agarravam a uma das pernas, ao passo que os estudantes seguravam a outra.

Essa caricatura, que, circulava, clandestinamente, tomou, á luz dos ultimos acontecimentos, singular importancia.

O minuscuro personagem, alimentado pelas idéas de Tolstoï cresceu tanto que substituiu por seu volume a massa do philosopho; o Czar cambaleia sob esse duplo pezo e o *pope* abandona-lhe a perna para se lhe peparar á cabeça e augmentar o fardo que opprime, cruelmente, os hombros do imperador autocráta.

Rudemente, quando a Russia soffria revêzes militares, um mal imprevisto, não suspeitado tão imminente, se desencadeou sobre o paiz. No dia seguinte aos *ukases* pomposos, proclamadores do espirito liberal de Nicoláo II, a organização operaria se ergueu poderosa; *grêves* se propagaram como um rastilho de polvora, e a massa operaria, tendo á frente um padre, o *pope* Gregori Gapone, se precipitou ao ataque ás instituições. Esse apostolo da revolução, esse Pedro, o Eremita, da cruzada operaria; esse padre que recôrda, por seus processos, os frades da Liga, se revelou chefe, sem que nada, na sua vida pregressa, o houvesse destacado á attenção publica. As informações sobre elle são raras; sua physionomia não está ainda, em vários traços, accentuada, mas é possível esboçal-a nas linhas geraes.

Gregori Gapone nasceu na Pequena-Russia; provém dessa ardente raça mystica, facilmente inflammavel, a raça em que todas as legendas dos falsos Ivan, dos falsos Demetrius encontraram sectarios devotados até á

morte. Nasceu no suburbio de Poltava; seu pae era um agricultor e elle foi pastor na infancia. O caracter sonhador do rapaz se exaltou na contemplação silenciosa dos horizontes do *tchernosjon*. Na escola dos *Zmstvos*; suas aptidões, sua vontade de aprender, as irradiações dos seus olhos negros attraíram a attenção dos mestres que o destinaram ao sacerdocio.

Na Russia, os *popes*, unico elemento intellectual e moral onde se pôssa aquecer a alma tenebrosa dos camponezes, cuja existencia precaria elles conduzem, se recrutam, ordinariamente, nas familias presbyteriaes: os *popes* se succedem de paes a filhos; fórmam uma especie de casta.

Gapone entrou para o seminario sem idéas preconcebidas, immune de qualquer influencia hereditaria, levando o espirito cheio de curiosidade piedosa, sua tendencia para a commoção, seu conhecimento das miserias do povo. Deixou-se influenciar pelas coisas da politica, o que lhe valeu um castigo disciplinar e notas fracas que lhe fecharam as portas da Universidade.

Fez-se, então, estatístico do *Zmstvo*. Imbuído das doutrinas de Tolstoï, propagou-as, e casou com uma moça do povo, que, dedicada, como elle, á causa humanitaria, o fortificou em suas idéas primitivas. Volveu ao sacerdocio, porque só o ministro de um culto poderia falar ao povo, ou falar de um povo. Para chegar a essa dignidade, teve de fazer um curso em São Petersburgo, onde viveu, immiscuindo-se, cada vez mais, na existencia dos operarios. Quando Tolstoï foi excomungado pelo Santo Synodo, elle se manifestou francamente pela causa do philosopho e soffreu uma censúra.

Mais tarde, fez-se capellão das prisões, vivendo com uma frugalidade de ascéta: ao contrario dos seus collegas, não exigia honorarios pelos seus actos sacerdotaes, e assim conseguiu, rapidamente, ser adorado nos centros operarios.

Fundou o primeiro syndicato, a *Sociedade dos Operarios Russos*, organizadora da *grêve*. Foi elle quem se pôz á frente dos dez operarios, que pediram ao director da usina de Putiloff, a revogação da demissão fulminada contra certos camaradas.

Falando de *meeting* em *meeting*, sua eloquencia popular empolgava os auditorios, com phrases inflammas, trovejando contra a immoralidade, o debôche, a embriaguez; e, dialogando de boa vontade com os ouvintes, obtinha, entre acclamações freneticas, resoluções de extrema audacia.

Esse revolucionario é um tolstoiano; sua carta ao Czar reflécte os argumentos do testamento politico, dirigido por Tolstoï, ha trez annos, ao imperador; suas doutrinas, hauridas, como as do velho de Isnaio-Polavaia,

nas fontes do Evangelho primitivo, se inspiram nessa piedade, que, mal o penétra, abraza o coração do homem.

\* \* \*

O *pope* Gapone foi, segundo um communicado do Santo Synodo, suspenso de ordens e privado de todas as dignidades ecclesiasticas.

Não ha que negar a piedade da santissima instituição orthodoxa da Russia. O pavoroso castigo, agóra desencadeado sobre a cabeça do heróe revolucionario, si não podia ser peor, podia, em compensação, ter sido decretado muito antes. Emquanto o Santo Synodo o excommunga, o povo abençôa ao *pope*, que, realmente, não dêve ter razão de queixa desse povo.

Aqui está um dos resultados da sua terrivel prégação: a resolução approvada pelos estudantes russos, na reunião que, no dia 20 deste mez, realisaram, permittida pelo estimavel cavalheiro, general Trepoff.

Vários professores adheriram aos estudantes; um delles presidin á reunião. Os mais exaltados fôram, ao menos em effigie, á cara do Czar, cujo retrato ficou em pedaços. E os mais furiosamente exactos, que fôram todos, lançaram a seguinte proclamação:

«O absolutismo está prestes a cair, e, na sua agonia, decreta medidas cada qual mais ridicula. Cabe-lhe a responsabilidade inteira da criminosa aventura em que se metteu no Extremo Oriente, onde já se perderam dez mil vidas e milhões de rublos. Perfeitamente seguros e conscientes do fim que têm em vista, os estudantes sustentaram por longo tempo uma lucha encarniçada para obter os mais elementares direitos conferidos a todos os homens. Esse esforço, muitas vezes mallogrado deante do poderío brutal da tropa, prolongou-se, felizmente, até o momento em que o proletariado, por sua vez, appareceu na arena, vibrando os mais terriveis golpes na autocracia absoluta. Os sangrentos acontecimentos de que Petersburgo acaba de ser theatro provam claramente de quanto será capaz o czarismo para defender a sua existencia precaria contra a acção fraternal e sincera do proletariado. Póde-se dizer que em janeiro foi lavrado o decreto de morte do despotismo, assegurando-se, ao mesmo tempo, a rapida conquista da liberdade politica na Russia. Nós, que somos uma parte desse todo e que temos noção exacta do rumo que seguimos, louvamos a solidariedade do operariado e formulamos os seguintes votos de reforma: reunião de uma assembléa legislativa escolhida pelo suffragio universal; liberdade de palavra e de imprensa, assim como de associação e de parede; amnistia a todas as pessoas condemnadas por motivos politicos ou religi-

osos; egualdade dos direitos a todos os povos que habitam a Russia. Para impedir que a opposição reaccionaria tólha o governo na execução dessas resoluções, convém que o mesmo governo organise, immediatamente, uma Guarda Nacional, apoiando-se, assim, no proprio povo e reconhecendo, desde já, a significação do momento historico que a Russia atravessa».

## CARNAVAL

Os jornaes estão fazendo o papel das amas seccas: embalam o carnaval nos braços, fazem-lhe cocegas nos sovacos para que o pequeno não chore, não berre ou não durma.

Querem vê-lo affeito, desmiolado, cabriolante e doido: ha columnas e columnas á espera das diabruras do pandego. Mas, parece que elle não váe lá muito dos jornaes, para não dizer das pernas. O estado de sitio, naquelle tom de gente velha, tem-lhe pedido prudencia, e, por mais bonacheirão que um velho seja, tem sempre uns cabellos brancos para a gente respeitar.

E é talvez por isso que os primeiros alvares do Endiabrado, véem surgindo num descoramento anemico, sem aquelles badalados atroadores, sem aquelles papocamentos estrondantes, sem estoiros, sem doidices, sem gritarias á louca.

Parece que o velho até puxou as orelhas do pequeno. Um anno atrás e annos atrás, o seu primeiro arranco foi cabriolado em cima de zabumbas, o seu primeiro grito soprado em trombetas e cornetins guinchantes, num esguelamento de furia alegre. Hoje, zabumbados raros pelos clubs, barulhadas escassas, estouvamentos discretos.

Sente-se que ha muita vontade do brinquedo, mas que se tem receio de acordar a nevropathia sagrada daquella casa de dois andares da rua do Lavradio.

Como quem queria dar um impulso atrevido na pasmaceira, os *Tenentes do diabo*, que fôram generaes endeusados noutro tempo, surgiram. Mas, surgiram mancos como se tivessem levado balaços, sem aquelles ares da antiga pompa, com uns ares agóra de tenentes que baixaram a anspeçadas.

Mas, os jornaes nos dizem e nos promettem abertamente um carnaval de opulencia e diabruras. Até já disséram que o estado de sitio passará trez dias em casa sem ir á rua, curando o rheumatismo da velhice em cama fôfa, engulindo calmantes e deixando, á larga, a Folia ás cabriolas, aos atroados, ás flammejancias, aos piparotes. Até já disséram que o velho tem uns planos exquesitos de despejar perdão nos proprios piparotes que lhe machucarem a pança. Esperemos.

E os jornaes vão, dia a dia, instigando a festa. Promettem-nos passeiatas estrondosas, monumentaes, mirabolantes, passeiatas dos *Destemidos*, dos aristocraticos *Democraticos*, dos *Paladinos*, dos *Prodigos*, dos *Feni-anos*.

Nós, até agóra, só pisamos nos *Feni-anos*. Realmente, alli ha o mesmo ardor dos outros tempos, o entusiasmo dos outros annos, o mesmo reboliço, a mesma fulgurancia.

O ultimo baile, o baile de sabbado, esteve simplesmente espantoso. A meia noite, a festança espôcou. Aquelles salões deliciosos, que todo o mundo conhece, apinharam-se de gente, gente que naquella noite déra um ponta-pé na vida, para gosar o que na vida ha de mais gostoso.

E brincou-se até vir a manhã. Era uma enfiada de dansas, umas por cima das outras, num assanhamento esquentado de quem se apréssa num goso. Parecia que aquella gente symbolisava todo o aneio da pandega, toda a vontade de brincar que ahi por fóra váe.

Havia os discursos nephelibatas do *socio honorario*, as surpresas sobresaltantes de *Jambo*, a adoravel sobrecasaca de *Roxura*, a jovialidade do secretario, a musica, os requebrados, as madamas.

E, no meio de toda aquella folgança, falava-se ardentemente na passeiata que o club ha de pôr na rua, uma passeiata assombrosa, opulentamente carnavalesca, feita a capricho para triumphar.

E o que se deve frisar aqui é que numa casa de carnaval como aquella, onde ha genios de matizes tão diversos, onde não cabia uma cabeça de afinete, não tenha havido um só estremecimento de zanga, um só prenuncio de estremecimento. Contaram-nos que

era sempre assim. Alli não se briga, ninguem alli se estremece. Quando aquellas escadas se transpõem, um unico desejo se tráz da rua — o de brincar, e brincar, intimamente, na mais feliz camaradagem.

Si a nossa Camara fôsse alli ! . . .

ZÉ PEREIRA.

AGUA DE MAIS;  
AGUA DE MENOS

Toda a vez que o Rio de Janeiro é inundado por uma dessas chuvas estupidas como aquella que, domingo ultimo, nos favoreceu com o allivio dos soffrimentos de alguns dias caniculares, bradamos contra o pessimo regimen de vazão das aguas pluviaes e contra o governo, que, afinal de contas, é o culpado de tudo, até dos desregramentos da meteorologia.

E, como uma queixa predispõe a outra, é inevitavel por uma associação de males, causados pelo liquido, lamentarmos tambem a falta d'agua para beber. Toda essa agua caída do céu, enchurrando as ruas, se desperdiça, correndo para o mar, quando seria uma preciosa contribuição para os nossos reservatorios ridiculos.

Culpamos o governo da insufficiencia dos exgotos, porque não consideramos que essas inundações são phenomenos inevitaveis, como consequencia natural da extraordinaria exuberancia das chuvas e da conformação topographica que dá ao Rio de Janeiro esse aspecto pittoresco e bello, que é o nosso orgulho, a mais preciosa joia do nosso *chauvinismo* carioca.

Estudada essas duas condições de uma cidade cercada de montanhas, construida em valles estreitos por onde ella alastra, como um polvo colossal, estendendo-se pelas faldas dos oiteiros, plantando as suas casas na órla das ladeiras ingremes, sobre a arésta dos alcantis das pedreiras ou no dorso das montanhas feridas de grandes ulceras cinzentas, abertas pela dynamite das minas, estudando essa desforme disposição de ruas que sobem e descem, enrolam-se como serpentes e penetram os mais remotos dos refolhos das gargantas e desfiladeiros, verificamos serem essas ruas traçadas pela indicação dos leitos cavados pelas torrentes pluviaes, por nós endireitadas, corrigidas calçadas, desbastadas de rélva e arvoredos para que a agua das bategas corresse mais ligeira, sem se encaichoear nos obstaculos naturaes, sem se embeber na terra. E se a torrente se precipita vertiginosamente pelo franco leito por nós preparado, é natural que forme, rapidamente, no valle, as massas formidaveis, em relação ás quaes os mais largos, os mais rasgados bo-

eiros seriam pequenos furos de um crivo.

Ninguem póde, além disso, impedir que a torrente arraste a terra, os residuos vegetaes, que vão, precipitadamente, obstruir os ralos dos receptores e concorrer com diminuta resistencia para os desbordamentos que nos assanham na memoria de mortaes e peccadores, os terrores atavicos do diluvio.

A capacidade de engenharia, como a de todas as coisas humanas, é limitada pela natureza: ella não póde lutar contra as forças omnipotentes a sobrepujarem todas as providencias do engenho e arte. E, assim como não ha engenheiro que possa evitar a queda das barreiras obstruindo leitos dos caminhos de ferro mais perfectos, não ha tambem profissional que possa por uma sabia disposição de niveis suaves, modificar a topographia de uma enorme cidade plantada entre montanhas, para libertal-a do incommodo das inundações.

Porque estão as cidades planas menos sujeitas aos effeitos das chuvas rapidas? Porque não lhes deu a natureza montanhas, os accumuladores das massas d'agua. Por mais fortes e demoradas, as chuvas se despejam egualmente por toda a parte e se refugiam, immediatamente, no mar.

E, porque desbordam os rios? Porque são canaes abertos, lentamente, pelas correntes normaes, estreitos e pouco profundos, incapazes em relação ás extraordinarias massas d'agua, violentas, inopinadas.

Chegamos naturalmente á conclusão de que, para evitar as inundações, seria imprescindivel arrasar as nossas formosas montanhas, dando ao nosso Rio de Janeiro o aspecto feio de uma gentil moça com a cabelleira cortada á escovinha, sem as suggestivas protuberancias das ondulações do seio, das ancas, os sagrados symbolos do sexo.

\*  
\* \*

Quanto ao caso opposto — a falta d'agua — a culpa dêve ser imputada, em primeiro logar, aos vandalos, que desbastaram as nossas pomposas florestas densas e, ainda hoje, reduzem a carvão o arvorêdo protector dos mananciaes. Vem depois a culpa dos administradores que, não contando com o nosso desenvolvimento, suppuzeram que o aqueducto da Carioca poderia saciar a nossa sêde, durante muitos seculos, a sêde das industrias, que vivem dos geradores de vapor, de electricidade, de movimento, e a sêde da hygiene, que se nutre de limpeza, em abundantes lavagens dos ricos e dos pobres, das roupas que elles vestem, das casas que elles habitam.

A nossa provisão d'agua potavel foi augmentando aos poucos, á medida das reclamações vehementes pelo precioso

liquido. Os nossos especialistas, lendo na cartilha do governo colonial, fôram construindo *tanques* aqui e acolá, até que se decidiram a fazer obra completa, definitiva, gastando cêrca de vinte mil contos com a empreza Gabrielle. Annos depois, verificaram que as dispendiosas obras não haviam corrigido, definitivamente, a penúria d'agua, e continuaram no minguido regimen de dotar a população da cidade com outros *tanques*, cujo conteúdo se desperdice, pela metade, em extravasamentos inuteis, excedentes á capacidade dos referidos *tanques* e ao diametro acanhado dos tubos de distribuição.

E, uma vez por outra, para não dizer quasi diariamente, fazem-se despesas consideraveis com os velhos encanamentos que espócam, ou nos continuos remendos de erros velhos.

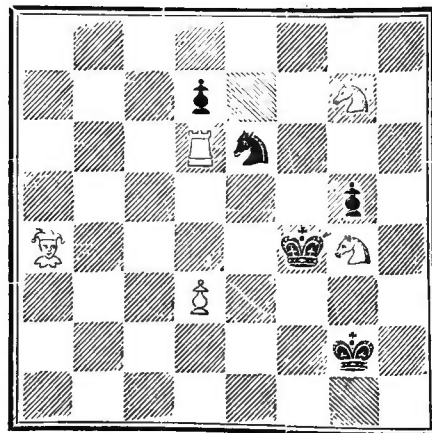
Em todo o systema do abastecimento, temos, como unidades consideraveis, condecorados com o titulo de reservatorios, cinco — o do Pedregulho, com 75.000  $m^3$ ; o novo reservatorio da Tijuca, com 17.000  $m^3$ ; o de Santa Theresza, com 15.000  $m^3$ , o de Macacos; com 55.000  $m^3$  e o do Rio do Ouro, com 15.000  $m^3$ ; os quaes, com o producto dos tanques, dos açudes, das caixas de areia, perfazem uma contribuição capaz de fornecer a cada habitante, cêrca de 300 litros d'agua, annualmente, menos de um litro diario, conduzidos atravéz de duzentos kilometros de canalisação, que não excedia, até poucos annos atrás, a 80 centimetros de diametro, e sujeito á desperdicios consideraveis.

Si não temos abundantes reservatorios dignos desse nome e uma canalisação correspondente á capacidade dos existentes, não é de admirar que nos falte agua potavel, agua para as industrias, agua para a hygiene da pessoa, das casas e das ruas, muito em bóra seja o Rio de Janeiro fartamente provido d'agua pela natureza.

DIVERSÕES

Problema n. 17

PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, dão mate em dois lances.



## O RIO DA SAUDADE

Foram-se as illusões e foram-se os amores  
Ao galope do Tempo, insensível, ligeiro...  
E, agora, apenas sinto o tédio e os dissabores,  
Com que me polluo o goso passageiro.

Retrata-me a tristeza e traz-me anhelos, dôres,  
Venturas, da Saudade o plácido ribeiro,  
Como um rio conduz balsas de urzes e flôres,  
Refletindo na face um constante nevoeiro.

Desce tudo em silencio o tranquillo regato :  
O meu primeiro amor... o meu primeiro beijo...  
Meus combates de rei... meus lances de insensato...

Meu derradeiro idéal... meu ultimo desejo...  
E, em cima, como um luar, oh! Mãe! o teu retrato,  
Que, nas aguas do rio, espelhado, revejo!

15 — 2 — 905

FAUSTO CARDOSO.

## O TEMPO PERDIDO

(Sully Prudhomme)

Tanta fadiga e pena, e tão esteril vida !  
De vãs preocupações nos corre o dia cheio,  
E nossa alma indecisa um contínuo receio  
Domina. A hora melhor foge, despercebida.

Amanhã, levarei a esmola promettida..  
Amanhã, hei de lêr o livro aberto a meio,  
Amanhã, serei justo e forte. Deste enleio,  
Amanhã, livrarei minha alma, que duvida.

Hoje, não ! Hoje, ha mil cuidados e visitas !  
— Ah ! os inuteis, crueis deveres parasitas,  
Cujo bando pueril pelos salões impera !

E o coração e a idéa ociosos vão ficando,  
E enquanto o homem se mata, um nobre esforço adiando,  
Silencioso, na sombra, o Dever nos espera.

LEOPOLDO BRIGIDO.

## DECLINIO

O vicio mora no teu corpo branco  
e esta jaula de marmore espedaça;  
o corpo inteiro com furor te enlaça,  
crava os dentes rugindo no teu fianco.

Desta infrene panthéra a cada arranco  
perde teu rosto seducção e graça ;  
morre o brilho dos olhos; fragil passa  
a formosura num declinio franco.

Morre o brilho dos olhos, mas perdura  
esta febre de goso que te exgotta  
num delirio fatal, quasi loucura !

Mesmo engelhada pelos annos, ha-de  
essa bôcca trismar-se na remota  
sensação das volúpias desta idade!

1905.

A. J. ALVES DE FARIAS.

A AGUA DO MAR, EM INJECCÕES  
SUBCUTANEAS, NA TUBERCULOSE  
PULMONAR.

MAURICE MATHIEU, SOCI-  
EDADE DE MEDICINA DE PA-  
RIZ, 25 de dezembro de  
1904.

A lei de permanencia marinha, formulada por mr. René Quinton e, na opinião dos especialistas, considerada definitivamente estabelecida, condúz a esta concepção nova de economia: todo o organismo animal é um verdadeiro aquarium d'agua do mar; todas as cellulas constituintes de um individuo se banham e vivem nesse aquarium marinho, de sorte que um organismo qualquer, o homem, por exemplo, se redúz, schematicamente a um tubo de cultura, onde as cellulas que cultivam são as organicas e, no qual, o caldo de cultura dessas cellulas é a agua do mar.

Ora, diz mr. René Quinton no seu livro — *A agua do mar meio organico*, pag. 459 — «si recordarmos a importancia, para uma cultura, do liquido em que ella se cultiva, verifica-se o papel da agua do mar na therapeutica, em todos os casos, em que o liquido de cultura das cellulas organicas, *meio vital* estiver viciado por uma causa qualquer — envenenamento chimico ou microbiano, insufficiencia de emunctorios, defeito de certas contribuições alimentares, etc.»

Sabe-se, na verdade, que, uma vez alterado o caldo de cultura de uma colonia celular, a vitalidade dellas diminúe e que, para lhes restituir a antiga vitalidade, basta renovar o caldo: a vida esmorecida readquire seu rythmo regular.

Mr. Quinton pensou, portanto, em intervir nas molestias, visto que são sempre acompanhadas de uma alteração, de um envenenamento do meio vital interior, pensou que, introduzindo agua do mar nos tecidos, renovando, em certa proporção, o liquido viciado de cultura das cellulas organicas, lhes restituiria a vitalidade perdida pela intoxicação, e poderia, assim, ~~auxiliar-as a~~ vencel-a.

Aqui o problema é, com effeito, menos simples, por ser possivel que a agua do mar, introduzida na intimidade dos tecidos, exaltasse, renovando o meio, não sómente as cellulas organicas, mas, tambem, as microbianas, factoras da molestia. Em todos os casos tratados — tuberculose, syphilis, gastro-enterite, erysipela, etc., não fôra vão esse receio. Comprovou-se sempre, em consequencia da injeccão d'agua do mar, um beneficio para o activo das cellulas do organismo e nunca ao activo das cellulas microbianas.

Mr. Quinton tentou o tratamento da tuberculose, sómente no ultimo periodo da molestia, quando a cura era impossivel, propondo-se não a curar, mas a verificar como o organismo tuberculizado reagiria sob a injeccção marinha, os effeitos favoraveis ou negativos dessa injeccção.

Elle procedeu por meio de injeccções, sub-cutaneas em forte dóse — 600 e 800 grs. para os adultos do pezo médio de 65 kilos. A agua do mar empregada fôra captada ao largo, longe de correntes fluviaes, de baixios, a dez metros de profundidade, e reduzida, pela addição d'agua distillada, á concentração salina do organismo, esterilizada em filtro, nunca no autoclave. Essas indicações são de maior importancia, porque a agua do mar colhida perto da costa, perto de um rio e esterilizada pela ebulição, é toxica. A' preparação do liquido da injeccção, devem presidir meticolosos cuidados.

A' injeccção de 600 e 800 grs., sobrevém uma reacção muito energica, com calefrios, choque de dentes, febre, inapetencia, insomnia. Mr. Quinton verificou que, quanto mais forte a reacção, maiores eram os beneficios da injeccção. A crise dura cêrca de doze horas, succedido por calma e um periodo de melhoras surprehendentes.

Este periodo dura cinco dias; no quinto dia se faz nova injeccção e, successivamente, outras de cinco em cinco dias; depois, de seis, de sete, de oito, conforme a duração dos beneficios obtidos.

— Na tuberculose pulmonar do terceiro gráu — diz mr. Quinton — o resultado foi negativo, como era de prever, mas precedido, em todos os casos, de um periodo de animação surprehendedora. O doente tomado em adynamia e fastío completos, com reflexo rotuliano quasi abolido, vomitos de todos os alimentos ingeridos, espectorção abundante, suores profusos, hyperesthesias sternaes, espinhaes, cruraes, metalgia, etc., se ergue desde os primeiros dias (segundo ou quarto); a tósse, os suores, a hyperesthesia, as dôres cedem ao mesmo tempo; a espectorção, de duas escarradeiras em vinte e quatro horas, cêe a um quarto e, algumas vezes, a um oitavo; o appetite, nullo ha um mez, reaparece de repente, permittindo trez e quatro refeições por dia, duas com pão, legumes; duas com carnes, fructas, sobremeza. Não ha mais vomitos. A morphina necessaria, dantes, para assegurar o somno, é supprimida dentro de trez dias. As noites são perfectas, tanto quanto permite o hospital. No fim de uma semana, o doente desce e sobe, sósipho, trez andares; permanece de pé quatro a seis horas. Nos casos mais favoraveis, o pezo au-

gmenta, as injeccções se espaçam, sem inconveniente, de oito dias. Esse periodo de restauração pôde durar cinco semanas e mais; depois disso a molestia readquire o seu curso.

\*  
\* \*

Proseguindo nos trabalhos de mr. Quinton, imaginei que a forte reacção consecutiva ás injeccções macissas, poderia ser evitada, com vantagem, com o emprego de dôses mais fracas. No tratamento dos meus doentes empreguei injeccções de 50 gr., apenas, renovadas de dois em dois dias, durante cêrca de trez ou quatro semanas, até que o total d'agua injectada equivallesse, quasi, ao centesimo do pezo do corpo do paciente. Assim injectei, em todo o decurso do tratamento, o que mr. Quinton, pelo seu methodo, injectava de uma só vez. A injeccção de 50 gr. prodúz, apenas, um ligeiro mal estar que, muita vez, não se manifesta; a temperatura sobe alguns decimos de gráu, depois cêe rapidamente; não ha calefrios; o doente entrega-se a suas occupações costumeiras sem outra perturbação, além de pequena dôr de cabeça, aliás inconstante. Em um unico caso, notei cephalagia tenaz.

As quatro observações completas, por mim relatadas na sessão de 25 de dezembro ultimo, na *Sociedade de Medicina de Pariz*, se referem a tuberculosos pulmonares, do segundo e terceiro gráu, com o bacillo de Koch perfectamente verificado nas espectorções de 24 horas, aquecidos com uma solução de potassa e centrifugados.

Essas observações constituem, apenas, uma primeira série, porque suprimi, methodicamente, as injeccções, quando attingiram o centesimo do pezo dos doentes, que pediam continuassem. Essas observações offerecem muito interesse, porque, não somente confirmam os resultados obtidos por mr. Quinton, como demonstram ser possivel obtê-las com menos despeza d'agua do mar, como evitando a crise febril, que este sabio considerava uma das necessidades do tratamento. Os meus doentes eram adultos de 28 a 51 annos. Vinham á consulta, no hospital, e sua posição social lhes permittia tratarem-se e se alimentarem soffrivelmente.

Resumirei em breves termos os resultados do tratamento. Geralmente, depois das primeiras injeccções, desappareciam os suôres nocturnos; na terceira, quinta ou setima injeccção, conforme os doentes, o appetite, antes precario, augmentou em proporções, ás vêzes, consideraveis; passaram completamente as insomnias; diminuiram a tósse e a espectorção; o doente somente tósse e escarra pela ma-

nhã; sente-lhe renascem as fôrças para o trabalho; experimenta uma sensação de bem-estar, que elle externa com animação, e mostra-se — alegre, cheio de animação, em contraste com o seu estado anterior; a auscultação revela, em fim, indiscutivel melhora das lezões pulmonares e o pezo augmenta.

Em todas as minhas observações, no fim do tratamento, os ruídos pleuraes e os estertores humidos, verificados á primeira auscultação, desappareceram completamente, ou diminuiram muito; o bacillo de Koch se apresenta sempre nas espectorções de 24 horas; em um caso, porém, o exame microscopico não revela mais, factio isolado que pôde provir de uma coincidência. O pezo, testemunha do balanço funcional e geral do organismo, augmenta na maioria dos casos, de 100, 700, até 1.000 grammas. Cada doente está muito satisfeito com o tratamento e pede que eu o continúe, tão evidentes são os seus effeitos.

Ulterior experiencia deverá dizer si esses effeitos pôdem ser prolongados pela renovação das injeccções ou si, ao contrario, como nas experiencias de mr. Quinton, a ultima dêve partir do agente pathogeneo, após um periodo mais ou menos longo. Ainda neste caso, o processo therapeutico será um dos mais favoraveis a empregar, porque, no estado actual da sciencia, nenhum outro apresenta, no seu activo, vantagens comparaveis. Como mr. Quinton, sómente tratámos fórmulas adeantadas da tuberculose. A experiencia seria para tentar nas fórmulas mais recentes, quando o organismo dispõe ainda de todos os seus recursos de resistencia á infecção.

Reflectindo bem, o successo da therapeutica marinha na tuberculose nada teria de anormal: são conhecidos os beneficios da habitação nas praias do mar para os tuberculosos; dahi a reputação de Arcachen e de toda a costa do Mediterraneo. Ninguem ignóra que o clima marinho, os banhos de mar são o tratamento especifico da antiga escrófula, da tuberculose ossea ou cutanea. A acção do mar sobre o bacillo de Koch, é manifesta; as curas obtidas nos sanatorios marinhos, chegam, ás vezes, ao prodigio.

Si, pelo tratamento Quinton se chegasse a obter uma acção accentuada sobre a evolução da tuberculose pulmonar, os resultados se alinhariam, por si mesmos, no quadro dos factos therapeuticos, já conhecidos; dar-lhesiam, simplesmente, a explicação de como vimos as descobertas de Pasteur explicarem o modo de acção da vaccina de Jenner, e, então, como sempre na medicina, a pratica precederia á theoria.

ASSIGNATURAS  
 ANNO ..... 20\$000  
 SEMESTRE ..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1.<sup>a</sup> DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

---

As escusas do governador do Rio Grande do Norte, lavando a sua honrada testada e os fundos do seu venerando sogro, da imputação de ter mandado reduzir a cacos, na mesma hora, duas typographias da opposição, produziram o effeito de commover, até ao ridiculo, a opinião, abalada pelo infamissimo acto de vandalismo.

A justificação foi completa, inexpugnável para demonstrar que o governador e seu illustre sogro fôram os primeiros surprehendidos com o desastre, quando despertaram do somno quieto dos bem aventurados, dos que repousam, serenamente, na tranquillidade da consciencia clara, satisfeita pelas virtudes civicas de quem se submete ao sacrificio de governar os seus semelhantes pelas normas dôces, affectuosas de um governo de familia.

Toda a gente percebeu, através do telegrapho, as faiscas de sincera e rubra indignação do governador e do seu illustre sogro, maguados por este attentado, sem precedentes na historia patriarchal daquelle Estado, desde a instituição da dynastia que o felicita.

Mas, não nos disse o governador por que cargas d'agua estavam presentes á destruição das duas typographias, naquella madrugada fatal, os bravos soldados da policia de s. ex., seus officiaes e, para cúmulo de caiporismo, o proprio ajudante de ordens de s. ex.; como fôram parar allí, no lugar do sinistro, aquelles homens fardados, alguns dos quaes fôram feridos por balas assassinas, balas da defeza, como se o destino traídor houvesse apparelhado aquelle meio de marcar os auctores da cobardia e de arriscar, assim, os solidos créditos do governo, tão manso e tão familiar, dando esses meios evidentes de prova á opposição insubordinada.

Não nos disse, tambem, o governador se mandou processar aquelles soldados

e officiaes, se demittiu o seu ajudante de ordens, amigos ursos, mais realistas que o rei, imbuidos da supposição de que a gritaria da imprensa perturbava a tranquillidade dos dominadores, ou atrapalhava os seus patrioticos planos politicos. Quem ha de dizer isso, ou esclarecer o caso, é o inquerito que s. ex., num lance de energia, mandou fazer para apurar a responsabilidade dos culpados. E, do pôço desse inquerito, surgirá, numa apothéose luminosa, a verdade, nua e crúa, confirmando a justificação do illustre governador.

Prevemos que o caso se passou assim: Alguns bandidos, inimigos pessoas da imprensa opposicionista, atacaram, simultaneamente, as duas typographias e concluíam a sua brutal destruição, quando a policia, prevenida pelo rumor, chegou, infelizmente, tarde, como acontece a todas as policias do mundo, afugentando os bandidos. A defeza, porém, defrontando os agentes da força publica, os aggreduiu; provocou a repulsa; trocaram-se balas e golpes de chanfalhos, numa confusão diabolica, sobre os destróços das officinas devastadas.

Ahi está o que foi o caso: um tremendo equivoco, onde figuravam, como aggressores, os bravos officiaes, os soldados de policia e o não menos valente ajudante de ordens do governador, vindos, como mensageiros da paz e da ordem, com o fim de defenderem as infelizes typographias da opposição, victimas do seu audacioso desbragamento de linguagem.

O facto coincidiu com o manifesto chamando a opposição a póstos para o alistamento de votantes pela novissima lei, porque aquelles ingenuos acreditam, piamente, nos beneficios da reforma; estão muito convencidos de que a opinião, sopitada, poderá, afinal, manifestar-se e dar combate aos detentores da situação que váe passando, como um morgadío, de paes a filhos.

A essa coincidência se deve accrescentar que as camaras municipaes do interior estão se transformando em *zmsivos* contra a autocracia dos Maranhões, e promovem uma opposição de famintos, de miseraveis, escapados da ultima secca.

Essa perspectiva não atemorizava o governador, que sabe de cór como se fazem qualificações, como se arranjam eleitores e se rabiscam eleições, apesar das providencias de rigor, das cautelas meticulosas adoptadas pela lei para eradicar dos costumes o vicio de manobras fraudulentas, que reduziram a Republica a uma feitoria dos governadores.

Pelo exposto e pelo mais que constar dos autos do inquerito, ficará fóra de duvida que o governador do Rio Grande do Norte não precisava de se sujar com os destróços de duas typographias para manter, pujante, cheio de prestigio e garantido, *per omnia secula*, o dominio de sua dynastia.

Dentro de pouco tempo, a vassoura do olvido terá passado sobre esse facto, e ninguem se lembrará mais das pobres typographias, que ficaram muito bem quebradas, reduzidas a cacos, tendo sorte digna dos instrumentos de perturbação da ordem publica.

\* \*

A opposição do Rio Grande do Norte teima em não se conformar com a dureza do facto consummado, em não se resignar ao desastre, e envia telegrammas lamentosos, queixando-se de que o governo *lyrial* nenhuma providencia tomou para apurar a responsabilidade dos quebradores de typographias.

Nessa conjuncção, entre duas versões dissidentes, ambas de fonte interessada, a opinião publica deixará esfriar o caso, e a impressão desagradavel, que elle occasionou, se dissipará como tenue fumaça de uma fogueira longinqua, sem deixar, no céu azul, o mais ligeiro vestigio.

Não temos o recurso de procurar informações insuspeitas, como seriam os correspondentes dos jornaes fluminenses, que não abriram o bico de plúmicos telegraphicos.

A ultima manha das dynastias es-tadoaes, para completarem a função de suas machinas politicas, foi a conquista dos correspondentes.

No Ceará, por exemplo, todos os velhos correspondentes dos jornaes do Rio fôram substituidos, como convinha á unidade das informações, e para evitar indiscreções importunas: hoje, o grão duque Josué Accioly accumula ás várias funções que exerce na côrte do *Tzar*, seu pae amantissimo e exemplar, a de correspondente unico de quasi todos os jornaes desta capital.

Não sabemos se o illustre sogro do grão-duque Lyra tomou aquella precaução salutar; a verdade é que, não tendo informações imparciaes, arrolhada, definitivamente, pela destruição, a imprensa local, fallecem bases seguras ao nosso criterio para profligarmos os responsaveis desse crime, que é mais um dejecto de odio, de intolerancia, de prepotencia, maculando as vestes, já cruelmente conspurcadas, da jovem Republica.

POJUCAN.

### Homicidio-suicidio por amor

(EXCERPTO DE UM ESTUDO)

Quer seja encarado do ponto de vista da Psychologia Criminal, quer seja encarado do ponto de vista da Psychologia Morbida—é assumpto interessantissimo o *homicidio-suicidio* por causa amorosa. A litteratura consagrou, formosamente, o factio nos AMANTES DE MONTMORENCY. E nessa manifestação, como nas outras, o Amor se repete — (*por isso que é eterno*, explica Gabriel Tarde). A chronica das gazetas e a chronica dos tribunaes registam, todos os annos, casos semelhantes, em que se realisa o estranho hymineu do Amor com a Morte, dando razão a Leopardi, quando poetava:

—Fratelli a un tempo, Amore e Morte  
—Ingenerò la sorte.

E' curiosa a approximação dos poetas e dos mais sisudos philosophos e juristas, que fallam, a tal respeito, a mesma linguagem, como si tivéssem apprendido, na dura escola da vida, a amar e a soffrer!... Longe, bem longe,

da invenção poetica de Alfredo de Vigny, estava o provento magistrado Berard de Glajeux, quando via saír das entranhas da humanidade uma sêde de expansão e de extincção, uma febre devorante e destruidora, causadora de homicidios e suicidios.

Reconhece o juiz francez que, subjugado pelo Amor, o homem não tem repouso nem socego, cedendo todos os sentimentos áquelle dominador absoluto, que é como a chamma, que tudo destrôe. Dada a contrariedade—continua elle—não podendo haver plena satisfação do desejo amoroso, chega o momento fatal em que o apaixonado prefere morrer; por estranha enfermidade da imaginação, aquillo que a Natureza mais repelle, a Morte, se torna em unica solução do problema. (\*)

Um collega de Berard de Glajeux, Luiz Proal, tratando do duplo suicidio passional, antepôz ao seu substancioso trabalho, á guisa de epigraphe, o verso de Corneille:

« Et jusque dans la tombe il est doux  
de s'unir. »

Vale a pena saber o que pensam do Amor esses homens que, por sua vida profissional, lhe téem observado as mais tremendas manifestações, — ou tintas no sangue das victimas, através dos processos criminaes, — ou conspurcadas pelas maiores torpezas e trações vergonhosas, em certas causas civis. Proal, bem conhecido entre nós por suas obras *LE CRIME ET LA PEINE* e *LA CRIMINALITÉ POLITIQUE*, encontra justificada, na aspiração de duas creaturas que se amam, a profunda expressão do Evangelho: — querem, de dois que são, formar um só corpo, unir-se indissolvelmente, ligar-se para sempre.

E' pois, natural que, apresentando-se obstaculo insuperavel a essa união, os amantes prefiram morrer. Morrer juntamente lhes parece menos doloroso do que viver separados.

Sonham deliciosamente com uma ligação estreita, duravel, eterna, feita pela Morte, ultimo abrigo dos desgraçados. O duplo anniquillamento lhes surge como idéa consoladora e supremo recurso.

Dahi, dessa necessidade de união indissolvel, resulta o pedido que, geralmente, fazem os que combinam o homicidio-suicidio: almejam ser enterrados na mesma sepultura. (\*\*)

Anima-os, no instante supremo, essa esperanza de união posthuma. As cartas que figuram em todos os autos referentes a esses homicidios-suicidios, mostram que não é simples aspiração poetica o desejo de ligação na sepultura. Parece, mesmo, que os incapazes de o traduzir em phrases rimadas são os que se sentem com a força precisa para lhe preparar a realisação pratica.

Em 1835, succedeu o drama em que

fôram protogonistas o dr. Bancal e mme. Zelia Troussel. E' celebre este caso de homicidio-suicidio, merecendo ser citado, por ser indiscutivel a sinceridade dos dois amantes. Vê-se que o mesmo pensamento e o mesmo sentimento dominaram aquellas duas almas atormentadas. O dr. Prospero Bancal era medico da marinha franceza; tinha, por amante, mme. Zelia, senhora casada. Em passeio, tinham vindo a Pariz, e se haviam hospedado em um hotel, quando, reconhecendo as difficuldades e as incertezas da sua situação, resolveram pôr termo á existencia. E' inacreditavel a coragem revelada pela mulher. A dupla tenacidade dos dois amantes chega a parecer phantastica. Aceita a deliberação, nenhuma dôr os conturbou, nenhum soffrimento lhes reteve os braços e a vontade sinistra. Bancal levou sete horas a lutar com a vida da amante. Fez-lhe duas sangrias, abriu-lhe a artéria dum braço, envenenou-a com acetato de morphina, e, afinal, duas vezes lhe enterrou o bisturi na região do coração!.. A cada tentativa homicida-suicida, correspondia uma indagação anciosa: «*Devo continuar?*» A resposta era sempre a mesma: «*é preciso acabar com isso; cumpre teu dever; quero morrer*»

Afinal, retalhada por successivos golpes, mme. Zelia succumbiu. Então, o amante vibrou contra sua propria pessoa tres profundos golpes, e, como não se sentisse morrer, ia revirando o bisturi dentro das feridas. Quando as auctoridades penetraram no modesto quarto do hotel, encontraram, ao lado do cadaver da adúltera, o corpo desfallecido do dr. Bancal, quasi agonizante, banhado no sangue que escorria das feridas dos dois.

Por occasião dos curativos que lhe fôram prodigalisados, quiz o medico allucinado arrancar as compréssas, apostrophando os collegas. Não queria sobreviver á sua amada, nem tolerava que dalli tirassem o cadaver, que só devia saír acompanhado do seu...

Proal explica a tenacidade, quasi heroica, que houve de parte a parte, pela exaltação amorosa, que, como a exaltação mystica e como a exaltação politica, communica particular energia á creatura humana, tornando-a insensivel á dôr physica. A proposito, lembra a exclamação que Victor Hugo pôz na bôcca de Hernani:

« Oh! qu'un coup de poignard de toi me serait doux! »

Os dois amantes manifestaram o já notado desejo de união no tumulto. Ella recommendava a um amigo comum: *quero ser collocada no mesmo caixão*. Elle escrevia á mesma pessoa: « em muito importa para mim ser collocado ao lado della; nossos ossos se hão de confundir; eis ahí um pensamento que me sorri. »

Observa Proal que essa manifestação solemne de ultima vontade é tão natural, que se encontra nos ultimos escriptos de rainhas e de mulheres do povo, de nobres e de plebeus, nos tempos antigos e nos tempos modernos, entre povos de raças diferentes e habitantes de regiões extremadas. Tudo demonstra que o coração humano é sempre o mesmo. E tambem qualquer que seja a opinião philosophica e a crença religiosa do observador, não pôde deixar de se sentir impressionado, deante desse accôrdo de vontades suicidas, pela grandeza tragica do acto, e, ao mesmo tempo, compungido e apiedado deante da dôr sincera que o motiva. Não ha negar, todavia, que a acção se complica com uma certa dôse de egoismo. A analyse psychologica nos mostra que um amante sente-se orgulhoso com o desprendimento do outro, que tudo lhe concede, até a vida, para evitar a separação. Até certo ponto, o sacrificio se tórna acceitavel pelo consolo de que só um pensamento occupa o cerebro e só um sentimento enche o coração da pessoa a quem se ama... A imaginação se exalta, naturalmente, deante desse voluntario abandono da vida, que, reciprocamente, se fazem os dois amantes inditosos, que suppõem, com razão, attingir á suprema certeza no amor.

\* \*

Resta procurar conhecer, em breves traços, o *processus* psychico desses dramas sangrentos. Ha, felizmente, vasto estudo do assumpto. Chpoliansky, Aubry, Corre, Henrique Ferri, Scipio Sighele, Tarde, Emilio Laurent e Proal — para não citar sinão auctores cujas obras possuímos — têm posto em contribuição todos os elementos colhidos na vida pratica e todos os dados da analyse psychologica, chegando, até certo ponto, a fixar algumas conclusões aproveitaveis.

A summa das opiniões reconhece que ha, nos casos de homicidio ou suicidio passional, um lento trabalho de suggestão reciproca e de auto-suggestão consequente, creando um estado d'alma especial, semelhante ao dos allucinados, confinante ao dos hypnotisados. Desde logo: é de observação diaria que um profundo amor gera, entre duas pessoas, verdadeira *solidariedade psychica* — na feliz e bem comprehensivel expressão de Chpoliansky.

Quando são dois jovens, que têm intimas e estreitas relações, que respiram o mesmo ambiente, a excitação reciproca pôde attingir, com facilidade, ao paroxismo do amor.

A contrariedade lhes causa dôr commum, real, igual em suas consequencias, na reacção que deve fatalmente provocar.

Uma *idéa fixa* resulta necessaria-

mente, e é a de lhes ser impossivel a vida com a separação. Segundo o auctor citado, é ao homem que cabe, quasi sempre, a iniciativa do projecto homicida-suicida. A mulher, já preparada pelo communismo de idéas e de sentimentos, concorda. Termina o drama com a união dos dois no seio da morte!

— Sighele, que, neste particular, merece especial menção — notou, por sua vez, que o trabalho da suggestão é sempre o mesmo, quer se trate de um *par* calmo e no gozo pleno da saúde physica e mental, quer se nos depare um *par* de loucos ou suicidas, quer se estude um *par* de criminosos.

O proprio amor, qualquer que seja, é já um producto de suggestão. Exprime, no final das contas, o intrometimento duma alma em outra, ou a superposição duma vontade dominadora a uma mais fraca. Bem havia observado o romancista psychologo Paulo Bourget, quando dizia que entre duas pessoas só uma é verdadeiramente amada. De facto, um amante é sempre arrastado pelo outro. Si chegam á mesma ou a semelhante intensidade de sentimento affectivo e de emotividade morbida, é isso devido á força da suggestão, que se pôde definir, num sentido lato: — a operação pela qual é provocada, no cerebro dum individuo, uma idéa capaz de ser traduzida em actos. Não só são affectuados os pensamentos, como modalizados os sentimentos, amoldados os costumes e os habitos, assemelhados os gestos, reproduzidas as palavras. O phenomeno da suggestão, em estado de vigília, na vida commum, sem hypnóse, entre duas pessoas sadías, é tanto mais facil de se verificar quanto mais duradoura e persistente é a intimidade entre ellas. Não se afirma, aqui, que a idéa do suicidio, em casos taes, germine, a um tempo, nos dois cerebros. Mas, vibrando as duas almas igualmente, é comprehensivel que qualquer pensamento se communique e seja acceito com agrado. Demais, nada existe mais communicativo do que a *idéa fixa*. Todos os psychologos e hypnologos têm feito essa observação. Ha um caso celebre desse phenomeno de *contagio mental* em que a explicação nos é fornecida pela vida progressa dos protogonistas e pela *maneira* das suas relações sociaes e familiares. E' o que nos revêla o processo Chambige. Era este um rapaz de 24 annos, estudante de Direito, dado á litteratura e, em especial, aos refinamentos do alto psychologismo. Por vezes, havia habitado a cidade de Constantina, na Algeria, onde travára conhecimento familiar com mme. X, senhora de trinta annos, casada, mãe exemplar e esposa fidelissima. O sofrimento os approximou; o moço litterato e sentimental perdêra uma irmã,

a quem estimava muitissimo; mme. X perdêra um filhinho querido. Quando a pobre senhora conheceu a familia Chambige estava inconsolavel. Disse-o o proprio Chambige: « *Eu a vi, através das nossas lagrimas.* » Foi, ao principio, bem se vê, um sentimento de affectão, quasi maternal, esse que ligou a senhora virtuosa ao rapaz soffredor e sonhador. União perigosissima de dois corações doentes... Chambige descreveu a evolução do sentimento experimentado pela sra. X. Em pouco tempo, quando elle a acreditava apenas triste, ella já se revelava terna! A recordação constante dos dois mortos bem amados, os havia conduzido ao amor. A principio, fôram conversas repassadas de soffrimento e de saudade, em que as duas almas se confundiam, repassadas da mesma triste magua, ligadas pela mesma dôr. Depois, lentamente, vieram as confissões, as trocas doutras sensações mais pessoas, mais intimas. Em volta, como observou, finalmente, Gabriel Tarde, o calor africano e a civilização colonial, de moral incerta, conspiravam contra a pureza daquellas *rêveries*. Era facil, naquelle meio, o amollecimento dos corações e o arrastamento para as paixões extremas. Mme. X, dotada de bons sentimentos, parecia alheia a toda idéa de ligação material. O amor que a ligava a Chambige, pairava na região serena do idéal e do sonho. Mas, elle bem deprêssa ardia no desejo de pôsse absoluta, vencido pela natureza, victima, talvez, duma longa retenção sexual. E o trabalho de fascinação caminhou, a pouco e pouco. Afinal, a força de suggestão, não obstante nada ter da hypnotica, dominou o espirito daquella creatura, que se sentia delirantemente amada. Tarde falla, com justiça, na intrusão duma alma na outra, que ia desaparecendo, cada dia mais rarefeita. O amor é semelhante, assim considerado, a uma alma nova, que penetra a creatura humana, e que nella produz uma *condição segunda*, durante a qual se esquecem todas as relações da vida ordinaria, todas as preocupações communs. E nunca — observa o mesmo sociologo — o imperio absoluto duma paixão foi tão evidente como no caso de mme. X. Ella estava preparada para qualquer ordem do seu fascinador, como si fôra uma hysterica hypnotisavel. Foi assim que, quando Chambige viu que não podia obter elementos para sair com ella daquelle logar, facilmente conseguiu que o acompanhasse a um retiro amoroso, onde se lhe entregaria, pela primeira vez, suicidando-se ambos em seguida. Rendida, mme. X seguiu a Chambige, naturalmente, como si obedecesse a uma ordem soberana. Consummado o adulterio, exigiu o cumprimento da promessa feita, e foi ella

mesma quem ajustou na frente o cano do revolver. Morreu sorrindo, apresentando o cadaver a face das creaturas bemaventuradas. Chambige, em seguida, disparou dois tiros na cabeça. Caiu, como o dr. Bancal, ao lado da amante; mas, infelizmente, também não morreu.

EVARISTO DE MORAES.

(\*) Berard de Glajeux — LES PASSIONS CRIMINELLES, pags. 60 a 97.

(\*\*) Proal, LE CRIME ET LE SUICIDE PASSIONNELS, pags. 52-86.

## A TERRA SANTA

Partiu, ha dias, a peregrinação brasileira aos Santos Logares, conduzida pelo venerando primaz, d. Jeronymo Thomé da Silva.

Essa piedosa gente que a fé transporta ás longinhas paragens mais augustas da historia, váe imbuida da ditosa esperança de evocar as sagradas recordações, gravadas nos monumentos colossaes, nas ruinas millenares, dispersos naquelle portentoso paiz desolado, nas muralhas, nos templos da cidade lugubre dos prophetas terriveis, a Sião de David poderosa, prospera e opulenta, rodeada de jardins maravilhosos onde Salomão passeava em carros de ouro e marfim, no meio de cohórtes de jovens vestidos de puro linho branco, coroados de flôres e perfumados de myrrha, de phyltros inebriantes encerrados em caçoilas de ouro e pedrarias; a cidade devastada pelos conquistadores em dramas sangrentos e crueis numa série desastrosa, que terminou na tragedia do Calvario.

Os peregrinos souham Jerusalém, sempre gloriosa nos seus desastres, na sua fama maldita e sagrada; e enflora-se-lhes a alma num ardor de fé sincera, quando pensam que vão visitar as portas por onde Jesus entrou triumphante sob um tapête de palmas e flôres, o jardim onde souo de agonia, pedindo ao Pae Celestial que afastasse dos seus labios o calix do sacrificio, o pretorio onde o Rei dos Judeus foi exposto á irrisão da populaça e onde Pilatos lavou as mãos, a Via Dolorosa que vão percorrer de joelhos, osculando as nódoas do sangue do Justo até ás escarpas asperas do Calvario fulminado e o Santo Sepulchro, tudo isso conservado pelos musulmanos para a exploração da piedade christã.

Aguarda-lhes a mais acerba decepção. A Jerusalém de hoje não é mais o espectro da cidade das prophcias, nem a Jerusalém de cincoentas annos atrás. Invadiu-a a industria com todas as deformações modernas do progresso, deturpando-lhe a feição tradicional e tocando de tons exóticos o venerando

colorido dos seculos. Invadiram-na frades de diversas ordens, adversarios inconciliaveis, que disputam, á bordoadada, certos privilegios da exploração dos Santos Logares; invadiram-na, emfim, abjectos mercadores de todos os matizes, peiores que aquelles expulsos do templo por Jesus. E' curioso verificar que dessa turba de mascates, que infestam o berço do christianismo, os mais moderados, os mais humanos são os turcos.

Em várias paginas do romance da escriptora Myriam Harry — *A Conquista de Ferusalém*, recentemente editado em Pariz, ha um personagem curioso, o conde Bohemond, paladino á antiga, uma espécie de D. Quixote, fiel ás tradições do passado, a lamentar as profanações que nodôam a cidade immortal.

Essas paginas traçam, admiravelmente, o disforme aspecto da Jerusalém modernisada.

Ouçamos o conde Bohemond, a declamar, indignado :

— Ouvis, ouvis peregrinas que vão de carruagem á crypta de Bethlém? Não é uma vergonha? No meu tempo, a gente se arrastava até lá de joelhos. Ha, agóra, uma nova companhia de transporte dos *touristes*. E' inutil dizer que é formada por allemães. E é, precisamente, áquella colonia, installada a dois passos de um castello, a esses famosos templarios, cultivadores de feijão e repólho que devemos a importação de fiacres. Muito breve, construirão um navio a vapor para passeiar no Mar Morto e, talvez, um bond electrico para percorrer a Via Dolorosa, com paradas facultativas em todas as estações da Cruz. Assim, será a Jerusalém entregue ao commercio, ao progresso e aos cultos reformados, que são a religião do positivismo e do bom senso, porque, ao passo que construimos egrejas, conventos, hospitaes, elles edificam escolas, *gares*, usinas. Seria preferivel o reinado musulmano e a irrupção de uma horda de barbaros, que nos matavam os corpos, profanavam os nossos altares, mas respeitavam a nossa loucura, deixando intacta a belleza da payzagem. O peor vandalismo é o que estrangula a chiméra, mutila as azas do pensamento, asphyxia os impulsos do coração, destróe a harmonia das coisas e calca a santidade das recordações. . .»

Essa deformação material se opéra dentro de uma atmospherá moral saturada de emanações de odios e ganancias de estrangeiros, representantes de todas as religiões, de todos os cultos, catholicos, protestantes, judeus, os quaes se installaram na cidade e lutam pela sua conquista definitiva. Essa massa cosmopolita de frades de variegados habitos, de mercadores, de industriaes, férve em contínuas disputas, rixas violentas, porque os proprios

ministros do mesmo Deus, do mesmo culto se detestam, se calumniam, exorcisam uns aos outros, como instrumento de satanaz.

Elias, o heróe do romance, educado num seminario, abrazado de um ardor mystico, váe a Jerusalém emhender trabalhos archeologicos. I ntro de alguns dias, a sua fé arrefe desilludida com o espectáculo das cordias, que rebentam, a cada momento, em dejéctos vis, o virus tumores malignos da ambição.

Mme. Myriam Harry desvenda triste aspecto dessas miserias neste trecho :

«A patria evangelica, donde jorra a fonte de doutrinas de paze e caridade se lhe figurava uma fornalha de intolerancia e de odio. A egreja do Santo Sepulchro, labyrintho de capellas, cryptas, de claustros sem arte, sem belleza, sem regularidade, heterocli e heterodoxos, parecia um templo discordia, onde, á sombra dos altares a anarchia religiosa tecia a têla da schicana.»

«Por todos os lados, ouvia o murmúrio de préces e o ruido de brigas. Os canticos não tinham por fim celebração da gloria de Deus, sinão abafar as vozes do culto visinho, impedil-as de chegarem ao céo. Havia *kyrie eleison* e tridentes como gritos sediciosos, *deum* lugubres, como dobres de finados. E, muita vez, os soldados turcos acorados á entrada do sactuário tinham de abandonar a sua partida, dados, as suas chicanas de café, para chamarem os christãos á ordem, com respeito á egreja.»

«Elias, que outr'ora entrevira a luz do espirito, tacteava, agóra, no limbo onde ella brotára, gyrando cégo nas trévas da letra morta. Alli, onde se enhára a affirmação da sua fé, encontrára, apenas, vagas superstições que lhe abalaram os fundamentos.»

Os peregrinos brasileiros soffrem com essa atróz desillusão da sua piedade das suas esperanças e da sua fé. Elle encontrarão Jerusalém modernisada com os seus caminhos de ferro, se bazines de reliquias authenticas e falsas, apinhados de mercadores e penhados em braganhas indecorosas encontrarão, em vez de estações de penitencia, deliciosos sitios de gôstos onde magdalenas vendem aos *touristes* curiosos, rosarios, bentinhos, pequenas lascas da cruz do Redemptor e, misturada com essas fêlpas do Santo Linho, bugiarías da grosseira superstição oriental, que conjuram perigo propiciam negocios, dão ventura e amores, ou livram dos piólhos com que os camellos contaminam os viajantes que preferem, aos modernos meios de transporte, o vehiculo antigo, o classico navio do deserto, para a travessia pittoresca de Jaffa a Jerusalém.

Os piedosos peregrinos deparar

attonitos todas as monstruosidades da deturpação profanadora da Terra Santa. Seus olhos e seu espirito procurão, em ancia vã, os vestigios de Jesus Christo, cujas pegadas, impressas com o precioso sangue da Redempção, desapareceram falsificadas sob o colorido incoherente de grosseiras superstições, da lenda e do commercio.

.....

Quando um dos peregrinos, o piedoso e meigo padre Philomeno, me abraçou, na hora da partida, prometendo, commovido, envolver-me nas suas orações, no Santo Sepulchro, eu pedi a Deus, de coração, o acompanhasse e lhe preservasse a fé purissima.

CUJAS.

## PAGINAS ESQUECIDAS

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas, poeta,  
A estas praias brazileiras!  
Na patria das bananeiras  
As glorias não são de mais:  
Bem vindo, ó filho do Douro!  
A terra das harmonias,  
Que tem Magalhães e Dias,  
Bem póde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,  
Trazer-nos o sal da graça,  
Pois co'os terrores da praça  
Andava a gente a fugir:  
Agóra, calmando o medo  
E ao bom humor dando largas,  
A comprimir as ilhargas  
Agóra vão todos rir.

Entre todos os paquetes  
Que o velho mundo nos manda,  
Eu sustento sem demanda:  
*Tamar* foi o mais feliz;  
Os outros trazem cebolas,  
Vinho em pipas, trapalhadas;  
Este trouxe *gargalhadas*,  
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,  
Brilhe viva a tua veia,  
Já que a cidade está cheia  
Desses eternos *Manéis*;  
Os barões andam ás duzias  
Como os frades nos conventos,  
Commendadores aos centos,  
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,  
Ha-os aqui com fartura,  
E salte a caricatura  
Nos traços do teu pincel:  
Ou quer na prosa ou no verso  
Dá-lhes bem severo ensino,  
Resuscita o Tolentino,  
Embeleza o teu laurel.

Pinta este Rio num quadro:  
As letras falsas dum lado,  
As discussões do Senado,  
As quebras, os trambolhões:  
Mascates roubando moças,  
E lá no fundo da téla  
Desenha a febre amarella,  
Vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te applaude,  
E os loiros p'ra ti são certos!  
Acharás braços abertos  
No meu paterno torrão:  
Se és portuguez lá na Europa,  
Aqui, vivendo connosco,  
Debaixo do colmo tosco,  
Aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas  
A estas praias brazileiras!  
Na patria das bananeiras  
As glorias não são de mais:  
Bem vindo, ó filho do Douro!  
A terra das harmonias,  
Que tem Magalhães e Dias,  
Bem póde saudar Novaes.

CASIMIRO DE ABREU

\* \* \*

BILHETES DE PARIZ

*Aos estudantes do Brazil*

SOBRE O CASO QUE DELLES CONTA  
MME. SARAH BERNHARDT

II

Agóra, neste Bilhete, mais arejado e espaçoso, podemos sem precipitação conversar, ó meus amigos, sobre o caso suffocante. E vós mesmos reconheceis que elle é supremo e ultrapassa em sombria estranheza todos os casos gloriosamente succedidos a mme. Sarah Bernhardt, durante a sua jornada civilisadora através dos Continentes novos. Senão, vêde! Tomemos respectivamente o primeiro feito, contado pela genial senhora com uma simplicidade tão nobre, no seu *Exame de Consciencia*. E' a chegada á Australia. Mme. Bernhardt apórta a essa terra privilegiada de lã e de ouro. No caes do desembarque, tapetado e florido, está esperando por ella, numa tremula anciedade, a Municipalidade de Melbourne, com todas as insignias tradicionaes dos velhos municipios inglezes, a dalmatica de romeira de arminhos, os quatro trombeteiros, o porta-espada e o porta-sceptro. Nas docas, os apitos de todos os vapores ancorados apitam com desesperado entusiasmo. Em cada torre, adeja a Tricolor. Mme. Bernhardt desembarca com essa simplicidade com que sempre desembarcaram os verdadeiros conquistadores, os verdadeiros Civilisadores — Santo Agostinho na Inglaterra, Cortez no Mexico. Entra no seu hotel; põe um pouco de póde arroz; janta; representa a *Tosca*—e *imediatamente* (como ella diz em palavras memoraveis, que eu não altero) a *colonia Franceza, que até ahí vivera numa posição subalterna e*

*opprimida, ergueu livremente a cabeça e começou a dominar na Australia!*—Isto é, certamente, inesperado. Mas não ha, neste feito de mme. Bernhardt, nada de extravagante ou de estranho. E' a classica façanha, tantas vezes consummada através da historia—a libertação duma raça! Mme. Sarah, como Joanna d'Arc, arranca á oppressão dos inglezes um precioso bocado da França. Com pequeninas diferenças (que nada importa em questões de heroismo) ella é a *Pucelle de Melbourne*. E notai mesmo a superioridade humanitaria de Sarah. A Virgem d'Orléans desopprimiu a França derramando o sangue de inglezes e burgonhezes e muitas canadas desse sangue pela sua mão, porque a forte virgem não desgostava das rijas cutiladas. Mme. Bernhardt, ao contrario, não libertou os seus irmãos matando — mas morrendo! Morrendo no 5º acto da *Dama das Camélias*, no 5º acto do *Hernani*, no 5º acto da *Phe-dra*! Morrendo sempre, pelo punhal, pelo veneno, pela tuberculose! E a cada sacrificio da sua vida correspondia um beneficio para a sua patria! Quanto mais ella desabava morta no tablado, com aquelle sublime morrer que é só della, — mais a colonia franceza, levantando a cabeça, se affirmava e estendia o seu dominio! De tal sorte que, se ella não cessasse de morrer por ter findado a sua escriptura, a Austria seria hoje uma provincia de França, exclusivamente franceza, onde o ultimo inglez estaria comendo o ultimo kangurú á sombra do ultimo eucalypto!

Mas, atravessesemos os mares e observemos os triumphos novos com que mme. Sarah Bernhardt é acolhida no Canadá. *Ahi*, (conta a sonora artista, em phrases que humildemente copio) *o meu trenó andava sempre seguido e acompanhado por todos os senadores e deputados!* Sem duvida, este cortejo é raro! Mas, não ha ainda aqui nada de exotico ou de sombrio. Ao contrario! E' um claro, delicado, alegre quadro de neve e de Representação Nacional. A neve, toda branca, sob um céu todo branco, cobre o Canadá: envôlta em pelles, mme. Bernhardt occupa soberanamente um trenó dourado que fende, finalmente, a neve: e em torno della, sobre patins ligeiros, de mãos na cinta, a Assembléa Legislativa deslisa pela dura neve em curvas airoas, com

garbo parlamentar, segundo a ordem do dia. Porque, notai bem o que especialisa mme. Bernhardt. Não são dous ou trez deputados galanteadores, ou algum senador desgarrado que seguem o trenó de Sarah. Não, são os senadores e deputados *reunidos em assembléa!* Quem váe correndo no sulco branco, atravéz da neve branca, é o poder legislativo! Doutro modo, não haveria (conforme accentúa mme. Bernhardt) a intenção social e nacional de lhe dar preito a ella como a altissima representante da França. E bem podemos, pois, pensar que as duas Camaras Electivas seguiam mme. Bernhardt *funcionando*, providas do seu presidente e dos secretarios, e da tribuna, e do copo d'agua, e que celebravam em torno do trenó divino, na carreira jovial, a sua sessão ordinaria. Naquelle purissimo ar, sob o fino sol que arranca um fulgor niveo á neve, emquanto o trenó corria, e com elle corria a Representação Nacional, proveitosamente se cruzavam as interpeleções, as moções, as remessas para a mesa, as emendas ao orçamento, as affirmações tranquillizadoras do ministerio, «que ha de sempre manter a ordem», e os apartes vibrantes duma opposição irritada! Abafada, com uma nobre elegancia, em espessas pellichas, imperialmente reclinada naquelle trenó que é um throno, cerrando as palpebras langurosas, num sorriso indulgente, mme. Bernhardt recolhe silenciosamente (para transmittir á França) esta homenagem immensa da Constituição do Canadá! E por vezes mesmo, sem querer, ao saudar um membro do parlamento, com um geito de regalo, ella choca e derruba um Projecto de Lei, um fecundo Projecto de Lei, que por sobre o trenó ia voando da Camara Electiva para a Camara Alta, e que cae, fica perdido na neve, emquanto o triumphante cortejo rola, e legisla, e já se perde nos horisontes encaramelados onde se agita, negro sobre a alvura, o braço do presidente, que repica a campainha, porque mme. Bernhardt váe para o ensaio e a sessão está encerrada! Contemplemos ainda um instante esse quadro consolador, o mais bello, talvez, de que se ufana a Historia Constitucional do seculo XIX; embarquemos de novo, descendo ao longo da luminosa costa do Pacifico.

Estamos no Chile e mme. Bernhardt

está comnosco. «*Ahi*, (diz ella no seu *Exame de Consciencia* e em palavras impressionantes que eu, com penna rendida, translado) *as senhoras mais distinctas e os homens mais elegantes da sociedade chilena r'ecitavam deante de mim, para me prestar homenagem, os folhetins inteiros de Jules Lemaitre no JORNAL DOS DEBATES, que elles tinham aprendido de cór!*» Ah, meus amigos! Desde que pisamos a America do Sul, já as cousas se vão estragando — e não nos encontramos aqui deante de manifestações tão naturaes e tão socialmente singelas como as do Canadá e as da Australia. Considerai este quadro, que me parecia inquietante. Um largo salão, bem allumiado. Senhoras decotadas, com flôres nas tranças, nos olhos um fulgor redobradamente chileno, e o dôce peito nacarado a arfar. Em frente, noutra sala, cavalheiros elegantes, talvez condecorados, sorrindo com o sorrir livido e arrepanhado de atrapalhação (essa atrapalhação que vós conheceis, a atrapalhação de manhã de exame!) e palpando no bolso trazeiro da casaca o jornal que decoraram. No fundo, mães gordas de nariz pensativo. Entre as portas, papás passando sobre a calva uma lenta mão que a anciedade humedece. Dez horas. Um rolar de coche. Mme. Sarah Bernhardt entra, arrastando um desses tremendos vestidos de um esplendor quasi furioso, compostos especialmente para as republicas hespanholas do Pacifico. E immediatamente as lindas damas decotadas, os cavalheiros condecorados, erguendo o braço direito, recitam, num côro largo, os folhetins de Jules Lemaitre, no *Jornal dos Debates!* Não sei se havia acompanhamento de orchestra.

Mme. Bernhardt, no *Exame de Consciencia*, não allude á orchestra. Era, pois, um recitativo secco, em que os barytonos exprimiam o que nos folhetins de Lemaitre ha sempre de philosophico, e os sopranos, de rutilantes olhos, exprimiam o que nelles ha de ornadamente melodico. No meio da sala, sob o lustre, mme. Bernhardt respirava o aroma intellectual e critico daquella personagem estupenda. Os folhetins de Lemaitre occupavam, então, no *Jornal dos Debates*, duas paginas, e por dez columnas se alastravam. Certamente, de vez em quando, os creados circulavam, offerecendo aos coristas

arquejantes agua nevada e açucarillos. Depois, de novo, os braços se erguiam, o côro magestoso recomeçava e, atravéz das janellas abertas, os periodos melodicos de Lemaitre rolavam, lentamente se esvaíam na noite estrellada do sul, como incenso de fabricação franceza offertado ao Genio da terra franceza. E sempre do meio da sala, mme. Bernhardt immovel, no seu mirabolante vestido de exportação, com um sorrir divinal, aquelle sorrir que hoje é só della, depois de ter sido de Melpomene, approvando a bôa pronuncia e a bôa memoria da prospera nação chilena..

Meus amigos, fuja mos deste espectáculo horrifico! Depressa corramos ao caés de Santiago! Depressa, *trepemos* ao tombadilho do paquete, que fuméga! O mar é benigno porque sabe quem sobre elle váe navegar... Já estamos passando o Estreito de Magalhães, e, ao longe, na costa, avistamos os fogos dos Patagonios. Na Patagonia...

Mas, deixai que eu consulte o *Exame de Consciencia*, glorioso roteiro desta jornada gloriosa. Não! na Patagonia, mme. Bernhardt, que váe comnosco, não teve nenhuma ovação, nem sob a forma de sessão legislativa. A prôa do nosso paquete já rasga firmemente as aguas onde se balançavam, hesitantes, as caravellas de Pedro Alvares. Eis o Rio de Janeiro. Salve, terra amavel! O Pão d'Assucar surge todo côr de rosa como uma fronte que a alegria illumina...

Mas, a folha do meu bilhete findor — necessito outra folha. Assim, folha com folha, se faz um bosque; — um bosque onde eu me quereria esconder para não presenciar os casos estranhos e sombrios que, com Sarah e por Sarah, se vão passar nessa terra que é quasi a minha terra.

Mas, ahí vem a catraia da alfandega e a *Dama das Camélias*, *D. Sol*, *Phedra*, outras ainda, tocantes ou terriveis todas, numa só, desembarcam.

EÇA DE QUEIROZ

Pariz, 1893.

SHAKESPEARE

Foi recentemente descoberto e comprado, em Londres, por £ 2.000, pelos srs. Sotheran, o unico manuscripto conhecido da 1ª edição, em quarto, (1594) de *Titus Andronicus*, de Shakespeare. Pensa-se que o manuscripto será destinado á America do Norte.



## O ALMIRANTE (21)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPITULO XIII

Oscar apresentou-se ao ministro, ao quartel general da armada; e, em seguida, foi visitar o Imperador, em Petropolis. Sua Magestade não dava, nesse dia, audiencia; mas, o conde da Motta Maia concedeu uma excepção ao regimen rigorosamente estabelecido em beneficio da saúde de seu augusto cliente. Elle mesmo encaminhou Oscar ao gabinete imperial.

— Olá, meu Almirante! — exclamou sua Magestade, sentado entre montões de livros e revistas desarrumados, na costumada desordem que o cercava.

Oscar, tremulo de commoção, acerrou-se delle; curvou-se, beijou-lhe a mão alva e macia, que reteve, affectuosamente, a sua.

— Aproveitou muito nessa longa viagem? — continuou elle. Viu muita coisa curiosa e instructiva? Que é do seu relatório?

— Entreguei-o, hontem, ao senhor ministro da marinha.

— Muito bem, muito bem. Diga ao Ladario que desejo lê-lo.

— Cumpri, fielmente, as instrucções de vossa Magestade, e reuni as minhas impressões num livro, que tomei a liberdade...

— Um livro? Muito bem. Deixe ver...

O Imperador tomou soffregamente o livro que Oscar lhe estendia, um exemplar luxuosamente encadernado. Abriu-o; leu a dedicatória; folheou algumas paginas, e concluiu:

— Muito bem. Vejo que aproveitou bem o seu tempo em beneficio da marinha e de nossa patria. O governo saberá recompensar os seus serviços. Pessoalmente, estou muito satisfeito por ver que correspondeu, brilhantemente, á minha expectativa. Aqui onde me vê, meu caro, estou padecendo a prohibição de trabalhar, de ler, imposta pelo despotismo do meu medico, aliás bem suave. O Penido disse, na Camara, que eu estou maluco...

O Imperador calou-se alguns momentos, em attitude de scisma dolorosa.

— Sómente as pernas estão um pouco fracas, effeito da idade e da grande lida de governar. Oh, o resto está são...

E tocou na frente, enquadrada de finissimos cabellos brancos.

— Como váe a marquezia? Tive noticias della pela Izabel. Que extraordinaria mulher!

Antes de obter resposta, o Imperador apertou de novo a mão de Oscar, e concluiu:

— Muito obrigado pela dedicatória do seu livro. Hei de lê-lo com interesse. A nossa marinha necessita de

officiaes moços, vigorosos, instruidos. Os velhos marinheiros estão ficando aquem dos rapidos progressos de sua profissão. Quer falar á Imperatriz?...

As audiencias do Imperador terminavam sempre com essa pergunta. Oscar beijou-lhe outra vez a mão, e retirou-se.

Poucos minutos depois, era recebido pela Imperatriz, que lhe dirigiu as perguntas do estylo, pedindo-lhe noticias da familia, terminando por lhe perguntar como achára o Imperador.

Dias depois, Oscar foi promovido a capitão de mar e guerra, acto que, preterindo outros collegas mais antigos, não provocou, todavia, as habituaes recriminações, por serem incontestaveis os seus merecimentos, e por ser notoria, na classe, a predilecção com que sempre o destacára o monarcha, desde que lhe chamára *almirante*. O facto era esperado, mais cedo ou mais tarde, como cumprimento da palavra de rei.

O regresso de Oscar ao Rio de Janeiro coincidira com os agitados e memoraveis dias de junho de 1889, quando, pela vóz prophetica do padre João Manoel, a propaganda republicana rebentára, como um raio, no recinto da Camara dos deputados, na sessão em que se apresentou o gabinete 7 de junho, incumbido de conjurar o perigo imminente com reformas liberaes, que demonstrassem caberem, na fórma do governo, todas as legitimas aspirações democraticas, até então represadas por uma politica demasiado estreita, centralisadora e rotineira. Era indispensavel que o governo não ficasse aquem da evolução precipitada pela extincção do elemento servil, cumprindo-lhe apparellhar a nação para a nova ordem de coisas.

D. Eugenia celebrava a promoção de Oscar, com uma intima reunião de amigos da familia. Alli estavam, em grupos, espalhados pelos salões, senhoras e cavalheiros de melhor nota e maior valor, muito interessados todos no commentario dos factos que, naquelle momento, apaixonavam a alma nacional.

Na sala de jantar se reuniram os politicos, os homens de negocios, manejaes da alta finança, soffregos por colherem informações do conselheiro Antonino, sabedor de tudo quanto se passava atrás dos reposteiros imperiaes.

A conversação adejava, vehemente, curiosa, em torno do problema da situação nova, ainda indefinida e, para muitos, ameaçadora de resultados suspeitos, apenas entrevistados por entre as sombras temerosas de um futuro malsinado. Á crise que alijára o gabinete de 10 de março e levára ao poder o de 7 de junho, era o assumpto obrigado e, por todos os motivos, o mais interessante. Duas senhoras apenas — a mar-

queza e d. Eugenia — figuravam na sessão de palestra politica, reunida, na sala de jantar, sob a presidencia do infatigavel Souza e Mello, que estava num dos seus momentos de vehemente exaltação democratica contra o poder pessoal, a dynastia de Bragança, os aulicos, os estadistas desnorreados, que conduziã a nação ao encontro da republica.

— Não disfarçemos — exclamava elle, sublinhando as palavras asperas, com olhares a faiscarem nos cristaes dos oculos, e com largos gestos contundentes — não disfarçemos a gravidade da situação, meus caros amigos; isto está por um triz. O throno é uma arvore sem raizes, carcomida de parasitas, desabarà á primeira lufada, e já presentimos o rumor da trebusana que ahi vem. Não ha duvida. Os velhacos, os espertos, que viveram sempre á sombra da velha arvore, estão se afastando, cautelosamente, como ratos a abandonarem o navio, na imminencia do naufragio. Firme no rochedo dos meus principios democraticos, não me arreceio do futuro proximo... o principio do fim...

— Mas — ponderou, modestamente, o conselheiro Antonino, — se bem que a situação seja muito tensa, não faltam remedios legaes, providencias do governo para conjural-a, como, acertadamente, disse o presidente do conselho: uma politica de largo descortino e reformas efficazes como — a plena autonomia dos municipios e provincias, tendo por base essencial a eleição dos administradores municipaes, a nomeação, mediante uma lista triplice de eleitos, dos presidentes e vice-presidentes das provincias; effectividade do direito de reunião, a immigração, temporariedade do Senado...

— Perdão, conselheiro — atalhou o advogado. — Essas reformas não passam de palavras pomposas, de promessas imperiaes para enganar a nação, que chegou á desillusão definitiva. Essas promessas democraticas indicam, como disse o Pedro Luiz, o começo da republica.

— Entretanto, — proseguiu o conselheiro — ha ainda o remedio heroico. Essa abençoada arvore da dynastia tem rebentos novos e vigorosos: appellemos para elles...

— Sim — aparteou vivamente a marquezia — Appellemos para o terceiro reinado...

— Seria inutil — affirmou Souza e Mello — A monarchia, no Brazil, é um apparelho, cujos segredos sómente o Imperador conhece. Sómente elle sabe puxar as vistas para transformar o scenario politico. Não viram os senhores, como, ha poucos dias, moeu o gabinete 10 de março, recusando-lhe a demissão seis vezes para, afinal, mandal-o embóra, apesar de ter grande maioria no parlamento?

E como lhe objectassem que o gabinete fôra prejudicado pelo caso Loyo e pela colligação de conservadores dissidentes, escravocratas inconsolaveis, o ardente opposicionista republicano retrucou que, a prevalecerem esses motivos, deveria o Imperador aceitar logo a demissão. Mas, o caso era que o glorioso chefe do gabinete 10 de março adquirira demasiado prestigio com a abolição, era homem de actividade energica e estava excedendo muito a craveira dos estadistas de lei, sendo necessario, conforme a praxe, reduzi-lo ás proporções triviaes de instrumento dos caprichos imperiaes.

— Não ha duvidas possiveis — concluiu elle — a dynastia está perdida... Réze-lhe pela alma, querida marquezia, e peça a Deus lhe suavise a agonia e lhe perdôe os peccados, que são muitos.

Essas palavras ironicas repercutiram no coração da marquezia, despertando a impressão da horrivel visão da loucura demagogica tripudiando num montão de cinzas, de ruinas ensanguentadas.

Uma crispação nervosa lhe percorreu, como um rastilho de gelo, todos os membros. Ella aconchegou-se a d. Eugenia, tomou-lhe as mãos como quem procura abrigo num seio amigo.

— Não se assuste, marquezia, tornou o advogado. A republica não será Oitenta e Nove nem a Communa. As idéas amadurecidas no coração e no cerebro do povo, não precisam mais de sangue de martyres, nem do terror. Ella será feita, no Brazil, como se fez a extincção da escravatura, como se fazem os ministerios. A monarchia será desmanchada sem estrépito, como o Imperador desmancha situações: uma repentina mudança de scenario transformará radicalmente o palco, e a comedia continuará sem purpura, sem sceptro, sem corôa, com os mesmos personagens, os mesmos comicos, sem convicção dos papeis que desempenham; alguns hypocritas, outros gaiatos, todos muito interessados em não perderem ou em augmentarem os ordenados. E a platêa applaudirá, friamente, a peça que lhe pregarem, repetindo, sob apparencias illusorias de renovação, a mesma politica ronqueira e monotona sem lances commovedores, sem situações tragicas.

— O doutor é pessimista — atalhou o Castrinho, que até então ouvira, sorrindo e fazendo com a cabeça rapidos gestos negativos, a perlenga democratica, o vaticinio de Souza e Mello. — O doutor não vê que os negocios tomam impulso pela confiança no governo. Eu, que vivo na praça, posso afirmar que o paiz se ergue do marasmo, que a lavoura agonisante está se animando, sómente com as promessas de uma era nova. Temos dinheiro a rôdo... dinheiro ouro, metal sonante.

Que o diga o excellentissimo barão de Freixo, que é da classe..

— Lá isso é verdade — afirmou o barão. E, voltando-se para a marquezia, continuou: Nós, a nobreza, a gente que tem o que perder, cá estamos para..

— Para correr — interrompeu Souza e Mello — para se metter nas encôpias, quando chegar o momento de amparar o throno, excepção feita da senhora marquezia... Esta sim: se fôra homem, daria o seu sangue pelo seu rei, como fazia a nobreza nos tempos heroicos, cavalheirescos.

O conselheiro Antonino, que se conservára silencioso, de olhos baixos, como quem ouve com paciencia, ponderou:

— O Imperador tem amigos sinceros, amigos leaes...

— Capazes — continuou Souza e Mello — de fazerem por sua Magestade todos os sacrificios que elle fôr capaz de fazer por elles... O egoismo, o scepticismo, que tódam as alturas, como nuvens espessas em torno do cimo de uma montanha, descerá ao valle e ensombrará a alma do povo, fatigado de quasi um seculo de decepções.

D. Eugenia, percebendo a commoção da marquezia, procurava distrahi-la, conversando com ella em vóz baixa, chamando a sua attenção para o ruido alegre de vózes sonoras, vindo do salão onde estavam, em animada palestra, as moças, Oscar e outros convidados, mais amigos das damas que da politica. Ouviam-se as gargalhadas que Dolores provocava com as suas narrativas galantes, feitas num tom de ingenuidade maliciosa, de provocarem rubores aos melindres de sensitiva da baroneza de Freixo, muito confusa com o seio sacudido de ancias a estoira-rem em suspiros tenues, imperceptiveis, quando os seus olhos, amortecidos dentro de palpebras arrouxeadas, fuzilavam de volupia ao encontrarem os do bello marinheiro, que era naquella noite o fôco da attenção feminina, ávida de lhe conhecer as aventuras da longa peregrinação de tantos annos em rôda do mundo.

Oscar parecia deshabituaado áquelle meio, e notava-se-lhe certo esforço para corresponder aos repetidos cumprimentos amaveis de Dolores pelas promoções rapidas, galardoando meritos incontestaveis, serviços scientificos, que lhe davam luminoso destaque entre os seus mais distinctos collegas.

— Não ha como a marinha — afirmava Dolores — para assegurar o futuro, se bem que nem todos tenham a mesma sorte; para uns, tudo é facil; para outros, o caminho é ingreme, cheio de tropeços. Nas outras carreiras, na magistratura, por exemplo, a regra é marcar passo, quando não se

téem padrinhos poderosos. A prova é o Dadá. Nada lhe falta: talento, probidade, precedentes...; entretanto, está quasi perdendo a esperança de uma collocação digna...

E, mudando, rapidamente, de assumpto, inquiriu a opinião de Oscar, sobre a baroneza de Freixo, que continuava a suspirar, quasi desfallecida, derreada numa poltrona; sobre as mulheres dos paizes exóticos, por elle percorridos, os costumes e, principalmente, as modas, que haviam resistido á expansão poderosa do genio francez.

— Aqui, no Brazil — observava Dolores — somos francezas das botinas ao chapéo. Veja, allí, a baroneza; parece ter saído, ha instantes, de um *atelier* pariziense. Todas nós vamos procurar inspiração para as nossas *toilettes* no derradeiro figurino francez.

A baroneza de Freixo parecia não ouvir essas referencias repetidas, maliciosamente intencionaes. Toda entregue aos cuidados da sua pessoa esguia, ás attitudes languidas, aos gestos lentos e fatigados, ella mudava de posição, a cada momento, como se a pungissem serio mal-estar e um desgosto, a custo contido, da importuna assiduidade de outros cavalheiros, que a cercavam num verdadeiro assalto de amabilidades, de galanteio banal.

Amelia, sempre perto de Oscar, fazia-lhe observações justas sobre as maneiras de Dolores, sobre as attitudes comicas da baroneza, sem disfarçar certa má vontade, quasi repugnancia a essa desenvoltura agitada ou quieta, que seria escandalosa, se a sociedade, por tolerancia criminosa, se não houvesse habituado ao contacto dessas creaturas infelizes ou pervertidas por temperamento, por fataes desvios da educação, por taras teratologicas, ambiciosas ou ingenuas, escravizadas a um gôso ephemero, á fascinação de uma estôfa, de uma pluma, de uma renda subtil, ao esplendor de uma joia ou á sêde de evidencia, do notorio, do exótico, á curiosidade insaciavel, que é um dos pendores instinctivos do sexo. Essas mundanas são como moscas: penetram tudo, attraídas pelos vícios dos homens; surgem dos dejéctos, aparentemente limpas, reluzentes de esmaltes, caprichosas no côrpo e nas azas cerúleas; passam do tugurio aos palacios, da cosinha dos famintos ás mezas opulentas dos saciados; profanam as gazes dos berços e os linhos candidos dos altares; beijam membros gangrenados e niveos cóllos virginaes, conduzindo os germens de infecção, que ellas generalisam como um contagio assolador. E são ellas, essas orphãs do senso moral, as figuras ornamentaes, imprescindiveis, caryatides despudoradas a sustentarem, em attitudes sensuaes, as architraves do edificio social, nos compartimentos das exhibições faustosas do bom gosto, dos re-

quintes de graça e de elegancia, dos centros onde o escól humano se diverte, excitando os esgottamentos dos organismos fatigados, as degenerescencias da raça.

(Continúa)

## JOSÉ DO PATROCINIO

Venho de enterrar José do Patrocínio!

Chateaubriand, no seu incomparavel estylo de melancolia elegante, dizia, ao voltar do enterramento de um seu amigo querido: «A minha vida está se assemelhando a uma rua de Roma antiga, com tumulos de ambos os lados.»

De facto: quando chegamos ao meio do caminho da vida e olhamos para trás, é que vemos quantas as cóvas cheias dos companheiros da jornada.

A Providencia, bôa como é, váe nos habituando com a morte no correr dos annos.

Confesso que já estou cansado de ver morrer!

A morte de Patrocínio causou-me grande impressão, porque, durante perto de 20 annos, me habituei a conviver, quasi diariamente, com esse grande espirito; e, nos ultimos tempos, a nossa amizade se transformou em fraternidade.

Como pequena homenagem ao grande morto, vou fazer um rapido estudo sobre o papel brilhante que elle representou no nosso scenario politico e pôr em evidencia não só a elevação Hymalaia do seu cerebro como a grandeza oceanica do seu coração.

\* \* \*

A questão do elemento servil não preocupou os politicos do Imperio senão depois de terminada a guerra do Paraguay; epocha marcada pelo Imperador para se occupar da questão, em resposta á mensagem que lhe foi enviada pela «Junta Franceza», sociedade emancipadora, de que faziam parte grandes nomes de França: Broglie, Schoelcher, Cochin, etc.

Até então, sómente o dr. Antonio Ferreira França, deputado pela Bahia, apresentou á Camara dos deputados dois projectos: um, abolindo a monarchia e proclamando a republica, com presidente eleito por 4 annos; e outro, abolindo a escravidão.

Apezar de julgados materia de deliberação, os projectos fôram rejeitados, infelizmente para o Brazil, porque, desde 1831, começariamos a viver como nação, livre da triste herança da escravidão.

Os senhores de escravos e fazendeiros dominavam o Brazil: elles faziam os eleitores; estes, os deputados e

senadores; dos deputados e senadores, tirava o Imperador os ministros.

Fallar em abolir a escravidão para um homem politico era um suicidio; ficaria irrevogavelmente condemnado; nunca mais teria uma cadeira na representação nacional. A não ser um poeta ou um moço de talento sem ligações partidarias, ninguem pensava em substituir o braço escravo pelo livre.

A escravidão estava tão inoculada nos nossos costumes, era considerada uma coisa tão natural, que ninguem cogitava na possibilidade de ser abolida.

As fallas do throno, que eram o *menu* politico, onde havia de tudo para todos os paladares, não tinham ainda se referido á questão servil.

Contra os senhores de escravos, só havia um poder: o Imperador. Mas, este tambem era senhor de escravos; os seus ministros, os seus amigos, a sua côrte, até os empregados subalternos da sua casa, possuíam escravos.

Que interesse, que sentimento, que motivo podia levar o Imperador a travar lucta, e lucta que promettia ser encarniçada, com toda essa gente?

Só um sentimento podia determinar esse acto: — a vaidade.

Felizmente, a mensagem da sociedade franceza fez vibrar essa corda, e com a perspectiva de se ver admirado e louvado pela Europa, como emancipador da raça negra na America do Sul, elle resolveu pôr-se á frente do movimento emancipador no Brazil.

Em resposta á mensagem da «Junta Franceza», o Imperador prometteu que, terminada a guerra do Paraguay, o governo se occuparia da questão. E, como penhor da promessa, inseriu na falla do throno de 1867 o seguinte trecho:

«O elemento servil no Imperio não pôde deixar de merecer opportunamente vossa consideração, provendo-se de modo que, respeitada a propriedade actual, e sem abalo profundo em nossa primeira industria — a Agricultura, — sejam attendidos os altos interesses que se ligam á emancipação.»

Primeira vez que foi levada ao debate politico, a questão servil.

Apezar das cautelas, dos cuidados com que está redigido este trecho, na discussão do voto de graças, o elemento escravista levantou-se formidavel, tomando, por bandeira de combate, a emenda do sr. Gavião Peixoto, concebida nestes termos:

«A Camara dos deputados sente, por considerações politicas eminentemente brazileiras, e que não escapam ao alto criterio de v. m. imperial, que o governo consignasse na falla com que o throno abriu a presente sessão, o grave assumpto do elemento servil».

Da leitura dessa discussão, verifica-

se que só o alto prestigio do Imperador impediu a queda do ministerio que ousou annunciar, opportunamente, estudar a questão.

Nunca mais se fallou nisso até que, terminada a guerra, 1 de março de 1870, o Imperador teve de dar começo ao cumprimento de sua promessa. Em setembro, ordenou ao marquez de S. Vicente de organizar um gabinete emancipador.

O marquez foi o auctor do projecto da libertação dos nascituros, que serviu de base ás longas discussões do Conselho de Estado, em 1867 — cuja maioria, quasi unanimidade, — se declarou contra toda e qualquer tentativa libertadora, salientando-se o marquez de Olinda e o visconde do Rio Branco; sendo que este ultimo foi o que mais temor procurou lançar no animo do Imperador para fazer com que elle recuasse da politica emancipadora que ia ser iniciada.

Mal sabia Rio Branco, então, que essa politica elevaria a sua estatua, como promotor da libertação dos nascituros.

Justiça da historia!

O marquez de S. Vicente, apezar de seus altos dotes intellectuaes, não tinha envergadura para a missão que o Imperador lhe deu, e pediu substituto.

O Imperador mandou chamar Rio Branco do Rio da Prata, e procurou convencer-o que devia entrar para o ministerio, afim de ajudar o marquez.

O visconde, porém, não queria fazer obra para os outros, e recusou obstinadamente. O Imperador, então, encarregou-o de organizar novo gabinete, para realisar o projecto S. Vicente. Assim, foi organizado o gabinete de 7 de março de 1871, que conseguiu a promulgação da lei, em 28 de setembro desse anno, libertando o ventre da mulher escrava.

A politica imperial sempre foi de linhas tortas. A linha recta lhe era monotona.

A logica dos acontecimentos impunha que a presidencia do conselho de ministros, desde que a combinação S. Vicente tinha abortado, fôsse dada a Inhomemim, o grande defensor da idéa no Conselho do Estado, e cujos talentos e valor politico o tinham collocado *no viveiro* dos chefes de gabinete.

Em vez disso, o Imperador foi buscar Rio Branco, inimigo da reforma no Conselho do Estado.

Mas, o Imperador possuia a vara magica das transformações, e operou, felizmente, mais este milagre. Felizmente, porque é fóra de duvida que Rio Branco foi a maior conquista dos emancipadores, pelos seus talentos oratorios. Entretanto, não teria dado conta da tarefa se não fôra a actividade, a energia, o prestigio politico do

ministro do Imperio — conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, a quem estava reservada a gloria de presidir o gabinete abolicionista. A elle é que se deve o triumpho do projecto que foi a lei de 28 de setembro de 1871.

Confesso que, hoje, depois de um estudo desapassionado e calmo, não me parece justificado o enthusiasmo que provocou a promulgação da lei de 28 de setembro.

Basta dizer que essa lei foi a primeira que reconheceu, de modo directo e positivo, a escravidão no Brazil, creando a matricula dos escravos, arrolando-os com o nome, côr e signaes caracteristicos.

Até então, os senhores com difficuldade provavam o direito sobre o escravo, *maximé* quando a maior parte eram africanos, importados depois da lei 1831, e portanto livres, que a matricula da lei reescravisou. Bastava a simples declaração com os signaes caracteristicos para o escravo ser matriculado, creando um titulo de propriedade.

Foi assim largamente aberta a porta ao abuso, que redundou na reescravidão de mais de um milhão de creaturas, não incluindo os que os senhores não podiam confessar a sua procedencia.

A lei ainda gerou uma grande immoralidade: o terror da mulher escrava pela fecundação, pelos máus tratos que recebiam de seus senhores.

Até então, os senhores viam a gravidez dos escravos com a mesma alegria com que viam os seus cafezaes em flôr; mas, depois da lei, o nascituro, em vez de ser um lucro, era um prejuizo, um trambólho, pelo qual o governo promettia uma apolice, depois de creado; mas, os senhores não acreditavam no cumprimento da promessa.

A avidez, a ganancia de dinheiro levou a alguns fazendeiros a impedir, pela castração do macho, a fecundação, para não perder o trabalho do escravo sem o proveito do fructo do ventre.

Os nascituros eram abandonados nas senzalas, sem aleitação, durante um dia inteiro, emquanto as mães estavam no eito. A mortandade desses infelizes foi enorme!

A lei devia ter libertado a mulher escrava; e, então, não seria aurea, como lhe chamam, mas santa, bem dita.

Teve um merito, entretanto: foi um grande abalo na escravidão. O Imperador cumpriu a sua promessa e foi o maior emancipador do Brazil, com os seus dois grandes auxiliares Rio-Branco e João Alfredo.

Ficou encerrado o periodo emancipador; váe começar o abolicionista. Foi nesse momento que surgiu José do Patrocínio.

Feita a liberdade do ventre, foi iniciada a politica de compensação aos

fazendeiros: auxilios á lavoura em dinheiro; estradas de ferro e engenhos centraes com garantia de juros do governo.

O gabinete de 5 de janeiro 1878, sob a presidencia de Sinimbu, convocou um Congresso Agrícola, composto de fazendeiros que, durante as discussões, atacaram ferozmente os emancipadores, começando a reacção escravista.

Surgiu, então, Patrocínio no roda-pé da *Gazeta de Noticias* com o pseudonymo de *Prud'homme*, enfrentando o escravismo, que se levantava com todos os odios, protegido pelo governo, com o nome de «Club da Lavoura», «Centro Commercio e Lavoura».

A principio, os adversarios fingiram não dar por elle; mas, todas as segundas-feiras *Prud'homme* apparecia impeterrito, dizendo umas coisas novas, com umas fulgurações até então desconhecidas, com atrevimento de pensamento, de linguagem, que, em breve, todo o odio negreiro caíu sobre elle.

Desde esse momento, Patrocínio estava lançado.

O seu nome estava em todas as bôccas para ser amado ou odiado. Uns atiravam-lhe flôres; outros, pedras.

De então até á morte, foi alvo das maiores glorificações e dos mais cruciantes apôdos.

Muitas vezes, elle defendia-se como o leão encurralado: não respeitava nada; dilacerava tudo que lhe caía nas garras, não media os perigos, não conhecia impecilhos, não distinguia categorias nos inimigos; feria-os em massa, atirava-se á multidão.

Mas, logo apóz a victoria, como o leão generoso, lambia a mão; talvez, o mais feroz no combate.

Não guardava rancor da lucta.

A elle é que nunca perdoaram a injuria da sua superioridade.

Da imprensa passou para a tribuna do comicio popular. Foi o Chrysostomo da redempção da sua raça. A golpes de talento e de audacia, Patrocínio creou uma nova força que veio pezar na politica do paiz. A sua propaganda teve repercussão nas provincias onde os elementos abolicionistas fôram se agremiando tendo á frente os Luiz Gamas, Antonio Bento e outros.

O abolicionismo ficou uma força formidavel; já elegia deputados e derrotava os adversarios.

Então, uns eram abolicionistas para fazer a republica, outros para consolidar a monarchia; exploravam o movimento.

Patrocínio, porém, era abolicionista para libertar a sua raça, para livrar seus irmãos do tronco, do *vira-mundo* do *bacalhau*; não lhe importando qual o partido ou o systema de governo que os devia libertar.

Amava quem o auxiliava na grande obra, como odiava a quem a combatia.

Não conhecia pessoas, conhecia opiniões.

Sacrificou tudo á libertação da sua raça: coherencia, amizade, escrupulos, amor, odio, tudo, tudo.

Poucolhe importava que a libertação dos escravos consolidasse a monarchia ou fizesse a republica.

Os adversarios não o poupavam; o odio negreiro é feroz.

Disseram que elle vivia da propaganda, como se fôsse deshonoroso o sacerdote viver do altar. Chamavam-lhe *papa-peculio*.

No dia 13 de Maio de 1888, quando elle recebia as manifestações delirantes, quando todos queriam abraçalo, no dia da sua apothéose, não sabiam, os que o estreitavam entusiasticamente nos braços, que estavam amarrando, no bolso delle, a contra-fé da penhóra feita na *Cidade do Rio*.

Penhóra que foi resgatada pelo seu amigo e compadre, commendador Manoel José da Fonseca, muito estimado na nossa sociedade pelo seu fino espirito, e que conhece não só as bôas letras, como é familiar com as bellas letras.

Patrocínio, porém, apesar do seu enorme talento, passaria despercebido se não fôsse encontrar uma causa e um meio proprio para florescer.

Nesse tempo, havia causa e arena.

O athléta podia colher a palma de triumphador, depois de uma lucta livre e leal e com adversarios dignos delle. O que seria de Patrocínio se a abolição da escravidão não estivesse em causa, e se a liberdade de pensamento não tivesse, em todas as suas manifestações, as mais efficazes garantias concedidas pelo Imperio!

Hoje, Patrocínio não faria caminho deante de um publico de paixões grosseiras, que ama o repouso sem grandeza, apaixonado pela mediocridade e servil por cupidez.

Vivemos numa Republica que tem medo da liberdade e só tem confiança na força material, donde surgiu.

O proprio Patrocínio sentiu as caricias da fraternidade republicana. Emquanto a Princeza depunha na testa do filho o beijo que era o penhor da reconciliação da raça libertadora com a libertada, a Republica agarrava o pae pela gólla, como ao mais réles criminoso, e o atirava á voracidade da malária no Alto Amazonas.

Patrocínio é filho da liberdade que gosámos no segundo reinado.

Apesar da virulencia dos seus ataques, da ferocidade dos seus adjectivos, da finura irritante da sua ironia, elle nunca soffreu uma violencia material do governo, uma ameaça da auctoridade policial. Escreveu o que quiz, disse o que bem entendeu e ninguém lhe foi á mão.

Gosou de toda essa liberdade e soube empregar-a em favor de sua causa.

Morreu sem ter um jornal para ser amortalhado.

Em breve, será, como disse o grande Bilac :

«Da immorredoura côr do bronze immorredouro.»

FERREIRA VIANNA.  
(Suetonio)

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A POEIRA

Nesta quadra de reconstrucções, a poeira, que é um dos maiores inimigos do homem, augmentou de intensidade, tornando-se quasi insupportavel nos dias estivaes. Esse inimigo é, todavia, menos perigoso ao ar livre das ruas, que dentro das casas, dos wagons de estrada de ferro, aonde elles conduzem toda a sorte de germens nocivos á saúde.

Nos caminhos de ferro, trata-se de substituir por um processo racional e preservador, o velho systema de bater as almofadas e coxins, provocando nuvens de pó que asphyxiam os passageiros. Entre nós, não são conhecidos os apparatus de vácuo que subtráem as poeiras e as projectam em reservatórios d'agua, apparatus ainda pouco usados por serem caros.

Este inconveniente, porém, será removido desde que se conciliar a hygiene com a economia, como se está fazendo na Allemanha.

Admittida, em principio, a limpeza pelo vácuo, installou-se uma estação volante que póde ser deslocada ao longo das linhas, para tirar a poeira dos wagons, como já se pratica, em Pariz, em muitas casas particulares e nos grandes armazens. A estação volante é collocada deante de cada wagon e o aspirador, conduzido ao longo dos bancos, dos alcochoados, absorve rapidamente toda a poeira. Deliberou-se, recentemente, e com razão, que seria mais logico inverter os termos do processo.— fixar a estação de limpeza e conduzir ao seu alcance o material rodante.

Em consequencia, a administração dos caminhos de ferro allemães, installou, a titulo de ensaio, perto de Berlim, em Grunewald, uma estação fixa de limpeza — *Vacuum Reiniger Unlage*, de construcção rudimentaria.

Sobre um embasamento de tijólos, collocou-se um velho carro fatigado de rolar e, no interior, se accomodou uma bomba de vácuo, muito poderosa, com filtros ordinarios, destinados a apprehender e reter as poeiras. Dessa bomba, partem tubos que chegam aos carros abrigados nas estações das vias proximas.

A bomba é accionada por um motor electrico de quatorze cavallos. Com esse dispositivo, basta um homem para limpar, completamente, um compartimento, em um quarto de hora. Esse trabalho é ligeiro, perfeito, e custa muito menos que a limpeza manual.

Duas companhias inglezas—a *Great Central Railway* e *Midland Railway*—já estabeleceram o mesmo systema em quatro das suas estações.

Não ousamos esperar que esse melhoramento chegue para os nossos beiços, para alliviar dos horrores da poeira os viajantes da Central, cujo progresso se realisa por saltos, com grandes intervallos de inacção, sendo necessario que, de vez em quando, passe por alli um administrador como o dr. Passos, para dar-lhe energico empurrão para a frente, ao passo que os outros consomem dinheiro e tempo precioso nessa coisa terrivel, manhosa e estéril que se denomina *estudos*.

Uma estrada que não tem ainda, na sua estação central, bancos para os passageiros esperarem os trens, não se póde dar ao luxo de se prover de limpadores automaticos de vácuo, que conciliam a hygiene com a economia.

\* \*

### O TEMPO E A RIQUEZA

Os annos de chuva ou de secca exercem grande influencia sobre o regimen economico de um paiz, porque o calor e a humidade são os factores da producção da terra.

Clayton demonstrára que, em certas regiões da America, os annos de secca não são sómente desfavoraveis ás colleitas, ás producções agricolas, mas affectam, tambem, a marcha dos negocios financeiros e politicos. Uma coisa é consequencia da outra.

Arago affirmava que os recursos da bolsa estavam em relação com a meteorologia e, portanto, com as manchas do sol.

Mr. L. W. Dallas publicou, recentemente, um interessante estudo sob o ponto de vista das variações da densidade de população relativa ás variações do tempo na India, de 1891 a 1901, paiz de seccas nefastas para a população. Durante esse periodo de dez annos, os annos de 1892 a 1895 fôram assignalados pela superabundancia de chuvas; 1897 e 1898 fôram normaes, ao passo que 1891, 1895, 1896 e 1899 tiveram o seu total annual inferior ao normal.

Comparando o resultado dos dados obtidos, mr. Dallas chega a concluir que, dos periodos de deficiencia da agua, corresponde uma diminuición da população ou, pelo menos, uma parada na marcha ascendente da densidade. As provincias onde se verificam as mais fortes descrescencias são, precisa-

mente, as que, na epocha correspondente, a falta d'agua foi, realmente, mais accentuada.

Nessas condições, a proposição de mr. Dallas nada tem de excessiva, porque a raridade das chuvas é desfavoravel á agricultura, de que depende todo o regimen economico da India, provocando a falta d'agua inevitaveis e profundas perturbações nos meios de existencia da população.

Conforme Quetelet, os annos de crise economica se distinguem dos demais por uma diminuición notavel do numero de casamentos e nascimentos.

Nos outros paizes, os phenomenos são demasiado complexos para se poder achar a lei, tão simples, entre a chuva o bom tempo e a população.

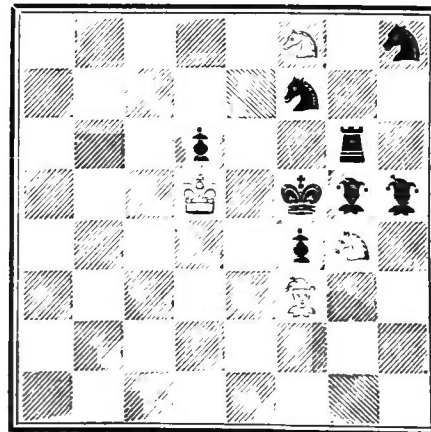
No Brazil, o caso, observado nas regiões assoladas pelas seccas periodicas dá surprehendentes e curiosos resultados. A reproducção humana não esmorece sob o açoite da secca, com o seu cortejo de fome, peste e miserias. E' verdadeiramente assombroso o numero de creanças que, nesses periodos tremendos, morrem de molestias ou dos revezes e incommodos do exodo; mas, é muito mais assombrosa a fecundidade das mulheres logo que as condições meteorologicas se normalizam: são muito vulgares, nessas epochas, nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, os nascimentos duplos ou triplos, a espantosa producção humana, como si a natureza provida se empenhasse, com todas as suas energias, em resarcir os prejuizos anteriores, os claros, os vastos espaços abertos, pela morte, pela emigração, nas massas da população.

E isso, que se observa nos rebanhos humanos, se verifica, egualmente, nos rebanhos de animaes; em ambos, uma prodigiosa capacidade de reproducção.

## DIVERSÕES

Problema n. 18

PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, e dão mate em dois lances.

## O OLHAR DAS TISICAS

O merencóreo olhar das tísticas sugere  
Mudas desolações de ruínas desprezadas  
Entre lagôas, onde a nostalgia impere,  
E filas spectraes de arvores desfolhadas.

A alma de quem o sonda amavel, transporta  
— Cheio da casta luz de horas crepusculares —  
Ao dolente esplendor de uma paysagem morta,  
Na tristeza glacial das regiões polares.

Olhar que affaga e dóe ! Luz com alma, caída  
Do alto, na ossuda face — outróra rósea e forte,  
Brilha como o pharol moribundo da vida  
Em meio á escuridão progressiva da morte.

Quanto o labio não diz e a doce enferma pensa,  
Quanto o labio não diz e o coração padece,  
Em seus frios clarões o pobre olhar condensa,  
Conta toda essa dôr, si a olhar amigo desce.

Às plangencias do mar, quando o dia declina,  
Humedece-o de pranto a maior anciedade,  
— De seus raios na rêde, envôltas em neblina,  
Balouçam-se as visões do amor e da saudade.

E o amor — a força, o sol do coração — empresta  
A' sua placidez de espelho funerario,  
A mesma irradiação que, em tempo, á luz da festa,  
Fêl-o, vivo, chispar com fulgor incendiario.

Saudade do passado ! Acompanhar a espira  
De um sonho, e reviver na longinqua paysagem  
De outróra, e ser feliz de novo... e o sonho expira  
Breve, que alguém nos chama... e esbate-se a miragem...

Saudade do futuro ! Ancia e melancolia  
De quem imaginou, dos máus, no ermo, esquecido,  
O palacio da vida entre o sonho e a alegria,  
E sente-o desabar... antes de havel-o erguido.

O triste olhar, mirando o astro rei quando nasce,  
Ferido pela côr opulenta do azul,  
Espalha um resplendor de luar na fina face  
Donde a ancia de existir tornou o riso exúl.

Olha o cançado olhar, encerra na tristeza  
Da retina offuscada a paysagem florida ;  
Sente vibrar, em róda, a excelsa Natureza  
Em manifestações uberrimas de vida !

E a vida que lhe foge exsurge em tudo ! Aos troncos  
Que o hynverno desfolhou veste de novo ; suaves  
Tintas dá á flôr ; do mar ruge nos uivos broncos ;  
Referve á luz solar ; canta na vóz das aves !

E elle váe apagar-se em breve ! E nunca mais,  
E nada mais verá ! Váe cobril-o o atro véo  
Da morte ! O campo verde, o bosque, os animaes,  
Não mais verá ! Nem mar ! nem campinas ! nem céu !

E est'alma, se interroga, est'alma que me anima,  
Rolará despenhada ao abysmo onde cáio ?  
Morrerá com o corpo amado que se última,  
Do meu clarão final ao derradeiro raio ?

A terra, que a formou ; talvez, hade tomal-a  
Para a força engrossar, que guarda nas entranhas ;  
O vento hade, talvez, nos ares desdobral-a,  
Como um trapo de paz, entre o azul e as montanhas...

O canto será d'ave, ou a seiva da héra,  
Ou o brilho da vaga ; e, serena ou convulsa,  
Resurgirá bem cedo em homem, tronco ou féra :  
Em toda a Fórma, unindo as vidas, a Alma pulsa.

Será estrella, talvez. Hade, eterna, brilhar,  
E, eterna, soffrerá — sem um ai, sem um grito,  
Erma, longinqua e só, sem lutar, sem amar —  
A tristeza do vácuo, o tédio do infinito !

LEAL DE SOUZA

## PRELUDIO

Filha das margens do Norte,  
Das frias margens batidas  
Pela rajada mais forte  
Das tormentas desabridas !

Filha de nautas audazes  
E humildes — filha de nautas,  
Que trazes á bôcca, e trazes  
Nos olhos ancias incautas ;

Anjo e demonio ; alvorada  
E noite ; aroma e veneno ;  
Aza roçando estagnada,  
Pútrida vasa de ceno,

Para cantar-te o sentido  
Affecto que em mim se acórda,  
Falta-me ao verso um gemido,  
Falta-me á lyra uma córda !

RAYMUNDO MONTEIRO

## SONETO ROMANTICO

E' puro romantismo (e eu mereço piedade...)  
Amar-te como te amo, ignorado (ou esquecido),  
Amar-te com este amor que illusiona, no olvido,  
A esperança final da minha mocidade.

Toda vida minha alma inconsolavel ha de,  
Qual passaro que váe tonteando, mal ferido,  
Fugir ante o clarão fascinador, partido  
Desse olhar, mixto cruel de ironia e bondade...

Mas um dia, talvez, numa hora extrema e louca,  
Meu amor fallará ! — e ouvirei de tua bôcca  
A palavra que mata e o riso que endoidece !

E sentirei brotar na minha alma angustiada  
A floração de amor e de odio, alli guardada,  
Como planta letal que numa estufa cresce...

LEOPOLDO BRIGIDO

## O LIVRO DO PADRE SEVERIANO

(CARTA AO SR. WALFRIDO RIBEIRO)

Não andei mal classificando o revd. Severiano de Rezende de «terrível fundibulario da palavra».

Si ao seu temperamento os habitos sacerdotaes puzéssem peias, teriamos um polemista valente de menos e um auctor de homilias de mais.

Ora, eu estou perfeitamente de acôrdo com Remy de Gourmont, critico de que aliás divirjo em outros pontos, quando affirma que o estylo é uma «especialisação da sensibilidade».

E' vulgar dizer-se: aquelle escriptor agrada-me porque sabe pôr toda a sua alma no que escreve. Isto significa que não ha prosador, em quanto escravidado aos livros, que lê; pois os auctores predilectos devem servir, tão sómente, de trapezios, em que o aprendiz de estylo procure exercitar os biceps do espirito. Uma vez, porém, adquiridos os habitos de pensar e de dizer, não ha mais razão para que ande elle a esgaravatar a memoria, á cata de imagens ou de phrases alheias, com as quaes exprima as suas sensações proprias.

O auctor do livro *Eduardo Prado* não illude a quem quer que folheie as paginas desse seu trabalho. Desde as primeiras linhas, reconhecerá que se trata de um moço, para o qual o sacerdocio constitúe um accidente; porque o que mais lhe interessa é a arte de dizer, junto ao exercicio da faculdade da imaginação e á cultura do que existe de mais estranho na vida social: a curiosidade das fórmulas.

Com certeza, o padre Severiano frequentou, no seminario, as *Confissões de Santo Agostinho*. Mas, não menos certo parece que a vida mystica e as praticas asceticas não o attráem sinão como aspectos poeticos da religião.

Seu espirito curioso vê-se, a todo instante, seduzido pelas correntes mais irritantes do seculo, pelos progressos das grandes cidades, onde fulgura a belleza sob as suas fórmulas mais irisadas; mas, tambem, o genio do pessimismo ousa cochichar-lhe ao ouvido que existe alguma coisa de imponente em ascender á tribuna sagrada ou ao pulpito da imprensa religiosa para, á imitação de Lacordaire, de Ventura de Raulica, de Monsabré, de Montalembert, de Donoso Cortes, padres, uns, publicistas, outros, tropejar contra as iniquidades da civilisação, contra as abominações do paganismo actual, contra os desvios do gosto christão, pervertido pela falsa piedade.

Para esse effeito, cuidou eu, — e o digo sem lisonja, — que o auctor do livro *Eduardo Prado* encontra em si massa plasmavel e docil aos intuitos propheticos da religiosa modernidade.

Propheticos, disse eu, e não o fiz sem intenção, convencido, como estou, de que, si o revd. Severiano estudar Ezechiel, o qual, segundo ensina Ed. Reuss, foi, de todos os agitadores da Judéa, o que menos se afastou do character sacerdotal, encontrará na correspondente litteratura inspirações tremendas contra os poderosos, que pervertem a terra, «á semelhança daquelles homens-reptis, que têm as costas voltadas para o templo do Senhor e as caras viradas para o oriente em adoração ao sol nascente». (Ezech. VIII, 16.)

Então, poderá o auctor do livro, de que me occupo, sair a campo com aquelles terriveis, ao mesmo tempo deslumbrantes cherubins, que o propheta fazir desfechar olhares flamejantes sobre os abominaveis peccados de Judá.

O revd. Severiano, nesta passagem, está, segundo vejo, em perfeita conformidade de idéas com o intolerante Frederico de S. A democracia, principalmente a das republicas sul-americanas, na sua opinião, não se acha muito longe de transformar-se na besta do Apocalypse. Não serei eu quem lhe negue o direito, aliás legitimo, de combater-a com todas as forças de sua alma, *sediciosamente*, como o faziam, em Judá, os Ezechieis, os Malaquias, os Danieis.

De outra maneira, o auctor não teria estylo. Ou o seu estylo converter-se-ia no estylo da maioria dos escriptores ecclesiasticos, — estylo de agua benta, em que se sente o perfume das essências sacras estragado pelas secreções cutaneas deixadas pelos dedos das devotas na pia presbyterial; ou o escriptor do livro ver-se-ia obrigado a despir as vestes sacerdotaes para, livremente, diffamar a Esposa de Christo, como fez o padre Chiniquy.

Ha ainda um recurso, que não aconselharia ao espirito, já demasiadamente carregado de paradoxos, do padre Severiano de Rezende. Refrome a esse socialismo christão, de que Leão XIII andou esboçando os primeiros lineamentos.

Si para lá o visse uma vez inclinado, então eu lhe indicaria a leitura da obra de Nietzsche, na parte que se occupa, por exclusão, do christianismo e da sua influencia sobre a sociedade moderna, como doutrina egualitaria e demotica, ao par da democracia, demolindo tudo quanto entende com os instinctos do homem para a grandeza, para a nobreza, para o cavalheirismo da «superhumanidade». Está visto que a sua attenção se voltaria a Nietzsche, para combater-o.

Nietzsche trancou Daniel e Ezechiel, cujos livros estudou de mais. Ao auctor do estudo *Eduardo Prado*, não seria difficil supprir as lacunas do

*Assim fallou Zarathustra*, pondo como eixo da evolução do homem reptil para o homem forte das Escripturas, o espirito daquelle Javeh, que aterrou Moisés fallando-lhe de dentro da sarça ardente, e plantou-lhe depois na fronte os projectores luminosos, que Miguel Angelo converteu em chavelhos da sabedoria; porque, para a Renascença, nenhuma differença haveria entre a grandeza intellectual do legislador do Sinai e esse Pan, cuja morte o navegador do Mediterraneo, fantastico como verdade historica, ouvira proclamar, através dos ventos, pela voz mysteriosa do espirito novo que se levantava no Occidente.

Bem se vê que o padre Severiano, nesse itinerario, que é o proprio da sua aspiração congenita, não terá lazeres para demorar-se em meditações aos pés dos santos de sua particular devoção.

Não lhe assentam nos labios os canticos femeninos do culto de Maria; nem é provavel que o tenham encontrado pedindo o soccorro para todos os fracos: *Juva pusi Manimes! Refove febiles!*

Para outros temperamentos, desceram dos céos as doçuras daquelle «oração do quarto gráu», que santa Thereza descreve em suas *Memorias*, com entusiasmo nunca visto, e que a penetraram de uma sêde de Deus inextinguivel. O amor seraphico, cujos dardos queimam e, ao mesmo tempo, cauterisam as feridas deliciosas, que vão abrindo, fez-se para as naturezas de angelitude, e que, como as de S. Francisco de Assis e daquelle santa extraordinaria, nunca peccaram, *sed nupciale gratia vestem in baptismo susceptam fidelissime custodisse creditur*.

A sua combatividade humana, portanto, só lhe permite discutir com homens. Não lhe cabe, á maneira daquelles seraphins, entreter polemicas com o diabo; e, si este lhe apparecesse, estou bem certo que, como Luther, atirar-lhe-ia com o tinteiro á cara.

Não posso, pois, concordar com os criticos que acham a funcção do polemista incompativel com a mansidão do typo do evangelista.

Numa epocha de confusão de sentimentos, em que muitos cidadãos catholicos são incapazes de distinguir uma libra esterlina de uma hostia, é natural que sacerdotes, menos pacientes, se exaltem e, tomados de indignação, não poupem, como em seu tempo não poupavam os prophetas, «os salamistrões da sciencia», e verberem, com o estylo-espada de S. Miguel, os falsos devotos da credulidade «rabejante e servil», equiparavel á do «trogodita baboso deante do manitú fascinante.»

Longa já váe esta carta. Devo terminal-a. Antes, porém, de pôr-lhe o

fêcho, consinta o meu amigo Walfrido que accrescente ainda duas palavras sobre a linguagem, propriamente dita, usada pelo revd. Severiano de Rezende, no seu livro. *Ne confunditur*. Quando me refiro á linguagem, afasto, um pouco, a questão de estylo, o qual, como, ha cem annos, dizia Buffon, prende-se ao movimento da alma, e, como muito bem lembrou o citado Remy de Gourmont, é uma especialisação da sensibilidade.

Não trato disto agóra; mas, da estatica do discurso, isto é, dos seus elementos somaticos.

O escriptor, para traduzir o seu pensamento, não se serve unicamente dos impulsos de sua alma original. Elle precisa de um instrumento, e esse instrumento, que é a linguagem da região onde recebeu a vida, possúe modalidades geraes, em que está impressa a alma do povo ou dos habitantes dessa região. Desconhecendo importa o mesmo que ser cego ou surdo-mudo. O pretendente a escriptor, si a não aprender, não disporá do unico vehiculo capaz de estabelecer communição perfeita entre o seu espirito e o da collectividade.

De semelhante factio, resulta uma conclusão, e é que o escriptor, que não se utiliza da linguagem viva do seu tempo, será um máu escriptor, ou, pelo menos, um escriptor incompleto.

Estas palavras vão com vista aos archaisantes.

Não póde, portanto, haver maior absurdo do que buscar as fórmulas syntacticas da lingua, em que escreviam, por exemplo, os Quinhentistas. Esses homens não podiam pensar como nós hoje pensamos. O periodo dos seus discursos resentia-se, assim, de uma construcção, que era muito propria das hesitações, perluxidades e credices de sua alma atrasada. Dahi, uma rigidez de phrase e um encadramento systematico de palavras, de trópos, de imagens, que, na actualidade, quando a vibração do espirito insoffrido do homem necessita mais da suggestão, do que da explicação, tornam-se grilheta, perturbam os haustos do escriptor moderno, si é que não o esterilizam na contemplação das origens da linguagem, á guiza desses calligraphos, que gastam a maior parte do tempo em preparar a penna de ganso, com que hão de lançar no papel as lettras iniciaes das illuminuras.

Longe de mim a idéa de desprezar as fontes do passado. Mas, os processos de estudo daquelle instrumento não devem ultrapassar certos limites. A syntaxe de Ruy de Pina, ainda a de frei Luiz de Souza difficilmente se accommodarão ao tumulto do phrasear moderno.

Não direi o mesmo do vocabulo ar-

chaico restaurado, quando suppre deficiencias do vocabulario actual. Todavia, parece-me indispensavel que tal restituição se faça com as que ainda podem ter vida por contagio dos seus irmãos mais moços.

« A palavra, diz Darmesteter (*La vie des mots*, pag. 37) é a serva da idéa; sem idéas, não ha vocabulos; e não passarão estes de um vão aggregado de sons. Da mesma maneira, a idéa póde existir sem palavra; apenas, ella permanece no espirito, em estado subjectivo, deixando, por este modo, de fazer parte da linguagem.

Ora, é exactamente o que se dá com o vocabulo archaico, desde que elle não recebe do ambiente da phrase, por contagio, um fulgor de novidade.

E' triste, realmente, que um leitor de mediana instrucção tenha de recorrer, a cada instante, ao dictionario, ás vezes a Bluteau e a Santa Rosa de Viterbo, para decifrar o pensamento, que nos offerece o estylista, em phrase roncadora, altisonante, quando nada, sybilina.

E direi mais que não se observa esse phenomeno sómente em archaisantes, mas tambem em brasileiros, muito acostumados aos portuguezes de hoje. Em alguns destes, tenho surpreendido o uso de vocabulos, que, por uma lei muito conhecida em linguistica, perderam a accepção primitiva no Brazil, e que, uma vez utilizados, com esse primitivo significado, perturbam o espirito do leitor de um modo inexoravel.

Por exemplo: chamar, num romance sertanejo, de «cachopa» a uma moça roceira; dizer que seu Manéco de Meia Ponte comprou um magnifico «casal»; contar uma historia passada na «quinta» do Juca Tropeiro; ostentar outras manigancias deste padrão é truncar o pictoresco nacional, errando contra as leis mais sagradas da expressão vernacula.

Estas ponderações querem apenas dizer que, na linguagem utilizada pelo auctor da polemica sobre Eduardo Prado, notei uma ligeira tendencia para estes desvios. Ha, nas suas paginas, estratificações do padre Antonio Vieira, de Herculano, de Camillo Castello Branco, de Ruy Barbosa. Creio que não lhe fizeram mal; o primeiro, principalmente, constitúe um manancial inexgotavel de antitheses e construcções paradoxaes, tão vivas ainda hoje, que não se estranha pretendesse o Santo Officio mettel-o em caroxa e sanbenito.

E' preciso, porém, que o revd. Severiano não se afoite a enamorar-se da syntaxe rabuda, de manto longo, que foi a mania dos antigos, porque quasi todos escreviam como si pregassem do pulpito da igreja, com a regra de Quintiliano debaixo da lingua, e os olhos postos na distribuição do dis-

curso pelos quatro cantos da nave do templo.

E, todavia, penso ser o conselho inutil, porque o auctor do livro, que analyso, é bastante ardente, tem sufficiente folego de polemista, para que se não atenha a archaismos; maximé porque os escriptores da sua tempera precisam, antes de tudo, de ser claros; clangorosos, rutilantes, brandindo o estylo como o cavalleiro brande a lança, de frente, sem circumloquios, afundando-a até o conto.

Do confrade em lettas e amigo

ARARIPE JUNIOR.

Rio, fevereiro de 1905.

(Conclusão)

## CARNAVAL

Tenho um camarada de uma penetração exquisita. Não ha nada, neste mundo, que elle não resolva, e nunca espocou invenção ou guerra alguma na terra a que elle não dêsse uma causa.

Tem a mania da predição. Prophe-tisa chuvas, não pelas dôres de callo como toda a gente, mas por uns certos grunhidos de um cachorrinho de estima. Prediz revoluções, borrascas politicas, desastres de familias, de povos, de raças e fiascos, brilharétos, quedas; tudo e tudo, sem botar as cartas.

Encontrei-o, ha poucos dias.

— Que tal o Carnaval? perguntei.

— Máu, irá ser máu! Muito frio.

— Póde ainda tornar-se bom.

— Impossivel. A molestia está seguindo fatalmente a marcha. Não ha mais remedio que atalhe.

— Predizes?

— Não; observo. O Carnaval tem as suas medidas, como a athmosfera tem os seus barometros. Para mim, o barometro do Carnaval são as creanças. Espanta-te?! Pois, a pura verdade. Tenho reparado nisto, durante annos, com uma precisão admiravel. O Carnaval quando tem de ser de estrondo, muito cedo, um mez antes, as creanças dão o signal. Ficam todas affoitas, inquietas, e quando estão, em grupo, brincando na rua ou no jardim, formam cordões, cantando, o dia inteiro, o muito carioca *abram alas que eu quero passar*. Ouve-se, de canto a canto da cidade, a toda hora, em toda casa onde existe um pirralho, o *abram alas cacete*. Este anno, não; ainda não onvi, com palavra de honra que não ouvi. Váe ser um Carnaval chôcho. Verás.

Apezar da observação do meu camarada, houve no domingo (para que se ha de dizer que não houve?) uns reboliços barulhentos de Carnaval que vem perto.

De manhã, de tarde e de noite, grupos passaram a pé e a carro nuns atrevidos diabolicos de zabumbas, numa



estridencia de bandeiras, de guizos e de gritos. Houve até carros com alegorias. O club dos *Prodigos* deu-nos dois e atirou ás ruas uma passeiata alacre, onde havia muito guincho de cornetas, muito repinicado de violão e o eterno *Zé Pereira*. Os *Fenianos* fôram também á rua; desceram a do Ouvidor a pé, debaixo de umas sombrinhas multicôres, aclarados com fogos de bengala, e, ao som do *abram alas*, lá seguiram de jornal em jornal, cumprimentando a imprensa.

Os *Políticos* saíram também: muitos pandeiros, muita mulher, muita alegria e bôa cauda de carros formando o prestito.

Tarde da noite, foi aquillo que se viu. Uns bailes de estrondo, feéricamente carnavalescos, carnavalescamente infernaes. Fantasias exquisitas, *pierrots*, dominós mysteriosos, saloias de vestidos de setins, palhaços de fôfas e áz de copas na roupa.

Sabbado, nos *Fenianos*, dois actores dos nossos theatros entraram vestidos á moda gallega, numa estrondante gargalhada de quem já estava lá.

Nos *Democraticos*, um *bambino* angelicalmente loiro, com uns cabellos fartamente bonitos, andou a fazer a sedução da noite.

Em todos os clubs, os bailes de sabbado tiveram mais vida que os de domingo. Era natural; o cansaço abafava, quasi sempre, o enthusiasmo. Mas, assim mesmo, foi um bom domingo. De ponta a ponta da cidade, o *Zé Pereira* estrugiu, desde as sociedades mais altas onde a macêta dos bombos é brandida pelos capitalistas mais ricos, até ao *cordãozinho* de estandarte pobre, onde o capanga, que não embarcou para o Acre, o dia inteiro atrôa pelo bairro.

Houve muita gente pelas ruas; á porta dos clubs, o povo se apinhou a ouvir os zabumbados lá de dentro.

Nos *Democraticos*, nos *Políticos*, nos *Paladinos da Cidade Nova*, a festa teve as fulgurações da epocha. Dos *Fenianos*, só de lá saímos pela manhã. E mesmo quem pôde sair daquella casa sem que esteja tudo acabado?! Aquella casa..

ZÉ PEREIRA.

### Projecto de Reforma Monetária no Brazil

*O verdadeiro papel de um banco emissor*

Mesmo nos paizes possuidores de enormes reservas de ouro, como a França, os Estados Unidos, a Inglaterra e a Allemanha, a funcção da moeda metallica, nas transacções interiores e exteriores, é, relativamente, insignificante; calculou-se que a mo-

eda fiduciaria entrava em mais de 90 % no movimento effectuado pelos bancos e estabelecimentos de credito daquelles paizes, e que o movimento do numerario ouro, na importação e exportação, representava menos de 10 % em relação ao seu commercio exterior.

Si occorre alguma circumstancia fortuita — nas colheitas, compras exageradas de artigos estrangeiros, despesas de guerra e outras, que obrigam inopinadamente, um paiz rico em numerario a enviar aos seus visinhos quantias, muita vez superiores ao stock de ouro dos seus estabelecimentos de credito, começa, então o papel tutellar do banco de emissão, que comprehende e cumpre o seu dever.

Desde que a alta do cambio lhe revela que o paiz é, momentaneamente, devedor ao estrangeiro, o banco estuda as causas do phenomeno; e, si verifica não ser um accidente passageiro, trava a alta por meio de fornecimentos opportunos de ouro de sua caixa ou de suas reservas, ao mercado interior. Si sua caixa está muito reduzida, elle apura uma parte de sua carteira ou reserva de titulos; augmenta a taxa do seu desconto e adiantamentos e, assim, diminúe o volume da circulação fiduciaria, augmentando as suas reservas de ouro. Os movimentos metallicos do Banco de França e do Banco da Inglaterra, publicados, semanalmente, demonstram a frequencia dessas operações e os seus, em geral, excellentes resultados.

Procedendo dessa fórma, o banco de emissão corta o mal pela raiz, porque, erguendo, energicamente, a taxa da renda do capital no interior do paiz, provoca a entrada dos capitaes nacionaes disponiveis na circulação; impelle os capitalistas indigenas, possuidores de valores no estrangeiro, a realisal-os para empregal-os no paiz, e incita, igualmente, os capitalistas estrangeiros a introduzirem os seus para obterem renda mais vantajosa. O augmento da taxa do desconto e dos adiantamentos sobre titulos, no interior, diminúe as novas exigencias de credito e, consequentemente, o volume da circulação fiduciaria; mas, augmenta, por isso mesmo, o valor intrinseco da circulação e a sua força de resistencia á deprecição exterior.

Sob a influencia dessas duas ordens de medidas — augmento das disponibilidades effectivas e diminuição do volume da circulação fiduciaria — renasce a confiança; a crise se attenúa; desaparecem as causas que a provocaram, e o paiz readquire a situação economica normal e o seu equilibrio exterior, sem ter perdido muito do seu numerario ouro, sem ter arriscado o valor intrinseco da sua circulação monetária.

Creando o novo banco de emissão da

União, o governo federal deverá inspirar-se nesses sabios principios para lhe impôr estatutos sociaes e uma fiscalisação effectiva, que o obriguem a permanecer, sempre, e apesar de tudo, nas funcções reguladoras da circulação monetária, base fundamental do credito publico.

Dois exemplos recentes demonstrarão a precisão dessas observações.

Em fevereiro de 1901, escrevemos um estudo do problema do cambio na Hespanha, do qual destacamos o seguinte trecho:

«Nos paizes que téem ouro na circulação monetária interior e onde os bancos de emissão vigiam com cuidado as fluctuações do cambio, como a França, a Inglaterra, a Allemanha, a Hollanda, a Belgica, as fluctuações do cambio são sempre muito limitadas, porque, quando por uma causa qualquer, o curso do cambio excede o que se chama o *gold point* de saída, os devedores pôdem saldar os seus credits no estrangeiro com o ouro obtido da circulação livre, mediante um ligeiro ágio, ou cedido pelos bancos de emissão em condições modicas.

Aqui temos um exemplo: Quando, por uma causa qualquer, o chèque sobre Londres sóbe, em Pariz, a 25 fr. 36 por uma libra esterlina, cujo par é 25 fr 29, é attingido o *gold point* de saída do ouro francez para a Inglaterra. Isto quer dizer que, acima desse curso, os francezes tendo pagamentos a realisar na Inglaterra ou no estrangeiro, téem interesse em não comprar saques, fazendo remessas directas do loiro metal para Londres, exportando para ahi as moedas e ouro em barra, que puderem obter, pela circulação, pelo Banco de França, pelas sociedades de credito ou pelos cambistas, comtanto que esse ouro não exceda o ágio de 4 por 1.000 francos.

A intervenção opportuna do Banco de França, mais que as reservas de ouro da livre circulação franceza, obriga, de algum modo, os bancos particulares, dedicados ao commercio do cambio, a não especularem com a baixa ou com a alta dos valores e moedas estrangeiras, que compram e vendem, e a realisal-os, o mais rapidamente possível, com o unico beneficio da commissão usual, porque sabem, por experiencia, que aquella intervenção é, geralmente, decisiva. A fiscalisação efficaz do Banco de emissão impede, portanto, o monopolio do cambio ou do ouro em França, e o mercado deste paiz conserva a plena disposição de todos os seus recursos de pagamento no exterior.

Supponhamos, ao contrario, e é o caso da Hespanha, que um paiz, cuja circulação monetária estiver já empobrecida e depreciada por cinco ou seis annos de má administração finan-

ceira, tenha a desventura de possuir um banco de emissão que desconheça a sua função, desinteressando-se, completamente, da questão cambial, e que, em vez de fiscalisá-la ou, pelo menos, regular-lhe as flutuações por meio das operações normaes indicadas, esse banco, com o fim de tirar proveito para os seus accionistas, compre com a moéda nacional, que elle pôde fabricar á vontade, os saques, títulos e moédas estrangeiros que concorrem, naturalmente, ao paiz: o resultado será o que se observou na Hespanha desde 1892, uma successão de factos muito naturaes, que levantaram artificialmente o preço do cambio e o valor das proprias compras effectuadas pelo banco, cuja acção directa sobre o ágio do ouro, será tanto mais energica, no sentido da alta, quanto terão como consequencia: 1º, um augmento do volume da sua circulação fiduciaria, ou da moéda nacional; 2º, uma rarefacção do cambio estrangeiro.

Comprando cambio para lucrar, o banco não o cederá abaixo do preço da compra; será, portanto, vendedor acima desse preço, e, até encontrar compradores que se submettam ás suas condições, immobilizará o cambio na sua caixa, porque apenas lhe custou o trabalho de fabricar mais algumas notas de banco.

As casas e os bancos particulares do paiz, occupados, habitualmente, no commercio cambial, ficarão, evidentemente, em peor situação, que o banco de emissão, para conservarem cambio immobilizado em suas caixas, porque os capitaes destinados a esse commercio não obterão rendimento durante esse lapso de tempo; mas, conhecendo as praticas do banco de emissão e sabendo que elle, longe de intervir para melhorar o cambio, tem, ao contrario, interesse na alta, os cambistas particulares não se apressarão, esperando para venderem a sua mercadoria que ella attinja a preços vantajosos.

Produzir-se-á, assim, pela força das coisas, sem accôrdo prévio entre o banco de emissão e os cambistas, um verdadeiro atravessamento do cambio, que collocará os consumidores dessa mercadoria especial na contingencia de se subordinarem aos seus detentores: dahi, uma elevação artificial e, de algum modo, automatica do preço do cambio, ou uma depreciação anormal e exagerada do valor *exterior* da unidade monetária nacional, embóra as receitas exteriores do paiz, no conjunto, estejam em equilibrio com as despesas no estrangeiro.»

A situação não se modificou, sensivelmente, na Hespanha, desde o mez de fevereiro de 1901, porque o ágio do ouro ahí era, então, de 37.35 %, a mesma taxa que verificamos no fim de outubro de 1904, após oscillações que

fizeram esse ágio variar entre 31 e 40 %.

\* \* \*

Pelo contrario, a questão mudou de aspecto, no Brazil, desde o fim de 1900, não porque o cambio tenha chegado a taxas mais elevadas que as anteriores a essa epocha; — visto ter, no mez de julho de 1900, sob a influencia de uma causa anormal, chegado á cotação de 14 d. 1/4, mas pela razão da estabilidade relativa, que pôde realisar.

Em 1900, o curso extremo fôra 14 1/4 e 7 1/32, uma differença maior de 50 % em relação ao curso mais elevado. Em 1901, o curso extremo se estabeleceu em 13 1/2 e 9 23/32, não sendo a differença mais de cêrcade 28 %. Em 1902: curso extremo de 12 19/32 e 11 1/4; differença—10.6 %. Em 1903: curso extremo — 12 19/32 e 11 21/32; differença—7.4 %. Em 1904, as oscillações se mantêm nesse fraco desvio.

Qual a causa dessa regularisação progressiva do cambio brasileiro na taxa, mais ou menos, de 12 d. ? Foi, incontestavelmente, a intervenção oportuna do Banco da Republica, que, conforme o relatório do dr. Leopoldo de Bulhões, comprou e vendeu, entre 5 de novembro de 1900 e 31 de junho de 1904, letras de cambio no valôr de 30.676.000 lib. est.

Isto representa, apenas, 697.181 lib. est., na média, por mez, ou 17 1/2 milhões de francos, evidentemente pouco, si se notar que, além dos movimentos de fundos estrangeiros, alheios á estatística, o commercio exterior brasileiro, exportação e importação reunidas, lhes excéde 62 milhões de lib. est. por anno. E' pouco, mas foi sufficiente para obstar as manobras da especulação cambista, no sentido da alta ou da baixa, porque a intervenção do Banco da Republica, no mercado do cambio, sendo, publicamente, conhecida, todos os cambistas brasileiros, sabendo ser perigoso se empenharem na alta ou na baixa, perderam o habito de especular no negocio, restringindo-se a comprar cambio quando, realmente, necessitavam, e a venderem valores estrangeiros sómente quando os tinham á sua disposição.

E' isto o que se passa na pratica em todos os paizes, onde os bancos de emissão cumprem o seu dever de reguladores da circulação monetária nacional, e isto se deu, notadamente, na Austria-Hungria e na Russia, quando estas quizeram preparar a sua reforma monetária: fôram as compras e vendas de cambio, feitas pelo Banco d'Austria-Hungria e pelo Banco Imperial Russo, que regularam, progressivamente, encerrando-o em dois limites extremos, o curso do florim-papel e do rublo-credito.

Assim, no dia em que o Brazil tivér

um banco emissor, puro em todos os elementos, perfeitamente constituido e dispondo de capitaes importantes, não haverá duvida que o curso do cambio e, com elle, o valor exterior da nova unidade monetária brasileira, conservarão uma estabilidade quasi absoluta com grande vantagem para os verdadeiros interesses nacionaes.

## VII

### *O que é preciso evitar*

O Banco da Hespanha saú da sua função de banco emissor e não se interessou absolutamente pelo cambio hespanhol, pelo valor exterior da unidade monetária nacional, desde que o governo começou a contractar com elle empréstimos a juro. Empréstimo ao Thezouro milhões de notas que lhe custavam, apenas, o trabalho da fabricação e, recebendo em caução títulos do thezouro, da Renda perpetua ou da Renda amortisavel, dando 5 ou 4 % de juro, o banco realisava um excellent negocio para os seus accionistas e parecia prestar um importante serviço ao Estado, que não poderia, em melhores condições, fazer empréstimos no interior ou no estrangeiro. Mas, a verdade é que, abrindo a sua caixa ao Estado, compromettia, seriamente, os interesses do paiz: 1º, facilitando a política de delapidação, de expedientes financeiros que, tão facilmente, augmentaram a dívida publica; 2º, provocando a crise monetária que começou em 1891 e se accentuou na proporção do desenvolvimento da circulação fiduciaria.

Na hora actual, apesar dos pagamentos effectuados pelo thezouro, desde a grande liquidação de 1899, a circulação do Banco da Hespanha é ainda de 1.642 milhões de peséttas, e desta somma 468 milhões, apenas, representam títulos de commercio, contas de credito e adeantamentos sob caução; o resto corresponde ás letras do thezouro, títulos da dívida hespanhola e um adeantamento gratuito ao Estado de 150 milhões, feito em virtude da lei de 14 de junho de 1891.

Quasi trez quartos das notas do Banco da Hespanha fôram emittidas para occorrer necessidades absolutamente estranhas á procura da industria e do commercio indigenas: entraram, brutalmente, na circulação publica para saldar despesas do thezouro e, por isso, a inflação monetária e a crise cambial de que a Hespanha não se pôde ainda libertar.

O governo federal, portanto, estabelecendo o seu padrão monetario e creando o seu novo banco de emissão, deverá, não sómente prohibir do modo mais peremptorio, toda a sorte de empréstimo ao mesmo e obrigar-o á stricta observação dos estatutos.

EDMOND THÉRY.

(Continúa)

ASSIGNATURAS	
ANNO . . . . .	20\$000
SEMESTRE . . . . .	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
RUA 1ª DE MARÇO, 23.

OFFICINAS  
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Um collector do Estado do Rio, na fúsa de que a lei era igual para todos, lançou, ha tempos, para pagamento do imposto de industria e profissão, um reverendo vigario de uma parochia do interior.

Offendido na sua dignidade, nas suas prerogativas sacerdotaes e nos seus interesses profanos, o vigario appellou, como muita gente faz, em casos perdidos, para o bispo, que considerou aviltante para um ministro do altar o pagamento de impostos, como qualquer obscuro fiel, forçado pela Constituição ao cumprimento desse dever civico, que a ninguem deslustra.

Apezar das razões canonicas, que forravam o acto do ordinario da diocese, substancioso náco de sabedoria num *sandwich* de textos em latim, o padre refractario não se contentou com o abrigo das immunidades ecclesiasticas; accrescentou que não exercia uma profissão, nenhuma industria ou coisa que se lhe parecesse; não recebia pagamento pelos seus serviços, porque as espórtulas voluntarias, embóra marcadas numa tarifa inflexivel, deviam ser consideradas esmolas; e como quem vive de esmolas não póde ser contribuinte, deveria elle ser riscado do lançamento do collector.

Não sabemos como as auctoridades profanas resolveram esse caso de direito fiscal; não ha duvida que a razão está com o agente do fisco fluminense: o bispo e o vigario ficaram fóra da lei civil e arranharam a lei divina, porque aquella não abriu excepções e porque está compendiado nas Sagradas Escripturas, que Jesus Christo, que era Deus, não se isentou de pagar tributo.

No Evangelho de S. Matheus, capitulo VII § III. vers. 23, esse caso de direito tributario está previsto, sabiamente, com a empolgante lucidez divina das inspiradas palavras do Mestre.

Conta S. Matheus que, estando Jesus com os discipulos em Capharnaúm, appareceram os collectores do didráchma, e perguntaram ao chefe dos apostolos se o Mestre pagaria o tributo.

— Como não— respondeu Pedro, e, entrando em casa, foi-lhe ao encontro Jesus.

— Que te parece Simão?— inqueriu o divino Mestre.

— De quem recebem os reis da terra impostos e tributos? Dos seus filhos ou dos estrangeiros?

— Dos estrangeiros — respondeu Pedro.

— Os filhos são isentos; entretanto, — accrescentou Jesus — para evitar escandalo, váe ao mar, lança o anzol; toma o primeiro peixe que tirares d'agua, e abre-lhe a bôcca: encontrarás uma moéda de prata de quatro dráchmas, um stater, que darás ao collector por mim e por ti.

Ensinou, assim, o Divino Mestre que, sendo a lei igual para todos, nem Christo estava livre de pagar tributos; realçou o dever de dar exemplo aos seus semelhantes com actos de obediencia, não se recusando ao óbulo que o Estado exige dos seus concidadãos, para a manutenção das necessidades publicas, da ordem e da segurança collectivas, beneficios proficuos aos mais humildes como aos mais eminentes.

Se os padres, exercendo a sua função na sociedade, téem uma occupação transcendente de continuadores da missão de Jesus; se são pastores de almas, como as auctoridades civis, que são pastores de povos; se a elles, como a estes, como a todos os cidadãos aproveitam os beneficios do governo, é concludente que devem obedecer ao preceito legal, dando exemplo desse civismo consagrado no Evangelho.

Affirma Menochius, nos seus commentarios, que Pedro respondeu affirmativamente aos collectores do didráchma, devido aos romanos ou a

Herodes, por saber que Jesus estava habituado a pagar-o todos os annos. Donde se conclúe que o facto não foi accidental, senão um acto comesinho de um pontual pagador de impostos.

O ministro do altar, o vigario em questão deveria saber que lhe cumpre prégar as verdades eternas e os salutaes preceitos evangelicos mais com os actos do que com as palavras, porque estas vôm e os actos perduram, impressionam como lição intuitiva, a menos que o reverendissimo não seja um frei Thomaz desses que, para o deslustre da doutrina do Redemptor, abundam entre nós, prégando o bem que não fazem, ou recommendando aos fieis: fazei o que eu digo e não o que eu faço.

O venerando prelado e o seu vigario deveriam recordar ainda as palavras do Mestre, ensinando ser preferivel, á provocação de um escandalo, amarrar uma pedra ao pescoço e mergulhar no fundo do mar.

Assim, em vez de considerar aviltante o imposto de industria e profissão, deveria o inclyto prelado aconselhar ao padre refractario o prompto pagamento, reproduzindo o exemplo de Jesus, que pagou, tambem, por Pedro.

Seria isso mais decente, mais de accôrdo com o decôro sacerdotal do que ser incluído um padre na categoria infima dos mendigos, dos vagabundos, excluídos do lançamento por incapacidade, e lucraria mais evitar o escandalo de andar um sacerdote explorando ficticia miseria, exposto a vexames no percurso dos prolongados tramites administrativos, como qualquer contribuinte relapso ao dever civico do tributo, que Jesus pagou, habitualmente, como excellentes cidadão que era, alliando a sua missão divina á sua função humana e mandando dar a Cesar o que era de Cesar e a Deus o que era de Deus.

O reverendo seria capaz de retrucar que o Divino Mestre assim procedeu,

porque não lhe custava o *arame* mais que a ninharia de um milagre vulgar. Nestes tristes tempos bicudos, não se encontram mais moédas na barriga de peixes: é preciso, depois da evolução operada pelo peccado nos homens e nas coisas, caval-as com musculos mortaes, ganhal-as com o honrado suor do rosto nesse trabalho exaustivo de baptisar innocentes, de casar malandros e arrancar almas peccadoras do fogo do Purgatorio.

\* \* \*

O reverendo vigario parece ter razão, fazendo como toda a gente recalitrante ao pagamento de impostos, ou empregando todos os meios para defraudar o fisco, demasiado exigente.

Além disso, o Evangelho váe sendo esquecido; parece uma lei brasileira, feita para não ser cumprida: em ambas, a chicana interesseira, gananciosa, váe carcomendo a solidez das palavras, deturpando a lucidez resplandecente do texto e abrindo grandes bréchas por onde se volatilisa o espirito de verdade e de justiça.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

### O MEU PRIMEIRO COMMANDO

Depois da batalha de 24 de maio, o exercito alliado ficou inactivo. O general em chefe não aproveitou a grande victoria das nossas armas.

O exercito paraguayo, quasi aniquillado, pois perdêra, naquelle dia, entre mortos, feridos, prisioneiros e extraviados, mais de dois terços do seu effectivo, se reorganisára graças á nossa desidia.

No dia 27 de maio, ouvimos da vanguarda, ao cair da tarde, signaes de grande alegria nas posições inimigas — musica, vivas repetidos, entusiasticos. O exercito derrotado recebia novos reforços e enchia os claros, abertos, nas suas fileiras, pelas armas alliadas. Levaram o entusiasmo ao ponto de saírem dos seus entrenchearmentos e tirotearem com as nossas avançadas.

Testemunhavamos, muito contrariados, aquella resurreição, porque parecia que a guerra duraria muito tempo se continuasse aquella inexplicavel indolencia.

Dizia-se, á bôcca pequena, que os generaes Osorio e Flores quizeram perseguir o inimigo, depois da batalha, para completar a sua destruição;

mas, encontraram tenaz opposição de quem commandava.

E' verdade que escasseava o grande elemento de perseguição—a cavallaria, que estava a pé, na maior parte: só tivemos bôa cavallada depois de chegar ao exercito o Marquez de Caxias.

A 14 de junho, precisamente na mesma hora em que começára a batalha de 24 de maio, toda a frente inimiga accendeu-se de sinistros clarões, e desabou sobre nós, que estavamos na vanguarda, uma tormenta de obuzes, de granadas e balas razas, sem rarear até á noite, causando-nos grande numero de baixas.

Suppunhamos serem os pródromos de uma outra batalha, e aguentámos a pé firme, formados em columnas abertas de grandes divisões. Foi esse o primeiro bombardeio que soffremos.

Era indescriptivel o estado do meu espirito, sentindo passarem horas e, com ellas, as esperanças de um ataque.

Via voarem sobre minha cabeça, seguidamente, sem interrupção, centenas e centenas de grandes projectis, que iam explodir mais adeante, no centro dos batalhões, espalhando a morte com os seus estilhaços. Outras vezes, caíam na frente e vinham, ricochetando, rasgar as nossas fileiras. Ouvia os seus roncoss proximos e sentia as vergastadas do ar deslocado por elles; acompanhava, curioso, os pontos negros, que vinham sobre mim em trajetorias rapidas, fataes, e se abriam em chammas avermelhadas e fumo esbranquiçado, derramando sangue e disseminando a dôr, abrindo peitos, despedaçando cabeças, dilacerando entranhas, arrancando gemidos, suffocando esperanças e derribando castellos doirados pela phantasia.

Quantas préces ouvi balbuciadas por labios moribundos, quantos adeuses de despedida suprema se trocaram naquelle dia!

De repente, ouviu-se crepitar na matta da esquerda, uma fuzilaria alviçareira. Passou por todos os corações, um fremito de alegria. Nós, os da vanguarda, supuzemos, naquelle momento, saír do estado de torpor oppressivo, em que nos achavamos, assistindo, immoveis, condemnados á impassibilidade, o contínuo esvoaçar da morte em torno.

As avançadas, atacadas, retiraram. Pouco depois, os atiradores inimigos apparecem na órla da matta: avançam; vêem as columnas de ataque; trôa a artilharia. Avançamos tambem: trava-se a batalha. Carregamos, freneticamente, á bayoneta; destroçamos os batalhões; tomamos a artilharia; penetramos a matta; assaltamos as trincheiras: fincamos na crista dos parapetos a bandeira brasileira, e seguimos sempre ávante, juncando de inimigos aquelles immensos esteros e altos magaes.

Apoderou-se de todos nós, um entusiasmo feróz, um desejo louco de pelear.

Decepção cruel! O tiroteio cessou. Fôram-se as esperanças, illusões ephemeras como a fumaça daquelles tiros, que ouvimos alvoroçados e cujos échos se sumiram.

Uma força inimiga se aproximou, em reconhecimento, dos nossos piquetes avançados e, recebida a desargas, retirou sem empenhar combate.

E o bombardeio continuou até ao escurecer, compassado, impressivo, tragico.

Quem assistiu a elle, immovel, debaixo de fôrma, jámais esquecerá aquelle triste dia pesado.

Depois, os bombardeios eram quotidianos. Ficámos habituados. As bombas de morteiros, granadas de 68, as balas razas passavam sem merecerem um olhar de curiosidade, nem mesmo de desprezo. Entretanto, faziam das suas, de vez em quando: quebra-vam uma perna; arrancavam um coração.

Mais tarde, os bombardeios tambem fôram nocturnos. Na primeira noite, nos assustámos muito; nas outras, nem o ouviamos: continuavamos a dormir acalentados pelo terrivel rumor de silvos, de explosões. Estavamos em verdadeira pasmeceira.

O inimigo, parece, percebeu que não valia a pena bombardear-nos tanto; esmoreceu. Não se limitou, porém, a esperar-nos nas suas linhas fortificadas: veio avançando, lentamente, procurando flanquear-nos pela esquerda.

Estavamos faquirisados, sem probabilidade de saírmos daquelles areaes, num ambiente das emanações putridas de milhares de cadaveres de homens, de animaes inseputos ou mal assados em imperfeitas cremações horriveis. A agua que alli bebiamos, estava polluída, em alta dóse, pelas infiltrações dos mortos, sepultados em torno das cacimbas.

Um dia, fôram, de subito, disparados, da matta da esquerda, alguns tiros de canhão sobre o nosso campo: os paraguayos estavam, a tiro de espingarda, cavando trincheiras no nosso flanco. A nossa posição se ia tornando insustentavel.

O vencedor de Tuyuty, além de desgostoso, adoecêra. Entregou o commando do primeiro corpo do exercito brasileiro ao general Polydoro, no dia 15 de julho de 1866.

No dia 16, ao amanhecer, as nossas forças avançaram, denodadamente, sobre as novas posições da esquerda do inimigo, que cedeu o terreno, pal-a palmo, batendo-se com bravura: era um adversario digno de nos enfrentar.

A lucta continuou, renhida; o ataque, sempre violento e heroico; a resistencia, tenaz. Os guerreiros semi-barbaros do

Dictador tinham o empenho de vingar a tremenda derrota de vinte e quatro de maio : os nossos porfiavam por mostrarem aos nossos alliados que não havia, no mundo, soldados melhores que os brasileiros.

No empenho de flanquear o inimigo, marchou uma força para o Potreiro Pires. O meu batalhão, o 4.<sup>o</sup> de infantaria, fazendo parte dellã, teve ordem de avançar pelo matto, no fundo do potreiro, ao lado da lagôa Pires, onde depois se estabeleceu a famosa Linha Negra. Fazia a vanguarda uma linha de atiradores, formada pela 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> companhia, commandada pelo joven e bravo tenente Antonio de Freitas Travassos.

Eu era alferes da 7.<sup>a</sup> Entrámos, resolutamente, pela matta espessa, onde cada tronco occultava, pelo menos, um inimigo. Mas, a nossa linha avançava imperturbavel, deixando um rasilho de sangue dos seus valentes, passando por cima dos inimigos caídos, que nos dardejavam com olhares de colera, com esgares de desespero, e se estorciam nas vascas da agonia, arquejantes, suffocados pelas cruciantes dôres e pelo sangue a lhes jorrar das bôccas denegridas.

As cornetas não cessavam de tocar : — *Atiradores, avançar, fogo.*

Um soldado nosso foi ferido na panturrilha. Vi-lhe o sangue esguichar impetuoso : em poucos instantes, era cadaver. A bala cortára a poplitêa dessa bôa e valente praça. Pensava eu, até então, que um ferimento na perna não poderia matar tão deprêssa.

Chegámos ao extremo da matta, onde havia uma clareira natural, alargada por uma derribada para discortinar os *approxes*. Tinhamos, pela frente, uma trincheira artilhada e bem guarnecida, á qual recolheu, a marche-marche, a força que iamõs combater.

Fomos recebidos por uma tempestade de vaias e uma saraivada de projectis. Os canhões trovejaram e a metralha nos varria impiedosamente. Alvejamos os artilheiros. Estavam bem protegidos : um ou outro caía. Distinguiam-se bem as suas cabeças : não poderia estar além de quatrocentos metros.

Eramos muito inferiores em numero, e combatiamos a peito descoberto. Seria loucura dar um assalto. Recebemos ordem de retirar, e chegamos ao Potreiro Pires sem disparar um tiro.

O inimigo quedou-se dentro dos seus parapeitos.

Estendemos uma linha na costa da matta. O resto do batalhão ficou de protecção, com armas ensarilhadas.

Do outro lado, na matta do Tuyuty, nas bocainas, o combate continuava vivissimo. Ouviamos a fuzilaria e os toques de corneta, ás vezes tão niti-

dos, que poderiamõs indicar as manobras executadas pelos combatentes.

Descansavamos, sentados no chão, ou em monticulos de areia. Os camaradas nos trouxeram o almoço e tomámos, regalados, o nosso chimarrão, trocando as impressões do dia. Estava perto o amigo alferes Belchior da Fonseca, um gaiato e um bravo, que se reuniu ao nosso grupo e nos provocou gostosas risadas.

Contou-nos elle que, um dia, com meia duzia de homens, achou-se cercado, na matta, por força inimiga muito superior. Vendo-se perdido, mandou armar bayonetas e carregou com furia indizivel sobre os paraguayos, que lhe franquearam a passagem. E correu tanto que as balas, partidas ao mesmo tempo, chegaram ao acampamento depois d'elle.

O Belchior era de um sangue frio admiravel. Uma vez, depois do combate de 2 de maio, estava eu de linha com elle, perto do Estéro Belláco. Apareceu uma força paraguaya com uma estativa de foguetes a congrêve. Eu, cadête do 12.<sup>o</sup>, e elle conversavamos, quando um dos foguetes passou junto de nós, do lado do Belchior que erguendo a perna, com um gesto de cavalgal-o, bradou, apontando a direcção do Passo da Patria : *Para o Rio de Janeiro !*

Esse valente acabou *espirita* no posto de capitão.

O combate continuava cada vez mais accêso, porque o general Polydoro, além de bravo, era teimoso. Era aquelle o seu primeiro golpe e queria vencer a todo o transe.

Ao cair da tarde, appareceu no nosso bivac um official de cavallaria, com duas ordenanças de clavina em punho: era o tenente Fonseca Ramos, que estava de ronda. Apeiou-se perto do commandante — um major de infantaria, que dizia *cracanhá* em vez de calcanhar, *câncavo* em vez de concavo, e acreditava que uma bomba poderia explodir sem estar carregada, porque — dizia — um engenheiro lhe havia assegurado que bastaria a entrada de *quarquê alsinho de fóra* para rebental-a.

O ajudante estava perto desse *implicante traquêjado*, que lhe dêra uma ordem. Inmediatamente, o corneta de ordens tocou — *sargentos* — e, em poucos minutos, estava formada uma força de doze homens, com um inferior e um corneta.

Toçou-me commandal-a. Emquanto estive no 4.<sup>o</sup>, commandado pelo major — *Prefilá*, dobrei em todo o serviço das avançadas. Implicou commigo o bom do homem, mas nunca pôde prender-me. Creio que foi elle quem, de uma feita, mandou furtar-me da barraca a minha roupa. Quando despertei para a formatura do alarme, não encontrei calça, nem blusa, nem bonet ; e como, se faltasse, iria, com certeza, para a

guarda da frente, apresentei-me em fôrma, de botas, ceroulas e manga de camisa.

O Fonseca Ramos montou a cavallo, e seguiu adeante. Entrámos por uma picada bastante larga e chegámos a uma clareira. Estimavamos-nos mutuamente, e a nossa amizade perdurou inalteravel em quanto viveu o intrepido defensor de Nictheroy, nos tristes dias da revolta de setembro.

Além dos affectos que ligam fraternalmente, soldados que, consorciados nos mesmos perigos, viram rutilar glorias communs, eu tinha pelo Fonseca Ramos uma grande admiração á sua bravura elegante ; gostava de vel-o cair em guarda, parar, partir a fundo com uma precisão, um *alongement* de Mérignac: era o melhor espada do exercito, franco, insinuante, cavalleiresco, com uma modestia que dava grande realce a todas as suas brilhantes qualidades de soldado. Apesar disso, foi marcado pelo *lapis fatidico de quem tudo podia*, por um peccadilho de amor, e marcou passo no posto de capitão esse bravo, um dos nossos mais galhardos officiaes, condecorado, solememente, á frente do exercito, por ter, com seis homens de cavallaria, rompido uma linha compacta de infantaria paraguaya, postada em Patinocué, para lhe cortar a retirada.

Formei o meu piquete em linha, e recebi as ordens.

— Dionysio — disse-me elle — aqui, nesta aberta, vêem dar duas picadas. Manda postar em cada uma, uma sentinella. Muita attenção á esquerda. Quem viér por ella, é inimigo : manda fazer fogo. Pela direita, pôdem vir forças nossas, das que combatem do outro lado da matta. Olho vivo e. sê feliz.

Era a primeira vez que me via isolado, commandando um grupo de homens, defronte do inimigo. A minha responsabilidade se me figurava enorme, como se de mim estivesse dependendo a segurança do exercito, a vida de milhares de homens e a fama da minha patria. Aquelle posto me parecia erigido de difficuldades, e, por isso mesmo, o considerava altamente honroso. Estava resolvido a fazer-me matar naquelle piquete. Velaria, attento, toda a noite. Ninguem, alli, pregaria olhos.

O tiroteio continuava sempre nutrido.

Escureceu. Em logar de um homem, em cada bôcca de picada, colloquei dois. Tendo eu doze homens, podia dar trez quartos de quatro, cada um. Eu mesmo os postei e lhes recomendei que, ao menor ruido, fôsse um chamar-me ; que estivessem alertas, mas, não atirassem sem ordem minha. Tambem eu estava alerta e os rondava constantemente. Os outros soldados, com armas carregadas, ficaram proximos. Ninguem fumava ; ninguem conversava.

Pela noite adiante, foi o tiroteio escasseando lentamente. Era quasi meia noite, e a fuzilaria ainda crepitava perto de nós, do outro lado, se bem que menos cerrada. Sentei-me num tronco velho e scismava nos absurdos da vida, nessa guerra entre homens que se matavam como feras, sem se conhecerem, quando deveriam ser amigos. A ambição, a vaidade haviam postergado os verdadeiros interesses das duas nações, o bom senso, o amor.

Perfilou-se deante de mim o cabo de esquadra, e disse-me baixinho: sr. alferes, parece que anda gente no matto, e bem perto. Ergui-me, rapido, como se me impellisse poderosa móla. Num momento, cheguei á bôcca da picada da esquerda, aquella por onde só poderiam vir inimigos, como me previnira o Fonseca Ramos.

A noite não era escura. As nossas sentinellas estavam na posição de preparar, com as armas engatilhadas, prescrutando, como caçadores na tocaia, as sombras da floresta. A picada não era estreita. Apareceram, na penumbra, ao longe, uns vultos. O cabo estava ao meu lado e o sargento com o resto da força, muito proxima formada na clareira. Deviam ser inimigos, porque aquella caminho era o delles.

A ordem era fazer fogo; mas, mandei uma das vedêtas perguntar em vóz alta: *quem vem lá?*... Se fôsse paraguay, não responderia.

Uma vóz fatigada murmurou: *Camaradas!*

—Mande fazer alto—ordenei.

—Faça alto—bradou a sentinella.

Os vultos pararam e mandei reconhecer-os pelo cabo e dois soldados.

Eram soldados do 1º de infantaria, extraviados. Atráz delles, vinham outros. Detive-os e com elles reforcei o meu piquete.

Pouco a pouco, o tiroteio foi cessando. Ouviam-se, apenas, tiros esparsos: um, mais outro, disparados pelas vedêtas de outros piquetes.

Continuei, sempre vigilante, até á madrugada; e, quando a matta começou a clarear, segui pela picada suspeita com o cabo e seis praças. Chegámos a uma bocaina. Passavam ao longe, no fundo, paraguayos, dois a dois, carregando feridos e mortos. Respeitei aquella piedoso serviço, e voltei com os meus bons soldados á clareira onde haviam ficado os outros com o sargento.

Ouvimos, então, os sons alegres da alvorada e, quando, na ultima parte, as cornetas tocaram — *tirar bonets*, todos nós, formados, nos descobrimos respeitosos, e os labios daquella gente rude balbuciaram uma préce.

Dahi a pouco, recebi ordem de retirar e recolhi ao batalhão com o meu piquete, maior que na véspera.

Se fôsse sempre assim.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## AQUELLE BONECO!

Aquelle boneco da *Maison Moderne!*

Eu assobio, pisco os olhos e dou um premio por 200 réis.

E tudo isto com desrespeito e sem pudor, sobre o vermelhão velho duma cartola de ferro esfuracado, com uma fita de aluminium.

Assim, curiosamente apetrechado, immovel, rosto negro, olhos negros sobre um fundo branco, vivo e liso, dentes pequenos e geometricamente pintados e, na bôcca, de beiços grossos e lerdos, um charuto insolente, aquella boneco tem a simplicidade admiravel das coisas uteis e eternas! Téem passado por elle multidões fogosas de cavalheiros amorosos e de damas pallidas que exercem o Rito sagrado da Profanação, com os seus olhos dançadores e languidos, o balanceio preocupado do corpo para a cerimonia da alliciação, murmurando seducções e peccados, num mesmo esplendor de veneno!

Aquelle boneco continúa indefectivel e sublime (e nunca foi tão preciosa esta classificação) na sua oleosa personalidade metallica. Vê-se, porém, nesta mesma impassibilidade indestructivel quasi a exquisita perversidade de um riso, não nos labios parados e vastamente imbecis, mas nos olhos, no estranho fulgor dos olhos que attendem, ao mesmo tempo, a todos os freguezes e os conhece e os comprehende.

Aquelle boneco ri!

\* \*

Aquelle boneco sabe rir!

Na sua rigida immobilidade, desmanchada logo ao rapido tilintar do nickel, em que, então, todo elle só apresenta os olhos canalhas e os assobios agudos, aquella boneco, automatico de uns réis 200 réis, vive e goza, e é um exemplo saudavel para os homens de Deus que por tradições ou convenções estacam, hesitantes, medrosos, ao primeiro obstaculo, e tornam-se perpetuamente infelizes.

O Todo Poderoso, antes de crear Edens e Evas, Aguas e Animaes, Arvores e Serpentes, deveria ter atulhado este mundo todo daquelle boneco singular que assiste ao váe-ven contínuo da civilisação e da Faceirice, com o mesmo ar obediente e esperançoso e a mesma delicia de sempre.

Util e sordido na sua felugem, pontual e submisso, aquella boneco não tem o labor tenaz e funesto de dirigir almas, castigar erros, publicar obras, engrossar remissos e gerar cidadãos... Para que riam os seus olhos e ephemeramente vibrem, com precisão e assobios, nada mais é preciso além da

banal introducção na abertura do seu peito esquerdo de uma moéda que o egoismo dos homens creou para o proprio desespero do homem.

\* \*

Aquelle boneco é um symbolo! Hoje, por todo este Brazil sapiente e fabuloso, existe uma casta de homens, livres da humilhação das Inquietações e das Duvidas, que vivem na mesma santa e magnifica paz daquelle boneco ironico.

Elles recebem, igualmente, com indolencia e talento, o Nickel Gordo, para executar, com mais ligeireza e riso, em presença de theorias e especies diversissimas, a vaidade suprema do Outro. Pelo seu cerebro, jámais passou idéa que não viesse do poder, nem a sua mão assignou acto que não fôsse inspirado pela divindade... Elles recebem com a mesma pachorra e o mesmo silencio daquelle boneco ditoso, as invectivas e os odios, os desprezos e os louvores. O Nickel Gordo supéra todas as difficuldades e todos os insultos e o seu amor é fiel e a sua espinha cordata e amiga. Não ha lamento que lhes mereça uma consolação, nem consolados e poderosos para quem não sejam blandicias e affagos.

\* \*

Aquelle boneco é intellectual!

Sim, existe uma differença amarga entre estes homens e aquella boneco. Na honesta permuta deste, entre a sua fidelidade divertida de cumprir o que promette e a clara inconsciencia dessa casta de homens devotos e conservadores, de nada prometter e de cumprir tudo o que a vontade do outro lhes ordena, em troca do Nickel Gordo, váe uma superioridade distincta que o exalça e o torna digno, envolvendo-o numa atmosphaera de intellectualidade.

Aquelle boneco, no brilho forte dos seus olhos, guarda o humor na propria miseria e ri do entrelaçamento das mulheres simples e dos homens frageis, assistindo-lhe as chalaças e as grosserias e folgando debaixo daquelle céu impio do repinicado dos beijos sem sabor e dos langores fingidos... E os homens dessa casta nobre e incondicional não ríem, não espetam um dedo independente e discordante, e téem, entretanto, todos os movimentos que o nosso augusto Pae deu aos seus filhos augustos naquelle memoravel dia!

São bem mais infelizes com o seu Gordo Nickel do que aquella boneco sinistro e leal, aviso util aos Insubmissos e aos Insaciaveis.

\* \*

Aquelle boneco da *Maison Moderne!*

FRANCISCO SERRA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

## AS LIGAS DE ALUMINIO

Por maiores que sejam os defeitos reconhecidos no aluminio, apóz o entusiasmo do primeiro momento, não se deve cair na exaggeração em sentido contrario, porque esse metal póde prestar importantes serviços sob certas condições e fórmias, offerecendo qualidades especiaes de liga.

Sendo todos os fabricantes de aluminio interessados na vulgarisação do conhecimento dessas ligas, a Companhia de aluminios de Neuhausen pediu á repartição de ensaios de materias da Escola Polytechnica de Zurich, lhe fizésse uma série de analyses do bronze de aluminio e, tambem, procurasse os effeitos da addição de determinadas quantidades sobre o bronze.

Nesta parte das investigações, ficou demonstrado que, até um certo limite, o cobre se torna mais duro, á medida que a proporção de aluminio augmenta; depois, como acontece, frequentemente, em semelhante materia, o metal amollece, de repente, pela liga. Nas ligas fortes desta ordem, se obtem o maximo de resistncia com 1/4 % de metal addicionado, ao passo que, quanto ás molles, o maximo de estabilidade se encontra na proporção de 3/4 %. A resistncia á tracção diminúe parallelamente ao augmento da proporção e bastam 2 % para tornar o metal obtido absolutamente imprestavel.

Fracas proporções de *silicium*, addicionadas ao aluminio, augmentam, consideravelmente, a sua dureza, mas diminúe muito o esforço de ruptura. Reconhecem-se, além disso, que bronze de aluminio, contendo 10 % deste metal e um composto de ferro e *silicium* na proporção de 1/5 % do total, se torna muito quebradiço para qualquer applicação, como se verificou por experiencias de ruptura e de fractura, a frio, pelo martello. Nesses ensaios a frio, diversos bronzes manifestaram uma tenacidade, verdadeiramente, notavel; demonstrações analogas fóram feitas quanto aos bronzes aquecidos a rubro e até cêrca de uma temperatura de 6000. O aquecimento os torna, geralmente, molles e muito plasticos; são maleaveis, laminam-se e moldam-se; devem, por consequencia, dar bons resultados quando se trata de punccional-os, de estiral-os e transformal-os em folhas. A temperatura mais favoravel, no ponto de vista da ductibilidade, é a do vermelho cereja claro, sendo que o augmento das proporções de *silicium* e aluminio abaixa a temperatura necessaria a essas operações.

Fizeram-se experiencias de uso pelo attricto ao contacto de um disco fundido, continuamente lubrificado. Os

mais duros bronzes, os que continham menos de 89.6 % de cobre, accusavam menos gasto que o metal de forro de eixos, submettido, simultaneamente, ás experiencias. O contrario, porém, acontecia com os bronzes molles. Os que continham menos de 6 % de aluminio aqueciam, de repente, ao contacto do disco metalico.

Entre as conclusões dessas experiencias, chega-se á opinião de que o emprego dos bronzes de aluminio não é impraticavel como capacidade e em fôrros. A liga que offerece melhores condições de estabilidade para a laminação, é a que contém entre 10 e 8 % de aluminio e *silicium*; acima de 10 %, a fragilidade é notavel; abaixo de 8, a estabilidade é muito baixa.

(La Nature)

\* \*

## GUTTA-PERCHA ARTIFICIAL

Este producto foi obtido pelo chimico suiso Gentsch. Affirma a *Electrotechnisch Zeitung* que é absolutamente similar ao producto natural, e custa muito menos.

A gutta-percha Gentsch é um composto de caoutchouc puro e de resina de palma. Os dous corpos téem o mesmo ponto de fusão e não se pódem separar, ainda que se esfriem.

A gutta-percha artificial amollece mais demoradamente que a natural, e a sua resistncia elastica é um pouco superior.

Para experimental-a, construíram-se cabos de 24 kilometros de comprido, e os resultados obtidos, até agóra, são bons.

O novo producto só tem um inconveniente, e é que, sendo mais viscoso que a gutta-percha natural, não serve para fazer soldaduras. Remedeia-se isso, empregando, para fazel-as, uma camada de caoutchouc puro.

\* \*

## AS ARVORES NA ALLEMANHA

A legação italiana de Munich acaba de informar ao seu governo do augmento que, na arborisação das ruas da Baviera, vão tendo as arvores fructíferas.

Nas principaes, abundam as pereiras, macieiras e nogueiras, as quaes, além de aformosearem os passeios, proporcionam uma consideravel receita aos cofres municipaes.

A vigilancia do arvoredo importa, annualmente, em 2,76 francos por cada arvore, e, como se obtem um rendimento de fructa de 9,30, termo médio, resulta um beneficio liquido annual, por arvore, de 6 e meio francos ou um total, approximadamente, de 1.202,686 francos.

A cifra, como se vê, é importante e o exemplo digno de imitação, já não dizemos a nosso respeito porque nós tratamos florestas e mattas da maneira mais carinhosa... em beneficio de carvão e de lenha para o consumo das nossas estradas de ferro.

\* \*

## A SEDA VISCOSA

A seda é um genero de primeira necessidade, imprescindivel para a mais bella porção da humanidade. E como a natureza reduziu a existencia do bicho que lhe produz a materia prima, a certas zonas, a quantidade fabricada é progressivamente inferior ao consumo, por sua vez, sempre crescente. Da raridade nasce a carestia e desta a elevação de preço que faz da seda o eterno sacrificio da bolsa dos maridos, dos paes pobres, cujas mulheres e filhas não são menos faceiras que as suas congeneres opulentas. Dahi, as fraudes grosseiras, as contrafacções engenhosas da industria, que impinge mesclas de algodão e de lã com todas as apparencias encantadoras da sêda pura.

O meio unico de baratear o precioso estôfo seria tirar ao artista primitivo, o vérme humilde, o privilegio de lhe fabricar a materia prima: é isto, precisamente, o que se conseguiu com a *seda viscosa*, uma extraordinaria victoria do homem contra a natureza.

Na fabrica dessa preciosidade, perto de Stettin, trabalha-se activamente, e duzentos homens pódem produzir, diariamente, 500 kils. de seda. As despesas dessa fabricação não excedem, inclusive a mão de obra, a 1.500 frs. ou 2 frs., 87 por kil., quando o preço da sêda vulgar attinge a 30 francos.

A materia prima da *seda viscosa* é a pasta de papel que os chimicos chamam cellulóse, transformada por uma habil mistura de sôda caustica em alcali-cellulóse, que se dissolve no sulfureto de carboneo. Dessa série de manipulações, sáe um residuo que, conforme as sabias fórmulas da chimica organica e a cellulóse sexanthato de sódium, que, de accôrdo com os felizes inventores, foi denominado — *viscose*, o embryão da seda artificial, que, depois de clarificado em abundante agua, é reduzido a fios quasi microscopicos, passando por processos que constituem o segredo da invenção, consistente, em particular, na trituração.

O fio de cellulóse puro, torcido, e accommodado em turbinas, é tratado em diversos banhos de composição variavel, nos quaes o acido sulphurico e chlorydico representa importante papel.

A seda viscosa não amollece n'agua, nem perde a sua força, tendo o aspecto das mais bellas sedas chinezas.

## FARIAS BRITO

## VI

O capitulo com que se abre a primeira parte da *Finalidade do mundo*, trata dos dois grandes problemas fundamentais de toda sociedade humana — o direito e a moral — e, portanto, dos dois objectos da philosophia na sua função pratica.

E' claro que estes dois problemas não têm o character de irreductibilidade: poderíamos reduzir ainda toda a existencia da sociedade a uma simples manifestação ou phenomeno moral. Ora, sendo esta a sciencia mais complexa de todas e sendo producto da philosophia — segue-se que a philosophia é a função mais alta do espirito humano.

De sorte que não é necessario distinguir na philosophia os intuitos praticos e os fins proprios ou theoreticos: mesmo creando a sciencia (função theoretica) vem a crear, e por isso mesmo, a moral.

Trata, em seguida, o auctor de estabelecer as bases para julgamento da conducta ou das acções humanas. «De dois modos pôde o homem proceder na sociedade: de conformidade com as suas convicções ou de conformidade com as suas conveniencias. Pôde-se, pois, estabelecer como regra que o gráu da moralidade está na razão inversa do sacrificio das convicções a conveniencias. Assim, aquelle que nunca sacrifica suas convicções a conveniencias, é um homem perfeito.»

Aqui, parece que ha uma petição de principio. — E si as convicções que se não sacrificam fôrem menos nobres que as conveniencias relegadas? Realmente, a fórmula é a que nos dá o auctor; mas, os elementos que entram nella é que precisam de ser examinados. De facto, eu não me julgo no caso de dar sentença a proposito ou sobre uma certa acção, só porque me disseram que o agente se conduziu de accôrdo com as proprias convicções, fiel á propria consciencia. Naturalmente, preciso de saber o que é, como é a consciencia desse homem.

Farias Brito mesmo nos previne. Depois de dar a fórmula, elle objecta: «Mas, as nossas convicções *variam* e estamos a todo instante sujeitos ao erro: Onde poderemos neste caso encontrar convicções verdadeiras? — Na philosophia.»

Conclúe-se, dahi, que ha talvez uma moral absoluta, um typo supremo de moral; mas, não se concebe moralidade absoluta. A moralidade é sempre relativa: está sempre na razão da cultura. A obra da moral é ir apurando a moralidade. E como da moralidade decorre o direito, fica evidente que a philosophia, como creadora da moral na pratica e da sciencia theoreticamente

— vem a ser a função mais elevada e mais fecunda de toda a nossa actividade espiritual. Mas, uma vez que a moral abrange todas as sciencias que a precedem — porque não havemos de attribuir á philosophia a função de gerar a moral, simplesmente?

O capitulo II intitula-se *O direito e a moral*. Depois do que vimos, aqui só se admite distincção quanto á extensividade dos vocabulos. O direito pôde não estar de accôrdo com a moral philosophica; não se pôde pôr em duvida, porém, que a *moralidade* (quer dizer — o que se constata na collectividade como obra positiva da moral) é que determina, orienta ou produz o *direito*. Por outros termos: o *direito* decorre da *moralidade* das gerações, como a moralidade das gerações é fructo do esforço philosophico pelo triumpho contínuo, progressivo da moral absoluta.

Quer-me parecer, por isso, um tanto artificial a divisão de dominios que faz o auctor entre morale e direito: «o dominio do direito — professa elle — é a obediencia necessaria do cidadão ás leis politicas; o dominio da moral é a consciencia do individuo» — portanto a obediencia ás leis moraes. E tanto assim que o proprio Farias Brito, logo adeante, nos diz «que o direito é a propria lei moral, com esta differença — que no dominio do direito a lei moral é assegurada coactivamente pelo poder publico. Assim — a lei moral é o todo, de que o direito é apenas uma parte; nem outra cousa pôde ser imaginada, sendo que o direito, nascendo da politica, que é uma concepção da sociedade, não pôde deixar de estar subordinado á moral, originada da philosophia, que é uma concepção do mundo.»

Perfeitamente.

No capitulo III — *A philosophia e seu objecto* — analysa Farias Brito as diversas escolas, desde Thales até Comte e Spencer, declarando-se em completo desaccôrdo com estes ultimos, quando «confundem a sciencia com a philosophia.»

No IV capitulo, manifesta-se francamente contra o erro do positivismo, que condemna a metaphysica — julgada pelo auctor, e com razão, como «uma necessidade fundamental do espirito humano». «Neste ponto — escreve — Schopenhauer tem razão quando diz que o homem é um animal metaphysico, porquanto em todos os tempos o homem sempre se esforçou por elevar-se á explicação ultima das cousas, e em sua ancia de saber é certo que não se satisfaz com o conhecimento do phenomeno — quer conhecer o que ha acima do phenomeno e lhe serve de causa, aspira ao conhecimento da *cousa em si*.»

E' excepcionalmente notavel este capitulo. Em absoluto, estou com Farias Brito. Nem posso conceber philosophia sem metaphysica, mesmo por-

que isto de metaphysica andamos em vespera, talvez, de reconhecer que é nada mais que uma pura convenção do espirito philosophico, e uma convenção devida á insufficiencia do nosso senso, e, portanto, falsa. A metaphysica é a vida mesma, a alma da philosophia. Quando muito, poderíamos ficar com Schelling, acceitando a discriminação de *philosophia da natureza* e *philosophia transcendental*. Mas, ainda neste caso: como diz o nosso philosopho, si bem que «distinctas e mesmo oppostas» e si bem que «cada uma procure absorver a outra» (o que aliás não entendo bem, pois o que se dá é que andam ambas à *l'insu* uma da outra) ha para ambas um principio commum: é que as leis da natureza devem ser encontradas immediatamente dentro de nós como leis da consciencia, ao mesmo tempo que as leis da consciencia devem poder ser verificadas no mundo exterior, onde se acham como leis da natureza.»

Estas palavras são altamente sabias. Para reduzir á unidade aquellas duas philosophias ou, antes, aquelles dois ramos ou divisões da philosophia, basta reflectir no desapercibimento com que, ainda hoje, entendemos por natureza sómente aquillo que fica accessivel á nossa visão, sómente a materia tangivel, *abstractum* de forças ou séde de phenomenos que incidem sob o nosso senso actual.

Mas, francamente, com que criterio delimitamos o mundo dos phenomenos naturaes? Por outra fórmula: — onde é que começa para nós a super-natureza da metaphysica?

ROCHA POMBO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

## A VIDA

(NUM ALBUM)

Vida — punhado de areia  
Morte — rajada de vento !...

GUERRA JUNQUEIRO.

A vida é sonho para quem véla:  
será realidade para quem dorme?

OLIVEIRA MARTINS.

O meu amigo Oliveira Martins disse que a vida é *um sonho*; o meu amigo Guerra Junqueiro disse que é um punhado de areia. Se é sonho, é o unico que vále a pena sonhar; se é areia, é a unica sobre que vale a pena edificar.

EÇA DE QUEIROZ.

\*  
\* \*

## MULHERES

Se ha quem diga que as conhece  
Aposte. Digo que mente.  
Mas tambem não me parece  
Que haja alguem tão imprudente  
Que diga: conheço-as eu.  
Aposte e veja: — perdeu.



Se por teimosas não cedem,  
Aqui lhes ponho um exemplo :  
Atraçoam quando pedem,  
Orando dentro do templo ;  
Não atraçoam ? Casou  
Quem tal affirma :—e ganhou ?

Inda estou pelo que disse :  
Se rezam, o que duvido,  
Quizéra que alguém ouvisse  
A reza toda, o pedido,  
Por quem era não sei eu :  
Pelo marido ?—perdeu.

Eu que affirmei que não era,  
As provas vejo deante ;  
Se a oração foi sincera  
E' tinha ao lado o amante.  
A quem commigo apostou  
Pergunto agóra :—e ganhou ?

A aposta é breve e singela :  
Sim ou não ? Diga, responde ;  
Por quem rezaria ella ?  
Embóra as razões esconda,  
Não diga :—conheço-as en :  
Aposte, veja, e—perdeu !

LUIZ AUGUSTO PALMERIM.

\*  
\* \*

DISCURSO do sr. Affonso Celso Junior, a proposito do movimento de varias camaras municipaes, no sentido de ser destituida a dynastia e mudada a fórma de governo.

.... ..

Hoje, é innegavel, a mocidade que surge das academias, dos seminarios, do exercito, da armada, é francamente republicana.

O SR. ZAMA:— Nos seminarios, não.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Nos seminarios mesmo é francamente republicana, ou, pelo menos, indifferente á forma de governo. A imprensa mais popular, mais lida, a mais apreciada, é republicana.

O SR. ARAUJO GÓES:— Qual é? Na Côte não ha nenhum orgão republicano.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Isso é querer tapar o sol com uma peneira. Então a imprensa é sinceramente monarchica ?

Mais ainda : Martinho Campos declarou uma vez, em plena Camara, que tinha vergonha de ser monarchista; e o meu illustre amigo, deputado pelo 1º districto de Pernambuco, em quem eu vejo um dos futuros e mais solidos sustentaculos da causa monarchica...

O SR. JOAQUIM NABUCO:— Presente.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR — ... presentes e futuros, declarou tambem, em pleno parlamento, que neste paiz havia mais coragem em ser monarchista do que em ser republicano.

O SR. ARAUJO GÓES JUNIOR:— De certo, porque os republicanos sobem mais depressa. (Riso).

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— O partido republicano é hoje um partido militante em S. Paulo, no Rio Grande do Sul, em Minas Geraes e no Rio de Janeiro.

Tem mandado deputados ás assembléas provinciaes, já os mandou a esta Camara; e na provincia de S. Paulo está em maioria em grande numero de camaras municipaes. Ha 10 annos, ninguem fallava em republica

Hoje, raro é o dia em que na tribuna e na imprensa não se clama por ella, e o governo ouve os brados, sem os poder reprimir.

Juntai a isto as exigencias de reformas, que cada vez mais accentuadamente se fazem sentir; a precaria situação em que nos achamos em relação á crise de trabalho; as conquistas, que o espirito publico foi effectuando, e respondi-me, em consciencia, si não vem perto talvez a victoria do sentimento republicano que tem calado fundamentalmente na alma nacional.

Não ha no Brazil uma unica classe interessada directamente na manutenção da monarchia. A classe mais poderosa, mais conservadora, a lavoura, mostra-se hostil ás instituições.

Não temos tradições monarchicas, não temos aristocracia.

O primeiro rei que pisou as nossas plagas, veio da Europa apossado pelo perigo.

O primeiro Imperador, não obstante haver concorrido efficaçmente para a nossa emancipação politica, nove annos depois foi banido do Imperio.

Tudo isso, sr. presidente, está mostrando que o governo conservador, o primeiro defensor do throno, não podia nem devia ficar impassivel, como se mostrou o nobre ministro do Imperio ante os pronunciamentos symptomaticos da opinião publica, feitos pelo orgão das camaras municipaes.

O SR. ALVES DE ARAUJO:— Apezar de tudo, o paiz é monarchico.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Como pôde o nobre deputado affirmar-o? Nunca tivemos guerras dynasticas, como nunca tivemos feudalismo, de que derivasse espirito monarchico. O povo é, quando muito, indifferente á forma de governo.

Basta recordar, demais, que todas as manifestações da vitalidade nacional no Brazil, têm sido em pról da republica. Foi republicana a revolução de Minas, do Tiradentes; fôram republicanas as revoluções de Pernambuco de 1817 e de 1824; foi republicana a revolução do Rio Grande do Sul em 1835; foi republicana a revolução da Bahia de 1837; e assim muitos outros movimentos significativos, sempre em pról da republica. (Apoiados).

Na época da Independencia, existia um partido democratico organizado, disposto a proclamar a republica, para o que aguardava a partida do principe regente para a Europa. José Clemente Pereira fez allusão a esse partido no discurso que determinou o celebre — Fico. Nos ultimos annos do primeiro Imperio, periodicos numerosos prégravam a republica federal.

No seio da primeira Constituinte, alguns deputados propuzeram que se elaborasse a Constituição sem consultar o Imperador, devendo este submeter-se á decisão ou resignar a corôa. (Apartes).

Logo apóz a abdicación, surgiram varios projectos republicanos. O ultimo foi de Antonio Ferreira França, dispondo que o Imperador ficaria desde logo deposto, deixando o governo do Brazil de ser patrimonio de uma familia. (Apartes).

Mas, que mais factos se fazem mistér

em comprovação do meu asserto de que a indole do paiz e as suas tradições o predispõem para outra fórma de governo, si no proprio seio do gabinete encontro francas adhesões ás idéas republicanas?...

Não ha trez annos, o illustre sr. ministro da Agricultura terminava vehemente discurso, exclamando que ao povo nada mais restava sinão recolher-se ás suas casas para assistir das janellas á passagem dos funeraes da monarchia.

O SR. RODRIGO SILVA (ministro da Agricultura) dá um aparte.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Não é licito á minha phrase tósca, reproduzir a fórma brilhante de v. ex.; mas, o pensamento foi esse.

O meu eloquente amigo, ministro da Justiça, com cujas idéas adeantadas sempre tive a fortuna de me achar de accôrdo, mais de uma occasião asseverou, solemnemente, que toda a sua vida era um protesto contra o Principe usurpador, e concitou os liberaes, os conservadores, os republicanos, os homens de todas as seitas a se reunirem á roda do estandarte da liberdade constitucional, para sacudirem o jugo de uma omnipotencia usurpadora e illegal que tem estragado todas as forças vivas da nação, e que não pôde ser melhor representada que dizendo-se: ella é o deficit e o deficit é ella!... Accresce que nesse ponto recebeu apoiados do honrado deputado pelo 11º districto do Rio de Janeiro, o mais puro representante das idéas conservadoras no Brazil.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA dá um aparte.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— O governo, pois, como quer que seja, não pôde fechar os olhos ao movimento que se agita.

O SR. ZAMA:— O que elle tem de melhor a fazer é mesmo fechar os olhos e ir por deante.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Lavra descontentamento surdo e immenso por todo o Imperio. Ninguem está satisfeito. O partido conservador arroga-se o papel do liberal; de sorte que, em breve, veremos em pratica o *steep chace* de reformas de que se arreceiava o rei Leopoldo. As provincias estão quasi em bancarrota. O deficit é permanente. Sommai todas estas parcelas, imaginai o dia em que o exercito do funcionalismo não receber o seu soldo, o que não é difficil de succeder, e confessai que as representações das camaras municipaes devem impressionar seriamente o gabinete que se diz conservador (*Trocáem-se muitos apartes*).

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR:— Não estou fazendo propaganda. Exponho simplesmente os factos. (*Continuam os apartes*).

Rogo aos nobres deputados que me deixem fallar. Estou fatigado.

As minhas condições physicas não me consentem usurpar, por longo prazo, a attenção da Camara.

Por interesse proprio, permittam-me concluir. (*Não apoiados*).

O SR. JOAQUIM NABUCO:— Estamos ouvindo a v. ex., com grande interesse. (*Apoiados*).

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: — Mas o governo recolhe-se aos arraiaes do silencio. Permanece na Capua do indifferentismo, depois de facil victoria sobre a escravidão. Toma talvez por hymnos festivos os toques de clarim que arregimentam forças para proxima e renhiddissima pejeja.

O SR. ZAMA: — Quando apparecer, o governo sacará da espada. (*Riso*).

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: E' ainda significativo o aspecto da Camara.

Acolhe a noticia e a prova de que as instituições perigam, com benevolencia rissonha.

O nobre ministro do Imperio exhibe a maior tranquillidade.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — E' que não acredita nessas prophcias de máu agouro.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: — Nas de Thiers, que eu recordei ao começar, egualmente ninguem acreditava. A physionomia do sr. ministro é prazenteira.

O SR. ZAMA: — E' sempre assim.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: — Oxalá se conserve de tal fórma por dilatado tempo.

Mas, o que está patente é que a monarchia não dispõe nesta casa de defensores entusiastas e ardentes que se irritem e se inflammem ao ouvir que todos os elementos conspiram contra a sua permanencia.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Peço a palavra.

O SR. AFFONSO CELSO JUNIOR: — Vou terminar.

No poema estranho do Ahasvérus, em que, no dizer de Pinheiro Chagas, palpitam as convulsões da alma humana na sua laboriosa gestação de um idéal religioso, poema de que a litteratura patria possúe hoje uma admiravel paraphrase, na *Comedia dos Deuses*, de Theophilo Dias, mais do que uma poesia sublime, ha uma lição profunda na grandiosa scena do diluvio.

O Creador Supremo ordena ao oceano que vá apagar a terra, como phrase incorrecta, mal escripta em seu soberbo livro.

O oceano corre a cumprir o mando irrevogavel.

No vertice do mundo apenas resta a torre de um rei, que se banqueteia, rodeiado de seus principes, e que desdenha a onda invasora que já abranje a planura, pois, embóra sobreponha vaga sobre vaga, jámais ousará roçar a altura do seu paço altivo, onde, demais, os guardas feis não de repellil-a, si se atrever a querer entrar.

Si o oceano viésse, diz um dos satrapas, seria para lamber os pés ao monarcha. Ou para trazer-lhe um diadema entrelaçado com as suas perolas e coraes, lembra outro satrapa.

O rei rejubila... Enumera as suas grandezas, recorda o seu poderío, exclama que o mar, antes que a alvorada aponte, terá da taça vazia sorvido o ultimo trago e que para os soberanos não se acabará nunca a vida dos patriarchas.

Nisto, escuta um ruido como o de uma onda batendo num penedo, e abalroando-o.

Pergunta o rei, ancioso, o que é:

«E' o gemer funereo da plebe vil que se lamenta», responde o primeiro satrapa.

Mas, o ruido avulta, augmenta...

«E' o soluçar do teu imperio» accrescenta o segundo satrapa.

O rei tranquillisa-se.

Recomeça o festim.

Que importa que o mundo se despedace sob seus olhos como um navio roto? Não lhe merecerá isto mais que um sorriso.

O oceano é longinquo.

Jámais contou os degraus infindos do régio palacio, degraus de marmore e de bronze.

E' uma creança desvairada! E que os seus pés não resvalem os preciosos ladrilhos!

Cuidado em não manchal-os com a sua saliva!

A torre é inviolavel e sagrada.

Ninguem a vingará sem vertigem.

Quando muito, o rei condescendente lançará ás vagas revoltas e importunas, uma migalha da sua festa, para que ellas se desviem e sigam outro caminho.

Mas, batem á porta impetuosamente.

O rei pede socorro.

Os satrapas não mais o conhecem e procuram fugir.

— Quem está?! pergunta o monarcha, espavorido.

E' o oceano que exige entrada, indomavel, brutal.

O rei humilha-se... Chama-lhe invencivel e pergunta-lhe o que deseja, o que busca.

— Quer o seu manto real?

Tremendo, lh'o atira. O oceano zombeteia...

O manto régio é pequeno demais para os hombros do gigante.

O rei lhe offerece, então, a sua maravilhosa taça de ouro e convida-o a beber um vinho extraordinario.

O oceano ri-se.

Que ha que lhe possa lenir a sêde?

O rei tira desvairado a corôa para depô-la na frente humida do monstro.

Este a rejeita, preferindo o diadema das vagas triumphantes.

E váe subindo; senta-se á meza do festim; senta-se no throno.

Bóia um flóco de pallida espuma, onde existiu um mundo...

E victorioso supremo, dilatando o olhar pelo seu illimitado dominio uniforme, vendo nas ondas subditos feis, nos rios humildes escanções, certos de que tudo se dobrará á sua vontade, que poderá levantar e derribar, ao minimo palpito de seu peito, mugidoras Babeis, elle desdobra satisfeito o seu infinito manto, em que, mirando-se, flameja a fonte de todo o calor, de toda a vida, de todo o movimento — o sol, — symbolo augusto da liberdade! (*Muito bem: muito bem. O orador recebe muitas felicitações*).

(Discurso pronunciado, na Camara dos deputados, na sessão de 6 de junho de 1888).

## CARTA DE CAXAMBU'

### A VIAGEM

As descripções de certas viagens são os escriptos menos rectilíneos e uniformes, que se pôdem imaginar. E' que o estylo deve, de algum modo, pela simples inspecção dos seus traços geraes, dar uma idéa precisa do assumpto tratado.

Como viajei eu, por exemplo, da gare da Central á gare de Caxambú? Em linha recta, em estradas duma mesma bitola? Não. Os trez trens em que andei, descreveram milhares de curvas, subiram serras, desceram morros, entraram em tuneis, collearam valles, atravessaram paysagens tristes e alegres. Milhares de aspectos diversos da natureza, contemplei; em dezenas de lugarejos, fiz parada. Como redigir, então, quatro paginas eguaesinhas, para vocês lerem, sem pittoresco, sem estações, sem trechos claros e sombrios, sem solavancos ou baldeações? Certo que não é possível. Escreverei, pois, ao sabor das recordações que me viérem, das sensações que me voltarem, nitidas ou quasi apagadas. Farei os meus kilometros de linha de papel pautado, sem fugir ás observações que me acudirem, sem fechar a portinhola ás boas ou más impressões da minha viagem.

Estamos, portanto, entendidos. Peço na minha caneta, no meu *block*, no meu tinteiro e no meu *louvre*, e, para lhes ser agradavel, volto ao ponto de partida, ao Rio. Encho-me de coragem; a minha penna mergulha na tinta preta, ageito o papel em posição conveniente á escripta; e a viagem que fiz em dez horas, tornal-a-ei a fazer em meia hora, batendo todos os *records* de rapidez.

O pensamento, mais veloz que o automovel, a bycicleta, os expressos ultra-modernos e os cavallos pre-historicos, vencerá a distancia Rio-Caxambú, em algumas dezenas de minutos, em alguns milhares de segundos. Foi ás 6.36 da manhã do dia 5, que eu comprei um *ticket* de passagem na Estação-Terminus do Campo de Sant' Anna. A's 7.20, com vinte minutos de atrazo brasileiro, deslocou-se o comboio em que vim, do gigantesco pavilhão de ferro, onde elle estava a carregar passageiros, malas, saccos e caixas de generos. Muito povo nos carros. Como era domingo de carnaval, era para verificar como a gente se aborrece no Rio, a ponto de fugir-lhe, mesmo nos dias das suas festas mais animadas e tradicionaes. O trem varou a zona suburbana, aristocraticamente rapido, atravessando, a toda a força, os bairros pobres. Comecei a reparar, desde então, o muito pouco de terra cultivada que ía encontrando,

pelo caminho : um metro de terreno plantado aqui, quatro palmos, mais adiante, dous e meio, leguas depois. Bôa terra brazileira, não sei de que vive a pobre gente, amarella de doenças chronicas e miseria irreparavel, que vegeta ao sol tropical, ao longo das tuas linhas ferreas, por este interior afóra, sem plantações extensas, methodos de cultura aperfeiçoados !

Fiz 366 kilometros, e não vi um arado pelos campos, uma só machina agricola, em movimento ou não. Si vi algumas nesgas de terra cultivada, não lobriguei, pela janellinha do wagão, um só homem de lavoura, no gesto admiravel do sementeiro, que pintou o grande Millet. A natureza parada, o homem inerte. Aqui, a natureza não produz erupções vulcanicas, inundações, desmoronamentos de neve; é uma natureza pacifica, bonacheirona, cheia de seiva, espreguiçada ao sol. O homem, sem bravura para o trabalho, boquiaberto, torpemente bestificado ante a tarefa immensa do povoamento, do plantío, da colheita, da exportação !... A impressão penosa que causam todas essas planicies abandonadas, todos esses morros ferteis, sem agricultores intelligentes, que tragam a essa imensidade inculta um pouco de vida !...

O trem ía, entretanto, com a sua machina gritadora, fabrica inexgotavel de fumaça e estrépito, numa marcha morosa de horario descansado ; mas a fazer barulho como um *train-éclair*. Às vezes, cruzava-se com outro, e era como, no desenrolar de uma trovada, a passagem de dous raios que, em sentido contrario, seguissem linhas parallelas. Normalmente, estrondeava á vontade, em violento chocalhar de ferragens pesadas, numa eterna arruaça de destruição, numa prodigiosa raiva de não estar a triturar alguma coisa sob as suas rodas sobre que arfavam toneladas de ferro, mercadorias e passageiros. Em muitos trechos, pastos, onde bois e vaccas e novillos, rumiavam.

Lembrei-me de Franc-Nohain, desse excellente poeta pariziense, fazedor de versos amórphos, genero de poesia creado directamente por elle, e de que uma das obras primas é o livro das *Canções dos Trems e das Estações*.

Que pensaria da payzagem a locomotiva, que suggestões teria ella a contemplar aquellas vaquinhas com os seus bezerrinhos, pela herva do campo vasto e livre ? ! Franc-Nohain, numa das suas canções, faz uma locomotiva se impressionar vivamente com o espectáculo, e suggestionada a não poder mais com essas instigações á vida simples, ter a idéa bucolicamente genial e adoravel (dous adjectivos fluminenses, e não de Caxambú) de ficar tambem pr'alli, estirada numa sim-

plicidade primitiva, com uma porção de locomotivinhas,

*Avec des petites locomotiveau*

Vê-se bem que trata o poeta de uma locomotiva franceza. As nossas locomotivas da Central, de fabricação *yankee*, Baldwin ou Brooks, não terão tido nunca, ao que me parece, o pensamento hyper-sentimental (para uma locomotiva norte-americana, está visto) de ficar ociosamente fóra dos trilhos, a apascentar pequenas Baldwins a minusculas Brooks. Outras cousas vi e senti eu, estradas afóra, nos wagões da E. F. C. B., da *Minas e Rio* e da *Sapucahy*. Dorsos de montes, verdes, dum verde doirado, dum doirado de sol forte e claro do Brazil. Valles lindos convidando a uma vida alternada de extremo esforço e de completo repouso. Notei que ninguem lia, nem livros, nem revistas, nem mesmo jornaes, no wagon em que vim. As livrarias da Estação-Central e da Estação da Barra do Pirahy, não téem sinão uns livrécos ignobeis, sem actualidade, sem proveito. Ninguem que viaje nesta terra, tráz um livro comsigo, nem mesmo os que embarcam para fazer trezentos e sessenta e seis kilometros de caminho de ferro. Estes e outros assumptos deviam ser ventilados nas Camaras, não lhes parece ? O sr. Mauricio Barrès, estreou no Parlamento, em França, falando sobre bibliothecas de gares de estradas de ferro. Devia haver um deputado brazileiro que, em discurso utilissimo, zurzisse da sua cadeira, não digo o genero de livros que se vendem nas gares, mas sim a incapacidade material do brazileiro para o trabalho da lavoura, a sua incapacidade intellectual para a leitura, o estudo, a cultura do espirito, a nossa incapacidade para a agricultura, prova-se com a nossa pequena producção agricola, como verifiquei, durante a viagem.

A nossa incapacidade para a leitura, prova-se com o pequeno consumo que téem livros no Brazil, como verifiquei, tambem, durante a viagem.

A's 6 e 28, com 30 minutos de atrazo brazileiro, cheguei a Caxambú.

Dir-lhes-ei, depois, o que encontrei. Digo-lhes desde já, no emtanto, que no domingo de carnaval, não houve entrudo aqui, (nem bisnagas, nem rewolvers-seringas, nem relógios espirra-perfumes) o que é para admirar, sendo esta uma cidade d'aguas.

JOAQUIM VIANNA.

#### A LIVRARIA

ROSAS— A. J. ALVES DE FARIAS—TYPOGRAPHIA TEIXEIRA — MARANHÃO.

E' sempre uma cousa irritante e indesculpavel, um livro inçado de falhas

typographicas, e quando ellas chegam á profusão que se descobre no bello volume de versos do sr. Alves de Faria, é desolador, é uma verdadeira tortura para o poeta, quando elle se revela um carinhoso amante da fórma.

A errata do presente volume não evita ao leitor o desgosto de ler, com espanto, entre versos magistraes, alguns positivamente errados e mal soantes, e só a confiança que, logo ás primeiras paginas, adquirimos na sapiencia metrica do distincto poeta do Norte, nos faz crer não se tratar de cincadas suas, sim de desleixo na limpeza das provas do livro, e dahi procurarmos a longa lista de enganos, que figura ao fim do volume, aliás incompleta, pois ainda outros se notam, deploraveis.

E' este um vicio antigo das edições brazileiras, principalmente dos Estados, e nós aproveitamos o momento para exprimir o nosso desprazer pelo máu effeito que causa em geral — a quem conhece os exemplares saídos das officinas europeas, sem um erro, ou, antes, com um leve erro em mil paginas, — essa inqualificavel *gaucherie* das nossas typographias, demonstrando, até nisso, o nosso atrazo industrial.

Entretanto, o arranjo do volume não é máu, dá bôa idéa do que se póde fazer no Maranhão, nesse genero; mas, ainda assim, as *Rosas* do sr. Alves de Farias mereciam uma publicação mais cuidada. Porque ahí se contém muitos versos bons, alguns excellentes.

A poesia *Monologo de um páo* tem grande emoção, suave ternura e forte apparencia de sinceridade. A *Tartaruga* são versos bem feitos, téem idéa original, e a escolha do rythmo e das rimas revela no poeta bom gosto, sem cair demasiado no bizarro.

Não diremos quaes os que nos desgostaram. Póde ser que o que nos pareceu frio e incolor, ou futil e pretencioso, tenha aos olhos do poeta, e mesmo de algum leitor, qualidades apreciaveis... Não é ruim methodo de critica apontar sómente o que encerra belleza e novidade, deixando sob a punição do silencio as cousas detestaveis que nos passaram ante o olhar...

O sr. Alves de Farias tem amor ás rimas raras, e usa-as com habilidade. Não é descabido, todavia, lembrar, quanta aspereza introduzem no verso, rimas como *fincha* e *pincha*, *furia* e *espuria*, *serpe* e *herpe*, sobretudo quando o motivo é suave e as idéas são tranquilladas e doces.

POENTES D'HYNVERNO—PAULO BRANDÃO  
— OURO PRETO

Ouro Preto ! Essa velha cidade colonial tem um encanto raro, que nem a todos commove. A preocupação de buscar em toda a parte o falso conforto e a esthetica barata das cidades

novas, faz muita gente dizer mal da memoravel Villa Rica, por causa das suas ruas tortuosas e ingremes e das suas casas ennegrecidas pelas chuvas, desgostando justamente do que lhe dá uma physionomia unica no Brazil. Não sabem ver a saudade, a poesia que se exála daquellas fachadas seculares, das esquinas com os seus nichos, das pesadas pontes de pedra, das egrejas faustosas, dos quintaes de onde rebentam moitas de roseiras bravas, de cravos e begonias, dos morros alcantilados e estereis, cheios de galerias subterraneas abandonadas, de ruinas de casas nobres, e de onde saíram, para inundar o mundo, milhões de arrôbas de ouro; casas, ruas, estradas, sitios, que nada se modificaram, desde o tempo em que o licenciado Gonzaga namorava, discretamente, dona Maria, e ainda desde os annos de revolta, quando o conde de Assumar fazia arrastar Felipe dos Santos á cauda de duas parelhas, e incendiar as habitações dos mineiros sublevados...

Não perdoaremos ao talentoso sr. Paulo Brandão o viver naquella terra, saturada de poesia legitimamente brasileira, e não nos dar, nas cem paginas do seu livrinho, uma impressão siquer da paysagem ou da tradição daquelle pincaro, rasgado de ribeiros auríferos, onde se casam tanto pittoresco e tanta gloria de uma epocha doirada.

Não lh'o perdoariamos, mesmo se os seus versos fôsse menos banaes, menos influenciados por todos os poetas nacionaes e portuguezes, e se nos déssem alguma impressão de novidade, de pittoresco, de verdadeira intuição da poesia moderna.

Porque, ao envez disso, o sr. Paulo Brandão é pobre de inspiração, pobre de imagens, pobre de rythmos. Possúe, é verdade, um ou outro soneto, como *Sonho Pagão*, que tem certo relevo de fórma e uma idéa brilhante. Mas, Deus meu! com taes qualidades medicres, ha por ahi uma infinidade de ver-sejadores brasileiros.

Para findar, notemos que o livro dos *Poentes d'Hyverno* tem tambem a sua errata...

Deploravel!

L. B.

---

## O ALMIRANTE (22)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

---

### CAPITULO XIII

Amelia indicava a Oscar o contraste da baroneza e Dolores com a meiga Marianninha, que alli estava, num recanto do salão, com Hortencia e Laura, muito interessadas por um dos meninos, a recitar, graciosamente —

*No Lar*— os bellos versos de Casemiro de Abreu. E contemplavam os dois a belleza desse grupo, onde se destacava a suave alegria da mãe fecunda, victoriosa na florescencia da próle, daquella senhora simples, vigorosa e bella, sem a preocupação de o ser, realçadas, numa sobriedade de adornos, as suas purissimas fórmulas perfectas, modeladas nas dobras de um vestido trabalhado pelas suas mãos abençoadas, sem o auxilio da arte mercenaria de alto preço, sem os excessos custosos das officinas da nobreza, fornecedoras da casa Imperial, como indicavam as taboetas hieraldicas auctorizadas por decreto. Marianninha não frequentava os *ateliers* de pomposo renome, onde se encontravam, diariamente, as bellas em vóga, senhoras respeitaveis e mundanas avariadas pela demasiada evidencia, que fana as mulheres como o sol desbota o colorido e suga o perfume ás flôres. Ella não frequentava esses logares dos *rendez-vous* elegantes, onde se misturavam em seductora promiscuidade, a nata e o sôro da sociedade, onde se teciam, entre as confecções de estofos, de rendas preciosas, as télas da chicana feminina, entre dejectos de ciúme e de inveja; onde se estimulavam as mães, esposas e filhas em porfias ruinosas pelas victorias do bom gosto; onde, finalmente, se faziam valiosas relações as camaradagens amaveis, e a chronica dos defeitos, das miserias intimas das clientes, em confidencias ás costureiras indiscretas, ás contramestras cavilosas e peritas na arte de vestir e desnudar, pondo em relevo as opulencias que devem ser vistas e escondendo ou corrigindo as sovinarias da natureza.

Quantos romances, quantas comedias surgiam, commovedores ou ridiculos, daquelles covís perfumados, e iam rebentar em desenlaces tragicos nos recêssos dos lares conspurcados.

Amelia, com a immunição dos raros fios de prata que lhe irrompiam, precoces, por entre os cabellos, aventurava considerações austéras sobre os costumes faceis, as leviandades toleradas, que se generalisavam como um contagioso traço de chic das mulheres de alta cotação, como brilhante marca de destaque para a aquisição de logares selectos no convívio social. As senhoras de bem, apesar de formarem, para honra da familia brasileira a grande maioria, não se podiam subtraír a esses defeitos do meio, onde iam germinando os elementos de perversão: evitavam-no, mas não o combatiam, como esposas e mães, para preservarem os filhos, que seriam as victimas dessa tolerancia criminosa.

Oscar sorria dessa severidade puritana e observava a Amelia que em todas as sociedades, principalmente nas mais cultas, esses desvios se re-

produziam com maior intensidade e constituíam o aspecto pittoresco, o escabroso, o accidentado da paysagem das grandes agglomerações humanas, onde os impulsos irresistiveis do movimento atiram os individuos para idéas communs; comprimem-nos em promiscuidades inevitaveis, nos choques de interesses, de aspirações, na lucta pela vida, nas miserias, nas victorias, nos desastres, impossibilitando as selecções criteriosas. Além disso, nesse afan de marchar, de fluctuar no dôrso da onda para não ser tragado por ella, não se pôdem perceber os perigos, nem evitar os deslumbramentos, as fascinações do que se figura o gozo, a alegria de viver, a incontinente avidez de sensações novas, requintadas.

— Imagine — dizia elle — a nossa sociedade carióca subordinada aos preceitos dessa moral de restricções inexoraveis, de austeridades estiolantes, como a regra de um claustro, recatando em densos véos pundonorosos as suas perfeições como defeitos, que se escondem; imagine essa aglomeração, preocupada com a virtude e o peccado, sitiada pela obsessão das normas puritanas, e teriamos um povo de tristes, estagnado na monotonia da vida patriarchal, na immobilidade da innocencia tímida. Isso é incompativel com a densidade da população, absorvendo o individuo, annullando-o nos grandes conjunctos desfórmes, compostos de coisas deseguaes contradictorias, bellas e repulsivas e, todavia, harmonisadas pelos sabios processos da natureza. E as convenções imperiosas, dominadoras, vão nivelando as desigualdades, preenchendo lacunas, amenisando o que é áspero, attenuando as monstruosidades e gerando essa tolerancia, que você reputa criminosa, para as fraquezas, para os vícios, para os desvios daquelles que não pôdem ser perfectos. Eu sou um tolerante, sou um caridoso por temperamento e, talvez, por egoismo, para me poupar o trabalho de corrigir o incorrigivel e viver na serenidade da submissão á fatalidade dos factos. E, por isso, estou aparelhado para todos os desastres, todos os accidentes da vida.

— Mas-- tornou Amelia, envolvendo-o num olhar de censura—nem todos se formam como você, Oscar, na aprendizagem do perigo, do inconstante, do inesperado da profissão de homem do mar. Nós, mulheres, vivemos na tranquillidade do lar, educadas na preocupação de evitar tudo o que nos possa prejudicar, de fugir ás seducções dos exemplos contagiosos, ás tentações fascinadoras, e, por isso, somos timidas; não temos meios e, ás vezes, coragem para nos defendermos.

— Porque não conhece o inimigo, nem as suas armas, nem os seus processos insidiosos. O excessivo recato

da nossa educação primitiva, patriarchal, pouca as faculdades da mulher, enfraquece-as para a funcção na vida moderna, onde se lhe ampliaram as árias de actividade, descortinando-lhe novos horisontes. E a prova disso é que você tem instrucção, que seria perigosa cincoenta annos atrás, auferida da observação. dos contactos inevitaveis com a gente que está fóra das suas normas rígidas e muito louvaveis, mas muito subjectivas, sem applicação á vida como ella é, e será, apesar dos freios da moral e da religião, os quaes, por sua vez, se vão amenisando á pressão das circumstancias, das exigencias do meio, em todas as relações sociaes, constantemente modificadas pela renovação infinita dos seus elementos essenciaes.

E como Amelia meneiasse a cabeça num gesto de duvida, Oscar continuou:

— Eu não pretendo persuadil-a, Amelia, dessas verdades evidentes; respeito os seus escrupulos e admiro a energia com que defende as suas opiniões; mas tudo, neste mundo, está organizado contra as indicações da natureza, em nome dos aperfeiçoamentos do progresso, das conquistas da sciencia e das variadas influencias, permanentes ou accidentaes, que actuam sobre a humanidade, impondo-lhe movimento, marcha, e lhe modificando os costumes e os destinos, sob condições, puramente, convencionaes. Por isso, não praticamos aquillo que queremos, mas aquillo que devemos, num regimen de preceitos, que se não inspiraram nos nossos instinctos, nas nossas tendencias de temperamento, nas exigencias do nosso organismo, das nossas aspirações. O individuo se escravisa á sociedade em que vive, com funcção insignificante no mecanismo da collectividade, de que elle é uma mollecula inapreciavel, cuja atrophia, cujo desaparecimento não o perturba. Citou, ha pouco, esse melindroso caso do recáto feminino, muito expressivo para revelar a força das convenções. Você, por exemplo, não seria capaz de usar, habitualmente, em casa, entre os seus, mesmo no recésso purissimo do seu quarto, um vestido decotado; entretanto, não hesita em expôr, num theatro, num salão, resplandecentes de luz, apinhados de pessoas estranhas, o seu cóllo virginal.

— Porque é o estylo; é a moda.

— E o estylo, a moda são convenções pelas quaes você seria fulminada, como senhora bisonha de máu gosto, se se apresentasse com um corpinho afogado até ao pescoço. Uma senhora considerar-se-ia profanada, insultada, se um cavalheiro lhe enlaçasse a cintura, num passeio, numa conversação affectuosa; não ha, porém, mal algum em se entregar aos braços de um homem, ás vezes conhecido ha instantes, e girar com elle, juntinhos, numa valsa volu-

ptuosa. E' que o pudor não passa de um esmalte encantador, imposto pela convenção á innocencia da mulher primitiva. O traje foi um castigo á desobediencia de Eva.

Nesse momento, a baroneza de Freicho, que bebia de longe as palavras de Oscar, manifestou evidente inquietação, torceu-se na poltrona como se a pungisse dôr recondita; seu rosto de bonéca se deformou nuns traços de angustia e seus olhos, brandamente languidos, se abriram numa dilatação de terror. Ella agarrou-se a Dolores e lhe deixou cair no hombro a cabeça desfallecida, ao passo que nos labios, rubros de carmin, lhe expirava um gemido lancinante.

E como os circumstantes se acercassem assustados, Dolores, com um sorriso, os tranquillizou.

— Não é nada—disse ella, agitando um léque de plumas, deante do rosto da baroneza— Isto passa. Ella deu, agóra, para esses faniquitos.

— Que é isto, Yáyá? !—exclamou o barão, entrando, violentamente, no salão, e, approximando-se da esposa— Que foi?

— Não vê?—respondeu-lhe Dolores— uma das taes vertigens. Olhe, barão, suspirou, está abrindo os olhos; volta-lhe o calor. . . Que fracalhona! . . .

E a baroneza, erguendo, devagar, o delgado busto, envolveu Oscar num languido olhar supplice.

— E' esse maldito espartilho—proseguiu o barão, mal restaurado do susto e banhado em suor— Safa! que não ganho para os sustos que esta querida mulhersinha me prega por dá-cá-aquella-palha! . . . Tenho-lhe dito um rôr de vezes, já estou cansado de martellar, que esse espartilho tira-lhe dias de vida; mas, esta creatura teima em apertal-o... até lhe cortar as cadeiras...

— Que foi—indagou d. Eugenia, que tambem fôra, como a marquezeta de Uberaba, attraída pela vóz dolente do barão.— Venha commigo, baroneza; venha repousar. . .

— Oh!—tornou o barão— Eu sei que tudo isso é utero. mas não me posso habituar com esse chiliques.

As moças se retraíram confusas. Amelia mediu a gorda estatura do barão, com um olhar cheio de repugnancia. Marianninha sorria de compaixão, ajudando Dolores e d. Eugenia a conduzirem a baroneza á camara proxima.

— Isso começou por umas dôres aqui no utero, lá nella—explicou o barão, dirigindo-se a Oscar e indicando, com a colossal mão de creança, o baixo ventre— Depois, foi augmentando, augmentando, até prival-a quasi de andar. Dias ha em que não se pôde mexer, sem gemidos que cortam o coração. Em vão, lhe indico medicos, os melhores doutores da Côte: os meus conselhos entram-lhe por um ouvido e saem-lhe pelo outro. Ella lá tem seu

medico, seus remedios, suas manhas... E ahi está, meu caro senhor, a minha vida, o inferno em que vivo, com uma mulher doente ás costas, cheia de arrelias, de queixumes, de suspiros... a falar em morrer, sempre fatigada de visitas, de festas, que sei eu... voltando para casa escangalhada, moída. indifferente. Eu já não posso com o raio desse esterismo. . . Ah, meu caro, o casamento é uma loteria. A gente se deixa levar pelas apparencias e quando pensa que se benze, quebra o nariz. . . Entretanto, se não fôra essa maldita molestia! . . . Só eu e Deus sabemos o pedaço de mulhersinha, que allí está...

Oscar fez ao barão um silencioso cumprimento, e observou-lhe:

— Porque não tenta uma diversão deste centro fatigante para as senhoras elegantes, uma fugida para o campo, para uma das nossas pittorescas praias? O clima marinho, o isolamento e o repouso são os melhores calmantes para os organismos demasiado vibranteis.

(Continúa).

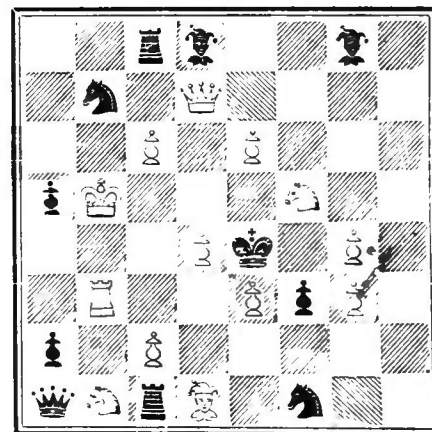
### BAGAGEM INÉDITA

Foi um dos melhores refôrços do elogio funebre do poeta Raul Braga, a piedosa historia de que o infeliz deixou cêrca de quinze volumes inéditos, todos, mais ou menos, de romances. Coube á *Noticia*, o nosso grave e calmo confrade da tarde, esse espantoso record de sensação. Agóra que passou o *bohemio* e fica, como quer que seja, scintillando a memoria de um tão fino e tão prodigo artista, resta não furtar á litteratura da lingua portugueza, esse precioso e ignorado mantimento. Por isso, não deixa de ter explicação a noticia de que o *Circulo dos Reporters* váe-se commetter a tarefa, indiscutivelmente gloriosa, de publicar o segredo espiritual de quem espalhou tanto talento por esse mundo de jornalistas. . .

### DIVERSÕES

Problema n. 19

PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, e dão mate em dois movimentos.

### SALVE RAINHA !

Salve, Rainha ! Mãe de Misericórdia !  
 Plena de Paz, de Amor e de Concordia !  
 Salve, Rainha ! Mystica doçura !  
 Esperança de toda creatura !  
 Salve, Rainha, dentre as mais Rainhas !  
 Açucena florindo dentre as vinhas.  
 A Vós bradamos, desta horrivel tréva,  
 Nós, os degradados filhos de Eva !  
 Nós, os filhos da Eva, os degradados  
 Pela noite maldita dos peccados.  
 Nós, os filhos do desgraçado Tédio,  
 Desse veneno que não tem remedio.  
 Nós, os tentados pelos Satanazes  
 Que de todos os crimes são capazes.  
 A Vós, Rainha, afflictos suspiramos,  
 Suspiramos, gememos e choramos.  
 Choramos todos nesse escuro valle,  
 Que outro não ha que pelo Espaço o eguale.  
 Neste valle de lagrimas soturnas  
 Como si rebentasse de atras furnas...  
 Neste valle de lagrimas tão cruas  
 Como si viéssem de sinistras luas...  
 Eia, pois, ó Rainha Advogada  
 Da nossa vida lôbrega, isolada...  
 Os vossos olhos misericordiosos  
 Que se abram sobre os nossos, lagrimosos.  
 A nós volvei os vossos meigos olhos :  
 Claros pharóes nos miseros escolhos.  
 A nós volvei taes fontes de piedade,  
 Taes fontes de doçura e claridade,  
 A nós volvei taes vasos crystallinos,  
 De aromas exquisitos e divinos.  
 E depois nos mostrae, neste desterro  
 De tão longos desertos feitos de erro ;  
 E nos mostrae, depois de tudo isto,  
 Ao vosso amado Filho, Jesus Christo.  
 A esse do vosso ventre excelso Fructo  
 Meigo, casto, suavissimo, impolluto.  
 A esse que o vosso seio em lyrios trouxe,  
 O' clemente ! ó piedosa ! ó sempre doce !  
 Sempre doce e idéal Virgem Maria,  
 Origem da sagrada luz do dia.

Rogae por nós, ó Santa Mãe de Deus !  
 Rogae a esse que governa os Céos !  
 Rogae para que todos nós sejamos,  
 Amparados nos braços que almejamos  
 E para que alcancemos os louvores  
 E as promessas ás nossas grandes dôres.  
 Rogae por nós, Estrella de aureo Bem,  
 Rogae por nós, por todo o sempre. Amen.

ARAUJO FIGUEIREDO

### ALMA CRENTE

Ferva a hedionda Babel que a teus pés se esborôa,  
 Alma ! resurgirás do pelago infinito ;  
 Si sempre para o céu é que a esperança vôa,  
 Si é sempre para Deus teu derradeiro grito.

Triumpharás, emfim, na fé que te agrilhôa,  
 Clame, embóra, e esbraveje, em seu furor maldito,  
 A turba ignara e vil que anda ladrando á tôa,  
 Contra céos, contra Deus, pregando extranho rito.

Reine e cresça a sisania, o interminavel cahos  
 Dos que não querem ver, continuarás de pé,  
 Illuminando os bons e confundindo os máus,

E, ao Diluvio final, como outr'óra Noé,  
 Verás tua Arca santa, ao sossobrar das náus  
 Fluctuando á mercê para o Ararat da fé.

Ceará, 1905.

SOARES BULCÃO

### DANTE

A EURICO CRUZ

Dante ! Extranho pharol no mar da Dôr humana !  
 Nobre Archanjo revél de azas de Luz e Tréva...  
 Como te sei amar quando teu genio eleva,  
 Sobre abysmos e céos, minh'alma soberana !...

És o fecundo sol que me ampara e me enleva,  
 Alteando-me o valor na lucta mais insana...  
 Ao sereno clarão que de teu seio emana  
 Nem sinto a poeira vil onde o Odio a fome céva...

Não sei como galgar, de terceto em terceto,  
 A Chamma, o Assombro, o Orgulho, o Amor, o Mal secreto  
 De teu Poema a vencer no arrojo o Oceano eterno...

Ler-te é mais que tentar uma escalada aos Astros...  
 Mais que ver, do Infinito, o Universo, de rastros,  
 Nos circulos fataes do tenebroso Inferno !...

1905  
 (Das *Aguias Negras*)

A. S. DE CASTRO MENEZES

## CLASSIFICAÇÃO DAS SCIENCIAS

LIBERATO BITTENCOURT—COM UM PREFACIO DE SILVIO ROMÉRO—RIO, 1904.

Tenho já, ha muitos dias, em meu poder este opusculo de que prometti fallar, e agóra me encontro quasi sem a coragem de cumprir a promessa; — porque era intenção minha fazel-o de modo que correspondesse, integralmente, á sympathia e admiração que tenho pelo auctor. Entretanto, a *Classificação das sciencias* deixou-me aquem da esperança com que iniciei a leitura.

O livro é bem escripto, em linguagem simples, clara e não raro elegante. As reflexões e affirmativas que ahi se deparam são (tomadas em particular) razoaveis, discretas e até algumas vezes, excellentes.

A composição nas suas particularidades é verdadeira; no seu conjuncto, porém, é falsa; evidentemente porque o conjuncto não representa aqui a somma das particularidades. Onde vem, pois, esta antinomia? Attribuil-a-ei ao livro ou ao leitor?

Explicuem-nos.

A *Classificação das sciencias* não é simplesmente uma distribuição das sciencias, sob qualquer criterio que se queira adoptar. E' certo e é trivial cousa saber que podemos distribuil-as adoptando *qualquer* base para um systema de distribuição.

Assim o faz o bibliothecario quando organiza os seus catalogos ou o mesmo livreiro quando lhe apraz dispôr os livros do seu estabelecimento; mas nestes dous casos citados, como em outros congeneres, deixa a *Classificação* de ser um problema philosophico e é meramente uma questão pratica sem importancia e sem interesse algum, fóra daquellas restrictas applicações que no momento a determinaram.

Por isso mesmo, toda a *Classificação de sciencias* que não responde aos reclamos da philosophia, é, permitta-se-me dizer, pouco menos que um exercicio logico ou uma futilidade.

Ora, ninguem de bôa fé, e muito menos eu, poderia negar ao auctor o conhecimento da questão philosophica em geral e das idéas preliminares, que preside a taes trabalhos.

Basta ler o que elle proprio escreve á pag. 16. «O espirito humano, essencialmente coordenador e philosophico, resolveu a difficuldade (da multiplicidade dos phenomenos) grupando mais ou menos consideravelmente todos aquelles que guardam entre si inteira semelhança, indo então cada um de taes grupos constituir uma sciencia á parte. De modo que só por facilidade de aprendizagem, simplesmente por uma questão de methodo, a sciencia que é unica, vê o seu campo dividido em um

grupo mais ou menos numeroso de diferentes ramos de conhecimentos, a que se tem dado e se póde continuar a dar o nome de sciencia.

Todo este trecho é um desmentido ao essencial do livro, é uma refutação cabal ao opusculo e por isso foi que eu disse que só um critico de má fé poderia mesquinamente negar ao auctor a intelligencia completa do assumpto que escolheu.

O defeito do livro está num só equivoco fundamental. O auctor classifica, em vez de sciencias, as materias de estudo usual da *engenharia, medicina, arte militar, etc.*, as quaes só correspondem *mais ou menos* e sempre imperfeitamente ás verdadeiras sciencias.

Não ha classificação possivel e imaginavel que possa tomar como unidades a *hydraulica, navegação, machinas, balistica, therapeutica, hygiene* e quejandas...; a unica cousa que neste assumpto uma classificação poderia fazer, era partir em mil fragmentos esses compostos argamaçados pela commodidade pratica e professional. Tomar, pois, essa heterogenea desordem da pratica como estados essenciaes e formar e assentar uma classificação nestes compostos hybridos e incongruentes, será dar largas á fantasia, mas não é responder á questão philosophica fundamental, que consiste, como bem diz o auctor, em mostrar que ha uma unidade integral do saber humano. Não é, pois, regra que se formem as syntheses por meio de compostos que de si já são outras syntheses e, nesta especie, syntheses imperfeitas, antinomicas e disparatadas.

Acredito, pois, que, sem embargo de conhecer a importancia philosophica do problema da classificação das sciencias, Liberato Bittencourt apenas quiz responder a essa questão: — *qual é a melhor classificação das sciencias que se hoje estudam nas escolas e nos limites em que ellas se estudam?*

Acredito que respondeu bem e deu uns ares de discussão philosophica ou scientifica a uma questão de terceira ou quarta ordem, que não merecia tanto aparelho especulativo.

Tambem o auctor estende além de limites razoaveis a liberdade do neologismo. Assim, por exemplo, a *Geographia* deixa de ser o que sabemos que ella é e passa a ser e incluir a topographia, geologia, navegação e biologia (!!), etc. E' evidente que á *geographia* deu o auctor, o sentido de uma grande classe de sciencias referentes aos phenomenos terrestres: aqui caberia formar um novo nome e não utilizar o antigo que tem sua definição propria.

Dividindo as sciencias praticas em dous grandes ramos—o da *Geographia* (a terra) e a *Sociologia* (o homem)—; o auctor, entretanto, colloca no primeiro a *politica, a nacionologia*, (sic) que só caberiam no segundo.

Esta mesma *nacionologia* não pude alcançar o que significa; o auctor declara, aliás sem a intenção de definir, (pag. 59) que lhe compete «a formação dos diferentes Estados, sua importancia, riqueza, commercio, industria, desenvolvimento etc. tudo emfim que lhe affecte a existencia, o desenvolvimento e progredir.» Não é claro, quando se attende a que o mesmo auctor admite como sciencias diferentes desta e até de outra classe: a historia, o direito, a economia politica. Nem se trata aqui da *ethnologia*, cousa diferente no conceito do mesmo auctor. Assim, pois, temos um grave neologismo que indica uma sciencia nova, a *nacionologia*, que ninguem percebe o que é.

A mesma definição, que transcrevi um pouco acima, é de si mesma um deploravel equivoco, porque confunde *nação e Estado* e define um pelo outro. Será preciso ainda insistir nisto e dizer, por exemplo, que a Austria é um Estado, mas não é uma nação? que a Allemanha e a Italia só recentemente são Estados, isto é, organização politica, mas nunca deixaram de ser nações? que na Suissa não ha nação e ha um Estado?

O conceito de nação nada tem que ver com «o commercio, riqueza, industria, etc.»

Na formação de *neologismos*, observarei ainda que não tem lugar essa facilidade com que o auctor transfere de umas sciencias para outras palavras de definição e uso consagrado, como já notei a respeito da *Geographia*. O auctor chama ainda *phonologia* (nome consagrado na linguistica) ao estudo geral do som, na physica e ao que supponho—tambem é seu o termo *photologia* (estudo da luz); são innovações que não me parecem bôas, accrescendo que para a *phonologia* do auctor já ha *acustica*, termo latino sempre preferivel ao grego e, ao demais, muito conhecido, e ha *Optica* para a *Photologia*.

Apezar disto, as reflexões do auctor a proposito das diferentes sciencias, ainda quando contestaveis, são sempre interessantes ou suggestivas. O capitulo mais fraco (e é realmente muito fraco) é o da *Sociologia*. O auctor tem do *direito*, por exemplo, a concepção *aprioristica* dos antigos, e delle diz que «é o supremo regulador dos actos do homem»; e é identico conceito que attribúe á *economia politica* «suprema reguladora da vida politica»; temos pois, sciencias, (se o são) regulando actos e factos e phenomenos. Repete-se aqui o eterno equivoco de tomar-se como *sciencias* nessas applicações, imperfeitas e sempre variaveis, e é por esse motivo que o auctor envolve na sua classificação tanta cousa instavel como a *hygiene, therapeutica e estabilidade das construcções!*

O capitulo mais solido e, sem duvida, superior a todos, é o da *Sciencia mathematica* (pag. 35 *et sequi*); faço, todavia, uma restricção quanto ao vezo do auctor de incluir as *applicções* como subdivisões das sciencias respectivas; se a *resistencia dos materiaes e estabilidade* figuram ahi na *mechanica*, não sei porque razão o auctor, por exemplo, não incluiu a *escripturação mercantil* no calculo dos valores ou arithmetica.

Aqui termino esta rapida apreciação do interessante opusculo de Liberato Bittencourt.

O dr. Sylvio Roméro, que escreveu um elogioso e bello prologo para este livro, diz, ao concluir, a respeito da classificação das sciencias, que «o ponto de vista do auctor é perfeitamente dispensavel para todo o espirito que lhe apprehenda o verdadeiro e especial sentido.»

Estou, pois, inclinado a crer que ha insufficiencia da minha parte; e digo-o de boa fé; não tenho pelos estudos philosophicos maior interesse que o commum ao simples homem de letras, sempre aterrorizado com o estigma de *incompetente*, que é sempre a primeira palavra e o primeiro argumento dos scientistas, sempre muito vaidosos da sciencia que sabem ou que não sabem.

Este caso, porém, é muito differente; ha entre mim e o auctor um fluido de sympathia e admiração que não posso esconder. Estou acostumado a notar em Liberato Bittencourt as suas excellentes qualidades de escriptor e jornalista, o seu estylo, facil, suave, que o torna lido e apreciado.

Seria, porém, cousa indigna de mim substituir a minha impressão sincera, erronea ou exacta, por uma louvaminha inutil e palavrosa, que aliás não aproveitaria ao auctor, que já goza merecidamente de justa reputação litteraria.

J. RIBEIRO

### Projecto de Reforma Monetária no Brazil

#### *O verdadeiro papel de um banco emissor*

Pela fiscalisação effectiva, exercida sobre as operações, sobre o banco emissor, o governo deverá velar pelo fiel cumprimento das condições seguintes:

1º — Que a circulação fiduciaria, qualquer que seja o seu volume, augmentada com as contas correntes credoras, depositos embolsaveis á vista, tenham sempre, como lastro, um valor, pelo menos, equivalente em especie, letras, valores de commercio, let-

tras de cambio, adeantamentos sobre valores moveis cuidadosamente escolhidos, todos a prazo não excedente a noventa dias;

2º — Que no lastro do valor da circulação, a moeda ouro em caixa seja, pelo menos, igual ao terço da circulação calculada ao par;

3º — Que a parte disponivel do capital do banco, depois das despesas de installação, e suas reservas sejam, convertidas em valores internacionaes de primeira ordem, podendo ser facilmente realisadas em ouro á primeira necessidade;

4º — Que o total da circulação fiduciaria não possa, jámais, exceder ao limite, fixado por lei, salvo auctorisação do poder executivo;

5º — Que o banco não se empenhe em obrigações importantes excedentes ás attribuições estabelecidas nos estatutos, e evite tomar á sua conta ou commanditar empresas industriaes, commerciaes ou agricolas.

Este paragrapho 5º merece algumas explicações complementares.

\* \* \*

Imagina-se, ás vezes, que um banco emissor pôde ser instrumento do credito universal, que além de sua função de regulador da circulação monetaria nacional, deve ser, ao mesmo tempo, banco de desconto, hypothecario e agricola, o que importa em grave erro, salvo quanto ás operações de desconto de valores bancarios a curto prazo e adeantamento sobre valores moveis, que constituem uma fórmula do desconto: as demais operações são, radicalmente, contrarias aos principios fundamentaes garantidores da boa função de um banco emissor, que não tem, sómente, a responsabilidade do capital social e dos interesses particulares, que representa como sociedade anonyma: tem, ainda, e sobretudo, a responsabilidade de sua circulação fiduciaria, o principal instrumento de tróca do commercio interior, a pedra angular do seu cambio exterior, da riqueza e do credito publicos.

Si o banco emissor ficar strictamente dentro de sua função monetaria, si não emittir notas sinão sobre lastros de especies metallicas, como faz, por exemplo, o thezouro dos Estados Unidos com os seus certificados ouro, assegurará, evidentemente, á sua circulação uma garantia perfeita, mas não realisará lucros; prestará, apenas, aos grandes interesses do paiz, serviços muito relativos.

Ajuntando, porém, á sua função de banco emissor, a do desconto, proporcionaria, directamente, ao commercio nacional, facilidades de credito relativas ás sommas que pudesse utilizar nas operações particulares dessa fórmula

de negocio bancario. Mas, para evitar que essas operações possam tornar-se um receio, um pretexto de depreciação do valor da circulação fiduciaria, é, absolutamente, indispensavel que sejam o menos aleatorias possivel, e, em todo o caso, liquidaveis a curto prazo.

Os accionistas do banco ganharão menos, mas o paiz inteiro lucrará com isso, porque dahi provirá para o credito publico, base de incomparavel solidéz.

Não é necessario que as attribuições do banco sejam divididas em duas repartições distinctas, como acontece no Banco da Inglaterra. Nos casos ordinarios, o systema inglez nenhum inconveniente apresenta; mas, desde a situação do mercado monetario se apertar um pouco, a sua applicação tornar-se-á complicada e, muita vez, ameaçadora para o commercio indigena, porque a carteira de emissão reduzirá, violentamente, as facultades de credito da carteira das operações bancarias.

O systema do Banco de França, vigorando em todos os bancos emissores da Europa continental, parece preferivel, porque, sendo mais simples e muito mais elastico que o systema inglez, presta-se melhor, e sem perigo, ás exigencias da situação local.

Isto se redúz a uma questão de medida e observação das prescripções dos estatutos.

\* \* \*

A alta missão do banco emissor, fundado no interesse geral, o incompatibilisa com as operações dos bancos hypothecarios e agricolas, as quaes são, por sua natureza, a longo prazo e aleatorias, em outros termos, baseados sobre principios essencialmente contrarios aos fundamentos da emissão fiduciaria.

Não se diga, por isso, que o banco emissor deva desprezar os interesses do credito territorial e agricola: poderá, ao contrario, facilitar a criação de estabelecimentos dessa ordem, prestando-lhes o seu apoio moral e offerecendo-lhes seus *guichets* para a constituição do capital social, para a emissão das obrigações, dando-lhes, emfim, todas as facilidades para operações dentro do quadro de actividade do banco. Deve, porém, abster-se da gestão social ou de assumir qualquer responsabilidade directa ou indirecta.

O novo banco emissor brasileiro, em resumo, deve conservar-se banco de emissão fiduciaria na verdadeira accepção da palavra: é esta a condição essencial para prestar a todos os Estados da União, os serviços de ordem publica, aos ques não se pôde nem se deve escusar.



PROJECTO DE LEI  
para estabelecimento do padrão ouro  
no Brazil

Art. 1.º — A unidade monetária brasileira será o mil réis de ouro, contendo 0 gr. 3661 de metal fino.

Esta lei não terá effeito retroactivo no que concernir ás obrigações interiores e exteriores da União e dos Estados, assim como os contractos particulares celebrados sobre bases de moeda em ouro, os quaes continuarão em pleno vigor apezar do novo valor em ouro dado á unidade monetária brasileira.

Art. 2.º — Serão cunhadas moedas em ouro de 20 mil réis, denominadas libras brasileiras e moedas de 10 mil réis, com o pezo de 7 gr. 322 e 3 gr. 661 de metal fino.

Art. 3.º — As moedas de 20 e 10 mil réis serão cunhadas ao titulo de 900 mos de metal fino e terão o pezo legal de 8 gr. 135 a moeda de 20 milréis e 4 gr. 068 a de 10 mil réis, comprehendendo ambas um decimo de liga.

Art. 4.º — A cunhagem de moedas de ouro de 20 e 10 mil réis é livre e illimitada, em todo o territorio do Brazil, tendo o governo da União o direito exclusivo de fabrical-as, assim como as moedas de prata mencionadas no art. 7.º e seguintes.

Art. 5.º — O governo da União poderá delegar o seu direito exclusivo de fabricar moedas brasileiras ao banco emissor que fôr, ulteriormente, creado; ficando essa delegação, sob a fiscalisação directa do governo, nas condições de custo de cunhagem e nos prazos de entrega das moedas, impostos pelo regulamento respectivo.

Art. 6.º — As moedas de ouro, cunhadas de accôrdo com as disposições dos arts. 2.º e 3.º, terão poder liberatorio illimitado em todo o territorio da União.

Art. 7.º — Serão cunhadas, por conta exclusiva da União, moedas de prata, chamadas fraccionarias, que serão postas em circulação para substituirem as pequenas notas de papel-moeda de 5.000, 2.000, 1.000 e 500 réis.

Art. 8.º — O pezo e o titulo dessas moedas serão conforme o quadro seguinte:

Designação	Pezo legal	Titulo	Pezo de metal fino
5.000 rs.	25 gr. 00	900 mos.	22 gr. 50
2.000	10 " 00		9 " 00
1.000	5 " 00		4 " 50
500	2 " 50		2 " 25

Art. 9.º — As moedas de prata, sen-

do simples moedas fraccionarias, só terão poder liberatorio no territorio da União até 40.000 réis. Nos pagamentos superiores a essa quantia, só serão recebidos a titulo de fracção.

Art. 10.º — A cunhagem das moedas de prata effectuada pelo governo da União, terá um pezo total de 365.400 kilogrammas de metal fino que deverão produzir:

12.000	moedas de	500	réis
18.000	«	«	1.000 «
12.000	«	«	2.000 «
6.640	«	«	5.000 «

representando o pezo total de 406.000 kilogrammas, ao titulo de 900 mos e um valor nominal de 81.200.000 réis.

Os meios e modos financeiros desta operação serão submettidos á approvação do poder executivo, no prazo maximo de trez mezes.

Art. 11.º — A tróca das pequenas notas de papel-moeda, actualmente em circulação, pelas novas moedas de prata, se fará na proporção do fabrico das mesmas moedas, por intermedio do banco emissor, sem despeza para o publico e sobre a base de equivalencia nominal.

Art. 12.º — Uma lei determinará a data em que as pequenas notas não trocadas, assim como as antigas moedas de ouro e de prata brasileiras, cessarão de ter curso no territorio da União.

Art. 13.º — As penas contra os moedeiros falsos e contrafactores de moedas serão as estabelecidas nas leis em vigor.

Art. 14.º — Revogam-se as disposições em contrario.

\* \* \*

PROJECTO DE LEI

para a instituição de um banco emissor

Art. 1.º — Fica instituido um banco de emissão e desconto, sob a denominação de Banco do Brazil.

Art. 2.º — Esse banco terá a séde social na capital da Republica, no Rio de Janeiro.

Art. 3.º — O banco poderá estabelecer succursaes nas capitaes dos Estados da União e nos principaes centros commerciaes da Republica e do estrangeiro, as succursaes ou agencias que julgar convenientes aos seus interesses.

Art. 4.º — A duração da Sociedade, organisadora do banco, será de 60 annos, a contar do dia da assignatura do decreto definitivo.

Art. 5.º — O capital social será fixado, presentemente, em 100.000 contos

de réis, dividido em duas séries de 250.000 acções de 200.000 réis cada uma, sobrescriptas e pagas em numerario ouro á medida das necessidades do banco.

Esse capital poderá ser augmentado até 200.000 contos, por decisões successivas da assembléa geral dos accionistas.

Além do capital social, poderão ser creadas quotas de fundadores, cujo numero e condições de remuneração e pagamento, serão fixados nos estatutos.

Art. 6.º — As operações da sociedade terão por objecto unico, operações de banco relativas ao Brazil, consistindo em:

a — Emittir notas ao portador e á vista;

b — Operações bancarias ordinarias, desconto e cambio;

c — A se encarregar das operações da thezouraria geral.

Art. 7.º — O banco terá o privilegio, em todo o territorio da União, de emittir notas ao portador, pagaveis á vista em moeda de ouro brasileiro.

Essas notas terão curso legal em todo o territorio da União, e serão recebidas em pagamento nas caixas publicas dos Estados.

Até nova ordem, o banco fica dispensado da obrigação de reembolsar suas notas em especie.

As notas do Estado, actualmente em circulação, serão trocadas no prazo maximo de dois annos por bilhetes do Banco do Brazil, salvo os de 500, 1.000, 2.000 e 5.000 réis, que serão substituidas, na circulação, por moedas de prata do valor nominal.

A circulação das novas notas fica limitada á somma existente, actualmente, deducção feita das pequenas notas substituidas por moeda de prata.

a — As notas serão de 10, 20, 50, 100, 500, 1:000 mil réis: sua fórmula, modo de emissão, quantidade de cada cathegoria serão estabelecidas por um accôrdo entre o ministro da fazenda e o banco;

b — O augmento da circulação de notas, além do algarismo inicial, deverá ser approvado por uma lei especial. A somma das notas em circulação não poderá exceder, em caso algum, ao triplo do encaixe metallico em ouro;

c — As notas do banco não poderão ser emittidas sem a firma do director e do commissario do governo federal.

Durante a duração da Sociedade, a União não poderá emittir nenhuma especie de papel-moeda. Constituindo a emissão fiduriaria um serviço de ordem federal, nenhum dos Estados poderá emittir papel-moeda, nem conceder a quem quer que seja a faculdade de emittir notas de banco á vista.

*d*—O encaixe, tanto em ouro quanto em títulos, constitúe a garantia especial dos portadores das notas do banco e, no caso de liquidação deste, o dito encaixe servirá, exclusivamente, para o pagamento das notas ao par.

Haverá uma contabilidade especial para todas as operações de emissão ou retirada de notas do banco.

Art. 8º—As operações ordinarias do banco consistirão :

*a* — Emittir, negociar, comprar e vender letras de cambio, letras e outros effeitos pagaveis no Brazil e no estrangeiro, cujo prazo não exceda de 90 dias;

*b*—Descontar effeitos e saques pagaveis no Brazil em prazo não excedente a 90 dias, tendo por fim operações commerciaes ;

*c*—A fazer adeantamentos por fundos publicos ao prazo de 90 dias, podendo ser renovado ;

*d*—A fazer o commercio de ouro e prata ;

*e*—A receber sommas em deposito ou em conta corrente com ou sem juro;

*f*—A abrir os seus *guichets* a todos os emprestimos, emissões e subscrições publicas ;

*g*—A fazer, em geral, todas as operações ordinarias de um banco de deposito, de emprestimos, de desconto, de cambio e todas as outras a ellas referentes.

Art. 9º—O banco se obriga a fazer o serviço de thezouraria geral do governo federal em todas as localidades onde tiver succursaes ou agencias, em condições que fôrem estipuladas. Será encarregado do serviço da divida ordinaria, da caixa de depositos e consignações, das caixas economicas, montes de soccorro, caixa de amortisação, depositos judicarios, cauções, etc.

Os depositos por conta dessas caixa, serão recebidos e embolsaveis no Rio de Janeiro e em todas as agencias. O emprego provisorio do activo daquella caixa e dos fundos disponiveis do thezouro, assim como os pagamentos, se farão aos cuidados do banco, que terá, para essas operações, contas e carteiras distinctas das suas.

O serviço geral será objecto de um regulamento organizado entre o ministro e o banco.

Art. 10º — O banco fica isento de todos os impostos, taxas, direitos de registro, de sello fixo ou proporcional, de hypotheca, de cessão, de transferencia, de venda, etc., sobre todas as operações, assim como sobre os seus títulos, acções e quotas de fundadores, coupons de juro e dividendo.

Art. 11º—Os Estados Unidos do Brazil, legalmente collocados no regimen do padrão ouro, o banco será o unico encarregado da execução da reforma monetaria e, si fôr convencionado, de cunhar as novas moedas de ouro e de prata, de commum accôrdo com o ministro da Fazenda.

Art. 12º — Para facilitar os movimentos de fundos, o banco poderá emittir ordens de pagamento ou de credito á vista ou a 7 dias de vista, bilhete á ordem, ou chéques visados e pagaveis por elle.

Art. 13º—O banco, como pessoa civil, gosará de todos os direitos dos cidadãos brasileiros. Poderá, portanto, contractar, adquirir e possuir immoveis para as suas necessidades, tomar inscrições hypothecarias, exercer todas as acções judicarias, defender e, geralmente, gozar de todos os direitos concedidos pelas leis aos cidadãos da Republica.

São revogadas em favor do bancos arts. . . do Codigo, e o banco terá o direito, na terminação do prazo do adeantamento e sem retardamento, ou recurso á justiça, de dispôr da garantia afim de se cobrir de preferencia com o principal, juros e despezas.

Art. 14º—O banco será dirigido por um conselho de administração composto de doze membros titulares inclusive o director e de seis suplentes, e por uma commissão da Europa, tendo a sua séde em Pariz ou Londres, composto de dez membros.

Art. 15º—O conselho de administração designará o director, cuja nomeação deve ser ratificada pelo governo, antes de entrar em exercicio. O governo presidirá o conselho de administração e fica encarregado das deliberações do conselho, assim como da direcção de todos os negocios do banco.

Art. 16º—Haverá, além disso, um conselho de desconto, composto de cinco membros effectivos e dois suplentes.

Art. 17º — Os administradores e o conselho de desconto serão eleitos pela assembléa geral dos accionistas. A duração de suas funcções e exonerações serão reguladas pelos estatutos do banco.

Art. 18º—O governo federal exercerá a sua fiscalisação por intermedio de dois commissarios, que fiscalisarão todas as operações do banco, relativas ás emissões das notas e ao serviço da thezouraria, previstos no art. 9º. Elles velarão pela estricta execução das disposições dos estatutos, sem, todavia, se immiscuirem na administração do banco. Poderão assistir ás assembléas dos accionistas, assim como ás reuniões do conselho de administração. Seus ordenados serão fixados pelo governo, de accôrdo com a administração do banco, e serão pagos por este.

Art. 19º—O banco publicará todos os mezes o seu balanço no *Diario Official* do governo da União. Esse balanço comprehenderá o capital social, o montante dos fundos em reserva, o das notas em circulação, o das contas correntes, o dos emprestimos sob caução, o do encaixe e da carteira.

Art. 20º—Os estatutos do banco se-

rão redigidos conforme a presente lei. Depois de aprovados pelo ministro da Fazenda, serão submettidos á sancção do poder executivo e não poderão ser modificados sinão por proposta da assembléa geral e com approvação do governo.

Art. 21º—A subscrição de 250.000 acções da primeira série é obrigatoria para a organização e funcção do banco. O governo deverá verificar si as entradas previstas são effectuadas em numerario ouro.

Art. 22º—A funcção do banco deverá começar no Rio de Janeiro, salvo caso de força maior, no prazo maximo de trez mezes, a datar do dia da notificação official do decreto sancionando a lei.

Art. 23º — Revogam-se as disposições em contrario.

EDMOND THÉRY.

(Conclusão).

#### A ARTE EM PETROPOLIS

A Arte veraneia tambem. E' preciso que ella não deixe em paz e a gosto a burguezia. Ella tambem sóbe a serra... não enfiada, mas bem precisada de dinheiro, que, de resto, é a sua melhor palheta. Tem côr local e temporal dizer que a Arte é, hoje, tanto no theatro como no barro, como na pintura, *mambembe* a mais não poder. Ha, talvez por isso, de vencer. Si não fôr aqui, ai della, será em Petropolis.

Todo o remanescente das exposições alastradas, sempre durante um mez, neste Rio tão máu, entenderen mudar de ar para mudar de sorte. Já foi um bom signal haver inauguração ; que coisas velhas tambem se inauguram. A gente elegante compareceu em grande cheia, a ver aspectos novos... E é nota excessivamente promettedora a presença do sr. presidente da Republica, que prodigalisou muitas animações á Arte. Os jornaes não contaram alguma phrase decisiva de s. ex. Mas, certamente, s. ex. não deixou de tel-a.

Uma vez, um dos nossos presidentes, inaugurando a exposição de um espolio na Escola Nacional de Bellas Artes, pensou, profundamente, deante duns *esboços* de Victor Meirelles, que a Arte podia ser feita sem *esboços*...

—Sim, que é isto ?

—São *esboços* — respondeu um alto funcionario da Escola.

—E isto é preciso para se fazer um quadro ?

—As nossas mães, sr. presidente, precisam de nove mezes para dar os nossos *esboços*. Isto, aqui, não é menos trabalhoso.

Agóra, nada disso houve. Todavia, a *Agencia Havas* esteve a postos.

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1<sup>a</sup> DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O governo suspendeu o estado de sitio com alguns dias de antecedencia ao prazo da ultima prorogação, lambugem que o povo lhe deve agradecer com alguma dessas manifestações muito em vóga na historia dos opprimidos gratos aos oppressores.

O governo — dóe-nos dizel-o — abuzou do estado de sitio, prorogando-o sem necessidade, ou por motivos que permanecem entre as sete chaves das razões de Estado, que sempre fôram razões clandestinas, incapazes das rutilancias da luz, razões absurdas, inconfessaveis. E fazemos estas affirmações fundadas nas declarações peremptorias da auctoridade competente, do depositario dos destinos da ordem publica, o sr. chefe de policia, proclamando varias vezes, em documentos de solemnidade victoriosa, que a ordem publica fôra completamente restabelecida depois das energicas medidas tomadas para a repressão dos culpados pelos acontecimentos de novembro.

Não se pôdem, com effeito, harmonisar essas declarações de quem conhece os segredos da politica militante, de quem tem, nas mãos providas, as tramas subtis das conspirações, de quem apanha e decanta, em subtis aparelhos de analyse, as secreções da alma popular, alegre ou conturbada por desgostos e vexames, que são o germen, o fermento das dispepsias nacionaes; ninguem pôde conciliar as declarações da policia sobre a tranquillidade publica com as successivas prorogações do estado de sitio.

Esse procedimento do governo provocou um conflicto entre a razão e os factos, passou á categoria de um acto de rigor sem causa, e, por conseguinte, desbordou do terreno legal para o terreno escabroso da violencia, minado de escólhos formidaveis para os governos, que devem viver da opinião e da justiça.

Se a policia affirmava que a ordem estava, amplamente, restabelecida, se a funcção do aparelho social se restabelecera, graças á attitude energica e louvavel do governo, é natural que do fundo de todas as consciencias partisse uma reclamação dos motivos dessa contradição apparente, da justificação desse acto que, como medida de extremo rigor, não pôde ser barateado, sem grave leção aos principios constitucionaes. Por isso, lavra uma surda anciedade pelas razões justificativas que o governo dará ao Congresso, na proxima sessão, dessa tão prolongada restricção da liberdade.

Quaesquer que ellas sejam, futeis ou valiosas — sabemol-o de antemão — serão acceitas, applaudidas pelos representantes da nação, anciosos por vagas para demonstrarem o seu apêgo, a sua dedicação, sem limites, ao poder executivo, que continúa a ser, depois do corpo de bombeiros, a unica organização vigorosa e invencivel da Republica.

O voto desses representantes da nação ou, com mais verdade, representantes da desastrosa politica dos governadores, não terá o condão de absolver o governo do erro de abuzar da victoria, mareando o prestigio conquistado pela firmeza patriotica, quasi heroica, do presidente da Republica, no momento psychologico em que os raros amigos ao seu lado e mesmo aquelles que tinham o dever profissional da coragem, do sacrificio até á morte, lhe aconselhavam o desastre de uma fuga vergonhosa, que seria uma calamidade nacional.

As razões do medo se transformam, quasi sempre, depois das victorias inesperadas, em razões de excessos de violencias contra os vencidos, como se os vencedores accidentaes se quizessem desferrar da humilhação, dos sustos que raspam.

E esse medo, remanescente em espectros de suspeitas recalcitrantes, superiores ás evidencias da victoria, in-

spirou, sem duvida, a cautela de entrincheirar o governo nos bastiões do estado de sitio, quando elle poderia confiar, absolutamente, nas garantias invenciveis da sua força moral, do apoio espontaneo da maioria da nação, muito escabriada de motins e dictaduras militares.

Não previram os conselheiros das prorogações que a ostentação arrogante do receio official, chegaria ao grotesco de um espantallo no meio de um campo desolado, sobre o qual as cambachilras da ironia popular iriam pousar irreverentes, gorgeando a canção serena com que as avesinhas do céu celebram a paz da terra. Não previram que, com essas excrescencias de temor á hydra morta, quasi roubavam ao sr. presidente da Republica a honra de passar para a phalange gloriosa dos benemeritos da patria, honra já-mais prevista, já-mais anhelada nas modestas aspirações quietas de um homem honrado, sem ambições, feito para as saborosas delicias do lar e desviado, por temperamento, dos rompan-tes de valentia que fazem os heróes.

E, todavia, esse homem amavel e bom, valioso sem a preocupação de o ser, foi o unico heróe dos acontecimentos: foi o centro de resistencia auxiliado, providencialmente, pela fatalidade, que prostrou, ás primeiras balas, o infeliz general Travassos.

Porque não desobedeceu o inclyto cidadão aos conselheiros das prorogações do estado de sitio, como fez quando lhe aconselharam a fuga? Porque não perdurou no seu espirito recto, aquella divina inspiração do dever civico, quando do céu brusco fugiram as nuvens tormentosas e os horizontes se clarearam aos fulgores da paz?

Uma das preocupações do sr. Campos Salles, era governar sem estado de sitio, apesar das commoções intestinas, das graves perturbações da ordem occorridas no seu quatriennio, como aquelle tremendo caso da S. Christovão, que teve lampeões

quebrados, bondes descarrilhados, cidadãos inermes assassinados, em pleno sol, pela policia desenfreiada, em desapoderadas correrias pelas ruas da capital.

E ninguem lhe pôde recusar louvor por essa abstenção da medida de extremo vigor, que fulmina a maioria de innocentes para a repressão da culpa de alguns discolos, ambiciosos irrequietos ou motineiros profissionaes, quando esteve sob a ameaça de uma conspiração, cujo acto inicial seria a *eliminação*, euphemismo que, nos turvos dias da idade média da Republica, attenuava o grosseiro e cruel vocabulo — *assassinato*.

Sempre que a opposição verberava os actos do sr. Campos Salles, a sua obsecção á influencia de ministros omnipotentes, que transformavam a secretaria em ante-camara de aventuras galantes, ou em beliquetes de amores pagos com as sobras das magnificas liquidaciones; sempre que se lhe indicava como padrão de probidade administrativa, a austeridade inquebrantavel de Prudente de Moraes, os seus defensores, que fôram muitos, repetiam a insinuação de que elle nunca decretára o estado de sitio.

E, na verdade, parece ter sido essa virtude tomada em conta, no juizo benevolo da nação, para absolver o honrado ex-presidente da culpa de ignorancia ou demasiada confiança, punida com amargurados dias de soffrimento.

Os factos de novembro fôram mais graves, a perturbação da ordem foi mais evidente, chegou ao excesso louco de verdadeiras batalhas sangrentas no meio das ruas, e, por isso, louvaram todos o emprego do estado de sitio, decretado pelo Congresso; todos experimentaram um doloroso sentimento de surpresa, quando leram o primeiro decreto do poder executivo invocando a justificação caduca, repellida pela evidencia dos factos.

Mas. para que insistirmos nessas coisas tristes? O illustre chefe da nação deve, a esta hora, estar convencido do erro cujo resultado actual é a calumniosa suspeita de se haver mantido a pressão do estado de sitio para encurralar a consciencia dos juizes, tanto assim que elle cessou com a pronuncia dos culpados militares.

Essa coincidência pôde ser parto do acaso; mas sempre serve de cabo ao machado da opposição.

POJUCAN.

## A CIDADE DA SAUDADE

(Recordação de uma visita á Lapa)

Chovia a cantaros quando, brusca-mente, o trem parou. Pelas vidraças lacrymejantes, via-se a estação modesta e deserta. João Gutierrez, director da estrada, saltou. Saltamos com elle. Estavamos na Lapa.

Além das auctoridades, prevenidas por um telegramma retardado, não havia mais ninguem. Só no banco, um velho dormitava entre trez creanças quietas, que nos olhavam com os seus lindos e pasmados olhos. Eram as trez morenas, do penugento moreno dos pecegos, e os seus grandes olhos estriavam-se d'oiro, tinham reflexos de lagos, tocavam-se de tons lunares. O trem de novo silvou; as auctoridades approximaram-se mais. Remergulhámos no wagon. O céu fiava em torno um nevoeiro de lagrymas. E partimos, enquanto as trez creanças continuavam a olhar, sem curiosidade, a chuva triste.

No outro dia, voltámos. Ainda vinha longe o trem, e já a philarmonica tocava um dobrado. O sol abria no ar a sua doce luz e o céu era de um purissimo azul, de um infinito azul, onde se perdiam o vôo dos passaros e as longas collinas verdes. A' nossa chegada, a banda, um grupo de homens idosos, regidos por um menino de roupas brancas, foi mais estridente, as autoridades appareceram; mas, a não ser as creanças, outras creanças com identicos olhos de sonho, não havia na *gare* uma só cabeça curiosa.

Saímos a pé. Instinctivamente, todos nós sentiamos como o prenuncio de emoções tristes.

As cidades são como symbolos de idéas e de sentimentos. Cada cidade, cada villa representa sempre um estado d'alma. Ha cidades alegres, que riem para a gente e que se deixa com pezar; ha cidades pretenciosas, cheias de filaucia; ha cidades petulantes abertas ao progresso, onde se chega sempre como se fôsse para ficar; ha cidades pobres, que esmolam pelos caminhos; ha cidades, cuja apparencia é a dos bancos em que reflúe o oiro; ha cidades de sonho, onde os poetas são mediocres e toda a gente é poeta... O Paraná, com o desenvolvimento anormal de alguns pontos, tem a especialidade das cidades mortas, que morreram como as creanças, sem tradições. Assim, Paranaguá, á beira do mar, vetusta e tremula; assim Morretes, antigo centro commercial; assim Castro, cujo ar dá a eterna vida.

Os habitantes resignam-se, festejam com hymnos a fundação das cidades, e tudo depende de estrada de ferro. Onde chega a locomotiva, vê-se prospera uma villa; vão mais adeante os trilhos, levam consigo a vida que trouxeram. A culpa é de todos. Um homem faz a sua vida, a multidão faz a vida das cidades, e como não se vê isso lá, as cidades esmorecem e tombam. O Paraná apresenta os grandes contrastes: — cidades que alcandóram progressos maximos, cidades que se sudarisam sem ter vivido. A Paranaguá antepõe-se Curityba, na sua larga ellypse victoriosa; a Castro, Ponta Grossa, com os seus palacetes e a sua cathedral; á tristeza de Morretes, Rio Negro, que é a propria jocundidade.

Todas as cidades, porém, téem uma expressão immediata. Só uma fica no valle, cruxificada nos espaços como o marco das recordações e das amarguras: a Lapa, a cidade da saudade. As ruas largas em ladeira, as ruas estreitas ligando as ruas largas, estão sempre silenciosas e mudas. Na nossa travessia, com as auctoridades, como nós, deslocadas, apenas pelas janellas, pelas portas, as creanças, o bando implume das creanças lembrava a vida, alegrando aquella tristeza, como um tufo de rosas alegre a agonia de um velho muro em ruína.

A Lapa tem para se ver na uberdade dos campos, as suas chagas de guerra, e não falam della os habitantes senão para mostral-a no panico dos combates, ensanguentada e heroica. Poucos passos tinhamos andado, de vagar, na terra molle, quando alguem, estendendo o braço, disse:

— Foi allí que elles acamparam...

Immediatamente, a visão dessa barbara peregrinação parada á beira de uma villa graças á heroica resistencia de um homem, tornou-se nitida. Como foi possivel resistir tanto tempo?

A cidade descendo as ruas para o campo, parece esvaír-se; os federalistas avançavam, os canhões de tiro rapido cobriam as casas de uma contínua chuva de ferro e de fogo; cercand-a toda, os cavalheiros da morte, vestidos de couro, com o machado á cinta, esperavam anciosos o momento da victoria. Não era uma lucta entre a cidade e o invasor: era o combate na propria cidade.

Os homens gaúchos subiam as ruas, espicaçados pelo furor de Gumercindo, a espumar. Naquella terra de paz, porém, onde tudo é harmonia, havia resistencias. Subiam os revolucionarios, luctavam. As cabeças rolavam, tombavam os corpos dos velhos e a força dos jovens; mas, os homens ferozes retrocediam, quebrados d'odio, para ensanguentar os campos, matando rezes, e ouvir o Gumercindo gorgolejar improperios em hespanhol.

Veio, afinal, o triste dia da morte. A

Lapa já não era a florescente cidade, uma das mais importantes... As casas furára-as o contínuo balear; as vidas, ia-as ceifando a lucta. Só Carneiro agia na lucidez do seu delirio heroico, só Carneiro se fazia seguir, á frente das trincheiras, animando a alma agonizante do povo.

Cada palavra sua era um balsamo para os feridos, transformava dôres em sorrisos, rebentava no campo contrario em descargas tremendas. Nesse dia, o general conduzia em pessoa o combate, a trez metros de distancia do inimigo, quando se sentiu ferido. O soldado, que o visára, correu ao campo de Gumerindo:

—Matei-o! disse ao entrar.

Gumerindo prendeu-o.

—Se fôr mentira estás morto, se fôr verdade és official!

Carneiro, conduzido a casa, descrevia o typo que o ferira e pedia a todos fizessem constar leve o seu ferimento. Durante dias, o acampamento viveu da sua coragem. Depois, o annuncio da morte, o pavor, a invasão, as armas brancas degolando e a definitiva tomada da horda selvagem...

Quando se acalmaram os acontecimentos e o Paraná recolheu a ver as suas desgraças, havia nas ruas da Lapa montes de carne insepultos, cabeças em decomposição olhando nos abysmos, braços e pernas esparsos, e o sólo estava coagulado de sangue, de um vermelho que na terra parecia rôxo como o manto do Senhor dos Passos...

Desde então morta, a Lapa vive da saudade.

Nós iammos andando. A cada passo, a vóz de um homem relatava uma acção, um factó. A terra para nós, aos poucos, se solemnizava como uma cathedral onde dormissem reliquias. As vózes diziam:

—Aqui, foi elle ferido... Conduziram-no por aqui. Eis a casa onde morreu...

Já não havia echo de musica. O sol estava mais pallido, muito fraco e pallido, as ruas pareciam maiores, cheias de relva e héra; e as creanças pousadas, com os pés nus, á porta das casas, eram como hostias de innocencia olhando o céo. Dessa atmosphera, dos velhos predios cerrados, dessas creanças esplendentes como figuras de missal, da vegetação de verdes severos e de hortensias azues, vinha-nos uma quebreira muito grande, uma vontade de parar sobre as pedras, onde agonizavam vidas, e escutar a chorar a sua pobre historia.

De repente, demos no largo: era a egreja.

No templo, onde nos seus nichos os santos olhavam calmos, era mais fria a temperatura. Todos ajoelhavam; no ar, os dedos faziam signaes da cruz. Afinal, appareceu o sacristão com as chaves da capella, onde está enterrado

Carneiro. As portas abriram-se, demos numa sachristia estreita, onde ha trez pedras tumulares. A do heróe fica no meio. Ha uma inscripção laconica na parede.

Todos nós estavamos alli como para a eternidade, e ficariamos assim se o commandante José Carlos não se lembrasse de recordar, em discurso, a sua antiga admiração pelo general.

Emquanto José Carlos falava, eu disse para o promotor:

—Como é triste, Deus do céos!

—Pois não é—fez o moço—pois não é? Aos primeiros tempos, quando cheguei, não me continha: chorava todo o dia... Oh! e então, á noite, quando ha luar... tudo é tão claro! As arvores, os campos parecem aljofrados de prantos, e nem rumor.

—Mas, a gente daqui?

—A gente daqui emigra aos poucos; a que resta.

José Carlos procurava o ramo; encontrava-o.

Em derredor, os que nos acompanhavam, assistiam á cerimonia, respeitosos.

Eu já não podia mais, lembrando o perfil do grande homem no tumulto do qual a cidade vive a finar-se, como uma amante apaixonada. Saí para a egreja. Os vitraes do velho templo são brancos, nus, liquidos, deixando ver o céo temeroso, e a terra cheia de recordações.

A egreja é como um relicario onde vive a crença de Nossa Senhora e a do heróe, onde se guarda a Virgem Dolorosa e dorme o que se bateu contra a fatalidade inexoravel; é o proprio hostiario, onde se esphacelam as esperanças da terra. Os muros escorrem lagrimas esverdeadas; no tecto, sombras parecem pulverisar tristezas, um ar de vetustez branqueja as coisas. De dentro, o trecho de espaço e a praça que nós vemos, parecem seculares. Tudo é lendario. Oh! como se comprehende bem o sentido desse qualificativo a que a acorrentaram. A lendaria Lapa, a Lapa das legendas heroicas! Sobre a paz daquelle vergel de bonanças, caíram os demonios de um pezadello eterno, e nunca mais ella viveu senão nas allegorias do sonho, em pleno dominio da legenda. O sudario de lava matou-lhe a realidade; não sabe mais quando o tempo passa:—está extactica á beira da vida, na adoração da epocha morta.

Quando deixámos os velhos muros, ia mais alto o sol, envolto sempre na bruma especial que o empallidecia. Nas ruas, nem semblante d'homem, nem cara de mulher. Só creanças, essas creanças lindas, com a belleza dos narcisos e dos anjos do Senhor, essas creanças cuja pellê lembra as petalas das rosas, cujos olhos da côr das flôres dos campos guardam mysterios e tristezas nas palbebras serenas. Já ahi,

eu apressava o passo. Ou viver eternamente para Deus, nessa vivenda da saudade, ou deixal-a para que não se infiltre a nossa alegria de amargura.

Na *gare*, a banda de homens idosos regidos pelo rapazola, soprava nos instrumentos a sua emoção. E outra vez, o bando de creanças sonhadoramente pouzava debaixo das estantes, como se fôsse voar na onda sonóra, para nunca mais voltar.

O wagon partiu. Abri uma das janellas, olhei. Já distante, na bruma rôxa, a Lapa perdia-se como uma viuva sem esperanças, chorando a sua dôr.

Lapa! a lendaria Lapa, que soffreu pelo Paraná inteiro e é como o perfil da saudade olhando o infinito!...

JOÃO DO RIO.

## ASPECTOS DA GUERRA

NO EXTREMO-ORIENTE—O PAIZ NEUTRO E OS PRINCIPIOS DA CIVILIZAÇÃO EUROPEA—O QUE SOFFRE A MANDCHURIA.

Nos dois exercitos de mais de quatrocentos mil homens, não é para admirar existirem assassinos, ladrões, sádicos, louco e cobardes. Não ha agglomerações humanas sem esses seres anormaes, idiotas, degenerados e monstruosos.

Esses dois exercitos combatem, encarniçadamente, longe do sólo natal, vencendo difficuldades inauditas, supportando fadigas opprimentes. Não ha um soldado, russo ou japonéz, que não tenha visto caírem, ao seu lado, centenas de camaradas; todos elles calculam, com precisão, as grandes forças empregadas para destruil-os. Não se pôde exigir sejam sentimentaes esses homens que vivem na obsessão do perigo, matando e se arriscando a morrer, transformados em tigres pela fatalidade.

Pôde-se esperar que tenham a doçura de um missionario, a comprehensão de um philosopho, a delicadeza de um diplomata; pôde-se suppôr que esses incultos camponezes russos, os seres mais atrazados de toda a população européa, mostrem o discernimento e o methodo de um sociologo em viagem? Esses pobres homens fôram enviados á Mandchuria sem serem consultados, sem se lhes dizer porque, para servirem a uma causa que não comprehendem; permanecem nos seus postos porque não pôdem fugir; expõem-se, a cada momento, á morte, por não terem outro remedio: são victimas da fatalidade ineluctavel. Ora, essa gente precisa de comer quando tem fome, precisa de lenha para se aquecer, quando tem frio: é a guerra.

Eu convessava—refere Ludovic Naudeau—sobre esses assumptos com

um jovem cirurgião militar, um dos que sonham a regeneração do Imperio, um desses entusiastas que, numerosos no exercito da Mandchuria, formarão a classe dirigente da Russia de amanhã. E elle me disse, melancolicamente :

— E' uma féra terrivel, a féra humana, quando inculta, quando insensível á vibração das idéas, aos principios generosos, quando não tem impulsos moraes e é sómente dominada pelos instinctos, embrutecida, pelos trez flagellos — o alcool, a ignorancia e a superstição.

—Concordo e, como o senhor, reconheço que a guerra moderna não se accommoda ao obscurantismo e embrutecimento das massas. Os successos dos japonezes estão demonstrando quanto é necessario que o mais humilde soldado traga para a guerra um pouco de intelligencia e uma ardente paixão. Cada vez mais difficil se torna contar, unicamente, com a obediencia passiva para conduzir ás carnificinas rebanhos humanos, inconscientes de seu destino, ignorantes das profundas razões patrioticas pelas quaes devem fazer o sacrificio de sua vida. Cada vez menos, poderão os governos lançar-se em aventuras e emprehender, futilmente, guerras que não enthusiasmem, que não interessem a maioria do povo. Reconheço tudo isso; mas essa questão de ordem geral não é a que discutimos. E, uma vez que falamos dos sofrimentos da população chinesa, deixe-me externar o meu pensamento : os soldados russos portam-se, aqui, com mais moderação e doçura e menos brutalidade que outros exercitos europeus em condições identicas.

O peor ultrage que os chinezes temem tanto quanto a morte — a violação das mulheres — nunca ouvi dizer que os russos tivéssem perpetrado. Vias de facto, aggressões, crimes têm sido praticados pela escoria do exercito; mas não se devem culpar os soldados; nenhum delles, russos ou japonezes, desde os generaes aos simples soldados, é, individualmente, responsavel dos flagellos que devastam a Mandchuria. O combatente, em uma guerra como esta, não se pertence : é um brinquedo da fatalidade superior; não tem mais livre arbitrio : é um semi-automato; quando não obedece á disciplina, obedece aos instinctos : satisfaz suas necessidades materiaes e physicas; faz victimas, numerosas victimas, das quaes a maior é elle proprio, que não deixou, voluntariamente, o lar, a familia, ignorando as idéas dos chefes a que devem obedecer céga-mente. O soldado é tão responsavel pelas sevicias infligidas á Mandchuria, quanto o cacete pelos golpes que descarrega.

Quando se obriga um homem a transformar-se em féra faminta, não é

para admirar que ella arranhe e mor-da; quando um soldado demore, para fazer lenha, á casa de um camponio, é forçado a isso pela necessidade de se preservar do frio; quando lhe extorque a bolsa, é para comprar pão e tabaco : os principaes responsaveis dessas violencias são aquelles que os conduziram a essas contingencias tristes da guerra, sem cogitarem dos meios materiaes de mantel-a, sem preverem as suas sinistras consequencias. Os culpados são aquelles que, emprehendendo uma guerra num paiz neutro, perpetraram o maior attentado soffrido pelos principios de justiça, depois da abolição da escravidão.

E quem perpetra esse horrendo crime? A Russia, a Santa Russia, o paiz dos devotos, o paiz das egrejas e dos mosteiros; a Russia santa, cujo exercito marcha sob pavilhões sagrados, flammulas de cruzadas, e cujos soldados formam quadrados em volta de grandes imagens douradas que, entre as tendas e os sarilhos de bayonetas, flammejam como sóes! Esse crime é tambem commettido pelo Japão, o paiz dos artistas, dos heróes e dos poetas, o paiz bem amado dos nossos intellectuaes; o Japão que se vangloria de ser o renovador da civilisação no extremo oriente!

\* \*

Essa população profanada, violada, victimas de todas as monstruosidades, é, todavia, neutra.

A culpa unica do mandchú é habitar a sua terra, é viver na sua aldeia. Porque existem? Porque se acham alli, no theatro da guerra e não em outro logar onde lhe evitassem as sinistras consequencias? Terão elles, esses camponios ingenuos, direito á existencia? Com que direito pretendem ser homens e respirar a nossa atmosphaera?

Os japonezes e os russos os lezam, sem sombra de desculpa, sem um pretexto. Esmagam-se essas creaturas como se fôram coisas; ellas são eliminadas, como se faz explodir um rochedo que embaraça o traçado de um novo caminho; marcham sobre ella como se fôram dejectos despreziveis. Concebe-se que japonezes e russos se guerreiem á vontade, mas não téem o direito de fazer a guerra molestando um povo neutro. Emquanto existir um principio de justiça, um idéal, um direito das gentes, os humanos da Mandchuria poderão bradar ao universo impassivel : Soccorro, soccorro : matam-nos!

O crime desses pobres habitantes da Mandchuria, é serem fracos para expulsarem do sólo natal os expoliadores. Ha uma formidavel antinomia entre o sentimentalismo choramingas, entre o humanitarismo dulçuroso que, em certas circumstancias, exhibem os povos civilisados, e a sua impassibilidade

hypocrita, ante os horrores de uma grande guerra e as catastrophes que ella accarreta.

Sociologos da Europa, que reclamaes reformas, que aspiraes aos progressos infinitos e ao dominio dos principios de justiça, cada vez mais effectivos, sobre as relações humanas; socialistas, que fazeis *grèves* e luctaes para obter alguns vintens mais, por dia de trabalho; internacionalistas, que promoveis o desarmamento; sonhadores byzantinos, vinde ver o emprego feito do principio de justiça, vinde ver que a civilisação, longe de ser a dominadora do universo nelle occupa um lugar insignificante. Antes de vos extraviardes em argucias, antes de vos inebriardes em subtilezas causuidicas, vinde ver o que a humanidade do seculo XX encerra ainda de ferocidade céga; vinde ver o estrume em que se transforma, sob os pés dos fortes, uma raça desarmada. Fazei votos para que as nações, onde brotam as mais nobres flôres intellectuaes, onde o pensamentó rutíla, e que são depositarias das idéas sagradas, aquellas onde é permittido fallar de direito e justiça, sejam, ao mesmo tempo, as mais armadas, mais inatacaveis e mais terriveis!

\* \*

Mas, para retemperar um homem ou uma raça, nada ha como a adversidade. As justiçaes perpetradas, na Mandchuria, pelas duas nações que pretendem representar a civilisação moderna, suscitarão vingadores. Nos olhares graves dos meninos de dez annos, quando contemplam o estrangeiro, translúz a alma de uma geração de homens novos. Educados ao ruido do canhão, acostumados a circular nas visinhanças dos acampamentos russos e japonezes, familiarizados, de bom ou máu grado, com as coisas militares, os rapazes de hoje não terão a pusilanimidade de seus antecessores: vêem, ouvem, comprehendem. Devem ser numerosos aquelles que estão convencidos de serem o peor perigo, para um povo, a molleza e a cobardia.

Vendo rebentarem os obuzes japonezes na aldeia natal, fugindo ás balas, vendo galloparem cossacos sob os bellos salgueiros, vendo as suas casas incendiadas, elles pensaram que, neste mundo, não basta ser pacifico para viver em paz; comprehenderam, finalmente, que a frouxidão, a cobardia não impedem os perigos; ao contrario, os attráem e os multiplicam.

Não será em vão que a guerra sino-japoneza, a insurreição dos boxers e o conflicto actual trouxeram a esta parte da Asia, o apparatus do militarismo, e que milhares, milhões de mandchús aprendem, á sua custa, como uma fatalidade inexoravel esmaga os povos entorpecidos, os povos

demasiado prudentes, que renunciaram, á força, a luctarem e a vencerem. Elles verificam de um modo cabal que a bravura preserva mais o homem que a cobardia.

Já se tornam aguerridos esses pacíficos mandchús. Evoluem com o exercito russo ou, na sua rectaguarda, milhares de auxiliares chinezes, cocheiros, moços de estribaria, negociantes, mascates, que exhibem bravura igual á dos camponezes europeus em identicas circumstancias. Observa-se nas ruas de Mukden, como succedêra nas de Liao-Yang, um espectáculo instructivo: meninos chinezes fazendo a continencia militar, assobiando musicas dos regimentos russos; bandos de rapazes brincando de soldado, como os rapazes de França, com carabinas e sabres de madeira.

Estamos já muito longe do pequeno chinez de biombo grotesco com o seu leque e os seus confeitos. Não diremos que esses meninos, esses rapazes serão todos patriotas avidos de desforra, heróes e martyres; mas, é um facto evidente que germina, no paiz, uma nova especie de homens diferentes de seus antepassados, tão beatos, tão doces, tão molles, fosseis, vegetaes de fórma humana que, durante seculos, se accumularam em gerações sobre as planicies da Mandchuria. Os mandchús do futuro saberão querer; terão ambições, saberão luctar e sofrer.

O canhão dissipou a poeira dos seculos, arrancou do somno uma raça chumbada a uma paz incompativel com a combatividade, com a avidez, da especie humana.

Excellentes observadores, como o almirante inglez, lord Charles Beresford, no seu livro — *Partilha da China* — affirmaram que a população da Mandchuria era vigorosa, laboriosa, e a mais energica da China, e poderia, no futuro, fornecer, sob os auspícios de instructores competentes, um excellentes exercito.

\* \*

Fique a Mandchuria sob a auctoridade da Russia, torne-se japoneza ou volva, como aspira, ao dominio do palacio de Pekin, será sempre com a China que ella terá relações intimas, trocas intellectuaes, communhão de aspirações: ella pertence ao mundo amarello e, mais cedo ou mais tarde, voltará a elle.

E quando o patriota mandchú e o instructor japonéz completarem o seu trabalho regenerador, quando se concluir a união dos amarellos, a Europa pagará caro a sua cegueira, a sua hypocrisia, a sua fraqueza e todos os attentados perpetrados em nome da sua civilisação.

LUDOVIC NAUDEAU.

## POEMETOS EM PROSA

(BAUDELAIRE)

UM HEMISPHERIO NUMA  
CABELLEIRA

Deixa-me aspirar indefinidamente a fragrancia de teus cabellos e nelles mergulhar meu rosto, como um homem sequioso n'agua de uma fonte, e agita-los com as mãos, lembrando um lenço aromatisado a sacudir saudades pelo ar.

Se tu pudésses saber tudo o que eu contemplo! tudo o que eu ouço! tudo o que eu sinto em teus cabellos! Minh' alma vagueia sobre o perfume como a alma dos outros homens sobre a musica.

Teus cabellos encerram uma visão perfeita de mastros e de velas, de vastos mares cujas correntes me conduzem a regiões feéricas, onde o espaço é mais azul e mais profundo, e onde a atmosphaera exála o odor dos fructos, das folhas e da pelle humana.

No oceano da tua cabelleira entrevejo um porto cheio de homens vigorosos de todos os paizes que cantam barcarólas melancolicas, e navios de todas as fórmas destacando suas architecturas, finas e bisarras, sob um largo firmamento de eterna calmaria.

Nas caricias da tua cabelleira, encontro a indolencia de longas horas passadas num divan, na camara de um bello navio embalado pela ondulação serena do porto, entre amphoras de flôres e cyatos de refrescos.

No hemispherio de tua cabelleira, aspiro a essencia do tabaco, mesclada com a do opio e do assucar; na noite de tuas madeixas, vejo rutilar o infinito do azul tropical, e nos fios velludos de teus cabellos, embriago-me com os effluvios do alcatrão, do almiscar e do oleo de côco.

Deixa-me morder indefinidamente as tuas tranças espessas e negras. Quando mordo teus cabellos elasticos e rebeldes, creio viver de saudades..

\* \*

## O ESTRANGEIRO

—Homem exotico, que amas tu na vida, dize? Teu pae, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?

—Não tenho pae, nem mãe, nem irmã, nem irmão.

—Tens amigos?

—Proferiste um vocabulo cuja significação me é desconhecida.

—Tua patria?

—Ignóro em que latitude está situada.

—A belleza?

—Divindade immortal, eu a amaria profundamente.

—O ouro?

—Abomino-o, como abominas a Deus.

—E que amas, pois, estrangeiro enigmatico?

—Amo as nuvens. as nuvens que passam.. além. as maravilhosas nuvens!

\* \*

## EMBRIAGAE-VOS

E' necessario ser sempre ébrio.

Nisto está o todo: é a unica questão. Para não sentir o formidavel peso do Tempo, que alquebra os vossos hombros e vos inclina para a terra, é preciso embriagar-vos sem cessar.

Mas com que? Com vinho, com poesia ou virtude, á vossa vontade. Mas, embriagae-vos.

E se alguma vez, sobre a escadaria de um palacio, na herva verdoenga de um fosso ou na solidão sombria do vosso quarto, despertardes com a embriaguez já dissipada, interrogae ao vento, á vaga, á estrella, á ave, ao relogio, a tudo que foge, a tudo que geme, a tudo que róla, a tudo que canta, a tudo que falla, perguntae que hora é essa; e o vento, a vaga, a estrella, a ave, o relogio vos dirão: «E' a hora de se embriagar! Para não ser escravos martyrisados pelo Tempo, embriagae-vos; embriagae-vos, sem cessar! Com vinho, com poesia ou virtude, á vossa vontade.»

\* \*

## MARINHA

Um porto é um logar fascinador para um'alma fatigada da lucta pela vida.

A amplidão do céu, o broslado caprichoso das nuvens, as colorações variadas do oceano, o scintillar dos pharóes, são um prisma maravilhosamente apropriado a enlevar a vista sem já-mais entediá-la.

As fórmas delgadas dos navios, a mastreação excentrica, ás quaes o marulhar imprime oscillações harmoniosas, fazem germinar no coração o amor á belleza e ao rhytmo.

E, sobretudo, ha ahi uma especie de prazer aristocratico e mysterioso para aquelle que não tem ambição nem curiosidade, em contemplar, ouvindo a bramidora musica marinha, todos os movimentos dos que partem e dos que voltam, dos que téem ainda a força de querer, o desejo de viajar e conhecer os esplendores de outras terras extranhas.

SOUZA PINTO.

Ceará, março.

## O DIREITO DOS POBRES

E' innegavel a dureza da vida que supportam os pobres, no seio das nossas fulgurantes e aperfeiçoadas sociedades modernas. Mais de uma vez, em paizes e de diferentes raças e de diversas

civilizações, de deseguaes condições economicas, se tem averiguado, nestes ultimos tempos, que a situação dos pobres e humildes é identica, sob o ponto de vista das necessidades verdadeiramente humanas e dos interesses sociaes. A tal proposito, não valem os argumentos optimistas de qualquer escola economica, nem de qualquer fanatismo politico, guindado, por ventura, á suprema direcção de um paiz. Apenas, aqui ou allí, a providencial Natureza, carinhosa e terna, protege, com mão benefica, a vida atormentada das creaturas sem lar e sem pão, dando-lhes o calor vivificante que substitúe a roupa e a producção do sólo uberrimo, que attenúa os rigores da fome inexoravel.

Assim mesmo, os economistas, unidos pelo sentimento da ingratição, attribuem a cada um regimen, cuja defesa lhes é paga, esses beneficios que se resumem no *poder viver*, e que resultam, em linha directa, da bonissima influencia das forças naturaes ! . .

A verdade é desoladora e desanimadora. A condição dos que não se podem bem collocar á mesa do banquete social permanece quasi a mesma, não obstante os progressos da Sciencia e da Industria, e os enormissimos esforços da Caridade e da Assistencia. Nas grandes cidades, a miseria, mais ou menos associada ao vicio e ao crime, se patenteia hedionda e invencivel. O pobre se confunde frequentemente com o mendigo, provocando a severidade dos codigos e os protestos dos que querem digerir sem pensar na fome alheia. Por toda parte, se occupam os governos, com maior ou menor interesse, do magno problema de limitar os direitos dos pobres e necessitados, regimentando-os, disciplinando-os, sob apparencias de protecção e de auxilio. O «esconder a pobreza» parece ser a preocupação maxima dos tempos de agóra.

A realisação do seu idéal se vê na face esqualida do pobre envergonhado, que calca no fundo peito o grito do faminto, e morre no hospital, cercado dos modernos soccorros da imponente Medicina academica. . . .

Demais, o Estado se confessa desarmado e fraco para resolver a tremenda difficuldade, desculpando-se com o augmento dos seus encargos e com a crise economica que vamos atravessando.

E' sob a impressão desse estado de cousas que o espirito do homem estudioso naturalmente se volta para o passado remotissimo, procurando conhecer a situação dos pobres e dos humildes. Tomemos para base das nossas observações a antiga civilisação hebraica.

Ernesto Renan, quando interpretava certas passagens dos Prophetas, nelas enxergava o mais ardente movi-

mento democratico. O Deus (Jahvé) de Isaias, de Micheas, de Jeremias e de Zacharias é um Deus de justiça e de caridade, que determina a pratica do bem, como a mais preciosa das offerendas que lhe pôdem ser tribuadas.

«Aprendeí a fazer bem; procurai o que é justo; soccorrei o opprimido, fazei justiça ao orphão, defendei a viuva. (ISAIAS, II, 17).

Não menos expressivo é seu fallar pela bôcca de Zacharias :

«Julgae segundo a verdadeira justiça, e cada um de vós exercite com seu irmão obras de misericordia e de piedade. E não opprimaes a viuva, nem o pupillo, nem o estrangeiro, nem o pobre; ninguem forme no seu coração máus intentos contra seu irmão. (Capitulo VII).

Micheas transmittia ao povo de Israel as palavras solemnissimas do seu Deus, quando clamava :

«Eu te mostrarei, oh homem, o que Deus de ti deseja; é que obres segundo a justiça e a misericordia». (VI, 9).

Inspirando Jeremias, dizia o Senhor:

«Julgae com rectidão e justiça, e livrae da mão do calumniador o injustamente opprimido; e não contristeis o estrangeiro, nem o orphão, nem a viuva, nem os aperteis injustamente». (XII).

Para lembrar mais directamente os deveres que ligam os pobres aos ricos e a nihilidade das riquezas, Jahvé, por vezes, inflammou a palavra dos seus prophetas e legisladores. A Isaias, por exemplo, fez dizer que «eram desgraçados os que juntavam casas e mais casas, como se fôssem os unicos a possuir a terra !»

Um escriptor moderno, de quem aproveitaremos alguma cousa, (\*) observou, a proposito, que a preocupação da egualdade constituia a alma, o intimo, de todo o direito hebraico. E nessa preocupação ia, sem duvida, a defesa dos interesses dos pobres e dos humildes. E' assim que se deve interpretar a instituição do *sabbat*, como resultante da necessidade de dar descanso ao trabalhador, para diminuir a relativa desigualdade social que o separava do patrão ou empregado. «Afim que vosso criado e vossa serva repousem como vós» — disse o Senhor.

No direito hebraico se tinha fixado não só a duração como a remuneração do trabalho, por maneira inilludivel:

«Tu não recusarás o salario do indigente, quer seja elle teu irmão, quer seja um estrangeiro que habite tuas terras.

«Mas, tu lhe darás, no mesmo dia, o preço do seu trabalho,

antes do pôr do sol, porque elle é pobre e só tem isso para viver».

Isto no DEUTERONOMIO. No LEVITICO lê-se :

«O salario do teu empregado não ficará em tua mão até o dia seguinte».

Não só o salario deve o homem ao seu semelhante em troca do trabalho; deve-lhe, tambem, a ajuda necessaria a lhe manter a vida, o emprestimo sem juros, nos casos de extrema pobreza e de enfermidade. (LEVITICO, XIX, 13).

A situação dos ricos para com os pobres é precisamente definida no primitivo direito dos Judeus: sobre os bens dos que possuem teem os necessitados um indiscutivel direito, correspondente ás necessidades inadiaveis, e ao dever que teem os ricos de repartir com os outros o bem que é todo de Deus e do qual são simples possuidores temporarios.

Arrendatarios do Bem Divino, não é licito aos homens ricos negarem a parte dos pobres, cuja destribuição agrada á profunda misericordia do Grande Proprietario. A mais importante manifestação desse direito dos pobres se encontra no DEUTERONOMIO, verdadeiro codigo civil e criminal dos Hebreus. Todos os annos, o proprietario rural devia pagar aos pobres o dizimo, isto é, a decima parte do producto das suas colheitas. Era do costume fazer essa destribuição para solemnizar a visita ao Templo. Além desse, outro dizimo triennial é devido a certos necessitados, como o levita, a viuva, o orphão e o estrangeiro. (DEUT., XIV, 22 27-28-29).

E, em verdade, o trabalho, só o trabalho legitima a propriedade, segundo a lei mosaica, como observou Mimault. O possuidor de uma terra tem direito aos seus productos considerados como fructos do seu trabalho. Dahi resultava a instituição do *septenato* ou anno *sabbatico*, que era aquelle em que não se lavrava o solo, nem se semeava. Então, o que espontaneamente nascia da terra pertencia ao trabalhador; ao estrangeiro, aos chamados *pobres do povo*. Era o jubileu da pobreza. De seis em seis annos éra «o sabbat da terra», assim consagrando uma clarissima manifestação do socialismo hebreu, a expressão directa desse sentimento de egualdade, que domina todo o Direito de Israel, nivelando pobres e ricos. A terra, propriedade divina, a todos devia alimentar igualmente.

Quem lê o estudo que Foustel de Coulanges dedicou á analyse da propriedade territorial na civilisação greco-romana, sente toda a grandeza dessas instituições hebraicas, unicas que, na Antiguidade, reconheceram o direito dos pobres. Bem se justifica, emboira diante dessas simples notas, a affirmação de Ernesto Renan, quando via na legislação social dos Hebreus a



mais formosa manifestação da solidariedade humana, inspirada pelos principios moraes de um povo soffredor e crente.

EVARISTO DE MORAES.

(\*) J. E. Fidaó — LE DROIT DES HUM-  
BLES, 1904.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### E' PAIO

Quem cré da bella, a quem ama,  
Quando raivosa ciuma,  
No faniquito ou desmaio,  
E afflicto por ella chama...  
Não ha duvida nenhuma,  
*É paio.*

Velho com mais de cincoenta,  
Que a moça de quinze annos,  
Viva e quente como um raio,  
Espósa, e a cabeça isenta  
Julga de pesados damnos,  
*É paio.*

Sujeito que faz á mesa  
Discursos de legua e meia  
Em estylo inchado e cambaio,  
E de verbosa riqueza  
Se inculca, e se pavoneia,  
*É paio.*

O que, tratando com gente  
Da patria lingua, em francez  
Falla como papagaio,  
E acha isso mais decente  
Que fallar em portuguez,  
*É paio.*

Moço eivado do juizo,  
Que revê-se em seu semblante,  
Como quizerdes, chamai-o ;  
Para mim não é *Narciso*,  
Tem um nome mais frisante,  
*É paio.*

O que tem de ir a salões,  
E o que ha de lá dizer  
Parafusa, e faz ensaio  
De gestos e posições,  
Esse (não tem mais que vêr)  
*É paio.*

Quem hoje ainda porfia  
Em colher no Pindo flôres,  
E leva de maio a maio  
Sempre co'a bolsa vazia,  
Ê o qu'eu sou, meus senhores,  
*É paio.*

Mais que as letras vale a trêta ;  
Só esta dá lauta mesa,  
Carro, cavallo, e lacaio ;  
Quem faz a vida de poeta,  
Acabando na pobreza,  
*É paio.*

FRANCISCO MONIZ BARRETO.

### AS MULHERES DOS MINISTROS

Não será sem fructo deixar advertido a todas as mulheres, que o chegarem a ser de ministros, e pessoas que teem á sua conta os negocios publicos, alguma cousa tocante á conservação desse estado.

Dão muitas destas senhoras mulheres de ministros, com grande risco dos maridos e casas, em quererem ser ellas ministras tambem como elles. A tres pontos se reduzem estes inconvenientes: Interceder pelos que pretendem, negociar com os despachados, revelar segredos aos negociantes.

Não sei qual é peor. Affirmo que tudo é pessimo para a opinião dos ministros, cujas mulheres se deixam levar do applauso, interesse e ambição.

Tenho em meu poder a copia de uma carta de Carlos V para d. Felipe, seu filho, quando em uma das suas jornadas o deixava governando, e instruia dos sujeitos que lhe dava por ministros ; e chegando a um, de quem não tinha toda a satisfação, diz estas palavras : *Fulano era el mejor de todos, si fuera eunuco, por la mujer deshace en aquel hombre las mejores partes que ha visto.*

Nas mulheres de ministros de justiça, é mais perigoso este costume. Mas porque os de estado são pessoas maiores, quando nelles se acha este defeito, é mais notavel ; ou quiçá que o não é tanto nos primeiros, por ser mais ordinario. Ao que alludia um cortezão, que, pegando-se o fogo em casa de um ministro de justiça pouco escrupuloso, ia dizendo pelo caminho : *Acudamos, señores, á nossa fazenda, que se nos queima.*

Costumam as mulheres de alguns ministros, pela propria razão que se houveram de abster, e ajudar com grande tento a levar aquella carga a seus maridos, occasionar-lhe seu precipicio, carregando-os de novo com suas desordens, e vindo depois com elles a terra.

Deve o marido começar por si mesmo no cuidado que é bem que tenha de sua conservação. E pois é certo que ao proprio sangue, em que nossa vida consiste, lançamos das vêas, se se corrompe, porque não apodreça o outro que nos fica, quanto mais se deve sangrar a ambição, ou interesse, se na mulher fôr conhecido, que em breve tempo ameaça corrupção á saúde do corpo, e da familia, morte da casa, do officio e da conveniencia ?

Havia em Castella um ministro dos que vou dizendo ; era pouco limpo, ainda que mui asseado ; mercadejava a mulher e ganhava sempre : elle dizia, quando lhe gabavam suas alfaias : *Muchas gracias á la industria de d. Clara.* E o certo era que a industria era clara com que d. Clara se aproveitava da sua industria.

Passando ás Indias um mercador, lhe foi dada certa encomenda da mulher de um ministro ; e acertou o pobre de se perder, e perdel-a, com todo seu cabedal. Tornou á Hespanha, e á Côrte ; e não lhe sendo recebida em desconto a perdição, houve tal violencia no caso, que lhe fizeram pagar aquella encomenda com ganhos, e cabedaes como que não podesse ser perdida como as outras. Voltou a Sevilha, e topando a outro mercador seu amigo, lhe perguntou aonde ia, e havendo-lhe dito á Igreja Maior, a segurar com Deus, e com os homens de negocios, certa grande partida de fazenda que esperava de fóra, então lhe disse o queixoso : *Andade, señor, y no hagais tal ; mejor es encomendarla a mi senora d. Fulana, que toda la sacca a puerto de salvación.*

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO.

\* \* \*

### BILHETES DE PARIZ

*Aos estudantes do Brazil*

SOBRE O CASO QUE DELLES CONTA  
MME. SARAH BERNHARDT

### III

Emfim, eis mme. Bernhardt nessas terras tão formosas de Santa Cruz, que (segundo se deprehende do seu *Exame de Consciencia*) ella, á maneira dos Souzas e dos Anchietas, foi simultaneamente conquistar e civilisar. E eu tenho pressa de chegar tambem ao caso estranho, á homenagem estranha que ella de vós recebeu, oh ! meus amigos, tal commovem nesse *Exame de Consciencia*, com uma simplicidade, um tom de grave modestia, que são deliciosamente tocantes. *No Brazil*, (diz mme. Bernhardt, em palavras que copio e que desejo fiquem para sempre adicionadas á historia da Republica) *no Brazil, os estudantes arrancavam os sabres e distribuiam cutiladas, porque se não deixavam desengatar os meus cavallos, metter os hombros aos varaes e puxar elles a minha carruagem !*

Aqui está ! E' simplesmente esta belleza ! E agóra dizei se tal caso não ultrapassa em estranheza sombria todos os casos passados com Sarah, na sua immortal missão através da America ! Elle contém todos os horrores. E' a arma furiosamente arrancada ! E' o golpe e o sangue pingando ! E' toda uma mocidade, primavera sagrada, que se engata aos varaes de uma caleta e puxa, trotando ! Porque vós puxastes... E o que torna o vosso acto

humanamente atróz (por ser tão contrario ás leis sagradas da Humanidade, nas suas relações com os vehiculos de rodas) é que vós não puxastes envolvidos e como impellidos por um sentimento universal e congenero. Se todo o Brazil, num unanime enthusiasmo, bradasse — *puxemos!* — vós poderieis, muito justificadamente, como cidadãos de uma Republica, obedecer a essa ardente decisão da soberania popular. Mas, não! Ao contrario! Houve *alguem*, e *alguem* muito respeitavel (como observou e contou mme. Bernhardt) que vos queria impedir de metter os hombros livres aos varaes, e puxar! Quem foi esse *alguem*? O Estado, ciumento de que puxasseis um carro que não era o carro delle? O Genio da Liberdade, indignado? Simplesmente, a policia zelosa, para obstar a que nas ruas se estabelecesse uma confusão deploravel entre as funcções que pertencem aos cavallos e as funcções que pertencem aos estudantes? Não sei. Mme. Bernhardt não o revela — mas houve *alguem*. Houve um peito generoso que se collocou entre vós e os arreios que appetecieis. Vós traspastastes esse peito com um ferro iracundo — e correstes para os arreios! E' pois, para esse degradante fim que a mocidade academica do Brazil arranca as espadas que lhe pendem da cinta airosa? Mas socegae — eu não lançarei aqui um paralelo sublime entre aquelles que se batem para sacudir um jugo e aquelles que se batem para obter um freio!

E não me digaes, constrictos, que mme. Sarah é mulher, e que tem genio e que visitou a Academia, e que vós contaes vinte estouvadas primaveras, e que o sol do Brazil escálda — e que todas estas circumstancias estonteadoras vos precipitaram (uma noite em que o vinho de Collares estava especialmente fresco e saboroso) da intellectualidade na cavallidade! Oucas desculpas, meus doces amigos. Quando eu era estudante, tambem Coimbra foi visitada por bellos genios, sob o sol exaltador de maio, estando já desabrochada a flôr do Ponto. Veio um prestidigitador; veio um rabequista; veio a divina Gabriella, que já me não recordo se dançava na corda, se representava melodramas, mas que era divina. Nós acolhemos todos esses genios, soberbamente, como homens li-

vres. Convidámos o rabequista a ceiar, na taverna do Cavalheiro, essa sardinha e esse bife sombrio, que desde os tempos d'el-rei d. Diniz, a academia em Coimbra offerece ás almas onde descobre verdadeira grandeza. Nessa ceia, justamente, o Collares esteve, como nunca, fresco e saboroso — e mais tarde, alta noite, na calçada dos Apostolos, sob o luar enfiado de maio, espancámos o rabequista. A' divina Gabriella dedicámos sonetos excelsos, de subtil conceito e coruscante rima. Depois, um bello moço passou, cravou em Gabriella um olhar fatal e negro, e Gabriella seguiu o bello moço para uma casinha branca que ficava entre as acacias de Santa Clara, onde a vida lhe correu submissa e doce, concertando a roupa branca do moço bello que passára. Assim Coimbra, no meu tempo, tratava os genios que a visitavam, exactamente como Jerusalém tratava os prophetas que a ella vinham — e que logo eram submettidos pela sua força, ou corrompidos e presos pelo encanto da graça. De certo ninguem, na Europa, quereria que vós espancasseis Sarah. Esses desastres são mais adequados aos rabequistas. Mas, seria honroso para o Brazil e para sua mocidade que Sarah, a triumphal, se quedasse entre vós, com o coração vencido, nalguma clara chacara, entre mangueiras, concertando roupa branca! Não! em vez disto, depois de duras cutiladas naquelles que vos queriam salvar do humilhante serviço — desengatastes as eguas de Sarah, lançastes aos hombros democraticos os tirantes de Sarah, e puxastes a caleça de Sarah, trotando, talvez relinchando!

Caso horrifico — e inesperadamente novo. Que o céu seja ardente ou gelido, por toda a parte a mocidade é excessiva e phantastica. Em Coimbra, eu assisti aos delirios mais variados — e de todos partilhei. Fizemos trez revoluções; derrubamos Reitores excellentes, só pelo prazer de derrubar e exercer a força demagogica; proclamámos uma manhã a libertação da Polonia, mandando um cartel de desafio ao czar; penetrámos, em commissão, num cemiterio para intimar a Morte a que nos revelasse o seu segredo; destruimos, uma noite, através da cidade, todos os mastros e arcos de luxo e mólhos de bandeiras e obeliscos de lona, erguidos para celebrar não sei que glo-

ria nacional, porque elles contrariavam as leis da nossa Esthetica; abandonámos a Universidade, num clamoroso exodo, para ir fundar nos arredores do Porto, uma civilização mais ou menos de harmonia com o nosso horror aos compendios; atacámos e dispersámos procições, por as não considerar sufficientemente espiritualistas; organisámos uma associação secreta para renovar a guerra dos Titães e destronar Jehovah... Fomos medonhos — e quasi todos os annos nos batemos com as tropas que o governo mandava para nos manter dentro da decencia e do raciocinio. Na realidade, (com excepção de estudar) tudo fizemos: — mas, nunca mettemos os hombros a varaes de carros, nunca puxámos.

E todavia, todavia... Sim! puxámos! Nem eu desejo esconder esse facto, que nos honra. Puxámos em 1867. Puxámos uma pesada caleça, forrada de damasco azul, a galope, relinchando de puro enthusiasmo... Mas, sabeis vós quem nós assim puxavamos através das historicas ruas de Coimbra? O vigesimo oitavo rei de Portugal, que descera do seu throno, oito vezes secular, para visitar a Academia. E sabeis vós o que fizera esse rei, para que nós assim o puxassemos com tão quadrupedante e relinchante amor? Esse rei magnanimo, logo ao entrar em Coimbra, por aquella Ponte Velha, que foi talvez o mais doce, poetico e encantado logar da terra, ergueu a sua mão real e concedeu á Academia, oito dias de feriado! Oito dias de feriado!... Desde logo, (como comprehendeis) este nobre rei tomou para nós as proporções augustas dum Trajano, dum Tito, dum Marco Aurelio, dum desses imperantes providenciaes, a quem Deus, por suas proprias mãos, compõe uma alma especialmente virtuosa para que elles tornem os povos ditosos. Um tão immenso bemfeitor não poderia ser puxado, através das ruas de Coimbra, pelos mesinos animaes inferiores que puxam os omnibus, as carroças do lixo, ou as victorias da burguezia illetrada. A' sua grandeza moral, competiam, como á gloria de Alexandre, o Grande, ao entrar em Babylonia, fulvas parelhas de leões de juba heroica. Em Coimbra, porém, (pelo menos no meu tempo), não abundavam os leões. Os unicos animaes superiores e heroicos eramos

nós, os estudantes. Os lentos, esses, sempre os considerámos como animaes inferiores e, além disso, irracionais. De sorte que não hesitámos perante este serviço de cocheira. E para que esse nobilissimo rei fôsse nobremente puxado — puxámos nós, com nobreza. Mettendo os hombros aos varaes, cumprimos um alto dever civico, porque conservámos áquelle rei admiravel, que nos déra oito dias de feriado, o prestigio e o brilho victorioso que lhe faltariam se o puxassem simples cavallos sem educação, sem exames de latim e logica, sem noções de direito romano, sem opiniões metaphysicas, sem luvas, sem idéal!

Aquí estão os motivos transcendentales por que nós puxavamos a carruagem — quando puxavamos. Mas vós, desgraçados!... Mme. Bernhardt não vos deu oito dias, nem mesmo um solitario e curto dia de feriado — e vós desengataes os cavallos da *Dama das Camélias* e trotaes sob as redeas de *Phedra!* Que fareis vós, então, quando de novo possuireis um Imperador ou um Rei, e esse Imperante, na sua amorosa visita de reconciliação á Moçidade, vos déra oito, ou talvez (porque no Brazil é tudo grande) dezesseis dias de feriado! Dezesseis dias! Oh! meus irmãos de além-mar — dezesseis dias! Que fareis então, nesse deslumbramento incomparavel? Decentemente, não podeis prestar a esse Imperante magnifico as honras que déstes a uma bella dama, só porque ella recitava Racine — pondo os seus moribundos olhos em alvo. Vós desperdiçastes, assim, como uma simples actriz ambulante, a homenagem que a Humanidade (pelo menos deste lado do Atlantico) reserva para os Prophetas, os Enviados de Deus, os grandiosos daadores de feriados!

E o mais desgraçado é que agóra toda a comica genial ou dançarina sublime que vá ao Brazil, espera a vassalagem que prestastes a Sarah e que Sarah papagueou logo estridentemente ao mundo, de cima da columna triumphal do *Figaro*. Certamente, em breve, receberéis a visita da fallada Rejane, de Hading, a bella, ou da muito garota e muito plangente Ivette Guilbert. E, arrepiado de horror, já daqui vejo essa Guilbert, horas depois de desembarcar na vossa terra, descendo as escadas do hotel, calçando aquell-

las immensas luvas pretas que são a parte mais consideravel do seu talento, e dizendo, risonhamente, ao criado:

«Estou prompta... Mande engatar os estudantes.»

E, por fim, para findar, sabeis vós qual é o verdadeiro e intimo horror do vosso caso? E' que vós nunca arrancastes essas espadas (que, de resto, não usaes) e nunca na realidade puxastes a essa carruagem que mme. Bernhardt concebeu. Mas, todos vós, que tendes algumas noções, mesmo incertas, de metaphysica, conheceis o grande principio de Kant. Este ultra-profundo philosopho estabeleceu que para nada importa a existencia ou não existencia das coisas — e só importa a crença ou não — crença que os homens téem nas cousas. Assim, é perfeitamente indifferente que Christo, como Christo, existisse realmente numa certa provincia Romana que se chamava a Judéa: — o que importa, e importou para a transformação do mundo, foi que os homens acreditassem na existencia de Christo, como Christo. No universo não existe, como certeza, senão o Pensamento e desde que o Pensamento se concreta e cria um ser ou um facto, esse facto ou ser *existem*, e de uma existencia indestructivel, porque participa da indestructibilidade do Pensamento. Ora, hoje toda a Europa culta que lê o *Figaro*, claramente e firmemente crê que vós puxastes a essa carruagem que o fogoso pensamento de Sarah creou, para sua maior gloria. E, portanto, segundo esse solido principio de Kant, que todas as escolas reconhecem — vós puxastes... E agóra, para todo o sempre, na Europa que lê o *Figaro*, a idéa de estudantes do Brazil se ligará a arreios, a freios e a uma caleça cheia de Bernhardt, que róla, num trote entusiastico, levando entre os varaes, em vez de burros, doutores.

Tal é a derradeira criação da perfida Sarah! Quando ella voltar ao Brazil, não lhe arranqueis o coração pelas costas. E depois consideraes que a inspirada senhora necessitava justificar a cruz da Legião de Honra — e deslumbrar, com uma estupenda lista de triumphos, o Estado, que lh'a devia resvalar entre o prato e o guardanapo. Por isso, no Brazil, ella vos atrelou á sua carruagem! Por isso, no Canadá, arrastou atrás do seu trenó o Poder

Legislativo! Por isso, forçou aquellas pobres senhoras do Chile a recitar os folhetins do bom Jules Lemaitre, que é influente na *Revista dos Dons Mundos* e, portanto, nos Ministerios... E tudo debalde, oh! gentil *Dona Sol!* O Estado, obtuso duro, não se commoveu, não foi ao *Grand Hotel*, pé ante pé, metter entre o guardanapo e o prato de Sarah a cruz da Legião de Honra. Mme. Bernhardt necessita, portanto, apresentar outra lista de triumphos ainda mais decisivos, de homenagens ainda mais prodigiosas! E para o anno, quando voltar a estação das Apotheoses e das Cruzes, a bôa mme. Bernhardt, rigidamente sincera e veridica, trepará de novo á alta columna do *Figaro*, e publicará, perante a Europa attonita, outro *Exame de Consciencia*, em que dirá, com palavras que para sempre resoarão através da Historia:

— « Nos Estados Unidos da America do Norte, todas as manhãs, antes d'almoço, eu trotava pelas avenidas de Washington, montada no presidente Mac-Kinley. »

EÇA DE QUEIROZ.

Pariz, 1894.

## O ALMIRANTE (23)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIII

— Isso tenho eu proposto um milhão de vezes. Protestou que ficaria peor na solidão e, embóra eu lhe dissésse que poderia levar uma companheira, a Doloresita, por exemplo, unica pessoa viva, que lhe dá volta aos caprichos, não houve meio de convencer-o. O senhor não calcula quanto é difficil lidar uma creatura daquellas, que parece fina como um retróz, mas é rija como um arame de aço. E' das taes que resistem sem bulha, sem matinada.

— O silencio é a resistencia passiva das mulheres.

— A quem o diz... Levo horas inteiras a supplicar, e ella não dá signal de ouvir-me. Se não fôra o muito que lhe quero... Eu preferia, palavra de honra, que se amuasse, que chorasse, que se zangasse, como fazem as outras...

— Não se assuste, barão — exclamou Dolores, regressando á sala, com um sorriso brejeiro nos labios — Não foi nada: apenas, uma subita indisposição, que passou...

— Ora graças — suspirou o barão.  
— O engraçado — tornou Dolores,

dirigindo-se a Oscar — é que foi o senhor o causador ; foi o senhor que provocou aquella suave vertigem...

— Eu ? — exclamou Oscar, que o barão contemplava com esgares de surpresa.

— Sim, senhor — affirmou Dolores — A baroneza nos contou que estava absôrta, preza aos seus labios, ouvindo as bellas palavras dirigidas a Amelia. Ella fica encantada com os homens que falam bem. De repente, quando o senhor falou em pudor, em decótes, ficou allucinada, e veio-lhe uma tentação diabolica de se despir, aqui, deante de todos, rasgando o vestido, que lhe asphyxiava o corpo...

— Não é a primeira vez que lhe dão essas venetas — observou o barão, inquieto — E' o demonio do espartilho...

— É, deve ser o espartilho — affirmou Oscar, para dizer alguma coisa, tanto o intrigava o insistente olhar de Dolores, que lhe disse á puridade :

— Ou o ciúme...

E como o barão se afastasse, ella continuou :

— A baroneza está louca pelo senhor.

— Mas, isto é um gracejo...

— Pelo contrario : um caso muito serio. Aquelle faniquito veio muito a proposito, para interromper o seu colloquio com Amelia...

Essa mulher está doida — exclamou Oscar, indignado.

— Póde ser. Todas nós enlouquecemos, quando temos a fraqueza de amar um homem indifferente, que não sabe ler nos nossos olhos... ler nos olhos de uma mulher, como o senhor, que é marinheiro, habituado com o movediço, o inconstante e o suprehendente, lê no céu os indicios de bom tempo e de tormenta...

— Mas, o que a senhora está dizendo é inconsequente absurdo...

— E' bem possivel ; mas, infelizmente, é a verdade. A baroneza ama-o e vive enciúmada, porque o senhor não a comprehende ou a evita. Eu comprehendo que a sua situação é difficil como quasi noivo de Amelia...

— Noivo ?

— Toda a gente o affirma, como coisa decidida. A mór parte dos casamentos são feitos pela vóz publica. O meu casamento foi assim feito. O Dádá appareceu como juiz de direito; começou, como era natural, frequentando a nossa casa, uma das mais reputadas da comarca. Um bello dia, disse-me uma amiga : « Então não dizia nada, estava caladinha e de casamento ajustado ? Caí das nuvens, porque nem pensava ainda no casamento e tinha, além disso, uma certa antipathia pelo Dádá, sempre arredio de moças, muito serio e acanhado, com aquelle olhinho branco a se mexer por trás de uns oculos azues. A novidade passou de bôcca em

bôcca e, mais tarde, minha madrinha, que era uma senhora viuva, rica e muito ajuizada, chamou-me á parte e disse-me, alizando-me, com carinho, os cabellos:—«Estás moça, minha filha, e precisas cuidar do teu futuro— e como eu a olhasse espantada, ella continuou, depois de breve pausa :—«Porque te não casas com o doutor Adeodato?»

— Porque -- respondi — porque nunca pensei nisso, porque não gosto delle... «Deixa-te de historias, menina. Não regeites o partido que elle te offerece: é juiz de direito, homem de juizo, de muito bom genio, muito no caso de fazer a tua felicidade.» Pelo muito que queria a minha madrinha, não insisti na recusa para não magoal-a. Dias depois, mamãe falou-me nos mesmos termos e accrescentou que todo o mundo já falava nesse casamento, que era uma coisa quasi assentada e que me ficaria muito mal recusar. Essas scenas se repetiram. O Dádá entrou a procurar-me com um sorriso desconfiado, a me dizer palavras amaveis e, um bello dia, o casamento estava feito. Ahí está como desposei um homem que eu não amava, muito differente do que eu sonhava... O seu casamento com Amelia já está approvedo pela opinião publica.

— Affirmo-lhe que nunca pensei nisso. Eu e Amelia somos como irmãos...

— Deve haver entre os dois mais que amizade, uma affeição menos innocente, que a baroneza percebeu. E as mulheres amorosas presentem a rival, como um cão fareja a caça. Depois, diga-me, francamente: não é um facto natural, uma consequencia das circumstancias, das suas relações com a familia do conselheiro? Demais, só cegos não vêem que ella gosta do senhor.

— Engana-se, Dolores. A franca e sincera amizade que nos liga ha tantos annos, é um preservativo contra o amor. Além disso, passou a minha vez. Com os meus habitos, com as minhas idéas, eu seria, agóra, um máu esposo, um pessimo pae de familia.

— Ninguem póde prever o que será depois do casamento, que é a revelação do aspecto verdadeiro dos coraçãoes.

Oscar estava verdadeiramente enleado com as inconvenientes insinuações de Dolores, e experimentava secreto vexame, vendo devassada a sua vida intima pela bisbilhotice feminina, de que a sua interlocutora era a encarnação diabrina. No outro dia, o faniquito da baroneza correria, segredado de ouvido em ouvido, commentado e ampliado entre a chacota das rodas elegantes, para a grande publicidade, como um escandalo galante. E, dahi em deante, o nome de Amelia seria arrancado do seu impermeavel recato para se associar ao da bella

mundana, a languida baroneza de Freicho, como personagem de um episodio de comedia. Elle proprio ficaria, por suã vez, emparceirado ao gordo barão; seria o rival desse pobre homem ingenuo que, havia instantes, lamentava os seus intimos infortunios de marido desdenhado, a choramingar nas torturas de um supplicio tantalico.

E Dolores entrou a lamentar a sorte da amiga, que não tivéra energia de domar o coração, como se doma um passaro, para que elle gorgeie, regalando o dono, dentro dessa gaiola de deveres inexoraveis, feita de fios de aço, entrelaçados num tecido de preconceitos, absurdo e rijo, para reduzir á inercia a fragilidade feminina, forçal-a á renuncia da liberdade, onde se desvairaria como a força masculina. Ligada a um marido generoso e apaixonado, commedido, chegado á idade em que o homem não devóra, brutalmente, a sua preza, mas poupa, com avareza, os raros momentos de gozo, ella não poderia prever que o coração despertasse da modorra conjugal, fascinado pelos bordados de um bello marinheiro e sonhando um amor impossivel.

Oscar tentou, varias vezes, interromper essas considerações importunas, cheias de ironia e de allusões, que quasi o irritavam: mas, Dolores continuava, aproveitando os momentos de ausencia das outras pessoas preoccupadas com a indisposição da baroneza; manifestava-lhe, com franquezas muito realistas, muito desabridas, o perfeito conhecimento dos homens e dos seus processos brutaes de dominio, e affirmava estar preservada, pela experiencia, das decepções, onde vêem morrer, extenuados, os amores ingenuos. A ella não succederiam já-mais esses desastres ridiculos. Não regeitaria a assiduidade de um homem de espirito; deixar-se-ia cortejar e, mesmo, ser amada emquanto isso não passasse de um meio de notoriedade, de uma decoração indispensavel ás mulheres superiores, attenuando sempre um interesse positivo ou sentimental. Que sacrificios não tinha ella afrontado de rosto alegre, para melhorar a situação do Dádá?... Quanto lhe havia custado deter-se nas fronteiras do crime, aonde pretendiam arrastal-a amigos desleaes, homens serios, de uma gravidade veneranda, homens escrupulosos, austéros pregadores de moral, inexoraveis censores dos peccadilhos alheios, nivelados todos a satyros abjectos, quando se reputam protegidos do olhar publico, tendo nos braços victimas indefezas. Se as mulheres soubessem que os homens todos, os mais humildes como os mais elevados, estes principalmente, são brutaes, violentos, na posse do objecto anhelado que elles conspurcam sem piedade, como porcos a entornarem na lama

infecta a comida sã; se ellas soubéssem que todos elles são os mesmos no amor, quantos males, quantas lagrimas, quantas desgraças evitariam?...

— E' por isso — ajuntou Dolores — que eu me deixo amar, mas não amo... como a baroneza, cégame.

— A senhora me inquietá com essa insistencia absurda, que eu, de fórma alguma, auctorisei.

— Fique tranquillo. Julga-me, talvez, importuna, indiscreta, leviana... Não tenha receio. Isto não passa de uma palestra instructiva entre um homem que percorreu o mundo inteiro, e uma mulher que o conhece de mais. Eu lhe presto o serviço de prevenil-o contra os suspiros da baroneza, contra as manhas romanticas daquella tôla, para o socego da sua noiva...

A marquez de Uberaba veio em busca de Oscar, acompanhada por Marianninha e outras senhoras, que se despediam de d. Eugenia. Vieram tambem, para o salão, Laura e Hortencia, e, embiocada em riquissimo abrigo de damasco vermelho, marcado de grandes flôres prateadas, a baroneza de Frêicho, apoiada ao braço do marido. Ella suspirou, ainda uma vez, apertando a mão de Oscar, que empallideceu sob o olhar zombeteiro de Dolores.

— Bôa noite — murmurou ella, á puridade. Não me queira mal. Note que não voltou ao salão a sua noiva...

— Minha noiva — respondeu-lhe Oscar, sorrindo, estreitando nos braços Hortencia, que se lhe acercára carinhosa, e beijando-lhe a fronte — Minha noiva, aqui está...

Hortencia encolheu-se ruborisada, e Dolores franziu os sobrolhos, como se um pensamento máu lhe houvésse varado o cerebro.

(Continúa)

## A FESTA DA COLHEITA

Em outubro, proximo, no Porto, realisar-se-á a festa da colheita.

(Telegramma dos jornaes)

Vejam os senhores. Portugal, aquella nesguinha de terra, a terra dos *Juquins* e dos *Munélis*, váe fazer a festa da colheita. Portugal tem colheita para festejar.

Em outubro, o Porto se enfestona e, nuns flammejamentos de esplendores, atira á rua a allegoria do Campo, do Arado, do Suor e do Trabalho.

Portugal tem colheita.

E nós? E nós, que vivemos com as bochechas cheias de uma pretensão casmurra de quem vive acima dos acontecimentos, ninguem me dirá que é que temos? Uma grandeza que só fulgura nas refulgencias de um sonho,

uma riqueza que todos vêem, mas que ninguem pôde tocar ainda.

E é só. E é só.

E assim mesmo dizemo-nos um povo, e temos sempre a bengala em riste para o lombo do atrevido que nos dissér o contrario. Os sentimentalistas, os patriotas, os poetas, a mocidade briosa, por ahi se cruzam na ancia gostosa de um desdoiro para o dever bonito de limpar o vestido da patria enxovalhada.

Mas, afinal de contas, que vale isto? Simplesmente o culto de ser uma patria.

O resto, babuzeira grossa: uma vaidade deliciosamente convencida, escancaradamente aberta para o ridiculo.

E o peor é que não ha um meio desse povo se convencer do contrario. Todos os dias, quando acordamos desse maldito sonho de grandeza, ahi está a verdade maldita gloriosamente á amostra, numa grega exposição de formas crúas, numa crúa devassada de coisas tristes. E, no entanto, bastava um assomo para sermos grandes, bastava a coisa mais corriqueira deste mundo, que em toda parte se faz, que Portugal sempre fez e de que qualquer conselheiro Acacio se lembraria: trabalhar.

Hoje é moda gritar-se, pelos jornaes e pelos livros, a necessidade do braço. O Brazil precisa do braço para a lavoura, do braço para a industria, do braço para a arte.

Qual braço, qual nada! O que se precisa é de uns milhares de cordõesinhos para movimentar esses braços, como se faz com os bonecos de papelão.

Por aqui, ainda não é nada, a coisa é alli pelo norte, alli pelos sertões do norte. Por lá, só se tem uma colheita, só se tem um trabalho: fazer filhos. O sertanejo só sabe fazer filhos. E assim mesmo, fal-os mal feitos, uns desengonçados sensuaes, uns preguiçosos de marca, que, quando creanças, vivem matando a fome nas goiabeiras ou matando piabas nas lagôas, e, quando homens, deitados dias inteiros, caximbando mezes a fio, numa impassibilidade chata de posta de carne morta.

Si vocês chegassem a ver o que é aquillo! Uma miseria, uma verdadeira miseria.

A casa do sertanejo. Vocês não imaginam o que é a casa do sertanejo. Uma tócasinha encafuada num recanto de matto, a dois passos da estrada, uma tóca esconsa, deploravelmente coberta de palha brava porque a palha mansa dá mais trabalho na cobertura. E' um quartinho apertado, com trez ou quatro redes esfuracadas, um fuso, uma espingarda imprestavel e um cachorrinho faminto, rosuando tristemente á beira das trez pedras do fogão apagado. E mais ainda: uma infinidade de bichos de pé.

E alli, naquelle quarto, dorme a familia toda: o marido, a mulher, os filhos já frangotes, a creançada, a matuta virgem.

De manhã, lá está o velho sentado á porta, fumando, com os olhos desprendidamente estendidos para a estrada. Tem a compostura calma de um rico: não sabe e não tem o que fazer. No entanto, para a frente, para trás, para a direita, para a esquerda, a pompa entontescente da vegetação arrojada: é o campo immenso, victoriosamente aberto, esplendendo ao sol, todo plano, todo macio e perdendo-se, além num desmaio feliz de tons azues; é a matta rebentando numa insolencia triumphante, na exuberancia phantastica do viço e da fartura, empolgantemente verde, de um verde consolador e quente, que se alastra para o infinito. Em cima, o céu, um céu sempre claro, sempre azul, sem nuvens, sem nevoas, com um sol tão bonito.

E o sertanejo olha e reólha tudo aquillo, como um millionario dyspeptico, que não faz caso de dinheiro; e depois — não houve chuva, as chuvas fôram muitas, lagartos deram na rôça e não pôde haver colheita.

O dia em que se abalam a trabalhar, é um acontecimento. A creançada segue á frente, a mãe depois, o matuto velho atrás.

As leis mais intuitivas da distribuição do trabalho, não lhes acóde. Não fica ninguem em casa para cuidar dos arranjos domesticos. E á tarde, quando todos voltam, não ha nada para se comer. E' ahi, então, que o velho, si ha polvora e si ha chumbo, bota a espingarda aos hombros, e váe á caça. Volta, muitas vezes, de mãos vasias.

Mas, pensam que se altera? Tráz o mesmo rosto calmo, o mesmo despreendimento, a mesma despreocupação. Teve — teve, não teve — é a mesma coisa.

Nós conseguimos ter uma raça que nem mesmo da fome tem medo.

A previdencia é luxo para o sertanejo. Ha lares onde não se ouve cacarejar uma gallinha, onde não ha um pinto para um doente.

Esses legumes caseiros, essas fructeiras communs, que todo o mundo planta no quintal, elles lá não téem. Não se vê um pé de couve, uma bananeira, uma laranjeira.

O quintal é o nome official de um pedacinho de terra mais capinado, que fica ao fundo da palhoça. Tem simplesmente o nome, utilidade não tem.

Na epocha da colheita, da sonhada colheita, ha fartura no lar. São dois samburás de arroz em vagem, mandioca, gerimuns, feijão, pepino. Leva-se uma semana, duas semanas matando a fome do anno. A creançada, o matuto velho, a matuta velha, a matuta virgem, avançam naquillo como se faz aqui nos *bufetes* das

barcas da Cantareira, por occasião das regatas. Come-se tudo num dia, e si houve fartura, leva-se uma semana comendo. Os ventres empinam, ha indigestão em toda a familia.

Acabada essa, ha outra colheita — a da melancia. Um povo que se diz um povo, leva dias e dias a se sustentar de melancia. Acabada a melancia, nada mais ha. E' esperar o anno vindouro, amansar a barriga até o vindouro vir.

O viageiro que atravessa o sertão da minha terra, si não levar bem sortidos os alforjes, tem por força de soffrer fome. Nas moradas tristonhas dos camponios, não se encontra um ovo, um pedaço de rapadura para enganar o estomago. Encontra-se sómente um grupo de esmolambados, de olhos indolentemente profundos, um grupo de gente que tem medo de gente, todo coberto de trapos e, ás vezes, sem trapo algum cobrindo o lombo.

Uma manhã, no meu sertão maranhense, estes olhos, que a terra ha de comer, viram, á porta de uma chóça, uma tabarôa de dezeseis annos. Imaginem: chupava dedo, e, sobre o corpo em pubescencia, uma simples camisa esfarrapada, que a deixava quasi núa, com aquillo tudo apparecendo.

O trecho em que nasci, rega-o o Itapicurú-mirim, uma caudal de fartura que dá peixe a todo tempo, pelo inverno e pela secca. Pois dos moradores da beira, são raros os que téem tarrafa, mais raros ainda os que pescam. O *jjyqui* é um cesto de talas, com a bôcca largamente aberta, por onde entra o peixe para não mais saír. E' bastante atirar-lhe um pedaço de palmito dentro, e mergulhal-o no rio.

A primeira piaba entra, entra a segunda, chegam-se mais peixes para lhes fazer companhia. Conhecem-se presos: remexem-se, barulham e rebanam. E, ao ruído, os outros vêem em cardumes immensos.

De manhã, o cesto está apinhado. E' o meio mais facil de pescaria.

Pois em minha terra, não ha quem tenha um *jjyqui*. Vi um, um só, na mão de um caboclo, que se tratava.

E o que admira é que essa gente tenha alegrias. Numa ou noutra data, uma latada se estende á frente de um casebre; enrama-se e aclara-se o terreiro e, de noite, a viôla retine os requiebrados, e o mestiço lesto e a matutinha aligera castanholejam e revoam, á toada tropical da musica brejeira. E' o unico momento em que o camponio é gente.

Mas, assim mesmo, ha dessas festas que nada mais são do que um desenrolamento sombrio de alegrias ( permittam a phrase ) de alegrias melancolicas. A viôla plange lacrimosa, como si estivesse chorando de preguiça; a luz dos candieiros tem o as-

pecto da dos cyrios; as mulheres cochilam; os homens bocejam e sómente a viôla magoada conversa a sua intimidade de tristezas. São as festas em que a aguardente é escassa e não ha um bôlo de milho para se comer.

A magoa que eu tenho é de não ter apparecido ainda uma penna honesta, secca, sem sentimentalidades patrioticas, que pudésse pintar aquillo como aquillo é. Quem melhor o fez foi Graça Aranha. A primeira vez que li *Chanaan*, esgúelei como um doido, chamei-lhe pernicioso, chamei-lhe até pasquim. Li-o a segunda, li-o a terceira. O livro é sincero, verdadeiro até á purulencia da ferida.

Graça Aranha tem alli o nojo de quem viu, o nojo que eu sinto e que vocês sentirão, de certo, si chegarem a ver tambem.

E é esse o povo que faz o Brazil!

E não se vá dizer que o Brazil somos nós, aqui da cidade, que ainda temos coragem de nos vestirmos e plantar legumes no quintal. O nosso paiz é aquillo lá; aquella gente é que váe á guerra, é que lavra o sólo, que sustenta esse colosso, que dá dinheiro para avenidas, que enche a barriga dos figurões.

E assim mesmo, julgamo-nos uma potencia. Pois só poderemos ser alguma coisa no dia em que nos venceremos de que isto não vale um caracól.

E para lhes dar mais uma nota de fraqueza, eu lhes digo que o Maranhão a terra dos papa-arroz, importa arroz, importa arroz da Inglaterra.

Por essas e outras, é que entristeço ao ver chegar a noticia da festa que Portugal váe fazer á bôa terra que cultiva. Podiamos fazel-a melhor. Mas, a estas horas, nos recéssos das mattas, os nossos lavradores estão sentados á porta das palhoças, com os olhos desprendidamente estirados para a estrada, emquanto para a frente, para trás, para a dextra, para a esquerda, esplende a pompa da terra, esplendem o campo, a matta phantastica.

VIRIATO CORRÊA

## ACADEMIA BRAZILEIRA

A ESFERA PASSIVA, A ESFERA ACTIVA DA ACADEMIA — AS QUESTÕES DE ALTA LITTERATURA — A VAGA DE PATROCINIO — OS CANDIDATOS — UM ARTIGO INNOCENTE.

Abaixo, váe o artigo de um jornalista provinciano, o sr. Augusto Franco, publicado no jornal official de Minas, lançando (ao publico, apenas) a candidatura do dr. David Campista, á vaga aberta na Academia, pela morte de Patrocínio.

Esse artigo, feito na mais innocente intenção, ao qual se refriram, ha poucos dias, telegrammas de Bello Horizonte para a nossa imprensa diaria, é interessante por uma série de motivos.

Em primeiro lugar... como reforço á vontade de se praticar, nas eleições da Academia, o mesmo que se vê nas nossas eleições politicas.

Hontem, para se preencher a vaga de Martins Junior, verificou-se uma exacta, uma verdadeira influencia do processo eleitoral do 2º districto desta cidade.

Até senhoras, com uma diligencia quasi inconsciente da sua missão, cuidaram duma cabala d'aldeia, e, mesmo, homens de grandes responsabilidades do pensamento nacional votaram, gratuitamente, por méro gosto de serem sensiveis a *empenhos*... num dos candidatos, contra o merito, a composura moral e mental do sr. Souza Bandeira. Ainda, nesse programma, um professor duma escola superior exigiu dum alumno seu, filho dum academico, o voto do pae em beneficio do outro candidato. O *mimetismo* eleitoral, na Academia, está nessa altura.

Agóra, é um jornalista, com ares de chefe politico, lançando uma candidatura, que seria, aliás, a mais sympathica possivel, sem prejuizo de ser, tambem, sufficientemente innocua; porque, hoje em dia, a eleição para Academia, não é ainda eleição para o Congresso. O sr. David Campista, o mais elegante e fino dos oradores da Camara, si fôr esperar por essa exhibição do sr. Augusto Franco, ficará, quando muito, na *academia dos goncourt*... onde qualquer dos senhores póde entrar, sem precisar de inscrever-se.

Os leitores descubram, no seguinte artigo, outras coisas interessantes.

« Quando um grupo de escriptores brasileiros se lembrou de fundar uma academia de lettras, não faltou quem motejasse da idéa e troçasse os seus promotores, entre os quaes, entretanto, se contavam homens da mais elevada capacidade intellectual.

Apezar dos motejos e das troças, que se justificavam sobretudo pelo espirito de imitação de que era acoidada a idéa — imitação á Academia Franceza, até em o numero de confrades — installou-se a Academia Brazileira com o escól da mentalidade nacional.

As pilherias continuaram, os escarneos, as zombarias fôram adeante, mas a Academia tambem foi adeante, e hoje, embóra os golpes tremendos que soffreu, os ataques sem treguas de que foi alvo, é um instituto consolidado.

Hoje, disputam-se com empenho extremado as suas poltronas, os academicos se penhoram de collocar o seu appellativo na capa dos livros que publicam, o officialismo dá forças ao gremio, os jornaes o tratam com seriedade e respeito.

Em summa, a Academia venceu definitivamente as primeiras luctas. Já fez muito no terreno da resistencia passiva. Agóra, é preciso fazer mais, muito mais, na esphera activa. Carece de justificar a sua existencia, a sua razão de vida.

Uma vez que ella se modelou pela Academia Franceza, porque não lhe seguir todos os passos?

Como se sabe, a de França, entre outras importantes e fecundas, propõe

oficialmente questões de alta litteratura, que são tratadas pelos associados.

Um dos livros mais vigorosos do grande Taine, o mestre extraordinario da critica e da historia philosophica, foi estimulado por uma proposta da Academia. E' o *Essais sur Tite Live*, em 360 paginas brilhantes.

Segundo a proposição da Academia, coube ao preclaro auctor de *L'Histoire de la Littérature Anglaise*, fazer um estudo critico e oratorio acêrca do genio de Tito Livio; tornar conhecidas, por alguns traços essenciaes da sociedade romana no seculo de Augusto, as condições de luz e liberdade, em que escrevia o culminante historiador; e procurar o que se podia saber das circumstancias de sua vida.

Coube-lhe, além disso, resumir as presumpções de erros e de verdades, que se attribuem ás suas narrativas, de accôrdo com as fontes por elle consultadas e conforme o seu methodo de comparação historica, e, sob esse ponto de vista, apreciar devidamente os julgamentos de sua obra feitos por Machiavel, Montesquieu, de Beaufort e Niebuhr.

Em remate, tocou-lhe salientar, pela analyse, por exemplos bem escolhidos e fragmentos extensos de traducção, os principaes meritos e a grande feição dominante da narrativa de Tito Livio, suas vistas moraes e politicas, seu genio de expressão, determinando tambem qual o logar que occupa entre os grandes modelos da antiguidade, e que estudos fecundos ainda podia elle offerer á arte historica do seculo de então.

Taine escreveu o monumental trabalho com referencia a todos esses pontos complicados e multiplos.

Na sessão de agosto de 1855, o velho historiador litterario Willemain, dando conta do manuscrito de Taine, dizia :

« . . . Cette fois (veja-se bem, *cette fois*) l'Académie avait désigné, pour sujet d'un tel travail, un des plus grands maitres de la narration antique, ou plutôt du génie historique, dans tous les temps. . . »

Tambem a nossa Academia devia designar themes, assumptos, questões complexas de litteratura pura, de philosophia, historia, critica, ethnographia, politica, philologia, até de jurisprudencia, para sobre elles escreverem os academicos—livros, memorias, monographias, commentarios, notas, etc.

Nem o facto de ser a Academia Brasileira de letras exclúe os assumptos que se não relacionem directa ou particularmente com a litteratura. Esta deve ser tomada no sentido germanico e italiano, amplo, vasto, abrangente, e que comprehende quasi todos os ramos de producção humana, e não sómente a poesia, o conto, a novella, ou, melhor, unicamente as *bellas-lettas*. (1)

Na Allemanha, os criticos litterarios inclúem em seus trabalhos até pintores e esculptores, e na Italia, os professores de litteratura fazem o mesmo. (2)

A mesma cousa praticou aqui o sr. Sylvio Roméro, o nosso grande *Litterarhistoriker*, na sua incomparavel *Historia do Litteratura Brasileira*.

Na propria Academia, não são todos escriptores nos quaes predomine, de preferencia, a nota litteraria na accção estreita — de romance, conto, poesia, etc.

Os srs. Sylvio Roméro, Araripe Junior e José Verissimo alli figuram mais como criticos, si bem que o primeiro possúe quatro ou cinco outras feições a mais, tão brilhantes como aquella.

São mais publicistas do que litteratos os srs. Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e Rodrigo Octavio.

O sr. Clovis Bevilacqua é accentuadamente um jurista philosopho; jurista é tambem o sr. Graça Aranha; e o sr. João Ribeiro, mais grammatico do que poeta.

Tornaram-se mais conhecidos como jornalistas os srs. Carlos de Laet e Alcindo Guanabara, e hoje os srs. Medeiros e Albuquerque e Garcia Redondo só cuidam da imprensa.

A historia encontra no sr. Oliveira Lima um cultor apaixonado, e o sr. Rio Branco é, antes de tudo, um geographo.

O sr. Euclides da Cunha é escriptor á parte.

Os romancistas são os srs. Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Affonso Arinos, Coelho Netto, Affonso Celso, Inglez de Souza, etc.

Comocontistas, se enumeram os srs. Domicio da Gama, Arthur Azevedo, Lucio de Mendonça e Pedro Rabello.

Os poetas são os srs. Olavo Bilac, Augusto de Lima, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Teixeira de Mello, Guimaraens Passos, Franklin Doria, Silva Ramos, Filinto de Almeida, Salvador de Mendonça e Magalhães de Azeredo.

Nesses ultimos, é que o caracter meramente litterario, no sentido *brazileiro*, parece predominar.

Nos demais, como se viu, as faces caracteristicas são diversas.

Entretanto, nada impede que uns e outros sejam historiadores, criticos, poetas, novellistas, juristas, philosophos, romancistas, a um tempo.

Ha uma outra feição litteraria de notavel valia; é a feição parlamentar.

E um dos nossos mais fulgurantes litteratos parlamentares é, sem duvida, o sr. David Campista, deputado federal por Minas.

Si o passado politico valesse como documentação de merito litterario, poderiamos lembrar que o sr. Campista foi deputado estadual, propagandista da Republica, secretario de Estado

durante oito annos e agóra rebrilha no parlamento nacional.

Mas, nem é preciso ir lá para se justificar a candidatura do illustre professor de Direito á vaga de José do Patrocínio, na Academia Brasileira.

Ninguem melhor do que elle está nas condições de preencher aquella vaga.

As qualidades superiores, que deve possuir o homem de letras, tanto subjectivas como objectivas, tem-nas, em maximo gráu, o sr. David Campista, cujo robusto talento encontra correspondencia exacta num solido e variado preparo intellectual, fortalecido pela operosidade de um espirito activo, arguto e clarividente.

Allegar-se-á que todo o seu extraordinario valor como parlamentar, como jurista e politico, não lhe dará entrada na Academia, porque inda não tem, ao menos, um livro publicado. (3)

Si não ha engano, parece que os estatutos da associação assim o requerem.

Mas, isso não colhe, não procede, porquanto, si é do *volume material, geometrico*, que se faz questão, nada mais facil do que o sr. Campista mandar imprimir dous ou trez livros bonitos, bem feitos, bem acabados, de esplendidos discursos parlamentares, de trabalhos juridicos e politicos, publicados em jornaes e revistas, cada qual mais substancioso e attrahente. (4)

Só os discursos pronunciados no parlamento, e que, pelo encanto da fórma e pela belleza dos conceitos, causaram um successo raramente verificado no paiz inteiro, só essas formosas orações fazem abrir, de par em par, as portas da Academia ao glorioso tribuno.

Fala a imprensa em dous outros candidatos — os srs. Domingos Olympio e Severiano de Rezende.

O primeiro, que é um jornalista eminente e um romancista de pulso em *Luzia-Homem*, não tem mais direito do que o sr. Campista de occupar a cadeira de José do Patrocínio.

O segundo, apezar de poeta original nos *Paineis zoologicos* e forte prosador em *Eduardo Prado*, livro onde ha gravissimas injustiças ao sabio polygrapho dr. Pereira Barreto e á valente escriptora portugueza d. Maria Amalia Vaz de Carvalho, é tambem merecedor de se assentar naquella cadeira, porém menos do que o candidato mineiro.

Si, na proxima eleição, o excellente romance *Mocidade Morta*, ou o interessante volume *Ensaio e Estudos* dér ao sr. Gonzaga Duque ou ao sr. Souza Bandeira, direito a um logar na Academia, os trabalhos do sr. David Campista, enfeixados em livros, o levarão ainda com mais direito a penetrar alli, no futuro conclave.

Elle será, no seio do grande gremio,

o representante mais legitimo da litteratura tribunicia, no que ella tem de mais nobre e bello, aprimorado e culto.

Como si lhe não bastassem as qualidades optimas de jurista, sociologo e jornalista, que delle fazem um perfeito homem de lettras, um finissimo intellectual, um publicista de soberano valor, ser-lhe-ia sufficiente possuir os grandes predicados oratorios que possúe, para ennobrecer e honrar uma cathedra na Academia Brasileira.

O mais scintillante dos periodistas nacionaes não teria certamente substituto mais digno, nem mais completo.

#### AUGUSTO FRANCO.

(1) O sr. Francisco de Castro foi eleito academico, não por ter escripto obras litterarias, a não ser, quando estudante, um livrinho de versos prefaciado pelo sr. Machado de Assis; mas, pelo cunho litterario imprimido á sua *Clinica Propedeutica*, ao pamphleto sobre a questão — Abel Parente — e a outros escriptos medicos.

(2) SETEMBRINI, *Lezione di Letteratura Italiana* (Napoli).

(3) O sr. Luiz Delfino não possúe, egualmente, nenhum livro; entretanto, è um dos mais notaveis e ferteis poetas brasileiros.

(4) O sr. Graça Aranha, quando entrou para a Academia, não tinha nenhum livro publicado. Contava, porém, excellentes trabalhos esparsos, entre os quaes a *Introdução*, ao livro *Concepção monistica do Universo*, do sr. Fausto Cardoso.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A DYSPEPTINA

Este novo medicamento é o succo gastrico do porco, absolutamente natural e puro, filtrado atravéz de velas Pasteur, para ficar aseptico e ser conservado em frascos esterilizados.

Para obtel-o nessas condições, o dr. Maurice Hepp o extráe do estomago isolado, por onde não passam alimentos, communicando, directamente, o esophago com a primeira porção do intestino, sem lezar os vasos e os nervos estomacaeos, e, assim, passam os alimentos, directamente, da bôcca aos intestinos. O estomago, em virtude de acções reflexas, verificadas pelos professores Pawlow, de S. Petesburgo, e Frémont, de Vichy, no cão, continúa a fornecer uma secreção normal, recolhida por um trajecto fistuloso do estomago, adherente á parede do ventre, por meio de uma sonda que a recebe no momento da refeição do animal, que, privado da funcção do estomago, se mantem em perfeita saúde, prospera e augmenta de pezo, condições essenciaes para a utilização de seus productos organicos.

E' curiosissima a acção therapeutica do succo gastrico obtido por esse pro-

cesso: não age como um digestivo, propriamente dito, porque perde, na filtração, uma parte de suas facultades digestivas, sem, todavia, lhes tirar o valor: age estimulando as funcções naturaes do estomago doente, regenerando-as, de sorte que, em vez de tornar, como as pepsinas, o orgão preguiçoso, incita-o ao trabalho e lhe restitúe a propria energia.

Essa é a maneira de agir dos medicamentos opotherapicos, extraídos dos orgãos animaes, sendo o mais expressivo exemplo delles a tyroidina, que faz crescerem os anãos, dá intelligencia aos cretinos. A dyspeptina só differe desses medicamentos por ser extraída de um orgão são, em plena actividade vital, ao passo que aquelles o são de orgãos mortos.

Algumas noções scientificas, estabelecidas pelas analyses do succo gastrico dos doentes, obtido por uma sonda, antes e depois do tratamento, permittem indicar, com segurança, a dyspeptina, que age em todos os casos de insufficiencia do estomago, manifestada por simples perturbações gastricas, inappetencia, tumefacção gazonosa do ventre, lentidão das digestões, vomitos, eructações calidas depois das refeições, palpitações do coração, etc, ou por perturbações intestinaes, enterite, diarrhéa chronica. Ella faz bem ao simples dyspeptico, como aquelles cuja dyspepsia indica uma tuberculose incipiente, ameaçadora, por oppôr um grave obstaculo á superalimentação, unico meio de allivio ou de salvação. E' tambem, notavel a acção, como remedio heroico, nas creanças dyspepticas, cuja diarrhéa verde, infecção digestiva paralysa todo o tubo digestivo.

Tal é, em rapida exposição, esse poderoso medicamento para uma das affecções mais generalizadas, como fonte de muitos flagellos da humanidade.

\* \* \*

### DIAMANTES

O *record* dos grandes diamantes pertencentes, até agóra, a uma pedra da Africa austral, encontrada em Jagersfontein, em 1893, pezando 971 quilates, foi excedido pela descoberta de uma de 3.032 quilates ou 621 gr. 560, em uma nova mina do Transwaal.

As minas sul-africanas téem o monopolio das grandes pedras. Os antigos diamantes de Golconda, os do Brazil, feitas algumas excepções, estão longe de attingir tamanhas dimensões.

Admittida a perda de 75 % na lapidação, essa pedra phenomenal ficará reduzida a 758 quilates, ficando, portanto, muito adeante dos grandes

diamantes historicos, assim classificados com indicação de seus possuidores e de seu pezo:

Nome	Possuidor	Pezo em quil.	
		Bruto	Lapidado
Bragança	Rei de Portugal	1680	367
Dudley	Conde Dudley	88	44,5
Estrella do Sul	»	—	254
Estrella Pollar	»	—	40
Estrella d' Africa	»	—	128 1/2
Florentino Grand Mogol	Imp. d' Austria	—	139,5
G. Duque de Toscana	Rei da Inglaterra	—	139,5
Koh-i-Noo Nassack	Duque Westmimster	194	—
Orloff	Czar	—	78
Facha do Egypto	»	—	194
Pitt	Kediva	—	40
Pigott	Imp. d' Allemanha	410	137
Regent	»	—	82,5
Sancy	França	410	136,5
Shah	»	—	53
	Czar	—	86

E' difficil determinar o valor da monstruosa pedra, porque a primeira estimativa de 250.000 libras póde ser aleatoria si considerarmos que, no preço de um diamante, sobretudo de tão expencionaes dimensões, não se computam, sómente, o tamanho, as dimensões, o pezo, mas outras condições que pódem fazer variar, infinitamente, o valor, como seja—a agua, a fôrma e a lapidação.

Sob esse ponto de vista, o *Regent* marca o *record* das mais bellas pedras do mundo.

«Este brilhante unico, inestimavel, diz Saint-Simon, eclypsando os de toda a Europa, perfeitamente branco, de fôrma regular, isento de nuvens e palhetas de uma agua admiravel...» Como a maior parte dos diamantes historicos, elle é originario da India, que teve sempre a reputação de fornecer pedras de uma agua incomparavel. Os diamantes antigos—*vieille roche*—provinham, exclusivamente, do mercado de Golconda.

Parece que a enorme gemma encontrada no Transwaal não rivalisará, como agua, com os diamantes celebres. Os do Brazil téem, frequentemente



te, um reflexo azulado e se classificam, como valor intermediario, entre os diamantes da India e os do Cabo.

A Africa austral possui a superioridade incontestavel de manter o mercado do mundo com uma quantidade de diamantes, cujo total excede em muito ao que têm produzido outros paizes diamantinos. Ao passo que do Brazil, desde a epocha da descoberta do diamante, 1725, se têm extraído 15 milhões de quilates do valor de 700 milhões de francos, as minas do Cabo, em menos de 20 annos, de 1867 a 1885, forneceram cêrca de 30 milhões de quilates, representando o valor de um milhar de francos. A razão dessa superioridade é que, nas Indias como no Brazil, o diamante é extraído das areias de alluvião, recolhendo-se o producto da desagregação das rochas diamantinas, ao passo que, na Africa, a exploração é feita, directamente, nas proprias jazidas, nas minas seccas, especies de chaminés vulcanicas, cheias de tufo ferruginoso, pela sua côr azul, denominada — *blue ground*. E' nesse tufo que, sob a acção combinada da temperatura e de uma enorme pressão, como demonstrou Moissan, o carbono se crystallizou sob a fórmula de diamante.

Assim se explica a abundancia de rendimento dos filons do Cabo, explorados em escala colossal pelos mais aperfeiçoados processos industriaes, que não fôram ainda applicados ás jazidas brazileiras.

\*  
\*\*

#### O CHLOROFORMIO

A proposito de um aparelho automatico para a chloroformisação dosada, apresentado á Academia de Medicina de Pariz, por mrs. Reynier e Dupont, o dr. Lucas Championnière provocou, na sessão de 31 de janeiro, uma interessante discussão, contestando os princípios sobre os quaes se baseia o aparelho que, como todos os congenes modernos, feitos para a dosagem do chloroformio, se funda sobre a theoria da *zona manejavel*, os limites extremos de dosagem, entre os quaes o emprego desse anethesico seria innócuo.

Essa zona, affirma o sabio medico, não existe. Desde o inicio da chloroformisação, o paciente é invadido, em toda a sua economia; os anethesicos, immediatos ou totaes, dão prova cabal disso.

dEm vão, fôram classificados esses

phenomenos conforme observações feitas em animaes: a reacção do homem é muito differente. As anesthesias semperda de consciencia, as anesthesias das parturientes tambem o'demonstram. Não sómente a invasão do chloroformio é immediata, mas é variavel conforme as especies que, com a mesma pureza chimica, apresentam reacções physiologicas, sensivelmente diversas e exigem na pratica, uma progressão differente no seu emprego. Não póde haver machinas, determinando, de antemão, a mistura a empregar. Todo o aparelho deve permitir a acção pessoal do operador, porque valem pela habilidade de quem os utiliza.

Segundo a opinião de Lucas Championnière, a maior parte dosapparelhos, inclusive o de mr. Reynier, não trazem á administração do chloroformio condições novas.

Ao contrario, o aparelho de Roth, aperfeiçoado pelo dr. Guglielminetti, e empregado, ha pouco tempo, nos hospitaes de Pariz, faz respirar uma mistura de ar, de oxigeneo e de vapor de chloroformio. Essa mistura tem felizes propriedades. A anesthesia é mais regular, não ha accidentes lamentaveis para o lado da respiração; a chloroformisação, começada com uma dós normal, póde ser continuada com uma dós infima. A função do aparelho é facil de ser dirigida; o despertar é, particularmente, simples, e a administração do oxigeneo puro o completa rapidamente.

O dr. Reynier replicou, invocando a auctoridade de Paul Bert, que estabeleceu os limites da *zona manejavel*, fixando em 15 % o maximo perigoso, conforme experiencias comparativas feitas em animaes.

Evitemos — disse elle — as dós fortes; fiquemos nas fracas porcentagens, e os accidentes serão evitados.

Quanto á composição do chloroformio, elle reconheceu que ha differenças inexplicaveis, e para evitar surpresas emprega sempre o chloroformio chamado — dos hospitaes.

Por sua vez, Reynier defende o seu aparelho e faz ao de Roth-Guglielminetti, a censura de empregar o oxigeneo puro, que póde, em certos casos, provocar congestões pulmonares.

Resulta dessa discussão que, apesar dos apparelhos novos e engenhosos destinados a substituir o primitivo methodo da compréssa, a questão da anesthesia permanece, ainda, como um campo aberto ás investigações da sciencia.

\*  
\*\*

#### PEZO DO GADO MINEIRO

Na excursão que fizemos, ultimamente, ao Sul de Minas para assistir á inauguração do serviço de navegação

do Sapucahy entre Fama e Carrito, tivemos occasião de conhecer de perto as boiadas que da feira de Trez Corações vão para o mercado do Rio de Janeiro. O dr. Buarque de Macedo, illustre superintendente da E. F. Minas e Rio, prestou-se gentilmente a mandar que fôsse pesado um trem de gado na estação de Cruzeiro, e o resultado obtido é o que indica o quadro seguinte.

Em média, os bois pezaram. 476, kg 225, sendo que os maiores atingiram a 523 kilogrammas.

Devemos consignar que, mesmo para um tal pezo de gado, se applicam os resultados a que chegáramos nos artigos aqui publicados sobre a *Alimentação do gado bovino*; as rações calculadas para um pezo de 250 kilogrammas, sendo duplicadas, servem para o pezo médio de 500 kilogrammas.

Julgamos interessante dar publicidade ao resultado da pezada a que assistimos, porque, assim, fica patente ser bem razoavel o pezo dos bois engordados nos pastos mineiros.

#### PEZADA DE 8 WAGONS DE GADO NO DIA 13 DE JANEIRO DE 1905, EM CRUZEIRO

N. do wagon, série E	N. de rezes	Pezo do wagon carregado	Pezo do wagon vazio	Pezo das rezes
46	12	14.600	8.725	5.875
6	13	14.550	8.325	6.225
35	13	14.225	8.050	6.175
15	13	14.500	8.300	6.200
34	13	14.450	8.325	6.125
23	13	14.175	8.200	5.975
10	12	14.850	8.575	6.275
42	13	14.475	8.750	5.725
8 vag.	102	115.825	67.250	48.575

Pezo médio de cada rez..... kg.  
476.225  
dos bois do wagon 10 E..... k.  
522,9

ARTHUR GUIMARÃES.

(Revista Agricola)

#### COELHO NETTO E O THEATRO

O sr. Coelho Netto não desespera do theatro, no Brazil. E' lhe mesmo possivel, em meio de tantas canceiras de espirito, de tanto e tão veridico trabalho, ter tempo, ter paciencia para esperar... O fino artista, em que peze á preguiça, ao desprendimento do publico, perante a fallencia do theatro-casa — do theatro-pessoal, pensa na sua reconstrucção. A lembrança dos seus projectos, dos seus planos de ataque, o prosador do *Sertão*, com muita confiança, espera. A presença da sra. Lucinda é uma das melhores razões de esperança. O sr. Coelho Netto convidou escriptores, jornalistas, actores a ouvirem a leitura, hontem no theatro *Carlos Gomes*, da peça que traçou contando com a companhia dirigida pela actriz portugueza.

## A VOLUPIA DA VAGA

(AO AFFONSO DE AQUINO)

Vaporisam-se á luz as brumas nos espaços.  
 Enódia vem ao banho. Ao concento dos passos  
 Seus, límpido, na areia, abemólam o canto  
 Os passaros, no ar ; como as franjas de um manto,  
 Seus cabellos, ao vento, ondeiam e se espargem ;  
 Alçada e firme, esguarda a nemorosa margem  
 Do golfo a scintillar, polido e côr de opala ;  
 As narinas dilata e o cheiro que trescala  
 A redondeza, aspira.

A garganta marmorea,  
 O rijo collo a arfar, desnuda, e a espadua florea ;  
 A botina descalça, e a meia ; a saia arreda  
 Ao jaspelino flanco ; a camisa de seda  
 Arranca, e surge, emfim, gloriosamente núa !  
 Vibra, tudo, ao redor. Guaia o vento, e recúa ;  
 E o ar se faz macio ; e o golfo resplandece,  
 E toda a Natureza, em extase, parece  
 Um templo, um grande templo aberto e silencioso  
 Sob um pallio de céu pagão ; e, suspiroso,  
 De manso, o vento agita o bosque e delle arranca  
 Estranhas vibrações.

Enódia, erecta e branca,  
 Da brancura polar das frias neves, alta,  
 Como uma garça esbelta abrindo as azas, salta  
 Ao múrmuro crystal... Rasgam-se as ondas cerulas...  
 Dessa perola ao baque a espuma abre-se em perolas.

Ara, leve, a nadar, a superfície plana  
 E fulgida do golfo, as aguas espadana,  
 Mergulhando, atrevida, o corpo de alabastro,  
 E deixa, onde fluctúa, um reverbero d'astro.

Uma vaga, entre as mais, ao longe, ergue-se e vibra  
 De ponta a ponta, gotta a gotta, fibra a fibra ;  
 Vê noutras emballado o vivo lyrio branco,  
 Quer sentil-o em seu bojo, arrastal-o em seu flanco,  
 Vestil-o, submergindo-o ; alteal-o triumphante,  
 Passeal-o á flôr do golfo azul. Bufo, troante ;  
 Entumecida e panda esbate-se nas fragas,  
 E deslisa veloz, e corre sobre as vagas...  
 E corre... e corre mais... e corre mais ainda...  
 E—numa ancia de amôr, numa voluptia infinda  
 Chega... beija-lhe os pés, e beija-lhe os artelhos...  
 E sóbe... e sóbe mais... e beija-lhe os jêlhos...  
 E as coxas... os quadris... o ventre jaspeo, beija...  
 Num torcicollo sobe ao dorso espumeo... arqueja,  
 E desce a lhe beijar os seios, marulhando,  
 Como a agitar um sistro... oscilla circulando  
 E cinge-lhe o pescoço... humedece-lhe a bôcca...  
 Envolve-a toda, emfim !

D'aureos reflexos touca  
 O alvo corpo que enlaça ; aperta-o, como em braços...  
 Conduze-o aguas a fóra em musicaes compassos,  
 Ergue-se em arco, e cáe... redemoinha e se apruma  
 E cáe... e se desfaz em floculos de espuma !

LEAL DE SOUZA.

*(Bosque Sagrado).*

## MATER

Floresces na penumbra anonyma do albergue,  
 Sob o humilde casal de pobres infelizes,  
 Onde mora a honradez e a cuja sombra se ergue  
 A arvore da desgraça, e onde o amor fez raizes.

Ao mundo, sem que á Dôr teu animo se vergue,  
 Surges predestinada ás fundas cicatrizes,  
 E passas, sem deixar quem o teu passo enxergue,  
 Vás, embóra, onde vás, pizes por onde pizes.

Segues a tua estrada entre flôres e espinhos,  
 Ora, esbarras na treva, ora na luz, e, dentre  
 O universal rumor, fére-te a vóz dos ninhos.

E o teu sonho é tão grande e a missão tão profunda  
 Que desprezas a dôr — porque trazes no ventre,  
 Fonte de eterna vida, a dôr que em ti fecunda.

Ceará, 1905.

SOARES BULÇÃO.

## AMOR E MORTE

Amor, um dia, ao se encontrar com a Morte,  
 Teve o momento de lhe perguntar :  
 — O que fazeis em rumo Sul e Norte,  
 Por sobre os Campos e por sobre o Mar ?

E a Morte respondeu-lhe, erecta e forte :  
 — Ando os corpos dos Homens a ceifar  
 Com esta curva foice de atróz córte,  
 Fina e nevada como a do luar.

— E o que fazeis, Amor ? dissei-me agóra,  
 Vós que nascestes com a meiga aurora  
 Que os thezoiros dos sóes enriqueceram ?

E o Amor lhe disse, abrindo-lhe o regaço :  
 — Levo, num sonho, para o azul do Espaço,  
 As Almas que por mim na Dôr viveram.

ARAUJO FIGUEIREDO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE .. . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Se as palavras e as idéas destas chronicas pudésem repercutir nas altas regiões, despertando os estadistas demasiado entoxicados das emanações deleterias da politica, superexcitada pelas candidaturas á successão do sr. Rodrigues Alves, invocariamos a attenção dos homens que nos governam, para o assombroso desenvolvimento da tuberculose, impondo-nos um sinistro tributo de vidas, como demonstram os registros do obituario.

Emprehendemos, em boa hora, campanhas sanitarias contra a peste e a variola, que estão sendo juguladas, apesar da violenta reacção suscitada pelo rigor das medidas de prophylaxia; temos encerrado dentro de estreito perimetro a febre amarella, que já não é elemento do nosso descredito, e nutrimos a esperança de ser, em breve, o saneamento do Rio de Janeiro um facto indiscutivel, se não fallecerem meios ao benemerito especialista, que está conduzindo, com energia e coragem, a campanha sanitaria; mas não atacamos ainda de frente o peor inimigo, o mais terrivel e o mais insidioso, por isso mesmo que já nos familiarisamos com elle e só lhe percebemos os effeitos deleterios quando são inefficazes todos os meios conhecidos para debellal-o.

Não desconhecemos as humanitarias tentativas, como os esforços da Liga Contra a Tuberculose, que, reduzidas a meios exiguos, representa, quando muito, um protesto contra a nossa desidia, um grito de afflicção no meio da calamidade tolerada, como um mal invencivel, um mal que contagiou, definitivamente, o nosso organismo e ha de produzir uma raça de degenerados, uma raça ephemera, desfibrada, conduzindo com as taras hereditarias, o germen da inacção, da incapacidade para a obra dos nossos destinos de nação.

As medidas sanitarias empregadas para o saneamento dos domicilios infuirão, certamente, para a attenuação da tuberculose nos lares, mas não attingirão um grande fóco, onde ella prolifera e se transmite sob as proprias vistas da sciencia, ou pelas mãos dos mestres mais acatados, dos medicos mais notaveis e dos cirurgiões mais habéis, impossibilitados todos de obstar a invasão do mal domiciliado, como um minotauro, no labyrintho da praia de S. Luzia.

Resôa, como uma heresia, dizer no tom aspero da verdade, que o hospital da Santa Casa de Misericordia, que é um monumento de caridade, administrado pela mais meritoria instituição humanitaria do Brazil, a cargo de homens que lhe consagram, com um santo interesse, com uma dedicação superior a todos os louvores, o melhor de sua actividade honesta e do seu carinhoso coração, é um fóco de contagio; mas é preciso dizer a esses proprios bemfeitores desinteressados, que elles, mantendo as tradições daquella casa, os seus methodos de administração, os seus defeituosos processos hygienicos, alimentam, no sãgrado intuito de distribuir a saúde aos infelizes desprotegidos da sorte, um tremendo fóco de infecção.

Consultem-se os operadores que alli trabalham, e elles vos dirão, á puridade, porque a verdade raramente se diz em vóz alta; elles vos dirão que as feridas operatorias, por elles feitas com as mais meticulosas cautelas de asepsia, se infeccionam, que não ha alli cirurgia sem púz. Indagae dos medicos que tratam molestias do aparelho gastro-intestinal, tão frequentes na clinica hospitalar, assim como affecções da arvore respiratoria, e elles vos dirão que os seus doentes saem curados das molestias que os levaram ao hospital, mas levam consigo o germen da tuberculose que os traz, mais tarde, para alli passarem os derradeiros, tristes dias da vida.

Tem acontecido regressarem tuberculosos, individuos que fôram allí conduzidos pela policia para serem curados de lezões traumaticas, sem gravidade.

A contaminação é inevitavel em consequencia da absurda promiscuidade, mantida pela rotina, naquellas magnificas enfermarias. Não será um absurdo revoltante, contrario ás indicações mais intuitivas da sciencia e do bom senso, collocar um tuberculoso no leito visinho ao de um pneumonico, que tem os orgãos respiratorios estrumados de modo propicio para a sementeira do bacillo de Koch?

E' um absurdo; é mais do que isso: é um crime que, todavia, se perpetra allí, innocentemente, inconscientemente, como se administradores e medicos não tivéssem a minima noção do espantoso mal que toleram, que promovem e perpetuam para não alterarem um regimen incompativel com as conquistas da sciencia.

Depois, as victimas da tuberculose constituem, na grande maioria, a materia de estudo, a *anima vili* do amphitheatro de anatomia, onde os jovens estudantes se infectam nos orgãos putridos que dissecam.

—Será possivel—dirá o leitor, attento—que esses factos se reproduzam, se normalisem sob os olhos de homens benemeritos, homens de caridade e homens de sciencia? Será crível que não tenha partido dalli uma vóz, bastante sincera e ousada, para denunciar essa lamentavel situação do melhor e do mais notavel hospital do Brazil?

O leitor não leva em conta a força de habitos cimentados pela acção do tempo e, sobretudo, pela veneração aos benemeritos fins da instituição. Não leva em conta melindres interesses dos que vivem do hospital, como fonte de renda ou como fonte de reputação, de renome ou, finalmente, como o nosso mais vasto theatro clinico, onde a sciencia explora a miseria, como um mal necessario, um elemento

de estudo, de experiencias arrojadas, que seriam impossiveis na clinica civil. Esses interessados, no bom ou no máu sentido da palavra, são discretos, não trazem para o publico as funestas consequencias dos defeitos de administração tecnica, nem os desastres que alli dentro se succedem com apavorante progressão.

E, para dar uma pallida amostra da força do habito, basta affirmar que téem sido baldados todos os esforços para subordinar os exgottos da Santa Casa ao regimen geral do saneamento da cidade.

A noção mais elementar dessas coisas sanitarias indica que os dejectos de um hospital, e de um hospital daquellas colossaes proporções, deveriam, como mais nocivos, ser tratados pelo processo da *City Improvements*; todavia, a verdade é, ou era até bem pouco tempo, que os productos do serviço sanitario da Santa Casa, são lançados por conductos especiaes na bahia de Guanabara, no caés de S. Luzia, numa praia de banhos salgados!

Ninguem explica, ninguem justifica esse absurdo, senão como uma consagração da rotina, que é fonte de erros insanaveis, teimosos, recalcitrantes.

Dir-se-á, porém: que ha de fazer a Santa Casa, luctando com deficiencia de meios, recebendo, diariamente, centenas de doentes, cujo tratamento regular excederia muito á potencia do seu rico patrimonio? Rejeitar os infelizes que appellam para a sua caridade, fechar-lhes as portas para que elles vão morrer á mingua, nos recessos immundos da miseria abandonada?

A caridade exige apenas que se impeça a promiscuidade, que as enfermarias sejam isoladas conforme a natureza da molestia, de modo que um tuberculoso *in extremis* não fique visinho de um affectado dos bronchios, dos pulmões, por molestias cyclicas, curaveis, que um canceroso não fique ao lado de um herpetico, que um syphilitico não seja visinho de um doente de traumatismos, que, finalmente, se tomem as possiveis providencias para evitar contagios funestos, dadas as condições de receptividade apontadas.

Porque não invoca a benemerita administração da Santa Casa o auxilio do governo da Republica, tão empenhado na esthetica e no saneamento

do Rio de Janeiro? porque não appella para o prefeito do Districto Federal, que é um homem de máus bófes, contra a rotina, e de uma coragem heroica para emprehendimentos decisivos? porque não invoca o auxilio dessas duas forças, masculas e fecundas, para fundarem um hospicio especial para tuberculosos, como aquelle que a cidade de Pariz deliberou, ha pouco, construir?

Porque não emprehende a construção de um desses sanatorios largos, abertos, rasgados, onde penetrem, em ondas profusas, o sol e o ar, os dois unicos agentes therapeuticos efficazes na cura da tuberculose? Se se conseguisse isolar a tuberculose, conseguir-se-iam sanear as enfermarias dos hospitaes geraes e ter-se-ia emprehendido o primeiro passo para o combate a esse mal terrivel, que é o mais ferrenho inimigo da população carióca.

Nesse emprehendimento, a Santa Casa teria o auxilio e as benções de todos os homens de coração.

POJUCAN.

## O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX (1)

### § 1º

A corrente pagã-naturalista dos seculos XVI e XVII, periodo de Bacon, arrancára Shakespeare á idade média.

O estudo da natureza e o methodo experimental tinham dado, então, ao espirito humano audacias até essa epocha desconhecidas.

Si, por um lado, o homem mostrava-se aos olhos do philosopho observador e, na visão do poeta, como o espelho da natureza; por outro, se afigurava um abysmo insondavel, povoado de sombras aterradoras. Nesse abysmo, presentiam-se combates truculentos. A philosophia olhava para elle, ás vezes, cheia de assombro, porque, em verdade, nenhuma epocha do mundo se apresentára tão fertil em sublevações do espirito subterrano ou subconsciente, como a epocha anterior.

A distincção, entretanto, que a sciencia puzera, por estes tempos, entre o subjectivo e o objectivo, varrendo os idolos metaphysicos, que os habitos mentaes tinham creado em torno do homem civilisado, abriu á esthetica horisontes interminos e, todavia, luminosos.

O homem conquistára a consciencia da sua verdadeira posição, no seio do universo.

Shakespeare viveu no convivio dos

cerebros mais fortes do periodo elisabethano. E só por esse facto o seu genio, que não era o de um pensador profissional, teria attingido a culminancia mental e aquella lucidez philosophica, que tornaram possivel a clarividencia psychologica e a penetração de observador insigne dos motores passionaes da vida, universalmente reconhecidos pela critica, em suas obras dramaticas.

Foi, por possuir esse methodo, que a tragedia, em suas mãos, se transformou na visão intensissima dos motivos de obrar. Os vultos humanos, descriptos nos seus dramas, assumiram esse aspecto tragico, que, de ordinario, escapa á inspecção commum, e que se confunde com a vulgar epiderme das coisas, por onde resvalam opacamente os acontecimentos, na indifferença dos observadores banaes do ruido da vida quotidiana.

Dahí: o colorido avernesco da palavra de Macbeth; os ancinubios periclitantes do pensamento angustiado de Hamlet; as subtilizas satanicas dos aphorismos de Yago; as doçuras ultra paradisiacas dos éstos amorosos e dos olhos azues de Julieta; o riso bacchico, o cynico jogralismo de Falstaff; a eloquencia incisiva, militar e, ao mesmo tempo, terna, de Antonio; a energia funambulesca e machiavelica da perversidade de Ricardo III; a tristeza transcendental e a loucura do coração de Lear; a explosão da dynamite do ciúme no centro de um amor immenso, como o de Othelo.

Era a erupção de toda a litteratura dos tempos que correm, condensada na imaginação de um homem. E a grandeza desse genio, que se puzera de pé, graças ao influxo do Renascimento, sonbe perfeitamente medir o futuro pelo que lhe traziam os archeologos dos sublimes fragmentos da antiguidade grego-romana. O grande tragico descerrou os horisontes da arte. A sua lição era a que exactamente convinha ao mundo, que ia surgir ao influxo da resurreição do methodo.

Quanto não ficaram abaixo delle Ronsard, Pope, Dryden e todos esses copistas servis dos classicos, em cujo plectro não palpitava a vida, e que, entretanto, encheram com o barulho dos seus versos e de suas tragedias o resto do seculo XVII!

Essa canceira, pois, devia terminar.

Ao seculo XIX, coube verdadeiramente a missão de recolher a obra de exegeze anterior e coordenar o genio da modernidade. Seculo tumultuoso, tudo nelle appareceu. Todas as idéas se agitaram; todas as insobriedades se impuzeram. Nas sciencias, audacias como nunca; na arte, a clave inteira, desde o realismo photographico até á mais desenfreiada e ethérea phantasia: não houve recanto que a curiosidade

humana, desalgemada das superstições, não esmerilhasse, nem fizesse pretexto de estudos ou de divagações.

Pouco importa que alguns pessimistas, perturbados pelo furacão do progresso, ao contemplar regressões apparentes, se deixassem illudir pela refracção do movimento social e condemnassem, como Brunetière, a civilização, dando a sciencia por fallida.

A verdade é que o crescimento da obra esthetica continúa; e nunca estiveram os povos, procedentes da cultura grego-romana, tão perto de inveterar pelo «caminho tragico», aberto aos pintores da vida, pelo poeta de Stratford-on-Avon.

«Aquelles que negam o progresso na arte, diz Bourdeau, raciocinam como si o bello fôsse absoluto. Ora, o bello é essencialmente multiforme e sempre relativo. As apreciações do gosto são questão de cultura, escola, tradição, epocha, raça. Nestas condições, o progresso resulta para a arte, primeiro, da propria diversidade, — pois a sua lei, que consiste em *tornar-se outra permanecendo sempre conforme á belleza*, força-a a incessantes innovações, afim de realizar successivamente os innumerados aspectos do idéal; segundo, da propria complexidade desses aspectos, que se combinam, succedendo uns aos outros. O bello aperfeiçoa-se no discurso do tempo, porque o gosto torna-se mais comprehensivo e mais largo. A fórmula, porém, desse progresso em vez de simples e rectilínea como na sciencia, comporta regressões passageiras, phases de corrupção e de decadencia, durante as quaes se preparam as renascenças. A arte, assim, avança por cursos, e os seus apogeus são seguidos de declinios. Como em um paiz de montanhas, é preciso descer depois de ter subido, e buscar, de um viso, os mais altos cumes do idéal.» (2)

Ora, o seculo XIX teve de voltar ao movimento iniciado na era shakespeariana para, então, seguir a sua rota original. Quem chegou a estudar o Romantismo, sabe o que a liberdade de pensar e imaginar produziram. Foi uma embriaguez, uma orgia, um turbilhão de idéas, de sentimentos, de sensações.

A parte, que o individualismo de Rousseau tomou nesse movimento, violando tudo quanto em religião, politica, arte, industria, representava o pensamento abstracto da auctoridade, tem sido glosada em todos os tons. Acredito mesmo que muito se tem exaggerado a influencia do verbo morbido dessa um tanto enigmatica figura do seculo XVIII. Não cabe nesse lugar apurar, no que entende com a litteratura, o impulso que a corrente das sensações de Rousseau, mais do que a sua moral, deu á sociedade moderna, nem ainda discutir a documentação

da grande obra de Brandis, sobre as escolas della decorrentes.

O que é certo é que, si tal corrente chegou a ser dominadora, como alguns dão a perceber, essa dominação, ao tempo de Chateaubriand, no periodo seguinte, e, ainda, em 1830, quando se davam as batalhas, hoje para nós ridiculas, do Ernani, era contrabalançada por outras não menos fulminantes, embóra sem o vasto fulgor, que á primeira davam os livros de Lamartine, de Byron, de Leopardi, de Pushkine, de Hugo, de Vigny. etc.

Por entre as obras dos que se arrogavam o nome de romanticos, serpeavam producções, que nada tinham de commum com aquellas outras. Taes producções entravam no movimento secular e delle eram filhas tão legitimas como as primeiras; mas, obediavam ao espirito tragico, que se não encontrava sinão como «gesto» nos dramas e nos romances daquelles copripheus, pois que a alma verdadeira de suas composições era a *miragem da vida* e não a sua medúla, «*la moille substantifique des choses*», na phrase expressiva do divino Rabelais.

Em parte, esse sentimento tragico provinha duma especie de retroacção social, resultante da catastrophe de 1794 e da matança systematica, organizada pelo genio de Napoleão.

Tolstoï no seu romance-epopéa — *Guerra e paz* — descreveu, com mão de mestre e muita ironia, essa *ressaca* historica, phenomeno que, para muita gente, ainda é um torvo enigma. Na sua opinião, em 1812, o movimento europeu produziu-se, com uma symetria extraordinaria, do Occidente para o Oriente e vice-versa. Um motim agita-se em Pariz; aggrava-se por motivos especiaes, e alastra, envolvendo quasi todas as nações visinhas. No fóco inicial da desordem, os homens se entredevoram. Súrgo Napoleão e embrulha o seu genio militar no pavilhão da gloria de uma França arvorada em nação redemptora. Esse homem levanta-se na crista do primeiro vagalhão que o destino impelle para o Oriente. A' primeira vaga, seguem outras, e mais outras; eis a Europa em movimento até que, por exgottamento, esse maremoto social encontra Moscou. E prodúz-se então, o movimento inverso, arrastando, no escoamento da força bellica, as nações intermediarias. Tudo volta ao ponto de partida, que é Pariz, e a agitação acalma-se. (3)

Acalma-se, diz Tolstoï; mas convem não esquecer que essa apparente tranquillidade era precedida de vinte annos de successos inauditos. Devastações, incendios, morticinios, batalhas sobre batalhas: e a gloria militar tripudía nos alcantis da Europa ao clarão das fogueiras de cidades, que os exercitos punham a saque. Para emigrados artistas e tambem para aquelles

que se enricavam com a deslocação das fortunas e com a nova direcção imprimida ao commercio e ás industrias, esses factos podiam efflorescer no *emmanuelismo* de que Chateaubriand deu a nota preponderante: mas, havia uma massa enorme de estropiados pelas guerras, que guardavam no fundo das suas consciencias as reminiscencias tragicas do successo das aguias francezas e de cuja retina não se destacava o quadro pavoroso de povoações inteiras esmagadas pelas patas dos dragões, que passavam, Murat á frente, na fascinante desfílada.

Junte-se a esse residuo de profundo dissabor, a anciedade que as sciencias, logo depois, crearam para a alma moderna, e ter-se-á uma vibração do espirito collectivo, surda e grave, de que serão representantes, na litteratura, aquelles que menos pensavam em discutir theses ou em alardear soffrimentos idéaes, á maneira de Werther, René, Obermann, Manfred, etc.

Entre taes representantes da tragica compenetração da vida, não é difficil distinguir, na primeira metade do seculo XIX, escriptores, que fôram, aliás, reputados secundarios. Ha um delles, em França, por exemplo, o qual, na actualidade, muito saboreado, perdia-se, durante aquelle tempo, na turba dos comparsas da litteratura. E, todavia, esse escriptor é o auctor de *Colomba*, novella, sem apparato, mas em que o sentimento da tragedia pede nieças, em dignidade de expressão, a Eschylo e a Shakespeare.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa)

(1) Este artigo constitúe um fragmento inédito do ensaio intitulado *ESTHETICA DE POE*, cujos primeiros capitulos, referentes a Eschylo, Dante e Shakespeare, fôram publicados na *Revista Brasileira*, annos de 1897-99.

(2) Bourdeau, *Théorie des sciences; plan d'une science intréegale*, II,...

(3) *Guerre et paix*, VI, 346; trad. Biensstock. Pariz, 1904.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A SYPHILIS

Num importante trabalho sobre a syphilis, lido na Academia de Medecina de Pariz, o professor Fournier affirmou que, até nova ordem, o tratamento mercurial continúa a ser o unico pratico, mas não dá, como é feito, o maximo de resultado.

O methodo empregado não se tornará mais proficuo com a duração e a intensidade: deve-se adoptar a cura mercurial a prazo ou intermittente.

Está, geralmente, admittido que é preciso que o tratamento dure, na mé-

dia, quatro annos ; mas, téem-se visto doentes, considerados curados, não ficarem ao abrigo de accidentes ultteriores, como a paralytia geral.

Empregando uma estrategia mais habil, o famoso syphilographo preconisa, no principio, um tratamento intensivo durante dois annos ; depois uma suspensão de dois annos e, no quinto, novo tratamento, seguido de outro repouso bienario e de um derradeiro tratamento, no oitavo anno.

Os dois primeiros annos são sufficientes para produzir uma calma secundaria, que não garante um futuro illimitado. As melhoras serão aproveitadas para o repouso do doente. O mercurio age como uma vaccina e, assim como a revaccinação está, sem contestação, admittida, é indispensavel *remercurialisar*, para não perder as vantagens da immundade temporaria conferida pelo remedio.

As estatisticas estabelecidas pelo professor Fournier, sobre um total de 5650 observações, demonstram que a paralytia geral é para temer no fim de seis ou nove annos. Por isso, elle estabeleceu o tratamento a prazos.

Para obter bons resultados, não basta administrar o mercurio e os iodoretos ; é indispensavel estudar, cuidadosamente, o temperamento do doente, sobretudo no ponto de vista do systema nervoso. Elle citou casos de morte occasionada por excesso de trabalho, fadiga cerebral.

A hygiene, o repouso e, principalmente, a hydroterapia constituem a melhor cura anti-nervosa.

---

## FARIAS BRITO

### VII

No capitulo V. Farias Brito desenvolve, ainda com mais amplitude, as suas idéas, tratando de estabelecer distincção entre philosophia e sciencia. Demora-se em relutar, e o faz vigorosamente, os principios basicos do positivismo. Sem desconhecer o «alto valor scientifico» e a «alta capacidade intellectual» de A. Comte, e rendendo-lhe homenagem, sobretudo na parte da sua obra em que trata este da classificacção das sciencias, affirma affoitamente o nosso auctor que o positivismo «só se póde explicar como uma das mais extraordinarias aberracções do espirito humano». Entende elle que a orthodoxia comtista e principalmente o tal culto da humanidade «nem merece discussão». E não o merece : 1.º—porque tendendo a organizar-se em egreja, revela-se em tudo exclusivista e fanatica, desconhecendo o mais nobre dos principios philosophicos—a liberdade, e a mais bella das virtudes intellectuaes—a tolerancia ; 2.º—porque com

essa religião desloca-se a questão religiosa, e a sciencia (a qual para o positivismo já absorveu a philosophia) tende a tomar o logar da religião, no intuito de pôr termo á presente anarchia mental.»

Nada, no emtanto, mais anarchico do que tudo isso. Seria possivel assignar ao systema de Comte uma funcção certa e indubitavelmente muito util no dominio espirital : a funcção que se limitasse a ir fazendo um inventario, sempre em dia, dos conhecimentos que se fóssem apurando. Como concepção philosophica, porém, a tentativa fracassou.

Em seguida, discute Farias Brito largamente a lei, a famosa *lei dos tres estados* — hoje, aliás, quasi esquecida, póde-se dizer, dos proprios discipulos de Comte. Pelo menos, já elles não se animam muito a fallar nella. Foi theoria que envelheceu e succumbiu antes de ter vigorado. Os poucos altos espiritos que vieram depois de Comte, fôram sufficientes para relegar essa supposta *lei* para o rol das grandes phantasias mortas. A lastimavel illusão do positivismo é certamente a de suppôr vencida, na historia do espirito humano, a phase metaphysica e acreditar que temos chegado á vigencia de uma concepção puramente positiva do mundo. E' essa a illusão suprema, á qual o proprio fundador da escola se não pôde eximir — o que aliás, explica Littré, quando confessa que «aquelles mesmos que mostram desdém pela metaphysica são, por vezes, máu grado seu, governados por ella»... Poderia Littré ter aqui citado, como exemplo, o proprio mestre. Onde foi parar, na verdade, toda a concepção *positiva*, que é o fundamento da escola, desde do instante em que A. Comte organizou o seu culto e instituiu a sua synthese subjectiva ?

Farias Brito tem uma grande palavra victoriosa quando rebate a pretencção do positivismo de limitar a esphera de toda a nossa actividade mental, e condemnando, como indigna do espirito moderno, a metaphysica. «O que se conhece do mundo—diz elle—não é sinão uma ligeira apparencia, uma fracção insignificante. Além do que se conhece, estende-se para todos os lados o illimitado, o immenso. E' o que ninguém poderá contestar. Mas, porque se veda ao espirito a exploração do desconhecido ? Não foi por tentativas identicas á da metaphysica moderna, que o espirito humano começou, sendo que foi justamente desse *exercício inutil*, de que falla Littré, que a sciencia nasceu ?»

Isto, com effeito, é de desorientar. Depois : admittamos, por hypothese, que o positivismo tivesse sido fundado... por Aristoteles e que tivesse regido estes dois mil e quasi quatrocentos annos de actividade intellectual:

as sciencias (e sem mesmo excluir as concretas) seriam ainda hoje o que eram ha vinte e tantos seculos!... Sim, fechado no dogma de Comte, o espirito humano de certo que nada mais veria além do circulo em que ficasse.

O que Farias Brito estranha e taxa até de desleal e intoleravel é « que os positivistas queiram fazer para si o monopolio do principio da relatividade do conhecimento. » « Esse principio — accrescenta — não é obra dos positivistas, estava já definitivamente estabelecido desde Kant e foi principalmente com Hamilton, um grande metaphysico, que se tornou o ponto de partida de toda a verdadeira e sã philosophia. » Pois a mim o que me espanta é que os positivistas reivindicquem para si o principio da relatividade de todo conhecimento e — contradictoriamente — admittam os limites intransgressiveis dentro dos quaes põe A. Comte *tudo quanto é possível saber*. Ora, si o conhecimento é relativo, parece evidente que a relatividade se deve medir pela extensão; pelo poder do espirito que conhece. Nem póde ser de outro modo; e sendo assim, conclúe-se que na razão do espirito que conhece está sempre o conhecimento. Mas, então, o espirito que conhece hoje alcança infinitamente mais que o espirito que conhecia ha dois mil annos ( e isso sem duvida porque o positivismo não dominou durante este longo periodo...). E' daqui por deante, nada nos auctorisa a negar que continuará a ser assim.

Digamos, então : limitar hoje, portanto, a esphera do conhecimento não seria aberrar mais, não seria menos absurdo do que si a tivéssemos limitado, por exemplo, no tempo de Pythagoras. E' muita razão tem, pois, Farias Brito, quando diz : « A metaphysica não é o conhecimento do absoluto. Pelo contrario, é na metaphysica, e na metaphysica que parte do critico do mechanismo intellectual, que está a verdadeira e legitima comprehensão do principio da relatividade. »

ROCHA POMBO.

---

## O ALMIRANTE (24)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPÍTULO XIV

Martins annunciára á marquezia, a feliz terminação do negocio, por elle apprehendido, para salvar as grandes sommas despendidas na organisação do nucleo colonial Izabel, a Redemptora. Excedendo á sua espectativa, a transacção fôra um verdadeiro lance de felicidade: não só salvára o capital,

com excellente remuneração do tempo de empate, como obtivera ainda uma forte somma em acções beneficiarias, que, na opinião do Castrinho, dariam ainda muito dinheiro.

— Tem sorte v. ex., minha comadre; tem muita sorte — dizia elle á marquezia, entregando-lhe um papel com a demonstração da operação em cifras muito nitidas. — Devo, agóra, confessar que era com uma dôr no coração que via correr dinheiro para aquella empresa, a absorvel-o como um sumidouro. Meus olhos de homem, habituado aos negocios pequenos, viam com magua aquellas despezas loucas para erguer no deserto, lá naquellas mattas selvagens, uma fabrica, e entregal-a a um americano cheio de idéas extravagantes... Emfim, o dinheiro não era meu e a comadre, como senhora da sua fortuna, poderia empregal-a como muito bem lhe aprouvesse; mas, era uma coisa que não estava em mim a tentação de conter tamanhos desperdícios, com um conselho de amigo.

— O Gião — observou a marquezia, sorrindo — quasi me põe maluca com as constantes e impertinentes observações contra a fundação da usina.

— Deixe lá — continuou o Martins — que tinha razões para isso. Quando vi que v. ex., desenganada da lucta, abandonava a empresa e se retirava para a Côrte, augurei que estava tudo perdido; mas, o demonio do tal dr. Sumer fez prodigios de actividade. Aquillo, minha comadre, não é homem: é uma vontade milagrosa, incansavel, vigilante, agindo em toda a parte, nas machinas, no campo, encaminhando tudo numa ordem admiravel e conseguindo disciplinar, depois de tantas luctas, aquelle punhado de trabalhadores como um exercito automatico.

— E' o poder da intelligencia, meu compadre, a causa do milagre da producção daquella terra, havia tantos annos abandonada, como todo esse extraordinario sertão brasileiro, á estupidez dos feitores boçaes. Os nossos fazendeiros tinham verdadeiro pavor aos progressos da sciencia e da industria. Não se lembra, você, dos nossos visinhos, que riam das nossas machinas, dessas creaturas cegas, que não admittiam o vapor com receio de perderem escravos foguistas victimados por explosões? Não se lembra você, como elles exultaram, triumphantes, quando um dos meus operarios perdeu um braço na serraria? Para elles aquelles apparatus complicados eram instrumentos de morte, de prejuizos e menos remuneradores que a tracção feita por bestas, fazendo gyrarem, lentamente, como convinha ao emperrado espirito da rotina, as moendas dos engenhos. Entretanto, pouco tempo depois, elles proprios, traziam

ás minhas machinas a colheita dos seus cannaviaes, as suas madeiras e o seu café.

— E' verdade. E a comadre deulhes muito dinheiro a ganhar. Não pense, porém, que o seu exemplo os convenceu: elles não alteram nada do seu antigo systema de lavoira; são refractarios aos exemplos, ás lições da experiencia. A ultima vez que lá estive para o balanço e prestação de contas, aquillo estava mesmo um brinco. Não ha duvida: o americano é um homem ás direitas, que v. ex. teve dedo para escolher. Agóra, com a nova organização, fica elle na gerencia com plenos poderes para promover uns tantos melhoramentos, que reputa indispensaveis para augmentar a renda.

— Fizeram muito bem: o dr. Sumer é a alma daquella empresa.

— A mim, tocou um logar na directoria: sou o gerente aqui na praça. Os meus companheiros são homens de dinheiro e de grande influencia no commercio. Creio que a empresa foi bem organizada sob os cuidados do nosso amigo sr. Souza e Mello.

— E o conselheiro?

— Tambem faz parte da directoria. Olhe que muito custou resolvel-o a acceitar, vencer os seus escrupulos. E' um conto de réis que lhe entra, todos os mezes, em casa sem trabalho.

— Fico-lhe muito grata, compadre, por todo esse trabalho...

— Não tem de que. Foi um bom, um excellente negocio, em que todos nós lucrámos, até o Gião, que se tem fartado de ganhar dinheiro, como unico negociante de seccos e molhados daquellas paragens. Imagine que elle teve meios de se fazer o fornecedor de quasi todos os fazendeiros. Se a comadre volvesse agóra ao nucleo, não reconheceria aquella venda, que começou com meia duzia de garrafas de paraty e o frége-moscas dos colonos, servido pelas duas negras. Augmentou a casa, que é hoje um armazem bem sortido, com trez rapazes portuguezes servindo de caixeiros. A Coléta está uma senhora dona, cheia de joias e de filhos: já não desce a trabalhos grosseiros de cosinha. Imagine que o Gião, depois que o dr. Sumer o obrigou a aprender a ler na escola do nucleo, não anda mais de mangas de camisa, nem tamancos: está sempre de collete, donde pende uma corrente de ouro e medalha cravejada de brilhantes, e consulta, frequentemente, um bello relógio que lhe deu o doutor, depois da ultima safra. O americano é muito amigo delle. E tudo isso, comadre, é obra sua; a tudo aquillo, áquelle milagre de progresso, está ligado o seu nome...

— E o meu coração... porque nunca me desfalleceu a crença de estar promovendo uma empresa util, muito

mais humanitaria que industrial. Deus, que me inspirou essa idéa, permittirá que ella fecunde sob os auspicios do nome abençoado que lhe serve de anjo tutellar, a serenissima Princeza.

— Agóra — proseguiu Martins, apóz breve pausa e baixando a voz ao tom de segredo — eu queria dizer á comadre que o doutor... aquelle dos cinco contos, mandou receber a ultima prestação...

— Sim, sim — acudiu a marquezia, muito sobresaltada.

— E eu não sei se...

— Pague, pague. Não quero ouvir mais falar nisso... Já estou bôa, completamente bôa.

— Muito bem. Cumprirei as suas ordens. V. ex. não manda mais nada?...

Quando o Martins ia despedir-se, entrou d. Eugenia, que se precipitou nos braços da marquezia, com os olhos razos de lagrimas, em contraste com o sorriso de ventura, que lhe borbilhava á flor dos labios.

— Que bôa, que generosa é, minha querida — balbuciou d. Eugenia.

— Não tens que me agradecer, Gininha.

— Pois não tenho? Nunca se lembraram de meu pobre marido para nada que rendesse. Eram sempre trabalhos, serviços muito honrosos, mas gratuitos... Além disso, os escrupulos, os melindres... Não imagina quanto me custou fazê-lo acceitar o cargo de director: foi uma campanha; foi necessario que eu e as meninas lhe dessemos um assalto em regra...

Vencido esse primeiro obstaculo, o resto ficará por minha conta. Já pedi ao Castrinho que arranje outro cargo para o Antoninho, noutra companhia.

— Não será difficil — observou o Martins — Ellas estão agóra surgindo como por encanto. Ha dinheiro por ahí, a rôdo. E o Castrinho está mettido com a melhor gente da finança. Pois se já se falou em erguer uma estatua de ouro ao presidente do conselho!...

— Ah, senhor Martins — interrompeu d. Eugenia, num tom de desconfiança — a mim, me parece que isto não váe longe.

— Não váe? — perguntou a marquezia — E' forçoso que vá e ha de ir. Estamos assistindo ao inicio de coisas novas, de uma transformação radical muito mais importante do que supomos. Imaginem que o Imperador, doente, alquebrado como está, abdica...

— Eu pensei — tornou d. Eugenia, que a marquezia ia falar na republica...

— Que esperanza!... O governo, depois das ultimas eleições, está firme, cheio de prestigio e com força para suffocar as filaucias republicanas, que sempre viveram da tolerancia do monarcha. Senão, veja como está tratando os soldados insubordinados, mostrando-lhes que agóra ha um braço energico bastante para contel-os.

— A proposito — interrompeu o Martins — A senhora comadre sabe que está ahí o dr. Sergio de Lima...

— Sei. Foi eleito deputado pela Parahyba, e foi uma excellente aquisição para o partido. Esteve commigo logo que chegou para as sessões preparatorias da Camara. Somos velhos amigos... Recordámos os dias passados na febre do trabalho, de construcções, de transformação daquellas brenhas. Elle e o padre Paulo eram os estranhos, que me ajudavam e me alentavam o espirito, ás vezes, assaltado de crueis desfallecimentos. Ha de ir longe aquelle moço; tem a iniciativa, a energia e a coragem da raça do norte. O Oscar pensa que elle tem precocemente desenvolvidas todas as qualidades de um politico profissional: as más e as boas.

— E' um moço muito vivo — ponderou Martins.

— E se o ouvir... E' um encantador, falando... Váe ser um dos melhores oradores da Camara...

— Muito bem, senhora comadre — disse Martins, erguendo-se — Vex. dá-me as suas ordens?..

— Lembranças á Marianinha. E muito obrigado... O senhor fez um magnifico negocio e beneficiou a muitos amigos...

— Até ao doutor Adeodato, que é o advogado da Companhia, por indicação do dr. Souza e Mello...

— Espere... acudiu a marquezia, retendo Martins e acompanhando-o á outra sala — Diga-me, compadre: não se fala em algum barulho, em motins da tropa...

— Qual, comadre. Ouço muito tratar dos desgostos do exercito, em questão militar, mas ninguem liga importancia a esses boatos, attribuidos a jogadores de bolsa, em busca de pretexto para especulações...

— Tenho serias preocupações... O Basson, que é um velho amigo nosso, disse-me, muito em segredo, que não está satisfeito com a situação; que alguma coisa muito séria se trama; mas o governo, demasiado confiante no seu prestigio, não participa das apprehensões do chefe de policia, muito pessimista, ou muito assustadiço...

— Não creio que haja coisas graves no ar. O commercio está satisfeito. Isso de questões militares, nós já conhecemos como achaques destes ultimos tempos, desde a morte do Apulchro de Castro; o governo afasta os cabeças para longe da Côrte que é o fóco da agitação; o Imperador, que não gosta de questões com o exercito, passa a mão pelo lombo dos mais feroces, e ficam todos mansos como uns cordeiros. Não tenha susto...

— O Maracajú é um homem bondoso, incapaz de reacções. Temos, felizmente, o ajudante general, que obedece cegamente: um soldado in-

capaz de traír, incapaz de conluios. Este e o Ladario são as melhores garantias da ordem.

— Além disso, o Deodoro é amigo do Imperador...

— Mas, é... ambicioso...

— Você é injusto, compadre. Não se lembra como acceitou a commissão para Matto Grosso, sem hesitar, sem protestar?...

— O que me tranquillisa — concluiu Martins, partindo — é que o nosso negocio está feito e acabado com todos os sacramentos. A politica não me interessa.

— A senhora está inquieta, marquezia? — perguntou-lhe d. Eugenia, quando ella regressou.

— O Martins procurou tranquillisa-me; mas, a falar verdade, tenho presentimentos... O governo parece que receia alguma coisa do exercito e da armada.

— Sim, tem empregado algumas medidas de rigor — ponderou d. Eugenia — mas não téem sido excessivas.

— Se eu pudésse influir na politica, iria direito ao fim; daria o golpe decisivo com a abdicação.

— A abdicação?...

— Sim. Para que occultar o estado do Imperador; para que enganar a nação, entregando-a á illusão de ter um chefe, quando, de facto, quem a governa são uns tantos politicos interessados em negocios financeiros?... A abdicação seria uma medida sincera, de alto alcance politico. E o paiz, assustado com as incertezas de um chefe doente, indeciso, vacillante, despertaria, cheio de confiança, amparado pelo prestigio de Izabel, a Redemptora...

— O Antonino vive a repetir que estamos sobre um vulcão e acha que o governo fez muito bem dispersando a tropa de desordeiros, enfraquecendo o elemento militar e reforçando a guarda nacional e a policia, cuja lealdade não póde ser suspeitada. Como prova de energia do governo, o Antonino apontou o caso do tenente-coronel Mallet, demittido a bem do serviço publico, apezar dos seus serviços e do nome glorioso que herdou; a exoneração do Miranda Reis... Eu, minha querida, juro na opinião do meu marido, que se não engana. E elle que diz estarmos sobre um vulcão, é porque estamos mesmo...

— Confio na Providencia, que protege o Brazil.

(Continúa)

### Os Annaes

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do 1.º trimestre d'OS ANNAES

### PAGINAS ESQUECIDAS

#### FRUCTOS PIEDOSOS

— E' teu filho, Joaquina?

— E' verdade, meu senhor.

— E esta bonita menina?...

A quem pertence esta flôr?...

— E'... minha.

— Pois tu, Gracinda,

Com tão pouca idade, tens

Uma filha assim tão linda?!

Eu dou-te os meus parabens.

— Obrigada, meu senhor.

E a gordanchuda pequena?

— Já é filha da Helena.

— E o rapaz?

— Da Leonor.

— Estaes todas já casadas?!...

— Não, senhor...

— Então?

— Morreram

Os noivos...

— Bem sei. Coitadas!

(Peccados da mocidade,

Loucuras do coração!...)

— São todas da mesma idade,

Joaquina?

— Sim... nasceram...

N'aquelle anno da missão.

\* \*

Ouvi dizer, Magdalena,  
Que ha mezes o teu estado  
A todos dava cuidado,  
A muitos causava pena.

Trazias a côr do rosto  
Desmaiada, e pensativa  
Andavas, como captiva  
Do mais intimo desgosto.

Chegára a um tal extremo  
A tua melancolia  
Que toda a gente dizia  
Que tinhas no corpo... o demo

Depois o padre que veio,  
De longes terras chamado,  
Modificou esse estado  
Com rezas, segundo creio.

Ha quem diga, teime e insista  
Em que o demo se mudára  
Num anjinho. E' coisa rara!  
Foi assim? Oh que exorcista!...

AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

\* \*

#### A ALMA

Quereis vêr o que é uma alma? Olhae (diz Santo Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e



divinos que admiramos e excedem a admiração, tudo isto era alma.

Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fôrma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma.

Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e as machinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma.

Se o corpo é um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a justiça, todas as outras virtudes politicas, com que o mundo se governa, e de quem eram governadas, e de quem eram? Da alma.

Se o corpo é um sancto, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das coisas divinas, os extases, os raptos, subido o mesmo peso do corpo e suspenso no ar, que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente, os mesmos vícios nossos nos dizem o que ella é: uma cubiça que nunca se farta, uma soberba que sempre sobe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquietta, uma capacidade que todo o mundo não a enche, como a de Alexandre, uma altiveza, como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus.

Tudo isto que vemos com os nossos olhos é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo e tanto arrebatava e captiva os sentidos humanos: aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquelle vida, que é tudo senão alma? É senão, vêde o corpo sem ella. Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma: apartou-se o que se não via, ficou o que não se pôde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de majestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

\* \*

SONETOS DA DECREPITUDE

I

Quando en tinha vinte annos saluberrimos,  
andava sempre a declarar ao mundo  
que tinha cans, e um dissabor profundo,  
e dentro d'alma uns espinhaes asperrimos.

Certos criticos, juizes integerrimos,  
sorriam das canções do moribundo;  
pois viam no meu rosto rubicundo  
uns bócios brazileiros e uberrimos.

Que tempo! que saudades! que tollice!  
Ora, hoje que eu me sinto quebrantado  
sob o peso da tremula velhice,

não digo que estou velho nem cançado;  
e não gósto, se sei que o leitor disse  
que o meu bigode já reluz pintado.

II

Senhoras do meu tempo, é bem notorio  
que eu vos servi com lyra, harpa e laúde;  
cantei-vos e chorei-me emquanto pude,  
com ares de Antony, não de Tenorio.

Gastei-me entre as paixões e o escriptorio,  
raivando contra amor trêdo que illude;  
e protestava em prosa tosca e rude  
que o escrever e o amor são purgatorio.

Depois de oitenta livros, com oitenta  
raladoras paixões, já não me escapa  
nem phrase nem gemido! Hoje me alenta

brilhante luz, que os olhos me destapa,  
quando, senhoras, vejo essa mão benta  
pedindo uma esmolinha para o Papa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

\* \*

### GLADSTONE

Este é o *great old man*, que teve o condão de, aos oitenta annos, concitar os maiores enthusiasmos e os maximos odios. Para uns, é um idolo; para outros, um doido. A ultima opinião prevaleceu, porque as eleições de julho derrotaram-no. Tem, ao certo, setenta e sete annos: nasceu em 29 de dezembro de 1809, quarto filho de um rico negociante de Liverpool, sir. John Gladstone. Estudou em Oxford, e, depois de uma viagem no continente europeu, entrou em 1832 na Camara, alistado no partido *tory*. Dois annos depois — contava apenas vinte e cinco — sir. Robert Peel associava-o ao seu ministerio como lord da thesouraria e mais tarde como sub-secretario das colonias. Com a queda de Peel, em 1835, voltou a occupar o seu logar na opposição conservadora.

Era, já em moço, um *representative man*, como os inglezes dizem, desse espirito firme e acanhado que produziu o *quakerismo*. Tinha o genio escossez, por tantos lados semelhante ao judeu: habil, astuto e mysticamente hirto. Sequaz do rigorismo *puseista*, Gladstone publicou, em 1838, as suas *RELAÇÕES DO ESTADO E DA EGREJA* e outras obras em que defendia a doutrina, mais logica do que politica, da separação absoluta.

O seu temperamento radical e mystico affastava-o dos *tories*. Em 1845, com as *Observações sobre a recente legislação commercial*, adheriu francamente ao liberalismo economico, que então seduziu todos os bons espiritos. Em 1851, viajou na Italia, publicando a celebre *Carta ao Conde Aberdeen*, sobre as perseguições de Fernando de Napoles, que, traduzida em todas as linguas e enviadas por lord Palmerston a todas as chancellarias, foi o primeiro rebate para a unificação da Italia.

Accentuava agóra a feição humanitaria e philantropica do seu espirito, essa feição que, depois de se pronunciar em 1876 a proposito das crueldades turcas na Bulgaria, se accentuou na protecção aos desgraçados irlandezes. Acima do patriotismo, punha a humanidade.

Com a quêda do ministerio *tory*, em 1852, entrou no gabinete de coalisção, presidido por lord Aberdeen, oppondo-se tenazmente á politica anglo-franceza, que levou á guerra da Crimea. Descido do poder, voltou ás lettras e publicou (1858) a sua bella obra sobre *Homero e os tempos homericos*.

Um anno depois, em 1859, Gladstone saíu formalmente do partido conservador para o novo ministerio liberal de Palmerston, com o cargo de chancellor do *Exchequier* ou ministro da fazenda. Essa foi, talvez, a epocha mais fecunda da carreira de Gladstone: a elle se deve a reorganisação das finanças britannicas.

A' morte de Palmerston, (1865) o antigo *tory* tomou a direcção real do partido *whig*, sendo a alma do ministerio de lord John Russel, que em 1866 teve de ceder o governo aos conservadores. Voltou ao poder como primeiro ministro, e são dessa epocha o *bill* sobre a egreja da Irlanda, o da instrucção popular, (1870) a introducção do escrutinio secreto nas eleições. Caíu em 1874, victima da franqueza da sua politica philantrophica; e, depois, não cessou de denunciar á Europa os attentados commettidos onde quer que fôssem: eram os *Horrores bulgaros*, (1876) era a sua *Campanha contra o catholicismo romano*, entre outras.

De todos os traços componentes dessa *sympathica physionomia*, ha um, predominante: o estadista philantropo. Na politica, o liberalismo levado ás

suas ultimas consequencias, na diplomacia o humanitarismo, e agóra, finalmente, que as idéas do tempo mudam, o socialismo d'Estado applicado á questão rural da Irlanda — eis ahi o que diz essa fronte vasta, essa bôcca rasgada, de beiços delgados, affirmando a energia teimosa. E' um homem verdadeiramente superior? Não é; é homem pratico, levantado ás eminencias pela grandeza da sua sinceridade, do seu coração.

Alto, pontualmente barbeado, no pulso uma tira de seda preta indica aos que o ignoram que o grande chefe liberal perdeu o index da mão direita. Foi numa caçada, ha mais de quarenta annos. Ao carregar a espingarda, a vareta fez explodir a polvora, e, expellida, levou-lhe o dedo. Talvez isso o desgostasse do *sport*. Noutro tempo, ainda montava a cavallo, agóra nunca. Anda, porém, a pé como ninguem: quando era moço fazia as suas treze leguas por dia! Come pouco e bebe ainda menos, mas dorme muito, nunca menos de sete horas.

Assim que a politica o deixa, mette-se no seu palacio de Hawarden, e passa a vida a deitar arvores a baixo. O parque é enorme e admiravel; a casa, porém, é modesta. Pouco a pouco, os livros fôram invadindo tudo. E' melhor escriptor do que estadista, mas é maior orador do que escriptor. E' sobretudo, uma bella e generosa alma. Tem a eloquencia mais abundante do que castiça, mas a palavra fluente e energica brota, como a agua de uma fonte, limpida e sincera. Todavia, os inimigos accusam-no com energia e sinceridade egual. Como todos os homens possuidos de uma idéa, provoca odios vehementes e passa por maluco. Mais ou menos doido se affigura sempre á mediocridade ordinaria, todo aquelle homem que a excede. Achamos sempre loucura aquillo que não sentimos ou não percebemos. Disraeli, o sceptico de quem Churchill é hoje o herdeiro *bronillon*, ria-se da eloquencia de Gladstone e, attendendo á abundancia e tambem á qualidade pouco pura para os seus ouvidos de artista, chamava-lhe *dyarrheical*.

Eis ahi o grande personagem da tragedia irlandeza, cujos córos funebres se amontoam em massas lividas da fome, numa scena obscura, caver-

nosa, onde o assassinato e o roubo legalizado, os assaltos, a evicção e a *bogcottage*, são os episodios constantes? Como resolver a questão? Parnell, o coripheu dos Irlandezes, com setenta ou oitenta deputados proprios, operava habilmente na Camara e com milhões de homens decididos a tudo, com milhões de dollars que os *finianos* mandam da America, formava um poder monstruoso.

O' Connell ressuscitava, melhorado. Inventára-se a *Liga da terra*, substituirá-se-lhe a *Liga nacional*. Hontem reclamava-se apenas misericordia para os rendeiros, hoje reivindicava-se o *home rule*, a autonomia.

A maré galgava. Gladstone, que no seu ministerio anterior fizera as leis mallogradas do regimen das terras, (1881) deu a mão a Parnell e embarcou-se francamente na viagem de autonomia. A pobre Irlanda arfava de esperança.

Havia uma calma. Os tumultos cessavam, os assassinatos eram menos frequentes, na ancia da expectativa.

A triste Irlanda, que em 1850 tinha ainda seis milhões e meio de habitantes, contava, vinte annos depois, um milhão menos, e agóra outro milhão. Cada vinte annos, emigra ou morre um milhão de homens: cincoenta mil por anno. Isto diz tudo; isto explica a verdadeira temeridade de Gladstone pela nobreza, pela grandeza do seu coração. Para germanisar a Polonia prussa, rebelde, os allemães expropriam as terras e implantam teutões. Gladstone, porém, antes de ser um saxão inglez, é um membro da grande familia humana, e as particularidades hostis das nações valem para elle menos... do que deviam valer como ministro de uma dessas nações.

O plano de Gladstone, com relação á Irlanda, tinha duas faces: uma era a questão agraria, outra a questão politica. A primeira permittia o resgate das terras irlandezas, ampliando as leis de 1881, estabelecendo que o pagamento da renda durante vinte cinco annos, com o adicional de 2,5 p. c., tornava o rendeiro senhor do seu campo. A questão agraria nem chegou a ser discutida, porque a lei do *home-rule* precipitou a crise. Em que consistia a autonomia da Irlanda? Era, em primeiro logar, a autonomia administrativa; em se-

gundo, a independencia fiscal; em terceiro, a instituição de um parlamento; em quarto, a representação delegada no parlamento britannico. Era alguma coisa semelhante ao dualismo austro-hungaro. A Irlanda teria finanças proprias e liberdade de estabelecer alfandegas, com grave prejuizo da industria ingleza, por outro lado onerada com os encargos das operações financeiras necessarias ao resgate das terras. Este ultimo ponto, comtudo, não estava completamente liquidado.

Estava, porém, bastante explicito o pensamento de Gladstone, para que Chamberlain e Traveyan, representantes do radicalismo fabril no gabinete, protestassem e saíssem. (março) Desde logo, a sorte dos projectos de Gladstone era sabida. O primeiro ministro apresentou-se, todavia, (abril) e viu-se então este espectáculo, grandioso, de certo, de um velho de oitenta annos inspirado pela philantropia mais ardente, em lucta contra todos: contra os amigos e os inimigos, contra radicaes e *whigs*, contra Chamberlain, contra Hartington e contra os conservadores, desde Churchill, oportunista que não recusaria um accôrdo com Parnell, se esse accôrdo lhe aproveitasse pessoalmente, até Salisbury, duro e intransigente, que via no regimen coercitivo, o unico meio de resolver a questão irlandeza. E' que todos contra Gladstone sentiam gemer, na imminencia da derrocada, o velho edificio do imperio britannico. Só elle, crente e illuminado, o não via, ou não lhe importava vê-lo! Era a sua grande philantropia, o seu humanitarismo.

OLIVEIRA MARTINS.

(O anno politico europeu, em 1886).

## ENTREACTOS

Quando a direcção desta revista resolveu convidar-me para escrever uma secção theatral, recuei apavorado. Já escrevo na *Gazeta*, já escrevo na *Noticia compte-rendus*, apanhados pelo chronistinha ôco de certo jornal da manhã, com um descaro quasi hyperbolico. Era de mais. A direcção, porém, pegou-me afflicta pelo hombro:

— Olha, escuta, é uma secção de reflexões...

— E' maximas, como o livro do Maricá?

— Uma secção liberrima! Pódes dizer tudo quanto tivéres vontade!

Quiz convencer a direcção.

— Minha amiga, agrada-me a honra, mas confesso: não tenho vontade de dizer nada; antes, procuro o meio possível de dizer ainda menos.

Em primeiro logar, e depois do Alberto Ramos e do Elyσιο de Carvalho, eu li o Nietzsche e reflecti um trechosinho do seu *Zarathustra*: — «On est prudent et l'ou sait tout ce qui est arrivé: c'est ainsi que l'on peut railler sans fin. On se dispute encore mais ou se reconilie bientôt — car on ne veut pas gâter l'estomac». E' isso, é uma questão de dyspepsia!

Em segundo logar, e logo após o estomago, esta historia de critica de theatro está entre dois pólos, ambos glaciaes. De um lado, ha o Arthur, esse caro mestre, convencido e enternecedor; de outro, uns pequenotes broncos, que entendem tanto disso, como eu o grego do timido Mario de Alencar.

Ha ainda mais, amada direcção.

Deves ter notado que, de vez em quando, os jornaes começam a falar com assiduidade na regeneração theatral. E' uma doença periodica, uma especie de gripe mental. Chega de Minas a exuberante Ismenia. Chegou a grande gloria dos nossos theatros! Vamos ter uma companhia afinal.

Agóra, sim; vocês vão ver. A Ismenia tem dedo e braço para emprezaria! A Ismenia chega e monta ou o *Aquidaban* ou a *Morgadinha*, do fallecido Chagas, em que consegue ainda enfiar calções.

Os chronistas, porém, a rapaziada profundamente bronca, querendo regenerar aquillo que não entende, não desanima e elogia! A critica não é mais do que isso no Rio, tendo a sustentavel-a um balcão, por trás. Quando a Ismenia falla, é preciso inventar outras empresas. Inventar-se, pois, o Dias Braga com tenções de obrigar a Delorme a fazer a *Hedda Gabler*, ou esse homemsinho insupportavel chamado Colás, com capacidade de representar bem.

E' interessante como invenção? Antes pelo contrario: é profundamente cacete e como que desmoralisa o noticiario dos jornaes perante o publico. Do erro da critica e da sua completa abdicção de independencia, só téem resultado, até hoje, duas coisas; a cavallar insolencia dos cabotinos para com ella e o ar sceptico com que a olham os espectadores pagantes.

Não me metto nisso!

— Mas, se os broncos, como tu dizes, querem regenerar com o Colás ou a Delorme, volta-te para o Arthur.

— Arthur é historico e triste. No seu admiravel folhetim da *Noticia*, fala do tempo em que havia theatro. A principio, eu acreditava no Arthur e falava, aos vinte annos, com convicção,

da bella epocha de João Caetano. Mas, depois comecei a pensar que esse João Caetano podia bem ser um caso sporadico, impossivel de servir de termo comparativo. Metti-me a folhear o *Jornal* e a cachola de alguns velhos ratos de theatro, e tive informações precisas. O publico do tempo de João Caetano era peor do que é hoje. Batia com os pés, bradava, dizia mesmo piadas quando o Imperador não ia acompanhar com alguns roncões, a barbara *Gargalhada* do nosso defunto genio. O publico desse tempo tambem não enchia os theatros. João Caetano era um director de *troupe* abarbadado, ás vezes, com a falta de dinheiro. O publico ainda não frequentava e não preferia as revistas e as jogralices do Cassino, mas é da epocha, o seguinte annuncio do S. Pedro: — «Representar-se-á a tragedia do sr. W. Shakspeare, *Othello*, o *Mouro de Veneza*. N. B. — O espectáculo terminará com um *samba* dançado por toda a companhia.»

Imagemem a convicção artistica desse publico que ouve Desdemona estertorar, e a obriga depois a *sambar* com o João e os outros!

Abandonei João Caetano e não acredito mais nesse tempo *em que nós tinhamos um theatro*.

A direcção hesitou.

— Afinal de contas, nós já tivemos theatro, o Guilherme de Aguiar, o Xisto Bahia, o Vasques.

— Esses genios crearam os drama-lhões, as operetas e as comediasinhas nacionaes de pretos e caboclos, que ainda hoje são o pábulo do povinho, desde o *Poder do Ouro* até os *Sinos de Corneville*; esses genios ensinaram Dias Braga moço a representar e a ser empresario...

— Mas, se não tens respeito pelo passado e se achas broncos os meninos da regeneração, que queres tu?

— Não quero nada, ou, antes, sim, quero. E' difficil de explicar. Quero, para que o publico se habitue a um theatro de todas as escolas a melhor, que o governo subvencione uma companhia. Ha a Lucinda ahí, a Lucinda com o Christiano, ambos refinados artistas no amor do theatro. Subvencione-os o governo, e nós teremos um movimento artificial como o tem Portugal. Todo o repertorio moderno será conhecido, homens de letras tentarão peças, e a empresa as montará. Ha tanta gente com capacidade, Coelho Netto, por exemplo, João Luzo, quantos! No dia em que o governo subvencionar o theatro ha de nos dar Arthur joias como a *Fonte Castalia*; a prodigiosa phantasia do Netto fulgará em peças de um superior encanto; Luzo se resolverá a apresentar as suas vivas qualidades de dialogo...

— Escreve isso.

— Uma vez por semana?

— Agua mólle em pedra dura.

— Direcção dos *Annaes*, lembra-te daquella phrase de Leon Bloy, num livro composto sob a invocação de São Jeronymo Maximo, inventariante cheio de gloria dos Lugares Communs Eternos: — «O authentico e indiscutivel Burguez está necessariamente limitado a um diminuto numero de lugares communs». Tanto a agua molle como a pedra dura já passaram da moda.

— Escreve o que quizéres, quando te dér na vontade; olha, o Netto lê uma peça: *A Muralha*.

— E' linda, O theatro do Netto é o theatro de um Maeterlinck do Equador, de um Ibsen tropical. As idéas jorram nos dialogos com a fulgurancia de pedrarias em patenas d'oiro. Desde esse tragico *Ao Luar*, em que a alma de Beethoven freme e

*La tarentule du chaos*

*Guette la raison qu'elle amoce,*

até o impeto formidavel de nova Nora na *Muralha*, que contorcendo a alma, rasgando o espirito de encontro ao muro de lodo, de granito, de hypocrisia e de infamia da Conveniencia Social, salta-o, despresa-o pela clara vida do trabalho honesto... Mas, para falar da *Muralha* e fazer justiça á Lucinda, esperemos que a representem.

— Faze o que quizéres, murmurou vencida a minha pobre amiga, a direcção...

E eis a razão porque tu, ó frivolo leitor, ha cinco minutos passas o indifferente olhar por estas frioleiras. Que te não dê dyspepsia, é o meu desejo, essa dyspepsia de raiva que tenho sempre ao almoço quando leio num jornal da manhã, em máu portuguez, as idéas distribuidas por mim, á tarde, num estylo capaz de fazer desmaiar o meu amigo João Ribeiro...

JOÃO DO RIO.

## UMA ESTRÉA

Acaba de chegar do Recife, em cuja Faculdade vem de receber o gráu de bacharel em direito, o sr. M. G. de Araujo Jorge. Traz uma intelligencia largamente culta, um livro de 230 paginas, com o titulo de «*Problemas de Philosophia Biologica*», um mundo de aspirações de toda a natureza, e.. vinte annos de idade.

Ao vel-o cheio do ardente desejo de triumphar na lucta pela vida. (tão rude no nosso meio) ainda saturado do espirito que anima o circulo intellectual de onde acaba de saír. não posso dominar um movimento da mais viva sympathia pelo joven escriptor, que tanto me faz recordar epocha identica de minha vida.

Onde já vão os vinte annos com que tambem eu desembarquei no Rio de

Janeiro, cheio de sonhos e illusões, saturado de philosophia allemã, e disposto a tomar de vencida todos os circulos politicos e litterarios do paiz! Vinha do grande cenaculo pernambucano, sobre o qual suppunha ter o paiz os olhos fitos; era amigo de Clovis Bevilaqua e Martins Junior; aureolava-me com a gloria de ser discipulo de Tobias Barreto; tinha escripto meia duzia de artigos (lidos pelos collegas da Faculdade, e que eu acreditava conhecidos do Brazil inteiro) e esperava encontrar aqui o mesmo publico do Recife, um pouco mais compacto.

Apresentado por meu fallecido irmão, o dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira, (alma de eleição a quem devo os primeiros passos na vida publica e litteraria) tive entrada no *Paiz*, e ainda hoje conservo grata recordação da bondosa acolhida de Quintino Bocayuva, então redactor-chefe daquelle jornal. Escrevi uma série de artigos sobre Schopenhauer, cujo centenario então se celebrava. Com que anciedade espreitava, no bonde, os passageiros que liam o *Paiz*! Com que decepção os via lançarem um olhar distraído sobre o titulo e a assignatura, e virarem a pagina!

De então para cá, não tiveram conta os desgostos e as desillusões, e, perdido no torvelinho desta cidade de provincia, (que aos meus olhos de provinciano recémchegado, se affigurava uma vasta metropole) tive de recalcar as minhas magoas de *genio não comprehendido*, para tratar de ganhar a vida.

O escriptor apagou-se deante do bacharel em disponibilidade, e, durante muitos annos, deixei de me occupar de letras. Nunca, porém, esqueci a alacre disposição de espirito com que os meus saudosos vinte annos viam no Rio de Janeiro, uma cidade facil de conquistar.

E' por isso que toda a minha sympathia pelo ephebo recémchegado, toda a minha fraternal affinidade de idéas com este novel e respeitavel companheiro de armas, não pôde deixar de reflectir uma piedade immensa pelos dissabores litterarios que lhe estão reservados, nesta terra, em que os poucos que lêem, fazem-no apressadamente e sem aprofundar.

Cheio de profundas leituras, tirando ás sciencias biologicas o seu rebarbativo vocabulario, receio muito que o joven auctor da *Philosophia Biologica*, não tenha larga acceitação nos nossos circulos litterarios, gastos pela dyspepsia do symbolismo, estratificados sob varias pilhas de litteratura apressada, reduzidos á procura angustiosa da impressão forte e rapida. Não é a uma geração destas que se pôde falar, impunemente, em *dynamica vital* e em *physico-chimica*.

E muito menos quando se emprega

uma linguagem como a que passo a transcrever: « Os desfibrinados ensaios que constituem o presente volume não collimam de modo algum o esquadrinamento minucioso e inquisicional de problemas inteiramente novos e originaes»... «reflectem apenas ligeiras e dessoradas lucubrações, fructo das exiguas horas de lazer que a vida academica, com todos os seus multifarios attractivos e insidiosas seducções, proporciona aos menos madraços e ociosos»

Não sabe o meu joven amigo quanto me custa dizel-o. Mas, a sua linguagem corre o risco de não ser comprehendida. Elle tem, porém, bastante espirito para perceber-o, e, despindo o seu estylo dos pesados artificios que todos nós, enquanto estamos na escola, julgamos ser indispensaveis na linguagem philosophica, pôde se tornar um bom escriptor. O seu livro é uma bella promessa.

Por mais que me tente o assumpto, e, principalmente, o auctor, não farei a critica do livro. Trata-se de quatro artigos, publicados com intervallos, trez em 1902, no terceiro anno do auctor, e o ultimo nas férias do quarto anno. O auctor os reuniu em volume, e fez bem. Mas, quantas vezes não terá de modificar as opiniões nelles contidas? Elle é tão joven e, segundo confessa, na sua idade «o espirito não possui ainda a segurança de vistas e a precisão de idéas exigidas em assumptos de tal natureza.»

O primeiro e o terceiro capitulos (ou, antes, o primeiro artigo e o que um anno depois o auctor escreveu para melhor explicar o seu pensamento) são explanações, sob os titulos de «*A Biologia e a Physico-Chimica*» e «*A Dynamica Vital*» do conceito do auctor relativamente á concepção mecanica do mundo, em face dos progressos da biologia.

Impressionado com as pretensões cada vez maiores dos biologistas, com os numerosos factos referentes aos phenomenos psychicos que não podem ter uma explicação mecanica, o sr. Araujo Jorge julga em perigo a synthese monistica, e lança-se nas pégadas de varios cientistas para procurar uma solução, que concilie a intuição causativa e determinista do universo com os phenomenos excedentes da observação biologica. Em logar de procurar na biologia, a explicação da força vital, é á physico-chimica que devemos pedir a solução dos enigmas do universo.

O ponto de vista do auctor não é novo, e elle proprio, com uma louvavel franqueza, não reclama, neste ponto, as palmas da prioridade. Nada mais fez do que repetir o que leu em livros, que, aliás, estão á mão de qualquer leitor.

Por isso mesmo, não me abalança-

rei a lembrar-lhe que o monismo idealista de Lange Noiré e outros, segundo a larga tradição pantheista em que elle se baseia, de Spinoza a Schopenhauer, de Descartes a Kant, dá a verdadeira solução metaphysica da questão. E não no farei porque nada diria de novo, embora esteja convencido de que, como dizia Otto Liebmann, «voltar á Kant é progredir».

Noto, porém, que o joven escriptor dedicou, até agóra, a maior parte dos seus bem aproveitados vinte annos, á leitura dos scientistas, ao estudo das particularidades das sciencias biologicas. Dahi lhe advém, inevitavelmente, uma grande segurança de opiniões, e um aprumo, raro em um bacharel em direito, quando enfrenta as questões de sciencia particular. Haja vista o bom capitulo sobre «a Hereditariedade de influencia», ao meu parecer, o melhor do livro.

Este apêgo aos dados experimentaes, esta pratica de leituras exclusivamente biologicas, deixa, porém, o auctor quasi completamente desapercibido para fazer rosto aos problemas de alta metaphysica e de (não me péza empregar a palavra) de *teleologia*. Ahi é que as syntheses scientificas dos naturalistas se revelam inanes e impotentes. O pretencioso *impavidi progrediamur* do sabio de Iena fez uma dolorosa fallencia, quasi confessada no seu ultimo livro, «Os Enygmas do Universo». Os sabios allemães, ou insistem no desanimador *ignorabimus* de Dubois Reymond, ou, como Helmholtz, Wundt, e Donders, pendem para o criticismo kanteano.

E neste ponto, não ha para onde fugir. Ou se fica com o positivismo e o materialismo a evitar essas questões, lançando-lhes o commodo anathema de metaphysicas, ou se procuram prender as syntheses de todas as sciencias á fecunda explicação da vida universal, manifestada por uma unica força superior ás contingencias dos phenomenos, força em que nós nos sentimos integrar, e cujas apparencias se nos tornam conhecidas sob a tripla fórma do tempo, espaço e causalidade, que constituem o substracto experimental do que nós chamamos sciencia.

Pretender elevar os mesquinhos dados da biologia ou da physica a uma explicação geral do Universo, é desconhecer que no Cosmos existe alguma coisa que já Kant considerava—*Etwas mechanisch unerklärbar*.

Os dados das sciencias exactas chegam até afirmar a existencia de uma unica força, de que todas as mais são manifestações e transformações equivalentes. Não vão, porém, até investigar qual seja ella. Ahi cabe o logar á metaphysica com as ousadas hypotheses da teleologia monistica. Até lá não chegam os microscopios dos biolo-

gistas, nem os logarithmos dos experimentadores da psycho-physica.

Quando, portanto, o sympathico escriptor se tornar mais frequente com os grandes vultos da metaphysica moderna, da *theologia sem Deus*, como lhe chamou Dhüring, verá que estes problemas que tanto o affligem, já ha muitos annos têm uma explicação racional, que os scientistas sem philosophia se obstinam em desperceber.

O artigo sobre «O Genio», é interessante, mas não me convenceu. A começar pelo sub titulo, como as palavras inutilmente barbaras — *etio-megalanthropogenia*, e a terminar pela conclusão — *o genio é a resultante de um traumatismo cerebral intra ou extra-uterino*.

Ainda ahí, não vale a pena discutir, nem é este o meu intento. Não vem ao caso expôr o meu ponto de vista pessoal, nem explanar os motivos porque entendo que o genio, como phenomeno, se não pôde explicar sómente pela applicação das leis da hereditariedade, e prescindindo do estudo do meio cosmico e social. Si me fôsse licito tornar á linguagem que tanto me sorria nos tempos academicos, (e que o auctor ainda hoje emprega com tanta segurança) eu diria que o auctor esboçou uma explicação *ontogenetica* do genio, deixando de lado a explicação *philogenetica*.

Mas, semelhante discussão seria excusada. Basta dizer que o proprio auctor assim se exprime: «A difficuldade que se nos depara na explanação do assumpto que vimos discutindo, é a da sua verificação experimental... E' de ver que esses meios nos fallecem, não pela impossibilidade da sua existencia, mas pela difficuldade da obtenção de livros que se occupem, especialmente, deste assumpto, que, como tantos outros, continúa a passar despercebido ás vistas, quasi sempre prescrutadoras, dos observadores e analyistas.»

Tanta lealdade e franqueza desarman a critica.

Vejo no sr. Araujo Jorge, um solido peculio de boas leituras, uma excellente disposição para o trabalho, e um talento muito aproveitavel. São qualidades mais que apreciaveis e que, sem duvida, o devem realçar em um meio onde predominam a superficialidade e a indolencia.

Mas, ha no seu livro, ou, por outra, nos artigos que escreveu quando estudante, muita coisa que precisa desaparecer, e que, estou mais que certo, ha de desaparecer. Este tom dogmatico com que nós, no Recife, discutimos os assumptos mais complicados de sciencia, é perfeitamente admissivel em aspirantes ao bacharelado, que occupam os seus lazeres escrevendo sobre as leituras da vespera, em revistas ephemerias que passam de mão a mão, no velho casarão do Pateo do Collegio. Não assenta, po-

rém, no escriptor que se dirige ao grande publico, o qual não está, como o pequeno publico da Academia, sob a influencia da mesma suggestão, a que obedece o auctor.

O estylo arestoso, inçado de palavras scientificas, turgido de expressões biologicas, erizado de citações, pontilhado de barbarismos, affasta o leitor, estranho á technica complicada das sciencias naturaes. Taine, tão citado pelo auctor, é um exemplo do que affirmo. Nenhum espirito em França, levou mais longe a applicação dos methodos experimentaes aos mais altos problemas de arte, litteratura, historia, sociologia e philosophia. Entretanto, debalde se procura nelle a linguagem rebarbativa dos escriptores que se occupam de biologia. A sua lingua é simples, desataviada e pura, como a que tradicionalmente empregam os demais francezes, quando tratam de coisas communs. E nem por isso, elle deixou de ser um dos quatro ou cinco maiores escriptores da lingua franceza, no seculo passado.

Em portuguez, tambem temos uma tradição que zelar. Acompanhemos o genio da lingua, em seu evolver natural. Não no deixemos, porém, submergir no turgido gongorismo scientifico, importado, em segunda mão, de auctores estrangeiros.

Si me animo a dar ao sympathico escriptor, estes timidos conselhos, com risco de me ver applicado o conhecido anexim, é porque vejo nelle um filho do mesmo meio de onde saí, e uma victima dos mesmos defeitos com que vim de lá, e tanto mal me fizeram.

*Non ignara malis, miseris succurere disco.*

O sr. Araujo Jorge tem, porém, qualidades superiores que o farão sobrenadar.

Anima-me, pois, a esperanza de vel-o, em breve, despido de taes defeitos, e continuando a applicar a sua intelligencia ao estudo dos serios assumptos que tanto o interessam.

SOUZA BANDEIRA.

## PREFACIO DE UM LIVRO

—  
NUVENS ESPARSAS, (*versos e fantasias*) de P. Mendonça.

Recebi o manuscripto do seu livro e a carta em que me pede a minha opinião, sobre elle.

São realmente muito curiosas e agradaveis as suas lucubrações. Nellas não se nota a fórmula nem a originalidade que embelleza e suggestiona, mas a excessiva e sublime vontade de publicar e de exercitar os vocabulos portuguezes, tão indisciplinados hoje.

O sr. tratou, porventura, de rabiscar em alvas tiras de papel, com o auxilio, o carinho e a bondade da Mallat, (numero 12, talvez, mais propicios a essas coisas de idéas), as suas impressões, os seus amores e, mesmo, alguns factos verosimeis da sua mocidade, (como aquelle divino episodio do cão que o mordeu!), segundo m'o confessou em sua carta. Eu o bemdigo por tanta sinceridade! Não se preocupou, entanto, do modo de dizer semelhantes e domesticas scenas, nem da escolha da tinta que estereotypa o quadro ou revela a paysagem e o genio. Não. Sentiu vibrar o seu coração dado á amores e, com desejo e honra, transmitiu-o inteiro ao almasso. Fez bem nisso. E' a melhor maneira de ser-se exclusivamente sentimental e justo para consigo proprio. essa de gravar no aspero almasso e de esfarinhar por elle todo, toda a alma... Apezar disso, com desprazer notamos, avulta aos nossos olhos, á proporção que percorremos a sua obra, uma timidez suave e doce, louvavel ainda, todavia, pelo recato de não expôr aos olhos gulosos, a castellã soberba dos seus sonhos e os incidentes familiares. E' um estado psychologico, *concordo*... O sr. não gosta de trazer para publico, impudica e relesmente, como outros máus espiritos, as chagas cancerosas, o despeito e a affronta dos seios fartos. E o sr. o affirma, superiormente, buscando colorir e exalçar o «ephemero feminino», com um romantismo descoberto pelo sr., alinhado pelo sr., emprestando-lhe um realce puramente seu, em rimanaes e rimas duma metrica invejavelmente sua. Esse lado que, para muitos, parecerá a falsa intuição que tem o sr. da poesia e das prosas, não é mais do que o mimo, a candura e a virgindade irresgatavel da sua alma lyrica, de lyrico confesso...

Outro qualquer procuraria, apenas, enfeixar num livro, que váe correr castellos e choupanas, gritando e reformando os costumes lascivos, certa quantidade de prosa ou de verso, escolhida commeticulosidade e minucia, á feição dos taberneiros ao separar, com todo o zelo possivel, o milho do arroz, o feijão do café, collocando-os em barricas differentes, pintadas com côres diversas, onde o litro penetre desafogadamente e donde traga, apenas, a quantidade e a especie requerida pelo comprador. Ora, isto é soberanamente monotono e ridiculo, pois que a mistura e a variedade são hoje confortativa seducção e delicioso encanto. Essa mistura foi providencialmente inspirada. Neste paiz, onde poucos lêem e a maioria lê por emprestimo, difficilissima se torna a publicação de quaesquer obras. Deste modo, o meio mais prompto e seguro para conhecer-se a multipla aptidão e «os peregrinos dotes» dum estréante e obrigar-se o grosso

publico a ler, com avidéz e gozo, é, justamente, o que o sr., com tanto «engenho e arte», concebeu e adoptou, que melhor convém, não só á execrável e esmiuçadora critica, como áquella outra classe que lê por compra de outrem.

Da critica, porém, deve o sr. procurar livrar-se, por nunca se encontrarem dois espiritos com a mesma idéa, o mesmo sentimento e a mesma emotividade em arte. Ora, o sr. quer pureza, só pureza, excelsamente pureza, e detestar os beijos e os arroubos sensuaes e «o depravado minuete dos olhos»; logo deve eximir-se da critica que quer exacta, e ruidosamente, o contrario de tudo isto. Depois, sr. Mendonça, a critica esmorece. Se não fosse ella, a tyranna e incomprehen-sível critica, o sr. Mendonça, para os que apreciam o genero, teria um successo completo e quasi uma consagração. Ella sómente serve, (e para isto está sempre de sobre aviso!) para insultar e desgostar o auctor que, como o sr. Mendonça, com empenho e assombro, a procura. Dispensando-a, (assim num segundo sub titulo) terá o sr. Mendonça praticado uma bellissima acção, arrancando-lhe grave responsabilidade. *In hoc signo vinces...*

O sr. quer fazer imprimir o fructo da sua imaginação e do seu trabalho, longo e penoso, como declara. Isso conseguido, muito terá feito pelo sr. e por elle. Feche, porém, os ouvidos aos criticos, que invariavelmente se mostram severos e pandegos para as producções desse genero. Publique a sua obra, certo de que em terras destas, onde a civilisação váe caminhando, quem tem vocação e é poeta e escriptor, como o auctor das *NUVENS ESPARSAS*, (*versos e fantasias*) góza, em paga, a mais amarga desillusão.

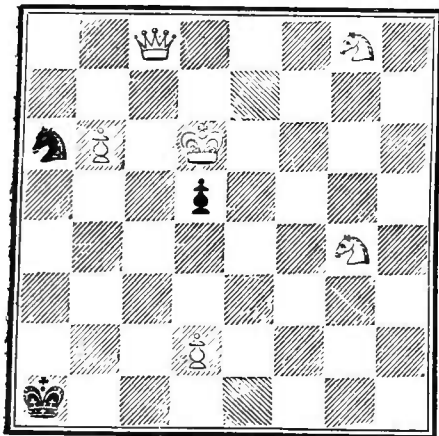
Aqui fica quem, conhecendo a sua obra, muita vontade nutre de o conhecer pessoalmente.

FRANCISCO SERRA.

### DIVERSÕES

Problema n. 20

PRETAS



BRANCAS

*As brancas jogam, e dão mate em trez movimentos.*

### A CAMINHO DO NADA

Ah! que tumultuar mysterioso de idéas!  
Mas, a idéa que eu tinha era a de ver-me andando  
Por um caminho atróz, de bárathros e teias,  
A penumbra de um sol no Occaso agonisando.

Um frio tumular corria-me nas veias;  
E eu não sei se andava ou se ia cambaleando,  
Pois dos meus rudes pés fugiam-me as areias  
Desse caminho atróz que a Dôr ia cavando.

Reparei-me, e afinal achei-me amortalhado:  
Mãos em cruz sobre o peito, atramente gelado,  
E á minha bôcca um goivo, e o Fél abrindo espumas!

Hora do pállio rôxo e triste da Anciedade,  
Em que eu via morrer a minha mocidade  
Na agonia feral de um luar entre brumas.

ARAUJO FIGUEIREDO.

### A SÊCCA

Crucificando o olhar beatissimo no espaço,  
Passam bois, a mugir, na costumeira lida.  
Fulgura, abraza o sol; e o vento, morno e escasso,  
Quasi não libra no alto a leve poeira erguida.

Tudo sêcca ao redór. Peste desconhecida  
Dizíma as plantações. Um temeroso ameaço,  
Por sobre os arrozaes, inda cheios de vida,  
Anda nos bafos do ar, como uma foice e um braço.

O' sêcca vil, cruel, ó roubadora d'agua,  
Vê como canta anciantes, aza caída em prantos,  
Este passaro azul, moribundo de magua!

Um viuvo—de tristeza a encher todo o caminho...  
Pois já fôram por dois cantados os seus cantos  
E entrançadas por dois as palhas do seu ninho.

FRANCISCO LISBÔA FILHO.

### SACRIFICIO

Ando em torno de ti, a voltear como o insecto  
Que em torno de uma luz volteia e se debate,  
Os flancos me lacera um lubrico acicate,  
O espirito me conta um panico secreto.

Que ancia atróz me envenena! O' tortura! Inquieto  
Sustento do terror o rispido combate,  
Ancia de haurir, num hausto, esse labio escarlata,  
Terror de te polluir, urna do meu affecto!

Que uma vez conspurcado, o teu corpo envileces,  
Do intangível perdendo o privilegio, e logo  
Do claro pedestal em que te adoro descas.

Meu beijo não pollúe a estatua que venero,  
A insolita amargura em lagrimas afógo  
E a serpe da lascivia estúpida encarcerou!

A. J. ALVES DE FARIAS.

## A LIVRARIA

VICIOS DA NOSSA LINGUAGEM MEDICA—  
THESE INAUGURAL — DR. PEDRO AN-  
TONIO BASILIO—1904.

Do trabalho do novo clinico se póde asseverar que preenche a celebre lacuna tão assignalada no prefacio das obras didacticas. O alentado volume, de mais de trezentas paginas, collige o que andava, alhures, disperso em artigos e em livros. E' de estranhar que o auctor, reunindo esses materiaes, nos privasse, muitissimas vezes, de conhecer o seu conceito individual: não raro defronta opiniões antagonicas, mas não as discute, e nem por uma dellas se decide. O processo, recommendavel em certas exposições scientificas, não parece ter aqui cabimento, tanto mais quanto o dr. Pedro Basilio mostra não ser um neophyto nos complexos assumptos de que se occupou.

Dividiu em 8 partes a dissertação inaugural:

- 1° Dos vicios em relação ao genero.
- 2° Dos vicios que se referem sómente á graphia.
- 3° Dos vicios que se referem sómente á prosodia.
- 4° Dos vicios que se referem á graphia, prosodia e fórma.
- 5° Denominações improprias.
- 6° Hybridismos.
- 7° Vícios de traducção.
- 8° Dos termos que não téem equivalentes em portuguez.

De cada paragrapho, muito haveria que dizer, mas em nosso designio pódem apenas caber ligeirissimos reparos, de quem de taes materias bem pouco entende. A censura ao hybridismo em geral é, sem contestação, credora de applauso. Pacheco Junior, sempre judicioso, affirmava que «a hybridade das palavras scientificas é uma vergonha para os sabios». E desse numero ha tantas e tão inuteis e tão inopportunas! Basta lembrar *terminologia*, que tem o excellent substitutivo em *tecnologia*, vocabulo de pura origem hellenica. O dr. Basilio encontra, emtanto, alguma desculpa á criação de *puerimetro* e quejandos. Francamente, sem o ridiculo *amour du grec*, de que chasqueava o grande humorista, sobram incontesteveis recursos para fugir a taes monstregos linguisticos.

Quanto á prosodia de termos de origem grega, talvez que as regras inflexiveis pouco valham. Desde Whitney, os factos referentes á «vida da linguagem» como organismo vivo, ou, ao menos, como «organisação», no dizer de Gidding, já não pódem ser desconhecidos. Porque conservarmos na lingua portugueza do seculo XX, a mesma pronuncia e o mesmo genero das palavras gregas? O regresso aos velhos moldes será talvez seu tanto possivel na tecnologia, mas cairá irre-

mediavelmente, como já baqueou, na evolução geral da lingua... Recorde-mo-nos tão só da prosodia de nomes proprios (Socrates, Solon, Demosthenes, etc.) e veremos a impraticabilidade de taes empresas... E quanto nos revela a tal respeito, uma doutissima annotação da *Selecta Classica* do sr. João Ribeiro, o illustre philologo!

O que contrasta com o medo de que se aportuguezem expressões gregas é o terror á entrada na linguagem scientifica de vocabulos francezes. Aqui, o peregrinismo prodúz arrepios, indignações e coleras nos puristas. Louvaveis e justificadas são ellas, ainda que uma ou outra vez devam ceder seu palmo de terreno. Quando uma palavra, já em uma lingua estranha, está desviada da primitiva accepção, e na convencionada penetrou outros idiomas, vamos fechar-lhe as portas e dar entrada a neologismo indigesto e feio?

Tal é, para exemplificar, o caso de *crèche*, que os italianos tentam significar por esse horripilante e hellenico vocabulo: *brephotrophio*. No Brazil, onde o *presepio* constitúe um certo facto, annualmente commemorado, a traducção litteral de *crèche* se impõe inaceitavel para as «casas em que se recebem meninos para criar». Já não se dá o mesmo com o termo *enxugo*, em vez do tão introduzido *drain*. Um cirurgião, que reflecta um pouco, empregará facilmente *enxugo* e *tubo de enxugo*, assim como sabios e profanos não recuarão assombrados ante a palavra *crèche*, aqui já em uso, ainda antes de inaugurada a primeira dessas casas de sagrada missão. Seja, porém, como fôr, algum competente poderá descobrir vocabulo tão feliz como foi o *necroterio*, do visconde de Taunay.

Traducções boas do que é technico se recommendam por necessarias, como pela ridiculez confina o apontar a palavra correspondentem ao que é de conhecimento banalissimo. Imagine-se a figura de quem nos venha dizer, como anchuras de sabio, que *jambe* é perna e *nez* é nariz! Pois não incide em menos futil preocupação quem nos ensina que *bourrelet* é orla, e *bourgeonnement*, *gemação*. E o nosso reparo não vá ao dr. Pedro Basilio: elle lá sabe porque julgou opportuno apontar esses «vicios de linguagem», que, — valha a verdade, — depõem muito contra a nossa cultura. Mas, não se póde negar, o assumpto excede o campo da tecnologia scientifica.

Reunindo em sua dissertação, elementos variados, o dr. Pedro Basilio fugiu, cauto, a um escolho: não inventou, não propoz a criação de uma só palavra. Fez bem. A auctoridade, para tanto, é privativa de altos espiritos. Contentemo-nos com interpretar, o melhor que possamos, o que escreveram

mestres da lingua, e não imitemos o sapateiro de Apelles. Que diria de nós um philologo, se não tivéssemos a mais completa noticia de *panturrilha*, por exemplo, o vetusto vocabulo da lingua portugueza? E se justificassemos por A+B, a formação de uma palavra, que existisse já, e de cabellos brancos? e se, querendo bravatear erudição, errassemos no que é mais comesinho em grammatica, como, *verbi gratia*, o valor do suffixo *uro* ou do gerundivo latino?

O dr. Pedro Basilio andou bem, produziu trabalho valioso. Mas, para que não deixemos de emittir uma perdoavel rabugice, ahí vá ella: Porque, citando, innumeradas vezes, expressões gregas, com os caracteres proprios, poz por epigraphe do livro uma phrase de Platão, em francez? O auctor confundiu-se assim com aquelles que citam em latim, e resplandescentes de sabedoria, as palavras pronunciadas por Jesus Christo.

DR. F. F.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DO «PRIMEIRO CHACO» AO «ESTABELECIMENTO»

A nossa esquadra encouraçada havia forçado em agosto de 1867, sob o commando do almirante Joaquim José Ignacio, as baterias de Curupaity, e esperava o momento opportuno de tentar a passagem de Humaytá, que os *passados* diziam defendida por innumerados torpedos, dispostos habilmente em xadrez, enormes correntes atravessadas de margem a margem, e capazes de deterem a marcha dos navios mais poderosos, canhões formidaveis e, aos centos, assestados a cavalleiro no alto das barrancas, nas casamatas impenetraveis da *Bateria de Londres* e ao lume d'agua, e tudo que a arte mallefica da guerra inventára de mais destruidor e que o dictador, cauto e feroz, accumulára com odio.

Verificámos mais tarde que eram exaggerados os informes, e que o melhor elemento para a defeza da celebre fortaleza, era a sua incomparavel situação topographica, em uma extensa curva do rio, em fórma de ferradura.

Das famosas correntes, eu vi uma. Era a unica, formada de pedaços de pau esquadriados e ligados por élos grossos de ferro.

O exercito, naquella epocha, não occupava ainda ponto algum á margem do rio, a montante dessa praça forte. Fazer a esquadra passar, então, seria deixal-a isolada e em condições precarias, até que as forças de terra lhe pudessem dar a mão.

O almirante e o marquez de Caxias julgaram, com acerto, que não era che-

gada a hora azada para a perigosa operação.

A nossa esquadra estava fundeada entre Curupaity e Humaytá, e as suas communicações se faziam pelo Chaco, por uma estrada mandada abrir pelo chefe Elisario, depois barão d'Angra.

O meu batalhão, o glorioso 16.<sup>o</sup> de infantaria, commandado pelo major Tiburcio, teve ordem de marcha, para ir proteger essas communicações.

Estávamos então acampados, com o grande exercito, em Tuyucú. No mesmo dia, levantámos acampamento e seguimos.

Passámos pelo caminho do passo *Ipuy*, e fomos costeando as posições inimigas do celebre *quadrilatero*, até chegarmos ao acampamento de Tuyuty, muito nosso conhecido, onde estivemos mais de um anno regando os seus arraiaes com o nosso sangue e lutando com o cholera morbus, mais terrível do que milhares de Lopez. O cholera, além de dizimar impiedoso as nossas fileiras, corrompia e ia perdendo muitos dos nossos officiaes, que se tornaram quasi alcoolistas por pensarem que esse terrível inimigo os preservava do mal. Triste illusão!

Bivacámos no Potreiro Pires e, na manhã seguinte, embarcámos no porto do reducto da esquerda, na lagôa Pires, que estava cheia.

Pouco depois, entrámos no rio Paraguay e navegámos por elle acima até á barra do arroio *Quiá*, onde o Seixas tinha uma barraca de commercio. Fomos baldeados para lanchões, que subiram o arroio, rebocados por lanchas a vapor.

O *Quiá*, como todos os cursos d'agua do Chaco, figuraria conspicuamente no inferno.

Nenhum Acheronte ou outro qualquer dos cursos d'agua do Averno, teria margens mais feias nem agua tão salobra e ordinaria.

No porto de desembarque, estava abarracado um pequeno contingente de *Fuzileiros Navaes*. Entre os officiaes, lembro-me do José Carlos de Carvalho, que projectava construir um caminho de ferro, e do Henrique Lisbôa, com seus ares de diplomata e aristocrata. Os sympathicos rapazes, guarda-marinhas, nos receberam de braços abertos e nos trataram á vela de libra. Elles, na esquadra, passavam muito melhor do que nós, que geralmente não iam muito além do *picadinho*.

No dia seguinte, marchámos para o nosso destino, o *Porto Elisario*, onde estava a esquadra fundeada.

Pisavamos pela primeira vez, aquelle mysterioso territorio do Chaco, ainda hoje cheio de segredos e prenhe de perigos para o homem civilisado, e onde o illustre Tiburcio tanto brilho deu ao seu nome, enriquecendo a nossa histo-

escrevendo paginas gloriosas no *Livro Mestre do Dezeseis*.

Elle não commandava como os outros. As relações de mostra, os prêts, os mappas mensaes e toda essa papelada da *burocracia* militar pouco o incommodavam. Instruia o batalhão ao seu modo, com manobras simples e rapidas, de accôrdo com instrucções organisadas por elle. Lembro-me que a sua formatura de preferencia era em columna de grandes divisões sobre o centro, formado pela quarta e quinta companhias. Desenvolvia em linha, passava para columna e formava quadrado mais rapidamente. Não se mostrava, cada instante, ao soldado, nem se immiscuía em pequenos detalhes do serviço. Além de illustrado, o moço commandante fascinava pela sua palavra energica, brilhante, fluente e cheia de espirito. Sobresaiía a todos os seus commandantes, pelo talento e pela bravura. Si elle nos mandasse, com uma pequena força, atacar outra dez vezes maior, iríamos cheios de confiança, porque o commandante não dava ordens absurdas e sabia o que fazia. Todos nós tínhamos nelle a fé mais absoluta. Inspirava-me um enthusiasmo indescrível. Ainda hoje, quando me lembro d'elle, o pulso bate mais ligeiro e a memoria se povôa de scenas de epopéa.

A primeira vez que o vi, foi no Rio de Janeiro, na questão Christie. Elle era 2.<sup>o</sup> tenente de artilheria e estudava na Escola de Applicaçáo da Praia Vermelha; eu fazia os meus exames de preparatorios na Escola Central. A mocidade formou um batalhão e foi ao Paço offerecer-se ao Imperador. Eram todos paizanos.

De repente, no saguão do palacio, appareceu um rapaz franzino, de hombros largos, baixo, olhar intelligente, bigode e pêra louros, com uniforme da Escola Militar. Fallava com calor e gesticulava ainda mais.

— Quem é? — perguntei.

— O Tiburcio.

Elle já era notavel entre os companheiros, pelos estudos brilhantes e pela altivez de character.

Sáimos formados pelo Largo do Paço.

Assumi o commando do nosso batalhão e ia na frente dando vivas. Ao entrarmos na rua Direita, vinham outros patriotas, e um delles, o poeta Garcia, trazia uma bandeira nacional. O Tiburcio arrebatou-a. Os patriotas não protestaram. Os daquella epocha eram menos perigosos.

O joven official, em pouco tempo, tornou-se a primeira figura no meio da multidão exaltada: quasi obedecia á sua voz, já um pouco rouca. Era tachado para commandar, aquelle homem extraordinario. Ninguem era mais activo. Vivia em constante movimento.

tou de reconhecer os arredores do campo.

Destacou, em diversas direcções, pequenas forças e elle proprio procurava pôr-se a par dos accidentes e particularidades do terreno, para poder tirar delles o melhor partido, no momento azado.

Era o commandante em chefe das forças de terra; naquelle ponto constituidas, na maior parte, por quatrocentos homens do Dezeseis, que, sob as suas ordens, valiam dez vezes mais.

O nosso acampamento no alto da barranca, dava ao porto um tom de alegria. Dalli podíamos fallar a alguns dos navios da *Divisão de ferro*, fundeados muito proximos. A' nossa direita, via-se o pequeno abarracamento de uma força de *Fuzileiros Navaes*, commandado pelo 1.<sup>o</sup> tenente Nunes, cujos subalternos eram os guarda-marinhas Miguel Lisbôa e Mascarenhas, cada qual mais sympathico e distincto. Desde aquella epocha, somos amigos.

O Tiburcio ordenou logo, e elle proprio traçou um reducto em fórma de *barrete de clerigo*, para proteger-nos de qualquer aggressão possivel. Lia muito os *Commentarios de Julio Cesar*, era familiar com as obras de Vegecio, Polybio e o Hygino, o Gromatico. Sabia não só quanto valia um campo fortificado como tambem como se constrúe.

Não decorreram muitos dias e, uma manhã, mandou tocar reunir e saíu, com todo o batalhão, em reconhecimento para o interior do Chaco. Depois de uma marcha de 5 horas, chegámos á margem direita de um rio, que quasi não corria, com barrancas negras e tristes e aguas salobras e escuras. Era o rio do *Ouro*, que desemboca abaixo de Humaytá.

Caminhámos por campos baixos e alagadiços, matizados de capões, povoados de palmares de carandás, com vastos brejaes cheios de juncos e macegaes.

Vimos ás suas margens, bandos de *tahaus* e casaes de *quíero-quíeros*, que davam gritos agudos, como sentinellas do deserto.

Passavam ao tróte, longe de nós, emas espantadas.

Pastavam alguns cervos muito grandes, que nos fitavam curiosos, e depois fugiam aos saltos. Descobrimos muitos rastos de indios. Podiam ser de *paraguayos* tambem.

Fizemos alto por algum tempo na margem do rio triste, e, quando chegámos ao *Porto Elisario*, o sol ia se escondendo. Cobrindo o nosso campo, tínhamos uma linha avançada, que apoiava a direita em um banhado, dando aguas para uma sanga profunda que ia ao rio, e, á esquerda, em uma lagôa grande, de aguas tão escuras que pareciam de alcatrão derretido e tão tranquillae que podiam servir em caso



observação de estrellas, que nellas se reflectiam como pontos scintillantes. Humboldt utilisou-se do Rio Negro para determinar as suas latitudes e angulos horarios, e não saíram máus. Allí viviam, em cardumes, piranhas enormes, de intenso brilho prateado, que os soldados, de folga na linha, pescavam, assavam abertas em longos espêtos de páu, á moda dos indios.

A lagôa era rodeada de arvores baixas, espinhosas, torcidas, com os galhos povoados de bromelias de vivo colorido.

O Tiburcio mandou, ao voltar, reforçar as avançadas. Tocou-me, para expiar os meus peccados, que aliás não mereciam tanto rigor, commandal-as naquella noite! Que noite aquella! Nunca vi tanto mosquito, nem antes nem depois, nem nas margens do Casiquiare, nos igapós do Cauabury, nas lagunas de Veneza, nas maremmas etruscas, nas Lagôas Pontinas, nos pantanaes do Pilar e nos de New-Jersey que inspiraram o estro de Cutlen Bryant, o grande poeta americano.

Deve ser o Chaco a região predilecta da *malaria*; entretanto, restabeleci-me allí de sezões impertinentes, que me perseguiram muitos mezes em Tuyuty. Já me tinha habituado á intermittencia da febre. A principio, quando vinha o accésso, deitava-me no giráu, si estava no acampamento, e no chão, quando de serviço. Cobria-me com o capote e batia os queixos, como um porco do matto. Vinha depois a febre, que me escaldava e acabava tudo com um suor abundantissimo. A's vezes, tocava reunir o Dezeseis, e, assim mesmo, eu prendia a espada aos *fraqueletes* do taliui e entrava em fórma. Outras vezes, era na *Linha Negra*; ouvia-se um tiroteio mais serrado, e corria para o meu posto, tiritando de frio. Felizmente, todos sabiam que não era de medo: era o frio da febre. Ninguem dava parte de doente nas minhas condições: tambem estive sempre *prompto*. Tomava sulphato de quinina, ás colheres de sôpa. Já não sentia tanto o amargor. A febre, porém, não passava. Os soldados diziam que o remedio era falsificado: vinha do Rio de Janeiro, misturado com polvilho.

Ainda hoje, me lembro daquella primeira noite das avançadas no Chaco em que não pude pregar olhos. Si abria a bôcca, os mosquitos penetravam, em nuvens espessas e suffocantes. Não eram muito ariscos e deixavam se matar suave e brandamente, aos centos, aos milheiros, esmagados em pasta molle e denegrada, que se confundiria com a lama daquelles paizes, si não fôsem uns laivos vermelhos de sangue. Tinham aquellas esfomeadas anophêles uma utilidade: conservar alerta as vedêtas. Não era preciso rondal-as: nenhuma seria capaz de dormir ouvindo a zoada daquellas canti-

lenas e sentindo as ferretoadas dolorosas. Ouviu-se, lenta e compassada, uma musica parecida com a dos atabaques dos indios: eram os tabéfes nas casas das sentinellas. A's vezes, se amiudavam tanto, que se pensaria estar passando debaixo da ponte do Rialto, ouvindo o echo das palmas dos gondoleros venezianos.

No dia seguinte, fui rendido ás 9 horas da manhã, pelo Aurelio de Moraes. Estava de folga, atirei-me no giráu e desforrei-me. Dormi a sonno solto. O meu amigo, capitão Antonio Lopes Castello Branco, passára-a em vigilia tambem, mas por gosto, puxando mandys, de caniço em punho, sentado á beira do rio, junto a um fogo fumoso onde, de vez em quando, lançava pequenos punhados de farinha secca, que tirava dum bernal, e de capim limão, que arrancava ao redór. Que pescador e caçador apaixonado era o Castello! Arranchavamos juntos, e a nossa mesa no Chaco era a mais bem sortida de todas. Raro era o dia em que não tinhamos algum jacú, pato bravo ou carão. A's vezes, comiamos pedaços de veado lardeado. O rio nos fornecia, em abundancia, jacús dourados, mandys e mandubés. Passámos uma vida de *Lopez*, não a dos ultimos mezes da guerra, na picada do Panadero.

Um dia, lembrou-se o commandante de fazer um reconhecimento na margem paraguaya. Os soldados diziam que elle tinha azougue no sangue — nunca ficava quieto. E' que tinha a nitida comprehensão dos seus nobres deveres e esforçou-se sempre por cumpril-os brilhantemente. — Consegui do Almirante duas baleeiras, embarcou cincoenta homens e vogou para a costa inimiga.

Nunca faltei a essas festas do Dezeseis. Fôram counosco o Lisbôa e o Mascarenhas. Gostei de ver aquelles rapazes delicados, mas fortes como o mais robusto dos nossos veteranos. Ao abicarmos á barranca lamacenta, fomos sandados por uma descarga, quasi á queima roupa, de um piquete paraguayo que nos espreitava, occulto atrás das arvores. Saltámos n'agua e, em poucos instantes, corriamos sobre elles de bayoneta cruzada, os perseguimos em algazarra, atravessando cerrados e pantanos, saltando por cima de troncos caídos e deixando pedaços da roupa nas unhas de gato. Os dois rapazes da marinha íam sempre na frente. O Tiburcio, sorrindo, bateu no hombro de um delles e disse:

Bravo, rapaz; vocês parecem officiaes do Dezeseis.

Tinhamos levado quasi toda a banda de cornetas. Nunca deixaram de vibrar na matta inimiga, tocando sempre *Avançar fogo*. Pareciamos muita gente.

De repente, ouvimos perto rufos repetidos de tambor e as notas estri-

mentes e fanhosas, nossas conhecidas dos clarins paraguayos. Estavamos nas proximidades de Curupaity. A praça levantava-se em alarma. O commandante havia satisfeito a sua curiosidade por aquelle lado. Faltava Humaytá, que estava muito longe, para cima. Retrocedemos e seguimos para lá. A cada passo que davamos, novos obstaculos surgiam: — regueiros profundos, de ribanceiras altas e resvaladiças, pantanos de aguas mansas e perfidas, ora lisas como um espelho, ora cobertas das floras alvas dos aguapés; adeante, tremedades matisados de verde relva traídora; espinhos por toda a parte. Vimos carreiros estreitos e tortuosos, com rastos de infantes. Não encontramos mais ninguem. As avançadas estavam todas recolhidas. O Tiburcio deu ordem de retirada para as nossas embarcações. Quando chegámos, estavam encalladas no lôdo. Os homens entraram n'agua e metteram á prôa os hombros robustos. Fluctuaram. Sentia-se perto um ruído estranho. Era uma força inimiga que se acercára. Vinha calada, mas os galhos seccos, que se quebravam, a traíram. O Tiburcio mandou estender alguns homens em atiradores, enquanto os outros embarcavam. Avistámos ao longe, numa volta de picada, uma barretina. Rompemos o fogo; ella passou. Quando todos já estavam a bordo, o Tiburcio mandou: « Embarquem ». Mettemo-nos no rio, com agua até os peitos e, em poucos momentos, trepámos nas baleeiras. Quando os atiradores inimigos appareceram na barranca, já nós vogavamos ao largo, a todo o remo, e, em poucos minutos, approvamos ao nosso porto a salvamento, tendo pregado aos paraguayos um bom susto e passado por outro, valha a verdade. Os paraguayos não se mostraram em força na margem opposta, com receio da metralha dos nossos encouraçados.

Os reconhecimentos do Tiburcio eram tão frequentes, que nós estranhavamos, quando elle não nos dava aquella distração.

Numa manhã calma e tranquilla, depois dos exercicios de pelotão, as nossas avançadas avistaram, ao longe, uma linha, cujos pontos não se distinguiam claramente; devia estar a pouco mais de dous kilometros. Em pouco tempo, viram que havia cavallaria. O official mandou dar parte ao commandante. Estava já á distancia de 1700 metros. Vinha avançando. Tocou chamada ligeira no reducto. Em pouco tempo, o Tiburcio chegava, a galope, na frente do batalhão, de arma suspensa, a marche marche, e fez alto na linha avançada. Tirou o binoculo, que trazia a tiracollo, e visou a força, que marchava sobre nós. Já distinguíamos bem a infantaria e alguns cavalleiros; a

distancia não era maior de 1200 metros. O Tiburcio mandou uma companhia estender em atiradores e avançar. O batalhão seguiu em apoio. A força já estava perto; viamos homens marcharem com força regular. Fizeram alto e levantaram uma bandeira branca: queriam parlamentar. Chegámos á falla. Era uma tribu de índios do Chaco. Havia homens semi-nús e mulheres de tipoia, carregando *naturás*, presos ás frentes por tiras de embira. Os cavallos, pequenos e magros, eram montados por guerreiros armados de lança. Não havia armas de fogo. Uns tinham longos arcos e carcazes com flechas; outros empunhavam compridos *tacápes* de *urunday*.

Vinha com elles, como lingua, um correntino, com uniforme de phantasia, muito sujo e galões de tenente. Era um foragido das justiças argentinas. O chefe da tribu era o cacique «Canrrá». O—r—pronunciavam muito carregado. Era um velhinho pequeno, secco, de olhos vivos e feio como um macaço. Tinha por unico uniforme uma longa tira de couro de boi, muito duro, ainda com pello e sem curtir, que lhe ia dos peitos á cintura. Ornava-lhe a cabeça um estranho capacete de pelle de guariba negra, com a cauda caíndo-lhe pelos hombros e confundindo-se com os longos cabellos lisos e duros. Pendia-lhe, ao lado esquerdo, a sua unica arma: uma espada sem bainha, muito comprida, de copos de latão e atada pelo punho ao pescoço por uma tira de couro de anta, bem sovado. Era provavelmente o despojo de algum branco assassinado. Montava um cavallo foveiro, cabano, magro e feio como elle, tendo por unico arreio algumas pelles de abestruz. As rédeas eram tiras sovadas de couro, atadas ao queixo por barbicacho de tentos. Era singular a figura daquelle chefe de tribu, bem differente certamente dos Perys e Ubirajaras, que tanto deleitaram a nossa mocidade. O Tiburcio, romantico como os rapazes daquelle epocha, affeito á leitura amena dos *Tynbiras*, de Gonçalves Dias, do *Uruguay*, de Basilio da Gama, e do *Guarany*, do seu illustre comprovinciano José de Alencar, julgou, talvez, descobrir naquelle tuchána um velho Pery ou algum Jacaúna passado em annos, cavalheiresco e nobre como elles. Convidou-o para almoçar. Queria fazer, talvez, um estudo. O caboclo velho andava, de certo, esfomeado. Isto não era raro. Sentou-se á mesa; olhou para o talher e escondeu a faca no largo cinturão, seu unico vestido. O garfo... pôz de lado. Agarrou com a mão suja um peixe, pelo rabo, e devorou-o inteiro, catando, com a outra mão, as espinhas maiores, e as outras, com a lingua. Atráz do peixe, sumiu-se um

receu-lhe um trago de paraty, numa chicara de ferro. Foi uma revelação para o *Canrrá*, que abocou o gargalo da garrafa, virou-a toda, sem fazer uma careta e pediu, mais, com uma risada alvar. Via-se nos olhos revirados, a extrema delicia indefinivel. Não deu treguas a prato algum. Tudo que estava ao alcance do seu braço longo e magro, elle tomava e engulia. Por fim, havia, na ponta da mesa, uma grande lata cheia de biscoitos de fubá de milho, que d. Maricota, a esposa do commandante, lhe havia mandado do Rio. O caboclo provou um que lhe foi offerecido e comeu a lata inteira. O Tiburcio já estava farto de *Canrrá* e mandou-o embóra. Contavam os rapazes que logo depois daquelle almoço pantagruelico, viram o Cacique no seu campo, de cócoras, junto ao fogo, fazendo as honras, com grande appetite, a um formidavel *costilhar*.

Aquelle bando nomade, depois de alguns dias vividos á nossa custa, levantou o pittoresco *bivac* e seguiu na sua peregrinação, em busca de terras mais commodas para as suas caçadas ou para as pilhagens. A vizinhança tornára-se incommoda, porque, pedinchões, queriam tudo; eram porcos, e tresandavam á gordura de jacaré. Os nossos índios do Amazonas banham-se muitas vezes ao dia. Aquelles não sabem que gosto isso tem.

Todos os dias, o saudoso Antonio Joaquim, o bravo mestre da corveta Izabel, que chegou, pelos seus altos feitos e grandeza d'alma, a capitão tenente da Armada, e morreu gloriosamente, desancando, a cacetadas, os paraguayos que abordaram o seu querido monitor, passava no Luidoya e ia até aos encouraçados de serviço na vanguarda.

Por indiscrição de alguns amigos da marinha, soubemos no Dezeseis, que o Almirante havia convocado um conselho de chefes e commandantes para discutirem a passagem proxima de Humaytá. Nada transpirou então sobre o que deliberaram. Disseram-nos apenas que o Wandenkolk foi de opinião que se devia passar ainda que fôsse boiando sobre a barriga do Almirante e que o Jeronymo Gonçalves, com verdadeiro ardor, propugnára pela passagem immediata, custasse o que custasse. O heroico commandante era já muito conhecido pelo seu temerario arrojo. Constou-nos, tambem, não sei si com fundamento, que houvera um desafio entre elle e um outro illustre official, que depois se cobriu de immorredoura gloria, forçando a passagem no commando da vanguarda.

O rio continuava baixo. Os conhecedores annunciavam proxima uma grande enchente. Seria, então, a occasião de operar. O marquez, capitão

preferiu esperar. Tudo se encaminhava para o fim desejado.

Os brasileiros, depois de baterem os paraguayos em Potreiro Ovelha, tomaram Tayi, no dia 2 de novembro, e metteram a pique dous vapores inimigos. Nesse dia, brilharam os amigos Salles e compadre Costa Mattos, pela precisão das suas pontarias. Já occupavamos um ponto na margem do Paraguay, e os navios que passassem Humaytá poderiam receber recursos e teriam um ponto de apoio.

Todos nós, exercito e armada, desejavamos ardentemente attingir quanto antes Assumpção, nosso ponto objectivo e tinhamos a mais absoluta confiança no nosso grande marechal, cuja vida inteira era um exemplo de bravura e de fortuna, de civismo e de bom senso.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa)

## O GUIA DO BRAZIL

Recebemos o *Guia dos Estados Unidos do Brazil*, n. I, anno I, fundado pelos srs. Olavo Bilac, Guimaraens Passos e Bandeira Junior. Preenche uma lacúna: não ha expressão melhor. Era lamentavel que o Brazil ainda não tivesse, como todo paiz tem, um guia, systema Boedecker. Quem conhece o mechanismo de informações, as difficuldades de obtel-as, pela má vontade, preguiça e indifferença do povo, é que pôde calcular o esforço, o trabalho, o heroismo dos auctores do *Guia*. Depois disso, vem a insufficiencia das nossas artes graphicas. O que temos de bom, de supportavel, não serve, para trabalho dessa natureza, porque custa o que ninguem imagina; feito como foi, isto é, o melhor que foi possivel, custa 10\$000; feito como se fazem os similares europeus, custaria mais de 20\$000.

O *Guia* tem falhas; é natural em primeira edição. Mas, o que é essencial lá está, perfeitamente notado. Tem dois mappas, admiravelmente acabados — a planta do Rio de Janeiro e o do Brazil. E' traduzido para o francez pelo sr. Roberto Gomes; o volume é elegante, pequeno, portátil emfim, como convém a essas publicações.

Os que, com razão até certo ponto, duvidavam do empreendimento, vêem, agóra, que, já se tendo feito alguma coisa, muito mais ha de se fazer quando os descrentes tiverem o trabalho, ao menos, de não desanimar os outros, o proximo.

O *Guia* fez successo e será um livro de primeira necessidade.

“Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente en-

ASSIGNATURAS		
ANNO	....	20\$000
SEMESTRE	....	12\$000
---		
Numero avulso, 500 rs.		

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
RUA 1ª DE MARÇO, 28.  
OFFICINAS  
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Servido por um solido cultivo intellectual, o sr. presidente da Republica, além de homem honesto, qualidade que, para nossa vergonha, está ficando preciosa e rara, deve ser, como se diz em linguagem pittoresca — um homem escovado, muito ladino em coisas e manhas de todos os ramos da administração civica.

S. ex. ganhou, em memoraveis campanhas incruentas, as suas espóras de ouro; não foi armado estadista do pé para a mão; não foi um improvisado da ordem dos aventureiros, que a politicagem republicana tem inventado, como se inventam manequins para as roupas de amostra, bemaventurados instantaneos, nos quaes o sopro creador e fecundo de um *leader*, o carinhoso affecto de um padrinho prestigioso inoculam, magicamente, a sagrada flamma do genio, com aptidões especiaes para tudo, para os mais subalternos, como para os mais eminentes deveres do funcionalismo.

Conta-se que o Marechal de Ferro, incumbindo um ministro do sacrificio de accumular outra pasta, a dos negocios exteriores, elle se excusou á honraria dessa dupla confiança, confessando, sinceramente, não entender daquelle riscado do direito internacional e diplomacia.

— Não faz mal — replicou o Marechal — O senhor nada entende da outra parte que lhe arrumei nos hombros.

O estadista enfeitado obedeceu, e verificou que isso de capacidade tecnica, de preparo especial era uma burla, e que, vigoroso e forte como era, poderia carregar, sem esforço, uma carga de pastas.

O honrado chefe da nação não surgiu, de repente, do imprevisto, de um lance feliz da sorte caprichosa; fez-se estadista, atravessando o longo tirocinio de um curso completo, padecen-

do uma torturante aprendizagem em que deve ter colhido thesoiros de experiencia, para exercer, com vantagem, a arte de pastor de povos, deste humillimo rebanho brasileiro, em bôa hora confiado ás suas amestradas mãos.

Dizem as biographias que s. ex. foi advogado e jornalista. No fôro e na imprensa, faiscaram os primeiros lampejos do seu talento de primor; mas, ou por desillusão dos seus generosos esforços, ou por não se adaptar ao seu temperamento tranquillo, a agitação daquellas arenas de combate, dedicou-se ao pacato mistér de vereador da camara municipal de Guaratinguetá, sendo, depois, promotor publico da comarca, juiz municipal e juiz de orphãos do termo.

Nessa magistratura, foi colhido pela politica, e, durante quatro annos, figurou, com brilho, na Assembléa provincial de S. Paulo; foi seu presidente e o representou como deputado á Assembléa geral do Imperio.

A Republica o encontrou conselheiro; isto é: homem feito, de merecimentos reconhecidos e galardoados com essa mercê honorifica.

A revolução de 15 de novembro não empallideceu o brilho da sua estrella. S. ex. adheriu, convictamente, ao facto consumado, e continuou a sua carreira como deputado á Constituinte; foi ministro da fazenda dos presidentes Floriano Peixoto e Prudente de Moraes, senador da Republica, presidente de S. Paulo, donde saíu para a suprema magistratura nacional, nomeado por uma convenção que teve a honra insigne de ser presidida pelo paternal sr. Accioly, a mais genuina, a mais viva e a mais forte personificação da politica dos governadores.

Dessa rapida resenha, resalta que s. ex. percorreu todos os escaninhos da vida publica, exercendo as mais altas e as mais nobres funcções da vida civil, faltando-lhe, sómente, uma

digressão edificante pela vida ecclesiastica. As biographias, de resto, muito magras para personagem de tão subido valor, não nos dizem se fez alguma estação instructiva pelos dominios piedosos da egreja, como seminarista ou, ao menos, como sachristão de Guaratinguetá, accidente muito vulgar naquelles tempos de devoção, nos quaes toda a gente sabia ajudar a missa.

E' admiravel que um homem, após tamanho e tão variado percurso pelas agrúras e pelas delicias da vida publica, não tenha chegado ao fastigio, fatigado de servir á patria; irritado contra a perversidade dos homens que governou, desilludido pelo prolongado contacto com as miserias, as fraquezas humanas, atormentado pelo sorumbatico demonio da desconfiança, que sempre foi pessimo inspirador dos estadistas.

E' admiravel, mas é irrefragavel verdade: s. ex. chegou á presidencia da Republica, calmo e pacato, sem azedumes, sem dyspepsias, sem estropições da longa jornada, tão despreocupado e tão singelo, como nos doirados dias da juventude, quando escrevia libellos para a imprensa ou para a promotoria publica de Guaratinguetá.

Um cidadão, assim aparelhado para a direcção da náu do Estado, não se póde abrigar nas desculpas da inexperiencia, nos candidos refólhos da bôa fé ingenua, quando fizer vista grossa aos factos, aos erros, aos abusos dos agentes do poder publico, nem encontrará justificação para a tolerancia de crimes como esses que estão cerceando as mais robustas fibras da organização republicana.

Applaudimos todos, com as mãos cheias de palmas auspiciosas e com o coração desbordante de votos e de esperanças, a plataforma politica da actual presidencia, um compendio de melhoramentos materiaes e moraes, que vinham de molde ás aspirações nacionaes; vemos, entretanto, com

funda magua, que o honrado estadista apprehendeu com vehemencia obras de reconstrucção do porto, está rasgando avenidas, mas olvidou a parte essencial do programma — o saneamento moral— que era a mais ardente aspiração dos seus governados, opprimidos pela barbara politica dos governadores.

Os vexames do fisco estadual attingiram a proporções tão escandalosas que o Congresso decretou meios de repressão a esse trafico; as eleições chegaram a tão baixo gráu de pouca vergonha e tamanhos clamores suscitava a defraudação da representação da vontade popular, que foi indispensavel reformar o regimen. E essas duas leis, embóra defficientes, alentaram, com ephemero vigor, as esperanças desfallecidas dos parias, que constituem a grande maioria da nação; mas, não tardou a desillusão: uma e outra estão sendo formalmente desobedecidas pelos satrapas dos Estados, como os de Minas e do Ceará, que mantêm as suas alfandegas para asphyxiarem o intercambio nacional, e por toda a parte estão apparecendo as gazúas, prophetisadas pelo general Glycerio, para abrirem portas, que a lei trancará com fechaduras novas, á invasão da fraude. E o proprio Estado de S. Paulo, o viveiro de presidentes da Republica, refuga o cumprimento da lei, como unconstitutional.

No Ceará, que é um feudo dos Acciols, os maiores contribuintes do imposto de industrias e profissões são seis banqueiros do jogo do bicho, parceiros habituaes do presidente do Estado, palpiteiro de marca maior, muito caroavel a esse genero de *sport*.

Por toda a parte, está sendo defraudada pelos detentores do poder a organização das juntas incumbidas de reformar as qualificações, abrindo portas beneficas aos cidadãos, havia muito, privados desse sagrado direito.

Ora, se um dos deveres capitaes da suprema magistratura republicana é velar pela fiel execução das leis; se não se póde admittir que s. ex. não perceba os factos, tão escandalosos que superam a mais grave myopia, não ha justificação para essa calma olympica, para a inacção do governo, cego e surdo aos clamores, aos protestos, ás exortações patrioticas que se quebram

entes lamurias de opposições desesperadas.

S. ex. mette num sacco os seus principios, as suas idéas, o seu programma: olvida o cumprimento do dever civico para se curvar, submisso, ás conveniencias da politicagem, inimiga das livres manifestações da soberania, ás patranhas forgicadas para assegurar a victoria da prepotente politica dos governadores, neste momento, arbitro da renovação da Camara dos deputados e do successo das candidaturas presidenciaes.

S. ex., por ser um cidadão de aspirações satisfeitas, prendado com todos os divinos dons da fortuna e rico de experiencia, deveria manter nitida isenção de animo para cumprir o dever substancial, que lhe impõe a intervenção para disciplinar os governadores rebeldes á lei, governadores revolucionarios, cujos excessos poderão provocar represalias violentas.

Um governo fóra da lei é um governo sem prestigio para manter a obediencia dos governados, e justifica a revolução como um direito das victimas da tyrannia — velha phrase muito expressiva e verdadeira.

Nós, que amamos a ordem e somos amigos do illustre cidadão presidente da Republica, pensamos que está, exclusivamente, nas suas mãos evitar essa calamidade, asphyxiar os fermentos, que se estão, de novo, exacerbando com secreta impetuosidade, os fermentos maleficos do desespero.

Não lhe custará muito o incommodo de satisfazer as aspirações nacionaes, reganhando, em farto quinhão de gloria e benemerencia, o muito que a preguiça dos felizes lhe tem tirado.

E' indispensavel que s. ex. deixe da sua passagem na cadeira, que soube manter com denodo, um luminoso traço de justiça indefectivel, para que não diga a posteridade: foi simplesmente, pacatamente, uma pessoa honrada e... nada mais.

POJUCAN.

## O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX

### § 2º

Ao choque soffrido pela Europa, *ex vi* do cataclysmo de 1793, accresceu, como se viu, o resultado produ-

estudos, apaixonando, a principio, sómente aos que se dedicavam á sciencia, não tardaram a interessar aos artistas, maximé na parte que dizia respeito á biologia. A analyse da nevrose foi um successo. A contiguidade da loucura e do genio gerou theorias abstrusas. Houve escriptores que se exaltaram e até physiologistas, como Lombroso, que pretenderam dar a fórmula da arte por processo semelhante ao que empiricos empregavam no diagnostico de molestias cerebraes.

Foi, então, que os physiologistas tomaram de assalto a critica litteraria. Do mesmo modo que Augusto Comte tentára reduzir a psychologia a um magro capitulo da sua biologia, esses criticos emprehenderam reduzir a sciencia de Lougino a um rées prolongamento da clinica de maniconios.

Desde os trabalhos do dr. Onimus até á *Degenerescencia*, de Max Nordau, encontram-se milhares de ensaios, nos quaes se aventuram as mais arbitrarías theorias, a pretexto de explicar a obra do talento artistico.

E' bem de ver que o genio de Shakespeare não devia escapar a essa invasão de barbaros no terreno do gosto e da delicadeza artistica.

O auctor do *Hamlet* foi frequentemente chamado á barra, ora por ser elle mesmo um caso digno de autopsia, ora porque tivesse, em alguns de seus personagens, traduzido, com uma sabedoria, nunca vista, nem sonhada, os casos mais estupendos da psychiatria, sciencia cujo nome não existia sequer na éra de Bacon e Elisabeth.

No meio dessas insolitas pretensões, viram-se os criticos profissionaes tão abarbados que tiveram necessidade de crear a expressão *fim do seculo*, para furtarem-se a explicações, que teriam de abranger a parte *cahotica* da litteratura contemporanea. E como essa parte cahotica era justamente a que mais impressionava o publico paraziense; como as suas succursaes, nas cinco partidas do mundo, onde os livreiros expõem nas vitrines dos respectivos estabelecimentos, as brochuras francezas precintadas do aperitivo *vient de paraitre*, disputavam a leitura dos artigos do *Figaro* e das revistas *art nouveau*, não foi difficil a má fé de alguns criticos-scientistas pôr essa producção cahotica á conta de uma especie de loucura generalisada.

O citado Max Nordau foi um dos que, melhor e com mais exito, exploraram tão obscuras regiões. Judeu, medico, materialista, tirando do fundo da raça uma força de proselytismo e um talento de imprecação que lembra os antigos prophetas d'Israel, esse homem de letras, ensaiando-se na critica, não custou a mostrar, através dosapparelhos scientificos, que menos mal maneja, as qualidades ancestraes do seu

Não o acompanharei nos seus trabalhos de astucia, nem nas ciladas, que arma aos leitores, para fazel-os acreditar na degenerescencia de certos auctores contemporaneos de genio, que elle confunde com a turba amorpha e descabellada *fin de seculo*.

Basta abrir o seu livro *Degenerescencia*, no capitulo que trata do diagnostico dos degenerados litterarios, para verificar a habilidade com que esse critico emprega o methodo physiologico no intuito de confundir a grande emotividade do seculo XIX, traduzida pelos seus verdadeiros artistas, com a miseria intellectual ou affectiva da multidão ignara dos calibans da poesia, ou da litteratura.

Max Nordau começa a sua diatribe, tomando por ponto de partida a definição do que seja degenerescencia da especie humana, dada por Morel — «o desvio doentio de um typo primitivo». Não se pôde conceber um quadro mais vasto do que o que offerece tal definição, e mais adequado a um romance de critica physiologica. E porque, como ensina Charcot, «les nerveux. les hystériques se recherchent», o critico psychiatria escreve uma porção de paginas do seu livro, provando o estado doentio de poetas e escriptores, que não passariam de simples vadios ou desoccupados para o bom senso que elle tanto preconisa.

«Um phenomeno, diz elle, caracteriza ainda, em subido gráu, a degenerescencia de uns e a hysteria de outros: — é a formação de grupos ou de escolas determinadas pelo isolamento e intratabilidade com as escolas vizinhas, observada actualmente na arte e na litteratura.» (1)

Desta maneira, esquece o critico, para carregar a mão unicamente na ordem litteraria, a generalidade desse phenomeno, que, em Pariz, como em Londres, como em Berlim, como em New York, se produz em outros generos de actividade, sem que o senso commum permitta que alguém o attribua a uma causa morbida. Que diria Max Nordau das rivalidades das sociedades do remo, ou de patinadores, principalmente na Hollanda, dos clubs terpsichoreanos? e, para não enumerar outros acanhados agrupamentos, que juizo faria do baírrismo das aldeias, onde se deve presumir a existencia de condições de primeira ordem para a expressão da vida?

«A differença gera o odio», disse-o, á saciedade, o arguto Sthendal. Não vamos, pois, adeante deste conceito, nem do da lei de sociabilidade, para explicar o facto mais natural da vida humana.

O auctor do livro *Degenerescencia*, pois, perdeu o seu diagnostico, pelo menos no que toca a este syndroma episodico; tanto mais quanto, poucas linhas adeante, ás «capellas de malu-

cos» elle contrapõe, como typos de saúde litteraria, os artistas personallissimos, solitarios tambem, não prevendo que adeante terá necessidade de transformar essa tendencia em enfermidade para condemnar o poeta da *Casa de Boneca*.

*Facile credimus quod volumus*. A epilepsia larvada tornou-se moda. Da mesma maneira que Bossuet explicava a marcha dos povos pelos designios da Providencia, agóra os criticos procuram no *mal sagrado* ou *comicial*, a razão de tudo quanto é extraordinario em historia e litteratura. De degráu em degráu, por este caminho, não seria difficil, em tempo proximo, transformar a epilepsia larvada no proprio phenomeno da intelligencia, da sensibilidade e da vontade. Nem os vegetaes della escapariam. Imunes, só os mineraes; e, ainda assim, duvidosamente, attentas as convulsões produzidas nas entranhas da terra pela electricidade.

Nada disto, porém, relaciona-se com a emotividade desenvolvida, durante o seculo XIX, no mundo artistico, pelo poder da sciencia. Quanto mais consciente o homem se torna, maior se manifesta a sua sensibilidade e, portanto, a sua capacidade artistica.

Ora, pelo exame das produções litterarias, que successivamente appareceram a contar do periodo elisabethano, constata-se que aquella emotividade encontrou cultores especiaes, ordinariamente inspirados pela assidua leitura de Shakespeare.

Nos primeiros annos do seculo XIX, na propria Inglaterra, sobresáem Coleridge, Shelley e Thomaz de Quincey, auctores pouco irradiantes, mas em que a emotividade shakespeareana se traduz, eloquentemente, na acuidade das sensações artisticas e na tendencia permanente para converter as emoções compactas do homem vulgar em emoções penetrantes, — no pavor das coisas humanas.

A vida intensa era justamente o circulo em que pulsava a imaginação desses escriptores; e só ella podia ter tornado intelligiveis os processos de expressão do grande tragico. O mysterio scientifico, substitnindo o sobrenatural da Idade-Média encontrava uma esthetica, e a fórmula de interpretação do mundo, segundo Shakespeare, coincidia com a visão da vida moderna.

O tom da poesia e do drama moderno afinou-se pelos contrabaixos da tragedia. Surgiu o sentimento agudo do sublime; propagou-se a sensação saturnina das coisas triviaes da vida, cuja representação, na obra d'arte, se tornou solemne por aspectos essenciaes.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR.

(1) Max Nordau, *Dégénérescence*, I, 54. Trad. Dietrich; Pariz, 1894.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

«DO PRIMEIRO CHACO» AO «ESTABELECIMENTO»

Muito tempo depois de estarmos no Chaco, chegou o coronel Gurjão com um batalhão mais e alguns canhões, com o Girard. A vida tornou-se mais agradável. Reunimos-nos no rancho do commandante, jogovamos ao *amigo* e decifravamos charadas tiburcianas, das quaes a primeira foi:—*Avistei uma rã de sentinella -1-2*. Passámos, assim, alegremente ouvindo as pilherias apimentadas do Tamborim e as chacótas de outros amigos. O coronel Gurjão, apesar de coronel, fazia tambem o seu pé de alferes, porque era um homem bom e estimavel. Eu tinha, entretanto, a nostalgia do grande exercito. Tinha saudades daquella cidade immensa de casinhas brancas, daquelles esplendidos exercicios de brigada, das alvoradas tocadas pelas bandas de dezenas de batalhões, do commercio com os seus bilhares, cabellereiros, photographos, restaurants, cassinos, lojas de modas e armazens sortidos com o que havia de melhor e mais fino.

Não perdi, para ver tudo aquillo, a primeira occasião que se me deparou. O Geraldo, nosso alferes quartel-mestre, era um pouco entrado em annos e meio commodista. Gostava de passar bem. Os quartéis-mestres, não sei porque, passavam sempre melhor do nós. Sabia preparar moquécas e vatapás e um sem numero de quitutes da Bahía, nossa terra; isso o tornou muito popular entre os officiaes de marinha, que lhe davam os ingredientes necessarios, e jantavam sempre com elle. Fallou-se na ida do Geraldo ao exercito para receber o nosso soldo e o *prêt* das praças, já meio atrasados. Foi uma desolação, principalmente para os convivas do amavel amphitrião. Que fazer? A viagem, além de incommoda, offerecia alguns riscos, que aliás pouco valiam para elle. O unico caminho era o dos comboios, entre Tuyuty e Tuyucué, que mais de uma vez fôram atacados.

O Geraldo dava-se muito commigo, e pediu-me para ir em seu lugar. Que fortuna! Aceitei com prazer, e offereci-me logo para ir de outras vezes. O exercito, para nós do Chaco, era assim como a Côte para um cidadão atirado nos fundos de Goyaz. Naquelle tempo, os perigos não eram factores importantes das nossas accções. Era raro quem os levava em conta.

Recebi as ordens do commandante; do Geraldo, as folha se os *prêts*, e parti, a pé, para o *Porto Quiá*, tendo por companheiros a minha espada, sempre fiel, inseparavel e bôa amiga e um revolver Lafoucheux, em cuja lealdade, confiava muito menos. Em Tuyuty, tomei a um amigo um bom cavallo e

parti, a trote e a galope, para o Tuyucû.

Fiz essa viagem diversas vezes, sempre só. Um dia, encontrei na estrada, quasi sempre êrma e solitaria, forças em marcha. Havia trechos dentro da matta, outros costeando capões, cruzando banhados e pequenos campestres. Quando voltava do Tuyucû, trazia a larga *guaiaca* cheia de libras esterlinas, doze contos e mais, bem unida ao corpo, debaixo da camisa; pezava muito, mas eu era forte. Uma vez, demorei-me demais. Ao pôr do sol, Tuyuty ainda estava longe. A hora do crepusculo vespertino é a hora da tristeza e da saudade, e eu scismava. O cavallo passou do trote ao passo, e as rédeas pendiam, frouxas. Passou rapida pela minha frente, uma grande sombra. O cavallo assustou-se e deu um *prisco* para o lado. Andei pela *carona*. Quasi fui ao chão. Era um urubú atrazado, que voltava ao poleiro na matta sombria. Caí em mim. Cada arvore do caminho poderia occultar um inimigo. Elles andavam sempre por alli. Passou-me pelo espirito, a idéa de um encontro. O cavallo era bom; mas, si o matassem ou boleassem, eu estaria perdido. Podiam matar-me ou fazer-me prisioneiro. Antes morrer. Os prisioneiros de Lopez soffriam tanto como os christãos no tempo de Nero, ou mais talvez, porque muitos não tinham a fé, que conforta. Havia uma hypothese ainda peor: si me levassem o dinheiro e me deixassem vivo a cavallo? Era inverosimil. Pendurei a espada no gancho do talim; ajustei as rédeas e cerrei pernas ao rozilho, que voou por aquelle caminho de areias e aguas até ás nossas primeiras vedêtas, que nos receberam a tiros. Gritei — Camarada — e passei ao trote. Jurei a mim mesmo nunca mais saír tarde do Tuyucû.

Havia quasi seis mezes que estavamos no Chaco, numa vida ingloria, tornando-se enfadonha, emquanto os nossos camaradas se batiam no Tuyuty a 3 de novembro sob as ordens de Porto Alegre, que entrava em combate de chapéu armado, farda bordada e commendas ao peito, expondo-se, como o mais temerario dos seus soldados, em Potreiro Ovelha, Pilar, Tayí e outros logares, onde as nossas armas se enfeitaram de loiros. Em meados de fevereiro, o Dezeseis recebeu ordem de recolher-se ao Exercito. Foi um dia de festa para o batalhão. Partimos logo e chegámos a 17 a Tuyucû. O Paraguay enchia a olhos vistos e, depois da nossa partida, as lanchas a vapor navegavam sobre as cristas dos parapeitos de nosso reducto.

O batalhão aproveitára o tempo do Chaco para instruir-se e nenhum, em todo o exercito, lhe levava vantagem na disciplina e na bravura. Quando fazia marchas longas, dava gosto vel-o.

Os pelotões marchavam alinhados, os officiaes e inferiores nos seus postos. Os soldados descalços ou de alpercatas, com as calças arregaçadas até aos joelhos, mostrando as pernas musculosas, os botões, a chapa do cinturão e todos os amarellos brilhando como ouro, a mochila alta e bem emmalada, com a *roupa da ordem* sem faltar uma peça, engommada á garrafa, por cima a barraca, os páus atravessados e, ás vezes, dominando tudo a gaiola do papagaio fallador, o calderãozinho da *boia* e a chaleira da sua *china*, a forte amiga companheira de sua vida, que o acompanhava desde os confins dos sertões da Bahia, dando-lhe herdeiros para a sua pobreza e para as suas glórias, tão grandes e tão puras como as outras, que elle mesmo ignorava. O sabre cortava como uma navalha e podia olhar-se por gosto para a alma reluzente da *Minié*, que conservava fechada por um tarugo de latão brilhante.

Quando faziamos alto para acampar, o ajudante, ainda montado, ia da 1.<sup>a</sup> á 8.<sup>a</sup> companhia, e perguntava a cada 1.<sup>o</sup> sargento: *Quem falta?* e cada um, invariavelmente, respondia: *Ninguem*. Os soldados do batalhão do Tiburcio não ficavam para trás. Eu tinha immenso orgulho de pertencer a elle e, ainda hoje, depois de velho, desvanço-me mais de ter sido seu ajudante do que ministro de Estado. Na noite de 18 de fevereiro, ás 8 horas, entrámos em fórma, escoteiros, á *meia marcha*, de bernal, cantil e capote a tiracollo. O abarracamento ficou armado. Nenhum de nós sabia para onde ia.

Fizemos brigada com o 15.<sup>o</sup> e o 31.<sup>o</sup>, commandada pelo coronel Barros Falcão, velho soldado, bom e bravo. Os trez batalhões formaram em columna de marcha, pela ordem de numeração:

O 15.<sup>o</sup>, mais conhecido por *Batalhão de atiradores*, ia na testa, commandado pelo Meyer, o nosso estimado instructor de *tíge* da Escola Militar. Estava armado com espingardas de agulha, das mesmas que deram aos prussianos as suas estupendas victórias, e fôra constituido por praças escolhidas dos outros corpos. O meu Dezeseis marchava no centro. Fazia a rectaguarda o 31.<sup>o</sup> de Voluntarios ou *Corpo de Permanentes da Côte*, commandado pelo distincto tenente-coronel Assumpção.

Na vespera, tinham chegado do Rio, e fôram apresentados ao batalhão, os dous irmãos o 2.<sup>o</sup> sargento Arthur Oscar e o furriel Carlos Eugenio, que vinham iniciar as suas armas. Fôram incluídos na 7.<sup>a</sup> companhia, cujo commandante era o Castello Branco, e eu um dos subalternos. O outro 2.<sup>o</sup> sargento era o Noya. Nesse tempo, eu não era ainda ajudante. A noite estava bastante escura. Rompemos a marcha, cheios de ardor. Todos nós perguntavamos: — aonde vamos? A principio, chalreava-se, fumava-se e, de vez em

quando, ouvia-se uma risada *gostosa*. Marchavamos á vontade. Passámos as nossas ultimas vedêtas. Era preciso cuidado, entravamos em territorio suspeito. A columna fez alto. Correu pelas fileiras a ordem de não fumar, não fallar e marchar em absoluto silencio. Continuámos e já não se percebia o tropel daquelles mil homens. Dir-se-ia que caminhavam nas pontas dos pés. Ninguem tropeçava. Os cantis não batiam nos punhos dos sabres, nem o cano de uma carabina chocava com outro... Si um queria tossir, abafava o ruido na manga da blusa. Iamos a uma surpresa. Mais tarde, aprisionámos umas vedêtas paraguayas, que dormiam a somno solto e despertaram com os ouvidos arrolhados pelos canos das nossas carabinas.

E assim continuámos, *tripe-trépe*, a marcha fatigante pela lentidão. De vez em quando, faziamos alto. A voz de commando era transmittida em segredo de uma fileira á outra. Que somno invencível eu tinha! Quasi não podia ter-me em pé. Si tropeçasse, caíria dormindo. Eram os vinte annos e a noite tepida. Os dois recrutas chegados do Rio deviam fazer esforços heroicos para nos acompanharem. Os rapazes eram briosos e promettiam.

Já muito tarde, não sei a que hora, porque não tinha relógio, a columna fez alto. O Dezeseis teve ordem de passar para a frente. Tocava-lhe esse logar, porque o inimigo estava perto. Correu-nos pelo corpo um calefrio de orgulho, e jurámos, a nós mesmos, dar plena justificação áquella escolha para o posto de honra. O somno fugiu por encanto. As palpebras não pezavam mais e aquelles centenares de olhos, habituadas ás trevas, prescrutavam as sombras. A fadiga foi substituída por um sentimento de altivez e de confiança em nossas bayonetas, que nos faziam mais ageis.

O Castello, prohibido de conversar, dava-me com o cotovello, dizendo baixinho: *Que honra, seu Dionysio, que honra!* O Noya segredou ao 1.<sup>o</sup> sargento Mascarenhas: *Hoje, váe saír muita cinza.*

Muito antes de clarear, ainda longe de despertarem os primeiros alcores da madrugada, o horisonte illuminou-se, como por encanto, á nossa esquerda, e logo nos chegaram aos ouvidos os echos dos ribombos de um conhoneio vivissimo. Viamos, distinctamente, cruzarem o espaço as trajectorias ardentes dos obuzes e granadas, espalhando feiches de scintillas e abrindo-se em grandes explosões. Essas luminarias, gambiarras épicas de um palco sangrento, só se apagaram quando o sol rompeu. Era a divisão gloriosa do chefe Delphim de Carvalho, que forçava as baterias de Humaytá; e a *Vovó*, *El Christiano* e a *Cavera* e mais cem outros canhões as-

sestados na ferradura do rio, que vomitavam toneladas de ferro sobre os nossos navios, também de ferro, iluminados por grandes fogueiras accesas no Chaco fronteiro e navegando galhardos por cima da corrente, que estava no fundo, e dos torpedos, que não explodiram. Nós continuavamos a nossa marcha, silenciosa, quando, ao lusco-fusco, a 1.<sup>a</sup> companhia recebeu em cheio, á queima-roupa, uma descarga. O Tiburcio gritou: *Salta*. Estavamos na contra-escarpa de um antefosso. Não tinha parapeto, era largo e cheio d'agua. Num instante, o batalhão inteiro estava do outro lado. Uns salvaram a distancia com um pulo; outros, como eu, fôram ao fundo. Agarrei-me á perna de um soldado e outro deu-me a mão. Vimos ainda o piquete avançado, que nos fez fogo, recolher-se, a *marche-marche*, ao recinto de um reducto, que se levantava adeante de nós. O batalhão circulava, estendido, a fortificação, e avançava. Instintivamente, segui para a minha frente com algumas praças da 7.<sup>a</sup>. Logo adeante, topei com um fosso largo e profundo. Do outro lado, erguia-se um alto portão, feito de pranchões horisontaes pregados em vigas a prumo. Era a ponte levadiça do reducto que estava levantada. Os paraguayos do piquete passaram por uma pequena brécha entre o portão e o parapeto. Não via o que se passava longe de mim. Atirei-me ao fosso com os meus homens e subi por um laço de couro crú trançado, que pendia na escarpa, preso a uma viga do portão. A trincheira estava ainda pouco guarnecida. Entrei na brecha por onde passou o piquete, e gritei, com todas as minhas forças, aos nossos, que avançavam: *Corram, venham que não ha ninguém!* Era tarde: os paraguayos subiam, á toda, dos quarteis situados na baixada.

Perdera-se a occasião, por alguns minutos de hesitação. Estava burlada a surpresa. Um, que vinha na frente, baixo e reforçado, de bigode espesso e duro, brandindo uma lança enorme e gritando como um possêso, atirou-se sobre mim com um golpe tão violento, que caíu, a fio comprido, a meus pés; e a arma, que lhe saltou das mãos, ficou nas de um cabo nosso, que estava na contra-escarpa. Felizmente, eu era ligeiro e saltei para trás do portão, desviando o golpe.

Travou-se allí uma lucta entre os nossos homens, em pé na berma, e o inimigo, que defendia a brecha. Não sei quanto durou, porque o tempo em combate passa demasiado rapido. Lembro-me, porém, que o fosso, naquella ponto, ficou cheio de mortos e feridos.

O 16.<sup>o</sup> estava todo estendido entre o ante fosso e o reducto. A distancia, entre essas obras, não chegava a 50 metros. A' minha direita, na berma do portão, faziam prodigios dois soldados

da 7.<sup>a</sup>, alvejando os artilheiros. Vi-os de repente levarem as mãos ao estomago e caírem, em bôlo, no fosso. Tinham sido varados por espadas paraguayas mettidas pelas frestas entre os pranchões. Così-me com uma das vigas, e fazia o que podia com o meu revolver. Um anspeçada bahiano, muito moço ainda e bravo como um leão, saltou sobre a berma á minha esquerda, subiu o parapeto, galgou a crista e matou, á bayoneta, um inimigo dentro do reducto. Rolou até o fundo do fosso com o craneo espedaçado. Já não me recordo do nome desses herôes. Já lá vão trinta e sete annos!. Mas, que importa?

A Patria conhece-os, a todos, e dirá: «Chamam-se *Exercito*: são os meus gloriosos filhos, que morreram por mim, dando-me vivas.»

Um amigo, o alferes Sampaio, sobrinho do general, e bravo como elle, que esbravejava, porque os sapadores não chegavam com as pranchas e as escadas para a escalada, tombou proximo a mim, com uma bala no pescoço.

O sangue jorrou alguns momentos em rubra trajectoria, por onde se foi uma vida rica de louros e de esperanças.

O Castello Branco, de espada alta, de olhos inflammados, reuniu a sua companhia e arremetia contra as trincheiras; mas, era repellido. Os outros faziam o mesmo. O Tiburcio, calmo, inspirado, heroico, dava ordens, animando aquella gente louca de enthusiasmo.

Porque elle não morreu, nem foi ferido naquella dia? Ninguém estava mais exposto. Era o alvo predilecto do inimigo, pelos seus galões novos de tenente coronel e a poucos metros de distancia.

Todo o soldado é fatalista. Não era ainda o seu dia.

A cortina do reducto, onde estava o portão, e o combate era mais renhido, ficava enfiada por uma das faces, e, sem cessar, era varrida á metralha por peças que nos flanqueavam e cujas guarnições se succediam á medida que iam sendo dizimadas pelos nossos atiradores. A' sua esquerda, o terreno era baixo e o fosso com agua. Os feridos que caíam, morriam afogados.

De repente, encheram-se de novo os parapetos de inimigos. Haviam sido, certamente, reforçados.

A fuzilaria recrudescu e a morte ceifava, mais raivosa, as fileiras do meu batalhão, que avançavam e recuavam, sempre valorosas, como ondas de tempestade batendo nos rochedos.

O combate tinha chegado á sua phase mais terrivel. Chegava o trem dos sapadores, ouvia-se perto o rodar da nossa artilheria, que avançava, e a algazarra da cavallaria, a galope: quando soou, lugubre e terrivel, um toque de retirada. Que momento aquel-

le!... Toda a gente vacillou e eu senti-me perdido. Para mim, a retirada era impossivel—era a morte. O Celes-tino, corneteiro do Dezeseis, de *motu proprio*, tocou: *annullar o toque, carga*.

Todas as cornetas repetiram, vibrantes, aquellas notas fortes e alegres, e os batalhões, dizimados pela metralha e pela fuzilaria, arremetteram com furor sobre as trincheiras.

Não ha quem possa descrever aquella confusão épica.

Commigo, estava o soldado Quaresma, um cabra alto e forte, valente e fallador. O alferes Ibiapaba, do 1.<sup>o</sup> de infantaria, subira também a berma. Nós trez, impellidos por móla mysteriosa e irresistivel, penetrámos, pela brecha, no recinto. Deviamos parecer aos guerreiros de Lopez, sêres phantasticos, porque lhes bastava partirem a fundo para nos vararem com as suas bayonetas. Fixaram-nos, espantados, um momento, num espasmo de estupor, e deram meia volta aquelles homens valorosos. Já por outros pontos, as trincheiras tinham sido assaltadas e os brasileiros penetravam victoriosos no terraplano. A perseguição foi terrivel. As nossas bayonetas penetravam naquellas costas morenas, lisas e musculosas. Ia na minha frente, muito perto, um rapaz, e, de vez em quando, lançava-me um olhar, que não parecia de odio nem de medo; ia ferido numa perna e não podia correr muito. Um soldado atravessou-o com o sabre e elle caíu a meus pés, e ainda me olhou. Não sei o que senti. Atirei-me sobre o soldado e quasi o matei. Todos corriam para a margem da lagôa Cierra e alguns puderam embarcar em dous vapores, de fogos accesos, que allí estavam.

O reducto ficou juncado de mortos e feridos, no terraplano, nas banquetas, nos fossos e na esplanada. O meu batalhão cobriu-se de gloria, perdeu 192 praças e 20 officiaes.

Depois de tomado o forte, que se chamava «Estabelecimento», o Tiburcio, invulneravel, mandou tocar: *16, reunir*. Formamos em columna cerrada de pelotões, dentro da praça. Como estava pequeno o meu Dezeseis! Faltava mais da metade. A victoria, ganhã com tanto sangue, fez-me triste. Custou a vida a tantos amigos e camaradas!

Desfilámos depois, a *trez de fundo*, sobre a ponte levadiça, cujos laços haviam sido cortados; ensarilhámos as armas e debandámos, deixando sentinellas nos sarilhos.

Deitei-me perto do Castello Branco e fiz travesseiro duma pedra. Que somno tranquillo, de sonhos risinhos no seio da minha familia, numa noite de S. João!

Fui despertado pelo toque de *general em chefe, sentido*. O Dezeseis entrou em forma como um raio. Era o marquez de Caxias, que chegava com

o seu brilhante estado maior e vinha ver o scenario ensanguentado de mais uma cara victoria do seu exercito.

Ficou uma força para arrazar as fortificações e enterrar os mortos.

Nós voltámos para o Tuyucuê, e, no dia seguinte, marchámos para o Tayi.

A divisão da esquadra, que passou Humaytá, obteve do governo imperial, como justa recompensa, uma bella medalha commemorativa do glorioso feito, promoções por bravura, condecorações honorificas e titulos de nobreza.

A nós da infantaria, á plebe do exercito.. ficaram as reminiscencias daquelle dia, com as saudades dos amigos que caíram para sempre, a consciencia de termos cumprido bem o nosso dever e a honra incomparavel de cabernos, sempre, o papel principal nas horas solemnes das batalhas.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Conclusão)

### A grève geral como arma politica

De uns quinze annos a esta parte, o mundo socialista tem sido agitado pelos debates referentes á *grève geral*, que figura como objecto de estudo nos programmas dalguns congressos. No seio dos syndicatos profissionaes, a mesma questão provoca, frequentemente, as mais serias divergencias e dá occasião a rompimentos escandalosos. E' isso porque nem mesmo está fixada a significação daquellas duas palavras. E' o que, pelo menos, resulta da leitura, que acabámos de fazer, de uma obra fartadamente documentada. (\*)

Identica foi sempre nossa impressão, quando liamos os *comptes-rendus* das sessões de varios congressos, ao discutirem o assumpto, não exceptuado o de Amsterdam, reunido ha mezes. Temos notado, entretanto, que os anarchistas ou libertarios guardam, a tal proposito, certa unidade de vistas. Para os adeptos e discipulos de Kropotkine e de Eliseu Réclus, a *grève geral* significa subita parada do trabalho salariado em todo o mundo, realisando-se por essá forma a Revolução Social, logo seguida da *expropriação* e do estabelecimento do comunismo regenerador e egualitario. Alguns socialistas revolucionarios, que constituem a «extrema esquerda» do partido, estão promptos, tambem, a admittir a possibilidade dessa catastrophe tremenda. Outrosim, no meio das classes operarias, sem definitiva orientação e sem educação economica, é, não ha duvidar, bem acceita essa idéa de uma parede internacional, obra pura e simples da fraternidade proletaria, nascida de um unico e supremo impulso de revolta contra o Capital e a Ordem social burgueza...

Entre os «intellectuaes» e os «politicos» do Socialismo, é, porém, manifesto o desaccordo.

Uns enxergam *grève geral* na recusa do trabalho de todos os operarios de uma região, representando varias e differentes profissões e tendo por fim a obtenção de vantagens economicas, de melhoramentos materiaes, como sejam augmento de salario, diminuição das horas de trabalho, etc. Outros entendem que é *geral* a *grève* quando, por meio della, se levantam os operarios de um só officio, habitantes em regiões differentes, unidos pelos mesmos interesses, cuidando de obter as mesmas vantagens profissionaes.

Outros ainda — e esses são maioria na Belgica, na Allemanha e na Hollanda — pensam que a *grève geral* se caracteriza por seu fim politico ou social, por ter em vista a imposição de uma reforma ou a intimidação de um governo reaccionario. Para esses, a *grève geral* bem poderia ser chamada *grève politica*. Dentre os da ultima opinião, é necessario distinguir dous grupos: o dos que admittem a coexistencia das duas armas de combate — *grève* e «intervenção politica» — e o dos que pensam que o movimento operario é incompativel com a entrada de socialistas para as administrações e para os parlamentos burguezes, devendo a conquista das reformas e das leis ser feita por meio da *grève geral*. O debate acerca deste assumpto apresenta especial interesse na Allemanha, como, ainda agóra, se vê na obra de Edgard Milhand, *LA DEMOCRATIE SOCIALISTE ALLEMANDE*. A idéa de *grève geral*, no sentido politico, era, ao principio, objecto de criticas e remoques. A pouco e pouco, por influencia dos syndicatos profissionaes, os pontifices do Socialismo allemão fôram transigindo, ao ponto de ser conhecido por Kautsky que, em certas circumstancias, as grèves de grandes massas operarias pôdem ser aproveitadas para secundar a acção politica.

No mesmo sentido, Rosa Luxemburg, explicava a seus correligionarios, no *Neue Zeit*, a differença entre a utopica *grève geral* dos anarchistas e a *grève geral politica e occasional*. Apresentava a illustre escriptora exemplos francezes e belgas, por onde se demonstrava a efficacia das *grèves geraes* feitas no interesse de uma reforma politica, da obtenção de uma garantia, do afastamento de um máu administrador. Essas grèves, dizia Rosa Luxemburg, são meios de educação do proletariado, no seio do qual despertam profundos sentimentos de solidariedade social, preparando-o para a conquista do poder.

Um homem, que tem exercido no partido socialista allemão a mais incontestavel influencia, Eduardo Bernstein, via, ha dois annos, na *grève*

*geral* com fins politicos, uma demonstração necessaria das forças do operariado.

O tempo das barricadas passou — escrevia Bernstein; esse methodo revolucionario já não assegura resultados satisfactorios. Por agóra, a *grève geral politica e occasional* pôde e deve ser empregada, em casos extremos, como recurso mais garantido, melhor organizado.

\* \*

Na França, o mais notavel apolo-gista da *grève geral*, Aristides Briand, não a comprehende como os socialistas allemães. Respondendo a Julio Huret, por occasião do inquerito aberto a proposito da lei de arbitramento, o valente deputado de Saint Etienne affirmava sua fé inabalavel na *grève*, como unica arma que tem a seu dispôr o proletariado.

Para elle, todas as *grèves* têm valor e satisfazem, em parte, as legitimas aspirações do operariado. E' preciso generalisar esses conflictos, porque servem para educar os operarios, incutindo-lhes a consciencia do seu valimento, solidarizando, cada vez mais, seus interesses collectivos.

Em um discurso palavroso, que acabámos de ler na obra já citada de Lagardelle, elle mostra adoptar uma concepção quasi anarchista da *grève geral*, que, no seu pensar, se confunde com a Revolução.

Para Briand, parece ser coisa de facil realisação suspender-se o trabalho proletario na França, em um só dia. Quanto aos soldados, acredita elle que fraternisarão com o operariado, voltando-se contra os officiaes que de-rem ordem de fogo.

Essa idéa da *grève geral*, á maneira anarchista, encontrou decidido adversario na pessôa de João Jaurès, que só presume um meio pratico para a victoria do Socialismo: a conquista legal do poder, obtendo-se a maioria das opiniões e dos suffragios.

\* \*

Na Belgica, não sómente se pensa com serenidade acerca do assumpto; promovem-se *grèves geraes* de caracter politico, capazes de abalar o poder publico.

Por isso mesmo, a Belgica é especialmente citada quando se trata de dar provas praticas desse recurso extremo da politica socialista.

Em 1893, fôram mobilizados..... 250.000 operarios. O fim politico era a aquisição do suffragio universal, amplo e generalisado.

O resultado foi quasi completamente satisfactorio; o governo cedeu. Em 1902, querendo os socialistas obter decisiva victoria contra os reaccionarios, decretaram de novo, a



*grève geral*, reunindo 300.000 trabalhadores. Desta vez, a precipitação dos «cabeças» e a energia inesperada dos poderes publicos prejudicaram o movimento. Entretanto, socialistas belgas, e, entre elles, Julio Destrée e Emilio Vandervelde, reconhecem que essa derrota serviu como lição aproveitabilissima, despertando a consciencia da classe operaria, mostrando-lhe sua força real e a razão de seus desastres, persuadindo-a da necessidade de educar-se e solidarisar-se.

\* \*

Outras *grèves geraes*, com intuitos politicos, fôram promovidas na Hollanda e na Suecia. Na Hollanda, irrompeu a *grève geral* em abril de 1903. Os resultados fôram nullos. A explicação do fracasso é dada, mui claramente, por H. Roland-Ilolst.

Faltava, alli, forte organização syndical, o operariado não estava educado e o partido operario não tinha uniformidade de opiniões. Nessas condições negativas, orçou por um absurdo tentar *grève* contra o Estado.

A impressão causada pela *grève politica*, na Suecia, foi enorme. Basta imaginar que, durante trez dias, não houve luz, nem pão em Stockolmo! O governo recuou no seu proposito, que era o de reduzir o direito de colligação operaria.

\* \*

Em poucas palavras, o que nos ensina a experiencia é que o operariado não se pôde empenhar em uma *grève geral*, para secundar e apoiar um programma politico ou uma reacção democratica sem se ter previamente organizado corporativamente. Os *syndicatos*, as *bolsas do trabalho* e as *cooperativas* são os elementos indispensaveis para a organização do operariado como corpo de combate, digno de attenção e de respeito. Onde a influencia syndical não fôr decisiva, onde o operario não tiver na caixa de auxilios e no armazem cooperativo seguros meios de manter-se em *grève*, não é de tentar um movimento serio com fins politicos.

Si é certo e innegavel que o Estado toma partido por qualquer industrial, quando os operarios da sua fabrica se declaram em *grève*, com o limitado intuito de obter melhora de salario ou de fazer despedir um contra-mestre brutal ou debochado; si é sabido que a força publica, a policia e, ás vezes, a Justiça, castigam severamente, contrariando a lei, esses actos de recusa ao trabalho, praticados para fins particulares; como suppôr facil a sustentação de uma *grève* dirigida contra o proprio governo, contra suas idéas, contra suas intenções? Nessa emergência, os tristes exemplos da Bel-

gica, em 1902, e da Hollanda, em 1903, devem pôr de sobreaviso os espiritos trefegos e irriquietos.

No Brazil, ainda não houve *grève* com caracter politico, a não ser considerada como tal a que os patrões provocaram, entre os operarios sapateiros, ha cinco annos, querendo forçar o sr. Campos Salles a suspender a cobrança de um imposto. As *grèves* parciais, que aparentemente téem produzido bons resultados, fôram causa de lamentaveis sacrificios, de profundas discordias, de explorações sem nome.

Falla-se muito, entre nós, de coisas operarias; mas, em verdade, não ha esboço de organização syndical, nem de cooperatismo. Estamos ainda no periodo romantico ou rhetorico do Socialismo Doutrinario. Antes assim, para os capitalistas!

EVARISTO DE MORAES.

(\*) *Hubert Legardelle, LA GRÈVE GÉNÉRALE ET LE SOCIALISME.*

## PAGINAS ESQUECIDAS

FAÇO IDEIA

(NUM ALBUM)

— « A proprietaria do livro que te aqui deixo, Thomaz, é minha amiga; e verás que não tem nada de feia. —

— « Faço ideia. » —

— E' Beatriz!

— O nome é lindo! » —

— « E o corpo? airoso e gentil!... e aquelle nobre perfil!... e a frente que o orgulho alteia!... » —

— « Faço ideia! » —

— « E vai fugir-nos, poeta!... cançada já de festins, troca os salões por jardins, a capital pela aldeia!... » —

— « Faço ideia. —

— « Não fazes ideia! enganaste! não pôde haver fantasia que sonhe inteira a magia de que Beatriz se rodeia!

— « Faço ideia! » —

— « Ai fazes? !... pois nesse caso descreve-a assim — tal e qual. » —  
— « Mas... sem vêr o original? !... » —  
— « Amigo, não se arreceia quem faz ideia! —

O meu amigo, senhora, que a verdade não falseia, fez assim vosso elogio, e eu fiquei... fazendo ideia!

THOMAZ RIBEIRO.

BELLEZAS DA RETHORICA

PARLAMENTAR

O sr. senador Silveira Martins discutiu, ante-hontem no Senado, o sr. senador Avila, ex-ministro da agricultura. E' um banho em agua de rosas que toma a imprensa barata, esta imprensa barata, cuja reputação é tão malbaratada pelos srs. homens politicos, quando ss. exs. se discutem uns aos outros.

Quando a imprensa encosta o dedo a uma chaga viva, o chagado grita contra a imprensa, como se não fôsse delle a chaga. Quando, porém, é um nobre deputado, ou um senador que patenteia ao publico as mazéllas de um amigo politico, o unico recurso que este tem é mostrar as mazéllas do outro. Ainda ultimamente, na Camara temporaria, os srs. Affonso Celso Junior e Cantão, e, mais tarde, os srs. Basson e Anysio, abriram os dictionarios, nas paginas *dont la mère ne permettrait pas la lecture à sa fille*, e disseram-se o que pensam da respeitabilidade da representação nacional.

Agóra, no Senado, onde imperam a calma e a prudencia, o sr. Silveira Martins diz que quem fez a negociata da ilha das Flôres, precisava ir para a casa de correcção; e conta toda a historia politica do sr. senador Avila.

Da narração do illustre tribuno riograndense, deprehende-se que a eleição de senadores e deputados não depende das habilitações de cada um, nem dos serviços que téem prestado á provincia; mas sim das boas ou más relações em que está o candidato com os chefes do machinismo eleitoral.

E' bom que se diga no Senado isto, que, dito pela imprensa, pôde ser attribuido a proposito de denegrir; é bom que se veja como os dominadores das situações dispõem dos nossos destinos; é bom que se saiba que no caso especial de que se trata, não foi a provincia do Rio Grande do Sul que fez senador e ministro o homem dos despachos pandegos. Quem o inventou foi o sr. Silveira Martins, que, a esta hora, faz o que faz o artista que não fica contente com a sua obra:—limpa as mãos á parede.

1883.

FERREIRA DE ARAUJO.

\* \*

A UMA SENHORA MARIA QUARESMA

Uns esperam a quaresma para se n'ella salvar; eu perdi-me n'ella mesma para nunca me cobrar.

Mas com esta perda tal eu me hei por mui bem ganhado, porque o melhor de meu mal está todo no cuidado. Os que cuidam que a quaresma não é para condemnar, se a virem ella mesma, mal se poderão salvar.

GIL VICENTE.

## A ARTE DE COLUMBANO

Columbano é um melancólico, uma natureza concentrada e sensível, a quem as asperezas da vida determinam pungitivas reclusões, sujeito a illuminações bruscas de enthusiasmo e inesperadas quedas de vontade. Participa da raça pelo intensivo arremesso de audacia, logo exgottado em desesperos surdos. Timido, perplexo, tendo, como todos os artistas, um pouco da natureza feminina, embaraça-se em paragens interrogadoras de ante da acção, em duvidas que lhe attenúam o esforço, — chocando-se tudo isto num fundo vivaz e resistente de apaixonado, que lhe tem conservado a linha indomável do seu caracter artistico.

Daqui, a sua espontanea tendencia para todas as composições em que a acção não brame com a furia accesa de uma convicção barbara, mas a que uma serena compostura dá nobres attitudes ao gesto, prégas ricas ao pannejamento, — todas aquellas em que os personagens, longe da arena rude e recolhidos ao seu mundo interior, meditam ou sonham, imaginam ou soffrem. E' que alli a energia é toda interior, é que nos seus typos a refréga é toda de idéas.

Quando Columbano pinta batalhas, sente-se que o braço do luctador não é alimentado por uma irremessivel vontade, os musculos não se titanisam sob a colera bruta, e mesmo levantando o arcabuz ou enristando a lança, em Ormuz ou em Ceuta, o aventureiro parece um momento recolher-se para pensar — se valerá a pena o arremesso, se não será superfluo o sacrificio.

Mas, logo ao pé, como a cabeça de Albuquerque nesses maravilhosos tectos do Museu de Artilheria, se concentra um alto imaginar, sonhando as maravilhas de um imperio; como o *terribil* capitão, fincado na attitude soberba da sua força e nas rijas amarrazas da sua fé, olha com immortal desdém, succumbindo já, numa indivisivel tristeza, sob a injustiça dos homens, mas arquejando ainda sob o broquel do seu peito caldeado — secco, de ordens breves, parece que váe proferir phrases duras e conceituosas, vibrantes como o adamás, timbradas como uma estrophe. Saíu perfeita

das *Lendas da India*, é uma das mais integraes cabeças de Columbano e aquella em que o genio mais illuminou a fronte, condensandò-se, como o fluido encarcerado, dentro de uma garrafa de Leyde.

Os pannejamentos destes quadros e de todos os que lhes ficam em volta fazem de Columbano um émulo dos grandes gothicos, e a delicadeza dos tecidos, o brilho das sedas, a luminosa orientação dos brocados, descem pela téla numa cataracta de sons triumphantes, cantando como um hymno por manhã de sol e dando ao conjuncto uma harmonia de côres, voluptuosa e rica.

Columbano tem feito ultimamente uma série de pequeninas obras primas, quadrinhos de genero que elle trabalha com devotado amor e que são aquelles em que a sua emoção mais se sente dentro da torre de marfim que todos nós temos cá dentro; levado pela sua sensibilidade para os assumptos em que uma avelludada melancolia attenúa a hostile brutalidade das coisas, suavisa estas lindas composições com toques delicados de uma realidade poetica.

Nostalgico, como todos os artistas, amando do passado o alindamento das existencias em permanente contemplação do objecto de Arte, talhado com amor, desde uma chave de porta arrancada ao ferro rebelde por um serralheiro humilde, ao fausto de um traje de grão-senhor passando sob a magestade de um portico, sente-se afastado do mundo moderno e da ingenua fealdade dos seus arranjos, arripiado sempre sob a crueza implacavel da luz que recorta o gosto contemporaneo. E assim váe, carregando com a sua chimera, para a magia dos seres interiores, que tanto fazem lembrar, pela macia luz nimba, os recatados interiores hollandezes do seculo XVII, em que uma tonalidade loira paira e canta como se fôssem vistos por pupilla de ambar.

E' para estes quadrinhos de genero, por certo os que mais se casam com o delicioso colorido e a diaphaneidade luminosa de Columbano, que o seu pincel quasi se espiritalisa, poetisando amorosamente as linhas e fazendo evocações de existencias fenecidas que vôm á nossa imaginação como borboletas de sonho, fazendo-

nos recordar existencias palpitando ainda em nós sob mal apagadas cinzas...

São cabeças em perfil perdido numa meia luz de recanto amado, em cuja penumbra apenas uma concha de orelha se ruborisa sob um fluido alpendre de cabellos loiros; velhinas em cujo olhar boceja um riso de maliciosa bonhomia; burguezinhas archaicas olhando cabazes de fructa outomniça em que parece nadar, como uma aureola, a graça convalescente de uma estação que se esmaéce.

E para este suprasensível encanto, dir-se-ia que as tintas, cadaverisadas nos tubos como em sarcophagos de estanho, se dynamisam, vitalisadas por uma vóz de milagre, parecendo que sobre a sua inercia passou o halito do Deus-Creador. A luz irrompe como num mytho, fluidificando a mancha, tornando-a quasi psychica, e a maneira da matinal claridade que lentamente sae dos negrumes de uma noite tormentosa, nivéla a face, aloira o cabelo, põe chimeras no olhar, golphões de esperança na anciedade dos seios e ascende em côro triumphal como se se desprendesse, numa apothese sagrada, das fontes mysteriosas da Vida.

JOÃO BARREIRA

— — — — —  
O ALMIRANTE (25)

— — — — —  
ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

— — — — —  
CAPITULO XIV

Pelo cerebro sombrio da marquezia, assaltada de subito terror, passavam, como aves de tormenta, vagos presentimentos de factos que ella não podia bem precisar, uma calamidade imminente, um longinquo rugir de mar embravecido, um alarido de terror, retinir de armas, estrugir de canhões, o rumor sinistro de uma batalha, a cujos echos confusos vibravam os seus nervos combalidos. A esses presentimentos, não correspondia a calma olympica das altas regiões, a tranquillidade dos grandes conductores da politica, repousando, inebriados de poder, numa limpida atmospheria de confiança no ephemero prestigio conquistado na recente consulta á nação pela eleição de 31 de agosto. Já affluíam á Córte, como aves de arribação de plumagem exotica, destacando-se pelas attitudes de embaraço, pelas roupas cortadas nas alfaiatarias provinciaes, ou novas

em folha, saídas do Raunier e do Valle, ainda não conciliadas com os corpos, os representantes da soberania nacional, triumphante para o governo, numa quasi unanimidade eloquente. Sergio de Lima lhe respondera sorrindo, quando ella lhe participára esses vagos receios, com a retumbante phrase de Silveira Martins — o poder é o poder. Seria possível que, no circulo da gente mais proxima do throno, dos homens mais peritos na arte de guiar os povos, dos mais serios e dos mais velhacos, sómente dois pessimistas, o conselleiro e o Basson, destoassem do côro ensurdecido dos hymnos á situação opulenta e forte que desrolhára caudae de ouro, fecundando as atrophiadas forças do paiz e inaugurando uma abençoada éra de prosperidade inegualavel, donde surgia, por encanto, a inactiva industrial em empresas colossaes, confiantes na restauração do credito, e nos auxilios que o parlamento em breve votaria, para restabelecer a lavoira das chagas abertas pela emancipação? Seria crível que toda essa gente bailasse, temeraria, despreocupada e feliz, naquella sumptuosa festa, um verídico, um maravilhoso sonho das *Mil e Uma Noites* na ilha Fiscal, sem perceber os rugidos da féra militar, espicaçada pelos repetidos actos de repressão, demasiado rigorosos, que parecia tenderem a provar o prestigio do governo? Seria verdade, como lhe affirmavam os cortezãos, que os clamores da imprensa e aquella ameaçadora vóz de João Baptista, a troar como um brado da consciencia de um povo, nas columnas do *Diario de Noticias*, fôsem grita de despeitados, de descontentes, de vencidos, não resignados á esmagadora victoria do governo?

A marquezia ouvira, dias antes, que a dispersão gradual dos batalhões da Côrte não era medida inspirada pelo receio, mas uma providencia de sanidade: era preciso varrer das immedições do throno esse lixo de desordeiros refohados, transviados do dever: bastaria a policia armada de carabinas Comblain, novas em folha, para preservar o governo de qualquer tentativa anarchica. Apesar dessas seguranças, decorrentes das fontes mais auctorisadas, ella não se podia libertar do secreto, do insistente terror que, com intermittencias consoladoras, lhe vinha affligir o timido coração preságo.

Essas considerações fugiram rapidas, como nuvem que toldára, por instantes, o espirito da marquezia.

--Porque não trouxe as meninas?— disse ella a d. Eugenia.

—Oh, essas estão, desde o baile da ilha, numa roda viva de festas aos chilenos. Oscar levou-as hoje para uma *matinée* a bordo... Parece que as moças fluminenses estão doidas varridas nesse torvelinho de festas, que até pare-

cem exageradas. Não imagina os incommodos, o dinheiro surdo que ellas custam aos paes de familia. Se dependesse de mim, as minhas filhas ficariam em casa, mas o pae apresentou unhas tantas considerações, ponderou que não ficaria bem á familia de um alto funcionario da casa imperial, abster-se dessas manifestações internacionaes aos representantes de um povo amigo, ao qual nos ligavam interesses da maior monta; taes fôram as razões que não pude resistir.

—E você?

—Eu? Bem sabe que tenho invencivel horror ao mar, mesmo calmo e manso como esse da nossa bahia. Eu nunca entrei numa barca para ir á Praia Grande. As meninas encontraram, felizmente, a melhor companhia, a Marianninha, obrigada a abandonar os seus habitos sedentarios de bôa dona de casa, porque o marido está figurando na alta roda financeira, é da gente do Banco Nacional. . Aquella Martins é um aborto da felicidade, um homem de estrella. Quem diria que, de humilde negociante, chegaria rapidamente a tão invejavel posição?

—E merecida. Martins é um homem de bem, dessa velha tempera de homens serios, que já téem poucos representantes. Além disso, é intelligente, modestamente, sem esse brilho fascinante muita vez ephemero, enganador.

—Sou-lhe muito grata pelo que fez pelo Antonino; posso, portanto, falar com imparcialidade: elle muito merece, mas, neste mundo, não bastam qualidades pessoaes de honra, de intelligencia: é preciso ter estrella, e a do Martins é de primeira grandeza, começando pela mulher que é um anjo. No baile da ilha, estava deslumbrante de belleza, naquella simplicidade de que ella tem o segredo. Disse-me Amelia que não se adivinharia em Marianninha a mãe de tantos filhos.

—Uma mulher feliz é sempre encantadora, Gininha. A ventura de esposa dá-lhe um brilho divino aos olhos, um tom suave ao colorido das faces, sem as rugas das maguas secretas, suffocadas em lagrimas que se não vêem; o coração de mãe, a transbordar de alegria, irradia uma vigorosa corrente de sympathia, que electriza e attráe os outros corações. Eu, quando contemplo Marianninha cercada dos filhos, adorada pelo marido, penso estar diante de uma santa.

—Eu chego a ter ciúmes della pelo muito que lhe querem as meninas; chega a ser um fanatismo.

—E' uma excellente companhia para as suas filhas.

—Não ha duvida. E o Antonino é da mesma opinião. Não admira porque sempre foi um admirador daquella senhora, por elle considerada um prototypo da mulher no lar e na sociedade. E quando o Antonino assim julga uma

senhora, isso equivale a uma consagração.

—Nem todos, infelizmente, nos apreciam pelo correcto prisma do conselleiro. Vão ficando muito em evidencia as senhoras que sabem os segredos da exhibição, e, apaixonam-se tanto pela arte de agradar, que vão abandonando a outra arte de esposas e mães. Na sociedade de hoje, as virtudes domesticas constituem uma velharia, escondida como reliquias da pureza, da simplicidade de costumes incompativeis com as tendencias e as aspirações da nova geração de importadores dos habitos elegantes, das finas maneiras das damas europeas, vistas através dos romances, que nós lemos com avidéz, dos figurinos que imitamos com servilismo. No meu tempo, as senhoras abastadas não se entregavam, passivamente, ás copias das modistas francezas: tinhamos as nacionaes, as costureiras intelligentes, as nossas mucamas, que eram verdadeiras feiticeiras na arte de vestir. Ah, no meu tempo...

—A marquezia está a falar no seu tempo, como uma velha a recordar um passado de meio seculo...

—Que sou eu, minha cara Gininha, senão uma ruina cheia de chagas abertas pelo tempo? Não vê os meus cabellos enbranquecendo, o meu rosto retalhado de rugas? Ah, se os meus filhinhos fôsem vivos, se me rodeassem como os filhos de Marianninha, como as suas filhas... eu remoçaria nelles, na sua mocidade forte, as minhas forças se robusteceriam no vigor delles, que seria o meu proprio vigor, a minha alma duplicada na existencia feliz dos meus filhos, que seriam a esperança, o futuro... desse futuro sonhado com o anhêlo de um coração amoroso e... para sempre sepultado alli...

Num gesto tragico, a marquezia estendeu o braço, que emergia das rendas do roupão de flanela, para a sombria alameda de jaqueiras, cujas copas frondosas, espelhando com reflexos metallicos o ardente sol de novembro, appareciam agitadas pelas brisas marinhas, através das cortinas diaphanas da janella aberta sobre o parque.

E como d. Eugenia se calasse, compungida pela dôr daquella saudade immorredora, a marquezia continuou, limpando as lagrimas:

—Eu não me resignára, sem desesperar da sua clemencia, ao castigo de Deus, que me fulminára o ventre. Haviam-me ensinado a submissão á vontade omnipotente, que põe á prova os seus eleitos, submettendo-os a transees crueis: eu tinha fé na misericordia divina, que protege os fracos, os opprimidos, os infelizes, e devia amparar a minha maternidade desventurada. Aos successivos golpes, a esperança me abandonava; eu não podia compre-

hender que um Deus, justo e piedoso, punisse, tão cruelmente, as mães pelo unico delicto de o serem. As recompensas promettidas, as eternas delicias do céo se me figuravam insignificantes, ephemerias, comparadas com essa magoa das mães feridas no coração pela morte dos filhos, essa magoa terrivel, inegualavel, que só póde ser julgada pelas mães que a soffreram. Quando o meu ultimo filho jazia arquejante, no pequenino leito branco, como um innocente condemnado por alheias culpas, suppuz que me fugia a razão, e, num lampejo de fé, me precipitei aos pés da imagem da Virgem da Conceição que, entre as luzes do oratorio, parecia acolher, com um sorriso meigo, o meu desespero. «Maria Immaculada, Virgem mãe — exclamei, entre soluços — tem pena de mim; pune os meus peccados, mas salva meu filho. Fôste mãe piedosa, padeceste a dôr de perder teu divino filho, martyrisado pela cegueira cruel dos homens; teu coração foi traspasado pelas sete espadas de dôr, mas tu eras santa; tu eras divina; tu fôste mãe de Deus. Ah, mãe de misericordia, soffreste, soffreste muito, mas não te pungiu a dôr das mulheres peccadoras, que perdem os filhos concebidos com amor...» Esta blasphemia me cerrou os labios, apagou-me a luz dos olhos: caí fulminada... Quando me voltaram os sentidos, meu filhinho tinha morrido... A Virgem se vin-gára.

A marqueza estacou offegante. As ultimas palavras lhe surgiram dos labios saturados do fel de um rancor sedimentado no fundo do seu coração e revolvido pela evocação do seu martyrio de mãe inconsolada. Ergueu-se sedenta de ar; foi até á janella, fitou desvairada o céo, o arvoredado, o horizonte, fechado pelo recôrte esfumado das montanhas, onde o penedo do Corcovado, erécto, solemne, parecia um dêdo gigantesco, impondo silencio á velha dôr cruciante, espicaçada pela saudade, que só a morte póde suffocar no seio das mães infelizes.

— Ah, minha amiga — disse ella, acalmando — você nunca perdeu um filho... Desculpe a minha loucura! Depois desse ultimo desastre, procurei resignar-me. Meu marido vivia e, com elle, a esperança, que desapareceu com elle. A politica era um scenario curioso onde se representava uma farça que me divertia; mas, a viuvez, esse derradeiro golpe, me prostrou. Tive de recorrer a um supremo esforço de vontade para me atordoar, para não succumbir de tristeza. Ahi está a razão daquella extravagancia de fazer-me mulher industrial, fazendo uma ouzada incursão no campo da actividade masculina: a minha fazenda modelo, o nucleo *Isabel, a Redemptora*.

— Abençoada extravagancia — murmurou d. Eugenia.

— Eu delapidaria, sem remorso, toda a minha fortuna, se disso dependesse a consolação anhelada, a cicatrização das feridas da minha alma.

D. Eugenia, sacudida de commoção, contemplava, com secreto terror, a marqueza, que se lhe figurava desvairada á evocação desse passado doloroso.

— Agóra — continuou a marqueza, tranquilla e resoluta — vivo para um affecto, vivo para uma obra, que serão a consolação da minha velhice — Oscar e a Patria. A pobre alma feminina se evaporou: existe aqui uma alma de homem.

E comprimindo, fortemente, o seio, ella descerrou os labios, num sorriso de amarga ironia.

A sombra das montanhas alastrava pelo parque, e o lindo salão, em que as duas senhoras se achavam, escurcia lentamente, num confuso tom de melancolia.

Uma creada annunciou o jantar.

— E Oscar? — perguntou a marqueza.

— Não veio ainda, não, senhora.

— Jantaremos juntas — tornou a marqueza, envolvendo d. Eugenia numa caricia supplicante.

— Mas não preveni ao Antonino.

— Mandarei dizer-lhe que lhe sequestrei a mulher, pedindo-lhe que venha com as meninas. Estou hoje inquieta, nervosa; necessito da companhia de uma amiga como você, Gininha.

Executando a resolução, sentou-se á secretária de laca e traçou, numa pequena folha de papel marcado com um brazão de ouro, algumas linhas ao conselheiro com a bella letra de collegial que ella conservára, apenas, com algumas hesitações tremulas.

— Que dia é hoje? perguntou a d. Eugenia.

— Quatorze de novembro — respondeu d. Eugenia, desfolhando um mimoso calendario.

— Esse anda como a minha cabeça — observou a marqueza, sorrindo.

(Continúa)

## SCIENCIA E INDUSTRIA

MANCHAS SOLARES — A DEMONSTRAÇÃO DO PHENOMENO — AS OPINIÕES DE FLAMMARION E DO PADRE MOREUX.

O observatorio de Pariz deu os pormenores da grande mancha solar, por elle observada durante o mez de fevereiro ultimo.

Essa mancha, de dimensões formidaveis, média, ainda no principio de março, 140.000 kilometros de comprimento sobre 70.000 de largura média.

Segundo photographias de mr. Lucien Rudaux, do observatorio de Donville, a mancha foi nitidamente reproduzida, na sua primeira apparição, a 3 de fevereiro, quando passou pelo meridiano central do sol e quando reapareceu no bordo oriental do astro, a 25 do mesmo mez.

A mancha primitiva estava dividida em quatro nucleos distinctos e se apresentou, depois, como um grupo de manchas muito extensas, invadidas por turbilhões de materia incandescente ou chammas brilhantes da atmospherica solar, chamadas féculas.

O padre Moreux, o primeiro a descobri-la, no observatorio de Bourges, dá a ellas uma explicação analogá de Camillo Flammarion: ellas são regiões extraordinariamente superaquecidas, especie de gigantescas crateras de vulcões gazozos, que vomitam formidaveis quantidades de gaz, de temperatura inaudita, relativamente pouco illuminativas, si bem as manchas, nas partes mais sombrias, sejam trezentas vezes mais luminosas que a lua cheia.

As féculas que as cercam, são turbilhões de gaz incandescente e muito luminoso, emittindo menos consideravel quantidade de calor.

Para nma demonstração nitida do phenomeno, o padre Moreux, empregou uma engenhosa comparação. Tomemos — diz elle — um aquecedor a gaz, cuja chamma azul é muito quente, graças á tiragem de ar, feita na parte inferior; mas, desde que se supprimir esse orificio, por onde o ar penetra, o gaz projecta uma luz amarella de grande poder illuminativo. As particulas de carbono, não se volatilizando, como no caso precedente, tornam-se incandescentes. No primeiro caso, o aquecedor esquentava muito, mas não illumina; no segundo, o calor é menos intenso no interior, mas illumina e irradia com mais vigor. E' identico o mechanismo das manchas.

Segue-se, portanto, como demonstrou Flammarion, que as manchas solares correspondem a periodos de actividade, cujo effeito é augmentar a temperatura. O anno passado, essa actividade solar, que se manifesta em periodos de onze annos, começára a tornar sensiveis os seus effeitos: devem-se, por isso, esperar grandes calores no futuro verão.

Quanto á mancha actual, em periodo de decrescimento, elle subsistirá durante algumas rotações do sol, dominando sempre, deslocada pela acção das féculas, que a invadem, por toda a parte, com rapidez muito superior á dos nossos mais violentos tufões.

Na terra, os ventos attingem o maximo verificado de 252 kilometros por hora, ao passo que, no sol, o padre

Moreux registou rapidez de 2.800 kilometros.

\* \*

#### ZONOPHONES E PHONOGRAPHS

Esses maravilhosos instrumentos de repetição se têm propagado por todo o mundo como uma verdadeira praga: que o digam os ouvidos cariocas, atazanados, por toda a parte e a toda hora, por esses extraordinarios machinismos.

Com immenso regálo dos amadores da boa musica, os phonographos de Pariz emmudeceram, subitamente, em consequencia das medidas legaes solicitadas á justiça pela sociedade dos editores de musicas allegando que os fabricantes e vendedores desses aparelhos deviam ser classificados como organisadores de orchestra, e, como taes, responsaveis por direitos de auctor das musicas, que reproduzem.

Isto occasionou a suspensão das operações de cincoenta fabricas, com immenso prejuizo para trez mil operarios que ficaram sem trabalho.

Na situação precaria em que se acham, ainda, no Brazil, os direitos de auctor musical e de outras obras d'arte, a salutar medida decretada, em Pariz, pelos tribunaes, poderia ser, aqui, substituida por uma forte contribuição municipal sobre o uso desses aparelhos nas lojas ou como *réclame*, imposto que seria mais fortificado e muito menos oneroso que o lançado, ultimamente, sobre cartazes, uma pequena violencia, sem alcance como renda publica e sem justificação por ter de ser pago por uma classe absolutamente desprotegida, como seja a dos artistas dramaticos de todas as categorias.



#### PHILANTROPIA



OS MILLIONARIOS AMERICANOS — DADIVAS Á EDUCAÇÃO POPULAR — O MELHOR AÇOUGUEIRO DO MUNDO.

A America do Norte é a terra dos maiores doadores do mundo. Durante o anno de 1904, mais de oitenta milhões de dollars fôram doados para obras de philantropia e de caridade, conforme a estatistica das instituições humanitarias, não contando os milhões dados secretamente ou por intermedio das organizações de caridade, pessoas, dos proprios doadores.

Ha millionarios que se preocupam mais com a distribuição de suas esmolas do que com a administração dos negocios collossaes que dirigem.

John D. Rockefeller, um dos maiores philantropos do mundo, disse que era mais facil ganhar um milhão

do que distribuill-o, com acerto, em obras de beneficencia. Este miliardario, o famoso rei do petróleo, applica as suas liberalidades á educação. Além de seus secretarios particulares, ninguém conhece, exactamente, as fortes sommas que elle distribúe; sabe-se, porém, que elle tem dado mais de 35 milhões, dos quaes treze couberam á universidade de Chicago. Outras sommas importantes fôram, por elle, doadas ás seguintes instituições: ao Rush Medical College de Chicago, 6 milhões; ao Barnard College, 1.375.000; ao Southern Educational Fund, 1.126.000; á Havard University, 1.000.000; ao Baptist Missionary Fund, 1.000.000; ao Teachers College, New York, 5.000.000; ao Vassar College, 4.000.000; á Browu University, 325.000; á Cornell University, 250.000; ao Bryn Mawr College, 230.000; ao Rockefeller Institute for medical research, 200.000; ao Newton Theological Seminary, 150.000; ao Adephe Coll, 125.000; á Syracuse Univ., 100.000; ao Smith Coll., 125.000; ao Y. M. C. A., New York, 100.000; ao Y. M. C. A., Brooklyn, 100.000; ao Wellesley Coll., 100.000; á Columbia Univ., 100.000; ao Denison Coll. grasville, Ohio, 100.000; Turman University, 100.000; á Univ. de Nebraska, 67.000; ao Y. M. C. A. de Washington, 50.000; á Univ. de Indiana, 50.000; e muitas outras menos importantes.

Andrew Carnegie tem feito doações trez vezes mais importantes que as do rei do petróleo, na maior parte para a fundação de bibliothecas, na importancia de cem milhões de dollars, sendo empregados 70 milhões nos Estados Unidos; dezoito na Escossia; 1.750.000 na Hollanda; na Inglaterra e Galles, 1.354.000; no Canadá; 1.016.500; na Irlanda, 315.000 e 257.000 a Cuba

Rockefeller fez, elle proprio, a sua colossal fortuna de 320 milhões de dollars, rendendo 5.000 por dia e 200 por hora.

Carnegie é tambem um *self made man*: não herdou; não macúla, com a applicação de vantagens reaes, o seu nome honrado nenhum negocio máu: os seus milhões são resultado legitimo da sua extraordinaria actividade intellectual.

A beneficencia, bem entendida, para a sociedade, é actualmente a occupação predilecta desses dois gigantes da finança universal, derramando torrentes de ouro para subvencionar a educação do povo e o progresso das sciencias. Carnegie, que allia o industrial ao philosopho, homem que inventou para os couraçados as famosas placas nikeladas e escreveu livros de sciencia social, afirmou que era uma desgraça morrer rico, e a sua maior aspiração é applicar, em vida,

os seus collossaes haveres de um modo util á humanirade.

Esses dois homens extraordinarios, têm repartições encarregadas, especialmente, de distribuir doações.

Além desses caridosos methodicos, que organisaram *trusts* para a applicação dos seus haveres, em obras de philantropia, citam-se outros heróes da liberalidade, como Helen Gould, filho do famoso J. Gould, Pierpont Morgan, o rei do aço, que procede sem methodo, tendo, porém, especial cuidado na protecção dos rapazes abandonados nas ruas. Sóbem as dadas desse homem de reputação universal, a um milhão de dollars annualmente, a universidades, egrejas, hospitaes, bibliothecas; e, como elle é tambem um artista, tem gasto milhões na aquisição de preciosidades, collecções de porcellana, de joias, de quadros, doados aos museus americanos.

Seguem, na lista dos doadores, Augusto Belmont, propenso a obras de devoção, assim como o veneravel John S. Kennedy; Charles Lanier, applicado á caridade privada; William D. Sloane, fundador de uma maternidade; Elliot Shepard, tambem muito inclinado a dadas privadas. O ex-mayor de New York, Seth Low, deu um milhão de dollars á bibliotheca Columbia, e os Havemeyers construíram um bello edificio nos terrenos daquelle collegio. Charles Yerks construiu um magnifico observatorio no Viscountsin; Marshall Field deu ao Field Columbian Museum de Chicago, dois milhões. O dr. Pearsons, de Chicago, está, como Carnegie, distribuindo a fortuna antes de ser surpreendido pela morte, e já deu mais de quatro milhões a institutos de educação, quasi tanto quanto deu o fallecido P. D. Armour, o maior açougueiro do mundo, que fundou, em Chicago, o Armour Technological Institute.

E' curioso que esses homens, surgidos das baixas classes pobres, não tenham amor ao dinheiro sinão para distribuill-o, sabiamente, afim de melhorar as condições sociaes, cujos horrores conheceram por experiencia propria, resultantes da falta de educação que elles combatem como o maior e o mais funesto dos males.



#### A LIVRARIA



CULTOS E CRENÇAS — ANTONIO LAMEGO.

O sr. Antonio Lamego, num livro de 144 paginas, exteriorisa profusamente os seus cultos e manifesta abundantemente as suas crenças. A facilidade do sr. Lamego em versejar é ampla, e nesse livro, que não sabemos se é uma estréa, o verso corre e escorre de qualquer maneira, torneiramente,

num chorrilho prosaico e bambo, em que os hiatos abrem largas guélas bocejantes. Não ha, porém, nos cultos do sr. Lamego, o culto principal, que é o da Fôrma, e a unica crença do poeta é crer que realmente é... poeta. No emtanto, nessa plethóra metrica com que nos abastece o cantor, não existe o menor alento de poesia. Os assumptos do sr. Lamego são ou ternuras referentes ao seu lar domestico, ou sentenças impando philosophismos, ou subjectividades pessimistas de poeta infeliz, ou historietas de uma infantilidade dolorificante, e tudo moldado num nhen-nhen-nhen e num ta-ra-rão-ta-ra-rão que fatiga as oíças do menos exigente em melodias metricas.

O sr. Lamego, se quizer fazer coisa que valha a pena, procure virilisar o seu verso, ruborar a phrase, dar realce e relevo á palavra.

Mas, antes de tudo isso, é necessario ter... idéas. Do contrario, realejará estribilhos cançados e velhos motes decrepitos.

\* \*

MARIDO CONQUISTADO — LINDOLPHO GOMES, TYP. DO « PHAROL » — JUIZ DE FÓRA

E' uma comedia em verso alexandrino emparelhado. O assumpto é um pouco ingenuo : Celuta desconfia que o marido faz a côrte a Ignez, sua criada, e, para convertel-o ao legitimo amor, inventa, de repente, a alta hora da noite, para lhe fazer ciúmes, ir a um baile, muito requintadamente vestida ; o dr. Mello, o marido, que realmente anda arrastando a aza á criada, não consente que a jovem esposa vá ao baile, abandona a conquista de Ignez e deixa-se conquistar pela mulher, que, ao cair o panno, reclinada ao hombro do marido, lhe diz, maliciosa, (rubrica o auctor) que o que deseja é ser apenas sua... criada. Este final é a unica coisa, aliás, chistosa desse *lever de rideau*, em que o sr. Lindolpho Gomes semeia puerilidades e versos errados. Versos errados ! nesta epocha em que todo o mundo sabe fazer versos ! É de pasmar. No emtanto, o sr. Lindolpho esquarteja alexandrinos com uma convicção rara, e quando não é isso, são os pronomes ao léo, as impropriedades, as *gafes*, talvez mesmo as incorrecções. A comediasita, porém, fará rir se representada, porque tem immoralidadesitas picantes, embóra tolas, e será elogiada pelo sr. Arthur Azevedo, porque encerra a sufficiente somma de futilidades para isso. Quanto ao genero que o sr. Lindolpho Gomes escolheu para theatrificar, a burleta, rapida e divertida, é assumpto que nada tem que ver com a arte theatral, e são baboseiras sem seriedade artistica e sem idéal esthetico. O auctor, que parece não ser destituido de talento,

póde aproveitá-lo, mesmo explorando o tablado, em coisas de mais alto tomo, ou, já que se trata de theatro, de mais alto cothurno.

Mas, corrija os seus versos e escreva em lingua portugueza.

\* \*

VERSOS PERVERSOS — D. XIQUOTE — LIVRARIA CRUZ COUTINHO—RIO

Estes versos, que o auctor nos previne de perversos, são, conforme se declara no frontespicio, « poesias satyricas e humoristicas », em commentario aos acontecimentos politicos de 1904. O sr. D. Xiquote está, pois, convencido de trez coisas, pelo menos : que os seus versos são realmente perversos, que são, além disso, poesias, e que nessas poesias ha satyra e *humour*. Evitando a velha epigrapha que o carnavaal monopolizou, o *Ridendo castigat mores*, D. Xiquote, parodiando a maxima positivista, epigrapha deste modo o seu volume : *A Troça por principio e a Pilheria por base : o Riso por fim*.

O homem quer, pois, que a gente ria. Cremos que tambem não faz questão de mais nada. E' perverso, mas não é exigente. Abramos o livro e disponhamonos a passar um risinho quarto de hora, despreoccupado e inoffensivo. O auctor preludia atanzando a Politica, a Republica, o Engrossamento, os Melhoramentos, a Hygiene, a Policia, o Congresso, e váe pelo livro a dentro a fazer trocadilhos e jogos de palavras, alguns dos quaes, não ha duvida, são bem achados e não deixam de ter a sua graça. Assim, ha alli sonetos que, no genero, são superfinos, (mas este genero é, diga-se de passagem, inferiorissimo) como o soneto sobre a flauta do Instituto, (pag. 22) sobre as dragas, (pag. 6) sobre a exposiçao deapparelhos a alcool, (pag. 11) sobre o mercado da Gloria (pag. 32) e algum outro mais. Como se vê, não é muito, mesmo porque esta profissao de ter espirito é ardua. O livro não dá, pois, para muito riso, tanto mais quanto ha, nelle, aqui e alli, muita pachuchada de máu gosto e muita injustiça disfarçada em pilheria. Não tem, pois, nenhum cabimento a troça feita a homens de real merito, como o sr. barão do Rio-Branco, por exemplo.

Ha tambem no livro insistencias de acanalhamentos gratuitos, intenções constantes de ridiculisação, amofinamentos de mofina versificada, que não são coisas nem generosas nem cavalheirescas, como as satyras contra o dr. Oswaldo Cruz, um homem superior pela sua sciencia e pela sua sua fecunda actividade, e que é um benemerito desta terra. Quando o espirito se transforma em chalaça e a graça em gavrochada charra, já não se póde rir senão com desdém ou commiseracção.

O livro de D. Xiquote não tem, de resto, nada que ver com a Arte. E', para resumir, uma série de versos inoffensivos, feitos, *au jour le jour*, por uma pessoa que não toma a vida a serio e que pensa que ninguem, portanto, a deve tambem tomar a serio.

BERNARDES DO CANTO.

\* \*

A PNEUMONIA NO RIO DE JANEIRO — THESE INAUGURAL — DR. ALBERTO RODRIGUES—TYP. D'OS ANNAES.

Com a grande anciedade leiga de um curioso pelas conquistas scientificas, e com um profundo affecto pelo auctor, li a *These* do dr. Alberto Rodrigues, para o doutorado em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Já alguem disse que todos nós, entre os desvios cerebraes formadores da fraqueza humana, além de um pingo de loucura, temos a tára da medicina, que é o germen dos grandes professores, os grandes artistas da arte de curar, os famosos feiticeiros ou os réles charlatães, que infestam a humanidade, conforme a educaçao inicial dessas tendencias, accentuadas naquillo que chamamos, vulgarmente, vocacções. Mas, nasça um homem para mathematico, para estadista ou para sapa-teiro, terá, sempre, a tal mania de curandeiro. Por isso, todo o mundo sabe receitar um purgante, um diuretico, um estimulante do estomago, um desobstruente do figado, um xarope para catharro, recorrendo ás propriedades mirificas de velhas mesinhas tiradas da nossa vastissima flóra, ás velhas panacéas consagradas pela tradiçao, ou caíndo na homoeopathia, que é uma vasta clareira, aberta na selva da sciencia, para refugio dos magicos, dos feiticeiros, dos fetichistas, dos ignorantes, e muito vulgarisada, depois de ser elevada á categoria de therapeutica official dos *espiritos*, actualmente os mais conceituados clinicos do Rio de Janeiro.

A par dessa caridosa mania de curar o proximo, vem a de criticar, com auctoridade, as indicações therapeuticas dos profissionaes, famosos ou mediocres. O empirismo desabusado acha sempre um reparo severo aos processos applicados a um doente querido ; encontra sempre casos identicos em que a cúra se effectuou por milagre, sem emprego de drogas modernas, em capsulas, em injeccções, desses venenos que, quando não apréssam a morte, deixam o paciente escangalhado por toda a vida.

Não deve ser, portanto, um caso estranho se afoitar um leigo á leitura de um livro de medicina feito sem phrases ornamentaes, sem excessivos pedantismos de technica, com uma precisão severa de observações, lealmente, pacientemente feitas, com deducções lucidas, mormente quando elle, como

na *These* do dr. Alberto Rodrigues, tem o condão de nos metter pelos olhos noções intuitivas que se fixam, nitidamente, como revelações, no espirito, desapparelhado de theorias, de idéas preconcebidas, e avido de conhecer coisas de uma região quasi desconhecida, factos e phenomenos de uma sciencia afastada do alcance dos nossos meios de percepção.

Toda a gente pôde ler e entender essa bella e admiravel *These*: é o melhor encomio que se pôde fazer a um trabalho dessa ordem. Pôdem todos perceber que o joven medico, abandonando os processos banaes de cumprir um preceito academico, procurou no immenso campo da sciencia, que é a summa da mysteriosa sciencia da vida e da morte, em rapida progressão de conquistas effectivas, haurir uma contribuição valiosa para o estudo da pathologia indigena, como investigar o papel dos pneumococcus nas affecções pulmonares em fóco, e se ellas revestem o typo clinico das pneumonias dos climas frios.

Esse intuito foi brilhantemente alcançado, dando em resultado, não uma *these* vulgar, mas uma monographia curiosa, rica de substancia scientifica, de observações documentadas, que lhe dão precioso relevo e a recommendam á consulta dos estudiosos.

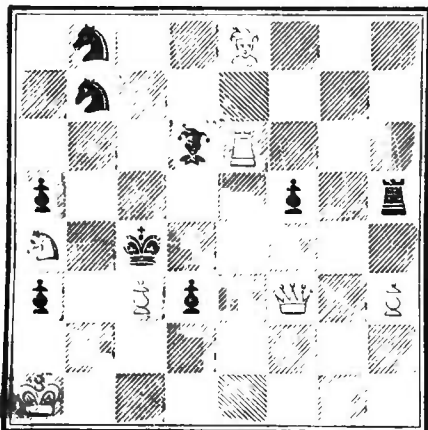
Seu trabalho assignala a victoria do brilhantissimo curso escolar do auctor, que, na phrase pittoresca do eminente mestre dr. Nuno de Andrada, é um soldado que se alista, cheio de condecorações honrosas, nas phalanges dos bemfeitores da humanidade.

D. O.

## DIVERSÕES

Problema n. 21

PRETAS



BRANCAS

• As brancas jogam, e dão mate em tres lances.

## A SALIVA E A CARIE DO DENTE

Os sectarios da doutrina absoluta que attribúe a origem chimica á carie do dente, admittem razoavelmente que

as reacções intra-bocaes dos elementos alimentares com a saliva, pôdem, si não produzir, ao menos facilitar a carie dentaria e sua progressão.

Os auctores que adoptam a origem microbiana, absolutistas tambem, admittem que essas reacções se dêem, bem que as attribúam a liquidos produzidos pelos microbios, abundantissimos do meio oral.

Admittindo que a saliva normal exerce papel preponderante como elemento preminente da carie dentaria, não implica a admissão de qualquer das doutrinas absolutistas de Parmlly e Magitot ou de Ficinus Klenche e outros; antes, ao contrario, admite-se a theoria bio-chimica relativa, que não attribúe nem exclusivamente a uma nem exclusivamente a outra.

Os bio-chimistas parecem predominar no actual estado da nossa sciencia.

Não vamos ao ponto de querer fazer predominar a idéa de que só a saliva tem a faculdade de premente da carie dentaria, não, as condições hygienicas do meio tambem o são; queremos apenas assignalar phenomenos naturaes, observados continuamente em clinica nossa e dos hospitaes, que nos levam a crer o assumpto de importancia de estudo minucioso para physiologistas e pathologistas.

Assim como as reacções acidas da saliva, etc., pôdem influir na manifestação da carie dentaria, augmentando sua marcha, ou mesmo como querem os chimistas produzindo-a tambem em estado opposto, deverá influir para evitar o surgimento da entidade morbida.

Seja que a morbidez não se manifeste pelo estado da saliva, evitando a acidez do mucus boccál, seja que pelo seu estado os microbios não encontrem bem-estar no meio boccál em pontos banhados por ella, assim emigrando, morrendo, ou paralisando sua acção, o que é verdade é que um simples golpe de vista, basta para nos convencer da magna importancia do assumpto.

Olhemos os individuos com que privamos e veremos, que os dentes antero-inferiores e postero-superiores são os que menos se estragam.

Os dentes postero-inferiores e os antero-superiores são os que se encontram mais vezes cariados, ou extraídos já.

Este facto é observado na nossa clientella propria e não passou despercebido, bem que incompletamente, a Paul Du Bois.

E' assim que esse auctor nos apresenta em um bem desenvolvido trabalho seu, uma estatistica em que a comparação numerica dos dentes falhos ou cariados superiores, com os subexistentes ou são dos inferiores, é

evidentemente prova do que avançamos sobre a influencia da saliva como preminente da carie, e até mesmo de algumas outras molestias dos dentes.

Eis um quadro que Du Bois nos apresenta em seu substancioso tratado da Carie Dentaria, colhido de observações feitas nos registros da clinica dentaria da Escola Dentaria de Pariz.

Eleva-se o total das extracções a 4.959 que o illustre mestre decompoz em cifras segundo o maxilar, o lado e, até mesmo, segundo os sexos.

TOTAL	150	203	232	475	1.615	954	678	4.959	
Mulheres	84	117	142	341	257	836	440	354	2.571
Homens	66	86	90	311	218	779	514	324	2.388
Lado esquerdo	63	109	116	335	239	799	484	356	2.501
Lado direito	87	94	116	317	236	816	470	322	3.458
Maxilar inferior	22	44	60	208	196	890	614	361	2.365
Maxilar superior	128	159	172	444	279	755	340	317	2.594
	Inc. central	Inc. lateral	Canino	1º premolar	2º premolar	1º gr. molar	2º gr. molar	3º gr. molar	

Magitot, Black e Domez observaram a localisação da carie, segundo as raças e dentes, mas nenhum com tanta minudencia quanto Du Bois.

Depois de nos ter dito algo do assumpto, o eminente mestre deixou sem resposta uma observação que avança a responder.

Acceita a influencia da saliva como elemento da carie do dente, demonstrada por varios auctores e synthomaticamente observada pelos clinicos que fizerem uma estatistica como o fez Du Bois, podemos responder á pergunta do eminente mestre.

Não é verdadeiramente uma pergunta, é mais uma duvida que elle apresenta escusando-se talvez a acceitar a influencia preminente da saliva sobre a carie do dente.

Diz Paul du Bois, no seu livre «Thérapeutique de la carie dentaire»: la portion la plus declive de la bouche celle qui est la plus abondamment baignée par la salive, est donc la moins susceptible de carie. Il s'en suivrait que la quantité de salive est un facteur attenuant de l'acidité du mucus buccal. Cette remarque a frappé tous ceux qui se sont occupés de la questi-

on. Ce qui s'observe dans les pyrexies confirme la justesse de ce rapprochement.

Pour les molaires, l'ordre est inverse mais cela ne suffit pas a rétablir l'équilibre; les trois molaires donnent au total pour le haut 1412, et pour le bas 1835 extractions. Isto, porém, se explica. Si os dentes postero-superiores se cariam e se falham menos que os postero-inferiores e antero-superiores, contrariamente, á primeira vista, a opinião acceita do papel defensor da saliva é porque são irrigados pela saliva parotidiana immediatamente á saliva do canal de Stenon ao nivel dos 2<sup>os</sup>. e 3<sup>os</sup>. grossos molares superiores.

Essa saliva não pôde exercer o seu papel de defensora da carie nos dentes infero-posteriores, simplesmente porque escorrendo ao longo da bochecha, deverá descer até parte anterior do vestibulo, devido á posição normal da cabeça, que torna a cavidade oral um tanto oblíqua e os dentes infero-anteriores em linha mais baixa que os postero-inferiores.

É por essa razão mesma, que os dentes infero-posteriores se cariam mais que os postero-superiores, pois além de privados da saliva defensora devido á posição da cavidade da bocca, não são irrigados como os superiores, a saída do canal, de Stenon, nem são banhados constantemente como infero-anteriores pela saliva que permanece na bocca.

WALTER PEIXOTO.

## A BATALHA DE MUKDEN

### OS MAIS SANGUINOLENTOS COMBATES FORMIDAVEIS ADVERSARIOS

Os jornaes europeus trazem a impressão da terrível batalha de Mukden o mais sanguinolento encontro jámais registado nos sinistros annaes da guerra, um embate titanico de dois povos, de duas raças, resolvendo, talvez, um dos serios problemas do futuro da humanidade.

As noticias de origem russa, incertas ao principio, formuladas depois num tom de afflicção, terminam no acento de panico que váe devastando as energias do imperio moscovita, desde o palacio do czar ás humildes choupanas dos camponeses, despertando-os do fatalismo em que jaziam obsecados pela mais ferrenha ignorancia.

Kuropatkine annunciava reconhecimentos, escaramuças, suprezas nos postos avançados, um continuo movimento de forças esparsas nesse palpar frenetico de dois grandes exercitos em contacto, aguardando a suprema occasião das investidas precursoras da acção definitiva. Em todos

esses encontros insignificantes, elle assignalava victorias das armas russas, repellindo, sempre com vantagem, o incansavel adversario, que recuava derrotado para reaparecer mais compacto e mais terrível, para surgir de subito, inesperadamente, cada vez mais ameaçador, com recursos novos desconhecidos, numa insistencia atterradora, nessas luctas sem precedente pela importancia dos effectivos e pela extensão do campo de batalha.

A frente dos dois exercitos não cobria menos de 120 kilometros, entre os desfiladeiros de Ta-Ling, a léste, e o curso do Liáo, a oéste. Esses 120 kilometros apresentavam todas as variedades possiveis de terreno: na parte oriental, está a cadeia dos montes Ta-Ling, com as suas encostas abruptas, seus desfiladeiros de barreiras insuperaveis; no centro, o alto vale do Cha-Ho, estendendo-se entre collinas pouco elevadas, mas formando um terreno muito accidentado; ao oéste, entre o Cha-Ho o Hun-Ho e o Liáo, se desdobra a grande planicie mandchuriana, muito descoberta, como um bello campo de manobras.

Percebe-se, facilmente, a somma de intelligencia, de energia, de calma e sangue frio, que deveria ter um chefe para combinar, harmonisar, modificar, conforme os accidentes da batalha e a sorte das armas, as operações complicadas e melindrosas, que se realisavam num theatro tão extenso e tão variado. A iniciativa e o valor dos ajudantes de ordem assumem, em taes condições, uma importancia consideravel. Os generaes do marechal Oyama — Kuroki, Nodzú, Oku, Nogi, haviam feito as suas provas como tacticos de primeira ordem, disciplinados, executando, com precisão e pontualidades surprehendente, as manobras que lhes fôram confiadas, não commettendo, jámais, essas terríveis faltas, por indecisão, por confusão, por falsa apreciação, dos momentos rapidos e terríveis dos combates, nos quaes o menor desfallecimento, um erro insignificante, abrem falhas funestas nos planos de combate e sacrificam os resultados mais efficazes e seguros.

Os sub chefes de Kuropatkine não haviam, ainda, dado mostras completas de sua capacidade. Linievitch tem uma grande experiencia da guerra, supprindo a falta de preparo nas escolas do estado-maior; Kaulbars passa por um dos officiaes mais instruidos do exercito russo. Não se sabe, exactamente, quem commanda o segundo exercito, depois da partida de Gripenberg: si Milof, si Bildering. Em todo o caso, esses officiaes russos não pôdem ter a confiança e a iniciativa que dá uma série ininterrupta de victorias.

Assim, a extensão e a variedade do terreno, que tanto complicam e dificultam o trabalho dos generaes, constituíam verdadeiras vantagens para os japonezes.

Em contraposição, os russos tinham a superioridade numerica. Kuropatkine podia pôr em linha seis corpos siberianos e cinco corpos europeus, mais duas brigadas de caçadores, pelo menos, das divisões independentes. Esses effectivos, completos, representariam mais de 350.000 homens.

A artilharia alinhava mais de mil boccas de fogo, sendo 60 morteiros Engelhardt de 152 e de 120 m/m. A cavallaria dispunha de mais de 25.000 sabres.

Do exercito japonéz, em virtude da discreção inviolavel que tem mantido nos seus exercitos, do segredo impermeavel que abriga, como uma impenetravel muralha, todos os seus movimentos, as informações do estado-maior russo eram muito incertas e contradictorias; e, conforme ellas, Kuroki dispunha de 70 batalhões, 19 esquadrões e 306 canhões; Nodzú tinha, sob suas ordens, 60 batalhões, 9 esquadrões e 198 canhões; os exercitos de Nogi e Oku, combinados, consistiam em 98 batalhões, 23 esquadrões e 342 boccas de fogo. A este effectivo, se deve accrescentar a artilharia pezada de campanha, da qual os japonezes fizeram excellente emprego no rio Yalú. Alguns despachos telegraphicos affirmaram que haviam intervindo nos ultimos bombardeios, grossos canhões de sitio de 280 m/m, cujo emprego, em campanha, parecia offerecer mais inconvenientes do que vantagens.

Pôde-se, portanto, calcular com muita probabilidade que as forças japonezas montavam ao total de 280.000 combatentes e 850 canhões.

Entraram em acção mais de 500.000 homens, algarismo que não foi egualado nas mais importantes guerras dos tempos modernos. Na batalha de Leipzig, a celebre batalha das nações, 180.000 francezes defrontaram 310.000 alliados.

No principio da batalha, as manobras japonezas não se accentuavam nitidamente; procuravam-se, em vão, determinar os traços principaes da lucta. Ao oéste, os corpos do exercito de Nogi e Oku manifestaram, a 28 de fevereiro, num movimento desbordante contra a ala direita russa; levaram de vencida as guardas avançadas inimigas e se estenderam até ao rio Liáo, sendo repellidos os contra ataques dos russos. No centro, a artilharia japoneza preparava, com actividade, o ataque á terrível colonia Putiloff, que constituia uma das mais energicas bases de resistencia de Kuropatkine. A léste, se feriam os principaes combates depois da occupação



de Tching-Ho-Tcheng, no dia 25 de fevereiro; as tropas de Kuroki haviam atacado os desfiladeiros de Gaontonling e de Ta-Ling, a 26 e 27 de fevereiro, sem resultado. Novos assaltos, dados a 1 de março, não haviam absolutamente fracassado. Era de esperar que a tenacidade infatigável dos japonezes insistisse na occupação definitiva dessas posições.

Apenas se empenhára a batalha na Mandchuria, corriam, em S. Petersburgo, boatos da derrota, os quaes encontraram echo nos proprios circuitos militares. E, no segundo dia da batalha, era geral, na Russia, a anciedade pelo desenlace do formidável duello. Para que ella não degenerasse em pânico, o czar publicou um manifesto appellando para o sangue frio, para a concordia, para a concentração nacional, uma commovedora profissão de fé nos destinos da santa Russia.

Mas, a partida estava mal iniciada para os russos.

Depois de uma série de ataques e resistencias heroicas, a situação da batalha se desenhou, nitida, em favor dos japonezes, e a retirada mais uma vez se autolhava como recurso extremo.

Para evitar esse sacrificio, alcançar uma grande victoria e conservar Mukden, seria preciso, além da tenacidade de que déram tantas provas os soldados de Kuropatkine, muita decisão e muita mobilidade de tropas exercitadas em manobras; mas o exercito russo jámais brilhou por essa qualidade, muito menos na guerra actual, ponto fraco que os japonezes conhecem perfeitamente, e é por isso que empregam contra o adversario, demasiado passivo, uma tactica perigosa em outras condições e admiravelmente adaptada ás circumstancias da lucha.

No dia 3 de março, a refréga attingira a suprema violencia; a resistencia dos russos era desesperada, apesar de combaterem, havia trez dias, sem comer. As linhas se juncavam de cadaveres, tingindo de sangue a néve, estendida, como uma sudario, sobre o campo: as perdas reciprocas chegavam a proporções assombrosas.

Seria um magnifico successo para os japonezes, forçarem os russos a evacuem a capital da Mandchuria, a cidade santa da dynastia chinesa; esse, porém, não era o principal objectivo de Oyama. O essencial de uma batalha não consiste em occupar uma posição, mas em desfechar no adversario um golpe decisivo.

O factor decisivo foi o movimento envolvente operado pelos corpos de Nodgi, com os veteranos de Porto Arthur, e de Oku com as suas tropas aguerridas. Esse movimento foi uma surpresa para os russos, que deviam estar já familiarizados com essa ta-

ctica. O general Nogi, com quatro divisões, conseguiu, com uma marcha rapida no valle de Liáo, chegar, quasi sem obstaculo, ao oeste de Mukden: lançar para o norte columnas de cavallaria, que ameaçaram a estrada para Tie-Ling. A ala direita russa cedeu, rapidamente. O corpo do general Oku, que ligava o de Nogi ao centro japonéz, aproveitou aquelle desfallecimento para avançar. E a 5 de março, o esforço dos 130.000 japonezes não soffrera interrupção, apesar da frequente entrada em combate de numerosas reservas russas.

No dia 7, a encarniçada lucha chegava ao delirio; as aldeias ao oeste de Mukden, estavam reduzidas a cinzas; os soldados russos collocavam em longas filas os cadaveres; cobriam-nos de terra, formando sinistras trincheiras. Nesse dia, quatro regimentos siberianos desembocaram ao noroeste de Mukden, em columnas de batalhão, com as suas musicas e entoando canticos; e, através da planicie devastada de granadas, sob o céu constellado pelos clarões do schrapnells, essa columna titanica avançou do sul para o norte, impassivel como numa parada, e immergiu, impavida, num inferno de fogo. A carnificina foi innenarravel; as perdas excediam ás de Liáo-Yang, ao ruido horrivel de um canhoneio incessante.

O movimento japonéz, de flanco, continuava, fatigando os russos, forçados a permanecerem na defensiva, durante seis dias.

No dia 8, o aspecto da batalha era inteiramente favoravel ás armas japonezas. Começou a retirada. Os corpos de Bildering e Linievitch evacuaram, na noite de 7 a 8, as linhas do Cha-Ho e os desfiladeiros dos montes Ta-Ling, defendidos, com successo, contra os ataques formidaveis de Nodzú e Kuroki. Kuropatkine não tinha outro recurso para evitar um desastre completo.

Fallaram todas as heroicas tentativas para romper a linha japoneza. O movimento envolvente de Nogi, um instante interrompido, no dia 6 de março, proseguira com redobrado vigor, e, no dia 7, a frente das columnas japonezas attingia, quasi, o camiinho de ferro ao norte de Mukden. A grande estrada de Tie-Ling, parallela ao camiinho de ferro e principal linha de retirada, estava seriamente ameaçada.

Despachos de Mukden não disfarçavam mais que as tropas russas começavam a esmorecer: haviam desenvolvido, durante oito dias, admiravel valor, em feitos d'armas, sacrificios heroicos, rivalizando com os mais bellos da historia militar; mas chega, fatalmente, a hora em que o soldado mais energico perde a confiança na victoria. O sentimento da derrota inevitavel se impunha com o desespero

de tantas provações inuteis: o exgotamento e o desanimo paralyam a coragem.

E essa crise nefasta se manifestou, no exercito russo, precisamente no momento em que a situação exigia novos e terriveis esforços.

A retirada! Esta palavra evocava a triste recordação de Liáo-Yang, a brilhante operação de Kuropatkine, escapando com 150.000 homens, sem abandonar ao inimigo um ferido, um canhão, uma carreta; mas as circumstancias eram muito differentes. A 4 de setembro, a maior parte do exercito japonéz estava separado do russo, apenas por trincheiras solidamente defendidas e pelo rio insuperavel. A retirada não podia ser inquietada sinão pelos 40.000 soldados de Kuroki, um punhado de homens exgottados por uma lucha formidavel, incapaz do menor esforço. Ao passo que, em Mukden, ao contrario, o movimento envolvente foi emprehendido pela maior parte do exercito do marechal Oyama. A extremidade da linha japoneza excedia, em mais de 30 kilometros, a maior parte do exercito russo, e destacamentos de cavallaria japoneza batiam o campo entre Mukden e Tie-Ling. Animados pela victoria, os *nippons*, anciosos de terminar a guerra por um golpe decisivo, empregavam enormes esforços para tirarem todo o partido possivel das circumstancias.

Foi nessas condições que se effectuou o movimento de recuo de... 300.000 homens, com milhares de feridos, comboios immensos, sem estações de parada durante o percurso de 70 kilometros.

Para sair com honra dessa horrivel emergencia, o generalissimo russo teve de desenvolver mais energia e decisão do que exigiria uma vigorosa offensiva. Mas foi sempre em circumstancias criticas que, até agóra, brilhou o talento de Kuropatkine, como si a este espirito indeciso fôsse indispensavel o incitamento do perigo.

A retirada foi desastrosa pelas perdas de vidas, pelo material de guerra abandonado ao inimigo e pelo numero de prisioneiros, tendo, como consequencia, noventa mil homens fóra de combate e a dispersão dos corpos para o norte em busca de Karbine ou de Kirim, numa indecisão angustiosa, perseguidos pelo inimigo em marchas assombrosas, que não traíam a fadiga de nove dias de combate incessante.

\* \* \*

Em nosso numero seguinte, completaremos este aspecto geral da batalha, com os episodios homericos, que serão brilhantes licções de ensino militar.

## O RETRATO

Ora, o artista, uma vez, na alva téla, procura  
Eternisar, pintando-a, a fragil formosura  
De uma mulher, que adora. Exaltado, trabalha:  
Sonha-a, traça, compara, estuda e pinta, espalha  
Com as tintas, na téla, inteira — a alma; derrama,  
Febril, o coração, nas côres; e arde a chamma  
Nellas (viva, elevando a imagem parte a parte)  
Da Arte sagrando o Amôr, do Amôr inspirando a Arte.

Suavidades de flôr abrindo, á aurora, o seio;  
Coloridos de aurora ao sol, em casto enlbeio,  
Fugindo e desejando-o; irisações de sol  
A gloria da manhã cantando no arrebol;  
Desta a audacia de tons, quando, entre as nuvens, nasce,  
— Estudou, para dar-lhe o colorido á face.  
Poz-lhe, como expressão, em cada traço, uma alma  
Que da propria arrancou; para pintar-lhe, calma,  
A fixidez azul do olhar, copiou do céu  
O alto azul matinal, travéz de cujo véo  
Desmaiam (ás manhãs fugindo e as luzes dellas)  
Os ultimos clarões das ultimas estrellas.

E aos poucos, no painel, o artista, a imagem (cheia  
Da vida que lhe dá, roubada á sua) alteia.

Eis a óbra acabada. O Eleito olha-a, sorrindo,  
Della todo orgulhoso. Um horisonte infindo  
A seu olhar esplende. A fama, além, as azas  
Desdobra, amplas, e vôa; ao firmamento em brazas,  
Leva-o, da eterna gloria. A fortuna deseja-o,  
Thezouros a seus pés derrama, a varia. Beija-o  
A sonhada ventura. Os reis abrem-lhe os paços,  
As nações — os museus e as mulheres os braços.

E como que o retrato anima-se e palpita  
Ante seus olhos; vive e sente; nuta e agita  
O ouro da trança; a idéa arde-lhe n'alma, clara;  
Váe falar e sorri; váe caminhar e pára.

Leva-o, feliz; porém chegando, hesita: extranha  
Duvida o tantalisa e em malhas d' aço o apanha;  
Olha o retrato, fita-o, e ironias murmura;  
Analysa-o, subtil, e a duvida o tortura;  
Olha-o inda uma vez e anceia, e soffre, e grita:  
— A minha amada é bella e esta apenas bonita.

Ella, porém, tomando-o, enleva-se a fital-o;  
Sente-se nelle, inteira, e admira-o, que admiral-o  
E' admirar a belleza e a graça de seu rosto.  
Mas, contemplando-o a sós, a flamma de um desgosto  
Crestou-lhe o riso ao labio; ao céu dos olhos, brando,  
Deu lampejos de raiva; e, convulsa, augmentando,  
Queimou-lhe a face toda, os nervos percorreu,  
Chegou ao coração, no coração cresceu.

O original compara e o retrato: — serena  
A dôr, que a dilacera e a inveja, que a envenena,  
Nas mãos abate a fronte e deste apparta a vista  
Pois tão bella não é, quanto a sonhou o artista.

LEAL DE SOUZA.

## ESTERIL

Nescios affirmam que és triste arvore sem fructos,  
Que em teu corpo de esphinge ardente e má, os cardos  
Transformam-se em rosaes de favos impollutos,  
Dando-nos a maciez e a doçura dos nardos;

Que o teu labio é mordaz, fére com finos dardos  
De amor, labio que pede os seus beijos pollutos,  
Dizem mais que no azul vagam as almas dos bardos  
Que te sugaram o collo em sensações de brutos...

«Esteril!». Ao teu nome este insulto ajuntaram  
E, no ardor do teu beijo, em paga de uma esmola,  
Desdenham o teu affago, elles que t'o compraram!

Que te não punja, emtanto, a insensatez burgueza!  
Não creias que uma pompa assim, gloriosa, rola,  
Nem que é esteril a carne aos peccados accessa!

FRANCISCO SERRA.

## NOCTURNO

Emquanto, pelo céu, num burél recamado  
De astros, a Noite váe á tóa — passo a passo,  
E o Oceano torturado

Braveja — a se bater de encontro á penedia,  
Eu penso em ti, formosa, eu penso em ti, Maria,  
Em ti que me cedeste o arrimo de teu braço  
Quando, extenuado e só, doridamente eu ia  
Atráz de uma Chimera, atráz de uma Illusão,  
Sem jámais encontrar piedoso coração,  
— Uma alma de mulher divinamente bôa  
Que me quizesse, um dia ao menos, consolar  
Com o sorriso, que absolve, e o gesto, que abençôa!  
Só tu, vendo-me assim sobre cardos pizando,  
Na garganta febril um soluço abafando,  
Comprehendeste meu sonho e tentaste curar  
A ancía que me devóra o incontentado peito!  
E choro recordando esse profundo olhar  
— O olhar que me volveste em lagrimas desfeito,  
Adorada Maria,  
O' alma deste amôr, desta melancolia!

RAYMUNDO MONTEIRO.

(Copacabana)

ASSIGNATURAS  
 ANNO .... 20\$000  
 SEMESTRE.. 12\$000  
 ---  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 12 DE MARÇO, 28.  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Não sabemos se alguém já disse que os pequenos erros, os insignificantes abusos, as tolerancias vulgares, são os factores dos grandes crimes, as causas remotas de pavorosas catastrophes: se ninguem affirmou ainda essa verdade lapidaria, cabe-nos a gloria de graval-a nas paginas de oiro da sabedoria humana, e accrescentaremos, como demonstração eloquente, que o movimento da molécula imperceptivel produz a onda omnipotente, devastadora.

A politica republicana iniciou um periodo de recrudescencia dos erros, que os propagandistas da democracia, rubros de indignação, imputavam ao Imperio, erros que cercearam, lentamente, o prestigio da dynastia e chegaram a cortar os laços tradicionaes, que a prendiam ao coração do povo, carcomendo, como um cupim ignorado, num terrivel trabalho demolidor de adversario, infinitamente pequeno, os mais possantes esteios no throno.

Póde-se affirmar que, á victoria incruenta de 15 de novembro, se seguiu um saque, em grande escala, nos thesouros da liberdade individual, preservados pela longanimidade do Imperador, ou respeitados pelos estadistas, subjugados a uns resquícios de escrupulos beneficos ou contidos nas suas ambições usurpadoras pelo cabresto curto do poder moderador.

Os primeiros erros fôram considerados excessos naturaes de um regimen nascente, que não poderia surgir perfeito em todos os seus aparelhos. Era inevitavel que a machina da administração dos negocios publicos, remendada ás pressas, emperrasse aqui, acolá; ficasse, algum tempo, sujeita ao processo de ajustamento das peças complicadas, cuja funcção normal, completa, deveria ser resultado do uso e das pacientes manobras de adaptação.

Mas, essa tolerancia dos primeiros dias, justificada pelo açodamento dos victoriosos subitos, se foi, insensivelmente, estendendo; os correctivos, os meios de repressão dos abusos iniciados, se fôram procrastinando, porque o governo provisorio — o unico constitucional desses quinze annos de democracia — não tinha ainda bastante energia para conter a onda de ambições, que o ameaçava, ambições represadas dos que não conheciam as delicias do poder e velhas ambições dos adhesistas, demasiado habituados aos seus proventos saborosos.

O governo provisorio teve de transigir com a legitima sêde de reformas immediatas das instituições caducas, consideradas incompativeis com as idéas capitaes do novo regimen, e indispensaveis para preparar o terreno aos primeiros passos vacillantes da republica, ao plantio da nova semente regeneradora. Mas, derribada, roçada a floresta secular, grelou, immediatamente, a herva daminha dos erros, dos abusos, cuja devastação definitiva foi confiada ao governo constitucional, que manteve a tolerancia dos seus antecessores repetindo a justificação de ser imperioso conselho fazer vista grossa aos erros, já então ampliadas as proporções de crimes, porque era imprescindivel aguardar que o mecanismo constitucional funcionasse bem correcto e lubrificado em todas as suas peças, tal qual se procedera com a machina revolucionaria.

Ninguem suspeitaria, então, que dessas condescendencias resultasse a continuação do systema condemnado, com todos os seus vicios chronicos, aggravados pela inexperiencia dos improvisados estadistas, e pelas licenciosas larguezas, que presidiram á nova organização. Assim, recrudescceu o mesmo nepotismo anterior, os mesmos processos de favoritismo, as mesmas tendencias de concentração do poder em pequenos focos olygarchicos; resurgiram os antigos processos de cor-

rupção, as preterições systematicas dos homens de merecimento, excluidos pelas mediocridades irresponsaveis, páu para toda a obra, mais pujantes, mais violentos e mais deprimentes, depois de abundantemente regadas pela onda de sangue e lama, que conspircou a infancia da Republica.

Resultou disso um regimen presidencial deturpado, um arremedo do poder executivo do Imperio, sem o correctivo do poder moderador, substituido por um chefe que não modera coisa alguma, entregue a ministros, muita vez impopulares, de influencia visivelmente prejudicial, dos quaes elle, por fraqueza ou injustificavel acanhamento, se não póde libertar, ministros, que o vulgo qualificaria *cara-duras*, agarrados ás pastas, apesar das cortezes insinuações de quem os poderia despedir com um gesto.

Resulta disso um poder legislativo, que abdica as sublimes prerogativas da mais alta expressão da soberania nacional, para se embiocar na libré dos servidores do palacio, como aquelles antigos estadistas, surgidos dos quartos baixos de S. Christovão, para a abjecta funcção do servilismo ao poder pessoal.

Resulta dessas transacções com o dever civico, um poder judiciario, que transforma a acropole do edificio social num posto de observação solícita dos caprichos, das manhas, da vontade do poder executivo.

Resultou de tudo isso, finalmente, essa chave de oiro do processo de desorganização das instituições democraticas, a politica dos governadores, cavando a ruina das esperanças sobreviventes ao descalabro despuadorado de todos os escrupulos e ao repudio da moral administrativa, corroendo os fundamentos da propria integridade nacional.

O divorcio da moral com a politica, justifica todas as faltas, todos os crimes. As queixas legitimas, que explo-dem provocadas por excessos insup-

portaveis, são consideradas lamurias ridiculas, acolhidas com um sorriso de piedade, ou com um conselho de resignação, porque, em politica, sempre foi assim; o governo não deve ser palmatoria do mundo, vigilante inexoravel, que perpetre a inconveniencia de se desprestigiar, reconhecendo e punindo os seus proprios amigos, os seus auxiliares, os seus collaboradores dedicados, expostos, por suprema devoção, ao sacrificio da impopularidade, prejudicando os afilhados, os protegidos, os amigos delles, outros tantos factores da gloria e da benemerencia de quem tudo póde e manda.

E assim se affirma, numa evidencia exuberante, o nosso profundo acerto: insignificantes abusos tolerados engendram desvios perigosos; os imperceptiveis germens de erro proliferam, pavorosamente, em perniciosos elementos de desorganisação e a condescendencia ás pequenas faltas se váe ampliando, insensivelmente, até constituir uma égide impermeavel para abrigar os grandes crimes: a tolerancia, transformada em habito, inutilisa as sancções mais salutaes.

\* \* \*

Estas considerações, bem nitidas na consciencia de toda a gente, que ainda se dá ao luxo de pensar nos destinos da patria, ficariam no tinteiro da submissão aos factos consumados, se não nos restasse um vislumbre de confiança no patriotismo do illustre estadista, incumbido de governar a Republica.

Não perdemos a esperanza de sermos surpreendidos com um desses actos de resolução, com um desses movimentos de energia que resolvem as situações mais difficeis, os mais graves problemas de governo.

A independencia pessoal, os precedentes honrosos, a capacidade mental e a diuturna experiencia de s. ex., nos habilitam a esperar que o pernicioso regimen de tolerancia, de vacillação, de hesitações, seja, afinal, substituido por um vigoroso despertar da vontade, suffocada sob os arminhos das maneiras doces, dos processos suaves, dos meios indirectos, das contemporisações pacatas, que são, com effeito, formas do character, do temperamento, da educação aprimorada, attributes de

grande valia, explorados, cruelmente, pela politicagem insaciavel.

A pustula, que está deformando o formoso corpo da Republica, não se cura com o *cuspo em jejum*, nem com panacéas dilatorias; está requerendo, urgentemente, um cauterio poderoso, que extirpe, fundo e de vez, os invisiveis germens destruidores. Os abusos, inveterados e recalcitrantes, não se enchotam, como moscas, com pennachos macios: estão exigindo salutar cacête. E, no dia em que s. ex. substituir o molle pennacho da condescendencia pelo porrête das resoluções inexoraveis; nesse dia, terá lavrado uns tentos, terá encetado, triumphante, a luminosa estrada da benemerencia.

POJUCAN.

### O SENTIMENTO TRAGICO NO SEculo XIX

#### § 3º

Na sua interessante obra, *A origem da tragedia*, Nietzsche propõe-se definir o sentimento tragico tal qual devia ter existido entre os gregos.

Parece, porém, que o philologo se deixou traír pelo sentimento da modernidade. Nietzsche, em logar da tragedia grega, esboçou o paganismo do seculo XX. Esse néo-paganismo acabou por concretisar, em seu espirito, as tendencias, algo paradoxaes, da philosophia da grandeza pelo instincto.

Seja, entretanto, como fôr, o genio desse escriptor, para não dizer desse poeta, ultrapassou, em penetração, os auctores mais cheios de emotividade tragica do seculo passado. E foi semelhante emotividade estranha que o seu espirito critico transferiu para essa arte hellenica, que os criticos, quasi universalmente, convinham em achar tão singularmente tranquillã, modulada e grave, na serenidade dos olhos sem pupillas das suas estatuas de puro marmore.

Sempre cuidei que por baixo da placidez dos marmores hellenicos, havia alguma coisa de tumultuoso e até macabro, que, á nossa vista de myopes, era vedado discorrer, do mesmo modo que é impossivel discernir a paixão que trucidou a formosa egypcia, hoje mumificada na intraduzibilidade do sarcophago, onde a depositou o carinho do Pharaoh de ha cinco mil annos. Mas, dahi para o que a Nietzsche se afigura, váe um grande esforço; — contraste que me leva a crer na metathese operada em seu espirito pelo processo de atenuação

tada aos monumentos legados por aquella grande cultura artistica.

O pensador allemão prevê a resurreição da tragedia dyonisiaca. Não é sem um atrepto de espanto que se vê, agitado, fazer esta imprecação:

«Crêde commigo, meus amigos, na vida dyonisiaca e na renascença da tragedia. Os tempos do homem socratico passaram. De thyrsos em punho, coroaes-vos de panpanos; e não vos mostreis espantados si o tigre e a panthera vierem deitar-se, festivos, mansamente aos vossos pés. Tende coragem, e agóra é assumir a attitude dos homens tragicos; e porque sois livres, não vos escuseis ao trabalho glorioso de escoltar o cortejo dyonisiaco da India á Grecia!» (1)

A convicção de Nietzsche é grande e communicativa. Que é a vida na sua opinião? E' um mysterio resolvel na tragedia. A despeito do terror e da piedade, é preciso que gozemos a felicidade de viver «não tanto em quanto individuos como vida *una*, total, confundidos e absorvidos na alegria creadora.»

«A historia das origens da tragedia grega, accrescenta o critico, nos revela, com precisão luminosa, o modo porque a obra d'arte tragica dos gregos nasceu realmente do genio da musica; e com o auxilio dessa idéa, acreditamos ter, pela primeira vez, exactamente interpretado o sentimento primitivo e singular do côro. Mas, é preciso convir tambem em que o alcance do mytho tragico, tal qual o estabelecemos, nunca foi percebido, com nitidez manifesta, pelos poetas e ainda menos pelos philosophos da Grecia; a linguagem de seus heróes é, até certo ponto, mais superficial do que seus actos; o mytho não encontra, por forma alguma, objectivação adequada no discurso. A successão das scenas e o spectaculo dos quadros proclamam uma sabedoria mais profunda do que a que o proprio poeta é capaz de attingir por meio das palavras e das idéas. Phenomeno semelhante póde observar-se em Shakespeare, cujo *Hamlet*, por exemplo, numa accepção analogã, falla mais superficialmente do que obra, de sorte que não é das palavras, mas da profunda contemplação do conjuncto que se dedúz essa philosophia de *Hamlet*, precedentemente exposta.» (2)

E assim chegar até ao pensamento original de que, em futuro proximo, abandonada a «moral de attitudes», de Socrates, a «hypocrisia dos humildes», do Christianismo e a «virtude utilitaria», da democracia moderna, o homem como o grego dyonisiaco, e agóra com mais força, graças ao que a experiencia lhe tem ensinado, saberá querer a verdade e a natureza em todo o seu esplendor e, de novo, se metamorpho-

Os hellenos tiveram, na idade de bronze, os seus combates de Titans. As monstruosidades dessa epocha geraram-lhes o amargor da vida, de onde, a pouco e pouco, saíu o mundo homérico, sob a influencia tutelar do instincto da belleza apollinea. Esse esplendor ingenuo foi devorado pela invasão ruidosa da torrente dyonisiaca, o que occasionou outro phenomeno curioso. Contra esses poderes novos e formidaveis, levantou-se, ainda uma vez, o espirito apollineo na magestosa rigidez da arte doria e na concepção dórica do mundo. A lucta da individuação analytica da belleza contra o entusiasmo da absorpção do homem na vida integral, formou as grandes epochas da arte grega.

Para que ponto do infinito tendiam esses esforços, essas transformações, desde que não queiramos considerar a arte dórica como sua ultima manifestação e termo supremo dos instinctos estheticos? pergunta Nietzsche. (3)

O aggregado mysterioso, resultante dessas batalhas, dissolveu-se na evolução historica mediterranea.

Os tempos modernos teriam tentado a sua reproducção?

Nietzsche, num estylo tão brilhante quanto perturbador, ás vezes incoherente, não raro desesperador, insado de sacrilegios, propõe a formula do satyro futuro.

A sua obra, que seguramente se assignalará, na litteratura das nações modernas, como uma pretensão genial e, ao mesmo tempo, insensata, não faz outra coisa sinão continuar o programma do *Fausto*, de Goethe.

O mundo occidental tambem teve a sua lucta de Titans. Da Edade Média, emergiu o homem cheio de pavores, de sonhos de enfermidades. Mal os destroços do Imperio Romano começaram a recompôr-se em cidades, ao influxo do Renascimento e do Christianismo, surgiu a guerra antiga sob aspecto mais amplo e fulgurante.

Que tem sido a vida, sob essa vaga denominação de civilização sinão a lucta do individuo contra a crença, sob a forma de Estado?

Nietzsche pretendeu prescrutal-a. Deu-lhe uma solução? A *super-humanidade* terá visos de philosophia?

Qualquer que seja o destino do seu paradoxo em philosophia moral, é certo, porém, que a sua obra repercute a anciedade tragica do phenomeno da moderna vida social. Não ha quem leia os aphorismos da *Gaia sciencia*, da *Genealogia da Moral*, do *Acima do bem e do mal*, do *Assim fallou Zarathustra*, da *Vontade de poder*, que não exprimente a surpresa de um pensamento infernal, escondido nas dobras da propria consciencia.

Nietzsche arrojou-se a traduzir em

livros, com a apparencia de tratados philosophicos, o inferno da philosophia politica, que se occultá sob o aspecto placido, aparentemente tranquillo, dos compendios profissionaes de Leibnitz, de Spinoza, de Bacon, de Descartes, de Kant, de Comte, de Spencer, de Schopenhauer e de Hartmann.

Explicar a vida !!

Sentil-a, exprimir artisticamente o seu mysterio; isto começou a fazel-o, na epocha moderna, o genio do poeta de Stratford-on-Avon.

Esta situação esthetica, é bem provavel que Nietzsche a comprehendesse; e não parece sem significação o satyro do futuro que elle imagina, nem será novidade que o sentimento tragico venha a constituir a verdadeira base da obra artistica do seculo XX.

#### § 4º

Este sentimento, vemol-o antecipado nos romances de alguns escriptores russos, particularmente em Dostoiewsky.

O auctor da *Memoria da casa dos mortos*, já em razão de um temperamento de somnambulo, já porque as torturas da sua vida de perseguido, não dissertou, á maneira de Bakunine, de Kropotkine, de Herzen e outros, sobre a liberdade, nem sobre os dogmas da autocracia. Viu. A sua vista de espirito eleito, desdobrando-se através dos acontecimentos contemporaneos, e isolando os profundos caracteres desses acontecimentos, sublimou-os na mais pungente tragedia que se póde imaginar.

A vida vulgar, em sociedade, é chata, sem relevo, aparentemente banal. Mas, em cada cerebro, que soffre, ha uma convulsão; em cada erro ou desintelligencia, que surge entre o sentimento de um mujick e de um senhor, de um boyardo e de um official do palacio, de um privilegiado e de um infimo da burocracia, de um homem do povo e de outro homem do povo, ha sangue, ha chammas, ha ruidos pavorosos, comtanto que as respectivas almas estejam combalidas. No tumulto ordinario das ordens que são expeditas, das regras que são violadas, da obediencia que se torna effectiva a berros ferozes e a golpes de knut, ou, ainda, á vista de um movimento superciliar daquelle que dispõe da força de commando, ninguem julga perceber o que se passa. E, todavia, esses berros, esses golpes de knut, esses movimentos superciliares téem produzido terremotos psychicos, desgraças irreparaveis, subversões de espiritos, tão pavorosas como as que os geologos attribuem á primeira idade do mundo em formação.

Ninguem vê isto no afan da vida quotidiana, como ninguem distingue,

nem se commove deante do cataclysmo produzido num formigueiro pela malignidade de uma creança que se lembrou de inundal-o atirando-lhe um balde d'agua. No emtanto, aquelles actos rudimentares violaram as mais sagradas crenças das suas victimas, quebrando-lhes todas as cordas da alma, que são a sua força e o penhor da felicidade de cada um.

Ponham-lhe o vidro de augmento da arte, e os mais displicentes terão o terror da tragedia dos Atrides.

Rascalnicoff é uma figura vulgar; Karamazoff é um vulto sinistro, apenas porque se mostrasse inacessivel á piedade filial. A fria auctoridade policial não veria nelles mais do que especimens milhares de vezes classificados e fartamente conhecidos dos carcereiros das prisões de Estado. Sem a minima importancia para a sociedade organizada, rebutalho indigno, repellido como escorralhos da fornalha que nutre a machina da vida social, só lhes resta voltar á valla de esterco para onde se atiram os detritos humanos, excedentes da lotação da vida terrestre, segundo dizem, com o sorriso canibal, mal disfarçado nos labios, os propedeutas do impropriamente chamado darwinismo politico.

Dostoiewsky, porém, não participa desta cegueira, nem applaude esta insensibilidade. Ao contrario dos de sua classe, debruça-se sobre os abysmos da dôr, e pesca, com o anzol da sua arte magica, os precitos dessa vida social, que a fatalidade dos máus instinctos dirige.

Então, suspende-se o panno do theatro e apparece a tragedia em toda a sua ferocidade eschyliana.

Que é Prometheu, á vista de Rascalnicoff? Que é Orestes, comparado a Karamazoff.

Surgem as incompatibilidades tragicas, que geram as situações de que o poeta precisa para fins estheticos. No palco ou na téla do romance, como na arena do Circo Maximo de Roma, degladiam as incoherencias da humanidade. Contra a miseria humana, confundida com o valor do athleta, com a innocencia da virgem, soltam-se as feras das paixões e os restiarios da doutrina social. As crenças, a educação, o amor, tudo quanto ha de mais vibrante e fragil na natureza do homem, se esfarela, ao choque da moral insensata, que se propõe regular, pela compressão, os appetites individuaes.

(Continúa).

ARARIPE JUNIOR.

(1) Nietzsche, *L'origine de la tragédie*, pag. 187. Trad. Marnold. Pariz. 1901.

(2) Obr. cit., pag. 152.

(3) Obr. cit., pag. 50.

## QUINHENTOS RÉIS

## JUNÇÃO DO ELECTRICO

Este Rio de Janeiro!

Aquelle bondezinho, luzidamente burguez, tentava-o! Parecia-lhe original e delicioso, com os seus logares commodamente marcados e arrebiques de dama velha e faceira. Por duas vezes já, elle, num repentino e violento desprendimento de dinheiro, o fôra namorar, de longe, á chegada no Rocio, com um desejo deshumano de pôr-se nelle e estirar os sapatos grossos pelo assoalho sujo, fumando, o dedo pollegar á cava do collete, em attitude de homem de fino gosto que não tolera a promiscuidade da turba. Mas... 500 réis!

E, aqui, ao lembrar-se daquelles algarismos fixados naquella placasiinha galante—500 rs., encimando a estreita e cumprida taboleta—*junção do electrico*—um frio louco de febre apoderava-se delle todo, e era como se, em vez daquelle calhambeque airosamente immoral, o espectro da morte aos seus olhos passasse.

Havia dois mezes que, por uma soalheira insupportavel, desembarcára do norte, vindo da suavidade indolente do seu sertão ubertoso para o tumulto empolgante e lendario da «grande cidade», com os seus monumentos de arte, as suas bellezas incomparaveis, os seus homens sabios, que conhecia atravéz da assignatura constante do *Fornal*, os seus poetas lubricos, as suas *cocottes* irresistiveis... Havia dois mezes já, que vivia aboletado num quarto infecto de hospedaria, comendo entre as chalaças, genuinamente portuguezas, duma «casa de pasto», com muitos sonhos, com muitas cartas de recomendações e uma vontade de trabalhar muito, de vencer a todo o transe.

Lá na sua terra, socegada e triste, onde, num leito branco e scismador, margeado de grossas engazeiras e enseivados jequitibás, deslisava rumoroso e amigo o rio que o acalentára no berço e primeiro ouvira os seus queixumes de rapaz e as primeiras explosões dos seus beijos de poeta, sempre amoroso e fiel, com donaire e graça contornando a cidade quieta, nascera-lhe aquella estupenda idéa de viajar, de ver de perto essas officinas

gigantes, esses palacios maravilhosos, enfiados, descriptos com tanta minucia, com tão forte alma, e de trabalhar e de triumphar e de crescer e de ser falado tambem.

E aqui estava agóra, ha dois mezes, da Camara para o Senado, do Senado para as redacções dos jornaes, mendigando um emprego que lhe garantisse a existencia, desoladamente soffrendo a sua organização viril e insatisfeita, recalando a miseria que lhe acenava lugubre, imperiosa e escarninha, o corpo rodeado de fascinações a todo o momento, os olhos assombrados por tantos olhos feiticeiros e irrequietos, e elle, assim numa angustia, suggestionado pela insignificancia de um bonde lazarentamente puxado por duas pilecas magras e osudas, com aquelle aviso terrifico:—*500 réis — Função do electrico!*

Oh! que de surpresas o verniz novo na madeira usada e os algarismos pomposos lhe promettiam á alma! Parecia-lhe que se apresentaria um novo mundo, uma nova vida para além, no arrabalde longinquo—*Função do electrico*, com as suas casarias frescas e os seus jardins enrosados. E barafustava os bolsos, calculando os ultimos nickeis restantes da venda dos seus *trens*, no logarejo santo: o *tugupá* risinho, um quadrado simples e empalhado, a *Mimosa*, uma vaquinha gorda e de estimação, ultimos bens do seu velho pae viuvo, um rijo sertanejo austero! E, então, todo aquelle quadro de vida bonançosa e regalada lhe vinha á imaginação como um pesadelo, e elle ficava numa postura imbecil de tantalisado e saudoso, inerte, acompanhando o chocallar dos guizos das mulas roceiras que puxavam o bonde até á curva proxima.

Um dia, porém, (ó dia de ventura!) accordou na inabalavel certeza de desvendar aquelle mysterio! Rebolou-se todo na velha rede esburacada e immunda, e decidiu, num ultimo arranco de desesperado, ver, viajar no supremo requinte daquelle *chic* de civilização e ir conhecer aquelle arrabalde tentador, *Função do electrico*. E, lepidido, saltou dos ninhos grosseiros, com a alma rubra de quem váe alcançar uma victoria. Dispensou as visitas diarias aos deputados e senadores, aos jornaes e á «casa de pasto» e andou todo o dia contente, cheio duma doce alegria de

passaro que váe noivar, pela rua do Ouvidor, pelo largo de São Francisco, pelo Rocio, antegosando aquella hora da tarde em que repontasse o bonde requestado. Por diversas vezes, recontou os derradeiros nickeis, trazidos da sua terra bemdita, cinco redondas e carunchosas moédinhas de 100 réis. Despira-se de todo o temor e parecia-lhe já que retardavam o bonde para magoal-o, retardando-lhe o *divino instante!* E mal apontou, ainda cabeceante, o bonde, para elle correu desvaivado, e todo o seu corpo foi uma só vibração, distenderam-se-lhe os nervos, e era como se uma forte rajada de coisas bôas e assombrosas se descortinasse fortemente aos seus olhos e uma sensação nunca sentida o envolvesse, obrigando-o depois, como um animal farto e cansado, a amparar-se, a sentar-se!

FRANCISCO SERRA.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

## DO ESTABELECIMENTO AO SEGUNDO CHACO

No mesmo dia em que tomámos o Estabelecimento, o Dezeseis teve ordem de regressar a Tuyucúê. Tinha ensarilhado as armas, em columna aberta de pelotões. Ao toque de reunir, entrou em forma. O Tiburcio mandou: *columna de marcha*, — e a musica, em acelerado, foi postar-se na frente. Soou a pancada surda do bombo, á vóz — *ordinario* — e, quando se ouviu: *marcha* — o batalhão rompeu garboso, aos sons alegres de um dobrado vibrante — o *quinze*, afinado. As fileiras estavam rarefeitas pela morte e a nossa banda excellente desfalcada de figuras importantes.

Toda aquella gente, que acabava de perder amigos caros e passára uma noite de fortes impressões e a manhã banhando-se em ondas de sangue humano, parecia contente, não se lembrando que os loiros colhidos eram orvalhados pelas lagrimas de centenas de mães inconsolaveis, de esposas amorosas que ficaram viivas e de filhas que perderam os paes queridos, seu unico arrimo, lagrimas derramadas na longinqua patria e tambem naquella heroica terra que se ensanguentava a cada passo. E todos aquelles homens pensavam ser christãos, sem cumprirem os divinos preceitos do amor e da paz!

O homem é egoista e o soldado não pensa. Ai das fileiras, si elles pensassem! Ficariam vazias, como dizia o rei philosopho, amigo de Voltaire,

Chegados a Tuyucué, partimos para Tayi. A marcha foi de um dia. Comandava esta posição o illustre general Victorino Monteiro, depois barão de S. Borja. Fôra official de cavallaria e, apezar de *balúano*, (era filho de Pernambuco) nenhum *guasca* lhe levava vantagem á frente de um regimento, dando uma carga de espada alta. Illustrára-se praticando nobres feitos militares.

Havia no alto do barranco do Tayi, si bem me lembro, um fortim estrelado, artilhado com canhões La Hitte, guarnecido por alguns corpos de infantaria. Havia outros, acampados fóra. Com elles ficou o Dezeseis, que armou o abarracamento muito perto do quartel general. A cavallaria acampára mais distante.

O cholera assolára cruelmente aquellas forças. Entre outros bons officiaes, arrebatou-nos o Bernardino de Senna Madureira, 1.º tenente de engenheiros, irmão do Antonio, tão distincto como elle, porém menos exaltado.

Pouco depois de chegarmos, o Tiburcio nomeou-me ajudante do batalhão. Foi um grande dia para mim. Antes, porém, fôra escalado para a guarda do quartel general. Havia seis mezes que não davamos esse serviço, porque estivemos destacados. Naquella epocha, eu era o que se chamava um *enthusiasmado*; tinha orgulho de ser soldado e sabia as instruções de cór e salteado. Rendi a guarda, com todas as formalidades do estylo, sem dispensar nenhuma particularidade.

Si, no acampamento, nunca dormi sem talim, calcule-se como estaria attento na guarda do general. Passei a noite em claro. Muito depois de meia noite, chamei o inferior e disse-lhe: Vou descançar um pouco; e, á menor novidade, me chame».

Mal ia conciliando o somno, elle despertou-me: o general Victorino, convidava-me para almoçar. Era cedo ou tarde de mais? Perguntei ao portador do convite, si era para ceiar. Disse que não: o sr. general almoçava sempre com o escuro.

Não sabia, quando entrei no pequeno rancho, si devia dar bôa noite ou bom dia. Tirei o meu bonet e sentei-me no lugar que s. ex. me designára junto a si. Era um dos seus ajudantes de ordens o meu amigo, collega e companheiro de casa no Rio, antes da guerra, 2.º tenente José Pereira da Graça Junior, que foi depois commandante da guarda nacional da Capital Federal, sendo eu ministro das Relações Exteriores. Naquella epocha, tinha appetite de alferes de infantaria. E o general, com a sua extrema bondade, me pôz á vontade. Entrei de rijo no almoço. O general pareceu gostar e, depois de me

ter servido, no fim de tudo, de umas marrecas ensopadas, que gabou muito e comi com bastante prazer, perguntou-me si estava acostumado a almoçar áquella hora. Respondi que não. — Então a que horas, alferes?

— Sr. general, a falar verdade, não tenho hora certa; qualquer, para nós, é bôa; e temos sempre appetite.

Elle sorriu e depois do café, deu-me um charuto. Guardei-o, porque não me animei a fumar em sua presença. Aquelle velho soldado, que parecia briguento e rallador, e era um guerreiro denodado e terrível quando combatia, tinha um genio excellente e alegre.

Dous dias depois, foi o batalhão escalado pelas linhas avançadas do Caimbocá, fronteiras e proximas ao forte de Laureles.

O arroio Caimbocá, lembra-me ainda, era estreito, mas não podia ser vadeado, na linha, por ser fundo. Passava-o para o outro lado por pinguelas de dois páus, com corrimão de varas.

Bem junto á margem esquerda, em um campestre, orlado, á direita e á esquerda, de matta rarefeita, erguia-se um *mangrullo*, de cujo alto se avistava, ao longe, a linha pardacenta das fortificações paraguayas de Laureles. O Tiburcio subiu e pôz o binoculo. Era antes do meio dia. Perto daquelle mirante, o bravo major Feliciano Tamborim, commandante do 26.º de Voluntarios, caíra em uma emboscada e fôra feito em pedaços. Parece que o Tiburcio havia recebido ordens do general Victorino para reconhecer a posição, que se dizia bem defendida pelas obras accessorias e forte guarnição.

O Dezeseis passou para a margem esquerda do Caimbocá, e o Castello Branco, estendendo em atiradores a setima e a oitava companhias, avançou. O commandante marchava com o batalhão em apoio. Apareceu o superior do dia — o major da guarda nacional Amaral Ferrador, uma especie de gigante da fronteira rio-grandense, capaz de repetir em qualquer touro a façanha de Ursus, conterraneo de Sienchiewikz, no amphitheatro de Roma. Conversou com o commandante, e, em pouco, vimos entrar a galope no pequeno campestre, pela nossa esquerda, uns esquadrões de cavallaria, commandados pelo Chananéco, que se immortalisou em São Solano, combatendo, denodadamente, contra inimigos dez vezes superiores. O Tiburcio era o mais antigo e assumiu o commando das forças combinadas.

Os nossos atiradores avançavam rapidos, conservando o alinhamento. A cavallaria cobria a esquerda com uma *guerrilha*, e marchava flanqueando-nos.

Eu ainda era subalterno da 7.ª e avançava com ella. O Arthur Oscar

era o 1.º sargento, na vaga do Mascarenhas, ferido mortalmente no Estabelecimento. O Carlos Eugenio, si bem me recorde, já fôra transferido para a artilharia.

Passámos um banhado profundo, em que a agua nos dava pelos peitos. Os soldados puzeram as patronas e os *bogós* na cabeça. Eu perdi um cachimbinho de *escuma*, bem *quilotado*. Ao sairmos, rompeu do forte, sobre nós, um tiroteio pouco nutrido. O Tiburcio acreditou, talvez, que não estivesse artilhado; e mandou tocar: *Atiradores — avançar — acelerado*. As balas passavam zumbindo, e nós seguíamos, quasi correndo, sem disparar um tiro. O forte já estava perto. As trincheiras, altas, bem feitas, já se distinguiam claramente. O Chananéco mettu a galope os seus esquadrões. Tam chegar antes de nós. O Tiburcio gritou: «Não quero que a cavallaria chegue antes do Dezeseis. Estavamos muito perto; redobrámos de velocidade.

Foi um *steeple-chase* interessante, uma ardente corrida de obstaculos. Antes do grande fôso da fortificação, havia muitas linhas de *bôccas de lobo*, dispostos em xadrez, com estrépes no fundo, cobertas pela folhagem verde e rasteira do melão de S. Caetano, que as mascaravam. Os cavalleiros, a galope, elegantes e bravos, reboleando garbosos as lanças de bandeiras vermelhas e as clavinias polidas, olhavam-nos, sobranceiros, com ares de superioridade. Os cavallos dos que chegaram á primeira linha das obras avançadas, afocinharam rodando nas *bôccas de lobo*. Enquanto se refaziam, ganhámos a frente pelos intervallos daquelles buracos, em forma de cone invertido, e penetrámos no recinto por uma pinguela lançada sobre o fôso.

Era mais uma affirmação da superioridade da infantaria sobre as outras armas, principalmente quando o terreno é coberto de accidentes naturaes ou preparados pelo homem e onde os trens de artilharia não pôdem rodar, nem os regimentos de cavallaria manobrar transpondo difficuldades e obstaculos.

Seguimos em perseguição da pequena força inimiga até que se internou pela matta e desapareceu na sua espessura.

Estava tomado o forte de Laureles. Era o dia 27 de fevereiro. Havia trez mezes e meio, que as nossas tropas tinham occupado o Tayi, e outros tantos, que se pensava em expellir daquellas trincheiras a guarnição paraguayana, que se suppunha ser muito numerosa. Bastou o general Victorino entender-se com o commandante Tiburcio, para se esvaecer aquelle abantesma deante do Dezeseis. Foi para nós uma victoria incruenta. Não tivemos nem um homem fóra de com-

bate. Os paraguayos perderam trez. Voltámos para o *Caimbocá*, estendemos novamente a nossa linha e, no dia seguinte, fomos rendidos por outro batalhão.

Continuámos nessa monotona vida, sem impressões novas, até que o Dezeseis recebeu, nos fins de abril, ordem de seguir para Parecuê, onde estava acampado o commando em chefe. Alli foi reconstituído com praças de outros corpos.

Alguma coisa de serio se preparava. Nós, da *arraia miuda*, sabíamos, sómente, que iam completiar o assedio da praça de Humaytá, fechar o cerco, como diziam os soldados. Mas, como isso já tinha sido annunciado mais de uma vez, perguntavamos uns aos outros, si seria a ultima ou si o cerco deixaria ainda alguma porta aberta. No dia 2 de maio, ao amanhecer, embarcámos na lagôa Cierva, no porto do celebre reducto, que tomámos, de assalto, a 19 de fevereiro, e cujas muralhas estavam já niveladas, com o chão, a golpes de enchada e alvião, manejados pelas mãos robustas dos soldados da divisão do general José Auto, mais tarde barão do Jaguarão, que tinha por ajudante de ordens o bravo Serra Martins.

Si não me falha a memoria, o encouraçado que nos transportou foi o *Tamandaré*, commandado pelo Miranda, onde morreu Mariz e Barros, e o commandante, Eliziario Barbosa, hoje almirante, perdeu o braço.

O Dezeseis enchia o tombadilho — sem amuradas. Quando o navio se approximava da costa paraguaya, a matta espessa fumegou, e balas choveram sobre nós.

O rio era fundo e a barranca alta. O *Tamandaré* eucostou, e o Dezeseis, com o Tiburcio á frente, saltou para a terra: galgou a barranca, debaixo de uma fuzilaria cerrada e café sobre os paraguayos, á bayoneta. Como ajudante, eu avançava ao lado do commandante, seguindo por uma picada larga, que se afastava pouco do rio. Passámos por uma clareira, onde havia alguns ranchos de palha. Os paraguayos retiravam fazendo fogo e nós procuravamos alcançal-os. Já muito longe, o Tiburcio mandou tocar: *Dezeseis — alto*. Tirou uma divisão da 1ª companhia, commandada pelo capitão Alcantara, e disse-me: — Sr. ajudante, estenda esses homens daqui ao rio — e espere o inimigo; — o capitão Alcantara lhe protegerá a esquerda e cobrirá a rectaguarda. A direita, estava o rio. O Alcantara ficou commandando uma grande divisão.

Cumpri a ordem — estendendo os meus vinte e tantos homens pela fechada matta; mandei occultarem-se atrás das arvores, e um delles, agíl e vivo, subir a uma arvore adeante da linha para espreitar o inimigo.

A minha gente era magnifica. Todos estavam attentos e calados. Eu passava de um ponto a outro, recommendando boas pontarias e pé firme, — quando a minha vedeta bradou:

— *Seu ajudante, os caboclos estão ahi.*

— Desce! gritei.

— Ouviu-se uma algazarra infernal, parecia um bando de loucos. Os nossos gritavam tambem. As folhas cortadas pelas balas caíam das arvores, como açoitadas pelos ventos do outomno. O combate, travou-se violento, na matta sombria.

Os paraguayos que appareciam, eram fuzillados. Os meus soldados resistiam bravamente. Havia um — o João Bispo da Egreja, dos sertões do rio S. Francisco, que não dava um tiro sem gritar: — Viva são Bom Jesus da Lapa. Tinha, assim, mais fé na pontaria. Chegou-se a mim um velho cabo da força do Alcantara, e me fallou baixinho, meio desconcertado:

— *Seu ajudante, os caboclos já estão na sua rectaguarda.*

— Cala-te — disse eu.

A matta nos favorecia. Chamei os meus homens e desfilei com elles para a margem do rio, tiroteiando sempre, e fui sair muito abaixo na picada, onde a grande divisão que me protegia, pelejava dizimada sob o commando de um sargento — o Sylvino — um bravo camarada. O Alcantara e todos os officiaes da sua força estavam fóra de combate. A lucta travada na estrada recrudesceu e não tardou muito os paraguayos virem sobre nós. A distancia que nos separava diminuia rapidamente: nós, a pé firme, acertando as pontarias; elles, avançando decididos e gritando. Viamos bem a faixa tricolôr das pezadas barretinas de sóla, as chapas dos talabartes esbranquiçados e as pontas das bayonetas, que scintillavam menos do que as chispas que despediam aquelles olhos tórvos e ameaçadores. O momento era solemne. Gritei: vamos a elles, á bayoneta, rapazes!

Que scena indscriptivel! Os soldados do Dezeseis pareciam uns loucos furiosos. Os paraguayos fizeram alto, attonitos: estavam perdidos; não contavam com a manobra; deram meia volta.

Eram os nossos então que gritavam. O sargento, ás gargalhadas, dizia, no encalço daquelles bravos, que fugiam em debandada: — agora é que se vê quem tem roupa na mochila. Uns soldados bradavam: — espera ahi, caboclo do diabo; e outros: — corre, se não te pego. E assim fomos perseguindo-os, até bem longe. Não sei a distancia, nem o tempo que isso durou. Tudo passa, em fogo, tão depréssa!

Muito adeante, avistamos uma grande força, que nos recebeu com um tiroteio cerrado.

Fizemos alto. Ella avançava. Eramos poucos e a matta cerrada. Facilmente seriamos flanqueados, e cortada a nossa retirada. Fomos cedendo o terreno passo a passo, fazendo fogo, sem deixar, porém, nem um ferido, nem uma arma. Foi uma retirada bonita! O Tiburcio, que estava empenhado em outros pontos, ouviu o nosso tiroteio bem longe e mandou-me dizer pelo capitão mandante, José Lazaro Monteiro de Mello, que me recolhesse ao batalhão. Mal acabava de transmitir-me a ordem, o illustre official recebeu um ferimento mortal. Foi a ultima vez que apertei aquella mão leal e amiga. Amparei-o um instante, até ser conduzido, moribundo, por duas praças para a rectaguarda.

Continou a retirada, sempre em boa ordem.

Aquelles soldados nossos estavam, naquella dia, admiraveis. Um delles, chamado Manoel Leandro, crioulo da Bahia, que estava a meu lado, gritou que estava chumbado. Fôra ferido no rosto por uma carga de chumbo grosso. Os paraguayos usavam, algumas vezes, esses projectis.

Quando cheguei ao batalhão, estava elle na clareira e a bôcca da estrada defendida por dous canhões da bateria allemã do Rio Grande, commandada pelo capitão Amphrisio Fialho, que tinha na mão esquerda uma carabina de sabre armado.

Para um e outro lado da estrada, viam-se os outros canhões, guarnecidos todos por esses valentes, que se chamavam Guilherme Von Steuben, Muller, Schmidt, Drauber, e que deramavam, cheios de fé nos esplendores da patria querida dos seus filhos, na terra da liberdade, o sangue generoso.

O verde-negro da matta tinha uns tons vermelhos, que distinguimos através dos nevoeiros do tiroteio: eram os paraguayos, avançando em grande numero. O Fialho os recebeu á metralha, que os varria incessante e inexoravel. Vi-o cair estendido junto á conreira de um reparo. Tinha um ferimento no quadril esquerdo. Lembrome bem, porque estava perto e fui eu quem mandou conduzi-lo para trás de uma arvore. Foi substituido dignamente pelo meu velho amigo Marciano de Magalhães, então 2º tenente e um bello e guapo rapaz.

Os canhões lançavam, fatidicos, a sua rede de metralha e a fuzilaria não cessava. A's vezes, parecia recrudescer nas fileiras inimigas. Talvez fôssem reforços que lhe chegavam.

Muitas vezes, arrojaram-se sobre nós. Crescia a audacia das arremetidas; mas, eram sempre repellidas. Parecia não ter fim aquelle torneio, cujo paladino principal era o Tiburcio, que observava, com visivel impaciencia, a espantosa liça.

Vi-o torcer, com força, a ponta do



bigode aloirado. Ia mandar a manobra decisiva, muito nossa conhecida no Dezeseis:—uma carga de bayoneta.

O corneta-mór deu o toque, e os outros o repetiram, vibrante, e os echos daquelles bosques tetricos abafaram alegres os sons tristes do chocalhar da metralha com as notas alviçareiras. O batalhão carregou terrível, levando tudo por deante.

Travaram-se combates em pequenos grupos e até singulares. Levámos muito longe os bravos adversarios, que deixaram o terreno juncado de corpos ensanguentados.

As nossas baixas fôram pouco numerosas. As forças, perseguidas, desapareceram na espessura. Voltámos á clareira, estendemos na frente alguns atiradores. Criamos não sermos mais incommodados.

Estavamos, porém, attentos e alerta.

Longe, bem longe, na volta da estrada, avistámos um homem com outro nas costas. Approximava-se o estranho grupo. Eram dois inimigos que se auxiliavam mutuamente, como o cégo e o paralytico da parabola divina. Um paraguayo carregava um soldado nosso, ferido, que nol-o entregou, entregando-se tambem.

Quem sabe o que se passava naquella pobre alma? Foi uma diversão agradável ao nosso espirito, havia muitas horas dominado pela forte tensão de impressões violentas.

Fomos mais tarde atacados e com grande vigor. O commandante, sempre calmo e attento, dispunha habilmente as nossas forças, procurando flanquear o inimigo e saír-lhes pela rectaguarda.

Ao Castello, confiou esse difficil encargo — coroado do mais brilhante resultado. Não chegou a cortar ao inimigo a retirada. Seguiu com os soldados da 7.<sup>a</sup>, pela margem do rio, abrindo-se atrás dos troncos e nas anfractuosidades da barranca, abaixados, calados, até surprehendel-o de flanco. Avançou rapido e debandou-o.

Ao Dezeseis couberam as glorias do dia. O tiroteio continuou sempre, porém menos nutrido. Ao caír da tarde, eu estava na estrada com a espada desembainhada na mão direita e na esquerda o revolver, cuja capa de sóla amarella com o bocal de bronze me pendia ao lado esquerdo, cobrindo-me o peito, descendo até á cintura e presa a tiracollo pelo cinturão, servindo de talabarte, quando senti um golpe fortissimo na virilha esquerda e caí estendido a fio comprido. Não perdi os sentidos, nem sentia dôres: levantei-me. A capa do revolver salvára-me: a bala batera no bocal de bronze, achátára-o como uma lamina, resvalára, rasgando-me a blusa e a calça, não penetrando nesse ponto de ferimentos mortaes. Ainda pude continuar, mas, no dia seguinte, só Deus sabe como

marchei, sentindo grandes dôres na região, toda inflammada.

Fiquei, neste dia, com o meu fardamento novo, comprado no Parecuê, todo esburacado. O bonet, a blusa, a calça, as botas e até a capa do meu revolver fôram baleados. O Antonio Faustino teve, depois, grande trabalho para coser tudo aquillo.

O Tiburcio ficou contentissimo com o Dezeseis, que mais uma vez confirmou os seus credits de disciplina e bravura. A sua satisfação manifestou-se na parte do combate, redigida por elle, em estylo terso e brilhante. Para cada official, tinha uma palavra animadora e narrava os factos com eloquencia. Os inferiores e soldados nunca eram esquecidos. Não me lembro, já lá vão tantos annos, sinão do que escreveu sobre o Meirelles, alferes do 3.<sup>o</sup> de infantaria, rapaz forte, loiro, corado, jovial e bem educado; era rio-grandense. O Tiburcio fez-lhe o seguinte elogio: «O alferes Meirelles, do 3.<sup>o</sup>, combateu no 16.<sup>o</sup>, com incrível audacia.» Ao Castello Branco, deu o que merecia o heroico capitão. Do ajudante, disse que se portou de modo a enthusiasmal-o. Esses documentos curiosos de uma epocha afastada, deviam ser publicados.

Referindo o que se passou nesse combate, que foi um dos mais encarniçados, exprimia-se, mais ou menos, nestes termos: «Sendo eu o primeiro official superior que desembarcou, dispúz as forças... *deste e daquelle modo*. O chefe, a quem fôra a parte dirigida, não ficou satisfeito com aquella franqueza e lhe disse amistosamente: «Porque não escreveste que fui eu quem te mandou? «Mas si tu não me mandaste nada?!... retorquiu o Tiburcio. E ficou nisso, e a parte seguiu ao seu destino. Elle confessava que lhe pezava immenso fallar dos seus feitos, mas si não o fizesse no principio da guerra, o obscuro filho da Viçosa, ficaria sempre ignorado. Talvez assim fôsse, porque o Castello Branco fez toda a guerra no posto de capitão, praticando prodigios de bravura e morreu sem ser promovido. O Luiz Maria de Oliveira, official distinctissimo, foi para a campanha em 1865, como alferes em commissão e voltou, depois da guerra concluida, sendo promovido, então, á effectividade deste posto. Era questão de sorte. Os *caiporas* não podiam lutar com o destino, que se voltava sorrindo a outros que não tinham, muitas vezes, o valor delles. Todo o Dezeseis soffria desse mal inexplicavel.

Nenhum regou mais de sangue a terra paraguaya, nem enfeitou de louros mais virentes a patria amada. Entretanto, outros ostentavam nas suas bandeiras a venera cobiçada do cruzeiro. A do glorioso batalhão ba-

hiano não se adereçava com as fitas honorificas de celeste azul, mas tinha os atavios honrosos das desbotaduras da polvora e os farrapos fluctuantes rasgados pela metralha. Nenhum dos teus irmãos, por maior que fôsse a sua fama, valia mais do que tu, meu Dezeseis querido. Todos sentiram, deslumbrados, os clarões das tuas glorias, agóra singelamente narradas á luz incerta da memoria do mais obscuro dos teus officiaes, mas, seguramente, um dos que mais te amaram.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

O RADIUM — O URANIUM — O MINERIO VERDADEIRAMENTE PRODUCTOR DA MATERIA ACTIVA.

São conhecidos os esforços empregados pelos esposos Curie para extrair o famoso metal, no estado de sal, dos residuos do pechblende de Joachimsthal. Considerando que a dose delle é infinitesimal, não excede de um decimo millionesimo no minerio mais rico, não admira a carestia do radium, que custa, actualmente, cerca de duzentos mil francos a gramma, e por isso não ha, em todos os laboratorios do mundo, mais de uma duzia de grammas.

Isto tem determinado pacientes pesquisas scientificas para encontrar o precioso metal em minerios mais baratos; essas pesquisas, porém, fôram, até pouco tempo, estereis.

E' facil de imaginar o alarma, provocado no mundo scientifico pela descoberta de uma jazida de pechblende em França, no Saone-Loire, nos arredores de Issy-l'Evêque, em Grury e, sobretudo, nos sitios denominados Dorains e Toulins.

Mr. J. Danne, preparador de Curie, na faculdade de sciencias da Universidade de Pariz, fez um estudo completo desses terrenos e a exploração já começou.

O minerio radifero encontra-se em certos terrenos saturninos, perto de Issy-l'Evêque. Vinte metros mais abaixo, fôram encontrados filões de galena, que, com os seus compostos de chumbo, é constituida por phosphatos, pelo pyromorphilo, pelas argilas saturninas, pelos pegmatilos. E' caracteristico que nenhum desses mineriaes continha uranium, quando, até agóra, só se observára a presença do radium nos compostos uraniferos, de modo que se chegou a pensar que o uranium seria o gerador real do radium. A ausencia do uranium no minerio de Issy, parece contrario a essa hypothese, mas não se pôdem ainda tirar conclusões definitivas, quanto á

genese provavel da substancia radioactiva, nas jazidas do Saone-Loire.

A capacidade do radium, em minerio, é muito variavel, e sómente fornece quantidades de bromureto radifero da grandeza de um centigrammo por tonelada, podendo variar de 0 gr. 0001 a 0 gr. 05. Nisto, consiste o perigo da exploração: não se sabe já-mais si o minerio colhido é muito rico ou muito pobre. E' tambem possível que o mesmo minerio encerre, egualmente, outras substancias activas, como o polonium, o actinium. Em todo o caso, o que parece certo é que a radioactividade do mineral nada tem com a sua composição. O mineral parece ser, apenas, o suporte do elemento radioactivo. E' mistér que elle tenha certa porosidade, sendo, portanto, a rocha compacta desprovida de radium. E' bom indicio que se apresente com um certo gráu de humidade.

A pyromorphite de Issi-l'Evêque encontra-se em filões estreitos, encastoados nas rochas quartzosas e feldspathicas, e esses pequenos filões são sempre muito humidos, o que se explica pelas numerosas fontes que irrigam o sólo saturnino, muito permeavel, em toda a região. Todas essas aguas são ricamente radioactivas, facto muito suggestivo, porque pôde conduzir a uma explicação da radioactividade do minerio.

Havia algum tempo que mr. Strutt assignalara a presença de compostos radiferos nos depositos das aguas thermaes de Bath, na Inglaterra. Elle admite que as aguas servem de vehiculo á substancia activa que se transporta das profundezas em que, provavelmente, jazem, em companhia do uranium, até á superficie do sólo. Continuando as observações de mr. Strutt, mr. Dauue examinou, minuciosamente, as aguas radioactivas da mina, com auxilio de mr. Laborde, da qual se pôde extrair um gaz com todas os caracteres da emanação do radium. Tratando um volume consideravel dessas aguas, se obtém um precipitado de uma actividade permanente, que sómente se pôde explicar, admittindo a existencia de um sal de radium em solução nessas aguas. Desde então, a genese da jazida de Issy-l'Evêque se tornou simples e conforme ás vistas de mr. Strutt: as aguas carregaram-se de productos fortemente activos, passando, nas grandes profundidades, sobre substancias uraniferas e radiferas e são esses productos os que ellas abandonam, no trajecto até á superficie da terra. Nesta hypothese, o minerio subterraneo, verdadeiramente productor da materia activa, seria tambem o uranium, evitando assim as contradicções com os primeiros conhecimentos adquiridos.

A presença dos mineraes activos,

nessa região do Saone-Loire, explica-se definitivamente, pelo facto de haver mr. Lacroix assignalado nos arredores de Saint-Symphorien de Marmagne, a presença do phosphato de uranium e de cal. E' possível que esses depositos superficiaes continuem, em profundidade, sob a fórmula de importantes jazidas uraniferas.

Como quer que seja, temos ainda o radium no terreno da discussão sob aspecto novo. A jazida, em questão, demonstra que, além dos minerios de uranium sempre raros, de tratamento complicado e dispendioso, será possível encontrar materias pouco ricas nas quaes a extracção do radium não apresentará grandes difficuldades. Parece que, nessa orientação, se descortina o verdadeiro roteiro da futura producção do mysterioso e preciosissimo metal, que, dentro em breve, descerá dos preços fabulosos, que tornam o seu emprego difficil, fóra do alcance das bolsas modestas e quasi um luxo dos laboratorios opulentos.

O nosso voto é que estas informaçoes possam animar a iniciativa de pesquisas para a descoberta do radium nas regiões brazileiras, tão ricas de varios minerios, infelizmente, quasi sempre revelados pela intervenção do acaso, como aconteceu com as areias monaziticas, de que tinham o privilegio certas regiões, muito reduzidas, do velho continente.



### As testemunhas no processo criminal

#### REGRAS ANTIGAS—PROBLEMAS NOVOS

Não é moderno o empenho dos legisladores e dos juristas no sentido de darem á prova por testemunhas o maior grán de credibilidade, escoimando-a de certos defeitos e submettendo-a a certas regras preventivas do erro e da mentira.

Defeitos materiaes e defeitos moraes, suspeições e motivos de recusa apparecem sempre os mesmos, nos mais antigos monumentos da legislação; denunciando-se, a cada passo, o reconhecimento da fallibilidade humana, quando posta em contacto com o mundo exterior.

E' assim que, em mais de um topico das Leis de Manú, se encontram sabias advertencias como as que se vão ler:

«Devem ser escolhidos para testemunhas, em todas as causas, homens dignos de confiança, conhecedores dos seus deveres, isentos de ambição; sendo desprezados os de caracter opposto».

«Não devem ser admittidos aquelles que são dominados por interesse pecuniario, nem os amigos, nem os inimigos, os

domesticos, os homens de reconhecida má-fama, os enfermos, os criminosos».

No mesmo ponto, obedecendo aos principios moraes daquelles tempos remotos e á organização social do povo hindú, se repellem os depoimentos dos artistas de baixa classe, dos actores, dos mestiços—o que, agóra, certamente, parece estranhavel. Entretanto, tambem se diz, allí, que não devem ser acceitos os depoimentos de um velho muito idoso, de uma criança, e de pessoas cujas faculdades estiverem enfraquecidas—recommendações essas que não nos repugnam.

Outrosim, se declara expressamente que não é de accetar o depoimento de um *só homem*—regra que ainda hoje está nos tratados e é attendida na pratica judiciaria.

Em todo caso—adverte o divinamente inspirado legislador hindú—quando o caso fór succedido em uma floresta ou lugar ermo, seja quem fór que o haja presenciado poderá depôr. Ninguem dirá que é absurda essa excepção, aliás encontrada, sob outra forma, nos nossos livros modernos.

Mais adeante, no mesmo capitulo das citadas leis indianas, se prescreve:

«é nullo qualquer depoimento dado por ambição, medo, amizade, concupiscencia, colera, ignorancia ou imbecilidade».

Em outro ponto, se recommenda que a testemunha deponha *voluntariamente*, pois o que disser, sob qualquer influencia, não deve ser admittido.

Si de uma antiquissima civilização de raça aryana, como a hindú, passarmos a outra de raça semitica, como a hebraica, reconheceremos, nas leis do processo criminal, o mesmo cuidadoso empenho de garantir o accusado contra as incertezas do testemunho.

Analysando uma passagem da obra erudita de Salvador, acerca da historia e civilização do povo de Israel, o grande jurisconsulto Dupin notava que todo o processo criminal do Pentatheuco assenta em trez regras:—publicidade dos debates, liberdade completa para a defesa, *garantias contra o perigo das testemunhas*.

Effectivamente, segundo o texto hebreu, uma só testemunha é nulla; necessario é, para formação da prova, que deponham duas ou trez testemunhas, dignas de fé. (DEUTERONOMIO, cap. XVII, vers. 6; cap. XIX, vers. 15).

Entre os Israelitas, a testemunha que dava a denuncia devia jurar que dizia a verdade; para prova da convicção que tinham acerca do delicto, as testemunhas eram as primeiras pessoas que golpeavam ou lapidavam o condemnado á morte.

No plenario, antes de prestar cada testemunha seu depoimento, era solemnemente exhortada a dizer a ver-

dade, só a verdade. Não podiam jurar, como testemunhas: a *mulher*, (por se presumir que não tinha força para dar os primeiros golpes ou atirar as primeiras pedras no condemnado); a *criança*, (por não ter responsabilidade), o *escravo*, o *homem de má fama* e a *pessoa enferma*, cujas faculdades mentaes estivessem alteradas. Demais, as testemunhas deviam dizer, com precisão, o mez, o dia, a hora e as circumstancias do facto, bem como deviam reconhecer formalmente o accusado.

No Direito Romano, como geralmente é sabido, estes principios e outros, já, então, bem separados das fórmulas religiosas, com que se confundiam no direito hindú e no direito hebraico, se firmaram pela doutrinação e pela jurisprudencia escriptas, passando, por intermedio dos glossadores, aos povos occidentaes. A persistencia dessas regras de processualistica romana através dos seculos, a immutabilidade dos seus termos, a prova do seu tradicionalismo, se encontra em uma obra, contemporanea da de Mittermaier e muito mais substancial, do advogado Giuseppe Brugnoli, DELLA CERTEZZA E PROVA CRIMINALE (Modena, 1846). Em pontos essenciaes, as doutrinas acerca das suspeições e imperfeições das testemunhas são, hoje, o que eram quando escreviam Brugnoli e Mittermaier, não differindo notavelmente das que esposavam os criminalistas Farinacio e Menochio, no seculo XVII.

Tire-se da famosa e moderna LOGICA DAS PROVAS, de Frammarino dei Malatesta o que ella contém de metaphysico e palavroso — o mais não é superior ao que, a proposito dos mesmos assumptos, se encontra em Brugnoli ou mesmo em Farinacio!

E' incontestavel, porém, que a obediencia a todas essas regras de processualisticas, aconselhadas pela experiencia secular de tantos povos, não tem bastado para, nos tempos modernos, evitar que a Justiça Repressiva commetta os mais lamentaveis erros judiciais, baseados no testemunho de pessoas insuspeitas e dignas de fé! Uma parte desses erros póde ser levada á conta de falsos depoimentos, prestados com o fim de, enganando os juizes, obter-se condemnação de innocentes. Para desgraça e descredito da misera creatura humana, já tão sobrecarregada de fraquezas e enfermidades moraes, as chronicas judiciais, registram casos desses, cheios de espantosa infamia. Entretanto, o que impressiona não é o falso testemunho, nem a denuncia calumniosa, como origem dos erros judiciais. Si fôsse facil ao juiz bem averiguar todas as qualidades dessas testemunhas, as condições em que

com os accusados e com terceiras pessoas, sua situação economica, seus prejuizos politicos e religiosos, certamente encontrariam serios motivos de suspeição, e, então, seus defeitos entrariam no quadro dos que auctores novos e velhos apontam, desde muitos annos, repetindo os Hindús e os Hebreus.

O problema é muito mais momentoso. Aparecem, quando se esmerilham erros judiciais e se lhes estudam as causas, testemunhas *judicialmente perfectas*, reunindo todas as qualidades exigidas pelo direito tradicional, e sem a menor intenção de offender a verdade e accusar um innocente, que, entretanto, narram factos contrarios á realidade, descrevem circumstancias e peripecias que nunca se deram, reconhecem creaturas que nunca viram!

Dessas testemunhas póde-se dizer que são falsas objectivamente consideradas; mas subjectivamente não o são, porque depõem o que a imaginação lhes representa como sendo a verdade. Em relação a ellas não têm efficacia, absolutamente, as velhas precauções do Processo Criminal, nem a sanção penal do falso testemunho lhes póde ser applicada, com justiça. Tentaremos averiguar, em outro artigo, as origens psychologicas dessa pavorosa e frequente calamidade, e quaes os remedios que a Sciencia e a experiencia judiciaria aconselham para tornar menos provavel sua repetição. O estudo é interessantissimo e tentador, sómente sendo de lamentar que, entre nós, já não tenha sido tratado por penha mais competente e valorosa.

EVARISTO DE MORAES.

### PAGINAS ESQUECIDAS

#### DIA D'ANNOS

Faço hoje annos, trinta annos! Que abandono!  
Ai! adeus, mocidade!  
Que eu sinto, ó primavera, que te invade  
O desconforto e a lividez do outono!

Paralisa-me a alma um tedio enorme.  
No meu quarto de estudo,  
Mappas, livros, paineis, retratos, tudo,  
Tudo parece que repousa e dorme.

Mais um anno de vida! Que epigramma  
Crivado d'ironias!  
Trezentos e sessenta e cinco dias  
Em que a morte me andou fazendo a cama  
No restolho das minhas alegrias!...  
Mais um anno de vida:—que epigramma!

Eu vou descendo a encosta lentamente.  
Que lugubres caminhos!  
Sumiu-se o sol cujo calor ardente  
Bebeu febril as aguas da corrente,  
Crestou as rosas e desfez os ninhos!

Nem perfumes, nem canticos, nem flores!  
Que solidões agrestes!  
Que carnaval de lividos horrores!  
Nem um planeta a orbita descerra!  
O' morte, quando é que tambem me vestes  
Um negro dominó feito de terra?

Como deve ser bom num dia d'estes.

Um grupo de creanças,  
Que erguendo os olhos limpídos, celestes  
Venham beijar o seu papá, sorrindo  
Com flores nas mãosinhas e nas tranças!

E para o quadro ser muito mais lindo

A mãe de roda dellas  
—Meu Deus, que bom!—risonha e delicada,  
Como una nuvemzinha illuminada  
A fluctuar em volta das estrellas.

E depois do jantar  
Vê-as correndo alegres no terraço.  
Ou a saltarem rubras de cansaço  
Nas sombras do pomar,

Em quanto a mãe, erecta, fina e grave,  
Assentada ao piano,  
Modula uma canção terna e suave  
Na sua vóz tranquilla de soprano.

Que lindo sonho! E vejo-me sósinho.  
E não tenho ninguem que me conforte!  
Ouço o vento a chorar, tragico e forte.  
Nos funebres chorões do meu caminho.  
As lagrimas da morte.

Vem-me seguindo vagarosamente,  
Num feretro pezado,  
A minha louca mocidade ardente,  
Meu triste coração despedaçado

A' proporção que os annos vão passando,  
Uma branca mulher desconhecida,  
Que eu sempre vi atrás de mim chorando  
No decorrer da minha curta vida,  
A' proporção que os annos vão passando,  
Váe-os ella no feretro lançando.

Essa mulher, a minha companheira,  
Com quem de noute muita vez converso,  
Que eu temo e que eu adoro,  
Lembro-me de a ter visto a vez primeira,  
De pé, junto ao meu berço,  
Quando chorei o meu primeiro choro,

Branca, assim como as esculpturas frias,  
Dos marmores pagãos,  
Pelas costas as tranças desmanchadas,  
E nas pallidas mãos  
O bandolim das minhas alegrias  
Com as cordas quebradas!

No silencio das noites estrelladas  
Canta, em dôces estrophes cadenciadas  
D'um rythmo tão sereno!  
A lenda dos meus sonhos côr de rosa,  
Que tem a nostalgia dolorosa  
Das balladas do Rheno!

Pois bem, essa mulher que me acompanha  
Chorando desgrenhada,  
Que temo e que bemdigo,  
Quando eu chegar á base da montanha  
Haveis de vê-la enfim, petrificada,  
Em pé no meu jazigo.

MACEDO PAPANÇA.

\*  
\* \*

### CONCURSO DE BELLEZA

Lisbôa foi hoje honesta. Saude-mol-a, nós que todos os dias lhe censuramos os erros e as tolices. Annunciára o Jardim Zoologico um concurso de belleza para meninas de 10 a 15 annos, com premios d'ouro, e exhibições plasticas, perante um jury de *cavalheiros entendidos*

Pois ao contrario do que se espe-

rava, só lá appareceram familias possuidoras de meninas fóra de concurso. Ao todo, umas quatro duzias de monstrosinhos, modestos, d'olhos baixos, com caras de gravuras do *Occidente*, e que, ao passarem rez-vez do jury, pareciam dizer-lhe angelicamente: — Não, nós não viemos cá ao cheiro dos premios, como muito bem prova a certidão que os nossos papás nos escreveram na figura.

— Nós viemos, mas foi p'ra ver os *bichos*.

Nesta palavra *bichos*, ironia das feias, ás bonitas, e ironia assim aos membros do jury, que fôram toda a tarde os unicos... expostos.

Em termos que o certamen de belleza, sobre não ter dado ao Jardim a enchente cubiçada, inda por cima invertiu os tramites da festa, tornando-a num concurso proposital de fealdade.

Oh, é celeste a virtude — é celeste e consola — bello ou geboso o corpinho em que resida!

Toda a pequena burguezia de Lisboa comprehendeu d'intuito, felizmente, o quanto seria odioso expôr as filhas ao som duma fanfarra, por dinheiro, como nas feiras, e num local onde só é costume haver exposição de phenomenos e de cães. Porque, no fim de contas, que é um concurso de belleza? Uma prostituição sem posse, que, ao convergir sobre meninas de 15 annos — idade em que o sexo não hesita mais, e o character apprehende, das suggestões exteriores, o abstracto das suas determinantes de toda a vida — muito bem pôde tornar-lhes a formosura em idéa fixa, acarretando-lhes, por esse facto, todos os senões de mulher bella por officio, a começar pela vaidade, que as faz tolas, e a dar fim no exhibicionismo, que as faz adulteras.

Desgraçadamente, não faltam ás nossas raparigas factores de hereditariedade morbida, d'imitação, de meio, que, impossiveis de varrer ás vezes da educação da infancia, tão perigosas crises vem a produzir, na adolescencia.

Basta lembrar o viver promiscuo dos grandes predios de Lisboa, onde dezenas de familias apodrecem sob o mesmo tecto, em casas sem jardim, servidas pelo mesmo gallego e pela mesma porta, despejando os restos no mesmo barril, vigiando-se umas ás outras, sujeitas á alcovitagem das

creadas, pela manhã, na escada, ás horas da hortaliça; e não podendo chegar a uma janella, saír á rua, entrar num theatro, ler um cartaz, que logo trinta mil conspurcações lhes não façam pst! á attenção, solicitando-as, captando-as, resolvendo-as, como outros tantos dissolventes grosseiros do pudor das mães, de alvinitencia das filhas, e do recato austero do interior.

Mercê do clima e do regimen intimo da vida, a raça portugueza é precocissima.

Aos quinze annos, não ha rapaz, em Lisboa, que não tenha já um filho — de dezoito.

As meninas ainda ás vezes não téem largado as bonecas, eil-as já nubis, e subitamente roídas pela instinctiva suspeita duma funcção em que ninguém lhes falla, e ellas presentem já, no que lhe occultam.

Ponham na confidencia destas andorinhas, agóra, alguma dessas creadas de Lisboa, contractadas na agencia, e vindas de todos os *bas-fonds* do vicio eventual. Dêem-lhes por escola, em seguida, o pensionato da d. Andreza, num terceiro andar da Baixa, que cheira a iodoformio, e é, ao mesmo tempo, casa de hospedes. Abra-se-lhes a janella, por camarote dos espectaculos da rua. O noticiario dos jornaes por *Bibliothecas de Damas*. A Avenida por logar de folego e de passeio.

— Não é verdade que tudo isto basta ás impressionaveis, para exasperar nellas o sexo, e fazer ferver nessas doidejantes cabecinhas o desejo do sêr — complementar?

Expôl-as ainda por cima, num parque, exaltar deante dellas a carne — medeante premios e o exame clinico dum jury — que é isto, senão assentar cupula infame num edificio d'estimulos condemnaveis, que as pobres téem vindo a sentir levantar-se, dentro dellas (mercê das causas que atrás puz) e que ás *propensas* dará a noção de que a formosura é uma coisa que publicamente toma o passo á virtude, e que ter bonitos olhos é muito mais rendoso do que possuir bonitas qualidades?

Dahi, sob que aspectos estheticos ia o jury encarar, no concurso do Jardim Zoologico, esta noção abstracta da belleza? Que definido typo, e que modelo invocaria elle, para proclamar a belleza da menina Amelia, supe-

rior á belleza da menina Octavia? A que exames estava resolvido a proceder? Contentar-se-ia com as exterioridades simples, nada illucidentes, ou exigiria provas mais experimentaes? Como termos de comparação para chegar a um veridictum, o exame do jury limitava-se ao rosto, e seus annexos, ou premeditava... descer? E em qualquer dos casos ainda, os tramites desse exame eram simples actos de visão, ou exercer-se-á o testemunho doutros sentidos?

Os cavalheiros *entendidos* que o digam! Porque ha trinta meios de apreciar a belleza. A menina Dorothea pôde ter um rostinho de deusa, e ser coxa. A menina Claudia pôde ter beiços de preta, e uma dentadura deslumbrante. Respondam os membros do jury: no caso de terem de se decidir por alguma das duas meninas, far-lhes-iam abrir a bocca? revistar-lhes-iam as regiões locomotoras — com oculos, sem oculos? — avaliando da finura de pelle, por meio de festinhas corridas á flôr das regiões apreciadas, e do estado de firmeza dos tecidos, por via de beliscões e cocegas exercidas nos plexos sensiveis dessas regiões?

Porque tudo isto são factores d'apreciação, que era indispensavel interviessem conjunctamente no voto final de s. exas. Fallem, pois, com franqueza! Não se constitúe um tribunal dessa supremacia artistica, sem primeiro accordar num typo idéal de referencia, e num plano de indagações, destinado a aferir todas as examinandas pela mesma bitóla.

Pódem s. exas., os membros do jury. dizer-me, ao menos — que bitóla era essa?

Porque, emfim, elle ha milhares de modelos, milhares de typos. Ha a belleza loira, ha a belleza morena, a belleza pallida, a belleza rosea, a belleza sanguinea — fundada na sympathia (premio de consolação para as que nem são bonitas nem feias) — fundada na intelligencia (especie de refrigerio das horrorosas) — fundada sobre a carne, e que, espessando-se, como s. exas. muito bem sabem, chega ás vezes a identificar as meninas co'as vaccas, — peço desculpa — parideiras. Ora, o jury dos cavalheiros *entendidos* não aclarou sufficientemente estes detalhes... e

dahi, talvez, a retracção das familias possuidoras de meninas — nos casos.

Supponhamos agóra que os cavalheiros do jury são papás ( com certeza não são ) e téem todos, ou alguns, lá por casa, umas rapariguitas vivas, de 10 a 15 annos, mimosamente educadas no recato domestico, entre pudores familiaes, com o escrupulo e a austeridade de quem prepara, nesses implumes sêres, noivas idéaes, mães de familia immaculadas, idolos do lar, emfim, futuros e divinos. Tanto os cavalheiros, como suas respeitaveis consortes, andam constantemente ao de redor dessas adolescencias de filhas, vendo-as crescer e desabrochar, com o religioso orgulho de progenitores enternecidos da sua obra. Não ha palavra dubia que lhes não evitem, suspeita d'idéa má que lhes não poupem : são por toda a parte exames demorados, escrupulos sisudos, a respeito da escolha do collegio, da escolha das amidades, da escolha dos vestidos. Esta creada não tráz a carta limpa ? Recusa-se, não vá ella suggerir algum máu exemplo á nossa filha. Na casa das Lopes consente-se, ás noites, o gargarejo dum saíngento aspirante ? Evite-se immediatamente a intimidade dessas impuras donzellas com a nossa.

E um dia, voltam os cavalheiros da repartição, e dão subitamente de cara com os cartazes do Jardim Zoologico, annunciando que um grupo de mariolas, constituido em dictadura artistica, resolveu convidar as filhas de v. exas., a uma especie de bazar, onde as pobres pequenas figuram de prendas, haverão que sujeitar-se a uma prova publica ( qual seja, importa pouco ) que só costumam soffrer as escravas, nos mercados devassos do Oriente, e as prostitutas somenos, nas praias e estações d'aguas francezas, onde vão divertir-se os deboxados ricos de todo o mundo.

E' de prever que v. exas. entrem então em casa furiosos, e com um desejo violento de trez coisas : prohibir á familia a visita ao Jardim Zoologico ; reclamar da policia dos costumes o immediato arrancamento dos cartazes ; finalmente, ir ter com os membros do jury do tal concurso, e...

FIALHO D' ALMEIDA.

## O ALMIRANTE (26)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIV

A marquezia e d. Eugenia saboreavam, lentamente, as gulodices da sobremeza, regada com pequenos tragos do fino e velho vinho do Porto, uma joia de adéga, quando lhes annunciaram Dolores, que, muito apressada e, dessa vez, fatigadissima, penetrou a sala de jantar, como um gracil tufão de surah, impellindo uma onda de perfumes capitosos, uma exquisita fragrancia de mulher elegante. Sem articular uma palavra, beijou, carinhosamente, as duas senhoras e foi se desvencilhando do chapéo, das luvas, que entregou á mucama proxima e, depois de concertar com as mãos delicadas, brancas, de dêdos muito finos, armados de longas unhas de nacar, ponteadas e lustrosas como ferros de lança, sentou-se extenuada numa das cadeiras, a cadeira de Oscar, naquella tarde desoccupada.

— Perdô-me, minha querida marquezia — disse ella, com um longo suspiro de allivio — se perturbo este doce *tête-a-tête*. Eu passaria a noite mal se não viesse vel-a para lhe agradecer a collocação do Dadá. Era um dever, que eu não podia deixar de cumprir hoje, um dever sagrado.

— Você exaggera, Dolores — observou a marquezia. — Já jantou ?

— Eu? Não tive tempo. Vim da *matinée* e tive de fazer uma porção de visitas. E' verdade — accrescentou, voltando-se para d. Eugenia — lá encontrei as meninas, Oscar e a infallivel baroneza de Freixo com os respectivos chilikues: teve não menos de trez, provocados pela suave oscillação do navio. Está ficando muito desfructavel aquella bonéca allemã, com os seus dengues muito mal fingidos, que já me não impressionam. Imaginem as senhoras para que havia de lhe dar a telha: para ter ciúmes de Oscar. Chega a ser um escandalo.

E como lhe servissem uma sopa e um pedaço de frango assado, ella contiuiu, comendo:

— Que lhe parece, marquezia, semelhante destempero ?

— Caprichos de mulher bonita — respondeu a marquezia, sorrindo.

— Com certa desenvoltura de modos que não ficam bem a uma senhora casada — observou d. Eugenia.

— Ella não sabe respeitar as conveniencias porque é muito destituida — afirmou Dolores, apontando a testa, com o garfo de prata. — Aquillo só tem estampa, muito deteriorada pelos cosmeticos, pelos apertos de espartilho, com os quaes o lórpa do marido embirra, solemnemente, e com muita razão.

— Tem-se divertido muito ? — inquiriu a marquezia.

— Divertido é um modo de falar : estou em postas, moída, derreada com tantas festas. As minhas pobres pernas parece não terem ossos. Mas... afinal de contas, que fazer ? Quando a gente se mette na alta sociedade, fica compromettida a passar esmagada nessa engrenagem de deveres sociaes, o mais extenuante trabalho que se póde impôr a uma creatura fragil como eu. Essas festas aos chilenos téem sido uma verdadeira penitencia. O Dadá não supportou a pena de me acompanhar; deu parte de fraco por causa dos callos e lá está em casa saboreando a delicia de uns chinellos velhos. Que homem commodista !... Ah, como é doce a liberdade. A não serem esses abençoados callos, eu não estaria aqui; estaria em casa ouvindo um amavel, um edificante sermão sobre a inconveniencia de não faltar uma senhora, como eu, mulher de um magistrado, á bôda e baptisado, saracoteando por toda a parte. Não imaginam que catana é aquelle homemsinho pacato, quando lhe véem os accessos de prégador de moral.

— Que se diz de novo ? — perguntou a marquezia.

— Nada ou muita coisa, o velho boato cochixado por toda a parte, desgostos do exercito, reuniões do Club Militar... Eu, por mim, não me occupo de politica, mas posso affirmar que o governo não anda muito tranquillo ; suspeita alguma coisa escondida sob essa calma apparente... Ha pouco, disse-me um official que a policia estava de promptidão. Tambem é verdade que houve hoje uma prolongada conferencia de ministros, disse-me o Sergio de Lima, na rua do Ouvidor. Alguma coisa ha; não ha duvida...

A marquezia interrogou d. Eugenia, com um olhar de suspeita.

— Ora — disse esta — boatos, historias de politica.

— Deve ser isso mesmo — confirmou Dolores.

Mas d. Eugenia e a marquezia não participavam dessa despreoccupação : recordavam os presentimentos do conselheiro, cuja vista amestrada penetrava o fundo dos factos, arrancando-lhe revelações inesperadas. As palavras de Dolores, indifferente ás coisas importantes, combinavam, todavia, com o que, havia pouco, d. Eugenia dissera á marquezia.

— Mas afinal, — disse esta, num tom aspero de affeição — que pretendem os militares; que téem a censurar a esse governo que está reerguendo os nossos creditos de nação ; que aspiram esses partidarios da desordem, da anarchia ?...

— Que pretendem ? — tornou Dolores, trincando uma amendoa nos dentes, alvos e solidos.

— Sim, que pretendem? — insistiu d. Eugénia.

— A Republica — respondeu Dolores, seccamente — olhem, uma *valentina*...

Houve uma pausa solemne, como se aquella palavra fulminasse as duas senhoras: o bello rosto da marquezeta se contraíu numa expressão de horror e d. Eugénia empallideceu, num tregeito de repugnancia e como se vibrasse nos seus ouvidos uma impiedade absurda.

— Uma loucura — exclamou a marquezeta, alteando a voz.

— Um desastre — accrescentou d. Eugénia — Se isso viesse, por desgraça, a succeder, o povo se levantaria como um só homem.

— Para defender o seu monarcha...

Dolores não comprehendia a razão dessa subita exaltação.

— O melhor é não pensarmos nisso — disse ella, continuando a trincar amendoas — os homens, os politicos que se avenham como puderem. Heide consultar ao Dadá sobre isso. Será uma diversão para o sermão que me está aguardando. A proposito: uma amiga foi á mulher das cartas, que tem feito revelações verdadeiramente extraordinarias.

— Você acredita nisso? — perguntou a marquezeta.

— Não acredito, nem deixo de acreditar. A verdade é que ella tem feito assombrosos milagres de adivinhação. A minha amiga, mulher de um capitão, foi consultar a tal cartomante das cartas sobre o marido, de quem andava muito desconfiada.

— E' possível que gente de certa ordem desça a essas miserias!? — inquiriu d. Eugénia, muito admirada.

— Nós, mulheres, não perdemos, qualquer que seja a nossa posição social, as fraquezas do sexo; a superstição é uma dellas. Toda a gente fina do Rio de Janeiro é dada a feitiçarias: temos o coso do Juca Rosa, um horror, o caboclo da Praia Grande, um charlatão boçal, que realisa curas milagrosas... Mas... como ia dizendo, a minha amiga voltou da car tomante, assombrada: ella contou-lhe por miúdo a vida do capitão, os seus habitos, arrufos por causa de uns peccadilhos; penetrou a vida inteira do casal como quem percorre um livro, e chegou a afirmar que o marido estava muito compromettido com uma mulata, que o enfeitiçara com beberagens e sortilegios. A pobre senhora ficou passada de magoa, ouvindo a confirmação das suas suspeitas: ella notára que o marido andava tristonho, emmagrecendo a olhos vistos e muito indifferente.

Mas, estas bruxas que deitam cartas, nunca deixam o freguez desconsolado. Para compensar aquella terrivel revelação, ella affirmou que o capitão voltaria ao lar, muito arrependido e

muito amiguinho da esposa, isso depois de passar por muitos perigos de...

Nesse ponto da narrativa, Dolores chamou a attenção das duas senhoras, para a parte relativa ao objecto das inquietações politicas. A marquezeta era toda ouvidos; mas, d. Eugénia começou a cochilar, recostada numa poltrona.

— Perigos de vida, — continuou ella — porque ia haver, brevemente, no Rio de Janeiro, uma guerra contra o Imperador e os padres, na qual o bravo militar tomaria parte muito activa, e galgaria uma posição muito importante, sendo promovido.

— Mas, que tem isto com os nossos receios? — perguntou a marquezeta.

— A pobre mulhersinha ficou muito consolada e fez-me a confidencia das suas esperanças, fundadas no facto de andar o marido, havia dias, muito preocupado, muito mysterioso, recebendo em reserva frequentes visitas de officiaes, de inferiores, com ares de inquietação, que não podiam disfarçar. No dia 9, no dia do baile da ilha Fiscal, disse-me ella — o marido fôra a uma reunião do Club Militar e voltára a casa, extremamente nervoso, a passear de um lado para outro da sala de visitas. Que tens? — perguntou-lhe a pobre, tremendo de afflicção... Jogamos hoje uma cartada decisiva — murmurou elle — Váe ser decidida a nossa sorte. O exercito não póde mais supportar tantas humilhações e violencias. O homem, perturbado como estava, estoirava em confidencias á mulher e, entre outras coisas incomprehensíveis, sem nexo, deixou escapar que, naquella dia, o Benjamim Constant ficára com plenos poderes para resolver a situação.

— Será isso verdade? — exclamou a marquezeta, num tom energico que sobresaltou d. Eugénia, quasi adormecida.

— Eu não sei se é ou não verdade, querida marquezeta: conto, fielmente, o que ouvi. Agóra, numa observação minha: Notei, no baile da ilha, certa frieza, como se aquella multidão brilhante estivesse alli por formalidade, cumprindo um dever, e vexada com a presença do Imperador, que partiu antes da meia noite e depois de tomar a canja indispensavel. S. magestade passou por entre os convidados, que se erguiam respeitosos: não houve saudação colorosa ao monarcha. Além disso, foi, geralmente, notada a falta de officiaes...

A marquezeta, como se não ouvisse a observação de Dolores, caíra em funda meditação absorvente, lembrando que Oscar lhe communicára a mesma impressão, sem, todavia, dar-lhe importancia.

— Estão despeitados — ponderou d. Eugénia — com os actos de energia do governo.

Um creado annunciou o conselheiro, que appareceu logo á porta da sala de jantar.

— Muito bôa noite, minhas senhoras — disse elle, no tom habitual de cortezia e amabilidade — Vim em busca da minha cara metade...

— Ella fez o sacrificio de me consolar com a sua companhia: eu estava tão só e tão nervosa...

— Oh! minha senhora. E' sempre uma honra e uma delicia a companhia de v. ex.

— Nós — continuou a marquezeta — estavamos a matar o tempo, quando chegou Dolores. Conversámos, então, sobre os boatos.

— Que formigam por ali, assustadores ou ridiculos — accentuou o conselheiro. A situação é grave para um governo, que váe começar a sua grandiosa obra; direi mesmo: muito tensa; mas, dali para o que se suspeita váe uma immensa distancia.. Em todo o caso, o governo está apercebido para tudo, com importantes meios de defeza. Disseram-me que as forças da Côrte passaram esta noite sob as armas.

E, abaixando a voz, dirigiu a Dolores um olhar supplicante de segredo.

— Havia algo de serio, fundados receios, que se desvaneceram com a noticia de estar gravemente enfermo o Deodoro, indicado chefe dos descontentes, das queixas do exercito. V. ex., querida marquezeta, póde, portanto, dormir descansada.

A marquezeta concertou um sorriso de agradecimento ás consoladoras noticias; mas, o seu bello rosto macegado, que seria o de uma santa, se não o illuminasse o brilho satanico dos olhos, permanecia envolto na penumbra das preocupações tristes, dos presentimentos funestos, que a perseguíam, preocupações e presentimentos a projectarem as suas sombras no espirito de d. Eugénia.

Conversaram sobre varios assumptos. Dolores fez a chronica das festas, com a sua inexgotavel *verve*, mordente e ingenua, interrompida pelos commentarios do conselheiro, que lhe achava inexcedivel graça, mesmo quando ella, arrebataada pelo impulso da ironia, abordava assumptos melindrosos, ou um tanto escabrosos, aliás muito ao sabor dos costumes elegantes. Dolores tinha, além disso, a superioridade de saber conversar com homens, sem perder a compostura encantadora de mulher, com audacias que, em outras éras, seriam criminosas. Ella, na opinião do conselheiro, era um producto do meio, contaminado pelo veneno da litteratura franceza, inoculado pelos romances, onde predominavam licenciosos episodios de adulterios, de amores criminosos, uma litteratura licenciosa, symptomatica da degeneração de uma raça.

Às tentativas de partida dos seus hospedes, a marquezia lhe supplicava esperarem Oscar, cuja demora a impacientava, embóra lhe affirmasse o conselheiro que elle jantára em sua casa.

Afinal, foi forçoso ceder, quando a velha pendula do salão vibrou dez horas. Mandou atrelar o *landau*, e os trez partiram.

(Continúa).

---

## FARIAS BRITO

### VIII

Nota o nosso philosopho que o proprio Ribot, cuja isenção espiritual é realmente digna de um pensador, não soube evitar o erro commum em que têm caído os mais notaveis representantes do pensamento moderno: o erro de considerar a philosophia *como simples metaphysica, nada mais*. Julga Farias Brito, e no meu entender com toda razão, que isso é absolutamente inaceitavel. O que me parece é que o auctor da *Finalidade do mundo* complicou muito e fez muito confusa uma questão que, em poucas palavras, pôde ser posta em irrecusavel evidencia. Creio, por isso, que o capitulo VII — *Metaphysica naturalista* — é, de todo o 1º volume, não direi o mais fraco, mas o menos substancial. Já aquellas duas palavras associadas nos impressionam mal. Sabe-se o que pretende o auctor gerar no espirito de quem o lê; mas, incontestavelmente, de prompto se repara que ha, quando menos, ahí uma impropriedade de dicção ou de termos. Natureza e metaphysica parece que são, no mesmo gráu de physica e metaphysica, perfectos antonymos. O proprio Farias Brito define a metaphysica — a sciencia sob cuja alçada cae tudo aquillo que não pôde ser explicado mecanicamente. A definição é nova, não ha duvida; mas, ainda assim, *metaphysica naturalista* não diz bem o que está no pensamento do nosso philosopho: ahí ha mais ainda do que impropriedade — ha redundancia. Impropriedade, si se toma o vocabulo *metaphysica* na antiga accepção: redundancia, si se prefere o sentido que lhe dá o auctor.

Ora, si, como diz elle, a «metaphysica é a sciencia dos phenomenos que não são physicos» — pergunto: que vem a ser então *metaphysica naturalista*? Vem o auctor ao meu encontro e explica logo que os phenomenos psychicos não estão fóra da natureza. Está direito; mas, então para que *metaphysica*? Não é exacto que nada temos a lucrar com estas mudanças arbitrarías no valor de palavras, ainda mais daquellas que são classicas na tecnologia scientifica? E não seria tão facil e tão simples, em poucos periodos,

resolver toda a controversia, que chega a fazer-se amofinante, tratada em sete grandes paginas — resolvel-a separando ou discriminando todos os phenomenos do universo em *subjectivos* e *objectivos*, em phenomenos de *intelligencia* e phenomenos de pura *dynamica* ou puramente mecanicos? E não teriamos assim reduzido toda a philosophia a uma unidade perfeita, acima dessas infinitas disquisições sobre pontos de vista? Sabe o nosso philosopho que foi, partindo dessa unidade, que o grande mestre de Koenigsberg chegou ao vasto e admiravel *causalismo* que ajuda hoje o nosso espirito sanciona, quasi sem reservas. Kant não concluiu da philosophia a metaphysica e é um lapso deploravel suppôr que as segundas categorias de conhecimento — as do juizo — escapem á metaphysica ou aos phenomenos psychicos. Para o critico da razão pura, a natureza não acaba no que incide sob a nossa visão.

E tanto mais me julgo auctorizado ao reparo que ahí fica, vendo, ao cabo de longos argumentos, o auctor a dividir todas as sciencias em: — *sciencias physicas* — as que têm por objecto o movimento e todas as suas condições e modalidades, desde o espaço e o tempo até as operações biologicas; e *sciencias psychicas* ou a metaphysica propriamente dita — que tem por objecto os phenomenos de sentimento, conhecimento e acção.»

Devo notar, com toda a franqueza, que o espirito do philosopho cearense me deixa, ás vezes, uma certa anciadade por desvendar-lhe uns certos... mysterios. A minha consolação é a esperança de ler, em breve, o III volume da *Finalidade*, no qual Farias Brito se váe completar certamente. Desejo muito e muito ver bem onde chega o operoso pensador, tendo partido do ponto que assignala e abrindo o vasto horizonste em que nos deixa.

Isto noto eu principalmente, quando me encontro com o espirito do nosso philosopho em certos trechos deste 1º volume. A pagina 95, por exemplo, quando discute ainda a definição de metaphysica, estranha Farias Brito que Schopenhauer (por quem aliás sente uma grande admiração) tivesse observado aos *naturalistas* «que toda a coisa physica é afinal tambem metaphysica.» Acreditar-se-ia que nessa phrase do pessimista incomprehendido, tinha o pensador cearense encontrado a fórmula do seu pensamento. Mas, Farias Brito oppõe logo: «Aqui a contradicção é patente.» Contradicção? Por mim, pediria ao nosso philosopho que meditasse um pouco mais no asserto de Schopenhauer. Estou convencido de que havia de modificar a sentença. E o que me confirma esta certeza é a transcripção que algumas linhas adiante faz do profundo e subtil auctor do *Mundo como vontade*. E cre-

sce o meu espanto e mais intensa se faz a minha anciadade, quando, ao fim do trecho de Schopenhauer, diz Farias Brito: «Até ahí, muito bem; nada ha a rectificar.»

Não creio que o pensador cearense tenha profundado o pensador allemão, neste ponto.

A distincção que faz Kant da *coisa em si* e o *phenomeno*, parece que nada aproveita ao caso actual. Kant tratava ahí do *mundo objectivo* em relação com o *sujeito*, e não de distinguir ou discriminar phenomenos. E' intuitivo: a coisa em si — uma *pedra*, por exemplo, distingue-se do *peso* dessa pedra. Mas, Kant sustentaria, porventura, que considerar a pedra e o seu peso será o mesmo que considerar o cerebro e o pensamento?

De todo o capitulo, concluo que ha originalidade e profundeza notaveis nessas paginas; mas, que um juizo definitivo sobre a philosophia de Farias Brito fica dependendo da applicação do seu methodo, da *concretisação* das idéas que váe expondo nesses dous primeiros volumes da sua grande obra.

ROCHA POMBO.

---

## “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do 1º trimestre d'OS ANNAES.

---

«OS ANNAES» EA IMPRENSA  
BAHIANA

Andamos, já ha dias, muitos dias, em grande falta de cortezia para com a imprensa da Bahia.

Vejam os senhores: a *Bahia*, jornal que se distinguuiu, ultimamente, lançando a candidatura do sr. Ruy Barbosa, tem nos concedido a honra de trasladar para as suas desbordantes columnas, uma porção de escriptos que esta revista publicou. E o nosso collaborador mais alvejado por essa honra, é o sr. João Ribeiro, com quem o jornal bahiano assumiu o amavel teiró de o vulgarisar, o mais possivel. O nosso eminente collaborador está muito agradecido. Está claro que nós não estamos menos.

Nesse programma de gentilezas, véem por ordem e por disputa, o *Jornal de Noticias* e o *Diario de Noticias*. O primeiro nos copiou os artigos sobre o general Labatut, do sr. João Brígido. O segundo, mais frescamente, isto é, mais recentemente, copiou dos *Annaes*, numero 23, a *Cidade da Saudade*, de João do Rio.

Este balanço, a que procedemos com lagrimas de commovido reconhecimento, prova, de resto, quanto os *Annaes* merecem á rica imprensa bahiana. E, á maneira de excessivas bondades, os nossos opulentos collegas nem sequer dizem donde minam essas materias de tanta publicação. Tambem não era preciso. A cortezia dos nossos confrades váe a suppôr que toda a gente dispensa o aviso...

A gentileza, dest'arte, chega a ser até indecente.

## QUEM É QUE SE FIA EM SONHOS ?

A DOMINGOS OLYMPIO

## I

Laura... E' melhor que eu te diga  
 Quem era esta rapariga,  
 Que tinha apenas quinze annos  
 Quando esta historia começa,  
 E já virava a cabeça,  
 De sacros e de profanos.

Nem a propria Sulamita  
 Tinha uma côr tão bonita,  
 Os olhos que Laura tinha ;  
 Se não nascesse tão pobre,  
 Diria ao homem mais nobre :  
 — Tenho em frente uma rainha.

O manto dos seus cabellos  
 Descia-lhe aos tornozellos,  
 Envolvendo-a em ciume infindo,  
 Deixando os pés, dous pombinhos,  
 Espiando com os dous biquinhos  
 Aquelle rosto tão lindo.

Mais do que a Venus de Milo  
 Só tinha os braços. e aquillo  
 Que não tem nenhuma Venus  
 Que no marmore repousa,  
 Que tem de mais... muita cousa,  
 E muita cousa. de menos.

Para encurtar pormenores :  
 Era entre as moças melhores  
 A melhor da minha terra.  
 Por causa della os rapazes  
 Faziam continuas pazes,  
 Vivendo em continua guerra.

Quando punha as mãos no cravo,  
 Deixava o mais livre, escravo,  
 Os mais alegres, tristonhos,  
 Porque aquella rapariga  
 Tinha sempre uma cantiga :  
 « Quem é que se fia em sonho ?

## II

Sonhos que vêm e que vão,  
 Todos elles são apenas  
 O rumurejo das pennas  
 Das azas do coração.

Um dia vem, outro váe,  
 Este triste, aquelle bello,  
 E em todos sobe um castello  
 E um castello em todos cáe.

Laura, ao envez das demais,  
 Passava os dias serenos,  
 Sempre acreditando menos,  
 Sempre suspeitando mais.

Que a sorte é meiga e mendaz,  
 Traídora, quando é risonha.  
 E, mormente, quando sonha  
 Uma moça com um rapaz.

Laura, portanto, com dez  
 Sonhava, ou com cem, de sorte  
 Que, como a Estrella do Norte,  
 O mundo via a seus pés.

« Sonhei », dizia-lhe alguém,  
 « Comtigo dias risonhos... »  
 Quem é que se fia em sonhos?... »  
 Cantava Laura tambem.

## III

Era a mais simples de todas  
 E de todas a mais bella,  
 Fulgia como uma estrella  
 Nas mais escolhidas rodas.

Não eram setins, nem rendas  
 Que lhe davam formosura,  
 Laura fazia figura  
 Sómente por suas prendas.

Seus hombros nunca souberam  
 O que é calor de velludo,  
 Mas tinham seus hombros tudo  
 Que as ricas nunca tiveram.

Os homens vinham de longe,  
 Mas quando perto chegavam,  
 Os mais pandegos trocavam  
 O aspecto pelo de um monge.

Porque Laura, a todos rindo,  
 Laura de todos zombava ;  
 Se qualquer se apresentava,  
 Dizia a qualquer:— Bemvindo!

Mas no rosto da bregeira,  
 Havia sempre um sorriso  
 Que transtornava o juizo  
 Do pobre p'ra a vida inteira.

E os desgraçados tristonhos,  
 Saíndo, só se lembravam  
 Daquella vóz, que escutavam :  
 « Quem é que se fia em sonhos ?

## IV

A sua casa modesta  
 Parecia um palacete,  
 Quando havia alguma festa ;  
 Porém, acabada esta,  
 Roucava fóra o cacete.

Cabeças, pernas quebradas...  
 Cada qual no seu rabicho  
 Não calculava as pauladas,  
 Eram festas acabadas,  
 Pancada de criar bicho.

« Mas muito póde uma estina »,  
 Commentava o populacho,  
 Que pelo bom-senso prima :  
 « Ella — dormindo, lá em cima,  
 Elles — no páu, cá em baixo ! »

De manhã, os namorados  
 Estavam todos de molhó,  
 Cheios de pannos salgados,  
 Este com os queixos quebrados,  
 Aquelle cégo de um olho.

E Laura, de manhã cedo,  
 Dando alpiste ao tico-tico,  
 Pensava no Luiz, no Alfredo,  
 No Manduca, no Azevedo,  
 No Quincas, no Gil, no Chico.

E, alheia a todos, abrindo  
 Os labios sempre risonhos,  
 Ia á janella sorrindo,  
 A' meia vóz desferindo :  
 « Quem é que se fia em sonhos?... »



## A BATALHA DE MUKDEN

A CAPITAL DA MANDCHURIA — A OCUPAÇÃO DE MUKDEN — O OBJECTO DO MARECHAL OYAMA — OS JUBILOS DA CHINA — A VICTORIA É DA RAÇA AMARELLA.

Mukden, que, em lingua mandchú, significa *a florescente*, a cidade sagrada, donde partiu, em 625, Nut-Chachú, o fundador da dynastia — a grande pura — ainda hoje reinante em Pekin, é tambem chamada Tim ou King — a capital, que, no dizer do imperador poeta Kien-Long, se distinguia das outras cidades, como o dragão e o tigre dos outros animaes.

Vista a vôo de passaro, a capital da Mandchuria é um rectangulo, cortado em cruz por duas ruas principais; uma infinidade de viellas, atravessando-se, parallelamente, em angulo recto, dividem-na como um taboleiro de xadrez; na intersecção das duas arterias, se ergue uma torre, tendo no vertice um tambor e um *gong*, que annunciam o principio e o fim do dia. Dois recintos, feitos, como muralhas babilonicas, de argila da grande planicie de alluviões em que está edificada, cercam a cidade: um tem dezoito kilometros de circuito e encerra o suburbio exterior; outro, de cinco kilometros, flanqueado de torres, em que o tijolo se mistura com a argila, protege a parte central, a cidade reservada, a cidade imperial, propriedade do imperador chinez e séde da vida administrativa e commercial. Nella estão os bazares onde se traficam estofos de sêda e pelles de animaes; nella está a residencia do principe mandchú, onde, outr'ora, se alojava o imperador da China, em peregrinação á cidade sagrada dos seus antepassados, onde, desde 1804, seu retrato, seu santo rosto, ceremoniosamente conduzido de dez em dez annos, os representa na solemnidade tradicional. Esse palacio, uma cidade na cidade, é coberto de telhas de porcelana amarella, a côr imperial.

A cidade européa, os quartéis da guarnição antes da guerra, o banco Russo-Chinez, os edificios do caminho de ferro ficam fóra dos dois recintos.

Varias agglomerações a cercam: ao norte, fica o centro industrial de Pekuan, onde se refinava o ouro vindo da Coréa; ao noroeste, a cerca de dez kilometros, estão os tumulos dos antepassados da dynastia mandchú, sitio sagrado, logar de veneração que, na occasião da occupação russa e da construcção de caminho de ferro, foi assumpto das mais delicadas negociações.

A Russia prometten mandar fazer uma grande volta na linha, para evitar a profanação do sólo sacrosanto; pro-

metteu deixar intactos os tumulos, respeitar as ceremonias do culto e da tradição.

Esses tumulos constituem dois grupos: Tung-Ling, ou os tumulos de léste, e Pouy-Ling os de oeste, erigidos num sitio encantador, de natureza luxuriante. Os arredores dos monumentos funerarios parecem um verdadeiro parque. Grandes arvores sombreiam longas alamedas ou caminhos orlados de flôres, desembocando em clareiras tapetadas de violetas, ou em valles atufados de vegetação exuberante. Segundo o rito habitual, os tumulos não comprehendem, sómente, os monumentos em que repousam os antepassados no derradeiro somno: do recinto funerario fazem, tambem, parte os templos. Além das portas para Tung-Ling e Tay-Ling, construidas pelo plano ordinario do *ting*, dessa casa que recorda — pelo tecto arrebitado nos angulos, donde pendem caudas de dragão e campainhas de metal — a tenda primitiva das hordas errantes, se estendem longas e largas avenidas, orladas de enormes animaes de pedra *stylisada*: dragões, elephantes, camellos, que alternam com pinheiros seculares. Uma ponte de marmore com balaustradas, curiosamente esculpidas; além, um arco monumental de pedra dão accesso a um pateo quadrado, depois a um outro, separado do precedente por galerias cobertas. Esses são atravessados de avenidas de velhas arvores, povoadas de gigantes de pedras, de monstros careteiros, e retalhados por pequenos canaes de aguas limpidas, correndo sob pontes e balaustradas. Além da ultima galeria, se ergue o tumulo, o pagóde central, que contém, sobre o casco de uma tartaruga colossal, a pedra commemorativa, de um altura de dez metros, onde se relatam as façanhas e os titulos de gloria dos reis defuntos. E, nessa cidade da morte, cuja sumptuosidade excede aos caprichos de uma arte phantastica em riqueza, luxo e encanto, reina o silencio, apenas perturbado pelo arrulho e o estalido das azas dos pombos sagrados.

\* \*

A occupação de Mukden seria um successo moral precioso, mas, sómente, um successo moral si o marechal Oyama, com a experiencia de Liáu-Yang e do Cha-Ho, se contentasse com simples vantagens geographicas e politicas: o seu objecto foi destroçar o exercito de Kuropatkine, on, pelo menos, desfechar-lhe um golpe que o desorganisasse.

No 10 de março, os japonezes occuparam a cidade sagrada, o berço da dynastia. Este facto repercutiu com uma forte impressão na China, rejubilada pela expulsão dos invasores bran-

cos, que profanavam os santos logares, havia cinco annos, depois de uma derrota desastrosa, elevando, para os chinezes, o Japão á categoria de nação mais poderosa do mundo pelo facto de vencer aquella que elles consideram a mais forte do mundo. Assim a victoria se considera a da raça amarella inteira.

Na Russia, o effeito dessa victoria foi contundente. Os mais optimistas declararam perdida a partida, sem probabilidade de desforra.

Encarando a situação creada pelo desastre, o *Novosti* escreveu: «Basta de victimas! Basta de cegueira e de illusões! A renuncia á nossa politica colonial no Extremo Oriente não constituiria uma humilhação para a Russia. O Liáu-Toung, a Mandchuria, não são territorios russos. A ilha Sakhaline foi outr'ora do Japão. Si fôsse necessario, para a conclusão da paz, supprimir o porto militar de Vladivostock, essa concessão seria ainda menos penosa que a renuncia, depois de Sebastopol, a manter uma frota militar no mar Negro.»

«Os problemas da civilização da nação residem no interior da Russia, que, em vez de se aventurar em conquistas, deveria renovar a vida do povo e garantir-lhe condições humanas de existencia.»

Contrastando com esses conselhos de paz, a imprensa radical se fazia espelho do despeito do functionalismo, desnorteado pela sorte das armas: surgiram amargas invectivas contra o generalissimo, homem imprevidente e fraco, que, assediado pelas preoccupações da campanha, pedia ao estado-maior que lhe mandasse romances; contava-se, para demonstrar o prestigio dos generaes, que um delles aproveitára a occupação de Mukden para se divorciar da esposa e casar com uma bella irmã de caridade. E, entre invectivas aos vencidos, o *Novoi Vremia* e o *Sviet* clamam pela guerra á outrance, para chegar, depois de uma victoria final, a uma paz garantidora das aspirações e da solução dos problemas seculares da politica russa.

Esses exaltados ignoravam a extensão, a gravidade do desastre, porque o estado-maior em S. Petersburgo se recusava a publicar informações sobre o funesto desenlace da batalha: sabia-se, apenas, que Kuropatkine pedia rezassem pelo exercito moscovita, e affirmava que este se mantinha em perfeita segurança. Não sabiam que o exercito, derrotado, impossibilitado de se fixar em Tie-Ling, marchava despensado pelos valles, na direcção do norte, sem saber si procuraria Kirim ou Karbine; não sabiam que os russos tinham cem mil homens fóra de combate; que prisioneiros, em numero superior a 40.000,

inclusive o general Nakhimoff, estavam nas mãos dos japonezes, e que, entre os despojos, figuravam duas bandeiras, mais de cem canhões, ou toda a grossa artilharia russa, 60.000 carabinas, 1.000 carretas de munições, 200.000 granadas, 25 milhões de cartuchos, 15.000 fardos de cereaes, 55.000 de forragem, 45.000 volumes de material de estrada de ferro de bitola estreita, 2.000 cavallos, cartas geographicas, 1.000 carretas de uniformes e equipamentos, um milhão de rações de pão, 7.000 toneladas de combustivel e 60 toneladas de ferro, além de grande quantidade de instrumentos, barracas, bois, fios e postes telegraphicos.

Sómente trez dias depois, se souberam na Russia as peripecias dolorosas do desastre.

\* \* \*

Os tragicos episodios da batalha e da retirada constituem uma pagina dolorosa, mas muito honrosa para o exercito russo.

Para escapar a um desastre completo, as forças de Kaulbars e de Bilderling tiveram de desenvolver uma energia, uma força moral de raros exemplos na historia.

A situação dos dois corpos de exercito foi extremamente critica, durante o dia 10 de março. Kuropatkine contava, para ganhar o tempo necessario á organização da retirada, com a resistencia dos entrincheiramentos ao longo do Hun-Ho, entre Mukden e Fouchoun. Na noite de 8 de março, ordenára ao seu centro e á ala esquerda se dobrassem sobre aquellas linhas, e, ao mesmo tempo, empregava um esforço prodigioso para desvencilhar a sua ala direita e obstar o movimento envolvente de Nogi. Mas, esse calculo fallhou: a offensiva energica de Nodzú e Kuroki o surpreendeu, facto que foi aggravado por um accidente climaterico. Os russos estavam certos de que o Hun-Ho, que estava degelado, demoraria os japonezes durante algumas horas; por uma fatalidade, porém, uma onda fria solidificou as aguas do rio, e elles o passaram sobre o gelo.

Na noite de 9 para 10, as linhas do Hun-Ho fôram atravessadas. Nodzú marchava, vigorosamente, para o noroeste, para apoiar as tropas de Nogi, que estavam a 10 kilometros ao norte de Mukden. No momento em que o grosso do exercito russo desfilava para Tie-Ling, não havia mais de oito kilometros entre os dous galhos da tenaz japoneza. Dos dois lados, baterias de artilharia cruzavam seus fogos sobre as columnas em retirada: dahi, as perdas enormes soffridas pelos russos; tendo os corpos de Bilderling e Kaulbars escapado, por milagre, a um completo anniquilamento.

A retirada das tropas de Linievitch

se operou em condições mais favoraveis, porque dispunha de uma estrada e de um caminho de ferro de Fouchon a Tie-Ling. Não tinha que temer os ataques de flanco, e podia, facilmente, conter, graças ao paiz montanhoso, a perseguição do inimigo. O movimento de recuo foi executado em perfeita ordem.

\* \* \*

Na opinião do correspondente do *Novroie Vremia* em Tie-Ling, o subito abandono de Mukden desmoralizou, profundamente, o exercito, que ficou desorientado pela rapida manobra de mudança de frente, produzindo terrivel confusão, impedindo os batalhões de entrarem em seus regimentos, os regimentos em suas divisões, as divisões nos seus corpos de exercito.

Foi forçoso abandonar uma parte da artilharia e das bagagens, porque dois esquadrões e uma bateria de montanha, depois da brecha feita pelos japonezes, tomaram posição nas elevações ao norte de Mukden; dominando a estrada mandarina, canhonearam as bagagens, provocando um panico tremendo entre os russos, que estavam estropiados, fatigados por doze dias de lucta contínua.

Os conductores abandonaram os comboios de bagagem, os parques, os canhões, em parte colhidos pelas tropas que vinham na rectaguarda.

O primeiro exercito, inteiramente desorganizado, bateu em retirada, em boa ordem, recuando e infligindo perdas consideraveis ao inimigo.

As tropas do general Rennenkampf se destacaram, notavelmente, nessa retirada.

Emquanto as tropas se reuniam e tomavam posição, o inimigo fazia alto a trinta ou quarenta kilometros de distancia, porque não podia continuar a perseguição, mas é provavel que empreendam um novo movimento envolvente.

O correspondente do *Russ*, em Tie-Ling, affirmou que os russos tiveram, na retirada, multiplas circumstancias contrarias, notadamente um furioso furacão, levantando nuvens de areia, que lhes açoitavam o rosto e os impediam de verem a cem passos adiante. A infantaria passava rapidamente em fileiras cerradas, através dos campos e das aldeias, envoltas em pó, onde os esperava uma saraivada de metralha.

Era um spectaculo medonho o combate de Santaizi, uma lucta desesperada de adversarios exgottados, a caírem de fadiga.

Os pormenores da retirada fôram notaveis feitos d'armas, mais renhidos, talvez, que a batalha campal de Mukden. Não se póde descrever, dizem testemunhas oculares, a perseguição tenaz e a resistencia heroica

dos victoriosos e dos vencidos, contadores condignos no heroismo.

## APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

REZENDE (José Severiano de) estylista vibrante, poeta de largos vãos, padre nas horas vagas. Nas paginas dos jornaes da tarde canta, quotidianamente vespuras, libertando o pensamento combativo dos espinhos da Critica, e erguendo-o, numa unção monacal, aos dulçurosos panegyricos de Doucos Santos e de Santas Advogadas. Mas, de certo, no seu extase, perturba o ruido do combate litterario e social, e cada uma das sete espadas que o illustre levita visiona no Excelso Peito, se transforma no florête fremente da controversia, e as linhas puras dos sagrados Icones, o colorido das bentas estampas, e o relevo das piedosas Imagens, provocam o olhar do justo e impiedoso critico, do temeroso demolidor de Egrejas. . artisticas. Tem uma alma de Inquisitor: se pudesse fundar, entre nós, um Santo Officio, não haveria um só heretico Petit que escapasse á purificadora fogueira.

\* \* \*

RODRIGUES (José Carlos) celebre por ser o director do *Jornal do Commercio*, o Grande Orgão, pilar do Estado, barreira contra a anarchia, defensor da massa conservadora e burgueza, digna curiosidade nacional, a par do Corcovado e do Corpo de Bombeiros. O sr. Rodrigues nada escreve na sua folha; entretanto, o seu espirito, amante da Ordem e da Estabilidade Publica, anda latente pelas massiças columnas, e sente-se uma vontade unica em todas as secções. Os telegrammas trazem os graves successos do Exterior e dos Estados, sem que nenhuma inconveniencia mostre a ignorancia do *mot d'ordre* em que acaso estejam os afastados correspondentes disciplinados. A *gazetilha*, em honrado portuguez, conta os crimes e os condemna, dá os fallecimentos illustres e chora entrelinhadamente a lacúua impreenchivel. As *varias* synthetizam a vida diaria fluminense, e, em linguagem sybillina, demittem prefeitos, apeiam ministros, elevam felizardos. Nos *a pedidos*, finalmente, o sr. Rodrigues testemunha os pugilatos quotidianos dos enfesados officiaes do mesmo officio, medicos contra medicos, politicos contra politicos, vendeiros contra vendeiros. Impassivel, domina os odios e ambições alheias, sem um momento traír os seus. A multidão admira-o...

PEDRO INNOCENCIO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. .... 20\$000  
 SEMESTRE .. .... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 17 DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O honrado presidente da Republica mandou communicar aos engrossadores de todos os feitos e procedencias que, até á abertura das Camaras, não receberia mais pela manhã.

Essa deliberação merece os mais calorosos e sinceros applausos; porque revela o intuito de isolar o chefe da nação do parasitismo, freguez matinal do andar terreo do palacio do Cattete, onde váe dar um ar da sua graça por servilismo encruado, ou para fazer acto de exhibição da intimidade com o governo.

A grande maioria desses visitantes matinaes não representam interesses de valia, nem são portadores de informações, de negocios importantes, que mereçam ser conhecidos pelo presidente, ou reclamem a sua esclarecida attenção ou justifiquem dispendio do seu precioso tempo, consagrado aos serios, aos transcendentos problemas da direcção do Estado.

Dessa chusma de visitantes, uns vão ao Cattete com informações falsas acerca das violencias, dos desmandos perpetrados pelos grãos-duques da politica dos governadores; outros levam, hypocritamente, queixas, muito graves, contra funcionarios federaes que estão *creando difficuldades*, isto é, contra homens de brio, que se não submettem passivamente á tyrannia dos régulos estadoaes. A's vezes, esse funcionario, perigoso para a politica dos governadores, é um pobre amanuense do correio, ou um telegraphista, muito compenetrado do dever de manter inviolavel o segredo da correspondencia dos adversarios; é um modesto funcionario fiscal sufficientemente ousado para lançar impostos sobre os proceres ou os apaniguados dos mandachuvas; é, finalmente um simples, um obscuro chefe de linha telegraphica, cujo salario, é cobiçado por um afilhado, sem meio de vida.

Ninguem melhor que s. ex. conhece os fins dessas frequentes visitas banaes, determinadas pelos pretextos mais futeis, mais baixos e mais mesquinhos, quando não significam mais que um innocente movimento de ternura pela preciosa saúde de s. ex., ou uma repetição do fervoroso apoio cego, da explosiva dedicação incondicional aos pensamentos, palavras e obras do governo.

Esses ultimos pódem ser classificados engrossadores mansos, que adquiriram o habito de se conchegarem, diariamente ao lar, donde irradiá o calor benefico, o centro da vida de tudo quanto existe debaixo do céu magnifico e sobre a ubertosa terra do cruzeiro rutilante.

Ha, ainda, uma perigosa especie de frequentadores: os encarregados, por gosto, vocação e principios, das insinuações perversas, os individuos desinteressados, amigos fieis da augusta pessoa de s. ex, os ingenuos vehiculos da intriga, da calumnia insidiosa, os porta-vózes dos boatos, os echos vivos da suspeita, canalizando todos para as altas regiões o filète ignobil da lia, dos residuos da protervia em delações sollicitas, murmuradas a medo, á pureza, como sinistros avisos dictados pelo mais accendrado e espontaneo amor ás instituições e á ordem publica.

Além desses intuitos subalternos, esses freguezes do Cattete miram o ineffavel gozo de lerem os seus nomes nos jornaes, de os verem transmittidos pelo telegrapho á imprensa dos Estados, que reproduz a noticia importante, sensacional, de ter o eminente chefe Fulano, conferenciado com s. ex. o presidente da Republica. Essas noticias, com os competentes adjectivos, constituem uma permanente consolidação de prestigio.

Cerrando as portas do Cattete, s. ex. lucra, pelo menos, dispôr de tempo para cuidar dos negocios publicos, e se preservar do contagio perigoso daquelles exploradores da notoriedade,

satellites imponderaveis, destacando-se, como pontos negros na photosphera do radiante planeta em translação quatriennial pelo firmamento do poder.

\* \*

No regimen presidencial, como sob as instituições monarchicas deve se manter uma zona neutra, delimitada pela intransponivel orbita de respeito, o supremo depositario da augusta magistratura nacional, para se isentar de frequentes, de intimos contactos familiares, que, quasi sempre, transformam o throno dos reis ou a cadeira dos presidentes em fóco de *cotteries* dissolventes.

O Marechal de Ferro, numa quadra anormal de temerosa crise, tirou os ferrolhos ás portas do Itamaraty e franqueou acesso á onda demagogica, que ia lambe-lhe os pés quando procuravam, ao despertar dos breves somnos, os deliciosos chinellos. Toda a gente, os representantes de todas as exaltações, como os portadores dos conselhos criteriosos, os delatores de todos os matizes e de todos os sexos, os patriotas de todas as temperaturas, eram intimos do palacio: penetravam por todos os cantos; entravam pela frente, pelas escadas escusas do serviço domestico; farejavam a sala de jantar; e, não raro, se viam, como se estivessem na casa do sogro, em permanente cohabitação com o chefe da nação, até na sala reservada ao despacho com os ministros, intervindo nas deliberações sobre os graves assumptos da politica, da defeza do governo.

Parecia que a democracia devesse ser aquillo, aquella promiscuidade irreverente, em assedio constante ao chefe supremo em trages menores, com o palitósinho de alpaca, pregado ao pescoço por um alfinete para desfarçar a ausencia da camisa.

Passada aquella crise, o acesso ao palacio entrou para o protocollo; foi

reduzido aos politicos incontentaveis, aos deputados, aos senadores, subordinados ao habito de apalparem a opinião do presidente, antes de darem conscienciosamente os seus votos. Em compensação, foi esmorecendo a praxe das audiencias publicas, até passar a ser uma das attribuições do secretario.

E ao passo que o presidente vive asphyxiado, monopolizado pela politicagem, embiocado na aspera investidura, como num cilicio, as suas relações sociaes são quasi nullas, tão reduzidas, que a familia do eminente cidadão parece exilada na desolação do pincaro do poder, privada das diversões saudaveis, e do affectuoso conforto da amizade carinhosa.

E' natural que, extenuado pelas exigencias dos amigos, o espirito conturbado pelas futilidades, consumido todo o seu tempo numa roda viva de injuncções intemperantes, de manifestações de excessiva fidelidade, de dedicação incondicional, o presidente se refugie moído, torturado, no recesso tranquillo do seu lar querido, incapaz de meditar, de trabalhar, de formar criterio seguro sobre os multiplos, os infinitos negocios dependentes da sua deliberação.

Era edificante a attitnde de Prudente de Moraes, sorridente de allivio, contando, no meio dos amigos sinceros, não voltados ainda para o sol que nascia, os dias, as horas, os minutos da libertação proxima: era um paciente de constrangimento legal esperando a hora do *habeas-corpus*.

\* \* \*

O presidente da Republica, como homem incumbido de coisas transcendentis, precisa de liberdade de movimentos, de tranquillidade de espirito, de conciliar os seus habitos de homem com a função do alto cargo. Para se informar dos negocios publicos bastam os ministros, os presidentes das duas Camaras e os relatores das respectivas commissões, excluidas, como medida hygienica, as confabulações com a chusma de deputados, de senadores, pedintes impertinentes, que nenhum concurso util levam ao aparelho governamental, verdadeiros piólhos de baleia, que lhe sugam a seiva e, afinal, perturbam ou inutilizam os movimentos ao monstro.

As opiniões, as idéas do presidente, sobre os graves negocios da administração e da politica, em vez de cochixados na torturante intimidade, devem ser transmittidos aos representantes dos outros poderes constitucionaes, ao povo, em mensagens, como convem ás democracias que vivem ás claras.

Tomemos como modelo as praxes norte americanas; não exigindo, todavia, que o nosso pachorrento presidente desenvolva a estupenda actividade do seu collega Roosevelt, cujo tempo chega, bem aproveitado, para redigir frequentes mensagens, verdadeiros primores de eloquencia civica, para fazer discursos nos clubs politicos, para domar pôtros, para excursões venatorias e outros sandaveis generos de *sport*, para escrever livros admiraveis, para governar, com inexcusable brilho, o maior e o mais complicado paiz do mundo, em vertiginosa marcha para as conquistas das supremas aspirações humanas.

Se o bravo commandante dos *rough-riders*, na campanha de Cuba, recebesse, todas as manhãs, deputados, senadores e a terrivel corja de *politicians*, se abrisse as portas da Casa Branca ao accesso diario dos pretendentes, se fôsse obrigado a receber visitas officiaes de agradecimento dos funcionarios, dos officiaes promovidos, ou de despedida dos removidos, ou incumbidos de commissões fóra da séde do governo, não teria tempo para nada; amolleceria victimado pela neurasthenia do engrossamento, e seria forçado a consagrar ao somno reparador os seus breves intervallos de liberdade.

Não aconselharemos ao honrado presidente brasileiro as cavallarias altas, nem os prodigios de actividade do extraordinario Roosevelt; mas que adaptasse aos nossos costumes as praxes de administração, o regimen da Casa Branca, de tão incontestaveis vantagens. S. ex. lograria libertar-se de canseiras, poupar tempo e conservar limpo o seu palacio.

A ultima medida de isolamento sanitario é digna de applausos: é pena que não seja definitiva.

POJUCAN.

Já a chronica de Pojucan estava em composição de prélo, quando a *Gazeta*

*de Noticias*, numa entrevista que teve um seu amigo com o sr. Campos Salles, publicou as seguintes palavras do ex-presidente, que illustram, superiormente, algumas considerações do nosso chronista, a respeito do mal empregado tempo a que é forçado o chefe do Estado, em attenção aos nossos interessantes politicos:

«Acho que não ha um só homem de consciencia que, tendo experimentado as responsabilidades daquelle posto, tome a iniciativa de promover a sua volta para lá. Cada um, quando muito, poderá imaginar a hypothese de que outros o façam, e talvez haja circumstancias em que a gente não se considere com o direito de suppôr que os outros não têm razão e a gente deve ser obstinado. Mas a verdade é que não ha nada que alli seduza, a não ser a satisfação de servir á patria. Esse prazer, porém, é a troca de todo o gozo da vida privada. Um homem passa a ser escravo: de manhã á noite, o tempo lhe é tomado pelos outros, nem sempre em coisas uteis; e tem de submeter-se ás praxes e aos habitos inveterados das relações entre os homens do governo e os homens politicos ou envolvidos, de qualquer modo, na vida publica. Todos entendem que o presidente não se póde negar; não resta tempo para a familia, porque até o seu convivio é partilhado pelas pessoas mais intimas, que não o deixam e não fallam sinão de politica e assumptos publicos. O palacio converte-se numa prisão; o presidente não sáe sinão em desempenho do cargo, e até o que parece diversão, como um theatro, uma festa, uma vez por outra, é também serviço, porque elle váe alli para ser visto, para dar character ao acto e quasi que não se póde absorver nas idéas que o circumdam.»

## O SENTIMENTO TRAGICO NO SEculo XIX

§ 5º

Cada poeta reflecte o mundo segundo o seu temperamento. O homem de natureza lyrica ou pastoril, ainda afogado no movimento de uma grande cidade, tingindo a vida ambiente com as côres do campo, transformará os rumores das ruas e dos cafés em sons longinquos de sanfonas e de gaitas de zagaes. As imaginações paradoxaes farão do drama intimo, da realidade

domestica e do debate social, o mesmo que o espelho concavo ou concavo faz da figura humana, — truncará os corpos e caracteres. As condições da existencia serão alteradas para representarem a vida como um espectáculo de figuras monstruosas. Os personagens, nesse theatro grotesco, parecerão chorar, quando riem, parecerão rir, quando choram.

O sentimento tragico, porém, retrata o mundo com aquella gravidade que Aristoteles exigia se desse por característica da obra d'arte, — a obra do vate por excellencia. Ora, o vate não ri, não chora, não trunca a natureza. Sincero interprete das paixões, que são os motores da vida humana, o poeta, o escriptor cuidam unicamente de estabelecer um nexu fulgurante entre os factos, postos em scena, em verso sonoro ou em prosa expressiva, e a imaginação do espectador, do leitor, que elle, pelo relevo da phrase, subleva da apathia vulgar até á fascinação do sublime.

Esse sublime, como por mais de uma vez tenho affirmado, — é inseparavel das grandes commoções politicas.

Tal qual succedem a Eschylo, ao Dante, a Shakespeare; o russo Dostoiewsky foi tambem arrancado da indifferença artistica pelo terrivel espectáculo do nihilismo que devastava a sua terra.

Raskolnikof é um novo Hamlet, saído, porém, da classe infima. Convulsiona-o o crime, atordôa-o a philosophia do seculo, subleva-o o mysticismo politico, angustia-o o problema da responsabilidade; e a vida desse personagem discorre através de dois volumes de torturas mentaes, sem que se saiba quem é o verdadeiro heróe — isto é, o culpado desse poema infernal, si o homem, si a philosophia, ou si a sociedade russa.

As figuras, que se agitam nas paginas d'*Os possessos*, são ainda mais terriveis do que essa grilheta da preocupação, da responsabilidade moral. A alma da sociedade russa treme sob o estilete do analysta genial. A sensação do irreparavel na vida humana, quando os sentimentos e as acções se desencadeiam, tangidas pelo latego da injustiça, anima o quadro que o romancista descreve no meio de clarões espectraes. E quando o espectador ou o leitor se recolhe em si, julga, é verdade, ter atravessado um pezadelo; mas, por certo, as figuras humanas, que viu alumiadas por aquelle clarão sinistro, fixam-se-lhes na retina para sempre. Depois de vistas assim, é já impossivel fazel-as voltar á opacidade antiga.

O mujick tem a tragedia dentro do proprio coração. Si essa tragedia passa da alma do mujick para a do burguez ou mesmo para a do filho do

boiardo perturbado pelo veneno occidental, a violencia da *psyché* recrudescer e explode. Surgem, então, estranhos personagens: Schatoff, Verkhovensky, Kirilof, Stavrogine.

A convulsão, deante da sphinge da autocracia, é sempre a mesma. Toda essa alluvião de desesperados, de furiosos, jura nas palavras de Raskolnikof:

«O homem extraordinario tem o direito, não oficialmente, mas *ex-proprio Marte*, de auctorisar a propria consciencia a transpôr obstaculos, desde que se convença da necessidade da applicação de uma idéa. Deste modo, si as invenções de Keppler e de Newton, em virtude de determinadas combinações, não pudessem apparecer sinão mediante o sacrificio de um, de dez, de cem ou de um numero maior de vidas, que se oppuzessem a taes descobertas, Newton teria o direito, direi mais, teria a obrigação de *supprimir* estas dez, estas cem pessoas, afim de que as suas descobertas pudessem ser colhidas da humanidade.»

A tragedia russa reside inteira na intensidade com que essa idéa sinistra penetra na alma do povo e quicá na das classes que cercam a ferocidade moscovita, encarnada em S. Peterburgo no vulto do czar.

A illustração serve, apenas, para incutir-lhes no espirito o antegosto da demolição. Os typos que se lhes apresentam são os de Lycurgo, de Mahomet, de Napoleão; e não ha mujick, familiarisado com as leituras de romances, e a quem tenham recitado as lendas destes homens, que se não julgue digno de emparelhal-os na soberana desenvoltura do character

— Todos os legisladores, dizem elles, todos os genios da humanidade, sem exceptuar um só, téem sido grandes criminosos. Todos elles, impondo leis novas, calcaram aos pés as leis antigas, — as leis que eram religiosamente observadas pela sociedade e oriundas dos antepassados. E taes bemfeitores da humanidade nunca encontraram repugnancia em diffundir o sangue dos outros, desde que os *outros* oppunham obstaculos á sua obra. Si tal é a verdade: si são criminosos egualmente todos os que saem da rotina, venham de cima ou venham de baixo; si não ha outro caminho a seguir, sinão o apontado, força é que aquelle que tem alguma coisa de novo para dizer aos povos, o diga, custe o que custar, esteja onde estiver, seja Alexandre, seja o infimo dos mujicks.

Permanecer, suplantado na trilha, que o carroção da sociedade vae abrindo através dos steppes da historia, é o que não se deve admittir. A alma livre, insurrecta, tem por dever não consentir na continuação dessa triste realidade.

E ahi tem o abysmo de dores, tragicamente infernaes, de onde o auctor da *Memoria da casa dos mortos* extraiu o seu drama pungentissimo: — a vida obscura e subterranea do homem que passa na rua coberto de andrajos.

Em todas as paginas de seus romances, relampeja o raio do knut, que não é só o vulgar chicote chumbado, que o cossaco sacode tangendo as multidões; mas, antes de tudo, significa a crueldade do tartaro exercida sobre a resignação christã da plebe submissa, quando a auctoridade presente nessa resignação um raio de luz occidental.

A obra de Dostoiewsky accentua-se ainda mais pela pintura, talvez inconsciente, do encontro definitivo das duas forças que, desde o seculo XVIII, trabalham a humanidade: o instincto de organização politica e a aspiração individual para a felicidade.

Por isso, affirmei que o grande escriptor russo antecipava a esthetica do seculo XX.

Em obra nenhuma, com effeito, o problema da responsabilidade moral se apresenta com côres tão tremendas.

Desta emoção profunda, nasce todo o modernismo em litteratura. A fórma ha de inspirar-se nella sob pena de ficar aquem do intuito esthetico. Empallescida pela preocupação da minucia de coisas reaes mal observadas, a fórma petrificar-se-á em gestos grotescos de um sublime, cuja expressão se não chegou a descobrir. O artista terá de contrair o habito da sensação superaguda, da hallucinação gerada pelo sub consciente, si quizer ser um artista como se comprehende hoje.

«A energia

Do discurso e da phrase não consiste No feitio das vózes, mas na força.» (1)

Esta força, que os classicos, da epocha de Garção, definiram, mas nunca praticaram, foi o desespero de muitos escriptores do seculo XIX, que se propuzeram a estylistas.

Não me refiro aqui aos maniacos rendilheiros de phrases, nem aos catadores de vocabulos cabalisticos. Alludo apenas aos artistas que buscavam, com furor, uma alma para o discurso, e se esgrimiam no intento de realisar por meio della uma comunicação entre a sua e a imaginação do leitor.

Alguns destes, na lucta com o meio prosaico, que os cercava, chegaram até ao sacrificio da propria saúde mental. Outros envenenaram o espirito nessa lucta e cuidaram ter encontrado na satyra lapidar a expressão, que o sentimento da tragedia humana lhes negava.

H. Heine é um exemplo frisante dos ultimos.

Coleridge quasi ensandeceu, tentando fazer passar para o seu estylo, os bulções que a philosophia e a ob-

servação da vida lhe desencadeavam na alma.

« — Brillhantes ilhas, encantadas e perfumosas! ilhas incendiadas de sol e bemditas de luz, ilhas da intelligencia!» dizia Carlyle, referindo-se aos raptos da sua imaginação. «Vi-as, mais de uma vez, saír da cerração, mas, infelizmente, para sepultarem-se logo nos abysmos circundantes.» (2)

A estes genios faltou a serenidade do espirito tragico.

Os idéalistas fatigaram-se mortificando o individuo no presupposto de uma classe de incomprehendidos. Racionalistas ou scepticos, como Bolingbroke, afogaram o tragico da existencia na ironia.

Os realistas afogaram a sociedade no determinismo absoluto do mal.

Quer uns, quer outros concorreram para lançar sobre o mundo christão essa atmospheria de pessimismo que paralysa a acção e retira ao sentimento do heroismo, as suas virtudes salutaes.

ARARIPE JUNIOR

(Continúa)

(1) Garção; *Obras. Satyra II.*

(2) Carlyle; *The life of John Sterling.*

### ESSE ANNEL!

Esse annel! Esse annel electrico do dr. Flanfler, annunciado por todos os jornaes, apregoado por todas as bocas, brilhando em dedos nervosos de almas castas, curando todos os males secretos e secretas intenções malevolas, não é mais um annel, é uma instituição na Republica!

Não ha por ahi escriptor bisonho, poeta caipora, homem de Estado sem sorte que, do fundo da sua intangível elevação, em momentos de apertos e de trabalho, á cata de um adjectivo revelador, de uma rima esquivia ou de uma rendosa negociata politica, os olhos supplices para Deus voltados, não os baixe, supersticiosos e esperançados, ao annel benefico. E não é só dizer que este consolo piedoso envolva apenas estas trez entidades distinctas (sem nenhuma verdadeira) distribuindo saúde e infiltrando socego. Não! Esse annel, na sua baratissima simplicidade, ampara desde a mais alta e inebriante dama até o mais pobre operario.

Ha por ahi dama preguiçadoramente molle, palpebras caídas, corpo esteril e cheiroso? Ha por ahi operario descontente e anarchico, querendo tudo destruir sem nada levantar? Esse annel cura, sem espalhafato, sem receitauario, sem visitas medicas. Cura com singeleza e amor, sem dôres, despretenciosamente, sem palavreado. Encostadinho e em volta

do anular, quieto, carinhoso, honradamente, esse annel váe melhorando os achaques nervosos e a desdita humana.

Ha por ahi marido colerico e intratavel? Mulher desabusada, de mão na cinturinha impicante e de beijo estirado? Esse annel refreia o impeto brutal e esmorece a irascivel postura.

Está porque esse annel é uma instituição fecunda!

\* \* \*

Dantes, mal o primeiro vagido soltára o recém-nascido, com os seus olhos ainda castos e fechados ás torpezas e mesquinharías do mundo, sem o perceber, sem o ter palpado e sentido, sem ser parte delle, já o *bentinho* com a effigie de Nossa Senhora lentejoulada na seda reluzente e nova, lhe pendia do pescoço novo, numa corrente de ouro fino, cuidadosamente guardada de geração em geração para esse dia de sobresalto e ventura.

Mal despertára elle ainda, no seu estado de salutar rudeza, entre os affectos paternos e os beijos amigos, e, logo, com a fôfa verdade da crença, o *taco de pilão roubado*, ronbado com astucia e silencio, e o *dente de cachorro*, lhe enfeitavam o corpo nú e puro, unctando-lhe felicidade e doçura e livrando-o do veneno dos máus olhados.

Já pela casa, festiva agóra, o alvo-roço das visitas regosijadoras e anciantes pelo *vinho do menino*, principiára, prompto e sarado á traição dos ventos malignos e dos olhos invejosos estava aquelle corpinho innocente! E não havia inveja nem olhos máus que o quebranto lhe deixasse, pois que lá estava a velar, com misericórdia divina, a divina misericórdia de Deus e da Mulher...

Naquelle tempo descuidado de tristeza e amor de obediencia e respeito, como consolavam os simples e os honestos (a maior deshonestidade que se conhecia, então, era a deshonestidade salvadora e multiplicadora de nossa Mãe Eva!) como consolavam esses amavios celestes, poderosos contra a maldade, contra a lascivia, contra as tentações, contra os transviados! Sim, contra os transviados, contra a lascivia, contra a maldade, porque apezar de toda a vigilancia da Fina Flôr dos Céos, existiam desses espiritos perversos atirados assim, desbriosamente, por experiencia, para que se aquilatassem as virtudes sinceras.

Hoje a civilisação, esta palavra tão magra, sibillante e emphatica a principio e tão gorda, retumbante e ferina ao fim, váe estragando todo o encanto daquellas deleitosas éras! Não é mais o fumo suffocante das palmas enfeitoadas ganhas nos Domingos de Ramos, irmãos meus, nem o dente respeitavel do nosso primeiro amigo, com

tanto affago e susto domesticado por nossa peccadora mãe, nem o taco do pilão roubado, com toda a sua dignidade de madeira augusta e serviçal, que nos livrarão dos assaltos repentinos de olhos canalhas e maliciosos, de labios pedintes e seccos, de seios palpitantes e suspirosos, dos microbios e das vaccinas. Não! E' o annel, a mais infima das descobertas, o mais degradante dos ornamentos, o annel, o mais torpe dos objectos de luxo, o mais imbecil dos enfeites, esse illustre annel do dr. Flanfler!

E dizer que houve tempo em que só o bentinho recebido das mãos finas e perfumadas dos ministros de Deus, o dente de cachorro ou o taco do pilão roubado, salpicados da santa agua do baptismo eram os fortes remedios dos males humanos! E dizer que todos nós, homens loucos, homens sensatos, moças alegres, respeitaveis matronas, estamos aqui, estamos precisando desse annel do dr. Flanfler!...

FRANCISCO SERRA.

### REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DO ESTABELECIMENTO AO SEGUNDO CHACO

Houve grande numero de feridos, cuja sorte não era digna de inveja. Os que podiam andar, seguiam pela estrada até encontrarem um dos navios da esquadra, onde se abrigavam; os outros, que tinham as pernas quebradas ou ferimentos de muita gravidade, eram transportados em capotes e mantas, servindo de redes ou em padiolas, alli mesmo improvisadas com varas e cipós. Estas cabiam, de preferencia, aos officiaes.

Os navios os levavam á lagôa Cierva, onde eram baldeados para lanchões, que os desembarcavam em terra. Dalli, carrêtas, ambulancias e galéras de artilharia os conduziam ao hospital em Parecuê. Aquella gente era forte, tinha a vida dura, mas não raros morriam nessas travessias.

Nos hospitaes havia, tambem, perigos e alguns bastante serios. A maior parte dos nossos medicos eram habéis e caridosos, mas havia um ou outro que causava arrepios aos nossos pobres camaradas. Um delles, não penssem que é phantasia, não, não é, estava uma vez de *dia* — e foi chamado por um enfermeiro para soccorrer um ferido.

Acercou-se do infeliz, que tinha o ventre aberto e os intestinos de fóra, palpitantes. Deixou o cigarro cheio de sarro, na *barra ensanguentada*, e, sem lavar as mãos, tentou de balde reduzir a hernia, rebelde e obstinada. Desanimado, abriu uma caixa de amputação, tirou uma faca fina,

longa, meio enferrujada; agarrou com a mão esquerda o intestino mais saliente; com a faca ameaçadora na direita, olhou para o enfermeiro, que fitava, espantado, aquella scena e perguntou-lhe: *Córto?*

O soldado respondeu: *Não, sr. doutor.*

— *Então arranja-te* — disse o cirurgião, e retirou-se.

O enfermeiro, mais pratico do que elle, introduziu os intestinos e coseu o ventre do infeliz.

Parece fabula, mas é a verdade com toda a sua nudez.

Esse cirurgião não era, felizmente, doutor em medicina. Reprovado no segundo ou terceiro anno, não me lembro bem, fez-se embarcação; depois, assentou praça do Corpo Fixo da Bahia. Teve baixa antes da guerra e voltou á Faculdade, alistando-se entre aquella briosa e benemerita pleiade de estudantes, que tanto ennobreceram a medicina patria.

Si os corpos dos soldados feridos corriam grandes riscos, não ficavam as suas almas, crentes e religiosas, livres dos temores das eternas penas. Os cirurgiões, ignorantes e sem alma, tinham os seus *homologos*, nos capellães militares. No meio dos abnegados sacerdotes que se chamaram Fidelis, Salvador, Seraphim e outros, verdadeiros discipulos de Christo, pela caridade evangelica, pela bondade sem limites e pelo valor, que dá a fé profunda, appareciam alguns, felizmente poucos, representando o que a humanidade pôde produzir de mais abjecto. Havia um, não lhe direi o nome porque todo o exercito o conheceu e delle se lembra com desgosto, que, si era chamado alta noite para dar a extrema uncção a um pobre filho do sertão, cheio de amor ao seu Deus e de fé na outra vida, em vez de palavras amigas de conforto para a derradeira viagem, lançava possêso e iracundo maldições como esta: *Váe para as profundas dos infernos. Estava dormindo tão bem e este diabo agóra é que se lembron de morrer.*

Esse padre morreu tambem depois da guerra no posto de capitão ou major, deixando memoria execrada.

Os pobres soldados, pobres amigos, rodeados de tantos perigos, passavam a vida asperrima, sorrindo e cantando, cheios de ardor nos combates e de fé, cada vez mais viva, no seu Deus de amor e de infinita misericordia.

No dia 3, seguimos pela picada, que continuava costeando o Paraguay, que corria á nossa esquerda. Marchavamos na mesma direcção do grande rio. Ouvimos dizer que nos iam reunir a uma força argentina mais abaixo.

De um e outro lado, erguia-se a muralha verde da matta e, através dos cimos frondosos, appareciam nesgas

azuladas do céu. Flanqueavam-nos pela direita alguns soldados, para nos prevenirem de uma surpresa. A esquerda, corria o rio bem proximo. Depois de algum tempo, não me recordo bem, chegámos a um ponto, onde a estrada se bifurcava, seguindo um ramal para o interior. Logo adiante, encontrámos, estendido morto com um largo ferimento no peito, um soldado argentino.

A sua bayoneta e a espingarda tinham desaparecido. Lembro-me bem; a sua physionomia, apesar da inchação, era sympathica; aquelle bravo parecia ter morrido sem odio. De sentinella, bem perto do seu rosto, estava um cãosinho, que não se afastou, nem ladrou quando passámos. Os soldados o chamaram, mas elle ficou na mesma attitudo melancolica. Era um exemplo de amor o daquelle irracional aos guerreiros triumphantes na vespera, que continuavam na sua faina de morte. Ninguém perturbou aquella ultima vigilia da amizade.

Mais tarde, fizemos alto para acampar.

Já estavam no logar outras forças, e a derrubada havia ameaçado.

O Dezeseis ensarilhou armas no alto da barranca do rio e espalhou-se pela matta, preparando o acampamento. Em pouco tempo, estava tudo limpo e as barracas armadas. O distincto capitão de estado-maior Julio Frota dirigia as obras de fortificação, onde trabalhavam fachinas dos corpos da columna, cujo commando havia assumido o general argentino Ribas, um dos chefes mais bravos do exercito alliado.

Outras fachinas descortinavam, a machado, foice e facão, a matta da frente, que mascarava as trincheiras.

Era provavel que os inimigos nos quizessem desalojar daquela excellente posição do Anday: assim se chamava o nosso acampamento.

A nossa permanencia era a quèda inevitavel de Humaytá, onde o Lopez ainda conservava respeitavel guarnição.

No dia 4, desde o amanhecer, continuaram em vigor a limpeza da frente e as obras de circumvallação do nosso campo, bastante extenso, pois era occupado por uma divisão. O terreno dentro do vasto recinto não ficou inteiramente descoberto. Muitas arvores, das mais magestosas, fôram poupadas. Os brasileiros occupavam as trincheiras voltadas para o Timbó—e o interior do chaco; os argentinos olhavam para Humaytá.

Os batalhões acamparam em columna de companhia. Os officiaes á esquerda e o estado-maior á direita na barranca do rio. A barraca do Tiburcio estava bem no alto.

Desde que chegámos, fôram postadas linhas avançadas cobrindo as nossas

forças. A longa pratica nos tinha aperfeiçoado nesse serviço. O fôso era largo e pouco profundo ainda. Um estreito caminho entre elle e a barranca dava passagem para fóra do recinto.

A tarde, o sol ainda alto, ouvimos um tiroteio na linha. Corremos ás armas e guarnecemos rapidos as nossas trincheiras. As avançadas retiravam a marche marche, e as fachinas, que cavavam o fôso e derrubavam a matta, entravam ennovelladas com ellas. Os paraguayos surgiram na orla da matta e, aos pulos, salvavam rapidos os inextricaveis obstaculos, que lhes oppunham os grandes troncos cortados e a ramagem dos galhos entrelaçados. Ao principio, o Dezeseis poupou-os, porque tinha a frente impedida pelos nossos, que se retiravam para a passagem da direita. Isto, porém, durou um instante. Rompeu, então, uma descarga formidavel e o fogo continuou volante, intenso e mortifero. O inimigo avançava resolutivo, sem vacillar um instante. O parapeito ainda estava muito baixo. Os soldados, de joelho em terra, ficavam descobertos. Os officiaes em pé recommendavam: poupem a munição; acertem as pontarias, e viamos os assaltantes caírem em montões. Chegou o general argentino Ribas, a cavallo, e postou-se perto de nós, calmo, grande, heroico, fitando os inimigos que avançavam. Ainda não tinham chegado á contraescarpa do fôso, mas não estavam longe. Ouvi um chefe dizer baixo ao Tiburcio: estamos sem munição. O commandante respondeu: temos bayonetas. Os inimigos avançavam sempre. Já se distinguíam bem os rostos morenos e as boccas negras de morderem cartuxos. Manobravam, estendendo para a sua direita, em quanto outros nos fuzilavam sem cessar. O nosso fogo já ia escasseando; alguns soldados menos calmos tinham queimado os ultimos cartuxos. O assalto e o combate corpo a corpo estavam iminentes.

Os nossos pequenos canhões La Hitte varriam, á metralha, aquellos valentes, que ora avançavam ora recuavam, sempre imperturbaveis. Um navio da esquadra metralhava-os de flanco. Aquillo já durava bastante. O sol já tinha descambado e as sombras da noite se espalhavam rapidas, cobrindo de meias tintas apagadas aquelle horroroso quadro. As linhas paraguayas vacillaram um momento e retiraram em franca debandada. O canhão e o fuzil continuaram, naquellas fileiras tão dizimadas, a sua obra medonha de destruição.

Já vinha anoitecendo e as cornetas tocaram a alvorada alegre — era o sol da gloria que raiava mais uma vez para o Brazil amado. O hymno nacional, repercutindo naquellas mattas, fazia vibrarem de entusiasmo as fi-

bras dos nossos corações e era, ao mesmo tempo, a marcha funebre de centenas de valentes, cujos corpos sem vida se misturavam com os troncos caídos e a ramalhada ensanguentada.

Nessa mesma noite, recolhemos alguns feridos, inimigos, acudindo aonde ouviamos um gemido ou aonde as folhas estremeciam a uma convulsão de agonia.

O Dezeseis deu uma companhia para as avançadas e quem foi postal-a — fui eu. O Tiburcio me confiava esse serviço, muito embora fôsem mais graduados do que eu os commandantes da força. Si partia um tiro das vedêtas, a pé pela matta escura ou a cavallo no campo descoberto, lá ia o ajudante sempre satisfeito saber das novidades para communicar-as ao commandante.

No dia seguinte, á hora de render o serviço da vespera, rompeu um pequeno tiroteio na frente. Parti, rapido, para lá. As vedêtas haviam atirado sobre soldados paraguayos, que vinham recolher feridos e se retiraram sem responder.

A nossa linha avançou um pouco e achou em um lago de sangue coalhado, um menino de cabellos louros, cortados á escovinha, olhos azues, branco como um sudario. Teria, quando muito, quinze annos. Perto, estava a perna cortada acima do joelho por um projectil da esquadra. O menino fitou-nos com os olhos amortecidos, e sorrindo, tristemente, disse em bom hespanhol :

— *Yo soy guapo.*

Pobre creança, já te cobriam as azas brancas do anjo da morte e ainda tinhas na alma singela a vaidade do teu valor !

Mandei buscar uma padiola e eu mesmo o acompanhei até ao nosso hospital improvisado. Nunca vi palidez como a sua. E que sorriso triste ! Morreu naquella mesmo dia.

Acho razão nos que affirmam que a guerra, falsa solução do problema da felicidade humana, é a forma mais brutal do mal. Nascem tantos goivos entre os louros regados pelo sangue dos heróes !.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(*Continúa*)

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O LENÇO QUE TU ME DÉSTE

O lenço que tu me déste  
Trago-o sempre no meu seio  
Com medo que desconfiem  
Donde este lenço me veio.

As lettras que lá bordaste  
São feitas do teu cabello ;  
Por mais que o veja e reveja  
Nunca me farto de vê-lo.

De noite dorme commigo,  
De dia trago-o no seio  
Com medo que os outros saibam  
Donde este lenço me veio.

Alvo, da côr da açucena,  
Tem um ramo em cada canto ;  
Os ramos dizem saudade,  
Por isso lhe quero tanto.

Esse lenço pequenino  
Tem dois corações no meio ;  
Só tu no mundo é que sabes  
Donde este lenço me veio.

Todo elle é de cambraia  
O lenço que me offertaste ;  
Parece que inda estou vendo  
Os dedos com que o bordaste.

Para o vêr até me fecho  
No meu quarto com receio  
Que m'o vejam e perguntem  
Donde este lenço me veio

Com os olhos nesses bordados  
Nem sei até no que penso,  
Os olhos tenho-os já gastos  
De tanto olhar para o lenço.

Se ás vezes lhe dou um beijo  
Guardo-o logo no meu seio,  
Com medo que desconfiem  
Donde este lenço me veio.

Nas lettras por ti bordadas  
Vem o meu nome e o teu ;  
Bemdito seja o teu nome  
Que se enlaçou com o meu !

Por isso o trago escondido,  
Bem guardado no meu seio,  
Com medo que me perguntem  
Donde este lenço me veio.

Quanto mais me ponho a vê-lo,  
Mais o amor se renova ;  
No dia do meu enterro  
Quero leval-o p'ra a cóva.

Vem pôl-o sobre os meus olhos  
Que eu hei-de tê-lo no seio,  
Mas não descubras ao mundo  
Donde este lenço me veio.

SIMÕES DIAS.

\* \*

### ENTERRO DE CHRISTO

Uns tantos homens, á hora em que os ultimos fimos do crepusculo da tarde cedem já ás primeiras trevas da noite, despregaram duma cruz o cadaver dum justicado, ungiram-no de perfumes, cingiram-lhe uma mortalla, alevantaram-no depois nos braços musculosos e levaram-no dalli pelas agras asperidades duma encosta e por entre as melancholicas oliveiras dum valle adjacente, até á espalda da collina fronteira. Chegaram e depuzeram-no lá.

Ao clarão da lua, que subisse lentamente no horisonte, seria facil distinguir então estas quatro coisas, naturaes, vulgarissimas : perto da

bronca elevação de uma rocha, que sombreava as claras ondulações daquelle terreno, o corpo dum pobre morto cingido nas dobras do seu lençol ; á curta distancia, a custosa remoção de uma pedra sepulchral a esforço dalguns homens ; um pouco adeante, o pequeno grupo dalgumas mulheres que soluçavam e gemiam ; e mais além, no alto dum monte, dominando tudo, os braços nús duma cruz solitaria, viuva do misero a que se tinha unido nos monstruosos esponsaes da morte legal. Depois, o cadaver passou ás sombras da sua gruta funeraria, a pedra rodou para o seu destino, e... mais nada.

As correntes murmuravam ao longe a eterna canção monotona do movimento das agnas ; as usuas vaporações da combustão nocturna fumavam ainda na cidade, disposta a reparar num somno placido forças gastas na fatigante labutação do dia ; e a noite começava a dar-se, despreocupada e livre, á celebração dos seus mysterios.

ANTONIO CANDIDO.

\* \*

### RELIGIÃO E TOILETTE

Acaba de passar mais este anniversario funebre de Jesus, e desta vez no meio de tão profunda indiferença, que dentre as demonstrações de lucto publico, a chronica apenas recolheu como mais notaveis, o espectáculo d'algumas egrejas illuminadas, na quinta-feira santa, como reles theatros, e a bandeira a meio-páu que um homenzinho da Pampulha poz á janella, por escarneo, entre dois grandes bouquets de rosmaninho.

A egreja perde effectivamente o seu logar, já não digo como fornalha da fé, mas mesmo como empresa e casa d'espectaculos. E o seu grande drama tragico annual—a paixão de Christo—com musica e canto, calvario no claustro, para os fieis, e brodio d'amendoas e vinho para os irmãos, na sachristia : esse grande drama lyrico, que por seculos foi considerado a obra prima do theatro papista—os proprios padres o confessam—começa hoje a tornar-se banal, pela immutabilidade dos mesmos effectos, e falta de logica do seu conjuncto scenico.

Antes dos progressos da litteratura e da musica dramaticas, que a Alemanha e a França radiaram para todos os escaninhos do mundo, pela maravilhosa inspiração dos seus artistas ; antes das renovações a que a sceno-



graphia artistica e a sciencia historica da *mise-en-scène*, trouxeram á arte de representar, os espectaculos catholicos eram effectivamente os primeiros dentre todos, pelo scenario apparatuso em que decorriam, pela atmosphaera d'idealidade e d'emoção que sabiam crear; e emfim, por essa docilidade supersticiosa e meiga do espirito publico, tão infantilmente preparado a accèptar as convenções impostas, que elle *via effectivamente* uma floresta, aonde o latim das Escripturas lhe ordenára que visse uma floresta, um pouco de sangue, no calix em que o celebrante apenas deitára vinho, e o prodigio da Resurreição dum cadaver, no dia em que o prégador gritava aos fanaticos, apontando o tabernaculo entorpecido numa catalepsia de trévas suggestivas do milagre:

—Vêde o Salvador do mundo que resuscita, e sóbe aos céos!

Não quero já fallar nas representações dos autos e dramas sacros, que estabeleciam proscenio sob as abobadas das cathedraes, e em cujo trama poetico se ennastravam as subtilezas liturgicas, com as mais obscenas realidades. Refiro-me apenas ás ceremonias de character essencialmente religioso, aonde tudo convergia a exaltar a supremacia de Deus, na materialisação tantas vezes grosseira desse primeiro actor do mundo que se chamou, o padre.

\* \*

Sob este ponto de vista, nenhum theatro da terra ainda soube provocar, como a Egreja, mais extraordinarias crises d'affectividade, e erguer a imaginação até mais inacessiveis cumes d'idéal. Allí tudo era grande, propositalmente grande, e tendendo á conquista da alma, pela voluptuosidade mystica dos sentidos. Na architectura dos templos, muitos dos quaes são Biblias de pedra, barbaras e refinadas, cheias de monstros e archanjos, de symbolos celestes e d'instrumentos de tortura, as ogivas só davam luz para a conjuncção dos grandes effeitos optico-dramaticos — desde a meia tréva que nevrotisa a alma numa confusão de mysterio, deixando aperceber as coisas em grandes vagos de calhos, evocativos, até aos triumphos d'apothose em que a plena luz alaga a magestade do santuario, passando através

dos vidros de côres, e tingindo a ara de todos os milhares de tintas cambiantes do arco-iris. Os movimentos tragicos do orgão deitam os canticos em tremulos de lastimas e soluços, que zoados d'alto, fazem sobre as cabeças como uma nevoa, aonde a miseria humana se arrasta sabujamente a lamber os pés da Misericordia divina. E depois a magnificencia das vestes e alfaias prelaticias, os brocados de flôres phantasticas, os reluzentes galões das sobrepellizes, as mitras fendidas ao alto, em cauda d'escorpião, e babando o brilho das joias historicas; as alvas caíndo direitas, em grandes pregas cobertas de renda; as capas d'asperges arrastando as suas lhamas d'oiro e matiz, e espanejando em cauda, nas mãos dos acolytos vestidos de purpura, que balançam thuribulos; os vasos d'oiro cinzelado, os pallios, os baculos, as ventarolas de plumas, os palanquins orientaes!

Durante sete seculos, o theatro de Jesus tem para assim dizer nas suas mãos, as redeas da emotividade universal, e os emperezarios manejam-nas a sabor do calendario, vibrando quotidianamente a corda dos affectos celestes e terrestres, numa altura d'arte, de que as egrejas e museus da Europa, ainda hoje conservam o echo enternecido.

\* \*

Emquanto a religião apenas teve que se queixar dessa indifferença mansa e respeitosa, que succede immediatamente á perda da fé, em pouco ou quasi nada o prestigio das suas pompas esmoreceu.

Os homens ainda tiveram generosidade com ella, por muito tempo, guardando pelo seu passado de mãe consoladora, aquella dôce estima nostalgica que nos inspira em velha, a mulher que nos deu na bocca os primeiros beijos. A analyse, que desthronou os santos primeiro que os reis, diluía-os nos seus reagentes, por pura curiosidade scientifica, sem os affrontar porém. E se passava na rua algum desses idolos, grosseiramente esculpídos que outr'ora haviam manejado as pestes e as fomes, conforme os fieis lhes pagavam dizimos ou não, o artista o mais rebelde, descobria-se, como rendendo peito a uma recordação da infancia, que prostrára na lagea dos

templos, muitas das afflictas cabeças de nossos avós e nossos paes.

Ai, tudo passa! O seculo anterior, que abolira o respeito, não conheceu como nós este estado d'esphacelo que se chama o escarneio, e que é uma perturbação psychica collectiva das gerações actuaes, nascida da convicção de que todo o esforço é inutil, e de que tudo á roda de nós estaciona, como nas primeiras edades do mundo, — peor do que nellas — porque estaciona, dando-nos a illusão de caminhar. Esta perturbação nos leva a demolir numa hora, o sylpho benefico, homem ou principio, que por um instante soube distrahir-nos da angustia das nossas dissecções sobre nós mesmos.

Assim com a Egreja.

Os padres tinham-nos promettido além da morte, a vida eterna, e nesta ficção quizemos ver sómente um desdobraimento material da vida que levamos. Veio a sciencia, que desfez este maravilhoso anhelos de sybaritas: e eis que nós apedrejamos os padres, que nos enganaram, como esses doentes condemnados, que escarnecem do medico, antes de fecharem os olhos para sempre. Se elles téem posto as innovações da arte, a mais diversa, como no tempo dos papas da Renascença, ao serviço dos seus maravilhosos talentos de comediantes, dispendendo co'as fórmulas do culto, uma magnificencia e uma imaginação rivaes das do theatro moderno, quem sabe se não haveriam retido ainda, por alguns annos, para a Egreja, a preferencia das multidões que vivem dia a dia, freneticas de presente, e apenas preocupadas de gosar! Mas persuadiram-se de que o prestigio da tradição lhes bastaria: deixaram de ser os patronos da pintura, da joalheria, da tapeçaria e da esculptura: libertaram os grandes architectos do seu jugo; consentiram que a musica fôsse vivificar themes profanos: laicisaram as artes: e repetindo annualmente os mesmos espectaculos, prégando da cadeira os mesmos vaticinios, esses antigos fascinadores perderam o encanto, tornaram-se enfadonhos, incomprehendidos, inuteis — como esses paralyticos que a gente vê pelos asphaltos, e cuja cadeira de rodas nos obriga a cortar a linha recta em que seguimos.

\* \*

Tal é a historia desta lenta agonia do mais forte colosso que tem dominado o mundo. Dum lado, o padre que deixou de ser a creatura d'escolha, transfigurada e subtil, com todos os perfumes da casuistica a mais fina, e todos os requintes da intelligencia, a mais transcendental. Do outro lado a multidão, cuja voluptuosidade se complicou, reclamando novos prazeres e novos excitantes. Ainda entre nós, por alguns annos, a mulher quiz interpôr-se á derrocada, com o seu admiravel instincto d'artista e d'irmã da caridade. Vimol-a então subir ao côro, para cantar nas missas e novenas, encher as egrejas de flôres, pretender dar voga ao mez de Maria, em S. Luiz, *capitonando* de sêda os bancos das egrejas, pondo *toilettes* de sensação todas as tardes, illuminando as naves dos templos com profusão de gaz, em ricos candelabros, e enfim misturando ao amor divino, como Santa Thereza, um rastrosinho de amor profano, e ao perfume do incenso evolado pelo crivo dos thuribulos, a tripla-essencia dos seus frascos de *Pivet e Sinettson*, directamente importada d'Inglaterra. Mas váe que os padres, que desde as Escripturas proclamam aquella mulher como origem de toda a iniquidade, ainda desta vez não souberam ou não quizeram comprehender a gentileza alada do seu esforço: e um patriarcha velho, egoista, sem familia, que estava tonto e se chamava Ignacio, expulsou das egrejas o radioso archanjo que vinha prestar a um moribundo os derradeiros alentos de vida, com a sua vóz de soprano, a graça das suas seducções, e o roçagante setim dos seus vestidos.

E chegamos a isto: mais de metade das egrejas de Lisbôa, fechadas durante a semana santa! Fechado S. Vicente, uma dependencia do paço patriarchal; fechada a Graça, que é o palacio da Ajuda do Senhor dos Passos; os Jeronymos fechados, a Estrella fechada.

E nos poucos templos em que se celebram officios, cem velas d'arratel nas bobechas do throno, homens castrados, aos guinchos no côro, d'arrear os cabellos — e garotos de rua, entrapados d'anjo, a pedir cinco-réisinhos para os entrevados!

FIALHO D'ALMEIDA.

## O ALMIRANTE (27)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XV

Dir-se-ia que o espirito da marquezia de Uberaba se librava, imponderavel, no vacuo silencioso, quando ella ficou só, recostada á ampla janella do quarto de dormir, aberta sobre o jardim, respirando a fragrança das rosas, das magnolias exuberantes, de largas petalas brancas, voluptuosamente desabrochadas á caricia do orvalho, e procurando, com avidos olhos, nas profundezas do espaço constellado, na luminosa poeira astral, o vestigio dos seus sonhos, das suas aspirações de mulher, volatisadas ao contacto das lagrimas amargas. Seu coração desolado, êrmo dos affectos essenciaes de esposa e mãe, necessitava de commoções violentas, atordoadoras, como golpes da fatalidade, de impressões que lhe contundissem as amortecidas fibras, de mortificações, que lhe attestassem a sensibilidade atrophiada.

A illuminação da rua fréchava através da sombria folhagem do arvoredado e reflectia nas palhetas de mica, que forravam as arestas dos penhascos, aprumados em muralha cyclopica, no fundo da chacara, onde um lamure rumor de cascata parecia um pranto interrompido pelo suspiro das rajadas intermitentes do terral embalsamado. Na rua afastada, ouviam-se, a longos espaços, o ruido aspero de carruagens, os passos de transeuntes retardados, contundindo os lagedos da calçada, palavras, phrases de carinho, entremeadas de gargalhadas irrompentes de labios femininos, denunciando algum par feliz, abrazado de amor, em busca do conchego do lar.

E, nesse contraste de luz e treva, de silencio e rumores, de perfumes suaves e capitosos, a marquezia, numa immobilidade attenta, imperturbavel, desfolhava o livro do seu passado; relia-lhe as paginas dolorosas e as paginas alegres, sabidas de côr, como as de um piedoso livro de orações, diariamente rezadas. Ella se comprazia em despertar saudades adormecidas, em exhumar recordações, em evocar phantasmas, em avivar circatrizes, para renovar a sinistra voluptuosidade das velhas maguas, para dar tons pejorativos ás impressões triviaes recentes, quando dos episodios tragicos de outr'ora, ella passava aos incidentes monotonos do presente, da sua vida de viuva, de mulher rica, sem as absorventes ternuras da familia, isenta das incertezas, do aleatorio da lucta pela existencia, libertada da compressão de interesses, de ambições que excitam as defezas e aggressões contra as contingencias do meio.

A marquezia necessitava de commoções fortes para por á prova a sua combatividade, as suas capacidades de resistencia. Como um delicado timbre de prata, ella precisava de ser contundida para vibrar.

Apezar da segurança com que lhe falára o conselheiro, alludindo á grave enfermidade de Deodoro da Fonseca, os boatos de rebeldia do exercito, de conspirações tramadas no Club Militar, as suspeitas de perturbações da ordem, havia muito presentidas pelo chefe de policia, o amigo Basson, se crystallisavam em formas monstruosas, tomavam exaggeradas proporções e geravam sinistros terrores, muito adequados aos incitamentos anhelados.

A ausencia de Oscar devera ser determinada por algum extraordinario incidente, que ella, em vão, tentára adivinhar; uma aventura de homem livre, uma exigencia do serviço o haviam, talvez, colhido, subitamente, ao deixar a casa do conselheiro, onde jantára.

— Quem sabe — pensou a marquezia — se voltou sem me avisar, e está, a esta hora, dormindo tranquillamente?

Ella não podia permanecer nessa incerteza torturante. Movida por subita resolução, deitou sobre os hombros um chale, e, accendendo uma lanterna cylindrica de prata e crystal, desceu, mansamente, ao andar terreo, estremecendo ao reflexo da tenue luz nas tapeçarias, nos moveis, cujas sombras phantasticas parecia moverem-se ameaçadoras. Sacudida de continuos sustos, como mulher amorosa obedecendo, timida, ás funestas attracções do peccado, foi com intenso impulso de coragem que ella atravessou o salão e chegou ao vestibulo, que dava para o jardim. As creadas, medrosas, haviam fechado, com as precauções habituaes, a porta, protegida por uma pezada tranca de ferro, que ella, difficilmente, maguando as delicadas mãos, extenuando-se pelo enorme esforço, conseguiu remover.

Ao chegar ao terraço, todo o seu corpo, aquecido no ambiente abafado da casa fechada, estremeceu ao contacto de uma onda de ar frio; a folhagem das arvores proximas se remexeu em prazenteiro rumor como se despertasse com a sua presença e lhe viesse ao encontro, precedendo os cães de guarda, que surgiram da sombra, rapidamente, e lhe brincavam em torno, irrequietos, ganindo, docemente, de alegria. A companhia daquelles amigos fieis tranquillizou-a e ella aventurou alguns passos até o principio da alameda, donde avistou o frouxo clarão de uma luz, através dos vitraes da porta do *chateau*, certificando-lhe que Oscar não voltára.

— Que seria? — murmurava ella, regressando ao terraço, sempre acom-

panhada pelos molossos, excitados de prazer, cercando-a numa ronda macabra de contorções, de saltos epilepticos.

De repente, ouviu-se o rumor de um cavallo em desapoderada carreira. Os cães estacaram attentos, focinhos erguidos prescrutadores, orelhas espetadas em attitude de alarma, precipitando-se com algazarra aggressiva para o portão, onde estacára o cavalleiro.

A marquezia estremeceu á vibração violenta do sino, tangido por braço possante, e quedou-se, encolhida de susto, na constricção de uma ancia sufocante. Ao segundo toque mais forte, ouviu-se a voz do guarda-portão estremunhado, bradar num accesso de máu humor:

— Lá váe. . Tenha paciencia que isto não são horas de vir acordar a gente com tamanho barulho.

— Vim da parte do seu capitão — respondeu outra voz fatigada, interrompida pelo ruido das patas do cavallo inquieto sobre os lagedos da calçada.

Mal gyrou nos gonzos o portão, a marquezia ousou perguntar:

— Que é, Sebastião?

— E' um soldado — respondeu o guarda-portão, surprehendido pela presença da patrão no terraço.

E logo se approximou o Sebastião, lentamente, arrastando os pezados tamancos pelo saibro da rua do jardim.

— Muito bôa madrugada, patrão. Não se assuste, v. ex.: é um cabo de policia, com este bilhete.

A' luz vacillante da lanterna, a marquezia leu, com voz entrecortada de angustia:

« 2 horas da madrugada.

« Fui chamado, com urgencia, pelo barão do Ladario, ao arsenal de marinha, onde estão o presidente do conselho e o ministro da justiça. Não tenha receio. Tudo váe bem. Mande-me, pelo portador, a minha farda, a espada e o revolver. Pela manhã, ahi estarei ou mandarei noticias.»

Oscar.»

Todos os tristes presentimentos accorreram, em desordenado tropel, ao espirito da marquezia, sacudida de commoção; mas, como se lhe avigorassem as energias á perspectiva do perigo, ella ergueu-se resoluta, recobrando a sua impavidez de mulher forte.

— Vamos; — disse ella, tomando a lanterna, — acompanha-me Sebastião. Vá buscar a chave do *chateau* — acrescentou para a sua mucama, que viéra sobresaltada pelo toque do sino do portão áquella hora.

E, ajuntando a acção á palavra, partiu na direcção da bella casa de Oscar, atufada no arvoredado sylvestre, preservado por Hortencia, quando se limpára a chacara. A marquezia ia na

frente; caminhava rapidamente, projectando a sua sombra esguia nas graciosas ogivas do bambual. Sebastião levava a lanterna e caminhava lentamente, muito indifferente á anciedade da patrão e resmungando colerico, revoltado contra aquelle inesperado incidente, que lhe cortára o pezado somno.

Aberta a porta do *chateau* pela mucama, que viéra correndo, a marquezia entrou com ella; estacou um momento, assaltada de horror deante das panoplias de armas exoticas, pendentes, em profusão, das paredes da sala de espera. A' luz abundante do bico de gaz espertado, aquellas armas reluziam em tons rubros, como se estivessem tintas de sangue e suggeriam aos olhos della a visão de episodios tragicos, de um combate encruento em que a figura do querido Oscar, entre o brilho de laminas aceras, ao lampejo de uma fuzilaria crepitante, ao ruido de gritos de colera e de dôr, se destacava heroica. Ella estremeceu, esfregou com as mãos crispadas os olhos, allucinados de afflicção; afastou do rosto os cabellos desgrenhados e, recobrando um impulso de valor, subiu as escadas, penetrou o quarto de vestir, onde a farda de Oscar e as armas estavam, sempre, conforme os habitos militares, preparadas para o primeiro alarma. A mucama dobrou, cuidadosamente, a sobrecasaca, o collete e as calças, accommodou entre essas peças o bonet.

— Anda depressa; amarra tudo isto nesta manta; assim, aperta bem. Não ha tempo a perder; vamos.

E, num instante, ella, cada vez mais agitada, desceu as escadas, brandindo, num gesto victorioso, a espada, que escapára da bainha de coiro negro, e fulgia desnudada, aggressiva; enveredou, rapida, pela alameda de bambús farfalhantes e chegou ao portão, onde um cabo de policia continha a custo o cavallo impaciente.

— Que aconteceu? — perguntou ella.

— Estamos de promptidão — respondeu o cabo, num tranquillo accento de quem não suspeitava a gravidade do momento. O 7º se revoltou e tambem a segunda brigada do exercito. Dizem que os batallhões navaes e imperiaes marinheiros tambem estão de promptidão. Nós, da policia, ha muitos dias que não sabemos o que é somno. As coisas não estão bôas.

— Bem, bem — retorquiu a marquezia, tiritando — Leve, leve já tudo isto...

O soldado recebeu o pacote da farda, a espada, o revolver, montou lésto, e partiu a galope.

Transida de frio, a marquezia volveu ao seu quarto e caíu extenuada numa poltrona, os cotovellos fincados sobre os joelhos, o rosto escondido entre as mãos hirtas.

— Meu Deus, meu Deus! — murmurou ella, depois de longa meditação afflictiva — Que terá succedido; que váe ser de nós, de Oscar?!

— A senhora precisa de alguma coisa — murmurou, reverente e timida, a mucama, que estava no quarto de dormir.

— Espera... Se eu pudesse?

Passou-lhe pela mente o projecto de mandar preparar o carro, de partir para a cidade, onde saciaria a anciedade, procurando Oscar no arsenal de marinha para se tranquillisar ou para testemunhar os acontecimentos.

— Não; não preciso de nada. Deixa-me; váe. váe dormir.

Esteve-se a marquezia naquella attitude de meditação, desvairado o espirito em conjecturas sobre o que se estaria passando áquella hora, factos sem duvida muito graves para determinarem uma reunião do ministerio no arsenal de marinha, onde, talvez se organisava a resistencia, o plano de dominação das tropas indisciplinadas pelos valentes marinheiros ás ordens de um chefe de prestigio, um amestrado almirante, como o barão do Ladario. Os marinheiros imperiaes permaneceriam fieis ao seu monarcha, ao governo, defendendo a honra militar enxovalhada pelo exercito, atordado e desviado dos seus deveres pelos deleterios vapores da demagogia. Ella ponderava, depois das mais absurdas deducções dos factos recentes, que um levante de quartel não poderia adquirir a intensidade de uma revolução, que não encontraria éco na alma do povo, das classes dirigentes, satisfeitas com o governo empenhado em reformas de subido alcance social e economico, na restauração do credito nacional, desenvolvendo assombrosa iniciativa industrial, fecundando fontes de producção donde já defluíam caudales de oiro. As classes conservadoras, que projectavam uma estatua de oiro ao presidente do conselho, não poderiam apoiar um movimento anarchico que interromperia, que annullaria essa prosperidade iniciada pelo energico impulso dos estadistas benemeritos. Além disso não se mudam, da noite para o dia, instituições radicadas por uma tradição gloriosa no coração do povo. A revolta de alguns batalhões seria uma explosão de descontentes que, quando muito, abalariam o ministerio. Mas ministros mudam-se, como peças gastas, que pódem ser substituidas sem prejuizo das funcções normaes do mecanismo politico. Ahi estava, cheio de prestigio, o conselheiro Saraiva para abafar as queixas com o seu liberalismo conservador. Havia, ainda, outros estadistas liberaes, capazes de resolverem a situação, por mais tensa e difficil, que se antolhasse.

Essas cogitações lhe occorriam em tumulto, aggravando ou attenuando os terrores dominantes no cerebro da marquezia, um tumulto de idéas em contraste com o silencio da cidade, adormecida em plena paz. Veio-lhe, subitamente, a solução da crise pelo terceiro reinado, iniciando uma era nova, sob a influencia da Princeza Imperial, apoiada no elemento abolicionista, na força da raça libertada, que jurára defendel-a até á morte. E, do horisonte sombrio, toldado de negras nuvens ameaçadoras, surgia aos seus olhos, como uma aurora, essa consoladora hypothese, concretizando o seu sonho magnifico.

Como promissor mensageiro dessa realidade anhelada, o dia dealbava destacando o recorte do arvoredado humedecido de orvalho. Frouxos clarões pallidos fôram invadindo o quarto pela ampla gelosia aberta. Lá fóra se ouvia a tosse do Sebastião, resfriado, quando abria o portão ao soldado; elle iniciava a régua do jardim praguejando contra o interruptor do seu delicioso somno. Passaros, despertados, pipilavam na folhagem densa. Na rua passeavam os transeuntes matinaes, turmas de operarios em busca do trabalho, conversando alegremente, levando ás costas os instrumentos da profissão. Contundiam as pedras do calçamento pezados vehiculos, puxados por bois somnolentos. Campainhas de vaccas de leite davam uma nota alegre a essa cacophonia dos rumores do despertar monotonico da população da cidade, indicando que a tranquillidade habitual não fóra perturbada.

(Continúa).

## ENTREACTOS

Um dia, numa sala muito culta, deante de veneraveis estantes de carvalho lavrado, onde se amontoava, talvez por ler e commentar, a phantasia dos seculos, eu disse ingenuamente, falando de Mæterlinck, que toda a gente admirava com frenesi, depois da *Vida das Abelhas*:

— O Mæterlinck desse livro é a ultima edição do primitivo artista. A mim, sempre me parece que o auctor da *Intrusa* era um vinho exotico e mysterioso, cujo perfume bastava para enebriar. A civilisação foi-lhe pondo a agua da conveniencia, e hoje ali temos o elixir da emoção rara, transformado em mel rosado, ao alcance de todos os paladares...

Depois desse terrivel paradoxo, tive um outro como consequencia, que deixou estatelados os diversos cavalheiros presentes.

— Oh! esse theatro representativo da alma e do cerebro, esse theatro que descorporifica os sentimentos e corpo-

rifica as grandes idéas vagas! Eu só conheço alguém que tenha feito coisa egual, o Coelho Netto do *Ao Luar* e do *Pelo Amor!*

Era no tempo em que alguns senhores tinham decretado os desastres de Coelho Netto, no theatro. O *Pelo Amor!* era um caso de delirio; o *Ao Luar* era uma coisa que fazia arripiar a gente, mas não prestava para ser representada. Os cavalheiros callaram-se, e eu tambem. E' muito difficil ir de encontro ao absurdo.

Ora, esse absurdo acompanha a evolução dramatica da maravilhosa phantasia de Coelho Netto.

O *Pelo Amor!* tinha num personagem de bobo, a condensação de todas as almas desesperadas desde Caliban até os descorçoados de hoje. Cada phrase dessa creatura, symbolo dos corações tristemente soffredores, era um rosario de lagrymas e de angustias, de laceradas verdades.

Acharam isso muito comico, emquanto a mocidade, sempre a mais justa mesmo quando commette injustiças, coroava de loiro o Artista superior.

Talvez os espectadores de Shakspeare não tivessem comprehendido Caliban, nem Cybelina nem o pobre rei Lear. Os espectadores de Hugo atiravam bancos á scena. Os de Coelho Netto riram depois. Era o cumulo da imbecilidade.

Mas, isso não desanimou a alma creadora. No nosso theatro, tudo está por fazer, desde os edificios proprios e decentes até os artistas. Não era natural que um publicosinho, cuja preocupação principal é ouvir a companhia lyrica e só applaudir as estrellas enchendo as salas do antigo Pedro II, para mostrar gosto e *toilettes* ricas, não era natural que esse publicosinho, viciado pela revista de anno, fôsse subitamente comprehender a elevação da Arte. Netto fez o *Ao Luar*, a tremenda tragedia, o dialogo crispante, que tem dos estranhos accordes da musica de Beethoven e vive na luz branca do plenilunio a tortura do impalpavel e do horrivel. Lucilia Simões fazia a scena com todos os seus nervos geniaes, e vel-a assim, vestida de negro, na sala escura, emquanto, nos jardins, os cães tristes ladravam á lua, vel-a no auge da duvida atróz e do pavor, era recordar a esplanada de Elsenor, era recordar o *Interior*, do artista belga, era recordar tudo o que a Natureza produz de extraordinariamente verdadeiro e que só a Arte fixa, porque não o pódem reter as almas fracas dos mortaes...

Os zoilos estarreceram; mas, de mistura com o despeito, surgiu a nova, a mirabolante idéa das peças irrepresentaveis. Que diabo! O sr. Coelho Netto escrevia chronicas, escrevia romances como o *Inverno em Flôr*, es-

crevia novellas como as do *Sertão*, escrevia comedias irresistiveis de graça! E ainda queria escrever tragedias!

Mas, esse homem não comprehendia que a Arte váe tomando ares de repartição publica, em que cada amanuense não passa de um certo numero de despachos, com a acceitação geral?

Então ficou decretado que as peças do sr. Coelho Netto são impregnadas de talento, que a phantasia polvilha os seus dialogos de grandes explosões poeticas, mas que o sr. Coelho Netto não escreve peças representaveis.

Foi inutil clamar, foi inutil o desejo de convencer. Não ha peças irrepresentaveis! Pelo processo de fazer theatro, com *trucs* e scenas de effeito, não existiriam obras primas de theatro. Nem no passado, Shakspeare e Ben-Jonson sabiam fazer peças, nem o theatro representativo do espirito moderno, Ibsen, Bjoëron, Gumar, d'Annunzio, Schuré, Rachilde, Mæterlinck das *Septe Princezas* e de *Pel-léas et Melisande*, tem a preocupação de armar theatro. Se houvesse peças irrepresentaveis, Antoine teria naufragado sem revelar os talentos mais jovens da França; Suzanne Desprès não demonstraria a sua aguda sensibilidade no *Theatro de l'œuvre*; Sarah não teria representado a *Cidade morta*, a Duse não restringiria o seu repertorio a d'Annunzio, Oscar Wilde não escreveria para Sarah a tragedia de *Salomé*, não teriamos, emfim, no theatro moderno senão a futil e decorativa carpintaria dos filhótes de Dumas e de Augier, que é de praxe considerar adoraveis.

Mas o absurdo teimava, e não é bom oppôr-se a gente ao absurdo. Ha talentos que mesmo condescendendo são cada vez mais brilliantes. Netto condescendeu, e o resultado foi a *Muralha*, em que os seus personagens, por mais terra á terra, dão á totalidade dos que os ouvem, a impressão de uma dessas tragedias burguezas imaginadas por Paul Hervieu, em que a Vida rugge tempestuosamente os sentimentos do amor, do odio e da revolta.

Aos *Annaes* concedeu Coelho Netto a honra da publicação da *Muralha*; ao auctor destas linhas mandam os redactores desta revista, o precedel-a de algumas palavras, que resumam bem o seu agradecimento.

Pareceria uma louca pretensão preceder, mesmo com elogios, umas das obras do mais formoso espirito do Brazil mental. Eu acceitei o encargo, sem hesitar.

A intellectualidade brazileira atravessa uma crise — a necessidade da protecção official para a eclosão dos escriptores de valor. Não são as epochas que fazem os poetas, são os poetas que fazem as epochas litterarias. Basta um artista para transformar uma geração inteira.

Coelho Netto, aos quarenta annos, em pleno verão da vida, é o maximo romancista do Brazil. Da sua penna fecunda, surgirá um verdadeiro theatro e ao seu lado se formará uma pleiade de trabalhadores no dia em que as auctoridades officiaes resolverem subvencionar um theatro para livrar os artistas dos temores e dos interesses de primeira hora dos empregarios.

A publicação da *Muralha* talvez chame a attenção dos medalhões politicos para o magno problema de um theatro nacional. A mocidade, lendo-a, mais uma vez se convencerá do estranho talento de Coelho Netto, e desculpára estes tremulos periodos de um admirador, que só deseja chamar a attenção do publico para a mais ousada, a mais forte e a mais bella peça do theatro brasileiro.

JOÃO DO RIO.

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO

PEÇA EM 3 ACTOS

*A Arthur Azevedo*

### PERSONAGENS

COMMENDADOR NARCISO, influencia na alta finança; — SERGIO, banqueiro fallido; marido de Camilla; — CARLOS, filho de Sergio; marido de Estella; — MATHIAS, funcionario aposentado, pae de Estella; — CAMILLA; — ESTELLA; — ANNA, mulher do povo; — BALBINA, mulher de Mathias; — 1 Creado, — 1 Jardineiro, — 1 Creada.

(Actualidade)

### PRIMEIRO ACTO

Salão elegante, com trez portas ao fundo abrindo sobre o jardim. Portas lateraes.

#### SCENA I

SERGIO E CAMILLA

*Ao subir o panno, uma creada atravessa a scena da direita para a esquerda, sobraçando uma porção de housses. Sergio entra vagorosamente, pela porta central, examinando uma lista. Camilla apparece no jardim, detem-se junto a uma latanea, arranjando-lhe as palmas.*

SERGIO

Cento e cincoenta e dois mil réis... (*Dirigindo-se á Camilla:*) Cento e cincoenta e dois mil réis lançados á rua pela vaidade. (*Camilla desce.*) Não penses que estamos no tempo das vaccas gordas, as ultimas fôram-se, vendidas aos kylos. Tu não tens um vestido decente para a casa; eu chego, ás vezes, a pensar que a minha sobre-casaca é feita de téla de arame — tão pezada e lustrosa está — e queres offerecer um chá de cento e cincoenta e dois mil réis... Onde tens a cabeça? Não te serviu de escarmento a scena tragica de Botafogo, a nossa mudança, quasi uma fuga? a verdadeira lucta que tive de sustentar com o commercio da visi-

nhança que nos queria cortar a retirada. Sabes a quanto montam os juros que tenho de pagar este mez, á casa Farrulla? a seiscentos mil réis. São as tuas joias e as minhas... O meu relógio, com uma dedicatória do Simas, tão commovedora e que era a consolação da minha velhice, recordando-me os dias prosperos do Syndicato agricola... E para que fizemos tamanho sacrificio? para manter as nossos logares no Lyrico... E queres dar um chá de cento e cincoenta e dois mil réis. Vaidade... vaidade e loucura...

CAMILLA

Praça de guerra, meu amigo. Os sitiados, quando lhes faltam munições, respondem com tiros de festim. Assim fizeram, durante dias, os russos de Stoessel, em Porto Arthur. O silencio é a rendição, a rendição é a morte ou a vergonha. Quem se retráe diminúe, quem se isola desaparece... A peor das mortes é a decadencia. Ninguem ri dos tumulos, a cova rasa não faz voltar o rosto, mas a rotula, as botinas cambadas, o casaco poído, um chapéo muito visto afugentam mais do que a lepra asquerosa. E quem não quer ser avassallado pela miseria queima os ultimos cartuxos, mesmo os de polvora secca.

SERGIO

Mas eu nem esses possúo.

CAMILLA

Inventa-os.

SERGIO

O conselho não é máu... Sabes, porém, que não sou homem de imaginação; não sci apparentar — sou o que sou.

CAMILLA

Fazes mal: ninguem deve mostrar-se como é — a sinceridade é uma nudez. Dizes que cultivo phrases... Com ellas, levantei o teu prestigio e são ellas que ainda mantéem, em certo equilibrio de fortuna, a nossa vida. As minhas phrases são como as nuvens — não deixam ver o vasio. Aqui váe uma. O salão é a face da casa. Que importa que, lá por dentro, as cadeiras estejam desconjuntadas, com a palha rota, os estofos esgarçados, o fogão sem lume, os lençóes da cama em tiras, a despensa vasia? o salão deve rebrilhar. Arda um simples lampeão na sala de jantar, o lustre do salão deve ter todos os bicos accesos, fulgurando. Conheces o *Mal secreto*, soneto de Raymundo Corrêa?

SERGIO

Raymundo Corrêa... Quem é?

CAMILLA

Um dos nossos maiores poetas.

SERGIO

Sei lá disso...

CAMILLA

Pois no soneto a que me refiro, Raymundo allude á dolorosa dissimulação dos infelizes, á mascara que os mais desgraçados afivellam ao rosto, occultando, sob apparencia de ventura, os maiores pezares, ancias as mais corrosivas. E' a conveniencia que impõe a hypocrisia. A sociedade não supporta a exposição da chaga nem o espectáculo incommodo da miseria. Quem quer ser acolhido esconde as mazellas, seja uma ulcera ou seja a fome. Emquanto a sociedade vir luz em nossa casa e ouvir rumor

de risos, não deixará de passar á nossa porta; tanto, porém, que dér pela escuridão, sentir o cheiro de môfo, ouvir o roer dos ratos, ai de nós! A Piedade, a principio, seguindo o suave conselho de Jesus, voltava o rosto quando fazia a esmola para não vexar o pobre que a pedia, e nem á mão esquerda a direita deixava perceber a sua caridade. A sociedade, subscrevendo o conselho do Messias, executa-o... voltando o rosto, não para não vexar o pobre, mas para não vel-o... e, em vez de deixar o obulo no gazophilacio da porta do templo, como fez a viuva, entrega-o no balcão dos jornaes para ter o recibo da publicidade. A piedade, hoje, é humilhante — ter pena é aviltar. Turenne seguia para os combates tremendo... e vencia. Faze como Turenne se não queres succumbir: Treme, mas avança.

SERGIO

Ah! sim... dizer não custa, avançar é que é. (*Frenetico:*) E' que eu não tenho, Camilla. (*Tirando algumas cedulas do bolso:*) Aqui tens toda a minha fortuna: vinte e e quatro mil réis.

CAMILLA

Manda á Colombo.

SERGIO

A Colombo... Queres que eu vá despertar o leão que dorme? Não sabes que estou alcançado na Colombo em cinco anniversarios... todos os do anno passado...?

CAMILLA

E a Paschoal?

SERGIO

A' Paschoal devo ainda as nossas bôdas de prata. Casamos muito cedo...

CAMILLA

Ainda não pagaste as nossas bôdas de prata?

SERGIO

Que diabo! não ha ainda um seculo.

CAMILLA

Sim, ha seis annos apenas.

SERGIO

Então?

CAMILLA

Manda a uma ou a outra; qualquer delias não se recusará a servir-te.

SERGIO

Apezar das contas?

CAMILLA

Por isso mesmo. A melhor garantia para quem compra a credito é uma conta avultada. A divida é um refem. Demais, é de bom conselho fazer ver aos credores que ainda se tem representação. Uma casaca, ainda alugada, vale sempre mais do que uma blusa.

SERGIO

Theorias.

CAMILLA

Infalliveis na pratica.

SERGIO

Afinal — esperas visitas?

CAMILLA

Naturalmente. A gente do Gaudencio, o Favilla, o Pires e as filhas.

SERGIO

Esse, não.

CAMILLA

Porque?

SERGIO  
Retraiu-se depois do que houve com a mulher.

CAMILLA  
Ora! uma mulher que sae de casa com um homem. Grande novidade! E' um meio de substituir uma reputação banal por uma fama brilhante. Toda a mulher que prevarica, ainda que seja uma megéra, logo se impõe á imaginação do publico transfigurada em Venus. A Julinha lucrou com o rapto. Talvez o Pires tenha até mais orgulho em dizer-se agóra seu marido. Quem era ella antes do escandalo? ninguem... agóra é uma «conhecida senhora do high-life», como disseram os jornaes. A Julinha... do high-life...

SERGIO  
Vamos adeante.  
CAMILLA  
O Mathias e a velha...  
SERGIO  
Sim, os paes... com o indefectivel córte de blusa.

CAMILLA  
O Narciso...  
SERGIO  
O grande Narciso...!  
CAMILLA  
Peres Taveira...  
SERGIO  
Que vem cá fazer esse bonifrate?

CAMILLA  
E' muito decorativo, frequenta o alto mundo, tem relações na imprensa. Convém. Não penses que me preocupo com os que vêem a nossa casa...

SERGIO  
Se não te preocupas com elles, para que queres maravilhas, camarões, sandwiches, sorvetes, toda essa lista de cento e cinquenta e dois mil réis?

CAMILLA  
Para o publico.  
SERGIO  
Para o publico acho o serviço mesquinho.  
CAMILLA  
Os jornaes encarregam-se de o tornar abundante com alguns adjectivos.

SERGIO  
E's pratica.  
CAMILLA  
Felizmente.

SERGIO  
Emfim... A verdade é que eu só disponho de vinte e quatro mil réis e... credores.

CAMILLA  
Deixa em paz os vinte e quatro mil réis. A palavra, posto que seja uma moéda falsa, tem curso livre...

SERGIO  
Não seas cruel com a palavra — ha algumas que valem mais do que o ouro.

CAMILLA  
Essas raramente são nos balcões.  
SERGIO  
Queres dizer que a minha...?

CAMILLA  
Não costume alludir aos presentes.

SERGIO  
Pois vou ver se consigo o que queres. E.

vê lá: fiquemos nos centa e cinquenta e dois mil réis. (Outro tom:) O Antonio está ahi?

CAMILLA  
Deve estar.  
SERGIO  
Vou, então, escrever á... (Pensa) á... Colombo, vá lá.

CAMILLA  
Poucas palavras e altivas. Encommenda, não peças.

SERGIO  
Decididamente, tu é que devias ser o homem da casa.

CAMILLA  
Sinto-me muito á vontade no meu sexo e no meu posto: mando.

SERGIO  
E não entras em fogo.  
CAMILLA  
Como os generaes.  
A creada entra pelo fundo e adeauta-se. Camilla fal-a recuar até á porta e acena-lhe com a cabeça, interrogativamente.

A CREADA  
O senhor commendador Narciso.  
CAMILLA  
Manda entrar para a sala de espera. (A creada sae).

SERGIO  
Recebe-o tu. Eu vou tratar da encommenda. (Entra á esquerda).

## SCENA II

CAMILLA E NARCISO  
CAMILLA  
Este meu marido... (A' porta da direita:) Sem cerimonia, senhor commendador.

NARCISO, entrando:  
O' minha senhora...  
CAMILLA  
Folgo em vel-o...  
NARCISO

CAMILLA  
Muito matinal, não é verdade?  
NARCISO  
Bem se vê que se levanta ao meio dia. São duas horas...

NARCISO  
Como é natural que não possa vir á noite...

CAMILLA  
Porque...? Oh! desculpe-me... a noite é sempre mysteriosa.

NARCISO  
Deixando um embrutho sobre um dos consolos:  
Oh! por quem é... não ponha malicia. As minhas noites são as de um frade.

CAMILLA  
Já?!

NARCISO  
Sempre fôram.

CAMILLA  
Fez voto?

NARCISO  
Não, senhora... mas os negocios...

CAMILLA  
Tambem os faz á noite?

NARCISO  
Faço-os a qualquer hora...

CAMILLA  
Como os medicos.

NARCISO  
E' verdade. Tenho hoje uma reunião de amigos. Estamos com vontade de fundar uma companhia para a exploração da fibra de uma planta... E' coisa de futuro...

CAMILLA  
Sempre as grandes idéas...

NARCISO  
Sempre o trabalho. E por cá? todos bem? O Sergio, d. Estella... Não pergunto pelo Carlito porque sempre o encontro. Parece vender saúde.

CAMILLA  
E'... tem tanta que anda a esbanjal-a por ahi. Sergio, sempre a cultivar, anda agóra ás voltas com os chrysanthemos (Outro tom:) Mas dê-nos uma hora, ao menos, á noite. Esperamos poucos amigos, só os intimos, e não queremos que fique um só logar vago, o seu principalmente... bem sabes que nunca o preenchemos.

NARCISO  
O' minha senhora. (Outro tom:) Pois é verdade... Tive hontem um boa noite.

CAMILLA  
O café subiu?  
NARCISO  
Não, senhora. Não sóbe tão cedo.

CAMILLA  
Falta de pressão...?  
NARCISO

Pressão demais, talvez. (sorriem) Disse-me o Carlito que desistiu da idéa de ir para o Amazonas explorar a borracha.

CAMILLA  
Foi um sonho, desvaneceu-se. Infelizmente, meu filho não está aparelhado para as grandes aventuras que decidem da sorte de um homem, ou para as batalhas da vida, como se diz em estylo alcandorado. A culpa não é delle. é nossa: creamol-o para millionario: elle saiu dos encantos — da riqueza e achou-se na mediocridade. A perda, quasi total, da nossa fortuna não foi só um desastre material, foi um descalabro moral. Elle está tonto, não atina com o caminho e da grandeza antiga conserva os habitos e o orgulho, entaves tremendos para quem lucta com a tormenta em mar alto.

NARCISO  
Oh! elle tem a mocidade.

CAMILLA  
A mocidade bem applicada é lume; mal dirigida, é chamma.

NARCISO  
Quem tem amigos, minha senhora, e disposição para o trabalho...

CAMILLA  
Ah! sim... quem tem amigos... (Estella apparece ao fundo.)

(Continua)

(\*) E' prohibida a reproducção.

## “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do 1.º trimestre d'OS ANNAES.

## A LIVRARIA

VOLUTAS — RAYMUNDO MONTEIRO —  
OFFICINAS DOS ANNAES — RIO DE  
JANEIRO.

*Volutas* são versos de amor, versos dos vinte annos. Não são inspirados sómente nos olhos azues ou negros da casta bem amada, «daquella que espera,» e a quem todo poeta, nas horas vagas, compõe suavemente um matizado *bouquet* de sonetos e estancias. Já váe afastado o tempo em que os sonhos e as visões dos vinte annos se reflectiam apenas no espaço deslocado por um vestido branco que passa, ou no brilho e olôr de uma trança desnastrada.

O auctor das *Volutas* ama e deseja, ardentemente. Passeiando a sua avida mocidade pelo vergel embriagante do amor, não se compraz apenas em colher as doces flôres dos sonhos e das illusões, que mais das vezes satisfazem a ternura de um poeta passional. Elle deixa-se tentar pelo sol de primavera que sente pulsar no coração, e, soffregos, procura tambem colher os pomos doirados.

E' um amoroso, sem pieguices. A sua inspiração deriva dessa fonte que produziu *Rolla* e *Namomia*, mas abandonou, ao influxo da corrente moderna, aquelle mixto de insanias e fatalidade dos poemas musseteannos, refinando-se num brando espiritalismo, talvez um pouco sceptico, que dá uma graça enervante ás vózes do seu coração, todo voltado ás doces realidades da vida e do amor.

E' o amor o *leit-motive* dessa symphonia, que começa no queixume cheio de desejo de *Ignota Dea* e acaba nos accordes, impregnados de brusca desesperança, do soneto *Ainda só*:

Eis-me de novo só — estranha solitude!  
E agóra que me punge a antiga dôr, agóra  
Sinto que eu quiz sonhar — quiz sonhar e  
não pude!

Os versos das *Volutas* são correctos, sem grande preocupação de forma, singelos, sem banalidade, imaginosos, sem a pretenção a um symbolismo etherisado, quintessenciado. São versos ternos, e o poeta ao fazel-os devia sentir-se mais apegado á vida que ao Além.

Já Olavo Bilac, um grande poeta do amor, afirmou um dia que

...mais eleva o coração de um homem  
Ser de homem sempre, e na maior pureza,  
Ficar na terra e humanamente amar!

No bello soneto *A' Fanny*, sente-se a exaltação de uma mocidade, á qual sabe deliciosamente um pouco de agrura e morbidez entre os risos do amor:

A' mesa de um Café barulhento componho,  
Sem floreios de *tylo*, esta Chaga de rimas  
Que ha-de o fulgôr de teu olhar risos  
Certamente marear, Esphinge que me estimas!

Preme-a de encontro ao seio e has-de sentir  
que o sonho  
Do poeta, como o sol que resplandece ás  
cimas  
Das montanhas e doira o oceano, e o val  
tristonho  
Rebenta nos paúes a gloria das Vindimas!

Pouco importa que o Verso exsurja da alma  
doente  
Ou perto de um bordel ou perto de um sa-  
crario,  
A Virtude exaltando ou o Vicio impenitente!

E o meu Verso de dôr é um partido rosario  
Que debulho — a rezar desoladôramente —  
Pela escarpa sem fim do meu itinerario!

Nos versos *A uma mulher*, *Estancias*, *Visão de sonho*, *Ponr me coquette*, *Amante morta*, versos fluentes, ricos de doçura, os éstos do coração febril se acalmam um pouco, e um sopro de pureza e espiritalidade, em um bom momento, fez brotar essas estrophes que a gente lê, encantado, sentindo-se bem, sentindo-se logo irmão do poeta nas suas maguas de amôr.

*Volutas* contém versos em francez, em bom francez.

Algumas pessôas se irritam um pouco com esse capricho de certos poetas nossos, de procurarem em estranho idioma uma nova expressão para os seus devaneios. «Que diabo! — dizem — o portuguez é tão rico, tão bello! Escrevam em portuguez! Isso é pedantismo.»

Não é pedantismo. Póde ser capricho, toleravel, quando os versos são escriptos, na verdade, em francez, e quando são bons. A arte, de qualquer forma que se revista, sendo bella, não póde nunca ser acoimada de pedante. Vão censurar um pianista compositor porque elle compõe para o violino, ou para a flauta. Não é nenhum destes o seu instrumento, mas elle os ama tambem, e os conhece sufficientemente.

O francez é uma lingua encantadora pela sua graça e flexibilidade, e é um verdadeiro prazer para os versejadores, quando a pôdem manejar com correcção, exprimir nella umas tantas coisas que nos vêem á mente, e que acodem muito melhor ao verso francez, que ao portuguez.

Leiam estas deliciosas quadras do sr. Raymundo Monteiro:

O glaneuse solitaire,  
Pâle fille aux gestes las,  
Tu ne sauras jamais plaire  
Qu'aux fins rêveurs délicats!

Les paysans ne se grisent  
Des feux dorés du Couchant:  
Il leur faut la bière grise,  
Des verres pleins, débordants!

Et comme je suis poète,  
Vierge au sourire lointain!  
Pour ta tendresse discrète  
J'apporte mon cœur chagrin!

L'âpre sentier de la vie  
Tous deux, nous le gravirons:  
Toi, plus mignonne et jolie,  
Moi, en rimant des chansons!

Essa canção foi evidentemente sentida e pensada em francez, se não foi acaso feita em França. Em portuguez não teria a mesma suavidade de payzagem de Millet.

A estréa do sr. Raymundo Monteiro, se não o colloca immediatamente no grupo dos poetas em evidencia, porque á sua inspiração ainda falta o vôo largo e firme, a visão funda, a capacidade de grandes creações, é uma excellente estréa, muitissimo superior ás duzias de livrinhos de poetas que nestes ultimos mezes tem aberto o curto vôo em a nossa litteratura. A sua qualidade estimavel predominante é a ternura, o abandono, a descuidada sinceridade com que procura exprimir o seu estado d'alma.

A edição das *Volutas*, saída das officinas dos *Annaes*, faz-nos, pela elegancia e sobriedade, deslembrar um pouco da mania das capas illustradas.

L. B.

Os processos criminaes e a  
sugestão

A prova testemunhal nos grandes processos é dominada, do principio ao fim, pelo perigo da suggestão, quer individual, quer collectiva. Não ha quem seriamente possa contestar esta proposição quasi axiomática. E, tambem, nos processos insignificantes o phenomeno não deixa de ser frequente. Em regra, o ponto de partida para toda pesquisação policial e para toda instrucção criminal (ainda mesmo nos paizes em que isso se pratica com relativa competencia) é uma *auto-sugestão*, que, desde o inicio, domina o encarregado das diligencias previas ou o juiz instructor. A convicção que se lhe installa no cerebro, com a tenacidade empolgante de idéa fixa, orienta os interrogatorios, inspira as buscas, fornece explicações para as circumstancias mais inexpressivas, dá vibração e movimenta os factos menos vivos, modalisa, finalmente, o coujuncto de todo trabalho policial ou judicial. Na origem de gravissimos erros judiciarios, o que se encontra de mais evidente é essa convicção *previa de criminalidade*, essa auto-sugestão, que monopolisa toda a actividade mental do magistrado e o torna cego ás advertencias da razão e do bom senso.

Mais de uma vez a justiça tem reconhecido a realidade desse lamentavel phenomeno. E' de 1832 o processo Benoit. Deu-se na França, (Ardenes).

Fôra assassinada mme. Benoit, mulher de um juiz de paz. O magistrado instructor, convencido da criminalidade de um tal Labaune, dirigiu o processo nesse sentido, descuidando

indícios vehementes que apontavam outro criminoso. O acusado sómente se salvou pelo voto de Minerva, a custo obtido no jury. Entretanto, bem cedo se demonstrou que o verdadeiro assassino era filho da victima. O representante da Justiça Publica, accusando este ultimo, confessava que o juiz da instrucção, perturbado pela atrocidade do delicto, se *entregára a illusões, se affastára da verdade*, não cumprindo seu dever, deixando de realisar diligencias importantes e imprescindiveis, que o levariam a descobrir o criminoso.

Bem facil é perceber a maneira pela qual teria dirigido a inquirição das testemunhas esse juiz que estava, por sua parte, auto-suggestionado a tal ponto.

A universalidade dos psychologos modernos e dos hypnologos deixa fóra de duvida que, na producção do «falso testemunho inconsciente», entra, como factor principal, o phenomeno da suggestão, manifestando-se na ausencia de qualquer manobra hypnotica, em estado de vigilia, agindo em pessoas sans e adultas. No regimen do «processo criminal secreto» — que só desde algum tempo váe sendo abandonado na culta Europa — é naturalmente mais decisiva a influencia da opinião do magistrado no depoimento da testemunha.

Entretanto, nos paizes em que, como no nosso, se admite intervenção de defeza desde a instrucção criminal, não deixa de ser observada a mesma influencia, que, pelo menos, é palpavel nos inqueritos policiaes, quasi todos urdidos em segredo ou dirigidos por modos pouco liberaes e nada imparciaes. Demais, quando o testemunho não seja viciado directamente pela convicção pessoal do juiz que inquire, ahí temos a imprensa, com seus methodos de alta reportagem moderna, dominada pela febre da publicidade intensiva, que se constitue a maior de todas as suggestionadoras, a mais energica das forças que podem impulsionar a idéação collectiva. Pouco valem as precauções das leis processuaes, determinando, em todos os paizes civilizados, que cada uma testemunha deponha separadamente, não sendo ouvida pelas que ainda vão depôr. Essa cautelosa prescripção legal é illudida pelo systema dos jornaes diarios, que porfiam em dar, com minuciosidades e pormenores, os depoimentos das testemunhas que figuram nos grandes processos criminaes. De maneira que á *convicção orientada* do juiz se sobre põe a influencia perturbadora da imprensa, ajudando, sem o querer, o falso testemunho inconsciente.

Mas, voltemos ao gabinete do juiz do crime e vejamos como, em regra, as coisas se passam, entre elle, o

accusado e a testemunha. Seja o processo secreto, seja publico, uma circumstancia impressiona, desde logo, os amigos da Verdade e da Justiça: é a situação creada ao acusado, desde o principio do inquerito ou da formação da culpa.

A lei e a doutrina querem que se lhe presuma a innocencia. «A suspeita é a justiça das paixões. O crime é a presumpção *juris et de jure*, a presumpção contra a qual não se tolera defeza, nas sociedades opprimidas e acovardadas.

Nas sociedades regidas segundo a lei, a presumpção universal é, ao revez, a de innocencia».

O respeitavel publicista, de quem tomámos estes ultimos periodos, traduziu do constitucionalista norte-americano Cooley estes outros: «A humanidade do nosso direito presume sempre innocente o acusado, até que se lhe prove o crime. Essa presumpção acompanha todo o processo contra elle, desde o principio da acção da Justiça até o veredictum».

O mesmo vem dizendo, ha seculos, os tratadistas da prova, desde o velho Farinacio até Frammarino, passando pelo luso Mello Freire, pelo teutonico Mittermaier e pelo franco Bonnier. A verdade, na pratica judiciaria, é, não obstante, mui differente.

O principio justissimo da presumpção da innocencia cede á prevenção da gente da Policia e da gente da Magistratura, que enxerga em todo accusado um criminoso e o trata, desde logo, como tal.

Não fazem excepção a esta regra as policias e as justiças dos paizes mais cultos, apenas sendo licito suspeitar que, na Inglaterra, é possível, attentas a maneira do processo criminal e a organização da magistratura, dizer-se um tanto respeitada a presumpção da innocencia.

A frequencia de *prisões preventivas* é uma das demonstrações mais frisantes de que se presume, na Magistratura, a culpabilidade.

Em regra, como observaram Lailier e Vonoven, (1) o juiz começa por mandar prender o acusado, quando, mesmo, seu crime não é flagrante.

Porque? *Para evitar que elle escape ao cumprimento da pena* — ensina o provector Faustin Hélie.

Sendo assim, claro está que já se «presume a criminalidade» que sancionará a condemnação.

E o tempo da prisão preventiva se parece tanto com uma pena que é mandado contar no cumprimento da pena, pelas legislações mais modernas..

A' testemunha se apresenta o homem preso collocado entre dois guardas. E' esse o criminoso que ella deve *reconhecer*. Francamente: haverá suggestão mais perfeita e acabada?

A isto se póde, com verdade, chamar *reconhecimento*?

O juiz indica a uma pobre creatura timida e respeitosa o «malfeitor» que elle tem já recolhido á prisão (*para que não fuja á execução da sentença*). Pergunta, então, á vacillante testemunha si é de facto aquelle de quem fallou ou que lhe pareceu ter visto em tal ou qual situação.

A' testemunha se afigura, sem duvida, que a Justiça, uma vez que guarda o homem preso, uma vez que o accusa, tem para isso razões muito fortes.

Pouco custa murmurar, portanto, e muitas vezes quasi sem encarar o acusado, ser elle a pessoa que praticou o acto criminoso.

Esses reconhecimentos faceis têm motivado innumerados erros judiciais, dos quaes uma grande parte vem relatada na preciosa monographia de Lailier e Vonoven. E quaes são, segundo estes auctores, as causas dessas tremendas confusões de physionomias? A *suggestão* e a allucinação. Aqui, exerce influencia mais forte a *suggestão collectiva*.

Não ha quem ignore o caso, apurado pelos tribunaes, do intrujão que se apresentou em uma aldeia, dando-se pelo marido, desde muito ausente, de certa dama e conseguindo exercer os direitos do outro e augmentar a familia. Chega o outro, reclama seu logar; divide-se a população da aldeia, não querendo toda gente reconhecer nelle o verdadeiro marido, resultando dahi terrivel contenda judiciaria que durou mais de dez annos, antes que fôsse confundido o impostor. O exemplo é classico e foi acolhido na obra já citada de Frammarino. No *Intermediaire des chercheurs et des curieux*, (1890, pag. 620) um desembargador de Montpellier conta uma historia não menos expressiva.

Appareceu uma mulher assassinada, cortada em pedaços. A cabeça estava intacta. Fôra collocada em um vidro com alcool. Desfilaram diante do sinistro despojo dezenas de testemunhas, que *collectivamente suggestionadas*, reconheceram na victima uma pessoa que designaram, recaído suspeitas, por motivo *deste reconhecimento*; em certos individuos. No correr dos debates, rebentou como uma bomba a noticia, logo confirmada, de que aquella supposta victima acabava de se apresentar ás auctoridades de um departamento visinho!

Aquillo que nem todo pintor póde, com exactidão, realisar — a reproducção de uma imagem, entrevista de relance — se opera, como por milagre, nos cerebros de faceis testemunhas, que reconhecem, dias ou mezes depois, uma pessoa que apenas viram uma vez, e no momento cheio de an-



cia e perturbação emocional em que se commetteu um crime...

E' indubitavel que para o reconhecimento do accusado contribúe, em muitos casos, a suggestão resultante da situação que a Justiça estabelece, desde logo, para aquelle de quem suspeita e cuja criminalidade presume contra os sabios conselhos da bôa doutrina.

.....  
Estudaremos depois, a alteração dos depoimentos pela inconsciente suggestão.

EVARISTO DE MORAES.

(1) *Les Erreurs Judiciaires*, 1897.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

MICROBIOS NA MOÉDA — A DECLARAÇÃO DO DIRECTOR DO SERVIÇO SANITARIO DE NEW-YORK — EXPLOSÕES DE MASSOS DE PAPEL-MOÉDA.

Referindo o invencivel horror da rainha Alexandra ás moédas, notámos, nesta secção dos *Annaes*, os perigos do contagio de molestias infeasas por meio de moédas.

O dr. Thomaz Darlington, director do serviço sanitario de New York, ha muito tempo consagrado ao estudo da transmissão de molestias pelas moédas papel e metallica, declarou á commissão de bancos da camara dos representantes, em Washington, que era de summo interesse da saúde publica, serem as notas de banco, velhas e sujas, retiradas da circulação o mais breve possivel.

O dr. William Parker, do hospital W Parker, fez numerosas e exhaustivas investigações, pacientes experiencias, e verificou que, nas notas de banco, varios bacillos, entre os quaes o da diphtheria, se poderiam conservar durante muito tempo.

Essas observações téem summa importancia para nós, si considerarmos que, não existindo na circulação moéda fraccionaria de prata, supprelhes a falta as notas de 500, 1000, 2000 e 5000 réis, atravessando, rapidamente, as mais baixas camadas sociaes, onde a pobreza, a carencia de cuidados hygienicos, de tratamento regular favorecem o desenvolvimento e a permanencia das molestias infeasas.

Essas notas, immundas, denegridas, gordurosas, fedorentas, inspiram instinctiva repugnancia. Não fôra o empolgante prestigio do dinheiro, ninguem guardaria, na algibeira, um desses trapos nojentos, denunciando a lubrificação de sanie de velhas pustulas ignoradas, trapos que recebemos como troco em toda a parte, principalmente nos bondes,

que parece terem o privilegio do dinheiro sujo.

Essas notas de pequeno valor são sempre contadas com dedos humedecidos de saliva, accrescentando, assim, aos perigos dos contactos da pelle, o contagio dos microbios das boccas de cancerosos, de pneumonicos, de tuberculosos.

Nenhum paiz do mundo conserva na sua circulação notas tão sujas, quanto as que substitúem, entre nós, a moéda fraccionaria. Quando se encineravam, nas fornalhas da Alfandega, pequenos massos dessas notas gordurosas — explodiam ou produziam o effeito de fachos, de grande poder illuminativo.

O remedio contra esse instrumento de contagio, seria a substituição das notas sujas, logo que voltassem ao Thesouro, mas isso seria contrario á exploração proveniente do recolhimento, que dá um lucro regular de 20 %, de descontos de notas impresentaveis.

O recolhimento normal e periodico não satisfaz ás cautelas hygienicas, é lento e insignificante, como demonstra o recolhimento de notas em numero de 1.850.029, incineradas de dezembro do anno passado a março ultimo, no valor de 27.284.400\$000 réis, algumas gottas d'agua no mar de papel-moéda.

## FÓRA DO RIO

(CHRONICA DE VERÃO)

A difficuldade que se tem para escrever quando se decidiu ficar trez semanas ou quatro a passear debaixo de grandes arvoredos, a beber aguas mineraes, num clima de altitude bom á saúde, afastado de preoccupações cariócas; sem os telegrammas da *Agencia Havas* e o serviço telegraphico particular do *Jornal do Commercio*, pela manhã; sem quotidianos fartos de noticias universaes; sem antes do almoço e do jantar, o pezadello da guerra russo-japoneza!

O aborrecimento que se sente em fazer artigos quando se resolveu ficar por algum tempo entre o quarto, a fonte e a alea de passeio predilecto; os olhos contemplativos deitados sobre a payzagem, reclinados sobre os correios murmurantes ou enlevados pela belleza do céu; a bocca simples, no falar; o coração primitivo, no sentir!

A penna emperra no papel o mais setinoso.

Tem-se apenas o desejo de enviar aos amigos alguma coisa que demonstre lembrança e saudade, alguns cartões-postaes laconicos; uma phrase, a assignatura, a data, sobre cada uma das gravuras banaes, compradas, quasi

sem escolha, no bazar mais proximo.

Liquida-se esta tarefa em poucos minutos, satisfazendo-se ás inspirações do proprio coração, sempre insaciavel de commuicação com outros corações, lastimando-se não ser já o telegrapho sem fio uma coisa muito simples, de uso facil.

Ao empurrar os cartões na fenda da caixa do correio, sente-se não se haver trazido os amigos, e as confeitarias, os cafés, os clubs, os theatros, e o «boulevard» (\*)—dentro da mala.

Evitava-se a massada da correspondencia, a nostalgia, a saudade.

Escrever-se uma carta circumstanciada, reproduzindo notas escriptas a lapis, narrando a fadiga da viagem e o allivio da chegada, indagando em minucia dos amigos, pormenorizando incidentes da estadia, é difficillimo. Não escrevi nenhuma desse genero a ninguem.

Depois de uma remessa de cartões, passados dias, recebidas as respostas, achei que devia escrever mais.

Tive uma idéa util. Escreveria a todos de uma vez. O semanario em que saem estas linhas, lido por quasi todos os meus amigos, seria a postar restante, em que elles poderiam vir buscar noticias minhas.

Mandei, portanto, para aqui umas cincoenta phrases, uma *Carta de Caxambú*, descrevendo o passar rapidissimo do trem de ferro entre barrancas e valles, a ascensão quasi insensivel de oitocentos e tantos metros acima do nivel do mar; suggestões de payzagens, viajantes e estações. Contei sómente a viagem e terminei o que escrevi, refririndo-me ao atrazo de vinte minutos com que cheguei a Caxambú. Como para aquella carta não podia esperar resposta, quiz mandar outra. Em vão tentei escrevel-a. A ociosidade ambiente empolgava-me, eliminava-me as bôas intenções.

Um dia sentei-me á mezinha de escrever que havia no meu quarto de dormir, com o proposito de redigir nova carta, mandando abraços e noticias. Muni-me de uma grande porção de adjectivos elogiosos para enumerar os encantos do pequeno Caxambú; de uma intransigente severidade contra os *firts*, inimigos da efficacia das aguas milagreiras em tantas curas bem encaminhadas que elles estragaram a minha vista; de um sello de duzentos réis para o porte postal; de uma envelope e de uma folha de papel, com o letreiro do hotel, para reclamo ao Lourenço.

E nada. Guardei toda essa munición abundante nas duas gavetinhas da meza e. desertando o quarto que me servia de dormitorio, *toilette* e gabinete de estudo, fui para o largo corredor do hotel sentar-me numa ca-

(\*) A rua do Ouvidor.

deira de vime, a ler o segundo tomo de um infindavel romance de Carlos Dickens, vertido do inglez para o francez, numa dessas brochuras de capa de côr de tijolo, que a casa Hachette vende a um franco, o volume.

Não perderam nada por isso. Eu pretendia dizer como passava todos aquelles dias sem fazer nada, a não ser melhorar de saúde, pelo effeito prodigioso das fontes medicinaes do Parque da Empresa.

Hoje, a pedido, reúno recordações e mal alinhavo este artiguete, a que estou dando aqui e allí um tom blagueforme, apropriado ás notas fugitivas da impressão pessoal no periodismo superficial e gracejador, que se váe impondo entre nós, por influencia dos diarios francezes.

Quero dizer uma cousa essencial aqui.

Caxambú é, ao contrario do que se pensa no Rio de Janeiro, bem selvagem, infinitamente selvagem, graças a Deus, ao governo de Minas e ao governo federal. O *touriste* que leva um caderninho de papel para notas diarias, enche-o lá, sem duvida alguma, de diatribes e horrores, senão contra Deus, que já fez muito dando a Caxambú a sua esplendida natureza e as suas fontes sem rivaes, ao menos contra agente que governa em Bello-Horizonte e no Rio. E' por certo, digno de clamor o desleixo que allí reina, o menospreço daquelle admiravel thezouro de saúde, que é aquella villasinha abandonada a si mesma, na pujança das suas riquezas, no alto da Mantiqueira.

Enraivece mesmo aos mais pacatos e menos intelligentes, e mesmo aos menos civilizados, a incuria a respeito de Caxambú, que bem merece ser, pelo valor inestimavel das suas aguas: magnesia, gázosa, ferrea, sulfurosa e alcalina, uma das mais frequentadas e bellas cidades d'aguas da America e do mundo.

O atrazo lá é immenso. Milhares de coisas ha que se póde dizer que se não encontram, milhares dessas coisas indispensaveis ao conforto e á calma dum homem moderno, exigente por atavismo, por solidariedade de civilização occidental, por habitos de vida em grandes centros urbanos.

Mas o paiz em que habitamos e que com tanta ineptia colonizamos e civilizamos, não merece recriminações *amargas*, sobretudo neste momento em que acaba de tratar dos assucars na conferencia do Recife. A Providencia protege o Brazil, contra o amargor do seu café e a violencia dos seus jornalistas. Collocou no porto do Rio de Janeiro, onde se concentra grande parte do café brasileiro... o Pão de Assucar; e ao lado do travo das verinas de imprensa, a impassibilidade dos dirigentes, que devoram a nação, preferindo em materia de doce, os bons-bocados...

Em França, onde a iniciativa particular é incomparavel com a do Brazil, o Estado possúe, além do monopolio do tabaco e das manufacturas de gobelinos e de porcellanas, o esplendido estabelecimento de Vichy, cujas aguas mineraes véem fazer concorrência ás nossas, em toda a parte do Brazil. O Estado aqui é fakirisado; inutil para soccorrer o progresso nacional, na sua ancía de expansão.

Os veranistas e os doentes que vão em setembro, outubro, março e abril a Caxambú, apóz uma semana, quinze dias ou um mez, voltam de lá para o Rio ou S. Paulo, os primeiros, mais repousados dos nervos, e os segundos, quasi sempre curados, sem de nenhum modo manifestarem nas duas capitães do sul, as necessidades daquelle cidadezinha, que lhes foi tão util e hospitaleira.

Os veranistas!

Elles nem ao menos protestam contra essa mal-sonante denominação de *aquaticos* e *aquaticas*, de que gozam, quando constituem nos mezes citados, quando estão no uso das aguas, a população fluctuante (\*) de Caxambú, sujeitando-se a esse insulto, sem reacção nenhuma.

Os aquaticos!

E' dizer-se que, logicamente, um homem de bom gosto, de bom gosto romantico, não póde comparar naquella terra, uma moça a uma flôr, porque se lembrará logo, por associação de idéas, de que ella ficará sendo uma flôr-aquatica!...

JOAQUIM VIANNA.

(\*) Sem calemburgo.

## APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

RODRIGUES ALVES (Francisco de Paula) natural de S. Paulo, bacharel em direito. Sabe ler e escrever, predicados que ainda se tornam indispensaveis ao cargo de presidente desta Republica, que é aquella que o eminente estadista republicano sonhou, nos bons tempos de juvenil exaltação democratica. E' o terceiro da série dos Naturalmente Indicados, que a uberdade da terra rôxa tem dado á luz, para maior grandeza da Patria. O livre povo brasileiro, em formidavel massa de seiscentos mil votos, accorreu um dia ás urnas, e foi buscar ás suas plantações esse pacifico e honesto fazendeiro, novo Washington, e ergueu-o ás altitudes vertiginosas da Presidencia, á qual o glorioso Caipira se apegou, sinceramente convicto da realidade daquelle centenas de mil eleitores, e da sua propria capacidade indiscutivel. Esse notavel descendente dos Bandeirantes ama com extremo o Brazil, talvez

tanto quanto ama S. Paulo, e no lugar proeminente, aonde o levou a Vontade Nacional (Vide as quatro mil actas, lindamente calligraphadas) envida heroicos esforços para felicitar a Patria, rebelde creatura, que não ouve os dictames do seu Conselheiro, nem comprehende que a sua felicidade consiste em deixar-se arrastar docemente pela Fatalidade, pois nada póde obstar o futuro maravilhoso do Brazil. Deus é grande

\* \* \*

PEDERNEIRAS (Raul), unico caricaturista genuinamente brasileiro, fundador da caricatura nacional, e creador dos typos inimitaveis de mulatas e capadocios cariocas. Em seu lapis despertou o genio embryonario dos gavroches fluminenses que, — verdadeiros primitivos d'Arte Indigena — illustram a carvão os muros e oitões desta grande cidade...

O sr. Pederneiras é irmão de notavel poeta, poeta elle proprio, e a sua lyra, como o seu lapis, é afinado em tom de satyra levemente perversa, que a gente perdôa, por mais que moleste.

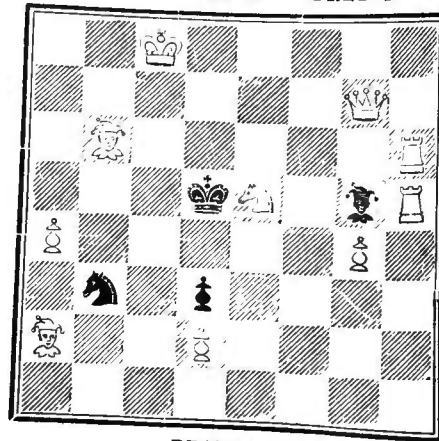
Não são as suas rimas que o tornam celebre e merecedor de uma pagina deste raro Diccionario; mas sim o seu grande talento de *charge* e o seu amor, digo doença dos trocadilhos e calembours. Neste genero, o sr. Pederneiras é primoroso, portanto detestavel, mas o artista é tão illustre e tão querido, que nós todos fingimos gostar das suas terriveis invenções syllabicas. Entretanto, é elle o mestre de uma escola que contém milhares de discipulos; e ha por ali quem aprecie mais o fabricante de *jeux de mots* que o artista encantador e inspirado das *scenas da vida carioca*.

Nós, biographo consciencioso e lido por toda uma geração, consagramos o artista, o poeta, o professor de direito, até mesmo o ex-delegado de policia, mas não perdoamos (a Historia é inflexivel) o homem dos calembours.

PEDRO INNOCENCIO.

## DIVERSÕES

Problema n. 22 — PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, e dão mate em trez lances.

ASSIGNATURAS  
 ANNO ... .. 20\$000  
 SEMESTRE .. ... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Esta chronica poderia figurar, com mais propriedade, na secção das *paginaes esquecidas*, que devem ser continuamente lembradas, como licções persuasivas gravadas, em retalhos do passado, licções sempre maisinadas, porque têm o sabor de um medicamento acre, ou, ás vezes, o ardor de cauterio rubro.

Acceitar com bôa vontade o remedio, importa em confessar a molestia: é da natureza humana occultar as suas fraquezas, quando mesmo disso resultem perigos, males irremediaveis.

Si uma vóz amiga ousa avisar ao governo de que se está repetindo a historia de recentes catastrophes e que é urgente empregar os meios de evital-as, elle retorquirá, muito seguro da sua sanidade, da sua força, que está apercebido para o que dér e vier, que não teme carêtas, que sabe o que faz.

E a dolorosa verdade é que os homens de governo sabem tudo menos o que fazem.

Em 1889, o presidente do conselho repousava á sombra dos louros colhidos na retumbante victoria da eleição de 31 de agosto; o gabinete de 7 de junho se reputava assente sobre bases de pedra e cal; tinha a confiança inconsciente do Imperador, o apoio incondicional e falaz da Nação, para asphyxiar os excessos demagogicos dos republicanos e dos despeitados pela redempção dos captivos. E, talvez para pôr á prova o seu immenso prestigio, entrou no regimen das pequenas violencias inuteis, calcando a possante mão do poder sobre os fracos, a assanhar, de caso pensado, a hydra, que naquelle tempo era o exercito, para ter o prazer de lhe quebrar os dentes, a exhibir, enfim, a sua força em fanfarronices ridiculas.

Diziam-lhe, em vão, amigos leaes, observando a situação pelo crystal de

um prisma limpido, isento das fumaças do orgulho, ou de excessivo amor proprio, que as pequenas violencias mesquinhas denotavam fraquezas latentes; o conselheiro Basson, de honrada memoria, chefe de policia da Côrte, era uma dessas Cassandras a perturbarem com vaticinios sinistros a tranquillidade impavida do governo; e, quando elle lhe transmittia, com fidelidade, o echo dos rumores subterraneos, os tremores iniciaes da convulsão imminente, era taxado de visionario, como Thiers quando informou a Luiz Felipe que estava sobre um vulcão. O rei cidadão suppunha estar dentro do abrigo forte, inviolavel do coração da França, como Pedro II presumia possuir o do Brazil.

Não é preciso reproduzir a historia das irritantes injustiças, que deliram, rapidamente, os laços de disciplina das classes armadas, porque a obediencia dos commandados é uma repercussão da justiça dos commandantes; nem recordar que essas pequenas causas, como grãos de areia despreziveis, introduzidos na engranagem do Estado, provocaram o irremediavel desastre da machina.

A disciplina militar ficou esgarçada desde esse tempo. Numa congestão de prestigio pela victoria incruenta da Republica, os commandados passaram a commandar, a impôr a sua vontade despotica, a invadir todos os recantos da administração, annullando as incompatibilidades essenciaes, pondo á margem as incompetencias evidentes, porque era natural que ao exercito e á armada coubessem, em partilha de rigorosa mathematica, duas partes do poder, e uma ao povo.

Benjamin Constant improvisou os seus discipulos amados em estadistas; fez delles, ao prestigio do seu sopro creador, administradores de Estados, auxiliares da alta administração: faltavam-lhes experiencia, criterio seguro, noções especificas das varias, das delicadas funcções politicas; mas

A. Comte havia previsto tudo para a plena investidura do sacerdocio da humanidade e bastava aos rapazes umas tinturas de sociologia para reorganisarem o Paiz de cabo a rabo, assimilando, de repente, as tradições, os costumes ás idéas democraticas, arrasando, a golpes desordenados, o velho edificio da monarchia até aos alicerces oscillantes.

A mocidade dirigente não se pôde esquivar ao seu natural pendor para o excessivo, para o despotismo das creanças, que é o peor dos jugos.

O mestre foi a primeira victima desse erro: dentro de pouco tempo, provocou tamanhas queixas nas fileiras, tão impopular se tornou que foi indispensavel removel-o do ministerio da guerra, inventando o Governo Provisorio uma pasta da instrucção publica, que teve ephemera existencia, fechando-se, para sempre, no tumulo do benemerito cidadão.

O predominio da mocidade militar se affirmou no governo do Marechal de Ferro. E é de justiça mencionar que ella pagou muito caro, com ondas de sangue generoso de meninos heróes, aquella confiança.

O primeiro presidente civil iniciou a sua administração numa atmosphaera de suspeita, gerada pela impotencia, pela perda de aspirações perdidas com a morte do Marechal. Dahi, a reacção natural, os repiquetes de indisciplina que não deviam ser imputados aos moços, mas á imprevidencia, ao lamentavel erro daquelles que os haviam arrastado ás escabrosidades da politica.

Vieram actos de repressão que tanto mais aggravavam os resentimentos latentes, quanto mais injustos e violentos eram. Ficaram brazas sob as cinzas mornas.

O remedio para essa situação de permanente ameaça, deveria ser um processo contrario áquelle que a determinou — uma sabia reorganisação do exercito, incutindo nos moços o

amor á sua profissão, plantando-lhes no coração legitimos estimulos, avigorados por uma confiança absoluta nos intuitos e na justiça da administração militar.

Mas esse trabalho de salutar reorganisação encontrou formidavel obstaculo no nepotismo corruptor de razizes solidas no regimen monarchico, exacerbado a proporções corruptoras na administração republicana. A lépra do *engrossamento* contaminou o exercito, favorecendo um permanente regimen de exclusão do merecimento, que sómente medra nas secretarias, nas paternaes commissões de sinecuras rendosas. Pagear num ministro vale mais que prestar relevantes serviços de intelligencia e coragem. E nessa provincia, como em todas as outras do governo, a incompetencia das mediocridades astutas saturou o ambiente de emanações de lisonja; um doce, um suave veneno a perturbar a visão dos chefes de melhores intenções, não falando nos defumadores da intriga, da calunnia, da perfidia das camaradagens pervertidas, de incomparavel poder intoxicante.

Os acontecimentos de 14 de novembro significam uma recrudescencia esporadica do velho erro, cujas raizes se não extirparão com o processo cauduco de desmoralisar, de reduzir o exercito a doses homöopathicas para lhe assegurar a impotencia, de averbal-o de suspeito, de concentrar a confiança do governo na policia, como fez o gabinete 7 de junho, ou na marinha, aggravando uma rivalidade deleteria, que explodiu na revolta de 6 de setembro e perdurou até aos nossos agitados dias, quando o esforço do governo deveria tender para o escôpo de remover as remotas causas do mal e cimentar uma solidariedade patriótica, inquebrantavel entre os depositarios das armas nacionaes.

Deve-se considerar que a impunidad é, talvez, menos dissolvente, que os castigos demasiadamente severos, ou os castigos injustos, como esse que recaiu com violencia esmagadora sobre os soldados, os alumnos, que deveriam ser capitulados unidades imponderaveis na responsabilidade dos chefes.

Aos violentos excessos das victorias

— dil-o a historia, ainda fresca — succedem contemplações de excessiva ternura, e os graves motivos de preservação da ordem, a preocupação de suffocarmos um militarismo turbulento para não entrarmos para a laia das republicas néo-hespanholas, serão amanhã absorvidos pela esponja sentimental dos indultos generosos, das amnistias fraternaes, como aquella que habilitou, para as altas funcções da politica, cidadãos revoltados durante seis mezes, destruindo vidas aos milhares, perturbando em grosso a paz na Republica e occasionando á Nação prejuizos materiaes, não avaliados ainda: o dinheiro saído dos cofres do thezouro montou além de 900.000:000\$000 de réis, somma de provocar vertigens quando se pensa que a guerra do Paraguay custou 600 mil contos.

Os rompantes de energia degeneram em ternas complacencias porque não resistem aos pannos mornos nem ás influencias do meio, do temperamento, da politica; as erecções de severidade descambam para o ridiculo, quando toda a gente sabe que não passam de vislumbres dinréticos, repiquêtes de força de um governo de coração molle, como os outros, muito mal feito de corpo no papel de mata mouro, arrotando crueldades que se derreterão em blandicias de clemencia.

Quantos dos juizes de hoje, revolvendo os reffolhos da consciencia, murmurarão: dessa agua já bebi; quantos estão hoje julgando graças á impunidade.

A tragedia de Canudos, por exemplo, — as hecatombes dos heróes vencidos, degolados á faca, o vilissimo assassinato das suas esposas, dos seus filhos atirados vivos ás fogueiras, — é uma pagina de opprobrio, um crime infamissimo, que a justiça da Republica, as justiças civil e militar não ousaram encarar.

Deante desse torpe episodio das revoltas republicanas, o crime dos alumnos é um idyllio.

\* \*

Dos factos velhos, da licção luminosa do passado, tire quem pôde e quem deve o ensinamento para o presente.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DO ESTABELECIMENTO AO SEGUNDO  
CHACO

Trez dias depois da sangrenta derrota paraguaya, dias que passaram em plena actividade para melhorar as nossas obras de defeza, já profundando os fossos e alteando os parapetos, já construindo paióes e descortinando mais além a nossa frente, tivemos a honra de receber a visita do nosso general em chefe.

Para nós, soldados do seu exercito, o marquez de Caxias não era um homem como os outros.

Tal prestigio o envolvia, que ninguém podia vel-o senão a través de uma aureola de gloria. Quem não acreditava na sua omnipotencia?

Quando passava no seu uniforme de marechal do exercito, erecto e elegante, apesar dos setenta annos, todos nos perfilavamos reverentes e cheios de fé. Não era sómente o respeito devido á sua mais alta posição jerarchica: havia mais a veneração religiosa, admiração sem limites. Poderia fazer dos seus soldados o que quizesse — desde um heróe até um martyr. Por isso, quando elle passou pela frente do Dezeseis em Itororó, com as faces incendidas e a espada curva desembainhada, foi preciso o commandante mandar — *Firme* — para que não o seguissemos todos.

A primeira vez que me fallou foi para dar-me um quináu. A segunda para dizer que eu estava desuniformisado. A ultima para chamar-me vadio.

A primeira foi em 1866, no acampamento de Tuyuty. Instruia, cheio de mim, uma escola de pelotão do Dezeseis, quando elle se approximou a cavallo. Metti em linha em acelerado; mandei abrir fileiras e apresentar armas. Parou, fitou-nos com interesse algum tempo: nós, firmes, immoveis, como os granadeiros de Frederico.

Seguiu e já distante, mandei: — *Bráço armas* — carregando na primeira syllaba.

Volton novamente, e fiz-lhe nova continencia.

— Mande: *Braçô armas*. E carregou muito na syllaba *çô*.

Obedeci; sorriu brandamente e foi-se.

Elle tinha razão. Eu me desviára das Instrucções, para imitar o commandante Tiburcio.

A segunda vez foi no Chaco, acima de Angustura. O batalhão entrára em fôrma e eu, rôto, enlameado, chegava de um reconhecimento na matta.

Passou pela frente do Dezeseis, em linha. Quando chegou á esquerda, onde eu, tezo e perfilado, occupava o

meu lugar, parou e disse: — *Sr. ajudante, falta-lhe a capa do bonet.*

Fiquei perturbado, porque eu devia ser o modelo do batalhão. Instinctivamente tirei o bonet: estava sem capa. O sangue subiu-me ás faces e balbuciei:

—E' que a perdi no reconhecimento que acabo de fazer; algum espinho...

— Bem, disse sorrindo — e seguiu.

A terceira foi depois da guerra. Elle era duque e ministro; eu, capitão de engenheiros. Pedi-lhe que me mandasse á Europa estudar. Julgava-me com direito a isso pela classificação que obtive no meu curso. Elle, ainda sorrindo, negou-me dizendo:

— Você quer divertir-se em Paris?..

Peisava, então, como penso ainda hoje, que ha grande vantagem para os nossos officiaes em aprender nos centros militares mais adeantados do velho mundo. Elle, porém, sabia que era possível ser o maior general de um hemispherio, sem sair da patria e julgava os outros por si.

No dia seguinte ao da sua visita, 8 de maio, saiu do acampamento pela estrada do Timbó, uma columna de quatro batalhões. Além do Dezeseis, iam o 7º, 14º e um argentino. Uma ala do Dezeseis ficou na encruzilhada para cobrir a rectaguarda. O grosso da força seguiu pela estrada, beira rio.

O major que ficou commandando a ala esquerda, mandou o Castello Branco estender a sua companhia na matta. As outras trez ficaram de protecção na estrada.

Avancei, em descoberto, com dez praças e o sargento Noya pela estrada do interior.

Não tínhamos percorrido, talvez, duzentos metros, quando fomos recebidos por uma descarga. Tínhamos em frente uma ponte de troncos entrelaçados e coberto de faxinas, lançada sobre uma lagôa escura, profunda, estreita e muito extensa. Além da ponte, o terreno subia, e no alto, fechando a estrada, havia uma trincheira donde os paraguayos nos fuzilavam.

Arinar bayonetas e atravessar a ponte a *marche-marche*, foi um instante. O sargento Noya ia na frente aos saltos, parecia querer chegar primeiro. Subimos a rampa e invadimos pelos flancos o terrapleno: o inimigo retirou-se em debandada.

Era uma trincheira abrigo com o fôso para o lado interior. Deixei o Noya, guarnecendo-a com algumas praças, e fui ao encontro do commandante, que chegava e mandou o Castello Branco occupal-a com a sua companhia. Ouvimos longe o tiroteio dos outros batalhões, quando nos surgiu pela frente uma grande força inimiga, que marchava para cortar-lhes a retirada. Travou-se uma lucta encarniçada e o inimigo recuou. Não contava de

certo ter pela frente o Dezeseis, tão seu conhecido. Já o sol descambava quando nos recolhiamos ao Anday

Em uma manhã fresca e humida, o Tiburcio saíu commigo e algumas praças para a esquerda do nosso entrincheiramento e caminhámos, em direcção normal ao rio, para o interior.

Logo, á pequena distancia do nosso largo fôso, depararam-se-nos rastos ainda frescos de homens descalços. Não eram muitos e entravam pela matta por trilha estreita. Seguimol-os ao longo de um *albardão* que separava duas lagôas. A da esquerda, grande e cheia de juncos, estendia-se para as bandas de Humaytá até perder-se na faixa azulada da matta distante. A da direita, menor e mais limpa, tinha as margens cobertas de aguapés e no meio era limpada e tranquillada; devia ser muito profunda. A matta do *albardão* era escura, fechada e emaranhada pelos muitos cipós e unhas de gato, entrelaçando-se nos troncos das arvores immensas. Os rastos terminavam á beira d'agua, e a trilha, por elles aberta, descia a ribanceira suave da lagôa da direita e prolongava-se até ás aguas limpas, atravéz dos nenupharés apartados para um e outro lado. O Tiburcio postou alli um piquete de trez praças e um cabo de confiança.

Alta noite, ao bater das varetas das nossas sentinellas, ouviu-se o echo, repercutindo pela matta, de um tiro daquelles lados.

Ao amauecer, achou-se um homem com a cabeça mergulhada na lagôa, os pés para o alto da ribanceira e o peito atravessado por uma bala. Era um sargento paraguayo, que levava numa bolsa de couro, a tiracollo, despachos em alfabeto de Morse, do commandante de Humaytá para o general Caballero.

O piquete continuou no mesmo lugar, mas ninguem passou depois por alli. Penetraram além pela floresta os reconhecimentos e nem uma pegada humana descobriram.

Buscaram os estafetas inimigos caminho mais seguro. Talvez passassem pelo barranco do rio e ouvissem o resomnar dos nossos camaradas fatigados.

As batidas por aquellas florestas eram quasi diarias. Algumas vezes, o unico ruido que despertava o silencio daquellas solidões, era o do bico dos picapáus batendo nos galhos grossos das arvores. Outras, porém, eramos recebidos a tiros pelo inimigo, que nos espreitava emboscado.

O meu amigo Amarilio de Vasconcellos, 2º tenente de artilharia, lembrou-se de fazer-me uma visita e passar o dia commigo. O seu regimento estava em Parecué. Quando chegou, eu ia sair com o Castello Branco para uma das nossas habituaes explorações.

Convidei-o para fazer parte da excursão; aceitou de bom grado. Tinha, de certo, curiosidade de assistir áquella nossa diversão, desconhecida dos officiaes da sua arma.

Os paraguayos bombardeavam, seguidamente, desde algum tempo, o nosso acampamento e não podiam estar os seus canhões muito distantes do Anday.

A força, nesse dia, era de cerca de trinta homens.

Deixámos o reducto, desfilando por uma ponte, á direita, atravessámos as nossas avançadas, que se apoiavam em um redente, construido á beira do rio e penetrámos no terreno perigoso. Chegámos sem novidade até á encruzilhada do caminho marginal. Alli, fizemos alto, e o Castello Branco disse-me:

—Fica aqui com dez homens, vigiando a estrada; eu vou ver si ha alguma novidade na ponte.

Esteudi os meus soldados na matta e destaquei um dos mais vivos e ageis para uma arvore, adeante da bifurcação. Em poucos minutos, rompeu nutrido tiroteio com a força do Castello Branco. O combate empenhou-se bastante renhido.

Estavamos perto um do outro. Pedi ao Amarilio que me substituisse um instante e corri até á ponte, onde o meu heroico amigo resistia impedindo a passagem de uma força paraguaya superior á sua. O inimigo fazia investidas e recuava, quando crepitou, viva, a fuzilada na nossa rectaguarda.

A situação tornava-se séria. Voltei ao meu posto e achei o Amarilio luctando bravamente contra os paraguayos, que se tinham aproximado, agachados e silenciosos, pela espesura da matta, para atacarem a rectaguarda do Castello. Fôram, porém, descobertos pela vedêta da arvore e burlados em seus planos. Pouco tempo depois, retiraram todos e nós nos recolhemos ao acampamento. O Amarilio agradeceu-me, chasqueando, a singular hospedagem e eu desculpei-me por ser essa a nossa vida de todos os dias.

Tínhamos, além destas, outras muitas distrações, si bem que não tanto impressivas.

Os paraguayos cruzavam sobre nós o fogo dos seus canhões assestados em Humaytá e para os lados do Timbó. O reducto era pequeno e cheio de gente; os artilheiros inimigos tinham boa pontaria.

A nossa situação não era das mais commodas e, por isso, um dos nossos camaradas fez-se apaixonado pescador. Passava horas esquecidas á beira do rio, de caniço em punho, acócorado numa anfractuosidade do barranco, onde era difficil chegar um estilhaço. Ouvia impassivel os nossos remóques mordazes e, quando era eu quem lhe

perguntava pelos dourados e pacús, que nunca pescava, respondia-me :

— Você, seu felizardo, está com a barraca *desenfada*.

Com effeito, era assim : estava armada entre dois paiões de pólvora.

Por causa desse camarada, o Castello Branco abandonou a pesca e recrudescceu na caça.

A sua companhia estava uma vez de linha e elle saíu a passarinhar. Distraindo, afastou-se muito para a frente e viu-se cercado por alguns paraguayos, que o observavam escondidos. Escapou com grande difficuldade.

Quando estavamos mais folgados, para matar o tempo, jogavamos o *Amigo*. Um dos nossos companheiros infalliveis era o Peritimo, 2º tenente de artilharia, decifrador incomparavel e notavel tambem pela precisão das suas pontarias. Si tocava a elle decifra :

— Vá para longe, seu Peritimo.

Elle se afastava.

— Póde vir.

— E' elle ou ella ?—perguntava.

— E' macho—dizia um.

— Como gosta do amigo ?

— Estrellado.

— Quando gosta delle ?

— Ao almoço.

— Para que serve ?

— Para uma fritada.

Elle puuha-se a parafusar e, depois de percorrer toda a roda, perguntava :

— E' fortim ?

— Não, não é.

E o Peritimo discutia, dizendo que havia fortins estrellados, dando como exemplo o do Tayi.

Não era raro serem os sons das nossas risadas abafados pelo estrondo de uma granada inimiga, que explodia perto.

Fazia parte da nossa roda, á noite, um medico, chegado havia pouco e não afeito ainda aos nossos habitos. Ao clarão de um phosphoro de cêra ruidoso, projectou-se a fio comprido no chão, pensando que era uma bomba. Depois, acostunou-se.

Assim passavamos a vida entre frequentes batidas na matta, — onde o inimigo nos espreitava — palestras alegres e francas, promptidões de duas em duas horas, linhas avançadas e rondas nocturnas.

Havia dous mezes que estavamos no segundo Chaco, quando amanheceu o 3 de julho, coberto de brumas, triste como o manto esbranquiçado que cobria a matta e o rio. A humidade era penetrante e as arvores gottejavam, como si as folhas chorassem. A natureza tinha a melancolia do inverno e o sol escondia-se atrás do nevoeiro. O homem sentia a influencia daquelle dia sombrio. Elle foi o que mais fundos traços cavou na minha memoria, naquella campanha, de mais de cinco annos. Guardo,

ainda vivazes, as suas impressões, como si as recebesse hoje. Jámais as esqueceria. Ao recordal-as, sinto estremecimentos e o brilho amortecido das armas ensanguentadas, os clarões rubros da fusilada, os gritos dos que avançavam e os gemidos dos que caíam, a vertigem deslumbradora da gloria, o roçar melancolico das azas da morte e, dominando todas as evocações tetricas, uma grande e profunda dôr. Nesse dia nefasto, partiu, cedo ainda, uma força de trez batalhões, sob o commando do Tiburcio, o 1º, o 14º e o 16º, pela estrada do Timbó.

Quando chegámos á encruzilhada, o Dezeseis fez alto. Os outros seguiram margeando o rio. Iam reconhecer a posição donde o inimigo fôra desalojado a 8 de maio. O Tiburcio, antes de continuar com o grosso da columna, chamou-me e deu-me a seguinte ordem :

— Escolha vinte homens e um corneta, avance por esta estrada, passe a ponte e siga. Si encontrar o inimigo, bata-o ; si fôr muito numeroso, mande me dizer para mandar-lhe reforços.

E seguiu. Era terminante e categorica a ordem. Pedi licença ao major e, na frente do batalhão em linha, fallei aos soldados :

— Quem quizer acompanhar-me, dê um passo á frente.

As fileiras se moveram. Precisava sómente de vinte. Conhecia-os todos pelos nomes e até pelos appellidos. Fiz a minha escolha. Partimos silenciosos. Chegando perto da ponte, encostei os meus homens á matta e avancei só com dois, em descoberta.

A ponte e a trincheira estavam desgurnecidas. Fiz signal á força para avançar. Cercámos a ponte, subimos a rampa, passámos a trincheira e entrámos na estrada da matta sombria. O silencio mais absoluto dominava allí. Destaquei dois homens como exploradores pelo matto, nas orlas da estrada e sêgui á boa distancia com os outros. Iam agachados, vigilantes. Não perdiamos nm só dos seus movimentos. De repente, pararam e um voltou-se, fez-me signal, chamando-me com a mão. Segredei : *Allo !*... aos que iam commigo e aproximei-me cauteloso.

Os paraguayos estavam perto, formados na estrada e eram pouco mais numerosos do que nós. Os seus esculcas, provavelmente, deram parte da approximação dos nossos batalhões. Esperavam-nos, talvez. Mandeí baixinho armar bayonetas; recomendei que avançassem resolutos e, ao avistarem o inimigo, déssem uma descarga, carregassem sobre elles. E assim fizeram. O inimigo recebeu-nos valorosamente, mas não pôde resistir á impetuosidade da brava *bahianada* : cedeu retirando e fazendo fogo. Nós

os perseguíamos, açodados e freneticos, disparando um ou outro tiro. Da estrada entrámos em um campo, que subia, suavemente, para o interior. Não me lembro bem da sua extensão. Sei sómente que era grande, que o transpuzemos em accelerado, perseguindo sempre o inimigo. No fim, havia um capão de matto. Por elle penetrou e nós no seu encaço. Quando saímos do outro lado, tínhamos pela frente uma forte palissada, alta, de troncos grossos e roliços. Parecia um curral de grande fazenda de criação. Pela porteira entraram os paraguayos. Fomos recebidos por uma descarga formidavel. Oito dos meus valentes camaradas caíram ensanguentadas. Mandeí os outros deitarem-se ao pé da palissada, gritarem o mais que pudessem, o corneta retirar-se para o capão e tocar *fogo*, sem cessar. Despachei um homem correndo para dar parte ao commandante. Fiquei apenas com onze. Não posso dizer quanto durou aquella nossa situação, que se aggravava de instante a instante, porque o inimigo, muito numeroso e forte, já saía das trincheiras e vinha avançando pela costa do matto para envolver-nos.

Vi tudo claro. A retirada era impossivel; iamos em pouco tempo cair prisioneiros daquelles barbaros. Não me abandonou, felizmente, a calma. Exhortei aquelles meus herões para resistirem até á morte. Elles, alegres, exclamavam :

— Qual, seu ajudante, aqui ninguém se entrega.

A minha resolução estava tomada. O inimigo se acercava mais e mais. Ia eu ordenar a loucura de uma carga, quando ouvimos já perto a corneta do Dezeseis tocando — *avancar*. Era o meu bom amigo Castello Branco, que vinha em meu soccorro, a marchemarche com a sua grande divisão, a setima e oitava companhias. Ouvira os echos do tiroteio e conhecera que eu tinha pela frente forças muito superiores. Os tiros paraguayos eram mais retumbantes que os nossos. Pediu ao major e correu para proteger-me. Postou-se atrás do capão e mandou me dizer que fôsse retirando. O inimigo, com grande surpresa nossa, recolheu-se ao entrincheiramento, suppondo, talvez, que era muito grande a força que avançava.

Perdi mais um homem e estendi os dez, que me restavam, no campo, continuando a tirotear fróuxamente. Apresentou-se-me, naquelle momento, o cadete Serafim, de artilharia, que queria combater. Todo recruta é afoito e elle portou-se intrepidamente. Era a primeira vez que entrava em fogo.

O inimigo sustentava o tiroteio de longe, abrigado nas trincheiras e na matta proxima, quando appareceu o

major com o resto do Dezeseis e uma ala do 1.º de infantaria. Era um veterano valente e bom, mas de vãos muito rasteiros. Chegou até á minha reduzida linha de atiradores, e mandou avançar.

Observei-lhe que o inimigo estava com grande força e bem fortificado e que me parecia ser insufficiente a nossa gente para batel-o e desalojar-o da sua posição. Reiteron a ordem e logo mandei o corneta tocar, — *Atiradores... avançar... acelerado!*...

Já o Castello Branco reforçara a minha linha. Embarafustámos pela porta larga da palissada e fomos parar na outra escarpa do fôss. Os paraapeitos estavam guarnecidos de ponta a ponta. As balas choviam sobre nós como granizo e a esplanada se enchia dos corpos, arquejantes e sangrados, da nossa gente.

O inimigo, da matta, manobrava para envolver-nos. Nada se fez para evitar o flanqueamento. Em pouco tempo, sentimos a nossa rectaguarda vacillar. Eramos carregados pelos flancos á bayoneta, e do alto das trincheiras os nossos bravos adversarios arrojavam-se sobre nós. Começou a confusão. Os soldados desordenados se retiravam. Debalde, tentavamos sobrepujar a onda, que nos envolvia por todos os lados. O alferes Firmino, que pelejava perto de mim e que foi o meu antecessor no cargo de ajudante, abraçou-se commigo; o sangue lhe jorrava em borbotões do peito valeroso e em ancias pedia-me que não o deixasse ficar alli. O transe era terrível. Ordenei a dois soldados que o levassem. Agarraram-no pelas pernas e pelos braços e o conduziam com o inimigo no encalço.

Luctavamos em retirada. De vez em quando, fazíamos alto e debalde tentavamos manter-nos na posição. Eramos logo repellidos. Um dos soldados do Firmino caíu varado por uma bala e o outro ainda o arrastou; mas teve de deixal-o para defender-se de um paraguay, que o investia furioso.

A retirada já era plena debandada. Os officiaes paravam na frente dos soldados de espada aameaçadora e pediam e faziam esforços inauditos para contel-os. Era tudo em vão. O inimigo desferrava-se da derrota de 4 de maio no Anday. Os nossos mortos, os nossos feridos lá ficaram. O alferes Firmino, o valente camarada, cujo sangue tingiu de vermelho a minha roupa, as minhas mãos, as minhas armas, morreu cortado á espada. Foi mais feliz do que os que caíram prisioneiros. A estes estavam reservados os supplicios mais aviltantes e mais dolorosos, desde o chicote até á agonia pela fome ou pela faca.

A perseguição cessou ao ganharmos o capão. Chegava nesse momento

o Tiburcio, que voltava do reconhecimento das trincheiras á beira do rio. Quiz tentar novo assalto; mas antes pediu informações, a opinião do Castello Branco e a minha.

Fomos contrarios, já era tarde: o Anday estava longe e a força cançada e com o moral abatido. Era preferível voltar depois. Conformou-se com o nosso parecer. Com a alma dolorida, deu a ordem de retirar.

O alferes Castro e Silva foi prezo pelo major do Dezeseis, porque estava furioso e attribuiu-lhe a responsabilidade do nosso grande revéz.

Quando chegámos, já o sol se tinha escondido, e o acampamento embuçava-se no manto escuro da noite, mais claro, todavia, que as sombras da tristeza e da dôr, que invadiam a minha alma amargurada.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa)

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO  
PEÇA EM 3 ACTOS

—  
A Arthur Azevedo

### PRIMEIRO ACTO SCENA III

OS MESMOS E ESTELLA

*Narciso váe ao encontro de Estella. Cumprimentos affectuosos.*

NARCISO

Já pedi desculpa á senhora d. Camilla, da minha visita em hora tão importuna, mas eu não me perdoaria deixar de vir apresentar os meus cumprimentos a v. ex. no dia de hoje.

ESTELLA

Muito obrigada, senhor commendador...

NARCISO

Sei que recebe á noite; infelizmente, porém, sou forçado a incorrer em falta grave, não por amor do meu interesse, sempre secundario, mas em defeza dos interesses dos que me confiam os seus capitaes. V. ex. é generosa e não me negará o perdão que humildemente solicito. (*Tomando o embrulhinho sobre o console:*) Mandei gravar o testemunho do meu respeito e os ardentes votos que faço pela felecidade de v. ex. (*Entrega.*)

ESTELLA

Obrigada, senhor commendador.

CAMILLA

Um instante, sim? Deixo-o em boa companhia. Sempre é mais agradável conversar com uma linda moça do que ouvir a serrazina impertinente de uma velha.

NARCISO

O' minha senhora...

CAMILLA

Um momento...

NARCISO

Eu tambem não me demoro.

CAMILLA

Sergio não tarda. Está respondendo a

uma consulta urgente do ministro da Viação sobre coisas da Avenida... E' a febre... (*Sorriem :*) Com licença.

*Entra á esquerda.*

## SCENA IV

NARCISO E ESTELLA

NARCISO, *depois de um silencio*

E' assim a vida. (*Relanceando um olhar pela sala:*) V. ex. enfeitada com flôres o que eu alumio com cirios funereos: o Tempo. Para v. ex. é o futuro que se aclara; para mim é o passado que escurece. V. ex. sóbe á tona da vida, cercada de luz; eu começo a afundar na treva. Quando me vejo ao espelho dou pelos cabellos brancos, penso que é já a cal destructiva com que se cobrem os esquifes.

ESTELLA, *sorrindo:*

O' commendador... Que idéa!

NARCISO

E' a verdade. O dia do meu anniversario é sempre triste para mim, não pela velhice que me traz, mas pelas saudades que revolve. Começo a viver de recordações — queimo a lenha que ajuntei para o inverno... E v. ex. olha o céu, sente o sol, ouve os passarinhos, com abadas de flôres e a canção nos labios...

ESTELLA

O commendador faz-se mais velho do que é...

NARCISO

Quarenta e oito annos...

ESTELLA

Pleno viço...

NARCISO

Pleno viço... E que direi eu da primavera? (*Silencio.*) E só... Ha um propheta em que ninguém attenta, posto que ande diariamente com o memento, mostrando a tristeza da nossa condição ephemera: é o sol. Qual é a somma do homem ao sol? um pouco de sombra. O celibatario tem apenas essa companhia funebre e rastejante, porque é do nada. V. ex. fala e ouve uma resposta viva, o meu interlocutor é o echo — o espectro da minha propria voz.

ESTELLA

Porque não se casa, commendador?

NARCISO

E' tarde.

ESTELLA

Tarde? Mas o senhor decididamente julga-se muito velho...

NARCISO

Não é por isso...

ESTELLA

Então porque é?

NARCISO

O amor, minha senhora, é uma realidade feita de idéal. Só se é verdadeiramente feliz no amor quando se consegue encontrar o o que se imaginou. Quantas vezes terá v. ex. exclamado, deante de uma linda payzagem, por exemplo: « Era assim justamente que eu a imaginava! » Quer isto dizer que v. ex., pensando na realidade; creára a illusão com todos os detalhes maravilhosos do seu gosto e todos os encantos subtis do seu sentimento e, encontrando a ficção na terra, rejubi-

lára... O amor nasce do sonho e vòa para o real a encarnar-se... Raramente encontra a materia propicia e fica sempre infeliz... com saudade do sonho.

ESTELLA

E o commendador não encontrou o seu idéal?

NARCISO

Encontrei-o, pois não.

ESTELLA

Laura, d'olhos azues... O senhor fala tanto em olhos azues...

NARCISO

E para que não suspeitem de mim quando contemplo os olhos negros.

ESTELLA

Dissimula...

NARCISO

Como quem ama... em segredo.

ESTELLA

E porque não realizou o seu sonho... Se achou o seu idéal...?

NARCISO

Infelizmente quando o achei... já outro o conduzia. (*Silencio* :) Mas eu estou importunando v. ex. com a historia do meu amor.

ESTELLA

Não, interessa-me.

NARCISO

Fala serio?

ESTELLA, *sorrindo* :

Tão serio...

NARCISO

Que ri...

ESTELLA

Sorrio... e o sorriso é sempre um aceno do prazer.

NARCISO

Ou um disfarce do bocejo.

ESTELLA

Quando ha somno.

NARCISO

Ou tedio.

ESTELLA

Não costume dormir á sesta nem tive ainda ensejo de conhecer esse mal, que os poetas dizem ser cinzento.

NARCISO

Não lhe sei a côr, conheço-lhe os efeitos.

ESTELLA

Mas com a sua fortuna, commendador... Eu, se fôsse rica como o senhor...

NARCISO

Que faria?

ESTELLA

Teria todos os prazeres escravizados á minha vontade.

NARCISO

E' justamente o que eu não quero — o prazer servil.

ESTELLA

E' abolicionista?

NARCISO

Sou. Entendo que o prazer deve vir alegre, como a ave que recolhe ao ninho e não como o prisioneiro que é arrastado ao carcere. O amor (*Outro tom* :) Mas v. ex. está naturalmente a pensar consigo: « Que futil...! »

ESTELLA

Futil? porque fala no amor? mas é futilidade adoravel... O assumpto agrada-me: é romantico.

NARCISO

E v. ex. é romantica?

ESTELLA

Um pouco, como toda a mulher.

NARCISO

Sonha...

ESTELLA

A's vezes... (*Silencio*.)

NARCISO

V. ex. é infeliz...

ESTELLA

Infeliz... eu! porque?

NARCISO

Porque sonha. Sonhar é viver no idéal e quem vive nesse paraíso ephemero, é sempre infeliz quando baixa á realidade.

ESTELLA

Nem sempre.

NARCISO

Sempre!

ESTELLA

Eu, por exemplo.

NARCISO

V. ex..., por exemplo.

ESTELLA

Considero-me perfeitamente feliz.

NARCISO, *depois de a filar* :

E... o Carlito?

ESTELLA

Que tem?

NARCISO

E' feliz com elle? (*Estella encarou-o*). Perfeitamente feliz?

ESTELLA

Sou.

NARCISO

Não é.

ESTELLA

Porque affirma?

NARCISO

Desminta-me, se é capaz.

ESTELLA

Desmentil-o... Mas o senhor não está mentindo, está apenas fazendo uma conjectura falsa, talvez porque me vê triste em certos dias. Já lhe disse que sou romantica.

NARCISO

O motivo é outro... A causa da tristeza não vem de v. ex... vem delle...

ESTELLA

Porque diz isso...?

NARCISO

E' que...

ESTELLA

Fale...

NARCISO

Para fugir ao silencio da minha casa, não tendo responsabilidade de familia, costume sair á noite. Deixo-me ir ao acaso. A's vezes, dou com o meu tedio nos theatros, onde logo me enforo; saio, erro e, antes de recolher-me, sento-me á mesa de um hotel para uma ceia rapida. Quantas vezes me tenho voltado surprehendido ouvindo vòzes conhecidas, vòzes de homens cujas esposas, talvez afflictas, os estejam esperando insomnes, imaginando desastres, sem suspeitarem a verdade. Que dizem taes vòzes? dizem,

com snave accento, nomes femininos, fazem promessas meigas, pedem, com humildade, beijos que se vendem, commentam, com escarneo, os amores honestos, negam o que juraram, protestam...

ESTELLA

Estou certa de que entre essas vòzes, nunca reconheceu a do meu marido...

NARCISO

A do seu marido?

ESTELLA

Sim.

NARCISO, *depois de um silencio* :

Afinal, eu vim aqui trazer felicitações a v. ex. e perdi-me na floresta seductora dos encantos.

ESTELLA

Onde, ás vezes, apparecem animaes ferozes, commendador. Mas continuemos.

NARCISO

O assumpto é desagradavel...

ESTELLA

E' interessantissimo. Eu sou uma creatura singular, de theorias, talvez, ridiculas, pela humildade dos principios. Amo meu marido e, para vel-o alegre, faria todos os sacrificios...

NARCISO

Menos o do ciúme.

ESTELLA

Só tenho ciúme do que vejo, do que está á altura do meu olhar. Não posso ter ciúme da devassidão porque não desço com os olhos até lá. (*Outro tom* :) Mas, diga-me: já o encontrou algumas vez em taes... reuniões? E' possivel. Elle tem 27 annos, é um rapaz...

NARCISO

E' um chefe de familia.

ESTELLA

Que tem isso?

NARCISO

V. ex. acha?

ESTELLA

Eu? Mas eu penso como deve pensar toda a mulher honesta e de bom senso: o marido fóra do lar é um homem entre os homens.

NARCISO

E' entre as mulheres...

ESTELLA

Sim... e entre as mulheres... De portas a dentro, é o esposo. O compromisso do marido não tolhe a liberdade ao homem. Commendador, o segredo astucioso da mulher foi-lhe communicado pela serpente no Paraíso, e consiste em manter a presa, dando-lhe elastério bastante para que ella se julgue em liberdade, attraíndo-a, facilitando-lhe de novo a fuga, cançando-a até que a fadiga a prostre...

NARCISO, *sorrindo* :

E a serpente devora-a...

ESTELLA

Vence a mulher...

NARCISO

E' habil!

ESTELLA

A virtude do homem chama-se dever, é fundamentalmente diversa da virtude da mulher, que é a honestidade. Em que consiste a bondade do esposo? em ser fiel á



mulher? não — mas em ser forte, providente, solícito, carinhoso, amante dos filhos, zelador da casa. A sua « honra », elle a entrega á mulher no dia do matrimonio, a ella compete guardal-a...

NARCISO

E fica o homem...?

ESTELLA

Sem os compromissos decorrentes dessa honra convencional. Quando se diz que um homem é um bom chefe de familia, subentende-se que elle provê a todas as exigencias domesticas e é amigo dos seus. Da mulher só se afirma que é virtuosa quando não se lhe conhece um amante. E' uma lei injusta, sem reciproca, mas é a lei. Que importa que um marido viva lá fóra, como rapaz, se elle, ao atravessar o portão, atira á rua, com a ponta do charuto, todos os pensamentos torpes que possa ter trazido da estroinice? A meu lado, é o esposo e do esposo eu só tenho a dizer bem.

NARCISO

Nem eu disse mal.

ESTELLA

Não disse; falou vagamente em vózes. Que elle folgue, que se fatigue... Aqui me ha de encontrar sempre de braços abertos para recebê-lo e, inclinando sobre o meu coração a sua cabeça aturdida, achará repouso e, talvez, o arrependimento, ouvindo o suave latejar do sangue que leva, rolando por todos os veios do meu corpo, como o ouro nos rios, o seu nome, o meu amor...

NARCISO

E' lindo, minha senhora.

ESTELLA

Pois é assim.

(Continúa)

(\*) É prohibida a reprodução.

## COLOSSAL LIQUIDAÇÃO

### MOTIVOS PARA MUDANÇA

Motivos.

Elza conhecia muitos motivos, os de Chopin, Wagner, Mozart, de Cimarosa, até mesmo uns virginaes motivos de Schiller; mas aquelles motivos, assim, tão genialmente nacionaes, com todas as letras desta lingua desmotivada, não conhecia nem nunca em tal lhe falára o proprio mestre, que era versado em questões de motivos e os arranjava com habilidade e arte.

Era a segunda vez que semelhante cartaz a deixava pensativa e rememoradora, rebuscando todos os seus conhecimentos musicaes, com cuidado, na tortura deliciosa de topar, entre a legião infindavel dos seus auctores predilectos, o auctor indigenamente original das *Motivos para mudança*, manufactura desconhecidissima nos Brazis. Em casa, folheava todos os seus volumosos albuns, postados em extensas theorias douradas de marroquim espelhante e vermelho, peça

por peça, relendo os auctores e os titulos, na perturbação de quem teme encontrar o que procura. Já pela casa se armava um protesto contra aquelle estudo mortificante de Elza, entre o piano e os motivos e, sobre qualquer assumpto, á mesa, logo ella atirava um motivo estafante que assombrava a todos.

Certa vez, ao jantar, falava o dr. Pineta, infallivel commensal ás quintas-feiras, sobre o « *habeas corpus* Lauro Sodré », discutindo as probabilidades da victoria pelos votos que ia annunciando e commentando na certeza de que a mudança de fôro era palpavel, inilludivel. E mal pela sala soou, com todas as suas vogaes cheias, retinentes, a sentença doutoral e, logo, Elza affirmou, convencida:

— Ah! motivos para mudança de fôro! — E foi uma estupefacção geral.

Elza, porém, não desanimava e proseguia com zeloso ardor para a descoberta daquelles motivos nacionaes. Lembrou-se do primo, poeta, orador e musicista, que sempre lhe indicava novas revistas de arte e novos successos de artistas. Fez-lhe uma carta, perfumosa e recatada, numa lettra muito feminina e caprichada, onde lhe invocava a auctoridade e os estudos, o parentesco e o decidido amor ás notas, e concluia:

«E' em virtude, meu primo, em bem da sublime arte que cultivamos, que eu ousou vir por meio desta, indagar-lhe de semelhantes motivos, que sei não pertencem a Carlos Gomes nem estão referidos na grande epopéa hymnial de Francisco Manoel, as duas bases do desenvolvimento da musica, entre nós. *Motivos para mudança* pareceram-me antes alguns trechos novos de musica descriptiva e nunca executada em nossos *sarás*. Depois, em tão obscuro e distante logar, fui ver esse cartaz, que não trepido em affiançar, desde agóra, que sejam taes motivos de algum moço principiante e pobre que pretende reformar os seus, implantando em nossos habitos espirituaes musica outra e nascida entre o esplendor da nossa natureza e os cantos dos passaros. Uma especie de imitação dos gorgeios das nossas aves e do ramalliar das nossas florestas gigantes. O primo, como mais sabedor e alumno distincto do Instituto, melhor informação me poderá dar sobre os *Motivos para mudança*, titulo suggestivamente portuguez e providencialmente inspirado, pois é mistér que nós nos libertemos do que nos impinge o estrangeiro.—Sou sua etc.»

Elza não socegou mais, á espora da resposta do primo. De todas as vezes que o correio apparecia, era um palpar mais apressado no seu coração e um esfriamento de mãos e um tremer de pernas para depois cair numa las-

sidão doentia ao piano e levar horas esquecida, sem ouvir nada, sem executar coisa alguma. Já trez dias se tinham passado nesse amollecimento e na quarta manhã, chuvosa e enervante, a carta do primo chegou, e ella toda, num salto, refloresceu e aromou-se como a bonina ao toque do orvalho da tarde!

Era longa a carta e remontava ao periodo primitivo para vir caído, em seguida, de epocha em epocha, até aos *Motivos para mudança*:

«Revolvi toda a minha vasta bibliotheca, consultando os afamados mestres e só pude saber isto, que já sabia, e que é do nosso immortal Larousse, sobre todos os motivos existentes, excepto os *Motivos para mudança*:

«I— *Idée sur laquelle roule un morceau, phrase musicale qui reproduit avec des modifications et donne le caractère du morceau.*»

«II— *Courtiser une fille pour le bon motif.* (Montepin).»

«Quanto aos *Motivos para mudança*, minha santa prima, parece-me a mim, na minha humilde e fraca opinião, que não convém estar com esses motivos de preocupações contínuas, pois é de bôa regra em coisas de motivos ou assumpto musical, que os motivos aborigenes, (desculpe-me a singular classificação) incluídos mesmo os de Francisco Manuel e Carlos Gomes, não são motivos decentes nem recommendam o Paiz. Esses *Motivos para mudança* são de uma desoladora originalidade. Não creia que nós possamos fazer coisa além dos motivos revolucionarios ou eleitoraes. Seu, etc.»

Mas esta resposta, cognominada por Elza de prolixamente despatriotica e pedantescamente academica, não a satisfizes nem a elucidou em nada. Absolutamente não acreditava que a NAÇÃO não tivesse filhos dignos de compor motivos e que se pespegasse um tão grande cartaz sem que o auctor o merecesse e a descoberta necessitasse. E logo foi seu intuito adquirir os *Motivos para mudança*, e proteger aquelle desconhecido artista brasileiro.

E, num bello dia, Elza, de *portemonnaie* e alegrias, saltou lésta do bonde em frente á *Colossal liquidação* — *Motivos para mudança*, e reclamou, consolada e feliz, que lhe vendessem todos os *motivos*.

\* \*

Elza era nacionalista, tinha no sangue o fogo do patriotismo.

FRANCISCO SERRA.

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do 1º trimestre d'OS ANNAES.

## OS ELEITOS DA HUMANIDADE

Les vivants sont de plus en plus gouvernés par les morts.  
AUGUSTE COMTE.— *Politique Positive.*

As memorias gloriosas  
Cantando espalharei por toda a parte  
Si a tanto me ajudar o engenho e arte.  
CAMÕES.— *Lusiadas.*

XXVII

HIPPOCRATES

(A BIOLOGIA ANTIGA)

Do que nos templos de Esculapio ensina  
Toda a sabedoria dos Theocratas,  
Tiras formulas nitidas, exactas,  
As leis primordiaes da Medicina.

Nos *Aphorismos* immortaes relatas  
Que a natureza humana é que é divina,  
Pois á molestia só a Lei domina;  
E assim as causas vãs tu desbaratas.

Proclamando dos actos o concurso  
E a acção fatal do Mundo sobre o Homem,  
Da Biologia presentiste o curso.

Com teu saber a vida consagraste  
A curar dôres que o viver consomem,  
Pela Sciencia e Amor te eternisaste.

XXVIII

APOLLONIO

(A MATHEMATICA ANTIGA)

Sendo a medida da extensão fundada  
Pelo genio assombroso de Archimedes,  
As leis da forma cultivar te agrada,  
Achas theoremas, extensões não medes.

Construindo a theoria condensada  
Das tuas curvas conicas, excedes  
A sciencia em tua epoca espalhada,  
E o genio de Descartes tu precedes.

Pois formulando as leis dessas tres formas,  
A antiga mathematica transformas,  
Presentes a Moderna Geometria.

E, esboçando o systema subjectivo  
Do geometrico estudo, és redivivo  
Na Synthese Final que elle previa.

XXIX

HIPPARCO

(A ASTRONOMIA ANTIGA)

Com os circulos do diopre e do astrolabio  
O seu olhar os astros aprecia,  
E estabelece leis de Astronomia  
Seu genio de philosopho e de sabio.

O levante observando, dia a dia,  
De estrellas mil, seu movimento sabe-o,  
Quando descobre e brotam-lhe do labio  
As bellas leis da Trigonometria:

Continuando os trabalhos de Aristarco  
E de Eratósthenes, achou Hipparco  
As leis fundamentaes do céu profundo.

A astronomia antiga synthetisa;  
E o seu nome na Historia symbolisa  
Um dos grandes astronomicos do mundo.

XXX

PLINIO, O Velho

(A ERUDIÇÃO ANTIGA)

Deus est mortali juvare mortalem.  
PLINIUS — *Naturalis Historia*

Compilador das descripções antigas  
Do Céu, da Terra, de Animaes e Plantas,  
A grandeza e o poder do mundo cantas  
E a Natureza em synthese religas.

Em tua *Historia Natural* abrigas  
Todo o Universo com bellezas tantas  
Que outras obras analogas supplantas,  
Pouca embora a sciencia a que te ligas.

A erudição antiga tu resumes  
No encyclopedico saber concreto,  
Que registram teus multiplos volumes.

E nesses livros, que éras não consomem,  
Fica immortal o distico selecto:

«Deus é o homem que ajuda o proprio homem.»

Rio, 117 — 1904

(Poemas sociolaticos).

REIS CARVALHO.

(Oscar d'Alva)

## Á MINHA MUSA

Musa, toda a minha alma a tua alma retrata:  
Se rio, o riso entre-abre os teus labios em festa;  
Soffro, e sobre o pallor da tua face mésta  
Tristemente o collar do pranto se desata.

Sonho, e a mundos ideaes o enlevo te arrebatá...  
E o que a minha alma admira, ama, odeia e detesta,  
E illumina-me o olhar e sombreia-me a testa,  
O teu gesto traduz e a tua voz relata.

Quer te elevés no vôo audaz do pensamento  
E vás livre pairar das estrellas em meio,  
Quer te embale de leve um brando sentimento,

Quer estejas alegre, atormentada ou calma,  
É-me grato sentir que dentro do teu seio  
Vibra o meu coração e palpita a minha alma.

JULIA CORTINES.

## O ALMIRANTE (28)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPÍTULO XV

Attenta a esse despertar, frio, normal, como o de todos os dias, a marquezia procurou, em vão, ouvir alguma coisa que lhe confirmasse as suspeitas; e, á proporção que se accentuava com vigor crescente a luz do sol, ella enlanguescia, extenuada no desconsolo de ver se delirem, como coisas ephemerias, os receios, os indícios de perigo, o excitante da sua combatividade morbida, como se preferisse a essa calma serena, as convulsões de um conflicto medonho, a cidade em pânico, a população fugindo amedrontada pelo ribombo dos canhões, pelo pipocar das descargas, em combates sangrentos, nas ruas, juncadas de victimas. Lamentava os seus terrores desfeitos como cruciantes episodios de um pezadelo.

Quando a mucama lhe trouxe, com o café, os jornaes, ella os percorreu numa ancia curiosa. O primeiro que abriu, a *Gazeta de Noticias*, continha, apenas, a seguinte nota de ultima hora:

«No quartel-general, estavam reunidos, ás duas horas da madrugada de hoje, o sr. ajudante-general do exercito e diversos officiaes generaes.

«No quartel, achavam-se em fórma um batalhão de infantaria, e o regimento ou parte de cavallaria.»

Que se passára depois da conferencia dos ministros e da reunião dos generaes em torno de Floriano Peixoto, ajudante-general do exercito, considerado amigo dedicado do governo e um cabo de guerra de grande prestigio pela sua bravura, calma, inalteravel, nos mais perigosos transe?...

A marqueza desceu com a apparencia despreoccupada de um passeio matinal pelo jardim. Chegou até ao portão, donde o seu olhar prescrutador se estendeu pela perspectiva da grande rua tortuosa, marginada de arvoredo frondoso, a desbordar dos gradis das chacaras, ondulado ao embate macio da brisa fresca. Nas calçadas, caíam, piruetando, largas flôres dos algodoeiros bravos, viçosos, plantados ao longo dos *meio-fios* em renques, interrompidos pelos troncos desformes figueiras, cujas raizes possantes aluáam os lagedos, perturbando-lhes o nivelamento. E toda a gente ia e vinha, como frequentadores habituaes, lentamente, sem denunciarem o mais ligeiro indicio de uma população conturbada pela noticia de um conflicto no centro da cidade.

— Nada houve — pensava a marqueza, regressando do portão e seguindo por uma das alamedas para o

interior da chacara—Nada houve. Más noticias se propagam por encanto, por meio de conductos imperceptiveis, como se voassem nas azas do vento. Além disso, Oscar encontraria meios de mandar-me communicações promettidas.

Nessa excursão, caminhando, lentamente, ella foi ter ás proximidades do Paraizo, escondido em densa folhagem sylvestre, como um sitio maldito, onde ninguem penetrára, depois da morte do marquez. Lá dentro, no emmaranhado de cipós e espinheiros aggressivos, a fonte borbullhava, ainda em eterno pranto, a nota saudosa do acontecimento tragico, sempre vivo na memoria da viuva, que se afastou horrorizada, cambaleando, vacillante, esmagada ao pezo das recordações, da fadiga daquella noite de anciedade terrivel. Com o rosto decomposto numa pallidez de morta, foi marchando a êsmo, como um ébrio, tacteando com as mãos hirtas o espaço que os olhos desvairados não viam, apoiando-se aos asperos troncos das jaqueiras, até que, tocando o marmore frio de um dos pequenos tumulos dos filhos, com um grito doloroso tombou desfallecida.

Pouco depois, já sol alto, o Sebastião encontrou-a nessa lamentavel situação; chamou as creadas e a pobre senhora foi conduzida, desacordada, para os seus aposentos, onde repousou, serenamente, como si succumbisse a um somno invencivel.

Sebastião chamou um medico que passava, ao mesmo tempo que chegava em um tilburi, a desparada, o Castrinho, enviado de Oscar para tranquillisar a marqueza e amortecer o choque que lhe deveria causar a noticia dos successos daquella manhã.

— Que foi, doutor — perguntou o Castrinho, quando o medico saía do quarto da doente.

— Nada. O coração e o pulso estão um pouco agitados. Não quiz prolongar o exame para não a despertar: dorme como uma creança... Trata-se de excessiva fadiga, noites em claro... Em todo o caso, vou receitar um calmante para quando ella despertar. Deixem-na dormir até recobrar as forças consumidas... Muito silencio; evitem o menor ruido...

Castrinho transmittiu as ordens do medico ás mucamas e mandou um carro em busca de d. Eugenia, a amiga mais proxima e em condições de prestar á marqueza os cuidados que ella carecia, e ficou a passeiar muito agitada, aos saltinhos de passaro, muito aborrecido com aquelle incidente, que lhe impunha, como amigo da casa, o dever de ficar ao lado da illustre enferma, entregue á desvairada solicitude da creadagem attonita.

— Esta só a mim acontece! — murmurava elle, alisando sobre a testa

as pastinhas rarefeitas e lustrosas como azas de um passarinho negro. Foi mesmo um desastre encontrar o Oscar e encarregar-me desta escabrosa incumbencia que, afinal, me reduziu ao papel de enfermeiro.

Fitando impaciente o portão, numa inquietação de homem habituado a excessiva actividade, excitado pela inopinada impressão dos acontecimentos que, havia pouco, testemunhára, elle andava de um para outro lado, com as mãos nos bolsos das calças, sacudindo, freneticamente, um ruído molho de chaves, que tilintava incessantemente.

Um suspiro de allivio lhe ergueu o peito alvo e reluzente da camiza branca, quando chegou o carro com d. Eugenia e as filhas.

— Ah, minha senhora — bradou Castrinho, correndo-lhes ao encontro — Que desgraça!...

— A pobre amiga não pôde resistir á commoção da horrivel noticia — Não foi?... — inquiriu d. Eugenia, o rosto deformado por uma indizível expressão de terror.

— Não, minha querida senhora — tornou Castrinho — Ella nada sabe. Encontrei-a desmaiada quando vim da parte de Oscar comunicar-lhe as occurrencias. Está, agóra, dormindo tranquillamente. Diz o medico que ella succumbiu a excessiva fadiga. Deixem-na dormir: é a ordem.

— Podereis vel-a!...

— Com muito cuidado para não a despertar.

D. Eugenia e as filhas subiram aos aposentos da marqueza e, com mil precauções, viram-na, na penumbra do quarto, de cortinas cerradas, estendida, em desalinho, no magestoso leito, dormindo serenamente, o seio a arfar de manso, erguendo em suave movimento as candidas rendas da camisa.

Hortencia, sem pronunciar uma palavra, limpou as lagrimas: libertou-se do chapéo, das luvas, conversou em vóz baixa com as creadas e postou-se na ante-sala, disposta a velar pela sua estremecida amiga.

— Eu ficarei aqui — disse ella ás irmãs.

— Si precisares de nós — observou Amelia — estamos ás tuas ordens.

Volvendo ao andar terreo, d. Eugenia repetiu ao Castrinho:

— Que desgraça; esse levante das tropas!. Oh, meu marido tinha razão..

— Onde está o conselheiro?

— No seu posto, no paço, como fiel servidor da casa imperial. Não nos foi possivel detel-o; logo que soube dos acontecimentos partiu, deixando-nos numa afflicção terrivel.

— Venho do Campo de Sant'Anna, que está todo occupado pelo exercito e cheio de povo, acclamando enthusias-

ticamente os soldados: um delirio. Parece que aquella gente perdeu a cabeça. Em frente ao quartel general, estendera um parque de artilharia: batalhões de linha, fuzileiros navaes, corpos de policia da Côrte e de Nictheroy, piquetes de cavallaria sitiavam a praça, preparados para combate.

— Que horror! — exclamou d. Eugenia, varada de commoção.

E o Castrinho contou que todas as avenidas do Campo estavam interceptadas por forças consideraveis — uma do 1º de cavallaria, commandada por um cadete-sargento, na rua Marcilio Dias; uma de carabineiros-lanceiros e de alumnos artilheiros, em frente da Escola Normal, fuzileiros navaes, na rua Senador Euzebio, e, entre o quartel general e a estação da estrada de ferro d. Pedro II, o corpo de imperiaes marinheiros. Nas ruas, reinava delirante alegria. Pela do Ouvidor, passavam grupos de patriotas, dando vivas á Republica.

— Eu cheguei ao Campo — continuou o Castrinho — no momento em que regressava o barão do Ladario, que saíra a dar ordens aos fuzileiros navaes. Sendo intimado por um official a se render, tirou do bolço um revolver e fez fogo, sem attingir o official. Avançando, então, o general Deodoro foi recebido com outro tiro, quasi a queima roupa, que tambem errou o alvo. Da escolta do general, partiram alguns tiros de carabina, emquanto Deodoro gritava aos seus: Não matem esse homem. Mas o barão caíra ferido. Transportaram-no para o palacio Itamaraty na rua Larga. Que homem! Não se lhe ouvia um gemido... Pouco depois, encontrei o Oscar, que ia em procura do barão e pediu-me para vir tranquillisar a marquezia, que deveria estar anciosa pelas noticias que lhe promettera.

— E o ministerio?

— Esse estava reunido no quartel general, quando Deodoro, á frente das suas forças, montando um cavallo baio reiúno, tomado de um alferes, aproximou-se, impavido, do portão fechado, bateu nelle com os copos da espada e entrou, sendo aclamado pelas forças que estavam no interior, regressando ao Campo acompanhado por ellas em vehementes aclamações. Não sei bem o que se passou lá dentro: apenas ouvi dizer dizer que o ministerio sitiado, não dispondo de meios de resistencia, pedira, por telegramma, ao Imperador, a exoneração.

— Ah! está — observou d. Eugenia, em que deu a teimosia, o demasiado amor proprio desses homens. Si ouvissem as sabias admoestações do Antonino nada disso aconteceria.

— Não creia, minha senhora, que alguém neste mundo pudesse amparar esse golpe.

— Ha dias, disse-me o Antonino: estamos sobre um vulcão.

— Tinha razão, mas ninguem acreditaria que fizesse erupção de um momento para outro, repentinamente. Além disso, o governo contava com a policia, com os bombeiros, com a guarda nacional, com a marinha: tudo falhou. Foi uma traição em regra, por atacado, em toda a linha.

— Foi quasi providencial que a nossa querida marquezia adoecesse para não soffrer o tremendo choque da noticia dessa calamidade. E agóra?

— Agóra? Quando deixei o Campo, o general Deodoro, depois de conferenciar com Floriano Peixoto, se dirigiu ao salão onde estava o ministerio; expuzera-lhe as queixas do exercito e intimára-o a deixar o governo; e como o conselheiro visconde de Ouro Preto, declarasse, ênergicamente, não obedecer a essa intimação, fôram, elle e o conselheiro Candido de Oliveira, prezos, com opção para se retirarem desterrados para algum paiz europeu. Instantes depois, ribombava, no Campo, uma salva de artilharia, saudando a victoria dos rebeldes.

— Que será de nós?

— De mim, minha senhora, deste seu creado, que tinha uma fortuna engatilhada em magnificas operações de bolsa, centenas de contos que irão, agóra, por agua abaixo.. É' uma fatalidade, uma terrivel fatalidade.

E, antes que d. Eugenia tentasse detel-o, o Castrinho, com mil desculpas e muitos votos de ternura pela enferma, partiu no tilburi que o esperava.

Amelia, ouvira impassivel, a narrativa, abstendo-se da intervir, porque não gostava do Castrinho, dos seus modos affectados, cheios de denguiques efeminadas. Por isso, quando a mãe lhe pediu a opinião sobre os factos, ella respondeu friamente:

— Mãe, sabe quanto esse snjeito é exaggerado. Reduza á metade tudo o que elle disse e verá que não se trata de nenhuma revolução.

— Então achas pouco, filhinha — observou d. Eugenia, muito afflicta — os soldados deporem o ministerio, com tamanho aparato de força?

— E ficará nisto. O Imperador virá de Petropolis, apoiará o movimento militar, porque não deseja dissidencias com a força, chama outro ministerio e ficam todos muito satisfeitos. A tragedia acabará em comedia, com vivas, musicas, manifestações estroncosas, como sempre...

— Desta vez, parece que não, filha; o caso é muito serio. E teu pae, coitado, onde andarás a estas horas?

— Papae foi ao paço, onde não correrá perigo. É' muito conhecido; ninguem onsará desrespeital-o.

— Não devemos confiar: essa gente

amotinada é capaz dos mais horriveis excessos.

No andar superior, Hortencia, atenta ao mais ligeiro movimento, continuava a velar, carinhosa, o somno placido da marquezia, cuja pallidez desapparecia, lentamente, do rosto aquecido pelo calor do quarto fechado, pelas emanações de flôres, de perfumes, que lhe saturavam o ambiente. Quando o sol descambou para o poente, Hortencia abriu uma das venezianas para renovar o ar e foi surprehendida pela tenue vóz da marquezia.

— Oscar!... — murmurou ella, brandamente, entreabrindo os olhos fatigados. Depois sorveu de um góle o caldante, que Hortencia lhe offerencia; sorriu e, apertando-lhe a mão, recaiu no somno reparador.

O aspecto da rua se transformára. Em todas as janellas, em todas as portas, viam-se grupos de pessoas, com maneiras de curiosidade alarimada, conversando com estranha animação e voltando-se frequentemente, para o lado de Botafogo, donde vinham carros, atopetados de familias que fugiam talvez da cidade em busca de abrigo seguro. Os que vinham chegando eram assaltados com pedidos de noticias, pois contavam-se coisas horriveis, conflictos sangrentos, ampliados de bocca em bocca pela phantasia do medo, que é formidavel lente de augmento para olhos timidos.

(Continúa)

## PAGINAS ESQUECIDAS

### A UMA SENHORA

*Rezando por umas contas*

Peço-vos que me digaes  
As orações que rezastes,  
Se são pelos que matastes  
Se por vós que assim mataes?  
Se são por vós, são perdidas;  
Que qual será a oração  
Que seja satisfação,  
Senhora, de tantas vidas?

Que se vêdes quantos vêm  
A só vida vos pedir,  
Como vos ha Deus ouvir,  
Se vós não ouvis ninguem?  
Não podeis ser perdoada  
Com mãos a matar tão prontas;  
Que se n'uma trazeis contas,  
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encommendando  
Os que matastes andaes;  
Se rezaes por quem mataes,  
Para que mataes, rezando?  
Que, se, na força de orar,  
Levantaes as mãos aos céos,  
Não as ergueis para Deus,  
Erguei-las para matar.

E quando os olhos cerraes,  
Toda enlevada na fé,  
Cerram-se os de quem os vê  
Para nunca verem mais.  
Pois, se assim forem tratados  
Os que vos vêm, quando oraes,  
Essas horas que rezaes  
São as Horas dos finados.

Pois logo, se sois servida  
Que tantos mortos não sejam,  
Não rezeis onde vos vejam,  
Ou vêde para dar vida.  
Ou se quereis escusar  
Estes males que causastes,  
Resuscitai quem matastes,  
Não tereis por quem rezar.

CAMÕES.

\*  
\*\*

## UM APOLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novello de linha :

— Porque está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo ?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe ? Que a deixe, por que ? Porque lhe digo que está com um ar insuportavel ? Repito que sim, e falarei sempre que me dê na cabeça.

— Que cabeça, senhora ? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar ? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— De certo que sou.

— Mas por que ?

— E' bôa ! Porque côso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os côse, senão eu ?

— Você ? Esta agôra é melhor Você é que os côse ? Você ignora que quem os côse sou eu, e muito eu ?

— Você fura o panno, nada mais ; eu é que côso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados.

— Sim, mas que vale isso ? Eu é que furo o panno, vou adeante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando.

— Também os batedores vão adeante do Imperador.

— Você Imperador ?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adeante ; vê só mostrando o caminho, vê fazendo o trabalho obscuro e infimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto.

Estavam nisto, quando a costureira chegou á casa da baroneza. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baroneza, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás della. Chegou a costureira, pegou do panno, pegou da agulha, pegou da li-

nha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo panno adeante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ageis como os galgos de Diana — para dar isto uma côr poetica. E dizia a agulha :

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia ha pouco ? Não repara que esta distincta costureira só se importa commigo ; eu é que vou aqui entre os dedos della, unidinha a elles, furando abaixo e acima . . .

A linha não respondia nada ; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ella, silenciosa e activa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ella não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E' era tudo silencio na saleta de costura ; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no panno. Caíndo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte ; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baroneza vestiu-se. A costureira que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessario. E enquanto compunha o vestido da bella dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dalli, alisando, abotoando, acolchetando ; a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe :

— Ora agôra, diga-me quem é que vêe ao baile, no corpo da baroneza, fazendo parte do vestido e da elegancia ? Quem é' que vêe dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das muçamas ? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada ; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiencia, murmurou á pobre agulha :

— Anda, aprende, tola. Canças-te em abrir caminho para ella e ella é que vêe gozar da vida, enquanto ali ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguem. Onde me espetam, fico.

Contei esta historia a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça :

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinaria !

MACHADO DE ASSIS.

\*  
\*\*

## A MONARCHIA E OS REPUBLICANOS

—

A imprensa republicana, fiel ao infeliz plano, que adoptou, de converter a idéa santa da emancipação em pe-

trecho de guerra contra a monarchia, continúa a expôr a corôa ao odio dos escravocratas, inculcando systematicamente que foi por exclusiva influencia della, que se effectuou a reforma do elemento servil.

Não contestamos que o Imperador, sem sair da orbita constitucional, exercesse na reforma a benefica influencia que legitimamente lhe cabia ; mas, si assim foi, parece que os republicanos deveriam ser os ultimos a condemnal-o, visto como se punha ao serviço de uma idéa que também lhes pertencia — a emancipação — ; correndo talvez o risco de impopularisar-se no animo dos que se julgassem prejudicados pela reforma.

Quem poderá, jámais, acreditar que a reforma do elemento servil fôsse obra de um homem, por mais poderoso que elle fôsse ? ! Quem não vê que, com semelhante explicação, se eleva a corôa na mesma proporção em que se rebaixa o Paiz ! A imprensa republicana, em seu empenho de tornar a corôa odiosa, não se limitando a discutir a reforma e seus effectos, vêe mais longe: devassa o sanctuario da consciencia imperial e substituindo, de auctoridade propria, a virtude pela vaidade, explica sua legitima interferencia nesse assumpto pelo desejo de colher applausos na Europa.

Dar-se-á o acaso de que no regimen republicano seja acceito o systema inquisitorial de julgar as intenções em vez dos actos ? ! Todos os homens publicos deste paiz poderiam na reforma do elemento servil, ceder á influencia da idéa civilisadora, menos o Imperador ! ! Elle sómente podia decidir-se pela vaidade ; o seu coração está cerrado a todos os bons sentimentos ! ! Não comprehendem elles, em seu odio, que vão ao extremo de lançar o mais eminente cidadão do Paiz fóra da lei commum da humanidade.

Si houvesse logica e coherencia, dever-se-ia suppor que os republicanos escravocratas, occupando os pontos extremos de nossos partidos, jámais poderiam dar-se as mãos, approximar-se e fundir-se em uma só communhão politica, como está succedendo, com surpresa de todos os que pensam nas coisas publicas.

E' entre os escravocratas que os re-

publicanos recrutam proselytos: estamos vendo, com assombro, republicanos escravocratas e escravocratas republicanos.

Em tudo ha justos limites.

Não se deveria especular com uma idéa santa, amparada pelo Evangelho, e nem fazer della jogo partidario no maligno intuito de tornar odiosos aquelles que a serviram.

Os partidos, em seus manejos, devem, ao menos, respeitar a santidade de certas causas, abstendo-se, na lucta com os caracteres validos que souberam servil-as, de lançar mão, como armas de guerra, de sua propria virtude e abnegação.

Respeite-se o adversario, quando pratica o bem, e jámais se aproveite a sua bôa acção como arma de combate, para prejudical-o, procurando constituil-o victima obrigada da propria virtude.

Si por um eclipse da justiça, si por um retrocesso da civilisação, ou, antes, si por uma excepção ás leis providenciaes que regem o mundo moral, caísse a monarchia no Brazil por ter exercido em favor da reforma do elemento servil a influencia que legitimamente lhe cabia, ella seria, em sua queda, maior do que em qualquer epocha do seu reinado.

Poder-se-ia dizer que jámais em qualquer periodo da historia, caíra poder algum por tão nobre causa; e a republica que surgisse da escravidão, jámais poderia soffrer a luz do seculo.

Ao tempo em que a monarchia desaparecesse no Occidente, por entre os esplendores do céo, surgiria no Oriente a Republica, pallida e sem brilho, com a face velada pela nuvem negra da escravidão.

Jámais poderia alguém, ainda mesmo em seus mais arrojados sonhos de ambição e de gloria, imaginar um triumpho mais esplendido do que essa quéda, que os republicanos do Brazil preparam á monarchia.

F DE PAULA RODRIGUES ALVES.

*Opinião Conservadora*, de 7 de outubro de 1871.

## ARCHEOLOGIA

IMPORTANTE DESCOBERTA NO EGYPTO — OS THESOIROS REAES DA 18.<sup>a</sup> DYNASTIA — O SR. THEODORO M. DAVIS.

O Egypto mais uma vez surpreendeu-nos com uma descoberta archeologica de primeira importancia.

Theodoro M. Davis, que em 1904 descobriu os tumulos de Thothmés IV e da rainha Hatshepsu em Thebas, e que tem pacientemente proseguido o seu trabalho de remover as barreiras de destroços no Valle dos Tumulos dos Reis, acaba de fazer ahi uma descoberta tal como ainda não coube á sorte de nenhum explorador no Egypto, desde que elle se abriu ás pesquisas dos europeus.

Encontrou um tumulo que jámais foi visitado ou saqueado desde a idade da 18.<sup>a</sup> dynastia, e ainda cheio dos thesoiros reaes de um tempo em que o Egypto era o «Senhor do Levante» e o fornecedor de ouro.

Em 12 de fevereiro, domingo, os seus trabalhadores encontraram os degraus que desciam a um tumulo, meio caminho entre os sepulchros de Ramsés IV e Ramsés XII. Ao pé dos degraus, estava uma porta aberta na rocha e tapada com grandes pedras. Tendo sido removida uma ou duas das pedras, entrou pela abertura um menino que logo voltou trazendo uma varinha magica pintada em uma das mãos, e na outra, uma canga de carro espessamente chapeada d'oiro. Alargada em seguida a abertura, o sr. Theodoro Davis desceu mais longe. Ahi encontrou um outro lanço de escada talhada na rocha, no fim da qual havia uma outra porta, tambem fechada com enormes pedras. Aqui, comtudo, a face exterior das pedras estava estucada com barro, no qual se distinguiam ainda as impressões de um sinete real com linhas de captivos agrilhoados; e num dos ultimos degraus de baixo, havia duas escudellas de grosseira louça encarnada e que provavelmente continham o estuque empregado nas pedras. Mais em cima, em um dos degraus, estava um soberbo escaravelho e num outro, uma palheta quebrada, de alabastro. Era evidente que os ladrões, pouco tempo depois de construido, entraram no tumulo e sendo surpreendidos na pilhagem fugiram ás pressas, deixando no vestibulo alguns dos objectos que furtavam. Depois deste dia, ninguém mais entrou nelle. O professor Maspero, que succedeu estar em Luxor por esse tempo, foi informado, com outros funcionarios de museus, da descoberta; e si bem que o dia seguinte começasse os dias santos do Bairam, o sr. Davis arranhou que os trabalhos finaes da abertura do tumulo terminassem nesse dia. Foi effectivamente aberto, na presença do duque de

Connaught e de seu sequito. O sr. Davis ficou deslumbrado. O tumulo não era grande, nem as paredes polidas ou decoradas, mas estava cheio, de um lado a outro, do mais rico espolio do antigo Egypto. As urnas das mumias encrustadas em oiro, grandes vasos de alabastro de exquisitas formas, cadeiras e caixas brilhantes com pinturas e dourados e um carro de recreio de seis rodas coberto ainda com os arcos de madeira, jaziam empilhados uns sobre os outros em confusa profusão.

A camara sepulchral é de 30 pés mais ou menos de comprimento, 15 pés de largura e 8 de altura. Ao lado esquerdo da entrada, estavam os dois grandes sarcophagos de madeira, pintados de pretos e de oiro, dentro dos quaes fôram collocadas as urnas dos occupantes do tumulo, um homem e uma mulher. As urnas, por sua vez, eram duplas, a exterior sendo inteiramente chapeada de oiro pelo lado de fóra, excepto onde apparecia a face da mumia, e por dentro debruada de prata.

A segunda urna era tambem chapeada d'oiro externamente e apenas differia da primeira em ser por dentro forrada de folhas de oiro em vez de prata. Sobre uma das mumias, alguns objectos fôram encontrados: um escaravelho arranjado em broche, imitando lapis-lazuli, um outro escaravelho de madeira pintado de preto, um «dado» doirado, um molde de enxada e outras coisas semelhantes. Em cima duma mascara doirada, que deve ter pertencido a uma das mumias, estava estendido um véo de cassa preta, ou, antes, crepe. Foi a primeira vez que no Egypto se encontraram em um tumulo taes coisas. As inscripções nas urnas, como nos outros objectos achados no tumulo, indicam a quem elles pertenceram.

Eram as sepulturas de Yua e Thua, paes da formosa rainha Teie, mulher de Amon-hotep III e mãe do «heretico-rei» Amon-hotep IV da 18.<sup>a</sup> dynastia. Parece ter sido devido ao seu ensino a revolução religiosa empreendida por seu filho; e, desde a descoberta das tabulas cuneiformes no Tel-el-Amarna, os assyriologistas começaram a crer que ella fôsse descendente da Mesopotamia, juizo agóra confirmado nas inscripções dos tumulos recentemente descobertos pelo sr. Davis.

Os nomes dos paes da rainha Teie estavam escriptos de diversos modos, o que indica que elles não eram pronunciados por todos de uma só maneira e por isso mesmo não tinham uma unica orthographia. Vê-se, portanto, que os egypcios da 18.<sup>a</sup> dynastia tinham a mesma difficuldade de pronunciar e escrever os nomes estrangeiros, que têm os seus patricios de hoje. Nenhum esclarecimento, comtudo, nos fizeram as inscripções acerca

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

do parentesco quer de Yua ou de sua mulher. Thua é meramente «a cantora de Amon», e está claro que seu marido não era de descendência nobre e muito menos real. E' de crer que tivessem vivido em Thebas, com sua filha Teie, depois que ella foi elevada á posição de «principal mulher» de um dos maiores Pharaós egypcios, e que tivessem morrido dentro ainda do reinado de Amon-hotep III, em que o Egypto se conservava ainda no apogeu da riqueza e poder.

A rainha Teie incluiu seus paes na aristocracia egypcia por não ter podido, com toda a sua influencia, submeter o óiúme dos aristocratas do Egypto; mas vingou-se dando ao funeral de seus paes todas as honras reaes. Fóra dos esqnifes, no extremo oeste do tumulo, o chão estava coberto de grandes jarras selladas, cheias de vinho ou oleo e de caixas, ao que parece, feitas de cascas de páu, pintadas de preto, em cada uma das quaes havia um pedaço de carne cosida, enrolado em musselina preta. Sobre essas caixas, estava o carro sufficientemente largo para duas pessoas e ricamente pintado de oiro. Os arreios pertencentes a elle estão ainda tão frescos como quando fóram feitos.

Alli também fóram encontrados quatro jarros canopicos de alabastro, que continham as visceras dos mortos. Seria difficil comparal-os sob o ponto de vista do tamanho e da delicadeza da mão de obra. As cabeças que formavam as tampas, eram do melhor estylo da arte egypcia; e levantadas, notou-se que havia por debaixo dellas uma outra ordem de cabeças, a ultima das quaes era de gesso revestido de oiro. No extremo léste do tumulo, encontraram-se dois vasos de alabastro contendo exquisitas obras de mão, além de muitos outros pequenos objectos, dentre os quaes se destacavam sete pares de sandalias, a maior parte dellas de papyrus, um par, de coiro amarello estampado, e um outro par doirado.

No chão estava uma infinidade de caixas todas occupadas por «ushebtis» de consideravel tamanho. Muitos delles eram de páu, alguns de alabastro, dois de oiro e de prata. Foi encontrada ahí uma segunda varinha magica junto com outros vasos e caixas pittorescamente pintadas. Das caixas, a que mais interessa é uma arca, feita de taboas da palmeira e de papyrus, contendo roupas; por dentro, é forrada de papyrus e, atada com dois atilhos de barbante, ha para baixo uma outra divisão ou pratelleira com orelhas de papyrus. Tem dos lados umas pequenas aberturas por onde entra a ventilação. Alguns dos objectos trazem os nomes de Amon-hotep III e sua rainha, como, por exemplo, em um grande vaso de alabastro, resplendente de oiro e esmalte azul, na tampa do

qual se representa o rei sentado no hieroglypho de oiro.

Em outra parte do tumulo, estavam duas grandes cabelleiras. Havia também ao lado de léste do tumulo, uma pequena cadeira de braços, cujo espaldar era formado pela figura do deus Bes, tendo de cada lado um macaco; além desta, mais duas cadeiras fóram encontradas em outro lado do tumulo.

O assento da maior dellas era feito de fibra de palmeira entrelaçada, e as outras partes da cadeira profusamente adornadas com figuras em preto e ouro. No espaldar vê-se uma dupla representação da filha mais velha do rei Amon-sit sentada em um throno com um alado disco solar por cima e uma escrava trazendo-lhe a offerta de um collar de oiro, emquanto, por baixo de cada braço da cadeira, outras escravas erguem para a filha do rei os aneis de ouro que offerecem. Uma inscrição diz-nos que o oiro foi trazido das «terras do sul». As pernas das cadeiras são do feitio das pernas dos bois; as da frente têm em cima uma saliencia em fórma de cabeça humana. Outra cadeira, que foi encontrada, também pertenceu a Amon-sit, que era filha de Amon-hotep III; tinha no espaldar representada a princeza sentada numa cadeira, tendo por baixo um gato, em cada lado uma mulher com um leque a abanal-a e sobre os braços da cadeira, entre dois macacos, o deus Bes.

O retrato da princeza e dos seus servos está traçado, de ambos os lados, á maneira grega,— interessante demonstração das relações existentes naquelle tempo entre o Egypto e o Egeu.

As duas cadeiras de Amon devem ser presentes da princeza aos occupantes do tumulo. Isto parece indicar que o tumulo de Yua e Thua foi o de algum membro da familia real e, portanto, se espera que, removidos do chão todos os objectos encontrados, appareça a sepultura ou quarto em que esteja o sarcophago contendo os restos dos primeiros occupantes.

Esta limpeza completa do tumulo tomará algum tempo. Entretanto, o facto notavel ficou revelado — o excesso ostentoso, para não dizer vulgar, da riqueza que caracterisava a sociedade egypcia, nos remotos dias da 18ª dynastia.

Sabe-se, pelas tabulas de Tel-el-Amarna, que o Egypto, naquelle tempo, era a California do mundo civilizado — um paiz onde, como reiteram os correspondentes estrangeiros do Pharaó, «o oiro era abundante como poeira», palavras que dão a impressão verdadeira da profusão do precioso metal, nos tumulos recentemente descobertos: nada havia, alli, de notavel ou insignificante, que não estivesse, litteralmente, encrustado

com o oiro das minas abandonadas.

O proprio Pharaó se representa sentado sobre o symbolo do oiro, e a deusa Isis é pintada ao pé do sarcophago de Thua, na mesma posição.

E' uma pathetica reliquia um capacho de fibra de palmeira, na qual a figura de Osiris estava cavada em ligeiro molde, onde havia semente; e, na relva verde, que brotára dellas, depois de fechado e sellado o tumulo, os egypcios viam uma imagem da resurreição. Igual leito de Osiris fóra encontrado no tumulo de Amon-hotep II.

Si bem que alguns dos objectos encontrados pelo sr. Davis, sejam eguaes aos de anteriores achados, a descoberta, no complexo, excede, em muito, ás que já fóram feitas no Egypto e é a mais importante de todas, considerando a arte, a riqueza dos sarcophagos, dos adornos funereos e a riqueza do metal precioso que os adorna. Basta citar o carro, unico no genero pela belleza e pela perfeição da fórma. Esta descoberta não sómente augmentará os nossos conhecimentos sobre a historia e costumes da 18ª dynastia do Egypto, como ampliará, materialmente, a nossa concepção do gosto artistico e habilidade manual dos antigos habitantes do Nilo.



## APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

RIO BRANCO (José Maria da Silva Paranhos, barão do ) filho do visconde do mesmo titulo — o referendario da Lei mais intelligentemente liberal creada pelo segundo reinado. O passado regimen fez do sr. Paranhos, barão, talvez para no filho honrar ainda o pae, o que não obrigou o actual chanceller a deixar-se ficar, como outros fidalgos de igual fonte, fakirisado no sebastianismo e enlevado no seu baronato. Empenhou-se em bem servir a Republica, que é ainda a Patria, e deu-nos, com grande desapontamento dos seus ex-correligionarios, e em troca de uma baronia pallidamente decorativa e geographicamente vaga, trez vastos e bellos Imperios — o Amapá, pejado de ouro, as Missões cobertas de pinheirae e de herbaes de matte, e o Acre fabuloso, distillando *caoutchouc*... Fóram trez campanhas memoraveis, as duas primeiras victoriosas pela força viva da razão e da dialectica, e a ultima, triumphante após a rendição do inimigo ante a offensiva audaciosa, rapida, disciplinada, brilhante, de sessenta mil patrioticos contos de réis... A Republica, não podendo galardoar o senhor do Rio Branco com um desses trez Dominios, e fazel-o

duque das Missões, conde do Anapá ou marquez do Acre (o que accrescentaria mais uma raiz á sua arraigada fidalguia,) póde offerer-lhe, entretanto, o seu escudo d'armas, ornado das novas Conquistas: *Sobre um campo d'ouro, emoldurado por um ramo de matte, a arvore da seringa, tendo gravado no tronco um \$; divisa: DINHEIRO E O MEU DIREITO!*

\*  
\*\*

VERISSIMO (José) natural do Estado do Pará, paiz da seringa. A terra fecunda dos rios gigantes produziu um fecundissimo escriptor, illustrado critico e narrador interessante. Sua obra *Scenas da vida amasonica* põe-nos a par dos costumes do El-Dorado, e iniciamos nos segredos do preparo da fritada de tartaruga e do saboroso assahy... Cessando a producção litteraria artistica, o sr. Verissimo embrenhou-se na *selva selvaggia* da critica, realisando em parte o axioma balzaciano, de que o artista *manqué* torna-se critico impertinente. Eil-o critico temido, mas não impertinente, ao contrario, juntando a bonhomia de Sarcey á fina *raillerie* academica de Brunetière. Mestre escola carranço, porém, a sua férula não perdôa as velleidades que se guindam á altura do seu raio visual. O bôlo estála sem piedade, e, como nas escolas sertanejas do norte, vêem-se latagões de barba no mento, e profusa bagagem litteraria, gemem, torcendo as mãos, sob a pesada braúna da Critica Nacional, reminiscencia dos fradescos tempos da catechese. O sr. Verissimo foi o fundador e director da *Revista Brasileira*, palacio de Alhambra das lettras nacionaes, attestado do genio da geração que formou a Academia de Lettras, com a qual vivem paralellamente, vibrando dos seus enthusiasmos e gemendo das suas doencas...

Nessa notavel revista collaboravam os melhores talentos actuaes, e seu summario obedecia ao artigo da Carta, que prohibe o anonymato: exarava nomes e corporações a que pertenciam os collaboradores, como a bella e nunca imitada *Revue des deux mondes*. Nella escreviam o sr. A., da Academia de Lettras, o sr. B., da Faculdade de Direito, o sr. C., do Instituto de Musica, e até mesmo os amanuenses eruditos da bibliotheca da rua do Passeio figuravam assim: — pelo sr. D., da Bibliotheca Nacional!

PEDRO INNOCENCIO.

### SCIENCIA E INDUSTRIA

O ACIDO FORMICO — SUA ACÇÃO TONICA-MUSCULAR E DIURÉTICA — COMMUNICAÇÃO Á ACADEMIA DE PARIZ, PELO PROFESSOR HUCHARD.

O professor Huchard fez á Academia de Medicina de Pariz, uma inter-

essante communicação sobre a acção tonica-muscular e diurética do acido formico e dos formiatos.

Ha dois seculos, o acido formico era empregado sob o nome *d'agua de magnanimidade*, por suas grandes virtudes therapeuticas, medicamento que figura ainda nas pharmacopéas suissa e allemã; mas as suas propriedades tonico-musculares sómente fôram precisamente estabelecidas em 1904, pelas investigações de Clément, confirmadas pelos trabalhos ulteriores de Huchard. Sua acção se exerce sobre todos os musculos da economia e póde ter varias e numerosas applicações therapeuticas nas neurasthenias, nos diabetes, nas convalescencias, nas anemias, na fraqueza senil, no enfraquecimento dos doentes submettidos ao regimen lacteo, etc. Poderá ser tambem empregado em exercicios de sport, marchas militares em todos os numerosos casos em que fôr mistér augmentar as resistencias á fadiga.

Essa propriedade do acido formico explicaria a actividade e a força das formigas, que possuem, em abundancia, esse verdadeiro gerador da força.

Além disso, essa substancia tem propriedades diuréticas que a tornam preciosa para o tratamento das affecções renaes e das cardiopathias arteriaes.

Resta informar que ella não é absolutamente toxica na dóse de trez grammas por dia, administrada no estado de formiato de sôda.

\*  
\*\*

A SUCESSÃO DOS AVARIADOS — A TRANSMISSÃO DA SYPHILIS POR HEREDITARIEDADE — AS CONSIDERAÇÕES DO PROFESSOR PINARD.

Na mesma sessão, o professor Pinard, desenvolveu, com muita auctoridade e perfeita clareza, interessantes considerações sobre a transmissão da syphilis por hereditariedade, e sobre os meios de impedir essa causa de degenerescencia da especie humana.

Confirmando o que fôra estabelecido pelo professor Fournier, o sr. Pinard declara que é preciso reagir contra o prejuizo, consistente em crer que um *avariado*, procreando um ou muitos filhos sãos, está completamente curado. Contra isso, citou o caso de um individuo, pae de seis filhos nascidos em excellentes condições de saúde, tendo um septimo com o cortejo de estygmas da syphilis hereditaria. As causas dessas singulares reincidencias de uma molestia, reputada completamente curada, são ignoradas; mas o que se sabe hoje — proclama o sr. Pinard — é o methodo para evitar semelhantes accidentes.

O meio consiste, para o antigo *avariado*, em se submeter, antes do casamento, durante seis mezes ao trata-

mento mercurial e empregal-o na mulhier durante a gravidez. O sr. Pinard affirmou que esse methodo, por elle vulgarmente empregado, nunca falhou, como effcaz tratamento prophylatico da próle.

### O imperialismo allemão na America do Sul

A IGNORANCIA FRANCEZA PREMIADA  
PELO INSTITUTO DE FRANÇA

Em 1902, appareceu em Pariz um livro deveras interessante, o *Imperialismo allemão*, assignado pelo sr. Mauricio Lair. O livro foi pouco ou quasi nada lido no Brazil. O primeiro jornal brasileiro, que é, sem duvida, o *Jornal do Commercio*, limitou-se a reproduzir uma curta noticia do hebdomadario *L'Européen*, que achava o livro bem escripto e curioso, sem de nenhum modo alludir ás referencias ao Brazil e á America do Sul, que o volume continha, referencias todas ellas mentirosas, marcadas por esse encyclopedismo farcista e paraziense de certos escriptores francezes, calumniadores ridiculos de paizes que não conhecem. Em nenhum outro jornal brasileiro, além do *Jornal do Commercio*, vimos alguma coisa a respeito do *Imperialismo* do sr. Lair.

As asserções aventurosas que elle fez a torto e a direito, não fôram desmentidas aqui, nem lá em Pariz, por ordem do sr. Piza.

Ha pouco, vimos numa vitrine da rua do Onvidor, o *Imperialismo allemão*, numa outra edição, mais catita e pretencioso, pelo letreiro: «*couronné par l'Institut*». O Instituto, destribuidor incansavel de premios, havia premiado o sr. Lair, pelas tolices e semsaborias, com que havia enriquecido a litteratura humoristica do seu paiz, onde brilham sujeitos da nomeada de Alphonse Allais, Raul Ponchon, Franc-Nohain, *et pas mal d'autres!*

Damos hoje todo um capitulo do livro de que falamos.

São paginas typicas da falta de escrupulo e grosseira filaucia, com que certa gente em França, escreve sobre a nossa patria, sem o desmentido habil, pago ou não, feito pela legação brasileira, onde parece não haver quem leia o que se escreve sobre o Brazil em Pariz.

«A America do Sul é a patria dos tremores de terra e das revolnções. Nenhuma estabilidade, nem politica, nem commercial, difficuldades financeiras quasi insoluveis, a influencia cada dia florescente do colosso *yankee*, emfim a antipathia dos latinos contra



os intrusos germanicos : tudo parecia contrabalançar as vistas ambiciosas da Allemanha nesta região.

Ha bastante tempo que Humboldt a explorou, e que os economistas previram a importancia dessas regiões para o futuro da raça. List, com o seu olhar penetrante, predisse, que estas regiões tinham para os allemães mais vastas perspectivas que os Estados Unidos, onde os immigrants se amalgamam depressa á população anglo-soxonia. Ea «ubiquidade germanica» não fez desmentir o propheta. Hoje a encontramos nas republicas de Columbia e de Venezuela, onde deu um impulso vigoroso ao porto de Maracaibo, na praça de Bolivar, que se tornou o centro do trafico na bacia do Orenoco e no movimento dos caminhos de ferro; e seus interesses ali pareceram bastante consideraveis para justificar recentemente a ameaça duma intervenção armada. O Equador e o Perú recebem tambem a visita do homem loiro; mas elle não se multiplica absolutamente nestes logares de clima tropical e desolados pelas guerras civis. O numero e a influencia dos allemães augmentam com a latitnde. Já são os senhores absolutos do mercado, na Bolivia. Seu commercio representava, em 1898, um quinto da importação; em 1900, engloba 5/8 da mesma contra 2/8 da Inglaterra e 1/8 da França. Umavinte e tantas casas, fortemente organizadas, reinam como soberanas e exploram a dependencia em que a falta de communicações colloca o proletariado infeliz de mineiros e operarios. «Pouco a pouco, duma maneira lenta mas segura, a Allemanha faz, assim, a conquista da industria boliviana. Quando a terminar, possuirá a plenitude da influencia, uma completa supremacia material e moral, uma colonia adquirida, sem despezas e sem guerra.» *Moniteur officiel du commerce*, 7 junho 1900—*Handelsmuseum*, 13 de junho, 901.

A Bolivia não tem costas. Ao contrario, o Chile, a estreita nesga de terra estendida ao longo do Pacifico, presta-se admiravelmente ás empresas das grandes companhias de navegação. O commercio dos guanos encorajou companhias de Bremen e de Hamburgo. Seus navios trouxeram alguns immigrants, dos quaes um certo numero de austriacos; esses immigrants se installaram ao redor do lago de Lhaquihue, no qual navegam dois navios *made in Germany*; outros na Araucania, onde elles fundaram onze aldeias, tendo ao todo 5.000 almas. Valdivia possui uma escola allemã; os commerciantes e os industriaes allemães polullam em Valparaiso e Santiago. Montaram destillações importantes. O Banco do Chile e Allemanha, e a succursal da *Deutsche Overseische Bank*, estabelecidos

em Valparaiso, coordenam seus esforços e os apoiam nos tempos de crise. E os interesses em jogo valem a pena de que se occupem delles: 300 milhões de marcos empregados em casas de commercio e emporios industriaes. O exercito chileno, reorganizado por uma missão allemã sob as ordens do general de Koerner, aproveitou tão bem as suas licções que pôde o governo resistir ás pretenções da Republica Argentina. Nesta região, a França e a Inglaterra occuparam antigamente o melhor logar. Os immigrants das provincias bascas procuravam, de preferencia, as margens do Paraná, e os capitães inglezes julgavam ali encontrar um emprego seguro. A guerra de 1870, por um lado; doutro lado, o *krack* em que se abysmou a casa Baring, attingiram enormemente a influencia destes dois paizes. Depois, veio a avalanche de italianos, que submergiu os colonos de raça franceza. 100.000 italianos estão estabelecidos hoje nas regiões do Prata; os 30.000 francezes perdem o pé no meio dessa corrente; por maioria de razões, os 2.000 ou 3.000 allemães dispersos entre Santa Fé e Rosario: a batalha estava evidentemente perdida no terreno da immigração. E o bom allemão não teve a idéa de arriscar-se. Voltou-se para as grandes cidades e ali occupou em surdina as casas de exportação e commissão, o Banco e a Bolsa, e está em vespuras de açambarcar o commercio de cereaes e de expedir para Antuerpia e para Hamburgo, o trigo de que as planicies da Argentina produzem, todos os annos milhões, de hectolitros. A influencia ingleza continúa, sem duvida, consideravel: em vinte linhas ds caminho de ferro, dezeseis pertencem a companhias inglezas, mas o commercio inglez decresce com rapidez, enquanto augmenta a importação allemã.

Importação na Republica Argentina (1)  
(milhões de pezos) (1 pezo=5 francos)

	Inglaterra	Allemanha
1890	57,8	12,3
1899	39	12,5
1900	38	16,1

Em 1900, nem mesmo os Estados Unidos importaram mais para alli que onze milhões de pezos; a Italia e a França vêem muito depois. Confiantes no prestigio que dá a victoria, habeis em elucidar as questões de cambio, dispostos a conceder aos compradores todos os prazos e todas as faciildades de pagamento, habeis, enfim, em seguir o gosto da clientela e a lhe offerecer o que ella reclama, nossos rivaes occuparam as posições que nós acabavamos de evacuar. O *Deutsche Overseische Bank* tem a sua séde central em Buenos-Ayres; sob os seus auspicios, os estabelecimentos industriaes multiplicaram-se, as usinas electricas que produzem a luz e a força

estão nas mãos dos capitalistas allemães e funcionam com material vindo da Allemanha. Da Allemanha tambem vêemos vinhos e cervejas, os productos chimicos, os tecidos, as confecções, o papel, os ferros, objectos de vidro.

De todas as partes, relatorios consulares annunciam a morte da influencia franceza. Os jovens argentinos vinham antigamente acabar os seus estudos em Pariz. Agóra, elles enchem as universidades d'além-Rheno e a lingua franceza, antigamente obrigatoria nas escolas primarias da argentina, não é mais que facultativa: foi substituida pelo italiano e pelo allemão. (*Moniteur Officiel du Commerce*, 28 de maio, 901, supp. 38). Isto não é nada ainda. Até aqui nós vimos nas quatro partes do mundo, ensaios de exploração. (2)

Vamos assistir, no Brazil, a uma tentativa de assimilação. Em vista da formidavel natalidade germanica, o professor Wolf, de Breslau, receioso e vendo já a Allemanha demasiadamente povoada, escreve: «a America do Sulé, sob mais de um ponto de vista, o paiz do futuro. Ha ali mais a ganhar que na Africa. Eu saudaria com alegria uma politica colonial estrangeira que olhasse com vistas mais attentas estas regiões»; o economista Schmoller accrescenta: «Devemos, custe o que custar, de-sejar que se constitúa no Sul do Brazil, um Estado de 20 a 30.000.000 de allemães; que este Estado continúe a ser parte integrante do Brazil, quer elle forme um Estado independente ou que continúe em relações estreitas com o Imperio.» E' bastante claro. Não se trata mais de influencia, mas de invasão. Desde muito tempo, pequenos grupos de exilados vieram se fixar nos Estados do sul, Rio Grande, Santa Catharina, Paraná, S. Paulo, Minas Geraes. Neste ultimo Estado, a primeira tentativa de colonisação em 1818, acabou num desastre; os immigrants pereceram em massa. Esta perda não foi considerada um presagio funesto. São lembrados os esforços do barão de Hirsch para canalisar para a America meridional, o exodo dos seus correlligionarios polacos, expostos aos rigores do governo de S. Petersburgo: subditos russos, mas judeus allemães. Uma parte da grande sangria, que a Allemanha soffreu de 1880 a 1890, dirigiu-se tambem para este lado e actualmente ainda se esforçam para dirigir para estas bandas a corrente de immigração, ainda ha pouco bem diminuida, mas que já retoma vigor. O clima é mais favoravel que o das republicas equatoriaes, e o governo do Rio de Janeiro, quando muito capaz de viver, não possui sinão uma suzerania bastante vaga sobre as provincias federaes. Seis companhias de navegação estão em relação com a

America do Sul: *Hamburg Amerika, Norddeutscher Lloyd, Hamburg Sndamerikanische, Kosmos, Freitas, Hansa*. Uma associação germano-brazileira fundou-se em Berlim, onde publica uma revista mensal. Diversas companhias, em particular a *Hanseatische Kolonisations Gesellschaft* e a *Sudmarikanische Kolonisations Gesellschaft*, a *Deutsche Siedlungs Gesellschaft Hermann*, para favorecer a exportação humana compraram no Rio Grande e Sta. Catharina, vastos terrenos, dividindo-os em lotes (schueize) que cedem aos imigrantes á razão de 40 a 50 marcos o hectare. Outras vezes, elles os conservam e os exploram directamente por intermedio dos colonos allemães, demasiadamente pobres para fazer as despesas duma aquisição.

Estas poderosas companhias se esforçam simultaneamente para crear mercados para o commercio e a industria nacionaes e de estreitar laços entre o expatriado e a metropole. Tal é tambem o intuito confessado pela *Alldeutscher Verband* e pela *Allgemeiner Deutscher Schulverein*, que encontramos no Brazil, na mesma tarefa que emprehenderam na Austria: manter a unidade moral do Deutschum.

As aproximações mais verosimeis dão para todo o territorio da Republica Brazileira, 250.000 a 300 mil allemães, dos quaes 200.000 agrupados nas provincias do sul. Eu falo de aproximações, porque os algarismos precisos faltam; as estatisticas do Brazil são irregulares e incompletas; as auctoridades, mais inquietas do que parecem, restringem, de boa vontade, o algarismo official dos subditos estrangeiros; emfim muitos que se fizeram naturalisar, não continuam, por isso, a ser menos vassallos politicos e economicos de Hamburgo e de Berlim. As mulheres contam-se, em grande numero, porque a fusão das raças parece aqui difficil e os casamentos mixtos se tornam raros. A nacionalidade não fica sinão mais accentuada, e relações multiplas com a mãe patria contribuem ainda a fortifica-la. Os armadores allemães e belgas, certos de encontrar no café de Santos frete para volta, organisaram serviços directos que tocam, na viagem pelo Havre, em Coronha e em Lisbôa. Pouco a pouco anniquilaram toda a concorrência, e os allemães reinam como soberanos no commercio das provincias do Rio Grande e S. Catharina. Não são mais que uma minoria em Minas-Geraes. Mas cada vez que se avança mais para o sul, o seu numero é maior. Apparecem ao longo da costa, em Joinville, fundada em 1849, em Neudorf, em Blumenau, em S. Bento, em Badenfurt, todas as localidades em que constituem de 30 a 90 % da população total. Além disso, penetram no interior entre a Serra Geral e o Rio Jacuhy;

lá se encontram Germania, Hamburgerberg, Santa-Cruz, que téem o seu mercado em Porto-Alegre, na lagôa dos Patos. Um grupo isolado fixou-se no sul desta lagôa, em Neu-Birkenfeld. Blumenau é a mais importante destas cidades. Em 1888, tinha 18.000 habitantes; o municipio conta hoje 40.000 e o consul allemão escreve, candidamente: «Neste numero de... 40.000 almas, cerca de 30.000 são brazileiros allemães, 8.000 são austriacos; o resto se compõe de brazileiros portuguezes» (*Deutsches Handels, Archiv, março 1901. Questions Diplomatiques et coloniales*, art. do sr. Hauser. 15 dez. 1899.) Não ha nada extraordinario neste facto, inverosimel á primeira vista: é que os funcionarios brazileiros são obrigados a recorrer a interpretes em toda a região. Na maior parte, os colonos allemães se entregaram á agricultura. Importaram consigo o repolho, a materia prima do indispensavel *choucroute*, a batata; plantaram vinhedos. Dão-se á criação do gado e á fabricação da manteiga, que enviam á sua patria de origem, assim como a mandiôca, as favas, assucar, o rhum e o fumo. Hamburgo recebeu 8 milhões de cigarros em 98, sem falar do fumo em folhas. As fazendas conservam um character germanico accentuado; nellas vêem-se pendurados retratos de Guilherme I e de Bismarck, e os habitantes se reúnem ás vezes para celebrar em comum a festa do imperador.

As egrejas allemães, quasi todas lutheranas, são numerosas assim como as escolas.

Sem falar das escolas inferiores, ha uma *Realschule* em Porto Alegre, uma *Höhere Lehranstalt* em S. Leopoldo. O *Waisenhaus*, de Taquary, recolhe os orphãos de raça germanica. Os jornaes allemães são innumeraveis, (ne se comptent plus!) nem todos se servem verdadeiramente da lingua pura de Goethe e de Schiller; alguns usam um jargão misturado de portuguez, inglez e italiano. A industria mesmo se torna cada vez mais allemã. Não ha, diz um consul, «casa de commercio ou uzina que funcione sem capital allemão, ou sem direcção ou mão de obra allemã.» Em Porto Alegre, grandes cervejarias se esforçam por lembrar, pela qualidade de seus productos, o gosto particular da Munchner ou da Pilsener... Como na China como na Turquia, o allemão pretende açambarcar as transacções financeiras e os meios de transporte. Os grandes bancos allemães «começaram» a America do Sul; e a *Disconto-Gesellschaft*, de Berlim, tomou a preminencia do movimento. O Banco Allemão do Rio de Janeiro tomou uma tal ascendencia na praça, que o seu director foi encarregado da reorganisação do Banco da Republica do Brazil. Succursaes deste

banco existem em S. Paulo e em Santos.

O apoio prestado por estas empresas ao commercio allemão se torna tanto mais util, quanto o Brazil applica ás empresas estrangeiras, medidas vexatorias, prejudicando, mesmo, a impôrtação, exigindo formalidades complicadas e custosas. Mas, graças ao poder do dinheiro, a finança allemã pôde-se, a si, assegurar amizades, e a integridade dos agentes brazileiros deve passar por tentações perigosas... Os caminhos de ferro continuam a ser — está entendido — uma das grandes preoccupações das casas allemães. Ellas estão interessadas, com um capital de sessenta e dois milhões de marcos, na construcção do caminho de ferro brazileiro de Minas. A companhia hamburgueza de colonisação obteve a concessão da linha de São Francisco Bay (sic) a Desterro. Estas empresas são de data recente; mas os primeiros resultados se annunciam encorajantes. Os allemães concorrem a todas as adjudicações de trabalhos publicos, conservando, a muita distancia, os inglezes e belgas. Sómente o americano, graças á sua organisação industrial, consegue lhes fazer concorrência e ficar com uma parte, vendo, irritado, o progresso dos allemães em terras brazileiras. (*Export, 4 de julho, 901*) Si por acaso os francezes apparecem, não é sinão a titulo de *prête-nom*. Uma sociedade parizense foi um dia a adjudicadora dos bondes de Buenos-Ayres: immediatamente recorreu, para o estabelecimento da linha e fornecimento do material, aos bons officios da *Allgemeine Electizitätsgesellschaft*.

Uma lei brazileira de 1880 concedeu a elegibilidade aos naturalisados e aos não catholicos. Em 1887, os allemães tinham 3 deputados na legislatura do Rio Grande. A revolução que derrubou d. Pedro veio enfraquecer a auctoridade do poder central e augmentar a autonomia dos pequenos Estados. Augmentou, assim, a influencia do elemento estrangeiro.

Si a invasão continúa por alguns annos ainda, a esperança de Schmitd será realisada: o Rio Grande e Santa Catharina não serão mais «colonias allemães», mas «colonias de allemães».

(1) *Deutsches Handels Archiv*, agosto 1901.

(2) O auctor refere-se aos outros capitulos do livro.

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA L. DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

A *Brazilian Review*, que sabe ler por cima lettras financeiras, esboçou com mão de mestre a situação do mercado monetario, assignalando com precisão as causas eventuaes da ascensão do cambio á proximidade da casa dos dezeseite, havia muito abandonada, por inacessivel. E, prognosticando desillusões, desastres tocados a meia tinta, discretamente, no fundo esfumado da payzagem, pleiteia a estabilidade do cambio, como o meio unico racional de salvaguardar os interesses economicos e mercantis interessados no problema.

Estamos numa quadra de vaccas engordadas pelo dinheiro estrangeiro, importado em empréstimos aos Estados, agua de János, cujos efeitos virão, mais tarde, produzindo, de norte a sul, uma dôr de barriga que sómente, encontrará remedio na pharmacia do thezouro nacional, nas enfermarias onde são tratados illustres enfermos chronicos, como o Banco da Republica e respectivos filhotes.

Quando acabar esse milho, devorado pela ganancia da politica dos governadores, guélas de ema, capazes de devorarem pedras, ficarão magras as vaccas do rebanho nédio, que o governo federal está exhibindo, como demonstração brilhante, incontestavel, da sua vasta capacidade financeira, dos seus planos engenhosos, do zelo e da probidade da administração.

A phenomenal subida do cambio indica, na opinião dos financeiros indigenas, a restauração do organismo economico, havia muito fóra dos eixos, o equilibrio e a vitalidade das forças que o impellem para uma nova éra de prosperidade, de reparação definitiva da série de desastres tratados com expedientes perigosos.

O cambio trepará a casa do dezeseite, dos dezoito, dos vinte dinheiros. Se isto não saciar a legitima

sêde de gloria do governo, basta pedir mais por bocca a quem possúe os cordões da tabella; elle subirá á vontade. E o presidente da Republica poderá escrever numa pagina de oiro da sua mensagem ao proximo Congresso: «Tenho a satisfação de annunciar-vos que o cambio, agarrado como ostra ao rochedo dos doze dinheiros, soffren da nossa possante mão um peteléco que o atirou a taxas jámais atingidas pelos meus honrados antecessores. Assignalando com justo desvanecimento esse facto auspicioso, não preciso pôr mais na Carta para dar-vos o justo padrão dos esforços empregados para o restabelecimento das forças productivas e do credito da Republica e consequente desenvolvimento do paiz.»

À galeria applaudirá, com vehemencia, essa victoria ephemera, cujos deslumbramentos passará como fogos de artificio, como um sonho venturoso, desfeito aos clarões da verdade implacavel.

\* \* \*

Um fundo sentimento de justiça nos impõe affirmar que o honrado presidente da Republica não participa da illusão. S. ex., que já foi tudo, até ministro da Fazenda duas vezes, conhece por experiencia pessoal os segredos do mechanismo; sabe por onde se pucham os cordões dos bonecos do João Minhoca da politica; e não é estranho ao doloroso aspecto da planicie desolada, onde se estorcem, exangues, o commercio, a lavoira, as forças productivas.

S. ex. conhece as causas desse assombroso contraste da riqueza do erario, um monstro insaciavel, alimentado pelo sangue dos contribuintes, pela seiva do trabalho, correspondendo á miseria nacional, pelo exgottamento dos propulsores da actividade productiva, pela falta absoluta dos salutaes elementos de existencia.

Os chocalhos alviçareiros da ascen-

ção do cambio eclôam num ambiente de tristeza dos prejudicados pela rapida desvalorisação do oiro, a grande maioria do commercio honesto, vendo vacillar, dia a dia, a base das suas operações, não dispondo de um só instituto bancario que, na praça do Rio de Janeiro, lhe desconte uma lettra, nem podendo appellar para os bancos estrangeiros, de burras fechadas, indifferentes ao mercado monetario, reduzidos ao papel de espectadores da subida do cambio, murmurando, numa ironia perversa de garotos: cáe, cáe, balão!

Emquanto o brioso commercio exgotta as derradeiras energias da sua honorabilidade, os felizes que se supprimiram aos azares e contingencias do trabalho, aproveitam, avidamente, as valvulas abertas para a drenagem do seu capital para o exterior. Milhares de contos de réis, represados pelas taxas baixas, desbordam pelas fendas do dique, em caudaes fugitivas dos canaes da circulação, deprimindo-lhes o nivel. O oiro, atraído pela especulação, roça apenas pela superficie do territorio nacional; não o penetra, não o fertilisa; é absorvido pela procura exuberante dos que partem, dos que deixam o Brazil, conduzindo a torrente do loiro metal ás suas origens longinquas. O oiro, que fica, não entra na circulação; é avaramente guardado para ser vendido, quando o balão do cambio rebentar queimado nas alturas vertiginosas.

O honrado presidente sabe que essa elevação de taxas, ao passo que perturba as operações commerciaes, depreciando, ao mesmo tempo, o valor da producção nacional, como o café, a borracha, nenhuma vantagem offerece ao consumidor, porque os preços dos artigos de primeira necessidade, na perspectiva de incerteza, de instabilidade do padrão monetario, se mantéem estacionarios senão aggravados pelas condições de procura que é permanente e da offerta, que obedece ás va-

cillações do mercado monetario. Por isso, sobem os preços da carne e da farinha, do nosso de comer, todo importado e governado pelo monopolio implacavel. Um metro de seda, nesta quadra de cambio a dezeseis dinheiros, permanece do mesmo preço do cambio a doze. A calça de casemira ordinaria não custa menos de trinta mil réis. E todos os artigos indigenas, protegidos a pretexto de favorecer a industria nacional, com a exclusão dos similares estrangeiros, vão augmentando de preço: isto acontece com os sapatos, com os tecidos de algodão, com os phosphoros monopolisados ultimamente por um *trust*, vendidos pelo dobro dos de origem estrangeira, donde vêem o palito, a massa, a caixa, os rotulos, de sorte que essa industria se redúz a uma simples confecção.

Assim, nem o commercio, nem a industria, nem os consumidores participam das extraordinarias vantagens, do phenomeno aleatorio, que repercute, com jubilos, nas altas regiões.

\*  
\* \*

Opulencia por cima, miseria por baixo: tal é a deducção dos factos que o honrado chefe da Nação conhece melhor que ninguem. O thezoiro nacional está folgado para occorrer a todos os compromissos do Estado; está vigoroso á custa da transfusão do sangue do contribuinte que as frequentes, as abundantes sangrias depauperaram.

Não attribuímos isso ao governo actual, nem pensamos que elle possa, agóra, remover um mal que tem raizes velhas em antigos vícios chronicos; entendemos, porém, que a situação não se caracteriza pelo cambio, que muita gente, mettida a estudos financeiros, já classificou — thermometer para aferir a temperatura do organismo economico. Elle será sempre um elemento instavel; estará subordinado á influencia de accidentes, emquanto não sanarmos a nossa moeda absurda, emquanto não restaurarmos o credito sobre bases solidas, estabelecendo garantias ao capital estrangeiro, avigorando os mananciaes onde o commercio e a industria venham haurir seiva fecunda.

E' indispensavel que o errado regimen tenha um termo, e, para isso, é ne-

cessario interromper, com um grande impulso patriotico, a tolerancia criminosa, surgindo um estadista bastante ousado para quebrar a crôsta da rotina, dando á administração novos moldes, de sorte que ella não se limite a arrecadar, com feroz ganancia e a despender com avareza, desdenhando, absolutamente, a parte economica do problema, respeito aos meios de promover o desenvolvimento da riqueza publica.

Saldos orçamentarios que tresandam a coiro e cabellô do contribuinte, não bastam para affirmar a prosperidade da Nação. Além disso, esses saldos nada significam, quando todo o mundo sabe que o thezoiro não computa nos seus balanços, grande numero dos seus credores nacionaes, principalmente aquelles cujo direito está consagrado por sentenças do mais elevado tribunal do Paiz, porque o governo não cumpre as precatórias de pagamento.

O governo, exgottadas todas as alicantinas de chicana, traça no rosto dos autos um *G* fatidico, que significa — guarde-se, fique com pedra em cima.

Esse procedimento de rebeldia á execução de sentenças envolve uma suspeita á honorabilidade dos tribunaes; e, se o governo dá esse exemplo de desconfiança, não pôde pretender que o capital estrangeiro venha fertilisar uma terra, onde a justiça é uma instituição desmoralisada para o proprio governo.

Ora, é para esses vícios, em cujo amago não ousamos penetrar, os vícios da administração, os vícios do systema financeiro colonial, que invocamos a attenção do honrado presidente da Republica. Empreghenda (com licença da palavra) uma revolução benefica, inspirada pelos dictamês da sciencia e applicando os processos que s. ex., illustrado como é, conhece de côr e salteado.

E' urgente atacar as causas dessa anomalia — thezoiro rico, desbordante; commercio fallido, industria miseravel, no paiz mais rico do mundo em fontes de producção.

E' urgente, emquanto as vaccas não emmagrecem.

POJUCAN.

## O SENTIMENTO TRAGICO NO SEculo XIX

§ 6º

Hall Caine affirma que o romance do futuro será religioso no mais elevado sentido da palavra.

Terá razão o naturalista inglez, si o termo — religioso — fôr tomado como synonymo de sentimento agudo da vida. Mas para que a litteratura possa percorrer este novo estadio, será preciso escorraçar o pessimismo de que a escola de Zola a inficcionou, durante o ultimo quarto do seculo findo.

Não sejam estas minhas palavras tomadas, em sentido absoluto, como depreciação da obra gigantesca de quem escreveu a *A Terra e Germinial*, onde não sei o que mais admirar, si o dantesco do meio, em que se agitam os personagens, si o aspecto epico de figuras arrancadas da massa popular, como Buteau, o velho Fouan e Chaval.

A allusão attinge apenas a parte systematica e manca dessa obra, que foi justamente o que caíu na moda e cobriu as imitações de uma verdadeira lepra litteraria.

Não era só o sensualismo que perdia essa corrente esthetica: era o mais soberano despreso pela personalidade humana, por essa personalidade que tem constituido o apauagio das grandes epochas litterarias. Que maior gloria podia haver, então, para um auctor novel do que, á fiusa de sciencia, inverter o papel historico do homem, fazendo-o regressar á besta?!

Essa mania não inficcionou sómente os latinos; influiu tambem sobre os povos teutonicos, que ainda agóra a estão expungindo da sua litteratura.

Em Berlim, foi moda pôr o homem de quatro pés, dando accesso ao que existe de mais ascoroso na animalidade.

«Assim, diz H. Schoen, nos escriptos dos novos auctores allemães daquelle tempo encontraram-se bellezas desta ordem: — uma «vacca sonhia um maravilhoso agacho na esterqueira»; o sol «escarra as suas entranhas de estrellas no porão da noite»; o astro é como «uma laranja podre que estoirando lança de si um fedor insupportavel»; o «firmamento transforma-se num hirsuto mandrião». (1)

Já é hoje difficil acreditar que taes audacias pudessem encontrar criticos para amparal-as como expressão symptomatica de futuras genialidades.

Não tardou que do esterquilinio, onde as vaccas sonhavam com a santa Aveia, os mais recentes, dentre os esthetas, que se esparrinhavam no atoleiro da vida que *não valia a pena ser vivida*, ascendessem, de subito, para o Sete Estrello.

Então, as capellas e os claustros,

inclinando-lhes o gosto para as fórmas poeticas dos rituaes catholicos, irritaram o espirito critico dos transformistas, que encontravam nesse facto uma razão justificativa da theoria dos decadentes.

A moda foi-se; mas o residuo ficou.

Todavia, o verdadeiro sentimento da vida, como da vida intensa, da vida integral, dessa vida que Ruskin considerava a unica riqueza do homem, a creadora da religião da Belleza; esse sentimento, enchendo o seculo e provocando as mais absurdas reacções, ora do espirito de seita, ora do espirito universitario, ora da vagabundagem mental, victima dos primeiros, achou talvez meio de dissolver as tristezas aguçadas por semelhante litteratura, creando a escola da energia.

### § 7º

Não bastava emergir do cahos do pessimismo. Era preciso, mais do que isso, orientar-se em busca de um mundo que fôsse, ao mesmo tempo, a expressão da vida e da belleza como seu reflexo.

O seculo XIX, como nenhum outro seculo, trabalhou para fixar os meios de coordenar as sensações estranhas, que derivam desse novo aspecto da arte.

E' ao poeta do *Corvo* que se deve a a primeira tentativa da esthetica do futuro.

Na sua opinião, a obra d'arte resulta de uma auto-sugestão. A poesia é um sonho, em que a realidade se nos revela desapparelhada das materialidades, que lhe tiram a alta significação tragica. Este sonho não é perfeito sinão em cerebros superiores. A sua eclosão depende da superioridade da attenção, applicada ao subconsciente.

Dahi, o dizer elle que não ha pensamento, por mais mysterioso, que não tenha traducção na linguagem. (2).

Si é verdade que a observação é quem ministra os factos, cabe ao temperamento do poeta imprimir caracter nesses factos, desde que passem a ser manipulados para os fins da representação. E' preciso, pois, que o artista se desdobre e vá buscar a situação phychica de que carece, para dar intensidade ás suas representações, nos horizontes bruxoleantes da vida, uma especie de allucinação consciente, durante a qual os factos normaes se apresentam ao espirito pelo lado assombroso e espectral.

Propria ou imprópriamente era a isso que E. Poë chamava *phantasia*. A semelhante processo de auto-sugestão elle attribuía uma delicadeza extrema. Para designar o phenomeno, usava da expressão — *shade of shades*, espectros de espectros.

Não fôram de outra especie, em seu conceito, as forças interiores que no

theatro shakespeareano presidiram á elaboração das figuras de Hamlet, Lear, Othelo, Ricardo III, Yago, Antonio, Macbeth

Estas sombras erigem-se, de subito, no centro da alma artistica. Mas para que o poeta consiga destacal-as do ambiente em que primeiramente as entreviu e lhes dê vida litteraria, é indispensavel que se tenha collocado na situação de um perfeito equilibrio de espirito, de lucidez artistica, durante o qual os cinco sentidos são, por assim dizer, transformados em «cinco myriadas de sentidos sublimes».

(Conclusão)

ARARIPE JUNIOR.

(1) H. Schoen, *Hermann Snderman*, pag. 18. Pariz, 1904.

(2) E. Poe, *Works* (Ed. Ingram, Edinburgh, 1890) vol. III (Marginalia)

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO  
PEÇA EM 3 ACTOS

— — —  
*A Arthur Azevedo*

### PRIMEIRO ACTO

#### SCENA V

OS MESMOS, SERGIO E CAMILLA

*Sergio e Camilla entram pela esquerda*

SERGIO

Ora viva s. a. o principe de Bolsa!

NARCISO

Como vâes?

*Abraçam-se. Estella aproveita o momento para sair pelo fundo.*

SERGIO

Como hei de ir? E tu? Temos, então, outra companhia?

NARCISO

E' verdade... Uma tentativa...

SERGIO

Lamento não poder ficar com um milheiro de acções, porque andar contigo é como acompanhar a Fortuna.

NARCISO

Nem tanto. Tenho tido prejuizos avultados.

SERGIO

Folhas seccas que vôam, logo apparecem renovos e a arvore das patacas cada vez mais frondosa. Se me dêsse algumas sementes...

NARCISO, *sorrindo*

A semente é o trabalho...

SERGIO

E' a sorte...

CAMILLA, *arranjando os ramos*

E' a ousadia.

NARCISO

Só bem este anno para Petropolis...?

SERGIO

Os tempos não estão para isso... (*Camilla*

*tem um gesto de contrariedade* :) Demais, o Rio está encantador, apesar da poeira e das escavações. Petropolis é um jardim e eu prefiro os pomares. Tu é que tens uma propriedade ideal.

NARCISO

A da Tijuca?

SERGIO

Sim.

NARCISO

Está ás tuas ordens. (*Relanceando o olhar pela sala á procura de Estella* :) Se as senhoras quizessem passar o verão á sombra daquellas arvores...

CAMILLA

Não nos tente, commendador...

NARCISO

E' mais que um offerecimento, é um pedido. A casa é vasta, o parque é admiravel. Tinha gosto o inglez que edificou aquella residencia... (*Outro tom* :) D. Estella retirou-se... talvez incommodada... Tambem, a ouvir-me durante um quarto de hora.

CAMILLA

Qual! Que idéa! Foi, com certeza, dar alguma ordem. Com os creados que temos é necessario andarmos com todos os sentidos alerta. (*Vae ao jardim e olha sem disfarçar um movimento de contrariedade. Desce*)

NARCISO

Mas, voltando ao assumpto que me interessa. Como sabem, tive a chacara da Tijuca alugada...

SERGIO

Sim.

NARCISO

Não imaginam como deixaram aquillo! A casa estragada, o jardim devastado. Um lindo tanque de rocalha, que havia sob um caramanchel de rosas, ficou em destroços. Creio até que a lenha que consumiam era tirada da matta. Ainda achei uma jaboticabeira perto do alpendre, já detorada, secando para ser fendida em achas. Uma devastação! Metti obreiros e reformei, reparei a casa e o parque. E não quero saber mais de inquilinos. Terei aquillo como um retiro de verão, um sitio de repouso onde possa receber amigos. Tu, com o teu amor ás arvores, vâes acabar o que eu comecei... As senhoras darão áquella residencia melancolica, a alma que lhe falta, attraíndo os passarinhos, que abalaram assustados, talvez revoltados com a perversidade da gente que lá viveu. Para mim, ha o pavilhão. Conhecem?

CAMILLA

A' entrada do bambual, perto da primeira nascente.

NARCISO

Justo.

SERGIO, á *Camilla*

Que dizes?

CAMILLA

Eu? mas que hei de dizer?... que o commendador é a propria gentileza?

NARCISO

E v. ex. seria a propria Bondade se se resolvesse a fazer o beneficio de levar a alegria áquella tapera tristonha.

SERGIO

Pois está resolvido! Vamos passar o verão á Tijuca. Dá-me as tuas condições...

NARCISO  
São formidaveis ! Exijo que demonstrem o que eu estou farto de repetir : que os ares da Tijuca prolongam a vida.

SERGIO  
Queres que festejemos o centenario ?  
NARCISO  
A' sombra daquellas arvores. (*Riem*). Bem, então...

SERGIO  
Até á noite. (*Camilla entra apressadamente á esquerda*).

NARCISO  
Não é possível.

SERGIO  
Como ? e o conselho de familia ? Vou submeter a votos a tua proposta e como é natural que as Laranjeiras tenham defensores...

NARCISO  
Se é assim... virei para bater-me pela Tijuca. (*Riem*).

*Camilla reaparece acompanhada de Estella.*

CAMILLA  
Conte com dois votos...

NARCISO  
Que representam a vontade. (*A' Estella*)  
Peço perdão a v. ex. da grande maçada...

ESTELLA  
Maçada, commendador...?

SERGIO  
Então até á noite.

NARCISO  
Vou fazer o possível.

*Acompanham-no ao jardim. Narciso toma a direita, Estella toma a esquerda, Camilla e Sergio voltam á sala.*

## SCENA VI

CAMILLA E SERGIO

CAMILLA, falando consigo :

Essas eternas educandas...!

SERGIO, radiante.

Então ?

CAMILLA

Um achado !

SERGIO

Um verdadeiro achado !

CAMILLA

Eu já andava preocupada com a nossa saída este anno. Tinha pensado em Friburgo...

SERGIO

Friburgo, com vinte e quatro mil réis...!

CAMILLA

O dinheiro havia de apparecer...

SERGIO

Ah ! sim...

CAMILLA

Felizmente, temos coisa melhor...

SERGIO

E mais em conta.

CAMILLA

Pois sim, mas veja lá se váe fazer, como é seu costume, com que todos saibam que recebemos um obsequio.

SERGIO

Olha que um obsequio do Narciso é uma honra.

CAMILLA

Qual honra ! E' dizer que estamos passando o verão na Tijuca, na propriedade do

Narciso... Que o nome figure apenas como endereço, entendes ? (*Outro tom* :) Receberemos aos sabbados.

SERGIO

Heim ? recepções ! E eu que contava fazer umas economias para resgatar, pelo menos, o meu relógio...

CAMILLA

Depois. Para que queres tu um relógio ? para ver as horas ?

SERGIO

Não, por causa da dedicatória do Simas...

CAMILLA

Ora o Simas... O relógio virá, virão as joias ; não te aprêsses...

SERGIO

Decididamente, tens illimitada confiança na Providencia...

CAMILLA

E nunca me tem faltado. Não a viste sair...?

SERGIO

O Narciso ?

CAMILLA

E' a Providencia disfarçada em banqueiro ou talvez em...

SERGIO

Em que ?

CAMILLA

Nada. Tu és, ou, antes, foste homem de negocio e sabes que, na vida commercial, o mais simples sorriso que se dá envolve um interesse, e uma chacara, um palacete, creados, talvez a despensa e a adega sempre representam mais alguma coisa do que um sorriso.

SERGIO

Descobriste algum interesse no offerecimento do Narciso ?

CAMILLA

Creio que sim.

SERGIO

Qual é ? dize.

CAMILLA, sorrindo :

Váe ver os teus chrysanthemos.

## SCENA VII

OS MESMOS E CARLOS

*Carlos entra estabonadamente, deixa o chapéo e jornaes sobre um movel e atira-se a uma cadeira, derreado, arquejando, como em grande fadiga.*

CARLOS

Que dia !

CAMILLA

Arranjaste alguma coisa ?

CARLOS

Uma enxaqueca.

SERGIO

E o Seixas ?

CARLOS

Foi a Petropolis.

CAMILLA

Com quem almoçaste ?

CARLOS

Commigo

SERGIO

Estás funebre, rapaz.

CAMILLA

O que não convém em dia de festa, como o de hoje.

CARLOS

Ah ! sim... minha mulher faz annos. Tambem é a unica coisa que faz.

CAMILLA

E não é pouco, meu filho. Eu, se não tivesse cumprido tão á risca essa obrigação, não estaria cheia de cabellos brancos.

CARLOS

E de S. Paulo ?

SERGIO

Vieram jornaes apenas. Deixa lá, homem, não te amofines. Que diabo ! uma lettra protestada é uma batalha perdida. Sê forte. Nem ha receio de que a praça seja tomáda pelo inimigo, porque está sob o pavilhão respeitavel do nosso compadre Bento. Tua mãe vê longe...

CARLOS

Eu pretendia ir hoje á noite á casa do ministro, ver se consigo alguma coisa. Já perdi a esperanza de arranjar collocação nas obras do porto e na Avenida... Exigem tantos conhecimentos...!

CAMILLA

E tu és ainda do tempo da simplicidade : váes confessando ingenuamente a tua ignorancia. E' um erro, Carlito. Um homem sabe sempre !

CARLOS

Ainda que não saiba ?

CAMILLA

Certamente. Affirmar a verdade é de todos, affirmar a mentira é dos fortes. Se o ministro interrogar-te sobre as tuas habilitações, dize-lhe que sabes tudo, que fazes tudo... e váe aprender ganhando. Porque nessas grandes empreitadas ha os que dirigem, ha a leva immensa dos anonymos que trabalham e ha os apaniguados — ~~são~~ em regra, os que mais avultam, os que mais se exhibem — enfeites, não cobrem nem aquecem, apenas ornem e dão valor á empreza com a reclame. Tu tens grandes habilitações para esse emprego. Trata de arranjal-o e pede logo accesso. (*Outro tom* :) E agora desannuvia-te e vamos pensar em coisas alegres. Queres uma boa noticia ? Vamos passar o verão na chacara do Narciso.

CARLOS

Como ?

CAMILLA

Elle convidou-nos. Bem vês que o dia não foi dos peiores. Váe morar connosco, e tu, se tiveres tino, podes, em breve, ser um nome na finança. Queira o Narciso lançar-te. O diabo é o teu genio. E's um seccarrão, sempre de máu humor, com velleidades ridiculas de independencia. O proprio mar abaixa-se para formar a vaga. Que diabo ! ha o adular servil e ha o domar astuto. Faze-te domador.

SERGIO, rindo

Faze-te domador, ouviste ? (*Sae ao jardim*).

CARLOS

Papae não se move, é sempre mettido em casa ou no jardim, a podar, a enxertar, a mergulhar... um jardineiro. Se lhe peço uma apresentação, responde com uma desculpa.

CAMILLA

Teu pae é dos que cáem e nunca mais se

levantam -- tu és inflexível, elle é molle. Conforma-se, qualquer situação convém-lhe, accêita a fortuna sem alvoroço e entra pela miseria sem desalento. Não fôsse eu e já estaríamos em alguma casota de bairro pobre, vegetando humildemente como decãdos. Eu é que mantenho a casa com o espirito calmo de quem sabe que tudo depende de uma volta da fortuna. E' preciso ficar na monção da riqueza; deixar a linha por um desgarrão é perder as probabilidades da reabilitação. Com sacrificio, com angustia, lançando mão de todos os ardís, eu aqui estou e aqui fico.

CARLOS

A senhora é uma organização formidável.

CAMILIA

Tenho a ambição, que é uma energia.

SERGIO, *no jardim, fulando para a esquerda:*

Clara! traze dahi a tesoura...

CARLOS, *levantando-se:*

Bem; vou descãncãr um bocãdo para poder resistir á maçada da noite. Oh! a noite de hoje! (*A creada executa a ordem de Sergio*).

CAMILIA

Dêste o meu bilhete ao Fertosa?

CARLOS

Dei.

CAMILIA

Então os jornaes da tarde devem trazer a noticia.

CARLOS

Com certeza. Até logo...

CAMILIA

Jã falaste á tua mulher?

CARLOS

Nã. Estou com a cabeça a estalar. (*Entra á esquerda*).

## SCENA VIII

CAMILIA, ESTELLA E SERGIO, *no jardim.*

*Estella, saindo da esquerda, no jardim, aproxima-se de Sergio, com quem conversa um instante. Camilla toma os jornaes deixados por Carlos sobre o console, senta-se e, abrindo-os, percorre-os ligeiramente com o olhar. Estella entra.*

ESTELLA, *procurando:*

Carlos...?

CAMILIA

Foi repousar um pouco. Está com a enxaqueca. (*Fitando-a reprehensiva:*) Tu, Estella, sempre a mesma; não te corriges.

ESTELLA

Nã o supporto, mãe. E' com repugnancia que lhe estendo a mã. As suas amabilidades affrontam-me. Não é um amigo, como parece -- é um traídor.

CAMILIA

As grandes palavras sensacionaes: traídor!

ESTELLA

Sim, senhora -- traídor. E' um homem ante o qual o meu pudor revolta-se. O seu olhar desnuda, insinúa-se lascivamente; eu sinto-o percorrer-me todo o corpo. As suas palavras arrastam-se mollemente como lesmas. E' um homem que incommóda e vexa. Parece estar, a todo o instante, abrindo a carteira para que se lhe vejam as notas. Não posso! Se eu dissér que elle accusou Car-

kito...

CAMILIA

Accusou? de que?

ESTELLA

De perfidias. Deu-me a perceber que o tem visto em orgias. Com que intenção carrea para a minha casa, para minha ignorancia, os desvarios de um marido? para estimular o despeito e impôr-se como uma represalia.

CAMILIA

Deixa-o falar. Ouve e sorri.

ESTELLA

Nã posso!

CAMILIA

Porque?

ESTELLA

Nã protestar contra a affronta é submeter-se e... eu tenho escrupulos.

CAMILIA

Ah! escrupulos... tens escrupulos? Escrupulos são cuidados que se pôdem ter nos pequenos contra-tempos; na hora da catastrophe, o que se quer é audacia. Sob uma chuva que molha, caminha-se cautelosamente, saltando o enxurro, evitando as poças; mas atravéz do temporal, com a cheia, ninguem pensa em salvar as botinas nem em perder os vestidos -- arroja-se temerariamente, procurando abrigo. E' preciso vencer? vençamos! como? vencendo!

SERGIO, *falando para a esquerda:*

Manda cá o Manoel!

ESTELLA

Nã, mãe; eu não penso assim. Acima de tudo, a honra.

*O jardineiro atravessa o jardim da esquerda para a direita, e vê ter com Sergio.*

CAMILIA

A honra...! Que é isso? Um homem honrado, que é? Em geral, só se invoca essa sonóra palavra na hora da angustia -- é como um viatico. Pensas que é uma folha corrida? é uma certidão de obito. Honra... Vês um desgraçado que trabalha, que passou toda a existencia a extenuar-se exgottando o cerebro, fundindo a alma, desfazendo-se em energia, medindo a razão, arrepanhando farrapos, esquecido em lobrega mansarda, entre filhos que pedem pão e tiritam de frio, fazendo pela gloria da sua terra o que devia fazer pelo conforto da sua vida, e dizes: é um martyr. E' um tolo! O primeiro dever do homem é cuidar de si -- a arvore só dá sombra depois que toda se enfolha. Morre esse desgraçado; que lhe dão? a corôa civica e a legenda: Honrado. Eu desconfio sempre dos homens honrados -- em regra, não passam duns pobres diabos... Honrado é um euphemismo como sympathica -- esconde a falta de pão, como o segundo attesta a falta de belleza. No collegio, falavam-me, com verdadeira veneração, desse mytho -- a honra. Saí para a vida, procurei-o e só o achei um dia, num funeral, servindo de eça a um martyr. Honra... Não te fies em palavras. A palavra illude. Honra é um excellente *pendant* para a Gloria -- formam as parallelas que se perdem na miseria.

SERGIO, *ao jardineiro:*

Agóra aqui...esta roseira.

ESTELLA

Quer mãe dizer que eu devo ouvir, sem protestos, todos os galanteios, todas as palavras inconvenientes...?

CAMILIA

Nã ha palavras inconvenientes, menina. As palavras passam por nós como transeuntes pela rua -- nós só recebemos as que nos convém receber. Se ficares á janella, verás passar de tudo -- o homem elegante e o êbrio, a mã que váe levar o filho ao collegio, a mulher que se apressa para a entrevista, o operario, o vadio, a creança que chóra, o garoto que ri, o pombo que scinde os ares, o cão que fareja a sargeta. Dã attenção a tudo? não; tens, ás vezes, a attenção voltada para ti mesma e o que passa, passa. Assim as palavras -- ouve-as, não as escutes: são transeuntes que passam. Atravéz do clamor de uma revolução, a mã ouve o tremulo vagir do filho, não é verdade? é que ha sons, nem ainda palavras, que vão direito ao coração e ha gritos que se perdem no ar. Que te importa que elle fale? Deixa-o falar...

ESTELLA

Nã penso assim...

CAMILIA

Ah! não pensas assim? Queres, então, romper com a sociedade? E' o caso de eu dizer-te o que á Ophelia disse Hamleto: "Faze-te monja... Vãe para um convento."

ESTELLA

Mas, então, se esse homem levar mais longe a sua ousadia...?

CAMILIA

Um homem só chega até onde a mulher permite.

ESTELLA

Pois, sim.

CAMILIA

E' preciso que saibas, Estella, qual é a nossa verdadeira situação, para que não te illudas.

SERGIO

A culpa é tua... Eu sempre te disse que esta magnolia estava mal collocada...

CAMILIA

Queixas-te do teu marido. Tens razão e não tens. Se elle já não mostra o mesmo affecto que te trazia enlevada na felicidade, é porque os cuidados não lhe dão a tranquillidade que o coração requer. Não ignoras que elle joga e que é do jogo que tira todos os recursos. Ora, o jogo é perfido -- justamente quando a necessidade urge, é que a desfortuna apparece. O que tu julgas ser um novo amor, lá fóra, não é senão o desespero (*Tocando a fronte:*) aqui dentro. O homem que perde ao jogo, não deixa na banca apenas o dinheiro, deixa a educação, os proprios sentimentos, volta com a bolsa e o coração vãos. Sergio... é o que vês: jardineiro.

ESTELLA

Mas porque havemos de insistir nesta vida falsa? Eu, por mim, confesso que prefiro uma casa modesta e uma só creada, ou nenhuma, tendo tranquillidade, a viver neste palacio cheio de desespero... já sitiado pela infamia.

CAMILLA  
Isto de infamia váe com endereço ao comendador?

ESTELLA  
Sim, váe.

CAMILLA  
Não tens confiança em ti?

ESTELLA  
Em mim? toda!

CAMILLA  
Então?

ESTELLA  
E a sociedade?

CAMILLA  
Ora, a sociedade... A sociedade é como o mar — não pôde deixar de fazer ondas e de as arrojar á praia. Tudo está em saber affrontal-as.

ESTELLA  
Eu não sei nadar, mamãe.

CAMILLA  
Nem é preciso que saibas. Tens um banhista que te offerece a mão — váe com elle. Nós ficaremos na praia para que não te vexes. E verás que as mesmas ondas, que tanto receias, longe de te envolverem, farão de ti a sua rainha, elevando-te triumphalmente no seu dorso. Tudo depende do banhista... Escrupulos. (*Sorrindo* :) Queres o meu conselho? conserva-te virtuosa porque a virtude, sobre ser bella, é util, visto que é uma resistencia. Toda a resistencia irrita, e os irritados não medem sacrificios porque, além do amor... luctam pela vaidade. Sé virtuosa... Ainda é o melhor meio de viver no...

ESTELLA  
Charco.

CAMILLA  
Como vivem os lyrios.

(*Continua*)

(\*) *E' prohibida a reprodução.*

## SCIENCIA E INDUSTRIA

O LICOR DOS CARTUXOS — A SUA COMPOSIÇÃO — CINCOENTA E DUAS ESPECIES DE ELEMENTOS DIFFERENTES.

Todos sabem que, em virtude da applicação da lei sobre as congregações, os frades Cartuxos, tiveram que abandonar a França e fôram se estabelecer em Tarragona, pequeno porto de Hespanha de vinte e poucos mil habitantes e a uns cincoenta kilometros ao sul de Barcelona. E' ali, á beira do Mediterraneo, num convento pertencente á ordem delles, que os Cartuxos fazem hoje, com o novo nome de «verdadeiro licor dos Chartreux», o tão estimado elixir que, por mais de um seculo, elles fabricaram, a 28 kilometros de Grenoble, no mosteiro a que deram seu nome: *Grande-Chartreuse*, rodeado de terreno uberrimo. Si bem que tenham deixado esses terrenos e mudado o nome ao licor, o fabrico delle continúa a ser absolu-

tamente o mesmo; os alcools sempre escolhidos com o maior cuidado e as plantas que entram na maceração téem sido escolhidos nos Alpes do Dauphiné, onde os Cartuxos viveram durante seculos. A ordem dos Cartuxos foi fundada por S. Bruno em 1084, e o grande mosteiro dos Cartuxos, que foi sempre a residencia geral da ordem, incendiado e destruido pelas avalanches diversas vezes, foi reconstruido a ultima vez em 1676. A receita do licor foi offerecida aos frades em 1602 pelo marechal d'Estrées, e só em 1755 o irmão Jeronymo Maubec modificou e aperfeioou a formula, dando-lhe a composição que ainda hoje conserva, e em que entram, ao que parece, cinquenta e duas especies de elementos diferentes: plantas, algumas das quaes só brotam na *Grande-Chartreuse*, folhas, raizes ou grãos.

Calcule-se a difficuldade que não estarão experimentando os que, a esta hora, tentam penetrar o segredo dos Cartuxos.

\* \*

A GRIPPE — SUA ETIOLOGIA — OPINIÕES DIVERSAS — DISCUSSÃO RECENTE NA SOCIEDADE MEDICA DOS HOSPITAES EM PARIZ.

E' uma velha molestia, durante muitos annos pouco considerada no Brazil, onde passára quasi despercebida, até que lhe fôram avultando, sob varias fórmulas, as victimas, ficando sempre a sua natureza meio obscurecida na penumbra do mysterio.

Sabe-se que ella é contagiosa e, por conseguinte, deve ser produzida por um microbio que passa de individuo a individuo; contagia familias inteiras; propaga-se de casa em casa; domina cidades e adquire virulencia terrivel em certas estações, affectando não sómente as vias respiratorias, mas o intestino e o cerebro.

Attribuiram-na a um microbio; entretanto, não se encontra o bacillo de Pfeiffer em todas as victimas, de maneira que a etiologia da molestia continúa a ser contestada, como se deprehende de uma discussão recente na Sociedade Medica dos Hospitaes, em Pariz.

O dr. Bezanson não encontrou o bacillo de Pfeiffer em muitos doentes, mas associações microbianas vulgares e duas especies que reputa novas — um *diplococcus*, analogo ao *micrococcus catarhalis*, dos allemães, e outro mal determinado. Poder-se-ia affirmar que, em cada epidemia, se encontram, nessa molestia, microbios diferentes ou diversamente associados, de sorte que aquelle pratico foi levado a crer que a gripe não é uma molestia especifica, mas uma simples exaltação da virulencia, momentanea e climaterica, de certas especies.

O dr. Ménétrier reconhece que se encontram, frequentemente, na gripe, varias associações microbianas, mas attribue o papel principal ao pneumococco, opinião confirmada pela clinica por causa da grande frequencia das pneumonias no curso das epidemias grippaes. O dr. Bergé pensa, como os dois medicos precedentes, que a gripe não constitue uma verdadeira entidade nosographica.

O dr. Legendre, ao contrario, affirma que, pela impetuosidade da erupção, pela rapida extensão da infecção em toda a arvore bronchica, pela persistencia e profunda asthemia, que a acompanham, ella é uma fórma especial, sinão especifica do catarrio das vias respiratorias. O dr. Siredey nota que a esses caracteres da gripe, convém acrescentar que ella se difunde, rapidamente, através de cidades, regiões inteiras, constituindo epidemias regionaes ou locaes. O dr. Lermoyer lhe assignala o privilegio de provocar otites supuradas graves, que se propagam ás cellulas mastoidianas. O dr. Barié tambem observa que se descrevem, muita vez erradamente, sob o nome de gripe, certos casos de rhino-pharyngite climaterica benignos, defluxos vulgares, simples corizas agudas.

Mas a gripe apresenta outras fórmulas clinicas, não menos importantes que as catarriaes. Assim, talvez, todos os medicos conhecem a fórma nervosa, caracterizada por violentas dôres de cabeça, com exarcebação aguda, á influencia do mais leve trabalho cerebral, por um sentimento de curvatura e de extrema fadiga muscular, um verdadeiro aniquilamento das pernas e, sobretudo, por um estado de asthenia consideravel, egual ao que se verifica nas convalescenças em certas molestias agudas, como a febre typhoide.

Esses phenomenos estão sujeitos a frequentes reincidencias offensivas, verdadeiras recaídas sobrevindas quando o doente se considera curado. Essas fórmulas nervosas são, tambem, caracterizada pela demora da sua evolução e tenacidade, deixando o doente num estado de fadiga que o impossibilita, durante muito tempo, para qualquer trabalho. Esse complexo symptomatico caracteristico não corresponde a outro typo clinico, sinão á affecção grippal.

As epidemias de gripe são, sem contestação, climatericas: apparecem quando o sol, grande elemento de saúde, se occulta durante semanas e mezes, com breves interrupções; quando o céu é nebuloso, quando a radiação solar não penetra o sólo, não podendo agir sobre os microbios roubando-lhe a actividade, porque a luz é o antiseptico por excellencia. O organismo se deprime. Ficamos sem defeza contra



as associações microbianas, que adquirem, nessas condições, nova virulencia, e a molestia vem.

E' possível que exista um microbio especial da gripe; mas elle não é indispensavel para explicar a gravidade da affecção. Os microbios conhecidos, que pullulam em torno de nós, que vivem inoffensivos em nossas vias respiratorias, pôdem, de repente, adquirir virulencia sob a influencia climatica e atacar o organismo.

O pneumococco, em particular, sempre presente na bocca, determina pneumonias. As fórmulas variadas da molestia dependeriam, assim, das associações diversas que, ordinariamente inoffensivas, adquirem, graças áquellas causas, grande intensidade nociva.

Como se vê pela variedade de opiniões, trata-se de hypothese: nada se sabe, precisamente, sobre a etiologia dessa molestia caprichosa, vulgar, ora pouca perigosa, ora de gravidade excepcional.

Mas — diz Henry Parville, que nos fornece estas notas — é da sciencia afirmar a nossa ignorancia, o melhor meio de aprender a saber.



## FARIAS BRITO

### IX

No capitulo VIII, trata Farias Brito de demonstrar nada menos do que isto, segundo me parece: que a poesia é manifestação fundamental do espirito humano. Por isso, a poesia tambem se transforma, acompanha a evolução natural; mas, não tende, de modo algum, a desaparecer. No que estamos perfeitamente de accordo.

Deste passa a um capitulo que parece estranho num livro de philosophia, mas estranho apenas na apparencia e talvez só no titulo. O *idealismo*, a proposito do qual discorre o auctor — previne logo — não é o idealismo no sentido commum. O philosopho, entendida a sua funcção como a entende Farias Brito, nem pôde deixar de ser idealista. Sim: o espirito que indaga persegue um ideal. Tem deante de si a natureza, joga com os elementos que ella lhe fornece, mas procura revelações que ainda não foram feitas. Mesmo porque, desde que são apanhadas essas novas revelações, vão ellas se incorporando ás sciencias emquanto o philosopho as deixa e passa adiante.

Quer me parecer, no entanto, que não é bem esta a noção que de idealismo concebe o novo philosopho — pelo menos do idealismo que inculca como caracterisando o papel da poesia. «O homem — diz elle — tem necessidade de completar o quadro doloroso e terrivel da realidade pela concepção

harmoniosa de um mundo ideal. A realidade o aterra: é preciso entrever a possibilidade de um mundo melhor. Tal é, precisamente, a missão da poesia.» Por mim, não hesito em discordar neste ponto do auctor. Si a poesia fôsse apenas isso, não seria uma necessidade essencial da nossa natureza superior. Para mim, tenho simplesmente que são analogos phenomenos como estes, por exemplo: o grito de alegria do barbaro sedento que encontrou uma fonte, a anciedade do viajor do deserto por uma sombra; o gemido de quem sente dôr; a angustia do faminto; o silencio meditativo do sabio que quer saber; o canto da alma que sentiu a magestade divina nos grandes mysterios do universo ou que sentiu a belleza immortal na justiça e no amor. O homem canta como o homem devora: devora quando tem fome; e quando tem na alma a scintilla que incende e exalça — o homem canta. Para Antonio Vieira — rugir imprecações formidaveis do alto de um pulpito e fazer que as almas se abalem — é uma necessidade tão forte, uma necessidade tão necessaria como a que gerava no animo do barbaro, a ancia de apanhar fructos nas florestas. Não é para illudir-nos que amamos a poesia. Mesmo — porque só chegamos a amar a poesia depois que temos exgotado todos os outros amores, depois que passamos por todas as outras escolas do amor — porque o proprio amor de Deus é a expressão mais alta e intangivel da poesia humana.

Diz Farias Brito: «Em uma palavra: o fim da sciencia é a verdade; o fim da poesia é o bello; o fim da philosophia é o bem. E é de uma fusão completa destas trez grandes manifestações do espirito, ou, melhor, destes trez aspectos distinctos, mas inseparaveis de uma só e mesma actividade, que ha de nascer o principio da regeneração do futuro.»

Pois bem: essa fusão de que nos falla o philosopho, é exactamente a que se realisa no poeta, ou mesmo em quem ama a poesia. Sem estes trez cultos ou estas fórmulas diversas do mesmo culto — o da verdade, o do bello e do bem — não ha poeta, nem ha poesia. Demais — a poesia, de todas as artes, é a mais extensa, a mais completa, a de mais recursos e a mais poderosa, porque — pôde-se dizer — até certo ponto, supprime todas as outras. Ora, as artes, ou em abstracto — a arte, qualquer que seja o genero em que se manifeste mais accentuadamente, mais caracteristicamente o genio de uma raça ou de um povo — a arte é sempre a expressão mais perfeita, mais pura, o phenomeno culminante — si assim me posso exprimir — de toda a existencia, do modo de ser, do progresso humano. Negar que a arte se eleva e que o sentimento es-

thetico se torna em nós cada vez mais intenso, mais flagrante, mais imperioso — seria negar a propria evidencia. Não ver que o «quadro doloroso da realidade» cada vez menos doloroso se váe fazendo e cada vez nos aterra menos — seria não ver a verdade mesma. Si o fim da poesia é tornar a realidade sempre menos aterradora — é claro que têm razão os que sustentam que a poesia está morrendo, porque de facto ella deve morrer á medida que diminuem os motivos que lhe explicam e legitimam a funcção. E si apesar de estarmos fazendo este mundo cada vez melhor, notamos egualmente que com os progressos realisados e na mesma razão directa de taes progressos, o sentimento e o amor da poesia tambem se tornam mais vigorosos, mais exuberantes, mais irreprimiveis — o que devemos concluir é que a poesia não pôde morrer, como não pôde morrer a politica, ou a physica, ou a mathematica. Ella é tão rigorosamente manifestação do espirito humano como os phenomenos mais simples relativos ás diversas phases da civilisação.

ROCHA POMBO.



## PAGINAS ESQUECIDAS

### INTERMEZZOS

(Henri Heine)

#### I

Rosas e lirios, pombas, sol radioso,  
Tudo isso outr'ora no fugáz passado,  
Eu adorei constante.

E desse amor, que tive immaculado,  
Por lirios e aves e subtis perfumes,  
Nem já me lembro, seductora amante,  
Fonte pura de amor, que em ti resumes  
A rosa, o lirio, a pomba e o sol radiante!

#### II

De um lirio branco no mimoso calix  
Se eu fosse depor  
A vaga essencia do meu peito, em breve  
Escutáras no calix de neve  
Uma canção de amor.

Canção divina relembrando as ancias,  
E o languido tremor  
Daquelle beijo, em noite mysteriosa,  
Que me deram teus labios côr de rosa,  
Meu doce e casto amor!

GONÇALVES CRESPO.

\*  
\*\*

### A ABERTURA DO PARLAMENTO

Abriu-se mais uma vez o parlamento.

Os representantes da nação, combatidos pela fadiga da ultima sessão legislativa, regressam outra vez dos campanarios provinciaes, onde, durante as ultimas ferias parlamentares, estiveram retemperando os ventres e

os cerebros exhaustos, por meio de novos tropos, de novos lombos de porco e do mais que é preciso para o vigor da lucta na esphera da acção politica.

Quatro mezes ininterruptos de oratoria, de casa Havaneza, de botequim do Martinho, de tipoias de praça, de cigarros escolhidos, de persevejos de estalagem, de namoro, de contradanças de lanceiros e recitações ao piano no seio das familias, de botas apertadas, de *patchouly*, de ceias babilonicas, de lulas de caldeirada nos restaurantes da Baixa, quatro mezes, enfim, de peleja tribunicia, de elegancia desenfreiada, de poesia lyrica para uso das damas, e de constipação de ventre, haviam derreido lamentavelmente os rins desses bons athletas do systema representativo.

Elles voltam dos ares patrios mais sadios e mais louções, e trazem ajoujada de novas provisões a besta da eloquencia, encarregada pela Carta de fazer em cada anno a recovagem do palavreado constitucional entre o *Diario das Camaras* e os clubs recreativos do reino e ilhas.

Tudo que Lisbôa tem disponivel de trabalho na população dos seus bairros, váe tomar logar na tribuna publica, para assistir ao despejar dos alforges oratorios sobre a presidencia da Camara e sobre a meza dos senhores tachygraphos.

Operarios mandriões, jornalistas sem idéas, ambiciosos sem officio, viúvas sem pensão, requerentes sem despacho, palavreadores sem assumpto, vadios, gatunos e pedintes, lá estão já todos nos seus postos, encostados ás varandas, explorando com avidéz os buracos do nariz ou coçando com ardor a cáspa da cabeça, enquanto os estenographos aparam as pennas, e a opposição pede aos continuos, batendo nas carteiras, os copos d'agua em que se hão de desencadear as tempestades futuras. Que o governo trema e que trema egualmente a opposição! A batalha váe ser terrivel. A carga da rhetorica vem pesada de terriveis instrumentos belllicosos.

Ahi estão em fardo a se desarrocharem do albardão, para descerem da burra, e para se desengatilharem, de cabeça para cabeça, em arremessos pavorosos, as terriveis metaphoras,

as truculentas hyperboles, as synedoches traioeiras e o bem conhecido tropejante hyperbato. Véem as citações propheticas e minazes: *Lá o dizia Cicero, sr. presidente!...*

*Já Machiavello previra, meus senhores!... Cousin, sr. ministro, o grande Cousin... (Em aparte) E Talleyrand tambem! Accrescenta Talleyrand!*

Véem as comparações mordentes e tragicas: *Bem como Vitellio no Senado de Roma... Novo Catilina ás portas da cidade... Qual outro Attila, cognominado... etc.* Véem os grandes monstros horrendos e afflictivos: *A propecta hydra da anarchia; o hypocentauro do progresso; o aspide da calunnia; o verme da inveja; a serpe da bajulação. a lôba do deficit; o dragão do orçamento o milhafre da reacção; o tigre do sr. conselheiro Arrobas; o cavallo branco do sr. Manoel da Assumpção! Véem os doutos e conspicios latius, cortantes como gladios: Latet anguis, sr. presidente... Quos vult perdere Jupiter dementat!... Rari nantes!... Timen Danaus! Habent sua fata libelli!... Ex digito gigas... Me! me adsun! Véem tambem as representações, os manifestos, os requerimentos dos povos, a grossa papelada estopante e aniquiladora, que será lida á somnolencia geral da Camara, por um orador d'oculos no nariz e de gôgo na guêla, o qual dotará a sessão com um doce intervallo applicado pela assembléa á beberóca no restaurante e á audiencia dos pretendentes nos corredores.*

Finalmente, a bagagem da oratoria representativa trará no fundo algumas piúgas para uso pessoal dos srs. deputados.

Decididamente, a lucta váe ser titanica.

RAMALHO ORTIGÃO.

\* \*

DOR INGENITA

Dias tristes, longas horas,  
Convulsionadas, da vida,  
Em que tu, alma opprimida,  
Choras;

As quaes nas luctas que affronto  
Subindo o rude calvario,  
Como as contas dum rosario  
Conto;

Rasgais no tempo e no espaço  
Aos que transitam no mundo  
Um sulco amargo, um profundo  
Traço.

Na existencia mais pura  
Em que a paixão desabrocha,  
Como as estilhas da rocha  
Dura

Que nas marés convulsivas  
Rasgam o peito das fragas,  
Abris sempre enormes chagas  
Vivas.

Vivas chagas donde escorre  
O sangue ardente, golfado  
Dum coração que ignorado  
Morre.

Quando a minha dôr augmentas,  
O sonho que te evaporas,  
Acordo e correm-me as horas  
Lentas.

Lentas, pezadas... E eu, triste,  
Lastimo, os olhos em pranto,  
Que a morte, da vida, tanto  
Diste

.....  
.....

Passai, correi, longas horas,  
Convulsionadas, da vida,  
Em que tu, alma opprimida,  
Choras!

MACEDO PAPANÇA.

\* \*

#### EPITAPHIO DO LYRISMO

A poesia sentimental acabou. Devia naturalmente acabar assim que o amor se julgou superfluo no casamento do vate. Eram, noutro tempo, os poetas uns amadores vitalicios que cantavam e amavam todas as meninas de uma ou duas freguezias; mas não casavam com ellas. Enfeitavam-nas de flôres para maridos maganões que sorriam delles com uma piedade quasi benevola, e os tratavam com excesso de delicadeza, até ao requinte de os pôrem na rua com poucas bengaladas. Os maridos, ás vezes, quando os poetas bisavam os seus cantares, faziam no espinhaço das esposas o compasso. Isto soube-se; a desordem da familia constou cá fóra, e o lyrismo começou a cair como immortal.

Caído o lyrismo, o poeta foi comprehendido nas regras geraes do genero humano. Entrou a casar sem versos. Em vez de perguntar á vizinha quantas estrellas tinha predilectas no azul, indagava quantos predios tinha o papá: e, se era orphã e herdeira, não lhe azedava saudades do progenitor com necrologias; ia ao cartorio do escrivão do inventario examinar o formal de partilhas; e, recolhido ao silencio do seu gabinete com os apontamentos, em vez de:

Mulher amada, que o meu peito abrasas,  
escrevia:

Por metade do predio da rua das Congostas..... 2:750\$000

Acabou assim a poesia amorosa. Não foi Charles Baudelaire, nem a de-

vassidão dissolvente do segundo imperio, nem os progressos da ethnographia e da chimica, como pretende o sr. Guerra Junqueiro. A poesia sentimental acabou porque poetas que exercitem a arte por amor da arte já não ha nenhum, nem tão pouco ha mulheres que sintam no peito o vacuo dos sonetos; e, se acontece ainda alguma experimentar vágados íntimos e palpitações estranhas — coisas que outr'ora se chamavam

Vago aspirar de virginaes enlêvos, come uma sandwich, um bife de grelha, e fica melhor. Ellas, quando saíram do collegio, não traziam geographia e ancias de idéal: traziam chlorose e fome.

Desfibradas as cordas da cythara, era, não obstante, necessario e fatal que alguém cantasse. O genio é rebelde: se o espezinham, resalta. Alguns poetas, quaes vasos de porcelana fragil, não puderam conter as raizes da flôr do sentimento que se lhes radicaram profundas e largas até os estourar em poemas, nem românticos nem classicos. Semelhantes coisas são uns extractos sulf'hydricos necessarios ao riso moderno como o estrume á seiva das finas flôres aromaticas. Como não podiam cantar com applauso a violeta rôxa, cantam a alporca rubra.

Que eu, a fallar verdade, não creio em Goethe. Elle diz que não ha litteratura classica nem romantica: ha litteratura sã e litteratura pôdre. E renovar o feio e a podridão, — accrescenta Philarète Chasles — o falso e o trivial, o phrenesi e a obscenidade, o immenso e o exaggerado, pela enfermidade e pela demencia, é facilima empresa (1).

Digam lá o que disserem os oraculos. A litteratura não é Aristoteles, nem Horacio, nem Boileau, nem Goethe. A poesia, essencia fétida ou aromatica da litteratura, é a expressão de uma época. «O feio é o bello, e o bello é o feio». *Fair is foul, and foul is fair*, diz Shakespeare. Hontem cantava-se a sociedade dyspeptica em uso de figados de bacalháu; hoje canta-se a sociedade pôdre em uso do proto-iodeto de mercurio.

\* \*

Se a tranquillidade publica perdeu ou ganhou com o desuso do sentimentalismo, é outra questão. Creio que a

sociedade lucrou em peso e perdeu em feitiço. A mulher, amada do poeta e conhecida como tal, tinha certo prestigio, e uns aromas particulares das grinaldas de rimas que lhe ajardinavam o salão, a alcova, a igreja, o theatro, o passeio, a praia e os sonhos — sobretudo os sonhos quando não procediam das cêas copiosas. Estes aromas adelgavam-lhe o espirito; ellas viam as cousas da vida a uma luz electrica; tinham a pallidez eburnea das Ophelias cuidadosas dos seus doidos contrafeitos, ás vezes sandeus legitimos; sabiam traduzir Telemacho e os segredos da lua; mas não conheciam o processo de fazer bons caldos e marmeladas. Depois, as que entraram pela infiltração do matrimonio na substancia do poeta, caíram em si pasmadas e scepticas, quando viram os maridos preferirem a uma MEDITAÇÃO de Lamartine, um prato de esperregado. Elles é que as despoetisaram, os maridos, pedindo-lhes caldo substancial em vez de um

riso

liso,

como diz a trova.

E as esposas, com o espirito engordurado da gula dos maridos, ensinam ás filhas o desprezo da velha poesia; e, quando as colhem de assalto embebedas no extase dum moço magro e macilento, dizem-lhes: «Vosso pae tambem assim era delgado e pallido antes de casar; mas depois, com os caldos fortes, engordou.» Estas palavras são o epitaphio do lyrismo escripto no seio da geração nova. Toda a menina que prevê a poesia fluctuante do esposo consolidada em tecido cellular, prefere as fórmulas finas e flexiveis de um marido sem exame de instrucção primaria.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

1879.

(1) *Psychologie sociale*, obra posthuma.

## O ALMIRANTE (29)

ROMANCE POR DÔMINGOS OLYMPIO

Sebastião ouvira na venda, e contava aos criados, que havia terrivel tempo quente pela cidade. Tinham assassinado o Ouro Preto, o Ladario e o Candido de Oliveira, e a soldadesca desenfreada andava pelas ruas em tro-

pelias. O Imperador tinha vindo de Petropolis pela estrada de ferro do Norte e chegára ao paço da cidade a carro, sem guarda.

— Vão ver — accrescentava Sebastião — que são favas contadas: liquidam o pobre velho e mais a familia. Queira Deus que fique só nisso e não venha por ali, um mata-gallego. En, que aqui estou, fui, ha pouco, provocado por uns patriotas, que estavam a bebericar paraty na venda. Queriam obrigar-me a dar vivas á Republica; então eu, que me conheço, para evitar um estardalhaço, fui saindo, e fechei o portão a chave, por causa das duvidas.

— Tudo isso é medo, Sebastião — observou um dos cocheiros.

— Eu cá — retorquiu o guarda-portão — não fujo a caretas. Fui soldado na minha terra; marchei contra os pretos da Africa, lá em Angola, uns pretos desabusados como vocês, e ali está a minha fé de officio, contando como me bati, como um heróe. Aquillo, embóra fôsse contra negros, era guerra a valer. Aqui tenho o attestado.

E Sebastião arregaçando a calça, mostrava uma larga cicatriz na côxa.

— Isto foi uma zagaya dos malditos. Doeue como trezentos diabos, e custou-me muitos mezes de perna inteiriçada. Tambem dei-lhe uma resposta: metti a bayoneta nas costellas do negro, aqui lá nelle, que lhe não dei tempo para desculpas.

— Se fôssemos á cidade, disse um dos rapazes.

— Daqui ninguem arreda pé hoje — declarou Sebastião. — A senhora está doente e temos que guardar a casa contra os gatunos, que andarão assanhados por estes bairros sem policia. Olho vivo toda a noite, que isto é casa de gente rica. Que sexta-feira arrelhada!

Era, com effeito, a sexta-feira da paixão da monarchia.

As tropas, formadas no Campo de Sant'Anna, acolheram com estrondosas saudações o corpo de alumnos da Escola Militar, e partiram numa promiscuidade desordenada, misturados aos alumnos officiaes armados de carabinas, paizanos de braço dado com militares, para o centro da cidade, entre alas de povo accumulado ao longo das ruas, numa attitude de surpresa, num espasmo de curiosidade, como se inquirissem todos o fim daquella passeata colossal do exercito victorioso aos gritos de alegria, de vivas á Republica.

No portão do arsenal de marinha, o marechal Deodoro foi recebido de braços abertos pelo chefe de esquadra Wandenkolk: estava realisada a adhesão da marinha. As armas nacionaes abandonaram o governo.

A's trez horas da tarde, a multidão

penetrou no palacio da camara municipal. José do Patrocínio, o vereador mais jovem, tomou a palavra e, num daquelles improvisos fulgurantes, com que elle empolgava as almas, abria bréchas luminosas nos preconceitos ferrenhos e dominava as massas electrizadas, proclamou a Republica, victoriado por uma trovada de applausos. Ao passo que era içada numa das janellas da Camara a bandeira, arranjada ás p̄ssas, como symbolo republicano, era redigida a acta dessa memoravel sessão com uma mensagem ao homem do dia, o marechal Deodoro, nos seguintes termos de injuncção.

«Republica Brasileira.

«Senhores representantes do exercito e da armada nacional.»

«Os abaixo assignados, órgãos espontaneos da população do Rio de Janeiro, téem a honra de communicar-vos que o povo reunido em massa, na camara municipal, fez proclamar, no fórma da lei vigente, pelo vereador mais moço — após a gloriosa revolução que *ipso facto* aboliu a monarchia no Brazil — o governo Republicano.»

A José do Patrocínio, chefe da commissão de deputados do povo, declarou Benjamin Constant que seria tomado na devida consideração o voto solemne do povo.

Emquanto o grande marechal, exgottado pelo immenso esforço da sua vontade de bronze, naquella jornada, se estorcia numa auctia torturante, o Imperador, inteiramente estranho á situação perigosa do seu throno, da sua dynastia, empregava os meios usuaes de resolver as difficuldades, mandando chamar as figuras que elle punha em jogo, quando o seu capricho dissolvia camaras, derrotava partidos victoriosos, e operava surprehendedentes mutações de ministerios.

O caso era muito mais grave: tratava-se de um ministerio deposto pelas armas e faltava o nervo ao prestigio imperial; apagára-se ao sopro da rebellião a sua aureola fulgurante, e ficára, no paço da cidade, cercado pela familia, pelos amigos fieis, o alquebrado ancião, muito confiado no amor desse povo que percorria a cidade, applaudindo ou abrindo alas, indifferente, surprehendido, ás passeatas de patriotas e militares.

— Isto não vale nada — dizia elle — Todos esses homens são meus amigos.

Por ordem do Imperador, o visconde de Ouro Preto, libertado a pedido de Floriano Peixoto, foi ao paço e, após longa conferencia, relatando os acontecimentos, repetiu o pedido de exoneração do ministerio por não dispôr de meios para governar o Paiz. Apesar disso, o monarcha recorreu ao prestigio do conselheiro Saraiva; e, alta noite, no recinto do palacio de portas

cerradas, se celebrava a derradeira reunião do conselho de Estado. Alli estavam, numa attitude de pavor, a meiga Princeza imperial, Paulino de Souza, erecto, firme, impassivel; o visconde de Cruzeiro, concentrado num silencio respeitoso; Souza Dantas, sem o amavel sorriso ironico; João Alfredo, medindo com superioridade impavida a extensão do perigo que elle avaliava com aquella previdencia infallivel de estadista de raça; Paranaguá, calmo e pezaroso, Leão Velloso, o jornalista amestrado, convencido do desastre irremediavel, communicando com a palavra insinuante a sua impressão ao visconde de Cavalcante, impertigado, de rosto immovel numa frieza de mascara japoneza, ao Duarte de Azevedo, parlamentar provector, ao velho Beaurepaire Rohan, petrificado na sua fidalguia com raizes nas cruzadas. O conselheiro Andrade Figueira protestava irritado, numa colera que aquella assembléa illustre mal podia reprimir, ao passo que seu collega Silva Costa estava muito correcto no seu traje elegante, com as infalliveis luvas de côr.

Todos aquelles homens, estadistas de marca, estavam, intimamente, conturbados pelo presentimento das consequencias da revolta; mas, no caridoso empenho de manterem a illusão do Imperador doente, para lhe amenisarem o terrivel golpe, deliberaram a organização de um ministerio de transacção, consiliando as pretensões do exercito com a dignidade da corôa.

Confiança demasiado no seu prestigio omnipotente, o Imperador tentou o expediente extremo de conferenciar com o marechal Deodoro, que não pôde obedecer ao convite. Dirigiram-se, então, á sua casa, no Campo de Sant'Anna, os senadores Dantas e Corrêa e não podendo falar com o dictador, regressaram ao paço, portadores da certeza de estar organizado o governo provisório, feitas as nomeações das auctoridades superiores.

— Não é possível — exclamou o Imperador, ao ouvir a terrivel noticia — O Deodoro é meu amigo.

— Temos summo pezar — retorquiu, num tom respeitoso, o conselheiro Dantas — em affirmar a Vossa Magestade essa dolorosa verdade.

— Essa gente está doida!...

— A explosão dos successos privou o governo de todos os meios de defeza. Varias provincias adheriram ao movimento. Resta-nos ainda communicar a Vossa Magestade que o governo provisório assegura com as maiores garantias as pessoas e vidas da familia imperial...

Houve um silencio affirmativo, como se os assistentes, ante o Imperador, que alisava pensativo a barba branca, ante a Princeza, debulhada em pranto, formassem a guarda mortuaria da

monarchia arquejante, ferida no coração por esse golpe inesperado, incruento, inédito, sem precedentes na historia dos povos.

Pouco depois, souberam que fôra reforçada a guarda do paço por quarenta praças, ficando assim o Imperador prisioneiro, abandonado pelos possantes defensores, pelos seus amigos do exercito, pelos seus leaes marinheiros, por esse povo que elle reputava amigo, capaz dos maiores sacrificios pela causa do monarchia. Esse povo alli estava, em torno do palacio, resignado ao facto consumado, numa impassibilidade de massa indifferente, apenas dominado pela curiosidade do espectáculo estranho do grande infortunio de um monarcha, como se este não o governára durante meio seculo; não lhe penetrasse o coração, plantando-lhe os germens da gratidão. E' que o alquebrado velho confundira submissão com amor.

E, todavia, elle, engolphado na cegueira da illusão, affirmava ao commandante Bannem:

— O povo brasileiro é assim mesmo. Amanhã estará tudo acabado.

Não cogitava da resistencia; não era de temperamento para uma violencia inutil naquellas condições; contava com a longanimidade dos vencedores, que, passada a embriaguez do entusiasmo, da imprudencia de um acto, cujas consequencias não haviam precisamente, medido, voltariam á paz, á fidelidade ao seu rei. A Republica era um fumarento fogo de artificio; não resistiria aos primeiros fulgores da aurora. Os seus próceres improvisados, aquelles que haviam adherido a ella por um movimento irreflectido, precipitado, se encolheriam num arrependimento sincero ou hypocrita. Regressariam todos ao aprisco como um gado tresmalhado e se submetteriam amollecidos, oxidados pela corrupção das promessas, das dadas imperiaes, dos cargos proeminentes. Deodoro seria o ministro da Guerra, escolheria o ministerio se o exigisse, governaria cercado de amigos, premiando os doces companheiros de jornada, reprimindo os recalitrantes. O Imperador, aparentemente resignado, conquistado pelas idéas subversivas e propinando-lhes, pouco a pouco, o curáre da corrupção, cavando dissidencias, alentando rivalidades até reduzil-os á impotencia, muito animados pela éra nova do terceiro reinado, sob o manto auspicioso de Izabel, a Redemptora.

Essas idéas passavam, como o espectro de Machiavelo, pelo espirito sombrio do Imperador.

(Continúa)

— Os Annaes —

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

## A LIVRARIA

## O SEGREDO MEDICO E SUA CONCEPÇÃO EVOLUTIVA — DISCURSO DO DR. DIAS DE BARROS.

O saudoso professor Francisco de Castro deixou, na Faculdade de Medicina, como um luminoso sulco, a fecunda semente de idéas que marcaram um grande passo de progresso não sómente quanto á applicação dos methodos scientificos como respeito á cultura litteraria, as fórmas elegantes e á linguagem pura, que foi uma das suas mais entranhadas paixões.

Elle conciliou, numa harmonia admiravel, a arte de Hypocrates com a de Quintiliano; Cicero e Galeno poderiam revestir as suas idéas, em campos diversos, com os mesmos ouropéis rutilantes da palavra, falada ou escripta, abrindo nos espiritos bréchas de convicção, ensinando e persuadindo.

O discurso do dr. Dias de Barros é um vestigio do grande mestre. Isto bastaria para o seu louvor se, além da fórma primorosa, não fôsse elle interessante pelo objecto, um dos problemas mais melindrosos da ethica professional, tratado com raro criterio.

Com o segredo medico collidem, muita vez, os mais importantes interesses da sociedade e do individuo envolvendo questões relativas á instituição do casamento, ao seguro de vida, á pericia medico-legal, á cobrança de honorarios, á declaração de obito, á denuncia dos feridos, aos casos de aborto, á declaração de nascimento, á deposição em justiça, aos boletins de saúde, ás falsas accusações, á notificação das molestias epidemicas, á assistencia aos loucos, aos menores, ás parturientes, internadas nas maternidades e nos casos de envenenamento.

A questão consiste em traçar o criterio do procedimento do professional, uma linha de conducta, inflexivel, como ensina Brouardel, ou maleavel ás circumstancias, quando se empenhem os interesses de sociedade e do individuo, procurando justa adaptação aos multiplos casos de consciencia, nas suas infinitas minucias e nos seus varios aspectos.

Em face do direito escripto, parece predominar a opinião que sustenta o segredo absoluto, porque o codigo penal, no art. 192, punindo o acto de «revelar qualquer pessoa o segredo de que tiver noticia, ou conhecimento, em razão de officio, emprego ou profissão», não fez restricções, como se dedúz ainda da disposição do art. 194, punindo «a auctoridade, que de posse de carta, ou correspondencia particular, utilisal-a para qualquer intuito, seja, embóra, o da descoberta de um crime, ou prova deste».

Essa prohibição escapará ás sanções penal e moral, quando o segredo professional fôr incompativel com a caridade, com a justiça, quando, em vez de se tratar da punição de um criminoso, estejam em perigo a liberdade, a vida, a honra de um innocente? A' parte o aspecto sentimental do problema, num como noutro caso, o interesse superior, que é o social, o da humanidade deveria predominar; mas é, precisamente, nesse ponto que se dividem as opiniões, esgalhando-se em meandros inextricaveis.

O espaço desta noticia não permite a explanação do assumpto que tem raizes theologicas no segredo da confissão. Como o penitente ao sacerdote, o doente revela ao medico os accidentes intimos da sua vida, as suas fraquezas e crimes numa confidencia absoluta de meios que não percebem, de olhos que não vêem, de ouvidos que não ouvem. Entre o penitente e o confessor, entre o doente e o medico se estabelece um sagrado pacto de confiança, que uma das partes não pôde quebrar sem profunda leção ao direito da outra.

O escôpo, buscado pela evolução, deve ser consolidar a harmonia da moral com a justiça, amenisar a rigidez do segredo absoluto de modo que, como diz o dr. Dias de Barros, fique ao criterio do professional saber abrir mão do seu interesse pessoal e até do de sua classe para beneficiar a justiça, amparar o innocente e fazer condemnar o criminoso, quando fôr mistér, em bem dos mesmos direitos da humanidade.

D. O.

\* \*

CASAMENTO PERFEITO—DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA—3.<sup>a</sup> ED. RIO, GARNIER, 1905, IN-18.

Quando appareceu pela primeira vez o *Casamento perfeito*, ha quasi trez seculos, em 1630, ainda assim não era assumpto novo na litteratura portugueza; quasi cem annos antes, em 1540, publicára o dr. João de Barros (contemporaneo do historiador do mesmo nome) o seu *Espelho de casados*, que só ha pouco, em 1874, teve segunda edição, limitada a uns duzentos exemplares, por diligencia do bibliographo portuense Tito de Noronha.

Vinte annos depois do *Casamento perfeito*, obra de optimismo e religião, imprimiu-se a *Carta de guia de casados*, (em 1651, mas já corria manuscrita) obra primorosa e sem igual, cheia de tendencias oppostas, de pessimismo e desconfiança e que, por isso mesmo, teve um sem numero de edições. A opposição entre os dois moralistas, explica-se por facil psychologia: Diogo de Paiva era casado e se confessava

casado imperfeito; dom Francisco Manoel era solteiro e ficou solteirão toda a sua vida, entregue a amores faceis e até difficeis e arriscadissimos, disputados ao seu proprio rei.

Como quer que seja, o *Casamento perfeito* achou o seu publico menos numeroso mas fiel, e reimprimiu-se segunda vez em 1726; e esta reimpressão foi a que serviu para a edição presente da casa Garnier.

O texto da novissima edição foi reproduzido com excepçional fidelidade; por mim mesmo, o verifiquei. Ha, porém, dois defeitos que convém explicar: a indicação dos escriptores e dos logares de suas obras, que se acha cotada á margem nas edições primitivas, nesta desapareceu; e o *Indice das coisas notaveis* foi reproduzido tão irracionalmente que as referencias das paginas só se applicam á edição de 1726 e se tornou, pois, um appendice inutil.

Tambem não me pareceu util conservar-se, como se fez, a orthographia da edição de 1726, que não era a do auctor nem a do seu tempo.

Sem embargo destas pequenas fallhas, é de justiça dizer-se que a casa Garnier, com a reedição dos classicos, presta inestimavel serviço ás letras, ainda que esse beneficio, como é de regra, só aproveite a muito poucos.

JOÃO LAMEIRA.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

## DO ESTABELECIMENTO AO SEGUNDO CHACO

O mez de julho não nos foi dos mais propicios nos combates de 16 e 18 em Tuyuty. O de 1868 já começava mal.

Muito differente fôra o de maio, em que victoria corôou, invariavelmente, as nossas armas nos annos de 1865, 1866, 1868 e 1869. Que motivos determinariam esses factos tão oppostos e tantas vezes repetidos? Seriam de um lado o somno sobre os loiros colhidos e do outro o desejo ardente da vingança?

As leis sociologicas são tidas por inflexiveis, como as que regem o mundo physico.

Com o seu determinismo, T. Buckle chega a estabelecer relações curiosas entre o desabrochar dos alvos lyrios nos corações e a abundancia das loiras espigas nos trigaeas.

Com estatisticas interessantes, Lombroso quer demonstrar a preferencia de certos mezes do anno para as explosões revolucionarias dos povos, parecendo depender tudo do thermometro e caber, portanto, ao sol a responsabilidade dos phenomenos da vida humana.

Como explicariam os philosophos a

invariabilidade dos nossos revêzes em julho e das nossas victorias em maio ?

No dia 16 daquelle mez, ouvimos, logo cedo, fortissimo canhoneio e fuzilada incessante para os lados de Humaytá, onde o horizonte annuviou-se de fumaça. Soubemos, depois, que fôra o exercito de Osorio que reconhecera, á viva força, as fortificações inimigas, sendo repellido com grandes perdas.

Era o segundo revêz do mez de julho de 1868.

No dia 18 pela manhã, saíu do Anday uma brigada composta de um batalhão argentino e dois brasileiros. Um destes era o 8º de linha, que recebeu alguns officiaes do Dezeseis, de promptidão no acampamento.

A brilhante columna marchava garbosa commandada pelo bravo coronel Martinez de Hóz, de uma das mais illustres familias de Buenos Ayres, bello e elegante, perfeito *gentleman*. Quando passou por nós, saudou-nos e lhe desejamos um dia de glorias.

Fazia a vanguarda o batalhão argentino, que se internou pela picada, margeiando o rio, sem tomar, talvez, muitas precauções.

Os nossos dois batalhões marchavam a distancia, em obediencia ás ordens que delle receberam.

O coronel portenho era valente soldado e marchava na frente com os seus compatriotas. De repente, viu-se envolvido por grandes forças inimigas, que estavam emboscadas. A surpresa foi magistralmente feita.

Martinez de Hóz e o commandante Gaspar Campos, com quasi todos os officiaes e a maior parte dos soldados, caíram prisioneiros.

O porta-bandeira ouviu o ruido de um dos navios da nossa esquadra, que passava, e, rompendo todos os obstaculos, conseguiu chegar ao barranco do rio, onde os nossos marinheiros recolheram o glorioso pavilhão do sol de maio.

Os dois batalhões brasileiros fôram atacados com vigor pelo inimigo victorioso.

Recuaram a principio ; mas, depois, carregaram levando-o, de vencida, a ponta de bayoneta. O alferes Martiniano, do Dezeseis, viu-se cercado no meio da matta por elle, que avançava, ardente de enthusiasmo. Não perdeu a calma.

Tinha á mão os seus poucos homens e ordenou-lhes silencio e que se abajassem.

O pequeno grupo teve a fortuna de não ser percebido. Quando os paraguayos passaram, o Martiniano levantou-se e acommetteu-os pela rectaguarda, lançando a confusão nas suas fileiras com uma carga de bayoneta e gritos atroadores. Aproveitou a desordem, e reuniu-se ao grosso do batalhão. Era um bravo e modesto official o Martiniano, com a sua barba negra

e annelada e os seus modos de sertanejo. Eramos amigos.

Acabou sempre destemido e bom, no *alto posto de alferes do Dezeseis !*

Ouvimos do Anday o tiroteio longinquo, e a curiosidade nos impellia para lá. Encontrei alguns soldados argentinos, escapados do inimigo e perguntei-lhes o que vinham fazer. Respondeu-me um delles :

— *Señor, los brasileros han disparado.*

Era curioso. Nem um dos nossos se tinha retirado ; todos combatiam na espessura da matta para vingarem o desastre dos nossos valentes alliados, e um destes, que fugira do seu posto são e salvo, nos lançava o epitheto de poltrões. Ha homens assim ; para esconderem as suas culpas, calumniam.

Que destino tragico o dos bravos amigos, caídos prisioneiros das tropas do tyranno ! Quando os nossos chegaram ao logar da emboscada, nem alli nem adeante encontraram um só dos companheiros de Hóz.

Fôra uma boa preza aquella : um coronel illustre, um commandante de valor e capitães, tenentes e alferes, toda uma officialidade luzida e um batalhão inteiro.

As torturas mais atrozés, com os detalhes mais prolixos que a maldade humana pôde inventar, os esperavam. O Lopez considerou aquella feita grande victoria e mandou cuhar, para celebrá-lo, a medalha de «Acayoasá», não se lembrando da tremenda desforra que tomaram no mesmo dia as nossas bayonetas, juncando de centenaes de cadaveres o mesmo logar.

A guarnição de Humaytá, sitiada por todos os lados, abandonou-a e refugiou-se perto do Anday, fortificando-se em um longo albardão, que entrava pela immensa lagôa Vera, que os nossos soldados denominaram dos «Juncos», e cujas aguas já estavam sulcadas por escaleres da nossa esquadra e chalanas, guarnecidos por soldados e marinheiros, commandados pelo valoroso e illustre camarada, capitão-tenente Steeple, secundado por outros distinctos officiaes, entre os quaes sobresaía o joven e galhardo tenente Julio de Noronha, hoje a figura de maior destaque na nossa marinha de guerra pela patriotica firmeza com que tem trabalhado para dar-lhe lustre e collocar-a na situação que deve occupar em o nosso continente.

Na lagôa, luzia a esperanza de salvamento para os paraguayos, que haviam transportado para lá as canôas em que transpuzeram o rio.

Para protegê-los na retirada, vi-eram forças pelo interior, que investiram á nossa esquerda. Travaram-se combates incessantes na lagôa e no albardão, onde o Tiburcio collocára o piquete, que matou o correio inimigo

A' noite, essas luctas assumiam proporções phantasticamente tragicas. As canôas paraguayas, cheias de guerreiros, com as mulheres e os filhos, tentavam romper a nossa linha de escaleres e chalanas ; o manto lobrego das trevas estrellava de lentejoulas scintillantes : eram os pylampos da morte, que voavam das almas das carabinas, rubros como o sangue que derramavam.

Depois, mais e mais, achegavam-se, e, corpo a corpo, a lucta travava-se furiosa. Feridos, caíam alguns no fundo dos barcos : eram os mais felizes. Os outros submergiam-se com os mortos, seus companheiros, entre os juncaes da lagôa historica. No dia seguinte, o sol illuminava cadaveres mutilados pelo sabre e machadinho de abordagem. Boiavam placidos, ao lado uns dos outros, com os odios apagados pela morte, os inimigos da vespera.

Bem poucos conseguiram romper o circulo de ferro e fogo que os apertava para recommençar na noite seguinte, e novamente eram repellidos.

A matta densa do albardão da esquadra foi limpada pela metralha. O espaço que separava a trincheira que construimos, ás pressas, da paraguayá fronteira, estava como si tivesse sido derrubado a machado e roçado a foice e facão.

O coronel Martinez, commandante da celebre fortaleza, fazia esforços heróicos para romper as nossas linhas.

No dia 28 de julho, uma força nossa, commandada pelo tenente-coronel Carlos de Magalhães, foi atacar o leão no seu reducto. Foi repellido e morto o illustre official, cuja alma religiosa e honrada o faria um typo digno do maior respeito e admiração. Foi uma grande perda para o nosso exercito. As tentativas de retirada pela lagôa no principio de agosto, já eram mais fracas, e os combates no albardão menos frequentes.

Um dia, dos ultimos, o Dezeseis foi render alli um outro batalhão. Commandava duas peças o meu saudoso amigo João Felicio dos Santos, então 2º tenente. A' tarde, os paraguayos tirotejavam connosco frouxamente. O alferes Figueredo, um temerario, saíu da nossa trincheira e aproximou-se da inimiga, de espada desembainhada.

Todos ficámos attonitos. O official vociferava furioso, desafiando o commandante paraguayo. As balas choviam sobre elle e nenhuma lhe tocava. Chamavamol-o, e elle nos gritava :

—Quero ensinar a esses diabos.

O Tiburcio foi avisado, viu-o naquella louca exaltação, e deu-me ordem para trazê-lo preso. Lá fui cumprir mais esse arduo dever.

Dei o braço ao camarada, que não tivera um accesso de loucura, e levei-o até á presença do commandante, que

o reprehendeu com severidade. Por essas e outras, é que os soldados diziam que «ninguém morre antes do dia marcado».

Na manhã seguinte, antes de sermos rendidos, notei com o João Felício que tinha cessado o fogo na trincheira inimiga; mas viamos bayonetadas e altos de barretinas além da crista do parapeto. No flanco esquerdo, por trás de umas arvores grossas, appareciam vultos, espiando-nos. Tinhamos naquella epocha bons atiradores e nós mesmos difficilmente erravamos o alvo, áquella distancia. Fizemos muitos tiros, e os vultos, e as barretinas e as bayonetadas ficaram immoveis. Era estranho. Chamei alguns homens, transpúz, com elles e o João Felício, a nossa trincheira pelo flanco e, abaixados, a marche-marche, pela beira da lagôa, chegámos á posição inimiga. Estava abandonada. As bayonetadas que viamos eram de armas encostadas ao parapeto, e as barretinas estavam em varas fincadas na banquetta. Os vultos que appareciam por trás das arvores, eram cadaveres atados a ellas com cipós.

Nesse dia, 5 de agosto, que foi o ultimo da lucta encarnizada, o coronel Martinez renden-se com todos os seus valentes companheiros. Recebemol-os como mereciam. Tratámol-os o melhor que nos foi possível. Conversavamos com elles, como camaradas. Não se via nas physionomias da nossa gente, um vislumbre de odio. A desgraça daquelles centenares de bravos nos commovia. Para que negal-o? Eu os olhava com sympathia, porque conhecia-lhes a bravura. Cumpriam o mais sagrado dos deveres, defendendo a sua patria invadida; mereciam, portanto, o respeito dos que sabiam tambem amar a terra em que nasceram.

O tratamento, que demos durante a guerra aos nossos prisioneiros, devia ter feito nascer em seus corações sentimentos de affecto e de gratidão para os seus vencedores. Por isso, quando contavam, no Paraguay, as atrocidades praticadas por legalistas e rebeldes na ultima guerra civil que ensanguentou o solo brasileiro, ninguém lá acreditava. Todos protestavam, dizendo: Não é possível. Os brasileiros não são cruéis — não podem degollar os seus irmãos. Nós conhecemos so-bejamente a bondade da sua alma; tudo isso que dizem é falso. —

Depois da visita ao campo dos prisioneiros, que fôram logo mandados para Humaytá, fomos ver as suas fortificações no longo albardão.

A memoria estremece ao recordar aquelle quadro, horrorosamente pungente.

Nas proximidades das trincheiras, tropeçavamos nos cadaveres inchados e desformes dos nossos camaradas,

que caíram no assalto inutil de 28 de junho. No fôssô, havia tambem alguns em decomposição adeantada, cobertos por nuvens de moscas, que esvoaçavam em ronda macabra, num zumbido atordoador. Com os braços pendidos para dentro, a cabeça na crista, rachada de meio a meio e o corpo agarrado ao parapeto, por um prodigio de equilibrio, vimos um soldado do 5º. Foi um valente que alli tombou para sempre, e cujo nome nenhum de nós conhecia.

Descobrimos-nos deante daquelle montão de carne putrefacta, que ia, em poucas horas, adubar ainda mais aquella terra prodigiosamente fertil. O nosso olhar de admiração foi a unica homenagem que tiveram aquelles heróis, tão humildes e, por isso mesmo, grandes.

No recinto, que scenario!

Homens e mulheres, velhos e creanças em pedaços, com olhos vasados, labios arrancados, pernas e braços dilacerados, craneos furados com os miolos de fóra, os ferimentos mais horriveis e a gangrena ennegrecendo os bordos estiomenados e purulentos. Uns, deitados no chão humido sem uma rama sequer; outros, os menos mutilados, encostados a troncos de arvores. O valente coronel Martinez, que resistira duas semanas e capitulou com honra, estava exausto. Era um bello homem, de porte varonil, alto e loiro e parecia com o outro Martinez, que perdemos no dia 18 e que, morrendo, soffreu menos, certamente, do que elle.

Diziam que a sua esposa, que deixára em Assumpção, era um typo de graça e de belleza e muito amada.

Contaram-nos, muito depois, que o Dictador, ao receber a noticia da rendição, mandou buscal-a preza, e expôl-a em plena nudez á soldadesca brutal, que lhe infligiu com ferocidade os mais cruéis vilipendios e por fim fez as alvas carnes maceradas saltarem aos pedaços das pontas dos seus azoragues, até que, desfallecida, na mais acerba das agonias, exálou o ultimo suspiro. El Supremo, algoz do seu povo, vingára-se na innocente esposa, das paginas gloriosas que o marido escrevera na historia paraguaya.

Nada mais tinhamos que fazer no segundo Chaco. Deixámol-o na primeira decada de agosto, para nos reunirmos ao grande exercito, que ia marchar para o Tebiquary, onde nos esperava o Dictador.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Conclusão)

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

### De como se prova que trez mil réis não são dinheiro

—Ora, compadre, deixe-se de historia! Pois você, homem escarmentado e mão apertada, como macaco no galho? Não, não póde ser, não me entra pela cachóla nem á mão de Deus padre.

—Tambem o compadre vem sempre com a sua má fé mais a sua gargalhada. Queria vel-o na entaladella em que me achei. Queria vel-o e ver como era, após, que você se tinha em postura de homem e não postura de animal.

—Ora, mulheres! Mulher, para mim é mesmo que urna de osso de defunto rico, compadre; por fóra, muita pintura, muito raminho e cruz de enfeite; mas por dentro, bobage... Pódem ellas passar ali ao centenario, piscando olho, sacudindo braço, apertando saia naquelle passinho leve de juryty da matta; está aqui quem não nas olha nem lhes dá importancia.

—Tambem o compadre é porque tem lá a comadre Pulcheria e mais o seu raucho que lhe cuida de tudo. Agóra eu que não tenho rapariga ao menos e que sou sempre arrenegado pelo mulatame que procuro! Queria agóra o compadre que eu fôsse rejeitar o peixe! Defunto não engeita cóva, compadre!

—E' é; mas quem busca lã sáe tosquiado. Para que o compadre se deixou engasopar pela megéra da me-retriz? Fôsse andando seu caminho, fôsse andando e deixasse ella a faceirrar com outro, porque o que ellas querem é bispar o dinheiro, compadre, muita dinheirama! Chega dá até vontade de rir. Pois o compadre! que vem de S. João com seu negocio todo o mez e devia já estar precavido contra a lambança dessas mulheres! Ora, compadre, cóce-se! Mas conte lá como foi isso, afinal.

—Ora como foi! Muito catholicamente. Tráz-ante-hontem, eu estava tinindo sem vintem e só contava receber dinheiro hoje; mas vou no meu quarto, me recordo que tinha lido uma taboleta na rua da Carioca: *Compra-se roupa usada*, e considero mesmo com meu espirito: Ora, Fernando, tu estás sem vintem, aborrecido da vida e só verás dinheiro depois de 3 dias da venda do teu producto e, no emtanto, tu tens uma *toalete* nova que já pagaste e uma velha que tu já não usas mais. Váe vender esta pr'o homem daquella taboleta e váe te divertir, váe cair no mundo, rapaz! Mal pensado logo executado, compadre. Peguei da rouparia sovada lá nos pagodes de S. João, abri um jornal grande como o campo do primo Manoel e enrolei tudo e tóca p'ra rua da Carioca.

Que roupa é? me indagou o estrangeirado da loja, e eu fui e disse: é roupa

fin de S. João, desengate do jornal e veja! Pois bem o tal homem dito abriu o fardo, olhou, tornou olhar, botou defeito e me diz a mim: então quanto quer? Faça o seu avaliado, homem de Deus! Bom, diz elle, isto váe me dar um trabalhão, mas enfim dou-lhes trez mil reis; quer? Trez mil réis, compadre! Uma *toaleta* que me custou cento e cincoenta mil réis! Tá bom, avento eu, dê ao menos os quatro. Não, nada mais—fez o homem com o beijo e com o dedo. Se valesse quatro ou dava quatro, mas não vale.

Tá bom *seu*, fique com a fazenda! E o homem logo passou-me duas pelegas velhas coma a Sé de Braga, (que me perdõe Nosso Senhor) e vim tirando corpo fóra. Ora, com trez mil réis, malnquei eu, tenho nicoláu até dia da finalisação do meu negocio. Tóca então a ir tomar um café de Britto e fumar um charuto de doutor. Daqui então, meu compadre, foi que ségui pela perdição daquella tal de rua do dr. Senador Dantas.

—Xi! para onde logo embixou *você!*

— Bem ia eu no meu passo para o passeio da Lapa e váe quando não, uma daquellas extratadas como catanga de cangurú que a gente cheira de longe, me diz, rindo com um riso que parecia o riso da donzella do tio Pedro: pois, filhiuho, eu não ia fazendo uma asneira? E váe eu e me rio. E diz ella: pois ia fazendo uma asneira. Calcula tu (desta liberdade de tu, compadre, foi do que mais gostei) sim, calcula tu, tornou ella, que eu ia tomando o bonde sem dinheiro. Mando-o parar e quando estou quasi dentro foi que me lembrei disso e voltei de novo e o povo todo que ia nelle me olha com desconfiança. Aqui, ella soltou uma risadaria de bolir com a gente e ria, compadre, ria que era um nunca acabar e eu tambem, já se vê, como se diz no brinquedo do «fui por um caminho, encontrei um passarinho... E, ao depois, váe ella e me conta que a vida era tambem uma asneira, que o theatro era asneira, que os moços eram muitas asneiras, que os assucedidos de uovembro eram asneiras, que tudo era asneira, até eu e ella! E com tanto feitiço de graça que eu só resisti tambem de fazer um asneirão porque não tinha dinheiro grosso como ellas gostam p'ra fazer asneira!

— E afinal, compadre?

— Afinal, eu digo: deixa-me ir embóra. Adeus, belleza! Não vás, não vás ainda, amorzinho, retornou ella, e tóca a contar-me uma porção de anedoctas, como as do boticario Cosme lá de S. João, que eu já ria até pelo cotovello. De repente eu convidei ella para dar uma viravolta no bonde, dizendo que o meu dinheiro só dava para isso. Qual viravolta, idolatrado, isso é uma grande asneira.

Então não tens dinheiro ahi?

Não, não tinha dinheiro para uma dama daquella.

Nem ao menos dois mil réis?

— Ora, madama, tambem se não tivesse dois mil réis era melhor não ser gente!

E passei-lhe os dois mil réis e está porque estou de novo sem nicoláu e sem conversa e dixei, dixei daquelle mulherzão, compadre! E' como se eu não tivesse vendido a minha *toaleta* pelos trez mil réis.

— Ora, sim senhor! Trez mil réis! Nem roupa velha, nem trez mil réis, nem mulher bonita, nem passeio da Lapa.

— Tambem o compadre péga e váe logo pela perdição da rua do dr. senador Dantas! Trez mil réis não são dinheiro, compadre!

— Eh! Eh! Eh! Compadre, lá isso é, trez mil réis não são dinheiro!

FRANCISCO SERRA.



## APONTAMENTOS

PARA UM DICIONARIO DE CELEBRIDADES

CAMPOS (Bernardino de) celebridade á força — pois difficilmente a vida publica desse inoffensivo cidadão explica a enorme publicidade que se dá ao seu nome e aos seus gestos. Esse paulista, de quem S. Paulo se orgulha, como do seu maior filho, nasceu em Minas. Como presidente do Grande Estado, fez uma administração qualquer, sem perfeito bem, nem grande mal (*non ragionari di lor*). Na sua passagem pelo ministerio da fazenda, deu á emotividade nacional a occasião unica de provar a esponja de fel do cambio de seis *pence*, e a sensação forte, o arrepio deliciosamente tragico, que lhe proporcionou a visinhança do cairel do abysmo da bancarrota... o que póde não ser uma metaphora muito nova — mas é verdade. A sua visão de financeiro perturbou-se um pouco, nesse tempo, e como se tratava de fazer subir qualquer coisa, em materia cambial, fez subir a libra a quarenta mil réis. Entretanto, a Historia julga esses traços da sua vida insufficientes para lhe darem a notoriedade que neste momento o rodeia, e ainda menos para lhe grangearem os apodos que lhe andam a atirar. O sr. Campos não é máu homem, é um cidadão pouco interessante, de quem geralmente se tem o pessimo gosto de dizer mal.

BARBOZA (Ruy), aguia bahiana, ta' lento vasto e poderoso como o oceano, invencivel Hercules da palavra e da penna. A aguia tem desferido mil vôos ás alturas inatingiveis da intelligencia, e hoje, do seu retiro philosophico, pousa o olhar tranquillo e genial sobre a planicie extensa da mediocridade, onde nós outros mortaes vivemos, sequiosos da lympha ora escondida. Nos dias tragicos das tempestades sociaes, o Oceano tem rugido em furias patheticas e vingadoras, e nas pelejas da imprensa e da tribuna o Hercules cem vezes ha derrotado a calumnia formidavel; mas a hydra fabulosa se transforma em lagarto torpe, para renascer mais tarde, cobarde e de antemão vencida.

Nas horas solemnes em que sua alma se concentra, e como o arco retezado, o seu espirito ganha a tensão necessaria a um grande Combate, aquella corpo franzino e melancolico apparenta a soberania epica de um gladiador—e ai de vós, pusillanimes e nullos, o seu grande orgulho não se move á piedade, sois esmagados duramente e para sempre.

\* \*

NESTOR VICTOR, escriptor paradoxal e risonho, auctor de um romance recreativo-philosophico, intitulado *Amigos, amigos, negocios á parte*. Escreve e ri, verseja e ri, critica e ri, ensina e ri. Não é um homem, é um dos seus *Signos*, é o Rictus. Desta arte, cumpre a sua missão no planeta, que é cultivar a Blague, a Hydra que os primorosos Goncourts definiram á altura de um factor social. Não pensem, pois, que os seus signos spectraes, a sua psychologia homœopatica, sejam o que parecem dizer os seus escriptos. Não! *Blague*, grande *blague*, extraordinaria *blague*! O sr. Nestor Victor não é romancista, não é poeta, não é critico! Mystifica-nos impiedosamente — e ri, ri de nós, que lhe chamamos com reverencias o illustre poeta, o profundo critico, o notavel romancista. Mas perdoemos-lhe o imperdoavel debique, porque o damnado tem talento, trabalha e ainda um dia se nos mostrará de novo, com sinceridade e simplicidade, o Nestor Victor vice-reitor de collegio, que em tempo conhecemos.



## “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.



## CARTA A UMA MULHER

Agradeço, mulher, os prazeres lascivos  
Que dás, sem o saber, aos meus nervos enfermos,  
A graça original dos teus vestidos vivos  
Passeando n'estes ermos.

Talvez porque me isolo em meu ser longos mezes,  
Ao deixar o castello hespanhol do meu sonho  
E por a alma na rua, adoro os entremezes,  
O futil, o risonho.

Nos passeios, admiro, em febril movimento,  
Os deboches do gosto, a audacia do esquisito,  
As orgias floraes dos chapéos de espavento,  
E a tudo isso palpito!

O alegre carnaval do luxo acompanhando,  
Erro, doido, a seguir damas que desconheço,  
E sinto-me feliz si machuco, passando,  
As sedas d'alto preço.

Namoro a exposição multicolor das roupagens,  
Os caprichos que a móda exhibe em suas tendas,  
E páro a contemplar, ao rodar das carruagens,  
A oscillação das rendas.

Adoro, nos salões, dos leques ao meneio,  
A perfidia gentil da cassa revellando  
A indiscrição do olhar, a opulencia de um seio  
Suavemente ondulando.

Quero as caudas reaes descendo, magestosas,  
Os marmoreos degráos dos palacios; e a fina  
Graça, o encanto subtil das phrases maliciosas  
Em bocca feminina.

No Lyrico, amo vêr, arfando á luz, empoado,  
Entre joias, um collo assomar insolente,  
Ao bizarro impudor de um corpete rasgado  
Escandalosamente.

Assim, vindo turbar a calma vida agreste  
Sem ninguem esperar que viesses a estes ermos,  
A forte sensação do imprevisto trouxeste  
Aos meus nervos enfermos.

Meu retiro habitual não entres muitas vezes:  
A' graça original do teu vestido vivo,  
Prefiro a Graça, a Paz dos solitarios mezes  
Que na minh'alma vivo.

LEAL DE SOUZA

## A MORTE DO SOL

(LECONTE DE LISLE)

Ruge o vento do outomno, e, aos fogos do arrebol,  
Num adeus immortal, numa canção sentida,  
Balouça tristemente, ao longo da avenida,  
As arvores banhadas do teu sangue, ó sol.

A folha em turbilhão revôa, sacudida,  
E fica-se oscillando em mar sanguinolento,  
Aos rubores da tarde, em gyro somnolento,  
Os ninhos a pender da rama já despida.

Tomba, ó glorioso sol, do intermino esplendor!  
D'ouro a gloria em lençóes te escorre da ferida,  
Qual do peito se escôa algum supremo amor.

Morres, mas voltarás, fonte eternal da vida!  
E quem restituirá do ser a luz querida  
Ao morto coração, na derradeira dôr?

VIRGILIO BRIGIDO.

## IMAGEM SOBERANA

E' de um sonoro marmore sagrado  
A estatua de mulher, serena e leve,  
Que, um dia vão da minha vida breve,  
Encontrei neste parque abandonado.

Quantas horas, no tempo infindo, estive  
Entre os jasmíns o marmore olvidado?  
Tem-se, apesar dos annos, conservado  
Tão branco e puro e casto, quanto a neve!

... Porque has de um dia, imagem soberana,  
Despertando da eterna, idéal, pureza,  
Trocar, pela fatal carícia humana,

A existencia da forma immorredoura,  
O destino fecundo da belleza,  
A divina mudez evocadora?

LEOPOLDO BRIGIDO.

## TRIO ROMANESCO

A ti, Archangelus, meu irmão.

*Uma aldean que passa cantando:*

O coração humano é como os jasmineiros:  
Tem mais perfume quando as noites são de luar...  
Que lua ha de florir os meus sonhos primeiros,  
Mais brancos que os jasmíns da terra de além-mar!

*Um velho sentado á beira da estrada:*

O coração humano é como as sepulturas:  
Póde conter a morte e ser como um jardim...  
Fechadas para sempre estão as azas puras  
Das esperanças que adejaram sôbre mim!

*Um poeta que segue a aldean:*

O coração humano é como as laranjeiras:  
Floresce um mez e espera outro setembro em flôr...  
Ah! quando voltarão as illusões primeiras  
Para outra vez florir o meu finado amor!

ALPHONSUS DE GUIMARAENS.

## • BISMARCK, INTIMO

O METHODO DA VIDA DO CHANCELLER DE FERRO — AS EVOCAÇÕES DO SEU PASSADO—REVELAÇÕES DO BARÃO MITTNACH, NUM LIVRO RECENTE.

O principe de Bismark, discipulo de Talleyrand, não tinha confidente, mas tagarellava muito á meza, onde se demorava, depois dos bons petiscos, abundantemente regados, fumando o enorme cachimbo e renovando, sem cessar, o enorme chopp.

Nesses momentos de abandono, o principe falava dos negocios politicos e diplomaticos, dos trabalhos do dia, com quem conversava em familia, desfazendo-se das multiplas preocupações, que lhe oberavam o espirito.

O recente livro do barão de Mittenach—*Lembranças de Bismark*—é um vivo esboço do Bismark familiar, muito differente do das *Memorias* e da *Correspondencia*, o estadista explicando á posteridade os seus planos e justificando a sua politica.

Conta essa testemunha da intimidade que a ascensão de Guilherme II ao throno despertou no chancellor de ferro grande inquietação pelo futuro e por sua situação pessoal.

Bismark percebia diminuida a sua auctoridade, porque deveria contar com o novo soberano voluntarioso, inquieta, demasiadamente sedento de renome, de gloria.

O pensamento do seu papel no futuro torna-se uma verdadeira obsessão; alguma coisa mudará na Alemanha, uma peça nova fôra addicionada ao mecanismo politico e essa transformação tirava o somno ao chancellor, apesar dos soporiferos que elle tomava para se libertar das longas insomnias.

E, todavia, pela manhã cedo, elle estava á sua meza de trabalho, examinando todos os papeis de Estado com redobrada actividade. Queria saber tudo, conhecer minuciosamente as correntes de opinião e o pensamento do jovem imperador, recomendando ao filho Herbert a maior prudencia, a mais absoluta reserva.

Por vezes, considerando a visivel mudança de situação, elle immergia em funda tristeza e fazia longas diversões pelo passado, evocando as recordações da sua longa carreira de estadista, os acontecimentos antigos, do tempo em que no epogeu da gloria e do poder, elle era o conductor da politica internacional.

— Amei muito — dizia elle — o defunto imperador, a quem era sinceramente devotado e reconhecido. Era um bom homem, mas estava muito mudado, nos ultimos tempos da sua vida: não era o mesmo para commigo; não ligava, como outr'ora, muita im-

portancia ás minhas idéas; meus relatorios o desgostavam; muita vez, nem os lia; ouvia-me sorrindo quando eu lhe falava.

— Bismark, Bismark — repetiu — produziu em mim o effeito de um malabarista com as suas quatro bólas.

Nos ultimos dias de fevereiro de 1889, Bismark, ao sair de uma audiencia do imperador, parecia mais abatido, mais aborrecido que de costume.

— Falámos dos meus negocios — disse o chancellor ao barão de Mittenach — Exerço muitas funcções; acumulo muitos empregos. Aconselhei ao imperador dividir a minha herança, quando eu houver de deixar o poder. Não é conveniente que um só homem concentre tamanha auctoridade.

Depois, como os velhos, ao perceberem a aproximação do declinio, elle evocava de novo o longinquo passado.

— Em 1866, o rei quizera continuar a guerra com a Austria e penetrar a Hungria. Seu desejo era tomar um pedaço da Bohemia, a maior parte de Saxe e Bayreuth. As minhas objecções tanto o superexcitaram que elle chorou. Eu mesmo estava extremamente commovido. A intervenção do principe herdeiro trouxe, felizmente, uma solução favoravel. O pobre soberano, entretanto, sómente deu o seu consentimento definitivo depois de declarar, com lagrimas nos olhos, que acquiescia a essa paz vergonhosa, porque o seu chancellor o deixára em branco deante do inimigo, tendo o seu proprio filho tomado o partido do ministro.

Quanto á guerra com a França, o soberano, ajudado pelos conselhos da imperatriz, consentira nella de má vontade.

— A impressão do despacho de Ems, a 13 de julho de 1870, foi inteiramente desanimadora. Mas depois de eu condensal-o produziu um effeito contrario. E' uma provocação a toque de corneta — exclamou von Moltke. O despacho foi resumido, publicado, immediatamente, e communicado á todas as embaixadas. Ainda durante o regresso a Berlim o imperador concedia, apenas, a mobilisação de trez corpos de exercito e sómente se decidiu pela mobilisação geral, quando fui ao seu encontro e dei-lhe conhecimento dos ultimos debates da Camara de Pariz. O principe herdeiro exclamou, então, em voz alta, pelo postigo da carruagem:

— Mobilisação, guerra!

Isto provocou uma immensa agitação popular, como o chancellor jámais presenciára em sua longa vida publica, propagando-se pelo povo com o mesmo crescente entusiasmo, em todas as estações até Berlim.

— E como tudo isso váe longe? — accrescentava o chancellor, com um

suspiro, como si visse descambar no occidente aquella estrella propicia que lhe illuminára o caminho nessa obra monumental de construir povos, de concluir brilhantemente pela exclusão da Austria, pela desmoralisação da França, destituida das tradições napoleonicas, a unidade da Allemanha, sob a hegemonia da Prussia.

Essas reminiscencias lembram que a grandeza dos povos está dependente do capricho, das prevenções dos soberanos pretendendo serem superiores aos homens de genio que os servem. A grandeza e a força da Allemanha fôram obra de Bismark, o malabarista de jogo maravilhoso no scenario vacillante da politica internacional, o escamoteador de paizes, sempre mal comprehendido, sempre mal apreciado pelo seu soberano quando expunha as bases dos seus admiraveis planos.

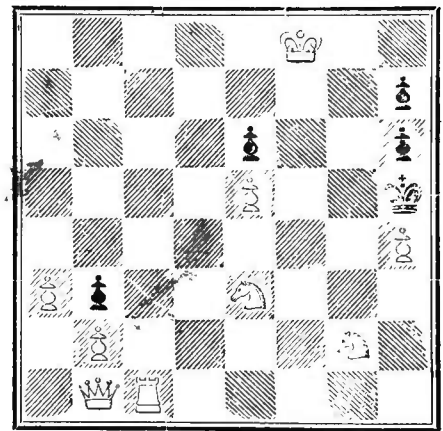
Póde-se affirmar que foi resistindo ao rei, com vontade de ferro, que Bismark conseguiu engrandecer a sua patria.

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

### DIVERSÕES

Problema II. 23 — PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, e dão mate em dois lances.

### O CONGRESSO

O Congresso Nacional não iniciou, hontem, os seus trabalhos, como é de praxe e de lei. E' possivel que o faça hoje, para satisfação geral do Paiz, dos srs. senadores, dos srs. deputados, dos srs. respectivos empregados e nossa, sobretudo, porque o facto dá ao artigo do sr. Ramalho Ortigão — *A abertura do parlamento* — publicado nas *Paginas esquecidas* deste numero dos *Annaes*, a mais absoluta oportunidade.

Ainda sob encommenda, a carapuça, como terão visto, não podia ser mais perfeita.

ASSIGNATURAS  
 ANNO ... .. 20\$000  
 SEMESTRE .. .. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1ª DE MARÇÓ, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Caíra no olvido, sob densa camada de ridiculo, a lenda dos famosos e complicados subterraneos do morro do Castello, opulento sonho que tanto esforço, dinheiro e juizo custou aos visionarios, contaminados pela paixão do maravilhoso, espicaçada por uma ambição doentia.

Contaram-se as mais inverosimeis historias acerca dos thezoiros sepultados naquelles subterraneos; havia alli dentro, tulhas de oiro em barra, rutilantes predarias a granel, apostolos do tamanho natural e um celebre santo Ignácio de Loyola, furdidos pelos jesuitas para evitarem, pela consagração do vil metal em representantes do empyreo, em objectos do culto divino, a ganancia dos colonos e dos indigenas roídos pela cupidez feróz, importada com os primitivos exploradores do páu-brazil.

Esses thezoiros e os respectivos subterraneos já forneceram material para uma litteratura archeologica, rica de documentos, de pergaminhos cifrados, de roteiros, com indicações precisas dos esconderijos, onde os arditos padres, surprehendidos pelo conde de Bobadella, deixaram os seus opulentos haveres, que talvez não fôsem estranhos á má vontade do Marquez de Pombal contra a Companhia, cuja extincção seria, sobretudo, uma excellente operação financeira.

Essa lenda tem surgido e desaparecido com intermittenças mais ou menos prolongadas.

Occorre-nos que, ha coisa de uns trinta annos, um padre da Companhia de Jesus requereu ao parlamento a concessão de uma pequena área de terreno no morro do Castello, para edificar uma pequena capella votiva.

A innocente pretensão do padre, que era italiano, e tinha protectores nos degraus do throno, suscitou, na Camara dos deputados, uma violenta

discussão, abalou as bases do ministerio e quasi provocou uma crise de motim, quando o caso desceu das emnências do parlamento para o meio da rua.

Afirmou-se, então, que o padre era um enviado dos jesuitas, incumbido de, a pretexto de cumprir um piedoso voto, penetrar os subterraneos e subtraír os thezoiros da ordem.

O caso foi que o padre anoiteceu e não amanheceu; desapareceu do Rio de Janeiro, subitamente, desenganado de cumprir a sua missão.

Mas a lenda ficou sob brazas mornas, um fogo sagrado que o sr. Rocha Leão manteve devotamente, com uma fé, uma convicção, que parece terem absorvido todas as energias mentaes, que eram vigorosas e excellentes, do sempre lembrado Léo Junius.

Ella resurge, agóra, das neblinas das hypotheses, da penumbra dos sonhos, encorporada em realidade, nesse pedaço de realidade, escondida no amago das mais arrojadas phantasias; resurge apoiada no facto, na descoberta daquella galeria, que é, actualmente, o fóco da curiosidade publica, a se estorcer num flammejar de olhares cúpidos, a lamberem as bordas da fenda escura, lamacenta, impregnada do venerando bolór dos seculos; fenda escancarada como uma promessa magnifica, abertura do manancial de um Pactolo, onde o sr. Leopoldo de Bullhões, como um Créso encantador, encherá o sacco murcho do erario publico com palhetas, com pepitas, com moédas de oiro, um opulento lastro para a conversão do papel-moéda ou para amortisar os milhões esterlinos da nossa divida nacional, elevada a noventa e cinco milhões esterlinos, pelos emprestimos dos Estados.

A fenda prodigiosa já é fenda official, desde que teve, além das homenagens do sr. presidente da Republica, do ministerio, a consagração da engenharia nacional, que deliberou arrasar o famoso morro para liquidar de-

finitivamente o mysterioso caso, o segredo das suas opulentas entranhas.

\* \*

Não ha duvidas sobre a existencia dos subterraneos: elles fôram, em parte, explorados pelo lado da rua da Misericordia e pelo pôço do Collegio. Conhecem-se-lhes os ventiladores, cuja posição exacta foi determinada pelos engenheiros da City Improvements, quasi todos obstruidos accidentalmente, ou de proposito para tornar inacessiveis as galerias. Além de Rocha Leão, Vieira Fazenda, que é pontifice na archeologia e na historia da cidade de Mem de Sá, lhes affirma os traçados e direcções; frei Piazza tambem concorreu com algumas indicações, de sorte, que se póde concluir que a antiga cidade estava litteralmente minada de subterraneos, disseminados numa vasta rêde, estabelecendo mysteriosas communicações militares de defeza e aggressão, ou reunindo os logares santos, os conventos de ambos os sexos em intimas relações, por meio de galerias, onde se passaram scenas commoventes, scenas de piedade, de amor, de fanatismo cruel, subtraídas aos perspicazes olhares profanos da historia.

Nas entranhas do morro, ha salas de supplicio, onde os ministros do suave Deus de misericordia incutiam a fé com instrumentos de torturas, a ferro e fogo, nas almas recalitrantes, com o auxilio do prestigio de bruxarias de um culto fetichista; havia alli carceres onde fôram enterrados vivos os infelizes que, por orphãos da graça divina, fizeram júz á eliminação lenta, cruciante, deste valle de lagrimas; deve haver vestigios das casas fortes, onde se accumulavam alfaias riquissimas e giro adquirido por toda a sorte de commercio, desde as explorações industriaes até ás extorsões piedosas *ad majorem Dei gloriam*, uma vez que, pela doutrina da Companhia, os fins justificavam os meios.

Ninguém, porém, suspeitára essa galeria para o lado do seminário, galeria que appareceu a um golpe de picareta, sem indicações, sem o menor vestigio precedente a indicar o seu termo naquelle sitio.

E como donde menos se espera é que surge o gato, é bem possível que por allí se attinja o cubiçado deposito das maravilhosas riquezas.

Por essa fenda, inopinadamente escancarada á curiosidade dos homens da arte de construir avenidas e governar povos, talvez penetre o raio de luz projectado pela archeologia sobre uma pagina lugubre da nossa historia, burilada em testemunhos indeleveis, naquellas paredes sombrias, nas abobadas humidas, por onde se infiltraram lagrimas de dôres ignotas, gottejando um pranto millenario sobre o sólo do medouho cemiterio de um passado morto.

\*  
\*\*

Admittamos, entretanto, a hypothese optimista, o sonho de visionarios concretisado numa realidade rutilante, sonante, offuscando olhares e ouvidos dos escavadores triumphantes do mysterio; supponhamos que, um bello dia, uma caudal de oiro e pedrarias, os doze apostolos e Santo Ignacio da Loyola surgem daquella fenda, expostos aos rutilos raios do Sol, deslumbrando o ingenuo povo fluminense. Qual será a attitude do governo ante o prodigio? Que fará o nosso ministro da Fazenda dessas riquezas allucinadoras?

Parece que deveria consideral-as como receita eventual, uma opíma arrecadação, mandada por Deus, para o desbordamento de todos os apertados canaes do orçamento.

— Mas — allegariam os padres da Companhia de Jesus, muito legitima, e significativamente representados pelo sr. de Arco Verde—esses thezoiros não são *res nullius*; tem dono, um dono immortal, sempre vivo, na sua qualidade de pessoa juridica, vigorosa e omnipotente, através do espaço e do tempo.

E virão os documentos comprobativos da propriedade; virão as chicanas, as deducções juridicas justificando a manutenção, como direito incontestavel.

Reproduzir-se-á, *mutatis mutandis*, o

escandaloso caso do convento de S. Bento, e o governo, por coherencia, por obediencia ás influencias poderosas, ou diplomaticas, que o forçaram a reconhecer a legalidade das ordens religiosas, para perpetual-as no Brazil e lhes entregar riquezas mais verdadeiras que as do morro do Castello, abrirá mãos do precioso achado para evitar complicações diplomaticas, desavenças com a Santa Sé, com o arcebispo, formidaveis elementos de consolidação da Republica e prestigio do seu governo.

E será uma esperanza ephemera para as finanças, o magnifico thezoiro dos Jesuitas, como fôram os bens das ordens religiosas, cedidos de mão beijada aos frades estrangeiros, que estão invadindo, de norte ao sul, o territorio nacional.

\*  
\*\*

Em todo o caso, o sr. Rodrigues Alves já encontrou o seu thezoiro: a área de terreno, desoccupado pelo morro, e a ventilação da cidade.

O thezoiro do sr. Bulhões é que está, ainda, envolto nas brumas da phantasia, como se diz pelo alto.

POJUCAN.

## O ESTADO DA ASTRO-PHYSICA NO COMEÇO DO XX SECULO

Perde-se na crepuscular escuridão dos tempos prehistoricos, a origem da sciencia astronomica. Ha, certamente, mais de cincoenta seculos que os pastores chaldeus, guiados por seu espirito meditativo, e estimulados pela belleza das limpidas noites da Asia Menor, iniciaram o estudo da perenne mudança de posição das constellações. Foi, entretanto, necessario esperar até o VI seculo antes da era commum, para que, desse estudo tão cedo começado, surgissem alguns reaes progressos. Com Pythagoras, iniciou-se o estudo racional dos movimentos celestes, que, muito mais tarde, já nos tempos contemporaneos, com Galileu, Newton e Laplace, devia constituir o admiravel thezoiro da astronomia espherica e da mecanica celeste.

Limitados pelo atrazo das sciencias physicas, cujo progresso está intimamente ligado ao da astronomia, os antigos observadores, privados dos maravilhosos instrumentos que actualmente centuplicam o poder indagador do homem, sómente puderam colher resultados positivos no estudo da

parte mais simples e accessivel do phenomeno astronomico, a do movimento dos astros. Mesmo nessa direcção, por muitos annos fôram lentos os progressos realizados, reduzidos como se achavam os observadores á visão désarmada e aos mais simples e defeituosos aparelhos de medida.

Depois dos inventos, da luneta em 1609, e, cincoenta annos mais tarde, do micrometro, tomou grande impulso a chamada astronomia de posição, e, em breve, forneceu aos fundadores da moderna mecanica celeste, a solida base em que estes edificaram esse glorioso monumento da intelligencia humana.

Ao lado do aspecto geometrico do phenomeno astronomico, que condúz á previsão dos movimentos dos astros e ao conhecimento da distancia de muitos delles, existe ainda outro ponto de vista que, naturalmente, desde muito, despertou a curiosidade humana, causa primordial de todo o progresso. E' a questão da natureza dos corpos celestes, da origem do seu calor e da luz que elles irradiam, e dos multiplos phenomenos que escapam dos limites da astronomia geometrica; em uma palavra, é o estudo physico dos astros, que cada dia toma maior importancia, e ao qual recentemente se deu o nome de *astro-physica*. E' real que os antigos tentaram adquirir alguns conhecimentos nesse ramo da astronomia; mas aqui, mais ainda que na astronomia de posição, o atrazo da physico-chimica contemporanea e a deficiencia dos instrumentos rudimentares de que dispunham, destinavam a completo mallogro todas as suas tentativas. Mas, em meados do seculo passado, inesperadamente, e graças ao desenvolvimento da sciencia physico-chimica, surgiram poderosos auxiliares, cujo emprego systematico permittiu a constituição do novo ramo astronomico. Fôram principalmente a analyse espectral, a photographia, e, em menor gráu, o bolometro e a pilha thermo-electrica. Comquanto fôssem essas recentes armas especialmente utilizadas na conquista de novos conhecimentos physicos, incidentemente decorreram de seu emprego valiosas colheitas para a astronomia de precisão, mais uma vez assim demonstrando o quanto são intimamente ligadas as diversas provincias do conhecimento humano.

E' o principal desses modernos methodos, o espectroscopico, assim como os resultados por elle produzidos e os problemas de sua alçada que se nos apresentam no inicio do XX seculo, que constituem o assumpto deste resumido estudo.

Seja-me, porém, permittido, antes de encetar o assumpto principal, rapidamente descrever os factos que servem de base á analyse espectral.

E' sabido, desde Newton, que a luz branca não é homogênea, pois que, recebendo em anteparo branco um pincel luminoso, depois de tel-o feito atravessar um prisma de vidro, se obtém uma sorte de imagem dilatada, brilhante e colorida com os matizes do arco-iris, cujas côres o illustre scientista inglez reconheceu serem os elementos da luz commum, pois, recombinadas por qualquer processo, reproduzem a primitiva luz branca.

Substituindo o pincel luminoso por um feixe de luz solar, adelgado através de estreita fenda, disposta parallelamente á aresta do prisma, a faixa colorida, assim obtida e denominada *espectro solar*, se manifesta toda sulcada por finas linhas negras de direcção parallelamente á da fenda, e denominadas raias ou linhas de Fraunhofer, do nome do physico allemão que primeiro mediu as suas posições relativas e as catalogou. Dispositivo mais perfeito, em que o feixe incidente é concentrado pela passagem por uma lente chamada collimadora e onde o espectro é examinado através de uma luneta, a qual, amplificando-o, torna a observação mais facil, ao mesmo tempo que um micrometro, disposto na ocular, permite a medida precisa da posição das raias, constitúe um espectroscopio.

Existe hoje grande variedade de espectroscopios de diversos typos de construcção, desde os mais simples, como o que acaba de ser descripto, até os que, providos de grande numero de prismas, produzem espectros muito dilatados, onde a determinação da posição das raias é mais facil e precisa.

Além desses espectroscopios, fundados na refração e na dispersão da luz, existem outros baseados na difracção, os quaes, ao lado de alguns inconvenientes, offercem consideraveis vantagens, como sejam a grande dispersão, e a determinação immediata e facil da posição das raias. Por este motivo, os espectroscopios e os espectrometros de difracção téem, nos ultimos annos, adquirido grande importancia.

Examinando-se o espectro produzido num espectroscopio prismático, reconhece-se facilmente que os raios vermelhos são os mais refractados, muito menos os róxos, e, em gráu intermedio, as radiações correspondentes ao alaranjado, amarello, verde e azul. Mas esta dispersão não é proporcional ao que os physicos chamam o comprimento d'onda de cada raio considerado por si. As radiações da zona do azul e do róxo occupam no espectro prismático extensão proporcionalmente superior á das regiões vermelha e alaranjada. Dahi resulta que as leituras das posições das raias desse espectro precisam ser corrigidas para fornecer os verdadeiros comprimentos

d'onda, os quaes são constantes que definem e caracterizam cada radiação, emquanto que o espectroscopio de difracção não necessita dessa correcção.

A materia, aquecida a sufficiente temperatura, emite luz. Examinada esta ao espectroscopio, apresenta diferente aspecto conforme a substancia aquecida é gazoza ou liquida e solida. No ultimo caso, o espectro nada apresenta de notavel; elle é continuo, isto é, apresenta progressivamente todas as côres do arco-iris, do vermelho até o róxo, á medida que augmenta a temperatura do corpo emissor, sem manifestar linhas mais brilhantes ou mais escuras que o fundo colorido, nem nada que permita differenciar qualquer substancia de outra. Os corpos gazosos se comportam de modo muito diverso. Aquecido convenientemente, cada gaz ou vapor apresenta espectro discontinuo e differente, isto é, constituido por fundo escuro onde se destacam linhas ou raias luminosas e coloridas, cuja disposição, variavel para cada corpo, é caracteristico da sua natureza chimica. Quando se examina através de sufficiente espessura de algum gaz ou vapor, o espectro, normalmente continuo, de um solido ou liquido aquecido, reconhece-se que o espectro deste, que era continuo, é agóra discontinuo, manifestando porém a contraposição exacta do espectro da substancia gazoza interposta. Este espectro, chamado invertido ou de absorpção, apresenta fundo luminoso e colorido, em que se destacam negras as raias que no espectro normal da substancia absorvente, seriam luminosas e coloridas.

O espectro da chamma de um bico de gaz commum é continuo porque a sua luz é produzida pela presença de particulas incandescentes de carbono solido. O espectro da chamma do bico de Bunsen ou da lampada de alcool é discontinuo com linhas brilhantes, porque a sua luz provém de substancias gazosas, fortemente aquecidas.

O espectro do Sol é descontínuo e de absorção, isto é, formado por campo luminoso onde se destacam numerosas raias negras, porque a luz emitida pela photosphera, provavelmente liquida, soffre absorpção através de parte da chromosphera ou atmosphera gazoza que a envolve.

Por estes exemplos, fica evidente que o estudo espectroscopico tem de ser feito em corpos gazosos para fornecer resultados concludentes. Para isso, as materias solidas e liquidas são aquecidas na chamma do bico de Bunsen, ou pela passagem de uma centelha electrica, ou ainda pelo arco electrico. As substancias naturalmente gazosas são fechadas em tubo de vidro, sob fraca pressão, e tornadas luminosas pela passagem da descarga da bobina de Rhumkorf.

O espectro dos varios corpos examinados por um ou outro dos processos apontados, consiste em maior ou menor numero de linhas brilhantes e coloridas, cujo conjuncto se conserva constante e caracteristico para cada substancia, examinada nas mesmas condições. Mudando, quer a temperatura, quer a pressão do gaz estudado, o seu espectro soffre modificações que fôram e ainda são estudadas com muito cuidado. A temperatura não tem influencia na posição das linhas; mas o numero dessas, assim como o seu aspecto, pôde modificar-se bastante. Em geral, a elevação de temperatura faz surgir novas linhas, em quanto que o augmento de pressão as alarga.

A quantidade de substancia necessaria para reconhecer a existencia de um corpo pela analyse espectral, é muito pequena, especialmente para os metaes alcalinos e alcalino-terrosos. Assim Bunsen achou que 1/3 000 000 de milligramma de sodio podia ser revelado pelo espectroscopio. Estudados, por esse delicado methodo, diversos mineraes, fôram rapidamente descobertas substancias novas que, embóra largamente espalhadas algumas, se encontram em proporções quasi infinitesimales, que a analyse classica não podia revelar. Em 1861, Kirchoff e Bunsen encontraram dois metaes novos, o *cesio* e o *rubidio*, e, no mesmo anno, Crookes assignalava outro, o *thallio*. Vieram depois, em rapida successão, o *indio*, o *gallio*, o *germanio* o *scandio* e muitos outros, formando uma lista que provavelmente está longe de encerrar-se.

E' natural que, depois de sufficientemente applicado o espectroscopio ao estudo das substancias terrestres, fôsse elle dirigido para o dos corpos celestes, principalmente do Sol, cujo exame havia sido iniciado, desde 1814, por Fraunhofer, que catalogára as raias do espectro solar, designando-as por letras maiusculas latinas, que ellas ainda conservam. Assim, verificou elle logo que duas linhas muito chegadas, designadas por D<sub>2</sub> e existente na região amarella do espectro solar, tinham a mesma posição que duas raias brilhantes que se notam no espectro dos vapores incandescentes do sodio. Aos poucos, e por muitos observadores, a maior parte das raias solares fôram identificadas com as de corpos terrestres. A presença de cerca de 40 corpos existentes na Terra, foi assim descoberta na atmosphera solar, onde parecem mais abundantes uns que outros. O ferro, o calcio, o hydrogenio, o nickel e o sodio parecem predominar: mas a existencia do oxygenio e do azoto que, reunidos, constitúem a parte essencial do ar terrestre, é muito problematica, e bem assim, a de certos elementos vulgares no nosso pla-

neta, como o chloro, o mercurio, o phosphoro, o enxofre, o ouro, etc. Em compensação, fôram observadas raias que não puderam ser attribuidas a nenhum corpo terrestre conhecido, e que se supuzeram ser de dois corpos hypotheticos, que denominaram *helio* e *coronio*. Recentemente, em 1895, o chimico inglez Ramsay descobriu, nos gazes emanados da agua de diversas fontes thermaes e de differentes minereos de uranio, um corpo gazoso que, espectroscopicamente examinado, apresentou os caracteres do helio. Os physicos inglezes Huggins e Rutherford acharam, em 1903, nova fonte terrestre de helio no corpo paradoxal descoberto por mr. e mme. Curie, e chamado *radio*, o qual gradativamente parece transformar-se em helio ao passo que essa mudança é acompanhada por desprendimento de energia electrica e calorifica. Por essa forma, a pesquisa solar havia servido de guia e de vanguarda á sciencia terrestre.

O aspecto physico do Sol constantemente muda. Aparecem, com frequencia mais ou menos periodica, de cada lado do seu equador, as conhecidas manchas, de aspecto relativamente escuro, apresentando-se como depressões abertas no meio da *photosphera*, ou camada do Sol, donde emana a maior parte da luz emittida por esse astro. As manchas seguem o movimento rotatorio do Sol ao redor de seu eixo, e, quando em virtude desse movimento, ellas chegam na margem do limbo, ellas desaparecem do outro lado. Em occasião de eclipse total, porém, quando o disco solar se acha escondido pelo limbo da Lua, vêem-se, principalmente nos logares correspondentes ás manchas marginaes, grandes pennachos de côr avermelhada, que parecem expellidos do globo solar como o é a fumaça dos vulcões terrestres por occasião das erupções. Essas *protuberancias*, espectroscopicamente examinadas por occasião dos eclipses, fôram reconhecidas serem giganteschas chammas de hydrogenio, que, pela razão de terem as substancias gazosas pequeno poder radiante, irradiava menor luz que a *photosphera*, constituída por materias já em parte condensadas pelo resfriamento, e, portanto, mais brilhantes.

Até 1868, era possível observar as protuberancias sómente durante os poucos instantes em que o disco da Lua esconde por completo o do Sol, por occasião dos eclipses totaes. Nesse anno, e de modo independente, Lockyer e Janssen imaginaram engenhoso methodo, que permite essa observação em qualquer tempo. A imagem circular do Sol, produzida por uma objectiva astronomica, é projectada sobre o plano da fenda de um espectroscopio, de fórmula que essa fenda, normal á circumferencia do disco, lhe

toque de leve num dos seus extremos. Tem-se, então, no espectroscopio o espectro daprotuberancia existente no ponto visado e composto de algumas linhas muito luminosas, visiveis sobre o campo contínuo, pouco brilhante, causado pela illuminação da nossa atmosphaera. Augmentando o poder dispersivo do espectroscopio, do que resulta dilatar o espectro por elle produzido, o campo contínuo se enfraquece até desaparecer sem que a intensidade das linhas brilhantes tenha soffrido mudança, pois conservam ellas a largura da fenda de que são méras imagens. Si agóra alargar-se ou supprimir-se a fenda, apparecerão no campo do espectroscopio, em vez das raias, imagens coloridas, da mesma forma das protuberancias, em numero igual ao das linhas brilhantes do seu espectro. Si o espectroscopio tiver sufficiente dispersão, essas imagens serão separadas, e poder-se-á escolher para examinal-a a mais brilhante dentre ellas, que corresponde á raia C de Fraunhofer, no alaranjado do espectro.

E' actualmente objecto de observação diaria, nos observatorios soffriavelmente providos de instrumental adequado, o estudo das protuberancias solares, cujo numero e grandeza, assim como a frequencia e intensidade das manchas, estão em intima e inexplicavel relação com a producção de importantes phenomenos terrestres, como sejam as tempestades magneticas, as auroras polares e as correntes telluricas.

A camada gazosa que envolve o Sol e produz a inversão das linhas brilhantes da *photosphera*, é muito provavelmente constituída pelos gazes, cujo affluxo se presencía nas margens do disco, sob fórmula de protuberancias, os quaes são trazidos das camadas mais profundas, através das aberturas constituídas por manchas visiveis, e, tambem, por meio de orificios que não se percebem, já que as protuberancias são observadas em todo o redor do Sol, mesmo no pólo, emquanto que as manchas pouco passam de 45° de cada lado do equador solar.

A parte exterior dessa camada, numa espessura que se avalia de sete a quinze mil kilometros, e que aliás é variavel, ainda conserva temperatura sufficientemente elevada para que nos eclipses se apresente fortemente colorida de vermelho, razão pela qual é denominada *chromosphera*. Della saem as protuberancias arboriformes, e, mais exteriormente, visivel sómente em occasião de eclipse total, percebe-se outra camada gazosa de espessura consideravel e irregular, de côr rosea clara, e denominada *corôa*.

Em todo esse envoltorio gazoso, predomina o elemento hydrogenio,

e, em menor proporção, helio, magnésio, sodio e outros metaes. Na mais exterior das zonas, a da corôa, a analyse espectral ainda revelou a existencia de mais outro elemento, ainda desconhecido em nosso planeta, que da sua origem derivou seu nome de *coronio*.

A aquisição dos novos factos revelados na atmosphaera solar por meio do espectroscopio, podia ser acolhida com incredulidade por espiritos scepticos, porque, fundadas em phenomenos observados e em leis deduzidas na Terra, era por atrevida extrapolação que as premissas assim obtidas eram applicadas aos corpos celestes, onde, sem duvida, muito diversas eram as condições da materia. Mas a descoberta do helio, em março de 1895, pelo professor Ramsay, veio demonstrar, por prova directa, a legitimidade das inferencias dos astrónomos, tanto mais que o processo empregado por aquelle scienista foi o mesmo utilizado desde Fraunhofer. Submettendo á acção da centelha electrica os gazes extraídos, a quente e no vasio, de um mineral da Suecia, a *cleveite*, o espectro manifestou as mesmas raias do helio solar. Houve, porém, ainda outra circumstancia mais frisante: a principal das linhas do helio coincide quasi com a raia D<sub>2</sub> de Fraunhofer, situada no amarello do espectro, e por isso foi designada pela letra D<sub>3</sub>. De minucioso exame feito pelo professor Ramsay no gaz da *cleveite*, resultou que essa raia era dupla, e declarou então esse scienista que, si a raia D<sub>3</sub> solar tambem não o era, o gaz da *cleveite* devia ser considerado diverso do helio. Até então, a raia D<sub>3</sub> do espectro do Sol havia sido considerada simples; mas, quasi simultaneamente, Hale nos Estados Unidos e sir W. Huggins na Inglaterra, empregando mais poderosos espectroscopios, mostraram que a linha D<sub>3</sub> da *chromosphera* era tambem composta de duas finas linhas muito proximas, e ficou assim provado, além de toda duvida, ser o helio um elemento terrestre que conserva no nosso globo os seus caracteristicos solares.

O espectroscopio não é sómente um instrumento de pesquisas chimicas; elle é tambem um apparelho de medida, tanto mais precioso quanto nos offerece o unico meio possível de determinar a velocidade dos corpos celestes, quando seu movimento é dirigido segundo o raio visual, caso em que falham todos os processos geometricos. Esta propriedade, cujo alcance por certo não escapará, é o resultado de um principio enunciado de modo incompleto e erroneo por Christian Doppler em 1842, refutado em 1844 por Buys-Ballot, physico hollandez e depois corrigido e ampliado por Fizeau em 1848, por cujo motivo é

hoje mais conhecido pelo nome de principio de Doppler-Fizeau.

Doppler, que era professor de mathematicas na Universidade de Praga, enunciou, o primeiro, em uma memoria intitulada « Da luz das estrellas duplas e de algumas outras », a idéa de serem a côr de uma fonte de luz, bem como a altura de um corpo sonoro modificaveis por movimentos de aproximação ou afastamento. Emitindo uma fonte sonora um som cuja altura musical é caracterizada pelo numero de vibrações por segundo, si a fonte se aproxima do experimentador sóbe o som, e desce no caso contrario. O mesmo se dá quando, estando a fonte em repouso, é o observador que se move para com ella.

As conclusões de Doppler, quanto á luz, fôram que a côr dos objectos celestes dêvia modificar-se com a sua velocidade, medida na direcção do raio visual. Textualmente, dizia elle : « pela aproximação do objecto luminoso, a intensidade vae sempre augmentando, e a côr, para uma velocidade crescente, passa do branco para o verde, depois para o azul, finalmente para o rôxo. — Pelo afastamento, diminúe a intensidade, e a luz branca gradualmente passa do amarello para o alaranjado... Si muda a velocidade de um estrella, a intensidade de seu brilho e a sua côr soffrem variações, e pôde sempre occorrer que uma estrella no decurso do tempo nos pareça passar por todas as côres do espectro ».

Si as conclusões de Doppler são, no tocante ao ponto de vista acustico, completamente inatacaveis, e fôram directa e amplamente provadas pelas experiencias de Buys-Ballot em 1844, o mesmo não se dá para o lado optico ou astronomico, absolutamente insustentavel. Si a luz das estrellas fôsse rigorosamente simples, poderia dar-se a alteração de côr a que allnde Doppler; mas isso necessitaria, entretanto, velocidades de propagação incomparavelmente maiores que qualquer das conhecidas. Mas improcedentes ainda se mostram as conclusões de Doppler, quando se leva em conta a complexidade das radiações estellares. Admittindo, com effeito, que, em virtude da enorme velocidade indispensavel para isto, o alaranjado se torne vermelho, o amarello alaranjado, o azul verde, e assim por diante, não se pôde por fórma alguma, concluir que a côr do astro se torna alaranjado, pois que, si de facto as radiações visiveis violetas desapareceram por se terem tornado azues, fôram na escala espectral substituidas pelas ultra-rôxas, primitivamente invisiveis, que vêem assim completar a série das côres, cujo conjuncto perfeitamente reproduz a côr da luz primitiva. Por essa

fórma, produzir-se-á um deslocamento geral de todo o espectro, visivel e invisivel, do rôxo para o vermelho, sem causar nenhuma alteração na côr da luz resultante, pois as radiações assim deslocadas são substituidas por outras identicas.

Foi o physico Fizeau quem deu ao principio de Doppler a sua verdadeira significação, provando que qualquer deslocamento do observador para o ponto observado, ou vice-versa, tinha como unico effeito modificar o comprimento d'onda de cada um dos raios simples que compõem a luz estudada. Esse comprimento augmenta ou diminúe conforme ha afastamento ou aproximação, e desse effeito resulta no espectro um deslocamento das raias para o lado do vermelho ou do rôxo, correspondente á variação de comprimento d'onda. Uma fórmula muito simples traduz esse phenomeno, e, desde esse trabalho de Fizeau, serve para determinar a velocidade de deslocamento dos astros na direcção do raio visual, quando se pôde medir no espectro algum deslocamento de uma ou mais linhas, cuja posição normal seja conhecida.

A fórmula é a seguinte :

$$\lambda = \lambda \left[ 1 \pm \frac{v}{V} \right], \text{ ou } \pm v = V \left[ \frac{\lambda - \lambda'}{\lambda} \right]$$

em que  $\lambda$  é o comprimento d'onda apparente e  $\lambda'$  o real da linha escolhida,  $V$  a velocidade da luz e  $v$  a do astro observado.

E' por meio dessa fórmula, tão simples, que se determina em muitos observatorios a velocidade de estrellas que geometricamente nos parecem immoveis.

Antes, porém, de applical-o com confiança, era necessario ter desse precioso methodo uma confirmação que se possa chamar experimental, pois que elle repousa na theoria ondulatoria da luz, que, máu grado o sem numero de factos que a confirmam, ainda é por alguns considerada hypothese destituida de fundamento. A prova decisiva foi dada por Zöllner em 1870 e Vogel em 1871, os quaes, com auxilio do espectroscopio redeterminaram a velocidade de rotação do Sol. Este astro possúe a velocidade de cerca de 2 km. por segundo no Equador, fraquissimo valor quando comparado ao da velocidade de propagação da luz, mas que tem a vantagem de haver sido directamente determinado e de ser acceito por todos. Dessa rotação resulta que successivamente visando os dois extremos do diametro equatorial, apouta-se para duas fontes luminosas, das quaes uma, a do bordo oriental, se aproxima do observador, enquanto a outra se affasta com a mesma velocidade, havendo assim entre os dois bordos uma differença de 4 km. Consequentemente, si é legitima a

theoria de Doppler-Fizeau, as raias do espectro do bordo oriental devem ser deslocadas para o lado do violeta de uma grandeza correspondente ao augmento do comprimento d'onda que, para a velocidade do ponto, decorre da fórmula anteriormente assignalada, ao mesmo tempo que as raias do espectro do extremo occidental devem soffrer igual e opposto deslocamento. Estas variações são naturalmente muito pequenas e sómente com poderosos espectroscopios pôdem ser observadas e medidas. Consegniram-no Zöllner e Vogel; mais tarde, em 1876, o professor Langley, então director do Observatorio de Alleghany, havendo imaginado um meio de simultaneamente analysar a luz de dois pontos diversos, applicou este processo ao exame da luz dos dois polos solares. Achou que os dois espectros perfeitamente coincidem; mas, quando por uma rotação de 90° eram os dois espectros dos extremos do diametro equatorial que estavam sendo estudadas, havia uma descontinuidade das raias que completamente justificava a applicação do principio de Doppler.

Demonstrações, mais decisivas ainda, fôram as dadas, em 1880, por Thollon em Nice e Cornu no Loiret, em 1883. O primeiro destes observadores, dando á sua luneta movimento rhythmico e oscillatorio, projectava rapida e successivamente na fenda de posante espectroscopio a imagem do bordo occidental e a do oriental. Resultou que no espectro se observavam oscillações correspondentes de muitas raias, em quanto que outras se mantinham immoveis. Este modo de proceder permite, pois, distinguir, a simples vista, duas categorias de linhas. As primeiras são as que pertencem em proprio ao Sol, e as segundas, já d'antes estudadas por Janssen, as causadas pela absorpção da atmosphera terrestre, e por isso chamadas telluricas, as quaes, não participando do movimento rotatorio do Sol, não soffrem deslocamento algum.

O methodo de Cornu é ligeiramente differente e foi imaginado para distinguir as raias telluricas das outras. Projecta-se no espectroscopio uma imagem do Sol tão diminuta que o seu diametro seja menor que o comprimento da fenda, de modo tal que o diametro equatorial do pequeno disco seja paralelo a esta, e tanto quanto possível, coincida com ella. Em virtude do principio de Doppler, cada um dos extremos desse diametro produzirá seu espectro peculiar, cujas raias estarão desviadas em sentido opposto; mas os pontos intermedios produzirão tambem o seu espectro, cujos desvios serão do mesmo sentido que o dos extremos a cujo lado elles pertencerem, diminuindo, porém, á medida que os pontos considerados fôrem

mais proximos do centro, onde será nullo o desvio. O espectro geral resultante da juxtaposição desses espectros elementares, apresentará, portanto, raias obliquas, correspondendo os pontos dessas raias, que estiverem mais proximos do violeta, á extremidade oriental do diametro equatorial, e os mais afastados á extremidade opposta. Ao contrario das solares, as raias telluricas não soffrem alteração alguma em sua posição, e mantéem-se verticaes e faceis de distinguir das outras, de modo que, com auxilio deste engenhoso processo, conseguin Cornu estabelecer o mappa exacto e completo das regiões mais intrincadas do espectro solar.

Empregando as admiraveis redes de difracção do professor Rowland, a dispersão obtida é consideravel e a precisão das medidas spectraes se torna muito grande, a ponto de ter podido o professor Duner medir a velocidade de rotação do Sol, não só no diametro equatorial, como nos diversos parallelos, onde se sabe ser variavel, verificando assim e corrigindo os valores achados pela observação do movimento das manchas.

O espectro destas apresenta tambem curiosas particularidades ainda difficeis de explicar. O seu aspecto é muito variavel; em condições normaes, encontram-se as mesmas linhas do espectro solar, apenas mais intensas, como si houvesse mais forte absorpção atravez da massa gazosa que se suppõe encher a cavidade das manchas. Em outras occasiões, essas linhas negras se abrem e deixam apparecer, na zona do espectro correspondente ao nucleo, novas linhas brilhantes indicando que a irradiação do gaz da mancha se produz sem absorpção atravez da camada gazosa superposta. Em outros momentos, surgem no espectro das manchas linhas que não existem no do disco, e que, na opinião de Christie, director do Observatorio de Greenwich, não pertencem a nenhuma substancia conhecida.

Os planetas apresentam espectros identicos com o do Sol, menos quanto a algumas raias supplementares, causadas pela absorpção das suas respectivas atmospheras.

Sabem todos que esses astros se deslocam ao redor do Sol, descrevendo trajectorias que, como primeira aproximação, pôdem ser consideradas ellipses pouco excentricas, das quaes um foco é occupado pelo Sol. O conhecimento das 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> leis de Kepler permite conhecer a velocidade de cada planeta em sua orbita; pôde ser essa velocidade considerada como resultante de duas componentes, uma dirigida segundo a direcção do raio visual do observador terrestre, e a outra na direcção perpendicular á primeira. Cada uma dessas componentes pôde

facilmente ser calculada, e a velocidade radial comparada ao deslocamento previsto das linhas de Fraunhöfer do espectro planetario.

A fraca luz de alguns planetas, impedindo o emprego da forte dispersão necessaria para a obtenção de medidas precisas, torna evidentemente muito aleatoria essa verificação; entretanto, Vogel em janeiro e fevereiro de 1889 obteve no espectro photographico de Venus, deslocamento das raias correspondentes, no momento, á aproximação de 12 a 14 km. por segundo, em quanto que a velocidade calculada era respectivamente de 12 e 13, sendo, portanto, bastante lisonjeira a concordancia. Aliás, já em 1882, Gouy e Thollon, em Nice, puderam observar no espectro do grande cometa daquelle anno a raia dupla D<sub>2</sub> do sodio. Acharam-na affectada de ligeiro desvio para o lado do vermelho que, medido e calculado, deu um afastamento comprehendido entre 61 e 76 por km. por segundo. Posteriormente, calculando Bigourdan a orbita desse cometa, achou que a velocidade, na occasião das observações espectroscopicas, era de 73 km.; como se vê, era impossivel desejar mais brilhante confirmação do fecundo principio de Doppler-Fizeau.

A applicação desse principio ao estudo dos movimentos estellares foi iniciada, desde 1862, por Huggins e Miller; mas é sómente depois de 1879 que o primeiro, com auxilio de um telescopio reflector de 18 pollegadas (45. cm. 7) de abertura, montado em equatorial e movido por excellente aparelho de relojoaria, pôde photographar com sufficiente nitidez os espectros, e nas placas obtidas, proceder ás medidas necessarias á determinação da velocidade radial. Depois dessa data, generalisaram-se, e em muitos observatorios continuám, as pesquisas systematicas dessas velocidades, com o fim de medir a rapidez da translação do Sol no espaço com seu cortejo de planetas, e tambem para fornecer dados sufficientes para determinar os elementos verdadeiros das orbitas de estrellas duplas ou multiplas.

Vogel, empregando, em Potsdam, o mesmo methodo que Huggins, descobriu importante phenomeno. Comparando as placas photographicas do espectro da estrella de brilho variavel *Algol* ou  $\beta$  *Perseii*, esse physico encontrou que as raias manifestavam deslocamentos ora num sentido, ora noutro. Examinados com a maior circumspecção e comparados com as epochas respectivas, os spectrogrammas deixaram manifesto que a direcção do movimento daquelle estrella mudava de sentido, antes e depois da epocha do seu minimo de brilho, passando de uma aproximação de 45 km. por

segundo, a um afastamento igual. É licito pensar que *Algol* tem assim um movimento orbital ao redor de invisivel centro de attracção, atráz do qual ella se eclipsa, parcialmente quando menos, dahi resultando a rapida diminuição de seu brilho, que por 2 dias e 3 horas é o de uma estrella de 3.<sup>a</sup> grandeza e durante 3 horas 1/2 diminúe para a quarta, para no fim de outras 3 horas e 1/2, voltar ao primitivo brilho.

*Algol* foi o primeiro exemplo de curioso phenomeno, que subsequente mente foi achado ser relativamente frequente. Entre as estrellas que assim mysteriosamente gyram ao redor de um Sol provavelmente escuro e frio, apenas citarei as brilhantes  $\delta$  *Orionis* e a *Polar*, de 2.<sup>a</sup> grandeza e as pequenas estrellas (4.<sup>a</sup> grandeza)  $\theta$ ,  $h$ ,  $\omega$  e  $\chi$  *Draconis*, que numa zona limitadissima do céu, manifestam o mesmo interessante phenomeno.

Do conhecimento da maxima velocidade de translação do astro, e do periodo em que se executa o seu cyclo completo, combinado com o facto de ser a orbita de *Algol* situada no plano do raio visual, condição esta que se dedúz da interposição do astro central entre o seu planeta e o observador terrestre, pôde-se facilmente calcular os elementos da orbita, supposta circular, como approximadamente o são as dos planetas; pois conhecida a velocidade  $V$  de translação e o tempo  $T$  durante o qual se executa a revolução inteira, tem-se evidentemente:  $V T = 2\pi R$ , onde  $R$  é o raio da orbita que se procura.

Achou assim Vogel que *Algol* descrevia em 2 dias, 20 horas e 49 minutos, uma circumferencia de 1.700.000 kilometros de raio, isto é cerca de 80 vezes menor que o da *Terra*, que é de 150.000.000 kilometros.

Este resultado do estudo spectroscopico pôde se generalisar, applicando-o em casos analogos, que, de dia a dia, se vão tornando mais frequentes, especialmente quando se considera que o numero de astros binarios, telescopicamente inseparaveis, em que os dois componentes são luminosos, é muito maior que o dos pares em que um só o é. Não poucas estrellas que, a simples visão telescopica, parecem simples, são na realidade duplas. A primeira achada nestas condições, o foi por Pickering, em Harvard College Observatory, (Estados Unidos) e por miss Maury, «astronoma» no mesmo Observatorio, em 1889. Essa senhora notou nos spectrogrammas da estrella  $\beta$  *Aurigae*, (Cocheiro) que as raias que em certas occasiões pareciam simples, depois de um intervalo de 48 horas progressivamente se mostravam duplas, para no fim do mesmo prazo readquirirem a simplicidade primitiva. Sagazmente, inferiu que o astro, comquanto opticamente simples, era



na realidade composto de duas estrelas gyrando ao redor do centro commum de gravidade com velocidades eguaes, de forma que o espectro do conjuncto era composto de dois outros, identicos quanto á sua natureza, em que as linhas de um indicavam afastamento e as do outro aproximação, até o momento em que os dois astros, simultaneamente movendo-se numa direcção perpendicular á linha de visão, não se approximavam nem se afastavam do observador, e portanto as linhas se superpunham e os dois espectros se reduziam a um só. A maxima velocidade relativa dos dois componentes foi avaliada em 225 km. por segundo, e com o periodo completo de quatro dias em que se desenrola o cyclo, puderam diversos mathematicos calcular os elementos approximados desse par. Essa duplicação periodica das linhas espectraes encontrou confirmação no estudo de muitas estrellas duplas que, embóra bastante visinhas, sómente em certas condições favoraveis pódem ser telescopicamente desdobradas. A essa categoria de astros pertencem alguns dos mais brilhantes da abobada celeste. A *Espiga* da Virgem, «Spica», apresenta um espectro onde, durante quatro dias as linhas oscillam ao redor da sua posição média, assim indicando deslocamento cuja maxima componente na direcção do raio visual alcança, pelas determinações de Vogel em Potsdam, cerca de 71 km. por segundo, do que resulta para o raio da orbita 4.500.000 km. e para a massa dos dois corpos, attraente e attraído um valor 2.6 vezes maior que o do nosso Sol. O companheiro ou satellite da estrella principal não é escuro, e seu espectro é perfeitamente visivel, mas a sua luminosidade é tão fraca que não se presta ás necessarias medidas.

A estrella  $\gamma$  Ursa e Majoris offerece objecto analogo, ainda mais interessante. Duas brilhantes estrellas de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> grandezas gyram vagarosamente ao redor uma da outra, numa orbita indubitavelmente bastante excentrica, cujo periodo é provavelmente de muitos seculos, emquanto que outra, pequenina, apenas visivel nas mais possantes lunetas, acompanha as duas primeiras em seu movimento. Estudada a estrella de 3.<sup>a</sup> magnitude, revela o espectroscopio ser dupla, tendo um companheiro escuro, ao redor do qual ella gyra num periodo de trez dias, com a velocidade approximada de 33 km. por segundo, e, assim, o conjuncto é quaternario em vez de simples como parece á vista.

Capella ou  $\alpha$  da Cabra, tão branca e brilhante, é indecomponivel á vista, mesmo nas mais poderosas lunetas; entretanto, em epocha recente, possante espectroscopio conjugado com o enorme refractor do observatorio de

Lick, (California), a dividiu em duas componentes de brilho e de natureza differentes. Capella é, além disto, notavel por ser uma das estrellas cuja parallaxe, e, portanto, a distancia, é das mais exactamente conhecidas.

Adoptando o valor de 0''.081, achado por Elkin em 1897, a distancia que nos separa desse brilhante astro é tal que a sua luz, devorando o espaço com a vertiginosa velocidade de 300.000 km. por segundo, gasta quarenta annos para alcançar nosso pequeno planeta. Transportada Capella na distancia que nos separa do Sol, e suppondo para os dois astros condições identicas ás deste, o volume de Capella seria 730 vezes maior que o do outro astro. Os dois membros do systema de Capella são desegualmente luminosos, e muito diversos quanto á sua natureza chimica. Um apresenta espectro identico ao do nosso Sol, emquanto que o do outro é mais parecido com o de Procyon, cujo espectro assignala, além de grande quantidade de helio, muitas linhas do oxygenio, não encontrado na atmospheria solar. Pela facil differenciação entre os dois espectros, e devido a seu brilho sufficiente, tem sido possivel estudar em cada um delles os deslocamentos periodicos das raias, e encontraram-se movimentos correspondentes eguaes e oppostos, concluindo-se, portanto, que os dois astros téem massas sensivelmente eguaes. Calculou-se o raio da orbita commum, e acharam-se cerca de 78.000.000 de km., isto é mais ou menos metade do raio da orbita terrestre.

O prof. Campbell, a quem se devem os estudos sobre Capella, emprehenheu com o refractor de Lick, de 92 cm. de abertura, ligado a um espectrometro photographico, a exploração systematica do céu, com o fim de determinar a velocidade radial das estrellas. Em muitas centenas de espectros estudados, fôram achados mais de 10 % pertencentes a astros binarios, isso mesmo excluindo todos os casos duvidosos. Diz, por isso, esse habil astronomico e physico: «Ha toda razão de suppôr que, de cada 5 ou 6 estrellas estudadas, uma, ao menos, seja espectroscopicamente dupla.» A existencia de tão grande quantidade de systemas estellares, com natureza e estrutura tão diversas da do systema solar, nos leva, diz ainda esse conspicuo auctor, a suspeitar que não seja o typo do nosso o que predomina no firmamento.

Este novo campo de pesquisas astronomicas offerece, por bastante tempo e para numerosos observadores, muitas riquezas, e nos reserva provavelmente muitas surpresas; todavia, é necessario attender a algumas difficuldades que surgiram do proprio aperfeiçoamento do methodo espectroscopico.

Já ficou dito que o espectro de um corpo variava de caracter com as condições a que se achava sujeito o vapor ou gaz incandescente. As principaes dessas circumstancias influentes, são a pressão, a temperatura, a electrificação, a existencia de intenso campo magnetico e a presença de outros vapores ou gazes incandescentes.

A pressão produz alargamento das raias, a ponto de, quando a densidade duma substancia aeriforme está visinha da do mesmo corpo liquifeito, produzir como este, espectro continuo. Esse alargamento das raias não é, porém, symetrico; antes, produz-se especialmente para o lado do vermelho, de sorte a produzir deslocamentos simulando afastamentos da fonte luminosa; mas estes deslocamentos são caracterizados pelo facto de não serem identicos para todos os elementos presentes, nem mesmo para todas as linhas de um elemento só. Experiencias de laboratorio provaram que o deslisamento das raias é proporcional, para uma dada substancia, á pressão desta e ao comprimento d'onda das raias consideradas. Assim, por exemplo, o deslisamento das linhas do vermelho é muito maior que o da região do azul ou do rôxo, facto que felizmente permite immediatamente distinguir esse deslocamento do proveniente do principio de Doppler-Fizeau.

Jewell, (da John Hopkins University) estudando este efeito em diversas substancias, achou que é proporcional, em egualdade de condições de pressão e de temperatura, á raiz cubica dos respectivos pesos atomicos, e inversamente proporcional á temperatura absoluta dos pontos de fusão. Verificou o mesmo physico que a referida influencia da pressão, quando exercida em um mixto gazoso, affecta cada elemento, não pela pressão total, mas sim pela parte desta correspondente a cada gaz presente. Esta interessante propriedade offerece assim o meio de approximadamente calcular a proporção das substancias existentes numa massa gazosa incandescente, como a camada inversora do Sol, onde, pela observação da dilatação das raias, Maunder avalia a proporção de hydrogenio em 1 % do volume dos outros gazes.

Outra causa modificadora do aspecto das linhas espectraes reside na maneira de produzir a incandescencia que as torna visiveis. O modo mais geral consiste no emprego directo do calor; usa-se, porém, muitas vezes a passagem de uma corrente electrica, contínua ou interrompida, sob forma de centelhas ou de arco electrico. Conforme a causa da luminosidade da substancia, apresenta o seu espectro modificações mais ou menos notaveis. Assim, o espectro do hydrogenio, pro-

duzido pela chamma desse corpo, notavelmente differê do que se observa com a centelha arrebeutando no mesmo gaz. Como a passagem da corrente é sempre acompanhada por desprendimento de calor, é, todavia, difficil separar no espectro da centelha o que em proprio lhe pertence do que é occasionado pela elevação de temperatura. No primeiro caso, comprehendendo apenas quatro linhas finas, uma no vermelho e as restantes no azul; emquanto que no ultimo, essas linhas são substituidas por bandas ou faixas diffusas, decomponiveis, com potente espectroscopio, em grande numero de finas linhas.

Outra alteração importante, descoberta por Zeeman em 1896, consiste em nova acção do magnetismo sobre a luz. Quando uma fonte luminosa está situada dentro de poderoso campo magnetico, as raias de seu espectro; normalmente simples são desdobradas cada uma em duas ou mais linhas, cujo numero e disposição variam com a orientação do raio luminoso em relação á direcção das linhas de força do campo, podendo assim deixar de serem reconheciveis os caracteres espectraes de uma dada substancia.

A associação de varios gazes ou vapores pôde tambem mascarar as manifestações de um ou mais dos corpos presentes. Assim, por exemplo, uma mistura de dez partes de helio em noventa de hydrogenio, difficilmente deixa manifestar a presença do primeiro, que fica como offuscado pelo brilho do segundo, em quanto que uma parte de hydrogenio em cem mil de helio é perfeitamente reconhecivel. O azoto se comporta pela mesma forma em relação ao helio, e, de modo geral, os vapores metallicos para os metalloides, cujas radiações quasi extinguem. Por essa razão, é preciso muita prudencia em concluir a não existencia de um corpo pela ausencia das suas linhas proprias em um espectro complexo.

Pela rapida resenlia que acaba de passar deante dos olhos do leitor, certamente terá reconhecido que o novo e futuro ramo da astronomia ainda está longe de possuir o gráu de rigida certeza da astronomia espherica ou de posição, e que é requerer muita circumspecção e grande tino experimental na deducção das conclusões a que condúz. Muitos dos resultados e das theorias da astro-physics, comquanto brillantes conquistas scientificas, devem ser tidas como inferencias muito provaveis mais do que como seguras verdades, pois dependem da supposição, aliás algumas vezes experimentalmente justificada, como já vimos, de ser o conhecimento das propriedades da materia, estudada nas limitadas condições do laboratorio, applicavel, sem restricções, ás condições lar-

gamente diversas do ambiente sideral. Nisto, residem, a um tempo, o perigo e uma das utilidades da astro-physics, pois, para comprovar os seus resultados, ella nos incita e muito contribúe a dilatar e aperfeçoar nossos conhecimentos physico-chimicos, e, para terminar farei minhas as palavras da insigne cientista ingleza, miss Agnes Clerk, ao concluir a introduccão da sua magistral obra *Problems in Astrophysics*.

A astro-physics estuda phenomenos que, em parte, pertencem ao dominio da experimentação directa, e, em outra, escapam do seu campo. Dahi, a necessidade de recorrer ao arriscado expediente da extrapolação, isto é, de applicar ao illimitado incognito regras deduzidas em condições relativamente limitadas. Presuppõe-se, portanto, a indefinida continuidade das leis naturaes sem sufficientes garantias; não ha, porém, outro recurso. O primo e a linha que utilmente serviram para sondar o estuario, vão da mesma forma ser utilizados no alto mar; mas os resultados collidos serão apenas tidos como primeira aproximação, que posteriormente deverá ser verificada e corrigida. Da necessidade dessas verificações e emendas, resultará como um immenso catalogo de possiveis consequencias, que antes não poderiam ser previstas nem sonhadas. E' justamente nisto que consiste a faculdade exploratoria da astro-physics, que frequentemente será a vanguarda da sciencia terrestre.

H. MORIZE.

*Do Observatorio Astronomico e da Escola Polytechnica.*

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO  
PEÇA EM 3 ACTOS

—  
*A Arthur Azevedo*

—  
PRIMEIRO ACTO

—  
SCENA IX

OS MESMOS, MATHIAS E BALBINA

MATHIAS, á direita:

Sim, senhores... estão num palacio! Um verdadeiro palacio!

ESTELLA

Oh! papae... (*Precipita se para o jardim*)  
SERGIO, sacudindo as mãos:

Oh! até que emfim...

*Camilla desce e fica á porta do centro, sorridente. Os velhos apparecem no jardim; Estella entre elles, um braço sobre o hombro de cada um.*

CAMILLA, baixo a Sergio:

Que monos...

SERGIO, baixo:

E lá vem a velha com o infallivel corte de blusa. (*Alto:*) Só Estella seria capaz de os trazer até cá...

MATHIAS

Estamos viajando ha duas horas... bond, barca, mais bond...

BALBINA

E muito longe. Mas que casa...!

MATHIAS

Um palacio! (*Abertos de mão:*) Quanto pagam por isto?

CAMILLA

Quinhentos mil réis!

MATHIAS

Como? quinhentos mil réis!

BALBINA

Nossa Senhora... (*Entram*).

MATHIAS

Já é não ter amor ao diabinho. (*Abaixa-se e apanha alguma coisa.*)

CAMILLA

Olhe lá o adagio, senhor Mathias: Quem apanha alfinetes apanha trabalhos.

MATHIAS

Quem disse isto foi, por certo, algum fabricante de alfinetes. (*Sentencioso:*) Quem apanha um alfinete, ganha um alfinete.

*Crava o alfinete na lapela da sobrecasaca. Sentam-se. Estella tira o toucado de Balbina.*

*Panno*

## SEGUNDO ACTO

Salão em velha residencia rustica. Larga porta ao fundo, dando para um terraço reverdecido de trepadeiras. Portas lateraes. Ao longe, o parque frondoso. A mobilia elegante contrasta com a severidade do interior — ottomanas, divans, mesas de laca, escaparates. Um biombo japouez. Vasos com plantas, ceramica ornamental.

## SCENA I

NARCISO, SERGIO E CARLOS

*Ao subir o panno, um creado retira o serviço de refrescos. Os homens accendem charutos e repoltream-se. Sergio, de branco, largo paletó e calças de brim; Narciso em elegante costume de campo; Carlos em traje de cidade.*

NARCISO

A nossa historia está cheia desses factos. Somos um paiz vulcanico. Vindo do mais remoto passado que encontramos ao longo de toda a Chronica? documentos que demonstrem um leuto e pensado trabalho? não; encontramos sulcos e relevos, depressões e eminencias e em tudo vestigios de lava. O primeiro movimento politico foi uma erupção, como a do Vesuvio, nos dias de Plinio: as victimas do montes fôram as cidades que jaziam recostadas aos seus flancos, como os martyres da idéa fôram os seus propagandistas. A nossa independencia? outra erupção. A lei aurea? um jorro de luz que alumiu o Brazil e foi, talvez, essa claridade que o tornou conhecido no mundo. A Republica? um esplendor inesperado. Que era

hontem a cidade? uma accumulaco de bai-  
fucas apertadas em viellas onde o sol tinha  
nojo de descer, por onde o ar passava de  
esfusio como pelas galerias dos antros. E'  
hoje muralad, será amanhã maravilha. Con-  
têm-se o mar, oppondo-se-lhe uma cinta de  
pedra, que será o limiar da cidade; arrasam-  
se as montanhas, prostrando-as em planicies;  
drenam-se pantanaes; alargam-se desafoga-  
damente as ruas, e, onde se acaapavam ca-  
sebres, avultam palacios. J se vem archi-  
tectos traçando planos, modeladores plas-  
mando a argamassa  feio de ornatos,  
pintores esboçando paineis decorativos, e a  
emulaco j se manifesta, até entre os pro-  
prietarios. Os que hontem se contentavam  
com a platibanda e o lambrequim, querem o  
balcão e o mezzanino. Onde havia a ruina  
exlndo o miasma, ha hoje o jardim que  
trecala; sobre o antigo enxurdo do treme-  
dal, brotam, vicejam, enfloram-se rosaes;  
onde o mar espraiava o sargaço, espalharam  
terra e cobriram-na d'arvores. Os destroços  
da ruinaria servem de pedestal ao que avulta  
— o passado está no fundo. A Arte...

CARLOS

Ah! essa...

NARCISO

Ha de ter o seu dia. Talvez ainda ouça-  
mos os clamores do povo victoriando o poeta  
lau eado e tenhamos de supportar o atro-  
pello da multidão em torno duma luminosa  
figura de marmore erigida na praça, toda  
na, ao sol, entre palmas e flôres.

SERGIO

E achas que ha dinheiro para todas essas  
loucuras?

NARCISO

Meu amigo, morreu, ha mezes, um ve-  
lhte, que eu, todos os dias, encontrava a  
arrastar-se tristemente pela rua do Ouvidor.  
Era um pobre homem timido. Vestia uma  
roupa sordida, os sapatos tinham as solas  
soltas, pelos rombos do chapéo viam-se-lhe  
as falripas brancas. Comia em uma espe-  
lunca, vivia... S soube da sua residencia  
pelos jornaes, que a descreveram: era alguma  
coisa como uma lura, numa estalagem. Mor-  
reu, foi enterrado pela caridade. Quando  
revolveram o grabato que lhe servia de leito,  
encontraram no colchão, já pdre, dinheiro  
e titulos no valor de duzentos e tantos con-  
tos. (*Sorrindo*;) Era, quem sabe? o pregui-  
oso Brazil antigo. E' esse dinheiro que  
agóra apparece;  com esse dinheiro rebal-  
sado que se renova a cidade. (*Com intenco*;) E'  
ainda ha por ali muito colchão de pobre...  
recheiado e muito velhinho andrajoso que  
poderia edificar na Avenida, com luxo.

CARLOS

Meu sogro, por exemplo... E' um homem  
de fortuna: tem perto de duzentos contos,  
senão mais, e vive como um labrego, com o  
dinheiro aferrolhado.

NARCISO

Não o põe em gyro?

CARLOS

Qual!

NARCISO

Porque?

CARLOS

Diz elle que  para não o ter o trabalho de  
andar atrz delle.

NARCISO

Tem graça. (*Outro tom*;) Mas  assim  
avarento?

SERGIO

Se  avarento!?

CARLOS

Se lhe ce um dente, manda-o logo para  
o jazigo de familia, no Caj. Dizem uns que  
 por avareza — para não perder um osso.  
Outros affirmam que  por preguiça — para  
não ter de andar, no dia do juizo, de um  
lado para outro, a catar os fragmentos do  
esqueleto. Eu nem sei como elle me deu a  
filha em casamento...

NARCISO

Porque? não queria...?

CARLOS

Não — porque tinha de dar. E' o verbo  
mais irregular que elle conhece...

SERGIO

O diabo  que, em toda essa barafunda,  
eu não acho um vintem... e dizem que havia  
thesouros por ahi

NARCISO

Vintens não se acham. O dinheiro con-  
quista-se. A Fortuna  uma praça forte, uma  
vez invadida...

SERGIO

Isso não! Eu já tive o meu pavilhão em  
duas praças e hoje...

NARCISO

A culpa  tua. Na guerra, não ha são o con-  
quistar; ha tambem o saber manter a con-  
quista. A primeira parte  da bravura, a  
segunda  da prudencia. Tu, mal te asse-  
nhoreaste da praça, permittiste o saque e  
deitaste-te a dormir... o inimigo retomou o  
que lhe pertencia...

SERGIO

E ainda levou o que era meu...

CARLOS

A verdade  que tudo depende de sorte.

NARCISO

Tino, quer o amigo dizer?

CARLOS

Não, sorte. Ha homens que se matam no  
trabalho e nunca censeguem saír da medio-  
cridade.

NARCISO

Porque são mediocres.

CARLOS

Talvez porque não pactuam...

NARCISO

Com os chamados deshonestos...? Olhe,  
meu amigo, em geral os que vociferam con-  
tra os deshonestos, não são legionarios da  
honra, mas patula do despeito. Já vi um  
cão ladrar a um açougueiro porque pendu-  
rava ao gancho uma perna de porco. Era um  
protesto piedoso contra a morte do suino?  
não: era simplesmente raiva por não poder  
chegar com os dentes  carne saborosa que  
o açougueiro, por cautela, suspendera   
trave. Cães e raposas... uvas e pernas de  
porco... ha tantos!

SERGIO

No fundo,  isso mesmo.

NARCISO

Eu, por exemplo... Accusam-me de mil e  
uma fraudes; ha quem aponte os meus estel-  
lionatos, já affirmaram que emitti notas fal-  
sas... Porque?

SERGIO

Porque  rico.

NARCISO

S por isso. Ninguem fala do meu tra-  
balho; todos se preocupam com o meu di-  
nheiro. E' o caso da arvore — o que della se  
vê  o que apparece — o tronco, a ramaria;  
s raizes, que se encravam na terra, nin-  
guem allude. Para abrir a folhagem viçosa  
que hoje invejam, tive de dilatar as raizes  
rompendo a terra, estalando a pedra, flan-  
queando o rochedo; ora emergindo em ver-  
go, ora afundando até alcançar o humus  
fecundo. Ninguem, porém, quer saber disso  
— todos falam, com inveja e odio, das flôres  
e dos fructos... de onde vieram? do trabalho  
pertinaz e formidavel das raizes. A des-  
graça de certas plantas consiste em que,  
mal apparecem a flux, apenas dão as primei-  
ras folhas, logo querem abrir fronde e...  
morrem, naturalmente.

SERGIO

Como eu.

NARCISO

Mão falo de ti. Falo em geral.

SERGIO

A proposito de arvores, já viste o que fiz  
no pomar? Mande-i limpar tudo — as man-  
gueiras estavam cobertas de hervas de pas-  
sarinho.

NARCISO, com intenco:

A herva de passarinho... Terrivel ini-  
miga das arvores.

CARLOS

E as parasitas?

NARCISO, sorrindo:

As parasitas... essas, pelo menos, dão  
flôres.

SERGIO

São como as mulheres.

NARCISO

Sim, como as mulheres.

## SCENA II

OS MESMOS E ANNA

*Anna apparece  porta da esquerda, olha  
como  procura de alguem e detem-se.*

SERGIO

Oh! senhora d. Anna, bons olhos a ve-  
jam...

ANNA

Sua senhora mandou chamar-me. Pensei  
que estava aqui.

SERGIO

Não está. Então? qual  hoje o palpite?

ANNA

Eu sei, meu senhor?! Eu não tenho palpi-  
tes senão quando sonho. Isso já  um vicio,  
meu senhor. Eu, às vezes, faço o proposito  
de não jogar, mas não sei que  que me d  
por dentro... fico sem tino, atordoada. E'  
um desespero! Pareo cobra que perdeu o  
veneno.

NARCISO

Pois não jogue, d. Anna.

ANNA

E eu posso, meu senhor? Olhe, quando  
vim para aqui, tomar conta da casa, dei  
graças a Deus! Nesta distancia, longe de  
tudo, onde eu havia de jogar? Fique-i triste  
por um lado, contente pelo outro. Mas, no  
dia seguinte, de manhã, depois do almoço,

eu estava alli fóra no terraço arranjando umas plantas, quando dei com um homem deante de mim, perguntando — se eu não queria? « O que, moço? « Fazer jogo... » - Que jogo? » E elle tirou do bolso um caderninho — era a tentação.

SERGIO

Jogou?

ANNA

Que havia eu de fazer? E todos os dias, está ahi o diabo do homem. A policia é que devia acabar com isso; a gente não póde, não tem força. E para que é que ha auctoridade? Pergunte se no outro tempo havia dessas coisas... não vê! Não, que havia lei, havia religião... Hoje em dia, é o que se vê.

CARLOS

E a senhora não é religiosa?

ANNA

Se eu não sou religiosa?! Isso é coisa que se pergunte?! Pois então póde haver no mundo creatura sem religião? Sem religião, só cachorro... O senhor póde dar por falta de tudo no meu quarto, mas de santos... isso não!

SERGIO

Então porque joga, se o jogo é contra a religião?

ANNA

Porque jógó? jógó porque o moço vem aqui.

NARCISO

Assim, se o diabo apparecesse por cá...

ANNA

Não diga sacrilegios, meu senhor. Nossa Senhora! (*A Sergio:*) Mas onde é que o senhor disse que está sua senhora?

SERGIO

Não sei, d. Anna. Talvez esteja no quarto.

ANNA

O diabo... Cruzes! p'ra longe! (*Entra á esquerda.*)

### SCENA III

OS MESMOS, MENOS ANNA

SERGIO

Curiosa creatura!

NARCISO

Exemplar de uma especie que váe desaparecendo.

CARLOS

Simplez como a natureza.

NARCISO

E virtuosa.

SERGIO

E crente.

NARCISO

O marido é o meu creado de escriptorio — um caracter inteiriço. Fez toda a campanha do Paraguay, com bravura; tem umas trez ou quatro medalhas. Vivia com esta mulher; no dia em que lhe nasceu o primeiro filho, casou-se. E' um chefe de familia exemplar. Entreguei-lhes a casa e a boa gente tem taes escrupulos de honestidade que não colhia um fructo sem pedir-me licença. Um dia, disse ao homem que vendesse as laranjas; vendeu-as e prestou-me contas. A velhota é um anjo tutelar da pobreza da visinhança — cura, resa, baptisa, parteja, tem já não sei quantos afilhados. Não perde

a missa dos domingos, fala, com saudade, do velho tempo; quando está de pachorra, conta historias que Lafontaine ouviria com prazer.

CARLOS

Remanescentes do passado.

SERGIO

A velha raça.

CARLOS

E' pena que seja tão triste...

NARCISO

E' confiante demais na Providencia, que a váe deixando extinguir-se na miseria.

CARLOS

Bem... A palestra está encantadora, mas eu tenho que fazer. Não descem?

NARCISO

Eu, não.

SERGIO

Nem eu. Tenho de ver o que andam a fazer os taes homens. (*A Narciso:*) Mande limpar o bambual — estava um ninho de viboras.

CARLOS

Então, até logo.

NARCISO

Até logo. (*Carlos sae pelo fundo.*)

SERGIO

Traze os jornaes. (*A Narciso:*) Queres ver o meu serviço?

NARCISO, *mollemente*

Vamos. (*Saem lentamente pelo fundo, conversando.*)

(*Continúa*)

(\*) *E' prohibida a reproducção.*

## SCIENCIA E INDUSTRIA

O ALCOOLISMO — CURAS PELA SUGGESTÃO CONTRA A VONTADE DO DOENTE — AS EXPERIENCIAS DOS DRS. FAREZ E DOMINGOS JAGUARIBE.

Têm-se empregado todos os processos, os mais absurdos, os mais engenhosos, para libertar os alcoolicos da funesta mania. Nos casos mais rebeldes, foi, ultimamente, adoptado o hypnotismo, com os mais efficazes resultados.

O dr. Paul Farez, professor da Escola de Psychologia de Pariz, conta a historia de um alcoolista, tratado com exito, contra a propria vontade por meio da suggestão, durante o somno natural.

O paciente recusava, obstinadamente, o tratamento, circumstancia que dificultava o exito do methodo; apesar dessa recusa, elle foi curado, e a mania não voltou ha quatro annos.

As sessões de suggestão, durante o somno natural, se realisaram, ao principio, quatro a cinco vezes por semana, sem que o alcoolista desse por isso. As melhoras fôram lentas, mas progressivas e, dentro de trez mezes, o doente apenas se embriagou trez vezes, vicio que não se manifestou

mais por scenas de violencia, de abril e maio. De junho a julho, houve reincidencia de embriaguez benigna; em agosto e setembro, durante uma estação no campo, o doente não tomou mais vinho, nem cerveja e se manteve calmo. De regresso a Pariz, elle não frequenta os cafés; apenas toma em casa um pouco de absyntho e cerca de um litro de vinho nas duas refeições.

E assim se foi libertando da bebida, até reduzil-a a pequenas dózes inócuas. No fim de dezoito mezes, voltavam-lhe o bom humor e a actividade para o trabalho.

O dr. Farez attribúe grande parte desse successo á mulher do doente, a qual, sob a direcção do medico, realizou prodigios de intelligencia e de dedicação.

Essa victoria do dr. Farez produziu grande effeito entre os especialistas; entretanto, temos prazer de consignar aqui que um illustre patricio nosso, o dr. Domingos Jaguaribe, residente em S. Paulo, conta trezentos e oitenta casos de alcoolismo, radicalmente curado pela suggestão, muitos contra a propria vontade, como no caso acima indicado.

A cura pelo hypnotismo tornou-se coisa vulgar no consultorio do dr. Domingos Jaguaribe, a quem pedimos as observações chímicas sobre esse interessante assumpto.

\* \*

O ESTENOPHILO — O ULTIMO PRODIGIO DA MECHANICA — A MAIS RAPIDA TRANSMISSÃO DE DISCURSOS.

E' esse pequeno aparelho o ultimo prodigio da mechanica, inventado por Charles Bivart, da imprensa pariziense.

Consiste esse aparelho numa modificação da machina de escrever, simplificada, tendo em vez dos caracteres do alphabeto ordinario, os hyeroglyphos da tachigraphia, reproduzindo-se em letras ordinarias, de maneira que o discurso estenographado póde ser, immediatamente, lido. A machina se incumbe da traducção.

O estenophilo é um pequeno aparelho, que póde ser conduzido debaixo do braço; tem o volume de uma caixa de charutos e se assemelha a uma pequena machina de escrever simplificada. Na deanteira, ha um teclado de vinte teclas, sobre as quaes estão marcadas letras de imprensa; dez dessas teclas estão collocadas á direita e dez á esquerda. No meio, separando-as, ha duas teclas negras para marcarem o espaço das linhas. Por detrás, dois rólos superpostos, que supportam o papel e o desenrolam progressivamente deante das letras

lubrificadas de tinta. As teclas, por intermedio de alavancas, approximam as letras do papel do mesmo modo que as cifras. E' tudo isso, sob um jogo de mãos, ainda que pouco experimentadas, produz uma impressão muito visível em caracteres typographicos.

Além do mechanismo, muito simples e engenhoso, a invenção se caracteriza pela difficil organização do alphabeto. E' preciso agrupar no teclado as letras, afim de evitar inutil deslocamento de dedos. Ha syllabas que se repetem frequentemente, e fôram agrupadas convenientemente com o fim de ganhar tempo. Resulta disso que o estenographo pôde reproduzir, com fidelidade, os mais rapidos discursos.

A aprendizagem da manobra é rapida. No fim de trez dias, um discipulo ordinario escreve cincoenta palavras por minuto e, no fim de dois mezes, pôde produzir cento e cincoenta, sem grande esforço. Meninos de dez ou doze annos conseguiram escrever setenta e cinco palavras por minuto depois de um mez de exercicio.

Além de todas essas vantagens, essa machina permite aos cegos se corresponderem com os que vêem e lhes servirão de secretarios estenographos.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

### EM LOMAS VALENTINAS

Desde o dia 11 de dezembro, em que fôram completamente destroçadas as forças de Caballero, o Dezeseis estava acampado em Villeta, pequeno povoado paraguayo.

O commandante Tiburcio tinha adoecido, gravemente, no Chaco, e o marquez mandára-o para o Brazil, com licença. O seu substituto era um velho soldado, de barbas brancas, physionomia placida, disciplinador e brando, muito amigo dos seus officiaes e de uma bravura reflectida, filha da vontade e da honra: era o major Costa, um digno substituto do tenente-coronel Tiburcio, sem os lampejos de genio e o enthusiasmo que hypnotisavam os commandados. Tinha mais annos de praça do que o outro de idade; vivera, desde menino, sob as armas, tendo por mestres os Arrudas, Torres, Victor e Tamarindo, tendo por lei a do conde de Lippe, cujos rigores a sua alma bôa e generosa atenuava.

O saudoso e bom amigo João Baptista do Rego Barros Cavalcante de Albuquerque, o *Bôa-Pessoa*, era o major fiscal; o ajudante era eu desde que venceramos no Estabelecimento. O Castello Branco continuava a mandar a 7.<sup>a</sup> companhia, sargenteada

pelo 1.<sup>o</sup> sargento particular Arthur Oscar, que já havia feito, com muito brilho, as suas provas, nos combates do 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> Chaco. Um dos 2.<sup>os</sup> sargentos era ainda o Noya, cada vez mais arrojado.

A nossa *rapida* carreira não devia causar inveja a ninguem, tão pouco nos impressionava: a Patria era servida com verdadeiro amor e as nossas fé-de-officio se enchiam de elogios, que, hoje, parecem exaggerados.

No dia 20, ao toque de — *ajudante do Dezeseis*, — monteia cavallo e fui receber a ordem na Brigada. O batalhão devia formar a *meia-marcha*, de uniforme pardo, sem faltar praça alguma, na madrugada seguinte.

Já o marquez havia passado em revista todo o exercito. Nesse dia, o commandante da minha brigada era um illustre coronel de engenheiros e bacharel em mathematicas, intelligente, illustrado e bravo. Quando o Caxias passou pela nossa frente, ao trôte do seu bello cavallo de guerra, o coronel fez-lhe uma dupla continencia — com a mão direita abatendo a espada e com a esquerda tirando o chapéo de feltro negro, de abas largas. O marquez sorriu e disse tão alto que todos nós ouvimos:

— *Ponha o chapéo, seu paizano.*

Fôra distribuida ao exercito uma ordem do dia ou proclamação do general em chefe, redigida em estylo simples, laconico, mas nobre e cheia de promessas. Não a transcrevo, porque acompanho, sómente, as minhas reminiscencias, sem recorrer a notas: lembro, apenas, algumas palavras, que ficaram gravadas na memoria de todos os que a leram; mais ou menos as seguintes: « Marchamos para a victoria, que é certa, porque o nosso general e amigo até hoje não foi vencido. »

Sabiamos ser verdadeira a affirmação do illustre homem de guerra: a fortuna jámais o abandonára, desde o inicio de sua carreira phenomenal, ligando o seu nome aos factos mais notaveis da nossa historia contemporanea, desde a Independencia. Foi a sua espada que cortou as funestas aspirações separatistas do norte e do sul do Paiz.

Formámos muito antes de amanhecer: ainda não eram trez horas da madrugada. Estavamos no ultimo dia da primavera; o ar era quente como se estivesse para desabar sobre nós uma borrasca violenta. Eu vestia uma blusa e calças brancas, *bonet* de seda preta com capa de linho, botas de couro da Russia até ao joelho, com esporas de prata; cingia a espada, a mesma encontrada á porta da minha barraca, depois da batalha de 24 de maio, reluzente como um espelho. O Francisco Antonio, meu camarada, era insigne nesse mistér de limpar ar-

mas. O meu cavallo tordilho estava gordo e bem tratado e, apesar de ferido trez vezes no pescoço, na anca e ao longo das costellas, não era *mesquinho* para balas. Quando rompia a fuzilaria e troava terrivel o canhoneio, o nobre animal se transformava, relinchava, afitava as orelhas pequeninas, levantava a cabeça intelligente e ficava na ponta dos cascos, dando pulos de contente.

Pozemo-nos em marcha antes do alvorecer. O Dezeseis entrou em fórma com 358 praças e 28 officiaes. Ao romper o dia, vi do alto um espectaculo imponente — o exercito brasileiro avançando em columnas por aquellas coxilhas afóra, conscio do dever, confiante na victoria. Sentia-me ufano, olhando para os nossos pelotões, alinhados, guardando as distancias, os commandantes á esquerda, os subalternos á rectaguarda, todos alegres, animados, conversando e rindo. O meu commandante, sempre serio, mas de bom humor, não podia deixar de rir quando o major thesourava em algum camarada e terminava com o conhecido estribilho:

— E' bôa pessoa; tomára vel-o na forca...

O dia estava pezado. Nuvens esbranquiçadas, como montanhas colossaes, se accumulavam na orla do horisonte. Havia quasi sete horas que estavamos marchando, quando, do alto de uma lomba, avistámos as posições inimigas a menos de um kilometro.

O Dezeseis fez alto e mascarou-se atrás de um capão. O commandante ordenou que nos mantivessemos em fórma, mas á vontade, de pé ou encostados, cada um com a sua arma. Estavamos de columna aberta de grandes divisões. Os officiaes podiam sair da fórma, comtanto que se não afastassem. Apeei-me e entreguei as redeas ao meu bagageiro Antonio Faustino.

Toda a infantaria estendera-se aos nossos lados, mais ou menos abrigada como nós. Do ponto onde estavamos, não vimos nem artilharia, nem a cavallaria.

O Castello convidou-me, então, para darmos um passeio. Obtida a licença do commandante, costeavamos o capão, passámos para outro e deste para uma moita, que nos occultou e donde podiamos, sem ser vistos, observar o inimigo.

O terreno descia muito, até uma baixada, donde se elevava até attingir as fortificações paraguayas, no alto. Tinha eu naquelle tempo, bôa vista: pude distinguir canhões assestados á barbêta e os parapeitos guarnecidos por muita gente, que parecia querer occultar-se, mas se denunciava a olhares habituados ao luzir de bayonetas.

O Castello disse-me, então:

— Vês como estão cheias de caboclos

aquellas trincheiras? Vamos ter hoje muito que fazer.

— E' verdade — respondi — Será o que Deus quizer.

E voltámos para o batalhão.

Passou por nós um ajudante de ordens, que nos annunciou, entusiasmado, haver o general João Manoel, com sua divisão, tomado pela góla as trincheiras de Pekissery, e aberto caminho para as forças alliadas, que tinham ficado em Palmas.

Logo depois, rugiu sobre as nossas cabeças uma granada, que explodiu bem no centro do batalhão e pôz fóra de combate 13 homens, entre officiaes e praças. A detonação, irrompeu das fileiras um grito unisono de horror:

— E' elle!...

Nós conheciamos, pela longa pratica, o canhão que nos mandava os seus projectis. Ninguem se enganava com a *Vóvó*, nem com os morteiros, nem com outros.

Pela zoáda advinhávamos. O canhão que nos fizera aquelle destroço no Dezeseis, era um de 32 Withworth, que nos fóra tomado a 3 de novembro. Entre os feridos, vi um com as entranhas arrancadas por um estilhaço. Um dos officiaes caíra gravemente contundido, no pescoço, pelo braço de um soldado, projectado como uma bala. Foi uma scena horrorosa e, para alguns, de máu presagio.

Pouco depois, antes das trez horas, o commandante, que acabava de falar com o coronel, commandante da brigada, mandou tocar *officiaes*.

Formámos em circulo e elle, com voz pausada e grave, bello de serenidade, disse-nos:

— Acabo de receber ordem para avançar com o batalhão estendido em linha de atiradores, contra as trincheiras inimigas. Devemos avançar de bayoneta armada, a *marche-marche*, até á contra-escarpa do fôssó e dalli alvejar os artilheiros, preparando a avançada das columnas de ataque.

E nada mais disse: fez um signal com a cabeça e cada um foi occupar o seu posto.

O Castello deu-me um apertado abraço; estreitámo-nos as mãos. Montei a cavallo e colloquei-me á esquerda do commandante. Seguimos. Iamos garbosos, porque nos tocava iniciar o ataque. O marquez nos viu e disse:

— Vão... Allí está o Lopez.

Vózes responderam:

— Havemos de agarral-o...

Dentro em pouco, descíamos a collina, em ordem dispersa; chegámos ao vallo; subimos a encosta opposta a *marche-marche*, de armas suspensas e dando vivas. O entusiasmo era indescriptivel.

Accendeu-se a crista dos parapeitos inimigos: a metralha nos varreu cho-

calhando, e a fuzilaria ia derribando, a torto e a direito, aquelles valentes. Avançavamos sempre. Foi-me preciso pôr o cavallo a galope para não ficar atrás.

Não sei quanto tempo durou a avançada. Quando chegámos á contra-escarpa, já eramos poucos. O terreno estava juncado de soldados do Dezeseis; mas os artilheiros que chegavam ás peças, iam caíndo: os nossos atiradores não lhes davam tregua.

Ainda me não tinha apeiado; ia no meu tordilho, que dansava de um ponto para outro. Não sabia eu onde estavam o commandante e o major. De repente, vi á minha esquerda um grande clarão; senti, na cabeça, um golpe tão pezado, que parecia a pancada de um martello, produzindo o tinido de um malho contundindo bigorna de aço. Tonteei; agarrei-me ao *santo antonio*. O cavallo empinou... Caí sem sentidos. Tudo isso passou rapido como um relampago.

Depois... não posso dizer quanto tempo durou essa vertigem; tornei a mim e sentei-me no chão. A minha blusa já não era branca, estava vermelha, o rosto empastado de sangue, que continuava a jorrar copioso, turvando-me a vista. Não sentia dores: levantei-me, e não encontrando o bonnet, desdobrei um lenço branco, que sempre trazia por cautella e atei-o em volta da cabeça. Montei com esforço o meu fiel cavallo, que ficára perto, tambem ferido com o peito ensanguentado.

O fogo continuava terrivel. As columnas de ataque vinham subindo a collina.

A cabeça andava-me á roda; parei e vi o Castello, que animava os soldados e vendo-me em tal estado, fez-me retirar, ponderando:

— E' inutil continuares; não podes mais prestar serviços; váe te curar no hospital de sangue.

Disse-lhe adeus com um gesto e volvi succumbido, coxilha abaixo, conduzido pelo cavallo manco e a passo. Não me lembro o que vi até chegar ao hospital. Era uma confusão violenta de homens e cavallos, feridos, mortos, canhões, toques de corneta, incessantes, tiros de fuzil e de canhão, que faziam trepidar o meu pobre corpo, provocando-me uma sensação de nausea.

Cheguei ao hospital de sangue, um rancho paraguayo, coberto de palha, junto de um laranjal. Estava cheio, atopetado de feridos. Sentei-me fóra, sobre uma grande pedra. Chegavam os estropeados, ensanguentados, em doloroso desalinho, em grandes grupos ou carregados. Vi o soldado Bemvindo, horivelmente mutilado, com o maxilar despedaçado, a lingua grande, muito comprida, pendida sobre o peito; jorrava do ferimento sangue em

esguichos e, todavia, elle caminhava firme, erecto, pobre heróe ignorado. O Ewerton chegou com um extenso gilvaz na face, e a espada desembainhada tinta de sangue.

— Que foi isto? — perguntei — Fôram-te á cara?

— E' verdade — respondeu-me, apon-tando a espada — mas o sangue delle está aqui.

Era um valente official o Ewerton. Passaram dois soldados da 7.<sup>a</sup> companhia do Dezeseis. Pedi-lhes noticias do Castello.

— Seu capitão morreu...

— Como, vocês viram?

— Sim, seu ajudante: elle ficou despedaçado por um *cacho d'ovas*; morreu sem dar um ai...

Pobre amigo, ninguem no exercito foi mais bravo do que elle: caíu no campo da honra, como um heróe. E, assim, a morte ia ceifando os meus queridos amigos da mocidade, os melhores, os mais sinceros. Chorei naquelle triste momento e creio que as lagrimas me alliviavam o cerebro, profundamente conturbado.

Permaneci muito tempo sentado sobre a pedra, exposto a uma copiosa chuva. Havia demasiado serviço para os medicos e feridos mais graves do que eu.

Chegou o Antonio Faustino, meu fiel bagageiro, que, sabendo do meu ferimento, me procurava. O cavallo, reconhecendo-o, pois era elle quem o tratava, soltou um pequeno relincho de alegria. Com voz commovida, perguntou-me o Faustino como estava eu, e, entrando no rancho, donde partiam em lugubre toáda gemidos e ais, voltou pouco depois com o pharmaceutico Marcondes, de S. Paulo, bom companheiro e meu camarada.

— Que é isto, Dionysio — exclamou?

— Não sei; examina a ferida e não me occultes a gravidade. Sabes que sou soldado.

Elle trazia um masso de fios de linho e ordenou ao Antonio Faustino fôsse buscar um pouco d'agua. Desatou o lenço que me envolvera a cabeça; com um feixe de fios, retirou o sangue coagulado; com os dedos foi afastando os cabellos para descobrir bem a ferida, que lavou com agua, colhida pelo camarada num banhado proximo, collocando sobre ella um chumaço de fios que não primavam pela alvura; desenrolou, finalmente, um pacote de ataduras e passou-me uma pela testa, dando volta á cabeça, descendo, depois, abaixo do queixo e subindo ao alto, onde rasgou as extremidades em duas tiras cada uma e amarrou-as solidamente. Agradei-lhe os cuidados e elle assegurou-me que os miólos não estavam de fóra.

A chuva continuava a cair copiosa. O numero de feridos augmentava a cada instante, e o crepitar da fuzilaria,

o ribombo dos canhões eram incessantes. Escurecia. Eu não tinha um capôte: deixára o meu no acampamento em Villêta. No rancho, não havia lugar para mim: mutilados e moribundos o encheram. Eu, encharcado de sangue e d'agua até aos ossos, chamei o Antonio Fernandes, pedi-lhe o cavallo, montei e recomendei-lhe que voltasse para a linha.

Devia ser interessante a minha figura naquelle estado. Parti, deixando-me conduzir pelo cavallo, naquelle momento superior a mim pelo instincto.

Escureceu, completamente; nem uma estrella brilhava no céu e a chuva continuava a flagellar-me em batidas; só rompiam as trevas os clarões dos relâmpagos e dos canhões. Mais tarde, lembrei-me que tinha cigarros feitos e um isqueiro. Pretendi fumar, mas não pude erguer o braço direito para metter a mão no bolso da calça: estava paralytico; tambem sentia a perna direita esmorecida. Pela face esquerda escorria-me um filête de sangue quente. Não tinha ainda perfeita consciencia do meu estado; estava como atordoadado. O campo era escuro como breu; mas os meus olhos habituados áquella tréva, perceberam uns vultos. Seriam inimigos ou brasileiros? Reconheci soldados nossos tambem feridos. Quiz perguntar-lhes se era aquelle o caminho para Villêta; mas não pude lembrar-me das palavras para formular a pergunta. Os sons que pude proferir eram como gritos de um mudo. Segui; o que se passou, na minha alma de angustia e dôr, não posso dizer. Aterrou-me a minha situação; considerava-me um homem perdido. A consciencia era lúcida e a memoria estava morta. Quiz blasphemar; desejei a morte; mas venceu a mãe querida, que me havia inoculado n'alma idéas profundamente christãs, e me resignei, quasi consolado á minha triste sorte. E continuei a marchar. Alta noite, vi luzes em barracas. O cavallo seguia sempre, coitado, conduzindo-me lentamente. Parou na porta de uma barraca. Perguntaram de dentro:

— Quem é, quem está ahí?

Quiz responder, não pude. Era o meu amigo Collatino Tupinambá quem fallára e, vindo ao meu encontro com uma lanterna, disse-me, em tom de surpresa:

— E' o Dionysio!...

Estava palestrando com elle o Innocencio Galvão, que saíu tambem. Cercaram-me, apeiaram-me, conduziram-me para o interior, inquirindo:

— Que é isto? Como foi? Quando?

Só pude, com extraordinario esforço, dizer: *Furudu*. Eu quiz dizer — ferido, mas sómente pude articular a vogal — u.

Eram meus amigos: condoeram-se

de mim. Tiraram-me as botas, despiram-me e deitaram-me no giráu do Tupinambá. Mandaram chamar um medico; veio o Accioli, um estudante de medicina, que fôra meu collega no collegio Dois de Julho, na Bahia. Como eu tivesse perdido muito sangue, mandou vir uma garrafa de vinho do Porto e deu-me a beber um copo cheio. Dentro em pouco, senti nauseas; quiz pedir uma bacia, mas não sabia como: vomitei no chão e fui accommettido de uma dôr de cabeça que me matava. O vinho embriagou-me: dormi pezadamente. No dia seguinte, falava claramente, e me voltava a memoria. Disse ao Tupinambá que desejava ir para o hospital: elle se oppôz, mas teve de ceder a reiteradas instancias minhas.

Metteram-me num compartimento da igreja de Villêta, com o Adriano Pimentel, que estava com um braço quebrado, e o Arthur Oscar, que chegára tambem ferido no braço. As nossas camas eram no chão, sobre mantas e arreios. O chão erra de terra; as paredes de barro não tinham caiação, e o tecto de telha vã mal nos abrigava. Ahí permaneci trez dias, sendo curado apenas uma vez. A agua para os curativos vinha numa bacia de ferro, que passava por centenaes de feridos, até de gangrenosos. Punham-lhe, por comprazer e nem sempre, algumas gottas de acido phenico, muito vermelho, que procuravam dissolver com as pontas dos fios molhados. No terceiro dia, senti um cheiro insupportavel, que parecia partir da minha cabeça.

Todos nós tinhamos um espelhinho de chumbo; pedi o do Arthur e, com o meu combinados, consegui ver que a minha cabeça tinha uma grande ferida com bordos inchados e denegridos. Restitui ao Arthur o seu espelho e despedi-me dos amigos. Existiam allí alguns milhares de feridos da *desezembrada*.

Em Villêta, estava um rapaz de quem fôra collega e era muito amigo, o Arthur Rios, ainda estudante de medicina, e, todavia um dos cirurgiões de mais nomeada no exercito. Saí em procura delle e encontrei-o, cheio de caridade, dirigindo uma enfermaria.

— Não sabia que estavas ferido; teria ido ver-te.

— Pois vê—tornei eu—o estado a que me acho reduzido. Creio que tenho a cabeça gragenada. Vim pedir-te que me trates.

Abraçou-me affectuoso, e fiquei. Veio agua phenicada muito clara, numa bacia muito limpa, uns fios muito longos e alvos. Descobriu-me a ferida; lavou-a cuidadosamente; cortou em redor o cabello, de que fiz uma trança de mais um palmo, que mandei á minha mãe e esta deu-a á minha mulher, que a conserva como uma reli-

quia. O Arthur, depois desse trabalho, abriu o estôjo e cortou com uma thezoura muitos pedaços de carne corrompida; lavou tudo com chlorato de potassio, que a principio não me doeu e a ferida ficou enorme, descoberto o craneo num circulo de oito centimetros de diametro. Toda aquella carne caíu: o osso ficou limpo como de uma caveira de museu. Mais tarde, fôram saíndo esquirolas grandes e grossas, que minha mãe conserva numa caixa de ouro aos pés de Nossa Senhora da Piedade.

O Arthur tratou-me com inexcitavel desvelo e carinho até o mez de abril, em que me deu alta. Tomei-o para padrinho da minha primeira filha e sou sempre, para elle, um amigo profundamente grato.

Contando a minha odyssea de ferido, ia esqueccndo o glorioso Dezeseis, que perdeu, na tragica investida, mais de dois terços do seu effectivo; o velho commandante tombou com o craneo fracturado por uma bala; o major recebeu dois ferimentos, na cabeça e na perna. O numero de officiaes fôra de combate, foi de 22 dos 28 que entraram na acção. Foi uma carnificina medonha, tão grande ou maior, guardadas as proporções, do que essas batalhas da Mandchuria, que assombram os leitores de noticias da guerra do oriente.

Um dia, achando-me melhor, fui visitar o meu Dezeseis, em Assumpção. Não era o mesmo. Grande parte dos camaradas dos tempos gloriosos do Tiburcio e do Castello, tinham desaparecido. Os que restavam, todos sem excepção amigos meus, me receberam festivamente e me rodearam, contando muitos episodios tristes, feitos de estupendo heroismo.

Lembro-me bem da morte do alferes Leite Pacheco no hospital de sangue, delirante, com o olhar incendiado, mandando carregar e dando vivas enthusiasticos; vi, tambem, morrer o tenente Constantino com o craneo rachado por um golpe de espada.

Foi para mim um dia de tristeza o daquella visita: saí com o coração apertado.

Hoje, após trinta e sete annos, já velho, mas com a alma vibrando ainda ao lembrar as nossas glorias, conto-as, singelamente, com desvanecimento, e tenho fundas saudades dos amigos e dos herões que lá ficaram para sempre.

DIONYSIO CERQUEIRA.

“Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

## O ALMIRANTE (30)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPITULO XV

Alta noite, a multidão, apinhada nas cercanias do paço, se dispersára, lentamente, ficando grupos tímidos, que não ousavam approximar-se do velho casarão de janellas fechadas, immerso num silencio lugubre e sitiado por um forte contingente de soldados.

Todas as avenidas do largo estavam guardadas por forças do exercito e da policia, a pretexto de garantirem a segurança da familia imperial contra os excessos das paixões populares. Por toda a parte, nas ruas calmas, desertas, nas praças, onde rareavam os transeuntes, libertadas da vagabundagem noctambula, se ouviam os rumores de armas, de patas dos cavallos das patrulhas irrequietas em correrias inuteis, de carabinas embaladas. Uma tranquillidade completa succedera á agitação febril daquelle dia memoravel, como se a estupenda surpresa dos acontecimentos prostrasse extenuada a população do Rio de Janeiro, cuja attenção se concentrára no Campo de Sant'Anna, nas immedições do quartel general, que fôra o centro do movimento, e defronte da casa do marechal, onde estavam reunidos, para as deliberações de urgencia, os vencedores do dia.

Emquanto Deodoro se estorcía, cortado de dôres atrôzes, os próceres confabulavam, rodeados dos partidarios da victoria, que sempre constituem o maior numero, dos amigos, dos correligionarios dedicados. Em torno de Benjamin Constant, estavam os discipulos amados, os officiaes componentes da *immortal companhia de guerra*. Os mais exaltados suggeriam medidas radicaes, medidas de rigor, que exhibissem pujança dos nervos e dos musculos do novo regimen; e, ao mesmo tempo, se indicavam os nomes dos moços incumbidos de auxiliarem o governo provisorio na tremenda tarefa da reorganisação do paiz. Com as adhesões, com os protestos de devoção incondicional vinham as pretensões aos altos cargos da administração.

Surgiram dissidencias vehementes, porque o elemento militar, concentradas todas as suas esperanças e aspirações em Benjamin Constant, não estava satisfeito com as hesitações do mestre, impassivel, concentrado nas suas maneiras frias, moderadas, na attitude de um homem de resoluções lentas, a medir minuciosamente a formidavel responsabilidade que lhe comprimia o espirito. Não lhes causava bôa impressão a preponderante actividade de Ruy Barbosa, empolgando

com seguro golpe de vista a situação, providenciando, prevendo tudo, todas as complicadas minucias da estabilidade da victoria facil e da conservação do governo, preservando-o de ser tragado pela propria onda revolucionaria, que o elevára ao fastigio glorioso. Aquelle bacharel imbuido de sciencia inutil e pedantesca, sem preparo para talhar as novas instituções aos moldes da sciencia positiva do mestre, não se lhes figurava o mais apropriado para assumir a direcção mental do movimento e conduzi-lo ás suas consequencias naturaes, de accordo com as aspirações da mocidade militar. Mas o prodigioso homem deslumbrára os seus collegas, tomára de assalto o espirito do marechal que, do leito de tormento, approvava com um gesto, com uma palavra cortada de gemidos, o que elle propunha, apoiado sempre pelo criterio clarividente de Quintino Bocayuva, tão frio e moderado, no momento do triumpho, como nos asperos transes da propaganda, quando eram poucos os paladinos da democracia, agóra centuplicados em brilhante legião, valerosa e sofrega.

A cada momento appareciam os delatores, trazendo noticias de indícios de resistencia, de estar sendo combinada a contra revolução ameaçadora de represalias funestas, uma parte da marinha, imperiaes marinheiros rebeldes, tramando o mallogro da victoria democratica; alli mesmo, entre as quatro paredes que abrigavam os próceres, havia traídores. Era preciso que se acautelassem, que uma acção energica, violenta, implacavel, afugentasse espavoridos os elementos de resistencia. De uma denuncia dessas, surgiu a ordem de prisão contra o visconde de Ouro Preto e do conselheiro Candido de Oliveira e de Gaspar Martins, o caudilho gaúcho, em Santa Catharina, de viagem para o Rio.

Grupos de patriotas, postavam-se deante da casa do marechal e exigiam a opinião do ministerio provisorio, como se duvidassem de seus intuitos.

Benjamin Constant fazia das janellas discursos que não satisfaziam, completamente, a anciedade da turba, donde partiam injuncções de organisação immediata da Republica. Ouvindo um desses discursos, Annibal Falcão apartou da rua:

— Os votos da população do Rio de Janeiro são pela Republica.

— O governo provisorio — respondeu Benjamin — saberá corresponder aos votos da população do Rio de Janeiro.

E a multidão bradava, sem cessar: A Republica! Abaixo a monarchia!... Viva a Republica!.

O máu estar do marechal Deodoro era aggravado pela insistencia dos visitantes em lhe apresentarem cumprimentos

personaes; não havia resistir-lhes, não valiam ponderações acerca do estado do heróe do dia: todos queriam vel-o, apertar-lhe a mão, receber a consagração do seu contacto prodigioso.

Em vão, Dolores ponderava a d. Marianninha, a esposa de Deodoro, que aquillo era um absurdo, era um tormento para o grande homem, cuja saúde exigia absoluto repouso, ao menos para se restaurar do esforço daquelle dia glorioso. A excellente senhora não tinha energia para reagir contra aquella onda de importunos a lhe asphixiar o marido; condescendia com essas entusiasticas manifestações que a ella propria acabrunhavam de fadiga, sendo forçada a cuidar mais das visitas que do illustre enfermo. Estava, alli, felizmente, uma amiga invatigavel: Dolores, subitamente transformada em pessôa da intimidade da familia, penetrando o recesso daquelle lar e providenciando como se representasse a dona da casa.

— Vamos, marechal—dizia ella, com a vóz macia de carinho, offerecendo-lhe um prato de canja—V. ex. necessita de tomar alguma coisa, um pouco desta canja que eu mesmo preparei; está muito saborosa... Ao menos, algumas colherinhas...

O marechal hesitava com um gesto negativo; mas o semblante, contraído pelas dôres, se lhe distendia, num riso meigo; ao fulgor dos olhos de Dolores, ao som da sua vóz seductora e elle tomava algumas colheradas que ella, ternamente, lhe chegava aos labios arquejantes.

—Que bôa creatura—murmurava d. Marianna, commovida de gratidão.

—Você conhece essa moça?—perguntou-lhe uma amiga que estava ao lado.

—Conheço, sim,—tornou a marechala—Foi-me apresentada em casa do primo Rufino. Que creatura serviçal, desembaraçada!... Não é?..

—Desembaraçada? Até demais—tornou a outra—Admira como essa gente entra assim, sem mais nem menos, na casa dos outros, da sala até á cosinha...

—Não podemos tratar mal ás pessôas que nos procuram, que nos ajudam... Depois, estamos na Republica...

—Pois, minha amiga, se a Republica é isso, essa falta de cerimonia, você está em pessima posição.

—Que hei de fazer? Isto é como em dia de festa...

—Dia de festa, com o seu marido naquelle estado? Essa gente devia ter alma, ter compaixão daquelle pobre creatura que alli está a botar a alma pela bocca. Eu se me não importaria com Republica, nem com politica: a saúde d'elle primeiro que tudo.

D. Mariana balançava a cabeça num gesto de magua pela dolorosa crise



que lhe prostava o esposo, o seu querido Manoel.

Foi preciso que Dolores se postasse a porta para conter a invasão da onda de visitas e permittir alguns momentos de repouso ao afflicto marechal.

— S. ex. não pôde recebê-lo — dizia ella, energicamente, a um — Tenha paciencia, o chefe do governo provisório está encommodado — intimava a outro — Não é possível; s. ex. necessita de calma para deliberar... Isto é uma inconveniencia, é uma descortezia.

E os mais teimosos recuavam, murmurando, por não serem admittidos á intimidade de Deodoro, para lhe darem publicos, eloquentes testemunhos de amor, de admiração, de adhesão á obra gloriosa da sua iniciativa patriótica. Toda aquella gente nutria, havia muito, esses sentimentos, aguardando o momento opportuno para os manifestar; estavam decididos todos a pegarem em armas, a derramarem o proprio sangue se elle fôsse necessario para orvalhar a semente fecunda da democracia, cujo rebento grelára naquelle dia venturoso. A victoria multiplicára, prodigiosamente, as fleiras republicanas.

— Agóra, meu caro marechal está livre — disse-lhe Dolores — Repelli os assaltantes. A praça está desocupada. Tome este calmante, é preciso socegar. Os heróes tambem são de carne e osso.

— Não posso — murmurou o marechal, indicando a cabeça — Isto está em ebulição...

— Vamos, um pequeno esforço — tornou dolores, limpando-lhe a fronte, perolada de suor, com um lenço impregnado de um suave perfume.

— Obrigado, filha — murmurou o marechal, apertando-lhe a mão tépida — obrigado.

E no seu olhar de agnia scintillou uma chispa de volupia.

(Continúa)

## PAGINAS ESQUECIDAS

### HIMNO DA ABOLIÇÃO

Patria és feliz ! Os teus exploradores  
Vêm-te surgir bella como uma aurora :  
Dize aos escravos que não são senhores,  
E ao mundo inteiro que estás livre agóra.

Já não carregas os seus duros ferros  
Entre um côro de dôres e gemidos.  
Sóbes da liberdade os altos serros  
Com as algemas e grilhões partidos

Como a tormenta que devasta  
O cume de uma penedia,  
A tua mão de bronze arrasta  
Um novo sol, um novo dia.

Contempla o mundo com espanto  
O teu olhar de redívivo ;  
Não ouves mais, á tarde, o canto  
Triste e queixoso do captiveiro.

Da pugna voltam-se de novo  
Todos cobertos de gloria,  
Os defensores do povo,  
Os heróes da nossa historia !

LUIZ MURAT.

Maió, 1888.

\*  
\*\*

### CHRONICA POLITICA

E' devéras uma realidade a abolição total do captiveiro.

A lei de 13 de maio já recebeu as duas benções eternas : a de Deus e a do Povo. O acontecimento foi tão grande e de tal instantaneidade, que ainda ha quem duvide de que elle resultasse da força dos seus factores immediatos.

Viu-se, finalmente, que bastava um punhado de estrellas, apanhado por um governo decidido, no regaço de uma princeza, para aterrar, de todo, o pantano formado em nossa historia pelas enxurradas de trez seculos de cubiça.

Havia setenta annos, que o povo trabalhava para obter o saneamento moral de sua alma e de sua nacionalidade.

Os heróes de 17 haviam atirado lá dentro do lamaçal insondavel, os seus esqueletos ; os primeiros legisladores constitucionaes, o seu arcabouço de constituição ; Pedro I, as clausulas de um tratado; Odorico Mendes e Rebouças, o antigo, as suas reclamações e incriminações de legisladores philosophos ; Souza França, a sua portaria ; Diogo Feijó, a sua energia convertida em lei de 1831 ; Ferreira França, os seus sarcasmos e a sua indignação, seu bill Aberdeen e a sua esquadra; Candido Mendes, o parecer creando o Cruzeiro ; Euzebio de Queiroz, os destroços dos navios piratas e os decretos de deportação dos traficantes; Pedro Pereira e Silveira da Motta, os seus projectos ; Alves Branco, o *Correio Mercantil* ; França e Leite e Bellegarde, o *Philantropo* ; Perdigão Malheiros, o seu livro ; o Imperador, os seus sentimentos e o respeito pelos sabios do mundo ; marquez de S. Vicente, a sua iniciativa temeraria e o prestigio da sua sabedoria; Rio Branco, as gerações nascidas desde 28 de setembro de 1871; Joaquim Serra, a sua verve e os seus conselhos; a *Gazeta de Noticias*,

as suas columnas de aço e crystal; Joaquim Nabuco e os seus poucos companheiros de 1879, o sacrificio das suas posições no parlamento ; o immortal Luiz, a erupção vulcanica da sua alma que desde a mocidade agitava, como um terremoto, a provincia de S. Paulo ; Ferreira de Menezes, a sua penna e o seu coração ; Castro Alves, as suas estrophes diamantinas; José Mariano e João Ramos, a barcaça redemptora ; o Rio Grande do Norte, a cidade de Mossoró ; Ruy Barbosa, a sua cabeça encantada como um palacio de fadas ; Antonio Bento, os seus quilombos e as suas retiradas mais bellas que a dos Dez Mil ; Carlos de Lacerda, a sua coragem, as suas *bastilhas*, os seus combates ensanguentados ; Dantas, o seu governo de martyr, a dôr pelo abandono e pelas deserções dos seus melhores amigos ; José Bonifacio, a sua palavra — nebulosa, fonte perenne de constellações ; Antonio Pinto, o seu sacrificio ; Raymundo de Souza e Miguel Dias, a santa resignação de missionarios ; o mascate italiano, o metro com que ia, através das fazendas, medindo as esperanças do captiveiro; o clero, o sigilo de confissionario ; as creanças e os moços, o amor pelas mães pretas ; a imprensa, as audacias de Ferreira de Araujo, a valentia de Quintino Bocayuva, o lapis formidavel de Angelo, o veneno subtil de Dermeval da Fonseca, a tenacidade de Pamphilo da Santa Cruz, a coherencia heroica de Luiz de Andrade, o prestigio de Luiz de Castro ; a revolta da geração nova, o *Mulato*, a ironia de Arthur Azevedo, os alexandrinos de Luiz Murat, os periodos estrellas de Coelho Netto ; Macedo Soares, Accioli de Brito, Trigo de Loureiro, Monteiro de Azevedo, a honra da magistratura; João Marques, a *Filiação desconhecida*; André Rebonças, o mineiro impeterito, habituado a descobrir o veio de ouro na noite subterranea, essa propaganda de tribuna popular ; João Clappe e o capitão Pereira, essa immortal Confederação Abolicionista, que foi a synthese e a alma de toda a propaganda dos ultimos annos.

E' impossivel resenhar nas estreitas linhas do meu artigo tudo quanto o povo tirou de bem, de generoso e de grande da sua alma, para aterrar o

pantano, desde a circular do padre Miguelinho até ao sagrado arrependimento de Antonio Prado.

O lodaçal continuava.

Quando se conquistava uma das margens, elle vingava-se subindo, estufando-se. Havia nelle alguma coisa do oceano de Edgard Quinet. Ia devorando tudo, a uivar, a uivar sinistramente.

O Imperador teve uma vertigem, sentindo-lhe as ultimas exalações e adoeceu infeccionado por elle.

O mar da lama subiu mais e, revolvendo-se e espumando, tentou manchar tudo quanto era recinto sagrado da Patria.

O colleio de uma de suas ondas chegou mesmo a querer invadir o recinto sagrado, onde se guarda a bandeira dos soldados e dos marinheiros da Patria.

O povo boiava sobre essa devastadora e putrida inundação, agarrado aos seus sentimentos humanitarios, como o naufrago a uma jangada.

O mar de putridão, subindo sempre, chegou a converter o throno em uma ilha; as ondas viscosas tinham já o bramido revolucionario do oceano de Ashaverus:—falta-me sómente a tua pessôa—dizia para elle.

Foi nesse angustioso momento, quando o povo, o naufrago, queria recolher-se todo nessa ilha, que sete homens resolutos começaram de apedrejar o invasor ominoso com as estrellas do manto imperial, cada uma das quaes deprimia o mar sinistro na profundidade de um seculo.

A injustiça, a inveja e a ingratição, como o corvo da arca, pôdem pintar como lhes apruover o grande acontecimento, que nos inscreve na historia da civilisação, como o povo das revoluções incruentas; mas, enquanto houver no Brazil um coração leal, este ha de repetir que os maiores filhos desta terra fôram estes oitos personagens, a Princeza e seus ministros, que resgataram, com uma hora de coragem, todo o negro passado do Imperio.

O delirio festivo do presente não é Tribunal em que essa grande causa pôde ser julgada, mas é com certeza a mais idonea das testemunhas.

O historiador, quando tiver de estudar nas camadas de trabalho em pról dos captivos já fossilizados pelo tempo, ha de encontrar ainda a alma

desta geração debruçada no olhar, surprehendida de que, julgando que sonhava, o maior castigo divino contra o unico dos crimes, havia sido infligido: a allucinação geral de um povo.

Quem vê, á noite, essa população revolteando, em uma acclamação perenne, pelas praças e ruas convertidas em uma photosphera cambiante, pensa que foi, no engano do delirio, transportado para a Roma antiga, e que assiste allí a um dos seus triumphos, mas um triumpho sem vencidos e sem escravos, sem gemidos de victimas e sem esgares de truões, limitado ao esplendor da solemnidade e á grandeza moral e politica da victoria commemorada.

Houve tempo em que eu concluia sempre estas *Semanas* com um appello ou uma ameaça. Doíam-me no coração as chagas da uma raça, chagas que julgava incuraveis sem o ferro em braza da revolução, e era essa grande dôr secular que me punha nos labios o rugido dos leões da caverna biblica.

Hoje termino, soltando de minh'alma a revoada branca das minhas esperanças; quero que ellas saíndo da arca da liberdade, ancorada sobre o monte Ararat da Justiça, vôm por este Brazil inteiro, pousando de casinha em casinha de escravizado de hontem; prendam ao bico um ramo de oliveira e o tragam para depositar nos pés da meiga Senhora, que é a loira mãe da Família Negra.

Michelet váe explicar, com uma palavra, a minha contradição deante da Princeza:

— Eu sinto que tudo purificou-se ao fogo da caridade, que se levanta em labaredas em seu coração.

PROUDHOMME.

(José do Patrocínio.)

Maio, 1888.



## APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

PINHEIRO MACHADO, (José Gomes) celebre amator de brigas de gallos, elevado, por um capricho das transformações sociaes, ás supremacias de Estadista desta idolatrada Republica. Nas luctas politicas, conserva a indole adquirida no seu sport favorito, e eil-o agora em pleno terreiro, apresentando

ao publico, attento e curioso, o campeão de S. Paulo, o valeroso sr. Campos Salles, que se mostra emplumado de novo, e de crista erecta, após temerosas refrégas anteriores. O sr. Pinheiro, que obteve honras de general em campanha que váe sendo, felizmente, pouco a pouco esquecida, affecta, com uns ares boulangescamente marciaes, uma elegancia arrogante de director de circo, e procura ter, na vida politica nacional, a influencia poderosa dum membro da celebre *Tammany*, que tanto peza na escolha dos presidentes da União Americana...

E' effectivamente o homem talhado para concentrar e dominar os mexericos dos nossos abnegados politicos, que decidem da sorte desta adorada Republica, garantindo, tambem, para maior tranquillidade da Patria, a sua sorte, delles. Enquanto hoje prepara o terreno para a victoria do seu gallo favorito, antevê o bravo general o momento em que elle proprio surgirá no terreiro, sufficientemente garantido por uma solida influencia, a disputar o logar mais honroso e lucrativo deste vastissimo gallinheiro, povoado por vinte milhões de mazelladas gallinhas, e onde os srs. Pinheiro Machado e Campos Salles cantam de gallo.

\* \* \*

BOCAYUVA, (Quintino) principe exilado, illustre tradição, patriarcha do tempo, hoje o Grande Esquecido. O seu talento ainda esplende — como a luz dos astros que se apagaram, mas cujas projecções radiosas continúam através do espaço. Veste-se de estatua, a sua vóz é de bronze, o seu gesto de marmore, o seu olhar, fulgurante de consagrações: caminha placidamente para o pedestal... Do fundo das Origens, elle surgiu, propheta, clamando, patriarcha, abençoado. No Sinai, recebeu de Saldanha Marinho as taboas da Nova Lei; no deserto, fez brotar do *Globo* e do *Paiz* a torrente que saciou as intelligencias; Josué rigido, mandou parar o sol imperial.

Os moços sonhadores clamaram um dia: Onde estão os Prophetas, os Paes da Patria, que devem guiar a Juventude Republicana, e defendel-a dos lobos que dominam os cimos? E' o Propheta Bocayuva saíu do seu retiro, e veio governar, a par dos Tetrarchas; mas, o seu espirito delicado conturbouse á vista da féra do Apocalypse—a Administração—; tremeu ante os insondaveis problemas das Conveniencias Politicas, e recuou, desilludido, derrotado, conservando, apenas, bem alta, a sua inegalavel pureza.

Os homens acham que os Apostolos são hoje um estorvo—e os Puros esperam no deserto, até que a Humanidade os vá buscar e os condúza aos pedestaes.

PEDRO INNOCENCIO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO ... .. 20\$000  
 SEMESTRE ... .. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DE MARÇÓ 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALTERIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O sr. ministro do Interior, no relatório que é um attestado de actividade proficua, exprimiu-se com uma franqueza forrada de energia e de justiça, sobre o vergonhoso gráu de rebaixamento da instrucção publica secundaria, fornecida pelas fabricas de aspirantes a bachareis e a doutores, a mais prospera industria do Paiz.

Todos os Estados têm os seus moinhos de exames de preparatorios, nos quaes são laureados os incapazes por mestres, que sabem, ás vezes, menos do que elles, porque as cadeiras do ensino secundario constituem um magnifico meio de recompensar serviços politicos.

Occorre mais a necessidade de aprovar os rudes filhos dos eleitores, moços que, insensíveis ao fogo sagrado da sciencia, apenas são pretendentes aos exames, reduzidos a formalidade muito summaria, depois da invenção dessa miua dos collegios equiparados e das faculdades livres, que estão alastrando como um contagio perigoso, só comparavel á mania dos empréstimos de capital estrangeiro.

Não tarda que todos os Estados tenham faculdades de direito, de engenharia, de medicina, donde surjam, todos os annos, turmas de doutores, que mal saberão ler e escrever correctamente, constituindo uma massa poderosa como a força bruta da ignorancia, diplomada para exercer todos os cargos, na advocacia, na magistratura, na politica, para dirigirem as industrias e as artes, para tratarem da saúde, da vida do proximo, como se a investidura e o anel symbolico affirmassem a presumpção de competencia, sem outras provas de capacidade.

A instrucção secundaria está, como todas as funcções mais importantes da administração publica, entregue á politicagem e têm sido burlados todos os meios de conter os seus perniciosos effectos.

Ninguém desconhece essa pandega dos exames parcellados que se têm arrastado através de prorogações, encontrando sempre o mais benevolo acolhimento no Congresso, pela simples, pela intuitiva razão de terem os representantes da Nação entranhas muito sensíveis, de serem paes, cujos filhos necessitam de exames, de deverem favorecer, por identidade de razão, os filhos dos seus eleitores, dos seus amigos, dos seus compadres, personagens preponderantes nos conchavos da politicagem.

Nenhum mal resulta para o Paiz, para a solidez das suas instituições, nem para a conquista dos seus destinos, dessa instrucção falsificada; antes, pelo contrario: um solido lastro de instrucção é uma carga incompativel com a necessidade de fluctuar, passivamente, na onda revolta da existencia. Além disso, a sciencia infunde o conhecimento proprio, illumina as consciencias, com a rutilante noção do bem e do mal, avigóra os freios cerebraes dos instinctos, cria escrupulos melindrosos, determina uma certa timidez — outros tantos embaraços aos arranjos da vida e ás carreiras liberaes, que a liberdade profissional escancarou aos homens superiores, como aos incapazes.

Os factos mais notorios justificam esse desprezo pela instrucção, provida por um ensino solido, estreme de fraude, um ensino que dignifique e honre discipulos e mestres. Não é preciso saber para subir: o essencial é saber trepar sem escolher escadas. E, desde que um homem se liberta da consciencia da propria incapacidade, pôde attingir as mais altas posições.

E' bem verdade que o saber não occupa lugar; mas é tambem certo que a ignorancia occupa ainda menos, principalmente na bagagem necessaria para perlustrar os tortos, os invios e asperos caminhos da vida pratica.

Um individuo, scientificamente preparado para o commercio, ganhará

menos dinheiro que o commerciante feito a ponta-pés, preparado a cabo de vassoura, porque nos processos da sciencia do primeiro não entraram o furto no pezo e medida, nem a falsificação nos generos, a adulteração das marcas, o baptismo das bebidas e o contrabando, que serão os elementos da fortuna do segundo. A superioridade consistiria em conhecer, o primeiro, as leis mercantis, a respectiva sancção e ser sopitado por certos escrupulos, que o segundo desconhece.

Em outro ramo de actividade humana, um individuo de superioridade mental tem escrupulos de aceitar cargos para os quaes não tenha preparo solido, cargos que um nullo empolgará sem cerimonia, porque elle sómente tem em mira um meio de vida.

Para exercer as mais altas funcções da politica, não se exige competencia; basta que seja disciplinado, que seja malleavel, que obedeça cegamente, inconscientemente, sem restricções e sem grammatica. Saber votar é um dom que o berço deu, e sómente a campa tira. E quem sabe votar pôde ser deputado, senador, tanto mais quanto, nessas corporações, existem sempre uns tantos homens encarregados de querer e pensar pela grande maioria esmagadora, posta na balança dos mais transcendentos problemas sociaes.

Ha poucos dias, escreveu um publicista anonymo, assanhado em torno da successão do honrado sr. Rodrigues Alves, que, para a curúl presidencial, não provaria bem um homem da cultura do sr. Ruy Barbosa. E, para illustrar o seu conceito, aquelle publicista affirmou que as nações não necessitavam de chefes sabios, que vissem dois dedos adiante do nariz. Os patriarchas da civilisação e do progresso dos povos, os fabricantes de nacionalidades fôram, em todos os tempos, uns mediocres arrancados da escuridão pela oportunidade e pelo acaso, que é o eterno eleitor dos per-

sonagens de risco e de marca na historia da humanidade.

Os povos — affirmava o supracitado anonymo, com uma candidez immaculada — não necessitam de oradores, de juristas, de litteratos. Os constructores da grandeza assombrosa da nação norte-americana, fôram um agrimen-sor, como Washington, um carpinteiro como Lincoln, dois sujeitos apanhados á tôa, surgidos do nada. Logo chegariamos a esta conclusão pungente — para ser presidente da Republica, para dirigir o povo brasileiro, não são indispensaveis attributos de capacidade, de preponderancia pela instrucção e pelo saber. Qualquer paizano serve, como dizia o marechal Floriano Peixoto, de uma feita em que se tratava de prover uma cadeira do Supremo Tribunal.

Mas, o exemplo foi muito mal escolhido porque, em qualquer biographia resumida e magra, poder-se-ia verificar que Washington teve solida instrucção para a paz e para a guerra; era um estadista no sentido tecnico do termo. Da mesma fórma, ficar-se-ia sabendo que aquelle carpinteiro, o grande Lincoln, conquistou todas as posições sociaes pela sua palavra, como um dos mais eloquentes oradores do seu tempo.

Desse modo, se falsifica a historia para gaudio da ambição dos incompetentes e para demonstrar que a instrucção secundaria ou superior não é genero de primeira necessidade para a viagem aos fastgios da sociedade.

\* \*

Verberando a decadencia do ensino, o sr. ministro não desceu a indicar as causas do phenomeno, causas providas, em grande parte, da tolerancia, da nullificação de todos os meios de sanção.

Lá mesmo, no seu ministerio, notámos pronunciada amabilidade para com os estudantes, solicitando favores que lhes compensassem os infortunios das bombas, porque seria crueldade prejudicar um bello moço, de distinctissima familia, filho de uma incontestada influencia politica, por causa de rabugices do codigo do ensino, expondo-o ao perigo de não gozar do beneficio dos taes exames parcellados... Um decreto paternal, de

uma doce tolerancia inócua, resolve a dura situação, e o governo ganha a popularidade da mocidade e devotados sustentaculos, prezos pela gratidão.

Esse factó é vulgarissimo e com elle concorre a tolerancia fraudulenta, de que ha, dizem, alguns lamentaveis casos.

Um individuo — *verbi gratia* — se intitula bacharel em sciencias sociaes e juridicas e, com o simples certificado do anel de rubi, pretende um logar na magistratura. Dispõe de boas cunhas, arma-se de uns pistolões decisivos e consegue a nomeação. Verifica-se, depois, que o homensinho não teve paciencia para terminar o curso, não se submetteu inteiramente ao rapido processo de electricidade.

Os nossos leitores pensarão que o governo, verificado o embuste, arrancou a tóga ao juiz de fancaria e mandou applicar-lhe, severamente, a sanção penal. Não, senhores; o governo, reconhecendo a fraude, mandou que o homem fôsse sorrateiramente, clandestinamente, fazer o seu curso; deu-lhe uma licença com todos os vencimentos para tratar da sua saúde mental. O homem voltou doutor com todos os sacramentos e continuou a exercer, nobremente, dignamente, o seu cargo, sem abater a moralidade da administração, nem diminuir o prestigio da justiça.

Se o governo assim procedeu, correu para demonstrar que a instrucção technica, a instrucção exigida por lei, não é genero de primeira necessidade para as funcções publicas.

\* \*

Em todo o caso, é de justiça affirmar que o relatorio do sr. Seabra é um documento da sua capacidade, do seu esforço, revelando um entranhado amor ao serviço da Patria.

POJUCAN.

### O COLLECCIONADOR

Tinha elle umas manias muito curiosas. Era um excentrico, um exquisitão. Vestia-se invariavelmente de preto; mas do seu fato a peça mais notavel era o chapéo. Usava-o de palha do Chile, e tinha-lhe tal apêgo, que o não largava nunca.

Fôsse inverno ou verão, subisse o thermometro a 42º ao sol ou ficasse em 5º, era o mesmo; ninguém lhe via outro chapéo.

Já fazia parte da sua physionomia. Não se podia mais pensar no homem, sem lembrar immediatamente aquelle apendice de abas largas e brancas.

Um exquisitão, o major Rogerio. Depois de se ter occupado com muitas coisas durante a sua vida de 50 annos, tendo-lhe abortado todas as profissões, vivia ultimamente das rendas de uma herança que lhe deixára uma velha tia, muito admiradora da sua sciencia.

— Ninguém, — dizia a convencida senhora, — ninguém sabe historia como o Rogerio, meu sobrinho!

Effectivamente, elle lhe contava muita coisa, a historia da revolução franceza, que aprendera num romance de A. Dumas, *As memorias de um medico*, e outras historias que a simples senhora tomava como a Historia e concluia que ninguém sabia tanto quanto elle, e deixou-lhe, por isto, um bom quinhão em testamento.

Tranquillo pelo dia de amanhã, deu-se a colleccionador, mas um colleccionador original. Reunia todas as cartas de enterro que encontrava; dava-lhes busca por toda a parte; fazia disto a sua mania, a sua paixão dominadora.

Vivia á cata desse papel tarjado e lugubre; lia as gazetas, não para saber de politica, de commercio, disso que interessa a toda a gente, mas para informar-se de enterros, que lhe podiam dar bons exemplares á sua collecção. Logo que as apanhava, vinha todo contente, todo nervoso, collar nos seus albuns a preciosa curiosidade.

Conseguiu, desta sorte, uma collecção completa e magnifica, segundo elle. Possuia cartas de todas as fórmas, de todas as epochas, para todas as classes.

Umás em delicioso velino, com anjos chorosos e salgueiros em relevo, bella cruz sobre um monumento, em cuja face as phrases luctuosas se enquadravam, simetricas, numa grande dôr elegante e de effeito. Outras havia em papel margeado de gravuras de uma tristeza feróz e convencional. Via-se a morte em fraldas de camisa, com as pernas em osso, empunhando um alfange immenso e ameaçador, já gasto de cortar pescoço de christãos. Adeante, uma sepultura entreaberta, uns ramos de cypreste, em fórma de illuminura, em torno da pagina, e por sobre ella, num vôo elegiaco e sepulchral, um anjo levando pelo braço o morto, enrolado em longo sudario branco. Ao centro da pagina, estava o convite, em tom plangente, numa desolação profunda, feita de antemão no livreiro.

E outras havia menos luxuosas, menos brilhantes, e todas colleccionadas com mimo, com methodo de amator apaixonado, empregando nisto a maior parte do seu tempo, dos seus cuidados e dos seus rendimentos.

Gostava muito de exhibir o seu thesouro aos olhos curiosos dos raros amigos que lhe appareciam em casa, donde já fugiam, com medo da caceação e da invencivel tristeza que os invadia, deante daquella lugubre accumulção de documentos mortuarios.

Quando apanhava de geito algum desgraçado, então se enthusiasmava e, com a palavra rapida e calida, o olho brilhante e o gesto convencido, ia fazendo o commentario pittoresco a cada uma daquellas folhas luctuosas.

— Esta, por exemplo, — dizia elle, com amor, pegando o canto da folha, — encontrei-a em numa mercearia, entre muitos papeis sem prestimo...

Tudo o que não era carta de enterro, era para elle papel sem prestimo, farandulagens...

— ... Deu-m'a omercieiro, sem saber que thesouro me punha nas mãos, o toleirão!

E ria superiormente.

— Um thesouro, sim senhor. Advinhe agóra de quem se trata...

E o outro, atarantado, sem comprehender, um tão grande enthusiasmo.

— Eu sei cá, meu amigo. Não posso advinhar.

— Ande, faça sempre um esforço.

E o outro, timidamente, com receio de um disparate, de uma data demasiadamente recente:

— De Pedro Alvares Cabral...

— Oh! oh! Este não nos morreu por cá. Estaria aqui si assim não fôsse; não é desse. Mas é do visconde de Cayrú, morto em 1835. Cincoenta e tantos annos tem esta! Assombroso, meu amigo!

E com o gesto, parecia querer incutir assombro no infeliz.

E proseguia:

— Aqui está Fulano, morto em 58; Cicrano, em 60; Beltrano, em tantos...

E as folhas passavam, sob os seus dedos, uma após outra, no tom luctuoso de azas tristes que se debatem.

De repente:

— Conheceu João Caetano? Lembra-se delle? daquelle celebre actor que tantas lagrimas fez derramar ao publico do Rio de Janeiro? aquella alma de artista superior, que melhor que ninguem sabia commover as plattéas doidas de enthusiasmo, a bater as palmas com os olhos razos de lagrimas? O João Caetano, homem?

— ?

— Não sabe, oh! meu desgraçado amigo! Pois aqui tem a carta do seu enterro: 1863.

Ia assim até á ultima folha, na sua exhibição apaixonada: um maniaco

perfeito. Ninguem lhe conhecia outra paixão.

Quando moço, andou envolvido numa intriga amorosa, na qual, contudo, era innocente, rendendo-lhe o qui-pró-quó uma fractura na perna que o obrigava a claudicar.

Era muito cheio de habitos, muito rotineiro. Tinha o costume de ir, todas as tardes, com seu chapéo do Chile e sua perna quebrada, até beira-mar, onde se demorava, distraído, pensativo, a cuidar na grande mèsse de cartas de enterro que fazia, si Deus, na sua infinita bondade, fizésse desabar sobre aquella cidade ruidosa, uma grande epidemia, como a febre de Athenas ou a peste negra.

— Que magnificos achados! que bella saíria a colleccção. Toda essa gente importante, alli! Toda! Deodoro, Ruy, Mayrink, todos alli, entre tarjas negras, collados nos albuus, a fazer inveja a todos os colleccionadores do mundo!

E a cabeça lhe andava á roda com a vertigem. Via deante dos olhos uma mortandade espantosa, as ruas juncadas de victimas, abatidas aos golpes do flagello; a cidade se derretendo em cartas de enterro, que se abatiam sobre elle, numa chuva prodigiosa, bellas, sonoras, admiraveis, no seu ciciar de azas que se agitam. Como se achava insufficiente para tudo aquillo! Entretanto, era preciso apauhal-as todas, aquellas bellas cartas, para que ninguem as possuísse; e só elle, e só elle!...

E abria os braços, dilatava as mãos, de olhos accesos, a mover-se nervosamente, como quem apanha muitas coisas a um tempo, a girar febril, louco, claudicando, numa excitação de avarento superexcitado.

Quando voltava a si, surprehendia-se a fazer uns largos gestos desencontrados. Então, ficava triste, com raiva de si proprio, de se deixar absorver assim, por uma idéa louca, absurda. E olhava para os lados, afim de ver si alguem o tinha surprehendido.

E lá ia, beira-mar a fóra, arrastando a perna, desconfiado, até longe, donde parecia uma nodoa preta com um ponto branco, que era o chapéo.

Parava distraído, absorto outra vez. Era victima dessas absorpções. Uma idéa apanhava-o e arrastava-o como um turbilhão, desacordado. Parava e punha-se a rabiscar na areia da margem, uns arabescos muito entrelaçados, muito rendilhados, quasi iniutelligiveis, através dos quaes, attendendo-se bem, viam-se as fórmulas vagas de uma lettra, a inicial,—de certo, de um nome que lhe era querido e lhe estava n'alma, como o veio de ouro na rocha.

A vaga, ás vezes, vinha-lhe apagar os arabescos, que elle restabelecia uma e muitas vezes, em lucta com a

vaga teimosa, até que a noite caía, e elle se ia para casa, ainda numa forte teimosia, a esboçar no espaço, com a ponta da sua canna, a lettra mysteriosa e amada.

Era a inicial do nome da sua filha, essa lettra, da sua filha, a unica creatura que seria capaz de fazel-o pôr fogo á sua colleccção.

Uma bella rapariga de vinte annos, de dentes muito claros, muito parecida com a mãe, que fôra uma das mais formosas mulheres do Rio de Janeiro.

O velho tinha-lhe uma afeição de rara intensidade. Tudo na natureza desse homem excedia a linha média, assumindo as proporções da mania. Pois o amor da filha era uma mania, e mania mais intensa que todas as outras...

Começou a definhar a pobre moça. Logo que o velho se aperceben, não lhe saiu mais de ao pé. Noite e dia, á beira della, com os cuidados meticulosos de uma mãe. A molestia foi longa. O velho vivia estarecido. A filha pedia-lhe que repousasse; affirmava que não precisava da sua presença durante as noites; que estava melhorada. Ficava muito quieta, fingindo-se adormecida, para que elle repousasse. Mas o pobre homem, com o ollhar de cão leal que espreita a vontade do dono, ficava numa cadeira, sentado, têsso, luctando com o somno; ou então fazia uma retirada falsa, para não affligir a filha, e ia occultar-se ao pé da porta, attento ao minimo ruido, com os olhos cheios d'agua.

E assim se passavam as noites, e assim se succediam os dias até que a hora fual sôou para a bella rapariga. Rogerio, contra toda a expectativa, recebeu o golpe com uma resignação estoica. Deu ordens, providenciou para o enterro, com uma serenidade, com uma fortaleza de animo que surprehendia. Encommendou um bello caixãozinho côr de lyrio, onde a pobresinha devia dormir o ultimo somno, sem fim, da materia, emquanto o seu puro espirito, d'azas diaphanas, voaria para além, no seio do desconhecido.

Tudo muito serenamente.

Trouxeram-lhe o caixãozinho, todo bordado de galões d'oiro, muito chic, muito elegante. Elle teve coragem de collocar nelle a filha, com uma grande tristeza, mas sem lagrimas, resignado.

Depois, voltou-se, com uma lagrima a tremer no canto do olho, e um nó muito apertado na garganta. Viu um masso de cartas que estavam sobre a mesa, e a febre do colleccionador accendeu-se. Atirou-se sobre ellas, alucinado, esquecido da scena dolorosa que o cercava, com uma idéa que o dominava, intensa, viva, faiscante, absorvente: a de enriquecer os seus

albuns com aquellas preciosidades que alli estavam. Tomou, com mão tremula, o masso luctuoso; lançou avido olhar sobre elle, e topando com aquelle nome amado que tantas vezes esboçára com a ponta da bengala, disputando-o á vaga teimosa, soltou um grito de horror, correu ao gabinete, tomou, numa braçada immensa, as suas collecções: atirou com ellas pela janella fóra, num impeto louco, e veio caír, soluçando, como um desesperado, sobre o corpo regelado da filha.

Ficou curado. Nunca mais o viram ás voltas com as taes cartas; em compensação, continuou com os seus passeios á beira mar, numa grande tristeza nostalgica, arrastando a perna, e a escrever na areia aquella mesma inicial, enquanto o vento lhe arrebitava as abas do chapéo do Chile.

VIRGILIO BRIGIDO.

## HISTORIA DAS TERRAS BRAZILEIRAS

As terras têm a sua historia, que fórma um interessante capitulo da historia da propria Terra. A sciencia já conseguiu penetrar pelo passado do nosso planeta, reconstituindo os aspectos principaes na sua evolução; e não se póde comprehender a historia de um territorio em particular, sem ter, em mente, as linhas geraes da transformação total do globo terrestre.

Ao destacar-se do Sol, era a Terra uma dilatada massa de gases superaquecidos; mas esse calor que a abraçava, perdia-se (e perde-se) continuamente; e, resfriando-se, o planeta condensava-se progressivamente. Os corpos menos volateis se liquefizeram, e formou-se um immenso nucleo de materias em fusão, ainda ardentissimas, igneas. Continúa o resfriamento; as camadas superiores, as mais leves nesse nucleo em ignição, arrefecem mais depressa, crystallisam, e apparece, á face do globo liquido, uma crôsta solida, constituida pelos granitos, porphiros, etc, que representam os primeiros materiaes de fórma definida no nosso mundo.

A Terra, com a sua crôsta solida, crystallina, está envolvida por uma atmosphera muito mais dilatada e rica do que a actual, atmosphera onde predominam os elementos cuja combinação produz a agua. Essa crôsta, isolando a atmosphera dos terriveis ardores do nucleo igneo, permite que se combinem as massas de hydrogenio e oxygenio; condensam-se os vapores aquosos formados, e cáem, sobre a superficie solida do

planeta, ás aguas abundantissimas que enchem os oceanos actuaes. Mercê da elevada temperatura e das extraordinarias energias climicas peculiaveis áquellas condições, esse liquido ataca fortemente a crôsta solida, corroendo-a, dissolvendo-a; e, dos materiaes dissolvidos e trabalhados, uns permanecem em dissolução na massa liquida, outros se depositam sobre o fundo do oceano primitivo. A temperatura dessa crôsta crystallina é ainda elevadissima; milhares, milhões de vezes, as torrentes liquidas se evaporam, para caír, em turbilhão, sobre a superficie aquecida do sólo primitivo, deixando ali as materias solidas, as substancias que estavam dissolvidas no seu seio. Estes depositos soffrem a acção do calor visinho — do nucleo em fusão, e passam por uma *metamorphose*, propria a taes condições: uma fusão lenta e crystallisação immediata. Sobre a primeira camada solida, essencialmente crystallina, se fórma, deste modo, uma segunda, proveniente de depositos, mas tambem crystallina — são os chamados *terrenos metamorphiticos*, dos quaes o typo é esse gneiss granitoite, tão commum nas montanhas do Rio de Janeiro, e a que, erradamente, dão o nome de granito.

Esses primeiros terrenos recebem em geologia a denominação de *primitivos*, *archeanos*, ou *azoicos*, porque, durante a sua formação, não havia seres vivos sobre a Terra, ou, pelo menos, não se encontram vestigios no seio das rochas metamorphiticas. Resfriando-se assim, continuou a Terra a condensar-se, a retrair-se e a diminuir de volume; mas já a crôsta solida está constituida e não póde contrair-se, para acompanhar o grande nucleo central, na sua diminuição volumetrica. Formam-se rugas e dobras — saliencias e depressões, como succede numa laranja que murcha; e algumas destas saliencias emergem do oceano geral, primitivo. São essas as primeiras terras livres do planeta, as primeiras cordilheiras — os nucleos dos primeiros continentes. Então, já brotou a vida no seio das aguas — seres rudimentares; ha terras e mares; a acção das torrentes sobre as terras emersas, váe desaggregando-as, corroendo-as, debastando-as, arazando-as, e, á custa destas erosões e desaggregações, formam-se novos depositos sedimentarios, no fundo dos mares e nas partes declives. Estes terrenos — os *horisontes* geologicos que apparecem logo acima dos terrenos primitivos — são chamados *terrenos primarios* ou *paleozoicos*, porque ali se encontram os restos fosseis dos seres vivos mais antigos (1). Os terrenos primarios comprehendem uma larga série de depositos, formando varios systemas, e abrangendo um pe-

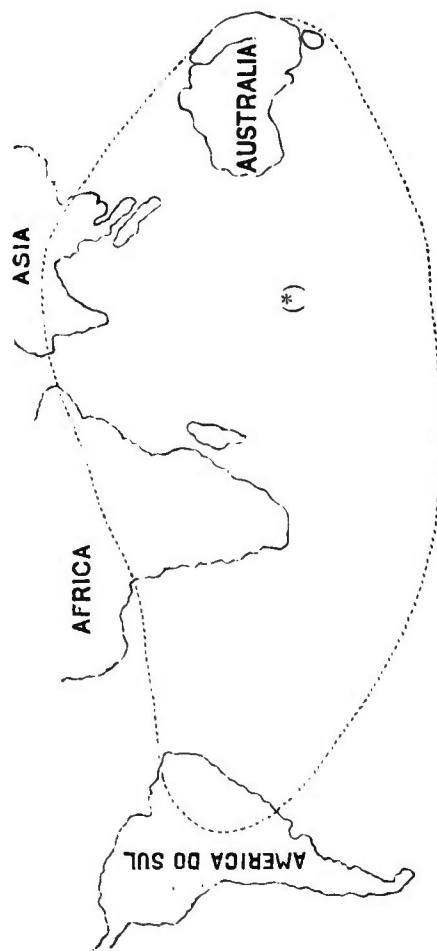
riodo geologico estensissimo. Pelos mesmos processos se constituem, sobre os terrenos primarios, novas camadas sedimentarias, novas séries de terrenos, que são classificados como — *secundarios* ou *mezozvicos*. Sobre os systemas secundarios, se mostram os *terrenos terciarios* ou *néozoicos*, e, finalmente, como formações mais novas — os *terrenos quaternarios*, distribuidos em duas séries: o *pleistocenio*, logo acima das ultimas estratificações terciarias; e as alluviões modernas, cuja formação continúa ainda em nossos dias.

Durante esse longo tempo, o aspecto, os perfis e as altitudes das massas continentaes do globo modificaram-se profundamente, e de um modo continuo. Com o resfriamento progressivo, novas rugas se formaram — continentes e cordilheiras que emergiam, oceanos que se cavavam; massiços, planaltos que se levantavam, acompanhando o rebaixamento continuo de outras zonas, e regiões. Por vezes, este enrugamento era tão violento que a crôsta solida se dilacerava, formavam-se fendas, por onde irrompiam as substancias liquidas, candentes, do nucleo igneo; si as aguas mariuhas por ali se insinuam, formam-se vulcões, cujas crises vêem trazer novas modificações ao perfil e á altitude das terras.

O conhecimento destes factos permite determinar a idade, ou epocha, da formação dos continentes e de elevação das cadeias de montanhas — pela disposição e successão dos diversos terrenos e estratificações, e pela natureza dos restos fosseis que nellas se contém. Sabe-se hoje, bem approximadamente, a epocha em que se ergueram os Pyrineos, os Alpes, os Vosges... Os Andes não estão ainda perfeitamente estudados, mas, não ha duvida que as estiradas linhas das cordilheiras andinas se levantaram nos fins do periodo secundario para o terciario. Taes levantamentos não se fizeram num dia; representam a obra continua de muitos milhares de annos; são movimentos cuja lentidão está em relação com a portentosa massa de materia em acção; e, nesses movimentos, a elevação, accentuada por um lado, era sempre compensada pela depressão e pelo rebaixamento do outro. Ainda hoje, se notam desses realçamentos e recalçamentos compensadores. Quando nucleos de terras novas emergiam e um grande continente se agremiava, outro, ou outros continentes se rompiam, e velhas terras livres se afundavam.

O perfil dos continentes variava continuamente. Grande numero dos trechos de terras altas, hoje aggregados, formando os continentes actuaes, estiveram separados noutras éras, fazendo parte de continentes que des-

appareceram. Tal succede com um grande trecho do territorio brasileiro. As terras altas, o massiço montanhoso do centro-léste-sul do Paiz, representa os restos de um grande continente que se levantou do fundo das aguas no correr do periodo primario, continente que é um dos primeiros ou dos mais antigos, e do qual só restam quatro ou cinco retalhos, correspondendo justamente aos seus extremos. Dentro do continente americano, dentro mesmo da Sul-America, o planalto sul-oriental do Brazil tem a sua origem distincta. Na epocha geologica correspondente á formação dos terrenos *carboníferos*, já o grande massiço brasileiro havia surgido ao Sol, e constituia o extremo occidental de uma estrada terra que se estendia, de um modo mais ou menos continuo, até á India e á Australia, comprehendendo



(\*) Continente desaparecido, de que restam vestígios apenas

o sul da Africa e Madagascar. Nesse tempo, as massas dos continentes se desenhavam, não no sentido de N. S., mas no sentido de L. O. Nesse tempo, ainda o grande oceano de oeste (Pacífico) revolvía as suas vagas por sobre todas essas regiões — amazonica, andina e platina. Em compensação, não existia o Atlantico; o que havia de terras emersas na America do Sul estava completamente separado das terras da Norte America (2), que, por sua vez, se unia, de um modo continuo ou contiguo, ás terras da Europa. Só posteriormente, é que se ergueram os Andes, que foram acompanhados de uma elevação progressiva dos fundos dos mares amazonicos e platinos. Esse movimento é seguido de uma depres-

são a L.; afunda-se o grande continente Indo-austral-africano. Cava-se o Atlantico meridional, levanta-se o isthmo do Panamá (já nos fins dos tempos terciarios), e, finalmente, a depressão atlantica estende-se até ao norte, isolando a America.

A prova de tudo isto, nós a temos na natureza, na distribuição e na successão dos terrenos, comparados uns com os outros; esta prova está principalmente na identidade dos fosséis encontrados nos horisontes geologicos correspondentes, de cada uma dessas terras citadas, e mesmo na distribuição de algumas das especies vivas. Occupemo-nos apenas dos mamíferos, animaes cujos caracteres são mais faceis de apreciar. A fauna da America do Sul (principalmente os mamíferos do Brazil) é característica, e os seus typos, verdadeiramente notaveis, são peculiares a este pedaço de mundo. Este caracter especial explica-se pela historia geologica do continente sul-americano.

A classe dos mamíferos encerra os typos de vertebrados mais perfectos e adeantados do reino animal — os mamíferos superiores. Ao lado desse grupo, porém, encontram-se quatro outras classes de vertebrados — aves, reptis, batrachios (amphibios), e peixes, que representam typos cada vez menos aperfeiçoados. Esses typos menos aperfeiçoados são necessariamente os mais antigos — é o que nos indicam *a priori* as leis da evolução, e é o que nos demonstra provadamente a paleontologia. Effectivamente, os primeiros vertebrados apparecidos sobre o planeta foram os peixes, cujos vestígios fosséis já se encontram nos terrenos silurianos (primarios). São, esses peixes primitivos, animaes de aspecto estranho aos nossos olhos, e votados exclusivamente á vida aquatica: só pôdem respirar n'agua. Nos horisontes geologicos immediatamente superiores — no devoniano — já apparecem typos de peixes (Dipneustas), cuja bexiga natatoria se adapta á função de respirar o oxygenio do ar livre, e pôdem, assim, viver sobre a terra enxuta. São os typos de transição para os batrachios ou amphibios, que surgem com os Branchiosauros — os mais rudimentares dos vertebrados terrestres — no carbonifero.

Esses batrachios primitivos já dão o typo geral dos vertebrados superiores — quatro membros locomotores, terminados por cinco dedos, columna vertebral comprehendendo quatro regiões: a cervical, dorsal, lombar e caudal, circulação dupla. Assim como dos peixes saíram os amphibios, assim dos amphibios saíram os reptis, e, de uma forma intermedia, os mamíferos. E' no começo do pêmneo que apparecem os primeiros reptis — Coelosauros — fórmulas de organização

muito inferior, mas que se distinguem absolutamente dos batrachios, por terem um só condylo ou uma só superficie de articulação do craneo com a columna vertebral. Dentre em pouco, dominam todo o planeta — terras e mares. São animaes de fórmulas varias, estranhas, gigantescas; attingem a 20 metros de comprimento, e mais. Uns ageis, flexiveis e fortes, dominam as aguas: são mixtos de peixes, serpentes e lagartos — Ichtyosauros, Pithonormorphos, Mesosauros, Plesiosauros, etc. Outros avultam, pezados como pachidermes, sobre a terra firme — Ceratopsianos (reptis de cornos), Brontosauros, Stegosauros, etc; outros são gigantescas tartarugas, lagartos informes — Dinosaurios enormes, Ornithosauros cortando os ares como morcegos gigantescos...

O periodo secundario é a idade de ouro dos grandes reptis. Estavam elles ainda em plena pujança, quando, de uma das suas *ordens*, dos mais inferiores, que mal se distinguem dos batrachios — os Theromorphos, saíram os Pantotherianos, os mais antigos mamíferos, cujos restos (dentes) se encontram nas camadas superiores dos terrenos Triasicos, sendo o *Dromatherium* o mais antigo até hoje conhecido (3). Apparece, pouco depois, um outro grupo de mamíferos — allotherianos, que se encontram tanto na Europa como na America do Sul, separada então do mundo austral. Esses mamíferos primitivos, que não se pôde affirmar hajam sido, ou não, marsupiaes, persistem mofoamente, acanhadamente, por todo o periodo secundario, em cujos fins surgem os Metatherianos (didelphos marsupiaes) e, logo depois, no começo do terciario, aos Eutherianos, ou placentarios. Os marsupiaes são fórmulas mais atrasadas, um tanto anteriores, e pretendem alguns paleontologistas que delles derivem os placentarios. Outros consideram os marsupiaes um ramo distincto, se bem que atrasado, e têm os placentarios como provindo directamente dos Pantotherianos primitivos.

Como os reptis haviam conquistado e dominado a Terra no secundario, assim os mamíferos a avassallam no terciario. Desenvolve-se-lhes o cerebro, aperfeiçoa-se e activa-se-lhes a circulação, dilata-se a intelligencia, que se váe oppondo á força e á robustez estúpida dos grandes sauros, e os váe vencendo e eliminando.

Posteriormente ao apparecimento dos primeiros mamíferos — no fim do jurassico, destaca-se um grupo de reptis — os Ornithosauros, e dahi derivam os primeiros passaros, — os *Saururae*, ainda reptilifórmes. As fórmulas superiores — os *Casuinatae*, só apparecem nos fins do secundario.

Esta foi a marcha geral na evolução

dos mamíferos—as fôrmas que primeiro apparecem são sempre as mais atrasadas, que se vão extinguindo, substituídas por typos, especies e generos e familias, mais adeantadas. Ha grupos inteiros, ordens e familias de placentarios (que são os mais elevados dos mamíferos) que têm desaparecido, vencidos, substituídos por typos superiores; tal succedeu aos Creodontes, Tillodontes, Xenarthros, Nomartiros, Macrauchenios, Prototherios, Titanotherios, Pantolestianos, Condylarthros, Antheracothierios, Anaplothierios, Toxodontes. Mas esta marcha, estes desaparecimentos, não têm coincido exactamente em todos os continentes separados. Nos pequenos continentes isolados, a evolução se retardou, geralmente, porque a lucta pela vida é, ahí, muito menos violenta. Na classe geral dos mamíferos, os marsupiaes são mais atrasados que os placentarios; na Europa, elles desaparecem desde os meados do terciario. Dentre os placentarios, os mais atrasados são os desdentados, seguindo-se-lhes os roedores, que são, por sua vez, grupos de placentarios dos primeiros apparecidos. No Velho Mundo, os desdentados extinguiram-se antes dos fins do terciario. Enquanto isto, noutros continentes, eram estes os grupos mais adeantados e dominantes, adquirindo um desenvolvimento notabilissimo. Tal succedeu na Australia e na America do Sul. Mas o facto tem uma explicação naturalissima.

Enquanto permaneceram reunidas, num só continente, todas as terras austraes, multiplas e variadas se apresentavam as condições de vida, communs e frequentes as migrações de animaes terrestres, produzindo, deste modo, uma evolução mais rapida. Isto foi assim até os fins do periodo secundario, quando já haviam surgido os mamíferos didelphos-marsupiaes. Nessa epocha, submergiu-se uma vasta extensão do grande continente austral, para dar logar ao oceano indico, e o que restou emerso, dividiu-se em trez continentes: a Australia, absolutamente afastada, isolada; a Africa austral e o massiço oriental-sul do Brazil, formando uma grande terra, mas também isolada; e a India, que não tardou a reunir-se ao continente septentrional, pois nesse tempo já se levantava, do fundo do mar uraliano, a formidavel cordilheira do Himalaya.

Ao apartar-se a Australia, os mais elevados dos mamíferos no mundo austral eram os marsupiaes, e agóra, isolados, ao abrigo de qualquer concurrencia com as fôrmas superiores que noutras partes vêem surgindo, na permanencia de um clima igual e uma natureza uniforme, esses marsupiaes se perpetuam, desenvolvem-se, florecem, pois que são os senhores. Ao passo que, nas terras septentrionaes,

pelo apparecimento de fôrmas adeantadas—os placentarios, são vencidos os didelphos e condemnados logo á extincção, na Australia, o isolamento os conserva vivos—fosseis vivos. No tracto de terras brazileiras-africanas, as condições de vida são infinitamente mais diversas; a evolução da sua fauna é mais accentuada, não tanto como nas terras do norte, onde as superficies emersas (no correr do eocenio) comprehendem quasi todo o hemispherio. No Brazil-Africa, os mamíferos continúam a progredir, surgem fôrmas relativamente aperfeiçoadas—apparecem os placentarios. Mas, naturalmente, esses primeiros apparecidos são dos mais imperfeitos e atrasados—são os Desdentados, os Roedores, os Toxodontes, os Typotherios, os Prototherios, Macrauchenios... Rompe-se a ligação com o sul da Africa, cava-se o Atlantico meridional, isola-se completamente a America-sul-oriental. Na Africa, hoje reunida ás terras septentrionaes, essas fôrmas inferiores são promptamente vencidas, substituídas por outras mais vigorosas, de corpo mais harmonico e perfeito, e intelligencia mais dilatada. E' por acaso que no sul d' Africa subsistem uma ou duas especies de Desdentados. Na Sul-America, afastadas, abrigadas no seu clima tepido, favorecidas pela feracidade da natureza, em companhia dos didelphos marsupiaes, sobre os quaes ellas pouco se elevam, estas fôrmas de placentarios inferiores estão garantidas; multiplicam-se, crescem de vulto, dominam. Dos meados do eocenio até o pliocenio, a America do Sul, qual uma grande ilha, possuía uma fauna opulentissima de mamíferos, riquissima em numero, monstruosa em dimensões; mas são todos typos inferiores—desdentados gigantes: Gliptodontes, Miodontes, Megatherios; herbivoros pezadissimos, rudemente inferiores, *Toxodons*, *Pachyrucos*; especies de elephantes inferiores, rudemente atrasados—os Macrauchenios e Titanotherios; roedores gigantes, attingindo as proporções de um rhinocronte—o *Megamys*...

E é só. Não se vêem, na America do Sul, outros mamíferos, até que, nos fins do terciario,—começo do quaternario, vem a lume o isthmo do Panamá, e, por ahí, invade o continente sul uma multidão de fôrmas e typos superiores, porque, é bem de notar, enquanto a America do Sul, isolada, conservava as especies inferiores, a America do Norte produzia muitas das fôrmas e dos grupos mais elevados entre os mamíferos. Allí se acha a patria do cavallo, do elephante, e de muitos dos carnivoros e ruminantes. Com o isthmo, ha uma dupla corrente migratoria de mamíferos no continente americano: typos atrasados—

Desdentados e Didelphos, que se espalharam pelas terras do norte; fôrmas superiores—elephantes, cavallos, veados, camellideos, felinos, viverridos, suinos, caninos, ursideos, etc., que se derramam pelos campos e selvas da Sul-America. Ao norte, são vencidos e extinctos todos esses typos immigrantes, inferiores; ao sul, todos os grandes typos autochtones, inferiores, são batidos e eliminados, mas persistem as fôrmas reduzidas—os pequenos didelphos e desdentados; ao passo que, das especies superiores, vindas do norte, muitas são vencidas na lucta, na concurrencia com as fôrmas precedentes, e assim se extinguem—cavallos, elephantes, camellideos, varias especies de ruminantes e carnivoros entrados.

Quanto aos macacos do Brazil, absolutamente distinctos dos do Velho-Mundo—qual a sua origem? Pela sua organização geral, estes nossos simios são sensivelmente inferiores aos outros, e, por consequente, muito mais proximos dos *Prosimios* e *Lemures*, donde provieram os macacos, *Prosimios* que, vivos, só existem em Madagascar (ilha isolada), e que, na Europa, são fosseis dos fins do eocenio. Tudo leva a crer que os nossos macacos são autochtones. Certamente, o grupo dos simios se differenciou e se destacou no continente Brazil-africano, pouco tempo antes de cavar-se o Atlantico, que separou as duas terras. Quando isto se deu, já Madagascar se afastára, isolando e salvando consigo os *Prosimios*, que, vencidos, se extinguem por todo o resto do mundo. O Brazil, também afastando-se, isola, por sua vez, e guarda, e salva estas fôrmas simianas inferiores—macacos de garras, de 36 dentes, de septó nasal bestial, espesso.

\* \* \*

Assim se tem a explicação do caracter que, actualmente, apresenta a fauna sul-americana, e de alguns dos aspectos mais curiosos da geographia zoologica. Por exemplo: da razão porque, actualmente, só existem marsupiaes na Australia e no Brazil, e porque só existem desdentados no Brazil e no Sul da Africa; e ainda dos motivos que fazem tão differentes os macacos americanos dos do Velho Mundo, ao passo que tanto se assemelham aos *Lemures* de Madagascar e aos *Didelphos-marsupiaes* do Brazil. E' que, afastando-se, insulando-se nesses retalhos de continentes, taes animaes fossilisaram-se em vida. Do Brazil, da Australia e de Madagascar, se póde dizer: que são paizes de fosseis vivos... Será, talvez, que as terras têm os seus fados; mas, á intelligencia e ao esforço humanos, cabe dominar os máus fados, e trazer todos os continen-



tes para as primeiras linhas do progresso e da evolução.

MANOEL BOMFIM.

Director do Pedagogium.

(1) Muitos geólogos de merito tem sustentado que já se encontram restos de seres vivos nos terrenos primitivos.

(2) «No periodo carbonifero encontra-se, pois, entre as duas Americas, este mesmo mar moscoviano e uraliano que separava a Europa do continente indo-africano... Descobertas feitas no Brazil — fosseis de *Glossopteris* nos terrenos devoneanos — permitem englobar, pelo menos, a extremidade oriental da America do Sul no continente australo-africano do fim dos tempos carboniferos... E' rasoavel admittir que toda a Africa austral, o Hindustão e a Australia formavam, na epocha permiana, uma grande massa continental, interiormente retalhada pela abertura da depressão — oceano indico. Dá-se ainda que esta massa de terras não acabava bruscamente sobre o bordo do Atlantico actual; descobertas recentemente assignaladas (Steinmann, *American Naturalist*, ont. 1891) levam a acreditar que o continente australo-africano se estendia até La Plata. Esta terra permiana abraçava, pois, pelo menos, duzentos e vinte grãos de longitude e sessenta grãos de latitude. Si a parte meridional do Brazil pertencia ao continente australo-africano, o mesmo não succedia com a bacia do Amazonas... Até os ultimos tempos do jurassico, nenhuma alteração sensivel se tinha dado na unidade dessa grande terra, que vimos constituir-se, desde os tempos carboniferos, desde os limites orientaes do Brazil até o Pacifico. (*Lapparent — Traité de Geologie*, pags. 810-905-987.)

«Periodo terciario — A fauna da America do Sul é bem mais differente das da Europa e America do Norte, do que estas duas ultimas não o são entre si. Um largo mar devia separar, até o pliocenio, o continente Sul do Norte... A frequencia de marsupiaes na Australia e na America do Sul, torna verosimil a hypothese da união dos dois continentes austraes até o começo do terciario» (F. Bernard, *Paleontologie* — pag. 1045).

(3) Os mamíferos apresentam dois condylos articulares no craneo, ao passo que os reptis só apresentam um. Isto faz crer que os mamíferos se filiam directamente aos amphibios (Huxley), que têm dois condylos. Deve-se notar que entre os Theramorphos ha grupos que possuem dois condylos — Placodius.

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO

PEÇA EM 3 ACTOS

A Arthur Azevedo

SEGUNDO ACTO

SCENA IV

CAMILLA E ESTELLA

Entram pela esquerda — Camilla á frente mal humorada; Estella, brincando com uma flor.

CAMILLA, voltando-se de repente:

E devolveste?

ESTELLA

Sem duvida. Um homem que veste uma mulher, tem o direito de despil-a.

CAMILLA

E te sentes bem nesses molambos... Preferes andrajos sobre o orgulho...?

ESTELLA

A sedas sobre a deshonra... prefiro!

CAMILLA

E's muito ingenna.

ESTELLA

Sou pura.

CAMILLA

Pois en é que não devolvo.

ESTELLA

Ah!... a senhora...

CAMILLA

Sim, comprehendo: já não estou em condições de ser suspeitada — os meus cabellos brancos são como a bandeira das ambulancias. Mas onve, senta-te e onve-me com calma. (*Sentam-se.*) Acreditas, por acaso, que eu pense em lançar-te nos braços desse homem? E' uma injustiça que fazes á minha virtude de mulher e ao meu amor de mãe. De quem é o nome que trazes? meu: teu marido quem é? meu filho. Admittindo que eu não te quizesse e pensasse em explorar os teus encantos em meu beneficio, lembrando-me de meu filho, eu tal não faria, porque a tua perdição seria a sua deshonra.

ESTELLA

Então porque insiste em impellir-me para esse homem, que eu detesto?

CAMILLA

Porque precisamos d'elle, entendes? Ten marido já tem um logar excellente, na Companhia. Sergio está sendo encaminhado. Quando, de novo, nos houvermos firmado na fortuna, voltaremos á nossa independencia, e tu poderás ser honesta á vontade.

ESTELLA

Quer dizer que, até lá, tenho que me submeter a tudo?

CAMILLA

Protelando, já se vê. Ha uma palavra excellente para aguçar o desejo e defender a honra — é como uma porta que apenas se entreabre: — «Amanhã...» Eternisa o amanhã.

ESTELLA, gravemente:

A minha educação foi muito deficiente, mamãe. Não aprendi, por exemplo, a contemporisar com o dever. A mulher honesta é aquella que o é e não a que o parece ser. Basta que paire no espirito desse homem a suspeita de que eu possa, um dia, pertencer-lhe, para que eu me considere, desde logo, tão impura como a mais impura. Tenho rebatido todas as suas tentativas, desvio-me sempre que o vejo, fujo ás intimidades, constranjo-o ao silencio com o silencio, e a todas as suas offertas respondo com a altivez com que hoje respondi. Vestidos? para que os quero? Resolvi defender-me... Assediame, que importa? se não achar socorro em meu marido, recorrerei a meu pae, porque, além do nome que me deu Carlos, tenho de zelar o que trouxe daquelles velhos, á custa dos quaes tanto se ri nesta casa.

CAMILLA

Quem?

ESTELLA

Todos.

CAMILLA

Queres dizer que estás resolvida a tudo...?

ESTELLA

A tudo...!

CAMILLA

Decididamente, és mais que honrada, Estella — és tola.

ESTELLA

Se é assim que a senhora apellida a mulher honesta, eu tomo a mim a alcunha e orno-me com ella.

CAMILLA

E váe-te ás mil maravilhas.

## SCENA V

AS MESMAS E ANNA

ANNA, á porta da esquerda:

Já estou cansada de procurar a senhora... (*Desce.*)

CAMILLA

Estamos junto á fonte.

ANNA

Na gróta? Aquillo alli é um perigo. Até dizem que é mal assombrado. A' noite, são gemidos, vózes angustiadas que chamam a gente...

CAMILLA, sorrindo:

E' assim?

ANNA

Eu é que lá não vou. E' então? que é que a senhora ordena a esta sua creada?

CAMILLA

Eu queria saber se a senhora já mandou falar ao tal copeiro.

ANNA

O francez?

CAMILLA

Sim.

ANNA

A senhora quer ficar com elle?

CAMILLA

Se me convier.

ANNA

Eu posso falar; mas olhe que elle pede um diuheirão...

CAMILLA

Havemos de chegar a accordo.

ANNA

E' o Egydio?

CAMILLA, com um momo:

Não me convém.

ANNA

Só porque é preto, coitado! Pois é um excellente rapaz e serve tão bem como o outro.

CAMILLA

Quando pôde mandar falar?

ANNA

Hoje mesmo.

CAMILLA

Pois mande.

ANNA, a Estella:

E' a senhora? sempre tristesinha. Se não fôsse casada, eu diria que tinha deixado o coração lá embaixo. Não gosta do matto...? Pois olhe, isto aqui é muito bom: ao menos, a gente está longe da maldade do mundo.

ESTELLA

E' um engano, d. Anna — a maldade é como o ar: está em toda a parte.

ANNA

O que, menina! Em toda a parte, está

Deus, e se a menina tem alguma afflicção, agarre-se com elle ou peça a Nossa Senhora que lhe dê allivio. (*A Camilla* :) E' é só isso?

CAMILLA

E' só.

ANNA

Então, até logo...

*Sae pelo fundo. Depois de uma pausa, entra pela direita um creado com um cartão em uma salva, e inclina-se deante de Camilla.*

CAMILLA, lendo o cartão, friamente, a Estella :

Seu pae. (*Ao creado* :) Manda entrar. (*O creado entra á direita. A Estella* :) Deixo-a á vontade. (*Entra á esquerda, com um sorriso ironico* :)

## SCENA VI

MATHIAS E ESTELLA

*Mathias entra vagarosamente pela direita, othando para tudo, maravilhado. Estella adianta-se, beija-lhe a mão.*

MATHIAS

Homem, vocês decididamente estão nadando em ouro. Isto é um paraíso !

ESTELLA

E' um inferno !

MATHIAS, sem ouvir :

Lá castigar, castiga... isso castiga : é longe e a passagem puxada... Como vamos por cá ? teu marido ? os velhos ? (*Outro tom* :) Homem, tu precisas acabar com essa historia de cartões... Eu não tenho cartões, não uso. Tive de escrever o meu nome nas costas de um cartão não sei de quem, que achei no bolso. (*A porta do fundo* :) A chacara é grande... Bella casa ! Vocês aqui, só em fructas, podem fazer um dinheirão. (*Seutando-se* :) Então, que ha ?

ESTELLA

Como váe mamãe ?

MATHIAS

Váe indo. Mandou lembranças. E tu ? A tua carta chegou-me hoje. Afinal, de que se trata ? (*Outro tom* :) Aquillo allí em baixo, que é ?

ESTELLA

As cocheiras.

MATHIAS

Uhm ! E' carros, hein ? e cavallos... Estás nas tuas sete quintas.

ESTELLA

Estou num pantano, papae.

MATHIAS

Que dizes ? pantano ? (*Vendo-a chorar* :) Que é ? Que tens ? Ora, vamos lá. Arrufos com teu marido, ruzgas... Isso é natural.

ESTELLA

Arrufos ? por tão pouco, eu não lhe daria o incommodo de vir até cá. Chamei-o para salvar-me, papae. Esta gente quer perder me.

MATHIAS

Perder-te ? a ti ? Como ? (*Sitencio*).

ESTELLA

O senhor pasma do que vê e com razão... e eu tiro do seu espanto uma conclusão, que é a minha deshonra. Toda a gente que nos conhece, que sabe as condições precarias em que nos achamos, em vez de exclamar, como o senhor, « que estamos nadando em ouro », dirá, e com fundamento : « que estamos chafurdando em lódo ».

MATHIAS

Calma, não te exaltes. Dize o que ha ; eu aqui estou.

ESTELLA

Meu sogro não tem rendas ; está desempregado ; meu marido só agora conseguiu um logar modesto no escriptorio do dono desta propriedade, que é, actualmente, o fornecedor da familia de que eu faço parte e da qual sou uma especie de garantia.

MATHIAS

Como ?

ESTELLA

Esse homem, papae, persegue-me sem escrupulos, ostensivamente. Engoda-me com toda a sorte de dádivas : são joias, vestidos, bilhetes de theatro, perfume. Atulha a casa de mantimentos, propõe festas, inventa passeios, tudo para mim, unicamente para mim, á vista de todos, meu marido inclusive. Repillo-o...

MATHIAS

Fazes muito bem.

ESTELLA

Repillo-o com energia, faço-lhe sentir o meu desprezo, respondo-lhe aos galanteios com palavras, asperas ; mas elle, acorçoado por minha sogra, que o incita, e por meu marido, que se afasta, torna-se cada vez mais audacioso. Tenho medo de sair ao parque, vivo aqui dentro, sempre me achegando a alguém em busca de defeza, e elle a perseguir-me, a offerecer-me sainetes de seducção, aviltando-me com offertas e olhares que me cobrem de vergonha.

MATHIAS

E' um patife...!

ESTELLA

Elle ? todos, são todos. Eu chego a achal-o puro quando o comparo aos outros. A minha situação é insuportavel : não posso continuar nesta casa.

MATHIAS

Como ? !

ESTELLA

Quero sair.

MATHIAS

Sair ! Sair... para onde ?

ESTELLA

Para onde ? para a minha casa, para a companhia do senhor, de mamãe...

MATHIAS

Não, filha... isso é um escandalo. Uma mulher que abandona o marido, por mais pura que seja, fica sempre manchada. O povo não comprehende que uma senhora deixe a companhia do esposo. Por mais que se prove que ella o fez com motivos justos, sempre liaverá quem diga que ella foi forçada a fazel-o. A casa dos paes, para a mulher casada, não é um refugio, é um esconderijo. A filha que foge para o amor paterno, é sempre uma impura, devolvida pela honra. E' o que te digo. E nós temos que dar satisfação dos nossos actos á sociedade, que os fiscalisa. Além de nós, tens uma irmã casada, com filhos, sobre quem irá recaír a tua falta.

ESTELLA, com espanto :

A minha falta !

MATHIAS

Sim, o teu procedimento ; em face da moral, é uma falta.

ESTELLA

Ah ? sim ?

MATHIAS

O que deves fazer é chamar teu marido, dizer-lhe a verdade, pedir-lhe que te tire daqui, e elle, certamente, fará como lhe disseres. E' o que deves fazer. Sair, nunca ! Essas coisas de separação, de divorcio, são lá para a gente da Europa, que não tem religião nem moral ; nós aqui somos christãos e ainda, felizmente, entendemos como os antigos — que mais vale a morte que a deshonra. Não penses nisso. Que seria de tua mãe ? Se nos entrasses pela casa, dizendo que havias abandonado o teu marido, sei lá ! a pobre creatura era capaz de morrer no mesmo instante. Não penses em semelhante coisa. Varre do teu espirito tal idéa. São os teus nervos. Posso lá admittir que um homem entregue a sua mulher a outro ?

ESTELLA

Papae, o senhor não conhece o meio em que, infelizmente, me acho. Não sabe de quanto é capaz a vaidade, até onde póde levar a ambição desregrada de uma mulher que nasceu na grandeza, que se habituou ao luxo e que, de um momento para outro, se viu forçada ao retrahimento por falta de recursos. Meu sogro é um incapaz, meu marido jóga. Entre a inercia e o vicio, ha essa mulher terrivel, que é a acção. Ella fará tudo, tudo ! Se tivesse a mocidade, já se teria comprometido, é uma decaída, atira-me como victima. Eu sou o ponto de contacto de suas infamias — a vaidade de um lado, a depravação de outro. Estou entre uma desesperada que se procura salvar, e um homem que me deseja : por tráz da minha virtude, passam as notas do suborno e a chave do aposento em que devo ser infamada. A minha situação é esta. Devo manter-me nella ?

MATHIAS

Nem me fales nisso ! Prefiro ver-te morta, morta ! entendes ? a saber-te deshonrada. O que digo é que não deves dar o passo imprudente em que pensas, pelas razões que expúz. A mulher é a mulher. O homem que deserta a casa é um máu marido ; a mulher que abandona o lar é sempre uma perdida.

ESTELLA

Ainda que se justifique ?

MATHIAS

A sociedade não admittre justificações. Se queres, eu falo a teu marido, posto que entenda que em taes assumptos melindrosos, os paes não devem intervir senão sendo reclamados.

ESTELLA

Foi justamente por isto que lhe escrevi.

MATHIAS

Ah ! tu... Mas que queres que eu faça ? dize ! Queres que te leve por allí dizendo a todo o mundo que o teu marido é um infame que te quiz entregar a outro homem ? Não vês que isso váe provocar commentarios desfavoraveis a todos nós. Não revolvamos o lódo. Quero-te muito, bem sabes, mas... a honra acima de tudo ! Tem paciencia. Uma mulher virtuosa vence todas as ciladas e sáe immaculada de todas as torpezas. Que situação será a tua ? pensa — nem solteira, nem ca-

sada, nem viuva — uma mulher servida e posta á margem. Não ! Em todos os casaes, ha falhas...

ESTELLA

Não de brio.

MATHIAS

Sim, mas falhas ; e a obrigação da mulher é occultal-as ao publico. Soffres com teu marido, mais soffrerás sem elle. Por enquanto, é um só homem que te persegue; amanhã, serão todos porque estarás sem a defeza moral da virtude de esposa. Serás uma separada — situação anonyma

ESTELLA

Não ha, então, solução honrosa para o meu caso ?

MATHIAS

Ha uma unica.

ESTELLA

Submetter-me ?

MATHIAS

Filha, é o sacrificio ao dever. Todos nós nos submettemos. Não penses que a felicidade é o que vemos: é, muitas vezes, o que não apparece. Sê forte. Teu marido, se lhe falares, fará por ti o que deve fazer, porque, repito: não admitto, não creio que um homem sacrifique a sua honra em caso algum, ainda que seja para salvar a vida.

ESTELLA

E os tribunaes, meu pae ?

MATHIAS

Que téem os tribunaes ?

ESTELLA

Se eu recorrer á justiça para tirar-me da situação em que me acho ?

MATHIAS

Os tribunaes só pôdem proceder á vista das provas. E que provas tens tu ? E os tribunaes não salvam, minha filha: todo aquelle que passa pelos tribunaes, ainda que sáia com a nota de innocencia, conserva sempre um estygma que o humilha. Diz-se sempre do absolvido o que se murmura do que sarou de molestia vergonhosa — curouse. O curar não depura; antes, prova que se esteve enfermo, como a absolvição não limpa, perdôa — o virus subsiste como permanece a suspeita. Uma mulher só com pedir auxilio da Lei em casos taes, incorre no ridiculo, porque mostra que não teve força para defender-se. Quando a virtude não basta para garantir a honra, nem toda a justiça dos homens será capaz de o fazer. Tribunaes !... Deixa-te de loucuras !

ESTELLA

Em summa: a sua opinião é que devo ficar.

MATHIAS

Sem duvida.

ESTELLA

Para que ?

MATHIAS

Para que? mas para seres o que és -- uma senhora casada.

ESTELLA

Com um amante !...

MATHIAS

Uma amante ! ?

ESTELLA

Que a sociedade me ha de impôr... E não

terá andado com a pressa do costume, porque a minha familia a precedeu.

MATHIAS

Tolices.

ESTELLA

Tolices... Emfim: entre a depravação e a honra, tenho a optar pelo despndor.

MATHIAS

E a tua consciencia ?

ESTELLA

A minha consciencia... é o meu trajo caseiro. Serei virtuosa para mim apenas; para o mundo, não passarei de uma impudica, e é o mundo que julga.

MATHIAS

E Deus...

ESTELLA, tristemente :

Muito obrigada, papae. Resta-me a consolação de lhe haver communicado a verdade. Confessei-me; agóra...

MATHIAS

Agóra que ?

ESTELLA

Nada...

(Continúa)

(\*) E' prohibida a reprodução.

## FACTOS ECONOMICOS

Não será de mais fixarmos, nitidamente, no espirito publico, factos de grande valor para o destaque do verdadeiro aspecto da situação economica.

De dezembro de 1904 até abril de 1905, a taxa cambial subiu de. . . 12 1/2 % a 16 3/4, isto é 4 1/2 pence, cerca de 37 %.

Esta violenta elevação teve immediata influencia sobre os preços dos nossos productos de exportação, baixa rapida que occasionou aos fazendeiros de café, desde janeiro até junho, fim da safra, um prejuizo que pôde ser computado em cerca de dez mil contos.

Mantendo-se os preços actuaes, a proxima safra do café, avaliada em sete e meio milhões de saccas, dará um prejuizo, aos fazendeiros de S. Pau'lo, de mais de cinquenta mil contos de réis. Com o preço de oito mil réis por arrôba, obtido por grande parte da safra, cuja exploração está a terminar, os fazendeiros, após annos consecutivos de prejuizos, estavam readquirindo coragem, que a alta repentina do cambio descorçoçou.

Todos os outros productos exportaveis soffreram baixa, mesmo a borraça, que é um producto sem similar, de consumo sempre crescente. Alguns não pôdem mais ser produzidos para a exportação, por saírem mais caro do que o preço que pôdem obter.

A alta do cambio fechou a saída para o Rio da Prata da herva-matte, producto que é o principal sustentaculo das finanças do Estado do Paraná e da respectiva estrada de ferro.

Até o ouro da Companhia do Morro Velho está prejudicado pela alta do cambio, apesar da redução dos salarios, redução que provocou uma gréve. Segundo relatorio dessa companhia, a sua installação está calculada a 12 d por mil réis.

O manganez offerece outro exemplo das funestas consequencias do facto. Muito capital nacional foi corajosamente empregado nessa mineração, em ramaes de estradas de ferro, installações locaes. Fôram recrutados e exercitados nesse trabalho milhares de operarios, e, para alimentar-os, crearam-se colonias agricolas, pois não havia culturas nas terras de manganez. Ha oito annos, o Brazil não o exportava e, nos ultimos annos, a exportação desse minerio, extraído dos Estados de Minas e Bahia, elevou-se a mais de duzentas mil toneladas, por anno, cobrindo mais de metade do consumo da metalurgia europeá. Mas a elevação do cambio, impedindo a exportação do manganez, destróe o capital nacional empregado nessa mineração, dispersa os milhares de operarios por ella educados, faz desaparecer colonias agricolas. Ainda mais: Bahia e Minas terão que riscar dos seus orçamentos a receita proveniente do imposto dessa exportação.

Consta que a companhia de S. Bento, que ía encetar os trabalhos das suas minas de ouro, renunciou a esse empenho.

Isto importa no descredito da mineração do Brazil.

O sr. Israelson, concessionario da exploração das areias monaziticas, paga sessenta contos por mez de salarios e saca sobre a Europa pelo equivalente. Ao cambio de 12 d., ou 20\$000 rs. por libra, sacava 3.000 £; com a subida do cambio a 16 3/4 é obrigado a sacar £ 4.188 para pagar os mesmos salarios. O excesso de £ 1.188 mensaes reduzirá o producto liquido das areias, inquinando de desanimo essa industria.

Os srs. Walker & Companhia, empreiteiros das obras do porto do Rio de Janeiro, cujo orçamento foi baseado em 12 d., viram seus calculos perturbados pela brusca elevação. E' de Londres que sacam o dinheiro para as obras empreitadas e os saques em ouro produzem muito menor quantia em mil réis á taxa actual, que está cerca de 38 % acima da de 12 d. De sorte que, em virtude disso, um bom negocio se torna menos favoravel e talvez obrigue os empreiteiros a suspenderem os trabalhos ou a appellarrem para a equidade do governo afim de compensarem, por qualquer fórma, as consequencias desastrosas da elevação do cambio.

Já tentaram reduzir o salario dos operarios, que não gozam de redução nas suas despesas de moradia, de

alimentação, de vestuário, e reagiram por meio de uma grêve.

E' a reproducção do caso das minas de Morro Velho, facto que, indubitavelmente, se reproduzira em outras empresas, que dependem do capital estrangeiro.

O Pará já creou um novo padrão monetario, o de 12 d., para pagar os seus funcionarios, reduzidos os seus honorarios pela alta do cambio.

O commercio não encontra dinheiro para o desconto de bôas lettras; os negocios do cambio absorvem os capitães moveis.

Os *stocks* de mercadorias, pagas ás taxas cambias anteriores, já estão depreciados.

O commercio interestadoal está paralyzado, como se dedúz do facto de não ter a nossa navegação de cabotagem cargas, mesmo a fretes reduzidos.

As fabricas de tecidos nacionaes, que já proviam os Estados de tecidos, chapéos e outros artefactos, vêem suspenderem-se as encomendas.

O cambio subiu; mas o custo da producção, o custo da vida não baratearam. Quem provocou a subida e se felicitou pelo exito do facto, talvez para fins politicos, não reflectiu ou não sabia o que estava fazendo: é, moralmente, responsavel pelos prejuizos que occasionou; commetten um crime de leza patriotismo, arruinando o paiz arrastando-o a uma crise talvez peor que aquella que nos conduziu ao *funding-loan*.

E' isso, quando os impostos aduaneiros federaes e estadoaes já estão hypothecados ao estrangeiro; quando as dividas da União e dos Estados montam a noventa e cinco milhões esterlinos; quando a divida do Banco da Republica para com o governo, já subiu a cerca de oitenta mil contos.

Diz-se que o governo váe reorganisar esse banco, fornecendo-lhe o capital. Onde o irá buscar? Desfar-se-á do patrimonio nacional da Estrada de Ferro Central, conservada com tanto sacrificio, das estradas de ferro, ha pouco adquiridas do estrangeiro e dos nacionaes, bens que, implicitamente, respondem pelos titulos de rescisão?

Não se crearam novas fontes de producção. Numa terra como a nossa, que deveria desenvolver e remunerar bem o trabalho, o operario de Minas Geraes ganha mil réis diarios para vestir-se a si e á sua familia, para alimentar-a. Centenas de engenheiros brasileiros estão sem emprego. Os operarios agricolas do Estado do Rio, confiado ao patriotismo clarividente do sr. Nilo Peçanha, vêem procurar melhores salarios nas demolições da Capital Federal.

A esse quadro se deve acrescentar que as propriedades ruraes estão invendaveis.

Do exposto, em rapido esboço, se dedúz, sem contestação, que alta do cambio só serve, nesta deploravel situação economica, para afugentar do Paiz os capitães que poderiam ser mobilizados.

As acções da industria nacional não têm procura. As apolices se mantêm cerca do par por motivos especiaes, por terem a procura de associações de beneficencia, dinheiros de orphãos, de interdictos nellas empregados.

Quando se exgotarem os fundos dos emprestimos, escassearem as lettras da venda do café e outros productos, a preços baixos, afrouxará a taxa cambial, virá o panico, porque a baixa será precipitada e muito caro custarão a amortisação e juro dos emprestimos.

Ter-se-á reproducção do jogo da cabra-céga que deu logar a termos, no Rio de Janeiro, no mesmo dia, trinta e quatro variações de taxa cambial. Agóra mesmo, temos dias de seis e oito variações.

\* \*

Conversavam negociantes, na travessa da Candelaria, sobre a subida do Cambio e suas funestas consequencias e um delles concretizou a situação da praça, dizendo: — Quem escapou da crise de 1900, não escapará dessa que se está preparando.

Que a situação economica do Brazil não justifica o phenomeno de perniciosos effectos, é opinião manifestada, na imprensa, por pensadores de subido quilate e o grande órgão da Capital tem reproduzido artigos nesse sentido; entre outros, um muito valioso, intitulado — «*Poderá sustentar-se a alta do cambio?*», escripto pelo homem que dirige a repartição da *Estatistica Commercial*, o qual pelo estudo dos documentos, que é obrigado a reunir e analysar, chegou a duvida que trée a pergunta, aliás respondida pela negativa.

Da parte do estadista, a imprevidencia é um crime. Uma vangloria ephemera pôde empobrecer, desorganisar o Paiz, destruir a sua constituição, provocando o desmembramento da Patria.

Uma prova negativa das vantagens da alta do cambio e de que ella não corresponde a phenomenos de prosperidade economica, é que os preços dos generos de primeira necessidade estão subindo. Assim, para citar alguns delles, lembraremos que a batata está a 420 rs, o arroz de Iguape a 540, a farinha de Suroly a 320, a carne secca a 960 e, na mesma proporção, encareceram todos os outros artigos de alimentação.

A crise não amedronta os homens de governo, uma vez que o governo está preparado para dar conta dos seus compromissos proximos. Quem viér atrás fechará a porta.

Da mensagem presidencial ao Congresso, consta que o excesso do valor da exportação sobre o da importação, em 1904, foi de cerca de trez milhões de libras esterlinas. Qual foi, porém, o balanço das contas com os paizes que compram os nossos productos e aos quaes devemos juros, amortisações e dividendos, etc.?

A margem de trez milhões parece pequena e talvez desapareça quando, vencido o *funding-loan*, tivermos de reatar o pagamento das amortisações dos milhões esterlinos que se têm vindo ajuntar á nossa divida externa, elevando-a ao colossal algarismo de noventa e seis milhões de libras esterlinas.

Accrescente-se que a lavoura, a industria extractiva, com os productos depreciados, não terão lucros nas operações deste anno.

Essa é a licção e o aviso dos factos, licção intuitiva, aviso salutar, que sómente poderão ser desdenhados, ou repellidos pelos que tiverem olhos voluntariamente fechados á evidencia das coisas.

DOMINGOS OLYMPIO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### VÃO-SE OS DEUSES

O velho Satanaz da lenda obscura,  
O deus omnipotente do peccado,  
Foi-se ha muito da terra, aniquilado  
Pelos ultrajes d'uma sorte escura.

Já moribundo e triste, o sem-ventura  
Indo na bossa d'um camêlo aguado  
De cidade em cidade era mostrado  
A' arraia ignobil que histriões procura!

E nem sequer um funebre « aqui jaz »  
Hoje assignala em monumento erguido  
As reliquias do pobre Satanaz!

Até contam que um sabio, garantido,  
Encontrando-lhe a ossada, em these andaz  
Provou que *uns ossos taes...* só d'um marido!

JOÃO PENHA.

\* \*

### ARCHITECTURA LONDRINA

Quando, pela manhã, saí para ver o scenario exterior da cidade, seguindo ao longo do *embankment*, achei-me debaixo da ponte do *Charing Cross*, entre columnões massiços, atarracados, côr de sangue de boi, tendo por cima da cabeça um tecto de chapas de ferro da mesma côr, e por cima do tecto os comboios rodando rapidamente sobre carris de aço polido. Julguei-me numa especie nova de Egypto, Babylonia, ou o que quer que fôsse, estranhamente, monstruosamente *antigo*. E ao desembocar na avenida de Northumberland, subin-

do-a, dei de frente com as columnadas e terraços da *National gallery*, que formam o fundo, no alto de *Trafalgar square*. Aquellas columnas, aquellos porticos, aquellas pilastras, pezadas e massiças, negras como carvão besuntado de sebo, com as fontes em frente jorrando agua, e em baixo a columna de Nelson, onde o heróe se apoia a um monte de cordoalha : tudo isso negro, a contrastar com o céu, excepcionalmente azul, produzia em mim uma impressão singular de grotesco tragico, tanto mais que no socco da columna, os quatro belissimos leões de Landseer, deitados como esphinges, me falavam da grandeza épica deste povo que, verdadeiramente, nos tempos actuaes, é como o romano foi nos antigos, o forte dominador dos homens : *Tu regere imperio populos, romane, memento !*

Sem duvida, a impressão do *classico*, em Londres, já pelo negro da pedra, que parece gangrenada, já pela falta de elegancia e leveza das construcções, é grotesca, sem, todavia, ser ridicula. E' brutal e incongruente, obscuramente grande, sem ser grandiosa. Não estamos em Athenas, não. Não é um povo de artistas, não. Mas tambem, em Roma, os monumentos tinham um ar pezadamente colossal, que devia produzir impressões, analogas ás minhas, no espirito dos gregos que visitavam a cidade imperial do Tibre. Analogas, digo, e não eguaes, porque entre Roma e Londres a differença é enorme. Só o instincto *imperial* do povo se parece : o céu é outro, outro o genio da gente. Apesar da sua inferioridade esthetica, nunca a um romano occorreria a idéa de espetar um para-raios na cabeça do duque de York, que, de sobre a sua columna, olha para o *park Saint James* ; nem de expôr, nú e do tamanho de um rhinoceronte, o duque de Wellington, em attitude de Alcides de feira, brandindo uma faca de cozinha, á entrada do Hyde-Park.

Decididamente, Londres, vista de fóra, peza-me sobre o coração. E' *oriental*, como quer o meu companheiro, se por estas palavras significamos as coisas monumentalmente esmagadoras.

Estamos aqui no coração do monstro. Olhando para baixo, dos terraços da *National gallery*, enfia-se a rua

Whitehall, que leva, em linha recta, a Westminster e ao Tamisa, com o seu palacio historico, onde Wolsey ostentava o seu luxo quasi real ; onde Henrique VIII, num baile de mascaradas, perdeu o coração por Anna Bolena, e Carlos I perdeu a cabeça em um patibulo, nos tempos tragicos da historia ingleza. Agóra, os *horse guards* fazem sentinella, apumados, trazendo á cabeça grandes capacetes com penachos de crina ; e as sentinellas de granadeiros com as barretinas monumentaes do principio do seculo, destacam-se para baixo, ao longo da avenida, onde as secretarias dos Estrangeiros e da India, o almirantado, o Thesouro, se alinham á direita. Cada um destes nomes, evocando idéas de um poder enorme, impõe respeito.

Á direita de tudo isto, para o potente, fica o *park Saint James*, limitado, longitudinalmente, pelo *Mall*. Para cima, segue a rua dos clubs, *Pall Mall*, com palacios negros, arcadas que parecem antros, columnas que parecem postes de carvão, e janellas com esplendidas vidraças, como espelhos, através das quaes se adivinham as poltronas incomparaveis e os tapetes mais macios ainda do que a relva dos *parks* : todo o luxo solido e *confortavel*, nada scenico, dos interiores inglezes. E' verão : as janellas são açafates de flôres.

Lá ao fundo, fica Saint James, o palacio de Henrique VIII, com a sua porta de puro estylo Tudor ; e esse genero de construcção, massiça e esguia, é a que quadra ao clima e á payzagem. Não fere pelo absurdo, como o *classico*. Cá no principio de *Pall Mall*, fica-nos a praça de Waterloo, com o seu monumento da Criméa : granadeiros de barretinas como os de além ; mas, felizmente, aqui são de bronze. Não soffrem, os felizes ! Para cima, subindo, váe *Regent Street*, que logo se desenvolve numa bella curva, a que os londrinos chamam *quadrant* ; e no arrancar desse *quadrant*, que leva *Regent Street* para o norte, começa, em angulo recto, Piccadilly, para oéste. São as duas grandes ruas da Londres mundana. E para a esquerda do terraço da galeria onde estamos, parte, desde a encruzilhada do *Charing Cross*, em frente do *Mall*, o *Strand*, longa arteria pa-

rallela ao rio, ligando a Londres mundana com a Londres da *City*, numa extensão de quatro milhas, que tanto é a distancia de *Charing Cross* a *Mansion house*, coração da *City* e residencia do *lord mayor*. A frente da praça de Trafalgar, para léste de Whitehall, cortada ao meio pela avenida de Northumberland, é o bairro dos hotéis da novissima Londres. São casas enormes, de seis andares, á pariziense, reproduzindo, pezadamente, o genero de architectura urbana continental. Estão ahi o Metropol, o Victoria, o Grand Hotel ; e no *Strand*, um pouco adeante, o Charing Cross Hotel, na propria estação do caminho de ferro.

Nesta inspecção que fizemos, reconhecemos trez typos architectonicos differentes: o Tudor, o classico e o continental phalansteriano dos quarteirões massiços de Pariz. Ha outros generos de casas mais, a accrescentar ainda. Ha, primeiro, o estylo da rainha Anna, semelhante ao jesuitico peninsular, e de que a fachada e a torre de Whiteall são um exemplo ; e ha o typo corrente da casaria antiga, sem estylo nem preocupações artisticas. E' um muro de tijollo liso com trez aberturas rectangulares em cada um dos trez andares: o terreo e dois superiores. Quatro quintas partes de Londres, incluindo os bairros miseraveis, são assim: ruas inteiras, ruas enormes, de pequenos alveolos, sem a minima idéa de aparato scenico, formando os *homes* de John Bull. Cada casa tem um morador só: fechada a porta, é um baluarte inviolavel por lei. A porta reluz com os fechos amarellos, brunidos todos os dias; os vidros das janellas não téem um grão de poeira, nem uma mancha de agua. Por fóra, ha flôres quasi sempre nos parapeitos; por dentro, ha sempre cortinas, mais ou menos ricas, mais ou menos conchegadas. Tem tudo um ar de limpeza e conforto abastado. Ás vezes, em frente da casa, rasga-se um fosso defendido por uma grade que limita a rua; outras vezes, é um pequeno jardim; outras vezes, apenas olhos de boi, de vidro grosso, como nos navios, para illuminar o subterraneo, onde estão as cosinhas, a adega e os despejos. Ao rez do chão, ficam as sallas de visitas e a de jantar; nos dois pavimentos altos, os quartos.

Hoje, ha casas luxuosissimas onde predomina a ostentação dinheirosa, affirmando-se em obras de melhor ou peor gosto, mas, em geral, sem character.

Até ao meiado do seculo, porém, as construcções domesticas, externamente simplissimas, e os horrorosos monumentos greco-romanos, póde dizer-se que formavam Londres. Até os palacios dos fidalgos, por exemplo, o de lord Salisbury ou o do duque de Wellington, á entrada de Hyde Park, são predios de apparencia relativamente modesta e simples. O primeiro parece uma casa burgueza. Londres era a capital de um grande povo *protestante*, rígido, trabalhador, cupido e desdenhoso das exterioridades da vida. Por todos esses motivos, não era um povo artista: dahí, o character grotesco dos monumentos londrinos desta época. Revelam uma grande somma de sentimentos nobremente fortes; mas revelam-no por uma fórma entre pueril e extravagante. A epopéa das guerras napoleonicas está escripta em pedra por toda a parte, mas com garatujas de a gente pôr as mãos na cabeça.

De 1850 para cá, o enriquecimento espantoso da Inglaterra e a sua fortuna excepcional affectaram o character antigo e modificaram os aspectos da cidade. Tambem os inglezes quizeram ser artistas e embellezar, modernisar a sua capital, copiando Pariz, apezar do desdém que affectam pelo continente. Sentiam-se exquisitos e inferiores, e, com o bolso a rebentar de libras, deitaram a reconstruir Londres. Vieram as grandes, espaçosas avenidas; vieram os palacios á moda da Renascença franceza ou italiana; vieram os massiços de casaria em andares e compartimentos, á franceza, substituir o velho *home* inglez; vieram as construcções de tijollo vermelho e terra-cota á moda allemã do Hannover e da Prussia; veio, finalmente, a restauração do estylo nacional Tudor, que predomina nos palacios e nas casas communs, e no qual, mais ou menos, se inspira a maior construcção novissima de Londres, que é Westminster.

Sem duvida alguma, é preferivel ás horrorosas columnadas e timpanos romanos. Casa-se melhor com a payzagem; dá uma impressão mais confor-

me com o clima; mas, verdade, verdade, tem os contras de todas as reconstrucções eruditas. Tem um ar de *bric-à-brac*. Vê-se o esforço de gente rica, imaginando que com dinheiro se obtem tudo, e que, á custa de milhões, querem tambem ser artistas. Bem lhes basta o que são. Porque os monumentos verdadeiros da Londres de hoje, quanto a mim, hão de ver-se nas construcções espontaneamente nascidas das necessidades e do character dominante desta civilização carthagineza. São os palacios de crystal das exhibições populares; são as pontes massiças e utilitarias; são as *gares* medonhas, onde o povo se apinha na vertigem do movimento, e as paredes, os tectos, o chão, os muros, os bancos, as vedações: absolutamente tudo está coalhado de annuncios em lettras colossaes, de côres estridulas, para, á força, chamar a attenção.

O annuncio, o phrenesi do cartaz foi das coisas que mais me impressionaram. Perseguem-nos por toda a parte. Nas estações, são um delirio. Pintam com elles os omnibus. Fôrram com elles as carruagens. Penduram-nos ao alto nas empenas das casas, em grandes lettras doiradas, suspensas, que o vento balouça. São as harpas eolias inglezas! E annuncia-se tudo, absolutamente tudo. O vestuario, o calçado, a mobilia, o luxo, a pobreza, os remedios mais extravagantes, os utensilios mais singulares, de nomes arrevesados, extraídos das linguas mortas ou exoticas, com attestados de doutores e sabios. Chega a ser carnavalesco. Não me recordo onde, vi numa payzagem, pendurados do tecto, mais de um cento de cartazes successivos annunciando, com uma teimosia irritante, certa substancia que lavava e não era sabão.

E como estes *trucs* pegam, e como se gastam rios de dinheiro nos reclamos, é triste o pensar que a metropole colossal de um grande povo obedeça por tal fórma ao charlatanismo, ou que seja necessario usar de meios charlatanescos para despertar a attenção. A excentricidade ingleza mostra-se nas proporções estupidas do annuncio; mas o reclamo é uma enfermidade de todas as grandes cidades.

Será que as agglomerações de gente imbecilizam os homens? Será que a

civilização, como tantos querem, não passa de uma doença? Ou será que Londres, na phrase ingleza, é com effeito o *Wen*, ou abcesso britannico?

OLIVEIRA MARTINS.

1892.

O ALMIRANTE (31)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XV

Redigia-se, sob a inspiração do respeito ao Imperador deposto, a mensagem da deliberação de banimento da familia imperial. Deodoro recommendará todas as attensões para com o *grande velho* e era indispensavel que os primeiros passos da Republica, proclamada entre flôres, não se maculassem com violencias inuteis, que não se mareasse com explosões de odio os esplendores da victoria incruenta. A intimação do exilio deveria, portanto, traduzir os sentimentos generosos do povo, reflectir os elevados intuitos do governo, dando-lhe a fórma de providencia de defeza das novas instituições e de garantia da familia reinante contra os possiveis excessos da massa, electrisada pela demagogia dos radicaes.

Esse trabalho era interrompido, a cada passo, pelas noticias do que se passava na cidade, noticias engendradas pelo medo, como se aquelles vencedores não confiassem ainda na realidade do facto consumado, que para elles mesmos fôra uma surpresa.

Contavam, com assombro, o commovente episodio da prisão do visconde de Ouro Preto. O filho, que fôra um paladino da Republica, renegára, num nobre assomo de piedade, todos os proventos dessa conquista em que collaborára, interrompera com um golpe de abnegação a carreira politica, aberta ás suas legitimas aspirações de moço, para partilhar o infortunio do pae idolatrado. Esse procedimento, em pavoroso contraste com a pusillanidade das adhesões em massa, irradiava, como uma explosão de amor, na caligem das defecções sem remorso.

Vinham depois as delações sorrateiras: um almirante visitára o Imperador no paço; é natural que fôsse suspeitado de organizar a resistencia; Oscar acompanhára o barão do Ladarro, ferido, á sua residencia, nas Laranjeiras, e não se apresentára ainda ao seu posto, sendo evidentemente amigo do Imperador pelas rapidas promoções merecidas. Esse official era muito querido, muito respeitado pelos seus merecimentos; poderia ser um elemento formidavel de reacção entre os imperiaes marinheiros e fuzileiros na-

vaes. Seria de bôa politica supprimir a acção desses dois homens, absolutamente dedicados á monarchia.

Dolores ouviu o nome de Oscar e estremeceu pela sua sorte, suppondo que a sua prisão seria immediatamente ordenada. Seu coração se confrangiou num impeto de ternura em que havia laivos de colera e de terror, como se estivesse ameaçado um precioso bem, que ella salvaria a todo o transe.

Nesse momento, o marechal recomendava ao seu ajudante de ordens todas as atenções e cortezias para com os prisioneiros e ordenava que ninguém fôsse detido sem ordem sua.

— Não quero — dizia o herôe, com a voz rouca, num tom de afflicção — ser responsavel pelos odios, pelos despeitos alheios. A responsabilidade será minha, inteiramente minha.

— Faz muito bem — atalhou Dolores, envolvendo-o num olhar de caricia — Agôra mesmo, ouvi indicar, como perigosos, o Jaceguay e o Oscar. Eu peço — continuou, num tom de supplica — não deixe fazer mal ao Oscar.

— Que poderia eu negar-lhe, filha...

— Oscar é como filho de uma amiga minha, que muito soffreria por elle. Tremo de pensar como ficaria a marquez de Uberaba.

— Conheço — affirmou o marechal — uma formosa senhora. Fui muito amigo do marquez: era um excelente...

E não pôde terminar a phrase. Voltára-lhe a cruciante dispnéa, agravada pelo calor suffocante daquella noite, pelas commoções do momento, comprimindo-lhe, no peito, o grande coração, fechado para o perigo, para o odio e amplamente aberto a todos os nobres impulsos. Profundamente atacado nos mananciaes da vida, elle resistia impavido á fatalidade da terrivel molestia, mantinha a lucidez do espirito e conservava a firme attitudé cavalheiresca, o traço de fidalguia, de sobranceiria de uma aguia ferida.

## CAPITULO XVI

A familia imperial e seus fieis amigos passaram a noite numa atmosphera de terror, onde bruxoleava intermitente um raio de esperanza. Temiam fôsse o paço assaltado pela soldadesca e, ao mesmo tempo, como se não pudessem acreditar na surpresa do seu infortunio fulminante, esperavam arrefecessem com o dia as energias dos triumphadores, voltasse-lhes a consciencia da gravidade daquelle movimento precipitado, que ficaria reduzido a um simples levante de quartéis.

O dia 16 dealbava no horizonte destacando o perfil das montanhas e tingindo de rubros tons sanguineos o céu e a superficie do mar tranquillo. A luz do Sol surpreendeu o Imperador sentado junto de uma meza, numa

ampla cadeira, abatido, na attitudé de meditação calma de um vencido resignado.

O paço estava sitiado por cento e vinte praças do 10.<sup>o</sup> batalhão de infantaria, commandadas pelo capitão Bento Gonçalves e quarenta do 9.<sup>o</sup> de cavallaria com ordem de sómente permittirem o ingresso ás pessoas auctorizadas pelo camarista de serviço. A multidão curiosa se reunira nas cercanias, aguardando avidamente o desenrolar dos acontecimentos.

A's trez horas da tarde, os membros do Governo Provisorio partiram do quartel-general para o edificio da Camara Municipal, rompendo a custo a massa popular, compacta e delirante, que os acclamava, e prestaram juramento perante os vereadores, reunidos em sessão solemne, aberta com um discurso do presidente, o doutor Nobre, affinando que, « tendo a camara conhecimento dos factos, resolveu reconhecer a nova ordem de coisas e declarar, em nome da paz publica, que o povo deste municipio adheria ao Governo Provisorio. »

Ao mesmo tempo, o major Solon e o tenente Bandeira eram enviados, em grande uniforme, ao paço, onde entregaram ao Imperador a mensagem de deposição, marcando-lhe o prazo de vinte e quatro horas para deixar o Paiz com a familia imperial. Sem traír a commoção que o dominava, naquelle scenario solemne pela tristeza dos personagens presentes, um punhado de amigos dedicados, elle manteve a serenidade da sua augusta funcção, como se a corôa que lhe arrebataavam, fôsse substituida pela aureola do prestigio de martyr.

O Imperador disse, com voz firme, aos mensageiros, que mais tarde responderia. Pouco depois, elles recebiam a resposta, escripta pelo seu proprio punho, enunciada nestes termos, de uma concisão impressiva.

« A vista da representação escripta, que me foi entregue hoje ás 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao imperio das circumstancias, partir, com toda a minha familia, para a Europa, amanhã, deixando esta Patria, de nós estremecida, á qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicacão, durante quasi meio seculo, em que desempenhei o cargo de chefe do Estado. Ausentando-me, pois, eu com todas as pessoas de minha familia, conservarei do Brazil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade.

Rio, 16 de novembro de 1899.

D. Pedro de Alcantara. »

E, numa correctá lettra feminina, lia-se depois:

« E' com o coração partido de dôr, que me afasto de meus amigos, de todos os brazileiros e do paiz que

tanto amei e amo, para cuja felicidade esforcei-me por contribuir, e pela qual continuarei a fazer os mais ardentes votos. »

« Izabel, condessa d'Eu. »

Estava, nobremente, consumado o sacrificio.

Aproximára-se a hora do exilio. Oscar, depois de explicar com lealdade o seu procedimento, collocando-se á cabeceira do barão do Ladario, felizmente fóra de perigo, obteve do almirante Wandenkoik permissão para visitar a familia imperial.

— Senhor — disse elle, com voz commovida — a minha vida, a minha espada pertencem a vossa magestade...

O Imperador apertou-lhe a mão e murmurou, com voz saccudida de soluços:

— E' um grande consolo para mim a gratidão dos meus amigos. Obrigado, conserve a sua espada ao serviço desta patria que agôra, mais que nunca, necessita de fieis defensores.

Oscar beijou-lhe a mão e recuou para ceder o passo ao tenente coronel Mallet, incumbido de conduzir a familia imperial a bordo de uma lancha.

Deante do bello official que se approximava respeitoso e expunha a sua penosa missão, o Imperador perdeu a serenidade e, visivelmente agitado, num tom de desvairamento, exclamava repetidas vezes, como se duvidasse ainda da rigida realidade dos factos:

— Mas que é isto, senhor Mallet? Que foi que fizemos? O senhor está doido? Os outros estão doidos? Diga: qual é a minha culpa, de que me accusam?

E, voltando-se para o almirante Jaceguay, accrescentou:

— Não vou. Não sou nenhum fugido; retirar-me-ei do Brazil, porém de dia.

— Desculpe-me vossa magestade — replicou o barão — o embarque de dia daria azo a manifestações...

— E são muito naturaes, porque o povo gosta de mim.

— De certo; mas ao governo incumbiria o dever de reprimil-as. Vossa magestade embarcaria do mesmo modo; correria sangue; poderia morrer alguém da familia imperial.

— O senhor convenceu-me — concluiu o Imperador, após breve pausa e accrescentou calmo — Reinei cinquenta annos e consumi-os em carregar máus governos. Já estou cansado. Tudo isso foi uma surpresa para mim. Não sabia de nada. Vou embarcar de noite, como se fugisse. Tudo isso porque essa gente perdeu a cabeça. Só eu conservo bôa a minha cabeça branca. E quero que se saiba disto que estou dizendo...

Que doloroso momento o dessa par-

tida que relembra condemnados conduzidos ao supplicio!

A Princeza, sacudida de pranto, disse no momento de entrar para o carro:

— Ah! senhor Mallet, os senhores hão de arrepender-se.

E cada vez mais suffocada pelos soluços — accrescentou:

— Que fiz, que fizemos? Vou-me embórá... e levo tantas saudades do Brazil, deste Brazil que eu tanto amo...

Os carros rodaram lentamente por entre alas de soldados: iam enterrar a dynastia morta.

Oscar permaneceu de pé com o olhar immerso na sombra, acompanhando a triste comitiva que desaparecia por entre uma floresta de bayonetas scintillando inquietas á tenue luz da Lua velada por um céu brusco.

Nenhuma voz, nenhum sussurro quebrava aquelle silencio funereo, como se a magestade do infortunio houvesse empolgado, num espasmo de assombro, todas aquellas almas de brasileiro, testemunhando a perpetração de um grande crime.

O estridulo apito de uma lancha fel-o gravitar para a realidade terrivel: estava tudo acabado.

E Oscar pensou nos incidentes tragicos daquellas vinte e quatro horas, das impressões fortes que lhe tinham absorvido o coração e a cabeça, passadas junto do leito de dôr do amigo, do mestre, cujo sangue consagrara uma nobre resistencia inutil. Pelo seu espirito mortificado, atonito, passava a sombra de um remorso da culpa de não haver cumprido o seu dever, suscitando, com o seu prestigio na armada, elementos de defeza do Imperador. Varava-o um calefrio de vergonha por se achar allí, impassivel, escondido como um transfuga, amedrontado por aquellas bayonetas de fulgores sinistros, pelo ruido das patas dos cavallos de um piquete commandado pelo major Solon, o vedeta do Governo Provisorio, destacado para velar pela justiça da Republica. Elle proprio, um representante da força nacional, parecia hypnotizado pela injuncção dos factos, como aquella multidão que se desmanchava, esgueirando-se por entre o arvoredó sombrio, muda, timida como um cumplice fugitivo num impulso de cobardia.

Seria aquillo um dos nefandos crimes dos povos, ou chegara a hora fatal da justiça da consciencia nacional? — pensava elle — Seriam os próceres daquelle momento algozes num desvairamento de barbaria, ou os instrumentos de uma reivindicacção legitima da liberdade? Acontecimentos desses são superiores aos planos das ambições, á suggestão dos interesses subalternos. Não se eradica uma tradição secular por um golpe de audacia, se uma força omnipotente e

logica não dêr, pela conculcação prolongada, consistencia esmagadora a um direito victorioso.

(Continúa)

## SCIENCIA E INDUSTRIA

ARVORES DE BORRACHA — ESPECIES NOVAS DESCOBERTAS NA AFRICA TROPICAL.

O sr. de Wildeman acaba de descobrir dois cipós que dão borracha e que eram desconhecidos na Africa tropical. Durante muito tempo, a borracha, exportada em grande quantidade da Africa central, foi considerada producto de uma unica especie de cipó do genero *Landolphia*. Ha, porém, outros cipós que fornecem a borracha.

O sr. Wildeman recebeu, para determinar o genero, um cipó *caoutchifero*, vindo do Congo, onde elle é conhecido, e no Cameron, pelo nome de «Ète»; pertence ao genero *Bairsea*. A planta attinge quinze metros de altura, tem *latex* abundante, e dá borracha de boa qualidade. Das margens do Congo e da região do Kasai, recebeu tambem o sr. Wildeman um outro cipó *caoutchifero*, a *Périploca nigrescens*, da familia das *Asclepiadaceas*, que fornece uma borracha negra de grande valor mercantil. As hastes dessa planta téem apenas dois ou trez centímetros de diametro, de modo que o corte da arvore só pôde ser feito por pequenos talhos, regularmente desfechados.

O *Périploca* rebrota muito facilmente do pé.

\*\*

DIRECCÃO DOS BALÕES — A FÓRMA DO BALÃO DE RENARD E KREBS E A DO AÉROSTATO DE JULIO CESAR.

A 13 de abril ultimo, falleceu o coronel Renard, director do parque aérotatico de Meudon.

Desde 1875, trabalhava elle em pesquisas sobre a navegação aérea, instituidas pelo ministerio da Guerra, chegando a resultados, praticamente uteis do ponto de vista strategico, e fazendo interessantes estudos sobre a aviação.

Para os francezes, Renard em companhia do capitão Krebs foram os iniciadores do caminho dos inventores que deveriam aperfeiçoar as descobertas delles. Os dirigiveis actuaes, que téem evoluído sobre Pariz, ao mando de Santos Dumont e Lebaudy, nasceram das investigações de Renard e Krebs, que, de 1882 a 1883, adoptaram a nova fórmula de balão, á maneira de charuto, um cylindro irregular, que é tambem a fórmula dos dirigiveis actualmente conhecidos.

Si não nos falha a memoria, Renard

e Krebs fizeram sobre Pariz, partindo do arsenal de Meudon, a primeira experiencia de um balão dirigivel que, segundo correu, ficou em segredo como arma de guerra e strategica do governo francez.

Quando surgiu o invento de Santos Dumont, o coronel Renard se escusou ao concurso do Club de aeronautas, allegando aquelle motivo de segredo militar.

E', porém, muito interessante rememorar que a fórmula do balão Renard e Krebs foi, servilmente, copiada do balão do nosso olvidado patricio, Julio Cesar Ribeiro e Souza, que fizera no Pará e no Rio de Janeiro, em presença do Imperador, as demonstrações do seu systema, com o pequeno balão *Victoria*, construido em Pariz.

Os capitães Renard e Krebs assistiram ás experiencias feitas em Pariz, com esse pequeno balão; e quando Julio Cesar encheu allí, nas officinas Lachambre, o seu grande balão definitivo, o *Santa Maria de Belém*, elles foram, em um aérostato do mesmo systema, assistir á operação, parando sobre o terreno, onde ella se realisava.

O systema Julio Cesar fora privilegiado em todos os paizes cultos, inclusive a França, o que deu logar a um veheinente protesto do inventor, defendendo o seu privilegio, protesto que foi transcripto em francez nas columnas do jornal *Provincia do Pará*, hoje de propriedade do senador Antonio Lemos e já naquelle tempo por este redigido.

Os nossos leitores não se recordam desses factos, sobre os quaes passaram vinte annos; não será, portanto, destituido de interessé relembra-los, pagando o tributo da verdade á memoria de Julio Cesar, o poeta, o homem de lettras e o inventor.

Quem reler os jornaes daquelle tempo encontrará a perfeita exposição do systema, em que, por uma engenhosa alliança, se utilisavam harmonicos os elementos — mais leve que o ar e o mais pezado, ou o balão e a aviação, Julio Cesar reivindicava, como invenção, a fórmula alongada irregular de um charuto mais grosso para a frente, sendo o seu balão um passaro invertido, com planos lateraes e leme moveis, planos que se moviam para cima e para baixo, que se alongavam ou diminuiam como vélas nos rinzes.

Elle explicava o seu systema de um modo intuitivo:

— Si o passaro, mais pezado que o ar, solicitado pela força de gravitação evita a queda, oppondo o plano das azas á columna de ar que ellas comprimem, é logico que o balão, mais leve que o ar, comprima com as suas azas, que são os planos lateraes, a columna de ar que elle desloca para cima, subindo.

Dessa compressão, numa como



noutra hypothese, resultava o ponto de apoio, tão procurado pelos seus antecessores na conquista do espaço, ponto de gravitação e ponto de leveza, e da collisão dessas duas forças resultaria a directriz, servindo-se dos planos como se servem das azas as aves veleiras, que não necessitam de remar para se dirigirem no espaço.

Esse systema, que ahi fica esboçado, conforme as reminiscencias de vinte annos atrás, despertou a curiosidade dos homens de sciencia e provocou uma erudita polemica jornalística, na qual tomaram parte o genial professor Antiocho Faure, os drs. Frontin, Paula Freitas, Galdino Pimentel e outros, cujos nomes nos fogem neste momento.

Julio Cesar affirmava que o seu balão poderia navegar sem motor, como os passaros navegam com as azas e os navios com as velas; Antiocho Faure, sem regeitar, *in totum*, o systema, encarecia o motor como elemento indispensavel.

Devemos observar que o balão definitivo, o *Santa Maria de Belém*, tinha um pequeno motor.

Quem se dér ao trabalho de reler essa polemica memoravel, verificará que o balão de Santos Dumont é uma adaptação da fórma alongada do de Julio Cesar, o que nada diminúe o merecimento do nosso illustre patriota, que é uma gloria mundial. Este conseguiu achar o ponto de apoio sem o emprego das azas.

Mas a fórma, alongada, irregular parece ser o elemento essencial da dirigibilidade, e a prova disso está em que têm essa fórma os unicos balões, que até agóra obedeceram, no espaço, á vontade do homem.

Julio Cesar foi, portanto, o predecessor de Renard e Krebs, de Santos Dumont, de Lebaudy; operou uma reforma completa nos processos indicados, desde o padre Gusmão, o voador, até Tissandier, cujo balão fusifórme era a derradeira palavra de aérostação, quando appareceu em Pariz o balão Victoria, modelo sem precedentes.

Noticiando a morte do coronel Renard, pareceu opportuno reivindicar a invenção de Julio Cesar, que tanto honrou a sciencia e a nossa Patria. •



## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

### DO SEGUNDO AO TERCEIRO CHACO

O Dezeseis era um dos batalhões do corpo de exercito do general Osorio, onde marchava o Marquez de Caxias, com o seu brilhante estado maior.

Em menos de duas semanas, percorremos, quasi sem resistencia, o trecho entre Humaytá e São Fernando, onde nos esperava o Dictador, com as suas aguerridas e valerosas tropas.

Apenas a vanguarda, sob o commando do general Andrade Neves, o bravo dos bravos, tivéra pequenos recontros no rio Jacaré e no Forte Real do Tebiquary, onde perdi um bom amigo e o Brazil um dos filhos mais esforçados, o Pantaleão Telles, o primeiro desses valentes irmãos que colheram louros immarcessiveis para a Patria, que tão nobremente souberam servir. Foi o official que mais brilhante carreira fez na cruenta campanha. Em dois annos, subiu de alferes a tenente coronel. Em 1866, commandava naquella posto o piquete de Osorio. Mais tarde, commandou o de Caxias.

Contam que um dia, recebendo este do commandante das nossas cavallarias, atacadas em São Solano, um pedido de reforço, disséra ao mensageiro ajudante de ordens:

— Agóra só posso mandar o meu piquete e o capitão Pantaleão, que vale por um regimento.

Narraram, depois, prodigios das proezas que o fizeram, naquelle dia, official superior. Bom e modesto, tinha a bravura de um paladino.

A triste noticia da sua morte cobriu de lucto o exercito, onde todos eram seus amigos.

No principio de setembro, transpuzemos o Tebiquary, que não tinha grande largura no passo. Algumas tropas o cruzaram em monitores da esquadra, que haviam remontado o rio ao nosso encontro; outras, em pontões do nosso trem, com cabos de *várem*.

Os paraguayos haviam abandonado as suas posições e marchado para o norte.

Quando o Dezeseis ganhou a margem direita e seguia em busca dum logar onde abarracar, sentimos um cheiro nauseabundo de matadouro, que a cada passo o tornava mais intenso.

Urubús negros e camirangas, com as pontas das azas esbranquiçadas, esvoaçavam em circulo, disputando a posse de pedaços de carniça. A' medida que nos acercavamos, os abutres eram mais numerosos; já não se levantavam em bandos; pareciam mais mansos ou não fazerem caso de nós; olhavam-nos espantados e davam curtas carreiras abrindo as azas largas e crocitando aos pulos. Mais adeante... que quadro!... Ainda hoje enche-se de assombro a minha memoria ao lembrar-o. O tragico pincel do proprio Ribera tremeria ao copial-o. Tinhamos perto uma valla immensa, atopedada de cadaveres denegridos pela podridão, moços e velhos, todos nós com

ferimentos medonhos de lança, de bala, de faca. As gargantas cortadas, cobertas de varegeiras, os peitos largamente fendidos, restos dos intestinos, que os urubús já tinham arrancado. Todos immensamente inchados. Um ou outro com os olhos e bugalhadados, quasi todos só com as orbitas, que os abutres deixavam.

Como aquella, havia outras vallas, perto de um laranjal e descobertas.

Não era possivel contar os mortos: estavam empilhados em desordem. Havia centenaes. Parecia terem sido trucidados alli mesmo, á beira das enormes sepulturas. O chão, em derredor, tinha ainda os signaes do muito sangue derramado. *Passados*, que estavam conosco, disseram-nos os nomes de alguns suppliciados, que formavam o escól da alta sociedade paraguaya. Alli estavam o ministro das relações exteriores José Berges, o general Bruguez, homens de Estado, juriscultos, politicos, sacerdotes de alta jerarchia, generaes, o que o Paraguay tinha de mais conspicuo. Os irmãos, os cunhados, os amigos dedicados del Supremo, jaziam naquellas cóvas, de proposito descobertas, para que nós os vissemos bem. O pretexto daquella matança espantosa foi uma conspiração, que o cerebro do horriovel Nero phantasiou para se libertar dos que ainda podiam julgar os seus grandes crimes naquella terra batida pela desgraça.

Foi curta a nossa demora em S. Fernando. Poucos dias depois de deixal-o, forçámos a marcha. Ouvimos ao longe os echos de um combate na vanguarda. Era o inimigo que se oppunha á nossa passagem na ponte do Surubyhy. Foi ardente a refréga e o inimigo repellido.

Naquella ponte memoravel, Andrade Neves, o mais bello e esforçado cavalleiro rio-grandense, estacou o cavallo deante dos paraguayos, que avançavam contra a nossa artilharia, e deteve-os, pasmados de tanta intrepidez, repetindo a façanha de Bayard contra os guerreiros hespanhóes na ponte de Garigliano.

No dia seguinte, acampámos em Palmas. Logo adeante, a poucos kilometros, estava o forte de Angostura, numa volta apertada do rio, no flanco da linha fortificada do arroio Pekiciry. O Dezeseis recouheceu as obras avançadas da forte posição a 27 de setembro e, no dia 1º de outubro, fez parte das tropas, que reconheceram, á viva força, as linhas artilhadas além do arroio, não sendo pequeno o numero dos nossos mortos e feridos.

Permanecemos em Palmas ainda alguns dias. Nas minhas folgas, fazia visitas aos meus camaradas de outros corpos.

Em uma dellas, soffri uma das mais

acerbas decepções da minha vida militar. Dois amigos, que eu prezava muito, convidaram-me para ser *Bauído de Aviz*. Parecia que a loucura cravára com a mão crispada o estyete fatal naquelles pobres cerebros, desvairados pela ambição. Eu, que era soldado por vocação, tinha amor á minha espada e honrava-me com a farda que vestia, aspirava ver brilhando no meu peito a nobilissima cruz de Aviz, attestado passado aos capitães de vinte annos de bons serviços e sem macula.

Era uma honra com que eu sonhava. Como poderia ser um *Bauído de Aviz*? Só o nome encheu-me de estúpôr. E os intuitos?! Para que lembrar tanta abominação? O homicidio e o perjurio eram recursos para os que precisassem de vagas para serem promovidos!... Para honra de nosso exercito, aquella *maffia* ignobil não vingou. Todos repelliram-na com desdém e no nome de—banidos—, trocaram o *n* por um *d*.

No dia 10 de outubro, passou para o terceiro Chaco o Dezeseis, o *piounier* audaz e destemido daquella ingrata região. Faziam parte da pequena columna, confiada ao commandante Tiburcio, o 4º de infantaria, um contingente do batalhão de engenheiros e uma pequena força de cavallaria, commandada pelo capitão Fialho, que o Tiburcio chamava—meu Mudarra—lembrando-se do *homem da mascara negra*; tinha o typo pronunciado de berbere e seu valor o faria figurar, com honra, nos esquadrões de Murat e de Tarik.

Desembarcámos num barranco lamacento, coberto de capim, cheio de capivaras.

Com ondulações suaves, o terreno ia descambando para o interior, até á orla enredada da floresta, onde o chão, excessivamente humido, era matisado de monticulos de gravetos e folhas podres, deixados em sedimentação pelo rio, quando se retirava ao leito normal. Nos galhos das arvores, víamos, muitos metros acima das nossas cabeças, pedaços de páu e raizes, enganchados, marcando, com a cisalhagem das enchentes, o limite das grandes aguas. Sentia-se um cheiro indescritivel de môfo, de lama, de todos aquelles detritos putrefactos, que nos cercavam por toda a parte, e corrompiam o ar, que respiravamos, principalmente á noite, fechados nas nossas tendas de campanha e dormindo á flôr do sólo. O *albardão* em que acampámos, era limitado, de um lado pelo rio e do outro por um lençol d'agua, que podia ser uma lagôa ou um arroio, porque não o víamos correr; era estreito e longo e perdia-se na espessura da matta, mais negra do que elle, que ao menos reflectia os raios de Sol, que penetravam a sombria abobada.

Além, para o interior, o desconhecido com os mysterios, que, em poucos dias, desvendariamos.

Era prenhe de ameaças a natureza que nos envolvia, sem nos impressionar mais, porque a ella estavamos por longo habito afeitos.

Nas brenhas emmaranhadas e nos lobregos paúes daquella terra, a morte nos esperava como um Proteu sinistro, revestindo as fórmias mais tetricas.

No mesmo dia do nosso desembarque, o Tiburcio ordenou-me que fôsse com algumas praças fazer um reconhecimento para o interior. Partimos rio acima pelo albardão, procurando um ponto, por onde nos fôsse mais facil vadear a lagôa ou arroio, que tinhamos á esquerda. Depois de mais de um kilometro, vimol-o dirigir-se para o rio, que o represava. Não devíamos seguir além e era preciso atravessal-o. Procurámos um passo e chegámos a um logar que tinha menos largura. Eram escuras as aguas e atoladiça a terra negra da margem.

Do lado opposto, continuava a matta. Podia dar váu ou ser muito fundo. As aguas guardavam os seus mysterios.

Mandei dois homens exploral-o; entraram e, ao segundo passo, afundaram-se.

Estenderam-lhes carabinas e saíram com lama até aos joelhos; atolava muito. Mandei outros explorarem mais para cima e, como os primeiros, tambem não puderam passar.

—Não dá váu?... Vamos a nado— exclamei.

Eram todos bons nadadores.

Prenderam as patronas na cabeça; armaram os sabres embainhados e, segurando as carabinas com a mão esquerda, atravessaram para a outra banda, nadando só com o braço direito. Continuámos pela matta e, em pouco tempo, chegámos a um immenso campo, coberto de macegal tão alto, que quasi nos escondia, e povoado de carandás, a palmeira tristonha que mais abunda naquella terra inhospita, muito peor do que as maremmas da Toscana, que ao menos mereceram de um poeta medieval, o synthetico verso:

*Dilettevole molto e poco sana.*

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa.)

## DIVERSÕES

### XADREZ

Esta revista resolveu abrir mais espaço a este admiravel jogo, satisfazendo assim o desejo de muitos dos seus leitores.

Por ora, além dos problemas e partidas que publicaremos, daremos notas interessantes sobre a sua origem e historia; mais tarde, quando tivermos os elementos de que nos estamos aparelhando, registaremos tambem o movimento contemporaneo do xadrez no estrangeiro.

Dos problemas que publicarmos, dare-

mos no numero seguinte a resolução; mas dispensar-nos-emos, por ser inutil ao fim que nos propomos, de dar os nomes dos solucionistas.

No Brazil, o xadrez tem magnificos cultores, entre os quaes poderemos citar: Caldas Vianna (o campeão da America), Arthur Napoleão, Theophilho Torres, Henrique Costa, Souza Campos, José Piza, Heitor Bastos, e muitos outros. No emtanto, depois de dois torneios interessantissimos, realizados em 1902 e 1903 no Club dos Diarios, desta capital, e do *match* com a Republica Argentina, esmoreceu o enthusiasmo. Contamos, porém, que esse marasmo não dure por muito tempo.

Publicamos hoje um problema e uma partida.

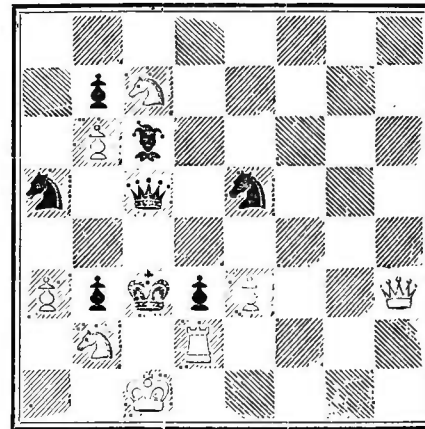
O problema, do celebre problemista S. Loyd, é o mais difficil que se conhece em 2 lances.

A partida, jogada pelo extraordinario Anderssen, é a tal ponto maravilhosa que os allemães a denominaram — *A Immortal*. Não se conhece partida em que o jogador tenha levado tão longe a audacia, sacrificando, para conquistar a victoria, quasi 2/3 das suas forças, e levando o adversario á derrota por um ataque tão admiravelmente combinado quanto irresistivel.

### PROBLEMA Nº 1

S. Loyd

PRETAS (8)



BRANCAS (8)

Mate em dois lances

PARTIDA Nº 1

GAMBITO DO BISPO DO REI

Branças		Pretas
(Anderssen)		(Kiéséritzky)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
P 4 B R	— 2 —	P × P
B R 4 B D	— 3 —	D 5 T R (x)
R 1 B	— 4 —	P 4 C D
B × P C D	— 5 —	C R 3 B
C R 3 B	— 6 —	D 3 T
P 3 D	— 7 —	C R 4 T
C R 4 T	— 8 —	D 4 C R
C 5 B R	— 9 —	P 3 B D
P 4 C R	— 10 —	C 3 B R
T 1 C R!	— 11 —	P × B
P 4 T R	— 12 —	D 3 C
P 5 T	— 13 —	D 4 C
D 3 B R	— 14 —	C 1 C R
B × P	— 15 —	D 3 B
C D 3 B	— 16 —	B R 4 B D
C D 5 D	— 17 —	D × P C D
B 6 D!	— 18 —	D × T (x)
R 2 R	— 19 —	B × T
P 5 R	— 20 —	C D 3 T
C R × P (x)	— 21 —	R 1 D
D 6 B R (x)	— 22 —	C × D
B 7 R (mate).		

JOSÉ GETULIO.

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. . . . 20\$000  
 SEMESTRE .. . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 12 DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Conta-se que o honrado presidente da Republica, num momento de intima expansão, deixára cair dos labios uma dessas confissões, genuinamente sinceras, que, rara vez, rebentam das consciencias dos politicos profissionaes:

— Os nossos homens não estão preparados para o governo; muito menos, para as iniciativas de longo folego.

S. ex. se queixára, tambem, do prazo presidencial, demasiado curto para a execução de um vasto plano de governo: quatro annos passam como um sonho, como uma viagem através de paizes exóticos, de scenarios cambiantes, sempre novos, sempre estranhos, produzindo o atordoamento de impressões precipitadas, que se não gravam nem perduram, nem permitem a formação de um criterio seguro para a actividade administrativa.

Isto nos leva a ponderar, humildemente, que, se os homens não estão preparados, se não prestam, se não têm capacidade, dariam, no governo, os mesmos lamentaveis resultados negativos, fôra embôra o prazo da governação duplo ou quadruplo, porque está verificado, pelo testemunho dos factos, que, quem não dispõe de habilitações antes de emprender trabalhos de alta politica, não as adquire na funcção, tirocinio de decepções, de desillusões, no qual um homem bem intencionado desaprende e degenera, intoxicado pela atmospheria saturada de emanações dos detricitos podres do pantano da politicagem.

A experiencia das altas funcções do governo não é escola de patriotismo, nem de habilitações para a fiel comprehensão dos deveres civicos. Ella se figura um cipoal de compromissos subalternos, uma série de attentados monstruosos contra o direito e a moral filtrados no papel sujo das conveniencias e por um funil enterrado na

guéla da politica dos governadores, esse desconforme parasita a roer, como tenia formidavel, as entranhas da Republica.

A perfeita noção da justiça, a distincção instinctiva entre o bem e o mal se deturpam, se confundem num amalagama de transacções indecorosas; a comprehensão das necessidades do serviço publico e a orientação das energias administrativas se desviam, se perturbam sob a influencia da compressão de interesses pessoases, de ambições intemperantes, assoberbando os mais louvaveis esforços, asphyxiando a vontade e o pensamento.

Um homem de coração e de cabeça, de organização robusta, de nervos afinados e de musculos sadios, não resiste á absorpção funesta desse tremedal, onde todos se afundam, onde se nivelam as personalidades venerandas ou ridiculas, os superiores e os cretinos. Nesse charco da politicagem, o sr. presidente da Republica se redúz á mesma estatura do enfezado e réles governador de qualquer dessas capitánias.

A experiencia do governo não ensina: os incapazes degeneram em pessimos; os competentes se desenganam e desaprendem; os resolutos ficam timidos, indecisos.

O prolongamento do quadriennio não teria o condão de modificar essas condições do ambiente, não poderia alentar e preservar as qualidades de primor dos homens superiores, nem de corrigir os ineptos, porque, ao cabo de seis, de oito, de dez annos, a inepecia seria, simplesmente, mais velha, mais perversa, mais dura e mais inconsciente.

Seria essencial que um homem independente, habilitado, um homem de superioridades quietas como leões adormecidos, emprehendesse um vasto trabalho de saneamento — não cansaremos de o repetir — em torno do supremo governo da Nação; cercasse-lhe as immediações com o arame far-

pado do respeito para manter, a distancia, as ambições da politicagem, evitar-lhe o contacto conspirador.

A experiencia, que deveria dictar as providencias iniciaes de uma reforma salutar dos costumes politicos, não impressiona os homens do governo; elles reincidem nos erros evidentes dos seus antecessores, como o honrado sr. Rodrigues Alves, apesar do seu longo tirocinio, reincidiu no erro da politica dos governadores, que impopularisou o sr. Campos Salles e, ainda hoje, lhe causa amargos dissabores. Tanto não impressiona, que este cidadão pretende abandonar o retiro do Banharão e volver ao cilicio do governo.

O palacio do Cattete não deve ser um logar de aprendizagem, de ensaios, de penitencia, de reparações de erros; muito menos, um presidio.

Um estadista deve entrar nelle, como um sacerdote no altar, sabendo celebrar a missa com sacristães conhededores da liturgia.

\*  
\* \*

O sr. presidente da Republica tinha, talvez, refulgente na sua memoria, a phrase do Imperador, fulminando, no angustioso momento da partida, os estadistas que o haviam servido. Sua magestade se queixou de haver consumido cincoenta annos carregando máus governos, cuja obra desorientada produzia aquelle inopinado desastre da dynastia.

Mas o Imperador era irresponsavel, inviolavel, sagrado; as suas faltas, os seus erros, os seus caprichos recaíam sobre os ministros, responsaveis perante a Nação, ao passo que, neste alcandorado regimen democratico, o presidente da Republica é o unico responsavel, é a força, é a vontade; nelle se concentraram, por um rapido processo de absorpção, todos os poderes constitucionaes: elle é a fonte de vida, é o Sol, o dominador soberano, absoluto. A um aceno seu, a um gesto, a

um olhar dos seus bellos olhos lubrificadas de ternura, se movem as potestades; curvam-se todas as cabeças, numa piedosa reverencia submissa.

S. ex. é um Deus, contempmando o cháos, matutando nos emprehendimentos da sua portentosa phantasia creadora. Basta querer, e todas as forças que existem debaixo do céu e nas entranhas da terra, se assanham, pressurosas, disciplinadas, á sua vontade.

S. ex. sonhou as obras do porto, e ellas fôram promptamente iniciadas. Occorreu-lhe dotar a cidade de uma avenida, e o seio da cidade foi, promptamente, rasgado com uma longa brecha salutar. Deliberou arrazar o morro do Castello, e o morro está se desmanchando ás dentadas das picaretas infatigaveis.

E o povo, que tem o iustincto do bem, applaude esse trabalho meritorio, provando que elle não é, nem será jámais, um obstaculo á patriotica actividade dos estadistas bem enfronhados no seu sublime papel de servidores leaes da Nação.

Dotado desse maravilhoso poder, dessa lampada de Aladino, tendo nas mãos o segredo do milagre, s. ex. não pôde abrigar, sob a irresponsabilidade do manto intangivel e divino dos reis, as suas omissões, nem poderá imputal-as aos seus secretarios, meros acolytos, simples sacristães nas solemnidades do culto civico.

Não poderá, portanto, quando soar a hora legal da libertação, queixar-se do máu governo que, por ventura, obere os seus possantes hombros, durante esses quatro annos de presidencia.

Não se poderá escusar á responsabilidade da vergonha que está infligindo á Republica essa nefasta politica dos governadores, o fóco de todas as perturbações, de todas as miserias, de todas as deturpações do systema. E, no emtanto, seria para s. ex. o maior titulo de benemerencia a extirpação dessa lépra, que constitúe a delenda Carthago de todos os homens de bem.

Mas o honrado presidente não ousa defrontar o monstro, para esmagal-o. Com uma solicitude que se figura inspirada num medo infantil, s. ex. o engorda com proventos, dá-lhe em repasto as víctimas reclamadas pela sua

ferocidade, como aconteceu com aquelle jornalista, o heroico luctador sr. J. Othon do Amaral Henriques, morto em viagem para o alto Juruá.

Criminoso de léza magestade acciolynta, insubmisso ao dominio ferrenho da olygarchia cearense, Othon conseguiu, pelos seus precedentes de caracter em longos annos de magistratura, ser nomeado juiz de uma das prefeituras do tratado de Petropolis.

Mas isso seria uma irreverencia ao gavião do Ceará, e um simples telegramma bastou para ser cassada a nomeação, rasgado o decreto, já publicado na imprensa.

Pobre, desilludido, Othon abandonou o lar e foi encontrar a morte onde ia buscar o pão para os filhos.

E ali está o que é essa politica obsecada, ferrenha, deshumana, estúpida, que constitúe a pedra angular do governo da Republica.

POJUCAN.

### AS FUNÇÕES DA LEGISLAÇÃO COMPARADA

Hoje, que a legislação comparada tomou na ordem dos estudos juridicos, um grande desenvolvimento e uma altissima consideração, cumpre que façamos uma ligeira parada nessa marcha accelerada em que vamos, arrastados pela avalanche dos factos e documentos que afflúem de todos os pontos cardeaes, e assignemos o verdadeiro posto dessa disciplina entre os outros ramos da jurisprudencia, determinando qual o seu fim, qual o seu objecto, qual a sua funcção.

Parecerá, talvez, estranho que indaguemos de qual deva ser o verdadeiro objecto da legislação comparada, quando ella fornece materiaes a annuarios e revistas de grande conceito scientifico (1), entra copiosamente nas obras juridicas de nossos dias, saturando-as de luz, alargando-lhes os intuitos e consolidando-lhes os conceitos.

O facto, entretanto, não é novo; antes, se reproduz na historia das sciencias do espirito e da sociedade. A politica, o direito, a sociologia, a psychologia e a propria philosophia sentem-se, a cada passo, obrigados a discutir as suas noções fundamentaes e o seu methodo, para atirar fóra o que, pelo attricto do tempo, se tornou imprestavel, e adquirir instrumentos novos, mais aperfeiçoados e mais efficazes.

Em relação ao direito comparado, é geralmente sentida a necessidade moral de fixar-lhe a orbita e determinar o contingente que delle se exige para auxiliar a intelligencia humana a solver os graves problemas da vida social.

Em 1900, reuniu-se em Pariz um congresso internacional de direito comparado, que se preocupou especialmente de precisar-lhe o objecto, escolher-lhe a methodo e, por assim falar, fazer o levantamento desse vasto e fecundo campo de applicação das actividades mentaes.

E o sr. EDUARDO LAMBERT, propondo-se a expôr o *direito commune legislativo* em referencia ao regimen successorio, julgou indispensavel fazer previamente a analyse critica das diversas concepções do direito comparado, ás quaes oppôz a sua (2).

E' que, na realidade, já passou definitivamente a epocha dos estudos preliminares, da reunião dos elementos, do accumular dos materiaes. Muito ainda resta a fazer neste sentido; mas, para que não desgarrremos num oceano de praias ignoradas, é preciso que assentemos no rumo a seguir. A principio, não falando de algumas excepções geniaes, (3) entendeu-se que a legislação comparada não era mais do que a exposição do direito estrangeiro.

Esta concepção deu nascimento, em França, á *Sociedade de legislação comparada*, que inestimaveis serviços tem prestado á sciencia do direito, com as suas publicações de leis e codigos estrangeiros, e, em outros paizes, suscitou a fundação de outras associações congeneres, egualmente benemeritas.

Nas legislações estranhas, buscavam-se esclarecimentos para as obscuridades do direito nacional, meios de completal-o em suas deficiencias e, como disse ZITELMANN, recursos para o aperfeiçoamento da technica juridica.

Essa ordem de estudos não era estranha aos juristas brasileiros, mesmo antes de se crear, para as escolas de direito, uma cadeira de legislação comparada. As ord. 3, 64, a lei de 18 de agosto de 1769, § 9 e os estatutos da Universidade de Coimbra (28 de agosto de 1772) remetiam-nos para o estudo do direito romano e do *uso moderno*, para suppreim-se as lacunas do direito privado nacional, razão pela qual os nossos civilistas sempre se preocuparam com o conhecimento do direito exotico, ainda que o adquirissem limitadamente sem systema e sem escolha. A reforma do ensino juridico, creando uma cadeira de legislação comparada, só foi uma innovação, quando se comprehendeu que essa materia, como explicava o aviso de 16 de julho de 1894, constituia uma

disciplina juridica autonoma, tendo objecto e methodo inconfundiveis com os das outras doutrinas ensinadas nas escolas de direito.

Nesta primeira phase, o direito comparado, ainda que encerrado em estreito circulo, fomentou a renovação juridica, porque, segundo pondera DUQUESNE, aquelle que sómente conhece a legislação de seu paiz pouco a pouco se habitúa com as suas faltas e propende a considerá-la perfeita. Ao contrario, um olhar para o direito estrangeiro mostra-nos, frequentemente, que outros povos encontraram, para os mesmos problemas que nos preoccupam, outras e melhores soluções, levantaram e resolveram questões que a legislação patria desconhece. (4)

Já se inicia, com esse reconhecimento, um primeiro cotejo de legislações, que naturalmente leva o jurista a aprofundar mais a sua critica em relação ao direito nacional e a propôr adequadas reformas que, talvez, o legislador execute.

Insensivelmente, o estudo da legislação comparada se transforma, assim, num valioso instrumento da *politica juridica*, isto é, da arte destinada a operar as transformações conscientes do direito de cada paiz. O seu objecto é, então, no dizer de SALEILLES, (5) revelar o *dever social* do legislador, a acção que lhe cumpre exercer na transformação do direito para o pôr de harmonia com o interesse geral.

Em minhas *Licções de legislação comparada*, disséra eu anteriormente: « o legislador terá na legislação comparada um museu abundante e mesmo vasto laboratorio de experimentação indirecta, onde se poderá abeberar da licção fecunda da experiencia secular dos homens e dos povos, principalmente si não se limitar a estudar as disposições legislativas em abstracto, e, antes, perguntar á estatística e á historia quaes os resultados produzidos pela applicação das leis que examinar, que causas as determinaram, que estorvos embaraçaram seus efeitos beneficos, que auxiliares multiplicaram seu poder de acção ». (6)

EMERICO AMARI, que os italianos consideram o fundador da sciencia do direito comparado, mas cuja obra não teve a divulgação merecida, talvez pela feição metaphysica e accentuadamente idealista que apresenta, assignalou tambem esta funcção ao estudo comparativo do direito. (7)

Parece mesmo que este aspecto da legislação comparada foi o que mais larga e profundamente impressionou os espiritos, fazendo surgir uma série de estudos, admiraveis pela profundidade, penetração e saber, acerca do que se concordou em chamar *politica legislativa ou politica juridica*. (8)

Por um erroneo desenvolvimento de idéas, a politica juridica chegou a

suppôr que afinal desaparecera a antithese entre o elemento inconsciente e o elemento consciente do direito, com a eliminação completa do costume, de cujo logar e imperio se apoderou, como dominador absoluto, o regimen da lei escripta.

O sr. LAMBERT submete esse modo de ver a uma critica aprofundada e erudita, alcançando demonstrar que elle repousa numa dupla illusão: a crença de que as codificações immobilizam o direito e a supposição de que o regimen consuetudinario se caracteriza por uma total inconsciencia no metabolismo juridico. (9) O estudo que o douto jurista faz da natureza e da funcção das fontes extra-legislativas do direito e, em particular, do costume, é completo, exhaustivo e convincente. Ao lado do legislador, diz elle, subsistem, ainda hoje, como órgãos da politica juridica, comquanto num plano inferior, a jurisprudencia dos tribunaes, a pratica extra-judiciaria, e a doutrina.

Destacando e criticando as diversas funcções da legislação comparada, que acabam de ser apontadas, o sr. LAMBERT as considera insufficientes e superficialmente examinadas. No seu pensar, são duas as concepções especificas do direito comparado: o que elle denomina *historia comparativa*, que é um ramo de sociologia descriptiva, constituindo, ao lado da sciencia da linguagem e da sciencia das religiões, a *sciencia do direito*, tomada a expressão no seu sentido technico e elevado; e a *legislação comparada*, que visa um fim pratico, sendo um dos órgãos de revelação e de applicação do direito. (10)

A *historia comparativa* do direito tem por missão « descobrir, pelo estudo comparativo da série das relações de successão que existem entre os phenomenos juridicos, as causas que explicam essas relações, revelando, assim, ao jurisconsulto, as leis naturaes a que obedecem as manifestações da vida social, cujo conjuncto fórma o direito, mostrando-lhe o vinculo e a razão de ser das transformações da vida juridica, permittindo-lhe reconhecer que fórmulas correspondem, em cada instituição, ás diversas phases do desenvolvimento social, aos variados regimens economicos. Assim comprehendida, a sciencia do direito comparado não poderia limitar o campo de suas investigações aos systemas juridicos, actualmente em vigor; deve naturalmente extendel-o aos systemas que regeram as sociedades já desaparecidas. A historia é inseparavel do direito comparado assim comprehendido. » (11)

A legislação comparada, propriamente dita, não é uma sciencia, é uma arte, tendo por fim « desprender, da confrontação dos systemas juridicos que compara, a parte commum de

concepções e de instituições que nelles existe latente ». (12) A comparação aqui deve limitar-se ás legislações entre si apparentadas, sob pena de não dar resultados. E este é o problema que o sr. LAMBERT propõe-se resolver, destacando o *direito commum* entre alguns povos, ligados entre si por laços estreitos de educação commum, approximados pela acção de influencias historicas e economicas.

A tentativa de fixar o *direito commum europeu* é, agóra, pela primeira vez, concebida pelo sr. E. LAMBERT, e tão fortemente aparelhado para a empresa se mostra elle com a sua erudição copiosa e solida, com os seus habitos de analyse percuciente, com a sua educação historica, juridica e philosophica, com o cabal conhecimento do assumpto, que, desde já, podemos ter certeza de que mais uma bella construcção se váe erguer no extenso e rico dominio da jurisprudencia.

Eutretanto, a fundada esperança de obter a mais abundante fructificação deste novo emprehendimento não nos auctorisa a excluirmos os outros resultados já colhidos e ainda esperados da *legislação comparada*, no sentido restricto em que o illustrado escriptor francez emprega a expressão. Ella continúa a ser um poderoso instrumento de politica legislativa, um auxiliar da technica juridica.

SALEILLES (13) assigna á legislação comparada um fim mais elevado, qual é o de pôr em relevo *um direito commum da humanidade culta*, repousando « sobre a marcha comparativa do direito no conjuncto de sua evolução entre os povos civilisados ».

Grandiosa empresa, sem duvida, a que nessas palavras se planeia; mas, como observa LAMBERT, é a sciencia e não a arte que é chamada a executar-a, e um dos embaraços com que hoje lucha o direito comparado é, precisamente, a confusão entre a parte scientifica e a parte pratica desta ordem de estudos.

Não se confunda esta idéa scientifica de generalisar, organisando, num todo systematico, as semelhanças que a comparação revela entre as legislações de um determinado grupo de povos, com a pretenção utopica de alcançar a universalisação do direito, ou mesmo a unificação parcial de um grupo de regimens juridicos, idéa que seduziu o espirito ardoroso do illustrado professor da Faculdade de direito de S. Paulo, dr. JOÃO MONTEIRO. (14)

O pensamento de SALEILLES é bem diverso. O que elle pede á legislação comparada é que saiba colher, nas malhas do methodo experimental, os principios basilares do direito, as fórmulas geraes que se reproduzem entre os diferentes povos cultos, e cujas semelhanças se escondem por baixo

de uma espessa vegetação de institutos divergentes.

E nem é uma concepção original essa que nos apresenta SALVILLES. Ha muito que a sciencia se orientára nesse sentido, visando uma generalisação mais vasta, procurando desprender da infinita variedade das manifestações juridicas, as construcções permanentes que constituem não simplesmente o direito dos povos cultos, nem o direito dos arianos em opposição ao dos semitas, mas—o *direito humano*.

São conhecidos, geralmente, os trabalhos de HERMANN POST, collimando esse elevado escopo. (15) O plano grandioso apresentado e, em parte, admiravelmente executado pelo egregio pensador tudesco, é o seguinte: A sciencia geral do direito compõe-se de trez secções: 1º, investigação psychologica da idéa do direito na consciencia dos individuos; 2º, estudo do direito como aspecto da vida social humana; 3º, exame da connexão entre a consciencia juridica individual e o direito em sua forma de regimen da vida social.

Limitando-se á segunda parte da sciencia geral do direito e pretendendo apenas reunir e elaborar os materiaes necessarios ás altas construcções a que ella se propõe, o infatigavel trabalhador intellectual estendeu as suas investigações a todos os povos da Terra, quer ainda existentes quer já desaparecidos.

Depois de apreciar o valor das diversas fontes da sciencia geral do direito, decisões, sentenças, direito consuetudinario, leis e codigos, passa e indicar o modo de pô-las em ordem a condição de fuccionarem. Esta operação consiste na pesquisa das causas que determinaram o apparecimento das varias formas da vida juridica.

E' a *historia* que nos váe mostrar, em cada povo, pela evolução dos institutos e das normas, que manifestações juridicas primeiro emergiram do cháos primitivo, quaes as que desapareceram na voragem do tempo, quaes as que suscitaram o apparecimento de outras, e, por este modo, fornecerá, do investigador, dados muito positivos para a vinculação causal dos phenomenos juridicos de cada grupo social.

Ultimada esta investigação historica, ainda não está conhecido o encadeamento causal das formas da vida juridica. Assim como a philologia comparada conseguiu reunir diversos grupos de linguas, mostrando que nada mais eram todas ellas do que ramificações de uma lingua primitiva, por intermedio da *legislação comparada*, seguindo a mesma trilha, fixam-se as mais características analogias juridicas entre os povos do grupo ariano: greco-italianos, germanos, slavos, celtas, iranianos, hindús, etc.

A este methodo, que une a historia á comparação, vem juntar-se o da ethnologia comparada, que, fundada em documentos numerosos e irrefutaveis, demonstra como certas manifestações da vida social se repetem entre muitos povos da Terra, qualquer que seja a raça a que pertençam, qualquer que seja o ponto do Globo que habitem. Por esta fórma, a investigação das causas determinantes da phenomenologia juridica, alarga-se de modo consideravel, e assim como transpuzera as fronteiras de cada paiz, para estender-se até ás lindes dos vastos grupos ethnicos, agóra rompe estas linhas de limites e tenta audaciosamente abranger o conjuncto do direito de todos os povos da Terra.

Ainda estamos distanciados desse alvo, sem duvida, e muito; mas váe a sciencia marchando para elle com energia e confiança. Pela classificação dos institutos paralelos entre povos antigos e modernos, já pôde a jurisprudencia ethnologica apontar formas juridicas que se reproduzem por todos os agrupamentos humanos, outros que se encontram em grande numero delles sem atingirem á universalidade, e, finalmente, algumas que são creações peculiares, idionomicas de um povo ou de um grupo de nações. (16)

Esta universalidade de formas ou principios não importa immutabilidade. Ao contrario, normas e institutos juridicos estão ligados ás modalidades da vida social, nascendo e morrendo com ellas. Nesse admiravel livro, a *Jurisprudencia ethnologica*, HERMANN POST mostrou como a forma de organização social, a que elle dá o nome de *Geschlechtsverfassung*, determina em todos os povos o desenvolvimento de certos institutos que todos desaparecem, quando ella se desmantela para ceder o passo á organização de outra categoria.

Menos exhaustivamente, porém de modo a deixar bem firmada a persuasão, outros estudiosos téem percorrido outros dominios, reconhecido identidades, destacado permanencias, indicado tendencias e direcções. Si POST explorou, como nenhum outro, o lado social da vida juridica, podendo de suas informações tirar-se a conclusão de que as semelhanças juridicas, inexplicaveis historicamente pela transmissão hereditaria, pelas conquistas, pela recepção ou pela imitação, resultam da identidade da estrutura social em seus fundamentos; outros, como KOHLER, investigaram, pacientemente, nas manifestações juridicas, o elemento psychico, a face que se reflecte no mar obscuro da consciencia humana. As perquisições de direito comparado, desenvolvidas com muita acuidade mental por esse denodado jurista, são vantajosamente conhecidas no mundo pensante, e os resultados geraes

a que chegou fôram com muita felicidade condensados em um bello e succinto discurso, proferido o anno passado perante a *Sociedade de legislação comparada e economia politica*, de Berlim. «Entre o direito e a vida psychica dos povos, diz KOHLER, existe a mais intima connexão. Póde-se afirmar que a historia da jurisprudencia é uma especie de psychologia retrospectiva. E quanto mais longe remontamos na historia da humanidade, tanto melhor comprehendemos como os impulsos d'alma tendem a crear uma situação juridica.» (17)

O pavor suscita o sentimento religioso no homem primitivo, para quem o universo está povoado de espiritos poderosos e crueis que exigem sacrificios de vida e liberdade, submettendo os miseros mortaes a um certo numero de preceitos rigorosos. E um systema juridico surge completo, apresentando feições semelhantes entre os povos mais diferentes.

Mas o homem, apesar do seu misticismo, sente-se um joguete nas mãos dos espiritos implacaveis e procura na união, cada vez mais dilatada, com os seus semelhantes, fazer-se forte e adquirir tranquillidade. E' o tempo dos casamentos por grupos e do tolemismo, de onde abroilharam formas superiores de organização social.

Preparado, robustecido pela vida em sociedade, o individuo afirma-se, afinal, como força autonoma. Porém de novo o empolgam a religião e a sociedade sob outras formas, com outros impulsos, enovelando-se as trez idealidades, cujas energias propulsivas constituem o progresso humano e cujas oscilações mudam o aspecto dos estados de cultura: a sobrenatural, a social e a individual (18).

Percorrendo as linhas geraes da evolução do pensamento e da actividade humana, conclúe KOHLER: «Não fôram, portanto, a fome e o amor que crearam o direito. Crearam-no principalmente: o sentir indefinido do homem, que condúz a mente ao supernaturalismo; o instincto social; e, por fim, a ambição do poder por parte do individuo, o gozo inebriante de ter os outros debaixo de seu imperio» (19).

E' por esse caminho que podemos determinar a marcha geral da evolução do direito humano, as causas efficientes de suas transformações, as suas modalidades sociaes e as reacções psychicas. Obteremos, assim, mais do que simples tendencias, porque assinalaremos o encadeamento dos factos no passado e no presente e poremos em relevo as permanencias geraes.

Olhado o problema por esse angulo, não é o restabelecimento do direito natural que se levanta deante dos olhos do investigador, mas a generalisação, inductivamente obtida, pelos

processos scientificos, do phenomenismo juridico.

Entendida por esse modo a idéa de principios universaes do direito, idéa que não pretende estancar as fontes productivas da legislação nos diversos Estados do mundo, nem submeter a regras identicas as agremiações humanas que têm necessidades, aspiração e cultura diversas, deve ser o alvo mais elevado que tenha em mira a sciencia do direito comparado. Universalidade no sentido da generalisação de certas normas, ou mesmo na accepção de persistencia de certos principios e tendencias não quer dizer immutabilidade; quer, apenas, significar que certas aquisições do pensamento humano já se pôdem considerar definitivas emquanto subsistirem as fórmulas de organização social conhecidas, pois que o direito é uma criação humana, um producto da vida social, um revestimento das relações da vida em commum.

Já me referi á *Geschlechtverjassung*, de que trata H. POST, expondo as normas e institutos que essa organização de character pessoal determina por toda a face da Terra. Recordarei mais que, em toda sociedade humana, o parentesco é fonte de relações jurídicas, relações tanto mais numerosas e extensas quanto mais forte se mostrar a organização familiar; que o sexo e a idade determinam, nos diversos systemas juridicos até hoje existentes, modificações da capacidade civil que, entre si, offercem consideravel analogia; que a *couvada* apparece em toda parte, num dado periodo de cultura; que egualmente universal é o costume do *levirato*; que a vindicta particular dos parentes precede a composição e a pena imposta pela auctoridade publica; que as penas de decapitação, garrote, enforcamento, e ontras egualmente crueis como a de prender o corpo á cauda de cavallos bravios ou a carros em desparada, são mais geraes do que se imagina; que quanto mais primitivo é o processo, tanto mais formalista. Estes e outros pontos fixados pela historia comparada, os quaes se pôdem ver principalmente em POST e em HOHLER, fazem brotar a convicção de que o apparelho juridico se move segundo regras universaes.

Não é possivel naturalmente construir um corpo de leis concreto e vivo para applicar-se a toda a humanidade culta. Tal utopia é irrealisavel e contraria aos dados da observação scientifica; porém é possivel acompanhar o desenvolvimento geral do direito, destacando-lhe os factores, apontando-lhe as aquisições permanentes, indicando-lhe as tendencias e mostrando o alvo a que se dirige o pensamento jurico humano, que não é naturalmente o sentimento mystico

do amor, o phanal immutavel que nos propõe PETRAZYCKI, porém a justiça em toda a sua extensão e profundez, condição de vida para a sociedade, garantia e liberdade para o individuo.

CLOVIS BEVILAQUA.

(1) *Annuaire de legislation étrangère; Bulletin de la société de legislation comparée; Jahrbuch der internationalen Vereinigung fuer vergleichende Rechtswissenschaft; Mittheilungen*, da mesma sociedade; *Zeitschrift fuer vergl. Recht. und Staatswissenschaft; Journal of the Society of comparative legislation, etc.*

(2) *La fonction du droit civil comparé*, Pariz, 1<sup>o</sup> vol. 1903.

(3) E' o caso de Aristoteles e de Montesquieu.

(4) *Jahrbuch der int. Vereinigung fuer vergl. R. W.*, VI und VII, p. 171.

(5) *Conception et object du droit comparé*, no *Bulletin de la Société de legislation comparée*, 1900, p. 387.

(6) Primeira ed. Recife, 1893, pag. 14; 2<sup>a</sup> ed. Bahia 1897, p. 26.

(7) Conheço a obra de AMARI através da analyse carinhosa de ZIINO TODARO. (*Rivista di Legislazione comparata*, Palermo, 1903, pags. 6 e segs.) Diz AMARI que a legislação comparada descobre a verdadeira fórmula da biologia juridica: — a potenza nel legislatore limitata dai rapporti fattori delle leggi, e due dei principi fondamentali della vita delle leggi, cioè la libertà regolata e la riforma indefinita.

(8) Algumas universidades já incluíram esta ultima disciplina nos seus programmas de ensino.

(9) LAMBERT, op. cit. pags. 109-112.

(10) LAMBERT, op. cit. pag. 914.

(11) Op. cit., pag. 915.

(12) Op. cit., pag. 918.

(13) *Le droit commercial comparé*, nos *Annales de Droit commercial*.

(14) A *Universalisação do direito*, S. Paulo, 1892. RAOUL DE LA GRASSERIE tambem acredita na possibilidade de unificar-se, definitivamente, o direito, sinão de todos os povos, pelo menos, dos que adquiriram a mesma cultura. (*Jahrbuch der int. Ver einigung fuer vergl. R. W.*, VI-VII, pag. 348.)

(15) Vejam-se especialmente, *Grundlagen des Rechts*, 1884; *Allgemeine Rechtswissenschaft*, 1891; *Grundriss der ethnologischen Jurisprudenz*, 2 vol., 1894-1895.

(16) Veja-se, especialmente o capitulo 3<sup>o</sup> da *Allg. Rechtswissenschaft*: — *Die Bearbeitung des Rechtsquellen*.

(17) *Vitheilung en der Int. Vereinigung fuer vergl. R. W.*, october, 1904, pag. 375: *Die Grundlagen des Rechts*.

(18) *Mitteilungen* cit. pag. 377.

(19) *Mitteilungen* cit. pag. 377.

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO

PEÇA EM 3 ACTOS

---

A Arthur Azevedo

---

SEGUNDO ACTO

---

SCENA VII

OS MESMOS E CAMILLA

*Camilla entra pela esquerda e váe direito a Mathias, que passeia pela sala nervoso, espera que elle se volte para dirigir-lhe a palavra. Estella fita-a com um olhar estranho.*

MATHIAS, dando por ella, atarantado:

Oh! minha senhora, desculpe-me... Não a tinha visto.

CAMILLA

Estella confisca-o, meu caro senhor Mathias. E' um tal ciúme do senhor que difficilmente conseguimos forçar o cordão que ella estende entre nós para saber da sua saúde e ter noticias de sua senhora. (*Sentam se, menos Estella:*) Eu disse ciúme — medo é que é, medo de que lhe digamos que ella nos faz soffrer muito com o seu geniosinho máo. Ah! a falta que lhe fazem os seus suaves conselhos e os exemplos de meiguice da sua bôa mãe. Ali onde a vê, está zangada commigo.

MATHIAS

Com a senhora? (*Aceno affirmativo de Camilla.*) Porque?

CAMILLA

Certamente, ella já lhe deu a razão imaginaria...

MATHIAS

Ah! sim... sim... arrufos... arrufos de creança.

CAMILLA

Arrufos, diz o senhor. Antes fôssem...

ESTELLA

Sim, antes fôssem!

MATHIAS

Então, minha filha!

CAMILLA

O senhor Marthias conhece o commendador Narciso?

MATHIAS

Sim, minha senhora: fui-lhe apresentado por v. ex. Um cavalheiro!

CAMILLA

Diga-me com franqueza: achá-o capaz de abusar de uma senhora, esposa de um rapaz que elle viu menino, filho de velhos amigos, como nós?

MATHIAS

Oh! minha senhora...

CAMILLA

Pois Estella entende que o commendador, que pecca, talvez, por excesso de generosidade, olha-a com intenções menos puras, assedia-a com pensamentos deshonestos, quando o que elle faz — e aqui lhe digo na intimidade, visto ser o senhor da familia — só um pae carinhoso faria por filhos infelizes. Não ignora que soffremos uma série de desastres: Sergio falliu, Carlos começava justamente a impôr-se quando foi obrigado a retrair-se por força da catastrophe que, de um dia para outro, nos reduziu quasi á miseria. Luctavamos procurando vencer o transe difficil, quando o commendador saíu ao nosso encontro offerecendo-nos o seu auxilio, pondo-se ao nosso lado quando todos nos abandonavam. Pergunto — um homem que assim procede é um desleal?

MATHIAS

Está visto que não! E' um amigo e dos raros.

CAMILLA

A casa em que nos achamos pertence-lhe. Pois não nos sentimos hospedes aqui, Estella que o diga; se ha quem pareça receber agasalho é elle, o dono. Ha, porém, no com-

mendador, uma franqueza um tanto esphafatosa. E' contra isso que se insurge Estella, vendo onde só ha boudade, intenções perversas. Quanto a mim... não me defendo, nem defendo os meus — quero apenas salvar o character de um amigo de uma injustiça cruel. (*Silencio*).

MATHIAS

Então, Estella... que dizes ?

ESTELLA

Eu ? nada tenho a dizer.

CAMILLA

E não tens, Estella. A verdade é esta.

ESTELLA

Talvez seja. (*Encaminha-se resolutamente para a esquerda.*)

MATHIAS

Onde vâes ?

ESTELLA

Vou ao meu quarto. Já volto. (*Entra á esquerda.*)

MATHIAS

Cabecinha tonta !

*Ouve-se o choro nervoso de Estella. Os dois ficam um momento interditos.*

CAMILLA, com um sorriso amarello :

Vê ?

MATHIAS

Nervos, minha senhora. A mãe era assim...

### SCENA VIII

MATHIAS E CAMILLA

CAMILLA, sentando-se :

Nervos... Meu caro senhor Mathias, essa historia de nervos já teve a sua epocha, como a crinoline e as anquinhas; passaram da moda, hoje ninguém os toma a serio. Então o systema nervoso só se manifesta, como a electricidade, em relampagos e raios ? Não. Não ha no organismo elementos mais disciplinados do que os nervos — se fazem a colera, tambem a corrigem. Estella é orgulhosa, não se submete — quer, a todo o transe, que a sua vontade predomine, embóra com sacrificio dos mais. Antipathia, diz ella — a antipathia justifica-se pela incompatibilidade, e que incompatibilidade existe entre ella e o commendador ? nenhuma. Suppúz, a principio, que houvesse um melindre delicado, uma susceptibilidade, de todo o ponto digna — a da mulher que se sente humilhada no favor que recebe. Mas, não ! Estella não se revolta contra a situação de miseria, deixe-me dizer assim, em que nos achamos, supporta calada, mesmo resignada, penuria e, honra lhe seja — nunca lhe surpreendi uma palavra de queixa, nunca a encontrei abatida — o seu odio é contra o homem, contra o bemfeitor. Porque ? não sei. Chama-se isso ingratição, não é verdade ? (*Gesto de assentimento de Mathias*) Seductor, diz ella... Mas que é isso de seductor ? uma creação da mulher. Ha homens atrevidos que affrontam, ha homens ousados que tentam — o seductor é um desses... quando a mulher consente.

MATHIAS

Isso é verdade.

CAMILLA

Romper com o commendador porque elle é delicado, chega a ser loucura, não lhe parece ?

MATHIAS

Naturalmente.

CAMILLA

Entende Estella que a sua posição é insustentavel e receia, o que ? a violencia ? não... Receia baquear — nesse caso, a culpa não será do homem, senão della. Não será elle quem a force, será ella que se entrega. Essa confissão revela uma tibieza moral que eu não admitto em mulher de tão reforçada virtude. Nada do que ella diz existe — não a tenho em conta de perversa, acho-a cerebrina. (*Depois de uma pausa:*) O que ha é capricho, capricho pueril... amúo de moça, ephemero como as trovoadas de verão.

MATHIAS

Passa...

CAMILLA

Sem duvida. E' o senhor, que tem tanta ascendencia sobre ella, poderá reconduzila á razão. Nós atravessamos um passo difficil, vamos por elle, com segurança, graças á bondade do amigo que nos presta um socorro generoso — deixal-o será a perda irreparavel, será a miseria, será a desgraça e será a ingratição. Um pouco mais de paciencia e, em breve, teremos o lar refeito, e a vida reentrará na antiga pauta, deslizando suavemente, como outr'ora.

MATHIAS

Pois fica por minha conta, minha senhora ; descance.

CAMILLA, levantando-se :

E' agóra venha ver a belleza que é esta residencia. O pomar... Gosta de fructas ?

MATHIAS

Muito... Sou doido por ellas...!

CAMILLA

E' de flôres ?

MATHIAS

Oh !

CAMILLA

Pois venha. (*Saindo pelo fundo:*) Isto é um paraizo, com todos os encantos do outro...

MATHIAS

E' sem serpente...

CAMILLA

Perdão, Estella entende que nem isso falta...

MATHIAS, sorrindo :

E' o commendador...?

CAMILLA

Não, senhor : eu (*Desapparecem.*)

### SCENA IX

ANNA E ESTELLA

*Anna apparece á esquerda, preocupada. Atravessa a scena vagorosamente, dando a perceber uma lucta intima, a insistencia de uma suspeita repellida pela razão. Detem-se pensativa, murmurando.*

P'ra dizer que é doença...? Emfim... (*Volta-se para a esquerda, olhando, e acena com a cabeça compassivamente.*) Não sei. Não sei, nem quero saber. Não é da minha conta. (*Abafando rapidamente a bocca com a mão:*) Uhm ! são brancos, lá se entendam. (*Passa ao terraço. Depois de olhar, chamando:*) Psio ! Manésinho ! Que é que você está fazendo ? Vem cá ! (*Insistindo:*) Chega aqui, rapaz. Um pequeno, em mangas de camisa, aproxima-se do terraço. Estella entra pela esquerda,

demudada. Tem uma surpresa vendo a sala deserta, um triste sorriso aflora-lhe o rosto pallido. Deixa-se cair em nma cadeira abandonadamente, o olhar parado, vasio. Ouvindo a voz de Anna, volta-se sobresaltada, reconhecendo-a, porém recêe na primitiva attitude.

Dá um pulo no armazem (*baixando a voz:*) e vê que bicho deu. (*Tom natural:*) Olha, passa pela casa de seu Braz, o conductor, e pergunta como vâe o pequeno, se ainda tem febre. Mas olha — (*baixo:*) se deu o jacaré, vem primeiro aqui. (*Tom natural:*) Vâe depressa. Eu fico esperando.

*O pequeno toma a direita. Anna demora-se um instante no terraço. Entra e, descobrindo Estella, contempla-a com bondade, meneando com a cabeça, como a lastimal-a. Meiga, aproximando-se.*

Que é que tem, menina ? Sempre triste, chorando ? Isso envelhece. Não gaste lagrimas á tôa ; ha tanto infeliz que precisa dellas. Deixe o choro para quem não tem outra consolação. E' o remedio que Deus dá para a agonia do pobre.

ESTELLA

É justamente por isso que me sirvo delle.

ANNA

Mas que é que a senhora tem ? Moça e linda, casada, com fortuna e saúde. Que mais póde a senhora querer ?

ESTELLA

O que me falta.

ANNA

Que é ?

ESTELLA, fitando-a

Que é ? ! Aquillo que a senhora tem de sobra...

ANNA, com simplicidade, rindo :

Molambos...? O que eu tenho de sobra são molambos e dôres.

ESTELLA

E' paz de coração.

ANNA

Ah ! isso... com a graça de Deus... E' a senhora não tem ?

ESTELLA

Não...

ANNA

Ora essa !

ESTELLA, arbatadamente :

Diga-me — se a senhora se visse entre féras famintas, sentindo-lhes o halito quente, vendo-lhes as garras agudas, o peilo arrepiado, as fauces arrepanhadas mostrando os dentes, no antegosto da carnagem...

ANNA, horrorizada :

Nossa Senhora ! Eu ? ! Virgem ! Isso foi sonho ?

ESTELLA, deixando-se cair abandonadamente na ottomana :

E' a minha vida...

*Silencio. Estella ancia, labios entreabertos, o olhar immobilizado. Anna contempla-a, commovida. Narciso apparece no terraço e demora-se a olhar. Anna dá por elle, adeanta-se e segreda-lhe :*

### SCENA X

AS MESMAS E NARCISO

ANNA

Olhe, senhor commendador, eu, por mim, mandava chamar um medico.



NARCISO

Porque ?

*Anna faz um gesto como para significar que Estella não está em juizo. Narciso encaminha-se vagarosamente para a ottomana.*

ANNA, em soliloquio :

Parece até que está variando...

*Sde, sempre gesticulando. Ainda se volta do terraço e desaparece.*

## SCENA XI

NARCISO E ESTELLA

NARCISO

Minha senhora...

*Estella volta-se, levanta-se vivamente e fica em attitude altiva, encarando-o :*

Que tem ? Está pallida... Que tem ? (*Silencio :*) Causo-lhe medo ? Que lhe fiz eu ? Accuse-me, se incorri em falta. Dê-me o motivo do seu odio, justifique a sua aversão. (*Silencio.*) Quem sabe se fui incivil, se alguma vez não a tratei com o respeito devido a quem venero — não ousou, sequer, dizer — estimo — para não expôr o coração ao seu desprezo. Sente-se, peço-lhe. (*Estella senta-se, como dominada*) Conversemos como bons amigos. Fico a distancia ; nem quero que a minha sombra sirva de tapete aos seus pés ; sempre seria uma approximação, um contacto. (*Senta-se.*) Aqui me tem. Agóra, ouça-me, com calma. Escolherei palavras que não a possam, de modo algum, melindrar : tão delicadas que lhe não firam o sentimento, tão siuceras que a senhora veja, através dellas, a verdade. As portas estão abertas, o Sol está comnosco. Não ha receio de que nos suspeitem. A senhora evita-me e, quando o não pôde fazer, trata-me com aspereza tal que eu chego a duvidar da sua caridade. Permitta-me que lhe fale em seu marido. Concede ? (*Silencio.*) Julga-o na cidade, não ? Hoje é feriado, minha senhora ; não ha bolsa. Elle está bem perto, a dez minutos daqui, em um hotel, jogando.

ESTELLA, altivamente

Sei.

NARCISO

Sabe ?

ESTELLA

Sei. E que tenho eu com isso ?

NARCISO

Nada. O jogo é apenas um vicio. Elle podia ter amantes ; seria peor.

ESTELLA

Ser-me-ia indifferente.

NARCISO

Não o ama ?

ESTELLA

Porque pergunta ?

NARCISO

Por nada.

ESTELLA

Pensei que se propunha ao logar que elle deixou vasio no meu coração. Já está occupado.

NARCISO

E se eu lhe perguntasse... ?

ESTELLA

Eu lhe diria.

NARCISO

Então, quem é ?

ESTELLA

O odio.

NARCISO

Máu inquilino.

ESTELLA

E', pelo menos, pontual nos sens compromissos.

NARCISO

E acredita que se possa viver com o odio ?

ESTELLA

A serpe vive com o seu veneno.

NARCISO

A serpe...

ESTELLA

E a mulher.

NARCISO

Entretanto, se queizésse viver com o amor...

ESTELLA

Obrigada. A sua fortuna...

NARCISO, nobremente :

Perdão : eu disse — amor. Para a mulher que amo, o meu dinheiro é um escravo que apenas apparece quando é chamado. O amor é que a serve, de joelhos, adorativamente. E já que o acaso nos deparou um ensejo de conversarmos, permitta-me que lhe diga toda a verdade. O que agóra me curva a seus pés não é o amor immenso, é a piedade... (*Movimento de Estella.*) Eu me explico : é a revolta do meu cavalherismo contra a exploração de que é victima.

ESTELLA

Eu ! ?

NARCISO

Pois não percebe ?

ESTELLA

Para perceber seria necessario que eu dêsse attenção ao que se faz nesta casa, onde só tenho um cuidado : defender-me.

NARCISO

Contra mim ?

ESTELLA

Contra todos.

NARCISO

E' injusta. Que lhe offereço eu ? aquillo que nunca teve — liberdade, tranquillidade e amor. Livre, não é, não o será jámais ; tranquillidade, nunca terá ; amor... o coração que lh'o devia dar está tão cheio de vicios que não poderá conter um sentimento. Julga que não descobri a manobra sagaz dos que a cercam ? Não fiz ainda o que me ordena o brio, para poupar-lhe desgostos. Vejo-a ameaçada, que faço ? pago aos esbirros o preço do seu resgate diuturno. E porque havemos, os dois, de servir de ludibrio aos astutos—eu, pagando ; a senhora, sendo mercadejada ? O melhor será resolvermos com franqueza, o que elles nos propõem com maldade. Querem-na vender. Consente ?

ESTELLA, de pé, energica :

Vender-me ! a mim ? !

NARCISO

E que fazem elles ? mãe e filho ? O velho, não — é uma victima exgotada... nem ouvido é, sequer.

ESTELLA

Vender-me ! a mim ? E o senhor tem coragem de m'o dizer em face ?

NARCISO

Previno-a.

ESTELLA

Insulta-me...

NARCISO

Se tomou como insulto, peço-lhe que me perdõe...

*Ajoelha-se. Carlos apparece ao fundo, estaca nervoso, hesitante. Num arranço impulsivo, precipita-se em scena, vae direito a Estella com os punhos fechados.*

(Continua)

(\*) E' prohibida a reproducção.

## JUIZES E TESTEMUNHAS (\*)

(A SUGGESTÃO INCONSCIENTE)

Já vimos, em anterior estudinho, como a lei e as praxes forenses exercem influencia no animo da testemunha, determinando-lhe o reconhecimento do presumido criminoso, orientando-a na narração dos factos, fixando sua opinião incerta e vacillante. Cuidaremos, agóra, de deixar patente o perigo da suggestão exercida pelo juiz, que, na maioria dos casos de certa gravidade, se substitúe á testemunha, transformando-a em aparelho reproductor de impressões alheias.

No mundo judiciario francez—onde até ha pouco se mantinha a *instrucção criminal secreta*—o phenomeno tomou proporções assustadoras, sendo causa directa e incontrastavel de escandalosos erros judicarios. A critica severa, mas justa, do papel odioso que a processualistica franceza distribuia ao juiz de instrucção, passou das paginas dos livros doutrenarios para as dos romances e para a scena theatral. No ACCUSATEUR, de Claretie, na AME DU JUGE, de Pierre de Lano, ha descripções apavorantes, em que se encontra pintada, bem ao vivo, sem traços de phantasia, a influencia do juiz na obtenção da prova escasseante. Em ROBE ROUGE e em ENQUÊTE, o espectador aturdido assiste ao mesmo espectáculo lancinante, reconhecendo a verdade do que escreveu Claretie: «Na nossa sociedade actual, encarna-se no juiz de instrucção a ultima parcella do poder absoluto. Elle se dirige para a verdade pelos caminhos que lhe parecem melhores. *Et comment il le veut, parce qu'il veut.*»

Ainda mesmo no regimen da instrucção criminal publica, por toda parte, o papel deixado á defesa é insignificante ; mantida a supremacia do accusador (quer seja official, quer seja particular) e permittindo-se ao juiz o exercicio de uma auctoridade de que elle é sempre propenso a abusar...

A impressão do juiz se tradúz, a cada passo, na maneira de fazer a pergunta, na fórmula de redigir a resposta, na insistencia com que repisa certos motivos da inquirição. Não ha quem não tenha observado, pelo menos, o processo de deformação por que passa o pensamento da testemunha através

da intelligencia do juiz, ao ponto de, muitas vezes, uma pessoa intelligente não poder supportar que se escreva o que não disse. O brilhante advogado do fôro de Pariz, Leon Cléry, contou, por occasião do celebre processo Wilson, o que lhe aconteceu, certa occasião, sendo interrogado por um juiz instructor.

O caso é longo e vale a pena de ser lido na obra de Lailler e Vonoven.—LES ERREURS JUDICIAIRES (pags. 122-123).

Resulta da interessante observação que «as conversações mais innocentes se alteram, fazendo o trajecto do pensar do accusado para o pensar do juiz.» Em verdade, o juiz criminal não teme a suggestão porque não lhe conhece os perigos. Victima elle proprio de uma auto-suggestão dominadora e absorvente, não tendo tido tempo para conhecer o character e a indole das testemunhas, nem estudos especiaes para lhes conhecer o gráu de credulidade normal ou doentia, eil-o transformado inconscientemente em suggestionador, que transfere o que pensa e o que sente para a alma da creatura tímida e ingenua que lhe devia vir trazer a palavra da verdade e a indicação do crime ou da innocencia...

Seria proveitoso a quantos se dedicam á difficil tarefa de promover a repressão penal, conhecer os resultados obtidos pela hypnologia na apreciação da suggestionabilidade humana. Não lhes seria menos util o conhecimento dos conselhos que dahi téem derivado e já téem sido sancionados por votos de congressos scientificos.

Edgar Berillon, em um relatório celebre que apresentou ao Congresso de Anthropologia Criminal reunido em Genebra, (1896) não vacillou ao afirmar que «os falsos testemunhos constituem, até certo ponto, a base da instrucção judiciaria.» A extrema suggestionabilidade de grande numero de pessoas é factó averiguado e indiscutível. (REVUE DE HYPNOTISME, 1896, vol. IX).

Ha individuos — e são milhares — que representam normalmente, em estado de vigilia, sem manobras hypnoticas, o papel perfeito do enfermo dominado pela hypnose. Junte-se a essa predisposição psychica a timidez natural de uma creatura do povo deante do aparato imponente da Justiça—e ter-se-á a explicação de muitos falsos testemunhos inconscientes.

Bernheim, na sua obra bem conhecida DE LA SUGGESTION, aconselha que o magistrado interrogue a testemunha sem fazer sentir sua propria opinião, sem pezar sobre ella, *sans y mettre du sien*. Falla-se, e com razão, contra o abuso do hypnotismo, profligando o seu emprego para obter confissões criminaes. Mas—observa Bernheim—saberá o juiz que elle mesmo está arris-

cado, em se tratando de certas testemunhas, a fazer suggestão, sem o querer? (Obra cit. pag. 250).

Demais, as testemunhas podem influir umas sobre outras, e não são raros, no fôro criminal, os casos de *suggestão-collectiva*, sendo o noticiário das gazetas factor importante desse lamentavel phenomeno. Julio Liegeois faz as mesmas observações e aponta os mesmos perigos. (DE LA SUGGESTION ET DU SOMNAMBULISME DANS LEURS RAPPORTS AVEC LA JURISPRUDENCE ET LA MÉDECINE LÉGALE, pag. 499).

Perante o primeiro Congresso Internacional de Hypnotismo, reunido em Pariz, no anno de 1889, o alludido escriptor voltou a tratar dos *falsos testemunhos*, não só produzidos por suggestão directa e intencional, como também *inconscientemente, em resultado de interrogatorios feitos de maneira a excitar a suggestionabilidade de cerebros fracos e impressionaveis, inclinados a transformar em imagens e recordações todas as idéas que lhes são propostas com insistencia e auctoridade*. (COMPTES RENDUS, pags. 261-262).

Conforme observa Guyau, todos nós somos susceptiveis de suggestão; mas a possibilidade da resistencia pessoal á suggestão varia consideravelmente de pessoa para pessoa. (\*\*)

Sendo a suggestão uma *pressão moral* e sendo a palavra a expressão mais commum dessa influencia, é bem de ver que a auctoridade de um juiz e a firmeza de sua convicção podem determinar a convicção da testemunha impressionavel. E, de facto, determinam.

A doutrina juridica distingue o *testemunho responsivo* do *testemunho espontaneo*. O primeiro é obtido por meio de perguntas, feitas uma a uma e sem que a testemunha faça propriamente uma narração. O outro se dá quando a testemunha narra livremente, sem constante intervenção de um interrogador, o que ella sabe em referencia ao processo. Geralmente, se procura o testemunho responsivo, peiorado com o emprego de ardis e de objecções que atrapalham o depoente e o arrastam ao caminho da convicção já firmada no cerebro do juiz. Inquirida a mesma testemunha por fórma diversa, deixando-se-lhe livre a exposição, a differença entre os dois depoimentos será radical e decisiva. Quem escreve estas linhas tem feito, muitas vezes, a experiencia, e os resultados téem sido sempre os mesmos.

Dir-se-á, talvez, para pôr em duvida a oportunidade destas observações, que, entre nós, desde muito, a instrucção criminal se faz na presença do accusado, que pôde intervir por meio de defensor, tomando conhecimento de todos os elementos da accusação; e assim não ha a temer os pe-

rigos que deixámos apontados. De facto, o nosso Cod. do Proc. Criminal, que data de 1832, fugiu do molde francez e permittiu a intervenção da defesa na formação da culpa.

Entretanto, a verdade é que aquella velha e respeitavel lei monarchica, as que a completaram em 1841, 1842 e 1871, bem como as leis processuaes da Republica, não excluem a possibilidade da suggestão feita ás testemunhas, nem evitam os erros judicarios que de tal factó derivam.

Em primeiro lugar, temos a influencia indiscutível que o inquerito policial exerce em toda a instrucção do processo — e o inquerito é, em casos graves, feito em segredo para... o accusado. A primeira deformação do pensar da testemunha se dá em um gabinete de delegado ou em um cartorio de escrivão, raramente imparcial e habilitado. Dalli por deante, a *impressão transmittida* pezará sobre o depoimento da testemunha e modificará a visão da realidade no sentido da orientação do inquerito, frequentemente inquisitorial. Depois, na formação da culpa, não ha regra nem norma que determine o proceder do juiz. Elle inquire como quer, pergunta como lhe apraz. Nem sempre, é o juiz quem inquire; em certos juizos, o escrivão ou um escrevente se incumbe desse trabalho. E ninguem pôde seriamente dizer que tal funcionario esteja preparado para fugir á tremenda influencia da suggestão causada pela lembrança de um crime hediondo.

Além de tudo, a faculdade que tem o réo de chamar patrono, para guial-o e aconselhal-o, é de resultados illusorios, na maioria dos casos. O pobre nem sempre encontra, durante a formação da culpa, quem o acompanhe; e ao juiz não cumpre nomear defensor *ex-officio*, a não ser perante o jury, ou sendo o accusado menor. Demais, nesta terra — fallemos francamente — que advogado ousará levantar-se contra a parcialidade do juiz e mostrar que elle suggestionou as testemunhas em um processo? Não ha quem ignore que um dos defeitos da nossa organização politico-administrativa é a «irresponsabilidade do funcionalismo», affirmada todos os dias, e contra a qual só se nos depara um remedio nos desabafos, nem sempre aproveitaveis, da imprensa independente.

Nem todos os juizes estão sujeitos, entre nós, a esse respeito stricto da «presumpção da innocencia», que acompanha todo accusado até condemnação definitiva. Em casos especiaes, já se tem conferido a alguns magistrados, para luzimento do seu valor, o direito de torturar accusados e testemunhas, de lhes suggestionar abertamente as respostas, como si não

estivessem presentes advogados, imprensa e publico curioso. E isso se tem dado — por suprema desgraça — em processos de alta importancia, donde a suggestão deveria ser banida, a bem da verdade e da justiça!...

EVARISTO DE MORAES.

(\*) Vide o n. 26 dos *Annaes*.

(\*\*) EDUCATION ET HEREDITÉ, pag 10.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

### DO SEGUNDO AO TERCEIRO CHACO

Internámo-nos pelos asperos macegaes, interrompidos de distancia em distancia, por fundas lagôas, grandes e pequenas, cobertas de juncos e aguapés. Voltámos ao acampamento anoitecendo, completamente molhados.

Nos dias seguintes, os reconhecimentos iam se afastando, mais e mais, em diversas direcções. O commandante infatigavel buscava um caminho para levar-nos acima de Angostura. No logar em que passáramos no primeiro dia, os nossos pontoneiros lançaram uma ponte sobre cavalletes. Alli morreu afogado o meu illustre camarada e amigo alferes Meirelles, de quem o Tiburcio disséra que tinha «incrivel audacia».

O cholera-morbus atirou-se livido sobre a nossa pequena columna, e todos os dias arrebatava-nos muitos dos nossos valentes companheiros.

O nosso medico era um cirurgião contractado, muito sympathico e jovial. Ninguem sabia por que faculdade se graduára. Não era brasileiro e tinha um typo de tambor mór, alto, membrudo, de largas espaduas. Usava a barba á Henrique Quarto, aparada em ponta; carregava muito nos rr e gostava demasiado de cognac. Mostrou-se muito solícito com os nossos cholericos. Mandava fazer enormes caldeiradas de cosimento antiphlogistico de Stahl, que elles viravam aos canecos e levavam para as sepulturas, cujas cruzes toscas davam ao nosso acampamento o tom funebre de um vasto cemiterio.

Quando chegou o general Argollo, alguns dias depois de nós, o doutor teve de apresentar-lhe o seu relatorio, com o quadro nosologico da força entregue aos seus cuidados.

Escreveu-o em francez e pediu-me para traduzil-o, não obstante o idioma não ser estranho ao general. Dizia, entre outras coisas interessantes, «*haber descoberto na riquissima flora do Chaco uma planta rara e de tão grandes virtudes therapeuticas, que a considerava um especifico infallivel para a destruição do monstruoso flagello do Gan-*

*ges.*» Tinha floreado estylo e era um agradável conversador.

O especifico do Chaco pareceu-nos um dedicado alliado do flagello, porque raro foi o doente que escapou. O general era bastante fino e atilado para engulir aquella pillula. Mandou chamar o dr. F. e, depois de congratular-se com elle pela notavel descoberta, tão valiosa quão humanitaria, pediu-lhe a virtuosa planta. O doutor não contava com isso. Felizmente para elle, o Argollo não se lembrou mais do especifico, porque lhe absorvia toda a attenção e energia a sua obra immortal — a estrada do Chaco.

O coronel Rufino Galvão, os capitães Frota, Lassance e outros esforçados engenheiros, auxiliados pela tropa patriótica, fizeram prodigios de firmeza e tenacidade, construindo pontes sobre pontes, á medida que as aguas iam subindo e estendendo a immensa e memoravel estiva de mais de trinta mil espèques de carandá sobre aquelle sólo movediço e perfido, formado de uma crosta pouco espessa, mal endurecida pelo sol e repousando sobre um leito insondavel de tremedaes.

O Dezeseis havia mudado o seu acampamento para o interior, tendo já *furado tudo aquillo*, como diziam os soldados, na sua linguagem pittoresca.

No dia 26 de outubro pela manhã, pôz-se em marcha, costeando um arroyo grande, para ir acampar na margem do Paraguay e communicar-se com a divisão encouraçada, que forçara as baterias de Angostura e estava fundeada nas proximidades de Villêta. Dois dias antes, o meu mallogrado amigo Frazão Gomes de Carvalho, apenas com as suas ordenanças, levára despachos para o chefe da divisão.

O batalhão marchava com a esquerda em frente e a quatro de fundo. A columna era extensa e, de vez em quando, a testa fazia alto para a cauda unir. Atravessavamos um campo de macéga alta, e a matta que orlava o grande rio estava proxima. Tudo era silencio naquellas ermas paragens, onde nem mesmo os *quero-queros* davam o seu brado de alerta.

O commandante ia na frente, montado no seu vivo cavallo *gateado*; o major no flanco e eu, como ajudante, na rectaguarda da columna.

Penetrou a matta a oitava companhia, seguindo os exploradores. Quando já estava dentro a primeira divisão da setima, o inimigo, emboscado, precipitou-se sobre ella a arma branca. Foi uma bella surpresa. Ouvi alguns tiros salteados. O Dezeseis correu, a marche-marche, para a frente, e as companhias que iam á rectaguarda, estenderam em linha de atiradores, por ordem do major. Corri

de espóra, fita e espada desembainhada, para a matta. Partiu-se um dos atilhos que prendiam á garupa o meu sacco de encerado, que pendeu para um lado e assustára o meu fiel tordilho. Cortei o outro com a espada; alli ficou todo o meu thesouro. Ao chegar á matta, trez vultos morenos, com barretinas de sóla e blusas vermelhas, ergueram-se do macegal, onde estavam occultos, e um braço musculoso avançou para agarrar-me o freio do animal. O cavallo brioso parece identificar-se com o cavalleiro, nos combates. O tordilho, assustado, deu um salto rapido para o lado, e a minha espada afiada caíu pezada, instinctivamente, sobre a larga mão do braço musculoso.

Duas balas me passaram zunindo pelos ouvidos, e os vultos deram meia volta, perseguidos pelos meus valentes camaradas.

Apeei-me, passei as redeas ao Antonio Faustino, e entrei. Pelejava-se em desordem, grupos com grupos, homem com homem. Já alguns se extorciam no chão e outros tinham exalado o ultimo suspiro.

Um soldado da companhia do Castello Branco, o Manoel Antonio, das bandas lá do Chique-Chique, *curibóca*, alto de cabello liso e barba crescida, magro e meio desengonçado, tinha pela frente um caboclo baixo, com pescoço de touro, bigodes caídos e agil como um tigre. O nosso soldado, já ferido no hombro esquerdo por um talho de espada, vibrou sobre o paraguayo um golpe terrivel de bayoneta. O caboclo desviou-o e agarrou, com vontade, a arma pela bocca. Os dois adversarios, dignos um do outro, faziam prodigios de força: um, para conservar-a; o outro, para arrancar-a das mãos de ferro que a detinham. Qual seria o desenlace daquelle combate tão singular? O caboclo tinha as mãos occupadas apertando o cano da carabina — e o *curibóca*, com os olhos faiscando, a mão direita no delgado e a esquerda constringindo-a na altura da alça de mira, estendia-se para a frente como si partisse a fundo para encolher-se depois, como o sucurijú das ipueiras da sua terra. De repente, vimol-o erguer-se aprumado, e mandar um pontapé terrivel ao estomago do inimigo, arrebatá-lo a arma e craval-o no chão lamacento, enterrando o sabre até á guarda. Bravo Manoel Antonio, fôste promovido a anspeçada!

Mais adeante, numa pequena clareira, o Tiburcio assistia á lucta, animando, como sabia, a sua gente destemida, quando se lançou sobre elle um official paraguayo, com a espada curva levantada. O commandante, que foi um dos mais aproveitados discipulos do Gama, o philosopho incomparavel da esgrima, na Praia Verme-

lha, exclamou com voz clara e vibrante, os olhos incendidos :

— Não toquem neste homem !

E caíu em guarda.

O official achegava-se rapido, e o Tiburcio, correcto, perfeitamente coberto, a mão esquerda segurando a bainha da espada, e a lamina em linha recta com o antebraço direito, mantinha a ponta na altura dos olhos do adversario.

Foi um momento indescrivivel, inolvidavel, aquelle. O paraguayou lançou ao derredor um olhar curioso, viu-se só e rodeado de inimigos, que o miravam com ferocidade. Vacillou e não chegou a cruzar o ferro. Abaixou a espada, deu meia volta e sumiu-se nas sombras da floresta. Tudo passou rapido, como uma illusão. O Tiburcio sorriu, reuniu a sua gente, que o ficou amando ainda mais, e embrenhou-se com ella, perseguindo o inimigo, já em debandada.

Foi um combate que durou pouco e nos deixou grandes recordações.

Alli mesmo, acampámos e permanecemos na nossa afanosa lida, até embarcarmos, com o grande exercito, no dia 5 de dezembro, para o outro lado do rio, onde a espada do nosso general em chefe ía escrever a epopéa da dezembrada.

DIONYSIO CERQUEIRA .

(Conclusão.)

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O MEDICO A FORÇA

ACTO I — SCENA V

MARTINHA, NORBERTO, BRAZ E LUCAS

Lucas — Tendo tal medico á mão,  
Não é coisa de cuidado.

Braz — O nome delle ?

Martinha — E' Simão,  
Mas chamam-lhe o Sganarello ;  
Era alcunha, mas pegou :  
Até elle a assigna...

Braz — Bello !  
E onde mora ?

Martinha — Onde ? não vou  
Ensinar-lhe pessoalmente  
O sitio onde sei que está,  
Porque não posso ao presente  
Deixar a casa.

Braz — Será  
Longe d'aqui ?

Martinha — Muito perto.

Lucas — E nós somos caminheiros.

Martinha — Pois lá  
(apontando para o pinhal)

O encontram de certo,

Que elle anda a cortar pinheiros.

Braz — (rindo)

Cortar pinheiros !

Martinha — Não ria ; fallo sério.

Braz — Elle ! um doutor ! a fazer lenha !

Lucas — Que tia

Tão farcista !

Martinha — Não senhor,

Não é risota ; verãõ.

Lucas — Eu pasmo ; e tu não te espantas ?

Braz — Já dei co'a adivinhação ;  
Anda á procura de plantas,  
De bichos, e de resinas  
Que se criam nos pinheiros.  
Atinei ?

Martinha — Quaes medicinas !  
Trabalha como os matteiros.  
Cada mão d'elle é um callo ;  
E tem fôrça ! !  
(apalpando o lombo)

Norberto — (ainda á janella, e fallando consigo)  
Olé se tem !

Braz — E' celebre !

Martinha — O seu regalo  
E' que o julguem Já-ninguem.  
Vão-lhe lá chamar doutor ;  
Nem pestaneja.

Lucas — Ouves, Braz ?

Braz — E medico ?

Martinha — Tambem faz  
Orelhas de mercador.

Lucas — Que sabio tão exquisito !

Martinha — Ah ! nem lh'o eu posso contar.

Braz — E os signaes ? feio ou bonito ?  
Baixo ou alto ? e o seu trajar ?

Martinha — Não é bonito nem feio ;  
Alto nem baixo ; é tal qual.  
No fato pouquinho aceio ;  
Parece um sarrafaçal.  
Collete roxo e amarello ;  
Jaqueta de verde-gaio.

Lucas — Temos doutor papagaio.

Braz — Basta ; o retrato está bello.

Martinha — Até se finge ignorante,  
E apoucado do juizo !

Braz — Que homem tão extravagante !

Martinha — Chega até ser preciso  
Para ir vêr algum doente,  
E confessar que é doutor,  
Dar-lhe paulada á mão tente.

Lucas — Senão não váe ?

Martinha — Não, senhor ;  
Não tenha medo. Nós cá  
Usamos desta reccita :

Lucas — Pois o homem quererá ?...  
Valha-o a elle a maleita !

Martinha — Não sei : o que sei e digo,  
E' que sem tunda não váe.

Braz — Tosar-se-ha o nosso amigo.

Martinha — Deixá-lo gritar ai ! ai !  
Dêem seu dó nem consciencia ;  
Só lá na cabeça não,  
Que isso estragava a sciencia.  
Aqui, onde eu ponho a mão,  
E' que é ferrar-lh'as á tesa.  
(Indica nas coslas o logar dorido)

Braz — Bom : não ponha mais na carta.

Martinha — E a menina com certeza  
Ha-de fallar. Dêem-lhe á farta.

Lucas — Eu coisa d'este feito  
Nunca ouvi.

Martinha — Não, não.

Braz — Nem eu.

Lucas — Segundo eu cá desconfio,  
O sabio é grande sandeu.

Braz — Parece-o.

Martinha — E parece. Eu digo

Que os milagres que elle faz  
Vêm de Deus ou do inimigo,  
Que elle não era capaz.  
Olhem esta. Noutro dia,  
(Isto até parece galga)  
Morreu d'uma puplecia,  
Uma senhora fidalga.  
Chamou-se toda a mestrança ;  
Estava morta e bem morta,  
Fria, verde, e co' uma pança...  
Olho em alvo, a boca torta,  
Emfim, defuncta, defuncta.  
Mais de seis horas passadas,  
Estando a familia junta,  
Chega o doutor das pauladas,  
Saca do bolso um vidrinho,  
Chega-lh'o ás ventas ; de sorte  
Que deu logo um espirrinto,  
Com que espirrou fóra a morte.  
Salto-me abaixo da cama,  
E, como se nada fosse,  
Ahi me têm vocês a dama  
No quarto a passear.

Lucas — Salvou-se ? !

E vive ? !

Martinha — Está viva e fera.

Braz — O vidrinho era de gaz,  
Talvez.

Martinha — Não sei cá de que era.  
Ha dois mezes, um rapaz  
Sobe-se á torre da igreja,  
Ao cheiro das andorinhas ;  
Escorrega, (salvo seja)  
Faltam-lhe ambas as mãosinhas,  
Descamba d'aquella altura,  
Bate em baixo no lagedo,  
E alli fica a creatura  
Num bolo, que punha medo !  
Partiu as pernas e um braço,  
Tres costellas e a cabeça,  
E estoirou-lhe dentro o baço.  
Quer Deus que alli appareça  
Por acaso o meu doutor ;  
Convidam-no co' uma sova  
A ir logo, logo, pôr  
O morto uma vida nova.  
Esfrega-lhe o corpo todo  
Co' uns unguentos que elle faz,  
A modo de côr de lodo ;  
Ergue-se em pé o rapaz...

Lucas — Conhece-o ?

Martinha — Perfeitamente  
Se era o José da Francisca !  
Logo alli (viu toda a gente)  
Poz-se a jogar a petisca.

Lucas — Aquillo o homem tem parte !  
Ou sabe a magica brauca.

Braz — Ou aprenderia a arte  
Nas covas de Salamanca.

Martinha — Lá onde a aprendeu não sei ;  
Sei que faz d'isto. Vão, vão ;  
Não percam mais tempo.

Braz — Irei.

Martinha — Não se esqueçam...

Lucas — Do bordão ?

Cá váe ; não tenha cuidado,

Martinha — E é rijo ?

Lucas — Já deu marmelo.

Braz — (para Martinha)

No pinhal ?

*Martinha* — D'aquelle lado.

*Lucas* — E chama-se?..

*Martinha* — O Sganarello.

Vou para a minha casinha

Erguer os pequenos.

*Braz* — Vá.

*Lucas* — Pois adeus, tia *Martinha*.

*Braz* — Fique-se com Deus por cá.

*Lucas* — E obrigado!

*Braz* — E agradecido!

*Martinha* — Ora essa! não tem de quê.

A. F. DE CASTILHO.

\* \*

### AMBIÇÃO CLERICAL

Em nenhuma côrte do mundo tem logar o extremo da tentação, senão na côrte da cidade santa. Em todas as outras côrtes pôdem os cortezãos aspirar a subir, mas não ao pinaculo. Pôdem aspirar á grandeza mas não á majestade; ao titulo, mas não á corôa. O fidalgo particular pôde aspirar a conde, o conde a marquez, o marquez a duque; e aqui pára o desejo, porque o ser rei está fóra da esphera da ambição. Nesta côrte de Roma não é assim. Da sotaina podeis subir á murça; da murça ao mantelete, á mitra; da mitra á purpura, e da purpura á tiara.

Subir ás dignidades pôde ser bom e pôde ser máu; mas o que sempre é máu e nunca pôde ser bom, senão pessimo, é fazer de uma dignidade degráu para outra, e querer sempre subir sem jámais parar. Não se sobe hoje ás dignidades, sobe-se por ellas. Haviam de ser fim, e são meio; haviam de ser termo, e são degráu. Tal modo ou tal furia de ambição não é humana, é diabolica, é luciferina.

A soberba e ambição de subir nunca está mais que sobre um pé. Tem um pé no logar que possue, e o outro já váe para o logar que pretende. Isto é subir sempre. Quem sobe, quando firma um pé num degráu, já levanta o outro para o pôr no que se segue. Assim sobe e váe subindo sempre (por mais alto que seja o logar a que tem subido) quem fôr tocado desta tentação.

Fez Salomão um leito para si, cujo reclinatorio era de oiro, e a subida de purpura. Com licença da sabedoria de Salomão, eu não o fizera por esta traça; fizera o reclinatorio de purpura e a subida de oiro. Para reclinar e descansar a cabeça, o oiro, ainda que seja muito lustroso, é muito duro e muito frio. Para os degráus era muito decente e muito auctorizado o oiro; porque não ha modo de subir mais majestoso, que mettendo o oiro debaixo dos pés e pizando-o. Pelo contrario, a purpura era mais accommodada para o reclinatorio, porque é branda e conserva o calor. Mas a purpura para os degráus? — Sim. Porque Salomão fazia o seu leito, não como era bem que fôsse, senão como via que havia de ser.

Estou vendo, porém, que me dizem os meus portuguezes: ainda que temos o exemplo de S. Damaso e de João vigesimo segundo, os nossos pensamentos não sobem ao pinaculo, nem a tão alta supposição. Com uma igreja, das que vagam na nossa terra, nos contentamos; isto é o que só pretendemos na cidade santa. Mas tambem ahí pôde entrar com igual perigo a tentação do demonio. Eu não sou muito curial destas tentações, e assim fallarei por bôcca de quem tinha grande experiencia e pratica dellas. O cardeal Bellarmino, passando por um lago destes arredores, viu um moço que estava pescando rãs, e a isca com que lhes armava, era a pelle de outra rã já morta. Lançava o anzol com a pelle da morta, e assim pescava as vivas.

Eis aqui, diz Bellarmino, como pesca o diabo aos ecclesiasticos. Morreu o conego, o prior, o abbade: o que faz o diabo? — Toma a pelle do defunto, que é a murça, ou a sobrepelliz, ou a estola, mette-a no seu anzol, que é a tentação, e vem de Portugal a pescar a Roma. Quem cuidára tal coisa! que o diabo venha fazer-se pescador na barca de S. Pedro! E que fazem as rãs, que estão esperando no lago, e atroando os ouvidos de todos? Tanto que chega a nova, tanto que vêem a pelle da morta, todas a ella com grande bôcca aberta; e, se alguma se adianta ás demais, todas a abocanhá-la e a mordê-la. Eu não o vi, mas assim o oiço. Nisto são peiores as rãs que os peixes. Os peixes mordem e calam; as rãs atroam, e não ha quem se oiça nem valha com ellas. Que cada um pretenda para si, humano é; mas é grande deshumanidade que homens da mesma patria, da mesma nação, do mesmo sangue se mordam, se maltratam, e se affrontem por introduzir a si, e afastar os outros.

Aos que nada têm, tenta-os o diabo com o pão; aos que nada lhes basta, tenta-os com tudo. Os que de cá vão com fome, tenta-os com pão feito. Deus livre a todo o faminto de que o diabo o tente com o pão feito e preparado. A Eva tentou-a o diabo com a fructa madura e sazoadada; a Esaú tentou-o com as lentilhas cozinhadas e temperadas. E que succedeu a ambos? Ambos caíram sem resistencia. Ser tentado com o comer que se ha-de fazer, ainda que haja fome, não é tão grande tentação. Se o pomo estivera em erva, nem Eva, nem Esaú se haviam de tentar, quanto mais cair. Porém tentar com o pão, e feito: tentar com o pão que outros fizeram, e vós o tendes recolhido no vosso celeiro com obrigação de o repartir aos pobres, grande tentação! O ecclesiastico é despenseiro do pão, e não senhor; mas é grande tentação do despenseiro que, podendo-se fazer se-

nhor, se não faça, e podendo comer o pão, o não coma. Nesta parte são mais venturosas as ovelhas do campo, que as de Christo. Porque o pão das ovelhas do campo não o pôde comer o pastor, e o das ovelhas de Christo, sim. E, quando o pão do gado é de tal qualidade que o pôde comer o pastor, aqui está a tentação.

O filho prodigo, depois de desbaratar todo o patrimonio, para remediar a sua necessidade, poz-se a pastor; e o mantimento do seu gado era tal, que tambem o pastor o podia comer. Foi, porém, tão pontual este moço (como filho de bons paes que era) que até daquelle mantimento rustico e grosseiro, que se lhe dava para o seu gado, nem uma bolota tomava para si.

Mas qual era a sua tentação? Toda a sua tentação, e todo o seu appetite era comer, e encher-se daquelle mesmo mantimento que lhe davam para o seu gado. Se isso fazia a fome do filho prodigo, que fará a do padre avaro? Pastor com fome ha-de comer o pão do gado, qualquer que seja; e mais os que de cá vão com fome de tantos annos. Os prégadores zombam do diabo tentar a Christo com pão de pedras; e não reparam em que estava o tentado com fome de quarenta dias. Para fome de muitos dias não ha pão duro; quanto mais para fome de tantos annos.

PADRE ANTONIO VIEIRA.



### O ALMIRANTE (32)



ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO



### CAPITULO XVI

Dessa collisão de idéas, tirou-o a vóz mansa do conselheiro :

— O senhor cumpriu o seu dever; eu acabo de cumprir o meu, entregando o paço ao representante do governo.

— Tem razão, meu amigo. E... agora?..

— Submetto-me, resignado, ao facto, mantendo a mais stricta fidelidade aos principios: aquelles são transitorios; estes são eternos, superiores ás commoções sociaes, ás revoluções... ás decepções, sobretudo ás decepções que abalam a fé e matam a esperança.

E como Oscar se mantivesse na attitudo de quem medita, o conselheiro continuou :

— Desde hontem que não vou a casa. O dever primeiro que tudo. Não sei o que é feito da minha pobre familia... Muitos amigos do Imperador o abandonaram quando se convenceram do desastre. Não podendo sair pela porta principal por causa da opposição

das sentinellas, partiram, como fugitivos, pelo passadiço para o Instituto Historico, onde ha uma saída para a rua do Carmo. Vi-os numa afflicção de deixarem este palacio, como se fôra um sitio maldito. Guiou-os o Guimaraens Passos, aquelle poeta archivista do Imperador. Esse tambem ficou comnosco até á ultima hora. Oh! Os homens são, ás vezes, pusilanimos e inconstantes como damas!... Que quer, meu amigo?... Não se pôdem corrigir as falhas da natureza, nem os effeitos corrosivos dos costumes. Os caracteres de melhor tempera se oxidaram no ambiente impuro da politica. O Imperador não soube fazer amigos. A mór parte dos que o rodeavam eram servidores sem fidelidade... E' a repetição do 7 de abril, neste mesmo sitio, pelo mesmo elemento militar. A monarchia não era pezada; por isso, foi mantida durante tanto tempo. O throno era uma ficção, não tinha partidarios dedicados até ao sacrificio. São as minhas deducções, infelizmente confirmadas por este desastre sem precedentes. Se me ouvissem... Se sua magestade attendera aos seus subditos leaes...

Houve uma pausa. O conselheiro inspeccionava, com o olhar timido, os arredores do palacio imperial, sempre sitiado pelos soldados, e não ousava aventurar-se a affrontar sósinho as patrulhas, que se conservavam de guarda em todas as ruas que davam accesso ao largo do Paço.

— Não podemos ficar aqui, meu caro Oscar — observou elle — Aonde pretende ir?

— Para o meu posto — respondeu Oscar, num accento de funda tristeza — como me aconselhou o Imperador. O senhor terá a bondade de procurar a marquezia, de amparal-a com o seu consello de amigo. Não sei o que é feito dessa pobre creatura. Mandeilhe noticias pelo Castrinho, que não tornei a ver. Diga-lhe que espero, em poucas horas, libertar-me...

— Não haverá perigo em expôr-me?

— Eu o conduzirei até ficar fóra do cerco deste largo.

— Bem sabe, Oscar, que não tenho medo. Poderia ter fugido, como os outros, pela passagem secreta; mas fiquei no meu posto. Eu não tenho medo; mas a minha posição de funcionario da casa imperial, as minhas idéas, felizmente muito conhecidas, me obrigam a tomar cautelas para evitar sacrificios inuteis.

Oscar deu o braço ao conselheiro e partiram na direcção do arsenal de marinha.

A madrugada precóce punha um tom livido nas fachadas das casas, destacava a figura dos soldados: uns, recostados; outros, sentados, dominados pelo somno, todos num desalinho

que denunciava uma certa desenvoltura provocada pelo grande hiato de disciplina, que acabava de terminar a sua obra de expulsão da dynastia. Os mais fortes e moços conversavam em desbocada alegria, contando aventuras, accidentes, anedoctas daquellas horas inolvidaveis de excessivo trabalho para o exercito victorioso. Os officiaes se haviam reunido em pequenos grupos que passeavam de um para outro lado, aguardando ordens de retirada, porque a presença da força era desnecessaria depois de se ter realiado, sem incidentes, o embarque da familia imperial. Um dos officiaes, reconhecendo Oscar, fez-lhe continencia, e elle atravessou as linhas de patrulhas, estendidas até á rua do Ouvidor, moderando o passo para que o conselheiro, muito commovido, muito fatigado, pudesse acompanhal-o. Entraram pela estreita rua, que se figurava um canal vasio, ermo da onda de circulação humana que o percorria, durante o dia, numa exuberancia de actividade da vida carioca em todas as suas manifestações elegantes e burlescas, opulentas e miseraveis.

Ao chegarem á rua da Quitanda, fôram interceptados por um carro, que trazia um fuzileiro naval á boléa ao lado do cocheiro e esbarrava, subitamente, á ordem partida de labios femininos.

Oscar, deixando o conselheiro coitado á portada de uma casa da esquina, avançou para a portinhola do landau.

— Quem é? — inquiriu elle.

— Eu — murmurou Dolores, commovida, como se a palavra lhe saísse a custo dos labios tremulos.

— A senhora? — tornou Oscar, espantado.

— Foi Deus que me guiou — disse a moça, numa anciedade enternecida.

— Foi Deus. Era preciso salvá-lo, Oscar. O senhor foi denunciado como amigo do Imperador. Felizmente, o marechal attendeu á minha supplica e recommendou, pelo seu ajudante de ordens, que o deixassem em paz. Eu, porém, não estava tranquilla. Era possivel que a ordem não fôsse transmittida ao quartel general. Fiquei numa inquietação mortal até saber que o senhor tinha estado com o almirante Wandenkolk. O meu coração, entretanto, me presagiava que alguma coisa se tramava; seus collegas, despeitados, invejosos, não perderiam a occasião de fazer-lhe mal. Resolvi procural-o, avisal-o do perigo. Fui ao quartel general, affrontando a soldadesca; dirigi-me ao largo do Paço, tentei passar através das patrulhas, mas hesitei ante a desenvoltura, as chufas dos soldados; dirigi-me, então, ao arsenal de marinha, mais morta do que viva, transida de terror. O portão estava fechado com sentinellas dobra-

das. A presença de uma mulher alli, áquella hora, attraíu a attenção de um official que commandava uma força de promptidão, formada no pateo. Elle me reconheceu. Pedi-lhe noticias suas. Respondeu que a sua carruagem o esperava no pateo desde a meia noite. Respirei enfim. E como eu lhe manifestasse o desejo de vel-o, Oscar, elle pôz á minha disposição a carruagem, dando esse soldado para me acompanhar. Mas não me podia mexer; todo o meu corpo tremia; meu coração bati descompassado. Entrei pelo postigo do portão e derreei-me num banco.

— Muito obrigado — murmurou Oscar, attonito deante de Dolores, que lhe falava, apertando-lhe as mãos.

— Quando recobrei animo — continuou ella — disseram-me que a familia imperial partira para o exilio, havia mais de uma hora; que era muito provavel que o senhor estivesse caminho do palacio da marquezia. Que feliz encontro! Eu vinha a olhar pela portinhola; reconheci-o de longe em companhia de outra pessoa. Quem era?

— O conselheiro que está alli do outro lado da rua.

— O conselheiro?!...

— Sim; o nosso velho amigo, que eu não podia abandonar nestas ruas... tão acabrunhado pelas commoções violentas destas horas de afflicção.

Dolores retraíu-se silenciosa, como se a contrariasse aquelle testemunho.

Oscar abandonou-lhe as mãos tremulas, e chamou:

— Faça favor, conselheiro.

— Oh, minha senhora — exclamou este, reconhecendo Dolores — Que surpresa auspiciosa!

— Dolores faz-me o favor de o conduzir até a casa. Vá, minha querida senhora; seja o anjo de consolação daquellas pobres creaturas.

— Isto talvez contrarie esta amavel senhora — observou o conselheiro, com a gentileza que era o traço de primor do seu character.

— Vamos, meu caro — tornou, vivamente, Dolores — obedecemos á ordem de Oscar: o exercito e a marinha são os dominadores do dia.

— Ordenança — disse, então, Oscar, com a sua breve e forte vóz de commando.

— Prompto — replicou o soldado, perfilando-se em continencia.

— Conduza estes amigos a Botafogo e volte com o carro para o arsenal.

E voltando para Dolores, accrescentou:

— Confio-lhe o conselheiro.

— Fique descansado, Oscar: leval-o-ei morto ou vivo.

— Oh, minha senhora — murmurou o conselheiro, sacudido por um caléfrio.

O carro partiu e, por entre o rumor das rodas e das patas do cavallo, Oscar

ouviu a voz de Dolores, recomen-  
dando-lhe :

— Tenha cuidado, Oscar ; não se  
exponha... Tenha cuidado...

O conselheiro se encolheu engas-  
tado nas almofadas suaves do landau,  
até que chegaram á praia de Botafogo,  
sentindo acariciar-lhe o rosto a brisa  
da manhã, que lhe infundiu o senti-  
mento da segurança, da salvação. Es-  
perando, a cada momento, um acciden-  
te, uma surpresa, elle, confusamente,  
ouvira Dolores explicar como fôra á  
casa do marechal Deodoro pedir pelo  
marido, ludibriado com promessas fa-  
laciosas pelos ministros do Imperador ;  
contar-lhe como impedira a prisão de  
Oscar, denunciado por intrigantes que  
o pretendiam colher nas redes da sus-  
peita ; e, finalmente, como se aventu-  
rara sózinha, pela cidade áquella hora,  
para o prevenir contra essas manobras  
desleaes.

— Quanta miseria, meu caro con-  
selheiro — concluiu ella, num accen-  
tuado tom de desgosto — quanta bai-  
xeza... As adhesões fôram em massa ;  
invadiram, com o impeto de uma onda  
de ambição, a casa do marechal ; quasi  
o asphyxiam, quasi o matam. Estava  
en lá, felizmente, para amparal-o,  
porque a senhora, coitada, elevada, de  
subito, áquellas alturas, estava ator-  
doada, confusa, entre as alegrias da  
victoria e a magua da molestia que  
forçava ao leito o marido ; não tinha  
energia para se preservar dos adula-  
dores. Quizera que visse, conselheiro,  
as figuras que lá appareceram, poli-  
ticos que andavam hontem na cauda  
dos ministros do Imperador, transfor-  
mados, subitamente, em apaixonados  
republicanos, attestando a sua sine-  
ridade com insultos, com censuras  
implacaveis á monarchia. Que gente  
sem pudor !... Que procedimento diffe-  
rente dos verdadeiros republicanos,  
como o Dadá... O senhor sabe que elle  
sempre foi homem de idéas adeanta-  
das ; mas era forçado, na sua posição  
de magistrado, a evitar a politica.

Republicano historico, elle seria  
incapaz de se apresentar, expontane-  
amente, ao Governo Provisorio para se  
fazer lembrado. Eu, que o conheço,  
tomei a iniciativa de me approximar  
do marechal. Nenhuma incompatibili-  
dade me privava de dar esse passo,  
porque todo o mundo sabe que nunca  
fui muito chégada á familia imperial.  
Nunca fui aulica. Demais, eu nunca  
tive papas na lingua ; sempre fui  
muito franca, muito sincera, custasse-  
me isso embóra dissabores e preteri-  
ções, porque bem sabe que a Impera-  
triz é muito rancorosa e não perdoava  
a quem lhe não fôsse render homena-  
gens.

— A Imperatriz ?... acudiu o conse-  
lheiro.

— Sim, ella mesma. Tão rancorosa  
que cuspiu sangue negro na parede

quando lhe disseram que a Republica  
estava proclamada...

— A Imperatriz ficou muito commo-  
vida — tornou o conselheiro — muito  
incommodada ; teve, talvez, um acces-  
so bilioso ; mas...

— Disse-me isso uma testemunha  
ocular. Essa gente não gostava de  
mim, que sou muito conhecida e tenho  
as melhores relações da Côte ; entre-  
tanto, a Princeza nunca me convidou  
para as suas recepções. Conhecia, tal-  
vez, as idéas do meu marido, ou  
previa que eu não aceitaria o seu con-  
vite.

— Se a senhora não a visitava, era  
muito natural que não a convidasse.

— Não foi por isso. Muita gente sem  
representação, sem importancia, appa-  
recia nas recepções do palacio Izabel,  
as taes recepções de empadas de con-  
feitaria, regadas com a cerveja *bar-  
bante* do conde d'Eu. Os convites para  
ellas se obtinham como bilhetes de  
theatro. Era uma vergonha. Olhe,  
conselheiro, appareciam lá mulheres,  
muito faladas, que o senhor não deixaria  
se approximarem das suas filhas.  
Emfim... está tudo acabado. Fôsse,  
embóra, muito merecido o fim que  
tiveram, creia-me, tenho muita pena  
delles. Eu sou assim : nada me modi-  
fica esse genio. O meu coração não  
guarda odio nem resentimentos ; mas,  
não posso escurecer que foi muito bem  
merecido esse castigo. Reis, como hu-  
mildes mortaes, todos pagam, neste  
mundo, as suas culpas.

A loquacidade demagogica de Dolo-  
res avivava no espirito do conselheiro,  
a impressão de terror que o anniqui-  
lára, como se traduzisse a opinião  
dominante, a opinião dos vencedores  
e a dos adherentes á victoria, sem  
duvida mais exaltados que os radicaes,  
como sempre acontece no fatal mo-  
mento dos tremendos infortunios dos  
poderosos, victimados pela ingratição  
dos povos.

(Continúa).

## SCIENCIA E INDUSTRIA

O SATURNISMO — INDUSTRIAS PERIGOSAS  
— COMMUNICAÇÃO Á ACADEMIA DE  
MEDICINA DE PARIZ.

O dr. Mosny, medico do hospital  
Saint-Antoine, em Pariz, communicou  
á Academia de Medicina dessa cidade,  
o resultado das observações que consti-  
tuem um esmagador libello contra o *sa-  
turnismo*, ou a intoxicação pelos com-  
postos do chumbo.

O saturnismo, como a syphilis, pôde  
determinar, nas suas victimas, re-  
acções precoces attenuadas do sys-  
tema nervoso central. Essas affecções  
se tornam, algumas vezes, mais pro-  
fundas e occasionam accidentes de

meningoencephalite aguda, até agóra  
confundidos com outros accidentes  
nervosos. Quando essas lesões do ce-  
rebro se tornam chronicas, trazem  
como consequencia a paralysis geral  
saturnina.

O dr. Mosny insiste nessa analogia  
de acção entre o saturnismo e a sy-  
philis, para dar uma noção exacta da  
extrema gravidade das intoxicações  
plombicas, que arruinam a saúde do  
paciente e attingem a de sua descen-  
dencia, constituindo um verdadeiro  
perigo publico, que explica e justifica  
a severidade das medidas regula-  
mentares que as auctoridades sanita-  
rias se esforçam por instituir para  
attenuarem os effeitos desse mal, uma  
das mais funestas molestias do tra-  
balho.

As devastações do saturnismo não  
se limitam aos operarios pintores e  
aos que fazem uso do alvaiade, mas  
comprehende, em larga escala, todas  
as profissões que manipulam ou em-  
pregam os saes ou os oxydos de chum-  
bo no estado pulverulento. Nas fabri-  
cas de porcelanas, os artistas, cujo  
trabalho consiste em polvilhar certos  
objectos com um pó de base de  
chumbo ; nas fabricas de accumulado-  
res, os operarios encarregados de pre-  
pararem a *materia activa* das placas,  
estão muito expostos ao perigo dessa  
affecção terrivel.

A causa do mal não pôde ser, defi-  
nitivamente, supprimida, porque não  
se pôdem dispensar os compostos de  
chumbo como material de muitas in-  
dustrias ; é, entretanto, possivel em-  
pregar precauções que preservem os  
operarios escravizados a esse perigoso  
genero de trabalho.

\* \*

OS RAIOS N

O dr. Berthelot, apresentou á Aca-  
demia de Sciencias de Pariz, um tra-  
balho do sr. Gernez sobre a luz que  
espalham os crystaes de acido arseni-  
oso, quando partidos, phenomeno que  
considera da mesma ordem do da pro-  
ducção dos mysteriosos raios N., para  
os quaes convergem, actualmente, a  
atenção e os estudos dos pioneiros da  
sciencia na revelação da natureza  
sempre nova e offerecendo ainda vasto  
campo fóra do alcance dos nossos  
meios de percepção.

\* \*

O RADIUM NAS AREIAS MONAZITICAS

Referimo-nos, em um dos nossos  
numeros anteriores, ás pesquisas fei-  
tas para tornar o radium material ao  
alcance de todas as bolsas, simplifi-  
cando o processo da sua producção ou  
encontrando materia prima mais ba-  
rata que o plechibende, minerio pre-  
vilegiado e localisado em limitadas  
zonas do nosso planeta.

Em França, esse escopo foi em parte atingido e, agora, sabemos, por informações de apparencia auctorizada, que as nossas areias monazíticas também se prestam á fabricação do maravilhoso producto.

O facto não é inverosímil. Essas areias não contém apenas o thorium; nunca fôram completamente estudadas. Durante muito tempo, fôram clandestinamente extraídas, exploradas como lastro para os navios. O governo ignorava o material precioso que ellas continham.

Sua magestade o czar levanta-se ás sete horas da manhã. Almoça, ligeiramente, á ingleza: *tea and toast*. Das oito ás dez, trabalha; depois, até ás onze, dá um passeio, que não deve ser muito desprendido, numa alea do parque imperial; dahi, sáe a dar recepção até uma hora da tarde, quando almoça, quando palestra com a familia. Este serviço termina mais ou menos ás duas e meia, e o imperador de todas as Russias gosa, o melhor e o mais que pôde, esse tão curto, esse tão encantador instante de quasi voluptuoso alheamento das coisas publicas. Não lhe lembra, então, o mikado, o marechal Oyama, o almirante Togo; não lhe lembram os desastres das armas russas, a desynteria das esquadras do Baltico. Nesse espaço de tempo, que, hão de convir, não é enorme, mira os augustos filhos, contempla a augusta esposa, com os quaes conversa infinitamente em allemão ou inglez, porque os creados não devem entender o que elles dizem.

O czar gosta muito de sopa — é o seu prato amado em todas as refeições; só fuma cigarros, que, em geral, são os que lhe manda o sultão da Turquia; só bebe, de licôres, o marasquino. Após o almoço, volta ao parque, enche-se de ar, e entra a trabalhar até ás oito da noite.

Pôde-se calcular o que seja esse trabalho — um formidavel trabalho de apprehensões sobre a guerra; — um trabalho inconcebível de assignar um milhão de papeis. Não tem secretario; a *bureaucracia* tem nelle um servidor inexcedível.

Sua magestade deita-se ás onze da noite; mas, precisamente, não se sabe quando dorme.

\* \* \*

— Vês este phosphoro? — começava um *mujick* a explicar a outro, na sala de espera do Tzarkoie-Selo, o que seria, na Russia, uma Constituição. — Vês este phosphoro? é o imperador; este, a imperatriz; este, o czarevitch; este, o grão-duque Paulo; estes ou-

tros, os outros grãos-duques. Depois, os ministros, os *bureaucratas*, os generaes, os metropolitans...

O *mujick* espalhára sobre um banco toda uma caixa de phosphoros; cada um, segundo a pessoa que representava, e todos dispostos na ordem que a etiqueta determina.

— Pois bem, queres, então, saber o que seria uma Constituição? Eis aqui está o que é uma Constituição.

E misturou, logo após, os phosphoros.

O companheiro, que o ouvia com grande attenção e quasi espanto, não comprehendia nada.

— Procura, agora, — mandou o primeiro, fechando o raciocínio — o imperador!...

O outro não teve remedio sinão perceber o que seria, na Russia, uma Constituição.

## APONTAMENTOS

PARA UM DICIONARIO DE CELEBRIDADES

PASSOS, (Francisco Pereira) o mais ingente trabalhador da raça brasileira, homem de grande bôa vontade, mas infelizmente de muito máu gosto. Com o enthusiasmo e a facilidade com que um menino constrôe (\*) e derriba casas de papelão, esse moço de setenta annos anda a destruir ruas estreitas para edificar avenidas.. também estreitas. Tinhamos uma capital sem belleza e sem conforto, e o sr. Passos, dando-nos o quanto pôde a sua capacidade, transforma rapidamente este amontoado de viellas em ruas largas, com aceio, ar e luz. Entretanto, para fazer desse homem raro um homem unico, falta-lhe um espirito esthetico que suba um pouco acima da trivialidade pretenciosa dessas avenidas de dezete metros de largura e poucos mais de comprimento, (*avenida Treze de Maio*); desses sobrados que surgem enfileirados e eguaes como caixas de pinho (*avenida Passos*); desses jardins burguezmente catitas, com as suas pontesinhas de cimento pintado; dessa decantada Avenida de Bôtafogo, que, em vez da magestade que se desejára, tem um ar mimoso, com os seus quadrados de gramma e seus canteiros de chacara de capitalista abastado...

Mas, neste mundo, a perfeição é um idéal, e esse assombroso Rei do trabalho merece todos os louvores do povo, que o ama, e não quer enxergar as fallhas do seu idolo, desse povo contribuinte que elle trata duramente, e para quem o illustre Homem é o Executivo em carne e osso. O sr. Passos, que é uma creatura amavel como um fidalgo antigo, acha que a gentileza não se fez para os devedores do Fisco...

GUANABARA, (Alcindo) o mais jornalista dos nossos jornalistas, capaz, elle só, de fazer uma grande folha quotidiana, desde o artigo sizudo sobre hygiene publica até á nota policial, inclusive as facecias de reporter novel... Na sua physionomia tranquilla e impenetravel de homem que tem vivido a Vida, ninguem pôde adivinhar o tumulto de idéas, factos, imagens e impressões que o seu cerebro armazena : iris poetico dos devaneios litterarios, nevoas de payzagens septentrionaes, viagens, luctas victorias e derrotas... Admira ver a facilidade incrivel com que o chronista burguez, que hontem escrevia mil coisas convenientes e mais ou menos sinceras a respeito de policia de costumes, nos apparece, hoje, leve, vário, pittoresco, pariziense, narrando um episodio de viagem ou relembrando uma anedocta da historia contemporanea. Discursando, a sua palavra, que adquire inflexões profundas, tem a magia das evocações commoventes. Lembro-me de ter ouvido d'elle, ha annos, um discurso, em que narrava canceiras e provações da sua estadia na Europa. Descrevia viagens em *expresso*, nas noites frias do norte, e a sua odysseá a bordo de uma torpedeira, no Baltico, soffrendo 20° abaixo de zero. A sala da Camara, ouvindo-o, tornou-se repentinamente grave, solemne e gelada.

PEDRO INNOCENCIO.

(\*) *Constrôe*... Que me perdôe o sr. Machado de Assis. Eu prefiro *constrôe* a *construe*, como quereria o summo Artista, porque estou a construir o sr. Passos...

## “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro e segundo trimestre d'OS ANNAES.

## MOVIMENTO LITTERARIO

O Rio alastra, pela provincia, um movimento litterario, mesmo não havendo por lá sinão guarda-livros pacificos com ferôzes vontades de praticar litteratura. O Estado do Espirito Santo é, em condições mais inteligentes, um dos primeiros. Numa das suas cidades, o periodico *Alcantil* iniciou, não propriamente um inquerito, como seria da moda, mas um curso de litteratura nacional, com parenthesis fartos da estrangeira. O curso espalha-se em columna franca, sob a guarda de Mario Imperial, pseudonymo excessivamente temeroso.

O sr. Domingos Olympio, que ainda não respondeu ao inquerito de cá, é, segundo o aviso do *Alcantil*, o primeiro capitulo desse tratado — «vago, despretencioso», porém registro de impressões das leituras que mais agradaram.



## CONFISSÃO

— — —  
 Tu já viveste ao meu lado  
 Toda a noite e todo o dia,  
 Fôste a minha companhia  
 Por quanto tempo...? Nem sei!  
 E eu, feliz, eu, descuidado,  
 Que essa doce convivencia,  
 Só lindando uma existencia,  
 Findar pudesse, pensei.

Amava-te, minha amiga,  
 E com amor tão profundo,  
 Que via só neste mundo  
 O teu perfil de mulher;  
 Pois toda a paixão antiga,  
 Que um dia occupou meu peito,  
 Toda era sonho desfeito,  
 Que eu vi, sem magua morrer.

Amava-te, e não me pejo  
 De confessar que te amava  
 Tanto, que ás vezes chorava  
 Porque um dia saber quiz  
 Que, com o primeiro beijo  
 Que, sem receio trocaste,  
 Com elle, te envenenaste,  
 Elle tornou-te infeliz.

E sei que o déste, tão puro,  
 Como os mais puros da Terra,  
 Tu déste o beijo que encerra  
 O amor, a vida, a razão;  
 Beijo, que em breve o futuro,  
 Aproveitando a semente,  
 Transforma risonhamente  
 Em fructos do coração.

E os fructos vieram, tão lindos,  
 Tão formosos, tão risonhos...  
 Viste florirem trez sonhos  
 Na tua alma, cheia de luz.  
 E quando os vias bem vindos,  
 Dos braços t'os arrancaram.  
 E os sonhos se transformaram  
 Em desgostos os mais crús.

O que soffreste, mais tarde  
 Pude conhecer, soffrendo,  
 Da tua bocca sabendo,  
 Entre lagrymas, o horror  
 De que era feito o cobarde,  
 Que, em troca de tanta graça,  
 Deu-te um quinhão de desgraça !...  
 E dei-te um quinhão de amor.

Então juntou-nos a sorte,  
 Ligou a ti meu destino  
 Aquelle cégo menino,  
 Cujã mãe nasceu do mar,  
 E este, em mudar é tão forte,  
 Que, talvez, desde esse instante,  
 Deu, que não fôsses constante,  
 Deu, que devesses mudar.

E assim foi. Juntos vivemos,  
 Fôste-me a sombra querida,  
 Era tua a minha vida,  
 Tudo, tudo, que era meu.  
 Meus carinhos, meus extremos,  
 Os meus gozos mais avaros,  
 Meus sentimentos mais caros,  
 Eu, todo inteiro, era teu.

Não me doía o desgosto,  
 Que me feria na rua,  
 Ao ter a caricia tua,  
 Ao ter o ineffavel bem  
 De pôr no teu lindo rosto  
 Meus olhos de amor repletos;  
 Ao receber teus affectos,  
 Já não pensava em ninguem.

Pensava em ti, que eras minha  
 Doce e leal companheira,  
 Pensava que a vida inteira  
 Viveriamos assim.  
 Nunca escravo amou rainha  
 Como eu te amei, mas quem ha-de  
 Se oppor de Deus á vontade?  
 Deus quiz que tivesse fim.

Voaste. O passaro erradio  
 Deixou no seu ninho apenas,  
 Para aquecerem-me, as pennas  
 Das saudades mais fataes.  
 Deixaste-me o lar vasio,  
 Deixaste vasio o leito,  
 Porém daqui, do meu peito,  
 Quero tanger-te... E não saés.

1905.

GUIMARAENS PASSOS.

## ENTREVISTA

— — —  
 Noite, e não vens! De subito, na areia,  
 Sinto-te os passos... Que mulher affoita!  
 Vens! e em cada rosal e em cada moita  
 Todo um bando de passaros gorgeia.

Chegas... O atro pavor que em ti se acoita  
 Dizes, e partes, de terrores cheia...  
 Logo, dentro das tenebras anceia,  
 Rispido, o vento, e as arvores açoita.

Partes pela alameda em sombras... Tudo,  
 Vendo-te, á tua pallidez se assombra...  
 Tremem arvores, cresce-te o receio...

E, atra, a sombra te envolve, e eu, doido, e eu, mudo,  
 Penso: — «Porque não hei de ser a sombra  
 Para guardal-a dentro do meu seio?!»

Maio, 1905.

PEDRO RABELLO.

## CONTRASTE

— — —  
 Alvorece-me o dia em seus cabellos de ouro  
 Apezar do negror dos seus olhos de noite,  
 Noite negra a entrevar um dia claro e fouro,  
 Mysterio que a entender não ha alma que se affoite.

Dos astros, no cabello, o opuiento thesouro,  
 Tudo que em mais fulgor a uma alma artista acoite,  
 E da treva, no olhar, todo o sinistro agouro,  
 Tudo que a um infeliz a alma entristeça e açoite.

Nella, não sei, no emtanto, o que mais me quebranta,  
 Se a auroral cabelleira a emmuldurar-lhe a face  
 Da aurea circumflexão de um resplendor de santa,

Ou se porque quem quer que por seus olhos passe,  
 Nunca mais do terror da morte se levanta  
 Qual se. nelles, Satan, seu dominio traçasse.

Maio, 1905.

EMILIO DE MENEZES.



ASSIGNATURAS		
ANNO . . . .	20\$000	
SEMESTRE . . . .	12\$000	

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
RUA 12 DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

E' caso de queimarmos uma estrepitosa gyrandola ao egregio senador Katunda, pelo punhado de verdades, lançadas, desassombradamente, ao gelido recinto do Senado para agitar a monotonia da prorrogação das ferias parlamentares, durante o mez de maio.

S. ex., com louvavel franqueza e com a visão nitida dos factos, lembrou aos seus illustres collegas que os laços da União se vão afrouxando numa progressão assustadora, de sorte que, num futuro mais proximo ou mais remoto, a vida nacional poderá fragmentar-se ao empurrão de um accidente qualquer. S. ex. prevê a tendencia, já muito accentuada em alguns Estados para fazerem da federação brasileira uma confederação. E para illustrar esse asserto, citou casos de rebeldia ás leis, ás sentenças dos tribunaes da Republica, como acontece em S. Paulo e no Ceará, neste principalmente, cuja autonomia já infringiu os limites da Constituição e está chegando aos excessos de uma soberania despotica.

O egregio senador não é um ingenio, como o qualificou o seu collega general Glicerio : é um philosopho, alado ás regiões puras do abstracto, evitando sempre o contacto com as impurezas da politicagem. Por isso, quando s. ex. váe repousar nos formosos sertões cearenses, não demora na Fortaleza, não admite conversas sobre os interesses subalternos em ebullição na panella acciolylna : parte, immediatamente, em marcha batida, ao passo do seu quartáu estradeiro, para o Ipú, a tranquillidade das recordações da mocidade de s. ex., onde lhe amadureceu o espirito na cultura scientifica, onde se lhe enrijaram as energias nos longos dias de contemplação dos alcantis da Ibyapaba, nas claras noites de sonhos em-

balados pelo murmurio dolente de uma cascata colossal.

O senador cearense não é um ingenio : accentuou, com um traço leve e precavido, verdades que estão aflorando por toda a parte no terreno de alluvião das miserias, dos erros, dos vicios, estendido como um pantanal em torno da Republica.

Não é prova de ingenuidade, nem de innocencia palerma, denunciar as manobras dos Estados, aparelhando-se com formidaveis elementos de força, a pretexto de se previnirem de policia para a manutenção da ordem local.

Não é preciso muita acuidade para perceber que as forças estadoaes, as infantarias, as cavallarias, os corpos de lanceiros e de artilharia constituem, pura e simplesmente, uma guarda pretoriana dos governadores, em muitos Estados, destinada a manter as violencias que garrotêam a opinião, que reduzem ao silencio da impotencia os adversarios, facto de que é um exemplo contundente a organização militar do Rio Grande do Sul, da qual emerge, como typo classico, o heróe João Francisco, o atalaia da fronteira, com a sua pavorosa reputação, signalada por um rastilho de sangue.

E porque as forças estadoaes fôram occasionalmente chamadas em auxilio do governo para corrigirem a ineptia dos chefes das expedições de Canudos, e a infidelidade dos auxiliares do governo federal nos disturbios de 14 de novembro, nasceu uma opportunissima justificação para o seu extraordinario desenvolvimento, passando, de ordinarios instrumentos de policia, á categoria honrosissima de reserva do exercito, que váe sendo um genero de infima necessidade, uma corporação suspeitada, submettida a um processo lento de dispersão, até ficar reduzida no papel de ornamentação official, com os seus brilhantes marchaes, generaes de divisão, ge-

neraes de brigada, estados maiores e officiaes superiores inuteis, porque as fileiras ficarão compostas de meia duzia de gaños pingados, emquanto se estudam as bases de uma reorganização completa, definitiva, que nos eleve ao ponto de primeira potencia da America do Sul, no mar e na terra.

A União não tem força; é natural que os Estados se armem. A decrepitude precóce da Republica exige esse subsidio que vem pôr em relevo a dedicação, o patriotismo dos Estados, desvelados pelas instituições democraticas, mantidas de accordo com o plano concretizado, para vergonha da Patria, na politica dos governadores.

Não ha, portanto, — affirma o general Glicerio — motivo para o escarceo levantado pelo illustre senador Katunda, ingenio observador, que se abalçou a bisbilhotar nessas coisas, que devem passar despercebidas, como consequencias naturaes de uma situação absurda, que só póde impressionar os ingenuos ou os innocentes, ignorantes do que seja uma exploração politica.

Tudo o que é tem a razão de ser.

\* \* \*

Nós não censuramos a politica do Estado de S. Paulo, dirigida no sentido da expansão das suas forças economicas, o desenvolvimento da sua riqueza, o povoamento do seu sólo, constituindo um soberbo exemplar de progresso e civilização da America do Sul.

S. Paulo procede acertadamente, prolongando a sua rede de caminhos de ferro, explorando os seus rios, penetrando os seus sertões, abrindo campos feracissimos a essa prodigiosa actividade primitiva, a essa bravura de bandeirantes, que a superveniencia dos elementos ethnics europeus não póde esmorecer.

S. Paulo recebe em seu seio, continuamente, milhares de immigrants

que não são colhidos na flôr da população desbordante das velhas nações corrompidas. No euxurro da immigração, véem os germens da subversão, das doutrinas anarchicas, germens perigosos, contra os quaes o governo local precisa aparelhar-se com meios de repressão efficaz. Não se pôde, portanto, averbar de excessivo esse exercito de cinco mil homens, destinado a manter a paz, o elemento essencial do progresso.

Não é, tão pouco, para suscitar reparos, o facto do poderoso Estado se dar ao luxo de contractar, para as suas terríveis legiões, instructores estrangeiros, como fizeram, com os mais admiráveis resultados, o Japão, o Chile, a Republica Argentina, na perspectiva de conflicts, sempre evitados pela humanitaria influencia do medo reciproco.

Mas, isso que S. Paulo pôde fazer por ser o porta-bandeira do nosso progresso, por se ter preservado da ferrenha politicagem local, por ser o viveiro de presidentes da Republica, será, noutros Estados, um perigo nacional, como suspeitou a acuidade do senador Katunda, um perigo que vale a pena da mortificação de pensar nelle, porque não affecta immediatamente a integridade nacional: affecta os direitos, a liberdade individual, a honra, o credito da Republica, constituindo a força das oligarchias, o apoio unico dos mandões, superiores ás leis, á magistratura e ao governo federal.

Para estes, as legiões pretorianas não são policia para manter a tranquillidade publica; não se destina á prisão de desordeiros porque seria forçada a agir contra os seus sustentáculos, os seus amigos mais dedicados, uma vez que todos os máus elementos se nutrem, se congregam em torno do poder.

Esses exercitos estadoaes são, na grande maioria, compostos de capangas; são elles os perturbadores da ordem, muito adequados ao odioso papel de manterem em permanente sobresalto, os adversarios, os homens de fé, os corajosos recalitrantes ao ominoso dominio dos governadores; no seio dessas milicias, são colhidos os executores das vindictas officiaes, os quebradores de typographias, os instrumentos de terror, o mais poderoso

elemento de dominio dos rebanhos humanos.

Contra isso, que é um perigo misturado de aviltamento, não ha remedio dentro da nossa organização legal, deturpada como está. Não ha remedio, porque esse abuso proliferou á sombra da criminosa tolerancia do governo federal, cujos olhos, sempre tapados pela peneira das conveniencias partidarias, não percebem mais as deformidades das instituições democraticas, nem se impressiona com os fulgores da verdade.

S. Paulo procede bem, armando, instruindo a sua policia, porque, como não ha coisas nem situações eternas, é bem possivel que chegue, inopinadamente, o dia do desmoronamento, provocado por esses inconscientes ou perversos mineiros da desgraça; chegará o momento do resultado fatal de todos esses erros accumulados, rompendo o equilibrio da longanimidade da consciencia nacional, explodindo numa violencia que será talvez a anarchia...

Nesse momento, *quod Deus avertat*, os Estados, que cuidaram da realização de suas aspirações licitas, devem estar apercebidos de elementos de força para a preservação da sua obra meritoria.

POJUCAN.

### SEU MENDONÇA

Uma linda menina, aquella Chiquita. Pequena, muito bem feita, de uns olhos...! de um sorriso...! Soberbos, como perolas, brilhavam-lhe entre a polpa carnuda e vermelha dos labios os mais bellos dentes que jámais illuminaram um sorriso. Gostava de rir, talvez mesmo por causa desses dentes brancos e firmes. Era o traço mais scintillante de sua belleza, esse sorriso.

O Mendonça, um rapagão de largos hombros, morria por ella. Ainda caixeirava; mas, já tinha as suas economias e fallava em pôr loja. Chiquita sabia-o, e sentia-se muito seduzida pelo bigode negro e forte, que affirmava a virilidade da face morena e burgueza do seu namorado.

Ainda pequeno, tendo-lhe morrido o pae,—um lavrador de algodão da Uruburetama—mandaram-no, a elle, para a cidade empregar-se numa casa de commercio, e ahi cresceu o pobresinho sem instrucção, rudemente, num trabalho fortificador, mas contínuo,

sem lhe deixar tempo ás peralteações da carne.

Soffreu immenso nos primeiros tempos: um martyrio infinito! Filho daquelles sertões incivilizados, creado na semi nudez barbara do matuto, alimentando-se, aos filtros, de uma natureza rude e generosa, livre de roupas e de idéas, descalço, os cabellos ao vento, as carnes ao Sol pela abertura do peito da camisa, pela rodilha das ceroulas levantadas até os joelhos; solto, tendo por instrucção algumas paginas mal ruidas do Simão de Nantua;—via-se agóra, de repente, enclausurado entre fardos e caixotes, mettido nuus sapatões iracundos, num collete opprimente, que lhe deixava a camisa em seio escapar dos calções curtos que os sapatos mordiam! E todo embaraçado, os movimentos duros e inflexos, cheios de desasos, suava de vexame e de cansaço, sem poder encostar-se, os pés em chamma, a garganta a arder, o sangue a bater-lhe as fontes...

Um penar!

A's noites, fechado o armazem, atirava-se para o sotão miseravel, cheirando o bafio; repellia, com ira, os sapatões infernaes, esses inimigos rancorosos, que lhe deixavam os seus pobres pés tão vermelhos, tão magoados, tão escoriados! E affagava-os, pensando que lá, na sua terra, elles tambem se feriam, mas nas deliciosas caçadas ás pombas, aos ninhos das jaçanãs; tambem se maguavam, mas na agrura dos espinhos, na encosta da serra, ao ar livre, na plena independencia dos ventos e da luz. Mas alli, agóra, opprimidos, enfesados, mettidos violentamente naquellas prisões hediondas, como furões bravios em estreitas gaiolas de pãu, que fundo tormento elles padeciam! que pena desusada e unica!

Esfogueteava-lhe então a mente a lembrança das coisas doces do lar, dos biscoitos da ávó, das arapucas na encosta, das enchentes do rio. Revia na sua alma dolorida as bellas manhãs ao roçado, por entre o verde milho, a cíciar embalando ao vento a haste fecunda e coroada de louros pendões; a casa na falda da collina, o joazeiro do pateo, os bois, as tardes roseas, as suas vaccas de osso, o seu mondé, a sua faca pequena, o seu chapéo de couro, os seus tamancos de pelle de cobra, em que se regalavam seus pés...

E babava-se o Mendoncinha, num choro silencioso e soluçado, com a cara mettida nas dobras do lençol de chita, triste, infeliz, numa desgraça immensa, até que, alta noite, ao voltarem da pandega os companheiros encontravam-no com as pernas para fóra da rede, a cara ainda molhada de lagrimas, atolado no somno pezadão dos doze annos.

Aos domingos, porém, uma desforra! Afogado numa gibosa raborosa de alpaca, uma gravata vermelha a esfoguar-lhe o pescoço, batia, com os outros, as calçadas da cidade, e voltava para o sótão, muito alegre da caminhada feita, dos dois vintens de doces comidos, do cigarro fumado, dos pés já um tanto resignados.

Habituou-se por fim. Achou mesmo um certo encanto naquella vida que punha em constante actividade todos os seus musculos, que o desenvolvia e o tornava forte.

A idéa de ganhar dinheiro, de ser rico, veio-lhe muito cedo e persistiu. Foi economico e sobrio. Divertia-se; mas, nas noites de circo, não despendia mais do que os dez tostões da entrada geral, e gozava tanto quanto os outros que cervejavam, queimando charutos de tostão.

Num perfeito equilibrio physico, regrado, methodico, penteado, com collarinhos tesos manchados de sujo por dentro, não percebia as delicias subtis da Arte; applaudia os totaes já triumphantes, por imitação.

Consultou, uma vez, as suas finanças, e resolveu dar-se o prazer de um spectaculo lyrico.

— Fallava-se tanto da Francesi!... Ia ver...

A's oito e meia, lá estava no seu banco, calmo, com muito methodo, a bengala entre os joelhos, a mão sobre o castão, ostentando o forte anel com a sua inicial, a cara bem rapada, o bigode luzindo, chapéo de massa clara, uma vistosa gravata em lévedas dobras, caídas, como borboletas, sobre a golla da quinzena côr de havana. Na sombra de espessas sombrancelhas uidas, negrejavam os seus pequenos olhos, sinceros e surprehendidos.

Subiu o panno.

O chapéo claro descreveu uma curva da cabeça ao joelho, expondo á crueza do gaz as mais bem penteadas melenas da sala, a mais nitida risca de toda aquella assembléa.

A attenção excitou-se. Grande abertura, arcadas magistraes, instrumentação grandiosa, scenario de papelão pintado a brocha!

— Muito bem! Curioso aquillo! Rua bonita, aquella! Que arvores verdes! Esplendida... (Elle tinha ouvido esta palavra a uma sua fregueza) Esplendida cauda a do vestido da italiana, com a cabeça no ar, os braços estendidos, a bocca aberta, a vóz em grita! Que espadagão arrasta aquelle soldado de calças a cima dos joelhos, expondo umas pernas finas! que usos! Esplendido solitario no dedo da cantora. Esplendidos, (elle gostava da palavra) esplendidos dentes! esplendidos vestuarios! esplendidos...!

E as vózes esgaitavam e a orchestra estrugia.

— Rom... rom... ram! rugia o vi-

oloncello; e o piano estridulara umas notas de vidro tamborilado.

O gaz ardia, aquecendo febrilmente tudo aquillo.

Nos camarotes, silenciosos, apenas os leques se agitavam docemente, numas pandiculações de azas amorosas. Na platéa, grave, sentia-se que um applauso ia se gerando exactamente como na face do mar vae-se a onda levantando lenta e uniforme até esflorar-se em vaga rumorosa...

— Bello! já murmuravam baixinho, discretamente.

— Soberbo! suspirou um companheiro de Mendonça, tocando-lhe no hombro, entusiasmado. Soberbo!... Não achas?

O Mendonça respondeu-lhe com um ronco. Já dormia o bemaventurado.

Do camarote fronteiro, uma linda mocinha, de dentes claros, descreteava no leque aberto uma risada abafada.

Ao abrir o olho, entreviu a menina e o sorriso, e, não sei porque, ficou pensando nella.

Dias depois, debruçada sobre o balcão, ella comprava-lhe umas rendas. Fêl-a demorar o quanto pôde, contente com a sonoridade de sua risadinha de flauta, irisada da alvura dos dentes.

Ella, lisongeada, percebendo, fingiu-se enfadada com a demora:

— Ande, seu Mendonça! despache-me...

E ficava, com uma satisfaçãozinha interior, olhando para os punhos fortes do rapaz e para o energico bigode negro que lhe ensombrava a bocca firme.

Ia-se afinal, com o seu embrulho bem atado, voltando da porta o rosto para vê-lo em pé, a seguil-a com o olhar cheio de desejos.

Essa ternura tomou grandes proporções. Elle, principalmente. Na sinceridade de forte animal sadio, amou-a como por necessidade, pela fatalidade soberana de uma lei, que o impellia, apesar de tudo, para ella. Era, porém, ciumento, talvez por isso mesmo. Mas ferózmente ciumento! Já, havia tempos, andára aos murros com outro por causa de amores.

Ora, por vezes, tinha elle, agóra, encontrado um rapazinho esguio e louro, com a cara displicente, arrimado a um bengalão, olhando muito insistentemente para a sua Chiquita. Creou, por isso, um grande odio ao bengalão, com muita vontade de quebral-o nas costas do rapazinho.

Faziam-lhe muito mal esses ciúmes, tornavam-no muito desgraçado. Num dia em que a viu sorrir para elle amavelmente, teve um desgosto tão profundo que quasi abandonou tudo para esconder-se no sertão, a armar as suas velhas arapucas. Não sobreviveria,

á perda daquella cabecinha vã de passaro canoro, daquella bocca de romã, onde elle seduzia-se a ver rebrilhar, numa immaculada alvura de marfim, os mais bellos dentes que ainda morderam o fructo do peccado!

Eram, porém, esses ciúmes o acicate que incitava a alimaria de seus desejos.

Jurou pôr em bocados o odioso bengalão... mas no costado do rapaz de cabellos côr de milho. Havia de encontral-o de vez!

Chiquita, pelo seu lado, impacientava-se. A aurora do vigesimo terceiro anno ia a raiar, e o Mendonça, não obstante os quatro mezes de namoro, tinha guardado inteiro silencio a respeito de casamento. Onde iria parar isto?

Acceitou, pois, com alacridade aquelle ciúmesinho que atormentava o seu escolhido, e, sem comprometter-se, fez com que a chamma se exacerbasse.

Uma noitinha ficou o Mendonça só na loja; os caixeiros estavam a outros serviços.

Ouviu, de repente, a vóz de Chiquita na calçada. Bateu-lhe o coração; fitou a porta para vel-a entrar. Demorou-se porém. De um pulo vingou o balcão e chegou á soleira.

Oh! assombro! Oh! ira! Seus olhos amorosos viram passar, num rapido movimento, da mão do rapaz do bengalão para a mão de Chiquita, um pequeno objecto envolto em papel azul! Um mimo, de certo; um penhor da paixão do magricella; a prova evidente de que elle, o Mendonça, o rapaz robusto de bigodes pretos, que já tinha economias e tratava de estabelecer-se, era miseravelmente traído alli mesmo nas suas barbas, pela sua adorada Chiquita, de riso perennal e dentes deslumbrantes!

E, como panthéra que desdobra o salto, atirou-se entre os dois, rugindo, com uma chamma de Othelo no olhar:

— Ingrata!

Sua mão robusta enlaçou o punho delicado da moça que soltou um pequeno ai, magnada.

— Que foi que recebeste deste varetta! Anda! mostra-me! Quero esfregal-o nas ventas do cão!

(O bengalão, prudentemente, foi-se pondo ao longe.)

— Anda! dizia elle.

Chiquita percebeu logo, e, dominando o momento, tirou partido.

— Mostra isso! repetia intimativo. Mas ella oppunha-se.

— Solte-me! Isto é inaudito e grosseiro! Não lhe reconheço direitos sobre mim. Nada tenho com o senhor. Solte-me o punho!

— Ah! rugiu paroxico. Has de mostrar-me!

E o anel que cingia o pulso da moça estreitou-se violentamente. Os



SCIENCIA E INDUSTRIA

CAMILLA
Como queria que elle a tratasse, vendo-a nos braços de outro ?

ESTELLA
Nos braços ? ainda não, e essa decepção talvez concorresse para augmentar-lhe o furor. Se eu já houvesse esquecido os meus deveres, por certo não estaria aqui prestandome a ser a responsavel pelas dissipações desordenadas desta casa de vicios.

CAMILLA
Com a sua presença, devia ser o templo da virtude.

SERGIO, examinando o jogo :
Homem, melhor cara traga o dia de amanhã.

ESTELLA
As suas ultimas traças não têm sido urdidias com a habilidade do costume, e foi justamente porque o commendador m'as denunciou que eu, por instincto de pundonor, querendo ainda honrar a familia em que entrei, revoltei-me repellindo o que era uma infamia, sem deixar de ser a verdade.

CAMILLA
Que foi ?

ESTELLA
E' preciso que eu diga o que sou, nesta casa, a quem tudo faz e dirige os ataques ?

CAMILLA
A' sua virtude ?

MATHIAS
Sólo...
Fala de mais em virtude ; é, talvez, para não esquecer que ella existe.

SERGIO
E' bom.

ESTELLA
E' para fortalecer-me nella.

CAMILLA, com um risinho perverso :
A boa hora. (Carlos reentra e acerca-se da mesa, acompanhando o jogo.)

SERGIO, a Narciso :
Fala, homem...

NARCISO, revendo as cartas :
Espera...

CAMILLA
Quando um homem se ajoelha aos pés da mulher que deseja, não é propriamente para pedir perdão.

ESTELLA
A senhora deve saber isso melhor do que eu.

CAMILLA
Talvez... Tenho visto outras honras mais fortes cedarem a quantias mais modicas.

ESTELLA
E' porque o pouco lhes basta, não tendo de sustentar terceiros.

CAMILLA
Veja quanto lhe devo...

ESTELLA
Deve-me a honra... e a senhora não a tem para pagar-me.

Camilla tem um movimento de colera, mas contem-se.

SERGIO, a Narciso :
Então ?

NARCISO, sorrindo :
E' bom ! E' bom !

CAMILLA
Noto que está com a intelligencia mais incisiva.

ESTELLA
A colera aguça.

SERGIO
Ninguem se decide ?

CAMILLA
Releve-me a pergunta, não ha nella offensa : o commendador confiou-me a direcção da casa e, emquanto eu não fór destituída, quero corresponder, com esmero, á sua confiança. Diga-me : como quer o seu quarto no pavilhão ?

ESTELLA
Como... (Sobranceira :) Eu mesma o arranxarei quando fór preciso...

CAMILLA, depois de fital-a :
Cynica !

MATHIAS
Juguem para páus.

SERGIO
Ora, graças !
Estella, atordoada, investe, trincando o lenço, contendo as lagrimas. Prostra-se em uma cadeira, a tremer de raiva, batendo nervosamente com o pé. Camilla afasta-se allivamente, sorrindo.

NARCISO
Um momento... E não é que eu tenho na mão um bólo natural em ouros ?

SERGIO
Como ?

MATHIAS
Em ouros !

NARCISO
Em ouros.
Estende as cartas na mesa. Estella levanta-se arrebaladamente, contendo os soluços e, seguida pelo olhar perverso de Camilla, entra á esquerda.

CARLOS, examinando o jogo de Narciso :
E' exacto.

O creado entra pelo fundo com uma bandeja contendo garrafas, copos e uma geleira, descança-a sobre uma mesa e espera ordens.

SERGIO, a Narciso :
Mas onde tens tu a cabeça, homem de Deus !

MATHIAS, contando tentos :
Natural em ouros são trinta e dois, não ?

CAMILLA
Querem o vermouthe gelado ?

NARCISO, aos companheiros :
Gelado, não ?

SERGIO
Um bólo natural em ouros... Sim, gelado... está visto.

CARLOS, ao creado :
Gelado...
Camilla serve o gelo granilado, o creado vê vertendo o vermouthe.

MATHIAS
E eu com um sólo monstro em copas. (Riso).

Panno
(Continúa)

(\*) E' prohibida a reproducção.

O TELEGRAPHO SEM FIO E O SOL. — RECENTES EXPERIENCIAS DO METEOROLOGISTA SUÉCO ARRHENIUS.

Das novas experiencias complementares das que fôram em 1902 feitas por Marconi a bordo do transatlantico Philadelphia, resulta que os signaes se transmitem pelo telegrapho sem fio, mais rapidamente e a maior distancia, durante a noite do que durante o dia.

Esse estranho phenomeno, inexplicado durante algum tempo, foi objecto dos estudos mais attentos em diversos paizes. O celebre meteorologista chimico suéco Arrhenius delle se occupou especialmente e acaba de publicar os primeiros resultados de suas observações, das quaes se dedúz que, estando o espaço interplanetario cheio de electrons, continuamente projectados pelo Sol, a atmospherica do lado illuminado da Terra se torna menos transparente para as ondas de Hertz.

O professor J. J. Thomson, de Cambridge, pensa que os electrons agem de maneira obstruente, absorvendo uma parte de energia posta em liberdade numa estação de transmissão.

Resta verificar si estas hypotheses têm fundamento; mas está verificado que um despacho expedido pelo systema Marconi, em plena claridade solar, apenas fornece dois terços do percurso effectuado em plena obscuridade nocturna.

Parece que os electrons influem como a humidade, pois está verificado que, quando a atmospherica está saturada de vapor d'agua, a funcção das ondas hertzianas é mais lenta.

Este phenomeno foi observado nas experiencias feitas, nesta cidade, nos dias chuvosos de abril, e tambem foi observado nas installações do telegrapho sem fio do Pará, nas estações entre Belém e Manáus.

\* \* \*

A BRONCHITE — AS OBSERVAÇÕES DE DURCH CONTINUADAS PELO DR. FRANZ NAGELSCHMIDT.

Depois dos trabalhos de Laennec, o estudo da inflammação dos bronchios e molestias consecutivas, foi objecto de numerosas observações, muito curiosas, muito interessantes. Isso não tem impedido que as bronchites, nas suas variadas fórmas, continuem a victimar milhares de pessoas.

O dr. Franz Nagelschmidt julga e pensa que a causa dessa molestia se deve attribuir ás poucas precauções contra os defluxos e a falta de exercicio do corpo pela pratica da hydrotherapia, de sorte que a maior parte não se habitúa ao frio e ás influencias que

elle exerce sobre o organismo. Nós todos nos expomos continuamente, com um desleixo sempre punido, ás correntes de ar. Além disso, muitos desconhecem a noção das causas das bronchites; poucos sabem ser ella determinada por um germen aos quaes os resfriamentos offerem o mais vantajoso meio de cultura.

Durch demonstrou que coelhos infectados de pneumococcus, submettidos a um frio rigoroso, manifestavam, immediatamente, symptomas de pneumonia, ao passo que sobreviviam aquelles que não eram submettidos a essas temperaturas baixas.

O frio é, portanto, um auxiliar das probabilidades de successo das bactérias, que atacam o corpo.

Nagelschmidt, continuando os estudos de Durch, descreveu recentemente a acção do frio sobre o sangue e sobre os germens nelle desenvolvidos. Tomou por campo de suas experiencias coelhos e cabras, immergidos, parcial ou totalmente, em agua gelada durante mais ou menos longo tempo; e reconheceu que quando essas immersões eram subitas, produzindo sobre o corpo impressões instantaneas, este perdia uma grande parte dos seus meios de defeza e se tornava muito caroavel ás infecções. Ao contrario, expondo o paciente, progressivamente, ao frio, cuja intensidade era pouco a pouco augmentada, augmentava, proporcionalmente, a resistencia ás infecções.

Nagelschmidt concluiu disso que é necessario familiarisar o corpo ao frio, e lembra que nas regiões articas, onde não pôde viver o germen da influenza, a bronchite não existe, de sorte que os habitantes do pólo, por causa do habito, pôdem trazer, impunemente, os pés húmidos e o corpo gelado.

\* \* \*

O NOVO FLAGELLO — MENINGITE EPIDEMICA — O AGENTE ESPECIFICO SEGUNDO O PROFESSOR METCHNIKOFF.

Espalhou-se, ha poucos dias, a noticia de uma molestia nova, mysteriosa, grassando na Allemanha, com todos os terriveis effeitos de uma epidemia.

Passado o estupor do panico, verificou-se que se tratava de uma molestia conhecida desde o seculo XVIII, estudada, ultimamente, pelos professores Dieulafoy, Laveran e Netter — a *meningite-cerebro-spinal-epidemica*, muito differente da meningite ordinaria, simples ou tuberculosa, muito frequente nas creanças. Consiste numa inflammação das meninges, de marcha epidemica e contagiosa, que apparece no tempo frio e húmido, desenvolvendo-se de preferencia nos quartéis, officinas e escolas.

A sua evolução tem dois periodos distinctos — a phase de excitação caracterizada por febre intensa, calefrios, rigidez da nuca, contracções e cephalagia violenta; a phase de depressão com estupor, paralyisia, insensibilidade e cõma. A morte sobrevem aos quatro ou oito dias. Ha casos que fulminam a victima em dez ou doze horas; ha fórmas benignas onde os symptomas apenas se esboçam e desapparecem rapidamente.

E' uma molestia microbiana, mas os sabios não estão ainda de accordo acerca do agente pathogenico: alguns a imputam ao pneumococcus; outros ao bacilo da grippe.

O professor Metchnikoff indicou como agente especifico do terrivel mal, o *micrococcus intracellularis de Weischselbaum*, de cultura tão delicada que não se pôde ainda obter o serum curativo correspondente.

O tratamento de melhor exito tem sido o preconizado por Dieulafoy — banhos quentes, ventosas, medicamentos antispasmodicos.

## UM HERÓE JAPONEZ

1896. Um anno apenas succedera á victoria das tropas do mikado sobre as hostes mal aguerridas do imperio chinês. Pela Europa, ainda assombreada das victorias japonezas, havia como que uma nevrose, uma curiosidade intensa acerca de tudo que dissesse respeito ás grandes ilhas do Extremo Oriente. Jornaes e revistas porfiavam na analyse de costumes, tradições e recursos da terra longinqua dos *daimios*. Estava em moda o Japão.

Foi então que appareceu na Europa o marechal Yamagata, um dos cabos victoriosos da lucta sino-japoneza, appellidado até por alguns o Moltke da Asia, o que era talvez arrojo dizer em se tratando de chins. O facto é que uma *réclame* habil fizera do vulto japonês o homem do dia.

Todos anciavam vel-o, observar, inda que apressadamente, a physionomia desse guerreiro feliz, trazendo consigo o prestigio da victoria, o perfume de exotismo que tanto agrada ás gentes européas.

A primeira visita de Yamagata na Europa, foi a Berlim, centro incomparavel para aquelles que desejam aprender, no manejo das armas, o segredo da força das nações. O exercito japonês, instruido, disciplinado á allemã, colhera os fructos de tantos esforços.

A' bravura innata, indomavel, do indigena, emprestára a disciplina á prussiana, a tactica, a organização meticulosa onde tudo é previsto, nada sendo abandonado ao acaso.

Si por um lado, era comprehensivel

a vinda do discipulo em homenagem ao mestre, não deixava, entretanto, de ser curiosa a situação. Trez nações européas, colligadas, haviam imposto ao Japão victorioso, o tratado humilhante de Ximnosaki. Salientava-se, entre ellas, a Allemanha, ciosa do dominio aryano sobre as raças amarellas. O *kaiser* avisára á Europa, em quadro hoje famoso, do perigo que se avolumava em mares asiaticos. Seria possivel que o povo japonês, orgulhoso e vingativo, houvesse esquecido a affronta? A Russia e a França estavam em seu papel. Defendiam: uma, a invasão projectada na Mandchuria; outra, seu vasto imperio indo-chinês. Mas a Allemanha? Era difficil de explicar o caso, que pôde ser, talvez, considerado como uma manifestação do temperamento impetuoso do soberano allemão. Sabia-se tambem, vagamente, que a reacção do povo do Japão fôra a custo refreada pelo governo do mikado. A excitação popular era enorme contra os estrangeiros e, principalmente, contra o *Miguel germanico*, intruso, violento nas suas intervenções internacionaes. Proclamações entusiastas excitavam á guerra contra os *diabos vermelhos*, surgindo de longes terras para se immiscuïrem na vida nacional. Nestas circumstancias, a chegada de Yamagata era verdadeiramente sensacional. As victorias de Mu-tien-ling-pass, Kaiping, Nuda-chwang, Tim-chwang-ti, eram as credenciaes que recommendavam á attenção geral o grande marechal oriental.

Yamagata, vencedor na Mandchuria; Oyama, em Porto-Arthur e Weihai-Wei; o almirante Ito, o destruidor, na batalha de Yalú, da frota chinesa, formavam, então, o trio brilhante de heróis japonezes, que se impuzera ao estudo dos criticos militares e profissionaes.

Vinham em segundo plano, Oku, Kuroki, Nogi, Nodzú, Iamadgi, etc., esses mesmos que ora escrevem paginas brilhantes para a sua patria, fazendo recuar o colosso russo.

A Europa quedára, attonita, da tactica e organização japonezas, reveladas nessa guerra. Nada mais natural, portanto, o movimento de curiosidade em torno de um dos principaes actores do drama que se desencadeára em terras e mares do Oriente.

Foi numa recepção do ministro japonês, em Berlim, que avistei o tão afamado Yamagata.

Pelos ricos salões da legação, jorrandoz e perfumes, passejavam uniformes variados e deslumbrantes *toilettes*; cruzavam-se typos, os mais variados; era um verdadeiro kaleidoscopio de raças e idiomas. Os sons duma orchestra espalhavam um não sei quê de vaga harmonia, abafando o ruido das vózes, o roçagar dos vestidos.



Officiaes allemães, irreprehensíveis no garbo, coalhavam os salões; diplomatas de todos os paizes exhibiam as fardas recamadas d'ouro.

No salão de honra, sob o retrato em tamanho natural do soberano japonês, recebendo cumprimentos, fazia as apresentações o representante do mikado, na capital allemã.

A seu lado, envergando severo dolman, achava-se o marechal Yamagata, alvo de todos os olhares. Falando alternativamente inglez e allemão, entreteve-se algum tempo com officiaes superiores, que lhe gabavam os triumphos, lembrando a tactica e disciplina das suas tropas.

Era facil de perceber no rosto do velho soldado, o orgulho que lhe causavam as homenagens de representantes do exercito mais disciplinado do mundo, o allemão.

Nota curiosa: ao elemento feminino presente não agradava o aspecto do vencedor da China... Estatura mediana, franzino de corpo, ligeiros pellos esparsos no rosto, feição dura, olhar obliquo; sentia-se instinctivamente que só a etiqueta tinha força bastante para impôr áquelle asiatico, as maneiras, os trajes europeus...

Como devia lamentar a patria distante, perdido alli, em meio tão differente!

Muitos japonezes tinham comparecido á recepção para saudar o compatriota illustre. Os sons gutturaes, as palavras incomprehensíveis, succediam-se rapidas. Alguem que estava presente, entendedor profundo do Japão, percebeu nitidamente um phrase do marechal:

— Todas essas luminarias, o aspecto de toda essa gente que me observa como um *bibelot* raro, não me impressionam absolutamente... Estou ancioso para rever o nosso Japão.

A phrase, banal na apparencia, stereotypa a alma japoneza.

Nove annos mais tarde, os exercitos e frotas do mikado deviam lembrar á Europa o conceito de Okuma:

— Para ser grande e respeitado o Japão, é preciso que sua bandeira fluctue, custe o que custar, e para sempre, em Porto Arthur.

ARMANDO DIAS.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O ROSARIO

Quando, á noite, contemplo taciturno  
Estas contas antigas, o rosario

Das minhas orações,  
Vejo em minh'alma o poema legendario  
Dos velhos tempos, das longinquas éras  
De santas devoções.

A cruz ebúrnea, onde agonisa o Christo,  
E' d'um lavor subtil, que nos revela  
Um genio magistral,  
Obra de monge em merencoria cella,  
Piedoso artista ha muito adormecido  
Em valha cathedral.

Tem seculos: talvez que nestas contas  
Passasse outr'ora suas mãos esguias  
A castellã senil,  
Pensando, triste, nos ditosos dias  
Em que a seus pés um menestrel vibrava  
O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse  
As saudades da noiva lacrimante,  
Que debalde esperou  
Em cada náu, que vinha do Levante,  
O seu donzel amado, que partira  
E nunca mais voltou.

Sobre a cóta d'um joven cavalleiro,  
Que o beijava por noites estrelladas  
Pensando em sua mãe,  
Elle assistiu á guerra das cruzadas,  
Atravessou talvez a terra santa;  
E viu Jerusalem.

Talvez alguma freira em triste claustro,  
De sens annos na doce primavera,  
Só d'elle confiou  
Seus loucos sonhos de fallaz chimera;  
E, apertando o rosario ao peito ancioso,  
Consolada expiron.

Isto o que leio no rosario antigo;  
E, quando melancolico lhe beijo  
As contas de marfim,  
No ar escuto indefinido harpejo,  
E, então a crença, a mystica toáda,  
Murmura dentro em mim.

GONÇALVES CRESPO.

\* \*

### O CLERICALISMO

#### O CONDE D'EU—A FAZENDA PAQUEQUER

Disse-se na semana que findou que o sr. conde d'Eu pretende comprar a fazenda do Paquequer, que pertence ao Estado, e que anda ha tempos annunciada no *Diario Official*.

Se se dissesse só isso, ninguem pensaria em estranhar que o sr. conde d'Eu comprasse uma fazenda para criação, para vender gordos e comprar magros, como quer o sr. Avila. O sr. conde d'Eu tem o direito de empregar os seus capitaes como melhor entender, em terras, fazendas, casinhas para alugar, ou o que mais vantagens offerecer.

Procedendo deste modo, sua alteza usa de uma prudencia muito louvavel, e mostra que sabe aproveitar as licções da experiencia. O mistér de rei já não tem grandes garantias, nem mesmo nos paizes a que a monarchia está vinculada por tradições seculares. A familia a que sua alteza pertence, os Orléans, já soffreu algumas vicissitudes pouco agradaveis.

Por não ter havido nos principios deste seculo um descendente de reis bastante sagaz para matar um pobre diabo de capitão de artilharia, que surgiu um bello dia das montanhas graniticas da Corsega, a familia de Orléans, além de perder o throno de França, perdeu os sens bens.

A familia desse capitão, que tinha arranjado para seu uso um novo direito divino, chamou a si o que pertencia aos do direito divino antigo e tradicional, e força é reconhecer que se estes o possuíam de longa data, nem por isso o tinham adquirido pelo trabalho de seus avós.

Esta bôa terceira republica franceza teve a generosidade de entregar aos srs. de Orléans o que lhes pertencera, e que esses dignos successores de Luiz XI reclamaram justamente quando a França estava menos apta para fazer generosidades de dinheiro.

Mas, os principes nem sempre encontram adversarios de tão bôa vontade; e não é propriamente dando-lhes dinheiro, que os diversos revolucionarios, mais ou menos intransigentes e exaltados que ha pela Europa, cultivam relações com as testas coroadas. Que o diga o imperador da Russia; que o diga a rainha Victoria; que o diga o imperador da Allemanha.

E apesar mesmo da generosidade dos republicanos francezes, ultimamente, quando em França se entendeu que não era precisamente tranquillizador para a republica o facto de se entregar altas posições no exercito aos principes de Orléans, houve quem dissesse que estes altos senhores, pelo seguro, para o que dér e viér, simularam venda dos seus bens a lords inglezes, e o mundo sabe se a Inglaterra é capaz de zelar os seus dinheiros.

Faz, portanto, muito bem o sr. conde d'Eu em ter o seu mealheiro e guardar, de vez em quando, algum vintem. Em França, a monarchia, que tem tradições seculares, já não toma mais pé, assoberbada pela onda democratica que se avoluma, porque aquelle bemaventurado paiz ha de ser sempre na Europa o precursor dos grandes movimentos progressivos.

Aqui no Brazil, a sorte do direito divino ainda é mais precaria. Por mais que se faça, o Brazil é americano, e o Novo Mundo não seria o Novo Mundo se se limitasse a ser um prolongamento do Velho, e lhe adoptasse as antigas usanças, sem obedecer á lei que lhe impõe a pujança virginal da sua natureza.

Por estas razões, pois, nada haveria que objectar se o sr. conde d'Eu comprasse uma fazenda como qualquer de nós pôde comprar um sitio; mas, ac-

crescenta-se que o sr. conde pretende abrigar nessa fazenda uns pobres padres que a republica está despedindo de França, por espirito de intolerancia e impiedade, proprio de republicanos sem fé, que não toleram que uns tantos sujeitos a quem ella paga para ensinarem ás mulheres e ás creanças uns principios de moral, empreguem o seu tempo em ensinar aos homens a fazer guerra á republica.

Isto mesmo ainda seria apenas um acto de caridade, se o sr. conde d'Eu fôsse simplesmente um homem rico, que tivesse sido feito conde por ter mandado para o Paraguay algumas dezenas de escravos; mas o sr. conde d'Eu é o esposo da herdeira do throno do Brazil, e as intimas relações politicas com padres estão muito nas tradições de sua familia, para que se olhe com indiferença para o acto que dizem que sua alteza pretende praticar.

Em materia de colonisação, não é precisamente a de padres a que mais pôde convir ao Brazil. Apesar de ser o chim uma verdadeira calamidade que o alto tino administrativo dos que nos governam tem pendente sobre as nossas cabeças; apesar de ser o chim um trabalhador que a uma vantagem unica, o trabalho barato, reúne todas as outras desvantagens possiveis e imaginaveis, entre as quaes sobressae a de não ficar no Paiz, não o povoar, e ao mesmo tempo arredar a concurrencia de outros colonos, que ficariam; se nos derem a escolher, entre o chim e o padre, nós preferiremos, sem hesitar, o chim.

O chim, quando chegar ao Brazil, reduzirá por tal fórma o salario que nenhum outro colono competirá com elle; a immigração espontanea que o governo reconhece na falla do throno que tende a augmentar, cessará; mas, daqui a alguns annos, quando os entusiastas de hoje se convencerem do seu erro, será ainda tempo de voltar atrás, fazendo o que acabam de fazer os Estados-Unidos: fechando a porta ao chim.

Ha de ser muito mais difficil fechar a porta ao padre. O padre não se contenta com o salario modico que lhe garanta o pão, que elle, por fórmula, pede só para um dia; o padre trabalha pelo futuro, e serve-se para isso de duas armas formidaveis: a mulher

e a creança. O padre tem o confissionario, o pulpito, a escola, o perdão, a ameaça de castigo, a promessa da vida eterna, e falla em nome de Deus.

Tudo isso seria muito bom, se o padre o fizesse só para fazer moral, só para encaminhar o espirito de familia para o bem; mas o padre, e principalmente este padre que a republica franceza não quer, porque o conhece, porque lhe sente a garra por baixo da batina, o padre faz politica.

O actual imperador do Brazil é um crente; preocupa-se com o destino da sua alma tanto como com a passagem de Venus pelo disco do Sol; lê Darwin e procura conciliar-o com o Adão de barro soprado pelo idéal Omnipotente, que em seis dias tirou o mundo do cháos; mas, ainda assim, a influencia do padre não se faz sentir na nossa politica.

Quando, porém, sentar-se no throno deste paiz alguém que além da creança tenha a credence, que exaggere a fé pela superstição, o padre virá pezar na balança dos nossos destinos. Se antes se lhe fizer o ninho, se se dê tempo ao padre para influir na familia pela mulher e pela creança, a sua missão junto do throno será facil, porque, para dominar, elle não terá de lutar, tendo preparado o terreno.

E' desenganar! Esta raça de padres a que nos referimos, não é a successora dos apostolos e dos eremitas; estes padres não prégam a palavra de Christo, prégam a doutrina de Roma; não são missionarios, são embaixadores do Vaticano; o seu livro santo não é o Evangelho, é o Syllabus.

Estes padres representam, no nosso tempo, os que persegiram Gallileu e queimaram vivo Giordano Bruno; os seus gloriosos marcos milliarios não são nem o Golgotha, onde expirou o divino philosopho, nem os amphitheatros romanos, onde os martyres christãos eram atirados ás féras, para regalo dos imperadores. As paginas gloriosas da historia desses padres escreveu-as a inquisição e o jesuitismo, que fôram os successores naturaes, não dos primeiros crentes que se refugiavam nas catacumbas de Roma, mas dos algozes que os perseguiram. A unica differença é que a força, que estivera do lado dos pagãos que tinham conquistado o mundo com as armas na mão, passou para o lado dos

padres que o conquistaram pela astucia.

A inquisição não foi menos cruel que os Neros; que o digam os judeus tão barbaramente perseguidos, que ainda hoje, ao cabo de tantos seculos não conseguiram reunir-se na terra que lhes foi berço.

Os padres de hoje já não accendem fogueiras; homens do seu tempo, manejam as armas que acham á mão em França; o padre lucha pelo direito divino, que presta á Santa Sé um preito que lhe recusa a republica. Na Irlanda, o padre catholico auxilia a revolta, não para apoiar a justa queixa de uma raça opprimida, mas para lutar contra o protestantismo inglez. Na Allemanha, por detrás do socialista, vê-se o padre a aproveitar-se desse grande movimento e a incital-o para combater a reforma. Na Russia, o padre catholico collabora com o nihilista, porque, se o inimigo deste é o absolutismo, o daquelle, encarnado no mesmo individuo, é a orthodoxia moscovita. Se na Italia um partido, o dos irredentistas, agita-se para conquistar o que entende que falta ao paiz: Trieste, que está com os austriacos, Nice e a Saboia, que estão com a França, o padre romano auxilia-os escondidamente, não para completar a unidade da Italia, mas para destruil-a, tirando-lhe a Roma dos Cesares do Vaticano. Ahí, como em toda a parte, ao passo que o nihilista, o socialista, o irlandez, o republicano, o irredentista, luctam com as armas na mão, arriscando a vida, o padre tira a sardinha com a mão do gato.

E é este o elemento que se procura introduzir no Brazil. Nós já temos algumas sementes, menos más, que até aqui se têm introduzido aos poucos, e têm sido toleradas. Ha em S. Paulo o celebre collegio de Itú, povoado principalmente pelos filhos dos nossos homens de Estado, que serão os futuros homens de Estado, porque o Brazil tende á oligarchia; temos o Caraça, em Minas, que nos fornece deputados, que são, a um tempo, positivistas e ultramontanos; temos collegios de irmãs de caridade, para educar a mãe de familia brasileira.

Se, porém, estes elementos esparsos se congregam; se em vez de tolerados, elles fôrem acoroçados; se se quizer converter a introduccção do padre em

systema politico, é preciso dar o grito de alarma, e resistir emquanto é tempo.

Temos fé que a resistencia será efficaç, porque a acclimação do padre é difficil no Brazil, repugna á natureza americana.

Quanto aos que pensam em introduzil-o, seria talvez mais prudente, se realmente pretendem ficar no Brazil, deixarem-se disso e tratarem de accommodar-se ás circumstancias de tempo e lugar, que lhes indicam um caminho muito diverso.

Só homens excepcionaes conseguem impôr idéas condemnadas. A Allemanha militar é um prodigio que se sustenta pela vontade de ferro e pela assombrosa capacidade politica de Bismark; ainda assim, á custa do progresso nacional. A morte de Bismark esboroará a sua obra.

O Brazil ultramontano não é empreza que possa ser levada a cabo por homem cuja intelligencia se meça pela bitola commum.

Se isto de governar o Brazil é coisa que possa tentar alguém, tratem os pretendentes de conformar-se ao espirito de tempo e á lei da nossa natureza. E' sempre opportuna a resposta dos altivos fidalgos aragonezes, que exigiam que se lhes respeitassem os seus fóros, para que elles se mantivessem fieis: Senão, não!

FERREIRA DE ARAUJO.

Maio, 1883.



## O ALMIRANTE (33)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XVI

— Chegámos, emfim, meu caro conselheiro.

— Beijo-lhe as mãos pela adoravel companhia e peço mil desculpas a v. ex. se... involuntariamente a contrariei...

— Pelo contrario, o senhor foi enviado por um acaso protector.

— Ainda bem. Não é dos peiores esse papel de instrumento do acaso ao serviço de tão gentil dama...

— Sempre amavel.

Presentindo a carruagem, Sebastião abriu o largo portão senhorial e saudou com o amplo chapéo de palha, as pessoas que vinham dentro. Aquelles dois dias eram de novidades de coisas estranhas; e agora elle não se surpre-

hendeu com o soldado á boléa, nem de estarem no logar de Oscar duas pessoas, conhecidas como visitas da casa, mas nunca matinaes, como naquella occasião, á hora em que elle começava a réga do jardim, depois de cuidadosamente varridas as alamédas alastradas de folhas caídas, durante a noite, das arvores castigadas por um violento furacão, um daquelles pés de vento, que entravam pelo boqueirão e encanavam com furia pelas faldas do Corcovado.

— Muito bom dia — disse Sebastião, achegando-se á carruagem que abeirava á calçada do atrio.

— Bom dia — respondeu o conselheiro. — Sabe dizer-me se minlia mulher...

— A senhora d. Eugenia — ajuntou, immediatamente, o feitor — está com a senhora marqueza, que esteve doente.

— Doente? — inquiriu Dolores.

— Ha dois dias, sim, senhora. Mas não foi coisa de maior. Parece que ficou um tanto arrelhiada *promorde* a Republica.

— Pobre senhora — murmurou, compadecido, o conselheiro.

A carruagem partiu para o fundo da chacara. Dolores e o conselheiro, apeitados defronte da porta principal, se entreolhavam indecisos, perplexos, como se os detivesse a inconveniencia de se annunciarem tão cedo, muito embóra os auctorisassem a isso as circumstancias especiaes do momento anormal de perturbação, que repercutia nas praças publicas como nos lares, na Côrte como nos mais longinquos recantos do Paiz.

— Quer vossa excellencia que eu vá chamar — perguntou Sebastião.

— Não é necessario — replicou o conselheiro, que se sentára, moído de fadiga, num dos bancos de ferro — Esperaremos.

— Eu voltarei — observou Dolores — Voltarei no carro que deve ir em busca de Oscar. Tenho contas a dar de mim ao pobre Dádá. Coitado, não sabe o destino da mulher, quasi dois dias fóra de casa... Um horror...

E voltando-se para Sebastião accrescentou:

— Faça o favor de dizer ao cocheiro que vou esperar o carro á esquina proxima. Adeus, conselheiro, muito obrigado. Saudades a d. Eugenia e ás meninas.

Apenas Dolores desaparecera, abriu-se uma das janellas do sobrado, e uma voz, a voz de d. Eugenia, inquiriu, com precaução:

— Quem está ahi?

— En, minha querida — respondeu o conselheiro, erguendo-se a custo.

— Tu, Antonino?

— Sim, teu marido, mais morto que vivo...

— Espera...

Poucos momentos depois, ella lhe abria a porta e os braços, onde o bom velho se deixou collier e apertar, como se aquelle carinho lhe restituisse a esperanza, o alento, a energia do coração contundido, maguado pelas rudes commoções daquelles dias de amargura.

— Então?... — perguntou d. Eugenia, com a voz embargada por soluços — Então? Que foi isso?

— Que foi? A fatalidade, um violento golpe do imprevisito...

— Mas, senta-te, meu querido. Estás a tremer...

— Apesar de ter previsto com segurança os acontecimentos, nunca esperei que elles se precipitassem com tamanha rapidez...

— Foi horrivel...

— Foi esmagador, foi barbaro, foi triste, foi infame.

— Calma-te. Repousa. Depois me contarás tudo...

— Ah, minha mulher; não sei onde tenho a cabeça. As idéas, as impressões andam lá dentro, num tropel, numa confusão.

— Meu Deus, que pallidez — exclamou d. Eugenia, depois de abrir uma das janellas por onde entravam rutilos raios do Sol — Como estás alterado!...

— Não era para menos, passando duas noites de vigilia, a vigilia do desterro dos nossos augustos soberanos, soffrendo a emoção lancinante do momento cruel da partida.

— Então?...

O conselheiro, com um largo gesto de desespero, estendeu os braços para o lado do Pão de Assucar, e murmurou vencido:

— Está tudo acabado.

E ficou a contemplar a esposa, afogada em pranto.

Momentos depois, uma creada lhes serviu o café. D. Eugenia enxugou as lagrimas e, acercando-se do conselheiro, disse-lhe num tom resolutivo:

— Saberemos soffrer.

— Tu és uma heroína: a mim, já me faltam as forças para reparar os effeitos do desastre. Deposta, exilada a dynastia, derrocadas as instituições que, felizmente, regeram a Nação durante mais de meio seculo, eu, todos os funcionarios da casa imperial, meus companheiros de infortunio, perdemos a razão de ser. Isto significa que se desmoronaram os nossos planos de vida, da nossa vida tranquilla, satisfeita, resignada aos parcos recursos de que dispunhamos, o futuro garantido pela aposentadoria e pelo montepio.

— E o teu ordenado na companhia?

— Resta-nos isso; mas é bem possivel, senão certo, que a revolução attinja as forças economicas do paiz, ferindo o credito, as industrias... toda a obra da monarchia.

—Será o que Deus quizer. Não te amofines com o futuro.

—Não julgo difficil supportar a pobreza, mas custa muito perder uma posição honrosa, ser subitamente precipitado do fastigio social, da consideração, das posições eminentes, á obscuridade, ao esquecimento, após tantos annos de leaes serviços á Patria. Além disso, sabes que o habito constitúe uma segunda natureza: não sei como poderei resistir a essa perturbação que me desloca, que me suprime a minha maneira de viver tão organizada, tão suave...

—Tua mulher, tuas filhas te ajudarão a supportar a adversidade.

—Minhas filhas. E' por ellas, sómente por ellas que me aterrorisa o futuro.

—Não te preocupes com isso. Necessitamos de resignação, de calma para resistirmos a esse golpe.

O dialogo foi interrompido pela passagem do carro que ia para o arsenal de marinha, conforme a ordem de Oscar. O landau da marquezia fôra substituído pela elegante victoria tirada por uma bella parelha de alazões esguios, ardegos, dois primores da especie.

O conselheiro contou, então, os dolorosos episodios dos dois dias, os ultimos das suas funcções junto da familia imperial, o seu encontro com Oscar, olvidando a intervenção de Dolores.

—Fiquei no meu posto até o derradeiro instante—affirmou elle, no tom de satisfação de um dever cumprido—A minha consciencia está perfeitamente tranquilla. E a marquezia?

—A marquezia? —respondeu d. Eugenia—Não imaginas os momentos de afflicção que padecemos, vendo-a como morta, adormecida num profundo somno, que parecia o derradeiro. Afflictas pela tua ausencia, tomámos a resolução de abandonar a nossa casa para procurar noticias tuas. Eu não podia ficar com as meninas, sem um amparo, sem meios de defeza, expostas a um assalto, a um desacato, aos perigos possiveis numa situação como essa. Viemos. A marquezia dormia profundamente, como se a grande commoção lhe exgotasse todas as forças. Apesar de nos garantir o medico que não se tratava de um caso grave, não podemos evitar um grande sobresalto pela saúde da nossa querida amiga. Nesse transe, Hortencia, a nossa Hortencia, foi de uma dedicação filial: postou-se á cabeceira da marquezia e velou sem interrupção, sem fadiga, com uma solicitude admiravel, o seu prolongado somno. Na tarde de ante-hontem, ella entreabriu os olhos, fitou-os em Hortencia, apertou-lhe a mão e tornou a adormecer tranquillamente, indifferente ás impressões dolorosas da noticia do levante da solda-

desca. Passou a noite sem incidentes, despertando, a longos espaços, para tomar o remedio, sempre submissa, indifferente, sem um gemido, sem uma palavra de queixume. Occorreu-me, então, um triste presentimento. Teria aquella commoção abalado o cerebro da marquezia?... Deves estar lembrado de que ella tinha, no meio da sua grandeza d'alma, assomos de extravagancias; vinham-lhe projectos, idéas de homem, como succedeu depois da morte do marido, que Deus haja.

Toda a gente considerou uma loucura aquella empreza de tentar a restauração da lavoira, pelo exemplo da colonia — Izabel a Redemptora.

— Santa loucura — observou o conselheiro.

— Não ha duvida que os resultados inesperados, graças á providencia e ao tino commercial do Martins, repararam o desastre que poderia ter arruinado a marquezia. Para nós, foi isso providencial, porque nos livrou da miseria, dando-nos um rendimento, independente da politica, do governo...

— Poder-se-á dizer que ella é uma senhora excepcional; mas dahi para a loucura...

D. Eugenia contou que a marquezia amanhecera melhor no dia 16; mas, conservava o mesmo mutismo, a mesma indifferença. Não perguntou pelo seu querido Oscar, não pediu, como era natural, noticias dos acontecimentos. Passou todo o dia entregue aos cuidados de Hortencia; deixou que esta lhe penteasse os cabellos, lhe mudasse a roupa, como se cuidasse de uma creança obediente. O unico signal de consciencia era o olhar meigo com que ella envolvia, agradecida, a sua enfermeira infatigavel, olhar onde brilhava em tenues lampejos a alma doente. Passou o dia na penumbra do quarto. A noite decorreu sem incidente. Ella adormecen, como na vespera, e áquella hora não tinha ainda despertado.

— Vamos ver — concluiu d. Eugenia — se hoje ella se restaura da grande fadiga moral, causadora deste prolongado torpôr.

— A marquezia tem uma tempera de aço — observou o conselheiro — E' provavel que resista e se restabeleça completamente.

— Agora é preciso tratar de ti; necessitas tambem de repouso...

Regressando do seu passeio matinal na chacara, Laura soltou um grito de surpresa encontrando o pae.

— Papaesinho! — disse ella, abraçando e beijando o conselheiro.

— Ah, meu amor, tu vens a proposito. Queres ir commigo até a casa?

— Como não? — tornou Laura, alegremente, acariciando as faces do pae — Pensa que tenho medo?

— Irás com elle, filhinha — re-

commendou d. Eugenia. — Vê se repousa...

— Fica ao meu cuidado, mamãe. Não tenha receio. O Sebastião disse-me que a cidade está em paz. A revolução não chegou ao nosso bairro.

Num momento, partiu para o interior do palacio e voltou preparada para acompanhar o pae.

— Se fosses a carro — ponderou d. Eugenia.

— Não. Deixa-me andar. Preciso verificar se as minhas pernas ainda funcionam. Até logo. Apresenta meus respeitos á senhora marquezia, com os mais sinceros votos pelo restabelecimento da sua preciosa saúde. Eu voltarei mais tarde.

(Continúa.)

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

### DO TERCEIRO CHACO A VILLETA

O rio crescia pouco a pouco, regularmente, sem grandes saltos, indicando grande enchente. No dia 5 de dezembro, pela manhã, os encouraçados atracaram ao barranco, já baixo, e transportaram-nos para a margem esquerda.

O Dezeseis deplorava a ausencia do seu illustre commandante, que seguira para o Brazil, com licença para tratar-se da impertinente enfermidade que o molestava desde Tuyuty e que, depois de alguns annos mais, o roubou á Patria, que elle serviu com tanto brilho e amor.

O seu successor, o major Costa, era um excellente official; mas, os soldados sentiam muito a falta do outro. Ouvilhes, muitas vezes, ao redor do fogo, exclamarem em tom de verdadeira saudade:

— Ah! minha Nossa Senhora, mandae-nos seu commandante Tiburcio; aquillo é que era homem.

O batalhão pertencia ao corpo de exercito do general Argollo, o nosso glorioso chefe desde os penosos tempos da *Linha Negra*.

Desembarcámos na barranca de Santo Antonio, onde passámos a noite em bivac.

Na manhã de 6, marchámos por uma estrada estreita bordada de capoeirões e pequenos campestres, dando a direita ao rio, que não corria distante. O caminho era ligeiramente accidentado.

Chegámos a um alto, donde avistámos ao longe, na baixada, uma ponte estreita. O inimigo estava do outro lado em grande numero.

A' esquerda, tínhamos a matta mais ou menos rarefeita; e á direita, recordo-me vagamente, o terreno era escabroso, com uma vegetação rachitica de cardos e arvores torcidas, cheias de

espinhos, crescendo entre brejos e cespedes enormes e irregulares, cobertos de gramineas crestadas pelo Sol.

Ao avistar-nos no alto, o inimigo, cuja artilharia dominava a ponte do arroio Itororó, rompeu o fogo sobre a vanguarda. Travou-se o combate.

O Dezeseis foi designado para fazer parte da reserva. Commandava a nossa brigada o denodado coronel Miranda Reis, cujo assistente do ajudante general era o meu illustre amigo Catão Rôxo, então capitão do estado maior de 1ª classe, e um dos nossos mais distinctos officiaes.

Penetrámos por um trilho no capoeirão da esquerda, onde havia grandes clareiras. Postaram-nos em uma muito avançada, defendendo uma estrada, que vinha do interior e se bifurcava á nossa esquerda, com um largo ramal aberto e limpo, que ia ter ao campo onde combatiam os paraguayos perto de nós. A artilharia troava sem descanso.

As nossas cornetas tocavam: *avancar, fogo*.

A's vezes, aos nossos ouvidos attentos chegavam os sons plangentes do mais impressivo dos toques: *atiradores — o inimigo é cavallaria*. Ao ruido crepitante da fuzilada, que a cada instante parecia recrudescer, misturava-se o tropel dos nossos esquadrões, que passavam a galope pela estrada proxima á nossa direita.

E nós nada viamos. De vez em quando, passava um ajudante de ordens, suarento, com o rosto afogueado, e dava-nos, em rapidas palavras, uma noticia:

— Fernando Machado caíu fulminado na frente da sua brigada.

A cavallaria recuou e atropellou os infantes na estreita ponte. Uma linha de atiradores do 10º foi acutillada, e o commandante Guedes morreu como um heróe. Repellimos os paraguayos e os levámos até bem longe; mas, voltaram á carga com furia e o Azevedo caíu exangue.

As nossas tropas, luctando desesperadamente, fôram arrojadas aquem da ponte.

As cornetas repetiam incessantes o toque de carga; mas, as tropas pareciam hesitantes. O Argollo e Gurjão fôram feridos.

Muitos commandantes estavam fóra de combate. A acção estava indecisa e o terreno não permittia o desenvolvimento de grandes forças.

As reservas estavam inactivas.

Apenas, alguns batalhões fôram substituir outros, que estavam dizimados.

Passou pela nossa frente, animado, erecto no cavallo, o bonet bordado de pala levantada e prezo ao queixo, a espada curva desembainhada e empunhada com vigor, e preza pelo fiador

parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte annos. Estava realmente bello. Perfilámo-nos como se uma scintilla electrica tivesse passado por todos nós.

Apertavamos o punho das espadas, e ouvia-se um murmurio de bravos ao heroico marquez. O batalhão mexia-se agitado e attraído pela nobre figura do marechal, que abaixou a espada com uma ligeira saudação aos seus soldados, e o commandante deu a vóz de *firme*. Dalli a pouco, arrojava-se impavido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua gloria.

A carga foi irresistivel e o inimigo completamente feito em pedaços. Arcole repetira-se em Itororó. As bandas tocaram o hymno nacional, cujas notas suggestivas se mesclaram com a alvorada alegre, repetida pelos corneiros que ainda viviam.

Como é impressionante assistir, a pé firme, as peripecias de uma batalha, quando não se tome parte activa. Mil vezes cruzar o ferro nas cargas e deixar-se arrastar pela torrente violenta.

O tempo assim passa mais rapido, e os combatentes não sentem as emoções da lucta, que oscilla para a victoria a cada arremettida, e, á cada retirada, para um revéz.

O subalterno que combate transforma-se em automato, que se move ao som das cornetas ou á vóz dos commandantes.

O soldado que pelejou não pôde descrever a batalha, porque sómente foi testemunha dos episodios que passaram a seu lado.

Itororó foi uma das acções mais porfiadas que tivemos, e onde relativamente foi maior o numero de chefes sacrificados. Argollo, o commandante do corpo de exercito, que empenhou a lucta, foi gravemente ferido. Gurjão, o commandante da divisão da vanguarda, caíu tambem, dando exemplos de abnegação e valor. Guedes, Azevedo, Fernando Machado, Eduardo Fonseca alli ficaram para sempre.

No mesmo logar em que assistimos, inactivos, á peleja, bivacámos.

Logo depois, o commandante me ordenou que seguisse em descoberta para a nossa esquerda com uma pequena força. A estrada era estreita e arenosa. A mais de um kilometro, vimos uma roça com viçoso milharal e um pequeno rancho coberto de palha. Entrámos; estava vasio, mas não tinha sido abandonado havia muito, porque vimos algumas gallinhas e um leitão, que correram assustados, mas fôram agarrados, amarrados e deixados em segurança para a nossa volta.

Seguimos e mais adeante um dos soldados, que ía explorando o cami-

sobre um vulto que, a toda a carreira, fugia para a matta proxima. Continuámos assim até que já se ía fazendo tarde. Retrocedemos e quando, ao anoitecer, ganhámos o nosso bivac em Itororó, ouvimos o toque: *Ajudante do 16º, retirar*. Chegámos com muita provisão para o batalhão. Cada um dos meus trinta soldados, trazia um manojo de espigas de milho verde, além de feixes de canna, gallinhas e o leitão. Mandei depositar tudo em um montão, que em pouco desaparecia distribuido pelas praças e officiaes que estavam sem municio.

O arroio Itororó era muito estreito e de altos barrancos, cortados no logar da ponte quasi a prumo. Tinha tão pouca agua que não dava para cobrir os corpos dos nossos camaradas, que alli caíram mortos. Não me recordo exactamente das dimensões da ponte. Sei, porém, que eram muito reduzidas. Dava, na largura, apenas passagem a duas carroças.

O meu batalhão esteve postado na bifurcação do caminho que vinha do interior e tinha pela frente uma grande abertura na matta, situada muito perto da ponte.

Quando cessou o fogo, penetrei por ella até ao rincão ou pequeno campo, onde o combate foi mais renhido.

Passei quasi a pé enxuto.

O Itororó corria, alli, espriado num areial. Parecia-me que, si tivéssemos aproveitado aquella passagem facilima, poderíamos ter levado ao inimigo um bom ataque de flanco e talvez evitado o enorme morticinio na disputa encarniçada da passagem da ponte. Foi uma idéa que me atravessou naquella dia o espirito e que depois vi emittida por muitos dos meus camaradas.

A critica aos grandes mestres nunca é difficil; até aos que jámais poderiam executar as suas obras.

No dia seguinte, chegou pela manhã o fiel Antonio Faustino, conduzindo pelo cabresto o meu nobre tordilho, que havia ficado no Chaco. Criei alma nova, pensando que sem elle teria de percorrer a pé, naquella dia de dezembro, uma estrada arenosa e, em grandes trechos, descoberta. Já ao Sol, bem alto, começámos a nossa marcha. O calor era muito intenso. Sentiamos todos o ar abafado. A respiração era offegante e o suor corria em grandes gottas pelas faces queimadas pelo Sol. Parecia que ía desabar sobre nós grande tormenta. Depois do meio dia, era quasi impossivel marchar. Eu, que ía a cavallo e era moço, sentia a cabeça pezada, e os olhos me ardião queimados pelo calor reflectido dos areiaes. Vimos um homem caído com os olhos revirados, a bocca torcida, as faces arrôxeadas — estava immovel — tinha sido fulminado. Mais adeante,

nove morreram de insolação naquella dia. Cada official e cada soldado quebrára um ramo de arvore ou de arbusto e cobria-se com elle. Chegámos a um alto, num descampado, e lancei a vista para a rectaguarda. Que espectáculo estranho! Uma matta baixa movia-se serpenteando-se entre as duas muralhas verdes de outra gigantesca e immovel. Era a floresta de Birnam, que caminhava fatidica para a Dunsinane do Macbeth paraguay, mais criminoso e feróz do que o Thane de Glamis. Este bravo, como um tigre, matára um rei. Aquelle, sanguinaria hyena, sacrificára um povo inteiro. Ambos tiveram as almas allucinadas pela influencia das mulheres dominadas pela ambição.

Entrámos depois num descampado, e o vento norte soprava abrasador como si saísse de uma fornalha. Que torpôr e que fadiga! Dizem os chronicistas que, quando o vento norte sopra em Assumpção, augmentava o numero dos justicados de Francia.

A tarde, chegámos á Capela Ipané. Nesse dia e no seguinte, todo aquelle exercito de milheiros de homens estava á mingua de viveres. Havia, felizmente, milharas perto, e desde os generaes até o ultimo corneta não houve, talvez, um só que não se regalasse com uma espiga. Affirmam que o proprio marquez e todo o seu brilhante estado-maior, do qual fazia parte o meu bravo e saudoso amigo José Graça, pagaram tambem esse tributo á contingencia humana. Os exemplos, nessas occasiões criticas, são remedios heroicos. Quem seria capaz de queixar-se de fome, quando o proprio marquez de Caxias partilhava o nossa ração de milho? Felizmente, tudo passou. Os empregados de Lesica & Lanez chegaram, sollicitos, com a *boia* e nunca sou mais vibrante e alviçareiro áquelles ouvidos, o toque de *quartel-mestre, carneação*.

Mudámos o acampamento e fômos para um extenso rincão, onde passámos a noite de 10 dezembro com agua acima dos joelhos, pelas chuvas abundantes que caíram. No dia 11, marchámos depois de clarear o dia. O Dezeseis fazia parte do corpo de exercito do general Jacintho Machado, o glorioso pae do dedicado amigo Carlos Machado, que aprendeu a ser heróe nos exemplos que lhe deu o velho e illustre guerreiro.

Marchavamos na rectaguarda do exercito, commandado pelo grande vencedor de Tuyuty. Ouviamos os echos da grande batalha empenhada na vanguarda e viamos passar, de vez em quando, camaradas e amigos ensanguentados.

Tivemos ordem para avançar em accelerado. No caminho, vimos o nosso idolo, o general Osorio, ferido no ros-

to. Já estavamos no immenso campo do Avahey. Uma borrasca tremenda de trovões e de chuva, açoitada pelo vento violento da tempestade desabou sobre nós e molhou-nos até aos ossos. Não durou muito, porém. O Sol raiou de novo, e nas extensas campinas onduladas o sangue corria diluido pelas enxurradas.

O Dezeseis fez alto numa eminencia á margem direita do arroio e, pela primeira vez, foi-me dado presenciar, de *palanque*, em toda a sua esplendida grandeza, o espectáculo de uma batalha campal.

Entretanto, já tinha naquella epocha tomado parte em dezoito combates.

Não ha nada de mais horriavelmente tragico. O soldado sente emoções indescriptiveis, descobrindo bellezas em tantas desgraças.

A coxilha onde estavamos, tinha ao sopé o Avahey, correndo para a nossa direita com o caudal augmentado pela chuva que lhe déra os tons vermelhos de argilla arrastada, que podiam tambem ser do sangue derramado.

Nas alturas fronteiras, as forças paraguayas batiam-se com tenacidade e firmeza heroicas.

O marquez commandava em pessoa a bella batalha.

A nossa artilharia, troando nas alturas, abria largas avenidas nas columnas inimigas.

Dois batalhões nossos, o 9º do Lima e Silva, o Chicão, e o 15º do Meyer fôram acutilhados á nossa vista pela cavallaria do dictador.

O Camara vingou-os, varrendo-a do campo da batalha.

Eu estava montado, sem botas, com as calças arregaçadas até os joelhos e umas *chilenas* enormes de ferro, que achei em Ipané.

O meu cavallo dava signaes de impaciencia; parecia ter inveja dos seus camaradas da divisão Corrêa da Camara.

Perto de nós, havia muitos cadaveres, brasileiros e paraguayos, e tambem alguns feridos. Vimos um paraguay de bruços, com a cara escondida; parecia morto. Estavamos em liberdade, esperando ordens. Um soldado fitava-o, muito attento. O corpo conservava-se immovel e hirto. O soldado desconfiou e *catucou-o* de leve com a ponta do sabre-bayoneta.

O corpo levantou a cabeça e olhou para o soldado com uns olhos de tanto estupor; que nunca mais os esqueci. O soldado riu-se e os outros tambem. O pobre homem, que estava ferido na perna, foi acolhido pelo batalhão e assistiu connosco ao maravilhoso espectáculo. A batalha continuava intensa. As bandeiras tricolôres fluctuavam por aquellas collinas além, envolvidas em nuvens esbranquiçadas de fumaça. De repente, vimos os batalhões inimigos manobrem rapidos e forma-

rem-se em quadrados. Porque essa manobra? Não havia cavallaria proxima. Só a artilharia jogava seus shrapnels certos e a infantaria tiroteiava, a distancia. Surgiram, então, como por encanto, nas faldas das collinas, pela direita e pela esquerda, além do arroio, onde pelejavam no alto, os quadrados escalonados, os nossos bellos e bravos regimentos rio-grandenses, de lanças perfiladas e as bandeiras vermelhas e brancas, tremulando como que indicando o caminho da victoria. Ouvimos o som *vermelho* dos clarins e todas aquellas lanças rutilantes abaixaram-se e as bandeiras se sumiram. Era a carga. As immensas columnas approximavam-se.

Dir-se-ia que uma carregava sobre a outra. Encontraram-se, enovelaram-se, confundiram-se e quando cessou a epica refrega e os esquadrões entraram em fôrma, não havia mais um quadrado de pé. Todos tinham sido esmagados pela irresistivel avalanche.

Camara, Andrade Neves e João Manoel fôram os commandantes das cargas memoraveis daquelle dia.

Dizem que sómente conseguiram escapar dos oito mil paraguayos que allí fôram para deter-nos a marcha, o illustre Caballero, com duzentos cavalleiros. A tarde, entrámos em Villeta, e um grande troço de prisioneiros ficou sobre a guarda do Dezeseis. Entre elles, estava o official, que commandava as avançadas, no dia 3 de julho além da ponte — no segundo Chaco. Pediu para ser-me apresentado depois de disreterar muito com os meus camaradas e contarem, uns e outros, episodios interessantes. Era um homem moço ainda e de figura sympathica. Apertámo-nos as mãos como si fossemos amigos velhos.

DIONYSIO CERQUEIRA.



## APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES



CASTRO, (Luiz de) natural de Beyreuth, wagnerista irreductivel, o unico orthodoxo puro da religião dos Niebelungen. Só elle, nestas terras anti-musicaes, entende Wagner, só elle applaude Wagner; não consentindo que alguém melhor entenda e applauda o formidavel Genio. Identifica-se tão ardentemente com a epopéa wagneriana, que nos seus extases melo-dico-religiosos, sente reviverem-lhe n'alma as radiosas e immortaes creações do auctor dos *Meistersinger*: sente encarnarem-se, no seu corpo franzino e pouco epico, alternativamente. Lohengrin mystico e cava-

lheiresco, Parsifal unguido de santidade, Brunhilde vaporosa, Siegfried cheio de selvagem innocencia, Mime perfido e grotesco, Wotan semi-divino e desventurado... Naturalmente, nos seus sonhos, cada noite, passam cavalgadas de Walkirias, surge o truculento dragão Fafner e raia o arco iris por onde os deuses descem do crepusculo final. Si essas visões todas são acompanhadas da musica original, e não as perturbam as sombras iradas dos srs. Guanabario e Rodrigues Barbosa, é para invejar a sorte do sympathico cidadão de Beyreuth, com cujos caprichos melo-maniacos vamos lucrar talvez muito na proxima temporada lyrica.

\* \*

PEÇANHA (Nilo), grande orador, Castellar de Campos. Hoje, esquecido da Rethorica, governa, com intelligencia e sem discursos, o formoso Estado do Parahyba, e os seus patricios ganham mais com o Nilo calado do que com o Nilo transbordando tropos e metaphoras. Outr'ora, aos fulgurantes vocativos da sua palavra poderosa, a sala banal da Cadeia Velha se alargava, os finos esteios das galerias se transformavam em columnas corinthias, sustentando o tecto horisontal do Areopago... As faces provincianas dos eleitos do suffragio sertanejo adquiriam as nobres linhas do marimore grego, e os singelos fraques desfaziavam-se em dobras de clamides.. O tempo heroico resurgia, os deuses volteavam invisiveis no ar e Athenéa inspirava o dilecto filho — afim de que rijamente apostrophasse os barbaros que dominavam Campos e resolvesse o dilemma da duplicidade de camaras municipaes... Por fim, o povo, em aclamações, carregava o Tribuno até o ponto das barcas da Praia Grande — em falta de Capitolio. Nesse tempo, ninguem podia suppôr que um homem de tantas palavras fôsse capaz de uma acção; mas, hoje, o sr. Nilo Peçanha tem dado provas sobejas de criterio administrativo, para maior gloria do seu bem-amado Campos, que o adora. E elle é digno de Campos!

PEDRO INNOCENCIO.

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro e segundo trimestre d'OS ANNAES.

### DIVERSÕES

#### XADREZ

A historia do xadrez tem, como todas as coisas muito antigas, a sua parte de legenda. Ha. comtudo, da sua historia real, alguma

*Legendas.* — Havia no 5º seculo da éra christã, na India, um rei poderoso e cruel. Um dos grandes da cõrte, o brahmane Sissa, pretendendo, por meio de um symbolo eloquente, trazer esse monarcha a melhores sentimentos, inventou esse jogo, em que o rei, embora fôsse a peça mais importante, nada podia fazer em sua defeza, sem o auxilio dos seus subditos. O rei, tão maravilhado ficou com a invenção, depois que o philospho lhe explicou as suas regras, que prometteu dar a este o que lhe fôsse pedido. Sissa, com apparente modestia, pediu apenas isto: que lhe fôsse dada uma certa quantidade de trigo, determinada do seguinte modo — um grão para a primeira casa do taboleiro, dois para a segunda, e dali por deante sempre a dobrar para todas as demais, até a 64ª. O rei immediatamente mandou ao seu ministro que fôsse satisfeito o pedido do brahmane; feitas as contas, porém, verificou-se que para pagar a divida do ardiloso inventor, não bastaria todo o trigo produzido no paiz durante 110.000 annos; ou, por outra, o preço desse trigo, em nossa moeda, seria approximadamente, de 120 bilhões de contos de réis.

Depois, foi attribuida a descoberta do xadrez aos gregos, aos egypcios, aos chinezes, aos scythas, aos babilonios, aos judeus, aos irlandezes, etc. Uns quizeram ver nos jogos que os pretendentes de Penelope executavam no palacio de Ulysses, conforme relata a *Odysséa*, o admiravel jogo do xadrez. Outros o confundiam com o *Ludus Latruncularum* dos romanos. Outros, finalmente, divisam pontos de semelhança entre elle e um jogo analogo dos chinezes. Mas tudo isso não passa de especulações vagas. Estudos relativamente modernos provam a origem do xadrez. Desde 1860 que o dr. Duncan Forbes, no seu livro *The History of Chess*, disse a ultima palavra sobre a verdadeira origem do xadrez.

\* \*

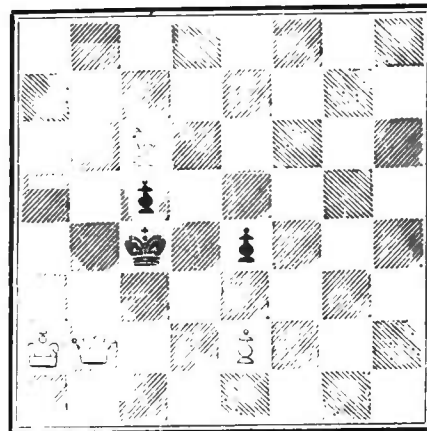
Publicamos hoje uma das oito notaveis partidas jogadas por um dos maiores genios do xadrez, Paulo Morphy, a 27 de agosto de 1858, em Birmingham, simultaneamente contra oito adversarios, e sem ver os taboleiros. Morphy nasceu em 1837, na Nova-Orleans, Estados-Unidos, de pae espanhol e mãe franceza. Aos treze annos, ganhava de Lowenthal uma partida. Em 1858, partiu para a Europa, onde se propoz a combater o campeão inglez, Staunton, o que não se realisou. Em Birmingham, jogou essas oito partidas simultaneas, sem ver os taboleiros, contra fortes enxadristas: Lord Lyttleton, presidente da Sociedade Britanica de Xadrez, Salmon, Avery, presidente do Club de Xadrez de Birmingham, Kipping, secretario honorario do Club de Xadrez de Manchester, Rhodes, Freeman, secretario honorario do Club de Xadrez de Birmingham, Carr, secretario honorario do Club de Xadrez de Leamington e Wills, secretario honorario da Sociedade Britanica de Xadrez. Destas partidas perdeu apenas uma — a que jogou contra Kipping; empatou a jogada contra Avery e ganhou seis. Essa façanha sem precedentes, demais tratando-se de um rapaz de 20 annos, enthusiasinou o mundo enxadrista e os mais fortes jogadores da Europa quizeram bater-se com a creança genial. Em trez *matches* successivos, Morphy derrotou Lowenthal, Harrwitz, e Anderssen. Mais tarde, no Café da Regencia, em Pariz, a 27 de setembro de 1858, Morphy jogou novamente oito partidas simultaneas, sem ver os taboleiros. Destas ganhou seis e empatou duas.

De volta á sua terra, seus compatriotas fizeram-lhe presente de um rico xadrez, em que as peças eram de marfim e as casas do taboleiro de ouro e prata. Acabou lamentavelmente o extraordinario jogador; algum tempo depois de sua volta á patria, enlou-

### PROBLEMA Nº 3

Theophilo Torres

PRETAS (3)



BRANCAS (4)

Mate em trez lances

### PARTIDA Nº 3

GAMBITO DO CAVALLO DO REI

(Paulo Morphy joga oito partidas simultaneas sem ver os taboleiros.)

Branças (Morphy)	Pretas (Lyttleton)
P 4 R	— 1 — P 4 R
P 4 B R	— 2 — P X P
C 3 B R	— 3 — P 4 C R
P 4 T R	— 4 — P 5 C R
C 5 R	— 5 — P 3 D
C X P C	— 6 — B 2 R
P 4 D	— 7 — B X P (x)
C 2 B	— 8 — B X C (x)
R X B	— 9 — C 3 B R
C 3 B	— 10 — D 2 R
B X P	— 11 — C X P (x)
C X C	— 12 — D X C ?
B 5 C D (x)	— 13 — R 1 B
B 6 T (x)	— 14 — R 1 C
T 5 T	— 15 — B 4 B
D 2 D	— 16 — B 3 C
T 1 R	— 17 — abandona

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 2: 1 — D 2 B R, R 4 D (a); 2 — D 4 T R, R 3 D; 3 — D 8 D (mate); (a) 1... R X C; 2 — C 6 B D, R 5 R ou 6 B D; D 3 B R ou 2 B D (mate).

JOSÉ GETULIO.

A primeira semana de maio, em Roma, teve uma marca consideravel. Foi inaugurado o monumento em memoria de Victor Hugo, do esculptor Pallez, offerecido pela Liga Franco-Italiana á cidade eterna.

Os francezes tiveram, a proposito do facto, um desabafado «enfim»... porque o caso da estatua tem uma historia. Ha um anno, mais ou menos, quando o sr. Loubet esteve em Roma, pretendeu a Liga aproveitar o momento para, deante da *maquette* do monumento, realisar uma grande festa official em honra do poeta dos *Chatiments*. Mas, o *kaiser*, adivinhando na solemnidade, uma desconsideração á gloria allemã, (Victor Hugo contra Goethe) mandou o seu embaixador dizer ao rei Victor que isso era de mais; que se não devia fazer; que offerecera aos italianos, havia trez annos, uma estatua do auctor de *Werther* e, então, não se falava nisso; que isso, de resto, não podia ser.

O rei Victor achou muito justa, muito natural, a queixa do imperador de modo que, por essa occasião, apenas se fez a «apresentação» do monumento ao sr. Loubet, sem a

### TIBI, IGNOTA VIRGO

Quando é que junto a mim hei de ter-te ? Quando é  
Que virás, Virgem sã, de olhar piedoso e puro ?  
Virgem que espero e escuto e presinto e procuro,  
Porque mereces toda a fé !...

Quando virás ? Quando é que os teus olhos a luz  
De outro Sol sobre os meus derramarão, de sorte  
A mudar para sempre a estrada do meu Norte,  
O amargo deste Pranto e o pezo desta Cruz ?

Quando, quando virás ? Quando terei no ouvido  
Mudada a sensação do som pelo teu riso ?  
E no olfacto o sabor estonteante e impreciso  
Do teu perfume não sentido ?

Quando é que te verei junto a mim, derramando  
Dentro do meu ambiente a essencia de tua alma,  
Como uma grande flôr que as petalas espalma,  
Em torno tudo perfumando ?

Quando é que, emfim, verei essa transmutação  
Redemptora e final deste Universo immenso :  
—O mundo que aqui está, dos meus olhos suspenso,  
—E o mundo que aqui está, dentro do coração ?

Alma doce de creança, alma sensível como  
A superficie azul e placida de um lago :  
Vem ! que me falta Alguem que receba este affago  
E por quem este amor ainda encarcéro e domo.

Vem ! que eu quero ser bom ! Vem ! que eu quero a sentida  
Expressão deste affecto intermino dizer !  
Não te conheço, mas preciso do teu ser  
P'ra que possa explicar a razão desta vida.

Vem ! que o Sonho é fallaz e a Vida é breve e eu quero,  
Quando fôr descansar no derradeiro somno,  
Levar no meu olhar, como em eburneo throno,  
A Visão meiga e sã do teu semblante austero.

Alma feita de Luz : Limpa como a Verdade ;  
Alta como um pharol erguido sobre o mar ;  
Como a estrella do céu—de eterna claridade,  
E mysteriosa como o luar ;

Alma que cheira a flôr, feita de flôres : Vem !  
Eu te amo sem te ver, sinto-te sem te ouvir !  
Poeta, sem te exaltar; servo, sem te servir,  
Espero-te e não sei quando virás... Porém

Sei que existes e sei que o Sol, em cada dia,  
Sobre as faces te põe rosas frescas ; o Sol  
A quem mostro daqui, no primeiro arrebol,  
A solidão que me crucia...

Sei tambem que este chão, que eu ando a palmilhar,  
Teu pé, que a perfeição de uma obra d'arte enfeixa,  
Piza, e nelle a impressão imponderavel deixa  
De uma aza de ave sobre o mar...

Sei que existes, porém não te contemplo... Emtanto,  
Porque em ti creio e sei que um dia surgirás,  
Vivo qual peccador, sonhando o Céu atrás  
Do Azul, que o leva á Gloria e que o arrebatava ao Pranto.

Has de um dia surgir do incognito, Bemdicta !  
Vem para a Vida então, vem para o Amor, vem para  
A Gloria da Bondade immaculada e rara  
(Que a Belleza é fugaz e a Bondade é infinita) !

Quando o instante chegar, em que has de apparecer,  
Divina ! como um bem que enaltece e aprimóra,  
Has de achar-me a sonhar este sonho de agóra  
Em que paira, em que vive a imagem do teu Ser.

E eu não mais sentirei o negror desta Magua  
E has de vir a sorrir, envolta em claro véo !  
E ao ver que me sorris, Exilada do Céu !  
Eu te receberei com os olhos rasos d'agua.

DALTRO SANTOS.

1905.



### ALMAS GEMEAS

Junto de ti são breves os instantes,  
As horas mal se sentem, pois que lucta  
Para deixar-te quem feliz te escuta  
As palavras sonoras e vibrantes.

Palpita o nosso amor, doce permuta ;  
A paixão enfebréce dous semblantes,  
Sendo fracos, sentimo-nos possantes,  
Duplo ser em uma alma resoluta.

Gosando o mesmo magico transporte,  
Choramos e soffremos sem queixumes,  
Unidos pela vida e para a morte.

Sejamos assim calmos, entre abrolhos,  
Que os labios de nós ambos téem ciúmes  
De tanto que conversam nossos olhos.

ESCRAGNOLLE DORIA.

1905.



### VIAGEM NOCTURNA

Pela estrada, através da matta silenciosa,  
No começo da noite, a cavallo eu segnia :  
Via-se scintillar a esphera mysteriosa,  
Além, sobre a alta, espessa e obscura ramaria.

Sem um rumor, qual uma apparição medrosa,  
Perpassava a nocturna aragem mansa e fria.  
E eu sósinho, a alma entregue á scisma caprichosa,  
No deslumbrante céu os olhos embebia.

Vivas constellações de brilho incomparavel,  
—Veleiras náus num mar infinito e insondavel,—  
Seguiam lentamente o radioso caminho.

E Vesper, grande e idéal, fulgia entre a ramagem  
Qual uma ave de luz, que após immensa viagem,  
Baixasse o lento vôo, em procura do ninho.

LEOPOLDO BRIGIDO.

1905



## SYSTEMAS DE NUMERAÇÃO (\*)

## MUDANÇA DE BASE

1—Chama-se *systema de numeração* o conjuncto dos principios, das convenções e das regras, por meio dos quaes se pôdem formar e representar os numeros.

2—*Base de um systema de numeração* é o numero de unidades de uma ordem qualquer, necessario para se formar uma unidade de ordem immediatamente superior.

3—A *formação* dos numeros baseia-se em um artificio oriundo de um processo expontaneo, qual é o agrupamento natural das unidades, constituindo o que se chama — ordens; a *representação* em um outro artificio que consiste na relatividade dos valores dos algarismos, conforme o logar que occupa no numero.

4—O primeiro traduz-se neste principio: «*b* unidades de uma ordem qualquer fórmam uma unidade de ordem imediatamente superior.»

E o segundo neste outro: «Um algarismo escripto á esquerda de outro val *b* vezes mais do que se estivesse escripto em logar desse outro.»

5—Estes dous principios fórmam o alicerce da theoria da numeração, conjunctamente com a lei geral e expontanea da formação dos numeros, que assim se enuncia: «Para se formar um numero qualquer, basta juntar ao anterior uma unidade.»

6—Em vista desses conhecimentos elementares comprehende-se que um mesmo valor pôde ser expresso de uma infinidade de maneiras e dahi a infinidade dos systemas de numeração.

7—Ora, se um mesmo valor pôde ser representado de varios modos, é natural que se queira conhecer a correlação dessas diversas representações, donde surge o problema da *mudança de base*:—dado um numero, represental-o em outra base qualquer.

O problema é inteiramente geral. Para resolvel-o basta que se tenha pratica de calculo em qualquer systema de numeração. E é justamente a insufficiencia de generalisação, no que respeita ao calculo, o que constitúe a difficuldade para os principiantes.

O habitualismo do systema decimal faz-lhes crer que fóra deste tudo é artificio e gymnastica de espirito, quando nelle mesmo está o artificio, assim como fóra delle ha tambem a mesma logica e a mesma exactidão nas deducções. Proposta uma questão geral, que se furte aos estreitos limites da numeração usual, a confusão e a incomprehensão lançam os neophytos na rotina dos casos particulares, em que todas as operações se effectuam no systema decimal, isto em detrimento da generalisação da theoria.

8—Antes, pois, de se propôr a resolver o problema da *mudança de base*, deve o estudante familiarisar-se com o calculo em qualquer systema de numeração, inferior ou superior em base ao usual, dilatando assim os horisontes da numeração e dando á theoria a amplitude que ella comporta.

9—Feitas estas considerações, passemos a expôr os processos geraes para a mudança dos numeros de um para outro systema de numeração. O problema será resolvido sem nenhuma consideração por este ou aquelle systema; no emtanto, notaremos os casos particulares e as applicações praticas de cada processo á numeração corrente.

10—Seja *N* o numero dado, *b* a base do systema em que elle está representado, *b'* a base do systema para o qual queremos mudal-o.

O problema pôde ser resolvido por trez processos geraes.

## 1.º PROCESSO

11—Vamos determinar os algarismos das ordens do numero na nova base, começando pelas ordens mais elevadas.

O problema tem duas phases: 1.ª — Saber qual seja a mais alta ordem do numero na nova base; 2.ª — determinar o algarismo correspondente. Feito o que, tudo o mais é reprodução dos calculos anteriores.

12—Procuremos a mais alta potencia de *b'* contida em *N*, determinando as suas potencias successivas. Se chamarmos *m* o expoente dessa maior potencia, *m+1* será a mais alta ordem do numero na nova base.

13—Dividamos, agóra, o numero dado por *b'<sup>m</sup>*; o quociente, exprimindo quantas vezes *b'<sup>m</sup>* se contém em *N*, será o algarismo que deve occupar essa ordem.

E esse algarismo é forçosamente inferior a *b'*; pois, se o não fôsse, *b'<sup>m</sup>* não seria a mais alta potencia de *b* que caberia em *N*, e sim *b'<sup>m+1</sup>*. E tal condição é, como se sabe, necessaria para que esse algarismo exista na base *b'*

14—Indicando o calculo, que se deve naturalmente effectuar na base dada, vem:

$$\frac{N}{b'^m} = q + \frac{r}{b'^m}$$

Donde:

$$N = b'^m q + r;$$

*q* é o algarismo da mais alta ordem do numero na nova base; e o resto *r* representa a somma dos valores *relativos* dos outros algarismos. (Se *r* fôr igual a zero, isto é, se a divisão se fizer exactamente, as demais ordens inferiores serão occupadas por zeros, o que significa que na nova base o numero dado é representado por uma colleção exacta de unidades da mais alta ordem).

15—Tentemos, agóra, pela fórmula  $N = b'^m q + r$ , determinar o algarismo da ordem imediatamente inferior. O processo é o mesmo. Procuremos a maior potencia de *b'* contida em *r*. (Esta potencia será inferior á antecedente, porque o resto é menor que o divisor, mas pôde deixar de ser a *imediatamente* inferior e neste caso a ordem correspondente tem de ser occupada por um zero). Supponhamos que seja *b'<sup>m-1</sup>* essa potencia e teremos:

$$\frac{r}{b'^{m-1}} = q_1 + \frac{r_1}{b'^{m-1}}$$

Donde:

$$r = b'^{m-1} q_1 + r_1$$

O quociente *q<sub>1</sub>* será, pois, o algarismo da ordem *m*, porque indica quantas vezes a potencia respectiva da base, *b'<sup>m-1</sup>*, se contém em *r*; e o novo resto *r<sub>1</sub>* será a somma dos valores *relativos* dos algarismos subsequentes. E assim por deante.

16—De sorte que chegaremos ao seguinte desenvolvimento:

$$N = b'^m q + b'^{m-1} q_1 + b'^{m-2} q_2 + b'^{m-3} q_3 + \dots + b'^2 q_{m-1} + b' q_m + r_m \quad (1)$$

E, como a base é sempre representada, em qualquer systema, pela unidade seguida de zero:

$$N = 10^m q + 10^{m-1} q_1 + 10^{m-2} q_2 + 10^{m-3} q_3 + \dots + 10^2 q_{m-1} + 10 q_m + r_m \quad (2)$$

Ou, ainda, applicando o artificio da relatividade dos valores dos algarismos :

$$N = q q_1 q_2 q_3 \cdots q_{m-1} q_m r_m \quad (3)$$

Ou, finalmente, tornando a fórmula symetrica (vide infra nota a) :

$$N = q q_1 q_2 q_3 \cdots q_{m-1} q_m q_{m+1} \quad (4)$$

E estes algarismos, como observámos atrás, não podem deixar de ser inferiores a  $b'$ , condição aliás essencial para que o numero se ache escripto na base  $b'$ .

17 — EXEMPLO. Seja o numero 423, escripto na base seis, que queremos mudar para o systema de base cinco. A maior potencia de cinco contida no numero dado é a terceira (operações na base seis).

$$\begin{array}{r} 5 \\ 5 \\ \hline 41 \\ 5 \\ \hline 325 \end{array}$$

$5^3 = 325$ . Vejamos quantas vezes a terceira potencia de cinco se contém no numero dado.

$$\begin{array}{r} 423 \quad 325 \\ 54 \quad 1 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{l} 423 = 325 \times 1 + 54, \text{ ou} \\ 423 = 5^3 \times 1 + 54 \end{array}$$

Se a terceira potencia de cinco se contém uma vez no numero dado, 1 será o algarismo da ordem correspondente, isto é, da mais alta ordem do numero na nova base.

O resto 54 representa a somma dos valores relativos dos outros algarismos ( $q_1 q_2 \dots$ ) Este resto contém a se-

gunda potencia de cinco (41).

Dividindo 54 por 41, vem :

$$\begin{array}{r} 54 \quad 41 \\ 13 \quad 1 \\ \hline \end{array} \quad 54 = \quad \times 1 + 13$$

Donde :

$$423 = 5^3 \times 1 + 5^2 \times 1 + 13$$

Da mesma fórma :

$$\begin{array}{r} 13 \quad 5 \\ 4 \quad 1 \\ \hline \end{array} \quad 3 = 5 \times 1 + 4$$

Donde, finalmente :

$$423 = (5^3 \times 1) + (5^2 \times 1) + (5 \times 1) + 4$$

ou :

$$423 = (10^3 \times 1) + (10^2 \times 1) + (10 \times 1) + 4$$

ou emfim : (seis) (cinco)

$$423 = 1114.$$

18 — NOTAS. a) Os algarismos das diferentes ordens são representados pelos quocientes das divisões successivas, excepção feita do da ordem inferior que é representado pelo resto da ultima divisão, que indicamos na fórmula (3) por  $rm + 1$ , por ser de facto o resto da divisão de ordem  $m+1$ .

Mas si dividissemos ainda este resto, como fizemos aos precedentes, pela potencia da base inferior á primeira, isto é, por  $b'^0$ , teriamos :

$$\frac{rm}{b'^0} = \frac{rm}{1} = q_{m+1}$$

E assim poderíamos representar o algarismo da ultima ordem, como na fórmula (4), por  $q_{m+1}$ , o que a tornaria mais symetrica.

b) O numero na nova base terá tantos algarismos mais um, quantas fôrem as unidades do gráu da maior potencia contida no numero dado.

c) As operações dever-se-ão effectuar na base em que se acha escripto o numero, é evidente.

d) Applica-se este processo no caso particular da mudança de base de um numero escripto no systema usual para um outro systema qualquer, porque neste caso as operações serão effectuadas na base decimal. Exemplo : Seja o numero 792, escripto no systema de base dez que queremos passar para o de base oito.

$$\begin{array}{r} 792 \quad 512 (= 8^3) \\ 280 \quad 1 \\ \hline \end{array} \quad 792 = 8^3 \times 1 + 280$$

$$\begin{array}{r} 280 \quad 64 (= 8^2) \\ 24 \quad 4 \\ \hline \end{array} \quad 280 = 8^2 \times 4 + 24$$

$$\begin{array}{r} 24 \quad 8 \\ 0 \quad 3 \\ \hline \end{array} \quad 24 = 8 \times 3 + 0$$

Fazendo as substituições :

$$792 = 8^3 \times 1 + 8^2 \times 4 + 8 \times 3 + 0$$

$$\text{ou :} \quad \begin{array}{ll} (dez) & (oito) \\ 792 & = 1430 \end{array}$$

Os quocientes da fórmula (4) tomaram os seguintes valores :

$$q = 1, q_1 = 4, q_2 = 3, q_3 = 0$$

(Continúa.)

FROTA PESSÔA.

(\*) Este desprezioso trabalho foi submettido á apreciação de um erudito e illustre professor de mathematica, que, julgando-o certo no seu desenvolvimento e deducções, lhe notou, comtudo, um defeito de methodo, por isso que, partindo das fórmulas geraes para os casos particulares, eu inverteo a ordem natural de semelhantes estudos. A deducção dessas fórmulas (tal é a observação do mestre, que de prompto reconheci justa) é difficil de ser acompanhada por quem não seja familiar ao assumpto e, estabelecidas que ellas sejam, inutil é a particularisação dos problemas especiaes.

No emtanto, publico-o tal qual está, porque o meu escopo é exactamente mostrar aos principiantes que o problema de que ahi se trata é inteiramente geral e independe do systema de numeração considerado, como está dito no § 7. Poderia, pois, limitar-me ao estabelecimento das fórmulas, sem me preocupar com a sua applicação concreta; mas com esta applicação penso de qualquer fórma servir aos estudiosos que já conhecem praticamente o problema e que quizerem fixar as suas noções sobre a interessante theorica.

E' claro que não tenho a pretensão de ter aqui feito nenhuma descoberta; mas como todos os compendios de arithmetica são deficientes em relação a esta parte da numeração, penso que ha algum merito na systematisação que lhe dou. -- F. P.

ASSIGNATURAS  
 ANNO ... .. 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

—E' forçoso reconhecer que, no tempo do Imperio, não tinhamos disso, essas grèves continuas a sobresaltarem a ordem publica. Dir-se-ia que a Republica importou dos paizes europeus as mazellas, os vicios... — dizia um antigo jornalista, recalci-trante aos effeitos da revolução de 15 de novembro.

—As grèves são um producto logico do progresso e das instituições democraticas—respondemos, sem intenção de convencer-o, porque o meu intransigente amigo vive a catar os senões, os erros, os carrancismos do governo republicano, com uma solicitude infatigavel de adversario leal que não perde vaza — As grèves resultam da lucta, muito natural, entre o capital e o trabalho, e denotam a actividade de energias sociaes, desconhecidas no passado, energias dispersas que, depois da consagração dos direitos individuaes, da egualdade perante a lei, se systematisam lentamente numa força que ha de necessariamente ponderar nos destinos dos povos, a força ineluctavel do maior numero, das massas, arrancadas da ignorancia e instruidas dos seus direitos, do seu papel, da sua funcção social.

—Isto cheira a socialismo, á anarchia, ao direito á preguiça e ao regimen do *prenez au tas...*

—Num paiz rico, como o nosso, essa nefasta hypothese, não sendo de todo absurda, estará, felizmente, removida para um futuro muito afastado, que não será contemporaneo dos nossos filhos nem dos nossos netos. Emquanto tivermos vastissimo territorio despovoado, os feracissimos dons da natureza, este clima delicioso, estaremos preservados da miseria negra com o seu horrendo cortejo de desgraças, de recursos crueis do desespero dos que têm fome, dos que têm frio.

No tempo do Imperio, não tinhamos grèves pela simplissima razão de não termos industrias que agglomerassem numa communhão de interesses, de idéas e aspirações, legiões de operarios.

A lavoira, as insignificantes fabricas, florescentes naquelle tempo, se nutriam com o trabalho do escravo, cujas *paredes* eram consideradas motins, rebeldia punida com a sancção do chicóte. O operario escravo não tinha direitos; a unica aspiração daquelles que descortinavam horisontes, além das paredes fumarentas das senzallas, ou das cercas da fazenda, era a liberdade, aspiração a lhes absorver todas as forças.

Depois, surgiu da emancipação a besta de carga transformada em operario, aperfeiçoado ao contacto da immigração, e foi adquirindo a consciencia da sua personalidade, dos seus direitos, ao mesmo tempo que se lhe ampliava a area de acção para consolidar uma familia, organizar um lar e conquistar a maior somma possivel de utilidades correspondentes ás necessidades, sempre crescentes, da vida moderna.

As grèves não são possíveis senão onde ha vida operaria em commum, onde ha permanente troca de idéas entre homens subordinados aos mesmos habitos, ao mesmo systema de actividade. As aspirações individuaes de um trabalhador isolado fenecem como esperanças, sem conseguirem corporisar-se num energico impulso para a realidade.

O empenho actual é a reducção do trabalho a oito horas. Não ha reclamação mais legitima, porque emana de um interesse superior em poupar a machina humana, o mesmo que preside ao cuidado em não deixar rebentarem, pela excessiva funcção, os mais solidos aparelhos de ferro e aço. E' indispensavel para a sociedade, do ponto de vista politico e economico, cuidar da raça, do aperfeiçoamento

dos nossos elementos ethnicos, para evitarmos a desgraça de sermos nm povo degenerado, evitando os terriveis effeitos das molestias artificiaes, dos males adquiridos pelo abuso dos musculos e dos nervos, pela intoxicação dos costumes, desviados de todos os dictames da hygiene physica e moral.

Mas essa reducção das horas de trabalho é uma consequencia da vida operaria nas fabricas, nas empresas que demandam grande concurso de operarios, e, em parte, um effeito natural da imitação das idéas importadas dos grandes centros de população europeus, como parece indicar um contraste saliente que nós podemos observar todos os dias, a cada canto, nesta pittoresca e empoeirada cidade.

Os operarios, em pequenos grupos, não se queixam do excesso das horas de trabalho: abusam voluntariamente das suas forças. Vemol-os, os de occupações sedentarias, trabalharem até alta noite.

A cada canto se nos deparam sapaiteiros, agrupados em torno de uma tenda diminuta, trabalharem alegres á luz infecta de uma lamparina de petroleo, que empesta o ambiente da estreita loja, escura e suja. Dão-se aos mesmos excessos os alfaiates, os barbeiros, costureiras e engommadeiras.

Aos domingos, quando toda a gente váe gozar o seu dia de descanso, vemos em actividade as officinas de carpinteiro e todos os logares de trabalho que não são, propriamente, fabricas.

A classe dos pedreiros, essa está habituada a não aproveitar os domingos e dias santificados, que o governo da Republica está, insensivelmente, restaurando em respeito á indole accentuadamente catholica do nosso povo, que não se contenta com os exdruxulos feriados officiaes.

Se uma lei municipal não prohibisse, para gaudio da nobre classe caixeiral, a abertura das lojas, dos estabelecimentos commerciaes aos do-

mingos, esta cidade teria o aspecto de permanente, de ininterrupta actividade.

E ha muitos milhares de operarios que trabalham, voluntariamente, noite e noite, domingos e dias santos, operarios que não cogitam das aspirações legitimas defendidas pelas gréves e, antes, estimariam que se prolongasse o tempo para trabalharem mais.

Uma coisa é o operario, cujo ganho está na relação directa do trabalho executado; outra coisa é o operario de salario fixo, indifferente aos resultados do seu esforço: trabalhar para outrem é muito penoso, relembra a escravidão; trabalhar para si mesmo é uma delicia. No primeiro caso, a lei é fazer jús ao salario com o minimo esforço; no segundo, não se pondéra o dispendio de forças, só se tendo em mira os resultados.

E' bem provavel, senão certo, que, no dia em que os patrões interessarem os operarios nos resultados no producto das fabricas, desaparecerá essa tyrannia do excesso de horas de trabalho. Será esse o melhor, o mais efficaz prophylatico das gréves, em que, por via de regra, actúam, como instigadores, elementos, por gosto, vocação e principio, inimigos intransigentes dessa absurda invenção do trabalho, propugnadores do direito á preguiça.

Não são esses achaques dos povos cultos, adquiridos ao contagio da immigração, que prejudicam a Republica. Mais perniciosos são os velhos habitos de governo, esse bolor do regimen dos Braganças, que entorpecu o Imperio e está ainda predominando no governo democratico, sob a fôrma de um conselheirismo pacato representado por medallhões de grande valor paleontologico.

Que diria o nosso refractario amigo se visse um grão-duque governando a Republica? Pois é precisamente esse regimen de absurdo contundente o que está sendo perpetuado em quasi duzia e meia dos Estados brazileiros — as idéas, as instituições democraticas confiadas a executores sem convicção, sem amor, inspirados pelos interesses das dynastias, que ao admiravel optimismo do nosso fecundo, do inimitavel Pangloss, se figuram dominadas pelo espirito de impulsionarem o pro-

gresso material das regiões a ellas submettidas.

Tudo depende *del crystal por que se mira*, e, com um grande esforço de bôa vontade, grande somma de misericordia nos habituamos ás monstruosidades, quando ellas são irremediaveis.

O que falta ao governo republicano é, justamente, aquillo de que carecia a monarchia — uma vontade firme, caldeada na chamma do patriotismo, inspirada pela fé na capacidade do nosso povo para as conquistas mais avantajadas da civilisação.

Essa vontade realisa prodigios. Ella fez, em menos de trinta annos, esse maravilhoso Japão que está assombrando o mundo; fez o que o grande Imperador, governando o mais bello, o mais rico paiz do mundo, não pôde fazer em meio seculo de paz, e o que nós republicanos não faremos nesses cincoenta annos mais chegados, se não banirmos, definitivamente, o regimen das indecisões, dos receios pueris, das cautelas ronceiras, que nos agrilhôm á rotina.

Quando chegarmos a ser governados por estadistas que se identifiquem de corpo e alma com as instituições democraticas, entraremos com segurança no caminho das conquistas dos nossos idéaes.

Não temeremos, então, as gréves, as perturbações inherentes á actividade dos povos que andam para adeante, nem os tropeços muito naturaes nas estradas novas, cheias de accidentes do imprevisto.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

### DE ASSUMPÇÃO A TUPYHUM

Com o ferimento recebido em Lomas Valentinas, ainda aberto, escondido por um capacete de largas ataduras brancas, e ainda alferes de infantaria depois de quatro longos annos da mais dura das campanhas, fui transferido, no mez de abril de 1869, para o batalhão de engenheiros, commandado pelo coronel Conrado Bittencourt e aquartelado em Assumpção.

Logo depois, fui escalado para destacar com um pequeno contingente de sapadores para o norte da Republica, em uma expedição sob as ordens do coronel Juca Bueno.

Commandava o exercito o general Guilherme Xavier de Souza, illustre filho da bella terra que deu tambem os heroicos Fernando Machado e Jacintho Bittencourt. Constou-lhe que para os lados do Rosario e S. Pedro, o major paraguayo Galiano, com força numerosa, fazia as ultimas levadas daquelle povo esforçado, não poupando velhos nem creanças, arrebanhando todo o gado vaccum para bastimento e cavallos para a remonta do exercito de Lopez, que se organisava para os derradeiros dias de resistencia. A nossa columna, organizada em brigada das trez armas, embarcou naquelle mez em transportes da marinha e subiu o Paraguay até proximo á embocadura do Quarepoty, pequeno rio affluente da margem esquerda. Saltámos, pouco depois do meio dia, em um campo baixo e alagadiço, que atravessámos com difficuldades, chegando sem novidade á cidade do Rosario, edificada num alto e rodeada de laranjaes. Estava abandonada. A tropa alojou-se na casaria mal construida da vasta praça principal e nas adjacentes, e a cavallaria acampon na margem do arroio, contraindicado pelo seu nome singular. A minha casa era num angulo da praça e frente á fachada direita da igreja. Achei uma cama de madeira com trança de tentos de *lonca* muito finos, onde dormi melhores somnos do que nos acampamentos, em que mais de uma vez as pontas mal aparadas das varas do giráu me fizeram sonhar com lanças paraguayas me entrando pelas costellas.

O quintal dava fundos para o da casa do meu amigo Felinto Gomes de Araujo, capitão commandante da artilharia, official dos mais illustres do nosso exercito, que o Brazil teve a má sorte de perder depois da guerra, já no alto posto de coronel e que deixou um rastro luminoso de brilhantes serviços, a mais bella reputação pelo seu talento privilegiado e sobretudo pelos peregrinos predicados moraes.

Era um militar de escól, fadado a brilhar nos mais altos commandos.

Entre os seus officiaes distinguam-se o 1º tenente Emydio Cavalcanti de Mello, hoje general reformado, meu velho e illustrado amigo e comprovinciano; o alferes de cavallaria Carlos Soares, tambem reformado hoje em general, meu distincto condiscipulo e amigo, que gostava muito de trasguear e discutir; e o 2º tenente Frederico Vereza, bom typo de soldado, alegre, bôa prosa e folgazão.

Eramos todos amigos e até hoje guardo suaves recordações das nossas bôas e francas palestras, sem mal-dizer dos camaradas, nem atassalhar a pelle dos nossos superiores.

Reuniamos-nos sempre em casa do

Felinto, ao redor de uma meza, onde fervia, ás vezes, uma enorme caldeira de cobre muito polido, com a fornalha e chaminé no centro e munida duma torneira, por onde saía a agua para o matte, que corria a grande roda. Era um *samovar* russo, que alli achámos e do qual o nome e serventia nos ensinou um official polaco, cuja graça e apellido não me animo a citar para não me responsabilisar pela orthographia demasiado complicada.

Correu que o inimigo andava perto, e o coronel Bueno deu-me ordem para fortificar e levantar a planta da cidade. Que apuros!... Nunca havia aberto um livro de fortificação, e o que me restava de topographia era um vislumbre do nada que aprendi nos exercicios praticos do 1º anno da Escola Central. Ainda hoje, tenho duvidas si o instructor sabia nivelar o theodolito. Felizmente, tive o amigo Felinto, que me *desapertou* ensinando-me a trabalhar com uma bussola velha dando-me umas tinturas para o traçado da fortificação, do que, aliás, eu tinha algumas noções praticas adquiridas na divisão do general Argollo, que, entre outros apellidos postos pelos soldados, tinha o de *Tatú*, porque era um infatigavel cavador de fossos.

Fiz o que pude; mas, confesso, não saíu grande coisa e nem mereceria a approvação do mais benevolo Souza Moreira.

Fazia sempre parte da nossa roda o Pompilio de Albuquerque, que deixou depois a fama de um dos mais esforçados luctadores da propaganda republicana. Era uma especie da Cyrano de Bergerac, pelo espirito, pela bravura e tambem pelas avantajadas proporções do nariz. O saudoso amigo figuraria com honra entre os cadetes da Gasconha do capitão de Castel-Jaloux.

Eramos visitados, de vez em quando pelos nossos amigos da esquadra, cujos navios estavam ancorados perto. Que bôa camaradagem! Que cordialidade sincera reinava entre nós, que cooperavamos, de mãos dadas, lealmente, sem ciúmes nem prevenções, para elevar bem alto o nome da nossa Patria.

Entre elles, ía sempre o dr. Justiniano de Castro Rabello, que já apresentava symptomas da enfermidade cruel que o matou.

Para os fins de maio, a força do Juca Bueno incorporou-se a outras que passavam rio acima, sob o commando do illustre general José Antonio Corrêa da Camara. Era uma bella expedição em muitos vapores, que sulcavam velozes as aguas tranquilladas do grande rio de margens desertas, onde os unicos vestigios do homem eram os pequenos *mangrulhos* das guardas antigas, que haviam des-

apparecido. Passámos a fóz do Jejuy, affluente da margem esquerda, e, pouco tempo depois, atracámos á baranca do Potrero Iponã

Após penosa marcha por extensos brejaes, onde infantes e cavalleiros topavam, a cada passo, com immensos e altos *tacurís* e afundavam-se em largos atascadeiros, avistámos as casas branqueadas da cidade de São Pedro, já ao cair da tarde.

Estava deserta e abandonada. Todos os habitantes, sem excepção de um só, haviam fugido. Pela melancolia, que se apoderou de mim, quando vi todas aquellas casas fechadas, onde reinava, dantes, a paz, e a felicidade sorria á vida mansa da familia, avalio as impressões profundas dos que investigam as phantasticas cidades soterradas da Mesopotamia e do Yucatão.

A povoação, cataleptica, ressuscitou por encanto. As portas se abriram, illuminaram-se as casas, as chaminés fumegaram, os sinos da capella repicaram, tocaram as bandas de musica, as ruas encheram-se de gente armada e mulheres passavam a pé e a cavallo, umas só, outras com creanças na garupa ou escanchadas ao lado. Parecia um dia de festa. Mais tarde, ouvimos as canções monotonas do sul ao choro do violão e as languidas tyrannas do norte, acompanhadas na viola plangente.

São Pedro era uma das melhores cidades daquella terra jesuitica; tinha casas de bom aspecto e algumas ruas com os passeios empedrados. Edificada em uma lomba, defendiam-na pela frente os grandes esteios por onde a attingimos, os quaes se prolongavam á direita e ao fundo. Pela esquerda, se descia para o rio Jejuy, que passava correntoso, com as margens de praias de areia e barrancos de argilla.

Nas varzeas marginaes, se abrigava entre as hervas bôas, o traçoeiro *miomio*, que matou grande numero dos nossos animaes.

O meu destacamento era composto do que o batalhão tinha nas suas fileiras de peor e imprestavel. Era vêzo velho, que hoje ainda perdura entre os commandantes de companhias e até de corpos, escolherem a escoria das suas fileiras para os contingentes que saem destacados. Não ha muito tempo que, apezar das ordens terminantes do governo, me foi necessario mandar substituir quasi todo o destacamento que foi posto á minha disposição.

Alojei os meus homens com o sargento Bomfim, que era bôa praça em uma casa de bôa apparencia e abolettei-me defronte num bello predio, com extensa columnata na fachada principal. Commigo ficaram o Antonio Faustino, meu bagageiro e o Francisco Antonio, meu camarada, vindos

commigo do Dezeseis. Eram ambos filhos da Bahia, o primeiro da freguezia de Santo Antonio, da velha e valorosa cidade; o outro, de S. José de Itapororócas, perto da feira de Sant'Anna.

O Antonio Faustino havia estudado latim no Lyceu; lembrava-se ainda da *regra abaixo de Arbor, arboris*, e difficilmente traduzia ao pé da letra o periodo mais facil de Eutropio. Ambos eram valentes crioulos e meus amigos dedicados. Nunca pensei achar no interior daquella republica dictatorial, casa tão bem posta como a minha.

Na frente, dois grandes salões. O maior, ricamente mobiliado, com grandes espelhos, consolos de marmore branco, confortaveis poltronas e sofás esculpidos, forrados todos de brocatel de seda escarlata, ricos tapetes, vasos preciosos e candelabros de bronze cinzelado. O outro era a bibliotheca, com armarios e livros, cadeiras e mezas, uma grande secretária e uma pezada arca de páu ferro, com pés torneados. Para trás, vasto comedeiro e outras salas, camarins e recamaras e um oratorio com grandes imagens e um bello Christo crucificado. O proprietario devia ser importante. Entre os livros achei a Historia Geral das Missões, a Universal, de Cesar Cantu, uma Physica de Ganot em hespanhol, e muitas outras obras das quaes não mais me recordo dos nomes.

Fiz da bibliotheca o meu quarto de dormir. Mandeí transportar para lá o grande sofá de seda para servir-me de cama, um almofadão bordado para travesseiro, e uma riquissima colcha com borlas de ouro para cobertor. Resolvera desferrar-me das muitas noites que havia passado nas avançadas, tendo o braço por travesseiro e por colchão a lama pisoteada.

Em um armario embutido num canto, achei uma garrafa de crystal cheia de aguardente. Dei-a ao soldado Benedicto, que passava, para entregar-a ao sargento, afim de distribuil-a ás praças na formatura do alarma. Era um pessimo costume daquella epocha, em que se acreditava na prophylactica do alcool contra as febres palustres.

Abri a grande secretaria, cuja chave tinha ficado na fechadura. Tudo estava em ordem. Dois albuns de retratos de familia, sendo um de moças e rapazes phantasiados, estavam arrumados num canto. Em uma gavetinha, vi um maço de cartas, atadas com uma fita estreita. Não tinham involucros. O sobrescripto estava no mesmo papel. Eram dirigidas a: *Señora de Mieres*. Nunca mais esqueceu esse nome.

Li uma — estava datada de Cerro Leon, e tinha por epigraphe: *Mi querida mamá*. Era de um filho á mãe querida; contava-lhe as suas saudades,

as esperanças de beijal-a em breve e tantas e tantas caricias e ternuras, que já não guardo todas na memoria, mas que me emocionaram profundamente. Lembrei-me que também tinha bem longe a minha mamãe querida, a minha santa mãe que desde a minha partida para a guerra, nunca mais quiz ter por leito sinão o soalho duro, lembrando-se que o meu não era macio como quando ella me acalentava no berço de plumas e cambraias; que nunca deixou de rezar por mim todos os dias e chorava tanto, tanto, que seus olhos, tão bellos, se inflammaram e quasi se perderam. Como eras forte, minha mãe! Nunca deixaste de me recommendar em tuas cartas que cumprisse sempre o meu dever e conservasse illeso e puro o nome da familia. Fechei a carta, arrependido da minha curiosidade; dobrei-a como estava e atei novamente o maço com a fitinha. Oh! guerra, e ha ainda quem faça a tua apologia!

Abri o velho Ganot, que feclára, havia cinco annos, depois que o Loscio e o Pitanga me despediram com o gráu 10. Tinha sido o meu compendio, e o folheava com prazer, apezar de quasi não saber mais o que aprendera.

Fui distraído pelo soldado Benedicto, que deu uma topada na soleira da porta, enxugou a bocca babosa com as costas da mão e avançou guinando para o meu lado, tentando aprumar-se embalde e esforçando-se por perfilar-se a dois passos de distancia. Estava bebado. Déra conta da garrafa inteira. Chamei pelo Antonio Faustino, que chegou correndo.

— Apresenta este homem ao sargento; que o ponha de plantão em ordem de marcha, com pedras na mochila, até segunda ordem.

O infeliz difficilmente se aguentava em pé; engrolou umas desculpas e foi-se cambaleando. Ouvi o Antonio Faustino, soldado sobrio e bom, dizer-lhe:

— «Que vicio tão feio este, Benedicto! Para que bebes assim?

— Tudo bebe, camarada. Só não bebe o sino da igreja, porque está com a bocca virada para baixo.

Achei graça na defeza do borracho. Estava meio fatigado da aspera marcha que acabavamos de fazer e tratei de descansar. Estirei-me de botas e de espada á cinta no meu rico sofá estofado, cobri-me com a bella colcha de damasco e accendi um grande cigarro de palha de milho. Não tinha inveja nem do Grão-Turco e fazia castellos, cada qual mais dourado. Ia pegando no somno, quando entrou o amigo Vereza, prosa alegre e divertidissima. Sentou-se ao meu lado, numa fôfa poltrona e mandou o Francisco Antonio fazer matte. Tinha o curso preparatorio da Escola Militar, onde fôra um estudante de alegre nomeada.

Vadio como elle só. Recordava-me scenas e passagens, com bom humor communicativo. Fallou-me do seu exame de artilharia e da celebre definição de trajectoria, que os examinadores ouviram, embasbacados:

— «*A curva descripta pelo vacuo no espaço.*»

Perdi o somno. O Vereza era um companheirão. Contou-me a definição de clima no exame de geographia, dada pelo sargento Belóta do 8º, com o seu comprido cavaignac e bigodão retorcido:

— «Clima ou athmosphera é justamente o pólo que fica mais visinho do Equador.»

De vez em quando, parava para sorver um chimarrão. O Vereza tinha pretensões a gaúcho. Continuou a chalar com a mesma veia e eu a escutal-o satisfeito. Ouvimos perto uma vozeria de mulheres. Levantámo-nos e fômos até á porta da rua. Eram chinas, que andavam revistando as casas vacias para saquearem; cada uma, com o seu rolinho de cêra preta. Entrámos. O Vereza apagou a vela e escondeu-se atrás da porta, que deixou meio cerrada. As vózes se approximavam. O rancho parou.

— Quem morará aqui? — disse uma.

— Ninguem, de certo; não ha luz... Quem sabe? Póde ser algum official.

— Qual o que! Experimenta... entra... Passou então os humbraes uma mão com um rolinho acceso e logo um vulto escuro e esguio. O Vereza saltou-lhe ás guélas com as duas mãos, e gritou com a vóz guttural dos paraguayos:

— «Yá te maté, cunha pirú, cambay del inferno.»

A megêra deu um grito de terror, e o bando dispersou-se. O rolinho caíu, e a luz morticã ondeiava em vascas, bruxoleando em nuvens de fumaça ennegrecida.

A Maria Varêta, porém, não era mulher de assustar-se muito tempo. Puxou da faca de ponta e investiu contra o Vereza, com furia, e dizendo nomes de arrepiar os cabellos. Elle era do Rio e ligeiro como um gato — desviou um bôte que lhe vinha ao peito e abaixou-se —... A mulher terrivel bateu com a cabeça no pé da secretária e a faca voou pelos ares... Os soldados levaram-na aos gritos e elle, rindo como um doido, chamou-me a attenção para o assombroso *polynomio* de injurias, que ella *desenvolvia* contra nós, até que os ultimos *termos* se perderam, com a vóz rouquenha, no silencio da noite.

Essas mulheres que seguiam o exercito não tinham medo de coisa alguma. Iam ás avançadas mais perigosas levar a *boia* dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vi-as mais de uma vez achegarem-se aos feridos, rasgarem as saias em ata-

duas para lhes estancarem o sangue, montal-os na garupa dos seus cavallo e conduzil-os no meio das balas para os hospitaes. Algumas trocavam as amazonas por bombachas nos dias de combates, e as pontas das suas lanças formavam os salientes nas cargas dos seus regimentos.

O amigo despediu-se. Já era tarde.

Dormi um somno profundo e sem sonhos. Era somno de um rapaz forte e sadio, sem ambições, na primavera da vida e despreoccupado.

No dia seguinte, recebemos ordem de marcha. O Camara não era general de esperar muito tempo. Possuia, entre as muitas qualidades, que faziam d'elle um grande chefe, a celeridade dos movimentos e a rapidez e decisão dos golpes. Era um cabo de guerra de primeira ordem. Diziam que antes de principiar a campanha era o que se chama, em giria militar, um *descrente*. Desejava reformar-se e ser empregado publico.

Naquelle capitão desanimado, estava um dos nossos mais brilhantes generaes. Ganhou em poucos annos os bordados, praticando assignalados feitos de galhardia.

Eu proprio fui testemunha ocular de algumas das suas proezas, que fizeram vibrar as fibras do meu coração e deixaram-no palpitando de enthusiasmo.

Na batalha do Avahy, vi-o, ainda coronel, dar cargas formidaveis sobre as cavallarias e os quadrados paraguayos e esmagal-os á frente dos seus irresistiveis esquadrões.

Pela primeira vez, tinha a honra de servir sob as suas ordens. Estava certo da nossa victoria, não só por elle, como por estarmos em maio, o mez que nos foi, entre todos, o mais propicio.

Antes de partir, montei a cavallo e fui ao acampamento do Felinto. De passagem, vi uns cavallo gordos e bonitos, lustrosos, estorcendo-se em agonia. Perguntei ao cabo de *pastoreio* o que era aquillo.

— Comeram *miomio*, sr. alferes. Ha muita dessa herva venenosa na varsea e esses animaes não estavam acostumados.

— E se estivessem, não morreriam?

— Não, senhor; aprendem a conhecê-la e sabem escolher o pasto.

Apreendi mais isso.

Voltei á minha casa e apromptei-me para a marcha. Tive tentações de levar commigo, como objectos curiosos naquellas alturas, uma casaca e um *gibus*; mas, deixei-os no armario onde estavam. Não tinha o direito de apoderar-me delles.

Quando me fui postar á frente do meu contingente, approximava-se da casa uma força de cavallaria da guarda nacional do Rio Grande.

Fez alto e apeiou-se. Iam soldados,

inferiores e officiaes. Alguns tinham barbas longas que lhes desciam até ao peito, e cabellos trançados que chegavam quasi á cintura; grandes adagas de punhos em cruz e de prata lavrada; chilenas tambem de prata e muito peizadas aos pés, com rosêtas tão grandes que lhes dificultavam a marcha; chapéus de feltro de abas curtas, cobertos de ganga vermelha e presos por barbichos de borla á ponta do nariz; bombachas vermelhas ou negras e ponches de bicunha de côres vivas ou bordados a seda e agaloados; espadas de *ferradura*, com quatro dedos de largura; lanças immensas de conto de prata ou aço polido, de lamina longa e brilhante com galhos de prata em meias luas invertidas, com os cornos pñteagudos e voltados para cima e para baixo; um par de pistolas á cinta, na pistoleira, que era a larga guaiaca coberta de moédas, onde guardavam as ouças e as libras de ouro, os patações e bolivianos de prata. Os cavallos tinham as crinas aparadas e as *collas* atadas *onde canta o gallo*. Cada um tinha em cima de si pezo enorme, um montão de prataria lavrada. As cabeçadas com grandes meias luas nas testeiras, as redeas de bombas, as bridas, os largos fiadores de chapas ou filagrana, os boças e os cabrestos, as cabeças dos serigotes, os estribos de grande picaria com longos bocaes cylindricos ou faceados, as cantoneiras das caronas de pelle de tigre, os rabichos e os peitoraes; tudo era de fina prata cinzelada. Sobre os serigotes, pellegos negros cobertos por uma badana e sobrecincha de couro de lontra ou veado ou de um tecido escarlate e bordado. Todos tinham boleadeiras, umas de marfim, outras retovadas de couro, presas debaixo dos pellegos do lado da garupa.

Em muitos, viam-se laços bem trançados presos á argolla do travessão da cincha, do lado direito, enrodilhadas sobre a anca e atados ao serigote por um tento de lonca. Poucos traziam pendurados na argolla da segigolla ou no peitoral a chaleirinha do matte.

Era um quadro pittoresco. Havia homens altos e robustos, claros, de olhos azues e cabellos alourados; outros morenos, musculosos, de belleiras negras e lisas, e a barba rarefeita; alguns de labios grossos, dentes alvos, maçãs do rosto salientes, nariz achatado e cabellos cacheados caíndo sobre os hombros. Muito poucos eram negros. Parecia uma cabilda de guerreiros da Mauritania. Faltavam-lhes os brancos alborozes.

Todo aquelle bando variegado invadiu a casa, que deixei intacta.

A seda das cadeiras e dos sofás foi rasgada a ponta de faca para servir de badanas. A colcha ficou com um capião. Os espelhos fôram rôtos a conto de lança e cada um ficou com um pe-

daço para mirar-se. O marmore dos consólos não tinha serventia; espedaçou-se na calçada. Os tapetes fôram reduzidos a farrapos; os vasos, as garrafas, os candelabros ficaram em estilhaços; os livros rasgados, porque nenhum podia entendel-os. Nos santos do oratorio, não tocaram: fôram respeitadas, apesar de *paraguayos*.

Saquearam o que puderam; inutilisaram o resto. Levaram para regalar o coronel um bello oculo de alcance.

Aquelles barbaros, todos bravos e alguns de bom coração, julgavam aquillo natural e muito licito. Era a herança que lhes tinha ficado das raças dos seus antepassados.

Marchámos e, logo ao saírmos da cidade, encontrámos um immenso banhado de aguas limpidas. Gastámos muito tempo em vadeal-o. Era fundo e, em alguns pontos, de *bola a pé*.

A infantaria desafivellou os cinturões e pôz na cabeça as patronas e os *bogós* cheios de cartuchos.

A munição da artilharia passou nas caixas em cima dos armões e carros manchegos.

O terreno era aberto e semeiado de capões. Ao longe, avistava-se a matta margeiando o rio e os arroios. Tudo era deserto: varseas e cochilhas.

Depois do meio dia, avistámos a collina de *Sargento Loma*. A' tardinha, chegámos ao pequeno povo de Tupy-pitá, donde haviam saído, na vespera, as forças do major Galiano, alli acantonadas. O general expediu ao seu encaço, o regimento de cavallaria do coronel Israel. A' meia noite, soube-se que havia sido encontrada a rectaguarda inimiga. O Camara não perdia tempo. Muito antes de amanhecer, em madrugada alta, levantámos o bivac e marchámos. A cavallaria fazia a vanguarda e dava os flaqueadores.

A artilharia, com os meus sapadores, ía no centro entre os batalhões de infantaria.

Ao despontar do dia 30 de maio, o Felinto, o Cavalcanti de Mello, o Carlos Soares e eu entoámos a toda a bolla o canto do zuavo, que tínhamos aprendido no Rosario.

Aquellas estrophes patrioticas eram chammas que abrasavam a nossa alma juvenil. Sentiamos-nos capazes de combater os Ferrabrazes de Alexandria, os Amadis de Gallia e os Rodomontes do mundo inteiro. Já o Sol dourava o alto das cochilhas, e cantavamos a ultima das estrophes:

Sans crainte, amis, on peut fouler la terre,  
Qui tôt ou tard doit recouvrir nos corps,  
Quand on sent là, seul bien du militaire,  
Un cœur loyal, une âme sans remords.  
Heureux celui qui meurt dans les batailles,  
Sous son drapeau, près des ses vieux amis;  
Il a du moins des nobles funérailles,  
Et Dieu bénit qui meurt pour son pays.

Chegou a galope o José Christino, ajudante d'ordens do general e seu

cunhado, e deu-nos, em rapidas palavras, a seguinte ordem:

—O inimigo está á vista, e o general manda avançar ao trote para a frente.

Saudou-nos, deu de redea ao uobre animal e voltou correndo, a espora fita, o jovem e bravo official, hoje general e um bello typo de lealdade e de valor. Pedi ao Felinto um canhão, porque os meus sapadores pouco poderiam fazer. Deu-me dois o bom amigo. Cada um de nós ainda cautava, a meia vóz, o estribilho:

Hourrah, hourrah, mon brave régiment.  
Hourrah, hourrah, en avant, en avant.

Chegando ao alto da cochilha, avisámos ao longe, ua grande vargem de Tupyhum, o carretame do inimigo e suas forças estendidas em batalla.

Pela sua rectaguarda, apparecia a faixa azulada da matta que margeia o rio Aquaray-guanú.

Já os nossos bravos esquadrões de cavallaria galopavam para os flancos, a meia redea.

A infantaria destacou linhas de atiradores, que se estendiam a marche-marche, e a artilharia, assestada numa eminencia, jogava sobre as massas dos batalhões inimigos.

O combate travou-se em toda a linha, e o general Camara, com o seu estado maior, em que brilhavam o José Simeão e o José Christino, percorria, animado e animando, as fileiras.

As nossas forças mais e mais se approximavam, e o inimigo resistia tenazmente, como sempre. Havia chegado o combate á maxima intensidade, quando o Pompilio de Albuquerque, em disparada, me gritava:

—Vem, Dionysio. Segue-me com tuas peças.

Mandei a galope e, por trancos e barrancos, chegámos a um ponto onde elle me deteve. Estavamos defronte, a tiro de pistola, de um immenso curral de páu a pique, em cujo interior as brizas matutinas agitavam as dobras tricolôres de duas bandeiras paraguayas, defendidas pelos batalhões que o enchiam. Na larga porteira, dois canhões nos varriam a metrallia e, pelos intervallos dos moirões, crepitava nutrida a fuzilada.

Mandei metter em bateria frente á esquerda e fizemos da nossa parte o que foi possivel para corresponder á gentileza dos nossos adversarios destemidos. Quasi exgotámos todo o nosso *stock* de lanternetas. Perdi dois homens, tive duas mulas inutilisadas e partido o olhal da conteira de um dos nossos reparos.

Fitava attento o inimigo, quando o vi vacillar, e novelar-se em desordem e retirar-se em debandada. Tinha sido atacado pela rectaguarda. Já nada tínhamos que fazer alli. Mandei engatar, atando com um maneador ao armão a conteira partida, e partimos,

a trote largo, para a frente. Chegámos á margem direita do rio correntoso e profundo. Ainda demos alguns tiros de metralha nas embarcações paraguayas, que vogavam, á força de remos, para a margem opposta. Já havia passado antes parte do seu transporte. Umaz trez ou quatro carretas lá estavam junto á praia. O nosso lado era barrancoso, e concava a curva do rio. Grande parte do inimigo, a maior, estava em nosso poder: mortos, feridos e prisioneiros.

O resto, que não era pouco, havia atravessado o Aquaray, e nos escapára. Todas as embarcações estavam na margem esquerda. O general Camara era decidido.

Pedi voluntarios nadadores. Apresentaram-se innumerados. Escolheu doze, que se despiram completamente, atravessaram uma faca na bocca e atiraram-se, resolutos, ao rio. A correnteza era forte e nós, anciosos e de respiração suspensa, viámos aquelles Leandros de um amor mais sagrado lutando ás braçadas e vencendo-a impavidos. Tiros salteados eram disparados da matta sobre esses herões.

Deus protege os valentes e todos chegaram incolumes á outra banda.

Desamarraram os barcos e voltaram nelles. Cheios de nossos soldados, logo vogaram todos, chalanas e botes, para a margem inimiga. Os infantes interuam-se pela matta e, em pouco tempo, voltaram com grande numero de prisioneiros.

Com elles vinham muitas mulheres, velhas e moças. Entre todas, sobressaía, pela belleza e donaire, uma rapariga clara, rosada, de cabellos negros e olhos grandes. Como todas, foi apresentada ao general.

Eu assistia curioso áquella scena, onde appareciam tantos typos diversos, desde o velho alquebrado e curvo até o menino louro e descuidado, desde a velha sêcca e desgrenhada até á creança risonha e linda. Havia centenaes delles. A moça paragnaya attraía os curiosos, quando vi approximar-se della um velho, que servia no quartel-general. Lembro-me bem do seu nome e si não o menciono é porque, si ainda viver, lhe causarão pena as recordações daquella epocha nefasta em que a sua patria combatia heroicamente contra nós. Dirigiu-se a ella em bom espanhol. (Os paraguayos e correntinos de *alto cothurno* não gostam de fallar guarany á vista de gente.) Ella inclinou-se e pegou-lhe na larga mão para imprimir-lhe um beijo — era sua filha. O velho deteve-a.

— Onde está tua mãe?

— Não sei — balbuciou ella.

— Desde quando?

Ella corou e baixou o olhar. Parecia humilhada deante de nós.

— Já sei, desventurada. Deixaste

tua mãe enferma e velha por algum soldado indigno da nossa alliança.

O pobre velho presunhia valer ainda alguma coisa... elle, um nosso *vaqueano*. Foi preciso que o general intervisse para que cessasse aquella scena pungente.

A nobre terra paraguay tinha sido tão açoitada pela desventura, que já os homens se tinham identificado com ella. O velho perdôou a filha, que lhe caíu nos braços soluçando. Talvez algum neto do *passado* figure nas culminancias da Republica, orgulhoso da sua *alcurnia* e despresando os humildes descendentes dos pobres herões ignorados que morreram nos sanguinolentos campos de batalha, abençoados pelo genio da patria, que elles souberam defender.

A nossa victoria foi completa.

O major Galiano fugiu com poucos homens, deixando em nosso poder toda a artilharia, bagagem e centenaes de prisioneiros.

Regressámos a Assumpção. Já não estava alli o exercito, cujo commandante era o joven principe de Orléans, o bravo marechal de exercito o sr. conde d'Eu, que se revelou um dos nossos melhores generaes, não só pela bravura peculiar á raça de Henrique IV. como por elevadas qualidades de commando, entre as quaes destacava-se a rapidez dos movimentos e a certeza dos golpes estrategicos.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO  
PEÇA EM 3 ACTOS

—  
A Arthur Azevedo

### TERCEIRO ACTO

O mesmo scenario do segundo acto:

#### SCENA I

SERGIO E CARLOS

*Sergio muito calmo; Carlos passeiando, a fumar:*

SERGIO

A violencia não corrige nem resalva o brio. Se entendes que tua mulher não é digna, procede tu com dignidade despedindo-a da tua companhia, mas não a maltrates com actos e palavras. Insultando-a em presença dos creados, não só a aviltas como te degradas. O creado é o vetor principal da diffamação — é o espião que a sociedade tem em todos os lares. Se não podemos evitar que elle espreite e aude a escutar ás portas, não as escancaremos para que elle veja as nossas miserias e ouça as nossas confidencias. E os creados aqui são comparsas que, se não falam, tomam parte em todas as scenas de uma dissolução domestica. Não a queeres? despede-a, não a maltrates.

CARLOS

Que a despeça? e o meu nome, que é seu?

Quer que ella o leve por alli, de rastos, que o enxovalhe no lôdo?

SERGIO

Phrases. O homem, cuja mulher claudica, não é um aviltado, é um traído. Ninguém condemna o que dorme por não prender os ladrões que lhe entram no quarto. (*Falando consigo:*) E' verdade que todo aquelle que clama soccorro, depois do alarma, faz rir. (*Proseguindo no tom natural:*) Não faz jús ao nome de covarde o viandante que cae em ciladas de bandidos e é mais facil guardar valores do que zelar e defender a honra que se perde num simples olhar, num rapido aperto de mão, numa leve troca de palavras ligeiras. Não defendo tua mulher senão com a justiça; se houvesse interesse, está visto que seria por ti. Não acho razão no que dizes, nem desculpo o que fazes. Ainda não a colhi em procedimento que me fizesse suspeitar um crime. E tu a precipitas, sempre a atirar-lhe em rosto a fortuna do Narciso. Mostras com isso despeito. E olha lá — perigo maior do que o dinheiro é a delicadeza do que nos hospeda. Quando uma mulher se põe a comparar, está decidida a escolher e, se Estella fizer o confronto... ai! de ti.

CARLOS

Quer dizer que serei preterido? Já fui.

SERGIO

Tens provas?

CARLOS

Que provas pôdem ficar de um adultério?

SERGIO

Muitas. A mulher que pecca, não sendo uma dissoluta, soffre grandes modificações no moral, que um homem de tacto, com alguma observação, apprehende. Era timida? desembaraça-se; era franca, retráe-se. Ha sempre um disfarce em toda a falta. O que chamamos remorso é a fluctuação do crime. E' o corpo que pecca, dirás, mas a alma resente-se como se resente o ar do calor do Sol e da exalação da Terra. Falo em tom de philosopho — é que te estou dando uma lição em palavras suaves, que te não meindrem. E lembra-te de nós. Ainda estás em tempo de considerar, considera. Já te incompatibilisaste com o Narciso e agóra rompes com tua mulher. Que pretendes fazer? dize...

CARLOS

Trabalhar. Tenho energia bastante para vencer a vida.

SERGIO

Parece-te. Ha de ser difficil, se não fôr impossivel. Filho, isto é como quem desce uma montanha a correr — a principio, corre, com a consciencia de quem executa um acto da voutade; depois, é a vertigem. Tu já vâes precipitado, não corres — despenhaste, attraído pela profundidade. Se ainda fosses homem de querer, mas... Tua mãe é a maior culpada. Não quero accusal-a para pôr-me a salvo — somos galés da mesma corrente... mas a principal culpada é ella. Porque nos achamos reduzidos a tão humilde e triste condição? Porque vivemos da esmola, que, se nos é dada com fidalguia, nem por isso deixa de ser humilhante? porque esbaujamos. Eu devia ter reagido, sim, devia — cedi, isto é: fui connivente. A minha



cumplicidade foi a de quem, na presença de um crime, não clama nem procura ter mão no criminoso. Soffro ; é justo.

CARLOS

Mas a que vem isso agóra ?

SERGIO

A que vem?... Vem como todas as maguas que sôbem á tona quando se revolve, por uma, o fundo do passado. Estella ainda hontem, como disseste, tinha por ti apenas odio, hoje despreza-te. O odio é alguma coisa, suppõe um inimigo, o desprezo é nada. Já não existes para tua mulher. Sois como dois ramos da mesma arvore que, quanto mais crescem, mais se afastam. Os dias, d'ora avante, longe de vos approximarem, mais vos apartarão. Ha, entre vós, o largo, profundo abysmo da indiferença para encher o só uma dedicação de que te não julgo capaz, ou o perdão que não virá do amor proprio que offendesté. A sociedade... A sociedade... é uma amante formidavel que nos explora para, no dia da decadencia, commentar, a rir, todas as nossas fraquezas. Sedúz como o jogo, embriaga como o vinho, servilisa como a luxuria e, como todos esses vicios, mata. A sociedade faz-se pagar; se não cobra á porta, quando nos recebe, examina-nos a ver se levamos o bilhete de entrada rubricado pelo alfaiate ou pela costureira, pelo ourives, pelo luveiro, pelo alquilador, esses fornecedores do luxo, que são os seus porteiros. Ai! de nós se aferimos os bilhetes nos cubiculos de taes homens, logo sentimos no trato dos que nos recebem o recolhido desgosto que lhes causa a nossa miseria. A sociedade é copia da natureza que, emquanto temos vida e força, nos dá o Sol, o ar e todos os seus primores; tanto, porém, que tropeçamos no tumulto, logo nos volta a face e lega-nos ao verme. (*Outro tom* :) Tua mãe ali vem. Ella conhece a vida melhor do que eu. Aconselha-te com ella.

*Camilla entra arrebatadamente.*

## SCENA II

OS MESMOS E CAMILLA

CAMILLA, a Carlos :

Estella esteve aqui ?

CARLOS, *surprehendido* :

Não. Deve estar no quarto.

CAMILLA

Tens certeza ?

CARLOS

Porque pergunta ?

CAMILLA

Váe ver. (*Espanto dos dois homens. Carlos, subitamente ferido por uma desconfiança, precipita-se, quasi a correr, pela esquerda.*)

## SCENA III

SERGIO E CAMILLA

SERGIO

Que ha ?

CAMILLA, *vóz surda* :

Estella fugiu.

SERGIO

Como ? !

CAMILLA

Ora ! como... ?

SERGIO

Estás louca !

CAMILLA

Ah ! estou louca... Espera um instante.

SERGIO

Mas fugiu, porque ? com quem ?

CAMILLA

Ainda perguntas...

SERGIO

Narciso ? Mas Narciso está ahi. Deixei-o, ha pouco, no pavilhão, escrevendo.

CAMILLA

O commendador ?

SERGIO

Sim...

CAMILLA

Acautelando os seus interesses, providenciando para a partida...

SERGIO

Partida ! para onde ?

CAMILLA

Sei lá ! O que sei é que Estella não está no quarto.

SERGIO

E a roupa ?

CAMILLA

Ora, a roupa... Bem se importa ella com a roupa. Não lhe ha de faltar. (*Carlos entra aturdido, o ar idiota.*) Então ?

## SCENA IV

OS MESMOS E CARLOS

CARLOS, *succumbido* :

Não está.

CAMILLA, a Sergio :

Ahi tens.

SERGIO

Vocês assim quizeram.

CAMILLA, *arrebata* :

Nós ?

SERGIO

Não te irrites. Tu e Carlos... O melhor é calar-me. Que lucro eu com palavras ? Fugiu... está acabado.

CAMILLA

E's muito resignado...

SERGIO

Sou, e é tarde para modificar-me, filha. Já agóra, a acabar, não vale a pena pensar nisso. Sou assim, deixa-me estar. O que te garanto é que este meu genio não trouxe mal algum ao mundo. (*Senta-se abatido.*)

CAMILLA, a Carlos :

E tu ? que fazes ?

CARLOS

Que hei de fazer ?

CAMILLA, *com sarcasmo, cruzando os braços* :

E' extraordinario ! Dois homens... (*Íntermitente* :) Por dignidade ao menos, meus senhores.

CARLOS, *revoltado* :

Ora, mamãe... e é a senhora que fala.

CAMILLA, *arrogante* :

Que é ?

CARLOS, *enfrentando-a* :

Que é !

CAMILLA

Revoltas-te contra mim ?

CARLOS

Como quer a senhora que eu proteste contra o escandalo se elle pôde tornar-se maior... com a apresentação de um recibo ?

CAMILLA, *arremettendo* :

Que dizes ! ?

CARLOS

A verdade.

CAMILLA

Achas que a vendi ? (*Silencio* :) E porque não protestaste em tempo contra o lenocinio ? (*Por entre dentes* :) Porque vivias á custa dos adeartamentos que recebiamos.

SERGIO, *intervindo* :

Então...

CAMILLA

Quem sabe ! ?

SERGIO

Pelo amor de Deus... !

## SCENA V

OS MESMOS E ANNA

*Anna entra pela esquerda, de chale, com uma carta na mão. Delem-se procurando disfarçar o seu visivel embaraço.*

CAMILLA

A senhora viu Estella, d. Anna ?

ANNA

Esteve no meu quarto até agóra.

*Surpreza de todos. Os homens entreotham-se alliviados.*

CAMILLA

No seu quarto ! (*Dá pela carta.*)

ANNA

Sim, senhora. Logo depois do almoço, foi para lá e ficamos conversando.

CAMILLA

Ella escreveu ? (*Carlos distancia-se.*)

ANNA, *atrapalhada* :

E'... escreveu... e eu vou botar na caixa. Parece que é para o pae, não sei.

Está aqui.

CAMILLA

Tolices. Não vale a pena, d. Anna. Estavamos justamente falando sobre isso. Estella tem genio, Carlos tambem tem: zangam-se. Eu já sei — são queixas, chora-deiras. Historia para incommodar o pobre velho. Olhe, dê-me a carta — se ella perguntar se a lançou na caixa, diga-lhe que sim.

Isso passa, eu mesma vou tratar de conciliar-os e, depois das pazes feitas, dar-lhe-ei a carta e ella comprehenderá que procedi com prudencia.

ANNA, *receiosa* :

Mas ella pedin tanto...

CAMILLA, *sorrindo* :

Deixe-a falar. Eu sei que são arrufos — passei por elles.

ANNA, *hesitante* :

Eu, a falar verdade...

CAMILLA

Fica por minha conta. Diga-lhe que a carta seguiu.

ANNA

Nessas coisas não sei mentir. A senhora veja lá ! Não quero que ella pense que fiz de proposito.

CAMILLA  
Descance.  
ANNA, entregando a carla :  
Eu não sei... ( Pensando : ) E agora, como ha de ser? O melhor é fingir que sai para ella não desconfiar.

CAMILLA  
Pois, sim.

SERGIO  
E ella ainda está no seu quarto?

ANNA  
Saíam juntas. Ella entrou... Bem, então... (Saindo) Eu não sei...  
(Sáe pelo fundo, tomando a direita.)

CAMILLA, lendo o subscripto da carta :  
Ao pae...  
ANNA, reaparecendo :  
Olhe lá!

CAMILLA  
Fique tranquilla. ( Anna desaparece. )

**SCENA VI**  
OS MESMOS, MENOS ANNA

SERGIO  
Então? ( Camilla encathe os hombros. )  
Uma celeuma de levantar céos e terras e Estella no quarto da velha, a conversar. Quando eu digo...

CAMILLA  
Que é que dizes?

SERGIO  
Nada. ( Camilla rasga o envolucro da carla: )  
Que vâes fazer?

CAMILLA  
O que devo, ou antes : o que devia fazer o senhor meu filho.

SERGIO  
Mas não é para o pae? Que tens tu com isso?

CAMILLA  
E tu?

(Põe-se a ler a carta. Sorri ás primeiras linhas; subitamente, muda-se-lhe a physionomia reflectindo uma colera viva. De novo, sorri ironica : ) Ah! então não a quer? ( Carrega o sobrececho, remorde os labios e conclue a leitura com um risinho perverso. Passando a carta a Sergio : ) Lê. E' interessante. ( Sergio põe-se a ler com serenidade ; detem-se surpreso; continúa preocupado, meneando tristemente com a cabeça. ) Então? ( Sergio entrega-lhe a carta. ) Mostra-a a teu filho. ( Sergio váe levar a carta a Carlos, que a recebe contrafeito. Logo ás primeiras linhas, irrita-se, levanta-se furioso, amarfanhando o papel. ) Então? Temol-a para breve. E' um verdadeiro relatorio. Aprendeu a fazel-os com o pae. ( Riso nervoso. ) Está ahi tudo. Estão as minhas « negociações » ; ( A Carlos : ) está a tua devassidão : ( A Sergio, sorrindo : ) está a tua fraqueza, meu velho e, por fim, o annuncio da partida. Sáe sem destino, váe por ahi. ( Ri ) Por ahi, é um endereço muito vago que póde ser substituído por outro mais conhecido : o mundo. E' como lhe chamam. ( Ri ) Por ahi... ( A Sergio : ) Bem vês que se desconfiei da fuga, tinha razões para o fazer. E' que não perco de vista a minha nóra. Gostô de ver as andorinhas nos dias da arribação : são mais vivas, mais trefegas, vômam mais ageis. Ahi téem os senhores. Agora resolvam. ( Os dois homens conservam-se

immovéis, resoluos. Então? ( Sergio põe-se a passear pela sala ) cabisbaixo; Carlos arrepende os cabellos, mordicando o charuto. Camilla olha, ora um, ora outro, com um olhar cheio de desprezo. ( Alliva ) : Então?

SERGIO  
Então, quê? Entende-te tu com ella. Vê se acabas com isto. E' mais uma vergonha, e nós já as temos de sobra, Camilla.

CAMILLA  
Eu, principalmente.  
SERGIO, acabrunhado :  
Sim, tu... Eu sou o que se póde chamar um homem feliz, completamente feliz.  
Carlos encaminha-se resolutamente para a esquerda, salla.

CAMILLA  
Onde vâes?

CARLOS  
Onde vou? falar á minha mulher.

CAMILLA  
Assim?

CARLOS  
Assim, como?

CAMILLA  
Com esses ares ameaçadores...?

CARLOS  
Hei de ir sorrindo, talvez...?

Fica no meio da scena, com a carla aberta na mão. Estella entra pela esquerda. Ao dar com elle, estaca. Carlos encara-a. Ella vê o envolucro no chão, adeanta-se, apanha-o e, reconhecendo-o por seu, levanta altivamente a cabeça e envolve todos no mesmo olhar de desprezo.

(Continua)

(\*) E' prohibida a reprodução.

## MUKDEN—TSU-SHIMA

### Suas consequencias immediatas

A batalha de Mukden, pelo facto de assegurar aos nippões decidida vantagem sobre os russos, não assignala sómente ponto importante da historia do povo moscovita; maior é o seu alcance e de singular amplitude porque não se limitou a derrocar aos olhos dos asiaticos o phantasma pavoroso do omnipotente imperio dos czares; foi além, imprimindo funda modificação nas relações politicas dos dois grandes agrupamentos europeus e daquela potencia, a quem por muito tempo sorriu a «splendid isolation».

Nova victoria do Japão, e de valor mais subido, concorre, agora, com o anniquilamento da esquadra de Rodjestwensky, para dar feição diversa, da que até então offereciam, ás peças do taboleiro mundial.

Além dos desastrosos revêzes, que lucta infeliz lhe tem proporcionado, debate-se a Russia numa crise social cujas convulsões acabarão forçosamente por exgotal-a, privando-a de representar na Europa o papel preponderante que até bem pouco lhe coube-

ra, e enfraquecendo a alliança concluída com a França.

E a prova material de que a Duplice já não possúe a virtude de manter o equilibrio mundial ou, por outras palavras, de fazer respeitar o *statu-quo*, está no simples facto da attitude insolita e, até certo ponto, aggressiva da Allemanha no incidente de Tanger, attitude que certamente ella não teria assumido se o triumpho tivesse corôado os esforços das armas moscovitas.

Outra consequencia da guerra russo-japoneza, e esta de investigação curiosa, é a determinação do seu alcance nas relações das duas potencias insulares, no sentido de estabelecer se a união contraída tem probabilidades de fortalecimento, ou se a sua existencia corre perigo, pela razão de ter o alludido pacto conseguido seu fim immediato, isto é, o enfraquecimento da Russia e a porta aberta para a Grã-Bretanha nas suas empresas de absorpção a norte e a oeste da India, no Thibet e no Iran.

Ora, parece-nos que a expectativa do governo inglez foi excedida, porquanto não só o Japão se revelou capaz de diminuir o prestigio de inimigo tido e havido por invencível, como até foi mais longe, inutilizando-o por largos annos.

Mas, justamente pelo facto de ter triumphado de adversario temível, continuará o Japão a prestar-se a fazer o jogo do seu alliado?

E' de presumir que este povo valente, conscio de suas forças e electrizado pelos repetidos triumphos alcançados, consentirá em tratar de novo com a Grã-Bretanha, mas no pé da mais perfeita egualdade.

Não poderá, por conseguinte, a Inglaterra representar o papel que tanto lhe sorria: o do *tertius gaudet* da fábula. E' tarde; o discipulo de hontem estudou em bôa escola e não são os resultados obtidos que hão de diminuir o seu imperialismo no nascedouro.

Em semelhante conjunctura, deve a Grã-Bretanha opinar por uma das duas hypotheses: ou renovar o tratado de alliança com os nippões, ou abster-se de novo accordo.

Na primeira hypothese, é consentir no principio do *condominiuns* chinez com o mikado ou, por outra, contentar-se de um papel secundario, assistindo de mãos atadas ao desenvolvimento do poderio japonez e accedendo á partilha do valle do Yang-tse-Kiang, o sonho dourado de Albion, com os industriosos e infatigáveis nippões, cujo pavilhão hoje domina soberano naquellas paragens.

Na segunda hypothese, é buscar outro systema de accordos, que forneça os meios efficientes para entorpecer a evolução, talvez perigosa para o futuro, de uma nação nascida de

hontem, mas cujo progresso, inegavelmente assombroso, a encoraja a lutar pelo idéal que se impoz: a Asia para os asiáticos; sendo o Japão a sua Sparta e tambem a sua Athenas.

A attenção da Inglaterra, porém, não se pôde circumscrever ao Extremo-Oriente: outras questões ha que egualmente reclamam a sua vigilancia. No proprio continente europeu, um povo existe, que lhe tem movido guerra fructuosa no terreno economico e mesmo politico.

A estatistica do commercio marítimo destes ultimos trinta annos patenteia, de modo cabal, a ascensão rapida do pavilhão allemão, sendo talvez descabido o adjectivo empregado, melhor assentando «prodigioso».

Como a Inglaterra, do mesmo modo aspira a Germania ao imperio mundial; já o disse o kaiser. já o repetiram varias personalidades daquelle grande paiz, e, melhor do que as palavras, já deitaram mãos á obra os seus filhos, cujos navios sulcam todos os mares, por mais longinquos, e cujas mercadorias alcançam os mais insignificantes logarejos da China, da Africa e da Insulandia. E' esta a — Grande Allemanha — de hoje; que será a — Maior Allemanha — de amanhã!?

Não ha negar que a situação actual da Europa muito se assemelha á que apresentava em meados do seculo XVIII; uma potencia forte em terra, temível no mar, podia então disputar o sceptro do oceano ao seu detentor: hoje, o mesmo phenomeno se dá, com a unica differença que a França de Luiz XV é substituida pela Allemanha de Guilherme II. Existe ainda a questão da Austria, de magno interesse para a Allemanha, havendo oportunidade em renovar o jogo classico de um incidente no exterior para desviar a attenção da unica potencia continental capaz de obstar a absorpção do territorio austriaco até ao Adriatico. Dahi, a questão marroquina, consequencia logica do revéz de Mukden.

O accordo de 8 de abril de 1904 renovou a — *entente cordiale* — entre as duas grandes nações occidentaes, e, dando solução satisfactoria ás questões pendentes, de modo a evitar algum novo Fachoda, permittiu a previsão de uma união mais intima ainda e cujo fito seria a conservação da paz do mundo não só na Asia e na Africa como tambem na propria Europa.

Uma alliança franco-ingleza, no momento actual cheio de difficuldades e quiçá de perigos, obrigaria o Japão a adoptar politica de tendencias pacificas ao mesmo tempo que fortaleceria o prestigio europeu na Asia, bem diminuido depois da insurreição dos boxers. De resto, maior serviço viria prestar uma semelhante combinação na Europa influindo poderosamente

para a solução da crise que ameaça subvertel-a.

Já não ha um unico homem doente — e sim dois, Abd-ul-Hamid e Abd-ul-Aziz, sendo o sherife de Fez de maior importancia agóra que o sultão de Constantinopla, porque da annuencia que dêr aos conselhos de certos enviados que o cercam dependerá a conservação da tranquillidade européa ou o inicio de complicações muito graves, desastrosas. Antes de romper com a França, cumpre-lhe pezar com escrupulo o procedimento das demais potencias mediterraneas e, com certeza, feito o exame com imparcialidade, ser-lhe-á licito verificar o quanto se acha isolado o seu desinteressado protector. A attitúde perfeitamente correcta da Italia, compromettendo-se de modo formal a reconhecer a supremacia da Republica Franceza em Marrocos em troca de liberdade ampla na Tripolitana, e o estreitamento das relações franco-hespanholas indicam a imminencia de dois factos: a dissolução da Triplíce e o esboço de uma nova combinação politica na qual deverão representar papel proeminente os dois grandes povos que a Mancha separa.

Taes são as conjecturas que o momento nos suggere: oxalá não venha o factor, appellidado de *alteza* pelo grande Frederico, illudir as esperanças dos povos e aniquilar os planos dos responsaveis pelo progresso e bem estar do mundo.

GASTÃO RUCH.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### MINHA BARCA!

Minha barca, ao largo! ao largo!  
Longe a praia, longe o mundo!  
Ao sentir que é tão profundo,  
A solidão sómente apraz.  
Fiquem lá na terra embóra  
Os mimosos da ventura;  
Barca, dá-me a aragem pura,  
As solidões, o ermo, a paz.

Dá-me a paz, que entre os humanos  
Chamo em vão, e em vão desejo;  
Onde busco e nunca vejo  
O que pede o coração;  
Onde espiam nos meus olhos  
Um segredo, um sentimento;  
E um ouvido ha sempre attento...  
Barca, dá-me a solidão!

Prôa ao mar, e o rumo á sorte,  
Minha barca airosa e bella!  
Venha o sul! venha a procella!  
Que te importa o temporal?  
Sobe ás vagas! desce! vôa!  
Rasga a véla! quebra o leme!  
Coração triste não teme  
Escarceos, nem vendaval!

Adeus, praias! adeus, familia!  
Adeus, prados! adeus, relvas!  
Adeus, canticos das selvas!  
Adeus, rosas dos salões!  
Minha barca, solta e livre  
Como a rosa destroncada,  
Váe contente, acalentada  
Entre os braços dos tufões.

Se eu achar por sepultura,  
Ao fugir do mundo ás maguas,  
Vosso abysmo, ó fundas aguas?!  
Quem patenteia o martyr? quem?!  
E, se um vento bouançoso  
Me encontrar sósinho e absorto,  
E levar a barca a um porto,  
Quem me acolhe allí? — ninguém!...

Minha barca, ao largo! ao largo!  
Longe a praia, longe o mundo!  
Ao sentir que é tão profundo,  
A solidão sómente apraz.  
Fiquem lá na terra embóra  
Os mimosos da ventura;  
Barca, dá-me a aragem pura,  
A solidão... a morte em paz!...

THOMAZ RIBEIRO.

\*  
\* \*

### MANA MINDUCA

Bella carta! «Volto afinal... Espera-me; irei hoje...» Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha casa da rua de Riachuelo, ao canto da rua dos Invalidos. «Volto, afinal...» Mana Minduca fitava attentamente os olhos no papel; soffria acaso da duvida de que aquella não fôsse a sua lettra... E mirava o talhe delgado da escripta. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... Dahi, em doze annos, a gente muda de lettra. Valha-me Nossa Senhora! O moleque esperava, timido, amarrotando o chapéo entre as mãos.

Bem dita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escripta. Agora já lhe parecia que era delle; o córte daquelle t, os //... «Volto afinal...» Era. Mana Minduca sorria; o sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, appareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais duvidas, era delle; Nossa Senhora trazia-o alfim. E Mana Minduca olhou em roda. Pareceu-lhe que se alegrava a sala. A mesa redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, era justamente agóra tocada de um raio de sol.

Esses que ha doze annos lhe fallam do rosto pallido, das lagrimas e da voluntaria clausura, vissem-na agóra! Mana Minduca sorria; nem se lembrava mais do moleque. Si alguem houvesse, que fôsse passando pela rua, que surpresa não haveria de ter quando visse que elia abria as janellas. Abriuas todas; não um bocadinho, como o fazia ha doze annos, não como aquella por onde entrou o raio de sol; abriuas de par em par. Debruçou-se bem para fóra, cantarolando. Voltou, sentou-se. O moleque esperava, olhos fitos no

chão, amarrotando o chapéo. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era delle... Milagrosa Nossa Senhora das Dôres!

— Tá intrégue?

O amo que fôsse ficaria para allí, sem resposta, como o moleque. Mana Minduca estava que não cabia em si de contente. «Volto, afinal...»

E aquelle «afinal» dizia bem. Doze annos ha que o espera. Viram-se no fogo da Lapa. Que festa! Povo assim!... Mana Minduca deixava-se levar á tóa. Chegou a pensar que aquillo já se ia demorando muito. Mas, de subito, o coração estremeceu-lhe; quasi parou, até... Corou muito. Que tinha? Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para traz; os olhos della achavam sempre um par de olhos que iam em sua presença.

Doces, bemaventurados olhos! Não unicamente os della; os de ambos. Os delle então, foi tamanha a impressão que lhe fizeram, a ella, que ainda agora se lhe destaca a scena da primeira noite em que os viu. Attenta bem no modo por que ella a faz reviver agora, á simples leitura daquella carta. Parece-lhe que lá váe outra vez pelo meio do largo. Povo, assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampião, quasi juntinho do coreto. Doze annos passaram já sobre tudo isto, e ella ainda os revê, áquelles doces olhos. Que festa! Mana Minduca demorava o passo. «Anda mais depressa...» — recommendaram. Era o pae. Ella disse que sim: — «Sim, senhor». E voltou a cabeça para o lado do lampião. Dahi por deante, andou ainda mais devagar.

— Tá intrégue?

— Ah! diga que está entregue... Olhe... Diabo de moleque! Diga que venha cedo, ouviu?

O moleque batia longe. Deitára a correr pela rua do Riachuelo acima. Em pouco, já se não o avistava. Mana Minduca ficou á janella; os olhos vagavam-lhe ao longe. Si elle não viesse... Mas havia de vir. E fechava os olhos, para revel-o bem. Que figura teria elle agóra? Ha doze annos era magrinho, com um pequeno buço, mas em doze annos a gente muda. Deve estar gordo; dizem que em S. Paulo se engorda, por causa do frio. E elle volta de lá bacharel em direito.

Levou doze annos a fazer o curso.

E' muito tempo, mas ha tanta contrariedade, annos perdidos, molestias, um horror! Outros se demoraram mais tempo, e vieram sem diploma. Um visinho, para amostra — o Quincas, neto do conselheiro Domingues. Levou dezoito annos em S. Paulo, e veio com o curso ainda por acabar. Concluiu-o em Pernambuco. Bacharel em direito! Dr. Eduardo de Campos Lustosa. Os olhos viam-lhe já o nome do marido, á entrada da casa, num quadro assim:

CAMPOS LUSTOSA Advogado
----------------------------

Campos Lustosa é um nome que fica bem á porta, numa chapa escura, com lettras pintadas a ouro... Que depressa que ia o sonho de Mana Minduca! «O dr. Eduardo de Campos Lustosa e d. Carminda de Barros Lustosa participam a v. s. o seu casamento...»

Pensamento de Mana Minduca, detende-vos! Coisas ha em que toda a precipitação é perigosa. Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que esperou doze annos pelo noivo e tem-no agóra á mão. Vejam com que delicia ella lhe repete o nome, e como o espirito se lhe não afasta das participações de casamento. Dr. Campos Lustosa. «O dr. Eduardo de Campos Lustosa e d. Carminda de Barros...» Ahi a dificuldade do nome futuro. Carminda de Barros ou Carminda Vianna Lustosa? O pae é Frederico Vianna de Barros: Chico Vianna, conferente da alfandega. Vianna talvez ficasse melhor, ou Vianna de Barros. E eil-a que sonha já com os seus cartões de visita — lilaz, doirado nas extremidades, com uma pontinha dobrada e o nome, em corpo minuscuro — «Carminda Vianna de Barros Lustosa.»

Volta, afinal! Doida era ella que se não preparava para recebê-lo. E Mana Minduca correu para o quarto. Abria gavetas, fechava gavetas. Trez vezes saíu prompta. O espelho, porém, gritava-lhe que já se não sabia vestir. E Mana Minduca voltou. Destrançou os cabellos, soltou-os, trançou-os de novo. Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca veio para a janella.

Veio para a janella. Santa de que ella é devota, poupae-lhe a dôr de ficar allí eternamente a esperal-o... Fóra,

ia caíndo a noite. Mana Minduca debruçou-se quasi toda para as trévas; interrogava o fim da rua, longe. Ninguém; a noite apenas. Mana Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da noite. Um homem passou, lépido, correndo de um para outro lado. Atráz delle iam ficando accessos os lampiões de gaz... O frio augmentava sempre; frio de junho, frio que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguio alguém, longe. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Debruçou-se mais da janella. O homem apoiára-se a um lampião; alguém, perto, dizia-lhe qualquer coisa. Agóra, eil-o que mettia a mão no bolso, tirou um objecto, deu-o. O outro desapareceu, a correr. Em pouco já se não avistava. E o homem aproximou-se. Talvez fôsse o Lustosa... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. Mana Minduca teve vontade de saír da janella. Antes saísse! Mas ficou.

O homem aproximou-se. Quem quer que fôsse com certeza que andava á procura de alguém. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos Invalidos. Depois, veio, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de lhe dizer o quer que era. Ella propria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia. O homem foi até mais adeante, e voltou.

Agóra, vinha resolutamente. Deteve-se á porta, tirou o chapéo. Que diabo quereria elle? O homem murmurava alguma coisa. Mana Minduca debruçou-se mais, para ouvil-o.

— O sr. Vianna de Barros?

— E' papae; mora aqui mesmo.

O homem levantou a cabeça, fitou-lhe bem o rosto magro. Que olhar curioso! E agóra o rosto delle tomava uma expressão de piedade:

— E... É uma sua filha solteira?

Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto:

— É uma sua filha solteira?

— Minduca? Sou eu.

— Ah! E' a senhora?

E o homem levou a mão ao chapéo. Santa de que Mana Minduca é devota, dizei-lhe que esse que ahi está é o mesmo que ella espera ha doze annos. Mas o homem levou a mão ao chapéo:

—Ah! é a senhora! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze annos de lagrimas envelhecem a gente. Nessa que ali ficou á janella, quem ha que possa reconhecer a moça do fogo da Lapa? O tempo encheu-lhe a face de rugas. Perfido tempo! A elle a culpa de que esses dois namorados já se não reconheçam ao cabo de doze annos. Vejam como o Lustosa lá váe, a toda pressa, á procura do bond. Esse não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou á janella. Não sabe quem elle é, não comprehende nada. Espera sempre, como na vespera, como ha doze annos. E a noite augmenta, o frio cresce como ella; Mana Minduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...

PEDRO RABELLO.

— — — — —  
O ALMIRANTE (34)

— — — — —  
ROMANCE POR DOMINGOS OLIVPIO

— — — — —  
CAPITULO XVI

D. Eugenia ficou contemplando o marido e a filha, que se afastavam lentamente.

— Fôram duramente castigados — murmurou ella — pelo desprezo dos teus conselhos. Se te ouvissem, se attendessem ás tuas sabias previsões...

E saíu para o parque, num passeio sem ruído, marchando como um automato, toda absorvida pela preocupação da necessidade de remodelar a vida de familia, subordinada aos escassos meios daquella situação embaraçosa, naquella quadra muito difficil, porque era indispensavel não decaír do posto conquistado na sociedade, conservar os habitos de bem estar, as relações da gente abastada na roda elegante e nobre, onde poderia encontrar allianças condignas das filhas. Para isso, bastaria a posição official do conselheiro, a importancia da alta funcção que elle exercia junto da familia imperial, immerso nos esplendores do throno. Estes, porém, se tinham subitamente eclipsado, e d. Eugenia sentia, pela primeira vez, a triste impressão da obscuridade, a magua de se ver, com o marido, com as trez filhas, annullada na promiscuidade desprezivel. Sem o prestigio official, o conselheiro seria uma reliquia veneravel de um passado detestado, ou um dos multiplos instrumentos da realeza, um servo da casa imperial, envelhecido no servilismo, sem utilidade, sem capacidade para se

adaptar ao novo regimen, ás suas praticas demagogicas.

Nenhum desses estadistas, subitamente elevados ao governo da Nação, poderia confiar nos servidores do antigo regimen, os quaes, por um natural impulso de pudor, se absteriam de, por qualquer modo, manifestar tendencias de aposthasia ás crenças, ás idéas do regimen extincto. Seria isso uma cobardia; seria, pelo menos, uma fraqueza de character incompativel com os precedentes honrosos do conselheiro, amigo particular do Imperador, considerado um dos mentores intimos, solidario, pela responsabilidade moral, com as mais decisivas, as mais graves soluções dos problemas do governo.

Seria ridiculo allegar, depois do tremendo desastre, que elle fôra sempre um liberal, homem de idéas nobres e avançadas, propugnador de reformas que seriam os mais fortes elementos de perpetuação da dynastia. Pareceria uma interesseira manobra revelar que o honrado velho fôra sempre um vencido pela cegueira dos aulicos, pela desmarcada confiança do Imperador nos seus processos politicos, na sua popularidade de monarcha, bem amado pelo povo, na sua competencia de homem de sciencia, com reputação universal. Ninguem acreditaria no desdém com que eram recebidos os conselhos de um homem, cuja capacidade se exhibira, tanta vez, nos archivos do Instituto Historico com raras qualidades de erudito, abordando os assumptos mais transcendentales.

Identificado com a monarchia, o conselheiro, innocente dos seus erros, dos seus crimes, da sua inepecia, seria victimado pela condemnação que a fulminára e padeceria todas as consequencias da victoria republicana, como um nobre resignado.

D. Eugenia seguia, insensivelmente, pelas alamedas frondosas, illuminadas pelo Sol em plena ascensão; internava-se nas ogivas do bambual espesso; ladeava os canteiros de rosas, humidas de orvalho, arrastada pela idéa fixada, como um carvão ardente, no seu cerebro de mãe e de esposa, a idéa da pobreza inevitavel, da decadencia, da obscuridade, e se lhe figurava deslizar lentamente por um declive, cujo termo ella não ousava prever. Procurava, em vão, o consolo da resignação; não se podia conformar a essa cruel injustiça da sorte; e concentrava-se numa esperanza fugidia de ser salva pela intervenção de um poder sobrenatural, pela superveniencia providencial do milagre, que é o derradeiro refugio dos desesperados: estava irremediavelmente perdida; estavam burlados todos os seus projectos, todos os seus planos de conquista de uma velhice socegada e feliz.

Aos sobresaltos da sua ternura de mãe se ajuntavam os vexames impostos ao seu orgulho de mulher pela mudança violenta da sua posição social. Previa os retraimentos de amigos poderosos, da politica e da alta finança, para os quaes um alto funcionario do paço se tornára instrumento imprestavel; não era mais a chave das portas das relações preciosas; antepungia-lhe a injuria do desdém das amigas, que o dinheiro conservaria fluctuantes á tona, passada a convulsão da tormenta revolucionaria; presuetia os dardos dos olhares sobranceiros ou indifferentes, nos quaes se apagára o doce fulgor da gratidão; apertava-se-lhe o coração á idéa de ser acolhida, nas regiões aristocraticas onde brilhára como astro de primeira grandeza, com maneiras de misericordia, de complacencia humilhante, de piedade superior, em fórmula de commiserção projectando-se, como irradiações da generosidade, sobre o infortunio alheio para destacal-o, nitido, em todas as suas minucias dolorosas.

Vinha-lhe á mente, entre muitas outras, a baroneza de Freicho, mulher vulgar, ave de terreiro, que ella guindára ás alturas das aguias do escól da sociedade fluminense. Estava a adivinhar as suas esquivanças do primeiro encontro, toda compungida em exhibições de condolencias hypocritas, em falaciosos pezares, sublinhadas dessa imperceptivel ironia, que é o veneno do orgulho das mulheres futeis. Assim seriam todas as outras, que mais á vontade se achariam no regimen democratico, libertadas das superioridades esmecedoras da raça, da educação, dos precedentes honrosos e veneraveis.

Atormentada por essas cogitações exaggeradas pela sua susceptibilidade, d. Eugenia regressou ao palacio, procurando nos recessos da sua argucia o meio de conjurar a crise, que ella deveria a todo o transe vencer.

Encontrou a marquezia envolta num amplo roupão, enfeitado das custosas rendas de sua predilecção, recostada num pequenino sofá, a ouvir de Hortencia a leitura dos jornaes. Doirando o admiravel grupo, o Sol invadira a magnifica ante-camara pelas janellas amplamente abertas, e punha num relevo commovedor as duas mulheres, a doente e a enfermeira: uma, cheia de seiva, exuberante de graça e de belleza; outra, de rosto macilento, a bella fronte corôada da madeixas crespas, rapidamente encanecidas, os olhos engastados, como diamantes negros, nas orbitas lividas.

A marquezia deixára o leito como quem desperta do prolongado somno normal, sem vestigios da crise que a prostrára. Ergueu-se, beijou ternamente as faces rubras de Hortencia e pediu-lhe que abrisse as janellas: es-

tava fatigada do ambiente escuro; necessitava de ar, de luz, para se restaurar, completamente, na posse de si mesma, dos seus habitos elegantes, como se lhe não houvesse perturbado o coração e o espirito a dura impressão que a fulminára.

— Muito bem, muito bem, Guilhinha — disse-lhe Hortencia, amimando-lhe o rosto — Como se sente?

— Bôa, completamente bôa, — respondeu-lhe a Marquezeta, com um melancolico sorriso — Eu te agradeço de coração, filha, o carinho com que me trataste. Que é do Oscar?...

— Oscar?... Não voltou ainda...

A Marquezeta fez um ligeiro gesto de impaciencia.

— Não se assuste — acudiu Hortencia — que não corre perigo.

— Desejo que me tragas os jornaes.

— Os jornaes? — inquiriu a moça, hesitante.

— Não tenhas receio. Previ tudo, como se assistisse, em sonho interminavel, ás scenas dolorosas destes dias. Eu não vivi estes dois dias; quero encher essa escura lacuna aberta na minha vida. O repouso restaurou-me as energias abaladas; nada sintó, sou forte e estou habituada aos mais crueis revêzes da sorte. Vamos, lê-me os jornaes, as noticias minuciosas: é preciso que nada me occultes.

Hortencia obedeceu; foi procurar os jornaes e voltou num instante e encheu a leitura.

A Marquezeta ouviu, impassivel, até um artigo intitulado — *Uma noite historica*, no qual o jornalista marcava, com um tom impressivo e doloroso, a descripção da partida da familia imperial.

Hortencia lia com vóz tremula de commoção:

«E' a lancha do Imperador! pensavam os que viam com a oppressão natural, que devia provocar aquelle annuncio da imminencia de um grande perigo.»

«Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fôsse alterada a monotonia do socego da noite. A suspeita de que acabava de atracar a embarcação que devia receber o monarcha deposto, a anciedade de perceber o movimento significativo, no portão do paço, prolongou, indefinidamente, a duração desta expectativa. O profundo silencio do logar pareceu fazer-se maior, nessa occasião, como si a noite comprehendesse que se ía, allí mesmo, estrangular a ultima hora de um reinado. A tranquillidade que havia era lugubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do morder do freio dos corceis de cavallaria, em recantos afastados. Frouxamente clareados pela illuminação urbana, as casas ao redor do largo, os edificios publicos pareciam adormecidos. Nenhuma luz

nas janellas, a não ser nos ultimos andares de uma casa de saúde.»

«Apezar disso, que se acreditaria indicar completa ausencia de espectadores para a scena que se ía passar, muitas janellas abertas appareciam, como retabulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitoris escuros...»

«Em homenagem á severidade da determinação do governo revolucionario, ninguem queria *ter sido* testemunha da mysteriosa eliminção de um soberano.»

«A's trez horas da madrugada, menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do paço, houve um ruidoso tumulto de armas e cavallos. As patrulhas, que passeavam de ronda, retiraram-se todas a occupar as entradas do largo, pelo meio do qual, através das arvores, illuminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os postes melancolicos dos lampeões de gaz.»

«Appareceu então o prestito dos exilados.»

«Nada mais triste. Um coche negro puxado a passo por dois cavallos, que se adeantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando! A' frente, duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véos, como a buscar caminho para o triste vehiculo. Fechando a marcha, ia um grupo de cavalleiros que a perspectiva noturna detalhava em negro perfil. Divisavam-se vagamente sobre o grupo os pennachos vermelhos das barretinas de cavallaria.»

«O vagaroso comboio atravessou em linha recta, do paço, em direcção ao molhe do cães do Pharoux. Ao approximar-se do cães, apresentaram-se alguns militares a cavallo, que formaram em caminho.»

«— E' aqui o embarque? — perguntou timidamente uma das senhoras de preto aos militares. O cavalleiro que parecia um official, respondeu com um gesto largo de braço e uma attenciosa inclinação do corpo.»

«Por meio dos lampeões que la deixam a entrada do molhe, passaram as senhoras. Seguiu-se o coche fechado.»

«Quasi na extremidade do molhe, o carro parou e o sr. d. Pedro de Alcantara apeiou-se, um vulto distincto, entre outros vultos distantes, para pisar pela ultima vez a terra da Patria.»

«Do posto de observação em que nos achavamos, com a difficuldade da noite escura, não podemos distinguir a scena do embraque.»

«Foi rapido, entretanto. Dentro em poucos minutos, ouvia-se um ligeiro apito; echoava no mar o rumor egual do helice da lancha; reapare-

cia o clarão da illuminação interior do banco; e, sem que se podesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda a força de vapor, o ruido do helice e o clarão vermelho afastaram-se da terra...»

A leitura expirou como um suspiro maguado. Hortencia fitou a Marquezeta, cujos olhos, muito abertos, pareciam despedir scentelhas de concentrada colera.

— Uma infamia — exclamou ella, erguendo-se.

(Continúa)

## SCIENCIA E INDUSTRIA

O ACIDO FORMICO—O DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS MUSCULARES—O ELIXIR DE LÉMERY SEGUNDO O DR. CLÉMENT.

Nunca é prudente ridiculisar os processos antigos em todos os ramos dos conhecimentos humanos, especialmente da therapeutica dos antigos.

A' maneira dos curandeiros, nós tratámos as fracturas com massagens; tratámos, como os feiticeiros antigos, a albuminuria com infusões de rhim de porco; a neurasthemia com injeccões de extracto de medúla ou de cerebro de carneiro. E os nossos medicos modernos estão, agóra, prescutando as receitas secretas dos nossos tetravós.

Nos ultimos seculos, encontrava-se em todas as pharmacias, um preparado famoso, de enorme voga — o elixir da magnanimidade de Hoffmann, o qual curava todas as molestias e produzia maravilhas nos vapores, nas flatulencias, nas perturbações estomachicas. Era preparado com formigas maceradas em espirito de vinho.

—Tomae—dizia o velho Lémery—dois punhados de formigas e uma meia garrafa de espirito de vinho; deixa-os em digestão num vaso bem fechado até que a putrefacção as reduza a licôr. Distillae depois em banho-maria e perfumae com licôr de canella.»

Ninguem tomaria hoje esse elixir; mas um medico de Lyão, o dr. Clément, teve a curiosidade de investigar o que havia no fundo desse preparado e pensou no acido formico. Tomando oito a dez gottas desse acido num liquido alcalino, pôde notar, em si mesmo, factos muito curiosos.

O primeiro effeito observado foi uma especie de excitação do systema nervoso, que incita ao movimento. A marcha, a ascensão, a montanhas, a natação e esgrima, se tornaram mais faceis com ligeiro esforço. Ha visivel augmento de energia e força muscular, não em sensações objectivas, mas em factos reaes evidenciados pelo dynamometro.

Em experiencias feitas sobre varios individuos, o dr. Clément pôde con-

statar que alguns que não podiam fazer passar a agulha do dynamometro além de 40 ou 50, chegavam, no fim de alguns dias de uso do acido formico, a 56, 58 e 60. Em doentes de affecções diversas, muito pouco vigorosos, obteve os mesmos resultados.

Nas experiencias feitas com o ergographo, instrumento para medir a fadiga, os resultados não fôram menos concludentes.

O dr. Huchard, continuador recente das experiencias do dr. Clément, confirmou aquelles resultados. O poder muscular augmenta, rapidamente, após as primeiras dozes do medicamento; de 9 kilogrammetros, antes do uso do formiato, elle obtinha 20 e mesmo 30 no quinto dia.

E' preferivel tomar os saes alcalinos em vez do acido, que irrita o estomago.

O acido formico actúa activando as trócas musculares, e, embóra, como pensa o dr. Huchard, determine uma certa anesthesia muscular, uma diminuição da sensação de fadiga, a sua acção real está completamente demonstrada.

E assim temos o acido formico, nesta epocha de sports excessivos, promovido, para os debeis, ás honras de um tonico muscular.

O dr. Adolphe Cartaz, de quem tomámos esta noticia, affirma que um dos seus jovens collegas de collegio, tinha o singular costume de comer a trazeira de formigas, encontrando nesse petisco um gosto delicioso. Isso que elle considerava, então, uma depravação, era, talvez por instincto ou atavismo, uma utilização das propriedades estimulantes do acido formico.

Os matutos do norte, os indios têm o habito de comer formigas. O bojudo ventre das tanajuras é de um sabor exquisito.

Uma das demonstrações mais eloquentes dos effeitos do acido formico, é a força prodigiosa dos tamanduás, que se nutrem exclusivamente de formigas.

### THEZOUROS DE JESUITAS

Refere o conego João Pedro Gayna *Historia da Republica do Paraguay*, que os padres das Missões obedeceram, em 1768, com docilidade ás ordens do governador Bucareli, porque não supunham que a sua *expulsão das reduções fôsse tão seria nem que fôsse duradoura*.

Em uma allocução feita por um jesuita, no momento da partida, aos neophytos reunidos em S. Nicolau, lhes foi recommendado: «Já por duas vezes nós arrancaram do meio de vós, porém Nosso Senhor logo nos restabeleceu em nossos povos junto de vós.

Sim, brevemente tornaremos a voltar, porém guardai-vos bem durante nossa ausencia *de descobrir os segredos e os thezouros* de S. Nicoláu e de vossos padres. Os outros não vos querem e gastariam todos vossos thezouros se soubessem delles. Antes morrer do que descobrir os *segredos e os thezouros* de S. Nicoláu e dos padres, porque essa morte será premiada pela felicidade eterna.»

Reprodúz depois a seguinte narrativa do indio Christoval:

«Na noite anterior á saída do cura e do seu sacristão-piá, o cura e o seu companheiro depois da ceia chamaram os seus sacristães e com os seus lenços lhes tapavam cuidadosamente os olhos e os ouvidos. Fizeram-os então, durante varias horas, carregar caixas pezadas, com as quaes desceram degraus como quem ia á quinta, e depois lhes fizeram dar varias voltas com as mesmas caixas, para que os sacristães não podessem conhecer o rumo do caminho que levavam. Fizeram em seguida passar os mesmos piás um do lado de dentro, outro do lado de fóra do aposento onde tinham carregado as caixas, e neste intervallo ouviram elles socar terra, e ao fim de algum tempo tendo parado o rumor, o primeiro piá impaciente destapou um pouco os olhos e os ouvidos e disse devagarinho para o seu companheiro, que ouvia gemer um indio, que lhe parecia ser o cosinheiro, que morria enforcado em presença dos padres. Ao depois, fôram chamados os piás para socarem tambem terra. O que feito, fôram levados para os seus aposentos, e na madrugada da mesma noite partiu o padre cura com o seu sacristão, sem que nunca mais o indio narrador tivesse noticia delles. Pela manhã, tinha desaparecido o cosinheiro. De tarde, o padre companheiro mandou o seu sacristão Christoval que fôsse pedir a benção a seu pai, para partir na noite seguinte com elle.»

«Mas o piá assustado fugiu para o monte onde se conservou mais de um mez até que soube que havia no povo corregedor castelhano.»

«Dizia, pois, Christobal que elle tinha ajudado a esconder os thezouros dos padres jesuitas de S. João; que está certo que elles se achavam na quinta dos mesmos jesuitas.»

Como aconteceu nas Missões, é provavel que os padres da companhia julgassem de pouca duração a sua ausencia. Contavam com os grandes recursos de influencia e de dinheiro para serem restaurados nos seus vastos dominios da America do Sul. E' portanto, provavel que, no presupposto de proxima volta, não levassem os thezouros, e os escondessem em logares seguros eliminando todos os testemunhos dos esconderijos.

E tanta confiança tinham no seu

prestigio que pensavam, em 1767, em volver ás Missões, apesar do exemplo de expulsão de Portugal e suas colonias em 1759.

Não é provavel que tenham levado os seus thezouros, porque foi muito sévera a arrecadação dos bens que fôram encontrados, como se verifica de documentos officiaes, já publicados no Brazil e de um livro de Domingos Bravo, no qual se encontram as minucias da arrecadação feita por Bucareli y Ursua, um inventario no qual foi mencionado até a roupa do corpo dos padres exilados.

### APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

SEABRA, (José Joaquim) operoso ministro da Justiça, cognominado o Constructor... E' effectivamente o mais digno representante do Governo das Fachadas, emulo do não menos operoso sr. Muller—a cujo *abre-te Sezamo*, vão surgindo os palacios-remendos com que se pretende fazer da avenida Central a primeira do mundo. O illustre sr. José Joaquim, na esphera do seu ministerio, vae tambem movendo o braço do extraordinario engenheiro remendão que o auxilia. Os carcomidos pardieiros, dentro dos quaes medram indolentemente os Negocios Interiores, a Justiça e a Instrução Publica, se transformam, de subito, como num pezadello, nessas obras primas de estylo safardana, cujos soberbos padrões são a Polytechnica e a Côte de Appellação... Para o Largo de S. Francisco mudou-se uma pedreira toda, negocio excellente, a tentar o cavouqueiro que houver de arrazar aquillo mais tarde, e no casarão da rua do Lavradio o Ministro Architecto quiz tambem provar que pôde fazer *modern style*: como motivo decorativo, aquella colossal tampa de barrica é bem achada, é digna da Justiça e do seu Ministro.

O sr. José Joaquim mostra-se, ao mesmo tempo, o provado homem de pulso deste Governo forte, ora expedindo funestos regulamentos inquisitoriaes, que se não executam nunca, mas ficam de pé, irrevogaveis e esquecidos, ora mostrando-se, nas noites de Pavor, o menos medroso, e o mais duro na vindicta. E' com profundo conhecimento de causa que o nosso Marquez de Pombal domina uma Insurreição, pois ninguem melhor do que elle, sabe como se põe de pernas para o ar esta mal assentada Ordem Publica do Brazil.

\* \*

AZEVEDO, (Arthur) natural de Athenas, poeta, prosador, comediographo,

revistographo, critico litterario, critico theatral e critico d'arte, de que é colleccionador apaixonado.

Poeta, lembramo-nos da sua amavel inspiração, que ainda hoje manipula as doiradas pilulas metricas de *Gavroche*. *Conteur* e *chronista*, escreveu graciosos contos e chistosas chronicas. *Comediographo* e *revistographo*, fez o *Amor por Annexins*, e uma groza de revistas d'anno, todas amadas do publico, que hesita entre ellas e o *Abacaxi* do sr. Vicente Reis. E' um critico sempre gentil, protege com carinho os nossos genios que surgem—é o Sarcey brasileiro, nem o *embonpoint* lhe falta. Entretanto, estranha coisa! os nephelibatas não o supportam, sem que o bondoso sr. Azevedo lhes tenha jámais feito mal.

Atravéz da sua paixão de colleccionador de obras d'arte, adivinha-se uma fina sensibilidade de contemplativo e uma requintada intelligencia, que as applaudidas revistas theatraes não pôdem deixar perceber. E' um sincero patriota, além de tão boa pessoa. A sua preocupação incessante do renascimento do theatro nacional, é digno de admiração: A sua fé no remodelamento da scena brazileira é immensa, e nós comungamos nella: presentimos que nos será dado em breve assistir, entre as muralhas grandiosas do grandioso Theatro Municipal, representada por uma grande companhia brazileira, uma grande peça nacional—*O Badejo*...

PEDRO INNOCENCIO.

### "Os Annaes"

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro e segundo trimestres d'OS ANNAES.

### DIVERSÕES

#### XADREZ

*Origem e historico.* — O dr. Duncan Forbes, na sua obra *The History of Chess* (Londres, 1860) projectou um fôco luminoso sobre a verdadeira origem do xadrez. A India mysteriosa dos antigos Brahmanes foi o seu berço incontestavel. Sabe-se quanto a India viveu arredada do convívio universal durante muitos seculos. Todos os mysterios da sua religião, dos seus ritos, eram completamente vedados a estrangeiros. Só moderadamente esses mysterios fôram desvelados. Foi assim conhecida a litteratura indica, em que avultam os Vedas, livros sagrados, que contêm os preceitos da sua religião, os Pauranas, o Ramayana e o Mahabharata, poemas historicos. Ora, no Bhavishya Paurana, ha trechos que se referem ao xadrez, e que mostram claramente que elle já era conhecido 3.000 annos antes da era christã. A chapa da *noite dos tempos* nunca teria mais exacta applicação do que a essa remotissima origem.

Na sua fôrma primitiva, o jogo do xadrez era realmente um jogo, a que não faltava

mesmo o dado e se chamava *Chaturanga*, que significa: *chatur*, quatro; *anga*, um membro. Assim se denominava um exercito composto de quatro especies de forças, infantaria, cavallaria, elephantes e navios. O taboleiro tinha, como hoje, 64 casas; mas eram quatro os jogadores, cada um com 4 piões, um rei, um cavallo, um elephante e um navio. As peças de cada jogador tinham côr differente das dos outros e eram collocadas nos quatro angulos do taboleiros.

Os jogadores das peças verdes e pretas eram alliados; assim como os das amarellas e vermelhas. O elephante é a torre de hoje e o navio — o bispo. Os lances eram determinados a dado; conforme o numero, o jogador era forçado a mover uma ou outra das peças. O rei se movia, como actualmente, mas não havia o roque. O pião não tinha o movimento inicial de 2 casas. O elephante podia mover-se como a torre. O cavallo tinha exactamente a marcha que ainda tem. O navio, que é hoje o bispo, tinha a sua marcha restricta a duas casas em diagonal. Em certos momentos da batalha um dos reis alliados assumia o commando supremo das forças. Eis ali resumidamente o que foi o xadrez na sua fôrma primitiva, que conservou durante uns 4.000 annos, até ao 6º seculo da era christã. Veremos as suas transformações successivas.

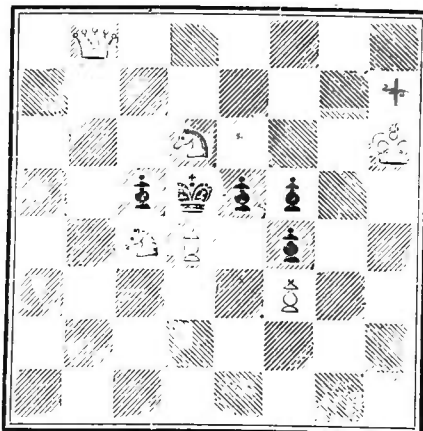
\* \*

François André Danican Philidor, de quem publicamos hoje uma partida, jogada, simultaneamente com mais duas, *sem ver os taboleiros*, fulgurou no seu seculo sem competidor, e com tal intensidade, que ainda hoje os mestres vão aprender nas suas lições grandes ensinamentos. A sua theoria está effectivamente atrazada, mas elle marcou uma epocha memoravel na historia do xadrez. Nasceu em Dreux, a 7 de setembro de 1726 e morreu em Londres a 3 de setembro de 1795. Era compositor musical de grande merito, mas a sua fama universal é a de enxadrista. Publicou uma *Analyse do xadrez*, que, se, como dissemos, não pôde hoje ser aceita em todos os pontos, é um admiravel documento da sua lucidez e maravilhosa perspicacia, principalmente nos fins de partida. Ainda não teve rival no manejo dos piões. As suas partidas são modelos de estratégia. Jogava até trez partidas simultaneas, sem ver os taboleiros, e ainda dava partido, como na que váe em seguida. No prefacio da segunda edição da sua obra, elle diz: «Creio ter aperfeiçoado a theoria de um jogo que muitos auctores celebres, taes como Leibnitz, tratam de sciencia.» E esse serviço é tão real, que lhe valeu a immortalidade.

#### PROBLEMA Nº 4

Luiz Soares

PRETAS (5)



BRANÇAS (6)

Mate em trez lances

#### PARTIDA Nº 4

IRREGULAR

(Philidor joga trez partidas simultaneas sem ver os taboleiros e dá o partido do PBR e do lance.)

Branças		Pretas	
(Leycester)		(Philidor)	
P 4 R	— 1 —	P 4 B D	
D 5 T R (x)	— 2 —	P 3 C R	
D X P B	— 3 —	C 3 B D	
P 3 B D	— 4 —	P 4 R	
D 3 R	— 5 —	C 3 B R	
P 3 T R	— 6 —	P 4 D	
P X P D	— 7 —	C X P D	
D 2 R	— 8 —	C 5 B R	
D 3 B R	— 9 —	B 3 T R	
B 5 C D	— 10 —	Roque T'R	
D 4 R	— 11 —	B 4 B R	
D 4 B D (x)	— 12 —	R 1 T R	
D 1 B R	— 13 —	B 6 D!!	
B X B D	— 14 —	C X B R (x)	
R 2 R	— 15 —	T X P B (x)	
D X T R	— 16 —	C X D	
R X C	— 17 —	D 6 D	
C 2 R	— 18 —	T 1 B R (x)	
R 1 R	— 19 —	P 5 R	
T 1 B R	— 20 —	T X T (x)	
R X T	— 21 —	D 7 B D	
R 1 R	— 22 —	C 4 R	
C 3 T D	— 23 —	C 6 D (x)	
R 1 B	— 24 —	D 8 D (mate.)	

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 3: 1—D 1 T, P move-se (a.); 2—R 2 R, *ad libitum*; 3—D 4 T ou R 3 C mate; (a) 1..., R 5 C; 2—R 2 C, *ad libitum*; 3—D 3 ou 4 T (mate).

\* \*

Sr. Tacito. — E' com muito prazer que publicaremos os problemas que nos enviarem os nossos leitores.

JOSÉ GETULIO.

Contamos que o *kaiser*, na sua primeira viagem á capital da Italia, disse que tinha vontade de offerecer á cidade eterna uma estatua do creador do *Fausto*. Os italianos, como é natural, cantaram muitos agradecimentos. O imperador ficou mais entusiasmado. Tanto mais entusiasmado quanto elle mesmo desenhou o projecto, mandou executal-o pelo escultor que elle consagrou, com a mesma sentença com que consagrou Zola; remetteu a estatua para Roma, ao mesmo tempo que remetteu o recado de querer, elle proprio, inaugurar o monumento sobre... o Pincio!

— Menos ali — resmungaram os italianos — Que o Pincio é o asylo das glorias nacionaes e, demais, é o logar donde melhor se contempla o pôr do Sol, e, em ultima analyse, Goethe, que morreu pedindo luz, não quereria ver pôr de Sol.

Os italianos, de resto, não gostaram da estatua, uma coisa complicada, nebulosa, sem harmonia, sem juizo — nephelibata — como diriamos ha poucos annos. O *kaiser* damnou-se. Era uma desfeita. Napoleão e Valadier estavam lá. Um era Napoleão e o outro era o auctor do terraço do Pincio. Dois francezes; era demais. Quizeram contental-o: deram-lhe a Villa Borgliese para a festa. Não quiz; estava emperrado. Guilherme voltou á Alemanha, e a colonia allemã, em Roma, fez a inauguração, clandestina, da estatua, onde se lê:

*A' cidade de Roma, Guilherme, imperador allemão.*

O *kaiser* váe ter tambem estatua. E' em Rominten, onde elle gosta de caçar.

O auctor é Pfretzschner, que fará, no bronze, o imperador, em traje a caracter, contemplar um javali,—o que elle feriu, ultimamente, com dois golpes de alabarda.



## SYSTEMAS DE NUMERAÇÃO

## MUDANÇA DE BASE

## 2º processo

19—O segundo processo, tão logico quanto o primeiro, é de uma execução muito mais simples. Vamos determinar os algarismos das ordens do numero na nova base, começando pelas ordens inferiores.

20—Dividamos o numero dado por  $b'$ , base do novo systema. O quociente desta divisão indicará quantas vezes a base se contém no numero dado e por consequencia o numero de unidades de segunda ordem que esse numero encerra. Quanto ao resto da divisão, que é naturalmente inferior á base, por ser esta o divisor, representa unidades de primeira ordem.

E teremos, indicando os calculos:

$$\frac{N}{b'} = q + \frac{r}{b'}$$

Donde :

$$N = b' q + r$$

21—Dividamos novamente pela base  $b'$  o quociente  $q$ , que representa, como vimos, unidades de segunda ordem.

O quociente da divisão indicará quantas vezes  $b'$  se contém em  $q$  e representará, portanto, unidades de terceira ordem, porque isso equivale a determinar quantas vezes o quadrado da nova base se contém em  $N$ .  $\left(\frac{N}{b'} \div b'\right)$  O resto, da mesma especie que o dividendo, representará unidades de segunda ordem.

Assim :

$$\frac{q}{b'} = q_1 + \frac{r_1}{b'}$$

Donde :

$$q = b' q_1 + r_1$$

E substituindo este ultimô valor de  $q$  na egualdade anterior do n. 20, vem :

$$N = b' (b' q_1 + r_1) + r$$

Ou :

$$N = b'^2 q_1 + b' r_1 + r$$

Pelas mesmas razões:

$$\frac{q_1}{b'} = q_2 + \frac{r_2}{b'}$$

Donde:

$$q_1 = b' q_2 + r_2$$

E:

$$N = b'^2 (b' q_2 + r_2) + b' r_1 + r$$

$$N = b'^3 q_2 + b'^2 r_2 + b' r_1 + r$$

E as divisões vão se succedendo, até apparecer um quociente inferior a  $b'$ , o qual indicará o algarismo da mais alta ordem do numero na nova base.

22 — Chegaremos por fim á seguinte fórmula geral:

$$N = b' \left( b' \left( b' \dots \left( q_m b' + r_m \right) + \dots r_2 \right) + r_1 \right) + r \quad (1)$$

Ou :

$$N = b'^{m+1} q_m + b'^m r_m + b'^{m-1} r_{m-1} + \dots$$

$$+ b'^2 r_2 + b' r_1 + r \quad (2)$$

$$N = 10^{m+1} q_m + 10^m r_m + 10^{m-1} r_{m-1} + \dots$$

$$+ 10^2 r_2 + 10 r_1 + r \quad (3)$$

$$N = q_m r_m r_{m-1} r_{m-2} \dots r_2 r_1 r \quad (4)$$

Ou, finalmente, tornando a fórmula symetrica (vide infra nota a) :

$$N = r_m + r_{m-1} r_m + r_{m-2} r_{m-1} r_m + \dots r_2 r_1 r \quad (5)$$

23 — EXEMPLO : Seja o mesmo numero 423, do exemplo já dado, que queremos mudar do systema de base seis para o de cinco.

Dividamos 423 por 5, effectuando as operações na base seis :

$$\begin{array}{r|l} 423 & 5 \\ 41 & \cdot 51 \\ \hline 13 & \\ (+) & \end{array}$$

$$423 = 5 \times 51 + 4$$

Em 423 ha 51 unidades de segunda ordem quinary e 4 de primeira.

Vejamós agora quantas unidades de ordem immediatamente superior ha em 51, que se compõe de unidades de segunda ordem. Isto é : vejamos quantas unidades de terceira ordem ha em 51, para o que basta dividir 51 pela base 5 :

$$\begin{array}{r|l} 51 & 5 \\ (1) & \cdot 10 \end{array}$$

$$51 = 5 \times 10 + 1$$

Em 51 ha 10 unidades de terceira ordem ; e o resto 1 representa as unidades de segunda ordem, da mesma especie do dividendo.

Vejamós ainda quantas unidades de ordem imediatamente superior ha em 10, que se compõe de unidades de terceira ordem. Isto é : vejamos quantas unidades de quarta ordem ha em 10, para o que basta dividir 10 pela base 5.

$$\begin{array}{r|l} 10 & 5 \\ (1) & \cdot (1) \end{array}$$

$$10 = 5 \times 1 + 1$$

Em 10 ha 1 unidade de quarta ordem e 1 de terceira, representada pelo resto.

Fazendo as devidas substituições :

$$\begin{aligned} 423 &= 5 [5 (5 \times 1 + 1) + 1] + 4 = \\ &= 5^3 \times 1 + 5^2 \times 1 + 5 \times 1 + 4 = \\ &= 10^3 \times 1 + 10^2 \times 1 + 10 \times 1 + 4 \end{aligned}$$

Ou, finalmente :

$$\begin{array}{l} \text{(seis)} \quad \text{(cinco)} \\ 423 = 1114 \end{array}$$

24 — Na pratica dispõe-se assim o calculo :

$$\begin{array}{r|l} 423 & 5 \\ 41 & \underline{51} \quad 5 \\ \hline 13 & (1) \quad \underline{10} \quad 5 \\ 5 & (1) \quad \underline{(1)} \\ \hline (4) & \end{array}$$

25 — NOTAS — a) Os algarismos das diferentes ordens são representados pelos restos das divisões successivas, tomados em ordem inversa, excepção feita do da ordem superior que é representado pelo *quociente* da ultima divisão, indicado na fórmula (4) por  $q_m$ , por ser de facto o quociente da divisão de ordem  $m$ . Mas se dividissemos ainda este quociente, como fizemos aos precedentes, pela base  $b'$ , teriamos :

$$\frac{q_m}{b'} = 0 + \frac{r_m}{b'}$$

Ou

$$q_m = 0 + r_m$$

pois, como se sabe,  $q_m$  é menor que  $b'$ . Dessa maneira poderíamos representar o algarismo da mais alta ordem, como na fórmula (5), por  $r_m$ , o que a tornaria mais symetrica.

b) O numero na nova base terá tantos algarismos mais um quantas fôrem as divisões.

b) As operações dever-se-ão effectuar na base em que se acha escripto o numero.

d) Este processo emprega-se no caso particular da mudança de base de um numero escripto no systema usual para um outro systema qualquer, porque assim as operações serão effectuadas na base decimal. Exemplo. Seja o mesmo numero dado na nota *d* do primeiro processo e que queremos tambem passar da base decimal para a base *oito*.

$$\begin{array}{r|l} 792 & 8 \\ 7(0) & \underline{99} \\ \hline & 8 \\ 99 & \underline{12} \\ 1(3) & \\ \hline & 8 \\ 12 & \underline{(1)} \\ (4) & \end{array} \quad \begin{array}{l} 792 = 8 \times 99 + 0 \\ 99 = 8 \times 12 + 3 \\ 12 = 8 \times 1 + 4 \end{array}$$

Fazendo as substituições :

$$\begin{aligned} 792 &= 8 [8 (8 \times 1 + 4) + 3] + 0 \\ &= 8^3 \times 1 + 8^2 \times 4 + 8 \times 3 + 0 \\ &= 10^3 \times 1 + 10^2 \times 4 + 10 \times 3 + 0 \end{aligned}$$

ou, finalmente :

$$\begin{array}{l} \text{(dez)} \quad \text{(oito)} \\ 792 = 1430 \end{array}$$

Os restos da fórmula (5) tomaram os seguintes valores

$$r_3 = 1, r_2 = 4, r_1 = 3, r = 0.$$

(Continúa.)

FROTA PESSÔA.

## OS PARENTHESSES

(ED. ROSTAND)

Naquella tarde, junto a um carvalho alteroso,  
(Carvalho que talvez fôsse uma tilia apenas)  
Sentando-me a teus pés no relvado cheiroso,  
Puz-me a onvir de tua vóz as inflexões serenas,

Loura, como se é loura em romances inglezes,  
Davas á tua cadeira um movimento egual;  
Ouviamos um melro assobiar por vezes,  
(Melro que era talvez apenas um pardal.)

De uma orchestra longinqua um andante nos vinha,  
(Andante que talvez fôsse apenas um fado.)  
Com um grande gesto verde, a ramagem visinha  
Parecia tocar um violino encantado.

Todo o céu se diluía em fitas d'ouro e sangue,  
E ao longe, a superficie espelhante de um lago  
(Lago que era talvez apenas algum mangne)  
Reflectia o perfil dum bosque azul e vago.

E enquanto uma esperança em mim azas abria,  
(Uma esperança que talvez fôsse um desejo)  
Teu inquieto balanço as rendas sacudia,  
E eu tentava, no vôo, imprimir-lhes um beijo.

Sobre as dobras sem fim dos fólios e das gazes,  
Eu me punha a fazer calculos transcendentos.  
Languidos, a scismar, nós trocavamos phrases,  
(Phrases que eram talvez palavras innocentes.)

O teu véo se agitava, e a gola rica e immensa,  
De um bordado subtil de Genova precioso,  
(Genova que talvez fôsse apenas Valença)  
Muitas vezes velava o teu olhar formoso.

Negro como um borrão n'alva margem dum texto,  
Caíu no teu vestido um insecto — e o temor  
(Temor que era talvez apenas um pretexto)  
Fez-te unires-te a mim, buscando um protector.

Para o pallido céu um galho alto e direito,  
Como a avisar-me, erguia um dedo esguio e nú.  
Anoiteceu. Crusaste um chale sobre o peito.  
(Chale que era talvez apenas um fichú).

A sombra nos levou a confidencias graves...  
Nos teus olhos azues, brilhantes como o mar,  
Eu vi então de uma alma os tons fundos e suaves.  
(Alma que era talvez apenas um olhar).

1905.

LEOPOLDO BRIGIDO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. ... 20\$000  
 SEMESTRE .. ... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1<sup>a</sup> DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Constantinopla, pousada num dos mais bellos sitios do planeta, esse Bosphoro tão gabado pelos poetas, pelos *touristes*; Constantinopla, a cidade dos minarêtes esguios, dos monumentos de uma arte pittoresca, dos harems mysteriosos, donde emana a capitosa essencia das houris do Propheta; a metropole dos cães famintos e do lixo, mantem o *record* da porcaria: é uma cidade que se não lava, nem se irriga. O Rio de Janeiro tem a lamentavel honra de rivalisar com a porcaria bysantina, olvidando esse luxo das lavagens que, na opinião de certos epicuristas do estrume, enfraquecem o organismo, provocam resfriamentos e outros accidentes contra a saúde, confirmando o velho adagio: não se morre de sujo.

Houve generosas tentativas no caridoso intuito de lavar a cidade; mas, como a agua dos sete rios, captadas em varios tanques, elevados á pomposa categoria de reservatorios, não fôsse sufficiente para matar á sede dos cariôcas, para lhes lavar as casas e os corpos, para as suas cosinhas e as suas industrias, para suffocar os incendios, regularmente pavorosos e jámais debellados; como fôsse classicamente escasso o precioso liquido, aquellas tentativas fôram mallogradas e a cidade teve de se resignar ao triste fado de cidade immersa em nuvens de pó asphyxiante.

Em vão, clamam os especialistas que essa poeira letal condúz nas suas molleculas imperceptiveis os germens de molestias devastadoras: ella é o vehiculo da tuberculose, esse minotauro microscopico exigindo um monstruoso tributo de vidas, corrompendo os mananciaes da nossa raça, minando as nossas energias e nos condemnando a um desgraçado porvir de tysicos. Os clamores da sciencia se quebram, sem echo, nas muralhas da incapacidade

administrativa, protegidas por umas tantas idéas conservadoras do bolôr da indiferença, dos preconceitos e do macio, do avelludado musgo da ignorancia.

Houve tempo em que, ás horas caniculares, rodavam pelas praças umas carrocinhas ridiculas que andavam a zig-zaguear acima e abaixo, despejando em esguichos de regador alguma agua, avidamente absorvida pelo sólo poeirento, formando apenas uma crôsta de lama em poucos minutos evaporada.

Essa razão d'agua cessou por insufficiente. Apareceu coisa melhor, um projecto de electrizar a agua salgada para tornal-a formidavelmente microbicida e, na fé desse portentoso melhoramento, emprehendeu-se com muita animação a execução do caridoso projecto de irrigar a cidade.

Para o mecanismo de electrização do salso elemento, se construiu um bello edificio que nos custou a ninharia de duzentos e cincoenta contos de réis; mas, não sabemos porque, a fabrica de agua jámais chegou a funcionar ou funcionou de modo tão imperfeito que o projecto foi abandonado: ficamos com a poeira e um bello edificio alli para os lados da rua Fresca, o mesmo que está, agóra, submettido ao dente implacavel das picaretas demolidoras, porque atrapalhava as construcções exigidas pelo novo mercado.

E foi mantido o imperio da poeira, confirmando o proloquio: não se morre de sujo.

\* \*

Aos mais perspicazes como aos mais broncos, áquelles que se contentam e vivem felizes sem fadigas cerebraes depauperantes, com uma pequena dóze de instinctos desenvolvidos *quantum satis* para os distinguirem dos animaes; a esses bemaventurados e aos mais ladinos pareceria serem innocuas as aguas da bahia de

Guanabara para irrigar a cidade, mas não concordaram com isso os hygienistas, entre os quaes figuram medicos, que receitam aos seus clientes banhos tonificantes nessa bahia infecta, nessas praias onde se despejam as immundicies mais perniciosas á saúde, como as da praia de Santa Luzia, fóco dos exgotos da Santa Casa de Misericordia.

Nós já dissemos, em outra secção desta revista, que se essa agua, saturada de dejectos da sujidade cariôca, inclusive os de hospitaes independentes dos meios imperfeitos de saneamento empregados pela City Improvements, serve para o banho dos adoraveis corpos das nossas leitoras, para lhes tonificar os nervos excessivamente vibrates, para lhes exercitar os musculos no *sport* da natação, é concludente que deve servir para apagar a poeira das nossas ruas, muito embóra as lubrifique com uma ligeira camada de sal, um antiseptico de primeira ordem.

Dado que o não fôsse, os seus effeitos nocivos seriam, em todo o caso, preferiveis aos dessa nuvem de pó, formando sobre a cidade uma densa atmosphaera asphyxiadora, conduzindo ás nossas pobres entranhas microbios devastadores, penetrando as nossas casas, annullando todos os beneficos effeitos das providenciaes seringações da hygiene official.

Para que serve sanear casas, libertal-as dos mosquitos, dos anopheles, dos culex e outros infinitamente pequenos e ferózes inimigos da humanidade, se ellas vivem immersas, dia e noite, nesse pó terrivel, assassino que se diria feito de molleculas da propria morte triturada?

Devastam-se com piedoso zelo os portadores da febre amarella, da malaria, da peste bubonica, mas são respeitados os vehiculos da tuberculose, da grippe, da variola, mantendo um inexpugnavel elemento de contagio a invadir tudo — as choupanas dos pobres e as casas dos ricos, este nosso humilde gabinete de trabalho e o pa-

lacio do Cattete, onde a poeira macúla irreverente os tectos doirados, os moveis artisticos, os instrumentos de conforto do chefe da Nação e o proprio ambiente do quarto onde s. ex., nos rapidos instantes de interrupção do assédio cruel da politicagem, repousa meditando nos transcendentales problemas do governo.

Esse pó é irritante, é inimigo da saúde, do bem estar physico e moral, é adversario implacavel da esthetica e atrapalha, como um trambolho impalpavel, toda a nossa actividade.

Elle produz irritações e atrophias. A elle se deve attribuir a lentidão da marcha de certos negocios urgentes, como a reorganisação do Banco da Republica, o pagamento dos credores da Sorocabaua, a venda do Novo Lloyd; elle é culpado da falta de *quorum* na Camara dos deputados, como dos cutilantes discursos do sr. Barbosa Lima, essa catapulta infatigavel a malhar em ferro frio no ambiente de representantes da Nação, acocorados na moita das conveniencias, a prescrutarem as perspectivas da politica, perdidas nos turvos horisontes das futuras eleições, irisados de esperanças ou toldados de decepções.

E tão respeitavel, tão temivel é esse abominavel pó, que o prefeito não ousou ainda defrontal-o com a rapidez de acção, com o desembaraço febril e a sua desabusada intrepidez de d. Quixote da restauração desta velha casquilha, desta cidade de beccos e par-dieiros.

\* \* \*

A indifferença ante essa poeira, aggravada pela obra das demolições, chega a persuadir-nos de que os nossos homens de administração desdenham os meios faceis e baratos.

Si apparecesse uma empreza propondo-se a nos preservar dessa nuvem de poeira, empregando meios engenhosos, demandando apparatus complicados, consumindo enorme capital e exigindo fortes subvenções, uma empreza que offerecesse aquillo que se chama, em gyria administrativa, margem para alto negocio, conseguiria attraír, immediatamente, as vistas sollicitas do governo, cujo olhar se habituou a ver as coisas pelos prismas toldados de difficuldades, ou pelos oculos de augmento ás proporções do impossivel.

Irrigar a cidade com agua do mar! E' evidentemente absurdo, ridiculo, empregar esse elemento de limpeza, que Deus dá de graça em profusão inexgotavel, e custaria, apenas, o estabelecimento de algumas bombas possantes, distribuidas pelo littoral, apparatus muito menos dispendiosos que os empregados nas anteriores tentativas ephemeras, como essa de electrisação, installados no pomposo edificio demolido por incompativel com as obras do novo mercado.

Parece haver proposito em manter o nosso *record* de cidade suja. E tanto essa supposiçáo é fundada, que os indifferentes á irrigação, se mostram muito preocupados em não privar, com a nova avenida maritima, os ingenuos cariócas de se emporcalharem nos banhos de mar.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

### DE ASSUMPÇÃO A PERIBEBUY

Quando o exercito entrou em Assumpção, achou-a abandonada e deserta.

Pouco a pouco, porém, appareciam mulheres já idosas, como que explorando. A principio, vinham receiosas; mas, depois, o medo deu o logar á confiança.

De vez em quando, entrava uma pela casa de um official e pedia humildemente para levantar um tijollo ou cavar um buraco—e tirava uma panella com onças e patações.

Depois disto, quantos tijollos os novos moradores levantaram e quantos buracos abriram, sem resultado! Um amigo meu, que morreu general, viu, quando o camarada lavava uma sala, a agua sumir-se por um orificio do pavimento ladrilhado; mandou cavar fundo e descobriu uma panella de formigas.

Mais tarde, fôram chegando familias, constituídas exclusivamente de mulheres e creanças, que se tinham refugiado nos povoados proximos. A cidade ía perdendo o aspecto demasiado severo de praça de guerra. Nas ruas e largos, viam-se grupos de mulheres sentadas em pequenos tamborettes, vendendo em taboleiros de pau *chipas* e fructas, rendas, em que são eximias, e o afamado *inhanduty*, que dizem ser hoje o tecido mais de moda em Pariz. Todas, sem excepção, andavam descalças. Distinguiam-se pelo ar chibante as *quiguaverás*, com os enormes *trepamoleques* inclinados para uma das orelhas, das quaes pendiam

grandes arrecadas de ouro lavrado. Tinham os cabellos muito lisos e lustrosos de banha. Algumas com os *membys* ajoelhados no chão e as cabezinhas descançando sobre os joelhos, catavam-lhes os cabellos, povoados quasi sempre de *quys*, que passavam rapidos dos dedos dextros, já rôtos no dente, para os estomagos demasiado tolerantes. Si um *gringo* de realejo e macaquinho ás costas parava e moía alguma *habanera*, todo aquelle mulhério se levantava e punha-se a dansar. Si era a *Palomita*... que delirio!

Os cavalleiros eram os nossos soldados, que se revelaram aptos de mais para aquelles exercicios. Assim tivessem o mesmo gosto para os do tiro ao alvo!

Abriram-se armazens de comestiveis, bem sortidos, bilhares, hotéis e *restaurants*, que nos pareciam, então, de muito luxo, e casas de moda. Uma dellas, a do Palhares, era o Colombo da terra. Affluia gente de toda a parte com os olhos arregalados para o nosso minguado soldo. E' opinião muito corrente no exercito que o dinheiro dos soldados rende tanto, que chega para tudo. Quantas vezes, vi, nos dias de *prêt*, os realejos tocarem de manhã a noite, á custa delles!

Para que nada faltasse áquella pobre parodia da opulenta capital da campania, de proverbias delicias, onde até os energicos Samnitas e os duros soldados de Hannibal amolleceram, tivemos uma excellente companhia de comicos, que accendeu as gambiarras do theatro velho de Lopez, onde contavam que muitas vezes elle repetiu as mesmas scenas que Suetonio refere de Caligula nos seus festins.

As principaes figuras da aristocratica *troupe* eram: o Villas-Bôas, o nosso João Caetano; o Valle, que hoje anda pela rua do Ouvidor, de bigode branco, o Vasques; o Ezequiel, o Montenegro e o Colonia, o bom e jovial companheiro, que foi desapiedadamente fuzilado no Paraná. Entre outros dramas, levaram, com grande successo, os *Intimos*, de Sardou, em que o papel de Dejenais foi desempenhado pelo Villas-Bôas, chamado muitas vezes á scena. Havia, entretanto, grande difficuldade pela falta absoluta de mulheres. Os papeis eram feitos por officias moços, que manejavam o leque como se fôsse a espada e tinham uma voz detestavel de gallo novo ou tabóca rachada. Por isso, foi muito applaudida a representação do *Ghigi*, em que só entram homens, e o Villas-Bôas fez de Antonio Ferragio, e o pobre Colonia foi o pintor de lingua mutilada. Foi um theatro que nunca deixou de ter enchentes.

Havia outros divertimentos. Entre todos, notavam-se como os de maior predilecção os salões de baile, a boliviano por entrada. Eram todos *garitos*,

onde as libras e as onças, brilhando sobre o panuo verde, davam ás numerosas bancas um tom muito nacional. Nunca fui attraído pelo desejo de augmentar o meu soldo á custa dos camaradas.

Entre todos os gariteiros, o mais *fashionable* era o Franklim, sempre amavel e risonho. Foi em sua casa, que se desafiaram o Arthur Oscar e um capitão argentino, batendo-se na mesma hora do lado de fóra, á luz de um lampeão. O Arthur foi ferido na mão e o capitão no rosto.

Depois do duello, o Valerio, testemunha do Arthur, disse ao padrinho do adversario:

— Agóra nós, amigo.

E ficou nisto porque se apertavam as mãos, como fiéis e bons aliados.

Dois dos nossos companheiros, o Pedro Barbosa e o *Manecão*, filhos do nosso coronel supplicado pelo Dictador, possuíam um bella casa, de estylo hespanhol, com um grande pateo interior rodeado de columnas, e que se tornava um agradável céntrico de bôa palestra.

Alli, assisti a um banquete, que a officialidade déra em honra ao nosso eminente plenipotenciario, o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, que passou para a immortalidade com o titulo de visconde do Rio Branco.

A essa festa, assistiu, si me não falla a memoria, um velho senador do Imperio, que retribuiu a nossa gentileza com uma tremenda verrina, da tribuna da Camara Alta, contra nós.

Não sei si se verificava no illustre parlamentar o principio estabelecido, ha um seculo, pelo general Von der Decken, que o *interesse pessoal do paizano é a medida pela qual elle avalia a importancia do militar*.

Nessa festa, modesta pelos recursos de que dispnuhamos, mas sincera e altamente significativa, que os officiaes deram ao illustre homem de Estado, que alli figurava não só como o mais alto representante da nossa Patria, mas tambem como o mestre egregio da escola superior onde nós aprendiamos a sciencia e que, como nós, já tinha vestido o uniforme honroso de official do exercito, ouvi com verdadeira surpresa alguns discursos, felizmente poucos, em que se manifestou a opinião de não proseguir a guerra, que não passaria de uma *ingloria campanha de montoneras*.

Outros contestaram, affirmando que a hydra paraguaya não estava com todas as cabeças decepadas, e preparava-se na cordilheira para novos bores.

Eu, confesso, naquella epocha estava tão affeito aos nobres habitos da disciplina e da obediencia, com os quaes me sentia honrado e orgulhoso, que jámais pensei nessas questões. Dos meus camaradas, que tomaram a

palavra, havia alguns muito intelligentes, que escreviam correspondencias para os jornaes da Côrte e viviam muito enfronhados na politica.

O grande homem ouvia, impassivel e erecto, aquelles discursos vehementes e vibrantes de eloquencia, alguns correctos, outros, bem poucos, fóra das bôas normas disciplinares.

No seu olhar limpido, difficilmente olhos perspicazes poderiam vislumbrar um traço de ironia. Que juizo fazia elle daquelles *Quirites* cheios de pretensão?

O seu discurso de agradecimento foi um primor de calma, de bom senso e patriotismo.

Produziu nos poucos cerebros, onde fermentavam idéas de decomposição, a mais salutar influencia.

Depois do banquete, houve um *grande* baile em que o Amphrisio attingiu a méta dos escandalos choreographicos, que aprendeu, quando estudante em Pariz, nos salões do Mabilie.

Com a chegada do conde d'Eu, o exercito como que despertou da lethargia, em que o deixaram a retirada do marquez de Caxias e a falta dos seus grandes chefes: Osorio, Argollo, Andrade Neves, Fernando Machado e outros.

A nossa vanguarda não era mais commandada pelo glorioso adail das nossas victorias, o *Redivivo*.

Acampava, então, adeante do povoado de *Luque*, nas margens do arroio *Juquery*, onde havia uma ponte em curva, que o batalhão de engenheiros habil e rapidamente restaurou. Por ella passava a liuha ferrea de Assumpção a Villa Rica. Um dia, approximou-se um trem paraguayo com um canhão montado num carro, e atirou sobre as nossas avançadas.

Fazia parte das cavallarias da vanguarda o capitão Manoel Rodrigues de Macedo, o Folião, que jurou *enlaçar com o seu branco o canudo do vapor*. Quando voltou de novo o trem, elle saíu, a disparada, para cumprir o juramento, mas não pôde, porque a locomotiva desapareceu. O Folião era um dos ajudantes de Andrade Neves, e nas guerrilhas laçava os atiradores paraguayos e arrastava-os ao galope do *branco*. Nunca conseguiu, entretanto, *molhar* a lança antes do general.

Já era maduro naquella epocha, e no anno passado vi uma photographia delle passando um rio do Estado Oriental, como commandante de um corpo de Apparicio Saraiva. Estava ainda forte e bem *plantado* no seu *pingo*. Mestiço de europen, indio e africano, o atavismo deu-lhe os requintes da bravura feróz dos seus antepassados.

Contam que quando chegou o principe, o *Folião*, que se lembrava ainda das historias que as velhas lhe contavam no rancho onde nasceu, montou a cavallo para fazer-lhe uma visita.

Quando lhe appareceu, não quiz acreditar que fôsse elle, e saíu desilludido, murmurando:

— Pensei que fôsse outra coisa, mas é um homem como outro qualquer.

Quando voltei da expedição a São Pedro, o exercito já tinha abalado para o interior, e o joven general em chefe tinha o seu quartel general em Pirayú, pequeno povoado proximo á serra de Ascurra, forte posição onde o Dictador nos esperava com o seu exercito que conseguiu reunir dos restos do heroico povo.

Demorei-me poucos dias em Assumpção, onde tomei o trem e fui desembarcar no mesmo dia naquelle povoado, onde se achava o meu batalhão.

Estavamos no meiado de junho.

O principe, reconhecendo a grande difficuldade que nos oppunha a serra de Ascurra, resolveu contornal-a por um movimento de flanco. Nos fins de julho, marchámos. Em Sapucaia, encontramos a estrada obstruida por uma trincheira do inimigo, que quiz deter-nos o passo.

Abrimos uma picada na matta e flanqueámo-la. Os paraguayos abandonaram-na.

Penetrámos, depois de alguns dias de marcha, que não foi muito penosa, porque o frio do inverno nos era favoravel, na região aprazivel das Cordilheiras pela picada de Valensuela.

No dia 11 de agosto de 1869, chegámos á vista do povo de Peribebuy.

No dia seguinte, subiriamos ao assalto das suas fortificações.

A' noite, palestrámos até tarde fazendo conjecturas sobre o dia seguinte.

Todos nós eramos velhos soldados fatalistas e dormimos um somno profundo, que só foi despertado na madrugada seguinte, quando entrámos em fórmã para o alarme.

A cidade paraguaya estava circumvallada por uma extensa linha fortificada, que se estendia, irregular e mal traçada, pelas encostas de declividade suave. Correndo no fundo do valle, serpenteava o arroio Peribebuy, cujas aguas limpidas banhavam as faldas da casaria. Nós dominavamos completamente a posição inimiga. Todo o exercito do principe cercou-a ao romper do Sol. O batalhão de engenheiros devia avançar com pranchas e escadas para facilitar o assalto.

A nossa esquerda, cavalgando garboso um bello cavallo de raça, viamos o joven coronel argentino Luiz Maria Campos, um dos mais bravos officiaes do exercito alliado. Commandava uma brigada de infantaria. A brigada brasileira proxima ao meu batalhão, era commandada pelo coronel Wanderley Lins. O conde d'Eu dirigia a acção do nosso lado, ao alcance de fuzil.

Depois que a artilharia rompeu o fogo sobre a praça inimiga e bombardeou-a, as cornetas deram o signal de

avançar. Ouvi, então, o meu illustre amigo Luiz Maria Campos voltar-se para a sua tropa valente e luzida, dar a voz de commando, firme e rápida, e terminal-a com estas palavras: «Viva la patria querida». E partiu, arremessando-se na frente dos seus compatriotas com tanto impeto, que nós, para não ficarmos atrás na investida, tocámos a marche-marche até á contraescarpa do fôssô. Aquillo foi rapido. Os paraguayos se defendiam bravamente, mas o seu armamento não os auxiliava muito. Chovia da trincheira sobre nós projectis de todo o genero. O meu distincto camarada e amigo José Thomaz Carneiro da Cunha ficou com a cara quebrada por um tijollo, que o atirou de pernas para o ar.

O tenente Fausto de Lima, ajudante de ordens do principe, um temerario, ficou sem um pedaço da orelha, arrancado por um fundo de garrafa. De frente de mim e do João Felicio dos Santos, havia um velho, que cada vez que levantava a cabeça acima do parapeto e disparava o fuzil, levava-nos um camarada. Que boa pontaria e que calma daquelle homem!

Foi alvejado com cuidado e sumiu-se para sempre o terrivel atirador.

No fundo do fôssô, estava um joven alferes, nosso camarada, que brandindo a carabina de um soldado que rolára da contraescarpa ferido pelo velho terrivel, esforçava-se por chamar, do *angulo morto* onde se abrigára, á attenção sobre si, principalmente de algum chefe que chegava e a quem victoriava com o maior enthusiasmo.

Quando se approximaram os sapa-dores com as pranchas, o coronel Wanderley mandou lançar uma ao seu lado. Era uma taboa grossa, mas bastante estreita. O velho coronel subiu por ella de espada desembainhada e quando chegou á crista do parapeto, o seu nobre perfil, projectado no espaço enfumaçado, tinha proporções gigantescas. Relanceou o olhar para dentro do recinto e fez signal ao corneta de ordens para tocar *carga*. Em poucos instantes, as nossas forças estavam no terraplano e investiam, aos bandos, contra os paraguayos, que se retiravam em debandada, mas alguns ainda pelejando. Fez-me frente, com uma lança, um rapaziinho, que parecia forte; aparei o golpe, respondi e passei adeante. Logo depois, um soldadinho paraguayo, que não podia ter mais de doze annos, corria, todo ensanguentado, para o meu lado, acossado por um soldado nosso que o perseguia e já o ia alcançando quando elle se abraçou commigo, implorando que o salvasse. Mal tive tempo de conter o seu perseguidor. Nesse momento, passava por mim, a trote largo, o meu distincto camarada e amigo capitão Pedra, que gritou:

— Mata.

— Não — dizia eu — E' um prisioneiro, uma pobre creança e hei de defendel-o.

— Queres brigar por um paraguayo?

— Porque não? E' meu dever e farias o mesmo.

Dizia a verdade, porque era um distincto official. Esporeou o cavallo e seguiu a galope.

Conduzi o menino até á guarda dos prisioneiros.

Na praça principal, junto á porta da egreja, estava uma mulher moça e formosa, apesar da pallidez cadaverica, com um filhinho morto ao lado. Ambos tinham sido varados pela mesma bala.

Ao passar por baixo de um laranjal, vi mulheres escondidas na ramalhada, transidas de pavôr, algumas com os filhos nos braços. Em baixo, soldados as convidavam a descer, e ellas, como o gallo da fabula, desconfiavam das labias das velhas raposas, que aliás não tinham desejos sanguinarios.

Os rapazes do batalhão de engenheiros portaram-se, como sempre, bravamente. Era a primeira vez que entrava com elles em combate, e confesso que o Olympio da Silveira, o Arouca, o Panasco, o Alvaro Pereira e os outros honrariam as fileiras do corpo mais aguerrido, até mesmo do meu velho e glorioso Dezeseis.

Sentia-se que os soldados do Lopez já não tinham mais a resistencia daquelles de 1866, que o fanatismo fez praticarem as mais heroicas façanhas. Já ninguem acreditava na promettida resurreição. O tempo já lhes tinha ensinado a realidade.

O combate durou pouco — talvez menos de uma hora. Toda a guarnição inimiga caíu em nosso poder.

As nossas baixas fôram relativamente pequenas.

Já no fim, porém, quando se ouvia o toque de *cessar fogo*, caiu mortalmente ferido um dos nossos mais brilhantes generaes — o brigadeiro João Manoel Menna Barreto, elegante e bello typo de fidalgo, com a bravura tradicional da sua familia. Foi uma das maiores perdas que soffremos no exercito.

DIONYSIO CERQUEIRA.



## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO

PEÇA EM 3 ACTOS

A Arthur Azevedo

TERCEIRO ACTO

SCENA VII

OS MESMOS E ESTELLA

ESTELLA

Os senhores violaram a minha carta... Com que direito?

CAMILLA

Com o direito que tem todo o marido de conhecer os pensamentos de sua mulher.

ESTELLA

Ainda que taes pensamentos vão com endereço a um pae?

CARLOS

Sem duvida.

ESTELLA

E' muito escrupular. E leram? Todos os senhores leram? (*Silencio.*) Alliviaram-me de um trabalho fatigante. Porque a verdade é que, se eu me não achasse com coragem de declarar francamente a minha resolução, poupando-os ao incommodo de rebuscarem injurias inéditas, teria de redigir nova carta despedindo-me e agradecendo a todos o generoso agasalho que me deram.

CARLOS, avançando:

Pretendes sair? tu!

ESTELLA

Sem duvida.

CAMILLA, com calma:

Não te exaltes, Carlos. (*À Estella:*) E a senhora já pensou nas consequencias do passo que váe dar? Não falo por nós, senão por seu proprio interesse. Já ponderou todos os riscos? Não se deixe illudir pelas promessas dos que seduzem. O amor é um pouco de desejo que o primeiro beijo sacia e farta. Onde a senhora julga existir todo um futuro, não ha mais que um ephemero minuto.

ESTELLA

A senhora não admitta a mulher fóra da escravidão do amor? Encerra todo o seu destino nessa apertada palavra. Eu tenho a vista mais larga, alcanço novos horisontes... talvez seja illusão, mas vejo alguma coisa.

CAMILLA

Póde-se saber que é?

ESTELLA

Para que dizer-lhe? A senhora tem a vista cançada, não póde avistar como eu.

CAMILLA

Sonhos? Eu só sonho quando durmo.

ESTELLA

E' porque os seus sonhos receiam a claridade.

CAMILLA

Vê então nuvens d'ouro? e quer sair atrás dellas? Com o commendador? (*Estella encara-a:*) E' que não vejo aqui outro homem em condições de acompanhá-la, e uma senhora não se arrisca a tão ousada aventura sem a companhia de um homem...

ESTELLA

Quando não confia em si.

CARLOS

E' porque sáes? Porque. Que queixas tens tu? dize.

ESTELLA, depois de o mirar:

Para que hei de allegar? Não me queixo senão da minha sorte, talvez da minha educação. Outra tivesse ella sido e eu, longe de soffrer, como soffro, seria uma creatura venturosa, aproveitando a fortuna que se roja a meus pés, gosando os prazeres que se me offerecem, sendo uma mulher mundana, emfim, nadando nesse mar a que, uma vez, a senhora se referiu, cujas ondas, longe

de suffocarem, levantam triumphalmente aquellas que as affrontam levadas pela mão de um banhista seguro. Tenho, porém, uma alma primitiva e simples, cheia de fé, crente na virtude... que hei de fazer?

*Sergio levanta-se, visivelmente commovido, e sãe para o terraço.*

CARLOS

E voltas para a casa de teus paes? (*Estella encothe os hombros.*) Pois eu te prohibo que arredes pé daqui!

ESTELLA

Prohibe?

CARLOS

Prohibo!

ESTELLA

Com que direito?

CAMILLA

O' filha... com que direito...

ESTELLA

Siu, com que direito?

CARLOS

Com o direito de marido.

ESTELLA

Marido... Mas que entende o senhor por marido? Marido é uma redempção e não um opprobrio. Marido é o libertador e não o carrasco. O senhor foi, para mim, a principio, um amante desejoso: os meus dezoito annos deslumbraram-no. Achou-me a seu gosto, que fez? levou-me ao pretor para o contracto que Deus referendou e, prendendo-me com uma dupla corrente, feita de respeito e de fé, arvorando duas grandezas, a Religião e a Lei, em guardadoras da escrava, deixou-a no lar, como em um carcere, e foi-se. Quando regressava, sempre fatigado, era para ultrajar-me com a indifferença. Virgem d'alma, amei-o como se ama uma só vez, e o meu amor ficou abandonado, perdia-se de encontro ao seu tédio e, se o procurava, com meiguice, era repellido quasi com asco. Um dia, viram na minha mocidade, que resistia a todas as provações como a esperança resiste a todos os desenganos, uma possível fortuna. Lançaram-na. E foi assim que, no logar em que o senhor costumava sentar-se, achei, um dia, outro homem trazido, por quem? não sei. Que queria de mim? Com que direito me falava? porque havia eu de ser carinhosa para o intruso? Pensei que o devia repellir, assim fiz — reprehenderam-me, mas como não me dissessem porque, senão que era preciso que eu o tratasse bem, fiquei hesitando entre os conselhos da minha adolescencia e as lições estranhas que recebi, e preferi seguir as palavras de minha mãe. Foi o meu erro — a lucta começou tremenda, e hontem... Não falemos do que houve. Lembrar é renovar a vergonha. Cercam-me de sentidos; todavia, o que mais deviam zelar é o que mais facilitam. E meu marido...? onde está elle que me não defende?

CARLOS

Defender-te de que?

ESTELLA

De todos, de tudo...

*Sergio, chegando á porta do fundo:*

Ahi vem Narciso.

*Modificam-se as attitudes.*

## SCENA VIII

OS MESMOS E NARCISO

*Narciso apparece no terraço, onde se detem um momento falando a Sergio. Entram.*

NARCISO, a Carlos:

O senhor pôde ir á cidade?

CARLOS

Já?

NARCISO

Se pôde...

CARLOS

Pois, não!

*Narciso, dando-lhe um rolo de papeis:*  
Conferir estas notas e dizer ao Paiva que me mande o ultimo relatorio da Companhia Eusaccadora. (*Carlos entra á esquerda.*)

SERGIO, a Narciso:

Estás pallido.

*Narciso senta-se aspirando um vidro de saes.*

CAMILLA

Está incommodado, senhor commendador?

NARCISO

Um pouco de enxaqueca, minha senhora.

CAMILLA

E' do calor. Está um dia abafadissimo. Volta do tempo.

*Estello sãe para o terraço, onde fica olhando para longe, como á espera de alguém. Camilla, entrando á esquerda, encontra-se com Carlos, que vem de chapéo na mão.*

CARLOS, baixo a Camilla:

Não a perca de vista.

CAMILLA, mesmo tom, sorrindo:

Porque? receias alguma coisa?

CARLOS

Receio...

CAMILLA, com sobranceira:

Ora! (*Entra á esquerda*)

CARLOS, a Narciso:

E' só?

NARCISO

Só. (*Carlos sãe pelo fundo.*)

## SCENA IX

NARCISO, SERGIO E ESTELLA, no terraço.

NARCISO

Quem me contou foi o Servulo, marido de d. Anna. E' homem que não mente.

SERGIO

E não mentiu. Que queres, Narciso? Eu tenho feito tudo a ver se consigo restabelecer a paz. E' impossivel. Conheces minha mulher? é uma creatura auctoritaria, exigente, teimosa...

NARCISO

Bem sei.

SERGIO

Ella é quem incita o filho.

NARCISO

A maltratar a mulher? (*Sergio baixa a cabeça.*) Pois eu lamento dizer-te que não posso consentir que, em minha casa — desculpa-me falar-te assim — se reproduzam taes scenas tão vís e, além disso, injustas. Essa senhora merecia outro homem que a presasse, que fôsse digno do seu amor, do seu coração tão raro. Accusam-na, de que? de ser minha amante. Já o seria se não estivesse forrada de virtude, porque tua mu-

lher e teu filho, durante muito tempo, fizeram o possível para que tal se dêsse e eu, deante da facilidade que nelles encontrei — sou homem, meu amigo — aventurei-me, ousadamente, servindo-me de todos os meios de seducção, e encontrei uma energia inflexível que me fez recuar. Digo-te ainda que cheguei a pensar que essa fria e teimosa resistencia, sempre delicada — entrava nos planos da combinação, estou hoje convencido de que era a propria alma honesta que defendia o corpo despido e offerecido pelos que mais o deviam acautelar. E é essa a mulher que insultam, que injuriam, que maltratam e perseguem. Não!

SERGIO

E que hei de eu fazer?

NARCISO

Mas não és tu o chefe da familia?

SERGIO

O chefe da familia... Sei lá! Sou uma victima, como a pobre moça. Sofro menos, porque, sempre que posso, evito a casa. Criei, para o meu amor, uma familia nas plantas — são ellas que me consolam. Com ellas vivo — dou-lhes o trato, ellas retribuem com o perfume e a sombra. Estella é mais infeliz, não se arreda de casa — é sobre ella que recáem todas as coleras, é nella que minha mulher se vinga de tudo quanto soffre — porque soffre e horripelmente; talvez seja a que mais soffra por não poder apparecer, deslumbrar, impôr-se como dantes. E' uma captiva, carregada de ferros, que insiste em fugir do carcere cravando as unhas nas altas e lisas muralhas de pedra. E' assim.

NARCISO

Mas isso é uma fraqueza contra a qual debes reagir.

SERGIO

Não posso.

NARCISO

Então...

SERGIO

Queres saber? nem tenho coragem de procurar emprego porque sei que não me poderei manter durante muito tempo, e, com ella a exigir, a perseguir-me, a atordoar-me sabendo que lido com dinheiro... Sei lá! serei capaz de tudo... por uma hora de tranquillidade sacrificarei o que me resta de honra. Tenho medo. E' a verdade, meu amigo — tenho medo. Sou como um pobre a quem resta apenas um andrajo com que se cobre: é a minha honestidade, não a quero perder. Uma desgraça! meu velho. Ha mulheres assim: mulheres que avassallam, que dominam, mulheres que pôdem tudo e que magnetisam como as serpentes. Lares... quem os visse na hora do recolhimento, a portas fechadas, com todas as suas misérias... Quantos infernos! (*Silencio.*) E tu achas que Estella...? Pensas que a não lastimo? (*Indo ao terraço; com meiguice:*) Estella, minha filha. (*Estella volta-se.*) Ouve-me. (*Fal-a descer, offerece-lhe uma cadeira. Estella mantem-se de pé.*) Falavamos de ti. Sei que não tens queixas de mim... (*Estella sorri tristemente:*) Não tens, não pôdes ter. Quero pedir-te um favor, sou eu quem t'o pede. (*Estella encara-o.*) Fica. Esquece o que

houve. (*Aceno negativo de Estella.*) Porque?  
(*Silencio.*) Porque?

ESTELLA

Porque?... (*Lança um olhar significativo para o lado de Narciso.*)

SERGIO

Pódes falar, é um amigo.

NARCISO

Sim, minha senhora — sou. Talvez duvide e tem razão de o fazer, mas a culpa não é minha — illudiram-me. (*Estella limpa nervosamente os olhos.*) Não chóre...

ESTELLA, *dominando-se; com altivez:*

Chorar... (*Encolhe os hombros.*) Os olhos não vêem o que me váe por dentro — ha uma emoção, elles denunciam-na julgando, talvez, que se trata de qualquer ternura quando, em verdade, o que ha é uma resolução.

NARCISO

Tenha calma. A senhora é forte, mais forte, talvez, do que presume ser. O character é, como todas as manifestações da alma, um mysterio. Ninguem sabe até onde póde levar o amor.

ESTELLA

Nem até onde póde levar o odio.

NARCISO

Que pretende fazer? desculpe-me perguntar.

ESTELLA

Sair...

SERGIO

Estella...

NARCISO

Não saia. Para a mulher só ha uma porta que dá para a liberdade, é a chamada — das dissolutas. Quem assistisse á passagem da multidão das que por ella fogem, veria muitas com fome, muitas seviciadas, muitas tão puras como as martyres dos primeiros tempos, levadas na chusma das depravadas. Innocencias quasi virgens arrepanhando farrapos para esconder o collo, castidades como as das santas, virtudes sem a mais leve jaça, no rebanho ignobil, atravessando o limiar maldito, recebendo, como os galés, o estygma infamante. Quem póde ver na alma do galé, victima dum erro da justiça, o esplendor da innocencia? Quem póde dizer da mulher que se insurge contra o preconceito, que é apenas uma revoltada conservando intacta toda a sua moral lapidada pelo soffrimento? Não saia. Quem a vir atravessar a passagem terrível não dirá que foi buscar salvação, mas que se foi render á torpeza. A muralha é formidavel e lá dentro, minha senhora, lá dentro, para o mundo, só ha perdidas. E' preciso abrir outra porta por onde passem as humilhadas, as soffredoras; essa, porém...

ESTELLA

Ainda não existe.

NARCISO

Ainda não.

ESTELLA

Quer dizer que, para uma infeliz nas minhas condições, ha um recurso — a morte?

NARCISO

Nem esse — deixa sempre suspeitas no espirito dos vivos. Porque se matou? é uma pergunta a que logo a calumnia responde.

ESTELLA

Que hei de fazer então?

NARCISO

O que fazem os condemnados...

ESTELLA, *transfigurada:*

E' isso — saltar o muro dessa moral bastarda, evadir-me. Que importa a guarda dos preconceitos? hei de escarpá-lhe. Lá fóra, soffrerei menos do que soffro aqui dentro. Impura... já o sou para o mundo.

NARCISO

Por minha causa, talvez. Estou muito perto, contamina-a com a minha presença, posto que a senhora me deteste.

ESTELLA

Já o não detesto, como o senhor já me não ama. Lastima-me e eu sou-lhe grata. A gratidão é uma amizade humilde, mas é uma amizade.

O CREADO

*apparecendo á porta do fundo, dirigindo-se a Narciso:*

O carro que v. ex. encomendou...

NARCISO, *surprehendido:*

Carro!

ESTELLA, *vivamente:*

E' para mim. (*Ao creado:*) Manda esperar. (*Entra á esquerda attá. O creado desapparece.*)

## SCENA X

NARCISO E SERGIO

NARCISO

Sergio!

(*Sergio levanta a cabeça; os dois homens fitam-se um momento.*) Então?

SERGIO

Então...! (*Encolhe os hombros.*) E' assim... (*Silencio:*) E' mais um pedaço da honra que se váe.

NARCISO

E' toda a honra, meu amigo.

SERGIO

Tu dizes...?

NARCISO

O que penso dessa transfiguração.

SERGIO

Talvez seja a verdade... Toda a honra... Ella é pura.

NARCISO

E' uma mulher!

SERGIO

Fôsem todas assim... (*Silencio.*) Mas acreditas que ella saia? dize! Para onde? Onde irá ella ficar? Não achas que é um crime deixá-la partir?

NARCISO

E que pretendes fazer? retel-a?... Não se contém decisões como essa.

SERGIO

Não sei... Seria melhor, talvez. Emfim...

## SCENA XI

OS MESMOS, CAMILLA; depois ESTELLA

CAMILLA

*Entra pela direita, baixa; contempla os homens com um sorriso:*

Tão calados...

*Os dois homens mantêm-se na mesma attitude taciturna.*

Que têm? Até parece que estão velando um defunto.

SERGIO

Quem sabe?

*Estella entra pela esquerda attá, de chapéo, com uma pequena bolsa.*

CAMILLA

Onde váes?

ESTELLA

Onde deve ir toda a mulher honesta.

CAMILLA, *depois de a mirar:*

Onde váes?

ESTELLA

Para a honestidade. Pensei encontrá-la aqui, enganei-me. Tomo outro rumo.

CAMILLA

Foges?

ESTELLA

Não, a prova é que me despeço. Parto como o passaro que, distraidamente, pousa em um ramo podre, fragil de mais para sustentar um ninho. Abalo, procuro outro ramo, seja o dum espinheiro — viverei entre espinhos. No charco é que não consta que passaros se aninhem. Pedi conselho a todos, todos mostraram-me a mesma parede. Para livrar-me com honra nem Deus, nem o amor de meu pae, nem a Lei, que tudo purifica, nem a morte, que tudo redime, teriam poder bastante. Só ha uma pessoa capaz de valer-me.

CAMILLA

Quem?

ESTELLA, *com alliva nobreza:*

Eu!

CAMILLA

Partes? (*Aceno affirmativo de Estella*) Para onde?

ESTELLA

Tenho um destino — o trabalho. Qualquer que elle seja, é sempre nobre: glorifica e defende — é uma redempção e um refugio. Quando quizer saber de mim, peça informações á Calumnia. Nos primeiros tempos, ella as dará; hei de, porém, esconder-me tanto no dever que ella, em pouco, me perderá a pista.

CAMILLA

Não consinto que partas!

ESTELLA

A senhora? E quem é a senhora?

CAMILLA

Quem sou? a mãe do teu marido.

ESTELLA

Para reconhecê-la, seria necessario que eu o admittisse, a elle. Meu marido... (*Encaminha-se para o fundo, detem-se e retrocede.*) E' verdade, não quero que me chamem ladra: ia levando commigo alguma coisa que me não pertence — o nome de um homem gravado numa grilheta. Aqui fica. (*Arranca a alliança do dedo e atira-a ao chão, com desprezo.*) Agora...

CAMILLA, *com intenção perversa:*

Estás inteiramente livre...

ESTELLA

Livre...

CAMILLA

Pódes entregar-te a quem mais dér.

ESTELLA

Será sempre o trabalho — ainda é o que paga melhor. Será o meu amante. Ah! se todas as mulheres pensassem como eu, o casamento seria o que devia ser: a alliança. A Lei, despertada pela revolta, rasgaria a venda que a cega e, contemplando a injustiça,



farla a misericórdia. Mas as mulheres honram-se com os títulos de fracas, é a sua corôa de martyrio, vivem dessa honra como as inertes vivem da esperança na Providencia. Que lhes praza ! Para onde vou ? A minha safda responde por mim. Não váe para a infamia quem della foge. Se fôsse do meu agrado viver na impureza, eu só teria de render graças ao inferno por me haver deparado o que de mais completo existia no genero. Partô para buscar o que aqui não existe — o novo, o puro, o idéal, a virtude. (*Váe até o fundo e volta-se para Camilla, que se agita frenetica.*) Não lhe dou o meu endereço porque a senhora teria escrupulos em procural-o; todavia, para que não insista em dizer que fujo, elle aqui fica : a Honra.

*Sáe activamente. Camilla váe ao fundo, olha e desce a correr.*

CAMILLA

Sergio ! Sergio ! Ella sáe...

SERGIO

Sáe...

CAMILLA, *alarantada* :

Senhor commendador...

NARCISO

Minha senhora...

CAMILLA

Ella foge ! (*Indo ao terraço* : ) Ha um carro ao portão. Sergio ! (*Descendo* : ) Sergio ! Ella foge ! váe-se...!

*Sergio levanta-se, dá um passo para o fundo, mas retrocede, com um gesto desanimado e deixa-se cair em uma cadeira, succumbido. Camilla volta ao terraço, fica a olhar agoniadamente, debruçando-se á balaustrada.*

CAMILLA, *com um grito estrangulado* :

Ah !

*Precipila-se em scena e fica um momento aturdida, a olhar altucinadamente, balbuciando palavras inintelligiveis. De repente :*

Senhor commendador... Chame-a !

NARCISO, *no terraço*

E' tarde, minha senhora.

CAMILLA, *em voz surda*:

Partiu...

*Deixa-se cair em uma cadeira, vencida. Sergio atira mottemente o braço num desanimado gesto de abandono.*

PANNO

(*Conclusão.*)

(\*) *E' prohibida a reprodução.*

FARIAS BRITO (\*)

## IX

Aqui estamos, ao cabo desta synalepha de umas quantas edições dos *Annaes*, defrontando exactamente com alguns dos capitulos da *Finalidade do mundo*, a meu ver mais importantes e suggestivos e sobretudo mais característicos do espirito de Farias Brito. Começaremos, como o auctor, por aquillo que se intitula *Philosophia e religião*. Não é por acaso que elle reservou para estas alturas assumpto de tal magni-

tude. A RELIGIÃO, no conceito do philosopho cearense e no meu, comprehendendo os phenomenos mais altos e de suprema transcendentalidade do espirito humano. Um espirito só chega a ser verdadeiramente espirito quando se faz religioso. Não comprehendo uma grande vida sem esta virtude pre-excellente — sem esta luz miraculosa que é para a consciencia o que a consciencia é para o instincto.

O proprio Farias Brito, com a afoiteza do sabio, que não ouve os rumores que lhe estrondam em torno, começa o seu X capitulo com estas palavras: «Eu chego aqui ao ponto culminante de meu livro, quando, tratando de estabelecer as condições características da evolução do pensamento, começo pela philosophia para terminar pela religião. Tambem nessa evolução, pôde-se dizer que a philosophia é o começo e a religião é o fim; nem outra coisa é permittido deduzir quando, tendo-se dito em começo que o fim da philosophia é a moral, agóra se accrescenta que *não ha moral sem religião.*»

Nem concebe o auctor uma sociedade que se não opoie no principio religioso. E tanto que elle julga a situação actual — da Igreja livre no Estado livre — como transitoria, sustentando que a religião *in fieri*, a que os espiritos elaboram e ha de ser fundada, absorverá tudo — governo, legislação, moral.

Apezar disso, apezar da «energia decisiva de uma profunda convicção com que sustenta que a primeira e mais importante de todas as necessidades publicas é a religião» e até «que sem religião não pôde haver estabilidade nem ordem nas sociedades», eu me sinto, não quero dizer em absoluto desaccordo com o auctor, mas ao menos muito inclinado a discutir com elle um ponto que julgo fundamental, e realmente o é porque elle proprio entende que «ha de ser creada uma religião nova, sem o que não poderá ser mantida a civilisação contemporanea que terá fatalmente de dissolver-se e morrer». Vou — é bem claro — com a conclusão; mas a minha sinceridade me obriga a examinar cuidadosamente a premissa em que assenta.

Farias Brito parte da affirmacão, que converte em postulado, de que «todas as religiões actuaes estão mortas» e «são mantidas apenas como uma homenagem ás tradições do passado, mas não têm mais vida na consciencia das multidões, nem força para fazer a paz entre os povos.» Aqui é que infelizmente discordamos. Naturalmente, aqui se trata de religião como culto organizado, como systema de crenças a revelar-se externamente em fórmulas, em ceremonial fixo. E' sob este ponto de vista que o catholi-

cismo parece agonizante. Talvez mesmo se pudesse conceder mais alguma coisa aos negadores: talvez se pudesse afirmar que, não sómente o catholicismo, mas toda a religião christã está se tornando insufficiente até como fundamento de disciplina moral. Basta um rapido golpe de vista sobre as sociedades modernas para ver isso.

Parece, portanto, certo que, si ainda não chegamos, bem cedo havemos de chegar ao dia em que a mais augusta das doutrinas religiosas «não terá mais vida na consciencia das multidões», como disse o philosopho cearense.

Mas—e aqui é que eu desejava estar bem perto do grande espirito de que me occupo — mas esse phenomeno da dissolução do velho culto, da morte do idéal christão, será exacto? Por outros termos: é mesmo o espirito do Evangelho que está morrendo? Por mim— francamente não o creio: creio antes que esse espirito não começou a viver definitivamente. O que presenciamos hoje no mundo não é a morte de todas as religiões: é, sim, o arrefecimento do espirito religioso. Si esta situação de crise, si este accidente na alta vida espiritual da humanidade chegasse a fixar-se, a fazer-se definitivo, ou, mesmo, si se prolongasse por muitos seculos — uma affirmativa poderíamos formular com toda segurança e sem receio algum de que viesse a ser infirmada ou desmentida: culto algum se constituiria, nem esse culto sonhado que, segundo Farias Brito, com outros tantos philosophos notaveis, virá a ser a expressão concreta do futuro «sentimento religioso que é em si mesmo immortal.»

E'ahi—levada a tão flagrante contradicção aquella affirmativa do philosopho — que «sem religião não pôde haver ordem social» — (e a que eu accrescentaria até que — nem pôde haver alta vida espiritual)—ahi, digo, é que temos de escolher. Ou a sociedade e a nossa propria natureza moral pôdem prescindir do sentimento religioso, e as religiões pôdem morrer sem que arrastem consigo as sociedades humanas: ou a religião é inherente á natureza superior do homem e da sociedade, e não poderá morrer sem a morte da sociedade, e do homem.

Por mim, decido-me logo por esta ultima ponta do dilemma: a religião (ou si se prefere—o sentimento religioso) é inherente á nossa natureza moral, é eterno e cada vez mais intenso.

Em vez, porém, de discutir o que se não discute, prefiro entrar na questão levantada por Farias Brito:

— Estarão mortas, mesmo, todas as religiões?

ROCHA POMBO.

(\*) O artigo anterior saiu no num. 27 dos *Annaes*, pag. 221.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O microbio da syphilis. — A descoberta de Schaudin e a comunicação do professor Metchnikoff á Academia de medicina de Paris — Nova victoria.*

Nesta secção, demos noticia dos estudos emprehendedos pelo sabio professor Metchnikoff, no instituto Pasteur, sobre o microbio da syphilis, injectado numa chipanzê, microbio que o sabio allemão Schaudin pretende ter, recentemente, isolado.

Metchnikoff fez, sobre esse importantissimo assumpto, uma communição á Academia de medicina de Paris, nos termos que passaremos a resumir.

Havia muito que os esforços daquelle sabio se orientavam na pesquisa daquelle microbio. Desde 1837, se verificára, nos serozitos das feridas purulentas de varias naturezas, a presença de pequenos infusorios em fórma de espira ou de sacca-rolhas, aos quaes se dá o nome de *spirillus*, que existem nos syphiliticos, assim como nos doentes de outras molestias, facto que os excluire de concorrerem na etiologia do terrivel flagello.

O caracteristico das recentes pesquisas de Schaudin é a descoberta de existirem duas variedades de *spirillus* — uma vulgar, *spirochete refringens*, encontrada em toda a parte; outro, o *spirillus pallido*, *spirochete pallida*, muito difficil de isolar e de distinguir, sómente encontrado nas feridas syphiliticas

Resta verificar si o microbio de Schaudin é o agente infeccioso, causa da molestia e da sua propagação. Metchnikoff não o affirma de modo peremptorio, mas está inclinado a recochecel-o pelos estudos feitos para a confirmação dos trabalhos allemães.

Trez annos antes, antigos alumnos do Instituto Pasteur, Bordet e Gengou, de Bruxellas, haviam procurado, activamente, o microbio da syphilis e chegaram, com o emprego de colorantes apropriados, a distinguir um bacillo sacca-rolhas muito pallido; mas, renovando as experiencias, não poderam enconral-o, circumstancia que os desanimou.

Schaudin e Hoffmann, seu collaborador, fôram mais felizes: suas experiencias accusam vinte e seis casos especiaes nos quaes verificaram sempre o *spirillus pallido* caracteristico da avaria, cujo microbio é extremamente tenue e difficulta as pesquisas porque muito difficilmente toma a coloração azul empregada nas preparações microscopicas. Aquelles illustres professores se mostram, entretanto, muito reservados sobre a sua descoberta, e, muito escrupulosos de verdade scientifica, submetteram os seus interessan-

tes trabalhos aos homeits competentes da Allemanha e de outros paizes.

Ao enviarem as suas preparações a Metchnikoff e a Roux, elles declararam que tendo conseguido encontrar um microbio, que parece differente das especies conhecidas, se abstiham de firmar a respeito um juizo definitivo.

Por sua vez, Metchnikoff procurou o *spirillus* de Schaudin nos macacos inoculados do Instituto Pasteur, e o encontrou em quatro dos submettidos ás experiencias. Um delles, em via de cura completa, não tinha o microbio, o que redúz o insuccesso a um só caso, sendo encontrado nos antropoides, como o chipanzê, como nos de especie inferior.

Este resultado confirma, mais uma vez, a identidade da avaria do macaco e do homem.

Metchnikoff prolongou as pesquisas do microbio de Schaudin aos doentes de molestias antigas, nas papulas da pelle, distantes dos orgãos primitivamente atacados e ali, em quatro casos, encontrou o *spirillus pallido*.

São nove as suas observações — quatro em homens e cinco em macacos, dos quaes oito deram resultados positivos.

Não se deve, todavia, esperar estarmos na vespera da preparação do serum curativo da syphilis com o auxilio de culturas microbianas apropriadas, porque até agóra o *spirillus* não foi isolado vivo; mas os estudos de Metchnikoff permittirão instituir um diagnostico novo e certo das affecções syphiliticas, baseado na presença do *spirillus pallido* de Schaudin.

Proseguirão experiencias seriamente fiscalizadas nos institutos sabios; pôde-se entretanto, desde já, affirmar que a sciencia acaba de dar um novo passo e obter mais uma victoria na lucta contra um dos maiores flagellos da humanidade.

A communição de Metchnikoff foi calorosamente applaudida.

\* \*

*Chromotherapia — As pesquisas acerca da acção das côres sobre os corpos e os orgãos — A descoberta do dr. Dreyer.*

As côres entraram, ha muito tempo, na ordem dos remedios: temos o tratamento pelos raios Röntgen, pela luz de Finsen, e proseguem as pesquisas acerca da acção das côres sobre os corpos e os orgãos; os raios violeta exercem uma acção calmante sobre o systema nervoso, e os vermelhos são excitantes.

No congresso de Wiesbaden, em abril de 1902, o dr. Bie, estudando a acção physiologica dos raios coloridos, concluiu pela applicação da luz vermelha no tratamento da variola, methodo que os chinezes conheciam. O

dr. Chelinière não foi menos feliz com os raios vermelhos no tratamento da esscarlatina, e o dr. Kruchenberg conseguiu curar com elles diversos casos de erysipelas.

Mas nos eczemas, nas molestias microbianas da pelle, no lupus, as numerosas curas de Finsen fôram obtidas com os raios violeta ou ultra violeta. Infelizmente, estes raios, que são os melhores, não téem o poder de penetração dos vermelhos: ficam á flôr da pelle, donde resultam os insuccessos do tratamento das lesões mesmo pouco profundas.

Uma recente descoberta do dr. Dreyer, de Copenhague, parece de muito futuro. Elle teve a idéa de sensibilisar os tecidos como se procede com uma placa photographica. Para tornar sensiveis os tecidos e os microbios, elle inocula na pelle liquidos sensibilisadores como a eosina, a erythrosina, a cyanina. Microbios, varios animalculos vivem muito bem immersos numa solução de erythrosina e morrem em alguns segundos, sob a acção dos raios verdes ou violeta. A lingua de uma rã, a pelle de um coelho manifestam, sob a influencia dos raios não chimicos, as mesmas lezões inflammatorias provocadas pela exposição dos raios violeta.

O dr. Halherstedter confirmou os resultados de Dreyer e ensaiou a photographia, por esse novo methodo, em vinte e cinco casos de lezões tuberculosas profundas da pelle, e affirma ter obtido melhores resultados do que com o processo inicial de Finsen.

As côres pôdem ser empregadas como remedios internos. O azul de methylene é utilizado para apreciar a permeabilidade dos rins, assim como no tratamento das auginas, os males da garganta, como calmante em certas dôres do estomago, fazendo o doente ingerir uma solução colorida que fórma um revestimento protector, uma especie de verniz da mucosa gastrica.

O azul foi empregado nas febres palustres e no tratamento do cancro, que tem sido, ultimamente, objecto de toda a sorte de experiencias.

A chromotherapia, um pouco antiga e muito empirica, estaria olvidada si novas molestias não lhe houvessem renovado os methodos. A molestia do somno, por exemplo, verdadeiro perigo para as colonias africanas, é devida a um microbio que se aloja nas meninges, no liquido que banha o cerebro ou na medula da espinha dorsal: dão-lhe o nome de trypanosoma, especie de vermiculo, muito agil, que passa pelo sangue, percorre o corpo e váe alojár-se no cerebro dos doentes produzindo prolongado somno.

Microbios semelhantes produzem epizootias terriveis nos paizes tropicaes: molestia da mosca tsê-tsê, magana, surra, mal de cadeiras. ~~Esses~~

microbios dizimaram, durante a guerra do Transvaal as mulas inglezas; elles fizeram desapparecer completamente raças de cavallos e bois na ilha Mauricia e, no Brazil, devastam os campos de Matto Grosso e da ilha Marajó, no Pará, onde raros cavallos resistem ao feróz quebra-bunda, nome alli dado ao mal de cadeiras.

Tentou-se o tratamento dessas molestias pelo arsenico, sem resultados perfectos, mas parece que a chromotherapie produzirá bons effectos. O professor Laveran, em recente communicação á Academia de Sciencias, annunciou os melhores resultados por elle obtidos, sobre macacos, com o emprego do arsenico e do *trypanroth* combinados.

O *trypanroth* é uma côr posta em evidencia pelo professor Ehrlich, de Francfort, côr vermelha que tem a propriedade de matar os microbios no sangue dos animaes doentes, sem os matar; foi especialmente empregada em ratos brancos infectados com trypanosomas.

\* \*

*Entomologia — O instincto dos insectos geologicos — A theoria de Perrier.*

Os progressos realizados, recentemente, no estudo do systema nervoso, arrastaram Ed. Perrier a uma nova theoria do instincto, sobre a qual a philosophia poderia recuar em reservas duvidosas, mas deduziria consequencias geologicas muito engenhosas, dignas, por isso, de serem mencionadas.

Tratava-se de explicar, pela experiencia adquirida e pela hereditariedade, como os insectos, cuja vida no estado adulto dura apenas algumas semanas, ou alguns dias, e não conhecem a sua progenitura, téem tempo e possibilidade para formarem os seus maravilhosos instinctos. Parece, evidentemente, que a formação do instincto no individuo é factu espontaneo, porque não póde ser attribuida á educação, nem aos costumes.

Ed. Perrier notou que a existencia das estações, como as conhecemos, parece de origem geologica muito recente. Os geologos são concordes em admittir que a temperatura e o clima começaram, durante longos periodos, sendo absolutamente uniformes em toda a extensão da terra no percurso do anno, — phenomeno que se explica pelas dimensões primitivas muito maiores do nosso Sol, que, condensando-se pouco a pouco, teria determinado a variedade actual das estações.

Desde o periodo primario, quando a condensação do Sol não se tinha ainda realizado, existiam insectos, que eram notavelmente abundantes nas margens dos nossos lagos, nas lagunas carboniferas, e as bellas descobertas de Fayol e Charles Bron-

gniart, em Comentry, lhes demonstraram a variedade e estatura das libellulas gigantescas. Como não havia, então, estações, a causa que prodúz hoje, a morte dos insectos, após a sua reproducção, não existia, de modo que esses insectos carboniferos podiam viver longo tempo como os outros animaes: poderiam, como os animaes superiores, adquirir experiencia e transmitti-la aos seus filhos; teriam uma intelligencia adquirida e cultivada, que se transmittiria pela hereditariedade. Quando as estações começaram, na epocha terciaria, a se destacarem, quando, á superveniencia do frio, a vida dos insectos se reduziu a um breve estadio, ás vezes ephemero, quando a experiencia e a educação paternaes não poderam mais intervir, a intelligencia, adquirida primitivamente e transmittida de geração em geração, se transformou num instincto immutavel, fixando-se em um ponto determinado, não podendo mais progredir, resultando disso que os nossos insectos actuaes reproduzam, indefinidamente, as facultades, o desenvolvimento cerebral dos insectos da epocha secundaria.

### JESUITAS..!

Ao sr. Vieira Fazenda, um erudito a quem não falta constancia para levar o publico á leitura das suas excellentes escavações, devemos o curioso *allegado* do padre Bento Pinheiro d'Horta da Silva Cepeda, que em seguida publicamos. O sr. Fazenda informa:

Este voluntario egresso da Companhia de Jesus, foi mais tarde vigario da freguezia de Nossa Senhora do Loreto de Jacarépaguá. Conforme monsenhor Pizarro, padre Cepeda, apresentado em 14 de dezembro de 1764, teve confirmação em 16 de julho do anno seguinte.

« Collegio do Rio.— Neste collegio o padre Antonio Teixeira viveu muitos annos amasiado com uma parda chamada Ignacia, a qual introduzia de noite a correr o collegio; e depois á porta do mesmo reitor Simão Marques commettia o seu peccado. Por uma vez oito dias inteiros a teve no cubiculo e, pouco satisfeito, saía muitas vezes, de noite, a faltar com outras o seu appetite. Chegou a tanto o seu desafforo que acompanhado do padre Tobias e do leigo Torres pintaram a porta do reitor com escremento humano. Este leigo tambem recolhia á sua quasi todas as noites, e como por ser refeiteiro tinha as chaves do refeitorio, para lá a levava. Era creoula fôrra, chamada Barbara e visinha do collegio.

Insignes ladrões havia neste collegio: o padre Miguel Carlos entrou furtivamente no cubiculo do reitor, por uma janella e furtou-lhe quinhentos mil réis. O padre d. Alves roubou, em uma noite ao prefeito da egreja, grossa quantia. Bem sei que fôram despedidos. Mas o que se fez ao padre Luiz de Albuquerque, que, em vinte e quatro annos que foi procurador de causas, tantas terras furtou para a Religião? Era vulgar, entre os mesmos jesuitas, que nunca perdia uma demanda, porque, se via alguma mal parada, furtava os autos custasse o que custasse. Assim o fez com a celebre demanda das *capivaras* do Collegio da Bahia, que estando já concluida contra o collegio, peitou a uma escrava do escrivão e por este meio houve ás mãos os autos e ainda hoje os conserva em seu poder e sem o menor reparo os mostrava. Eu os vi como viram muitos dos egressos, como o padre Estevão de Souza, o padre Pedro Barreiros, etc.

O mesmo fez em uma bem renhida demanda dos religiosos de S. Bento, os quaes se queixaram ao geral da companhia, que mandou restituir os taes papeis furtados. Este mesmo foi com um certo ministro á medição das terras dos Goytacazes e aquelles moradores ainda hoje se queixam delle. Não sei o que por lá fez; só sim que por esta medição deram ao ministro quinze mil cruzados e certamente se não esportulariam desta sorte se o ministro não fizesse a vontade ao dito procurador que o acompanhava. Sei que por lá o quizeram matar a companhia do ministro o livrou.

O padre Silverio Pinheiro tambem foi procurador de causas e fez bellas coisas; porque pedia em confidencia aos escrivães e tabelliães, escripturas, doações e testamentos e os adulterava pondo e tirando folhas, accrescentando e diminuindo o que lhe parecia. Para isto conservava no collegio, refugiado, insigne tratante que fingia peregrinamente qualquer lettra e até as tintas. Mandou fazer muitos marcos e com este mesmo homem os foi furtivamente metter por onde lhe pareceu para ampliar-se as fazendas. Tudo isto contava o mesmo homem que se chamava N. de Almeida e o caixeiro do collegio, que então era Domingos Alvares, de tudo é sabedor.

No Engenho Novo deste collegio fôram superiores os padres João Duarte e Joaquim de Moraes, homens de máu viver e de quem se diz tem filhos nesta fazenda, como testifica o provedor da Fazenda Real Francisco Cordovil de Menezes, que tem a sua fazenda ao pé desse engenho.

No Engenho Velho modernamente foi superior o padre Luiz Cardoso, o homem mais prostituto que jámais se viu. Poucas escravas lhe escapavam e, muitas vezes á força de castigos, sujei-

tava aquellas miseraveis victimas á sua carnalidade e era tão torpe, que as castigava ou mandava castigar á sua vista para as ver descompostas.

A uma mulata chamada Cecilia, depois de a andar solicitando largo tempo, vendo que lhe resistia, em um dia da Conceição a apanhou em casa e depois de grande lucta, vendo que a não podia forçar a seu gosto, saciou o seu appetite como pôde e tão torpe e brutalmente que não cabe na minha penna. O caso foi publico em toda a fazenda não só pelos clamores da mulata, mas porque da sorte que ficou, saú e se foi metter em um rio para se lavar dos immundos vestigios da torpeza. A fazenda toda é testemunha. O proprio marido chamado Lauriano é hoje assistente nesta cidade, official de ferreiro e fôrro. Tambem é bôa testemunha o padre Theodosio Pereira, sacerdote egresso.

A quinta de S. Christovam tem sido uma Sodoma, principalmente nos tempos que leram philosophia os padres Manoel de Araujo, Manoel Cardim e Francisco de Faria, cujos discipulos sem temor de Deus, nem vergonha dos homens, pelas cercas, valados e mattos gastavam o dia todo com os escravos e outras mulheres, que para esse intento faziam ir da cidade: assignalando-se, entre todos, os padres João Velloso, Antonio dos Reis, Manoel Alves, João das Neves, etc. O padre João Caetano agóra de proximo teve um filho nesta fazenda da mulher do mulato Francisco Ferraz, para cuja alforria deixou dinheiro, quando com os demais se embarcavam para Portugal e, se fôrem perguntados, os escravos dirão isto e muito mais.

Na Fazenda de Macahé foi superior o padre José dos Reis de quem se contam coisas horrorosas. Tratou com escandalo com uma mulher branca, sua comadre. Os escravos e escravas que fallavam d'elle eram castigados barbaramente, mandando ir alguns a igreja com freios na bocca e a algumas mandando-lhes esfregar a bocca com pimentas e com o mesmo molho as partes inferiores. Foi visitar esta fazenda o padre Christovam Cordeiro e por empenhos o absolveu de culpas e pena ao tal superior. Mas o seu companheiro José Freire, voluntario egresso da companhia, que se acha em Pernambuco, confessa deste padre ainda peiores coisas e o confirma a visinhança.

Em Campos Novos era superior o padre Manuel de Andrade, o qual, além de outras desenvolturas, tratava mal uma parda mulher do ferreiro N. de Mello; porque solicitada muitas vezes nunca quiz consentir. Não o poderá negar; porque, além da mulata e marido, tem nesta cidade duas testemunhas veridicas; que são o padre Theodosio Pereira e o ferreiro Lau-

riano, de quem a dita parda é madrasta.

Na Fazenda dos Goytacazes, ha mais de trinta annos, era superior o padre Miguel Lopes, regulo naquellas partes. A este padre se attribuiu uma morte, como ainda hoje firmemente suppõe aquella Capitania. São conhecidos varios filhos, que teve de uma escrava, com quem viveu amancebado longos annos. Das suas insolencias fará fiel relação aquelle povo, se fôr perguntado.

Da Fazenda de Santa Cruz era tambem superior, ha muitos annos, o padre Pedro Ferraz, homem tão absoluto que, passando pela Fazenda os soldados, que vinham do Registro, depois de os descompôr e ultrajar, lhes mandou violentamente tomar as armas e certamente caíria em maiores destemperos, se o padre Francisco Ferreira não saísse a accommodar tudo. O ferreiro Lauriano, que lá se achava, presenceou tudo, e a Fazenda toda. Foi accusado a Roma, por varias vezes, mas, como dava muito dinheiro, tudo se sanava, até que estando, o anno passado, em sua companhia o padre Francisco Cordeiro e vendo a crueldade com que castigava a um escravo, que se queixou, por lhe ter deflorado e... uma filha. O excesso com que o buscou depois de fugido, chegando a ir em traje secular atrás d'elle com os capitães do matto, deu parte de tudo a Roma e como estava já a Companhia portugueza perturbada e a ponto de estourar, por medo mandou o Geral tirar-o do Superiorado.

Assim se fez nas vespas do bloqueio deste collegio e estando fazendo entrega da fazenda ao padre Francisco Manuel chegou o ministro a buscal-os e tomar conta da fazenda.

Todos os jesuitas sabem que fallo verdade e o mesmo Geral, em cuja mão ha de estar uma carta do padre Francisco Cordeiro, feita poucos mezes antes do bloqueio e remetida por um franciscano, e nella lerá miudamente o que eu refiro só em sustancia e outras muitas coisas, que eu não aponto. Nella lerá as justissimas queixas, que faz aquelle padre de que o padre Francisco de Almeida sendo tantas vezes visitador daquella fazenda, por peitas capeasse tantos escandalos do padre Pedro Ferraz.

Ao pé desta fazenda fica a aldeia de Taguay, onde foi superior o padre Manuel de Araujo, que, sendo velho, era depravadissimo; pois que maltratava aquellas raparigas que se lhe não queriam sujeitar. Diga a Barbara, a quem muitas vezes castigou por esta causa. até que, desesperada, fugiu da aldeia com seus parentes. E' testemunha disto toda a aldeia e seu proprio companheiro o padre Manuel de Oliveira, que tudo presenciou e se acha nesta cidade voluntario egresso. Se-

guiu-se depois d'elle no superiorado o padre José Xavier, monstro de lascivia cujos escandalos, torpezas e desenvoltura com as indias, principalmente com Mameluca Germanesa, são publicos e não ha militar que não saiba por ser esta aldeia o caminho ordinario do destacamento que cada seis mezes vá de esta praça para o Registro.

Na Côrte se acha o padre Gonçalo Alexandrino, que foi seu companheiro nesta aldeia, o qual, condoido do que via, escreveu um papel em que deste superior apontava coisas horrorosas e entregou ao provincial João Honorato. E que caso fez este provincial? Tudo se capeou, tudo se sanou. E o castigo que lhe deu foi mandal-o continuar mais um anno por superior na mesma aldeia e no seguinte mandal-o por visitador a Pernambuco, donde, em outro tempo, tinha sido removido por mil escandalos, e depois fazel-o vice-reitor do collegio e seminario da Parahyba, tudo por duzentos ou trezentos mil réis que deu ao tal provincial, como pôde dizer o padre Gonçalo Alexandrino que é um dos professos que ficaram na Côrte.

Nas aldeias de S. Lourenço, S. Bernabé e Cabo Frio, da mesma sorte procederam sempre quasi todos os superiores e em todas ellas se apontavam filhos, defloramentos, mancebias o que não individualiso por saber só em geral. Da de S. Lourenço sei que modernamente esteve por superior o padre Manoel de Araujo, o qual por puros ciúmes accusou falsamente o seu companheiro o theologo Francisco de Salles, que por isso padecceu muito todo o tempo do provincialato do padre João Honorato.

Da aldeia de S. Bernabé paravam na mão do padre procurador Antonio de Leão, neste collegio do Rio, quatro mil cruzados pertencentes aos indios, os quaes arrecadou o padre João Honorato, provincial, o mais ambicioso que conheci. Não o pôde negar, porque tudo andou em papeis publicos pelos tribunaes, nesta cidade.

Nesta mesma occasião que estes papeis corriam, trataram de se mostrar libertos varios mulatos do collegio, entre os quaes um era o mulatinho Miguel, que tinha no collegio servido de amasio a muitos jesuitas e, como se achava livre d'elles, referia por casa dos ministros incriveis torpezas que com elle obravam os padres; mil brigas, odios, entre uns e outros, por seu respeito. E não é isto coisa nova, porque não só escandalisavam o mundo com estudantinhos, pelos pateos, sachristias, córos, portarias, cubiculos, etc., como tambem causava horror o que faziam com os proprios escravos. Digam-no as porquissimas bulhas do padre Albuquerque, velho de mais de setenta annos, com o padre José Caetano, por causa do mulato

Lourenço ; as do padre José Caetano com o padre João da Rocha ; as do padre Alexandre dos Reis com o padre José de Paiva, aquellas pelo mulato José Ferreira, estas pelo mulato Ferraz, etc.»

VIEIRA FAZENDA.

O ALMIRANTE (35)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XVII

Passada a crise daquelles dois dias, o marquez de Uberaba, com supremo esforço de vontade parecia resignada, como os outros, ao facto consummado, ao desastre da dynastia. Ella se abstinha de emittir opiniões sobre os acontecimentos, mesmo no recesso da intimidade, quando abria o seu maguado coração a Oscar, que ella queria ainda mais, depois de ouvir do conselheiro que elle offerecera a espada ao Imperador e a conselheiro deste se mantivera ao serviço da Republica.

Não se lhe ouvia uma queixa, uma censura contra os homens que tinham agido como instrumentos de forças ineluctaveis, accumuladas num lento processo de fermentação imperceptivel, até desabarem com a impetuosidade de um desbordamento subito sobre o mechanismo do throno, oxidado pela rotina, enfraquecido pela politica de transacções, de contemporisações, de receios, de vacillações, sem plano, sem aspirações definidas, conduzida por homens desapercebidos para a resistencia.

No seu salão, aonde voltaram, depois de alguns dias de expectativa prudente, os seus mais intimos amigos, se expandiam, sem restricções, opiniões de todos os matizes, na maioria favoraveis á revolução, divididas sobre muitos pontos secundarios da nova fórma de governo, todas mais ou menos harmonicas na maneira de julgar o facto, uma consequencia logica da deturpação do regimen monarchico constitucional pela omnipotencia de um só poder, o poder pessoal, concentrando toda a função politica. No terreno opposto estava, quasi isolado, o doutor Souza e Mello, que renegára todo o seu passado de democrata intolerante, para defender o regimen decaído. O seu temperamento, as suas qualidades de coragem, de homem combativo não se amoldavam ás unanimidades: preferira ficar só na arena, como um campeão sem hostes, defrontando o sacrificio de uma resistencia platonica, inutil.

— Eu não reneguei os principios — dizia elle, quando os apartes o exarcebavam — repillo os meios. Não poderei

jámais consolar-me á desgraça de ver a democracia triumphante por um levante de quarteis, de ver a minha Patria á mercê da ignorancia de sargentões, que substituíram os estadistas, os homens de capacidade, naturalmente indicados para a responsabilidade dos altos cargos nesses momentos de transformação social. Os republicanos de legitima procedencia, os historicos ficarão em plano inferior, impotentes para arrancarem a obra da sua propaganda das garras dos gananciosos, dos partidarios da ultima hora, dos transfugas sem convicções, sem amor á causa vencedora. A omnipotencia da espada excluirá a supremacia da opinião nacional e teremos um despotismo violento, peor do que o anterior, molle, pacato, bonancheirão... um despotismo paternal, genuinamente bragantino.

— Perdão, doutor — observou Sergio de Lima, que se tornára assiduo frequentador do palacio Uberaba — ha no governo estadistas eminentes do mais subido valor mental...

— Não digo o contrario; mas esses homens são uns utopistas; nunca fôram governo; fôram deputados, brilhantes parlamentares, idéologos eruditos, que não conhecem o manejo da machina de construir povos, nem empunharam jámais a cana do leme da náu do Estado.

— Nós não dispunhamos de homens de experiencia de governo democratico, nem poderíamos confiar a Republica infante a estadistas da monarchia...

— Em primeiro lugar, meu caro collega, deixe-me dar-lhe os parabens. O senhor já diz nós como se não estivesse ainda cheirando ao regimen que defenderia com o brilho do seu talento juvenil, se o levante dos quarteis o não houvesse privado de uma cadeira na Camara dos deputados. Já adheriu?...

— As minhas idéas — respondeu Sergio de Lima, encandescido pela observação de Souza e Mello — eram democraticas. Fui abolicionista, combatendo ás ordens da marquez de Uberaba, e a Republica foi uma consequencia logica da victoria da emancipação. Eu era, sempre fui republicano; mas, adversario dos meios violentos, me conformava ás circumstancias, na posição de servidor da Patria como magistrado.

— A mesma situação do Dádá — atalhou Dolores, interrompendo o longo relatorio que fazia ás senhoras do que se passava no seio do governo provisorio.

— Desde que — continuou Sergio — a Republica venceu numa victoria incruenta, de accordo com as minhas aspirações, não me achei tolhido por incompatibilidades.

— Diz muito bem, meu caro — vol-

veu o Souza e Mello — nenhum desses que estão correndo em massa, em bandos delirantes de entusiasmo a se prostrarem ante o idolo do dia, sentem a pressão das incompatibilidades, da coherencia. Em segundo lugar, como ia dizendo, eu não poderia exigir que o governo, este tal de governo provisorio, fôsse confiado a monarchistas. Isso seria uma incongruencia. O que eu censuro, aquillo que será sempre objecto de protesto vehemente nos labios dos verdadeiros democratas, é que não se tenha entregado a direcção das coisas publicas aos republicanos naturalmente indicados para isso. O que eu censuro, como uma ameaça á paz publica e ao futuro do Paiz, é o predominio do elemento militar, dos sargentões, influenciados pelos discipulos de Benjamin Constant, arrancados dos bancos da escola para os mais melindrosos cargos, para substituírem os presidentes das provincias. Ora, meus senhores, é preciso convir que isso não recomenda o criterio do governo, nem é de bom agouro para a Republica, entregue á patolêa de rapazes inexperientes, exaltados...

— Sim, nesse ponto tem razão.

— E, sobretudo — concluiu o advogado — muito imbuidos, por culpa do Imperador, das idéas de uma philosophia subversiva, os taes discipulos de Benjamin Constant. Isso não é serio...

— Nós devemos ser gratos — observou Sergio — ao governo provisorio, que poderá commetter faltas, muito naturaes nesses momentos de agitação, mas tem manifestado as mais patrioticas intenções...

— Vejo que estará, sem falta, reeleito para a Constituinte...

— E' provavel — affirmou Sergio, com certa firmeza — Os amigos que me elegeram não perderam o prestigio e a influencia. Além disso, devemos ao governo a manutenção da ordem; podemos dormir de portas abertas; desapareceram por encanto, os malfeitores, os gatunos que infestavam a Côrte, quero dizer a Capital Federal...

— Mas ficaram outros...

— Esse cruel espirito de contradicção condúl-o a injustiças flagrantes...

— Injustiças? Pois o senhor, que está na panellinha do governo, não ouviu dizer... que saquearam o palacio da Boa Vista?...

— Isso é de mais...

— Não sei se é de mais ou de menos: o que certo é que se diz, a bocca pequena...

— Acredita o senhor, um espirito lucido e recto, nessas mesquinhas calumnias?....

— Refiro, apenas, o que ouvi de um amigo, um militar muito serio, indignado com certos factos: vergo-

nhosos furtos de livros, de quadros, de coisas preciosas... Sabe que mais, meu caro senhor?... E' melhor não mexermos neste delicado assumpto.

E o advogado, erguendo-se indignado, estendia a mão num gesto ameaçador.

— Isto que ali está não dura um anno. A julgar pelas premissas funestas, iremos ter á anarchia, a um continuo levante de quartéis, á separação das provincias, ao desmantelamento de todo o edificio que, se não é perfeito, foi o melhor que puderam construir os nossos antepassados, com os pessimos elementos ao seu alcance. De coração desejo que as minhas previsões se não realizem; mas não vejo signaes de estabilidade nessa balburdia.

— Tenha fé no futuro — retorquiu-lhe Sergio de Lima — O senhor se impressiona demasiado com os senões, muito naturaes, inevitaveis, no inicio de um regimen politico. A agitação suspende á tona os sedimentos accumulados no fundo. Dahi, esse turvo aspecto, que desaparecerá, quando a situação se normalisar.

— Espere por isso... O lixo ficará na superficie. Aquelles que não têm qualidades de fluctuação, os mediocres, os incapazes se incumbirão de manter, em proveito proprio, as aguas agitadas.

— O senhor é irreductivel.

— Eu vejo nitidamente os factos que a sua phantasia de moço devisa através do prisma doirado das esperanças, das illusões. E, porque vejo claro, não me conformo com a Republica, saída da indisciplina dos quartéis.

— O marechal Deodoro é um patriota, é um homem de bem.

— Não digo menos disso, não contesto as suas qualidades de soldado, as suas virtudes de cidadão; receio, entretanto, e com razão, que elle não possa conter a tremenda onda de ambição, avolumada em torno do governo provisório...

— Nisso tem toda a razão—observou Dolores—O marechal vive assediado por um exercito de pretendentes que o perseguem sem piedade. Imaginem que não pôde ainda collocar dignamente o Dadá, apesar de fazer disso questão pessoal, para dar-me uma prova de gratidão pelos serviços que lhe prestei... Foi commigo que se achou, no momento terrivel... Não estivesse eu junto delle para amparal-o, para tratál-o, teria morrido... O marechal não está satisfeito. Os militares começam a murmurar contra o governo, contra o dr. Benjamin, que tem soffrido as mais cruéis decepções. Dizem até que já se conspira...

— Não é necessario entrar nos bastidores da politica para saber—affirmou Souza e Mello — que as figuras

principaes do levante não estão contentes com a posição que lhes foi dada; julgam-se mercedores dos postos mais eminentes; elles, que blasonam de terem feito a Republica, deveriam ser os primeiros aquinhoados. Como responsáveis pela mudança da fórmula de governo, se acham intitulados a intervir nelle... O patriotismo dessa gente exigirá recompensas, e não hesitará em obtel-as pela espada...

Sergio de Lima deixára o grupo, onde Souza e Mello aggreidia, impiedoso, a Republica, e se approximára, lentamente, das senhoras reunidas, num obscuro recanto do salão, em torno da marquezia, cujos ouvidos aguçados não perdiam uma palavra daquellas objurgatorias candentes do antigo democrata, adversario do Imperador e da monarchia, agóra, adversario da revolução, dos seus próceres. O conselheiro Antonino estava tambem com as senhoras para evitar o vexame de tomar parte na discussão, de emitir a sua opinião valiosa, sempre solicitada naquelles incruentos debates, muito frequentes naquella ródia de amigos. D. Eugenia pensava, como o seu egregio marido, que o momento não era opportuno para a manifestação de convicções politicas. O silencio era o melhor abrigo dos homens prudentes, daquelles que tinham graves responsabilidades no passado e estavam isentos de todos os compromissos da nova situação. Demais, as idéas do conselheiro eram conhecidas; elle previra o desastre com muita antecedencia.

— Que me diz v. ex., perguntou Sergio á marquezia — que me diz do pessimismo daquelle amigo?

— Esta casa — respondeu a marquezia, sorrindo — é um territorio neutro. Eu não devo emittir a minha opinião: o meu medico me impôz absoluta abstenção da politica.

(Continúa).

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O URSO BRANCO

Elle é descomunal, titanico, felpudo; Anda sinistramente a farejar na treva, E causa-nos horror como um gigante mudo.

Vive na escuridão fantastica do Neva, E já ouvi dizer que essa alimaria informe E' tambem como nós filho d'Adão e Eva.

Rasteja pela sombra, e mesmo quando dorme Conserva sempre aberto um olho coruscante, Como um cato real, ensanguentado, enorme.

E' o despota feróz, o cesar triumphante Duma crepuscular, longinqua Babylonia, Que é como um pesadelo, uma visão de Dante.

Nas convulsões febris da bestial insomnia Estorce-se a lamber as garras sensuaes, Ruminando lá dentro o craneo da Polonia.

Anda a espreitar ao longe as torres orientaes, As flexas de Stambul, as morbidas almeias, Com o riso cruel dos lobos imperiaes.

Tira o sangue do povo e manda abrir-lhe as veias, E os duques generaes e os bispos cortesãos Misturam-no com sangue e bebem-no nas ceias.

Satanaz é seu pae e os tigres seus irmãos. Depois de realizar doidas carnificinas, Lava com agua benta as sanguinarias mãos.

Sobre os campos do mal semeia as guilhotinas. Mergulha brutalmente a plebe esfarrapada Na brouzea escuridão das tenebrosas minas.

Por isso, quando váe de frente levantada, Entre o clamor febril da guarda pretoriana, Erguendo para a luz a flamejante espada;

Debaixo de seus pés em confusão insana Sente-se revolver um mar de imprecações, Que abala o fundamento á consciencia humana.

Justiça! váe abrir as furnas dos leões! Desce daquelle inferno ás gelidas entranchas, E arranca-me de lá os tristes corações,

Que sentem sobre si o peso das montanhas... Transforma numa lança os ferros das algemas, Váe aos gelos do norte, ás solidões estranhas,

Procura a féra brava; eia, mulher, não tremas! Embebe-lhe sem dó no muscuroso flanco A lança virginal das coleras supremas.

Monta no teu corcel! Agarra o urso branco, Ensina-lhe a dançar umas grotescas danças, E dá-o de presente a um magro saltimbancó,

Que o mostre numa feira aos risos das crianças.

GUERRA JUNQUEIRO.

\*\*

### A DISCIPLINA SOB O IMPERIO

Com teu amo não jogues as pèras, diz um rifão popular. O sr. Carlos Affonso, ministro da Guerra, apesar da nobreza de sua estirpe, ainda ha dois dias commemorada no anniversario do supplicio do Tiradentes, não desdenha estes conselhos, que a velha prudencia dos humildes ensinou aos que precisam de pão para a bocca.

Ainda está na memoria de todos, o caso do coronel Frias Villar. O sr. ministro da Guerra encheu-se todo de disciplina, e levou o escrupulo de rigorosa applicação da lei ao ponto de entrar pelo arbitrario, como quem entra pelo que é seu. Africas eguaes fez s. ex. com alguns outros officiaes, accusados de não dizerem *Dominus*

*secum*, quando s. ex. espirra. E a disciplina a ser cantada em prosa e verso, e o thesouro nacional a pagar a musica!

Chegou, porém, o dia em que, apesar de todo o arreganho do conde de Lippe de Meia Pataca, foi preciso que s. ex. dissesse a si mesmo: — Meia volta á esquerda! Volver!

E' que o sr. conde d'Eu é marechal do exercito brasileiro pelo acto de bravura que praticou, vindo para o Brazil. Como marechal do exercito, sua alteza real é tão militar como o corneta que conduziu o sr. Enéas ás victorias do Paraná; isto, de direito.

Mas do direito ao facto ha uma distancia que só pôde ser percorrida por um homem, na bôa accepção desta palavra. E o sr. Carlos Affonso acaba de provar que não é homem.

O sr. conde d'Eu considerou-se ha mezes desautorado, como presidente da commissão de melhoramentos do material do exercito, pelo capitão Duarte, membro dessa commissão. Foi ao ministro e pediu a demissão desse official; mas o official não é pagão, e não foi demittido. O sr. conde d'Eu, escamado — se não é irreverente applicar este termo a tão alto personagem — pediu uma licença por trez mezes, para tratar de sua saúde no Congresso de Instrucção. Trez mezes, calculou sua alteza, é o mais que pôde durar este ministro; mas os trez mezes passaram, e o ministro continuou a ser freguez da companhia de carruagens. O dia 10 do mez que corre viu expirar a licença; como militar, *pago* pela Nação para cumprir o seu dever; como marechal, *obrigado*, pelo seu posto, o mais elevado do exercito, a dar o exemplo da disciplina, sua alteza *devia* ter-se apresentado á sua repartição, ou, pelo menos, por attenção ao Paiz, para merecer o respeito que naturalmente quer que se lhe tribute, devia ter pedido renovação da licença.

Sua alteza, porém, além de ser marechal do exercito, é príncipe e é genro de sua magestade o Imperador, e o senhor seu sogro sabe o ministro da guerra que tem. Sua alteza, portanto, deixou-se ficar em casa, de onde sáe para presidir as sessões preparatorias do Congresso de Instrucção, e foi tanto apresentar-se ao sr. ministro como nós, que não somos militares, e

que não receiamos ir passear a Matto-Grosso, porque, *por ora*, ainda não se inaugurou o systema de deportar paizanos; mas, lá chegaremos, se as coisas continuarem assim.

Se tivesse procedido deste modo, qualquer outro membro da commissão de melhoramentos do material do exercito teria sido demittido immediatamente, e com justiça; mas, tratando-se do sr. conde d'Eu, genro do homem que faz ministros, o sr. Carlos Affonso entendeu que era mais prudente não demittir o militar indisciplinado.

E as coisas ficariam assim, se a canalha, que não entende destas coisas, não começasse a rosnar. Mas a canalha rosnou, e o sr. ministro, não podendo consultar a lei, que só aconselha para estes casos umas coisas bôas para a miuçalha, mas impossiveis para os príncipes, consultou-se a si mesmo, e teve uma destas inspirações de genio, que firmam para sempre a capacidade de um homem para ocupar os altos cargos do Estado: — foi á casa do sr. conde d'Eu pedir a sua alteza que requeresse a s. ex. uma prorogação de licença.

Então sua alteza o sr. marechal de exercito, tendo pena do sr. ministro da Guerra, com essa magnanimidade propria do homem que tem atrás de si uma enfiada de avós, que sempre viveram da pratica de virtudes desse quilate, houve por bem fazer esse favor ao sr. Carlos Affonso. E, em data de 17, foi prorogada por um mez a licença que expirára a 10.

O unico resultado pratico que a Nação colhe de tudo isto—é verdade que é unico, mas é bom—é ficarmos sabendo que os dias do sr. Carlos Affonso no ministerio estão contados, e que antes do dia 10, ou, quando muito, antes do dia 17, se os sete dias em que o sr. conde passou sem licença lhe fôrem levados em desconto de seus serviços, teremos o prazer de ver outro ministro da Guerra, o que sempre será uma diversão na fórmula, porque, quanto ao fundo, lá está quem os sabe escolher a dedo.

Façamos, porém, justiça plena ao sr. Carlos Affonso. Não se pense que s. ex. engoliu uma pillula deste calibre, e que esta não lhe fez effeito nenhum. S. ex. não pôde subtraír-se de todo ás leis geraes da materia, e, quando é

comprimido por um lado, estufa pelo outro.

E' assim que, engasgado pelo caso do sr. conde d'Eu, e pelas cartas do sr. visconde de Pelotas, s. ex. procurou um derivativo em outros officiaes do exercito que não são genros de monarchas.

Pegou no sr. coronel Cunha Mattos, do estado-maior, e que foi official de gabinete do sr. visconde de Pelotas, e mandou-o commandar um batalhão no Amazonas; um cunhado desse official, o sr. capitão Carlos Soares, que tambem serviu com o sr. visconde de Pelotas no Paraguay, foi tirado do estado-maior para um corpo em Matto-Grosso; um sobrinho do sr. visconde de Pelotas foi retirado da Escola Militar de Porto-Alegre para o seu corpo.

Note-se que, para mandar o sr. capitão Carlos Soares para Matto-Grosso, foi preciso fazer toda essa dansa: um official que estava aqui em um regimento em S. Christovão, foi passado para o estado-maior, para o logar do capitão Soares; para S. Christovão vem um official, que estava no Paraná; para o Paraná váe um official que estava em Matto-Grosso, para se arranjar espaço para mandar para Matto-Grosso o sr. capitão Carlos Soares, accusado de ser amigo do sr. visconde de Pelotas.

E não se pense que estes arreganhos do sr. ministro importam simplesmente incommodo e despezas a esses officiaes; importam tambem despezas consideraveis para os cofres publicos, de onde não pôde sair dinheiro para melhoramentos materiaes, para serviço de hygiene e outros, mas de onde se tira assim ouro ás mãos cheias para satisfazer caprichos.

O capitão Soares é casado e tem filhos; o governo tem de pagar-lhes a passagem daqui a Matto-Grosso; tem de pagar a passagem de Matto-Grosso ao Paraná a outro official; a outro, a passagem do Paraná a esta Côrte; ao sr. coronel Cunha Mattos, que tem familia numerosa, passagem para o Amazonas.

Esta brincadeira custa alguns contos de réis; mas isso pouco importa, comtanto que se applique aos officiaes amigos do sr. visconde de Pelotas a disciplina a que tão sobranceiramente se subtráe o sr. conde d'Eu.

E' que o sr. Carlos Affonso, em

questões de legalidade e disciplina, tem duas maximas : uma que applica para baixo, e outra que applica para cima. Quando se acha em frente de officiaes que não têm padrinho nas altas regiões, a maxima é — manda quem póde— ; quando se trata do sr. conde d'Eu, genro de s. m. o Imperador, a regra é esta outra — com teu amo não jogue as pêras.

FERREIRA DE ARAUJO.

1883.

### APONTAMENTOS

PARA UM DICIONARIO DE CELEBRIDADES

**NASCIMENTO**, (Alexandre Cassiano do) deputado pela terra do churrasco, elevado á preeminencia de guia do seu partido, visto o merito que lhe advem de uma bôa prosa entre goles de café, do seu natural cortex, e de um coração franco, prestativo, incapaz de negar aos amigos o menor obsequio. E os amigos abusam, fazem-no relatar e discursar em questões momentosas, convencem-no de que é orador, obrigam-no com amaveis empurrões a subir á tribuna, a dizer o que sabe e o que não sabe, elevam-no ao papel brilhante ou ridiculo, conforme a pessoa, de *leader*, e o sr. Cassiano a tudo se presta, jovial, bôa alma, cheio de concessões, pois que os amigos, os amigos a quem tudo deve, assim exigem. Obedece, zeloso, ao aceno de todos os seus bons camaradas do Rio, ou de Porto Alegre, ou de Pelotas, ignorando completamente o alcance da sua acção em politica, para a qual entrou, não sabe como, e na qual se conserva, sem saber o que faz, — e o povo perdôa-lhe : elle é tão simples, tão bonacheirão, tão feliz !! Si um dia os bons amigos, num momento de *humour*, se lembrarem do seu nome para presidente da Republica, o sr. Nascimento, talvez preferindo ás agruras desse cargo que lhe dá vertigens, uma partidinha de xadrez no seu club, em Pelotas, se sacrificará, risinho, e acceitará, resignado, o LOGAR, que é para sempre do sr. Rodrigues Alves, desde a phrase nocturna de 14 de novembro.

\*\*

**BITTENCOURT**, (Edmundo) jornalista singular na imprensa brazileira, o mais temido, o mais odiado, e o que mais se approxima da Verdade, nas suas fallas ao Povo, de quem é o confiante rispido e bem amado. O incisivo Paul Adam dar-lhe-ia o epitheto com que definiu Rochefort, chamar-lhe-ia o AMANTE DA MULTIDÃO. Cruel amante este, cujas caricias se traduzem em

apostrophes eloquentes e indignadas, e não perdôa á creatura que ama o abandonar-se, complacente e cobarde, nos braços dos Prepotentes. O sr. Bittencourt improvisou-se homem de imprensa, da noite para o dia, num momento em que lhe pareceu a Fortuna mais propicia aos audazes, e revelou-se, rapidamente, um dos primeiros na eloquencia e o primeiro na bravura. As campanhas em que fez as suas primeiras armas ainda estão na memoria de todos, e nunca deixará alguém de admirar a audacia inventiva do homem que um dia exhibiu a essa rua do Ouvidor, eternamente avida de escandalo, aquellas celebres visceras em decomposição, certamente mais impressionadoras que os artigos entrelinhados do *Correio da Manhã*. E' um grande jornalista, sem ser um talento notavel, e a sua folha, um *Mikasa* victorioso e invulneravel, parece impossivel de ser mettida a pique, nem mesmo torpedada pelo Odio e Inveja, boiantes em torno.

PEDRO INNOCENCIO.

### DIVERSÕES

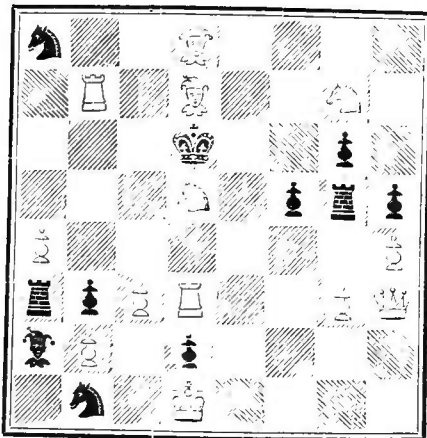
XADREZ

*Historico* (cont.) — No seculo 6º da era christã, o xadrez soffreu algumas modificações : foi supprimido o dado ; os alliados se reuniram de um lado só do taboleiro, um dos reis decafu para a situação de *vizir* (actualmente a *dama*) : o *elephante*, (*torre* hoje), mudou-se para o canto, e o *navio* (*bispo*), para o logar que ainda occupa ; finalmente o *vizir*, novamente creado, só dava um passo em diagonal. Esta fórma do xadrez perdurou até o seculo XVI, quando novas alterações, que ainda hoje se conservam, vieram trazer-lhe a sua fórma definitiva, de uma harmonia tão perfeita : o augmento de poder do *bispo*, que se move em toda a extensão das diagonaes ; a reunião, na *dama*, dos movimentos do *bispo* e da *torre* ; a faculdade conferida aos piões de avançar duas casas no 1º passo ; e o *roque*.

#### PROBLEMA Nº 5

Cardoso Braga

PRETAS (11)



BRANCAS (13)

Mate em dois lances

#### PARTIDA Nº 5

GAMBITO EVANS

Brancas	Pretas
(Morphy)	(Löwenthal)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B R 4 B — 3 —	B R 4 B
P 4 C D — 4 —	B X P
P 3 B D — 5 —	B 4 B
Roque — 6 —	P 3 D
P 4 D — 7 —	P X P
P X P — 8 —	B 3 C
P 5 D — 9 —	C + R (a)
C X C — 10 —	P X C
B 2 C — 11 —	D 2 R
B 5 C (x) — 12 —	B 2 D
B X B (x) — 13 —	R X B
D 4 C (x) — 14 —	P 4 B R
D X P (x) — 15 —	R 1 R
B X P (b) — 16 —	C 3 T
D 4 B — 17 —	R 2 D
C 2 D — 18 —	T D 1 R
C 4 B — 19 —	B 4 B
T D 1 D — 20 —	B 3 D
B X B — 21 —	P X B
T 1 C D — 22 —	P 3 C D
T R 1 B D (c) — 23 —	D 3 B
D 3 R — 24 —	C 5 C
C X P (x)! — 25 —	P X C
T 7 B (x)!! — 26 —	R 1 D (d)
D X P — 27 —	D X P (x)
D X D — 28 —	C X D
T 7 T! — 29 —	C 6 T (x)
P X C — 30 —	R 1 B
R 2 B — 31 —	abandona

(a) Seria preferivel C 2 R ; o pião da Dama está perdido.

(b) Já a superioridade das brancas é manifesta.

(c) Ameaçando mate em trez lances : 24 — T X P C, P X T ; 25 — C X P (x), R move, 26 — T mate.

(d) Se R X T, as Brancas dão mate em trez lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 4: 1 — C 5 R X P, R X P (a, b, c) ; 2 — C (6 D) 4 B D, R move-se ; 3 — D 6 D ou D 2 C D mate ; (a) 1... P 5 B ; 2 — C 5 C D, *ad libitum* ; 3 — D 6 D mate ; (b) 1... P X P ; 2 — C 7 C D, *ad libitum* ; 3 — D 6 D mate ; (c) 1... R 3 R ; 2 — C 8 B D, *ad libitum* ; 3 D 6 D mate.

JOSÉ GETULIO.

A festa ao jornalista Henrique Chaves, promovida pela imprensa carioca, segundo a iniciativa do escriptor Olavo Bilac, do commandante José Carlos e do caricaturista Angelo Agostini, realisa-se depois de amanhã.

O *Jornal*, de 13, conta que o director da *Gazeta* « aqui chegou em outubro de 1869, vindo do *Diario de Noticias*, de Lisboa, onde principiára a vida jornalística com mestres do jornalismo portuguez. No Rio de Janeiro achou campo para sua actividade e pratica para as lições que recebera.

Foi redactor do *Diario de Noticias*, a primeira folha fluminense de venda avulsa de preço infimo, imitação do de Lisboa e seguimento da evolução provocada na imprensa pariziense por Emilio de Girardin.

O grande exito popular do *Diario de Noticias* foi prenuncio do da *Gazeta de Noticias*, fundada depois do desaparecimento d'aquelle, annos depois, e de que Henrique Chaves foi um dos fundadores. Collaborou eile no *Mosquito*, berço da *Gazeta de Noticias*, com Ferreira de Araujo, Manoel Carneiro e Angelo Agostini.

Dos creadores da *Gazeta*, muitos a morte levou e outros mudaram de profissão ; Henrique Chaves é o unico que tem nessa redacção a sua meza de trabalho.



## SYSTEMAS DE NUMERAÇÃO

## MUDANÇA DE BASE

## 3.º processo

25—Consiste este processo em, dado o numero  $N$  no systema de base  $b$ , multiplicar pela respectiva potencia da base o algarismo de cada ordem, effectuando as operações na base  $b'$ ; para a qual se quer mudar o numero, e sommar depois estes diversos productos.

26—E' claro que o numero vem assim representado na base  $b'$  porque, effectuando-se as operações nesta base, o agrupamento das unidades para a formação das unidades superiores se faz segundo o systema que rege a nova base.

27—A fórmula é immediata :

$$N = b^m a + b^{m-1} a + b^{m-2} a + \dots + b^2 a + b a + a$$

Desde que as operações aqui indicadas, de potenciação, de multiplicação e de addição, sejam effectuadas na base  $b'$  equivale isso a constituir o numero nesta nova base, formando com  $b'$  unidades de uma ordem uma unidade de ordem immediatamente superior.

28—EXEMPLO. Seja o mesmo exemplo tomado nos dois primeiros processos :

$$\begin{matrix} \text{(seis)} & 2 & \text{(cinco)} \\ 423 = 6 \times 4 + 6 \times 2 + 3 \end{matrix}$$

Ora, o signal 6 não é conhecido na base quinaria, onde só se encontram os algarismos 0, 1, 2, 3, 4. Representemos, pois, o valor seis, como elle deve ser representado na nova base, isto é, seis = 11.

Teremos :

$$\begin{aligned} \text{(seis)} & 2 & \text{(cinco)} \\ 423 = 11 \times 4 + 11 \times 2 + 3 \\ & = 121 \times 4 + 11 \times 2 + 3 = \\ & = 1034 + 22 + 3 \end{aligned}$$

Ou, finalmente :

$$\begin{matrix} \text{(seis)} & \text{(cinco)} \\ 423 = 1114 \end{matrix}$$

29 — NOTA. Este processo usa-se particularmente, quando se quer mudar para o systema de base decimal um numero representado em outro qualquer systema, pela consideração de serem effectuados os calculos no systema usual. Exemplo. Seja o numero 1430, escripto na base oito, que se quer mudar para a base decimal :

$$\begin{matrix} \text{(oito)} & \text{(dez)} \\ 1430 = 8^3 \times 1 + 8^2 \times 4 + 8 \times 3 + 0 = \\ & = 512 + 256 + 24 \end{matrix}$$

$$\text{ou seja : } \begin{matrix} \text{(oito)} & \text{(dez)} \\ 1430 = 792 \end{matrix}$$

30 — Na pratica pôde-se dispôr assim o calculo :

$$\begin{array}{r} 1000 = 1 \times 8^3 = 512 \\ 400 = 4 \times 8^2 = 256 \\ 30 = 3 \times 8 = 24 \\ 0 = 0 = 0 \\ \hline 792 \end{array}$$

31 — Ha uma outra maneira de empregar este mesmo processo : multiplica-se o algarismo da mais alta ordem pela base do numero, somma-se a este producto o valor absoluto do algarismo seguinte ; multiplica-se este resultado novamente pela base e ao producto somma-se o valor absoluto do algarismo immediato ; e assim por diante até se ter considerado o ultimo algarismo. E as operações serão effectuadas na nova base.

32 — Eis a fórmula, tomando-se para maior clareza um numero limitado  $a a^I a^{II} a^{III} a^{IV} a^V$  :

$$N = [ ( ( ( a \times b + a^I ) b + a^{II} ) b + a^{III} ) b + a^{IV} ] b + a^V$$

Desenvolvendo-se esta fórmula, chega-se á do processo precedente.

$$\begin{aligned} & [ ( ( ( a \times b + a^I ) b + a^{II} ) b + a^{III} ) b + a^{IV} ] b + a^V = \\ & = [ ( [ ab^2 + a^I b + a^{II} ] b + a^{III} ) b + a^{IV} ] b + a^V = \\ & = [ ( ab^3 + a^I b^2 + a^{II} b + a^{III} ) b + a^{IV} ] b + a^V = \\ & = [ ab^4 + a^I b^3 + a^{II} b^2 + a^{III} b + a^{IV} ] b + a^V = \\ & = ab^5 + a^I b^4 + a^{II} b^3 + a^{III} b^2 + a^{IV} b + a^V \end{aligned}$$

De facto, no processo anterior multiplica-se o algarismo de ordem superior pela potencia respectiva da base, o immediato pela potencia respectiva, e assim por diante ; depois sommam-se os diversos resultados.

Aqui as multiplicações se fazem parcellada e repetidamente pela simples base, mas de tal forma que na ultima o algarismo da mais alta ordem vem igualmente multiplicado pela potencia respectiva da base, bem como os demais algarismos das ordens subsequentes.

33 — EXEMPLO. Mudar 423 da base seis para a base cinco.

$\begin{array}{r} 423 \\ \times 11 \\ \hline 44 \\ + 2 \\ \hline 101 \\ \times 11 \\ \hline 101 \\ 101 \\ \hline 1111 \\ + 3 \\ \hline 1114 \end{array}$	<p>(seis)</p> $423 = (4 \times 11 + 2) 11 + 3 =$ $= 4 \times 11^2 + 2 \times 11 + 3 =$ $= 1034 + 22 + 3 =$ <p>(cinco)</p> $= 1114$
--	--

34 — Esta nova maneira emprega-se tambem, assim como se dá no processo anterior, na mudança de um numero de um systema de base qualquer para a base decimal, pela razão já indicada.

35 — NOTAS GERAES — a) Os dous primeiros processos differem no modo de determinar os algarismos das ordens na nova base e semelham-se no modo de chegar a este resultado, que é o mesmo de divisões successivas. Ainda differem quanto á natureza dos termos da divisão que indicam estes algarismos : no primeiro são os quocientes ; no segundo são os restos, que constituem os valores das ordens, aquelles tomados na ordem directa, estes na ordem inversa.

b) Ha um caso particular da mudança de um numero, de uma base qualquer para outra base qualquer, com operações todas effectuadas na base decimal. Consiste na combinação dos processos 2.º e 3.º.

Dado o numero 423, (base seis) para mudal-o para a base cinco, faz-se ao mesmo tempo a conversão para a base decimal e desta para a quinaria.

$$\begin{array}{r|l} \text{(seis)} & \\ 423 & 5 \\ \hline 25 & 51 \quad | \quad 5 \\ \hline 13 & 0(1) \quad | \quad 10 \quad | \quad 5 \\ \hline (4) & & \quad | \quad 5 \\ & & \quad | \quad (1) \\ & & \quad | \quad (1) \end{array}$$

Tomam-se os dois primeiros algarismos á esquerda, e o numero formado por elles divide-se por 5; antes, porém, muda-se pelo 3.º processo este numero (42) para a base decimal ( $4 \times 6 + 2 = 26$ ).

A divisão de 26 por 5 (base decimal) dá 5 para quociente e 1 para resto. A este resto junta-se o algarismo seguinte 3. Muda-se 13 para a base decimal, o que pro-

duz 9. O quociente de 9 por 5 é 1 e o resto 4. E assim por diante.

Desta fórma, ao mesmo tempo que se váe convertendo o numero dado, da base em que se acha para a base decimal, por meio das multiplicações do 3.º processo, o mesmo se váe fazendo da base decimal para a nova base, pelas divisões successivas do 2.º processo.

c) Quem quizer effectuar todas as operações na base decimal ainda poderá mudar o numero da base em que está para a decimal pelo 3.º processo ou a sua variante e depois para a nova base pelos processos 1.º ou 2.º (methodo indirecto).

d) Damos, como exercicio, um numero representado em base superior á decimal, que se queira representar em outra base, tambem superior á decimal. E resolvamos o problema pelos trez processos e pela variante do terceiro.

Seja 75a02 o numero escripto na base *onze* (a = dez). Vamos passal-o para a base *doze*.

1.º — Procuremos as potencias de *doze* contidas no numero dado. As operações, como se sabe, são feitas na base *onze* e, nesta base, *doze* representa-se por 11.

Assim

$$\text{doze} = 11; \text{doze}^2 = 11^2 = 121; \text{doze}^3 = 11^3 = 1331$$

$$\text{doze}^4 = 11^4 = 14641$$

Esta ultima é a maior potencia de *doze* contida em 75a02.

Dividamos, pois, 75a02 por 14641 :

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \\ 75a02 \quad | \quad 14641 \\ 70995 \quad | \quad 5 \\ \hline 5018 \end{array}$$

Está determinado o algarismo da mais alta ordem — 5. Dividamos, agóra, 5018 por 1331, terceira potencia de *doze*:

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \\ 5018 \quad | \quad 1331 \\ 3993 \quad | \quad 3 \\ \hline 1135 \end{array}$$

O algarismo da ordem immediata é 3. Continuemos do mesmo modo :

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \\ 1135 \quad | \quad 121 \\ 109a \quad | \quad a \\ \hline 46 \\ 46 \quad | \quad 11 \\ 44 \quad | \quad 4 \\ \hline 2 \end{array}$$

E o numero na base *doze* é 53a42.

2.º — Dividamos o numero dado por *doze*, depois o quociente da divisão ainda por *doze*, o novo quociente ainda por *doze*, até chegarmos a um quociente inferior a *doze*. Este quociente representará o algarismo da mais alta ordem do numero na nova base e os restos das divisões, em ordem inversa áquella em que fôram encontrados, os algarismos das ordens subsequentes.

Eis o quadro das operações (calculos na base *onze*) :

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \\ 75a02 \quad | \quad 11 \\ 66 \quad | \quad 6a00 \quad | \quad 11 \\ \hline aa \quad 66 \quad | \quad 637 \quad | \quad 11 \\ aa \quad 40 \quad | \quad 55 \quad | \quad 58 \quad | \quad 11 \\ \hline 02 \quad 33 \quad | \quad 97 \quad | \quad 55 \quad | \quad 5 \\ \hline 80 \quad 88 \quad | \quad 3 \\ \hline 77 \quad a \end{array}$$

4

$$\begin{array}{r} \text{(onze)} \quad \text{(doze)} \\ 75a02 = 53a42 \end{array}$$

3.º — Decomponhamos o numero dado em parcelas, cada uma dellas producto do algarismo da ordem pela potencia respectiva da base em que elle se acha escripto, e effectuemos os calculos indicados na base para a qual queremos mudar o numero (a = dez ; b = onze) :

$$\begin{aligned} \text{(onze)} \\ 75a02 &= 7 \times b^4 + 5 \times b^3 + a \times b^2 + 0 \times b + 2 = \\ &= 7 \times 8581 + 5 \times 92b + a \times a1 + 0 \times b \times 2 = \\ &= 4b387 + 3a27 + 84a + 2 = 53a42 \end{aligned}$$

*(doze)*

— Ou então : multipliquemos o algarismo da mais alta ordem do numero dado pela propria base e juntemos ao producto o valor absoluto do algarismo seguinte; multipliquemos esta somma novamente pela base e juntemos ao producto o valor absoluto do algarismo seguinte; e assim por deante, até termos considerado o ultimo algarismo do numero, sendo todas as operações effectuadas na base para que tem de passar o numero (*doze*) :

$$\begin{array}{r} 75a02 \\ b \\ \hline 65 \\ 5 \\ \hline 6a \\ b \\ \hline 632 \\ a \\ \hline 640 \\ b \\ \hline 5980 \\ 0 \\ \hline 5980 \\ b \\ \hline 53a40 \quad \text{(onze)} \quad \text{(doze)} \\ 2 \quad 75a02 = 53a42 \\ \hline 53a42 \end{array}$$

Para terminar damos 14 exercicios de mudança de base, com as respectivas soluções :

- |  |  |
|--|--|
| <p>1) <math>302 = 1101110</math>      <i>(seis)</i>      <i>(dois)</i></p> <p>2) <math>210121 = 1462</math>      <i>(trez)</i>      <i>(sete)</i></p> <p>3) <math>321203 = 3683</math>      <i>(quatro)</i>      <i>(dez)</i></p> <p>4) <math>9256 = 22050</math>      <i>(dez)</i>      <i>(oito)</i></p> <p>5) <math>13682 = 244213</math>      <i>(nove)</i>      <i>(cinco)</i></p> <p>6) <math>101010 = 46</math>      <i>(dois)</i>      <i>(nove)</i></p> <p>7) <math>25a63 = 13c2a</math>      <i>(onze)</i>      <i>(treze)</i></p> | <p>8) <math>8d7a5 = 147459</math>      <i>(quatorze)</i>      <i>(doze)</i></p> <p>9) <math>293d4 = 101302</math>      <i>(quatorze)</i>      <i>(dez)</i></p> <p>10) <math>38953 = b3a3</math>      <i>(dez)</i>      <i>(quinze)</i></p> <p>11) <math>26503 = 4144</math>      <i>(sete)</i>      <i>(doze)</i></p> <p>12) <math>2765 = 1825</math>      <i>(onze)</i>      <i>(treze)</i></p> <p>13) <math>1220120 = 831</math>      <i>(trez)</i>      <i>(treze)</i></p> <p>14) <math>abcd = 111010001010001</math>      <i>(quatorze)</i>      <i>(dois)</i></p> |
|--|--|

As letras a, b, c, d representam os valores *dez*, *onze*, *doze* e *treze*.

(Conclusão)

FROTA PESSÔA.

## ASSIGNATURAS

ANNO ... .. 20\$000  
 SEMESTRE ..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

## ESCRITORIO

RUA 12 DE MARÇO, 28.

## OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O alcandorado estadista que, com um aferro de unhas e dentes, está fazendo a felicidade do Ceará, não tem tempo para cuidar das molestias que devastam a população, a morrer de dôr de barriga; insurge-se contra um benemerito cidadão que se mettu a vaccinar os infelizes expostos ao contagio da variola, por um movimento de caridade, sem exigir remuneração, sem deduzir um vintem dos milhares de contos que s. ex. está accumulando no mealheiro do Estado, com a mesma veracidade daquelles milheiros legados ao sr. Pedro Borges, que teve a maldade de afirmar em relatorio que elles eram ephemerous, sómente existiam na bôa vontade ou na phantasia do seu illustre antecessor.

O patriarchal governo daquelle sabio estadista cearense — attende aos nossos adjectivos, amigo Pangloss — é um primor de regimen autocratico, temperado por uma ternura incomparavel, um grande amor á familia, aos grãos-duquesinhos, que lhe asseguram infinda successão no penoso encargo de fazer do Ceará um paraíso.

Aquillo, porém, que mais seringa o cerebro do grande homem é a manutenção de um corpo de policia. Por maior que seja a sua popularidade, por mais legitimo que seja o seu prestigio, elle pensa, com muita razão, que não ha auctoridade sem força protectora de sua obra benemerita, força passivamente obediente, prompta a executar as suas ordens, sem vacillações numa disciplina automatica.

Não lhe serve a força federal, tanto assim que se oppoz, formalmente, fôsse um dos batalhões do exercito, envenenado pela malaria do Acre, estacionar no territorio do Ceará, para restaurar a saúde escangalhada. Quando soube de semelhante ameaça, s. ex. botou as mãos na cabeça, como se estremecessem os fundamentos da sua

dynastia, e pediu ao ministro da Guerra o livrasse daquelle peste, de contaminar os seus fieis subditos com o terrivel germen do beri-beri, de formar nos seus dominios uma excrecencia, um corpo estranho, fóra das garras do seu poder absoluto e da sua vontade soberana.

Muito escrupuloso da manutenção da sua omnipotencia, o patriarcha cearense tem particular ogerisa a soldado que não vista a sua farda ou, antes, a sua libré, que não seja recrutado dentre os seus costas-largas, de uma abnegação até ao sacrificio, páus para toda obra, formando essa luzida e feróz guarda de pretorianos destinada a manter a ordem publica dentro das potrioticas aspirações do alcandorado chefe, a joia de mais subido valor, o élo mais forte e mais precioso dessa fortissima cadeia de ouro cinzelada pelo sr. Campos Salles, para estrangular o pescoço da Republica—a nefasta politica dos governadores.

A força federal é um espantallo. Ella poderia ser empregada, além de outros mistéres sinistros, em dar braço forte ao juiz federal para a execução de sentenças que não estão de accordo com a jurisprudencia dos interesses politicos, como essas de manutenção das mercadorias nacionaes importadas dos outros Estados, apesar do texto expresso da lei de 11 de junho de 1904, que cerceou a allandega estadoal, essa arapuca para colher as rendas illegaes que formam os magnificos saldos do thezouro cearense.

E' essencial, para a felicidade daquelle abençoado torrão, que o Supremo Tribunal Federal não metta o nariz nos negocios daquelle feudo, que os Accordãos do mais alto, do mais respeitavel tribunal do Paiz, não sejam executados como fórmula juridica obrigatoria. Basta a justiça local, feita á imagem e semelhança do chefe, para adorno, como convém a um povo culto, organizada á maneira de recordar a velha praga: justiça do Ceará te persiga.

O alcandorado estadista não quer ver força federal, nem pintada. Erram-lhe, ainda, na memoria os phantasmas da Escola Militar, que era um fóco de rebeldia, que era um formidavel tropêço á grandiosa obra da felicidade do Ceará. Um batalhão do exercito, mesmo depauperado, enfraquecido, reduzido a algumas praças e poucos officiaes opilados, de figados e baços desformes, de sangue povoado de hematozoarios de Laveran, seria um perigo.

Mas, se o prolifero patriarcha não gosta de soldados federaes, em compensação tem accentuado fraco pela sua policia, as legiões que são augmentadas com o recrutamento eventual de capangas supranumerarios, nos momentos em que a felicidade do Ceará periga, quando chega o momento eleitoral, quando é indispensavel amordaçar a opinião com a eloquencia do terror.

A ultima lei eleitoral não está muito afinada pelas cordas da politica dos governadores; tráz no bôjo o perigo da liberdade do voto, pelos menos para engendrar uma minoria que se metta a perturbar os patrioticos planos da dynastia acciolyna.

Apezar das maiorias apregoadas, obtidas na actual qualificação, maiorias esmagadoras, engendradas pelo correspondente unico de todos os jornaes do Rio, o venerando chefe não está tranquillo; necessita de reforçar a sua invicta milicia, armada, apenas, de carabinas Comblain; necessita de armas que matem em grosso, que varram as massas de canalha da opposição.

Por uma indiscreção do expediente do ministerio da Guerra, ficamos sabendo que «ao governador do Ceará declarou o ministro da Guerra, em resposta a um telegramma expedido pelo mesmo, que não é possivel o fornecimento da metralhadora Nordenfeldt e dos cinco mil cartuchos solicitados, por serem armas dessa especie necessarias ao serviço do Exercito,

pelo que acarretaria prejuizo ao serviço o facto de serem destruidas para outra funcção, estranha a este ministerio.»

O caso é grave, tem as proporções de um apuro, para determinar esse pedido urgente, pelo telegrapho, de uma metralhadora e cinco mil cartuchos, cinco mil tiros que poriam a salvo de qualquer aggressão, de qualquer perigo, a meiga, a patriarcal dynastia.

O sr. ministro da Guerra poderia recusar os instrumentos de destruição solicitados; estava no seu direito; mas foi uma crueldade mandar publicar o despacho de recusa, induzindo os maliciosos a pensarem que o alcandorado não se acha em bons lenções, tanto assim que procurou, secretamente, prover-se de armas devastadoras.

Se está cercado de uma muralha inexpugnável de dedicação, se dispõe de maioria esmagadora, se chovem sobre a sua dynastia as benções da população do Estado, se a opposição representa um diminuto, um fragil grupo de descontentes, de rebeldes, de ingratos, para que essa metralhadora, a quem são destinados os cinco mil cartuchos?

Lendo entre as linhas do inconveniente despacho, percebem-se insinuações desattenciosas, a futilidade do pretexto da recusa, porque uma metralhadora de menos não perturbaria a organisação do exercito, não prejudicaria os seus elementos de força.

A funcção das metralhadoras, no coiro dos cearenses, seria identica e benemerita em seus estragos, disparadas pelos artilheiros do exercito; seria de grande alcance social consolidando a politica dos governadores, — a pedra angular da Republica.

Mas ahí véem as candidaturas presidenciaes e, como uma mão lava a outra, o desparatado, o indiscreto despacho terá resposta condigna.

E' quasi um desaforo, quando se abrem os cofres das graças aos outros Estados, quando se dá um porto á Bahia, negar uma réles metralhadora ao Ceará.

\* \* \*

O caso veio a talho para demonstrar ao illustre senador Katunda que quem vive sob tecto de vidro não deve atirar pedras ao telhado alheio.

S. ex., muito preocupado com os preparativos bellicos de S. Paulo, perguntára ha dias ao senador Glicerio, contra quem se armava a terra de José Bonifacio e do sr. Rodrigues Alves? Agóra, o senador Azeredo, imitando-lhe a manobra, repetiu a questão; o hourado representante do Ceará não achou melhor evasiva senão a de allegar que o patriarcha pretendia armar-se contra futuros quatorze de novembro.

A justificação foi infeliz, e della resultou que o alcandorado está pondo as barbas de molho.

POJUCAN.

## A BATALHA DE RIACHUELO

ONZE DE JUNHO

As nações, que amam e querem manter-se livres e dignas, devem, ao raiar dos dias gloriosos do passado, saudal-os com ufania, consagrando-lhes fervoroso culto da religião do patriotismo, consagrando tambem a tradição, que perpetúa sentimentos, energias e jubilos da consciencia nacional.

Esses dias são mais do que datas memoraveis; são brazões de nobreza hereditaria—escudo inquebrantavel da propria liberdade; opulencias de patrimonio, que os posterios não ousarão dissipar; ao contrario, guardal-o-ão com profundo acatamento, senão n'ò augmentarem com desvelo e esforço.

Esta herança é força no presente, que avigorará o porvir: os povos vivem das reminiscencias do passado e perecem pelas fraquezas actuaes.

O 11 de junho é, talvez, uma das mais brilliantes recordações do povo brasileiro: nesse dia, em 1865, ferin-se a famosa batalha de Riachuelo, onde se avantajou o vulto homerico do impeterrito soldado—o velho, e consummado chefe Barroso; onde os officiaes de qualquer graduacão, até os marinheiros obscuros, elevaram-se á culminancia de sobrehumano valor, que se encarnou principalmente em Greenhalg e em Marcilio Dias; onde, impavidos no meio de suffocante e denso turbilhão da fumaça da polvora, ao retintim mortífero das bayonetas, ao rugido pavoroso das metralhas, ao fulmineo e crebro trôar dos canhões, aos horrisonos embates das prôas dos navios, ergueram-se todos com indomita bravura.

E esta cruzada da civilisação contra a selvageria, affrontam a morte em honra da Patria, em pró da causa augusta e humanitaria da liberdade mo-

derua; em reverencia á dignidade da consciencia, da razão e da justiça, que a brutal furia de um tyranno recalca aos pés e tentava opprimir e nullificar.

Recordar o 11 de junho é fazer a evocação dum passado, em que irradiava a grandeza da alma nacional; em que refulgem as virtudes civicas das gerações que souberam honrar e illustrar o nome brasileiro. Emfim, é renovar no presente uma lição, que será fecunda para o futuro. Em verdade, o povo, que não relembra a sua historia e não procura avival-a na memoria da sociedade, naturalmente a esquece e, o que é ainda mais deploravel, corre o risco de perder as virtudes legadas, mostrando não ter a capacidade e o pundonor de conserval-as. Ora, sem o culto de taes virtudes, a liberdade, a honra e a dignidade nacional desaparecem; cáem, miseraveis e cobardes, na abjecção do servilismo, rojando aos pés de despotas hypocritas, ou ferôzes.

Na commemoração dessas datas, não váe sómente o dever de patriotismo: avulta grande utilidade pratica. Os povos que se recordam do seu passado glorioso, esforçam-se em mantel-os tornando-se dignos delle; dahi, a ordem e a observancia das condições indispensaveis á harmonia da vida social.

Na antiguidade, bem se comprehendiam essas vantagens. O Estado fazia uma instituição permanente do culto dos grandes dias nacionaes de Marathonia, (1) e dos feitos de Scipião em Zama (2). Os povos modernos seguiram tão salutar exemplo: entre nós, não ha um só coração, onde pulse o amor da Patria, que não glorifique os anniversarios de Riachuelo. Itororó, Avaluhy, Lomas Valentinias, Pirebebuy, Cuevas, Humaytá, Payssandú, Aquidaban, etc.

E' um acto meritorio e patriotico, digno do applauso e do concurso da Nação inteira, o projecto dalguns brasileiros, que tentam transportar os restos mortaes do vencedor de Riachuelo, para repousar na Patria, á qual deu, com gallardia e heroicidade, um dia de gloria. Os promotores desse tentamen, por certo, querem avivar permanentemente, na memoria do povo, o dia 11 de junho, que symbolisa os prodigios de valor da esquadra que Barroso teve o orgulho de commandar e guiar a uma esplendida victoria.

A guerra andava accesa entre o Brazil e a Republica do Paraguay, por motivos de antigas reclamações, ainda pendentes de parte a parte; por causa dos factos que resultaram da missão Saraiva e que remontam ás necessidades da politica parlamentar do ministerio de 15 de janeiro; da intervenção armada do exercito brasileiro no territorio do Estado Oriental,

e do bombardeio de Paysandú, successos que deixamos de esmerilhar na presente conjuntura.

O dictador Solano Lopez prevê que, dominando a marinha brasileira as aguas do Rio da Prata, ficará o Paraguay completamente bloqueado e não poderá obter recursos bellicos, de que houver necessidade. Urgia, pois, destruir a força maritima do inimigo; dahi, proveria a indiscutivel vantagem de ter os movimentos livres e poder tirar ao adversario os proveitos, de que estava de posse. Accrescia ainda mais que o Brazil, senhor do rio, contava com toda a facilidade para mover os seus exercitos e tomar e occupar as posições mais convenientes; tudo isso, que era de grande vantagem a um dos belligerantes, parecia em extremo prejudicial ao outro; assim que disputar a posse do rio era, desde logo, urgentissimo.

Nesse presupposto, resolve assaltar, de roldão, os navios da esquadra, que ameaçava de mais perto as suas posições e acampamentos, e acreditava poder não só vencel-a em combate, como destruil-a cabalmente. E' evidente que, si o exito houvesse correspondido aos desejos, a guerra do Paraguay tomaria outro aspecto, passaria por outras phases, que não é facil determinar, visto as incertezas e os accidentes que sempre cercam a lucta de belligerantes.

Póde-se, porém, calcular, que desastre soffreria o Brazil, si a divisão do chefe Barroso tivesse sido aniquilada.

De feito, o Brazil não acharia franco o transito pelo estuario do Prata, e Lopez não teria abandonado Corrientes, que mandou invadir por um exercito de 27 mil homens com 60 boccas de fogo sob o commando do general Robles, apoderando-se, em 13 de abril, de trez vapores argentinos, coincidindo aquella invasão com outra destinada ao territorio brasileiro.

No desempenho do plano concebido, Solano Lopez ordena ao coronel Bruguez que, com dois mil soldados e 32 canhões, fortifique a linha da barranca de Riachuelo.

Preparado, assim, o terreno, o Dictador organisa uma divisão, composta de 8 vapores, cujos nomes perpetua a audaciosa e heroica manobra do Amazonas. Os vapores paraguayos eram: *Taquary, Pirabêbê, Igurey, Salto Oriental, Paraguay, Iporá, Fejuy, Marquez d'Olinda*, acompanhados de 6 chatas e com 54 boccas de fogo e 1400 homens de guarnição; toda essa força seria protegida pela linha do coronel Bruguez na barranca de Riachuelo.

A esquadra brasileira, nesta coragem, compunha-se tambem de 8 vapores: *Amazonas, Paruahyba, Bel-*

*monte, Jequitinhonha, Bebiribe, Araguary, Mearim e Iguatemy*, com 66 boccas de fogo, mil homens de guarnição, sob o mando do chefe Barroso.

Lopez confia a sua expedição ao mais capitulado dos seus cabos de guerra — o commandante Meza.

A esquadra paraguaya tinha por principal objectivo descer aguas abaixo e surprender os navios brasileiros. De feito, si o plano tivesse sido fiel e precisamente executado e si não tivessem occorrido os accidentes que embarçam as melhores combinações, quem sabe que resultados obteria a surpresa, quando, por carencia de carvão, quasi toda a guarnição dos navios saltava em terra, indo lenhar nos mattos?... E Lopez, imbuido da persuasão do feliz exito do plano, escreve o seguinte numa carta:

«Mi estimado sr. Berges.

«He recebido sus communicaciones «telegraphicas de ayer dia hasta la ultima de la primanoche, en que me «communica el mal exito de la jornada del dia. Sin el retiro que nuestros «vapores han hecho del Riachuelo, «todo se habria conseguido y la cosa «hubiera tenido otro nombre. La sola «presença de esas embarcaciones hubieran reportado la ventaja que les «ha faltado, pero asi no ha sucedido, «aunque la jornada no ha sido por «eso menos gloriosa, etc.

muy atento  
F. S. Lopez.»

Nesta carta, nota-se que o Potentado do Paraguay attribue o mau exito — á el retiro que nuestros vapores han hecho — isto é, naquella tempo diziam os que militaram no Paraguay que, em consequencia de desarranjo na machina dum dos vapores, a divisão Meza retardára a marcha e não pôde chegar no dia fixado nem fazer a surpresa e aclar os vasos brasileiros desguarnecidos.

*La cosa hubiera tenido otro nombre:* bem claro está que, em vez de derrota, seria o nome — victoria.

*No ha sido por eso menos gloriosa.* Aqui não ha vaidade, parece; porque os relatorios do chefe Barroso e dos commandantes dos navios que tomaram parte na peleja, todos proclamaram a coragem, a furia, o heroismo e abnegação dos soldados e marinheiros paraguayos. Não pôde ser o contrario, á vista do sobrehumano esforço, que empregaram os brasileiros para vencer os inimigos. Como Marcilio Dias teria luctado heroicamente e caído golpeado por mortiferos ferimentos si combatesse com inimigos covardes, ou fracos?! A valentia dos brasileiros exaltava-se, excedia-se para oppôr correspondente resistencia á furiosa bravura dos combatentes, que os atacavam. A peleja em Riachuelo foi, de parte a parte, tremenda, feróz e hor-

renda... Si dum lado os propugnadores da cruzada da civilização e da liberdade fizeram prodigios de heroismo, pelo outro lado os sectarios do Dictador, impulsionados pelo ardor do fanatismo, praticaram acções de admiravel valor. Aquelles que combateram em Riachuelo ouviram os applausos das gerações passadas; tém jús á recordação das actuaes; receberão o culto da veneração das posterias.

Aquelles atletas bem mereceram a admiração de seus contemporaneos — admiração que um poeta inspirado exprimiu desta sorte:

*Oh! elles conquistaram a eternidade,  
Homens succumbem, resuscitam denses!*

.....  
.....

*Brazileiros... Guardai os trophéos santos  
Da victoria sem par! Sagrai-lhe cultos!  
Vasto, perenne, egregio monumento  
Reviva no porvir lamanha gloria! (3)*

Qualquer que seja o juizo, que a posteridade possa formar dos acontecimentos da nossa epocha, das causas e dos motivos da guerra, todavia manterá a expressão do poeta—os bravos que succubiram, em 11 de junho, resuscitarão perante as gerações futuras—*como denses.*

EUNAPIO DEIRÓ.

(Continúa)

(1) Noethe, *De pugna Marathonica*. — Casagrandi, *La Battaglia Marathonica*.

(2) Mommesen, *Zama*.

(3) Noberto de Souza.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O nitrato de soda dissolvido em agua para réga de jardins e hortas—Experiencias francezas—Os resultados.*

Um jardineiro em Saint-Pierre du Vaudray, na França, depois de empregar, em réga aos seus jardins e hortas, o nitrato de soda dissolvido em agua, verificou que, á proporção de vinte e cinco grammas por metro quadrado de terreno, ou em régas de oito em oito dias, na dóse de trez grammas por litro d'agua, o nitrato de soda activa fortemente a vegetação e o desenvolvimento das plantas.

As experiencias fôram feitas, a principio, nos terrenos plantados de couves, chicoreas, feijões, ervilhas, batatas, etc., depois, sobre hortensias, roseiras, calodions, arvores fructiferas, dando um perfeito resultado. Em 1904, um agricultor de Beuzeville, tambem na França, realisou as mesmas experiencias, com resultados igualmente bons. Notou que as plantas são mais precoces de quinze dias, pelos menos, e, o que é particularmente notavel, as hortaliças provenientes desses terrenos nitrados ficam mais

vigorosas que as dos terrenos não nitrados. Do mesmo modo, as plantas de jardins avigoram muito mais, e abrolham, infinitamente, em flôres, lindas flôres de viço e de perfume.

\* \* \*

*Vaccina do cholera. — Vaccina da peste. — Os estudos do prof. Brouardel na Hespanha. — O virus fixo de Haffikine segundo o methodo de Jenner.*

Innoculações contra o cholera foram feitas pela primeira vez, na Hespanha, em 1884, pelo dr. Ferran, que empregava, em vez de uma vaccina de natureza fixa, o virus como o encontrava no doente, operação que correspondia ás antigas variolisações empregadas pelos orientaes, antes da descoberta do methodo Jenneriano.

O virus encontrado nos doentes varia em sua natureza, e os resultados obtidos não são constantes. Encontram-se, ás vezes, virus muito fracos para se obter uma immunisação; outras vezes, um virus demasiado forte e por isso perigoso.

O governo francez enviou á Hespanha uma commissão sob a presidencia de Brouardel, e o relatório della foi tal que o methodo de Ferran foi abandonado.

Haffikine se empenhou, então, na tarefa de encontrar um virus fixo, uma vaccina segundo o methodo de Jenner.

Tratava-se de matar, com o virus communicado de uma cobaya a outra, um certo numero desses animaes, dentro de prazo identico: encontrado o virus fixo, era elle inoculado sob a pelle do animal; si não morria, ensaiava-se matar-o pela injeção intraperitoneal; si resistia, estava vaccinado.

Era preciso experimentar, então, a vaccina sobre especies diferentes, o coelho, o pombo; era necessario, para evitar feridas perigosas, attenuar a força da vaccina, além de inocular, a primeira, o animal destinado á immunisação e, a segunda vez, com a vaccina exaltada e, depois destas duas operações, o animal ficava refractario á infecção choleric, mesmo á famosa infecção pelo tubo digestivo.

Esses estudos duraram trez annos, mas era preciso passar do animal ao homem.

Em 1892, houve, em Pariz, uma ligeira epidemia do cholera. Haffikine foi incumbido de autopsiar os mortos da detenção de Nanterre e pôde colher bacillos virgula, com os quaes fabricou vaccina fresca. No dia 18 de julho de 1892, elle injectou em si mesmo no tecido cellular subcutaneo do flanco esquerdo, a primeira dóse de vaccina anticholeric, attenuada, mas de força muito superior á que elle empregava nos animaes. Experimentou certo mal estar, febre, secura da bocca e uma

inflammação local. No dia 24 odr. Roux lhe innoculou uma segunda vaccina de virus exaltado; a temperatura subiu a 38° e, trez dias depois, estava completamente restabelecido.

A vaccina anticholeric podia ser innoculada no homem sem perigo.

No dia 22 de julho, Haffikine innoculou o dr. Sawein, de S. Petersburgo; no dia 25, o dr. Tamamckeff e Wilbonchewitch, chegando com o resultado dessas experiencias a verificar que a vaccina, cuja acção protectora ficára sufficientemente demonstrada nos animaes, nenhum perigo occasionava á saúde do homem. Era de esperar que, seis dias depois da vaccinação, o organismo do homem tivesse adquirido immuniidade contra a infecção choleric.

E' muito simples verificar uma vaccina nos animaes: vaccinam-se vinte e se lhes innocula depois a molestia; innoculam-se, tambem, vinte animaes não vaccinados e estudam-se os resultados: si os vaccinados vivem e os não vaccinados morrem, a efficacia está provada. Em relação ao homem, seria preciso matar um certo numero de individuos, coisa impossivel.

Osr. Stanhope, do *New-York Herald*, fez-se innocular a vaccina anticholeric; transportou-se, depois, a Hamburgo, onde o cholera grassava; deitou-se nos leitos dos mortos, tratou cholericos, lambeu os dedos sem os lavar e não teve a molestia. Mas essa experiencia não resolvia ainda o problema, porque o sr. Stanhope, mesmo não vaccinado, poderia ser refractario ao mal: era indispensavel, para a prova completa, que homens vaccinados e não vaccinados fizessem como elle.

Pasteur, participando da opinião de Haffikine, aconselhou-lhe uma viagem ao extremo oriente, afim de experimentar a vaccina nos paizes onde o cholera era endemico.

Lord Dufferin enviou Haffikine á India, onde havia um serviço medico organizado em Calcuttá; mas a população effeminada dessa região, sem coragem physica, não lhe forneceu uma pessoa que consentisse na vaccina. Foi elle, então, ao norte da India, onde pôde fazer, em população mais energica, 23.000 innoculações. Não era possivel acompanhar todos esses vaccinados. Para verificar a acção da sua vaccina, era preciso que elle innoculasse a metade da população de uma cidade, de uma aldeia, deixando a outra não vaccinada, processo inefficaz num paiz onde a população se desloca facilmente.

Sobreveio um accidente: um dos vaccinados morreu de febre typhoide, determinando terror á vaccina.

Uma epidemia de cholera rebentou nas cercanias dos pantanos de Calcuttá em 1894; allí Haffikine innoculou,

em 10 mezes, 3.478 pessoas. Não podendo observar toda a população, resolveu escolher para isso certas casas de habitantes permanentes, expostas á infecção. Em 76 dellas, innoculou metade dos habitantes; succumbiram 12 vaccinados, contra 72 não vaccinados, sendo de notar que certos vaccinados morreram antes de agir a vaccina, de um a quatro dias depois da innoculação, ou depois de cessada a efficacia — 421, 459, 512, 688, 735 ou 738 dias depois.

Assim, durante o periodo do 4° ao 421° dias, houve, entre 512 não innoculados, 42 obitos, 8,37%; entre os 269 innoculados, 1 obito, 0,37%. Durante o periodo de immuniidade, houve, portanto, 22,62 vezes menos mortos entre os innoculados do que entre os não innoculados.

Dessas numerosas e repetidas observações feitas por Haffikine e medicos inglezes que o acompanhavam, se deduziu, evidentemente, que a vaccina choleric abaixava de modo consideravel de obitos e que a sua acção preventiva durava cerca de 420 dias, periodo que pôde ser prolongado com as dóses mais fortes, actualmente empregadas.

Ao humanitario Haffikine deve-se tambem uma vaccina contra a peste, preparada em 1896, com a qual obteve os melhores resultados no proprio theatro dos seus estudos e observações da immunisação contra o cholera morbus.

## A QUEDA DE MUKDEN

*Psychologia dos exercitos. — Kuropatkine, generalissimo; Kuropatkine, ministro da Guerra. — A bravura do japonéz e do russo: contrastes.*

Ludovic Naudean, com a clarividencia e a brilhante *verve* habituaes, transmittiu ao *Journal*, de Pariz, as seguintes impressões, muito curiosas, sobre a famosa batalha de Mukden:

« As verdades essenciaes dominam as peripecias da historia, illuminam os factos como o Sol a Terra.

A queda de Mukden foi resultante da incapacidade do general Kuropatkine ou da inferioridade do exercito russo comparado com o japonéz?

Reconhecendo a insufficiencia de solidariedade dos seus chefes de corpos, sentindo vergar o arcabouço do seu exercito, sabendo da falta de um systema commum, de uma idéa geral directriz, Kuropatkine se arrojou apaixonadamente á empreza impraticavel de commandar, em pessoa, no campo de batalha, um exercito de quatrocentos mil homens. Por muito se approximar da acção, elle não pôde abarcal-a no todo; por ter querido

vel-a de perto, não viu a batalha: foi victima da vertigem, succumbiu.

Prisioneiro a 11 de março, foi transportado a 13 para a séde do commando em chefe japonéz, em Yentai, doze kilometros ao sul da linha do Shakke.

Os exercitos japonezes, perseguindo os russos em retirada, estavam já a vinte kilometros de Mukden, e Oyama e Kodama permaneciam ainda naquella aldeiola afastada. Estes dois grandes estratégas, ou, antes, os grandes coordenadores dos movimentos dos exercitos japonezes só sabiam da batalha aquillo que Nogni, Oku, Nodzu, Kuroki e Kamavoura lhes communicavam pelo telegrapho de campanha.

O barão de Kodama recebeu-me demoradamente, calmo, falando-me sem excitação; esse homem, cuja intelligencia regulava os movimentos de cinco exercitos, estava tranquillo como um sabio no seu laboratorio.

Eu observei nitidamente, durante os dias passados em contacto com o exercito japonéz, que não é ao genio de um chefe, ao impulso pessoal de um grande capitão, que esse devia a superioridade da sua estrategia. Não é dirigido por um grande homem, mas por uma associação de talentos, de energias, de enthusiasmos, e deve os seus successos á cohesão, á fusão perfeita das vontades individuaes em uma grande vontade collectiva.

A obra de um generalissimo, comprehendida á maneira japoneza, não tem mais analogia, mesmo longinqua, com o papel representado, outr'ora, nos campos de batalha, por um Napoleão, ou um Moltke.

A escolha de um plano de operações não se confia á inspiração exclusiva de um só homem: é o resultado de uma deliberação dos generaes mais eminentes, que examinaram detidamente cada hypothese, sopezaram todas as possibilidades, encararam todas as probabilidades, previram todas as surpresas, compararam todas as informações, afastaram, uma a uma, as incertezas e previram todos os perigos, adoptando, depois, um dispositivo, onde toda a série das modificações, que pudessem ser exigidas por uma iniciativa do inimigo, estava prevista.

O preparo material da batalha não é, tambem, obra de um homem. Quanto mais complicada, quanto mais prolongada e renhida deva ser, demandando em dado momento avançar rapidamente, tanto mais depende, como a concepção inicial, do trabalho de uma collectividade.

A execução do plano geral é confiada aos chefes do exercito, em cujos actos o generalissimo, installado longe do theatro da acção, no centro de uma formidavel rêde telegraphica, intervem, sómente, como regulador, in-

cumbido de velar pela coincidência, pela coordenação perfeita dos esforços e modificar-lhes a direcção de accordo com as eventualidades da lucta.

Altas e nobres qualidades da alma japoneza explicam o exito desse collectivismo guerreiro. Imbuído do sentimento da sua responsabilidade individual até á exaggeração, até se persuadir de que um soldado, quando não cumpre o seu dever, arrisca a nação inteira, o japonéz não tem, todavia, ambição, nem mesmo concepção da notoriedade: basta-lhe ser considerado um bom servidor da patria. Para si, elle não aspira á gloria. Todas as suas concepções de familia e sociedade o levam a se abstrair num conjuncto, a se sacrificar de corpo e alma á grandeza da nação. Si deseja brilhar é sómente como uma das pedras do mosaico social, e tem apenas o sentimento da existencia como componente de um grande todo.

Eis como um pensamento, feito de muitos pensamentos associados, póde dirigir, com tanto exito, a venturosa campanha da Mandchuria, sem se desagregar, sem enfraquecer ao effeito corrosivo de rivalidades, de ciúmes, de odios entre generaes, que, nada desejando para si, nem os mesmos titulos, nem as mesmas honras, dominados pelo pensamento exclusivo de augmentarem a gloria da patria, de servirem ao Estado em vez de se servirem delle, não téem jámais motivos de rivalidades.

Nessa collaboração, todos aspiram a submeter-se a todos, para o bem da patria japoneza, pela terra ancestral, unica, eterna realidade de que cada cidadão, do mais eminente ao mais humilde, se considera uma emanação ephemera.

Excedem a todos os louvores a abnegação, as magnificas virtudes dos chefes japonezes, ascétas militares, exclusivamente preoccupados com o seu sacerdocio, encontrando, na gloria da nação, prodiga recompensa aos seus sacrificios. Elles estudaram tudo, tudo previram e organisaram; nenhuma minucia ficou dependente do azar. Empenhados com ardor num fim commum, subordinados sempre ao interesse geral, formando uma entrosagem de vontades, umas sobre outras, sem attrictos, como as rodas de um machinismo magnifico, elles não desejam avançar, eclipsar rivaes, sinão serem uteis ao seu paiz; não se desvanecem no destaque de feitos gloriosos, mas em cumprirem pontualmente o dever. E' á abnegação absoluta de cada um desses homens; é a essa communhão de todos os enthusiasmos e de todas as intelligencias; é á applicação apaixonada de cada official, de cada soldado, que o exercito japonéz deve a sua cohesão, a precisão dos seus movimentos, a con-

cordancia implacavel dos seus esforços.

Quem sabe si, na propria Europa, as batalhas futuras, com a immensidade dos preparos que demandarão, a complexidade de questões materiaes que suscitarão, os effectivos enormes e a extensão em que se lião de estender, poderão ser concebidas e dirigidas por um só cerebro? A guerra futura deverá remover para o segundo plano os candidatos ao genio, os salvadores, os repentistas, os allucinados do napoleonismo. E' provavel que as victorias decisivas do seculo vinte sejam ganhas, não, como nos tempos passados, por um improvisador brilhante, mas por um estado maior composto de homens attentos e meticulosos; ellas serão o resultado, não de um golpe de vista, mas de um systema rigoroso, de um methodo sem falhas.

Nas enormes batalhas de amanhã, nas quaes a simples questão do transporte de projectis será um problema, tudo deverá ser tão minuciosamente previsto e organizado pelas collectividades de homens laboriosos, que no momento do choque, serão menos frequentes que outr'ora as occasiões de representar um general papel preponderante. Em vez de procurar brilhar, fazer-se valer, será essencial bem servir.

\* \*

Deve-se repetir que foi para supprir a ausencia de um systema, para remediar a fraca cohesão dos diversos corpos do seu exercito, que Kuropatkine, esforçando-se para commandar, pessoalmente, 400.000 homens, se empenhou numa empreza superior ás forças humanas.

A maior parte dos que, agóra, o criticam não teriam agido melhor nas mesmas condições; muitos teriam andado peor. Os *conhecedores* que emitem, agóra, conceitos desdenhosos sobre o exercito russo e seus chefes, merecem apenas uma resposta de pouco caso.

Computando as difficuldades que se antolharam a Kuropatkine, na Mandchuria, será forçoso convir que sómente a organização do acampamento de Mukden, a 9.000 kilometros de Moscou, foi o resultado de um esforço sem precedentes.

Na derrota, como na victoria, tudo é relativo ao adversario que defrontamos e aos obstaculos encontrados. E' certamente, mais honroso para um general, ser vencido pelos japonezes, na Mandchuria, após vinte dias de batalhas, do que se empennachar por ter derrotado, em vinte minutos, na Africa Equatorial, uma aldeia de negros nós.

Os *senhores criticos* não ponderam que os soldados japonezes, applicando

minuciosamente os principios militares dos exercitos mais modernos, estão, ao mesmo tempo, animados por um fervor patriótico que os faz encarar a propria morte como um incidente de importancia minima; não ponderam que ha heróes em todos os exercitos, mas não ha, na Europa muitos exercitos, cuja massa tenda inteira para o heroismo permanente. O soldado japonês chega ao campo de batalha tão bem armado e exercitado, quanto a melhor praça franceza ou allemã, e, além disso, saturado de crenças espiritualistas, de uma especie de mysticismo nacional, cujo sentido um homem do occidente difficilmente interpretará. Verdadeiro enigma psychologico, verdadeiro phenomeno sociologico, o soldado japonês se me figura um combatente excepcional, temível.

Os *senhores criticos* não advertiram que, em fevereiro de 1905, como em agosto de 1904, o desventurado Kuropatkine e seu estado maior estavam, absolutamente, destituídos de informações sobre a composição, sobre a situação dos exercitos japonezes; recebiam, por desgraça, informações falsas. A habilidade diabolica com que o alto estado-maior nippon conseguiu, mais uma vez, dissimular ao generalissimo russo as suas concentrações, parece ter sido um dos elementos decisivos de toda a guerra. Depois de Mukden, pude verificar, pessoalmente, as precauções inauditas, ás quaes os sagazes japonezes deviam a execução dos seus preparativos numa impenetravel atmosfera de mysterio. E pensando no *deixe andar*, na incuravel despreocupação dos seus adversarios, eu exclamei: pobres russos!

A victoria hesitou, por vezes, durante a batalha do mez de março. Porque, apoiados nos entrincheiramentos do sul não conseguiram os russos isolar o exercito de Nogui em audaciosa marcha? Porque succeden que preparativos immensos, tantas obras de fortificação, tantas pontes contruidas, caminhos traçados, garagens estabelecidas, tantas provisões accumuladas, tantas precauções, tantas proezas realisadas, tantas vidas sacrificadas, conduzissem ao resultado de um desastre?

No drama da Mandchuria, toda a vez que o observador procura formar juizo sobre uma questão dessa ordem, seu espirito se perde na curva dos ricochetes vertiginosos dos effeitos e das causas, e elle, afinal, descobre, apenas, um culpado — o regimen russo.

Si um grande general se tornasse, subitamente, chefe absoluto do exercito de Mukden, ser-lhe-ia indispensavel, antes de ousar applicar sobre o campo de batalha estrategias susce-

ptíveis de engendrar a victoria, emprehender a transformação do seu exercito, moralmente, materialmente, radicalmente, ser-lhe-ia preciso fazel-o outro.

Mas, de certo, verificaria que se não modificam, em algumas semanas, ou em alguns mezes, homens saturados, sobre-carregados de uma hereditariedade nefasta, comprehenderia que não se póde dar uma alma nova, uma alma moderna a camponeses, cujos antepassados fôram, durante seculos, privados do direito de saber e de pensar, avós aos quaes fôram interdictas todas as iniciativas; cujo cerebro foi annullado pela lei e que, de geração em geração, vegetaram mais como ruminantes do que como creaturas humanas.

Os homens, os soldados russos ficaram como eram em 1850; mas a guerra mudou: eis por que os japonezes entraram em Mukden. Não faltam ao exercito russo as qualidades phisicas; seria temeridade accusal-os do defeito de valentia; ao contrario, elle desperdiça, em pura perda, uma intrepidez pasmosa; seus soldados morrem com resignação sublime; mas não se libertou ainda do fatalismo despreocupado, que prefere o perigo á violencia, a morte ao esforço.

Sómente faltaram ao exercito russo as qualidades intellectuaes. Munido de canhões, de projectis superiores aos do inimigo, e combatendo, a maior parte das vezes, com a vantagem da defensiva, foi, todavia, vencido sempre, porque os seus officiaes, os seus soldados são inferiores aos japonezes não em coragem, mas em intelligencia, educação e enthusiasmo.

A guerra actual demonstra, de maneira solemne, que um official não deve ser mais um alegre mosqueteiro, deve ser um especialista apaixonado, um ascéta guerreiro, sempre empenhado no augmento do seu saber militar; o soldado não deve continuar a ser uma coisa passiva que se impelle para a frente, um automato, um pedaço de sangrento pasto para o canhão; mas uma creatura ardente, pensante, capaz de executar as ordens recebidas com habilidade, com astucia.

O exercito é a emanação da nação e só se reforma um exercito, reformando a nação, de que elle procede. O povo russo, como nenhum outro, poderia fornecer intelligencias e energias. Si a maioria dos officiaes russos, sempre prompta a morrer, raramente se presta ao trabalho; si sómente pensam, aguardando o momento do sacrificio, em viver sem preoccupações, sem incommodos, sem labor, é, sem duvida, porque, durante longos periodos, o regimen autocratico descoroçoou a bôa vontade, desprezou os trabalhadores, suspeitou dos homens de valor e destinou os altos postos aos favoritos,

aos intrigantes, aos cortezãos, aos incapazes, aos imbecis.

Si os soldados téem, apenas, qualidades de resignação, de resistencia passiva, de estoicismo, é porque fôram instruidos conforme os regulamentos militares que remontam á guerra da Criméa, e não fôram modificados depois das armas de tiro rapido e longo alcance; é, sobretudo, porque homens aos quaes foi, systematicamente, interdito o uso do pensamento, da vontade, do livre arbitrio, não pódem ser transformados, por milagre, em combatentes habéis, emprehendedores e aptos para a offensiva moderna.

E' verdade que na defensiva, em Mukden como em Liau-Yang, as tropas russas, ágarradas aos entrincheiramentos, mostraram tradicional tenacidade; mas toda a vez que foi preciso sair delles e avançar para um ataque, um contra-ataque, fôram impotentes para furar a linha inimiga, isto porque avançavam segundo methodos abandonados ha trinta annos pelos exercitos modernos: ensinar-lhes outros, era impossivel.

No meiado do anno, um eminente addido militar, admirado de não ver os officiaes russos exercitarem os seus homens, pediu a um chefe de corpo para ver uma manobra. Com alguma insistencia, obteve resposta favoravel e, aos seus olhos, alguns batalhões russos executaram uma série de evoluções, que estariam fóra da moda em 1870. Na batalha do Chakke, esse official estrangeiro viu, com pasmo, aquelles movimentos reproduzidos sob o fogo inimigo: columnas russas, atacando em fileiras cerradas, eram ceifadas antes de abordarem os japonezes.

Certo, Kuropatkine, com um exercito imbuido de principios tão retrogradados, não poderia agir melhor.

Não se deve censurar Kuropatkine generalissimo, mas Kuropatkine antigo ministro da Guerra, culpado de não ter, muito antes das hostilidades, insistido em introduzir no exercito exercicios de campanha correspondentes ás necessidades da guerra moderna.

Um dia, testemunha aterrada de uma dessas inuteis hecatombes, perguntei a um joven e brilhante official porque se obstinava o estado-maior, contra toda a logica, em arrojear as suas tropas, em columnas cerradas, ao ataque.

—E' porque — objectou elle — somos obrigados a levar em conta a mentalidade do nosso soldado. Incomparavel defensor de posições, elle não tem o espirito offensivo; é pouco apto a uma acção individual. Para marchar contra o inimigo, elle tem necessidade de sentir que faz parte de um todo, que é dirigido, associado, englobado, acompanhado, sustentado, que se não pertence. Com o seu fata-



lismo, o seu espirito de obediencia passiva, seu instincto de cohesão, elle avança sem hesitar, acotovelado aos camaradas, sob o fogo mais terrivel, impassivel até á morte. Mas esse mesmo soldado, entregue a si mesmo, no momento do ataque, si, muito tempo antes de chegar ao inimigo, fôr separado de seus visinhos por longos intervallos ; si lhe disserem que é preciso aproveitar o terreno, arrastar-se, saltar, introduzir-se hábilmente, fazer um abrigo de cada sulco, de cada pedra, agir como o faz, maravilhosamente, cada japonês, como fariam francezes e allemães, esse soldado não encontraria em si mesmo impulso, nem habilidade, nem iniciativa e agiltade indispensaveis : não saberia haver-se; hesitaria, ficaria perturbado, não comprehenderia, nada conseguiria. Que quer? Cada povo tem suas qualidades e seus defeitos!

Taes conceitos, que eu olvidára, perseguem, agóra, com persistencia a minha memoria, depois que ouvi, em Tokio, a seguinte reflexão de um coronel japonês, ferido ao oeste de Mukden :

— Nós somos bravos ; mas si isto consiste em se expôr, sem trepidar, a perigos inauditos, os russos são mais bravos do que nós, porque avançam ao ataque das nossas posições em fileiras cerradas, de pé, sem se esconderem, sem procurarem evitar a morte. Si nós outros, officiaes japonezes, quizessemos que os nossos soldados assim marchassem contra o inimigo, difficilmente seriamos obedecidos, tal está no instincto delles aproveitarem para amparo o menor accidente do terreno, a menor barreira. Desse ponto de vista, os russos são mais bravos do que nós ; parece que nos atacam para morrerem. A nossa bravura é, felizmente, util ; a delles é imprestavel.

Essas declarações feitas, ao mesmo tempo, por dois herões de Mukden, explicam toda a guerra da Mandchuria, o sentido da ultima batalla. Os russos fôrão sempre batidos porque não souberam jámais executar um ataque ou um contra-ataque segundo os methods empregados pelos exercitos modernos; avançaram deante dos canhões de tiro rapido na mesma fórma que os seus antepassados se bateram na Criméa ou contra os turcos.

Sei, agóra, sem contestação, que, de 4 a 10 de março, os formidaveis contra-ataques ao exercito de Nogui, no oeste de Mukden, estiveram a pique de successo. Executados por forças enormes contra uma linha muita extensa e, em muitos pontos, delgada, puzeram-na no maior perigo. Kaulbars teria batido, infallivelmente, Nogui, si os seus grossos batalhões não avançassem de modo a perderem a metade dos effecti-

vos antes de começarem a attingir o inimigo.

Mukden caíu porque o soldado russo não é um soldado moderno feito de um homem moderno. O homem russo não é um homem moderno por que lh'o não permite o systema politico da Russia.

E' para mim muito penoso achar-me, momentaneamente, afastado do theatro das operações, separado desse exercito que me inspirou uma sympathy, feita de admiração e de piedade; mas, em compensação, aprendi tanto durante o meu curto captiveiro, registei tantas noções em Mukden, junto do general Oku; em Yentai, junto do barão de Kodama; em Liáu-Yang, em Dalmy sobre o transporte *Avamura*, no quartel general dos prisioneiros de Shidzuka, e, finalmente, em Tokio, que considero o momento em que fiquei prisioneiro, sinão como um dos mais agradaveis, pelo menos como um dos mais felizes de toda a minha carreira.

Transportado, subitamente, para o exercito inimigo, descobri, espontaneamente, os *porques* de uma infinidade de *porques*. Verdades fundamentaes se me antolharam face a face e me inclinei ante a sua magestade.

Duas são as condições essenciaes para escrever bem sobre a guerra : não soffrer a fiscalisação da censura, poder observar as condições das duas forças belligerantes. Quem ficar, exclusivamente, num dos dois exercitos, acaba por amal-o, por se habituar a elle : considera, pouco a pouco, os seus defeitos como qualidades: a indolencia, sangue frio; a fanfarronice, confiança em si mesmo; a irresolução, reflexão; a embriaguez, bom humor.

Quanto a mim, depois de verificar até que ponto as qualidades do official e do soldado japonês decorrem de suas qualidades de homem e de patriota, sou forçado a recordar que os combatentes russos têm, apeuas, um patriotismo envenenado por odios de raças, e penso que o seu regimen, lhes prohibindo pensar, os prohibe de serem homens.

No dia 11 de março, ao meio dia, vi as tropas japonezas penetrarem as portas de Mukden, monumentaes, sombrias, como uma decoração de tragedia ; e, sacudido de terror ante a derrota, não me pude subtraír a uma meditação dolorosa.

De quem a culpa?

A minha imaginação, errante sobre as linhas phantasticas das murallas mandchús, via se desenharem os contornos do Krelim.

Senhor! dos vossos mujiks fazei homens pensantes; dos vossos rebanhos humanos, fazei uma sociedade humana; ordenai que a massa do povo russo não permaneça numa obscuridade degradante; fazei dos vossos subditos,

cidadãos ; fazei do vosso imperio, uma nação ; dai aos russos direitos para que elles sintam responsabilidades ; ordenai que se lhes abram as grandes portas da vida intellectual e social : elles, em troca, vos darão o primeiro exercito do mundo.

LUDOVIC NAUDEAU.

### "Os Annaes"

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro e segundo trimestres d'OS ANNAES.

### PAGINAS ESQUECIDAS

#### PADRE NOSSO

*Pae nosso*, de todos nós,  
Que todos somos irmãos,  
A ti erguemos as mãos  
E levantamos a voz :

A ti, *que estás lá no céu*,  
E nos lanças com clemencia,  
Do vasto estrellado véo,  
Os olhos da Providencia !

Bemdito, *santificado*  
Seja o teu nome, Senhor  
Inviolavel, sagrado  
Na boca do peccador !

E *venha a nós o teu reino* !  
Acabe o da vil cubiça !  
Reine o amor á justiça  
Que prega o Nazareno ;

De modo que *seja feita*  
A tua santa *vontade*,  
Sempre a expressão perfeita  
Da justiça e da verdade !

Seja feita, *assim na terra*  
Como no *céo*, onde habita  
Esse, cuja mão encerra  
A criação infinita !

O *pão nosso*, nesta lida  
De cada dia, nos dá  
Hoje, e basta... a luz da vida  
Quem sabe o que durará !

E *perdoa-nos*, Senhor,  
As nossas *dividas* ; sim !  
Grandes são, mas é maior  
Essa bondade sem fim !

Assim como nós (se é dado  
Julgar-nos tambem credores)  
Perdoamos de bom grado  
Cá aos nossos *devedores*.

E não nos deixes, bom Pae,  
Cátr nunca em *lentação* ;  
Que o homem, por *condição*,  
Sem o teu auxilio cáe !

Mas, tu, que não tens segundo,  
E muito menos igual,  
Dá-nos a mão neste mundo,  
Senhor ! *livra-nos do mal* !

JOÃO DE DEUS.

UM LIVRO ANNOTADO  
PELO SR. D. PEDRO II

A proposito da morte do sr. Garcia Meron, publicamos abaixo uma carta que a esse escriptor e diplomata argentino escreveu, ha annos, o sr. barão de Alencar, dando conta de umas annotações do Imperador a um livro do pranteado publicista platino.

Meu caro collega.

Tenho em meu poder um exemplar do seu livro *Perfiles y Miniaturas*, annotado pelo sr. d. Pedro II, de tão saudosa e veneravel memoria.

E' o mesmo exemplar que me fez o favor de offerer em Buenos Ayres a 19 de junho de 1889, quando acabava de publicar o volume em que recolheu os artigos avulsos a que deu aquelle titulo e que se me proporcionou, mais tarde, a occasião de remetter a sua magestade, entre outras obras de escriptores argentinos.

Devo a distincção desse deposito litterario a s. a. imperial a sra. d. Isabel, condessa d'Eu, que me o confiou pouco tempo depois do fallecimento de seu augusto pae; e se para mim, essa circumstancia significa o testemunho espontaneo e generoso com que me favoreceu, quem melhor podia dal-o, da estima que me tinha o Imperador, — para o auctor dos *Perfiles y Miniaturas*, reúne á honra que mereceu de sua magestade uma prova manifesta de apreço da illustre princeza.

O illustre sr. d. Pedro II, meu caro collega, leu seu livro em Vichy, na segunda quinzena de agosto de 1891, — quatro mezes escassos antes de seu infausto passamento, occorrido, como sabe, em Pariz, na madrugada do dia 5 de dezembro do mesmo anno. Já estava bem doente e talvez fôsse um dos ultimos livros que lêra.

O volume conclúe com esta citação melancolica de Schiller: «He naufragado en el tempestuoso mar del mundo; he visto las esperanzas de mi vida sumerjirse en el abismo; no me queda ya sinó el recuerdo desgarrador de su pérdida y este recuerdo me enloqueceria, si no tratára de ahogarlo, dando otra direccion a mi actividad.»

O Imperador marcou o grito d'alma do poeta, e escreveu por baixo, terminando a leitura do livro, as seguintes palavras, que transcrevo textualmente:

— Ha muito não leio escripto que tanto me attraísse. — E' sobretudo

notavel estylista. — Vichy, 26 de agosto de 1891.

São estas palavras que me levam a dirigir-lhe a presente carta pela imprensa, e escolho para esse fim, por dever de cortezia, um dos principaes diarios do seu paiz. Ellas lhe pertencem e eu me julgo tão obrigado a dal-os á publicidade como se tivesse recebido a incumbencia de fazel-o, quer pela satisfação que lhe isso hade causar, quer pelo bem que lhe pôde advir da divulgação do juizo invejavel que obteve do espirito superior e culto daquelle que foi denominado em vida — o Protector das lettras.

Com effeito, a admiração que o sr. d. Pedro II tributava ao talento só era nelle igual ao apreço que lhe inspiravam os homens de bem. Aos grandes poetas, especialmente, rendia o preito de sua alta e competente auctoridade em materia litteraria. Elle não perdia ensejo de manifestar o dominio que a poesia exercia sobre a sua alma contemplativa e que se revelavam nesse olhar de vidente que illuminava o seu semblante nas longas horas do exilio. E' conhecida a sua entrevista com Victor Hugo, e ainda nos seus derradeiros dias escrevia no album de uma distincta senhora da sociedade pariziense, estas linhas que o comprovam: «*l'arbre de la vie porte deux fruits savoureux: — la jouissance de la poésie et le commerce avec les bons.*

O Imperador começou a leitura dos *Perfiles y Miniaturas* com a imparcialidade do critico. Era a primeira vez que se lhe deparára, meu distincto amigo, um escripto seu e queria julgar o escriptor. Parece, porém, pelas notas esparsas de certo ponto em deante, que uma vez formada a sua opinião a esse respeito, o seu livro converteu-se em uma especie de interlocutor intimo, que lhe recordava a cada passo o nome de um auctor e de um artista ou o titulo de uma obra, que lhe eram familiares, avivando-lhe reminiscencias até da juventude.

Assim, a proposito de sua citação de Crébillon, cujos excellentes dramas são tão pouco conhecidos, lembrou-se de ter traduzido em verso, na sua mocidade, o *Idomenée* desse auctor.

Ao ler a sua referencia ao *Asno de Ouro*, de Apuleo, lembrou-se tambem de ter começado a sua tra-

ducção, e accrescentou: *Vale a pena conhecê-lo original.*

Mais adeante, concordando com a sua opinião sobre Euripides, que fixou a lingua da tragedia grega, escreveu ao lado:

*Traduzi-o quasi todo o mais perto da lettra possivel, para bem sentil-o. Ha pouco, achou-se um trecho desconhecido delle, e creio que Weil escreveu um artigo sobre esse achado.*

Não ha capitulo em que não se veja á margem uma observação de seu punho ou traço sublinhando palavras, phrases e mesmo periodos inteiros, — o que mostra que sua magestade leu os 23 artigos do seu livro, pagina por pagina.

Não me atrevo a affirmar-lhe, e isso para não faltar á logica dos reparos expressos em algumas notas, que todos os termos e trechos sublinhados tivessem a acceitação do sr. d. Pedro II; mas, em geral, o traço continuo e insistente deixa suppôr uma plena approvação.

Na impossibilidade de dar-lhe uma idéa perfeita da significação das sublinhas, limitar-me-ei a reproduzir as annotações principaes da parte critica, que encerra benevolos conselhos.

Ao primeiro artigo, que tem por titulo: *Sinfonia de Verano*, o Imperador observou: *E' bonito, mas affectado. A affectação levou-o mesmo ao emprego de expressões arriscadas.*

Artigo 4º: *Fantasia Nocturna*. Nota do sr. d. Pedro II: *Não está má esta pintura, ás vezes algum tanto extravagante, do cholera. Que differença da bella simplicidade de Thucydides na peste de Athenas!*

Artigo 7º: *Musica Ambulante*. Sua magestade escreveu no fim: *Que riqueza de expressão!*

Artigo 9º: *Uma Limosna*. Esse artigo valeu-lhe o maior elogio que se pôde fazer á penna de um escriptor, ou, antes, um verdadeiro triumpho, nestas significativas palavras do augusto leitor:—*Sinto não conhecê-lo sr. Merou.*

Artigo 11º:—*No mas ferretos*—Nota do sr. d. Pedro II: *Quereria que não abusasse tanto da fôrma; porém tem muito talento.*

Artigo 16º:—*Sobre un poeta*. O poeta de que se trata é d. Rafael Nuñez, então presidente dos Estados Unidos de Colombia. O Imperador declarou

que não conhecia as suas poesias, e ao ler as que menciona o seu artigo como magistraes e que têm por título—*Que sais-je ! e Ideales*, classificou-as de *bellissimas*, chamando a attenção para as duas seguintes estrophes da primeira :

«De la vida entera  
«Uma hilacion latente sobrevive,  
«Cuyo lejano punto de partida  
«Fué tal vez anterior a la actual vida.»

.....  
—«Por la luz del recuerdo  
«Tal vez quando inclinados recorremos  
«De desierta Necrópolis las ruinas,  
«Nos sentimos viver a una distancia  
«Remota mucho mas que nuestra infancia.»

Artigos 17º a 21º *Sarah Bernard*, — o primeiro, em francez, sobre a pessoa e vida da artista, e os outros intitula-dos *Fedora*, *Frou-frou*, *La dama de las Camelias*, e *Phedra*. O sr. d. Pedro II não pôde evadir-se a reconhecer que havia razão nos que lhe exprobaram de dar a essa artista, embora notavel, mais importancia que a que tinha, e disse com franqueza que a achava inferior á Desclée em *Frou-frou* e em *Phedra* á Ristori, no seu *bello movimento de repulsão involuntaria*.

Ha nesse capitulo uma comparação entusiasta entre Sarah Bernard, no desempenho de seu papel de *Phedra*, e Emma Bovary. Lê-se á margem a seguinte annotação de sua magestade: — «Com effeito, é um dos melhores romances de Gustavo Flaubert; mas a fria sensualidade da sua heroína desperta considerações que não caberiam em uma ligeira nota.»

Já antes, a proposito de Margarita Gauthier — a Dama das Camelias, discordára o sr. d. Pedro II de sua apreciação, de que não se havia ainda escripto nada mais *humano* do que essa historia de um amor que teve por desenlace a morte. Escreveu o Imperador: — *Não penso assim*.

Deixo de copiar, para não alongar em demasia esta carta, varias outras notas com que o sr. d. Pedro II enriqueceu ainda mais os seus eruditos artigos, sobretudo quanto á litteratura grega. Creio que as que transcrevi são sufficientes para o fim que teve em vista, que foi unicamente tornar publico o juizo, que o auctor desse livro mereceu como escriptor e litterato, do sempre lembrado imperador do Brazil, membro do Instituto de Franca.

Fui parco e chão talvez de mais, porém fui sincero, obedecendo com escrupuloso cuidado á antiga maxima latina: *Cuique sua*.

Pagando-lhe por essa fórma umas velhas dividas litterarias, sou com a mais distincta consideração e particular estima,

ALENCAR.

—  
O artigo que váe abaixo, do eminente prof. Dias de Barros, da Faculdade de Medicina, desenvolve, com a sua conhecida competencia e auctoridade, a noticia que, sobre o microbio da syphilis, publicaram os *Annaes*, n. 35, pag. 360.

### O MICROBIO DA SYPHILIS

Quem sabe se não será mais uma desillusão para os medicos, já a ellas tão affeitos, a descoberta, que se annunciou, do novo germen causador da syphilis, pelos pesquisadores allemães Schaudinn e Hoffmann ?

A série de desastres sociaes, proximos e remotos, no individuo e na raça, motivados pelo *virus syphilitico*, desde muito havia incitado os sabios dos centros europeus a indagar das condições de vida, de evolução, de fórma, do conjuncto, afinal, das condições biologicas que presidem o germinar e a pullulação desse respeitavel e traiçoeiro *virus*, que vem apavorando a humanidade.

Na primavera da vida

... al tempo de' dolci sospiri...

conforme o cantar do Poeta ; ao despertar das impulsões inadiáveis e imperiosas do instincto genésico, quando os adolescentes anceiam por precipitar-se nos braços que os chamam aos doces contactos do amor, muita vez lá está, matreiro e desfarçado, sob as apparencias de um corpo donairoso, de uma cutis fina e de uns labios de carmim, como outros tantos avatares de maligno espirito, o *virus syphilitico* prestes a fisgar os incautos e cegos servidores da especie. Dos perigos, nos centros populosos e civilizados, oriundos desses contactos entre individuos sãos e contaminados, é que se originou o desejo natural, mas difficilmente defensavel, da regulação do meretricio.

Mas, a despeito desses bons desejos, váe a syphilis fazendo os males, causando os disturbios, esbarrondando as classes sociaes, avariando-as, emfim, de modo irremediavel, exigindo, porém, cada vez maior numero de victimas como se fôra uma daquellas *Venus mortiferas* da antiguidade asiatica: *Astarté* ou *Mir Milita* !

Com que incrivel e prodigiosa rapidez se diffunde esse *virus* nos organismos nos quaes se hospeda !

E' tal, que uma gotticula do sangue

dum *avariado*, (na tão feliz expressão de Brieux, para designar os syphiliticos) pôde bastar a infectar outrem.

E o terror causado pela infecção desgraçadamente não é sufficiente para, pondo de aviso os descuidados, isental-os da nefasta contaminação.

Tal como a *febre amarella*, o *beri-beri* e a *raiva*, a *syphilis* tem desafiado os nomes mais capazes dos sabios bacteriologistas do mundo culto. (1) Mas, em vão, se tinham empenhado Aufrecht, von Bergmann, Barduzzi, Birsch-Hirschfeld, Finger, Hamonic, Leitikow, Lustgarten, Martineau e alguns outros em descobrir-lhe os traços através a estrada da vida. Sempre fugidio, sempre disfarçado e cauteloso, o *virus syphilitico* zombára dessa legião soberana de todo os *pioneeres* que lhe andavam no encalço !

Ainda ha pouco mais de dez annos, dizia o doutissimo professor Ernest Finger, de Vienna: «é fóra de toda duvida que o *virus syphilitico* é um *virus* animado ; entretanto, sua natureza é ainda desconhecida. Encontrou-se, é certo, em grande numero de molestias infectuosas e chronicas um *virus* sob a fórma dos organismos que pertencem á familia dos *schizonyctas* ; é mais que provavel que, a parasitas da mesma ordem, pertença o *virus syphilitico*.»

Desde muito, mórmente após os fructuosos estudos do grande Hunter, se não tinha mais a menor duvida de que a lesão inicial da syphilis era nimiramente contagiosa. Ricord affirmára que os productos pathologicos dessa lesão eram *a origem unica do virus syphilitico*. Só depois é que outros observadores, taes como Boerensprung e Hebra provaram que certas das lesões chamadas secundarias eram tambem contagiosas. Cabe, porém, a um investigador tenacissimo o haver deixado fóra de toda a duvida que todas as lesões syphiliticas do periodo secundario podiam tornar-se agentes infectantes, desde que produzissem secreções, fôsem a origem de productos pathologicos. As experiencias que esse grande investigador realisou *in anima nobili* fôram, no seu alto criterio, tão attentatorias da liberdade humana, émbóra utilissimas em seus resultados para o futuro da nossa especie, que não quíz elle legar o seu nome á posteridade. Amortalhou-se elle nas dobras do esquecimento de fórma que, ao *anonimo do Palatinado*, *anonimns palatinus*, como é designado, não pôde a sua geração, ou as que se lhe seguiram, prestar as homenagens a que fez jús tão indefesso traballador !

Suas conclusões sobre esse ponto de doutrina, fôram subscriptas por Waller, Lindwurm e Pellizzari. Impõe-se, pois, a affirmativa : *o sangue dos enfermos attingidos por syphilis secundaria contém o virus*.

O que se não sabe perfeitamente aind'agóra, é se o sangue daquelles que tenham a syphilis secundaria em estado latente, conterà, analogamente, citado germen. O que servira para as experiencias referidas provinha, exclusivamente, de snjeitos attingidos pela variedade chamada *syphilis flórida*, de fórma a restar ainda algo a dizer respeito a essa phase evolutiva da molestia causada pelo *microbe de l'avarie*, na phrase epigrapharia, espirocheta e triste a um tempo, do brilhante artigo do chronista Vidi, do *Journal*, de Pariz.

Tem-se affirmado tambem que os productos oriundos da syphilis terciária gommosa, não contém o *virus*, motivo pelo qual não pôdem elles ser considerados agentes de infecção. Os experimentos de E. Finger são peremptorios e parallelos a essas conclusões. Tratadistas de tomo affirmam tambem que os productos pathologicos de *lesões não syphiliticas*, mas que evoluem em syphiliticos, não transmittem a infecção, a menos que se não misturem ao referido *virus*. Outro tanto se affirmou respeito ás secreções, taes que a saliva, o leite, a urina, etc., as quaes, segundo os referidos escriptores, seriam egualmente innocuos em estado de pureza. Muitos outros disseram que o esperma de individuos contaminados deixava indemnes aquelles que eram inoculados.

Em contrario a esses, disseram outros que até o leite poderia contaminar. Não parece tudo isso contradictorio? Certamente que o é. Haverá tantas maiores razões para pensar-se desse modo quando já se sabe que os *virus* de molestias contagiosas diferentes atravessam os diferentes órgãos secretorios da economia. Haja vista o que se conhece relativamente ao *bacillo typhico*, nos casos em que, pela prova chamada da *agglutinação*, seja procurado nas lagrymas, na saliva ou no leite, onde quasi sempre é encontrado, nos casos de infecção.

Outro ponto ainda litigioso é aquelle que toca a presença do *virus* nas ulcerações gommosas de marcha rapida, vistas apenas seis mezes após a infecção, na *syphilis galopante*.

A acção electiva, especifica, dos saes de mercurio na cura da syphilis, em qualquer das suas phases, fazendo sustar os processos destructivos e invasores do mal, têm sido exuberantemente postos á prova pelos methodos de Scarenzio e Smirnoff ou pelo de Prockorow, modificado pelo nosso joven e estudioso compatriota, o professor A. Fialho. Isso leva ao espirito a convicção de que, nesses casos, o germen é attingido e neutralizada a acção provavel das suas secreções durante as duas primeiras phases da evolução syphilitica e mesmo na terciária.

Não houve, pois, mistér se conhe-

cesse o germen da syphilis para que, fructuosamente, fôssem evitados os sens males ou sustados os estragos já iniciados por elle.

Analogamente, mas em zona diferente das applicações therapeuticas, Pasteur e seus seguidores curaram a raiva, ou evitaram a explosão della, nos individuos innoculados, sem que conhecessem, ou conheçam ainda, o germen productor do mal (2). Malsinado esse methodo, que o tem sido, ultimamente, na França e na Italia, nem por isso deixarão de funcionar as installações feitas sob o molde do instituto da rua d'Ulm, templo que a gratidão da humanidade, em tão boa hora, erigiu ao genio de Pasteur, luzeiro e bemfeitor della.

A nobre ancia de saber mais e melhor, e a ambição louvavel de ligar seu nome á historia do progresso, incitaram o joven investigador berlinez Schaudinn (3) e tambem Hoffmann a se embrenharem, ainda uma vez, nesse matagal cerrado—a etio-pathologia da syphilis.

Deveu Schaudinn ao acaso, a descoberta do germen da syphilis. Havia o dr. Siegel supposto descobrir nas diversas lesões syphiliticas um novo parasita e, a respeito, fizera uma ruidosa comunicação á *Academia de Sciencias*, de Berlim.

Foi nomeada uma commissão official para comprovar a descoberta de Siegel e della fez parte, na qualidade de annexado á *repartição sanitaria imperial allemã*, o esperançoso Schaudinn, naturalmente indicado pela natureza de seus trabalhos especiaes sobre as molestias infectuosas.

Schaudinn não encontrou nos preparados microscopicos realizados por seu collega, o microbio por este supposto causador da infecção. Notou, porém, ali, a presença doutros seres, egualmente microscopicos. Chamou em seu auxilio o dr. Hoffmann, director da *clinica de molestias venereas*, de Berlim, o qual lhe proporcionou examinar, com detalhe, abundancia de caneros syphiliticos, placas mucosas, papulas e ganglios de infectados.

Em todos os seus preparados viu elle sempre o mesmo germen: um microorganismo delicadissimo, muito pouco refringente, quando vivo, mobilissimo, filifórme e entortilhado em espiral, e com extremidades afiladas. A essa especie de verruma microscopica, que tão subtil e traiçoeiramente nos attinge, denominou elle *Spirochæte pallida*. Poetico e suave nome! Tomou-lhe as medidas e viu Schaudinn que seu comprimento varia entre 4 e 14 millesimos de millimetro e que sua largura, apenas mensuravel, vae, quando muito, a um quarto de millimetro; as voltas de suas espiras variam entre 6 e 14.

Era mistér tomar essas precauções

de medir, photographar e outras, a fim de estabelecer a identidade do nosso adversario, bem conhecel-o, unico meio de vencel-o mais facilmente. Demais disso, poder-se-ia elle confundir na *turba multa* doutros organismos semelhantes, taes como a *Spirochæte refringens*, que demora na visinhança da sua mais que habitual residencia: a superficie dos lesões genitales e adjacencias...

Mas a *Spirochæte refringens* tem as voltas espiraes não só mais numerosas mas tambem muito estreitas ou approximadas e bruscas, em sacca-rolhas, emquanto a *Spirochæte pallida*, mais aristocratica e fina, apresenta suas espiras largas, menos sinuosas, apenas ondeantes...

Além dessas diferenças, a *Spirochæte pallida* se distingue de todas as outras especies de *espirochætes* conhecidas até agóra, porque difficilmente se deixa colorir pelas substancias multiplas empregadas para evidenciar esses organismos.

Modestos tanto quanto sabios, Schaudinn e Hoffmann, apesar de haverem deparado com a *Spirochæte pallida* no succo oriundo de ganglios lymphaticos de syphiliticos ainda não querem attribuir ao citado microorganismo um valor absoluto, taxativo, na etiologia da syphilis, e esperam que pesquisas novas venham revalidar os seus acurados estudos.

Que não esqueça, porém, um factó, posto agóra em relevo pelo conspicio Metchnikoff: em 1892, já Gengou e Borçet haviam encontrado, em um cancro syphilitico e em varios casos de placas mucosas da garganta uma *espirochæte*. Mas, nem só porque em muitos casos, as pesquisas desses investigadores fórni infructiferas, como ainda porque são encontrados microorganismos analogos na garganta dos individuos indemnes de syphilis, por isso não ousaram elles affirmar a especificidade do germen entrevisto.

Vae, porém, para um mez exacto, que o supra citado Metchnikoff comunicou á *Academia de Medicina*, de Pariz, valioso trabalho feito a fim de verificar a exactidão dos resultados annunciados por Schaudinn e Hoffmann. O sabio russo, já hoje parizense de coração, fez bastantes pesquisas bacteriologicas no homem e em macacos. Antes de mais nada, examinou elle caneros de dois chipanzés: não achou nesses a terrivel *espirochæte*. Que se tenha em mente acharem-se as lesões num daquelles animaes em caminho de cura. Achou, porém, elle a *Spirochæte pallida* na serosidade avermelhada proveniente de cancro inicial numa macaca, bem como em lesões de trez outros desses animaes.

Em suas pesquisas, feitas no homem, em productos de raspagem de lesões mucosas ou cutaneas, sobre-



vestigiosa do abysmo subindo a tragal-a, do desejo de precipitar-se ao encontro d'elle, numa queda sem fim, como no epilogo de um pezadêlo.

E Sergio continuava a falar com a eloquencia inspirada pela recordação das commoções sinceras, dos costumes ingenuos, da doce barbaria dos obscuros habitantes daquelles sertões admiraveis. Recordou a Hortencia o padre Paulo, tão simples e tão desprezado de superstições, de preconceitos, isolado como um apóstolo, no meio dos vicios, das paixões, das intrigas, da falta de cultura da gente superior, dos mais notaveis, dos mais ricos naquellas paragens remotas, onde os influxos da civilização chegavam deformados, incompletos, privados das suas energias restauradoras, como se passassem através de uma atmospheria intoxicada pelos detricos da ignorancia, pelos vestigios de selvageria, accumulados na quietação de um abandono secular.

Amelia tinha arrepios de horror e de repugnancia á impressão da vida da roça, pintada com as côres cruéis da verdade; não lhe percebia os encantos; sómente as deformidades, as asperezas se destacavam ao seu espirito superior e frio; figurava-se-lhe percorrer com o seu porte de castellã, dominada por uma tristeza mystica, as devizas agrétes pelo sólo barrento, empoeirando-lhe a camursa dos sapatos esguios sob sol esplendoroso, doirando os cannaviaes, dando tons afogueados á payzagem, mordendo-lhe a cutis assetinada, pelas devêzas sombrias de ramos aggressivos a lhe açoítarem as mãos, a se fixarem com os espinhos terriveis ao *linon* da saia leve, obrigando-a a marchar, lentamente, a esbarrar a cada momento, a se curvar, a se torcer, a perturbar a elegancia altiva do seu porte de príuceza, para se desgarrar dos iusistentes, dos terri-veis obstaculos oppostos pelos frageis galhos, para evitar a chuva de flôres e de orvalho com que a salpicavam, numa irreverencia brutal.

E a gente, os costumes! Amelia não podia perceber nenhum traço de beleza nas mulheres, moças morenas, de grandes olhos ingenuos, lubrificadas de voluptia, de contornos vigorosos, modelando-se, despudoradamente, sob as vestes ligeiras; nas matronas, rodeadas de filhos, suspendendo aos seios nús, entumecidos, creanças avidas; nos homens, rapazes fortes sujeitos de pó, de lama, cheios de detricos do trabalho, calças arregaçadas, camisas rôtas, exhibindo, numa nudez obscena, musculos salientes, a se contorcerem ao menor movimento, como serpentes vivas colleando sob o involucro da pelle tostada pelo sol; velhos ainda fortes, ou macrobios envergados, quasi esqueleticos, numa decrepitude repugnante como cadave-

res animados por um fragil e vacillante lampêjo de vida; creanças imprudentes, estatelladas de admiração, deante das pessôas estranhas, como ante creaturas exoticas, numa contemplanção idiota.

Amelia relembrava, com horror, a entonação dissonante da vóz da gente da roça, a linguagem que lhe arranhava o ouvido, ôca, sem idéas, monotona, insupportavel, repisando o terrivel logar commum dos mesmos cumprimentos, das mesmas queixas, das mesmas descrições de coisas e factos triviaes.

Para ella, todas essas monstruosidades se reproduziam attenuadas, ligeiramente, pela imperfeita educação, nas classes superiores, expostas á convivencia, ao contacto permanente com a gente do campo. Entre cem senhoras dessas, que deslisam pela rua do Ouvidor, como flôres arrebatadas por uma torrente, se destaca, immediatamente, uma moça da roça, embóra lhe não falte formosura, embóra vestida ao derradeiro apuro da elegancia e da riqueza.

Laura discordava, inteiramente, da irmã mais velha, que respeitava como uma santa. Ella aspirava viver em plena liberdade, num sitio agreste, onde não fôsse preciso mudar de *toilette*, duas ou trez vezes por dia, nem pentear os seus profusos cabellos castanhos, dando-lhe fórmulas absurdas; um sitio sem gente de cerimonia, onde pudesse evitar o cilicio do espartilho, das saias estreitas, das luvas, das botinas, das attitudes verticaes, correctas, das maneiras estudadas, impostas pela imitação ou ensinadas pela mãe e pela irmã, em constantes observações meigas ou severas. E falando dessas torturas da civilização, numa expansão sincera do seu temperamento puro de mulher primitiva, ella mostrava o pequenino pé prisioneiro numa implacavel botina de pellica, batia nos quadris rijos, abarcava a cintura, os seios e o collo num gesto de desafogo, suspirando numa tentativa de libertamento, como se a sua alma e o seu corpo se asphyxiassem estrangulados naquella deliciosa prisão de linhos, de barbata- nas, de sedas.

Hortencia sorria; Amelia franzia os sobrolhos, endireitava-se em geitos de censura á adoravel ingenuidade da irmã, que parecia não haver comprehendido ainda o seu papel de senhora da alta sociedade.

(*Continúa*).

### "Os Annaes"

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro e segundo trimestres d' OS ANNAES

## HOMENS E COISAS DOS ESTADOS

### O POETA BOMFIM SOBRINHO

Em memoria desse poeta cearense, que morreu, precisamente, nesta data, ha cinco annos, recebemos do Ceará a seguinte nota, a que não falta o merito de provar, com excellentes versos, o talento do seu mallogrado auctor:

Nasceu José da Silva Bomfim Sobrinho aos 19 de março de 1875, tendo por berço a cidade da Fortaleza. Fôram seus paes: Luiz de França da Silva Bomfim e d. Virginia de Campos Bomfim, que pouco tempo sobreviveu ao nascimento do filho.

Alma bôa e inoffensiva, enclausurada num corpo frauzino e indolente, possuidor de bellos dons de intelligencia, espirito impressionavel e nervoso, Bomfim Sobrinho era por natureza um *triste*, em toda a extensão deste vocabulo. Os versos que escreveu são quasi todos sombrios e cheios de uma inspiração sentimentalmente dorida e maguada. *Noivado funebre*, por exemplo, soneto que fez como que epocha no meio litterario cearense e que sempre vem á baila quando se fala do sonhador que o burilou, não desmente o que affirmo:

#### NOIVADO FUNEBRE

(Do canhenho de um triste)

Negra tristeza meu semblante encova  
O' noiva amada, lyrío meu fanado!  
Porque não vamos na mudez da cova  
Em cyrios celebrar nosso noivado?

Nos sete palmos desse leito amado,  
Ao frio bom de uma voluptia nova,  
Ha de embalar o nosso amor gelado  
O coveiro a cantar maguada trova.

E os nossos corpos, gelidos, inermes  
Em demorados e famintos beijos,  
Serão depois roídos pelos vermes...

E do leito final que nos encerra  
Em plantas brotarão nossos desejos,  
E o nosso amor em flôres sobre a terra.

*Peccadora*, outro soneto vasado no mesmo cadinho do *Noivado funebre*, não alcançou a popularidade deste; entretanto, não lhe é inferior:

#### PECCADORA

Levou-te a morte ao ultimo desterro,  
Remóta estancia azul na eternidade.  
Gemeu em funeral minha saudade,  
No cortejo final do teu enterro.

No cemiterio junto desse aterro  
Que sobre ti fizeram, sem piedade,  
Disse-me alguem que tua mocidade  
Fôra na vida dissipada em erro.

Lembro-me, sim, que, teu caixão fechando,  
Vi-te as mãos postas, como se, rezando,  
Tivesses fenecido arrependida...

E nelle, fria, hirta, inteiriçada,  
Dormias para sempre, amortalhada,  
Sonhavas para sempre adormecida,







cura das folhas do livro de réos respectivos da secretaria de Justiça do Ceará.

A lei não foi revogada, nem de todo esquecida. Os secretarios da Justiça reclamam, em seus relatorios annuaes! Em vão! Não são ouvidos!...

Obediencia á lei, á auctoridade... fóra da moda, estranha aos novos moldes!... — Muito a proposito.

Pompeu-Senior, o nosso douto estatístico, tratando dos dados da população da provincia em 1857, affirmou estarem estes algarismos muito abaixo da verdade; excepto, talvez, o de 1813 por ser do arrolamento mandado levantar pelo governador Sampaio — “em tempo em que havia muito respeito á auctoridade”.

Que saudades desses tempos longiquos de 90 annos atrás.

O inelyto estatístico vivia, alta noite, preso á meza do trabalho, folheando alfarrabios, consultando livros novos, encarando o nosso movimento para a frente em todos os aspectos—reduzir as forças cearenses em todas as suas faces a cifras—que ahi ficam.

Eusiuou-nos, ha velho meio seculo, a rica lição da estatística — espelho fiel a reproduzir as dimensões da vida cearense, todos os matizes do nosso desenvolvimento. O seu livro, um manancial de dados, ahi está muito lido pelas traças, sem imitação, sem consulta, sem proseguidores.

Não pegou a lição, porque demandava qualidades possuidas por poucos da pertinacia do velho publicista.

A sua *Estatística do Ceará* é uma nitida photographia numerica do Ceará, no período estudado. O austero estatístico leu a actividade cearense em todas as suas relações; estatisticou-a em todos os sentidos e fez um livro que não envelhece.

Meditou a nossa justiça criminal; reduziu-a a cifras e tirou as suas inferencias com a presciencia do homem que vê claro no escuro dos problemas que lhe atolham o caminho.

Nos 12 annos esquadrihados, arrolaram-se 2886 réos, dando uma média annual de 222.

Ora, calculando a massa dos réos com a população média de então. . . (420:000) verifico que por cada 100.000 habitantes, ha uma média de 55 réos.

Os 2886 réos praticaram 2952 crimes; média annual: 227 ou 1 por 727. Cálculo em 56 por cada 100.000 habitantes.

Nos 13 annos, o termo médio dos crimes submettidos ao jury montou a 228; regulando 1 por 1,82 hab.; ou 57 por cada 100.000 hab. No mesmo período fóram praticados 2881 crimes particulares (Cod. de 30); termo médio: 198 ou 1 crime por 100.000 hab.

Naquelles annos, affirma o eminente homem de gabinete, os crimes íam em linha ascendente — dizendo dever-se

então attribuir a maior repressão que a maior perversidade.

Comparado aquelle período com o observado por Clovis, vem á tona a notavel diminuição na massa dos crimes — proporcional á população. O crime desce a escada em bem da segurança da vida e da propriedade.

Apuron Clovis, com dados poucos e incompletos de 1875 a 1890—o ultimo período do velho regimen—que a produção delictuosa declinava, decaía.

Sim. As medidas de segurança estorvavam-lhe a efflorescencia—o terreno mirrava-se-lhe e a vegetação estirolava-se.

E’ o facto propicio.

Comparo os dois períodos: Pompeu e Clovis; colloco-os um a par do outro e verifico a radiosa exactidão do asserção do ultimo publicista.

Volto ao interrogativo levantado após a opinião de Joly — do inicio destas linhas: o decrescimento de crimes contra as pessoas paralelo ao crescimento dos contra a propriedade. E aqui entre nós?

Dá-se uma inversão.

Porque?

Os crimes de cá originam-se dos mesmos factores dos de lá. São estes, porém, lá diferentes; actuam de outro modo. Dahi, o desvio, notado á flôr da observação.

A lei do meio diversifica as condições e, portanto, as estatísticas do velho mundo e do nosso pequeno e obscuro canto.

A rudeza do conflicto vital tem lá arestas agudissimas, não encontradas no nosso—onde sobra espaço á actividade.

Por isso, o crime contra a propriedade, que avulta lá, na estreiteza do meio, aqui mingua, quasi desaparecendo na confrontação dos contra as pessoas.

A secca—peculiaridade cearense—bóle fundamentalmente com todo o nosso organismo, sacode-o, abala-o desde os seus primeiros tijollos nos fundos do alicerce; mas se a lucta pela vida é então mais desabrida e inclemente, se o direito de conservação se faz mais exigente e transpõe as suas fronteiras, invadindo terreno alheio, para contrabalançar esta anormalidade, que é, aliás, a nossa normalidade, a *selva escura* da nossa evolução, vem a emigração, que é o elemento purificador do nosso ambiente, como, com olhos muito vedores, opina o nosso sabio Clovis Bevilaqua.

E’ a seguinte a massa dos crimes (C. Cod.—30) e tambem a porcentagem por cada 100.000 habitantes nas dezenas do ultimo meio seculo:

1850	—	350	—	(350 hab.)	52 %
60	—	251	—	(500 »)	50 %
70	—	259	—	(700 »)	35 %
80	—	130	—	(750 »)	18 %
90	—	231	—	(900 »)	25 %

Homicidios: a porcentagem respectiva nas mesmas decadas:

50	—	77	25 %
60	—	114	38 %
70	—	47	6 %
80	—	30	4 %
90	—	37	4 %

Ainda distribuida a produção criminosa por crimes contra as pessoas e crimes contra a propriedade, e ainda a porcentagem:

1ª categoria		2ª categoria	
50	131 — 43 %	27	— 9 %
60	225 — 45 %	26	— 5 %
70	243 — 34 %	16	— 2 %
80	97 — 13 %	34	— 4 %
90	171 — 19 %	60	— 6 %

Ora, destas cifras salta ao olhar mais rapido, a depressão dos crimes em ambas as séries. Ao menos, é esta a trajectoria da produção criminosa na ultima metade do seculo XIX, graças ás medidas de segurança, e o nosso caminhar vagaroso, mas evidente e firme, para a luz!

O tetrico drama do crime nunca teve, entre nós, essas scenas sensacionaes, que assombram nos romances, em outras éras, em outras terras. Mas, como por parte, aqui tem agasalho desde o primeiro povoamento.

As datas de terra fóram pomas de discordia. Eucheram o seculo XVIII luctas ferocissimas de familias de tradições heraldicas.

A terra não conta esses horrores, que enluctam paginas e paginas da historia de outros povos. Mas os homens de cá têm carne e sangue, cabeça e coração, todas as vehemencias de sua animalidade e conhecem o crime, que tem feito a sua evolução, como por toda a parte, obedecendo as leis geraes do seu desenvolvimento.

J. Brigido, o erudito historiographo cearense, indaga e discute os factos da evolução cearense. Não fica ahi o seu modo de ver o problema historico. Pinta com as côres só de sua penna imaginosa e verdadeira, dando ao acontecimento visto, discutido e pintado, o seu verdadeiro significado no tecido da evolução. Olha para as primeiras decadas da vida cearense e dá-nos quadros primorosos, palpitantes no tocante ao assumpto de que me occupo.

Buffon com um osso de animal antidiluviano, reconstruía-o todo. J. Brigido, olhando através dos documentos de uma epocha, refal-a toda, de modo a gente apalpar-lhe as scenas, os actos, os semblantes, os gestos, que tumultuavam então...

Houve, entre nós, o que J. Brigido chama «as guerras de familia», algumas notaveis na primeira metade do

seculo XVIII. Nomeia os protogonistas, que elle, nos seus paineis, risca do tamanho natural. Que quadro horriavelmente bello, bellamente horrivel—o «caso funesto do Boqueirão»? ! E ha out:os, que se approximam da grandeza deste !

Candido Motta, um espirito emancipado e muito investigador, que lá está em S. Paulo fazendo honra á nova corrente scientifica, estudoumeticulosamente a justiça da capital de S. Paulo, em 1894. De suas notas verifíco que naquelle anno 132 crimes violentos fôram praticados e cupidos 64, o que confirma, naquella capital adeantada e de população muito espessa, a lei averiguada por Pompeu e Clovis no meio cearense.

Portanto, do confronto deste monte de cifras, saltam as vantagens conquistadas de segurança de vida e propriedade.

E' bom notar que, emquanto as diversas especies de crimes decrescem, a de furto deu, em 80, 10%. E' um facto anormal.

Contrapõe-se para explicar este, afastamento da regra, ter sido 80 o final da grande secca de 77 a 79, que assolou a provincia de modo tremendo, anormalizando, desmantelando tudo, espatifando quanto ia caminho certo na vida.

E o chefe de policia de então entendia dever ser levado á conta da secca este augmento fóra de villa e termo.

Para ultimar o estudo das cifras, devo dizer que pouquissimo se colhe a respeito, de 90 a esta data. Nos ultimos relatorios dos promotores de Justiça ao procurador geral do Estado, incompletos, sem individuação, sem as discriminações precisas, posso calcular, nestas bases incertissimas, uma média de 35 a 40 homicídios, o que equivale a 4% por 100.000 habitantes, mantendo-se, quanto a esta especie, a mesma porcentagem de 80 e 90. Dos demais crimes, é impossivel qualquer aproximação.

E para o ultimo ponto renovo o meu appello ao governo para, levando em conta o alto valor da estatística, fazel-a uma realidade.

PEDRO DE QUEIROZ.

Está preocupando a Camara um assumpto muito grave, sempre tratado, anteriormente, com a futilidade, a falta de preparo e o máu humor, que inspiram essas maçadas da alta administração do Paiz, questões que demandam esforço ao cerebro, a tortura dos calculos, a estopada dos exames de estatística, questões que não

offerecem largo campo aos improvisadores fecundos, nem pódem ser estudadas entre dois cochilos, entre as recordações das noites deliciosas passadas no Cassino, nos Clubs de jogatina, nos antros de tavolagem, no atordoamento do champagne, da melodia cosmopolita das vózes de *cocottes* seductoras, rescendendo aos perfumes capitosos dos amores que se vendem.

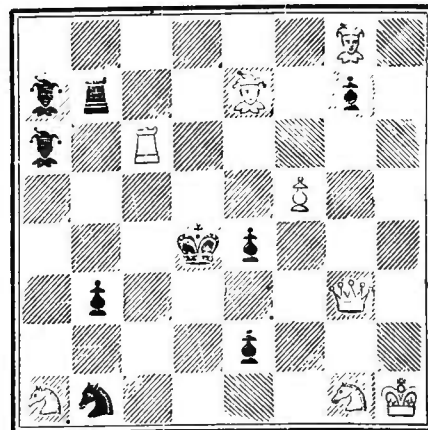
Nesses traídores sitios de prazer não se colhem noções de economia politica, não se descobre porque a elevação inconsiderada do imposto produz diminuição da renda, nem porque dizia o marquez de Mirabeau que, em arithmetica aduaneira, dois e dois não fazem quatro, nem, finalmente, porque hão de os interesses economicos e financeiros da Nação inteira pagar os desastres da inepecia, dos erros, ou da incapacidade de alguns administradores. Em compensação, é, nesses sitios de reunião dos residuos da sociedade avariada, que se fazem as amizades mais proveitosas, as relações com os directores da politica, os porta-bandeiras dos corrilhos da politicagem que trazem do Cattete noticias fresquinhas e o calor do contacto com o grande, o supremo regulador das coisas e dos homens, e os altos funcionarios de policia, os quaes, nas horas vagas de preocupação pelo socego publico, vão allí espairer, velar para que «a podridão universal fermente, sem perturbar a paz tranquillamente».

Fixar tarifas de accordo com os interesses da producção nacional, do commercio é o trabalho mais serio que se possa exigir dos homens responsaveis pela direcção das coisas publicas, acabando definitivamente com o processo das pequenas reformas annuaes, insertas levemente na cauda dos orçamentos com os districtos de todas as pretenções, de todas as ambições incontinentes, protegidas pela politicagem. Libertar o productor e o commerciante das surpresas, das novidades que criam uma situação instavel, será um benemerito serviço á Nação, serviço que não poderá ser realizado pelo systema das protecções absurdas a industrias que não existem, tão pouco será effectuado com a propaganda em favor de interesses regionaes.

Folgamos em reconhecer que o deputado Paula Ramos levou á Camara, com eloquencia persuasiva, a nota do bom senso, do patriotismo, no discurso proferido na sessão de 19 do corrente.

## DIVERSÕES

XADREZ  
PROBLEMA Nº 6—G. Hachcote  
PRETAS (8)



BRANCAS (9) — Mate em dois lances

PARTIDA Nº 6

GIUOCO PIANO

Branças (Steinitz)	Pretas (Bardeleben)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
B 4 B D	— 3 — B 4 B D
P 3 B D	— 4 — C 3 B R
P 4 D	— 5 — P × P
P × P	— 6 — B 5 C D x
C 3 B D (a)	— 7 — P 4 D (b)
P × P	— 8 — C R × P
Roque	— 9 — B 3 R (c)
B 5 C R	— 10 — B 2 R
B × C	— 11 — B D × B
C × B	— 12 — D × C
B × B	— 13 — C × B (d)
T 1 R	— 14 — P 3 B R
D 2 R	— 15 — D 2 D
T D 1 B	— 16 — P 3 B D (e)
P 5 D (f)	— 17 — P × P
C 4 D	— 18 — R 2 B
C 6 R	— 19 — T R 1 B D
D 4 C R	— 20 — P 3 C R
C 5 C R x	— 21 — R 1 R
T × C x (g)	— 22 — R 1 B
T 7 B x (h)	— 23 — R 1 C (i)
T 7 C x	— 24 — R 1 T
T × P x (j)	— 25 — abandona

(a) O lance usual é B 2 D.

(b) Supponmos que era preferivel jogar 7... C × P; 8 — Roque, B × C; 9 — P × I P × D, com melhor posição que aquella que resulta do texto.

(c) Se 9... C × C; 10 — P × C, B × P 11 — D 3 C e ganham.

(d) Parece que era preferivel R × B.

(e) Porque não T 1 B R, afim de jogar T 2 B e R 1 B?

(f) Um lance magnifico, como se verá

(g) Admiravelmente jogado. As P não pódem tomar a T com a D, por causa de T × T x. Se 22... R × T; 23 — T 1 R; R 3 D (se R 1 D; 24 — C 6 R x e ganham) 24 — D 4 C D x, R 2 B; 25 — C 6 R x, R 1 C 26 — D 4 B R x e ganham.

(h) A posição é interessantissima. As não pódem tomar a D, nem com a T, nem com a D, por causa de T × T mate.

(i) Se 23... R × T; 24 — D × D x e ganham, e se 23 —... D × T; 24 — T × T x ganham.

(j) Um fim de partida admiravel. E' como se effectúa o mate em 9 lances 25... R 1 C; 26 — T 7 C x, R 1 T (se R 1 B C 7 T x seguido de D × D x); 27 — D 4 T; R × T; 28 — D 7 T x, R 1 B; 29 — D 8 T; R 2 R; 30 — D 7 C x, R 1 R; 31 — D 8 C; R 2 R; 32 — D 7 B x, R 1 D; 33 — D 8 B; D 1 R; 34 — C 7 B x, R 2 D; 35 — D 6 l mate. (Notas do dr. Caldas Vianna.)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 5: 1 — T 5 C I ad libitum; 2 — C ou D mate (9 variantes

JOSÉ GETULIO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso. 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO

E

OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

A chronica dos bastidores do maravilhoso scenario parlamentar não regista episodio mais commovente do que esse da renuncia do sr. Cassiano do Nascimento ao bastão de *leader*, sempre empunhado com maestria, com segurança, com amabilidade e energia, qualidades cujo concurso, na sua succulenta pessoa, se combinavam numa incontestavel capacidade para o commando daquella legião indisciplinada pela preguiça de comparecer ás sessões, pela preguiça de votar.

Nos ultimos dias de paroxismo da ultima sessão, num desses momentos solemnes, em que era preciso esfolar a cauda do orçamento sobrecarregada de concessões, de auctorisações, para que o governo não ficasse ás cascas, sem lei de meios, via-se o illustre *ex-leader*, suando esbaforido, cavar votos, arrebanhando deputados para o aprisco do recinto onde se resolvem os altos destinos da Patria. Elle pedia, rogava, com os protuberantes olhos marejados de lagrimas de ternura, e pedia aos recalcitrantes que o ajudassem a exprimir o carnicão daquelle furunculo—o orçamento—a ameaçar de infecção as instituições democraticas.

A função era difficil, penosa, ingrata e, além de tudo isso, absurda, porque não se comprehende o papel de um *leader*, senão como director de um partido, deante de outro partido, com programmas dissidentes e exigindo por isso um general que lhe organizes os movimentos, lhe guie a acção nas incruentas batalhas parlamentares. Mas os partidos fôram engolidos pelo sr. Campos Salles e se confundiram no bucho da *Concentração*, digeridos, reduzidos á materia de que se modelou a politica dos governadores; fôram substituidos por essa unanimidade esmagadora, gravitando, com a força bruta da ignorancia, em torno do pe-

destal do poder, numa obediencia archipassiva. Desde então, o trabalho do *leader* se resumiu numa canceira de conduzir um rebanho, de ser uma especie de madrinha, de pennacho e campainha ao pescoço.

Falando com a justiça devida ao illustre representante gaúcho, devemos dizer que s. ex. não se achava a commodo nessa função, que poderia ser ornamental, que poderia ser fonte de influencia, de direitos ás graças do governo e da qual jámais se prevaleceu, valha a verdade, para proventos pessoas; mas não se harmonisava com as suas qualidades combativas, tão brilhantemente demonstradas, quando havia opposição, quando, em justas memoraveis, commandava os seus bravos amigos e correligionarios ao assalto contra os amigos do governo.

O honrado sr. Cassiano do Nascimento regressou do sul, triste, de uma infinita tristeza de esphinge, encapotado num proposito mysterioso, refusingo manifestações francas, mesmo aos mais intimos, que anceiavam por beber-lhe dos labios polpudos a palavra de ordem respeito ao assumpto vital, — a successão do sr. Rodrigues Alves. O seu amoroso coração, acorentado á gratidão que escravisa os mais fortes, balançava, timido, entre as candidaturas em fôco, aguardando o momento da escolha definitiva, porventura uma conciliação, um accordo cordeal, que evitassem a desaggregação da unanimidade e mantivesse unidos nas mesmas crenças, nos mesmos idéaes, na mesma acção, os antigos amigos. O vallo da dissidencia estava, infelizmente, demasiado largo: não era possivel a um homem de estatura regular manter-se com um pé num lado e o outro na banda opposta, attitude muito incompativel com os habitos e as idéas radicaes do illustre pelotense.

S. ex. falou, — dizem os jornaes — lamentou achar-se em divergencia

com o chefe da Nação, divergencia que o obrigava a esquivar-se de uma velha confiança e lhe impunha o sacrificio de acompanhar os seus amigos que são, naturalmente, os amigos do general Pinheiro Machado, o Bayard dos pampas, irreductivel na campanha desesperada para a conquista do impossivel.

Que um homem abandone o poder por outro poder mais forte, comprehende-se, e está nos preceitos da moral politica; abandonar a eminente posição de representante, de instrumento da omnipotencia para se confundir nas fileiras de opposição condemnada á derrota, excede a quanto se tem celebrado como heroismo, como abnegação.

Ahi está porque o sr. Cassiano do Nascimento se avolumou aos olhares curiosos como um homem fóra da craveira vulgar, fóra da moda, um verdadeiro heróe, desses cuja fôrma parecia gasta, desfigurada pelo attricto da politicagem.

\* \* \*

Foi uma scena commovedora essa do conclave das bancadas para a cerimonia da passagem do bastão de *leader* das mãos gordas do sr. Fernando Prestes para as delicadas e macias mãos do sr. Carlos Peixoto. Um calefrio de ternura invadiu os corações: havia em todos os olhos o luminoso esmalte de lagrimas reprimidas, e o general Paula Guimarães se ausentou, axphyxiado por forte nó na garganta, para não desatar em pranto deante dos seus commandados.

A escolha das bancadas foi excelente, foi acertada porque o joven mineiro é um bello moço, sympathico, juntando ao encanto de um olhar, que não ficaria mal num formoso rosto de mulher, a eloquencia de uma palavra suave, abemolada, insinuante, palavra cantante, como a do sr. Gastão da Cunha, em verdadeiro contraste com a do *ex-leader*, cuja palavra arranha como uma lixa.

Além dos dotes physicos, de superior valia para es cargos eminentes, o *leader* mancebo é um orador; tem febra de luctador. E é pena que não encontre adversarios a lhe provocarem a exhibição dos dotes combativos, nas discussões que, em saíndo do assumpto — acontecimentos de 14 de novembro — são frias, manhosas, como uma conversa em familia, ou ligeiramente agitadas em rugas lentas, como as da superficie de um pantano.

A escolhia foi magnifica e teve a alta significação de demonstrar que, para guiar aquelle rebanho pelo caminho liso da obediencia, não são precisos esforços de experiencia, de musculos, de cerebros afflictos e affeitos ás terriveis luctas da vida: uma creança basta.

\*  
\* \*

O novo *leader* traz, nos seus delicados musculos de adolescente, todo o *muque*, toda a seiva da grande, da nobre terra de Tiradentes, com as suas classicas e alterosas montanhas, com o seu proteccionismo e o incondicionalismo, tambem classico, do nunca assás chorado Sylviano Brandão, digno antecessor do sr. Francisco Salles.

Minas é um colosso; sua sombra, na opinião de um compatriota de Cervantes, seria bastante para esmagar as maiorias mais compactas, as combinações politicas mais engenhosas; mas é um colosso pacato, sem máus bófes, de uma cordura patriarchal, que está por tudo, comtanto que lhe não perturbem a doce quietação de monstro.

E' bem possivel que, á iniciativa intelligente do joven *leader*, Minas desperte do torpor, abandone a attitude de passividade pachorrenta, para agir como elemento decisivo na solução dos problemas que estão agitando a monotona placidez da politica. E já se diz, á puridade, que a honrosa confiança do governo para dirigir os trabalhos da Camara, não implica solidariedade de pensamento e de acção, entendida pelos preceitos de moral politica, que determinaram a lamentavel renuncia do sr. Cassiano do Nascimento.

A tarefa de ser lingua do governo, de ser espirito-santo de orelha dos deputados nessa cauda de sessão,

difficil de esfoliar, é penosa e complicada, porque é preciso contentar a todo o mundo e ao papae, que está com o dedo na fenda do cofre das graças e na raclia das urnas, pondo á prova as adhesões sinceras e acenando com recompensas magnificas aos filhos obedientes.

A capacidade, os reconhecidos talentos do joven *leader* justificam as esperanças do mais completo exito, na continuação das tradições gloriosas do seu antecessor, um *leader* que valia quanto pezava...

POJUCAN.



A titulo de curiosidade litteraria, como uma pagina intima do Japão desconhecido, traduzimos o seguinte artigo de Emerson, notavel correspondente da guerra, editado na *Revue*, de Pariz.

#### A ALMA CAVALHEIRESCA DO JAPÃO

Ella se exprime em uma só palavra: *Bushido!* cuja traducção litteral: Regras de conducta dos guerreiros, ou deveres da cavallaria, ou, em termo mais breve, cavallaria. *Bushi* é uma palavra sino-japoneza, que significa sentinella, escolta, como no inglez — *Knight* — e no allemão — *Kenecht* — em sua accepção primitiva. Entre os japonezes, é synonymo de Samurai — o homem de dois sabres do Japão feudal; foi, depois, applicado a todos os combatentes japonezes do exercito e da armada.

A Alma do Japão! — tal é o sentido dado por distinctos escriptores, como o barão Suzematsú e o dr. Inazo Notibê; seria, entretanto, mais exacto traduzil-o — O Espirito do Japão.

Diz-se tambem — *Yamato* — *Damas-hii*, para dar a idéa do Espirito do Japão; mas esta expressão é symbolica: allude á flôr da cerejeira, que é tambem o emblema da mariinha japoneza. Eis, a este respeito, uma citação do poeta Motoori:

*Illas abençoadas do Japão.  
Si estrangeiros tentarem penetrar o espirito de Yamato, dizei-lhes:*

*A flôr da cerejeira desabrocha, selvagem e perfumada, aos raios roseos do Sol Levante.*

I

Foi ao *Bushido*, crêem os japonezes, que devem os seus successos passados e as suas victorias actuaes contra os russos. Esta convicção, partilhada pelo estado maior general, procurou o marechal Yamagata exprimir, enviando aos addidos militares estrangei-

os e a alguns de nós, correspondentes da guerra, junto do exercito japonez, um exemplar, em edição de luxo, do famoso livro do dr. Notibê, sobre o *Bushido*. Neste livro, cujo original é em inglez, o auctor escreveu:

«Diz-se que foi aos seus canhões Krupp e aos fuzis Murata que deve o Japão a victoria da ultima guerra, e esse successo foi resultado dos estudos militares modernos. Isso, porém, sómente em parte é verdade. Os canhões e os fuzis mais modernos não atiram sós. O mais perfeito systema de educação militar não póde fazer de um cobarde um heróe. Não; as batalhas do Yalú, da Coréa, da Mandchuria, fôram ganhas pela alma de nossos paes, guiando os nossos braços e pulsando em nossos corações. Ellas não morreram; não morreu o espirito dos guerreiros nossos antepassados. Aquelles que téem olhos pódem vel-os distinctamente. Os nossos homens, tendo as idéas mais modernas, conservam inteiras no coração as tradições do passado. Com razão, dizemos: raspai um japonez e achareis um Samurai.

Corresponde a esse proverbio francez: raspai um russo e encontrareis o tartaro. Foi um russo — caso curioso — que mais francamente emittiu a theoria de que na guerra, não é a perfeição das armas, nem a superioridade do numero nem o genio dos chefes que alcançam as victorias e apparellham o exito: mas o espirito dos homens atrás dos canhões e o espirito do povo atrás dos homens. Este ensiuamento se encontra no livro de Tolstoi — *Guerra ou Paz*. Em outro livro seu — *A Physiologia da Guerra*, insiste nesse assumpto de modo ainda mais preciso:

«A sciencia militar julga a força das tropas pelo numero. Napoleão disse que o Deus das batalhas estava sempre ao lado do maior numero de batalhões.

«Tal asserção, segundo a sciencia militar, faz repousar a força de um exercito sobre a theoria de mechaunica que, considerando corpos em movimento e sómente em relação ás suas massas, affirma que a sua força de movimento é igual ou desigual, conforme a sua massa é igual ou desigual. Na guerra, o movimento das tropas é o producto da massa multiplicada por  $x$  — uma quantidade desconhecida.

«A sciencia militar, tendo verificado por numerosos exemplos na historia, que as massas de tropas não correspondem á força dos exercitos, e que pequenos destacamentos venceram outros mais consideraveis em numero, admite, confusamente, a existencia de um factor desconhecido, que ella tenta explicar, ora por combinações geometricas, ora por differenças no armamento, mas, sobretudo, por lhe

parecer isso mais simples, pelas diferenças no genio dos chefes.

«Em vão, se attribue essa faculdade ao alludido factor: os resultados não se harmonisam com os factos historicos. Deve-se renunciar essa falsa idéa, tão cara aos creadores de heróes, de que o  $x$  do problema depende das disposições bem tomadas, concebidas e executadas na guerra.

«O  $x$  é o espirito das tropas, é o desejo mais ou menos intenso de todos os homens de se baterem sem considerar si estão ás ordens de um homem de genio ou de um imbecil; si se batem em duas ou trez linhas; si estão armados de maças ou de canhões de 30 tiros por minuto.

«Os homens dispostos á batalha se collocam sempre na posição mais vantajosa para a lucta. Os homens que se inquietam mais com a victoria do que com o risco de morrer, são considerados superiores áquelles que preferem escapar sãos e salvos. O espirito do exercito é o factor que, multiplicado pela massa, dá como producto o poder.»

A theoria de Tolstoi, levada, conforme o seu habito, á extremidade do raciocinio, encontrou admiravel confirmação na queda de Porto-Arthur. Admittindo que todos os outros successos dos japonezes contra os russos, em terra, sejam devidos a uma estrategia superior ou á superioridade numerica em tempo util, a tomada de Porto-Arthur resultou, quasi inteiramente, da superioridade do espirito de combate dos japonezes. Não se deve esquecer que foi sómente deante daquela fortaleza que as listas das perdas japonezas assaltantes fôram mais consideraveis de mortos e feridos. A verdadeira batalha de Nanshan, onde elles perderam cinco vezes mais homens que os adversarios, foi ganha por um impulso irresistivel dos soldados nippons. A opinião de um notavel estratéga allemão, na *Gazeta Militar*, de Berlim, que a posição de Kinchow foi tomada aos russos por um movimento strategico de flanco da infantaria japoneza, não é procedente, considerando que a estreita facha de terra, attingindo a Nanshan, tem apenas 4 kilometros de largura e que a linha dos fortes russos se estendia, de cada lado, até á praia. Além disso, o reforço tardio levado a um dos flancos pela artilharia dos barcos japonezes, foi compensado por identico reforço dos barcos russos, empenhado no outro flanco: um assalto de infantaria, executado em tão limitado espaço, tendo alguns dos assaltantes da direita de entrar n'agua, não se póde chamar um ataque de frente.

Quanto á queda de Porto-Arthur, é verdade que o general Stoessel pretendeu que suas forças eram inferiores ás sitiadas, na proporção de um para

trez, e que estavam exgotadas as suas munições de sitio, coisa que se não provou com factos. Na epocha em que elle me dizia, em Porto-Arthur, que os seus grossos projectis não eram sufficientes para resistir a um ataque, eu sabia pelo general Kondratenko, que bastariam ainda para muitos mezes. A opinião do general Stoessel, na mesma occasião, era que as forças sitiadas daquela praça se elevavam a mais de 120.000 homens; ao passo que ellas, como verifiquei depois, no quartel general de Nogui, montavam, apenas, a 50.000 soldados.

Foi o *Bushido* que conquistou Porto-Arthur. O principal partidario do *Bushido*, sobrevivente, é, na opinião dos japonezes, o general Nogui que, entre os *bushi* proeminentes na guerra, só tinha um rival de valor igual ao seu, o commandante Tákeo-Hirose, que deu a vida para salvar um de seus homens, na desesperada tentativa de Togo para fechar a entrada de Porto-Arthur. Foi Hirose que compoz um canto de cysne para a sua morte, dirigido ao Sol Levante e ás Flôres da Cerejeira do Japão. Foi elle tambem quem introduziu uma novidade na vida militar, escrevendo do campo de batalha cartas aos amigos na Russia, dizendo-lhes quanto lamentava que a sua amizade fôsse interrompida pela explosão da guerra. Hirose renunciou, provavelmente, a uma moça que amava, porque era russa, e a guerra com o paiz della era inevitavel.

Esse heróe popular era, com suprema distincção, um luctador do *jiu-jitsu*, o sport nacional do Japão. Toda a nação tomou lucto quando elle morreu e seu nome foi escripto no templo da fama como um dos deuses da guerra do Japão. A sua affirmacão, ao morrer, de que voltaria á vida sete vezes para combater pelas gerações futuras, foi com fé cega acceita pela nação.

Sem o ardor romantico e o encanto que distinguiam Hirose como o marinheiro poeta da sua raça, Nogui, embóra tenha passado a adolescencia, não está menos no espirito de todos os japonezes, a par de todos os heróes: é tambem poeta, profissional do *jiu-jitsu* guerreiro, e sobretudo um campeão de nota na esgrima do sabre e um amator de cavallos, predilecção muito rara entre os seus compatriotas, geralmente homens do mar. Diz-se que os seus cavallos de batalha tinham em Tokio melhores aposentos que a sua familia. Quando viviam os filhos, Nogui era capaz de resistir aos dois na esgrima com sabres de Samurai. As suas proezas como luctador datam da mocidade: durante a guerra da restauração, tendo recebido um golpe na perna, conseguiu, em lucta corpo a corpo, agarrar os dois adversarios e lançar-se com elles n'agua, salvando-se depois.

Como poeta, a curta e tocante poesia que elle compoz, quando lhe morreu o filho mais velho em Porto-Arthur, bastaria para lhe dar notoriedade:

«Desolado e triste é o aspecto do campo de batalha, onde a carnificina se estendeu por muitas milhas. O ar está ainda saturado do cheiro de sangue que ensopou a terra.

«E parando deante da fortaleza de Kinchow, illuminada pelos raios do sol poente, faltam-me palavras para exprimir meus tristes pensamentos. Mas... vêde: até o meu bravo cavallo de guerra baixa a cabeça.

Inumeraveis poemas cantaram a gloria de Nogui e de seus filhos mortos no campo de batalha. Segue-se uma poesia, enviada do paiz natal por um desconhecido:

«O irmão mais velho era o mais bravo dos bravos, era Katsunori.

O mais moço, Yasunori, era corajoso e perfeito.

Seu pae, o general, chamava-se Akinori: era firme, indomavel.

Quando te trouxeram um delles morto, retardaste os funeraes, esperando os outros dois para serem sepultados os trez no mesmo tumulo.

Morrer combatendo é a sorte commum dos guerreiros.

Lá em Nanshan, no ardor da lucta, o filho primogenito tombou deante do inimigo.

Depois, em Porto-Arthur, quando silvavam os obuzes,

O ramo mais moço foi quebrado, arrancado do tronco».

Nogui, á noticia desses desastres, manteve o semblante calmo, como sempre, sem o menor signal de tristeza no meio do lucto geral.

Mas, que agonia daquela mãe acompanhando o carro funebre do seu primogenito? A sua dôr, entretanto, não era maior que a do povo inteiro chorando seus filhos.

Em epocha longinqua, já trez leaes senhores de Kusunoki haviam perdido os filhos no campo de batalha pelo seu soberano: a esse glorioso exemplo, celebre na historia do Japão, se juntou o heroismo dos trez Nogui, cujos feitos d'armas figurarão sempre na historia da queda de Porto-Arthur.

## II

E' tão difficil explicar, *ex abrupto*, os principios do *Bushido* quanto seria expôr, em algumas palavras, os da cavallaria dos paizes occidentaes. O mais que se póde fazer é citar exemplos de alguns dos mais famosos heróes japo-

nezes que personificam o *Bushido*, como Bayard, o cavalleiro *sans peur et sans reproche*, personifica a cavallaria franceza. Procuramos, pois, dar uma idéa dos principaes pontos da educação de um *Bushi*.

Na epocha feudal, ella comprehendia a esgrima, o tiro de arco, o *jiu-jitsu* (a lucta) o *yawara* (a arte de se defender), a equitação, a tactica militar, a escripta, a poesia, a musica, a historia e a moral. O *yawara*, nobre arte japoneza ou o propria defeza, é uma combinação de lucta, sôcco e pontapés, com o fim principal de pôr o adversario fóra de combate, aturdindo-o, sufocando-o até ficar insensível ou inoffendendo-o.

A escripta ou a arte de escrever fez, no Japão, consideraveis progressos. Além dos velhos caracteres chinezes de varios generos, ha duas especies de idéographicos: o *Katakana*, o *Xiragana*, aos quaes se devem accrescentar as misturas de caracteres chinezes e japonezes, como o *Kana manari*, o *Kanatsuki*. Cada idéographo tendo uma significação e formando muita vez pequenas pinturas em hieroglyphos, tem um especial valor artistico, variando de perfeição conforme o talento do auctor. Um proverbio japonês diz que se pôde julgar um fidalgo pelos caracteres que elle escreve.

E' de notar que a educação militar japoneza, nos tempos feudaes, desprezava um dos mais importantes ramos da sciencia militar moderna, as mathematicas. Os antigos *Bushi* se vangloriavam de não saberem contar, sobretudo o dinheiro, exactamente como os cavalleiros da idade média na Europa, os quaes desprezavam o estudo dos livros. Os filhos dos guerreiros japonezes se educavam na ignorancia do valor das moedas. Os nobres abandonavam os negocios financeiros aos seus intendentes que, na escala social, occupavam logar inferior ao do ultimo Samurai. Falar em dinheiro era de homens sem educação. Com o correr dos tempos, tudo isso mudou: as mathematicas occuparam logar importante na educação militar, e o tiro de arco foi substituido pelos de carabina e canhão.

A parte mais notavel da educação de um *Bushi* era a moral, que nós chamamos ethica, cujo vasto dominio poderia ser descripto em muitos volumes. O dr. Inazo Notibê escreveu sobre o assumpto um livro, affirmando que a base fundamental da moral do *Bushido* estava no ensino de Budha, no culto dos herões, dos antepassados ou do Shinto, que é a religião nacional do Japão.

Assim, exaltam-se com excesso a verdade e a lealdade, os dois dogmas essenciaes do budhismo, como as mais altas virtudes do *Bushi*; ao lado dellas, a coragem physica não passa

de uma qualidade exigida do simples soldado. A verdadeira coragem — diz um proverbio do *Bushido* — consiste em cumprir o dever. Um principe de Mito dizia:

«O palhaço mais ordinario pôde lançar-se no mais espesso de uma batalha e ser morto. E' preciso uma verdadeira coragem para viver, quando a vida é penosa e para só esperar a morte, quando se deve morrer. O Samurai tinha termos especiaes para a coragem de um nobre e para a coragem de um scelerado. A morte de um homem por uma causa indigna dizia-se: a morte de um cão».

Acima de tudo, estavam a verdade e a franqueza.

A verdade — dizia um antigo Damio famoso — é necessario para manter o caracter de um *Bushi*, como o esqueleto é necessario ao corpo. Assim como não nos podemos manter de pé sem os nossos ossos, não bastam, para tornar um Samurai um homem completo, a simples coragem, a erudição e outras qualidades notaveis.

Outro, não menos celebre, expoude os principios do *Bushido*, definiu a verdade: o poder de uma vontade honesta. Expressiu o seu pensamento assim:

«Ser verdadeiro para si mesmo e para outrem é adquirir uma força que não hesita em fazer a coisa desejada na occasião desejada, em ferir quando se deve ferir; em morrer com bravura quando é opportuno morrer.»

O Samurai, em sua linguagem, trata da verdade, da lealdade, da coragem, conjunctamente, confundindo-lhes a significação.

Como na cavallaria dos povos occidentaes, a palavra *verdadeira* se tornou um termo geral e — *verdadeiro cavalleiro* pôde significar quasi tudo — bravo, leal ou, simplesmente, respeito. A palavra *gishi* (litteralmente, homem franco) tornou-se synonymo de *Bushi* ou Samurai. Os 47 Ronins, famosos partidarios do senhor de Ako, que consagraram a sua existencia á vingança da morte de seu amo e se suicidaram logo que conseguiram esse fim, são, ordinariamente, os 47 *gishi*.

O *Bushi-no-itsi-gon* — a palavra de um Samurai, era sagrada: ter de dal-a por escripto ou exigir-lhe um testemunho, era humilhante. Uma canção japoneza assim se exprime: «Devem todos acreditar num Samurai, que está acima do commum dos homens como a flôr da cerejeira, a rainha das flôres, está acima das outras: elle jámais falta á sua palavra.»

São innumeraveis as narrativas celebrando o amor do Samurai á verdade e ao sentimento de honra.

Eis um exemplo, o de Mori Rammarú, pagem favorito de Ota No-

bunaga, o Shogun predecessor do grande Hideyoshi:

Nobunaga viu, um dia, o pagem contando os circulos que ornavam a bainha de um sabre precioso. Desejando fazer presente dessa arma ao favorito, sem provocar ciúmes, o Shogun propoz offerel-a áquelle do seu sequito que advinhasse o numero exacto dos circulos. Enquanto os outros se esforçavam por obter o premio, Rammarú permanecia silencioso. Por fim, perguntou-lhe o Shogun porque não tomava parte no concurso.

Men senhor — respondeu-lhe o pagem — não seria honroso para mim pretender advinhar o numero de circulos que eu já contei. Como ninguém advinhasse, o Shogun lhe deu o sabre. Este mesmo pagem avisou Nabunaga da revolta de palacio que lhe custou a vida. Notára que Akechi Mitsuhide, poderoso vassallo do principe, assistia a um banquete no palacio, mostrando-se tão perdido em pensamentos, que deixára cair da mão os bastonetes de levar a comida á bocca. Sabendo que Akechi tinha a reputação de escrupulosos habitos, convenceu-se o pagem de que sómente uma conspiração poderia absorver o vassallo ao ponto de o fazer incorrer em quebra da etiqueta da meza. O Shogun não ligou importancia a esses receios, que considerou exaggerado e devidos ao ciúme. Algumas noites depois, rebentou a revolta, e o pagem Samurai morreu combatendo ao lado de seu amo e senhor.

EMERSON.

(Continúa)

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DE PERIBEBUY Á PATRIA

Depois do combate de Peribebuy, que não foi, para que se diga, dos mais perigosos, o exercito conservou-se inactivo no dia seguinte, em repouso, aliás bem dispensavel a veteranos effeitos a todos os rigores daquelle campanha, uma das mais rudes que registra a historia.

No dia 15, á tarde, chegámos ao povoado de Caacupê, por onde havia passado na vespera o exercito de Lopez, que se retirára de Ascurra, para não ter a rectaguarda cortada. Si marchassemos no dia 13 de agosto, como se propalava ser o desejo do principe, que houve de ceder á opinião vencedora de Osorio, é muito provavel que tivessemos mettido o Dictador entre nós e as forças que se estendiam do outro lado da cordilheira, no valle do Pirayú. Não passa, entretanto, este commentario de uma conjectura feita então,

sem intuito de censurar as operações dirigidas pelo nosso joven general em chefe.

A villa de Caacupê estava regorgitando de gente; parecia um povoado da nossa terra em dia de festa.

Nas portas e janellas das casas, todas de mesquinha apparencia, nas ruas, no adro da igreja, viamos velhas feias e moças bonitas, que se mostravam prazenteiras e nos receberam com mostras de alegria, provavelmente simulada. Entre todas, formigavam as creanças, muitas dellas tão magrinhas que se lhes podiam contar todas as costellas. Outras havia, porém, que pelo aspecto se conhecia logo pertencerem á gente abastada.

Achámos alguns prisioneiros nossos. Entre elles, estava um frade capuchinho, que caíra nas mãos das forças de Barrios, na invasão de Matto-Grosso. Que differença entre o sacerdote e os soldados! Aquelle, com o habito de burel, já meio gasto, alegre, risinho e bem disposto; os outros, magros, macilentos, não se lembrando mais como se ria e com as costas retalhadas das cicatrizes que fizeram os azoragues do inimigo.

Um observador perspicaz distinguiria sem grande difficuldade, no meio daquella multidão variegada, os habitantes do lugar, dos adventicios. Os caacupêanos eram, na maioria, pallidos, tinham bocios de fórmias e dimensões diversas e mostravam nos rostos macilentos o facies característico do cretinismo. Nos adventicios, o typo era outro. Viam-se senhoras e senhoritas decentemente trajadas, bôas côres e bem penteadas, maneiradas, educadas e fallando correctamente o hespanhol com a *toada* característica da falla paraguaya, muito semelhante á de Corrientes e Misiones.

O meu batalhão bivacou defronte da igreja, perto de uma casa, onde havia moças de uma familia distincta da Republica, com as quaes passámos, em agradável palestra, a tarde daquelle dia. Duas dellas desposaram-se com distinctos officiaes do nosso exercito, rendidos aos seus encantos e fôram muito felizes, deixando bôa e numerosa próle. Tinham um sobrinho, menino de seus oito annos, muito vivo, e que me pareceu ter *mãos bofes*, porque se aprazia em puxar os bigodes dos meus companheiros, que não protestavam para não faltarem á compostura de galantes cavalheiros. Eu, que não tinha barba ainda, fui mimoseado com os dois dedinhos do terrivel pequeno, enfiados com toda a força pelas minhas ventas. Disfarcei e torci-lhe um beliscão na pelle da barriga. Retirou-se, olhando-me espantado. Agradava-nos, a seu modo, o paraguayosinho.

No dia seguinte, 16 de agosto, pela manhã, marchámos no enculço do

exercito inimigo, não muito distanciado, porque levava numeroso carregamento. Seguimos pela estrada de Campo Grande.

Não tardou muito ouvirmos na frente o crepitar de fuzilada. Em pouco, succedeu-lhe forte canhonheio. Apertámos a marcha, deixando as mochilas na entrada do Campo. A vanguarda já estava empunhada em renhida lucta. Vi passar, a galope, na frente de um esquadrão, o Fialho, que o Tiburcio chamava o *meu Mudarra*, com o pála fluctuando, a lança empunhada pelo braço muscuroso e nú até ao cotovello. Foi a ultima vez que o vi e lá ficou para sempre o bom e rijo camarada.

Marchavamos ligeiro. A vanguarda distante Tazia recuar as forças inimigas, que iam incendiando o macegal. Pouco ou nada eu sabia do combate, cujos echos apenas me chegavam. A impaciencia me atormentava. O coronel Conrado Bittencourt deu-me ordem de avançar com uma força para apagar o campo em chamas. Era moço, e me pareceu que um ex-ajudante do Dezeseis não estava alli para faxineiro. Segui até o lugar onde o incendio se mostrava mais intenso. Dei ordem ao sargento para fazer um grande asseiro, que limitasse o fogo, e parti para a frente. Julgo hoje que não procedi bem; mas, naquelle tempo, não podia sacrificar-me áquelle serviço, quando a fuzilada me chamava, cada vez mais ardente. A minha curiosidade era irresistivel. O Dezeseis me tinha mal habitnado. Parecia-me que toda aquella gente, passando em accelerado, para bater-se, lançava-me olhares de pouc caso. Metti as esporas no meu valente tordilho e, a galope, approximei-me do passo do arroio, onde a nossa gente pelejava. Eu caminho, vi, acorocado atrás de uma casa de cupim, um tenente, que era uma das poucas excepções no nosso valoroso corpo de officiaes, e perguntei-lhe:

— Que fazes ali?

— Aquillo na frente está feio — respondeu-me.

— Mas é o teu lugar.

Era muito timido; mas nós o estimavamos porque era carinhoso e meigo. Esquivava-se ás balas sempre que podia e nem por isso escapou. A morte inexoravel empolgou-o ao terminar a guerra, restando delle sómente, entre os camaradas, a recordação da sua fraqueza. Felizmente para a nossa honra, o seu typo era muito raro.

Quando cheguei á margem do arroio, o bravo general Pedra acabava de repassal-o, defendendo-se, a pé, dos paraguayos: o seu cavallo havia empacado e elle se viu em serios apuros, ficando com a gravata de sóla rasgada por uma lançada.

Lá estava commandando uma bri-

gada, e calmo com o seu bello olhar de aguia, o coronel Manoel Deodoro da Fonseca, percorrendo as linhas em seu cavallo zaino e com a infallivel corneta, sempre presa ao arção da sella. Era das grandes figuras do exercito e uma das mais brilhantes daquella pleiade de officiaes de artilharia, designados para o commando de batalhões de infantaria, e que se chamaram: Tiburcio, Floriano, Hermes, José Clarindo e Carlos de Magalhães. Quando me transporto ao passado e elles desfilam pela minha memoria, bellos e resplandecentes de gloria, sinto ainda os cabellos se me eriçarem, como me acoutecia quando testemunhava os seus grandes feitos. Ninguém mais do que Deodoro correu para o lustre das nossas armas. Que o diga o Vinte e Quatro de Voluntarios da Patria, do qual fez, em pouco tempo, um dos melhores corpos do exercito. No maior perigo, nunca o abandonava a veia da facecia. Contau que num dos seus transes mais arriscados, quando fazia na antiga Escola Militar exame de chimica, o *Berzelius* apontou para um vidro, que estava sobre a meza, e perguntou-lhe que substancia continha. Elle, olhando para o frasco, respondeu sem hesitar:

— Acido azotico.

— Porque? retorquiu o professor.

— Porque está escripto no rotulo.

Eu todo o exercito é bem conhecida a sua chistosa vóz de commando, — *formar bôlo* — dada na batalha de Tuyuty, quando se viu com o batalhão envolvido pela cavallaria paraguaya e não teve tempo de formar quadrado. O Deodoro tinha o grande poder da fascinação e eu fui um dos fascinados por elle. A politica separou-nos, no golpe de Estado, onde se cortou a minha carreira militar; mas, nunca deixei de amal-o... Deixemos isso, porém, entre parenthesis.

Chamou-me e disse-me com vóz calma:

— Vê si podes levar alguns homens para o outro lado e estende na costa do matto uma linha de atiradores.

Chegavam, nesta occasião, dois distinctos alferes do batalhão de engenheiros: O Arouca e o Firmino, que vinham tambem impellidos pela mesma curiosidade. Mettemos, os trez, mãos á obra com decisão. A gente que estava no passo já tinha sido repellido da outra banda pelo inimigo, e estava hesitante.

De vez em quando, ha desses desfallecimentos passageiros, nas melhores tropas. Dirigi-me, para cumprir a ordem, ao major Pedro Alves d'Alencar, um dos mais brilhantes officiaes da nossa infantaria e commandante do 10º. Pedi-lhe que me desse alguns homens.

— Toma-os — respondeu-me: — e leva-os si puderes.

De vez em quando, os canhões paraguayos, assestados do outro lado do arroio, nos varriam á metralha. Os meus dois camaradas e eu acabavamos de chegar e nos empenhávamos com ardor na lucta. Um a um, dois a dois, iamnos conseguindo levar por deante soldados para a outra banda. Ficava sempre um de nós com elles. Passávamos e repassávamos o arroio diversas vezes. Em uma dellas, tive o prazer de ver o Sylvino, o meu bravo sargento do Dezeséis, e perguntei-lhe:

— Onde está o batalhão?

— Allí para a esquerda, sr. ajudante.

— Vamos até lá.

O Sylvino marchava na minha frente, e bradou:

— Rapaziada, aqui está o sr. ajudante.

Immediatamente, com a permissão do commandante, levei muitos dos meus antigos e bravos soldados para o outro lado, e, em poucos instantes, a bateria inimiga que nos metralhava caíu em poder da nossa linha de atiradores que, em grupos, carregou, denodada, á bayoneta, sobre as quatro guarnições e levou tambem de vencida a linha que estava de protecção.

Não durou muito, o Arouca caíu fulminado por uma bala no meio da testa.

Tiroteavamos cerrado, quando vi o alferes Firmínio entusiasmado dando vivas ao coronel Hyppolito. Era uma brigada de cavallaria, que transpuinha o passo, commandada pelo heroico official. Avançava na frente o piquete do principe, com o capitão João Telles, meu querido amigo.

Que espectáculo imponente! Aquella força, magnificamente montada, avançava ao tróte sobre as linhas paraguayas, que se uniram e fôram rapidamente apoiadas por uma grossa columna cerrada, que surgiu de trás de um capão e não formou quadrado.

Do tróte ao galope e do galope á carga, foi um momento.

Nós fuzilavamos os paraguayos quasi de travéz. Ao lado do Telles, ía, firme nos estribos, reboleando a lança, um cabo do piquete. Que valente! Vi-o metter as espóras no cavallo e, com um salto enorme, penetrar naquella massa eriçada de bayonetas. Ainda deu duas lançadas e sumiu-se. Após a carga, os esquadrões voltaram a reformar-se. Nesse momento, os paraguayos investiram á bayoneta sobre os nossos cavalleiros, que ganharam distancia e voltaram a carregar. Avançaram os batalhões passando o arroio e appareceu tambem naquelle scenario emocionante a figura do joven principe, com o seu brilhante estado maior, affrontando o perigo como qualquer de nós. Em pouco tempo, as

linhas paraguayas debandaram e fugiram espavoridas. Era a divisão de cavallaria do general Camara que lhes saíra á rectaguarda, pela estrada de Barrero Grande.

Foi uma derrota completa. O campo ficou cheio de mortos e feridos do inimigo, entre os quaes causavam-nos grande pena, pelo avultado numero, os soldadinhos, cobertos de sangue, com as peruinhas finas quebradas, alguns dos quaes ainda não tinham attingido á puerdade.

Fui nesse dia promovido a tenente. Era o vigésimo terceiro combate em que entrára, e já me havia habituado a não ser contemplado nas promoções. Não senti grande emoção. Muito maior foi a que tive, no Passo da Patria, quando, depois de 2 de maio, o Osorio me fez alferes e tiron-me do meio da soldadesca do meu batalhão, o Doze, o *Treme-terra*, onde eu sentia, revoltado, (para que não confessar francamente?) a superioridade daquelles veteranos mais fortes do que eu, para os labores fatigantes da vida de praça de prêto em campanha. Orgulhei-me mais com o elogio que me fez o Deodoro na sua parte do combate. Não o teve o camarada que encontrei acororado atrás do cupim e que tambem foi promovido a capitão pelos *actos de bravura* allí praticados, desafiando a curiosidade e provocando o sorriso ironico dos que passavam.

As noites de agosto na Cordilheira são frias. Viam-se muitas fogueiras no immenso bivac. Em torno de algumas, meio apagadas, tiritavam de frio soldadinhos paraguayos da ultima léva, frio que podia ser tambem da febre dos ferimentos que receberam. Como eram valentesinhos para o fogo os pobres meninos!

Que lucta terrivel aquella entre a piedade christã e o dever militar!

Os nossos soldados diziam que não dava gosto á gente brigar com tanta creança.

Depois do combate, fui ver o logar onde caíu o cabo do piquete do principe. Achei-o com os olhos abertos e o braço estendido, como procurando a lança. Contemplei, algum tempo, em respeitosa mudez, os restos mutilados desse homem, cujo nome me era desconhecido e cujas proezas talvez sómente eu tivesse testemunhado na tremenda refréga. Era mais um dos heróes anonymos que lá caíram aos milheiros em defeza da honra nacional, deixando os esqueletos branqueando os campos ou enterrados em cóvas mal cobertas, amparados sómente pela cruz symbolica da Patria, o Cruzeiro do Sul brilhando na cupula do Phanteon infinito, onde os seus nomes humildes se confundem e se integram no nome glorioso de «Exercito Nacional».

No dia seguinte, bem cedo, saíram

faxinas a enterrar os mortos e os canhões tomados ao inimigo, arrecadar o armamento esparso pelo campo, recolher os feridos prisioneiros e inutilisar as carretas, que não fôsse possível conduzir ou não valesse a pena fazel-o.

O meu coronel era um bom e intelligente official, mas tão restricto no cumprimento das ordens recebidas, que passava, sem injustiça; por muito *apertado*. Tomou demasido ao pé da letra a de destruir as carretas e ia praticando um acto de crueldade. Em uma, eucontrámos um soldadinho com a perna quebrada por uma bala, abaixo do joelho, e a cabeça, pallida, reclinada ao collo de sua irmã, loira creança de dez annos. Recebemos ordem para retirar aquelle grupo da dôr e incendiar o seu abrigo. Foi preciso que lhe implorássemos para que allí continuassem os dois meninos, até que fôsem transportados para o hospital. Era, entretanto, uma bôa alma, incapaz de fazer mal.

O Lopez e os restos do seu exercito retiravam-se para o norte do paiz pela picada de Caraguatay. O general Victorino seguiu em sua perseguição, batendo-os no dia 18 em Caguiyurú, que significa *bocca do matto*. Antes das nossas forças chegarem á picada, encontraram-se com um quadro horroroso, que encheu de indignação a soldadesca. Algumas praças, que se tinham transviado, entre ellas o bagageiro do Corte Real, hoje coronel honorario, estavam enforcadas na orla da matta, em galhos de arvores sobre fogueiras, que lhes tinham carbouisado os pés e com as mais humilhantes mutilações.

Empenhou-se o combate com furor de parte a parte e, em pouco tempo, estavam vingados os nossos desgraçados camaradas, pela derrota completa dos paraguayos.

Segui com o meu batalhão para o Manduvirá, pequeno rio estreito, por onde haviam entrado, anteriormente, alguns navios nossos de pequeno calado, em perseguição dos ultimos vapores inimigos que nelle se refugiaram e ficaram inutilisados.

No acampamento de Arecutaguá, recebi ordem para voltar ao Campo Grande, afim de desenterrar a artilharia paraguaya que lá deixáramos e fazel-a transportar até Pirayú, estação mais proxima do caminho de ferro. Parti levando conmigo os meus dois soldados—camarada e bagageiro—que ainda eram os mesmos. Achei Assumpção mais animada e Pirayú tambem. As familias paraguayas voltavam para os seus lares, onde a vida devia ser mais tranquilla do que nos tempos do terror, quando Lopez dominava. Nesse ultimo povoado, onde tínhamos ainda pequena força, hospedei-me em casa do Erico, meu comprovinciano e ami-



go, o tempo necessario para apromptar a viagem. Saí acompanhando o cargueiro, tocado pelos dois soldados. Subi a serra de Ascurra, demasiado ingreme. Seria muito difficil subil-a, quando lá estava, defendendo a, o exercito inimigo.

Ao Dezesete de infantaria, para o qual fui promovido a tenente e que occupava um dos quartéis paraguayos em Ascurra, requisitei seis praças para o serviço da exhumação das peças e pedi ao commandante que as fizesse partir no dia seguinte. Mais adeante, avistei Caacupê. Não era mais a mesma. Quasi todo o povo que a enchia no dia 15 de agosto, se tinha dispersado. Estava quasi deserta. Viam-se apenas algumas velhas com os seus bocios, raparigas opiladas e creanças barrigudas e pallidas. Homens... não havia. No mesmo dia, á tardinha, acampeei no Campo Grande, onde, dois mezes antes, os dois exercitos pelejavam encarniçados ao ruído do galopar das nossas cavallarias meio abafado pelo som atroador do canhão e pelo crepitar alegre da fuzilada.

Armei a minha barraca junto á ponte do segundo arroio. Ao lado pendia, enganchado na forquilha de um ingazeiro, o cadaver resequido de um paraguayo. Mandeí enterral-o e plantar na sepultura uma cruz tosca.

Que triste solidão e que silencio naquelle immenso campo de batalha onde dormiam, lado a lado, os guerreiros que se tinham destruido com ferocidade, sem ao menos se conhecerem e que a morte havia reconciliado na paz do mesmo somno placido e eterno.

Viam-se dispersas, formando grupos ou isoladas, carcassas de cavallos, em torno das quaes caminham alguns *caranchos*, que aproveitavam ainda os restos que ficavam da voracidade dos urubús.

Anoitecen. O luar era claro. As noites da primavera na Cordilheira são limpidas e frias. Sentado á porta da barraca, fumava o meu cigarro de pallia e já sonhava vagamente rever as terras da Patria e os seres que mais amava então: — o pai, a mãe e os irmãos queridos. O Antonio Faustino e o Francisco Antonio eram os meus unicos companheiros, e conversavam em vóz baixa, ao redor do fogão afastado.

O meu tordilho e um reiúno, que tomei na artilharia, pastavam, á sóga, com o cargueiro. Estavam proximos. Vi estranhas manchas negras no pescoço do meu cavallo predilecto e tambem do cargueiro, que era um macho do mesmo pello. Esvoaçavam rapidos, em torno de mim, grandes morcegos. Eram elles que bebiam o sangue do brioso animal, tantas vezes derramado no serviço da minha Patria. Levantei-me, e nós trez espantavamos os terriveis cheiropteros. Foi grande a lucta, por-

que eram demasiado teimosos e voltavam. Tem-se visto animaes morrerem em pouco tempo, sacrificados por elles. Era preciso salvar, pelo menos, o meu, e só havia um meio. Cobri-o com o meu ponche e a manta do bagageiro. Os outros dois ficaram abandonados, por falta de capas protectoras. O macho tordilho não durou muitos dias. O reiúno era de pello escuro e foi meos atacado. No dia seguinte, mandei o tordilho para Pirayú.

Quatro mezes depois, no dia 1º de março de 1870, o preclaro general Camara dava o ultimo tiro na margem esquerda do Aquidaban, e terminava a guerra com a morte do Dictador, que, apesar da sua ferocidade legendaria e nefandos crimes, passou á historia como o chefe supremo de um povo heroico por elle fanatisado, e cuja patria defendeu até ao derradeiro alento. Façamos-lhe esta justiça. Quando a noticia chegon ao Rozario, onde estava o meu batalhão acampado, vi, no meio de regosijo geral e dos hymnos de alegria, muitas lagrimas deslisarem silenciosas pelas faces dos nossos prisioneiros. Pareceram sinceras, porque não podiam mentir as almas daquelles valentes. Os nossos camaradas mais argutos diziam serem filhas do terror supersticioso que causava ao seu povo aquelle homem de prestigio quasi divino. Lembravam que quando Francia falleceu, o seu medico dr. Estigarribia retirou-se em silencio, e o cadaver ficou solitario até que o sargento da guarda, attraído, trez dias depois, pelas exálações da decomposição adelantada, penetrou nos aposentos do famoso politico e annunciou o facto, ainda receioso de uma resurreição.

Choravam... pelas duvidas, accrescentavam outros.

Os batalhões começavam a retirada para o Brazil. Iamos assistir ao embarque dos camaradas mais felizes do que nós, porque chegariam antes.

O Frederico Severo recitava poesias; outros faziam discursos. Foi um periodo festivo. Entre os oradores, tornou-se notavel pela facundia ultra-philosophica um velho coronel, que se tinha por muito lettrado e recitava as suas orações em tal tom que as ouviamos perfilados, como si esperassemos a sua vóz mandando uma manobra. Lembrome, entre outros, do seguinte topico, que reproduzo, quasi textualmente, como um curioso specimen da sua eloquencia transcendente:

«A guerra, camaradas, é a inimiga da paz. Por um phenomeno primordial que o destino anomalo circumscreve no correr dos tempos humanos, a guerra é uma fatalidade e, longe de ser um bem passageiro, é um mal permanente.»

Confesso que gostava mais dos versos do meu amigo Severo. O coronel Panellada era um *snob sui generis*,

menos completo, entretanto, do que sir George Tuft, de William Thackeray.

Apoderou-se de mim um desejo ardente de voltar. Era a explosão de uma esperanza recalçada, por cinco annos, no fundo da minha alma; nunca ousára affagal-a, porque minha vida estava votada á Patria, e cem mil dos seus fillos não regressaram.

Pedi uma liceuça e me foi concedida; mas não tive necessidade de gozal-a.

Em maio, separei-me do meu cavallo, tão leal e tão docil. Eu, tenente de infantaria, não podia trazel-o comigo. Só o Antonio Faustino, que o tratava, poderia suspeitar as saudades que elle me deixou, a tristeza que me invadiu quando, pela ultima vez, lhe passei o braço em volta do pescoço e fiz-lhe a ultima caricia.

Separaram-me tambem dos meus dois dedicados camaradas, que se recolheram ao batalhão. Chegou, finalmente, a minha vez de voltar.

O meu bom e saudoso amigo Antiocho Faure fez-me incluir na relação dos requisitados pela Escola Militar, apesar de não a ter frequentado, porque quando assentei praça, era estudante da Escola Central.

A volta, em maio de 1870, foi mais commoda e confortavel do que a ida, em fevereiro de 1865. Nesta eu era praça de prêt e, por concessão especial do commandante, dormia sobre o convéz, tendo por travesseiro a mochila cheia com a roupa da ordem, por colchão a manta e por cobertor o capote. Na volta, passei bem. Não tive camarote, porque era addido, e os effectivos tiveram preferencia. Na vida civil, é diferente; aos hospedes, os melhores commodos. Além disso, era preciso accommodar bem outros companheiros de viagem, distinctos prisioneiros de guerra. O general Caballero, os coroneis Agnêro e Centurion e o celebre padre Maiz, que tinha maior fé no Lopez do que em Jesus Christo. Dormia na camara do vapor em um banco, e passava as noites despertado, de vez em quando, pelas gargalhadas estridentes provocadas pelas pilherias, ás vezes demasiado pesadas, dos jogadores, dos quaes os quatro paraguayos nunca deixaram de fazer parte. Só me foi possivel ir á Bahia em 1872, depois de concluir o curso de artilharia. Já era capitão e tive tambem o meu triumpho. Da cidade de Cachoeira até o Magalhães, fazenda de meus avós paternos desde o seculo dezesete, cavalleiros montados em bellos corséis, davam-me a bôa vinda e reuniam-se á numerosa cavalgada. Ainda não havia telegrapho electrico; mas signaes luminosos feitos por foguetes, de distancia em distancia, transmittiam a noticia da nossa aproximação. Quando entrei na porteira da fazenda, ninguem pôde avaliar a minha emoção.

Havia arcos illuminados na extensão de um kilometro, onde se viam bellas legendas, em prosa e em verso, me saudando. Os cavalleiros, algumas centenas, quasi todos meus parentes, formaram em duas alas e eu passei só, a galope, por baixo dos arcos. O cavallo parecia ter azas. Não me lembro como caí nos braços de meu pae e de minha mãe, que choravam de alegria, beijando-me. Era a melhor recompensa para os meus trabalhos.

Alta noite, quando toda aquella gente foi reponer, minha mãe mandou fazer uma cama muito grande e deitou-nos, a todos os filhos, por ordem da idade e tambem uma irmãsinha, que nascera na minha ausencia. Saí e voltando pouco depois com o meu pae, disse-lhe :

—Estão ali todos cinco, graças a Deus.

E ambos caíram de joelhos e oraram constrictos, cheios de fé.

Passado algum tempo, voltava do Curralinho, propriedade do meu avô materno, meu berço de nascimento e hoje uma das mais florescentes cidades da Bahia.

Na ladeira do Capoeirussú, em caminho para o Magalhães, ao romper do dia, vi caminhando na minha frente um tabaréo de espadnas largas, chapéo de couro pendido para um lado, camisa e calça de algodão listrado, alpercatas aos pés e uma faca larga na cintura, tocando um sendeiro carregado de quartinhos. Piquei o cavallo e reconheci o meu bom camarada Francisco Antonio, que se perfilou, tirou o chapéo; e abraçando a minha perna, disse, visivelmente contente :

—Seu ajudante... meu senhor.

Estendi-lhe a mão e apertou-a comovido.

Foi a ultima vez que o vi.

O outro, o bagageiro Antonio Faustino engajou-se, mais uma vez, e chegou a furriel. Vi-o na Bahia já muito doente. Soffria do coração, talvez pelas innumeradas emoções da campanha e teve baixa por incapaz. Visitava-me com frequencia; era muito estimado por todos de minha familia. Fui despedir-me d'elle na ladeira do Alvo, onde morava com a velha mãe. O officio de sapateiro não lhe dava para viver... o coração caçava-o muito; por isso, trabalhava pouco e com difficuldade. Quando entrei, achei-o pondo tombas num sapato e assobiando, em surdina, o hymno nacional. Nunca mais o vi. Morreu alguns mezes depois.

Minha mãe mandou depositar no seu caixão uma corôa de sempre-vivas, com a legenda: — *Saudades do seu amigo*—e, na outra ponta da fita, lia-se o meu nome.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## FARIAS BRITO

### X

« Todas as religiões actuaes estão mortas — diz o illustre auctor da *Finalidade do mundo* : eis uma verdade dolorosa, mas incontestavel ; e não é sinão porque isto é uma verdade, que se nota o estado do extremo desasossegado, de angustiosa anarchia e profunda perturbação a que se acham reduzidas as sociedades modernas. »

Felizmente, á sentença lavrada contra todas as religiões accrescentou o philosopho cearense a confissão da horrorosa anarchia em que se debate o espirito do nosso tempo. Apenas divergimos num ponto, e ponto capital, porque muda todo o aspecto da questão. Farias Brito filia o estado de crise actual na ausencia de religião : quanto a mim, o desvalimento ou a morte das religiões — e vou adiante — do proprio sentimento religioso, não é sinão fructo ou consequencia da crise denunciada, da angustiosa anarchia » em que se encontram os espiritos em pasmo no vasto páramo em que os deixou uma consciencia incompleta do destino ou uma compleheusão imperfeita da ordem universal, mal entrevista ainda no que respeito aos fins da vida. Em vez de explicar, portanto, todas as perturbações que põem presentemente o mundo, pelo menos, no Occidente, em medonho estado de cahos — em vez de explicar tudo isso « pela decadencia do sentimento moral e pela falta de religião », eu prefiro ver na ausencia ou no arrefecimento do espirito religioso, (a que o nosso philosopho, com tanta propriedade, deu o nome de « poesia da religião ») um effeito, não sómente da indisciplina moral, da desordem que lavra nas intelligencias e até nos corações, mas de toda a crise actual na sua vasta complexidade. E lamento que, em vez de discutir as relações entre as duas ordens de phenomenos — Farias Brito se limitasse a historiar os processos medeante os quaes o espirito liberal chegou, partindo da reforma dos cultos, a demolir a propria religião catholica — a que se associára a toda a existencia social deste lado do mundo. Si elle tivesse preferido estudar primeiro as causas da crise — quasi que affirmo — havia de ver, com a alta isenção que se lhe reconhece, como inverteu a ordem dos phenomenos. E digo isto com uma segurança que se apoia em muito mais do que a indole do seu espirito, tão grave e tão sereno em presença destes grandes themes : com uma segurança que decorre das proprias affirmações que vejo em todo este 1º volume da *Finalidade*. Em primeiro logar, o nosso philosopho ataca e denuncia o

forte empenho com que os intellectuaes « fazem guerra a todos os grandes principios que são a garantia da ordem e combatem as crenças e se esforçam por eliminar a religião do governo das sociedades ». Nem é só disso que se occupam os maiores espiritos : elles se obstinam numa longa e incessante campanha contra todas as tradições, contra tudo que póde edificar a alma, fortalecer os corações, nutrir de fé a coragem e as esperanças com que se tem de fazer da vida uma especie de cerimonia de culto — pois é assim que ella tem vencido. E bastava isso para, ao menos, inspirar suspeitas de que não foi o espirito sceptico que fez a desordem e sim que foi a desordem que gerou o scepticismo — aggravado enormemente desde que passou do dominio especulativo ou philosophico, para o espirito das massas.

O que cumpriria indagar, portanto, é a origem da desordem mental que produziu a irreligião dos philosophos ou aos intellectuaes da qual esta *vacuidade* de alma que se nota em todas as classes, intellectualmente mais ou menos receptivas apenas, não é sinão um reflexo. E isso não fez Farias Brito, nem era de esperar que fizesse, pois o seu ponto de vista era outro.

Por mim, desde que tenho direito a ser franco e o dever de absoluta sinceridade como pensador, darei o meu modo de ver a questão, para assim explicar a divergencia em que me sinto com o eminente philosopho cearense. Póde muito bem ser que o desaccordo provenha de não estar eu ainda de posse de toda a concepção do auctor : isso depende do ultimo volume, que elle proprio diz ser « o mais importante, porque nelle se occupará propriamente da concepção fundamental de que a obra se originou ». Emquanto não nos vem esse terceiro livro trazer a theoria da finalidade, creio que me não adeantarei desastradamente com estas notas.

A meu ver, a situação anormal do espirito humano que determinou a decadencia ou mesmo a morte apparente do sentimento religioso, só é explicavel : — pelo contraste em que ficou a obra das intelligencias activas com o espirito das massas ; e — pelas complicações crescentes da crise economica. A obra das intelligencias activas, consistindo nas invenções, nas descobertas, no aperfeiçoamento das industrias, em todos esses progressos maravilhosos que fazem a grandeza dos nossos tempos — actuou sobre o espirito geral de modo a produzir esta ufania e deslumbramento do homem confiante em si mesmo — desvanecido do seu esforço e sem mais nada ver acima do proprio genio. O homem que se deslumbra, no emtanto, não é o homem que edifica e que triumpho. So-

bre o espirito deste, a victoria não deixa mossas: é na alma do passivo que ella, dando-lhe o bem, produz o mal. Creio que o deus humanidade corresponde perfeitamente ao espirito do nosso tempo.

Por outro lado — a questão economica — na verdade todo o problema social reposto pelas consciencias, hallucinadas e sob o pavor que lhes vem das proprias claridades em que andam immergindo! Tudo isto bem estudado havia de dar-nos a chave das soluções que procuramos — porque tudo isso não explicaria como o homem moderno não tem tempo nem necessidade de crer.

ROCHA POMBO.

(Continúa)

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A radio-telegraphia. — Creação de uma secção especial no exercito allemão. — Comunicação a trinta kilometros de distancia.*

A radio-telegraphia está, agóra, adoptada de uma maneira pratica no exercito allemão, graças á criação de uma secção especial comprehendendo um effectivo de 8 officiaes 15 sub-officiaes, 85 homens e 40 cavallos. Esta secção é annexa a um batalhão de telegraphistas. As experiencias radio-telegraphicas remontam a 1897. isto é, aos primeiros ensaios do systema Marconi. Fôram, primeiro, confiados aos aérostatas. Em 1899, os resultados obtidos permittiram regulamentar o serviço da radio-telegraphia que funcionará, para o futuro, regularmente. Os aperfeiçoamentos recebidos na Alemanha pela telegraphia sem fio, segundo o systema Braun, offerecem a vantagem de poderem estabelecer communições radio-telegraphicas a 30 kilometros de distancia. Tem-se estudado, egualmente, a applicação da telegraphia sem fio á guerra de fortaleza, assim como a syntonisação, afim de facilitar a correspondencia, e o serviço allemão está actualmente de posse de um receptor telephonic que permite communicar seguramente a 50 kilometros e até a 70 kilometros de distancia.

\* \*

*O telephone popular nos Estados Unidos. — A commodidade e a facilidade que offerece ao publico.*

O telephone popular é uma innovação americana, mas poder-se-ia afrancezal-a. Em muitas das grandes cidades dos Estados Unidos, a companhia Bell mandou instalar nas principaes ruas, apparatus telephonicos que se parecem com os nossos avisadores de incendios. O transeunte que quer tele-

uma ou duas moédas, conforme o tempo que deve durar a communicação. A caixa telephonica abre-se e fecha á vontade; é a moéda que estabelece a communicação. E tudo isso se passa sem obstaculos, sem incidentes, á propria vista do publico que exerce a vigilancia e impede as brincadeiras dos garotos. O telephone popular dispensa assignatura e demoras de repartição. E' tão commodo como a caixa postal, e os ensaios demonstraram, desde agóra, que é essencialmente pratico.

\* \*

*Os «butterrini», — Mistura de manteiga e queijo. — As suas propriedades. — O processo da sua conservação.*

Os *butterrini* de Sorrento e dos arredores de Napoles são um novo producto alimentar que consiste numa mistura de manteiga e queijo, com as propriedades de uma e de outra, e podendo ser conservado durante muitos mezes, até nos climas quentes. O processo de fabricação é muito simples. Fazem-se bolas de manteiga fresca pezando de 70 a 80 grammas e deixam-nas endurecer na agua gelada. Tomam-se em seguida 250 grammas de queijo feito de leite de vacca e é petrificada dando-se-lhe a fórmula de um chapéo sem abas; é amollecida, então, na agua quente, e quando se acha sufficientemente malleavel introduz-se-lhe a bola de manteiga endurecida de modo que o todo tome o aspecto de uma cabaça. Esta mistura de manteiga e queijo é depois mergulhada na agua gelada para refrescal-a e endurecel-a. Após algumas horas de immersão no banho frio, é suspensa num banho d'agua salgada durante dez horas mais ou menos; em seguida, é pendurada em pleno ar, onde fica até que se dá a servir. Estes *butterrini* se conservam perfeitamente no Sol da Italia durante trez mezes no inverno e ao menos durante todo um mez em pleno estio. Custam cerca de 1S, a libra. O gosto do queijo é do da Hollanda. A casca tem pouco mais de um centimetro de diametro. A manteiga tem um gosto de queijo, mas agradável. Esta industria começa a tomar um grande desenvolvimento.

## A BATALHA DE RIACHUELO

ONZE DE JUNHO

Lancemos rapido olhar por sobre o logar do combate; notemos as evoluções dos navios e algumas das peripicias do terrivel drama, que se desenvolveu nas soídões das plagas do Paraná.

11 de junho, espargindo vastos clarões purpureos pela superficie das aguas, cujo volume parecia ter diminuido, circumstancia que, sem duvida, fôra grave embaraço ás manobras dos vapores combatentes.

A esquadra do chefe Barroso, desde algum tempo, conservava a seguinte posição — em linha de formatura ao sudoeste de Corrientes e poucas milhas pelo nordéste de Riachuelo.

Os vazos de guerra occupavam logares designados por ordem. A *Meerim*, que estacionava na vanguarda, por volta das 9 horas da manhã, levanta o signal «inimigo á vista».

«Nessa hora, diz o chefe Barroso, em seu relatorio, nos assentavamos a almoçar, quando nos deram parte que descia um vapor, dois, trez, até oito; houve, portanto, um «Safa Geral» em toda divisão e despertaram-se os fogos.

«Desciam elles aguas abaixo que, com a correnteza do rio, não seria menos de 12 milhas; portanto, em um quarto de hora, passavam em frente a nós os 8 vapores paraguayos com 6 chatas a reboque. Fizemo-lhes as honras, que mereciam, as quaes contestaram por egual modo; balas e metralhas de parte a parte; era chuva e chuva de respeito».

Eis ahi o inicio do primeiro combate, que foi, porém, travado em outro ponto por causa das evoluções, que fizera o commandante Meza, com o fim, de collocar-se sob a protecção da linha do coronel Briguez, defendida por 2 mil soldados, que da barranca atiravam contra os vapores brasileiros, damnificando-os nimiamente, de sorte que simultaneamente eram aggredidos por agua e do lado de terra do rio, cujo canal, estreito e tortuoso, causava perigosos embaraços.

O chefe Barroso, conhecendo os desvios e recantos do theatro da acção, receiando que os navios inimigos enveredassem pelos ilhotes, resolveu atacal-os, onde pararam debaixo da barranca. Mandou a *Belmonte* marchar na vanguarda, seguida immediatamente da *Amazonas*, levando este os signaes:

— 1º, *O Brazil espera que cada um cumpra o seu dever*; 2º, *Atacar e destruir o inimigo o mais perto que puder*; 3º, *Sustentar o fogo, que a victoria é nossa*.

O chefe Barroso, dirigindo-se aos commandados e notando o ardor, de que todos estavam possuidos, não lhes fez outra recommendação, sinão a que contém as seguintes phrases, que valem mais do que um discurso; phrases que lembram as dos grandes capitães da antiguidade: — «vamos, camaradas, dar mais um dia de gloria á Nação, vingando a honra do nosso pavilhão».

nismo, officiaes, marinheiros e soldados, todos electrizados prorompem em unisono brado:

— Viva a nação brasileira, viva o Imperador

A *Belmonte*, sob o commando de Joaquim Francisco de Abreu, rompe a marcha, seguida da *Amazonas*, no qual váe tambem o chefe Barroso, com o pratico Bernardino Gustavino. O vapor *Jequitinhonha*, onde se achava o chefe Secundino de Gomensoro, em consequencia das perigosas tortuosidades do estreito canal e diminuição das aguas, a despeito do esforço e habil manobra, encallhou.

Os paraguayos não fugiram; pelo contrario, esperaram, firmes e destemidos, abrigados á barranca, defendida por 22 canhões e pelas espingardas de dois mil soldados do coronel Bruguez e das chatas armadas com peças de 80. Do alto da barranca, a fuzilaria e os tiros de 22 bocas de fogo caíam horrivelmente sobre a esquadra imperial, causando-lhe muitos estragos.

O chefe Barroso não julgou opportuno e conveiente descer aguas abaixo para voltar a bater de novo o inimigo; não hesitou; ahí no mesmo ponto, arremetteu contra elle com a prôa da *Amazonas*, reproduzindo o methodo empregado por meio do vapor *Merrimack* contra as fragatas *Cumberland* e *Congress*, no meio do turbilhão de balas de artilharia, que choviam de toda a parte, até das fortalezas Monroe e News-Ports, nos Estados-Unidos.

A longa experiencia de velho nauta, o exemplo recente do *Merrimack*, o conhecimento da efficacia do emprego do ariete, o plano concebido de destruir o inimigo de mais perto possivel, tudo inspirou ao chefe Barroso a idéa de abalroar, calvagar os navios inimigos e mettel-os a pique. Quando Barroso perguntou ao pratico Gustavino — «si havia agua sufficiente para a *Amazonas* investir contra os vapores paraguayos, — estava já com o proposito de *dar as becadas*, como realison. Este feito está perfeitamente de accordo com o systema de pelejar, que, desde o principio da acção, escolhera, praticára, recommendando que — cada um atacasse o inimigo o mais perto que pudesse, conforme dizia o signal do mastro da *Amazonas*. Que esta mesma idéa irrompesse nos cerebros da maioria dos officiaes, é coisa possivel, sinão provavel. As intelligencias, que reflectem, ou possúem intuição rapida e segura, considerando um facto, um phenomeno, um objectivo, chegaram ao mesmo resultado: para negal-o seria preciso desconhecer as leis do pensamento humano. E' irrisoria a pretensão da originalidade, que certos espiritos querem impôr á credulidade da to-

lice humana. Ninguem possúe absolutamente originalidade exclusiva, sua, duma idéa, que nunca passou por outra intelligencia; os phenomenos intellectuaes, as concepções, as idéas são productos, ou combinações de tantos elementos diversos, que um auctor, ou escriptor, ou executor não pôdem dizer, — só eu tive esta idéa, ninguem a teve. Mas, si a decompuzêrem, verão que elementos componentes a formam; que fracção toca á hereditariedade, á tradição, ao senso geral, ao *fundo* commum da humanidade. O ter a prioridade, ou a simultaneidade duma idéa, ou concepção, é coisa secundaria. Em quantos espiritos ellas abrolham e esterilizam-se? O essencial é encárnal-as nos actos. O poeta, o pintor, o estatuario dá-lhe vida na lyra, a infunde com o pincel no painel, a corporifica, sob os raios da inspiração, no marmore; o heróe, como Barroso, a engrandece e realisa na temeridade da acção.

Os scismadores — inertes — deixam-na surgir, illuminando-lhes os espiritos e a vêem fenecer, como a derradeira restea do crepusculo vespertino.

Ora, si Barroso, sentindo, como todos, a mesma idéa de empregar a *Amazonas* como ariete, não tivesse a heroica e sublime loucura de executar-a, indubitavelmente não daria á nação brasileira esse dia de gloria.

E' essa audacia, que é virtude, a força, a originalidade, a grandeza moral do varão, que affronta e não teme a morte, no meio do bulcão *da chuva de respeito* — de balas e metralhas... Barroso commandava a esquadra; era a sua voz, que ordenava; era o seu pensamento, que guiava; era a sua coragem, que obrava e, por sua vontade e mando, a *Amazonas* transformou-se em *Merrimack*: eis o que os contemporaneos viram e sabem, e a historia, consagrando, ha de perpetuar na posteridade.

O combate, como vimos, não se travou quando os vapores passaram e deram a primeira descarga. O commandante Meza tinha pressa de descer aguas abaixo, com objectivo, préviamente escollido, de collocar-se na linha da barranca; objectivo este negado por Schneider, que affirma ser a abordagem, aproveitando certas vantagens (1).

Depois daquella primeira descarga e descida de Meza, que se collocou debaixo da protecção da artilharia e fuzilaria do coronel Bruguez, moveu-se em linha a esquadra brasileira, aguas abaixo. Mas a *Amazonas* de repente virou, subindo o rio. Os outros navios tambem praticaram egual manobra. Travou-se depois a peleja. A *Belmonte* e todos os vapores entraram na batalha por volta das 11 horas da manhã. A *Belmonte*, pouco depois de haver valo-

rosamente luctado, encallhou na illa Cabral, soffrendo muitas e profundas avarias, que a impediam de permanecer na lucta. Em verdade, a *Belmonte* havia feito uma estrondosa façanha, transpou o passo, sósinha.

Não entraremos nas minucias do movimento da pugna, das manobras de cada navio; apenas tocaremos em certos pontos mais notaveis. Sem duvida, descrever fielmente uma batalha, qual a de Riachuelo, demandaria largo espaço e sobretudo tratar de certas questões, que nos não cabe discutir, nem o leitor teria paciencia de supportal-as.

O vapor *Jequitinhonha*, atacado por todos os lados; encallhou no meio do canal, a pouca distancia das baterias de Riachuelo. Foi uma perda, que privou a esquadra de um dos melhores instrumentos de combate.

O chefe Barroso, em pé, no passadiço, empunhando o binoculo, tudo observava e providenciava: mandou avançar a *Amazonas*, aproximando-se da bateria inimiga; dali, chuíam balas, metralhas a rôdo, balas e metralhas, que continuamente ameaçavam ferir, ou matar o almirante Barroso, o coronel Bruce, o guardamarinha Manoel Alves Barbosa e outros bravos combatentes.

Sob as ordens do chefe Barroso, os vapores da esquadra, dirigidos habilmente pelos respectivos commandantes, passaram as baterias de Santa Catharina. A linha de ataque do coronel Bruguez, muito embóra lhes causasse grandes danos, todavia não foi um obstaculo insuperavel.

Os vapores brasileiros eram commandados—a *Amazonas*, pelo capitão de fragata T Raymundo de Brito; a canhoneira *Ignatemy*, pelo 1º tenente Justino Coimbra; a corveta *Parnahyba*, pelo capitão-tenente Aurelio Fernandes de Sá; *Araguahy*, pelo 1º tenente Antonio Luiz von Hoonholtz; a *Mearim*, pelo 1º tenente Elisario José Barbosa, o benemerito mutilado, que ainda hoje traz, em si, o documento authenticico da bravura e do heroismo.

Formavam a divisão Secundino de Gomensoro as seguintes embarcações: o vapor *Jequitinhonha*, commandado pelo capitão-tenente Joaquim José Pinto; *Beberibe*, pelo capitão-tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna; *Belmonte*, pelo 1º tenente Joaquim Francisco de Abreu; *Ypiranga*, pelo 1º tenente Alvaro Augusto de Carvalho, segundo uma relação de character official e, portanto, exacta. E' um acto de justiça e de homenagem inscrever os nomes e renovar a memoria desses bravos companheiros do inclyto chefe Barroso. Cada navio trazia forças do exercito, as quaes tomaram parte na peleja.

No primeiro encontro e combate, a esquadra brasileira havia, a despeito das difficuldades de toda a especie, le-

vado vantagem sobre a inimiga; porém a lucta não podia parar nesse ponto, urgia terminal-a por uma completa victoria, que não deixasse ao Paraguay, sinão o aniquilamento de sua força maritima. Esse pensamento refluiu e fervia no cerebro do chefe Barroso.

Já se tinham dado varias peripecias, renhida lucta; já haviam tombado mortos e feridos. O drama encaminhava-se ao desenlace, tendo começado ás 9 horas da manhã, quando o commandante Meza descia apressadamente para metter-se debaixo da protecção da linha da barranca de Riachuelo.

Já eram 2 horas da tarde; a noite viria, naturalmente, separar os contendores, e desta sorte, a batalha ficaria indecisa. Parece que todas estas idéas agitavam as emoções, e varavam na alma do almirante Barroso, como se fôsem fulmineas farpas, incitando-o a desfechar o snpremo e terrível golpe.

Barroso ordenou que a *Amazonas* subisse; tomou todas as providencias; concentron os fogos; enfim, preparou-se a destruir o inimigo duma vez e de mais perto que pudesse. Acompanhavam-no cinco vasos da esquadra. O *Fequitinhonha* jazia encalhado; a *Parnahyba* atarefada com a abordagem do *Taquary*, do *Salto Oriental* e do *Marquez d'Olinda* e, assim atacada por todos os lados, resistia com extremo valor. O commandante Meza, quando viu approximar-se a *Amazonas*, abandonou a *Parnahyba* e como que partiu em retirada.

No segundo e decisivo combate, que foi travado com a frota paraguaya, auxiliada efficaamente pelas fortificações da barranca e pelas chatas, a lucta foi longa, furiosa, mortifera e horrível. Seria coisa interessante e curiosa narrar todas as phases dessa pugna: descrever as abordagens; reproduzir o quadro dos horrores; pintar do vivo as scenas de heroismo, do furor combatente; porém não caberia no limitado plano dessa noticia, que, principalmente, deve limitar-se a evocar a sublime e grandiosa imagem desse dia, já envolta nos véos calliginosos do tempo, que — inexoravel — tudo devora, até apaga e oblitera na memoria humana. Ver-se-ia, então, Marcilio Dias, por exemplo, sósinho, empunhando afiada machadinha, bater-se contra um grupo de feras paraguayas, que o accommettem e o acutilam barbaramente, mas o heroico marujo brasileiro lucta, fere, mata e esmaga muitos dos valentes e impavidos contendores e sómente deixou de resistir e vencer, quando tombou ferido e moribundo por sobre as taboas do convéz do navio.

Na altura da ponta de S. Catharina, já dentro do canal, rompe o fogo vivissimo, de parte a parte, no segundo combate. Nessa occasião, o chefe Bar-

roso pergunta ao pratico Gustavoino— teremos agua bastante para chegar com a prôa da *Amazonas*? Ouvindo a affirmativa, ordenou ao commandante que corresse a toda força e abalroasse as embarcações paraguayas. Logo a *Amazonas* investiu contra ellas e, primeiro, levou de rojo a *Fejuy*, que ficou aniquilada e cuja guarnição atirou-se na agua, fugindo precipitadamente. O chefe Barroso exclama— *o beijo com o beque não foi máu; precisamos dar outros...*

O commandante Meza acha-se á frente da *Yporá*, *Pirabebe*, *Igurey*, tentando, pela ultima vez, abordar o *Fequitinhonha* immovel e encalhado. O *Salto Oriental* e o *Marquez d'Olinda* estavam quasi inutilisados, abrindo agua pelos golpes que lhe déra a *Parnahyba*, quando se esforçavam em aprisional-a.

O commandante Meza, após tentar aquelle ataque á *Parnahyba* e ao *Fequitinhonha*, foi ferido gravemente no hombro; passou a direcção da frota paraguaya ao sub-chefe Cabral. A peleja continuava e a *Amazonas* dominava cabalmente a situação. Já havia mettido a pique o *Fejuy*; depois, investe contra o vapor *Marquez d'Olinda*, e o aniquila; passou ao vapor *Salto*, e o inutilisa de cabo a rabo. A manobra, usada pela prôa da *Amazonas*, reduziu as forças inimigas á impossibilidade de obter qualquer triumpho.

Eis ahí porque o chefe Barroso diz em seu relatorio: «os quatro vapores restantes do inimigo, vendo a manobra, que eu praticava e que estava disposto a fazer-lhes o mesmo, trataram de fugir rio acima. Em seguimento ao terceiro vapor destruido, aprôei a uma chata, que com o choque e um tiro foi a pique. Todas estas manobras eram feitas pela *Amazonas* debaixo do mais vivo fogo, quer dos navios e das chatas, como das baterias de terra e mosqueteria de mais de duas mil espingardas. A minlia tenção era destruir por esta fórma toda a esquadra paraguaya, do que andar para baixo e para cima, porque mais cedo, ou mais tarde, haviamos de encalhar por ser naquella localidade o canal muito estreito. Sinto e sentirei os quatro, que se escaparam, que teriam o mesmo fim e a gloria teria sido completa. O que posso afirmar, (continúa o heroico e modesto chefe Barroso) é que fôram bem convidados. Acharam-se enganados; os quatro, que escaparam, iriam mostrar ao desposta Lopez a maneira por que fôram obsequiados, etc. etc.»

Assim terminou-se essa tremenda batalha, que parece fabulosa, attendendo-se nas innumeradas difficuldades do theatro da acção; na tortuosidade do curso do rio, na estreiteza do canal, na linha da barranca, nas baterias e fuzilaria de terra, no risco de enca-

lhar a todo momento, na audacia furiosa do inimigo.

No tempo em que se realisou essa grandiosa e brillante epopéa do heroismo da marinha brasileira, por toda parte, no Brazil, glorificaram o nome de Barroso e os de seus bravos e invictos companheiros. Nos paizes da culta Europa e da America do Norte, a batalha de Riachuelo foi considerada um prodigio de pericia militar e de extraordinario e admiravel audacia.

Esta batalha, devéras, deve ser uma das mais preciosas gemmas que refulgem no diadema de gloria, cingindo a frente da marinha nacional, entre virentes louros de triumphos.

A gloria que, em Riachuelo, Barroso e seus bravos irmãos d'armas souberam dar ao Brazil, não se arrefecerá jámais e ha de perpetuar-se na memoria das gerações vindouras, que, isentas de mesquinhas paixões geradas no conflicto de interesses rivaes, sómente admirarão a temeridade de inexcedivel heroismo.

Em verdade, aquella batalha foi, talvez, um dos mais notaveis successos da diuturna guerra, em que se immortalisaram os nomes de Osorio, Caxias, Joaquim José Ignacio, Barroso, Tamandaré, Pedra, Argollo, Moniz e Barros, Marcilio Dias e muitos outros, dignos do culto do patriotismo. Seria longo enumerar os valentes *cruzados* da causa da civilisação e da liberdade, os quaes, vingando a honra da terra brasileira, emanciparam um povo barbaramente opprimido por um despota cruel. Entre aquelles esforçados lidadores, avultava o marechal conde d'Eu, cujos meritos e valorosos feitos a verdade historica, a justiça da consciencia humana, a gratidão nacional não pódem olvidar e menos eliminar das narrativas desta guerra, como bem comprehendu um distincto e bravo militar, que fez a campanha inteira e hoje nos traça o quadro dessas luctas homericas: — *o joven principe d'Orleans, o bravo marechal de exercito, o sr. conde d'Eu, se revelou um dos nossos melhores generaes, não só pela sua bravura, peculiar á raça de Henrique IV como por elevadas qualidades de commando, entre as quaes destacava-se a rapidez dos movimentos e a certeza dos golpes estrategicos.* (2)

A historia apreciará esse depoimento, de alto valor, duma testemunha insuspeita, exprimindo a opinião e o sentimento geral do exercito brasileiro.

A batalha de Riachuelo, si, por um lado, poz, em fulgurante relevo, o incontestavel merito e valor dos nautas brasileiros, por outro lado o seu feliz exito arrancou a Solano Lopez os meios de communicar-se com os povos estrangeiros e de prover-se de recursos

bellicos; finalmente a enclausurou, como que insultado e enfraquecido, no interior das regiões do Rio da Prata.

Resultados tão proficuos fôram, com justiça e criterio, apreciados pelos contemporaneos: a respeito delles, a historia não tem que tirar induções, nem fazer engenhosas conjecturas: é seu dever consagrar o juizo da geração, que os julgou com suprema competencia. Todavia, dirá que a nação brasileira, em consequencia dessa terrivel guerra de cinco annos, desesperada de combater, acabrunhada de fadiga, muito soffreu e envolveu-se nos véos da morte, contemplando, impassivel, as obras de destruição e de ruinas... até da propria sociedade, em que vivia...

A marinha, durante a lucta com o Paraguay, aquinhoou dos perigos e compartiu dos louros e dos mesmos sentimentos; foi brilhante modelo de bravura, de abnegação e de patriotismo, cujas fulgores ainda estão araiando os successores dos Barroso, Tamandaré, J. J. Ignacio, Mariz e Barros, Greenhalgh, Raymundo de Brito e de Elisiario Barbosa, de quem um dos nossos eminentes estadistas escreveu — *adorna-se com legitima condecoração de guerra e que faz concentrar nos campeões, que affrontam a morte e sobrevivem o respeito e a gratidão, que se tributa aos que perecem na lucta, victimas da honra e do dever.* (3)

Florescente, bem aparelhada e habilmente preparada, dispondo de fortes e convenientes elementos, (contraste da actual penuria) outr'ora, a marinha desempenhou galhardamente a sua nobilissima e ardua missão (4); nobilitou e honrou a Patria, praticando prodigiosa façanha, a qual, evidentemente, foi tambem um relevantissimo serviço: — tal é a recordação, tal a grandeza do dia 11 de junho.

EUNAPIO DEIRÓ.

(Conclusão).

(1) O livro de Schneider sobre a guerra foi annotado, corrigido e refutado lucida e vigorosamente, pelo barão do Rio Branco.

(2) General Dionysio Cerqueira — *Reminiscencias de Campanha*; vide n. 34, pag. 338, dos *Annaes*, revista a que a Historia deve as curiosas e notaveis contribuições do illustre soldado.

(3) Palavras do visconde de Ouro Preto, quando ministro da marinha.

(4) Vide o livro — *A marinha d'Outr'ora* pelo visconde de Ouro Preto.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### GLORIA IN EXCELSIS

Alas! que passa o defensor estrenuo  
Do bom nome e da honra do Brazil,  
Vai para a grande sombra, em paz insolita,  
Seu peito varonil

Filho do povo, ergueu-se a uma alta gloria,  
Mas sempre popular,  
Qual procellosa vaga aos céos eleva-se  
E não deixa, ainda assim, de ser o Mar.

A sua terra amou como um fanatico...  
E morto agóra está.  
Seu nobre coração, parado pendulo,  
Nunca mais baterá.

Alas e continencias a esse feretro!  
Grandes Mortos da Historia, recebei  
O paladino sem temor nem macula,  
O frio, o austéro Defensor da Lei.

Soldado, tinha o heroismo placido,  
A tranquilla coragem do dever,  
Era um estoico: — a vida é coisa minima;  
Vale, é saber morrer.

Quando a Revolta — bando sanguinario —  
A's fraticidas armas se lançou  
E contra o seio as converteu da Patria,  
O seu braço de ferro a estrangulou.

Chóre no espaço a artilheria funebre,  
Unle dos canhões a rouca vóz,  
Alto este egregio cidadão deplora-se,  
Não por elle, por nós.

Tomba para o repouso o forte cerebro...  
Descance enfim que bem o mereceu,  
Pois já nessa cabeça agóra exanime  
Toda a nossa esperanza se acolheu.

Alas ó Mocidade! este pertence-nos!  
E para o protegermos dos baldões  
Dos cobardes, dos reprobos, ao prestito  
Façam alas os nossos corações!

Já da Immortalidade abre-se o portico...  
Constellado das lagrimas de dôr,  
Das saudades, das benções da Republica,  
Entra na Historia o Consolidador.

LUCIO DE MENDONÇA.

\* \*

### O GRANDE MORTO

No *Paiz*, de 1 de julho de 1895, escreveu o sr. Alfredo Varela o seguinte artigo, que reproduzimos hoje, anniversario da morte do marechal Floriano.

\* \*

«A acção dissolvente de d. Pedro II levava a nacionalidade á ruina pela derrocada dos caracteres e pasmoso desenvolvimento da corrupção, e á anarchia, pelo descredito de toda a auctoridade, quando o exercito, espousando a causa nacional, mudou as instituições a 15 de novembro, conforme era desejado pela quasi unanimidade dos brasileiros, como meio de pôr um termo ao descaminho em que ia o *Paiz*. O governo provisorio, presidido por um homem genoroso de alma, mas destituído de qualidades directi-

vas, entendeu que a simples mudança de normas politicas casacterisava assás a nova ordem de coisas, e deixou tudo correr á medida dos habitos anteriores, não cuidando de abroquelar convenientemente o poder publico, consentindo que persistisse a licença em que nos deixára, para reinar, o segundo Imperador, e abrindo os braços magnanimamente a individuos suspeitos, perigosos á nova situação, pela sua radical incompatibilidade com o regimen livre, prostituidos como se haviam nas miserias do baixo imperio, de cujos attentados tinham sido os principaes agentes.

Esta fraqueza do governo provisorio ficou logo patente na campanha que contra elle abriram todos os que se viam insatisfeitos nas suas pretenções ou planos: era o mesmo ataque ao poder em tempo de d. Pedro, a mesma irreverencia, a mesma provocação, o mesmo atrevimento demagogico, a mesma ameaça anarchista! Ninguem se limitava a criticar serenamente, respeitosa, de maneira a colaborar na obra da reconstrucção politica, corrigindo-se erros parciais, sem por isso menoscar-se o principio da auctoridade, garantia de tudo e de todos!

Esta grita insolente e perturbadora cessou passageiramente quando o diluvio das concessões, despertando a sede do ganho, fez calar na consciencia envilecida dos prohomens do velho regimen o amor que tinham a este.

Porém aquelle *sabbath*, afinal, teve um termo, resultando que ficaram pobres todos os que, por menos esperados, a tempo se não tinham retirado da orgia bolsista. Coincidia isto com a queda do marechal Deodoro, deante da revolta contra o golpe de Estado, facto que desencadeára no *Paiz* o já mal contido anarchismo, que lavrava de ha tanto mas sem a violencia com que explodiu. Foi uma catastrophe: de um lado, a miseria publica, depois da infrene jogatina; do outro, as furias da desordem: o desmantelamento geral.

A praça do Rio de Janeiro, a braços com tremenda crise, impondo quasi ao governo que lhe desse dinheiro para especular; convulsos os Estados, gemendo um delles, o do Rio Grande, sob o torvo desgoverno de um bando

de assassinos, afadigados em derramar sangue, enquanto lhe não era chegado de derramar sobre a companhia todas as graças da cornucopia governamental. Era este o quadro miserando que offerencia o Brazil quando surgiu o benemerito marechal Floriano Peixoto. A principio, hesitou: velho soldado, sem tirocinio politico e ainda sem bastante prestigio para dirigir sósinho, andou, por algum tempo, á feição dos magnatas dominantes depois de 23 de novembro.

Mas, um acontecimento extraordinario, ao passo que lhe fortalecia o governo, descobria os perigos todos da crise, desvendava por completo o abysmo em que a anarchia nos queria precipitar: a revolução rio-grandense. O grande presidente, deante da extensão pavorosa do mal que ha tanto enfermava o Paiz, dispoz-se a combater-o corajosamente, pondo um freio ao espirito de rebeldia que se generalisava e era já em armas no sul; ao mesmo tempo que, no Rio de Janeiro, montava guarda no Thezouro, que planejavam assaltar os esfaimados da Bolsa—o que conjurou contra elle toda essa massa hecterogenea dos jogadores, dali em deante em plena confraternidade com os sublevados.

A attitude resoluta do chefe do Estado determinou a saída do governo de gente que allí mesmo estava conspirando e traíndo, e desde logo discriminaram-se os campos antagonistas: de uma parte, o presidente com todos os amigos do bem publico, a lei com os republicanos; do outro, os despeitados desse partido, em conluio com o monarchismo, com toda a classe de reactores: de uma parte, o principio da auctoridade apoiado por todos os elementos bons; de outro, o amalgama de todos os odios e de todos os interesses inconfessaveis, a anarchia, a desordem, a borra sobrenadando, neste fervilhar de sociedades, de epochas de confusão, em que os máus, como fêzes, pairam á tona.

Era urgente agir com efficacia, pois agóra não havia a combater apenas a desobediencia que entrára nos habitos publicos; era preciso dar batalha aos perturbadores arregimentados para a obra do subvertimento das instituições vigentes, e o grande soldado, com aquelle soberbo sangue frio que foi admirado nos campos do Para-

guay. enfrentou calmamente a tempestade, tomou do leme com a mesma atrevida coragem do gigante que no sul se empenhava em igual faina salvadora, conseguindo ambos evitar, no meio de ingentes difficuldades, um verdadeiro naufragio nacional!

Muito embóra as ondas da borrasca restauradora avassalasses dois Estados, levantando-se ameaçadoras em frente da propria capital da Republica, não se alterou um momento o animo forte do varão illustre, e quando tudo parecia ceder ao vigor da sorte, ao impeto do cataclismo, quando os companheiros de jornada desalentavam, a pertinacia civica do immortal Floriano jámais esmoreceu!

Um momento houve em que se pôde dizer que o mundo inteiro julgou perdida a bôa causa, tal era a furia da refréga, mal se percebendo, no seio do oceano revolto e negro, sobre que se tiuham desencadeado todos os furores do tremendo inferno, a náu do Estado, assoberbada pelas vagas, quasi submersa!

Mas o intrepido timoneiro, secundado pelo alto civismo e grande tino politico do eminente Julio de Castilhos, e, assistido pela dedicação republicana do joven Brazil, logrou vencer, dominando todos os elementos, serenando o Paiz, pondo a salvo a ordem, prestigiada por um brilhante triumpho a auctoridade, que fôra parar, quasi exanime, nas suas mãos! E' esta sua immensa gloria, que o colloca ao lado dos grandes vultos historicos.

Por mais que estúpido odio queira encobril-o, seus serviços resplandecem nos annaes desta Patria, que tanto amou! Como segundo pae da Republica, o progresso humano deve-lhe o incomparavel serviço de haver livrado este povo das garras de uma dynastia atrazada, cujo reenthronisamento seria o signal de espantosas perseguições e serio recúo na marcha evolutiva de uma nação, fadada a nobres destinos.

Para toda alma dignamente conservadora, o passamento desse notavel estadista é perda que não ha como reparar.

O partido nacional genuino, o partido que a todo custo pretende constituir um Brazil livre e independente, perdeu seu chefe!

Todos os corações que estremecem de amor pela patria estão de lucto e procuram anciosos descobrir quem substitúa o grande morto, quem capitaneie a velha guarda, agóra sem o seu querido porta-bandeira!

E esta só interrogação, que transparece no olhar de todos os que se preocupam com a sorte da Republica, basta para dar a justa medida do valor do benemerito brasileiro e do vacuo impreeuchivel que hontem se abriu no seio da nossa nacionalidade, hoje coberta de crepe e penetrada de dôr!

ALFREDO VARELA.

—  
O ALMIRANTE (37)  
—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—  
CAPITULO XVII

Muito carinhosa, muito solícita, junto da marquezia, ouvindo com interesse os conceitos do conselheiro, as ponderações de d. Eugenia e as opiniões do barão, sempre alegre e desembaraçado, quando não estava na presença da mulher, Dolores não perdia de vista o grupo de moças, no qual se destacava a figura de Amelia, com o seu porte e traços distinctos, sombreados de um ligeiro toque de serenidade que lhe dava extraordinario prestigio, a superioridade da educação, das maneiras e uma certa energia destoando da vulgaridade feminina tão característica em nossos costumes.

Dolores sentia essa superioridade; sentia-se amesquinhada deante de Amelia, e por isso não lhe perdoava a sobrançeria e os modos seccos, a denunciarem entre as duas a influencia do contraste que é sempre um factor de repulsão, de odio entre as mulheres. Ella suspeitava em Amelia um adversario implacavel, de contactos aggressivos, de sorrisos perfidos, de olhares mordentes de ironia.

Naquelle momento, porém, toda a sua attenção convergia para a attitude do dr. Sergio de Lima, muito notado e muito querido nas rodas officiaes, indicado para representar um Estado do norte na Constituinte, graças á influencia de um velho e bravo militar, figura de grande relevo na revolução de 15 de novembro.

—Que me diz do Sergio—perguntou ella ao advogado Souza e Mello.

—Bom moço, muito esperançoso—respondeu elle—e muito de molde para fazer carreira neste descalabro.

—Parece—replicou Dolores, á puridade—que está muito caído por uma das meninas...

E accentuou a ultima palavra em que comprehendia Amelia, em cujos cabellos ondeados surgiam alguns fios de prata.

—Bello partido para Amelia—continuou ella, ironica—Que lhe parece?

—Amelia é um magnifico partido para um homem superior. O Sergio, porém, parece inclinado para.

—Para Hortencia? ..

—Está continuando o idyllio, que começou na roça.

—O senhor tambem notou?...

—Eu, minha senhora, se bem que que não seja profissional, não sou indifferente aos effluvios luminosos dos corações que se approximam.

—Mas esses effluvios nunca penetraram o seu peito de celibatario impenitente.

—E' verdade. Por desgraça ou por felicidade, nunca se me abrazou o coração. Esperei calmo a minha hora; mas o tempo foi correndo. Quando dei por mim, estava velho: era um preterido, ou um condemnado... O meu direito ao quinhão de felicidade que sómente o amor pôde dar, tinha caído em commisso; estava prescripto.

—Engano, meu caro. O senhor ainda pôde aspirar. Está bem conservado; é um homem robusto; rico de espirito e de haveres. Falta-lhe a mulhersinlia, uma companheira carinhosa, um aujo...

—Ou um demonio.

—Ora, diga-me: não seria Amelia uma esposa de contentar os mais exigentes? não é, como acabou de dizer, magnifico partido para um homem superior?

—Não ha duvida, mas não é o meu caso. Seria uma união desigual: eu, um velhote rabujento; ella, uma creança...

—Creança? Onde vão os trinta annos?

Toda a vez que estava na intimidade do advogado, Dolores tomava a liberdade de lhe falar nesse escabroso assumpto e elle deixava-se levar, condescendente, como se lhe não desagradassem os meios, que ella empregava para arrastal-o ao matrimonio como uma rez ao matadouro.

Do outro lado da sala, uma senhora insinuava a d. Eugenia que aquella intimidade parecia um escandalo e dava razão ao que se dizia de Dolores, das suas maneiras desvoltas, sempre mettida em rodas de homens, de politicos, principalmente depois da proclamação da Republica, um governo de gente á tôa. D. Eugenia não replicou: tomára a deliberação de se abster, completamente, das usuaes invectivas á politica e aos seus próceres, consagrando-se, exclusivamente, ao plano de concertar a vida complicada, sacrificada pela desinteressada abnegação do conselheiro, um verdadeiro martyr.

Dolores se approximou, conduzindo o advogado pelo braço.

—Ainda não perdera a esperauça—disse ella, sorrindo—de conquistar esse nosso amigo.

—Não será difficil—murmurou a outra senhora, que piscou, maliciosamente, um olho.

—E' um recalcitrante—tornou Dolores.

—Imaginem as senhoras—atallou Souza e Mello, sorrindo—que Dolores emprehendeu duas coisas impossiveis, dois trabalhos de Hercules: agrilhoar-me ao matrimonio e metter-me na politica.

—Do primeiro estou quasi desengañada—replicou Dolores—este homem não tem coração; do segundo, nutro ainda esperanças, apezar da teimosia que me tem opposto. Se os velhos republicanos, se os republicanos historicos, como este e o Dadá, abandonam a politica, não será para admirar que ella andé mal, entregue aos adhesistas.

—Aos homens sem character—ajuntou Souza e Mello.

—Essa historia de character—ponderou d. Eugenia—é um luxo dos independentes, dos que não têm responsabilidades, não têm familia... Além disso, pôde-se mudar de opinião... Aqui está o dr. Souza e Mello, que era um republicano vermelho e passou para a monarchia: ninguem pôde accusal-o de fraqueza de character...

—O argumento é de primeira ordem—murmurou Souza e Mello, surprehendido com as idéas de d. Eugenia...

—Sem duvida—acrescentou Dolores—toda a gente, a grande maioria está peusando assim; estão todos submettidos ao facto consumado. Eu quizera que se approximassem do marechal e vissem, como eu, os homens que se vão chegando sem escrupulos, sem cerimonia, completamente esquecidos do passado de hontem. Os adhesistas mais humildes são os de mais alta posição na monarchia: estavam habituados ao calor do governo, ás proximidades do poder.

E, para illustrar as suas asserções, Dolores relatou o caso de um conselheiro de estado, homem de nobreza inequivoca e da mais alta posição na justiça da monarchia, um cidadão por todos os titulos respeitavel, o qual todas as manhãs fazia uma carinhosa visita ao marechal, levando-lhe, cuidadosamente embrulhadas num grande lenço de sêda, duas garrafas de leite.

—Todos os dias—continuou Dolores—muito cedinho, apparece aquella figura respeitavel, sorrindo com a ingenuidade de uma creança e passa ás mãos do marechal as duas garrafas. Aqui tem meu querido marechal, diz elle—este leite que eu todas as manhãs ordenho de uma vacca mineira,

muito novinha e muito sadia, uma beleza no genero. Não confio aos creados esse delicado trabalho. Verá como é saboroso este leite especial, muito differente desse que por ali vendem falsificado... O marechal se desmancha em agradecimentos e o bom velho se prolonga em protestos de amizade, de solicitude pelo heróe, pelo homem que tem nas mãos os destinos da Patria, a responsabilidade de concertar os erros do extincto regimen. E' natural que todos os brazileiros dos mais humildes aos mais eminentes, se interessem pela saúde desse homem predestinado enviado pela Providencia para operar, sem sangue, sem commoções violentas, essa transformação inevitavel da politica.

D. Eugenia ouvia, impressionada, a narrativa de Dolores, que concluiu sentenciosamente:

—Ninguem censura o venerando velho que leva o leite ao marechal Deodoro; antes, pelo contrario, com esse acto de solicitude, todo o mundo reconhece que elle dá um exemplo de patriotismo desinteressado.

—Ouvi referir esse caso—observou Souza e Mello—mas julguei que era uma das muitas calumnias propaladas contra os homens respeitaveis para desmoralisar aquelles que deviam ser os conservadores das tradições do Imperio.

—Parece anedocta—ponderou d. Eugenia.

—E' uma verdade—replicou Dolores—um facto que eu mesma verifiquei.

—Nada me admira, nada é impossivel nesta crise—tornou Souza e Mello.

Nesse momento, houve, no grupo de moças, um movimento de alvoroço: Oscar assomára á porta do salão e se dirigia para a marquezia de Uberaba, que lhe estendia, sorridente, a delicada mão emagrecida. Laura e Hortencia lhe fôram ao encontro, ao passo que Amelia se manteve no seu lugar, aguardando a homenagem que elle não demorou em prestar-lhe, com uma amabilidade cheia de distincção.

Oscar não podia dissimular a fadiga do excessivo trabalho que lhe fôra confiado pelo ministro da Marinha, em cujo estado-maior era elle a figura dominante. Essa honrosissima posição o forçava a se fixar na secretaria aguardando os resultados, as deliberações das conferencias do governo provisório, conferencias muito frequentes, muito dilatadas, prolongando-se, ás vezes, até alta noite.

A marquezia se conformára a essa alteração dos seus habitos, por entender que Oscar devia empenhar todos os meios de lealdade, de dedicação ao seu amigo Wandelkolk, para não interromper a brilhante carreira, que lhe fôra vaticinada pelo Imperador. Nos



destroços deixados em seu espirito pelo desastre, no meio das mais pungentes decepções, do desmoronamento da monarchia, bruxoleava ainda a esperança na resurreição por um movimento inesperado, por um milagre da gratidão popular, reparando o revoltante crime. Ella onvia, impassivel, as narrativas de Dolores, as objurgatorias de Souza e Mello, as previsões optimistas do conselheiro a denunciarem um periodo de agitação ephemera, sem elementos para se fixar numa organização vigorosa, estavel, capaz de resistir ás reacções das ambições intemperantes, aos descontentamentos da demagogia sopitada em suas tendencias naturais, nos seus excessos pelo espirito conservador do valoroso soldado fundador da Republica. Com secreta alegria, ella notava os assomos de rebeldia das tropas de mar e terra, a conspiração tramada contra Deodoro, contra Benjamin Constant, em cuja pasta—disséra-lhe Dolores, muito em segredo—estavam lavrados decretos, punindo com a infamante pena de expulsão do exercito alguns officiaes desgostosos. Eram symptomas de fermentação precoce, ameaçando de decomposição a obra de loucos; num momento de allucinação, obra sem alicerces, sem bases, sem robustez para resistir ás intemperies da politica. Dentro de um anno, mais cedo, talvez, do que esperava, aquella monstruosidade mordia num pantano de sangue; seria, então, indispensavel a collaboração dos fieis, dos verdadeiros patriotas, para o benemerito trabalho da restauração, da dignificação nacional.

A marquezia tinha absoluta fé no futuro; esperava, como um sebastianista, a volta inopinada do seu rei, surgido na bahia de Guanabara, conduzido por uma esquadra commandada pelo *almirante* Oscar, a saudar a terra ingrata, a receber, ao ribombar dos canhões das fortalezas, acompanhando as colossaes vibrações da alma popular, a homenagem do arrependimento sincero. Ella alimentava, carinhosamente, a doce esperança de consagrar as suas derradeiras energias á victoria da causa da dynastia deposta, victoria que seria a das tradições de honra do Brazil. E Oscar seria o instrumento, partiria d'elle o impulso decisivo, o golpe mortal; elle seria o heróe da reivindicação gloriosa.

(Continúa).

## DIVERSÕES

### XADREZ

#### Ao Club dos Diarios

Solicitados por alguns amadores, fazemos ao *Club dos Diarios* um appello, para que aproveitando a admiravel estação que

estamos gozando, organise um torneio *handicap*, a exemplo do que fez, com estrondoso successo, ha trez annos.

E' este o melhor meio de estimular voçações e de apurar o merito real dos enxadristas de reputação firmada.

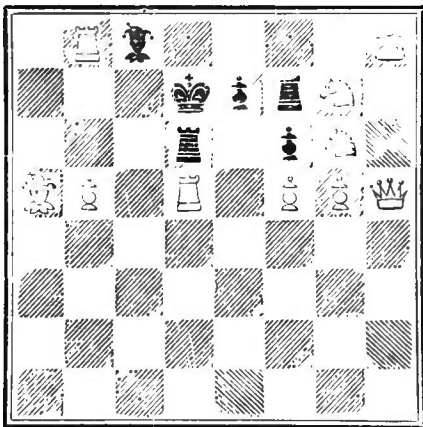
O *Club dos Diarios* possúe um magnifico salão de xadrez, installado com gosto e conforto. E, como não temos um club de xadrez, a elle compete tomar no Brazil a iniciativa do desenvolvimento do admiravel jogo.

No torneio de 1902, o dr. Caldas Vianna, que dava a todos os concorrentes os partidos de pião e lance, cavallo e torre, conforme a categoria em que estavam classificados, obteve o 1º lugar, após luctas que ficaram memoraveis; o dr. Souza Campos — o 2º e o dr. José Piza — o 3º, sendo que estes dois fortes jogadores chegaram *ex equo* e desempataram em duas partidas, em que Souza Campos foi victorioso.

Aqui fica o appello, que, contamos, será attendido.

#### PROBLEMA Nº 7—Jones (Cincinnati)

PRETAS (6)



BRANCAS (10)—Mate em dois lances

#### PARTIDA Nº 7

##### PARTIDA FRANCEZA

Branças (Poplawski)	Pretas (Dr. Lewitt)
P 4 R	— 1 — P 4 R
P 4 D	— 2 — P 4 D
C 3 B D	— 3 — C 3 B R
B 5 C R	— 4 — B 2 R
P 5 R	— 5 — C R 2 D
B X B	— 6 — D X B
C 5 C D	— 7 — D 1 D (a)
P 4 B D	— 8 — P 3 T D
C 3 B D	— 9 — P X P
B X P	— 10 — P 4 B D
P X P	— 11 — D 2 B D
P 4 B R	— 12 — D X P B
C 4 R	— 13 — D 6 R x (b)
D 2 R	— 14 — D X P
C 6 D x	— 15 — R 2 R
C 3 B R	— 16 — C 3 B D
Roque	— 17 — C (3 B) X P
C X C	— 18 — D 5 D x
R 1 T	— 19 — C X C
T D 1 D	— 20 — D 4 B D
D X C (c)	— 21 — D X D
T X P x	— 22 — R 1 D
C 5 B R x (d)	— 23 — B 2 D (d)
T (1 D) X B x	— 24 — R 1 R
C X P x	— 25 — D X C
T X D	— 26 — T 1 B D (e)
T (7 D) 7 R x	— 27 — R 1 B
T (7 C) 7 B x	— 28 — R 1 C
B X P (f)	— 29 — T 8 B x
T 1 B R (mate)	— 30 —

(a) Seria melhor C 3 C D.

(b) Se D X B, as P perdem a D.

(c) Este admiravel sacrificio acarreta a perda irremissivel das P

(d) Se R 1 R, mate em dois lances.

(e) Ameaçando mate, se B X P.

(f) E' elegantissimo este final.

ERRATA — O problema nº 6, de Heathcote, safu com um erro: o pião a 2 R é branco e não preto. Por isso, não damos neste numero a solução.

Srs. Tacito e Lipman. — Recebemos e vamos examinar.

JOSÉ GETULIO.

## APONTAMENTOS

### PARA UM DICIONARIO DE CELEBRIDADES

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, muito distincto poeta brasileiro, auctor dos versos do Hymno da Republica, hymno que, parece, tem sido a *mascotte* bemfazeja que acompanha os passos das instituições vigentes e felicitantes, dando-lhes esse brilho, essa harmonia, essa grandeza, e que

Vem remir do mais torpe labéo

o passado, substituindo-o por umas duzias de labéos mais civilisados e mais conforme á letra do hymno.

Esse nosso Rouget de L'Isle, cujos descantes téem arrastado as massas patrioticas ao assalto febril das posições rendosas, é, outrossim, um jornalista de justa nomeada, habil e rapido na polemica, elegante e leve na maneira de eucarar as questões aridas, e muito entendido nos assumptos de que entende.

Como critico, é o Papão dos meninos litteratos. Esses iucipientes, acostumados á critica nativista do legendario sr. Sylvio Romero, á pontificação do sr. Verissimo e ás subtilidades anglo-saxonicas do sr. Araripe, desapontam, desnorream, com a critica de detalhes, o estylo pão, pão, queijo, queijo, do eminente sr. Medeiros, e querem-lhe o mal, téem-lhe o terror que os pequenos sertanejos votam ao *Curupira*, o duende das mattas primitivas do norte.

O sr. Medeiros, entretanto, é quem melhor conhece o valor da nossa litteratura, e o que significam essas centenas de jovens sonetistas, mais abundantes que coroneis da guarda nacional. Não se faz mistér dar tratos á bola para critical-os, é puchar-lhes as orelhas e apontar-lhes as vírgulas que faltam, mesmo porque, Criticas, o sr. Medeiros e Albuquerque não as tem feito até hoje, que me conste.

## CAIR DO AZUL

Deixa escutar-te as musicas do peito.  
 Suspirosa creança.  
 Por certo eu não te entendo. Com effeito!  
 Nem mais cuidas da trança,  
 Dessa trança gentil e tentadora,  
 Que de minha alma fez, com certo gesto,  
 Uma alma peccadora.

Muito me custa crêr. Mas a verdade  
 E' que essas más leituras que fizeste,  
 Doce lyrio celeste,  
 De romances á tôa, de novellas,  
 Em vigílias febris por noites bellas,  
 O' pallida cecem,  
 Essa tranquillidade  
 Do coração roubaram-te tambem.

Vejo que choras, dizes tu que me amas  
 Com amor insensato,  
 Um amor que poria em 'spalhafato,  
 A arder em chammas,  
 Uma cidade, uma provincia, um mundo ;  
 Amor, que levaria ao mar profundo,  
 Aos terminos da terra,  
 A' immensidade, ao céu,  
 Movendo incendio, guerra,  
 Em conquista dum premio—o amor meu !

Eu vejo, minha amiga,  
 Queres fazer de mim o teu Corsario,  
 Ou uma especie de sombrio Lara,  
 Misturado de Hamlet, figura rara,  
 Um typo grande e vario,  
 Alguma coisa como estatua antiga  
 De um grande heróe, ou Deus,  
 Meio banhada em luz e meio á sombra,  
 Entre velhas arcadas, sobre a alfombra,  
 A qual, ao beijos teus,  
 Se animasse e, de subito vibrada  
 Por enorme paixão ciclopica, infernal,  
 Te arrebatasse, branca, desgrenhada,  
 Num deliquio mortal,

Para um paiz distante, exotico, ignorado,  
 Cheio de vibrações estranhas, encantadas,  
 Onde, pelas serenas madrugadas,  
 Tu dormisses ao collo do gigante,  
 Como timida amante  
 Que surprehendera a aurora estremunhada ;  
 Enfim, mundo idéal,  
 Em que vivesses vida das essencias,  
 Uma vida immortal.

Mas queres muito, filha.  
 Bem vês, não posso tanto,  
 Não tenho longo manto,  
 Nem doce guitarrilha.

Não possúo uma espada, nem sombrero ;  
 Sou um pobre diabo rotineiro,  
 Um simplorio burguez,  
 Sem chic e sem maneira,  
 Que tem levado a sua vida inteira  
 A esperar o freguez,  
 Por detrás dum balcão,  
 Onde, por certo, nem uma só vez,  
 Pisou o teu Corsario, ou d. João.  
 De enormes pés, de mão calosa e grossa,  
 Calço quarenta e trez.  
 Visto mal o meu frak domingueiro,

Nada tenho capaz de fazer mozza  
 No coração das bellas. Feiticeiro  
 Amor, enxuga as lagrimas ardentes ;  
 Os sonhos idéaes, sonhos frementes,  
 Que te escaldaram a cabeça leve,  
 Te levarão bem longe é muito breve.

Eu não posso seguir-te em teu caminho...  
 Cá tenho um negociinho,  
 Que me prende a attenção o dia inteiro :  
 Bem sabes, meu anjinho,  
 Tenho loja na esquina—eu sou vendeiro.

1905.

VIRGILIO BRIGIDO.

## O PROPHETA

(A H. MALAGUTI)

O Eden que a turba ignora e denomina futil,  
 Tem o encanto, o esplendor de um continente novo ;  
 O passado é um jazigo, e num symbolo inutil  
 Muitas vezes repousa o cadaver de um povo.

Prendo a investigações meu espirito ductil,  
 Si um hieroglypho acerto—uma lousa removo :  
 Com inédito brilho e ampla veste inconsutil,  
 Surge um Deus, arrastando uma Edade em renovo.

O archeologo penetra os arcanos da pedra,  
 E dos textos sem côr arrebatada a urdidura  
 De epopéas a Homero e poemas a Saavedra.

Mas o além ? o porvir ? De um simples grão, na obscura  
 Leiva em germen latente, uma floresta medra,  
 —Tal, do sonho do poeta a verdade futura.

1905.

LEAL DE SOUZA.

*(Bosque Sagrado)*

## O BEIJO

Inda agóra em lethargo, em pérfido quebranto,  
 Vivo depois do beijo ardente que me déste,  
 Mixto de espinho e flôr, mixto de aroma e peste,  
 Doce virus lethal de tenebroso encanto !

Havia no teu labio o meu riso e o meu pranto,  
 Como um seio e uma chaga a mesma seda veste,  
 E, ao beijar-te, transpúz uma porta celeste  
 Do paiz infernal em que me afundo tanto.

No subito clarão do meu deslumbramento,  
 Olhando em tua bocca um raro e estranho occaso,  
 Não cuidei que a meus pés surgia o meu tormento.

O' visão !... O' visão invencivel e forte !  
 Teu osculo, de bens e males rubro vaso,  
 Maculou dentro em mim o Sonho, o Amor, e a Morte !

1905.

OCTAVIO AUGUSTO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. .. . 20\$000  
 SEMESTRE .. . 12\$000  
 ———  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 E  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVEIRO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Passou, felizmente, a crise de allucinação patriótica em que o jacobinismo rubro andava pelas ruas *querens quem devoret*, animado por um espirito demagogico que não surgira nos dias da proclamação da Republica.

O intuito de apagar da memoria e do coração do povo os homens e os factos do ominoso regimen, chegou a ser a nota dominante em todos os niveis sociaes, desde as mais humildes stratificações até aos mais altos pincares da politica e da administração, inspirando medidas de destruição de tudo quanto pudesse symbolisar o Imperio, de tudo quanto lhe pudesse perpetuar a tradição.

Mas, não se rasgam impunemente as paginas da historia, que revive, que se eternisa, mais nitida, mais fulgurante, na alma nacional immorredoira, abrolhando através de gerações, em infalliveis erupções de justiça para os erros e para as virtudes, para os crimes e para a benemerencia.

A reacção, cruelmente irritada contra essa tradição, mudou o nome ás ruas, chrismon as praças, raspon as inscrições, sepultou-as sob densa camada de cal e de tinta; mas o tempo foi lentamente, num teimoso trabalho de restauração, pondo a nú os vestigios das lettras, das insignias, como se ellas, ainda cheias de vida, resistissem aos terriveis instrumentos de olvido.

Em vez de fazerem jús á gratidão publica pelos beneficios da administração do Districto Federal, os seus governos, que se tornaram um refugio dos politicos intransigentes, dos desoccupados, dos intolerantes, dos desvairados, que não trepidavam ante as enormidades que lhe dictava um fanatismo irreductivel, os governos municipaes pretenderam prolongar raizes no peito da demagogia, favorecendo-lhe os intuitos demolidores. E houve um de imperecivel memoria, entre os

que tanto deprimiram o nivel da administração local, que, sem respeito aos factos, mandou arrancar todos os escudos imperiaes da praça da Republica e substituí-los pelas armas da Republica, como se aquelles emblemas fôsem phantasmas ameaçadores da obra democratica, relembrando, com o seu prestigio ornamental, o administrador que transformára em bellissimo parque o indecente e sujissimo Campo de Sant'Anna, ou suscitando remorso aos administradores que nada faziam em beneficio da esthetica e da saúde da capital, entregue, como gordo repasto, aos vorazes parasitas da politicagem.

Ninguém olvidou, ainda, que estiveram armados na praça Tiradentes, os andaimes destinados á desmontagem do monumento ao fundador do Imperio, ao heróe da Independencia, para se collocar no pedestal, ornado de índios, jacarés, onças e outros bichos ferózes, a estatua do martyr da Inconfidencia, o precursor da Republica, como um acinte posthumo ao principe herdeiro de d. João VI. Por um milagre de energia da policia, no momento em que se quebravam typographias, e eram queimadas, em escandalosos autos da fé, na praça publica, o monumento foi respeitado, com todos os seus emblemas.

Essa reacção, porém, foi esmorecendo á acção reparadora do bom senso, e hoje surge, dentre aquelles que a promoviam com mais ardor, a idéa de commemorar, com um monumento, o homem que durante cinquenta annos carregou ás costas máus governos e dirigiu os destinos da Nação.

Os proprios reaccionarios estão, agóra, desencavando projectos de estatuas e reputam criminoso irreverencia estarem as *maquettes* de gesso, representando a figura de d. Pedro II, relegadas pelo olvido em sitios despreziveis.

Uma dellas representa o Imperador fardado de Voluntario da Patria, no

momento em que, com a sua presença augusta, resolveu o deslumbrado coronel Estigarribia a capitular, entregando-lhe Uruguayana; outra, uma estatua de bronze figura o Imperador nos seus imperiaes atavios, cingindo a corôa, revestido de capa, de mursa de papo de tucano e empunhando aquelle pezado sceptro de ouro massiço que, vallia a verdade, nunca pezo sobre o lombo do povo brasileiro.

Dizem que a primeira — o projecto de estatua equestre — foi mandada por ordem do Imperador para o Asylo de Invalidos da Patria. S. magestade por um movimento de modestia, não concordou com a homenagem que os paes ou os avós dos engrossadores actuaes pretenderam prestar-lhe naquella epocha de superexcitadas vibrações de alma popular, agitada pelos successos da guerra, inflamada de enthusiasmo pelas victorias das nossas armas.

O Imperador entendia que os seus feitos de guerreiro incruento que, como Cesar, chegára, vira e vencera, sem disparar um tiro, as hostes inimigas, a flôr do exercito de Lopez, não mereciam aquella estatua, homenagem sómente devida aos mortos illustres, depois de passados pelo cadinho da historia.

Sobre a outra não ha esclarecimentos precisos: dizem que o jacobinismo a arrancou do nicho em que fôra collocada, numa repartição publica; affirma-se que foi vendida, como muitas outras coisas preciosas da propriedade privada do Imperador e da familia imperial, como ferro velho, a um mercador que não teve coragem de destruí-la, ou pensou, talvez, que o mundo daria immensas voltas, um dia depois do outro, impellido pela fatalidade ou pelos azares da politica, até chegar o momento de se tornar precioso aquelle ferro velho.

A remoção dessa estatua passára despercebida; ninguem ligou importancia a esse acto de eliminação, em

effigie, do Imperador, que o clementissimo Governo Provisorio apenas des-terrára; mas, como a justiça da história tarda mas não falha, imputam-no a um responsavel desconhecido, como um crime, um attentado á propriedade nacional.

Houve, mesmo, quem levasse o caso ao conhecimento do sr. Cardoso de Castro, que declinou de se occupar da materia, porque não compete á policia republicana tomar contas aos suspeitos de gatunagem de coisas imperiaes, excluidas do codigo por effeitos de intransigencia partidaria.

Era, realmente, exigir muito de quem carrega nos debeis hombros a responsabilidade da segurança publica, eternamente ameaçada de *bernardas*, sempre ás voltas com os elementos subversivos, incontinentes, assauiados, apesar das medidas de repressão dentro e fóra da lei.

O meritissimo sr. Cardoso de Castro está contagiado do vicio que vem de cima: não está para maçadas; sobram-lhe canceiras, os apertos dessas gréves e outros aborrecimentos serios, superiores a essa banalidade de uma pessima, de uma feia estatua, coisa velha, traste inutil.

Além disso, s. ex. pensa, e pensa muito bem, que esse serodio zelo pelas estatuas do imperante deposto denunciavam um reviramento de opinião desfavoravel ao governo republicano. S. ex. vê longe; s. ex. descortina nesse facto a sombra de um arrependimento, que a paz, a segurança da Republica exigem não passe de manifestações platonicas ás figuras de gesso e de bronze, abandonadas num olvido providencial; s. ex. desconfia que, quando se erguer numa das nossas praças, um monumento ao Imperador, irradiará, talvez, delle uma lição intuitiva, levando o povo a comparar o Brazil de hontem com o Brazil de hoje, o que fômos e o que somos, o governo daquelle tempo, composto de estadistas respeitaveis, de patriotas de larga vista, de seguro traço e os governos democratras, para os quaes, por um proposito, quasi teratologico, se andam catando as mediocridades mais assimilaveis á obediencia passiva.

O inclyto sr. Cardoso de Castro desconfia que a comparação seja desvantajosa para a Republica e se refugia, por isso, em manhosa indifferença ás

reclamações dos desencavadores de estatuas.

S. ex. tem razão. Quem as removeu para sitios ignorados commetteu acto de benemerencia, merece applausos de todos os republicanos sinceros, principalmente da policia, que tem necessidade de ser jacobina, quando no coração dos rubros demagogos arrefece a divina fé nos principios.

\* \* \*

A nossa humilde opinião é que estatuas, quando representam, sinceramente, a gratidão nacional, não prejudicam idéas contrarias ás que ellas symbolisam: ellas são um vivo estimulo para o civismo, um exemplo do passado edificando o presente.

Nessa ordem de dividas nacionaes, não estão saldadas as nossas contas: devemos perpetuar em bronze os cinzeladores dos monumentos juridicos, o codigo criminal e o do processo, que fôram brilhantes conquistas do espirito liberal; o codigo commercial, o regulamento 737 obra do extraordinario estadista que, entre muitos outros trabalhos de relevo imperecível, tem no seu activo a repressão do trafico africano, resultado de estupendo esforço naquelle tempo.

Eusebio de Queiroz, citado como um raro typo de independencia de caracter, não foi menor jurista que o eminente Teixeira de Freitas, e excedeu a muitos, aos mais notaveis de uma geração inteira, em outras manifestações da actividade intelligente ao serviço de um patriotismo sem jaça.

Paguemos essas velhas dividas da gratidão nacional; perpetuemos os admiraveis exemplares de uma raça, que fez a grandeza da nossa Patria, e sejamos continuadores dessa obra que tem resistido ás intemperies das paixões: nada devemos temer das recordações do passado se assentarmos na virtude os fundamentos da Republica.

POJUCAN.

Váe em seguida o resto do artigo do coronel Emerson, que começámos a publicar no numero anterior dos *Annaes*. Ao cabo dessa leitura, terão os nossos leitores considerado, positivamente, o desprendimento, de Nogui e Togo, por exemplo, afastando de si a gloria das suas victorias.

## A ALMA CAVALHEIRESCA DO JAPÃO

### III

E' muito celebrada a historia de um Samurai que manteve a sua palavra.

Depois de um assedio de trez annos ao castello de Kannage, Hiraga Takamune, grande Daimio do seculo XVI foi, afinal, vencedor por meio de um estratagemma que honraria os antigos sparciatas. O defensor do castello, Sugihara Tadaoke, era famoso em todo o Japão, pela pericia infallivel no tiro ao arco. Vendo que o sitio se prolongava, Hiraga deliberou terminar a inutil carneficina, propondo ao inimigo servir-lhe de alvo em dois tiros; si Tadaoke o matasse, cessaria o assedio do castello; si errasse, capitularia com a condição de lhe ser poupada a vida, assim como aos seus soldados.

Tadaoke, certo de matar o inimigo detestado, accitou a proposta, acrescentando a condição de atirar a graude distancia e na escuridão da noite.

Deu-se o encontro, como concordaram os dois chefes, fóra do castello e ao luar. Hiraga esperou calmo a sua sorte. A primeira flecha atravessou-lhe o peito.

— Meu caro Sugihara — exclamou elle, ironicamente, sem o menor movimento — a velhice vos enfraqueceu a vista; atirastes muito baixo.

Tadaoke, então, enganado pelas palavras do adversario, visou mais alto, e a flecha roçou os cabellos de Takamune; e, verificado o erro, entregou a praça, á qual pouco depois chegava uma legião de soldados que outro Daimio enviava a soccorrel-a. Este censurou-o acremente pela capitulação prematura, mas Tadaoke respondeu-lhe simplesmente:

— Hiraga manteve a sua palavra: eu quero cumprir a minha. Eu preferiria perder todos os meus haveres e a vida a perder a honra como Bushi.

Esta historia é repetida, frequentemente, como um exemplo da virtude e da força stoica dos Bushi no soffrimento. Considerava-se indigno de um Samurai traír, pela expressão do rosto, a dôr ou a commoção. Era acto de heroismo não apparentar prazer ou colera: as proprias demonstrações affectuosas eram supprimidas deante de estranhos. Por isso, foi o general Nogui admirado por não manifestar signaes de tristeza pela morte de seus dois filhos, deante das fortificações de Porto-Arthur. A unica allusão, por elle feita, a esse doloroso acontecimento, se encontra nos poemas, agóra celebres, sobre a batalha do Nanshan e a tomada do Signal Hill. A propria baroneza de Nogui contou que o general, pae e esposo modelo, nunca lhe

escreveu enquanto se bateu em Porto-Arthur e não lhe enviou participação da morte dos dois filhos. Entretanto, o general Stoessel disse-me que, na rendição da praça, Nogui se portára com a mais refinada cortezia, nada poupando para amenisar a sensibilidade do inimigo vencido.

Nessa circumstancia, elle se conformou, strictamente, aos principios de generosidade ditados pelo *Bushido*. *Bushi no nasake* — a doçura em um guerreiro — é um desses principios. Como Tennyson, um poeta Bushi cantou: Os mais bravos são os mais doces, os mais affectuosos e os mais ousados.

Os conhecedores da arte japoneza se recordam da pintura vulgar de um padre montado de costas numa vacca. Segundo a tradição, esse padre era outr'ora um dos mais famosos guerreiros. Na grande e decisiva batalha de Sumuro-Ura, em 1184, escolhendo o mais avantajado dos guerreiros inimigos, se empenhou com elle numa lucta corpo a corpo e conseguiu tiral-o da sélla. Conforme as regras do *Bushido*, naquelle tempo, um cavalheiro não podia macular o sabre, em combate singular, com o sangue de um inimigo de baixa origem. Por isso, o cavalheiro pediu ao adversario que lhe dissesse o nome e, não obtendo resposta, arrancou-lhe, furiosamente, o capacete de viseira, ficando admirado de se lhe deparar o rosto imberbe de um moço de dezeseis annos. Erguendo-o, completamente, do sólo, pô-lo á garupa e disse-lhe: «Joven principe, volta ao regaço de tua mãe; o teu logar não é aqui. O sabre de Kumagaya não deve derramar o sangue de um meijino.» O moço recusou obedecer, dizendo-lhe: que preferia a morte a ser tratado assim. O cavalheiro não fez caso disso, mas recordando que seu filho se batia, tambem, naquelle dia, pela primeira vez, metten a espada na bainha. Nesse momento, um grupo de homens, do sequito do exercito, atravessa o campo de batalha.

— Si eu não fôr morto por vós — exclamou o moço—irei procurar morte ignominiosa no meio daquelles bandidos.

Kumagaya matou-o então; mas ficou tão impressionado, que regressando a casa, vencedor, recusou todas as honras e, raspando a cabeça, partiu em longa peregrinação, escanchado numa vacca, tendo as costas constantemente voltadas para o oriente, para o futuro.

Mais authenticas, talvez, são algumas maravilhosas historias de generosidade entre inimigos, na lucta das tribus e dos clans, combatendo pela preponderancia, na epocha do grande conquistador Hideyoshi. Houve uma rixa entre Uesugui Kenshin, senhor de Echigo, e Takeda Shingen, senhor

de Kai, por causa do desprezo aos preceitos de hospitalidade, compendiados no *Bushido*, visto não haver entre elles poderoso motivo de dissentimento particular ou politico.

Murakame Yoshikyo, um barão de Shinano, expulso de seus dominios, foi procurar Kenshin para lhe pedir refugio e se vingar á sombra da sua protecção. Kenshin estava de partida para Kyoto, onde ia reclamar o logar, a que tinha direito, entre os conselheiros do throno; mas, como Murakame fôra um dos mais encarniçados inimigos de seu pae, tinha direito á hospitalidade, como obrigação de testemunhar generosidade ao inimigo decaído. Kenshin ordenou ás tropas, que o deviam acompanhar a Kyoto, marcharem sobre Kai, erecta sobre uma montanha, á qual elle abordou á frente de 10.000 homens, inopinadamente. O paço não estava guarnecido: tinha apenas, uma pequena força de 800 homens, commandados por Katsuyori, herdeiro presumptivo de Shingen, acampado na visinhança. Como os trezentos das Thermopylas, a brava tropa de Katsuyori lançou-se ao desfiladeiro para defrontar o exercito de Kenshin, que tomado de admiração, ordenou ás suas tropas regressassem, evitando o combate, contentando-se de atirar ás fileiras de Katsuyori uma unica flecha com uma missiva em verso saudando o joven guerreiro pela sua bravura.

Na sanguinolenta lucta, que se seguiu, esse mesmo senhor de Echigo tornou-se caro ao povo dos paizes revoltados e aos seus inimigos, pelo esforço empregado para remediar a fome de sal, provocada pela interrupção do trafego e a hostilidade contra o senhor de Kai. Sabendo que essa calamidade flagellava o povo, Kenshin exclamou encolerizado: que se batia pela honra das armas e não para matar de fome os pobres camponeses. Em seguida, mandou fornecer sal tirado das suas provisões e prohibiu aos commerciantes augmentarem o preço desse genero de primeira necessidade.

Kenshin era famoso pelas proezas audaciosas. Muita vez, á frente de um punhado de homens, procurou terminar a sua disputa, em combate singular. Um dia, na famosa batalha de Kawanakajima, (1554) conseguiu encontrar-o, no mais espesso da peleja, e ía matal-o, quando um dos guardas de Shingen, ferindo-lhe com a lança o cavallo, lhe salvou a vida. Mais tarde, concluida uma tregua, Kenshin enviou ao adversario uma preciosa armadura. Este facto, citado nos tratados sobre o *Bushido*, é o mais celebre exemplo de homenagem ao inimigo.

Quando Shingen morreu, em 1573, no momento em que apparelhava outra incursão na provincia de Echigo, Kenshin soube disso quando estava á meza. Ficou tão commovido com a morte do

seu rival que não terminou a refeição e não quiz tomar o conselho dos seus vassallos para aproveitar a confusão que reinava em Kai.

— Não sou bastante desprezível — respondeu elle — para emprehender derrotar uma familia, quando nunca pude conseguil-o durante a vida de Shingen.

Kenshin, depois da morte de um grande rival e adversario, nunca mais tomou arma contra Kai. Soube-se, mais tarde, que Shingen, na hora extrema, reconhecendo a nobreza de character daquelle inimigo, aconselhára ao filho a paz e um tratado de alliança com os outros Daimios; mas Ktsuyori, demasiado altivo para tomar os conselhos do pae, embóra não fôsse mais perseguido por Kenshin, succumbiu com a sua tribu nos ataques do Shogun de Nobnaga. A queda dessa nobre familia (1582) é um dos factos mais tragicos da historia da idade média do Japão.

#### IV

Outro acontecimento, não menos dramatico, foi frequentemente recordado nas discussões suscitadas pela capitulação de Porto-Arthur—a queda da familia Shimidsú Muneharú, conhecida pelo nome de Chozaemon, depois da rendição do castello de Takamatsú.

Chozaemon era um baronete residente em Bitshú, quando o conquistador Taiko Hideyoshi invadiu essa provincia. Chozaemon era vassallo do clan de Mori. Apesar de se terem rendido os outros vassallos, elle recusou, obstinadamente, seguir-lhes o exemplo, defendendo o seu castello contra as esmagadoras forças de Taiko. Prolongava-se o sitio, quando Hideyoshi lhe propoz, si se submettesse, fazel-o principe de Bitshú, proposta que foi rejeitada. Hideyoshi desviou, então, as aguas do rio Kambe com o fim de inundar a fortaleza e desalojar seus defensores. Chozaemon se obstinou na resistencia, esperando ainda obter soccorros de seu senhor; mas, finalmente, uma mensagem deste, communicada através das linhas inimigas, informou-o de que devia renunciar á esperanza de reforços e que seria melhor render-se. Reconhecendo inutil a resistencia, mas não querendo sobreviver á queda da praça, Chozaemon mandou dizer a Hideyoshi que lhe offerecia a capitulação e o sacrificio de sua propria vida, si elle poupasse a vida dos seus homens, as das mulheres e das creanças. Acceita a proposta, Chozaemon preparou-se para o suicidio. Um dos Samurais, receiando que seu amo esquecesse algum detalhe do complicado ceremonial, prescripto pelas regras do *Bushido*, em materia de *hara-kiri*, se suicidou para lhe mostrar como elle devia proceder. No

dia designado, Chozaemon, acompanhado pelos Samurais que desejavam morrer com elle, transportou-se num batel ao logar escolhido, onde o suicidio se deveria realisar deante dos dois exercitos. Hideyoshi mandára enviados ao seu encontro e preparava um lauto banquete para elle e seu sequito. Depois dessa ultima refeição, sem perder um instante as maneiras graciosas de um Samurai á mesa, Chozaemon ergueu-se de pé sobre o barco; deante da multidão anciosa, cantou um trecho do grande drama de No, acompanhando-se, elle mesmo, com os accordes de um samisen e se suicidou com o Samurai, segundo o rito do *hara-kiri* e conforme as tradições do *Bushido*.

Esta scena de Chozaemon cantando, de leque em punho, no convéz do seu barco, foi durante muito tempo assumpto favorito da arte japoneza. Por occasião da queda de Porto Arthur, a historia dessa morte tocante foi lembrado por todos os narradores, que são profissionaes no Japão, como exemplo do que o general Stoessel poderia ter feito e não fez.

## V

Antes da capitulação de Porto Arthur, pôde-se affirmar que a grande maioria do povo japonez esperava que Stoessel não sobreviveria á queda da praça. Houve um jornal muito adeantado, o aristocratico *Nippon*, de Tokio, o unico que o mikado se digna ler, que falou a respeito nestes termos:

«A capitulação do general Stoessel é honrosa, porque fez tudo no iuteresse do seu paiz; o caso, porém, de um official japonez, em identicas circumstancias, seria muito differente.

«Durante a guerra da restamação, o Aizu capitulou, da mesma fórma que as fortalezas Goryokaka em Hakodate, cujos defensores, representando differentes tribus, se batiam contra a bandeira imperial: a capitulação foi, portanto, de japonezes a japonezes e não foi especialmente criticada. Mas si a guarnição imperial de Kumamoto se rendesse ao exercito de Satsuma, durante a revolta deste, fôsse embóra por força maior, completo exgottamento de viveres; si officiaes japonezes se rendessem aos chinezes na guerra de 1894—1895, quaesquer que fôsssem as condições de capitulação, é provavel que esses officiaes não fôsssem jámais recebidos no Japão.

«O general Stoessel, como condição de sua liberdade, assignou o compromisso de não pegar mais em armas nem de agir de qualquer fórma, contra os interesses do Japão, durante a guerra actual. Este procedimento parece estranho aos japonezes. O czar permittiu-lhe regressar ao seu paiz: em taes circumstancias, um official japonez, salvo por ordem especial do mi-

kado, não ousaria fazel-o. Nenhum habitante do Japão o receberia, degradado por tal compromisso. Si um general, commandante de um corpo de exercito, voltasse ao Japão, deixando grande numero de seus soldados e officiaes prisioneiros nas mãos do inimigo, não se pôde imaginar como seria recebido: seria censurado e...

«O finado commandante Hirose jurou voltar á vida sete vezes para combater pelo soberano do seu paiz. Si, por desgraça, caísse nas mãos dos russos, antes de acceitar a liberdade, sob palavra, não ha duvida que teria, apesar da prisão e da morte, tentado algo contra o inimigo do seu paiz, animado pelo espirito *Bushido* do nosso exercito e da nossa marinha.

«Todos os nossos soldados, deante do inimigo, em caso de derrota, estamos certos, recusariam, unanimemente, a liberdade em taes condições. Os poltrões da marinha chineza deram sublime exemplo de abnegação; o almirante Fing, suicidando-se, assumiu inteira responsabilidade da derrota, e supprimiu á censura os seus officiaes e marinheiros.

«Si o codigo de honra militar russo pôde absolver o general Stoessel, o do Japão não pouparia jámais um dos seus officiaes em circumstancias identicas. O *Bushido* jámais perdoaria a deliberação de Stoessel. E' talvez, um erro critical-o do ponto de vista do nosso *Bushido*, porque, para julgal-o, devemos considerar os costumes do seu paiz. Os nossos officiaes e os nossos soldados, eutretanto, jámais olvidarão que se devem conduzir de accordo com aquelles preceitos indiscutíveis.»

O barão Suyematsú, eminente collaborador da *Revue*, em um notavel estudo sobre o papel do *hara-kiri* no *Bushido*, defende eloquentemente essa idéa do suicidio no caso de ser necessario evitar a deshonra, salvar um amigo, ou de um acto de expiação. Os exemplos de fidalgos na historia japoneza, que sacrificaram a vida por motivos honrosos, são mais eloquentes que os famosos casos do Occidente, as façanhas de Socrates, de Catão, de Brutus, de Petronio ou Seneca. Não é sómente o japonez que considera a morte expiação da deshonra. O dr. Nitobê nos mostra, no capitulo consagrado ao *hara-kiri* que, na litteratura do Occidente, se encontram passagens analogas a estes versos de um poeta celebre:

*Quando se perde a honra é  
melhor morrer.*

*A morte é a salvação unica  
da vergonha.*

Foi, sem duvida, um Samurai o auctor desta maxima: «Ninguém deveria sobreviver á vergonha, que é uma ferida numa arvore, estendendo-se cada vez mais e, com o tempo, cada vez mais horripilante.»

Não é, entretanto, honroso para um Samurai procurar a morte sem necessidade. Num dos contos favoritos, no Japão, fala-se de um guerreiro que, tendo soffrido derrotas successivas, e perdido toda a familia e todos os amigos, resolveu, depois de lançar a ultima flecha e ter o seu cavallo morto, procurar refugio no buraco de uma arvore, onde recusou morrer, improvisando a seguinte poesia, famosa em todo o paiz:

*Vós todos, vossos desastres,  
vossas derrotas, vossas calamidades,*

*Não podeis curvar minha  
alma até o chão.*

*Não conseguistes sinão en-  
sinar-me,*

*A supportar o pezo do in-  
fortunio.*

Ha hoje, no Japão, entre alguns professores de origem estrangeira, uma tendencia para deplorar a existencia do *Bushido*, com os seus archaicos principios de vingança pelo sangue, e do *hara-kiri* tão antigo quanto o ceremonial do sabre e do tiro de arco. O professor Shiga, da universidade de Tokio, em um artigo sobre a tomada de Porto-Arthur, disse: «Os preceitos do *Bushido* e a bravura individual nada valem sem o auxilio da sciencia moderna.»

Isto é evidente; mas esse professor teria expressado melhor, com mais verdade, os sentimentos reaes do povo, si dissésse que a sciencia nada vale, na guerra, sem a bravura pessoal estimulada por uma educação como a do *Bushido*.

Este foi a força vencedora na guerra com a China. Os navios de guerra chinezes, destruidos na embocadura do Yalú, eram modernos e tão bem equipados quanto os japonezes, atirando com igual precisão, sendo, além disso, commandados por europeus. Foi o *Bushido* que dispersou a frota de Witgeft, igual em força á esquadra de Togo, e fez voltar a Porto Arthur o principe Onkhtomsky. Os conhecedores da marinha russa affirmaram que os russos só poderiam bater os japonezes, oppondo duas unidades a cada uma dos nippons. Isto equivale a um testemunho do prestigio do *Bushido*, tão eloquente quanto as palavras de Kuropatkine insistindo na necessidade de lhe assegurarem a superioridade numerica para que elle pudesse ganhar uma batalha na Mandchuria.

O que observei do espirito do soldado japonez no campo de batalha, me faz crer que o *Bushido* cairá em desuso como o *hara-kiri* e a vingança pelo sangue, quasi completamente suprimida do codigo criminal moderno; mas o espirito do *Bushido* permanecerá como uma força viva, emquanto conservar as virtudes idéaes do sol-

dato : a coragem, a força de character, a lealdade, a cortezia, a generosidade, a modestia, a rectidão, a verdade e a honra militar.

EMERSON.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Exterminio da poeira—O novo processo empregado nas ruas da California—Caminhos oleados—Sua despeza.*

A poeira, como vehiculo de microbio, é considerada um flagello moderno. Por toda a parte, menos no Rio de Janeiro, se trata de conjurar esse mal por meio de apparatus engenhosos que absorvem automaticamente o pó, como um de que demos noticia nesta secção.

O macadam, os calçamentos de pedra e de madeira, de asphalto, nenhum dos systemas, até hoje empregados, conseguira evitar o pó, produzido pelo attricto ou arrastado pela alluvião das montanhas, esse pó, enfim, que, como todos os outros detricos das agglomerações humanas é um velho inimigo da hygiene.

Na California, parece que o problema foi resolvido, por meio de um systema de olear as ruas e caminhos, sem os inconvenientes dos meios até hoje empregados. As ruas são submettidas a um preparo especial de accordo com o clima e sólo. O terreno, lavrado numa profundidade de 30 ou 40 centimetros, é calcado e nivelado, é irrigado com um oleo composto de asphalto e petroleína que o penetra profundamente ; o asphalto absorve e a petroleína serve de cohesivo.

O oleo preparado para esse fim custa vinte e cinco mil réis, mais ou menos, a barrica de 163 litros, empregando-se, conforme a largura da rua ou do caminho, e a importancia do trafego, cerca de 300 barricas por milha. A despeza é consideravel, mas depois da primeira lubrificação com algumas semanas de repouso, faz-se uma segunda irrigação com o mesmo oleo, e o caminho torna-se liso e, sobretudo, muito limpo.

Não ha vento, não ha attrictos que levantem poeira, de tal maneira se solidifica, definitivamente, a superficie.

Toda a California adoptou esse systema, cujas vantagens são incontestaveis.

\* \*

*As nossas habilidades — Aeronautas e telegraphistas — Os melhoramentos do sr. Lamarão na radio-telegraphia.*

Como os brasileiros se têm dedicado ás pesquisas no vasto campo do espaço para a navegação aérea, pa-

rece que se concentrou nesse objectivo a nossa phantasia de inventores.

Ha poucos dias, publicou a *Gazeta de Noticias*, uma interessante entrevista sobre o novo balão do capitão Adriano de Miranda, um guapo official filho da terra de Julio Cesar. E ha muita gente que tem o seu balõesinho engatilhado, não ousando atiral-o á publicidade.

Fóra desse ramo da physica, não temos inventores ; não se desenvolveu ainda entre nós essa profissão, muito vulgar nos Estados Unidos da America, onde é muito frequente ler-se num cartão o endereço e a occupação — *inventor*. Isto significa que o individuo é um pioneiro das zonas ainda escusas, vedadas á sciencia, a infinita zona do mysterio, do ignoto, a apertar a diminuta área conquistada pela intelligencia do homem.

Não temos inventores, mas é forçoso reconhecer que os nossos patricios têm admiraveis facultades de assimilação ; são todos excellentes artistas ; pódem rivalisar com o chinês, com o japonês, na perfeição da habilidade manual e na tendencia para os trabalhos de paciencia e de minucia.

A prova disso é, para dar um exemplo expressivo, que possuímos os melhores telegraphistas do mundo, educados em poucos mezes, em poucos dias de exercicio. A manobra com os apparatus modernos de Baudot, os quaes demandam, na Europa, longo tirocinio, foi em alguns dias ensinada e aprendida com exactissima proficiencia pelos rapazes da estação central dos telegraphos, causando isso verdadeiro pasmo ao profissional francez, que o nosso governo mandou contractar, expressamente, para exercitar o pessoal brasileiro nessa manobra complicada de inestimaveis vantagens.

Temos, de sobejo, vocações decididas, promettedoras, que afloram nas officinas em revelações brilhantes e desfallecem por falta de cultura, por falta de animação, descoroçoadas, a maior parte, pelo nenhum caso, pelo desdém tradicional votado ao que é nosso, ao producto do engenho, da actividade indigena.

Nestas columnas, descrevemos aos nossos leitores o invento do sr. Torquato Lamarão, o torpedo dirigivel que os scientistas da terra consideram de applicações extraordinarias como instrumento de destruição e como um apparelho que sente, pensa e se move, como si a intelligencia do inventor se transmittisse ao seu mechanismo pelo conducto das ondas hertzianas. Temos, agora, o prazer de noticiar que aquelle nosso conterraneo introduziu na radio-telegraphia melhoramentos, em vão procurados pelos mais habéis especialistas europeus e americanos do norte, sanando os defeitos que, até

pouco tempo, pareciam irremediaveis e retardavam o desenvolvimento da prodigiosa invenção de Marconi, desde 1897

E, como a radio-telegraphia é, hoje, depois dos brilhantes successos dos japonezes, no mar e na terra, um elemento de primeira necessidade para o exercito, visto que da rapidez e da precisão dos meios de communicação depende a victoria, ousamos lembrar ao sr. ministro da Guerra o aproveitamento deste ultimo invento, e a necessidade de crear um corpo de radio-telegraphistas, a exemplo do que se fez no exercito allemão, applicando a telegraphia á guerra de fortaleza do mesmo modo que a syntonisação.

No exercito allemão ha, para esse fim, uma secção especial, comprehendendo um effectivo de 8 officiaes, 15 inferiores, 85 homens e 40 cavallos, ligada a um batalhão de telegraphistas.

Adoptar as idéas, os melhoramentos, as invenções dos nossos compatriotas é o mais vantajoso meio de animal-os, de dar-lhes estimulo e incentivo para o trabalho. Venha do mais humilde como do mais brilhante individuo, uma idéa nova é sempre digna de acolhimento. Em alguns paizes quem consegue suscitar o novo, o inédito, em qualquer ramo de industria, em qualquer terreno de conquistas intellectuaes, é um homem feito, um homem. Entretanto, se devem reputar felizes aquelles que não são immediatamente inscriptos na ridicula classe dos visionarios ou dos malucos ; porque se figura loucura descobrir, entre nós, neste ignorado recanto do planeta, coisas que escaparam aos sabios, aos clarividentes dos paizes cultos.

Contamos poder informar, brevemente, os nossos leitores dos resultados definitivos das experiencias radio-telegraphicas do sr. Lamarão.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*O primeiro encontro do exercito de Osorio — A morte de Cabrita — Ilha da Redempção, submergida 37 annos depois.*

Foi a 10 de abril de 1866, Costa Mattos, Amarello, Eugenio de Mello e eu—uns sentados, outros de cócoras em torno do fogão—tomavamos o chimarrão, cevado pelo anspeçada Quintiliano, nosso faxineiro, uma das melhores praças da terceira bateria.

Acampavamos com o nosso regimento — o 1.º de artilharia a cavallo— junto á barranca do Paraná, no Passo da Patria.

Entre o acampamento e o forte paraguayo de Itapirú, via-se, vagamente, o escuro perfil de ilha do mesmo nome, guarneçada, então, por dois batalhões de infantaria, alguns canhões do 1º de artilharia e um grande contingente do batalhão de engenheiros, que a fortificára.

A noite estava serena e clara. Tendo deante dos olhos o sólo inimigo, conversavamos trocando idéas e previsões.

— Quando pisaremos terra paraguaya ?

— Breve; já tomamos posição para a passagem.

— Não creio que seja por allí, de frente do Itapirú.

— Nem eu. O Lopez nos espera, no Passo da Patria, com o grosso do seu exercito. O Paraná é um rio immenso e a operação será das mais difficeis e perigosas.

— Por allí ou por outro ponto é preciso passar, e, quanto antes, melhor.

Eram rapazes de 18 a 20 annos, cheios de vigor, ardentes de enthusiasmo, cerebros povoados de illusões; estremeciamos a Patria e aspiravamos, na sua desaffronta, o nosso quinhão de gloria.

De repente, nos levantámos, como impellidos por invisivel e potente móla. Ouvimos o crepitar de fuzilaria. O rio illuminou-se de scintillações fugaces, o canhão rugiu e a metralha chocallava sinistra. O corneta-mór do quartel general deu o toque de commando chefe e sentido. Todas as cornetas do exercito repetiram-no como um echo multiplo; e, logo após, o de alarma, solemne, emocionante, ao principio lento e quasi plangente, terminando rapido e alegre.

Como é suggestivo esse toque de convite á lucta para o soldado, que o escuta exaltado com o pensamento empolgado pelos nobres impulsos do dever civico!...

Corremos aos nossos canhões. Eramos, os quatro, chefes de peça. O velho Mallet, commandante e pae do regimento, surgira com sua magnifica figura de athleta, o rosto meigo e nobre, illuminado de grandes olhos fulgurantes, e percorria calmo e sereno as baterias, fumando e mastigando o grande cigarro de palha, forte, muito grosso e sempre cheio de sarro, occultando numa nuvem de fumo os grandes bigodes de Vercingetorix.

O Joãosinho, como elle chamava o filho querido, que é hoje marechal e foi um dos nossos mais uteis ministros da Guerra, estava perfilado no centro da nossa bateria.

Officiaes e praças, olhavam, todos anciosos, para a ilha que se lhes figurava em festa: as scintillações do tiroteio e os fulvos relampagos do canhoneio, a se succederem rapidos, davam-lhe o aspecto de um arraial de minha terra, queimando um *fogo de planta* de variadas peças.

Cabrita, Tiburcio, Sampaio, todos os camaradas valorosos, que lá pelajavam, praticavam, em porfia homerica, feitos de gallardia, prodigios de bravura.

Os paraguayos, aproveitando a noite, haviam atravessado o canal estreito entre o forte e a illia, para surprehenderem a denodada guarnição num assalto inesperado, fulminante. Foi tremendo o encontro. Era a primeira vez que o exercito de Osorio cruzava as armas com as forças do dictador Lopez. De quem seria a victoria?

A guarnição brazileira, inferior em numero, não recebia reforços, ao passo que o inimigo assaltante augmentava, continuamente, com as levas de guerreiros fortes e fanaticos, que innumeras cauôas, abrigadas pela escuridão, iam despejando na praia arenosa.

Os nossos peitos arfavam ao palpitante precipite dos corações. Si pudessemos transpor o rio, tomar parte no combate!...

A fuzilaria dos nossos ia rareando as fileiras inimigas; a metralha ceifava pelotões inteiros, e a bayoneta, *sabia* ou não, rasgava rangindo as carnes sadias dos paraguayos heroicos, defensores obstinados do Supremo.

A lucta se prolongou cada vez mais accessa, mais tetrica, mais sangrenta. Já alguns rostos morenos, com as boccas negras de polvora dos cartuxos que mordiam, no afan de repetir os tiros mortiferos, tendo o olhar parado numa sinistra expressão de ferocidade, cabeças ensanguentadas, cobertas por barretinas de couro, negras, com a larga faixa tricolor, assomavam por momentos esparsas na crista do parapeto, para logo rolaem no fundo do fôssão aos golpes das espadas, das

bayonetas e das coronhas, brandidas como esmagadoras massas.

Na esplanada, na contra-escarpa, na berna, na praia, por toda a parte, ouviam-se gemidos, gritos de raiva, injurias crueis, gallhofas grosseiras, vózes de commando, vivas á Patria, vibrações de clarins: era um tumultuar medonho e tragico.

Um menino, valente como o anjo da guerra, Rodrigues Torres, caíu sem vida; outro e outro, qual mais bravo, mais temerario, allí succumbiram.

No auge da porfia tremenda, surdiu a *Henrique Martins*, passando garbosa por baixo das baterias do forte paraguayo.

O marinheiro, attento, *cantava* a sonda, e o commandante, o intrepido Jeronymo Gonçalves, dirigia a manobra mettendo a pique as embarcações, que conduziam mais reforços ao inimigo, e cortava a retirada áquelles que os defensores da ilha arrojavam ao rio.

Cessou o fogo. De quem seria a victoria? Houve um angustioso momento de anciedade, de horrivel incerteza. Era um espectaculo innenarravel o do exercito debruçado á margem do rio, numa immobilidade cruciante, prescrutando a treva, mais densa após a extincção dos clarões do combate. Subito, ouvimos os sons da alvorada festiva, que assignalava as nossas victorias. O hymno nacional, vibrante, glorioso, arrebatou as nossas almas juvenis, e a imagem adorada da Patria, numa irradição de apothese, deslumbrou os nossos espiritos de moços soldados.

Debandou o regimento. Recolhemos ás nossas pequenas tendas de campanha e fômos descansar no silencio, que após o fragor da peleja, dominava mysterioso aquellas margens tragicas,

Eu era quasi um menino. Obedecendo ao sentimento religioso, que minha mãe me inoculára no coração, prostrei-me e rezei compungido pelos nossos compatriotas heroicos, pelos valentes soldados do Dictador, adversarios irmanados no seio da morte, igualmente dignos da prece de um crente.

Amanheceu. O sol doirava o doloroso scenario. Cabrita, a bordo de uma chata, atracada á ilha, desde a vespera memoravel, redigia a parte do



combate. A sua grande alma de soldado surgira do lance satisfeita pelo cumprimento do dever, e na frente, larga e fidalga, refulgiam raios de gloria do Brazil amado.

Carneiro da Cunha, Woolf, Sampaio estavam junto delle.

Abre-se um clarão na margem inimiga, ouve-se um rugido lugubre, atoador, e os quatro bravos tombam despedaçados. A pontaria fôra de mestre. Cabrita, nosso instructor, havia tambem instruido artilheiros de Lopez. Um discipulo, talvez um amigo, desfechára aquelle golpe.

Esta catastrophe nos acabrunhou de magua. Todos queriam, veneravam todos o tenente-coronel Villagran Cabrita, sempre bom, austero e nobre.

\* \*

A ilha Itapirú mudou de nome. Chamaram-lhe—Ilha Cabrita, em honra do seu heroico defensor; deram-lhe o nome de — Ilha Carvalho, por ter planejado as suas fortificações, o illustre tenente-coronel dr. Carvalho, professor de arte militar na escola da Praia Vermelha; baptisaram-na ainda de Ilha da Redempção, porque foi alli que o exercito de Osorio pelejou pela primeira vez para libertar um povo do jugo feróz de uma série de tyrannos crueis.

O exercito, poucos dias depois, passou o Paraná e seguiu, na sua marcha gloriosa, até consumir a redempção do Paraguay, nas margens do Aquidaban.

E a ilha alli ficou solitaria, abandonada, na serenidade perenne de um trophéo, como immortal monumento do assombroso feito das armas brasileiras.

\* \*

Trinta e sete annos depois daquella noite inolvidavel, descia eu o Paraná a bordo do *Annita Barthe*, pequeno vapor que levava a Buenos Ayres a commissão demarcadora dos limites com a Republica Argentina. O rio estava baixo. Passámos roçando o salto do Apipé. Pedi ao commandante que me avisasse, quando estivesse perto do Passo da Patria, tal era a curiosidade de rever aquelle sitio de tantas recordações tristes e alegres.

Ao despontar do dia, saí do camarote e percorri com o olhar ancioso a

payzagem, que se me figurava outr'ora mais bella. Não pude ver o Passo da Patria paraguay. O argentino de frente, com as suas casinhas brancas, tinha um aspecto risonho. Do velho forte Itapirú, nem muralhas derrocadas appareciam. A matta as occultava inteiramente, invadindo-as, sepultando-as na viçosa floração da paz como si apagassem os vestigios da tremenda guerra.

Procurava, em vão, a ilha, manchando o colorido dos tons purpurinos da madrugada na superficie do rio.

— E a ilha? — perguntei ao commandante, velho pratico do rio.

— Desappareceu — respondeu-me elle, no tom de indifferença da raça guarany.

— E' possivel?!... quando?...

— O Paraná tragou-a. Neste momento, navegamos por cima della. O canal passa, justamente, por aqui... Ha muitos annos que se foi...

E apontou a esteira de espumas que o vaporsinho ia deixando.

O rio gigante, no incansavel esforço para equilibrar o seu extensissimo perfil, cavando, onde encontra, ora os schistos argilosos, ora os duros grés vermelhos, e alhúres os basaltos ainda mais duros, destruiu, em uma das enchentes, aquelle obstaculo á sua grande obra.

No Brazil, o homem discute si devem desapparecer ou ficar nos museus os trophéos daquella guerra de extermínio. O velho Paraná, porém, filho do planalto central e portanto brasileiro, entendendo, ao seu modo, a fraternidade americana, do qual é poderoso elemento, devorou a gloriosa ilha com as suas armas em pedaços, com os seus esqueletos de heróes. Ao principio, nivelou as trincheiras, aterrou os fossos, arrebatou as cruces dos tumulos e lavou das areias o generoso sangue que as ensopára. Não lhe bastava, porém, essa exterminação de vestigios: foi além — fez desapparecer, para sempre, o theatro do combate sangrento, a testemunha eloquente de uma guerra, sem tregua, entre povos que hoje se amam.

O rio Paraná foi, talvez, mais fraternal e philosopho que o homem.

A ilha Cabrita desappareceu; mas nem a voragem do tempo, mais impetuosa que a caudal do immenso rio, conseguirá extinguir a memoria dos

bravos, que vive immortal nos corações brasileiros, e passará á posteridade sempre mais querida, sempre mais gloriosa.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## A CRISE DE MARROCOS

O enfraquecimento da Russia e a consequencia logica que dahi decorreu, a ruptura do equilibrio europeu, já deram ensejo ao apparecimento de symptomas indicadores da approximação de uma nova crise, cuja magnitude talvez exceda as proporções da lucta ora travada entre a Russia e o Japão. Fiel ao plano que, de ha muito, se impoz, julgando até chegada a hora propicia, interrompeu brutalmente o governo de Guilherme II a paz egoista da Europa e, com o incidente theatral de Tanger, buscou demonstrar que a *Volkspolitik*, tão estremecida pelo kaiser, não se limitava a simples theoria: passava para o terreno pratico da realidade.

O novel principe de Bülow, agraciado, coincidencia singular, com este titulo no mesmo dia em que Delcassé apresentava o seu pedido de demissão, argumenta hoje, quando interpellado a respeito do silencio de um anno por elle observado em relação ao convenio anglo-francez, que delle não recebera communicação official, resolvendo-se a agir sinão em occasião exigida pelos interesses do Imperio; tal procedimento, além de provar a evidente fraqueza de memoria do chanceller allemão, tornou-se indicio seguro do motivo occulto que inspirára semelhante politica adiando para momento opportuno a declaração destinada a pôr em evidencia a interferência da Allemanha na questão de Marrocos. A communicação do tratado de 8 de abril de 1904, feita a Berlim pelo sr. Delcassé, não provocou reparo contradictorio do sr. de Bülow, emquanto a sorte das armas não se pronunciava entre os dois combatentes da Manchuria; do momento, porém, em que o desastre de Mukden sentenciava, de vez, as esperanças da Russia, a attitude do grande Imperio germanico transformou-se, iniciando elle nova phase: a da acção. Annunciou-a ao mundo o repto de Tanger.

O golpe vibrado magistralmente, em plena quietude e socego, não foi considerado, a principio, como devêra; julgaram muitos que o imperador, assim procedendo, apenas obedecera ao calor de seu temperamento, esquecidos de que em todos os seus actos, por mais extraordinarios que pareçam, jámais perde Guilherme II a noção do objectivo previamente estudado e amadurecido.

A nomeação, igualmente premeditada, do conde de Tattenbach para embaixador extraordinario junto a Abd-ul-Aziz, evidentemente não veio melhorar a situação; antes, agravou-a, dado o modo brusco por que tem agido este diplomata com o sultão de Fez.

As declarações do ex-ministro das relações exteriores perante o parlamento francez e a ratificação dada por este ás suas palavras, demonstram claramente quaes os direitos que a França julga possuir sobre Marrocos, direitos aliás que os ultimos accordos concluidos com a Inglaterra e Hespanha vieram consagrar. Assignando-os, porém, assumia por sua vez a Republica solemne compromisso com aquellas potencias.

As reclamações allemãs, formuladas com precisão e energia, pelo facto de serem diametralmente oppostas ás pretensões francezas, provocaram uma crise de character indubitavelmente grave, podendo até assumir proporções extremas no caso de não abrirem mão as duas potencias de suas exigencias.

Melhor ensejo não se podia apresentar para a Allemanha e, na verdade, soube aproveitar-se d'elle.

Privada do auxilio da Russia, isolada por assim dizer em face da Triplice, hesitaria, sem duvida, a França, em virtude da sua delicada posição, em recorrer á *ultima ratio* dos povos; para o kaiser, a situação obrigava a um novo Fachoda como desfecho, com a unica differença porém, e esta capital, de que outra potencia ficaria directamente lesada com a mutação projectada do scenario marroquino. A' Inglaterra não se affigura indifferente que o tutor do sherife seja Guilherme II em vez da Republica Franceza. Dahi, a declaração official do marquez de Landsdowne de que a Grã-Bretanha observaria escrupulosamente as disposições do tratado de 8 de abril, e a pressão exercida sobre as potencias no sentido de contrariar a these allemã de uma conferencia internacional para regular a questão marroquina, cuja reunião fôra solicitada por Abd-ul-Aziz em circular dirigida aos governos estrangeiros.

O apoio moral prestado pela Inglaterra á França veio romper o isolamento em que a julgára a Allemanha, fornecendo-lhe os meios de proceder com mais desassombro, nas negociações entabuladas pelo successor de Delcassé, o sr. Rouvier, com a chancellaria imperial.

No momento actual, aparentemente diminuiu a tensão entre as duas mais fortes nações militares da Europa : a Allemanha, em termos cortezes, reconhece «os direitos especiaes da França em Marrocos»; mas insiste numa Conferencia Interuacional, repudiando implicitamente o accordo anglo-francez e o convenio franco-

hespanhol ; ao passo que a Republica, afastando delicadamente a hypothese suggerida pelo principe de Bülow, aponta minuciosamente as razões que lhe assistem para se considerar a tutora do sultão de Fez.

E' pois, da maior importancia a attitude da Inglaterra nesta phase da crise ; como sensatamente julga a opinião viennense, possúe ella a chave da situação e o seu procedimento importa numa ameaça para as tendencias absorventes da megalomania germanica.

Parece-nos que Guilherme II acabará por desistir da Conferencia, que, a realisar-se, nenhum resultado pratico alcançaria, atrazando a solução da crise sinão aggravando-a.

No caso de um rompimento armado com a França, teria provavelmente a Allemanha que contar com adversario implacavel que tambem espreita occasião favoravel para destruir a prodigiosa pujança que a infatigavel nação germanica offerece em todos os ramos de actividade. Não é de hoje que a Grã-Bretanha revela profundo rancor pela nova Hollanda que, á imitação da patria de Ruyler e Tromp, procura hoje varrer as esquadras britannicas da superficie dos mares. Basta ler certos discursos proferidos por individualidades de nota ou artigos redigidos por profissionaes para ter idéa nitida do quanto vae de odio entre as duas nações.

No inicio do anno corrente, Arthur Lee, lord civil do Almirantado, visando abertamente a Allemanha, não trepida em declarar que, «antes de publicarem os jornaes a declaração de guerra, golpe decisivo terá vibrado a esquadra britanica»; e o almirante Fitz-Gerald, em artigo sensacional, preconisa o aniquilamento immediato do poderio allemão no mar.

Mas ao lado da lucta platonica, os factos reaes surgem. Em toda a Germania, a idéa dominante é organizar força naval capaz de alcançar para o Imperio o dominio dos mares; como represalias, a Grã-Bretanha, alterando disposições classicas, modifica a composição e distribuição de suas esquadras, diminuindo a do Mediterraneo para crear poderosissima frota no mar do Norte, como vigia dos portos militares e da esquadra do kaiser.

E' uma razão economica que impelle a Inglaterra, de summa importancia, porque a derrota hoje equivaleria para ella a um lento suicidio; isolada no meio do oceano, dominando os mares a sua rival, não mais lhe seria possivel luctar vantajosamente com um commercio, com uma industria que, aos poucos, vão expellindo todos os concurrentes do mercado mundial.

Na Asia-Menor, na China, na America do Sul, é o allemão o concorrente

economico do inglez, concorrente até hoje mais familiarizado com as victorias do que com as derrotas.

O periodo da expansão brutal ainda não foi inaugurado porque a esquadra poderosa, apoio indispensavel para uma marinha mercante de maravilhoso crescimento, não está sufficientemente aparelhada para tão grandioso fim.

Cumpridos, porém, os programmas, a Albion verá surgir competidor que se esforçará por despojal-a do sceptro dos mares..

Encarada friamente a necessidade de pôr um paradeiro a tão formidavel adversario, parece-nos que a Inglaterra se resolve a pôr momentaneamente de lado a sua politica tradicional, buscando o alliado indispensavel. Dahi, a renovação da *entente cordiale*. Collocada pela natureza entre os dois polos oppostos, forte e respeitada, é a França igualmente por ambos solicitada. A qual dos dois escolherá? ou, melhor, que politica procurará adoptar, a da união radical ou a da oportunidade, do equilibrio? Ambas téem os seus inconvenientes a par de innegaveis vantagens; mas, considerando as relações de ordem politica e economica que ligam a França ás duas nações visinhas e attendendo ás actuaes correntes de sympathias bem como aos ultimos factos historicos em que se acharam envolvidas, é de presumir que um accordo anglo-francez, interessando a politica mundial, reúne actualmente maiores probabilidades de exito do que uma approximação dos dois paizes de aquem e além Vosgos.

GASTÃO RUCH.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O SOLDADO

Que saudades tão fundas se arreigam  
Aqui dentro do peito ao soldado,  
Quando, á voz do tambor, deixa a terra  
Onde a vida passou descuidado !

Que saudades ! Dizê-las soubera  
O soldado, correndo á batalha,  
Quando, em vez de carinhos maternos,  
Vê a vida trocada em mortalha !

Mas a morte soffrera-a gostoso,  
Se não fôsse no peito a saudade,  
Que lhe diz que na terra, que é sua,  
Para sempre deixou a amizade.

Mas que importa, se a morte é com honra !  
Se é partilha do pobre soldado,  
Quando, á voz do tambor, deixa a terra,  
Onde a vida passou descuidado !

Mas que valem num peito, que sente,  
Mil sonhadas de lembrança de gloria,  
Se na terra, que a sua, lá deixa  
Quem mil vezes maldiga a victoria ?

Quem dirá á esposa innocente,  
A' chorosa viuva do forte,  
Quem irá lá dizer-lhe que a honra  
Na peleja ao marido deu a morte ?

Quem se atreve a dizer ao amigo,  
Ao amigo de fé verdadeira,  
Que entre balas sem conto, uma dellas  
Lhe arrancou illusão bem fagueira ?

Mas á vóz do tambor cessa tudo  
Que podia sentir o soldado ;  
Té se esquece um momento da terra  
Onde a vida passou, descuidado.

Porque «ávanté !» uma vóz váe bradando  
No immenso fragor da peleja :  
E' a vóz immutavel da honra,  
Que nem mesmo na lucta fraqueja !

Assim vive, assim passa o soldado,  
Comprimindo no peito a saudade :  
Doutra sorte morrêra sem honra,  
Nem dos bravos lucrára a vaidade.

E lá segue e defende a bandeira,  
Que lhe serve de guia sagrada ;  
E só fica na lucta vencido,  
Quando a vê já por terra prostrada.

E' então que renova a saudade  
Aqui dentro do peito ao soldado ;  
Quando, á voz do tambor, lembra a terra  
Onde a vida passou descuidado !

L. A. PALMERIM.

\*  
\* \*

#### SAUDADES

A'quella hora, os caçadores chegavam á Lomba da Samardan, onde as gallinholas se emboscavam nas ramarias dos córregos socavados pelos enxurros que, no inverno, esbarrondam do espinhaço da serra. O sol queimava. Eram as ultimas calmas de fins de agosto. As urzes mosqueadas de laminações oscillantes coadas pelos azinhaes e medronheiros, esfarellavam as suas florescencias rôxas resequidas.

Guilherme, fatigado por duas estiradas leguas no trilhão escabroso da serra, já não podia acompanhar o passo firme, rapido e incansavel do padre João. Deixou-o galgar a garganta da Lomba, com a perdigueira adeante a fariscar, e sentou-se á beira de um relvêdo muito sombrio, perolado das camarinhas do orvalho.

Os meandros de agua, descaíndo a fio, alimentavam aquella refrigerante alfombra, como oásis naquella sargacal tosado pelos rebanhos das ovelhas. Os fios da agua escorriam confluentes um pouco abaixo, encanados por folhas de castanheiro que os pastores ageitavam em bica de fonte, onde bebiam. Ali, a agua estancava e alastrava-se em uma lagôasinha limosa onde coaxavam alternadamente as rãs, quando á volta dellas se fazia uma quietação tranquillada e desassustada.

Reclinado sobre o braço direito numa somnoſencia de pesadello, Gui-

lherme reatava os élos da sua cadeia de tristezas, que, raras horas, de dia e de noite, se desatava. A soledade era-lhe sempre funesta. Nunca das suas meditações lhe ficára na alma um sedimento de esperanza que o alentasse— esperanza que acompanha os maiores desgraçados como uma zombaria agradavel e adorada, até que se esconde delles por traz da sepultura. A elle, nem isso. Quando alongava olhos da alma até ao horizonte do seu porvir, acastellavam-se nuvens sobre nuvens negras, uma barra de ferro, tudo noite caliginosa de sol a sol.

Mas, naquella hora, ao fundo da sua desventura, tinham estillado umas gottas do balsamo da imaginação—as lagrimas da poesia, mixto de amargura da terra e de nostalgia do céu.

Vinham de longe, do descampado Valle de Aguiar, toadas luentes de um dobre a finados. Ah! que triste! Quando se tem coração, lá nas solidões da montanhas, a gente sente-o arfar de dôr, batido por aquelles soluços do bronze. Quem teve caricias de mãe e a providencia de um pae, escuta-os nesse gemer ondulado dos presbyterios, chora, e deseja morrer.

Guilherme refugira de si, da sua zona tenebrosa para outra existencia que o alumiasse. Valera-se da Fantasia, que é, ás vezes, a Beatriz do florentino, a guia divina na espiral dos circulos infernaes.

Espertára-o deste enleio o cantar de uma pastora que não via. As ovelhas alcandoravam-se nos algares da encosta que lhe ficava em frente; mas elle tambem não via a pegureira, que se resguardava do sol no recesso de umas fragas alcantiladas. A melopéa era a das cantilenas, á desgarrada, das provincias do norte, que lá em cima nos echos das montanhas vibram como os gemidos de uma saudade immensa. A lettra dizia assim :

O' fonte, que estás chorando,  
Não tardarás a seccar :  
Mas os meus olhos são fontes  
Que não param de chorar.

Ai ! triste da minha vida,  
Ai ! triste da vida minha !  
Quem me dera ir contigo  
Onde tu vaes, audoriinha.

Rouxinol canta de noite,  
De manhã a cotovia ;  
Todos cantam, só eu choro  
Toda a noite e todo o dia.

O' aguia, que vaes tão alta  
Por essas serras d'além,  
Leva-me ao céu, onde eu tenho  
A alma da minha mãe.

Guilherme não ouvira claramente as trovas todas; mas a ultima decorou-a, verso a verso, porque a vóz da cantora modulára pausadamente as palavras, com uns requebros mais demorados e gementes :

Leva-me ao céu, onde eu tenho  
A alma da minha mãe.

Elle tinha perdido a sua, muito na infancia; mas lembrava-se de a ver

viva, e muito mais se recordava de a ver morta sobre uma eça, na sala de visitas, ladeada de tochas. O pae tinha-o pela mão, e estava de joelhos. Alguas pessoas, vestidas de preto, levantaram-lhe o pae pelos braços, e tiraram-no á força daquella sala. Recordava-se disto, com os olhos vidrados por lagrimas de saudade nunca sentida tão pungentemente. Era o dobre a finados no valle d'Aguiar; era o tom mésto das cantigas da postora : ao longe, o azulado remoto das montanhas do Douro; depois, o verdejar indeciso das pradarias da velha Panoyas, envoltas nas neblinas da calma; o castello de S. Thomé, um morro pyramidal que topetava no céu com o vertice, como um pilar do firmamento; uma nuvem cinzenta mensageira da trovoadá que já reboava na ultima cortina das serras; e dum castanhal cerrado, lá em baixo na chã, saía o arrulhar de rôlas, que imita o gemido esterturoso dos agonisantes.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

\*  
\* \*

Ainda está bem a proposito se publicar a parte mais importante de um discurso de Tobias Barreto, pronunciado, segundo uma nota do sr. Sylvio Romero, «aos dez de julho de 1882, numa festa dada em honra a Carlos Gomes, festa na qual se libertaram duas creanças escravas.»

---

CARLOS GOMES

... ..  
E' a grande questão, pois não se trata mais de entoar um hymno ao merito do *maestro*, e tão pouco de lhe prometter, em nome do futuro, que muitas vezes não passa de um *tempo do verbo* na grammatica, ou de uma simples *esperança messianica* na eschatologia dos povos modernos, um sem numero de monumentos mais duradoiros que o bronze...

Não se trata de repetir, pela millesima vez, que Carlos Gomes é um genio e suas obras outras tantas revelações do espirito nacional. Tudo isto está dito.

Insistir sobre este assumpto, variar sobre este thema, que já se tornou vulgar, com o concurso mesmo de novas flôres e novas palmas, é uma especie de pleonasmio esthetic. Entretanto, apresso-me em pedir que não se me traduza ao pé da lettra.

Ainda que eu tivesse as melhores idéas a oppôr ao frenesi provocado pela presença do *maestro*, seria, ao certo, fazer acto de desazo, quando não de criminosa incivildade, querer

temperar o vinho que transborda da taça dos outros com a agua da minha taça.

Mais do que uma incivilidade, seria até uma tolice; e posto que eu seja daquelles que, em collisão de tolices, antes querem *practical-as* do que *dizel-as*, não cária na fraqueza de praticar uma tal.

Bem pôde parecer, pela maneira de me exprimir, que me acho num estado de *anesthesia intellectual* em relação aos motivos que determinam presentemente o arroubo popular. Nada, porém, de mais erroneo.

Ninguém comprehende melhor do que eu a significação e importancia dos applausos derramados sobre a cabeça do illustre componista, como tambem, mais do que eu, não ha quem sinta a necessidade de ver a Nação inteira, esta grande aguia, que vive aliás em perpetuo chôco, reunir-se no pensamento de uma gloria commum, qual é a posse de uma notabilidade artistica, e deste modo manifestar-se ao mundo debaixo de outra fórma, que não a de um simples *conceito geographico*, e por alguma coisa de mais do que gestos e attitudes de uma superioridade, que ella, de facto, não tem.

Eu sei que difficilmente pôde agradar aos patriotas de *bon aloi*, quem não está pelos seus adjectivos e pelas suas interjeições.

Mas nem por isso me julgo com direito ao *monstrari digito*, como um pyrrhonic e um pessimista intolerante.

Contenho-me dentro dos justos limites.

A moderação tambem entra no reino do enthusiasmo.

Neste sentido, subscrevo de bom grado as palavras do notavel italiano Francesco de Sanctis: — Non conosco arma piú violenta che la moderazione del linguaggio accompagnata con la buona fede: ne nasce una persuasione irresistibile. — Uma verdade, pois, falada ou escripta, uma só verdade, moderadamente expressa, é muito mais honrosa para o nosso componista do que cincoenta mentiras dithyrambicamente cantadas.

Meus senhores! — Lembro-me de ter lido na *Emilia Galotti*, de Lessing, as seguintes profundas palavras, que o poeta collocou na bocca do principe conversando com o pintor: «Vós bem

sabeis, Conti, que o maior louvor que podemos tecer a um artista, é esquecermo-nos delle, absorvidos pela contemplação da sua obra.»

Quero crer que estas palavras encerram um principio verdadeiro, porém, ao certo, de difficil applicação.

Quem seria capaz de se deixar sempre medir por semelhante bitola?

Se o maior elogio que se fizesse ao artista consistisse justamente em não pensar na sua pessôa, por amor da sua obra, podia-se então assegurar que o *maestro* brasileiro não foi até aqui sufficientemente elogiado, pois ninguém ainda se esqueceu delle, para só se recordar dos seus trabalhos.

Mas eu acceito a rigorosa verdade expressa pelo celebre progonio da litteratura allemã. E' uma medida talhada para tomar o tamanho de gigantes.

Tanto melhor. Quero applical-a ao nosso componista.

Depois de mil preitos rendidos á sua pessôa, chegou tambem o momento de esquecermo-nos della, sómente para prestar homenagens a uma das suas grandes obras. Mas vêde bem: esta obra não é nenhuma das suas brilhantes composições musicaes; é um producto muito mais brilhante, porque é um acto humanitario, porque é a liberdade, em seu nome e por sua causa, restituída a dois infelizes.

Aqui e agóra é que comprehendo a exactidão, com que um escriptor dos nossos dias, Carl Fuchs, em seu interessante opusculo — *Virtuose und Dilettante*, pôde dizer que ha na musica *alguma coisa que não se ouve*. Perfeitamente. Esta alguma coisa, que não se ouve, acabo de comprehendel-o, é o bem que a musica nos faz; mais ainda do que isso, é o bem que ella nos obriga a fazer aos outros.

Eis o caso; e o caso é comvosco, *maestro*. Tendes tido toda especie de triumphos. Se tudo que Pernambuco já havia até hoje feito para vos glorificar, não correspondia exactamente ao merecimento do artista, ao menos é innegavel que chegava para satisfazer a vaidade do homem.

Nesta conjunctura, um grande porção da classe commercial do Recife, por uma feliz inspiração, entendeu que devia pôr o individuo, com todos os seus triumphos, com todas as suas glorias, a serviço da humanidade; e vós que até o presente tinheis sido o

objecto supremo do enthusiasmo geral, vos convertestes em pretexto e occasião de um acto generoso.

E não ha duvida que servir de motivo, prestar-se como meio para a pratica de uma nobre acção, é mil vezes mais glorioso do que *ser alvo* de quantas manifestações se inventem para festejar o talento de um homem.

Permitti, illustre sr. Carlos Gomes, que vos diga uma verdade. A deusa da verdade não costuma pintar o rosto, nem usa de véo. Mais oito ou dez gerações, e as vossas musicas, hoje tão apreciadas, ninguém mais cantal-as-á. Posso affirmal-o em nome do progresso e da cultura humana. Mas este quadro, como quaesquer outros semelhantes, que se executem por vossa causa, nunca será esquecido. O ruido dos applausos e ovações, que suscitais, talvez não chegue nem siquer á altura em que as aguias vôam, e muito menos áquella em que se diz que os anjos cantam; porém, bem alto, aos ouvidos do grande *alguem*, se é que lá existe *alguem* que nos observa, chegarão as benções emanadas dos labios e do coração destes pobres entes, que por amor de vós acabam de ser libertados e entregues á sociedade, que anciosa e agrecida os espera.

TOBIAS BARRETO.

\* \*

#### MINISTROS DE PENNA

E' tal o poder, a occasião e a subtilidade d'este officio de ministros de penna que com um geito de mão, e com um torcer de penna podem dar vida e tirar vida. Com um geito podem dar-vos com que vivaes, e com outro geito podem-vos tirar o com que viveis.

\* \*

Quantos delictos se enfeitam com uma pennada! Quantos merecimentos se apagam com uma risca! Quantas famas se escurecem com um borrão! Para que vejam os que escrevem, de quantos damnos podem ser causa, se a mão não fôr muito certa, se a penna não fôr muito aparada, se a tinta não fôr muito fina, se a regra não fôr muito direita, se o papel não fôr muito limpo!

Eu não sei como não treme a mão a todos os ministros de penna, e muito mais áquelles que sobre um joelho aos pés do rei recebem os seus oraculos, e os interpretam e entendem. Elles são os que com um adverbio podem limitar ou ampliar as fortunas; elles os

que com uma cifra pôdem adiantar direitos e atrazar preferencias; elles os que com uma palavra pôdem dar ou tirar peso á balança da justiça; elles os que com uma clausula equívoca, ou menos clara, pôdem deixar duvidoso e em questão o que havia de ser certo e effectivo; elles os que com metter ou não metter um papel, pôdem chegar a introduzir a quem quizerem, e desviar e excluir a quem não quizerem; elles, finalmente, os que dão a ultima fórma ás resoluções soberanas, de que depende o ser ou não ser de tudo.

Todas as pennas, como as hervas, teem a sua virtude; mas as que estão muito chegadas á fonte do poder, são as que prevalecem sempre a todas as outras. São por officio ou artificio como as pennas da aguia, das quaes dizem os naturaes que, postas entre as pennas das outras aves, a todas comem e desfazem.

\* \* \*

Se perguntardes aos grammaticos d'onde se deriva este nome calamidade, *calamitas*, — responder-vos-hão que de *calamo*. E que quer dizer calamo? Quer dizer canna e penna; porque as pennas antigamente faziam-se de certas canas delgadas. Por signal que diz Plinio que as melhores do mundo eram as da nossa Lusitania.

Esta derivação ainda é mais certa na politica que na grammatica. Se as pennas de que se serve o rei não fôrem sãs, destes calamos se derivarão todas as calamidades publicas e serão o veneno e a enfermidade mortal da monarchia, em vez de serem a saúde d'ella.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

### MAZEPPA, GIAUR, PARISINA

POEMETOS DE LORD BYRON, VERTIDOS PARA VERSOS PORTUGUEZES PELO BARÃO DE PARANAPIACABA.

O sr. barão de Paranapiacaba, um dos magnos pontífices da litteratura brazileira, publicou a versão de *Mazeppa* na revista litteraria *Kosmos*; editou a da *Parisina* na *Renascença*; a traducção de *Giaur* no *Jornal do Commercio*; reproduziu-as em folhetos, nitidamente impressos.

Byron, ainda hoje, é um nome que desperta, em todos os espiritos, admiração, que rarissimos poetas obtiveram; menos na Inglaterra, sua patria, onde era um escandalo, até certo tempo, proferir o seu nome; onde não creou escola; onde foi suplantado por outros, que se curvavam mediocres em presença de sua descommunal estatura.

A despeito da *moda*, que tanto o preconisára, ainda continúa a ter admiradores nas litteraturas dos po-

vos cultos. Entre os admiradores, avulta o sr. barão de Paranapiacaba, exhibindo trez versões em primorosos versos portuguezes, as quaes, pelo valor da metrificacão, pela irradiacão das idéas, pelo primor da linguagem, pela lindeza do desenho, vivacidade do colorido, harmonia, elegancia e, mórmente, pelo esmerado labor da fórma, não só confirmam comprovados e excepcionaes talentos; evidenciam, no espirito do traductor brazileiro, um poeta, que não se eclipsa e possúe as potentes vibrações, as sentimentos explosões, as prodigiosas concepções do sublime bardo inglez.

As traducções, que, quasi sempre, não passam de pallidos reflexos, pelo contrario, nas paginas do traductor brazileiro, primam por qualidades apreciaveis, audacia, brilhante phantasia, penetrante e expressiva comprehensão das paixões, de tal sorte que não se pôde dizer que o traductor é um echo inconsciente, um simples reflexo, sem o impulso do artista — que sente e se agita; que lança das profundezas da alma o rugido do desespero, ou o canto repassado de deliciosa melodia. O traductor de Byron deixa-nos em duvida; não sabemos qual das duas naturezas imita e reproduz a outra. Os dois poetas apparecem inspirados, fortes e luminosos.

Não esmoreço deante dos riscos de tratar dum objecto, que só pôde interessar, especialmente, aos cultores das letras.

Bem sei que, mesmo entre elles, vou fallar de assumpto tantas vezes discutido e, portanto, sem o enlevo da novidade. Bem sei que não ha, ahi, um escolar noviço, que não pronuncie o nome do auctor de *Lara*, de *Giaur* e *Mazeppa*, muito embóra nunca os tenha lido e menos comprehendido e meditado.

Byron, como Homero, Eschylo, Virgilio, Dante e Shakespeare, é uma figura desaparecida, mas vivente na memoria de todos. Já estão consagrados e opulentam o patrimonio accumulado pela exuberancia do pensamento das gerações, que se succedem e fórmam a solidariedade inquebrantavel do genero humano.

Causará talvez estranheza ter dito que Byron, havendo influido effectivamente em todas as litteraturas europeas, não creou escola em seu paiz. Sem duvida, as pessoas, versadas nas letras inglezas, não ignoram que esse facto é incontestavel e procede de motivos especiaes da vida íntima e de preconceitos da moralidade, dos instinctos e sentimentos da raça britanica, instinctos, preconceitos e sentimentos que o poeta desdenhou desde logo e, por assim dizer, calçou aos pés com insolente altivez.

A biographia, as obras, o genio, o tempo, em que viveu Byron; emfim, o

movimento litterario resultante de sua influencia, (1) de suas inspirações, tendo já tem sido esmerilhado, criticado e exaggeradamente encarecido, ou condemnado por diversos e numerosos escriptores, durante o seculo XIX. Assim que seria uma *novidade nova* apresental-o, ou estudal-o, sob ponto de vista não cogitado. Ainda mais: como Byron exerceu intenso influxo no movimento litterario do seculo, o cosmopolitismo, a propaganda naturalisaram-no por toda parte, identificaram-no com os poetas, que viviam então, ou que appareceram logo depois.

Não obstante, as hypocrisias e o formalismo, a propria Inglaterra, que o condemna, repelle e proscree, admira, em silencioso extase, a omnipotencia do genio, que lança fulmineos clarões nas estrophes de *Child Harold*, ou nas infernaes ironias e torpezas de *D. Juan*.

Os poetas de sua temporada, como Thomaz Moore, Shelley; os lakistas Southey, Wordsworth, Coleridge; os néo-hellenos Keates, Savage Landor, são-lhe inferiores e não nobilitam o orgulho da nação, que, nessa epocha, luctava heroica e freneticamente contra o mais terrivel inimigo, que ainda houve: era este o dominador da Europa, victorioso desde Marengo até Friedland. Estava a Inglaterra com elle empenhada num duello de morte, detestando-o e simultaneamente admirando-o. Ella, como observa um historiador, o temia e reputava um gigante, a quem o odio mais engrandecia. Contemplava nelle — o Deus da guerra, ou o genio do mal. Nestas horas solemnes, (continúa) as nações não téem só necessidade dum general, precisam tambem dum poeta.

A Inglaterra possuía um Tyrteo, capaz de amaldiçoar Napoleão em termos condignos da victoria de Waterloo; nem, ainda assim, esquecia e perdoava a criminoso audacia, com que Byron a esbofeteára, expondo ás risadas do mundo as hypocrisias da sociedade ingleza...

Aquelles poetas, encomiados como os melhores, eram subalternos, mediocres, deante do *lord Côxo*, mas prodigioso cantor, que a todos dominava.

E' notavel a phase litteraria, em que appareceu. Vamos descrevel-a a largos traços.

A França, que acabava de sair dos horrores e das impiedades da Revolução despertada pela vóz do *Genie du Christianisme*, exaggera a influencia de Byron, proclamando-o e venerando como o propheta da nova éra; tornando essa influencia por de mais estrondosa. Desde o inicio do periodo laborioso e agitado do romantismo, a litteratura franceza levantou, como bandeira de combate, a inspiração do auctor de *Giaur* e de *Mazeppa*. A es-

intellectual duma raça, ou duma epocha. As civilisações, que passam, bebem nellas, como num rio caudaloso, idéas, sentimentos e resultados, adquiridos, á custa de aturado labor de seculos. Victor Hugo, alto e bom som, pensa e declara que *estas devem ser lidas em todos os tempos*.

Qualquer que seja a resolução dos corrilhos, eu, por mim, prefiro seguir a opinião do escriptor francez supracitado e o exemplo do sr. barão de Parana-napiacaba, que, consciente, consagra os esforços de sua intelligencia, tão elevada e nutrida de apurados estudos, a interpretar os carmes do primeiro poeta moderno.

Penso por minha conta e risco; deixo de acceitar e seguir os juizos contrarios. Assim, estou permadido de que o trovador inglez ainda pôde ser considerado sob as multiplas manifestações de seu engenho variado, fecundo e grandioso; por conseguinte, embóra consagrado, será julgado repetidas vezes, conforme opina o escriptor francez.

Os corrilhos litterarios pretendem ter o direito de decidir si um nome deve ser sepultado no esquecimento, ou ser ainda lembrado? E' uma doutrina gafa e sedica, e realmente esterilizada; em nome della, affirmam que a poesia byronniana já está fóra do cyclo das evoluções do pensamento contemporaneo. Espiritos, porém, muito reflectidos, muito competentes e versados nestas materias, pensam o contrario. Varios auctores do estudo das litteraturas comparadas verificam como as mesmas idéas, sentimentos, concepções, penduram, passam, ou reaparecem dumas a outras litteraturas. Em verdade, nada se perde; ou, antes, deve-se reconhecer que os pensamentos creados num periodo transformam-se em outros. O pensamento, como a Phenix mythologica, renasce das proprias cinzas e perpetua-se.

Os idéas e as concepções, que outr'ora surgiram, illuminando os cerebros dos pensadores, ou de poetas, ainda nos tempos modernos fóram comprehendidos, acceitos e reproduzidos pela alma dum Goethe, ou dum Mazzoni. A hereditariedade do espirito humano jámais se interrompe: é a eterna cadeia de sua existencia.

Provavelmente, no desenvolvimento do presente estudo, consideraremos nos seguintes artigos, tal assumpto, sob o ponto de vista do scepticismo, que tem sido, e ainda é, dominante na litteratura contemporanea.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Le romantisme anglais et son ascendant international datent de Byron. FRED. LOUÏÉE — *Histoire des Litteratures Comparées*.

(2) Nas *Meditações*.

(3) *Child Harold*.

(4) GERVINUS — *Hist. de la Poésie allemande*; EICHKARN *Allgemeine Litteratur des neuern Europa — Niendorf Lenau in Swaben*.

(5) *Lieder der Griechen*—Leipzig—1824.

(6) *Hist. da Litt. allem.*

(7) Treitschke.

(8) Vittorio Ferrari, *Litt. italiana moderna*.



## APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

ROCHA, (Camerino) requintado personagem de Paul Bourget, nascido por descuido no Pará. E' o inventor de uma pequena machina de definir, que condúz sempre consigo, e trabalha a toda hora, para deleite dos amigos que lhe admiram o grande talento. O sr. Rocha nada ouve, nada vê, nada apalpa, nada cheira, sem que, immediatamente, rapida, de um piparote, uma definição salte, novinha em folha e fique borboleteando alli, um fugaz momento, e logo fuja e desapareça.

Possúe uma rara e superior intelligencia, uma alma formosa e rica e uma physionomia bella e extravagante.

E' um grande *poseur*; mas, confessamos, a sua *pose* é bem achada: uma infinita delicadeza de maneiras, um ar de ingenuidade adoravel, e uma ironia aguda, prompta, ferina, profunda.

A sua producção litteraria consiste em criticas, contos e discursos, muitos discursos.

O seu estylo precioso e raro, é tão raro e precioso que não chega para toda gente. Quem conhece por ahi os escriptos do sr. Rocha?

De resto, era no seculo XIX o mais preguiçoso dos homens de talento e sel-o-á ainda no seculo XX.

\* \* \*

CAMPOS SALLES, (Manoel Ferraz de) natural de S. Paulo, vigoroso e corpulento estadista, ex-presidente da Republica e um dos sens salvadores de profissão. Governou, durante quatro luminosos annos, esta paciente e mansa ovelha, este doce Brazil; salvou-o de um dos tantos abysmos que se escancararam a cada passo do despercebido caminhante, e hoje, desejando afastalo de outras voragens, apresenta-se de novo ao Paiz, disputando o abrigo daquelle palacio das horrendas estatuas de ferro fundido, certamente symbolisadoras da Desorganização, Ignorancia, Esbanjamento e Desfalque... O sr. Salles fez a sua aprendizagem governamental, passeiando na Europa e tratando, de soberano a soberano, com o marcial Humberto, com o elegante Eduardo, com o paternal Loubet e com o imperial Guilherme. Da convivencia principesca, trouxe o gosto do

*sport* real da caça, e nas suas sete quintas do Banharão, exercita-se no tiro ás perdizes, enquanto os Amigos lhe preparam a *curée chaude* do mandato presidencial. O sr. Salles não sómente tem as grandes elegancias mo-raes de que se ufanava Cyrano de Bergerac, como possúe um physico vistoso, e faz boa figura numa cerimonia, se bem que a natural corpulencia embarace um pouco o airoso gesto presidencial. Porque se hesita em fazer desse homem notavel o guia dos nossos destinos? Que lhe falta? Veste-se bem, falla francez, e tem o sr. Monteiro (Tobias) para lhe escrever a platafórma. E' impossivel que nos faça maior mal que o já feito.

PEDRO INNOCENCIO.



## O ALMIRANTE (38)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XVII

No coração da marquezia, sob aquella apparente doçura, melancolica, serena, resignada, um odio irremissivel jazia sepultado, aguardando a oportunidade da explosão destruidora. Rara vez, insinuára ao seu dilecto Oscar a hypothese de uma subversão dos elementos dominantes, a necessidade de se constituir um nucleo de resistencia do espirito conservador aos desvarios revolucionarios, ameaçadores do prestigio, da honra da Patria.

— Não pense nisso — respondia-lhe Oscar, com uma segurança que a exasperava — Os factos não justificam essas esperanças; a realidade não permite illusões. O povo não tomou parte na revolução, mas se conformou aos seus resultados e não se empenhará, jámais, numa reivindicção cujo alcance não poderá entender. As classes armadas não concorrerão para a destruição da sua obra. Haverá entre ellas dissensões, mais ou menos profundas, provocadas pelas ambições legitimadas ou desregradadas, que um regresso á monarchia não seria capaz de contentar. Quem ha de operar essa reivindicção? As classes conservadoras, os homens que têm alguma coisa a perder, são avessos aos meios violentos e uma convulsão social prejudicaria na essencia os seus interesses. Não se encontram entre elles os patriotas abnegados, nem os herões. Não se illuda, minha querida. Não se movem ás luctas, embóra legitimadas, povos sem fé, sem idéas como esse nosso povo pacato, indifferente, que não tem homens capazes de guial-o, nem confia nas figuras mais destacadas no scenario politico. Para elle, como para a maioria dos homens de

cola romantica, decidida e dedicadamente, permaneceu-lhe fiel por longo espaço de tempo. Os principaes poetas, romancistas, dramaturgos, escriptores, que floresceram desde 1820 até 1860, todos imitaram, ou seguiram a inspiração byronianna. Apenas, as poesias do auctor do *Corsario* e de *Parisina* penetraram em Pariz, após as terriveis batalhas terminadas nas planicies e nos montes de Waterloo, fôram acceitas com vivo enthusiasmo, imitadas com plirenético ardor, pervertendo e corrompendo ainda mais a consciencia e os costumes da sociedade franceza.

Desde ali, a litteratura romantica repercutiu como echo retumbante da voz canora, que vinha d'além mar.

Coisa estranha! Byron, que sempre foi eminentemente classico; que amava a siugeleza e pureza antiga; adorava e beijava, respeitoso, os fragmentos da estatuaria antiga em Athenas, foi proclamado supremo arbitro do romantismo!!!... Lamartine, na esplendida florescencia do estro, paga-lhe o tributo de admiração (2) e, ainda no fervor do enthusiasmo, tenta contiunar o seu poema (3). Victor Hugo imita os surtos vigorosos de Lara, ou de *Giaur*; Alfredo de Musset apropria-se da ironia de *D. Juan*, esse devasso capitulado, corruptor, e dá-lhe o tom e os requintes da volupia e do impudor pariziense. Emfim, não ha, em França, um poeta, ou romancista, que não tome por modelo o cantor de *Lambro* e de *Boulevard*. O genio de Byron influuiu absolutamente no pensamento e no sentimento francez desde a Restauração, através mesmo do bulcão de 1848, até os primeiros annos do segundo imperio.

Na Allemanha, do mesmo modo, essa influencia apparece amplamente, quer na escola de Souabe, quer na *Saxone* e *Suisse* e no *Sturm-und Drang*. Antes, Goethe e Schiller e mesmo Wieland e Herder, haviam tentado a regeneração litteraria pelo romantismo, (4) que, quando irrompeu em França, não podia ser uma novidade, como demonstra o livro de madame de Stael sobre a Allemanha.

Lembraremos que, entre outros, um poeta allemão, Wilhelm Müller, (5) dedicou e consagrou paginas de entranhado enthusiasmo a lord Byron. Era a quadra, em que surgia, das iniquas e despoticas deliberações do Congresso de Carlsbad, a *Foren Allemanha*. Escusa revolver a historia politica para confirmar esse facto da litteratura germanica. H. Heine, Ludolf Wienbarg, Laube, de Gutzkow, de Mundt, Wolfgang Menzel e outros jovens poetas e escriptores formaram aquella celebre associação. A tal proposito, escreve um historiador allemão: «O nome de *Foren Allemanha*, inventado

para agradar a homens que pretendiam preparar o futuro, foi, desde logo, adoptado por elles como um titulo honorifico.» Parece tambem querer explicitar-o dizendo que «em todo tempo a mocidade sempre foi mais radical do que a velhice, porque vive mais no porvir do que no presente: signal é, porém, duma situação anormal quando o abysmo se abre entre os moços e os velhos, quando não ha nada mais de commum entre a embriaguez entusiasta de unse a actividade reflectida de outros.» (6)

Na Italia, então *irredenta*, o auctor de *Dui Toscani* teve mais que influencia litteraria. O romantismo byronianno confundia-se CO'IL RINNOVAMENTO E LA POESIA *di la rivoluzione*. (7) Lord Byron aspirou exercer influencia politica, abertamente, de mãos dadas com os patriotas italianos, estabelecendo um jornal, que foi dirigido por Leig Hunt, o qual, regressando a Londres, contou particularidades escandalosas, que arnuinaram cabalmente a reputação do homem privado e do par de Inglaterra. As obras de Leopardi, de Stecchetti, Monti, Manzoni, Ugo Foscolo e outros, evidenciam a evolução, pela qual a poesia e toda litteratura passaram na Toscana, em Roma e noutras partes da Italia, e quanto á nova orientação da liberdade da arte e do pensamento, coadunava-se com a alma agitada e vertiginosa duma população, confrangida pela prepotencia estrangeira.

Sabemos todos que o romantismo operou milagrosa transformação no gongorismo hespanhol e renovou, dalguma sorte, a poesia dos *arcades* da Lusitania, suscitando a brilhante phalange dos Garretts, Castilho, Alex. Herculano, Mendes Leal, Palmerim, etc. etc.

Até no Brazil, que começou reproduzindo os versos de *D. Brauca* e das *Flôres sem fructo*; dos *Ciúmes do Bardo* e da *Noite do Castello*, e a imitar a coruscante prosa do *Monge de Cistér* e do *gardingo Eurico*, o poeta inglez veio plantar a tenda de campanha.

O espirito dos brazileiros recebeu directamente os raios, que lançavam os cantos do *Corsario*, as estrophes da *Parisina* e as afflictivas meditações de *Giaur*.

A poesia brazileira dedicou-se ao culto de Byron.

Quereis uma prova? Lêde as obras de Alvares d'Azevedo.

Em conclusão, pôde-se affirmar que o cosmopolitismo foi um dos elementos da influencia do genio do heróe de Missolonghi e, portanto, a *quasi impossibilidade* de estudal-o sob um ponto de vista novo. Assim, voltamos ao logar, donde partimos. Vimos que as obras e a vida de Byron são geralmente conhecidas, e acerca de taes assumptos, já se tem escripto alluvião de paginas. Eis ali uma das difficul-

dades de fallar das trez versões do sr. Paranapiacaba, que, a despeito de tudo, não recebeu pôr mãos em empreza realmente ardua e perigosa. mas, de certo, não ingloria.

Terá o traductor de *Giaur* e *Mazzeppa*, motivos que justifiquem o arrojado tentamen?

A mim, me parece que não é o unico temerario em fazer esse genero de resurreição. Muitos espiritos eminentes o téem feito.

Na douta e velha Sorbonna, Villemain, em eloquentes improvisos, dissertava sobre o auctor do *Corsario*, de *D. Juan* e de *Giaur*. Em todos os cursos modernos de litteratura, Byron figurou no plano mais luminoso. Já, na propria Inglaterra, se lhe rasgou a mortalha do esquecimento. Lord Macaulay elevou-o á suprema grandeza; outros, depois, o téem imitado e a nação applaudido.

Ainda, ha bem pouco, reli o seguinte, escripto em França: «*quoiqu'il en soit, c'est le gout de notre temps que les exhumations des grands hommes. On a fait des reputations toutes neuves, ou en repare de vieilles et le public applaudit, car il a soif de heros — et de notre temps l'offre parait infcrienne á la demande. Voicé, pourtant, un grand poète qui reparait aujourd'hui devant lui après avoir été deja discuté dans bien des volumes. Nous ne nous en plaignons pas, car Byron est un des ces hommes, qui peuvent gagnés quelque chose á être — souvent rejugés.*

Ora, o publico dos paizes da Europa, em sua maioria, é muito mais instruido que o do Brazil; comtudo, ainda se occupa do poeta inglez; chamando-o á barra do seu tribunal, procura julgal-o de novo, querendo reformar a sentença, si esta não fôr reconhecida justa. A' vista dísso, pôde o publico brazileiro ser menos razoavel e pretender que não se deve fallar mais a respeito de obras litterarias, que passaram da moda? Decidirá que, no tocante a Byron, a questão está definitiva e irrevogalmente julgada e a decisão *pro veritate habetur*?

E' licito aos espiritos independentes, revéis á subserviencia, appellar dessa sentença, tão injusta quanto cruel. Ha, indubitavelmente, obras, como muitos romances, dramas e certos livros, que não merecem ser lidos, nem siquer uma vez, muito embóra a moda os enfeite, as revista de importancia. Ordinariamente, confundem-se essas producções, que correspondem a certas tendencias, ou caprichos de momento, com as obras doutra origem: são frivolas, nullas, ephemerias; perecem com os caprichos, que as procrearam. Ha outras, que não carecem da preconisação da moda nem dos corrilhos; são obras, que perduram na memoria humana, como admiraveis monumentos, que attestam a grandeza

responsabilidade, de prestigio pelo saber, pelos haveres, pela intelligencia, o Imperador é um bom homem, um imperante sabio e honesto que não soube tornar amada a instituição que elle personificava. Morto elle, ficará a sua memoria abençoada como a de um grande cidadão e levará para o tumulto as esperanças da sua dynastia. Para os brazileiros, os aspectos politicos permanecem inalterados: substituiram a corôa por um barrete phrygio, mas ficaram os mesmos estadistas, as mesmas praticas, os mesmos vicios—disse-nos o conselheiro, como um perfeito observador, com meio seculo de experiencia.

—Então—retorquia a marquezeta—tu não tens confiança, não tens fé no futuro?

—Tenho fé, confio no futuro do Brazil forte e grande, libertado das diétas de precauções politicas e moraes que o enfraqueceram, que fizeram d'elle um colosso tímido; tenho fé na sua restauração pelo processo de uma educação que lhe desenvolva as forças, as energias, para as conquistas da civilisação.

A marquezeta não replicava. Contida pela expressão das palavras de Oscar, ella se retraía, como se não julgasse opportuno o momento de insistir nesse assumpto, que permanecia sempre em fóco no seu espirito.

Indicando Oscar entre as moças, apertando carinhosamente a mão de Amelia, Souza e Mello dirigiu a Dolores um olhar acceso em chispas de ironia.

— Parece — disse-lhe elle, sorrindo — que Amelia já fez a sua escolha. E' um amor antigo, se é que o amor tem idade.

— O amor — respondeu Dolores, com um ligeiro tom de despeito — não pôde envelhecer. Produz todos os seus effeitos ao nascer; surge, conquista, fulmina no primeiro impulso ou perde toda a sua força, degenera em amizade que é o amor idoso, decadente.

— O amor sem as venenosas settas — accrescentou Souza e Mello — amor desarmado, inoffensivo.

— Não duvido — continuou Dolores, falando quasi ao ouvido do seu interlocutor — que ella tivesse, ha alguns annos, uma forte inclinação para Oscar, que nutrisse a esperança de casar com elle. Viviam juntos, as familias muito unidas; era natural que dessas relações resultasse o casamento. D. Eugenia bem trabalhou para isso, mettendo-se na intimidade da marquezeta, tratando-a com um carinho, que muita gente attribuiu á adulação, ao interesse; mas ficou nisso; os esforços da mãe foram inuteis; os olhares ternos da filha não conseguiram ferir o coração de Oscar,

que parece um refractario, como o senhor,

— Como eu! — observou o advogado, com uma grande expressão de surpresa. — A senhora é injusta para commigo, Dolores. Eu não sou um refractario. Não tenho culpa de que não chegasse a minha hora. Acho que a instituição do matrimonio pôde ser uma bella coisa, mas não attingiu ainda a perfeição que eu sonho.

— Será talvez essa a opinião de Oscar, que envelhecerá, como o senhor, esperando a sua vez, ou que se aperfeiçõe a instituição para tomar um partido. A situação entre elle e Amelia passou o periodo perigoso: as cinzas da amizade apagaram o fogo e ficou aquillo — olhares ternos, rompendo, de surpresa, aquella superioridade que ella apparenta para encobrir os vestigios da decepção; maneiras de cortezia affectuosa, uma especie de alcochoado que amortece todos os golpes dirigidos ao coração. Quando um homem se desmancha em maneiras affaveis, junto da mulher que o ama, que o distingue, está por instincto, ou calculadamente, empregando o meio de defeza mais cruel e mais effcaz. E' preferivel que o homem querido seja violento, mesmo brutal; é preferivel que seja frio, cruelmente impenetravel, a que corresponda com as manifestações banaes, impostas pelos preceitos convencionaes da educação.

— A senhora fala como um livro sobre a psychologia do amor...

— Falo com a minha experiencia, instruida pelo que tenho observado. Não percebe meu caro, que aquellas maneiras meigas de Oscar se assemelham a um bombom que elle offerece a quem lhe supplica um fructo venenoso? Elle dá agua com assucar em vez do vinho forte, para a embriaguez desejada. Dos labios do homem prodigo em palavras banaes a exprimirem uma amizade, sincera embóra, não sairá jámais o beijo ardente...

— Entretanto, Amelia espera.

— E' uma desenganada; mas o seu orgulho se esforça por manter a illusão, afastando, o mais possivel, o terrivel momento da decepção irremediavel. Nós, mulheres, preferimos prolongar a duvida a soffrer o choque da verdade esmagadora.

— Precisamente o contrario do que acontece a nós, os homens.

— Os homens? Os homens gostam de ser enganados. A perfidia feminina tem para elles uma fascinação diabolica.

— Nesse ponto, não discuto com a senhora...

Dolores percebeu a maldade dessa observação; mas estava habituada a esses golpes perfidos, desfechados em allusões ferinas ou hypocritas á sua reputação, que os seus modos desembaraçados, a sua desenvoltura e, so-

bretudo, a sua intelligencia viva, repentista, auctorisavam,

— Tenho em casa o exemplo — continuou ella — O Dadá fica furioso quando lhe revélo, francamente, os meus caprichos, os meus pequeninos vicios — não ha mulher que os não tenha — quando emitto, sinceramente, as minhas opiniões; torna-se manso como um cordeiro quando lhe minto, quando o embalo com palavras suaves, com essa eloquencia deliciosa da mulher que disfarça o coração. E como eu sei que elle prefere a hypocrisia á franqueza, conquistei o meu socego, a minha liberdade e a minha soberania, trazendo-o sempre embalado pela illusão. Vou dar-lhe um exemplo. Se chegando a casa, onde elle me espera impaciente, eu lhe dissér que vim fazer uma simples visita á marquezeta, que estive conversando innocentermente com o senhor, não acreditará; os seus olhos piscarão de desconfiança, porque é occasião de lhe fazer uma revelação importante: o Dadá tem um ciúme atrás do senhor...

— De mim? Ora essa... — exclamou Souza e Mello, num mixto de surpresa e desvanecimento.

— Sim, do senhor — repetiu Dolores, com um franco sorriso de ironia — Ao passo que, se eu dissér ao meu amado maridinho, que estive numa importante conferencia com o ministro da Justiça, ou que vim conversar com o Oscar sobre o cargo que almejamos na proxima refórma da magistratura, elle ficará enternecido, sem palavras para agradecer os esforços, o empenho, a dedicação, os sacrificios da mulher-sinha adorada, a não ser aquelle — «Tu és um anjo» — a mais forte expressão do seu amor de esposo.

— O Adeodato é um anjo...

— Não o diga ironicamente, com essa perversidade de velho peccador; é o melhor dos maridos. E, se algum defeito tem, deve-o a mim. Sou eu a culpada, porque o Dadá é obra minha, feita, lentamente, com paciência, até chegar ao meu idéal — um companheiro que não me perturba. Vivemos num accordo absoluto e vivemos bem.

— Pois eu, Dolores, se tivesse a ventura de ser o seu esposo, viveria raldado de ciúmes.

— Dou-lhe os meus agradecimentos e seja louvado Deus por não nos termos encontrado, quando o senhor esperava a sua hora.

— Seria terrivel, porque eu seria muito capaz de amal-a ferózmente.

— Credo!

— Com paixão..

— Calma, calma, meu caro. Repare nos olhares que nos lançam. Lembre-se de que falamos de nós e já lhe communiquei que meu marido tem ciúmes do senhor, que é um veterano...



— Não gracieje, Dolores. Esse sorriso de demonio pôde fazer o milagre.  
— De convertel-o?  
— Não, de me perder.

Nesse momento, se aproximou delles o barão de Freixo, que não perdia occasião de queixar-se a Dolores das transformações operadas no genio da baroneza.  
— Já notei — disse-lhe Dolores — que o senhor deu para abandonar a baroneza em casa.

— Ai, minha senhora — respondeu o barão — Mas assim o quer, assim o tem. Eu é que não posso andar-lhe a atirar-lhe ás saias como um cãozinho, a atirar-lhe as telhas que, agóra, são de vidro; a atirar-lhe os caprichos. Ao principio, doeu-me; metteu-me dó; mas, afinal, a gente se habitúa. Deponha, eu faço o possível para satisfazer-lhe todas as vontades. Ella gosta de ficar sózinha em casa; pois fique. A vida é aqui para o nosso amigo Souza e Mello; livre e desimpedido, querido pelas mulheres bonitas.

— Ora quem fala — observou o advogado — o homem que possúe uma das mais bellas creaturas da Côrte.

— Lá isso é verdade.

— Uma joia de alto valor ornando a sua corôa de barão.

— A pobresinha, entretanto, lá está abandonada — murmurou Dolores, num tom de censura.

Todo desvanecido pelos elogios a queima roupa, o barão sorria e agitava, com gesto de despreocupação superior, os berloques da corrente do relógio. E fôram os trez se aproximando lentamente, do recanto em que conversavam Oscar e as moças.

— Feliz é este — disse o barão, indicando o bello official de marinha a conversar muito attencioso com Amelia.

— Falta-lhe o essencial — ponderou Souza e Mello — o que a mim tambem me falta: uma esposa.

— Porque quer — continuou o barão — Tem-na ao alcance do braço, bem perto do coração.

— Amelia enrubescen e Dolores sorriu, como se approvasse a inconveniencia do barão.

— Vejam que bello par — disse elle, indicando os dois — feitos um para o outro. De resto, toda a gente sabe que... não tarda o dia de serem abençoados por Deus.

Oscar corou por sua vez e tão perturbado ficou, que não teve meios de impedir aquella impertinente insinuação, aliás muito em vóga, como um pagal gracejo.

Amelia, porém, não se pôde conter; fulminou o barão com um olhar de colera, cujos chispas encontraram a irradiação ironica dos grandes olhos claros de Dolores.

O creado annunciando o chá, poz termo a essa vexatoria situação.

(Continúa)

DIVERSÕES

XADREZ

Aos enxadristas

A todos os enxadristas e amadores pedimos que nos auxiliem com a sua collaboraçaõ, enviando-nos problemas e fins de partidas. Esta revista deseja dar ao jogo do xadrez o mais amplo desenvolvimento e acceta toda collaboraçaõ theorica ou pratica que lhe seja remettida, desde que concorra efficaçamente para esse fim.

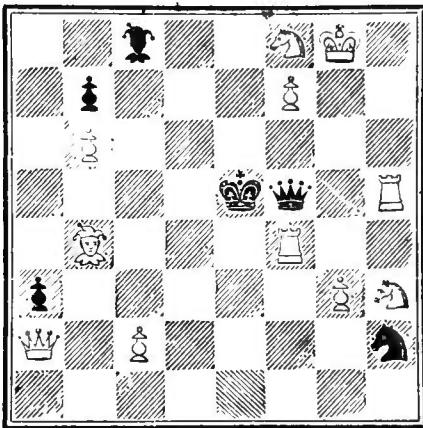
Na falta de um orgão especial de xadrez, como existem tantos no estrangeiro, ella se propõe, tanto quanto possível, a ser o centro desse movimento, contando para isso com a boa vontade dos mestres e amadores.

— Publicamos hoje um magnifico problema de dois habeis amadores de S. Paulo, muito conhecidos no mundo enxadrista pelos pseudonymos de Tacito & Lipman.

PROBLEMA N.º 8

Tacito & Lipman (S. Paulo)

PRETAS (6)



BRANCAS (11) — Mate em dois lances.

PARTIDA N.º 8 (a)

PARTIDA ESCOSSEZA

(As B. dão o partido da T. D.)

Branças	Pretas
(Caldas Vianna)	(Frota Pessoa)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
P 4 D — 3 —	C X P
C X P — 4 —	C 3 B D (b)
C 3 R R — 5 —	B 4 B
B 4 B D — 6 —	P 3 D
P 3 B D — 7 —	B 5 C R
D 3 C — 8 —	D 2 R
Roque (c) — 9 —	Roque D.
D 2 B (d) — 10 —	B X C
P X B — 11 —	C 4 R
B 2 R — 12 —	P 4 T R (e)
P 4 T D — 13 —	P 4 T D
C 2 D — 14 —	P 4 C R
C 3 C D — 15 —	B 3 C
C 4 D (f) — 16 —	B X C
P X B — 17 —	C 3 B D
B 3 R — 18 —	P 4 D (g)
P 5 R — 19 —	C 3 T (h)
T 1 B D — 20 —	C 5 C D!
D 2 D — 21 —	T R 1 C
B 3 D — 22 —	R 1 C
R 1 T — 23 —	P 4 B R
P 4 B R (i) — 24 —	P 5 C R
B 1 B R — 25 —	P 5 T R
D 2 R — 26 —	P 6 C R
P B X P — 27 —	P X P
P 3 T R (j) — 28 —	D 5 T
R 2 C — 29 —	T 1 T
D 3 B — 30 —	C 5 C
R 1 C (k) — 31 —	C 7 T
D 2 C — 32 —	C X B
R X C — 33 —	D X P
D X D — 34 —	T X D

T 3 B — 35 — T 1 C R  
R 2 C — 36 — T 7 T x  
R 3 B — 37 — C 7 B  
B 1 C (l) — 38 — C 8 R x  
R 3 R — 39 — T 7 C  
abandonam (m) — 40 — —

(a) Esta partida foi jogada no Club dos Diarios, no torneio de 1902, entre o dr. Caldas Vianna, o campeão sul-americano, e Frota Pessoa, amator. O dr. Caldas Vianna estava sózinho em uma categoria extra e dava o partido de pião e lance aos fortes jogadores da 1.ª categoria, de cavallo aos da 2.ª, e de torre aos da 3.ª; os da 1.ª davam pião e lance aos da 2.ª e cavallo aos da 3.ª; os da 2.ª davam pião e lance aos da 3.ª, finalmente, os da mesma categoria jogavam entre si sem partido. O adversario do dr. Caldas Vianna, nesta partida, estava classificado na 3.ª categoria. Como já tivemos occasião de dizer, nesse torneio, o dr. Caldas Vianna, não obstante a sua situação, obteve folgadoamente o 1.º lugar.

(b) «Este lance seria um erro sem o partido; mas, com a T. de vantagem, foi um lance magnifico, pois força a troca das peças, ou a retirada do ataque, como succedeu. O lance classico é C 3 R» (dr. Th. Torres).

(c) Se 9 — D X P C, D X P x; 10 — B 2 R, T 1 C; 11 — D 6 T, T 3 C; 12 — D 3 D, D X D; 13 — B X D, B X C; 14 — P X B, C 4 R, com melhor jogo para as P.

(d) Para prevenir o lance provavel das P — C 4 T D. As Br., tendo fracassado o ataque inicial, querem evitar a todo transe a troca de peças. Seu jogo é de retirada. Ainda por esse motivo, não se atreve a tomar o P B R, indefeso, o que, demais, abriria para o adversario a columna do B, por onde a T viria entrar efficaçamente em jogo. Em todo o caso, o lance do texto é fraco; parece preferivel D 1 D, que, com mais segurança, realisava as intenções das Br.

(e) Iniciando uma irresistivel avançada de piões contra a ala do R.

(f) Bom lance, que, ou leva o C. para a defeza do R., ou determina, como determinou, o fortalecimento dos piões do centro.

(g) Para evitar o avanço do P. D.

(h) Preparando P 4 B R.

(i) Fortalecendo o centro.

(j) Se 28 — P X P, T X P; 29 — D 2 T R, D 2 C; 30 — B 2 B, T 1 T, etc. As Br. estão irremediavelmente perdidas.

(k) Se 31 — P X C, D mate. Se 31 — D X P, D X D x; 32 — R X D, C X B, etc.

(l) Para evitar o mate do C.

(m) Realmente. O B. das Br. está perdido e o P preto váe a D.

Srs. Tacito & Lipman — Damos hoje o seu bello problema e esperamos que nos mandem outros. Desejariamos que nos conseguissem a collaboraçaõ de outros amadores e que nos mandassem uma ligeira noticia do movimento enxadrista em S. Paulo. Ainda lhes pedimos que, nos problemas que nos enviarem, assignalem as peças pretas, cortando-as obliquamente com um traço fino, porque a ligeira differença de tinta de umas para as outras traz confusão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6: 1 — T 7 B D, ad libitum; 2 — C, T, B, D mate (14 variantes):

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7: 1 — T 1 D, ad libitum; 2 — D T. C, P mate (5 variantes).

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do ultimo trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.

## PAYZAGEM VELADA

Soam de um sino as toadas  
Magoadas,  
Lentas, do meio-dia.  
Suaves, mudos pezares!  
Nos ares  
Reina a melancolia.

Entre nuvens occulto,  
O vulto  
Do sol pallido erra.  
Rolam limpidas brumas,  
Espumas  
Dos vapores da terra.

Os passaros, de leve  
A neve  
Cortam das nuvens alvas,  
E colibris inquietos  
E insectos  
Beijam rosas e malvas

Uns ligeiros ruidos,  
Gemidos  
Ao longe, azas rufando,  
Crebos, vagos attritos,  
E gritos  
Soam de quando em quando.

Na alta esphera azulada  
A cada  
Nuvem que erra e fluctua,  
Cáem do sol em desmaios  
Os raios,  
Como os raios da lua.

Soam de um sino as toadas  
Magoadas,  
Lentas, do meio-dia.  
Suaves, mudos pezares!  
Nos ares  
Reina a melancolia.

1905.

OCTAVIO AUGUSTO.

## BEETHOVEN

Como si por minli'alma andasse a echoar sombria  
A vóz da Natureza, eterna, incomprehensivel,  
Curvo a fronte febril, num extase indizivel,  
E escuto, enchendo os Céos, a extranha symphonia...

De que abyssmos glaciaes, sobre uma aza invisivel,  
Vem subindo até mim a dôr dessa harmonia?...  
Ouve-se, ao longe, o mar... Váe alta a noite fria...  
E nas distancias vaga uma angustia incoersivel...

Beethoven... Todo o Céu... Todo o Oceano... Parece  
Que no ergástulo azul cada estrella estremece  
Num fremito de luz maravilhoso e forte...

A musica, a subir, dos Espaços transborda...  
E a Natureza inteira é uma harpa, corda a corda  
Tangida pelas mãos tenuissimas da Morte...

(Aguias Negras.)

CASTRQ MENEZES.

## TRESLENDO

A cartilha do affecto um dia me ensinaste,  
A sentir e a soffrer a minha alma aprendeu.  
Aposto que o melhor alumno que encontraste  
Sou eu.

Fiz na soletração progresso extraordinario  
Desde a letra do Bem ao Soffrimento crú.  
O grande iniciador do Excelso abecedario  
E's tu.

Pela biblia do amor, de estylo estonteante,  
Recordas, día a día, o muito que aprendi  
Já vejo que vou ser um bom leitor constante  
Por ti.

Agóra que começo, um pouco, a lêr corrido,  
A devorar com ancia as paginas sem fim,  
Guardo no coração o livro preferido  
Por mim.

Transformaste um calouro em veterano esperto,  
Que apprehende e compõe, assimila e traduz,  
Tendo no teu olhar, como num livro aberto,  
A luz.

Depois de gaguejar, lendo por cima, um dia  
Meus olhos pedirão aos teus, como um favor :  
Que deixes folhear a grande livraria  
Do amor.

1905.

RAUL PEDERNEIRAS.

## VELHOS TEMPOS

A D. AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA

Para alguns a existencia é uma estrada florida  
Sobre a qual vê-se um céu feito de azul e arminho...  
Ouvem por toda parte o pipilar de um ninho  
Que, palpitando, canta o alvorecer da vida.

Outros calcam a pé todo o longo caminho  
Que váe do Desespero á Magua dolorida;  
Levam dentro de si, certo, uma calma ferida  
Que nunca soube ter um singello carinho.

No contraste, porém, que a sorte nos aguarde,  
Quer venha a morte cedo ou venha a morte tarde  
Levando á sepultura os germens da vingança,

Um desejo supremo a todos nos domina,  
E, por entre illusões, entre sonhos em ruina,  
Queremos reviver velhos tempos de creança.

Recife, 1905.

ADALBERTO PEREGRINO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. .... 20\$000  
 SEMESTRE .. .... 12\$000  
 —  
 Numero avulso. 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 E  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Ha uma aversão latente á bandeira nacional, espôcando, a espaços, em aggressões mais ou menos virulentas a essa obra de esthetica positivista.

Floriano Peixoto, que tinha surdo teiró a tudo quando lhe cheirava ás saias de Clotilde de Vaux, tentou mansosamente reformar a bandeira do sr. Teixeira Mendes e conferiu esse espinhoso encargo ao *maire* do palacio, o sr. Valladão, que perpetrou nesse sentido, um projecto axphyxiado no nascedoiro pela franca attitude de rebeldia dos alumnos da Escola Superior de Guerra, (1) fascinados então pelo fetichismo scientifico que, mais tarde, emporcalhou de lama e sangue a brilhante victoria do marechal.

Os alumnos officiaes procuraram conhecer a opinião do marechal sobre a bandeira; intimaram-no a jogar franco com as cartas na meza, a declarar se perfilhava, ou não, o projecto, e, como elle se abrigasse em irreductiveis reticencias, resolveram affrontar a opinião liquidando a duvidosa situação nas columnas da imprensa.

Uma commissão de alumnos foi ao marechal mostrar o manifesto da escola contra o projecto, um manifesto sublinhado de phrases audaciosas, de insinuações de rebeldia, como a que se lia no trecho em que elles affirmavam que a bandeira de Benjamin Constant, se fôsse victorioso o projecto, ficaria sendo sempre o symbolo da Patria para o exercito, até que viésse um governo serio e honesto para restaural-a.

O marechal leu o artigo-manifesto e respondeu:

— Penso que isto é uma inconveniencia: seria melhor não publicar este artigo.

— Não viemos pedir a sua opinião — respondeu o official incumbido da

missão — viemos dar-lhe uma prova de lealdade e desassombro, avisando-o do que vamos fazer.

O marechal mordeu o bigode, esfregou o nariz, e não replicou: elle bem sabia que aquellas cabeças exaltadas pelos vapores da demagogia scientifica, seriam capazes de todas as loucuras. Era prudente contemporisar para evitar maiores males, como seria mais uma revolta militar nos agitadissimos dias subsequentes ao 23 de novembro, depois da reacção victoriosa contra o golpe de Estado.

No outro dia, o *Jornal do Commercio* publicou o manifesto dos alumnos officiaes da escola superior de guerra, assignado por todos, tendo na primeira linha *Ximeno Villeroy*.

Toda a gente, lendo o audacioso manifesto, estremeceu pela sorte dos rapazes; a igreja positivista em peso se prostrou numa adoração propiciatoria aos seus fetiches, resando pela alma dos seus destabocados discipulos e catechumenos: era de esperar um desses actos de repressão implacavel da omnipotencia suffocando cataclysmos no nascedouro: mas não se moveu. Elle, que seria capaz de reformar com um traço de penna doze generaes que lhe significaram cordealmente a necessidade de certos actos politicos, não se deu por achado: mordeu outra vez o bigode, esfregou a ponta do nariz e sorriu desdenhosamente.

Aquelle acto de indisciplina audaciosa salvou do golpe engatilhado pelo sr. Valladão a bandeira, que, conforme a erudita opinião do apostolo Teixeira Mendes, symbolisa o nosso Passado, o nosso Porvir e o nosso Presente (com pp maiusculos) a nossa terra que tem palmeiras, o nosso céu cheio de estrellas, os feitos dos nossos paes e as nossas aspirações, a nossa filiação com a França, o centro do Occidente, e por esse lado, nos prende a toda a evolução humana passada e ao mais remoto futuro, e tudo isso—idéas fundamentaes

de uma seita, tendencias politicas, phenomenos de sociologia,— symbolisado eloquentemente na estreita área do lozango amarello pela bola que restaura a esphera armillar de d. João VI em campo de oiro, pelo zodiaco da Ordem e Progresso, pelas constellações que, segundo Eduardo Prado, dão uma idéa errada do aspecto do céu do nosso hemispherio.

Era natural que a escola superior de guerra obedecesse ás palavras do mestre. Ella, representando a parte da Nação, a unica parte em quem o culto fetichico da bandeira foi systematicamente mantido, a força publica de mar e terra, melhor que qualquer outra classe de cidadãos, devia, naturalmente, sentir as condições a que tinha de satisfazer o novo emblema dos feitos e das esperanças da patria brasileira, um symbolo que o apostolo affirmára coincidir essencialmente com uma patriotica inspiração do denodado chefe do Governo Provisorio e corresponder ás tocantes emoções dos nossos soldados e marinheiros, ao mesmo tempo que traduzia o conjuncto das aspirações nacionaes.

A intolerancia desses fetichistas da bandeira não se assanhou com o projecto do sr. Celso de Souza, o representante catholico do Leão do Norte, que está agóra no fóco da anciedade dos candidatos á successão do chefe da Nação, presos aos labios purpurinos do chefe Rosa e Silva, indecifreveis, mudos, como os de uma esphinge.

Será porque se lhes tenham arrefecido a fé, as convicções, a obediencia á doutrina? Será porque elles, os arduos discipulos de Benjamin Constant, não contam mais com a paternal complacencia de Floriano Peixoto? Em todo o caso, elles não perpetraram ainda outro manifesto contra o projecto Celso de Souza, que não passa, *mutatis mutandis*, de uma reproducção daquelle que o marechal inspirára ao sr. Valladão. Nem mesmo o deputado Thomaz Cavalcante, que é um fervo-

roso sectario, ousará defrontal-o, sob a égide da immuniidade parlamentar.

Vaticinamos, entretanto, que esse projecto dormirá sob a pedra fatidica, no olvido onde immergiram para sempre tantos outros cheios de idéas patrióticas, porque a situação é demasiado melindrosa para uma refórma da bandeira, refórma que não comprehende sómente um caso de esthetica, senão um caso politico, que poderia assanhar casas de maribondos, que não andam muito contentes e aos quaes não se tem passado bastante mel pelos beiços, com aquella prodigalidade dos tempos passados, a melhor argamassa da fidelidade.

Desengane-se o sr. Celso de Souza e console-se com o destino do seu projecto: seria temeridade emprender esse trabalho herculeo que resistiu aos esforços da omnipotencia, do prestigio de Floriano Peixoto.

M. A., com o seguro criterio inspirador das suas *Ordens do Dia*, ponderou que uma bandeira não é uma camisa que se muda todos os dias. A alteração do emblema não é urgente nem genero de primeira necessidade. Deixemol-o, portanto, para mais tarde, para ser feito por uma dictadura, por uma revolução radical, que será a terrivel surpresa de proximos dias, como resultado funesto dessa monstruosa politica dos governadores, esse abortivo fructo da perfidia com que o sr. Campos Salles iniciou o seu governo, governo pittorescamente appellidado das cinco saias, cujos escandalos ainda hoje estão, para vergonha do nosso Paiz, dando que fazer ao Supremo Tribunal Federal.

\*  
\* \*

A proposito de candidaturas presidenciaes, um amigo pediu palpite a um dos mais notaveis estadistas do Imperio, um daquelles que deixaram luminoso risco na historia.

—Que pensa v. ex. acerca dos dois candidatos—Campos Salles e Bernardino de Campos.

—Homem, eu lhe digo—respondeu o conselheiro—O amigo conhece, sem duvida, a anedocta de um verzejador d'agua doce, que deu dois sonetos a Bocage para que este escolhesse o melhor. O grande poeta, depois de ler attentamente o primeiro soneto, deu preferencia ao outro.

—Como—retrucou o consultante—opina pelo outro se não o leu?

—E' que—respondeu Bocage—não pôde sair do bestunto humano soneto peor do que este que acabo de ler.

—Ahi está—concluiu o conselheiro—a minha humilde opinião.

E, como o interlocutor estacasse sem comprehender, o eminente estadista accrescentou:

—Applique *el cuento*: Campos Salles é o soneto lido.

POJUCAN.

Nas *paginas esquecidas*, desta edição, os leitores encontrarão o protesto dos officiaes da Escola Superior de Guerra, além de tudo o mais que, nesse sentido, illustra a questão.

## A ARMADA NACIONAL

Começamos, neste numero dos *Annaes*, a dar publicidade a uma série de artigos, cuja natureza, o auctor, homem de grandes responsabilidades, explica, formalmente, na seguinte carta, com que precede o seu erudito e curiosissimo trabalho:

Meu caro redactor.

Levado pela extraordinaria sympathia que me liga á Armada Nacional, em cujo seio encontro proximos parentes e amigos dos melhores, e, aproveitando largas horas de lazer, permitidas por circumstancias anormaes sobrevindas ao meu regimen de vida, dispúz-me a estudar o passado da nossa marinha de guerra, a analysar a decantada «marinha de outr'ora.»

Arrastaram-me tambem a esse estudo o lastimavel estado a que chegou aquella instituição em nossos dias e as queixas, aparentemente exaggeradas, que se ouvem ao geral dos nossos officiaes. Narram-se realmente factos vergonhosos de mais para que, sem attenção a provas, nelles se creia; escandalosas injustiças por parte das administrações, tão escandalosas que só por serem ditas por gente fidedigna merecem que se lhes dêem fóros de verdades; e, por fim, descreve-se uma tal desorganisação; revela-se uma tal ausencia de escrupulos e de respeito a direitos e a meritos; manifesta-se um tal regimen de filhotismo e de obediencia á protecção politica, que dir-se-ia impossivel fôsse a marinha da Republica successora da armada imperial, se esta era o que querem tenha sido os que ainda hoje a choram. Nem tão longo periodo tem decorrido, nem tão poucos são os que de uma passaram para outra.

Como, porém, aquella é uma verdade; como, effectivamente, a de hoje é a continuação da de outr'ora, eu cheguei, pois que tenho a certeza e as provas de que aquelles factos vergo-

nhosos, de que aquellas injustiças escandalosas, de que a desorganisação descripta, a ausencia de escrupulos revelada e o regimen de filhotismo e da protecção manifestados, são verdades incontestaveis; cheguei, dizia, a suspeitar que a marinha de outr'ora ficava muito aquem da grandeza que lhe attribuem, e que todos os erros e vergonhas da actual eram consequencia logica e natural de más administrações anteriores, tendo ainda a provocal-os causas nascidas após 15 de novembro de 89.

O estudo que fiz, e a que já me referi, confirmou inteiramente essa suspeita; mesmo assim foi tal a surpresa ao constatal-o que não pude abster-me de escrever algo a respeito; escrevendo, comprehendi que só teria o direito de desvendar occultas miserias e erros esquecidos, no intuito de ser util á Armada e ao meu Paiz, e entendi que essa utilidade só seria real se ás paginas em que combatesse a marinha de outr'ora, eu juntasse paginas em que patenteasse a desgraçada situação da marinha republicana.

Obedeci a essa orientação, e occupei-me da Armada Nacional desde 1822 até 1905. Não é uma historia naval brasileira, o trabalho que ora termino; não; é tão só uma analyse rapida da vida dessa instituição. Nada ficará occulto, convencido, como estou, de que a nossa marinha de guerra não tem o menor valor e de que o não tem devido sobretudo ao systema de mentiras officiaes, das apparencias enganosas, da mascarada, em summa, systema a que foi habituado o Paiz, por todos quantos a têm administrado, em geral.

Envio-lhe hoje as primeiras paginas; por tratarem justamente duma epocha remota, não despertarão muito interesse, estou certo; á proporção que nos fôrmos approximando do presente, porém, asseguro-lhe que serão mais lidas, mais apreciadas e, por certo, acrememente commentadas, não pelo valor que possam ter, mas sim porque encerram a verdade.

\*  
\* \*

*Analyse das coisas da nossa marinha de guerra, desde 1822 até 1905—A formação da marinha imperial.*

A conquista da Independencia no Brazil, não foi feita pacificamente, não foi uma victoria incruenta, como, 67 annos passados, o foi a da Republica; sabemol-o todos.

As tendencias separatistas, cujas primeiras manifestações fôram tão duramente castigadas nas personagens do drama da Inconfidencia, não se desvaneceram ante o supplicio do Tiradentes e o degredo de seus cumplices. Continuaram antes, patente como era já a mesquinhez da metro-

pole ante a pujança da colonia, a brotar mais fortes, mais frequentes e apenas mais prudentes.

A animosidade franca entre o elemento indigena e o metropolitano, accentuava-se dia a dia e deu inicio a uma série de luctas sem importancia, na apparencia, luctas que mais forte irromperam em varios pontos do Paiz quando Pedro I, num rasgo audaz, quicá interesseiro, mas em todo caso intelligente, atirou ao povo, que queria ser livre, o brado de «Independencia ao Morte».

Então, o elemento genuinamente portuguez, do qual aquelle principe, havia muito, se divorciára, considerando traição o que nada mais era do que consequencia logica do deperecimento de Portugal, dum lado, e, doutro, do extraordinario rigor que ao Brazil parecia reservar futuro proximo; não desejando ver perdida para a corôa portugueza a parte mais rica do imperio lusitano de ultra-mar, imperio cuja conquista constituiu o periodo aureo da historia da nossa metropole, explodiu em varias provincias do Paiz, numa lucta de resistencia aos impulsos dos que queriam procurar, libertos, um engrandecimento que a velha mãe patria, sob o jugo de dynastia e estadistas banaes, e impotente para acompanhar a evolução politica que se vinha operando no universo, não mais lhes poderia dar.

Foi sobretudo na Bahia e na provincia cisplatina de mais tarde, que essa lucta assumiu character mais serio. Forças portuguezas de mar e terra, relativamente importantes, achavam-se concentradas quer num quer noutro ponto; e, depois do embarque, para a metropole, da tropa que no Rio de Janeiro estacionava e parte da qual, conseguindo illudir a vigilancia de Diogo Jorge de Brito, que com uma esquadra a comboiava, fôra aportar á Bahia, eram este ponto e Montevidéo os focos mais poderosos, naturalmente indicados, da resistencia portugueza, que, entretanto não deveria ser muito duradoura.

Após diversos combates e as operações combinadas das forças brasileiras de terra e mar, tiveram as portuguezas de evacuar a Bahia, e na banda Oriental, perdida a esperanza de apoio na armada e impotentes contra esta as forças navaes que d. Alvaro do Costa então e ás pressas organisára, a lucta tinha egual fim para Portugal.

Dahi, dessa resistencia, que foi necessario vencer para firmar a nossa independencia, tendo de estabelecer bloqueios e de bater-se contra as divisões navaes da Bahia e de Montevidéo, nasceu a nossa marinha de guerra, e nesse nascimento a figura sympathica de João das Botas, encarna a iniciativa particular do joven povo livre, auxiliando a do go-

verno do primeiro Imperador, a quem devia essa liberdade.

Organisada a nossa esquadra com alguns navios portuguezes passados á nova bandeira e outros mercantes que transformámos; abastecida da marinhagem contractada toda e em grande parte portugueza mesmo, o que a principio tão serias contrariedades causou a lord Cochrane; havendo muitos officiaes, tambem daquella nacionalidade, adherido á nossa independencia, ou porque já estivessem mais vinculados ao Brazil que á propria patria, ou porque vissem na nação que vinha de nascer um prolongamento da outra, sob o governo da mesma casa dynastica, mas, todos, em summa, com egual sinceridade e tendo sido contractados ainda officiaes de outras origens, insufficientes como eram então os portuguezes e brasileiros que possuíamos, creava-se a marinha de guerra brasileira dotada de chefes e officiaes já feitos, praticos, apta a desenvolver-se e a engrandecer-se, occupada, como havia de ser por muito tempo, em exercitar-se na sua unica esphera de acção, esphera que tem por pólos o mar e a guerra.

Entre os estrangeiros que contractámos para nosso serviço, havia alguns, reputações firmadas já, quer em campanhas navaes na Europa, quer nas da independencia das colonias hespanholas da America: Cochrane, Taylor, Geenfell e outros; e, se para uma marinha perfeitamente organizada, eram elles elementos de grande valor, para nós então, que apenas começavamos a preparar a nossa, eram os seus serviços preciosos e acquisições inestimaveis.

O grupo dos officiaes portuguezes era numeroso e compunha-se de pessoal pratico na manobra e na navegação; mas, como o pessoal brasileiro, ainda inexperiente nas grandes e serias campanhas de guerra.

Como na maioria dos casos, era, pois, a armada brasileira filha das necessidades de occasião. Nenhum plano preconcebido de organizar na paz (nem tempo ou ensejo para fazel-o, houve) esse elemento garantidor da vitalidade dum povo!

E' bem de suppor que, se a nossa independencia politica tivesse sido obtida sem sangue, sem lucta, Pedro I, ou pelo seu criterio ou pelo prurido de creações e transformações que toda evolução violenta determina, tivesse pensado em organizar uma marinha de guerra para o Paiz, aproveitando os elementos deixados pela metropole.

Felizmente, porém, não foi necessario confiar numa ou noutra corrente, e a nossa armada nasceu imposta pelas circumstancias de occasião; e daqui por deante, veremos que sempre esse factor—o momento—foi que com mais

força concorreu para desenvolver o nosso poder naval.

Após aquellas, sob o ponto de vista militar quasi sem importancia, campanhas novas da Bahia e de Montevidéo e que ás nossas almas de brasileiros, se téem, por vezes, afigurado prenhes de feitos e episodios culminantes, seguiram-se os serviços prestados pela esquadra á causa da Independencia, no Maranhão e no Pará; esses, então, platonicos, de facto.

Iam, entretanto, os nossos officiaes se formando ou se aperfeiçoando, nessas viagens forçadas ao longo das nossas costas, em cruzeiros duradouros e penosos, aos quaes nem sempre basta, para resistir, robustez physica, senão tambem fortaleza de animo, forte envergadura moral.

O preparo intellectual necessario ao exercicio da profissão, porém, era ainda bem simples de obter-se, nessa epocha, que se distancia já de 80 annos. Um pouco de mathematica para applical-a, juntamente com algumas noções de astronomia, á navegação; manobra á vela, artilharia e tactica bastavam para preparar o official da armada; a artilharia, porém, tão rudimentar ainda, não exigia grandes estudos e, feito esse curso, vinha então a pratica completar o official, pratica facil de dar e de receber nessas grandes viagens á vela, em que, por vezes, fica um navio, 30, 40 dias em mar alto, luctando por fazer caminho util, arrostando ventos contrarios e tempestades, na impotencia de enfrentar, superior, os elementos, sujeito, como é, aos caprichos do proprio motor.

E' prova do que dizemos, daquella simplicidade de estudos, é o programma de ensino da Real Academia dos Guardas-Marinha, que de Lisbôa para o Rio se trasladára em 1808, com d. João VI, e que aqui permaneceu, tendo depois da Independencia perdido pequena parte de seu pessoal, que optou pelo regresso ao reino.

Eis o programma :

1º Anno : Arithmetica, Geometria, Trigonometria e Apparellho.

2º Anno: Principios de algebra até equações do 2º gráu, inclusive; suas primeiras applicações á Arithmetica; Geometria: secções conicas; Mechanica com a sua applicação immediata ao Apparellho e á Manobra; Desenho de marinhas e rudimentos sobre construcção do navio.

3º Anno: Trigonometria espherica; navegação theorica e pratica; rudimentos de tactica naval; continuação de desenho, rudimentos de artilharia, e exercicio de fogo, tactica militar e artilharia pratica.

Era esse o curso dos nossos officiaes de então: nessa escola se formaram.

Admittia-se o voluntariado tambem, que, após certo tirocinio e certos

exames, dava direito á patente, independente da frequencia da academia, e foi assim, por esse processo, que se fez official o glorioso marquez de Tamandaré. Ainda para supprir as necessidades que surgissem, contractavam-se officiaes nauticos, pilotos.

\* \*

Firmada definitivamente a nossa Independencia, não pôde a novel marinha de guerra permanecer inactiva por muito tempo. Surgiu em 1824 a confederação do Equador. O tempo que medeiou entre o fim da lucta pela Independencia e o momento em que a marinha de guerra teve de intervir para auxiliar a pacificação das provincias do norte, rebelladas, foi naturalmente empregado em algumas viagens ao longo das nossas costas, o que desenvolvia o preparo nautico dos officiaes e produzia o dos que, novos, ainda o não possuíam.

Simplicissimos como eram e como já deixámos provado, os mistéres de official da armada, fácil era attingir-se a necessaria competencia, e assim muitos fôram os que nesses cruzeiros começaram a ganhar renome como navegadores e manobristas.

O papel representado pela nascente marinha de guerra na pacificação das provincias que constituíam a confederação do Equador, foi ainda sem grande importancia sob o ponto de vista militar, de sorte que, como já se déra na guerra da Independencia, mal se pôde aquilatar do poder da nossa esquadra e da proficiencia e valor dos nossos marinheiros, na guerra.

Subjugada a rebeldia nas diversas provincias, continuava a instrucção aos nossos officiaes a ser fornecida pela Academia dos Guardas-Marinha, e a pratica a ser adquirida nas viagens que, em geral, mais por necessidade do governo, do que propositadamente para exercicio, continuavam a ser feitas, faceis como eram, não dispendiosas e ainda não arrefecidos o enthusiasmo e o amor pela instituição recentemente creada.

O marquez do Maranhão, lord Cochrane, vergonhosamente para si e em parte por culpa do governo imperial, abandonára o serviço do Brazil; ficavam-nos, porém, Taylor, que a propria patria chegou a nos disputar, Greenfell, Norton e velhos officiaes portuguezes e brasileiros, mariuheiros habeis e consumados em geral e que, sem grandes desvantagens, parecia supprirem a falta por aquelle deixada. E os officiaes mais jovens, alguns dos quaes conquistando já o nome de navegadores, iam, em breve, sob seus commandos, ter ensejo de patentear, na campanha cisplatina, quanto valiam na guerra.

TONELERO.

(Continúa).

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A scopolamina succedaneo do chloroformio. — Seu emprego nos hospitaes de Pariz, sem accidentes do chloroformio.*

Ensaia-se, actualmente, nos hospitaes de Pariz, esse anesthesico, que é um alcaloide extraído da scopolia ou belladona do Japão, sob a fórmula de pequenos crystaes prismaticos, fusi-veis a 59°, soluvel n'agua, sobretudo no alcool e no ether. O seu emprego se limitava a um calmante, como as preparações da jusquiana e outras plantas da familia das solanaceas.

A scopolamina fôra utilizada como anesthesico desde 1900; em 1904, em consequencia de estudos feitos na Alemanha, começou a substituir o chloroformio em algumas operações chirurgicas. Alguns cirurgiões fazem duas primeiras injeções com a scopolamina e administram depois o chloroformio. Associam-lhe tambem a morfina.

Esse anesthesico evita os accidentes do chloroformio, da cocaína e seus succedaneos. O despertar do paciente é igual ao do somno physiologico; não se lembra da operação e nada soffre na parte operada.

\* \* \*

*Os resultados das experiencias do dr. Marie com a applicação da agua do mar em certas molestias mentaes.*

Noticiamos nesta secção o emprego da agua do mar como medicamento em injeções subcutaneas.

O dr. Marie acaba de communicar á Sociedade de Biologia os resultados das experiencias feitas com o dr. Quinton, com a applicação daquelle serum em certas molestias mentaes.

O eminente alienista reconhece que, nesse assumpto, é indispensavel ser reservado e evitar as generalisações precipitadas; entretanto, accrescenta que o emprego do serum isotonic marinho, no tratamento da loucura, produz melhores resultados do que outros serums artificiaes.

E' applicavel a todas as affeções mentaes, menos nos casos de delirios systematicos. Não será um methodo de cura exclusivo, mas associadô a todos os medicamentos recomendados pelos symptomas, sendo elle um estimulante geral de todas as funcções e um excitante do systema nervoso em particular; desembaraçando o organismo de suas toxinas e secreções eliminatorias, deve dar melhor vitalidade aos neuromas, com a condição de não estar a cellula nervosa destruida pelo processo morbido anterior.

As injeções hypodermicas fôram praticadas de cinco em cinco dias, em doses progressivas de 30 centímetros

cubicos, ao principio, até 100 por injeção. Fôram doze os doentes submettidos a essa medicação: trez paralyticos geraes com accidentes epileptiformes, trez dementes com escaras dorsaes, trez dementes precoces, todos methodicamente observados. Registrou-se o estado de suas varias funcções — respiração, circulação, temperatura, antes, durante e depois do tratamento, assim como os caracteres chimicos de suas eliminações. Os epilepticos fôram diversamente influenciados pela medicação.

Os resultados obtidos não passam, realmente, de um inicio de informação sobre a acção do serum nas molestias nervosas e mentaes, mas permitem novas applicações dessa therapeutica no dominio especial da loucura e são muito animadores no que concerne aos accidentes convulsivos epileptoides e cataleptoides dos alienados, nevroticos, paralyticos e dementes precoces.

O seu estado geral mellhora consideravelmente, como se prova com a progressão geral do pezo dos doentes tratados e a cura das escaras de prognostico ordinario muito lamentavel.

\* \*

*Esqueleto do bontosaurio reconstruido num museu de Nova-York.*

Acaba de ser montado no Museu de historia natural de New-York o esqueleto do bontosaurio, que mede vinte metros de comprimento e quatro metros e meio de altura.

Esse esqueleto foi, cerca de sete annos, descoberto no Wyoming Central, nos Estados Unidos da America. Fôram necessarios trez annos para reconstitui-lo. E' um fossil completo da epocha dos grandes saurios. As partes, que faltavam, fôram restauradas com arte maravilhosa.

## MAZEPPA, GIAUR, PARISINA

POEMETOS DE LORD BYRON, VERTIDOS PARA VERSOS PORTUGUEZES PELO BARÃO DE PARANAPIACABA.

II

Mas que quer o pensamento contemporaneo?

Régeita a herança do passado? Teir alguma idéa, ou concepção nova para substitui-la? Proscreeve os que o precederam?

Seria uma tarefa ardua e longa analysar esse assumpto e não n'o podemos fazer no momento, em que escrevemos e no qual nos devemos circum-screver a ligeiras e rápidas indicações por isso, apenas citaremos um trecho do auctor da *L'Evolution actuelle à la litterature contemporaine*.

Depois de apreciar todas as evoluções litterarias operadas até o seculo que findou, o auctor, examinando escolas, idéas, concepções e aspirações, verificou que todas estavam mortas, e diz: *L'histoire litteraire de notre siècle peut se partager en deux periodes—entre les écrivains romantiques et les écrivains realistes. Quant à la phase nouvelle dans laquelle il semble que nous entrions, ce qui jusqu'an present la caractérise, c'est la manque d'unité, de discipline, l'anarchie intellectuelle et morale.*

....

*Que notre litterature actuelle ne trouve pas une enseigne, et ce qu'on appelle en politique une plate-forme, il n'ya pas lieu de s'en étonner. Le romantisme et le naturalisme ont exprimé tour à tour les deux tendances fondamentales du génie humain... Il n'apparaît aucune forme capable de rallier les esprits.*

*Le romantisme et le naturalisme sont morts...*

*Quelle est donc la tâche à laquelle paraissent appelées les generations nouvelles, sinon à reconcilier l'un avec l'autre? L'ideal et le réel doivent se penetrer mutuellement sous peine d'aboutir, le réel, si il expulse l'ideal, à la negation même de l'art: et l'ideal, s'il expulse le réel, a je ne sais quelles aberrations, où ne retrouverait plus aucune vérité humaine.»*

Eis ahí a verdadeira e exacta situação do pensamento contemporaneo, que fluctúa; que não achou ainda uma senda por onde marchar, illuminada por novas idéas. Ora, sendo tal a realidade, como pretender pôr á margem a litteratura de Byron, de Chateaubriand ou Lamartine, de Eschylo, ou Dante, de Virgilio ou Victor Hugo; de Leopardi ou de Schiller?

Ha, sem duvida, nos que nos precederam, escriptores mediocres, poetas nullos, naturezas limitadissimas, ta-canhas, estereis, absolutamente inuteis. Ellas não fornecem materia á observação, á critica, ao estudo. São como as folhas das arvores que não dão fructos; devem ser lançadas ao fogo, segundo manda o evangelista. Em verdade, são, ainda, quaes pequenos poços d'agua estagnada, sem o impeto revolvedor das torrentes. Ha, também, outros poetas, escriptores, ou artistas, naturezas potentissimas e fecundissimas, pujantes e inexhaustíveis. São os immensos oceanos do pensamento. São as profundissimas crateras, donde surgem lavas de idéas. São as altissimas e intangiveis regiões da phantasia, o mundo ignoto, onde se manifestam os multiplos e infindos phenomenos do sentir e pensar, do viver e amar... Byron é um desses oceanos, vastos e profundos, insondáveis e inexgotáveis, tenebrosos e irradiantes, aos quaes se applicam as

exclamações do vate de Sulmona: *te deerant quoque littora ponto!*

Natureza complexa, incrível mixto de contradicções, Byron é uma sphynge mais funesta do que aquella que a mythologia imaginou na estrada temida e perigosa da antiga Delphos.

Não comprehendemos estudal-o sob qualquer dos aspectos conhecidos. Não ouzamos refazer os juizos, geralmente proferidos em bem e mal e, desde longo tempo, vulgarizados. Nelles se pôdem colher, á farta, indícios para fazerem-se investigações de severa critica, de observações moraes e physio-psychologicas.

Certamente, nem o homem nem o poeta, ainda não fôram cabalmente estudados. Cada critico, impavido, pretende tel-o feito; apenas levantá a ponta do véo, que encobre o mysterioso sanctuario. Todos, por assim dizer, o téem examinado sob certas relações ligeiras no tocante ao movimento litterario da moda do tempo, em que surgiam, aos clarões da publicidade, os variados poematos, que o nome lhe glorificam. Muitas coisas, porém, restam a apurar, e cuja explicação só poderá dar o estudo scientifico e pratico do *Ente humano* — este eterno *devenir*, na phrase enigmatica do philosopho Hegel. Esse *devenir* nada menos é que o contínuo escocamento de todas as coisas, a mudança das circumstancias, a variedade e incongruência da vontade dos individuos pensantes; enfim, as dolorosas cogitações da intelligencia. Todos esses phenomenos surgem e passam rapidos, quaes volições, sensações; quaes as nossas idéas. Ora, sómente pela historia, é que se lhes poderá verificar a passagem, ou a existencia. É a historia dum poeta, como lord Byron, contém o modo de viver e sentir dos homens, que, com elle, atravessaram as evoluções sociaes do seu tempo.

A proposito da historia de Byron, compraz-me o recordar aos leitores a seguinte passagem, digna de attenção:

«Um joven de 22 annos publicou um volume intitulado *Peregrinação de Child Harold*.

Chamava-se Byron. Por occasião do seu nascimento, as fadas haviam-no colinado de raros dons; porém, uma fada de má indole, que não fôra convidada para as festas do baptisado, ajuntára a cada um dom tremenda maldição. Elle era lord, mas pobre; era bello, porém estropeado. Si as mulheres lhe admiravam a formosa fronte de marmore, sobre a qual adejavam, volteando, os louros cabellos, outros lhe escarneciam dos pés aleijados. O seu nome era illustre, mas deturpado por manchas deshonorosas. Os Byrons eram conhecidos na historia local pelos desvarios selvagens e pai-

xões brutaes, que os precipitaram em crimes. A embriaguez e as orgias mataram o pae de Byron. Sua mãe, caracter altaneiro e inflexivel, teimava em quebrar, pela violencia, a violencia do filho. A mãe nunca, jámais, cedia; o filho nem siquer se dobrava. O diamante gasta o diamante; os dois — nem isso; eram duma substancia mais dura.

Essa lucta continúa através de estu-pendas privações, orgulhosamente suportadas até o momento em que a morte dum parente trouxe a Noel Byron, com um titulo, certa fortuna onerada, castellos esboroados, quasi em ruinas, vastos dominios inalienaveis, sujeitos a hypothecas. Na escola de Harrow, observou-se o estranho e máu temperamento do mancebo, seus accessos de indolencia e de paixão, o gosto tenaz pela soidão, o furor nos odios e nas amidades, o affêro aos exercicios corporaes, que os inglezes amam á maneira dos antigos gregos, exercicios em que Byron, a despeito do aleijão, queria brilhar. Apenas saído da Universidade, publicou um volume de versos sob este titulo — *Horas de lazêres*. Eram reminiscencias de collegio, de envolta com os primeiros langores amorosos da adolescencia. Aquí e acolá, uma fanfarronada juvenil prenunciava o futuro Titan. Via-se que o todo tinha sido metrificado, imitando Pope e temendo a Johnson — dois sentimentos que eram applicados á educação dos jovens inglezes.

A *Revista de Edinburgo*, que havia estréado, começava assignalar-se por suas tendencias puritanas e democraticas. Ella se mostraria indulgente para com qualquer principiante, mas entendeu que não devia ser benevola com um lord; não teve misericordia, nem caridade: foi implacavel.

O livrinho foi duramente julgado, severamente condemnado e brutalmente executado.

Byron sentiu um daquelles furores, dos quaes tinha hereditario privilegio. Publicou, em resposta, a virulentiíssima apostrophe — *Os bardos inglezes e os criticos escocezes*.

Vergastava e feria, a torto e a direito, cegamente, seus inimigos, ou aqueles que suspeitava taes; esmógava uma geração litteraria, apenas para punir a um só.

O historiador continúa; a nós, porém, nos basta esta miniatura, rude e copiada do vivo.

Nella vemos perfeitamente o que será o homem de pensamento, de sensibilidade e de moral; assim como a que será o artista, o inspirado, a alma vibrante em lucta com as ambições, as coleras, as concurrencias do orgulho legitimo, ou tresloucado. Naquella miniatura historica, truculenta como a contorsão da ferocidade do algoz que executa a victima, quem quizer tirará

o Byron tal qual existiu, como vivem nas pavorosas orgias, devorado, ou alquebrado por paixões, que *fingia sentir*, ostentando devassidão de costumes.

... ..

O poeta ministra azo a ser estudado sob diversas faces, e, em cada uma, encontram-se novos elementos para indispensáveis apreciações criticas, para descreminar as relações de natureza physio-psychica, assim como as afinidades que ligam o auctor ao traductor.

Raros são os criticos verdadeiramente psychologos, como fôram Taine em França e alguns doutos na Alemanha e na Inglaterra, os quaes gozaram reputação de incontestavel competencia. Em França, por exemplo, Villemain dissertou a proposito das obras de lord Byron na velha Sorbonne; succedendo a criticos do seculo XVIII, julgava que a sua missão devia iniciar a mocidade no movimento novo do pensamento do seculo que começava. Espirito brilhante, aligero, o professor tocava em tudo, coloria quadros com graça e elegancia e não aprofundava as analyses: a sua critica era mais eloquente do que philosophica.

Gustavo Planche foi mais esthetico, apurava os assumptos sob pontos de vista differentes. Taine mostrou-se por de mais positivista; inventou a faculdade *maitresse e a influencia do meio*. Renan é propriamente um fulgurante estylista e *dilettante*. Sainte-Beuve, que empunhou, por longo tempo, o sceptro da realza da critica, bem considerado, é um chistoso conversador, cheio de espirituosas anedoctas. Elle proprio diz de si — *j'ai en moi plusieurs sentiments contradictoires et comme des hommes divers, qui se combattent... Je suis curieux et le spectacle des choses humaines m'amuse*. Eis ali um voluptuoso, que professa a critica a seu modo. Aprendemos algumas coisas em suas paginas, mas ficamos ignorando muitas outras.

Philarète Charles, escriptor nervoso, ou J. Janin, fazedor de periodos sonoros, e alguns outros notaveis não nos dizem grandes coisas acerca do auctor de *Child Harold*. Mas o leitor dum livro não será o critico mais competente? Não saberá distinguir o que lhe agrada, ou desagrada, e o joio do trigo?

Emfim, vimos, em nossos dias, varios generos de critica — a da escola moralista; a puramente litteraria com Brunetièrre á frente; a analytica e psychologica, até — uma *novidade nova* — a *Esthopsychologia*, sem falar de outros generos. E', pois, evidente que não ha carencia de medidas para avaliar a estatura das pequenas ou grandiosas individualidades litterarias: processos, theorias de critica, de certo, superabundam. Pois bem: não

será temerario e insustentavel affirmar, alto e bom som, que nenhum critico até hoje estudou *cabalmente* o prodigioso vate inglez.

Não se me dá, a mim, do juizo vulgar, sedição e, ás vezes, frivolo, dos que vozeam: Byron está definitivamente julgado. Ah! esse juizo póde ser acceito por muitos; mas que importa, si anda existem espiritos independentes que o desdenham e não n'o reputam veridico? Os crentes musulmanos não discutem; os revéis pensam que Byron não está completamente estudado, nem criticado para ser definitivamente julgado.

E que poeta genial já foi definitivamente julgado? No proprio seculo XIX, por varias vezes e por differentes escriptores, não fôram interpretados e explicados, sob pontos de vista novos, os poemas de Homero ou de Eschylo, de Dante e de Shakespeare?

Eschylo e Virgilio, por exemplo, desde os tempos medievaes até hoje, téem sido objecto de repetidos estudos e exames. Entretanto, elles receberam a consagração dos seculos. Eschylo, genio solenne e grandioso, antigo já na antiguidade, (segundo o conceito dum critico moderno) potente evocador de velhas theogonias, cantor inspirado das forças primitivas, das divindades archaicas e dos herões antigos, teve o poder de lançar nas almas dos povos emoções violentas, de envolta com o terror religioso, ou o patriotismo exaltado. Quantas apreciações differentes suscitaram as creações geniaes, que deslumbraram os gregos e fazem a admiração dos modernos!! Os assumptos de seus poemas são taes que exhibem misturadas a tragedia com a epopéa, repassadas de graça e de ternura, de violencia e de pavor.

Não se tentou, por longo período da humanidade, estudar e penetrar a alma casta e piedosa de Virgilio, murmurando — *sun lacrymae rerum*? Acreditou-se que elle tivéra a intuição do christianismo, (1) vivendo na éra do polytheismo. A theologia da Edade-Média considerava o vate da *Eneida* um inspirador, e por isso Alighieri Dante, que comprehendia o seu tempo, tomou-o por — *duca e maestro* — nas peregrinações do Inferno. Virgilio, desde a antiguidade, bem conhecido e admirado, dá ensejo e serios estudos na posteridade. (2)

Os genios creadores não téem patria; pertencem á humanidade inteira; vivem em todos os seculos; são contemporaneos de todas as gerações que se succedem. Esse, tambem, o privilegio de Byron; por consequente, traduzir, hoje, os seus poemetos, como magistralmente acaba de fazer um dos nossos magnos pontífices da litteratura, não é sómente realisar radiosa e admiravel evocação; pelo contrario,

expõe á contemplação apaixonada dos leitores actuaes um contemporaneo de todas as epochas.

Eis ali o proposito do traductor de *Mazeppa*, *Giaur* e *Parisina*. Dizer como se desempenhou dessa melindrosa e ardua tarefa é, dalguma sorte, difficil, porque o esmerado trabalho dessas trez versões exige uma apreciação escrupulosa, lucida e justa. Em verdade, um traductor, que reproduz com exactidão e emoção a realidade que o poeta viu, tem, de certo, grande merito; pensa, sente e vê da mesma fórma: o genio do auctor infunde-se na alma do traductor. Só dois espiritos, dotados da mesma opulencia mental, da mesma energia de expressão, da mesma abundancia de sensações, produzem a mesma obra. Assim que é difficil aclar os liames, que os prendem (o auctor ao traductor), porque são invisiveis, mysteriosos, como todos os phenomenos psychicos. Esses liames e afinidades revelam-se apenas, mostrando a identificação das duas almas de poetas — do inventor e do reproductor; indicando as causas do sentir e pensar communs: revelam as emoções inopinadas das subitas inspirações do artista, nas quaes o auctor e traductor rivalisam e egualam-se. Justamente entre Byron e o sr. de Parauapiacaba, nota-se essa coincidência sempre frequente. Onde Byron altêa a vóz e blasphema como reprobos; onde, louco de orgulho, quer, como o Satanaz de Milton, atravessar o espaço, levando tudo de rojo, tambem o traductor apresenta os mesmos effeitos, que supõem as mesmas causas.

O sr. de Parauapiacaba, talvez sem querer, deixa os leitores curiosos devassar-lhe o intimo do pensamento.

E' notavel o seu talento de traductor. Rarissimos escriptores possuem tal privilegio. Já traduziu o *Focelyn* com a mesma viveza das emoções da alma pudica e religiosa de Lamartine.

Já verteu o livro das *Fabulas*, com a ingenua malicia e graça do velho Lafontaine. Onde Felinto Elysio (outro traductor) causa fadiga e aborrecimento, pelo abuso das periphases, o senhor barão de Parauapiacaba usa de expressão que conserva a naturalidade, a lucidez das idéas e propriamente o estylo conciso e o dizer chistoso do original. Julga-se que o espirito do fabulista francez fundiu-se no do traductor brasileiro e não achou nenhuma afinidade no do afamado classico portuguez, que só por si, valendo mais que uma academia, era, comtudo, intoleravel versificador. (3)

E' um segredo do privilegiado talento do traductor do *Focelyn*, o ser apto a interpretar e exprimir as emoções de temperamentos diversos, como os de Lamartine, Byron e Lafontaine. Espirito rico de seiva, o traductor



brazileiro possúe a força de espantosa faculdade de assimilação; o seu pensamento e a fôrma do verso adaptam-se, dum modo maravilhoso, ás versões, que tem empreendido com esmero de consumado poeta artista.

Observa-se, nas versões do sr. barão de Paranapicaba, o tom de cada uma harmonisar-se perfeitamente com a natureza do assumpto, por mais diferente que seja. *Parisina*, *Mazeppa*, *Giaur*, a *Marmita*, de Plauto, as *Fabulas*, de Lafontaine, o *Focelyn*, de certo, não se parecem e não são creadas pelo mesmo sopro de inspiração. Essa difficuldade, porém, é vigorosa e brilhantemente superada pelo fecundo e multiplo talento do traductor.

A observação mostra, quanto a *Mazeppa*, *Giaur* e *Parisina*; são personagens, representando actos diversos; cada qual de character singular. Nellas o opulento genio de Byron ostenta as magnificencias de sua inspiração creadora; o traductor vigorosa e galhardamente o acompanha. E' dever da critica assignalar essas bellas variedades, que são verdadeiras e preciosas riquezas do espirito.

Na versão de *Giaur*, por exemplo, não só a metrificacão é grandiosa, mas foi mantido o movimento dramatico, que a situação do personagem desenvolve perante o espectador. Em *Parisina*, a corda já tem outra vibração e a musa brasileira a reprodúz de maneira que toda a melodia, terna e suspirosa, entra-nos pela nossa alma e parece que a respiramos com delicia. A identificação de dois espiritos é um facto psychologico, umas vezes se diço, outras rarissimo, porque depende dum concurso de circumstancias. Ora, para exprimir, com tanta exactidão, o pensamento, as emoções dontrem, é indispensavel sentir, pensar da mesma sorte e possuir igual poder de expressão; duas coisas raras e admiraveis. Si Byron, aqui, tem o estylo brilhante, a côr local vivissima, a melodia pungitiva e deliciosa, como a saudade; allí, emprega versificação energica, violenta, terrivel, como a lufada do bulcão procelloso; por sua vez, o traductor brasileiro rivalisa e apresenta as mesmas qualidades e sabe, qual amestrado e bem inspirado artista, reproduzir o quadro, embeber na téla com o pincel as emoções da sensibilidade, ou os esplendores da phantasia.

As creações do genio de Byron ficam gravadas nos soberbos e marmoreos versos do sr. barão de Paranapicaba.

Releva, tambem, admirar no traductor brasileiro, não só a espontaneidade do talento, que, simultaneamente, reprodúz *Giaur*, *Parisina*, *Mazeppa*, mas a intensidade do sentimento, manifestando-se na florescencia e no colorido calido, nos cambiantes de luz e sombras, nos assomos

de furia, nos enlevos de ternura, na suavidade e unção das phrases, na melodiosa versificação — cinzelada com primorosa arte: sem duvida, é a obra peregrina dum creador e não de méro reproductor.

Quando estas qualidades assignalam a culminancia, com que paira e se libra o vate brasileiro, attentamos noutra especialissima, que, quasi nunca, se nos depara nos escriptores artistas e poetas, isto é, a grandeza d'alma, com que se resigna ao segundo plano, que ao traductor cabe; contenta-se com ser o interprete do pensamento de outrem, quando pela pujança das faculdades creadoras, pela exuberancia do proprio genio, tem, de veras, forças para remontar-se ás espheras da poesia; é acto que comprehendemos e applaudimos; todavia, sentimos que nem todos nós sabemos pratical-o.

EUNAPIO DEIRÓ.

(Continúa)

(1) Hist. des litteratures cont.

(2) Vide o livro de Sainte-Reuve e as innumeradas traducções das obras de Virgilio nas litteraturas dos povos modernos.

(3) Garrett, na introdução do *Parnaso*, fôrma tal juizo a respeito de Felinto Elysis; pelo contrario, Castilho, no prologo da traducção das *Melamorphoses*, diz que nos versos de Felinto pôde despedaçar-se um galção da India.

## PAGINAS ESQUECIDAS

Contrariamente ás suas tradições, o Apostolado Positivista tem feito silencio em torno do recente projecto do deputado Souza, de Pernambuco, propondo a mudança da bandeira nacional. E', pois, interessante reproduzir o que elle, em 1893, pregou pela palavra do sr. Miguel Lemos.

### A BANDEIRA NACIONAL

Chegamos agóra a outra campanha que tivemos que sustentar para defender a bandeira nacional, que novamente se procurou mudar.

Desta vez, a iniciativa partiu de um deputado, militar, secretario e amigo pessoal do chefe do Estado. Apresentou elle á Camara um projecto de lei, assignado por outros collegas, modificando o pavilhão republicano, de modo a fazer desaparecer delle a calote espherica com a divisa — *Ordem e Progresso*. Era evidente que era este o alvo principalmente visado, por causa de sua origem positivista. Este deputado não o occultou de resto, pois que pretendeu justificar sua proposta dizendo que, visto essa divisa pertencer a uma certa seita religiosa, «respeitavel aliás pela elevação de seus principios», não convinha que figurasse no numero dos emblemas

nacionaes. Confessou, entretanto, que a concepção da actual bandeira era, não só irreprehensivelmente scientifica, mas que ella traduzia ainda o idéal mais nobre a que um povo podia jámais aspirar.

O signal estava dado. Animadas discussões travaram-se, desde logo, sobre o assumpto, e todos os rancores imperialistas, clericales e metaphysicos se desencadearam novamente, e com redobrado ímpeto, contra a bandeira nacional. Os nossos adversarios contavam seguro o triumpho, porquanto as relações intimas que se sabiam existir entre o auctor do projecto e o chefe do Estado faziam suppor que este queria tambem a mudança proposta; muitos diziam, até, que o referido deputado, procedendo assim, obedecia apenas ás ordens do vice-presidente da Republica. O facto é, como esse mesmo deputado o declarou pouco depois em publico, que o sr. Floriano Peixoto era, com effeito, pessoalmente favoravel ao projecto de seu secretario, para o que invocava egualmente a origem positivista da divisa nacional. Porém, esta imprudencia e falta de tino politico da parte do chefe do Estado não deram a victoria aos nossos adversarios, sendo elles obrigados a reconhecer, como vamos ver, que nem sempre basta ser o primeiro magistrado de uma Republica para conseguir o bom exito de projectos capazes de levantar a reprovação dos elementos activos, dos apoios necessarios dessa mesma Republica.

Como era facil de suppor, desde o começo desta nova campanha tomámos a defeza da bandeira nacional. Refutámos, sem custo, todos os sophismas forjados pelos nossos adversarios para justificarem a mudança proposta, e como o auctor da proposição houvesse telegraphado a todos os governadores solicitando-lhes a opinião sobre o seu projecto, dirigiu eu tambem aos mesmos governadores um telegramma annunciando-lhe que, respondendo a uma manifestação popular que acabava de se realizar nesta cidade, o sr. Floriano Peixoto se havia pronunciado a favor da manutenção da actual bandeira. Eu fundava-me numa noticia editorial publicada a este respeito pelo *Diario de Noticias*. Isto, entretanto, não era inteiramente verdade. As palavras attribuidas ao vice-presidente da Republica fôram mal comprehendidas. E para rectificar o sentido de taes palavras, o referido deputado publicou outro telegramma, dirigido tambem aos governadores, affirmando que o chefe do Estado era pessoalmente favoravel á mudança, e pelos mesmos motivos.

A consulta aos governadores dos Estados não produziu um resultado decisivo para a causa de nossos adversarios, porque um certo numero dessas

auctoridades, e das mais conspicuas pelo seu republicanismo, dirigiram-me pelo telegrapho respostas contrarias a qualquer alteração da bandeira actual. Taes fôram os governadores do Amazonas, do Pará, do Ceará, de Pernambuco e do Espirito Santo. O de Santa Catharina tambem telegraphou-nos no mesmo sentido, como ficou consignado na edição franceza desta circular, mas a criminosa cumplicidade dessa auctoridade na actual revolta tira ao seu testemunho todo valor republicano.

Era claro, porém, que reduzidos a nós mesmos, nós não conseguiríamos salvar o emblema legado por Benjamin Constant á sua patria. Felizmente, grande numero de bons republicanos, embóra estranhos á influencia positivista, tomaram a defeza do pavilhão condemnado, julgando pelo menos inopportuna toda mudança a esse respeito. Mas a nota vibrante e decisiva foi dada pelos ex-alumnos de Benjamin Constant, da Escola Superior de Guerra. Esses jovens officiaes publicaram um protesto que repercutiu como um toque de clarim no meio da gritaria e das intrigas de nossos adversarios. Nada pôde demover esses moços (e não se deixaram para isso de empregar ora as ameaças, ora as lisonjas) duma attitude que elles acreditavam lhes ser exigida por um dever inilludível de fidelidade e de veneração para com o Mestre desaparecido. O auctor da proposta tentára, com effeito, novo meio para salvar sua causa. Dirigira-se a todos os commandantes de batalhões e chefes de guarnições consultando-os sobre a substituição projectada. Esperava poder assim oppor o grosso do exercito á elite da mocidade militar e civil. Esta nova inconveniencia, que não pôde aliás ser commettida sem a approvação do chefe do Estado, não teve o resultado esperado. O numero de respostas favoráveis á conservação da bandeira actual foi por tal fórma consideravel e significativo que os nossos adversarios ficaram desnorteados. A partida estava visivelmente perdida para elles, mas nem por isso abandonaram logo o campo. Recorreram a outro processo. O referido deputado propoz então á Camara que a meza dessa corporação se encarregasse, durante as férias parlamentares, de obter de todas as Municipalidades e Assembléas dos Estados do Brazil, sua opinião sobre a mudança da bandeira. Era um ultimo esforço, mas em pura perda. A sessão tocava ao fim, e não tardou em ser encerrada sem que a nova proposta fôsse incluída na ordem do dia. A questão estava definitivamente enterrada. Por outro lado, a maioria da Camara tivéra tempo de reconhecer a inopportuna politica de semelhante mudança.

O assumpto não foi retomado na ultima sessão; não se falou mais nisso, e a bandeira nacional, que parecia vo-

tada a naufragar esta vez sob o pezo de uma poderosa colligação, a cuja frente collocára-se o chefe do Estado, reergueu-se mais forte do que nunca, sustentada por tudo quanto havia de mais puro e de mais dedicado nos arraiaes dos verdadeiros republicanos.

Antes, porém, de travar-se esta grande batalha, um incidente característico em que figurou o bispo desta cidade, serviu, por assim dizer, de preludio ás hostilidades.

Um batalhão da Guarda Nacional teve a infeliz idéa de solicitar desse prelado a benção de sua bandeira. O bispo recusou, declarando ao commandante que não podia abençoar uma bandeira em que se ostentava a divisa de uma «seita». Como este incidente causou certo rumor, julguei dever demonstrar que o sr. bispo laborava em erro qualificando assim essa fórmula, sem deixar, porém, de plenamente reconhecer-lhe o direito que lhe assistia de recusar seu ministerio ecclesiastico sempre que isso pudesse ir de encontro á sua consciencia. Ao mesmo tempo, fiz sobresaír a conducta inconveniente e illegal desse commandante, persistindo em solicitar, a exemplo de muitos outros funcionarios publicos, consagrações religiosas para actos da vida official, num regimen politico fundado sobre a completa separação da Igreja do Estado.

MIGUEL LEMOS,

Director

do Apostolado Positivista do Brazil.

\* \* \*

Um dos mais repetidos argumentos contra o nosso pavilhão é que, segundo a phrase de um velho advogado, elle está de *pernas para o ar*. Eduardo Prado tem um livro em que, além do «desprezo, ou ignorancia da tradição historica», vê «um erro capital de astronomia no plano da bandeira applaudido pelo sr. Teixeira Mendes».

A esse respeito, o dr. Tasso Fragoso, em nome do Apostolado, dirigiu consultas aos professores Cruls, director do nosso Observatorio, e Pereira Reis, da Escola Polytechnica.

DISSE O SR. CRULS

Respondendo á vossa carta em que me pedis manifeste minha opinião acerca da orientação dada á projecção do hemispherio celeste na bandeira nacional, por ter-se affirmado ser ella errada, e havendo mesmo a Sociedade Astronomica de França declarado ser illogica a mesma orientação, apressome em satisfazer o vosso pedido, restringindo-me strictamente aos termos da consulta.

Sou de parecer que não téem fundamento as supraditas criticas.

Com effeito, pela descripção da referida projecção, vê-se que ella representa o aspecto da abobada celeste no

momento em que a constellação do Cruzeiro passa no meridiano, achiando-se, portanto, nesta occasião, simultaneamente o pólo abaixo e a ecliptica acima da mesma constellação; suppor, pois, o norte na parte superior da projecção e o sul na parte inferior, é simplesmente adoptar as convenções usadas para os mappas geographicos. E tanto assim é que a propria Sociedade Astronomica de França o deixou entender quando disse que o dezenhó podia se justificar, pois que se tinha o habito de representar o globo terrestre com o norte acima.

Quanto a querer, na projecção, collocar o pólo sul acima, teria a desvantagem de apresentar o céu em posição inversa áquella em que o vemos, pois que, não sendo, na latitude do Rio de Janeiro, o Cruzeiro uma constellação circumpolar, nunca vemos esta abaixo do pólo, na sua passagem meridiana, e sempre acima.

L. CRULS.

DISSE O SR. REIS

Os habitantes da Terra devem ver o globo terrestre de um mesmo modo: Fôram os habitantes do hemispherio norte, os que, considerando a Terra em primeiro logar, collocaram-na sempre vista com o pólo norte para cima. Esta disposição verifica-se em todas as cartas geographicas que até hoje tenho visto, de qualquer dos hemispherios; mesmo em geral nas plantas topographicas. A carta do Brazil tem sido publicada por diversas vezes pelo governo, sempre com o pólo sul para baixo; e ninguem até hoje levantou censura alguma. As cartas de todas as provincias até 1889, e depois as dos Estados téem sempre seguido esta disposição. Si nas cartas terrestres esta collocação tem sempre sido invariavelmente respeitada, não vejo razão de especie alguma para que em relação ao céu seja ella alterada.

Desde 1881 que professo astronomia na Escola Polytechnica. Todas as vezes que tenho de figurar na pedra a esphera celeste, faço-o sempre collocando o hemispherio norte para cima, declarando ao auditorio que assim procedo, não só porque é uma disposição universalmente acceita, como porque é um signal de homenagem que o hemispherio sul presta ao hemispherio norte, de onde tudo recebeu.

Quanto ao parecer da Sociedade Astronomica de França, para mim não merece consideração. Os francezes credores de veneração são os que contribuíram para a fundação da astronomia: nem todos os contemporaneos são sempre mercedores de acatamento.

Si o pólo sul fôsse na bandeira collocado para cima, eu lavraria meu pro-

testo de accordo com o modo de proceder no curso de astronomia da Escola Polytechnica. A logica que deve impor a collocação do pólo sul para cima na bandeira da Republica, deve tambem servir para a carta geographica do Brazil. Entretanto, o sr. Antão de Vasconcellos nunca reclamou para este caso; nem tão pouco a Sociedade Astronomica de França nunca reclamou para as cartas geographicas do hemispherio sul publicadas na França.

Quanto a mim, tudo isto não passa de pura e simples opposição á Republica.

MANOEL PEREIRA REIS.

\*\*\*

O advogado Antão de Vasconcellos, acudindo ao appello, em plebiscito, do *Figaro*, foi quem, em 1893, disse que a bandeira estava de pernas para o ar. E, logo, fez, nesse sentido, uma pergunta á Sociedade Astronomica de França, que lhe respondeu:

«*Mr Antão de Vasconcellos, à Rio de Janeiro. — Vous avez parfaitement raison; le drapeau du Brésil, pourtant le croix du sud, au dessous de sa bande equatoriale, est à l'envers pour les habitants du Brésil. Logiquement, les habitants de l'hémisphère austral devraient mettre le sud en haut.*»

159

○ A proposito dessa publicação feita na *Cidade do Rio*, fevereiro de 1893, pelo sr. Vasconcellos, o sr. Miguel Lemos escreveu a seguinte nota:

«Relidos os documentos que precedem, depois de recopiados para serem impressos neste jornal, tivemos curiosidade de ler na revista—*L'Astronomie*—o texto reproduzido pelo sr. A. de Vasconcellos. Uma referencia do parecer do sr. Cruls, em que este attribue ao órgão da Sociedade Astronomica de França, palavras que não se liam no communicado do sr. Vasconcellos, fez-nos suspeitar qualquer alteração. Com effeito, tendo obtido o numero correspondente da mencionada revista, qual não foi o nosso espanto verificando que o adversario da bandeira nacional havia supprimido uma phrase inteira, collocada entre as duas por elle reproduzidas!!

A phrase intermédia supprimida é a seguinte: «*Cependant le dessin peut se justifier, parce qu'on a l'habitude de représenter le globe terrestre avec le nord en haut, la civilisation étant venu de l'hémisphère boréal.*»

E então?... Como qualificar semelhante procedimento?. Bom meio, na verdade, de «confundir os ignorantes»!

Quanto a nós, apenas diremos que, si menos confiados na bôa fé do communicante, honvessemos verificado logo a falsificação do texto da res-

posta dada pela revista da Sociedade Astronomica, teriamos poupado aos srs. Pereira Reis e Cruls o enfado de interporem parecer sobre tal questiunçula, e nos teriamos limitado a restabelecer o texto truncado.

Era quanto bastava para que o publico pudesse formar o seu juizo.»

\*\*\*

Tambem reproduzimos o protesto, publicado em setembro de 1892, dos officiaes da Escola Superior de Guerra, a que, na sua *Chronica Politica*, se refere Pojucan.

#### ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA

As graves reacções provocadas pelo projecto, em si mesmo mais ridiculo do que odioso, com que levianamente se pretende profanar a memoria do Fundador da Republica Brasileira, mascarando, por uma imitação empirica e servil, a verdadeira filiação historica de nossa nacionalidade, acabam de romper fatalmente com o firme proposito que, de ha muito, haviamos formado, no intuito de manter um silencio systematicamente convencionado em face de todas as veididades oriundas de nossa verbiagem inconsciente, preposta a uma politicagem indecente e corruptora.

Patriotas como os que mais o são, sentindo, entristecidos, as difficuldades de todas as naturezas que se antolham ante o magno problema da reorganisação da Patria, faziamos o possivel por evitar intervenções que pudessem dar pasto ás reclamações calumniosas e hypocritas de nossos gratuitos des-affectos.

Certos, finalmente, de que a immutabilidade, philosophicamente constata da, da evolução humana, não comporta o capricho e as manhas de nenhuma individualidade, quaesquer que sejam as paixões dominantes, esperavamos, na triste expectativa dos momentos angustiosos, que a marcha irrevogavel dos nossos destinos determinasse uma ordein mais digna e mais adstrita á superioridade moral de nossa raça.

Nessa situação, encontrou-nos o projecto com que hoje se pretendem esmagar as aspirações unanimes das patrias brasileiras, collocando-nos em uma posição equivoca e desgraçadamente ridicula perante o mundo.

Aquelles que comprehendem a significação exacta do que a linguagem humana exprime pelo vocabulo — Dever —; aos que sabem medir a grandeza moral do objecto amado; finalmente, áquelles que conhecem o culto de extremada veneração que dedicamos á memoria de Benjamin Constant, o unico homem de estado brasileiro que soube honrar dignamente a sua patria, a partir do eminente José Bo-

nifacio; a esses, não parecerá estranhavel a nossa attitude perante os conflictos possiveis a que póde dar logar o desvairamento daquelles que desde já responsabilisamos por todas as consequencias deste acto de degradação moral.

Assim, pois, unanimemente solidarios, como em todos os momentos decisivos, certos de que defendemos os altos interesses humanos, repellindo energicamente a extrema ouzadia de paixões desenfreadas, tendo de nosso lado, secundando-nos no cumprimento de nosso dever, a attitude passiva, porém francamente sympathica, da élite da população brasileira, vimos, em linguagem de gente que desconhece e odeia os subterfugios das tricas parlamentares e as subtilidades peculiares aos flexiveis politicões deshonestos, motivar a attitude que a nossa dignidade nos impõe.

Em primeiro logar, protestamos corajosamente contra o character leviano e altamente criminoso desse projecto, que ameaça esphacelar a Patria, decompondo-a em dois campos rivaes, e quiçá fomentando conflictos materiaes insuperaveis, no momento mesmo que é stricto dever de todo cidadão honesto afastar os mais simples embaraços que possam complicar a nossa situação intellectual e socialmente revolucionaria.

Absolutamente injustificavel, ostensivamente retrogrado e anarchico ao mesmo tempo, esse projecto e seus auctores merecem a repulsa de nossos sentimentos e a suprema condemnação de nossos pensamentos.

Em segundo logar, o nosso modo de encarar a instituição normal da bandeira de uma nacionalidade não nos permite reconhecer competencia em quem quer arrogar-se o direito de fazer invenções a seu talante.

Assembléa ou chefe de Governo não téem absolutamente attribuições neste sentido. Em cada epocha, a bandeira resume as aspirações triumphantes, e surge naturalmente com a revolução que impoz o ascendente legal dellas. E' por isso que a nossa bandeira só podia ser normalmente instituida, como felizmente o foi, pelo chefe eminente da revolução de 15 de novembro.

Por outro lado, é simplesmente monstruoso arrogarem ao symbolo da Republica o *grande defeito* de conter em sua divisa as aspirações daquillo que a bacharelize desastrada chama de seita. Esse mesmo motivo procederia, aliás, para repellir a propria Republica, pelo facto de tambem ter sido fundada pelo mesmo cidadão que, de ha muito, fazia alarde de seus sentimentos positivistas. Mas se comprehende a natureza hypothetica dessa supposição, que, de nenhum modo, conviria aos membros desse mesmo Congresso que fez a apothose de Benjamin Constant, proclamando-o Fun-

dador da Republica Brasileira e modelo de virtudes aos seus futuros presidentes. Dada a natureza positivista das aspirações do eminente brasileiro, que outra orientação poderia elle dar á politica republicana de nossa Patria? A qualquer homem honesto póde, pois, admirar que o nosso mestre inscrevesse na bandeira que elle nos legou a divisa que de facto correspondia á plenitude de seus sentimentos patrióticos? Ou esperavam que Benjamin Constant tivesse a conducta de qualquer ambicioso vulgar, acceitando a definição de Talleyrand sobre a significação dos vocabulos?

Tudo isso não póde ser reputado coisa seria, e si a parlamentarice de nossos charlatães politicos não nos fôsse bastante conhecida, seria o caso de termos um pouco mais de consideração, visto tratar-se então de um caso constatado de pathologia cerebral.

A bandeira republicana póde, pois, abrigar em sua sombra protectora todos os brasileiros honestos; ella póde, pois, constituir-se o centro de convergencia de todos os brasileiros que sabem ser dignos, venerando a memoria de seus maiores compatriotas. Ella não póde, sim, abrigar paixões pouco dignas porque synthetisa a grandeza moral de um homem a cujo rasgo de civismo devemos o acontecimento politico que mais honra nossa Patria; ella não póde tambem abrigar aquelles que abusam da falsa e dinheirosa posição que devem ao esforço social e á condescendencia habitual de Benjamin Constant para desrespeitar indignamente a sua memoria.

Agóra, si por uma dessas aberrações moraes a que desgraçadamente a humanidade está sujeita, esse projecto merecer a sanccão legal de todos os nossos poderes constituidos, a bandeira republicana que possuímos, feitura e mimo das filhas do nosso mestre, ficará sendo o estandarte da nossa Escola, e guardal-a-emos religiosamente até que dias mais felizes nos permittam collocal-a sob a guarda de um governo honesto, que tenha em si mesmo o impulso bastante nobre para saber amar a memoria sagrada do Fundador da nossa Republica, não permittindo jámais os insultos que vão se tornando habituaes.

Eis ali ás claras, cumprido o nosso dever, satisfeita a nossa indignação, e esclarecidos os nossos designios.

Capitão Augusto Ximeno de Villeroy, tenente Agostinho Raymundo Gomes de Castro, tenente Gustavo Guabirú, 2º tenente Alarico de Araujo e Silva, 2º tenente Conrado Muller de Campos, 2º tenente Salvador Barbalho Uchôa Cavalcante Filho, 2º tenente João Nepomuceno da Costa, 1º tenente Ticiano Corregio Dæmon, 1º tenente Alfredo Julio de Moraes Carneiro, 1º

tenente Salatiel de Queiroz, 1º tenente Marciano de Oliveira e Avilla, 2º tenente Alberto Peixoto de Azevedo, major Manuel Ferreira Neves Junior, capitão Antonio Fróes de Castro Menezes, alferes Eduino Carpenter, capitão Chrispim Guedes Ferreira, alferes José Fernandes Leite de Castro, 2º tenente Arthur Cezar Moreira de Araujo, 1º tenente Lino Carneiro da Fontoura, 1º tenente Clementino Fernandes Guimarães, capitão Innocencio de Barros Vasconcellos, 2º tenente Melkizedec Lima, 2º tenente João Vespucio de Abreu e Silva, 2º tenente Eugenio Ramos Fillar, 2º tenente Alfredo Vidal, 1º tenente Ozorio de Azambuja Cidade, 1º tenente Mario da Silveira Netto, capitão José da Silva Braga, 2º tenente Fernando Gomes Ferraz, tenente Raymundo Magno da Silva, tenente Aires de Moraes Ancora, alferes Joaquim Candido Cordeiro, capitão Godofredo de Mello Barreto, 1º tenente Victor Eduardo Rozani, capitão José Eulalio de Oliveira, alferes Francisco de Paula Pedro de Alcantara, 2º tenente Silverio Augusto de Azevedo, 1º tenente Francisco Antonio de Arruda Pinto, 2º tenente Antonio Jaci Monteiro, capitão Sebastião Francisco Alves, tenente Innocencio V. Pederneiras, alferes Emilio Braulio de Azevedo Leite, 1º tenente Luiz Ferreira de Mattos, 1º tenente Juvenal Octaviano Muller, 2º tenente Gregorio de Paiva Meira, 1º tenente João Simplicio Alves de Carvalho, 2º tenente E. Vieira Pamplona, tenente Alfredo Eduardo Nogueira, 2º tenente Custodio Cabral de Mello, capitão Honorio Vieira de Aguiar, 2º tenente J. Miguel Ribas, alferes Francisco Antonio de Carvalho.

Escola Superior de Guerra, 16 de setembro de 1892.

## REMINISCENCIAS

ELISÉE RECLUS

A morte é sempre cruel no terminar as grandes mentalidades, quer tenteiando todas as maneiras de destruil-as aos poucos, quer no apagal-as de repente. O desaparecimento das naturezas privilegiadas representa duplo tributo pago á contingencia da materia: a dôr commum e a anciedade de saber quantas evoluções mysteriosas serão precisas no seio do Insondavel para formar-se nova organização que compense a perda da primeira.

Não ha a estranhar, após taes reflexões, o nome de Elisée Reclus, por quem a enorme familia humana está

de lucto. Os entes como Reclus são de todas as casas, de todos os corações.

Demais, Reclus foi hospede do Brazil. Pagou-lhe a hospitalidade escrevendo sobre a geographia patria paginas do mais alto preço. Aqui chegou modestamente, relacionou-se com o escól, investigando, estudando, desenlaçando duvidas com a probidade, a modestia de verdadeiro sabedor; que é só de ineptos o orgulho e a intolerancia. Engenhou um plano de operações scientificas com auxilio de quantos amam o Brazil, julgando-se sempre enganadiço, quando era o que de todos mais sabia.

Dias e dias, passou assim, nesta faina, na fazenda do *Brejão*, residencia de Eduardo Prado, o auctor-prophético da *Illusão Americana*. Algumas horas de proveitoso convívio passou tambem com o visconde de Taunay, a quem se refere na parte relativa ao Brazil da sua colossal e estupenda obra a *Nova Geographia Universal*.

Taunay encontrou-se com Reclus no hotel da *Villa Moreau*, quasi na raiz da serra da Tijuca, hotel alcandorado num morro pittoresco, suspenso entre verduras com a estreiteza de um ninho de aguia no rochedo. Ninho de aguia, foi durante algum tempo a *Villa Moreau*, emquanto lá esteve Reclus. E se as casas conservam o espirito dos que as habitaram, a *Villa Moreau* deve guardar na formosura edénica da natureza brasileira alguma coisa do *quid* espiritual de Elisée Reclus, de Luiz Conty, que lá morou e morreu.

Reclus pouco se demorava no hotel, sempre desejoso de amontoar dados para o conseguimento de sua grandiosa obra, no sopé da qual o *exegi monumentum* de Horacio parece amesquinhado. Quando, porém, Reclus ficava no hotel para as refeições, os hospedes presenciavam o estranho e pouco commum espectáculo de um homem a ter livros sobre a mesa e a rabiscar notas em cadernos no curso do repasto. Emquanto Reclus conversava com os interlocutores, mal comia. Se alguma coisa o impressionasse, bem depressa o lapis corria sobre o papel a semear notas e noticulas, grãos de areia para a grandeza de futuros aliterceres. Era excellente escriptor, mas um pessimo conviva.

A conversa de Reclus mostra a sin-

geleza, copia de sciencia, e a nobre curiosidade de saber. Deleitava instruindo, e quando elle, Reclus, terminava, a gente se sentia como que ao peso da irrogação de uma pena. Com aquelle homem, as sopas esfriavam facilmente, tal a attração de sua palestra pittoresca, pinturesca, viva, motejada, intellectual, acalmada apenas pela noite.

As idéas scintillantes, originaes, fervilhavam na conversa do grande poeta Reclus. Assim, elle sustentou um dia, num dos taes almoços, mais decorativos de que comidos, ser bem provavel que o veio ethnographico lusu se perca na substancia africana. Mas com que espirito delicado, *prime-sautier*, explanou a these, com que erudição!

Grande poeta — assim chamei eu acima a Elisée Reclus. Sim, um maravilhoso poeta em prosa. Ronsard só admittia na obra divina da poesia «os homens consagrados desde o berço e dedicados a este ministerio». Ronsard poderia acolher Reclus. A geographia, mercê do cerebro de Reclus, tornou-se a historia de penetração da alma da Terra pela alma humana. Transformou-se. Não foi mais arida nomenclatura; tornou-se uma sciencia variada, infinita, cheia de encantos, approximadora dos grupos humanos, que nas paginas de Reclus aprenderam a amar-se e a conhecer-se. A geographia, depois de Reclus, entrou pela poesia sem perder a austeridade scientifica.

E outra virtude da alma de Reclus, além do seu genio e da sua elevação moral, era a gratidão, gratidão que transparece da seguinte carta, referente á morte do visconde de Taunay, e dirigida ao irmão do morto, dr. Sofredo Taunay

*Mon cher monsieur.*

*De graves évènements, la mort d'un frère, des voyages m'ont empêché de recevoir votre lettre aussitôt qu'elle était due, et vous m'avez peut-être accusé d'ingratitude.*

*Bien à tort, car j'éprouvais une grande affection, une vénération bien sincère pour cet ami qui m'avait si généreusement accueilli sur la terre étrangère et m'en avait si noblement et avec tant de sollicitude expliqué le génie. Maintenant, il me semble que là-bas, dans ce*

*Brésil si beau, il manque pour nous une lumière.*

*Je vous remercie très cordialement des paroles aimables que vous ajoutez à la cruelle nouvelle et vous prie d'agréer l'expression de mes sentiments respectueux.*

*Elisée Reclus.*

Estas linhas expressivas de Reclus, na feitura singela, não vêem acaso provar o provado, isto é, que a modestia representa o perfume de todas as qualidades reunidas num grande coração?

ESCRAGNOLLE, DORIA.

## O ALMIRANTE (39)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XVIII

A concorrência aos salões da marquezia se restabelecera lentamente, proporção que se apagava a forte impressão do levante de quinze de novembro. Voltaram os tímidos, muito cautelosos de arriscarem os seus interesses frequentando uma casa onde se tramava contra o governo constituido; volveram tambem os indifferentes, que alardeavam serem completamente alheios á politica, coisa feita para os exploradores que nada tinham a perder; reapareceram, muito acanhados, os adhesistas, o maior numero dos que se haviam consolado ás circumstancias e submettido á imperiosa pressão dos factos, abrigando-se todos nas condições pessoas de impotencia para a resistencia, no futuro da familia e na iusania do sacrificio por culpas alheias, erros dos homens que haviam arruinado o Imperio, que não souberam amar quando florescente, nem defender quando chegou a terrível hora do perigo.

O conselheiro, a instigações da mulher, fôra ao marechal Deodoro fazer acto de obdiencia, e não se saíra mal porque elle, o homem do momento, archi-poderoso e bastante nobre para não abusar de sua victoria, lhe promettera reconhecer os meritos dos velhos servidores da Nação. Custou isso ao bom velho uma pungente violencia aos seus habitos de retraimento, ás suas tradições de recato excessivo; mas d. Eugenia lhe ponderára que seria loucura, seria um sacrificio inutil essa dedicação posthuma a uma instituição que só tombára esphacelada, sem amigos, como um defunto sem choro, porque nunca quizeram ouvir os sabios conselhos dos servidores leaes, desinteressados.

O sacrificio foi bem compensado, porque ao ex-veador fôram reconhe-

cidos os direitos adquiridos e pagos os vencimentos do cargo extincto. E elle proclamava, com entranhada convicção, a sua fé no governo democratico, que se radicava no coração do povo por esses e outros actos de inequivoca justiça. Seria uma iniquidade recaírem sobre brasileiros tão distinctos, cidadãos tão eminentes, as consequencias dos erros da dynastia.

O desbragamento de linguagem de Souza e Mello já figurava como nota dissonante nos sarás da marquezia de Uberaba. Elle proclamava por toda a parte, em todas as occasiões, que dalli rebentaria frondoso, pujante de seiva o terceiro reinado, reatando brillantemente a solução de continuidade aberta pela revolução na benemerita carreira da casa de Bragança, eternamente ligada ao coração dos brasileiros e depositaria, por delegação divina, dos destinos do Paiz. E tanto falou que os radicaes consideravam o palacio um ponto sombrio; indicavam-no como um covil de monarchistas ou de cidadãos suspeitos á Republica, suspeita que envolvia tambem Oscar.

O conselheiro procurava, em vão, cohibir as irrupções opposicionistas de Souza e Mello, lembrando-lhe que lhe cabia, como republicano historico, grande responsabilidade na revolução, como sementeiro das idéas, que fôram germinando na sociedade até produzirem aquelle inopinado resultado. Era curiosa, contraditoria, aquella attitude de revolta ante as consequencias fataes de uma evolução a que elle déra impulso. Não procedia a justificação da falta de oportunidade e a inconveniencia do processo: nessas propagandas, ninguem poderia determinar o momento da maturidade das idéas, assim como não se pôde prever o momento em que o fructo cairá desprendido naturalmente do galho, abalado por mãos sollicitas ou sacudido pela furia de um tufão, tanto é verdade que os processos, nessas crises sociaes, surgem do inopinado, do capricho das circumstancias. E o conselheiro demonstrava, com certo calor erudito, que a historia estava cheia desses exemplos da intervenção do cidadão armado, na politica, encorporando-se aos revolucionarios na conquista das idéas do povo ou privando os tyrannos dos meios de reacção. Além disso, não era inspiração do patriotismo perturbar a obra realisada sob tão promettedores auspicios, lançando o Paiz na voragem da contra revolução, que seria mal maior, de consequencias, sob todos os pontos de vista, funestas.

Sergio de Lima, eleito deputado á Constituinte, continuára a frequentar os salões da marquezia, onde attraíra outros amigos e collegas de accentuado destaque na politica. Elle secundava o conselheiro na campanha con-

tra os incessantes e vehementes ataques de Souza e Mello, cujo espirito de opposição systematica se comprazia na lucta com aquelles dois adversarios, superiores pela illustração e pelo talento: o conselheiro, representando as tradições, a experiencia; Sergio, as tendencias modernas, o espirito da democracia, construindo nas ruinas do Imperio as novas instituições, realizando as reformas radicaes que estavam, havia cincoenta annos, na essencia das aspirações nacionaes victoriosas pela revolução.

Como exemplo disso, citava o conselheiro a separação da Igreja do Estado, trabalho herculeo, que resistira aos mais decididos esforços dos mais possantes estadistas do Imperio, realisado por um simples decreto do Governo Provisorio, assim como a instituição do casamento civil, reformas sociaes que, havia pouco tempo, eram calorosamente advogadas por Souza e Mello, nas suas invectivas contra o regimen monarchico pautado pelos velhos moldes, anachronicos, estereis, da Casa de Bragança.

Sergio de Lima, com a palavra florida e quente, que lhe conquistára já um logar de honra entre os oradores parlamentares, trazia, frequentemente, á discussão essas e outras reformas, como prova evidente da maneira por que o primeiro governo da Republica interpretava, fielmente, os sentimentos da Nação e ia ao encontro das suas aspirações, conciliando o passado com o presente, evitando os choques e aplainando o terreno para o complemento das conquistas da sciencia e da civilisação. Essas reformas eram phantasmas que o Imperador nunca ousára defrontar, com receio de que ellas despertassem a reacção do espirito sectario e lhe abalasses os fundamentos do throno.

Souza e Mello não se rendia; appellava para o futuro e vaticinava coisas horriveis, no momento do despertar do povo do estupor provocado pelo levante militar, quando a pleiade de poder desvairasse a cabeça desses estadistas occasionaes, improvisados, e restituisse ao povo o sentimento exacto da situação a que fóra de surpresa arrojado. No estado normal — affirmava elle — o povo brasileiro jámais accitaria essas reformas, que lhe ferem profundamente as crenças e as tradições, derrocam os altares e destróem as bases essenciaes da familia, da sociedade. Todos esses actos temerarios, imprudentes despertarão infallivel reacção quando o povo fôr restaurado á posse de si mesmo.

—Mas o senhor, meu caro mestre—ponderava-lhe Sergio—no tempo da monarchia, pugnava pela separação da Igreja do Estado, pelo casamento civil, pela grande naturalisação, pela secularisação dos cemiterios, por todas

essas reformas que, então, eram indispenzaveis e, agora, constituem uma calamidade social.

—E' que, naquelle tempo,—respondia o advogado—eu era arrebatado por uma corrente de idéas dependentes da sancção nacional manifestada pelo poder legalmente constituído. Agora, o caso é muito differente: um governo de occasião, improvisado, não tem delegação legitima para resolver esses problemas, que deveriam ser tratados pelo poder legislativo quando a Nação fôsse chamada a se manifestar sobre a revolução.

—Os resultados seriam os mesmos, porque—replicava Sergio de Lima— a Nação accitou francamente essas reformas. Além disso, meu caro mestre, o processo não é novo: o fundador do Imperio prescindiu da opinião nacional para nos outorgar a Constituição.

—Diz muito bem—aparteava o conselheiro—A Constituição que nos regeu durante mais de sessenta annos, não foi obra do povo pelo seu parlamento.

Essas discussões descaubavam para o divorcio. Nesse ponto, porém, o conselheiro se retraía, julgando que a lei do Governo Provisorio era sufficiente por enquanto. Demais, elle achava que o terreno era algo escabroso para ser tratado no seio da familia e por senhoras que eram, aliás, as mais interessadas, como mães de familia, naquelle transcendente assumpto.

Dolores era partidaria do divorcio completo, partidaria imparcial porque, completamente feliz e habituada ao suave jugo do vinculo indissolúvel, ella jámais recorreria á separação definitiva. Mas conhecia grande numero de infelizes, acorrentadas ao grilhão nefasto, como companheiras de galé dos maridos infames, criminosos. Não era justo soffrerem as innocentes as consequencias de crime alheio.

D. Eugenia pugnava pela indissolubidade. Seria melhor, mais vantajoso para a familia, manter o casamento como estava, do que abrir a porta á incontinência das alianças levianas contraídas sem criterio, sem consciencia, na esperança de poder ser quebrada quando viessem a saciedade, e o aborrecimento. Demais, uma sociedade de divorciados seria immoral, indecente, uma torpeza que os nossos costumes innocentes não comportariam.

Sergio de Lima, para quem ellas appellavam, como legislador, tendia para as idéas conservadoras. A sua educação catholica lhe impressionava ainda fortemente o espirito, e elle receiava que o remedio reclamado para o pequeno numero de naufragos do casamento, redundasse em grave lezão aos sentimentos e interesses da grande maioria da Nação.

Essas discussões se estendiam, ás vezes, além dos limites das materias que podem ser impunemente tratadas

num salão; mas, apesar dos esforços do conselheiro para contraíl-as ao terreno innocuo de uma ligeira troca de idéas, era o assumpto de preferencia. Em vão, elle recommendava á esposa se abstivesse dellas; d. Eugenia, cujo espirito combativo se desamordiaçara depois de serem reconhecidos pelo Governo Provisorio os direitos adquiridos do marido, não se podia conter, considerando um indeclinavel dever de mãe de familia, combater o divorcio em todos os terrenos.

Affluíam tambem ás recepções da marquezia jornalistas, homens de letras, os velhos personagens de nota, amigos do marquez e os novos que, como Sergio de Lima e seus collegas, perfaziam um brilhante contraste naquella roda de primor que relembrava a Souza e Mello a comparação com o palacio Rambouillet, um luminoso foco espiritual, irradiando no meio da obscuridade da demagogia, servida por mediocridades, por incapazes, a vaza que a agitação trouxera á tona.

Essas reuniões eram a mais querida distracção da marquezia, que parecia reviver, readquirir as forças, assistindo ás discussões, aos choques de idéas, como uma torrente que por alli passasse, denunciando uma actividade energica, intensa, muito propicia á idéa fixa sempre accessa no seu cerebro. Ella comprehendia que o isolamento seria a morte de suas aspirações, seria a renuncia á função de que se julgava investida, a obra de reivindicacção que seria a sua gloria suprema.

Nessa noite, a familia do conselheiro chegára mais tarde, porque o emiunente homem faltára á sua hora exacta de jantar, retardado por affazeres supervenientes, como ficou dito no primeiro capitulo desta narrativa.

Notaram todos que o conselheiro estava meos expansivo, e d. Eugenia condescendera com a recommendação de se abster da politica. Elle estava, com effeito, preocupado com a grave questão proposta pelo Instituto Historico—determinar o sitio exacto da execução de Tiradentes, e tinha, como elle disséra, dentro do cerebro, o protomartyr da Republica e a forca.

(Continúa);

#### RECEBEMOS

— *Documentos* para a historia da conquista e colonisação da costa de léste—oeste do Brazil; edição da Bibliotheca Nacional.

— *Catalogo* dos Retratos, colligidos por Diogo Barbosa Machado, tomo VIII; edição da Bibliotheca Nacional.

— *Relatorio* que ao dr. J. J. Seabra, ministro da Justiça e negocios Interiores, apresentou em 15 de fevereiro de 1904, o director da Bibliotheca Nacional, dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.

O trabalho typographico dessas tres brochuras, que nos enviou o illustre funcionario, é irreprehensivel e foi feito nas officinas da Bibliotheca.

## LADAINHA DO ODIO E DO AMOR

## I

O' tu que fulguraste em minha desventura  
Como um raio de luar por uma noite escura,

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

O' tu que a morte lenta e a agonia sem fim  
Do Ciúme e do Amor eternisaste em mim,

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

O' sêr espiritual ! Estranha Seraphita,  
Infinita no Amor, e na Dôr infinita !

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

O' filha da Volupia, ó rubra encarnação  
Do Desejo, do Gozo, e da Procreação !

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Pelo bem da illusão, pelos sonhos sem termo  
Que lançaste em meu peito amortecido e enfermo,

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Pelo mal do ciúme, e pelo eterno mal  
Com que se me afigura a belleza immortal,

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Pelas horas de suave e serena alegria  
Que a sorrir derramaste em minh'alma sombria,

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Pelas noites de insomnia e pelo que soffri  
Crendo que o amor idéal se perpetuava em ti,

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Olliando o teu olhar, sorrindo ao teu sorriso,  
Foi-me todo o teu rosto a visão dum paraizo !

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Amando o teu delirio e a tua carne em flôr,  
Julguei-te a encarnação da Volupia e do Amor !

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Muita vez pude ver, em suave, em vago sonho,  
Na tristeza do occaso o teu labio risonho !...

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Quando a noite descia e enfumaçava o ar,  
Era em teus braços doce enlouquecer e amar !

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

Ajoelhado a teus pés, tempo houve em que eu dizia,  
Todo chiméra, todo alma, e todo poesia :

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !

Hoje — máu, e aspirando á terra, á cinza, ao pó ! —  
Direi eternamente, eternamente só :

Maldita sejas tu por toda a minha vida !

## II

## Prece

Bem dita sejas tu por toda a tua vida !  
Pela recordação do nosso grande amor  
E por esta subtil saudade indefinida !

Mas por tua traição, minha odiada e querida,  
Pelo meu tédio immenso e desesperador,  
Maldita sejas tu por toda a minha vida !

OCTAVIO AUGUSTO.

## ESTRELLA POENTE

Amada minha, vês, além, sobre a montanha,  
Essa estrella que váe baixando lentamente ?  
Como uma abelha d'oiro, ella pouza, tremente,  
Sobre o pincaro escuro — alta, soberba, estranha.

O espaço inda uma vez de claridade banha,  
— Relampago ~~de~~ vino — e logo, de repente,  
Hesita, bruxoleia e afunda-se no poente...  
Uma saudade immensa e subita a acompanha.

Vês, Anrada ? Apagou-se a estrella mysteriosa,  
Como anjo que tombou, perdido o deslumbrante  
Paraizo de amor ; como flôr luminosa

Que se desfolha ; como o Adeus de uma alma errante ;  
Como o profundo olhar de uma amante amorosa,  
Que ao morrer nos fitou no derradeiro instante !

LEOPOLDO BRIGIDO.

## REGRESSO

Bato, e ninguém responde. Entro, e tudo é deserto.  
Arrisco um passo ; escuto : erra na noite um echo.  
Mesmo tendo a impressão severa de que pecco  
Timidamente arrisco um outro passo incerto.

De uma mortal pressão de dôr não me liberto  
Clamo, e tudo é mudez. Penso no céu ; impreco ;  
Transido, a minha vida a Jesus hypotheco,  
E abato-me, e entre as mãos a fronte em febre aperto.

Ergo e escuto ainda : a mesma paz sombria,  
A mesma escuridão extranhissima e infinda,  
E fechada, e fatal, funesta, fusca e fria.

Allucinado, avanço, e tropeço, e duvido,  
E quero achal-a, e chamo, e grito, e escuto ainda,  
E sigo, e esbarro, e sangro, e arfo, e tombo, inanido...

HEITOR LIMA.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o curioso estudo sobre a questão de psychologia profissional, estudada á luz da moral, do interesse social e individual, desenvolvida, com extraordinaria precisão, pelo dr. Regnault num artigo da *Revue*, de Pariz.

### ASSASSINATO MEDICO OU SUPREMA CARIDADE?

Póde-se e deve-se apressar a morte dos incuráveis? Tal é questão suscitada, de maneira imprevista, em todos os paizes e discutida na costa occidental do Atlantico.

O problema não é novo e parece resolvido pela affirmativa desde as origens da humanidade, quando o homem primitivo, tendo contra si os elementos e as feras e, luctando penosamente pela vida, não se guiava por uma moral utilitaria; na impossibilidade de proteger um ser incommodo, inutil, nem de alimental-o, o melhor expediente era libertal-o dos soffrimentos, apressando-lhe a morte. Quando as familias e as tribus disputavam a subsistencia em sangrentos combates, era um dever dos vencidos a eliminação dos companheiros feridos, incapazes de fugir para poupar-lhes as torturas de um inimigo cruel. Essas praticas chegaram aos nossos dias sob fórmulas diversas. Ainda no seculo XIX, era uso, entre povos antropophagos, sacrificar os meninos enfermos, os velhos impotentes, para servirem de repasto em festins muito apreciados. Os velhos paes, sacrificados pelos filhos, achavam isso muito natural e pensavam que não poderia haver para elles mais honrosa sepultura do que o estomago dos seus descendentes.

Na India antiga, os incuráveis eram conduzidos pelos parentes ás margens do Gauges, onde depois de asphyxial-os enchendo-lhes de vasa as ventas e a bocca, lançavam-nos ao rio sagrado.

Entre os hebreus, a suppressão dos doentes parece ter sido algumas vezes empregado como processo de prophylaxia e de desinfeção radical. O hygienista theocratico se contentava com impor quarentenas vexatorias aos leprosos; mas, em outros casos, massacrava os doentes ou os suspeitos, como succedeu em Sittim, ás meretrizes madianitas e a seus amantes.

Em Sparta, as creanças passavam, ao nascer, por uma verdadeira selecção; os enfezados, rachiticos e mal conformados eram inexoravelmente sacrificados. Não tomando a cidade o encargo de conservar nem os enfermos, nem os monstros, era prospera, e a raça humana melhorava do ponto de vista plastico.

Idéas de piedade, de egualdade, de caridade, propagadas com as doutrinas religiosas, modificaram e trans-

formaram o espirito egoista das sociedades primitivas. O homem procurava, antigamente, por todos os meios, o maximo de felicidade e o minimo de trabalhos durante a vida; transformado pela religião, elle procura obter, pelas privações e actos de caridade durante a vida, uma grande ventura em existencias posteriores, ou mesmo a felicidade absoluta e eterna depois da morte; por uma privação pouco penosa, a divindade lhe daria uma felicidade muito superior: realisava, assim, uma transacção a longo prazo, que julgava muito vantajosa e assim agia por egoismo.

Essas idéas de piedade, de caridade fôram pregadas por Cakya-Muni, cinco seculos antes da nossa éra, e propagadas pelos missionarios budhistas. Dois e meio seculos antes da éra christã, o rei Pyadasi creava hospitaes e organisava, nos seus Estados, assistencia publica. O christianismo, muito mais tarde, propagou essas mesmas idéas mais ou menos modificadas. Em certos casos, porém, na idade média, a sociedade christã tinha o habito de supprimir os doentes de raiva, os hystericos, considerados possessos.

Pouco a pouco, piedade e caridade se transformaram, em França, num verdadeiro sentimentalismo; ha muito que se não supprimem os monstros e os incuráveis, recolhidos e conservados, empregando esforços para lhes prolongar o mais possível a inutil vida de soffrimentos; chegou-se mais longe: á fundação de hospitaes para animaes.

Esse estado de espirito se accentuou progressivamente nos ultimos tempos; fazemos pela raça humana, precisamente o contrario do que fazemos para melhorarmos certas raças de animaes, em particular a bovina e cavallar. Os estabulos são verdadeiros palacios, nos quaes estão cercados demeticulosos cuidados soberbos especimens, que prudentemente seleccionamos para a conservação e melhoramento da successão, garanthões destinados ás eguas de raça e não a rossinantes. Considerariamos louco um creador que sobrecarregasse seus poltros e eguas para permittirem que alguns sendeiros repouzassem, para não produzirem máus filhos.

Mas o raciocínio muda completamente quando se trata da especie humana; construímos hospitaes e asylos, com enormes despesas, para os rachiticos e doentes, ou para prolongarmos, o mais possível, a vida de miseria e dôr dos incuráveis. Luctamos contra essa lei natural da selecção, que tende, para beneficiar, á suppressão dos seres rachiticos; conservamos a vida dos defeituosos que estão a cargo da sociedade e, muita vez, legarão as suas taras, as suas fraquezas, aos descendentes. O cruzamento delles com os

fortes, abastarda a raça; além disso, o augmento de trabalho imposto aos fortes para manterem e protegerem luxuosamente os incapazes degenerados, lhes custa excesso de actividade, que se reflecte sobre os seus descendentes e os enfraquece ainda mais.

O sentimento de piedade que nos guia parece, actualmente, attingir ao cumulo. E' muito frequente ouvirmos parentes ou amigos de um doente incuravel, immobilizado no soffrimento, declararem: — Para que lhe prolongar o soffrimento, si elle não póde sarar? Quanto mais cedo acabar, melhor será para elle. Com semelhantes dôres — accrescentam depois que elle morre, — no lastimoso estado desse desgraçado, a morte foi um verdadeiro allivio.

Todos desejam para esse doente, intimamente, morte prompta; pensam mesmo que seria melhor apressal-a. Alguns dizem, francamente, isso que outro apenas ouzam pensar; prégam o direito á euthanasia, á morte provocada e attenuada.

— Para que — inquiria um homem do clero — prolongar a agonia de um doente, cuja morte é inevitavel? Para que empregar os recursos da sciencia medica em mantel-o na miseria? Não seria mais humano libertal-o dos soffrimentos? Nós, que não hesitamos em supprimir a vida de um cão, de um cavallo desenganados, deveremos ser menos piedosos em relação a uma creatura humana?

De outro lado, alguns philosophos, particularmente Nietzsche, protestaram, fundados numa moral utilitaria, contra os resultados deploráveis para a raça, obtidos pela sociedade, favorecendo os fracos á custa dos fortes. Na sua opinião, o monstro, o doente incuravel, inutil, prejudicial á familia, á tribu, á sociedade, deveriam ser eliminados, ou, pelo menos, abandonados á sua sorte, caso em que desapareceria depressa em virtude da selecção natural na lucta pela existencia.

E' curioso verificar que levando as suas theorias ao extremo, os partidarios do altruismo, da caridade, da compaixão, cheguem, em parte, á mesma conclusão dos partidarios da moral utilitaria e votem pela eliminação dos incuráveis.

No seu livro *Antecipações*, H. G. Wells nos mostra o mundo como será quando tiver evoluido dentro de alguns seculos, e suppõe que aquella solução será acceita: na sociedade, que ella nos pinta, os monstros serão systematicamente eliminados.

Essa idéa, entretanto, parece pagar-se fóra do mundo dos sonhadores; alguns propõem, apenas, desembaraçar a sociedade dos incapazes, dos incuráveis, com tendencias para o suicídio, facilitando-lhes os meios de auto-eliminação; outros vão mais ade-



ante, examinando os casos em que será conveniente intervir para apressar a morte de um incuravel. Em uma brochura publicada em Londres, e da qual o Boletim de Therapeutica deu o resumo, um alienista inglez observa que os loucos tentam, muitas vezes, suicidar-se, e acrescenta: Uma vez que a natureza provoca os meios de se desembaraçar dos incapazes por essa tendencia para o suicidio, não se deveria impedir que esses desgraçados obedecessem a esse instincto. E deseja, afinal, que a lei não difficulte os meios de obter venenos.

O italiano Nobel teve a idéa, muito mais engenhosa, de erigir em Roma e em Milão estabelecimentos, em que as pessoas avidas do suicidio pudessem encontrar morte suave pela asphyxia de um gaz por elle formulado. Crispi, presidente do conselho naquella occasião, foi favoravel á idéa, mas reputeu-a, na occasião, irrealisavel.

Em outubro de 1903, a assembléa da Associação de médicos do Estado de New-York, discutiu a questão — deante de um doente incuravel, qual é o dever do medico? E se discutiu o direito de apressar a morte do doente incuravel, em diversas casos, como nos de cancro operado, reincidente e generalisado, na tuberculose do terceiro periodo, na fractura da columna vertebral, com paralysisia quasi completa e impotencia funcional dos membros.

No banquete da Associação, o padre Wright falou em favor da euthanasia, da boa morte, da eliminação do individuo pelos meios mais suaves, supressão que, não prevista nem tolerada pelas legislações europeas e americanas, é reclamada por aquella associação como um direito, mesmo como um dever, em condições bem determinadas.

Pouco tempo depois, os legisladores saxões repelliram um projecto de lei auctorisando os medicos a darem morte prompta e suave aos doentes incuraveis que a pedissem.

A questão já suscitou em França diversos artigos, dos quaes resulta que os medicos, dispostos, por humanidade, a usarem daquelle direito, si fôra legal hesitariam em lhe reclamar a applicação excepcional, com receio de terribes abusos. Os americanos previram essa objecção, e o padre que falou a respeito, propoz o exame dos casos em litigio por uma comissão nomeada pelo governador do Estado, composta de quatro medicos, do *maire*, do presidente da hygiene local e dois cidadãos de character immaculado.

## II

Guermonprez, no livro — *O assassinato medico e o respeito á vida humana*, fez um longo estudo da questão collocando-se no triplice ponto de vista da

vocação medica, das tradições e da religião, e rejeitou, com indignação, a pratica da euthanasia, que elle considera o assassinato medico. Baseando-se no preceito — *non occides*, imperiosamente absoluto para elle, conclúe que ninguem tem direito ao suicidio, qualquer que seja a fôrma ou circunstancias. Mas o preceito biblico, invocado pelo auctor, nunca foi respeitado pelos hebreus, como se pôde provar com innumerous factos identicos ao massacre dos madianitas; assim como não foi jámais obedecido pelos catholicos e protestantes, como o testemunham as guerras de religião, os supplicios da Inquisição.

Perpetrado—diz o auctor—no principio ou no fim da vida, o homicidio medico é sempre um crime. Esta apreciação assenta nos costumes, não tem base scientifica e não tem razão quando compara a euthanasia ao aborto, porque este elimina um ser que poderia viver, ser util á sociedade e feliz, ao passo que no outro caso suprimem-se seres, cuja vida de soffrimento é um pezo para elles e para a sociedade.

O facto de ter sido a euthanasia adoptada por diversos povos e de volver a questão a ser discutida nos nossos tempos, prova que os costumes evoluem: o que parece crime neste seculo poderá em futuro, mais ou menos remoto, ser uma acção meritoria.

Guermonprez lembrou as maximas: *Medicina abhorret a sanguine; medicina abhorret a veneno*; reconhece que a Igreja renunciou á primeira para permittir o desenvolvimento da cirurgia, mas considera a segunda preceito de todos os tempos, quando, agóra, quasi todos os medicamentos, realmente activos, são venenos.

Cita elle Paul Bert: Contra os fracos, só ha o direito de caridade, e acrescenta que a natureza do medico é feita de compaixão e commiseração, de solicitude incessante, e por isso a sua vocação o colloca nos antipodas do homicidio, não considerando que os que desejam a morte de um incuravel para supprimil-o aos soffrimentos, são inspirados por um sentimento de suprema caridade.

A terceira série de argumentos do auctor é deduzida dos preceitos da religião catholica, que não obriga a todo o mundo. São citações de theologia moral do padre Agostinho Lelusud, sobre os quaes apoia as proposições seguintes: O medico commette falta grave si apressar a morte de um doente desesperado, para livral-o de dôres, si por falsa compaixão lhe obliterar os sentidos de modo que os não possa recobrar e succumba nesse estado.

Collocando-se no ponto de vista mystico de dôr agradavel a Deus, seria concludente prohibir a todos os fieis o recurso á medicina. Certos religiosos coherentes recusam o tratamento

quando estão doentes, porque alliviano as dôres e procurando prolongar a existencia, luctariam contra os desígnios da divina Providencia.

Outros crentes limitavam a determinados casos a intervenção da medicina; alguns recusam chloroformio, que supprime as dôres do parto, porque está escripto que a mulher parirá filhos com dôr.

Guermonprez tira os seus argumentos do valor da auctoridade e não do valor da evidencia, provando, assim, a que extremos absurdos pôde conduzir o espirito systematico e sectario.

## III

Em moral, os philosophos podem raciocinar ou desarrazoar de modo diverso e, queiram ou não, chegam todos a paraphrasear em suas conclusões a lei natural que exprime a reciprocidade dos direitos e deveres e constitúe a base da solidariedade essencial á sociedade humana: Façamos a outrem aquillo que desejariamos que elles nos fizessem; lei tão natural que os povos mais antigos evidenciaram pela applicação da pena de talião, o meio mais simples, mais logico, de dar ao culpado a precisa noção do seu crime. Partindo desse principio de moral universal, poder-se-ia examinar o problema da suppressão dos incuraveis e prever o momento em que ella será resolvida no curso da evolução das idéas e dos costumes. Para esse exame, tão complexo, é místico procurar successivamente o ponto de vista do individuo, da sociedade, da raça.

A questão só comprehende os incuraveis; nunca um doente que tenha um vislumbre de esperanza de cura.

Considerando, em primeiro lugar, o caso de um incuravel, examinado fóra das relações com sua familia, com a sociedade, com a raça, elle sabe que é incuravel, ou não sabe; no primeiro caso, varias alternativas se antolham.

Si elle permanece agarrado á vida, apezar dos soffrimentos, si quer viver o mais possivel, o dever do medico é prodigalisar-lhe consolações, alliviar os soffrimentos e prolongar-lhe a vida; si, porém, está farto de viver, pede a morte e pede ao medico um fim suave e rapido; nessa hypothese, se antolham duas categorias de doentes: uma, a mais numerosa, comprehendendo os que podem andar, locomover-se e recorrer ao suicidio; outra, excepcional, comprehendendo aquelles que, por qualquer razão, como paralysisia dos quatro membros, se acham na incapacidade physica de procurar a morte; parece evidente que o medico não deve intervir no doente que se pôde suicidar. Para applicar com precisão o citado principio moral da reciprocidade, ninguem pôde intervir para impedir o suicidio de um incuravel.

Parece estranho aos europeus, mas é lógico e natural o costume chinês que impõe áquelle que arranca o seu semelhante ao suicidio, a obrigação de sustental-o, de lhe pagar as dividas.

Quanto aos doentes da segunda categoria, na impossibilidade physica de se suicidarem, a questão se torna mais delicada. Póde-se e deve-se facilitar-lhes os meios de suicidio ou lhes proporcionar, directamente, a seu pedido, morte suave e rapida? A regra da moral não varia; deve-se fazer aos outros aquillo que queremos que elles nos façam. A questão é delicada porque todos os individuos não pensam do mesmo modo acerca daquillo que desejariam se lhes fizesse. Alguns crêem que os males provêm da divindade para a expiação dos peccados, para lhes permittir, pela paciencia, a felicidade eterna; neste caso, seria logico não se alliviar dos males para não diminuir os merecimentos. Outros crêem que podem acalmar as dôres, mas que não têm o direito de dispor da vida, e que o suicidio os exporia á desgraça da condemnação eterna ao inferno. Uns e outros, no estado de saúde, não admittiriam que, si ficassem doentes incuraveis, lhes dêssem meios de supprimir a vida. Isto, porém, não os impedirá de se suicidarem. Outros, desprendidos de toda crença no sobrenatural, desejariam que em tal conjuncção, se lhes proporcionasse o meio de trespassar num somno doce: considerariam suprema caridade o acto do amigo que os libertasse da existencia insupportavel.

Estes se multiplicam na proporção do esmorecimento da crença no sobrenatural, e é provavel que, no correr dos tempos, a euthanasia seja adoptada em certas e determinadas circunstancias.

DOUTOR REGNAULT.

(Continúa)

Seria preciso um grande palacio para conter todos os presentes offerecidos á grã-duquesa Cecilia de Mecklemburgo, por occasião do seu casamento com o kron prinze da Allemanha. Os soberanos e os principes da Europa e Asia quizeram, com effeito, contribuir para a magnificencia da sua *corbeille* de noivado, como se verá da lista que damos dos presentes que mais avultam. Em primeiro lugar, o sumptuoso manto de côrte, ornado de pedrarias e as joias historicas dos Hohenzollern, homenagem de Guilherme II á sua'nôra; depois, um diadema de maravilhosos diamantes, offerecido por Eduardo VII; um collar de esmeraldas, presente do czar da Russia; do rei da Italia, trez pulseiras de turquezas. O imperador da Austria mandou uma caleche de oito mólas, apparelhada de dois *puro-sangue* brancos, cujos arreios, de prata, trazem o escudo das armas do imperio; o papa, um quadro de mosaico, fabricado na manufactura do Vaticano; o sultão, uma collecção de tapetes de Smyrna e de porcellanas ottomanas. O imperador do Japão enviou tambem porcellanas e

bronzes preciosos; o imperador da Coréa, um antigo adereço, especimen curiosissimo das armas coréanas; o presidente Loubet mandou uns preciosos tapetes gobelinos e dois vasos de Sèvres. Por subscripção nacional, foi tambem offerecido á noiva um serviço de mesa de prata massiça, que custou 112.500 francos. Além destes, que são os mais importantes, recebeu a grã-duquesa Cecilia uma infinidade de presentes valiosos.

\* \* \*

O *Jornal do Commercio*, de Porto-Alegre, dirigiu circulares aos escriptores brasileiros, perguntando, nada mais, nada menos:

«A que Estado do Brazil cabe a primazia na litteratura, attendendo ao numero dos escriptores que produziu até agóra, ao valor de suas obras e á influencia exercida no seu desenvolvimento?»

A pergunta, pela sua complexidade, é sublime. Deve ser de uma difficuldade encantadora descobrir, no Brazil, um Estado que tenha, nos termos do quesito, essa primazia — primazia pela *maior* producção de escriptores; primazia pela *melhor* producção de escriptores; primazia, emfim, pela sua influencia exercida no seu desenvolvimento.

O *Jornal* conta receber as respostas até dezembro proximo futuro. Póde, porém, desesperar disso: é humanamente impossivel conseguir do pensamento nacional que revele onde fica o Estado feliz dessa primazia.

## APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

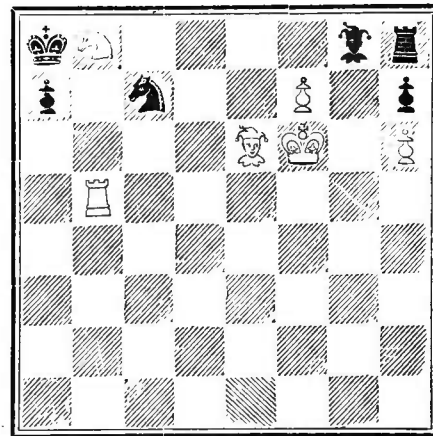
CUNHA, (Gastão da) formoso ornamento da Grande Bancada, um dos aspirantes á diplomacia — futuro diplomata de botas. Amigo intimo do Todo Poderoso, que illumina com o seu sorriso inoffensivo as salas frias do Cattete; tem a honra de tratar de *tu* os seus intelligentissimos filhos. Em politica, mostra uma admiração tenaz, quotidiana, contínua, pelo sr. Rodrigues Alves, cuja gloria de republicano é para o sr. da Cunha, superior á de Tiradentes. Nas letras, o seu homem é o sr. Affonso Arinos, o maior talento do Brazil actual. Entre os oradores, prefere-se a si proprio. Quando o vemos, elegantemente pousado na tribuna da Camara, enfiando o nobre dedo na cava do bello collete, obra prima do alfaiate de Juiz de Fóra, a fallar, demorando as palavras entre os labios, como quem as saboreia dizendo coisas profundamente ingenuas com uma inflexão reveladora de grandes coisas, comprehendemos que o canóro tribuno está se ouvindo, está se deleitando com a melodia da propria vóz, dengosamente meneando a cabeça inspirada, como um legitimo sabiá da matta, á beira duma estrada dessa livre e vasta terra mineira, que, fatigada de dar á luz glorias como Laffayette e Ouro Preto, partejou dolorosamente o sr. Gastão da Cunha — um portento!

PEDRO INNOCENCIO.

## DIVERSÕES

XADREZ

PROBLEMA N.º 9  
Frota Pessoa (Rio)  
PRETAS (6)



BRANCAS (6) — Mate em dois lances.

PARTIDA N.º 9

GAMBITO DO REI RECUSADO

Branças (Blackburne)	Pretas (Marco)
P 4 R	— 1 — P 4 R
P 4 B R	— 2 — P 4 D (a)
P × P D	— 3 — P 5 R
P 3 D	— 4 — C R 3 B
D 2 R	— 5 — B 4 B D (b)
C D 3 B	— 6 — Roque
P × P	— 7 — T 1 R
C 3 B	— 8 — C × P R (c)
C × C	— 9 — B 4 B
C 5 R	— 10 — B × C
D × B	— 11 — P 3 B R
P 6 D!	— 12 — D × P (d)
B 3 R!	— 13 — B × B (e)
D 4 B x	— 14 — D 3 R (f)
D × D x	— 15 — T × D
B 4 B	— 16 — P × C
B × T x	— 17 — R 1 B
B 8 B	— 18 — P 4 T D
P × P	— 19 — T 3 T
T 1 B x	— 20 — R 1 R
T 3 B	— 21 — B 5 D
Roque	— 22 — C 3 B
B × P	— 23 — abandonam

(a) Este contra ataque, recusando o gambito, parece mais forte que a defesa classica; e ainda o anno passado, em um importante torneio, na Europa, em que só se jogou o gambito do rei, essa conclusão se impoz pelos resultados das diversas defesas adoptadas.

(b) Pouco usado.

(c) Lance, antes philaucioso que profundo, como se verá.

(d) Se 12... P × C; 13 — D 4 B x, seguido de D × B. Se 12... B × P ou P × P; 13 — B 4 B x, R 1 B; 14 — D × P T R e ganham.

(e) Lance quasi forçado, para não perder o B.

(f) Se 14... R 1 T; 15 — C 7 B x, R 1 C; 16 — C 6 T x, R 1 T; 17 — D 8 C x, T × D; 18 — C mate (*étouffé*).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 8: 1 — C 2 B, *ad libitum*; 2 — D ou C mate (6 variantes).

JOSÉ GETULIO.

A officina dos «Annaes», com um material perfeitamente moderno e novo, executa todo e qualquer trabalho typographico.

ASSIGNATURAS  
 ANNO ..... 20\$000  
 SEMESTRE ..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO

E

OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Esteve em fóco, nas regiões politicas, o caso da Bahia, a divisão do Estado em districtos eleitoraes.

Antes de tudo, resalta uma observação: a divisão dos districtos foi feita pelos governadores, exceptuada a do Districto Federal, que safu promptinha da secretaria do Interior, e a de S. Paulo, que teve a honra de ser retocada pelo sr. presidente da Republica, para reforçar a sua benefica influencia no districto que é para s. ex. uma especie de feudo. Os governadores, inspirados pelo interesse de manterem perfectas, infalliveis, as suas machinas de fabricar deputados, não attenderam á geographia, á continuidade de territorio e integridade dos municipios, que a ultima lei eleitoral mandou respeitar; mas o governo só encontrou esse defeito na divisão da Bahia, a qual, com o seu pittoresco aspecto de *rosa dos ventos*, é incomparavelmente melhor que a do Districto Federal e está a perder de vista, em ruindade, a do Ceará, que é um monstruoso absurdo, como tudo o que sáe, não diremos do cerebro, mas do esperto velho Accioly.

Porque mereceu a divisão da Bahia a honra de assanhar o teiró do governo? Porque essa tolerancia cega para todos os violadores da lei e essa má vontade implacavel para um?

Porque se fez questão aberta da divisão do Districto Federal e fechou-se a questão para a Bahia?

O caso da Bahia era um caso pessoal entre um dos ministros e o governador, e o governo da União fez-se solidario com o ministro, collocando a votação da emenda do sr. Leovigildo Filgueiras no terreno da confiança partidaria. E como a confiança do governo é uma especie de graça de Deus, que abre as portas á bemaventurança, não causou admiração a ninguem a victoria estrondosa obtida pelo nosso amigo J. J.

Seabra, que conseguiu, afinal, formar o nucleo de dissidencia, para o qual, havia muito, empenhava todos os seus esforços, porque, justiça se lhe faça, s. ex. não entende parlamento sem opposição; é inimigo das unanimidades esmagadoras, que desaggregam, dissolvem e conspurcam, sob um disfarce de dictadura, o governo democratico.

Essa dissidencia, que o ardego ministro provocou e levou a effeito, cobrindo-se dos loiros da primeira batalha campal ferida neste periodo presidencial, é apenas de quarenta; mas crescerá, engrossará, servirá de nucleo á crystalisação dos elementos em suspensão no agitado elemento politico; será amanhã de sessenta; mais tarde, perfará a metade do pessoal que frequenta as sessões e, quando pouco prejudicial se torne, será um elemento de obstrucção ao muito que o governo tinha intenção de fazer em beneficio do Paiz.

Não tardará vermos o honrado presidente da Republica apertado, de calças na mão, a procurar o seu logar, sem encontrar allivio para as consequencias dessa imprudencia, desse drastico, que o sr. Seabra applicou á Camara, para lhe desvendar as entrinhas veladas pela hypocrisia, pela cobardia ou pela manha dos homens de duas vélas, de quatro opiniões ou de outras tantas caras, mudaveis conforme a oportunidade.

Não se pôde afirmar, por ora, quem lucrou com essa batalha, que destroughou as esperanças ingenuas na fiel execução da ultima lei eleitoral. Ella terá, como consequencia immediata, uma reacção sem tregua nos Estados infieis, como demonstra a extraordinaria actividade da officina de coroneis da Guarda Nacional e de supplentes dos juizes federaes; terá, como consequencia remota, o terceiro escrutinio, em que serão desapiedadamente degolados os candidatos dos governadores rebeldes. Da Bahia, não vingará um

gato que traga diploma do sr. José Marcellino. E assim será, com muita antecedencia, desfeita a miragem das minorias, dessa promessa constitucional que tem sido, e será, vergonhosamente burlada pelos governos, em cujos programmas ella tem figurado sempre como idéa capital, reduzida a um sovado florão ornamental, a uma flôr de torpe rethorica.

Não nos dão as mãos de applaudir o intemerato ministro que nos dotou com esse principio de dissidencia, que será como um páu fincado numa restinga d'aguas mortas: estará, em pouco tempo, cheio de adhesões, que proliferarão como crustaceos.

\*  
\*  
\*

Occorre, porém, a consideração de um dia depois do outro, para resolver o problema das candidaturas presidenciaes, ainda não posto, definitivamente, em equação.

A victoria de hontem não o resolve, antes, o complica, porque é da natureza humana tirar desforras e, conforme a phrase popular, o répto lançado pelo Kuroki do Barro Vermelho ao governador da Bahia, não cairá no chão; o adversario, da tempera dos tabaréos teimosos e vingativos, procurará com certeza obter desforra estrondosa, a menos que elle não seja a mais inepta das creaturas a que Deus misericordioso permite a delicia do equilibrio sobre os dois pés.

Minas se mantém irreductivel em torno do nome do sr. Affonso Penna; as hostes gaúchas formaram brilhantemente ao lado do chefe, o senador Pinheiro Machado, disposto á lucta em todos os terrenos; Pernambuco ainda espera o santo e a senha do chefe Rosa e Silva; Maranhão... em fim Maranhão está ainda retraído.

A batalha ganha nada significa para o resultado da outra e mais importante, porque a significação da votação victoriosa não exprime solidariedade absoluta com o governo, de

sorte que o aspecto das forças em preparo para o pleito presidencial, permanece confuso, exposto ás surpresas, ás colligações, ás alianças que pôdem surgir de repente, frustrando, pela terrível imposição do numero, a tactica do Oyama de Guaratinguetá, apezar da sua Guarda Nacional, incontavel como as estrellas do céu e as areias do mar, apezar dos supplentes dos juizes sectionaes, que estão grelando como cogumelos nos canteiros onde florescem as folhas de loiro do sr. Seabra.

Quem surgirá para resolver o problema? Não é preciso ser um observador extraordinario para divisar entre as incertas brumas do futuro proximo, essa missão confiada ao sr. José Marcellino.

Isto que parece, á primeira vista, absurdo; isso que se antolha impossivel á impressão da celebrada victoria de hontem, será, talvez, a realidade d'amaulã, amarga para o ministro vencedor e para os abnegados bahianos que se precipitaram, com elle, nesse temerario salto na escuridão.

E fique consignado que nós, com o nosso direito de chronista velho e, usando da attribuição de vaticinar o futuro, que se descortina nitido aos nossos olhos, asseguramos que o nosso amigo Seabra não se lamberá com os despojos da victoria. O seu intransigente adversario não hesitará ante os mais duros sacrificios, para lhe quebrar a castanha na bocca.

O velho tabaréo bahiano sabe que, para o sr. presidente da Republica, a candidatura do honrado sr. Bernardino de Campos não é sómente um empenho: passou para a ordem das obsessões inexoraveis, e, certamente, explorará, com habilidade, essa circumstancia, mettendo-se, com os seus cem mil votos, entre o presidente e o ministro.

Ruy Barbosa será immolado para que a Bahia não fique isolada; a sua candidatura ficará com raizes profundas no coração dos bahianos, mas não lhes conquistará os votos: será uma candidatura sentimental muito honrosa para o Estado, para o Brazil inteiro, mas ficará como um motivo de primor do inspirado éstro da mulata velha, celebrando a genial mentalidade do filho adorado.

Transportada a questão para esse terreno, ninguem duvidará que, entre cem mil votos e o seu amigo Sea-

bra, o coração do sr. Rodrigues Alves, por uma gravitação da grande massa, e porque a politica não tem entranhas, se precipite nos braços do sr. José Marcellino e lhe dê, como bóde expiatorio, o ministro do Interior e mais o ministro da Guerra por lambugem e mais os miúdos tripolantes da respectiva canôa.

E veremos, então, o illustre vencedor de hoje, «braços cruzados sobre o largo peito, qual naufrago escapado do tormenta», e os olhos mais ou menos melados, repetir, quasi num choro de expiação, o verso dos *Chatiments*:

... *On était vaincu par sa conquête.*

POJUCAN.

Váe, em seguida, a conclusão do realmente notavel artigo do dr. Regnault, que no numero 39 dos *Annaes* começámos a publicar, traduzido da *Revue*, de Pariz.

#### ASSASSINATO MEDICO OU SUPREMA CARIDADE?

##### IV

Supponhamos que o doente seja incuravel, mas o ignore. Si o soffrimento augmentar, será licito eliminar o desgraçado sem consultal-o? Muitos considerariam essa eliminação crime e traição; alguns pensam, entretanto, que, em tal situação, desejariam que outrem lhes proporcionasse morte rapida sem prevenir. E' possível que se multipliquem os que assim pensam e que, no futuro, se considere acto licito aquillo que hoje se considera traição, crime. Não se mudará a moral, seuão o modo de pensar dos individuos.

Essa solução não se daria si os espiritas, os occultistas conseguissem demonstrar que a força psychica, manifestada pela telepathia e os phantasmas dos vivos, subsiste depois da morte e se revela, realmente, pelos phantasmas dos mortos, e que essa força soffre grandes perturbações nos casos de morte subita ou prematura, voluntaria ou não, como se admite nas tradições religiosas, magicas, esotericas, da maior parte dos povos.

Excepção feita dos scetarios que attribuem á dôr o merito da expiação, é forçoso admittir que, em todos os casos analysados, é preciso suavisar os ultimos momentos do incuravel, calmado-lhe as dôres por meio de medicamentos efficazes, verdadeiros toxicos, ainda mesmo que o emprego delles pudesse, de algum modo, abreviar a vida do doente. E' tambem evidente que, em taes casos, se pôdem

empregar, com o consentimento do paciente, todas as medicações por mais perigosas que sejam, sempre que se espera dellas algum resultado ou se possa tirar um conhecimento scientifico util.

O incuravel que se presta, espontaneamente, a investigações scientificas, presta um ultimo serviço á sociedade, á humanidade.

Até agóra, examinámos os differentes casos em que se pôde encontrar o incuravel, sem attender aos interesses da familia, da sociedade e da raça, interesses ponderaveis uma vez que o homem nunca vive isolado.

O individuo que pôde ser util á sociedade, á familia, não tem o direito de privar os seus parentes, os seus concidadãos das vantagens que elle lhes pôde proporcionar. Não lhes deve occasionar, pela morte voluntaria, um prejuizo que não desejaria lhe fôsse causado por outrem. Pelo facto da educação, contraíu para com elles uma dívida, que deve pagar. A vida desse doente deve ser prolongada o mais possível, calmado-se os seus soffrimentos.

Aquelle, porém, que é iutil, que está a cargo da familia e da sociedade, poderia, libertado de considerações religiosas, procurar o termo de seus soffrimentos na morte voluntaria.

Os incuraveis a cargo da familia e da sociedade, prejudiciaes pelo contagio da molestia, não deverão ser embaraçados quando procurem o suicidio; pôdem considerar bôa acção desembaraçar, o mais cedo possível, seus parentes e concidadãos de sua presença incommoda e funesta.

##### V

Ouvimos, ha alguns annos, expostas essas idéas por uma desgraçada ataxica, incuravel, atacada de arthropathia e cegueira tabetica, immersa em perpetua noite, immobilisada no leito do hospital durante trez annos. A monotonia dessa existencia era sómente interrompida por intermitentes dôres fulgurantes, e o repouso de algumas horas era obtido por injeções de morphina. Aos internos que se succediam no serviço, aos medicos, ella repetia a supplica de lhe apressarem a morte. Ella não tinha familia, não interessava a niuguem a sua existencia; occupava, creatura inutil, no hospital, um leito que poderia servir com efficacia a outrem; não podia, ao menos, procurar o suicidio precipitando-se de uma janella.

Ninguem ousaria satisfazer o supplicio da infeliz mulher, porque, no estado actual dos costumes, incorreria na pena de homicidio voluntario, ou de homicidio por imprudencia, si lhe facilitasse os meios de procurar a morte voluntaria. Todos nós, internos e medicos, applicámo-lhes, com parci-

monia, a morfina, e chegámos a substituí-la por agna destillada. E' bem possível que amanhã sejamos considerados crueis, deshumanos, por esse procedimento hoje meritorio.

Quanto á familia ou á sociedade, ellas poderão, num futuro afastado, facilitar a taes doentes os meios de suicídio, ou utilizar os institutos do italiano Nobel. De outro modo, violariam os princípios de moral, universalmente admittidos, supprimindo os incuraveis sem o consentimento delles. Além disso, si o incuravel prestou serviços á familia e á sociedade, essa divida as obrigará a sustental-o.

Nessas condições, seria inadmissivel a combinação proposta á *New York Medical Association*: «Quando a comissão nomeada especialmente resolver a suppressão do incuravel, o paciente poderá appellar desse juizo para o consentimento da familia. Mas, si depois de novo exame, si reconhecesse todos os tratamentos impotentes e o caso decididamente incuravel, a comissão teria o direito de executar a sua sentença».

A sociedade não poderia supprimir, sem consentimento, o doente. Já é um abuso eliminar os doentes degenerados ou alienados, considerados criminosos. As sociedades são constituídas pelos individuos para os individuos e o individuo não foi creado, sómente, para a felicidade social. No que concerne aos monstros, será, talvez, possível, como previu Wells, eliminá-los ao nascerem, não só por sentimentalismo para lhes poupar uma existencia de soffrimentos, como por intuitos utilitarios, para não ficarem a cargo da sociedade, para que não contribuíam, pela reproducção, para o abastardamento da raça. Os mortos, no nascedoiro, não terão prestado serviços á sociedade, e esta nenhum compromisso terá para com elles.

Mas si a sociedade não pôde supprimir, contra a vontade, um de seus membros incuraveis, ella pôde e deve tomar precauções para proteger os seus membros contra o contagio, para não fazer despezas prejudiciaes com o fim de prolongar existencias inúteis e salvaguardar o futuro da raça.

Os meios mais praticos de suppressão dos incuraveis seria extinguir as molestias incuraveis ou, pelo menos, diminuir-lhes a existencia. Estudar as condições complexas do desenvolvimento dessas molestias, propagar noções de hygiene, de prophylaxia, de precauções efficazes, para evitar a propagação dessas molestias pelo contagio, constitúe excellentes medidas, que seriam completadas com o isolamento dos doentes.

Em certos casos, essas medidas são sufficientes. Na idade média, se suprimiu a lepra pelo isolamento dos leprosos, applicando-lhes regulamen-

tos draconianos. A' lépra substituiu a tuberculose, fazendo victimas em muito maior proporção, determinando para combatel-a a formação de ligas que empregam generosos esforços para propagar as noções de hygiene, dispendendo sommas enormes em esforços inúteis, muita vez illogicos. Em sens dispensarios, forneceram a doentes ligeiramente affectados de tuberculose e curaveis, meios de obterem a cura, mas fornecem, tambem, aos tuberculosos incuraveis, meios de prolongarem a vida de soffrimentos, durante a qual elles são um perpetuo perigo para a sua familia e para a sociedade, porque são contagiosos, disseminando bacillos por toda a parte. As ligas dispendem enormes sommas em sanatorios populares, uos quaes tratam os tuberculosos que não expectoram, que não são contagiosos e poderiam ser curados com menor despeza no seio da familia ou no campo, sendo os sanatorios destinados exclusivamente aos incuraveis.

## VI

Essas idéas começam a despontar. O dr. Helme publicou na *Revista Moderna de Medicina e Cirurgia*, um referendun sobre os sanatorios, e recebeu algumas respostas originaes de medicos bastante ouzados para dizerem alto e escreverem aquillo que muitos pensam em segredo.

O dr. Gannat propõe a substituição dos sanatorios pelas colonias de tuberculosos no campo, onde os doentes validos poderiam trabalhar ao ar livre, collocando, assim, o doente em melhores condições para a cura. Quanto aos incuraveis, a morte seria, talvez, protellada, sendo que, do ponto de vista social, a sua desaparicção seria um beneficio. A exaggerada piedade por esses infelizes está em moda, mas é forçoso conciliar-a com os interesses geraes.

O dr. Louis Gros diz que são baldados os esforços actuaes e seu resultado quasi nullo, pensando que só ha um meio efficaz: internar o tuberculoso, desde que elle tosse ou escarra, em um hospital *ad hoc*, com absoluta prohibição de saída, da mesma fórma que se internam alienados por toda a vida, incomparavelmente menos perigosos do que um tuberculoso que escarra. A lucha deve ser sem interrupção como a molestia; é uma lei marcial. A internação deve ser completa, a reclusão absoluta. As curas de tuberculosos são raras; pôdem-se contar os casos authenticos de restabelecimento. E' portanto, indispensavel, para evitar o contagio desse mal irremediavel, empregar meios inexoraveis.

O remedio para o contagio da raiva é matar os cães damnados. Não exigimos que se matem, com um tiro, todos os

tuberculosos: seria, na verdade, um meio radical de evitar o contagio, as enormes despezas que elles occasionam; mas é natural que se mate o tuberculoso do ponto de vista moral, separando-o do resto da humanidade, como um condemnado na prisão, uma vez que o tuberculoso é muito mais perigoso para a sociedade do que um assassino ou um moedeiro falso.

O sr. Florence escreveu: A lucha emprehendida pelas ligas, pelos poderes publicos, foi e será esteril. E' inevitavel porque ninguem se interessa pelos imprestaveis e pelos degenerados, cuja manutenção e despezas são um onus para a familia e um perigo para a sociedade que deseja libertar-se delles. O degenerado, depois de arruinar, succumbe, quando não leva consigo outras victimas. Perdem-se, de modo lastimavel, todos os esforços humanitarios, que poderiam ter por objecto seres nascidos em condições de robustez, os quaes, por falta de nutrição e de cuidados, se estiolam e morrem de miseria physiologica: esses devem ser os preservados da tuberculose. Não sou — diz ainda aquelle medico — partidario do sanatorio para asylar predestinados á morte, para os quaes o prolongamento da vida é um supplicio; é, entretanto, indispensavel nos previnirmos contra o contagio delles e do medo que inspiram:

1º — Sequestrar-os da sociedade em sitios afastados e longinquos;

2º — Submettel-os ao regimen ordinario da vida commum para lhes pôr á prova a resistencia;

3º — Impedir a reproducção de todos os degenerados;

4º — Applicação das antigas leis spartanas aos seres improprios para ganharem a vida;

O dr Jacob resume, com um traço ironico, as mesmas idéas: Si se considera a tuberculose um perigo nacional, esse perigo não deve ser tratado com sentimentalismo. O individuo — diz Jaurès — não deve ser preferido á collectividade. Porque não se empregam os conventos disponiveis para claustros de tuberculosos? Porque não se submettem esses doentes a uma quarentena rigorosa, ao principio, e depois a uma internação perpetua?

Porque se não destróem as suas roupas e moveis? Porque se lhes não eliminam pelo systema de Sparta, os fructos escrofulosos, degenerados, ou simplesmente predispostos? Porque se não incineram os sens cadaveres?

## VII

Seria essa, na verdade, a unica e efficaz prophylaxia social.

A grande legião dos egoistas approvaria essa opinião e os seus processos; mas que pensariam aquelles, em

grande maioria, que têm parentes desgraçados, bacillizados ?

Por menos pshychologo que se seja, responderemos que os parentes dos bacillizados pensarão que essas medidas seriam excellentes, (á parte a suppressão dos predispostos, muito iutensiva) mas não têm coragem de externar sinceramente essa opinião. A grande legião dos egoistas approvará essa solução perfeitamente logica, actualmente mais de accordo com os costumes do que a suppressão radical pela euthanasia, á qual chegam os altruistas com a sua exaggerada sensibilidade.

Si a sociedade não pôde, apesar delles, supprir os incuraveis, pôde e deve defender os seus membros sadios contra os perigos inherentes á existencia dos contagiosos pelo isolamento, contra o qual não poderão protestar, porque têm o dever de não fazer aos outros aquillo que não queriam que se lhes fizesse. O dever de se submeterem ao isolamento é penoso, mas indeclinavel. Muitos homens robustos, cuja vida é, incomparavelmente, mais preciosa que a dos incuraveis, se sacrificam, nas guerras, pela patria.

Poder-se-ia objectar que o isolamento dá a esses infelizes a noção exacta de gravidade da molestia que os opprime, destruindo-lhes toda a esperanza de cura ; mas si, abstracção feita da sociedade, um individuo pôde conservar as illusões de um incuravel, não acontece o mesmo á sociedade quando a molestia do incuravel é contagiosa: cada individuo tem o dever de proteger todos os outros contra o contagio, dever mais serio que o de manter as illusões a um doente.

As grandes despesas feitas para manter a vida dos incuraveis são prejudiciaes, porque é pouco caridoso prolongar-lhe os soffrimentos, ampliando o periodo em que a sua affecção contagiosa constitúe um perigo para a sociedade ; porque, finalmente, aquellas despesas, inuteis ou nocivas, oneram, exgottam os individuos sadios e contribuem para o enfraquecimento da raça e poderiam ser empregados, sem esforço, á creação dos seres que, nascidos fortes, se estiolam e morrem de miseria physiologica, por falta de nutrição e cuidados.

### VIII

A lucta, emprehendida nestes ultimos annos, contra o alcoolismo, a tuberculose, as habitações insalubres; o ensino popular da hygiene, a regulamentação do trabalho, dará, sem duvida, o resultado de melhorar as condições de existencia, de diminuir o numero dos monstros, das creanças rachiticas ; mas essas medidas não serão, completamente, efficaes numa sociedade onde os casamentos se fa-

zem, na grande maioria, por interesse. Dahi, a preocupação de regulamentar os casamentos, chegando-se a propor, para impedir a reproducção dos degenerados, diversos meios mais ou menos praticos, entre os quaes figura a castracção, exigir dos nubentes um attestado medico de aptidão physica, exigencia que teve a honra de figurar numa discussão official na Hespanha. Enquanto essas precauções não se incorporam em medidas legaes aos costumes, alguns paes de familia empregam um meio pratico, exigindo que os genros futuros se segurem em uma companhia de seguros de vida, submettendo-os, assim, ao exame medico essencial para o seguro.

Não é razovel que a suppressão rapida de alguns monstros, pela selecção natural ou por outros meios, diminúam o povoamento prégado, tão ardentemente, por Piot e seus emulos. Os paes procuram, cada vez mais, a abastança para si e para os seus; limitam, quanto pôdem, a procreação, á proporção dos seus recursos; em muitas familias, um filho morto é, em breve tempo, substituído; si um monstro ou um rachitico, que demanda mais cuidados e maiores despesas que um filho robusto, desaparece, será substituído por um ou muitos filhos sadios: haverá, portanto, enorme vantagem em não perturbar a selecção natural.

A questão da euthanasia depende dos costumes, como observou Guermontez; mas os costumes se modificam perpetuamente. A suppressão suave dos monstros, dos incuraveis, foi admittida, outr'ora, por diversos povos; é quasi certo que elle volverá de novo, como previu Wells, em futuro mais ou menos remoto, e, provavelmente, em condições muito proximas áquellas que procuramos determinar, fundados no unico principio de moral universalmente acceito. Esse principio não muda, mas os homens o interpretam diversamente, conforme o povo, a epocha, a evolução do pensamento da média dos individuos. Em todo o caso, parece certo que a morte apressada e suavizada, a euthanasia, será, um dia, admittida para certos incuraveis, quando, de um lado, os utilitarios e os egoistas; do outro, os sentimentaes e os altruistas chegarem, fundados nos principios mais oppostos, ás mesmas conclusões sobre o assumpto.

Essa perspectiva poderá chocar, agóra, numerosos espiritos prezos a crenças religiosas ou que não ouzam dirigir os seus sentimentos altruistas até ás ultimas deducções; ella, porém, não está, por isso, menos aproximada, não estando longe o dia em que a euthanasia, qualificada de assassinato por Guermontez, e punida como crime pelas leis modernas, será considerada, em certas condições,

como um acto de solidariedade, de suprema caridade. Não será, sem duvida, applicada pela maneira draconiana, proposta á *New York medical Association*, mas julgámos de interesse investigar, com imparcialidade, os limites em que será provavelmente admittida nos costumes do futuro.

DOUTOR REGNAULT.

(Conclusão.)

### A REVOLUÇÃO RUSSA

Horriavel situação de uma grandeza tragica commovedora, essa em que se debate o immenso imperio slavo, convulsionado por uma crise social, para a qual ainda não se achava preparada a quasi totalidade do povo e a cujo paroxysmo de certo não foi estranho o accentuado mysticismo da alma russa! Desde o inicio do anno corrente, o estado de sitio assumiu caracter normal em muitos pontos do territorio moscovita, e a revolta das consciencias contra a tyrannia de um monarcha assoberbado por camarilha trefega, (revolta a que desejava pôr fim) foi; aos poucos, ganhando terreno. Os focos de erupção augmentaram e, symptoma grave, hoje surgem em toda a superficie do paiz.

Na Polonia-martyr, amordaçada durante longos annos, a agitação, ao passo que se tornou permanente, assumiu proporções consideraveis, dado o velho fermento de odio do polaco contra o russo; na Finlandia e na Transcaucasia, nos dois extremos do imperio, a differença de raças, linguas e crenças, a situação deprimente do vencido em relação a um vencedor cujo mais suave processo de persuasão é o *knut* ou a *nagaika*, constituíram-se os agentes causadores de uma terrivel rebellião, afogada, na segunda dessas regiões, em ondas de sangue.

Apezar da brutalidade da repressão exigida pelo pavor, que váe n'alma dos governantes, a nação não desanima : mysticos e nihilistas, socialistas e liberaes moderados convergem os esforços para um fim unico : arrancar a Russia ao torpor morbido que possúe, obrigar a autocracia a capitular, para que a era de luz surja para o povo russo, até hoje sepultado nas trevas de um absolutismo medieval.

Até bem pouco, a força armada parecia alheia a toda tentativa que visava diminuir o poderio do czar; passivamente cumpria as ordens vindas de cima, espingardeava os revoltosos ou dissolvia, a pata de cavallo, a multidão inoffensiva, assignalando a sua passagem com os corpos dos velhos inermes, das mulheres ou das creanças. A reacção, por fim, se deu. Regimentos recusam-se a atirar sobre o

povo; outros aggridem os seus proprios officiaes; outras corporações militares ainda vão mais longe: proclamam a revolta aberta contra a auctoridade legal.

A attitude das tripolações dos navios de Niebogatoff, por occasião do desastre de Tsu-Shima, já deixava prever o caso do *Kniaz-Potemkin*, e os acontecimentos subsequentes provaram, á saciedade, que a insurreição de Odessa era o ponto inicial de uma série de levantes militares. E, na verdade, estes não se fizeram demorar. Apenas o governo acabava de suffocar o movimento dos batalhões de infantaria de marinha em Kronstadt, quando a revolta das tropas aquarteladas em Riga veio provar que a indisciplina e a rebeldia lavram intensamente em todos os corpos do exercito russo. Como o prophetisára Rousseau para a França do seculo 18, a Russia está num periodo de crise, pródromo fatal de uma éra revolucionaria de proporções formidaveis. A grande nação slava envereda para uma situação que, em muitos pontos, lembra a da França no periodo de 1789 — 1793; a convocação dos *Zemstvos* recorda a reunião dos Estados Geraes, e as ameaças proferidas contra o antocrata, evocam para Nicolau II o terrivel paralelo do infeliz Luiz XVI. Em ambos, a mesma timidez, a continua hesitação em conceder ao povo o que elle hoje solicita, mas que amanhã exigirá; a versatilidade nas normas de proceder, promettendo concessões de caracter liberal para logo após appellar para o regimen do terror. E com o correr dos dias, mais e mais se váe dilatando o fôssco que separa o throno do paiz, o dynasta da nação.

Outro ponto ha que aproxima, apenas na apparencia, a Russia de hoje da França da Revolução: a guerra externa. Mas, em vez de combaterem os exercitos moscovitas em prol daquelle idéal de liberdade por que se sacrificavam as hostes republicanas de 92 e 93, apenas pelem contra adversario temivel pela posse do territorio estrangeiro, redundando o seu triumpho na conservação do autocratismo. O bom senso mostra ao governo do czar que a paz é inevitavel; mas o perigo da anarchia interna impelle-o para a senda fatal, para o prolongamento da guerra. E' impossivel que em S. Petersburgo não se reconheça a iusensatez da promessa de uma victoria com que os illude o velho Linievitch, o heroico e invicto defensor de Putilof, Baniaputsê e Erdago; e, no emtanto, o destino da autocracia exige que as hostilidades continuem e que os infelizes vencidos da Mandchuria permanecem nesta longinqua região, porque o seu regresso será o signal da revolução niveladora, a morte do absolutismo.

O dilemma para o imperador resume-se em resistir ao povo, isto é, expôr-se á morte, ou ceder ás suas imposições; por outras palavras, abdicar. E' esta a situação a que levaram a Russia a ignorancia, o fanatismo e a tyrannia.

Debalde, procura o soberano adiar a solução da crise que assoberba as instituições; o dilatar o prazo da explosão importa aqui em augmentar-lhe a intensidade. Uma politica sincera e habil talvez pudesse, na opinião de alguns, com a adopção de medidas liberais e lealmente cumpridas, conter ou retardar, pelo menos, a marcha da revolução transformando um paiz de governo despotico em uma monarchia constitucional.

Mas não será tarde? Possuirá a nação russa elementos que consigam deter a torrente? Parece-nos que, por maior que seja o esforço empregado, não logrará o czar restituir á sua patria uma tranquillidade por tantos motivos preciosa, esgottando-se, por fim, numa lucta ingloria para conservar um throno que, com certeza, lhe custará a vida.

GASTÃO RUCH.

### MAZEPPA, GIAUR, PARISINA

*Poemetos de lord Byron, vertidos para versos portuguezes pelo barão de Paranapiacaba.*

#### III

O sr. barão de Paranapiacaba evidentemente não é um joven que, fascinado pelo deslumbramento da gloria, tudo arrisca para ter accessó no concilio das summidades litterarias. A consciencia da superioridade é como que inherente aos grandes talentos; sabe, pois, o illustre traductor de *Mazeppa* quanto vale. E' por isso que o nobre barão apparece na magestosa attitude de magno pontifice, e todos lh'a reconhecemos e acatamos. Não é, dest'arte, um principiante, que, avido de nomeada, emprehenda vôos icareos; pelo contrario, possui *longo saber de experiencias feito*; impõe-se aos nossos respeitos, qual varão, em cuja frente refulge a dupla corôa do talento e da velhice. Já o sangue não se lhe aquece ao fulminante luzir de olhos negros, nem lhe ferve nas emoções que delicias.

As seducções do ruido da fama já para elle não téem magia; caíram, como folhas emmurchecidas, sob as escarchas do inverno, elevadas de roldão, aqui e acolá. As florentes esperanças dos annos juvenis também lá se fôram envoltas em carinhosas ou em afflictivas reminiscencias. Com as tristezas da idade, tombam desfeitos os sonhos de ventura... Emfim, emmu-

decaram as paixões impetuosas, que revolvem e queimam o coração do artista, ou do poeta, que, a furto, lança longinquo e ancioso olhar á sombra da mulher, desenhando-se, tremula e indecisa, sobre a parede do aposento, ao clarão da alampada nocturna... Ai! pobre poeta! nos dias da juventude essa sombra não passaria como um sonho!...

O traductor de Byron é um nome feito, e a sua obra a resultante dum labor consciente e aturado da meditação, que fecunda; da critica, que apura e aperfeiçoa. O cantor brasileiro pôde, seguro de sua reconhecida superioridade, fixar no futuro sereno olhar; a sua fama de litterato permanecerá, passando a novas gerações. O nome, que tanto honra as nossas lettras, perdurará vinculado ao de Jocelyn, ao de Lafontaine, ao de Plauto, de *Mazeppa*, *Giaur* e *Parisina*, emquanto, na linguagem portugueza, houver cultores do passado.

Satisfeito da admiração que lhe tributam os contemporaneos, colmado das palmas de triumpho e de tudo que almeja a elevada ambição das creaturas privilegiadas, o sr. barão de Paranapiacaba, desde os nossos dias, é reputado um dos espiritos que illustram o Paiz. Pouco importa que viva numa sociedade indifferente aos idéas da arte, da poesia, da litteratura, dos grandes pensamentos... até das verdadeiras crenças politicas. Nesse meio social, que tudo ineptamente desdenha, que escarnece das occupações mentaes, atarefado com os interesses materiaes, que condizem principalmente com as paixões tacanhas e, ás vezes, torpes do egoismo — o illustre traductor de Byron não desacoroçoa e, sempre activo, concorre para incrementar o patrimonio intellectual do Paiz, porque comprehende que as cogitações dos pensadores representam avultada parte das riquezas sociaes; testificam também a lucta pela vida, de masiadamente rude e dolorosa. A sociedade não vive só de pão; é impossivel que exista sem o pensamento; numa palavra: sem a idéa, que a organisa, sustenta, avigora e conserva; sem a idéa, que é o raio do sol, que esclarece, anima e vivifica o muudo moral como o physico.

Em verdade, um exame dos trabalhos intellectuaes verifica que bem poucos litteratos se pôdem comparar com o traductor de Byron. O poeta, deixando de lado a lyra classica, o alaúde romantico, é um espirito pratico e versado nas sciencias e nos negocios da administração publica. A fecunda actividade de sua intelligencia é incontestavel; manifesta-se nutrida de estudos scientificos e litterarios; brilhante na poesia por dons raros e peregrinos. Nas controversias, o traductor de Byron e de Lamartine provou

ser argumentador de robusta dialectica e possuir a concisão e vigor de controversista amestrado, quer discutisse assumptos financeiros e de colonisação, quer os de litteratura ou d'arte. Assim, o interprete dos pavorosos lamentos de *Giaur* ou das ardorosas volupias de *Parisina*, não é um simples artista, ou poeta — éstro errante ua vastidão das phantasias d'alma.

Notabilisam-se nelle, tambem, o pensador, o administrador, versado nas soluções dos problemas economicos e financeiros, o orador politico, que, outr'ora, conquistou applausos na tribuna parlamentar.

A geração que não o conhece, vendo-o transitar pela rua do Ouvidor, não murmure — *nomini umbra!*...

Ao contrario, considere-o no viço de perpetua primavera, opulenta e florida. Vêde no frescor, na florescencia das primorosas e recentes versões de *Parisina*, ou *Giaur*. Sem as frivolezas, que as mediocridades sóem ostentar, mesmo sem o legitimo orgulho do talento superior, que se sente na consciencia da propria força, o traductor de lord Byron é desprezencioso, lhano e sobresáe pela polidez da cortezia e benevolencia do trato. Por essas gentilezas, differença-se do feróz e intratavel lord, que fazia praça de soberba, de vicios, até de torpezas, nas orgias. Como, com estas discordancias de character, tantas affinidades intellectuaes ligam, identificando, as duas almas, irmanando os dois poetas — o inglez e o brasileiro?!

O lord passou a vida, ostentando ruidosas imposturas, segundo o testemunho competente e insuspeito dum observador, seu compatriota e companheiro de viagens. (1) O traductor não uza dessas aleivosias contra si proprio; nelle, o homem de genio e de coração estão em plena respondencia; harmonisam-se perfeitamente. Não tem aquelles estolidos caprichos, nem intoleravel orgulho. O principiante que lhe pedir um conselho, não ouvirá em resposta a vóz aspera, impertinente, de severo mestre, mas de amigo, ou dum companheiro solícito, que acoroçoa e instrúe.

Aquelles que amam as letras, não devem deixar de reconhecer os titulos que legitimam a nomeada do nobre e illustrado barão.

As composições originaes não desdizem das traducções, productos da mesma origem; trazem o cunho de seu peregrino talento; rescendem aromas subtis e deliciosos; exálam harmonias, nas quaes sentimos as emoções da sensibilidade e o lume da inspiração; mostram graça e a perpetua primavera, em que a vida lhe floresce, espargindo perennes enlevos dos sonhos d'alma de poeta.

Tal é a exuberancia dessa imagina-

ção, na qual, de subito, brotam os cantos de *Mazeppa*, *Giaur* e *Parisina*, como espumante e sonoro jorro duma voluptuosa torrente. Estas trez producções são de generos diversos; não sáem das vibrações da mesma corda. Em todas, o traductor mede-se, emparelha com o auctor original — e este não é qualquer frivolo rimador da grey dos *parnasianos*, preocupados principalmente da sonoridade da rima; por exemplo, um faceto Blanville, ou o insipido François Coppé. O auctor original é uma realeza intellectual, potente pela idéa e soberano pela harmonia. E' o genio, que irradiou sobre o seculo XIX e, transpondo os seculos vindoiros, será admirado na posteridade. Póde-se bem avaliar da grandeza do astro que teve por satellites um Shelley e T. Moore, na Inglaterra; Heine, Prutz, Jules Mosen e outros, na Allemanha; Hugo Foscolo, Leopardi, Monti, Stecchetti, Manzoni, etc., na Italia; Lamartine, V. Hugo, Alfredo de Musset, Vigny, etc. em França.

Nos paizes civilizados, os cerebros, consumidos pelas theorias do scepticismo, pelas doutrinas da philosophia moderna, fôram afferrados sectários da inspiração byronianna; fôram imitadores das extravagancias e das orgias de *Lambro* ou de *D. Juan*. Os erros e os vicios dos discipulos pezararam sobre a reputação do mestre com terrivel responsabilidade.

A despeito da grita e das maldições, Byron manteve-se na culminancia e foi o pensamento dominador na litteratura do seculo, influindo nas idéas, nos sentimentos e costumes.

A poesia de Byron é vária e, ao mesmo tempo, cheia de unidade pela natureza e origem da inspiração. O poeta experimenta e exprime uma alluvião de discordantes sentimentos, idéas, concepções, sempre na mesma gamma e vibração, imagens e colorido; vária tambem pela opulencia e abundancia das creações. Ora em seus cantos murmura a paixão amorosa e lasciva; rutila a fé, idealisa-se a ternura; ameiga-se a brandura. Ora irropem a violencia, a colera, a descrença, a dôr, e essas se exálam com delirante energia... O traductor brasileiro sóbe ao mesmo Thabor das grandiosas ou terriveis transfigurações e, ainda deslumbrado, coberto de fulgores, ou envolto no véo de sombras, reprodúz os sentimentos do auctor, traduzindo *Mazeppa*, *Giaur*, *Parisina*, tal qual e sob a mesma emoção. Eis ali a razão pela qual conserva até a fôrma melodiosa, a contextura da versificação de Byron, que os criticos inglezes proclamam verdadeiramente magnifico e excellentemente metrificador da escola de Pope e de Johnson. E o sr. barão de Paranapiacaba, entre os nossos poetas, é reputado metrificador,

por assim dizer, sem rival. Elle soube reunir, em seus versos, a vigorosa harmonia de Bocage á primorosa elegancia de Castilho e á meditada cadencia de Garrett.

Notai a pericia da mão do artista, reproduzindo as trez figuras dezenhadas, traçadas e animadas ao sopro vivificante do genio de Byron.

*Mazeppa*, amarrado sobre o dorso do corcel, lá váe, em rapida e desembestada desfilada, por montes e valles... *Giaur*, na solidão do claustro, é um phantasma que se recorda da ventura passada, mas que lhe está pungindo o intimo d'alma... *Parisina*, ainda abrazada de incestuosos ardores, suspira pelo querido Hugo.

Cada uma das situações dessas figuras provoca diversos accentos nos versos dos dois cantores. Si Byron os desferiu admiraveis, elles se repercurtem opulentos de louçanias, vibrantes da energia, na versão de *Mazeppa*; terriveis na lamentação de *Giaur*; ou meigos como a ternura da carinhosa e infida *Parisina*. O traductor, sentindo, pensando e exprimindo as mesmas emoções e idéas, reproduziu fielmente a mesma obra — criação do genio de ambos. Todos os lidos nestas coisas litterarias, sabem que os versos e os poematos de Byron são considerados bellos; o traductor os egualou cinzelando os seus versos com arte, que não revela só paciente labor ou espontanea e natural florescencia; nesta metrificação, trasbordam as correntes da harmonia; os effluvios de certa volupia, que vem dos sentidos, requintada por idéas da belleza e do amor.

Um traductor, sem aquelles predicações, um méro linguista e rigido grammatico será fidelissimo, porém insipido, mechanico, sem audacia, calor e vida. Só tradúz bem aquelle que sente e comprehende a alma e passa pelas mesmas emoções do auctor original. Supponha-se que o erudito Odorico Mendes quizesse verter os poemas de Byron com rigorosa exactidão, tal qual traduziu a *Illiada*, ou a *Eneida*; — quem o leria, quem poderia supportalo?

O genio violento, phantastico, tremendo, satanico, do cantor de *D. Juan* e de *Lambro*, poderia accomodar-se, amesquinhando-se, nas estreitas e apertadas regras da poetica das escolas?

Não: as portentosas creações do bardo inglez só pódem ser bem traduzidas por um poeta da mesma indole de inspiração, ardente, impetuosa, aventureira, cheia de effusões de caloroso enthusiasmo.

Não sei explicar o porquê o sr. barão de Paranapiacaba, podendo consagrar tempo e labor a composições originaes, prefere ser traductor. Essa tarefa, muitas vezes, não é somenos.



Cicero, o immortal orador da antiga Roma, traduziu muitas obras do grego, para o latim; suas composições philosophicas, por assim dizer, são compilações das doutrinas das escolas que floresciaam na Grecia.

Ainda hoje, eminentes eruditos, poetas e escriptores, na douda Allemanha, occupam-se com traducções, tanto que certo historiador da litteratura observa que na Allemanha se traduzem os livros de todos os povos cultos.

Nascerá tal preferencia do sentimento patriotico de dar á mocidade da sua patria a versão dos poemas do portentoso cantor? De certo, o trabalho do illustrado barão é de summa utilidade para os cultores noviços da poesia e de singular prazer para os velhos litteratos.

Devemos agradecer-lhe esse serviço e favor, dos quaes todos aproveitam.

Não olvidemos, porém, que os poetas não se remuneram, sinão com o salario, que não passa dum nome, duma abstracção, duma chimera — a gloria, a immortalidade!.. Soberbos da opulencia dos thesouros inexgottaveis da phantasia; altivos da magnitude do poder; arrogantes no meio das turbas genuflexas de admiradores, — os poetas caminham, impavidos, como os prophetas doutr'ora, representantes do *Altissimo*!. Si elles então abemolados hymnos de pureza, si adoram a virtude, si cultivam o amor casto e santo, da mesma sorte preferem horriveis blasphemias, murmuram canções lascivas, amam vicios, tripudiam nas orgias e embriagam-se em asquerosas e repulsivas devassidões...

Byron foi um desses prophetas; comprazia-se em ser considerado anjo decaído, em passar por Ahriman malefico, saído das trevas...

As pessoas que viveram com elle, apontam essa pequice, que, em verdade, lhe deslustra a grandeza eschyliana. Elle *ostentava e confessava-se repleto e saciado de todos os vicios*. (2) Inculcava-se aváro. Denunciava-se duro e insensível para com os soffrimentos do proximo; ebrio e devasso. Pretendia encarnar as perversidades dos personagens de seus poemas. Em *Mansfredo e D. Juan*, ouza ostentar o impudor de fazer, em immundos sarcasmos, allusões aos segredos do leito nupcial, humilhando e desesperando miss Milbank, que fôra sua esposa. (3)

Todos os que levam os seus poemas, sabem que o terceiro canto de *Child Harold* contém versos dirigidos a — ADA BYRON, filha que houve do seu consorcio.

Nunca mais tornou a vel-a; porém, nos requintes de suas devassidões e orgias por toda a Italia, principalmente em Veneza, conservava o retrato da innocente creança na cabeceira do leito, onde se espreguiçavam a mar-

queza de Guiccioli e muitas outras mulheres de alta e baixa classe. Um critico moralista observa que «não perpassou nunca pela mente de Byron, siquer, ligeiro sentimento que lhe exprobase a brutalidade de condemnar o retrato da innocente menina a ser testemunha de scenas torpes.» Faltava á grandeza do genio, a delicadeza das bellas e nobres acções.

Um inglez, seu companheiro de viagem, o senhor Trelawny, na obra que publicou sobre a vida de Byron, (4) assevera que este, apezar de gabar-se de ebrio, sempre foi excessivamente sobrio.

A sobriedade era para elle uma necessidade, porque temia ficar obséso, talvez porque suas pernas não poderiam carregar um corpo demasiado volumoso.

Além do aleijão dos pés, as pernas eram seccas até os joelhos. Este mesmo compatriota affirma que, na Italia, obervou Byron passar, durante muitos dias, comendo biscoitos e bebendo *soda water*.

Nenhum homem foi tão escravo do desejo de espantar o mundo, como foi lord Byron, que chegava a dizer que os admiradores *beatos* dos grandes homens não passam duma turba de imbecis, que só se enthusiasmam por tudo o que ha de ridiculo em seus predilectos.

Ora, como era esse o conceito que formava dos seus admiradores, Byron logicamente procedia, praticando as coisas extravagantes, indecentes e ridiculas, para satisfação da escoria dos imbecis.

O mesmo compatriota affirma que, sob pretexto de desconcertar a curiosidade, Byron fazia praça de impostura perante o publico; entretanto, de sua natureza, era tímido, razoavel, modesto e acanhado até o desazo — bôa e simples creatura!

O auctor citado, quando Byron morreu em Missolonghi, commetteu a irreverencia de levantar o lençol mortuario que cobria o cadaver e examinar os pés aleijados e as pernas seccas, até os joelhos.

O sr. Trelawny publicou o seu livro muitos annos depois de fallecido o cantor de *Giaur*. Foi uma testemunha auctorisada e competente que, por assim dizer, deu o seu depoimento no processo, quasi secular, que a *moral formalista* ingleza parece haver sustentado contra o poeta banido da soberba e poderosa Albion e que, até hoje, é allí considerado um misero proscripto. A' vista desta inquebrantavel severidade, poder-se-á perguntar si o genio foi dado a Byron como um privilegio augusto, ou como punição merecida dum detestavel reprobol Teria elle sido condemnado a arrastar as bragas infamantes de galés perpetuas?

Para comprehender bem as produções daquelle pensamento, é indispensavel surprehendel-o e acompanhá-lo desde a genesis de sua formação nas dobras reconditas da consciencia. Ora, é esse um dos meritos do nosso traductor, que parece ter vivido a vida intima do poeta inglez; compartilhado de suas emoções; afagado as aspirações; devorado as tristezas continuas e horriveis; sugado a esponja gottejante de fel e de vinagre, e, dest'arte, conseguin revelar tudo que se passa no animo do cantor de *Parisina e de Giaur*.

Si não houvesse a identificação das duas almas, como seria possivel que numa se repercutissem as emoções da outra? A consciencia desses phenomenos, isto é, o conhecimento psychologico é absolutamente individual; não é commum nem compartilhado; não pôde ser comprehendido por méra e simples inducção. De certo, não sois impressionado da mesma maneira que outro homem. A nossa impressão sómente, vós a sentis e conheceis.

Ella modifica fatalmente o vosso *Eu*, sem intervenção, siquer, da vossa vontade. A consciencia apenas vos apresenta os resultados da sensação, ou da actividade mental.

Como o poeta original e o traductor produziram a mesma obra, sentiriam as mesmas emoções, si suas almas não fôssem duas harpas, cujas cordas, pulsadas pelas mesmas mãos, exálam identicos harpejos?

Vêde um exemplo na photographia. Diversos photographos assestam a machina sobre os contornos da nossa esplendorosa bahia. O painel surge egnal de todos os *reveladores*. Aquillo que um exprime, encontra-se nos outros, porque o machinismo não tem concepção nem idéal; não sente a vida palpitar-lhe na sensação, nem a vontade luctar com o pensamento...

Ao contrario, certo numero de pintores, (artistas de pincel) cada um com o seu temperamento e sentido diversamente; uns, resistindo á fatalidade da sensação; outros, dominados por ella, dezenham e pintam differentemente. Cada um exhibirá resultados oppostos. O quadro representará o mesmo objecto, os mesmos aspectos e contornos, a vastidão da bahia com as vaporosas cumiadas das montanhas, com a verde-negra vegetação, com os abrnptos rochedos, com o purpureo azul do mar; (5) porém, os ance-nubios de luz, os contrastes de sombras, os matizes das côres, os relevos das payzagens, as minucias das linhas, emfim, tudo differe, como o temperamento dum pintor se differença da faculdade sensitiva do outro, como o pincel dum não é o do outro; o gosto varia em cada um destes artistas.

Assim, o traductor é um REVELADOR. Si sentir e pensar da mesma sorte que

o outro original, então exprimirá eguaes dôres ou alegrias; exalará gritos de desesperos, ou brados de supplicas...

O sr. barão de Paranapiacaba, de certo, não se limitou a comprehender o pensamento, ou paraphraseal-o; procura expressal-o na mesma fórma; viveza, harmonia e belleza. Traduzindo o *Giaur*, conserva-lhe até o movimento dramatico em todos os lances em que o protogonista narra a paixão por Leïla. A scena é representada de tal sorte pungentissima, que nos dá a sensação da realidade; como que faz escutar-mos a voz angustiosa e tetrica do frade desconhecido e quasi phantasma. Pensamos que estamos assistindo e vendo as contorsões dum martyrio lento, cruel, hediondo... Confrange-nos essa paixão, que lacera o infeliz, que veio, debalde, procurar, no insulamento do claustro, a paz, e beber o olvido de seus tormentos...

Essa dôr não cessa; vemol-a torturar o desgraçado, como a Medéa mythologica, que redúz a pedaços os filhos e, em presença dos espectadores, atira por sobre o palco scenico — *disjecta membra*...

Contemplamos ainda, como no drama de Shakespeare, o Mouro, transido de fervida colera, estrangula a infeliz Desdemona, quando ella balbuciava uma canção que, na infancia, aprendera dos labios maternas...

Esta passagem do poemeto, na qual *Giaur*, mettido frade, conta que o amor lhe está abrazando o peito e a immensa paixão doutr'óra renasce, e que se sente enlouquecer sómente ao lembrar-se da mulher querida... é, tanto no original quanto na versão do poeta brasileiro, dum vigor eschyliano e admiravel e dum effeito dramatico que indica que Byron possuia soberbas e prodigiosas faculdades para as creações tragicas.

EUNAPIO DEIRÓ.

(Continúa)

(1) *Recollections of the last days of Schelley and Byron*, by Trelawny — 1 vol.

(2) Segundo affirma Th. Moore.

(3) *Hist. of Litt. angl.*

(4) *Recollections of the last days of Schelley and Byron*, by Trelawny.

(5) Virgilio, na *Eneida*, escreveu — *purpureum froetum* — quer dizer: brilhante como o lustre da purpura; e o poeta portuguez Garção, excellente classico, disse — *Entre as ondas azues do mar doirado*.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e do primeiro semestre de 1905.

As officinas dos Annaes, dispondo de um material novo e moderno, encarrega-se de todo e qualquer trabalho typographico.

## PAGINAS ESQUECIDAS

Nas *paginas esquecidas* do nosso numero anterior, os leitores terão encontrado uma copiosa e abundante materia a respeito do que se chamou o erro de astronomia na bandeira. Hoje, publicamos um erudito trabalho do sr. Eduardo Prado, allegando que «no plano da bandeira, houve desprezo, ou ignorancia da tradição historica.»

### A BANDEIRA NACIONAL

«A bandeira recorda o Passado, donde proviemos, a Posteridade, (1) por quem trabalhamos, e o Presente, que fórma o élo movediço dessas massas indefinidas das gerações humanas. Este symbolo corresponde a tudo quanto o outro (a antiga bandeira de 1822, feita por José Bonifacio e Pedro I) tinha de essencial. Ella lembra, naturalmente, a phase do Brazil-Colonia nas côres azul e branca que matizam a esphera, ao mesmo tempo que esta recorda o periodo do Brazil-reino, por trazer á memoria a esphera armillar. Desperta a lembrança da fé gloriosa dos nossos antepassados e o descobrimento desta parte da America, não mais por meio de um signal, que é actualmente um symbolo de divergencia, (a cruz de Christo) mas por meio de uma constellação, cuja imagem só pôde fomentar a mais vasta fraternidade, (o Cruzeiro do Sul) porque nella o mais fervoroso catholico contemplará os mysterios insoudaveis da crença medieva, e o pensador mais livre recordará o character subjectivo da mesma crença e a poetica imaginação dos nossos avós. Finalmente, foi mantida a idéa de representar a independencia e o concurso civicos por um conjuncto de estrellas...»

*Apreciação Philosophica*, pelo sr. RAYMUNDO TEIXEIRA MENDES. (2)

PROPOSIÇÃO I — «O novo symbolo corresponde a tudo quanto o outro tinha de essencial.»

E' inexacto.

O fac-simile da bandeira do sr. Teixeira Mendes, como a representa o *Annexon*. 1, do *Diario Official*, fica em opposição ao da antiga bandeira brasileira. Um lance d'olhos sobre as duas estampas mostra que a nova bandeira apenas conservou da bandeira de Pedro I e de José Bonifacio as côres verde e amarella e a disposição, isto é, um losango amarello em campo verde. O antigo escudo, lembrando o descobrimento do Brazil, o Brazil-colonia, o Brazil-reino e o Brazil durante 67 annos de vida independente e livre, foi supprimido e substituido inestheticamente por uma bóla azul, cortada por uma faixa branca e crivada, na parte interior, de estrellas dispersas.

A côr verde, segundo a *Apreciação Philosophica*, parece que foi conser-

vada em attenção a Augusto Comte, que diz o seguinte: «Esta nuança convém aos homens do Porvir, por isso que caracteriza a Esperança, como o annuncia habitualmente por toda a parte a vegetação, ao mesmo tempo que indica a Paz, duplo titulo para symbolisar a actividade pacifica. Historicamente, ella inaugurou a Revolução Franceza, porque os sitiantes da Bastilha não tiveram, quasi todos, outros emblemas além de folhas subitamente arrancadas ás arvores do Palais Royal, segundo a feliz exhortação de Camillo Desmoulin's.»

«Esta recordação universal — accrescenta o sr. Teixeira Mendes — nos transporta á contemplação do proto-martyr da nossa liberdade nacional, o generoso Tiradentes, que foi denunciado no mesmo anno em que Pariz inaugurava a regeneração humana.»

PROPOSIÇÃO II — «O novo symbolo lembra a phase do Brazil-colonia, nas côres azul e branca que matizam a esphera.»

E' um erro da *Apreciação*, que, por ter a actual bandeira portugueza as côres azul e branca, julgou que essas côres datavam do tempo do Brazil colonial.

As côres azul e branca só são as da bandeira portugueza, desde 1830, em virtude do decreto da regencia, chamada da Terceira, datado de Angra, a 18 de outubro daquelle anno, isto é, 8 annos depois da independencia do Brazil, (3) quinze annos depois do Brazil ser elevado a reino, vinte e dois annos depois do Brazil, de facto, deixar de ser colonia, pela chegada da familia real, em 1808.

A côr da bandeira portugueza, tanto em Portugal, como nas colonias, foi, antes e depois de 1500, a côr branca. Não é, pois, possivel relembrar a phase colonial do Brazil, pelas côres brancas e azul, que nunca fôram as dessa colonia e são as de Portugal sómente desde 1830.

Em 1500, a bandeira que Cabral arvorou na terra do Brazil foi a bandeira branca, da ordem militar de Christo. Esta foi a dos navegadores portuguezes, a de Vasco da Gama, a de Cabral, que nas vélas dos seus navios tambem traziam a cruz vermelha de Christo. (4) Ella se encontra em muitos *portulanos* e em varios documentos contemporaneos, nas estampas da peregrinação de Linschotten, no seculo XVI, (5) e nas da obra de Barlœus, representando combates da guerra hollandeza no Brazil. (6) A cruz de Christo, a esphera armillar de d. Manoel (armas dadas a este principe por d. João II) (7) e as quinas portuguezas eram simultaneamente usadas como emblemas do rei de Portugal, nas terras recém-descobertas. (8) A bandeira, porém, era sempre branca.

No seculo XVII, durante o dominio

hespanhol, a bandeira portugueza, diz d. Francisco Manuel na sua *Epanaphora trajica*, (9) teve uma silva verde em torno do escudo, para se distinguir da bandeira hespanhiola, que tambem era branca, tendo o escudo real no centro. (10)

Depois que o Brazil foi elevado a principado, (1647) começou a esphera armillar manoelina a servir de armas ao Brazil, e a bandeira especial desta parte do imperio colonial portuguez continuou a ser *branca*, mas com a *esphera armillar de ouro no centro*. (11) Não é conhecida a data do alvará, ou decreto, que deu por armas ao Estado, ou principado do Brazil, a esphera de d. Manoel. Vemol-a, porém, desde o seculo XVII, nas bandeiras do Brazil, nas primeiras moédas portuguezas cunhadas em fim daquelle seculo, no Brazil e para o Brazil, e encontramol-a tambem nos sellos. (12)

As outras bandeiras, com as armas reaes, tambem fôram sempre brancas e tinham no centro as armas de Portugal e Algarves, até 1816. Depois do decreto de 13 de maio de 1816, que deu armas ao reino do Brazil, a bandeira do reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves, usada pela nossa antiga metropole até 1825, isto é, até o reconhecimento da independencia do imperio do Brazil, foi tambem branca, tendo no centro as armas da União, isto é: o escudo das armas de Portugal e Algarves sobreposto ás armas do reino do Brazil e tendo por timbre a corôa real.

Pela succinta exposição historica que fizemos, vê-se que as côres portuguezas, no Brazil, nunca fôram—azul e branco—e que o sr. Teixeira Mendes errou, querendo recordar o periodo colonial da nossa historia por essas côres, as quaes, só a partir de 1830, fôram as do reino de Portugal.

**PROPOSIÇÃO III** — A nova bandeira *«recorda o periodo do Brazil-reino, por trazer á memoria a esphera armillar.*

Não ha esphera armillar sem armillas, ou circulos. A esphera azul desenhada no losango amarello, não tem signal algum que lhe dê relevo: é um circulo azul, cortado por uma faixa branca e ponteados de algumas estrelas. E' necessario um esforço de imaginação para o espirito figurar a antiga esphera armillar, á vista da bola azul da nova bandeira do Brazil.

**PROPOSIÇÃO IV** — *«A nova bandeira desperta a lembrança da fé gloriosa dos nossos antepassados e o descobrimento desta parte da America, não mais por meio de um signal, que é actualmente um symbolo de divergencia, mas por meio de uma constellação, (o Cruzeiro) cuja imagem só pôde fomentar a mais vasta fraternidade, porque nella a mais*

*fervoroso catholico contemplará os mysterios insondaveis da crença medieva e o pensador mais livre recordará o character subjectivo da mesma crença e a poetica imaginação dos nossos avós.»*

A) — «A CONSTELLAÇÃO DO CRUZEIRO LEMBRA O DESCOBRIMENTO DESTA PARTE DA AMERICA.»

Pela leitura destas palavras, parece que o auctor da *Apreciação Philosophica* entende que a constellação do Cruzeiro do Sul está ligada á historia do descobrimento do Brazil, o que é inexacto.

As estrellas da constellação do Cruzeiro faziam parte da constellação do Centauro. Os antigos conheciam-nas, e, no tempo de Ptolomeu, eram ellas visiveis em Alexandria, (13) de cujo horizonte desappareceram, pelo effeito da precessão dos equinoxios. Como observa Humboldt, no tempo de Santo Athanasio e de São Basilio, no quarto seculo, os christãos da Thebaida viam ainda a Cruz do Sul. (14) Ignora-se a epocha em que foi assignalada a figura de uma cruz na parte inferior do Centauro da esphera; mas, diz ainda Humboldt, os astrónomos arabes designaram tambem cruces nas constellações do Dragão e do Golphinho. Em todo caso, não foi Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, quem avistou primeiro o Cruzeiro do Sul; Pero Vaz de Caminha, escrivão da sua armada, na carta celebre dirigida ao rei d. Manoel, não fala, sequer, dessa constellação. As primeiras menções que se encontram della nas narrativas dos navegantes são as de Andrea Corsali, quando viajava pela costa d'Africapara Cochim (1515) e a de Pigafetta; (1520) que este tocou no porto do Rio de Janeiro, durante a primeira viagem de circumnavegação do globo, emprehendida por Fernão de Magalhães e concluida por Sebastião del Cano. Quanto ao piloto portuguez anonymo, citado por Humboldt e de Ramusio, e que descreve, da costa d'Africa, essa constellação, sabe-se que a sua viagem teve logar em 1551, ou 1552. (15) Pedro Alvares Cabral viu, sem duvida, as estrellas do Cruzeiro do Sul, embóra as não discriminasse dentre as constellações. Isto, porém, não é sufficiente para poder a *Apreciação Philosophica* afirmar que a constellação do Cruzeiro lembra a descoberta do Brazil. Estas estrellas fôram vistas, nos tempos modernos, por todos os que passaram ao sul do Tropico de Cancer. Viram-nas, muito antes da descoberta de Cabral: o catalão Jayme Ferrer, que, em 1346, chegou até ao rio do Ouro, na costa oriental da Africa; o portuguez Gil Eanes, que, em 1433, dobrou o cabo Bojador; o portuguez Nuno Tristão, que, em 1441, ultrapassou o cabo Branco; e viu essas estrellas, ainda

mais altas sobre o horisonte, o veneziano Aluisio Ca de Mosto, que, em 1445, transpoz o cabo Verde e chegou ao rio Gambia. Viram-nas muitos outros, como Antonio de Nolla e Diogo Gomes, descobridores das ilhas do cabo Verde (1460); Diogo Cam, descobridor do Zaire (1484); Barthomeu Dias, ainda antes de chegar ao cabo das Tormentas (1486); Christovam Colombo, quando descobriu a America (1492) e Vasco da Gama (1498), na expedição que precedeu a de Pedro Alvares Cabral (1500).

Um dos primeiros exploradores da costa do Brazil, Amerigo Vespucci, numa das cartas que lhe são attribuidas, (16) refere-se a quatro estrellas que lhe lembraram a celebre passagem de Dante:

Io mi volsi a man destra e posi mente  
All'altro polo, e vidi quattro stelle  
Non viste mai fuor che alla prima gente.  
Goder pareva il ciel di lor fiammelle.  
O settentrional vedovo sito  
Poi che privato sei di mirar quelle! (17)

PURGATORIO II, v. 22-27.

Vespucci não conhecia, sequer, então, o nome da constellação; em vez de uma cruz, elle viu posaicamente nella uma figura rhomboide, ou uma amendoa (*una mandorla*). (18) Nos fins do seculo XVI, e começos do seculo XVII, epocha que, segundo Varnhagen, foi a da maior gloria do nome de Vespucci, (19) apparecem gravuras attribuindo a Vespucci a descoberta do Cruzeiro do Sul. E' porém, certo que só em 1612 publicou Brayer o seu Atlas, primeiro documento astronomico em que figura, destacada da constellação do Centauro, a constellação do Cruzeiro. Brayer publicou o seu Atlas justamente um seculo depois da morte de Amerigo Vespucci (1512). Durante a vida deste navegador, a Cruz do Sul não teve este nome. Não a conheceram como a constellação da Cruz, nem a ella jámais se referiram os primeiros navegadores da costa do Brazil.

Não ha, pois, razão alguma para a *Apreciação Philosophica* entender que a constellação do Cruzeiro lembra o descobrimento do Brazil.

B — «... NÃO MAIS POR MEIO DE UM SIGNAL QUE É ACTUALMENTE UM SYMBOLO DE DIVERGENCIA, (A CRUZ) MAS POR MEIO DE UMA CONSTELLAÇÃO, CUJA IMAGEM SÓ PÓDE FOMENTAR A MAIS VASTA FRATERNIDADE.»

Não comprehendemos porque a cruz será no Brazil um symbolo de divergencia. Ha naquella paiz quatorze milhões de christãos. O brasileiro é baptisado com o signal da Cruz e, no seu descanso final, dorme no seu tumulo á sombra da cruz. Como pretende o sr. Teixeira Mendes que este signal, que o brasileiro recebe ao entrar na vida e que o acompanha na morte, seja um symbolo de divergencia? E'

infima a minoria não christã no Brazil.

Demais, a cruz da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo tem na bandeira, além da significação religiosa, a alta significação historica e patriótica, de ter sido o symbolo representado na bandeira que o primeiro descobridor portuguez hasteou no Brazil.

O Governo Provisorio conservou para os militares a cruz verde e florenceada da ordem de S. Bento de Aviz, e nenhum militar tem divergido, até hoje, recusando-a. Ainda ninguém rejeitou essa condecoração, tão larga e fraternalmente distribuída, a pretexto de divergencias theologicas.

Porque é que um symbolo é apagado da bandeira como emblema de discordia e, ao mesmo tempo, é pregado ao peito dos soldados como insignia de honra?

Quanto á constellação do Cruzeiro fomentando a mais vasta fraternidade, pensamos que o sr. Teixeira Mendes entrou, neste ponto, no dominio da Astrologia. A influencia daquella constellação sobre a fraternidade humana, não deve ser sensível aos povos que habitam o hemispherio norte, pois estes povos não vêem o Cruzeiro. Os hispano-americanos, que não são modelos de fraternidade, pois vivem em dissensões contínuas, alimentando odios inextinguíveis; as tribus selvagens d'Africa; os barbaros das ilhas do Oceano Indico e do Pacifico e os colonos da Australia e da Nova Zelândia, esses, que vivem debaixo da influencia da constellação fomentadora da fraternidade, esses devem ser os povos mais fraternos da Terra.

PROPOSIÇÃO V — « *Foi mantida a idéa de representar a independencia e concurso civicos por um conjuncto de estrellas.* »

Na bandeira de 1822, existia, com effeito, a bella e poetica idéa de representar as antigas provincias por estrellas. Presidiu, porém, á execução dessa idéa, o pensamento de representar a união harmonica das provincias por outras tantas estrellas eguaes, dispostas em circulo, isto é, na mais perfeita symbolisação da ordem e da egualdade, figuradas pela continuidade e pela equidistancia do centro. Na bandeira dos Estados-Unidos, vê-se o mesmo pensamento, e as estrellas que nella figuram os Estados da União são estrellas eguaes em grandeza, como são eguaes em direitos os Estados, e essas estrellas estão dispostas symetricamente no parallelogramma azul, justa imagem da boa ordem e da União Federal.

Na bandeira do decreto de 19 de dezembro, os Estados do Brazil são representados por estrellas e ha no campo azulado do hemispherio austral

estrellas de primeira, de segunda e terceira grandeza e até uma,  $\sigma$  do OITANTE, que é invisível a olho nú. Foi desprezado o dogma fundamental de toda organização federativa, isto é, o da egualdade de direitos e de autonomia de todos os Estados federados.

Na bandeira, as estrellas não estão figuradas de modo a representarem a união e a harmonia. Separadas e dispersas, como estão, figurariam, antes, não só a desigualdade, como a desunião e a desordem. Quanto á idéa de independencia figurada por um conjuncto de estrellas, nas suas posições astronomicas, segundo diz o decreto, é claro que esta representação astronomica e inflexível indica, antes, uma rigorosa subordinação a leis fataes e immutaveis, como são as da ordem cosmica, do que á independencia, de que fala o sr. Teixeira Mendes.

EDUARDO PRADO.

(1) *Recordar* quer dizer:—tornar a trazer á memoria. — E' verbo que só se applica ao passado. E' impossivel *recordar a posteridade*, pois a posteridade é coisa futura.

(2) *Diario Official*, n. 323, de 24 de novembro de 1889; 1.<sup>a</sup> pagina, 1.<sup>a</sup> columna.

(3) Decreto:

«Tendo o governo que usurpou o throno de sua magestade fidelissima usurpado tambem as côres que tinham guiado para a victoria as tropas portuguezas, sempre distinctas pelo seu valor e lealdade, e sendo necessarias hoje novas insignias que distingam os portuguezes que permaneceram fieis no caminho da honra daquelles que tiveram a desgraça de seguir o partido da usurpação: manda a regencia, em nome da rainha, que, de ora em diante, a bandeira portugueza seja bipartida verticalmente em branco e azul, ficando o azul junto da haste e as armas reaes, collocadas no centro da bandeira, a metade sobre cada uma das côres; e manda, outrossim, a regencia, em nome da mesma senhora, que nos laços militares do real exercito e armada se usem as mesmas côres azul e branca com a mesma fórma do laço actualmente em uso e occupando a côr branca a parte exterior e centro do mesmo; e confia a regencia em que todos os leaes portuguezes, tanto dentro, como fóra do reino, se apressarão a reunir-se debaixo destas insignias, para a restauração de sua legitima soberana e sustentação da Carta Constitucional da Monarchia. O ministro e secretario d'Estado assim o tenha entendido e expeça para a sua execução as ordens necessarias. Palacio do Governo, em Angra, 18 de outubro de 1830—*Marquez de Palmella*—*Conde de Villa Flor*, José Antonio Gnerreiro—*Luiz da Silva Monsinho d'Albuquerque.*»

O decreto de 7 de janeiro de 1796, o decreto das Côrtes, de 22 de agosto de 1821, revogado pelo de 18 de julho de 1823, referem-se sómente aos laços militares do exercito, e não ás côres da bandeira.

(4) Vid. *ROTEIRO DE LISBÔA A GÔA*, por d. João de Castro, annotado por Andrade Corvo—Lisbôa, 1882.

(5) *Navigatio et itinerarium in orientalem, sive Lusitanorum Indiam, collecta et descripta belgice, nunc latine reddita. Hagæ-Comitis. Anno 1599.*

A primeira edição hollandeza é de 1596.

(6) *Barlœus: Rerum per octennium in Brasilia, 1647. Gravuras: Loanda Sancti Pauli et Quartum Proelium.*

(7) *Damião de Góes, Chronica del Rei Dom Emanuel*, part. I, cap. V.

(8) Na rarissima obra — *Ho Preste Ioam das Indias. Verdadeira informaçam das terras do Preste Ioam*, segundo vio e escreveo oh padre Francisco Alvarez, capellã del Rey Nosso Senhor. Coimbra, 1549—ha uma curiosa gravura representando a entrada do embaixador do rei de Portugal, d. Rodrigo de Lima, na côrte da Ethiopia, em 1520. Os arnezes do cavallo do embaixador são ornados com a esphera armillar, que tambem se vê no chapéo do escudeiro que o acompanha e que, tendo nos arnezes do seu cavallo a cruz de Christo, empunha um pendão com as quinas.

(9) II. Naufragio da armada portugueza nas costas de França—1627.

(10) Além das bandeiras reaes arvoradas pelas capitaneas e almirantas das armadas, tinham os portuguezes outras bandeiras navaes, coloniaes e mercantes. A Companhia de Jesus tinha uma flammula e uma bandeira com insignia propria (Vid. *Basili da Gama—O Uruguay—1769*, pag. 95); a Companhia de Guiné, creada no seculo XVII, que negociava com escravos no Brazil, usava um pavilhão branco com a cruz de Sinople (vid. *Froger, na Relação da Viagem de M. de Gennes—Paris, 1700*, pag. 145).

(11) Esta bandeira é reproduzida da obra *La Connaissance des Drapeaux et Pavillons—Haye, 1735*. Num mappa impresso no começo do reinado de Luiz Philippe, em Paris, vê-se ainda a referida estampa, com a designação de *Ancien drapeau du Brésil*. Encontramos a mesma bandeira em muitos outros mapps e documentos do seculo passado.

(12) Ha poucos annos, a Municipalidade do Rio de Janeiro, achando alguns desses sellos, ficou em duvida sobre se as armas da cidade eram as settas de S. Sebastião, ou a esphera armillar. Aquellas eram as da cidade; esta, as do Brazil.

(13) *HUMBOLDT—Examen Critique de l'Histoire de la Géographie du Nouveau Continent et des Progrès de l'Astronomie Nautique, au XV et au XVI siècles. Paris—1837. Vol. IV, pag. 323.*

(14) *Ideler*, citado por *Humboldt (Examen Crit., vol. IV, pag. 322)*, suppõe que a constellação chamada por *Plinio (lib. II, cap. 69) Caesaris thronon*, é o nosso Cruzeiro do Sul.

(15) *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas. Vol. II, pag. 78, 2.<sup>a</sup> edição. Lisbôa, 1867. Julgase, geralmente, que este piloto foi o primeiro que chamou á constellação — O Cruzeiro.*

(16) Datada de 18 de julho de 1500; segunda viagem. Duvida-se de que nessa viagem tenha estado, ou não, *Vespucci* nas costas do norte do Brazil, apesar da affirmativa de *Varnhagen*. Ha tambem serias duvidas sobre a authenticidade dessa carta.

(17) *SCARTAZZINI, (Leipzig—1875, vol. II, pag. 3)*, assim como a maior parte dos novos commentadores do *Dante*, acceta a interpretação de *Humboldt*, de que *Dante* quiz symbolisar nas quatro estrellas as quatro virtudes cardeaes. (*Examen Crit., vol. IV, pag. 324; Kosmos, vol. II, pags. 331 e 486; vol. III, pags. 329 e 361.*

(18) *Examen Crit., vol. IV, pag. 319.*

(19) *Amerigo Vespucci, sou caractère, ses écrits etc., etc.*, por F. A. de *Varnhagen* Lima, 1865, pag. 68. E' desta epocha o retrato gravado por *Christino de Passe*, n. 140 do *Catalogo de Estampas Raras*, da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, publicado no vol. XI dos *Annaes*, da mesma Bibliotheca. Nesse retrato, *Vespucci* é chamado... *TERRÆ BRASILIANÆ INVENTOR ET SUBACTOR*. Possuimos em nossa collecção uma estampa de *Philippe Galle (1557-1612)* e de *João Collaert (1550)*, segundo desenho de *João Stradanus (1536-1605)*, representando *Amerigo Vespucci* observando o Cruzeiro e tendo esta inscripção: *Americus Vesputius, cum quatuor stellis, cruce silsete nocte reperit*. Esta estampa é a correspondente ao *Astrolabio*, da série das descobertas novas, publicada

pelos Galle, sob o titulo *Nova Reperta*. Além desta estampa, da série referente a Vespucci, ha outra tambem dos Galle: *America delectio*, com os retratos de Colombo e de Vespucci e o globo terrestre plantado sobre o mar, no littoral lignico, Genova, etc., etc.; outra representa Vespucci entre tritões, numa nave, divisando ao longe algumas terras: *Americus Vespuccius Florentinus portentosa navigatione ad Occasum atque ad Austrum duas orbis terrarum partes, nostris oris quas incolimus majores, et nullis antea nobis notas sæculis, quarum alteram de suo nomine Americam mortalium consensum nominavit*.—An. Sal et IID. Os retratos de Colombo e de Vespucci—o primeiro, em relação á America, chamado *inventor*, o segundo *detector et denominator*—appareceram noutra gravura de Philippe, desenhada por Stradanus, e em que uma rosa dos ventos, figurando a bussola, tem esta inscripção: *Flavius Amalfitanus Italus Inventor*. Finalmente, numa gravura de Theodoro Galle (1580), vê-se Vespucci, ao saltar numa terra, despertar uma india deitada numa maca; Vespucci tráz uma bandeira, na qual se vê uma cruz e quatro estrellas: *American Americus relexit et semel vocavit inde semper excitam*. O desenho é ainda de Stradanus.

## A ARMADA NACIONAL

*Os desastres da sua estrêa, da sua acção militar — A ineptia dos seus chefes, segundo a prova dos relatorios.*

A lucta que, com pequenas interrupções, constante se manteve entre Portugal e Hespanha, originada na ambição da posse da banda oriental do Uruguay, lucta que parecia enfim extincta entre as duas metropoles, começou de novo a surgir, velada com a independencia dos estados do Prata, desejosos de integrar, nação já, o antigo vice-reinado; de outro lado, o espirito uruguayo propendia para a independencia politica. Era fatal, pois, que reaparecesse aquella disputa, mais tarde, quando o Brazil, imperio, tivesse de estender o seu dominio á provincia cisplatina, dominio que o povo uruguayo não recebeu com prazer.

De facto, dois annos passados sobre a epocha da nossa elevação a Estado independente, o governo de Buenos Ayres, o de mais peso entre os dos estados da federação do Prata, tratava de conseguir do gabinete brasileiro a entrega daquella provincia; e porque o nosso governo não se submettesse a essa exigencia extravagante, e na impotencia de entrar, então, em guerra franca com o novo imperio, começou de Buenos Ayres a fomentar o espirito de revolta de uruguayos guerreiros e caudilhos, para que estes uscassem fazer a independencia de sua patria, protegendo-os já com armamento, já com homens, já com dinheiro e permittindo que no porto de Buenos Ayres se armassem corsarios que incommodassem a nossa força naval; tudo, com o intuito de, mais tarde, aproveitar-se da situação que se dava.

E, enquanto assim procedia, machiavelicamente lançando o Uruguay aos horrores da guerra civil, subrepticamente organisava, com os elementos possiveis, uma esquadra, que tripulou com officiaes estrangeiros em grande parte, e da qual entregou o commando supremo a William Brown, que contractou para seu serviço com o posto de almirante. Logo que se julgou forte para, com o auxilio do povo rebellado, enfrentar o Brazil, começou a prestar aquella protecção tão clara e abertamente, que o governo imperial se viu forçado a declarar-lhe guerra, após grande numero de reclamações não attendidas. Pelos ultimos dias do anno de 1825, estabelecia-se o bloqueio do Rio da Prata, com a esquadra ao mando do chefe Rodrigo Lobo, já então reforçada e bastante para affrontar, certa de victoria, a armada de Brown, se as circumstancias locais o permittissem fazer.

Effectivamente, o pouco fuudo no estuario, em virtude da existencia de grande numero de baixios e bancos, dos quaes, por certo, o inimigo tinha maior conhecimento e que em nada lhe difficultavam as manobras, calando os seus navios menos do que o geral dos nossos, foi causa, muita vez, de que as duas forças não se empenhassem em combate decisivo, e circumstancia da qual, com habilidade, soube Brown tirar grande partido. Entretanto, mais de uma occasião azada se offereceu para que Rodrigo Lobo pudesse forçar o inimigo a engajar uma acção, que deveria, attenta a nossa superioridade, ser funesta ao inimigo; no rapido estuado que se segue, proval-o-emos.

Sabemos já quanto a campanha cisplatina foi, se não humilhante, pelo menos desastrosa para o Brazil; mais desastrosa ainda pelos resultados que acarretou. De sua historia, as figuras attraentes do bravo brigadeiro Manoel Jorge Rodrigues, commandante da praça da colônia do Sacramento, e do denodado capitão de mar e guerra James Norton, são as unicas que saem illesas dentre as dos que tiveram de commandar forças; estudando essa guerra, encontramos, a todo momento, queixas e ataques reciprocos entre chefes e commandados; a carga de responsabilidade de derrotas atiradas a um e a outro; as desculpas, por vezes descabidas, da carencia de elementos para vencer; instrucções mal cumpridas; tudo, em summa, cabalmente demonstrando a desorganisação dos serviços, a ineptia, a pouca unidade de vistas, a desconfiança de um para outros, a rivalidade e, como termo, a desmoralisação, característicos de uma esquadra que nasceu para morrer, ou de uma armada em decadencia.

E a marinha de guerra do Brazil apenas tinha quatro annos!

No começo da guerra, o chefe das

operações navaes foi Rodrigo Lobo, e a saída do corsario Lavalleja, de Buenos Ayres, a despeito de já estabelecido o bloqueio, foi o primeiro symptoma da série de humilhações que haveriamos de soffrer depois. A força bloqueadora, que se compunha de uma fragata, cinco corvetas e mais de doze navios entre brigues, escunas e hiates, foi impotente para obstar aquella sortida e outras que se lhe seguiram, apesar de o chefe Diogo de Brito, que sempre revelou alta competencia, consultado a respeito pelo governo, julgar que, para completo bloqueio e guarda efficiente do estuario, bastariam trez corvetas e dez navios menores.

O primeiro combate travado entre as duas esquadras, o de 9 de fevereiro, é uma affirmação do que acima ficou dito acerca do estado da esquadra. A esquadra argentina compunha-se de uma só corveta, cinco brigues e treze embarcações sem importancia, em geral simples lanchões armados; a brasileira contava uma fragata, cinco corvetas, dois brigues e doze navios menores, e apesar dessa desproporção, nenhum navio inimigo posto a pique, nenhum apresado, nenhum seriamente avariado! O chefe Rodrigo Lobo dizia, em sua parte: «...e o resultado foi pôr-se em retirada o inimigo sem que eu lhe pudesse tomar algumas das embarcações, o que sempre esperei; mas a pouca pericia de varios commandantes, que nunca viram fogo nem tão pouco commandaram quartos a bordo de navios de guerra...»; depois, continúa: «...pois jámais terá havido combate naval em que o general fôsse obrigado a fazer tantos signaes, etc», e, ainda adeante, «tenho tambem a lamentar a pouca pericia dos nossos artilheiros, que é raro aquelle que sabe fazer uma pontaria, e isto nasce de não se lhes ensinar a atirar ao alvo nos exercicios de ensino; tenho tambem a sentir que uma grande parte das carretas das peças são tão mal construidas...» etc. E, quasi finalizando essa parte, encontra-se ainda este trecho: «Eu de alguma fórma desculpo aos ditos commandantes, não só por serem novos mas tambem por serem as embarcações pequenas e com pouca artilharia de alcance; mas não os posso desculpar em não atacarem melhor as barcas inimigas, que pelo menos cinco ou seis deviam ser tomadas. Devo dizer a v. exa. que o bergantim *Caboclo* e o bergantim *Rio da Prata* fôram nullos nos dois combates.

Diogo de Brito, chefe de divisão, com a insignia em uma das corvetas, dizia: «só tenho a lamentar a impericia dos nossos artilheiros; nenhum sabe fazer pontaria; foi necessario que eu e os officiaes fôssemos fazer pontarias, afim de conseguir-se algum damno ao inimigo.»

Será justificativa para essas faltas, ter a marinha brasileira apenas quatro annos de existencia? Não; de facto, de serviço em marinha de guerra só tinham quatro annos alguns dos nossos navios; officiaes e praças em geral, tinham mais que isso, e depois, a marinha argentina, que apenas nascia então, inflingiu-nos varias derrotas e serios damnos em muitos combates.

Ao combate de 9, seguiu-se um ataque á nossa esquadra em 24 de fevereiro, sem resultado. Rodrigo Lobo que, com toda a sua força, se afastára de Buenos-Ayres, após a lucta daquelle dia, por «não ter confiança decisiva em todos os commandantes que se acham debaixo das minhas ordens, pela pouca experiencia que téem desse serviço á vista do inimigo e por tanto receiar que este, em reparando os seus damnos, podia voltar com maior força» etc, deixa-se surprehender, já muito proximo o inimigo, devido á neblina, por uma força, na occasião, superior á sua, o que o fôrça a ir procurar auxilio na fragata *Imperatriz*, que se achava ao largo; e, elle proprio o diz, «nesta occasião tinha o inimigo força superior á minha; se não estivesse á vista a fragata *Imperatriz*, o que foi uma fortuna por ter eu dado as providencias que dei; porque, do contrario, não sei qual seria o resultado, porque, como já disse a v. exa., o brigue *Caboclo* e o brigue *Rio da Prata* são nullos enquanto não tiverem outros commandantes, e o brigue *Januaria*, pela sua construcção, é tambem nullo á vista dos bergantins inimigos e, portanto, ficava só esta corveta e a *Maceió*, e que se esta fizésse o que fez no dia 9, pouco me ajudava», etc.

Os argentinos retiram-se sem que o combate tivesse consequencias, e fôrão atacar a colonia do Sacramento, desamparada pela esquadra, á qual incumbia, entretanto, a guarda de todo o estuario. Encalhados os poucos e fracos vasos que allí se achavam, a força de marinha desembarcou e effizantemente cooperou na defeza da praça. O inimigo, fundeado proximo á cidade, permanecia em expectativa ameaçadora. Rodrigo Lobo, tendo sciencia desse ataque, foi, dias passados, em auxilio da colonia; a esquadra argentina ainda ali se achava; a brasileira foi fundear á vista do inimigo, que, podendo nessa occasião ser bloqueado e batido completamente, se retirou, entretanto, quando julgou conveniente, indo recolher a Buenos Ayres e tendo se mantido sete dias ao alcance da frota de Lobo.

Essa fuga da força naval argentina, tendo para vigial-a uma forte divisão brasileira, á vista, é das mais monstruosas vergonhas que póde soffrer um bloqueador, e a responsabilidade dos officiaes incumbidos de, mais proximamente, observarem o inimigo,

recáe, inteira, sobre o inepto chefe que havia suspeitado aquella sortida; e nada mais admiravel do que esse trecho de sua parte official: «porém, os commandantes das duas embarcações que vigiavam o inimigo, fizeram tão mal a sua obrigação que os inimigos fizeram-se á véla saíndo por entre as illhas sem que elles vissem; isto em uma noite serena e vento regular, em que elles podiam estar o mais proximo possivel das ditas illhas e não deviam saír os inimigos sem que elles o vissem; e, pela manhã, dando-me parte o official de quarto que não via os inimigos, subi acima e, a este tempo, passava pela pôpa da corveta a escuna *Alcantara*; e perguntando-lhe eu pelos inimigos, respondeu que os tinha visto dentro do porto; e então lhe disse que tinha feito muito mal a commissão de que o tinha encarregado, e lhe mostrei o inimigo que ia pela nossa pôpa em grande distancia».

Sem commentarios!

O chefe Rodrigo Lobo foi, então, substituido e mandado recolher preso ao Rio de Janeiro; porém, antes de passar a chefia da esquadra ao seu substituto, por não ter este chegado ao Rio da Prata, a armada brasileira soffreu ainda duas humilhações.

Uma dellas é o ataque levado a effeito contra a fragata *Imperatriz*, pela esquadra de Brown, dentro do proprio porto de Montevideo, onde se achava fundeada a nossa frota, ataque em que perdeu a vida o bravo capitão de fragata Luiz Barroso Pereira, commandante da fragata — o mesmo official que fôra immediato de Taylor na *Nictheroy*, na gloriosa expedição ás aguas lusitanas, em caça ao comboio portuguez que se retirára da Bahía; esse ataque é um triste attestado do valor da esquadra brasileira, que permittiu, por uma noite de claro luar, Brown entrar, com diversos navios, no porto em que estava fundeada, e tentar, durante mais de uma hora, apresar um dos seus vasos.

«Norton, com a *Nictheroy*, chegava em auxilio da fragata, mas já a esquadra de Brown fazia força de véla para salvar-se. Se toda a esquadra brasileira tivesse seguido o exemplo de Norton, a audacia de Brown teria sido castigada pela perda da sua esquadra; Norton, porém, era apenas o commandante de um unico navio». (1)

O combate de 3 de maio, em que o commandante da corveta *Maceió* é tão duramente atacado pelo chefe Rodrigo Lobo, que tambem lamenta não ter tirado da lucta o resultado que era de esperar, mostra ainda perfeitamente quão pouco valia, nesse tempo, a nossa esquadra na guerra.

Ao de 3, seguiu-se o combate de 11 de maio, e ali a audacia de Norton, independente de chefes ineptos, manifestou-se alliada á sua proficiencia.

O 25 de Maio, capitanea, e dois bergantins inimigos que ouzaram affrontar a nossa esquadra no porto de Montevideo, tiveram de procurar salvação na fuga, acossados pela *Nictheroy*, do commando daquelle official. Não deixa, porém, de causar estranheza que as quatro escunas que, com a *Nictheroy*, deixaram o porto para auxiliá-la, não tivessem podido, durante trez horas e meia, que tantas durou o combate, se approximar do campo de acção, ou, siquer, atacar um dos bergantins inimigos, que havia ficado sotaventado.

Convém advertir que, quando o inimigo se approximou de Montevideo, o chefe que ali se achava á frente da esquadra, era o capitão de mar e guerra Pedro Nunes e não Rodrigo Lobo, que andava ao largo, com uma divisão.

Este ultimo retirou-se logo depois para o Rio de Janeiro, preso para ser submettido a conselho de guerra; este o absolveu dos grandes erros que cometera; não havia provas: foi a base da absolvição!

O chefe duma esquadra que bloqueiava o estuario do Prata e que, no entanto, permittia que o inimigo armasse corsarios que penetravam ou deixavam este estuario quando entendiam; o chefe que era surprehendido, dentro do porto em que estacionava sua esquadra, por forças inferiores; que deixava nessa occasião ser abordado, durante mais de uma hora, um só dos seus navios, sem lhe prestar soccorro; que poderia ter sido o causador da perda da colonia do Sacramento; que fazia abandonar, sem causa, um ponto estrategico do valor do de Martim Garcia; esse chefe era absolvido, por falta de provas que o criminassem!

Dir-se-ia que nasceu, então, essa licença implicita de commetter erros e crimes, essa irresponsabilidade com que se téem sempre acobertado as faltas dos nossos officiaes e, sobretudo, dos nossos chefes, impunidade que tem vindo até os nossos dias e que tem sido, em grande parte, causa do lastimavel estado a que chegámos.

Não se apuram responsabilidades; os crimes praticam-se e os criminosos ficam impunes. E, assim, o facto duma esquadra, que saíu do Rio de Janeiro em exercicios pelas costas, 70 annos depois da campanha cisplatina, e que se compunha do nosso primeiro navio de guerra, de algumas torpedeiras e de um cruzador, ter voltado a seu ponto de partida com todos os navios avariados, já nos cascos, já nas machinas por encalhes, abalroamentos, choques em pedra, devidos a facilidades culposas ou á ignorancia, e de não terem sido encontrados responsáveis por essas avarias todas; um facto assim, queriamos dizer, está

entro das normas adoptadas já naquelle epocha.

Mas; voltemos a 1826.

Rodrigo Lobo, comquanto inepto, edira, desde o inicio de sua chefia, lementos que julgava lhe garantiam a victoria. Não os obtivera, pasados seis mezes. Neste caso, se se patenteou a ineptia do almirante, também ficaram demonstradas a má vontade e a incapacidade de administradores que conservaram no commando uma esquadra, um chefe, sem lhe ornecerem o que elle dizia ser necessario ao successo da campanha. Ou emittil-o por exigencias demasiadas, úteis, ou concederem-lhe o que media.

TONELERO.

(Continúa.)

(1) A. de Jaceguay e Oliveira Freitas, *Quatro seculos de actividade maritima.*

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Perigos dos raios X. — Esterilidade. — A proposição do congresso de Røntgen. — Intervenção dos governos.*

O professor Debove, decano da Faculdade, tratou na Academia de Medicina de Pariz, da applicação dos raios X, suscitando uma grave questão concernente aos interesses profissionais e sociaes, contestando que todos possam empregar aquelles raios como meio therapeutico. A radio-graphia já está nas mãos de pessoas que nenhuma noção têm desse novo ramo da medicina; mas a extensão dessa pratica, já demasiado generalisada, pôde provocar consequencias perigosas, porque têm dado resultados therapeuticos innegaveis, mas pôdem determinar varios accidentes, radio-dermites graves, escarros, etc.

Além disso, as experiencias em animaes têm demonstrado, evidentemente, que os raios de Røntgen matam o poder da procreação.

O caso é gravissimo, de transcendente importancia. Qualquer charlatão poderá esterilisar o cliente.

No congresso de Røntgen, reunido em Berlim de 30 de abril a 3 de maio ultimo, foi unanimemente votada a proposição seguinte:

«O emprego dos raios Røntgen no homem, é de exclusiva competencia do medico.»

A professor Debove solicitou a nomeação de uma commissão para examinar a questão e para se entender com os poderes publicos, afim de verificar si tem logar a perseguição legal, por uso indviduo da medicina, daquelles que, sem diploma medico, applicam os raios Røntgen ao diagnostico e ao tratamento. A moção foi appro-

vada por unanimidade, e nomeados para a commissão os drs. Debove, Brouardel, Motet, Gariel, Ponchet, Chauffard, Hanriot, Périer e Gueniot.

A Academia concluirá, como a commissão, pela interdicção do emprego daquelles raios pelos leigos.

Como consequencia dessa medida, será conveniente que os medicos se familiarisem com o emprego dos raios, cujo estudo e applicação têm estado, até agóra, entregues a alguns physicos e poucos medicos.

\* \*

*Personalidade multipla. — Caso de occultismo. — Hypothese do dr. Wilson e a composição da cellula pyramidal.*

Segundo o dr. Albert Wilson, o eu poderia subdividir-se em um certo numero de personalidades, dependentes do estado do corpo, nos differentes periodos da vida.

Resumindo os conhecidos trabalhos de Ferrier e outros physiologistas, sobre o cerebro e suas regiões correspondentes ás funcções da vida, do tacto, do ouvido, do movimento, Wilson emite a hypothese de ser a cellula pyramidal composta de dez camadas, das quaes uma, por exemplo, corresponde á vida intellectual de 3 a 5 annos; outra, ao periodo de 15 annos; outra, ao de 20, e assim por deante. Essas differentes camadas corresponderiam, também, a outras tantas personalidades distinctas.

Não ha, ordinariamente, interrupção sensivel no character do mesmo individuo, porque a transição de uma personalidade a outra se opera gradualmente; mas si se realisam condições anormaes, morbidas, o individuo pôde ser subitamente levado aos actos, ás idéas, aos habitos de sua vida passada, com predominio de uma personalidade anterior, passando depois a outras, representando sempre o sangue um papel nesses estados morbidos.

A imprensa americana e a ingleza têm recentemente consigado factos muito curiosos, especialmente o de uma rapariga em que se reproduzem esses phenomenos das multiplas personalidades de maneira vidente.

\* \*

*A pevide das aves — A cura — A cirurgia das nossas donas de casa — Viva a gallinha com a sua pevide.*

Não ha, na opinião vulgar, molestia mais propagada em todos os quintaes do mundo, do que a pevide.

Todas as vezes que uma ave está doente, não come, se recurva e fica immovel num canto, as nossas donas de casa decretam uma operação, que consiste em abrir, á força, o bico da infeliz gallinha e arrancar-lhe, com um

alfinete, a ponta da lingua. Si ella morre, caso que acontece nove vezes sobre dez, o accidente é attribuido á operação mal feita.

Existe, com effeito, uma pevide verdadeira, resultante de uma inflammação da lingua, a glossite, extremamente rara, caracterisada pela presença, na extremidade da lingua, de uma pellicula secca, que a envolve como uma bainha e não é mais que a epiderme resequida em via de se destacar.

Deve-se-lhe auxiliar a eliminação; mas essa operação deve ser praticada sem tocar nas partes vivas e sem produzir sangue. Unta-se a lingua com uma gotta de oleo salgado, ou, então, lociona-se a mesma com uma solução de 5 % de chlorato de potassa. Esta loção feita com uma penna ou um pincel, basta para curar a ave, sem operação.

Ao lado da falsa pevide, existe a falsa dos gallinheiros, é muita gente vé a ponta da lingua das gallinhas invadida por um abcesso corneo e o elimina. Esta parte cornea é um attributo natural da lingua, como a unha do dedo; mutila-se a gallinha sem cural-a da molestia que possa ter.

A pevide é uma affecção ulcerosa contagiosa, cujo tratamento não consiste naquella mutilação, mas em supprimir o fóco da infecção com um palito liso, cauterisando-o depois com summo de limão, renovando esse tratamento até completa limpeza. Pôde-se substituir o limão pelo phenol.

E' bôa providencia isolar a gallinha doente num logar secco, bem arejado, sem correntes de ar.

A verdadeira pevide é uma especie de dipteria das aves, distinguindo-se da falsa pelas pelliculas esbranquiçadas da falsa, as quaes se destacam facilmente, ao passo que as placas amareladas da dipteria são extremamente adherentes.

As causas dessa molestia provém da falta de asseio dos gallinheiros, de agua estagnada ao sol nos bebedoiros, na qual nascem e se propagam os germens de todas as molestias.

E' util combater a errada opinião que mutila tantas aves, eliminando-lhes a parte cornea da lingua.

E' tanto o instincto popular tem a intuição dessa barbaridade que, entre nós, corre como rifão popular o salutar conselho: — viva a gallinha com a sua pevide.

*Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e do primeiro semestre de 1905.*

As officinas dos *Annaes*, dispondo de um material novo e moderno, encarrega-se de todo e qualquer trabalho typographico.

## O ALMIRANTE (40)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPITULO XVIII

Dolores annunciava, com muitas cautelas, como se revelasse um segredo de Estado, que o Governo Provisorio ia inaugurar os salões do palacio Itamaraty com um grande baile. Seria esse o meio de approximar d'elle a sociedade cariôca, por ventura não tranquillizada ainda das consequencias do grande abalo revolucionario. O marechal pretendia ser o centro do congrassamento dos homens eminentes, das familias mais respeitaveis, sempre confinadas ás affectuosas relações privadas e afastadas da côrte do Imperio, onde reinava uma perpetua paz de convento, uma silenciosa tristeza de laboratorio do monarcha sabio, evitando o rumor, o movimento, os contactos intimos com os seus subditos, mettido com os seus milhares de livros, dominado pela perenne preocupação de ser grande homem no exterior, uma especie de pharol a projectar ao longe irradiações luminosas, deixando no escuro o sitio em que se erguia solitario, melancolico.

O marechal tinha em mente evitar aquella monotonia, aquelle isolamento das alturas do poder; queria viver, como governo democratico, no amago do escól da sociedade para sentir-lhe o coração, observando-a de perto e bem governal-a, num perfeito accôrdo de idéas e sentimentos. O grande baile, uma festa deslumbrante, dissiparia as suspeitas e vincularia o governo e a sociedade pelos mais solidos laços affectuosos.

A senhora do marechal, a meiga e simples d. Marianna, pouco versada na etiqueta, já havia pedido a Dolores para ajudal-a a fazer as honras do palacio e velar para que nada faltasse ao esplendor da festa.

— Ha de ser um fiasco — observou Souza e Mello, que não perdia ensejo de malsinar os actos do governo — O marechal é um tarimbeiro que nunca frequentou a alta sociedade; não lhe conhece os habitos elegantes, nem isso é coisa que um sargentão aprenda da noite para o dia.

— Engana-se, meu caro — tornou Dolores — O marechal tem maneiras amaveis; concilia, admiravelmente, a rigidez do heróe com a elegancia do cavalleiro: é um typo de raça com perfeita intuição da vida nas alturas.

— E' um homem extraordinario — accrescentou Sergio de Lima — um homem de estrella, fadado para as grandezas: tem um encantador sorriso que acaricia e um fulminante olhar que empolga. No seu corpo, esbelto, erecto, dormem, envoltos em

musculos de aço, todas as energias da bravura indomita, dominando contornos correctos, que tanto se amoldam á farda, que é o traje da força, como á casaca, que é o revestimento da galanteria masculina. Além disso, todo elle irradia bondade; sente-se, junto d'elle, a doce impressão da proximidade de um grande, de um generoso coração.

— Você váe longe, meu caro collega — insistiu Souza e Mello, sublinhando as palavras com um traço de sarcasmo — Irá muito longe; subirá rapidamente, impellido por esse enorme entusiasmo pelo dictador, entusiasmo que deixa a perder de vista a paixão de Dolores pelo governo, que é, para ella, uma côrte celestial, um conjuncto de santos milagrosos, capazes de lhe promover o marido aos mais elevados postos da magistratura republicana.

— Não o diga brincando — replicou Dolores, melindrada — Não fará mais do que um acto de justiça, uma reparação da falta de consideração com que o governo imperial tratou um magistrado como o Dadá.

— Nada tenho a oppor. O seu illustre esposo merece muito e quem dá se parece com Deus pelas costas. Mas a generosidade do governo não o expurga das qualidades de origem, como estadistas improvisados nos quartéis.

— O senhor é cruel — observou Sergio.

— Não sou máu; sou um observador justiceiro. Não escureço alguns attributos bons no dictador, mas não lhe posso reconhecer traquejo de sociedade. Por isto, insisto em vaticinar que o tal baile será um fiasco. A sociedade cariôca é, na immensa maioria, monarchista; tributa ainda ao Imperador a homenagem do seu respeito, da sua saudade; não aceitará convites para essa festa, que será uma especie de consagração da obra nefasta de soldados rebeldes.

— Irá, affirmo-lhe eu, grande teimoso — replicou Dolores — Os convites serão solicitados por empenho. Lá estarão os altos funcionarios, os homens de talento, os representantes da nata do commercio e da industria, a flôr das mulheres formosas. O marechal tem verdadeiro fracò pelas moças bonitas.

— E' natural — concluiu o velho advogado — Marte sempre foi amigo da formosura. Olhe, a mim escusa convidar-me. Bem sei que não faço falta, mas não sou homem de actos contrarios ás convicções, ou que, de qualquer modo, dê a entender concordar com essa moxinifada que ali está com ares de governo democratico. Aqui da nossa ródá, ninguem irá. Começando pelo conselheiro.

— Nós não somos ingratos — atalhou d. Eugenia — Meu marido é um

homem publico dos mais notaveis. A politica não o removeu do seu posto eminente, nem lhe amesquiou os sentimentos. E quem está nas altas regiões tem deveres indeclinaveis, como o de corresponder á justiça, á gentileza do governo.

— Está vendo? — exclamou Dolores, triumphante — Isto é que é falar com o coração, com franqueza e patriotismo.

— Eu desejaria muito — acudiu Laura — ver o palacio, aquelles salões bonitos. Eu nunca estive num baile...

— Estréará mal — observou Souza e Mello.

A marqueza ouvia, complacente, o que se dizia sobre a futura festa e não revelava, pelo menor signal, a sua opinião. O conselheiro, que delegára, absolutamente, á esposa as attribuições de deliberar, parecia immerso em profunda meditação, como se fôra estranho á discussão, ou occultasse o seu vexame ante as invectivas do advogado ao governo.

Dolores fruia os resultados da sua victoria e affirmava a Souza e Mello que d. Eugenia pensava como a melhor gente do Rio de Janeiro, gente sensata que não hesitaria em acceitar aquella honra que o governo imperial nunca lhe déra. E mencionava as familias de maior nota que se preparavam para a esplendida festa. Já estavam encomendados os luxuosos vestidos; já se falava, á puridade, naquelle acontecimento que seria muito mais deslumbrante que o baile da Ilha Fiscal, de triste memoria.

Nesse momento, uma creada se approximou da marqueza e lhe falou reverentemente, indicando a sala da entrada. E, antes que a marqueza respondesse, surgiu, á porta da magnifica sala em que se realisavam as recepções intimas, uma figura estranha que atraíu, numa expressão de pasmo, todos os olhares.

— Com o perdão de v. ex. — disse o Gião, inteiramente transformado no traje de um burguez rico, dentro de uma ampla sobrecasaca que lhe descia aos joelhos, o ventre abaúlado sob um colete de côres vivas, no qual reluzia uma pezada corrente de ouro.

— Gião! — exclamou a marqueza, reconhecendo, sob aquelle novo aspecto, o seu antigo feitor.

— Desculpe-me, v. ex. — tornou o feitor, com maneiras humildes — Cheguei pelo nocturno e, mal me desvencillei da pocira alli no quarto do primo Sebastião, vim receber as suas ordens. Disseram-me, na colonia, que a patrôa... quero dizer que v. ex. estava doente e então eu aproveitei a primeira folga para dar um pulo até aqui. Sempre é uma difficuldade abalar-se um homem daquellas brenhas... Brenhas é um modo de falar. Se v. ex. lá voltar, não reconhecerá a sua colonia.



O demonio do americano é um homem a valer. Depois que o negocio passou para a companhia, continuou os trabalhos e agora é um movimento que só visto. Aquillo já é uma cidade, com um commercio extraordinario. E toda aquella gente não cessa de abençoar a sua protectora; vive com o nome da senhora marquezia na bocca...

— Lembraem-se, então, de mim? — perguntou a marquezia, enternecida.

— Quem pôde esquecer aquella que nos deu trabalho, meio de vida, a santa que fez o milagre de fundar a colonia *Isabel, a Redemptora*? Eu lhe peço perdão, senhora marquezia, pelo muito que desconfiei do resultado daquillo que era, para mim, uma verdadeira loucura de gastos de dinheiro e trabalho perdido.

— Vivem felizes, não é verdade?

— Felizes? Ninguém se queixa, principalmente depois da construção da estrada de ferro com que o doutor engenheiro ligou a fazenda á estação do governo. Se vossa excellencia lá voltasse, ficaria surprehendida do progresso.

— E' bem possivel. Que dizes Hortencia? Se nós fôssemos passar uns dias na roça?...

— Seria uma bella excursão — respondeu Hortencia, alegremente. Que bella idéa! Levaremos Laura...

— E' sómente affrontar o incommodo da viagem — observou Gião, aproximando-se da marquezia — O palacio está um brinco, conservado como vossas excellencias o deixaram: tudo nos respectivos logares para recebê-las a qualquer hora. Eu não consinto que se toque numa cadeira, trago as chaves commigo e eu mesmo arrumo e limpo tudo todas as semanas. Aquillo é para mim sagrado como uma igreja. Quando allí entro, parece que a minha adorada patrão, que vossa excellencia allí está em espirito.

— Muito bem, Gião. E os negocios?

— Os negocios vão muito bem, graças a Deus. Ao principio custou, como vossa excellencia viu; depois, foi tudo entrando nos eixos... A gente está satisfeita. A não ser a politica, uma intrigalhada, que é um Deus nos acuda. O governo elevou o nucleo á villa e foi, então, uma lucta entre aquelles fidalgos que vossa excellencia conhece: queriam todos para si, para os seus servos e capangas, as melhores posições. Mas fôram barrados, porque o governo, vendo que elles se não harmonisavam, nomeou-me, a mim, subdelegado...

— A você? — exclamou a marquezia.

— Protestaram porque eu sou portuguez, mas tiveram de ceder. Eu estava naturalizado, era o homem mais conhecido do logar e, aqui para nós, de maior influencia pelo commercio. A maior parte daquelles ri-

cassos está lá na minha burra. E como eu era o capitalista da terra, o governo deu-me ainda mais a patente de tenente-coronel da Guarda Nacional.

— Tenente coronel! — exclamaram todos.

Gião assumiu uns ares de importancia, concertou o collete e confirmou:

— Sim, senhores, tenente coronel. Os meus adversarios politicos damnaram quando me apresentei, na igreja, fardado, com o meu estado maior luzido e com alguns guardas bem uniformizados. Custou-me a brincadeira os olhos da cara, mas não havia outro meio de sustentar a minha posição social. Afinal, o padre Paulo, um amigo como poucos, foi convencendo aquella gente de que o poder era o poder... que era preciso sujeitarem-se ás circumstancias, que Republica era isso mesmo.

— Muito bem! — exclamou Souza e Mello — Grande verdade: a Republica é isso mesmo...

— O padre é o meu braço direito — continuou Gião — Quando estou apertado com essa trapalhada de leis e código do processo, recorro a elle, que me resolve as difficuldades em duas pallietadas. Que santo homem, o nosso padre Paulo!... Só eu e elle podemos com a canalha de italianos que ficaram espalhados pela redondeza e provocam, de vez em quando, um conflicto. Nos domingos, é aquella certeza: vêem á villa, mettem-se no paraty e temol-a travada. Não ha remedio senão metter alguns no calabouço que eu mandei fazer no logar em que existia antigamente o curral das vaccas. Sem cadeia, não se pôde governar.

— E o doutor Sumer? — inquiriu a marquezia.

— O doutor vive com os seus livros e as suas pesquisas para descobrir minas, numa riqueza que elle julga encerrada naquella terra. O homem é um moiro para o trabalho e, nas horas vagas, visita a probreza curando os enfermos que, felizmente, são raros naquellas abençoadas paragens. Abaixo de Deus, é elle a providencia daquella nossa gente, que lhe quer déveras. E' pena que elle não queira entrar para a politica: nós o faziamos deputado. Bastava que o coronel Gião quizesse...

Não é por me gabar. Bem sabe vossa excellencia que não sou homem de basofias; mas tenho, graças a Deus, muitos amigos que me acompanham em todos os terrenos. Ah, senhora marquezia, seria uma satisfação geral se vossa excellencia lá apparecesse para matar saudades á nossa boa gente, que não a esquece um momento, assim como a menina Hortencia. Quando eu estava para tomar o trem, onvia de todos os lados: respeitos á senhora marquezia, saudades á menina Hortencia, que não suspeitam

transformada nesse mocetão, formosa como uma imagem. Que ventura para nós vermos a nossa bemfeitora naquella terra que será sempre sua, muito sua, enquanto lá mandar o Gião!

— E' possivel, é possivel — observou a marquezia, sorrindo — Quem sabe se o ar do campo não será o melhor remedio para os meus males?

— Basta avisar-me pelo telegrapho. Vossa excellencia terá uma recepção de princeza, como merece. Eu só vim tratar de uns negocios; voltarei dentro de alguns dias, levando a feliz novidade... Ah, senhora marquezia, quando me lembro que eu era um estúpido, que não entendia o plano de vossa excellencia e andava a murmurar contra elle, tenho vergonha de mim mesmo. Que dura cabeça era a minha naquelle tempo. Caíram-me, felizmente, as escamas do olho e, agora, vejo tudo claro. Que grande empreza, que bello negocio! Se continuar assim, aquillo será um paraíso para os pobres, para os trabalhadores. Pobres? Não ha lá mendigos; não ha ninguém necessitado. A terra dá tudo com fartura a quem não tem preguiça.

E Gião contava como se enchiam de plantação os campos, as encostas das montanhas, cobertos de milhares, de immensos cannaviaes, estendendo-se a perder de vista, como um verde mar ondulado quando os agitavam as ventanias, de pomares carregados de fructas saborosas, as campinas ladeando o rio, cheias de rebanhos fecundos e, no meio de tudo, a usina sempre empennachada de espesso fumo, rugindo, respirando como um monstro, a transformar, numa faina continua, o precioso producto da terra maravilhosa. E por toda a parte, no céu, na terra, no coração da gente, estava, como um anjo da guarda, a imagem da fundadora da colonia, a santa marquezia de Uberaba, vigiando a sua generosa criação.

A marquezia estremecia num arrepiado de ternura e murmurava ao conselheiro:

— Esses, ao menos, não são ingratos.

E o refractario Souza e Mello, voltando-se para Dolores, recommendou-lhe:

— Não esqueça um convite para o tenente-coronel Gião. A Republica é isto...

(Continúa)

Do nosso eminente collaborador, prof. Dias de Barros, temos um longo artigo intitulado *As poeiras e os damnos que ellas pôdem causar*. O titulo está bem significando o assumpto interessante, actual, desse trabalho que publicaremos, na integra, no proximo numero dos *Annaes*.

**APONTAMENTOS**

PARA UM DICCCIONARIO DE CELEBRIDADES

BARRETO (Paulo) dit João do Rio, illustre escriptor pariziense, que pensa os seus artigos em francez e escreve-os, *malgré lui*, nesta barbara lingua portugueza, uma lingua *qui ne coule pas*. E' um infante de prodigioso talento. Vive embrenhado em feitiços e religiões, e sabe fazer viver, da fina poesia do seu estylo *souple*, uns interiores estupidos e fedorentos de uegros lombrosianos. Deu a essa tropa de reporters burocraticos uma lição magistral, com os seus *interviews* imprevistos. Implantou entre nós a arte do jornalismo. Faz critica do theatro e de pintura: admira a elegancia do feissimo sr. Christiano de Souza e a dicção da sra. Lucinda; detesta os actores italianos, pelo defeito de não fallarem francez; consagra, commovido, a finura docemente canalha de mme. Réjane e o estylo amplamente gaulez das tiradas de mr. Coquelin. A sua critica d'arte é muitas vezes divina: a intelligencia o vale sempre, nas suas mais audaciosas afirmações.

Em toda a obra litteraria do sr. Barreto, passa, entretanto, nu sopro subtil de scepticismo... *Les italiens, les français, le journalisme... il s'en fiche*. O sr. Barreto escreve um bello periodo, com o mesmo ar faceiro e *blasé* que lhe vem á face, ao pregar uma rosa fresca na *boutonnière*.

Não possui talvez a paixão profunda da Arte. Que importa! Tem uma intelligencia forte e altiva, tem gosto, e é distincto — é um pariziense *chauffé par ce grand diable de soleil brésilien*. *V'la!*

\*  
\*\*

ROZA E SILVA, (Francisco de Assis) senador da Republica, hourado adhesista ao novo regimen, margrave do feudo pernambucano, domador do, em outro tempo, feróz Leão do Norte. O emerito sr. Roza é a Bella Adormecida no bosque da politica nacional... Qual o principe encantador que irá despertar do seu mutismo lendario — e pratico — essa princeza que sonha? O sr. Bernardino, com o reflexo cheio de amavios dos seus olhos negros? O sr. Campos Salles, com a vivacidade dos seus sessenta annos de vello gamenho? O sr. Ruy, na falta de dotes physicos, com a belleza deslumbrante do seu talento? O sr. Affonso Penna, com o seu arsiuho lastimavel de *jahó* molhado? Todos estes cantam em volta da Adormecida, a canção seductora que ha de fazer essa noiva, dotada de oitenta mil votos, cair nos braços do preferido.

Tenham mais cuidado e malicia os Adoradores. A Bella Adormecida

está dormindo muito menos que se suppõe. Ouve, com ouvido intelligente, as arias que a procuram seduzir, e mesmo adormecida, anda preparando o improviso patriotico com que se lançará aos braços do mais feliz dos seductores. Será o funebre sr. Bernardino de Campos? O petulante sr. Campos Salles? O platonico sr. Ruy Barbosa? O desengraçado sr. Affonso Penna? Talvez nenhum dos quatro...

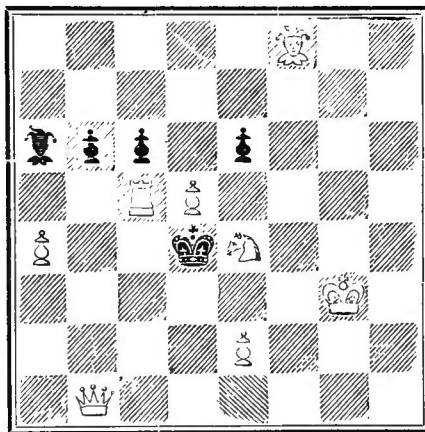
PEDRO INNOCENCIO.

**DIVERSÕES**

XADREZ — PROBLEMA N. 10

Joel Fridlizins (Gotoborg)

PRETAS (5)



BRANCAS (8)—Mate em tres lances.

PARTIDA N.º 10

GAMBITO ALLGAIER-THOROLD (a)

<i>Branças</i>		<i>Pretas</i>
(Hartewig)		(Amador)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
P 4 B R	— 2 —	P × P
C 3 B R	— 3 —	P 4 c R
P 4 P R	— 4 —	P 5 C
C 5 C	— 5 —	P 3 T R
C × P B	— 6 —	R × C
P 4 D	— 7 —	P 4 D
B × P B	— 8 —	C 3 B R
C 3 B	— 9 —	C 3 B
B 5 C D	— 10 —	B 2 C (b)
Roque	— 11 —	R 3 C (c)
P × P	— 12 —	C R × P
B × C	— 13 —	P × B
D 3 D x	— 14 —	R 4 T
C 2 R	— 15 —	T 1 B (d)
B 5 C!	— 16 —	P × B
D 7 T x	— 17 —	B 3 T
C 3 C x	— 18 —	R × P
D × B x	— 19 —	R × C
D 2 T mate	— 20 —	

(a) Esta bella partida foi, ha annos, jogada em Chemnitz, Saxonia.

A sua abertura pertence á enorme e brilhante familia dos gambitos do rei, tão fecundos em partidas admiraveis pelo vigor, pela audacia, pela elegancia, e, não raro, pela violencia. Os gambitos do rei dividem-se em duas grandes classes principaes: gambitos do cavallo do rei, e gambito do bispo do rei. Caracterisa-se do gambito do rei em geral pelo 2º lance P 4 B R; e, em particular, o do bispo pela saída desta peça no 3º lance a 4 B D; e do cavallo pela saída deste a 3 B R.

A defesa classica a este 3º lance de C 3 B R é P 4 C R. O 4º lance dos B P 4 T R,

combinado com o 5º — C 5 C R — dá o gambito Allgaier, que se continúa do lado dos B. por C × P B, a que respondem os P. forçadamente tomando o C com o R. Walker e o principe Ouroussoff recommendam para o 7º lance B 4 B D x, que dá uma bôa continuação para o ataque; Thorold preconisa o lance do texto P 4 D e deu o nome a esta variante, justamente com Allgaier, que aliás, não é propriamente o inventor deste gambito, que se joga desde Philidor, mas que o adoptou com ardor e o julgava invencível.

Kieseritzky modificou o Allgaier no 5º lance por C 5 R, evitando o sacrificio do cavallo, que, atacado, se pôde retirar. Esta variante é considerada preferivel a C 5 C, mas as respostas de defesa são multiplas: Paulsen adoptou B 2 C R para o 5º lance dos P, que, na opinião de Von der Lasa, constitúe uma defesa efficaz; Polerio recommenda B 2 R; Morphy — P 4 D. E ha, ainda, subvariantes para cada uma dessas variantes.

Em geral, os gambitos são perigosos entre os jogadores de força equal.

Uma defesa correcta inutilisa as vantagens adquiridas com o sacrificio. Mas, por isso mesmo que a defesa deve ser impecavel, é commum que os gambitos dêem excellentes resultados, já não falando que dão origem ás partidas mais scintillantes e variadas. Em particular, o gambito do rei e especialmente o Allgaier é dos mais formosos, mas tambem dos mais arriscados.

Nesta partida, os lances 9, 10 e 11 dos P., por serem fracos, acarretam a ruina immediata e irremediavel do amator adversario de Hartewig.

(b) Seria muito preferivel B 2 R.

(c) A posição dos P já é quasi insustentavel. Se o R não se move, os B. avançam o sen P R e ganham forçosamente uma peça.

(d) E' a agonia. Se 15... C × B; 16 — C × C x, R × P; 17 — P 3 C x, R 4 C; 18 — D 6 C mate. Se 15... C 5 C; 16 — C 3 C x, R × P; 17 — D 6 C, B × P x; 18 — R 2 T, D 1 R; 19 — C 5 B x, B × C; 20 — P 3 C mate.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 9: 1 — C 6 T, ad libitum; 2 — T, B, C, P (fazendo D) mate.

JOSÉ GETULIO.

Uma revista methodista publicada no Japão, o *Gokyo*, publicou um vasto inquerito sobre as relações entre os japonezes convertidos e a religião christã, no qual, excluidos os membros do clero, se pôde apprehender o estado da mentalidade das classes instruidas.

As respostas a esse inquerito, confirmam a opinião corrente na Europa, e parece dar razão ao juizo do velho Bismark japonês, o Marquez Ito, sobre a alma dos nippões: «Os japonezes fórmam o povo mais atheu do mundo.

Todos aquelles que responderam ao questionario, homens convertidos, que, na ordem normal das coisas, deveriam ter ardeute fé e convicções intactas, consideram a religião em geral e a christã em particular, a mais diminuta das suas preocupações. Os mais letrados allegam o argumento de Comte — que a phase theologica identificada por elles com a religiosa, é a primeira na evolução moral e intellectual de um povo — tendo o Japão entrado na terceira phase — a scientific — em que a religião não tem mais lugar.

O dr. Takagi, encarregado de começar o inquerito, se consola pensando que a incredulidade e a indifferença se referem antes ás egrejas christãs que ao sen Salvador, aos seus representantes sobre a Terra, ou, como dizia Lavedan, aos mercadores de eternidade.

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. . . . 20\$000  
 SEMESTRE .. . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO

E

OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Alastra e cresce em todas as nações cultas, uma forte corrente de opinião, reclamando a regeneração dos parlamentos. Na propria Inglaterra, tão ciosa das suas tradições, o modelo do regimen parlamentar, imitado e copiado pelos povos de tendencias liberaes, já não satisfaz aos modernos rumos da politica, e está quasi victoriosa a idéa de reformal-o radicalmente.

A tradição que dividia a velha nação britannica em dois partidos, o *tory* e o *wigh*, esmorecen e tende a apagar-se depois do desaparecimento dos grandes homens, que eram os porta-bandeiras da politica que fez a grandeza da Inglaterra; deu-lhe o dominio das Indias, assegurou-lhe a influencia nas mysteriosas terras africanas, conquistou-lhe o sceptro de Neptuno, com o imperio dos mares, e firmou, em solidas bases, a politica de expansão com as suas antenas de polvo, em nome do evangelho da christandade e da civilisação, cavalgando o mundo.

A attitude de soberania, de altivez desdenhosa, tornou-se incompativel com o apparecimento de novos contendores na arena da politica internacional, a formidavel competencia de rivaes formidaveis nos grandes laboratorios do trabalho; a Alemanha, postada no centro da Europa, dominando, com as suas armas, com a politica de Bismark, desde as cumiadas dos Balkans até á flecha da cathedral de Strasburgo; os Estados Unidos da America, realisando milagres de progresso, como sentinella avançada entre dois oceanos e adquirindo extraordinario poder naval afim de desenvolver a sua marinha mercante para a conquista dos mais ricos mercados do mundo; o Japão, finalmente, conquistando, a golpes de genio, de bravura, de patriotismo, um lugar de honra entre as potencias de primeira

ordem, e excedendo, com surprehendedentes vantagens, as perspectivas da diplomacia britannica que o atirou contra a Russia, com o mesmo intuito com que, ha trinta e cinco annos, lançara a França contra a Prussia. Deante desse e outros factos decisivos, os estadistas inglezes reconheceram que não podiam mais viver isolados e procuram allianças com o Japão, com a França, com Portugal, estabelecendo uma *entente cordiale*, com pretensões ao governo do mundo.

Nessas condições, a politica interna, não podendo ficar presa ás tradições, os programmas dos velhos partidos não deveriam permanecer em marcos milliaros, ornamentados com os nomes dos grandes homens, dividindo o campo em dois partidos inalteraveis: era forçoso quebrar o velho vinculo, dispersar as forças para que novos grupos, obedecendo ás transformações do idéal, dos interesses nacionaes, se formassem em torno das indicações da opinião publica, sempre viva, energetica, preponderante, naquelle admiravel paiz da liberdade, da supremacia dos direitos individuaes.

Era natural que o parlamento, producto da indole e das tendencias dos dois partidos, soffresse o resultado do enfraquecimento destes, ao mesmo tempo que a camara dos lords era atingida pelos effeitos da degeneração dos seus membros, enfesados rebentos da arvore genealogica com raizes perdidas num passado glorioso.

Indigena da Inglaterra, o regimen parlamentar degenerou num trambolho e está pedindo urgente refórma que o adapte ás tendencias da politica contemporanea, ás idéas defendidas pelos estadistas mais notaveis, pelo sr. Rosebery, pelo sr. Chamberlain, pelo sr. Balfour.

Se nos paizes, em que o voto não é uma miragem, ou um espurio producto da fraude, a refórma da representação nacional é reclamada, como providencia essencial de regularisação

do mecanismo politico, ella deve ser de urgencia oppressiva naquelles em que todo o esforço dos partidos converge, com insistencia barbara, para a deturpação das eleições.

O nosso parlamento traduz, numa perfeição aterradora, todos os vicios dos costumes que degeneram á proporção que os pretendem melhorar a golpes de decretos, de leis de papel, onde se condensam as mais generosas, as mais patrioticas intenções, leis e decretos destinados ao olvido, como leis da Turquia, a não serem cumpridos, como essa refórma da legislação eleitoral, que tanto preoccupa o fecundo talento do prodigo sr. Anisio de Abreu, exhibido em magnificos discursos, muito sensatos, muito eruditos, muito cheio de atilada observação, mas muito cacetes para a grande maioria da Camara, que deserta do recinto, quando elle pede a palavra, todo arripiado, a medir, com os seus olhinhos geometricos, as bancadas vazias. Os gorgeios do sonoro corrução das margens do Parnahyba não commovem, não encontram echo nos duros corações dos devotos da incoercivel preguiça parlamentar.

A Camara é uma das inuteis peças do mecanismo burocratico que nos governa. A funcção de representar a Nação está reduzida a meio de vida. O parlamento é um recesso do ocio lorpá, da preguiça esteril. E quasi todos esses eminentes homens, pescados, dos fundos sujidos das olygarchias, pela politicagem, pobres passivos que não justificam, nem por pensamento, nem por palavras, nem por obras, a posição parasitaria nas elevadas regiões da politica, destinados á subservencia de obedecerem automaticamente... ; essa grande tropa, encabrestada ao aceno do poder, vota implacavel odio aos discursadores, aos homens capazes, aos espiritos de escól que figuram no meio della, como projecções luminosas, a lhes dar relevo á feiura monstruosa.

Toda a Nação, embóra callejada pelas contínuas deturpações do regimen democratico, contempla, numa dolorosa attitude de amesquinhamiento, os seus degenerados representantes, inconscientes do grotesco papel que representam na farça politica.

Não ha um só brasileiro que não sinta a necessidade de regenerar o parlamento, substituindo os seus jograes por homens dignos, independentes, que não reputem indisciplina fazer uso da palavra e saibam ler por cima, para que se não confirme, no Brazil, tão rico de homens de talento, de espiritos superiores, que as democracias vivem das mediocridades.

Seria de inestimavel vantagem, principalmente para o governo, a dignificação do parlamento compondo-se de homens para os quaes o servilismo não seja a mais sublime expressão do amor á Patria.

Mas o governo, tendo á frente um dictador por quatro annos, só cogita da victoria absoluta da sua vontade, sem os tropeços de discussões que agitem a opinião, sem o concurso de luzes que lhe esclareçam o caminho e lhe revelem os erros ou os crimes. O essencial é que essa travessia de quatro annos se realise sem bulha e termine sem aquellas eloquentes latas, que assignalaram o triste epilogo do quadriennio passado.

Pois essa Camara de asseclas da politicagem foi o juiz escollido pelo honrado sr. presidente da Republica para deslindar o complicado caso de Goyaz.

O alvitre do governo não obedeceu a uma inspiração feliz, que, geralmente, não acode áquelles que andam, por vias tortuosas, provocando conflictos em beneficio de interesses subalternos.

O governo se escusa á responsabilidade de uma situação por elle creada, fomenta a perturbação do organismo politico de um Estado e, quando o caso chega ao ponto de bala, não ousa intervir e não encontra outro meio de descalçar as apertadas botas do sr. Bullhões, senão chamando o Congresso para esse humillimo mistér de laçao.

As attribuições do Congresso se resumem ao fabrico de leis; as suas deliberações se condensam em projectos que, depois dos turnos constitu-

onaes, se incorporam á legislação do Paiz; terá elle, portanto, de atamaucar uma lei feita de encomenda, numa bota mais folgada para os callejados pés desse ministro, ameaçado de ficar ás cascas se o seu prestigio se evaporar do seu feudo. Mas, como o Congresso não pôde legislar sobre factos passados, porque a Constituição lhe vedou decretar leis retroactivas, a deliberação que elle tomar, em obediencia ao governo, nada obrigará: será uma necessidade mais a envergonhar a Republica.

Essa lei seria uma especie de sentença, definindo os direitos envolvidos nas eleições do Estado, ou resolvendo um conflicto de direitos, competencia que a nossa organização politica conferiu, exclusivamente, ao poder judiciario.

A porta de escape escollida pelo governo, abre para um abysmo, dá para um evidente absurdo, de consequencias desastrosas.

Seria mais digno fôssem aquelles politiqueros de Goyaz, ingratas creaturas rebelladas contra o seu creador, punidos do seu feio peccado a ferro e fogo, como fez o sr. Campos Salles para tirar o seu omnipotente ministro de identicos apertos em Matto-Grosso.

Teria, pelo menos, o merito da franqueza, inventar uma legião Rodrigues Alves que passasse á Historia com façanha igual á da legião Campos Salles, de ensaguentada memoria.

Entre os escandalos de arranjar, do pé para a mão, uma lei *ad hoc* e o de provocar uma bernarda official em Goyaz, o ultimo seria mil vezes preferivel.

E' lamentavel que essa pedra tenha caído no telhado do ministro Bullhões, a mais meiga das creaturas que jámais carregaram uma pasta; é pena: a fatalidade não escolhe as suas victimas.

\*\*\*

Resta a consolação de que aquelle appello á Camara é um salto furtado sem consequencias. A commissão de constituição e justiça declinará da honrosa incumbencia, por não ser juiz de paz, e Goyaz continuará anarchisado, dando o mais triste exemplo do excesso a que pôde chegar a politicagem degenerescente.

Goyaz não peza na balança das candidaturas presidenciaes, e o ministro, agóra interessado no conflicto, é ho-

nesto, não é dado ás feitiçarias do barão de Rosuy do sr. Campos Salles.

POJUCAN.

## AS POEIRAS E OS DAMNOS QUE ELLAS PÓDEM CAUSAR

### I

Não é a primeira vez que a *Sociedade de medicina e cirurgia*, toma a iniciativa de apresentar ao governo central, ou ao executivo do municipio, planos que concorram para a melhora das condições de vida na metropole.

Acaba ella, ainda ha cerca de duas semanas, de apresentar ao benemerito prefeito municipal, sob proposta dum dos seus mais prestantes membros, uma representação redigida por competente bacteriologo tendente a demonstrar a essa auctoridade a série de inconvenientes que poderão advir á população pelo desprezo das mais comensinhas regras d'hygiene no que toca á disseminação das poeiras provenientes dos trabalhos que, ora, são executados aqui. E' bem de ver que não haverá mistér cortar-se a arvore para a colheita do fructo. Deixemos aos nossos ou aos aborigenes d'Africa essas absurdas praticas. Para que se eleve o expoente estheticó da nossa bella capital, para que alguma coisa a mais que a sua *bella naturalèza* hajam que admirat os estrangeiros que nos visitam, não se torna imprescindivel que nos achem elles com as cifras da *diphtheria*, das *molestias do apparelho respiratorio* ou das *ophthalmias* augmentadas ao ponto de parecer o Rio uma Londres ou uma Pariz! Já nos chega, a esses e a outros respeito, mais que o verniz de civilização que adquirimos desde o tempo em que eramos o unico imperio da America, a *flôr exotica do imperio*, das ominosas epochas, na imagem estafada e repetida dos demagogos doutr'ora.

Poder-se-á affirmar, sem receio de contestação, que é pela pratica severa, ininterrupta, convicta e intelligente das regras de hygiene, no que respeita ás suas multiplas fórmulas, e applicaveis a todos os momentos e actos da vida, que um individuo ou um povo poderá ser tomado a serio como unidade e factor de civilização.

Já no introito do seu primoroso *Ensaio* sobre a educação, disse-o Herbert Spencer, que os selvagens, primeiro que pensem em cobrir a sua desnudez, que se preservem contra as intempéries e que tenham consciencia da primeira ou reconheçam as desvantagens das ultimas, tratam de ataviar-se, de cobrir-se de enfeites de toda a casta, oriundos dos vastissimos armazens da

natureza, desde o multicôr das penas das aves florestaes, as fibras de plantas coradas pelos fructos e cascas tinctoriaes da selva, os dentes, as pelles e nllias dos animaes bravios, sens visinhos e parceiros de vida, até as conchas que bordam as praias das desertas regiões e que guardam tambem em seu bojo os ruidos das civilisações extintas, e todas as estranhas historias que nos póde contar o velho mar, na ficção terna e encantadora do cantor antigo...

E, a observação do philosopho inglês ratificada por todos os studiosos e viajantes que se atrevam ás longinquas e ignotas regiões, ou parem, desejosos de ver *algo nuevo* no proprio homem, seu irmão e co-municepe, alli assim á beira do Ouvidor, o nosso unico salão commum de elegancias aprimoradas e a nossa vitrine de exposição permanente em materia de civilisação animada, é sempre a mesma.

Recordo, ao escrever agóra, o que disse Marc, quando nos visitou, e de cujo passeio nos ficaram os dois volumes que deveram ser mais lidos do que o são, relativamente ao modo de trajar de alguns *elegantes*, que viu no Pará. Admirou-se o viajante francês que reagissem os filhos da terra ao calor tropical, supportado naquella zona por meio de altos collarinhos luzentes e da classica cartola, si não *lúit* ao menos *quatre reflets*, dada a epocha em que os vin snando ás estopinhas, para manter a linha da civilisação, áquelles nossos irmãos em Christo...

Os factos, na sua indefectivel e hieratica maneira de se apresentarem, dadas condições eguaes, são sempre os mesmos. O que varia nelles ou, melhor, o que nos parece nelles variação, nada mais é do que mudança de ponto de vista nosso, quando os observamos, ou desaparição das circunstancias sob as quaes nasceram.

Afim de casar com a observação de Marc, lembro tambem o que nos nararam os historiadores das diferenças de resistencia dos craueos dos persas ás laminas afiadas dos soldados d'Amasis e de seu filho Psametik III e dos egypcios ás dos guerreiros do filho de Kuros, o intrepido Kambuses, que nós teimamos em chamar Cambyses. Como tivessem os persas as cabeças sempre envoltas em pesados turbantes, eram essas doces e molles ao ferro do inimigo, ao passo que as dos vencidos, por mais arejadas, eram resistentes e duras ao córte das espadas do vencedor.

E' um desses multiplos paradoxos de que se acha recheiada a historia e que tem por distico geral esse extracto da philosophia popular: nem por muito madrugara se accorda mais cedo!

Não ha negar: é de todos quantos bens gosa o homem sobre a terra, a saúde o mais precioso delles. Talvez que a paz de espirito, o contentamento de si e os applausos da propria consciencia, valham um pouco mais do que a saúde...

Houve quem pensasse assim e collocasse esses dons do céu acima della e das proprias riquezas: tal o pensou Seneca quando a isso se refere numa das suas cartas a Lucilius.

Valerão, porém, a tranquillidade do espirito e os bens da fortuna quando se tem um organismo veletudinario ou aseteado pelas mil frechas das molestias que nos pódem acometter?

Bem torto, porém, em certas coisas, fez Iaveli este nosso mundo e esta nossa vida, a tal ponto que Affonso, o sabio, de Aragão, se propunha a dar-lhe quináu, mesmo que elle o não consultasse, si, acaso, fôsse presente no infinito nas vesperras do *fiat lux*, antes do parto do calios, que nos fez apparecer.

Ora ali está, por exemplo, entre essas falhas apontadas do venerando pae de Christo, a ausencia de saúde perfeita, typica e absolutamente normal do proprio homem! Que é a saúde perfeita, estavel, ideal? Um *verdadeiro* mytho. Qual o limite entre a saúde e a molestia, que, entre outros, julgou haver descoberto Hanhemann e quejandos outros escriptores, estabelecendo-a para ponto de partida e fulcro de seus systemas? Mythos! Sempre a necessidade de classificações, systemas, categorisações e theorias das quaes sente o estudioso precisar, afim de entender o que mal percebe, o que não o impede de esbarrar, a cada passo, com obstaculos, alguns creados pela sua propria phantasia; o que fal-o sulcar um mar sem margens, encontrando parceiros a cada instante, por insufficiencia de conhecimentos; o que fal-o admirar-se, conforme diz Duclaux, que *la nature garde ses coudées franches*, em pontos de doutrina onde a sua petulancia julgon, para sempre, haver posto um marco intransponivel!

A fimbria do véo mal começa a ser erguida, ai de nós! que já vamos caminho do seculo XX, somos tão ignorantes e julgamos ter o mundo nas mãos e Deus ao alcance da nossa aguçada psychologia!

Quando na boa paz do Senhor se respirava o livre ar que leva o gaz benefico aos pulmões, mal sabiamos que os tinhamos; que existia oxygeneo nelle, quanto mais que esse proprio ar inspirado levava á parte superior das vias respiratorias myriades de germens que dançam choréas polychromas num raio de sol! Foi o doce Tyndall quem, scientificamente, demonstrou aquillo que, sem duvida, centenas d'homens haviam notado antes da sua classica demonstração. Que o ar contém ger-

mens, bem como o sólo e as aguas, já ninguém duvida. Passou isso ao conhecimento vulgarissimo e está ao alcance das nossas cosinheiras.

Ao demais, nós os detemos nos meios de cultura; lhes damos o bem estar necessario ao seu desenvolvimento e, com elles, multiplicando a vida, pudemos tambem fazer o que, frequentemente, elles fazem sem nós: multiplicamos a morte. Com o auxilio de potentes microscopios, contamol-os, discriminamol-os; por meio dos nossos filtros mais aperfeiçoados, oppomos-lhes uma barreira intransponivel, detemol-os todos! Todos? Não, infelizmente, não! Até bem pouco, nós só podiamos distinguir germens que tivessem um *decimo de micro-millimetro*, e estavamos contentes com isso. Pejulgavamos que as dimensões de todos os microbios estivessem comprehendidas, precisamente, nos limites da visibilidade das mais aperfeiçoadas objectivas dos microscopios de *Zeiss* ou de *Leitz*. Que duvida temos nós de que existem germens cujo tamanho está muito abaixo do limite supra citado?

Baste, para convencer os leigos, afirmar-lhes que ha *microbios invisiveis*, de que ha germens capazes de atravessarem os filtros na apparencia mais impermeaveis a quaesquer *particulas solidas*, de que ha molestias contagiosas perfeitamente estudadas e *cujos microbios ainda não fôram vistos*. Entendem? Já estudiosos da capacidade de Borrel, Centeni, Loeffler, Frosch, Reed, Carrol, Agramonte, Nocard, Roux, Simond e Marchoux, puderam *demonstrar* a natureza microbiana de algumas molestias do homem e dos animaes e cujos germens estão ainda nas encolhas. Taes, entre essas molestias, *a febre aplitosa dos bovideos, a peste dos passaros, a peri-pneumonia bovina* e a nossa *patriotica febre amarélla*, melhor chamada jacobina...

Anima-nos, porém, a esperança de que, dentro de alguns mezes, talvez annos, appareça alguem que dote o mundo de apparatus augmentativos capazes de nol-os fazer perceber. E, para embalar-vos docemente, devo dizer-vos que Zsigmondi e Sientoff ultimamente descobriram um methodo pelo qual puderam distinguir corpusculos cujas dimensões fôram avaliadas em *cinco millesimos de micro-millemetro*. Chega!

Toca-se quasi que já ás barreiras do infinito! Daqui a instantes, nos achamos na mystica região dos *atomos, molleculas, mycellias, ions, electrons* e outras coisas exquisitas, dessas que já começam a despertar, esfregando os olhos nos vocabularios gregos, prestes a saltar para as paginas dos livros e revistas, onde irão saracotear pelo mundo além, mal desprendidos da *prótylo hypothetico* do illustre W. Crookes.

## II

Para que subir tão alto, ás regiões mysteriosas do *prótylo*, quando só as poeiras nos devem agóra occupar? E' que, pela sua levesa, pela insignificancia das particulas animadas e vivas, organicas e mineraes, ellas tudo penetram, espalham-se pelo ar em verdadeiras nuvens voltijantes, participam da vida dos elementos aéreos mesmos, e, saíndo do sólo, voltam de novo para elle, num continuo cyclo, no qual se mineralisam muitos dos elementos vivos que a compõem, emquanto outros se desentorpecem, como que resuscitam, para voltarem de novo ao seio da propria vida. Não foi, pois, sem motivo que o sabio Litré definiu sobria, embóra imperfectamente, as poeiras: *terre finement poudrée!* A constante acção dos gazes aéreos, do sol e o proprio termo do cyclo vital de muitas bacterias condúl-as á sua mineralisação pela morte. Outros, de si pouco resistentes nas suas fórmulas adultas, revestem-se de caracteres proprios á resistencia, ás multiplas causas de destruição por meio de modificações que soffre o seu protoplasma, aliás insignificante. São fórmulas condensadas do ser vivo, verdadeiros accumulolos de energias. Tais são os *espóros*, para aquellas bacterias que os produzem, dadas certas condições e postos em liberdade no meio ambiente. Não é, agóra, o momento para insistir sobre a estructura delles, sobre a discriminação das especies nas quaes esse modo de reproducção é observavel.

Saiba-se ao menos que as especies que não apresentam essa fórmula reproductora, são nimiamente destructíveis. Citemos, de passagem, o *bacillo diphterico*, que não esporula, o qual é attingivel pelas soluções antisepticas fracas como a de sublimado a 1‰, pelas baixas temperaturas e que a 70°, n'agua, fenece em alguns minutos. E' verdade que observaram-se, em certas bacterias que não produzem esporos, certos organs de resistencia, que fóram denominados *arthrospóros*. São ellas semelhantes áquellas observaveis entre os cogumellos que apresentam fórmulas de resistencia por enkystamento numa parte do seu protoplasma e espessamento da membrana d'envolucro: são os *chlamydoespóros*, que nada de commum téem com aquelles, que são, portanto, fórmulas de defeza, e resistencia das bacterias. Seria propicia a occasião para desenvolver o que penso sobre a origem das bacterias, assumpto do mais palpitante interesse, que é o mesmo da origem das molestias infectuosas. Reservo-me para, com detalhe e vagar, fallar desse assumpto de alcance tão extremado em todos os estudos de microbiologia. Escrevo aqui de materia d'ordem scientifica, mas accessivel ao

commum dos leitores que se não iniciaram, por estudos systematicos, nellas. Ha, pois, motivo para não accumular noções outras que não condigam especialmente com o tratado.

As questões d'origem fóram sempre suscitadoras de debates; por isso, me adstrinjo, agóra, á noção de fim.

Muito se tem escripto em artigos esparsos, mas pouco compendiado sobre o mal que nos pódem causar as poeiras, e o accordo não é perfeito, ou, antes, nenhum accordo existe, quanto ao que toca á nocividade dos germens, que, com ellas, pódem ser disseminados no ar.

Ninguem talvez com maior competencia se externou respeito a esse ponto do que Mamfredi, cujas systematicas pesquisas em muitas clausulas confirmam observações de pesquisadores que o precederam, o que foi exuberantemente posto em relevo por Du Mesnil. Já Emmerich encontrára o *pneumococcus* no sólo duma prisão; Cornet tuberculisára cobayas inoculando-lhes a poeira de um hospital de tysicos; Kelsch demonstrou o papel activo do sólo na disseminação do *bacillo typhico*; Uhlmann demonstrou a extraordinaria ubiquidade dos microbios do pús. Mamfredi encarregou-se de pesquisas complementares que deveriam revalidar as dos seus antecessores. Dahi, as conclusões ás quaes chegou: as immundicies das ruas são dotadas de propriedades infectantes e, entre os germens pathógenos para o homem, são encontrados, muita vez, os do tetanos, da suppuração, da tuberculose e da sceptemia gangrenosa ou edema maligno.

Certo é, conforme disse-o acima, que esses germens não vivem indefinidamente no sólo, mesclados ás suas immundicies. Comtudo, frequentemente, acham ali faceis condições para o seu desenvolvimento e nelle conservam, durante algum tempo, suas propriedades especificas. Esse prazo é de 2 a 3 mezes para o bacillo tuberculoso; de quinze dias, para o da choleira asiatica; de 20 a 30 dias, para os do pús; de 2 a 20, para o do carbunculo; de 15 dias, para o da diphteria e de 3 mezes para o germen da erysipela. Comquanto seja, pois, discutivel a penetração dos germens até o intimo da arvore respiratoria, nenhuma duvida póde haver, parece, de que os germens encontrados nas immundicies das vias publicas e nas poeiras, não succumbem tão rapidamente como muitos supõem. Ao demais, pondera, judiciosamente Du Mesnil: não esqueça o facto de ser repetida e constante a pulluição das ruas, cujas poeiras são de novo disseminadas pela seccura dellas sob a acção do sol e dos ventos quentes. Cornet, a esse respeito, observou que esses ventos secos favorecem a pulverisação das im-

mundicies, o que determina, nas suas epochas proprias, augmento manifesto das cifras de certas molestias infectuosas, corysas, catharros, bronchites, etc.

Quem, entre nós, mesmo leigo, não tem feito analogia observação? Lamento que me seja vedado, agóra, trazer a cifra exacta, consignada pelas annotações do proficiente demographista da directoria geral de saúde publica, do augmento das molestias do aparelho respiratorio e das ophthalmias, durante os cinco e, principalmente, dois ultimos annos. Isso viria fortalecer os argumentos tendentes a condemnar como vexatorios e deletorios para a população desta cidade, os processos barbaros e primitivos empregados nas demolições sem conta e na criminosa pratica, que outro nome não póde ter, das varreduras a secco das nossas ruas e praças, das casas particulares e estabelecimentos publicos, e das baicas que fazem o trajecto entre o nosso porto e Nictheroi, onde a sua energica e methodica administração ainda não quiz, ou não póde, applicar systema menos incommodo e prejudicial aos seus innumeros passageiros.

Temos como certo, pois, que as poeiras são vehiculos dos multiples germens, ha pouco assignalados e que são lesivos para a saúde do homem. Mas, por sem duvida, que não é esse o mal unico que ellas nos pódem causar. A presença de particulas tenuissimas de seliça, de pós metalicos, de carvão e de substancias mineraes outras, exercem sobre o tecido pulmonar verdadeiros traumatismos, acções mechanicas altamente prejudiciaes, que engendram inflammações chronicas, em fóco, do tecido pulmonar, não poucas vezes determinam escleroses locais, amollecimentos e até cavernas que conduzem a uma falsa tuberculose.

Chamam-se *pneumokonióses* essas pulmonites chronicas provocadas pela entrada no pulmão, até os alvéolos, a verdadeira superficie respiratoria, dos pós multiples, todos elles irritantes. A anatomia-pathologica ainda não está perfectamente fixada em todas as variedades de *pneumokonióses*, cujas principaes variedades são: a *anthracóse*, causada pelo pó de carvão, a *sideróse*, pelos pós metalicos, mórmente pelo oxydo vermelho de ferro, a *aluminóse*; é a *calicóse*, produzidas pelos da seliça e alumina.

Em muitos casos, nas necropsias, encontram-se pulmões endurecidos, resistentes ao escapello, principalmente nos apices, quasi solidificados pela presença dessas particulas ahi encrustadas. Si a quantidade de pó que chega ao pulmão, é pouco abundante, é englobada ahi por elementos do sangue, chamados leucocytos, por certa variedade desses.

Por elles são acarretados através os vasos lymphaticos, sobretudo quando os ganglios da mesma variedade estão permeaveis, em estado de saúde, e vão causar, na *anthracose*, embolias de carvão no figado, no braço e no peritóneo. Si, ao contrario, os ganglios são impermeaveis, as particulas vão ou permanecem no pulmão e dão logar á *anthracose pathologica*.

Quando a inalação das poeiras ao envez de passageira é contíua e permanente, como é o caso entre nós, no momento actual, quer os germens, quer as particulas microscopicas de poeiras diversas accumulam-se no tecido conjunctivo intra-alvéolar e intra-lobular, onde permanecem indefinidamente no interior das cellulas collectoras, os elementos do pó, *Staubzellen*, de Langhans. Pódem-se engendrar, por esse processo, verdadeiras cavernas pulmonares, que embóra pequenas, lembram as da phymatose; dahi, o nome de *tuberculose anthracosica*. De tudo isso se infere, está visto, que haverá diminuição do campo respiratorio, retracção da superficie da troca dos gazes atmosphericos e do anhydrido-carbonico oriundo das oxydações organicas, com todas as consequencias que esse estado anormal pôde acarretar para o organismo.

Pondere-se bem que tanta necessidade tem o homem e tanto direito o cidadão aos alimentos são, a uma agua limpida e potavel clinica e bacteriologicamente fallando, quanto a um ar puro e isento de poeiras deletérias.

Não poder-se-á, talvez, destruir as poeiras; isso seria utopico. Póde-se, todavia, impedir que ellas sejam levantadas e disseminadas, a pretexto de aceio, pelo brutal processo da varredura a secco que é simplesmente, dil-o com espirito, um tratadista, tomar microbios e semeal-os no nariz, na bocca, nos pulmões, na pelle e nas roupas, de modo a poder-se dizer que o braço que maneja a vassoira é um braço homicida.

Realmente, é sobremodo vergonhoso para nós, que temos o dever patriótico de apparecer bem aos olhos dos estrangeiros que vêem colloborar connosco na obra da nossa civilisação, ou, de passagem, nos visitam, que, num ponto de hygiene como esse, nos mostremos tão primitivos e rotineiros.

De multiplos meios poderá lançar mão a nossa municipalidade, para acabar com essa perniciosa e atrazada pratica das varreduras a secco, ou pela commissão que dirige as obras de demolições. Fique ao criterio dos seus representantes e directores, a applicação dos mais conducentes delles com o nosso meio. Entre a *petrolagem* da *macadam* ou do asphalto, (como se faz em muitas cidades dos Estados Unidos do Norte, em Monaco e noutras ci-

dades) o processo actualmente usado na California, onde parece haver sido resolvido o problema, e a simples regagem das ruas como foi feita, em tempos, mal e imperfeitamente entre nós, on de modo perfeito pelo qual ella se faz hoje em Milão, haverá sem duvida que escolher.

Nessa ultima cidade, está posto á prova o systema dos automoveis irrigadores, compostos dum reservatorio que é cheio com agua, e esvasiavel mediante tubos perfurados em leque, adeante e atrás do vehiculo, construidos de modo a poderem funcionar da esquerda para a direita, ou de modo inverso.

Uma plataforma é destinada aos empregados, e a distribuição da agua faz-se regularmente, d'accordo com a largura das ruas. Esses *autos* irrigadores fazem com que a regagem da cidade, que tem cerca de 300.000 habitantes, faça-se em menos duma hora. A's cinco da manhã, acha-se terminado o trabalho, antes da circulação dos vehiculos e dos pedestres.

Compare-se isso com o adoravel e inimitavel systema posto em execução pela nossa edilidade: no pino do dia, quando mais fortes dardeja o sol implacavel os seus raios sobre o *empedramento* das ruas ou o quasi nullo calçamento dalgumas dellas, vê-se o rude varredor, tendo uma colossal vassoira, manejada com morosidade e preguiça a levantar nuvens de poeira suffocante e mortifera!

On então, encontra, entre meia noite e 2 da manhã, quem regressa fatigado, em condições proprias á infecção, dos theatros, dalguma tertulia ou *sauverie*, os mesmos rudes varredores, os quaes, julgando-se sem testemunhas, com espantoso *brio*, levantam trombas e columnas espessas da benemerita *frontina*! E' mirifico! Nas barcas de Nictheroi, cujo bom serviço, seja dito de passagem, é digno de encomios, mal entram aos ancoradoiros, dellas saem e comecam a entrar novos passageiros, vê-se um empregado de bordo, convicto do seu papel, a levantar o pó tenuissimo do pavimento dellas e a semeal-o nas nossas narinas, bocca, cabellos, pelle e da roupa, muita vez fina e cara, das senhoras. A sua administração bem poderá, em beneficio da saúde publica, determinar modificações para esse systema deploravel.

O processo applicado na California, e do qual, resumida mas claramente, se occuparam os *Annaes*, á pag. 405 do seu numero 38, talvez não possa ser applicado já entre nós, porquanto exige elle um especial preparo das ruas de accordo com o sólo e com o clima. «O terreno lavrado numa profundidade de 30 ou 40 centimetros, é calcado e nivelado, é irrigado com um oleo composto de asphalto e petroleína, que o

penetra profundamente; o asphalto absorve e a petroleína serve de cohesivo». Em toda a California, está em voga esse systema de incontestaveis vantagens.

E' provavel que a nossa municipalidade desdenhe esses systemas todos; que as commissões fiscaes da *avenida primeira* tambem se não importem com isso, obrigando os demulidores a irrigarem, abundantemente, com agua doce ou mesmo com a do mar, simples, ou electrolysada, as casas que caem, diariamente, sob o canartello.

Eu vejo nesse desdém algo de superior e philosophico, altamente enigmatico e mysterioso! Talvez tenha ella em mente o melancolico *in pulvis reverteris* da liturgia catholica, ou medite aquell'outra egalitaria phrase gravada numa das lapides que pontuam a crypta da cathedral de Strasburgo, onde se lê: queres saber quem eu sou? eu te responderei: sombra e poeira, á qual alludiu fogoso tribuno brasileiro no elogio funebre do generoso Deodoro, cujo cerebro, cujos musculos e cujo sangne bem como os doutros próceres da Patria, a essas horas circula, quiçá, no turbilhão incessante da vida, seja della poeira tambem que nós venhamos a aspirar, benéficamente como já nos embebemos da lição do seu patriotismo, que levára, a todos quanto tenham disso o dever, a derrocar as muralhas da ignorancia e reduzil-as tambem a pó.

DIAS DE BARROS,

*Professor substituto na Faculdade de Medicina.*

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Notificação compulsoria de molestias contagiosas, suscitada pelo dr. Vaillard na Academia de Medicina de Pariz.*

O dr. Vaillard suscitou, na Academia de Medicina de Pariz, a importante questão da notificação das molestias contagiosas, a proposito das epidemias de sarampo e escarlatina nos quarteis, que, contra a opinião muito em voga, não são focos de origem dessas epidemias, mas a importavam pelos recrutas e praças licenciadas.

Apezar de todas as precauções, é muito difficil prevenir essa importação, porque as municipalidades e os medicos não observam as prescrições da lei de 1902 sobre a notificação obrigatoria das molestias infecciosas. Isso determinou o dr. Vaillard a propor um voto para que essas prescrições fôsem rigorosamente observadas.

O dr. Henrique Monod, discutindo a proposta, fez o historico da questão do ponto de vista administrativo; demonstrou que a administração edificára com o auxilio de circulares e re-

gulamentos, um mechanismo muito completo para a execução da lei, mechanismo que sómente tinha um defeito — o de não funcionar, porque todo o apparelho se baseava na declaração previa, que os medicos não fazem.

A Academia votou por unanimidade a proposta do dr. Vaillard, assim como a do dr. Carnil, para que o regulamento corcamente á desinfeção dos sitios, em casos de molestias contagiosas, seja obrigatoria e effectiva.

Por toda a parte, o clinico é o primeiro infractor dos regulamentos sanitarios; porque não se póde separar do sacerdocio humanitario o interesse. Quando se trata de doentes importantes pela posição social, pela fortuna, os medicos empregam todos os meios para sophismarem a notificação, ou só a fazem nos casos demasiado evidentes, nos quaes não se possam abrigar, numa incerteza, numa duvida de diagnostico.

\* \*

*A geração espontanea—O radium, fonte da vida—A descoberta de Burke: particula de radium em solução de gelatina.*

John Buller Burke, jovem sabio addido ao laboratorio de Cavendish, em Cambridge, pensa ter descoberto a *geração espontanea*, o nascimento de sêres sem procreação anterior.

O phenomeno da transformação da materia inerte em cellulas vivas, constitúe, como se sabe, o problema mais apaixonante da biologia. Todo o mundo conhece as curiosas experiencias do professor Yves Delage no laboratorio de Roscoff, obtendo a fecundação artificial de ovos de asterias—estrellas do mar—por meio do acido carbonico.

Burke modernizou singularmente o problema, porque, para a produção espontanea de sêres vivos, empregou o radium. A sua experiencia consiste em collocar uma particula de radium em uma solução de gelatina rigorosamente esterilizada. No fim de um ou dois dias, o exame microscopico revela a existencia de culturas formadas por pontos negros, que augmentam, lentamente, de volume, e se subdividem em varios elementos novos quando adquirem o volume de sessenta millesimos de pollegada.

Por insignificante que pareça aos leigos esse resultado, não deixará de ser o ponto de partida de novas controversias entre os sabios de todos os paizes.

Esses microbios de novo genero receberam do seu inventor o nome de

*radiobos*, aos quaes elle attribúe a fórma primitiva da vida, desvelando a mysteriosa origem dos sêres.

\* \*

*Toxidade dos ovos de vibora demonstrada em operações sobre cobayas — Novos resultados dos trabalhos de Philsalix.*

O sr. Philsalix, continuando os seus interessantes trabalhos sobre o veneno das voboras, communicou á Academia de Sciencias novos resultados: trata-se da toxidade dos ovos de vibora demonstrada em operações sobre cobayas. Ao passo que são precisos 4 centimetros cubicos de sangue do reptil para matar uma cabaya, a dóse de um centimetro cubico do vitellus dos ovos basta para produzir o mesmo effeito mortal.

\* \*

*Combinação do mercurio com materias organicas — As ultimas experiencias de Louise e Moutier. — Os resultados.*

Ha alguns annos, morreram dois chimicos pretendendo preparar a combinação do mercurio com materias organicas, como o methylo e o ethylo. Louise e Moutier acabam de tentar novas experiencias, empregando compostos do phenol, e obtiveram um novo corpo—o mercurio pleniilo, com a singularidade de ser inteiramente inoffensivo, susceptivel de varias applicações medicinaes.

## A ARMADA NACIONAL

*Novos insuccessos, infligidos por Brown á nossa esquadra — A ineptia dos nossos officiaes—A escola da marinha.*

O substituto de Rodrigo Lobo foi o chefe Rodrigo Pinto Guedes, depois barão do Rio da Prata. Apenas empossado no cargo de commandante em chefe da esquadra, tratou de dar a esta uma melhor organisação, por mais sabia distribuição, donde melhor aproveitamento, das forças que a compunham.

A 30 de julho, empenhou-se um combate mais serio que os anteriores, e no qual as armas brazileiras fôram victoriosas, a despeito de consideraveis perdas soffridas, perdas compensadas pelas que causamos ao inimigo, e, entre essas, avultava a destruição da sua corveta capitanea.

Não será de mais accrescentar que não fôram colhidos maiores resultados devido a não poderem os navios brazileiros, pelo seu grande calado, chegar-se mais ao inimigo, defeito a que os chefes da nossa esquadra pediam remedio desde o inicio da campanha.

Dir-se-ia, após esse combate, que todos os insuccessos, até então soffri-

dos pela nossa armada, provinham tão só da incompetencia ou da má estrella de Rodrigo Lobo. Já veremos que tal não era; e o que se póde, desde já, affirmar é que aquella victoria se deve á iniciativa e á bravura de Norton, com o auxilio de Greenfell, Hayden e Senna Pereira, pois foi o primeiro quem procurou a acção e quem, durante ella, commandou as nossas forças, das quaes faziam parte os navios dos commandos dos outros tres.

Para contrabalançar essa victoria, veio, logo após, o combate, para nós desastroso, do Juncal.

Senna Pereira fôra mandado, á frente da divisão que passou a commandar, para o Uruguay, afim de auxiliar o exercito em suas operações e de impedir a passagem do inimigo para o nosso territorio. Brown, tendo disso sciencia, e apesar de dever estar sob a fiscalisação rigorosa da nossa esquadra, subiu o rio até Martin Garcia, onde se apoiou para aguardar a descida daquela força.

Sabedor dos planos inimigos, o barão do Rio da Prata ordenou a Mariath, a quem entregou para isso o commando duma nova divisão, de ir reforçar a de Senna Pereira ou de metter Brown entre dois fogos.

Todos os planos fracassaram; Mariath, não tendo podido reunir-se a Senna Pereira antes de encontrar-se com Brown, foi forçado a bater-se com este, sem resultado definitivo ou, ao menos, sem lhe fazer avarias de monta; depois, Brown subiu em busca de Senna Pereira, e Mariath não o seguiu. A divisão que devia ter sido soccorrida, foi, então, esmagada, e a de socorro, proximo ao logar da acção, que se empenhou em dois dias, não lhe prestou o menor auxilio, nem de leve procurou incomodar o inimigo.

Graves e, pelo que se lê, cabidas, fôram as accusações, que pezaram sobre Mariath, pelo insuccesso. No entanto, as responsabilidades ficaram por apurar e o nosso desastre a fornecer o nome de uma das avenidas de Buenos-Ayres.

A esta, vieram logo juntar-se as derrotas soffridas pelas expedições á Patagonia sob o commando de Sheperd, e á bahia de S. Braz, sob o de Eyre. A proposito desses desastres, Pinto Guedes faz pezadas e vergonhosas accusações a muitos officiaes que, mais tarde, sem dellas se terem então justificado mas tambem sem nunca ter sido apurada a veracidade dellas, chegaram a occupar notaveis posições, muito embóra sempre, a par dos favores officiaes, soffressem duros ataques.

O que veio a ser depois visconde de Inhaúma, e que era, então, apenas 2º tenente Joaquim José Ignacio, foi pelo barão do Rio da Prata accusado de fraqueza ante o inimigo; alguns outros,



de se acharem em estado de embriaguez por occasião de combate. Mariath soffreu desse chefe as mais rudes censuras, e, na parte que dá sobre a expedição á bahia de S. Braz, Eyre ataca tambem fortemente o capitão Reid, da *Maceió*.

Se veridicas todas essas accusações, como fôram punidos os delinquentes? Por fórma alguma. Se inveridicas, quem respondeu pelos calumniosos e infamantes labéos? Ninguém; e quem, em summa, respondeu pelos desastres, todos injustificaveis e devidos só a ineptia, cobardia ou traição? Pessoa alguma.

Convém ainda advertir, a proposito do combate do Juncal, que o barão do Rio da Prata havia muito solicitára do governo em Montevidéo, tropa para fortificar e guarnecer Martin Garcia; cento e vinte homens bastavam-lhe, dizia; esses mesmos lhe fôram negados. Martin Garcia, fortificada e guarnecida, ter-se-ia evitado a derrota naquella combate.

Mas a esquadra argentina começava já a enfraquecer. O combate de 30 de julho lhe fôra fuesto. O recurso de que o governo de Buenos-Ayres lançára mão — o corso — trazia-lhe, pela dispersão de elementos aproveitaveis, mais desvantagens do que resultado favoravel, muito embóra os corsarios levassem sua ousadia a ponto de nos atacarem proximo á nossa costa e junto aos portos de mais movimento. Porém, mesmo esse recurso começava, em si, a ser impropicio.

O combate do banco Sant'Iago veio ainda mais aggravar o estado da esquadra inimiga; depois d'elle, diversos outros sem importancia fôram, a pouco e pouco, extinguindo a armada de Buenos-Ayres.

O imperio, por seu lado, cançava-se. As operações, em geral mal dirigidas e os chefes em geral mal apoiados, não correspondiam ás despezas de guerra. E veio, por fim, a paz.

\*  
\* \*

A guerra da Cisplatina terminou, sabemol-o todos, com o reconhecimento da independencia da banda oriental do Uruguay, isto é, perdendo o Imperio uma parte importante do seu territorio, cuja conquista se fizera, ainda em tempos coloniaes, á custa de muito sangue brasileiro, e, para manutenção de cuja posse, a Nação acabava de fazer enormes sacrificios.

Terminou com gloria e proveito nosso? Positivamente, não.

Por um resto de amor-proprio, o imperio do Brazil, senhor duma esquadra que era o inicio dessa marinha tão pranteada, tão recordada e que se tornou lendaria sob o epitheto de *marinha de outr'ora*; esquadra que, se se corôu

algumas vezes com louros de triumpho, duramente colhidos, outras tantas vergou ao peso de desastres que lhe inflingiu um só homem, encarnação dum rudimento de marinha — Brown; o imperio do Brazil, de cujos generaes era impotente o talento para, em definitiva, vencer as gnerrilhas uruguayas que o governo de Buenos-Ayres auxiliára, o imperio do Brazil, por um resto de amor-proprio, diziamos, constitua-se garante da independencia do Uruguay.

Houve gloria e, sobretudo, proveito nosso em trocarmos a posse duma provincia pelo papel de pretense sustentaculo da sua soberania? Positivamente, não.

Era a conquista dessa posição resultado duma habil politica? Não: era a consequencia duma campanha ineptamente sustentada e dirigida.

Nessa lucta de trez annos, a unica qualidade que pôde resaltar, patenteada pelo commum dos brazileiros da esquadra, foi a bravura; e, de quantas victorias colhemos, quasi todas fôram, unicamente, devidas á prompta iniciativa, ao golpe de vista, ao arranque audaz, ou á superioridade de comprehender e modificar, com opportuidade, instrucções recebidas, que manifestaram poucos dos nossos commandantes: Norton, Greenfell, Senna Pereira, Eyre e Hayden, melhores auxiliares da quasi habil direcção que o almirante Pinto Guedes imprimiu ás operações.

Essa campanha fôra, porém, uma grande escola. Della, saíram os nossos officiaes costumados ao fogo; o estuarió do Prata era tambem para uma esquadra que nelle se movimentasse uma boa escola de mar, sujeito como é a violentos pampeiros; assim creavamos, e sempre por força do imprevisto «um corpo de excellentes officiaes de marinha, os quaes tanto pela sua pericia em tudo que respeita á profissão naval como pelo seu valor e pratica de guerra adquirida no meio do fogo dos combates, se acham habilitados a prestar os mais relevantes serviços á Nação.»

Já, entretanto, começavam a manifestar-se alguns grandes erros nas administrações navaes, erros que, passados oitenta annos, subsistem e que todas as lições recebidas durante o Imperio e dezeseis annos de Republica não conseguiram estirpar, e, entre os quaes, sobressaía a intervenção politica protegendo incapazes e collocando, nos altos cargos, administradores ineptos e mesquinhos, que se offendem com a linguagem franca dos que apontam defeitos de organização ou faltas de justiça; administradores que, com protecções escandalosas e recompensas injustas, crêam a classe dos medalhães, na marinha, e alimentam esse espirito de rivalidade que sempre

acompanhou os officiaes da armada; não dessa rivalidade nobre que, reconhecendo o merito, procura vencelo por um merito maior, despertando incentivos e produzindo, pela concorrência, o aperfeiçoamento collectivo; mas, sim, essa rivalidade, antes inveja do mediocre pelo superior, que morreria em pouco tempo impotente para occultar o valor, se só valessem, para subir, o preparo e o brio de cada um; administradores de espirito tacanho e acanhadas idéas, para os quaes o subalterno é um méro instrumento de obediencia passiva, base duma disciplina á conde de Lippe, que faz do superior um intangivel, e daquelle, pela desnecessidade do seu talento e da sua iniciativa, um ser inapto e inclinado ao servilismo.

Todos esses males transparecem, claros, evidentes, das correspondencias entre o barão do Rio da Prata e o governo imperial, que medeia de dezembro de 1827 a março de 1828, entre lord Cockrane e os gabinetes de 1823 e 24; da desharmonia entre este almirante e o governo, a proposito da pacificação dos Estados rebellados, no norte; e, posteriormente, em 1835, da substituição dos chefes da repressão da guerra dos cabanos, sobre a qual o almirante Jaceguay assim se exprime: «O governo da regencia, para desculpar-se de não ter enviado tropas opportunamente para sustentar o marechal Rodrigues, substituiu-o pelo brigadeiro Andréa e bem assim o chefe da força naval pelo capitão de fragata Frederico Mariath.

A campanha da Cisplatina fôra a primeira dura lição que, dos acontecimentos, recebia o Imperio. Fazendo-se garante da independencia do Uruguay tendo já por inimigo natural a confederação do Prata, senhor duma esquadra relativamente forte, imposta pelas circumstancias, competia-lhe guardar essa posição de supremacia naval na America do Sul, que, não o talento dos estadistas, occupados ainda com a organização politica do Imperio, mas sim a marcha dos acontecimentos o forçára a tomar.

A lei de 7 de novembro de 1831, decretada pelo governo da regencia, prohibindo terminantemente a importação, como mercadoria, do negro africano no Paiz, vinha ferir de morte um importante e lucrativo ramo de commercio no Brazil. Foi, pois, necessario o emprego da força para que tivesse cumprimento aquella medida. Começou, então, a repressão do trafico de escravos.

No livro dos srs. Jaceguay e Vidal de Oliveira, *Quatro seculos de actividade maritima*, ha um capitulo sobre esse assumpto, e, porque não seja nosso intuito estudal-o, mas sim apresental-o como uma das causas do engrandecimento da nossa marinha de

guerra, pela necessidade em que se viu o governo imperial de socorrer-se della para conseguir a extincção do trafico, querendo assim mostrar que sempre circumstancias indirectas fizeram prosperar a armada nacional, para aqui, honrando nosso trabalho, trasladamos o final daquelle capitulo, que confirma, plenamente, quanto dissemos, representando, como representa, a pura verdade.

«Para o ponto de vista que nos interessa, está fóra de contestação que no trafico de africanos mais que em qualquer outra causa, deve-se buscar origem do desenvolvimento da nossa marinha mercante nessa epocha e bem assim a instrução nautica que, na marinha de guerra produziu tantos habéis officiaes: foi um periodo animado de nosso poder naval». Havia dito antes: «Desde quando o governo brasileiro resolveu pôr termo á importação de africanos, a marinha brasileira de guerra foi empregada na repressão desse commercio, para o que grande numero de seus navios corria a costa em constantes cruzeiros.»

Effectivamente, assim foi: o preparo nautico aos nossos officiaes foi fornecido em grande parte nesses longos cruzeiros de caça aos negreiros, escola rude de privações e perigos. E esse empenho e dever de dar fim ao trafico concorreu, pouco embóra, para o accrescimento do material, conforme expõe em seu relatório, em 1833, o ministro de então, Rodrigues Torres.

Por outro lado, a necessidade do governo central estar em comunicação constante e independente com os das provincias, era causa a que mais forte se colhesse aquelle resultado.

Assim, ainda o accidental auxiliava o engrandecimento da nossa esquadra, que iria de novo, dentro em breve, ter novo campo de exercicio na parte que teria de tomar na pacificação das provincias do Pará, Bahia e Rio Grande do Sul, sob o dominio de rebeliões.

Só na ultima honve, realmente, lucta naval, pois os insurgentes, devido ao genio de Garibaldi, conseguiram orgauiisar uma esquadra, modesta sim, mas valorosa, como mostrou no exiguo periodo da sua duração, exterminada, como foi, a 15 de novembro de 1839, no porto da Laguna. Embóra modesta, organizada a principio com elementos tomados á propria esquadriha do governo, na lagôa dos Patos, posteriormente illude, por duas vezes, a vigilancia dos imperiaes e com elles se bate heroicamente, por duas vezes tambem, sendo a ultima, essa do combate da Laguna.

Vejam, porém, rapidamente, no próximo numero dos *Annaes*, o que se fez pela marinha entre a terminação da campanha cisplatina e essa epocha a que attingimos, precipi-

tando a ligeira narração que vimos fazendo.

TONELEIRO.

(*Continúa*)

### PAGINAS ESQUECIDAS

#### O BURRO FLAUTISTA

Sáia bem ou mal,  
Mesmo de repente,  
Lembrou-me esta fabula  
Casualmente.

D'uns verdes prados  
Junto á corrente,  
Passava um burro  
Casualmente.

Alli um pastor,  
Que estava ausente,  
Deixára a flauta  
Casualmente.

Cheirou-a o burro,  
E de repente  
Deu um suspiro  
Casualmente.

Movido o vento  
Como é patente,  
Tocou a flauta  
Casualmente.

«Oh! — disse o burro —  
Que bem sei tocar!  
É a musica asnal  
Não se ha de approvar?»

Sem regras d'arte  
Ha muita gente  
Que diz acertos  
Casualmente.

ROMÃO CREYO.  
1644-1710

\*  
\* \*

#### O SANTO CONDESTAVEL

Em Nun'alvares, a devoção não era contemplativamente mystica: era ardente e activa. Durante as campanhas, a sua existencia dividia-se em duas partes: orar, combater. Combater para cumprir os mandados do céo; orar para que Deus o ajudasse a vencer os inimigos. Alheio ás cogitações mais ou menos morbidas, como verdadeiro filho desta peninsula, onde o realismo e a acção imperam, era inaccessible ás tentações, pois tinha a fé espontanea e ingenua. O seu character, feito de decisão, subordinava tudo á vontade; e essa vontade obedecia ao impulso mental das revelações que lhe assaltavam o pensamento. O espirito mystico tonificava-o com a pratica da oração quasi constante. Ouvia missa todos os dias! confessava-se miudamente; commungava quatro vezes no anno: pelo Natal, pela Paschoa, pelo Espirito Santo e pela Assumpção. A' meia noite, quando nas

marchas o arraial dormia, erguia-se elle, e resava.

A comunicação constante em que punha o seu espirito com Deus, quer dizer, com a substancia mais absolutamente bella, bôa e certa das coisas, revelada pelo amor mystico da virgem, no deslumbramento glorioso dos céos entrevistos; esta piedade, bordada de encanto, dava a Nun'alvares uma fé indestructivel em si proprio, e ao mesmo tempo uma caridade inexgotavel para com todos os homens, amigos, inimigos, portuguezes, castelhanos. A sua alma, forte e rija como aço para combater, desabrochava em flôres de carinho, espalhando em volta de si uma ondulação de candura, que enternecia os corações dos pobres, coroando-o já em vida com a aureola de santo. A piedade e o amor, a oração e a caridade, punham-lhe em movimento real e constante a imaginação religiosa, quer nas horas criticas da guerra, quer nos instantes placidos da paz, libertando-o das torturas martyrisantes em que a invocação de Deus e as tentações do Demonio, dualismo da vida, lançavam extenuantemente, com frequencia, as almas mysticas eleitas á santidade, num tempo em que a luz da razão era tenue, e violentos os impulsos naturaes de temperamentos quasi barbaros.

Inaccessivel ao medo, com toda a cohorte de sentimentos mesquinhos que são a antithese do heroismo, era inaccessible á cubiça, e a toda a série de paixões egoistas, que se oppõem á santidade. Tinha a alma temperada em abnegação, do mesmo modo que tinha o braço temperado em energia. No seu espirito, em que a vontade dominava imperiosa e affirmativa como em nenhum homem, desabrochava o pensamento, candida, santamente formulado por um carinho seductor.

O condestavel era o pae dos humildes e infelizes. De tudo quanto recebia, na partilha dos despojos guerreiros, separava logo o dizimo dos pobres. Todos os annos vestia os nús, em uma das comarcas dos seus dominios. Nunca vendeu trigo; o que encelleirava, gastava-se e dava-se. As sobras da searas juntavam-se para os annos de fome. A ninguem havia de faltar pão! Era a providencia dos necessitados. E durante as treguas, num anno de crise, alargou as distri-

buições de trigo para além da raia : ás benções e aclamações do Alemtejo inteiro, juntaram-se as da Extremadura, em Castella. Para a caridade não ha amigos, nem inimigos : ha, sómente, creaturas de Deus !

OLIVEIRA MARTINS.

\* \* \*

O MACACO DECLAMANDO

Um mono, veudo-se um dia  
Entre brutal multidão,  
Dizem lhe deu na cabeça  
Fazer uma prégação.

Creio que seria o thema  
Indigno de se tratar;  
Mas isso pouco importava,  
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,  
Proferindo á bocca cheia  
Sentenças de quinze arrobas,  
Palavras de legua e meia.

Isto acontece ao poeta,  
Orador, e outros que taes:  
Néscios ! o que entendem menos,  
E' o que celebram mais.

BOCAGE.

\* \* \*

PERIGODE ENTREGAR A EDUCAÇÃO  
DE PRINCIPES A RELIGIOSAS

As virtudes religiosas são mui diversas das reaes, e o que é em um religioso a maior virtude, seria em um rei o maior vicio.

\* \* \*

Do religioso pôde-se esperar que faça bom um homem; mas fazendo um homem bom, pôde fazer um rei máu, porque a bondade que faz bom a um é particular, e a do rei ha de ser universal para todos. Os mestres são os espelhos daquelles a quem ensinam, e como serão nestes espelhos os reflexos reaes, mostrando á purpura o saial, á opa a cogula, e o capello á corôa ? A fórma, que se ha de introduzir, fez semelhante a si a materia. E como seria Affonso Henriques tão grande rei, se não fôsse Egas Moniz, em tudo o mais leigo, tão grande aio ? Que espiritos soberanos e reaes pôde influir um professor de tão differente estado, ainda que seja de grande espirito ? Ensinará o rei a orar, e quando sáia grande resador, para encaminhar o seu reino será cego.

\* \* \*

Inclinal-o-ha como virtuoso a que prefira os virtuosos; e, com isto, sem querer, o metterá nos enganos santos da hypocrisia, agradando-lhe mais um

hypocrita mal vestido que um capitão bem armado. O cavallo troyano foi recebido em procissão dentro dos muros, como voto dos gregos á deusa Pallas, e debaixo desta especie de religião levava dentro o incendio com que arden Troya. Como arbitro da consciencia fal-o-ha muito escrupuloso, mas por isso irresoluto, perdendo em consultas o tempo que se havia de empregar nas execuções, como bem estranhou Tacito no imperador Valente. E isto, acontece aonde falta a resolução, que buscando-se o impossivel de meios que não tenham inconveniente, tudo se teme e nenhuma coisa se faz.

Deixo os daunos, não do habito religioso, senão da obrigação como da magestade. Pelo desejo da paz e desatenção das armas e da guerra; pelo escrupulo da vangloria, o esquecimento da fama; pelo amor e nome da piedade, o perdão ou tolerancia dos delictos; enfim, pelo pensamento unico do céo, perder a terra e ser como o mathematico de Seneca, que não veudo onde punha os pés, porque levava os olhos nas estrellas, caíu na cova. Taes estatuas são como dizem os politicos, (e estatuas sómente) as que se pôdem fabricar, e saír das officinas claustraes; e no cabo de muita lima ou fundição, quando a republica ha mistér um grande rei, achar-se-ha, quando muito, com um beato.

PADRE ANTONIO VIEIRA.



Com o seguinte artigo, conclúe o longo trabalho do sr. Deiró, iniciado no numero 38 dos *Annaes*, a proposito de umas recentes publicações do sr. Paranapiacaba.

MAZEPPA, GIAUR, PARISINA

—

*Poemetos de lord Byron, vertidos para versos portuguezes pelo barão de Paranapiacaba.*

IV

Sentimos não poder transcrever aqui e notar certas bellezas, principalmente as energias, o fulgor das imagens, as alternativas patheticas, que são, no poema, scenas rapidas; bellezas, que transluzem quer no original, quer na versão.

Byron ostenta-se pujante e inspirado; o traductor, on pela *harmonia preestabelecida entre as duas naturezas*, (1) ou calculadamente, corresponde á opulencia do original, com versos duma estrutura marmorea, duma elegancia

e sonoridade, que mettem inveja á decantada escola dos parnasianos.

Scisma-se que o traductor de *Parisina* é da raça daquelles artistas famosos, que, com o cinzel, têm a força creadora de transformar a materia bruta, inerte, em creatura vivente, animada e bella. (2)

O poeta brasileiro não é um simples traductor, nem escravizado copista; serve-se admiravelmente da idéa creada para imprimir impetus á sua imaginação, de sorte que, analysando-se a expressão do mesmo sentimento, empregada por ambos os improvisadores, verifica-se que o traductor possúe a mesma originalidade, elevação e tom de harmonia. Observa-se que a maneira, pela qual o improvisador brasileiro exprime o sentimento da dôr, elemento essencial nas creações do poeta inglez, é inteiramente identica.

No espirito conturbado do maldito Caim da raça ingleza, a alegria passa celere, qual subita scintillação do relampago. Precito, quasi conformado com o seu destino, Byron habituou-se á dôr e á colera, em que repassa e embebe a sua inspiração, ora satauic, ora subliue. Elle aceitou o papel dum reprob; o soffrer é o seu fadario; até parece ser a sua grandeza.

*Rien ne nous rend si grands qu'une douleur...* Causa-lhe delicia o horror. Sua musa é feróz e gemebunda.

Lêde, si fôr possivel, lêde todos os poetas, não achareis outro extremado cultor das agonias do coração, como foi o cantor de *Giaur*. Os personagens de sua imaginação encarnam em si gestos, sentimentos, actos crueis, que torturam infelizes...

Devem-se, para bem aquilatar as vibrações d'alma dum poeta, verificar as affeições que são habituaes e inseparaveis de sua existencia; affeições, que são a substancia de sua natureza.

Notais em Lamartine a melancolia; em Molière, a veia comica; em Camões, a tristeza; em Leopardi, a afflicção; em Racine, a maviosidade; em Corneille, a energia; em Virgilio, as reminiscencias saudosas, etc. Ora, si analysardes, achareis o sentimento predominante, reflectindo-se em suas obras. Em Byron, avultam a dôr e o desespero: delles, origina-se a inspiração dos poemas. E porque? Essa interrogação remonta-se ás circumstancias de sua vida agitada e amargurada.

Byron, no albor da idade, publica as primeiras poesias, que compôz: é vilmente ridiculisado. Tomando assento na camara dos pares de Inglaterra, conta-se que nenhum lord se lhe aproxima, nem o saúda. Entrou e saíu dalli como uma sombra. (3)

Desde a infancia, viven em afflictiva lucta no lar materno. Na adolescencia, passou por acerbas tristezas; as amantes o abandonaram com desprezo. Casou-se e miss Milbank, sua esposa,

o repelle e detesta. A Inglaterra, sua patria, o proscree e condemna o seu nome. Viu-se coagido a romper com a sociedade da terra natal e viver como exul em paizes estranhos — errante e sem repouso. Ora, esta alma nutriu-se de dôr, de fel, de amargura, de descrença e impiedade.

Taes sentimentos, íntimos e perennes, eram caros ao coração do poeta, inspiravam-lhe os poemas do *Corsario* e reflectiam-se na agonia lenta e horrível de *Lara*; no horror de *Giaur*, gemebundo na soidão desesperadora do claustro, nas ironias ferózes de *D. Juan*. Emfim, o canto é psalmo de agonia immensa e profunda. Notai como esta agonia, unvida do amor do coração paterno, é intensa no terceiro canto do *Child-Harold*, nos versos, com que Byron abre e fecha aquellas paginas admiraveis, quicá das mais bellas, escriptas por mão humana. Sentireis pela dôr, a ressumbrar em cada estrophe, que o seu soffrimento é inextinguível.

Esse soffrimento vem repassado da saudade, *doce amargo de infelizes*, que se infiltra na alma dos ausentes. Nas horas de suprema tristeza, o poeta, que é pae, sente o remorso dilacerar-lhe, uma por uma, as fibras do coração ulcerado. No terceiro canto de *Child Harold*, envia Byron alguns versos á sua fillinha — *Ada* — unica, que houvera do casamento com miss Milbank. Separado de ambas, foi morrer de febre palustre, em Missolonghi, quando se preparava a combater em pró da independencia da Grecia e libertal-a da tyraunía mussulmana.

A dôr e o desespero, que inspiram o genio de Byron, fornecem fecundissimos assumptos num estudo desta ordem.

Actuam-lhe sobre a alma como fonte de inspiração; fatigam, mas não se extinguem.

O poeta canta suas endeixas e se consola. Irrita-se e amaldiçoa as hypocrisias da Inglaterra; todavia, continúa a amar a patria, que o expelliu e como que o exilou.

A dôr é um phenomeno, que destróe o organismo; em Byron, porém, parece avigoral-o e exaltal-o. Estudando a natureza excepcional do cantor de *Giaur*, se lhe nota uma série de phenomenos psychicos imprevistos e, muitas vezes, inexplicaveis: a sensação, que é um vehiculo, prodúz, segundo a expressão technica, — uma tendencia negativa — quando gera soffrimento, e outra tendencia affirmativa — quando causa prazer. (4)

A dôr, que influa em Byron, era de tendencia affirmativa. Em vez de diminuir-lhe as forças, ella as augmentava, como que lhe prolongando a vida. Era para o poeta um gôso, manancial de emoções voluptuosas.

A dôr não lhe torturava o coração.

Desesperando-lhe o espirito, dava-lhe accentos duma harmonia nunca ouvida, nem escutada na vóz dos outros cantores. Byron amava a dôr, sentia-lhe os deleites nas commoções dos desesperos. Só assim podemos explicar o genio doloroso e desesperado do cantor de *Giaur* e de *Mazeppa*.

A dôr era a substancia de sua natureza; a acção que lhe agitava e movia o pensamento e a vontade. A ternura, a compaixão, a amizade, a misericordia, a caridade e outros sentimentos, que engrandecem a alma humana, não encontram nas cordas da harpa desse Job proscripto, nenhum accento.

Entretanto, o cantor de *Parisina* e da *Fiancée d'Abydos* era um magnifico artista, que, com a mente accesa do lumé dos idéaes, amava, adorando o bello, qual mysterio sacrosanto.

Ora, os artistas e poetas são almas religiosas, que têm fé e crença.

Nessas almas, a dôr e o desespero não perduram; não excluem os outros sentimentos. O desespero e a dôr passam por aquellas almas como um raio, que devasta, abraza e, subito, se extingue; mas em Byron havia como que uma excepção á regra dominante.

Notaremos no grande poeta a tenacidade do character, o orgulho de manter-se firme na postura, uma vez tomada, quer fosse bôa, quer má, perigosa, ou prejudicial. Não recuava e, por isso, perseverou no erro, no mal e nos desregramentos que lhe cercavam o nome de escandalos e aleivosias. A mysanthropia, que jámais o deixou, pôde ser attribuida ás causas que apontámos e egualmente aos amores deluzos, á colera, ao asco, que o confrangiam, vendo as ambições, contemplando as hypocrisias, a moral formalistica da sociedade ingleza, que elle despresou e cobriu de sarcasmos. Nunca mais, Byron quiz reconciliar-se com a sociedade ingleza, que profundamente detestou sempre.

Tenho relido, desde longos annos, innumeradas paginas, que diversos escriptores, criticos severos, ou admiradores fanaticos, publicaram a respeito de Byron, como homem e como poeta, que abriu era nova em todas as litteraturas.

Notei que nenhum toca em certos pontos da natureza moral e intellectual do nobre par de Inglaterra; por isso, pareceu-me que — *o poeta e homem ainda não fôram cabalmente estudados*; por conseguinte, não se pôde afirmar que Byron já está definitivamente julgado e consagrado. Elle é como um livro fechado e lido; nada mais ha que ler... Não; ao contrario, ha paginas ainda por decifrar.

Byron não está julgado; é conhecido, exageradamente desacreditado, ou encomiado por doutos e rudes. Com toda a razão, um notavel critico es-

creve: — «*Byron est un de ces hommes qui peuvent gagner quelque chose à être souvent rejugés. Au point de vue de la stricte morale, il y a peu de chose à dire en sa faveur; il y en a beaucoup au psychologique. Il a volontairement perverti les dons les plus merveilleux de la nature; il se fait mauvais et petit quand Dieu l'avait fait grand et bon.*

*C'est pour celá que l'étude d'un tel caractère est encore nécessaire, s'il eut obéi par une pente invencible aux mauvais instincts de sa nature; s'il eut cédé à tous les caprices de la fortune, s'il eut été ballotté à tous les vents; il faut savoir si la Providence se fut jouée de la pauvre espèce humaine en mettant un si grand génie dans un vase si fragile. Loin de là, Byron est une riche et puissante nature, pétrie de toutes les grandeurs et de toutes les faiblesses de l'humanité, etc.»*

Está nos entrando pelos olhos que tanto o homem quanto o poeta, não fôram bem analysados sob os pontos de vista psychologico e ethico. Assim, pôr de parte as obras, não fallar mais de Byron, porque está fora da *moda* e reputal-o, definitivamente, julgado e consagrado, pôde ser a opinião dos conventiculos litterarios, cuja auctoridade é nulla e irrisoria, mas de certo, não será aceita nem acatada pelos espiritos independentes e esclarecidos. A *moda* varia com os gostos e caprichos de cada hora e sómente exerce absoluta auctoridade em espiritos ôcos e vãos. Os pensadores, homens de estudo meditado, desdenham das tolices com que a *moda* illude os levianos.

Notemos que muitos aspectos da natureza intellectual e moral do poeta inglez têm sido inteiramente desprezados, tanto pelos criticos intolerantes quanto pelos admiradores fanaticos.

Indicaremos, ao acaso, alguns: porque Byron abandona a sociedade, não só da Inglaterra, mas de outros paizes e condemnou-se a perpetuo e ininterrupto insulamento, estando na florescencia da idade, quando, segundo a lei imperiosa da natureza, as paixões impellem o homem aos gosos da vida social? Que havia em Byron, para dar-lhe forças a realizar a violação daquella lei, para manter um acto verdadeiramente extraordinario, opposto á natureza moral do homem? E' um phenomeno social predominante e que encerra essa lei — a amar o homem á sociedade, os prazeres, as alegrias, as ambições. O homem deseja muito obter applausos, admiração; tem o orgulho dos triumphos; assim, tudo isso deveria empecer que o poeta se exilasse; não obstante, elle rompeu por todos os estorvos e collocou-se fóra, on acima das condições normaes da vida humana.

Nenhum critico, ou moralista, occupou-se com essa parte do character do

lord poeta; entretanto, a critica tem discutido e apurado um enxame de puerilidades, deixando á margem questões importantes.

Todos, porém, proclamam que Byron possuía uma natureza amorosa, meiga, carinhosa, quasi feminil; até escreveu aquelle poemeto — *The Dream* — no qual se pôde ver que o seu temperamento era amalgamado de elementos contrarios ao papel que, depois, representou. Como induzir delles a possibilidade de creações do genero do *D. Juan*, *Giaur*, *Lara*, etc.? A versão do sr. barão de Paranapiacaba suscita outras questões, cujas soluções não apparecem nas analyses da critica, quer litteraria, quer moral, ou scientifica.

Byron infundiu nas calidas e vaporosas estrophes de seus poemas, os effluvios intimos d'alma, as susceptibilidades da consciencia, assim como lançou nas amarguras, nas coleras e nas perversidades de *D. Juan*, todas as miserias da abjecção que avilta os caracteres.

E', porém, uma realidade que, apesar de todas as suas extravagancias e aberrações, Byron foi o cantor dos grandes sentimentos; foi o semi-deus das harmonias; foi sua predilecção inspirar-se, principalmente, no desespero e na dôr.

Não sabemos porque estes dois sentimentos se coadunavam com a sua natureza.

As almas dos poetas, feridas pelo raio, curvam-se, estortegam-se e padecem, mas erguem-se, reanimadas pela omnipotencia do genio, cantam de novo as grandezas e sublimidades da epopéa da criação do Universo.

O destino, infelizmente, não permittiu a Byron recommear a sua augusta missão, sob nova fórma.

Embóra esta missão tivesse ficado incompleta, o seu genio ha de sempre ser admirado, emquanto o pensamento fôr o arbitro da eterna belleza; emquanto honrar os nomes de Eschylo, de Virgilio, de Shakespeare ou de Goethe.

Si algumas paginas de seus poemas caírem, crestadas pelo sôpro destruidor dos seculos, outras refulgirão, cada vez mais bellas e admiraveis emquanto a humanidade comprehender e amar as sublimes creações da poesia.

Não podendo indicar todas as bellas passagens dos poemas, apontaremos algumas, v. g. no *Corsario*, o segundo canto, a entrevista de *Conrado* e *Gulnare*, a morte lenta, dolorosa, deserrada e horrivel de *Lara*, os lamentos de *Bonnicard*, o supplicio de *Mazeppa*, diversas passagens de *D. Juan*, de *Manfredo*, o dialogo do heróe com a feiticeira dos Alpes, a apparição d'*Astarté* no *Jungfrau*, a *Parisina*, o *Giaur*, que o sr. barão de Paranapiacaba trasladou para versos portuguezes. No

terceiro canto de *Child-Harold*, serão eternos os versos dedicados á filha *Ada*. Não perecerão tambem as seguintes poesias — a vespera de Waterloo; a invocação do Oceano. Todas são paginas esplendidas; de certo, nenhuma litteratura as apresenta melhores, nem, talvez, eguaes.

Traduzimos, aqui, a invocação ao Oceano, para dar uma amostra a alguns leitores, que não leram os livros de Byron e para, terminando este artigo, indemnizal-os da paciencia, que gastaram supportando as paginas que escrevi. Todavia, si os leitores fôrem sinceros e de bôa fé, confessarão que, nestas paginas, acharam, resumido, um estudo sobre o prodigioso cantor inglez — estudo, que sómente fariam, compulsando numerosos volumes. Reconhecerão que lhes fiz o serviço de poupar-lhes trabalho fatigante.

Escreve um critico:—que importa a Byron o lago immovel, espellio do céu, symbolo da pureza, segundo a phrase dos *lakistas*? O que elle quer é elevar-se á região onde se accumulau e se condensam as procellas; donde se precipitam cascatas; donde bramem trovões; donde caem lentamente nevoeiros... Um instincto o impelle para as alturas. Elle não fica parado sinão no ultimo pincaro, quando vê a seus pés vasto lençol de nuvens, ou um calos de elevadas cumiadas, que se assemelham ao revolto mar... Quando Byron desce dos altos Alpes, quando deixa de respirar o ar subtil e paira nas eminencias, toma banho de brizas vivificantes do Oceano».

As palavras que citamos do critico, sem duvida, prepararam os leitores a bem escutar e comprehender a apostrophe, que ainda é soberba na pobreza da minha desbotada traducção.

Poderemos dizer que, jámais, desde que o rutilo e vivissimo lençol se estende por sobre a immensidade, acariciando os longinquos promontorios e ciugindo os archipelagos com argenteo cinto, jámais algum poeta soube exprimir, como lord Byron, a fascinação das ondas tranquilladas ou tumultuosas, murmurantes, ou rugidoras... Jámais, desde que o Oceano carcome as praias, a magestade de suas pujantes coleras actou tão digno interprete!...

No quarto canto de *Child-Harold*, brada Byron:

Que são esses pezados Leviathans de madeira, essas temerosas esquadras, que fulminam as cidades edificadas sobre rochas; apavoram as nações e fazem tremer os reis em suas capitaes?

Que são ellas, sinão ludibrio para ti, Oceano?!

«Tu varres, como flócos de espuma, o orgulho das armadas, os fragmentos dos destroços de Trafalgar!...

«Dez mil frotas te sulcam, sem que guardes os vestigios da sua passagem...»

«O homem, que cobre de ruinas a terra, vê seu poder estancar nullificado ás tuas bordas!.

«Tuas praias são imperios; os povos por ali passam da liberdade á escravidão... Tudo ali se transfórma: só tu, não!.

«O tempo não cava rugas em tua cerulea fronte.

«Tal te viu a aurora da criação, qual hoje te desenrolas a nossos olhos, — imagem da Eternidade, glorioso espellio, onde se reflecte a face divina tanto na calma, como no bulcão da tempestade; tanto nos turbilhões das vagas flammigeras, quanto nas gelidas aguas do pólo. . .»

Nesta apostrophe, o poeta manifesta a energica emoção de seu espirito deante da grandeza e da terrivel magestade do Oceano.

Nesse mesmo poema, outros trechos mereciam ser traduzidos. O sr. barão de Paranapiacaba completaria muito bem o seu trabalho litterario, vertendo, em primorosos versos, o poemeto de *Child-Harold*, que é igual em belleza aos outros que traduziu.

O illustrado barão poderá enricar a sua versão com um estudo acerca do poeta de sua predilecção, sob todos os pontos de vista, não só litterario e poetico, mas a respeito dos problemas physio-psychologicos, que o genio de Byron suggere e nós acabamos de indical-os ligeiramente.

Só intelligencias da categoria da mentalidade do sr. barão de Paranapiacaba reúnem cultura, actividade e audacias, para bem interpretar as obras dum poeta de primeira ordem, como o vate inglez.

E' o caso de repetir os versos de Felinto Elysio:

*Poetas por poetas sejam lidos;  
Poetas por poetas entendidos.*

Para traductor tão eximio, a litteratura não é méro e frivolo recreio; pelo contrario, é fecundo labor, em que emprega grandes aptidões.

O traductor de Byron, nome já tantas vezes proclamado e laureado nos certames litterarios, é obreiro intellectual sempre infatigavel e notavel pela perfeição e valor de suas producções.

Elle tem o dom de infundir nas traducções, o sôpro creador da inspiração original; comprehende-lhe a força dos sentimentos, a belleza das idéas, reproduzindo-as em primorosas fórmas.

Em verdade, a litteratura é um grande emprego das faculdades intellectuaes; exige penetrante curiosidade, educação esthetica e scientifica, alto bom senso e muita actividade; não é tarefa para espiritos lérdos, ou — *descansados*. (5) A série de questões, que examina, evidentemente

mostra que a litteratura é — a *psychologia e a sociologia em acção*.

De feito, estuda o poeta, ou escriptor nas multiplas manifestações do seu *Eu*, e na expressão verbal, imaginosa, em que traduz a vida, os sentimentos, instinctos, costumes e idéas da sociedade que repretam.

Eis ali porque o estudo da litteratura abrange todos os seculos e tem occupado o espirito humano seriamente

O genio de Byron, profundo e vasto, como o infinito, rivalisa em magnificencias com tudo o que ha de mais poderoso debaixo do céu. Nos tempos modernos, nenhum poeta conquistou admiração e universaes applausos, como elle.

Desde os povos cultos, que marcham á frente da civilisação moderna, até os retardatarios, a fama proclama a grandeza eschyliana, a inspiração sublime do seu genio.

Entre os privilegiados e soberanos representantes do espirito humano, cabe-lhe um eminente logar, talvez dos mais gloriosos.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Theoria phil. de Leibnitz.

(2) Georgio Vasari — Vies des meilleurs peintres, sculpteurs et architectes; tradução franceza do italiano.

(3) Life of lord Byron.

(4) *La Thechnique de la Psychologie Experimentale*, par le docteur Toulouse, medecin directeur du Labor. des esc. des Hauts Etud.

(5) Expressão christosa do padre Bos, no prologo de sua excellente versão da *Imitação de Christo*, a mais notavel na lingua portugueza.

## AGONIAS E RESURREIÇÕES

Acabo de ler, com este titulo, uma collecção de versos de Luiz Pistarini, e sinto um grande prazer em dar, nestas columnas, com franqueza e sinceridade, as impressões que me ficaram da leitura.

A nota que acompanhou a collecção muito pouco me adeanta quanto ao genero e á variedade e mesmo quanto á ordem das producções classificadas: bem que poderiam ficar todas sem mais indicação que o titulo respectivo. Quer *Agonias e resurreições*, que deu nome á collecção, quer *Musa irrequieta*, quer *D. Aurea*, ou *Kalleidoscopio*, quer, emfim, *Gerusa* — comprehendem cantos em que rescende a mesma poesia, como pedaços que são da mesma alma.

Em summa, eu poderia limitar-me a dizer que Pistarini é um lyrico, e exclusivamente um lyrico. Para elle, só ha um assumpto digno de ser cantado, uma só emoção de que se deve viver. De principio a fim, a gente lê

este poeta, como si discreteasse familiarmente com um coração ferido da bemaventurosa doença dos antigos bardos, daquellas almas que faziam da *missão* de amar, de amar só na vida, uma como heroica e doce *cavallaria* de corações. Como a delles, a musa de Pistarini só vê no mundo uma verdade, só ama uma belleza, só sente uma delicia, só applaude um heroismo e canta uma victoria — mysterioso e ufano a marchar para o unico destino que reconhece, adorando numa só divindade: o Amor.

Luiz Pistarini não podia deixar de ser o poeta que é com a alma que tem, portanto. Mais ainda quando o leio do que quando o vejo, com ares de asceta, de olhos sempre vagos, parados para o mundo, como si mais andassem vendo para dentro que para fóra das orbitas; com essa hieratica serenidade de semblante no qual se decifram bemaventuranças a triumphar e a rir das dôres, das pequenas dôres e das angustias pequenas que passam: mais ainda quando o leio, digo, sinto que ha não sei que a fazer-me ver na sua figura uma diaphaneidade de olhares que buscam eternamente olhares desaparecidos, uma impalpabilidade de sylpho que vive doido—afflicto no seu afan (mas afan só interior) afan de aproveitar a vida, a grande vida mysteriosa e sagrada, como si ella estivesse mesmo por aqui de passagem, numa solemne compuncção de penitencia.

Quizera eu saber si Pistarini não tem ciúmes do mundo que traz no coração...

Dahi... quem sabe lá si elle nem se apercebe dos prodigios que é capaz de operar a divindade que adora... Porque, afinal, o que é certo é que Pistarini tem alguma coisa, não digo só de original, mas de estranha! Pois, num tempo em que todo o mundo anda atropellado de vertigens, sem descanso de instante para sentir harmonias no meio desta desordem e sem coragem de olhar para os lados com medo de ver os duendes que apavoraram todas as almas — pois não é estranho ver passar este moço como esphynges para todo o mundo (egresso — dir-se-ia — do reino da dôr como Alighieri) e, no emtanto, a parecer que o coração lhe brinca no peito, como si fóra uma criança no meio de um jar-

dim, sob manhã radiosa, a sorrir para as flôres, ebrio da claridade, a correr para as borboletas, a compor de tantos incidentes fugazes, de tantas surpresas, de tão variadas futilidades, o formoso universo dos que se enebriam do seu idéal...

Póde ser que elle não tenha ciúmes do mundo que traz consigo; mas eu é que lhe invejo essa doce... illusão (que seja!) illusão santa, que é segredo da arte suprema, a arte dos que idealisam a dôr e abençoam o castigo — esmolos divinas caídas do céu.

Na collecção inédita, (devo a mim mesmo e a elle esta franqueza) já se sente uma grande distancia da idade do *Bandolim*. Neste, que foi o primeiro volume de versos do poeta rezendense, ajuda o estro ás vezes lhe vacilla. Os versos, aliás, já são fluentes, espontaneos; mas a fórmula nem sempre é correcta. E isto, além de outros pequenos senões que um exigente assignalaria numa ou noutra producção.

Nestas *Agonias e resurreições*, que acabo de ler, o poeta vae seguro e quasi sempre senhor da lyra. Como eu me comprometti a dizer tudo que sinto, observarei apenas uma certa monotonia nas canções. Parece que o cantor jurou que ha de soffrer e definir apertado num circulo em que o estro se lhe debate em ancia desesperada... Como desejára eu que Pistarini espairecesse um pouco, saíndo dalli!... Bem entendido: *saíndo*, não é direito: não quero dizer que abandonasse o genero lyrico. Elle não será jámais outro poeta. Mas porque, sem sair dalli, não ha de alargar o circulo em que anda constrangido a musa doente? Os dominios do Amor são vastos como o universo. E porque então Pistarini, que é inspirado e tem talento, não ha de procurar nesse universo a amplitude de outras estancias, a luz do mesmo sol, mas vista através de outros prismas? Porque não ha de ver aspectos novos, fulgurações estranhas, ao menos modalidades varias na emoção de que vive?

Pois é isto o que eu não podia terminar sem dizer a Luiz Pistarini, para pôr no fim esta esperanza de vel-o, em breve, tomando o seu posto entre os primeiros poetas desta geração.

ROCHA POMBO.

## SOLILOQUIO DE UMA PALMEIRA

Muda e só, em redor mirando a calma  
Planície que se perde no horisonte,  
Sentindo o vento nivar de palma em palma,  
Em vão me agito no alto deste monte.

Ironia do azár faz que eu levante,  
Em frente a tanta seiva e a tanta vida,  
Melancolicamente murmurante,  
Minha verde cabeça colorida,

Acima deste campo e destas flores,  
E destaque o meu talhe nos espaços,  
Entregue aos ventos acalentadores  
Que cantam no meu seio e nos meus braços.

Ora ao vívido sol abrindo as franças  
Insaciáveis de vida e refulgencia ;  
Ora ás caricias álgidas e mansas  
Dando-as da lua, em curvas de indolencia ;

Ha seculos habito esta collina,  
Mas esta natureza rica e vasta,  
Que o meu cabello altivago domina,  
Sempre e cada vez mais de si me afasta.

Em vão a minha trança se desata  
Em fôfas folhas e franjadas fitas,  
E, alta, vacillo á luz do luar de prata,  
Sonhando em outras plagas infinitas.

Ninguem ha que ouça a minha queixa e a minha  
Eterna desventura sem remedio,  
Esta dôr de quem vive e não caminha,  
Presada da solidão, presa do tedio.

Antes pudesse andar, pudesse tudo  
Ouvir, e ver, e contemplar mais perto,  
Abandonando o desespero mudo  
Que me causa este intérmimo deserto !

Os thesouros de affecto e de ternura,  
Os sonhos cheios de melancolia,  
Não os póde exprimir minh'alma pura,  
Ou sentil-os a natureza fria.

Quer seja dia, e o sol a luz derrame,  
Que toda a seiva e toda a vida encerra,  
Lá a natureza inteira arda e se inflamme  
Assistindo a fecundação da Terra ;

Quer venha a noite socegar os campos  
Banhando-os no luar, serenamente ;  
Ou palpite o fulgor dos pyrilampos  
E dos astros o brilho intermittente ;

Nunca o bem dum carinho ou duma prece  
Perpassa entre o rumor das minhas palmas,  
Como se tudo em torno não soubesse  
Que eu tenho uma alma igual ás outras almas.

O que me cerca, e sinto, e vejo, e escuto,  
Da altura verdejante deste cimo,  
Tudo em redor de mim, de olhar enxuto,  
Por mais que soffra, tem consolo e arrimo.

Abrem-se as flôres pela primavera  
Ao sol que as embelleza com mil côres :  
Jámais alguma muito tempo espera  
Ver-se amada, ou reunida ás outras flôres.

O mar, soturno, geme o anno inteiro,  
Mas muitas vezes, pela noite morta,  
Ouve a suave canção de um marinheiro,  
Que o acalma, e em doces scisumas o transporta.

Tambem o valle é despovoado e triste,  
Mas quebrando o silencio que o rodeia,  
Embalando-o tremulamente, existe,  
A vóz de um rio de ternura cheia.

A mim, porém, a solidão assombra :  
Nem o canto de um poeta, nem o canto  
De uma virgem sentada á minha sombra,  
Nem a abafada vóz de um hymno santo !

A cantiga dos passaros errantes,  
Dentro da minha trança solta ao vento,  
Não toma parte em minhas magoas, antes  
Evoca outra tristeza, outro tormento.

Ah ! nestas horas em que mais me aperta  
O frio do abandono que me opprime,  
Julgo que sou nesta amplidão deserta  
A victima de algum ignoto crime.

Talvez, num dia de pezar profundo,  
Escolheu-me na flóra a natureza,  
Para que eu fôsse no esplendor do mundo  
Um commentario eterno de tristeza.

1905.

OCTAVIO AUGUSTO.

## REDONDILHAS

## I) Trova

Eu quiz tentar fórmulas novas,  
Foi mais ou menos em vão;  
Volto agóra ás velhas trovas,  
Nellas falla o coração..

## II) Cantiga

Dá-me a tua vóz amena  
Para eu cantar meu enlevo,  
Ave que me dêste a penna  
Com que meus versos escrevo.

## Volta

Já que uma mercê se obteve,  
Logo outra mercê se implora;  
Tu me dêste a penna leve,  
Dá-me agóra a vóz sonora.  
Quero a tua vóz amena  
Para cantar meu enlevo,  
Ave que me dêste a penna  
Com que meus versos escrevo.

## III) Mote

A agua deslisa dos prantos.  
Sopra o vento dos suspiros.

## Volta

Tenho na alma dois moinhos,  
Um é de agua, o outro é de vento:  
Ambos, juntos e visinhos,  
Estão sempre em movimento.  
E vão dando giros tantos  
E vão dando tantos giros:  
Móem o primeiro os meus prantos  
E o segundo os meus suspiros.

## IV) Esparsa.

Ha no peito humano um sino  
Como na torre da igreja,  
Vibrando um som argentino  
Que nos espaços adeja.  
Bate o sino brandamente  
Cá no peito e lá na torre:  
Um, enquanto vive a gente,  
O outro, quando a gente morre.

1905.

JOSÉ D'ABREU ALBANO.

## O ALMIRANTE (41)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPITULO XVIII

Sob as chispas ameaçadoras de um olhar de Dolores, Souza e Mello indicava, com largo gesto de triumphante sarcasmo, a figura de Gião, burguez grotesco, ainda não domesticado ao jugo da sobrecasaca, á gargalheira da gravata e aos apertos de umas botinas grossas, verdadeiro supplicio infligido á sua vaidade pela nova posição na sociedade.

— Quem sou eu? — observou Gião, a se contorcer afflicto dentro daquellas roupas novas e limpando com um enorme lenço vermelho o suor que lhe porejava copioso do rosto apoplectico — Quem sou eu? Tamanhas honrarias não são para o filho de meu pae, que Deus haja. O sr. dr. está caçoando commigo.

— Não pense que o amesquinho — tornou Souza e Mello — A quadra é dos militares e não seria de mais que o illustre tenente-coronel, homem feito pelos merecimentos pessoaes, pela fortuna, comparecesse a uma festa delles, dos senhores absolutos desta infeliz terra. A Republica é isto.

— Não ha duvida — atalhou Sergio de Lima, que conversava com Hortencia — A democracia franquêa caminha a todas as aspirações legitimas, nivela todos os cidadãos pelos merecimentos, pelas virtudes, abolindo privilegios e estabelecendo a egualdade. Não é, portanto, de estranhar que o amigo Gião, homem feito pelo proprio esforço, pelo trabalho honrado, fizesse jús aos galões da Guarda Nacional.

— E diz vossa senhoria muito bem — confirmou Gião — A minha patente e os meus galões custaram o suor do meu rosto. Quanto a honradez, aqui a patrôa que o diga, que mencione os annos que servi ao defunto senhor marquez, que Deus tenha em gloria, e mais a sua excellencia, trabalhando como um moiro, sem noite nem dia, para ganhar o meu pão. Verdade seja que nada tenho a dizer. Tenho aqui dentro do coração esses patrões e por elles seria capaz de sacrificar a vida, porque quem me fizer tanto assim, tem amigo para a vida e para a morte. A senhora marquez bem sabe que não digo as coisas dos dentes para fóra. Tenho o coração nos grogomilhos e aquillo que sinto, vou logo desembuchando.

— Muito bem — exclamou Souza e Mello — Você, Gião, é a gloria da Guarda Nacional republicana.

— Vossa senhoria é quem o diz — concluiu Gião, com uma reverencia. Agóra, vossas excellencias hão de permittir que eu vá descançar, que venho moido do caminho de ferro.

— Vá — disse a marquezza — vá ter com Sebastião, que lhe preparará um commodo. Já esteve com elle?

— Ainda não lhe puz em cima os olhos. Como se tem dado vossa excellencia com o meu substituto?

— Muito bem. E' um excellente homem.

— Basta ser meu primo. Aquillo é de familia: fiel como um cão, forte como um burro no trabalho.

Quando Gião se retirava, recuando em mesuras, deu com Oscar, que entrava.

— Olha o senhor Oscar! — exclamou elle, numa alegre expansão de surpresa.

— Como váe? — respondeu-lhe Oscar, batendo-lhe carinhosamente no hombro.

— Ha quanto tempo... Estou ficando velho, não ha duvida. Como está mudado o menino Oscar, um pirralho que eu conheci outro dia a brincar na chacara, a montar nos cavallos, a me atrapaihar o serviço. Que bons tempos! Olhe que o senhor era mesmo levado da bréca, trazia-me num cortado. Tambem já lá vão tantos annos. Metti-me na roça; o senhor andou pela Europa e, agóra, topamos um com outro, ambos velhos.

— Cumprimente, meu caro Oscar — atalhou o implacavel Souza e Mello — ali onde o vê, o tenente-coronel Gião... Dolores não gosta que pilheriemos com esse prestigio da Republica para improvisar homens de Estado, generaes e officiaes da Guarda Nacional.

— Sempre foi assim — murmurou Oscar, sorrindo e lançando um olhar consolador ao Gião, que começava a impacientar-se com as farpas da ironia do feróz advogado.

Havia no semblante de Oscar uns traços de fadiga, que se fixavam, se acentuavam quando elle voltava extenuado do trabalho na secretaria. Elle estudava um plano de organização naval, de accordo com as idéas modernas, para dotar o Brazil com uma esquadra inteiramente diversa dos velhos moldes coloniaes, educando officiaes capazes de se adaptarem ás conquistas da arte da guerra. Estavamos, como potencia militar da America do Sul, estiolando as nossas energias á sombra dos louros conquistados na guerra do Paraguay. *Riachuelo*, *Augustura* e outros feitos gloriosos figuravam nas paginas da nossa historia como velhas lições, experiencias gloriosas que não poderiam ser aproveitadas no presente. E a esse empenho elle consagrava todos os seus esforços de professional operoso, indifferente á politica, procurando aproveitar as vantagens da opportunidade excepcional para o engrandecimento da marinha.

Com muita razão se queixava a marquezza de que Oscar já lhe não per-

tencia, tanto o excesso de trabalho influíra para lhe modificar o character, mesmo nas relações mais intimas e affectuosas. Ella o reputava demasiado dedicado ao governo, mais talvez do que ella julgava necessario para conquistar a preponderancia que faria d'elle o instrumento da realização do seu sonho, da sua idéa fixa de restituir a Izabel, a Redemptora, o throno do Brazil.

Os grandes olhos de Dolores se fixaram em Oscar e acompanhavam os seus movimentos, as suas maneiras discretas, quando beijou a mão da marquezza, quando retribuiu as saudações do conselheiro, de d. Eugenia, do Sergio de Lima e se aproximou de Hortencia, que o recebia de braços abertos numa attitude de ingenua ternura.

— Magnificos os *bonbons* — disse-lhe Hortencia, sorrindo.

— Oscar nos considera sempre meninas — observou Amelia, com um ligeiro tom de remoque.

E' que vocês — respondeu Oscar, com meiguice — não envelhecem para o meu coração; o tempo não corre para os nossos affectos e, assim, chegaremos ao idéal de perpetuar o nosso sonho da infancia, a illusão da eterna mocidade das nossas almas.

— Felizes — interrompeu o conselheiro — aquelles que se pôdem preservar das intemperies do tempo.

— V ex. é um desses — ponderou Souza e Mello.

— Tem razão — affirmou d. Eugenia — Para mim, se me figura que estamos sempre na lua de mel. Eu não experimentei ainda a sensação de velhice. Os nossos filhos parece permaneceram na infancia.

A conversação se generalizou sobre as novidades, os acontecimentos mais notaveis da vida carióca, ainda abalada pela agitação revolucionaria. Na opinião de Souza e Mello, os radicaes não se consolavam de haver triumphado com um levante incruento. Não era apropriada aos seus pulmões a atmosfera serena da paz. Elles necessitavam de turvar as aguas para chegarem aos seus perversos intuitos de preponderancia absoluta pelo terror, mareando o brilho de sua obra. Dolores, deante de Oscar, não falava, não emittia a sua opinião de concedora dos bastidores da politica. Notava-se-lhe certo retrahimento doloroso, como se a pungisse secreta magua, que ella em vão procurava disfarçar. Abstinha-me mesmo de retalições com Souza e Mello, um adversario terrivel, vigilante, prevalecendo-se de todos os ensejos para ferir a Republica, os seus processos, os seus estadistas, que acabavam de sacrificar, sua necessidade, uma grande porção do territorio nacional, concluindo com a Republica Argentina um



tratado em que se dividia ao meio o territorio de Missões. Não lhes bastava esse prurido de reformas, feitas de afogadillo, uma agitação demolidora das velhas, das beneficicas instituições do Paiz; não hesitavam ante o crime de mutilarem o territorio nacional.

— Para que, com que fim? — perguntava elle — Para satisfazerem um pedido do Moreno, que metteu na cabeça do Deodoro umas suppostas idéas de fraternidade sul americana, de necessidade de remover os motivos de divergencia com os nossos irmãos do Rio da Prata.

E sublinhou a palavra — irmãos, demonstrando a impropriedade do termo para caracterisar as relações dos dois povos, divididos por uma larga barreira de rivalidades irreductiveis.

— O territorio — continuou elle, com desusado ardor — é nosso, muito nosso. Acabámos de exploral-o e o trabalho da commissão incumbida desse serviço demonstrou cabalmente os nossos direitos. De resto, o Imperio celebrára um tratado de arbitramento, que deveria ser mantido como a solução unica, razoavel, patriótica. Pois bem, abandonaram esse rumo para resolverem a questão com um golpe desastrado, para contentarem o tal senhor Moreno, para fazermos cortezias áquelles que nos detestam e estão explorando, habilmente, a nossa precaria situação. O ministro do Exterior não se justifica desse erro formidavel.

— O ministro do Exterior — atalhou Sergio de Lima — tem a solidariedade de todo o governo nesse negocio. O tratado foi feito aqui no Rio de Janeiro de perfeito accordo com todos os membros do governo e foi apadrinhado com a auctoridade de Benjamin Constant.

— Não é o que dizem os que estão agitando a opinião contra essa monstruosidade.

— Garanto-lh'o eu, meu caro mestre. O tratado foi opportuno. O governo estava sob a pressão de um prazo para deliberar, nos termos do tratado de exploração do territorio, acerca de um accordo directo, e era conveniente remover pretextos de estremecimentos com os nossos visinhos, quando a Republica não está ainda definitivamente consolidada. Este foi o pensamento de Benjamin Constant. A agitação não tem fundamento. O governo não pôde allegar as transcendentales razões de Estado que o inspiraram, porque, nesses casos diplomaticos, ha conveniencias a respeitar, predominam razões que se não podem trazer á imprensa, ao parlamento, sem graves prejuizos.

— Não as reconheço, nem posso justificar esses melindres quando se trata da integridade nacional. O governo, na sua qualidade de provisório

dependente da manifestação da soberania nacional, não tinha competencia para resolver o litígio; deveria abster-se de uma solução definitiva e desastrosa como essa.

— Mas a solução não é definitiva — insistiu Sergio de Lima, contrastando em calma com a superexcitação do seu antagonista — O tratado foi feito com a clausula expressa de ser approvedo pelo Congresso. A Nação, portanto, chamada a se pronunciar a respeito, compete a decisão definitiva, approvando-o ou regeitando-o. Ficará, assim, perfeitamente resalvada a responsabilidade do governo.

— Mas esse Congresso obedecerá cegamente; não será capaz de revogar um acto do seu creador.

— Muito obrigado pela parte que me toca.

— Já se vê que o amigo está fóra de questão; o sr. é deputado, mas não é o Congresso. Além de que, os presentes são sempre exceptuados.

(Continúa)

## IDÉAS RUSSAS

As pyrotechnias rhetoricas e os alardes de erudição a que deu logar o conflicto russo-japonez, téem, de alguma sorte, desnorreado o juízo feito universalmente acerca das idéas e factos correntes entre os russos.

Revolvida, sondada pelos intellectuaes europeus, a Russia continúa um enigma a que não dão solução as affirmações documentadas da critica mundial sobre as causas, os effeitos e a morbidez symptomatica dos acontecimentos actuaes.

Todas as modalidades intellectuaes e sociaes, — o autocracismo, o communismo agrario, o nihilismo, o oblomovismo e, em fim, o tolstoismo, syncrethisados pelos cerebros de escól, — fóram fortemente discutidas, sendo, entretanto, completamente abandonado o estudo *d'après nature* destes slavos enxertados de mongóes.

Estudando esta caprichosa proliferação de opiniões, Dostoiewsky, ha cerca de quarenta annos, escreveu as seguintes notas que transcrevemos, devido á palpitante actualidade do assumpto, que o grande pensador illustra através de uma fina ironia:

O francez chega até nós com o firme proposito de tudo descobrir, graças a seu penetrante olhar, de pôr a nú os reconditos de nossa consciencia e de fazer sobre tudo um julgamento definitivo. Já em Pariz elle sabia o que haveria de escrever a respeito da Russia; vendera até um volume no qual, *à priori*, contava a sua viagem. Apparece, então, entre nós para brilhar, encantar, enfeitigar.

Partindo de França com a intenção de perscrutar-nos até o intimo, consente em passar entre nós mais de um mez, espaço de tempo immenso, pois neste longo periodo um francez acharia meio de fazer e de escrever per-

feitamente uma viagem ao redor do mundo. Avaliai, após isto, a boa fé e o zelo do investigador!

Começa por lançar no papel as primeiras impressões de Petersburgo, que elle tradúz com felicidade; depois, compara nossos costumes politicos ás instituições inglezas, após ter ensinado aos «boyardos» a voltear as mezas e a soprar bolhas de sabão, o que, seja dito entre parenthesis, distrae um pouco o aborrecimento solemne de nossas renniões. Decide-se, então, a estudar a Russia a fundo: — parte para Moscou.

Ahi, contempla o Kremlin, divaga pensando em Napoleão, aprecia bastante o nosso chá, louva a belleza e a saudavel apparencia do povo, affligindo-se, entretanto, com sua prematura corrupção e deplorando o insuccesso da cultura europeia, apressadamente introduzida, e o desaparecimento dos verdadeiros costumes nacionaes.

A proposito, fallará de Pedro, o Grande, e, sem transição, informarnos-á da sua propria biographia, recheiada de espantosas aventuras. A um francez tudo pôde acontecer sem que, por isso, elle se resinta do menor mal.

Depois, dar-nos-á um conto russo, um conto verdadeiro, bem entendido, feito de pedaços da vida russa, apinhados em flagrante, e intitulado: *Pétrouchka*. Esta narração terá dois meritos — pintará perfeitamente os costumes que a rigor podem ser observados na Russia, e, ao mesmo tempo, dará uma idéa dos habitos e costumes das ilhas de Sandwich.

De passagem, o nosso viajante dignar-se-á lançar sobre a litteratura russa um olhar rapido; falar-nos-á de Pouschkin e complacientemente notará que era um poeta não destituído de talento, perfeitamente nacional e que... imitava, com felicidade, André Chénier e madame Deshoulières. Apreciará Lemonossow, fallará com certa deferencia de Derjavine, notando ser um fabulista muito bem dotado, original, e que... imitava, com graça, La Fontaine.

Chorará a prematura morte de Krilov, que, em seus romances, muito pessoas... imitava passavelmente Alexandre Dumas.

Então, dirá adeus a Moscou, penetrará ainda mais o paiz, extasiar-se-á ante os troikas e reaparecerá no Caucaso, onde, prestando concurso ás tropas russas, atirárá sobre os circassianos, travará relações com Schamyl, relendo juntos os *Trez Mosqueteiros*.

Não rimos; nada exageramos. Sentimos perfeitamente parecer que caricaturisamos; mas, certificaí-vos: lêde os livros mais serios, escriptos a nosso respeito pelos estrangeiros; julgareis, então, si dizemos ou não a verdade.

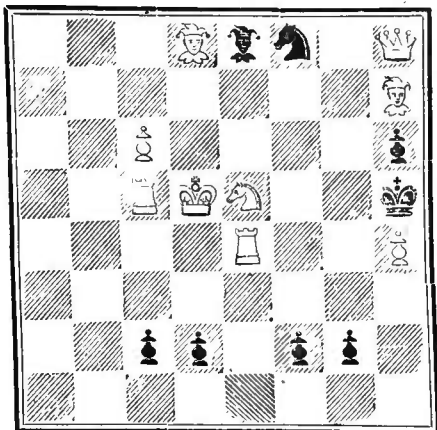
DOSTOIEWSKY.

## XADREZ

## PROBLEMA N. 11

Arthur Napoleão (Rio)

PRETAS (8)



BRANCAS (9)

Mate em dois lances.

O problema que hoje publicamos é de uma grande originalidade de concepção e executado com uma arte incomparavel. Não fôsse o auctor o admiravel artista que toda gente conhece.

## PARTIDA Nº 11

PARTIDA FRANCEZA (\*)

Brancas (Pillsbury)	Pretas (Lasker)
P 4 R — 1 —	P 3 R
P 4 D — 2 —	P 4 D
C 3 B D — 3 —	C 3 B R
P 5 R — 4 —	C R 2 D
P 4 B R — 5 —	P 4 B D
P × P — 6 —	C 3 B D
P 3 T D — 7 —	C × P B D
P 4 C D — 8 —	C 2 D
B 3 D — 9 —	P 4 T D
P 5 C — 10 —	C (3 B) 1 C
C 3 B R — 11 —	C 4 B D
B 3 R — 12 —	C (1 C) 2 D
Roque — 13 —	P 3 C R (a)
C 2 R — 14 —	B 2 R
D 1 R — 15 —	C 3 C D
C (3 B) 4 D — 16 —	B 2 D
D 2 B (b) — 17 —	C (3 C) 5 T
T D 1 C D — 18 —	P 4 T R ?
P 6 C (c) — 19 —	C × B
P × C — 20 —	B × P T D
P 5 B (d) — 21 —	P C × P
C 4 B R — 22 —	P 5 T R (e)
T 1 T D — 23 —	B 2 R
T × C — 24 —	B × T
C (4 D) × P R ! — 25 —	P × C
C × P R — 26 —	B 2 D (f)
C × D (g) — 27 —	T × C
B 5 B — 28 —	T 1 B D
B × B — 29 —	R × B
D 3 R — 30 —	T 3 B D
B 5 C x — 31 —	R 2 B
T 1 B D — 32 —	T × T x
D × T — 33 —	T 1 B D
D 1 R — 34 —	P 6 T R
P × P — 35 —	T 1 C R x
R 2 B — 36 —	P 5 T D
D 4 C D — 37 —	T 3 C
R 3 B — 38 —	P 6 T
D × P — 39 —	T × P C
D 5 B D — 40 —	T 3 R
D 7 B (h) — 41 —	R 2 R
R 4 B — 42 —	P 3 C
P 4 T — 43 —	T 3 B D
D 8 C D — 44 —	B 1 R
R × P — 45 —	T 3 T R
D 7 B x — 46 —	R 1 B
D 8 D — 47 —	P 4 C
P 6 R — 48 —	T 2 T R
R 5 R — 49 —	P 5 C
D 6 D x (i) — 50 —	abandonam

(\*) Esta admiravel partida foi jogada em 1896, no Torneo de Nuremberg, entre dois dos mais fortes campeões mundiaes. Pillsbury é esse extraordinario enxadrista que ainda ha cerca de dois annos jogava em São Petersburgo 22 partidas simultaneas, sem ver os taboleiros; Lasker é o profundo e elegante estrategista que actualmente empunha o sceptro de campeão do mundo. Nesta partida, elle não se defende como de costume. Basta observar que nos 17 primeiros lances elle move os cavallos 10 vezes, e sem grande proveito, ao passo que o adversario, na mesma altura, tinha o seu jogo desenvolvido e fortemente aggressivo. As notas que damos abaixo são do dr. Caldas Vianna.

A partida franceza, bem como a defeza siciliana, é o que se chama uma partida fechada. Caracterisa-se pelo 1º lance das P — P 3 R. Vem do seculo 15º e é considerada geralmente como uma defesa muito segura. Evita os ataques violentos, como os gambitos, que não são possiveis contra ella; por outro lado, conserva o jogo das P. muito apertado. Em regra dá pouca vivacidade ao combate; mas quando é entre mestres que o combate se trava, como neste caso, póde-se, mesmo com ella, ter uma partida viva, animada e brilhante, como é esta.

(a) As P. jogam este P para impedir P 5 B R. Como se verá pela continuação, as B. conseguem fazer este lance, com uma estrategia das mais subteis e admiraveis.

(b) Ameaçando C × P R e B × C.

(c) Chave de uma combinação admiravel.

(e) A' primeira vista parece inutil este sacrificio; mas só a continuação da partida poderá elucidar sobre a profundeza da combinação.

(e) Inintelligivel.

(f) Subitamente a partida das P. está perdida e não ha melhor lance que este. A qualquer outro, a B. respondem D × P B e convidamos os amadores a estudarem a curiosissima posição.

(g) Pillsbury joga todo este final, ainda difficil, com admiravel exactidão.

(h) Se D × P, B 3 B !

(i) As Brancas tomam agora os pões e ganham facilmente.

*Tacito & Lipman.* Recebemos e vamos examinar. Aguardamos o cumprimento da sua promessa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 10 : 1 — C 6 D, R × T (a, b, c, d, e, f); 2 — C 4 B D x, R × C ou R × P; 3 — D 3 D mate; (a) 1... P × T; 2 — D 2 C x, R × P ou R 6 R; 3 — P 4 R ou B 6 T mate; (b) 1... P (3 R) × P; 2 — D 4 R x, P × D ou R × T; 3 — C 5 B R ou C 7 C D mate; (c) 1... P (3 B) × P; 2 — D 1 C R ! x, R 4 R; 3 — D 1 T D ! mate; (d) 1... R 6 R; 2 — D 1 D e 3 — B 6 T ou D × B mate; (e) 1... B × P, B 4 C, B 2 C, B 1 B; 2 — D 4 R x e 3 — C mate; (f) 1... B 5 B ou B 6 D; 2 — C × B x ou D × B x, etc.

JOSÉ GETULIO.

## THEATRO

Depois da representação do *Thermidor*, tivemos o beneficio de Coquelin, com a sua peça de resistencia, o impercível *Cyrano de Bergerac*, que é sempre um acontecimento e que para a festa do dia foi de uma feliz escolha. Infelizmente, ao vel-o não se tem a sensação de um artista que vá de melhor a melhor, mas a de uma reputação feita, consagrada, meri-

diana, a que nada mais falta além de um occaso de apothose que dê a illusão de uma aurora.

Bem entendido, isso é no *Cyrano de Bergerac*, que acompanha a fortuna zenithal do seu creador e interprete.

No *Les affaires sont les affaires*, as honras são todas da sra. Moreno, que nos deu, na noite de seu beneficio, a soberba interpretação de Germaine Lechat, typo delicioso que, na sadia brutalidade da peça inteira, resalta com uma pureza extrema.

A comedia de Mirbeau é digna de Molière. O vigor da execução, o alcance de sua critica, a coragem de sua analyse, e o desenlace, dolorosamente ironico, denotam em toda a peça um artista superior, digno dos tempos classicos do theatro francez.

\* \*

O actor José Ricardo, um dos truões mais irritantes e mais perigosos do theatro *canaille* d'aquem e d'além-mar, está muito desgostoso do Rio de Janeiro. A razão é facil: ha, aqui, actualmente, uma outra companhia do mesmo genero, que lhe faz séria concurrencia e, portanto, o desengaria de fortuna com que está acostumado a deixar o Brazil. De modo que, para elle, o Rio é hoje apenas uma terra sem capacidade para mais de duas companhias... o contrario de ha dois annos, quando um publico de labregos seus patricios lhe enchia as algibeiras, para que esta fôsse a melhor terra do mundo...

O factio incontestavel é que um tal theatro vale menos que as relés noticiasinhas bem calculadas da imprensa diaria, onde o annuncio é que decide do seu tom, do seu enthusiasmo. Por nossa parte, nunca fizemos a essa especie de theatro a menor referencia, sinão para hostilisa-lo como singularmente nefasto e máu educador do povo. E, presentemente, não a fariamos si tudo isto não fôsse um excelente pretexto para consignar que a queixa desse actor deve ser a Portugal, que nos mandou e nos manda o publico que já lhe deu muito a ganhar e agora vagamente o illude. Parece que só desse publico a companhia portugueza póde esperar festas. Para um publico que tenha ao menos gosto e seriedade, a esperanza que nelle tenha esse *cabotin* é um desafôro.

O presidente da commissão encarregada de erigir um monumento a José do Patrocinio foi á companhia José Ricardo solicitar um espectaculo em favor dessa homenagem nacional. Pois o empresario respondeu que *para o sr. José do Patrocinio, nada*.

Essa insolencia prova ainda que o Brazil em que essas companhias estão, é simplesmente a porção de terra brazileira habitada por portuguezes.

VARIO &amp; C.

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 E  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Toda a vez que o sr. Lauro Müller inaugura um trecho de caminho de ferro, temos impetos de lançar-lhe desta columna um punhado de flôres, porque o fino ministro desfecha um golpe no mais velho, no mais formidavel inimigo do progresso da nossa terra.

A nossa grandeza depende, essencialmente, de approximarmos o littoral dos sertões uberrimos, quasi inaccessiveis, onde jazem os fabulosos depositos de riqueza, que fôram o *el-dorado* dos bandeirantes, dos colonisadores audazes, cuja bravura indomita, cuja força haurida do sangue purissimo de uma raça de heróes, se desperdiçou, quasi inutil, subindo rios interminos, penetrando o seio escuro das florestas, luctando contra a distancia.

Estão quasi perdidas, apagaram-se na vastissima região central do Brazil as pérgadas daquelles pioneiros, sedentos de ouro; não se conhece mais o caminho ás minas dos Martyrios e, ainda hoje, nos assombamos ante os milagres de actividade realizados pelos portuguezes; não podemos atinar como, através das medonhas cachoeiras dos rios da Amazonia, elles transportaram material de construção e artilharia para o forte Principe da Beira, transpondo com essas cargas de titans passos perigosos, que os homens da nossa raça degenerada temem affrontar em pequenas canôas, e aos quaes pagam, annualmente, pezado tributo de dinheiro, de vidas, tragados nas cachoeiras vorazes, nos combates contra os selvagens, ou estiolidos pela malaria.

O governo imperial não onson deffrontar de modo definitivo o problema da viação do Brazil; as vistas dos seus estadistas não alcançavam além dos horisontes fechados pelas montanhas da zona que váe do Rio de Janeiro a

S. Paulo e o tentamen de procurar as margens do S. Francisco se realisava lentamente, por diversos trechos iniciados em Pernambuco, na Bahia e em Minas, numa desesperadora marcha de kagado.

Havia magnificos projectos, um plano geral, estudado, a olho, em todas as minucias, denunciando generosas intenções que, como em outros ramos da administração publica, ficaram em esplendidos desenhos minuciosos, eruditos pareceres, formando enormes rolos de papel, que o cupim da secretaria da Agricultura foi devorando pacientemente, para que não ficassem vestigios das phantasias da engenharia indigena.

Essa projectada estrada de ferro do Madeira e Mamoré, que um recente tratado resuscitou, consumiu em pura perda os milhões de Collins, os esforços de Morsing, de Pinkas e outros engenheiros notaveis. Um trecho de linha, construido pelos emprezarios americanos, ficou em S. Antonio, abandonado, como o extraordinario material, trilhos, locomotivas, wagons, casas de ferro e madeira, uma typographia, instrumentos aratorios, comidos pela ferrugem ou vendidos como ferro velho. Dessas duas tentativas ficaram cruces assignalando as sepulturas dos companheiros de Collins e de alguns jovens engenheiros brasileiros e uma papelada condemnada ao pó do archivo dessa memoravel campanha desastrosa.

Essa tentativa váe ser renovada pela terceira vez com vantagens muito problematicas para o Brazil e para a Bolivia, porque posterior conhecimento da região e mais minuciosa exploração da sua rêde fluvial indicaram o abandono daquelle projecto.

A região amazonica tem as suas vias de comunicação, os seus rios, caminhos que andam, delineados pela natureza; não necessita de caminhos de ferro emquanto a sua população fôr exclusivamente ribeirinha, em-

quanto estiver esparsa naquelle labyrintho de rios e florestas inextrinçaveis.

Plano mais barato e muito mais vantajoso seria o de attingir o planalto boliviano pelo centro do Brazil, prolongando, naquella direcção, a estrada de ferro Central. Dar vazão aos productos bolivianos pelo Amazonas, impondo-lhes uma baldeação no ponto de exportação e outra em S. Antonio é, sem contestação, menos vantajoso do que offerer á Bolivia uma porta franca no Atlantico, communicando-a, directamente, com o littoral brasileiro e approximando-a da Europa.

Não é necessario ter o cerebro repleto de noções scientificas, de perfeito conhecimento do percurso interessado nos dois projectos, para opinar pelas communicações directas. No primeiro caso, o traçado transpõe a região encachoeirada, cujas margens produzem borracha para o carregamento de alguns vapores; no segundo, elle atravessaria territorios feracissimos, de clima incomparavel, no qual se poderiam estabelecer centros industriaes de criação, de cultura de cereaes, de fructos, servidos de uma colonisação que os meios de viação rapida facilitariam, dando, em poucos annos, extraordinario trafego á estrada.

Esse traçado viria completar o plano do sr. Lauro Müller, ligar o interior ao litoral e pouparia os milhões que vão ser atirados na região do Madeira, uma voragem que está merecendo as honras de classica.

Não dôam as mãos ao illustre e esguio ministro em bater esses marcos miliarios do progresso, que lhe conquistarão indulgencias plenarias para velhos e novos peccados de politicagem, e para desviar os golpes da protervia que não poupam os mais eminentes, como os mais humildes.

Quando a sua flexivel pessoa se delir, na suprema contingencia das coisas vivas, ficarão esses vestigios inapagaveis para attestarem a passa-

gem de um ministro que fez engenharia, que fez caminhos de ferro.

\*  
\* \*

Conta-se que, ao inaugurar-se o presente e sublime governo, um goyano da gemma procurou o sr. Bulhões para dar-lhe parabens pela acertada escolha das suas luzes, competencia e honestidade para carregar a pasta da Fazenda.

— Nós de Goyaz — disse-lhe o homem — estamos agora esperançados de conquistar os melhoramentos de que depende o nosso progresso. Com v. ex. no ministerio, contamos, pelo menos, com uma estrada de ferro.

— Não ha dinheiro.

— Como? -Não ha dinheiro para uma estrada de ferro para o berço do ministro da Fazenda?

— Qual, homem. Nós não necessitamos de estradas de ferro. Olha, meu velho amigo: quem quizer ir a Goyaz váe mesmo...

Disso resultou talvez a opposição que está dando que fazer ao nosso interessante sr. Bulhões.

\*  
\* \*

Construir caminhos de ferro no deserto, rasgando o seio das florestas, expondo-se aos assaltos dos selvagens, parece loucura de perdulario; temos, entretanto, como intuitiva lição, os maravilhosos resultados, obtidos pelos malucos da America do Norte, comprehendendo a mais vasta rede de comunicação do mundo, quando o paiz, cambaleava mal ferido pelos desastres da guerra da sessecção, a mais cruenta campanha do seculo passado.

Dessa loucura, surgiu, com surpresa dos cautelosos doutores em economia politica, a grandeza daquelle portentoso paiz, como a nossa será uma esperança realisada, no dia em que o sr. Bulhões puder, de Goyaz, dar um pulo ao Rio de Janeiro, e o sr. Montenegro vier, em alguns dias de viagem, esporecer a monotonia da vida paraense, assistindo alguns espectaculos no Theatro Lyrico, ou mantendo saudades da rua do Ouvidor.

A distancia é o nosso maior inimigo, o mais formidavel obstaculo á exploração das nossas riquezas naturaes, que não cessamos de celebrar

em prosa e verso, não empregando, jámais, os meios praticos e efficazes para attingil-as.

As estradas de ferro são os canaes de derivação das fontes productivas, cuja esterilidade por falta de transporte rapido e barato, tanto afflige os governadores dos Estados ricos, onde a população perlustra, á cata de meios de subsistencia, um sólo de ouro e pedras preciosas. Mas não se enche o estomago com pepitas de ouro, nem se fazem feijoadas de diamantes: é preciso que essas preciosidades sejam collidas; é indispensavel que venham aos mercados, onde se transformarão em utilidades remuneradoras do trabalho de explorações dispendiosas, uma vez que a natureza nada nos dá de graça, seduzida pelos nossos bellos olhos.

As estradas de ferro são os vehiculos da riquezas nos paizes vastos e despovoados como o nosso.

\*  
\* \*

O sr. Lauro Müller, comparando mal, relembra d. João VI, principalmente depois deprehender o aproveitamento das nossas jazidas carboniferas, que os technicos nacionaes sempre condemnaram como coisa imprestavel, naturalmente porque elles aprenderam nos livros, nos tratados, essas coisas que sómente a pratica pôde ensinar.

D. João VI esboçou um programma de melhoramentos materiaes, de emprehendimentos industriaes que, ainda hoje, constituiriam um patriotico plano de governo. E não lhe escapou a necessidade de explorar o nosso carvão de pedra, de obter esse nervo da industria para a propulsão de um povo que possúe, em abundancia, inextinguiveis depositos de ferro e manganéz, os musculos do progresso.

Aquillo que muitos homens, muitos sabios não puderam conseguir com muitos estudos transcendentales, muito dinheiro, acabamos de obter por meio do espirito emprehendedor do nosso ministro, auxiliado pelos conhecimentos praticos de um engenheiro norte americano que trouxe, como cartões de apresentação, briquetes feitos de carvão do Rio Grande do Sul.

E é por essas e outras façanhas de

administrador operoso, que não regateamos ao ministro emprehendedor as flôres do nosso applauso sincero.

POJUCAN.



Um jornal de Lisbôa, o *Seculo*, publicou na sua revista semanal, uma carta de um seu correspondente em Berlim, a respeito da vida do duque de Henckel, «personagem que representou tão importante papel na queda de Delcassé».

Transcrevemos, em seguida, essas linhas curiosas em que os leitores poderão conhecer os antecedentes desse curioso allemão. A verdade dessa historia é evidente.

### A QUÉDA DE DELCASSÉ

Guido Jorge Frederico Henrique Adalberto, conde Henckel, primeiro principe de Donnersmark, decimo terceiro barão de Beuthen, Fideicommissario de Tarnowitz Naudeck, fundador e proprietario de trez outros morgados e ainda de meia duzia mais de quintas senhorias na Silesia, na Polonia e na Gallicia, membro da camara dos Senhores, da Prussia, e conselheiro intimo actual, é personagem cujo nome ha de largamente figurar na historia moderna da Europa, quando esta, com todos os fios, ainda os mais secretos, servir de divertimento e talvez de lição a nossos netos.

De certo que ahí em Lisbôa, foi lido ou traduzido o artigo em que o *Temps*, de Pariz, dava conta ultimamente de uma pretendida ou verdadeira missão politica do principe á França, — pretexto para que, sem irritação desnecessaria das chancellarias, a Allemanha dissesse á nação visinha tudo quanto tinha a pezar-lhe no coração, acerca do ardiloso Delcassé, e mais das tramas com este ia ceifando disfarçadamente por sob os pés tudescos, a herba tenra e succulenta que não tem deixado de vicejar desde 1871 para cá.

Personagem conhecidissima da sociedade berlinense, politico, agricultor, industrial e negociante, sem por um momento siquer perder a linha dominadora de grande fidalgo, a sua longa vida de 75 annos dá assumpto para encher um capitulo, que não será dos menos interessantes na chronica politica dos ultimos cincoenta annos.

Entretanto, a sua figura, ao passar pela fidalguia prussiana, pobre e orgulhosa, deixa como que um sulco de admiração, de inveja, de antipathia, mixto de sentimentos suscitados pelo desplante com que este aristocrata da velha rocha, comprehendendo a orientação dos tempos que correm, abriu tenda de mercador e fabrica de indus-

trial, batendo no seu proprio terreno os grandes maguates do mercantilismo allemão.

De resto, é indifferente inteiramente ao juizo que delle possam fazer os seus pares, e não só no que toca a preconceitos de profissão, mas ainda a outros, que estão fundamente radicados na fidalguia allemã, — os relativos, por exemplo, ao casamento.

O leitor conhece, talvez, aquelle elegante palacete com que a gente depara, á esquerda, nos Campos Elyseos, ao seguir da praça da Concordia para o arco do Triumpho. Esse edificio, não muito vasto, mas de linhas proporcionadas e elegantes, foi scenario, ha trinta e tantos annos, de acontecimentos que, pela vez primeira, trouxeram o conde Henckel á rampa illuminada da notoriedade européa. A ultima vez que o vi, o palacete, foi ha bons dez annos, numa daquellas rapidas visitas a Pariz, decididas de repente, em Traz-os-Montes, num indominavel sêde de civilisação, de elegancias, de prazeres, — que me attirava de roldão pela linha Foz-Tua abaixo, e me fazia engalfinhar, febril e enthusiastado, num wagon poeirento do *Sud-Express* e voar para o *Grand Hotel*, então, para mim, centro e apogeu de tudo quanto ha bom nestemundo! Durará, de facto, o palacete, ainda? Talvez! Ha dez annos, estava lá o famoso Cubat, o grande e inimitavel Cubat, ex-cosinheiro em chefe do czar, o homem dos molhos maravilhosos, das transcendencias culinarias, em cujo restaurante o meu garfo trausmontano praticava façanhas memoraveis, com grave ruina das minhas posses de viticultor mais ou menos philoxerado!

Nesse tempo, toda a gente chamava ainda ao palacete-restaurant o *Hotel Paivá*, e este nome accordava, como echo que se apaga, ou perfume que se desvanece, a recordação da que, nos tempos divertidos do segundo imperio, fôra a mais linda e espirituosa cortezã, essa grande e celebrada Paiva, a cuja meza se sentaram principes e diplomatas, escriptores e artistas, e a cuja côrte de veuaes amores dizem que o proprio Napoleão III não desdenhára pertencer.

Fôra o genial e extravagante duque de Morny que um dia puzéra as chaves de ouro do palacete aos pés da semi-deusa, que nascera Branca Lachmanns, em Moscou, simples e modesta filha de um honrado operario. Casada com Franz Willoing, mestre alfaiate, eil-a pouco depois fugida por essas capitaes da Europa ao lado de Herz, então nunna das suas falladas *tournees* de pianista celebre, — e acobertada sob o falso nome de madame Herz.

O musico, de regresso a Pariz, deitou contas á sua vida, e calculou que

o delicioso vampiro, que completamente lhe desfizera em fumo o producto dos seus concertos, enguliria, sem difficuldade, todo o dinheiro que lhe costumava render a fabrica de pianos, então no auge da sua voga. E deu por terminada aquella dispendiosa *phantasia*, seja dito sem trocadilho.

A transicção foi rapida. Caída na miseria, Branca Lachmanns travou conhecimento com uma modista pariziense, que, avaliando devidamente os extraordinarios dotes de corpo e de espirito da ex-madame Herz, tomou á sua conta *lançal-a*, como então por lá se dizia e talvez ainda se diga. O certo é que, sob os auspicios da modista, pouco depois Branca Lachmanns apparecia em Londres num camarote do Covent-Garden e, a breve trecho, atrellava ao seu luxuoso carro lord C., um dos mais ricos senhores do Reino Unido, que durante algum tempo se manteve na posição de protector declarado e official.

E foi então que veio installar-se em Pariz, onde fez, desde logo, andar á roda cabeças e bolsas, de modo até então sem exemplo, com o seu milhão de francos de renda annual e o seu palacio das Mil e Uma Noites, dado por Morny. A celebre escada de onix data dessa epocha. A sala de banho era de marmores finos com filetes e ornatos de oiro massiço; o quarto de cama, um souho inverosimel de madeiras preciosas, de rendas carissimas, de estofos bordados por mãos de fadas.

O nome com que Branca Lachmanns figurava então, e sob o qual ha de perdurar na chronica do mundo galante, foi o de *madame de Paivá*, o que dá ainda, sob certos pontos de vista, fóros de portugueza a essa estrella inegulavel da sociedade... em que a gente se não aborrecia. A tradição, errada, attribue-lhe muitas vezes como temporario marido ou protector o visconde de Paiva, antigo ministro de Portugal em Pariz, e depois em Berlim, onde acabou, fazendo saltar os miolos num quarto de hospedaria; mas a verdade é que o Paiva desta formidavel e lindissima mulher era um simples portuguez abrazilizado, rico e num tanto *rastaquouère*, que teve em Pariz o seu momento de voga, até se sumir, de repente, já me não lembra como.

Submergido, porém, o Paiva, surge na scena um authentico fidalgo, conde allemão, filho de um cavalleiro da Aguia Negra, — nem mais nem menos do que o actual principe de Donnersmark, — e eil-o marido mal ou bem com a linda Paivá, cujas carruagens, banquetes e joias dão cada vez maior deslumbramento á Pariz doidivanas do segundo imperio.

O conde, porém, de modo algum perdia o tempo como politico, e como

allemão. Lançado na alta vida da côrte napoleonica, intimo das grandes personagens da administração e da finança, ninguem melhor do que elle aprendeu a conhecer as fraquezas que secretamente faziam caminhar tudo aquillo para estrondosa derrocada.

Foi justamente quando esse momento chegou, que Bismark se lembrou de utilizar a excepcional posição conquistada pelo conde Henckel, e a sua extraordinaria e especial experiencia em coisas francezas.

E' assim que o vemos prefeito de Metz, logo após a conquista desta pelos allemães, e companheiro de Bismark até á assignatura da paz.

Em 28 de outubro de 1871, justamente ao findar da guerra, casaram, segundo os ritos da egreja, em Pariz, o conde Henckel, e madame de Paivá, que terminou, portanto, a sua carreira como condessa de Henckel, baroneza Bentheu, etc., etc., e veio a fallecer aos 58 annos de idade, no seu castello de Neudeck, em 21 de janeiro de 1884 (*vide* almanach de Gotha, 1905, pag. 322). Trez annos depois, o conde Henckel passava a novas nupcias com madame Muraviev, viuva de um homem de Estado russo.

Eis aqui, a traços largos, o que consta dos meus apontamentos de curioso e de velho viajante, acerca da personagem que representou tão importante papel na quêda de Delcassé, embóra os livros azues e amarellos da questão marroquina nada saibam a tal respeito.

O conde de Frankenberg, no seu livro sobre a guerra franco-prussiana, occupa-se bastante do conde Henckel, e para lá remetto o leitor mais curioso e investigador.

O que me fica ainda a desafiar a curiosidade é se ainda existirá o hotel da Paiva!

Hei de reparar a primeira vez que passar em Pariz.

X.

## A ARMADA NACIONAL

*A arte da guerra naval. — O vapor. — Um trecho de relatorio. — Um porão de navio convertido em lama.*

Na arte da guerra naval, davam-se, já em 1830, os primeiros passos numa senda nova; começava-se a adoptar o vapor.

As machinas, ainda fracas, fracas velocidades imprimiam. Não havia vantagem decisiva militando em pról do novo motor; além disso, o emprego das rodas, como propulsores, diminuia consideravelmente o poder offensivo, do navio de guerra, reduzindo-lhe a extensão da bateria, e augmentava-lhe extraordinariamente o risco de perder o movimento, expostas como eram

ellas. Assim, só com lentidão e com os pequenos progressos que a industria realisava, foi ganhando de importancia o novo motor, até que o emprego das hélices veio dar-lhe completa e inteiramente a victoria, começando esse longo periodo de agonia do navio de guerra á vela.

Na nossa armada, no emtanto, muito floresceu elle ainda e tão grande era o nosso espirito de rotina que, perdidas as velleidades de perpetuar o vento como motor unico, a idade de ouro do navio muito prolongou-se até poucos annos atrás.

\* \*

De 1830 a 1850, descurára-se o augmento do nosso material, cessadas as urgentes necessidades que nasceram com a campanha cisplatina. O governo de então, como todos os que lhe succederam, recebidas as lições da experiencia, deixava-se dormir sobre o nosso enorme poder, (assim o julgavam) ou, antes, sobre as relações amigaveis com as republicas visinhas, presas, em geral, de luctas civis e incapazes de desenvolverem suas froas de guerra.

«Desde a Independencia até 1850, o maximo do seu poder (refere-se á esquadra) pelo numero e valor militar das unidades tacticas, fôra attingido ao terminar-se a guerra da cisplatina em 1828...» (1)

Nem o material existente era bem conservado em geral e já se fazia sentir, havia muito, a imprestabilidade de grande numero dos nossos navios, que se foi aggravando e terminou por tornar no decennio de 1840 a 1850, a esquadra brazileira um acervo de vasos, em sua maior parte, incapazes de serviço activo, não já na guerra, mas mesmo na paz.

Começava então o systema dos remendos que, até nossos dias, veio, consumindo sempre o melhor dos nossos orçamentos.

E, a proposito, convém citar um trecho do relatorio de J. J. Rodrigues Torres, apresentado ao Parlamento em 1834. «Tal é o estado de ruínas a que chegaram os dois melhores navios de nossa esquadra, que o proprio tonelame de um delles foi tirado do porão já convertido em lama!»

«Quanto á artilharia dos nossos navios de guerra,— diz o almirante Jaceguay, — antes da aquisição feita na Inglaterra dos dois vapores *D. Affonso* e *Amazonas*, era toda dos modelos mais antiquados; colubrinas e coronadas constituíam o principal armamento da generalidade dos vasos da esquadra...» e, continúa ainda: «em 1850 eram raros na nossa marinha os canhões do systema Paxhaus, que representam a ultima palavra dos progressos da artilharia de alma lisa, em

nosso seculo, tendo sido inventados em 1824.»

Quanto á organização dos diversos serviços navaes, o mesmo espirito de rotina os conservára inalteraveis; subsistiam todas as instituições coloniaes, excepto num ponto, que abordaremos. A quelle respeito, já em 1824, junho, dizia lord Cochrane, na sua pessima linguagem: «confessei a v. ex. que no caso que se não adoptassem os regulamentos das marinhas das nações mais poderosas, em logar dos que se acham em vigor; e no caso que os officiaes e marinheiros do Brazil se não achassem nas suas pessôas e propriedades fóra do poder dos tribunaes portuguezes e de toda influencia portugueza; e no caso que seu valor e prestimo não fôssem premiados como hé costume nos mais paizes, nada podia-se esperar da marinha que a tornasse util ao Estado»; depois, acrescenta: «hé com o maior pezar que vejo a minha communicação a v. ex. respondida de uma parte á qual já em vão dirigiram-se tantos officios e memoriaes sobre o mesmo assumpto, pois nunca tomou-se o meu conselho em natureza alguma relativa á Marinha»; e ainda: «portanto, é inutil falar nestas coisas, tantas vezes repetidas; sómente resta-me perguntar a v. ex. a respeito do ultimo decreto relativo á soldada dos marinheiros. Si, na realidade, o governo se pôde persuadir que por um premio pago ao fim da guerra, tanto áquelles que combaterem como áquelles que não quizerem, que eu posso induzir officiaes e marinheiros a travar-se e tomar embarcações de guerra inimigas; dalli resultando beneficio unicamente ao Estado?»; e mais adiante: «Mas, basta isto: — como commandante em chefe, já para mim tudo se acabou e a responsabilidade tanto como a direcção da marinha entregarei ás mãos daquelles que a reduziram ao seu presente estado... Muito sentimento tenho que o governo não parece estar plenamente prevenido do descontentamento dos officiaes e marinheiros e que pagamentos do passado, sem melhores regulamentos para o futuro, pouco hão de valer.»

O almirante Jaceguay, tratando do assumpto, transcreve um topico desse officio, e depois de fallar do accrescimento que tivera o nosso material com a guerra cisplatina, diz: «esse mesmo desenvolvimento dado a uma força naval, segundo os moldes das vetustas e incongruentes instituições maritimas de Portugal, ainda mais salientou os seus vicios organicos, e o ministro Rodrigues Torres, em 1833, dizia ainda ás Camaras: «Por muitas vezes, senhores, tenho tido occasião de notar quão viciosamente é organizado o ministerio da Marinha. Neste ramo de administração publica, nin-

guem ignora, tudo está ainda por crear...»

Pois bem; só em 1840, se dava nova orientação e novo local á Academia de Marinha, que, até então, estivera installada em terra.

E o problema do pessoal só o havia de ser dali a trez annos, conforme veremos.

A respeito dos arsenaes, nada de melhor podemos dizer, e eram então já um prenuncio do que chegariam a ser no seculo XX. Socorrer-nos-emos ainda, e não será a ultima vez, do sr. almirante Jaceguay.

«Em geral, porém, a producção da industria da construcção naval, no Paiz, diminuiu consideravelmente, tanto nos estabelecimentos navaes do Estado, como nos estaleiros particulares, no periodo decorrido desde a terminação da lucta da nossa Independencia. O marquez de Paranaguá, ministro da Marinha em 1843, chamava a attenção, em seu relatorio, dos representantes da Nação, para o facto da fragata *Dois de Dezembro*, a qual, maudada construir no arsenal do Pará, no anno de 1824, ainda se achava no estaleiro. O ministro da Marinha, Hollanda Cavalcante, em 1845, dizia:

«As nossas construcções téem sido em toda parte abandonadas. Nos primeiros momentos, em que se sacdiu o Brazil da dependencia dos seus governadores europeus, preciso foi lançar-se mão do que se achava de mais prompto; e as nossas distrações, fi-lhas talvez da pouca resistencia que se nos oppoz depois, fôram dando causa ao abandono em que insensivelmente nos deixámos cair e que nos atrazou mais do que deveramos estar: nossa construcção naval de hoje com-prova o que deixo dito.»

«No Paiz, não havia (1850) officina alguma preparada para fundir canhões, mesmo do calibre médio de 24, usado naquella epocha.»

«Todos os materiaes para apresto dos navios, como ainda succede hoje, eram importados do estrangeiro. A mesma cultura do linho-canhamo, iniciada no Paiz, nos tempos coloniaes, cuja producção se contava para abastecimento da cordoaria installada em Nictheroy, como dependencia do arsenal de Marinha, havia desaparecido por completo.»

Um dos problemas mais importantes a resolver naquella epocha, e que, ainda hoje, volvidos sessenta annos, depois de brilhante e completamente resolvido, preoccupa todas as administrações, era o de abastecimento de guarnição á esquadra.

Logo após a formação da nossa marinha de guerra, a marinhagem era toda contractada. Os desta origem ficaram posteriormente destinados á manobra, creando-se, então, o corpo militar de artilharia de marinha, cujos

claros, pela deficiencia de voluntarios, eram preenchidos pelo recrutamento; e esse processo violento tinha de dar, fatalmente, o resultado que deu e o ministro já citado assim se exprime em 1832, em seu relatório: «O corpo de artilharia de marinha se acha reduzido a 600 praças. Entretanto, o governo não tem julgado conveniente leval-as ao numero fixado na supra citada lei de 31 de agosto, porque o espirito de rebeldia e sedição, manifestado entre os soldados daquelle corpo, é um fóco de infecção, que pegaria o contagio a todos que se lhe reunissem. Quando, pois, se não julgue conveniente desfazel-o e dar-lhe uma outra organização, tenciona o governo, antes de proceder a novo recrutamento, expurgal-o de todos esses individuos, cujo espirito inquieto e de insubordinação tem concurrido para romper os laços da disciplina militar, e fazer da mór parte dos nossos soldados o flagello da sociedade, em vez de defensores, que della deviam ser.»

A bellissima criação das Escolas de Aprendizes Marinheiros, surge, então, vagamente delineada, na solução que, em 1836 e após varias tentativas, se deu áquelle problema.

Effectivamente, a criação das companhias fixas de marinheiros era já um esboço rudimentar daquellas escolas e uma conquista de importancia levada a cabo pelo benemerito Salvador Maciel. Lentamente, foi sendo melhorada e ampliada essa criação, que, a despeito de sua superioridade, encontrou alguma resistencia, conforme nos faz saber o sr. Jaceguay.

E não ficou nesse titulo de benemerencia a obra de Salvador Maciel. Desenvolvendo a sua idéa, creou as Escolas de Aprendizes, brilhante conquista réalmente, tão lamentavelmente pervertida pelas nossas administrações navaes, e nas quaes, espiritos fechados a largos horisontes, impotentes ante a politicagem que distribúe os logares de commandantes dessas Escolas, tidos infelizmente como cargos de descanço e recompensa a afilhados; espiritos mesquinhos vêem, tão só, uma fonte de despeza inutil!

Voltaremos a este assumpto.

Quanto ao quadro de officiaes, no correr mesmo do que vimos escrevendo, já se tem dito algo a respeito.

Continuavam os nossos officiaes a ser fornecidos pela Academia de Marinha. Das poucas obras que a respeito consultámos, nada se apura sobre a refórma do ensino. Apenas, se dedúz que até 1840 funcionou em terra e que poucos annos depois para terra voltou, e dahi só saíu definitivamente quando o sr. visconde de Ouro Preto, ministro da Marinha, entre innumerous outros, prestou tambem esse benefico serviço. E esse illustre estadista, a

proposito dum absurdo projecto apparecido em 1894, no seu livro *Marinha d'outr'ora*, dá-nos a conhecer a opinião de Napoleão I, que s. ex. qualifica de maior genio militar do seculo, a respeito duma escola naval em terra: «Uma escola de marinha em terra seria coisa tão ridicula como uma escola de cavallaria a bordo de um navio.»

Mas, felizmente, a movimentação que tinha por essa epocha a nossa esquadra, quer tomando parte na pacificação de varias provincias, quer na repressão do trafico, suppriam as lacunas que houvesse no ensino da Academia.

Ainda era bem simples a carreira de official d'Armada!

E do livro dos srs. Jaceguay e Vidal de Oliveira, tiramos ainda: «O numero de officiaes de cada uma destas classes foi, por muitos annos, indeterminado, não existindo quadros fixados por lei; e a carunchosa legislação portugueza, applicavel á organização dessa parte do pessoal da marinha de guerra, em relação ao estado militar dos officiaes, isto é, aos seus direitos e deveres para com o Estado, á admissão no serviço, á hierarchia, ás promoções e á discriminação das respectivas funções, só com muita lentidão foi sendo carregada em suas anomalias, lacunas e anachronismos. Quanto á sujeição disciplinar de todo o pessoal d'Armada, não havia para regulal-a um codigo especial, applicando-se-lhe ora o regimento e artigos de guerra provisionalmente postos em vigor na marinha portugueza em fins do seculo passado e principio do nosso, ora o regulamento, igualmente draconiano, das instituições introduzidas no exercito de Portugal, pelo conde de Lippe, no anno de 1763.»

«Anteriormente á promulgação da lei de 1873, (de promoções) a grande margem de arbitrio que tinha o governo em materia de promoções, déra logar a muitos abusos, dos quaes o maior foi o de ter-se recebido desmedidamente, durante alguns annos, o numero de officiaes superiores, reclamados pelas necessidades de serviço, para o que o poder Legislativo só encontrou correctivo suspendendo temporariamente ao Executixo a faculdade de promover aos postos superiores; extremos que redundaram em prejuizo da maioria dos membros da corporação da Armada.»

Começou a surgir por essa epocha, com a adopção do novo motor, a classe dos machinistas. Como? Bazeada em que? Com que orientação? Nada foi pensado. Contractavam-se os machinistas segundo as necessidades; não se estabeleceu um plano para desenvolvimento do quadro, não se procurou estabelecer uma escola para machinistas. Nada!

Assim, temos passado em revista o que fizeram pela Marinha os gabinetes do Imperio, desde 1828 até 1850.

O material fluctuante, diminuindo e deteriorando-se em geral; os primeiros navios a vapor, entrando em serviço, ainda mal recebidos, e empregados antes como correios e vigias da costa, do que como navios de guerra e sem que se preparasse o pessoal para elles.

Os arsenaes em decadencia, abandonados, inactivos; uma fragata, consumindo mais de 20 annos, para sua construcção, *Tamandaré* do primeiro Imperio, — parto laborioso cuja gestação foi no primeiro reinado, vindo dar-se a concepção no segundo, como aquelle cruzador, gerado no segundo imperio e dado á luz na Republica. Officinas paralyzadas por falta de madeiras, por falta de linho-canhamo, arsenaes que «longe estavam de poder attender ás necessidades do serviço, mesmo em epochas normaes.»

O quadro de officiaes da Armada, descurado, sujeito ao arbitrio e á injustiça; sua escola em terra, com programma á moda colonial e o complemento da sua instrucção confiado ao accidental: repressão de trafico e correspondencia do governo.

A classe dos machinistas, como tudo na Armada, creada pela urgencia das circumstancias, sem orientação.

E no meio de toda essa ineptia, de toda essa inutilidade, de toda essa rotina, só grande, só elevada, a criação de Salvador Maciel, indicando o unico meio de se obter o marinheiro, não o marinheiro como queria a sua geração, bruto, boçal, escravo, mas o marinheiro de ahi a sessenta annos — de hoje — polido, auxiliar do superior, feito pelo exemplo, pelo raciocinio, e não pelo açoite, não pela grillheta.

Mas, para que tanta clarividencia! A sua criação é realidade, e o marinheiro é o mesmo.

Cincoenta annos mais tarde, veremos, dava-se o mesmo: — arsenaes parados, material deteriorado, officiaes sujeitos á politicagem e ao despeito dos chefes; a classe de machinas abandonada e um ministro muitissimo sensato e muitissimo intelligente mandando construir navios modernos! — quem os guarnecerá? quem os commandará? — e desejando matar a criação de Salvador Maciel.

Como são semelhantes duas epochas, distantes de meio seculo de progressos na arte naval!!

(Continúa)

TONELERO.

(1) A. Jacegnay e O. Freitas. *Ensaio sobre a guerra e desenvolvimento da marinha brasileira.*

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas do 1.º trimestre de 1904 e do 1.º semestre de 1905.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Os trabalhos de Loeb sobre os ovos não fecundados de estrellas do mar immersos num tanque d'agua salgada.*

O sr. Jean Finot, na *Philosophia da Longevidade*, mencionou os ensaios de criação artificial nos Estados Unidos da America e o proseguimento dos trabalhos, nesse sentido, pelo professor Loeb, da Universidade de Colombia, sobre os ovos não fecundados de estrellas do mar immersos num tanque d'agua salgada, com um pouco de chlorureto de magnesia.

Graças á endosmose e ao elemento chimico introduzido n'agua do mar, os ovos, assim tratados, produziram células vivas que, desenvolvendo-se no laboratorio, se tornaram blastodermas verdadeiros e muito vivos.

Essas experiencias de Loeb provocaram, desde o inicio, numerosas controversias, e muitos criticos lhe duvidaram da sinceridade. Elle, porém, não desanimou com esses ataques; continuou os estudos, as investigações, cujos resultados acaba de publicar no *Boletim* da Universidade da California. Os seus ultimos trabalhos tiveram por objecto formar, nos ovos das estrellas do mar, a membrana da mesma maneira que ella se fórma na vida real. Na fecundação natural, essa membrana se constitúe, immediatamente, depois da entrada do espermatozoide. Loeb trata os ovos das *estrellas*, não fecundados, com uma solução de acido gordo acetico propionico, butyrico ou valerianico, adicionado com 50 % d'agua do mar. Os ovos ficam immersos nessa solução pouco tempo — meio minuto a um minuto e meio. Quando são removidos, depois, para a agua do mar, já contéem a membrana, que não se póde distinguir da produzida pela fecundação natural.

Esses ovos ficam, depois, n'agua do mar normal durante cinco e dez minutos, voltando a uma nova solução pelo espaço de vinte a cinquenta minutos. Quando são retirados para voltarem de novo á agua salgada normal, a formação dos micromeros se opera como nos ovos normalmente fecundados e nas mesmas condições de segmentação e de desenvolvimento.

O blastoderma se fórma, nos ovos de Loeb, tão depressa quanto nos ovos fecundados naturalmente e começa a nadar, a subir á superficie de maneira egualmente rapida.

Quando as larvas, assim obtidas por Loeb, apparecem na superficie e são colhidas num vidro de relógio, é muito difficil distinguil-as das provenientes do processo da fecundação natural, que elle julga ter reproduzido artificialmente.

*Novo block-system. — A função automática do aparelho. — A garantia que offerece contra desastres.*

No Estado norte americano Indiana, acaba de ser experimentado, com resultados satisfactorios, um novo *block-system*, differente dos até agóra empregados em ser absolutamente automática a função do aparelho, e cada conductor é avisado, durante a marcha, do afastamento ou da aproximação do outro trem.

A linha é repartida em secções como no systema inglez, mas comprehende dois trilhos supplementares, collocados entre as linhas que servem ao trem, ligados electricamente de maneira a estabelecer um circuito que acciona o aparelho adaptado a cada um dos trens em movimento sobre a mesma linha. O quadrante do aparelho informa ao conductor: desde que o trem entra numa secção bloqueada, elle é avisado, não só pelos signaes do quadrante como pela campainha telephonica. Ao mesmo tempo, o chefe das estações intermediarias sabem onde se acha, exactamente, cada trem em percurso, e pódem manobrar os semaphoros dos seus respectivos postos.

O novo systema é muito simples e de incontestaveis vantagens, como garantia de perfeita segurança contra desastres.

\*  
\* \*

O dr. Ostovalt preconisa o tratamento das nevralgias faciaes rebeldes, pelo seguinte methodo: injecções profundas de alcool cacaínado, ou stovaina, dirigidas sobre os principaes ramos do trigemeo. Essas injecções são tambem efficazes em outras nevralgias, como a do sciatico, do cubital, do plexo cervical.

\*  
\* \*

*O radium e o virus rabico. — A prova do dr. Tizzoni. — Uma emulsão de medula rabica á acção de um sal de radium.*

O radium exerce uma acção destruidora sobre os tecidos organizados e uma influencia que modifica certos microbios. Tizzoni, professor de pathologia, em Bolonha, demonstrou que o radium destróe absolutamente o virus rabico.

Na primeira série de experiencias, submetteram á acção de um sal de radium uma emulsão esterilizada, a 1 % de medula rabica, em um pequeno tubo, ao passo que outro tubo contendo emulsão semelhante ficou ao ar livre, sendo inoculados coelhos nos olhos, sob a duramater com o conteúdo do tubo submettido ás radiações: esses animaes ficaram indemnes de qualquer modificação morbida, mas os que fôram inoculados com a emulsão do tubo, testemunha succumbiram

de raiva paralytica, sobrevindo a morte no setimo ou no oitavo dia.

Si fôsse de curta duração, a acção do radium, uma hora apenas, sobre o virus rabico, os coelhos inoculados succumbiriam, mas muito mais tarde que os animaes empregados na experiencia, como testemunhas, sem os symptomas da fórma paralytica, sofrendo rapido emagrecimento, terminando em verdadeiro marasmo.

Em outra série de experiencias, coelhos inoculados com o virus rabico, fôram submettidos á acção do radium, dirigida aos olhos, sendo, na mesma occasião, inoculados para a comparação outros coelhos. As sessões eram quotidianas e duravam uma hora. Quando o tratamento radiotherapico, feito durante oito dias successivos, coincidia com o momento da inoculação, os animaes apresentavam, apenas, ligeiro enfraquecimento dos membros posteriores; ao passo que os outros e as testemunhas succumbiam de raiva paralytica, aquelles se restabeleciam completamente. Começado, porém, vinte e quatro horas depois da inoculação, o tratamento era impotente para evitar a explosão da molestia.

Essas experiencias são curiosas e importantes, porque demonstram, em primeiro lugar, aquillo que é sabido; isto é, que é urgente vaccinar o mordido o mais depressa possivel, uma vez que, vinte e quatro horas depois da inoculação, o radium não tem acção sobre o virus; em segundo lugar, parece provarem que a exposição do animal ao radium, immediatamente depois da dentada, póde salvá-lo, empregando o tratamento durante oito dias pelo menos. Nestes factos, seria possivel encontrar o germen de uma nova vaccinação anti-rabica pelo radium.

Dada a gravidade da molestia, seria para desejar que proseguissem as pesquisas naquelle sentido para obter resultados mais completos, mais definitivos.

---

## OS ESTADISTAS DO PRIMEIRO REINADO

### I

A Historia, desde 1821 até 1831, assignala uma série de successos importantes no Brazil.

O soberano representante da monarchia tradicional vê-se obrigado, pela revolução politica do liberalismo triumphante, a deixar a colonia e regressar á metropole. Singular destino desse monarcha!

A invasão estrangeira, em 1807, o expelliu da metropole para a colonia e a revolução interna o expelle da colonia para a metropole, em 1821. Eis ali a Odysséa de d. João VI, errante, perturbado, afflictivo e sem repouzo.



Nessa decada, realisam-se notaveis acontecimentos tanto no Brazil quanto em Portugal, onde se tenta estabelecer o governo constitucional, cercando o poder absoluto da monarchia, instituindo-se os apparelhos do mecanismo do regimen da liberdade moderna.

No Brazil, inicia-se e realisa-se a obra da independencia nacional; funda-se o Imperio; reune-se e dissolve-se, pela violencia da força, a Assembléa Constituinte (1823); continuam as praxes do systema do absolutismo, contra as quaes apparece, como estrondoso protesto, a revolução pernambucana, que obriga d. Pedro I a promulgar a Constituição de 25 de março e a convocar a primeira Assembléa Legislativa, que funcionou em 1826. Este congresso obistou, algumas vezes, que o imperante transpuzesse os limites traçados pela lei suprema e, a despeito desses patrioticos esforços, d. Pedro organisou o ministerio de 5 de abril, que apressou o desenlace do drama.

A decada foi fertil de acontecimentos e nelles figuraram individualidades de diversos meritos; uns, méros patriotas; outros, subservientes e instrumentos nas mãos possantes do principe; bem poucos, dotados de talentos, de sciencia e de capacidade de estadistas.

Aquelle periodo da vida nacional encerra fecundas lições; porém, não tem sido estudado com o criterio que exige a philosophia, sem o qual a historia não passa duma alluvião de datas, de factos e nomes, trabalho que pôde sobrecarregar a memoria, mas evidentemente improficuo.

O estudo dos factos e dos personagens desse periodo, tem difficuldades. Ora, compulsar documentos, interpretar os sentimentos, os instinctos; apurar, com exactidão, as aspirações, as idéas, as illusões e os erros, que pretendiam predominar, é hoje um labor arduo, que bem raros ouzam emprender, até porque lhes faltariam os materiaes necessarios. A geração que praticou os factos, que viveu naquella decada, já, quasi toda, desapareceu da scena e não deixou testemunho, que possa guiar-nos. Assim que nos actos publicos e documentos officiaes, nos Annaes do Parlamento, nos jornaes e escriptos, poderemos ensaiar um estudo, mais ou menos verosimil, daquella phase, por assim dizer, primitiva da vida do povo brasileiro, que ainda se envolve em véos duvidosos e fascinantes das lendas. Seria, pois, indispensavel fazer um consciencioso e paciente inquerito para tentar a evocação desse passado ainda recente. Os homens do primeiro reinado não quizeram, ou não souberam adoptar os uzos dos estadistas dos paizes cultos, por exemplo, da Inglaterra, ou da

França, onde as memorias, os diarios, as correspondencias, os papeis abundam como fontes, ou documentos, esclarecendo e explicando os acontecimentos.

Aqui se lêem *Memorials and correspondence of Charles Fox, editet by lord John Russel*; allí avultam *Buckingham's Papiers*; acolá vemos *lord Malme's Cury's Diaires*. Não ha carencia de documentos, como succede entre nós. Os factos e os homens apparecem em taes papeis no character e na postura em que luctaram no parlamento, ou trabalharam na administração e no governo do Estado.

Mas, entre nós, faltam aquelles materiaes porque os actores que tomaram parte no drama que representaram, não nol-os deixavam; por essa deficiencia, o inquerito muito difficil se nos afigura; talvez seria possivel estudar cada um dos estadistas de d. Pedro I nos discursos, que os Annaes do Parlamento conservaram. Ora, si alguém emprehendesse tal tarefa, poderia seguir o exemplo dum escriptor francez, que gozou de ruidosa nomeada, escrevendo um volume, no qual desfillam grandes e pequenas individualidades, que a fama exaltava, ou deprimia durante as evoluções politicas, ou litterarias, do seculo XIX.

Charles Monselet destinou o seu volume á recordação dos nomes e dos feitos de taes personagens, muitos dos quaes fizeram o esplendor, ou a honra do seculo em que viveram. O volume, por assim dizer, é uma galeria, onde se collocam, ao lado uns dos outros, os bustos de F. Arago e de Armand Carrel; de Royer Collard e do duque Pasquier; de Julio Favre e de Lamartine; de Alfredo de Musset e Gustavo Flaubert; de Benjamin Constant e de madame de Recamier; de Victor Hugo e de Laménais; de Alexandre Dumas e de Edgar Quinet; de Duvergier d'Hauvanne e do conde de Falloux; de Ernesto Renan e de Sainte Beuve e de outros applaudidos, exaltados, ou amesquinhadados pela critica implacavel, ou benevola; mas todos já conhecidos.

Nesse volume, Charles Monselet, apenas se limita a formar, em largos traços, o busto de cada um. Não quiz examinar longa e analyticamente as obras que compuzeram, as concepções, nas quaes revelaram as opulencias do genio. O seu proposito parece bem simples — o de não deixar no olvido alguns nomes, que a *moda* do momento atirou, entre os clarões da publicidade, aos subitos enthusiasmos das admirações irreflectidas e, quando ephemera, lá se foi e passou, tambem arrastou-os comsigo e os embebeu na obscuridade: ou de fixar a attenção das gerações novas, esclarecendo-as, suggerindo-lhes os elementos indispensaveis para julgal-os com justiça.

Esse trabalho, á primeira vista, se

nos afigura de pouca importancia; mas a reflexão nos mostra que tem utilidade. Entre nós, por exemplo, si fôsse feito, não manteriamos superstições a respeito de alguns homens, que a lenda transformou, a uns, em heróes; a outros, em patriarchas, ou semi-deuses, deturpando a verdade historica.

E' fóra de duvida que o erro prevalece, porque as gerações que se succedem ou não conhecem as passadas, ou as desprezam. Não deixam de ter alguma razão. Em verdade, é labor insuportavel e repulsivo ~~manusear~~ Annaes do Parlamento, collecção de leis e de actos administrativos, jornaes, e recolher as varias versões da tradição para recompor o passado, quando não ha documentos positivos e comprobatorios.

Não notaram, em França, que, decorridos os primeiros annos da effervescencia do romantismo, o nome de Lamartine já não accendia o enthusiasmo doutr'ora? Não se reproduziu o mesmo caso logo depois dos revolvimentos sociaes da crise de 1848, em que, orador politico, elle exerceu incontestavel dictadura intellectual?

Essa obliteração da memoria é um phenomeno das novas gerações. Ellas, como o homem e a sociedade, tambem téem sua psychologia. As passadas viveram a seu modo; as novas, por sua vez, pretendem proceder da mesma sorte; apparecem com instinctos e sentimentos, idéas e aspirações, necessidades, gostos e tristezas differentes. As novas gerações, olhos fitos em longinquos horisontes do porvir, criam seus idéaes, querem ter a direcção dos proprios destinos, muitas vezes rompendo com a experiencia do passado, aventurando-se a todas as incertezas e lançando-se, temerarias, nas luctas vertiginosas e nos perigos da liberdade moderna.

E' assim que se notam, nas evoluções, quer litterarias, quer politicas, ou sociaes do seculo XIX, em cada periodo, despontar uma idéa, que predomina ora o socialismo, ora o principio das nacionalidades; o das fronteiras naturaes, a intervenção humanitaria, a não intervenção de rigoroso direito resultante do principio da soberania, a predominancia dos interesses positivos, das conveniencias sociaes, o fanatismo pelas idéas republicanas, ou as superstições pelas crenças monarchicas absolutas ou constitucionaes. Por outro lado, no terreno puramente litterario e scientifico, surgem escolas contrarias umas ás outras; o classicismo, romantismo, realismo, naturalismo, néoplatonismo, ecletismo, transcendentalismo, materialismo, positivismo, etc, que os cultores das letras e sciencias de sobejo conhecem, acceitam ou repellem.

Essa multiplicidade de escolas e de idéas prova a variedade das aspira-

ções, do pensar e sentir de cada geração.

De feito, os gostos da epocha anterior evidentemente não são os da quadra seguinte; cada tempo traz signaes caracteristicos, que não se confundem.

A ultima geração do grande seculo, como que cansada e fatigada, (*non saciata recedit*) na phrase do satyrico vate romano, perdeu os proprios idéaes e legou ao novo seculo a tarefa ou a gloria de abrir outros horisontes ao pensamento humano.

Que virá? Qual será a *bôa nova*?

Entre todas as creações do espirito, a eloquencia, passando através das instituições do regimen puramente administrativo, regimen por demais caro aos potentados que governam, visto como é um excellente instrumento em mãos dos governos absolutos ou despoticos, quer sejam da fôrma republicana, quer da monarchica, a eloquencia deixou de guiar as multidões, sobre as quaes imperava, soberana e omnipotente, de accordo com a imprensa, como constante auxiliar.

Tal qual observamos nas evoluções da litteratura, dessa litteratura que se pôde denominar a copiosa manifestação dos sentimentos e das idéas duma sociedade sob todas as relações e pontos de vista dos actos e do saber humano, — ha um conflicto quasi geral, um embate permanente, que se denunciam nas flammejantes estrophes dos poetas, ou nas scenas deliriosas de dramas, de romances corruptores, em cujas paginas o incesto, a prostituição, a infamia são preconizados, justificados, até engrandecidos... e expostos, como proficua lição, á contemplação absorta da mocidade inexperiente.

Toda essa transformação social influuiu efficazmente na vida do seculo, com maior ou menor intensidade, segundo as circumstancias determinavam. Tudo isso fôrma um vasto quadro, onde se avolumam e vultam o movimento da civilização moderna e os males, conjunctamente com os bens, resultantes dellas.

Charles Monselet, perito na arte de colorir, aquecendo as tintas, pinta do vivo esse movimento, espargindo seductora attracção, evocando as figuras desaparecidas; repondo-as no scenario, onde viveram e passaram, desaparecendo para sempre.

A litteratura franceza acolheu o volume com viva solicitude.

Os grandes pensadores recompensaram a obra do escriptor com sincero e caloroso applauso, porque reconheceram que esta evocação do passado é a demonstração do valor dos que nos precederam no serviço em bem do paiz. E' renovar, na memoria das gerações presentes, o respeito das extinctas. E' lembrar que o povo que

ignora a sua historia não se differença do homem que não conhece a familia onde nascera.

Ora, si entre nós, alguém tivesse o desejo e a paciencia de tentar trabalho do mesmo genero, em qualquer dos campos das sciencias e lettras, ou da politica e do governo do Estado — quem o leria?

Uns, meneando a cabeça sizuda e gravemente, dirão: — objectos de archeologia; guardem-n'os nos armarios dos muzeus.

Outros, com sorriso escarninho, perguntarão — mas que temos nós, os viventes deste tempo, com a vida daquelles que nos antecederam? Não lhes perturbemos o repouso e a paz na immobilidade do sepulchro. Certo, que nos importa, a nós, saber de que sorte viveram, pensaram e laboraram as gerações das éras idas? Cada geração tem seu modo de viver de conformidade com as necessidades de sua epocha: novos factos criam outras normas e deveres, direitos e relações diversas. Que temos com os soffrimentos que as affligiram, victimadas como estavam a violencias de governos irresponsaveis, absolutos e tyrannicos? Porque toleraram taes governos?

Si ellas fôram, porém, heroicas; si ouzaram, impavidas, travar tremendas luctas em pró da liberdade moderna — civil e politica — e si conseguiram fundar no Brazil o governo parlamentar e livre, governo da razão, do direito, pôdem, ufanas de gloria, repouzar com a consciencia tranquillada por haverem desempenhado a missão que lhes havia reservado o destino.

Nós — as gerações do presente — não invocamos as do porvir, nem ellas pôdem vir em nosso auxilio, evidentemente porque não existem.

Quanto a nós, cumpriremos os nossos deveres, como pudermos e faremos muito, visto como nos falta a coragem de defender os nossos direitos, quando comprimidos, ou usurpados por qualquer poder arbitrario.

Assim, de que fôrma nos occuparemos de interesses que já passaram e dos quaes apenas existe menção na historia? Podemos abrir mão da herança do passado — onehada e inutil: sobejam-nos infortunios. A experiencia e o soffrimento ensinaram-nos a conveniencia da pratica de maxima prudencia e das hypocrisias de virtudes civicas.

Temos ainda motivos para cuidar sómente da actualidade, abandonando o passado, porque o legado que nos deixou tem sido muito pezado.

Em verdade, que nos transmittiram José Bonifacio, que nos transmittiram José Bonifacio, *patriarcha da Independencia* e os outros estadistas do primeiro reinado? Em que nos pôdem aproveitar os exemplos da politica e

do governo, que praticaram? Tiveram elles o patriotismo de assentar sobre bases seguras as instituições que estabeleceram? Onde a sabedoria dos seus actos? Porque nos preconisais os feitos dos homens de 1821 a 1831? Porque nos quereis impor a admiração dos estadistas do defensor perpetuo do Brazil? Quanto ao porvir, nada temos a esperar nem lhe devemos legar coisa alguma. As gerações nascem, vivem e passam, cada uma por sua vez; cumpre-lhes cuidar dos seus destinos sem dependencia da herança do passado e sem esperança no futuro.

E' deste modo que, em seu egoismo, pensam e fallam os homens que constituem as gerações novas. Pouco lhes importa o passado, do qual aproveitam, como lhes convém, e recusam aquillo que lhes contraria os instinctos e lhes empecem as aspirações.

Em tal meio social, como examinar o que fôram os estadistas do passado, perante a geração que até não cuida nem se interessa pelo presente?

O livro de Monselet seria, *in limine*, regeitado, ou passaria coberto de geral e completa indifferença. A propria critica, sempre voraz, perderia o appetite. Em França, porém, despertou a attenção publica, promoveu mais dum estudo, conscienciosos inqueritos acerca de varios factos da historia; evocou as imagens esquecidas e abandonadas dos fundadores da unidade nacional, dos principaes creadores da centralisação administrativa.

A gloria dessa especie de renascimento não cabe exclusivamente ao livro de Monselet. O impulso é anterior á sua publicação, que apenas verificou a necessidade que os espiritos experimentavam de conhecer e de esclarecer as origens historicas do organismo nacional.

Já corriam publicadas, na litteratura franceza, as obras importantes de Remusat, do conde L. de Carné, de Tocqueville, de Odillon Barrot, sobre a centralisação, do barão de Barante e outros.

Então, as proprias gerações novas compenetraram-se da verdade contida nesta phrase do philosopho grego — *vivemos todos dos mortos*. O presente vive do passado, não ha negal-o. As gerações novas ligavam nimio apreço aos inqueritos historicos; quizeram saber quanto deviam ás precedentes, que preparavam os fecundos elementos da prosperidade e da grandeza do paiz.

Entre nós, porém, as gerações novas assemelham-se á imagem do tempo; não estacam, immoveis. Ao contrario, marcham rapidas, anciosas de attingir o termo da viagem. Ellas perguntam e respondem com soffreguidão, e talvez colericas: — como parar para

ver o inicio e desenvolvimento do drama que representaram os estadistas de d. Pedro I?

Cuidemos de outras preoccupações que nos affligem.

EUNAPIO DEIRÓ.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### QUADRAS SIMPLES

A lua vinha escutar-te,  
Queria esconder-te o sol;  
Apaixonado, o arrebol  
Buscava-te em toda parte.

As vagas crespas do mar  
Ao pé de ti arrulhavam,  
E a tua sombra, ao passar,  
Ayidamente aspiravam.

A estrella d'alva, distante,  
Pelos espaços azues,  
Prendia um raio de luz  
A' tua trança odorante.

Ah! tu me trazias, flôr,  
Num suspiro ou num queixume  
Um pouco desse fulgor  
Num pouco desse perfume.

E, fitando o astro tristonho  
Que a nuvem desfaz, além...  
Perguntaste-me se o souho  
E' como a nuvem tambem...

Ave que o vento collheu,  
Onde fizeste o teu ninho?  
Em que ramo, passarinho,  
O infortunio te acolheu?

A sorte que te desterra  
A mim tambem desterrou,  
O presidio que te encerra  
Não sabe o mal que causou.

Eras a rosa em botão,  
Eras a gotta de orvalho,  
Que procurava agasalho  
Dentro do meu coração.

«Vôa!», dizia-te a lua  
Saíndo do seu docel,  
«Assim mesmo quasi núa  
Nas azas do meu corcel!»

Eras a lua a cantar  
Sobre rochedos sem fim,  
Como Hero a pedir por mim,  
A's frias ondas do mar.

Sóbe, não queiras que o vento  
Te esmague o calice ahí;  
Sóbe mais, que o firmamento  
Quer estar perto de ti.

Não sabe o mundo tambem  
Como me peza este lenho;  
Se te fallar ainda venho  
E' só por te querer bem.

Deus te quiz a outro ligada.  
A mim ligado a outra quiz;  
A ti te fez desgraçada,  
A mim me fez infeliz.

P'ra qualquer parte onde vá  
A alma febril do meu canto,  
Rios e rios de pranto  
O céu sómente lhe dá.

O silencio me acompanha,  
A desgraça me condúz,  
E caio aos pés da montanha  
Ao pezo da minha cruz.

Perguntam todos quem és,  
Que sentença estou cumprindo,  
Para que viva carpindo  
E passe a vida a teus pés.

Não julgam peitos humanos  
Que se ame e se soffra assim  
E que durante doze annos  
Tenhas vivido sem mim.

Pensam que minto, talvez,  
Que estou faltando á verdade;  
Não ha no mundo saudade  
Que mate só de uma vez.

Sorte, como a minha sorte  
Inda se não viu equal:  
Receio que a propria morte  
Aggrave e não cure o mal.

Destas chammas infernaes  
Nasceram as minhas dôres...  
Ah! ferem mais que os das flôres  
Os espinhos de meus ais!

De um crime, que desconheço,  
A pena estou a soffrer;  
Ha muitos annos padeço,  
Não posso mais padecer.

LUIZ MURAT.

\* \* \*

### HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

Para portuguezes, o mar tem attractivos especiaes. Para nós, elle é o caminho das conquistas, dos descobrimentos, da poesia, da inspiração artistica, da gloria nacional.

A nossa bella architectura manuelina, as capellas imperfeitas na Batalha e os Jeronymos téem, na escolhia dos ornatos predilectos, na repetição de certos pormenores, o profundo cunho maritimo; vê-se a miudo a preoccupação do embarcadiço; acha-se a cada passo a revelação do marinheiro.

O nosso mais bello livro de versos é um poema maritimo, os *Lusiadas*.

A mais extraordinaria obra, que em Portugal se tem escripto em prosa, é a *Historia tragico-maritima*, uma relação de naufragios.

Em nenhuma outra litteratura collheço livro que se compare com este. A *Historia tragico-maritima* é a narração de celebres catastrophes, copiada litteralmente da noticia oral; repetida muitas vezes por uma testemunha presencial do caso referido. Nunca o talento dramatico produziu rasgos mais commoventes, effeitos mais profundamente tocantes; nunca a tragedia achou notas mais sentidamente elegiacas; nunca a arte descriptiva tornou mais palpitante e viva a acção narrada; nunca, finalmente, a sciencia da linguagem e o poder do estylo acharam para um assumpto fórmas mais adequadas, toques mais profundos, simplicidade mais real, mais pit-

toresca, mais suggestiva, mais completamente e mais cabalmente artistica. Não fazem melhor os maiores mestres, Eschylo, Shakespear, Carlyle.

Na historia do naufragio do galeão grande *S. João*, o desastre de Manoel de Souza de Sepulveda, a morte de sua mulher e de seus fillos, que elle enterra por suas proprias mãos, constitúe uma pagina primorosa e inexcidível. Roubados, insultados, despidos pelos cafres, Manoel de Souza com a sua familia despedem-se dos seus companheiros de infortunio, dos naufragos do galeão grande, que Manoel de Souza commandava. Os marinheiros proseguem, chorando de saudade e de lastima, a sua viagem dolorosa no sertão. Manoel de Souza fica, aparentemente, indifferente, nú, com uma compressa molhada na cabeça, a procurar conter o juizo que lhe foge.

«Depois que André Vaz se apartou de Manoel de Souza e sua mulher, ficou com elle Duarte Fernandes, contra-mestre do galeão, e algumas escravas, das quaes se salvaram trez, que vieram a Gôa, e contaram como viram morrer d. Leonor. Manoel de Souza, ainda que estava maltratado do miolo, não lhe esquecia a necessidade que sua mulher e fillos passavam de comer, e, sendo ainda manco duma ferida que os cafres lhe deram em uma perna, assim maltratado, se foi ao matto buscar fructas para lhes dar de comer. Quando tornou, achou d. Leonor muito fraca, assim de fome como de chorar, que, depois que os cafres a despiram, nunca mais dalli se ergueu nem deixou de chorar, e achou um dos meninos morto, que por sua mão enterrou na areia. Ao outro dia, tornou Manoel de Souza ao matto a buscar alguma fructa, e quando voltou achou d. Leonor fallecida e outro menino. E sobre ella estavam chorando cinco escravas com grandissimos gritos. Dizem que elle não fez mais, quando a viu fallecida, que apartar as escravas dalli e assentar-se perto della, com o rosto posto sobre uma mão, por espaço de meia hora, sem chorar nem dizer coisa alguma, estando assim com os olhos postos nella. E no menino fez pouca conta. E acabado este espaço se ergueu, e começou a fazer uma cóva na areia com ajuda das escravas, e, sempre

sem se falar palavra, a enterrou, e o filho com ella. E acabado isto tornou a tomar o camiinho que fazia quando ía a buscar as fructas, sem dizer nada ás escravas, e se metteu pelo matto, e nunca mais o viram.»

Nada mais simples, mais sublime, mais palpitantemente dramatico, mais fundamentalmente tragico. Em todas estas narrativas, nem uma só observação psychologica. Tudo é objectivo, exterior, como nos mais modernos processos de estylo tão meditados, tão perfectos, tão scientificos, da escola de Flaubert. A impressão de quem lê é lancinante e profunda. Como não temos de desviar-nos com o auctor pelas divagações criticas da analyse dos sentimentos, o facto, em toda a sua humana inteireza, apodera-se de todo o nosso espirito, e a commoção penetra-nos até á consternação e até ás lagrimas.

Este admiravel livro, unico na litteratura portugueza, feito inconscientemente por aquelles que o trasladaram da versão popular, foi o mar, o grande mestre, que o inspirou á poetica alma aventureira dos navegadores portuguezes.

Camões, tendo encontrado em Moçambique um dos marinheiros sobreviventes ao naufragio do galeão de Sepulveda e ás aventuras subsequentes, houve delle a historia do desastre, e põe-a na bocca do Adamastor, quando este profere as delicadas e saudosas estrophes, que principiam:

Outro tambem virá de hourada fama,  
Liberal, cavalleiro e namorado...

RAMALHO ORTIGÃO.

\* \* \*

#### NUM CORPO DE ALUGAR

A convite do lente, contrafeito,  
Rasguei-a com a ponta do escalpello  
E não vi coração dentro do peito.

FONTOURA XAVIER.

Olhei p'ra a morta. A minha vista attenta  
cravou-se nesse busto de mulher.  
Lívida a palpebra caía lenta  
sobre a vitrea pupilla já sem ver.

Olhei p'ra a morta. A bocca macilenta  
já não vendia beijos de prazer;  
despojo que ficará da tormenta,  
uma fenda na carne a apodrecer.

E áquelle corpo, todo polluido,  
alcoólico, esquelético e devasso,  
num impeto arranquei o coração.

Era grande e sangrava inda aquecido;  
fôra, na Vida, inerte espelho d' aço,  
mas só elle, na Morte, estava são.

HENRIQUE ROSA.

(Lisbôa)

#### QUATRO EDADES DA NAÇÃO PORTUGUEZA

Reflectamos nos derradeiros momentos de quatro famosos capitães portuguezes, que viveram em diversas epochas. Nessas quatro horas de agonia, me parece ver um symbolo do periodo que abrange a virilidade, idade grave, velhice e decrepidez da nação portugueza. Este symbolo resume, se não me engano, a historia da transformação moral desse periodo.

Em 1449, o conde de Abranches, Alvaro Vaz de Almada, expira em Alfarrobeira, rodeado de cadaveres e cansado de derribar seus contrarios, defendendo a honra e innocencia do grande infante d. Pedro; porque, cavalleiro, cria na virtude doutro cavalleiro, do seu amigo, a quem antes da batalha, cujo exito de antemão ambos sabiam, jurára sobre a hostia consagrada não sobreviver.

Em 1515, Affonso de Albuquerque, o maior capitão do mundo afóra Cezar e Bonaparte, depois de estampar as quinas como em signal de servidão na frente da Asia, e de obter dos infieis o nome de leão dos mares, morre de desgosto por ver turbada contra si a face do monarcha; morre, crendo que um enredo mesquinho de cortezãos pôde offuscar a sua gloria, que alumia a terra; morre, porque se desconhecem seus serviços.

Em 1548, d. João de Castro acaba jurando que não roubára um cruzado á fazenda publica, nem acceitára uma só peita para torcer a justiça. Era necessario o juramento do moribundo para que passasse pura á posteridade a memoria dum homem honesto.

Em 1597, d. João Mascarenhas, coberto de cãs e farto de recompensas, calca aos pés a corôa de louros que obtivera em Diu, e, como o mais vil usurario, estende da borda do sepulchro a mão descarnada para receber de Castella o preço, por que vendera a patria; e expira, se não cheio de remorsos, ao menos rico de ouro e ignominia.

Em 1580, a independencia de Portugal não existia: e o Diabo do Meiodia, por me servir da frisante denominação dada por Sixto V a Philippe II, reinava em todas as Hespanhas.

As differentes circumstancias, companheiras da hora extrema de quatro homens eminentes, dessa hora em que

o espirito se mostra nú aos olhos da posteridade, revelam o seu estado moral e as suas convicções, e nelle e nellas o estado moral e as convicções da geração a que pertenceram. No primeiro, ha uma individualidade vigorosa, que tem fé na propria virtude e no testemunho da consciencia. No segundo, ha ainda a virtude, mas não ha a consciencia della; substituiu-a o juizo do monarcha: a gloria crê precisar da confirmação dos cortezãos; crê precisar dum diploma, que a legalise. No terceiro, ha tambem virtude, mas já como que duvidosa de si; a individualidade desapareceu completamente; o homem nobre e virtuoso crê que o seu nome se ha de submergir na corrupção geral que o cerca, e ergueu-se no seu leito de agonia para bradar aos vindouros: «juro-vos que fui honesto.» No quarto, enfim, a gloria prostitúe-se á traição; a nacionalidade é levada ao mercado das ambições de estrangeiros; um homem illustre cospe na face da patria, expira contando os saccos de ouro que lhe valeu sua perfidia, e a nação dissolve-se como um cadaver gangrenado.

ALEXANDRE HERCULANO.

#### A entrevista dos imperadores

A partida inesperada do czar para Kronstadt e o seu cruzeiro nas agnas do Baltico com o *Hohenzollern* excitou a curiosidade de toda a Europa, ao mesmo tempo que dava ensejo aos mais descontraídos commentarios.

Para alguns, a entrevista dos dois imperadores nenhuma importancia pratica poderia traduzir, pelo simples facto de não os acompanharem ministros de Estado, nomeadamente os serventurarios dos negocios estrangeiros; para outros, o sigillo do encontro e o modo mysterioso por que fôra preparada a confabulação, importavam em um conchavo de alcance transcendental. E' de presumir, porém, que a verdade se mantinha em posição média a esses dois extremos, sendo absolutamente absurda a hypothese que attribuiu alcance anodino á conferencia realisada entre os dois mais poderosos dynastas do Globo. O facto de acompanhar ao czar o heroico commandante do cruzador *Novik* demonstra um dos temas certamente discutidos pelos dois soberanos: o poder naval dos japonezes e a sua technica em combate; mas a evocação de tal assumpto illustraria talvez o resto da

conferencia, dando ensejo a considerações que o tempo se encarregará de refutar ou confirmar.

Com o espirito de decisão que constitúe uma de suas mais notaveis características, não deixou com certeza escapar Guillerme II a occasião que se lhe offercia de amolgar a cera maleavel a que se redúz a vontade do imperador Nicoláu; o seu ascendente dominador e tyrannico deve ter-se exercido sem receio de contradicta. Tenaz na prosecução de seus planos, não desdenha o kaiser nenhum effeito, não recusa adjutorio, por pequeno ou insignificante que seja, capaz de lhe proporcionar vantagens na lucta grandiosa que encetou para fazer do seu imperio a potencia dominadora da Europa e, quiçá, do mundo.

Desejoso de combater, de vez, a rival commercial, unico obstaculo que lhe resta destruir para o triumpho final, procura Guillerme II confederar todos os estados europeus do continente contra os anglo-saxões e principalmente contra a Grã-Bretanha, dominadora dos mares. Um impedimento, entretanto, existia, a Dupla Alliança, por força do qual o equilibrio tão cubicado por todos os povos ia se mantendo, ainda que penosamente. A guerra russo-japoneza rompeu-o, e a série de desastres em que tão provadas ficaram as armas russas, veio provocar novas combinações, novos agrupamentos, isto é o campo aberto para as surpresas politicas. A occasião mostrava-se opportuna e o kaiser tão bem a comprehendeu que se resolveu a annunciar-a ao mundo com um golpe de effeito: a manifestação de Tanger. O alvitre foi dado á França para escolher: ou o repudio da *entente* com a Inglaterra ou a ameaça de um rompimento com a sua vizinha de léste.

Serviu de bode expiatorio o sr. Delcassé; mas o seu successor, o habil e cauteloso sr. Rouvier, soube conservar-se sereno e calmo num momento angustioso para a sua patria, evitando-lhe a imminencia de uma guerra e obrigando o adversario a explicar-se, a abrir mão do mutismo que pretendia sustentar; donde victoria moral, attenuante do golpe anteriormente vibrado.

Não descançou a diplomacia allemã; continuou o seu trabalho de sapa em Marrocos á influencia franco-ingleza, ao mesmo tempo que o chefe do imperio buscava novo meio de intimidação para a Republica vizinha e julgou achal-o com a já tão celebre entrevista do Baltico.

Telegrammas de Pariz annunciaram que o sr. Rouvier, referindo-se á conferencia dos dois imperadores, mostrára certa frieza, o que não escapou ao sr. de Witte, ministro do czar e seu representante nos trabalhos para a celebração da paz com o Japão, e os pro-

prios jornaes emprestaram uma nota um tanto pessimista a um acontecimento aliás imprevisito e desconhecido do proprio mundo official de S. Petersburgo.

A attitude do imperador allemão provoca e apressa a modificação que lentamente ía sendo elaborada; as duas combinações continentaes, apesar dos desmentidos frequentes, já não correspondiam aos fins para que tinham sido estabelecidas; mas o receio de complicações graves, o medo da guerra, levava os governos a adiar as difficuldades crescentes, a manter um equilibrio precario, quasi instavel. A politica offensiva allemã vem precipitar os acontecimentos e obrigar as peças do taboleiro mundial a occupar posições definidas; mais uma vez, a lucta pela dominação dos mares se avizinha, e a Allemanha, para vencer o seu competidor economico, que, no elemento movel, ainda é invulneravel, procura attraír na liça o alliado provavel da Inglaterra, a França, esperançosa que está de lhe poder vibrar golpes decisivos. «Que importa—diz um orgão germanico—que importa que o nosso commercio maritimo seja destruido, Hamburgo bloqueado, os demais portos do imperio incendiados! As victorias campees além dos Vosges compensarão, se não excederem, os desastres soffridos no mar».

A esta affirmativa tão imperiosa quão categorica, seria licito responder que a França de hoje não é a de 1870, e que o seu exercito aguerrido e disciplinado, possuidor de formidavel artilheria, talvez não se deixará tão facilmente dominar como julgam certos periodicos da imprensa allemã. Demais, dadas as theorias do capitão Mahan, a junção das duas mais poderosas marinhas do Globo traria como resultado o aniquilamento immediato do commercio germanico. E após uma interrupção de mais de dois mezes de sua vida commercial, com um bloqueio rigoroso dos mares sseptentrionaes e do Mediterraneo, não se acharia exhausto o imperio allemão? Para compensar situação por tal modo aterrador, ser-lhe-ia preciso occupar, neste mesmo periodo de tempo, a capital franceza; ora, os elementos de defeza existentes permitem affirmar o contrario. Dahi, a tarefa que se impoz o imperador de colligar toda a Europa central e oriental contra a possivel união das duas grandes nações occidentaes, na previsão da lucta que ha de decidir se a hegemonia do mundo deverá ou não pertencer á raça germanica.

GASTÃO RUCH.

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do 1.º trimestre de 1904 e do 1.º semestre de 1905.

## SCIENCIA E THEOLOGIA

(A proposito da inauguração do 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano).

A capital brazileira será, em poucos dias, a séde de uma assembléa de intellectuaes, representantes da moderna cultura scientifica, subvencionada e protegida pelos varios governos da America Latina.

E' o 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano.

Sem apreciar a importancia real dessa sciencia surgida de academias e congressos—onde quasi nunca o verdadeiro merito é acolhido e que jámais crearam as invenções capitaes do espirito humano, tornando-se-lhe antes perennes obstaculos, moveis perpetuos de perseguições—não ha duvida que nessa reunião de espiritos diversamente instruidos, orientados por diversas doutrinas, domina, mais do que o valor das *memorias*, o sentimento de solidariedade das patrias latinas da America.

E' uma festa da união historica dos povos ibericos do continente columbiano.

O Congresso Scientifico se torna assim uma Convenção de Fraternidade.

Além disso, como a Sciencia é invocada para caracterisar o convivio dos representantes, seja qual fôr o espirito com que a estudam e propagam, vê-se quanto o seu caracter de universalidade tende a manifestar-se, ligando, sem vãos preconceitos patrioticos, os cientistas de patrias diversas.

Não é mais a sciencia mexicana, a sciencia brazileira, a sciencia chilena ou argentina, mas é a sciencia latino-americana que distingue o novo congresso.

Tal noção do cunho mundial da sciencia é que exprime a verdade historica. A sciencia não tem patria. E' o laço definitivo de todas as patrias.

Embóra entregue ao estudo desregado de especialistas, desprovidos de cultura encyclopedica e subordinados aos poderes politicos, que, muitas vezes, em nome della, encarceram e matam, como os inquisidores em nome de Deus, é ainda a Sciencia que, actualmente, por seu prestigio, bem ou mal applicado, se tem o habito de invocar para destruir os flagellos que atormentam a sociedade: a guerra, a miseria e a molestia.

As conferencias de paz, os congressos socialistas, as ligas contra a tuberculose, todas essas associações humanitarias appellam para a sciencia, buscando nella os meios de aperfeiçoamento da nossa especie.

O nosso Congresso Scientifico é uma dessas reuniões dos que, julgando-se mais ou menos depositarios de uma parcella da Sciencia, pretendem con-

correr para o que entendem ser o verdadeiro progresso humano.

Creio que nenhum dos congressistas, quaesquer que sejam suas convicções theologicas—catholicas, protestantes ou deistas—terá por fim nosseus discursos e memorias tratar dos meios de alcançar o céo, discorrer sobre a Eucharistia, interpretar a Biblia e discutir sobre a existencia de Deus, baptisado com os nomes de Força Universal ou Incognoscivel.

O fim da assembléa é a sciencia, a sciencia como se comprehende no mundo academico, mas, emfim, a sciencia.

Para que então inaugurar as sessões do Congresso com uma Missa solemne, celebrada na verdadeira cathedral catholica da cidade pelo representante maximo, entre nós, do Pontifice romano, o sr. arcebispo do Rio de Janeiro?

A cerimonia theologica não se coaduna com a festa scientifica.

Quando os phenomenos superiores do mundo politico e moral fôram emfim arrancados ao arbitrio divino; quando as almas verdadeiramente emancipadas não crêem mais que as revoluções e as epidemias são castigos de Deus mas factos sujeitos á fatalidade das leis do destino ou do acaso; quando a sciencia proclamou o domínio supremo das leis reaes sobre as vontades arbitrarías de qualquer ente divino, como se comprehende que as festas do espirito instituidas com um fim todo humano, sejam consagradas por uma cerimonia theologica?

O celebrante da missa annunciada é o mesmo que ordena preces *ad petendam pluviam*, afim de que a divindade se apiede dos fluminese e lhes abra as cataractas do céo, enviando-lhes copiosa chuva.

Não é de estranhar tal processo indicado pelo respeitavel chefe da Igreja Catholica brasileira; mas é de admirar que os physicos do Congresso estejam de accordo com tal meio de obter chuva e acreditem em influencias sobrenaturaes, capazes de realizar o phenomeno meteorologico.

E' verdade que muitos scientists conciliam ou, antes, pretendem conciliar essas divergencias flagrantes e continúam a chamar-se catholicos. São catholicos a seu modo. Escolhem do Catholicismo o que lhes convém, com ou sem sinceridade, e proclamam que a verdadeira sciencia não está em contradicção com as suas convicções religiosas.

Talvez destes existam alguns na assembléa; mas a maioria deve ser composta de livres pensadores, revolucionarios deistas ou scepticos. Taes membros de certo repellem totalmente as doutrinas catholicas e não conciliam as preces *ad petendam pluviam* com as fatalidades atmosphericas.

Assim, a Missa, cerimonia caracteristica do Catholicismo, é impropria para inaugurar um congresso scientifico.

No entanto, esse consorcio hybridado da Theologia com a Sciencia actual, muito commum nestes tempos de anarchia de idéas e sentimentos, é perfeitamente explicavel, dada a impotencia da Theologia para arrancar á Sciencia a posse do espirito e a impossibilidade da Sciencia commum tirar á Theologia o dominio do coração.

O Congresso Latino-Americano, tendo um fim social, a sua installação, as suas sessões constituem mais que tudo festas civicas da solidariedade latino-columbiana, mantida pela sciencia tal como os seus representantes a cultivam ordinariamente.

Ora, é o modo ordinario de cultura scientifica que torna a sciencia impropria ás expansões cultuaes.

Incapazes pelo coração ou pelo espirito de applicarem a theoria da abstracção ás existencias superiores, a sociedade e o homem, e dando ás sciencias mais simples um gráu de absoluta precisão, que ellas não téem, alguns scientists não admittem a legislação dos phenomenos historicos e moraes. O estudo dos povos e dos homens; as questões de familia, propriedade, governo, costumes, deveres, não se submettem, conforme pensam, a leis naturaes immutaveis; estão entregues ao arbitrio da vontade theologica de Deus ou da soberania metaphysica do individuo, sujeitas a caprichos divinos ou a direitos individuaes.

Outros cultores da sciencia, sentindo a inanidade da distincção entre phenomenos regulados por leis e phenomenos arbitraríos, proclamam theoremas de historia, principios de moral, independentes de vontades divinas, mas materialisam a sciencia, deixando os mais bellos idéas abandonados aos dominios do incognoscivel, do insondavel, do mysterio; o que para elles é o objecto da Religião.

O sentimento é assim destinado a exercitar-se em vãs chimeras, apregoadas pelas diferentes crenças ficticias, ou então atrophia-se por falta de exercicio si a intelligencia se absorve na cultura materialista da sciencia.

A faculdade humana, por excellencia, o coração, não encontra na tão celebrada sciencia, arida e grosseira, perversa e inquisitorial muitas vezes, um motivo de enlevo, um movel de entusiasmo que vença os receios da vida supraterrrestre, conforte todas as almas e as faça acceitar, como a suprema ventura, a vida terrena, moralizada pela virtude e illuminada pelo saber.

A sciencia commum degrada o coração e perturba o espirito; atrophia

o sentimento e não desenvolve a intelligencia. Póde dar um brilho apparente que deslumbra a vista mas não esclarece a razão.

Com rarissimas excepções, é tal sciencia que todos estudamos nas escolas officiaes de ensino primario, secundario ou superior, nacionaes ou estrangeiras.

E' o que se aprende no Brazil, na America, no Occidente inteiro.

E' tal sciencia o objecto das academias e congressos scientificos.

Dahi, a necessidade intima de uma consolação para a alma deserta; um allivio para o cerebro cansado das cogitações do saber; um idéal sublime que nos confraternise e todos reúna sob o mesmo pallio de Fé e de Amor.

Dahi, a necessidade da Religião, ordinariamente confundida com as suas fórmulas provisórias: Catholicismo, Islamismo, Budhismo, etc.

Como a sciencia, officialmente proclamada, não satisfaz por si só os corações, sedentos de nobres idéas, os espiritos desviam-se, contradizem-se e, demonstrando dogmaticamente a inanidade da fé theologica, contraria ás leis scientificas, acceitam-na, contudo, julgando-a necessaria ao sentimento. Concorrem para os esplendores do seu culto e realisam praticamente a hypocrisia philosophica de Kant: a razão pura não demonstra a existencia de Deus mas a razão pratica a impõe.

O Congresso scientifico inaugurando as suas sessões pela Missa, satisfaz contradictoriamente a necessidade imposta á natureza humana e a que seus membros não podem fugir: as manifestações cultuaes, os actos religiosos.

Apenas o que se tem de lamentar é a alliança hecterogenea da Theologia e da Sciencia, peculiar á situação moderna, retrograda ou anarchica, em que a Theologia perdeu a sua dignidade religiosa e a Sciencia ainda não adquiriu sufficiente para consagrar terrestre e humanaente todas as festas sociaes.

A inauguração theologica do Congresso Scientifico é o melhor attestado do que valem hoje moralmente as crenças ficticias do Catholicismo e as convicções reaes da sciencia academica.

Entretanto, ha quasi meio seculo, o mais assombroso dos genios legára á posteridade todo o thesouro da sabedoria humana completado e systematisado pela religião que fundára.

A Sciencia recebeu emfim a consagração religiosa. Aristoteles e S. Paulo reuniram-se no mesmo cerebro.

Podemos adorar sem Deus como já podemos pensar sem elle.

As festas da sciencia podem ter celebrações humanas e terrestres, li-

vres de toda cerimonia theologica e metaphysica.

Embóra a assembléa latino-columbiana não possa realisar uma festividade deste genero, tão incompativel com a sua propria existencia como opposta ás idéas e crenças da maioria ou totalidade dos seus membros, comtudo poderia libertar-se de uma celebração cultural finalmente contraria ao proprio fim de sua convocação.

Si tal fizesse, o conjuncto das ceremonias civicas que, aliás, hão de concorrer com a Missa, tornar-se-ia um esboço empirico mas real do culto humano, o qual, queiram ou não queiram, é o que fundamentalmente domina através das illuminuras chimericas que lhe dá um ritual theologico qualquer.

Estas reflexões, feitas sem animosidade alguma contra o Catholicismo, a sublime fé da Edade-Média, só téem por fim salientar estes tres factos capitais :

1º A necessidade do culto;

2º A impotencia da sciencia comum para satisfazel-a;

3º A solução desse duplo problema pela consagração religiosa da sciencia.

E' a falta de uma nova fé, real e demonstravel, que venha substituir a antiga, ficticia e indemonstravel; é a carencia de um culto em que as expansões do Amor sejam guiadas pela verdadeira sciencia, que nos faz assistir esta quasi inevitavel incoherencia, este absurdo necessario :

«Celebrar-se a fraternidade latino-americana, em nome da sciencia materialista, cousagrada pelo Catholicismo decadente.

REIS CARVALHO.

## O ALMIRANTE

(42)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XVIII

— A situação — continuou Sergio — era melindrosa. A' surpresa causada pela revolução poderiam advir reacções internas, obstaculos internacionaes que o governo previdentemente removeu com essa missão de paz, de amizade, confiada ao mais puro, ao mais eminente dos proceres da Republica, o ministro das Relações Exteriores.

— Bôa pessoa, não ha duvida. Isso, porém, não o preservou dos golpes da calumnia, da difamação que está provocando uma agitação em todo o Paiz. Censura-se por ali acicamente o luxo dessa missão de um couraçado, gastando dinheiro a mãos cheias...

— Disso — interrompeu Oscar, vivamente — posso dar informações verdadeiras, porque a parte naval da mis-

são foi por mim organisada. As despesas fôram minimas e o chefe da missão tem dirigido as suas finanças com verdadeira parcimonia, conforme sabemos pelas communicações officiaes pelo telegrapho. De resto, elle poderia gastar muito mais, porque nessas manifestações de cortezia internacional, numa visita de tão grande alcance politico, não se devem regatear os meios de manter a dignidade e o brilho do nosso nome. Ainda está vivo na memoria de todos o máu effeito do proceder do governo imperial com o Custodio no Chile, por causa de uns quatro contos gastos em rennumeração de gentilezas feitas á officialidade do navio, que tinha a bordo um principe. Esse acto de excessivo rigor do meu amigo Ladario influin muito na agitação que apressou os dias do Imperio.

— Não contesto a proibidade do ministro — ponderou Souza e Mello — mas a verdade é que esse tratado o impopularisou. Diz-se que se lhe prepara uma manifestação de desagrado quando regressar.

— Ah! meu caro doutor — proseguiu Oscar — ninguem está livre desses desvairamentos da opinião mal orientada. Garanto-lhe, entretanto, que o governo está apercebido para reprimir qualquer tentativa de subversão da ordem.

Oscar falava, contra a sua maneira habitual, vivamente; as suas palavras surgiram nitidas, seccas, com um ligeiro tom cortante de indignação contra a calumnia miseravel, que era o assumpto predilecto da imprensa naquelles dias. Doía-lhe ver, entre os agitadores, a mocidade militar, os discipulos de Benjamin Constant, cuja influencia preponderára no animo de Deodoro da Fonseca para determinalo a celebrar o tratado redigido na secretaria do Exterior, de accordo com a decisão tomada em reunião plena do ministerio, conforme se poderia provar com a respectiva acta.

A marquezia, surprehendida pelo ardor da defeza do governo feita por Oscar, estremezia pela sorte do seu plano recondito, reservado para a primeira opporrtunidade, como seria essa de um movimento popular contra o ministro, contra o governo, á chegada do *Riachuelo*, esperado naquelles dias. Ella não poderia contar com a intervenção de Oscar, e assim se desvaneciam todas as esperanças nelle depositadas, a realisação do seu sonho, do qual seria elle o mais valoroso instrumento.

— O dr. Sergio de Lima — continuou Oscar — disse com criterio acerca desse tratado, que não é definitivo. Soldado da minha Patria, eu não admittiria jámais que lhe tirassem um palmo de territorio; mas no caso em questão, trata-se de uma pretensão, e

não de um direito reconhecido, consagrado pelos meios legaes. Aqui o conselheiro, versado na materia, que o diga.

— O nosso direito — respondeu o conselheiro — está apoiado nos meliores titulos e já foi reconhecido pelos argentinos no tratado do Paraná, infelizmente não ratificado; entretanto, a nossa documentação, as nossas provas não são tão completas como seria para desejar.

Souza e Mello fitou admirado o conselheiro, cuja auctoridade, na materia, não podia contestar.

— Então não ha tratados — disse elle — fixando os nossos limites, tratados entre as côrtes de Portugal e Hespanha?

— Sim, senhor — tornou o conselheiro, com segurança de erudito — Sim, senhor; temos tratados que não fôram executados, demarcações que não fôram concluidas, tratados que fôram annullados, varios incidentes que perturbaram a historia desse litigio secular. Esses tratados são, todavia, documentos de immenso valor para a solução do caso. O governo imperial commetteu o erro de tratar com longas intermittencias todas as nossas questões de limites. Os accidentes da politica interna, a simples mudança de ministerios davam logar a grandes soluções de continuidade nas negociações...

— Não conheçiamos bem a topographia do territorio contestado...

— Diz bem — affirmou o conselheiro — Além dos trabalhos dos demarcadores do seculo dezoito e de alguns trabalhos posteriores, esparsos, feitos sem plano, sem systema, não conheçiamos o territorio. Sómente ha pouco, graças á iniciativa do sempre lembrado barão de Cotegipe, mandou o governo explorar regularmente o territorio contestado.

D. Eugenia, num desvanecimento que não podia conter, bebia as palavras do marido e, interrompendo a discussão, sustentava que, se o governo tivesse procurado sempre o auxilio dos homens competentes, essas e outras questões estariam cabalmente resolvidas com honra e proveito para o Paiz. Estava-se vendo como o Antonino conhecia de cór e salteado essas questões; entretanto, nunca fôra consultado. Isso em parte devido a essa excessiva modestia, a esse retrahimento invencivel, que tantos prejuizos occasionára a elle e á familia.

Sergio lisonjeava-lhe o orgulho de esposa, exaltando as qualidades do conselheiro, a sua sabedoria, os seus profundos conhecimentos excepcionaes de historia do Brazil, insinuando que elle seria o homem talhado para auxiliar nessas questões internacionaes o governo, servido sempre por ministros que, com honrosas excepções, iam

fazer tirocinio na pasta do Exterior, inteiramente ignorantes dos graves, dos melindrosos negocios daquelle ministerio. O Imperador, entretanto, lhe conhecia a capacidade, o valor desse leal servidor, a cujas luzes, tanta vez, recorrera para elucidar incertezas de investigações scientificas e litterarias. A gratidão não é virtude dos principes.

As filhas do conselheiro envolviam Sergio num meigo olhar de ternura, agradecendo-lhe aquella expansão de justiça ao merecimento do pae, que, numa grave attitude de modestia, de olhos baixos, se encolhia cortado de commoção.

—Veremos—aparteou o irrepresivel Souza e Mello — se a Republica repara os erros, as ingratições do Imperio.

—A Republica—tornou Sergio—é o governo dos homens capazes, dos homens de talento; não poderá olvidar um homem da estatura do conselheiro.

—Doutor,—exclamou d. Eugenia, indo ao encontro de Sergio—permitta que lhe aperte a mão, que lhe agradeça do fundo d'alma essas palavras de justiça, que cáem como um consolo no coração desta familia...

E não pôde continuar, tanto lhe embargára a vóz a commoção.

—Ah, minha senhora — replicou Sergio, curvando-se e beijando a mão tremula da matrona—nada tem que me agradecer: eu sou um obscuro órgão de uma homenagem merecida... repetindo, apenas, o conceito unanime da opinião illustrada do Paiz acerca dos meritos do conselheiro.

—Muito habil. Não acha? — perguntou Dolores a Souza e Mello.

—Não sei porque?

—Ah, meu caro, o senhor já está com a vista curta. Pois não vê que o Sergio começa pela conquista da mãe...

—Então, elle?

—Está caídinho.

—Por quem?

—Procure; veja se acerta...

—Esse rapaz é um ambicioso; tem vistas muito altas para se amarrar num enlace sentimental.

—O senhor julga sempre os outros por si.

—Como bom julgador, minha querida. Demais, os eulaces por amor estão quasi se tornando incompativeis com os nossos costumes. O amor é um deus mythologico que passou para os dominios da poesia; ninguem lhe rende culto; ninguem o adora.

—E, todavia, domina o mundo.

—Sobre que é essa discussão? — atalhou a marquezia.

—Dolores—respondeu o advogado—teima em converter-me; eu me defendo; resisto como posso ás tentações deste bello demonio. Ella affirma que o amor domina ainda o mundo e eu sustento que o deus mythologico não

tem mais altares nos corações. Uma outra potestade o desthronou, o interesse, sua alteza o dinheiro.

—E' muito severo o seu juizo acerca dos nossos costumes — ponderou a marquezia.

—Será severo mas é justo—Eu não sou culpado do decrescimento do nivel dos nossos costumes, nem influí já-mais para que idéas subversivas lhe deturpassem a pureza primitiva dos bellos dias da familia patriarchal.

—Concorreu sim—interrompeu Dolores—sendo adversario do casamento.

—Eu, inimigo? Não tem razão. Tenho-lhe repetido um milhar de vezes que sou uma victima da sorte: não chegou o meu dia.

—Os celibatarios são inimigos da sociedade...

—Da familia e da raça—concluiu Sergio.

—Entretanto, o meu illustre collega—objectou Souza e Mello—está abeirando aos trinta annos e. se conserva solteiro, como o nosso caro Oscar, que está envelhecendo...

—Justifico-me—interrompeu Oscar—com as exigencias da minha profissão. Quando um marinheiro casa, deve fundear. A vida do mar é incompativel com as responsabilidades, com as delicias do lar.

Amelia empallideceu, ligeiramente, e suffocou a sua commoção, mordendo ligeiramente os labios, procurando conter o arfar do seio com um esforço que não escapou ao olhar investigador de Dolores.

—Eu entendo que não ha posição mais dignificadora de um homem, qualquer que seja a sua profissão—disse Sergio—como o recesso adoravel de um lar, como chefe de familia. O amor é como a fortuna: não se deve correr atrás d'elle. O mais razoavel é esperar que elle nos fira com as suas settas crueis...

—E' o meu caso, — interrompeu Souza e Mello—ou, antes, foi o meu caso. Aqui onde me vêem, esperei em vão: estou incolume: o amor não me julgou digno da sua aggressão, não sei se é porque o meu physico não tinha attractivos...

—O senhor era um elegante moço—observou a marquezia.

—Muito obrigado á benevolencia de vossa excellencia, á benevolencia dos seus olhos caridosos.

—E está ainda—ponderou Dolores, sorrindo—muito bem conservado de corpo e alma.

—Como é amavel, Dolores.

O conselheiro tomou a iniciativa da terminação do saráu. Conforme as prescrições do medico, as recepções da marquezia não se deviam prolongar, embóra ella allegasse que preferia estar com os amigos a ir procurar no leito o somno fugitivo.

—Vossa excellencia—disse o conse-

lheiro—é muito amavel, mas a sua saúde é para nós sacratissima.

Veio o momento das despedidas, muitos beijos, muitos abraços, muitas recommendações da ultima hora. A marquezia pediu a Dolores que visitasse a baroneza de Freixo, que estava de cama atormentada pelo seus nervos indomaveis.

A' saída, Dolores murmurou ao ouvido de Souza e Mello, com um fauceiro tom de ameaça:

—Fique sabendo, seu velho, que faço questão da sua presença no baile do Deodoro.

—E' impossivel...

—Não admitto desculpas.

—Mas as minhas convicções, a minha attitude de adversario do governo...

—Tudo se conciliará.

E seguiram todos conversando através dos canteiros embalsamados pelo halito das rosas, dos jasmims suaves, das soberbas magnolias entontecedoras, adormecidas ao abrigo das sombras da folhagem, no ambiente da morte tépida.

Quando se acharam, a sós, a marquezia se dirigiu a Oscar, deu-lhe a mão, que elle osculou em amorosa reverencia.

—Váe repousar, meu querido filho—disse ella, com vóz repassada de ternura, como se evocasse, naquelle momento, a dolorosa saudade dos filhos mortos—Váe repousar. O demasiado trabalho está influindo no teu espirito, nas tuas idéas.

E como Oscar a estreitasse nos braços, ella terminou, num ligeiro tom de remoque:

—Tu estás ficando jacobino.

—Eu?!

—Váe repousar e Deus te proteja.

Oscar beijou-a de novo, sorrindo, protestando, com calor:

—Mas serei sempre teu, minha mãesinha adorada.

(Continúa)

No mez de junho, fôram diplomados, nos institutos de ensino superior de New-York, 2255 alumnos dos dois sexos, assim distribuidos:

	Collegio	110
	Escola de Direito	110
	de medicos e cirurgições	185
Universidade de Columbia	Sciencias applicadas e architectura	130
	Faculdades	225
	Collegio Barnard	85
	de professores	200
	» de pharmacia	125
		1170
	Universidade de New-York	400
	Collegio da cidade de New-York	85
	Escola Normal	600
		2255



ANTE a sensação provocada no mundo scientifico pela descoberta de Burke— a geração espontanea, produzida pelo radium— procuramos elucidar o importante problema com a auctoridade de Gastão Bonnier, o sabio professor da Sorbona, uma das mais respeitadas figuras da Academia das Sciencias, de Pariz.

O sr. Bonnier sustenta a opinião victoriosa de Pasteur, mas, depois das ultimas conquistas da sciencia, descortinaram-se os dominios do impossivel: Cagliostro passa da lenda para a realidade.

## A RESURREIÇÃO DA GERAÇÃO ESPONTANEA

Quando se suscitou a questão da geração espontanea — si a substancia viva pôde se organizar por si mesma — o problema foi resolvido pela negativa, em consequencia das bellas experiencias de Pasteur, demonstrando que — todo o sêr vivo, por mais simples que seja, provém de um sêr vivo anterior.

A discussão terminou, então, pela victoria de Pasteur, contra Pouchet e seus numerosos adversarios? Não se poderia mais, por qualquer titulo, tratar da geração espontanea? A negativa se impõe do ponto de vista das demonstrações experimentaes directas, precisas, e nos limites estabelecidos por Pasteur aos seus contraditores; mas, apesar das provas irrecusaveis, a possibilidade da geração espontanea foi de novo admittida. Naturalistas eminentes resuscitaram o problema, que parecia definitivamente resolvido, tomando-o como base de novos edificios theoreticos; descobertas recentes, experiencias feitas no sentido de outra ordem de idéas servem de apoio ás novas vistas.

\* \* \*

Antes de examinar os factos, as hypotheses que determinaram a resurreição dessa questão capital, é preciso estabelecer, de maneira absolutamente precisa, o que seja geração espontanea ou gerações espontaneas.

Tantas confusões se produziram no litigio apaixonado que lançou os sabios uns contra os outros, durante um seculo e meio, que é indispensavel projectar um pouco de claridade no proprio amago do assumpto.

Desde a primeira experiencia, feita por Needham, em 1747 até ás ultimas investigações de Pasteur em 1877. sempre se procurou saber si substancias organicas, passíveis de putrefacção, ou fermentaveis, provenientes, na realidade, de sêres vivos preexistentes, e mortos, poderiam, depois, por si mesmas, engendrar sêres vivos microscopicos. Foi a essa questão que a experiencia respondeu pela negativa.

Mas outra existe, de maior gravidade, sobre a qual nenhuma experien-

cia se fez durante a lucta legendaria. Substancias que nem são vivas, nem provém directamente de sêres vivos ou que jámais lhes pertenceram — o carbono, o phosphoro, o oxygeno, o hydrogeneo, o azoto, o enxofre, etc.— pôdem-se combinar entre si, espontaneamente, uns e outros para fabricarem substancia viva? E' essa uma geração espontanea, muito mais importante do que a precedente, porque, resolvida positivamente, permittiria explicar a formação dos animaes, dos vegetaes, sobre a terra, e, ainda, si as condições dessa hypothese puderem ser realisadas pelo homem, deixará entrever a possibilidade de crear com todos os seus membros a substancia viva.

Pasteur reputava essa questão de tal maneira absurda que não a propunha; ao passo que Hæckel a achava tão natural que a propunha immediatamente após os resultados obtidos por Pasteur.

Tal é a primeira parte do problema que acaba de ser novamente enunciado. Para melhor apprehender a sua segunda parte, é indispensavel remontar a alguns pontos da historia da geração espontanea. Fôram classificados entre os partidarios absolutos dessa doutrina, dois naturalistas sobre os quaes se deve fixar a attenção: Buffon, contraditor de Spallanzani no XVII seculo; Trécul, um dos mais encarniçados adversarios de Pasteur.

Buffon é personagem conhecido, sobre o qual seria inutil insistir. Diz-se que elle escrevia com punhos de rendas, o que demonstra não se servir das mãos para as suas experiencias; era, todavia, um notavel observador e espirito superior. Para discutir a sua maneira de pensar sobre a questão em fóco, é necessario recordar as suas linhas seguintes, incriminadas por Pasteur:

«As moleculas dos corpos estão arranjadas como num molde. Tantos sêres quantos moldes differentes, e quando a morte interrompe o jogo da organização, o poder do molde, segue-se a decomposição do corpo e as moleculas organicas, sobreviventes todas, achando-se em liberdade na dissolução e na putrefacção dos corpos, passam a outros corpos logo que são attraídas pelo poder de algum outro molde: dá-se, porém, uma infinidade de gerações espontaneas no intervallo de inacção da potencia do molde».

Estas phrases de Buffon fôram consideradas por Pasteur como completa declaração de principios em favor da geração espontanea.

E' verdade que naquella citação, Buffon emprega a expressão—geração espontanea—mas deve-se observar que elle fala de moleculas organicas *vivas*, não sendo verdadeira geração espontanea que faz sair o vivo do não vivo! Buffon falou de moleculas; não queria

dizer com isso que ellas fôsem insecaveis ou inorganizadas; além disso, demonstrou-se, recentemente, a existencia de sêres vivos tão pequenos que não são visiveis, submettidos, embóra, ao augmento dos mais poderosos microscopicos. Mais adeante, trataremos deste assumpto.

\* \* \*

Buffon, em summa, admittia que as substancias em decomposição podiam se destacar das particulas vivas extremamente pequenas, as quaes eram capazes de se agglomerar, de se agenciar entre si, para formarem as cellulas iniciaes dos novos sêres; mas não supponha que essas moleculas organicas se produzissem espontaneamente á custa de substancia inerte. Veremos que, por um outro caminho, Trécul, no fim do XIX seculo, chegava á mesma conclusão.

Trécul, auctor de notaveis investigações sobre anatomia vegetal, era um singular typo de sabio; habitava, como um estudante, num quarto do hotel da rua Lineu, e não tinha outros recursos além da infima contribuição que recebiam os membros do Instituto. Trabalhando só durante toda a sua vida e desconfiando de varios dos seus collegas, adquirira manias particularmente exóticas; escrevia, por exemplo, ao abrigo de uma especie de enorme *abat-jour*, para não se lhe ler por cima das espaldas o que estava escrevendo, ou mandou atravessar de barras de ferro o orificio da chaminé, com medo de que os seus inimigos scientificos por alli penetrassem o seu santuario. Possuía camondongos domesticos a que déra, salvo um, os nomes de seus adversarios em botanica. Affirma-se que, antes de escolher assumpto para um novo trabalho de anatomia, espalhava no assoalho um certo numero de plantas e tomava para estudo a designada pelo seu camondongo predilecto.

Trécul, como certos naturalistas de sua epocha, não admittia que se pudessem achar qualquer coisa em sciencias naturaes por meio de uma experiencia: sustentava que os sêres vivos sómente devem ser estudados em plena natureza, quando exerciam acção uns sobre os outros, e toda a operação *in vitro* era para elle nulla. Pretendia não ter necessidade do laboratorio de Pasteur nem dos respectivos aparelhos complicados, para fazer descobertas muito mais importantes do que as deste. Si queria estudar, em casa, cogumelos inferiores, por exemplo, bastava-lhe o lavatorio do seu quarto. E foi, todavia, esse estranho homem um dos mais formidaveis adversarios de Pasteur, abalando, durante muitos annos, a sala das sessões da Academia das Sciencias, com virulentas apostrophes.

Trécul era partidario de um polymorphismo absoluto nos seres de organização inferior; admittia que, conforme as condições exteriores do meio, cada um delles poderia engendrar outro. Estudára, especialmente, uma bacteria muito notavel, um dos seres hoje denominados microbios, ao qual baptisou de *amylobacter*, por conter amido em sua membrana.

O *amylobacter* que Pasteur denominava — fermento butyrico — é esse singular microbio que sómente se desenvolve no abrigo do oxigeneo; é um dos agentes mais poderosos e mais vulgares da decomposição das substancias organicas, em particular, da cellulose, que resiste a quasi todos os reactivos chimicos. Trécul sustentava que os bastonetes, extremamente pequenos do *amylobacter* eram formadas pela substancia viva das cellulas componentes das plantas atacadas por essa bacteria: era a materialisação da theoria de Buffon.

Trécul enganava-se: por um lado, experiencias precisas demonstraram que o *amylobacter* só se desenvolve dos seus proprios germens; por outro, descobriu-se a formação e a germinação dos spores desse organismo.

E, todavia, essa maneira de conceber a substancia viva como formada de uma aggregação de corpusculos vivos é hoje reeditada, com a differença de serem menores do que as minusculas bacterias observadas por Trécul.

A substancia viva pôde ser constituída de moleculas organicas com vida propria, podendo reproduzirem-se por si mesmas, dividindo-se, formando as suas disposições constellações várias que seriam as cellulas de seres vivos? Tal é a segunda parte do problema actualmente proposto.

Si, finalmente, se reunirem as duas partes do enunciado, poder-se-á formular o problema da maneira seguinte: Foi possível, em dado momento da historia da Terra e será possível actualmente, fabricar por meio de elementos mineraes inertes; essa poeira organica viva, cujas agglomerações diversas fórman todos os seres animaes ou vegetaes?

\* \* \*

Como ficou dito, foi Hæckel quem primeiro propoz, nitidamente, a seguinte questão: E' possível que um organismo nasça, espontaneamente, de uma materia que não tenha, antes, vivido, de uma materia strictamente inorganica? E o naturalista allemão respondeu de maneira positiva, apoiando-se em duas ordenes de factos: 1º, sobre a synthese chimica dos corpos chamados organicos por meio dos corpos chamados mineraes; 2º, sobre a existencia das *moneras*, os seres mais simples conhecidos, informes góttas

de substancia viva, sem nucleo, sem membrana.

Não insistiremos sobre o primeiro argumento: ha muito que a barreira ficticia estabelecida entre a chimica mineral e a chimica organica desapareceu. Desde a synthese da uréa, feita em 1828, por Wöehler, não se pôde mais recorrer a essa distincção artificial; mas quem diz substancia organica, não diz substancia organizada, substancia viva.

Quanto ao segundo argumento, a existencia das *moneras* de Hæckel, perdeu muito de valor desde que se aperfeiçoaram as investigações histologicas, desde que se puderam examinar com o microscopio, com uma technica apropriada, esses curiosos seres monocellulares. Hæckel reunira todos esses organismos sob o nome de *protistas*, e delles fizera um reino da natureza; para elle, todos os seres vivos estavam divididos em trez reinos — o animal, o vegetal e o dos protistas, em cuja maior parte se descobriram, depois, um nucleo, uma structura muito complicada. Além disso, cada especie de *monera* se liga a um grupo de seres mais elevados em organização e, muitas vez, pelos mais estreitos laços: umas são as foraminingíferas, outras as proteomyxas, myxomicetas, heliozoarias, etc.

Em outros termos: o reino dos protistas desapareceu e o numero dos seus monocellulares, sem substancia nuclear, sem complicação na structura intima, torna-se tão restricto que se pôde, com razão, duvidar que ainda exista algum delles.

GASTÃO BONNIER,  
Da Academia das Sciencias.

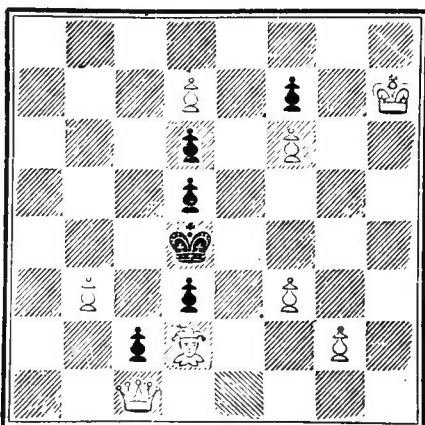
(Continúa)

## XADREZ

### PROBLEMA N. 12

Tacito & Lipman (S. Paulo)

PRETAS (6)



BRANCAS (8)

Mate em tres lances.

### PARTIDA Nº 12 (a)

GAMBITO DO REI RECUSADO

(Retire-se do taboleiro a T. D. das Brancas)

Brancas

Pretas

(Paulo Morphy)

(Arthur Napoleão)

P 4 R	— 1 —	P 4 R
P 4 B B	— 2 —	B 4 B D (b)
C 3 B R	— 3 —	C 3 B D
P 4 C D	— 4 —	B 3 C D (c)
P 5 C D	— 5 —	C 5 D
C X C	— 6 —	B X C
P 3 B D	— 7 —	B 3 C D
B 4 B D	— 8 —	D 2 R
P 4 D	— 9 —	P 3 D
Roque	— 10 —	B 3 R
B X B (d)	— 11 —	D X B
P 5 B	— 12 —	D 2 D
D 3 D	— 13 —	P 3 B D
R 1 T	— 14 —	C 3 B R
B 5 C	— 15 —	B 1 D
C 2 D	— 16 —	P 3 T R
B 4 T	— 17 —	C 2 T R
B 3 C	— 18 —	B 3 B R
P X P B	— 19 —	P C X P
C 4 B D!	— 20 —	D 2 B D
P 3 T R (e)	— 21 —	C 1 B R
P X P	— 22 —	B X P
B X B	— 23 —	P X B
P 6 B	— 24 —	T 1 D?
P X P!	— 25 —	T 1 C R
P X C (f. D.) x	— 26 —	T R X D
D 3 R	— 27 —	T 1 T R
D 5 B D	— 28 —	T 1 B R
T 6 B R	— 29 —	D 2 R
D X P x	— 30 —	D 2 D (f)
C 6 D x	— 31 —	R 2 R
C 5 B x	— 32 —	abandonam(g)

(a) Esta partida foi jogada em 1858, em New-York, e se achia publicada no *Brentano's Chess Monthly*, dessa cidade. Morphy tinha então 22 annos e voltava da Europa, coberto de gloria.

(b) Magnifico lance para recusa do gambito: impede a immediata tomada do pião do Rei e retarda o roque das B.

(c) Porque não tomou esse pião?

(d) Para não perder o ataque, o que é essencial nas partidas em que as B. dão partido, Morphy não recua perante esta troca, como não recuou anteriormente perante a do C.

(e) Lance cauteloso de grande alcance, como adeante se verá.

(f) Se 30..., T 2 D; 31 — C 6 D x, R 1 D; 32 — D 8 B mate.

(g) Effectivamente: 32..., R 1 R; 33 — D 5 B, T R 1 C (m); 34 — D X P x, R 1 B; 35 — T X P T (ameaçando T 8 T), T 1 R; 36 — D 5 B x, T 2 R; 37 — T 6 D, D 1 R (m.) 38 — T 6 B D e ganham a D pela T.

Tacito & Lipman — Damos hoje o seu problema, que é bastante original. Muito agradecido pelas suas informações.

Pódem mandar-nos algumas partidas dos vencedores desses torneios?

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 11: 1 — R 6 D, ad libitum; 2 — D, C (x desc.) mate.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.

As officinas dos *Annaes*, dispondo de um material completamente novo e moderno, encarrega-se de todo trabalho typographico.

ASSIGNATURAS		
ANNO	....	20\$000
SEMESTRE..	....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO

z

OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O sr. Nilo Peçanha acaba de dar conta á Assembléa Legislativa do Estado do Rio, dos resultados da sua politica financeira, a mais brilhante justificação das medidas empregadas no patriotico intuito de fecundar as fontes de producção, de reerguer do abatimento as energias daquelle membro da União, em franco estado de falencia.

— Hoje posso — affirma o illustre estadista — trazer á Assembléa os seus resultados.

«Depois de onze annos de *deficits* successivos, pôde a Administração declarar que encerrou o balanço do anno findo com um saldo approximado de mil e quinhentos contos de réis. Todas as verbas de receita do orçamento tiveram augmento.

A não ser o café, cuja producção diminuiu, todos os demais generos de exportação do Estado alcançaram cifras jámais atingidas, desde a nossa existencia constitucional, até hoje. Em muitos, o augmento foi de mais de quinhentos por cento.

Em geral, os municipios encerraram os seus balanços com equilibrio; diversos encerraram-no com dinheiro em caixa.

Dentre as apolices dos Estados do Brazil que têm cotação official na Bolsa da Republica, são as do Rio de Janeiro as que têm, neste momento, mais alta cotação.»

Não necessitava de pôr mais na carta para demonstrar como venceu gloriosamente a crise complexa e formidavel que lhe embargava o passo, crise commercial, crise politica, crise monetaria, crise profissional, crise de trabalho, crise de transportes, crise de ensino, crise de salario, crise de moralidade, nitido reflexo da situação politica da Republica, propagando-se, como um contagio funesto, por todo o organismo politico, entregue a condu-

tores que não têm noção, mesmo vaga, do que seja administrar um paiz riquissimo, extenso e vasto.

O sr. Nilo Peçanha conseguiu isolar o seu Estado, começando pela medida essencial de prophylaxia, banindo a politicagem, esse implacavel oxido que tem deteriorado os apparatus da administração, a pretexto de lubrificá-los para bem servirem ás ambições das olygarchias, dos régulos locais, de toda essa capangagem de varia categoria, que é o sedimento decomposto dos interesses subalternos.

E, numa bella dissertação em que a pureza da fórma põe em luminoso relevo a precisão dos conceitos, a rigorosa correcção das observações, penetrando a amago da situação financeira, dissecou o organismo deteriorado pela criminosa ineptia dos caixeiros das olygarchias, dos patrões de povos, dos feitores de cidadãos. Elle poz o dedo nas chagas, remontou ás causas da infecção e indicou, num movimento de largo descortino, o caminho ás reivindicações, ás réformas patrioticas.

O relatorio de que nos occupamos, saíu dos moldes enfezados de *fallas do throno*, dos *clichés* empregados pelos governadores de baixa craveira, os quaes sómente se pôdem abrigar na justificativa da irresponsabilidade — não terem pleno conhecimento do mal, nem directa intenção de o praticarem; homens previamente absolvidos pelo supremo tribunal da opinião por não saberem o que fazem. Não é uma licção a estes, mais uma demonstração scientifica e prática, que alcança muito mais alto, que chega, como poderosa projecção luminosa, ao pinaculo do edificio social, onde parece escassear o quinhão de oxigeneo para a nutrição daquelles que o grimpam, e revela os erros dos velhos processos desmoralizados, a inefficacia dos emperrados apparatus da rotina, que sempre desviou, que sempre estiolou as mais energicas iniciativas, os esforços mais promettedores.

O sr. presidente do Estado do Rio poz o problema em equação e o resolveu cabalmente. Remontou ás causas das perturbações economicas e applicou-lhes o remedio heroico. No terreno dos principios, indicou com precisão os erros das doutrinas contrarias; no terreno pratico, o vicio essencial dos processos e os substituiu por idéas e meios agóra victoriosamente defendidos pelo resultados, pela inexpugnavel eloquencia dos factos.

Contra a crise, os governos empregavam e empregam um remedio unico, a criação de novos impostos e augmento exaggerado das antigas taxas, gyrando, numa louca vertigem, no circulo vicioso em que, á medida que os impostos augmentavam, decresciam as rendas e, á medida que estas decresciam, augmentavam os impostos.

A prosperidade do Estado do Rio é, em summa, resultado da politica, para a generalidade dos sabichões indigenas, absurda:

Reducção sensivel e gradual dos impostos sobre a producção;

Reducção dos fretes de transporte;

Tributação do similar estrangeiro, substituindo a falta da protecção aduaneira.

O sr. Nilo Peçanha fez esse formidavel milagre com grande pasmo, com estupenda decepção de todos os S. Thomés da alta finança nacional.

\*\*

Para encarecer o valor dessa victoria, deve-se ponderar que o incansavel presidente do Estado do Rio trabalhou sempre sob a influencia funesta do máu-olhado dos invejosos, que eram muitos, e dos obstrutores inconscientes, que eram legião

Não faltou tambem, para destacar-lhe o merito da empreza, a má vontade do governo Federal, com a sua réde de chicanas fiscaes, embaraçando-lhe os movimentos, com a sua jurisprudencia de alicantinas cerceando-lhe direitos, como esse de explorar

as arêas monasticas em jazidas francamente situadas em territorio fluminense, para entregar essa magnifica fonte de renda á exploração de um adjudicatario feliz em troca de alguns contos de réis, como está succedendo em relação ao mesmo minerio nos depositos do littoral da Bahia.

Os metaes preciosos de que é composta essa arêa, o radium que ellas contêem seriam, nas mãos prôvidas do estadista fluminense, grandes elementos de prosperidade, auctorisando-o a diminuir uns 30 % dos impostos sobre os productos da agricultura, que elle, com muita razão, affirma: «que é tudo; é o eixo em torno do qual gira o mundo dos negocios; o centro de gravitação do systema financeiro, a força que acciona a engrenagem financeira e a retarda ou accelera, conforme o movimento da roda motriz.»

Accentúe-se, finalmente, *ad perpetuam*, o zelo do Banco da Republica na cobrança da divida daquelle Estado, quando é tão complacente, tão relaxado com a myriade de devedores graúdos, os deputados, os senadores, os jornalistas, os engrossadores, que alli vão á comédia, e cuja conta constitúe uma mysteriosa pagina da escripturação daquelle instituto mercantil, e monta, conforme a bisbilhotagem das más linguas, á bella somma de oitenta mil contos, não falando de outros desperdícios, de muitos escandalos que o vello banqueiro Porto denunciaria de maneira completa, se não esfriasse o seu enthusiasmo em meio do sensacional discurso proferido na assembléa geral dos desgraçados, dos interdictos, dos incapazes accionistas, submettidos á eternizada tutela do governo.

O sr. Nilo pagou, sob as buxas da intimação, que era um tiro engatilhado do alto, e a opinião publica corôou esse acto de hombridade com flôres que não custaram um ceutil aos cofres rotos, sem fundo, daquelle banco de má sina.

Mas... os representantes das gloriosas tradições do Estado do Rio não estão satisfeitos com o homem que lhes desmascarou a veneranda inepecia.

Depois de onze annos de marasmo, o Estado se ergueu com demasiado vigor, disposto a recuperar rapidamente as energias estioladas; é ur-

gente, é indispensavel amarrar-lhe as pernas para que não corra, applicar-lhe o calmante das salutareas papoulas do Catette, dar-lhe o contra vapor da *Junta do coice*, de nunca assás lembrada memoria, junta meritoria que tão assignalados serviços prestou durante o Imperio e deixon genuinos representantes no governo republicano, exercendo a previdente acção de puxar para traz. E é para restaurar a junta com os seus bois magros, as suas cangas sovadas; é para reivindicar os direitos da velha olygarchia de recavem, que a politicagem se assanha para quebrar o prestigio do sr. Nilo, para lhe castigar a audacia de ser um recalitrante á vontade soberana do supremo eleitor do presidente da Republica para o futuro quatriennio, empreza que se antolha, como nuvem carregada de ameaças, nos horisontes da politica.

E' o caso de queimarmos a Santa Barbara os nossos alecrins e pallhinhas bentas.

\* \* \*

O relatorio do honrado presidente do Estado do Rio é, além de tudo, uma intuitiva licção, indicando o abandono definitivo dos medalhões, cujo menor defeito, fechando olhos caridosos aos vícios de esthetica, é a lamentavel, a obsecada, a encascorada incompetencia.

POJUCAN.

## CREPUSCULO DOS DEUSES

Nestes ultimos dias, chegou de Lisbôa, editado pela livraria de A. M. Teixeira, um volume de contos allemães, que o sr. João Ribeiro traduziu com o titulo de *Crepusculo dos Deuses*. O traductor, que imprimiu a essa tarefa todo o seu sentimento de ambos os idiomas, dá, em notas que fecham o livro, noticia dos contos e dos seus auctores. Póde-se, desde já, adeantar que nessa litteratura, sem premeditações de *theses*, quasi inoffensiva portanto, o publico não encontrará coisas sublimes, nem maravilhas de pensamento: encontrará *contos*, cheios de uma doce ironia bemfaseja, de que é excelente modelo a *Tragedia de Romulo*, de Ernest Lenbach, pseudonymo de E. Muelenbach, que transcrevemos, como recommendação, como melhor processo de impor o livro. O sr. João Ribeiro diz que tomou «a liberdade de traduzir os nomes proprios; do contrario, seria inintelligivel a historia.»

### A TRAGEDIA DE ROMULO AUGUTULO

Não é nenhuma gloria nacional a modesta *Sociedade litteraria* da cidade allemã de Campo Verde. Della não saú até hoje um Schiller, um Uhland

ou siquer um Freytag; e se é verdade (como assoalham alguns rapazes) que a litteratura allemã váe hoje por agua abaixo, dahi, de Campo Verde não se ha de esperar o Messias. Sem embargo, porém, chegou um certo membro da *Sociedade litteraria* a dar na vista como homem de lettras, e, o que é mais de espantar entre intellectuaes, como homem de negocios. Refiro-me a Romeu Aquario, o auctor da *Tragedia de Romulo*, a qual, em verdade, elle nunca escreveu.

Era Romeu Aquario fillo de um mercador de vinhos e de uma comica que até o casamento andára, e nos primeiros papeis, por todos os theatrinhos da Allemanha. Do pae tirou algumas manhas de negociante, e da mãe é que houve o nome poetico com que foi á pia e tambem certa quédia para o gosto tragico. E ao saír da casa bancaria (onde com mesquinho salario servia aos interesses do commercio universal) logo á noite se aboletava no quartinho onde morava, fervia a chicara de chá e temperava as salchichas do costume, com o adubo de alguns passos mais fortes de Schiller ou dos dramas de Shakespeare. Esses auctores estavam em exemplares já muito sovados da conhecida «Bibliotheca universal» de Reclam, e fôram-lhe, largos annos, o unico alimento espirital. Por fim, amadureceu-lhe no espirito a idéa que esses dois grandes genios com terem chegado á perfeição não haviam acaso esgotado os cabedades da tragedia e, quem sabe? delles talvez seria Romeu Aquario o grande continuador e epigono de vulto.

Tanto que acertou nesse proposito, começou com ordem e methodo a pesquisar um assumpto. Folheiou a memoria e logo se recordou que desde os tempos da escola nada conhecera de mais tragico e lamentoso que a quédia gigantea do imperio romano do occidente. Ainda guardava uns riscos dessa narrativas em velhas apostillas que antigo mestre lhe havia dictado em linguagem e tiradas do historiador Gibbon; era rascunho ou historia do ultimo imperador, joven, quasi menino, Romulo Augustulo, que reunia em si os nomes dos fundadores da grande nação e a quem o conquistador barbaro poupára a vida e as honras só porque o acliára formoso: *quia pulcher erat*. Romeu Aquario mal apenas releu essa historia, traçou o plano da *Tragedia de Romulo*. Esta é que havia de ser a grande obra litteraria da sua vida. E, em verdade, o foi.

Ao primeiro furor do estro, começou a rabiscar ás tontas as folhas do seu velho livro de contas (onde as paginas da esquerda estavam em branco, tirada a linha unica do magro ordenado).

Viu, entretanto, que lhe faltavam ainda alguns estudos preliminares.

Travou amisade com um jovèn professor e vinham ambos todos os sabados á noite á mesa e ao copo numa cervejaria. Era este um grande e féro recrutador da *Sociedade litteraria* e logo se apercebendo da falta que alli havia de um dramaturgo, soube comunicar o entusiasmo proprio e assim empurrou o nosso Romeu para aquelle gremio das lettras.

\* \* \*

A *Sociedade litteraria* precisava de *quorum*. Naquella epocha, não teria por ahí duas duzias de socios: uns, poucos, eram mestres de escola, os mais dividiam o tempo entre o serviço das musas e a tenda de seccos e molhados. Ajuntavam-se uma vez na semana em sala de hospedaria fumarenta e ali liam labores poeticos, entre copos de cerveja e juizos criticos espumantes.

No mez, porém, escolhia-se um dia para a *Grinalda*, com o accrescimo de danças e madamas. Uma vez por outra, havia discurso e já se sabe a materia e o trivial dos themas: «*Sobre o influxo do grande Frederico na litteratura allemã*». — «*De que modo ha de o poeta obrar educativamente sobre o povo*». — «*O assumpto erotico é coisa que a poesia possa escusar?*» — «*Da utilidade pratica da arte do verso*».

O mais fecundo e illustre individuo do gremio era o sr. Augusto Vinheiro, homem já entrado em annos e que tinha mesquinho emprego na mesa de rendas, socio honorario de todas as associações da cidade nas quaes era o poeta de occasião. A sua sabença universal contraía-se numa especialidade, que era o *necrologio* dos conterraneos.

Não havia escapar-lhe quem quer que o minimo beneficio fizesse á terra, e só com fugir-lhe, annos antes da morte, poder-se-ia lograr a benemerencia do silencio daquelle homem facundo.

Os seus necrologios, já passantes de duzentos, (e escriptos em certo genero que o auctor denominava *sonetos*) viram a luz na typographia da folha local, sob o titulo CAMPO-SANTO DE CORÔAS IMMORTAES DA PATRIA. Como poeta e poeta impresso que o era, gosava de especial consideração entre consocios e patricios.

Depois deste, havia um ajudante ou decurião de escola, que pelas cercanias silvestres colhia as flôres da poesia popular e as compunha em ramaletes e disticos, pondo-lhes sempre um fecho moral, e nesse vicio se espojava havia annos. Uma das suas *estrophes* dizia assim:

Subi ao alto do oiteiro  
De lá olhei para o mar  
E vi num barco velleiro  
Tres condes a conversar.

E tambem:

Viajante não vês da terra  
A virgem, que está na serra?  
Sorrindo, ella os vê passar  
Os condes a conversar...

A chave, que é da invenção do poeta, contém, como de costume, uma advertencia moral importante:

Leitor, ou grande ou pequeno,  
Aprende que o mal de amor  
Vem de flôr...  
Mas póde trazer veneno.

Do que, porém, havia mais abundancia no gremio, era do sagrado lyrisimo, pelo menos sete a oito dos individuos da sociedade possuíam exemplares do *Livro das cantigas*, de H. Heine, e faziam por onde imitalas. Um velho guarda-do-matto, poeta fossil que se havia crystallizado no periodo plioceno dos ultimos romanticsos, de tempos a tempos vinha grave, diluviano, edentado, a recitar velharias poeticas onde cães gozos ladravam ao longe e se pintavam payzagens de arvoredos rumorosos, fontes tranquilladas e longes de folhagem molle e adormecida.

O que faltava, pois, alli era o homem forte do drama. Romeu Aquario trazia o encanto da novidade. Eil-o, pois, a excavar quanto livro de historia lhe deparava o amigo. Nesse labutar acotevellavam-se tantas notas de episodios, escorchavam-se e entremettiam-se tantas datas e reflexões, que de entupido, ao cabo não podia o homem escrever nada. Se reunisse quanto havia já rabiscado e lançado ao papel, teria já um drama de mais volume que a Biblia, ainda que nesta se incluire toda a materia apocrypha.

Nesse entretempo, crescia e voava ingente a fama do poeta. Os socios do gremio litterario desvendavam ás esposas e amigas a historia do drama que ignoradamente se fazia e já as mulheres começavam de notar como era o poeta amavel e sympathico. Começaram os convites para as reuniões familiares, e para as ceias de mais pratos das festas intimas — festas que a doce cabeça sonhadora do futuro Schiller, com os seus bigodes arqueados e a voz musical cheia de poetico arroubo, enchia de luz, e isso aprazia ao coração das raparigas. Tambem não se ausentava Romeu Aquario desses saráus sem comunicar ás damas o episodio da amorosa escrava germanica que se abraça ao pescoço do bello e joven imperador Romulo e, com elle, corre á morte no quinto acto.

Por esta epocha, (grande acontecimento para a cidade de Campo Verde) um casal de principes noivos mimoseou a cidade com uma visita de duas horas, de caminho para o castello senhorial onde deviam passar a lua de mel. A princeza era parenta do grão senhor da terra e foi, pois, o prazer grande e a recepção festiva: saudações

poeticas na gazeta local de Augusto Vinheiro, arcos de triumpho, intendentes de preto e donzellas de branco, exhibição de todas as associações e, entre ellas, naturalmente da *Sociedade litteraria*. Repartiu sorrisos gentilmente a princeza, e o principe, em uniforme de *ussar*, concedeu a graça de alguns cumprimentos á medida que o prefeito lhe ía apontando e dando informes previos e cautelosos sobre as maravilhas da terra.

— Ah! litteratura! (disse o principe para Romeu, que ía á frente do seu grupo) é coisa que deve ser prezada e amada. Já ouvi fallar de vós como dramaturgo. Tragedia.. Romulos. E com certeza tambem Romus. Assumpto grandioso, este de Romulo.

E a esses ditos ajuntou por seu lado a princeza o gracioso sorriso, tão doce que fez tremer de gozo ao poeta, desde os olhos cabisbaixos aos altivos e erguidos joanetes.

Na relação da festa, na folha de Campo Verde saíu a noticia e foi lembrado com justiça o episodio: «Ao nosso talentoso conterraneo o sr. Romeu Aquario, dignou-se sua alteza dizer algumas palavras discreteando sobre o sujeito dramatico *A Tragedia de Romulo*, na qual trabalha presentemente o poeta; sua alteza fez algumas reflexões de rara finura assim sobre o facto historico como sobre as leis da technica dramatica». O redactor de uma importante folha de fóra, na secção das provincias, annunciou o facto, notando com justiça como digno de menção o phenomeno de um poeta dramatico em Campo Verde e transcreveu a noticia. Dahi, correu toda a imprensa, e o doce nome de Romeu echoou tão longe quanto sôa a lingua allemã.

A consequencia foi que o editor de um almanaque bibliographico litterario pediu para a provincia algumas informações e obteve-as; e eil-o, o nosso poeta no anno seguinte biographado. Romeu comprou o almanaque e leu uma vez, leu cem vezes os dizeres appostos: *dramaturgo; relevantemente na tragedia historica*. Agóra, estava escripto e em letra redonda; convenceu-se e poz mãos á obra. Deixou crescer os cabellos, compoz os bigodes e a barba de bico como era o córte da que usava Shakespeare e entrou a empanzinhar as gavetas de maçãs podres (tal o fazia Schiller) e entrou a malsinar a escripturação mercantil.

O redactor da gazeta de Campo Verde pediu-lhe um trecho da grande obra inédita. Não se aterrou o auctor da *Tragedia de Romulo* com a empreza e revendo antigos rabiscos do empoeirado diario das despezas, concertou a primeira — ah! até hoje a unica — scena, que logo appareceu no domingo alegremente em todas as mesas do café da manhã dos cidadãos de Campo

Verde. Esses deliciosos versos quem os não conhece, na pacata cidade? Começa assim:

(*Alvores de madrugada. Camara no imperial palacio de Ravenna. Pelas janellas, larga vista sobre o mar. Ao longe vê-se a trirreme do imperador deslizar vagarosa, tendo no mastro as insignias imperiaes. Odoacro fita a trirreme e sorri*).

ODOACRO

Eil-o por terra jaz o imperio dos romanos;  
Durou, ao que se diz, uns setecentos annos  
E mais cincoenta e tres (e reflectam bem  
Fallo da duração anterior a Christo)!

O ultimo imperador este Romulo Augusto  
Vencido foi por mim! mas só raspou o susto,  
A vida lhe poupei, a vida e os honorarios;  
Deixei-lhe mesa e cama e outros extraordinarios.

Venci com fidalguia e generosamente...  
Eil-o que ao longe vae na trirreme esplendente  
Para o cabo Myseno, á quinta de Lucullo...  
Imperador no exilio e pouco mais que  
Agóra mando eu no profano ou no sacro,  
Eu, o potente Rei dos Hérulos, Odoacro,  
O' lá, escravo!

*Um escravo, trazendo sobre um prato de ouro uma amphora de Falerno. Odoacro bebe. Depois, examinando attentamente:*

Tu!

Oh como espantado fico  
Pois tu não és Frederico?

THEODORICO

De Campo Verde vim eu...  
Nessa terra prazenteira  
Amei a bella peixeira  
Que me o destino esconden!

(*soluça e chora*)

etc.

Esta scena agradou universalmente; mas onde feriu melhor o exito foi exactamente naquillo que o auctor titula em vistas. Não foi sem proposito que alli metterá a saudade do escravo germano pelos louros anneis da peixeira de Campo Verde. Não se tratava de méra phantasia, como a de Thecla ou outra figura jovial de Schiller. Não! a peixeira vivia, vivia, sim, trintona e sã, e magnifica, e outra não era que a senhorinha Hulda Cambito, filha do mais rico mercador de peixe de Campo Verde. Não se agastou a mocetona com a allusão poetica e antes quando veio a si do encantamento, mandou ao poeta uma cesta de maçãs do horto paterno—fructas que numa das *Grinaldas* da Sociedade lh'o disséra, ao poeta sabiam tão bem como a Schiller. Romeu não tardou em responder em epistola repassada de saudades e adorações, e de tal arte se fôram as coisas apertando que um dia o velho Cambito achou que bem ou mal convinha abençoar aquillo. Poz, comtudo, uma condição: Romeu havia de se despedir da escripturação mercantil (o que, de resto, odiava) e

entrar como socio para o negocio do peixe.

Acquiesceu o poeta e sem tardança, e não teve que arrepender-se da troca. Ao carinho doce, admirativo e amoroso da esposa e ao contacto nutriente dos salmões, arenques e robalos, foi-se-lhe arredondando o tegumento que no adiposo e no polido ía como a lua crescente. Não afogou a vida, porém, na grosseria e interesse do merceeiro. Como dantes, e agóra, de mão commum com a esposa, renovou planos, traças e variantes. Para ambos era a *Tragedia de Romulo* um como armario onde em mil gavetas e escaninhos se punham aqui ou alli a graciosa allusão ou o delicado remoque ás pessôas conhecidas, conforme o gráu de benemerencia dellas. Aos freguezes cabiam as acções heroicas e generosas; estavam reservados, porém, aos concorrentes do peixeiro os papéis da feia intriga, e os episodios onde não faltavam bem escolhidas atrocidades para caracterisal-os. Com essas praticas innocuas e baratas, viviam os dois esposos horas felizes. E nem do povo foi esquecido Romeu Aquario; a gloria continuou, e resplandeceu com o seu drama, luminosa estrella do futuro no firmamento poetico de Campo Verde. A *Sociedade litteraria* fel-o seu presidente na morte de Augusto Vinheiro (triste acontecimento quando este perfazia, entre festas, o quingentesimo soneto necrológico) e como tal creou e espalhou pelas villas e aldeias das provincias a liga da *Philocarmina* para ennobrecer e fomentar a maltratada poesia nacional. Quando um forasteiro acaso vinha bater a Campo Verde, entre as grandes coisas e pessôas da terra lhe nomeavam Romeu Aquario, presidente e director de litteratura.

Assim aconteceu a um jornalista que para uma folha de Berlim escreveu uns *Quadros provincianos*. Estava o pobre homem já ás portas do desespero com doze horas de pousio na cidade, sem descobrir materia por mais réles, para o folhetim; senão quando ouve fallar na *Tragedia de Romulo* e no auctor que fazia parte da honrada firma commercial Cambito & Aquario. Foi quanto bastou. Em duas horas, á luz mortiça da hospedaria, arranjou um folhetim com a veia da phantasia mais solta, e o humor pessimista, satyrico e poetico que aquelle phenomeno litterario estava a pedir. Pintou solitaria taverna para onde arrastou o dramaturgo de Campo Verde, e entre pescadinhas de bogalho estúpido e vidrado e garrafas meias vasiadas, attribuiu ao poeta ditos picantes e profundos sobre a litteratura moderna e paradoxos que para dizer por conta propria estava a aguardar o inverno proximo. Bellissimo, o folhetim; apenas a carencia de informações

fel-o commetter o erro grosseiro de dar por publicada a inédita *Tragedia de Romulo*. A grande circulação da folha semeou esse erro por cem mil almas curiosas e assim cresceu e assim se arraigou e com tal força que um auctor de certa *Historia da litteratura* escreveu estas palavras no começo de não sei que capitulo:

«Não ficára maninho nem esteril, por essa epocha, o campo do drama propriamente historico» (e aqui uma lista de nomes, longa como um trem de ferro, tendo como locomotiva e á frente o nome de Wildenbruch). «Longe do commercio do mundo, e antes num recanto da provincia, entre affazeres mercantis, escrevia Romeu Aquario, em Campo Verde, a sua *Tragedia de Romulo*, de grande tomo e executada com a ampla intuição da historia universal».

Erro grave! nada escrevera Romeu e foi isso, comtudo, a sua fortuna.

Os campos-verdenses nunca lhe exigiram mais que planos e esboços, rascunhos e bosquejos. E isto lhe deu mulher rica e sombra do louro. Ninguém lhe contestou, jámais, a gloria; só uma vóz amiga e doce, ás vezes, o interrompia quando caído, absorto, sobre os papéis velhos...

—Vem, Romeu, deixa essa eterna tragedia! Vem jantar, que já estão frias as batatas...

JOÃO RIBEIRO.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O serum anti-canceroso do dr. Doyen. — Relatorio absolutamente desfavoravel da Sociedade de Cirurgia.*

Nesta secção, tratámos detidamente das pesquisas do famoso cirurgião Doyen, que descobrira o microbio do cancer, ao qual déra o nome de *neoformans*, e a consequente fabricação do serum curativo da terrivel enfermidade.

Sobre a descoberta do microbio, concordaram os notaveis especialistas do Instituto Pasteur, como ficou patente em uma carta de Metchnikoff, que foi por nós transcripta.

Sobre a efficacia do serum, havia duvidas, ou não eram as experiencias sufficientes para consagral-o, produzindo, todavia, reacções saltares e melhoras que os competentes attribuiam á operação cirurgica com que Doyen auxiliava o curativo, extirpando os tecidos doentes.

A comissão composta dos doutores Berga, Kirmisson, Ch. Monod, Nelaton e Pierre Delbet, apresentou, na sessão de 12 de julho ultimo, o relatorio anciosamente esperado por um

publico de profissionaes, fóra do commum.

O relatório foi absolutamente desfavoravel ao serum Doyen.

Depois de recordar o historico da formação da commissão, nomeada a 14 de dezembro de 1904 em consequencia do Congresso de Cirurgia, Delbet declarou que deixaria de lado a questão microbiologica submettida ao Instituto Pasteur, para tratar sómente de parte chimica, dos resultados verificados nos doentes submettidos ao tratamento serum-therapico.

O relatório concerne a vinte e seis casos ou observações, compreendendo todos os doentes tratados na clinica particular do dr. Doyen, examinados pela commissão, diversas vezes, de 20 de janeiro a 30 de junho ultimo.

Sobre 26 casos, 20 pareceram aggravados; 2 ficaram estacionados; 3 fóram considerados sem utilidade em consequencia de exame incompleto e um apenas não deu logar a nenhuma reincidencia depois de quatro annos e meio.

Trez doentes tratados com o serum Doyen, na clinica Rothschild ou no hospital Laennec, não apresentaram, depois de melhoraes passageiras, nenhum symptoma de cura e necessitaram da intervenção cirurgica. As melhoraes fóram apparentes e poderiam ser obtidas com qualquer outro serum.

Durante cinco mezes e meio, a commissão não verificou caso algum de cura certa e pensa que o dr. Doyen, como muitos inventores, tomou os seus desejos como realidade.

Não sendo membro da Sociedade de Cirurgia o dr. Doyen, foi condemnado á revelia; mas affirma um dos seus assistentes que tendo communicado a sua descoberta ao Congresso de Cirurgia, para este appellará na sua proxima reunião no mez de outubro.

O dr. Doyen apresentará os seus doentes que o dr. Delbet encontrou em lastimoso estado: será a melhor resposta ao relatório.

Si este é exacto, todos esses doentes terão, certamente, morrido antes de 1º de outubro. A questão reside em saber o numero dos sobreviventes e seu estado e si concluindo, em relação a elles, de modo tão pessimista, o dr. Delbet não incorreu no defeito attribuindo ao dr. Doyen, tomando os seus desejos como realidade.

\* \*

*Um apparelho construido pelos doutores Robin e Binet, destinado ao exame clinico das trocas respiratorias.*

O dr. Robin apresentou á Academia de Medicina de Pariz, um engenhoso apparelho construido com a collaboração de Binet, destinado ao exame clinico das trocas respiratorias.

Com esse apparelho, todas as phases da respiração pódem ser analysadas e, graças ás differenças assim accusadas entre a respiração normal e a de um doente, Robin e Binet fizeram verificações muito uteis; puderam estudar o papel da alimentação nos tuberculosos. Sabe-se que a tuberculose exaggera as trocas respiratorias; toda a medicação ou alimentação que produzir effeitos contrarios serão bem applicados ao tratamento. O apparelho demonstra que a carne crúa prodúz esse resultado quando é absorvida na dóse de 100 a 150 grammas por dia. Com dóses de 400 a 500 grammas, ha, pelo contrario, um augmento de 25 a 30 % nas trocas respiratorias. Outro alimento, a gelatina, na dóse de 30 grammas, prodúz uma demora muito sensivel na marcha da molestia e as experiencias, feitas em Beaujou, deram sobre a materia excellentes resultados.

O dr. Robin examinou, pelo mesmo processo, a acção dos medicamentos de base arsenical e achou que, ministrados em fraca quantidade, 5 centig., prodúzem effeito salutar, ao passo que, dobrando a dóse, se regista um perigoso augmento respiratorio.

\* \*

*Novo processo de anesthesia pela via subcutanea e estomachal — Experiences do doutor Gréhant em cães.*

O professor Gréhant fez, na mesma sessão, uma interessante leitura sobre a anesthesia completa pela via subcutanea e estomachal.

Injectou, ao principio, na pelle de cães um centigramma de chlorhidrato de morphina por kilo; ao cabo de meia hora, com o auxillo de uma sonda esophagica, introduziu no estomago uma solução de chloroformio a 10 %, na dóse que prodúz a embriaguez. Em um cão, pezando 10 kilos, fóram empregados 500 centimetros cubicos de nma solução alcoolica contendo 2 1/2 centimetros cubicos de chloroformio. Meia hora depois, a anesthesia é absolutamente completa, e dura, como um somno profundo, durante horas.

O dr. Gréhant propõe applicar ao homem esse processo de anesthesiar, que offerece a vantagem, nos grandes traumatismos e, em particular, nas queimaduras estensas, de supprimir a dôr pela introducção no sangue venoso de uma pequena dóse de chloroformio.

*Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.*

As officinas dos *Annaes*, dispendo de um material completamente novo e moderno, encarrega-se de todo trabalho typographico.

## A ARMADA NACIONAL

*O primeiro feito da nossa armada em que figuraram navios a vapor — As instituições inutilizando os homens...*

Por isso que, para deante, com mais minucia, serão estudados, em seus detalhes, os varios ramos do estabelecimento naval, continuamos a nos não deter, senão só de passagem nos occuparemos com as refórmulas que com o tempo fóram surgindo e com os impulsos dados pelo governo do Imperio em pról do engrandecimento da armada nacional.

Assim, tinhamos já chlegado ao advento, quasi definitivo, entre nós, do vapor, empregado como motor nos navios de guerra, o que aqui, como anteriormente em quasi todo o mundo, levantou um espirito de resistencia, aferrado á rotina e á tradição. E, nos limitando ao que ficou dito sobre a marinha nos primeiros annos do segundo reinado, vimos rapidamente alcançar a campanha contra Rosas.

A nossa esquadra nella tomou parte bloqueando Montevidéo e a costa do Uruguay, ficando então Oribe impossibilitado de receber recurso de Buenos-Ayres.

Montevidéo viu-se livre do prolongado sitio em que o tinha este chefe, derrotado pelo exercito imperial, e a armada brasileira pôde assim transpostar a divisão do general Marques de Souza, mais tarde conde de Porto Alegre, afim de fazer junccção com o exercito de Urquiza.

A nossa esquadra era, então, comandada pelo bravo Pascoe Greenfell, e, no passo do Tonelero, teve de enfrentar uma bateria de 16 peças, que fóra assestada no barranco.

A divisão brasileira gallhardamente transpoz esse passo difficil, sustentando, durante uma hora, o fogo inimigo, e mais uma vez ficava provada a bravura dos nossos marinheiros.

A passagem de Tonelero foi o primeiro feito da nossa armada em que figuraram navios a vapor, e logo como elemento primordial. Esse factio fez desaparecer as ultimas resistencias contra elles, e, em 1852, já o ministro Tosta, posteriormente barão de Muritiba, aconselhava a que se augmentasse o numero de embarcações a vapor, na nossa esquadra.

Victorioso contra Rosas, cujo tyrannico poder sossobron na batalha de Monte Caseros, sendo, já antes, responsavel pela soberania do Uruguay; presas as demais republicas sul-americanas de luctas intestinas, continuava o Brazil a manter, e lhe era facil, a supremacia naval na America do Sul, da qual a pedra de toque era a estação, em Montevidéo, duma divisão relativamente forte.

Em 1850, decretava-se um plano de reorganisação do material fluctuante, plano racional e que nos faria senhores duma bôa esquadra. Até ahi, tudo quanto se havia feito para augmentar o nosso poder naval, o fôra conforme as necessidades exigiam, quando se manifestavam. Nenhuma orientação segura predominára nas administrações para aquisição do material, o que muitas vezes a urgencia das circumstancias não permitia. A introdução dos navios a vapor fizera-se morosamente, sem estudo e attendendo-se, não as necessidades da marinha de guerra, mas sim as da correspondencia do governo e fiscalisação das costas.

Foi assim que, antes da guerra cisplatina, não tínhamos esquadra para operar efficaçmente no estuario do Prata; depois della, constituimos uma esquadra para operar ahi; se fôssemos atacados no mar, por um inimigo que nos levasse para o oceano, nossa força seria fraca; foi assim que, mais tarde, passada a campanha do Paraguay, houve um prurido de construcção de canhoneiras para rio; é assim que, hoje, surge a difficuldade do Acre e logo se faz a encomenda de canhoneiras typo Melik.

Mas, voltemos a 1850.

Dir-se-ia, ao ser decretado aquelle plano, que iriamos entrar num periodo franco de engrandecimento; que, estudadas as condições estrategicas a que devia satisfazer a nossa esquadra, ir-se-ia organizar para o Brazil uma marinha de guerra que lhe satisfizesse as necessidades. O plano era effectivamente bom.

Mas — desillusão! — já no anno seguinte o mesmo ministro que o decretára, pedia lhe fôssem feitas modificações. Afinal «aquelle ambicioso plano, porém, como todos os programmas posteriormente traçados para augmento da nossa força naval, nunca saíu do dominio burocratico para a realidade, e o mesmo ministro Vieira Tosta, depois barão e Muritiba, que o formulou, já no anno seguinte, em seu relatorio, indicava a conveniencia de modifical-o (1).

A proposito desse plano, diz o sr. visconde de Ouro Preto: «No anno de 1850, decretou-se um plano de reorganisação da marinha de guerra, que figurou apenas na colleção das leis, não tendo sido nunca executado. Erro deploravel; uma esquadra regular sómente se consegue lenta e laboriosamente. A conveniencia ou velleidade de momento, fazia indifferentemente assentar no estaleiro a quilha de um navio, e indicava-lhe a classe, as dimensões, o armamento e mais condições nauticas ou bellicas. Do mesmo modo, se se preferia ou era mistér adquiril-o já prompto, tomava-se não o que pudesse satisfazer o fim proposto,

mas sim o que mais se approximasse, o que houvesse de menos máu.»

A caça aos negreiros que, renitentes, continuavam no trafico dos africanos, fornecia ainda a nossos officiaes uma excellente escola nautica, um largo tirocinio do mar, que as viagens longas ao estrangeiro, então creadas, vi-nham auxiliar.

Continuava-se a aquisição de unidades, sem orientação, repetimos, e essa aquisição veio patentear a necessidade de concluir o dique que, havia trinta annos, (!) se escavava. Oito annos depois de mandadas activar as obras, estava terminado.

Por essa epocha mais ou menos, creava-se uma escola pratica de artilharia, da qual diz o sr. visconde de Ouro Preto: «Para as praças do corpo de imperiaes marinheiros e do batalhão naval, existia uma escola pratica, apenas no nome, porque nunca dispoz de uma linha de tiro.»

Deve ser aqui tambem notado o facto da introdução da helice como propulsor nos navios de guerra, devida á iniciativa do, mais tarde, almirante visconde de Lamare. Apareceu em quatro corvetas mandadas construir na Inglaterra, e foi tambem applicada em diversos navios cuja construcção começava no arsenal do Rio.

O espaço comprehendido entre 1850 e 1860, foi de bastante animação para os nossos arsenaes, que pareciam melhorar. Porém, quando o trabalho devia ser um pouco mais aperfeiçoado, era máu o resultado. Os operarios e mestres eram primitivos ainda, e nada mais se podia exigir.

Em dezembro de 1854, o governo imperial, no intuito de estabelecer facéis communicações para a provincia de Matto Grosso, problema sempre debatido e que, só agóra, após 15 annos de Republica, parece ter entrado em caminho de resolução, desejou que o rio Paraguay lhe fôsse aberto á livre navegação e ao transito de qualquer força naval, vantagem de que já gozavam outros estados e a que o Brazil tinha direito como senhor de grande trecho do curso superior desse rio.

Para negociar um tratado que, ao mesmo tempo que puzesse fim á questão de limites com aquella Republica, lhe trouxesse tal regalia, fez-se seguir naquella epocha o chefe de esquadra Pedro Ferreira de Oliveira á testa de uma força naval que se compunha de 10 navios a vapor e 9 a vela.

O dictador Lopez, pae, exigiu, como preliminar, que essa esquadra se retirasse das aguas paraguayas, afim de entrar em negociações. E, de facto, para Assumpção subiu aquelle chefe unicamente com a canhoneira *Ypiranga*.

As negociações entabuladas deram logar á convenção provisoria assignada na capital do Paraguay e que não

foi ratificada pelo governo imperial, que apresentou, entre outros, como motivo, não lhe satisfazerem os limites impostos pelo dictador paraguay ao transito de embarcações de guerra.

As relações com a visinha Republica, por essa epocha, se não eram de molde a denunciar um rompimento mais ou menos immediato, não eram, comtudo, das mais amigaveis e tiveram seu maximo de tensão em 1857

Neste anno, ainda só ante o novo perigo que surgia, o governo imperial, tendo consciencia da falta de uma flotilha que defendesse as longinquas fronteiras fluviaes de Matto Grosso, que tão culposamente abandonára, a despeito de innumerous avisos, pediu e obteve do Parlamento, auctorisação para mandar construir dez canhoneiras apropriadas a operações fluviaes.

A crise conjurou-se, porém, e, ainda uma vez, os acontecimentos suppriam a inercia dos nossos administradores: a marinha de guerra lucrava alguns navios.

No anno de 1858, na Camara dos deputados, o representante de Matto Grosso, Corrêa do Couto, analysando o caso, que julgava provavel, de guerra com o Paraguay, dizia: — «Estou convencido que se se dêsse agóra o caso de guerra do Paraguay, além da provincia não estar preparada, o governo se veria embaraçado em mandar para alli o que ainda lhe falta, pois que nada está preparado na provincia, nem para transportes». O ministro da Marinha de então, José Antonio Saraiva, respondia: — «Temos esperança de que a paz continúe!» Como era bem ministro da Marinha, e bem estadista brasileiro!

O general Albino de Carvalho, em seus relatorios, pouco depois, chamava energicamente a attenção do governo para o abandono de Matto Grosso. Mas, havia a esperança de que a paz continuasse!

E diz o almirante Jaceguay: — «A passageira leva de broques que determinára a construcção de dez canhoneiras no anno de 1857, na imminencia de um rompimento com o Paraguay, seguiu-se um periodo de culposa despreoccupação dos poderes publicos pelo incremento do nosso poder naval, do qual a nação só veio a aperceber-se por occasião das *affrontosas represalias* praticadas no anno de 1862, em *nossas aguas territoriaes*, por dois vasos de guerra da marinha ingleza, represalias que patentearam, da maneira *mais humilhante*, como os nossos portos mais importantes e a marinha mercante nacional *estavam inteiramente indefezos contra a mais fraca aggressão externa*». (O gripho é nosso).

Effectivamente, assim era, e o visconde de Ouro Preto, a proposito desta mesma questão Christie, assim escreve: «A despeito do patriotico,



movimento da opinião, que *concitára o governo a cuidar, mais seriamente do que até então fizera*, dos aprestos militares, que não despreza nenhum povo prudente, sem embargo da nobilissima reacção do espirito publico, determinada por violencias recentes de alguns navios inglezes, que, obedecendo ás ordens tresloucadas do ministro Christie, *violaram a soberania nacional em nossas aguas territoriaes*, executando injustas represalias por suppositos agravos, cuja inexistencia depois reconheceu o proprio governo britanico, dando condignas satisfações.» (*O grifho é nosso*).

Paladinos da marinha de outr'ora, que é desse poder naval, cuidadosamente creado pelos estadistas do Imperio; que é dessa esquadra que collocava o Brazil entre as grandes potencias navaes, e que, no entanto, deixava, na phrase a mais não ser insuspeita do sr. visconde de Ouro Preto, «violarse a soberania nacional em nossas aguas territoriaes»?!

Que mais que isso fez o governo que deixou se occupasse a Trindade e deu ensejo á tragedia do Amapá?!

Quando chorais a marinha de outr'ora, por ventura vos refiris ao periodo de 1870 a 1889?! Lá chegaremos tambem. Simplesmente, então, não houve um Christie que quizesse pôr em prova o nosso poder naval; se o houvesse, as mesmas humilhações ser-nos-iam impostas. Veremos.

Estudando mais ou menos esse periodo, diz o almirante Jaceguay: «Nos progressos que se haviam operado durante o decennio anterior, na construcção dos navios de guerra, uma evolução se havia dado, da qual não participára a nossa marinha: a dos navios a vapor dotados de machinas poderosas, capazes de imprimirem as maiores velocidades então attingiveis. Nunca passáramos de navios mixtos de pequena velocidade...»

«A construcção do encouraçado *Brazil* representou, pois, um salto no nosso andar rotineiro; salto que, com certeza, não se teria tentado se a guerra civil, que se feria então nos Estados Unidos, não tivesse offerecido o espectáculo das proezas do encouraçado *Merrimac* em Hampton Roads.»

Cabe aqui, e a proposito do estado indefeizo dos nossos portos então, a que se refere o almirante Jaceguay, salientar que, poucas nações no mundo, terão feito pela defeza dos portos das suas colonias o que Portugal fez pela dos do Brazil. Raro era o porto da nossa costa, em que não existiam fortificações estabelecidas pelos portuguezes. Entretanto, todas fôram abandonadas, desmantelaram-se, e innumerous canhões abandonados sobre muralhas derrocadas, ainda hoje attestam o esforço de Portugal para tornar defensavel efficazmente a sua

melhor colonia. E não nos referimos só aos portos de importancia, mas até mesmo a portos como Macahé, Ilhéos e outros. No mesmo livro dos srs. almirante Jaceguay e capitão tenente Vidal de Oliveira, que vimos citando, na parte por este ultimo escripta encontra-se um largo trecho referente ao assumpto.

Passado que foi o incidente Christie, em que a nação se sentiu tão duramente humilhada, diz ainda o sr. visconde de Ouro Preto: «apezar desses precedentes que nos deviam pôr de sobre-aviso, *recaíramos na antiga inercia e voltáramos ao habitual desleixo* no tocante ao exercito e á armada». O sr. almirante Jaceguay escreve: «A explosão fugaz do amor proprio nacional offendido, a que deu logar o vexatorio incidente, com relação á nossa *impotencia* naval, não teve outro effeito, a não ser o da iniciativa de promover-se no paiz um subscripção para com o seu producto occorrer-se á construcção de vasos de guerra».

E, assim, chegavamos ao anno de 1864, em que o paiz se viu a braços com a guerra contra o Uruguay e, logo em seguida, contra o Paraguay tremenda licção que o governo imperial ia receber, lucta na qual só conquistámos a victoria pela inspiração desesperada e providencial de Barroso em Riachuelo e pelas brilhantes qualidades tacticas de Ozorio em Tuyuty.

Analysemos, agóra, o pé do poder militar naval do Brazil, ao surgir no horizonte politico essa terrivel borrasca que foi a guerra do Paraguay Nada de novo escreveremos; para esse estudo, bastar-nos-á lançar mão de tres publicações de auctorizados escriptores, cujos nomes dispensam os nossos elogios: *A marinha de outr'ora*, do sr. visconde de Ouro Preto, e *Quatro seculos de actividade maritima e Ensaio sobre a genesis e desenvolvimento da marinha brasileira*, ambos dos srs. almirante Arthur de Jaceguay e capitão-tenente Vidal de Oliveira Freitas.

\* \*

O ministro da Marinha, em 1860, Francisco Xavier Paes Barreto, em seu relatório ás Camaras, dizia:—«Os recursos ordinarios do orçamento mal chegam para a conservação dos navios que possuímos e construcção de alguns pequenos navios, destinados a substituir os que se vão inutilizando e que são indispensaveis ao serviço e policia dos nossos portos e costa. Entretanto, ninguem desconhece a necessidade que sente a nossa armada de algumas fragatas e corvetas de primeira ordem do systema mixto». O sr. almirante Jaceguay, transcrevendo este trecho, acrescenta:—«*Mutatis mutandis* eram esses os termos da synthese que fa-

ziam todos os ministros do segundo reinado, do estado da nossa marinha; nenhum delles, a não ser sob a pressão de guerra externa, tendo sabido resolver o problema de transformar em marinha de guerra, a marinha de policia costeira e fluvial, que consumia o orçamento votado annualmente; isso pela razão de que nenhum delles elevou-se pela intelligencia á altura de comprehender que, verificada a necessidade de uma marinha de guerra, etc.»

Pensamos de inteiro accordo com o sr. almirante Jaceguay. E, entretanto, é força convir que, posteriormente, geriram a pasta da marinha, ministros que, se não fôsse a esteril lucta de partidos que foi o governo monarchico, nascidos antes de tradições conservadas nas familias, de luctas de interesses nas provincias, nos municipios, do que na conquista de qualquer medida de alcance politico, de alguma inspiração nacional; ministros, diziamos, que, se não fôsse aquelle choque perpetuo de partidos que lhes tirava a estabilidade na pasta, muito teriam feito pela marinha; tel-a-iam talvez transformado, ter-se-iam, talvez, «elevado pela intelligencia, etc.», e, entre estes, citamos, auctorizados pelo que fizeram e pelas tradições deixadas, os srs. viscondes de Lamare e Ouro Preto e os conselheiros Andrade Pinto e Alfredo Chaves; os primeiros, ministros menos de dois annos; os ultimos, menos de um.

Demais, diz-se, a pasta da marinha era, naquella epocha, uma pasta de aprendizagem!

E, hoje, que os ministros téem diante de si quatro annos, que de incompetentes téem gerido a armada!

Pobre marinha! Quando alguns dos teus directores podiam elevar-te, não tinham elles tempo de o fazer; hoje, o tempo lhes sobra e falta-lhes o valor para tanto. Lá, as instituições inutilizando os homens; aqui, os homens pervertendo as instituições.

TONELEIRO.

(Continúa).

(I) A. Jaceguay e Vidal de Oliveira, *Ensaio sobre a genesis e desenvolvimento da marinha brasileira*.

MEU CARO REDACTOR.—O meu ultimo artigo, publicado no numero 42 dos *Annaes*, de 3 do corrente, saíu com alguns erros, graças á adoravel calligraphia com que delicio os revisores e a quantidade de emendas com que bordo os meus originaes, na invencivel preguiça de os passar a limpo.

Assim é que, em um dos paragraphos finaes, se encontra um maldito *concepção* no sentido de *nascimento* e que, pela estructura da phrase, o *gestação*, que lá está, dir-se-ia empregado significando justamente *concepção*.

Ora, esse é um grave erro, sobretudo para quem fez por dever do officio (é o meu caso) da biologia, a sua especialidade.

Contudo, não foi esse o que mais me irritou, mas sim aquelle *multissimo intelligente*, já nas ultimas linhas do artigo. Não que esteja mal applicado; simplesmente, porém, a palavra intelligencia faz suppor vivo raciocinio e facilidade de conceber (cá está bem empregado) e manifestar idéas. Ora, justamente a auctoridade a quem me referia só tem lentas, tardas decisões, e isto desde o tempo em que, com 30 annos, conselheiro já, illuminava a armada, segundo os seus biographos, com assombrosos pareceres sobre as questões mais palpitantes.

E', por certo, intelligente, muito intelligente mesmo essa auctoridade; mas porque o profundo estudo que dedica a qualquer assumpto faça desaparecer quasi o trabalho do seu grande talento, caber-lhe-ia muito melhor o *multissimo studioso* que devia estar no original. E' justamente esse profundo estudo que torna demoradas as suas decisões; mas, ellas são sempre as melhores e as mais sensatas. Interrogado de chofre sobre qualquer ponto, ella, de certo, se furtará a emittir opinião e assim seguindo o exemplo do immortal estadista portuguez Alves Pacheco, com o qual tem muitos pontos de contacto, nunca errará para felicidade da armada, que vive na ancia de ver surgirem as suas luminosas e esclarecedoras palavras. Sen, etc., *Toneleiro*.

PUBLICAMOS, em seguida, a ultima parte do artigo do sr. Gastão Bonnier, a *Resurreição da geração espontanea*, cujo começo se deu á publicidade no numero 42 dos *Annaes*.

### A RESURREIÇÃO DA GERAÇÃO ESPONTANEA

Como quer que fôsse, Hæckel desenvolveu, com ardor, a necessidade da geração espontanea absoluta, pelo menos em uma certa epocha da evolução do Globo, quando a agua se formára na sua superficie e elle achou verosimil que a creação de sêres vivos, *moneras*, possa reproduzir-se todos os dias. Não aduziu, infelizmente, prova alguma, e a sua argumentação repousa unicamente sobre as deducções acima indicadas, absolutamente insufficientes para apoiar a theoria proposta.

Para precisar essa hypothese, é preferivel citar um discipulo e admirador de Pasteur, o qual professa, sob outra fórma, as idéas de Hæckel. Eis como se exprime Le Dantec:

«Não havia agua sobre a Terra, mas ella existe: logo, appareceu; não havia substancias plasticas, mas existe substancia plastica: logo, a vida elementar appareceu...

«Não nos admiramos da apparição d'agua porque sabemos reproduzir nos laboratorios a sua synthese; mas não sabemos ainda reproduzir a synthese das substancias plasticas, nem mesmo lhes conhecemos a composição chimica. Em outros termos: no actual estado das coisas, assistimos todos os dias á vida elementar manifestada, mas não a apparição da vida elementar.»

O auctor suppõe, então, como Hæckel, que, num certo momento, a vida

appareceu sob a fórma dos mais simples sêres vivos, as *moneras*, simples cellulas sem nucleo, minusculas parcellas de materia viva.

Le Dantec diz mais adeante: «Em summa, nós temos certeza de que a vida elementar appareceu.» E pelas phrases seguintes, dá a entender: appareceu sobre a Terra.» Não vejo porque estejamos certos disso. O impulso de Hæckel ou o raciocinio pelo absurdo de Le Dantec não são persuasivos. E porque afirmar a todo o transe que os sêres vivos tenham a sua origem no Globo terrestre? Isto importa em encarar as coisas de um ponto de vista muito restricto, e o panspermismo ancestral de William Thomson é mais satisfactorio para o espirito.

Um transporte contínuo se realisa entre os planetas pelos meteoritos que pódem conter germens, porque são apenas esterilizados na superficie pela passagem através da atmosphaera. Não será razoavel admittir que, chegada a um certo momento de desenvolvimento, quando se resfriou na superficie, tendo desenvolvida a agua e uma atmosphaera, a Terra, como os outros astros, se tornasse propicia ao desenvolvimento dos germens? O planeta poderia, então, começar a cobrir-se desse *bolor* formado pelo complexo dos sêres vivos. E a ensemantação inter-astral continuou, dando sempre novos pontos de partida á formação dos organismos, que provêem sempre de organismos preexistentes.

Poder-se-á dizer: Isso importa em retrotrair o problema da origem dos sêres vivos.

Certo, isso importa retrotrair-o como se pôde fazer em relação á origem da materia ou á origem do espaço. A eternidade da substancia viva é, também, admissivel, e parece estranha concepção pretender que provenha da Terra tudo quanto está sobre ella, não considerando que os bolidos formaram sobre o nosso Globo importantes depositos.

Além disso, a prova do facto não é impossivel, procurando examinar o interior dos meteoritos quando acabam de cair sobre o Globo, sobretudo os que encerram carbono. E se essa suposição plausivel se pudesse provar, a questão da geração espontanea teria apenas interesse secundario.

\* \*

Mas, voltemos ao problema como foi proposto.

Ao lado da hypothese de uma creação espontanea, em dado momento, da primeira cellula viva, citaremos, apenas como recordação, uma theoria que teve a sua hora de voga. Oken havia, antes que qualquer outro, supposto existir no fundo dos mares uma substancia viva, mais ou menos ho-

mogenea, tendo nascido espontaneamente, em determinada epocha da historia da Terra e da qual deveriam sair todos os sêres vivos, que appareceram sobre o nosso globo. Huxley, examinando um deposito argiloso do fundo dos mares, julgou encontrar, realmente, esse pae commum dos organismos, o qual ainda hoje existiria. Denominou *bathybius* a essa substancia semi-fluida, viscosa e sem fórma definida. Nada, porém, de preciso, accresceu a essa observação vaga, e o *bathybius* teve a mesma sorte das substancias hemiorrganicas, que Frémy imaginára nas objecções ás experiencias de Pasteur.

Como lembrámos acima, os consideraveis progressos das investigações modernas na arte de colorir substancias vivas para lhes destacar, ao microscopio, as diversas partes, deram a conhecer nas cellulas, outr'ora consideradas elemento primordial, uma structura de extrema complexidade.

Não se poderia, portanto, questionar a proveniencia de um certo organismo de uma pura combinação chimica dos elementos que elle contém ou de suppor-o extraído de um *bathybius* qualquer. No estado actual dos nossos conhecimentos, é tão difficil de conceber a apparição espontanea de uma cellula, como a de um sê vivo completo.

Verificada a presença de nucleo em quasi todas as *moneras* procuraram encontrar fórmulas primitivas nas cellulas sem nucleo de outros sêres inferiores — algas azues, bacterias; mas recentes investigações provam que as cellulas desses sêres são também muito diferenciadas em sua substancia intima. A existencia do nucleo acaba de ser verificada nas algas azues e o estudo minucioso das bacterias revelou nellas uma complicação nuclear, que se não suspeitava. Além disso, a organização da substancia viva de todas as cellulas se mostra, si bem que de maneira imperfeita, admiravelmente complicada.

A substancia viva geral ou protoplasma pôde apresentar o aspecto reticular, alveolar, fibrilario, granular. Altmann e outros consideram, mesmo, os granulos protoplasmicos como as unicas partes vivas da substancia. Quanto á materia que forma o nucleo, parte essencial da cellula viva, ella é muito mais complexa e apresenta, no momento da divisão de uma cellula em duas, aspectos successivos variados, cuja successão é sempre quasi identica a todas as cellulas dos animais e dos vegetaes, manifestando-se sempre a existencia de granulos vivos dotados de propriedades especiaes.

Foi-se mais longe, nas hypotheses relativas ás parcellas que formam a materia viva; chegou-se a suppor que todas as partes de uma cellula são

constituídas por elementos extremamente pequenos e capazes de se multiplicarem por si mesmos; esses elementos aos quaes se deu, de maneira geral, o nome de *micelles*, seriam células da cellula, elementos dos elementos. A theoria cellullar foi substituída pela micellar.

Isto importa volver, por diverso caminho, ás celebres moléculas organicas de Buffon. Mas as cellulas, na maioria dos casos, são visíveis, ao passo que as moléculas organicas, as verdadeiras *micelles* não se vêem: são ultra microscopicas, preciosa vantagem para combinal-as no espirito da maneira mais favoravel.

Qual é o principal argumento em favor da realidade das *micelles*? E' o facto notavel, ao qual alludimos acima — a existencia de microbios invisíveis. Para citar apenas um exemplo, perfeitamente estudado em sua propagação depois dos processos de Pasteur, diremos uma palavra acerca desse organismo, tão pequeno que a sua fórma escapa a qualquer microscopio e que, entretanto, é capaz de matar um boi — a bacteria da peripneumonia bovina.

Si extrairmos uma gotta da serosidade colhida nos pulmões de um boi affectado de peripneumonia e a semarmos em um caldo de cultura, obtem-se um liquido apenas differente do caldo esteril e puro, capaz de inocular a molestia. Tudo, em uma palavra, se passa como si se operasse com a cultura de um organismo visível ao microscopico e que se desenvolvesse no caldo, caso que se reproduz quanto á maior parte dos microbios infecciosos. E' verdade que, por um novo dispositivo dos apparelhos microscopicos, pôde-se entrever, no caldo alterado pela bacteria da peripneumonia, pequenos pontos brilhantes e moveis, cuja fórma fôra impossivel distinguir.

Si fôsse possivel distinguil-a, si se visse alguma coisa, esse organismo infimo não teria mais interesse para a theoria micellar.

E' um erro affirmar que os sêres são muito simples porque são muito pequenos. Um cogumello gigantesco, como o *bovista gigantea*, é de organização muito mais simples do que um desses pequenos insectos que apenas se distinguem quando correm sobre uma folha de papel. Ha cellulas enormes, visíveis a olho nú, cuja structura é menos complicada do que a de outras cellulas muito menores.

Porque seriam esses microbios invisíveis *micelles* ou compostos de *micelles*? Nada o prova e pôde-se citar o facto seguinte em favor da opinião contraria. O sr. Gallaud descobriu recentemente cogumellos que apresentam sucores formados de ramificações dividindo-se em ramos cada vez mais finos. Quando se examinam esses su-

cores arborescentes, subsiste em toda a periphéria uma massa, na apparencia cheia de flócos, formadas pelos ramusculos ainda mais delicados, porque estes apparecem mais numerosos á medida que se augmenta a imagem ao microscopio, sendo que, em definitiva, não se pôde ver, mesmo com o mais forte augmento, a terminação dos ramusculos. A parte visível dessa ramificação possúe, em geral, a mesma organização; seja grosso ou extremamente fino o ramo, é sempre materia viva cercada por uma membrana de cellulose; a arborescencia inteira, que é a expansão de uma cellula ordinaria, é constituída do mesmo modo. Essas terminações de fibramentos ramificados, tão tenues que são invisíveis, não são por isso *micelles*; são tão complicados quanto o resto de cellula de que fazem parte, caso que faz pensar no microcosmo de Goethe.

Não nos estenderemos longamente sobre a theoria micellar sinão para dizer que tentaram empregal-a para apoiar uma resurreição da geração espontanea.

O argumento typico é tirado da curiosa descoberta do platino colloidal. Quando se mergulham n'agua duas varinhas de platina e se faz passar entre ellas o arco electrico, finas particulas de platina se destacam e ficam suspensas n'agua em estado colloidal. E, como o liquido, que contém essas particulas ultra-microscopicas, tem algumas propriedades, que possúem tambem substancias secretadas pelos sêres vivos, podendo mudar a natureza dos assucars ou transformar o vinho em vinagre, concluiu-se que com platina e agua se haviam fabricado *micelles* á vontade.

Si se fabricam *micelles*, e si a cellula viva se compõe de uma agglomeração de *micelles*, fabricou-se materia viva.

Essas experiencias sobre os corpos colloidaes metallicos são evidentemente das mais interessantes de diversos pontos de vista; parece, porém, muito difficil darem uma prova qualquer em favor da possibilidade, para o homem, de crear sêres vivos. Não nos referimos á experiencia sensacional que Burke acaba de fazer. Este joven sabio inglez pretende ter descoberto a geração espontanea, fazendo agir o radium sobre um caldo de cultura esterilizado. Pretende ter visto se produzirem pontos negros esphericos que se subdividem e, ao inverso das *micelles*, esses corpos seriam insolúveis n'agua!

Cagliostro sómente pretendeu, até hoje, haver operado esse milagre.

GASTÃO BONNIER,  
Da Academia das Sciencias.

## PAGINAS ESQUECIDAS

FÉ

As acções dos homens  
Subam eternamente aos teus ouvidos,  
Eternamente aos teus ouvidos soem  
Os canticos da terra.

No turvo mar da vida,  
Onde em parceis do crime a alma naufraga,  
A derradeira bussola nos seja,  
Senhor, tua palavra.

A melhor segurança  
Da nossa intima paz, Senhor, é esta,  
Esta a luz, que ha de abrir a estancia eterna  
O fulgido caminho.

Ah, feliz o que pôde,  
No extremo adeus ás coisas deste mundo,  
Quando a alma, despida de vaidade,  
Vê quanto vale a terra;

Quando das glórias frias  
Que o tempo dá e o mesmo tempo come,  
Despida já, os olhos moribundos,  
Volta ás eternas glórias;

Feliz o que nos labios,  
Na coração na mente põe teu nome,  
E só por elle cuida entrar cantando  
No seio do infinito!

MACHADO DE ASSIS.

\* \*

### O ALMA-NEGRA

O Melro, ás 8 da noite, quando os freguezes desalojaram, fechou a taverna; e, espreitando se os pequenos dormiam, disse á mulher:—A casa do Cambado é nossa, mas é preciso vindimar o Zeferino...

— Credo! — exclamou a mulher, com as mãos na cabeça — Nossa Senhora nos acuda!

— Leva rumor! — e punha o dedo no nariz.

— O' Joaquim, ó marido da minha alma, lembra-te dos tres annos que penaste na cadêa! Olha para aquelles quatro filhos!...

— Já te disse que me não cantes! --e relançava-lhe o seu formidavel olhar vêsgo, incendiado com os lampejos da candêa, em que afogueava o cachimbo de páu. Depois, foi tirar dentre a cama de bancos e a parede uma velha clavina. Sentou-se á lareira, e disse á mulher que tivesse mão na candêa. Enroscou o saca-trapo na ponta da vareta de ferro e descarregou a arma, tirando primeiro a bucha de musgo, e, depois, voltando o cano, vazou o chumbo na palma da mão.

—O' José, vê lá o que vâes fazer!— insistia a mulher, limpando os olhos com a estopa da camisa. E elle, assobiando o hymno da Maria da Fonte, despejava a polvora da escorva, desparafusava a culatra e tirava as duas braçadeiras. A mulher soluçava, e elle, cantando numa surdina rouca:

Leva ávante, portuguezes  
Leva ávante, não temer...

— Pelas chagas de Nosso Senhor, lembra-te dos nossos pequenos!

E o Melro, numa distracção lyrica:

*Pela santa liberdade,  
Triumphar ou padecer...*

Depois, bufava para dentro do cano, e punha o dedo indicador no ouvido da culatra para sentir a pressão do sopro, que fazia um fremito aspero, impedido pelas escorias nitrosas. Pediu á mulher umas febras de algodão em rama, enroscou-as numa agulha de albarda e escarafunchou o ouvido do cano.—Está suja —disse elle— dá cá um todo-nada d'aguardente.

— Joaquim, vamo-nos deitar pelas almas! Não te desgraces!

— Traz aguardente e cala-te, já t'ó disse, mulher, com dez diabos! —

E pôz-se a assobiar. Enroscou algodão embebido em aguardente no saca-trapo, e esfregou repetidas vezes o interior do cano, até saírem, brancas e seccas, as ultimas farripas de zaracotea. Soprou novamente, e o ar saía sem estorvo pelo ouvido, com um sibilo egual.

Armou a clavina, aparafusou as braçadeiras, a culatra e a fecharia, introduzindo a agulha. Aperrou e desfechou o cão repetidas vezes, acompanhando o movimento com o dedo pollegar, para certificar-se de que o desarmador, a caxêta e o fradête trabalhavam harmonicamente. Levantou o fuzil de aço, que fez um som rijo na mola, e friccionou-o com polvora fina; e, com o bordo dum navalhão de cabo de chifre, lascou a aresta da pederneira, que faiscava.

— Valha-me a Virgem! valha-me a Virgem! — soluçava a mulher.

— Váe á loja atrás da ceira dos figos, e traz o masso dos cartuchos e uma cabacinha de polvora de escorvar, que está ao canto.

A mulher dava-lhe as coisas, a tremer, e fazia invocações ao Bom Jesus de Braga, e ás almas santas bemditas. Elle encarou-a de esconso, e regougou: — Máu!... máu!

Carregou a clavina com a polvora dum cartucho; bateu com a cronha no sobrado, e deu algumas palmadas na recamara, para fazer descer a polvora ao ouvido. Fez duas buchas do papel do cartucho, bateu-as com a vareta ligeiramente, uma sobre a polvora e a outra sobre a bala.

Depois pegou da clavina pelo guarda-matto, e poz-se a fazer pontarias vagamente, passeando um olho, com o outro fechado, desde a mira ao ponto.

A mulher fôra sentar-se no sobrado, á beira da enxerga de tres filhos a chorar; o mais novo esperneava, dava vagidos na cama a procural-a. *O Alma-negra* fôra dentre beber uns tragos de aguardente; voltou enroupado num capote de militar, despojo das bata-

lhas da *Maria da Fonte*.—Ora agóra—disse elle— ouviste? porta da cosinha e a cancella da horta aberta, porque eu venbo do lado do pinhal.

— Váe com Nossa Senhora— disse a mulher— e poz-se de joelhos a uma estampa do Bom Jesus a rezar muitos *Padre-Nossos* a fio.

\* \* \*

Era uma noite de fevereiro, de nevoa cerrada, um céu de carvão pulverisado em brumas molhadas, sem clareira onde lucilasse uma estrella. Não se agitava um galho de arvore núa movido pelo ar, nem ondulava uma herva. Era a serenidade negra e imota das catacumbas. A's vezes, rugia nas folhas ensopadas de nebrina, no chão esponjoso das carvalheiras, a fuga rapida das hardas, dos tourões e das raposas, que se avisinhavam do povoado a fariscarem as capoeiras. O Joaquim Melro estremecia e punha o dedo no gatilho. O restolhar dum gato bravo, o pio da coruja no campanario distante, punham arrepios de medo na espinha daquelle homem que ia matar outro— chamal-o á janella e varal-o á traição com uma bala.— Era o traçado.

— Que raio de escuro! — dizia, esbarrando nos espinheiros perfurantes.

Em noites assim, o universo seria o immenso vacuo precedente ao *Fiat* genesiaco, se os viandantes não esbarrassem com as arvores, e não escorregassem nos silvedos das ribanceiras. O noctivago sente na sua individualidade, nos seus callos e no seu nariz, a doce impressão pantheista das arvores e dos calhás. Que este globo está muito bem feito. Os transgressores do descanço que Deus estatuiu nas horas tenebrosas, os scelerados das aldêas que larapeiam o presunto do visinho, que empunham o trabuco homicida, se não temem encontrar as patrullhas civicas das grandes municipalidades, encontram os troncos hostilmente nodosos das arvores, que são as patrullhas de Deus. Alguns, porém, protegidos pelo Mephisto, a quem venderam a alma pelo preço da consciencia eleitoral, ou mais barata, chegam incolumes ao delicto, passando illesos como o lobo e o javali por entre os troncos das carvalheiras esmoitadas, hirtas, com os galhos a esbracejarem retorcidos numa agonia patibular.

O Melro, como o porco montez e o lobo cervical, embrenhára-se por pinhaes e carvalheiras; ás vezes, parava a orientar-se pelo cucuritar dos gallos tresnoitados e latir dos cães. Ao fundo das bouças ladeirentas, rugia o rio Péle nos açudes das azenhas e nas guardas dos pontilhões. Lamellas era da parte d'além. Mas o rio, de monte a monte, rugia intransitavel nas pe-

quenas pontes. Foi á de Landim, uma aldêa engravatada, onde ainda se avisstavam clarões de luz nas vidraças das familias distinctas, que jogavam a bisca em ricos saráus.

Havia tambem um rumorejo de vozes, que altercavam na taverna do Chasco. Tinia dinheiro lá dentro. Jogava-se o monte.

O Melro cuidou ouvir proferir o nome do Zeferino. Abeirou-se, pé ante pé, do postigo da taverna, e convenceu-se de que estava alli o pedreiro. Era elle quem reclamava um quartinho que puzera *de porta*.

— Que não admittia ladroeiros!

E o banqueiro, desfeitoado, observava-lhe que nada de chalaças a respeito de ladroeiros; que todos que estavam daquella porta para dentro eram cavalheiros. O Zeferino replicava que não queria saber de cavalheiros; que queria o seu quartinho ou que se acabava alli o mundo. Que quem queria roubar que fôsse para a Terra Negra.

A allusão era muito certa e inconveniente. Estavam na roda das cavalheiros alguns veteranos da antiga quadrilha do Faisca, na Terra Negra, muito desfalcada pelo degredo e pela forca. Travou-se lucta a socco e páu; havia lampejos de navalias que davam estalos nas molas; o Tagarro de Monte Cordova tinha feito afocinhar o banqueiro sobre os dois galhos do baralho com um murro herculeo, phenomenal. O taberneiro abriu a porta para escoar o turbilhão. Elles saíram de roldão; e, quando euteslaram com a treva exterior, quedaram-se cegos como num antro de caverna. Um, porém, dos que estavam, não saíu; encostára-se ao mostrador com as mãos no baixo ventre, gritando que o mataram; e, vergando sobre os joelhos, num escabujar angustioso, caíu de bruços, quando o taberneiro e o Tagarro o seguravam pelos sovacos. Era o Zeferino.

Quando, á meia noite, o *Alma-negra* entrava em casa pela porta do quintal, encontrou a mulher ainda de joelhos deante da estampa do Bom Jesus do Monte. Ao lado della, estavam duas filhas a rezar tambem, a tiritar, embrulhadas em uma manta esburacada, aquecendo as mãos com o bafo.

O Melro mandou deitar os filhos, e foi á loja contar á mulher, livida e tremula, como o Zeferino morreu sem elle pôr para isso prego nem estopa. Ella poz as mãos com transporte, e disse que fôra milagre do Bom Jesus; que estivera tres horas de joelhos deante da sua divina imagem. O marido objectava contra o milagre — que o compadre não lhe dava a casa, visto que não fôra elle quem vindimára o Zeferino; e a mulher — que levasse o demo a casa; que elles tinham vivido até

então na choupana alugada, e que o Bom Jesus os havia de ajudar.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

\* \* \*

RUY BARBOSA

O publico, que estima e admira, no sr. Ruy Barbosa, uma gloria nacional, ainda agóra mais gabada em virtude do seu recente discurso sobre a amnistia, gostará de saber, pelas seguintes linhas do fallecido jornalista Urbano Duarte, alguma coisa da meninice do senador bahiano :

No collegio do dr. Abilio, na Bahia, eu fui contemporaneo de Ruy Barbosa, de Benicio de Abreu, Aristides Milton e de outros notaveis talentos, que hoje fazem bonita figura.

Estou a me recordar de alguns episodios interessantes daquelles priscos tempos.

Ruy Barbosa sempre foi lá considerado *menino genial*. Obtinha approvações distinctas, era escolhido para fazer discursos nas solemnidades do collegio. O dr. Abilio o intitulara *minha perola*.

Além de magnifico estudante, Ruy se comportava perfeitamente. Jámais soffrera castigo ou simples reprehensão.

Certo dia, porém, Ruy Barbosa teve uma *intincancia* com o padre Fiuza, professor de latim.

Discordando sobre a traducção da uma phrase de Tito-Livio, o pequeno Ruy, muito zangado e vermelhinho, atirou o livro no chão e retirou-se da aula.

O padre Fiuza *deu parte*.

O dr. Abilio magoou-se profundamente com aquella primeira jaça de *sua perola*.

Era seu dever castigar-o, afim de não desmoralisar a padre Fiuza, antigo professor do collegio e seu amigo pessoal.

Chamou o Ruy particularmente e pediu-lhe que apresentasse desculpas ao seu mestre de latim, solicitando-lhe o perdão.

O menino Ruy saltou de indignação.

E retorquiu :

— Nunca ! Padre Fiuza não sabe latim !.. Se elle quizer chegar-se ás bôas commigo, ha de confessar que errou ! Se não, não.

— Menino, tenha juizo. respondia o velho Abilio, com sorriso paternal e bondoso. Fiuza conhece o latim como Cicero ! Elle é um Tito-Livio bahiano, de corôa e báculo.

— Está enganado, não váe além de *hora, horæ, res rei, e qui quæ quod*.

— Com que então — concluiu o Abilio — você não quer pedir perdão ao padre Fiuza ? ! ! !

— Não peço !

— Metto-o na cafúa !

— Metta !

— Suspendo-lhe a sobremesa . . .

— Suspenda !

— Mando-o ficar *de pé em cima do banco !* durante o jantar, em presença de todo o collegio.

— Mande.

. . . . .

O immortal educador bahiano começou a se sentir agastado, ao ver o orgulho e firmeza do joven Ruy.

E, á hora do jantar, ordenou-lhe que ficasse em pé em cima do banco.

Elle obedeceu promptamente.

Que escandalo para a meninada !

Oh ! o Ruy Barbosa de pé em cima do banco.

Vinha o mundo abaixo !

Aquelle estudante modelo a soffrer um castigo proprio dos peraltas e galopins !

De sorte que, dali por deaute, quando mandavam algum vadio trepar ao banco, elle o fazia a rir-se sem a menor vergonha, dizendo com certa vaidade :

— O Ruy já esteve tambem !

URBANO DUARTE.

OS ESTADISTAS DO PRIMEIRO REINADO

II

Quem quererá perder paciencia em ler apreciações a respeito de estadistas, de ministros e de oradores, que já emmudeceram ?

Será coisa difficil !

O nosso tempo e meio social não comportam tanta delonga e fadiga ; têm pressa ; não param para contemplar um espectáculo findo. Si não gostam de occupar-se com os governos do presente, si mal attentam em actos, que de perto lhes tocam, como perderão a paciencia com assumptos estranhos ? . . .

A indifferença usurpou o lugar do civismo ; a subserviencia desce das altas ás infimas camadas sociaes. As disputas, os problemas, os interesses, as coleras, os enthusiasmos, as superstições e fanatismos dos homens de outr'óra não accendem mais a paixão nos peitos nem mesmo açulam a curiosidade nos espiritos.

Preferimos ler, nos jornaes, a parte consagrada aos escandalos, que se manifestam nas regiões governamentais, que periodicamente surgem aqui e acolá.

Os acontecimentos politicos do primeiro Imperio distam muito de nós ; já nos não prejudicam nem aproveitam.

Os methods governativos do Imperador e do seu ministro e mestre predilecto, considerados sob os pontos de vista actuaes, não convéem, ou não interessam aos que vivemos com orientação que os nossos antepassados não tinham. A nossa geração até procura desfazer-se do seu parentesco e dependencias com gerações, cujas preoccupações, cujos costumes, cujas idéas, cujos interesses não compartilham. Nossas entranhas são consumidas por outros males, nossos cerebros absorvidos por pensamentos diferentes, nossas ambições não se harmonisam.

Os antigos, isto é, os contemporaneos da Independencia, apuravam tudo, queriam, sollicitos e vigilantes, cuidar da causa publica ; ainda não conheciam *esta numerosissima classe de pessoas honestas — máus cidadãos* — que não desejam absolutamente incommodar-se por amor do interesse geral (1). E' por isso que, em nossos dias, não reparamos nas escandalosas prodigalidades do orçamento ; ao contrario, as supportamos. Não sentimos a mais ligeira indignação vendo, todos os annos, o Congresso Legislativo, no meio de perenne esterilidade, duplicar o prazo marcado para seus trabalhos, convertendo as nobilissimas funcções de legislador em tarefa vulgar de empregados publicos remunerados.

Ora, si estamos assim habituados, que nos importa o passado ? E, demais, que juizo faremos d'elle ? Nós não nos atarefamos com os interesses que nos são caros, urgentes, actuaes, como iremos fatigar-nos e perder tempo em investigar as causas do desastre incrível do ministerio de José Bonifacio, derrubado pela ponta do burzeguim da Pompadour do reinado ?

A que vem saber si os estadistas fundadores da monarchia são susceptiveis de julgamento contradictorio, conforme o ponto de vista do historiadore ? L obrigariam elles no porvir os successos que se realisaram ? Pensaram firmar o regimen da monarchia constitucional sobre bases inabalaveis, nullificando a concurrencia audaciosa da Republica ? Tiveram, ou não, luminosa intuição do futuro ?

Ora, em politica, por mais sabia, segura e penetrante que seja a previsão, de certo não é coisa de grande merito, porquanto não basta descortinar e prever os successos que hão de vir ; o essencial é saber prevenil-os, evital-os, ou fazel-os abortar. Nunca elles acreditaram na possibilidade do

advento do regimen sem a realza tradicional, hereditaria. Entre elles, primeiro figura José Bonifacio, que cobria de sarcasmos e baldões o systema republicano (2). No emtanto, não foi precisa a evolução de um seculo para a Republica levantar-se, triumphante, sobre as ruinas do immediato reinado.

O passado do paiz, que contém a sua historia, não obtem graça nem consideração perante as novas gerações, embóra estas, mal satisfeitas com o regimen da democracia, que julgavam corresponder a seus idéas e aspirações, todavia entendem que dos factos do primeiro reinado não lhes aproveita a improficua e fatigante licção.

Notemos que o presente procura descartar-se do passado e levianamente desdar o laço mysterioso que os une. E' um perigo, ou grande mal.

Quando as gerações successivas não mantéem a unidade da raça e do povo, de que procedem, e rompem os vinculos da solidariedade, o organismo nacional deteriora-se, esphacellando-se; pouco a pouco, esgotam-se as forças, esterilizam-se os cerebros, que só se tornam fecundos na permanencia do *meio*, conservada e mantida a tradição do passado, na qual continúa e se prolonga o germen de vida duma nacionalidade. Essa manutenção depende das leis physio-psychologicas, que a cultura da raça deve rigorosamente observar pela educação e pelo ensino constante da historia.

Não se fórma um povo nem se constitúe ou vive em nma só geração. E' uma cadeia, cujos élos se prendem em todas as phases de sua existencia. Possúe como que uma consciencia colectiva, que de certo não se identifica com a individual do Eu humano. E', porém, uma fórma de hereditariedade, assim como de identidade organica, que cumpre ser mantida através das edades e, sómente desta guiza, perdura num povo a permanencia do character, do espirito, do patriotismo, dos habitos e de todas as aptidões, a que costumamos chamar consciencia nacional.

Repetiremos que um philosopho grego soía dizer que—*vivemos da morte dos Deuses*.

Parece uma extravagancia, mas o pensador da Grecia pretendia ensinar que — as gerações vivem umas das outras; continúam, aperfeçoam, ou desfazem umas as obras das outras. A solidariedade das gerações é uma lei resultante da natureza humana e do complexo dos phenomenos sociaes: nem o homem, como individuo, nem as gerações, formando o organismo nacional, pódem subtraír-se ás condições impostas pela natureza. O afamado philosopho allemão, tão conhecido nas evoluções da philosophia do seculo

XIX, exclamára: —o *Ente* é um eterno *devenir*; isto quer dizer.— que vive em perennes transformações... Uma nacionalidade é como o *Ente*: passa por innumeras mudanças; assim tambem as gerações por outras tantas transformações. Ora, para conhecer a vida social, ou as mudanças operadas, releva, pelo estudo da historia, verifical-as; sem duvida, a historia abrange o movimento contínuo da apparição e escoamento de todas as existencias. E' uma das leis da philosophia da historia, que Hegel demonstrou, gravando-a na intelligencia do seculo do largo e profundo, sinão universal, desenvolvimento da sciencia moderna.

A solidariedade das gerações é, pois, um facto irrecusavel: todas ellas nascem no mesmo meio; recebem a mesma luz; alimentam-se do mesmo ar; incorporam-se ao mesmo clima no sólo da patria; seguem as mesmas forças moraes e intellectuaes, incarnadas na historia.

Que importa, em certos periodos, a apparencia contraria, a pretensão, que a mocidade ostenta, de fazer taboa rasa do passado? Poderá a geração do Brazil de hoje cortar o cordão umbilical que a liga ao Brazil do tempo de José Bonifacio e de Pedro I?

Pódem os homens dum tempo pensar, ou ter outras aspirações e gostos; mas, substancialmente, são os rebentos, por assim dizer, do mesmo tronco; vivem da mesma seiva: eis porque as nações não morrem.

Os espiritos observadores, lançando uma vista d'olhos sobre os povos, quer antigos quer modernos, reconhecem a perenne solidariedade, verificam-na e affirmam-na. Renan observa, com so-beja razão, que—o grego de hoje ainda conserva os instinctos daquelles que escutaram Demosthenes, admiraram Phryné e applaudiram Platão. E, sem sermos Renan, qualquer de nós, que estude os factos, com algum criterio e reflexão, vê no inglez a prova material, evidente, da solidariedade das gerações, da continuação da raça, da identidade da consciencia e da vontade nacional, o character, o typo, que não se confundem com os dos homens doutros paizes.

Assim, as gerações de hoje, (bem pouco importa que vivam sob o regimen republicano) pódem aprender das passadas de que modo se fundou o governo da liberdade civil e politica; de que maneira nossos paes souberam lutar contra o absolutismo tradicional; por consequencia, no estudo e no conhecimento dos estadistas antigos, muito lucrarão e seria injustificavel desdenhal-os sómente porque não são dos nossos dias. Ora, como as nações sempre são representadas por certas individualidades, que dão a norma de pensar; que geram idéas e tomam parte em todos os factos, o estudo de

taes individualidades, a interpretação de seus pensamentos contém a vida da sociedade brasileira e pódem dar a expressão dos instinctos, das idéas, das aspirações, das crenças, dos preconceitos, das coleras e das paixões do tempo.

Neste presuppuesto, como materia de estudo, tentaremos passar uma revista na cohorte dos estadistas do defensor perpetuo, e obrigal-os a desfilar aos nossos olhos, rapidamente. Não os reteremos, sinão os instantes indispensaveis para lhes tomar, apenas, os traços das physionomias.

E' uma galeria onde collocaremos em seu logar cada busto, feito a traços largos, imitando o processo do escriptor francez, a quem alludimos no começo deste artigo.

Não dissimulamos que, ainda assim, não serão poucas as desillusões. Eu, por mim, confesso que as tive, habituado a considerar certas destas figuras desapparecidas, como espiritos eminentes, que guiavam o joven fundador do Imperio pela senda do regimen constitucional e representativo; e que eram, como benemeritos e patriotas estrenuos, seguros garantes dos direitos individuaes e das liberdades publicas.

Illudi-me e passei por muitas decepções... A distancia e o tempo, conforme ajuizou Plinio Junior, os engrandeceram de mais.

Mediocres, fôram submissos: nullos, fôram servis: depositarios da confiança da nação, fizeram-se instrumentos nas mãos do principe.

Governaram o paiz ao bel prazer de d. Pedro, abrazado de insoffrida paixão pelo exercicio illimitado do irresponsavel do poder pessoal e da monarchia tradicional, que perdurou desde a Independencia até á revolução de 7 de Abril. O governo de d. Pedro I caracteriza-se pelo exercicio do governo irresponsavel e arbitrario, sem os limites constitucionaes, só dependentes da suprema vontade imperial; assim se conservou durante o periodo do reinado.

Não praticou tyrannias crueis; não foi tambem o regimen da liberdade civil e politica.

A responsabilidade dos erros e dos males, que soffreu a nação brasileira, entrando no convivio dos povos livres a quem toca?

Ao Imperador, ou aos ministros que o serviram, uns por dedicação; outros, por subserviencia e muitos por ignorancia do regimen?

Quanto ao Imperador, elle respondeu perante o tribunal da geração que viu e soffreu as violencia e as consequencias funestas do seu governo. A revolução popular de 7 de abril o julgou irremessivelmente.

A historia não reformará a sentença, fundada numa longa série de

factos, que ainda o interesse, a parcialidade, as hypocrisias dos partidos não poderão contestar, nem destruir; a sentença irrevogavel assenta numa base inquebrantavel: — a verdade.

Esmerilhando os factos, poderão os espiritos rectos julgar da vontade daquelle que os praticou, e formar uma opinião segura do modo, pelo qual se iniciou e se praticou o governo constitucional e representativo no Brazil nos annos que seguiram a Independencia: poderão avaliar da pericia do governo do nosso patriarcha e do defensor perpetuo. Não se olvidarão de que, no patriarchado, a vontade irresponsavel era de lei divina — *omnis potestas á Deo...* Sob o influxo de taes sentimentos e idéas, geradores do despotismo, o nosso patriarcha queria fundar a liberdade dum povo, que, pela revolução da Independencia, se separava da metropole e rompia com a monarchia tradicional!!! Empreheidia pela hypocrisia, ou violencia, forçar o povo, que ambicionava obter as conquistas da civilisação, a retrogradar ao regimen do marquez de Pombal. Nada podia ser mais absurdo, do que o patriarchado e o liberalismo de José Bonifacio... duas coisas visivelmente incompatíveis e que concorreram nimiamente para arraigar e desenvolver a paixão do poder absoluto no Imperador; a corrupção e o servilismo no espirito publico. A acção de José Bonifacio foi ancha de bens e de males.

De 16 de janeiro de 1822, data do primeiro gabinete, em que predominou a figura veneranda do *patriarcha*, até o gabinete de 5 de abril, d. Pedro governou com 10 ministerios a seu bel-prazer — fructo do deploravel ensino do mestre...

Nesse periodo, exerceram o governo os homens, talvez reputados os mais competentes, que não eram indicados pelo Parlamento, que não funcionava.

O imperante os nomeava, a seu talante, como hoje os presidentes da Republica escolhem os secretarios por seu absoluto arbitrio, *sem pezos e contrapezos* do regimen parlamentar, sem a responsabilidade, fiscalisação e apoio das maiorias.

Naquelle temporada, o unico juiz da capacidade, sciencia, aptidão, competencia e moralidade dos agentes do poder, foi o Imperador, como hoje é o presidente, eleito pela vontade do seu antecessor, que dispõe do suffragio eleitoral. Essa origem dos ministerios, muitas vezes, produz creações irrisorias, ou repulsivas: acotovellam-se no mesmo gabinete personagens de caracteres oppostos, de aptidões differentes, nullos, ou improbos, competentes e dignos... Só os governos irresponsaveis organisam taes ministerios. Conta um historiador que Viglia, barbeiro do rei ~~Emmanuel de Neaples~~, costumava

indicar ao augusto amo os ministros de Estado, e, por esta fórma, fôram alguns nomeados.

No primeiro reinado, o conselheiro Chalaça e o creado Pinto *fabricaram* tambem alguns ministros. Como taes coisas se faziam, nos dirá o exame dos factos, uns referidos pelos contemporaneos; outros, revelados nos debates parlamentares e na imprensa. Não abundam documentos comprobatorios dos vicios do regimen do reinado; subsistem, todavia, actos que os demonstram e evidenciam que no primeiro imperio sómente o paiz teve de governo constitucional e representativo uma sombra, e contra ella se travou sempre implacavel lucta. Até 1826, o chefe absoluto do poder executivo governou — *só* — mas, desde que a primeira assembléa legislativa se reuniu e *pediu conta* do estado dos negocios publicos, o Imperador negou-lhe o direito de intervir, ou conhecer a marcha da administração do Estado (3); daí, se originou o drama, cujo desenlace inevitavel foi o 7 de abril.

Na Constituinte de 1823, reuniram-se os homens reputados mais habilitados que possuia o paiz, ainda principiante e inculto; portanto, poucos, em verdade, são os estadistas dignos de menção: a maioria delles reúne a ignorancia á inexperiencia. Entre aquelles que exercitaram as funcções do governo, alguns avultam por talentos e por variados conhecimentos, que mesmo, então, eram notaveis.

Veremos nesse grupo os irmãos Andradas, os marquezes de Caravellas, de Barbacena, de Baependy, de Olinda, de Abrantes, Feijó, Alencar, Vergueiro, Bernardo Pereira de Vasconcellos e outros, que, durante a regencia, se illustraram pelo vigor da palavra eloquente e pela sciencia da politica e do governo; por exemplo: Jequetinhonha, Abaeté, Ramiro, visconde de Albuquerque, de Maranguape, Lino Coutinho, Maciel Monteiro, etc.

Dividiremos esses grupos em séries e começaremos pelos mais salientes sem attender á chronologia. Evocaremos cada uma dessas figuras desaparecidas, segundo o capricho da imaginação, ou do momento. Não faremos questão de fallar, v. g., dos senadores marquezes de Barbacena, ou de Caravellas antes, ou depois de José Bonifacio, de Martim Francisco, de Antonio Carlos. Virá, em hora opportuna, essa trindade historica e politica — homens que conseguiram absorver a attenção publica, dominar o proprio imperante, impor-se pela arrogancia e pelo prestigio do talento á Assembléa Constituinte, que elles comprometteram e sacrificaram ás iras imperiaes... E, com a representação nacional, fôram (ineptos) batalhando desasadamente por uma *questão de rua*, — tambem sacrificados por deli-

beração dum *conluio d'alcova* da mesma fórma que, no imperio mussulmaco, os *vizirs*, que *cáem numa conspiração dos eunuchos do serralho*, são *executados silenciosamente nos vãos das janellas do palacio* (4).

EUNAPIO DEIRÓ.

(Continúa)

(1) Phrase de Duvergier d'Hauranne—*Hist. du Gouvernement Represent. Parl.*

(2) Vide a carta de José Bonifacio dirigida ao marquez de Barbacena, então ministro, no livro intitulado—*Viagem do marquez de Barbacena*, pag. 745.

(3) *Annaes da Camara*, pag. 81 — vol. 2<sup>o</sup>, 1826. Vide os officios dos diversos ministerios e das secretarias da Camara dos deputados.

(4) Comparação de Villemain, expulso, com Guizot, do ministerio, pela colligação das fracções parlamentares.

## O ALMIRANTE (43)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XVIII

Debruçada á larga janella do salão, a marqueza acompanhou com os olhos, a refulgirem de doce solicitude, o vulto de Oscar, desapparecendo no sombrio do arvoredado, surgindo, além, illuminado, para immergir de novo sob as ogivas escuras do bambual farfallhante ao ligeiro arfar de uma brisa intermitente. Dir-se-ia que ella seguia, naquella bella figura de homem, a sua esperança derradeira, os seus sonhos de moça concretizados no forte anhelado dominador, que se fizera obsessão da sua velhice incipiente, nessa quadra em que todas as energias d'alma se enrijam, se coordenam, se harmonisam como aparelhos de defeza da vida em declinio.

A' sua mente, tanto que a deixavam os amigos, as visitas habituaes, volviam as recordações venturosas, as saudades immorredoras, reeditando, em tumulto, o commovente romance do passado, cujos episodios tiveram todos um desenlace funesto, restando no campo da acção, desligados do enredo, como restos banaes de uma série de catastrophes, dois personagens: ella e Oscar, de papeis terminados; personagens banaes—ella, procurando fazer vibrar o coração desolado; elle, como um sêr que inverna nos gelos do egoismo. consolado ás circumstancias, escravizado aos factos, resignado aos golpes da fatalidade, sem um impulso de resistencia, sem um estimulo de destaque á sua superioridade, ligados ambos por um fragil laço de affeição esteril, condemnados ambos a se sumirem na massa anonyma dos imponderaveis, como sêres que não tiveram na sociedade, na fa-

milia, ensejo de exercerem uma função accentuada, que lhes perpetuasse a memoria.

A solidão da casa sumptuosa, áquellas tristes horas das noites sem somno, afogava a pobre mulher como uma prisão; ella tinha a sensação exacta do vacuo, onde o seu corpo, alquebrado pelo esforço de manter a feição de uma serenidade feliz, a custo se equilibrava sustido pelo espirito trabalhado de absurdas preocupações.

Lançando um vago olhar aos vitraes illuminados do pavilhão de Oscar, a marquezia se dispunha a subir ao sobrado, quando lhe embargou o passo uma mucama, com ares de terror, mal podendo emittir palavras dos labios tremulos:

— Sinhá — disse ella — estão alli dois homens...

— Dois homens? — repetiu a marquezia — A esta hora? Que será?

— Não sei...

— Não te disseram os seus nomes?

— Não, senhora. Disseram que tinham negocio muito urgente.

— Que entrem — ordenou ella, resolutamente, depois de alguns momentos de hesitação.

A mucama voltou depressa, precedendo os dois estranhos visitantes.

— Vossa excellencia — disse, em tom rouco, com palavras vibrantes a lhe surgirem rapidas dos labios, velados por longa e espessa barba, um delles, cujos olhos pequenos scintillavam através dos grossos vidros de uns oculos de ouro — perdoará o incommodo desta visita a hora tão impropria, quando souber do motivo della. Trata-se de interesses superiores, de interesses que não podiam ser adiados, de interesses da nossa patria.

E, como ella recuasse num gesto de susto, elle continuou, com maneiras cheias de cortezia:

— Não se arreicie, minha senhora, nós somos amigos, incumbidos de uma importante missão, de que depende a sorte de pessoas muito caras...

— Não comprehendo — murmurou a marquezia, a tremer de terror.

— E' muito simples — tornou o outro desconhecido, um individuo magro, de attitudes humildes, quasi timidas — Eu e aqui o doutor sabemos que vossa excellencia é um dos raros fieis, sinceramente fieis á familia imperial.

— Sou muito amiga da Princeza, mas não atinei ainda onde querem os senhores chegar.

— O miseravellevante dos traidores de 15 de novembro suffocou as convicções que, passado o periodo de estupor, readquirem, afinal, segurança para se erguerem e reivindicarem a honra nacional. Chegou o momento de agirmos...

O dos oculos fuzilantes tomou, então, a palavra:

— Não percamos tempo em dissertações sobre o passado; os minutos são preciosos. Vossa excellencia sabe que, nestes tres dias, estará ahí o *Riachuelo*, conduzindo a missão que foi a Montevideo firmar o vergonhoso tratado que dá aos Argentinos um pedaço do territorio nacional. Isto quer dizer que se approxima o momento de explodir a agitação, que está dominando todos os cidadãos de norte ao sul do paiz... Ha um sopro de indignação patriotica agitando todas as camadas sociaes, agitação que devemos orientar, encaminhar como instrumento de restauração.

— Da restauração? — exclamou a marquezia.

— O povo inteiro, quasi toda a marinha, a melhor parte do exercito estão harmonizados no pensamento de uma energica demonstração de repulsa ao tratado de Montevideo. Temos o pensamento, temos o braço, a força, e este seu creado, que não conhece a côr do medo, estará entre os patriotas... para provarmos que este paiz não foi preza inerme de meia duzia de aventureiros. Dessa agitação nobre, surgirá a revolução, a contra revolução que está fermentando soturnamente á espera de um motivo, de um pretexto, da occasião propicia que é a melhor condição do successo. Ora, essa occasião se approxima; não devemos perdê-la...

— Mas... que querem os senhores que eu faça; eu, uma mulher, afastada das luctas?

— Vossa excellencia será o espirito protector da revolução; será o anjo da victoria... Entretanto, resta atacar um ponto importante; surge uma questão melindrosa...

Houve uma longa pausa de hesitação. Os dois homens se entreolharam significativamente, como se procurassem a solução do embaraço que os detinha. Afinal, o mais retraído, mais humilde se decidiu a propor a questão melindrosa.

— Entre nós, devem ser banidas as reticencias. Devemos falar claro, sinceramente, como correligionarios. Vossa excellencia sabe que, nessas occasões difficeis, ha sempre uns pequenos obstaculos que atrapalham os melhores esforços. Entre os nossos companheiros, ha uns certos typos de grande prestigio que, por se saberem indispensaveis, hesitam para dar maior valor ao seu prestigio. Temos alguns que, á ultima hora, fazem ponderações de ordem economica, allegam preocupações do futuro da familia, da sorte dos filhos; lembram que ha morrer e viver, que apezar de contarem com a victoria, não se poderá evitar um accidente, um desastre e que é preciso prever tudo, acautelar tudo com

meios effectivos e não méras promessas, por mais solidas que sejam. São esses os gananciosos exploradores das circumstancias...

— Demais — observou o companheiro de oculos, que approvava com a cabeça as palavras do homem humilde — temos compromissos com os sargentos para fazermos propaganda entre a soldadesca. Nós e outros amigos estamos exgottados e vemos se esquivarem os auxiliares mais garantidos, precisamente quando se approxima o momento...

— V. ex. sabe — tornou o outro — que são muitos os partidarios da victoria, os que estarão promptos a empolgarem o poder, ganho com o sacrificio dos outros, a pretenderem as posições rendosas; são poucos os dispostos aos sacrificios mais duros para manterem convicções e principios. E' doloroso; é vergonhoso, mas nada devemos occultar a vossa excellencia; encontrámos a maior parte dos nossos correligionarios nuito cheios de escrúpulos, de evasivas, de uma cobardia miseravel. Se não fôra a nossa fé em Deus, na Providencia divina que sempre protegeu o Brazil e a familia imperial; se não fôra a nossa certeza absoluta de vencermos, teriamos abandonado a empresa, taes e tantas téem sido as nossas decepções. Tratando-se de dinheiro, todos se encolhem.

O conspirador numero um, aquelle que o outro chamava doutor, fixou o matreiro olhar na marquezia, explorando o effeito das eloquentes insinuações á certeza da victoria, á cobardia, á sovinnaria dos correligionarios ricos, á ingratição, emfim, dessa gente inventada pelo Imperador, engordada á sombra do prestigio da familia imperial.

— Pensarmos — observou o outro conspirador — que dentro de tres dias salvariamos a patria, se não fôra essa mesquinha difficuldade de dinheiro...

— O amigo, minha senhora, abordou a questão que os meus escrúpulos evitaram. Trata-se de remover a derradeira difficuldade e isso dependo de alguns contos de réis, que constituirão a contribuição de vossa excellencia.

— Dinheiro? — exclamou a marquezia, espantada, como se fôra victima de uma extorsão. — Quanto querem os senhores?

— Nós? Nós nada queremos. A restauração da monarchia necessita desse concurso que não passará de duzentos contos de réis, uma ninharia, que não tem valor comparada com as immensas riquezas de vossa excellencia...

— Além disso — accrescentou o outro, interrompendo vivamente o doutor — essa contribuição será um méro adeantamento. Restaurada a monarchia, vossa excellencia será immediatamente reembolsada...

— Não é possivel — murmurou a



marqueza — Não é possível. Eu não desejo intervir nisso.

— Vossa excellencia — observou o doutor — está infelizmente muito compromettida...

— Eu, compromettida?

— E' verdade. Figura o seu nome respeitavel na lista dos suspeitos ao Governo Provisorio, que tudo sabe, que está perfeitamente informado de ser este palacio o antro da conspiração, dirigida pelo doutor Souza e Mello, com o auxilio do conselheiro Antonino.

— Isto não é verdade — exclamou a marquiza, indignada.

— O governo está bem informado pela sua policia, que penetra tudo. Aqui mesmo, neste salão, apparecem os seus agentes secretos. Vossa excellencia está ao abrigo das iras dos detentores do poder, cuja colera recairá sobre a pessoa que lhe é mais cara neste mundo.

— Oscar?! — bradou a marquiza, hirta de terror.

— Vossa excellencia disse o nome. Se recuarmos, elle estará completamente perdido como traídor á Republica, illudindo a absoluta confiança do ministro da Marinha.

— Isto é uma infamia — affirmou ella, sacudida de commoção — Oscar é o mais leal dos homens.

— Não duvidamos, mas é o que se diz nos bastidores do governo. O agente secreto da policia é uma gentil senhora, que se fez amante de Oscar, para lhe acompanhar os movimentos...

— Amante de Oscar?!...

— Ao mesmo tempo que tem intimas relações com o doutor Souza e Mello, que lhe sustenta os caprichos, o excessivo luxo...

— Mas tudo isso é uma miseravel calunnia...

— Não duvidamos, mas é o que corre: a senhora Dolores...

— Dolores?!

— Um demonio de saias capaz de tudo.

— E' possível...

— Agóra está vossa excellencia bem informada da situação: se recuarmos, seremos esmagados.

— Estará cortada a carreira de Oscar — accrescentou o outro conspirador, muito commovido.

— Dolores? Será possível? — murmurava a marquiza, afflicta, arrebatada pela surpresa daquella revelação — Amante de Oscar? E' uma infamia, uma calunnia vil...

— A victoria da revolução sanará tudo. Nós estamos, como vê, acompanhando as manobras dos nossos adversarios, havemos de desviar-lhes as pesquisas que ficarão concentradas nesta casa, ao passo que estaremos agindo noutra direcção. No momento combinado, Oscar apparecerá para estabelecer o novo regimen sobre os destro-

ços da Republica; vossa excellencia ficará completamente estranha ao movimento; a sua intervenção se limitará á parte economica...

— Os senhores estão vendo — applicou a marquiza, quasi em pranto — que não posso deliberar; não, não posso... Esperem; amanhã, vinte e quatro horas...

— Nós não lhe viemos pôr o estoque ao peito, senhora marquiza. Aceitamos uma demora de vinte e quatro horas.

— Sim, vinte e quatro horas...

— Contamos com a discreção de vossa excellencia, mesmo para com Oscar. A revelação desta entrevista teria consequencias desastrosas para todos nós, porque segredos desta ordem se pagam com a vida.

A marquiza cortada de terror, em attitude de recuo, encarava nos dois homens, que trocavam rapidas palavras imperceptiveis.

— Amanhã a esta hora — concluiu o doutor — estaremos aqui. Vossa excellencia terá o dinheiro preparado e escusa empregar subterfugios para nos arriscar a uma surpresa lamentavel, de nos delatar, tollice inutil e perigosa, porque nós, que dedicamos a vida, os nossos haveres, o futuro da familia á empreza patriotica da restauração da monarchia, tomámos as nossas precauções para a punição dos traídores. Até amanhã, senhora marquiza de Uberaba.

Tanto que pronunciou estas palavras, o doutor, ao envolver-se numa ampla capa negra, deixou ver na cinta um revolver e uma longa faca em bainha de prata.

— Até amanhã, senhora marquiza — repetiram os dois, com profundas reverencias de despedida.

(Continúa)

## CONGRESSO SCIENTIFICO LATINO AMERICANO

E', de facto, uma oração de estadista, a do sr. Rio Branco, recitada, em nome do governo, para saudar os delegados estrangeiros ao Congresso Scientifico Latino-Americano.

Póde-se admirar, neste paiz de excessos, esse modelo de sobriedade, de circumspecção e medida de fórma, a revestir, com encantadora simplicidade, um alto e forte pensamento de sinceridade. Como, entre nós, a rhetorica é a lingua habitual dos nossos homens de Estado, temos muito gosto em publicar esse discurso, no sentido de uma licção edificante.

«MEUS SENHORES — Entre as incumbencias derivadas da funcção publica que exerço, tenho por especialmente agradavel esta de, em nome do sr. presidente da Republica e do seu governo, dar as boas vindas aos membros estrangeiros do Congresso Scientifico Latino-Americano.

Não são precisas phrases de solemne postura para significar aos visitantes amigos o grande contentamento com que os vemos entre nós. Elles bem terão sentido, desde a hora da chegada, a singela sinceridade da convivencia brasileira, o ambiente de sympathya que aqui encontra sempre o estrangeiro intelligente e benevolo.

A primeira e, considerada socialmente, a mais util consequencia dos congressos internacionaes de scientistas, é a formação do commercio intellectual entre homens que, entregues aos mesmos trabalhos e pesquisas, travam entre si conhecimento nessas reuniões, e, pelo que pôdem ver e estudar, ficam habilitados para em sua patria, embóra incidentemente, no terreno da politica, desfazer preconceitos e dissipar mal entendidos, collaborando assim na grande obra da pacificação dos espiritos e da amizade entre as nações. Nenhuma fórma de propaganda official e tendenciosa vale essa, espontaneamente exercida por homens de valor, convencidos e alheios ás paixões politicas.

E' assim que, além do dever de cortezia no acolhimento feito aos nossos hospedes aqui congregados, entra por antecipação o reconhecimento do serviço indirecto que elles vão prestar á causa da confraternisação internacional americana.

Elles dirão, sem duvida, que viram uma bella terra, habitada por um bom povo, terra generosa e farta, povo laborioso e manso, como as colmeias em que sopra o mel. Não ha aqui quem alimente invejas contra os povos visinhos, porque tudo esperamos no futuro; nem odios, porque nada soffremos delles no passado. Um grande sentimento nos anima: o de progredir rapidamente sem quebra das nossas tradições de liberalismo e sem offensa dos direitos alheios.

Mas não é só o progresso, o desenvolvimento da cultura intellectual, da riqueza e do poder da nossa patria que desejamos; é tambem a crescente prosperidade de todos os povos do nosso continente. Mesmo quando o Brazil, vivendo sob outro regimen que o actual, era, na phrase do illustre general Mitre, uma verdadeira «democracia coroadada», e a differença de fórma de governo podia fazer crer em differenças de idéal politico, mesmo então, não foram menos amistosos os nossos sentimentos para com as Republicas limitrophes, e nunca nos deixámos dominar do espirito aggressivo, de expansão e de conquista que mui injustamente se nos téem querido attribuir. Hoje, como naquelle tempo, a nação brasileira só ambiciona engrandecer-se pelas obras fecundas da paz, com os seus proprios elementos, dentro das fronteiras em que se falla a lingua dos nossos maiores, e quer vir a ser forte entre visinhos grandes e fortes, por honra de todos nós e por segurança do nosso continente, que talvez outros possam vir a julgar menos bem occupado. E' indispensavel que, antes de meio seculo, quatro ou cinco, pelo menos, das maiores nações da America latina, por nobre emulação, cheguem, como a nossa grande irmã do norte, a cômpetir em recursos com os mais poderosos estados do mundo.

Srs. delegados estrangeiros, conhecendo e estudando de perto o Brazil, vós vos certificareis da verdade desse nosso empenho politico, ao mesmo tempo que de outras noções menos geraes, mas todas conducentes á affirmação dos nossos mais entranhados propósitos de concordia internacional.

Podereis observar facilmente que neste paiz se estuda, mas que a nossa curiosidade de saber ainda não teve a immodestia de se constituir em sciencia nacional. As sciencias, as lettras, as artes, toda a cultura do espirito entre nós é desnacionalisada, de sorte que nem mesmo nas chamadas «batalhas incruentas das idéas» entramos com tenção de conquista e avassallamento. Dareis certamente testemunho da nossa isen-

ção nesse particular. E quando, restituídos ás vossas cadeiras do magisterio, aos vossos laboratorios e gabinetes de trabalho, resumirdes as impressões desta jornada scientifica ao Rio de Janeiro, tenho fé que não encontrareis na memoria traço de brazilismo que não seja lhaneza de trato, cordialidade no agasalho devido a hospedes de tanta distincção, amor profundo da paz e ardente desejo de estreitar cada vez mais as nossas relações de amizade com todas as nações cultas, particularmente com as desta nossa America latina».

\* \*

Dois outros discursos se recommendam, superiormente, pela intenção de dar ao Congresso um caracter pratico, uma preocupação de largo e proveitoso descortino: o do sr. Carlos de Carvalho, 1º vice-presidente, e do sr. Alvarez, delegado do Chile.

Do primeiro, destacamos os seguintes períodos, em que se encontrará lançada a questão de um idioma vehicular, que o orador desenvolve em grande parte do seu discurso:

«As alterações que soffre a significação das palavras, a transferencia do sentido dos vocabulos são phenomeno da evolução das linguas e encerram problemas obscuros que adjudicam á semantica um logar na historia da psychologia. Na linguagem diplomatica observa-se o mesmo phenomeno: a conquista quer ser tomada no sentido do dominio eminente da civilisação».

Para o Congresso Scientifico Latino-Americano não podem ser indifferentes estes assumptos. Sua esphera de influencia moral e scientifica os abrange. Não podendo nem querendo pretender a representação de uma raça ou de uma sub-raça na produção scientifica, porque Portugal e a Hespanha não eram duas unidades ethnicas, mas varias amalgamações, heceterogeneas e componentes, e o sangue, o temperamento, o caracter a resultante de transfusões de varias procedencias, ao Congresso cabe na ordem scientifica e theorica afirmar aptidões e esforços, apresentar resultados que documentem sua emancipação espiritual, conclusões em favor das energias dos descendentes do colono iberico e do emigrante de variada origem que lograram ser assimilados pela America, ontra *officina gentium*.

Mas a satisfação desse dever encontra poderoso obstaculo que a politica de expansão commercial procura modificar, no seu interesse; para a propaganda nos mercados consumidores váe conseguindo apropriar-se das linguas portugueza e hespanhola, ainda que fazendo reverter-as á lingua *romance*. Das facturas e annuncios não conseguiram ellas ainda elevar-se e penetrar na camada intellectual; condemnada a produção scientifica latino-americana a ser desconhecida, ignorada e falseada, se não pede a uma lingua vehicular a decifração de seu pensamento, a divulgação problematica de sua capacidade scientifica, litteraria, politica e legislativa».

\* \*

O sr. Alvarez impoz um assumpto de real alcance e utilidade:

«A delegação chilena entende que actualmente ha dois problemas de capital importancia para nossos paizes, mercedores, por conseguinte, de uma detida meditação da parte deste Congresso Scientifico, ao qual os submeterá opportunamente: *A origem e o desenvolvimento do direito internacional americano*, isto é, de relações internacionaes proprias dos estados deste continente, e a *Possibilidade e utilidade de unificar a legislação civil dos estados latinos-americanos*».

## XADREZ

## O XADREZ EM S. PAULO

O movimento enxadrístico em São Paulo é intenso actualmente. Além do Club Internacional, onde se joga, ha tambem um *Club de Xadrez*, fundado em junho de 1902, por iniciativa do sr. F. C. Lichtenberger e que tem 80 socios.

Entre os seus socios, salientam-se, como jogadores eximios, os srs. prof. Paulo Tagliaferro, dr. Souza Campos Junior, dr. Mauricio Levy e dr. Francisco de Godoy. A sua directoria é actualmente assim composta: 1º presidente — dr. Mauricio Levy; 2º presidente — Victor Dreyer; thesoureiro — Carlos Henning; secretario — Arthur Lessa; 1º dirigente — Luiz Heinsfurter; 2º dirigente — Alexandre Haas. Nesse club, já se realisaram tres torneios, sendo vencedores, no 1º, prof. Paulo Tagliaferro e dr. Souza Campos Junior; no 2º, dr. Souza Campos Junior e Mauricio Levy; e no 3º, prof. Paulo Tagliaferro e dr. Mauricio Levy.

Em um torneio de eliminacção, em 1904, foram vencedores o dr. João Monteiro e José Abate.

Em quatro jornaes de São Paulo, ha secções de xadrez: no *Diario Popular*, dirigida pelo dr. Mauricio Levy; na *Folha Nova*, pelo dr. Souza Campos Junior; no diario *Deutsche Zeitung* e na revista *Der Neu Hansfreund*.

Estas informações devemo-las á gentileza do sr. R. Lichtenberg, que é tambem um excellente jogador e um habilissimo problemista.

\* \*

## O XADREZ NO RIO

Está reaberta aos socios do *Club dos Diarios* a magnifica sala de xadrez que este club ha muitos annos organisou.

Actualmente, ahi estão installados cinco esplendidos taboleiros, em torno dos quaes se reñem diariamente muitos dos nossos melhores enxadristas.

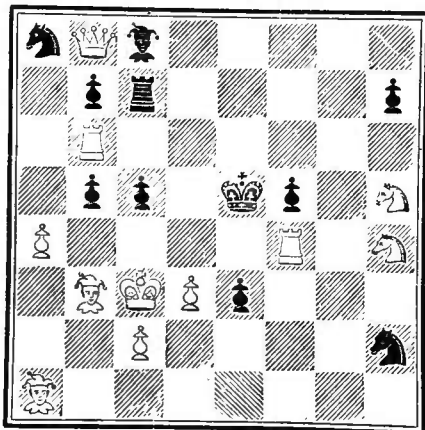
E' opportuna a occasião para que o *Club dos Diarios* organise um torneio entre amadores.

O *Club dos Politicos* adquiriu tambem ultimamente um magnifico xadrex Staunton, attentendo assim á sollicitação de muitos dos seus socios, que são amadores.

## PROBLEMA N. 13

Mauricio Levy (S. Paulo)

PRETAS (11)



BRANÇAS (11)

Mate em dois lances.

O difficil problema em dois lances, de hoje, é de um dos mais notaveis enxadristas de S. Paulo. Está publicado no *British Chess Magazine*.

## PARTIDA Nº 13 (a)

RUY LOPEZ

Branças Pretas

(Caldas Vianna) (Silvestre de Barros)

P 4 R — 1 — P 4 R

C 3 B R — 2 — C 3 B D  
B 5 C D — 3 — P 3 T D  
B 4 T — 4 — C 3 B  
Roque — 5 — C X P  
T 1 R — 6 — C 4 B D  
C 3 B — 7 — B 2 R  
C 5 D — 8 — Roque (b)  
C X P R — 9 — C X B (c)  
C X C — 10 — P D X C  
C X B x — 11 — R 1 T  
D 5 T R — 12 — B 3 R (d)  
T X B (e) — 13 — P X T  
C 6 C x — 14 — R 1 C  
C X T — 15 — D X C  
D 4 C R — 16 — C 4 B (e)  
P 4 D — 17 — C 2 D  
D X P x — 18 — D 2 B  
D X D x — 19 — R X D  
B 4 B — 20 — T 1 B D  
T 1 R — 21 — C 3 B R  
P 4 B D — 22 — P 3 T R  
P 3 B R — 23 — T 1 R  
T X T — 24 — C X T  
B 5 R — 25 — P 4 C R  
R 2 B — 26 — R 3 R  
P 4 C D — 27 — C 3 D  
B X C — 28 — P X B  
R 3 R — 29 — P 3 C D  
P 4 B R — 30 — R 4 B  
P X P — 31 — P X P  
P 4 T D — 32 — P 4 C D  
P T X P — 33 — P T X P  
P 5 D! — 34 — P C X P  
P D X P — 35 — R 3 R  
R 4 D — 36 — P 4 D  
P 3 T — 37 — R 3 D  
P 5 C D — 38 — R 2 B  
P 3 C R — 39 — *abandonam.*

(a) Esta partida foi jogada no *Club dos Diarios* no dia 30 do mez passado. Por ella não se póde aquilatar da força de nenhum dos jogadores, porque, infelizmente, em geral, os melhores enxadristas só empregam todos os seus recursos quando estão comprometidos em torneios, o que é uma razão de mais para tornar estas provas frequentes. Em todo o caso, é viva e animada, e o variante que as Br. adoptaram no 8º lance é pouco commum e interessante.

O Ruy Lopez é uma partida muito segura. Desenvolve muito rapidamente o jogo dos Br. e coage um pouco o dos Pr. E' muito usado em torneios. Caracterisa-se, como se sabe, pelo 3º lance dos Br. Data de 1490 e tira o seu nome de um bispo espanhol que o inventou, no reinado de Philippe II. A posição do B 5 C D póde derivar de uma variante do Ginoco Piano, mas com uma perda de tempo. No Ruy Lopez, nesse terceiro lance, ameaça-se logo o P R a fazer os Pr. dobrarem em pião; está provado, porém, que é preferivel não tomar o P R e portanto deixar de tomar o C.

Se o B é atacado por P 3 T D, o B deve recuar, ao que os Pr. respondem com o melhor lance C 3 B R. Dahi por diante, as variantes se multiplicam.

Na partida que hoje damos, o 9º lance dos Pr. dá logo grande superioridade ao adversario; e o 12º completa o desastre.

(b) Se 8..., C X B; 9 — C X P, Roque; 10 — C X C, P D X C; 11 — C X B x, com bom ataque.

(c) C X C parece muito melhor.

(d) As Pr. deveriam ter jogado de preferencia o C 3 C e depois C 4 D.

(e) Decisivo e brilhante.

(f) O P de qualquer fórma está perdido; portanto, o C deveria ter sido jogado a 3 C.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 12 (*Tacito & Lipman*): 1 — P 8 D (f C.), R 4 R; 2 — B 3 B x, R 4 B; 3 — P 4 C R mate. (Se 2..., P 5 D; 3 — D 5 C mate). 1... R 4 B; D 3 T x; 2 — R 5 D; 3 — C 6 B mate. (Se 2... R 3 C; 3 — D 5 T mate).

JOSÉ GETULIO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO ..... 20\$000  
 SEMESTRE .. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSE, 25.  
 —  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

«Foi pronunciado pela pratica de advocacia administrativa nas repartições do governo federal, o senador J. L. Mitchell.»

Esta singella noticia, transmittida pelos multiplos cabos que ligam, através do Atlantico, a America do Norte á Europa, cavou funda impressão nos frios cerebros britannicos, provocou em Pariz muitos *Tiens!* de surpresa, porque os povos latinos, eivados de má vontade aos povos apressados, estavam persuadidos de que, na terra dos *trusts*, dos argentarios, dos fabricantes de coisas novas, dos accumuladores de millhões, a moral era um reduzido compendio de fórmulas convencionaes e a lei penal um espantallo para os negros, para os imigrantes, para os repudiados pela fortuna, para as victimas dos desastres da audacia.

Os ingenuos gaulezes suppunham que naquelle paiz de maravilhas, de surpresas estupendas, a marcha vertiginosa não permittia se considerassem aquelles e outros peccadilhos em alguns paizes latinos, infracções vulgares tão entranhadas nos costumes que a advocacia administrativa parece uma função subsidiaria das funções politicas dos representantes da nação.

Estavam os francezes muito certos de que, nos Estados Unidos da America, havia intermediarios altamente collocados nãs regiões officiaes, conhecedores de todas as secretas devezas conducentes aos gabinetes dos ministros, homens de talento, ou vulgaridades manhosas servindo de intermediarios prestigiosos para a conquista das graças, da boa vontade ou da simples tolerancia do governo, homens indispensaveis tendo nas mãos gananciosas as miraculosas chaves do successo.

Pensavam ainda os futeis francezes

que, naquelle paiz dos improvisos deslumbrantes, em todos os ramos da actividade humana, um pretendente qualquer, tanto que apparelhava um projecto, uma concessão, ou engatilhava um assalto aos cofres publicos, a primeira diligencia a fazer seria descobrir o homem para o ministro, o canal directo, infallivel, conduzindo a pretenção ao desejado porto.

Pensavam que esses homens indispensaveis constituiam, em torno dos agentes do poder, uma especie de crivo, através do qual deveriam forçosamente passar as pretenções licitas ou criminosas, assim como os direitos carecedores do apoio dos executores da lei, crivo fino no qual as pretenções e direitos perpassavam filtrados deixando uma grande parte da sua substancia.

Um infeliz, por exemplo, fatigado de empregar os meios legais de protecção do seu direito, de percorrer, repellido, desconsiderado, as secções de uma repartição publica cheia de empregados impassiveis, anestesiados pelas constantes commoções dos palpites do jogo do bicho, que é um suggestivo *sport* universal, encontra providencialmente o homem predestinado, confia-lhe o seu negocio, lubrifica-lhe as mãos e... em poucos dias, em algumas horas, a sua pretenção caminha sobre carretilhas, de successo em successo, até receber a cousagração suprema.

Os deveres do functionalismo não obrigam a sacrificios, a trabalho excessivo, a esforço anormal em beneficio dos interesses das partes. Estas que se cócem se têm pressa, que empreguem os meios justificados pela legitimidade dos fins, que paguem áquelles que vão trabalhar para lhes darem a victoria, anciosamente, pacientemente anhelada.

Além disso, o dever primordial de um empregado publico deve ser crear escrupulosamente toda a sorte de embaraços ás partes, estudar demorada-

mente, criteriosamente, os negocios para evitar os açodamentos perigosos. E, como os interesses nacionaes estão acima de tudo, é de rigor que, depois de penosa odysseia no *mare magnum* do papelorio, a causa mais liquida, mais simples e mais evidente, durma sob a pedra dos escrupulos ministeriaes, até que venha accordal-a o prestigio do homem que póde tudo.

E' natural que, orientados por tão incorrecta noção dos habitos administrativos da America do Norte, os futeis francezes fôssem sacudidos por um espasmo de estupor, sabendo que, naquella terra, um senador fôra pronunciado por exercer advocacia administrativa nas repartições federaes.

\* \*

O nosso Brazil que, para a maioria dos povos cultos, não se libertou ainda dos cocares de pennas da selvageria indigea, mirando-se naquelle espelho, não encontra reflexos da sua physionomia exotica.

A moral varia através dos costumes, do tempo, dos accidentes, das intemperies do meio, de que a organização social e as leis são o genuino transumpto. Aquillo que foi horrendo crime numa epocha, no seio de uma nação, poderá ser, em outro tempo, nos limites do *habitat* de outro povo, acto meritorio. Os prismas da moral variam, infinitamente, successivamente, sob a influencia radiosa dos phanaes do progresso, modificando os aspectos e a expressão dos actos e dos factos no conjuncto das relações humanas, desde as mais simples minucias do traje até ás solemnes funções sociaes, desde a nudez innocente, encantadora, até os supremos requintes da elegancia, desde as instituições primitivas, patriarchaes, até o complicado mecanismo da direcção das sociedades modernas.

Nós estamos ainda na crise da puberdade: mantemos ainda vestigios da nudez de povo barbaro, mal desfar-

çados pelos pudores perversos das nações superiores e por isso conservamos certo horror supersticioso ás praticas, aos processos vulgares, fóra do nosso paiz, no dominio das amplas tolerancias da civilisação, que não se embaraça nessas teias de fragilissimos melindres.

As nossas repartições publicas são verdadeiros modelos do fundo e criterioso espirito de justiça, presidindo com inexcedivel rigor a marcha da administração. Os nossos funcionarios, do mais humilde ao mais elevado, são abnegadamente consagrados ao serviço do povo.

Nós podemos, enfim, proclamar com justo orgulho, que estamos isentos dessa vergonha: nunca um deputado, um senador, do Imperio ou da Republica, foi levado á barra dos tribunaes, inculcado do horrendo crime de advocacia administrativa. .!

\* \*

Depois desta nota, nimiamente honrosa para os nossos creditos administrativos, aproveitaremos a oportunidade para communicar aos nossos leitores a auspiciosa transformação operada na Constituição do Estado do Ceará, o feudo typo da mais acabada olygarchia, o modelo das pequeninas dictaduras brazileiras.

O ponto capital da refórma é a reeleição do presidente do Estado, com a condição unica de fazer uma synalepha do poder trinta dias antes da eleição. Essa providencia é de grande alcance social e familiar para prevenir que as rédeas da capitania cearense passassem ás mãos de algum aventureiro, estranho á privilegiada familia, cujo estupendo chefe será um Porfirio Diaz caricato, a roer as unhas e os cofres do Estado.

Fica, dest'arte, assegurado definitivamente, sob solidos fundamentos de pedra e cal, o dominio dos descendentes do fecundissimo Abrahão cearense; a sua dynastia continuará a felicitar o Ceará por toda a eternidade, a meus que um impulso providencial suscite um vulcão do brio daquelle generoso povo, demasiadamente resignado á vergonhosa canga da incapacidade lérda.

E, para cumulo de omnipotencia, será nomeado juiz seccional do Ceará o droguista Studart, que é a sombra, o desdobramento da pessoa do chefe,

uma especie de fiel creado, mudo, cego, surdo, passivamente obediente.

Passará ás mãos do dictador a unica parcella de auctoridade, á qual poderiam recorrer os cearenses em busca de protecção aos seus direitos; ficará completa, em todas as peças, a insaciavel machina do phantastico pagé.

Resta o vislumbre de esperança na intervenção do Supremo Tribunal Federal, para que não se perpetre essa derradeira iniquidade: — entregar a justiça federal a um cidadão droguista, em villigiatura no Congresso Nacional, um bom homem, um bom moço de bôa rédea, que, ha quinze annos, abandonou a toga, para se consagrar á fabricação de pillulas, de purgativos, de emplastos e lambedoiros.

Tenha o Supremo Tribunal piedade do pobre Ceará!

POJUCAN.



### ARTE E IDÉAS

— Não desejo passar nunca o limite da contemplação! — disse-me elle, com resignado accentto.

— Mas, onde existe e qual é esse limite?

— Em toda e nenhuma parte; é um traçado idéal e arbitrario que encerra as sombras, as coisas e as idéas. Dentro delle, como nas linhas do horizonte, os olhos passam lentos e as idéas germinam vigorosas. Sabes? Eu sou o homem como espelho, blóco de crystal onde tudo se reflecte e que tudo apprehende na sua indefectivel transparencia. E não sou incoherente, provo-te.

— Não precisa; eu entendo. Choca-me, porém, a contradicção entre o teu principio e a lei da vida. O sêr vivo só contempla por accidente e sómente quando repousa da acção; mesmo assim, si elle contempla, age, e desse modo resta falsa a tua comparação do homem espelho, passivo e simples reflector de luz, fórmias e movimentos.

— E' que — respondeu-me — tu não queres differenciar a arte das idéas, não queres ver naquella o repouso e nesta a actividade do espirito humano. Eu distingo, e, com a suavidade possivel, divido profundamente as duas grandes manifestações espirituales. Por motivos que sabes, fico na parte onde me acalento e entorpeço na clara e doce contemplação cujos limites variam do nada ao infinito. Um irreductivel egoismo intellectual me faz receber o maximo e transmitir o minimo; e accumulô, amasso, multiplico as acquisições e as conquistas

da vida, até que a superabundancia me faça rebentar numa gloriosa explosão. Imagina tu quantos atrictos, quantos choques nesse accúmulo de coisas vindas sem cessar do mundo exterior, que não tem fim, ao vaso de crystal de minha arte, limitado e delicado! Desse tumulto, dessa desordem nascem todas as incoherencias que conheces na minha arte, igual a toda a arte, mas differencial de todas pelo exclusivismo de uma contemplação incansavel. As incoherencias! olha tu, são os pontos falsos nas soluções de continuidade das coisas, são a palavra da paz entre os inimigos irreconciliaveis; são, por violencia, o equilibrio instavel na eterna mutação da vida. E' dellas a obra de arte feita tão sómente para justificar uma incoherencia. Deixa-me divagar, estou hospedado entre as idéas, transfuga da arte que o momento entibiou e matou. Penso porque sou um doente, o pensamento é a morbidez, é a superexcitação das cellulas nervosas que sobram no homem e faltam no crystal.

«Que damno pensar! olha o brilhante, mineral radioso onde ha todo o brilho das estrellas, toda a belleza do Universo e toda a poesia dos seculos! Entretanto, inutilmente buscarás nella a cellula nervosa que adoce e produz as idéas. O diamante é uma synthese, um cerebro é a analyse; aqui todo o mal, todo o desvio, toda a imperfeição; nelle, toda a pureza, todos os fulgores, todo o iris da luz mater universal e eterna.

«Compara-me tu mesmo, olha-me e ouve-me neste momento em que meu cerebro se activa em produzir idéas, e lembra-te de mim quando me vês estatico, hipto, mineralizado na contemplação de um trecho vivo qualquer do céu, da terra, da cidade ou do mar. Pelas idéas, eu caio na agitação commum das nevropathias incuraveis e me desgarro pelas sendas vãs que levam ao nada e á treva.

«Pela arte, com a contemplação, eu me petrifico e não me destrúo nunca, nem mesmo como o espelho pela irradiação da luz increada fonte de todo o bem e de toda a belleza; eu não acabo nunca e recomço sempre, sou um centro do infinito cyclo do Cosmos imperecivel, e vivo sem finalidade, sem a contingencia do aniquilamento que é dos sêres organizados. E o sêr organizado é o sêr que pensa, seja um infusorio, seja um Laplace ou um Darwin; a idéa é adstricta á cellula e condição do sêr, pelo instincto ou pela razão. O crystal é tudo; puro, elle não tem em si a causa do ser e do não ser; eterno, elle se desaggrega sem se destruir, e, qualquer que seja a sua transformação, é sempre um crystal; bello, elle apprehende tudo e nada dissipa, nem mesmo a luz que

se cõa atravéz da sua transparencia, ou que reflecte na sua lucidez radiante. Oh! se eu fõsse crystal, si eu pudesse, pela intuição da arte, crear em mim o primeiro typo da humanidade espelho!

— Entretanto, meu amigo, — fallei eu—tendes pela arte para a crystallisação, mas vê lá que só pelas idéas interpretas a suprema belleza e a immortalidade. Sem as idéas, não conhecerias dessa arte gloriosa que tem na contemplação o vertice e a base da terra de crystal de tantas illusões consoladoras. Com a arte o crystal se define, mas só pelas idéas elle apparece e resplende. Queres saber o que são as idéas, a grande acção, o fermento das cellulas nervosas no cadinho da pathologia salvadora? Olha em torno de ti, debruça-te numa das ameias do teu castello de arte, e contempla no limite que não quizeres definir e transpor. E' o mundo, a vida, a gloria. Naquelle, o movimento perenne desta para a raia inatingivel dessa; na vida, o calor de myriades de machinas autonomas percorrendo a Terra pelo aceno da gloria, e nesta o vago, o indefinido, o oscillante de uma synthese sem definição da vida no mundo. E' ali tens tu o que são as idéas, o celleiro que tudo provê, nectario que tudo perfuma. Onde quer que a vida páre, a idéa continúa, e o infinito só existe porque as idéas o abraçam. O mundo moderno é filho das idéas que repercutiram, como echo, as lembranças das nossas origens para as esperanças do nosso destino. Tudo se creou, tudo se desenvolveu, tudo germinou ao calor das idéas, a arte que tu vêes no espelho do crystal, o bem que vemos nós na serena belleza, a força que retém na orbita um planeta ou faz saír um suspiro de um coração maguado; a fórmula que vem da hyperbole de um astro á calote de um seio de mulher; a natureza onde verás um tigre adormecido entre lyrios e um raio alambreado de luz rindo gloriosamente num paúl, toda a contradicção, todas as antitheses que as idéas desbravam na apparencia e conjugam na essencia. . . Por ellas, verás a tua arte crystallina, ferida de impotencia, arrebatarse num surto incommensuravel por tudo quanto é azul para tudo quanto é de ouro, e cair de novo no esplendor torturante da analyse do mundo em que vivemos, deslumbrada da redução synthetica do Cosmos que é o homem-pyra da combustão inapagavel do idéal.

«Si eu fõsse mais artista, dava-te em um symbolo perfeito a omnipotencia e a omnipresença das idéas nessa mesma chimera de crystal que denominas differencialmente, tomando um effeito por uma causa automotora. Deleitosa illusão de uma febre algida em que o delirio toma as allures da

razão, e discute e constróe e exemplifica como na geometria anti-euclidiana dos sophistas allemães.

«A arte é a confusão da perspectiva com o plano, do echo com a vibração, do reverbero com o jacto da luz, do fumo com o brazeiro, do movimento com a força, da onda com o oceano.

As idéas, como pois? as idéas são a verdade objectiva, o plano e a construcção que nelle se levanta, e como o mar, como o céo, como a luz, como o som, como a força, tudo dellas irradia na creação immortal.

Calei-me. Elle me replicou:

—Divagamos e não edificamos. Se procurarmos o essencial nesta logomachia, acharemos ainda o crystal da arte na nossa falhada pretensão da belleza em apresentarmos os nossos principios. Somos uns doentes e agravamos o mal que não podemos definir e curar. No nosso espelho está gasto o aço e embaçado o crystal. Nós não somos artistas; quando o fõssemos e quando o fõrmos com a reconquista dos nossos instinctos, falhar-nos-á a expressão, a expressão que é para a arte—summula do mundo—o veneno, o oxydo que mina a lamina faiscante. Porque tu vêes que o sonho eterno é a incorruptibilidade, e este attributo, chimerico no homem, é ingenito no crystal, sophistico nas idéas, é irreductivel na arte. E' a vida commum então? Onde encontraremos nós idéas que a pacifiquem numa longa, lenta, suave, serena e magnifica contemplação de que o extase é o limite e o motivo?

—Idéas! idéas!

DOMINGOS RIBEIRO FILHO.

## OS HERÓES IGNORADOS

Por iniciativa das senhoras do Oregon, acaba de ser erguida, em Portland, uma estatua de bronze a Sacawea, uma india cuja bravura, lealdade e coragem conduziram a expedição de Lewis e Clark, na descoberta e conquista do territorio noroeste dos Estados Unidos da America.

Essa admiravel estatua, que representa uma mulher da tribu Shoshone, fõi modelada pela esculptora Alice Cooper, e fundida com metal do Oregon.

Não é a primeira estatua com que o povo norte-americano commemora os seus heróes ignorados, os heróes indigenas que auxiliaram a expansão da civilisação naquelle continente. Nos formosos parques de Chicago e outras cidades, se encontra, em bellas figuras de bronze, a recordação de notaveis *peles vermelhas*, com os seus pittorescos trajés exóticos, a par das estatuas equestres dos generaes, dos estadistas,

dos homens de lettras que collaboraram, com a sua bravura, o seu genio e o seu patriotismo, na grandeza assombrosa daquella nação incomparavel.

Esse facto nos suggere a consideração de que, nós, brazileiros, muito devemos aos chefes indigenas que auxiliaram lealmente os nossos descobridores no insano trabalho de iniciar a conquista civilisadora do nosso vasto e riquissimo territorio. Não se nos apagaram da memoria os feitos heroicos de Felippe Camarão, de Arcoverde, de Henrique Dias e outros, figuras respeitaveis que atravessaram a nossa historia colonial com intenso brilho, deixando pegadas honrosas no mesmo caminho trilhado pelos grandes capitães que projectaram o imorredoiro fulgor glorioso das armas portuguezas em terra americana.

A nossa gratidão áquelles obscuros heróes se limitou a mencional-os, como personagens anedoticos, nas magras paginas dos nossos compendios de historia, livros didaticos de pura mercancia, escriptos para explorações de livrarias, sem éstro, sem preparo de pesquisas nos thezouros dos nossos archivos, da nossa riquissima bibliotheca, sem criterio de historiador, copiando em mesquinhos resumos de poucas obras de valor, que não passaram das estantes dos eruditos para os bancos das escolas.

Gonçalves Dias, no *Yjuca-pirama*, José de Alencar, no *Guarany*, burilaram com paginas de finissimo labor magnificos typos da nossa raça autoctone; mas ao tributo da poesia e da arte se deve associar o do patriotismo do povo, no empenho de commemorar a obra benemerita dos heróes ignorados.

Ninguem ousaria levar a effeito a idéa de erguer em uma das praças das nossas capitaes a estatua de um indio como Camarão, de um negro, como Henrique Dias; seria isto uma coisa ridicula para um povo que conspurca os admiraveis baixo-relevos do pedestal da estatua de Jesé de Alencar, trabalhos do sr. Rodolpho Bernardelli; para um povo que, pelos conceitos dos seus homens notaveis, reputa *O Guarany*, romance, uma estopada condoreira e *O Guarany*, opera, uma cacophonía insupportavel para quem ouve musica de Wagner, muito embóra não a comprehenda.

O *snobismo* de contrabando que está grelando entre nós, com vigorosa pujança, não supportaria a estatua de um caboclo, vestido de pennas, ataviado de missangas, armado de arco, flecha, tacape, embocando o boré para chamar ao combate as hostes tapuyas.

Para prova do nosso máu gosto, basta que o indio figure entre as refulgencias geniaes da mais vulgarizada obra da litteratura nacional.

Apezar disso, desses conceitos de

homens superiores, pensamos que nada ha mais commovente do que incluir, entre os benemeritos do nosso culto civico, os heróes ignorados que fôram abnegados fundadores da nossa nacionalidade.

CUJAS.

*Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.*

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Aviação — Os helicopteros — O mais pezado que o ar — Em Monaco e Genebra — Algumas experiencias.*

O aperfeiçoamento dos balões dirigiveis, as conquistas de Santos Dumont e Lebaudy não esmorecem a actividade dos partidarios da aviação.

Até agóra, as experiencias não haviam produzido resultados effectivos; mas, recentemente, no principado de Monaco, um homem se elevou aos ares num apparelho de voar; subiu e desceu sem o menor incidente, e a machina se mostrou tão pujante que foi necessario, por prudencia, calmar-lhe a energia desenvolvida.

Essa experiencia animadora ficará celebre.

O apparelho empregado é do typo de helicoptero, conhecido brinquedo de creanças; compõe-se de uma haste de trinta centimetros tendo na extremidade, tres ou quatro pequenas pás em fórmula de helice, e um fio de borracha enrolado na base como a linha de um pião. Solta essa móla elastica, que imprime movimento de rotação ao eixo, todo o systema, mais pezado que o ar, se eleva rapidamente.

Maurice Leger, engenheiro do principe de Monaco, continuou o estudo dos helicopteros e foi auctorizado a construir uma primeira machina do typo experimentado com resultado que auctorisa a esperanza de conduzir, pelo espaço, durante algumas horas, muitas pessoas.

Como os helicopteros, o apparelho estudado comprehende um eixo commum de duas helices superpostas, gyrando em sentido inverso. O eixo é vertical na posição de subida e se inclina á vontade para obter a translação horisontal ou obliqua. Na subida e na descida, pôde-se orientar o apparelho como um leme. As helices medem seis metros e vinte e cinco centimetros de diametro e um metro e setenta e cinco de largura; são construidas de folhas de aluminio, recurvadas e muito rijas, pezando vinte e um kilos cada uma. O apparelho completo, comprehendendo helices, eixos, peças de entrosagem, excepto o motor, peza oitenta e cinco kilos.

Não se empregou motor nas primeiras experiencias, sendo as helices impulsionadas por um dynamo installado em terra com uma força de seis cavallos, produzindo quarenta voltas por minuto. Pôde-se assim erguer uma carga de mais cem kilos, e foi necessario moderar o impulso do apparelho para não rebentar o tecto de um salão do museu de oceanographia de Monaco, onde se fizeram as experiencias.

Em seguida, augmentando-se o pezo morto com cincoenta kilos e elevando a força do motor electrico a dez cavallos, a ascensão foi tão violenta que se quebraram as oito cordas que sustinham o apparelho, apesar de ser cada uma dellas capaz de suspender um homem. Depois disto, augmentada a força do motor a dez cavallos, o dr. Richard, director do muzeu, não hesitou em se collocar numa das pranchetas fixas do apparelho, sendo elevado com a mesma facilidade e violencia das experiencias anteriores, resultando que o helicoptero suspendeu com extraordinaria facilidade um homem de 74 kilos, com um lastro de 26 kilos e o seu proprio pezo, representando os 26 kilos o pezo de um motor electrico que poderia ser nelle collocado.

Maurice Leger concluiu dessas experiencias que, com o duplo do apparelho, será possivel suspender 800 kilos, um motor de 100 cavallos, comprehendendo as provisões de essencia para uma hora, ou 200 kilos, um viajante ou 75 kilos, ficando disponiveis 525 kilos, que poderão ser aproveitados para obter maior rapidez horisontal, mais combustivel, outros viajantes e maior duração da marcha.

Em Genebra, os srs. Dufaux, fizeram tambem um helicoptero de demonstração com motor montado no apparelho, fornecendo pouco mais de tres cavallos, sob o pezo de 45 kilos, comprehendendo o carburador, os accumuladores, lubrificadores, volantes e o reservatorio de benzina, representando tudo um e meio kilo para cada cavallo-vapor.

As quatro helices, de dois metros de diametro, gyram 250 vezes por minuto, suspendendo um pezo de 24 kilos, e como o apparelho completo peza apenas 17,5 kilos, resta uma força ascensional disponivel de 6,5 kilos. Afim de evitar a partida violenta, como no helicoptero de Maurice Leger, as helices não são impulsionadas directamente pelo motor: são fixadas sobre o eixo de rotação e são postas em acção progressivamente por meio de um dispositivo especial.

As experiencias desses apparelhos fôram as mais animadoras possivel e promettem rapidas progressos do systema de conquista do espaço pela viação, imitando o processo natural dos corpos pezados que o povôam.

*O juiz contemporaneo, segundo o criterio do «bom juiz» — A applicação humana e social das leis.*

São do famoso presidente Magnaud, o propagandista da applicação humana e social das leis, as observações que, com prazer, trasladamos da imprensa pariziense.

«A recente inauguração do Congresso de Direito Penal, sob a presidencia do Guarda dos Sellos, indúz-me a examinar qual é e qual deveria ser, na minha opinião, o estado de espirito do juiz contemporaneo.

Refiro-me ao juiz de profissão, ao magistrado de carreira.

Sejamos, antes de tudo, solictos no reconhecimento dos seus meritos. O juiz profissional é, geralmente, homem de solida instrucção, de espirito familiarisado, talvez em demasia, com todas as subtis questões da jurisprudencia, com sufficiente noção dos problemas politicos e sociaes da actualidade. Não ha duvida sobre a sua moralidade, porque elle cresceu num meio abastado, de mediania, de virtude, muito observada, porque depende de minimos esforços. Tal qual o definimos nestes traços geraes, esse juiz offerece garantias serias á administração da melhor justiça para todos?

Era de esperar; entretanto, se elevam de toda parte clamores ou murmurios contra os tribunaes contemporaneos, aos quaes se imputam demasiados rigor para com os desherdados da vida, demasiada indulgencia em relação aos gatunos de alta roda, ou aos cidadãos em revolta politica ou religiosa contra a Republica. Facto ainda mais caracteristico: bastou um pequeno tribunal de provincia proferir algumas decisões, em que um pouco de equidade, de clemencia e bondade contrariavam as interpretações tradicionaes escolasticas, para que fôsse qualificado de Bom Juiz, o magistrado que tem a honra de presidil-o.

Si quizermos comprehender o magistrado contemporaneo, é mistér continuarmos, com mais apuro, o esboço traçado, e indaguemos si as qualidades que lhe reconhecemos não são a mascara ou mesmo a causa dos defeitos que se lhe imputam.

Esse homem, já o dissemos, recebeu uma instrucção e uma educação integraes. A que fracção do corpo social pertencem aquelles dotados por acaso com esse favor? Deve-se dizer, para vergonha da burguezia: são seus filhos os unicos a gozarem desse privilegio. Para a gloria da burguezia, é grato verificar que nasceram do seu seio os sabios e os pensadores que, no curso do seculo dezenove, encontraram a solução de tantos problemas scientificos, economicos, sociaes, e deram ao espirito humano o grandioso impulso decisivo. Mas, para a vergonha da burguezia, somos forçado a reconhecer

que, no seu egoismo, ella se reputou a medida commum da humanidade, que ella modelou tudo pela sua propria mentalidade e que as actuaes noções do bem e do justo lhe não parecem accetaveis e dignas de sancção si não trouxerem a estampilha do seu espirito calmo e demasiado pratico.

O juiz é sempre recrutado nos meios burguezes. Installando-se no pretorio, traz todas as qualidades e todos os defeitos de sua origem e por isso permanece sempre homem de casta e de uma classe. Quando o seu tribunal é a encruzilhada onde se encontram todas as miserias e todos os desfallecimentos humanos; quando os dramas, grandes e pequenos, da vida, exhibem deante delle as suas supremas scenas, o juiz contemporaneo, longe de collocar, em geral, o seu coração e o seu espirito ao alcance dessas miserias, julga mais conveniente refugiar-se na apparente dignidade, na frieza, impostas pelos prejuizos da sua casta. A mãe que, abandonada de todos e por todos, tirar, sob o irresistivel impulso de conservação, um pão de um mostrador de padaria para se salvar e salvar seu filho de morte imminente, não passa, para elle, como para toda a jurisprudencia, de uma *ladra*. O vagabundo, que se arrasta de tribunal em tribunal, não é, aos seus olhos, por ser miseravel, mais do que um sêr perigoso para a ordem publica. Jámais lhe ocorre a idéa de que esses miseraveis, aos quaes se faz, na realidade, um processo de tendencias, são, talvez, antes de tudo, victima das iniquidades do contracto social. E si, por acaso, um juiz profere, em favor de um vagabundo ou de uma meretriz mãe, a sua sentença, sem a marca dessa fria crueldade característica da justiça habitual, ella é incriminada, pelos prophetas das classes dirigentes, de humanitarismo ameaçador, de sentimentalismo idiota e de violação da lei.

E' todavia, muito facil responder a esses pontifices que o juiz, estatuinto de tal maneira, se inspira num principio que é reclamado e praticado, invariavelmente, por aquelles a quem cabe qualquer parcella do poder publico ou social, isto é, ser a mellhor das justizas a dos pares do accusado.

Na maior parte dos paizes europeus, os príncipes, os magistrados, os officiaes, os altos funcçionarios, são submettidos a tribunaes de excepção, compostos, exclusivamente, de pessoas da sua classe, sem duvida porque se considerou que, para apreciar a mentalidade e a moralidade desses altos funcçionarios, era indispensavel fôsem examinados por homens de mentalidade e moralidade identicas ou proximas ás suas. Não importará isso em sentimentalismo erigido, si não em principio, pelo menos em privilegio?

Para os filhos do povo, o legislador jámais tomou tão benevolos e attentiosas precauções: entrega-os, confusamente, a juizes de natureza, si não hostil a desgraçados, pelo menos muito differente; a juizes que, armados com os textos legislativos, applicam, mechanicamente, penas mais preoccupados de não se afastarem dos arestos tradicionaes da jurisprudencia do que de se collocarem ao alcance dos accusados, de procurarem discernir as causas remotas ou proximas de seus desfallecimentos e de corrigirem, com um pouco de equidade e de misericordia, aquillo que os textos encerram de cégo e brutal.

Não occorre, certamente, á idéa de taes magistrados, que os crimes, por elles reprimidos, poderiam ser facilmente os seus, si não nascessem noutro meio, e quando, por acaso, semelhante pensamento lhes atravessa o cerebro, elles o repellem logo, como indigno, descabido, sómente proprio, afinal de contas, para jurados.

A opinião publica, entretanto, não se engana: entre a justiça dos juizes de profissão, e a dos juizes de occasião, os jurados, ella não hesita.

E' que os veredictos do jury, além de testemunharem o desejo de protegerem a ordem social, têm o cunho dessa justiça emanada do coração, justiça que não reputa fraqueza o facto de tratar com suprema piedade o accusado no momento de condemnal-o.

Melhor obra de conservação social, realisariam os tribunaes si os magistrados, que compõem, alliassem aos conhecimentos do jurisconsulto o estado de espirito do jurado, si se lembrassem serem homens fracos, imperfeitos e que, máu grado seu, os unem laços de solidariedade aos seus réos.

O juiz contemporaneo responderia mellhor ao voto da opinião e ao esplendor de sua fuucção si, quebrando as velhas fórmulas, abandonando as attitudes e os prejuizos impostos pela sua educação, si se tornassem equitativos e si se compenstrassem de que um tribunal não é uma academia juridica, onde, sobre o costado das partes, é lícito manobrar em torneios dispendiosos da mais subtil causuistica.

E' soberanamente desanimador que, em 1905, para resolver um litigio, o juiz, abdicando a sua personalidade e se crystallizando nas tradições de outra epocha, copie a sua sentença actual das collecções poeirentas de 1810, de 1820 e de 1830. Entretanto, num paiz democratico, como a França, o papel de juiz, para satisfazer o povo, em cujo nome a justiça é executada, é dos mais simples: falta-lhe, para exercel-o, ser campeão da justiça de equidade contra a justiça juridica, essa chaga social.

Procedendo dessa maneira elle se conformará sempre, si não com a let-

tra da lei, pelo menos (e ali está a verdade) ao seu espirito, á sua força viva e activa, porque o pensamento do legislador, quaesquer que sejam as apparencias contrarias do texto emanado de suas deliberações, não poderia jámais deixar de ser alto e bello, portanto exclusivo de toda a iniquidade nas suas consequencias praticas.

Isto, como se vê, é muito simples — não cansarei de repetil-o — simples como tudo o que é justo. Póde-se mesmo afirmar que é demasiado simples, e os profissionaes do direito, aquelles que primam em rachar em quatro os cabellos da lei e em crivar de obstaculos o caminho da justiça, para fazer, estremecendo de bem estar, apanhar uma pélla á equidade; aquelles, finalmente, que vivem desse *sport* juridico, destinado a suffocar a verdade, clamam contra essa concepção da justiça, baseada na equidade, e a tratam de charlatanismo.

E si magistrados, compenetrando-se da amplitude da sua missão, provocassem com suas sentenças a attenção do legislador sobre certas imperfeições da lei, tão acoimadas de excesso de attribuições, como si o juiz, executando a lei diariamente, não estivesse, melhor do que niuguem, em condições de lhe verificar os defeitos de applicação para indical-os. Sobre este pouto, é opportuno citar a opinião de um dos mais illustres philosophos do direito, o professor Bovio, deputado ao parlamento italiano, dizeudo no tribunal de Napoles: — «Podeis indicar os principios que devem transformar a legislação, sem esquecer a vossa função pretoriana». O eminente primeiro presidente da Côte de Cassação o sr. Ballot-Beaupré declarou, na solemnidade do centenario do *Codigo Civil*, «que o juiz não se deve demorar em verificar qual foi, ha cem annos, o pensamento dos auctores do *Codigo*, na redacção de tal artigo, mas indagar qual seria esse pensamento si o mesmo artigo fôsse, actualmente, por elle redigido.

Todos os magistrados actuaes não são refractarios a essas largas e generosas idéas. Tenho a prova de que muitos, dentre elles, as professam e não vacillaram, na sua franca applicação, ante o ostracismo que fulminou, em algumas das altas esferas officiaes, aquelles que tomaram a iniciativa e as praticaram, conscienciosamente.

Mais ainda: magistrados, homens emineutes de todos os paizes prodigalisaram a sua energica e preciosa animação áquelles que o ousaram. Um dos estadistas mais notaveis da nossa epocha e mais queridos do povo, o sr. Léon Bourgeois, escrevia: «Não cesso de acompanhar, senhor e caro presidente, com toda a minha sympathia, o vosso esforço corajoso e

perseverante para tornar verdadeira, humana e social, a applicação das leis, e penso, lendo as vossas sentenças, na obra do pretor que conseguiu tornar viva a velha, a rigida fórmula romana.

Si taes palavras constituem, para aquelles a quem fôram dirigidas, uma alta, uma preciosissima satisfação moral, ellas demonstram, tambem e sobretudo, que não se devem reformar as leis, mas o espirito dos seus executores, porque o valor da lei depende do valor do juiz.»

## A ARMADA NACIONAL

*O nosso poder naval em 1864 — Ainda a sua deploravel fraqueza segundo o relatorio dos proprios ministros.*

O ministro Araujo Brusque, em 1864, dizia: «Da simples inspecção do mappa citado resulta que o estado de nossa força naval, já em relação ao numero, já confrontando-os com os melhoramentos que a sciencia tem modernamente introduzido na marinha de guerra, torna-se cada dia mais precario e fraco». O material de que actualmente dispomos, quer em qualidade, quer em quantidade, está muito longe de satisfazer ás necessidades do serviço a que é destinado, e mais ainda ás condições da tactica moderna. Carecemos de renovar a nossa esquadra, introduzindo na sua composição alguns navios de primeira ordem, capazes de pôr-nos ao abrigo de repentinos assaltos que se possam dirigir contra a soberania nacional».

Do livro *Marinha de outr'óra*, tiramos os seguintes trechos: «Posto se encontrasse em pleno estado de guerra com a Republica Oriental, o Brazil estava, por assim dizer, desarmado, quando o dictador do Paraguay arremessou-lhe o affrontoso cartel de desafio».

«Passado o momento agudo do celebre conflicto inglez, ninguem mais cogitou de preparar o paiz para a contingencia de uma guerra, chegando o fatal desprendimento ao ponto de que, um official do proprio exercito, o coronel Carneiro de Campos, presidente nomeado para Matto Grosso e, por notavel coincidência, a primeira victima de tamanho erro, oppoz-se na Camara dos deputados a pequeno augmento nos quadros da primeira linha, commungando talvez nas mesmas idéas de outro representante da nação, que, naquella recinto, não dividiu declarar que daria graças á Providencia se visse arder o ultimo navio da esquadra brasileira!»

Os poucos elementos de que ora dispomos não nos permitem conhecer o nome desse benemerito deputado, o

que verdadeiramente sentimos, a apostar em como, declarada a guerra continuou a ganhar o subsidio e acompanhou as operações, de longe.

Prosigamos, porém, na transcripção de topicos da *Marinha de outr'óra*. «Conhecia perfeitamente Lopez a fraqueza dos nossos elementos militares, etc.»

Então, a nossa *supremacia naval* não era conhecida pelo despota?

«As forças de terra, regularmente constituídas, que poderia o imperio enviar logo ao encontro das hostes inimigas, eram pouco numerosas, pois não excediam do pequeno exercito que sitiava Paysandú e dos corpos que, na fronteira, ou em marcha já para o estado Oriental, tinham por objectivo Montevideó.

«Para o cerco desta praça, decorrido mais de um mez, só apresentaram-se em linha 8.116 homens de todas as armas, e egual numero, no maximo, estaria arregimentado nas provincias».

A proposito dos arsenaes: «E convém advertir que em 1865 o arsenal da Côrte, como se denominava, exactamente o melhor dos que possuia o Imperio, longe estava de poder attender ás necessidades do serviço, mesmo em epochas normaes. Faltavam-lhe espaço e muitos dos meios mechanicos adoptados pela industria moderna, que simplificam a mão d'obra e economizam material e tempo». E, sobre os nossos officiaes superiores: «Via-se, porém, o governo na impossibilidade de conferil-a» (promoção) «a muitos dos que sobresaíram, occupados como estavam os postos superiores, por officiaes de avanzada idade, já incapazes do serviço de guerra, alguns pelo peso dos annos, ou de molestias, outros pela diuturna permanencia em commissões de terra, perdidos, por essa causa, os habitos da vida do mar».

Do livro *Ensaio historico sobre a genesis e desenvolvimento da armada brasileira*, tiramos: «Se os elementos primordiaes de nossa organização maritima sobreviveram á desidia dos poderes publicos no periodo de paz que se seguiu á guerra contra Rosas, foi, etc., etc. . . . «As denominadas estações navaes correspondentes aos districtos maritimos em que então estava dividido o littoral do Imperio, bem como as flotilhas do Rio Grande do Sul e de Matto Grosso, não eram senão commodas sinecuras em que apodreciam immobilizados os obsoletos vasos por ellas distribuidos e vegetavam em pernicioso inercia os officiaes e marinheiros nesses vasos embarcados. Não poderíamos dar idéa mais completa da fragilidade e atrazo do nosso estabelecimento naval, na epocha em que o paiz foi surpreendido pela aggressão do segundo Lopez do Paraguay, do que o fizeram dois eminentes escripto-

res. . . » referindo-se aos srs. visconde de Ouro Preto e dr. Joaquim Nabuco.

«Eis o acervo de um material naval obsoleto e avariado» (commenta o relatorio do ministro Brusque) «de onde devia sair a esquadra para resolver pelas armas as nossas pendencias com o governo de Montevideó, sem levar-se em conta complicações tanto mais provaveis quanto a mesma fraqueza da pequena Republica, a punha na dependencia de influencias externas que não deixariam de se conjurar contra a nossa pretendida supremacia no Prata».

Depois desse periodo, o almirante Jaceguay nos diz que, «por um esforço supremo» e «quando o Paraguay já se envolvera na contenda», o governo imperial conseguiu rennir no Rio da Prata 15 navios e 11 canhoneiras a vapor e 2 transportes a vela. Para isso, para rennir essa esquadriha em frente a Montevideó, as divisões navaes dos tres districtos em que se dividia o littoral do paiz, ficaram de facto supprimidas; na do 1.º districto, cuja séde era o porto da capital, ficou um unico vapor em estado de navegar, o *Magé*; a do 2.º districto ficou com tres barcos a vela; no 3.º districto e nas flotilhas do Rio Grande e Matto Grosso, «apenas figurava uma poeira de pequenos navios de vela e de canhoneiras de roda».

Ah! as mentiras dos relatorios! Os ministros da Republica tambem téem sempre lamentado, depois da revolução de setembro, a nossa decadencia naval; mas, confessam sempre a excellencia de cincoenta, sessenta navios de guerra. Entre esses, o almirante Pinto da Luz, que chegou mesmo a descobrir vinte unidades de combate!

«Desguarnecida como ficou a nossa costa, com os seus pontos principaes indefezos, pôde um pequeno navio de guerra americano irrogar-nos impunemente revoltante insulto dentro do porto da Bahia.» Conta-nos a tomada do Florida pelo *Wassuchets*, e conclue: «E, enquanto o governo imperial impava de cioso dos direitos dos seus subditos na Banda Oriental, teve de conformar-se com a apparencia de satisfação que approuve ao governo de Washington conceder-nos por aquella inaudita affronta».

Devemos accrescentar que esse insulto foi feito a 7 de outubro de 1864, antes da aggressão paraguaya. E, se não fôra enveredarmos por um terreno diverso do que nos propomos tratar, fariamos considerações sobre o joguete que fôram posteriormente as gloriosas diplomacia e força militar do Brazil ante o gabinete de Washington.

O almirante Jaceguay, nesse seu livro, refere-se ainda á defeituosa organização do quadro de officiaes, victima de «um vicio radical», que o impossibilitava de accrescimento do referido qua-



dro correspondente ao accrescimento de material fluctuante, e diz tambem: «O maior defeito, porém, da nossa organização naval, patenteado durante a campanha do Paraguay, foi o da incapacidade para o serviço de guerra da maior parte dos officiaes superiores que figuravam no quadro do corpo da armada, e, «Das tres classes dos officiaes superiores, com o total completo de 106, só 32 saíram do paiz para tomar parte na campanha!»

Finalmente, da mesma obra copiamos: «A força naval do Brazil com que se abriu a campanha do Paraguay era absolutamente insufficiente, etc., etc., e, se as nações da Europa tivessem observado rigorosa neutralidade entre os belligerantes da contenda sul-americana, nem mesmo o encouraçado *Brazil*, cuja construcção fôra contractada na França antes da declaração da guerra, teria sido incorporado em tempo á nossa força naval.

Qual seria então o resultado, se, «Mesmo depois de augmentado o nosso poder naval com os 10 primeiros encouraçados», dos quaes 7 vindos do estrangeiro, tivemos de permanecer inactivos, impotentes, ante Humaytá, mais de um anno?

Temos assim exuberantemente provado quão fragil, em todas as suas manifestações, era a marinha de outróra ao romper a guerra do Paraguay. Transcreveremos, porém, ainda dois topicos do livro *Quatro seculos de actividade maritima*, escriptos pelo almirante Jaceguay, que deixam patente a imprevidencia dos estadistas do Imperio e a culposa e cega confiança numa supremacia naval bem inutil, sendo como era.

«A sobrançeria com que o governo brasileiro repellira a intervenção diplomatica de Lopez na pendencia em que nos achavamos envolvidos com a Republica do Uruguay, em 1864, explicava-se menos pelo deploravel despercebimento em que se estava no Brazil, do valor real da organização militar do Paraguay, do que pela exaggerada confiança que se tinha do nosso poder naval na America do Sul.»

«Contava-se com a esquadra imperial para pôr em bloqueio rigoroso a pequena republica mediterranea, emquanto a nação se preparasse para supplantar-a em qualquer terreno a que nos arrastasse a superveniencia de guerra declarada, tida, aliás, como pouco provavel entre os nossos estadistas. Não podia, porém, o governo brasileiro assumir essa attitude sem dispôr-se a sacrificar a provincia de Matto Grosso, destituida de meios adequados de defeza contra uma irrupção de forças paraguayas e separada dos centros de recurso do Imperio por extensas regiões quasi desertas.»

Egual a essa desidia, comparavel a essa ineptia, só a incompetencia reve-

lada por Francisco Solano Lopez, como estrategista, a despeito do grande valor que em geral se lhe attribue.

Patente como era que o Paraguay só poderia vencer ou obrigar o Brazil a aceitar pazes sob condições vantajosas para si, alcançando, de principio, uma ou mais victorias importantes, ou recebendo auxilio que distraísse as forças do Imperio, era logico que, disposto, havia muito, a romper com o Brazil, trouxesse a guerra a este, antes que o exercito imperial se houvesse concentrado em torno de Paysandú e Montevideo e prestasse mão forte ao partido blanco, no Uruguay. Se a columna de Estigarribia, mais numerosa do que foi, invadisse o Rio Grande quando a de Barrios invadiu Matto-Grosso, ou mesmo antes, e, em marchas forçadas fôsse alcançar, em toda a sua integridade, a Republica Oriental, o que lhe era facil, para ali apoiar o exercito blanco contra o Imperio e o general Flôres, embóra posteriormente fôsse sacrificada, (o que aliás succedeu) Lopez teria quasi certamente tirado ao Brazil um dos seus aliados — o Uruguay — que passaria, então, pelo triumpho do partido blanco, a inimigo do Imperio.

Ficaria ainda este na impossibilidade de prestar o auxilio effizaz que forneceu á Argentina, pois não teria podido distraír as suas forças do sul, e Lopez apossar-se-ia definitivamente de Corrientes, obtendo a alliança de Urquiza, que estivera sempre inclinado a unir-se ao tyranno paraguayo. E, feito isto, sobrar-lhe-iam os sessenta mil homens que manteve inactivos quasi, no coração do paiz, emquanto suas avançadas retiravam-se, desamparadas, ante o inimigo, que se ía approximando.

Mesmo depois, quando invadido já o territorio paraguayo, se Lopez tivesse jogado sobre o inimigo forte de vinte e quatro mil homens e que se deixou surprehender em Tuyuty, uma columna muito mais numerosa do que a que effectuou o ataque de 24 de maio, o que lhe era facil, poderia ter alcançado a victoria, que esteve a ponto de nos conquistar.

Então, em qualquer dessas hypotheses, como se não teria transformado a face da guerra, como nos não teria sido mais doloroso, esse já muito doloroso triumpho sobre o Paraguay, se nós o conseguíssemos?

Mas não queremos analysar os fálhos planos de guerra do dictador.

Supponhamos apenas que calcando o traço irrequieto do seu character, mixto de qualidades tão oppostas, character em que á irresolução se alliava o arrojo, elle aguardasse, para trazer a guerra ao Brazil, a conclusão e os recursos para o pagamento dos couraçados que encomendára, quando o Imperio não contava senão um em

estaleiros. Que seria então feito da nossa supremacia naval? De quem seria a victoria do Riachuelo? Quem guardaria o estuario do Prata, emquanto o Imperio construísse os seus monitores, sobretudo se a Europa guardasse neutralidade, não fornecendo a este, elementos de guerra? Quão fragil era, de facto, a nossa supremacia naval!

De tudo quanto vimos dizendo e provando, de tudo quanto transcrevemos dos livros dos srs. visconde de Ouro Preto e almirante Arthur de Jaceguay, tão conhecedores da nossa historia naval como os que mais o são, fica clara, positivamente evidenciado que, a não ser nas occasiões em que um perigo imminente punha em jogo a segurança do paiz, os estadistas do Imperio até 1864 nada fizeram de utilidade á marinha de guerra, no terreno pratico.

Os planos de refôrma do material baseados nas necessidades da nação «não saíam do dominio burocratico»; as refôrmas dos administradores que procuravam matar a rotina, olhos fitos no futuro, para o qual queriam preparar a marinha (e fôram pouquissimos esses administradores) encontravam resistencias baseadas na tradição; os ministros militares «sem terem prestigio politico que lhes permittisse dar ao Parlamento uma verdadeira orientação das coisas de marinha»; passada qualquer crise, «recaía-se na antiga inercia e voltava-se ao habitual desleixo no tocante ao exercito e á armada»; relatorios accusando numerosa força naval, quando toda ella era antiquada e fraca; e, finalmente, «os officiaes superiores, incapazes do serviço de guerra» pela excessiva idade, por molestia ou «pela diuturna permanencia em commissões de terra, perdidos, por essa causa, os habitos da vida do mar» e, accrescentamos, por uma crassa ignorancia da sua profissão.

Como, em todos os momentos de sua existencia, foi sempre igual, a marinha de guerra brasileira!

TONELERO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### VENCEDORA DE ALMAS

Era uma vez um certo rei antigo...

Tamanha foi sua ventura; tanto  
Correu sem embaraços nem encontros  
Seu seguro poder, sua riqueza,  
Sua alegria nunca consumida;  
No mar, suas armadas venturosas;  
Na terra, seus exercitos vencendo:  
Que, com espanto e temeroso enleio,  
Dizia o mundo já que nem Fortuna  
Fôra, jámais, assim afortunada.

Mas, certo dia, um Sabio, ou Bruxo, ou Santo,  
Que lia nas estrellas e que lia  
Nos corações como num livro aberto;  
E dizia fallar com os Espiritos,  
E ler sentenças do mysterio quando,  
A' lua-noiva, as arvores phantasticas  
Com seus torcidos dedos escreviam  
Murmurantes signaes, lettras de sombra...

Um Sabio, ou Bruxo, ou Santo, do seu reino,  
Abeirou-se do rei, sob o silencio  
Das liturgicas horas do crepusculo;  
E, com seu fundo olhar, e tardas vózes  
De algum echo longinquo, assim lhe falla:

— «Muda de vida, muda, ó rei! enquanto  
Uma desgraça grande não a muda...

Repara que ventura tão constante  
Não é do triste mundo, incerto e vario.

Alegria tamanha e tão isenta  
Já natural não é: — e grande affronta,  
Com ella farás tu á natureza...

Amar e padecer, para algum dia  
Ser bem aventurado e alegre e justo:  
E' lei da vida e seu destino certo;  
Mas ir, feliz, no meio da jornada  
Sem passar as tormentas do principio...

Torna a traz, caminhante, o teu caminho!  
Que grande mal, por força, neste engano  
A sorte te estará aparelhando.

Por isso, eu digo, ó rei! por bom conselho,  
Que pelas tuas mãos, proprio desejo,  
Te dê algum desgosto, — e dê, desta arte,  
Satisfação á Dôr que tanto opprimes,  
E á sofrega tristeza ardendo em sêdes  
Algum allivio e breve desafôgo... » —

Ouvindo, ao rei se aperta e atemorisa  
Sua alma: E logo, com profunda magua,  
Deitou ao mar o anel que mais luzia  
Na sua estima e assoberbava os olhos,  
E não trocára por um reino inteiro,  
Embóra fôsse, entre outros tão magnificos,  
Humilde e simples alliança de oiro:

Dera-lhe aquelle anel uma Menina  
A quem seu bravo coração amava:  
Não pelo proprio amor que lhe tivesse,  
Mas pelo muito amor que ella lhe tinha,  
Lisonja da sua alma e dos seus beijos  
(E nisto elle era humanamente humano)...

Mas, passadas apenas breves horas,  
Aconteceu a um pescador na praia,  
Ao recolher, de manhãzinha, as redes,  
Colher um peixe estranho: um pequenino  
E novo e lindo monstro, a cujas côres  
O sol nascente se inclinava como  
A certo anel de que a cantiga falla.

E foi parar ás mãos do rei, o monstro,  
Como coisa tão digna de off' recer-lhe  
Por sua inteira e rara novidade;  
E quando se encontrou em sua bocca  
Esse encantado anel que ao rei custára  
As voluntarias lagrimas primeiras,  
Tal alegria teve o rei (e quando  
De novo o viu em sua mão de gloria),  
Que se deu por bem pago e satisfeito  
Da magua, que buscára, de perdê-lo,  
Pela feliz ventura de encontrá-lo.

Porém, quando passou seu alvoroço,  
E lhe veio á lembrança novamente  
O Sabio e as suas fallas de adivinho:  
Seu coração tolheu-se em fundo susto;  
Sua alma se apertava; arrefecia  
Seu sangue sob um sôpro de mysterio...  
E pelas altas arvores dos montes,  
Pelas fraguas do mar revolto, o vento  
Tinha vózes de agoiro, como as vózes  
Das c'rujas quando poisam no telhado  
Dos doentes; ou quando, á meia noite,  
No arrepio da lua e do silencio,  
Uivam os cães, a farejar a morte...

Que bem fallára o illuminado Bruxo!

Pouco tardou que amanhecesse o dia  
Em que, — na brava furia da peleja,  
Vencido a vez primeira, — o rei tristissimo

Viesse ás mãos de quem fizera a jura  
De lhe beber alli o sangue e a alma:

E, no cimo dum monte, á luz profunda  
E incerta do crepusculo em que a gente  
Parece que com ella alonga os olhos  
A's longinquas payzagens do invisivel:  
Pregado numa cruz, o rei magnifico!  
Agóra miseravel para espanto

Dos homens e seu dô e suas lagrimas;  
Ao ver, em suas torres, a inimiga  
Estrangeira bandeira triumphante;  
E vendo o mar pasmado acommettido  
Pelo incendio daquellas suas fortes  
E tão leaes armadas sempre sofregas  
De novas ondas e de novos mundos:  
Alevantou seus olhos, num extremo  
Esforço que era já a erguer do Espirito,

Clamando estas palavras verdadeiras  
Que pelos fundos echos resoaram:

— «O' minha alma soberba, alegre e isenta,  
Eis-te vencida, emfim! alma rebelde,

Tu a venceste, eterna vencedora:

O' Dôr universal e genesiaca.

Tu! que activas as almas, sublimando  
Os homens, os heróes, os torvos deuses,  
Os abrazados mundos radiosissimos... » —

ANTONIO CORREA DE OLIVEIRA.

\* \*

#### SÁ DE MIRANDA

Sá de Miranda, verdadeiro pae da  
nossa poesia, um dos maiores homens  
de seu seculo, foi o poeta da razão e  
da virtude, philosophou com as musas,  
e poetisou com a philosophia. Seu  
muito saber, sua experiencia, seu tra-  
cto affavel, e até a nobreza do seu  
nascimento, lhe deram indisputada  
superioridade a todos os escriptores  
daquelle tempo, dos quaes era ouvido,  
consultado e imitado. Sá de Miranda  
exerceu sobre todos os poetas daquela  
epocha a mesma especie de imperio  
que veio a ter Boileau em França e  
mais modernamente Francisco Manoel  
entre nós. Introduziu na poesia os  
metros italianos, e os modos, versos  
e combinações de rimas de Dante e

Petrarca; e desd'ahi quasi se abando-  
naram inteiramente (excepto nas vol-  
tas e glosas) os nossos antigos versos  
de redondilha, e absolutamente os de  
arte maior e menor, que ainda assim  
mui proprios são para certos assum-  
ptos, segundo, com feliz exemplo, nol-  
o mostraram antigos e modernos po-  
etas. Nem o mesmo Sá de Miranda  
egualou nunca em composições hen-  
decasyllabas a pureza, a correcção, a  
naturalidade e sublime simplicidade  
de suas redondilhas nas epistolas, que  
hoje são seu maior e quasi unico ti-  
tulo de gloria.

São de admirar suas comedias, e são  
notavel monumento para a historia  
das artes pela feliz imitação dos an-  
tigos, e pelo que excedem quanto até  
então se tinha escripto. Porém o the-  
atro portuguez, creado pela musa ne-  
gligente e travessa de Gil Vicente e  
João Prestes, carecia de refórma, mas  
não podia supportar nua revolução.  
As comedias de Sá de Miranda, sem  
character nacional, mui classicas de  
mais, não eram para reformal-o: o  
mesmo direi, e o mesmo succedeu ás  
de Ferreira, a algumas poucas mais  
que depois vieram. O effeito destas  
composições, aliás preciosas, foi fu-  
nesto: os litteratos enjoaram-se (e  
com razão) do theatro nacional, e não  
se deram a corrigil-o e melhora-l-o; o  
publico preferia (e com razão tambem)  
o com que fôra creado, o que o inter-  
essava, o que o divertia, e antes queria  
rir com as grosserias dos autos popu-  
lares, que bocejar e adormecer-se com  
as finuras da arte e correcções dessas  
comedias, que tudo tinham, menos  
interesse, onde todo o espirito havia,  
menos o nacional.

ALMEIDA GARRETT.

\* \*

#### TESTAMENTO

Que posso eu deixar no mundo?... Nada...  
Nem sequer a lembrança deixarei.  
Sou eu que levo a alma estilhaçada,  
que, repartindo-a, inteiramente dei.

Legar só posso o esquecimento... e sei  
que elle só ficará da derrocada;  
foi-me, na vida, a permanente lei,  
ser-me-á na cova a glacial geada.

E se as saudades todas vão commigo,  
quem é que irá depor no meu jazigo  
apenas uma só?... Ninguém! Ninguém!

E, quando as portas do Mysterio entrar,  
levando a dôr em mim, sem a deixar,  
nem essa herança legarei tambem.

HENRIQUE ROSA,  
(Lisbôa).

\* \*

#### OS FILHOS DE D. JOÃO I

A candida nobreza de Nunalvares,  
a sabedoria do grão doutor João das  
Regras, a explosão da força nacional,  
tinham feito de d. João I quasi um

heróe; os seus illustres filhos fazem delle o mais feliz dos paes. Ditoso homem mediocre a quem tudo favorece; deu-lhe a sorte uma mulher virtuosa e nobre, a princeza, cujas lições e cujo exemplo põem a semente das suas grandes acções no coração dos infantes: d. Pedro, acaso o typo de homem mais digno de toda a historia nacional; d. Fernando, cujos meritos desaparecem perante o do martyrio que o sanctificou; d. Duarte, o rei sabio e infeliz; d. Henrique, finalmente, em cujo cerebro ferviam os destinos futuros de Portugal. E' uma pleiade de homens celebres, presidindo a uma nação, constituida e robusta: com taes elementos, consegue-se tudo no mundo. Bons guerreiros, á antiga, os infantes não se parecem, comtudo, já com os antigos personagens. A côrte apresenta uma physionomia diversa: dir-se-ia uma academia. D. Duarte occupa-se de coisas sabias, escreve o seu *Leal Conselheiro*. D. Pedro, cujas dilatadas viagens chegaram a formar lenda, tráz consigo vasta licção, muitos livros, cartas, conhecimentos; a litteratura e a geographia occupam-no por igual, e tambem escreve: dedica ao irmão primogenito o seu tratado da *Virtuosa Bemfeitoria*. Não é uma côrte da idade-média, é já uma côrte da Renascença, cheia de novas idéas e duma cultura eminente.

OLIVEIRA MARTINS.

### Reflexões sobre uma memoria de Gomes de Souza

Um dos problemas mais complexos da acustica é o da propagação do som em um meio gazoso indefinido, solicitado por forças quaesquer. Admittindo mesmo que estas forças são derivadas de um potencial, como ordinariamente é o caso da natureza, as equações geraes do movimento vibratorio são mais complexas do que as equações do calor e mesmo do que as equações habituaes do som na hypothese de um meio imponderavel.

Estas são integraveis pelos methodos de Poisson ou de Poincaré, e conduzem á fórmula de Laplace, que differe da de Newton em ter o quociente da elasticidade pela densidade multiplicado pela relação dos calores especificos do gaz. Em outras palavras, a fórmula de Newton suppõe a condensação isotherme, ao passo que a de Laplace a suppõe isentropica. A experiencia mostra que é a ultima hypothese que mais se approxima do phenomeno natural.

A relação dos calores é hoje conhecida com o maximo rigor, graças aos trabalhos de Clement e Desseines,

Wilter, etc., e recentemente do professor Röntgen.

Estas pesquisas, porém, suppõem a massa de gaz imponderavel. Si restituirmos ao gaz o seu pezo ou si o submettermos á acção de forças quaesquer, a fórmula da velocidade poderá ser a mesma, mas os processos de calculo, a que nos referimos atrás, não auctorisam semelhante conclusão.

E', pois, inadmissivel concluir, como Poisson em sua celebre memoria, que, por uma exacta compensação de termos, a fórmula permanece inalteravel para um fluido pezado, qualquer que seja o valor da gravidade. O circulo vicioso é evidente.

Seria preciso, para attingir o resultado de Poisson, mostrar que a fórmula se não modifica com a introdução, na equação differencial, dos novos termos provenientes da funcção de forças. Tal é o problema que Gomes de Souza procurou resolver.

Baseado em um theorema sobre a natureza das funcções arbitrarías contidas na integral de uma equação ás derivadas parciaes, theorema de que elle é o auctor, chega á seguinte proposição:

*Que uma massa de gaz esteja ou não submettida á acção de forças exteriores, o som nella se propaga obedecendo á fórmula de Laplace.*

Não podemos entrar em detalhes sobre o trabalho de Gomes de Souza. O potencial das velocidades depende aqui de uma dupla integral sextupla encerrando funcções arbitrarías que se determinam, como sempre, pelas condições iniciaes. Para mais de um leitor, a sextupla integração será um obstaculo desanimador, porque, como succede nos problemas mais complexos de attracção e de magnetismo, o symbolo ali indica uma operação inextricavel.

Mas o auctor não pretendeu, nem julgou necessario, superar taes difficuldades. No seu calculo, o symbolo esclarece a solução, como em thermodynamica a dupla integral nos cyclos irreversiveis. Sem merecer, pois, a critica de Bertrand em um de seus prefacios, pôde-se e deve-se recorrer a elle, uma vez que a interpretação das fórmulas assim o exija para o problema physico.

Si o leitor não julgou procedentes taes razões, e, si, para acceitar o theorema sobre as funcções arbitrarías, reclama uma demonstração rigorosa, poderá, então, acompanhar Gomes de Souza na integração formal dos casos especiaes, em que se suppõe o fluido simplesmente pezado.

Analysemos com maior attenção as soluções do dr. Gomes de Souza. Da forma especial que affectam as funcções sob o signal de integral, o auctor deduziu o que pretendia demonstrar. Mas não seria possivel tirar das solu-

ções achadas outro partido, abstrahndo por alguns instantes do problema de physica? Si fôsse possivel com os recursos da analyse moderna verificar certas propriedades, características das funcções regulares nas fórmulas obtidas, o dominio mathematico não se enriqueceria *ipso facto* de novos elementos equiparaveis aos harmonicos de Laplace e aos ultraharmonicos de Poisson? Si tal verificação fôsse exequivel, dissipar-se-iam, por completo, as duvidas que nos disputam certas transformações do illustre auctor dos *Mélanges de Calcul Intégral*. Será, por exemplo, legitimo substituir uma série tripla de exponenciaes, cujos coefficients são arbitraríos, por uma funcção arbitraria do expoente? Gomes de Souza o suppõe e chega a resultados verdadeiros, que, pelo menos, no sentido formal, verificam a equação differencial. Mas não importa; a duvida persiste, porque a verificação não é sufficiente para garantir a indiscutibilidade de uma operação intermediaria.

OTTO DE ALENCAR SILVA,  
(Da Escola Polytechnica)

### O ALMIRANTE (44)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

#### CAPITULO XIX

A marquezia permaneceu immovel, no centro da sala, como se a violenta impressão daquella inesperada entrevista houvesse enrijado todos os seus nervos, entorpecido os membros, que tremiam sacudidos por um calefrio de terror. Seus olhos illuminados de estranho fulgor acompanharam os dois conspiradores e se fixaram na porta por onde desapareceram, ao passo que nos seus ouvidos repercutiam o ruido surdo dos passos daquelles dois homens de sinistra apparencia, até que um gemido do portão, rangindo nos velhos gonzos oxidados, e uma praga de colera do Sebastião lhes signalaram a partida.

— A senhora marquezia — resmungava elle — faz muito mal em receber a estas horas gente desconhecida, com ares de malfeitores, que não a procuram para bom fim. Isto confirma as suspeitas da visinhança que já notou a presença dessas caras de poucos amigos, que se estão mostrando como se andassem a espionar o palacio. Commigo é que não arranjam a festa. Quando se atreverem a passar daquellas grades para dentro da chacara, deito-lhes os cães e, se duvidarem, conto-lhes uma historia com a garucha.

Voltando para o seu quarto, onde estivera a conversar com o primo Gião,

o feitor da chacara notou que a porta do salão continuava aberta e não percebendo o minimo rumor, resolveu verificar se os creados se tinham esquecido de fechar a casa.

Na salêta da entrada, a mucama predilecta da patrôa dormia a somno solto, em desalinho, recostada num pequeno banco de jacarandá esculpido, de feitio severo, como um movel de sacristia. Aquella figura de moça negra, em plena florescencia exuberante de vigor e graça, rebrilhando nos suaves clarões da lua, entrevista por entre a ramaria, a surgir no horizonte, assanhou no coração do feitor impetos de volupia, logo suffocados pelo dever de não faltar ao respeito devido á casa. Sebastião se desafogou num forte suspiro e se approximou cautelosamente do salão.

— Quem está ali? — bradou a marquezia, com um grito de terror, tanto que o divisono no campo illuminado da porta, onde se fixára o seu olhar — Quem está ali? Acudam-me!...

— Não se assuste, senhora marquezia — respondeu elle, espantado pela attitude tragica da marquezia — Eu pensei que vossa excellencia tinha subido; vim ver se a mucama se esquecera de fechar...

— Dorothea, Dorothea — chamou a marquezia desvairada, em tom de afflicção, movendo-se num esforço impossivel para fugir.

A mucama accorreu estremunhada, cortada de susto.

— Sou eu, o Sebastião — continuou o feitor, com vóz meiga — Não se assuste que sou o mais fiel dos homens. Eu estava alli perto á espreita, emquanto vossa excellencia conversava com aquelles dois sujeitos que acabam de partir. Ao menor rumor, eu e o primo Gião correriamos a defendel-a.

— Aquelles homens? — perguntou a marquezia, como se não comprehendesse...

— Sim dois typos mal encarados... Vossa excellencia ha de me perdoar que lhe diga que não deve receber, a estas horas, gente daquella laia, gente desconhecida...

Restituída pouco a pouco, assegurada pela vóz placida de Sebastião á memoria da recente entrevista, a marquezia apoiou-se ao hombro da mucama, que se lhe acercára e suspirou, como se despertasse da compressão augustiosa de um pezadêlo. Ao torpor que a immobilisára succedeu o colapso e uma onda de suor frio lhe inundou o corpo. Dorothea conduziu-a lentamente ao divan proximo, onde a pobre senhora se derriou extenuada.

— Fique tranquilla, minha senhora — tornou o Sebastião, compadecido — Emquanto eu fôr vivo e estiver ao seu serviço, velarei como um cão de guarda para que ninguem lhe faça mal. Os

homens fôram embóra. Nada tem que receiar.

Emquanto Sebastião falava, no espirito da marquezia se reconstruia a scena da entrevista com os dois conspiradores, que lhe asseguravam bem aparelhados os amigos para o golpe decisivo, para a destruição da odiada obra revolucionaria, dependente de uma contribuição pecuniaria, ante a qual não vacillaria, se se convencesse de que não se tratava de uma criminosa exploração das suas idéas, da sua entranhada dedicação á familia imperial.

Passados alguns momentos de hesitação, ella se ergueu, e apoiada pela mucama se dirigiu á escada que conduzia aos aposentos do sobrado. Tanto que se achou no seu quarto de dormir, voltou-lhe a calma, as desfallecidas energias e ella ordenou a Dorothea que a deixasse.

— A senhora não quer tomar alguma coisa? — perguntou a mucama, timidamente.

— Não, deixa-me. Váe fechar a casa; e vem dormir na camarinha proxima.

Da janella do seu quarto de dormir, a marquezia contemplou os vitraes do pavilhão de Oscar, illuminados ainda e pensou que elle trabalhava para o serviço do governo, dos vencedores, que um acaso feliz elevára ao poder, donde poderiam ser despenhados, de repente, fulminados por um golpe de audacia. E era indispensavel que, no momento aprazado, Oscar estivesse preparado para dirigir o movimento e assegurar-lhe a victoria, occupando o posto de honra que lhe caberia como o herôe da restauração.

Aquelles homens não a exploravam. Dizia-lhe o coração presago representarem elles uma parcella dos patriotas que, não ouzando defrontar francamente os poderosos do dia, se agremiavam em silencio, clandestinamente, para salvarem a honra, as tradições do Brazil. No seu espirito, dominado pela idéa fixa de ver restituída á patria a dynastia exilada, se desfaziam rapidamente as sombras da suspeita provocada pela inopinada impressão da estranha visita dos emissarios da conspiração, emissarios da esperanza desfallecida a reviver em seductores clarões. O sonho se crystallisava em propicia realidade e, á proporção que ella meditava nas minucias do plano regenerador, prevendo-lhe com solicita attenção todos os accidentes, pezando-lhe as probabilidades favoraveis ou adversas, se formava, no seu espirito, a convicção da certeza do exito, da infallivel victoria.

Não era possivel — pensava ella — que essa situação anomala, creada pela subita transformação das instituições, perdurasse. Os resultados de um momento de estupor não poderiam ter produzido uma construcção estavel,

nem radicado no coração do povo, dedicações sinceras á Republica. As adhesões, como a do conselheiro Antonino, deveriam ser interpretadas como insuperaveis movimentos de terror, na maior parte, uma consequencia da fraqueza, da pressão dos interesses pessoais, das preoccupações do futuro da familia, dominantes em muitos, especialmente nos que auferiam das funções publicas os meios de subsistencia. Tanto que se lhes deparasse um apoio, um centro de resistencia, volveriam todas as convicções ao antigo ardor pela monarchia e formar-se-ia a grande massa esmagadora, inexpugnavel, da nação inteira, despertada da syncope de patriotismo, reivindicando o seu glorioso idéal, libertando-se do ignominioso jugo de alguns soldados rebeldes. Sempre fôram ephemerous os fructos da traição, nunca medraram em rebentos fortes, em fructos saborosos as estereis sementes da perfidia. A consolidação da Republica seria uma anomalia vergonhosa alentada pela cobardia, pela descrença, pelo desfallecimento dos nobres impulsos n'alma de um povo em plena decadencia, um povo sem brios, sem dignidade.

E meditava na imputação feita pelos conspiradores á usura de correligionarios indecisos, incapazes de um mingado sacrificio de seus haveres á victoria de uma causa tão nobre; censurava a si mesmo a hesitação, a duvida, a suspeita de que fôra assaltada e que a levaram a adiar a sua co- operação decisiva no plano da contra-revolução. Que falta lhe faria a quantia exigida? Não havia ella despendido sommas enormes na campanha abolicionista, na organização do nucleo Izabel, a Redemptora, para combater a rotina, os preconceitos suggeridos pela obra humanitaria e patriotica da santa herdeira do throno? Se fracassasse a conspiração restauradora, se fôssem miseraveis exploradores os suppostos emissarios da contra-revolução, não ficaria bem compensado o dispendio daquelle dinheiro pela satisfação moral de haver contribuido para a realisação do seu querido sonho? De resto, essa contribuição permaneceria no mais absoluto segredo e ella empregaria os meios mais seguros para evitar a vigilancia da policia do Governo Provisorio.

Surgiu-lhe, então, a figura de Dolores, dessa encantadora mulher que ella estimava affectuosamente, perdoadando-lhe os desvios, as maneiras desenvoltas, Dolores, servindo de agente da policia secreta, Dolores amante de Oscar!...

Uma críspação de colera abalou todo o corpo da marquezia, que se encolheu apertando, no seio offegante, o coração mordido pelo ciúme. Seria verdade? Dolores amante de Oscar, estabelecendo uma solução de continui-

dade nos laços do seu affecto maternal, porque entre mãe e filho, outra mulher é sempre um corpo estranho, um perturbador a disputar o melhor logar no coração do ente querido, a disputar-lhe a posse absoluta ou a estabelecer uma partilha impossível. Oscar não era seu filho, mas encherá o vacuo deixado pelas creaturas infelizes geradas no seu ventre maldito. Oscar concentrára todos os seus affectos, todas as suas ambições, todas as suas esperanças, e a perspectiva de vel-o empolgado por outra mulher, subjugado a um amor criminoso, lhe suscitava as energias, os meios de defeza, os artificios de mulher apaixonada e preterida. Ella não hesitaria deante dos meios para afastar Dolores, mesmo os meios de mulher contra mulher.

Seus olhos procuraram, então, através da densa folhagem prateada pelos fulgores da lua, em plena ascensão no céu limpido, o pavilhão de Oscar, onde uma luz suave coava pelos vidros de vario colorido. Elle estava ainda acordado. Estaria só? Estaria com Dolores?... E ao aperto desta cruel duvida, ella teve impetos de ir ao pavilhão, sob qualquer pretexto, para banir do espirito a cruel incerteza. Não ousou, entretanto, aventurar-se, áquella hora, á curta travessia do palacio ao pavilhão pelos renques de bambús e jaqueiras, onde alvejavam os tumulos dos filhos.

(Continúa)

## A LIVRARIA

João Ribeiro. — *Crepusculo dos Deuses. Contos e historias traduzidas do allemão. — Lisboa. — 1905.*

No nosso ultimo numero, noticiando o apparecimento do novo volume que, sob o titulo acima, publicou o sr. João Ribeiro, transcrevemos o primeiro conto do livro, *A Tragedia de Romulo Augustulo*, de Ernst Lenbach. Puderam os nossos leitores ver e ajuizar do valor da obra pelo primor que lhe abre as paginas onde o sr. João Ribeiro, com um criterio e carinho excepcionaes, nos dá outros contos e historias allemãs de um valor a toda a prova.

Folhas adeante, segue-se outra historieta interessantissima de Gottfried Keller, *O desacreditado São Vidal, de Alexandria*, que se lê com vivo prazer pelo muito que ella contém de instructivo como psychologia individual e social.

*Os dois libertadores*, de K. Emil Franzos, são tambem um conto popular da tradição de soffrimento e amargura dos judeus, muito bem contado e muito captivante.

Segue-se a pequenina obra-prima de todas as traducções, *Shinda-Usagi-*

*uma*, (um episodio da historia das religiões) de Anton Hensel.

*Uma senhora da minha idade...*, de Th. Fontane, de quem o traductor dá uma noticia que nota ao fim do volume, é um conto de feição meramente litteraria.

*Os dois rivaes*, de A. Gugits, são uma historia tambem muito interessante e suggestiva de dois santos rivaes, S. Pancrácio e S. Damaso.

*A morte do deus Pan*, de Th. Kirschner, é a traducção que caracteriza e justifica o titulo do volume, que termina com um bellissimo conto de W. Schmidt-Bonn, traduzido por *A la mar!*...

Com esses contos e historias allemãs, o sr. João Ribeiro deu-nos um delicioso volume, não só pelo valor especial de cada um dos trabalhos apresentados, como tambem pela beleza da traducção, a que o auctor, competente como é, soube imprimir um cunho muito agradável de vernaculidade, num dizer claro e elegante.

O espirito geral dessa traducção é, pela denominação de *Crepusculo dos Deuses*, uma suave e philosophica ironia ás coisas e principios da Fé, que hoje se torna cada vez mais uma curiosidade psychologica. E o sr. João Ribeiro, sem *parti-pris* talvez, fez uma generosa obra litteraria voltaireana, colligindo e enfeixando num todo homoganeo as ironias dispersas do espirito allemão, relativas ás coisas religiosas.

Essa unidade conseguiu-a o sr. João Ribeiro pelo purismo elegante da linguagem, de que é eminente cultor e consagrado mestre.

Eis ahi um milagre devido á virtude do escriptor que conhece a sua lingua, o que não é vulgar entre os nossos academicos. Póde-se mesmo dizer que outro traductor menos purista não conseguiria dar-nos um livro de tão agradável leitura, como o *Crepusculo dos Deuses*, com que o sr. João Ribeiro acaba de enriquecer a nossa á custa da litteratura allemã.

O sr. João Ribeiro é um dos nossos escriptores que têm provado mais positivamente a possibilidade da escripta elegante e correcta ao mesmo tempo.

\* \*

*Nelson de Senna. — Serranos illustres. Esboços biographicos. — Bello Horizonte — Imprensa Official — 1905.*

E' um folheto cheio de boa vontade e de puro amor pela pittoresca cidade do Serro, que teve a fortuna de ser o berço do auctor. O genero biographico, ramo da historia confiado á generosidade dos particulares, não conseguiu nesse libretto melhor destino. O sen auctor dá-nos uma relação dos serranos mais illustres que, ou por verdadeiramente illustres já podem ter os

fóros de cidadãos brasileiros, ou por simplesmente distinctos ficam, como glorias da arcadiana cidade do Serro.

E termina com uma invocação á sua terra natal, doce homenagem em que o seu terrivel patriotismo justifica o arroubo litterario.

O terceiro e ultimo capitulo abre com este pedaço apavorante de sumario á Instituto Historico: *Invocação á terra natal!*

E vejam, ainda neste seculo, como têm força o Instituto e a eloquencia do sr. Pitanga:

«Ao finalisar este imperfeito bosquejo de uma pagina de tua historia local, sejam minhas ultimas palavras em homenagem e votos por teu progresso, ó Serro amado!

Emquanto mólho a peenna, acodem-me á lembrança enternecida esses outros tempos de fausto e grandeza, que já tiveste, ó patria de José Eloy, o lyrico, de João Salomé, o poeta, de Vieira de Andrade, o santo medico, de Theophilo Ottoni, o democrata, de Flavio Farnese, o attico publicista, de Joaquim Felicio, o historiador fiel, de Antonio Augusto de Queiroga, o orador de arrebatados surtos, de Gomes Carneiro, o general sem pavor, de Christiano Ottoni, o mathematico, de Lucindo Filho, o latinista e classico, de Pedro Caetano, o jurisprudente e polyglotta, de José Paulo, o meigo trovador! Visitada tens sido, nas centurias passadas, por homens illustres de todos os paizes: naturalistas e sabios — o barão Guilherme de Eschwege, Spix, John Mawe, o grande Carlos Frederico Von Martius, o amavel e minucioso Auguste de Saint-Hilaire: estadistas, generaes e principes — os condes de Bobadella e de Valladares: o general José Antonio Freire de Andrade, o visconde de Seabra, o duque de Saxe, o principe Gastão de Orleans, o santo prelado dom Viçoso; e quantos mais não te palmilharam as ruas accidentadas, levando de teu povo hospitaleiro as mais gratas recordações?!

Releva dizer que o seu auctor é membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — o que, realmente, é uma traducção livre e exacta do *the right man in the right place*.

Podemos dizer isto, sem maldade e com a lembrança de um *Memoria do Municipio de Guaratiba*, que ainda hoje alaga de luz o Instituto e mais o seu auctor.

\* \*

*Astolfo Marques — A vida maranhense — Contos — Bibliotheca da Officina dos Novos — Maranhão — 1905.*

Eis ahi um livro de que não se póde falar sem ironia e sem piedade. Os contos que elle encerra são de uma puerilidade que não denota candura d'alma nem o cultivo de um genero especial de observação litteraria de factos da vida local maranhense.

Com uma penosa pretensão de arte, o sr. Astolfo Marques confunde a lit-

teratura com a liberdade de escrever, e não se poupa ao trabalho de encher duzentas paginas de tolices que nem ao menos dão ao seu auctor a gloria de ter sido o primeiro tôlo da Terra.

Demais, a orthographia desses contos é uma confusão terrivel de todos os systemas, que prova ignorancia de todos elles; e o estylo tambem não é nem proprio nem imitado. De modo que de todos os merecimentos que possa ter esse acervo de contos, de puerilidades dolorosas, o melhor é a coragem do auctor em provar-nos que na Athenas brazileira tudo se passe como na Beocia, ainda que isso contrarie e magôe o sr. Arthur Azevedo.

\* \*

*Augusto Franco—Tres estudos—Litteratura tribunicia—Dois livros notaveis — Assumptos de litteratura.*

Reuvidos em folheto, o sr. Augusto Franco faz uma dispensavel reedição de uns artigos seus de critica e litteratura homicida, publicados, só felizmente, nos jornaes da provincia.

O primeiro desses estudos é escripto em honra, gloria e louvor do sr. Sylvio Roméro, a proposito dos discursos parlamentares deste, e que o sr. Augusto Franco, com deslumbramento, denomina *formosissimo volume!*

Esse panegyrico ao sr. Sylvio Roméro pôde demonstrar-nos que o sr. Augusto Franco é um affectivo e carinhoso amigo; que os seus sentimentos são muito bons e ainda que em materia de amizade piedosa ninguem o excede; mas, de modo algum, fazem a gloria do sr. Augusto Franco por conta da do sr. Sylvio Roméro. Ha nesse estudo um immoderado desejo de agradar ao auctor da *Philosophia do Direito* e outras obras de valor pessoal.

Aliás, o sr. Augusto Franco, que é o typo mais bem acabado de uma illustração provinciana, não podia achar melhor assumpto para revelar-se como critico e panegyrista, na esperança de achar quem delle cuide com igual carinho.

O segundo estudo, *Dois livros notaveis*, é tambem critica, e profunda, isto é, critica em que o cultor estuda nos outros as suas idéas, e as faz com o louvavel intuito de publicar a sua embrulhada erudição.

Neste estudo, o sr. Augusto Franco revela-nosa hypothese da vastidão dos seus conhecimentos hecterogeneos em todos os departamentos da alta sciencia e em todas as questões sociaes. Esta notavel apparencia de erudição pôde ser comparada ás soluções de sal em grandes massas d'agua.

O ultimo estudo é sobre *Assumptos de litteratura*, e delle se pôde ver o sr. Augusto Franco entregue aos seus proprios recursos em terreno que propriamente lhes diz respeito como cri-

tico e como o chalaceiro que se presume ser.

De todo o trabalho, conhece-se que ha no sr. Augusto Franco uma irresistivel preocupação individual, e isto seria louvavel num espirito que a injustiça ou a ignorancia dos homens houvesse obscurecido. Mas o sr. Augusto Franco é matuto muito conhecido na sua aldeia pela innumera bagagem de escriptos que falam da sua individualidade scientifica e litteraria, com uma eloquencia ingenuamente esmagadora. Elle nada tem de importante, de consideravel, no sentido de que se lhe dê consideração e importancia.

Para se falar nelle, só ha duas razões. A primeira, muito elementar: o dever do officio de dar noticia de quantos volumes, brochuras e folhetos nos chegam. A segunda: um homem da responsabilidade do sr. Sylvio Roméro amolleceu uma vez de sorte a se deixar prefaciado por uma tão futil creatura.

ESPIRITO SANTO.

#### DEVER CONTRA DEVER

—Tão cedo por aqui?

Perguntava dona Eugenia de Medeiros da janella de seu quarto de vestir, aonde assomára, attraída pelo rodar surdo de um carro, que parára em frente do portão de sua casa.

—Sim—respondeu a visitante — teuho necessidade de conversar contigo.

Esse curto dialogo passava-se numa manhã chuvosa de junho de 1901, na rua das Laranjeiras, onde acabava de chegar um *coupé* puchado por puro Orloff, e do qual descia, envolta em longo *manteau* de velludo e astrakan, uma mulher.

Ainda mesmo que as côres da libré do cocheiro, empertigado na almofada, e o minuscuro escudo pintado a cada portinhola a não denunciassessem, a firmeza com que pousou o pé fino e delicado no estribo do carro e saltou na calçada, a flexivel elegancia do porte, a belleza do seu rosto, que nem o véo espesso que o cobria lograva occultar, e até a maneira graciosa como arregaçou a saia para evitar a humidade, bastariam para que toda a gente, que na occasião passava, reconhecesse nella a interessantissima Eliza de Almeida, casada com o dr. Roberto de Almeida, filho unico do conde e condessa de Almeida, proprietarios de varias fazendas de café, no Ribeirão Preto, fallecidos ambos pelos annos de 1889.

Tendo estréado num baile do Casino, nos ultimos tempos do Imperio, quando apenas contava dezeseite annos, a todos maravilhando pela peregrina belleza, já então em plena florescencia, Eliza de Almeida, aos triuta, era um modelo de formosura.

De mediana estatura, o busto emergia de linhas correctissimas, como uma corolla, de um tronco cujos contornos enlouqueceriam os proprios estatuarios gregos. Ao perfeito oval do rosto, onde o critico incontentavel apenas accusaria a extrema correcção de cada feição, imprimia singular encanto o verde turqueza de seus olhos que falavam, cujas irradiações como que lhe illuminavam todo o semblante, e uma bocca que, si se abria para deixar sair um sorriso, desses que aos proprios velhos entontecem, semelhava um pedaço de céu que se rasgasse, em cujas bordas o divino artifice houvesse disposto, com suprema regularidade, um punhado de estrellas.

\* \*

O palacete onde entrou d. Eliza de Almeida era habitado por sua melhor amiga, d. Eugenia da Medeiros, mulher do commendador A. de Medeiros, que, depois da liquidação de sua casa de consignações, passava o tempo ora em viagem pela Europa, ora aqui, exclusivamente entretido com o cultivo de orchideas collidas no centro do Brazil por dois botanicos que contractára na Allemanha.

A' hora em que Eliza penetrou no pequeno salão da amiga, estava elle justamente occupado na faina de cuidar de suas caras parasitas.

—Vejo que deve ser coisa importante o que tens a dizer-me, para que affrontasses esta manhã tão nevoenta e humida.

—E' verdade; preciso que ponhas o bem que me queres ao serviço de uma causa nobre, de cuja victoria terás seguramente o melhor quinhão. Sabes que de algum tempo a esta parte, Roberto não é o que antes havia sido: Um homem de muito bons costumes, votado todo ao cumprimento dos seus deveres e de uma completa moralidade. Conheces o nosso viver intimo e por isso escuso repetir-te que era o mais feliz. Pois bem, minha cara Eugenia, tudo isso mudou desde a epocha em que, impossibilitada, pelo motivo que sabes,

de o acompanhar á sociedade e não querendo, porque não era justo, impor-lhe o sacrificio de privar-se de distrações que, até certo ponto, o compensassem dos cuidados que dia e noite, com uma paciencia e sollicitude admiraveis, me prodigalisava, pedi-lhe que voltasse a frequentar os logares onde ambos encontrámos sempre attractivos.

Confesso que só á custa o decidi a acceitar o convite que em má hora me occorreu dar-lhe: devo a isso, minha amiga, o meu martyrio actual. Naquelle baile a que, váe para quatro mezes, concorreste, e onde, segundo me recordo, avistaste, pela vez primeira, a esposa e filha de não sei que consul, meu marido teve occasião de conhecer uma mulher casada, por quem se tomou de um capricho. Fôram, porém, de curta duração esses amores, o tempo apenas preciso para que elle a enchesse de joias, com as quaes ella prendesse a outro que, ainda por sua vez, a preparasse tambem para tentar novas conquistas. Cuido que não te é estranha essa classe de infelizes que gastam os dias nesse contínuo afan de uma vaidade jámais satisfeita, em meio do qual envelhecem prematuramente trazendo no rosto, em cada ruga, a marca de uma vergonha. Outras desbriadas mostraram-se egualmente sensiveis á seducção de Roberto, a quem sobrava ainda tempo para o dedicar ás actrizes que aqui chegam, e que informadas, como aliás se apressam de o ser, acerca dos homens elegantes e dinheirosos, põem desde logo ao serviço da conquista delles os artificios da lisonja e da mentira, coisas em que—aqui entre nós—só as egualam, quando as não exceedem, algumas dessas creaturas com as quaes infelizmente nos encontramos muitas vezes no mesmo meio em que vivemos. Comprehendes que não me era licito ignorar que meu marido se desviára do caminho da honra e do dever. A sua conducta, os novos habitos que adquirira, o constrangimento, mal disfarçado, que a minha presença algumas vezes lhe causava, tudo isso me convenceu da verdade. Tu, que me conheces, intimamente, far-me-ás a justiça de acreditar que, nem por sombra, o deixei suspeitar que a conhecia. Jámais lhe pedi conta do emprego dos seus dias e das suas noites. Tenho em

dóse sufficiente o respeito de mim mesma para fugir a explicações que, dado o estado do seu espirito, poderiam talvez degenerar em polemica; e o meu orgulho de esposa honesta e de mulher sensata me faz temer e evitar o menor escandalo, porque estou convencida que delle sáe sempre a mulher, trazendo alguma coisa que a deslustra, por maior que seja, aliás, a justiça de sua causa. E' urgente, porém, pôr fim a semelhante situação, e a ti venho pedir que me ajudes nessa tarefa. Sabes como penso a respeito do casamento e dos deveres que delle resultam. Salvando-nos da objecção a que as velhas religiões nos condemnaram, a uossa fez-nos eguaes ao homem. Si, todavia, as leis lhe deram uns tantos direitos de que fômos privadas, não foi porque nos attribuissem inferioridade ou subordinação em relação a elle, mas porque, de um lado, attenderam á delicadeza tanto physica como moral da organização da mulher, e de outro, porque reputaram, com razão, que o homem, pelas qualidades oppositas, é mais proprio para o desempenho de funcções que exigem taes qualidades. Na sociedade, minha cara Eugenia, cada qual tem o seu quinhão de encargos, que lhe cabe preencher; e é só o fiel cumprimento, por parte de cada um dos conjuges, dos que lhe incuubem, o que produz a harmonia e a felicidade domesticas. Si um preconceito geral, assentado não na justiça e na razão, e que, não obstante, o convencionalismo social elevou, sem motivo legitimo, á categoria de verdade, exige da mulher a observancia de certos deveres, não é nem se concebe que seja menor a obrigação de a exigir egualmente do homem. Desses, aquelle a que ambos solemnemente se obrigaram é a fidelidade, que, não ignoras, será base de toda a felicidade conjugal. Que razão ha, pois, para que, exigindo-a da mulher, a sociedade não a imponha tambem ao homem? Que fundamento póde acaso encontrar nas leis eternas da justiça e da razão universal, essa falsa idéa de uma honra que aquelles inventaram para o seu uzo, e com a qual se acobertam para desculpar os proprios erros, armando-lhes, entretanto, o braço para punir os da mulher? Porventura, perante a moral e a sã razão, que valem muito mais que preconceitos sociaes,

soffre menos a honra della com a infelicidade do esposo? Porque então a sociedade, a qual aliás um dever de generosa delicadeza obrigaria a proteger e a collocar-se ao lado do fraco, a mulher offendida, não vem em auxilio desta, para punir o homem, ao passo que corre em socorro deste, o forte, para castigar aquella?

É isso que tenciono dizer a meu marido, e estou certa que não o farei debalde. Conheço a sua sensibilidade para não duvidar do resultado. Sabes que, em minha opinião, sejam quaes fôrem as faltas do marido, ellas, em caso algum, pódeu servir de desculpa ás da mulher. Não quer isso dizer que esteja de accordo com o juizo da sociedade, que, já te disse, tenho pelo mais absurdo. Sou e serei sempre fiel aos deveres da honra, pelo respeito que devo a mim mesma, e ao juramento, que prestei, pela veneração á memoria de minha mãe, que jámais mancharia; finalmente, pela consideração com que exijo que a sociedade me trate, e que, por coisa alguma no mundo, eu lhe daria pretexto para me recusar. Já vês que, si appello para a egualdade dos deveres reciprocos entre os conjuges, é como arma de que me pretendo servir para trazer meu marido á razão.

— Estou de pleno accordo contigo, — disse Eugenia — e indica-me agóra o que devo fazer e dispõe da minha dedicação.

— E' bem simples. Inicia, com a antecedencia de um mez, uma correspondencia assidua commigo, na qual, representando o papel de um namorado, me falles, a principio, de sua affeição; logo depois, do amor em que arde; mais tarde, do prazer que lhe causa a certeza de ser retribuido. Pede entrevistas; allude aos encontros que, a ambos, ellas proporcionaram; arranja enfim um romance, e, com o talento e a imaginação que te sobram, dá-lhe o colorido mais suggestivo possível. O resto ficará por minha conta.

\* \* \*

Dois mezes depois do accordo celebrado pelas duas amigas, e do qual Eugenia se tinha realmente desempenhado com rara habilidade, o dr. Roberto, cujo novo genero de vida nenhuma modificação soffrera, entrou, por uma manhã, na pequena sala onde, de ordinario, a mulher passava parte do dia, ora lendo, ora entretida com al-

gum trabalho de agulha, e approximando-se della, que na occasião tinha nas mãos um numero do *Figaro Salon*, prendeu-a pelos punhos e perguntou-lhe, com vóz tremula:

— De quem são essas cartas que o acaso me fez encontrar? Dize! Quem é esse miseravel que ousou manchar a minha honra? Intimo-te que me declares já o seu nome, porque me quero vingar desse infame. Quanto a ti, que desceste até onde se arrastam as mais abjectas creaturas do teu sexo, só em consideração ao nome que até hoje trouxeste, e que deshonoraste para sempre, deixo o alvitre de abandonar esta casa, ou de nella ficares, si preferes convertel-a em theatro de outros amores adulteros. Escolhe.

Nessa hora, a physionomia do doutor nada tinha que se parecesse com o que elle era. A raiva, o desespero, que lhe íam na alma, o odio contra o pretendido amante da mulher, o desprezo com que a encarava haviam-no completamente transformado; e só a sua esmerada educação e a natural delicadeza de sentimentos o continham e impediam-no de esmagar a mulher com os seus pulsos de aço, emquanto não embebia no coração do amante a lamina de um punhal.

Eliza ergeu para elle o olhar, e, fitando-o, disse com a maior serenidade: — Antes de tudo, observo-te que magúaste por tal modo meu braço que me sinto quasi com o direito de te chamar brutal. Quanto ao mais, não sei do que te admiras; não vejo razão nem para o furor que revelas, nem para qualificares tão duramente quer a mim, quer a esse homem a quem chamaste infame.

Talvez em breve te arrependas de julgar tão severamente aquelles que, esquecidos dos deveres para com a sociedade, e, si são casados, de outros ainda mais sagrados para com as esposas, levam a deshonra e a desgraça aos lares alheios, podendo, por sua vez, justificar vinganças eguaes a essa que queres exercer contra aquella que dizes haver-te deshonrado. Já não falo dos maridos que se aviltam e maculam ao contacto desses seres abjectos a que te referiste ha pouco, sejam esposas, ou pertençam a essa outra classe de infelizes, ás quaes julgas que aquellas, como succede commigo, egualam na degradação.

De mim te digo que não comprehendí jámais a felicidade no casamento sinão com a condição de cada um dos esposos cumprir fielmente aquillo que jurou ao outro — a fidelidade — que é a verdadeira e unica expressão do mutuo amor. Desde que esse vinculo se rompe por facto de um.. ignoro, meu caro, com que direito se pretende que obrigue ao outro. Não, Roberto, essa desigualdade de deveres decorrentes de um mesmo pacto, no qual não fôram introduzidas nem reservas mentaes, nem restricções, repugna ao bom senso. O marido que o viola mostra que elle não o póde prender; e, nesse caso, porque ha de então ligar a mulher? Si aquelle tem para desculpal-o e absolvel-o, o juizo dos outros homens, e algumas vezes até o das mesmas mulheres, que por inconscientes dos seus direitos, e da sua missão social, por affeitas ao espectáculo de taes desvios ou finalmente por se achiarem escravizadas aos preconceitos a que me referi, os absolveu, condemnando, todavia, a que se desvaira, esta encontrará tambem na consciencia universal, para desculpal-a e absolvel-a do erro, a fraqueza da sua natureza, além da prova que lhe forneceu o proprio esposo do nenhum valor moral do juramento que ambos prestaram. Pensas que ignorava os amores adulteros, as ligações ephemerhas que, umas e outras terão dado a reputação, aliás bem pouco invejavel, de moderno d. Juan? Porventura, a profunda transformação do teu viver, as tuas frequentes vigílias, a irregularidade que os teus novos habitos accusam, tudo isso passou despercebido para mim?

Não, Roberto, eu nada ignorava e foi por isso que me decedi a experimentar as surpresas desses amores clandestinos, que as deviam ter bem estranhas para que ao seu goso sacrificasses a felicidade que até então bastára á tua ambição. Dize-me agóra, continúas a jugarl com a mesma severidade de ainda ha pouco, o homem que mancha a honra de outro?

O dr. Roberto ouviu-a sem interrompel-a; mas, nos seus olhos, viam-se, as ondas de fel que lhe mergulhavam o coração.

—Dize o que quizeres, que não responderei. Amanhã, deixarei para sem-

pre, esta casa, levando como recordação do tempo que uella vivi o desespero e a vergonha: alguém virá depois repartir em quinlões eguaes o patrimonio commum. E saíu.

Apenas só, Eliza foi á secretária, collocada a um canto da sala, e escreveu á amiga, communicando o que acabava de passar-se e pedindo-lhe que viesse immediatamente receber a parte que lhe cabia na victoria da causa que ambas tinham defendido.

\* \*

Duas horas depois, Eugenia de Me-deiros chegava a casa de Eliza; subiu rapidamente a escada, e, atravessando diversos salões, parou á entrada da pequena sala, onde ella se conservava e perguntou-lhe, rindo:

— Então? Chegámos ao desenlace?

— Sim, respondeu a outra. Creio que desempenhei bem o meu papel: disse-lhe tudo quanto convinha a que elle ficasse sabendo, depois, bem entendido, de ter, por minha vez, ouvido uma meia duzia de epithetos offensivos com que, no seu desespero de marido ultrajado, entendeu dever mimosear-me. Eu, porém, não lhe fico querendo mal por isso: o contrario é que de certo me magúaria.

Não te illudas, Eugenia; quasi todos os maridos são capazes dos mesmos erros. A unica differença entre elles e Roberto é que este não será um reincidente, sobretudo depois de ter pago tão caro a sua falta. Anda; váe ter com elle no escriptorio, onde está agóra occupado em arrumar livros.

— Descança, Eliza, trouxe commigo a carta de teu amante, a que deverias hoje receber, e tanto pela letra como pelo estylo, elle facilmente se convencerá que o amante, auctor das que tem em seu poder, é esta mesma sua creada.

Riram-se ambas da comedia urdida, cujo desfecho se approximava; mas Eliza, encobrimdo o ar serio que lhe era habitual, observou que Roberto, tendo horror ao ridiculo, talvez não lhe perdoasse haver sido mystificado.

— Não lhe perdôas tu, retorquiui a amiga, as offensas que te dirigiu? Uma coisa fica por outra, restando-te ainda um saldo incomparavelmente maior a teu favor.

\* \*

Vinte minutos depois, nessa mesma



sala onde, algumas horas antes, o dr. Roberto fôra encontrar a esposa para accusal-a de adulterio, injurial-a e repudial-a, penetrava elle agóra, precedido de Eugenia de Medeiros, pallido, com os olhos ensopados de lagrimas, o ar constricto e trazendo nas mãos aquellas missivas, que já não eram o documento da sua deshonra, mas a carta de sentença dos seus erros, aggravados pelo ridiculo.

Dirigiu-se á mulher, abraçou-a e, com a vóz que a natural commoção tornava quasi sumida, pediu-lhe que esquecesse para todo a sempre essa nuvem negra, que uma lufada perversa do destino fizera parar um instante sobre o céu azul e sereno de sua existencia.

Eliza, beijando-lhes as faces, que as lagrimas humedeciam, disse :

— Tranquilisa-te. Em vão, procuro descobrir no firmamento a nuvem de que falas : não a vejo : espancou-a, para nunca mais tornar, a brisa de felicidade que approximou e uniu as nossas existencias.

Eugenia, que, radiante de alegria, testemunhava o estreitar dessas duas almas, momentaneamente desprendida uma da outra, por um capricho do acaso, exclamou, com aquelle accento lisboêta que contraíra no collegio, em menina, e que nunca perdera, apesar dos motejos do marido :

— Ora, graças a Deus. Convenhamos que cada um de nós se houve com grande brilho no drama idéado por Eliza.

E, vontando-se, risonha, para o doutor :

— Por sua parte, meu amigo, espero que seja esta a primeira e ultima vez, em que figure de protagonista de igual scena.

— Perca o cuidado, minha senhora. Paguei tão caro a minha estréa !...

1905.

PEDRO DE BARROS.

As officinas dos *Annaes*, dispondo de um material completamente novo e moderno, encarrega-se de todo trabalho typographico.

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

O grande torneio internacional de Ostende terminou com a inesperada derrota de Marshall, em quem se depositavam grandes esperanças.

Foi vencedor o campeão Maroczy, seguindo-se-lhe : Janowski e o dr. Tarrasch (ex-quo) e Schlechter. Lasker e Pillsbury não tomaram parte.

Este magnifico torneio correu sob o padroado do Circulo de Xadrez de Bruxellas, que publicará em volume todas as partidas, devidamente commentadas pelos proprios concurrentes.

— Este anno Lasker, o campeão do mundo jogou em Brooklin 25 partidas simultaneas e ganhou todas ; depois, em Nova Orleans, 23 partidas simultaneas, das quaes ganhou 17, empatou 5 e perdeu uma.

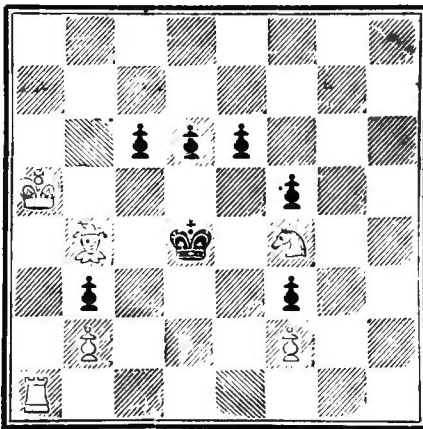
— O celebre compositor de problemas A. F. Mackenzie falleceu a 23 de junho proximo passado. Tinha 45 annos. Mas era cego ha já uns 10 ; não obstante, compunha assim mesmo problemas admiraveis.

— Tambem falleceu C. White, notavel compositor inglez.

PROBLEMA N. 14

M. F. Reimann

PRETAS (7)



BRANCAS (6)

Mate em dois lances.

PARTIDA N.º 14

DEFESA STEIN

(Jogada no torneio de Ostende, a 20 de junho de 1905)

Branças (Marshall)	Prelas (Tschigorine)
P 4 D	— 1 — P 4 B R
P 4 R	— 2 — P × P
C 3 B D	— 3 — C 3 B R
B 5 C R	— 4 — P 3 B D (a)
B × C (b)	— 5 — P R × B
C × P	— 6 — D 3 C D
T 1 C D	— 7 — P 4 D (c)
C 3 C R	— 8 — B 3 R (d)
B 3 D	— 9 — C 2 D
D 2 R	— 10 — R 2 B (e)
C 3 B R	— 11 — T 1 R
Roque	— 12 — B 3 D
P 3 B D	— 13 — C 1 B R
C 4 T R	— 14 — B 4 B R (f)
C (4 T) × B (g)	— 15 — T × D
C × B x	— 16 — R 3 R
C 8 B D	— 17 — D 2 B D
B × T	— 18 — R 2 B (h)
C 5 B R	— 19 — C 3 R
C (5 B) 6 D x	— 20 — R 3 C
B 3 D x	— 21 — R 4 T
T D 1 R	— 22 — C 5 B R
T 7 R	— 23 — D 4 T D
B 1 C D	— 24 — P 3 C R

P 3 C R	— 25 — C 6 T R x
R 2 C	— 26 — C 4 C R
B 3 D	— 27 — T × C
C × T	— 28 — D 1 D
P 4 T R	— 29 — D × C
P × C	— 30 — D 1 D

As brancas annunciam mate em 4 lances.

(a) O P R avançado não pôde ser defundido ; se 4... P 4 D ; 5 — B × C, P R × B ; 6 — D 5 T R x, reganhando o pião e destruindo o centro adverso.

(b) O lance do texto é bom, mas P 3 B R é muito melhor.

(c) Podiam ganhar um pião por 7... D 4 T D x. Se 8 — P 3 B D, D × P T, seguido de D 2 B R, etc. ; e se 8 — C 3 B D, B 5 C D, etc. Nada vemos a temer nestas posições.

(d) Agóra seria perigoso ganhar o pião, porque a D ficaria fóra de jogo.

(e) Isto fornece ás Br. a almejada occasião para um ataque. As Pr. podiam jogar 10... D 5 C D x seguido de D 2 R.

(f) Este lance permite ao mestre americano um brillante sacrificio. Todavia, depois de 14... P 3 C R, 15 — P 4 B R, P 4 B R ; 16 — C 3 B R, as Br. téem uma excelente partida.

(g) Tschigorine devia esperar pelo sacrificio da D, porque espectadores de força média suggeriram o lance do texto. Em todo o caso, não tinha muito a escolher e talvez esperasse poder defender-se.

(h) O C branco não pôde ser tomado nem agóra, nem no lance seguinte. A partida está perdida.

(Nolas de Fleischmann e Hoffer).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 13 (Mauricio Levy) : 1 — T 4 C D, ad libitum ; 2 — D, T, C, R (move) mate (8 variantes).

JOSÉ GETULIO.

Aproveitamos este fim de columna para immortalisar, tanto quanto isso nos é possível presentemente, a tocante declaração do advogado Sá Vianna, a respeito de uma das conclusões da secção de pedagogia do Congresso Scientifico Latino-Americano, que obriga o ensino leigo no curso de instrucção primaria. Esse advogado, mandando bugiar toda a sorte de progresso e de liberalismo, declara, com os olhos no azul, que não ficaria bem com a sua consciencia si approvasse aquella medida ultra liberal, que não é bem a mesma coisa que... ultramontana...

Alguns congressistas e todas as senhoras que faziam parte da assembléa, acompanharam o dr. Sá Vianna, mas a conclusão foi approvada por grande maioria... disseram os jornaes. A consciencia, porém, do advogado Sá Vianna está salva, sobretudo agóra que o chefe da Egreja, entre nós, empina a mitra, no alto da cabeça, arma-se de báculo, como de um « petropolis » e cõe sobre os jornalistas, que calumniam padres e frades e pôdem divulgar ancias liberaes dos ferveros catholicos. Como homem de fé, elle não quer saber da sua jurisprudencia, manda-a para o demonio com todas as suas figas ; por isso, não tem, muito juntamente, o senso commum bastante a ver que, si o Congresso votasse o contrario do que votou, seria apenas idiota, porque, como toda a gente sabe, até o sr. Vianna, elle representa o espirito de nações emancipadas, nações republicanas.

Em todo o caso, devemos inteira homenagem, inteiro respeito ao venerando seculo e ao venerando mundo em que, ainda agóra, ferve e pensa o compassivo advogado.

## REDONDILHAS

I) *Esparsa*

Tenho um relógio no peito,  
Dou-lhe corda com cuidado;  
De mecanismo perfeito,  
Jámais esteve parado.  
Com pancadinhas sonoras  
Bate a todos os momentos:  
Não marca o tempo por horas,  
Mas sim por meus soffrimentos.

II) *Trova*

A minha immensa tristeza  
Não ha lingua que traslade:  
Só tu, lingua portugueza,  
Com a palavra Saudade.

III) *Esparsa*

Tenho no peito uma porta  
A bater continuamente —  
Eu não sei como a supporta  
O meu coração doente.  
Por toda parte onde eu ando  
Oíço este ruído infindo:  
São as tristezas entrando  
E as alegrias saíndo.

IV) *Mote*

O meu coração saudoso  
Bate as azas, quer voar.

*Volta*

O meu coração carpindo  
Por estar longe de ti,  
Resente um desejo infindo  
De s'ir embóra daqui.  
Sem ter descanso nem pouso  
Sobre a terrá, sobre o mar  
O meu coração saudoso  
Abre as azas, váe voar.

V) *Vilancete*

Tenho notado em mim mesmo:  
Quem ama, vive morrendo,  
Quem ama, morre vivendo.

*Volta*

Desque Amor eterno e forte  
Faz que em mim fogo resida,  
Não sei se vivo na morte,  
Não sei se morro na vida —  
E nesta dôr não sabida  
Estou vivo e vou morrendo,  
Estou morto e vou vivendo.

VI) *Trova*

Eu dizia; «Eu te amo, eu te amo,  
«Mas estou longe de ti.»  
Cantava uma ave no ramo;  
Dó-ré-mi-fá-sol-lá-si.

«Eu padeço e choro tanto,  
«Quando a magna acabará?»  
A ave proseguia o canto:  
Si-dó-ré-mi-fá-sol-lá.

«No mar das dôres eu ando,  
«Não vejo luz nem pharol.»  
A ave trinava em som brando:  
Lá-si-dó-ré-mi-fá-sol.

«Da saudade esta alma escrava  
Chorou, chora e chorará.»  
A ave emtanto gorgeiava:  
Sol-lá-si-dó-ré-mi-fá:

«Ah! quanto sou malfadado  
«De viver assim sem ti.»  
A ave erguia o seu trinado:  
Fá-sol-lá-si-dó-ré-mi.

«Como sou triste!» eu carpia,  
No meio do bosque, em pé,  
Emquanto a ave repetia:  
Mi-fá-sol-lá-si-dó-ré.

Emfim me estava cansando  
De me achar assim tão só,  
Ouvindo uma ave cantando:  
Ré-mi-fá-sol-lá-si-dó.

E depressa fui embóra,  
Mas de longe ainda ouvi  
Daquella ave a vóz sonora:  
Dó-ré-mi-fá-sol-lá-si.

VII) *Esparsa*

Eu guardo na alma sombria  
Meus dois moinhos de vento;  
Um móe a minha alegria,  
O outro móe o meu tormento.  
Mas agóra, ó triste estado,  
O' destino miserando!  
O primeiro está parado  
E o segundo está girando.

VIII) *Trova*

Meu martyrio se traslada  
Deste mundo ao céu azul:  
Minha alma é crucificada  
Lá no Cruzeiro do Sul.

JOSÉ D'ABREU ALBANO

1905

## CREPUSCULAR

O sol é rubra chaga, enorme, ensanguentada,  
aberta pela Tarde a gangrenar o Poente;  
o horizonte que tinha a côr branca-azulada,  
toma um rôxo dorido ecchimotoico e doente.

Como um grito de côr grita a parte incendiada,  
e no Vago a Tristêza anda a chorar dolente;  
vâe-se rôxeando o sangue, a tinta avermelhada,  
e o crepusculo desce opalico e silente.

E emquanto o sol se esvâe no Poente—a sua cruz—  
num fulvo paroxismo hysterico de luz,  
e a Treva filicida, esmaga a claridade;

eu tenho a percepção tragica nebulosa,  
de olhar sinistra a Dôr, riscando em cada cousa  
uma tela violacea e triste de saudade.

1905.

AUGUSTO RICARDO.  
(Lisbôa)

ASSIGNATURAS  
 ANNO. . . . . 20\$000  
 SEMESTRE. . . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

A palavra auctorizada do *Paiz*, que era, na imprensa cariôca, o porta bandeira da candidatura do honrado sr. Bernardino de Campos, surgiu para esclarecer uma cruel duvida que nos cruciava o espirito.

Propalára-se que o sr. Rodrigues Alves estava disposto a empenhar toda a sua omnipotencia, todos os meios que a suprema dictadura lhe puzera ao alcance das mãos, para assegurar a victoria de um candidato paulista, apresentado pelo partido republicano de S. Paulo.

Dizia-se, sem reboço, que essa candidatura tanto se entranhára no animo do sr. presidente da Republica que passára de um empenho apaixonado a uma obsessão oppressora, provocando violentas erupções de máu humor, agitando, como fortes doses de Brown-Sequard, os nervos de s. ex., ordinariamente tão quietos, tão preguiçosos, tão resignados á fatalidade dos factos consumados, que não admittia a mais ligeira observação sobre a sua intervenção directa no pleito, a mais reverente contestação dos merecimentos e virtudes do candidato official.

A voz do boato, o murmurio das indiscreções, partidas do alto, com todas as estampilhas da certeza, fôram confirmadas pelo abuso da coronelição, creando-se milheiros de guardas nacionaes, brigadas de papel em cada tapéra onde respirasse um animal, nos mais agrestes, nos mais ermos cafundós deste vastissimo paiz, nomeando supplentes de juizes federaes a talho de foice, para mutilar os braços da opposição, onde quer que ella tivesse a ousadia de se erguer contra as ominosas dictaduras dos governos estadoaes, na sua maioria satrapas incondicionaes da dictadura central.

S. ex.—affirmavam os mais intimos da camarilha partidaria do Cattete e

os engrossadores de todas as categorias, os gordos saciados e os magros que, numa esperança auciosa, lambiam por fóra os vidros dos mostradores das graças, ou apanhavam, famintos, as migalhas da opipara comédia—elegeria o sr. Bernardino de Campos, *quand mêue*, muito embóra tivesse de defrontrar o grande e forte elemento de resistencia, organizado sob as ordens do general Pinheiro Machado.

Contava com a maioria das satrapias, com a divisão provocada pelas diversas candidaturas, a do sr. Ruy Barbosa, empolgando a Bahia inteira; a do sr. Affonso Penna, instigando a colossal Minas para um movimento de resistencia á vontade suprema do Cattete; a do sr. Lauro Sodré, alastrand no elemento militar em onda crescente na proporção da lentidão e das violencias da monstruosa devassa do conselho de guerra; a do sr. Rio Branco, suscitada pelo elemento clerical pela palavra do seu orgão na imprensa; contava com a acção dissolvente dessas candidaturas e outras dos *tertius quadeus* incubados, para garantir uma certissima, uma inevitavel e esplendida victoria, que seria a confirmação do privilegio de S. Paulo na posição de sementeira de presidentes da Republica.

Diziam, finalmente, que todas as peças da machina politica estavam sendo lubrificadas fartamente com oleo divino e miraculoso, destruidor dos oxydos dos melindres, das convicções mais emperradas, oleo cujos mananciaes ninguem conhecia para afirmar se provinha da prodigalidade de amigos fieis, abnegados até o sacrificio, ou de munificencias officiaes, justificadas pelos transcendentales interesses compromettidos na campanha.

Causou, na verdade, certa estranheza o facto de haverem os arautos da candidatura official desembocado as tubas, quando o general Glycerio, divisando turvos horisontes,

procurou garantir a hegemonia de S. Paulo, optando pela *mulher* de Cezar, objecto dos carinhos do general gaúcho, encontrando incoercivel repudio dessa evasiva na resistencia formal do sr. Tibiriçá, á frente do directorio republicano da Paulicéa. Causou assombro a mudez da imprensa e o vacuo das columnas dos *apedidos* do *Jornal do Commercio*, quando a colligação surgiu armada de ponto em branco, formando, irreverentemente, com inaudita audacia, contra a vontade omnipotente do presidente da Republica, uma legião de forças irresistiveis entre as quaes se moviam, num glorioso frenesi de fé e bravura, os pennachos dos chefes da terra do toucinho e da terra do vatapá, as flammulas das hostes congregadas no mesmo pensamento de resistencia á intervenção official no pleito.

Cessou tudo, como se uma providencial ducha d'agua fria tivesse desabado em ondas emolientes sobre a fervura do entusiasmo dos combatentes mais ardegos e mais convictos, dessa convicção que ondula numa vacillação velhaca conforme as probabilidades da victoria.

E, depois desse silencio que accusava a suspensão das hostilidades, senão uma precavida debandada dos mais fieis, dos mais decididos amigos, já não offuscados pelos deslumbramentos do poder, assoalhou-se, á surdina, que o presidente da Republica tambem adherira á colligação, atirando aos lóbos da diffamação, da calumnia, a honra publica, o nome respeitavel do amigo, do cidadão cheio de serviços á causa publica, do politico, cujo caiporismo resultou, principalmente, exclusivamente, de ser candidato do Cattete.

Era um cumulo que excedia a tudo quanto a depressão do character politico tem produzido de mais monstruoso, neste periodo de anarchia em que o suborno de interesses pessoas tem triumphado das temperas mais rijas.

O brilhante collega matutino veio, com a sua palavra auctorisada, espancar as sombras de duvida, restabelecer a verdade sobre os destroços impuros da maledicencia.

Dizia o *Paiz*, na edição de 16 do corrente:

« Estamos auctorisados a declarar que o dr. Bernardino de Campos tornou effectiva perante seus amigos a renuncia de sua candidatura á eleição presidencial, conforme tem sido seu desejo desde alguns dias.

Outrosim, podemos adeantar que o partido republicanô de S. Paulo receberá com sympathia e confiança o nome do illustre dr. Affonso Penna.

Telegramma, que á ultima hora recebemos do nosso correspondente, consigna a nota que a este respeito publicará hoje o *Correio Paulistano*.

Dest'arte, ficamos roubados—nós e o nosso habilissimo sr. Seabra, nós que concentravamos todas as nossas legitimas ambições na organização de uma forte opposição constitucional, numa campanha em que pudessemos desenvolver todas as nossas faculdades combativas; o lédo general Glycerio, que ficou a ver navios, egualmente distanciado dos dois ex-candidatos paulistas; S. Paulo, que perdeu o seu privilegio; o sr. Campos Salles, sem a recente opposição que deu, prematuramente, em dróga. Ficou tambem roubado o general Pinheiro Machado, que, em vez de se aureolar com a gloria de uma victoria da opinião nacional, ficará asphyxiado pela monstruosa massa de unanimidade, onde sobresairão, como sempre acontece, os amigos, os adherentes da undecima hora, os partidarios dos vencedores, contados por myriades nesta terra em que se apontam, como raros specimens exóticos, os homens de resignação heroica para viverem sem o vivificante calor das alturas.

A batalha, que se autolhava cruenta e digna, foi adiada para quando se annunciar, como dizem os annuncios de funcções de *clowns* grottescos; não se realisará por falta de combatentes; os adversarios mais intolerantes chegarão-se ás bôas, porque as perspectivas estavam pretas e ninguem queria se arriscar a ficar debaixo; os funambulos da farça não se prestaram a desempenhar o papel de vendidos.

\*  
\*\*

Palpita-nos que essa monstruosa unanimidade não tem sufficientes ele-

mentos de cohesão, nem é estavel, nem poderá conciliar as ambições dos que venceram e dos que adheriram.

Não será possivel transformar a derrota em alliança.

Os que capitularam, á primeira demonstração ameaçadora, ante um adversario poderoso, e preferiram ao desastre honroso, á rendição com armas e bagagens, aspirarão ás posições proeminentes em torno do ultimo candidato.

As olygarchias estadoaes estarão de joelhos numa adoração fetichista, ante o futuro presidente da Republica, porque ellas sómente vivem e médram ao bafo dos seus creadores e sustentadores. E seriam assim burladas as fagueiras esperanças, alentadas por esse patriotico despertar da opinião nacional em torno da bandeira erguida pelo sr. Pinheiro Machado.

Para que elle produza o seu resultado benefico, é indispensavel que a derrota se não transforme em alliança da qual resultará a continuuação da precedente situação vergonhosa de uma unanimidade sem convicções, sem fé, dominada por interesses subalternos.

O sr. Pinheiro Machado perderá o seu latim, se se deixar asphyxiar no enchurro de adhesões, e não manter, no seio da colligação, aggreimados e fieis, como dantes, os seus elementos de combate para imprimirem nova direcção á politica, tirando-a do charco infecto para o terreno claro e saudavel, traçado pela Constituição da Republica.

Ninguem lhe contesta o inestimavel serviço de haver defrontado a omnipotencia do governo para demonstrar que não era supportavel a intervenção do presidente da Republica na eleição do seu successor; que, para honra nossa, ainda havia homens validos, não attingidos por essa epidemia da cobardia, que explodiu nas altas regiões.

O conselheiro Affonso Penna foi um candidato do azar, um candidato de occasião.

Será definitivo? ..

POJUCAN.

—  
Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.

O SR. DIONYSIO CERQUEIRA, como noticiámos, recomeça, com o seguinte artigo, as suas *Reminiscencias de Campanha*. A nosso pedido, s. ex. escreverá, dagóra em diante, sobre a organização do exercito para a campanha do Paraguay, até á batalha de Tuyuty, de qual já escreveu longamente no num. 14 dos *Annaes*.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Do Rio de Janeiro ao Serro de Montevideo—A chegada ao Buceu—A nova Troya—Os poetas da expedição.*

Em 1864, a republica do Uruguay estava, como quasi sempre, em revolução. O general Flôres, á frente dos seus valentes esquadrões colorados, esforçava-se por derribar do poder o partido blanco.

Os nossos compatriotas dos departamentos do Salto, Taquarembó e Serro Largo, cançados das tropelias de que eram victimas por parte dos agentes do partido dominante, pediam a intervenção do nosso governo em seu favor.

O conselheiro Saraiva, mandado em missão especial a Montevideo, depois de perdidas as esperanças de um accordo amigavel, apresentou ao presidente Aguirre o seu ultimatum. A esquadra, sob as ordens do almirante Tamandaré, fundada no Rio da Prata, e as forças do nosso pequeno exercito estacionadas no Rio Grande do Sul e concentradas no Piray, invadiram o Uruguay, sob o commando do general João Propicio Menna Barreto, para, combinadas, realisarem, por mar e por terra, a ameaça das represalias.

O dictador do Paraguay, que se preparava, desde muito, para os seus projectos de expansão e supremacia na America Meridional, aproveitou-se da invasão, como pretexto, para um rompimento, e, em plena paz, a prisionou no dia 14 de novembro de 1864, o vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, que conduzia para Matto Grosso o mallogrado presidente e commandante das armas da provincia, coronel de engenheiros Frederico Carneiro de Campos, que pouco tempo antes affirmava na Camará dos deputados, de que era conspicuo membro, que não precisavamos de exercito.

Tres dias depois, estava a guerra declarada.

Estes factos repercutiram no paiz com uma explosão de enthusiasmo indiscriptivel.

O governo imperial, aproveitando sabiamente o ardor patriotico dos brasileiros, chamou-os ás armas, com o decreto de 1º de janeiro de 1865— dando aos voluntarios o nome hoje glorioso de *Voluntarios da Patria* e offerecendo-lhes direitos que sempre procurou respeitar e que o da Republica tem, ás vezes, esquecido.

Quando estalou a guerra, eu estava nos meus dezeseite annos e estudava

com aproveitamento o 2º anno da Escola Central, tendo obtido no 1º anno a unica distincção do anno, com a qual me sentia muito feliz porque tinha por collegas Antiocho Faure, Martins da Silva, José Queima, Aristides Galvão e outros, que deixaram entre professores e collegas reputação honrosissima.

Naquella epocha, os militares tambem estudavam na Escola Central e nós, paizanos, faziamos de sobrecasaca e cartola exercicios de infantaria e gymnastica, porque assim determinou o nosso grande director general Manoel Felizardo, que não brincava e mantinha entre os seus alumnos disciplina rigorosissima. Uma vez, fui com muitos outros collegas trancafiado no estado-maior do arsenal de guerra por 24 horas, por termos dado uma vaia no nosso instructor, que era, aliás, um bom homem.

Outra vez, quasi que me acontece o mesmo, porque cuspi no chão, por piraça ao Barros, vello bedel, e elle deu parte ao ajudante, o illustre capitão José Ricardo d'Albuquerque.

Eramos muito militarizados. Onosso commandante no 1º anno, em 1863, era o alferes do 1º de infantaria, hoje conselheiro, Francisco de Paula Mayrink, meu distincto collega e amigo. Ao segundo toque de formatura, entramos em fórma, e os commandantes de secção faziam a chamada. Ao de avançar, seguimos marchando a dois de fundo para as aulas.

Nas nossas republicas, havia sempre uma ou mais fardas. A unica differença entre os militares que estudavam na Central e os da Militar, estava no bonet. Aquelles tinham uma corôa e estes um castello. Eu tinha muitos amigos na Praia Vermelha, dos quaes alguns tinham sido no anno anterior cidadãos prestimosos de minha republica de bahianos, onde exercia influencia predominante o meu querido Hermilo Alves.

Declarada a guerra, o governo decretou o fechamento da Escola Militar e os alumnos recolheram-se immediatamente aos seus corpos. O 1º batalhão de artilharia foi o que recebeu o maior contingente dessa briosa e valente mocidade, que tanto brilho deu ás paginas da historia da encarnizada guerra. O governo estancou aquelle nobre viveiro de officiaes, como o selvagem que derriba a arvore para comer-lhe os fructos.

Quando vi o Graça, o Amarilio, o Santiago Dantas, o Schmidt, o Paulo Alves e todos aquelles meus caros companheiros e amigos em ordem de marcha, com a moxilla ás costas, de capote bem emmallado, a marmitta reluzente, os malotes pintados de alvaiade, o talabarte alvo do bernal bem emgommado, como a mais honrosa das grã cruces, a chapã do cinturão limpa como ouro, o punho reluzente

do sabre-bayoneta, o cantil de madeira sobre o bernal vasio e a patrona lustrada a cêra, como si tivesse sido envernizada, empunhando a carabina com que iam defender a patria, achei-os admiraveis e, confesso o meu peccado, tive tanta inveja, que não pude mais abrir um livro. Não podia ficar no Rio de Janeiro estudando, quando a patria reclamava o meu sangue, para a sua desaffronta.

Apoderou-se de mim a idéa de assentar praça e partir. Fiquei obeccado.

Lembrava-me de meu pae, de minha mãe, que tantas esperanças depositaram em mim e que ficariam muito tristes. Não pude, porém, resistir á força magica que me impellia para o sul.

A 2 de janeiro de 1865, um dia depois do decreto dos Voluntarios da Patria, apresentei-me no quartel general para assentar praça como «voluntario do exercito».

Levaram-me á presença do major Elesbão Bittencourt, da repartição do ajudante-general.

Era um homem alto e barbado. Eu tinha dezeseite annos, mas parecia ser mais moço e trajava com certo capricho.

Mirou-me d'alto abaixo, com um ar de superioridade tão desdenhosa, que me senti invadido por uma onda de sangue.— Perguntou-me em tom aspero:

-- Quer assentar praça ?

— Sim, senhor.

— Para estudar ?

— Não, senhor, para ir para a guerra.

Lançou-me um olhar de pouco caso e disse a um negro alto, de olhos muito vermelhos, que estava perfilado na entrada da sala :

— Cabo, leva este *homem* para ser inspeccionado.

Ninguém pôde avaliar como me senti humilhado com aquelle tratamento. Aquelle official superior do exercito não ligava importancia alguma ao acto de abnegação que eu estava praticando. Os outros deviam talvez pensar como elle.

Entre os meus collegas, os meus professores e os amigos da minha familia, eu era considerado, estimado, tratado de igual para igual. Allí, no quartel-general, onde ia depor as minhas offerendas no altar da patria, diziam a um cabo brutal e analphabeto, apontando desdenhosamente para mim: Leva este *homem*.

A minha resolução era, porém, inabalavel— eu seria soldado, custasse o que custasse.

O cabo acompanhou-me sem dizer uma palavra até a uma sala onde estava um medico com ares de sargento e uma farda sebosa, sobre uma calça branca já muito amarrotada.

— *Seu dotô*, ali está este *reculuta* para v. s. *inspeccioná*.

— Dispa-se — roncou o cirurgião.

Tirei o fraque e o collete — e parei.

— Dispa-se todo ; fique nú.

O sangue subiu-me ás faces — e obedeci. Fiquei de botinas.

— Tire os sapatos. Tenho mais que fazer.

Olhou-me, mirou-me algum tempo e, sem auscultar-me nem fazer pergunta ou exame algum, resmungou :

— Vista-se.

Vesti-me e acompanhei o cabo, que em pouco tempo seria meu superior, á sala do major Elesbão.

— Em que corpo quer servir ?

— No 1º batalhão de artilharia — e partir o mais breve possivel.

— Ninguém lhe perguntou por isso.

Chamou um sargento e ordenou que fizesse um officio para eu assentar praça no batalhão de Engenheiros com destino ao 1º de artilharia.

Segui para a Praia Vermelha com outros recrutas, todos das camadas mais baixas da sociedade. Compreendi, então, a sobrançeria com que os martyres, fortalecidos pela fé, affrontavam as coleras dos imperadores na arena ensanguentada do amphitheatro de Flavio.

Eu não tinha laço algum a prender-me : eu, um espirito já mais ou menos culto, podia libertar-me daquillo que parecia humilhação ; mas não só estava resignado como me sentia satisfeito de já estar soffrendo pela minha patria. Chegando á Praia Vermelha, fomos apresentados ao official de estado. Subimos á secretaria do batalhão, onde jurámos bandeira, depois de lidos os 29 artigos de guerra do conde de Lippe. O acto, longe de ter a solemnidade que eu esperava e que ainda hoje acho que deve rodeal-o, passou-se em tom joco-serio, porque o official que leu os celebres artigos me olhava de soslaio com ar de mófa, como que dizendo : — « Vê, desgraçado, inexperiente, o que te espera. »

Apezar da convivência com os meus collegas militares, não conhecia o theor daquellas 29 draconianas ameaças suspensas sobre a minha cabeça,

Fui addido a uma companhia, onde me deram um par de sapatos reiuños enormes, uma fardêta em fórma de jaquêta de panno branco muito ordinario, uma calça que não me abotava e um gorro de recruta em fórma de pão de ló. Ainda á paizana, fui ao Picão, onde estavam o Savaget, ainda cadete, o Tourinho, tambem praça de pret, o Pimentel, já official, e outros rapazes, desligados para seguirem na primeira oportunidade para o sul. Eram todos meus camaradas, dos quaes em 1863 eu havia sido caloiro. Em pouco tempo, a conversa degenerou em calorosa discussão, na qual o meu amigo Pimentel se mostrou de-

masiado violento atacando a minha Bahia, resultando, entre nós dois, uma lucta corpo a corpo, em que elle levou a melhor, porque era mais forte do que eu.

A minha estréa na vida militar era um acto de insubordinação, previsto e castigado pelos artigos 7º e 8º.

Felizmente, o Pimentel não me prendeu nem deu parte e, dois ou tres dias depois, esqueceu-se da distancia que nos separava e continuou a ser meu amigo até hoje, em que na nossa velhice nos lembramos com saudades dos bons tempos.

Pedi dois dias de licença e fui dormir na minha republica, á rua Fresca n. 14, onde os queridos companheiros me cercaram de todo o carinho.

No dia seguinte, deixei a minha roupa de paizano e os meus livros, despedindo-me, com o coração confrangido, daquella casa, onde passei tantos dias descuidado e feliz, voando o espirito juvenil nas azas da phantasia e sonhando com um futuro cheio de glorias. Até á vespera, era um rapaz livre e tão bom como o mais pintado. Em um instante, passei a ter milhares de superiores e era o que mais me impressionava. Ainda não conhecia o valor da obediencia e da subordinação militar, sem o que não pôde haver nem honra, nem grandeza para o soldado.

Vesti-me com o uniforme do José Graça, que elle me havia deixado e fui ao sirgueiro, onde comprei um bonét de artilharia com um tope nacional, distinctivo dos que iam para a guerra.

Alguns dias depois, chegaram tres batalhões da Bahia, o 8º, o 16º de linha e o corpo de Policia. Commandava o 16º o coronel d. José Balthazar da Silveira, e o ultimo o coronel Joaquim Mauricio Ferreira, velhos amigos da minha familia.

Fui mandado addir ao Dezeseis, que ficou aquartelado na Armação, em Nitheroy. Comnigo fôram muitas outras praças, entre as quaes o Costa Mattos e o Juvencio, que, como 1º sargento, me incluiu na relação como cadete, por uma ordem do quartel-general. Eu tinha direito por meu pae á 2º cadete e por meus avós a 1º.

Alli recebi equipamento, armamento e 100 cartuxos, que guardei parte na patrona e o resto na moxilla.

Senti-me orgulhoso, quando formei na 7ª companhia, em ordem de marcha, no dia 5 de fevereiro para embarcar a bordo do vapor *Imperatriz*, si bem me recordo, com destino a Montevideo.

Um anno antes eu voltára da Bahia, num bello paquete francez, repimpado no meu bom camarote, com todas as commodidades e conforto. No *Imperatriz*, por concessão especial do d. José, fui para ré do vapor e estendi no tombadilho a minha cama, tendo por travesseiro a moxilla.

Depois de uma viagem cheia de inclemencias, que eu supportava satisfeito porque ia cumprir o meu dever de brasileiro, chegámos em frente ao Buceu proximo a União, em Montevideo, no meiado de fevereiro.

A *Nova Troia* estava sitiada pelas nossas forças, que vinham victoriosas de Paysandú, e pelas alliadas do general Venancio Flôres.

Desembarcámos em escaleres graças ao bom tempo que reinava.

Acampámos na União. Foi a primeira vez que entrei em barraca, onde depois morei quatorze annos; pareceu-me muito pittoresco. Eramos quatro os companheiros e procurámos dormir o melhor que nos foi possível. Nesta epocha, os dias são muito quentes, mas, á noite, o thermometer desce muito; por isso, foi supportavel a nossa arrumação na pequena tenda mal armada.

Toda aquella gente, que acabava de chegar connosco, era bisonha e não sabia como se havia de arranjar.

No dia seguinte, fui mandado apresentar ao quartel-general e de lá ao meu batalhão, onde me incluíram na 7ª companhia, commandada pelo capitão Brazilio Bezerra. Que impressão de alegria e tristeza, senti ao ver os meus amigos Graça, Amarilio, Santiago e outros, com as caras muito sujas, os uniformes empoeirados e cobertos de barro, os sapatos acalcanhados, os cabellos grandes e emmanhados, em torno dos fogões, onde ardia uma lenha muito escassa e fumosa, preparando um detestavel coído com pedaços de carne cheia de terra! Os mais exigentes, os que gostavam de passar bem, pobres rapazes, cosinhavam pedaços de abobora e enguliam aquella pitaça desprezível, como esfomeados.

O 1º era um batalhão de cadetes e não havia faxineiros para tanta gente. Eu chegava meio endinheirado, com umas duas dezenas de libras esterlinas e convidei-os para uma *fonda* proxima, onde nos serviu um basco muito amavel. A tal *fonda* era uma especie de frége-moscas.

No fim de dois dias, foi-se o ultimo patacão e tive de resignar-me a ir tambem para o fogão. Tudo aquillo me enchia o espirito de impressões estranhas e novas. Nos meus primeiros dias de campanha, parecia-me estar transportado a um outro mundo. A lingua estranha, os habitos differentes, a transformação, para peor, dos meus amigos, os typos curiosos dos soldados revolucionarios de Flôres, aquella cidade de alvas tendas de algodão mal alinhadas e peor armadas, aquelles dias caniculares e as noites frias, a vegetação tão rachitica e differente da nossa, aquellas cercas de tunas, os cavallo magros da cavallaria arreados de prata, as casas da

villa sem telhados, como as moradas mouriscas, tudo me impressionava profundamente e dava-me saudades do lar, tão placido, de meus paes.

No dia 20 ou 21 de fevereiro, não me recordo bem, desarmou-se o abaracamento, e entrámos em fórma em completa ordem de marcha. A moxilla, a principio, fatigou-me muito; eu não estava ainda habituado áquelle pezo e não sabia ainda arranjar-a bem ao alto.

O Paulo Alves era o furriel de minha companhia e parecia ter esgotada a veia fecunda da poesia satyrica com que nos fazia dar bôas gargalhadas, humorismo que tornou celebre o seu nome nas duas escolas.

O Norbertino, meu comprovinciano e amigo, andava mais animado, porque tinha saído alferes-alumno e fazia ainda versos á sua namorada, uma gentil menina de Botafogo. Lembrome ainda de uma poesia delle, que começava assim:

«Acorda, desperta, levanta-te, ó virgem,  
Que a lua já brilha no meio do céu,  
Esváem-se as flôres aos beijos da brisa  
E a onda se enfeita de limpido véo».

Pouco viveu este querido amigo.

Nós tínhamos muitos poetas e sinto terem-se perdido os seus versos, onde se reflectia a alma grande e bella daquelles rapazes illustres, que quasi todos lá ficaram ignorados, mas não esquecidos pelo amigo saudoso, que escreve estas reminiscencias meio apagadas. Quem se não lembra das satyras do mallogrado «visconde de Albuquerque», official de artilharia, e do celebre soneto ao Conrado Bittencourt, do batalhão de engenheiros, que terminava assim:

Pás, enchadas, machados, picarétas?

Ao qual o outro respondeu com outro soneto, terminando por:

Bombas, balas, granadas, lanternétas.

Ainda me recordo da seguinte quadrinha do visconde, em que se referia a um general, de quem não gostava, por certas pirraças:

A vinte e quatro de maio  
Como elle affrontou a morte!  
Vi-o passar como um raio  
Lá por detrás do transporte!

O transporte ficava á rectaguarda do exercito.

\*  
\* \*

Voltemos, porém, ao dia da minha primeira marcha.

Estava formado na primeira fileira da minha companhia e, dalli via alguns dos companheiros que tinham sido promovidos a alferes-alumnos, montados numas eguinhas compradas a patacão e muito magras, tendo como arreios as barracas dobradas, com estribos de couro crú e rédeas com barbicacho de guascas, arranjadas na occasião.

Iamos acampar no Serro de Montevideo, do outro lado da União.

A cidade havia capitulado e o general Flôres se empossára do governo.

O nosso plenipotenciario era o illustre conselheiro José Maria da Silva Paranhos, que fez o convenio de cessação das hostilidades. Foi um bom serviço que prestou á sua patria, mas que foi mal julgado pelo governo, que o exonerou do alto cargo, talvez influenciado pela grita dos seus adversarios políticos, que deram demasiado valor a nugas, calando o principal. O grande homem, lido como era na historia, devia ter achado consolação na sua consciencia, intenções patrioticas no bem que fez; e tambem nos grandes exemplos da vida dos povos, entre os quaes sobresae o de Espurio Cassio, que, na phrase cinzelada de Arnold, o grande historiador inglez, foi o primeiro romano, cuja grandeza é realmente historica, mas cujos feitos nenhum poeta cantou e os primeiros analyistas accusaram de traição. Entre o silencio e a calumnia dos seus inimigos, Espurio Cassio é couhecido como o auctor de tres obras, ás quaes Roma deveu toda a sua futura grandeza.

Duas dellas fôram os tratados de alliança com os latinos e os heonicos; a terceira, a lei agraria.

Por estes immortaes serviços, foi o grande romano sentenciado, como traídor, a ser açoitado, decapitado e a sua casa arrazada aos alicerces.

E' tantas vezes ingrata a sorte dos que fazem bons tratados e não hesitam em sacrificar uma popularidade ephemera ao bem da patria, quando estão convencidos da sua justiça...

Os applausos e os galardões são muitas vezes dados aos que gostam de maldizer dos outros, e, quando lhes chega a vez, compromettem os interesses do paiz por tratados mal feitos e ainda peor defendidos por elles.

Asinjustiças que fizeram ao immortal visconde do Rio Branco, e que ainda hoje ferrenhos adversarios repetem, levaram-me a transviar-me do meu caminho:— ao Serro.

Ao principio, a marcha foi regular; os pelotões mantinham as distancias e conservavam-se alinhados.

Depois, começou o cansaço daquella gente, que ajuda não estava habituada a marchar de moxilla ás costas e 100 cartuxos na patrona.

Ia se formando pouco a pouco uma cauda de retardatarios, que augmentava a cada alto que faziamos.

Houve um momento em que chegámos á beira de um banhado ou, antes, de um lamaçal negro, onde nos enterravamos até aos joelhos. Eu lá ia patinhando naquella lama infecta, quando vi o Aranha, com os galões novos de alferes, montado numa egui-nha *rabona*, olhar para o Paulo Alves,

carregado como um zuavo e suando como um abbade, e dizer-lhe num tom escarninholo:

— Oh! Paulo, seccou-te a musa?

O Paulo parou, mirou-o d'alto a baixo e respondeu, com um sorriso de mófa e de raiva:

— Não, alferes, tanto que lá váe verso:

Este charco negro, immundo,  
Onde vou mettendo o pé  
Faz-me lembrar tua avó  
Quando chegou de Guiné.

O Aranha, meio enfiado com as nossas risadas, deu de calcanhares á egua e afastou-se, emquanto, de resto, o poeta lhe dizia:

— Ainda tem mais, si quizeres.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## A POLITICA MUNDIAL

### OS DOIS NOVOS FACTORES

Um dos mais significativos incidentes dessa guerra russo-japoneza, tão fertil em surpresas, foi, sem duvida, a iniciativa do presidente Roosevelt para uma conferencia entre os dois povos belligerantes, da qual surtisse paz honrosa para ambos os contendores. A ingerencia dos Estados-Unidos em um conflicto armado entre dois povos, dos quaes um europeu, equivale a uma revolução nas usanças e praxes a que a velha Europa habituára ao mundo, quando surgia caso identico ao da Russia e do Japão. Com effeito, um tal procedimento do governo de Washington a ninguem deverá illudir; não só elle representa corollario forçado de theorema já firmado, como váe mais longe estabelecendo, com toda a clareza, um direito que a grande nação americana julga possuir: o de exercer a influencia que decorre da sua posição de grande potencia no concerto politico dos povos. Por outras palavras: a União pretende, á imitação da Inglaterra e da Allemanha, tambem firmar uma acção mundial propria.

O apparecimento de tal factor provocará modificações profundas no equilibrio europeu em virtude da situação especial em que se acham certas nações do Velho Mundo como potencias coloniaes. Até hoje, tiuham conseguido os chamados paizes preponderantes da Europa decidir em commum todos os problemas economicos e politicos, que se relacionassem com os seus interesses, não admittindo por nenhum modo a intervenção de outra qualquer nação; o rompimento hispano-americano foi o primeiro estrondear de trovão num céu até então sem nuvens. Logo após, a occupação das Philippinas indicava brutalmente qual a nova orientação do povo *yankee*:

como a metropole de outr'ora, inaugurava a grande nação americana a sua politica imperialista.

A campanha contra os *boxers*, de resultado negativo para os seus fautores, viu os Estados-Unidos collaboreando ao lado dos europeus para a repressão do movimento xenophobo; a conferencia da paz ora iniciada é obra privativa de Roosevelt, é a premissa da grande obra do futuro prophetisada por Paulo Morton nessas palavras: — «Por muito tempo ainda, a Inglaterra conservará o seu logar de primeira potencia naval, mas os Estados-Unidos representam por seu turno a *única nação* (o gripho é nosso) capaz de occupar, em futuro muito proximo, o segundo logar. A união das duas esquadras formaria uma potencia naval cuja intervenção seria decisiva em todos os mares...

«De resto, os dois detentores de tão formidavel marinha ver-se-iam moralmente obrigados a *empregal-a para impôr aos demais povos a abdicção de qualquer velleidade de guerra*» (o gripho tambem é nosso).

O que o distincto ex-ministro da marinha americana não disse é que a direcção suprema desse duumvirato mundial acabará por pertencer ao mais forte parceiro, á União no caso vertente, cujas reservas de energia latente ainda permanecem intactas.

Entretanto, outro factor existe e cuja evidencia foi determindada pelo conflicto que sustenta com uma potencia, até bem pouco considerada como invencível, e a quem muitos, e dos mais entendidos, não hesitavam em outorgar a hegemonia do mundo no seculo corrente partilhada com os Estados-Unidos. O Japão surgiu no conselho das chamadas grandes potencias, formidavelmente preparado sob o ponto de vista material e talvez intangível sob o prisma social e moral, tal o retraimento que observam os seus filhos, a ponto de desacoroçoarem a perspicacia dos mais argutos observadores. Faltavam-lhe, sem duvida, certos predicados no desenvolvimento das operações militares, apegavam-se á invariabilidade no emprego de certos methodos, á demora no perseguir o inimigo derrotado; mas todos esses defeitos desaparecerão com o tempo logo que a admiravel machina de guerra, que é o japonês, perder todas estas imperfeições proprias de um organismo novo, ainda não adaptado normalmente á funcção que lhe compete. Outra circumstancia que triplica as forças desse povo de cincoenta milhões de almas, é a sua natureza insular. Como a Grã-Bretanha, o imperio nippon é protegido das iucursões dos vizinhos pelo grande fosso do mar; como aquella, possúe a hulha e, mais feliz do que ellas, ainda não esqueceram seus filhos que a agri-

cultura é a base do equilibrio de uma nação, libertando-a do jugo economico das demais, junto ás quaes tenha de buscar o sustento. Mas o que torna o Japão temeroso para todas as potencias de cultura occidental, (e por conseguinte para os Estados-Unidos egualmente) é a consciencia que tem do seu verdadeiro valor e do papel que lhe compete representar no mundo asiatico. Dos dois unicos povos que se podiam constituir em obstaculo á sua evolução, nm, a Russia, foi subjugado e por muito tempo impossibilitado de reagir efficazmente; quanto ao outro, a Inglaterra, não ha duvida que o mikado acceitou o posto de «caixeiro», na phrase feliz de um auctor notavel, nos negocios do Extremo-Oriente. Resta, porém, saber se o patrão mais tarde não verificará que acoitou empregado infiel, o que talvez já esteja a ver. Dos demais povos senhores de terras asiaticas, sabe perfeitamente a Sparta de nossos dios o *mare magnum* de difficuldades que teriam elles de vencer até alcançarem esses longinquos mares do Archipelago das «tres mil ilhas.»

A presença, pois, desses dois novos factores na politica mundial, vem influir nas combinações das diversas peças do taboleiro europeu quanto á politica geral, mórmente quando a primeira potencia militar do continente desde a guerra de 1870, a Allemanha, aspira egualmente á posse do tridente de Neptuno, isto é á soberania do mundo pelo mar.

Atravessa neste momento a humanidade crise decisiva, como ha cem annos quando o astro napoleonico a todos trazia «subjugado»; lentamente váe-se elaborando a constituição de dois grupos adversos, chefiados, um pela maior potencia naval do globo e outro pela triumphadora de Sedan e Metz. Elementos ainda permanecem indecisos, ainda não se manifestam abertamente, receiosos de que a sua inclinação por um ou outro dos dois campos adversos provoque a conflagração. Dahi, para alguns estadistas, a possibilidade de uma arrojada combinação que reunindo nações fortissimas importasse na manutenção da paz do mundo pela constituição de um poder irresistivel. Para levar ao cabo semelhante plano, a maxima prudencia e a maior reserva se impõem, mas existem na opinião delles indícios que denotam a exequibilidade dessa nova quadrupla alliança já preconizada por um dos órgãos mais notaveis da Grã-Bretanha. Para muitos, as festas de Brest-Plymouth representam o inicio de uma nova phase da historia.

GASTÃO RUCH.

As officinas dos *Annaes* encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographico.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O vidro-sol. — Diffusão da luz do dia.*  
— *Uma combinação de prisma e lente.*  
— *As experiencias de um engenheiro.*

Em vez dos vidros prismaticos, ordinariamente empregados para illuminar os logares obscuros dentro das habitações, os armazens, os porões, os quartos interiores, está muito vulgarizado, em Pariz, uma combinação de prisma e lente, que resolveu o problema de projectar com extraordinaria intensidade, em todas as direcções, a luz accumulada nos prismas.

A' superficie prismatica já empregada nos antigos vidros, um engenheiro teve a idéa de adaptar uma superficie lenticular em uma vidraça de modo que um lado é sulcado de prismas e o outro de lenticulas que emitem raios, em todas as direcções, deixam passar feixes luminosos cujos raios partem do centro e se prolongam como uma obliquidade regular, chegando a todos os recantos.

Essa combinação, denominada pelo inventor — *Vidro-Sol*, — permite supprimir os reflectores, assim como a electricidade, o gaz ou qualquer outro meio artificial de illuminação, offerecendo grandes vantagens de economia, de segurança e salubridade, evitando os accidentes, as infecções, as explosões de gaz tão vulgares nos subterraneos, nos porões e permitindo a utilização de commodos imprestaveis pela falta de luz ou deficiencia de illuminação natural.

\* \*

*A vida e a morte — Dez provas difficeis.*  
*Duas negativas. — Matar os mortos. — As experiencias do dr. Haward.*

Está suscitando grande interesse, nos grandes centros de população da Europa e da America, entre medicos e hygienistas, a questão dos signaes evidentes da morte para impedir que muitos infelizes, aparentemente mortos, sejam enterrados vivos.

Calculam-se na média de quatro por mil ou 8.000 por anno, os casos das victimas desse medonho martyrio, que é muito difficil de evitar, nma vez que, excluido o principio de decomposição, todos os outros signaes são indicações precarias. A parada do coração, a lividez cadaverica, a rigidez, o resfriamento e endurecimento da pelle, a insensibilidade cutanea, a cessação da contractibilidade muscular, a dilatação da pupilla, as rugas da cornea, a depressão do globo ocular e outros, constituem, na mór parte das vezes, symptomatas da morte, mas não se póde confiar nelles absolutamente, porque podem ser, apenas, presumpções caprichosas, phenomenos anormaes, inexplicaveis, do mysterioso aparelho humano.

Num interessante estudo publicado no *The Lancet*, o dr. Edwin Haward refere que, chamado a decidir, num caso particular, si a vida se extinguiu ou não, empregou dez meios de prova, dos quaes dois negativos, justificando, assim, a procedencia das angustiosas duvidas que haviam determinado a intervenção daquelle famoso professional.

As provas affirmativas fôram:

1º — O coração cessára de bater; não produzia ruido algum;

2º — Todos os sons e movimentos respiratorios parados;

3º — Temperatura do corpo ao nivel da temperatura ambiente;

4º — Uma agulha polida, enterrada no biceps, retirada, depois de alguns minutos, não apresentava o menor vestigio de oxydação, pela apparente ausencia do oxygeneo no sangue;

5º — Musculos e grupos de musculos, atravessados pela electricidade em correntes alternativas, não produziram signaes de irritabilidade;

6º — A ligadura do braço não provocára inchação das veias;

7º — Injecções subcutaneas de amoiaco produziram manchas escuras, consideradas signaes da suprema decomposição:

8º — Perfeita rigidez cadaverica.

Contra todos esses signaes evidentes, o dr. Haward encontrou sangue fluido nas veias do cadaver, cuja mão, exposta a um fóco de luz, apresentou, entre os dedos separados, a facha escarlata que só desaparece depois da morte. Chegou, portanto, a este resultado: podem existir signaes de vida, quando os indícios da morte são evidentes, quando mesmo ha principio de decomposição.

A cessação definitiva dos movimentos e ruidos do coração deve ser considerada condemnação inappellavel; resta, porém, saber quanto tempo se deve observar o coração para ter certeza de que elle cessou de pulsar. Roger pensava que uma auscultação de cinco minutos era sufficiente, ao passo que a maior parte dos physiologistas julgam que vinte minutos não são excessivos. A observação é tanto mais delicada e escabrosa quanto é certo que, em alguns casos de morte subita, nos casos de submersão, de syncope, de morte apparente ou real no curso de uma molestia nervosa, as pulsações e os murmúrios do coração se tornam praticamente imperceptiveis.

Dessa incerteza, não obstante os mais producentes meios scientificos de verificação da morte, resultou, no conflicto entre os interesses dos vivos, aos quaes contraria profundamente, como um perigo, a prova da morte pela putrefacção, e as probabilidades de morte apparente, a idéa de matar os mortos.



## A ARMADA NACIONAL

*A batalha do Riachuelo—A ineptia paraguaya—A imprevidencia dos chefes—A elevação do almirante Barroso.*

Desde o começo, vimos dizendo que não a historia, mas sim uma, pouco mais que superficial, analyse sobre o que foi e sobre o que é a marinha de guerra brasileira, pretendemos fazer; mas, se a nossa penna mais do que quizeramos se deteve na campanha cisplatina, justo é que tambem o faça na campanha do Paraguay.

O nosso intuito é o mesmo, demolidor talvez, mas, visando justiça e sobretudo querendo levar ao espirito do leitor o pleno conhecimento quer do passado, quer do presente de nossa marinha de guerra; do passado e do presente reaes, intimos diremos, e não essa lenda que abraçou o nosso passado e essa mentira que é o nosso presente.

Vamos, pois, estudar os pontos da campanha do Paraguay, dignos da nossa analyse e que resumem, pôde dizer-se, aquella guerra, emquanto a cooperação da armada com o exercito foi da maior relevancia e indispensavel ao triumpho final; e porque a lucta com o Uruguay foi o prologo forçado dessa tragedia, cujo desenlace trouxe a nação suspenso durante cinco annos, embóra de passagem e em poucas linhas della nos occuparemos.

Na campanha do Uruguay, nossa marinha não sustentou combates navaes. Auxiliou o assalto e tomada de Paysandú e manteve em bloqueio a costa oriental, bloqueio que o governo uruguayo não pôde siquer tentar evitar. E, para aquella fim, já vimos que, com grande difficuldade, conseguiu o governo imperial reunir uma esquadra de 28 navios todos de pouco valor militar, realmente.

Nada temos a criticar nessas operações, porquanto não haveria duas opiniões sobre o papel que competia á marinha. Em todo caso, deram-se ataques inuteis a Paysandú, com perda de muitas vidas, na impaciencia de aguardar um exercito, que nunca chegava, para completar o sitio daquella praça. Mas, afinal, Paysandú e Montevideo caíram em nosso poder, e a presidencia do Uruguay coube ao general Venancio Flôres.

As relações com o Paraguay, que se haviam tornado muito tensas no correr da guerra com a republica do Uruguay, romperam-se por fim, com o monstruoso attentado do apresionamento do *Marquez de Olinda*, em novembro de 1864, seguido da tomada do forte de Coimbra e occupação da parte Sul de Matto Grosso.

Quando a praça de Montevideo capitulou ante as forças imperiaes em 20 de fevereiro de 1865, ficando assim

terminada a campanha na republica Oriental, já o Imperio estava de facto em guerra com o Paraguay e obtivera já a alliança de Flôres, e desnecessaria, como se tornava então a nossa esquadra alli, iria logo naturalmente ser aproveitada nas operações contra o novo inimigo.

A 10 de abril, effectivamente o almirante Tamandaré notificava aos representantes estrangeiros que iam ter inicio as hostilidades contre este, e a 14 subia o Paraná uma esquadilha de 8 vasos afim de estabelecer o bloqueio do Paraguay, com hase de operações nas Tres Boccas, não tendo o governo argentino opposto difficuldades ao governo imperial, apezar de não serem ainda alliados. Na epocha, porém, em que essa divisão começava a subir o Paraná, já o exercito de Lopez invadia a provincia argentina de Corrientes, tomava a cidade deste nome e dois vapores de guerra que se achavam no porto.

Ora, Corrientes fica abaixo das Tres Boccas, e assim já a divisão bloqueadora não podia ter sua base neste ultimo ponto porque, «A proseguir rio «acimá a nossa divisão bloqueadora, «passaria a ficar bloqueada. Por isso, «muito racionalmente, o almirante, de «accordo com o governo argentino, «modificou as instrucções primitivas «dadas ao chefe Gomensoro, no sentido «de abranger o bloqueio á margem do «Paraná, em poder do inimigo commum» (1).

Analysando este inicio de operações, resalta clara uma facilidade condemnavel que poderia acarretar graves consequencias á, apenas, projectada triplíce alliança, se não fôra a falta de decisão dos paraguayos.

De facto, se Lopez, em vez de aguardar que a esquadra bloqueadora do Paraguay chegasse a ser a força que foi posteriormente, em fins de maio, quando já se lhe haviam reunido a *Amazonas*, *Parnahyba* e *Ivalhy*; se, ao mesmo tempo que o exercito de Robles occupava Corrientes e se internava pela provincia deste nome, descendo as margens do Paraná, tivesse feito descer a sua esquadra que entrou em acção em 11 de junho e, inesperadamente, como nesse dia tivesse atacado a divisão que em principios de maio estava em frente a Bella Vista, não era provavel que, em vez da derrota do Riachuelo, viesse a alcançar uma victoria? Caso, está bem visto, o seu pessoal fôsse habilitado, de facto, o que era vóz corrente então e os nossos chefes, por falta de provas, não podiam contestar.

Qual era a divisão bloqueadora, naquella epocha? A *Jequitinhonha* e mais sete canhonheiras. Commandava-a um chefe que, não se pôde affirmar, fizesse o que fez Barroso em Riachuelo, e, se é bem certo que foi o

genio deste servido pela prôa da *Amazonas* quem venceu aquelle combate, qual seria o resultado dum outro nas condições do que supomos e que poderia com facilidade ter-se dado?

Como mandar bloqueiar um rio, em que existe uma força naval, por outra força inferior ou mesmo igual áquella?

Se a *Amazonas*, *Parnahyba* e *Ivalhy* tinham de fazer parte da divisão bloqueadora, porque não seguiram logo com ella, Paraná acima? Porque fraccionar essa divisão, enfraquecendo assim a nossa vanguarda, quando não havia mais necessidade de uma força naval importante no Prata?

E' possivel que, nas condições em que a hypothese colloca a esquadra de bloqueio, esta pudesse, á approximação do inimigo, retirar-se rio abaixo? Não; seria provavel que acontecesse o que se deu em Riachuelo, onde a nossa esquadra não podia deixar de aceitar combate.

Parece-nos, pois, que houve grande facilidade em mandar bloqueiar o Paraguay, naquellas condições.

Aliás, essa facilidade manifestava-se, então, a todos os respeitos.

Assim é que, apezar de, com a invasão de Corrientes, não mais poder confiar-se na neutralidade do territorio argentino entre o Paraguay e a nossa provincia do Rio Grande do Sul, «nem o governo imperial, nem as auctoridades civis e militares do Rio Grande do Sul, nem o almirante Tamandaré», julgavam que o inimigo, que tivera o arrojo de invadir Matto Grosso e Corrientes, tivesse a ousadia de, atravessando o Paraná e o Uruguay, vir atacar aquella provincia e, «Confiados nessa defesa natural a niuguem occorreu aproveitar as enchentes occasionaes do Uruguay, para destacar da esquadra no Rio da Prata, uma flotilha que pudesse, transpondo o Salto Grande, se não impedir pelo menos difficultar o accesso do inimigo naquella nossa fronteira. . .»

E, aqui convém que se abra uma excepção áquellas «auctoridades civis e militares do Rio Grande do Sul.» O dr. Souza Gonzaga, civil, presidente desta então provincia, quando se deu o rompimento com o Paraguay, diz, num dos seus relatorios, transcripto pelo fallecido coronel Jourdan na sua historia da campanha contra Lopez: «Em meados de dezembro de 1864, chegavam-me os primeiros annuncios de preparativos bellicos do Paraguay; já eu havia mandado reforçar a guarnição da fronteira de Missões, etc.»

Será dum iconoclasta, senão dum pretencioso essa accusação de facilidade no inicio das operações; mas são esses reparos que ahí fazemos os que não de occorrer a quem, querendo analysar estrategica e taticamente a campanha do Paraguay, a estudar a fundo; e, perdôe-nos a veneranda memoria do

glorioso marinheiro que dirigia a esquadra naquella epocha e que pôde, por mais de sessenta annos, ser a historia viva da nossa marinha de guerra—esta pequena censura que não redúz sua gloria, não só porque parte de onde parte, como porque, *tout va bien qui finit bien*; e o bloqueio do Paraguay só nos trouxe victorias.

Valeria, talvez, a pena transcrever officios trocados entre o almirante Tamandaré, Canabarro e dr. Souza Gonzaga, sobre a possibilidade de uma acção paraguaya no Rio Grande. Mas que o faça quem, sobre o exercito, fizer o que, a respeito da armada, fazemos.

Esses officios encontram-se no livro de Jourdan, e a quem o ler, especialmente recommendamos um do conselheiro Angelo Ferraz, depois barão de Uruguayana; barão de Uruguayana, porque? Porque era o ministro da guerra na epocha em que a cidade deste nome voltou ao nosso poder, e esteve presente ao *sanguinolento* feito!

Mas, prosigamos no nosso assumpto.

Rapidamente, sem saltos nem accidentes, vamos chegar ao nosso estudo á batalha naval do Riachuelo.

A divisão bloqueadora, já reforçada e então sob o mando do chefe de divisão Francisco Manoel Barroso, e cuja estação de bloqueio, posto que seu fim era o mesmo que o da que estivera entregue ao chefe Gomensoro, não deveria ser, como não era, em Tres Bocas, porque então passaria de bloqueadora a bloqueada, visto o exercito paraguayo já estar aquem, até, de Corrientes; essa divisão é surprehendida e atacada a 11 de junho de 1865 pela esquadra de Lopez, e, nesse dia, pela sua rectaguarda, abaixo do ponto que occupava, estava assestada uma bateria de vinte e duas peças!

A divisão bloqueadora estava bloqueada!

Muitas vezes, se tem fallado nos exercitos aguerridos do dictador Lopez, da artilharia moderna de que dispunham e do preparo e pratica dos artilheiros paraguayos; mas tudo isso dito mais realça por certo o valor das victorias que alcançámos nessa guerra. Mas quanta mentira, no emtanto, quanto exaggero.

Se, effectivamente, esses exercitos fôsem aguerridos, qual sorte seria a da esquadra brasileira, obrigada a combater sobre o barranco de Santa Catalina?

Esse erro de deixar-se cortar a retirada, já tem sido imputado por diversas vezes ao glorioso barão do Amazonas; e o illustre sr. almirante Jaceguay, no seu livro *Quatro seculos de actividade maritima*, ao seu preclaro espirito não tendo escapado essa falta daquelle notavel chefe, procura justificá-la. Mas, justamente porque o faz levado sómente pela veneração que, como nós, tributa a quem deu á

armada a gloria de Riachuelo, em palavras suas mesmo é facil buscar a condemnação do chefe Barroso, palavras que aliás já citámos e são as que se referem ás instrucções de Tamandaré a Gomensoro, modificadas pela sciencia que teve o primeiro da invasão de Corrientes; e se, como s. ex. diz, tão só o estricto dever de cumprir rigorosamente novas instrucções do mesmo chefe, forçava Barroso a manter-se em Riachuelo, teremos de accusar novamente o almirante Tamandaré, porque o que é indiscutivel é que collocar uma esquadra na posição em que se achava a nossa naquelle ponto, é um erro.

Diz tambem o sr. almirante Jaceguay: «sendo inadmissivel que Barroso não tivesse previsto a hypothese de teutarem os paraguayos interceptar a sua linha de communicações do rio Paraná» etc. «affrontava conscientemente esse risco. . . . para manter-se na rectaguarda de Robles, que era onde mais o incommodava».

Porque? Cortava-lhe as communicações? Não. O general paraguayo era senhor da margem do Paraná, acima e abaixo do Riachuelo.

Tinha Barroso a auxiliar-o uma columna de exercito que, num dado momento, desembarcando, atacasse a rectaguarda de Robles, estabelecendo ali uma base de operações que pudesse ser facilmente soccorrida pelo exercito, se já estivesse organizado, cortando então a retirada daquelle general, e podendo ainda armar, contra qualquer tentativa da esquadra paraguaya, no barranco, uma bateria de Santa Catalina, mas brasileira? Tambem não.

Assim, não valia affrontar esse risco de estabelecer a base do bloqueio em ponto onde o inimigo pudesse agir de surpresa, ficando obrigado a combater simultaneamente com a esquadra paraguaya e com os barrancos artilhados e peçados de atiradores, pelo mal que pudesse causar ao exercito de Robles, e que era, como foi, nenhum.

Affrontava Barroso aquelle risco porque desprezava o inimigo? E' um erro ainda.

Os paraguayos revelaram-se, realmente, duma falta de preparo tactico inacreditavel. Porém, antes de 11 de junho, quem nos pudera ver assim? Esse desprezo pela força inimiga é uma grave falta, dizem-no todos. E, como antes da prova, suppor que a bateria de Santa Catalina e dois mil infantes na barranco, tão pouco coadjuvassem a esquadra paraguaya que esta, após mais de uma hora de fogo, pudesse ser destroçada? Como levar aquelle desprezo até estabelecer-se em taes condições, que nem serviço de vigilancia era possível, que motivou receber-se o ataque com parte das guarnições em terra?

Vencemos, é certo, em Riachuelo; mas não estivemos a ser derrotados? Não foi justamente a imminencia desta derrota que levou Barroso á façanha arrojada e providencial de transformar a *Amazonas* em ariete, façanha á qual devemos a victoria?

E não foi só devido ao erro de ter a esquadra permanecido em Riachuelo, que os paraguayos estiveram a ponto de a aniquillar? E, se fôsemos derrotados, não seríamos forçados a attribuir essa derrota á imprevidencia do chefe?

Certamente—eis a resposta a todas essas perguntas.

Assim, pois, se Barroso agia por sua conta, errava.

Se, porém, apenas procurava cumprir strictamente as instrucções de Tamandaré, mais uma vez manifestava-se um grave erro, que tem dado causa a grandes desastres na guerra: entregar-se o commando supremo, a direcção de qualquer operação, a quem se acha fóra do theatro em que ella deve desenvolver-se. Mas, mesmo que as instrucções determinassem a Barroso a escolha de Riachuelo, para base de operações, este, dada a confiança e amizade que lhe dispensava Tamandaré, e, sabendo que estava ameaçado de ficar com a retirada cortada, deveria ter transferido sua base de operações, salvando assim a esquadra de um desastre a que o erro, então, de Tamandaré o arrastava.

E como admittir tão peremptorias instrucções de Tamandaré, se, quando a divisão bloqueadora, então sob a chefia de Gomensoro, subia o Paraná e lhe chegaram as noticias da invasão de Corrientes, elle modificára as instrucções dadas, para transferir a estação de bloqueio para um ponto ainda não dominado pelo exercito inimigo, e, posteriormente, em officio ao ministro da Marinha, explicando a descida da esquadra, dizia: «a descida da esquadra tornou-se necessaria para não ficar com a rectaguarda cortada e assim incomunicavel. E' preciso que ella marche sempre parallelamente ao movimento do exercito inimigo, emquanto este não fôr contido pelo nosso?»

Quanto ao mal que a nossa esquadra, pela rectaguarda de Robles, poderia causar-lhe, effectivamente seria grande; mas, depois da esquadra paraguaya destruida, e se o exercito estivesse organizado quando isto se deu entretanto, ella descia o rio, sujeitando-se, sem resultado pratico, aos fogos de *Mercedes* e *Coevas*, movimento de retirada que aliás se explica pela vassante que se manifestava.

Para comprovar ainda o risco do desastre a que esteve sujeita a esquadra em Riachuelo, fôsse delle causa um ou outro chefe, leiamos ainda dois trechos do sr. barão de Jaceguay:

«E foi uma victoria feliz, porque, ainda mesmo na hypothese de haver Barroso empenhado a acção com mais circumspecção do que o fez, acertando, previamente com seus commandantes, um plano de ataque, o desastre do encalhe succedido á *Jequetinhonha*, podia succeder a tres ou quatro dos nossos navios de maior calado e com as mesmas funestas consequencias. Nada mais factível, com effeito, do que semelhante accidente em um canal estreito, sinuoso e correntoso.» e «Extremamente critica, porém, se teria tornado a posição da nossa esquadra, se os paraguayos, imitando o expediente heroico dos russos na defesa de Sebastopol, tivessem tomado a resolução de obstruir o canal mettendo a pique uma parte da sua esquadra.»

Mas não havia necessidade desse expediente ou daquelles desastres, para que a victoria do Riachuelo se transformasse num insuccesso; bastaria que não estivesse a bordo da *Amazonas*, como chefe dessa esquadra, como guia daquelles heroicos commandantes, esse mesmo homem que, tendo, por culposa facilidade, exposto a honra e o nome da marinha á humilhação de uma derrota, ia, entretanto, pelo seu genio, pela sua audacia, conseguir num quarto d' hora o que noventa canhões não haviam conseguido numa hora; ia dar áquella honra e áquelle nome, o maior brilho que, na guerra, jámais alguém lhe deu.

Effectivamente, só o genio de Barroso venceu Riachuelo.

Qual seria o fim do combate se a prôa da *Amazonas*, transformada em ariete, Barroso não tomasse a resolução de atiral-a sobre os navios paraguayos — «escaungalhando-os», — na sua expressiva linguagem?

A *Jequetinhonha* encalhada, a *Belmonte*, fóra de combate, a *Parnayba*, abordada e mais da metade da sua guaruição morta, a *Iguatemy* e a *Berberibe*, muito damnificadas, qual seria o fim desse combate, se o arrojo do chefe Barroso, servido por um providencial golpe de vista e uma irrefreável iniciativa, não viesse, assombrando e enchendo de panico o inimigo, causar-lhe por uma manobra, ainda pouco conhecida, mais avarias que todo o fogo dos nossos navios lhe havia causado?

De que inutilidade dolorosa não seria a indomita bravura desses commandantes, encarando, estoicos, a immensidade do perigo que a situação comportava e batendo-se com um incedível valor?!

Não; tão só a Barroso devemos aquelle triumpho; e elle, na lucta, como chefe dessa esquadra que tão briosamente sustentava o combate, elevou-se tanto, engrandeceu-se de tal

fórma, que, para dar uma idéa de sua grandeza, somos fracos e não resistimos ao prazer de trasladar para aqui o bellissimo periodo da pagina magistral escripta sobre sua extraordinaria figura, pelo almirante Jaceguay: «Desde esse momento, um ardor achiliano inflamma o peito do velho guerreiro; seus olhos dardejaram relampagos através da nuvem de sua barba branca agitada pelo vento; a lança, que só elle pôde manejar, como o heróe de Homero, é a prôa do *Amazonas*, e Gustavino é seu Automedonte! Uma vez envolvido na peleja, elle renuncia ao mando á distancia, além das bordas da *Amazonas*; nem um novo signal da capitanea; que cada um cumpra o seu devar; elle commanda pelo exemplo, pela presença do seu vulto venerando no passadiço do navio; elle sente que a unidade tactica que obedece á sua voz immediata basta para exterminar toda a esquadra inimiga.»

O almirante Jaceguay, analysando o combate do Riachuelo, diz que Barroso, ali, «assume as proporções de um grande capitão do mar.»

Effectivamente, poucos vencedores de batalhas navaes terão revelado as qualidades tacticas que mostrou possuir o barão do *Amazonas*; e, sobretudo, tres circumstancias desse combate o affirmam: primeiro, quando seus commandantes indecisos em seguirem a *Belmonte*, que lá se fóra rio abaixo affrontando só o fogo do barranco, elle toma a iniciativa de mostrar, fazendo-o, o que competia a toda a esquadra: seguir a *Belmonte*; depois essa ausencia de ordens, por signaes; «que cada um cumpra o seu dever»; independencia aos seus commandantes; a melhor ordem era o seu exemplo a seguir; era «bater o inimigo o mais perto possível»; como? Cada commandante sabel-o-ia melhor fazer com seu navio do que elle ordenar de bordo da capitanea. Finalmente, essa consciencia absoluta do seu valor, essa certeza inabalavel da victoria que ia alcançar.

Acima, dissemos que desprezar o valor do inimigo, sem conhecimento seguro a seu respeito é um erro; é factó. Mas, essa certeza do seu poder, essa crença consciente, firme de obter uma victoria, é qualidade estimavel, e não só entre os generaes.

Em todos os ramos da actividade humana, todo o individuo que, firme, conscientemente, souber dizer, o «eu quero e hei de vencer», difficilmente será na vida um vencido.

Assim, se Barroso, por uma facilidade culposa, expuzera nossa esquadra a uma derrota, por suas extraordinarias qualidades de chefe, transformou uma possível derrota numa brilhante victoria, e esse triumpho,

resgata, com grande saldo, apaga, por completo, aquelle seu descuido.

TONHEIRO.

(Continúa)

(1) A. Jaceguay e V. de Oliveira— *Quatro seculos de actividade maritima.*

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O BEBADO E SUA MULHER

Cada um sestro tem,  
Em que avezado embica,  
De que nem medo o cura, nem vergonha.  
(Que eu não fallo, que exemplos não me  
escorem).

Lembra-me, ácerca, um conto,  
— Um confrade de Baccho  
Estragára a saúde, o siso, a china...  
(Nem correm esses melros  
Meia estrada, que a bolsa não lhe escorra).  
Cozido em chá de parra,  
Dum cangirão no fundo  
Deixára o meu bargante o seu juizo.  
Eis que a mulher m' o encaixa num esquite,  
Onde, á larga, cozeu a cabelleira.

Desperta: achia-se envolto  
Num lençol, — vê tocheiras, caldeirinha.  
(Bebado) Pois que váe! Minha esposa está  
viuva!

— Ella entra, então, em trages de uegéra,  
C'um hediondo semblante, e voz mudada:  
Chegando-se ao caixão,  
Dá-lhe assorda guisada para o dento.  
Então, crendo o marido  
Que já no inferno móra:

(Bebado) Dize quem és, plantasma,  
Que eu, da parte de Deus, requeiro o digas,  
(Mulher) Eu sou de Satanaz refeitoreira,  
Dou de comer aos que entram nesta furna.  
(Bebado) Maldita mondongueira,  
Trazes a codea, e esqueces-te da pinga?

FILINTO ELYSIO.

\*  
\*\*

### UNS BRAÇOS

Ignacio estremeceu, ouvindo os gritos do solicitador, recebeu o prato que este lhe apresentava e tratou de comer, debaixo de uma trovoada de nomes, malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco.

—Onde anda que nunca ouve o que lhe digo? Hei de contar tudo a seu pae, para que lhe sacuda a preguiça do corpo com uma bôa vara de marmello, ou um páu; sim, ainda pôde apanhar, não pense que não. Estúpido! maluco!

—Olhe que lá fóra é isto mesmo que você vê aqui, continuou, voltando-se para d. Severina, senhora que vivia com elle, maritalmente, ha annos. Confunde-me os papeis todos, erra as casas, váe a um escrivão em vez de ir a outro, troca os advogados: é o diabo! E' o tal somno pezado e contínuo. De manhã, é o que se vê; primeiro

que accorde é preciso quebrar-lhe os ossos. . . Deixe; amanhã hei de accordal-o a páu de vassoura !

D. Severina tocou-lhe no pé, como pedindo que acabasse. Borges expeitorou ainda alguns improperios, e ficou em paz com Deus e os homens.

Não digo que ficou em paz com os meninos, porque o nosso Ignacio não era propriamente menino. Tinha quinze annos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bella, olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga, que quer saber e não acaba de saber nada. Tudo isso posto sobre um corpo não destituído de graça, ainda que mal vestido. O paé é barbeiro na Cidade-Nova, e pôl-o de agente, escrevente, ou que quer que era, do solicitador Borges, com esperança de vel-o no fóro, porque lhe parecia que os procuradores de causas ganhavam muito. Passava-se isto na rua da Lapa, em 1870.

Durante alguns minutos, não se ouviu mais que o tinir dos talheres e o ruído da mastigação. Borges abarrotava-se de alface e vacca; interrompia-se para virgular a oração com um golpe de vinho e continuava logo calado.

Ignacio ía comendo devagarinho, não ousando levantar os olhos do prato, nem para collocal-os onde elles estavam no momento em que o terrivel Borges o descompoz. Verdade é que seria agóra muito arriscado. Nunca elle poz os olhos nos braços de d. Severina que se não esquecesse de si e de tudo.

Tambem a culpa era antes de d. Severina em trazel-os assim nús, constantemente. Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do hombro; dalli em deante, ficavam-lhe os braços á mostra. Na verdade, eram bellos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina, e não perdiam a côr nem a maciez por viverem ao ar; mas é justo explicar que ella os não trazia assim por faceira, senão porque já gastára todos os vestidos de mangas compridas. De pé, era muito vistosa; andando, tinha meneios engraçados; elle, entretanto, quasi que só a via á mesa, onde, além dos braços, mal poderia mirar-lhe o busto. Não se pôde dizer que era bonita; mas tambem não era feia. Nenhum adorno; o proprio penteado consta de mui pouco; alisou os cabellos, apanhou-os, atou-os e fixou-os no alto da cabeça com o pente de tartaruga que a mãe lhe deixou. Ao pescoço, um lenço escuro; nas orelhas, nada. Tudo isso com vinte e sete annos floridos e solidos.

Acabaram de jantar. Borges, vindo o café, tirou quatro charutos da algibeira, comparou-os, apertou-os entre os dedos, escolheu um e guardou os restantes. Acceso o charuto, fincou os

cotovellos na mesa e falou a d. Severina de trinta mil coisas que não interessavam nada ao nosso Ignacio; mas, emquanto falava, não o descompunha e elle podia devanear á larga.

Ignacio demorou o café o mais que pôde. Entre um e outro gole, alisava a toallia, arrancava dos dedos pedacinhos de pelle imaginarios, ou passava os olhos pelos quadros da sala de jantar, que eram dois, um S. Pedro e um S. João, registros trazidos de festa e encaixilhados em casa. Vá que disfarçasse com S. João, cuja cabeça moça alegre as imaginações, catholicas; mas com o austero S. Pedro era de mais. A unica defesa do moço Ignacio é que elle não via nem um nem outro; passava os olhos por alli como por nada. Via só os braços de d. Severiana, —ou porque sorrateiramente olhasse para elles, ou porque andasse com elles impressos na memoria.

—Homem, você não acaba mais? bradou, de repente, o solicitador.

Não havia remedio; Ignacio bebeu a ultima gotta, já fria, e retirou-se, como de costume, para o seu quarto, nos fundos da casa. Entrando, fez um gesto de zanga e desespero e foi depois encostar-se a uma das duas janellas que davam para o mar. Cinco minutos depois, a vista das aguas proximas e das montanhas ao longe restituia-lhe o sentimento confuso, vago, inquieto, que lhe doía e fazia bem, alguma coisa que deve sentir a planta, quando abotôa a primeira flôr. Tinha vontade de ir embóra e de ficar. Havia cinco semanas que alli morava, e a vida era sempre a mesma, saír de manhã com o Borges, andar por audiencias e cartorios, correndo, levando papeis ao sello, ao distribuidor, aos escrivães, aos officiaes de justiça. Voltava á tarde, jantava e recolhia-se ao quarto, até a hora da ceia; cejava e ía dormir. Borges não lhe dava intimidade na familia, que se compunha apenas de d. Severina; nem Ignacio a via mais de tres vezes por dia durante as refeições. Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silencio, porque elle só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

—Deixe estar,—pensou elle, um dia —fujo daqui e não volto mais.

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de d. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitia encaral-os logo abertamente; parece que até a principio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que elles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de tres semanas, eram elles, moralmente falando, as suas tendas de repouso. Aguentava toda a trabalhadeira de fóra, toda a melancolia da solidão e

do silencio, toda a grosseria do patrão, pela unica paga de ver, tres vezes por dia, o famoso par de braços.

Naquelle dia, emquanto a noite ía caíndo e Ignacio estirava-se na rede, (não tinha alli outra cama) d. Severina, na sala da frente, recapitulava o episodio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a idéa logo, uma creança! Mas ha idéas que são da familia das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, ellas tornam e pousam. Creança? Tinha quinze annos; e ella advertiu que entre o nariz e a bocca do rapaz havia um principio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ella bonita? Esta outra idéa não foi rejeitada, antes affagada e beijada. E recordou então os modos d'elle, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram symptomas, e concluiu que sim.

—Que é que você tem? disse-lhe o solicitador, estirado no canapé, ao cabo de alguns minutos de pausa.

—Não tenho nada.

—Nada? Parece que cá em casa anda tudo dormindo! Deixem estar, que eu sei de um bom remedio para tirar o somno aos dorminhocos.

E foi por alli, no mesmo tom zangado, fuzilando ameaças, mas realmente incapaz de as cumprir, pois era antes grosseiro que máu. D. Severina interrompia-o que não, que era engano, não estava dormindo, estava pensando na comadre Fortunata. Não a visitavam desde o Natal; porque não iriam lá uma daquellas noites? Borges redarguia que andava cançado, trabalhava como um negro, não estava para visitas de parola; e descompoz a comadre, descompoz o compadre, descompoz o afilhado, que não ía ao collegio, com dez annos! Elle, Borges, com dez annos, já sabia ler, escrever e contar, não muito bem, é certo, mas sabia. Dez annos! Havia de ter um bonito fim:—vadio, e o covado e meio nas costas. A tarimba é que viria ensinál-o.

D. Severina apaziguava-o com desculpas, a pobreza da comadre, o caiporismo do compadre, e fazia-lhe carinhos, a medo, que elles podiam irrital-o mais. A noite caíra de todo; ella ouviu o *tic* do lampeão do gaz da rua, que acabavam de accender, e viu o clarão d'elle nas janellas da casa fronteira. Borges, cançado do dia, pois era realmente um trabalhador de primeira ordem, foi fechando os olhos e pegando no somno, e deixou-a só na sala, ás escuras, comsigo e com a descoberta que acaba de fazer.

Tudo parecia dizer á dama que era verdade; mas essa verdade, desfeita a impressão do assombro, trouxe-lhe uma complicação moral, que ella só conheceu pelos effeitos, não achando

meio de discernir o que era. Não podia entender-se nem equilibrar-se; chegou a pensar em dizer tudo ao solicitador, e elle que mandasse embóra o fedelho. Mas que era tudo? Aqui estacou: realmente, não havia mais que supposição, coincidência e possivelmente illusão. Não, não, illusão não era. E logo recolhia os indícios vagos, as attitudões do mocinho, o acanhamento, as distracções, para rejeitar a idéa de estar enganada. Dahi a pouco, (capciosa natureza!) reflectindo que seria máu accusal-o sem fundamento, admittiu que se illudisse, para o unico fim de observal-o melhor e averiguar bem a realidade das coisas.

Já nessa noite, d. Severina mirava por baixo dos olhos os gestos de Ignacio; não chegou a achar nada, porque o tempo do chá era curto e o rapaziinho não tirou os olhos da chicara. No dia seguinte, pôde observar melhor, e nos outros optimamente. Percebeu que sim, que era amada e temida, amor adolescente e virgem, retido pelos liames sociaes e por um sentimento de inferioridade que o impedia de reconhecer-se a si mesmo. D. Severina comprehendeu que não havia receiar nenhum desacato, e concluiu que o melhor era não dizer nada ao solicitador; poupava-lhe um desgosto, e outro á pobre creança. Já se persuadia bem que elle era creança, e assentou de o tratar tão seccamente como até alli, ou ainda mais. E assim fez; Ignacio começou a sentir que ella fingia com os olhos, ou falava aspero, quasi tanto como o proprio Borges. De outras vezes, é verdade que o tom da vóz saía brando e até meigo, muito meigo; assim como o olhar, geralmente esquivo, tanto errava por outras partes, que, para descansar, vinha pousar na cabeça delle; mas tudo isso era curto.

— Vou-me embóra, repetia elle na rua, como nos primeiros dias.

Chegava a casa e não se ía embóra. Os braços de d. Severina fechavam-lhe um parenthesis no meio de longo e fastidioso periodo da vida que levava, e essa oração intercalada trazia uma idéa original e profunda, inventada pelo céo unicamente para elle. Deixava-se estar e ía andando. Afinal, porém, teve de saír, e para nunca mais; eis aqui como e porquê.

D. Severina tratava-o desde alguns dias com benignidade. A rudeza da vóz parecia acabada, e havia mais do que brandura, havia desvello e carinho. Um dia, recommendava-lhe que não apanhasse ar; outro, que não bebesse agua fria depois do café quente, conselhos, lembranças, cuidados de amiga e mãe, que lhe lançaram na alma ainda maior inquietação e confusão. Ignacio chegou ao extremo de confiança de rir um dia á mesa, coisa que jámais fizera; e o solicitador não

o tratou mal dessa vez, porque era elle que contava um caso engraçado, e ninguem pune a outro pelo applauso que recebe. Foi então que d. Severina viu que a bocca do mocinho, graciosa estando calada, não o era menos quando o ria.

A agitação de Ignacio ía crescendo, sem que elle pudesse acalmar-se nem entender-se. Não estava bem em parte nenhuma. Accordava de noite, pensando em d. Severina. Na rua, trocava de esquinas, errava as portas, muito mais que dantes, e não via mulher, ao longe ou ao perto, que lh'a não trouxesse á memoria. Ao entrar no corredor da casa, voltando do trabalho, sentia sempre algum alvoroço, ás vezes grande, quando dava com elle no topo da escada, olhando através das grades de páu da cancella, como tendo acudido a ver quem era.

Um domingo,—nunca elle esqueceu esse domingo,—estava só no quarto, á janella, virado para o mar, que lhe falava a mesma linguagem obscura e nova de d. Severina. Divertia-se em olhar para as gaivotas, que faziam grandes giros no ar, ou pairavam em cima d'agua, ou avoaçavam sómente. O dia estava lindissimo. Não era só um domingo christão; era um immenso domingo universal.

Ignacio passava-os todos alli no quarto ou á janella, ou relendo um dos tres folhetos que trouxera consigo, contos de outros tempos, comprados a tostão, debaixo do passadiço do largo do Paço. Eram duas horas da tarde. Estava cansado, dormira mal a noite, depois de haver andado muito na vespera; estirou-se na rede, pegou em um dos folhetins, a *Prinzeza Magalona*, e começou a ler. Nunca pôde entender porque é que todas as heroínas dessas velhas historias tinham a mesma cara e talhe de d. Severina, mas a verdade é que os tinham. Ao cabo de meia hora, deixou caír o folheto e poz os olhos na parede, donde, cinco minutos depois, viu saír a dama dos seus cuidados. O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embóra com as palpebras cerradas, viu-a desprender-se de todo, parar, sorrir e andar para a rede. Era ella mesma; eram os seus mesmos braços.

E' certo, porém, que d. Severina, tanto não podia saír da parede, dado que houvesse alli porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. Ouviu-o descer; foi á janella vel-o saír e só se recolheu quando elle se perdeu ao longe, no caminho da rua das Mangueiras. Então entrou e foi sentar-se no canapé. Parecia fóra do natural, inquieta, quasi maluca; levantando-se, foi pegar na jarra que estava em cima do aparador e deixou-a no mesmo lugar;

depois caminhou até á porta, deteve se e voltou, ao que parece, sem plano. Sentou-se outra vez, cinco ou dez minutos. De repente, lembrou-se que Ignacio comera pouco ao almoço e tinha o ar abatido, e advertiu que podia estar doente; podia ser até que estivesse muito mal.

Saíu da sala, atravessou rasgadamente o corredor e foi até ao quarto do mocinho, cuja porta achou escancarada. D. Severina parou, espiou, deu com elle na rede, dormindo, com o braço para fóra e o folheto caído no chão. A cabeça inclinava-se um pouco do lado da porta, deixando ver os olhos fechados, os cabellos revoltos e um grande ar de riso e de beatitude.

D. Severina sentiu bater-lhe o coração com vehemencia e recuou. Sonhára de noite com elle; pôde ser que elle estivesse sonhando com ella. Desde madrugada que a figura do mocinho andava-lhe deante dos olhos como uma tentação diabolica. Recuou ainda, depois voltou, olhou dois, tres, cinco minutos, ou mais. Parece que o somno dava a adolescencia de Ignacio uma expressão mais accentuada, quasi feminina, quasi pueril. Uma creança! disse ella a si mesma, naquella lingua sem palavras que todos trazemos conosco. E esta idéa abateu-lhe o alvoroço do sangue e dissipou-lhe em parte a turvação dos sentidos.

— Uma creança!

E mirou-o lentamente, fartou-se de vel-o, com a cabeça inclinada, o braço caído; mas ao mesmo tempo que o achava creança, achava-o bonito, muito mais bonito que accordado, e uma dessas idéas corrigia ou corrompia a outra. De repente, estremeceu e recuou assustada: ouvira um ruido ao pé, na saleta do engommado; foi ver: era um gato que deitára uma tijela ao chão. Voltando devagarinho a espial-o, viu que dormia profundamente. Tinha o somno duro a creança! O rumor que a abalára tanto, não o fez siquer mudar de posição. E ella continuou a vel-o dormir,—dormir e talvez sonhar.

Que não possamos ver os sonhos uns dos outros! D. Severina ter-se-ia visto a si mesma na imaginação do rapaz; ter-se-ia visto deante da rede, risonha e parada; depois inclinar-se, pegar-lhe nas mãos, leval-as ao peito, cruzando alli os braços, os famosos braços. Ignacio, namorado d'elles, ainda assim ouvia as palavras della, que eram lindas, callidas, principalmente novas,—ou, pelo menos, pertenciam a algum idioma que elle não conhecia, posto que o entendesse. Duas, tres e quatro vezes a figura esvaía-se, para tornar logo, vindo do mar ou de outra parte, entre gaivotas, ou atravessando o corredor, com toda a graça robusta de que era capaz. E tornando, inclinava-se, pegava-lhe

outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que, inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na bocca.

Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas boccas uniram-se na imaginação e fóra della. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até á porta, vexada e medrosa. Dalli, passou á sala da frente, aturdida do que fizera, sem olhar fixamente para nada. Afiava o ouvido, ía até o fim do corredor, a ver se escutava algum rumor que lhe dissesse que elle acordára: e só depois de muito tempo é que o medo foi passando. Na verdade, a creança tinha o somno duro: nada lhe abria os olhos, nem os fracassos contiguos, nem os beijos de verdade. Mas, se o medo foi passando, o vexame ficou e cresceu. D. Severina não acabava de crer que fizesse aquillo; parece que embrulhára os seus desejos na idéa de que era uma creança namorada que alli estava sem consciencia nem imputação; e, meia mãe, meia amiga, inclinára-se e beijára-o. Fôsse como fôsse, estava confusa, irritada, aborrecida, mal consigo e mal com elle. O medo de que elle podia estar fingindo que dormia apontou-lhe na alma e deu-lhe um calefrio.

Mas a verdade é que dormia ainda muito, e só accordou para jantar. Sentou-se á mesa lepidamente. Comquanto achasse d. Severina calada e severa e o solicitador tão rispido como nos outros dias, nem a rispidez de um, nem a severidade da outra podiam dissipar-lhe a visão graciosa que ainda trazia consigo, ou amortecer-lhe a sensação de beijo. Não reparou que d. Severina tinha um chale que lhe cobria os braços; reparou depois, na segunda-feira, e na terça-feira, também e até sabbado, que foi o dia em que Borges mandou dizer ao pae que não podia ficar com elle; e não o fez zangado, porque o tratou relativamente bem e ainda lhe disse á saída:

— Quando precisar de mim para alguma coisa, procure-me.

— Sim, senhor. A sra. d. Severina...

— Está lá para o quarto com muita dôr de cabeça. Venha amanhã ou depois despedir-se della.

Ignacio saíu sem entender nada. Não entendia a despedida, nem a completa mudança de d. Severina, em relação a elle, nem o chale, nem nada. Estava tão bem! falava-lhe com tanta amizade! Como é que, de repente... Tanto pensou que acabou suppondo de sua parte algum olhar indiscreto, alguma distracção que a offendera; não era outra coisa; e daqui a cara fechada e o chale que cobria os braços tão bonitos... Não importa; levava consigo o sabor do sonho. E através dos annos, por meio de outros amores,

mais effectivos e longos, nenhuma sensação achou nunca igual á daquelle domingo, na rua da Lapa, quando elle tinha quinze annos. Elle mesmo exclama ás vezes, sem saber que se engana:

— E foi um sonho! um simples sonho!

MACHADO DE ASSIS.

—  
O ALMIRANTE (45)  
—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—  
CAPITULO XIX

A luz de reflexos vermelhos parecia um insistente olhar de cobiça fixada sobre a marquezia, um olhar abrazado de volupia, attraíndo-a com a força irresistivel de uma fascinação, a que ella se subtraíu fechando rapidamente a janella.

Todo o seu corpo flexivel tremia em vibrações freneticas, á proporção que ella se despia, libertando-o das bretanhas alvissimas, do roupão, das saias, caíndo desordenadamente, em torno, até ficar velado pela camisa leve, presa ás ancas redondas e fortes, desnudado o busto modelar, colorido de jambo, os seios rijos, terminando em botões morenos, erectos no centro de discos ainda mais escuros, ponteados de pequenos botões lividos, denunciando os stygmata inexoraveis da raça. Dessas roupas mornas do contacto daquelle admiravel corpo de mestiça, se evaporava de mistura com os perfumes distillados nos laboratorios da chimica elegante, uma capitolosa emanção de mulher, agitada pelos instinctos agonisantes nas entranhas doentes, revoltados num esforço impotente para estimularem funcções precocemente interrompidas. Num arrebatado gesto de lascivia, ella reuniu á compressão das mãos febris os seios tremulos e curvou a cabeça numa ancia de beijal-os, de aspirar-lhes a essencia acre de fructos sazonados, de mordel-os, de devoral-os. Seus braços se ergueram num gesto de desespero, expondo as tufas negras das axilas; as mãos desfizeram o penteado, a cabeça lhe pendeu para traz e os cabellos crespos lhe caíram revoltos pelas espaduas nús.

Um sopro de loucura lhe devastava o cerebro; as idéas, os pensamentos lubricos o atravessaram em tropel desordenado como um rebanho de feras libertadas, um magote, de animaes exóticos apavorantes, a rugirem famintos.

A impressão do frio e as fortes dôres nos quadris, agudas, alanceantes como se pontas de púas os penetrassem, libertaram-na do rapido delirio sensual. Ella se abrigou, en-

vergonhada, aquecida por uma subita onda de sangue quente, na camisa de dormir, toda espumante de rendas, que semelhavam tecidos ephemeros e recostou-se alquebrada nos fôfos travesseiros do magnifico leito, o seu thalamo de ventura, transformado pela viuvez, numa grelha de supplicio.

Com um ligeiro suor, lhe voltára a calma, e a marquezia, o peito arquejante ainda do esforço para se dominar, pensava na estranha visita dos conspiradores, no exito do plano de restauração, na perfidia de Dolores, procurando dissuadir-se da suspeita que, máu grado seu, persistia no trabalho demolidor de verme incansavel, inatacavel.

Sabia que o pavilhão de Oscar tinha uma porta independente para o exterior da chacara. Era por alli que recebia os seus raros amigos, as visitas officiaes, os camaradas que o procuravam para conferenciarem sobre o serviço publico. Seria, portanto, muito facil receber Dolores, outra mulher...

Não podendo, então, conter-se, a marquezia ergueu-se, entreabriu de manso a janella e olhou para fóra, como quem espreita anciosamente. A luz terrivel, aquelle fatidico olhar criminoso, inflammado de volupia se extinguiu; não perfurava mais a folhagem densa com os seus raios sanguineos. Com um suspiro de allivio, de segurança, a marquezia voltou ao leito, onde se estirou numa attitude abandonada de lassitude extenuante.

Que tenho com isso?—pensava ella. Que me importa que Oscar ame outra mulher, com esse amor que domina, que absorve, ou com esse capricho ephemero, que deixa momentos de desvario, e não deixa vestigios no coração ou na consciencia; saciedade de aventura, que constitúe o peccadilho banal de todos os homens, senão uma incontestavel prerogativa de sexo forte? Que tinha com isso? Para que se preocupar com essa aventura, que passaria ignorada sem a delação daquelles dois homens sinistros, como duas aves de agouro adejando no ambiente sereno do seu lar deserto? Era imprescindivel conformar-se, mais cedo ou mais tarde, talvez no dia seguinte, inesperadamente, com o quinhão, diminuto ou grande, que lhe coubesse na partilha do coração do seu querido Oscar. Ella verificava, pela situação dolorosa em que se achava, haver no coração das mães extremosas, laivos sensuaes, explodindo quando se lhes antolha o espectro da mulher amada pelos filhos. As mães raramente encontram digna delles a escolhida. E quasi todas resistem, até que vence o affecto maternal feito de abnegação, de sacrificio, de misericordia para os mais nefandos crimes. Oscar deveria procurar uma esposa; ella, mesma, fa-

zendo as vezes de mãe, tinha o dever de ajudal-o, de encaminhal-o nesse passo melindroso, para crear em torno de si uma familia sua, feita de creaturas amadas que lhe povoassem com as flôres do carinho sincero a desolação da viuvez, lhe attenuassem, como um ornamento vivo, os progressivos vestigios da velhice implacavel, lhe cobrissem de hera virente, de flôres perfumadas as ruinas da existencia. Sentia-se incumbida da missão de despertar o coração de Oscar, de chamal-o á vida intensa, donde o tinham afastado exaggeradas preoccupações profissionaes, a impressão das viagens a paizes longinquos, a impressão do mar immenso, da solidão prolongada, da absorpção de estudos, da excessiva cultura intellectual, infundindo-lhe uma especie de desdém pelas coisas vulgares, pelas importantes minucias da vida e augmentando a sombra da innata tristeza de orphão.

Cumprindo, sem affectação, sem alarde, o seu dever de soldado durante o Imperio, Oscar permanecia com a mesma rigidez inquebrantavel ao serviço da Republica, como se, no seu espirito fechado ás convicções politicas, não houvesse penetrado essa comburente chamma do patriotismo, excitando a mais nobre das paixões, a paixão dominante nos homens superiores, a paixão que funde os homens mais vulgares, mais humildes, em heróes, em martyres.

Se a conspiração fôra uma empreza séria, se houvera congregado num impulso patriótico todas as energias dos homens dedicados á monarchia, á familia imperial, forneceria a occasião para o destaque definitivo de Oscar, que seria o homem do momento, a personalidade de bastante prestigio para suster a reacção, para manter a victoria da contra-revolução até a completa restauração das instituições. E estaria assim concretisado num facto glorioso o sonho da marquezia, tornar-se-ia astro essa nebulosa condensada em torno da idéa fixa que era o fóco do seu espirito, a sua unica e mais anhelada ambição de grandeza, de immortalidade.

A torrente de pensamentos absurdos, de idéas contradictorias era, por vezes, interrompida pela funcção de dôres agudas: ella mordida os labios para suffocar os gemidos e comprimia os quadris com força, estorcendo-se no leito, onde o seu corpo parecia embutido num admiravel relevo.

Abraçada a um dos travesseiros, a marquezia, extenuada, passou, docemente, do delirio ao sonho, aquelles terriveis sonhos exóticos que, havia muito, eram o tormento das suas tristes noites de fugaz repouso.

No dia seguinte, ao amanhecer, ella desceu ao andar terreo e encontrou Oscar esperando-a para o almoço.

— Como passou a noite Guilhinha? — inquiriu elle, beijando-lhe a fronte.

— Como sempre, mal, muito mal — respondeu a marquezia, fatigada, re-tendo-lhe as mãos — E tu, como passaste?

— Eu, bem.

— Estiveste acordado até muito tarde...

— E' verdade — respondeu Oscar, em certo tom de hesitação, que não escapou ao olhar da marquezia, fixado sobre elle — Estive trabalhando. Porque m'o pergunta?

— Vi luz nas tuas janellas...

— Tinha de resolver um negocio urgente, um plano de organização naval em que está muito empenhado o governo, trabalho perdido, talvez, para augmentar os multiplos estudos que, até agóra, nenhum resultado deram. Oh, esse regimen de planos, que ficam no papel, asphixiam todas as iniciativas. E' uma coisa dolorosa trabalhar com a quasi certeza de estar empregando esforços inuteis.

— Esforços inuteis — accrescentou a marquezia — para servir gente que não merece tamanha dedicação.

— Eu não tenho em mira recompensas, nem as pessoas a quem sirvo: cumpro, simplesmente, o meu dever de militar.

— O teu dever!...

— Sim, o meu dever...

Houve um momento de silencio, que terminou com uma repentina pergunta da marquezia:

— Sabes que Dolores está muito relacionada com os homens do governo?

— Sei, sim. Por signal, devo-lhe um grande favor.

— Um grande favor?...

— Consta-me que por intervenção della escapei de ser preso, quando delatores miseraveis insinuavam suspeitas á minha lealdade, no dia da partida da familia imperial...

— Dolores, então?...

— Foi ter com o marechal Deodoro, que ordenou fôsem todos os actos de defeza e segurança do governo submettidos préviamente ao seu juizo... O ministro da Guerra, por sua vez, garantiu do modo mais cabal a minha lealdade. Quando, em companhia do conselheiro, eu saíra do paço, na direcção do arsenal de marinha, encontrei Dolores, que me procurava para avisar-me do que se tramára contra mim. E' claro que devo ser grato a essa senhora...

— Grato. Ella talvez exija de ti mais do que reconhecimento.

E como Oscar fitasse nella olhos admirados, a marquezia affirmou, com energia:

— Essa mulher te ama...

Antes que elle pudesse contestar, ella proseguiu num ardente tom de certeza:

— Essa mulher te ama e nos espi-

ona; segue todos os teus passos; entra nesta casa como se fôsse o olhar da policia.

— Dolores poderá ter muitos defeitos; poderá ser, como se diz, uma mulher leviana, um tanto desenvolta, mas acho-a incapaz de uma infamia.

— Tu a defendes!...

— Penso que as imputações da protervia são eguaes a essa de ser ella um espião... Não, Guilhinha, a tua ternura maternal exaggera os factos comesinhos. Tu te enciúmas minha querida, sem razão.

Oscar continuou tranquillamente a refeição, ao passo que a marquezia fitava-o sempre como lhe tentasse surprehender os pensamentos reconditos,

— Tranquillisa-te, querida mãezinha — proseguiu elle, com um ligeiro sorriso de ironia — Meu coração está ainda vedado ao accesso do amor como a avenida do teu Paraizo, entretecida de frondosa ramaria, de urzes emaranhadas com o tempo, em formidavel obstaculo. Tu serias a primeira a saber, serias a confidente do meu primeiro movimento para o amor, que se me figura perdido numa ilha desconhecida, cercada de mares tempestuosos, apartada do roteiro da minha vida. Quanto a Dolores, eu attribuo o seu interesse por mim a um natural movimento de amizade, uma consequencia das nossas relações...

— Não tenho ciúmes de ti — murmurava a marquezia, confusa, as faces enrubescidas por uma fugaz onda de sangue — Acho que esse amor criminoso te prejudicaria na posição que occupas... Afinal de contas, tu és livre; eu nada deveria ter com os teus caprichos, com a tua vida intima.

— Eu agradeço esse interesse do teu coração solícito. Não tenhas receio...

— Bem, não te falarei mais nisso. Confio em ti absolutamente, como se póde confiar num filho.

— Num filho — tornou Oscar, erguendo-se e tomando-lhe as mãos macias — capaz de todos os sacrificios por ti...

— De todos os sacrificios? — inquiriu a marquezia, com firmeza, conchegando-o com ternura ao seio arquejante. — Se eu te pedisse que abandonasses o governo. Sim, esses rebeldes que se apudaram das posições.

Oscar hesitou durante alguns momentos e respondeu, subjugado:

— Eu obedeceria.

A marquezia estreitou-o num longo anplexo; beijou-o nas faces e murmurou-lhe num suspiro de desafogo:

— Basta, meu filho...

Oscar desvencilhous-se dos braços da marquezia e partiu preocupado, como se lhe turvasse o cerebro um importuno pensamento.

Num passo firme, a marquezia o acompanhou até á porta e seguiu com um olhar de carinho o carro que o conduzia.

—Manda atrelar o coupé—disse ella a Sebastião, que se approximava em attitude de humilde reverencia.—Que é do Gião ?

—O primo—respondeu o feitor — a modos que estava com saudades da cidade; partiu pela manhã cedo. A fortuna lhe não tirou o habito de madrugador. Aquillo é como todos os nossos da familia, madrugador como um gallo.

(Continúa).

### FOLK-LORE DO BRAZIL CENTRAL

...de todo esqueceram e fizeram esquecer os tons e os modos da genuina poesia da nossa terra.

GARRETT.

Livro sincero na intenção, de intenso sabor nativo, nosso, genuinamente brasileiro, na propria accepção desta palavra — seria aquelle em que o auctor inscrevesse num intercolumnio d'arte, com toda alma e amor, a tradição, superstições populares, costumes, vida e scenarios sertanistas do Alto Brazil — edenica região onde se passaram os dramas e as tragedias mais golpeantes da descoberta e conquista dos sertões continentaes, desde o inicio do grande cyclo dos bandeirantes paulistas até á integralisação da nossa nacionalidade.

Nessa expandida área geographica chamada o planalto brasileiro, que apanha ou recebe todos os climas, a flora e a fauna dos tropicos com as da região meridional e cis-andina se encontram com as da zona central — entrelaçam-se, cruzam e consorciam, formando um como que gigantesco parque nacional — agreste e primitivo.

Goyaz é, como disse o mallogrado André Rebouças : — um Egypto que tem dois Nilos (o Tocantins e o Araguaya), mas que não tem desertos de areia, que é todo elle fertil, que tem ouro e diamantes, crystaes de rocha ao infinito, soberbas montanhas e planaltos de 1.000 a 3.000 metros de altitude, cobertas de gramineaes campestinas e de odoríferas florestas povoadas das mais ricas madeiras do mundo.

O nosso *Far-West* tem mais de um ponto de analogia e semelhança com

o dos Estados Unidos da America : — traz no seio a virtualidade de um alto destino social e humano no irradiar da futura civilisação sul-americana.

Mas a tajnyrama que povoava o nosso, ao tempo da descoberta, não teve o seu Fenimore Cooper, nem os *cow-boys* goyanos e mattogrossenses ainda mereceram as vistas e solitudes de um Roosevelt nosso — historiador e geographo a um tempo, e que nos desse a conhecer a conquista desse oéste, onde se encontraram as tres raças distinctas que, amalgamadas e fundidas ao sol do sertão, produziram um typo inteiramente novo — o mestiço, que, por transformação physiologica, será o brasileiro d'amanhã, arbitro na extensão continental da Sul-America.

Lá é que o sr. Euclides Cunha, com rara felicidade, encontraria o typo do véro sertanejo — que não esse depauperado jagunço, pária da zona estreita da Bahia, vizinha do littoral e em contacto com o elemento estrangeiro, que nos váe desnacionalisando pelo cosmopolitismo crescente.

Os nossos historiadores, que por ali vivem eternamente a fazer sedições prelecções sobre a descoberta do littoral, a investigar quando as armadas vieram effectivamente, a explicar uma porção de pontos obscuros da vida de boçaes donatarios das capitánias — esses, ou seja por ignorancia ou má vontade, ainda não tentaram o estudo dos motins politicos, das luctas de todo genero travadas no interior do Brazil, desde a dispersão do nucleo colonial dos campos de Itapitininga até á Independencia — como, por exemplo, o famoso 30 de maio, que em Cuyabá foi o exterminio completo, radical, da *gente de baixo*, como lá eram conhecidos os portuguezes.

Tal acontecimento teve mais consequencias e influiu mais na vida do Brazil central que a lucta entre paulistas e emboavas nas margens do Rio das Mortes, longamente celebrada pelo romancista Bernardo Guimarães.

O norte de Goyaz esteve por muito tempo em armas, politicamente separado do sul, com a séde de um governo republicano na villa de Cavalcante.

Episodio historico tão natural como esse na nossa vida politica, nem siquer solicitou a penna dos publicistas que se téem occupado ás vezes dos mais insignificantes motins e rebel-

liões *praieiras* que se deram em outras provincias, sempre em fóco, em todos os tempos.

Restringindo-nos ao nosso assumpto.

Nenhuma pagina da litteratura nacional valeria em emotividade áquella em que se reconstituisse, em toda a pureza e frescura primitivas, a alma supersticiosa e ingenua do íncola sob a ameaça dum *Anhanguera*, aterrorisando-a com o estratagemas de, como no alcool que levava, lançar fogo aos rios, fazendo levantar das correntes crystallinas nuvens igneas, e transformando o borborinho das cascatas espumantes em crepitações de ferro em braza, salpicando faúlhas no espaço incendiado.

Esse simples e só episodio da epopéa sertanista tem mais de grandeza homerica que todos quanto rezam as chronicas dos dias em que as tripulações dos navios portuguezes desceram á terra do Brazil.

No emtanto, dia a dia vão se desapparecendo os encantos do nosso vasto scenario sertanista ; a *úbirá* do selvagem já não deslisa sobre o espelho das aguas do Tocantins ; os duendes dos guerreiros araguayos não mais caminham, na lenda, pelas margens do grande rio, onde a filha da Cobra Grande, quebrando o fructo da tarumã, separára a noite do dia—fazendo cantar o caúby, ás horas crepusculares ; e talvez nunca mais a flecha hervada do gentio descreverá no ar a curva mortífera mensageira do odio aborigena.

Tambem nas invias trilhas tapejaras daquelles sertões, se váe apagando o rasto deixado pelos bandeirantes masculos doutr'óra ; e já pouco resta, de memoria de homem, da sobrevivencia alli dos negros da costa d'Africa, dos degredados e fugitivos da metropole, dos ciganos e outras gentes heterochtones que talaram as montanhas repletas d'ouro, immoveis e grimpantes, pelas gulpiaras a dentro, cantando e garimpando, revolviendo cascalhos diamantinos, cavando as piçarras das minas, ao passo que a tapuyada se ía em fuga, batida a ferro e fogo, pelo invasor do *Pindorama*, e cada vez mais se interiorando rumo dos cerros azues que mostravam Martyrios dos Aráes—longinquas e mysteriosas paragens, vagamente assignaladas nos roteiros de muitas gerações



de sertanistas e nunca, até agora, encontradas.

Salve-se, ao menos em parte, o espolio poetico de tantos elementos ethnicos, cujas tradições não é licito se percam num passado que ainda se poderá reconstituir inteiro — pois não tão distante váe dos nossos dias a primeira *entrada* do Anhanguéra.

Si, como disse um escriptor—«mais do que em suas superstições e festas, que são o seu lado excepcional, devemos estudar o povo no seu trabalho, que é a sua feição normal»—certo que foi lavrando as minas ouríferas e diamantíferas, no interior do nosso paiz, que a raça africana importada nos tempos coloniaes trabalhou mais, cantando, e, portanto, foi lá que ella mais cantou, e lá é que devemos procurar de preferencia seus cantares, as suas superstições; e egualmente será nas zonas mais intensivamente pastoris e ganadeiras nossas, que se estendem de Minas até Goyaz e Matto-Grosso, que havemos de estudar, em flagrante, a raça mestiça nos seus typos de vaqueiros, vestidos de couro, que pastoreiam o gado e conduzem as boiadas destinadas ao consumo nas cidades littoraneas.

Do mesmo modo, é ainda lá nessas alturas do grande sertão que se perpetua, com a rotina doutros tempos, o regimen dos *muchirões* para as derrubadas de mattas virgeus; que com tanto ou mais labor se fazem as chamadas moagens de canna de assucar; que os tropeiros—paulistas, mineiros e goyanos — labutam, trafegando as estradas que conduzem aos confins de Goyaz e Matto-Grosso; é, finalmente, lá, subindo as 700 leguas do longo curso do Tocantins-Araguaya, impellido, á força de vareijão, pezados e toscas embarcações *mineiras*, que o indio catechizado canta, vindo nostalgico do Pará para o planalto goyano.

A par de tudo isso, ha alli a tradição dos bandeirantes, seus roteiros que seduzem e exaltam o espirito aventureiro, as leudas da mãe do ouro, os poços encantados, as almas penadas, que guardam os enterros sob o arvoredo das tapéras, e todo um mundo estranho povoado de entes monstruosos, que de dia dormem ao fundo dos lagos inexplorados, como os Rodelleiros, os cavallos marinhos, os minhocões e a cobra dormideira — serpente

cynocephala que se aquece ao sol nas ribanceiras dos grandes rios.

Outro caracteristico do *folk-lore* do interior são as chamadas *decimas* — descripções dos costumes e habitos de vida dos representantes da fauna indigena, equivalentes aos *romances* e *xacarás* conhecidas no norte do Brazil, como o do *boi Espacio* do Ceará, a *vacca do Burel*, de Sergipe.

São egualmente característicos do Brazil central, os chamados *desafios*, genero popular que aliás não apparece nos trabalhos do sr. Sylvio Romero e outros que se têm occupado de semelhantes estudos entre nós.

E' precisamente nesses desafios que os caipiras tomam o pulso dos seus rivaes, nos improvisos.

— *Da palma nasce o palmito,  
Do coqueiro nasce a palma;  
Quero que você me conte  
Quem entrou no céu sem alma?*

Responde o outro:

— *Do coqueiro nasce a palma  
Da palma nasce o palmito  
Quem entrou no céu sem alma  
Foi a cruz de Jesus Christo...*

A poesia lyrica, repassada de sentimentalismo, pôde ser alli melhor apreciada que ao norte ou sul do Brazil — pois sómente na tradicional viola mineira de Queluz, magico instrumento musical que excede ao cavaquinho nortista e á guitarra serrana do Rio Grande do Sul, é que reside o encanto inegualavel, a denguiçe indizível dos *ponteados* dos batuques e *caterêts* de Minas, oeste de S. Paulo, Goyaz e Matto Grosso, onde se ouvem quadrinhas assim:

— *Vinde cá minha bem feita  
Centurinha de mesura,  
Corpinho de fila lavrada  
Boquinha de péra madura!*

A poesia mystica é mais uma feição especial do *folk-lore* do interior, que encerra composições como esta:

— *O sol entrou na vidraça  
E satú sem tocar nella;  
Assim foi a Virgem Maria  
Que pariu e ficou donzella...*

Como muito bem observou Affonso Arinos, nos sertões goyanos a musica popular se irmaná no seio do povo com os proprios hymnos e as cerimoniaes da igreja.

O distincto auctor do *Pelo Sertão*, na sua conferencia sobre a musica popular, realisada em Petropolis, citou o facto de numa missa de Natal entrar na matriz da cidade de Posse, ao norte

de Goyaz, um violeiro que, «como a coisa mais natural deste mundo, sem que nem o proprio padre estranhasse», tirou da sua viola, enfeitada de fitas azues e encarnadas, esta profandade:

— *Viva o cravo, viva a rosa,  
Viva a flor de Alexandria,  
Viva quem tem seus amores  
Na cidade da Bahia!*

HENRIQUE SILVA.

## A GERAÇÃO ESPONTANEA

*As experiencias de Burke — As tentativas do doutor Dubois, com uma gelléa colloidal á acção do baryum.*

De uma das excellentes *chronicas documentadas*, publicadas por Emile Gautier, extraímos informações sobre o geração espontanea, interessante assumpto, de que já nos occupámos.

Os nossos leitores conhecem a famosa polemica scientifica entre Georges Pouchet e Pasteur, da qual resultou a victoria deste, affirmando que toda a substancia viva procede de um progenitor vivo. Todas as apparencias de vida creada nos laboratorios se reduz a simples equivocos, enganos de sabios que tanto têm influido na orientação e desenvolvimento da cultura humana. Pasteur ficou vencedor no glorioso campo de batalha, donde havia de brotar, em assombrosa fecundação, toda a bacteriologia, com as suas innumeraveis applicações á hygiene, á pathologia medica e cirurgica, á therapeutica, á industria.

A theoria vencedora se synthetisa na fórmula: *omne vivum ex vivo*.

Os pesquisadores, entretanto, não desesperaram da desforra; continuaram, com extraordinarios esforços, os seus trabalhos para reeditarem a genese da vida, até que surgiu a descoberta de John Butler Burke, joven physico do *Cavendish Laboratory*, obtendo pelo radium a desejada criação da substancia viva.

Dntrochet, Traube, Karl Vogt, Monnier, Harting, Rainey e outros, já tinham conseguido, por meio de reacções chemicas apropriadas, obter especies de cellulas tendo o aspecto de cellulas vivas e susceptiveis de se moverem por si mesmas, de crescerem, de se desenvolverem, de incorporarem elementos do meio e, mesmo, de se multiplicarem por segmentações automaticas. Leduc conseguiu, com uma solução de cobre e ferro, cyanureto de potassa, agindo sobre uma camada de gelatina, realisar todas as fórmulas conhecidas de cellulas com a membrana de envolucro, a polpa protoplasmica e o nucleo, estrutura tradicional e apti-

dão característica, agglomerando-se em tecidos, com as funcções de absorpção, assimilação e excreção, devidas ás trocas molleculares, a phenomenos de osmose, cuja actividade era entretida pela manutenção dessas pseudo cellulas num meio nutritivo.

A originalidade da invenção de Butler Burke se limitaria, portanto, á intervenção do radium num tubo de cultura esterilizada, produzindo, em algumas horas, um principio de fermentação a que se seguem granulações aumentando lentamente, agitando-se em todos os sentidos e terminando por se dividirem por scissiparidade. Essas granulações, que não são bacterias, nem crystaes, fôram denominadas *radiobos*, como si fôsem na verdade embryões de seres vivos nascidos das justas nupcias do radium hyperactivo e da inerte gelatina.

Um eminente naturalista da Faculdade de Sciencias de Lyão, Raphael Dubois, submettendo uma geléa colloidal á acção do baryum, obtivera corpusculos estranhos, semelhantes a cellulas, com apparente illusão da vida tão perfeita que bacteriologistas os consideram bolor ou ovos de rã. Esses corpusculos, os *vacuolides* de Dubois como os *radiobos* de Burke, téem de commum com as cellulas vivas, além da identidade do aspecto, o facto de se moverem, de crescerem, de se multiplicarem, de se nutrirem, espontaneamente, á custa do meio. Falta-lhes, porém, a funcção biologica especial, a facultade de reproducção, da qual a aptidão para a fragmentação é uma caricatura, a facultade de uma progenitura similar. Sem esta e outras provas concludentes, não se pôde ainda afirmar que se trata da criação da vida.

Os trabalhos de Burke não perdem, por isso, o interesse; dependem, todavia, de provas positivas da exclusão de defeitos, que inutilisaram experiencias anteriores, como o de não haver esterilizado completamente o tubo de gelatina, o radium, os dedos, para que os seus *radiobos* não tenham a explicação dada por Pasteur a semelhantes surpresas, devidas á presença ignorada de germens invisiveis no material das demonstrações da supposta genese da vida.

#### RECEBERMOS:

— *As grandes applicações da electricidade*, de Alfredo Soulier, traducção de Costa Ferreira. Tem o volume 230 paginas, bem impressas, com muitas gravuras excellentemente reproduzidas. O livro trata, especialmente, da illuminação electrica, transmissão de força a distancia, bonds electricos, estradas de ferro electricas, electro-chimica etc. A fabricaçã de tintas e a extracção de metaes pela electricidade, são assumpto de muitas paginas. A edição é da casa Garnier.

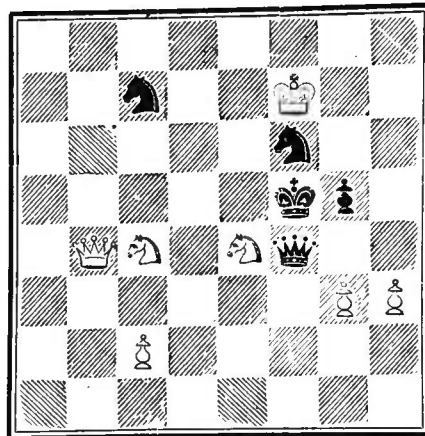
As officinas dos *Annaes* encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographic.

## XADREZ

### PROBLEMA N. 15

Rev. R. Wright

PRETAS (5)



BRANCAS (7)

Mate em dois lances.

### PARTIDA N.º 15

PARTIDA DOS 4 CAVALLOS

(Torneio de Ostende, a 19 de junho de 1905)

Branças	Pretas
(Janowski)	(Marco)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
C 3 B D — 3 —	C 3 B R
B 5 C D — 4 —	B 5 C D
Roque — 5 —	Roque
P 3 D — 6 —	P 3 D
C 2 R — 7 —	C 2 R
C 3 C R — 8 —	P 3 B D
B 4 T D — 9 —	C 3 C R
P 4 D (a) — 10 —	P 3 T R (b)
P 3 B D — 11 —	B 4 T D
B 2 B D — 12 —	B 2 B D
P 3 T R — 13 —	R 1 T (c)
B 3 R — 14 —	C 1 C R
D 2 D — 15 —	P 3 B R
T D 1 D — 16 —	C (3 C) 2 R
C 2 T R — 17 —	P 4 C R (d)
C 4 C R — 18 —	D 1 R
D 2 R — 19 —	D 3 C R
B 1 B D — 20 —	P 4 T R
C 3 R — 21 —	P 5 T R (e)
C (3 C) 5 B R — 22 —	C X C
P X C — 23 —	D 2 T R
P X P — 24 —	P D X P
P 3 C D — 25 —	B 2 D
B 3 T D (f) — 26 —	T R 1 D
B 6 D — 27 —	B 1 R!
C 4 B D — 28 —	B 4 T R
P 3 B R — 29 —	B 2 B R!
B 3 T D (g) — 30 —	B 4 C D
C 6 D — 31 —	B 4 D
C 4 R — 32 —	D 2 B R (h)
R 1 T — 33 —	P 4 T D
B 2 C D — 34 —	P 5 T D
C 5 B D — 35 —	P X P
P X P — 36 —	T 1 R
T 1 T D — 37 —	C 3 T R
T R 1 D (i) — 38 —	T X T
T X T — 39 —	P 5 R!
P X P — 40 —	C X P
D 2 B R — 41 —	C 6 C R x
R 1 C — 42 —	B X P R
C X B — 43 —	C X C
B X C — 44 —	T X B
P 4 B D — 45 —	B 4 R
T 8 T D x — 46 —	R 2 C
B X B (j) — 47 —	T X B
D 6 C D (k) — 48 —	D 3 R
D 7 B D x — 49 —	R 3 C
P X P — 50 —	D X P C
T 1 T D (l) — 51 —	D X P C
T 1 B D — 52 —	P 4 B D

D 8 B D — 53 —	D 6 C D
R 1 T — 54 —	D 4 D
D 6 T D — 55 —	T 6 R
R 1 C — 56 —	D 5 D
R 1 T — 57 —	D 5 R
D 8 B D — 58 —	T 8 R x
T X T — 59 —	D X T x
R 2 T — 60 —	D 4 R x
R 1 C — 61 —	D 4 D
D 8 R x — 62 —	D 2 B R
D 4 R x — 63 —	R 2 C
R 2 B — 64 —	D 2 D
D 2 R — 65 —	D 4 B R x
R 1 C — 66 —	D 4 R
D 5 C D — 67 —	D 5 D x
R 1 T — 68 —	P 5 B D
D 7 C D x — 69 —	R 3 C
D 8 B D — 70 —	D 8 T D x
R 2 T — 71 —	D 4 R x
R 1 T — 72 —	P 6 B D
D 8 C R x — 73 —	R 4 B
D 4 B D — 74 —	D 8 R x
R 2 T — 75 —	D 7 D
D 5 B D x — 76 —	R 3 C
D 8 B D — 77 —	P 7 B D
D 8 R x — 78 —	R 4 B
D 5 C D x — 79 —	R 5 C
D 6 B D x — 80 —	R 6 D
D 5 D x — 81 —	R 7 R
D 4 R x — 82 —	R 8 D
D 3 B R x — 83 —	D 7 R
D 5 D x — 84 —	R 8 R
D 5 T D x — 85 —	D 7 D
abandonam — 86 —	

(a) E' muito importante nesta partida crear um centro, mas muitas vezes dá-se ao adversario a occasião de se desenvolver.

(b) Marco quiz sem duvida evitar as variantes conhecidas, pois que não jogou 10... P 4 D; 11 — P 3 B D, B 4 T D; 12 — B 2 B D, B 2 B D, com jogos perfeitamente eguaes.

(c) 13 — P 4 D podia igualmente ser jogado.

(d) Para impedir P 4 B R.

(e) Marco organisou a defesa de lado do Rei de um modo muito original.

(f) Por este e pelos lances seguintes Janowski procura garantir-se a posse da linha aberta principalmente da casa 6 D.

(g) Estavam ameaçados de B X C, seguido de B X B.

(h) Marco repelliu com muita habilidade o ataque do centro e agora é elle quem váe atacar o lado da Dama, cujos piões estão enfraquecidos.

(i) E' sempre perigoso deixar uma peça na linha de uma peça inferior adversa (D na linha da T); o seguimento desta partida é disto um excellent exemplo. O jogo das Br. tornou-se muito difficil, é a má posição do seu B D que causa grandes difficuldades, assim como o demonstrem as variantes seguintes: Se 38 — T X T, T X T; 39 — T 1 T D, T X T; 40 — B X T, B 3 C D! ganhando pelo menos um pião. Uma continuação a tentar para as Br. teria sido: 38 — C 6 R, B X C; 39 — P X B, D X P; 40 — T X T, T X T; 41 — P 4 B R, C 4 B R! 42 — B X C, D X B; posição muito interessante e duvidosa.

(j) T 7 T D seria má por causa de T 8 R x; 48 — D X T, D X T x, ganhando uma peça.

(k) A ultima tentativa para a nullidade era 48 — T 7 T D, T 2 R; 49 — T X T, D X T, etc.; depois do lance do texto a partida está perdida.

(l) Estavam ameaçadas de mate em 4 lances. (*Notas de Fleischmann*).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 14, (*M. F. Reimann*): 1 — T 4 T D.

JOSÉ GETULIO.

ASSIGNATURAS	
ANNO.....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O sr. ministro da Fazenda pertence á infinita classe dos estadistas que não conseguiram agradar a todo o mundo, como aquelle atrapalhado moleiro de Lafontaine.

Ninguem recusava ao sr. Leopoldo de Bulhões, senador, qualidades de criterio, de calma, de amor ao estudo das questões concernentes ás finanças nacionaes; entre as rutilancias ephemerias ou realmente valiosas, entre os homens de talento fulgurante, s. ex. figurava com o suave brilho de uma luz serena e fixa, envolta numa neblina de modestia, de recato ameno que lhe valia as mais espontaneas sympathias. Era querido, era acatado como um personagem de preponderancia benefica da politica, um homem incapaz de fazer mal e muito inclinado, por feição do temperamento e dos habitos, á tolerancia, á benevolencia.

Desde, porém, que s. ex. emergiu da curul senatorial para se erguer ao pinaculo como ministro da Fazenda, despertou os azedumes da critica, as envenenadassettas da protervia e quasi todos os seus actos, incluindo os banaes despachos de expediente, suscitaram as mais severas censuras, futil má vontade, levianos juizos, passando para a ordem de um administrador atravessado nos canaes do thezouro da Republica, como uma pedra, obstruindo-lhe a franca navegação aos barcos, ás fragatas de todos os calados.

E essa má vontade, que se poderia attribuir aos interesses contrariados, se reflectia na imprensa, que passou a tratá-lo com aspereza, com teiró implacavel, chegando ao extremo de intimal-o a largar a pasta quando occorreu o famoso caso de Goyaz, rapidamente lançado ás traças do olvido.

Não se cogitou que, se o ministro fizesse questão do governo dos seus amigos politicos, se os induzisse a derramar sangue de irmãos, se os

auxiliasse com as armas do governo federal, como naquelle semelhante caso de Matto-Grosso, toda a gente gritaria que elle estava intervindo com o prestigio official; estava perpetrando toda a sorte de violencias para perpetuar a sua olygarchia, uma pallida olygarchia comparada com as outras que envergonham a Republica e merecem, todavia, todo o acatamento, todas as atenções e mesmo carinho dos homens incumbidos dos destinos da nação. Mas, como o ministro Bulhões não adoptou os meios do ministro Murtinho, como preferiu fôsse a questão dirimida pelos meios pacificos e não collocou o presidente da Republica na conjuncção de sustentá-lo a todo o transe, intervindo com o seu chanfalho para cortar o nó gordio de Goyaz, perdeu o prestigio que se conquistou mais pela violencia do que com o merecimento, com a tolerancia, com a obediencia ás circumstancias.

Não ha duvida que o presidente da Republica deveria tratar com mais amor, com mais solicitude, o caso de Goyaz; não ha duvida que atirou o seu ministro ao sr. Estevão Lobo, relator de uma commissão da Camara, que não tinha nada com o peixe; mas quem errou foi o presidente, foi este quem andou mal, no intuito de ladear um caso difficil ou de lavar as mãos como aquelle Pilatos, cuja cobardia figura na historia como enorme macula: o sr. Leopoldo de Bulhões ficou muito quieto e correcto no seu papel de secretario, deixando derivar de agua abaixo a sua olygarchia infeliz, encaiporada.

O placido ministro ficou desempenhando o seu papel, procurando manter, na medida das suas forças, as tradições que o sr. Rodrigues Alves deixou na administração das finanças, uma tradição porventura pezada, accentuada por uma irreparavel tendencia para andar devagar, numa segura marcha de tartaruga, evitando as difficuldades com paciencia e deixando

que o oxydo do tempo consumisse a paciencia das partes e dos pretendentes.

Todas as excellentes qualidades desse ministro são offuscadas por um enorme defeito: s. ex. é inimigo do *avança*, tomando demasiado interesse pela sua função de guarda do dinheiro nacional, prevendo que, se lhe franqueasse os canaes, lhe abalaria a solidez dos fundos, não poderia proclamar aos quatro ventos que, apesar de atravessarmos uma crise de prodigalidades sumptuosas, o thezouro está em condições de affrontar todas as phantasias da administração, de fazer face aos dispendios com os melhoramentos que estão denunciando um auspicioso movimento de progresso, não falando na reorganisação do exercito, na reconstrucção da marinha e outros projectos encalhados na caveira de burro dos estudos transcendentales, que nunca mais se acabam, das disposições legaes que ficam no papel, como eloquentes testemunhos de boas intenções mallogradas.

\* \* \*

Contra todos os aleives, contra todas as injustiças, contra todos os botes ferózes da protervia, fala, com o vigor de uma defeza inconcussa, a introducção do relatorio do ministro Bulhões, trabalho que merece o estudo dos competentes na materia. O ministro demonstrou ver claro na sua róta de estadista e financeiro, se bem que se manifeste meticoloso, com tendencias para os meios lentos na adopção dos remedios efficazes para a debellação de males, em vez de defrontá-los desassombradamente, com resoluta firmeza, atacando os males nas suas causas evidentes, arrancando-lhes, pelas raizes, os germens deleterios.

Na questão do papel-moeda, que é um cancro a corroer as entranhas do povo, s. ex. se mostrou conhecedor da materia, attribuindo á massa de papel com curso forçado, inconvertivel, a

preguiça do cambio na ascensão para as taxas normaes, diagnostico um tanto velho, mas absolutamente verdadeiro. S. ex. é partidario do resgate lento, gradual, de modo que empurre o cambio para cima sem abalos, sem precipitações, como aconteceu com a elevação rapida de 12 a 17 dinheiros.

Esse processo poderá ser muito seguro, muito firme, mas se nos figura um remedio que póde durar mais do que a vida do doente. Esse processo consumirá dez annos pelo menos, senão mais, porque ninguem poderá afirmar que as condições do thezouro se mantem sempre favoraveis ao serviço da amortisação.

Seja como fôr, admittindo mesmo que a prosperidade das nossas finanças continúe em pleno desenvolvimento, não ha duvidar que o processo lento redunde em solicitude pela tranquillidade do cambio e em prejuizo da producção nacional, dos interesses que ficarão sobre a pressão dos funestos effeitos do papel-moéda durante todo o incerto periodo da conversão a passo de kagado.

Parece digno de consideração que os prejuizos resultantes da ascensão rapida do cambio são, na mesma proporção, compensados pelas vantagens de valorisação do nosso meio circulante, reflectindo-se immediatamente, com effeitos restauradores, em todo o organismo economico.

Os terriveis abalos, as perturbações assustadoras não detiveram os meios empregados para o impulso quasi repentino do cambio para cima, ultimamente realizado, impulso que sómente prejudicou por ser inesperado, por ser effeito de causas occasionaes, e não consequencia de uma systematica intervenção, perfeitamente organizada, precedida das medidas essenciaes de prevenção dos interessados para se apparelharem á perspectiva do novo regimen monetario.

O commercio, as industrias, principaes victimas da incerteza do thermometro cambial, em vez de continuarem a soffrer a oppressiva influencia do papel-moéda, teriam a certeza dos effeitos da refórma e, nesse sentido, conduziriam as suas operações, de maneira que a suppressão da causa do mal não os surprehendesse.

Quem póde supportar os effeitos de pauperadores da molestia, readqui-

rindo a saúde em doses infinitesimae, certamente poderá defrontar, sem perigo, a reacção immediata da saúde completa.

E é por isso que nós, com immensa magua, divergimos do placido ministro, da sua timidez em atacar, resolutamente, um mal reconhecido e velho, que se tem prolongado, que se tem perpetuado graças ao criterio, ás cautelas, ás vacillações conservadoras, que são outros tantos instrumentos da rotina.

A nossa situação economica está reclamando a refórma, as energias productoras latejam impacientes nas veias do paiz, pedindo que se libertem immediatamente desse trambolho do papel-moéda inconvertivel e, se isto não se fizer neste repiquête de prosperidade, ficará para os nossos bisnetos, para os netinhos do cauteloso ministro.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Do Serro a Concordia — O castigo corporal — Marechaes preteridos no commando por Ozorio — Ozorio, poeta.*

Apezar de não ser longa a marcha, cheguei ao Serro cançadissimo, com a cintura dolorida pelo pezo dos cem cartuxos embalados, e os hombros pizados pelas correias da mochilla e pela carabina, que passava, alternadamente, de um para outro. Acampámos em columna de companhias, com a frente para a campanha, na encosta de uma coxilha, que ía morrer junto á praia. A' nossa esquerda, viamos o pequeno monte, que deu nome á bella cidade platina, corôado por um forte antigo e sem importancia. Nas suas faldas, alvejava uma casaria irregular e esparsa, morada dos audazes caçateiros do porto predilecto dos pampeiros; de pequenos commerciantes que moirejavam pela vida em mesquinhas *fondas*, onde não havia cardapios, e o creado, de *boina* caída sobre os olhos e a cintura faxada de vermelho, offerencia um magro *puchero* ou um *bife a caballo* nadando em *graxa de egua*; em tavernas mal surtidas, onde sujeitos mal encarados escorropichavam, seguidas até á ultima gotta, *copitas de caña*, e em lojas de prateleiras vazias, que mais não eram que mascaras de contrabandos. Misturada com o hespanhol carregado e cheio de asperas aspirações do filho da Galliza, ouvia-se muito a lingua escuariana, da qual, dizem os bascos, Deus se serviu para fallar ao primei-

ro dos judeus. Fui sómente uma vez ao povoado do Serro. Aquelle ambiente pareceu-me demasiado carregado.

Durante os tres mezes que permanecemos acampados allí, não me lembro de ter ouvido uma unica vez o toque de formatura para exercicio. As unicas que tinhamos eram para as revistas regulamentares.

Entre os capitães mais distinctos do batalhão, estavam os dois Fonecas — Severiano e Deodoro — e sobresaía, no meio dos subalternos esperançosos, o tenente Tiburcio, que foi destacado para commandar uma força destinada a embarcar na esquadra, e figurou com honra na retomada de Corrientes, a 25 de maio e na batalha naval do Riachuelo.

As nossas rissonhas esperanças e sonhos de gloria, mais de uma vez pareceram crestar-se ao sopro das injustiças, para reverdecem de novo ao calor da juventude e ao olhar da patria, cheio de bonanças.

Um dos-nossos mais estimados camaradas, era o Santos Dias, 1º sargento da 3ª companhia, com o curso de infantaria e cavallaria, querido pela jovialidade do character, genio folgassão, ditos espirituosos, bondade de coração e poesias cheias de disparates, que fazia a alegria dos serões academicos. Entre muitos, os companheiros dessa epocha já remota, lembrar-se-ão ainda talvez da que principiava assim:

*Bem como a garça que belisca o peixe  
Em um só feixe se esvoaçando á toa  
Eu vejo o mundo se engolphar nos ares  
Qual nos meus lares o lalir da coa.*

Esse alegre amigo, algum tempo depois de chegado ao Serro, transformou-se, vivia cabisbaixo e triste, fugia á nossa sociedade, parecendo envergonhado. De vez em quando, viamos luzir treimula no olhar maguado uma lagrima indiscreta. Pediu transferencia para o 12º de infantaria e lá se foi o bom companheiro, outr'óra tão alegre e então succumbido ao pezo de uma dôr intensa, que foi talvez a causa da sua morte, trinta e tantos annos depois, já general, em um manicomio.

Depois, soubemos que, por falta, aliás de somenos importancia, fôra ameaçado pelo capitão com a baixa de posto e cincoenta pancadas de espada de prancha.

Naquelle tempo, havia o castigo corporal legitimado pelos regulamentos que vigoravam. Hoje, ainda se castiga, mas ás escondidas, com medo da lei, que pune o superior delinquente.

Operou-se no batalhão um movimento de dispersão para os corpos de infantaria. Eu pedi e obtive, sem grande difficuldade, transferencia para o 1º regimento de artilha-

ria a cavallo, commandado interinamente pelo velho Mallet, que era então major. Faziam parte delle os tenentes João Mallet, Leite de Castro, Ignacio Gouvêa e outros. Acampava ao lado do regimento, o capitão da 3ª bateria Hermes Ernesto da Fonseca, que respondia a conselho de guerra, por certos actos de arbitrariedade. Ouvi dizer a esse distincto official, que morreu marechal e coberto de horas pelos grandes serviços prestados á patria e conhecido pela sua intelligencia culta e bravura nos combates, que a coisa que lhe fazia mais medo era um — *porém*. Na sua vida militar, que já era longa então, elle podia considerar-se uma victima perseguida por essa terrivel conjuncção restrictiva. Dizia, sorrindo, que nas relações semestraes, que enviavam os seus commandantes, lia-se, mais de uma vez, que o capitão Hermes era um official intelligente, instruido, zeloso pelo serviço, sempre prompto, valente e mais isto e mais aquillo; *porém*, insubordinado, arbitrario, etc. Si, porém, lhe prejudicou o fatidico *porém*, foi no principio da sua carreira, porque depois ~~num~~ um regimento destes vocabulos poderia servir-lhe de obstaculo.

Passavamos a vida do acampamento sem fortes impressões. Pouco a pouco, fôram chegando batalhões de linha que estavam de guarnição em provincias mais afastadas e corpos de Voluntarios da Patria, cujo uniforme se distinguia pelo chapéo negro de feltro, com a alça levantada, onde se via o numero e o tope nacional, e por uma divisa de latão com a legenda *Voluntario da Patria*, na manga da blusa. Todos, officiaes e praças de pret, tinham esta legenda, que tornaram muito gloriosa pelos altos feitos que praticaram na cruenta guerra.

São bem raros hoje os sobreviventes dessas bellas legiões de patriotas; mas quem os viu brilhando nos campos de batalha não os pôde esquecer jámais. Pouco tempo de vida ainda vos resta, valentes companheiros. Contáe aos netos os vossos actos de bravura e legáe-lhes a honrosissima legenda, para que a guardem com orgulho como um titulo de nobreza e vos imitem, quando delles a patria precisar, honrando-vos a memoria e ufanando-se de descenderem dos grandes Voluntarios da Patria, da guerra do Paraguay.

O decreto de 1º de janeiro do anno de 1865 repercutira no vasto territorio do Imperio, como na França o de 11 de julho de 1792, chamando ás armas o povo para resistir á invasão, que marchava ameaçadora.

Lá, na França revolucionaria e exaltada pela palavra vibrante de Danton, a leitura do decreto se fazia após uns rufos de tambor, e a grande bandeira

negra ondeava nas torres sem flecha de Notre Dame e nas cumiadas do Hotel de Ville com o immortal letreiro:

*Citoyens, la patrie est en danger.*

Na minha terra, na Bahia heroica, a bandeira era a auriverde, tremulando desfraldada á frente do povo entusiasmado, que se alistava, formando batalhões ao som do hymno nacional.

No meio daquelle grande entusiasmo, grandes dôres se calaram pelas injustiças soffridas. Lembro-me de uma, porque echoou tambem na minha alma. Tinha um primo carnal, o major da Guarda Nacional João Evangelista de Castro Tanajura, moço rico, que organisou um formoso corpo de gente escolhida no sertão, vestiu-o, alimentou-o e transportou-o, á sua custa, até á capital, onde foi aquartellado afim seguir para o sul. Não pôde, porém, o mallogrado parente realisar o desejo ardente e patriótico da sua alma de bahiano, porque morreu de uma febre cerebral, causada, talvez, pela decepção amarga de ver o seu batalhão querido dado ao commando de outro. Ha sempre dessas ingratições, principalmente na politica partidaria. O ardor na minha Bahia nunca arrefeceu, e foi preciso, para cessar a grande léva, que o governo dissesse: *Não precisamos mais de voluntarios.*

Ella foi, entre todas as irmãs, a que deu mais gente para a guerra. Grande prazer sentia quando chegava algum corpo bahiano e nas suas fileiras figuravam collegas e amigos da infancia.

No meu regimento, conhecido pelo nome de *Boi de bótas*, havia alguns amigos, e a vida me era muito mais agradável do que no 1º batalhão. Arranchei com o Costa Mattos, e o nosso faxineiro Quintiliano nos servia admiravelmente. Era um velho soldado conductor, muito aceiado e bom, que nos fazia bons churrascos, sabia cevar muito bem o matté e limpar, como ninguem, as nossas armas e equipamento.

Eu ganhava, nesse tempo, 4950 réis por mez, sendo 2700 de soldo, 900 de terça parte de campanha e 1350 de gratificação de voluntario. A minha situação nada tinha, pois, de invejavel sob o ponto de vista pecuniario, e procurei melhoral-a.

Fazia parte do regimento um joven official, meu comprovinciano e amigo, que havia sido meu collega nas aulas do dr. Lisbôa e Xico Santos. Era o tenente Saturnino Ribeiro da Costa, ainda hoje, depois de quarenta e tantos annos de serviço de guerra e de paz, coronel commandante do 5º de artilharia. Precisando elle mandar mensalmente duas libras esterlinas para pessoa da sua familia na Bahia, propoz-me dar-m'as para meu pae pagal-as alli. Aceitei agradecido e, desde então, a vida correu-me menos necessitada. A primeira coisa que fiz, quando tive

a primeira mezada, foi pedir licença ao commandante e metter-me num pequeno bote, que alli chamavam *bocêta*, e ir a Montevidéo, onde me demorei até á manhã seguinte, voltando completamente arruinado.

O meu commandante, o velho Mallet, era um chefe paternal, com a sua estatura de gigante e habitos singelos. Tratava-me e aos outros cadetes como a filhos, mas mantendo sempre a maior disciplina e inspirando-nos o amor á bella profissão. Era um grande typo de soldado, que já havia figurado, com honra, como 2º tenente, na campanha da Cisplatina em 1827. Sempre lhe tributei muita veneração e nunca deixei de ser um dos seus maiores admiradores.

O primeiro serviço que fiz foi — *Dia ao hospital*. Arranjei um cavallo e fui levar ao outro lado do Serro os soldados que baixaram. Impressionou-me muito mal o cheiro nauseabundo que exalava aquelle nosso estabelecimento sanitario improvisado.

Haviam-no collocado num *saladero*, onde se abatia grande numero de rezes e preparava-se o xarque. Não sei porque, sempre tivemos pronunciada predilecção pelos logares insalubres para quarteis e hospitaes. Haja vista o Quartel Modelo e o Hospital Central, ambos edificados em terrenos alagadiços, sendo que o ultimo é pintado de azul, a côr que dizem ser a mais sympathica aos anophéles.

Quando voltei do *saladero*, já era tarde. Dalli a pouco, tocon trindade e formámos para a revista das seis. O regimento acampava bem no alto da Coxilha e as barracas estavam mal seguras, por falta de bôas estacas. Em março, as noites do Serro são bastante frescas. Deitei-me cedo. Alta noite, fui despertado por um rumor que parecia de trovões longinquos. A barraca começou a estremecer. Em pouco tempo, agitava-se fortemente.

O rumor approximava-se, ora semelhando um alarido de mil vózes, ora o estrepito de uma cavallada em disparada. Sentia frio e cobria-me bem com o ponche reiúno forrado de baêta vermelha. O tropel já estava perto. A barraquinha voou pelos ares e o céu estrellado luziu sobre nós.

Todas as alvas tendas voavam no espaço, como aves noctivagas levadas pelo furacão, e os brazidos dos fogões lançavam fagulhas e chispavam crepitanes. Era o pampeiro, que nos visitava pela primeira vez.

O nosso general em chefe era o marechal barão de S. Gabriel, um dos membros mais illustres dessa valente familia de soldados, cujos nomes abundaram sempre nos nossos almanacks militares, desde os primeiros aos ultimos postos — os Meuna Barreto. Vi-o apenas uma vez, quando passou pelo meu regimento, elegante e fidalgo,

montado num bellissimo cavallo, á frente de um brilhante estado-maior. Poucos dias depois, era substituído pelo brigadeiro Manoel Luiz Ozorio, nomeado commandante em chefe do exercito brasileiro em operações contra o governo do Paraguay. Quem era esse brigadeiro, havia pouco promovido e a quem o governo imperial confiava aquelle posto, o mais difficil naquelle momento historico, com preterição de quasi todo o quadro de generaes? Porque tal preferencia?

Entre outros feitos militares, que o recommendavam como official bravo até ao heroísmo, havia o da batalha de Caseros, em que desempenhou notavel papel á frente do 2º regimento de cavallaria. Não me posso furtar aqui ao desejo de transcrever, a proposito, algumas linhas de um juiz, que teve ter para nós grande valor, por ser argentino e conhecido pelo grande renome que conquistou pelo seu espirito cultissimo e patriotico.

O general d. Domingo F. Sarmiento, no livro que escreveu, com o titulo de *Vida y escritos del coronel Francisco J. Muñiz*, diz nas paginas 220 e 221:

« El general Osorio (1) obtuvo á duras penas que el general en gefe (2), centauro como ninguno, admitiese en la vanguardia que el mismo general mandaria quinientos riograndenses tan de á caballo como el mas bien plantado argentino. Cuando esa vanguardia de once mil hombres de caballeria hubo agotado la remonta de caballos para trasladarse del Rosario á Buenos Aires, fué necesario tomar potros, potrancas y yeguas chúcaras y dar á los regimientos. Uno de riograndenses parecia en la marcha una procesion de saltapericos, teniéndose tesos, y en medio de las corcobetas y corcobos de las improvisadas monturas, conservando la formacion en columna por cuatro, y las armas en sus puestos.

— ¿ Como se han portado los brasileiros? — preguntaba, sobre el campo de batalla de Caseros, el general Osorio al commandante Sarmiento, con quien se encontraba antes de la recrudescencia del fuego del Palomar.

— Perfectamente bien, general. Los muertos que he encontrado en el campo son brasileiros. »

O nosso general em chefe já tinha, pois, reputação de bravura no Rio da Prata. Havia mostrado que era inexcedível no posto de commandante de um regimento de cavallaria, o qual ainda hoje é um titulo de gloria para os que nelle serviram, como Hyppolito Lima e outros heroicos guerreiros. De bom coronel a bom general, porém, e general em chefe, a distancia é enorme, e todos perguntavam, mais cheios de esperanza do que de receios,

o que seria Ozorio como commandante do exercito. Todos sabiam que era bravo, como o mais bravo; mas não basta esta qualidade, tão vulgar no soldado brasileiro, para fazer um bom general em chefe, de cuja capacidade e altos predicados dependem as victorias do seu exercito e a honra nacional. Naquella epocha e nas condições em que se achavam os exercitos da America do Sul, não era necessaria ainda a alta sciencia de Moltke e de Oyama, para commandar um exercito relativamente pequeno, como o nosso, tendo por adversarios os generaes pouco instruidos do Paraguay. Hoje, o caso seria differente. Com os aperfeiçoamentos da guerra, um general em chefe deve ser quasi um sabio, não com o cerebro saturado de sciencias abstractas e alta philosophia, mas de grandes conhecimentos profissionaes. Quem não os tiver, deve, na hora do perigo, dar um passo á rectaguarda e deixar o logar aos mais competentes.

Diziam muitos que Ozorio era um tarimbeiro, que não tinha o curso da sua arma ao menos. Tinha a pratica da guerra e o genio. Isto bastou para dar-lhe nome immortal e muita gloria á sua patria. Si Alexandre apreendeu com Aristoteles, Julio Cezar illustrou-se com os gregos e Napoleão foi o melhor estudante de mathematica da escola de Brienne; Tamerlão e Nadir-Shah não frequentaram nenhuma academia; Coudé foi grande general aos 20 annos e Frederico, o Grande, só pôde ler, até á morte de seu pae, quando já tinha 28 annos, apenas alguns livros da litteratura franceza, sendo tão diminuta a sua cultura no regimen de despotismo cruel em que viveu, que inspirou a Macaulay o seguinte juizo: « Oliver Twist, na prisão parochial, e Smike, em Dotheboys Hall, eram *enfants gatés* comparados com esse desgraçado herdeiro presumptivo de um throno ».

O general Ozorio, além da legendaria bravura, tinha a musa facil e cultivava a poesia. O Paulo Alves, um dia, teve a idéa de requerer-lhe a sua promoção, e fel-o em verso. Obteve o seguinte despacho:

*Quem faz versos tão formosos,  
Ha de ter grande talento  
E ser valente. — Por isso,  
Devro o requerimento.  
Mas não repita,  
Que sãe-se mal  
Fallando em versos  
Ao general.*

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa)

(1) Era, então, tenente-coronel commandante do 2º regimento.

(2) General d. Justo J. de Urquiza.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*As manchas do sol — Os periodos do professor Bruckner — Os estudos de Nordman — As manchas actualmente.*

Até o sol tem manchas, é um cliché muito empregado pela misericordia facil no julgamento de falhas de character, dos peccados, dos crimes dos potentados. E, na verdade, o sol glorioso e rutilo tem euormes manchas, de uma extensão phantastica comparada com o volume do nosso mesquinho planeta, manchas como essas que estão agóra no seu periodo de mais amplo desenvolvimento, desafiando a curiosidade, o estudo dos sabios de todos os observatorios do mundo.

No globo solar, com 1.400.000 kilometros de diametro, as manchas são, actualmente, tão vastas que pôdem ser vistas a olho nú através de um vidro enfumado, figurando como um ponto negro na grande massa incandescente.

Visto com o auxilio de lunetas poderosas, o rei dos astros não apresenta uniforme na luz e incandescencia a superficie, onde se distinguem granulações que a cobrem, quasi totalmente, e lhe dão o aspecto de um ponto cheio de caroços de farinha muito unidos. Essa superficie pulverulenta se mostra cheia de irregularidades, com praias mais brilhantes, chamadas *faculas*, espaços sombrios formados por um nucleo mais ou menos obscuro, encerrados por penumbras bem delimitadas, espaços a que se deu o nome de manchas.

Essas manchas não são invariaveis; mudam de fórma, de posição na superficie do astro e, verificando-lhes os aspectos successivos, chegou-se a verificar que não são impuresas, ou escorias maculando o plano luminoso, mas verdadeiras cavidades, á maneira de funil, revelando a estrutura da superficie solar através dessa especie de buraco aberto no seu envulcro.

Ellas se movem do oriente para o occidente sobre o disco luminoso, com rapidez, atravessando-o em quatorze dias e desaparecendo depois. Algumas persistem durante muito tempo, para reaparecerem quatorze dias mais tarde, fazerem segunda e terceira travessias, raramente attingindo mais de cem dias a existencia de uma mancha. Esse phenomeno fornece a prova inconcussa da rotação do sol sobre o seu eixo.

Mudando continuamente de posição, de fórma, de grandeza, existindo, no maximo, 80 a 100 dias, sendo depois substituidas por outras, as manchas são individualmente instaveis, de curta duração; mas consideradas no complexo, são notavelmente periodicas. Em alguns annos, são raras; augmentam durante quatro annos e meio, para diminuir, em seguida, durante seis

annos e trez mezes, sendo cerca de onze annos o seu periodo de frequencia: o ultimo minimo foi em 1900; attingem, agóra, o maximo do numero.

Desses dados certos sobre os periodos de actividade solar, resultaram elementos para verificar si os phenomenos meteorologicos obedeciam á mesma lei de periodicidade. Herschell foi o primeiro a empreheuder a soluçãõ do problema. Não dispondo, naquella epocha, de dados meteorologicos, elle tomou como indicador da temperatura annual, o preço do trigo na Inglaterra e concluiu de uma estatistica, entre os annos de 1550 a 1717, que as colheitas augmentavam na razão directa do numero de manchas do sol.

Essa coincidência impressionou muito os sabios; entretanto, hoje, com um systema de observações meteorologicas correctas e precisas, os resultados são muito discordantes: ora, o maximo de manchas coincide com um anno quente; ora, com um frio. E o periodo de 35 annos, assignalado pelo professor Bruckner aos phenomenos meteorologicos não é um multiplo exacto do numero onze, periodo das manchas solares.

Nordman, astronomico do observatorio de Pariz, provou, ultimamente, estudando as variações da temperatura annual das regiões equatoriaes, que os annos mais quentes eram os que coincidiam com o minimo de manchas.

Si a influencia destas sobre as variações climatericas não está bem determinada, phenomenos magneticos, as auroras boreaes, tremores de terra, a indicam de maneira incontestavel, como succede de dois annos até agóra, coincidindo com o maximo de manchas, como parece demonstrarem os frequentes abalos da crosta terrestre, em todos os pontos do planeta.

As bussolas têm denunciado tempestades magneticas, cuja intensidade coincide com o augmento do numero de manchas, sendo notavel a perturbação geral que, ha anno e meio, se observou em todas as linhas telephonicas e telegraphicas, na Europa e na America.

\* \* \*

*Aeronautica—A victoria de Santos Dumont—Julio Cezar, seu predecessor—Seu protesto contra Rénard e Krebs.*

Santos Dumont acaba de realisar em Trouville uma notavel experiencia da direcção dos balões, com o seu numero 14, navegando contra o vento, descendo, subindo e voltando, a terminar essas admiraveis evoluções com precisão impeccavel, ao hangar donde partira.

Essas experiencias parece serem decisivas, e Santos Dumont chegou a tão brilhantes resultados com as modificações feitas na sua machina, dictadas pela experiencia, pelo acurado estudo da materia.

Em todo caso, quaesquer que sejam os melhoramentos de que dependa o aperfeiçoamento do systema no numero 14, não ha mais duvida que o homem póde, nesse aparelho, elevar-se aos ares e dirigil-o com absoluta segurança, resolvendo assim o ponto capital do problema da navegação aérea.

Essa victoria dá especial cunho de interesse aos trabalhos de Julio Cezar Ribeiro de Souza, cuja importancia, agóra, será beu avaliada pelos nossos leitores.

A' gentileza de um amigo, o dr. Henrique Santa Rosa, devemos a preciosa contribuição de um livro, raro no sul do Brazil, escripto em francez, no qual estão esplanadas as theorias e a descoberta de Julio Cezar. Com essa fonte de informações authenticas, podemos completar as que demos no num. 31 dos *Annaes*, de 18 de maio deste anno.

A' noticia na morte do capitão Rénard, recordamos que elle e Krebs tinham, havia 20 annos, construido um balão, copiado, quasi em todas as minucias, do de Julio Cezar, e feito com elle experiencias muito concludentes. O balão desses officiaes francezes não se vulgarisára porque fôra construido no arsenal de Meudon por conta do governo, que considerou a invenção um segredo militar da defeza nacional.

No protesto feito por Julio Cezar contra essa imitação, que constituia uma infracção de sua patente industrial obtida do governo francez, estão demonstradas com rara clareza a theoria e a descoberta, como se verá no seguinte trecho:

«O meu systema não é mais do que a applicação dos principios, acima indicados, do movimento em geral, e, particularmente, do vôo, vôo com vélas ou vôo librado, á direcção dos balões.

«O meu aérostato é, por bem dizer, uma ave invertida e, admittindo que ella seja mais leve que o ar, dou-lhe superficies de resistencia que sejam para a leveza ou força ascensional do systema, o que as azas e a cauda do passaro são para o seu pezo.

«Assim como, na ave, o pezo é sempre

proporcional ás dimensões da superficie do ponto de apoio, e tanto estas quanto o pezo são proporcionaes á mobilidade do ar, da mesma maneira a força ascensional e as dimensões da superficie de resistencia do balão do meu systema são proporcionaes entre si e a mobilidade do ar.

«Isto quer dizer que a força ascensional não póde mais ser de alguns kilogrammos, como sempre foi, sinão tal que, comprimindo e apoiando de baixo para cima os planos ou superficies de resistencia do balão contra a pressão do ar de cima para baixo, isto é, inversamente ao pezo da ave, não sómente ella apoia o balão contra o ar, mas o arrasta tambem para deante, apezar dos ventos ordinarios, como o pezo manifestamente arrasta a ave quando ella se libra ou fluctúa, o patinador quando deslisa, a pendula quando oscilla, a agua quando se torna torrente ou jacto, o ar quando, em sua queda, se torna vento suave, brisa, furacão ou cyclone.

«O alongamento dos corpos que se devem mover por si mesmos, sendo indispensavel á uniformidade da direcção da resultante das acções do pezo, quando ella se afasta da vertical, segue-se que o balão deve ser tambem alongado, mas por este motivo essencial e não, como sempre se fez, para diminuir a resistencia do ar na sua progressão, essa diminuição surgindo como um corollario do alongamento.

«Si o centro de gravidade dos animaes estivesse atraz, si estivesse, durante o repouso, exactamente no centro do comprimento, poderia determinar quedas ascensionaes; o movimento se produziria tanto para traz quanto para deante, tornando-se a marcha ordinaria tanto mais penosa quanto mais estivesse o centro de gravidade collocado para traz. Por isso, foi elle collocado na parte anterior dos animaes, sendo a sua rapidez de marcha tanto maior quanto menos approximado estiver o centro de gravidade do centro do comprimento. Dahi, a necessidade de fixar o centro de força ascensional na parte anterior do balão, afastando-o mais possivel do centro de comprimento.

«Para isso, o balão deve ter, necessariamente, maior capacidade na parte anterior, maior diametro perto da prôa, numa quinta parte do comprimento e de igual diametro.

«E' este o cachet essencial do meu systema, é esse o traço que, ao primeiro golpe de vista, o torna inteiramente typico, inteiramente paradoxal e distincto de todos os systemas que o precederam; é, em uma palavra, o *magnnum signum* que o torna uma excepção manifesta do absurdo e da rotina geraes.»

Julio Cezar reclamava como ponto capital da sua invenção—a maior ca-

pacidade na parte anterior do seu balão em fôrma de charuto, conformação sempre cuidadosamente evitada pelos seus predecessores que experimentaram balões alongados, sendo o seu systema ainda mais original e extraordinario pela propriedade exclusiva de fazer do proprio ar um elemento constante da rapidez do apparelho.

As experiencias de Rénard e Krebs fôram feitas, em Pariz, a 9 de agosto de 1884; entretanto, Julio Cezar expuzera o seu systema em uma memoria, lida, a 27 de outubro de 1881, na *Société Française de Navigation Aérienne*, de que o capitão Rénard fôra presidente até junho de 1881, e Krebs era membro. No dia 8 de novembro de 1881, foi experimentado nos estaleiros do sr. Lachambre, *Passage des Favorites*, 24, um balão do systema Julio Cezar, com 10 metros de comprimento e 2 de diametro. A acta dessa experiencia foi assim redigida:

Les soussignés déclarent avoir vu dans les expériences du mardi 8 novembre 1881, le ballon dirigéable le *Victoria* (de dix mètres de longueur) avancer contre le vent sans aucun effort et sans le secours d'aucun propulseur. *Ch. Deck, U. Vieillard, A. Reynaud, E. Goudron, A. Roulet, H. Lachambre.*

As experiencias com o *Victoria* fôram repetidas em Belém do Pará a 25 de dezembro de 1881; no Rio de Janeiro, defronte da Escola Militar, a 29 de março de 1882.

A commissão do Instituto Polytechnico do Brazil, do estudo do systema Julio Cezar concluiu:

1º Que o apparelho applicado á navegação aérea, descripto pelo sr. Julio Cezar Ribeiro de Souza, na Memoria e desenhos submettidos ao Instituto, não é copia, nem imitação de algum dos systemas descriptos pelos que se occuparam seriamente de balões;

2º Que entre todas as idéas, até agóra expostas pelos *aérostatas* e *aviadores* para darem aos *aérostatos* movimento proprio, capaz de servir á sua direcção, a do sr. Ribeiro de Souza é, na opinião da commissão, a unica praticavel;

3º Que a ultima palavra sobre a realisação e vantagem da nova theoria do sr. Julio Cezar depende de experiencias que, no caso de successo, assegurarão á nossa patria as glorias do inventor. O Instituto Polytechnico, acceitando a missão de juiz, se desempenha desse honroso encargo demonstrando ao governo imperial as vantagens em auxiliar o sr. Ribeiro de Souza, com os meios necessarios para realisar as

experiences no paiz ou no estrangeiro. *Barão de Teffé*, relator, *Alvaro Joaquim de Oliveira* e *Fabio Hortilio de Moraes Rego*.

Não é preciso mais para documentar a primazia do Brazil na conquista do ar, gloriosa campanha secular de que se destacam, em tres estadios afastados — o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o iniciador; Julio Cezar, o revolucionario contra os errados processos da rotina; Santos Dumont, aureolado pelo successo definitivo.

Amigo e companheiro de trabalho, na redacção da *Constituição* (Pará, 1880) assistimos, na mais doce intimidade espiritual, a elaboração apaixonada do systema que foi o derradeiro sonho do homem de sciencia, do prosador, do poeta, a cuja memoria, quasi apagada ás intemperies do olvido, rendemos, no momento da victoria do glorioso Santos Dumont, esta homenagem de saudade da sua pessoa, de respeito ao seu espirito e ao seu trabalho.

D. O.

### ARMADA NACIONAL

*A passagem de Humaytá — Incapacidade e inercia do chefe da expedição — Insucesso nos resultados esperados.*

Todas as operações navaes que seguiram e precederam Humaytá, estão, por assim dizer, fóra de alcance de uma analyse estrategica, sob o ponto de vista naval.

Limitaram-se ellas a bombardeios e passagens, auxiliando o exercito, tendo sempre as nossas guarnições revelado bastante bravura.

Dentre aquellas operações, destacam-se o apoio á passagem do exercito no Passo da Patria e as passagens de Coevas, Mercedes, Curuzú e Curupaity. Analysando-as, alguns historiadores téem apontado certos erros de conjuncto, muitos improcedentes, sobretudo os que se referem á inercia da nossa esquadra e, de resto, todos de pouca importancia.

A inactividade dos alliados, a do exercito forçando a da esquadra, as surpresas do Estero Bellaco e Tuyuty, o revéz de Curupaity, são factos que pouco interessam ao fim do nosso trabalho, que só procura analysar as duas grandes operações da esquadra, pontos culminantes do seu papel na guerra do Paraguay: Riachuelo e Humaytá.

Tanto o sr. visconde de Ouro Preto, como o sr. almirante Jaceguay estu-

contram, por vezes, pontos fracos, atacaveis. Ambos detém-se mais longamente, porém, sobre as operações e aprestos que serviram de prefacio á passagem de Humaytá, sobre essa passagem e sobre as suas consequencias.

A prolongada e irritante dissidencia entre os chefes sobre a oportunidade do forçamento de Humaytá, como complemento ao assedio do quadrilatero; Mitre de um lado, exigindo-o, julgando-o indispensavel, dizendo que o realisal-o era tão sómente, *llenar um deber*, e, de outro, o marquez de Caxias, reportando-se sempre aos conceitos do almirante Joaquim José Ignacio, que o reputava inutil e prejudicial antes da occupação, pelo exercito, de qualquer ponto, na margem, acima de Humaytá; a necessidade de dar vida, movimento a essas forças que tanto custavam á nação e que dir-se-iam paralyzadas e impotentes ante o famoso quadrilatero, paralyzação que trazia como consequencia supposições menos cabiveis por parte do povo e a lucta quasi mesquinha que se levantava no seio da alliança; tudo isso é objecto de mais desenvolvido estudo por parte daquelles dois auctores. Depois, finalmente, a passagem.

O sr. visconde de Ouro Preto nol-a conta, como a maioria dos historiadores, não entrando em detalhes que chegam, num combate, muita vez a escapar aos proprios que nelle tomam parte; nol-a conta tal como as ordeus do dia e as partes dos dois chefes nol-a transmittiram: gloria a todos, superiormente guiados por um chefe, coberto de glorias tambem.

O sr. almirante Jaceguay esminça-a mais, conta detalhes, faz considerações sobre os que a dirigiram, sobre as condições em que foi effectuada e nol-a expõe, em summa, em todos os seus pormenores, tal como ella foi e como os que a ella assistiram ou nella tomaram parte a descreveriam e commentariam, se tivessem, como o sr. almirante Jaceguay, a coragem de trazer a publico, a par da gloria que ella proporcionou, as pequenas misérias a que deu lugar.

Documentos escriptos por certo não existem que comprovem tudo quanto diz este auctor. Quem os escreveria para o publico? Mas, quem o contestou com vantagem? A sua narrativa é perfeitamente veridica; nós, entretanto, deixaremos certos detalhes, que nos não interessam e vamos analysar a passagem de Humaytá, de um modo succinto.

A primeira pergunta que logo nos ocorre é: com que fim a esquadra transpoz Humaytá?

De tudo quanto se tem dito ou escripto, parece que o objectivo que se tinha em vista, com a passagem de



quadrilatero, interceptando as communicações entre elle e Assumpção. Nem podia ser outro o fim de tal passagem.

Mas, qual a base de operações que teria essa esquadra acima de Humaytá, antes que o exercito occupasse ahí algum ponto? Não havia já a experiencia da difficuldade de communicações que, a principio, teve a divisão encouraçada depois de transposto Curupaity? Não era, pois, uma rematada tolice exigir-se tal passagem, com a precipitação com que a queria o general Mitre, illustre guerreiro, cujos feitos não sabemos porque ciosamente os guardam os nossos amigos do Prata?

Tolice tanto maior quanto quasi todas as communicações entre Humaytá e o inimigo, se faziam pelo Chaco!

Assim, após muita controversia, ficaria assentado que aquella passagem só seria tentada quando o exercito fôsse occupar um ponto acima da fortaleza, que servisse de base de operações á esquadra.

Ia, entretanto, o marquez de Caxias estendendo suas linhas de assedio, a despeito da resistencia do inimigo, que não se sujeitava passivamente ao cerco. Em principios de novembro de 67, essas linhas chegavam á margem do Rio, e o exercito alliado occupava Tagy. Já então podia ser effectuada a passagem. Porque o não foi? Não havia agua bastante no rio e os encouraçados, que então possuíamos, não eram os mais adequados a esse fim.

Esperou-se, dest'arte, a enchente do rio e esperaram-se os novos monitores que deviam chegar da capital do Imperio.

Esses monitores chegaram, por fim, e a passagem effectuou-se.

Entretanto, em data de 5 de outubro, o sr. visconde de Ouro Preto, então ministro da Marinha, já se referia á enchente do rio, que se manifestava, e que naturalmente lhe fôra communicada antecedentemente pelo almirante Inhaúma. Em officio de 27 de dezembro, novamente se refere a essa cheia, que evidentemente teria continuado a manifestar-se e que parece veio a ter sua maior intensidade a 19 de fevereiro de 1868, quando se effectuou a passagem. Não teria havido agua sufficiente antes desta data para passarem os encouraçados que nesse tempo possuíamos e que teriam, pois, uma base de operações acima de Humaytá, estando Tagy em nosso poder desde novembro do anno anterior?

Devia ter havido, porquanto na epocha das enchentes ou vasantes, não é quando já se aproxima o fim do movimento das aguas que ellas crescem ou diminuem com maior intensidade em geral. Mas, nada existe

escripto a respeito, nada se pôde affirmar, e o que é certo é que, mesmo que tivesse havido a agua necessaria aos nossos couraçados maiores, não se teria effectuado a passagem, pois se esperavam os navios que iam chegar: *Pará, Alagôas, Rio Grande*, apropriados para a operação.

Chegados esses, como já dissemos, effectuou-se a passagem, e elles, que haviam sido construidos tendo em vista unicamente o forçamento de reductos inimigos, com especialidade Humaytá, passaram essa fortaleza, atracados e abrigados pelo *Barroso, Bahía e Tamandaré*, que eram improprios a tal fim, e que receberam todo o fogo das baterias inimigas!

O chefe dessa gloriosa expedição foi o então capitão de mar e guerra Delfim Carlos de Carvalho.

Que criterio dictou essa escolha? Nunca se soube.

Que papel, como chefe, representou na passagem? Nullo; e um chefe que, em qualquer operação em que sua força toma parte, representa um papel nullo, representa um máu papel. Tomou a vanguarda da força que commandava, o que, naquella, caso lhe competia fazer? Não. Esperou até que Humaytá fôsse transposta pelo par da vanguarda para então investir o passo julgado inexpugnável, tendo, emquanto aquelle par seguia gloriosamente avante, affrontando o perigo julgado insuperável, deixado o seu capitanea cair até bem proximo ao fundeadouro do grosso da nossa esquadra, e sem procurar saber do *Alagôas*, que se desprendera do costado do *Bahía*, coisa que até hoje não se pôde, ao certo, dizer porque.

E' indiscutível, analysando tudo o que existe escripto sobre essa passagem, que effectivamente foi grande de mais o intervallo entre as horas em que o *Barroso* e o *Bahía* transpuzeram Humaytá, e parece irrefutável o que affirma o sr. almirante Jaceguay sobre a simultaneidade entre o foguete lançado de bordo do *Barroso*, noticiando o successo da tentativa e o *sigá!* do almirante Inhaúma ao capitão de mar e guerra Delfim Carlos de Carvalho, quando o *Bahía* viêra a approximar-se da nossa esquadra.

Esse *sigá!* não resumia mais perigo algum: o *Barroso* o provára. O chefe o cumpriu.

Mas, estamos a nos demorar, demasiadamente, sobre um ponto quasi pe-soal.

Sobre a passagem de Humaytá, o que se pôde affirmar é que foi uma operação em que mais uma vez se poz em prova a bravura e o desprendimento da vida por parte das nossas guarnições. Do conjuncto dellas, apenas duas figuras destacam-se superiormente: Arthur Silveira da Motta, que, posta á margem a hierarchia mi-

litar, foi o verdadeiro chefe da expedição, e Joaquim Antonio Cordovil Maurity, commandante do *Alagôas*, procedendo tão diversamente do capitão de mar e guerra Delfim Carlos de Carvalho, procurando sempre no seu minuscuro navio emprehender a passagem, a despeito dos signaes para retroceder, feitos pelo almirante Inhaúma.

Pôde-se mais dizer que foi uma operação realisada em más condições, porque não se comprehende uma tão longa espera por monitores apropriados a emprehender-na, para, no fim, ser realisada por navios reputados improprios a tal fim e aos quaes se amarravam aquelles, para que passassem abrigados sob as baterias, difficultando-se extraordinariamente as manobras de todos, num passo apertado e formidavelmente defendido. Foi ainda uma operação realisada em más condições pelo intervallo que houve entre as passagens, pelo pouco entusiasmo e nenhum cuidado do chefe, que contribuiu para que só com dia tivesse fim uma operação, cujo exito dependia, em grande parte, de aproveitar-se a escuridão da noite.

Correspondeu, ao menos, a passagem de Humaytá, ao objectivo que se tinha em vista com o consumal-o? Não.

A passagem de Humaytá, levada a effeito com o fim de fechar definitivamente o cerco em que as nossas forças mantinham o quadrilatero, devendo servir os navios que a realisassem para o transporte de tropa para o Chaco, afim de isolar por completo os reductos do inimigo do resto do paiz, não deu nenhum resultado pratico.

O inimigo, que, depois de abandonar Curupaity e Sauce, podia ser sitiado por linhas menos estensas do que as primitivamente necessarias, o que nos permittiria empregar parte do exercito em completar o cerco pelo Chaco, afim de impedir-lhe a fuga, objectivo facil de conseguir sobretudo se a esquadra, em vez de preoccupar-se com manifestações extemporaneas, inuteis, até Assumpção, fôsse empregada em guardar efficaçamente a linha Timbó-Humaytá; o inimigo, diziamos, concentrou-se em Humaytá e dahi, com vagar e sem risco, se foi transportando para a margem opposta, de sorte que, quando essa fortaleza, abandonada já, caiu em nosso poder todo o exercito que guarnecia o quadrilatero e que, durante cerca de dois annos, mantivera o nosso paralyzado, se havia passado para o interior do paiz, com muitos elementos para, de novo, se nos oppor por mais de um anno.

Porque não se tomou posição no Chaco, ou acima deste para impedir essa fuga?

Serão veridicas certas referencias que, desde a infancia, vimos ouvindo

a officiaes que tomaram parte na campanha, sobre uma intervenção maçónica?

O sr. almirante Jaceguay diz que a demora na conclusão da guerra foi devida a todos os generaes em chefe terem eliminado o Chaco das suas concepções estrategicas. E' crível esse erro no illustre Marquez de Caxias, que alguns biographos querem tornar possuidor dos dotes militares de Napoleão I? É, pelo menos, muito difficil de acreditar.

Compreende-se bem que nada, a não ser a existencia do erro, se possa affirmar sobre este assumpto; ou os maçons, pela sua discreção, ou os imprevisos nas operações de guerra, guardarão sempre o segredo de não ter a passagem de Humaytá correspondido ao fim proposto e não ter o Chaco entrado nas concepções estrategicas do Marquez de Caxias.

Desde que a esquadra brasileira forçou Humaytá, o curso do rio ficou dominado na parte superior, como já o estava na secção abaixo desse ponto.

O inimigo desmoralisava-se; o exercito pôde apertar o cerco; o inimigo auxiliava-o abandonando seus reductos, sendo batido em outros; as linhas de defeza do quadrilatero fôram recuando; diminuindo as de assedio; desoccupava-se uma parte do exercito, que começou a agir, internando-se mais no paiz. Por fim, o inimigo concentrou-se em Humaytá, e, como vimos, pois que nada o impedia e essa fortaleza já não tinha importancia para Lopez, antes lhe era prejudicial por inutilizar a força que a guarnecia, abandonou-a, depois de algum tempo, retirando pelo Chaco, que o nosso exercito não dominava.

Depois, foi uma série ininterrupta de pequenas derrotas. Nossa esquadra auxiliava o exercito. Vencedores sempre, entrámos em Assumpção. O dictador interna-se para as cordilheiras; nossas forças, já sob o commando do conde d'Eu, perseguem-no; vem a guerrilha e, por derradeiro, o Aquidaban.

De toda a campanha do Paraguay, porém, dois fôram — é preciso repetir — os factos culminantes nas operações da esquadra: *Riachuelo* e *Humaytá*. No primeiro, annullou-se a esquadra do dictador; no segundo, abriu-se caminho para o coração do paiz. O primeiro triumpho, devido ao genio de Barroso; o segundo, á bravura dos nossos officiaes, em geral, e á superioridade relativa dos poucos navios que a benevolencia dos governos estrangeiros e a febril actividade dos nossos arseñaes nos proporcionaram.

Dos outros feitos da esquadra difficilmente poder-se-á fazer uma analyse. Não nos occuparemos com elle e assim damos por findo esse estudo, a *vol-d'oiseau*, sobre aquellas duas victorias

em combates cujas partes descriptivas deixámos de fazer pelo muito conhecidas que são, reproduzidas, a cada anniversario, pela nossa imprensa.

(Continúa).

TONKLERO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### A MORTE DE CATÃO

Personagens: CATÃO, MARCO-BRUTO E JUBA

CATÃO

Meu filho! Ha poucas horas, ainda eu tinha Outro filho... Levou-m'ô a patria. Embóra! Caíu nesta hecatombe derradeira...

Fiquei eu só das victimas marcadas!

— Mas tu, tu és tambem meu filho... filho Da minha escolha, mais querido ainda, Que orphão te poz o crime em meu regaço!

MARCO-BRUTO

E eu hei de abandonar-te nas mãos d'elle!

JUBA

Abandona-lo! Aqui morreremos ambos Comtigo: e mais gloriosa morte...

CATÃO

Juba

Tuas obrigações são mais restrictas Que as d'elle ainda. Onde o poder supremo Se tolera n'um só, — todo lhe incumbe, E' responsavel pelo encargo inteiro Da republica. Deves-te a ella, principe; Não és teu já.

MARCO-BRUTO

Meu pae, os teus preceitos Foram, como os decretos sobérânos Dos deuses, para mim sempre. Mas hoje, Não te obedeco. Eu d'aqui não saio.

JUBA

Nem eu (*Silencio consideravel: Catão medita algum tempo*).

CATÃO

Ficai embóra: mas jurae-me Que salvareis a vida.

JUBA

Juro.

MARCO-BRUTO

Juro.

Se... — Jurarei — se... Ah! Mas tu...

CATÃO

(Tomando-o pela mão)

Meu filho,

Marco-Bruto, meu filho... Oh, que este nome E' de todos os nomes o mais doce! Pela vez derradeira um pae te falla. E tu não has-de ouvir as vózes d'elle! Minha extrema vontade ha-de o meu filho Desprezar de seu pae! O ultimo rogo Já feito sobre a margem do sepulchro, Has-de esquece-lo tu? Catão supplica, Pede Catão, e Bruto não o attende! Meu filho vem, recebe no teu peito O longo, o saudoso adeus da campa, Que só váe terminar na eternidade...

(abraçando-o)

— Este abraço de morte inda é romano, Estas mãos que te apertam não têm ferros! Meu filho, adeus! Sê virtuoso sempre. Não podes ser romano, — mas sê homem.

Roma acabou-se, resta-te a virtude. Já não tens patria,—mas tens honra ainda. Váe, apenas o estado mais tranquillo Das coisas o permitta, repousar-te Nas avitas Sabinas; deixa o mundo A Cezar, e tu vive socegado Cultivando o teu campo. Glorioso E' aquelle torrão que tantas vezes O gran'Censor c'ô as proprias mãos lavrava. Dou-t'ô em dote da filha a quem mais quero, A minha Porcia: pela antiga usança Da boa e velha Roma foi creada; Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco e entrego, Digna esposa de Bruto. — E adeus, meus [filhos.

(Abraçam-se todos tres)

Recordae-vos de um pae que vos amava, Para choral-o, não, que morreu livre; Mas para vos lembrar de seus conselhos, Para seguil-os sempre. Adeus!  
(Váe a tomar a espada de sobre o abaco, e não a acha)

Traidores!

Que fizestes!... Quereis ir entregar-me Escravo, servo com as mãos atadas, Aos algozes de Cezar, ou á infamia Peior, maior, de seu perdão? Ingratos, Vós meus filhos não sois: eu vos abjuro, Vos renego.

### SCENA X

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA, MANLIO

MANLIO

(Trazendo a espada embrulhada na toga)

Fui eu, fui eu: perdôa-me;

Não pude resistir... Cuidei... — Occulto

(Apontando para uma porta interior)

Vigiava d'alli... Mas já é tarde.

Meu amigo, estão já nesse atrio... Foge. Foge, ou...

CATÃO

Fugir eu! Dá-me essa espada,

(Manlio recua: Catão alça a voz tremendamente)

Dá-m'a.

(Manlio entrega a espada)

Oh Roma, oh Roma! Oh minha patria.

(Fere-se)

Já não ha mais que a vida — ei-la: recebe-a; Vamos, ao menos, junctos ao sepulchro...

(Cae: tomam-no nos braços)

MARCO-BRUTO

Meu pae!...

JUBA

Venceste, Cezar, o universo;

Não venceste, Catão. Dáe-lhe esta gloria, Iniquos deuses!

MANLIO

Expiraste, ó Roma!

\* CATÃO

Amigos, estes ultimos instantes, Não m'os faças amargos. Por piedade... Essa dôr — a meus olhos — occultae-a... Não me deis—morte... morte de—covarde...

(Desfallece)

MARCO-BRUTO

Oh meu pae!

(procuram estancar-lhe o sangue)

MANLIO

Meu amigo! Que velhice,

Que extremos dias me guardava o fado!

(Ouve-se alarido de soldados que se aproximam: tiram todos as espadas)

JUBA

Morrámos defendendo este cadaver.

CATÃO (*Tornando a si*)

Impios! — o juramento...

## SCENA XI

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, DECIO

*( Com legionarios de Cezar )*

DECIO

Paz! Clemencia!

Paz em nome de Cezar! Honra e gloria  
Ao seu nobre inimigo, ao homem grande

Que o dictador magnanimo respeita,

*( Dá com os olhos em Catão )*

Ama, e... — Oh! que vejo! tu...

CATÃO (*Esforçando-se para fallar*)

Já — na...da

Tenho... que receiar... de... suas... iras...

Nem... de... seus beneficios... — Mas, amigos,

Vós traís-me! Porque... vedar-me o sangue?

Deixae-me — eu sei morrer,

*( Mette as mãos ambas na ferida, e, rasgando-a,**com o ultimo esforço exclama: )*Oh... Ro... ma! (*Expira*).

VISCONDE D'ALMEIDA GARRET.

\* \*

## ESTATUAS DE MARMORE E ESTATUAS DE MURTA

Os que andastes pelo mundo, e entrastes em casas de prazer de principes, verieis naquelles quadros e naquellas ruas dos jardins dois generos de estatuas muito differentes, umas de marmore, outras de murta. A estatua de marmore custa muito a fazer pela dureza e resistencia da materia; mas, depois de feita uma vez, não é necessario que lhe ponham mais a mão, sempre conserva e sustenta a mesma figura; a estatua de murta é mais facil de formar pela facilidade com que se dobram os ramos; mas é necessario andar sempre reformando e trabalhando nella, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de lhe assistir, em quatro dias sáe um ramo que lhe atravessa os olhos, sáe outro que lhe descompõe as orelhas, sáem dois, que de cinco dedos lhe fazem sete; e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas. Eis-aqui a differença que ha entre umas nações e outras na doutrina da fé. Ha umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quaes difficulosamente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados: resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam nella firmes e constantes, como estatuas de marmore; não é necessario trabalhar mais com elles. Ha outras nações, pelo contrario, que recebem tudo que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argu-

mentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir, mas são estatuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova fi ura, e tornam á bruteza antiga e natural e a ser matto, como d'antes eram. E' necessario que assista sempre a estas estatuas o mestre d'ellas, uma vez, que lhe corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem, outra vez, que lhe cerceie o que vicejam as orelhas, para que não dêem ouvidos ás fabulas de seus antepassados; outra vez, que lhe decepe o que vicejam as mãos e os pés, para que se abstenham das acções e costumes barbaros da gentildade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raizes, se póde conservar nestas plantas rudes a fórma não natural e composta dos ramos.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

\* \*

## ENGEITADINHA

— De que choras tu, anjinho?

— Tenho fome e tenho frio...

— E só por este caminho,

Como a ave que cahiu

Ainda implume do ninho!

A tua mãe já não vive?

— Nunca a vi em minha vida:

Andei sempre assim perdida,

Mãe certamente não tive.

— És mais feliz do que eu,

Que tive mãe e morreu.

JOÃO DE DEUS.

\* \*

## A CARTUXA

Está o ermo da Cartuxa posto nas asperas montanhas da Saboya, a que os antigos chamaram Alpes, no meio de umas serras de grande altura, tão ingremes e de tanta penedia, que não achou até agóra a industria humana modo nem logar por onde a ellas se subir, porque todas ao redor são uma rocha talhada, que por muitas partes váe acabando em uns penhascos agudos, os quaes, com sua natural aspereza, não só mettem espanto a quem de baixo os está olhando, mas ainda causa admiração vêr o artificio com que a natureza foi misturando o rochedo d'aquellas serras com a verdura do arvoredado, que por muitas partes arrebenta. O sitio por dentro é mui capaz, porém mui aspero e intratavel, assim por estar a maior parte d'elle sempre coberto de neve, como pelos ventos que ordinariamente correm, tão frios e agudos que até os animaes bravos do monte os não podem supportar, pelo que em todas aquellas brenhas ha mui pouca caça, e ainda das aves não ha as menores, como rouxinões, melros,

nem outras que com sua melodia costumam alegrar e fazer doce a habitação do campo, senão algumas maiores de rapina, como aguias a que a natureza ensinou a buscar os cumes dos mais altos rechedos para n'elles fabricarem seus niuhos. E posto que em todas as coisas é este logar por sua estranheza muito para vêr, todavia o mais admiravel de tudo é a serventia que Nosso Senhor ordenou que tivesse, porque, não havendo nenhuma, por estar todo em roda crespo de penedia, de fóra se levanta outro monte da mesma altura, que no cume se foi encostando ao da Cartuxa, de modo que deu logar a se lançar de uma a outra parte uma ponte por industria humana, com a qual a entrada não só ficou accommodada para o serviço da Cartuxa, mas tambem facil para se defender a passagem a quem nella quizesse entrar. Fica por baixo da ponte um valle entre estas serras, que, por ser profundissimo e não admittir os raios do sol, se faz tão escuro, que mais causa horror que gosto aos que passam por cima, ao que ajuda muito o rouco som do rio Guier, que pelo fundo váe passando, cujas ondas, quebradas na penedia, causam um rumor importuno e temeroso. Fica muito curto todo o encarecimento que deste logar escrevem os hisroriadores para se poder explicar o grande artificio com que a natureza o compôz, porque parece quiz Nosso Senhor formar nelle um castello roqueiro, em que estes santos se pudessem defender dos inimigos d'alma com tanta felicidade que não ficassem armas ao mundo, diabo e carne com que os inquietar.

D. BASILIO DE FARIA.

( 1569-1625 )

\* \*

A conferencia litteraria do sr. Medeiros e Albuquerque, segunda-feira ultima no Instituto, sobre o *pé e a mão*, dá oportunidade aos versos do poeta Simões Dias, de Portugal, intitulados *A uns pés*. Da poesia portugueza que cantou pés, o orador apenas alludiu á de João de Deus, e leu as criticas de Fernando Caldeira a *Uns pésinhos*. A proposito dessas estrophes, escreveu Camillo Castello Branco:

«A' cerca de pés, poesia tão imbrincada, tão fagueira, tão dengue, com tantos suspiros e aromas e beijos e quindins, ninguem a urdiu como este poeta.»

As quadras de Simões Dias, que se seguem, augmentam, nos que ouviram o conferencista, as deliciosas informações a respeito de pés:

## A UNS PÉS

Pés como os teus, mulher, ai! não ha nada

No mundo tão gentil,

Nem miniatura alguma cinzelada

Por inclito buril!

E que são elles? duas miniaturas

Do mais extremo idéal,

Feitura sublimada entre as feitura

Do artista sem igual!

Que perfeição de pés ! que exiguidade !  
São tão pequenos, são,  
Que me cabiam ambos á vontade  
Dentro d'uma só mão !

Mas o que eu mais estranho, o que eu mais  
acho  
D'admiravel emfim,  
E' como tu não cáes d'elles abaixo  
Sendo elles assim !

Tu sabes que eu não sei ser lisonjeiro,  
Ouve o meu coração:  
Se os teus pés se vendessem por dinheiro  
Em publico leilão,

Que enorme somma d'oiro não viria  
Cubr-te aos lindos pés !  
Eras capaz d'arruinar n'um dia  
Algum banqueiro inglez !

Nas o que eu mais estranho, o que eu mais  
acho  
D'admiravel emfim,  
E' como tu não cáes d'elles abaixo  
Sendo elles assim !

SIMÕES DIAS.

—  
Camillo faz a estes versos a seguinte nota :

« Alguns pés de senhoras portuguezas são, em verdade, tão pequenos que podiam ter inspirado aos poetas nacionaes a idéa bonita de caberem os dois pés d'ellas em uma das mãos d'elles — o que depende do tamanho das mãos tambem, vamos lá. A hyperbole, sem duvida, é galantiuza, mas não é bem nacional. Enviou-nol'a, ha muitos annos, de Pariz, Alfredo de Musset. Dizia elle do pé de uma condessa andaluza :

*Il était si petit, qu'n enfant l'eut pu prendre  
Dans sa main...*

Baudelaire tambem conhecia um pé que cabia no concavo de um pequenina mão ; e Charles Diguët, no seu aljofarado livrinho *BLONDES ET BRUMES*, diz a uma das loiras :

... *Tes petits pieds, si mignons que les deux  
Tiendraient dans mes cinq doigts.*

Estas senhoras eram aleijadas, se os poetas são verdadeiros.»

Foi no numero 12, ultimo do anno passado, desta revista, que o sr. Eunapio Deiró escreveu a primeira parte do seguinte artigo. O nosso collaborador, logo ás primeiras linhas, dá a razão por que só agóra entendeu completar o seu trabalho.

## TIECK

Não me recordo do numero dos *Annaes*, em que escrevi a primeira parte deste artigo a respeito do poeta Tieck, que avulta, na litteratura allemã, como um dos gloriosos representantes do pensamento nacional.

Eu teria deixado no fundo do tinheiro esta segunda parte, si os *Annaes* num. 43, de 10 de agosto, não me viessem tirar da indolencia, fallando-nos do livro editado em Lisbôa e escripto pelo sr. João Ribeiro, com o titulo de *Crepusculo dos Deuses*.

A mim, me estava parecendo ser coisa extravagante tratar de uma litteratura sem cultores no Brazil ; dessa

persuasão provinha tal indolencia. Recobrei, porém, coragem e ousei reatar o fio quebrado, lendo os conceitos expendidos ácerca do *Crepusculo dos Deuses*, conceitos que mostram merecer aquella litteratura, — vastissima e opulentissima manifestação da intelligencia humana, — grande apreço e estima entre nós. Dest'arte, voltei á tarefa, talvez ingrata, de continuar a colligir as notas, que havia reunido concernentes ao auctor do *Chaperon* e inexoravel vergastador de Iffland e Kotzebue, dois chefes da escola do realismo tudesco.

Os estudos da litteratura allemã são, ordinariamente, laboriosos e desagradaveis, porque poetas e escriptores não pensam, não sentem, não escrevem da mesma fórma, que os latinos, os francezes, portuguezes ou italianos e hespanhóes.

Elles pairam por sobre as nuvens ; amam divagar pelos interminaveis intermundos de Epicuro. As ironias, as allegorias, as coisas phantasticas e incompreheensiveis fazem a volumosa parte de sua bagagem, ou producção litteraria. Os leitores vêem-se forçados a *atinar* com o sentido occulto de suas idéas e palavras. Não é preciso aprofundar a litteratura germanica para reconhecer que entre ella e a de outros povos, váe immensa differença. O leitor julga topetar com a fronte nas estrellas, ou descer á insondavel escuridão dos abysmos. Tudo é vago, indefinido, imaginario. Demais, as raças, que formavam os povos da antiga Germania, e cujo espirito perdura, ostentavam uma longa historia de acções heroicas, que celebravam em versos ; cantavam os triumphos, as brutae orgias, em que o sangue era derramado a rôdo, e a devassidão e o horror dominavam entre os fulgores da esperança de conquistar o paraíso de um guerreiro, ao saír desta terra de peregrinação. Aquellas raças transmittiram os *cantos runicos* dos scandinavos, as narrativas dos *skaldas*, assim como a glorificação da decantada *Freya, de Vola* e do tremendo *Odin*.

A Germania sempre foi e é a patria das lendas, das balladas, dos *Nibelungen*, das epopéas, dos contos, dos sonhos, do idéalismo, emfim de todas as inspirações e mysterioso symbolismo. As raças cruzaram e fundiram-se, mas as transformações não supprimiram o genio primitivo, segundo affirmam criticos e historiadores eminentes. Eis ahi porque, nos ultimos seculos, o pensamento allemão apparece na litteratura quasi reproduzindo o passado.

Os seus poetas, ou escriptores, artistas, philosophos, historiadores, ou publicistas ; todos conservam a indole, que é, por assim dizer, caracteristica da raça.

Ora é na litteratura, principalmente, que se manifesta, como a expressão da vida nacional. O symbolismo, e o mysticismo inspiram poetas, e, entre elles, devemos notar o mordaz Tieck, um dos que empregam sempre as allegorias em fórma de contos mysticos.

Outr'óra, tive paciencia de supportal-os ; arrisquei-me ao perigoso labor de ler philosophos, como Kant, Fichte, Hegel. O primeiro, um profundo e sabio pensador, que bem merece a gloria que lhe laurea a fronte, mas escriptor soporifero, de estylo detestavel, quasi sempre incompreheensivel. O segundo, um visionario, cheio de inopinadas inspirações geniaes e que de um phenomeno psychico teve a lembrança de fazer brotar a criação do universo. O terceiro, com as suas theses e antitheses, creou um systema de philosophia, que rarissimos leitores tomam a peito penetral-o.

Ora, si dos philosophos passarmos aos poetas, romancistas, encontraremos o mesmo espirito dominando. Será do temperamento da raça ? Será da tradição ? Será, segundo a theoria de Taine, da influencia do *meio* ?

Não nos deteremos, esmerilhando taes questões.

Emfim, no proprio livro intitulado *Crepusculo dos Deuses*, o sr. João Ribeiro apresenta um acabado exemplar dos poetas germanicos, nesse Romeu Aquario, que passa por auctor da *Tragedia de Romulo*, tragedia que o vate da cidade allemã de Campo Verde apenas sonhou, e nunca escrevera, embóra anhelante de gloria litteraria.

Desde o tempo, em que frequentei a Academia juridica, adoptei o costume de estudar as obras, que manuseava, notando, á margem das paginas, os trechos, que me delectavam, ou me impressionavam desagradavelmente. Depois os criticava, á medida de minhas forças, confrontando-os com as passagens de auctores de outras litteraturas, que me eram um pouco familiares ; de sorte que nos meus apontamentos eu formava como que um breve curso de estudo comparado. Esta especie de trabalho facilitava-me escrever qualquer artigo a respeito de certos assumptos, sem necessidade de fazer um estudo de occasião. E' com o auxilio desse trabalho, provavelmente incompleto, ou imperfeito, que escrevo sobre o genio e as obras de Tieck, tendo restolhado na vasta seára da critica e da historia litteraria.

O romantismo de Tieck não se acha no *William Lowel*, nem em *Pierre Leberechet* ; dizem os criticos, porém, nos contos e nos dramas.

O conto é, a certos respeitoes, o genero que convinha perfeitamente aos romanticos ; todavia, não se saíram sempre bem.

Certamente, não se exige que um conto seja no todo verdadeiro, por que todos nós, leitores, sabemos que o maravilhoso, o imaginario constituem o dominio do conto. E', porém, racional exigir-se que hajam certa unidade, com logica interior, que dêem á invenção, pelo menos, côres de realidade, revestindo-a de verosimilhança.

Demais, um conto deve ser ingenuo: ora, os românticos de certo não gostam nem se gabam de simpleza; pelo contrario, distinguem-se pela ruidosa ostentação.

Quereis um exemplo? Lembro-vos as tiradas vaporosas, o lyrismo exaggerado do *Hernani*, de Victor Hugo, ou as declamações impetuosas do *Antony*, de Alexandre Dumas.

A fallar verdade, em Tieck, o conto é um accessorio; o essencial consiste nas allusões frequentes, zombeteiras e satyricas, que os adubam, como o môlho de mesa de hotel, applicado a todos os pratos. Desde então, o contador corre mais de um perigo, porque é indispensavel que seja, sem interrupção, espirituoso.

Ora, vulgarmente se costuma dizer que a industria de fabricar espirito é coisa futil e, ás vezes, ridicula: é o risivel talento do charlatão.

Tieck poz, num quadro, os contos, que elle mesmo reputava excellentes; como que converteu numa meada de conversações sob o titulo de *Phantasia*.

Alguns delles são de fórmula dramatica; são os que, de principio, fôram os mais admirados e um critico observa que pôdem dar uma idéa do que era um conto romântico bem apimentado de ironias.

Entre estes contos, podemos ler o *Petit Chaperon*, que é uma tragedia de dois actos em versos burlescos. O assumpto é o seguinte:

A avó acorda num domingo pela manhã; ouve o tintinar de sinos; as arvores inclinam-se sob as lufadas dos ventos como que prestando homenagem a Deus. Ella desejava ir á igreja, porque é o visitador ecclesiastico em pessoa quem váe prégar, mas a embaraça a grande fraqueza. Entra *Petit Chaperon*, que declara estar o pae sempre de máu genio, quando soffre da gotta. Conversa, durante longo tempo, com a avó, retira-se deixando-lhe um bôlo inglez. Na floresta, encontra o caçador, que se aproveita da occasião para o lisonjear um pouco. O caçador, naturalmente, espera o lôbo. Accende o cachimbo; admira como fogo pôde sair dum pedaço de pedra. O lôbo explica o seu character num monologo; é um philosopho pessimista. Outr'óra, quiz servir a humanidade; entrou, como guarda, numa fazenda; porém, apenas se lhe descobriu o disfarce, não encontrou mais nenhuma sympathia, embôra, por toda

parte, todo o mundo só falle de tolerancia.

Agóra, em nada mais crê, nem mesmo na immortalidade. O que posso fazer entrar em meu corpo é o que me pertence; essa é toda a minha doutrina. Elle matará a avó; matará o *Petit Chaperon*, para vingar-se da sociedade. O cuco ainda dá ao menino o derradeiro aviso, que não escuta. A tragedia acaba pela morte do lôbo; não é moral; ás vezes, é escandalosa; mas os personagens — homens e bestas — têm decididamente muito espirito.

*Barbe-bleu*, conto em cinco actos, tem defeito contrario: os personagens, impostores, fingem extrema seriedade. No quinto acto, o conto muda-se, subitamente, em drama pathetico!...

— Jámais, observa Wilhelm Schlegel, jámais, Tieck não escreveu nada tão inspirado a tão commovente.

Este elogio se poderia considerar uma censura.

No *Chat botté*, conto de acalantar creancinhas, a satyra litteraria absorve tudo e encolerisa-se num prologo, num epilogo e nos entreactos. E' uma metralha contra o *realismo* de Kotzebue e d'Iffland, que nos deleita por momentos e nos fatiga pela monotomia. Um critico daquela temporada, chamado Boettiger, auctor dum livro a respeito das representações d'Iffland em Weimar, é o mais vergastado. (1)

Travam-se conversações de cima do scenario com a platéa. O publico, alto e bom som, exprime a sua opinião concernente á peça que se está representando, e da qual está realmente aborrecido. Um queria que a peça fôsse moral; outro, que tivesse um *quid* de philosophia; ainda mais um terceiro quizera que contivesse mais sentimentos ternos. Estes gritam e assoviam; aquelles louvam e applaudem. Eis que aparece o poeta:

— A peça caíu — diz elle — não foi só por culpa minha.

— UM ESPECTADOR. De quem a culpa? Porque nos volta a cabeça?

— UM ADMIRADOR. Vossa peça é, sem duvida, uma theoria mystica a respeito da natureza do amor?

— O POETA. Não creio. Eu só queria fazer a experiencia de transportar-vos ás longinquas impressões de vossa infancia e ver si não tomarieis um conto pelo que é e vale.

OUTRO ESPECTADOR. Isso lá, amigo, de certo, não é tão facil como dizeis.

— O POETA. Ora! seria preciso que esquecesseis tudo o que aprendestes...

— O 1.º ESPECTADOR. Só isso?

— O POETA. Tudo o que haveis lido nos jornaes; numa palavra, que voltasseis a ser creança.

Tudo isso, diz um critico, era uma brincadeira: o *Chat botté* uma zombaria, que só tinha o defeito de ser longa.

Não parece, hoje, ser outra coisa. No campo romântico, porém, não se pensaria assim. Parecia, simplesmente, que a comedia aristophanica renascera.

Tieck, acoroçado pelos amigos, continuou a escrever, no mesmo estylo, *O principe Zerbino*, *O mundo ás avéssas*.

*O principe Zerbino*, ou a viagem ao paiz do bom gosto, em seis actos, representou-se, pela primeira vez, em seguida ao *Chat botté*; é, quanto ao assumpto, um amalgama entre o *Triumpho do sentimento*, de Goethe, e *O sonho duma noite*, de Shakespeare. Passa-se ahi revista geral sobre todos os generos de pedantismo e se nos mostra, como contraste, o jardim da poesia, onde devaneiam os quatro santos — Goethe, Shakespeare, Dante, Cervantès. Os jorros d'agua, os passaros, as flôres, regalam-nos com uma sonora e alegre festa.

No *Mundo ás avéssas*, Apollo é despojado por Scharamouche, o representante do racionalismo em poesia e do utilitarismo em moral.

Installou-se uma cervejaria ao sopé do Parnaso, e o Pegaso foi transformado em asno. A peça apresenta a imagem do mundo ás avéssas; começa por um epilogo e termina por um prologo. — Ah! senhores — diz o epilogo — que pensais da peça? Objectareis que não n'a vistes ainda. Mas que seria da critica, si não se devesse julgar, sinão depois de ter visto?

Tieck tinha dispendido muito espirito nos contos dramaticos e havia nelles contraído o habito de applicar a todas as sortes de assumptos a lei da ironia romântica, isto é, de não tomal-os ao serio.

Assim o provou, quando quiz tratar do verdadeiro drama.

Um manuscripto do pintor Müller caíu-lhe nas mãos, em 1797, e suggeriu-lhe a idéa da tragedia, intitulada — *A vida e a morte de Santa Genoveva*. Esta tragedia é uma série de episodios, que tem por fim pôr deante dos olhos diferentes aspectos da vida medieval. Não se duvida que Tieck acreditava haver produzido uma obra do genero *realista*, restringindo-se a um plano regular. Basta, diz elle, que um prologo e um epilogo formem uma especie de quadro movel, no qual as scenas se possam desenvolver como, em sonho, as imagens.

O prologo e o epilogo são pronunciados por S. Bonifacio, que, desde começo, se dá a conhecer por estas palavras: — Eu sou o bravo S. Bonifacio — e, depois, pede aos espectadores que escutem, com a alma contricta, uma historia dos velhos tempos, quando se apreciavam e veneravam a religião e a virtude.

Ainda reaparece no meio e no fim para supprir, por narrativas, o que

não foi figurado sobre o palco scenico. O drama segue uma marcha, ora epica, ora lyrica.

Golo emprega todos os rythmos possiveis para seduzir Santa Geneveva; esta diversidade de metrificacão é a unica variedade, de que uza na pintura de sua paixão. Um propheta desconhecido prediz a Carlos Martel a gloria futura de sua raça.

O que mais impressiona e absorve a attenção nesta peça, que pretendia ser *ingenua*, é a ausencia completa de *ingenuidade*.

Schiller escrevia a Koerner, após haver lido a *Santa Geneveva*: «Tieck tem inspiração, delicadeza, graça; mas faltam-lhe vigor e profundidade e lhe hão de faltar sempre: os Schlegel deitaram-no a perder».

Noutra carta:

«Tieck ainda tem muito que trabalhar! Infelizmente, elle crê ter já feito tudo! E' pena. Possúe muito talento; não fará uunca coisa alguma perfeita. Póde-se bem disciplinar a força brutal; mas o caminho da perfeição, não o trilha, devéras, quem é vão e inconsciente».

Eis ali como os grandes litteratos, os magnificos poetas, que nós, cá de longe do fóco das sciencias e das letras, tanto admiramos, se julgam uns aos outros. O seculo que tem decorrido não deixou passar em julgado a sentença severa, injusta e cruel de Schiller, que, com Goethe, parece empunhar o sceptro da realeza litteraria na Allemanha, desde o seculo XVIII até o XIX. Mas a transformação da raça germanica, depois de 1870, é profunda, e o novo imperio, observa um critico, produzirá uma nova litteratura.

Nós, que estamos escrevendo estas paginas para os *Annaes*, affirmamos que esta nova litteratura já foi iniciada. E', porém, cedo para dizer que valor póde ter, confrontada com a dos seculos anteriores.

Não audará, todavia, acertado quem julgar a litteratura germanica exclusivamente pelo passado.

A Allemanha doutr'óra, fraccionada, retalhada e dividida, não é a mesma nação hoje unida, integra e forte.

Dessa transformação, indubitavelmente virá uma nova orientação.

Si couber no espaço e no plano dessas adaptações, como declaramos no primeiro artigo, é provavel que façamos um estudo comparativo da litteratura do passado com a do presente.

Cumpre-nos terminar esta succinta noticia a respeito do poeta Tieck, que é ainda considerado, na Allemanha, como uma das glorias de sua variada, profunda e opulenta litteratura.

Não se póde deixar de reconhecer e confessar uma coisa que todos sentem, isto é, que ha no gosto, na entonação do estylo, na escolha dos assum-

ptos, uma grande differença, que amplamente distingue as duas litteraturas — a franceza e a allemã.

A ironia franceza é fina, mordaz, mortifera, leve, seductora, que mata *doucement*, como os prazeres sensuaes, que extinguem lentamente as nossas forças e nos darão a morte.

— *Morte, morte d'amor, melhor que a vida...* — conforme exclamava o sonoro vate Bocage, num dos seus bellos sonetos.

Esta apreciação a respeito dos trabalhos litterarios de Tieck, póde indicar um dos escriptores laureados, um dos poetas notaveis na litteratura germanica. E', porém, duvidoso que a maioria dos nossos leitores sentisse viva, deliciosa e funda emoção, lendo os topicos citados, em que se aguça a decantada ironia. Provavelmente bocejando, os leitores dirão: — quanto é pezada, rude, desgraciosa, fatigante, repulsiva e brutal a ironia allemã!... A litteratura franceza é coisa bem differente; como que se familiarisa com o leitor, accorda-se com a sua indole e natura. E' por isso que exerce, não só no Brazil, mas por toda parte, uma poderosa força de propaganda e de irresistivel attracção, que opéra a conquista dos espiritos e tambem os corrompe.

Reconhecemos e muitas vezes apontamos as frivolezas dos poetas e das obras dos romancistas francezes. Rimmo-nos de certas pieguices; todavia, lemos com emoção, com viva curiosidade, o volume inteiro. Pelo contrario, não podemos, dum só folego, concluir a leitura de minguado numero de paginas dum livro allemão, ou inglez, comquanto contenha assumpto grave e seja escripto com meditação, sciencia e profundezã de intelligencia.

Cada um explicará esses phenomenos da impressão e da sensibilidade, como entender. Não negará o facto, por mais absurdo que pareça. Nem todos os escriptores allemães são Goethe, ou Herder, como, entre os inglezes, todos não são lord Macaulay, Bulwer, Lytton, Thackeray, Dickens, Disraeli, os quaes sabem aviventar a fórmula com admiravel magia da imaginação.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Entwicklung des Iffland'schen Spiels in vierzhn Darstellungen auf dem, etc.*

Conta actualmente o Japão 6.817 kilometros de estradas de ferro. O material rodante compõe-se de 1.427 locomotivas, 4.064 wagons de passageiros e 21.505 carros de mercadorias. As linhas são de bitola estreita de tres pés inglezes (0. m92) de largura; a velocidade dos trens é de cerca de 45 kilometros por hora.

As officinas dos *Annaes* encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographico.

## O ALMIRANTE

(46)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

Havia muito que a marquezã de Uberaba não saía do seu palacio, onde se encerrára com os seus odios reprimidos, as suas aspirações recouditas, desde o exilio da familia imperial. Pareceu-lhe interminavel o trajecto naquellas ruas immensas, ladeadas de algodoeiros bravos, começando e terminando em horisontes fechados por montanhas e curvando-se á feição do valle tortuoso, encerrado nas faldas das cordilheiras. Aquella carruagem elegante, tirada por uma bella parelha de cavallos castanhos, reluzentes como se fôram de bronze doirado, tão raro apparecia que provocava a curiosidade dos transeuntes, parados para verem, entre os coxins de setim azul, a bella figura da marquezã, recostada em languida attitude. Espiavam-na das janellas os olhos vivos das moças. Muitas cabeças se curvavam num gesto de gratidão á generosidade daquella santa senhora, cujo coração caridoso se derramára em prodigalidades beneficas naquelles lares onde entrava como raios de um sol, alegrando as miserias mais pungeutes, alliviando as maguas igno-  
radas.

— Olha a marquezã — diziam, em pequenos gritos de alegria, as creanças chamando as mães.

— Como está desfeita — murmuravam estas, em tom de lastima — Deus Nosso Senhor te dê vida e saúde. Nossa Senhora te acompanhe.

As saudações, os signaes de veneração, as benções daquella gente sincera repercutiam como vózes amigas, numa melodia consoladora, acordando saudades venturosas no coração da marquezã, a estremecer de jubilo por se sentir amada.

A carruagem seguia, ao trote largo da fogosa parelha, na direcção da praia de Botafogo. Quando deixou a zona da sua visinhança, a marquezã rememorou os dias da sua juventude, as rarissimas saídas do convento, acompanhada por uma irmã bella e moça ao lado della, os bellos olhos fechados numa morbidez ascetica para não ver o mundo com as suas iniquidades e peccados, inteiramente entregue á prece murmurada pelos labios descorados, ao passo que os dedos finos, brancos como petalas de lyrio, emergindo das amplas mangas do habito, debulhavam as contas negras de um rosario. Ella se recordava que, por vezes, um suspiro traídor, irrepresivel, explodia do seio da freira, interrompendo-lhe a reza, e que merecera suaves censuras por se debruçar com infantil curiosidade nas portinholas da carruagem.

—A principal virtude de uma menina—dizia-lhe a freira, em tom de admoestação maternal—é o recato. Os olhos peccam, minha querida, e Deus disse, no seu Evangelho, que melhor será arrancar um olho peccador que conservá-lo no rosto.

Ella, muito vexada por ser apanhada em flagrante nesses horriveis delictos da curiosidade, se retraiu, baixava os olhos para não ver as coisas bonitas que iam passando, creaturas alegres, payzagem encantadora, onde divagavam, como passaros fugitivos, os seus olhos enervados nos estreitos limites do jardim do convento.

Depois de tantos mezes de encerro no seu sumptuoso palácio, as scenas da juventude lhe volviam nitidas á memoria. Todos os incidentes banaes da sua vida monotona de moça educanda perpassavam em successão infinda, como paginas de um livro, nas quaes estivessem escriptas as mesmas palavras numa repetição enfadonha até á ultima, em que havia grandes letras incompreensíveis, borradas, conservando as maculas de um pranto copioso, dessas lagrimas derramadas no momento de deixar para sempre o convento para ser lançada aos azares da vida a se lhe descortinar de repente como um scenario deslumbrante, desconhecido.

Porque não ficára no convento, naquellesanto abrigo da paz, da innocencia, iniciando a sua aprendizagem de noiva immaculada do Senhor, como lhe tinham insinuado as freiras? Porque, em vez de consumir a sua adolescencia no estudo do que era indispensavel para figurar na sociedade como moça rica, não se dedicára, desde a infancia, á conquista da felicidade eterna no céo de que o convento era o sombrio portico? Que viera ella fazer cá fóra entre os deslumbramentos de um meio que ella não comprehendia bem, allada a um homem differente do esposo entrevisto nos seus sonhos de moça, torturada pelas dôres de uma maternidade infeliz, marcando, com immensos vacuos escuros, a sua ephemera ventura de esposa, até findar de chôfre no abandono da viuvez?

Desses affectos ineffaveis que Deus não recusa ás mães pobres, ella fôra inexoravelmente privada pela fatalidade, como se fôra castigada por ter preferido a atmosphaera sensual do mundo á paz divina do convento. Ella contemplára as mães felizes a lhe sorrirem numa doce expansão agradecida; vira as creanças vigorosas, as moças bellas, todas venturosas na pobreza. E pensava que Deus, o mesmo Deus das freiras, cheio de coleras, de vinganças, armado de penas terriveis, de torturas eternas, nos brazeiros do Purgatorio e do Inferno, para as mais leves faltas, era o Deus misericordioso que abençoára e permittira se fecun-

dassem os ventres daquellas esposas felizes pelo amor.

Ella estaria, dalli a pouco, na casa de Marianinha, cercada pelos filhos a brincarem, ao lado do marido, daquelle meigo Martins affectuoso, em plena expansão da paternidade triumphante, soberanamente feliz no seu lar, como um Deus entre as suas creaturas, entre os portentos que lhe affirmam a omnipotencia creadora. Pensando nesse adoravel quadro da familia do amigo, pungia-lhe o coração um dardo de remorso. Tinha impetos de voltar para cair de joelhos junto dos pequeninos tumulos dos filhos, abandonados á sombra da voluptuosa ramaria das jaqueiras, e alli ficar no extase da sua dôr, até se lhe evaporar a alma inconsolada.

A carruagem descia a praia de Botafogo, e a marquezia foi despertada do seu maguado scismar pela briza humida, agitando, em pequeninas ondas inquietas, as aguas da bahia; penetrou a rua senador Vergueiro, onde ella lançou um saudoso olhar á casa de Cotegipe, o amigo do marquez, o estadista propheticos que, durante tantos annos, fôra o fóco intellectual das forças dirigentes da nação; chegou ao largo do Machado, onde se concentrava o movimento das grandes ruas alli cruzadas. Foi preciso moderar o passo dos cavallos para evitar a agglomeração de transeuntes, de pessoas paradas á espera dos bondes das trez grandes linhas, confluentes naquelle sitio, para formarem a grande arteria do Catette até o centro da cidade.

No extraordinario movimento de vehiculos, de pessoas, nada havia de anormal: tinha o mesmo aspecto da faina diaria de outros tempos, não apresentava nenhum vestigio da violenta transformação das instituições, nenhum signal da magua que a marquezia suppuzera encontrar nas maneiras, no semblante daquelle povo privado, subitamente, do seu magnanimo chefe, do seu imperador. Tudo se movia nessa variegada harmonia dos contrastes, das funcções apparentemente antagonicas e multiplas da vida de um grande povo, concentrado na cidade immensa, como se não faltasse a peça essencial do propulsor do organismo social, onde já se não divisavam os vestigios funestos da revolução.

Pouco depois, o *coupé* parou ao portão de uma chacara da rua das Laranjeiras. Os filhos de Marianinha, que brincavam no jardim, fôram correndo, aos gritos, numa alegria louca, chamar a mãe, e volveram a rodear a marquezia, a abraçal-a e beijal-a.

— Por isso é que o dia está tão bonito!—exclamou Marianinha, descendo a escada de marmore do terraço.

— Ai, minha querida—disse a marquezia, beijando com ardor a venturosa amiga—tu bem sabes que não

tenho saído: a tua é a minha primeira visita. Não fui mesmo a casa de Eugenia, que fica no meu bairro. Olha a Guilé! como está bonita e crescida a minha afilhadinha! Lembravas-te de mim, meu amor? Queres muito bem á Dindinha? Vem cá, dá-me um grande abraço, um abraço bem apertado. Assim. Depois, um beijinho.

A menina sorria, animando com as mãosinhas delicadas as faces da madrinha, que a sustinha nos braços, enlevada naquelle carinho angelico, havia muito não sentido.

— Como és feliz, Marianinha—murmurava ella, depondo a afilhadinha no primeiro degráu da escada—Tú és uma creatura abençoada. Como váe o compadre?

— Está no fundo da chacara trabalhando nas orchidéas, na sua mania incuravel. Váe chamar papae, Guilé!

E todas as creanças, apenas cinco da prole, porque as outras estavam estudando, correram chamando o pae em alta voz.

— Que ha de novo—inquiriu Marianinha, tanto que se achou na sala de jantar com a comadre.

— Nada. Eu necessitava sair do meu encerro, onde os longos dias de solidão me atrophiam os nervos. Além dos dias de recepção e dos amigos que conheces, quasi ninguem mais me procura. Parece que téem medo da minha casa, que evitam relações com uma pessoa suspeita... Como não seria assim, minha querida, se todos adheriram, até a Eugenia, até o conselheiro, coitado, obrigado pelas contingencias da familia...

— Bem andamos eu e o Martins que não queremos saber de politica.

— Tem razão. Mas isso depende do temperamento, dos habitos, da educação. Imagina que toda a tua vida, todos os teus affectos estivessem presos a uma idéa, a uma aspiração dependente da maneira de conduzir os negocios do Estado, a administração publica: em taes condições, tu serias forçada a pensar na politica, a agir dentro dos seus elementos, a promover, por todos os meios, a realisação daquillo que anhelasses. Eu bem sei que os processos são odiosos nas suas minucias detestaveis e, ás vezes, deprimentes; bem sei que, da intimidade com os homens que os applicam, resultam supremos desgostos, desillusões que magoam as almas puras, que lhe esmorecem a fé na dignidade humana, nas virtudes civicas, mas, que queres? é indispensavel nos aproximarmos dessa miseria, desse inimigo repugnante para combatel-o. Demais, não se vive sem um idéal. Tu tens o da familia, o futuro de teus filhos, a ventura do teu casal, e eu?

(Continúa).

O SR. LÉON BOLLACK inseriu na *Revue*, de Paris, um excellento artigo, que achamos interessante traduzir, sobre a *semana de cinco dias*, ou *quintada*, néologismo proposto para exprimir um periodo de cinco dias, que deve substituir, na organização futura da sociedade, as fórmulas, já conhecidas, da semana ou década.

### A SEMANA DE CINCO DIAS

Os textos legislativos que, de accordo com o costume observado em quasi todos os paizes cultos, estabeleceram o repouso dominical ou o repouso alternativo, se inspiraram no sentimento originado da fé religiosa: Jehovah, tendo fabricado o mundo em seis dias, repousou no setimo; o homem, creado á sua imagem, não poderia deixar de imitar o seu creador.

Deve-se tambem observar que todas as prescripções religiosas fôram determinadas por sabias considerações de hygiene. Os padres, sagazes observadores e conductores d'almas, reconheceram indispensavel uma tregua depois de um certo periodo de actividade.

Mas essas tradições, observadas do ponto de vista do complexo da humanidade, não são universaes. Os judeus, praticantes sempre, observaram o repouso no sabbat; os musulmanos não trabalham na sexta-feira; os buddhistas e os discipulos de Brahma, de Confucio, não téem dia determinado de repouso; trabalham incessantemente até se extenuarem de fadiga, não respeitando mesmo, de maneira absoluta, o verdadeiro repouso indicado pela natureza — o somno durante a noite.

Assim procedem os noctambulos das grandes cidades civilisadas, transgredindo, em parte, as condições hygienicas da vida, prolongando as vigílias em noites passadas no theatro, nos divertimentos ou em logares de supposto gozo.

\* \* \*

O periodo de sete dias foi, sem duvida, primitivamente escolhido por causa da variedade de physionomia do nosso satellite, a Lua, mostrando-nos os seus diferentes quartos. O mez lunar poderia ter a sua razão de ser; a semana, porém, é uma divisão do tempo puramente arbitraria, que deve ser modificada ou radicalmente transformada.

Uma primeira tentativa, nesse sentido, foi esboçada, em França, com a criação do kalendario republicano de 1793: a década, que pôde funcionar durante alguns annos; mas a tendencia para a unificação universal dos costumes inutilisou essa refôrma isolada e muito imperfeita da divisão do

anno, innovação contraria á lei do menor esforço, senhora soberana da evolução humana.

\* \*

Na realidade, sómente duas indicações scientificas da medida do tempo são exactas: o dia, indicando a duração de alternativa de sombra e luz no intervallo de tempo da rotação da Terra; o anno, ou o periodo de revolução do nosso Globo em torno do Sol.

Poder-se-ia tambem adoptar, como terceiro elemento de comparação, o mez lunar, o periodo de revolução do satellite em torno da Terra; mas essa indicação não foi computada na ridicula maneira actual de dividir o anno em mezes de 30, de 31 dias, com o de fevereiro, periódicamente diminuido a 28 ou 29 dias.

Seria mais simples dividir racionalmente o anno de 365 dias em periodos de cinco dias, ou em 73 intervallos denominados *quintadas*, e começar o anno no equinoxio da primavera, sendo supprimidos, como complicações inúteis, os nomes dos dias e dos mezes. Seria muito mais fácil enunciar: o 330-05 — 330º dia do anno de 1905, do que dizer: segunda-feira, 27 de novembro de 1905. O simples exame do algarismo — 330 — bastaria para que todos soubessem que era um dia feriado como seria todo o numero do dia multiplo de 5, ou terminado em 0 ou em 5.

\* \*

Essas proposições theoricas teriam pouco valor si não se fundassem numa íntima aspiração dos homens civilisados. Seria pueril tentar substituir as divisões antigas e applicadas, quasi universalmente, por outras medidas de tempo, si estas não tivessem uma razão de ser, si ellas não apresentassem alguma vantagem incontestavel, que se pôde resumir no periodo de cinco dias ser mais curto do que o de sete.

Como o dia de repouso vem após seis dias de trabalho e com a divisão do anno em *quintadas* o dia feriado viria depois do quarto dia, importa examinar si essa diminuição da semana está de conformidade com a tendencia geral das condições do trabalho, do trabalho menor, testemunho de uma civilização melhor.

Nos archivos humanos, verificamos nos costumes dos nossos avós o trabalho sem interrupção, assim como os povos de civilização inferior actual, os quaes trabalham sem repouso; mas, lentamente, ao influxo benefico de idéas religiosas, o salutar principio da tregua necessaria foi observado em todos os pontos do Globo e não é hoje contestado pelo bom senso.

A década foi regeitada por ser um regresso naquella conquista do repouso hebdomadario, por offerecer menor tempo de interrupção do trabalho consecutivo.

Ao contrario, a proposta da *quintada*, semana de cinco dias, tornar-se-á, forçosamente, a medida legal do trabalho ininterrupto, até que uma organização mais aperfeiçoada do mechnismo e das condições sociaes permittam encurtar os prazos de trabalho contínuo.

Exemplo disso é o feriado concedido na quinta-feira aos meuninos das escolas, porque os pedagogos compreenderam que era impossivel exigir dos meninos um esforço cerebral de sete dias consecutivos.

*Ad instar* do que é habitual nos paizes anglo-saxões, poder-se-ia observar, em França, a terminação do trabalho no sabbado ao meio-dia.

As semanas de quarenta horas de trabalho são, de facto, uma expressão da necessidade, cada vez mais urgente, de obedecer á aspiração do trabalho menor e do menor esforço.

\* \*

Espiritos timoratos murmuram, deploram essas novas concepções da preguiça do homem; os conservadores de todos os paizes clamam que a sua patria está condemnada a desaparecer si as classes laboriosas não penarem no trabalho incessante; entretanto, assistimos á maravilhosa expansão dos povos anglo-saxões, entre os quaes é menor a duração de horas de trabalho.

Na discussão deste problema, se olvida, quasi sempre, o coefficiente da *qualidade* do trabalho, para sómente considerar a quantidade.

Em virtude de repetidas experiencias, os industriaes norte-americanos demonstraram que, ao cabo de um certo numero de horas, o trabalho effectuado não compensava mais ao patrão, e que seria um bom negocio exigir dos empregados um maximo de esforço durante menor periodo de tempo.

De resto, todas essas considerações especiaes são de ordem secundaria; convém elevar o debate das condições do trabalho e tomar em consideração, ao mesmo tempo, o ensino do passado e as aspirações da humanidade.

E' innegavel que a tensão geral do esforço fornecido pelo homem, na lucta contra a natureza, diminuiu gradualmente em duração contínua, á medida dos progressos da civilização; é impossivel que não succeda o mesmo no futuro. Não menos evidente é que, em consequencia do esmorecimento da fé em um mundo melhor, o homem procura encontrar na terra a sua felicidade, felicidade que, sem duvida, consiste na extincção gradual de todas as obrigações pezadas, que téem gradu-





## VIRGO INTEMERATA

## I

Ouve !... Este livro é teu como é do lyrio a alvura,  
Como a luz é do sol e do perdão é a graça..  
Dando-lhe a cada verso uma essencia mais pura,  
Por todo elle teu Sêr, immaterial, perpassa.

Nada do que váes ler floresceu na planura  
Em que humilde celebrou o nosso amor sem jaça...  
Antes, tudo desceu da constellada altura  
Onde tu'alma de creança eternamente esvoaça..

Foi uma vóz do Céu... uma vóz de anjo... Ouvia  
No isolamento cruel, no silencio de um dia  
Desses em que se tem desejos de morrer.

E tudo o que essa vóz disse a minh'alma anciosa,  
Ella mesma virá me repetir piedosa,  
Quando eu te ouvir, mais tarde, este poema reler.

## II

Sempre que o velho mal desta existencia abstraio,  
Na muda evocação de um sonho suave e brando,  
Surges deante de mim, como que num desmaio  
De tintas de oiro, o vulto, ao longe, destacando...

Surges toda de branco, as finas mãos cruzando,  
Numa alameda, a errar, pelo Angelus, em maio...  
Com tens longos bandós mediévos, recordando  
Nossa Senhora vista á luz, brusca, de um raio...

Toda a paz religiosa e todo o extranho aroma  
Dos celestes vergéis, de onde tua imagem desce,  
Formam-te sobre o vulto a mais clara redoma...

E, de manso, entreabrindo os labios como um lyrio,  
Vens piedosa ensinar-me as syllabas da prece  
Que torna leve a cruz de meu fundo martyrio...

## III

Ao murmurar contigo a suavissima prece  
Que nos faz refflorir de lyrios a existencia,  
Escuto, dentro em mim, uma vóz que parece  
Vir de remotos Céos, nas azas da Innocencia...

Como de altos perdões maravilhosa messe,  
Num sereno esplendor de paz e de clemencia,  
Essa divina vóz até minh'alma desce,  
Inundando-me o Sêr de ontra mais nobre essencia...

Desce... fluctúa... e vem, tranquillada e compassiva,  
Cheia do grande amor e graça primitiva  
Das Martyres christãs em face do carrasco...

E tamanho é o poder da Fé, que ella proclama,  
Que eu tombo, á viva luz de sua ardente chamma,  
Como Saulo no pó da Estrada de Damasco...

CASTRO MENEZES.

1905.

## LUAR DE NUPCIAS

Do alto, rolando, o luar, em limpida torrente,  
A luz açucenal derrama nupcialmente  
No thalamo floral da Primavera. Tudo  
Vibra de amor: da estrella á gramma de velludo.  
O claro céo, arqueando os thezouros que encerra,  
Toca de um lado o mar e de outro lado a terra ;  
E a terra, por beijal-o, arfa em pausado esforço,  
E o mar mira-se nelle e retrata-o no dorso.

Fina e leve, pulsando em lascivo arrepio,  
A fina areia leve implora ao manso rio :  
«Tua seiva lustral pelos meus póros entre ;  
Arrasta sobre mim a prata do teu ventre ;  
Leva os meus aureos grãos ás mais longes paragens,  
Atravéz do teu curso, errando em tuas viagens ;  
Fecunde-me a tua agua, e eu, desbotoando em lindas  
Flôres, adornarei tuas margens infindas.»

E, christianmente puro, entre selvas rolando,  
O rio diz a areia: «a doce impulso brando  
Meus flancos sacudindo, eu quebrarei, que anceo !  
Meus beijos de crystal no esplendor do teu seio.»

E a arvore ao vento diz, murmurejando: «enlaça  
O meu tronco e sacode-o; entre os meus ramos passa ;  
Minhas franças desfolha; aspira o meu aroma ;  
Aos teus beijos entrego o verdor desta coma,  
Que o teu corpo ignorado ao meu corpo se enrosque.»

«Sou a alma da floresta, o espirito do bosque,  
Brisas leves soprai-me», o vivo aroma, lento,  
Espiralando diz e ondeia, largo, ao vento.

E, alagadas de luar, as montanhas; os mares ;  
Astros entrecruzando os seus raios nos ares ;  
Dos homens a alma varia; a alma ignota das cousas ;  
Tudo em que, circumfuso, olhar curioso, pousas ;  
Féras, aguias, reptis, e das aguas á flôr,  
As flôres; tudo, ao luar, tudo vibra de amôr.

E aqui, na florea paz de um retiro bucolico,  
Do meu labio ao alcance o teu labio catholico  
Tendo; teu coração, junto ao meu, satisfeito,  
Sentindo palpar, como uma ave, em teu peito ;  
Sob um doce rumor de velludos rasgados  
Entre sussurros, no ar, em distantes noivados ;  
Sob a chnva do luar, branca, sonoramente,  
Nupcialmente a rolar num anceo envolvente ;  
Sob a timida luz dos teus olhos; com estas  
Limpas aguas azues e estas verdes florestas ;  
Num transporte feliz com penumbras de dôr,  
Como tu, sinto o amôr, vibro, soffro de amôr !

(Bosque Sagrado).

LEAL DE SOUZA.

1905.

ASSIGNATURAS	
ANNO.....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
—  
APARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Nota pittoresca destes assombrosos dias de displicencia de caracter tem sido a lamuria dos accionistas do Banco da Republica, fingindo-se surprehendidos de se acharem roubados, de verem lesados os sacratissimos interesses das viúvas, dos orphãos, dos interdictos, de grande parte das economias do patrimonio nacional, confiadas áquelle estabelecimento de descredito, garantido pela honorabilidade do governo.

Os mandatarios dos ingenuos accionistas se fôram queixar ao ministro da Fazenda dos prejuizos causados pelas administrações officiaes, e o sr. Bulhões, que parece tomar a peito repetir com o Banco o milagre da phenix, resuscitando-o das cinzas atiradas aos olhos dos interessados, remetten, muito serio, os queixosos ao presidente da Republica, como quem diz: vão-se queixar ao bispo.

O sr. Rodrigues Alves os ouviu com o inseparavel sorriso de meiguice ironica de quem não faz caso das miserias deste mundo, e prometeu fazer quanto estivesse nas suas debeis forças em beneficio dos miseros esfolados pelos Petersen e seus cumplices.

Dizem—disse o commendador Porto— que a escripturação do Banco da Republica contém paginas curiosas, nas quaes se reflecte, com uma nitidez hedionda, a psychologia de uma situação, cujo chefe foi ha bem pouco tempo comparado á mulher de Cezar.

O commendador Porto, num discurso de sensação, revelou a ueio coisas escandalosas, factos que, em outro qualquer paiz onde a moralidade administrativa não fôsse uma velharia irrisoria, provocariam um inquerito e a intervenção da justiça se esta não fôsse uma especie de Studart do poder; mas aquellas revelações apenas provocaram um ephemero movimento de indignação pela razão muito natural

de que ninguem se espanta, ninguem se commove com os velhos segredos desmoralizados, sóvados pela demasiada publicidade, segredos que sómente o são para os homens das altas regiões, cuja atmospheria atrophia os órgãos dos sentidos ou torna os homens de governo cegos e surdos voluntarios. De resto, parece que o pinaculo do poder publico assenta numa frisa erriçada de obstaculos, de poutas aceradas, para vedar o accesso á verdade, pobre velha tropega ha muito decaída de sua sublime classificação de virtude.

Nós, como toda gente ainda animada de vislumbres de esperança, estamos cançados de afirmar a honorabilidade pessoal do sr. Rodrigues Alves, mas somos forçados a reconhecer que s. ex., na alta função que exerce, não é a sombra do homem escrupuloso e recto em todas as relações da vida privada e social. S. ex., como chefe do governo, não está para maçadas, sobram-lhe cacetadas, como essa que diariamente recebe de deputados e senadores, uma especie de massagem politica para lhe abrir o apetite para o almoço, e por excessivo amor á sua tranquillidade de espirito, fecha ouvidos inexoraveis a todos os clamores que ouzam subir á eminencia da sua bemaventurada paz de burguez apatacado, farto de dinheiro, farto de posições, sobrecarregado de honras, asphyxiado de engrossamento.

Era muito natural, como satisfação á moralidade publica, se abrissem a um exame leal e severo as folhas dos livros do Banco da Republica, para virem á luz os factos indecorosos, as tratantadas, os favores, as prodigalidades, os mimos feitos com o dinheiro alheio, conforme se assoalha sem reboço, ou para que ficasse definitivamente esmagada a obra da protervia, provando-se que os mandatarios do governo, administrador do Banco pelo direito da força, exerceram santamente o seu mandato.

Todos se lembram que essa devassa já foi suggerida por uma deliberação da Camara dos deputados, mas os incumbidos desse processo depurativo esbarraram ante uma recusa formal, fundada em um certo artigo do Codigo Commercial e no sacratissimo segredo das transacções mercantis, segredo que foi, dessa vez, verdadeira alma do negocio, e no qual assenta solidamente o credito da praça.

Esse meticuloso escrupulo em recusar os livros bancarios á curiosidade dos representantes da Camara, denunciou haver allí dentro, como num antro de Caco, coisas incompativeis com a luz, coisas que estão sendo, agóra, sacadas, informes, aos pedaços, porque ninguem ouza affrontar, francamente, a situação e rasgar o véo das conveniencias, abrigo usual dos crimes, dos erros, das prevaricações dos correligionarios, dos amigos.

Essas conveniencias se traduzem em connivencia, em cumplicidade, ou numa tolerancia medrosa, acobardada, que se váe toruando a feição característica dos estadistas da Republica.

Mas, no caso do Banco da Republica, um balanço inexoravelmente verdadeiro será a condição essencial da sinceridade das vistas, dos planos de restauração empreheudido pelo governo.

Magôem-se, embóra, velhos callos empedernidos, avivem-se velhas ulceras, soffra quem errou, chore quem tem razão para isso, desmanchem-se apparencias hypocritas, revelem-se roedores silenciosos, que viveram pacatamente engordando dentro do grande e saboroso queijo; provoquesse, embóra, um escandalo colossal, desses que desancam a reputação de uma geração de servis: será medida salutar projectar os esplendores da verdade nesses refolhos escusos da escripturação daquelle instituto.

Para honra do governo, para real apreço do serviço que está tão empenhado em prestar ao credito nacional,

é imprescindível que elle diga ao povo:

—Vê em que estado lastimoso encontrei o Banco. Aqui estão as causas da constante perturbação das suas funcções. Aqui está o vestigio das prevaricações. Aqui estão os nomes dos prevaricadores.

Esse acto de abnegada fraqueza seria uma condição de saneamento radical, imprescindível para a reabilitação desse Banco, que está escalado para ser o instrumento da conversão do papel-moeda. Sem esse saneamento completo, elle ficará com os germens da decomposição, e não poderão cural-o dos achaques chronicos nem a sabedoria do sr. Bulhões, nem todo o dinheiro canalizado da rua do Sacramento para aquellas arcas, feitas á maneira de mysteriosos funis para o desconhecido, como um colossal exgotto de bandalheiras.

\*  
\* \*

Mas o governo não fará isso, não praticará esse patriotico vasculhamento, porque perdeu o instincto da combatividade; está por tudo para evitar maçadas, escandalos, contrariedades e occasionar vexames aos amigos que o adoram.

O governo está numa crise de capitulações que nós chamaremos—faceis, para não empregarmos o aspero termo—indecorosas.

As duas capitulações recentes, ainda quentinhas, bastam para robustecer o nosso asserto.

Fez questão de vida e de morte da candidatura do honrado sr. Bernardino de Campos e capitulou, sem combate, deante da attitude do senador Pinheiro Machado, insurgido contra a intervenção do presidente da Republica no pleito da sua successão.

Empenhou-se para punir severamente os auctores do crime de 14 de novembro; andou chicanando no incidente da competencia de fôro; escolheu juizes militares a dois páusinhos; trançou, a sete chaves, todas as portas ao *habeas-corpus*; obteve tres estados de sitios, para, depois de fustigar a paciencia publica com um processo ridiculo, sem precedentes no repertorio de anedoctas judicarias, capitular deante da amnistia!

Esse Congresso sómente se pronunciou pela amnistia como se fôra um voto da opinião nacional, como se

fôra uma reparação de grandes violencias do poder, depois de verificar que o presidente da Republica perdera aquelle instincto de resistencia pela conservação do governo, da qual exhibira tão eloquente prova na memoravel, na drastica, na purgatoria noite de 14 de novembro.

Esses representantes da nação, que concederam ao governo repetidos estados de sitio, que lhe approvaram todos os actos, que regeitaram a denuncia do sr. Candido de Oliveira, passam, agóra, sobre os factos criminosos a misericordiosa esponja do olvido e se acham entre elles os mais intimos, os mais fieis amigos do governo.

A amnistia importa o reconhecimento posterior de justificativas da revolução gorada. Ella quer dizer que os revolucionarios agiram ao impulso de sentimentos superiores, talvez patrioticos, que lhes faltava o dólo culposo por obedecerem á convicção de estarem promovendo o bem da Republica, libertando-a de um governo divorciado da Constituição. De outro modo se não comprehende essa medida em contraste com a opinião da unanimidade, solemnemente pronunciada ha poucos dias, quando não chegára ainda ao termo o processo militar pendente. A capitulação do governo é um *penitet*.

O logar do sr. Rodrigues Alves não deveria ser mais alli, na curul presidencial, no dia em que a Camara approvou com uma grande maioria, quasi com a unanimidade esperada, o projecto do Senado; mas..

POJUCAN.

#### D. PEDRO I

Talvez não haja em toda a nossa historia politica um typo tão original e, por isso mesmo, tão interessante como o do primeiro Imperador. Quando a gente se lembra de d. João — o eterno simples, figura vaga, imprecisa, quasi negativa, e que, mesmo depois de exalçado ao throno, parecia continuar a ser nem mais nem menos que.. o principe regente: quando nos lembramos de d. João é que se destaca e avulta a nossos olhos a personalidade profundamente delineada, definida, incisiva, de Pedro I.

Aquelle se caracterisava pelas duas grandes virtudes que lhe absorviam toda a natureza moral, virtudes dominantes que o fechavam para tudo mais

e constituíam exclusivamente o seu modo de ser: — a resignação, levada a um quasi renunciamento de si mesmo, e a bondade de coração — bondade espontanea que chegava a ser mesmo inconsciente, porque não era mais do que singela expressão daquella alma tão meiga, tão rudemente meiga, mas tão desprovida das grandes qualidades que distinguem os fortes e sem as quaes o officio de rei ha de ser um indizível martyrio.

E nós todos bem que sabemos como — dentro de uma perfeita ordem e de uma vida sem estranhas accidações — d. João foi, seguramente, não só o principe, mas o homem mais infeliz do seu tempo. Basta ver que a alma daquella creatura andava tão por longe do destino com que a surprenderam — que, mesmo nos momentos em que se sentia ditosa, abalada de emoções edificantes, aquella alma se desafogava. chorando... como si padecesse das proprias alegrias ou si tivesse no intimo alguma dôr desconhecida e incuravel ainda quando a consciencia lhe rendia uma sancção clara, inequivoca, aos movimentos que tinha — dir-se-ia sem o saber — até nas conjuncturas mais graves. E elle chorou tantas vezes na vida que bem se poderia dizer — sem que elle perdesse coisa alguma da sua figura historica — que, durante os seus 33 annos de governo, o que mais conheceu foi a nevrose da dôr, a sensibilidade doentia do piedoso e mesmo uma especie de effusão perenne de pranto que talvez fôsse nelle o supremo protesto da pureza moral affrontada da inilludível inopia de um espirito que só tem força para ceder e abdicar. Elle chorou quando lhe mostraram o *Moniteur* e viu que Bonaparte lhe decretára a distribuição do reino. Chorou quando soube que Junot marchava sobre Lisbôa... Chorou quando se despediu do seu povo. Em prantos saíu a barra do Tejo. e em prantos poz pé vacillante em terras da Bahia.

Bella figura de rei: dolorosa, dolorosissima figura de homem!

E dalli por deante, emquanto a historia nos dá aquelles grandes gestos heroicos de guerra ao arbitro da Europa e de novo imperio de onde alça a vóz para o mundo — dalli por deante, elle viveu guardando, para todos os lances a que o levava, como si fôra um precito, o exercicio da magestade — elle viveu guardando a reserva de lagrimas que não se sabe como é que o lar lhe deixava. E' vel-o, afinal, daqui sair soluçando como uma criança e lá, na velha patria querida, caíndo, de coração transbordante e quasi hallucinado de alegria, nos braços do seu povo.

D. Pedro era positivamente um contraste ~~entre a natureza e a educação com tudo~~

isso. Nunca lhe viram humidos siquer aquelles olhos, vivos e trefegos, que anceavam de ver. Emquanto aquelle andou como lhe diziam que era preciso andar — este outro vem para concorrer com a fortuna. A velha deusa fállaz devia temel-o ou, pelo menos, tratá-lo com muito geito, porque elle na vida não andaria só á espera da vóz de commando. Este tem de fazer o seu papel. Temperamento ardente, vivaz, irrequieto, resolutivo, quasi impulsivo — não recuava nunca. salvo si percebesse que o capricho era do destino. Ainda assim, pôde ser que o destino tenha rido alguma vez do rei: do homem, — nunca. Elle foi, no papel que lhe coube, tão digno quanto podia ser: e não tem um momento em que, por sua parte, não tratasse de provar ao destino que sabia SER heroicamente (bem entendido: na accepção moderna do termo. Heróe, nos nossos dias, quer dizer indiscutivelmente — tão forte que se não deixa dominar; antes, cuida de dirigir e, portanto, de vencer o seu tempo).

E isso foi incontestavelmente d. Pedro. Vejamol-o nos quasi dez annos em que se viu aqui, face a face, com o mundo e entregue a si mesmo.

Em 1821, quando d. João se retira, contava d. Pedro 23 annos de idade apenas. Não se pôde dizer que o príncipe tivesse aquillo que hoje se deve entender por uma educação aprimorada. Assegura-se que elle nunca sentiu poderoso arrastamento para os livros. Não tinha paixão pela sciencia (apenas gostando um pouco da historia) nem pela arte (sentindo alguma coisa pela musica, segundo se diz). A sua inclinação característica era para a politica. Sabia, portanto, adivinhar-se: só para a politica tinha elle nascido. Si não era um alto espirito pelo requinte da cultura, tinha uma qualidade que se ia destacar na situação em que os acontecimentos o puzeram: era arrebatado, amava a gloria, possuia o entusiasmo cavalheiresco dos que sabem entender a fortuna quando ella se apresenta radiosa e ufana.

Demais, o príncipe não teve uma orientação classica: o seu preparo se fez no meio dos amigos e antes de tudo é preciso convir que nelle se ia operar o violento contraste que era natural, dadas as circumstancias excepcionallissimas em que se formou. Pôde-se dizer que elle não conviveu com os primeiros espiritos da sua geração, ao menos. Também não é exacto que vivesse segregado do seu tempo no ambiente da côrte. E, portanto, do seu tempo elle representava a média moral, que se não sabe ainda bem si era a expressão mais exacta e fiel do caracter nacional. Elle se fez quasi nas ruas, nas festas, nos clubs, nas aventuras alegres e... ia eu quasi dizendo—nas

troças equivococ em que o seu temperamento se sentia mais livre.

E' claro, pois, que para um juizo seguro sobre a indole deste homem, é necessario ver qual era a sociedade daquelle tempo, principalmente as opiniões dominantes, as idéas que se agitam e sobretudo a aspiração que absorveu todas as forças de um tão grave momento da nossa historia. Não se trata evidentemente do alto meio de convenção, fóra do qual vivia d. Pedro, mas do meio que elle preferiu e que era formado pela porção aurea e jocunda da velha aristocracia que começou a dismantelar-se sob este céu da America. Os seus commensaes, os seus intimos, os seus socios de façanhas, eram todos moços como elle; e os proprios homens sisudos que d'elle se approximavam tinham que ceder algo ás inclinações irreprimiveis — aos estouvamentos, ás inconveniencias reaccionarias — com que elle não fazia mysterio em pôr de lado as etiquetas da côrte e até os preconceitos da posição.

E sabemos o que era o espirito da côrte e imaginamos o que era o espirito do proprio povo naquelle periodo que se segue á vinda da familia real. Talvez não houvesse um só brasileiro, desde o mais humilde até o mais eminente e poderoso, em cuja consciencia não estivesse já muito clara a directriz que os negocios politicos iam tomar. Andavam nos ares as procellarias e todos comprehendem e sentem que a tormenta não tarda. Uma como attitude estranha téem as almas: umas, batidas de espanto; outras, agitadas de força desconhecida. Para isso, concorriam: I—aquellas vicissitudes que abalavam o throno; II—além do grande desprestigio que a fuga importára, o orgulho que, por sua vez, tiveram os filhos do paiz tomando o posto de protectores da realza desventurada, coisa que a metropole, abatida de estupor, se vira impotente para fazer; III—e afinal a tendencia americana que vivia já no sentimento popular, talvez sem que ninguém percebesse. Estas florestas, estas montanhas, estas bahias, estes céos andavam, desde muito, fallando insidiosamente á alma renovada da raça. Em tal meio, o príncipe, mesmo quo fôsse capaz de encarar discretamente a vida, tinha de ser liberal: esquecer-se um pouco de si mesmo era o processo mais expedito e seguro de se fazer querido.

Ninguém se engane, portanto. O liberalismo de d. Pedro era muito inconsistente: andava muito pela superficie e só por fóra. Provinha mais da facilidade do seu animo, aberto e receptivo, do que da sua razão e da sua consciencia. Nelle, sem duvida, já estava muito dynamisado aquelle sangue de João V; mas, com certeza, a alma de Affonso VI, lá no palacio de

Queluz, pairou por longo tempo sobre o berço do futuro Imperador... e deixou-lhe no espirito a tara formidável de tantos seculos de tradição absolutista. E isso—não é necessario dizelo — não se elimina em poucos annos, nem mesmo, ás vezes, em toda uma vida.

Conclúe-se, pois, que o espirito liberal de d. Pedro era uma pura superfeção, ou, antes, um como reflexo do estado de alma dos brasileiros. mas — é claro — seria isso enquanto houvesse uma camada de aço ao fundo do vidro. Com todas aquellas expansões — de amor da patria, de paixão pela liberdade, de consciencia do direito, de culto pela justiça, de submissão ás leis da historia — d. Pedro sente que leva galhardo o seu destino. Mas, no dia em que sentiu o seu destino divorciado de tudo aquillo — adeus, lances heroicos! — a velha consciencia, o antigo sêr, que ía resonando no fundo daquelle natureza excepcional, accordou e branuiu!

Não vimos tudo isso porventura durante os ultimos seis ou sete annos que aqui passou? E, sobretudo, não vimos isso mesmo antes que o seu papel se definisse no Ypiranga?

Ha um processo relativamente muito facil de fazer a psychologia deste grande homem politico: é tirar das cartas que elle escreveu ao pae o que ellas téem de substancial. (1) Dês da primeira, elle começa a preparar o espirito do pobre rei, reduzido a um triste Lear — abandonado de todos, principalmente dos seus proprios, mais sombria de homem do que homem, dementado pela dôr, sem ter ao menos força para clamar na obsessão da sua desgraça. O misero agóra só era pae; foi o unico instincto que lhe ficou de pé — o instincto do sangue.

Si elle fôra ainda um homem, teria erguido a vóz deante das côrtes, teria enfrentado com todos aquelles arruobos — repercussão ainda do 89. Ah! mas até si elle fôra um homem, si tivesse vindo para grandes lances — teria tido na America portugueza o papel para que o filho teve alma de sobra, mas pouco senso pratico ou nenhum tino, nem simples visão, siquer, da historia.

Mas d. João só era pae. Do meio do seu espanto, aquelle sêr lacerado só tem o grito da angustia paterna, grito quasi inconsciente, que lhe irrompe da alma como o derradeiro signal de grandeza que nella deixaram os tufoes do destino.

Tornou-se, portanto, facil ao príncipe amañhar o terreno. Aquelle anno todo de 1822 foi uma longa e habil conspiração. Saberá o rei, lá na metropole, do que faziam as côrtes — aquelle novo e estranho poder que alli se levantava, incontestavel, deante do throno?

O filho, daqui, lhe dizia coisas desusadas e imprevisas, fallava-lhe uma linguagem de outros mundos. Primeiro, d. Pedro está ao lado da magestade... porque sabe que da magestade lhe não pôdem vir gestos esquerdos. Ao lado da magestade, váe, muito fiel, pondo em outro logar o interesse supremo da monarchia mesma. Em seguida, váe associando, váe fazendo inseparavel da sua auctoridade que na metropole já não estava mais nas mãos do rei. Enquanto as côrtes decretam medidas tendentes a reprimir os impetos do principe entregue aos brasileiros, trata d. Pedro de fazer sentir ao velho rei que as côrtes estão tornando a monarchia incompativel com o Brazil e que este, *por fidelidade*, está deliberado a affrontar as côrtes, divorciadas da alma portugueza e dos proprios interesses, da causa suprema da dynastia.

E' assim que tem de ser definitivamente julgado este homem. Para elle, o pensamento capital era vencer: tudo mais era secundario. Para que a sua vóz fôsse ouvida dos brasileiros — fallava-lhes muito em *liberdade*: aos portuguezes fallava sempre em justiça. Mas essa justiça e essa liberdade deviam andar sempre fieis ao patrono. E' tanto isto é exacto que no dia em que, feita a Independencia, victoriosa a causa dos brasileiros, elle precisou ou teve velleidades de resistir — tudo foi esquecido: a sua vontade, os seus impulsos estiveram em collisão com os mesmos principios ou idéas que proclamára... porque os julgava incarnados na sua pessôa.

Eis ali d. Pedro como figura historica.

E si se quer completar o perfil esboçado com a feição psychologica do homem — basta accrescentar muito pouco: elle foi, como homem, o que ficou sendo como rei: um estouvado na vida, mas um estouvado forte e decisivo, quasi genial, que sabe quanto vale o estouvamento quando se tem sobre os homens a auctoridade incontrastavel que se funda no prestigio da tradição e no grande papel que se teve no drama do mundo. A familiaridade desbragada que elle sabia pôr em equilibrio com os ares augustos; a clemencia, a magnanima coragem, a sinceridade rudé que lhe encheram toda a vida e com que temperava os impetos estultos, bruscos, absurdos — tudo isso produzia no animo dos que o cercavam effeitos magicos, pois que todos bem sentiam que não ha nada neste pobre mundo tão captivante como um movimento bom que vem da mesma altura de onde pôdem cair fulminações de morte. Por isso é que fez amigos e amigos que lhe fôram fieis até o fim, enquanto o segundo Imperador — espirito sereno de sabio, grande alma paternal

desde os 20 annos, consciencia improscriptivel de juiz até na desgraça — não sei si teve amigos... a não ser o coração anonymo de todo o mundo...

Ha, entre um sem numero de notas não escriptas, uma que cracterisava d. Pedro I como homem. Entre os seus familiares, havia um padre Miguel, cura de Santa-Cruz, já muito velho e quasi de todo cego. Troçavam os dois como dois rapazes alegres. Um dia, (acabava de chegar ao Brazil d. Amelia, a segunda mulher de d. Pedro) o Imperador chamou o padre Miguel para que viesse beijar a mão á nova Imperatriz. O velho, tropego, tacteante, aproximou-se muito da princeza, encarou-a longamente e afinal disse:

— «E' muito bonita... é muito bonita... mas é pena que cáia nas mãos de um p.... como este...» (e disse a propria palavra pouco gentil e pouco limpa).

Desta vez, porém, d. Pedro amou-se devéras e para sempre. Nunca mais fallou com o padre Miguel.

E' que o padre Miguel alli esquecia uma circumstancia muito grave: d. Pedro não era alli só Imperador — era noivo tambem...

ROCHA POMBO.

(1) Nas *paginas esquecidas* desta edição dos *Annaes*, os senhores encontrarão uma das mais decisivas das cartas a que se refere o nosso eminente collaborador. *N. da R.*

## ARMADA NACIONAL

*A nossa influencia no continente—A estacção naval do Prata—A verdade sobre o valor da nossa esquadra em 1872.*

Vencido finalmente o Paraguay, victoria que ao Brazil custou sacrificios indiziveis e da qual elle nada aproveitou, lucta em que nos empenhámos para lavar a affronta á patria, mas que, pelo desinteresse com que acceitámos todos os encargos e perdas que acarretou, nos dá uma feição de D. Quixote de liberdades alheias, rompendo o jugo ferreo de um despotismo feróz e pretençioso que pezava sobre uma parte do sólo americano; vencido, afinal, o Paraguay, que se havia feito e que se fazia no seio dos nossos gabinetes em pról da marinha? E' o que nos occupará agóra, dando assim seguimento ao nosso trabalho, que não podia deixar de estacar ante a campanha do Paraguay, embóra com brevidade, como o fez.

Já vimos que o Brazil, ao iniciar-se a guerra, não possuia uma marinha militar á altura de suas necessidades. A força dos acontecimentos forçára-o a crear e a manter uma marinha que, se lhe dava a supremacia naval na America do Sul, era porque os demais

paizes deste continente, em geral sujeitos a tyrannias, cujos actos originavam luctas civis quasi permanentes, não se podiam dedicar ao desenvolvimento das suas marinhas de guerra, e não porque a nossa armada fôsse uma instituição sabiamente estabelecida e com talento e superiaridade conservada e engrandecida.

A posição de garante da independencia do Uruguay, ficha de consolação dada a quem perdia, em virtude duma campanha inhabilmente dirigida e pessimamente sustentada, uma rica porção do seu territorio; posição que assumira para manifestar uma certa superioridade ante o inimigo que combatera e do qual receiava viesse a aposar-se da provincia cisplatina; fôra pretexto a que se mantivesse sempre uma respeitavel força naval no Rio da Prata, estacção mais justificavel ainda depois da campanha de Rosas e da guerra contra o governo de Aguirre.

Esse prestigio que em geral se quer ver através de tal posição, só se manifestava, e de alguma fôrma, no Uruguay; como o Brazil, que tolerou as duras affrontas da questão Christie e deixou-se embahir pela diplomacia norte-americana no incidente do apresamento do *Florida*, poderia impedir offensas á soberania uruguaya quando irrogadas por uma nação forte?

E que grande gloria é essa, dum paiz tornar-se sustentaculo da independencia dum estado que foi provincia sua e que de seu jugo libertou-se por uma rebellião, antes atejada por um terceiro que por impulso proprio?

E que resultado pratico tirou o Brazil dessa situação durante os sessenta e sete annos de imperio?! Que grandes proventos lhe advieram dessa influencia que exercia junto ao governo uruguayo? Unicamente fartar-se de dizer e proclamar pela face do orbe o seu papel de protector do Uruguay? Manter no Rio da Prata uma divisão naval, que, para estar paralyzada, tanto o podia estar lá como aqui no Rio de Janeiro?

Sustentar a campanha contra Oribe, o que equivalia a combater Rosas no Uruguay, encargo que lhe adviera do character do seu papel, para depois ir sustental-a directamente contra este dictador na Argentina, dando já symptomas do seu character de campeão das liberdades continentaes?

Creemos que lucro daquella sua preponderancia no Prata, só os alcançou o Uruguay, como da campanha do Paraguay, só advieram lucros á Argentina e talvez ao proprio Paraguay, que, se se viu abatido e annullado por muitos annos, viu-se tambem liberto do poder de um despota, ridiculo se não fôra sanguinario, e que, afinal, mais cedo ou mais tarde, dar-lhe-ia o mesmo destino.

Não haverá censuras ao governo mo-

narchico por nos ter levado á guerra com o Paraguay; mas, digno de censura é elle por nada ter aproveitado dessa guerra.

Deve-se admittir o cavalheirismo entre nações dentro de certos limites; mas um paiz não tem o direito de exigir o sacrificio da vida de seus filhos para ser cavalheiroso sómente.

A nossa influencia junto aos governos do Prata era tão grande, tão grande e efficaz a nossa supremacia no continente que, nem siquer as questões de limites com os nossos vizinhos fôram resolvidas durante o Imperio! E, da guerra do Paraguay, cujo pezo, quasi inteiro, recaiu sobre o Brazil, só a Argentina, na Alliança, tirou resultado.

E, porque acima fallámos da estação naval no Rio da Prata, mostraremos como, sob o ponto de vista puramente naval, era inútil, o que aliás já se vinha reconhecendo para o fim da monarchia.

Tem-se dito muita vez que essa estação era uma excellente escola para nosso pessoal. Em que e porque? Os navios acaso abandonavam periodicamente o porto para exercícios em mar alto, para cruzeiros longos e que, já em 1870, se vinham fazendo desnecessarios? Não; vivia-se fundeado no porto, indo ás vezes de Montevideo a Buenos Ayres, incomunicavel com a terra quando caía o pampeiro; vivia-se no meio das festas e diversões que a grande colonia brasileira alli proporcionava. O lucro estava na viagem de ida e volta? Nesse caso, a escola era a viagem e não a estação. E assim a estação naval no Rio da Prata, sob o ponto de vista profissional, tinha a mesma importancia que essa triste e vergonhosa immobilidade de hoje, no Rio de Janeiro.

E se achavamos justificavel aquella demonstração do nosso poder naval até á ultimação dos tratados de paz entre a Alliança e o Paraguay, julgámo-lo dispensavel posteriormente. Se o Brazil já tinha luctado contra o governo uruguayo e se já o tinha tido por alliado! Aliás, assim já pensava o governo imperial, tanto que ultimamente a estação naval no Prata passára a ser de um só navio.

Effectivamente, o platonico prestígio politico que exerceramos se vinha enfraquecendo. A Argentina progredia já francamente. Não é mesmo provavel que, se a monarchia sobrevivesse no Brazil, nós assistissemos á queda definitiva daquella supremacia, a superioridade da esquadra argentina sobre a nossa, a sua expansão commercial e industrial? E' quasi certo, porquanto no fim do Imperio, mais de oito annos antes de 15 de novembro, já o commercio argentino vinha procurando rivalisar com o nosso, já a sua industria se vinha desenvolvendo, já se intentava a con-

strucção de La Plata, já se projectava o engrandecimento de Buenos-Ayres, de seu porto, já a corrente emigratoria se fazia para lá mais forte, e, entretanto, nós só viviamos de nossas glorias, do nosso passado e só cuidavamos de prolongar os sessenta e sete annos de paz.

Quando a Republica se fez, já a Argentina encommendára o seu *25 de Mayo*; seu poder naval começava a desenvolver-se; nós tinhamos já costumado o *Javary* e o *Solimões* e o aleijão que era o *7 de Setembro* á immobilidade, e o nosso primeiro cruzador era um navio de madeira, mixto, com machina que lhe imprimia dez milhas de velocidade, e já o *Tamandaré* se construía havia cinco annos!

Não precipitemos, no emtanto, os acontecimentos.

Voltemos ao final da campanha do Paraguay.

Haviamos mostrado que, ao surgir essa guerra, se patenteára no Brazil um lastimavel desmantelo de organização militar, quer offensiva, quer defensiva e que as operações militares, pelo menos nos portos principaes, não chegaram a constituir uma brilhante licção de estrategia.

Como triumphámos, então, nessa lucta?

Pelo dispendio de uma sobre humana energia por parte dos administradores e de seus auxiliares, pela bravura e abnegação do character brasileiro, pelo heroísmo dos nossos militares, em geral, e, sobretudo, pelo genio de Barroso em Riachuelo, e pela brilhante organização militar de Herval, triumphando em Tuyuty.

A inapreciavel actividade e iniciativa de alguns ministros das pastas militares, naquelle periodo, sobretudo dos da marinha, conseguindo do «arsenal da Côrte que longe estava de poder attender» «ás necessidades do serviço, mesmo em epochas normaes», a rapida construcção de navios indispensaveis ás operações da guerra, e destes, destacando-se o então dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo, entrando apenas na estrada da administração, auxiliado pelo zelo e pela competencia de Level, Braconnot e barão de Laguna, concorreram muito para que a esquadra adquirisse, no correr da lucta, os elementos que lhe faltavam em 1864 e que lhe eram indispensaveis para a victoria. Auxilio efficaz foi tambem o da diplomacia, que obteve a não intervenção dos governos francez e inglez, que deveriam impedido a saída dos portos de suas nações de navios e material destinados a um dos belligerantes.

Muito jubilo sentimos aqui em prestar esse testemunho de veneração aos que tanto e tão criteriosamente se devotaram á marinha, nós, que, desde o começo, vimos atacando as administra-

ções navaes. E ousamos pensar que, se o visconde de Ouro Preto houvesse tido mais tarde ensejo, por estabilidade na administração, de dedicar-se á marinha, teriamos nós tido então um ministro, pelo menos, capaz de, correspondendo ás uecessidades do paiz, organizar uma marinha de guerra á altura dos seus designios.

\* \*

Vencidas que fôram, porém, as difficuldades mais serias que a campanha do Paraguay nos offerecen, parecia voltar a atacar-nos o inveterado mal: «a antiga inercia e o habitual desleixo no tocante a exercito e armada», a que se refere o sr. visconde de Ouro Preto, estudando o curto periodo de 1862 a 1864.

Assim é que diz o sr. almirante Jacaguay, referindo-se á epocha do forçamento de Humaytá: «Então o numero de unidades, de diferentes gráus que formavam o total da força no Imperio, attingiu a 75, montando 290 peças etc.»; adeaute diz: «Já no anno seguinte», 1869, «começou a descrever consideravelmente o effectivo de homens embarcados, etc.». Era justo, em parte, esse facto; porém, s. ex., após um trecho a que voltaremos, continúa: «mas no anno de 1871 já o numero de unidades de nossa força naval se reduzira a 56, com o effectivo de 5.456 homens, inclusive officiaes».

No livro do sr. Arthur Dias, *Problema Naval*, que alcançou uma grande notoriedade, não só pela oportunidade de sua publicação, como pela justeza dos conceitos emittidos, em geral, e mais ainda por patentear, de parte do auctor, muito interesse e bastante conhecimento dum assumpto, ao qual é estranha a maioria dos nossos patricios, encontra-se uma tabella que consigna o numero de unidades das diversas marinhas em 1872, e na qual apparece o Brazil como possuindo uma esquadra de 16 couraçados e 78 navios a vapor, armados todos em 237 canhões.

E porque nos não diga o auctor donde extraiu a tabella, cremos que a organisou buscando elementos onde os encontrava. Ora, como no livro do sr. visconde de Ouro Preto, *Marinha de outr'óra*, se diga que ao terminar a guerra do Paraguay a marinha brasileira contava 94 vasos, armados de 237 bocas de fogo, julgamos que s. ex. terá extraído os dados para collocar o Brazil naquella tabella, na alludida obra.

Mas, benevolencia ou engano, não teria o sr. Arthur Dias attentado em que, se desses 94 vasos, 16 eram de facto couraçados, os 78 restantes não eram todos a vapor. Realmente, diz o sr. visconde de Ouro Preto: «... a marinha de guerra brasileira contava

94 vasos, dos quaes 16 couraçados, 48 fragatas, corvetas, canhoneiras e transportes de madeira, 12 lanchões de ferro, todos a vapor, 6 navios de véla, 7 pontões depositos e 5 chatas armadas.»

Não sabemos ao certo o que fôram esses lanchões de ferro a que se refere o illustre auctor da *Marinha de outr'óra*; mas não acreditamos que fôssem, de facto, navios de guerra, e assim, desprezando-ose desprezando tambem os navios de véla, os pontões e as chatas, e dando a cada uma destas um canhão, reduziremos a nossa esquadra, naquella epocha, a 16 couraçados e 48 navios diversos a vapor, armados todos com 232 canhões, o que já está mais de accordo com o que lhe dá o sr. almirante Jaceguay: 56 vasos, tendo este naturalmente supprimido os transportes.

O sr. Arthur Dias, com a força que, diz, tinhamos então, affirma que o «Brazil era citado entre as primeiras potencias maritimas»; e, a proposito, transcreve um trecho de Larousse: «En Amerique, le Brésil, est, après les Etats-Unis, la seule puissance dont la marine de guerre ait une réelle importance. Il possédait, en 1869, 13 bâtements cuirassés e 46 vapeurs de la force de 5.912 chevaux». Não nos parece que este trecho seja plena confirmação daquelle asserto, tanto mais quanto a grande republica do norte não era ainda, a despeito do seu numeroso material fluctuante, uma grande potencia maritima.

O sr. almirante Jaceguay, fallando do nosso poder naval de então, com mais modestia diz: «Não obstante esse decrescimento de força, nos dois ultimos annos da guerra, por occasião da terminação desta, o numero de 16 navios encouraçados que figurava no quadro da nossa força naval, embóra não fôssem esses encouraçados apropriados senão para operações fluviaes e defeza de portos, era então o Brazil considerado como potencia maritima não desprezível no computo das forças navaes de todas as nações.»

Iremos nós mais longe; vamos provar que o Brazil não era então senão um arremedo confuso de potencia naval, que em 1872 só poderia sustentar a lucta, com vantagem, com qualquer novo Paraguay que surgisse, e nunca com qualquer potencia maritima de alguma importancia.

E, para nos ser mais facil e claro o estudo que vamos fazer, para aqui transportamos a tabella do sr. Arthur Dias, corrigindo-a na parte referente ao Brazil.

Marinha de guerra em 1872

Nações	Couraçados	Vapores	Canhões
Inglaterra.....	44	630	7.902
Estados-Unidos.....	51	501	1.378
França.....	50	332	4.834
Russia.....	31	226	2.900
Turquia.....	5	91	2.370
Brazil.....	16	48	232
Hespanha.....	....	74	.....
Austria.....	8	53	.....
Allemanha.....	11	13	.....
Italia.....	....	40	.....
Dinamarca.....	....	31	.....
Suecia.....	3	17	.....
Noruega.....	1	15	.....
Portugal.....	....	14	.....

Se, tirando os dados desta tabella, compararmos respectivamente a nossa frota ás frotas ingleza, franceza e russa, obteremos os seguintes resultados:

- 1º A esquadra ingleza, com quasi o triplo dos nossos couraçados e quinze vezes mais vapores, o que lhe dá, em summa, 10,6 vezes mais navios, tem 34 vezes mais canhões que a armada brasileira.
- 2º A frota franceza, numericamente 6 vezes maior que a brasileira, tem, entretanto, 20,8 vezes mais boccas de fogo que esta.
- 3º A esquadra russa, com um numero de vasos de guerra 4 vezes superior ao nosso, tem, no entanto, um numero de canhões 12,5 vezes maior que a brasileira.

Analysando o que ali fica a respeito das tres primeiras potencias navaes comparadas com o Brazil, resulta uma constancia notavel na relação entre o numero de vezes de que cada frota é mais numerosa e o numero de vezes que cada uma tem mais de canhões. Effectivamente:

$$\frac{34}{10,6} = 3,2; \quad \frac{20,8}{6} = 3,4 \text{ e } \frac{12,5}{4} = 3,1.$$

Não é uma constancia mathematica, é claro; mas, no campo pratico e sobretudo no terreno em que fazemos os nossos estudos, é uma constancia notavel. Tem ella uma explicação racional, ou é simplesmente filha de uma coincidência? Tem explicação e a daremos, fazendo antes igual comparação entre as esquadras americana e brasileira: a primeira, 8,6 vezes mais numerosa, tem 5,9 mais canhões, e, estabelecendo a seu respeito a mesma proporção, encontramos:

$$\frac{5,9}{8,6} = 0,7$$

Ora, conhecido, como é, que os Estados Unidos, pelas necessidades da guerra de secessão, fôram obrigados a crear uma numerosa esquadra de monitores e canhoneiras fluviaes, e que o Brazil, para vencer o Paraguay,

tivera necessidade de navios da mesma natureza, comprehende-se que aquella relação 0,7, approximando-se da unidade, seja logica.— Em esquadras organisadas com unidades do mesmo valor offensivo, approximadamente o numero total das boccas de fogo ha de ser proporcional ao numero de navios. E só esse facto da existencia de navios para operações em rio, constituindo a quasi totalidade das duas esquadras, explica a constancia que acima verificámos. A Inglaterra, a França e a Russia eram nações que tinham esquadra para o mar, navios construidos para um mesmo fim, segundo aos mesmos principios, aproveitando os mesmos progressos; e, pois, o numero de canhões deveria ser proporcional, approximadamente, ao numero de unidades; ainda é curioso notar que a ordem decrescente daquellas relações 3,4 — 3,2 — 3,1 corresponde ás nações que, em ordem decrescente, tinham então maior numero de navios para operações fluviaes: França, Inglaterra e Russia.

Assim podemos desde já concluir, muito logicamente, que, como poder offensivo, as nossas unidades em 1872 valiam, em média, um terço das unidades daquellas tres nações. Os Estados Unidos tinham, pelo numero, uma esquadra superior á nossa.

Podiamos terminar aqui este ligeiro estudo, tendo demonstrado que o Brazil não podia estar collocado entre as primeiras potencias maritimas. Era, sim, uma nação que possuia uma invejavel esquadra para rios, defeito proveniente da imprevidencia dos nossos governos. Só trataram elles de organizar a frota, quando o perigo surgiu; naturalmente adquiriram unidades apropriadas a conjurar esse perigo; terminada a lucta, com a nossa victoria, estavamos aptos a luctar de novo, mas, nos rios.

E não terminamos aqui, porque queremos comparar ainda a nossa esquadra de então com outras constantes daquella tabella.

Quanto á Turquia, achamos exagerado o numero de canhões, excessivo para o de 96 navios, em 1872. Ou ha engano da tabella, ou figuram ainda no numero dos navios a vapor, fragatas ou náus antigas, que comportavam numerosa bateria.

A' Italia, á Hespanha e á Dinamarca, o sr. Arthur Dias não concede couraçados. Entretanto, a Italia possuia oito couraçados de 4 a 6.000 toneladas e de 11 a 13 milhas de velocidade, todos navios de menos de dez annos; outros mais velhos, e, entre o numero de vasos a que s. ex. dá o nome generico de vapores, contavam-se cruzadores de mais de 1.000 toneladas e de 13 milhas de velocidade, e, em 72, a despeito da guerra com a Austria, a Italia possuia uma esquadra,



menos numerosa sim, mas mais poderosa que a nossa. Entre os nomes daquelles navios e para não cital-os todos, daremos os de *Castelfedardo*, *Ancona*, *Affondatore* e *Messaggero*.

A Hespanha já possuía as fragatas encouraçadas *Numancia*, *Victoria* e *Saragoza*, de 7.000 toneladas e 12 milhas, fóra outros couraçados menores. A Dinamarca também possuía alguns couraçados de 3 e 4.000 toneladas.

Comparemos, agóra, as esquadras austriaca e brasileira; a primeira tinha, diz a tabella, oito couraçados; a segunda dezeseis: o dobro. Mas, quaes eram os couraçados austriacos? Eram couraçados como o *Custoza* e o *Kaiser*, de 6 a 7.000 toneladas e 13 a 14 milhas. E os nossos? Seis eram da classe do *Alagôas*, monitores de menos de 500 toneladas, de 8 milhas de velocidade, incapazes de se aguentarem por algum tempo no mar. Dois, o *Herval* e *Mariz de Barros*, de cerca de 1500 toneladas, sem velocidade, e dos quaes diz o sr. almirante Jaceguay, referindo-se ao tempo em que ainda eram muito novos: «dois monstros gemeos, só efficientemente encouraçados em suas casamatas centraes; a cinta de couraça, destinada a proteger-lhes a linha d'agua, por um erro de calculo do constructor, ficára totalmente immergida; no *Silvado*, monitor de duas torres, considerava-se seu maior defeito a fragilidade e máu funccionamento das suas machinas»; o *Bahia*, de 1.000 toneladas e 8 milhas, já em 1868 «muito maltratado»; o *Brazil* e o *Lima Barros*, mais ou menos, como estes; o *Barrozo* e o *Tamandaré*, monitores também, sem marcha, cheios de defeitos, e, finalmente, o *Colombo* e o *Cabral*, com as caldeiras desabrigadas e de pessimo governo. Taes eram os nossos encouraçados em 1868. Que bella esquadra couraçada em 1872! Como dava um logar proeminente á armada brasileira, esse poderoso conjunto!

Dos nossos vapores, poderíamos dizer o mesmo: eram as *Amazonas*, as *Araguays*, as *Henrique Martins*. E, entretanto, os austriacos já tinham vapores de 2.000 toneladas, como o *Fasana*, cuja velocidade era de mais de 12 milhas. Se comparassemos a nossa esquadra com a allemã, teriamos o mesmo resultado: comparar o *Bahia* com o *Friedrich Karl*, seria comparar o *Deodoro* ao *Regina Elena* ou ao *Connecticut*.

A que ficou reduzido o nosso poder naval, após o exame que fizemos? A que ficaram reduzidos os 16 encouraçados que possuíamos? E os 48 vapores, todos da força da *Nictheroy*, da *Magé*, do *Taquary*, do *Antonio João*?

Não; concordemos que o Brazil não era absolutamente uma potencia naval respeitavel no mar. E, se déssemos então aos nossos monitores e ás

nossas canhoneiras, qualidades nauticas e evolutivas para affrontarem o oceano; e se lhes concedessemos poder defensivo igual aos dos navios da mesma natureza estrangeiros, teriamos, á vista do estudo que fizemos, admittindo que cada vaso dos paizes estrangeiros podendo luctar com 3 navios do Brazil, de reduzir a nossa esquadra a 5 couraçados e 16 navios diversos a vapor, dotados de 232 canhões. Não é esquadra que faça brilhante figura, naquella tabella. (\*)

Damos por terminado esse estudo, de algum interesse, porquanto fica assim provado que, pelo menos até 1872, o Brazil não tinha importancia como potencia naval e que o dictionario universal de Larousse peccava por bôa fé attribuindo-nos 16 cuirassés e 49 vapeurs de la force 5912 chevaux.

Só o *Devastation*, couraçado inglez construido em 71, tinha uma força de machinas de mais de 6.000 cavallos.

Podemos, pois, proseguir na nossa analyse. Estabeleçamos, antes porém, o que nos ficára da campanha do Paraguay:

Uma respeitavel esquadra para operações fluviaes; um corpo de officiaes de reconhecida bravura e com pratica de artilharia; grande parte dos officiaes superiores e quasi todos os subalternos, sem instrucção nautica, com grande experiencia de campanha em rio, e sem terem tido tempo para acompanhar os progressos que se vinham fazendo na arte naval.

#### TONELEIRO.

(Continúa).

(\*) Tudo, se a rectificassemos na parte referente á Italia e á Hespanha, que eram, então, potencias navaes superiores ao Brazil.

Damos, em seguida, a ultima parte do artigo do sr. Léon Bollack, *A semana de cinco dias*, que começámos a publicar no numero 46, anterior a este.

#### A SEMANA DE CINCO DIAS

Não poderemos, certamente, prever a desaparição de todas as outras restricções, que ainda impedem a livre expansão do genero humano, as restricções fiscaes e aduaneiras, as restricções militares e as restricções de fronteiras. Os homens, fraternalmente unidos, trabalharão de harmonia no aconchego de sua habitação terrestre, e quanto mais progredirem as sciencias, tanto menor será a contribuição de trabalho exigida de cada individuo: a missão do homem sobre a terra será abolir toda a dôr humana.

Antes, porém, de chegar a uma epocha idéal, a esse paraíso terrestre, em que as forças da natureza captivadas serão as bestas de carga do rei

dos animaes, quantos estadios teremos de transpor?

Afim de nos podermos orientar sempre para o alvo anhelado da felicidade completa do homem, convém, todavia, poupar-lhe as forças, e é por instincto que o complexo da civilização comprehende a necessidade absoluta de repousos bem espaçados. Da mesma fórma, numa marcha militar um tanto forçada, os chefes prescrevem altas em intervallos bem graduados que proporcionem ás tropas os esforços exigidos segundo a distancia a percorrer.

A humanidade trabalhou, successivamente, sem interrupção; depois, cortando as horas de trabalho com espaços de repouso, sempre mais proximos. A' semana de sete dias actual, succederá fatalmente um periodo mais curto, que, por hypothese, denominamos *quintada* ou semana de cinco dias.

Para instaurar essa era nova, um dos obstaculos mais serios a remover seria uma difficuldade de ordem psychica — a crença no domingo, unico e verdadeiro dia de repouso, confusão lamentavel engendrada pelos prejuizos religiosos. Mas a legenda biblica da creação não pôde pezar eternamente sobre os espiritos emancipados e, ante essa ineluctavel necessidade de paradas de uma civilização combatente, o periodo commummente chamado semana será, infallivelmente, encurtado.

O trabalho de hoje é, incontestavelmente, de natureza mais concentrada, mais fatigante, mais tensa, mais vibrante do que o dos nossos antepassados. Os nossos nervos mais movimentados exigem repouso mais frequente; a nossa *strenuous life*, na phrase dos anglo-saxões, a nossa vida intensa, sobrecarregada, tem necessidade de calmas cada vez mais numerosas.

A tendencia para a diminuição das horas de trabalho diario e a repetição mais frequente de dias de repouso é a consequencia mathematica, a resultante dos multiplos esforços dos homens da nossa epocha. Essa tendencia, como outros phenomenos naturaes, nada tem de anormal; convém, sómente, regulal-a afim de desperdiçar o menos possivel de energias na conquista dos nossos destinos.

Graças ao *Office International du Travail*, já os governos se reúnem para promulgar decretos concernentes á organização do labor material. Vimos despontar a primeira convenção do trabalho entre a França e a Italia, e, apesar dos partidarios do *laissez-faire*, não ha homem que consinta, de sangue frio, em deixar os pintores, por exemplo, serem envenenados pelo alvaiade, ou os meninos trabalharem cruelmen-

te, de maneira a lhes prejudicar o crescimento e a saúde.

E' natural que alguns interesses individuais sejam lezados nessa transformação das condições do trabalho; mas essa foi a historia da aparição do progresso: as lamentações de alguns privilegiados da vida não podem commover o complexo dos homens civilisados.

Os homens de hoje, conscientes dos soffrimentos de uma longa série de avós, escravos, servos ou proletarios, querem ser homens, creaturas verdadeiramente pensantes e activas. No banquete da vida, cada qual reclama uma parte justa, equitativa, num movimento traduzido por uma exigencia razoavel, incessante de diminuição de esforços.

Eis porque, apesar de todas as resistencias, de todos os preconceitos, veremos, algum dia, promulgadas estas duas leis humanitarias — o dia de oito horas e a *quintada*, a semana de cinco dias.

LÉON BOLLACK.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Os canaes de Marte. — As observações de 1905. Contestações de Cerulli. — Os canaes indicados pela photographia. — Ultimas provas.*

Merecem ainda a attenção dos sabios os canaes de Marte, si bem que, em parte, desmoralisados pelas observações mais precisas e dignas de credito.

Flammariion e outros partidarios da existencia desses admiraveis canaes, que seriam uma demonstração evidente de viverem seres intelligentes no rubro planeta, assentaram sobre elle uma theoria seductora com as brillantes apparencias de verdade; outros cultores da astronomia, com punhidos de razões convincentes, negam a existencia de tudo quanto os nossos olhos, através de poderosos instrumentos, divisam em Marte. Entre estes, o astrónomo Cerulli, em um artigo publicado no *Astronomische Nachrichten*, de 27 de março ultimo, declara que a geographia marciana é uma ficção.

Si é possível negar, em rigor, tudo o que se funda na observação visual, resta um testemunho imparcial, menos passivel de defeccão do que o globo occular — objectivo photographico, que, ha pouco, nos deu uma photographia dos canaes de Marte.

Douglass tinha já photographado em 1901 o mar Acidaliano em Marte, mas não se encontraram canaes nessas placas, do mesmo modo que nas obtidas, na seguinte opposição, por Lampland. Este observador obteve, a 11 de março de 1905, com o refractor Clark de 24 pollegadas com a extensão focal de 386 pollegadas, admiraveis photographias e, ao mesmo tempo que ellas eram tomadas, Percival Lowell fazia observações visuaes e desenhava o planeta, havendo coincidência perfeita entre esses desenhos e a photographia. Era então visivel a região da grande Syrta.

Essas photographias indicaram nitidamente os seguintes canaes: Nilostrys, Pyramus, Casius, Protonilus, Pierius, Vexillum e Thoth; indicavam tambem os mares com muita precisão e, com a grande Syrta, se distinguem, facilmente, os mares Erythreo, Icario, Hellas e as neves do pólo norte.

As imagens fôram augmentadas 1 vez, 8.

Em outros *clichés* se verificou a existencia de mais alguns canaes, principalmente os que se acham nas margens do Elysium, do Helicon, do Erebo e Hades, confirmando plenamente as observações visuaes dos canaes que são linhas continuas e não uma synthese de outras imagens, como pretenderam os observadores que os contestaram.

Volta, portanto, ao tapete das interrogações a geographia do planeta Marte.

\* \*

O professor Elliott Smith apresentou á Sociedade Pathologica de Londres, um calculo visical colhido no cemiterio prehistorico de El-Amsah, no alto Egypto, entre os ossos de um rapaz de dezeseis annos.

Esse calculo é formado de acido urico e phosphatos, sem oxalato de cal, e a sua idade attinge, na opinião daquelle professor, a sete mil annos.

O dr. Shaltock teve occasião de examinar um calculo analogo, proveniente de um tumulo da segunda dynastia.

Fica provado, com esses documentos de authenticidade incontestavel, que o artritismo não é um flagello dos povos modernos.

\* \*

*A alimentação pelos ovos. — Os estudos do sr. Martinet. — O que representa um ovo segundo as investigações de Voit e Balland.*

O ovo fresco, toda a gente o sabe, é de facil digestão e contém substancias nutritivas em quantidade sufficiente, menos as substancias hydrocarbonadas.

O sr. Martinet estudou, cuidadosamente, a digestibilidade e as suas diversas maneiras de preparo culinario e therapeutico, uma vez que a alimentação é um dos melhores meios de restauração, adaptando ás forças do doente, de lhe apressar a cura, intervindo simultaneamente a cosinha e a pharmacia.

A casca representa cerca de 7% do pezo do ovo, restando para o ovo 50 e 55 grammas, 35g. de clara e 18 de gemma. Sobre esse total, ha consideravel proporção d'agua, e as materias nutritivas, propriamente ditas, não excedem ao pezo de 12 a 15 grammas, sendo, conforme a analyse de Armand Gautier, 4,5 de albuminoides da clara, 2,6 de vitellina e nuclealbumina da gemma, 5,6 de gorduras da gemma e lecithina.

A parte activa de nutrição é a gemma, tem mais nuclealbumina que contém phosphoro, tem maior quantidade de gorduras e lecithina, cujo valor intrinseco parece muito exaggerado.

Conforme as investigações physiologicas de Voit e Balland, um ovo representa quasi 150 grammas de leite ou corresponde ao valor nutritivo dessa dose, porquanto não tem, como este, elementos hydrocarbonados. Da mesma forma, o ovo representa cerca de 60 grammas de carne, e si se procurar o seu valor calorimetrico, conforme as unidades respectivas de albumina, 4 calorios e da gordura 9 calorios por gramma ou cerca de 80 calorios.

A maneira mais simples de administrar o ovo é chupal-o por um pequeno buraco feito na casca, sendo assim completamente assimilavel no intestino, si bem que menos digestivel que o ovo cosido na casca rapidamente sem perfeita coagulação da albumina.

Entre as varias combinações do ovo como alimento, o dr. Martinet indica, como excelente, a fórmula denominada zabaglione, que consiste: 1º, em misturar em um vaso de barro 5 gemmas e 6 grammas de assucar em pó, bater essa mistura adicionando-lhe, pouco a pouco, 150 grammas de vinho moscato d'Asti; 2º, adicionar um pouco de baunilha, de canella, de limão e mexer de vagar em fogo brando, até que ferva e fique bem es-

pumante; 3º retirar a baunilha, a canella, o limão e pôr a panella em banho-maria, batendo sempre e accrescentando-lhe uma ou duas colheres pequenas de rhum e de marrasquinho até que a zabaglione fique bem espessa. Este petisco come-se quente com biscutos, equivalendo a litro e meio de leite.

Ha estomagos absolutamente refractarios á digestões do ovo, que provoca colicas hepaticas, crises de urticaria e vomitos; pôde-se, entretanto, affirmar que o ovo é um alimento perfeito para todas as edades.

## A POLITICA MUNDIAL

### A PAZ DE PORTSMOUTH

O que Mukden e Tsu-Shima deixavam entrever de glorioso para a alma heroica dos nippões já não se realisa: não quer o destino que o estandarte do Sol assista, do alto dos Uraes, ao louco fugir das hostes slavas deante da irresistivel impetuosidade dos asiaticos, como vaticinava aquelle hymno de guerra entoado pelos pequenos japonezes em todas as escolas do imperio do mikado.

Foi um sonho a conquista do Kamtchatka, a neutralisação da Siberia oriental, a dominação da Mandchuria, além da Koréa, de Porto-Arthur e da grande iudemnisação de guerra; foi um sonho porque a fria realidade é outra. A Russia «não dá um kopek», na phrase do sr. de Witte, e consente apenas na cessão do sul da ilha de Shakalin, concordando mais com o protectorado da Koréa e o abandono de Porto-Arthur e da peninsula de Liáu-Tung.

Continúa o imperio slavo a ser potencia asiatica, cujo poderio naval não admitte limitação no Extremo-Oriente; isto é, não abre mão a Russia dos seus planos de outr'óra, conserva-se fiel á sua politica da «mancha de azeite», tão magistralmente descripta pelo allemão Yorck von Woertemburg. Consequencia logica: possibilidade de novo conflictio.

Resta, agora, saber se este desfecho, para muitos inesperado, da conferencia de Portsmouth, é ou não favoravel para o Japão. Duas hypotheses ha para considerar: a das vantagens materiaes e a dos proventos moraes. A primeira pertencem a indemnisação reclamada e os territorios adquiridos; aquella foi negada e estes diminuidos.

Já disseram os francezes: *plaie d'argent n'est pas mortelle*, e, no caso vertente, perfeita applicação tem o proverbio, porque ao Japão nunca ha de faltar quem lhe forneça os capitaes que o seu progresso exigir. Por seu lado, a Koréa possui área territorial assáz vasta para contentar, até certo ponto, o imperialismo japonéz; nesta peninsula poderão estabelecer-se os colonos vindos do archipelago visinho.

e colaborar para a grandeza por vir de um «maior Japão».

As vantagens moraes, estas fôram enormes; o triumphador poz-se em evidencia para todos os orientaes, que só têm um culto — o da força; e não se póde negar que o Japão occupa, no momento actual, posição preponderante em todo o Oriente. Um fremito de esperança, sob uma apparente insensibilidade, agita todos os povos da velha Asia, brancos ou amarellos; todos, chins, indús, persas e arabes, têm os olhos voltados para a Méca moderna, Tokio, e de lá aguardam a senha para a nova revolta, de consequencias incalculaveis para os destinos da Europa e da America do Norte.

Já os operosos filhos do imperio do Sol iam levando de vantagem a sua infiltração pela gigantesca China, como negociantes, engenheiros, industriaes, instructores militares e docentes; o seu prestigio ia além, pois que os ricos indús, rompendo a praxe estabelecida, mandavam ultimamente os filhos para Tokio em vez de Londres; agóra, porém, váe caber-lhes o titulo official de iniciadores da Asia na civilização occidental, e a Sparta guerreira se transformará em Athenas fóco de luz, dispensadora das sciencias para os que ainda luctam com as trevas da ignorancia.

Illudiu o Japão aos seus *desinteressados* amigos, a Grã-Bretanha e os Estados-Unidos; revelou uma pujança creadora que os deixou attonitos e receiosos, porque acreditavam de bõamente que os homens amarellos apenas saberiam repetir mechanicamente o que lhes tinham ensinado os seus mestres allemães e inglezes; mas o resultado foi inteiramente diverso; dahi, o desenlace imprevisto da conferencia de Portsmouth, a decisão do mikado, o desespero dos plenipotenciarios japonezes e a indignação do povo nippon.

Acreditamos que a solução que todos conhecem resultou de uma pressão conjuncta exercida pelos dois povos anglo-saxões sobre o governo de Tokio, disfarçada tal intervenção sob as apparencias da humanidade e dos interesses superiores da civilização. E igualmente, cumpre notar que a renovação do tratado anglo-japonez seguiu-se á terminação virtual da guerra, sendo licito duvidar que o seu theor tivesse sido o mesmo, caso o mikado se obstiuasse em continuar as hostilidades.

Os Estados-Unidos e a Grã-Bretanha têm interesses de natureza diversa e por demais valiosos na Asia e, principalmente a segunda, na propria Europa, para consentirem no esmagamento total de uma potencia como a Russia, de ha muito afastada do Occidente. A hegemonia do Oceano, bem o sabem os inglezes, um dia ha de fatalmente pertencer á America de Norte;

mas esta evidencia, penosa sem duvida, é instigada pela identidade de raça; sempre serão os senhores do mar os anglo-saxões. Acontece, porém, que outro povo, tenaz e forte, tambem se apparella para disputar a herança de Neptuno, e este novo contendor tem um chefe que sonha dictar a lei na Europa.

Para Guilherme II, uma Russia hypnotisada pelo Oriente é o caminho sem obstaculos de Berlim a Trieste passando por Vienna; é a maior Allemanha — prolongada mais tarde por este Oriente fascinador, pela Asia-Menor, o sonho dourado do monarchia.

E' preciso, pois, restituir o colosso slavo ao taboleiro europeu, onde ainda poderá figurar em muitas combinações porventura hostis aos planos do restaurador do Santo Imperio romano-allemao; de resto, a sangria japoneza o enfraqueceu sufficientemente para deixar o campo livre á Inglaterra nas suas campanhas de absorpção na Persia e no Thibet, e, como garantia, o Japão, o soldado da Grã-Bretanha no Extremo-Oriente, conserva-se vigilante, prompto a marchar.

Nesta partida de xadrez, que acaba de ser resolvida, os vencedores da ultima hora fôram os anglo-saxões. O Oceano Pacifico, o futuro *lago americano*, via erguer-se em suas praias occidentaes uma nação que ameaçava tornar-se a sua Albion, ao mesmo tempo que podia igualmente aspirar ao papel de sua Allemanha no continente; graças, porém, á iniciativa americana e á attitudo europeia, fôram cortadas as azas da aguia japoneza para lhe provar que os destinos do mundo ainda dependem da vontade dos brancos occidentaes. Resta, agóra, saber se, instruido duramente pela experiencia, supportará o Japão engrandecido e forte um terceiro Simonosaki.

GASTÃO RUCH.

### AREIAS MONAZITICAS

Nestas columnas, eston habituado a tratar, sómente, de assumptos litterarios; de politica, ou de sciencias, já-mais cuidei eu.

Seguí sempre o conselho de Chateaubriand, que affirmava ser as lettras os primeiros prazeres ao entrar na vida e os ultimos ao deixal-a.

O grandioso iniciador do romantismo, em França, fallava com a auctoridade da propria experiencia. Elle começou com o *Génie du Christianisme* em 1804, e terminou, publicando as *Memoires d'Outre tombe*, etc.

Enchem o longo periodo de sua existencia — viagens, poemas, combates no campo de batalha, como soldado da restauração da monarchia bourbo-

nica; depois, jornalista, embaixador em Londres e enviado ao Congresso de Verona, par de França e ministro de estrangeiros no gabinete Villele, expulso do mesmo; luctas violentas na tribuna parlamentar e na imprensa, vida agitada e tempestuosa. tudo, finalmente, acabou pelo culto da pura litteratura.

Em verdade, as lettras cauzam esse prazer ultimo e como o deram, no começo da juventude, quando as almas, sorrindo, se preparam para as alegrias, as incertezas, ou as tristezas do porvir.

Hoje, deixo, porém, de parte a litteratura e lanço os olhos rapida e ligeiramente sobre assumptos concernentes ás sciencias chimicas e mecha-nicas, publicando os trabalhos que o industrial sr. commendador Domingos Gonçalves submetten ao Congresso de Expansão Economica, que teve ruidosa e ostentosa existencia, legando á admiração dos contemporaneos e dos posterios, como precioso fructo, o *Volume das conclusões*, o qual será enviado á Belgica para esclarecel-a acerca da realidade das condições economicas do Brazil.

O sr. commendador Domingos Gonçalves é um modesto cultor das sciencias naturaes, principalmente da chímica, que estudou e praticou proveitosamente na Allemanha, com mestres competentes e abalisados.

Espirito curioso, tentando surprehender, ou devassar os mysterios da natureza, tem feito excursões pelos Estados do Rio, de S. Paulo, do Espirito Santo, e Minas Geraes, Goyaz, e outros, observando numerosos factos, que a sciencia apura, classifica, ou reconhece uteis, quer sob o ponto de vista theorico, quer no das applicações praticas do commercio e da industria.

Quando o governo brasileiro pretendeu fazer concessão das areias monaziticas a dois particulares, que monopolisam esse genero de produção natural, o sr. ministro da Fazenda não achou (disseram) quem procedesse a conveniente analyse naquelles productos mineraes. O honrado ministro incumbiu, é certo, ao sr. commendador Domingos Gonçalves esse trabalho, do qual se desempenhou com perfeita galhardia e acabada proficiencia.

Vimos as amostras dos saes contidos nas areias, vimos extraídos — o *thorium*, o *cerium*, etc., etc., e nos informaram de haver taes productos, obtidos pela machina inventada pelo sr. commendador Domingos Gonçalves, merecido grande apreço, tanto em França, quauto na Allemanha.

As duas exposições, que vão abaixo, esclarecem o assumpto.

O sr. commendador Domingos Gonçalves, como homem da sciencia e

industrial pratico, tratou, na primeira, analyticamente, das areias monaziticas, mostrando as substancias que se pôdem extraír dellas. Na segunda exposição, apresentou ao Congresso de Expansão Economica um plano, ou orçamento da receita e da despeza duma fabrica para preparar e desenvolver a industria desse ramo de produção mineral.

As duas exposições do chimico industrial merecem a attenção dos espiritos que não desdenham dos interesses vitaes do paiz, relativamente ao seu commercio e industria.

Não entraremos em certos pormenores, que só os industriaes experientes e praticos pôdem ministrar.

#### EXPOSIÇÃO SOBRE AS TERRAS RARAS (MONAZITICAS)

Destas areias monaziticas tirou o chimico Berzelius os saes de *thorio*, *cerio*, *ittrio* e outros; sendo que os mais uteis são o *thorio* e o *cerio*; aquelle, empregado na manufactura dos manchões para a luz incaudecente; e este, para diversos usos industriaes. Consta que na Allemanha fazem grandes provisões delle, para empregarem como explosivo na guerra. Berzelius, deu-lhe esta denominação em consequencia da analogia que existe entre os oxydos dos hydratos de glencinio e de alumínio, bem como seus chloruretos.

Estas terras raras têm sido ultimamente objecto da maxima attenção entre os principaes chimicos da Europa, especialmente na Allemanha e França, os queas têm encontrado novos corpos, que qualificam devidamente, demonstrando seus pezos atomicos e densidades, etc., etc. Não foi a natureza menos prodiga para com este grande paiz, visto que, não obstante dar-lhe uma primavera eterna em sua flóra, ainda o contemplou com uma abundancia tal de areias monaziticas, que chega a tocar as raias da maior admiração.

As principaes jazidas desta preciosa riqueza existem nos Estados da Bahia e do Espirito Santo, sendo que as daquelle principiam no logar denominado Prado e seguem até Caravellas pelo littoral, e no interior nos rios das Contas e Betinote; as do Espirito Santo são encontradas desde o Cachoeiro de Itapemirim até ás proximidades da cidade da Victoria, (Guarapary) e no Rio Doce.

Existem, tambem, em Matto Grosso nos rios Tacuary, Roncador e Paraná.

Encontram-se taes areias nos rios Parahyba, Curumbá e Paraná em Goyaz. No Estado de Minas Geraes, são achadas no rio S. Francisco e em diversas fazendas, nas proximidades da Diamantina e de Ouro Preto. No Estado do Rio de Janeiro, as

mesmas areias apparecem na costa de S. João da Barra e nos rios Itabapana, Parahyba e em diversas fazendas do municipio de Sapucaia, onde eu as reconheci e verifiquei em diversos logares, que visitei, regressando de minha excursão mineralogica ao Estado de Minas Geraes.

De todas estas areias, as mais ricas em *thorium* e em *cerium* são as de Goyaz, visto que, em sua analyse, apresentam 63 % de oxydos do grupo *cericum* e 5 % do grupo *ittrico* e 75% de *thorio*. Em seguida, temos as areias do Espirito Santo, que têm de 4 a 4 1/2 % de *thorio* e de 35 a 40 de oxydos dos grupos *cericos* e *ittricos*.

Ha tambem umas outras bastante ricas, as quaes são de Villa-Velha, accusando 60 % de saes do grupo *cerico* e 4,30 % do grupo *ittrico* e 5,20 % de *thorio*.

Antes da exportação das areias brasileiras, eram ellas fornecidas á Allemanha pelo Estado de Idaho e pelas Carolinas do Norte. Nos annos de 1893 e 1894, fôram exportadas 680 toneladas de areias brutas, elevando-se a somma de sua importancia a 500 mil francos, regulando sair a tonelada, no logar da extracção, a 735 francos; este estado prospero bem depressa desceu, pois que no anno de 1896 só se extraíram 8 toneladas, que produziram apenas 4.360 francos, diminuição consideravel, que teve por causa, não só a desappareição das jazidas, bem como a concurrencia que lhe era feita pelas areias brasileiras, que, nesse tempo, eram levadas para a Europa em saccas como areia commum. sob o pretexto de servirem de lastro dos vapores que as transportavam. Em epocha transacta, chegou-se a vender um producto destas areias, com a porcentagem de 75 % de *thorio*, a 3.900.000 o kilo, e um outro a 98 % de *thorio puro* a 4.200\$000 o kilo; vindo, portanto, a custar uma tonelada deste ultimo 4.200:000:000. Este facto parece, á primeira vista, uma fabula; porém não é.

Não é crível que um engenheiro francez, formado em chimica e mineralogia, como é o sr. P. Truchot, fôsse capaz de informar inverdades e inventar coisas indignas da seriedade dum pensador e da nobreza da sciencia. Esses altos preços do custo dos productos constam da obra que o dito chimico, o sr. P. Truchot, publicou em 1903.

Pois bem: esse mineral, que attingiu a tão alto valor, não dá hoje a decima parte por causa da facilidade com que os *innocentes* carregadores das primeiras expedições, aos quaes nada custava, sómente o susto de ver descoberta a sua *innocencia* e, por conseguinte, a superabundancia no mercado estrangeiro, produziu a quéda, ou fez baixar o valor de tão precioso objecto, cujos

lucros importantes e admiraveis havemos de pôr em evidencia na demonstração, que publicamos no fim desta exposição, e como fiz ver no meu breve relatorio, entregue, no dia 7 do corrente, á commissão do Congresso de Expansão Economica Latino Americano, installado no Gabinete Portuguez de Leitura; e no alludido relatorio ou exposição demonstrei que, com mil toneladas de areias beneficiadas pela machina privilegiada de minha invenção, se podia, com o capital de 1840 contos de réis, obter um lucro, no primeiro anno, de 4.720 contos de réis.

Terminando, peço ao illustrado Congresso a publicação desses expositivos, porque elles pôdem ser uteis ao governo e ao publico, que principalmente não parece estar bem esclarecido a respeito da importacia das areias monaziticas, como ramo da riqueza e da exportação brasileira.

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1905.

\* \* \*

Eis ahi agóra o segundo relatorio, ou plano:

*Exposição demonstrativa sobre (1000) mil toneladas de areias monaziticas eguaes ás que se contêm na amostra do vidro n. 2, preparadas na machina de minha invenção, privilegiada pelo governo da União, em 21 de janeiro de 1903, SOB A PATENTE N. 3764, por 15 annos.*

Estas areias fôram-me fornecidas por s. exc. o sr. ministro da Fazenda, sr. Bulhões, para quem fiz os necessarios estudos de passal-as do estado bruto, em que se acham na amostra n. 1, como tambem lhe forneci os saes extraídos das mesmas, eguaes aos que se encontram nas amostras ns. 3 e 4, que nesta data tenho a honra de submeter á apreciação do Congresso, afim de concorrer com as poucas habilitações de que disponho para a nobre e justa campanha, na qual o Congresso está trabalhando com toda competencia e amor patrio, o que muito o nobilitará perante a nação agradecida.

Demonstração sobre mil (1.000) toneladas de areias da amostra n. 2, reduzidas a saes de *thorium*, *cerium*, *itrium* e *lantanio*, sendo que de *thorium* pôdem-se tirar 30 toneladas e dos outros metaes acima expostos, os quaes quasi todos pertencem ao grupo *cerico*, por isso que são da mesma natureza das terras raras, cômpostos dos diversos ciliatos infuziveis; destes pôdem-se tirar duzentas e cincoenta toneladas (250) e de productos secundarios, como sejam: *phosphatos*, *sulphatos de amonia* para abubos agricolas, 200 toneladas.

Tendo assim verificado as substancias contidas nas areias, passarei a demonstrar as despezas provaveis sobre as areias limpas e os lucros que pôdem produzir pela fórma seguinte:

—Despeza com uma installação completa, com todas as machinas, e um bom laboratorio.	300:000\$000
— Idem, com drogas para dissolução.	160:000\$000
—Custo das areias.	700:000\$000
—Despezas geraes com salarios e ordenados. . . .	480:000\$000
—Juros e eventuaes. . . .	200:000\$000
Total rs. . . .	1.840:000\$000

Notemos a renda dos productos obtidos :

— Trinta toneladas de <i>hydrato de thorium</i> , vendido a 3.200\$ o kilo.	960:000\$000
—250 toneladas de saes do grupo <i>cerico</i> , como expúz, vendido a 20\$000 o kilo . . .	5.000\$000
— 200 toneladas de productos secundarios, como sejam phosphatos, sulphatos de amonia para adubos de terras de lavoura, vendidos a 300 rs o kilo, (menos que o preço do guano) importam em. . . .	600\$000
Teremos. . . . .	960:000\$000
	5.000:000\$000
	600:000\$000
Receita. . . . .	6.560:000\$000
Despeza. . . . .	1.840:000\$000
Lucro provavel. . . . .	rs 4.720:000\$000

\* \* \*

Eis as conclusões das duas exposições que o sr. commendador Gonçalves enviou ao notavel Congresso de Expansão Eçconomica, a respeito do valioso producto — as areias monazíticas — que, ha cerca de 40 annos, são conhecidas na Bahia, e, como as areias, tambem é conhecida a turfa, que abunda por sobre as margens do Prado, do Rio de Contas, ou do Camamú.

Os vapores da antiga companhia de navegação bahiana, que percorriam a linha do sul, partindo da capital até Cannavieiras, Ilhéos, Caravellas, S. Matheus, etc. e a linha do norte até Penedo e Aracajú, empregavam a turfa como combustível.

A companhia de gaz frequentemente usava da turfa para produzir o gaz com que illuminava a capital da Bahia. Assim, pôde-se asseverar que essas duas substancias já são muito conhecidas desde longos annos.

Escrevendo estas linhas, só tive o proposito de dar noticia e publicar os trabalhos do sr. commendador Domingos Gonçalves, laborioso, instruido chimico e industrial.

EUNAPIO DEIRÓ.

As officinas dos "Annaes", dispondo de um material completamente novo e moderno, eucarregam-se de todo trabalho typographico.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### INDEPENDENCIA OU MORTE!

A carta, que abaixo transcrevemos, escripta ao dr. Mello Moraes, pae, pelo barão de Pindamonhagaba, companheiro de viagem de d. Pedro I, conta, inteiramente, as circumstancias em que o principe soltou o celebre grito—*Independencia ou Morte!* E' curioso reproduzi-la, sobretudo porque é quasi desconhecida. Conservamos, respeitosa-mente, toda a grammatica do auctor.

«Illm. sr. dr. A. J. de Mello Moraes. — Tenho presente a carta de v. s. em que pede-me alguns esclarecimentos sobre o acto da nossa Independencia no Ypiranga, afim de exaral-os na *Historia do Brazil*, de que é v. s. digno auctor. Com todo o prazer satisfaço a exigencia de v. s. narrando-lhe aquillo, de que tenho lembrança, e que presenciei, como testemunha ocular, e que o espaço de quarenta annos não tem apagado de minha memoria. Seguirei a ordem dos quesitos propostos por v. s.

Quanto ao 1º. A que horas foi o principe em passeio ao Ypiranga, em cuja occasião deu o brado «Independencia ou morte!»? Respondemos: Que indo o principe em regresso de um passeio que tinha feito á cidade de Santos, depois que subiu a serra acompanhado sómente por mim, recebeu nessa altura officios ou cartas por um proprio, parando e lendo-os disse-me que as côrtes de Portugal queriam massacrar o Brazil; continuando logo depois em sua viagem para a capital de S. Paulo, foi alcançado logo pela guarda de honra que havia ficado um pouco atrás, a quem o principe ordenou que passasse adiante, e fôsse seguindo, e isso creio que em consequencia de achar-se o mesmo principe affectado de uma dysenteria, que obrigava-o a todo o momento a aprear-se, para prover-se; meia legua distante do Ypiranga, encontrou-se a guarda de honra com Paulo Beregaro e Antonio Cordeiro, que perguntando á mesma pelo principe, dirigiram-se ao seu encontro, para entregar-lhe officios, que traziam do Rio de Janeiro.

A guarda de honra parou no Ypiranga, á espera do principe que, como já fica dito, ficou atrás e com quem fôram encontrar-se Paulo Beregaro e Cordeiro. Após pouco tempo, chegou o principe ao Ypiranga, onde o esperava a sua guarda de honra, a quem disse, e aos mais de sua comitiva, que as côrtes portuguezas queriam massacrar o Brazil, e pelo que se devia immediatamente declarar a sua independencia, e arrancando o tope portuguez que trazia no chapéo, e lançando-o por terra, soltou o brado de «Independencia ou morte!»; o mesmo fez a sua guarda e comitiva, a quem o principe ordenou que trouxessem uma legenda com a inscripção «Independencia ou morte!». Esta scena teve lugar, pouco mais ou menos, ás 4 horas e meia da tarde.

2º Quesito. Se foi em consequencia de uma carta de José Bonifacio ou de Martim Francisco, que dizia—o que se tem de fazer tarde, que se faça logo—o que resolveu o principe a dar o brado? Respondemos: Que ignoramos quaes os motivos a dar o brado do Ypiranga, e só sabemos que foi em consequencia das cartas e officios que recebeu da côrte, e que dizia-se serem da Imperatriz e de seu ministro José Bonifacio.

3º Quesito. Se o principe depois que acabou de ler a carta a deu ao padre Belchior Pinheiro de Oliveira, ou a outra pessoa, e

consultou o que devia fazer? Respondemos: Ignoramos completamente o que se passou nesse acto, porque quando o principe recebeu os officios de que fôram portadores Paulo Beregaro e Cordeiro, nos achavamos, como já fica dito, adiante do principe; porém é de suppor que este consultasse com o padre Belchior a respeito, por isso que era o seu confidente e mentor.

4º Quesito. Quaes os verdadeiros motivos que levaram o principe a S. Paulo? Respondemos: Que apenas sabemos que esses motivos fôram politicos.

5º Quesito. Quem fôram os causadores das perturbações da provincia? Respondemos: que supponho que os causadores da perturbação da provincia fôram alguns membros do governo provisório, por isso que apenas o principe chegou a S. Paulo, deportou-os dentro mesmo da provincia.

6º Quesito. Quaes os membros do governo provisório que se deshouveram, e perturbaram a marcha dos negocios publicos? Respondemos: Que dos membros des-havidos, e que perturbaram a marcha dos negocios publicos, apenas lembro-me do vulto mais eminente, e de quem muito se fallava, do coronel Francisco Ignacio de Souza Queiroz, que foi deportado para Santos.

7º Quesito. Em companhia de quem veio preso Martim Francisco para o Rio de Janeiro, e em que logar fóra da provincia de S. Paulo o deixaram? Respondemos: Martim Francisco dirigia-se para o Rio de Janeiro, preso, e sob a guarda do major de milicias, José Fernandes, e foi solto logo que transportou as raia da provincia de S. Paulo, sendo preso o major que o conduzia.

8º Quesito. Quantos dias o principe demorou-se em S. Paulo depois do dia 7 de setembro de 1822? Respondemos: Que apenas demorou-se o principe um dia.

9º Quesito. Como ia vestido o principe, e em que cavalgava? Respondemos: Que o principe ia vestido com fardeta de policia e, se a memoria não nos é infiel, cremos que cavalgava em uma besta baia gateada.

10º Quesito. O que houve em S. Paulo na volta do passeio do Ypiranga? Respondemos: Que na volta do Ypiranga para S. Paulo, que foi no mesmo dia em que soltou o brado de «Independencia ou morte!» o principe, o que houve de notavel e singular, foi de ser nessa noite no theatro, onde se achava o principe, aclamado rei do Brazil por um individuo de sua guarda de honra, que se achava sentado junto ao coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo, coronel João de Castro Canto e Mello, e creado particular João Carlota. No dia seguinte, o principe apresentou-se com uma legenda no braço em que estava inscripto «Independencia ou morte!».

Creio ter satisfeito o quanto em mim coube o pedido que v. s. faz-me; resta-me o pezar de ter a mão do tempo riscado de minha memoria muitos outros factos e circumstancias, que por ventura ladeassem o acto de nossa Independencia, porque quarenta annos se tem passado, e seria preciso grande fertilidade de reminiscencia, para não esquecer todas as minuciosidades que se deram por essa occasião.

Aproveito o ensejo para respeitosa-mente saudar e cumprimentar a v. s., offerecendo-lhe igualmente o meu insignificante e limitado prestimo neste ponto.

Sou com toda a estima e consideração, de v. s. seu venerador.—Barão de Pindamonhagaba.—14 de abril de 1862.

O SEGUINTE TRECHO de Oliveira Martins é um dos traços mais fortes, mais vivos, com que o grande publicista-artista de Portugal lançou a physionomia moral de d. Pedro I. Os leitores gostarão de conhecer duas provas da veia poética do nosso primeiro Imperador, e elles são os dois sonetos que o auctor publica, um dos quaes acompanhado de uma nota flagrante de Camillo Castello Branco.

#### D. PEDRO I

Embuçado no seu capote, como um Cezar que chegava para ver e vencer, d. Pedro passou á fragata almirante, olhando tudo com os ares de quem tinha em muito mais o prestigio do seu nome e o valor do genio que acreditava existir em si, do que essa expedição mal armada, a dedicação e o valor dos muitos que a seguiam, e os braços dos mercenários que o aclamavam, entoando o *Rule Britannia* ou a *Marselheza*, conforme a nacionalidade.

Sartorius veio ao portaló recebê-lo, com Palmella e Loulé, Candido Xavier, Freire, o camarista Almeida, Mousinho, com a sua cabeça singular e enigmatica, Tavares o poeta-medico, e Lasteyrie, neto de Lafayette, e o conde S. Leger-da-Bemposta, e o capitão brasileiro Bastos, e o Sancho-Pansa de seu amo, — o padre Marcos. Eram a cauda, a côrte de d. Pedro, para quem todos os commodos de quarto e mesa fôram reservados a bordo da fragata almirante. (*Hodges, Narr.*) No convéz, uma guarda de honra de marinheiros inglezes, tocando o hymno da CARTA, esperava-o. D. Pedro passou, grave, solemne, embuçado. Era corpulento e robusto, e tinha então 34 annos — a plenitude da força. As duas alas de cortezãos dobravam-se pela cintura, com a cabeça baixa, pedindo a esmola de lhe beijar a mão. Elle, sem os ver, passou brusca e rapidamente: metteu-se no seu beliche. No outro dia, os intimos desculparam a desatenção, allegando um mal-estar. (*Ibid.*) Depois, foi ver o batalhão inglez, que ainda estava, conforme chegára, roto, descalço e bebado. Respondeu aos *cheers* com um claro gesto de enfado, voltando as costas. Sartorius, picado, mordida os beiços; e d. Pedro, ao saber dos modos de vida dos soldados improvisados, perguntou-lhe para que prestava «esse bando de porcos». (*Ibid.*) Assim, em vez de reconhecer quanto se tinha feito com tão pouco, desdenhava de tudo, maldizia de todos, creando friezas em vez de sympathias. Prejudicava-o a vaidade que o fazia crer-se um grande homem, só porque o genio e a sorte lhe tinham dado uma existencia aventureira. Pretendia saber de tudo, e em tudo ia intrometter-se, até no equipamento dos navios, nos detalhes technicos da arte. Os simples e aduladores admiravam um genio tão universal; mas Sartorius, já picado com o modo por-

que elle tratára os inglezes, viu-se forçado a observar-lhe os seus erros e a exigir-lhe a abstenção. D. Pedro ficou surprehendido: a sua vaidade era simples, e com esses modos não tinha em idéa offender ninguem. Educado príncipe, achava natural tratar a todos de resto; e crendo-se genio, considerava os companheiros inferiores. Os episodios dessa guerra, que tantas desillusões lhe traria, mostrar-lhe-iam que nem um chefe viria a ser — quanto mais, alma, espirito, estrella, Napoleão da aventura! Deu a Sartorius todas as desculpas, prometeu-lhe toda a liberdade. Era sempre sincero; e os defeitos que tinha, tinha-os sem saber que fizessem mal. Era nobre, franco, aberto, no fundo do seu character; sem dissimulação, antes peccando por nimia franqueza. Tinha o coração ao pé da bocca, e como no coração havia um monte de illusões e bastante nobreza, a bocca exprimia-se conforme as circumstancias.

Possuia a forte qualidade de verdadeiro — como em geral succede aos espiritos simples e pouco educados. O do príncipe ficára effectivamente mal amanhado. Não era dado a leituras: dos homens apenas conhecia os que tratára, e como esses não eram dos melhores, a sua educação fraquejava muito, a sua vaidade crescia sempre.

Sobrio e forte, não esquecia a antiga tradição portugueza da nobreza inherente aos dotes herculeos: gabava-se do que podia e levantava pezos maiores do que ninguem. Isto dava-lhe mais um motivo de consideração para consigo. Outro eram os dotes litterarios de que se suppunha prendado e que os aulicos exaltavam: um genio universal! Compuzera o hymno da CARTA; e como do coração amava a Imperatriz, fez-lhe este soneto, que porém o não abona:

Aquella que orna o Solio Magestoso  
E' filha d'uma Venus e d'um Marte.  
Enleia nossas almas; e desta arte  
He mimo do Brazil, gloria do Espozo.

Não temeu o Oceano procelloso:  
Cantando espalharei por toda a parte.  
Seus lares deixa Amelia por Amar-te  
Hes mui feliz oh! Pedro, Hes mui Ditoso!

Amelia faz nascer a idade de ouro!  
Amelia no Brazil é nova diva!  
He Amelia de Pedro um grão thezouro!

Amelia Augusta os corações captiva!  
Amelia nos garante excelso agouro!  
Viva a Imperatriz, Amelia, viva! (\*)

(\*) «A sua poesia rebentava principalmente quando lhe morria uma mulher, e quando tomava outra. Quando falleceu a imperatriz d. Maria Leopoldina, carpiu-a dest'arte:

Deus eterno porque me arrebataste  
A minha muito amada imperatriz;  
Tua divina vontade assim o quiz,  
Sabe que o meu coração dilaceraste.

Tu, de certo, contra mim te iraste  
Eu não sei o motivo, nem que fiz,  
E por isso direi como o que diz  
«Tu m'a déste, Senhor, tu m'a tiraste.»

Elle me amava com o maior amor  
Eu nella admirava a sua honestidade.  
Sinto meu coração por fim quebrar de dor.

O mundo nunca mais verá em outra idade  
Um modelo tão perfeito nem melhor  
D'honra, candura, bonnomia (*sic*) e caridade.

(Nota do sr. Camillo Castello Branco, em carta ao auctor).

A ingenuidade destes versos reprime o nosso riso, porque eram sentidos. A bordo, o Imperador, só, com os retratos da esposa e da filha perante si, escrevia-lhes todas as noites com ternura. (*Ibid.*) Vê-se que, no fundo, era um bom rapaz, que o romantismo tresvariára por todos os modos. O romantismo napoleónico levára-o a suppor-se um Cezar; o romantismo benthamista, um Solon; o romantismo litterario, com o temperamento que a natureza lhe déra, fazia que oscillasse entre a ternura das paixões licitas e os arrebatamentos da libertinagem. De tudo isto saía um character quichotesco, mas bom: amava as creanças, o que é sempre um excellente symptoma. Podia ser cruel por colera, e foi-o; mas era humano por genio. Odiava as imposturas todas: as ladroeiras, as mentiras e os peralvilhos, com fitas e arrebiques. Em somma total do que agóra dizemos, do que temos dito, e do que diremos ainda, — porque insistir assim, em diversas occasiões, é o meio de fixar uma physionomia, — d. Pedro era um bom exemplar de homem, desse genio artificial, pouco consistente, que a educação romantica fez.

Era, por egual, um bom príncipe? Isso é diverso, porque a primeira qualidade do chefe de um povo é exactamente aquella o romantismo não sabia — a consistencia. Philosophia de illusões, elle só creava tartufos politicos, como Luiz Philippe ou o rei dos belgas, ou só fazia infelizes como d. Pedro. Quem o tomava a serio, nos seus delirios sentimentaes, na sua apologia do temperamento, na sua apothose da personalidade, nos seus dogmas *liberaes* — e pôde dizer-se que d. Pedro era um desses — ia cair de encontro á realidade de um systema pratico, onde a personalidade é amesquinhada pelo imperio concedido á vontade collectiva no governo dos Estados, onde o sentimento não cabe, por afogado pela massa dos interesses que a intervenção do povo na machina politica faz antepor aos caprichos dos soberanos. Por isso tudo, e porque a isso tudo se alliava em d. Pedro um temperamento accentuadamente voluntarioso, o pobre príncipe parecia quichotesco aos

homens praticos e modernos — e foi um infeliz.

Desegual, como dois homens num só corpo mal ligado, ia agora até á excessiva familiaridade, logo até uma exaggerada frieza emproada. Umas vezes, apparecia ingenuo, simples, bondoso; outras, revelava-se brutal, aggressivo e violento. Dava positivos *fo-guetes* aos seus ministros, e então acreditava-se um grande homem, porque esses ministros se curvavam humildes.

OLIVEIRA MARTINS.

\*  
\* \*

### O PATRIARCHA

Oliveira Martins termina um capitulo do seu livro *O Brazil e as colonias*, escrevendo que José Bonifacio é o verdadeiro patriarcha da nossa Independencia e era o verdadeiro representante do espirito nacional. Aliás, esta tem sido tambem a opinião do Brazil, com poucas excepções.

Dá a medida de uma dessas excepções o seguinte artigo, publicado pelo *Correio Official*, de 28 de dezembro de 1833:

«*Semper ego auditor tantum?*»

Não tem o sr. José Bonifacio de Andrada que arrepende-se de ter feito a independencia do Brazil, como inconsideradamente manifestou aos honrados juizes de paz que lhe intimaram o decreto da suspensão da sua tutoria, porque o Brazil não deve este serviço exclusivamente aos seus trabalhos: nós vamos mostrar que apenas cooperon para ella muito menos do que se pensa.

Sabido é já que ninguém pôde arrogar-se a gloria, não digo só de ter feito, mas, nem mesmo de ter apressado a declaração da emancipação politica do Brazil: este acto operou-se tão acceleradamente e por tal unanidade de votos de todos os brasileiros, que pôde dizer-se com verdade que os factos encaminharam os homens e não os homens os factos. O grito da Independencia repercutiu em todos os angulos da terra de Santa Cruz, com geral espontaneidade e pouca differença de tempo, sem que precedesse seducção, porque os animos estavam naturalmente preparados e muito mais quando se viu que as côrtes de Lisboa, por seus actos hostis, tendiam a recolonisar o Brazil.

Eis a verdade historica, que convém restabelecer, porque existe provada nas diferentes peças officiaes daquella epocha memoravel, e nos periodicos e impressos avulsos que então circulavam, lidos avidamente pelos brasileiros, que amavam ver desenvolvidas as razões para a sua tão desejada independencia.

Todavia, tres factos principaes existem, pelos quaes o povo brasileiro se declarou independente de facto e de direito: 1º, o ficar o sr. d. Pedro de Alcantara no Brazil, contra as ordeus bem terminantes da metropole portugueza; 2º, a convocação da Assembléa Constituinte brasileira; 3º, o brado de 7 de setembro, nas margens do Ypiranga. Estes actos tiveram seus agentes; mas, convém saber-se a parte que nelles teve o sr. José Bonifacio de Andrada.

O facto de ter a junta de S. Paulo dirigido ao príncipe regente a sua famosa carta de 24 de dezembro de 1821, redigida e talvez influida pelo sr. José Bonifacio de Andrada, fez crer a quem não estava ao alcance das circumstancias particulares dos acontecimentos, que a elle pertencera a iniciativa

do movimento nacional que promoveu a estada do mesmo príncipe regente no Brazil; mas, ha nisto engano. Aquella iniciativa teve origem no Rio de Janeiro e pertence ao fallecido José Mariano de Azeredo Coutinho e a José Joaquim da Rocha. Estes dois cidadãos, de accordo com mais outras pessoas, enviaram proprios a S. Paulo, solicitando a cooperação da junta provisoria daquella provincia e, ao mesmo tempo, abriram correspondencias com a de Minas. Como os animos estavam bem dispostos e os acintes da metropole faziam requintar a indignação dos brasileiros, a cooperação verificou-se no sentido da primeira idéa aqui concebida.

O facto de só verificar-se a 9 de janeiro a meusagem do povo fluminense ao príncipe regente fez com que parecesse collocado em segundo logar, na ordem chronologica dos successos daquella epocha; mas a deliberação para essa mensagem havia sido tomada muito antes de 24 de dezembro; e si não foi levada a effeito sinão em 9 de janeiro, deveu-se essa demora ás politicas observações do sr. José Clemente Pereira, então presidente do Senado da Camara, que não quiz deliberar-se a obrar, sem que houvesse certeza da cooperação das provincias de S. Paulo e Minas, considerando quão arriscado seria esse passo, si ellas não consentissem, o que era de receiar, attenta a dissidencia em que estavam, e a presença da tropa lusitana, que antecipadamente se havia pronunciado contra semelhante acto, até com ameaças. Estes factos são tão veridicos, que por elles se fez culpa ao sr. José Clemente Pereira na devassa da *infame bernarda* de 30 de outubro, e acham-se por elle explicados satisfatoriamente no processo que corre impresso.

Colhe-se, pois, em resultado do que temos exposto, que no movimento do primeiro acto da nossa Independencia não foi o sr. José Bonifacio patriarcha della, e apenas lhe cabe a gloria de um secundario cooperador, visto ter redigido a famosa carta de 24 de dezembro, que accendeu perigoso incendio no seio das côrtes de Lisboa, e teria produzido grandes males á causa da Independencia, si as tropas dalli enviadas tivessem aqui chegado mais cedo.

Pelo acto de 3 de junho de 1822, que convocou a Assembléa Constituinte, fez o Brazil declaração de direito da sua independencia, pois que independente se achava já de facto, desde 9 de janeiro, não obedecendo ao governo de Lisboa. Tambem para este acto em nada concorreu o sr. José Bonifacio de Andrada; antes, delle se desgostou, declarando crúa guerra aos seus principaes e bem conhecidos agentes. Examinemos os factos.

Sabido é que o decreto de 16 de fevereiro desse mesmo anno, pela sua anti-nacional clausula: — *Systema constitucional que... jurei dar-lhe* — e por outros actos arbitrarios do ministerio do sr. José Bonifacio de Andrada, ia fazendo perder a este o bom conceito com que entrára na administração; e já as provincias começavam a mostrar pouca confiança no governo do Rio. Esta circumstancia muito mais temivel se mostrava aos verdadeiros patriotas, quando conheciam que era empenho da metropole dividir as provincias em tal ensejo, para dominal-as assim fracas e embaraçar a sua independencia, resultado infallivel de tantos actos anteriores, mas perigosa, si a união de todo o Brazil lhe não dêsse uma base segurissima. Em maio desse anno, o presidente do Senado da Camara José Clemente Pereira, communicou aos srs. Joaquim Gonçalves Léo e Januario da Cunha Barbosa, o receio que tinha de que a revolução do Brazil, já começada, tomasse má direcção, á vista dos symptomas de divergencia que manifestavam as provincias, devidos em grande parte ás razões ha pouco apontadas; e encontrando na egualdade de

sentimentos desses amigos, já distinctos por seus serviços á causa do Brazil, como provam com evidencia os seus escriptos no periodico *Reverbero Constitucional Fluminense*, etc., emprehendido e sustentado para preparar a opinião dos brasileiros á independencia da patria, foi ajustado que se encarregassem de redigir um manifesto, em nome do povo fluminense, que tivesse por fim pedir ao príncipe regente a convocação de uma assembléa geral no Brazil, como unico meio de chamar todas as provincias a um centro; de remover suspeitas, que, de dia em dia, mais avultavam, e de satisfazer os desejos e necessidades de todos os brasileiros, que nada mais esperavam das côrtes de Lisboa, excepto a recolonisação. Proposição tão patriótica, tarefa tão honrosa, que tinha por fim apressar a declaração da independencia do Brazil, dar-lhe uma Constituição e manter a sua integridade e união, não podia deixar de ser applaudida. Houve logo uma conferencia, em que se assentaram as bases do projectado manifesto e fôram a ella convidados os srs. padre João Antonio de Lessa, brigadeiro Luiz Pereira da Nobrega e João Soares Lisboa, redactor do *Correio do Rio*, cujos sentimentos patrioticos eram assás reconhecidos e geralmente respeitados.

Quizemos fazer esta minuciosa exposição historica das circumstancias que precederam ao acto de 23 de maio e nomear os principaes agentes, não só para que se conheça que elle não foi devido ao sr. José Bonifacio de Andrada, mas, tambem, pela notavel coincidência de serem todos esses patriotas muito perseguidos pelo sr. José Bonifacio, como todos sabem; e ainda teremos occasião de mostrar que a origem de tão crúa perseguição derivou desse facto, houroso sobremaneira a seus auctores.

Redigidas com promptidão as bases do manifesto pelos srs. Léo e Cunha Barbosa, assentou-se que se devia communicar esta deliberação ao governo, e, feita a communicação, respondeu o sr. José Bonifacio: — *Façam o que quizerem, na intelligencia de que nem convém apressar, nem impedir a convocação da Assembléa Geral.* — Cada um pôde interpretar esta resposta a seu modo; mas fica-nos a liberdade de dizer que ella inculcava manifesta reprovação; e mais alguns factos vêem em abono dos nossos sentimentos.

Celebrando-se no dia 22 de maio o anniversario dos martyres da Bahia, com pomposo funeral na igreja de S. Francisco de Paula e movendo-se a conversação sobre a representação do povo, que teria logar no dia seguinte, disse o sr. José Bonifacio, tratando-se dos seus agentes, em uma tribuna do lado da epistola da capella-mór daquella igreja: — *Hei-de dar um ponta-pé nesses revolucionarios e atirar com elles no inferno.* — Deste dito temos testemunhas presencias no Rio de Janeiro, pessoas de inteiro credito. Por essa occasião, disse o sr. José Bonifacio ao ministro encarregado dos negocios de... na sua sala de visitas e em vóz tão alta que foi ouvido pelos que se achavam na sala de espera: — *Hei-de enforçar esses constitucionaes na praça da Constituição.*

Pelo correio de Minas, no dia 1º de junho, chegaram representações dos povos do Serro do Frio, em sentido egual ás do Rio de Janeiro; cumpre saber-se que nenhuma intelligencia precedera a este respeito, e ainda assim o sr. José Bonifacio reluctava. Mas, o príncipe regente, instado pelos procuradores de provincia Obes e Léo, fez a installação do conselho de procuradores geraes das provincias no dia 2 de junho e conveio logo na convocação da Assembléa Geral Constituinte. Prova-se a verdade destes factos, não só pela sciencia particular que delles temos, como tambem pela representação que os referidos procuradores e José

Mariano de Azeredo Coutinho fizeram ao príncipe regente, que corre impressa, no fim da qual se lê a seguinte expressão: — *Digne-se V. A. R. ouvir o nosso requerimento; pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas.* — Comparcm-se estas palavras com a desapprovação manifesta acima pelo sr. José Bonifacio e concluir-se-á que ellas alludem ás duvidas que este Andrada punha ao acto principal da nossa Independencia, da qual depois se chamou patriarcha!!

Appareceu por fim o decreto de 3 de junho e nem ao menos foi redigido pelo sr. José Bonifacio, pois sabemos que saíu todo da penna do sr. Léo; tal era o seu desejo de fazer a independencia da patria!

Vamos ao acto de 7 de setembro, que bem pouco accrescentou ao de 3 de junho, resultado da representação do povo fluminense, em 23, contra a qual tanto se agastára o sr. José Bonifacio, como fica dito. Ainda neste acto, não apparece a intervenção do sr. Andrada; o príncipe regente soltou esse brado de Independencia, em bem longa distancia de seu ministro, na occasião de receber a noticia da guerra que lhe declaravam as côrtes de Lisboa. O padrão dessa grande obra estava já firmado no acto da convocação da Assembléa Geral Constituinte; tirar-lhe a cortina transparente que o cobria, não é fazel-o; e o que é constituir-se sinão declarar-se independente?

Fica, pois, ao sr. José Bonifacio, a parte que só lhe toca de ter sido ministro do Imperio desse tempo, e ter expedido diversas ordens a pról da Independencia; mas dali não se deduz que elle a fizesse, para ser chamado seu patriarcha. Os que nos argumentam com a sua referenda aos actos do governo de então, para provarem um titulo que lhe não pertence, como temos circumstanciadamente mostrado, provarão tambem que Francisco Gomes é o patriarcha do systema constitucional lusitano, só porque referendára a carta das liberdades portuguezas que daqui fóra mandada. O sr. José Bonifacio obedeceu ás circumstancias, porque não lhe era possível resistir. A opinião publica, desde 9 de janeiro (e talvez antes) até meado de setembro de 1822, não foi por elle dirigida, e sim por aquelles que elle perseguiu em 30 de outubro: e por isso mesmo que os perseguiu, segue-se que não marchava de accordo com elles, ou, mais claro, que não approvava a Independencia, que elles tão efficazmente promoveram e conseguiram, apezar dos fóros de quem hoje se arroga o titulo de seu patriarcha! Mas, o Brazil marchou bem nessa epocha e só depois das perseguições do ministerio Andrada é que uma desconfiança se introduziu nos povos e que a resistencia aos actos arbitrarios do príncipe foi tomando corpo, até regenerar-se a nossa Independencia em 7 de abril de 1831. Quererá tambem o sr. José Bonifacio ser auctor deste novo acto? Talvez; mas, a embaixada de seu irmão ao duque de Bragança (1) e os factos de sua tutoria descobertos em 15 de dezembro, bem provam quanto os Andradas prezam a gloriosa independencia da sua patria. »

(1) Antonio Carlos confessou, em discurso proferido na sessão da Camara dos deputados de 14 de julho de 1841, (publicado no *Jornal do Commercio* de 15 do mesmo mez) que foi á Europa, com incumbencia de uma sociedade politica, de convidar d. Pedro I a voltar para o Brazil. — *Nota do sr. Luiz Francisco da Veiga, auctor de um livro sobre o primeiro reinado.*

Segue-se uma das cartas de d. Pedro a d. João VI, que bem illustra um trecho do artigo do sr. Rocha Pombo, que se encontra na segunda pagina dos *Annaes*.

Comprehende-se bem que nós a publicamos porque ella nos parece a mais forte das insinuações que o príncipe fez ao seu pae em favor da Independencia.

Rio, 26 de julho de 1822.

MEU PAE E SENHOR.—Pelo bem da patria, da realza, do Brazil e do mundo inteiro, apresso-me em vos annunciar que a causa nacional, que dependia da união e da declaração da maioria das provincias do Brazil, triumphou conforme os desejos de todos aquelles que vos amam, senhor, como rei constitucional de facto e não sómente de direito como ereis antes; digo *de facto*: o direito por si só não vos constitúe tal, por não ter acção.

Recebi hoje uma deputação Pernambuco, que vão reconhecer-me regente, sem restricção alguma no poder executivo, visto que ella representava a vontade geral do povo e das tropas daquella provincia.

Vossa magestade me perdoará, sem duvida, de não entrar em maiores detalhes, mas não me posso eximir de agir desta maneira no momento em os facciosos das vossas côrtes de Lisboa cahem por não terem sabido que caminho deveriam tomar.

Desde que as circumstancias me obrigaram a convocar aqui uma Assembléa Geral, Constituinte e Legislativa, a remessa de despachos que eu vos fazia não era, da minha parte, mais do que uma simples formalidade; eu não devo de hoje em diante, mandar executar outros decretos senão os da representação brazileira. As côrtes de Lisboa nada mais valem para mim.

Hoje, senhor, acho-me, para vos fallar francamente, em tal situação que não posso conservar com vossa magestade senão relações de familia. Assim o quer o espirito publico do Brazil; não que deixemos de ser subditos de vossa magestade, que reconhecemos e reconheceremos sempre como rei, mas porque *salus populi suprema lex est*. Quero dizer que é impossível, moral e physicamente, que Portugal governe o Brazil ou o Brazil seja governado por Portugal.

Não sou um rebelde, como lhe dirão, sem duvida, os inimigos de vossa magestade. *A culpa inteira cabe ás circumstancias.*

Nós passamos maravilhosamente, eu, os dois meninos e a princeza, que está grávida de tres mezes.

Deus guarde a preciosa vida e saúde de vossa magestade, como necessitam todos os bons portuguezes e, principalmente, os brazileiros.

Sou de vossa magestade, com o mais profundo respeito,

Subdito fiel e filho muito obediente,  
Que beija a vossa real mão.

PEDRO.

## A FESTA DA MULHER

Na chronica do ultimo numero do *Kósmos*, o sr. Olavo Bilac acceita, com justo enthusiasmo, a idéa, que lhe foi lembrada em carta anonyma, de celebrar-se, entre nós, a festa da Mulher, como já se celebraram a das Arvores e a das Flôres.

A proposito escreve o operoso jornalista diversos conceitos, dos quaes destaco os seguintes, afim de, sobre elles, fazer ligeiras considerações, que a sua leitura me suggeriu.

1. «Bem fez o Positivismo, adoptando o dia 15 de agosto para a commemoração annual da «Influencia Social da Mullier.»

2. «E até para os que não são crentes, essa divina figura da Virgem-Mãe, verdadeira ou irreal, tem um tão alto relevo de poesia, uma tão viva expressão de encanto e de belleza pura, que a sua festa é uma festa a que só não se associam as almas embrutecidas pelo egoismo e pela secura, pela falta de sentimento e pelo excesso de animalidade.»

3. «E, apezar de termos todo um anno deante de nós, preparemos desde já com ardor e enthusiasmo a *Festa da Mulher*, para que a 15 de agosto de 1906 possamos ver, em torno desta idéa, unidos e colligados, todos os corações e todos os espiritos!»

Por estas citações, vê-se que o brilhante chronista imagina a glorificação feminina no typo *verdadeiro* ou *irreal* da celebre judia e attribúe ao Positivismo uma simples commemoração philosophica, ao mesmo tempo que apregôa, para o anno vindouro, uma verdadeira solemnidade cultual: a *Festa da Mulher*.

Ora, a commemoração positivista realisa systematicamente o idéal agóra sonhado.

Augusto Comte instituiu, em 1854, a *Festa da Mulher*, celebrando-a pela adoração da figura idéal da Virgem-Mãe, que, de mysterio theologico, o seu genio universal transformou em utopia scientifica.

«Institúe-se o *culto abstracto da Mulher*, diz o Fundador do Positivismo, pela *festa publica da Virgem-Mãe*, que é uma idéalisação espontanea da Humanidade. Conservando o dia catholico de uma tal celebração, os verdadeiros crentes farão espontaneamente sentir aos seus irmãos atrazados a aptidão característica da religião relativa em manter e desenvolver todos os germens das crenças absolutas.» (Aug. COMTE. — *Politica Positiva*, t. IV, pags. 411-412).

Cumprindo os votos do Divino Mestre, os positivistas brazileiros celebram annualmente, no Templo da Humanidade, a *Festa da Mulher*, symbolisada, no seu aperfeiçoamento ma-



ximo, pela utopia da Virgem-Mãe, a qual foi presentida nos mythos da Antignidade e no mysterio da Edade-Média, sob a invocação multiforme de Isis, Devanagny, Vesta ou Maria.

A solemnidade positivista é um acto religioso, embóra de uma religião sem mysterios nem absurdos. E' uma verdadeira festa. Não se trata apenas de uma conferencia philosophica sobre a *influencia social da Mulher* mas de uma cerimonia cultural, realisada num templo, entre hymnos e flôres. A' predica do apostolo se associam as manifestações estheticas, contribuindo para o esplendor do culto.

Demais, a festa é puramente humana e terrestre, liberta de qualquer vislumbre de theologia e metaphysica, sem nenhuma preocupação celeste. O que se celebra é a gloria da Mulher pela Mulher; é a sua pureza de Virgem utopicamente mantida com a sua ternura de Mãe; é a Festa do Amor, que a Mulher encarna sob todas as suas manifestações, Amor sempre humano, mesmo através das illuminuras divinas.

Assim a *Festa da Mulher*, tal como, me parece, se cogita realisar agóra, festa puramente humana e terrestre, semelhante á das Arvores e á das Flôres, é uma instituição profundamente ligada á Religião da Humanidade, e, como esta, uma criação devida ao genio de Augusto Comte.

Qualquer festejo com tal character, ainda que sem coordenação religiosa, espontaneo e empirico, como necessariamente ha de ser o que se annuncia na chronica do *Kósmos*, deve filiar-se ao culto positivista e recordar o nome do seu glorioso fundador.

Antes de terminar estas rapidas notas, convém lembrar quanto a utopia feminina é cara aos occidentaes, de origem catholica, ainda mesmo quando anarchisados por uma indisciplinada cultura scientifica ou litteraria.

O auctor da chronica não tem convicções positivistas; é até, segundo me consta, adversario de taes opiniões; no entanto, não hesita em proclamar, empirica e espontaneamente, o valor moral da concepção religiosa da Virgem-Mãe, *verdadeira* ou *irreal* e chamar — *almas embrutecidas pelo egoismo e pela seccura, pela falta de sentimento e pelo excesso de animalidade* — áquellas que se não associam á glorificação da Virgem-Mãe.

Puramente litteraria ou realmente sentida, esta opinião do poeta-chronista exprime bem quanto as concepções mais ouzadas do cerebro assombroso de Augusto Comte são empiricamente admittidas, com mais ou menos perfeição, por aquelles mesmos que muitas vezes se proclamam seus adversarios systematicos sómente para evitarem a confissão humilde de sua incompetencia em seguir a conducta

que a Fé Scientifica prescreve, e outras vezes tambem repellem os novos principios, sem lhes ter estudado as demonstrações nas obras extraordinarias do incomparavel mestre.

Festejemos a Mulher mas não esqueçamos Augusto Comte, o maior dos seus glorificadores.

Por mais alto que Ella tivesse subido na evolução social antes d'elle, ficou sempre em posição inferior aos deuses e aos homens. Si, no Catholicismo, chegou a ser venerada como a mãe de um Deus, só no Positivismo é adorada como Deusa.

REIS CARVALHO.

## O ALMIRANTE (47)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

Houve um instante de pausa. Marianinha contemplava a marquezeta como se lhe não comprehendesse a exaltação, as palavras, os conceitos, tão discordantes com as maneiras de uma senhora superior.

— Eu—continuou a marquezeta, em tom dolente, conchegando-se á amiga, tomando-lhe as mãos num gesto de terror, como se procurasse um abrigo no seio daquela creatura affectuosa e bôa—estou, como sabes, quasi desamparada na minha opulencia, estou solitaria no meu palacio, entre os destroços dos meus sonhos, das minhas illusões. Ah, minha amiga, tu não sabes quanto dóe ter o coração morto dentro do peito.

— Ora, minha querida comadre—retorqui Marianinha, naquella accento carinhoso de mãe aventurada—não pense em coisas tristes. A senhora está muito nervosa: necessita distrações, passeios ao ar livre, em vez de se metter, como uma velha, dentro daquellas quatro paredes. Não ha que ver: fica sósinha e dá para pensar em politica e outras coisas desagradaveis. Deixe isso para os homens: elles governam; elles fazem as leis e as executam... Que se avênham. Nós ficaremos na familia, soberanas no lar, que basta para nos absorver, nos preoccupar inteiramente.

— Mas eu não tenho familia.

— Espere com paciencia. Ella virá, um dia, quando menos pensar. Oscar ali está para encher o vacuo que a senhora sente no coração. De um momento para outro, elle lhe dará uma filha, depois uns netinhos formosos e... adeus politica, adeus restauração dessa dynastia que lhe tira o somno.

— Achas que Oscar será capaz de dar-me essa consolação?

— Creio que já está passando o tempo de tomar uma resolução.

— Oscar é um homem frio, sem impulsos vehementes, sem enthusiasmo; é um descrente, que se resigna a tudo para não resistir, para não lutar... Agóra, está completamente dominado pelos trabalhos da secretaria: trabalha sem cessar como se estivesse ao serviço de uma causa legitima, como se não estivesse ao serviço dos usurpadores... Está contaminado pela influencia esmagadora do que elle chama os factos consumados.

— Que remedio tinha elle senão se submeter como os outros, como toda a gente?...

— Oscar é, para mim, quasi uma desillusão.

— Porque? Elle é tão seu amigo, tão affectuoso?

A marquezeta inspeccionou com o olhar todos os angulos da sala de jantar e murmurou quasi ao ouvido de Marianinha:

— Não sabes que elle tem uma amante?

— Uma amante?...

— Dolores.

Marianinha agitou a cabeça num gesto de duvida e sorriu.

— Dolores ama-o—continuou a marquezeta, num crescendo de vehemencia— Isto explica as maneiras frias, indifferentes de Oscar. Esse amor criminoso empolgou-lhe o coração e o priva, numa conquista progressiva, dos outros affectos.

— Penso que se eugana. Oscar foi sempre assim; nunca foi homem de movimentos violentos. Demais, Dolores poderá ter muitos defeitos, mas seria incapaz...

— Uma mulher apaixonada é capaz de tudo. Dolores é uma ambiciosa sob aquella apparencia de futilidade. Não sabes que está mettida entre os homens do governo, que é uma figura necessaria nas altas rodas, que não hesita deante das maiores abominações para chegar aos seus fins, vida facil, notoriedade, luxo?...

— Está muito prevenida contra a pobre Dolores.

— Prevenida eu? Acolhi-a sempre com sympathia, com carinho, porque, apezar de lhe reconhecer os defeitos, aquelle demonio seductor me encantava, me proporcionava momentos de alegria, distraía-me... Agóra que me denunciaram as suas relações com Oscar, comprehendí que não posso mais atural-a...

— Ah! anda intriga, alguma calumnia envenenando apparencias innocentes, ou destituidas de importancia. Que pretende fazer?

— Em? A primeira vez que ella ousar ir a minha casa, expulso-a como indigna.

— Acho que se não deve precipitar. Espere, observe, convença-se com provas evidentes da verdade e, então, proceda como entender.

—Ainda ha pouco, tive impeto de falar francamente a Oscar, mas não tive coragem de me certificar da verdade.

—Fez bem. Observe primeiro, certifique-se para tomar um partido decisivo. Eu, para falar verdade, acho Oscar incapaz. Sim, não me entra na cabeça que elle seja homem para dar esse passo tão errado; elle que, todo o mundo sabe, ama Amelia.

—Se a ama, como eu tambem pensava, porque não se casa com ella? O que impede esse enlace, que seria uma coisa natural, esperada, prevista por todos os nossos intimos? Deve forçosamente haver um obstaculo; uma mulher se interpoz entre elles e essa mulher. essa mulher é Dolores.

—Para mim, a culpada é Amelia, com o seu demasiado amor proprio, com a sua desconfiança de não ser querida, adorada como ella deseja. Considere, minha querida comadre, que nada ha que prejudique mais a uma moça do que o excessivo orgulho, em que ella se encerra, erguendo uma barreira que priva o coração do acesso dos affectos sinceros, espontaneos. Amelia está nessas condições: é fria, quasi aspera, para com todos. Isto explica o que attribue á intervenção de outra mulher.

—Se assim fôsse — murmurou a marquezia, meditando, como se as palavras da amiga lhe fôsem ao coração como um balsamo consolador — Não imaginas Marianinha como me fazem bem as tuas palavras, como desejo persuadir-me de que tens razão...

—Observe com calma e verá que tenho. Verificará que Dolores é uma leviana, uma mulher voluvel, que se não importa de parecer o que não é, justificando o que se diz della. E a prova é que lhe imputam, tambem, muita intimidade com o Souza e Mello.

A marquezia sorriu.

—Entretanto, todas nós—continuou Marianinha—sabemos que nada ha de culposo entre elle, um velho casquillo que não pensa mais em maldade, e ella, que se compraz em fazer-lhe negaças, provocal-o, irrital-o. E não passa disso: brigam, fazem as pazes e nos divertem.

O Martins mudára o traje de trabalhador do jardim, do pomar, e entrou na sala de jantar, acompanhado pelos filhos.

—Desculpe-me vossa excellencia, minha comadre, se me demorei. Eu não estava em condições de receber visitas.

—Veja como são bonitas — disse Guilé, a afilhada da marquezia, entregando-lhe um ramo de flôres.

—São realmente bellas essas rosas —aparteou Martins—A Guilé pediu—mas, para a Dindinha.

—Magnificas — disse a marquezia,

aspirando, num grande hausto, o capitoso perfume das rosas opulentas.

—Ahi tem algumas *Principe negro*, *Marechal Niel* e algumas *Belle France*. Não imagina o trabalhão que ellas me dão.

—Já fui apaixonada cultora de rosas...

—Estas são tiradas da sua chacara.

—E as orchidéas?...

—Dessas então — atalhou Marianinha—nem é bom falar; são a mania deste senhor. Chego a ter ciúmes dellas.

—Mania innocente, não é, compadre?

—Deixe-a falar, comadre—observou Martins, sorrindo—As flôres e os filhos são os meios de me manter perto da Marianna o maior tempo possivel e ella estima esses seus cumplices.

Marianinha sorriu e perguntou á marquezia:

—Almoça comnosco, não é? Ha tanto tempo, não tenho esse prazer.

—Sim, ficarei contigo. Tenho um negocio com o compadre.

—Estou ás suas ordens.

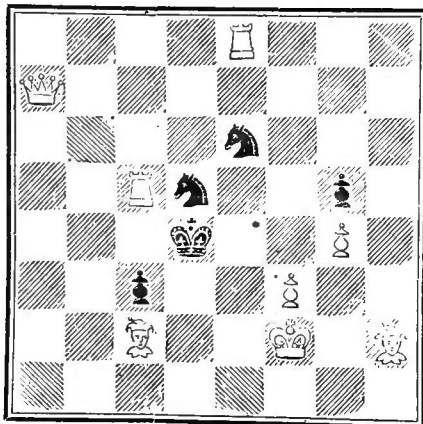
(Continúa).

XADREZ

PROBLEMA N. 17

M. N. Terestchenko

PRETAS (5)



BRANÇAS (8)

Mate em dois lances.

PARTIDA N.º 17

GAMBITO RICE

Branças		Pretas
(B. Malioutine)		(B. Koialovitch)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
P 4 B R	— 2 —	P × P
C 3 B R	— 3 —	P 4 C R
P 4 T R	— 4 —	P 5 C R
C 5 R	— 5 —	C 3 B R
B 4 B D	— 6 —	P 4 D
P × P	— 7 —	B 3 D
Roque	— 8 —	B × C
T 1 R	— 9 —	D 2 R
P 3 B D	— 10 —	P 6 C R (b)
P 4 D	— 11 —	C 5 C R
C 2 D	— 12 —	C 6 R
D 5 T R	— 13 —	B 3 D
C 1 B R	— 14 —	Roque
C × C (c)	— 15 —	P × C
B × P (d)	— 16 —	D 5 R (e)
B 5 C R (f)	— 17 —	D 5 C R (g)
D 6 T R	— 18 —	D 4 B R (h)
P 5 T R	— 19 —	P 3 B R (i)
T 7 R (j)	— 20 —	B × T (k)
P 6 D x d	— 21 —	B 3 R

P × B	— 22 —	T 1 R (l)
B × P (m)	— 23 —	T × P
B × B x (n)	— 24 —	D × B R
D 5 C R x	— 25 —	R 1 B (o)
B × T x	— 26 —	R 1 R (p)
D × P	— 27 —	abandonam

(a) O gambito Rice é moderno e tem dado logar a numerosas e brilhantes luctas. Todos os grandes jogadores europeus téem lhe dedicado *matches* para o estudo das suas complicadas variantes e o seu inventor, o prof. Isaac L. Rice, millionario e generoso, o Mecenas do xadrez, tem organizado varios torneios a premio, onde só esse gambito se joga. Até agóra não se pôde assegurar de um modo seguro a quem dá elle a supremacia. Elle se caracteriza pelo abandono do C R no 8º lance. Esta partida foi jogada a 21 de maio do corrente anno na reunião enxadrística de S. Petersburgo. Depois do torneio jogado em S. Petersburgo sobre esse gambito, Koialovitch formulou a opinião de que a defesa preconizada pelo dr. L. Cohn 10... P 6 C R devia ganhar ás pretas e Malioutine, sendo de parecer contrario, jogaram os dois uma série de quatro partidas sobre este ponto theorico. Esta é a primeira partida da série, que, como se vê, é brilhante e complicada. As notas seguintes são de Malioutine.

(b) Lance com o qual Koialovitch ganhou, no torneio Rice de S. Petersburgo, 6 partidas sobre 7.

(c) Talvez 15 — B × C, P × B; 16 — T × P, etc. fôsse melhor.

(d) Não havia nenhuma vantagem em jogar 16 — T × P; as Pr. responderiam ... D 3 B R; 17 — B 3 D, D 2 C R; 18 — T 3 B R, P 4 B R e o ataque cessaria.

(e) Este lance destrôe o ataque; qualquer outro daria a victoria ás Br.

(f) A 17 — B 6 T R, as Pr. responderiam simplesmente D 3 C R, sacrificando a qualidade.

(g) Um grave erro que custa a partida. As Pr. tinham aqui duas outras continuções D 3 C R e B 5 C R; a segunda, por 18 — D × P B x, offercia ás Br. algumas probabilidades, mas a primeira dava ás Pr. uma vantagem decisiva: 17... D 3 C R; 18 — D 1 D, P 3 B R; 19 — B 3 D, D 2 C R, etc.

(h) Ameaçando a troca das D. por D 3 C R; todavia as Br. téem agóra tempo de evitar.

(i) Não parece que a partida possa ainda ser salva. Se 19... C 2 D; 20 — T 1 B R, D 5 C R; 21 — T D 1 R, P 3 B R; 22 — T 7 R, etc.

(j) A combinação deste lance e dos seguintes assegura o ganho da partida.

(k) Não era melhor jogar: 20... T 2 B R; 21 — T 8 R x, T 1 B R; (se 21... B 1 B R; 22 — P 6 D, B 3 R, 23 — T 1 B R, etc.) — 22 — B × P, D × B; (se 22... D 5 C R; 23 — B 3 D) 23 — D × D, T × T; 24 — T 1 B R, etc.

(l) Era provalmente preferivel jogar 22... C 2 D, mas as Br. tinham do mesmo modo um forte ataque: 22... C 2 D; 23 — P × T (f D.) x, T × D; 24 — T 1 B R, D 5 C R; (se 24... D × B; 25 — B × B x, R 1 T; 26 — D × D, P × D; 27 — B × C e ganham) 25 — B 3 D, T 2 B R; 26 — B × P B etc.

(m) Inferior seria: 23 — T 1 B R por causa de 23... B × B! (se 23 D × B; 24 — B × B x, R 1 T; 25 — D 8 B R x e ganham) 24 — T × D, T × P; 25 — B 2 D, C 2 D, etc.

(n) Evidentemente se 24 — B × T, então B × B.

(o) Se 25... R 2 B; 26 — B × T, D × B; 27 — T 1 B R x, R 1 R; 28 — D 8 C R x, R 2 D; 29 — T 7 B R e ganhariam a D.

(p) Se 26... D × B; 27 — T 1 B R x, como na nota precedente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 16 (Em. Pradignat): 1 — C 4 B D, ad libitum; 2 — D, C mate.

JOSÉ GETULIO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

( Continuação do numero anterior )

... mas... exgottou toda a sua provisão de firmeza, o seu patrimonio de coragem naquelle immorredoiro *fico* de 14 de novembro, acto de heroismo que o deixou bambo para o resto dos seus pacatos dias.

Em regra, sómente se deve ser heróe uma vez na vida e outra na morte. Quem commette uma façanha de abnegação extrema no cumprimento de dever civico, fica para sempre forrado de repetil-a. Nenhum preceito de moral obriga o cidadão a semelhantes excessos : basta que dê uma brilhante prova de coragem.

Heroismo repetido redundu em quichotada.

Além disso, a contingente natureza humana não supporta, impunemente, as demasiadas, as prolongadas tensões nervosas. A experiencia do heroismo, feita ao immediato contacto do perigo, gera o medo, um phenomeno de superexcitação dos instinctos conservadores.

Saiu dos rubros labios de um heróe, ainda fumegante de gloria, a phrase : Quem de uma escapa, cem annos vive.

O honrado presidente da Republica suppoz que, depois daquelle *fico*, ficaria consagrado para sempre como um homem de energias incomparaveis, dominando com a figura amena, immersa num ninbo de prestigio, a situação politica, durante o resto do periodo de purgação de seus peccados naquelle posto de penitencia. Enganou-se : tudo é ephemero neste mundo.

S. ex. sancionou a amnistia e ficou; deve, agóra, ser logico e defrontar serenamente todas as consequencias do seu acto e ver, claro, a situação illuminada á luz dos recentes acontecimentos.

Se os máus conselheiros não lhe

tivessem inspirado medidas de medo, aquelle ridiculo apparatus de forças que poz em estado de sitio o palacio presidencial, s. ex. teria visto com os seus meigos olhos a estupenda manifestação feita ao sr. Lauro Sodré, no momento da sua restituição á liberdade, á familia e ás eminentes funcções de membro do Senado republicano.

S. ex. teria verificado que aquellas ovações, aquellas expansões irreductiveis, espontaneas, não tinham a repercussão das ambições de um partido, — de uma seita : tinham a tonitruancia de um brado que espôcava do coração do povo, um brado eloquente, cruel, dolorido, no qual se condensavam todas as dôres, todas as queixas, toda a vergonha da Republica.

Um homem por si só, pelos seus talentos, pelas suas virtudes, pelos seus serviços á patria não poderia jámais despertar aquella explosão de affecto popular, se elle não representasse uma idéa, uma aspiração, um anhelo legitimo, ou não fôsse o escolhido para ser o instrumento e o symbolo de reivindicações que não pôdem ser protelladas, reivindicações que agitam todo o organismo social.

Não será a primeira e ultima vez que um homem de merecimento ou uma vulgaridade, um benemerito ou um charlatão de civismo serve ao povo de *gato morto* contra os oppressores.

Ora, no caso actual, não se pôde dizer que o sr. Rodrigues Alves seja um oppressor : o seu temperamento, a sua educação, os seus melindres lhe impõem tendencias pacificas e tendencias para a tolerancia, fazem de s. ex. um verdadeiro typo de bôa pessoa, mas commetteu a falta imperdoavel de manter em opulenta séva a politica dos governadores, esse monstro que o sr. Campos Salles collocou no altar para conspurcar as instituições democraticas.

E' contra essa politica que se revoltam todos os elementos ainda não con-

taminados pelo virus da corrupção, é contra as olygarchias bastardas que estão bradando todas as forças da consciencia nacional, contra essas olygarchias que cavalgaram o governo federal, passivo, obediente aos seus caprichos intemperantes.

A consistencia de character desses proceres da politica dos governadores ficou exuberantemente demonstrada, com as mais frisantes provas negativas, no inicio da campanha da successão presidencial : todos elles, os donatarios dos Estados, alardearam os mais vehementes protestos á candidatura que surgia favoneada pelo Cattete ; desde o momento, porém, em que o padrinho daquella candidatura vacillou, tendeu para uma capitulação sem combate, aquellas creaturas do prestigio official se revoltaram contra o seu creador, correndo pressurosas para onde bruxoleavam probabilidades de victoria. E a colligação triumphante está luctando com o excesso de adhesões, procurando evitar a morte prematura pela asphyxia da unanimidade.

Não se apagou ainda da memoria publica o acto de servilismo do governo á mais vil, á mais porca das olygarchias, armando-a com um *droguista* innocente, um pobre rapaz sem physionomia, transformado em juiz federal, para fechar a unica porta facultada á liberdade e aos direitos dos adversarios.

Os brados da opinião, as reclamações de um grupo de homens raros pelo radicamento das convicções, homens que se mantéem privados dos proventos do governo durante a existencia da Republica, no posto patriotico de opposicionistas dentro da Constituição e das leis, e por isso mesmo dignos de respeito como *avis rara* emergindo desse lamaçal do servilismo politico, as queixas de lezões abundantemente provadas por factos deveriam encontrar echo no espirito do sr. Rodrigues Alves ; mas s. exa. estava surdo e cego : entregou, sem remorso, ao velho

Accioly o aviltante instrumento da sua rapiagem contra a grande maioria do povo cearense.

E não tardaram os factos a demonstrar, com os excessos de oppressão fiscal, que o donatario triumphante, adquirida a ultima peça de sua terrivel machina, empreheude o assalto á bolsa, á propriedade dos seus subditos infelizes, sob o disfarce do imposto de 3 % sobre as transacções mercantis, um imposto violento, inconstitucional, um formidavel *bis in idem* que sugará toda a seiva restante áquelle desgraçado commercio cearense.

Esses e outros actos de condescendencia criminosa, de submissão aos caprichos da feróz politica dos governadores, provocaram resentimentos legitimos que, em vez de se desaffrontarem com actos de violencia em excessos sanguinolentos, vão alastrando como esse rastilho que um jornal carioca descortinou com direcção aos funestos paíões da anarchia.

Assim como o gemido é um direito da dôr, essas manifestações, os vivas, as aclamações, o foguetorio da noite de quatro de setembro são uma explosão irrepresivel das queixas, das maguas dos opprimidos.

O senador Lauro Sodré, rehabilitado pela amnistia, forneceu o ensejo para essa manifestação pacifica, que tanto terror inculiu aos conselheiros do sr. Rodrigues Alves, ao ponto de sitial-o nas quatro paredes do palacio do Cattete, guarnecido por uma sébe de bayonetas scintillantes aos raios de um luar melancolico, a recordar a hombridade daquella outra noite de 14 de novembro de 1904.

\* \*

A preocupação do honrado sr. Rodrigues Alves deve ser, passada a crise de capitulações, empregar os quatorze mezes de governo na reabilitação da sua popularidade, não se limitando á politica industrial de melhoramentos materiaes, de facto muito valiosos, que só aproveitam immediatamente á capital previsoría da Republica, mas emprehendendo o saneamento moral da politica, tarefa muito mais facil e muito mais benemerita que rasgar avenidas e fazer alguns portos.

Para isso deve começar traucando os cofres das graças, das patentes da

Guarda Nacional, das nomeações de filhotes aos satrapas estadoaes.

Não lhe aconselhamos jámais represalias que assanhassem com esperanças perigosas as opposições soffregas de poder, mas uma politica de moderação, de conciliação da justiça com as necessidades de uma administração bem inspirada, aparando as unhas ás olygarchias gananciosas, que são o mais pernicioso inimigo das instituições.

Essas devem a sua existencia, o seu vigor, ao incondicional apoio do governo federal, que se tornou cúmplice de todos os seus crimes, desde que o sr. Campos Salles assentou na politica dos governadores as bases do seu plano de administração.

E essa politica foi decompondo tudo, penetrou fundo o organismo da Republica, destruindo e corrompendo, até avassallar a mais eminente magistratura, até subordinar aos seus intuitos maleficos todos os agentes do poder publico.

A perspectiva da administração dos Estados é uma lição eloquente. Contra um Nilo Peçanha, entranhadamente consagrado ao trabalho patriotico de restabelecer as forças economicas do Estado do Rio de Janeiro, se oppõe a legião dos satrapas obceados pela ambição de governarem a todo o transe, conculcando os mais sagrados direitos e accumulando compromissos perigosos que, cedo ou tarde, determinarão a intervenção da União.

Quatorze mezes de governo, bem empregados no empenho patriotico de reparar erros evidentes, poderão constituir um periodo auspicioso.

A memoria publica é muito fragil. O povo facilmente esquece os desvios dos governos, quando estes não chegam ao extremo de serem detestaveis. Basta um acto de inspiração patriotica para resarcir um passado inteiro de equívocos lamentaveis. E esse acto seria uma simples ascensão do plano da politicagem mesquinha para a região clara e luminosa da politica de largo descortino, interpretando com fidelidade as aspirações nacionaes.

Se s. ex. enveredar por esse rumo, indicado pelas mais rudimentares noções das necessidades publicas, dos interesses essenciaes da Republica, verá como o espirito nacional se er-

guerá em torno dos seus esforços num grande e espontaneo movimento de apoio, de reconhecimento aos seus serviços de administrador estadista.

Se se mantiver, porém, na attitude de resignado á dureza dos factos, no extase de um vencido pela fatalidade, terminará sem relevo, sem destaque, o seu periodo de governo, que se irá apagando, lentamente, até sumir-se na treva, como se extingue tristemente uma lampada carecedora de óleo.

\* \*

Mas, se s. ex. não pôde fugir aos vicios da politicagem, sómente lhe resta o recurso de lançar, contra a colligação, a candidatura da amnistia, que foi uma especie de convenção.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda do Serro a Concordia—Os batalhões salientes—Quatorze mezes sem um exercicio de tiro ao alvo.*

Deixava muito a desejar o nosso pequeno exercito, não só em relação á instrucção technica da maior parte dos corpos, como por se achar muito pobremente aparelhado para a dura campanha que iamós iniciar.

Faltava-nos quasi tudo, desde o commissariado dos viveres e forragens regularmente organizado, até ás ambulancias para os enfermos e os meios de transporte facil e commodo.

A' excepção dos poucos corpos que haviam invadido o Estado Oriental, era constituido de soldados bisoños dos batalhões de linha que viviam nas provincias, dando guardas e destacamentos pelo sertão, fazendo diligencias policiaes, e de paizanos recentemente alistados Voluntarios da Patria e que não tinham tido ainda tempo de passar a prompts dos exercicios de recrutas.

Toda aquella *paizanada*, em cujo olhar brilhava o fogo patriotico, tinha para lhe servir de modelo o excellent nucleo formado pelas forças que estacionavam de guarnição no Rio Grande; invadiram o Estado Oriental e pelejaram galliardamente em Paysandú, defendida pelos soldados de Leandro Gomes—um bravo.

Eu olhava com respeito para esses veteranos, verdadeiros benemeritos que haviam affrontado a morte pela patria, e esperava, ancioso, me chegasse a vez de dizer tambem:—Já entrei em fogo para defendel-a.

Alguns delles tinham as mais hon-

rosas tradições de disciplina e de valor, que lhes advieram dos seus grandes commandantes. O 3º, o 4º, o 6º, o 12º e o 13º rivalisavam no garbo, quando manobravam, na limpeza, na firmeza, na disciplina e na instrução tactica. O 12º de infantaria tinha o appellido de *Treme-terra* porque, diziam os veteranos, quando marchava em columna cerrada ou dava em linha uma carga de bayoneta, o chão estremecia. Ao 13º deram o nome de *Arranca-tôco*, porque era como as antas na floresta; nada resistia aos seus embates; os pés, nús e robustos, passavam incolumes sobre os espinhos e os tremedaes, sobre as pedras cortantes e os areiaes abrazados pelo sol do verão.

Não só os que tinham feito a recente campanha do Uruguay, como os que vinham chegando, estavam bastante desprovidos de fardamento e equipamento. Os nossos arsenaes não podiam, pelo que se via, satisfazer as nossas necessidades e o ministro da Guerra, o visconde de Camamú, ordenou ao general Ozorio que mandasse comprar no Rio da Prata o que fôsse necessario.

Dahi, originou a falta de uniformidade do nosso fardamento. Recebi uma blusa de baêta vermelha, e uma vez distribuiram-me alpercatas de *gringo* com sóla de corda trançada e *canzonillos* de gaúcho com franjas.

Não era raro o uso do chiripá na nossa cavallaria, e o *ponche-pala* parecia ser uma peça regulamentar do uniforme. Desde o general em chefe até ás suas ordenanças, usavam-no todos. O proprio general Sampaio, que podia ser apontado por modelo em qualquer exercito, ainda o mais rigoroso na disciplina, tambem usava muitas vezes o seu de *bicunha* de côr amarellada sobre a farda nova, bordada a ouro. O uso do chapéo de feltro negro tornou-se geral. O do general Ozorio, de cópa alta, dava-lhe um tom agaúchado especial, que o tornava muito sympathico e creoulhe o typo, como a cartolla fez o do general Urquiza.

Levantámos acampamento em fins de abril. Não posso precisar a data, porque, ás vezes, me falta a memoria. Embarcámos no porto do Serro em *goletas* e *gadanhos*, que nos levaram para bordo dos transportes que nos iam conduzir Uruguay acima. A travessia era curta—um dia apenas—até ao nosso destino. A viagem foi bastante agradável, como são todas as viagens feitas em rio, onde ninguem enjoa, com bons e alegres companheiros. Quando se serviu o almoço, nós, cadetes, nos sentámos ao lado dos srs. officiaes e, valha a verdade, portámonos de modo a não confirmarmos a má reputação que gosavam os nossos camaradas, que formavam, merecidamente, na companhia do *Avança*.

Chegámos ao porto de S. Francisco, onde desemboca, no grande Uruguay,

o arroio do mesmo nome, pouco acima da cidade de Paysandú. Alli armou o exercito, por aquellas coxilhas afóra, o seu acampamento de tendas de algodão de fórmias variadas, desde a conica usada pelos povos do Oriente, até á de cumieira, que dão mais espaço e commodidade aos seus moradores.

A vida passava entre a indolencia e a monotonia, que só era interrompida quando chegava algum transporte com corpos novos, que vinham reforçar o pequeno exercito, a se organizar lentamente, como si tivéssemos certeza de que o inimigo nos esperaria. O general fazia o que podia, mas estávamos tão mal preparados quando foi declarada a guerra, que, apesar dos esforços empregados pelo governo e do patriotismo dos brazileiros, seis mezes depois ainda nada podiamos tentar para tomar a offensiva.

Oxalá que não nos succeda o mesmo em circumstancias eguaes.

Entretanto, o nosso inimigo tinha em armas cerca de 80.000 homens instruidos e disciplinados, promptos para defenderem um territorio inteiramente desconhecido por nós, circumvallado por dois rios immensos, protegido no interior por interminaveis *estêros*, e, pelos lados de léste e oéste, por extensas regiões desertas, onde não havia uma estrada para dar accesso á invasão, que só poderia ser feita pelo sul; ao norte, Matto Grosso, que, não obstante a durissima lição, continúa, passados quarenta annos, ainda no fim do mundo.

Tivesse Lopez um general e a missão do exercito alliado teria sido muito mais difficil.

Os recrutas recém-chegados do norte do Brazil, não habituados aos rigores do inverno, que foi excepcionalmente frio no anno de 1865, baixavam aos hospitaes em grande numero e as fileiras rarefaziam-se rapidamente. Lembro-me de um luzido e bello batalhão de voluntarios paraenses, que quasi desapareceu victimado pela brusca troca do clima calido de sua terra pelo frio intenso do S. Francisco e, provavelmente tambem, pela mudança de alimentação, que consistia quasi exclusivamente em carne muito gorda, com a qual não estavam habituados.

Os campos amanheciam brancos de geada. Parecia que tinham sido polvilhados com sal refinado ou assucar branco crystallizado. Eu me fechava na barraquinha de duas praças, deitado sobre as caronas cobertas com pellegos de carneiro, tendo por travesseiro o lombilho e por cobertor o *ponche* reiúno. Dormia todo vestido e mais de uma vez bati o queixo de frio. Ia me aguentando o melhor que podia e melhorando a *boia* com o pouco que podia conseguir com as minhas duas libras de mezada. O meu amigo Amarilio de Vasconcellos morava commigo e como

era excellente prosa, matavamos o tempo palestrando antes de chegar o somno.

Apesar da falta de conforto da vida de praça de prê em campanha, o meu espirito comprazia-se com aquelle scenario, onde tudo era novidade para elle.

Si nem sempre me encantavam as côres carregadas do quadro, ás vezes sombrio, muitas vezes distraía-me ao miral-o com curiosidade.

Um dia de grande satisfação para mim foi quando o commandante da minha bateria me nomeou chefe de peça. Senti-me orgulhoso e jurei a mim mesmo esforçar-me para corresponder áquella prova de confiança. Sonhei que desmontava cañões inimigos uns após outros, varria á metralha os esquadrões que se aproximavam a galope do meu regimento e abria longas brechas nas muralhas das suas fortalezas. Enfiava no dedo pollegar da mão direita a *dedeira* que recebi para tapar o ouvido do meu cañão La Hitte no momento de carregal-o, polia a haste e aguçava a ponta do *diamante* com que devia saugar o cartuxo e pedia ao Saturnino explicações sobre a alça de mira, com a qual fazia as minhas pontarias. Procurava aprender por mim. Até áquella data, nada me tinham ensinado. Os unicos exercicios que havia feito, fôram os da Escola Central, quando era paizano e por ordem do Manoel Felizardo. Aquelles mesmos fôram de infantaria e não valiam grande coisa, porque o proprio instructor, o tenente Fortuna, não primava pela excellencia dos seus conhecimentos tacticos.

A minha ignorancia naquelles assumptos não era privilegio meu. Quasi todos os camaradas soffriam do mesmo mal. Não podia ser de outro modo, porque não nos instruiam. Os raros exercicios que faziamos reduziam-se, si bem me lembro, a pegar na palamenta, limpar e carregar (sem cartuxo, nem bala) e fogo (sem polvora). Depois, atracar a palamenta e quasi nada mais. Não era muito difficil ser bom artilheiro, si tudo se reduzisse a isso. Não me consta que durante os quatorze mezes, que medearam entre a rendição de Montevideo e a passagem do Paraná, houvesse um só exercicio de tiro ao alvo, quer na artilharia, quer na infantaria ou cavallaria.

Um dia, fui com dois companheiros — o Marcos de Azevedo, que era alferes-alumno e o Luiz Carlos, ambos mortos hoje, visitar o Pantaleão Telles, que era alferes e commandante do piquete do Ozorio.

Estava acampado á margem de um pequeno arroio, na ourella de uma matta rarefeita de salgueiros. O João Telles era cadete sargento e servia com o irmão. Havia umas tres bar-

racas armadas, alguns cavallos á sogá, duas varas com matambres sovados e mantas de carne muito gorda estendidas, uma chaleira ao fogo e dois euormes churrascos, espetados em varas fiucadas junto de um grande brazido, os quaes um cabo de cavallaria, de vez em quando, virava de um lado para outro. Não havia nem cadeiras, nem bancos. Os assentos eram um tronco de arvore ou os calcanhares das visitas.

Logo de chegada, correu o matte á roda e vinha sempre *gordo* porque o cabo *cevador* era mestre na sua arte. Depois de sorvidos uma meia duzia de *porongos* por cada um de nós, approximámo-nos mais do fogo e o cabo poz um punhado de sal numa tampa de marmita, que encheu d'agua do arroio e collocon ao lado de um dos assados. Eramos cinco. Cada um de nós, com a sua faca, separava um grande naco daquella carne aromatica e appetitosa, molhava-o na marmita da salmoura e levava-o á bocca, cortando-o depois, debaixo para cima, sem receio de ficar sem a ponta do nariz. De vez em quando, tiravamos um pouco de farinha com a ponta da faca e assim continuámos, de cócoras, até ficar limpo o espeto. Tomámos matte depois e fumámos o nosso cigarro de palha de milho. A curtos espaços, renovavamos o nosso ataque até que anoiteceu. Estendemos os arreios debaixo de um grande *ombú*; e, ao relento, sob um céu excepcionalmente limpido, onde as estrellas scintillavam com um brilho annunciador de forte geada, nos deitámos ao lado uns dos outros e passámos uma noite agradável, certamente mais do que as que passava no acampamento, fechado na minha barraquinha, tremendo de frio e respirando um ar viciado pelo acido carbonico, que nós mesmos exálavamos e que ficava, por mais pezado, nas camadas mais baixas, onde o aspiravamos de novo, com prejuizo do organismo. Que será preferivel para o nosso clima: bivacar ao relento ou acampar em barracas? Nos climas muito inclementes da Europa central, Hoche, o grande Hoche, deu o exemplo da suppressão da tenda-abrigo, em seu exercito, dizendo que era mais militar, mais republicano e mais glorioso dormir « á la belle étoile » do que carregar barracas.

O general Lamarque lhes chamava de luxo militar inutil e superfetação embaraçosa. O proprio Napoleão, que foi o maior mestre da guerra, escreveu em suas memorias que « a barraca é insalubre e é sempre preferivel que o soldado bivaque ». E' grande o numero de notaveis auctoridades militares que são favoraveis á suppressão das barracas de campanha. Eu tenho, entretanto, as minhas duvidas, apezar de ter adoecido nellas e passado muito

bem dormindo ao relento durante mezes, nas nossas fronteiras, abrigado apenas por algumas folhas de banana brava, que me protegiam da chuva. O uso das tendas-abrigo se perde nas brumas do passado. Os hebreus de Moysés armaram-nas no deserto, e Briscida, a bella captiva, morava na tenda de Achilles, armada perto das margens do Scamandro. Muitos e grandes homens de guerra preferem ás tendas os bivaques; talvez para terem mais á mão os seus homens. Aos soldados romanos, depois da fundação da cidade eterna, era prohibido armar barracas, até no inverno. O seu maior inconveniente talvez é augmentarem a carga do soldado.

Seja como fôr, o uso está estabelecido desde os tempos mais remotos, e a experiencia ha demonstrado que não são de tão grande monta os inconvenientes apontados pelos adversarios das barracas, que façam desprezar as vantagens, que ellas offerecem ao soldado, quando as chuvas se prolongam e o frio aperta. Na campanha do Paraguay, prestaram-nos inestimaveis serviços, até para estratagemas de guerra, servindo para illudir a vigilancia do inimigo.

Depois de algumas semanas passadas no S. Francisco, embarcámos para o Daiman, abaixo da cidade do Salto. Si me não é a memoria infiel, foi alli que vi, pela primeira vez, no porto, o mestre da corveta *D. Isabel*, que naufragou no cabo Espartel. Era um homem rude, mas de ar bonanchão, grosso e alvo, apezar das soalheiras e das vergastadas frias dos pampeiros. Quem o visse em terra com a japona de panno piloto e a marcha compassada, como quem acompanha o movimento do navio e está sempre prompto a equilibrar-se contra as arfaduras e balanços, não podia deixar de afirmar que era um lobo do mar, que passava. Jovial e bom, tanto quanto valente e patriota, o Antonio Joaquim subin rapidamente a official superior da nossa marinha de guerra e morreu gloriosamente no Tayé, chorado por todos os companheiros.

A nossa demora no Daiman não foi longa. Um dia, tivemos ordem de marchar para embarcar ponco abaixo do Salto e atravessar o rio Uruguay para Entre-Rios. De manhã, desarmámos o abarracamento e o regimento entrou em fórma. Estavamos num alto, donde podíamos bem assistir ao movimento do exercito. Naquelle tempo, creio que não havia uma só machina photographica em todas as forças da Alliança; por isso, perdemos quadros interessantes, que a penna é impotente para descrever. Os batalhões de infantaria, que tinham feito a campanha do Uruguay, estavam affeitos ás marchas, e os bagageiros dos officiaes sabiam arranjar as canastrinhas nos cargueiros,

ajustando a retranca e o peitoral, apertando a cincha de modo a fixar bem a cangalha e cobrindo toda a carga com o ligal para abrigal-a da chuva. Aproveitavam os cargueiros dos officiaes para as suas barracas e *moafos* também. Os animaes não eram todos mansos e escoiceavam, bufando, quando começava o trabalho do ensilhamento.

Antes do tóque de avançar, quando os batalhões já estavam formados em ordem de marcha, occupando os seus respectivos logares, um ou outro cargueiro mais endiabrado disparava campo afóra com a cangalha debaixo da barriga, dando coices n'alguma mala, que ficava pendurada, arrastando-a por aquelles pedregaes, até romper as alças e reduzir tudo a estilhaços. Quando o corneta do quartel-general deu o toque do commando em chefe — *avançar* — e se puzeram em movimento os corpos, ouvia-se por toda a parte, alli e acolá, um clamor de imprecações dos bagageiros, pouco dextros, dos corpos de voluntarios e gargalhadas estridentes dos veteranos, que se riam das desgraças dos recrutas, que não sabiam o officio de arrieiros e deixavam que se espalhassem pelo campo os *terens* dos seus superiores.

Eu estava livre de catastrophes, porque com o meu reiúno formava uma especie de sabio Bias, e podia dizer como elle, quando saíu de Priena: — « Tudo o que possúo levo commigo ».

Gastou o exercito uma semana a passar o Uruguay para a margem entre-riana e arrou as suas tendas no campo baulhado pelas aguas escassas do arroio Ayuychico, ao sul da cidade de Concordia.

Estavamos nos ultimos dias de julho; o frio tornava-se cada vez mais inteuo e as baixas aos hospitaes cresciam de dia a dia.

Entre as victimas daquella epocha, não posso esquecer um amigo querido e bom, o 2º tenente Vicente Polydoro Ferreira, filho do Paraná e uma das mais bellas esperanças do nosso joven exercito. Distinguia-se entre os collegas não só pelo talento peregrino e educação primorosa, como pela belleza physica e bondade affectuosa. Fazia-me recordar aquelles moços athenienses, que brilhavam na escola de Socrates. O frio matou-o, apezar de ter nascido numa terra onde cáe neve e o thermometro centigrado desce mnitas vezes a 10 grãos negativos. Dizem que lhe aprazia aquecer os pés ao calor de uma fogueira. Ficaram congelados. Sendo impossivel o restabelecimento da circulação, gangrenaram-se e fôram ambos amputados. Ha justamente quarenta annos que se deu essa desgraça, e o perfil elegante e nobre do joven official passa pela minha memoria, illuminado por uns tons de uma luz suave, através dos tenues véos de uma saudade, que ainda dura.

Foi-se para sempre o Polydoro e ficou sepultado na margem do grande rio com todas as suas esperanças, com todos os seus sonhos de gloria, que eram muitos.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## TOLSTOI E A AUTOCRACIA

Aggredido por Maximo Gorki e pela imprensa radical em vista da attitude inesperada contra o movimento libertador que sublevoou contra o governo burocratico as classes esclarecidas da Russia, Leão Tolstoi se defendeu dos ataques que lhe imputavam a defeza dos adversarios da liberdade.

—Esse homem—escrevera Gorki—se escravizou á sua idéa. Havia muito tempo, elle se isolára da vida russa e não prestava mais a necessaria attenção á voz do povo. Fui testemunha da visita feita a Tolstoi por um grupo de camponeses pedindo-lhe conselhos sobre a situação. Em vez de attender esses *mujiks* com informações praticas, elle se emmanhuiu em considerações sobre idéas que não sómente os camponeses, mas os nossos intellectuaes difficilmente assimilariam. Não se deve ligar importancia ás palavras de Tolstoi sobre a situação actual da Russia: elle paira muito longe della.

Mas o verdadeiro pensamento do grande velho de Yasnaia Poliana foi explicado nos seguintes trechos de uma carta:

«A Russia atravessa um momento historico. Uma guerra injustificavel, ruinosa de vidas e haveres, com derrotas contínuas, perturbações por toda a parte, grèves, motiis, assassinatos politicos, fome em perspectiva, descontentamento universal explodindo depois de muito tempo suffocado pela burocracia, teimosa e cega, desencadeamento da vasa da população, exasperação de todos—taes são os signaes exteriores da crise que flagella a Russia.

Tolstoi sente, como toda a sociedade da Russia, a impossibilidade absoluta a volver ao antigo regimen e a necessidade inevitavel de reformar a ordem existente.

«Mas—acrescenta elle—dadas as particularidades da nossa organização social, distinguindo-nos das outras nações europeas, não nos deveriamos limitar aos palliativos insufficientes, imitando simplesmente fórmulas politicas e sociaes introduzidas nos povos adeantados da Euaopa. A experiencia já lhes demonstrou a pouca consistencia. Devemos reformar a nossa vida social sobre outras bases: supprimindo a exploração dos operarios ruraes, privados, pelos respectivos proprietarios, do seu direito natural á terra. A necessidade dessa reforma está na convicção de todos os paizes do mundo

e penetrou a consciencia de cem milhões de camponeses russos.

Os nossos liberaes, os nossos revolucionarios encaravam o mal sob outro aspecto. As classes abastadas que não têm necessidade de trabalhar para prover á subsistencia de suas familias, não percebem o mal que as attinge assim como aos que as cercam, notadamente os operarios das cidades, o arbitrio da burocracia, a perseguição religiosa, a limitação dos direitos dos judeus, e, em geral, a falta de garantia da liberdade individual. Fallando do bem do povo, sómente têm em mira uma parte restricta, as classes abastadas e os operarios urbanos, e dirigem os seus esforços contra as manifestações exteriores do mal—a omnipotencia das auctoridades, violações á liberdade de consciencia, de palavra, de imprensa, de reunião. sem cogitar nas suas causas fundamentaes, esquecendo a enorme massa de população rural.

Assim procedendo, os liberaes e democratas procuram, sómente, supprimir a camada superior do corpo social gangrenado, não o fazendo quanto ás condições de que resulta o mal.»

Para remediar, portanto,—conclúe Tolstoi—o mal fundamental, é preciso melhorar, ao principio, a situação da multidão camponesa, desaparecendo em consequencia o mal que ataca as classes privilegiadas e os operarios.

Era esse o pensamento do apostolo de Yasnaia Poliana, dirigindo-se aos que luctam pela conquista da liberdade politica para lhes indicar a mais proficua maneira de agir estabelecendo como preliminar indispensavel, a libertação economica da massa popular.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### EÇA DE QUEIROZ

Faz depois de amanhã cinco annos que chegou a Lisbôa, a bordo de um vaso de guerra portuguez, o cadaver de Eça de Queiroz, fallecido, em Pariz, poucos dias antes. Exactamente quando aquella cidade recebia os despojos de um dos seus mais caros escriptores, o sr. Fiallio d'Almeida, o sumptuario estylista de Portugal, publicou um brutal e longo artigo, que transcrevemos para attender á curiosidade, realmente enorme, que, ainda hoje, desperta essa formidavel pagina. Duma só vez, pois que um trabalho de tal natureza não se divide, eis elle aqui váe:

Duma irmandade tuberculosa, que se foi indo, mais ou menos elegantemente, para as bolorencias do sepulchro, Eça de Queiroz tem sido, depois de uma irmã que resta ainda, a mais resistente vergontea da familia que o magistrado Queiroz creou entre os exemplos da sua proverbial e austera probidade. Conheci-lhe dois irmãos, (1)

Alberto e Carlos, dum dos quaes fui camarada d'escola e companheiro d'esturdia, em annos juvenis, e que com seus ditos mordentes, sua viveza macabra, suas fallas litteratiças, seu janotismo inglez pretencioso, dir-se-iam socialmente eucarregues de vulgarisar pelo mundo edições baratas do irmão José Maria, o grande homem da familia, nas duas phases de bohemia artistica anteriores á sagração que lhe veio do *Padre Amaro*

Eça de Queiroz foi sempre uma organização debilitada, um poste d'osso suspendendo fios electricos de nervos, este predomínio nevrotico explicando as sensibilidades d'estheta que lhe fizeram na vida litteraria o temperamento intenso de humorista, assim como na material em coisas de mesa, vestuario, amor, arte e conforto, um desses typos d'aristo, cuja degenerescencia recorda, pelas predilecções sensuaes, scepticismo delicado, inconstancia do dilettantismo, raridades frustes d'elegancia, o que trazem as chronicas sobre certos principes perversos da Renascença.

Quem via a sua cara chupada, verde terra, o seu bigode sem força, as temporas deprimidas, a bocca murcha, de sorriso rugoso, e como conjugando os beijos para uma especie de beijo vicioso—quem olhava essa figura de fadiga, marrêca de cansaço, bambaleante no ramerrão arhythmico dos passos—esses olhos de esclerotica enxundiacea, sem viço, em que toda a *verve* parecia vibrar na quasi contínua circumflexão das sobranceiras, essa elegancia de cabide, onde, pelo escanzelamento da figura, as sobrecasacas nunca cingiam, e as calças fluctuavam sem lhe caírem bem nas tibias de cegonha, mal diria que naquella apparente morte da vontade, sob tão valedudinarias quebreiras, estivesse um dos mais altos sensacionistas do Portugal contemporaneo, um espirito de facetas, refrangendo a civilização por paradoxos, um satanaz emfim, varrido da mocidade, absorto na idéa suprema de belleza, e morrendo, positivamente morrendo, como todos os artistas, de habitar, com aquella alma apollinea, esse desmantelado corpo de fantoche!

A sua agonia era já longa, datava de quatro ou cinco annos, quando a tuberculose hereditaria se lhe fixou ua fórmula mesenterica, a mais prosaica para um *dandy* amoroso da graça poetica, e a que mais offensivamente devia contundir os seus pudores de gentilhomem. Com intervallos pequenos de melhora, viveu todo esse tempo em supplicios de digestões intestinaes, mal ultimadas, febriculas nocturnas, irritações, suores, extenuantes insomnias, todos os rebates dum esperecer gradual de seivas e energias, de cuja noite abysmal, a certas horas, a face

verde terra e o olhar encinzeirado traíam o mortal presentimento.

Pela complexa tempera d'escriptor, pelo mundanismo da vida e das viagens, Eça de Queiroz é um caso de cosmopolitismo, raro bastante, senão único, na litteratura portugueza, e como tal o havemos de julgar, longe e bem longe da disparatada apothese dos encomios bombasticos, das farras exhibitivas dalguns jornalistas inconscios da justiça e rebeldes ao criterio do *justo meio*. Em 1878, escrevia elle, na *Renascença*, em artigo a respeito de Ramalho: «Ha quasi doze annos, appareceu, vindo parte de Coimbra, parte daqui, parte d'acolá, uma extraordinaria geração, educada já fóra do catholicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado delles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução...». Esta geração nascera, toda a gente o sabe, da bestificação em que caíra, por mingua de creadores originaes, a litteratura portugueza, reduzida a traducções de poetas latinos e á immundicie do elogio mutuo, causas longinquas da dessidencia coimbrã contra o pontificado de Castilho, codificada principalmente no pamphleto d'Anthero, *Bom senso e bom gosto*; e touára fóros de grupo dirigente, no *Cenaculo*, especie de bohemia artistica formada em Lisbôa pelos insurrectos de Coimbra, já bachareis e sem emprego, de roda aos deslumbraamentos do cavaco d'Anthero, cujo mysticismo metaphysico fazia delle nua especie de genio perturbante, illuminado, ajuntando-se-lhes outros de proveniencia vária, de rustilhão com alguns janotas simplesmente interessados de figar, pela evidencia, modo de vida ou casamento. Não posso mesmo affirmar que o *Cenaculo* tenha tido existencia de sociedade litteraria ou centro de cavaco regular; por ventura, a palavra não passaria dum modo de designar, na litteratura nova dentre 1866 e 1872, o grupo preponderante, vivendo em communidade de patuscadas e d'idéas, e celebrando polemicas e conferencias um pouco ao acaso dos encontros, nalguma esquina celebre, num botequim nocturno, em casa dum, em casa doutro... O certo foi que deste grupo saíram, por suggestões do espirito organisador de José Fontana, as chamadas conferencias democraticas do Casino, de que se fizeram poucas, por o duque d'Ávila as ter mandado cessar quando se ia discutir materia religiosa, e que, a proseguirem, teriam feito nos cerebraes nua renovação mais rapida d'idéas a avançar de muitos annos o ramerrão philosophico e artistico da terra.

As conferencias do Casino fóram, como mais tarde as duas reuniões preparatorias do *Grupo Republicano de Estudos Sociaes*, o rebateduma consciencia nova, formulando

na morrinha nacional, sêdes d'ar puro; a rotina governativa, sempre acanhada de andar por mãos de caixeirólas politicos, asphixiou-as á nascença, o que nem foi preciso fazer aos vagidos do Grupo, circumscriptos á divulgacão dum programma curto d'estudos, que ninguem inaugurou, de sorte ao Grupo morrer bem antes de ter nascido, no meio das chufas da pulhastria da imprensa e da má lingua, sempre irritadas pelo advento de qualquer idéa intelligente.

A conferencia d'Eça de Queiroz chamava-se *Realismo na arte*; ali se punha a theoria de Proudhon, modificada, talvez, no criterio do artista pela resplandecente idéalidade esparsa da *Comedia Humana* e dos romances de Stendhal e Flaubert. Assim como, quem historiar, na litteratura portugueza, a renovação romantica, tem de deter Garret, Castilho e o illustre Herculano, como avocadores desse periodo *à la fois très arbitraire e très exalté, surtout sublime...*, diz Bourget, trazido por elles da emigração e das leituras, com a sua necessidade de sensações intensas, á nostalgia das grandezas, das decorações sumptuosas, do exotismo huguesco e byroniano, dos typos excepcionaes e das fortes seivas phisicas, focadas pela selecção das guerras napoleonicas — assim, quem entre nós disser do realismo, recordará por seu turno o grupo do *Cenaculo*, como aquelle de cujas assimilações litterarias e criticas brotou a, poderemos dizer, moderna e ultima renovação das letras patrias, emquanto se não definir outra que normalmente possa derogal-a. Nesta sorte d'*émeute* intellectiva punha-se a urgencia d'alliar a philosophia á poesia, que, deixada ao subjectivismo metaphysico, ia forçosamente resvalar num pessimismo mystico e idiota—reclamava-se uma philosophia inspiradora, indispensavel a toda a concepção esthetica, e disciplina critica que, applicada á historia, á philologia, ás tradições, aos costumes, aos idéaes e ás tendências, engatasse Portugal ao formidavel comboio da Europa activa, «evitando, diz Theophilo, a especialização que amesquinha as intelligencias ou a dispersão incoherente dos estudos, que leva á banalidade acobertada com o verniz do estylo». Referindo-se á gente do *Cenaculo*, dizia Eça de Queiroz, no artigo da *Renascença*, já citado: «esta geração tem o aspecto de ter falhado». Falhar, nem toda. E' mesmo das borregadas litterarias que mór numero de trabalhadores tem produzido — veja-se a obra d'Oliveira Martins e de Theophilo, de João de Deus, Eça e Ramalho, alguns livros d'Anselmo d'Andrade, os profundos sonetos d'Anthero, e coisas dispersas mais, obra minuscula que não vem agóra destrinçar.

Eça de Queiroz, bacharelado com o seu R. de cabula mergulhador e jogador de porta d'inquilino chronico da *coelheira*, facilmente acceitou, á volta de Coimbra, (como ainda não fôsse celebre e nem sequer rico nascesse) nmas destas dobradiças que a politica tem sempre ao dispor das vadiagens que promettem. Desde a saída das aulas e a vinda para a casa dos paes, um pouca murcha, visto não abundar o dinheiro, e elle sentir, nitidamente, no conflicto da vida, a irrisão da carta de bacharel—desde a saída das aulas que começára a mostrar, na *Gazeta de Portugal*, primicia dum estranho amujo d'arte, manando em preciosas paginas poeticas. Quem fôr ler esses bocados errabundos, dum estylo fluido, francez, volitando em *boutades*, e todo cheio de maravilhosas azas que o baloçam, a elle — humorismos, payzagens, historias phantasticas, visões onde o romantismo francez e o humorismo inglez se dão o braço, onde João Paulo surge entre Carlyle e Michelet — coisas de sonho, coisas de humor, coisas de tédio, em que peróra o bacharel foragido da magistratura pelo R, e se allucina o cerebro do antigo leitor de Quincey e de Pöe, para logo diagnostica um temperamento acido d'estheta desdenhoso, de narrador estudando as trivialidades da vida á luz duma especie de logica sardonica de doido, e na parte biographal o preparo lento, antigo, que desde Coimbra elle secretamente cumulava, para surgir em publico, escriptor feito. Tentou minal-o, disse, a camarilha partidaria.

Redactor de um jornal politico em Evora, em que julgo collaborou depois João de Deus; administrador de concelho em Leiria por alguns mezes, ali soffreu directamente a quietação deleteria da provincia, onde, sob artificios de hospitalidade e bonhomia, os fermentos da velhacaria humana misanthropisam cedo as almas delicadas, pois lá a perversidade lorpá tem um rechaço grosseiro que os bons ruraes não sabem mascarar sob esses *abat-jours* de côr ironica ou graciosa que a civilização lhe põe para fazer supportável ás pupillas doídas e sensibilidades estancadas. Em Evora, veria elle o fundo de intriga padresca que no *Padre Amaro* move, de roda da egreja de Leiria, onde até figuras, como as Gançosos, o Libaninho e o sr. Chantre, algumas com os seus nomes, são recordações pessoas da sua fastidiosa vida de jornalista trastagano.

De administrador de concelho em Leiria, onde um namoro com mulher casada lhe deu, por algum tempo, o papel, um pouco almasso, que tem mr. Léon, na *Bovary*, Eça de Queiroz passou para as esquinas da Havaneza, a fazer concurso de consul, derreado pelo nihilismo bestificante do campo,



e a irritação d'orgulho causada pelo meio bossal daquelle burgo d'agricolas, onde as suas preocupações de traço passavam por toleima, e a terível, posto refreada, ironia do seu labio, chamava o odio das victimas a uma conspiração de calunnia sempre alerta. A' entrada em Lisbôa, trazia começado o seu romance *Crime do Padre Amaro*, que viu luz na *Revista Occidental*, em 75, numa versão com todos os mordidos da moldagem primitiva, esses barbarismos pictorescos, duma sensibilidade hiper-aguda, tropeçando em obtusidades de prosa inexperiente, esses néologismos de fórmula gravativa que um novo encontra para enquadrar a idéa, fresca, a escorrer vida, nos instantaneos da expressão—e que para os artistas, como peça de processo, é a mais bella das tres fórmulas que Eça de Queiroz deu ao romance, nas successivas edições em que appareceu.

A idéa do *Padre Amaro* viéra-lhe em Coimbra, estudante, servindo, como disse, os destros provincias para o proverem de notas, detalhes, typos com que vestir a acção e povoar o quadro de figuras. Longo tempo, o manuscrito andou pelas gavetas e malas de viagem, hibernado, trabalhado pelo escriptor na angustia do segredo, cerzido e accrescentado no meio das folhas de gestão que faz o cerebro dos nervosos, alternativamente estúpido e vidente, segundo a aura em que a columna atmospherica, a humidade do ar, o repouso da noite, a digestão e os ventos dominantes lhe modalisaram o espirito doente: e já o *Senhor Diabo* e as *Singularidades duma rapariga loira*, a primeira narrativa realista escripta em portuguez, tinham vindo, com o seu estylo desarticulado, kodakisado do real, cheio de ironia aguda e lyrismo pessimista, espavorir a chapa rotineira das artes d'escrever em Portugal, a ponto do proprio Herculeo repulsar o bocado como «uma traducção peor de francez pessimo», o que bem mostra o abyssmo que, tão perto ainda, separava já as duas epochas.

Com a permanencia de Queiroz em Lisbôa, a aguardar a nomeação de consul, promettida, resultou a collaboração das *Farpas*; com Ramalho, que tiveram em Portugal e Brazil, voga notavel, e foi moda seguir como evangelho de *dandysmo* e *bel esprit*. Essa collaboração se acha hoje em separata de volume, appensa á edição nova das *Farpas*, sob o titulo d'*Uma campanha alegre*, me parece, e ali se confirmam e robustecem as qualidades que os artigos da *Gazeta de Portugal* prenunciavam: uma juvenil desenvoltura, a phantasia scandinava, ultra-poetica, um estylo de nervos e d'esgares, uma verve de paradoxos e contrastes; sómente a mão do escriptor é mais feita, e ganha justeza a fórmula, brunhindo-

se de flexuosidades d'aço e d'oiro fino.

Em 1872, ficaram as *Farpas* exclusivamente entregues a Ramalho, que iniciára uma especie de phase scientifica, apregoada por Theophilo como inspiração «da forte disciplina mental recebida no curso de Philosophia Positiva, de Augusto Comte» — patacoada de mestre demasiado baboso pelo alumno, e que certo fará sorrir quem conhecer essa quadra inferior do pamphleto celebre, que não podia fazer pensar os antigos fieis, com biologices e sociologices da bibliotheca de *dois sous*, e por outro lado perdera a graça, o *dandysmo*, o riso, o encanto litterario, em detrimento de missões para que o seu redactor não estava preparado.

E' tambem deste periodo (1870) o romance epistolar *Mysterio da Estrada de Cintra*, que os dois amigos escreveram para o folhetim do *Diario de Noticias*, barullhada emocional, escripta sobre o Joelho, mas desgrenhadamente brava e antonyesca, com os seus lances patheticos, seus quintos actos candentes, sua condessa loira, seu cadaver d'inglez num cuté mysterioso, seus mascarados fidalgos, sua hespanhola ao mar, seu corsario correndo a plenas vélas, que fez bater o coração de muita gente, e é o ultimo adeus, ironico embóra sob as lagrimas, do romantismo congenito dos auctores — romantismo de herdança e encerebração inconsciente, apesar da cultura moderna e suas profissões de fé naturalista—e que em Eça de Queiroz, ainda ultimamente, na fabulisação dramatica dos *Maias*, mostrava o topete grisalho familiar, *ga-ga*, como quem diz: «hei de morrer na casa só por teima...». Ali por 1872 ou 73, Eça de Queiroz foi despachado consul para a Havana, e, dessa epocha até a morte, (isto é, durante os vinte e sete annos mais fecundos e melhores de sua vida) nunca mais viveu em Portugal senão por férias de dois, tres, quatro mezes, o maximo, separadas por tres e quatro annos d'ausencia, e na mais completa desatenção pelas transformações radicaes que, durante esse tempo, a sociedade portugueza ia sofrendo. Essas vindas á patria, passava-as Eça de Queiroz em Lisbôa, num quarto andar do Rocio, ou, depois de casado, no Porto, a dormir de dia, almoçando á noitinha, e a saír, só quasi depois do lusco-fusco, á palestra com velhas relações, ou nos restaurantes, com admiradores, de quem elle se deixava cordialmente approximar, despresando-os com a elegancia mais polida, té que a manhã clareava os vidros dando de mão á comedia litteraria.

A este periodo de vinte e sete annos, fóra de Portugal, pertencem os seus romances e trabalhos de môr folego, como o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Bazilio*, o *Mandarim*, a *Reliquia*, as *Cartas de Fradique Mendes*, os prefacios do *Almanack Encyclopedico*, a *Illus-*

*tre Casa de Ramires* e alguns escriptos mais que se diz deixou inéditos (2). Escorrida a summula do que antigas e aturadas leituras daquelles livros me permitem pensar sobre o seu merito, concisamente direi de cada qual só o bastante á illucidação do meu juizo geral sobre a gloria do escriptor, sua categoria hierarchica na série, e do seu papel na epocha em que veio. E' a maneira de, com o espirito de justiça que me guia, a penna se me não tresviar pelo meio das ballelas parvas dos jornaes, e dos que me lereu sentirem o quanto a minha imparcial razão pede equidade para os mortos, retirando a uns o exaggero de gloria que outros, maiores, desconheceraam — mais perto do nosso coração e na nossa raça — á hora de morrer tragicamente.

*Crime do Padre Amaro* pôde chamar-se, em romance, a obra capital do romancista, que, tendo podido estudar o thema em pleno fóco de beaterio nacional, enquadrado em fundos nossos, fez, por esse facto, uma obra integra, a que, todavia, faltam o realce duma intensa psychologia dum estylo feito e duma linguagem escrupulosamente castiça e portugueza. A Oliveira Martins, cujo senso critico, em obras de imaginação, não valia grande coisa, ouvi, todavia, dizer, lucidamente, que «era este o unico romance que Eça trouxera no ventre, e tudo mais eram trabalhos de humorista.» *Primo Bazilio* é um caso de adulterio num meio de pequena burguezia. No artigo sobre Ramalho, (*Renascença*) leio os seguintes periodos: «seria, diz Eça, um romancista extraordinario, si fosse psychologo como é desenhista e tivesse o instincto certo do momento dramatico, como tem a visão exacta da attitude caracterisante.»

«Uma obra admiravel que elle poderia fazer, seria uma larga caricatura da epocha, á *Pichswich*, dando apenas as superficies da vida, as grandes linhas, pondo em relevo, com uma factura ampla de contornos grossos, o comico contemporaneo.»

Coisa interessante vem a ser que, neste projecto d'obra jocosa, alvitado ao amigo, melhor, muito melhor do que idéa complexa de romance, se podem catalogar o *Primo Bazilio*, os *Maias*, e as molduras comicas do *Mandarim* e da *Reliquia*, que são, antes, humoradas crueis de diabo côxo, judiarias de picaro em licença de vinho iconoclasta, irmãs gemeas das caricaturas de Bordallo, do que propriamente sustancias dramaticas autopsiadas sobre o vivo, fatias de mundo, latejantes do golpe, a escorrer o sangue arterial da força viril, do instincto amoroso, da consciencia critica e da acção.

Sobre os *Maias*, juizo identico ao de *Bazilio*: uma galeria estranha de grotescos, *retratos-charge*, ligados por um fio de melodrama inverosimil, que dir-

se-ia visto em certos actos internacionaes de peças de Sardou (3).

A mais completa ausencia de vida interior nos personagens, que quasi todos falam, procedem, pensam, segundo alguma falha moral d'irresponsaveis, com a vida da ironia litteraria do auctor, e a força de negação que nos faz agradecer a Deus, a providencia de nunca a sua obra poder vir a tornar-se popular.

Não conheço da *Casa Ramires* senão bocados da *Revista Moderna*, pouco seguidos, que me deram a impressão de fundos de gaveta e restos de pachorra prosante, com assignaladas asthmas d'entrecho e bastantes rugas de precoce antiguidade. Porque *Eça de Queiroz* o reviu, e dizem que refez, resalvo juizo ingrato, esperando que uma edição livresca m'o esclareça a toda a luz.

Do *Mandarim* e da *Reliquia*, que dizer? Em ambos a narrativa phantastica são duma moldura trocista de casa de hospedes e coio de beatos, repisada do serão da S. Joaneira do *Padre Amaro*, (o tal romance que *Eça de Queiroz* tinha no ventre) e até com typos identicos que mal dispõe o leitor, com suas grossas mordacidades e garotadas d'escolar, a sugerir-se o crepusculo d'assombro sob que deve ser recebido, num, a corrida macabra por Pekin; no outro, o sonho historico da Judéa de Antipas Herodes e Jesus Christo.

Dada essa impressão geral das obras, d'*Eça*, publicadas em volume até agóra, fixemos num succinto quadro o resumo das suas qualidades boas ou más de homem de letras. A primeira coisa que salta é a pobreza structural do estylo e a miseria profunda do vocabulario repisado. Comparando trabalhos de maturidade com os primeiros ensaios da *Gazeta de Portugal*, e edição primitiva do *Padre Amaro*, sente-se que o escriptor, neste campo, declinou, ou, melhor talvez, não progrediu, e que a abundancia e finura dos motivos pictorescos, realçadas nestes primeiros escriptos, não foram supridas, á proporção que iam murchando, por nenhuma dess'outras qualidades de factura que traz a pratica d'escrever, lapidadora da fórma, variadora infinita das cadencias, que enriquece o rythmo, areja e precisa, nas suas arestas de rosa, a joia do vocabulo, transformando, pouco a pouco, o teclado rude da palavra, num maravilhoso aparelho registrador de sensações e notulações do *eu* vibrante.

Quem, por exemplo, ler de seguida o *Primo Bazilio*, a ultima edição refundida do *Padre Amaro*, os *Maias*, as molduras grotescas do *Mandarim* e da *Reliquia*, e a introducção das *Cartas de Fradique Mendes*, não póde furtar-se a uma impressão de lazeira monotona, de fadiga acustica, ante esse es-

tylo d'impressões phisicas, mordacidades destructivas, vivazes sem alcance,—estyllo de periodos curtos e, ás vezes, pelos rebocos successivos da recópia, pouco nitidos, cuja estructura derreada se repete em rozarios d'orações identicas de rythmo, sem inverções nem cadencias, traíndo o esforço duma observação sem subsidios, e a amnesia da phantasia que, perdido o habito do sonho, não póde mais, pela secura congenita, recorrer ao sentimento.

Tudo isto resulta do precoce esgotto myelasthenico e cerebrasthenoico do romancista, que sendo, de nascença, um fraco, creára desde moço necessidades sensuaes que haviam de lhe desbaratar a força neurica antes de tempo.

De facto, perdido o estomago pelo habito dos exotismos culinarios, das ceias artistas, té de mauhá, com vicios loiros, cortados pelo esforço horrivel de ter graça entre dois males — falseada a hygiene do trabalho, que nos homens de penna cada vez mais requer viriculturas sollicitas, desinfecções moraes, meticulosas — a ancia d'amar, eleganciar, viver, feita centupla, o pobre neurasthenico achou-se subito com uma pavorosa despeza de força, para o que dez mil calorias como a sua seriam talvez pasto mesquinho na devorante fornalha que o ruía.

Deste esfalfamento precoce, a derivante primeira é embotar-se-lhe a phantasia lucila dos primeiros trabalhos, essa japonezice estranha que ás vezes passa na curva de certos periodos seus, damasquinando a seda dum oiro velho de *foukousa*, e não lhe ficar, para o aperfeiçoamento da fórma, esse retardatorio instincto de pureza castiça que, sem excluir nervosidade, fizesse do seu estylo, um estofo unido, electrico, drapejando em pregas nobres, elastico de trama como a gaze, espumando o ar da graça rosea, do néologismo technico, da modernidade perversa sob o contorno antiquado em que as artes d'escrever desabrocharam desde a intervenção do objecto d'arte na vida do poeta e do escriptor. Outras ruinas após fazem sequencia: o equilibrio das faculdades creadoras perdido a ponto delle em certas obras, (nos *Maias*, por exemplo, e alguns capitulos da edição refundida do *Padre Amaro*) ver primeiro que o espinhaço do entrecho, detalhes incoordenados, episodios secundarios captivando-o pela mancha, pelo escandalo da *charge*, ironia perversa do paradoxo: toda a noção de drama, isto é, d'acção, reduzida, por vezes, a librettos de farça e fabulações, de melodrama, sem mór escrupulo pelas realidades da vida, e força cohesiva da logica, num fim pueril de galvanisar enormidades de satyra, que para logo lhes tiram todos os visos de razão... Pelo dialogo, poucas vezes o caracter

dos typos se retrata: umas vezes, invade-os a *blague*, ou a liulia moral em outras se desmente, a tropeçar em contradicções dum profundo vasio psychologico; o que elle apercebe das fallas é o detalhe que julga caracteristico, e quando muito se queda em pictoresco; ou as figuras não fallam e é elle que váe contando o que ellas dizem, esmaltada a resenlia dalgum dichote ou phrase realista, que só, porém, recorta a silhueta externa, dá o contorno do vulto, e una ou outra vez as arrebanha em grupo, e dá semelhanças atavicas de classe, sem, todavia, fixar por dados psychicos infinitas successões d'estados affectivos, equações d'algebra moral, aquillo que se lhes poderia querer do typo vivo, inconfundível, uno e sem irmão na série psychologica. Claro que um estylo assim bohemio, de visão quasi exclusivamente phisica e monotona, e vocabulos exiguos, poucos, pintando mal, orchestrando peor a musica do periodo, estylo anti-grammatical, pouco desenvolvido no systema osseo, puído de cosmopolitismo, co'a lingua grossa da regurgitação franceza, indigerida, raro será apto a exprimir do homem mais que a besta obrante, a descrever-lhe os costumes, o passo, o porte, idas e voltas no ergastulo da vida, a sarabanda toda das modalidades exteriores — isto em detrimento dessa sensibilidade intellectiva, analytica, que attingem outros, como Balzac, Stendhal, Tolstoi e Georges Elliot, á força de reflexão pessoal, d'interpretações eruditas, contínuas, do proprio *eu*, chegando a colleccionar factos moraes como quem collecciona *bibelots*, e a authenticar em finas plurigraphias chamadas romances, todas as doenças moraes do homem moderno, missão superior das litteraturas contemporaneas. Na especie de secura precóz a que pendera, mercê desses vinte e sete annos longe do canto de terra escolhida para theatro das suas fabulas e pinturas, a mesma payzagem em que era eximio prosaísta (como a fórma não seja senão um capricho de côr, particular) e de que ha no *Padre Amaro* e no *Mandarim*, tão lindos pannos decorativos, a mesma payzagem parece que perdera nelle a idyllica frescura, o *impromptu* matinal, arco-iriado, revertendo a descriptivos, como a payzagem de Cintra e corridas de cavallos dos *Maias*, donde a emoção debanda a açoites de humorada, na acidez dum espirito que regatêa a este amado paiz, até a gloria do sol e a magica ridente dos seus campos.

A falta de temperamento philosophico, cultura philosophica, deviam levar-o, disse, a ver por fóra em vez de olhar para dentro; em vez dum psychologo frequentador de todas as horas do homem, á procura do *eu* determinista, em vez dum creador d'almas, como os grandes — a sua orgnisação

discursiva, a sua impressionabilidade cortical do detalhe physico e da palavra viva que o releva, o fôram transfazendo, pouco a pouco, num chronista mephistophelico de vicios, num pintor de genero, algo maldoso, ou, se mais de largo querem, num romancista de costumes. Sudermann, Hauptman, Strindberg, Ibsen, Bjørnstjern-Bjærnsen, Tolstoi, Dostoïewsky, Henrik Sienkiewsky, Gogol, Gunard-Heiberg, Balzac, Stendhal, Shakespeare, Georges Elliot, Arthur Pinero, François de Curel, são pintores de caracteres, vendo de dentro para fóra o homem espirito, nas suas catastrophes de sentimento e decomposição da vontade, soffrer a lei ironica que lhe domina todas as fallazes energias.

Sacher Masoc, Knut-Hansun, os dois Goncourts, os dois Marguerittes, Paul Adam, o proprio Zola, com o seu registro de impressões nervomaniacas, os seus detalhes intensos, a sua paixão do descriptivo, (brique-á-braquismo, payzagismo) e aquelle estylo renovado incessantemente em dictionarios d'artes e officios, construcções rebuscadas, notações extravagantes, são romancistas de costumes, vendo de fóra para dentro o homem de relação, comparsa ridiculo num drama cosmico gigante, fantoche movido por sensações e instinctos bestas, e que assim surge no drama ou no livro, como esses bonecos cortados num fundo opaco, e feitos valer á luz pelos contornos.

Os primeiros, ou escriptores d'idéas, dizia Balzac, representam os personagens em relevo, consegue dar-lhes autonomia moral, fazel-os unos; os segundos, escriptores d'imagens, só sabem caracterisar medianias, os costumes e traços por onde o homem se assemelha a uma classe e resabe ás pechas da sua profissão. Neste grupo de romancistas de costumes, os typos são sempre poucos, por se não tratar d'almas diferentes, mas de documentos duma certa vida quotidiana—poucos, e esses poucos vulgares, sem noblificação nem epopéa—; o drama, ou falta, ou em vez dum nucleo d'acção, é apenas pretexto chlorotico de *kodaks*; a psychologia, curta, porque não ha curiosidade das situações do coração, todo o esforço cifrando-se em fazer render a sensação pictoresca, cujo primeiro rosiclér é a fórmula, que attráe o leitor pelo byzantinismo do vocabulo, mordacidade mais ou menos vivida da critica e bizarría artistica da syntaxe. Eis o caso desse terrível Eça de Queiroz, que de mais teve sobre os representantes equilibrados do grupo, o predicado da ironia corrosiva, do rir, sem echo, de caveira e de mascara, por onde a blasphemia baba como por uma bocca de *voyou* que tivesse nascido gentilhomem.

Eis o que, com pequenas variantes,

percebe, nos romances e contos do escriptor, quem lá fizer leitura comparada e paciente: mui poucos typos, que, desenvolvidos ou retraídos, são, por todos os livros, versões de tres ou quatro manequins invariaveis (4); uma certa importancia dada á descripção, sobretudo nos *Maias*, no *Amaro* e na *Reliquia*; mui pouco drama, que a não ser no *Padre Amaro* e *Primo Bazilio*, é uma fabula incoherente, ligando mal instinctos bestiaes; a cada instante, a interferencia do pamphletario, demolindo com chufas a bôa fé do leitor quanto á illusão real da narrativa; e como qualidade avassaladora, suprema, a ironia, aggredindo por vicio d'educação, por frialdade de sangue, por *ignorancia negadora*, e que seria tremenda se tem sido posta ao serviço duma philosophia profunda, e duma moral d'instinctos definidos. O homem para elle é uma machina do tempo ainda da mechanica rude, movendo-se por grosseiras sensações e instinctos porcos, deboche, avareza, inveja, gula: a vida, sem idéal, não levanta o olhar aos vastos céos, nem estreluz d'esperanças pantheistas, é uma coisa triste, réles, reduzida a malandrices, com intermitencias de luxuria, num meio duma natureza cumplice que parece refocillar-se no humus de todas aquellas immundicies. Dos enigmas da alma moderna, onde, diz Bourget, parece que «toda a superioridade faz chaga, toda a complicação, dôr, e toda a riqueza, miséria» — dos phrenesis grelhantes da duvida, dos esperecimentos da personalidade e da vontade, que pelo tempo fóra se vêem chamando neurose, pessimismo, nihilismo, mysticismo—do excesso, emfim, do elemento morbido, em detrimento do são, reparador, que tantos problemas intimos explica, Eça de Queiroz nada commenta, perscruta, entende ou interpreta, d'entretido c'os fantoches autobiographistas do seu escarneo, movendo-se no despaizamento do seu cosmopolitismo de consul enojado da terra que lhe paga e chama filho, entre os saltos mortaes duma ironia que faz luxo em deformar p'ra estarrecer, e as incertezas da memoria falseada por vinte e sete annos d'ausencia, longe da raça tolerante de que elle se fez, ao mesmo tempo, parasita e algoz, e cuja vida julgou chineza e decomposta, só porque ao seu *dandysmo* desprouve reestudal-a com impassibilidades de philosopho e pudores austeros de moralista. Se me perguntarem agóra qual a moral dos romances e grandes livros de Queiroz, que hei de eu dizer? Qual é a moral naturalista, zolaica, que põe as creaturas como pilhas d'instinctos, molhos de forças naturaes, travando luctas onde a mais bem armada dellas é que vence? Que da narrativa impassivel destas luctas, sáe, por contraste, uma força de protesto, talhada em as-

piração do homem para um idéal de graça que lhe foge? Bom Deus! mas impossivel subordinar os romances de Queiroz a uma tal lei!—Daquellas forças e instinctos, só um numero pequeno atravessa as organizações taradas que elle avóca, e tão fugidias, essas, que quasi não fazem eixo no typo, desmentindo-se, incoherensian-do-se sempre que isso convenia ao improviso sardonico do romancista. Amaro e Carlos da Maia, dois voluptuosos sentimentaes, descambam em odientos bilhostres, quando o primeiro, farto d'Amelia, quer della descartar-se, e quando o segundo, sabendo-se irmão de Maria Eduarda, continúa a ser o seu amante. Além disso, na obra d'Eça, a aspiração idealista é imprecisa, raras balbuciações a denunciam em vagas fórmulas que nem sequer formulam sonho, pois a ironia, egoista, não quer ver Triboulet chorar no meio da orgia dos senhores. Direi então que Eça de Queiroz, pelo temperamento de garoto, pelos phrenesis da vida gosadora, e desmazellos da educação litteraria e scientifica, nunca conscientemente pôde realizar vida superior, uma autonomia moral e mental onde os germens de litteratura social que porventura haveria no seu genio, desabrochassem em obras fortes, autopsias d'alma, musculaturas de luctas, raivas d'interesses, o todo por sequencias de razão critica, numa sciencia profunda de relações e de conjunctos. Assim, mercê das futilidades dum espirito que ficou sempre embryonario, as qualidades fortes, que originariamente seriam muitas, pelo cosmopolitismo de artista, venho a dizer, vinte e sete annos de exilio propositadamente isolado de toda a observação e constatação da vida patria, só deram abortos; e só as outras vingaram, mas mesquinhas, deformando-se, por exemplo, em chufa a ironia sem força philosophica; em catitismo, o *dandysmo*; em virtuosidades de quadrista episodico, a mais nervosa força litteraria modernamente vista em organização d'artista portuguez...

Talvez não valha a pena, depois do que dito fica, averiguar da capacidade critica e philosophica do romancista; mas quem se quizer prover de razões p'ra julgar certo, folheie na *Revista de Portugal* as *Cartas de Fradique Mendes*, particularmente a especie de biographia que do pretendido Brummel, Eça de Queiroz traçou, sobre reminiscencias do *Cenaculo*, dos *vencidos da vida* e do *dandysmo* ridiculo de que nunca pôde emancipar-se. Tal como o romancista queria dal-o, Fradique era o typo synthetico, idéal, das perfeições da epocha decursa entre os finaes do reinado de Napoleão III e a actual quadra democratica: especie de homem-Larousse, de figurino polyedrico

de todos os *records* do espirito e do corpo, d'Adonis philosophico e cyclista, d'Ashaverus fisgado em Belac e Jeronymo Condeixa — crystallisação do que Eça julgava ser o complexo de perfeições do habitante superior da Cosmopolis, a cidade-resumo das civilizações livrescas de Pariz.

Oriundo dos Açores e com a ascendencia morgada d'Anthero, o idolo do grupo, bacharelado em Coimbra, na contemporaneidade da tia Camella e das diatribes a Castilho — lendo os *Chatiments* no Penedo da Saudade, á lua, entre guitarras, commungando a «arte nova» de Lecomte de Lisle, Mallarmé, Dierx e Baudelaire, (dito *fumista* ao tempo, por alguns) — com a monomania de Pariz a desnacionalisal-o antes do buço adoptando a camisa vermelha de Garibaldi e a philosophia particularista de Proudhon — indo quatro vezes á Arabia, por causa da archeologia, e nenhuma ao Algarve por causa d'Ossonoba, chorando a perda da Alsacia e Lorena e ignorando, diz Prado, num artigo da *Revista Moderna*, «até que ponto, pelo seu desleixo, Portugal estava prestes a perder em Africa territorios que eram dezenas e centenas de Alsacias e Lorenas, proprias e não alheias» — indo sem *orientalismo* serio á Terra Santa pollucionar nas ruinas o crevetismo francez, com rabonas pintadas do *boulevard* — clarescurando o typo com remoques da gente do *Cenaculo* e dos *vencidos*, já murchos uns, sem critica exacta outros, e quasi todos brigando, pelas diversidades d'origem, em vez de nos darem desse espirito uma idéa de todo inconfundivel, — Fradique Mendes, que principia poeta e acaba tolo, que atravessa as regiões da idéa forçando o bronze de todos os arcanos, vibrando ás religiões e ás sciencias, paradoxos — Fradique, de que Eça faz um tecedor jocundo de sophismas, da raça ironica dos despotas affeitos a thronar sem competencias — Fradique, querendo ser o typo idéal do homem moderno, generalizador e artista, amoroso e encyclopedico, nada mais consegue, pelas defficiencias psychicas do romancista, sem anglophilia de mulato, sua paixão estrangeira de renegado, seus catitismos de alfacinha, do que realisar um caso fruste de *poseur*, um destes philosophos do *Monde où l'on s'ennuie*, elegantes, parvos, e de cuja vacuidade se parte para bem desoladoras conclusões.

Oh, desoladoras, se folheando essa biographia curiosa, teimarmos em querer ver luzir no craneo d'Eça um espirito de pensador vasto e profundo!

Fradique sabe tudo, estuda, entende e pratica tudo; babista no Oriente, para «desvendar o babismo»; positivista, queimando incenso e myrrha «na ara da humanidade», com os positivistas rituaes, nos dias festivos

de calendario comtista; theosopho, nas paginas da *Revista Espirita*; nihilista, com o príncipe Koblaskini, antropologista, linguista, occupado de religiões, litteraturas, direito celtico, magia chaldaica, povoações lacustres, sellos. Não lhe resalta a transcendentalidade, porém, de tres ou quatro traços lampejantes, como seria mistér para o transformar num symbolo lucido, senão por diffusões, incongruencias, parola, resvala no conselheiro Acacio a serio, uma especie de cretino megalomano que nos põe a alvitar bem pobres coisas sobre a mentalidade superior dos taes *vencidos*.

Querem saber, por exemplo, como Fradique teve a «paixão da Historia»? Aos onze annos, a avó mandou-o para a escola; dava-lhe um pataco para bolos, e o jardineiro levava-o pela mão. «Este creado, este pataco, estes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nivel dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando uma *Encyclopedia de antiguidades romanas*, que tinha estampas, li, com surpresa, que os rapazes de Roma (a grande Roma!) iam tambem para a escola, como eu, pela mão dum servo, denominado o *capsarius*, e compravam tambem, como eu, um bolo na tia Martha do Velabro ou do Quirinal, para comerem á merenda — que elles chamavam o *ientaculo*. Pois, meu caro, escreve elle a Oliveira Martins, no mesmo instante a veneravel antiguidade destes habitos tirou-lhes a vulgaridade toda que nelles me humilhava tanto».

A razão da compra duma quinta não deixa tambem de revelar a phase acacial a que o Eça philosopho propendera.

«A compra da quinta do *Saragoça* em Cintra, realisára-a Fradique para se prender mais, e pelo forte vinculo da propriedade, ao sólo augusto donde um dia tinham partido, levados por um ingenho tumulto de idéas grandes, os buscadores do mundo, de quem elle herdára o sangue e a curiosidade do *além*!»

Em culinaria, tráz esta mirabolante opinião: «o parlamentarismo e o constitucionalismo estragaram em Portugal a cabidella de frango».

Fradique, saloia dos carnavaes: «sempre que lia num jornal uma catastrophe ou uma indigencia, marcava a noticia com um traço a lapis, lançando ao lado um algarismo que indicava ao velho Smith o numero de libras que devia remetter, sem publicidade, singelamente, pudicamente. E a sua era que—mais vale um pataco que duas philosophias a voar».

Fradique, protector de bichos: «uma vez, em Pariz, correndo a uma estação de fiacres, para nos salvarmos dum chuveiro que desabava,

e seguir na pressa que nos levava a uma venda de tapeçarias, (onde Fradique cobiçava umas *nove musas dançando entre loireiraes*) encontrámos apenas um *coupé*, cuja pileca, com o sacco pendente do focinho, comia melancolicamente a sua razão. Fradique teimou em esperar que o cavallo almocasse com tranquillidade—e perdeu as *nove musas*.» Por uma tal introdução, sentem-se as cartas, as pobres cartas que parecem artiguinhos soltos d'almanack, sem estylo epistolar, sem improvisação roupante, em trabalhosos periodos occupando-se d'extravagancias pueris, aphorismos sedícios, pedanterias dos *cormorans soireux* do Hotel Bragança, a desencantar muito fetichista quanto á infallibilidade dos deuses, é impeccavel exteriorisação dos seus altares.

Direi, por conclusão, que Eça de Queiroz é um genio falhado pelo máu uso que de si proprio fez na traça d'escriptor, genio que se amesquinhou por indisciplina philosophica, predominio d'instinctos mundanaes, falta de fé num idéal intenso e absorvente.

Dos tres ou quatro grandes livros que deixa, nenhum promette, na memoria dos homens, vida longa, que, á uma, é duvidoso o portuguez em que estão escriptos, e, á outra, lão de matal-os qualidades de *dilettantismo*, ainda seductoras e bem depressa fastidiosas, assim como a ironia icouclasta, que em cincoenta annos passa, quando futuras gerações, mais cerebralmente definidas, começarem a rir doutra maneira. *Eça de Queiroz é um escriptor europeu, não um escriptor nacional*. Na historia do portuguez escripto, vem talvez a contar-se a prosa de Ramalho; a d'Eça, nunca.

Por isso, tantos bombasticos artigos chamando-lhe unico, tantas homenagens huguescas chorando-o como pedra angular da litteratura lusitana, me parecem alguma coisa fóra de proposito, e por ventura armando á successão da corôa sem herdeiro. Este cortejo não é talvez tanto o enterro dum morto, como o exhibismo da litteratice gato-pingando o seu memorial de pretendente. Só assim pôde explicar-se a choradeira de rôda do maior desnacionalizador que teve Portugal modernamente, do genio cynico que tão mal comprehendem a sua missão moral de homem de penna, e que em vez d'erguer a alma do paiz para idéas centralistas, que o defendessem contra a morte; em vez de arraigar nas almas, germens de trabalho, de patria e de familia, gastou a vida a negar, a deprimir, a dar supremacias a modernices francezas, a fazer descrer da honra e da virtude, a não ver nos homens senão cretinos ou biltres, e nas mulheres senão rudimentos vulgares de prostituição.

Adorem-no, eumbóra, os complica-

dos e os artistas: é dever seu, tratando-se dessa venenosa flôr de raça espuria, desse impulsivo chronista das perversões do sexo e do character; como artista moderno, Eça de Queiroz é um caso raro e curioso; glorifiquem-no os litteratos e os mundanos—mas sem dizer a cinco milhões d'analphabetos: váe allí um deus que cumpre venerar. Porque esses cinco milhões d'analphabetos não téem que ver com Eça de Queiroz, e a propria barbaria os salva de, lendo a obra do artista, se podem tornar outros tantos milhões de malandrius.

Houve, é certo, nesta metade de seculo, um grande escriptor portuguez que não foi consul nem *dandy*, e de tudo escreveu paginas supremas, e fez da lingua dura dos chronicons, um instrumento sonoro, maravilhoso, elastico e vibrante, exprimindo á nossa moda, fazendo chorar, fazendo pensar, fazendo rir como ha sete seculos exprime, chora, pensa e ri todo o animal da nossa raça, que, seja o que fôr, não é menos esperto nem menos bravo, nem menos progressivo, nem menos probo, nem menos digno da civilização do que qualquer outro homem trigueiro ou loiro, saxonio ou latino, surto em paiz de propria fortuna!

O que esse precisa é desanesthesiar a cabeça do pezadello estrangeiro que o acobarda, trabalhar com os seus braços, proceder por sua iniciativa, expulsar os que o roubam, dar castigo severo aos que o insultam; e se é este o fito de quantos, nesta hora d'angustias, amam a patria; se é proposito de todos resuscitar, pelas acquisições parciaes da archeologia, da historia, da agricultura, da industria, das artes e das lettras, um espirito nacional que faça de nós no mundo, um aggregado politico indiviso—como se explica esta apotheose ao escriptor, dissolvente, quando o verdadeiramente grande, o outro, o nosso, lá jaz no Porto esquecido e tratado como um cão?

#### FIALHO D'ALMEIDA.

(1) Destes rapazes até o mais novo, Carlos, ainda em plena posse da saúde, estando a familia de nojo pela morte d'Alberto, lhe aconteceu vir uma vespera de Santo Antonio á janella do quarto andar do Rocio, onde moravam. Era deshoras: na praça, grande assoisse de gente, em descantes e dansas populares: e o moço, a conversar com uma das visitas á varanda, dizia, lastimando a horrivel tara que lhe carregava os irmãos p'ra sepultura—«qual de nós será que váe agóra?» Inda não disséra estas palavras, torna uma vóz da rua—«agóra, és tú». Carlos Queiroz nunca mais pôde esquecer o vaticinio, que effectivamente se cumpriu, mezes depois, fallecendo aquelle de febre galopante.

(2) Nasceu na Povia de Varzim em 1846; formado em direito em 1867. Publicou na *Gazeta de Portugal*, entre outros contos, o *Milhafre*, *Memorias de uma forca*, o *Senhor Diabo*, etc., e na *Revolução de Setembro*, a *Morte de Jesus*, que Junqueiro diz ter paginas deslumbrantes.

O *Crime do Padre Amaro*, que dissemos ter sido alinhavado e notulado durante os annos de Coimbra, Evora e Leiria, e inserto na *Revista Occidental* em 1875, conta a primeira edição de livro, ou *definitiva*, em 1878—79, e em 1880 a segunda, ou *inteiramente refundida e recomposta*. O *Primo Basilio* teve a primeira edição em 1878; o *Mandarim*, em 1880; a *Reliquia* em...; *Os Maias* em 1888. As *Cartas de Fradique Mendes* appareceram, com biographia, na *Revista de Portugal*, em 1889—90. Os prefacios do *Almanack Encyclopedico* pertencem a 1896—97, e emfim, a *Illustre Casa de Ramires* acha-se incompletamente publicada na *Revista Moderna*, de Pariz, 1898—99, por ter cessado a publicação desse jornal. Não ha, até o presente, outras publicações em livro, do escriptor.

(3) *Fernanda, Odette, etc.*

(4) "...assim, diz v. que os meus personagens são copiados uns dos outros.

Mas, querido amigo, numa obra que pretende ser a reproducção duma sociedade uniforme, nivelada, chata, sem relevo e sem saliencia (como a nossa incontestavelmente é)—como queria v., a menos que eu falseasse a pintura, que os meus typos tivessem o destaque, a dessemelhança, a forte e crespia individualidade, a possante e destacante *personalidade* que pôdem ter, e téem, os typos duma vigorosa civilização como a de Pariz ou de Londres?

V. distingue os homens de Lisboa uns dos outros? V., nos rapazes do Chiado, acha outras differenças que não seja o nome e o feitio do nariz? Em Portugal, ha *só um homem*—que é sempre o mesmo, ou sob a fórma de *dandy*, ou de padre, ou d'amanuense ou de capitão: é o homem indeciso, debil, sentimental, bondoso, palrador, *deixa-te ir*, sem móla de character ou de intelligencia que resista contra as circumstancias. E' o homem que eu pinto,—sob os seus costumes diversos, casaca ou batiua. E' o portuguez verdadeiro. E' o portuguez que tem feito este Portugal que vemos...» (*Carta respondendo a um artigo sobre os MAIAS, por mim publicado no REPORTER. Data de 8 de agosto de 1888. Bristol.*)

## ARMADA NACIONAL

*Os programmas navaes na Monarchia—O material de 1872 a 1889—Comparação com as froas estrangeiras.*

Taes eram os elementos de que então dispunhamos, como base, para a organização duma esquadra conforme os progressos da arte naval moderna e as necessidades do paiz.

Relativamente facil seria, tendo-os, conseguir tal fim. Bastava então que se organinasse e executasse um plano de desenvolvimento do material fluctuante destinado ás operações de oceano; que se dotassem aquelles officiaes, que regressaram da guerra tão jovens e cheios de recompensas, com o preparo e pratica necessarios ao manejo de tal material; que se lhes desse a instrucção nautica descurada máu grado seu e do governo e que se desenvolvessem e modernisassem os nossos arsenaes. Quanto ás guarnições, para fornecel-as, ali estava a bella criação das escolas de Aprendizes Marinheiros.

A dura e carissima experiencia que

lucráramos com a campanha do Paraguay, tanto nos impunha. Veremos, contudo, em que peze aos apologistas da marinha de outr'óra, que essa tremenda licção em nada nos aproveitou, até 1881, só se applicando ao augmento da armada, as sobras dos orçamentos, e, mesmo assim, mal applicadas.

Começemos pela analyse do material fluctuante.

O ministro da Marinha em 1867, antes, portanto, de finda aquella guerra, reconhecendo a necessidade de augmental-o e mellhoral-o, achando lazer para occupar-se de tal assumpto, entre os innumerados e graves problemas que sabiamente resolvia, nomeou uma commissão para elaborar um plano de reorganização e engrandecimento da nossa esquadra.

Essa commissão apresentou seu projecto, que propunha uma fragata encouraçada, quatro corvetas encouraçadas e 4 sem couraça, 12 canhoneiras de 1ª classe, sendo 6 encouraçadas e 6 não; 24 canhoneiras de 2ª classe, 16 encouraçadas e 8 não, 4 grandes transportes, 16 transportes fluviaes e 36 lanchas a vapor.

A qualquer profano que examine esse programma, resalta immediata a preocupação, por parte de quem o confeccionou, dos navios minusculos, a ponto de nelle incluir 36 lanchas a vapor.

O sr. visconde de Ouro Preto, a proposito desse plano e visivelmente criticando a marinha da Republica, diz: «Mas, a triste verdade é que mudaram-se os uniformes da officialidade, hoje mais vistosos; substituiram-se por outras mais imponentes as denominações de alguns postos, temos a refórma compulsoria, e quanto ao material. É hoje inferior ao que atropelladamente armámos para a guerra do Paraguay».

Mas, porque tambem não se cumpriu aquelle mesmo programma, depois de terminada essa guerra, nesses ultimos annos de governo monarchico, quando o paiz nadava em ouro, quando tinhamos o cambio a 27 e quando a marinha de guerra era, na phrase consagrada, «a menina dos olhos do Imperador?»

O mesmo sr. visconde de Ouro Preto nol-o diz: «Este plano foi approved e começou o governo a pol-o em execução, mandando construir na Inglaterra a fragata *Independencia*, mal agoirada desde o lançamento ao mar e posteriormente vendida ao governo daquelle paiz. Depois, ficou o projecto em esquecimento». Vê-se pois, que esse mal de possuirmos esquadras em projecto, vem de longa data; e convém notar que a *Independencia* foi vendida, já prompta e tendo já içada a bandeira brasileira; não havia então, como vinte annos depois, para venderem-se o *Amazonas* e o

Abreu o pretexto de difficuldades financeiras e o dever imperioso de satisfazer os compromissos da divida externa.

As razões em que se baseava a commissão para apresentar aquelle projecto, tem tambem algo de curioso. Assim é que diz: «A fragata encouraçada de typo indicado na opinião, por certo, competente, dos directores do serviço tecnico, imporá respeito a qualquer potencia maritima, porque, ella sómente, pôde lutar com uma esquadra».

Combater um só navio contra uma esquadra, é facil: depende tão sómente do valor do seu commandante, e, nos nossos dias, encontramos o exemplo no combate naval de Chemulpo, em que o *Waryag*, só, oppoz-se, durante 55 minutos de fogo renhido, a uma forte esquadra japoneza. Certo, porém, a commissão que elaborou tal projecto, não se referia a um combate daquelles desastrosos resultados; descobrira um typo de navio capaz de deter as operações duma esquadra, de combatel-a, senão com vantagem, pelo menos com egual probabilidade de exito; «imporá respeito a qualquer potencia maritima», «porque, ella sómente, pôde lutar contra uma esquadra»; seria bem isto? Era por certo, tauto que apenas propoz a construcção de um navio daquelle typo.

Mas, que idéa fazia essa commissão de estrategia da tactica de um combate? E mais, que conceito formava sobre a extensão dos oceanos?

«Aquella poderosa machina de guerra» continúa a commissão, «e as corvetas de 1ª categoria, (+ encouraçadas)» constituirão a verdadeira esquadra de combate, no oceano, e serão a garantia real de nossas costas e portos, pondo-os ao abrigo de um insulto, ou de um golpe de mão». Cinco navios só!! Mas, porque as não mandaram construir?!

O relatório foi apresentado em 1868; o *Independencia* foi mandado construir em 1873; as corvetas couraçadas, nunca!

O relatório continúa com outras considerações, onde se verifica, o que já atrás dissemos, um prurido de construcção de navios minnsculos, para operações fluviaes; assim, diz: Dahi nasceu a necessidade dos typos adoptados na 3ª e 4ª categorias «(24 canhoneiras de 2ª classe, 16 transportes fluviaes, 4 grandes transportes e 36 lanchas a helice)» que formam o que pôde haver de mais força para uma esquadra fluvial, com seus meios de ataque, de defeza e de mobilidade; podendo afoitamente os navios desta classe internar-se nos rios, sempre que estiverem apoiados em uma esquadra exterior, que sirva de base a suas operações e em um exercito que occupe

uma das margens e lhe garanta a subsistencia.

Assim já se manifestava essa verdadeira mania de querer, á outrance, emprestar á esquadra a preeminencia na defeza das nossas fronteiras fluviaes e que agóra, em 1904, faz com que o *Colbert* da armada brasileira, mande construir as «Melik», que os inglezes empregam em operações contra inimigo desprovido de artilharia!

Mas, em summa, tal plano ficou, como o anterior, o de 1850, «no dominio burocratico».

Vejam, então, o que, fóra das suas indicações, se tentou para elevar e melhorar o nosso material fluctuante. no periodo decorrido de 1870 a 1889.

Todas as nações maritimas tinham definitivamente em mira organizar frotas couraçadas; só mais tarde, quando os cruzadores attingiam 22 de velocidade, houve entre algumas uma rapida hesitação na escolha das suas unidades, hesitação para logo dissipada ante a impotencia de manter-se um cruzador desprotegido sob os fogos de grossos canhões. Começavam a surgir os encouraçados de 8.000 e 9.000 toneladas, e no correr do decenio de 70 a 80, surgiram os primeiros cruzadores rapidos, esboços pallidos dos voadores de hoje.

Todas as potencias tratavam de organizar esquadras para lutar no oceano, certas de que a nação maritima que só procura defender os portos, vem a perder os portos e as costas, e o que tem só em vista a defeza destas, perde-as, como perde tambem o dominio do mar.

E' um grave erro organizar uma esquadra, só attendendo á defensiva. Uma frota defensiva, é, tão só, defensiva. Uma frota offensiva tambem e sempre defende. Só uma nação muito mais forte destacará de sua esquadra, uma parte, para atacar as costas do inimigo, tendo sciencia de que este possúe no mar uma força respeitavel, prompta e devastar-lhe o littoral ou a atacar a esquadra fraccionada.

Assim, se algumas potencias navaes procuravam então organizar uma esquadra defensiva, todas ellas creavam esquadras que pudessem disputar a posse do oceano.

O Brazil, no emtanto, encomendava em 74, o *Favary* e o *Solimões*, encouraçados de 3.500 toneladas e de 10 a 11 milhas de velocidade, navios que, para navegarem, não já no oceano, mas mesmo, proximo ás costas tinham necessidade de bordas falsas; como cruzadores, iniciava-se a construcção da *Trajano*, navio mixto, de madeira, e logo se lhe seguiram a *Parnahyba*, a *Guanabara*, a *Primeiro de Março*, a *Imperial Marinheiro*, todos mixtos, mal armados e estes dois ultimos de 10 milhas de velocidade; e, quando o Chile e a Argentina, nações de um

continente em que o Brazil tiuha a supremacia naval possuam, o primeiro, o *Esmeralda*, que ainda hoje, com o nome de *Idzumi*, figura na marinha japoneza, cruzador de aço de 17,5 milhas de velocidade, de 3.000 toneladas e armado com 2 canhões de 10", 6 de 6", fóra a bateria ligeira; e a segunda, o *Patagonia*, egual ao nosso *Republica*, lançava pomposamente, com a classificação de cruzador de 1ª classe, um navio de madeira, mixto, e cuja principal artilharia compunha-se de 6 canhões de 4."7, que não andava mais de 11" e a que deu o nome de *Almirante Barroso*, reputando-o o *o nec plus ultra* da construcção naval.

O aleijão que se chamou *Sete de Setembro* saía dos nossos estaleiros no Rio; do da Bahia lançavam-se tambem dois navios defeituosos e inuteis, a *Moema* e a *Traripe*.

Mais ou menos por essa epocha, adquiria-se por encomenda, no estrangeiro, o *Riachuelo*, bom navio que, pôde-se dizer, era o primeiro cruzador encouraçado construido: bôa velocidade, sem chegar á de um cruzador, e bôa protecção, sem ser comparavel á de um encouraçado.

Delle tambem se dizia poder lutar contra uma esquadra inteira, e por isso nos julgavamos fortes bastante; comtudo, em 1887 adquiria-se uma nova unidade do typo *Riachuelo*, o *Aquidaban*, de menores proporções, para poder navegar livremente no estuario do Prata. A que acanhado idéal se sujeitava a recomposição da nossa esquadra!

Em 1883, batia-se a primeira cavilha de um cruzador de 1ª classe—o *Tamandaré*, mas, em 89, ainda elle se achava nos estaleiros.

E, no meio de toda essa aquisição desorientada, feita sem estudo, a *trouxe mouxe*, uma quantidade respeitavel de canhoneiras cheias de defeitos, risco imminente para os que nella se tivessem de fazer ao mar.

Algumas torpedeiras tambem fôram adquiridas, nas mesmas condições, sem um prévio estudo.

Assim, que grande esquadra possuia o Brazil em 15 de novembro de 1889? Dois navios bons, entre couraçados e cruzadores: o *Riachuelo* e o *Aquidaban*.

Já então, porém, os verdadeiros couraçados attingiam a mesma velocidade que o *Riachuelo*, com maior protecção e maior artilharia. Nessa data, já nenhum dos dois era um vaso de guerra de 1ª classe. Effectivamente, só a Inglaterra, dentre os navios que ainda hoje figuram na sua força naval, contava então 10 encouraçados de 9.500 a 12.000 toneladas, todos muitos mais protegidos que o *Riachuelo* e *Aquidaban*, com muito maior poder offensivo e com a mesma, quasi todos, e maior alguns, velocidade: desde o *Col-*

*Luigwood* e seus cinco irmãos, até o *Nile*; os cruzadores protegidos do typo do *Aurora* que a Inglaterra tinha em numero de 7 cruzadores couraçados naquella epocha, eram aos nossos dois terriveis couraçados; da mesma fórma, o *Imperiense* e o *Warspite*. Não queremos citar as demais nações: a França, com os seus *Neptune*, *Hoche*, *Formidable* e mais uns 6 ou 8 encouraçados; a Allemanha com os couraçados da classe *Sachsen*; a Russia, a Italia, a Austria, a propria Hespanha com o *Pelayo*. Os Estados-Unidos não tinham, é certo, uma esquadra couraçada de oceano; possuíam, porém, uma esquadra de cruzadores, modernos então, capazes de, incolumes, nos irrogarem as maiores humilhações, ao longo de toda a nossa vastissima costa, que o governo monarchico, mesmo depois do incidente Christie e da capanha do Paraguay, tão criminosamente abandonou.

Mas voltemos á analyse da nossa esquadra em 15 de novembro de 1889, não nos esquecendo, porém, que o *Riachuelo* fôra mandado construir porque a Argentina construiu o *Brown*, e o *Aquidaban* para que tivessemos um navio capaz de chegar a *Martin Garcia*, que os argentinos transformaram num respeitavel baluarte, enquanto o governo imperial dormiu sobre a inexpugnabilidade da nossa barra defendida por canhões dos tempos coloniaes, montados em fortalezas tambem coloniaes e guarnecidas por tropas que se desmoralisavam e se inutilisavam, numa vida pacata de acampamento de fronteira longinqua.

Além desses dois navios, já de 2ª classe, em 15 de novembro de 1889, possuíamos como encouraçados o *Sete de Setembro*, o *Favary* e o *Solimões*.

O primeiro era um aborto, sabem-no todos; os dois ultimos não eram navios para o mar.

Todos tres já velhos, imprestaveis, a menos que não se queira attribuir ao ar republicano que respiraram, ainda por trez annos, a sua ruina.

Os demais couraçados que possuíamos, eram os mesmos que « collocavam a nossa marinha, em 1872, entre as primeiras potencias maritimas », e aos quaes já nos referimos.

Quanto á classe dos cruzadores, possuíamos os que já citámos: *Almirante Barroso*, *Guauabara*, *Parnahyba*, *Trajano* e *Primeiro de Março*. Todos, mixtos, de madeira, com pouca artilharia e o mais veloz conseguindo uma marcha de cerca de 13'

Os cruzadores das outras potencias eram: na Inglaterra, os da classe *Mersey*, de 17' de velocidade, armado com 2 canhões 20 c/m e 10 de 15 c/m, mais de 4.000 toneladas de deslocamento; eram os da classe *Pearl*, de aço como os primeiros, 19', a 20' armados com 8 canhões de 12 c/m; os do grupo

*Mercury*, 17', 13 canhões de 5" Na Austria, que não era grande potencia naval, havia dois do typo *Kaiserio Elizabeth*, protegidos, de 4.000 toneladas, 19' de marcha e poderosamente armados; a China possuía cruzadores de 2.500 toneladas, 15 milhas de velocidade e com 8 e 10 canhões de médio calibre; a França os possuía de 19 20' de 4 e 5.000 toneladas de deslocamento; e, deixando de parte as outras grandes potencias navaes de então, veremos o Japão apresentar o *Namiva* e *Tacachibo*, navios de 1886, de 3.600 toneladas e 18',5 de marcha; a Suecia, a Dinamarca e a propria Hollanda, senhoras de cruzadores de mais de 15' todos de aço e bôa artilharia, e a propria republica Argentina tinha o *Patagonia*, superior a qualquer dos nossos cruzadores, e o Chile, o hoje *Idzumi*, da marinha japoneza.

Perguntamos agora: possuía o Brazil uma esquadra de encouraçados? possuía o Brazil uma esquadra de cruzadores?

A resposta a ambas as perguntas, é fatalmente: não! O Brazil possuía um conjuncto de navios; alguns dos quaes de algum valor, mas que absolutamente não formavam uma esquadra, já não se dirá bôa, mas mesmo regular. E nada melhor o attesta do que essa divisão de evoluções de 1886, em que ao lado de um cruzador-couraçado, ainda naquella epocha importante como o *Riachuelo*, figurava um monitor, um tanto antigo, como o *Favary*; uma divisão de cruzadores, dois ou tres, mixtos e de madeira, e duas torpedeiras, de modelos diversos!

Quanto ao resto dos navios da nossa esquadra, era verdadeiramente um resto: navios microscopicos, destinados á policia e defeza dos nossos rios.

TONELERO.

(Continúa.)

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O rheumatismo e as ferroadas de abelhas —O samburá, borra de mel—A medicina do norte—Curas maravilhosas.*

Henri de Parville lembra nos *Annales* o caso de um rheumatico cortado de dôres atrozés, restabelecido no dia immediato áquelle em que fôra picado por maribondos. Como esses, muitos outros casos affirmaram a miraculosa influencia do veneno das abelhas na cura da terrivel molestia.

Um individuo de 32 annos de idade, atacado de dupla ophthalmia catarrhal, recalcitrante a todos os medicamentos, só ficou bom depois de picado por uma abelha na parte externa da sobrancelha esquerda. No dia seguinte, pôde abrir o olho esquerdo sem ser

incommodado pela luz, tendo estancado a secrecção purulenta.

O doutor Terc, de Marbourg, na Styria fez, recentemente, á Sociedade de Medicina de Vienna uma communição sobre o tratamento do rheumatismo articular pela picada de abelhas, affirmando que, havia vinte annos, applicára esse tratamento a mais de quinhentos doentes com o melhor exito, affirmando mais que as pessôas refractarias ao veneno das abelhas eram, tambem, immunes para o rheumatismo.

Assim, a abelha, como a formiga, viria a fornecer um medicamento efficaç.

Esses factos assignalados pelo illustre scienista francez são muito frequentes e muito conhecidos no norte do Brazil, onde, em vez do ferrão, se applica aos rheumaticos a borra do mel encontrada nos cortiços, uma massa amarellada de cheiro acre, denominada *samburá*.

Dissolve-se o *samburá* em alcool, e os doentes o tomam em pequenos calices, uma vez por dia.

Os effeitos desse remedio são estupendos. Uma hora depois de ingerido, o doente é accommettido de dôres fulgurantes, em todas as articulações, dôres tão violentas que sómente homens de rija tempera, de coragem excepcional, repetem a dôse.

As dôres duram cerca de uma hora, sobrevindo transpiração copiosa. São menos violentas á dôse seguinte e vão diminuindo até cessarem completamente. Com ellas, desaparece o rheumatismo.

Essas dôres, conforme o testemunho de um doente, immigrante cearense no Amazonas, são identicas ás da ferroadada da formiga *tocandeira* ou á dos maribondos chamados *caba*, cuja picada produz inflammação immediata e febre.

Esse maravilhoso remedio, o *samburá*, não está propagado devido á terrivel reacção, que produz um verdadeiro delirio de dôres atrozés.

Mas não ha quem, victorioso da tremenda prova, conteste ao *samburá* o maravilhoso effeito curativo dos rheumatismos mais rebeldes.

A medicina foi guiada, nos seus primeiros passos, pelo empirismo grosseiro do povo; mas, em geral, desde a da therapeutica dos sertões, a qual, ás vezes, encerra, em fórmulas toscas, admiraveis remedios.

Estaria, talvez, uma conquista humanitaria no estudo das propriedades do velho especifico sertanejo contra o rheumatismo.

“OS ANNAES”

Vendem-se collecções ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

## POESIA POPULAR

Em uma interessante chronica, ha dias publicada, accentuou um escriptor, impressionado pela musa urbana, ser a modinha oriunda do connubio dos *catêretês* e das almas lyricas dos poetas, negando-lhe aquella espontaneidade que, em geral, caracteriza a creação anonyma da corrente popular.

A modinha brasileira não é um producto hybridado dos *catêretês* e das almas lyricas; tem uma feição especial e, embóra se lhe haja pretendido encontrar uma origem turaniana ou queiram filial-a ao typo da trova portugueza inteiramente modificada por causas diversas, representa a genuina fórmula do nosso *folk-lore*. Incontestavelmente, pelos elementos que reune, pela originalidade que encerra, a modinha tradúz a nossa canção popular; e, por isso, por ella revelar as emoções da plebe, é a resultante dos *folk-lores* das raças colonisadoras com as transformações proprias da raça que a gerou. Entram, por conseguinte, em sua constituição elementos ethnicos, os mesmos factores da nossa nacionalidade, sendo difficil hoje a discriminação da maior ou menor influencia que estas raças exerceram no desenvolvimento da poesia tradicional.

Si a fusão das raças deu uma creação especial, de que tem sido o mestiço o seu maior cultor e, si actualmente penoso se torna joeirar as diversas contribuições que formaram esse typo de poesia que, como escrevi algúres, váe tomando, de ha tempos para cá, uma phase nova, é logico que se não devem nem se pôdem traçar, como quiz o escriptor, aquellas duas fontes para origem da modinha brasileira.

O estudo da vida nacional, em suas manifestações estheticas, nos indúz a reconhecer que as trovas populares já apparecem no primeiro seculo da descoberta de Santa Cruz. Nos autos pastoris, nas festas portuguezas importadas da metropole e acceitas na colonia, predomina o elemento popular com as suas creações proprias. E estas produções, conservadas anonymas, se revelam, como sempre, grotescas ou apaixonadas, opposicionistas ou sentimentaes. As irascibilidades de Gregorio de Mattos agradaram, muitas vezes, á plebe do seculo XVII, que as adoptou, deturpando-as e levando-as ao nosso *folk-lore*.

O mesmo se nota no seculo XVIII com as produções de Caldas Barbosa, o pardo improvisador, como denominava Bocage, e tão escurraçado da sociedade portugueza.

Vem de longas éras a modinha e, antes de ser buscada nos poetas romanticos, tinha algumas de suas raizes no vercejar de outros poetas nos-

sos, representantes de periodos litterarios que não o lembrado pelo chronista da *Musa urbana*; o trovador recebe a seu modo composições várias, sem desprezar o que inventa á viola. No seculo XVIII, a modinha se divulgou muitissimo e na metropole caiu no gosto da epocha; Tolentino troçara o *louro peralta adamado*, mas o epigramma não abateu a espontaneidade dos mestiços que, alli, tinham em Lereno, um dos seus verdadeiros typos.

Com todas as suas modalidades se encontra a modinha em nosso *folk-lore*. Assim, não se lhe deve determinar o cunho satyrico de 1890 para cá, como quer ainda o escriptor, de cuja opinião discordamos.

A alma popular nem sempre fica indifferente a certos acontecimentos ou desattenta a certos factos; impressiona-se quando menos pensa e ri ou chora na rima de suas canções. Lamuriante ou alegre, entoando endeixas ou desferindo farpas, ella passa e passará os seculos, seja qual fôr o gráu de cultura e de civilisação da humanidade.

Si de 1890 para cá, a poesia popular tem tido momentos de desancar a satyra, anteriormente tambem o fez com mordacidade e fereza. Na cidade do Rio de Janeiro, depois da reconstrucção do Recolhimento do Parto, ficou em vóga a copla ás freiras d'Ajuda; ridiculizados fôram tambem certos episodios dos tempos dos vice-reis e da regencia e na epocha da Independencia as hostilidades entre brasileiros e portuguezes ocasionaram as quadrinhas aos *cabritos* e *pês de chumbo*.

Houve, portanto, antes de 1890, a satyra como um dos aspectos das canções anonymas, da mesma fórmula que, depois daquella hora, máu grado o escriptor, continuaram as creações sentimentaes e as adaptações das produções dos nossos poetas ás variações da viola; que o attestem a *Mulata*, de Gonçalves Crespo, e o *Bemtevi*, de Mello Moraes, alastrando-se neste decennio pelas modulações do cantor de serenatas.

Não se pôde, pois, acatar a affirmativa acima contrariada. A poesia popular não provém de um connubio de dansas rusticas e inspirações cultas; producto especial do elemento mestiço, nasceu da plebe, que, sem fórmula reflectida, manifesta os seus cantares com uma moralidade de expressão e exuberancia de vida peculiares, synthetisando todas as emoções nestes threnos tradicionaes, cheios de melodia e de sonoridade, que levam longe a palavra, tornando indefinivel o sentir.

Conseguintemente a modinha é exclusivamente popular; despreendida pela nossa gente em uma unidade perfeita de inspirações, photographa as effusões da raça que a creou.

Nella, vibra o que ha de mais intimo

na alma do populacho, que faz, ás vezes, suas, adulterando, as concepções de nossos lyricos, sem abandonar a feição expressiva das cantigas anonymas.

A modinha é e será o producto de uma raça mesclada; tem e terá o cunho proprio e se apresenta e se apresentará com as mesmas fórmulas e sob os mesmos influxos, mas com a espontaneidade e a originalidade que a recommendam.

Não lhe devemos, pois, estatuir outra fonte que a da corrente tradicional popular.

THEODORO MAGALHÃES.

## O ALMIRANTE (48)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPITULO XIX

A marquezia ergueu-se e dirigiu-se com Martins ao gabinete proximo.

— Necessito hoje — disse ella, vendo visivel acanhamento — de cem contos de réis. Póde arranjar-me esse dinheiro?

— Se posso? A excellentíssima comadre manda no que é muito seu.

— E' natural que você fique surprehendido com esse pedido de uma somma tão consideravel.

— Eu nada tenho que ver com isso: a senhora manda, eu obedeço. De resto, isso que chama consideravel é, para a senhora, uma ninharia.

— Não devo ter segredos para o senhor; trata-se de um caso muito grave, de uma conspiração.

Os olhos de Martins exorbitaram, espantados.

— Uma conspiração — continuou a marquezia — para restaurar dentro em poucos dias a monarchia.

O semblante de Martins volveu á calma habitual, destendendo-se num sorriso de incredulidade.

— A victoria da restauração é certa — proseguiu ella, num tom de convicção — tudo está preparado para que não falle o golpe. Necessito, entretanto, que me preste um serviço.

— Estou ás suas ordens.

— O senhor se encarregará de dar o dinheiro á pessoa que lhe apresentar o meu cartão com a senha — *Izabel, a Redemptora*.

— Eu? — exclamou Martins, num movimento de recusa e coçando a cabeça como se procurasse um meio de evitar a grave incumbencia que o surprehendia.

— Sim. Você nada tem que ver com o negocio; é simples banqueiro meu que cumpre uma ordem.

— Entretanto — ponderou Martins — pôdem suspeitar que eu estou met-



tido na conspiração; pôdem descobrir-a.

— Nada receie. Todas as providencias estão tomadas para assegurar o mais absoluto segredo.

— Mas, vossa excellencia sabe que esses conspiradores são vigiados, andam acompanhados pela policia secreta.

A marquezia estacou impaciente ante a inesperada recusa de Martins.

— A comadre sabe — continuou elle com muitas reticencias e evasivas — que tenho mulher e filhos. Pôdem descobrir o conluio e não haverá quem me livre da cumplicidade. Seria um homem perdido, eu, que sempre tive repugnancia por tudo quanto cheira a policia. Seria um horror.

— Eu lhe affirmo que não ha perigo.

— Eu sei que vossa excellencia não seria capaz de arriscar-me, a mim que lhe sou dedicado, mas pôde ser victima da sua bôa-fé e, sem querer, com as melhores intenções deste mundo, deitar a perder um pae de familia. Olhe, excellentissima comadre, eu, sómente de pensar nisso, fico resfriado.

A marquezia encarava no Martins olhos que chispavam com estranho fulgor de colera em relampagos intermittentes. Com um movimento convulsivo, ella comprimia, entrelaçados, os esguios dedos das finas mãos aristocraticas em contorções freneticas.

— Custaria tão pouco — ponderou ella, desdenhosa deante de Martins humilhado — entregar o dinheiro á pessoa indicada...

— A senhora marquezia — interrogou Martins, timidamente — conhece a pessoa que deve recebê-lo?...

— Não, não conheço. — tornou ella promptamente, impressionada pela pergunta.

— Como? Não a conhece e váe entregar tão consideravel somma a um desconhecido que pôde ser um explorador ou um homem incumbido de lhe armar um laço para compromettê-la?...

— Os representantes da conspiração estiveram hontem em nossa casa, mas não me disseram os nomes.

— E' o que eu suspeito. Esses sujeitos são talvez exploradores, minha comadre, da sua paixão politica. Vossa excellencia se convence, facilmente, de tudo quanto lisonjêa a sua idéa fixa, o seu amor pela familia imperial, a sua fé na restauração.

E á proporção que a marquezia vacillava impressionada por essas considerações, Martins readquiria a calma e o desembaraço de homem pratico.

— Não se me daria de apostar — continuou elle — que a comadre váe ser victima de um formidavel conto do vigario.

— Que devo fazer então?...

— Esperar, tomar informações, sa-

ber, ao menos, quem são esses conspiradores...

— Eu não pretendo dar conselhos a vossa excellencia, minha comadre: cumpro, sómente, o dever de dizer o que penso com toda a lealdade. A comadre vive apaixonada pela sua idéa; acceta sem resistencia tudo o que a favorece. Pôde ser que tenha razão. Eu é que lhe peço não me metta nessa embulhada de politica.

— Façamos, então, o que parece mais seguro: o compadre manda-me o dinheiro e pensarei, reflectirei, antes da delibração definitiva.

— Muito bem.

— Se fôsse, entretanto, verdade; se o triumpho dos restauradores dependesse de mim, desse pequeno auxilio; se perdessemos a occasião; se tudo fallhasse por causa da minha hesitação... eu morreria de remorso.

— Fique tranquilla que não chegará a isso.

— Em todo caso — concluiu a marquezia, em tom demasiado grave — isto deve ficar entre nós.

— Não tenha receio: sou muito avêso em dar á lingua sobre negocios que me são confiados.

— Venho interrompel-os? — perguntou Marianinha, á porta do gabinete.

— Não. Já conversamos.

— Vamos, então, almoçar que está passando a hora.

E cingindo a cintura da marquezia, conduziu-a carinhosamente para a sala de jantar.

Durante o almoço, de um cardapio sobrio e delicado, excitada pela alegria dos meninos a brincarem no terraço proximo, a marquezia volven á calma. Seu semblante toldado de preocupações se dilatou num sorriso consolado e os seus bellos olhos melancolicos se illuminaram de suave brilho, como se lhe despertasse a alma, ou fôsse restaurada á plenitude da vida.

— Não imaginas como me sinto outra quando estou contigo — disse ella a Marianinha. — A ventura é communicativa, estimula as minhas forças e e consola-me. E estes meninos tão vigorosos, tão bonitos, tão vivos e intelligentes me commovem, me enlevam. Se vivesse contigo, não teria tempo de me amofinar com pensamentos tristes.

— Está nas suas mãos — responderam Marianinha — Esta casa é sua...

— Eu nada posso dizer — atalhou Martins — porque aqui quem manda, põe e dispõe é a minha cara metade.

— Se, ao contrario, fôsses, passar uns dias comigo?

— O caso muda de figura. A comadre não sabe o que me custaria transportar-me com esta filharada. Seria um Deus nos acuda...

O offercimento de Marianinha seduzira a marquezia, muito disposta a

passar alguns dias com a amiga, pelo menos enquanto Oscar estivesse absorvido pelos trabalhos excepcionaes que tinha entre mãos; mas pensava no projecto de restauração e cedia á necessidade de ficar em casa até o dia designado para o grande acontecimento que libertaria o Brazil do governo revolucionario.

A conversação adejou sobre os amigos e conhecidos. Falou-se na baroneza de Freicho, havia muito esquiva, senão inteiramente afastada das suas relações habituaes. Dizia-se que se lhe aggravára a molestia do utero, impedindo-a de se apertar, de andar, e accrescentava-se que estava muito desfeita, tinha horribes ataques nervosos numa excitação que parecia loucura.

— Ella mora aqui perto — concluiu Marianinha — no Cosme Vellho. Todo o dia projecto fazer-lhe uma visita, mas esta minha vida me toma todo o tempo.

— Se fôssemos vel-a? — propoz a marquezia.

— Vamos.

— Depois daremos um passeio pela rua do Ouvidor para fazermos umas compras. Desde a morte do marquez, não commetto a extravagancia de ir áquella rua.

Terminado o almoço, Marianinha subiu ao andar superior e voltou, dentro em pouco, trajando um elegante vestido de passeio, Martins partiu para o escriptorio e as duas tomaram o carro que as esperava ao portão.

Pouco depois, estavam no palacete do barão de Freicho. A baroneza demorou um pouco a recebê-las. Quando surgiu á porta do salão, mal illuminado pelo sol coado através das cortinas da unica janella aberta, provocou irrepressível movimento de surpresa. A marquezia e Mariana se entreolharam maguadas pela transformação daquella formosa mulher numa creatura esqueletica, mettida num amplo roupão de casemira bordado a matiz. Não lhe disfarçavam a pallidez do rosto, onde brilhavam olhos febrís, alguns toques de carmim; nem fôra necessario tambem avivar as grandes olheiras lividas. Os labios breves e rubros como que tinham encurtado: não lhe cobriam mais os admiraveis dentes.

— Eutão que é isto? — disse a marquezia, indo-lhe ao encontro e amparando-a para conduzi-la a uma poltrona.

Marianinha ajudou-a commovida, tendo os meigos olhos quasi razos de lagrimas.

— Estou para morrer — balbuciou a baroneza, arranjando os cabellos, prezos em desalinho no alto da cabeça, e fazendo faiscarem os aneis que lhe ornavam em profusão os dedos finos, dedos que parecia serem modelados em cêra como os de uma defuncta.

— Não diga isso, baroneza—ata-  
lhoun a marquezia, com meiguice.

— Não me illudo—continuou a do-  
ente num tom dolente, maguando-se a  
cada movimento.

— Ha muito que desejo vel-a, mas  
vivo sósinha, como sabe, sem uma  
pessoa para me acompanhar. Eu tam-  
bem não ando bôa. Estou me sentindo  
velha... Não posso contar com Oscar...

— Oscar?—interrompeu a baroneza,  
como se esse nome lhe cutilasse o cora-  
ção; mas, contendo-se a custo, prose-  
guiu—como vae esse ingrato homem?  
— Todo entregue ao governo.

Os olhos da baroneza augmenta-  
vam de brilho e o peito lhe arfava em  
agoniado descompasso.

— E Dolores que me abandonou.  
Onde anda?—perguntou ella, cortada  
por um soluço.

— Anda por ali—respondeu a mar-  
queza, com hesitação, sacudida por  
um impeto de colera desdenhosa.

As tres senhoras ficaram alguns  
momentos caladas, immoveis, muito  
embaraçadas pelas commoções diver-  
sas que as dominavam.

— Como vae o barão?—perguntou  
a marquezia.

— O barão...vae bem—respondeu  
friamente, a baroneza.—Sempre de  
máu humor, como se eu tivesse culpa  
de estar doente.

— A senhora precisa tratar-se—disse  
Marianinha.—Precisa tratar-se seria-  
mente. Quem é o seu medico?

— Meu medico é... é o doutor Va-  
lente.

A marquezia estremeceu á evocação  
daquelle nome.

— Depois de um longo tratamento  
—continuou a baroneza, de olhos bai-  
xos, falando timidamente—aconse-  
lhou-me uma viagem á Europa, um  
tratamento de aguas não sei de que  
logar, affirmando que estou curada da  
molestia que elle tratou, mas muito  
depauperada. Necessito de tonicos  
para os meus nervos, para o meu san-  
gue. Que sei eu. Para a minha  
cabeça que desvaira... Oh, como te-  
nho soffrido, como sou castigada...

As mãos se lhe crispavam num gesto  
de colera e dos olhos muito abertos  
lhe brotaram lagrimas tenuous, curtas,  
espessas que mal lhe humedeciam as  
palpebras. Todo o seu corpo estre-  
meceu sacudido por forte commoção  
e a cabeça lhe pendeu abandonada  
sobre as almofadas de velludo.

A marquezia tentava consolal-a, mas  
estava extremamente superexcitada  
pelo spectaculo daquella ruina viva  
da bella mulher que ella conhecera  
cheia de vida, cheia de dengues e de  
caprichos. Estava deante da boneca,  
como lhe chamava Dolores, desmante-  
lada, num desalinho horrivel. E esse  
spectaculo doloroso reflectia a situ-  
ação que, talvez, a aguardava, recor-  
dando-lhe as frequentes crises da sua

saúde precaria. Alli estava uma vi-  
ctima da vaidade ou da rebeldia con-  
tra as leis physiologicas, punida pela  
profanação dos mananciaes da vida.  
Seus olhos aterrados se fitavam em  
Marianinha, cujo meigo semblante de  
Madona exprimia um nitido contraste,  
a perfeição da mulher fecunda deante  
dos destroços da mulher esterilizada,  
o espectro da baroneza de Freicho na-  
quelle involucro de pelle retalhada de  
rugas, descolorida e fria, cobrindo  
ossos que marcavam, com asperos an-  
gulos, as dobras do rico roupão de  
casemira, matisada de grandes fôres  
em lustroso relevo. E a marquezia pen-  
sava, tomada de terror, que todas as  
dôres, todos os desastres da materni-  
dade seriam preferiveis ás funestas  
consequencias daquella fraude infame  
de transformar mulheres em pecca-  
doras impunes.

— A's vezes—gemeu a baroneza—  
me accomette uma sensação de va-  
cuo, como que me falta alguma coisa,  
fico leve, fluctuo no espaço, num sonho  
horrivel. Depois, parece que vou caído  
num abysmo sem fim, desperto vi-  
olentamente sacudida por palpitações  
do coração doido dentro do meu peito.  
Readquiro forças e, numa excitação  
diabolica, véem-me desejos monstros-  
os, tentações vis, como se eu fôsse  
a mais degradada das mulheres, allu-  
cinada num delirio de amor bestial...

(Continúa).

## XADREZ

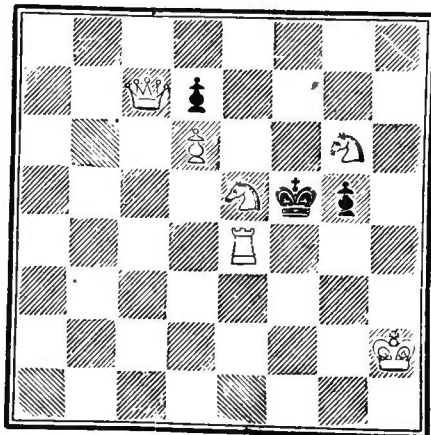
### TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Sabemos que brevemente se realizará no  
Club dos Diarios, desta Capital, um torneio  
de partidas *à but*. Nestas condições, é natu-  
ral que se inscrevam relativamente poucos  
amadores. Lembraríamos, se nos fôsse per-  
mittido, á digna directoria do Club, que,  
 neste caso, organisasse dois torneios simul-  
taneos para interessar maior numero de jo-  
gadores. Esta revista acompanhará com o  
maior interesse a lucta que se annuncia e  
dilatará esta secção tanto quanto seja pre-  
ciso, para dar a mais completa noticia dos  
incidentes e da marcha do torneio.

### PROBLEMA N. 18

Tacito & Lipman

PRETAS (3)



BRANCAS (6)

Mate em tres lances.

### PARTIDA N.º 18

#### GAMBITO REI RECUSADO

Brancas		Pretas	
(D. Forsyth)		F. K. Kelling)	
P 4 R	— 1 —	P 4 R	
P 4 B R	— 2 —	P 4 D	
P × P D	— 3 —	P × P	
B 4 B D	— 4 —	D 5 T R x	
R 1 B	— 5 —	P 6 B R (a)	
B 5 C D x	— 6 —	P 3 B D	
C × P	— 7 —	D 4 T R	
D 2 R x	— 8 —	R 1 D	
P × P	— 9 —	P × P	
B 4 B D	— 10 —	B 3 D	
C 3 D B (b)	— 11 —	C 2 R	
P 3 D	— 12 —	C 4 B R	
C 4 R	— 13 —	T 1 R	
D 2 B R (c)	— 14 —	B 2 B D	
B 3 R	— 15 —	C 2 D	
B × P T (d)	— 16 —	P 4 B D (e)	
B × P B D	— 17 —	C × B	
C × C? (f)	— 18 —	C 6 R x	
R 1 C	— 19 —	D × C	
B × P (g)	— 20 —	T 2 R	
P 4 D	— 21 —	D 4 B R	
B 3 C D	— 22 —	T 3 T D	
T 1 R	— 23 —	B 5 B R	
P 3 C R	— 24 —	B 3 T R	
C 5 B	— 25 —	D 5 R! (h)	
P 3 T R	— 26 —	T 3 B R	
D 2 D	— 27 —	D 4 B R	
D 2 R	— 28 —	T 1 R	
C 4 C R	— 29 —	D 3 C R (i)	
B 4 T D (j)	— 30 —	T (1 R) 3 R	
B 3 C D	— 31 —	C × C	
B × T	— 32 —	T × B	
D 1 B	— 33 —	T × T	
D × T	— 34 —	B 6 R x	
abandonam	— 35 —		

Esta interessante partida jogada este  
anno no torneio para o campeonato da Nova-  
Zelandia, obteve o premio da *mais brilhante*.

(a) Sacrificam um pião de bom valor e  
por um jogo correcto as Br. o guardam defi-  
nitivamente.

(b) 11—P 4 D era mais forte; se as Pr.  
respondem C 2 R, então 12—B 3 R, C 4 B R;  
13—C 5 C R, etc.

(c) Podiam offerecer a troca das D por  
C (3 B) 5 C R.

(d) Imprudente. 16—T 1 R seria prefe-  
rivel.

(e) Isto dá ao adversario occasião de  
tomar o C com a D no 18.º lance com uma  
posição inteiramente favoravel. As Pr. de-  
veriam tomar o B, a variante era mais com-  
plicada, mas fazia ganhar: 18... T × B;  
19—D × T, B 3 C D; 20—D 4 T D, C 6 R  
x; 21—R 2 R, C × B; 22—D × C, P 4 B R,  
etc.

(f) Deveriam jogar 18—D × C; se .: C 6  
C R x; 19—P × C, D × T x; 20—R 2 B, D  
× T; 21—D 5 D x, R 2 R; 22—D × P x, R 1  
D; 23—D 5 D x, B 2 R, as Br. podem dar  
xaque perpetuo ou tentar ganhar por D × T  
etc.

(g) Não tinham tempo para esta captura;  
era preciso tentar pôr a T R em jogo, avan-  
çando o P T R.

(h) Um excellente lance.

(i) Ainda um bom lance.

(j) A partida está perdida, 30—T 2 T R  
faria somente prolongal-a. (Notas de Hal-  
lings).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 15 (N. Teres-  
tchenko): 1 — R 1 R, *ad libitum*; 2 — B, P  
mate.

JOSÉ GETULIO.

As officinas dos «Annaes», dispondo,  
de um material completamente novo e  
moderno, executam todo e qualquer tra-  
balho typographico.

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000  
 ---  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 ---  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Fomos prazenteiramente surprehendidos com a agradavel noticia de uma mensagem do sr. presidente da Republica ao Senado, com o autographo da resolução do Congresso, approvando os actos do governo durante o ultimo estado de sitio, devidamente sancionada.

A nossa surpresa não foi provocada pela approvação dos actos do governo, porque é um dos capitulos do Evangelho politico approvar o Congresso os feitos do seu creador, do seu eleitor, daquelle em cujas entranhas foi gerado; não proveio tambem da sanção propriamente dita, porque não é possivel o absurdo de se revoltar o governo contra o *bill* de idemnidade absolvendo-o de todas as medidas excessivas, iuspiradas pelo terror ou por um legitimo instincto de defeza propria, intimamente ligada á preservaçao da ordem publica: o que nos infligiu uma commovedora explosão de espanto foi a repetição dessa estranha praxe de ser o governo réo e juiz ao mesmo tempo, comparecendo ao supremo tribunal da soberania nacional e sancionando, elle mesmo, o *veredictum* implorado.

Não ha duvida que uma das mais sublimes funcções constitucionaes do poder executivo é partilhar das attribuições do poder legislativo sancionando ou vétando as deliberações deste; destas, porém, algumas escapam, pela sua natureza, á intervençao daquelle orgão do aparelho digestivo da Republica.

Meditando bem sobre este ponto de direito politico, chega-se, forçosamente, á conclusao de que, quem póde sancionar, póde vétar. Assim como o presidente da Republica tem attribuição para sancionar a resolução que approvou, consoladoramente, os seus actos durante os tres estados de sitio, deveria tel-a tambem para a delibe-

ração que reprovasse aquelles actos, creando uma situação de difficuldades inextrinçaveis.

Se uma resolução dessa ordem se equiparar ás outras, propriamente legislativas, chega-se ao surprehendente resultado que pôz em superexcitado movimento os meus decrepitos miólos, deshabituaados a esses conflictos entre os factos e a razão, entre a pratica e as infalliveis indicações do bom senso.

No regimen dessa praxe, seria logico conceder ao poder executivo a faculdade de negar sanção á deliberação do Congresso suspendendo o sitio, decretado na sua auzencia, nos breves dias em que as estiradas sessões parlamentares permittirem aos representantes da nação, rapida visita aos seus eleitores, ás suas familias, aos seus penates.

A consequencia seria, neccessariamente, uma briga entre comadres: o Congresso diria: está suspenso o sitio; não ha necessidade disso; o presidente da Republica replicaria: está se ninando; sómente eu sei as linhas com que me cõso. Não sanciono o teu disparate, e haja sitio.

Esses conflictos do absurdo com o verosimil seriam evitados, si fõssem obedecidos os dictames de raciocinio, superiores á intrinçada frieza dos textos legaes, mal entendidos e peor applicados. Esses dictames affirmam, na sua simplicidade lucida, intuitiva, que ha deliberações excluidas por sua natureza da intervençao, da collaboraçao do poder executivo, sendo uma dellas essa concernente ao conhecimento e julgamento dos actos praticados pelo governo, durante o interregno constitucional, (phrase recentemente consagrada) grande hiato de que não escaparam as proprias immuniades dos representantes da nação, conforme a jurisprudencia que elles firmaram, num grande e patriotico assomo de servilismo ultra conservador.

A Constituiçao não justifica nem impõe essa pratica. Cascavilhando nas

suas entranhas mesentericas, verifica-se que ella contém o preceito de legislar o Congresso sobre o uso ou abuso das attribuições excepçionaes, conferidas ao Poder Executivo durante o estado de sitio. Ella impõe apenas a obrigaçao, compendiada no art. 80: « Logo que se reunir o Congresso, o presidente da Republica lhe relatará, motivando-as, as medidas de excepção que houverem sido tomadas ».

Está claro, como a luz meridiana, que esse relatorio não póde determinar uma deliberação legislativa. O Congresso estuda-o, approva ou reprova os actos ou as façanhas nelle descriptas: no primeiro caso, promulga a sua deliberação repicando os sinos e soltando o foguetorio dos louvores á patriotica attitude do governo salvador da ordem publica e das instituições; na segunda hypothese, defrontará a dolorosa contingencia de mandar submeter a processo o presidente que esguichou fóra da amphora constitucional com actos de violencia, de desbordamentos puniveis.

Num, como noutro caso, a sanção é uma excrescencia absurda, pela evidentissima razão de que é inadmissivel, como consagração do acto do Congresso, julgando a responsabilidade de quem tem a attribuição de sancionar, collocando o presidente da Republica na curiosa, na grottesca posição de réo, sancionando a sentença do tribunal que o julgou.

Esse caso deveria ser equiparado, pela identidade perfeita, á sentença do Senado constituido em tribunal de justiça, cuja seutença é promulgada soberanamente, sem dependencia de intervençao de qualquer dos outros poderes.

Bastaria que o Congresso communicasse ao presidente da Republica que os seus actos fõram approvados, que os representantes da nação tinham entoado um humilissimo *amen*, lamentando que s. ex. não fõsse menos clemente, dando para baixo

com mão de ferro nessa cambada de revoltosos que vivem perturbando o placido somno da Republica, revoltosos que elle, Congresso, acabava de glorificar com a apothese da amnistia, correndo o denso véo do olvido sobre os luctuosos acontecimentos de 14 de novembro. Seria uma incougruencia com as luzes, com a sabedoria official do Congresso, amnistiar os responsaveis por esses factos e não amnistiar o presidente da Republica, responsavel pelos excessos indispensaveis para a affirmação da força e do prestigio do Poder Executivo.

Além disso, dava-se, no caso, certa cumplicidade resultante da patriotica attitude do Congresso, submettendo-se de bôa vontade ao papel de subscrever, incondicionalmente, os decretos de estado de sitio.

Se, porém, bem estudadas as disposições constitucionaes e admittidas a obediencia passiva ás imposições da praxe, era indispensavel a sancção, como santos oleos para o sacramento dos actos do governo, ella deveria ser especial, *sui generis*, adaptada ás circumstancias. Não deveria consistir na repetição de uma fórmula banal de consagração das leis ordinarias, mesmo muito ordinarias que vão deturpando as instituições democraticas, seuão de uma expansão de agradecimento sincero, enunciada em termos de assucarada ternura para exprimir, de maneira pallida, a gratidão do presidente da Republica.

Ou isto, uma sancção sentimental, uma saucção concisa, misturada de gratidão e mysticismo, nestes termos :

— Muito obrigado. Deus lhe pague; Nosso Senhor lhe dê vida e saúde para futuros actos de misericórdia.

POJUCAN.

### Um Compendio de Geographia elementar

Uma disciplina infeliz no Brazil é a geographia. Desde que aqui começou a ser ensinada até hoje o foi sempre broncamente, por máus professores, salvo algumas raras excepções, e máus compendios que, ainda depois da refôrma radical porque passou o estudo da geographia no meiado do seculo passado, principalmente na Allemanha, não viam na geographia sinão um rôl de nomes de accidentes e de lugares. Em geographia, como

em tudo o mais, a nossa unica mestra era a França, que nunca soube geographia, como lhe reprochava Goethe, e que foi talvez o ultimo dos paizes de grande cultura a se pôr na escola da nova concepção do que era esta sciencia da descrição do planeta. Ainda hoje, apesar dos E. Reclus, dos Schraders, dos Lablaches, e de todo esse movimento de refôrma do ensino geographico em França, tal ensino ainda allí deixa muito a desejar, ainda se resente do velho criterio que por seculos o dirigiu, ainda é, em summa, atrazado. É principalmente por compendios francezes, e dos mais defeituosos, como o chamado de F. I. C., hoje aqui muito em voga, não obstante pessimo, que ensinam e aprendem os nossos professores e discipulos de geographia. De sorte que nesse ensino entre nós reina ainda despoticamente a nomenclatura arida, a decoração bronca de coisas desnecessarias; e que verdadeiramente o estudo da terra, dos seus aspectos, das suas feições, como habitaculo do homem e campo da sua actividade, da sua influencia na direcção dessa actividade, dos estorvos que lhe oppõe ou das facilidades com que o favorece, fica sempre por fazer.

No Brazil, a nova concepção dos estudos geographicos entrou com os trabalhos, originaes ou não, mas todos, infelizmente fragmentarios, do sr. Capistrano de Abreu, o vulgarizador da *Geographia physica do Brazil* de Wappæus, (1884) que é ainda hoje o nosso melhor livro do assumpto. Antes, é certo, os trabalhos do professor Hartt, e dos seus companheiros da Commissão geologica, Smith, Derby, Branner, tinham applicado á geographia do Brazil o novo criterio desses estudos. Mas aquella obra de Wappæus e outras publicações geographicas do sr. Capistrano de Abreu fôram que aqui o vulgarizaram. Vulgarizaram é um modo dizer, porque a despeito dellas e da excellente traducção do magnifico livro de Elisen Reclus sobre o Brazil, o nosso modelo continúa ser o Gauttier, e quejandos, e os nossos compendios de geographia mais populares são os de Fuão Lacerda, uns livros indigestissimos, cuja só adopção no nosso ensino geographico é o maior documento contra este.

Do que é esse ensino aqui, ainda nos estabelecimentos mais famosos, dará testemunho este facto, passado commigo. Vi um dia, quando dirigia um desses estabelecimentos, chegar-se a mim o professor que então ensinava essa materia, e muito contente communicar-me que alguns dos seus discipulos tinham-lhe, aquelle dia, dito de cór mais de 50 cidades e villas de Minas-Geraes. E ainda tenho presente o escandalo que lhe causei, quando lhe obtemperei :

— E que monta isso? No meu paecer, não vale nada; esses rapazes não ficam conhecendo Minas por lhe saberm o nome de 50 cidades e villas, que terão esquecido dentro de poucos dias, desde que a esses nomes não se liga no seu espirito nenhuma circumstancia que deva favorecer a retenção delles na sua memoria.

O professor, que morreu em cheiro de geographo, mas que de geographia nunca teve nenhuma idéa exacta, ficou sem duvida tendo de mim fraca opinião, e perseverou com certeza em fazer os seus pobres alumnos decorar nomes, a pretexto de estudarem geographia. Sei de outros casos analogos, como de se exigir que os discipulos digam de cór os gráus de latitude e longitude em que ficam taes paizes, o numero exacto da sua superficie kilometrica ou da sua população, etc. E' aqui coisa muito commum nas aulas de geographia exigir dos alumnos não só a nomenclatura exhaustiva dos accidentes geographicos, mas o seu numero, assim: a Europa tem tantos cabos, tantas peninsulas, tantos golphos, como si fôsse possivel saber com certeza mathematica, que essa numeração suppõe, o numero desses e que taes accidentes.

Lastimando como pedagogo e como pae esta miseravel situação do ensino geographico, com real prazer soube que o professor Said Ali preparava um compendio de geographia.

O professor Said Ali é um dos nossos melhores espiritos pela segurança da sua cultura, feita com seriedade em fontes bôas e originaes, por uma indole mental pouco dada ás phantasias e improvisos da nossa pseudo erudição, e por um criterio pedagogico devido a uma bôa instrução germanica, theorica e pratica. Comquanto estude e trabalhe muito, escreve pouco, mas o que escreve é bom, porque é estudado, reflectido, penderado e não vem directamente das revistas de vulgarização barata e das encyclopedias à *la portée des gens du monde*. Os seus trabalhos de linguistica, e a linguistica é sua especialidade, são seguramente das mais criteriosas que temos, e é realmente pena que elle não tenha produzido mais.

Comquanto não seja geographo nem professor de geographia, o sr. Said Ali offerecia garantias de um trabalho, embóra elementar e de segunda mão, meditado e bem feito.

E não nos enganamos. O seu pequeno compendio de geographia, editado pela casa Laemmert, é, para o ensino a que se destina, excellente. Sem a aridez das interminaveis nomenclaturas, diz o necessario para o conhecimento, feito com intelligencia e aprazimento, do Globo. A sua lingua é simples, clara, sem os pedantismos costumeiros da nossa sciencia de impro-

viso, potamographias, acrotreographias, e outras inuteis gregrices geographicas que passaram dos sabios tratados europeus para os nossos mofinos compendios elementares. Toda a exposição, sobre correctã e conforme com as mais recentes e mais bem apuradas aquisições geographicas, é methodica, simples, natural, correntia, sem difficuldades de estylo ou de vocabulario, em summa, feita com intelligencia. Attendendo a importancia historica, politica e social de cada parte do mundo, e de cada paiz, nenhum é sacrificada ao outro, todas têm neste compendio importancia merecida. E, sem abusar do pitoresco, abuso que é tambem um defeito no ensino elementar da geographia, este compendio emprega-o discretamente, deixando ao mestre ampliar-o segundo lhe parecer melhor. Em todo caso, terá o mestre neste compendio um bom guia, muito melhor do que ha por ali em portuguez.

Tenho, entretanto, uma censura ou, ao menos, um reparo a fazer-lhe, referente á transcrição dos nomes geographicos estrangeiros.

Penso que devemos, seguindo o que fizeram os nossos maiores, os classicos da nossa lingua, e o que praticam quasi todos os povos cultos, transcrever os nomes geographicos estrangeiros segundo a indole do nosso falar. E' mais um signal de autonomia e de individualidade que uma lingua dá de si. Sei que é muito difficil, sinão impossivel, estabelecer um criterio seguro para essas transcrições. Mas o povo, mais sabio que os philologos, nol-o fornece, ao menos praticamente. Assim o povo portuguez não consentiu em dizer *London* mas *Londres*, *Bordeaux* mas *Bordéos*, *Toulouse* mas *Tolosa*, *Firenze* mas *Florença*. E os seus escriptores, os seus classicos, muitos dos quaes fôram tambem os seus geographos, no mais lato sentido desta designação, os seus navegadores, que fôram os grandes descobridores do mundo e os grandes factores da geographia do seculo XV ao XVII, transcreveram sempre os nomes exóticos adaptando-os á indole phonetica da sua lingua e ao seu ouvido e falar portuguez. E com tanto mais direito o faziam, ao menos pelo que toca aos mundos novos, que eram elles que revelavam esses nomes ao mundo. E' notavel, e em honra desses descobridores de todo estranhos á philologia, que as modernas investigações geographico-philologicas justificam as suas transcrições. Si bem que o criterio que temos para ellas seja ainda indeciso e falho, ha já, nos escriptos dos antigos portuguezes, nos seus classicos que trataram dos factos dos descobrimentos e conquistas, inclusive nos seus poetas, como Camões, na tradição oral da lingua e tambem em trabalhos especiaes mais

recentes dos philologos portuguezes, como os srs. Gonçalves Vianna, Vasconcellos Abreu, Candido de Figueiredo e outros, elementos bastantes para o estabelecer, com relativa segurança. E o sr. Said Ali tinha tudo o que era preciso para concorrer effica e competentemente para essa obra da fixação da onomastica geographica da nossa lingua.

Entretanto, o seu compendio mantém e até exagera o mesmo systema, ou melhor, modo incongruente e disparatado de transcrição dos nomes geographicos exóticos. E muitas vezes tambem manifestamente errado ou illogico. Assim escreve em francez *Isle de France* num compendio para brazileiros, e segundo uma orthographia usual, mas evidentemente errada, *Pariz* com *z* em vez de *s*.

Si em portuguez já existem e auctorizadas, Ruão, Loira, Vendéa, Bordéos, Tolosa, porque conservar no seu compendio as fórmas francezas, Rouen, Loire, Vendée, Bordeaux, Toulouse? Franche Comté deveria ser escripto Franco-Condado ou Condado-franco, como se diz e se escreve geralmente. E eu poderia multiplicar estes reparos, notando crescido numero de casos particulares, a que se applicam. E ha nisto incoherencia, porque ás vezes o sr. Said Ali dá os nomes na sua fórma portugueza ou aportuguezada, outras vezes na sua fórma indigena.

Mais me repugna este seu modo de proceder em se tratando de nomes africanos ou asiaticos, nomes que fôram os portuguezes que revelaram á Europa, a cuja deturpação posterior nós os vamos tomar errados. Por imitação de estrangeiros, cuja lingua não pôde dar o ditongo *ão*, dizemos erradamente Turkestan, Belutchistan, Afghanistan, quando deviamos fazer essas palavras terminarem em *tão*, como Hindostão. Foi assim que transcreveram todos esses nomes, inclusive Sudão, os antigos escriptores, viajantes e geographos portuguezes; assim dizia o povo. De algum tempo a esta parte em Portugal, e aqui mesmo, entrou-se a voltar a estas fórmas em *tão*, unicas correctas. Porque preferiria o sr. Said Ali a fórma dos estranhos? E, entretanto, escreve muito bem Sudão, como escreve muito bem Timbaktu e Dahomé, e não Tombuktú e Dahomey, como andam por ali viciosamente escriptos.

Mas, que levou o sr. Said Ali a chamar Massauá á cidade da Erytréa, na Abyssinia, que elle escreve Abessinia, talvez com melhor razão etymologica? Os francezes escrevem este nome *Massaouah*, os italianos *Massaua*, os inglezes *Massawa* ou *Massowah*. Camões (Lus. X, 97) e Barros, porém, escreveram Maçuá. Pois não seria melhor conservar esta transcrição, que com cer-

teza é legitima? Porque não havemos de, como elles, escrever e dizer Camboja, Guardafú, Ainão, em vez de ir pedir a estranhos a transcrição de nomes que, pela maior parte, fôram os nossos antepassados que lhes ensinaram?

Mais grave do que estes senões, ou que tal me parecem, é escrever o sr. Said Ali Algeria, á franceza, quando a palavra em portuguez é Argelia, como é Argel a sua capital.

Parece-me ter toda a razão o eximio philologo portuguez, sr. Gonçalves Vianna, quando reclama que os compendios geographicos indiquem a pronuncia portugueza dos nomes proprios, visto como no ensino dessa disciplina convém não deixar introduzir erros que difficilmente se corrigem ao depois.

Esta necessidade foi inteiramente desconhecida no *Compendio* do sr. Said Ali, e nas aulas em que elle fôr empregado continuará a incerteza prosodica, de Sahara ou Sahará, Oceania ou Oceânia, Gibráltar ou Gibraltár. Nem o facto de não ser ainda possivel fixar uma graphia e uma pronuncia correctã para todos esses vocabulos, não justifica se continue a deixal-as ao bel prazer de mestres, nem sempre capazes; havendo já crescidissimo numero desses nomes cuja graphia e pronuncia pôdem ser fixados. Ao menos para esses, conviria uma transcrição systematica.

Como vêem, estes reparos em nada prejudicam o valor real do *Compendio de geographia elementar* do sr. Said Ali. Si elle os achar attendiveis, como me parecem, facilmente corrigirá esse defeito nas successivas edições, que não pôde deixar de ter o seu livro,

Nessas convirá tambem, e muito, melhoral-o com maior copia de illustrações e algumas cartas geographicas, cuja falta é sensivel nesta primeira edição.

JOSÉ VERISSIMO.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*As poeiras — Longas experiencias sobre o emprego do chlorureto de magnesium contra o sublevamento da poeira.*

Um eminente chimico de Tarbes, Philibert-Delair, fez longas experiencias sobre o emprego, contra o sublevamento da poeira, do chlorureto de magnesium, que, pela sua natureza muito deliquescente em solução concentrada, se evapora lentamente, de sorte que certos corpos ou materias impregnados delle conservam uma especie de humidade que os torna aptos a se fixarem como as poeiras e diminutos residuos, tornando-os mais pezados sem se aglutinarem, donde se

deduziu a indicação daquelle producto contra o pó dos ladrillos e das ruas.

Elle não tem a propriedade de supprimir a materia pulverulenta nem as suas causas; o seu papel se limita a communicar-lhe certa densidade que impede se tornar ella incommoda ou favorecer a dispersão de germens infecciosos.

Duas applicações successivas, com um dia de intervallo, de uma solução hydratada a 3º B., bastaram para impregnar, durante seis mezes, as madeiras empregadas na construcção de assoalhos. A inibição é completa duas horas após a applicação. A varredura se opera, então, em excellentes condições: o pó, posto em movimento, cae em vez de se sublevar e é arrastado e expellido sem difficuldade.

A solução de chlorureto de magnésium a 30º B., vale 9 francos o hectolitro. Um litro póde impregnar uma superficie de 6 metros quadrados, de sorte que a despêza com duas applicações vem a ser de 0, fr. 03, por metro quadrado. Nos caminhos e ruas, a solução deve ser de 20º B.

O processo é simples e barato.

\* \*

*Telegrapho sem fio — A radioterapia applicada á mechanica — As experiencias do sr. Branly no Trocadero.*

O sr. Branly fez recentemente no Trocadero, em Pariz, experiencias sobre a radiographia applicada á mechanica.

Nessa ordem de idéas, na Exposição de S. Luiz, um premio deveria ser conferido ao inventor que conseguisse transmitir, sem fio, a energia de um decimo de cavallo á distancia minima de 300 metros da fonte. Esse premio não foi ganho: queria-se applicar á descoberta dos balões dirigiveis. Da mesma maneira, seria possível manobrar lemes de navios, regular a marcha e direcção de torpedos automoveis e de submarinos.

Um professor da Universidade de Strasburgo, o sr. Braun, descobriu um processo pelo qual as ondas hertzianas pódem ser transmittidas em uma só direcção seguindo uma linha recta, ao passo que, antes, ellas se espalhavam numa série de movimentos circulares. As ondas são projectadas por uma especie de reflector.

Essas experiencias, que tanto interesse suscitaram na Europa e na America do Norte, visam o objectivo que o nosso conterraneo sr. Torquato Lamarão conseguiu com o mais brilhante exito, applicando ondas hertzianas á direcção de um torpedo automatico com os multiplos movimentos que temos, por vezes, descripto nesta secção dos *Annaes*.

As experiencias repetidas, feitas pelo inventor brasileiro, fôram uma demon-

stração completa da applicação da radiographia á mechanica.

Elle teria, certamente, ganho o premio da Exposição de S. Luiz si não fôsse um brasileiro asphyxiado na atmosphera de indifferença, onde succubem, ignorados ou ficam reduzidos á inercia, os homens que inventam alguma coisa neste paiz.

Não será para admirar que, um bello dia, venha do estrangeiro a noticia dessa maravilhosa descoberta como uma novidade que tem, no Brazil, pelo menos, quatro annos de existencia e vulgarisação restricta aos nossos limites territoriaes, porque as nossas idéas não conseguem atravessar o Atlantico.

Se Santos Dumont realisasse as suas experiencias no Brazil não seria, como é hoje, uma celebridade mundial.

\* \*

*Somno extraordinario de Benita de la Fuente, durante trinta e dois annos.*

De Burgos signalam o caso extraordinario de uma mulher de Villacienzo, Benita de la Fuente, que despertou depois de 32 annos de somno.

Foi em 1874 que ella caíu em cataleptia. Desde então, a sua unica alimentação consistiu na absorpção forçada de uma pouca d'agua, de caldo ou de leite.

Essa mulher, depois de despertar, recuperou a fala e pediu que lhe não dessem mais leite. Tres dias mais tarde, a familia fel-a levantar e andar pelo quarto. Ella reconheceu todos os parentes, mas não se lembra de coisa alguma anterior ao somno e recusa, absolutamente, crer que estivesse dormindo durante 32 annos.

Adormeceu moça e despertou velha, pois conta, actualmente, 62 annos de idade.

\* \*

*Os ultimos estudos do dr. Lachaud sobre a tuberculose no exercito francez applicaveis ao nosso—Os resultados.*

Téem immediato interesse para os nossos profissioaes militares, preocupados, neste momento, com a reforma do exercito, os estudos do dr. Lachaud sobre a tuberculose no exercito francez.

Dados estatisticos, de absoluta segurança, demonstram que o algarismo das reformas e obitos pela tuberculose no exercito francez, durante tres annos 1888, 1889-1900, attingiu a 11.051 homens, perfazendo uma média de 3.085 tuberculosos por anno.

Esses resultados funestos são attribuidos a dois factores dominantes da etiologia d a tuberculose: 1º, a revisão, que é um máu filtro, deixando passar homens absolutamente incapazes de

pegar em armas; 2º, o quartel pelo má estado dos alojamentos, pela má hygiene dos soldados, pela falta de obediencia aos preceitos mais importante para evitar ou attennar os germens a propagação da terrivel molestia.

Os quartéis velhos, sem architectura especial, são verdadeiros viveiros donde saem, annualmente, cinco mil doentes que vão propagar o mal.

Nós não conhecemos a estatistica da tuberculose nos quartéis do exercito nacional; podemos, entretanto, fazer uma idéa do que seja o estado sanitario do exercito pelo effeitos desastrosos de recentes expedições, como essas do Amazonas, em que batalhões inteiros fôram aniquilados, pela razão evidente de não ter havido sollicitude intelligente, não terem concorrido elementos de prophylaxia na organização do material de saúde daquellas expedições.

E' notorio que não ha o menor escrupulo no recrutamento dos nossos soldados; não sómente quanto á capacidade moral, como quanto á physica. As fileiras do exercito estão cheias de homens colhidos nos residuos da sociedade, homens contaminados de vicios moraes e physicos, notadamente alcoolicos, syphiliticos e tuberculosos, que da dispersão em que viviam são concentrados numa communhão systematica, para se tornarem fecundos elementos de propagação dos males de que são portadores.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*De Concordia ao Mocoretá — O primeiro encontro das forças alliadas, sob o commando do general Mitre.*

No Ayuychico, o meu regimento abarracou na encosta de uma cochilha, donde viamos matisando de leve o campo amarellado pela crestadura das geadas, as manchas esbranquiçadas dos arraiaes da Alliança, cujos fogões cavados no chão ou ao rez delle, mal providos de lenha, demasiado escassa, além de humida, desprendiam tenue fumo, quasi tão branco como as alvas tendas salpicadas de gelo, irisando-se de leve aos beijos frios do triste sol do inverno.

Os nossos canhões de bronze, limpos como ouro, não tinham o brilho vivo dos fulgores radiantes, porque os envolvia uma camada de orvalho. Estavam todos alinhados, olhando mudos para o campo amigo, e a recta formada pelas suas tapas pintadas de vermelho parecia traçada a cordel. O velho Mallet não brincava, quando, elle proprio, collocado á direita da linha, rectificava as suas pequenas curvaturas. A' rectaguarda das peças via-se a fileira dos armões e depois os carros man-

chegos e as galeras. As nossas baracas estavam também alinhadas correspondendo ás baterias. Os officiaes tinham as suas mais para traz; e a do commandante, a maior de todas, correspondia ao centro do regimento, com uma carretilha ao lado, onde conduzia o grande velho a sua bagagem, que não era muita. Todo o rio-grandense que se estima, não dispensa esse vehiculo nas suas travessias pela campanha do formoso Estado, que, naquella epocha remota, não possuia a facilidade de communicações que hoje tem.

Foi no Ayuychico que os soldados das tres nações alliadas se reuniram pela primeira vez, sob o commando do seu illustre general em chefe d. Bartholomeu Mitre, presidente da Republica Argentina, que nessa guerra sanguinolenta conquistou, por actos de previsão patriotica, a gratidão dos seus concidadãos, que justamente o idolatram. Era moço ainda, apenas com 44 annos de idade, de elevada estatura e porte elegante, usava barba cerrada, longa cabelleira cacheada, e na larga fronte via-se a depressão da cicatriz de um ferimento recebido nas luctas que sustentou em defeza das liberdades patrias. O destaque que nellas adquiriu elevou-o á culminancia politica, e o artigo 3º do tratado de 1º de maio de 1865, da Triplice Alliança, conferiu-lhe o commando em chefe do exercito alliado.

A nossa demora foi de duas semanas, mais ou menos, que passámos açotados pelos ventos frios dos pampas zunindo nas guias das barracas, que mal se podiam defender contra as rajadas violentas. Não raro, a agua amanhacia gelada nos baldes e o faxineiro ia ao arroio buscal-a liquida para as nossas abluções matinaes. De vez em quando, ouviamos algum soldado do regimento, que era composto de *guasacas*, exclamar em tom de motejo aos poucos camaradas do norte, quando as lufadas passavam gemendo:—Mandae, Mãe de Deus, mais uns dias de *Minuano* para acabar com tudo que é bahiano». Bahiano, para aquella gente simples e bôa, era o brasileiro que não nascera na sua provincia.

Para elles, o Brazil dividia-se em duas partes:—uma, muito grande e de bons ginetes, a que davam o nome de Provincia; a outra... a Bahia, pequena, e de gente que não sabia montar a cavallo.

Apezar dos rigores da estação, os nossos batalhões não tinham descauço, principalmente os que estavam sob o commando do general Sampaio, que era rigoroso e exigente e dava-lhes exercicio uma e duas vezes por dia.

Era preciso instruir aquelles soldados bisonhos, mas de bôa vontade, e animados pelo grande amor da patria, que os fez praticar façanhas immortaes. Os argentinos e orientaes, que

acampavam perto de nós, exercitavam-se também e dava gosto vel-os manobrar, marchando alinhados nas conversões e executando com garbo e firmeza o manejo da arma. Nasceu o estimulo entre todos; e os nossos *pai-zanos* em pouco tempo fizeram progressos admiraveis.

Entre nós e a cidade de Concordia, corria o arroio Juquery, que não dava váu naquella estação do anno, em que a cheia do Uruguay lhe represava as aguas. O illustre chefe da commissão de engenheiros, tenente-coronel Carvalho dirigia a construcção de uma ponte de bateis, onde deviamos atravessal-o, que o batalhão de engenheiros construía. Nos meados de julho, ficou prompta, e no dia 15 o pequeno exercito sob o commando do general Mitre fez a sua primeira marcha. O meu regimento havia recebido nas vespersas cavalhada e mulada gordas que, valha a verdade, não primavam pela mansidão, qualidade que não era, entretanto, indispensavel para os seus artilheiros e conductores, que podiam ensinar qualquer *bagual* e entrar em fórma com elle. Entre os nossos officiaes rio-grandenses, havia excellentes cavalleiros; massobresaía, entre todos, o 2º tenente Justino da Silveira, que não sabia andar a pé. Alto, barbado e elegante, quando na disparada saía *lindo* arrastando as chilenas, depois de nma *rodada* proposital; dava pena vel-o como um papagaio caminhando no chão, com as pernas arqueadas, cambeteando e as pontas dos pés voltadas para dentro. Esse bom e brando centauro, que não dava uma pranchada para não estragar a espada nova, que tinha comprado havia vinte annos, foi transferido mais tarde para a infantaria, por não ter o curso da arma. Não podia ser mais cruel a recompensa que lhe infligira o governo, abrindo uma porta ás suas modestas aspirações de promoção. Os officiaes de artilharia sem curso, naquelle primeiro periodo da campanha, não passavam de *pharmaceuticos*; eram condemnados á pena eterna de uma *lagartixa* apenas.

Ao clarear do dia brumoso e humido pela *garôa* fria, que nos molhava insensivelmente, entrámos em fórma desarmados. Formámos grande circulo para encerrar os animaes; os laçadores fôram para o meio e cada um de nós, armado de *boçal* de *guasaca* bem *sovada* com argollas de latão muito limpas, esperava a vez de pegar a sua cavalgadura. O sargento Candido de Medeiros era um forte typo de mestiço e ninguem o excedia como laçador. Não perdia um tiro de laço, apezar de haver cavallos amestrados em negacear. Já quasi todos, conductores e artilheiros, estavam servidos, e eu, pela timidez natural ao recruta, esperava a minha vez e ia ficando para o fim. O com-

mandante da minha bateria era o capitão Antonio Carlos de Magalhães, official illustre, querido e respeitado pelas grandes virtudes que o distinguíam. Era mineiro; e si estava debaixo do arnez é porque tinha vocação decidida para a carreira militar. O filho de Minas Geraes sempre foi refractario ás armas e isto data de longe. Já em 1823, na Assembléa Constituinte, o paulista Nicoláu Vergueiro affirmava essa verdade. São raros os mineiros soldados, mas esses poucos são bons e pódem servir de exemplo aos melhores. Carlos Magalhães e Gomes Carneiro fôram emulos dos mais esforçados.

O capitão perguntou, com a vóz pausada e grave que lhe era peculiar:

— Quem falta pegar cavallo?

O sargento Medeiros, relanceando o vivo olhar pelo circulo, responde:— O sr. cadete Dionysio.

— Lace um para elle — ordenou.

O sargento, gaúcho ás direitas, agil e desempenado, arrou o laço, reboleou-o para cima da cabeça e lançou-o sobre um *oveiro* grande e delgado, que passava aos saltos, espantado e de cabeça erguida. Preso pelo pescoço, virou rapido para o laçador e estacou com a cabeça estendida, offegante, as narinas dilatadas, o olhar em chammes, as mãos especadas para adeante e as orelhas afitadas. Eu era ainda um *maturrango*, e confesso, sem acanhamento, que senti um calefrio percorrer-me a espinha, em frente áquella féra, que o sargento, talvez por maldade, me destinára. Tinha lido Quinto Curcio, na aula de latim do frei Lourenço de Santa Cecilia, na Bahia, e lembrava-me da proeza do joven Alexandre com o cavallo de Philonicus da Thessalia; mas nem eu era o filho do grande Philippe da Macedonia, nem o *oveiro* endiabrado se parecia com Bucephalo. Adeantei-me cauteloso pelo laço teso e vibrante com o esforço do reiúno para livrar-se e do sargento para contel-o, e fui pouco a pouco me chegando. Já perto, ergui o cabresto para enfiar-o. O bruto deu um bufo, levantou-se sobre as patas de traz e com as deanteiras movendo-se no ar parecia querer bater-me. Quando me approximei de novo, murchou as orelhas e quasi me deu uma dentada. Pela terceira vez, quasi arrastou, com um forte *prisco* para o lado, o laçador, que se firmou na perna direita, como si tivesse caído em guarda para esgrima de bayoneta, e sujeitou-o. Felizmente, o bom capitão mandou em meu auxilio um conductor com cara de indio, que se approximou docemente, fallou ao animal com cariuho, passando-lhe a mão pela taboa do pescoço e emboçalou-o com grande surpresa minha.

Desfez-se o circulo e cada qual tratou de preparar-se para a marcha. O

meu *ovcero* não *cabresteava* bem, mas assim mesmo levei-o auxiliado por um camarada que o ia espantando de vez em quando, até á porta da minha barraca, onde o Quintiliano, o faxineiro, ensilhou-o sem grande difficuldade, apezar delle tremer como vara verde. Parecia que conhecia com quem tratava; deixou-se manear sem protesto, recebeu o freio sem *mesquindade*, levou sobre o lombo o *baixeiro* de lã, a *carona* de couro crú, a *xerga*, a *carona* de sóla, o *lombillo* bem *quebrado*, mas sem o *rabicho*, que pendia ao lado, a *cincha* tão apertada que quasi o torou pelo meio, os *pellegos* de carneiro negro, a *badana* de vaquêta e a *sobrecincha* estreita do uniforme. Admirou-me aquella metamorphose, mas não confiava muito nem pouco nella e como não tinha, como o Floriano, necessidade de mostrar que confiava, desconfiava sempre e sem fingir.

O Quintiliano montou-o, a meu pedido, saíu a passo, deu uma grande volta e apeiou-se, dizendo, talvez muito convencido:

— E' manso, seu cadete.

Não obstante a garantia do soldado, e a experiencia do pequeno passeio, continuei desconfiado, lembrando-me da quêda que o capitão Brillhante, cavalleiro emerito, deu do cavallo do andar de uma tia velha, que lh'o emprestava, recommendando a sua mansidão.

Quando soou o toque alegre de montar a cavallo, não senti prazer algum. Cavalguei o meu, cujo freio segurava o faxineiro e entrei receioso, com muito cuidado e alisando as crinas, em fôrma ao lado da guarnição da minha peça..

Partimos a passo e o *manso* portava-se bem e já me ia inspirando certa confiança. Desciamos a cochilha e approximavamo-nos da ponte do Jiquiry, quando o velho Mallet mandou ao trote. Distraído, cheguei as esporas ao bruto. Que horror! Deu um salto para frente e de lombo encolhido, como si fôsse um arco, saíu aos corcôvos com a cabeça mettida entre as mãos, ladeira abaixo.

Não sei como não morri, nem o que se passou. Lembro-me de gargalhadas que soavam aos meus ouvidos e de vózes que gritavam:

— Agente-se, cadete.

Agentei-me como pude, andando pelas *caronas* e agarrando-me com vontade nas crinas e no *santo antonio*.

Foi um *dies iræ* e só pensava em chegar ao acampamento para libertar-me daquella *mansidão*. Fui assim me habituando e no fim de algum tempo montava em qualquer cavallo *alarife* ou *caborteiro*, *manheiro* ou *redomão*.

Acampámos adeante da cidade de Concordia. Alguns dias depois, o general Flôres, commandando um exercito composto de orientaes, seus compatri-

otas, de brasileiros e argentinos, marchou para ir ao encontro de uma columna paraguaya, que avançava pela margem direita do Uruguay. Fazia parte das forças do illustre caudillo uruguayo o 3º de Voluntarios da Bahia, que foi depois o 25º, no qual serviram depois distinctos officiaes; entre elles — o Tiburcio, o Floriano Peixoto e o Alexandre Barroso, que era estudante da Faculdade do Recife e fez toda a campanha como capitão. Commandava-o o tenente-coronel Manoel da Rocha Galvão, veterano da Independencia e velho amigo dos meus avós. Morreu na batalha de 24 de maio de um foquete a congreve. Um dos capitães era o meu primo Luiz Gonçalves Pedreira França, o Lulú, typo de bondade e brandura. Ninguém o julgaria capaz de derramar o sangue do proximo; era bahiano, porém, e sentiu o sangue ebulir-lhe nas veias, quando a patria o pediu para a sua desaffronta.

As forças brasileiras ás ordens de Flôres formaram brigada commandada pelo coronel Kuly, que o mallogrado Visconde cantou nuns versos que começavam assim:

« O Kuly... que manobrista!  
O Zé Auto... que portento!  
Si pilho um delles na pista,  
Com certeza lavro um tento.

Foi num acampamento perto de Concordia, que fomos honrado com a visita do afamado general d. Justo José de Urquiza, senhor feudal de Entre-Rios e libertador dos povos argentinos contra a tyrannia de d. Juan Manuel de Rosas. Correu no acampamento que esse nosso antigo alliado era, naquelle momento, menos nosso amigo, do que do dictador paraguay, e por isso mandára que se sublevassem as milicias entre-rianas, que se reuniram em Bassualdo, para formarem um corpo de exercito sob o seu commando. O boato, apezar de injusto, cresceu e tomou corpo. Os exercitos formaram em revista para honrar o illustre hospede. No dia seguinte, se não me é infiel a memoria, em vespéras de marcharmos, disparou toda a nossa cavallada do regimento e os soldados attribuiram-na á influencia malfica do general.

O velho Mallet estava por esse contratempo impossibilitado de marchar e ordenou aos tenentes José Maria de Moraes e Justino da Silveira, que fôsem *campear* os nossos animaes e não voltassem sem elles.

A' tardinha, entrou no acampamento uma ponta de cavallos e mulas chucaros já reíunos. No dia seguinte, o regimento entrou em fôrma e fez a marcha, apezar dos corcôvos terriveis dos animaes novos. Eu ensilhei um *baio encerado* muito bonito, que tomou o freio entre dentes e disparou commigo

campo a fóra. Não havia meio de contel-o. Passei como uma flecha pela frente do batalhão de engenheiros e gritei ao capitão Ataliba Manoel Fernandes, instructor de equitação na Escola Militar, e pedi-lhe que atacasse o cavallo desenfreado. Não se moveu. Ia procurando ver si conseguia que o animal descrevesse uma curva, quando meu amigo o cadete Lula Campos, bom cavalleiro e bem montado, se emparelhou commigo, e debruçando-se sobre o pescoço do seu reiúno, pôde segurar o freio do meu e paral-o. Perto, estava uma sanga, onde deveriamos rolar, si elle não me acudisse tão depressa.

Estivemos muito tempo no acampamento do Gaule-guaezeit e delle passámos para o Mandisovi.

As nossas marchas ao principio tinham o sainete da novidade, distraíam-nos bastante. Depois, tornaram-se monotonas, pela perspectiva daquelles campos infundos, onde muitas vezes, nem o perfil de uma arvore se desenhava no circulo immenso que o olhar podia abranger.

De vez em quando, tínhamos pela frente um banhado extenso, que passavamos difficilmente, ás vezes quarteando as viaturas. Não era raro atolarem-se carretas do nosso pezado transporte. Uma vez, o general Ozorio, que gostava de fazer troça aos nossos jovens engenheiros militares mandou que um tirasse a carreta do atoleiro. O rapaz não era pratico naquella especialidade e pouco conseguiu. Chamou então, o capitão Machado, o careteiro-mór, gaúcho completo, e ordenou-lhe que safasse a carreta, dizendo que para aquillo se entendia melhor com aquelles seus *engenheiros* do que com os *doutores* que nada sabiam desses serviços de campanha. Mais tarde, mudou o grande Ozorio de opinião vencido pela evidencia dos relevantes serviços prestados pelos distinctos officiaes. Creio que foi no Mandisovi que soubemos da victoria do Jatay e da rendição de Uruguayana. Honve quem ouvisse os tiros de canhão; eu, porém, não os percebi.

Uma vez, nesse acampamento recebemos a visita do general Ozorio, e o clarim de serviço, o João Augusto, não deu o signal. Estava nesse dia entre a *quarta e a meia partida com dois dedos de grammatica* e distraíu-se. O capitão mandou-o vir á sua presença e elle appareceu descrevendo zig-zags.

— Não tomas camínho, não tens vergonha do teu estado? — disse o official. Um dia, metto-te numa pipa de cachaça e fecho-te.. Verás...

O clarim virou os olhos num antegoso de divinaes delicias e exclamou em tom de ineffavel esperanza:

— Ah! seu capitão... Que prazer!... morria bebedo e ficava de conserva!...

Graças á replica, foi apenas tranca-



fiado na guarda da frente até cosinhar a mona.

Mal chegavamos ao acampamento, depois de uma marcha ás vezes bastante penosa, através de campos encharcados e banhados intermináveis, ouvia-se o *Para quem quizer* da divisão do general Sampaio.

Logo depois. o segundo toque de formatura e avançar. Saíam os bellos batalhões, ora em exercicios de pelotão, ora manobrando inteiros, garbosos e correctos. A's vezes, estendiam-se em linhas de atiradores executando os movimentos a toque de corneta. Os corpos de Voluntarios da Patria já rivalisavam com os velhos de linha, onde os soldados grisalhos ostentavam sobre os peitos robustos a medalha de Caseros.

Entre outros, no fim de pouco tempo, sobresaía o 4º de Voluntarios, commandado pelo tenente-coronel Pinheiro Guimarães, doutor em medicina, cujas altas qualidades militares o elevaram rapidamente ao nivel dos melhores commandantes do exercito.

Do Mandisovi seguimos para o Mocoretá, que é o rio affluente do Uruguay, que serve de linha divisoria entre as provincias argentinas de Entre Rios e Corrientes. Para os lados do Paraná, o rio lindeiro é o Guaiquiraró.

Mais de uma vez, nas noites limpidas de luar, em que o horisonte dilatado do campo confundia-se com o céu sem nuvens na mesma curva longinqua, dormi ao relento deitado nos meus arreios e abrigado confortavelmente pelo ponche sobre o qual estendia a minha barraquinha dobrada. Tirava os cothurnos de cano curto, porque preferia dormir descalço, sentindo assim menos frio nos pés. Era raro dormirem os animaes á sóga, porque não só o pasto nos acampamentos facilmente se destróe com o caminhar de gente, como naquella estação fica crestado pelas geadas.

Preferiam mandal-os para o pastoreio, apesar das frequentes disparadas. Quando era dia de marcha, pela madrugada alta, nos levantavamos para pegar cavallos, e ás vezes o frio era tão intenso que nos entorpecia as mãos e recorriamos aos dentes para auxiliar-as em apertar a cincha, puchando com ellas o latego sovado e cheio de graxa. Iamos-nos endurecendo rapidamente e adaptando-nos com prazer ás asperezas daquella vida pittoresca e cheia de attrações, que tantas saudades ainda me desperta.

Uma noite em que dormia debaixo do meu armão, despertei ao tropel de uma cavallada que se approximava em disparada e aos gritos dos soldados, que descreviam com os tições dos pequenos fogos, rapidos circulos luminosos. Alguns saltaram em pello nos cavallos presos aos longos maneadores e em gritos reuniram-se aos

outros, que vinham na frente e nos flancos da columna desencabrestada e tumultosa, procurando desvial-a do rumo que trazia. Passaram rapidos pela frente do regimento e perderam-se na escuridão da noite aquelles cavalleiros que pareciam phantasticos; e o alarido foi morrendo pouco a pouco até confundir-se com o silencio do acampamento que voltou ao somno reparador, por elles perturbado.

Já havia voltado a primavera e os *quero-queros*, aos casaes, davam gritos mais vibrantes nas margens dos banhados, onde as flôres se abriam aos affagos do sol mais quente que fazia a vida palpitar mais viva e mais intensa.

Chegámos á margem direita do Mocoretá em principios de outubro.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O BEIJO

Não ha quem dizer-me possa  
Qual o sabor dos teus beijos;  
Se houvesse, a inveja matára  
Meus freneticos desejos.

E se um beijo de Marilia  
Já me fez esmorecer  
Como provarei teu beijo,  
Sem que me sinta morrer?

Mas se teu beijo é gostoso,  
Como certifica amor,  
Expire a vida no beijo.  
Deixando n'alma o sabor.

Nunca te pedi um beijo;  
Pedido, que gôsto tem?  
Do amor o que não é dado,  
E' frio; não sabe bem.

O coração leve aos olhos  
A expressão do desejo;  
Os labios aos labios levem  
Toda a delicia do beijo.

E' n'essa muda linguagem  
De intelligencia amorosa,  
Que de amor vive escondida  
A parte mais saborosa.

Esconder o que mais quero,  
Fôra enganar mesmo a mim;  
Se eu te pedir beijo occulto,  
Nunca me digas que sim.

O beijo, dado escondido,  
Desacredita a que o dá;  
E, se é doce ao que recebe,  
E' uma doçura má.

Se o beijo é signal de paz,  
Como pôde ser de amor  
Amar e viver em guerra  
Entre delirios e dôr?

O que puder, em teus labios,  
O beijo saborear  
Contra amor e a sorte pecca,  
Se a mais quizer aspirar.

O beijo, dado escondido,  
Toma do crime a feição;  
Póde faltar o desejo,  
Mas não farta o coração.

Beijo que deixa remorso,  
E' veneno em taça d'oiro;  
E' na pureza de amor  
Deixar cahir um desdoiro.

Amor é franco; e só affecta  
Gostar do mysterioso,  
São diaphanos mysterios,  
Velaudo o mais deleitoso.

Não são disfarces de Venus  
Nem seu modo encantador,  
O que ao puro amor contenta;  
E' a delicia de amor.

Consulta teu coração;  
Se elle pôde amar assim,  
Sou todo teu... Se não pôde,  
Não queiras nada de mim.

VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

\* \*

### DESFILAR DUM EXERCITO

Ao signal d'um clarim começou a mover-se todo o exercito naquella fórma, que se havia ordenado por seus cabos. Assim extendido por toda a campanha representava aos olhos tão famosa vista, quanto lamentavel ao discurso. Tremulavam as plumas e as bandeiras vistosamente; reluziam em reflexo os peitos nos esquadões; ouviam-se mover as tropas nos cavallos com destemperado rumor de couraças; os carros e bagagens de artilheria, ordenados em fileiras á similitude de ruas, figuravam uma caminhante cidade populosa. Caixas, pifanos, trombetas e clarins despediam todo o temor dos bisinhos, dando a cada um novos brios e alentos: a ordem e o repouso do movimento do exercito segurava o bom successo da empreza.

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO.  
(1611-1666)

\* \*

### FOLHA CAHIDA

—Que fazes tu por aqui,  
Triste folha despregada?  
«O vento numa rajada  
Arrancou de uma chapada  
O carvalho onde nasci;  
Desde então, seguindo o vento  
Na carreira desigual,  
Percorro a cada momento  
Bosque, varzea, monte, valle:  
E ando neste movimento  
Sem receio e sem desdoiro:  
Vou na onda caudalosa  
Que leva a folha de rosa...  
E levava a folha de loiro!

JOÃO DE DEUS.

\* \*

### OS ADULADORES E OS VERDADEIROS AMIGOS

Alimento é da culpa a lisonja, como o oleo é o nutrimento da chamma. Armam os lisonjeiros ciladas a nossas orelhas, e com doçura de palavras apaziveis impetram o que querem, e fazem que creiamos mais a elles que a nós mesmos, corrompendo nosso juizo com o veneno brando de sua lisonja.

Ai dos que têm, por amigos seus, meigos inimigos, e dão orelhas a falsos louvores que, conhecidos por taes e rejeitados muitas vezes, finalmente tomam posse dos corações! Laços nos arma o máu homem que nos louva. E o peor é que, por muito máu e perdido que um seja, mais quer ser lisonjeado com mentira, que reprehendido com verdade. Mais quer ser enganado com gabos nocivos, que avisado com desenganos saudáveis. Melhor estava nesta conta S. João Chrysostomo, quando, notado uma vez que fazia grandes exórdios em seus sermões, afirmou que amava seus amigos, não sómente quando o louvavam, mas também quando o tachavam. Louvar tudo não é de amigo verdadeiro, mas de lisonjeiro falso. O beijo do amigo é suspeito, e a ferida do inimigo, medicamento. Todo o doce é oppilativo, segundo a regra dos médicos; retem-no o estomago, porque se deleita com elle, e não o distribue pelos outros membros; e, como tem de seu natural entupir, segue-se delle a oppilação. Pelo contrario, rejeita logo o amargo antes de ser cozido, que não causa oppilação por lhe ser natural abrir; e assim communmente todas as mézinhas, com que se expellem as superfluidades do nosso corpo, são amargosas. E' a lisonja manjar doce, e detem-se com gosto, e d'aquí vem que corrompe o juizo, e impede a correição. E' a reprehensão utilissima, inda que se rejeite, porque amarga. Ouçamos David: Bem soffrerei eu, e de boa vontade, que o varão justo me reprehenda, castigue, e fira com misericórdia e humanidade, porém o oleo do peccador e sua lisonja não pingará minha cabeça; a sua suavidade e brandura, o seu favor e apparente benevolencia, os seus simulados louvores não me mollificarão, nem terão negocio commigo; melhor me é a mim ser encontrado, castigado e apoutado da mão dos bons, que unido e untado com unguento precioso das mãos dos máus. Porque os açontes daquelles saram as enfermidades do animo, e os unguentos e palavras meigas destes são nocivos; quebram as cabeças, transtornam os sentidos; voltam o juizo, e lançam em perdição as almas; prendem e enganam os corações dos innocentes; são fomento e pasto dos peccados. Algo mais de varão é dar orelhas aos maldizentes que aos adutores, que aos aduladores, porque nos dictos d'aquelles ás vezes se acha alguma secreta medicina; e nos d'estes sempre está manifesta a peçonha. Os primeiros muitas vezes saram, mordendo, e os segundos mordem, afagando. Passemos, pois, pelos cantos das sereias como surdos com as orelhas tapadas, e não nos encliamos de vento que nos faça rebentar em nosso damno; e entendamos que não é facil conhecer quaes são os aduladores, e quaes os amigos de véras. Todavia se conhecem uns aos outros na adversidade. E' também proprio do adulator accommodar-se aos costumes do adulado, e fazer o que elle faz, e mudar-se quando elle se muda; pelo que é comparado á sombra, a qual sempre segue o corpo e o vae contrafazendo. O amigo não se accommoda mais que ao bem, e assim é comparado á luz, que alumia sem se macular a si mesma. O adulator em todas as obras que são e parecem boas, nos dá o primeiro logar, e em os vicios nos escusa. Finalmente nunca procura outra coisa senão contentar o lisonjeado, assim em o mal, como em o bem. O que não faz o amigo, que nunca nos quer comprazer, senão no que é honesto; e, se vê em nós algum vicio, não deixa de nol-o estranhar. Quanto daria cada qual de nós por um tal espelho, que se visse nelle por detrás e por deante, e não só seu corpo, mas também sua boa ou má condição? Este tal espelho tem, de graça, o que quer ser reprehendido de seus vicios, tomando o conselho dos que sem paixão vêem suas más inclinações e condições, que elle com sua cega affeição não pôde ver. Para sua emenda deve ter

cada qual de nós ou um grande amigo, ou um grande inimigo. Este nos descobre as fallhas, e aquelle não as approva.

AMADOR ARRAES.  
(1530-1600)

## ARMADA NACIONAL

*O Brazil não era uma potencia naval. Mantinha a tal supremacia no Continente? — Pilotos em vez de officiaes.*

O Brazil não era, pois, uma respeitavel potencia naval. Não podia, mesmo, almejar tal classificação uma nação que concedia á sua esquadra apenas 8% dos seus orçamentos, onze mil contos apenas. Como uma nação, que dispense tão pequena quantia com a sua marinha de guerra, pretende ser collocada, como potencia naval, ao lado, já não dizemos da Inglaterra, da França, do Russia ou da Allemanha, mas da Austria, da Italia e da Hespanha?

Mantinha, ao menos, o Brazil a decantada supremacia naval na America do Sul? Mantinha uma supremacia que, para ser destruida, bastaria que a Argentina ou o Chile adquirissem uma boa unidade. Isso é supremacia? Dir-se-á que, ao adquirir qualquer destas nações uma unidade de combate, o Brazil adquiriria, também, uma correspondente. Mas, isso é programma de organização naval? Cuidava effectivamente da marinha de guerra, uma nação que assim procedia? Attendia ás necessidades do paiz? Não era, antes, demonstrar rivalidade que supremacia?

Demais, quem poderá asseverar que o governo monarchico, em face do incremento que teve a esquadra argentina, posteriormente, tivesse agido de modo a assegurar uma preponderancia naval, no continente, que já vinha desaparecendo em 89? Não vimos nós, em todos os outros ramos de administração publica, a inactividade do pacifico governo imperial ante o impulso que tinha, para o progresso, a Republica Argentina, desde 1880? Não vimos seu commercio desenvolver-se com rapidez; sua capital sendo dotada de um porto, embellezando-se; a industria, com a protecção official, nascer e aperfeiçoar-se; o augmento extraordinario da corrente immigratoria; a construcção de La Plata; a organização, effectiva, da guarda nacional; a fortificação das margens do Paraná; a colonisação das regiões inhospitas da Patagonia? Não vimos tudo isso realisar-se ante a indifferença dos nossos grandes estadistas do Imperio, que entregavam ao acaso ou á Providencia o povoamento das fertilissimas zonas do Pará, Goyaz, Matto Grosso, Amazonas; que abandona-

vam, por completo, uesmo depois da campanha do Paraguay as nossas fronteiras; que descuravam o exercito, onde a indisciplina já lavrava e que, desde a celebre questão militar, era antes um rival que um sustentaculo do throno; que deixava se dismantelarem as fortificações ao longo das nossas costas, se inutilisarem, fecharem-se os nossos portos; que não organisavam um serviço immigratorio efficaz, que nada faziam em pról da industria e da agricultura, que só depois de 66 annos de governos máus, na phrase de Pedro II, fizeram a abolição da escravatura do modo criminoso e desastroso por que a fizeram, e que, emfim, dirigiam a nação, duma cidade immunda, velha, colonial, empestada e retrograda?

Qual foi o grande lucro que teve o paiz do cambio a 27 e da vida facil e falsamente feliz que desfructava o povo? O cambio a 27 era um attestado do nosso credito, é facto. Mas, que se aproveitou desse credito? Dizer-se que se tinha? O povo não era sobrecarregado de impostos, é facto. Mas, que melhoramentos, que attestados de progressos fornecia o Brazil que lhe garantisse um logar, de accordo com a sua riqueza e o seu futuro, entre as nas nações civilisadas? Demais, quaes os povos mais sobrecarregados de impostos? Não são, porventura, desse numero o inglez, o allemão, o francez, o italiano, emfim os povos das grandes nações?

Que se creou nesse periodo de grande prosperidade para as finanças do paiz? O talento de estadista não se manifesta pela conservação das instituições que encontra. Manifesta-se pela previsão e pela criação. Transformar o que existe de accordo com os progressos realisados; crear o que não existe; faz-se necessario transformar e crear conforme as necessidades que a previsão patentêa; descortinar o futuro dentro do presente, preparar, em summa, a grandeza no porvir — isso, sim, é ter talento de estadista.

E como crear, como melhorar, como dotar a nação com melhoramentos, com progresso, sem provocar novas fontes de renda para custeio das novas despezas? No entanto, durante o governo imperial qualquer accrescimento da despeza publica assombrava os administradores.

Porque, pois, escaparia a marinha aquella rotina, aquelle conservantismo que se manifestava em todos os ramos da administração?

Não; continuasse embóra o Brazil sob o regimen monarchico, estariamos como hoje estamos, uma potencia naval sem importancia.

Tivessemos embóra o cambio a 27; os orçamentos com os pequenos deficits, que sempre tiveram no Imperio, fôsse o povo feliz e livre de impostos

—tambem o é o povo da Nova Guiné ou o da Groelandia e eram os nossos selvagens antes de 1500—e não teriamos, por certo, creado marinha de guerra.

Mas, arrastados por essas considerações, quiçá pretenciosas, nos afastámos do nosso estudo; voltemos a elle.

Prováramos que em 1889, pelo seu material fluctuante, não era o Brazil, potencia naval respeitavel. Os mesmos insultos irrogados pela Inglaterra na questão Christie, ser-nos-iam de novo atirados por muitas outras nações, então sem resistencia de nossa parte, que nos haveriamos da contentar com satisfações posthumas.

De facto, se o nosso material fluctuante era impotente para salvaguardar as nossas costas de qualquer aggressão, ellas, por si, não tinham elementos de defeza.

Nossos portos estavam entregues ao abandono. As fortificações eram as mesmas que deixára o velho Portugal. Teria havido talvez, durante os 67 annos de imperio, mudanças de algumas peças em poucas dentre ellas.

Da mesma fórma, as nossas fronteiras internas; se Lopez tivesse resuscitado, encontraria em 1889 a mesma facilidade que encontrou em 1864, em tomar o sul de Matto-Grosso, em invadir o Rio-Grande.

E' verdade que o Paraguay fôra aniquilado; existiam, porém, outros paizes que teriam podido substituil-o. No norte e no sul, o mesmo desleixo.

As flotillas eram o que haviam sido e o que ainda hoje são: cemiterio de officiaes. Maiores vencimentos, vida mais folgada, proporcionavam. Muitos officiaes as queriam: os navios envelheciam paralyzados.

Emfim, dir-se-ia que 89 não era senão um reflexo de 64.

Pelos nossos arsenaes passava-se o mesmo. O do Pará e o de Pernambuco nada produziam. O da Bahia, patachos, traripes e escaleres. Do do Rio saíam o *Sete de setembro* e diversos navios de madeira: o primeiro, um aleijão, já o dissenos; os outros, bons navios quanto ao casco; para as construcções de madeira, havia ainda operarios; já o *Tamandaré* estava nos estaleiros havia 5 annos quando se fez a Republica.

Que se podia esperar que fôsse mais tarde a nossa esquadra, se os ineptos honestos que até então administraram a marinha, iam ceder o logar aos ineptos corruptos?

Podia, entretanto, acontecer que, deficiente e antigo o nosso material, o preparo dos nossos officiaes collocasse a marinha de guerra do Brazil entre as das primeiras potencias. Seria assim? Veremos que não.

O periodo comprehendido entre 1865 e 1870, durante o qual tivemos de

sustentar a campanha do Paraguay, foi o termo dessa idade média que a introducção do vapor na marinha de guerra iniciára, e aurora da admiravel renascença que, para a arte da guerra naval, foi o ultimo quartel do seculo XIX.

Tudo existia então, porém confuso, mal applicado, mal aproveitado: embryão apenas. No decennio de 1860 a 1870, começou, lenta, a systematisação dos progressos, tirando-se-lhes todas as vantagens que offereciam. Depois daquelle ultimo anno, os progressos tornaram-se vertiginosos, fizeram-se com rapidez assombrosa.

O vapor que hontem actuava com uma força de 300 cavallos movendo rodas, hoje, com 6.000, dava impulso ás helices e amanhã com 30.000, 40.000, movimentaria helices ou turbinas indifferentemente, imprimindo velocidades quadruplas das primitivas; a couraça de ferro forjado protegendo um anão de 1.000 toneladas, já agóra defendia o flanco dum monstro — pygmeu ainda de 7.000 e seria logo *compound*, depois aço chromado abrigan-do o bojo dum colosso de 16.000; onde estivera hontem a madeira, tomava logar o ferro, que seria, por seu turno, expulso pelo aço; a mina subia do fundo do mar; vinha para a superficie — torpedo rebocado — e amanhã cederia o passo ao automovel, o que hontem era missão do braço, fazia hoje o vapor, que teria logo por emulo a electricidade; o cauhão liso desaparecia, cedendo logar ao raiado, de carregamento rapido; surgiam para accrescer-lhe o valor os extraordinarios explosivos modernos, as polvoras chemicas; não mais se aguardava que o sol attingisse o meridiano para ter-se exacta a posição no mar; estudava-se o fundo do oceano, nascia o submarino e o espaço desaparecia, com a telegraphia hertziana.

A profissão de official da marinha de guerra transformava-se. Ao fim do seculo, seria talvez a mais complexa de quantas profissões existiam; para bem exercel-a, tornar-se-ia mistér ser de piloto a diplomata, de director duma campanha a director duma officina.

Que ferrea energia, que intenso estímulo não eram necessarios, para acompanhar aquella evolução que se vinha operando?! Tel-os-iam os officiaes aos quaes a bravura comprovada na guerra permittiu rapido accesso aos postos superiores? Iriam aprender, já capitães tenentes, capitães de fragata, o que a campanha do Paraguay lhes não pudera ensinar, nem lhes deixára tempo de estudar? Era difficil acreditar-o. Se, comtudo, os administradores navaes de então o quizessem, ésses officiaes ter-se-iam transformado de officiaes da marinha mixta em officiaes da marinha de hoje. Elles o quizeram? Não.

Era necessario grande conhecimento da arte naval e dos seus progressos, por parte dos administradores e elles não o possuíam. Era, sobretudo, imprescindivel larga vista, resolução; indispensavel, descobrir no bom de hoje o melhor de amanhã, para ter força de abandonar a rotina e entrar desassombradamente na nova senda. E os ministros de então nenhuma dessas qualidades tiveram ou puderam ter.

Julgaram que a profissão de official de marinha de guerra não se transformára; acreditavam que ao marinheiro bastava, como dantes, conhecer a manobra, a navegação e a artubaria simples do começo do seculo. Dahi pensarem que, do compromisso que haviam tomado exigindo aos que saíam da Escola Naval de 64 a 70, os serviços de guerra, negando-lhes tempo para a pratica, para aperfeiçoamento, se desobrigariam fornecendo-lhes essas longas e penosas viagens a vela com cruzeiros de 40 a 50 dias com sacrificio de muita vida e da saúde em geral, viagens donde poder-se-ia regressar um bom piloto, mas nunca um bom official de marinha de guerra. Quando todas as nações aperfeiçoavam o official no presente para poder fazel-o official do futuro, o Brazil preparava bons mestres de navios de vela.

E nem essa mesma instrucção poderam ter todos. Os navios de vela e mixtos não eram muitos, e não se podiam embarcar em cada um turmas de capitães tenentes e primeiros tenentes, como se fôsem guardas-marinha ou aspirantes.

Por outro lado, aos officiaes que voltaram da campanha, faltava em geral o estímulo, a energia, a força de vontade. A carreira lhes fôra facil; ascenderam-lhe rapidos os primeiros degraus; todos tinham deante de si uma longa vida a garantir-lhes o accesso aos ultimos, e muitos a auxiliellos o renome de bravos. Demais, era difficil vencer o amor-proprio; ir ser, como official superior, novamente aspirante: aprender tudo; todos os progressos lhes eram desconhecidos; era um novo curso escolar a fazer. E, assim, se fôram deixando embalar e dormir sobre a celeridade com que galgaram os primeiros postos e sobre as glorias colhidas na guerra. Inutilisaram-se; divorciaram-se da sua profissão. As capitancias de portos ahi estavam a garantir-lhes commissões; os commandos de escolas de aprendizes marinheiros, logares que deviam exigir actividade, dedicação, fôram transformados em postos de descanso.

Assim, quando a Republica se fez, a generalidade dos nossos officiaes mais antigos, dos chefes e dos que estavam em vespuras de o ser, era constituida por homens sem valor, sem preparo, sem amor á profissão. Poucos, depois da guerra do Paraguay, se tinham

esforçado por attingirem o grán de instrucção que lhes competia; tão poucos que seus nomes eram citados: Custodio de Mello, Silveira da Motta, Saldanha da Gama; acompanharam-n'os, apenas de longe, um ou outro: Eduardo Wandelkolk, Julio de Noronha, von Hoonholtz, Guillobel.

Com os outros, os novos, dava-se, em parte, o contrario. Tambem na Escola só se lhes insinára velharia, o que era já archaico; terminado o curso escolar, entrados na vida pratica, desejaram talvez acompanhar o progresso; mas onde? mas como? Seus superiores desconheciam-no; eram tambem ignorantes delle, eram apenas, em geral, bons pilotos, lobos do mar. Os navios todos, material antigo; os dois primeiros vasos modernos só chegaram ao paiz em 75 ou 76; mas, pequenos, como eram, poucos officiaes comportavam. Numa epocha toda de vapor e couraça, podiam só applicar a tactica da marinha mixta ou a vela. Nos arsenaes, tudo antigo, do tempo da guerra; onde aprender, pois? Escolas praticas não existiam, ou o eram só no papel. A de artilharia, proposta em 1867, só foi creada em 1883 e de tal fórma «que a Escola Pratica de Artilharia, para officiaes da armada, nunca foi bem acceita pela corporação».

Depois, os quadros cheios de gente inutil e ignorante, o futuro nada risinho; começaram a surgir os segundos tenentes de 4, 5 e mais tarde 7 e 8 annos; para que aprender? para que aperfeiçoar-se? Sonhos de gloria, ambição de renome, amor ao trabalho e a profissão, tudo desaparecia. O despeito de encontrar só inercia, só ignorancia, onde se pensava achar vida e proficiencia, mudava-se em desanimo; depois, em corrupção. Para que estudar?

TONELERO.

(Continúa).

## O CIUME

### DEFINIÇÃO

*Conferencia realisada  
no Instituto de Musica.*

*O ciúme...* E' preferivel, antes de definir esse estado d'alma, discorrer um pouco sobre o valor dos termos. Evitaremos assim uns tantos equívocos, que falseiam sempre o juizo. E o essencial, numa palavra destas, é comprehendermo-nos — nas intenções e nas opinões.

Notemos logo que, tratando-se de analysar o ciúme, é indispensavel distinguir o ciúme—do ciúmento. Um é o veneno derramado no organismo normal, commum, e que reage, e lucha, e onde vemos uma e outra e outra fun-

ção atacada, perturbada, até o momento em que o corpo se desembaraça ou succumbe. O outro é o organismo que nasce já envenenado, votado ao ciúme, infiltrado de ciúme, toda a vida deformada, nessa especie de envenenamento moral hereditario. Para bem conhecer o ciúme, devemos estudal-o nas gentes sãs. E' ali que o sentimento se destaca e se caracteriza bem; e vemol-o nascer, crescer, rugir, dominar, até devorar a propria victima no crime e no suicidio, ou diluir-se no tempo e no esquecimento. Nestes, o ciúme é um episodio na vida. uma emoção, um transe sinistro; fez a sua obra e passou, deixando, embóra, cicatrizes, mutilando a alma. Nos ciúmentos, porém, o ciúme é a historia da propria vida; uma coisa se confunde na outra, e o individuo é, apenas, um ciúme—que pensa, anda, discute, almoça, entra, sae, casa e trabalha, sempre em crises, que se encadeiam e se complicam, dando-lhe a todos os sentimentos e idéas essa côr de biles e de odio; e creando, para quantos o cercam, um ambiente de suspeitas e torturas. Estudarei o ciúme; não sei se tratarei dos ciúmentos: esta segunda parte é ardua e perigosa — é sempre perigoso tratar de ciúmentos, ou tratar com ciúmentos.

E para que definir o ciúme? A definição serviria para apontal-o e indicá-lo a quem não o conhecesse... Não farei essa injustiça aos que me ouvem. Tolstoi, no seu desembaraço de apostolo, pergunta — «Quem é que não passou pelo ciúme?» Pelo que vale o grande moralista, acredito que o ciúme é universal. Pouco importa que a experiencia genial de Shakespeare nos aponte o perigo: «Gurdae-vos do ciúme! E' um monstro de olhos verdes, que prepara para si mesmo o veneno de que se nutre?!» Quando as circunstancias se combinam, eil-o a morder-nos o coração, com todo o seu cortejo de vehemencias ou dissimulações, dôres, tristezas, desvarios e coleras. Não é preciso escolher, nem esperar. Entremos no primeiro festim que se nos offerecer: musica, flôres, luz, belleza, alegria. e a vista se embebe e se perde, arrastada por todos esses rumores de um salão em festa.

Detenhamo-nos um pouco: os pares, afogueados de mocidade (mesmo dessa meia mocidade que ainda dança) passam e gyram, no rythmo da valsa em moda. e, presos a cada um delles, lá vão olhos tenazes, que fuzilam a um canto, numa ancia dolorosa, mordentes, acres. Nuns, é apenas a solitudine inquiéta; noutros, já é o odio, o clamor de vingança. E pelos vãos das portas, nas sombras dos reposteiros, por toda parte, encontraremos pupilas que brilham desse brilho máu, labios que tremem, mándibulas que trincam. São feras. projectos de

feras—são ciúmentos. Pelos sofás e conversadeiras, atrás dos leques, ou folheando albuns, ou dedilhando o piano, conversando modas, ou elogiando o ultimo tenor, encontraremos outras tantas ciúmentas. Se recolhessemos tudo que, entre rizos, ellas dizem, teriamos litros de fél—o fél que o ciúme distilla e derrama.

No emtanto, não obstante ser tão commum, e tão conhecido, não são bem accordes as definições do ciúme. Deixemos de lado a de Shakespeare, figurada, mas justa, quando lhe chama de *monstro de olhos verdes*. Porque *verdes*? serão mais perfidos e crueis os olhos verdes?...

Tolstoi é mais preciso ainda, e o qualifica de *cancro d'alma*. E são todas assim as definições dos litteratos: *uma tempestade nos sentimentos, demonio implacavel*... Os philosophos e psychologos deixam esse tom pittoresco. Descartes, no seu rigor mathematico, define: «E' uma especie de medo, que se refere ao desejo que temos de conservar a posse de um bem qualquer». Diderot é mais pessimista: «Paixão cruel e pequena, que se baseia, justamente, no reconhecimento da superioridade de um rival». Um outro—não direi o nome para lhe não crear antipathias—escreve: «O ciúme é um medo morbido, indo da estupidéz inerte á raiva aggressiva».

«Mas é a emoção essencialmente humana, direis, profundamente humana, porque é o apanagio do amor, o seu reverso, a sua prova». Não—nem o ciúme é um sentimento exclusivamente humano, nem é o reverso, ou a prova, a consequencia do amor. Não lhes pareçam excessivas estas categoricas affirmações. Não são affirmações—são factos. Todos os animaes superiores são susceptiveis do ciúme. Sobre o ciúme dos animaes, Darwin construiu uma parte da sua theoria de evolução, a chamada *selecção sexual*, que assim se explica: grande parte dos animaes são passiveis de ciúme—mamíferos, aves, reptis, insectos. E, estimulados pelo ciúme, luctam os machos, disputam a posse das companheiras, e vencem, e matam o rival;—o que venceu, porque é o mais forte, ou o mais bello, é quem procreia; e a prole herda-lhe essas qualidades de força, de destreza, ou de belleza e de arte (porque certos passaros luctam e supplantam o rival pelo canto). E, assim, a especie se apura e se aperfeiçoa cada vez mais. Alfio esfaqueando Turiddu não é diverso do antiloppe, cujas pontas transpassam o rival, obrigando-o a fugir, ou deixando-o prostrado. Uma objecção logo acode: «Que approximação ha entre este ciúme brutal e as fórmulas complicadas do ciúme humano, que acompanha, não só o amor sexual, como a simples amizade?» A objecção teria

valor, talvez, si nos animaes não encontrassemos, tambem, fórmas requintadas de ciúme—ligadas, por vezes, á simples affeição. Os livros de historia natural estão cheios de casos e de anedoctas, que representam manifestações de ciúme animal, humanizado. Brehm, Romanes, Darwin, Courmelles, citam diversos. Refirirei apenas dois, característicos. Um tem a responsabilidade de Romanes — *Um carlindoque*, velho e alquebrado, vê entrar para o seio da familia, um *fox*, novo e agil, para quem se voltam agóra todas as festas e mimos. O velho cão se dóe com isto, toma-se de ciúme e de odio pelo *intruzo*, não o quer, nem delle se aproxima; mas, comprehendendo que os senhores estimam e acariciam o outro pelas suas cabriolas e pela sua vivacidade, domina a fadiga e a velhice, e faz-se agil, segue os donos nos passeios campestres, saltalhes ás pernas tal como o rival que lhe veio dispartar a affeição e as caricias dos senhores. O outro caso é tirado a Courmeilles — *Les facultés mentales des animaux*: Thomaz Beale tinha no gallinheiro um casal de patos, e resolveu substituir o macho por um outro. Não consultou o gosto, nem o coração da pata, e o certo é que ella não accitou a côrte do novo companheiro que lhe impuzeram, de tal modo que Beale resolveu restituir-lhe o antigo esposo. O pato repellido nem de longe buscou conquistar a pata ao seu legitimo dono; não obstante isto, taes coisas referiu a Penelope palmipede, que o pato, sentindo um furor de ciúme posthumo, atacou o triste regeitado e o matou.

O ciúme é universal — abaixo dos homens, decima dos homens — por toda parte o encontrareis: «E por isso se diz que Deus é ciumento—a todos que não o querem amar, elle precepita no inferno». São palavras do padre Constante.

Foi principalmente a litteratura que creou essa illusão sobre a natureza e a origem do ciúme, considerando-o e apresentando-o sempre como filho do amor — filho que devora o pae, disse um poeta desabusado. A prova elemental de que o ciúme não é o reverso do amor é que elle é muito mais commum do que o amor. Ha ciúme sem amor, assim como ha amor sem ciúme, apezar do que affirma a poesia popular:

Quem tem amor tem ciúme,  
Quem tem ciúme quer bem.

«Quando, no amor, não ha ciúme é porque não ha motivo», objectar-meão. E eu pergunto—mas, o ciúme precisa de motivos? A maior parte dos ciúmes — e não digo isto para innocentar os que são alvejados pelo ciúme — a maior parte delles são de todo infundados. E são os mais ferózes, —

pelo menos os mais incansaveis, porque, em verdade, não é o muudo exterior que nos impõe o ciúme; somos nós mesmos que, por motivos permanentes ou passageiros, o preparamos. E é por isso mesmo que ha pessoas mais ciumentas do que outras, e ha raças e climas onde esta emoção é mais commum. Shakespeare acredita que a subida da temperatura provoca epidemias de ciúme. Diderot sustenta que as raças dos climas queutes são mais sujeitas a essa enfermidade — quero dizer, a este sentimento, que as dos climas frios; e um psychologo — cujo nome tambem não direi, affirma, que elle é infinitamente mais frequente nas mulheres—Calumnias sem duvidas!...

Ao passo que o ciúme é tão commum, o amor, o verdadeiro amor, é raro, muito mais raro do que confessamos a nós mesmos. A illusão o substitúe, e quando ella se desvaneece — vem então o ciúme fazer o reverso de um amor... que nunca existiu. Fôram os romancistas e poetas que crearam essa confusão entre o amor e o ciúme, confusão que muito tem concorrido para que este sentimento seja mal analysado e mal interpretado. E desse modo procuram trazer a complacencia e a piedade dos homens para os infelizes, torturados pelo *monstro de olhos verdes*. Não seria preciso; a nossa compaixão váe naturalmente para os que soffrem — e nenhum soffrimento é mais cruel que o do ciúme. Mas, com a suggestão da litteratura, não é só o dó e a compaixão — é a sympathia que levamos ao ciumento — ao amante ciumento. Querem um caso mais typico do que este de Othelo?... E' a tragedia classica do ciúme, ciúme cego, feróz, implacavel, homicida... e o publico esquece, quasi, a infeliz Desdemona, para desfazer-se em lagrimas pelo *mouro sanguinario*; treme de dôr sympathica, ao assistir as torturas com que o ciúme lhe exacerba a alma. Estes sentimentos se completam, no coração dos que ouvem ou lêem o terrivel drama, por uma repugnancia, aversão e odio contra Iago. E quem é Iago? Um ciumento tambem; qual a razão dos seus crimes? O ciúme, a sêde de vingança:

«Não trarei satisfação á minha alma, si lhe não retribuir na mesma moéda — mulher por mulher; ou, si o não conseguir: que pelo menos possa mergulhar o mouro num ciúme tão terrivel que seja incuravel.

Iago suspeitava que o *mouro lascivo* o traíra, e, tomado de ciúme, queria pagar-lhe na mesma moéda. Mas, delle, nós não vemos sinão o ciúme, com os seus processos de vingança, e tudo nos parece torpe. Othelo, amante, apaixonado, gritando, ao mesmo tempo o seu affecto, as suas furias de amor e de

ciúme, tem toda a nossa compaixão interessada.

#### ELEMENTOS AFFECTIVOS DO CIÚME

Que vem a ser então o ciúme? Si elle não é uma consequencia de amor, qual a sua verdadeira origem? Quaes os seus processos de formação? Uma pequena e facil observação de psychologia animal, que qualquer pôde effectuar, responde a todas essas questões. Certos cães, principalmente os de raça fina e intelligente, quando animados e acariciados, se tornam ciumentos. Temos o animal ao côlo. afagamol-o, e, si outro cão se aproxima, eil-o zeloso, irritado, a rosnar; basta o menor signal de caricia dirigido ao rival, para que o ciumento se lance sobre elle, em furias de dentes... Reparemos no gesto com que o cão se atira ao rival, no tom de rosnar, na violencia com que procura amedontrar e afastar o outro, e reparemos tambem no modo pelo qual elle defende o seu prato de comida, á aproximação de um animal qualquer, — e verificaremos que a emoção, o impulso intimo, nos dois casos, é absolutamente o mesmo. A unica differença é que, no primeiro caso, repellido o rival, ao voltar ao côlo do dono, o cão amimado e zeloso traz, velando a meiguice e a submissão do seu olhar, uma expressão de queixa; — nas nevoas da sua consciencia elemental, já se representa, talvez, a idéa da infidelidade... No homem, essa representação é nitida, completa, enriquecida com a imagem de tudo quanto perdemos (ou quanto perderiamos) quando a infelicidade e a traíção se realisam; e é essa representação que nos faz esquecer a origem primeira e a natureza essencial do ciúme.

A posse de qualquer coisa que nos é necessaria para a realisação das nossas necessidades organicas ou moraes, é sempre o motivo de uma emoção — a *emoção ou o sentimento de propriedade*. E é preciso não confundir este sentimento com a emoção particular do gozo do objecto em si. A posse é distincta do gozo. Tanto é assim que nós não procuramos a posse — não procuramos nos apoderar sinão de coisas que, seudo uteis e necessarias a nós, não pôdem ser ao mesmo tempo aos outros. E' o instincto egoista, de conservação do organismo, ou da personalidade, que nos leva a nos apropriarmos desses objectos; e a satisfação dessas tendencias egoistas produzem uma emoção especial — a emoção de propriedade — emoção agradável, que tradúz o augmento de nossas forças e das nossas possibilidades de viver e de gozar. Esse estado agradável ainda mais se reforça, porque a elle se associa a imagem do antegozo desse objecto de que nos fazemos senhor. Nestas condições, e muito natural-

mente, a perda, a desapropriação, ou mesmo a simples ameaça de perda, provoca, motivada nas mesmas tendências, uma emoção desagradável, dolorosa. Conhecendo a causa dessa perda ou dessa despossessão, nós nos tomamos de colera e de odio contra ella. E a colera se funde com a emoção primitiva de perda — eis o ciúme. Como se vê — e isto é simples como o dia e a noite — o ciúme é o reverso da emoção de propriedade, associada á emoção da colera. Não é porque amamos um objecto, que nos sentimos tomados de ciúme, si outros o amam e o buscam — é porque só podemos utilizar esse objecto, apropriando-nos d'elle, e, em tal caso, si outros o buscam e o amam, *estamos ameaçados de perdê-lo*. Amamos o sol, a luz radiante de uma manhã de agosto, e pouco nos importa que outros — que todos os outros — amem este mesmo sol e esta mesma luz; amamos a voz de um artista, o talento de um escriptor, a belleza de uma payzagem, e não buscamos saber, siquer, quantos são os que também amam este mesmo artista ou esta mesma payzagem. Que nos interessa isto, si o nosso gozo é completo, sem necessidade de reduzir o artista ou a payzagem ao nosso uso exclusivo?... E' simplesmente por mais commodidade, que reunimos, em casa, obras d'arte — para ter o gozo *á mão*; mas reunimos os amigos, mostramos-as, e até nos apraz vel-os também enthusiasmados, amando esse bronze ou essa agna-forte que nós amamos. Mas ninguém supportaria esses enthusiasmos e esse amor dirigidos á pessoa amada. Além da ameaça que esta confissão de amor traz para quem se julga o amante possuidor, ella já lhe diminúe a posse, porque leva a attenção da pessoa amada para o rival — desvia pensamentos.

O ciúme é, pois, uma emoção que tem o centro emocional no instincto egoista de propriedade — é um sentimento egocentrico, como diria a linguagem rebarbativa dos sociologos. Essa propriedade nos parece necessaria para satisfação, não só das necessidades physicas, como das necessidades affectivas, ligadas á conservação da especie. Mas o instincto de propriedade, em si, é nimamente egoista. A urdidura do ciúme é o puro egoismo — a defeza da propriedade pessoal. Aspirando á propriedade moral ou affectiva, formando-a, defendendo-a, nós estamos formando, realisando e defendendo a nossa individualidade, desinteressados, absolutamente, dos outros. Não tem razão Sergi, quando diz que o centro emocional do ciúme é o centro sexual. Tanto não é assim que se encontra, e frequentemente, o ciúme fóra das preoccupações sexuaes, ao passo que é impossivel encontral-o desligado da preocupação de propriedade. (1)

E' verdade que o ciúme foi util, e numa certa medida ainda o é, aos interesses da especie. E quantas outras manifestações, de fundo estrictamente egoistico, são egualmente uteis á propagação e ao apuro da especie? A defeza da saúde — permitindo procrear filhos sãos e rebustos, os habitos de asseio, de methodo, etc., trazendo bons exemplos. O ciúme é a dôr, a colera, a furia, de não possuir exclusivamente; elle irrompe sempre que o individuo, julgando o objecto necessario á sua vida affectiva, physica, intellectual, ou social, se considera prejudicado, caso haja partilha.

Bourget classifica os ciúmes em *ciúme de cabeça, ciúme dos sentidos, ciúme do coração*. Classificação magnifica, porque a decoramos com facilidade. Todos elles estão dentro desta regra geral. No caso do ciúme de cabeça — quando o sentimento se liga aos preconceitos de honra e amor-proprio, si elle se manifesta e se tradúz em actos, é porque o individuo julga necessario ao seu prestigio social a propriedade exclusiva do objecto do ciúme; sem isto, tal individuo se vê decaído, ridiculo, desconsiderado... Nos chamados ciúmes dos sentidos e do coração, ainda é mais frisante essa preocupação da propriedade exclusiva. O prazer das caricias, o tom, a espontaneidade e exuberancia da ternura, não parecem reaes, si o individuo não se sente senhor exclusivo daquellas caricias e daquella ternura, porque esta exuberancia, esta effusão e espontaneidade são o estímulo necessario para exaltar-lhe a sensibilidade. E deseja-se, e exige-se que a pessoa escolhida traga uma pureza absoluta, que é a garantia de uma posse completa — dos sentidos, da alma, dos pensamentos, e imagens, e recordações, e desejos. Que não entre allí nenhum elemento estranho, que não haja nenhum confronto, nenhuma distração de forças affectivas.

Para fazer a demonstração completa, exhaustiva, desta affirmação, bastaria repetir aqui as palavras e as queixas dos ciúmentos — nos romances, no theatro, ou na vida real.

Oh! maldição do casamento, exclama Othelo — que nos digamos senhores destes seres frageis, e nunca dos seus desejos! Preferia ser um sapo. a ter de deixar um logar no que eu amo para uso dos outros!

A sua grande dôr, o seu desespero, é por ter *perdido* a alma e o corpo de Desdemona, que são para elle maravilhas:

. Perder o asylo onde eu havia encerrado todos os thesouros do meu coração, o asylo onde deveria viver ou perder a vida. A fonte donde tiro a

vida — resequida! Ser della expulso, ou conservá-la como uma cisterna, onde sapos imundos se vêem juntar!

E continúa:

Uma creatura completa!  
Uma mulher tão bella! Uma  
mulher tão doce!... Tu, a  
mais maravilhosa obra da Soberana Natureza!...

. Era digna de partilhar  
o leito de um imperador...

. De um espirito tão elevado!  
de uma imaginação tão fecunda!...

A sua idéa obsedante é que ella houvesse levado esses dotes para outro:

Cassio com ella?... Os seus  
olhos!. As suas faces!..  
Os seus labios!... E' possivel?!

E cáe nas garras da epilepsia.

Váe para mata-a, e continúa a ter  
deante dos olhos aquella riqueza perdida:

Oh! flôr dos bosques! Como  
exálas um perfume tão doce!  
Como embriagas os sentidos!

Mata-a, e a imagem dessa perda  
não o abandona:

Sou o homem que destruiu a  
perola mais preciosa...

Paul Margnerite, no romance *La Tourmente*, que é uma analyse intensa e crúa do ciúme, deixa bem patente que toda a emoção se desenvolve em torno dessa idéa — a perda e a despossessão da pessoa amada.

Todo o seu coração, e todos  
os seus pensamentos — toda  
sua alma partiram para o  
outro...

E esta idéa lhe

...despertava n'alma insupportaveis obsessões, uma volta de soffrimentos passados — as caricias que ella déra ao outro. *Ella o amou!* isto lhe parecia profundo como o mar...»

.. Outro devia subjugal-a  
sem difficuldade e fazer della o  
que quizesse.

Sentia.

a partilha immunda..  
os labios ainda humidos dos  
outros beijos. tudo que o  
ciúme tem de mais ignominioso e obsedante.

E esta insistencia em reconstituir na imaginação o bem perdido é tal que leva o ciúmento a figurar as hypotheses mais dolorosas e revoltantes. Esse mesmo Jacques teimava:

E tu o amaste? — disseste-lhe que o amavas.. e elle te teve nos braços?

.. Quanta gente não te tem cubizado?..

E' a mesma obsessão angustiosa de um dos muitos ciúmentos de Bourget.

via todos os desejos em torno daquelle torso adorado...

O heróe de *Mensonges*, do mesmo Bourget, escalda a imaginação em representações analogas :

A' lembrança dos beijos della... viu-lhe os labios sinuosos, a tez rosada, os olhos azues, os cabellos de ouro, aquellas espaduas e aquelle torso, sobre o qual vagaram os seus labios sedentos. E os olhos do ciúme exprimiam um delirio selvagem. Outro possuía aquelles olhos, aquella bocca, aquellas caricias tristes e apaixonadas, como só ella sabia dar.

E o grande desespero vem da convicção de que, perdido aquelle bem, é impossivel encontrar equal: toda substituição parece insupportavel. Em grande numero de casos, os ataques, as offensas physicas contra o amante, não téem por fim sómente fazel-o fazel-o padecer; mas tambem deformal-o, afeial-o, de modo que outros não o queiram possuir. E' por isso tão frequente o uso do vitriolo contra os amantes traídores.

O atormentado ciúme de *Sonata de Kreutzer*, de Tolstoi, vocifera a mesma queixa :

Reconhecia-me com um direito indiscutivel sobre o seu corpo — mas a sua alma me escapava. Quizera que ella não quizesse o que ella forçosamente deveria querer... Era loucura!

Mesmo na analyse dos romancistas temperantes e septicos, encontramos o ciúme ligado á idéa da propriedade desfeita, da perda. Mr. Bergeret, ao reconhecer a infidelidade da mulher, apesar da sua doce philosophia,

Sente-se desgraçado e acabruhado. Não era a sua felicidade desfeita (nunca fôra feliz), era a sua pobre vida domestica, a sua existencia interna, agóra deslhonrada, que se esboroava.

.Enterneceu-se ao pensar na sua intimidade desfeita... Não amava a mulher, mas, sem sem duvida, ella era uma grande parte da sua vida.

Machado de Assis nos apresenta o quadro, terrivelmente humano: de um marido, apaixonado pela mulher, e que, junto ao cadaver de um amigo intimo, pelo olhar que a mulher lançou ao defunto, descobre que fôra enganado. Mas as contingencias sociaes o obrigam a fazer, junto á cóva, o panegyrico do amigo rival :

Eu acabava de louvar as virtudes daquelle homem que recebera, defunto, aquelles olhos...

E' nessa contradição horrenda que a dôr se exprime. Em todas as fórm

do ciúme, encontramos essa mesma preocupação—da propriedade exclusiva. Nos ciúmes posthumos retrospectivos—na obsessão do passado, o zelo vem do receio de que esse passado, e os amores que o encheram, tenham deixado na alma do amante actual imagens, recordações agradaveis, que o distraíam, e o impeçam de entregar-se completamente ao presente. O mesmo succede nos ciúmes do futuro, os ciúmes *anthumos*—tambem os ha: maridos que deixam fortunas ás mulheres com a condição de que não casem; mulheres que arrancam aos maridos a promessa de que não convolarão a novos amores. Parece que até o Estado tem esta preocupação, porque retira o montepío á viuva que casa. As juras de eterno amor e de eterna fidelidade, são a demonstração corrente dos ciúmes pelo futuro. Neste caso, o que se teme, o que dóe, é a idéa de que o amante possa aspirar e sonhar outros gozos, e com isto se desprenda dos amores actuaes.

Mas não é possivel encontrar o ciúme de par com o amor, ligado a elle? Eis a pergunta que eu sinto pairar aqui, neste momento.

Encontra-se, e frequentemente, o ciúme—complicando, fechando casos de amor. Então, porém, trata-se sempre de uma fórmula egoistica de amor; e, mesmo assim, quando o ciúme apparece, é para indicar que o amor acabou, dissolvendo-se numa desillusão, numa tragica decepção. Foi um amor sonhado, uma posse idéada, e que se não realisou. Simultaneamente—amor e ciúme?... Duvidemos.

Levanto, assim, uma duvida, que, por importante, merece uma certa elucidação; e isto não se pôde fazer sem a analyse, summaria embóra, das fórmulas de amor.

#### CIUME E AMOR

O amor e mesmo a simples amizade apresenta-se sempre sob uma destas duas fórmulas, que de um certo modo até se oppõem: ou é o amor em que o individuo vê e trata a pessoa amada como a condição necessaria para amar-se a si mesmo—quer dizer: que essa pessoa offerece e proporciona umas tantas condições indispensaveis para que a individualidade do amante se possa expandir e viver intensamente; ou é o amor a que o individuo é levado pelo impulso natural de dedicar-se a qualquer coisa fóra de si. O primeiro é o amor egoista—o unico capaz de terminar em ciúme; o segundo é o amor altruista, que toma varias fórmulas.

Desfaçamos logo um equivoco. O egoismo não consiste, apenas, na preocupação estreita de conservar o corpo, e fugir aos lances perigosos. Esse é o egoismo chato, elementar. Geralmente

esse instincto se dilata, em manifestações diversas, que téem todas, no emtanto, um traço caracteristico—a tendencia do individuo a constituir-se o centro e a razão de tudo, ou, pelo menos, o elemento principal.

O amor egoistico pôde ser apenas sexual, ou nimamente espiritual, sem perder, no emtanto, o seu caracter; isto é—trata-se de um amor, de um agitar de affectos, cujo centro está no proprio individuo que ama. E' o amor que pede retribuição e correspondencia, porque esta é a condição necessaria para que elle se considere realisado. O individuo amando, assim, aspira e exige que toda a vida affectiva da pessoa amada se desenvolva em torno daquelle amor, porque, si tal pessoa foi escolhida—é justamente porque o amante julgou encontrar alli o seu idéal, isto é, um conjuncto de qualidades, de sentimentos, ou de tendencias, capazes de completar a sua personalidade, de estimular e de reforçar o seu poder de sentir e de gosar. Na pessoa amada, tal amante vê a exteriorisação, a projecção de si mesmo, a synthese de tudo que constitúe os seus desejos e aspirações fundamentaes. Querendo aparentemente a outro, o individuo está amando, reforçando e cultivando a sua propria individualidade, porque aquelle ser amado é o seu grande estimulo, é o cerebro e o coração onde as suas idéas e sentimentos se completam.

Mas, para que tal estimulo se exerça, e que o amante se sinta completado na pessoa escolhida, é indispensavel que ella abdique de ser uma individualidade distincta, e seja o reflexo da sua alma. Assim, o individuo suppõe ter attigido o fim supremo da vida—a inteira expansão da sua personalidade; sente-se existir fóra de si mesmo, desdoblado noutra pessoa. E' quando os nossos prazeres se reflectem noutras almas, que elles parecem mais intensos. Em muitos casos, o influxo destes affectos que se entregam, é uma fonte de inspiração; elles véem organizar o cháos de tendencias e de idéas, e tirar dahi, os grandes pensamentos originaes, as fortes emoções de belleza, que se traduzem em obras immortaes, e são o supremo gozo para quem os produz. Então, o que se entrega tem de ser uma propriedade exclusiva do amante, para que se lhe não desorganise a vida intellectual e affectiva. Sinão—é o esboroamento de toda uma existencia, é o desesperado ciúme, porque o amante sente fugir-lhe a propria alma. *Ella era tudo para mim!* exclama elle, nos transes desta morte antecipada.

Em taes amores, sensuaes ou espirituales, quanto mais perfeita é a posse da pessoa amada, mais completo é o gozo do amante, que exige, sempre e sempre, ternuras patheticas, dedica-

ções absolutas; a idéa de propriedade, de senhorio, de despotismo, é constante. O que faz o enlevo de taes amores, não é o que o amante dá, é o que recebe; e elle espera, sempre, mais do que recebe. Eis a razão porque o ciúme é mais frequente na *posse* para o amor, do que na *posse* para a amizade; porque, no amor egoista, para que elle dê a consolação desejada, é necessario que a pessôa amada se abandone mais completamente do que na simples amizade. E o ciúme pôde sobrevir independente, mesmo, de qualquer infidelidade real; elle sobrevem logo que o amante não consegue obter do seu amor tudo o que aspirava e que sonhou.

Estes amores egoistas, raramente felizes, são terrivelmente dolorosos nos casos em que os dois que se approximam, *anciosos de realizar o seu idéal*, são temperados no mesmo egoismo, e igualmente exigentes, querendo cada um fazer da propria pessôa o centro dos affectos communs. Em taes casos, o homem e a mulher devoram-se reciprocamente; unem-se, ás vezes, dominando obstaculos sobrehumanos, para separarem-se amanhã, odientos, amargurados de decepções, renegando e descrendo de todos os votos de fidelidade.

A outra fórmula de amor—do puro, do legitimo amor—esse não tem encontro com o ciúme. São os amores em que os que amam se esquecem de si mesmos, e fazem de um objecto—de um idéal ou de uma outra pessoa directamente, o centro desses amores, o fóco em torno do qual se organizam e se systematizam os seus affectos. Em certas naturezas de elite, esse amor, aparentemente sexual, applica-se a um ser real, que a imaginação enriqueceu, idealizou; e traduz-se por um indefinido anseio de penetrar no absoluto e na immortalidade,—o desejo de confundir-se na belleza, na vida universal. Esta suprema aspiração, nos temperamentos dos geniaes do amor, corporifica o bello—o idéal, para o qual traz o amante todos os thesouros do seu enthusiasmo e da sua devoção. Taes são os amores de Dante, Lourenço de Medicis, Petrarca, Miguel Angelo, Guido de Cavalcanti. Monna Wanna, Victoria Colonna, Laura, amadas com esse amor, condensavam, na mente e no coração dos amantes, a belleza, a absoluta bondade. Um outro aspecto dos amores altruistas é o de Stuart Mill e Mme. Taylor. O philosopho inglez tinha todos seus os affectos concentrados no desejo de uma harmonia superior, sem preocupação da sua propria personalidade.

Quanto ás simples amizades, ellas são tambem geralmente egoistas; em torno dellas gravitam muitos ciúmes, menos asperos e violentos, mas igualmente reaes. Apontam-se, escassa-

mente, amizades como a de Renan e Berthelot, Darwin e Lyell. São amizades em que ha uma intima penetração de idéas e de sentimentos, sem calculos nem restricções, laço sympathico entre dous sêres, pela aproximação de intimas afinidades, moraes e mentaes, orientadas por um idéal commum, ou baseados numa natural attração, e fortalecidos na necessidade, innata em certas almas, de dedicar-se a outrem, para gosar e sentir por sympathia as suas alegrias e as suas dôres. Não ha, neste sentimento, nem calculos, nem exigencias; elle é todo feito de apego, devoção, sacrificio e renuncia. E' o culto de uma individualidade; e exclúe, *ipso facto*, todo ciúme, toda inveja, toda critica. A simples contemplação affectiva o satisfaz.

E' tão raro uma destas amizades como um grande amor. Exigem—um e outro—almas de tempera especial: vigorosas, vibrantes, delicadas, sensíveis e abnegadas. Ha um temperamento de amante e de amigo, como os ha de poeta, de sabio, de apostolo; nesses temperamentos, entra o que ha de mais precioso no coração humano.

MANOEL BOMFIM.

(Continúa).

(1) O estimado chronista do *Paiz* — Pangloss, referindo-se a esta *Conferencia*, em termos que, aliás, vão muito além do que ella pôde valer, nega que a emoção central do ciúme seja o reverso da emoção de propriedade; e, sem determinar o que vem a ser o elemento emotivo capital neste sentimento, diz que—o ciúme é qualquer coisa, surgindo fatalmente com o amor, *haja ou não haja motivo*. Para justificar-se allega o distincto escriptor:

1º—que sentimos ciúme, quando mesmo a pessôa amada não é propriedade nossa. Objecção a que se pôde responder—*Exactamente*: e o ciúme vem do facto de não nos sentirmos *proprietarios*. Além disto, pelo modo de referir-se a essa *propriedade*, se verifica que o chronista tem em vista a propriedade confessada, a propriedade official; ao passo que, em psychologia, quando se falla em «emoção de propriedade» é com referencia ao sentimento intimo—de considerar-se o individuo o senhor ou o despojado de um bem necessario ao seu goso.

2º—que nós só sentimos ciúmes no amor pelas pessôas, e nunca pelas coisas inanimadas. Não é exacto. Ha ciúmes, e intransigentes, por coisas mortas, desde que ellas só nos possam ser completamente uteis ou agradaveis, quando gosadas exclusivamente. Uns têm ciúme do cachimbo em que fumam, outros da navalha com que se barbeiam, outros da penna com que escrevem, outros da mesa em que trabalham. No entanto, em muitos casos de amor—até mesmo de amor sexual, não ha ciúme.

Em certos casos, pôde haver ciúme por «pessôas» sem nenhuma attração de amor ou de amizade. O chefe caudilho não tem amor aos soldados, a quem sacrifica de bom grado quando é preciso, mas tem delles um ciúme feróz; não supporta a idéa de que estes soldados possam passar a outro caudilho. Quanto aos soldados, estes têm um profundo amor pelo chefe, e por elle se sacrificam, sem sentir nenhum ciúme; é até com prazer que o vêem amado por todos os outros

soldados. E' que o chefe *precisa* que os soldados sejam propriedade sua exclusiva, ao passo que os soldados o amam por admiração, e não *precisam* fazer d'elle uma propriedade.

## O ALMIRANTE (49)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

— Ah, marqueza — continuou Marianinha — não imagina quanto tenho soffrido dessa dôr que ninguem comprehende, dessa dôr que todos attribuem a nervoso, a anemia. Eu sei lá! A's senhoras posso, emfim, revelar o meu atróz segredo, que meu marido ignora, coitado... tão bom... tão amigo... tão generoso..

Nesse desbordamento de ternura, a misera tomou as mãos da marqueza, conchegou-as ao seio e abraçou-a, depois, num demorado conchego.

— Como seria bom morrer — disse ella, em vóz sibillante e secca—morrer aqui, num seio amigo.

De envolta com as essencias capitosas, a marqueza aspirava daquelle corpo um cheiro repugnante, uma emanação estranha, sensual, de cabras ciosas, como se aquella creatura debilitada fôsse devorada pelas chamas de desejos impossiveis, insaciados.

Uma enfermeira se approximou timidamente, trazendo numa salva de prata um calice de crystal cheio de vinho.

— Perdão—disse ella—E' a hora da poção.

—E' como vêem:—exclamou a baroneza, de máu humor—remedios a toda a hora, a cada instante. E' um supplicio.

Marianinha percebendo que a marqueza se commovia com aquelle espectáculo pungente, deu o signal da partida.

—Até quando?—perguntou anciosa a baroneza, em cuja fronte perolavam algumas gottas de suor.

—Até breve. Virei vel-a com frequencia.

—Promette?

—Prometto. Tenha paciencia que isto passará—affirmou, com meiguice, a marqueza, que sentia ainda mais acido aquelle horrivel cheiro.

Na carragem divisando a sombra da baroneza através da cortina diaphana da janella, Marianinha disse á marqueza num tom penalizado:

—Coitada! Aquella está condemnada. E eu que não sabia que ella era uma das victimas do tal doutor Valente. Ouvi dizer que muitas senhoras tratadas por elle acabaram loucas, outras ficaram para sempre perdidas com as entranhas queimadas por uma



injecção de drogas mysteriosas, empregadas para que as mulheres não concebiam. Nunca ouviu falar nisso? Pois andaram pelos jornaes casos escandalosos. Uma miseria... E, pensar que se sujeitam a esse supplicio por luxo, para não perderem os encantos, para ficarem sempre moças. A' custa dessa vergonha, eu não desejaria ser joven toda a vida... Credo! Aquella foi bem castigada. Devia haver uma lei contra isso...

A marquezia ouvia em silencio, de olhos baixos, quasi cerrados, como se meditasse sobre o caso compungente da pobre baroneza de Freicho.

— E' uma miseria, é uma infamia — disse ella, despertando com um longo suspiro.

Marianinha não se impressionava mais com a attitudo do recolhimento da marquezia, cujo pensamento parecia absorto na recordação do espectáculo do desmoronamento da baroneza de Freicho. Ella estava habituada ao que considerava as exquisitices da comadre, caprichos dos melindrosos nervos de mulher bonita e desoccupada. Mas naquelle momento lhe notava algo de anormal no semblante pallido, uns traços de terror dominando-lhe todos os contornos desgraciosos, a comissura dos labios desforme como um arco destuidido, bambo depois do esforço da emissão da setta...

— Parece — avançou ella, depois de alguns momentos — que a comadre ficou muito impressionada.

— Que horrivel molestia! — exclamou a marquezia — Aquella pobre está morrendo lentamente. E' uma victima.

— Coitadinha! Tão bella, tão cheia de illusões...

A carruagem chegou ao largo do Machado e, como o cocheiro se voltasse para receber ordens, a marquezia lhe disse:

— Para a cidade... largo de S. Francisco de Paula...

A carruagem fez uma rapida deflexão e ladeou a calçada do jardim, rodando lentamente ao passo impaciente dos fozos cavallos, até entrar na rua do Sattete.

— Vamos ver — continuou a marquezia — se esquecemos aquelle horror, dando algumas voltas pela cidade. Estás hoje sequestrada á minha ordem. Tem paciencia, minha querida. Isto succede tão raras vezes...

— Póde dispôr de mim.

— E' uma miseria, uma infamia — murmurou a marquezia, depois de longa pausa, num tom de irrepressivel irritação, como se falasse sósinha, empolgada pela recordação do lamentavel estado da baroneza, que ella conhecera vigorosa e bella, figurando nos salões fluminenses, aonde ascendera arrancada da obscuridade de um lar mais que modesto pela paixão e pelos

haveres do marido. Ella se inebriára naquelle meio estranho com a transformação rapida da sua posição de moça pobre para a situação deslumbrante de esposa rica, adorada pelo marido, a lhe advinhar e excitar os caprichos, tanto mais excessivos quanto mais satisfeitos. Ao principio, ella se precipitou na voragem da vida elegante, arrastada pelo anhelo de se tornar evidente, de se desferrar com esplendores do longo tempo de humilhação na casinha da mãe viuva, uma vivenda de pobre, escondida num asseiro de floresta nas faldas do morro de Santa Thereza, das noites de vigília a trabalhar em costuras para os grandes emporios do luxo, passando longas horas a labutar com sedas e rendas destinadas a ornar formosos corpos ignorados. Veio, mais tarde, uma ancia de coisas phantasticas impossiveis, tornando-se mais cruciante á proporção que o seu delicado corpo soffria as consequencias da mudança de ambiente, como uma flôr sylvestre, nascida na exuberancia de luz, de ar, transportada para a penumbra snave de uma estufa. Tinha tudo e faltava-lhe sempre alguma coisa, uma parte da sua alma, que ella em vão procurava encontrar para se completar para atingir ao sonhado idéal da perfeição.

Faltava-lhe o amor, que é a essencia da mulher, amor que se não vende, nem se compra, amor desinteressado e puro, espontaneo, incompativel com as capitosas emanações da lisonja, da admiração, da concupiscencia, que envenenavam o meio onde o barão de Freicho expunha a mulher, como se exhibe um quadro, uma joia de preço, muito desvanecido de provocar espasmos de admiração.

Nos primeiros tempos de sua peregrinação pelas deliciosas regiões da sociedade opulenta, ella estremecia aos olhares diabolicos, lascivos que parecia lhe lamberem o collo, olhares que a devassavam, provocando-lhe calefrios titanicos elle exacerbavam, em éstos de pudor, todas as suas vacillantes energias de defeza. Habitou-se depois, pouco a pouco. Aquillo que lhe figurava criminosa exacerbação voluptuosa, irreverentes assaltos á sua pessôa, á sua innocencia, ao seu recato de mulher casada, passou á vulgaridade das maneiras chics, toleradas. Aquillo que lhe provocára assomos de colera, causava-lhe, mais tarde, secreto prazer, a delicia de se sentir admirada, desejada, requestada, expandindo-lhe em victoriosos desbordamentos todo o seu orgullio de moça pobre, esquecida na pittoresca, na velha casinha de Santa Thereza.

Muitas vezes, o marido a reprehendera pelos modos selvagens, pelas maneiras bisonhas que, na opinião delle, traíam a humilde procedencia, denunciando-lhe os defeitos de educação,

os vestígios do trabalho, como o picotado d'agulha em dedos esculpturaes. Elle mesmo lhe ponderára a conveniencia de se desprender, pouco a pouco, das antigas relações, das suas companheiras e até da mãe, pobre viuva, deslumbrada pelas prodigalidade do genro.

Ella saboreava o contraste das noites de trabalho, das noites de amargura passadas ao lado da mãe quando lhe vinham os ataques de nervos, accessos de esterismo que a deixavam como morta dias inteiros no inteiramento horrivel de um cadaver vivo, com os grandes olhos abertos numa expressão fixa de pasmo, de uma visão indefinivel. E a perspectiva da orphanidade, do abandono, ficando ella sósinha naquelle lar, donde a morte levára o pae dipsomano, supprimindo um martyrio de vergonha e velipendio, donde se dispersaram as outras irmãs casadas com maridos que as conduziram para longinquas cidades da provincia, as preocupações do futuro, agóra solidamente assegurado, todos os terrores e as incertezas de uma creatura joven e bella, sem um amparo, sem um ponto de apoio para a aspera caminhada da existencia, todos os incidentes da sua mocidade lhe davam particular encanto á vida nova, sem uma nuvem de desgosto, a não ser o empenho do barão em afastal-a da mãe, cuja molestia não podia ser tratada em casa, demandando os cuidados especiaes de uma casa de saúde, o rigor de um regimen inexoravel, incompativel com as concessões da ternura da filha, despezas inuteis com creados, pharmacia e medico, um horror de dinheiro gasto em pura perda.

Leval-a para o palacio com aquelles ataques seria uma inconveniencia; tal mãe, máu grado, os prejuizos affectivos de algum valor moral para a sociedade, seria um tranbolho para perturbar todos os planos da sumptuosa vida do barão. Além disso, era muito fativel que a pobre senhora acabasse louca. Em taes condições, era muito preferivel que ella procurasse o hospital para recobrar a saúde, para attenuar, pelo menos, o seu soffrimento, a ser internada, irremediavelmente perdida num daquelles depositos de segregação, de detricos humanos. A baroneza resistiu a esse horrivel projecto; escreveu ás irmãs a esse respeito, insistindo na necessidade de uma dellas tomar a seu cargo a velha; ellas, porém, não responderam e ficou resolvido aguardar pacientemente a acção do tempo e da fatalidade.

( *Continúa* )

“OS ANNAES”

*Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e segundo semestre de 1905.*

CARO WALFRIDO—No ultimo numero dos *Annaes*, numero por signal magnifico, o sr. Theodoro Magalhães assignou um artigo a respeito da poesia popular que parece uma refutação em regra a um meu artigo intitulado *Musa Urbana*. Pelo menos, o sr. Theodoro acha a cada passo que «o auctor da *Musa Urbana* não tem razão»...

O auctor sou eu; o caso é commigo.

Ora, peço licença ao nosso illustre collaborador para dizer que s. s. não quiz comprehender o feitiço do meu artigo. Eu não pretendi escrever a historia da modinha nacional nem fallei em *folk-lore*, em primeiro lugar, porque é um assumpto muito tratado; depois, porque não é possível escrever em meia duzia de paginas de uma revista o desenvolvimento de idéas acceitas, taes como a já celebre de que a origem da modinha é o povo, etc... O meu desejo, o escopo de tudo quanto escrevo, é dar a sensação do actual, do que vive agóra, do que não viverá amanhã; é fixar photographicamente passagens da vida intensa de uma cidade, e coloril-as de accordo com o meu temperamento.

Na *Musa Urbana* eu não estudei as modinhas, estudei o aspecto actual, momentaneo, dos versos populares e dos seus principaes auctores. E' um artigo impressionista—uma especie de reportagem. Si assim não fôsse, de certo não transcreveria trechos dos prefacios do Eduardo das Neves, nem daria o nome de alguns seresteiros celebres.

O sr. Theodoro de Magalhães resolveu contestar coisas que são opiniões pessoas taes como a de eu ter dito que o commentario dos factos politicos e sociaes nas cançonetes appareceu neste ultimo periodo. S. s. eruditamente váe buscar exemplos que são excepções.

Si o sr. Theodoro mostrar-me, por exemplo, dez dessas manifestações poeticas resultantes de qualquer acontecimento politico ou social em 1880, revogo as disposições em contrario. Mas o certo é que o nosso collaborador não apresenta nem tres, nem duas, nem talvez uma cançõeta de troça do anno de 1880, ou de 85, ou de 70, ou de 88, ao passo que de 1890 para cá, com um pouco de trabalho, poderá reconstituir a nossa historia através das canções populares.

Mas o diabo é essa teimosia em querer transformar um genero, um feitiço, uma feição de litteratura informativa e moderna em estudos gravemente solemnes. Não é só o sr. Magalhães. A proposito das *Religiões no Rio*, alguns senhores acharam que eu não tinha aprofundado! Ainda agóra, depois de meus artigos de impressão pessoal sobre a Detenção, cavalheiros respeitaveis mandaram-me dizer, em carta, que eu não citei o Lombroso, que eu não expliquei bem o ponto tal do Codigo e que são escassos os documentos para formar opiniões...

Mas, Deuses protectores! Quando se convencerão de que esses artigos são apenas impressões momentaneas — como as notas do grande romance da cidade que se transforma?

Talvez nunca!

Teu nunc et semper

JOÃO DO RIO.

## XADREZ

### 3º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Está aberta a inscripção para o 3º torneio do Club dos Diarios. Pelas informações que temos, a lucta será travada apenas entre os socios do Club. E' uma restricção que tirará ao torneio parte do seu successo, pois, se é certo que ao Club pertencem os nossos melhores jogadores, como sejam Theophilo Torres, Heutz, Silva, Piza, H. Bastos, para não falar em Caldas Vianna, mestre de todos, tambem é certo que fóra do Club ha jogadores de força que provavelmente concorreriam. O xadrez no Brazil ainda é pouco cultivado, de maneira que uma instituição como o Club dos Diarios, que é o unico centro enxadrístico do Rio de Janeiro, deveria, parece-nos, pôr-se á frente do movimento de propagação do jogo, reservando a frequencia do seu salão aos socios, mas abrindo-o indistinctamente a todos os amadores na occasião dos torneios, para os que quizerem concorrer á prova. Seremos felizes se estas considerações calarem no espirito dos dignos directores do Club.

De qualquer fórmula, nós acompanharemos todas as phases do brilhante certame e pomos nossas columnas á disposição da directoria do Club.

O torneio começará a 25 de setembro e será em dois turnos, isto é, cada jogador jogará duas partidas com todos os outros. Se algum amator abandonar o torneio antes de ter terminado o 1º turno, as partidas que elle tiver jogado serão annulladas; no caso contrario contar-se-á um ponto para aquelles com quem não tiver jogado no 2º turno. As partidas se realizarão nos dias uteis de 3 ás 7 da tarde e de 8 ás 11 da noite e nos domingos e feriados, de 1 ás 7 e de 8 ás 11.

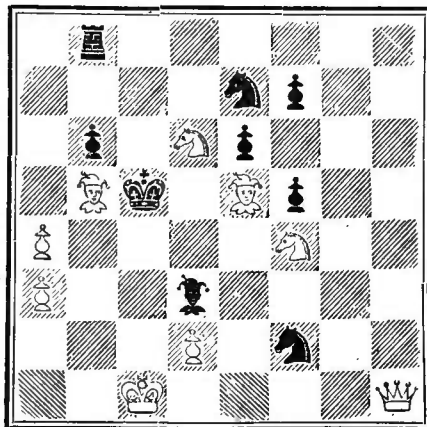
Cada concurrente jogará pelo menos quatro partidas por semana. As partidas ganhas contam-se por um ponto e as nullas e empatadas por meio ponto para cada jogador. Só se começará o 2º turno depois de terminado o 1º. Haverá dois premios para os vencedores. Em caso de empate, será jogada um *match*, que se decidirá pelas duas primeiras partidas ganhas. São estas as principaes condições do torneio.

— O dr. Caldas Vianna não concorrerá.

### PROBLEMA N. 19

A. Fraissé

PRETAS (9)



BRANCAS (9)

Mate em dois lances.

PARTIDA Nº 19 (a)

RUY LOPEZ

Brancas

Pretas

(M. S. Denn) P. N. Perwago)

P 4 R — 1 — P 4 R  
C 3 B R — 2 — C 3 B D

B 5 C D — 3 — B 5 C D (b)  
P 3 B D — 4 — B 4 T D  
Roque (c) — 5 — C R 2 R!  
C 3 T D (d) — 6 — Roque  
D 4 T D (e) — 7 — P 4 D! (f)  
B X C — 8 — C X B  
C X P (g) — 9 — C X C  
D X B — 10 — C 6 B R x !!  
R 1 T (h) — 11 — D 3 D  
P X C — 12 — D 5 B R  
R 2 C (i) — 13 — B 6 T R x !!  
R X B — 14 — D X P B x  
R 4 T — 15 — P 4 C R x!  
R X P — 16 — R 1 T !!  
R 4 T — 17 — T 1 C R  
P 3 T R — 18 — D 5 B R x  
R 5 T — 19 — D 4 C R mate (j)

(a) O capitão P. N. Perwago era um amator de boa força; conquistou um premio no torneio internacional por correspondencia do *Monde Illustré*, sobre o gambito Rice. Antes da guerra russo-japoneza estava na guarnição de Piatigorsk no Caucaso. No outomno de 1904, inscreveu-se como voluntario no exercito activo da Mandchuria, onde commandava um batalhão no 88º regimento de infantaria de Petrowsk. Seu regimento reunido ao de Neuchlot tinha tomado de assalto a celebre collina Poutilow na batalha de Cha-Ho. Durante este assalto o capitão Perwago morreu no campo de honra. Na vespera dessa batalha jogou uma partida de xadrez com o tenente Denn, que na batalha foi gravemente ferido. Logo que se restabeleceu, o tenente Denn annotou a partida memoravel e me a enviou.

(b) Defesa *Alapin*, que me parece a unica que eguala os jogos. Com esta defesa *Alger* conseguiu com as pretas ganhar uma partida por correspondencia contra *Marselha*. Ainda mais facil para as pretas é: 3... P 3 T D, 4 — B 4 T D, B 5 C D, etc.

(c) Ou antes: 5 — B X C, P D X B; 6 — C X P, D 2 R; 7 — P 4 D, P 3 B R; 8 — D 5 T R x, P 3 C R; 9 — C X P C, D X P x; 10 — B 3 R, D X C; 11 — D X B, D X P etc.

(d) Ou antes: 6 — B X C, C X B; 7 — P 4 C D, B 3 C D; 8 — P 5 C D, C 4 T D; 9 — C X P, Roque; 10 — P 4 D, D 1 R!; 11 — D 3 D, P 4 B R!; 12 — C 2 D, P 3 D; 13 — C R 3 B R, P X P; 14 — C X P, B 4 B R; 15 — T 1 R, R 1 T!; 16 — P 5 D, D 3 C R; 17 — C 4 T R, B X P x, etc.

(e) Para 7 — C 4 B D ha P 4 D!

(f) B 3 C D seria inferior por causa de C 4 B D.

(g) Este ganho de um pião custa a partida.

(h) Por 11 — P X C, D 4 C R x; 12 — R 1 T, D 5 B R, etc., se chega ao mesmo resultado.

(i) Ou antes 13 — D X P D, D X P B x; 14 — R 1 C, B 6 T R; 15 — D 5 C R, D 7 R!, e ganham.

(j) O tenente Denn escreve-me que o arrojado furioso do capitão durante a batalha egualava o da presente partida, altamente brilhante! (*Notas de S. Alapin*)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 19 (*Tacito & Lipman*):

1 — C 4 C, R X T; 2 — D 4 B x, R 4 B, 3 — C 7 R mate!

1 — ..., ..., 2 — ..., R 6 B; 3 — C 5 R mate;

1 — ..., R X C; 2 — D X P, R 4 T; 3 — D 7 T mate.

JOSÉ GETULIO.

As officinas dos «Annaes» encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographico.

ASSIGNATURAS	
ANNO.....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O ministro da Fazenda, fiel ao sagrado dever de zelar os dinheiros publicos, extorquidos ao paciente contribuinte por um regimen tributario com veneraveis raizes na finança colonial, incompativel com os costumes contemporaneos e as conquistas da economia politica, oppoz sensatos embargos aos excessos de despeza, ás prodigalidades, ao sentimentalismo intemperante do Congresso, os quaes se traduzem em verdadeiras e cruéis dentadas no orçamento, augmentando a chaga do deficit, nua chaga quasi secular que nós trouxemos da madre da metropole como um stygma hereditario, reproduzido em maiores proporções devastadoras no organismo do Imperio e mantido com progressiva virulencia durante os quinze annos de infancia da Republica.

O meigo ministro compareceu, como um enviado providencial das nossas secretas maguas financeiras, a uma reunião secreta da commissão de finanças da Camara dos deputados, para illuminar com as suas informações o estudo dos orçamentos que, conforme a inveterada praxe das prorrogações, é materia de alta transcendencia, adiada para os vexames e agônias dos estertores da sessão.

Apezar de ser clandestino o comicio da commissão, a reportagem bisbilhotou que foi o sr. Anisio de Abreu o primeiro a falar, fitando no sr. Leopoldo de Bulhões o olho geometrico, onde chispas de talento fulgem num indeciso clarão de permanente ironia. Entre um sorriso e os esgares de uma pitada, o representante do Piauhy solicitou do ministro informações acerca dos recursos do Thezouro para defrontar a enorme despeza, emanada de varios projectos de consideravel accrescimo aos calculos da despeza ordinaria, sobre os quaes elle tem inexoravelmente posto a cautelosa pedra,

instrumento de obstrucção que passou a ser um maravilhoso aparelho do governo das nossas finanças.

A pergunta do sr. Anisio, o ministro respondeu com vastas considerações sobre a arrecadação das rendas, principalmente a de importação, que váe em auspicioso augmento em todas as alfandegas da Republica, promettendo para o futuro exercicio o tão almejado saldo, apezar das extraordinarias despezas com o exercito policial, com essas brigadas, irreverentemente denominadas guarda pretoriana ou um *maior de espadas*, sempre de promptidão para amansar as velleidades demagogicas do exercito.

Pelo grande respeito devido á ordem publica, ao socego da capital, ninguém ousou ponderar, naquelle conclave de financeiros, que esse exercito policial, augmentado pela suggestão dos acontecimentos de 14 de novembro, perdera a sua justificação, passára a ser uma inutil ostentação de força, desde que a confiança do governo no brioso exercito nacional se affirmou de maneira definitiva e foi consagrada a restauração da ordem pela amnistia.

Para a manutenção da paz, para a segurança dos cariócas, deveriam ser mais que sufficientes a guarda civica, os vigilantes nocturnos, que elles pagam do seu magro bolsinho e uns mil homens dessa brigada de policia militar, occupada, quasi exclusivamente, no extenuante trabalho de conducção de presos.

Mas ninguém objectou e o abutre policial continuará a roer o figado do orçamento.

O essencial, o que alegra os nossos corações de patriotas é que teremos um orçamento equilibrado, a receita e a despeza ajustadas como a mão e a luva, uma dentro da outra, sem uma excrescencia, com a perfeita adaptação da banana no envoltorio da casca.

Esse estupendo resultado foi conseguido a golpes de previsão e de cau-

tela, a golpes de tosquia no cordeiro immolado á realisação dos planos financeiros victoriosos, apezar dos melhoramentos materiaes, da brilhante execução do programma industrial do governo, dotando-nos com um porto digno desse nome, com uma avenida e com o saneamento da cidade, empreza humanitaria que não será jámais louvada assás pelos homens de coração.

Além da expansão das rendas aduaneiras, o governo conta, para mais rapidamente amortisar a dívida do fundo de garantia, com a renda dos territorios accrescidos pelo tratado de Petropolis, fique embóra o Estado do Amazonas reduzido a pão e laranjas, porque, dentro em pouco, toda a borracha exportada do Acre, do Purús, do Juruá, será materia tributavel do governo federal.

Para encurtar razões, a commissão se extasiou ante a perspectiva descortinada pelo ministro da Fazenda — rendas em augmento progressivo, grandes melhoramentos executados, restando ainda recursos para a construcção de tres couraçados, que serão mensageiros da paz, solidos pilares da futura triplice alliança que reunirá, num vinculo de affectos, de interesses, numa solidariedade fecunda, inabalavel, as tres grandes Republicas sul-americanas.

\* \* \*

Quanto á sorte do contribuinte, as deliberações ficaram para o anno seguinte. Perdurarás o absurdo, o obsoleto, o monstruoso regimen de tarifas aduaneiras, que tem atravessado incolume um sem numero de commissões improficuas, muito empenhadas todas em manter os vicios anachronicos do systema e todos os defeitos do processo de arrecadação, tanto mais propicio á fraude quanto mais meticoloso e complicado.

A' expansiva prosperidade da renda, apezar de todas as despezas extraordinarias uteis ou inuteis, deveria corresponder uma equitativa diminuição

dos onus que opprimem os contribuintes.

Não se comprehende a obsecção dos nossos financeiros em manterem o decrepito regimen, contra as lições da historia, surdos ás indicações da sciencia, aos conselhos dos factos recentes, demonstrando victoriosamente que a diminuição das contribuições é um elementô de prosperidade, de augmento da renda.

Quando a nossa vista não alcançasse nas profundezas da historia, quando não pudesse apprehender o que se passa em outros paizes cultos, bastaria atravessar a bahia e contemplar, na ignorada Praia Grande, os estupendos resultados da politica financeira do sr. Nilo Peçanha, no breve periodo de dois annos.

Esses resultados fôram devidos á diminuição de importantes taxas e a um systema proteccionista, equitativamente applicado, para valorisar o producto da terra esterilizada pelos velhos processos rotineiros. Sendo de notar que o plano financeiro, corôado de rapido e brilhante exito foi uma iniciativa corajosa emprehendida em quadra de miseria.

A situação de prosperidade que o ministro da Fazenda annuncia com sinceridade incontestavel, esse rosciclér de aurora da regeneração financeira que s. ex. descortina nas brumas de um futuro proximo, estão a calhar para uma refôrma de tarifas, de accôrdo com o antigo anhelô do fatigado contribuinte e moldada pelos interesses economicos, rara vez attendidos nessa importante materia, nesse ramo da administração, no qual se cultivam, se corrigem, se orientam as energias naturaes de uma nação, como o Brazil que tem tudo, menos homens de estatura correspondente á sua grandeza, aos seus recursos incomparaveis.

A occasião era mais que propicia para o sr. Leopoldo de Bulhões se não limitar a pagar devagar, regateando, a cobrar com rigor, a concertar um banco velho corroido de cupim e alguns regulamentos imprestaveis, errados desde as suas sublimes origens, nas entranhas da legislação. A occasião é de primor para que o ministro da Fazenda faça obra de um Huskisson, de um Robert Peel, de um Turgot, de um Landsdowne, homens que deixaram luminoso risco de beneme-

rencia, realisando prodigios de arrecadação de renda com a diminuição de taxas, com sabias refôrmas de tarifas.

Mas isso fica para as kalendas, subordinado ao estafante, ao esteril trabalho de uma commissão de interessados commerciantes, conhecedores dos habitos do commercio, das manhas do consumo, procurando cada qual proteger os artigos de sua especialidade.

E o contribuinte continuará a ser sobrecarregado com impostos inconsiderados, com impostos que ferem fuudo o proprio producto, inutilizando todas as vantagens, todas as esperanças do trabalho.

O governo deveria considerar que o contribuinte da renda federal é o mesmo infeliz submettido aos impostos municipaes e á ganancia feróz dos governos estadoaes, cujas sangrias bastariam para extenuar os mais vigorosos.

Temos o exemplo do Rio Grande do Norte, reduzido á mendicidade pelos excessos da sua olygarchia — uma familia que opprime, engorda e cresce sobre os destroços de um povo reduzido á incapacidade absoluta de pagar impostos.

Temos o tristissimo exemplo do Ceará, substituindo, em plena prosperidade financeira apregoada aos quatro ventos da publicidade pelos jograes do grão duque Accioly, os impostos de importação, pela contribuição de 3 % sobre todas as transacções mercantis dentro e fóra do territorio do Estado, provocando o patriotico movimento de resistencia do commercio honrado, sentindo as garras insaciaveis daquelle governo familiar lhe arrancarem coiro e cabelo.

Esse imposto inconstitucional, indecentissimo, que associa o governo estadual ao trabalho do productor; esse imposto, que dá ao governo um quinhão certo em todas as transacções, muito embóra ellas dêem lucro ou prejuizo, está sendo arrecadado de baraço e pregão, com violento sequestro da propriedade das victimas que tiveram, por instincto de propria defeza, a velleidade de recorrer á justiça local, uma das mais passivas peças do apparelho compressor ao serviço da olygarchia acciolyana, organizada em

voraz syndicato de negocios, de privilegios, de monopolios odiosos.

Como ha de o contribuinte cearense, assim jugulado, pagar os pezados impostos federaes pontualmente, honestamente, sem recorrer ás trapaças, ás fraudes semelhantes a essas recentemente descobertas na alfandega do Rio de Janeiro?

Que fez o governo em beneficio daquelles miseros commerciantes? Mandou de mimo ao velho Accioly um juiz que é uma corda maleavel, um juiz forca para asphyxiar na garganta das victimas os brados de direito.

E ainda devemos agradecer ao sr. Argollo não lhe haver dado metralhadoras

*para ensinar aquella vil canalha de quantos páus se faz uma cangalha.*

A perspectiva financeira, em quasi todos os Estados, é uma desconsoladora variante do quadro de miseria do Rio Grande do Norte, do funesto quadro de oppressão do Ceará.

\* \* \*

Não seria destoante das excellentes qualidades conservadoras, ornamento do sr. Leopoldo de Bulhões, uma refôrma de allivio, que seria, ao mesmo tempo, um poderoso propulsor dos seus patrioticos planos de desenvolvimento da riqueza publica, libertada da *influenca mortifera* dos impostos.

O ministro ganharia em benemerencia muito mais do que perdeu com a sua olygarchiasinha nã opulento, no esquecido, no ignorado Goyaz.

POJUCAN.

## PEDRO I E A IMPRENSA

### EPISODIO DA HISTORIA PATRIA

Lendo alguns documentos officiaes da origem e formação da nossa nacionalidade, encontrei um caso interessante, que, nem por ser conhecido, deixa de merecer uma rememoração completa, com os detalhes e as minucias que o tornem caracteristico da epocha em que o facto historico se desenrolou. Foi em 1823. Proclamada a Independencia e reunida a Constituinte, em 3 de maio, ( data conservada até hoje para a abertura do parlamento ) Pedro I disse que « bem custoso lhe havia sido que o Brazil até então não gozasse de representação nacional »; mas, cinco mezes depois, dissolheu a Constituinte, apezar da Assem-

bléa liaver, no voto de graças, « *recohecido, com ternura, a generosidade e grandeza d'alma de sua magestade* », que desprezára « sentimentos acanhados e vistas curtas e interessadas ».

Pelos documentos officiaes, a dissolução da Constituinte do Imperio foi um caso de imprensa. O primeiro Imperador esperava que a Assembléa fizesse uma Constituição « digna de mim, digna de si e digna da nação ». A Assembléa estava tratando disso, quando, em 11 de novembro, o sr. Andrada Machado, alludindo a movimentos de tropas que « impediram os cidadãos pacíficos de dormirem e os puzeram em sobresalto », accrescentou que se premeditavam ataques a deputados, que Pedro I estava em palacio « rodeado de todos os corpos, até os de artilharia » e que conviuhia uma sessão permanente emquanto durassem as inquietações na capital, nomeada uma comissão especial para communicar-se com o governo.

Na vespera, o presidente levantára a sessão fóra de tempo, por ver que « um povo immenso, tendo invadido o recinto, fazia motim e perturbava os trabalhos ». O sr. Andrada Machado achava que o presidente « tivéra medo de mais ». O debate estabeleceu-se sobre a indicação para sessão permanente, applaudida em discurso do sr. Montezuma; mas o sr. Alencar, que ainda não sabia estar na *terra dos factos consummados*, avançou este vaticinio, formalmente desmentido pelos acontecimentos posteriores: « *Que fariam as provincias si a Assembléa fôsse dissolvida? Desmembravam-se, e o Imperio não seria mais Imperio e o Imperador deixava de ser Imperador!* »

Houve uma série de trocas de *amabilidades meigs pezadas* que as de hoje; mas o sr. Alencar reconheceu que o sr. Andrada Machado tambem era capaz « de sentimentos de virtude e de bom comportamento ». Naquelle tempo, o meio de esconder os desaforos proferidos era a seguinte nota: « *uão se euteude o tachygrapho Possidonio* ». Hoje, com os progressos da stenographia, entendem-se perfeitamente os tachygraphos, mas substitúe-se o que elles registram de mais desaforado pela declaração feita entre parenthesis: « *tumulto, sôam os tympaos*, etc ».

Felizmente, porém, quando o debate tomava esse character aggressivo, annunciou-se que « estava á porta um official militar com um officio do ministro do Imperio para ser entregue pessoalmente ao secretario Calmon ».

O officio era este:

« Illmo. exmo. sr. — De ordem de sua magestade o Imperador, levo ao conhecimento de v. ex., para fazer presente á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa deste Imperio, que os officiaes da

guarnição desta Côrte vieram no dia de hontem representar submissamente a sua magestade imperial os insultos que téem soffrido no que diz respeito á sua honra em particular e mórmente sobre a falta do alto decôro que é devido á augusta pessoa do mesmo senhor, *sendo origem de tudo certos redactores de periodicos e seu incendiario partido*. Sua magestade imperial tendo-lhes respondido que a tropa é inteiramente passiva e que não deve ter influencia alguma nos negocios publicos, querendo, comtudo, evitar qualquer desordem que pudesse acontecer, deliberou e saiu com a mesma para fóra da cidade e se acha aquartelada no Campo de S. Christovão. Sua magestade o Imperador, *certificando primeiramente á Assembléa da subordinação da tropa, do respeito desta ás auctoridades constituidas* e da sua firme adhesão ao systema constitucional, espera que a mesma Assembléa haja de tomar em consideração este objecto, dando as providencias que tanto importam á tranquillidade publica. — Paço, 11 de novembro de 1823.— *Françisco Villela Barboza* ».

Para dar parecer sobre este officio, que transformava um caso de imprensa em *casus-belli*, foi nomeada uma comissão especial composta dos srs. Araujo Lima, Vergueiro, Brant Pontes, barão de Santo Amaro e Andrada e Silva. Neste momento, o secretario Galvão mandava prender e reter em custódia um cidadão das galerias « que proferira algumas palavras contra os deputados ». A comissão dos cinco saiu do recinto e entrou em discussão o art. 23 do projecto de Constituição, exactamente o que dizia: « *Os escriptos não são sujeitos á censura nem antes nem depois de impressos e ninguem é responsavel pelo que tiver escripto ou publicado, salvo nos casos e pelo modo que a lei apontar* ».

Nem de proposito! Mas, como as coisas estavam ruins, o deputado Paula e Mello achou mais prudente não se discutir o artigo e mandal-o á comissão respectiva, « para marcar os casos pelos quaes se fica responsavel em materia de liberdade de imprensa ». Este acto de prudencia foi mal recebido, o requerimento caiu e o art. 23 foi approvedo, adiando-se o art. 24, que dava *aos bispos o direito á censura dos escriptos sobre dogma e moral*. Mas, que havia de entrar em discussão logo depois? Um parecer sobre o caso de uma queixa « do cidadão David Pamplona, que estava á porta de sua botica do largo da Carioca, quando o major Lapa lhe den cipoadas pensando que elle era o *Brazileiro resolutos* » que assignava

artigos atrevidos », Discussão o parecer, disse o sr. Rodrigues de Carvalho « que os indignos periodicos da cidade e de outros pontos do Brazil eram a causa de todas as discordias ». E accrescentou: « Eu não leio *Sentinellas, Tamoyos* e outros que taes, porque delles só tiro afflicções e tormentos; antolho os males que taes escriptos vão semeando, e, como não posso extinguil-os, choro a minha nullidade e quero antes ignorar o que se escreve e de que não colho fructo algum do que irritar-me e offuscar o meu entendimento com prejuizo da minha razão ».

Respondou o sr. Carneiro da Cunha, alludindo a certo ataque feito ao auctor do jornal *Malagueta*; mas « nada se pôde colligir do tachygrapho sobre este discurso ». Deve ter havido muito desaforo, *para nada se colligir do tachygrapho*, que desta vez não se sabe si foi o Possidonio!

O dia estava, como se vê, destinado a ligar a imprensa aos grandes acontecimentos da epocha; ás tres horas da tarde, o debate sobre as cipoadas do pharmaceutico Pamplona, ficou adiado, por estar prompto o parecer da comissão especial sobre o caso do officio do ministro do Imperio, acima transcripto. O parecer foi approvedo e seguiu a resposta ao ministro, nestes termos:

« Illmo. exmo. sr. — Foi presente á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa deste Imperio, o officio de v. ex., datado de hoje, em que de ordem de sua magestade. etc. Comquanto seja doloroso á Assembléa o acontecimento que deu logar á inquietação sentida pelo povo desta Capital, ella, todavia, não pôde deixar de louvar o acerto das medidas momentaneas tomadas pelo governo de sua magestade, fazendo sair para fóra da cidade a tropa, cujos movimentos produziam aquella inquietação. E não podendo a assembléa tomar em consideração este negocio por não lhe ser possivel conceituar cabalmente os motivos verdadeiros e especiaes que occasionaram aquelle extraordinario acontecimento, pela generalidade com que véem enunciations, ignorando-se quantos fôram os representantes, si todos os officiaes ou parte delles; quaes os insultos e sua natureza, quaes os redactores dos periodicos e folhas em que se aclião os mesmos insultos; qual, por fim, o partido incendiario e sua força e objecto: tem a mesma Assembléa resolvido que ao governo de sua magestade compete empregar na crise actual todos os meios que cabem em suas atribuições e propor á Assembléa as medidas

legislativas e extraordinarias que julgar necessarias, certo de que encontrará na representação nacional a mais franca e efficaz co-opeção.: declarando sessão permanente até que o governo de sua magestade lhe transmitta as informações especiaes acima indicadas e as proposições que houver de fazer-lhe. — Paço da Assembléa, em 11 de novembro 1823. — *Miguel Calmon du Pin e Almeida* ».

Sómente á 1 hora da noite, replicou o governo, em officio do mesmo ministro, e pelo qual Pedro I mandava dizer: que sentia infinito que a Assembléa desconhecesse a crise; que os periodicos eram o *Sentinella da Praia Grande* e o *Tamoyo*, attribuindo os militares aos deputados Andrada Machado, Ribeiro de Andrada e Andrada e Silva a influencia naquelle jornal e a redacção neste outro, « o que muito custava crer a sua magestade »; que a consequencia das doutrinas desses periodicos era crear partidos incendiarios, de que o governo não podia calcular a força que tinham ou que viriam a adquirir; que, quanto ás medidas a propor, Pedro I as julgava mais acertadas provindo da sabedoria e luzes do corpo legislativo.

Para commentar a replica, levantou-se o sr. Carneiro da Cunha, deputado, que disse: « Muito doloroso me é que o governo respondesse de semelhante fórma, tomando por pretexto dos movimentos das tropas, as publicações de dois periodicos. Porventura não tem havido em todos os tempos periodicos incendiarios? não se têm lido no *Diario do Governo* tantas doutrinas perturbadoras? e o governo pediu então algumas providencias? não atacavam essas doutrinas a todo o momento o corpo legislativo? não appareceu até uma carta totalmente subversiva do systema que a nação jurou e cujos principios se encaminhavam a produzir a anarchia? Ah! sr. presidente! As doutrinas eram incendiarias, menoscabavam o corpo legislativo e a dignidade desta Assembléa, mas o governo não se embaraçou com isso; e, fallando-se aqui de tão indignos escriptos, respondeu-se que como havia liberdade de imprensa, era livre a cada um expôr a sua opinião e esta ser contrariada pelos que a não seguissem. Sr. presidente, fallemos, por uma vez, claro: este não é o motivo dos acontecimentos de que somos testemunhas; outros existem seguramente, e elles apparecerão ».

E tendo dito isto, o sr. Carneiro da Cunha mostrou desejo de « pedir demissão de deputado. » — *Não pôde!* exclamou o sr. Andrada Machado, creando então a phrase-protesto, mais em voga hoje em dia. O sr. Andrada e Silva deu-se por suspeito, visto estar

indicado ou apontado por Pedro I como jornalista incendiario. Outro incendiario, o sr. Ribeiro de Andrada, aguardou oportunidade para fazer observações. O sr. Alencar, cansado e com somno, apartou: « Parece-me que pôde haver sessão permanente sem estarmos aqui pregados até que se termine um negocio tão complicado; nós necessariamente havemos de dormir e devemos retirar-nos porque o exige a natureza. » O sr. Montezuma opinou em sentido contrario: qual dormir! « Não demos um exemplo tão pouco digno dos representantes da Nação. Continuemos em sessão: si morrermos, acabamos desempenhando os nossos deveres! »

Ha ainda esta tirada do sr. Andrada e Silva: « E' para notar que quando se trata de partidos incendiarios, se falla sómente do *Tamoyo* e da *Sentinella da Praia Grande* e que nada se diga do *Correio* nem do *Diario do Governo*: acaso poderá o *Correio* incendiar e atacar como quizer? » Afinal, depois destes desabafos, mandou-se a réplica do governo á commissão e resolveu-se continuar em sessão permanente pela madrugada afóra. Foi então, com o parecer, que o debate se apaixonou: recouhcia a commissão ter havido excesso nos periodicos apontados pelo ministro e em outros (os governistas, naturalmente) couvindo que se fizesse algumas restricções á liberdade de imprensa, adiada a discussão do projecto da Constituição, para se conseguir restabelecer o socego.

O sr. Andrada Machado, accusado de incendiario, fez então um violento discurso, dizendo: que o ministro avançou uma falsidade, a mais vergonhosa possivel; que « nunca tivéra influencia nos citados jornaes e que, por consequencia, o ministro mentiu na sua accusação baixa e indigna »; que agradecia ao governo tel-o escolhido para alvo dos seus tiros; que, com outros collegas, era accusado « de assassino e auctor de bernardas » justamente porque se manifestavam contra abusos e contra a escravidão; que a Assembléa estava coacta, « não podendo deliberar debaixo de punhaes de assassinos, rodeada pela força armada »; que não admittia restricções á liberdade de imprensa; que a falta de tranquillidade procedia da tropa e não do povo; que só se poderia deliberar mandando a tropa para mais longe, porque S. Christovão era perto!

O sr. Carneiro da Cunha, por sua vez, lembrou um alvitre, achando que mandar as tropas para longe era peor e que preferivel seria mandar-se a Assembléa para bem longe de tanto barulho, apezar do governo affirmar a subordinação das forças no Campo de S. Christovão. Terceiro alvitre, este do sr. Ribeiro de Andrada, cujo discurso os tachygraphos não puderam

escrever: « que sua magestade fizesse retirar os corpos do exercito seis leguas para fóra da capital, retirando-se a Assembléa para outra provincia si as tropas não se retirassem. » Esta proposta teve uma emenda do sr. Montezuma, que queria ver as tropas mais longe ainda, dizendo *dez leguas* em vez de seis.

Em meio de enorme balburdia, lembrou o sr. Vergueiro que se mandasse vir o ministro á presença da Assembléa. Foi isto approvado, expediu-se officio ao ministro, que, ás 11 horas da manhã de 12 de novembro, chegava á Camara, armado e fardado. Convidado a tirar a espada antes de entrar no recinto, disse o ministro: « Esta espada é para defender a minha patria e não para offender os membros desta augusta Assembléa. Portanto, posso entrar com ella. » E entrou mesmo!

O discurso do ministro do Imperio pôz os pontos nos ii. O *Tamoyo* estava insolente e ameaçava até a existencia physica e politica de Pedro I. O Imperador esperava que a Assembléa entendesse o seu officio sem precisar descer a particularidades; mas desde que o chamavam a explicar-se, dava as explicações: *era preciso cohibir-se immediatamente a liberdade de imprensa; e era preciso que fôsem expulsos da Assembléa os srs. Andradas como redactores do «Tamoyo» e colaboradores da «Sentinella».*

O ministro sujeitou-se depois a um interrogatorio, respondendo a todas as perguntas do presidente e de varios deputados sobre a prisão do francez Milliet como redactor do *Tamoyo*, sobre o cartuchame distribuido ás tropas, sobre as respostas que Pedro I deu aos officiaes que exigiam a expulsão dos deputados *Andradas*, julgando-a *inadmissivel*, etc.

Retirou-se o ministro do Imperio e houve proposta para chamar-se o ministro da Guerra, mas esta caíu. Foi justamente quando chegou á Camara a noticia de que a tropa marchava para a cidade:

— Daqui iremos para onde a força armada nos mandar!

— Requeiro que se mande uma deputação saber o que quer de nós a força armada!

— E' melhor esperar aqui e saber o que sua magestade manda!

— Sr. presidente! *O nosso logar e este.* Si sua magestade quer alguma coisa de nós, mande aqui, e a Assembléa deliberará!

— Si fôr possivel deliberar. Talvez nem isto nos permittam!

— O que me dá grande satisfação, disse o presidente, é ver a tranquillidade da Assembléa.

— Creio que não podemos deliberar estando cercados pela força armada!

Nisto, faz-se annunciar um official, que entrega ao secretario, o decreto

de dissolução da Assembléa Constituinte, por ter «perjurado ao tão solemne juramento que prestou á Nação de defender a integridade do Imperio, sua independencia e a minha dynastia.»

O secretario, lido o decreto, achou conveniente transmitir á Assembléa o recado de Pedro I: —a tropa estava alli para garantir os deputados contra qualquer insulto. O presidente declarou ao official que «podia assegurar ao Imperador que a Assembléa se dissolveria.» E Pedro I rectificou o decreto de dissolução, dizendo que «perjuros não eram todos os deputados, mas os de certa facção que dominava no Congresso e que anhelava vinganças, etc.»

Em 1829, passados quasi seis annos do decreto de dissolução, ainda Pedro I, na falla do throno, dizia que «o abuso da liberdade de imprensa, que infelizmente se tem propagado com notorio escandalo por todo o Imperio, reclama a mais séria attenção da Assembléa, sendo urgente reprimir que não póde deixar, em breve, de trazer após si resultados fataes.» Em 1830, repetia o Imperador o pedido de remedio para o abuso da liberdade de imprensa, mas sem acampar tropas em S. Christovão, sem exigir expulsão de deputados jornalistas e sem outra dissolução que não a dos costumes, da qual tiram alento e vida os excessos de linguagem dos periodicos de todas as terras e de todos os tempos.

AGENOR DE ROURE.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O observatorio solar do Monte Wilson — A Carnegie Institution, a sua installação — O espectro heliographo.*

O observatorio solar da *Carnegie Institution* é o mais novo e o mais perfeito dos Estados Unidos da America. Está collocado no cume do monte Wilson, ao sul da California, seis mil pés acima do nivel do mar, que fica cerca de trinta milhas distante, e na mesma proporção, das cidades Pesadena e Los Angeles.

Esse observatorio foi construido para o estudo especial do Sol e dos problemas da evolução estellar. Seus instrumentos, de uma delicadeza e de uma perfeição idéaes, são empregados em observações diarias e calculos incessantes do volume da radiação solar para verificar si soffrem alterações as quantidades de calor recebidos pela terra e, ao mesmo tempo, estudar a mysteriosa vida das estrellas e nebulosas. Dadas as condições favoraveis desse observatorio do monte Wilson e com o auxilio dos novos e maravilhosos instrumentos aperfeiçoados pela astronomia moderna, esperam-se notaveis progressos no conhecimento dos corpos celestes.

Todos os astrónomos reconhecem as inestimaveis vantagens do estudo das condições do Sol, a estrella mais visivel da Terra, estando mais afastada 300.000 vezes aquella que se lhe segue. Apenas um, dos vinte e dois grandes telescopios de refração, tem sido regularmente empregado nesse estudo, por causa dos defeitos inherentes aos velhos observatorios.

Após longas, escripturadas investigações sobre a conveniencia do sitio, verificou-se que o monte Wilson renhia condições de uma installação ideal. O seu cume guarnecido de arvoredo, evitando a radiação das encostas da montanha, a permanente atmosphera clara e calma, a raridade dos dias nevoentos ou tempestuosos eram condições de absoluta superioridade sobre os outros estabelecimentos congeneres, situados sobre elevações consideraveis. Essas considerações decidiram a *Carnegie Institution* a escolher aquelle sitio, com adequados recursos para manter observações durante dez annos, o prazo ordinario dos periodos das manchas solares.

Em alguns mezes, dois importantes telescopios fôram montados no monte Wilson; construiu-se uma casa denominada Mosteiro, para a residencia permanente dos astrónomos, seus auxiliares e servidores; e fez-se larga provisão para o completo equipamento de um observatorio moderno.

Os dois grandes telescopios, agora empregados, differem muito na construcção e no seu destino. O maior, o telescópio Snow é muito diverso dos refractores ordinarios: consiste numa série de espelhos arrançados sobre uma série de pedestaes de granito e abrigado por uma coberta de aço de duzentos pés de comprimento. Estaes de cordas de aço, fixadas em grandes massas de concreto, preservam a estrutura de ser abalada ou arrebatada pelos ventos do inverno. A ponte, onde termina a série de espelhos planos, fica sobre um declive da montanha, estando o seu eixo fócal a trinta e cinco pés do terreno. Dois espelhos planos recebem os raios do Sol e os reflectem, além de toda a extensão da coberta, sobre dois grandes espelhos concavos, de dois pés de diametro cada um e de diferente tamanho fócal, os quaes focalisam os raios sobre quadros apropriados produzindo imagens do sol, de sete a dezete pollegadas de diametro.

Para o estudo dessas imagens, se emprega um instrumento chamado espectro-heliographo que permite examinal-as a uma luz de selecção e obter informações sobre a composição chimica do Sol. Um desses espelhos, de cinco pés de diametro, está sendo preparado e será, brevemente, montado conjuntamente com o mais perfeito e o maior reflector do mundo.

Outro instrumento importante, agora em actividade, é o telescópio photographico de Brnce, destinado especialmente a colher imagens de estrellas e nebulosas. Tem um curto fóco e vasto campo e com elle se téem obtido notaveis photographias da vasta nuvem de estrellas da *Via Lactea*, desenhando essa estupenda região em escala relativamente grande, e com precisas minucias. Esse telescópio foi terminado e montado no observatorio Yerkes, em 1904, e transferido, no fim do mesmo anno, para o monte Wilson, podendo da mais baixa latitude deste obter, em maiores proporções, imagens da *Via Lactea*, impossiveis de photographar da latitude daquelle observatorio do Estado do Wisconsin. A mais transparente atmosphera do monte Wilson permitirá photographar alguma das grandes nebulosas diffusas; obscurecidas pelo ar mais denso dos niveis inferiores.

O Mosteiro, contendo os escriptorios e acomodações do pessoal de astrónomos e ajudantes, é uma adaptação do antigo estylo Missões da architectura californiana, ás necessidades do seculo XX. Cada membro do pessoal tem um quarto de dormir e um pequeno escriptorio ou cella contigua. Uma grande sala, bem adornada, com um grande e artistico fogão central, serve para o trabalho em commun. tem uma bibliotheca e o lugar de recreio dos habitantes daquelle reducto scientifico. Dalli se descortina o bello panorama das montanhas proximas, das cidades Pesadena e Los Angeles, tendo o Oceano Pacifico no ultimo plano.

O transporte do material de construcção e de equipamento áquellas alturas foi difficilissima tarefa, numa travessia de quinze milhas de caminhos estreitos, tendo nove milhas intransitaveis para os vehiculos ordinarios. O material mais leve foi conduzido no costado de mulas, o mais pezado em um carro pittorescamente arranjado como um automovel de montanha, construido com quatro rodas pneumaticas de vinte e oito pollegadas de diametro a dois pés de distancia, tirado por um possante cavallo e conduzido por dois homeus. Este carro especial conduzia mil libras e levou ao cume da montanha trezentas toneladas de pezadissimo material.

Os mais experimentados astrónomos confiam seja o observatorio do monte Wilson, provido de perfectissimos aparelhos, um elemento de progresso nas investigações do centro do nosso systema planetario, descobriundo novos detalhes da constituição dos poderosos e inexgottaveis elementos de vida que elle encerra e distribue prodigamente aos astros seus tributarios.

Esses extraordinarios melhorameu-

tos scientificos são devidos á munificencia do millionario americano Andrew Carnegie, o grande phylantropo que tem consagrado as súas immensas riquezas ao bem da humanidade.

No numero anterior dos *Annaes*, iniciámos a publicação da notavel conferencia do sr. Manoel Bomfim, sobre o *ciúme*. Agóra, publicamos a ultima parte. Somos os primeiros a nos felicitar pela prioridade da divulgação desse trabalho, a que o seu auctor imprimiu toda a seriedade do seu espirito.

Notando a nossa iniciativa, o eminente jornalista do *Paiz* escreveu, a proposito da conferencia, o seguinte :

«A magnifica revista de Domingos Olympio e de Walfrido Ribeiro, os *Annaes*, começou no seu numero de hontem a publicação da conferencia do dr. Manoel Bomfim sobre o *Ciúme*. Essa conferencia ganha em ser lida, foi escripta para ser lida e é lendo-a que se pôde avaliar da competencia de seu auctor, um psychologo erudito e elegante, um prosador profundo e meditado, que estuda conscienciosamente os seus assumptos e achia sempre a fórma original—paradoxal, si quizerem — pela qual os lia de encarar. Numa nota a essa conferencia, o dr. Manoel Bomfim respondeu a uma observação que o nosso collega do *Dia* fez á these que elle defendeu; e julgamos interessante reproduzir aqui essa resposta, para o que pedimos venia aos nossos illustres collegas dos *Annaes* :

## O CIUME

### ASPECTOS GERAES DO CIUME

*Conferencia realisada  
no Instituto de Musica.*

Já vimos como se gera o ciúme: é a emoção de dôr, pela perda de qualquer coisa que nos é necessaria, e mais a emoção de colera contra a causa desta perda. Eis os elementos essenciaes no ciúme. E', pois, um sentimento composto, complexo, ao qual geralmente se vêem juntar outras representações, que mais o complicam. Como todo estado affectivo, elle tem o seu tom geral — o de uma dôr, queixosa, banhada em odio. E', em todo o vigor da qualificação, um sentimento máu. Spencer chamou-lhe de *negro, horrido, monstro de aspecto soturno, e olhar sombrio, obliquo*. Outros o têm como um sentimento morbido. E, agóra, que vamos aprofundar a analyse do complexo da emoção em si, faz-se necessario reconstituir e enumerar as varias afflicções e os transes que torturam o ciúmento.

Nenhum caso de ciúme é mais simples que o desse mr. Bergeret. Trata-se de um intellectual, que uma bôa philosophia tem preparado para crises taes. Vem-lhe a certeza da traição da esposa, e

o seu primeiro movimento foi simples e violento —

o de um animal feróz.. sêde de carnagem: quiz matar a esposa, matar o amante; em um só instante, porém, deixou de ser um instinctivo.

Contentou-se em inutilizar o manequim de vime da mulher, e repudial-a.

Na alma do ciúmento de Tolstoi :

o ciúme rugia como a féra no seu antro, prompta a lançar-se ao inimigo.

Pelas physionomias perpassam todos esses lances :

livido, labios crispados, desgrenhado, olhos agitados nas torturas da suspeita terebrante... punhaes e alfinetes n'alma.

Ha, na lyrica portugueza, umas paginas onde se reflectem, com accentos asquerosamente humanos, todo esse torvellinho de emoções odientas, e toda a sinistra riqueza de imagens do ciúme. E' o poema de Castilho — CIUMES DO BARDO.

Ahi nos diz o poeta o que soffre, e quanto soffre. Não só elle — todos, todos se queixam de uma dôr intensa, «dôr que não tem cura», uma angustia diffusa, uma dôr dilacerante de todo o sêr, expandindo-se em indagações anciosas, revoltantes, que mais degradam o infeliz, já decaído, aviltado com a victoria do rival. Vem dahi, nos casos mais brandos, essa melancolia aggressiva e amarga, peculiar aos ciúmentos; porque o ciúme, todos o sabem, apresenta varias intensidades, dependentes, principalmente, do character do individuo: desde a simples suspeita e má vontade contra o rival, até o terror, a estupidez inerte, on o desespero snicida, ou a furia de sangue e de vingança.

Em qualquer destes gráus, porém, o ciúme é sempre desagradabilissimo, porque tem um fundo de desconfiança, que é esse mal estar do espirito — a sua quêda para o desconhecido. A confiança é a ordem e o repouso, é a certeza de viver e de marchar para o bem, é a alegria calma, vivificante. Sem ella, tudo se resolve, para o espirito, em imaginações penosas. Nasce em Othelo a suspeita, a duvida, e a inquietação latente do monro desata num ciúme feróz, que injuria, e fêre, e mata. Uma palavra innocente, um gesto, uma inflexão de vóz, um sorriso perdido — tudo são provas, que a sua desconfiança recolhe, e somma, e repassa continuamente pela mente, até que esta desaba no verdadeiro delirio: «*Bodes e Macacos*», resmungua elle, falando a Ludovico, e tratando de coisas politicas. E' que naquelle momento mesmo lhe passam pela mente os *bodes* e os *macacos* a que se referira Iago, para dar-lhe a idéa da lascivia. Estas imaginações e idéas impõem-se porque o individuo sente uma necessidade obsedante de pensar no que per-

deu; revê o passado, e nelle se desenhiam, ampliados, todos os prazeres, todos os dons perdidos, denegrindo-se o agro-doce da saudade no rancor, na sêde de vingança. E como essas imagens dos bens perdidos se ampliam, a emoção do ciúme adquire uma força que, muitas vezes, não está em relação com o apreço real que se ligava á posse do objecto perdido. O ciúme tem, assim, uma tendencia a subordinar todas as forças affectivas do espirito. Por isso, as reacções, nesta emoção, além de mal apropriadas, e contraproducentes, são, geralmente, desproporcionados, o que lhes dá, aos olhos indifferentes, um aspecto muitas vezes grotesco, ridiculo.

Lembremos que foi preciso o ciúme para dissipar a cegueira de Orgon a respeito de Tartufo.

### OS ESTADOS DE CONSCIENCIA NO CIUME

O ciúme, assumpto debatidissimo pela psychologia dos romancistas e dramaturgos, tem sido, por isso mesmo, abandonado pelos psychologistas de profissão. Trata-se de uma emoção complexa, e as proprias emoções simples ainda não estão sufficientemente observadas e analysadas.

O ciúme é um sentimento composto, dos que Ribot chama de «*compostos* por mistura de elementos heterogeneos». Alguns psychologos ingenuos o consideram um sentimento primitivo, porque se encontra já nas creanças e nos animaes. Basta uma ligeira analyse para mostrar que o ciúme é, effectivamente, uma emoção composta, onde entram geralmente quatro elementos: a representação do bem possuido ou desejado, e que actúa como attracção ou excitação; a idéa da perda — elemento de depressão; a idéa da causa da perda — o rival, a complicitade do amante, e que vem agir como elemento de colera e aggressão; a idéa da inferioridade propria — elemento de piedade. Uma emoção tão complexa não pôde ter, nem tem, effectivamente, uma eclosão subita e immediata; apresenta, sempre, varias phases, estados de consciencias mutaveis, segundo o tom affectivo de cada uma das emoções componentes. O primeiro movimento d'alma, é o de medo, ou receio, de perder o objecto possuido; segue-se a colera, e vem logo a piedade do individuo por si mesmo. Esses tres *tous* se encontram em todo ciúme, cujo desfecho, cuja reacção final, depende da natureza da emoção elementar predominante, e tambem: das outras emoções subsidiarias, e das outras representações mentaes que se vêem juntar ás primitiva. No homem intelligente, de experiencia esclarecida, o ciúme se complica muito mais. A idéa da causa e a emoção *colera* se referem, não só ao rival, como ao proprio objecto amado—si é uma pessôa,



porque o ciúmento sabe que essa perda não se daria, si a pessoa amada não acquiescesse, não preferisse o rival. Nestas condições, elle sente desenvolver-se em si colera, rancor, e odio, contra essa mesma pessoa, por quem continúa a sentir a primitiva necessidade de posse. Estes dois estados affectivos contrapõem-se; mas, em vez de annullar-se, subsistem na consciencia, produzindo um contraste doloroso, dilacerante, iusupportavel, uma agitação, que acaba desorganizando toda vida affectiva e moral. Em torno desta idéa fixa—o bem perdido, agita-se um turbilhão de imaginações, lembranças e sentimentos, segundo os temperamentos, segundo a riqueza e a força da intelligencia. Sobrevêm emoções oppressivas e rapidas—surpresa, terror; emoções oppressivas e longas—repugnancia, anciedade, desillusão, angustia, desespero, pezar, máu-humor, mortificação, piedade, humilhação; outras, exaltivas e instantaneas—colera, furia; outras, exaltivas e duraveis—desejo, rancor, odio, vingança, vaidade...

Por isso mesmo, o ciúme não tem nenhum signal exterior, exclusivo seu; elle se exprime justamente pelo gestos e inflexões peculiares a cada uma destas emoções primarias.

Dada essa complexidade, não admira que, assim, cada ciúme seja um drama sentimental especial. Abre a scena uma subita e violenta inquietação. Jacques, do romance de Paul Marguerite, ao ler a carta em que a esposa lhe faz a revelação terrivel, murmura para si:

«Ella quer experimentar-me; que horrivel brincadeira!» E tremia. A medida que proseguia na leitura, a vertigem lhe fazia redemonhiar a cabeça; sentia-se balançar no vasio, e cair como que num sonho.

O heróe do ultimo romance de Paul Brulat, ao dar pela falta da mulher, sentiu:

um calefrio de inquietação... e poz-se a tremer...

Na *Sonata a Kreutzer*, o marido ao ter a prova decisiva da infidelidade da esposa, vê

...o coração parar de subito, e depois começar a bater como um martello.

E vem a duvida, e uma agitação angustiosa, que degenera numa verdadeira confusão—o espirito é um calos:

...Uma barafunda de idéas e sensações...

registra Machado de Assis; e, continuando a rememorar, diz o seu personagem, já citado:

O que scismei foi tão obscuro e confuso que não me deixou tomar pé.

A emoção transborda e opprime:

Eu era como uma garrafa en-

tornada, cuja agua não cáe porque ella está muito cheia. Era preciso alliviar-me.

Sentia uma grande necessidade de agir—diz um outro.

Quando a mente clareia um pouco, é para entregar-se á furia da imaginação, gravitando em torno da idéa capital—o bem perdido. A' heroína de *L'Aveu*, de Henri Greville, passado o primeiro choque, ficam-lhe:

...Os ouvidos a tinir; todas as velhas lembranças se precipitam como uma cohorte de vampiros...

Um outro personagem de Bourget, analysando o seu ciúme, nos conta:

Na luz dos horisontes, quantas imagens se evocam, umas, representando a graça daquella que nos deixou; uma outra, a mais doce das suas caricias, um gesto seu quando nos caía nas braços, como cabellos esparcos na frente, o olhar banhado em melancolia, nos momentos divinaes;—e, logo, associando-se á idéa do rival abominado, em lembranças que se prendem ás cordas mais vivas do nosso ser, estrangula-nos uma dôr, contra a qual não ha allivio...

Noutros:

...a imaginação traz as imagens mais cynicas, dolorosas e revoltantes, imagens que não se pôdem evitar.

A imaginação como que se perverte, deformando, denegrindo tudo que a memoria resurge:

Voltavam todas as imagens—a mulher, o amigo, physionomias doces, banhadas de bondade e de candura, e que, pouco a pouco, se deformavam e se tornavam monstros...horriveis caricaturas...era a sua vida que lhe apparecia. achava-se debruçado sobre o seu passado—como sobre uma agua transparente e clara, onde ía sempre matar a sede, e na qual percebe de repente um sapo.

Essa perversão da imaginação propaga-se logo ás funcções da logica e do pensamento; o individuo passa, agóra, a interpretar perversamente todos esses detalhes e factos insignificantes que vêem á lembrança; incidentes sem importancia são augmentados, desfigurados, e tidos como provas evidentes. O espirito se exalta, perde toda a lucidez, e, enleiado nessa logica delirante, não tarda voltar atraz; entra de novo na duvida, discute consigo mesmo...E toda esta agitação lhe deixa, como um residuo no espirito, a consciencia da propria decadencia—a inferioridade de sentir-se suplantado. Vém-lhe, então, uma grande compaixão por si mesmo. Todos os romancistas o registram:

Jacques tomou de novo a carta, quiz lê-la, e invadiu-o uma tal piedade por si mesmo que nem pôde seguir as lettras através do véo de lagrimas que lhe banhavam os olhos...

Mr. Bergeret, passado o impeto instinctivo:

Entrou na sua dôr, envolveu-se nella. Tomou-se, como um doente, de uma grande piedade por si mesmo, e expulsava as imagens penosas.

O proprio Pozduchev, sanguinario e odiento, confessa:

Tomei-me de uma immensa piedade por mim mesmo—as lagrimas saltaram...

Essa piedade é o segundo aspecto da dôr definitiva em que elles se vêem afundados. Em todos, essa mesma exclamação se repete: *Como soffro!*...

Terebrante, lancinante nuns; surda, oppressiva, noutros, segundo o predomínio das emoções exaltativas ou das depressivas—a dôr é, em todos elles, egualmente intoleravel:

Soffro mais que tudo que os labios pedem dizer.

lamenta-se um;

Quero morrer! Prefiro morrer!

repete outro.

E' que elles acreditam ter entrado para morte, com a perda de um bem que lhes parecia essencial á vida. Esta dôr definitiva é que levanta a voz de Othelo quando se despede da vida:

Ainda quando ella se tivesse entregado a todos os meus soldados, e que eu de nada soubesse—seria feliz. Mas, agóra? Adeus, repouso de minha alma! Adeus, exercitos e pavilhões ao vento! Adeus, grandes guerras, que fazem da ambição uma virtude! Adeus, para sempre!... Adeus, corcéis nitriundo, faufarras e clarins gritando ao onvido, tamboresque accendem a coragem! Adeus, armas, e pompas, e orgulho, e fulgor das guerras gloriosas!... Adeus! Adeus!... Othelo acabou!

E vem a reacção final, onde tudo é lugubre e triste, quando não é ridiculo ou repugnante. Feliz o ciúme que se termina inoffensivo, quasi comico, qual o de mr. Bergeret:

Agóra aquella coisa sem cabeça (o manequim da vime da mulher) lhe pareceu a propria mme. Bergeret. Atirou-se a ella, enlaçon-a, fez estalar sob os dedos como as cartilagens das costellas, os cipós do busto, pisou aos pés, arrastou-o gemeu e mutilado, e atirou-o pela janella no pateo do tonelleiro Lenfant.

## EFFECTO DO CIUME SOBRE O CHARACTER

Tudo isto que repassamos em analyse, e o que sabemos da vida real, já nos diz o bastante para comprehendermos que o ciúme — essa tempestade dos sentimentos — não poderia passar por uma alma sem diminuil-a moralmente, sem perturbar e peiorar o character. Não se contam os crimes, as perversidades, as vinganças cruentas ou torpes, dictadas pelo ciúme. Impondo-se ao espirito, elle afoga a intelligencia, tira a lucidez moral, subverte toda a vida affectiva, faz do individuo um impulsivo, dominado por uma idéa obsedante. Certos ciúmes se traduzem por um verdadeiro furor maníaco, uma quêda de tom para a grosseria, que espanta. A sêde de vingança gera um odio intemperante, minaz ou violento, que não olha a considerações humanas. Ha prazer na vingança, prazer em ver soffrer. Em muitos casos, o ciúmento não se contenta apenas com o afastar ou destruir o rival, — *quer pagar-lhe na mesma moêda*, como nos diz Iago. E a vingança é insaciavel, e o odio crescente; porque, vingando-se, mais se afasta o individuo da posse desejada, concorrendo elle proprio para tornar a perda definitiva. Sente-se desprezado, desprezível, e paga em odio e rancor os sentimentos que inspira. Não se pêjam mesmo de confessional-o.

Quando cada cabello da sua cabeça tivesse uma vida, a minha vingança teria forças para destruil-os todos.

O bardo de Castilho, leva os seus ultrages á generalidade das mulheres, e a todas estende a sua furia vingativa:

Mulher pura e fiel não ha, nem houve;  
.....  
Podesse uma só náu contel-as todas,  
E o piloto fôsse eu...

A covardia, uns restos de respeitos sociaes, pôdem deter o individuo; mas, na alma os máus projectos fervilham. E' o marido enganado de Capitú quem nos diz:

Quando, nem a mãe nem o filho estavam commigo, o meu desespero era grande, e eu jurava matal-os a ambos, ora de vagar, para dividir pelo tempo da morte, todos os minutos da vida embaraçada e agoniada.

E' este mesmo que, finalmente, tenta envenenar uma creança innocente, que o trata por pae. Tudo revela uma grande seccura de coração. E' de si, apenas, que o ciúmento tem piedade. Fechado no seu egoismo impermeavel, elle se julga com o direito de pedir o desprezo dos homens e o castigo dos céos para aquelles que se negam ao seu dominio e usufructo. Nas rimas de um poeta, o ciúme deprime, avilta, injuria cruelmente a mulher possuida, sómente porque:

...um dia acordei... E mal desperto,  
Olhei em torno de mim... Tudo deserto...

A mulher, hontem *amada com delirio* — seu *canto de poesia*, sua *estrella* e seu *lyrio* — é, agóra: *Marco sem brio, lodo vil*; o seu *leito*, o seu *osculo*, são *immundos*. o seu futuro é:

... a morte, a lampada sombria pendente do bordel...

A suspeita, as offensas, a diffamação, que se projectam das suas accusações injuriosas, deixam-no indifferente; o martyrio das pobres victimas sobre quem recáe o ciúme, os esforços para destruir as prevenções, mais exasperam essas almas, que sentem em si ninhos de viboras e têm gosto em dispersal-os por todos quanto os rodeiam. Um amigo que procure dissipar as idéas negras do ciúmento, e trazel-o a melhores sentimentos, é um *cumplice do culpado*, um novo rival. Dois ciúmes encontram-se, combinam-se, excitam-se, e explodem numa furia de vingança, que os corações em calma não comprehendem:

Quero sangue, brame a heroína de Musset, tenho uma ancia mais forte que a do abutre excitado pela vista de um cadaver. Elle está lá, dizes tu? Corre, pois, e degola-o, arrasta-o pelos pés até aqui! Torce-lhe o coração, para que se não escape. Retallia-o, e traze-me os pedaços: fulminem-me os céos, si eu não te pago cada ferida com um beijo.

Por vezes, passada a crise, é o proprio ciúmento que se horrorisa do seu crime. Tal nos apresenta Racine a repulsa final de Hermione, deante do assassinio de Pyrrro:

Vingáe-me. . Correi ao templo, immoláe-o!

— Quem?

— Pyrrro.

— Voltáe todo coberto de sangue do infiel, e estejaes certo do meu coração.

.....  
— Senhiora!. O infiel acaba de expirar.

— Morto!.. Cala-te perfido.. Váe, renego-te!. Devias, acaso, crer numa amante iusensata?!...

Ouçam esse factó, verídico, e que foi relatado a um dos uossos mais amados poetas, por um descendente illustre do protogonista, e terão idéa do gráu de fereza e insensibilidade a que pôde chegar uma pessoa mordida pelo ciúme.

E' em Minas, nos tempos em que os grandes senhores, e fidalgos colonos, faziam explorar o ouro e o diamante pelos rebanhos de escravos, de que dispunham como de coisa possuida. A' tarde, da varanda da casa apalacetada, o senhor e a mulher vêem chegar os

bandos de escravos; num dos ranchos vem uma mulatinha, inconsciente da propria miseria, sorrindo e tagarelhando. Distraído, no enfado daquella existencia ociosa, o marido repara:

-- Que bellos dentes tem aquella rapariga!

— Quem? acode a vóz aspera da esposa.

— Aquella que váe entrando, e aponta. Nisto, a mulher levanta-se.

— Váes lá dentro, manda-me um copo d'agua.

A agua demora, e o senhor enfatiado já se prepara para entrar, quando apparece a mulatinha com a agua pedida. Elle não a reconheceu, porque um véo de dôr encobre o rosto da infeliz; e váe para apanhar o copo, quando vê, no fundo da salva, empastados na baba sanguinolenta, todos os dentes da innocente, que a megera fizera arrancar a torquez, num impeto de ciúme.

## O CIUME CHRONICO — O CIUMENTO

Até aqui temos estudado o ciúme-episodio—uma crise affectiva, esporádica, irrompendo numa alma sã, normal, ferindo-a, perturbando-a transitoriamente. Ha ciúmes assim; ha pessoas que fôram ciúmentas uma vez: soffreram, gemeram, curaram-se, ou morreram. Ha outras cujo ciúme é chronico, dissemos ao começar. E os desta fórma são, infelizmente, os mais frequentes. Trata-se de um typo de character, resultante do exaggero de certas tendencias naturaes. Esse exaggero é tal, ás vezes, que o ciúmento sáe do quadro dos caracteres normaes: é um desequilibrado, um doente.

O ciúme não passa, então, de um véo transparente, sob o qual se mostra um espirito deformado, votado ao exclusivismo de um sentimento máu. Fóra de qualquer crise, antes de qualquer *motivo real*, o ciúmento se revela. O seu character se tráe nas menores acções, nas phrases mais banaes, como se tráe o character do irreflectido, do obstinado, do sensual. O desregramento da imaginação, a ausencia de senso critico, um exaggerado egoismo, e uma inconsciente percepção da propria inferioridade, fazem desses individuos — ambiciosos, fracos e impulsivos, suspeitosos e ciúmentos, em todos os lances da vida. Quando vêem a amar, é para caír no ciúme perpetuo.

Para taes creaturas, o amor é a fonte de todas as amarguras, porque, não sendo *razoaveis*, são incapazes de fixar-se na certeza — da constancia, ou da infidelidade do amante. Têm sempre necessidade da evidencia; pedem sempre evidencias e provas, e não ha provas e evidencias que os tirem da ancia e da incerteza. Toda a actividade intellectual é subordinada a essa exigencia do character; o indivi-

duo é uma machina, cuja móla é o ciúme. Os factos mais communs e indifferentes adquirem, para elles, significação capital, e se crystallisam em *indícios vehementes*; o pensamento só trabalha architectando os *nadas* da vida diaria: gestos corriqueiros, sorrisos e gentilezas futeis, phrases banaes e palavras mal ouvidas — architectando-os, e explicando os mais inverosímeis e monstruosos ciúmes. A idéação desvairada, abandonada pelo discernimento, leva-lhes o senso moral a aberrações inconcebíveis.

São sensitivos e egoistas, nimiamente egoistas, e, por isso mesmo, de uma emotividade irritadiça e insaciavel, sempre em decepções, sempre rancorosos, mal-humorados, susceptíveis e vaidosos. Banha-lhes o espirito uma má fé, instinctiva e inveterada, traduzindo-se numa anciedade vaga e suspeitosa, numa malevolencia implacavel. Invejosos, absorventes e zelosos, todos os affectos se resolvem para elles em torturas, que mais lhes pervertem os corações inquietos e mal inspirados. Ha, na sua sensibilidade moral, excessos e contradicções doentias; testemunham viva affeição áquelles mesmos a quem, sem hesitação e sem remorso, levantam as mais torpes accusações. Desconfiados e credulos — incoherentes mentalmente e affectivamente, martyrisam as pessoas a quem pretendem amar, e criam, e alimentam em torno de si uma hostilidade permanente; irritam e indis põem a todos, pelo máu humor incessante, pela amargura aggressiva e encarniçada, da qual resulta uma perversidade incansavel.

Em grande numero de casos, a susceptibilidade do ciúmento toma o aspecto de orgulho; mas é um orgulho inferior — dos que não confiam em si, orgulho inconsistente e contradictorio, fertil em queixumes. São sempre *victimas*, esquecidos das verdadeiras victimas — que são todos aquelles que os rodeiam, e a quem a maledicencia e as suspeitas do ciúmento não poupam. E essas queixas mais se exasperam porque raramente conseguem commover. Tinge-as um tom geral de egoismo e perfidia, que mata qualquer compaixão. Ha um verdadeiro exhibitionismo de fraquezas, denunciando um estado d'alma de quem já não tem a sensação do ridiculo.

Nas fórmulas extremas, esse exaggero de character bem merece o nome de doença — é a doença do odio, entretido por uma imaginação desvairada: são maridos que se irritam e soffrem si vêem a mulher sorrir; são mulheres que cercam o marido, e não o deixam, e a todas as outras ultrajam — porque «todas as outras só se occupam delle, só pensam em rouba-lo». São *impulsivos* e *impulsivas*, mordidos por esta obsessão — a perda do objecto

ou pessoa que julgam necessaria á sua felicidade. Ballet (1) accentúa que: «Ha loucos, cuja loucura se tradúz quasi que exclusivamente por idéas de ciúme, relativamente ao marido, a quem accusam, a todo proposito, de infidelidades inverosímeis, materialmente impossiveis. . . » E continúa referindo uma observação, sobre a qual não quero insistir.

É tão commum essa exaggero morbido no character do ciúmento, que a psiquiatria já disto se tem occupado, como de qualquer um dos outros delirios. Em 89, Dorez escreveu a sua *these* sobre — *O ciúme doentio*; no seu pequeno opusculo, de 1901, sobre *La gelosia in Sicilia*, o professor dr. G. Ziino, da Universidade de Messina, cita 44 casos de delirio do ciúme, casos de observação propria, ou verificado por auctoridades, como Esquirol, Ellis, Morel, Lombroso, Scarenzio, Girolami, Koster, Tamburini, Blanche, Ludwig, Kraepelin, Brucia, Krafft-Ebing.

Estes ciúmentos exaggerados são typos paranoicos, degenerados, cujo desequilibrio psychico participa, ao mesmo tempo, da loucura moral e do delirio racionante, com a fórmula dos *perseguidos-perseguidores*. Nelles se encontram aquellas mesmas interpretações falsas e delirantes, a mesma ausencia de senso moral, aquelle mesmo excessivo e incontrastavel egoismo.

— Então? Todo ciúmento é um louco?!

— Não, por certo; mas, é incontestavel que esses ciúmentos enraizados, ciúmentos *quand même*, estão na zona fronteira da loucura; e que os casos extremos são de verdadeiros alienados. Assim como os outros delirantes percebem o que não existe, o ciúmento sente o que não ha — sente sem causa. Um sorriso do transeunte desconhecido é, para o *perseguido*, o signal de que o desprezam e delle motejam; um volver d'olhos é, para o ciúmento, a *prova evidente* de que o tráem, ou que lhe requestram a pessoa amada. Esta idéa, que, no individuo são, seria immediatamente e naturalmente suffocada, e não passaria de um pensamento frusto, — tal idéa, por mais absurda, implanta-se no cerebro do ciúmento, e é logo uma convicção.

Este ciúme chronico, constitucional, por ser a propria expressão de uma fórmula de character, é mais commum na mulher do que o homem. Mergulhado por inteiro na vida, solicitado por mil cuidados, desdobrando a sua actividade em diversos sentidos, o homem, cujo character apresenta esse gráu de exaggero paranoico, pôde propender para outras preoccupações, e, em vez de ser um «paranoico ciúmento», será um paranoico inventivo, ou politico, ou litterato. E é isto o que succede geralmente. A mulher,

porém, propenderá sempre para o ciúme, porque a sua existencia é quasi que exclusivamente affectiva, e o amor é, sempre, a sua preoccupação dominante.

Por isso, é tal a força desta exigencia doentia do character que, chegadas a uma certa altura da vida, aposentados para o amor, ainda não deixam de ser ciúmentas — são ciúmentas pelas filhas e pelas netas; e estabelecem em torno dos genros aquelle assedio feróz e encarniçado, aquelle mesmo zelo mortificante com que torturavam o marido valido.

Infelizes ciúmentos!

Quando accentuamos a natureza inhospita desses corações, não é para condemnal-os, mas para lastimal-os. Pobres almas curtidas em fél, transidas num perpetuo medo de perder o que julgam essencial á propria existencia, perseguidas pela visão perenne de traições e infidelidades! O menos doloroso no seu martyrio progressivo, é estarem condemnadas a não poder amar. O ciúme absorve-as, consume-lhes todas as energias, afoga-as, sepulta-as, como uma barreira que as isola dos outros viventes.

\* \* \*

Um moralista fecharia a sua conferencia exortando os corações e concitando as almas para fugirem do ciúme; traria os seus conselhos, e dictaria preceitos efficazes, formulando-os com a segurança do medico, ao receitar as drogas que não nos curam as dyspepsias, nem as enchaquecas. Eu prefiro ficar com Montaigne:

Dar conselhos ás mulheres para desgosta-las do ciúme seria tempo perdido; são, por essencia, tão propensas á suspeita, á vaidade e á curiosidade que não devemos esperar cural-as pelos meios naturaes.

Para sermos justos, applicuemos tambem aos homens os conceitos do velho philosopho.

As receitas e os conselhos contra o ciúme não faltam — já são classicos: a suspeita, ou a explosão do ciúme, diz a moral preventiva, traz muitas vezes a attenção do suspeito para o peccado; o amante, até então fiel, si é victima de uma injusta accusação, vê que a virtude de nada lhe serve, e reflectirá, de si para si, que — *fama sem proveito*. . . E, agóra, recresce o ciúme no traído, dobram as queixas, as recriminações, as objurgatorias; o outro perde toda a compostura, como a creança batida e escurraçada, a quem se repete continuamente: «Tu não prestas, nunca prestarás!» E acaba accetando juizo, conformando-se com elle, fazendo tudo para corresponder á opinião que delle se tem. Evite-se, pois, o ciúme, que é sempre contraproducente.

Não envenenemos a vida, já tão envenenada, com o ciúme: « Os peiores males, commenta um desses doutores em moral, são simples castigos, si os comparamos aos que o ciúme causa aos maridos. »

Outros insistem para que os jovens tratem de conhecer-se bem, e bem, num longo noivado, antes de prender-se ao casamento, que o temperamento ciumento de um delles pôde transformar num martyrio. Ingenuos moralistas!. Não se lembram de como é doce a lisonja ao coração humano, e por isso não sabem que os noivados são, geralmente, tirocinios preparatorios, verdadeiros noviciados para o ciúme. A cada momento armam-se scenas de ciúmes — arrufos, queixas e accusações reciprocas, que os futuros nubentes reconhecem, intimamente, infundadas, mas que elles levantam ou provocam para alimentar a vaidade — um ao outro. E cada um se sente orgulhoso de ver-se objecto de ciúmes.. — Amanhã, quando fôr ciúme devéras, tu, marido ou mulher, vâes então conhecer-lhe o verdadeiro gosto!.

Ha ainda quem lembre que o ciúme afeia, mostra as rugas da face, e tira a seducção ao olhar. Eis uma consideração que deve refreiar muitos ciúmes.

Tolstoi affirma que a musica de Bethoven suspende o ciúme; ha fêras, ás quaes a simples melodia doma e ameiga; é natural que a symphonia bethoveniana tenha poder sobre o ciúme. Ensaem, pois, o effeito da musica.

De qualquer modo, valham ou não valham os conselhos, lamentemos, mas não condemneemos os tristes heróes do ciúme. São infelizes e victimas — victimas á custa das quaes se vem fazendo essa longa evolução da humanidade para uma fórmula de amor cada vez mais perfeita. A natureza tem desses processos — aproveita o mal para o bem. Desenvolve o instincto de propriedade, para que o homem queira produzir, e possa produzir, tanto e tanto, que amanhã não precise mais isolar o *meu do teu*, e venha distribuir-se, por todos, tudo o que na Terra se produz, na medida das necessidades de cada um, e que a terra seja uma propriedade commum; desperta o ciúme, para fazer-nos aspirar por essas uniões de mutua renuncia, onde o amor se apura e se fortalece, e se apurará e se fortalecerá, até alcançarmos a fórmula de affectos sem restricções e sem reservas, éra de amor absoluto, dias em que será um goso viver, principalmente porque não haverá mais ciúme.

MANOEL BOMFIM.

(1) Ballet — *Traité de Pathologie mental*, 1903, pag. 268.

## ARMADA NACIONAL

*A falta de preparo do pessoal. — As publicações de officiaes da armada. — As escolas de aprendizes. — O favoritismo.*

A espera de vaga como segundo-tenente, durante 6 e 7 annos, numa marinha como esta, em que o governo abandona o official á injustiça e á ignorancia e os chefes e commandantes são o que eram os nossos em geral, anniquilla todas as aspirações, mata toda a energia. E' necessario que haja um certo equilibrio, faz-se mistér que a conquista do futuro, dos altos postos, corresponda ao esforço desenvolvido para realisal-a, afim de que nos não falleça o estimulo. Essa conquista, facil, não exige energias para que seja feita; difficil de mais, quebram-se essas energias.

A maioria dos homens busca uma profissão de accordo com o seu idéal; se essa profissão, pelo seu exercicio brilhante, nos faculta recompensa na idade em que o lado pratico da vida começa a nos avassalar o espirito, o nosso idéal subsiste e o amor á profissão eleita; se a nega, abandona-nos o idéal; se a prodigalisa, o idéal transmuda-se, nos apparece mais mesquinho do que o suppunhamos, sobretudo se somos vaidosos e se nos capacitamos de que a prodigalidade não foi mais que preito ao nosso merito.

Os nossos officiaes antigos, os que vieram jovens ainda da guerra do Paraguay, padeciam do ultimo mal. Aos outros, aos modernos, atacava o primeiro; juute-se a elle a desillusão de sonharem um meio de elevação intellectual e moral e encontrarem só baixaze e facilmente deduzir-se-á o que lhes aconteceu.

Para que se applicarem?

Já alguém disse que o official de marinha moderno que deixar de estudar um só mez, atraza-se por dois: pelo que não estudou e pelo que a arte da guerra naval progrediu nesse mez. Calcule-se agóra que elles deixaram de estudar, não um mez, não um anno, mas muitos annos, e poderemos avaliar da sua proficiencia em 1889; e as provas de sua nullidade, as mostraremos quando estudarmos a marinha da Republica, quando esses officiaes modernos de então, fôrem os nossos officiaes superiores. Não podemos effectivamente encontrar muitos factos que comprovem, já naquella epocha, a sua incompetencia: suas funcções, então, não eram de molde a deixar patente a sua ignorancia ou seu saber; simples officiaes de quarto, o mais que se poderia avançar era que em viagem manobraram bem quando esta era a vela, ou que conheciam navegação, calculavam bem. Mas, justamente de todas as materias que constituem o saber de um official

da armada são essas duas, hoje, as mais faceis; veremos para deante que mesmo nessas não se revelavam peritos.

Talvez pelas publicações feitas se possa formar um juizo a respeito; mas esse não será dos mais favoraveis. A *Revista Maritima* daquela epocha nada deixava transparecer do preparo dos nossos officiaes: traducções e extractos de revistas ou publicações estrangeiras, um ou outro relatório de alguma grande viagem, publicação parcellada de qualquer roteiro, tal é o que em maior escala nella se encontra.

Um trabalho sobre novos methodos de navegação do então capitão-tenente Barcellar Pinto Guedes é um resumo-copia pessimamente feito da obra de Ledieu, *Les nouvelles méthodes de navigation*. Um outro trabalho do então primeiro-tenente Pereira e Souza é tudo quanto de mais confuso existe sobre aquelle mesmo assumpto. Dois livros sobre torpedos, um de Victor Candido Barreto, official intelligente e preparado, mas que não tinha onde praticar sobre o assumpto, e outro de Campos da Paz, são livros, embóra de alguma utilidade, muito defficientes e incompletos. Um celeberrimo tratado pratico de navegação, de Albuquerque Lima, guia muito mal elaborado de calculos nauticos, demonstra tanto saber quanto a organização de uma tabella de cambio pôde demonstrar conhecimentos financeiros. Um compendio de balística externa de Barbosa de Oliveira, bom livro, muito claro, mas muito elementar; uma geodesia de José Candido Guillobel, livro confuso, massante como os de seu genero, mas que revela preparo por parte do auctor; dois compendios de hydrographia, um de Julio de Noronha, outro de von Hoonholtz, ambos resumidos e defficientes; um bom compendio de manobra de Eduardo Wandenkolk e uma util traducção feita por Custodio Mello sobre o torpedo Whitehead; taes são as publicações mais conhecidas de officiaes brasileiros, feitas de 70 a 89. As mais são simples manuaes, memórias historicas, sem commentarios ou analyses, registrando unicamente os factos, ou relatorios sobre viagens e commissões. E, a final, como adquiririam os nossos officiaes, por essa epocha, preparo sobre artilharia, torpedos, machinas? Na escola não lhes ensinavam; fóra da escola, onde? Nos navios obsoletos, nos arsenaes antigos? Sem exercicios? Sem mestres?

Não, os nossos officiaes não tinham então o preparo necessario á sua profissão. Creou-se, é verdade, um commando de torpedeiras; mas, que se fazia ahi? Lançavam-se de mez em mez, dois ou tres torpedos, para exercicio, e isso mesmo nem sempre.

Creou-se uma escola pratica de artilharia. Mas, que produziu ella? Que exercicios se fizeram? Nada produziu; nada se fez.

Só na divisão de evoluções de 1886, é que se faziam exercicios sobre mol-des modernos, mas, por pouco tempo.

Se passarmos agóra da classe dos officiaes da armada á classe dos machinistas, vemos o mesmo desleixo pela sua instrucção.

Caldeiras e machinas modificavam-se, aperfeiçoavam-se rapidamente. O vento, primeiro; depois, o braço, fôram substituidos pelo vapor; logo, a electricidade surgiu tambem. E que fez o governo para que não ficassem estranhos os progressos todos desse ramo, aos officiaes machinistas anti-gos e aos que vinham saíndo da escola.

Nessa escola, que fôra creada, tudo se ensinava menos a pratica das machinas a vapor. E que lentes seriam os seus, se entre os nacionaes não havia gente habilitada para exercer taes funcções e se não os contractaram no estrangeiro?

Um official que foi lente e director dessa escola, e passava por distincto, pretendeu dotar um dos navios construidos no decennio de 80 a 90 com uma machina de triplice expansão, tendo os tres cylindros as mesmas dimensões!

Fôram os machinistas navaes ou alguns dentre elles á Europa estudar os aperfeiçoamentos que, diariamente, eram introduzidos na sua profissão? Não.

Resultou dahi que, ao chegarmos a 1889, os nossos machinistas estavam aptos apenas para trabalharem com caldeiras e machinas que já se iam fazendo antigas; o que havia de moderno, alguns conheciam de leitura; a maior parte, nem isso! E como então não existiam na nossa marinha de guerra senão caldeiras e machinismos simples, eram todos bem conservados; dahi, dizer-se que na marinha de outr'óra não havia as avarias que hoje se dão nas machinas dos novos.

Sobre o preparo das nossas guarnições, dava-se o mesmo. Das Escolas de Aprendizes saíam praças, após 2 e 3 annos de curso, não sabendo nem assignar o seu nome, não conhecendo ao menos uma arma portatil. E o recrutamento violento suppria os claros no Corpo de Imperiaes Marinheiros, trazendo-lhe o capoeira relapso, o vagabundo facinora, como elemento relevante. O pessoal fornecido pelas escolas sobre ser, como já dissemos, ignorante, era pouco numeroso. Procurava-se sanar esse mal? Não; constatavam-no, exhibiam-no em cada relatorio; mas, quanto a applicar-lhe o remedio, nada!

Assim, pois: o material fluctuante deficiente em numero e em qualidade;

o pessoal do estado-maior sem preparo e sem preparo tambem as guarnições, era o Brazil uma potencia naval? Não.

Tinha, pelo menos, na America do Sul, a hegemonia que devera ter pela sua posição, pela sua riqueza, pelo seu futuro? Não.

Possuia, ao menos, uma organização militar que lhe permittise de momento adquirir elementos para reagir contra qualquer insulto? Não.

E, para fechar essa parte do nosso estudo, nossas fazemos as palavras do sr. Arthur Dias:

« Chegando a este ponto, não podemos reprimir a nossa censura aos governos criminosos que consentiram descambasse, depois de 1870 em diante, o nivel profissional da marinha; atrofiar-se o estimulo, pela pratica do favoritismo introduzido na administração, ao mesmo tempo que se desmantelava a frota e annullavam os elementos de recomposição e avitallamento da esquadra, deixando de se aperfeiçoar os arsenaes existentes, ou de substituil-os por outros ».

TONELERO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### EDUCAÇÃO PHYSICA

Ha dias, foi apresentado á Camara dos deputados, um projecto sobre a instituição da educação physica nas nossas escolas. Esse assumpto é largamente tratado num livro do sr. José Verissimo — *A educação nacional*, Pará, 1890. O projecto da Camara dá, pois, absoluta actualidade ás seguintes linhas que extraímos de um capitulo da obra do nosso preclaro collaborador:

Entre nós, quando se fala em educação physica, quasi se subentendem os exercicios gymnasticos e, principalmente, os chamados acrobaticos.

Não é esta a verdadeira e utilissima comprehensão dessa fórmula de educação que, não obstante preconizada desde Montaigne, Locke, J. J. Rousseau, Hufeland e Fröbel (1), apenas agóra começa a saír do dominio da especulação para a da pratica. Como deixa manifesto a citada passagem de Spencer, a educação physica não se limita apenas, como vulgarmente se supõe, aos exercicios physicos, mas abrange a hygiene, considerada esta, segundo a excellente definição de Littré e Robin, como o conjuncto de « regras a seguir na escolha dos meios convenientes para entreter a acção normal dos orgãos nas diversas edades, constituições, condições da vida e profissões » (2).

Como a educação espirital (intellectual e moral) tem por fim preparar um espirito culto e bom, assim á educação physica compete formar um corpo robusto e são, completando ambas o fim superior da educação, que é tornar o homem bom, instruido e forte.

A educação physica, pois, deve tomar o homem creança ainda, no berço e, através

da primeira e da segunda infancia, da adolescencia e da mocidade, leval-o á virilidade, que lhe cabe fazer rija e valente.

Racionalmente, essa educação couviria começar da vida intra-uterina, por uma cuidadosa hygiene da mãe durante o longo e melindroso periodo da gestação. Desde Hippocrates sabe-se que na « madre identifica-se a creança de tal fórma com a vida da mãe, que a saúde de uma faz a saúde da outra », e o notabilissimo especialista que cita este acertado conceito do profundo sabedor grego, ajunta « que não se poderia insistir demais sobre as fataes consequencias para a saúde da creança, das faltas de regimen e imprudencias das mães » (3).

O aleitamento, a ablactação ou desmamentamento, a primeira nutrição, o vestuario, para não esmiuçarmos outros elementos que notaveis theoricos da educação fazem entrar nos seus systemas, como os mesmos objectos que cercam o infante, os sons que cumpre elle ouça, as côres que lhe devem ferir a retina, em summa todas as influencias do meio circumstante, exigem attenções especialissimas numa educação physica intelligentemente dirigida. Si na Europa cultissima estes ensinamentos de medicos e pedagogos não entraram ainda completamente na massa do publico, entre nós são siquer conhecidos, com gravissimo e incalculavel prejuizo, não só para o melhoramento da população como para o seu mesmo crescimento. Acredito que si houvessemos um serviço de estatistica bem organizado e digno de fé, espantaria a cifra dos obitos de creanças. E, como é sabido, as estatisticas europeas provam, a não deixar duvida, que a mortalidade das creanças depende consideravelmente da hygiene.

Nada obstante a meiguice e carinhão da mãe brasileira — o que prova que mesmo as virtudes querem-se esclarecidas — a nossa educação infantil, physica como espirital, é inteiramente primitiva e empirica.

Os nossos filhos eram entregues aos cuidados das escravas, cujo leite quasi sempre eivado de vicios que mais tarde lhes comprometteriam a saúde, principalmente as alimentavam. Eram as mucamas escravas ou ex-escravas, — e isto basta para indicar o seu valor — que de facto dirigiam a sua primeira educação physica, pois eram ellas quem superentendia na alimentação, nos passeios, no vestuario e nos demais actos da vida infantil. Não era raro ver meninos de oito e mais annos, dormindo na mesma rêde que a mucama de seu serviço, que, em geral, extremamente amorosa e affeioada a elles, não sabia recusar-lhes nada nem mesmo aquillo que evidentemente lhes podia comprometter a saúde. O que tinham de enervantes semelhantes costumes, que, sem mentir, se não podem dizer fiudos, não escapará a ninguem.

Estes habitos exigem corrigidos, e modificados de accordo com os ensinamentos da hygiene e pedagogia infantil.

E' desde a primeira infancia que a educação physica, bem comprehendida, deve começar a sua obra de preparar gerações sãs e fortes.

Uma sociedade que se preza de civilisada

e a quem não são alheios os interesses das gerações que lhe hão de succeder e preparar o futuro da patria, não pôde, sem fallir aos seus deveres, postergar esse, talvez o mais caro de todos. Não lhe é dado tão pouco, para o desempenho intelligente desse encargo, ignorar qual a influencia que téem na educação physica dos primeiros annos, e quaes os cuidados que reclamam, as questões do vestuario, da alimentação, do arejamento dos quartos, da repartição das horas de refeição, de somno ou de briqueados, dos exercicios, das primeiras noções e dos primeiros estudos, e ainda das companhias e das coisas exteriores que cercam a creança.

E' desconsolador que todas estas graves e interessantes questões tenhamos de ir estudal-as em auctores estrangeiros, cujas doutrinas nem sempre se coadunem talvez ao nosso meio. Nesta parte da educação physica que incumbe á educação nacional, ao nosso corpo medico — onde, com justo desvauecimento diga-se, não escasseia o merecimento — cabe uma parte preeminente. A educação — physica, intellectual e moral — tem hoje por base a psychologia, não a psychologia do nosso obsoleto e como quer seja ridiculo ensino de philosophia, mas a psychologia scientifica, cuja base é a biologia e a physiologia. Sem duvida alguma, a psychologia da creança brasileira — como a do brasileiro — não é a mesma que a da creança franceza ou americana. São que farte as razões dessa differença, a ferrar-nos á obrigação de as pôr aqui. Entretanto, é aos sabios emestres daquellas nações que vamos nós beber todo o conhecimento da psychologia infantil que possamos ter. Aos nossos medicos, cujo concurso no ramo biologico a educação nacional reclama, cabe prover a esta penuria que ao mesmo tempo como que vicia entre nós o problema da educação.

Na educação physica, principalmente, é o seu concurso indispensavel, pois estou a crer que, dadas as nossas condições de clima e de raça, a nossa constituição, o nosso temperamento, a nossa idiosyncrasia, não téem absolutamente o mesmo valor os preceitos e os ensinamentos dos especialistas estrangeiros relativamente ao vestuario, á habitação, á alimentação ou aos exercicios de corpo. E' isto tanto mais relevante que, como ninguem ignora, a questão de temperamento e de idiosyncrasia é capital na educação physica. (4) Nem todos os exercicios convém a todos, já como qualidade, já como quantidade. A idade, o estado de saúde, o predomínio destes ou daquelles caracteres physicos, intellectuaes e moraes, merecem tomados em consideração nesta como nas demais fórmulas de educação. Importa, pois, e muitissimo, possuirmos trabalhos nossos, de observação original, *brazileira*, quer sobre a nossa propria physiologia e psychologia, quer sobre sua applicação á pedagogia nacional.

Propriamente é na segunda infancia que devem começar os exercicios de corpo, as boas caminhadas, as marchas, os diversos movimentos dos varios membros, a pé firme ou em movimento, as corridas, os saltos e, sobretudo, os jogos como a petéca, as bar-

ras, o quadrado, o salta-carneiro, a malha e toda uma collecção de jogos que nos faltam nacionalmente a nós, mas que podem e devem ser introduzidos nas nossas escolas, nos nossos collegios e — oh! candida illusão minha! — até nas academias e demais cursos superiores.

Isso, porém, ha de ser difficilimo, dado esse enfatuamento de se fingir de homem, que distingue o *academico* brasileiro, o maximo fante da indisciplina moral que tanto está prejudicando o paiz. Elle é litterato, poeta, discute os philosophos com uma grande erudição de catalogos, janota, *poseur*, discursador, namorado, abonecado, doutor desde segundo annista; — estaria abaixo delle, da sua dignidade, do seu character, entregar-se a exercicios de corpo, fazer gymnastica, correr, jogar a bóla, a malha ou o *cricket*. Como jogo, além do billar nas salas empestadas de tabaco e suor, aprazem-lhe apenas os de cartas ou o da *roleta*...

Quasi se pôde assegurar que si a direcção do nosso ensino quizesse, embóra mais officiosa que officialmente, levar esses rapazes á pratica dos exercicios physicos, a quasi totalidade delles seria resistentemente avessa á innovação. Arremedarão grotescamente todas as ruins novidades parizienses de exportação, macaquearão ridiculamente os caixeiros-viajantes inglezes, mas a sua vaidade infantil e o medo de exercicio, proprio á nossa molleza e indolencia, não lhes consentirá imitar intelligentemente as instituições e os costumes que nos cumpre adoptar, si nos importa o não abastardamento da nossa raça.

Não só nos collegios, mas nas universidades e academias inglezas, suissas, allemãs, americanas, e, muito recentemente, francezas, a educação physica, sob a fórmula de gymnastica, dos jogos athleticos, de esgrima, de pedestrianismo, de canoagem, de equitação, é, quando não uma instituição official, um costume tão inveterado e tão respeitado, que quasi faz lei.

Na Inglaterra, cujo povo é, incontestavelmente, o mais forte, o mais energico, o mais viril dos deste fim de seculo, os exercicios physicos são, digamos assim, uma instituição nacional. As celeberrimas regatas entre as universidades de Oxford e Cambridge, occupam tanto a attenção desse povo grave entre todos, como a mais palpitante questão parlamentar sobre a sua politica exterior. Nos collegios universitarios, frequentados pela aristocracia ingleza e onde a despeza dos alumnos é em média de 3 a 4 contos por anno, como Eton, como Harrow, como Rugby, nove horas por semana são exclusivamente consagradas, em tres dias differentes, aos exercicios physicos. (5)

O *cricket*, o *foot-ball*, as regatas, as grandes marchas, as corridas a pé, quantidade de pequenos jogos collegiaes, a natação, a caça á rapoza, a equitação, o *lawntennis*, o *boxe*, amados, espalhados e praticados por toda a Inglaterra e colonias, são a grande escola da educação physica ingleza. Seus resultados ahi estão patentes.

A Suissa tem a gymnastica e os exerci-

cios militares que alli, desde a escola até á universidade, fazem de todo o cidadão um bom soldado. Possui ainda os *clubs alpinos* e as excursões alpinas, e as numerosissimas sociedades de tiro, além da *esgrima* e dos multiplices jogos a que se entrega em geral a mocidade europeá. As grandes festas federaes, que alli se fazem, de tiro, gymnastica, exercicios militares, recordam as grandes festas isthmicas da Grecia antiga. Tais solemnidades não são apenas manifestações de exercicios e vigor physicos, são mais, são verdadeiros meios de educação nacional, pelos sentimentos patrioticos que despertam e pela sensação moral que deixam da solidariedade dos mesmos esforços em commum feitos e das mesmas palmas ganhas.

« A Allemanha, diz, fundado em auctoridades valiosissimas, o sr. Ruy Barbosa, consagra á educação physica um culto que se confunde quasi com o patriotismo ». (6) A gymnastica é alli appellidada, conforme Miguel Bréal, citado pelo mesmo sr. Ruy Barbosa, uma *arte nacional*. Em uma conferencia feita na Associação dos medicos militares allemães, o celebre physiologista Du Bois Reymond, professor na Universidade de Berlim, affirmava que o exercicio merece um logar na ordem do dia da sciencia, e, analysando tres systemas de exercicio, a gymnastica allemã (*sic*), a gymnastica sueca e os exercicios athleticos inglezes, assevera que « a gymnastica allemã, com a sua sabia mistura de theoria e pratica, fornece a mais favoravel solução, quicá a solução definitiva, do tão importante problema que desde Rousseau occupa a pedagogia ». (7) Isto só deixa ver a importancia que na cultissima Allemanha dão, como principal elemento de educação physica, á gymnastica, intelligentemente cultivada, e por sabios illustres regulada nos seus methodos e estudada nos seus effeitos. A' gymnastica juntam-se os exercicios militares, os jogos e, nas universidades, a esgrima, praticada como uma tradição de honra e de coragem. O serviço militar obrigatorio, trabalhoso, duro e sempre activo, completa esta educação.

Os Estados-Unidos conservam tradicionalmente os velhos jogos inglezes. Demais, a gymnastica, sob a fórmula e nome especial de exercicios callisthenicos, entrou desde muito no systema geral da educação publica.

Organizando, após a catastrophe, a educação nacional, não esqueceram a França esta feição fundamental della. A gymnastica, acaso por demais systematicamente organizada, e depois os exercicios militares, entraram obrigatoriamente no ensino official primario e secundario. Por 1888, uma reacção, provocada principalmente pelos estudos sobre a educação physica na Inglaterra, de Paschal Grousset (Phillipe Daryl) primeiro publicados no *Temps* e depois em volume (8) contra o systema francez e a favor do inglez, desafiou um movimento a favor dos jogos. Desse movimento nasceu a Liga da Educação Physica, que, encontrando a maior sympathia e auxilio do governo, de

todas as administrações, da Universidade e da população, conseguim, sem prejuizo da gymnastica, introduzir nas escolas, collegios e lycens, o uso dos jogos athleticos, assim inglezes como velhos jogos francezes restaurados. (9) Um jornal especial da Liga não só infórma do seu movimento e progresso, como publica constantemente conselhos de hygiene, preceitos sobre a educação physica e noticias de jogos, com explicações circumstanciadas e praticas das suas regras e meios.

Em todas as demais nações onde o espirito publico não dorme, sinão que vela continuamente pelos interesses da patria, tem a educação physica merecido particular interesse. Na Suecia, na Belgica, na Hollanda, na Austria e na Italia faz parte dos programmas escolares.

Em todos os paizes civilizados, medicos, physiologistas, higienistas, pedagogistas multiplicam em livros, em revistas e nos mesmos jornaes diarios, conselhos, prescripções, alvitres ou direcções sobre todos os diversos aspectos que pôde apresentar o interessante problema da educação physica.

Entre nós, tudo, infelizmente, está por fazer. Existe, é certo, em alguns programmas officiaes sob a exclusiva fórma da gymnastica, mas, ou seja porque esses programmas em geral se não executam sinão em minima parte, ou seja porque os professores tambem a não aprenderam e menos a estimam, é essa determinação lettra morta. Acresce o julgarmos que gymnastica são os exercicios acrobaticos, o que, de todo o ponto, falsêa a idéa pedagogica desse ensino.

Precisamos, neste ponto como em tantos outros, reagir.

Cumpramos entrar a educação physica na nossa educação, nos nossos costumes.

Devemos, entretanto, compreliendê-la largamente, scientificamente. Penetrar-nos de que ella se não limita á gymnastica, cujo valor, como foi de passagem indicado, é muito relativo.

Cuidemos da hygiene particular e individual, apenas entre nós conhecida, mas de nenhuma fórma praticada. Introduzamos nas nossas escolas, nos nossos collegios e outros estabelecimentos de instrucção primaria e secundaria, a gymnastica, principalmente aquella que dispensa apparelhos, os exercicios callisthenicos, as corridas, as marchas, os saltos e os jogos estrangeiros, pois não temos proprios, que melhor se adaptem ao nosso clima, ao nosso meio. Que em cada cidade as municipalidades preparem pequenos ou grandes prados em parte arborizados, em parte grammados, onde os alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares, vão, conduzidos pelos mestres, em dias determinados, entregar-se a exercicios de corpo e aos salutaes prazeres dos jogos athleticos. Creemos na nossa mocidade, tão fraca, tão estiolada por uma piégas litteratice precoce, isso que um escriptor francez, tratando estes assumptos, chama *materia de enthusiasmo*. (10) Incitemos nella esses ardores da lucta physica, a

ver si lhe geramos o enthusiasmo que lhe falta nas luctas intellectuaes e moraes. Quantos pedagogistas e physiologistas téem estudado estas questões, são accordes em reconhecer a influencia poderosa da educação physica sobre a intelligencia, sobre o caracter, sobre a moral. E a pedagogia scientifica, sciencia — si tal nome lhe cabe — ainda em via de formação e onde tantas são as questões controversas, é unanime neste ponto.

Suscitemos nas nossas academias o gosto por esses exercicios. Todas ellas se acham em cidades onde a canoagem, sob o aspecto higienico um dos mais completos exercicios que se possam fazer, facilmente poderia ser praticada. Mas não sómente o exercicio de remar, porém as grandes marchas a pé, a esgrima, os jogos como o *cricket*, a malha, a pélla, certo não desdourariam os nossos jovens doutores. Os que remam nas regatas de Oxford e Cambridge pôdem ler á primeira vista uma pagina de Homero ou de Demosthenes, um capitulo de Tacito ou uma comedia de Plauto, e discutiriam, com grande lucidez e solida noticia dos textos, uma questão de direito romano ou patrio. E não ha quem não saiba que uma das glorias de que se desvanece o velho Gladstone, o famoso *cricketer* do Eton, é de, ainda septuagenario, poder derrubar um carvalho a machadadas. Tem oitenta annos e dirige na Inglaterra, com a actividade e o ardor de um rapaz, a mais bella, a mais generosa, porém a mais ardua e difficil campanha politica deste fim de seculo. Exemplos destes, alli, encheriam uma pagina, e os homens mais altamente collocados nesse paiz tão essencialmente hierarchico, cujos nomes figuram nos velhos registros universitarios como *cricketers*, ou *boxers*, de primeira força, como chefes no *foot-ball* ou vencedores nas famosas regatas, téem como uma honra apreciavel presidir os *clubs* athleticos, os seus *meetings* e as suas luctas nos varios campos em que, em determinados periodos, se reúne a mocidade ingleza em prazo dado de emulação, de força, de vigor e de coragem. E não é amplificação dizer que a Inglaterra acompanha estes incidentes com um grande interesse nunca enfraquecido. Os mais graves jornaes, como o *Times*, occupam-se longamente dessas celebres partidas, com quasi o mesmo interesse com que tratam as questões da politica européa. Não nos admiramos, pois, que esse povo vá conquistando o mundo; sobeja-lhe para isso, força, energia e audacia.

Em se tratando destes exercicios no Brazil, a nossa indolencia nacional acode com a contrariedade do clima, que se não presta a elles, que os não consente, que os torna impossiveis.

Taes objecções são sem valia alguma, não só deante da physiologia, como da pratica. Si, como o demonstra aquella sciencia, os exercicios physicos são um revigorador das energias physicas e portanto da saúde, é justamente em os climas enervadores e debilitantes como o nosso, que convém mediante elles reagir contra a acção do meio physico. Segundo o physiologia francez

Lagrange, a medida physiologica dos exercicios corporaes é o affrontamento (*essoufflement*) no seu terceiro periodo ou *asphixico*. (11) Sendo assim, já temos no Brazil um criterio seguro na pratica desses exercicios. Visto o clima, o cansaço nos chegará a nós primeiro e com menor somma de força despendida, que em clima mais fresco ou frio; mas como a maior ou menor intensidade de fadiga depende tambem do preparo (*entraînement*) e do habito do exercicio, essa perturbação na funcção dos orgãos respiratorios pôde ser pouco e pouco recuada. Demais, aos nossos physiologistas compete o estudo minucioso desta questão no ponto de vista brasileiro, para determinarmos com certeza quaes os exercicios que melhor nos convém, como o tempo a empregar nelles, a hygiene que reclamam. Afóra esta parte scientifica da questão, a pratica prova a favor da sua adaptação. Si os exercicios physicos não fôssem aqui possiveis, o trabalho physico, como a lavoira, não o seria tambem. Um viajante inglez, que estudou demoradamente a Amazonia, referindo-se á habitabilidade desta região pelo europeu e a possibilidade delle nella se occupar, julga que o problema se resolveria pela simples modificação das horas de trabalho; o europeu que lá trabalha doze podia limitar-se aqui a trahar seis: tres de manhã, tres a tarde. (12) Tal indicação do celebre emulo de Darwin, tem, certo, excellente applicação nesta controversia da praticabilidade e conveniencia dos exercicios physicos entre nós.

Ha, porém, argumento acaso mais forte e poderoso. Na Australia, cujo clima é seguramente mais quente e peor que o nosso, esses exercicios são correntemente praticados. Sabem todos que periodicamente o *Crickel Club* australiano envia campeões seus á mãe patria a disputar aos *cricketers* inglezes as victorias dos celebres *matches*.

Derrubada assim a especiosa objecção, urge cuidarmos seriamente de introduzir no nosso systema geral de educação a educação physica, e nas nossas escolas, nos nossos collegios, nas nossas academias, nos nossos costumes enfim, os exercicios de corpo, todos esses exercicios que os inglezes conhecem sob o nome colectivo de *sport*.

A educação physica no Brazil é, em todo o rigor da expressão, um problema nacional.

Nossa raça, sentem-no todos, se enfraquece e abastarda sob a influencia de um clima deprimente peorada pela falta de hygiene, pela carencia de exercicio, pela privação da actividade. Uma propaganda, que não quero, como o sr. Sylvio Roméro, chamar anti-patriotica, mas que certo não viu o interesse do Brazil sinão por um lado, attraiu e localisou em determinadas regiões do paiz uma immigração, forte pelo numero e pelo vigor, e que melhor valera disseminada por elle todo. Essa propaganda continúa e, certo, continuará a affluir, e em maior numero, a immigração, principalmente allemã e italiana.

A lucta entre essa gente, incomparavelmente mais forte, e nós, não pôde ser duvidosa. O campo de combate será primeiramente o das actividades physicas, aquelle

que exige maior somma de robustez, de força e de saúde, o commercio, a industria, os officios, a lavoura.

E', portanto, indispensavel preparar-nos para, sem recorrer a meios que não consente a nossa civilização, não nos deixarmos abater e esbulhar, afim de que esta terra que nossos antepassados crearam e civilisaram, e cuja futura grandeza prepararam, seja principalmente nossa.

JOSÉ VERISSIMO.

(1) *Veja-se em* FONSAGRIVES, « *Eutretiens sur l'hygiène* », Pariz, 1881, pag. 130 e seg., a discussão dos systemas desses philosophos.

(2) « *Dictionnaire de Medicine* », Pariz, 1873 *verbum hygiène*.

(3) E. BOUCHUT, « *Hygiène de la première enfance* » Pariz, 1885, pag. 6.

(4) *Veja-se* DOUTOR F. LAGRANGE, « *Physiologie des exercices du corps* »; Pariz 1888.

(5) V. PHILIPPE DARYL, « *Renaissance physique* », Paris 1888, e R. Bonghi, « *Istruzione secondaria in Inghilterra* », in « *Nuova Antologia* » vol. XVI.

(6) *Obra cit.*, pag. 127.

(7) « *L'Exercice, Revue Scientifique* », Pariz, tom. XXIX, pag. 108.

(8) « *Renaissance Physique* », Pariz, 1888.

(9) *Ver este movimento em* « *L'Éducation Physique* », « *Bulletin de la Ligue Nationale de l'Éducation Physique* », Pariz, Rue Vivienne, 51.

(10) P. DE COUBERTIN, « *L'Éducation Physique* », in *Revue Scientifique*, tom. XLIII, pag. 141.

(11) *Obra cit.*, pag. 65, seg.

(12) ALFRED WALLACE « *Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* », London, 1853, pag. 80.

## O ALMIRANTE (50)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

O barão de Freixo distendeu todo o seu largo thorax num amplo suspiro de allivio, quando morreu a velha. Fez-se um sumptuoso enterro e nada poupou para que todos se persuadissem de que havia soffrido uma perda irreparavel. Mas estava intimamente satisfeito porque a fatalidade se incumbira de vir ao encontro do seu maior anhelo, cortando o poderoso laço que lhe prendia a esposa ao passado.

Desde então, a baroneza, extenuada pela immensa magua, se abandonou á torrente e deixou-se arrastar, sem resistencia, num somno delicioso, cercada de amigas, muito mais perigosas do que o toxico da lisonja masculina, amigas que lhe desvendavam segredos tenebrosos, que lhe ensinavam requintes de elegancia, as manobras graciosas que são o mais poderoso elemento de prestigio das divas consagradas pelo culto do grande mundo depravado.

Ella não tivéra educação aprimorada, frequentára, apenas, uma escola

publica para aprender a ler e a escrever; mas possuía, como todas as mulheres, em notavel desenvolvimento, as faculdades de dissimulação sobrecitadas pela constante revolta contra as modestas condições em que a sorte a collocára, em constante lucta contra o inexoravel assedio da miseria, uuma ancia impossivel de aspirações absurdas, de desejos insaciados, que as desillusões excitavam. O unico meio de saír dessa terrivel situação seria explorar os seus encantos, que zelava, cuidadosamente, como um thezoiro, e realçava com meticuloso carinho, aranjando com arte os seus pobres vestidos, remendando-os com paciencia de maneira a figurarem como novos nas festas religiosas, nas partidas de uma sociedade recreativa, onde ella occupava logar de honra entre as mais formosas.

O barão de Freixo, numa excursão pela pittoresca montanha para explorar, como director de uma companhia, um difficil trecho de estrada de ferro, abrigou-se com os companheiros sob a copada folhagem de uma mangueira fronteira á casa da bella moça. Tostado de calor e ralado de sede, elle bateu á porta da casinha. Apareceu-lhe a velha, que lhe mandou servir agua pela filha, ainda mais fascinadora no traje domestico, desataviada de artificios. O barão tomou-lhe o cópo das bellissimas mãos brancas, e fitou nella os olhos parados num espasmo de admiração, o rosto incendido por uma violenta onda de sangue.

— A menina mora aqui — perguntou elle.

— Sim, senhor. Com minha mãe.

— De que vivem.

— Cozemos para fóra.

— Não devem ganhar muito.

— Para comer mal, como pobres...

— Coitadinhos.

A moça baixou os olhos, e corou como se a envergonhasse a lastima daquelle desconhecido rico, a julgar pelo grande diamante que lhe scintillava num dedo, pela grande medallha com monogramma cravejado de pedras preciosas a pender-lhe da corrente do relógio.

Depois de alguns minutos de observação, o barão proseguiu:

— Sabe que me inspira muita sympathia?

— E' bondade de v. ex.—respondeu ella, com um sorriso, toda enleada.

— Bondade não; diga, antes, justiça. E' uma pena viver uma menina, como a senhora, ignorada nesta breuha, porque isto é um pedaço de matto bravo quasi dentro da cidade.

— E vivo aqui desde que nasci—concluiu ella, com um suspiro.

O barão despediu-se, animando-lhe paternalmente as mãos admiraveis e partiu com os companheiros. Mas, desde esse dia, passou elle, sob pretexto

de cuidar de sua estrada de ferro, a frequentar aquelle sitio, atacando-lhe uma incontinente vontade de beber quando se achava defronte da casinha. As relações se estreitaram, graças ás prodigalidades de fornecimentos de generos, de presentes com que elle pretendia recompensar a hospitalidade daquelle pobre gente. Com aquelle homem viera a fartura, e elle era tão bom, tão meigo, tão franco, que a velha não lhe suspeitou jámais inclinações que não fôsse nobres expansões de um coração caridoso. Um dia, elle as convidou para acompanhal-o ao theatro. A mãe accitou desvanecida, mas a rapariga recusou formalmente. De outra vez, lhes propoz jantarem nas Paineiras, num domingo canicular. Ella quiz recusar de novo, mas a mãe lhe objectou que não ficaria bem desattender uma pessôa a quem deviam tantas obrigações. De resto, que mal poderia resultar de um passeio, de uma coisa tão natural, em companhia de uma pessôa tão respeitavel. No trajecto para aquelle admiravel sitio, o barão sentiu-se profundamente perturbado pela proximidade da formosa rapariga, cujo corpo se chocava ao delle ás ondulações do wagon. Elle se sentiu invadido, dominado, ao contacto daquelle fascinadora moça que se figurava inexpugnavel, tão correctas, tão castas eram as suas maneiras, tão fechada ás tentativas de galanteria, ás vezes brutaes, com que elle a assaltára. Quando chegaram ao hotel, o barão estava taciturno, preocupado, como sempre lhe acontecia quando o accommettia uma idéa, um projecto.

— Sabe em que vim pensando?—disse elle á velha, em meio do jantar—Subindo a montanha, vim pensando que nós estamos tallados para sermos muito amigos.

— Nós somos, com effeito, muito amigas de v. ex.—confirmou a velha, com um sorriso—Devemos-lhe tantos obsequios.

— Eu sou só no mundo; sou um homem rico, mas não vivo contente com a minha sorte. As senhoras tambem não vivem satisfeitas com a sua situação. Eu tenho o que lhes falta; as senhoras possuem com que fazerem a minha felicidade: reunamos isso e sejamos felizes.

— O senhor está gracejando connosco.

— Nunca falei tão serio na minha vida.

— Mas, como faremos essa reunião? —E' muito simples. A senhora dá-me a mão de sua filha.

A velha estremeceu de pasmo e a filha estacou, commovida.

— E' muito simples — repetiu o barão, envolvendo a moça num olhar abrazado.

— Depende della, senhor barão. Se ella quizer...



—Porque não ha de querer. Vamos, responde Yayá.

A moça hesitou, concentrou-se alguns momentos e, com um gesto resolutivo, estendeu a mão ao barão de Freixo.

A marquezia de Uberaba repetia a Marianinha os episodios da paixão e do casamento do barão, conforme lhe vinha á memoria, sem uexo, sem observar a chronologia desse pequeno romance burguez, começado em Santa Thereza, á sombra de uma verdejante mangueira e terminado num sumptuoso palacete. Ella se comprazia em prolongar a narrativa para se distraír do espectáculo da baroneza doente e para tomar tempo, attenuar a impaciencia com que aguardava a hora da visita dos conspiradores.

Depois continuou a narrativa da vida intima do casal, como a menina pobre se transformára, como se adaptára, facilmente, ás maneiras elegantes, e dominára, completamente, o marido. Repetiu todas as pequenas historias da maledicencia, aventuras da baroneza que, de simples namoros toleraveis numa mulher alliada a um homem muito mais velho do que ella, fôram lentamente assumindo proporções de escandalo que a collocaram em plena evidencia na alta vida fluminense. A calunnia augmentava enormemente os factos, dava-lhes envenenada interpretação, mas havia, no fundo dessa obra da protervia, algo de verdadeiro: a calunnia não se inventa totalmente, assim como o crime nunca se pôde occultar completamente. Della se evolvem emanações que excitam a suspeita e aguçam o alfato da maledicencia. No juizo da marquezia, ella poderia ser culpada de maneiras censuraveis; não-tinha, porém, convicção das faltas que lhe imputavam. As aventuras da baroneza poderiam ser como a sua paixão pelo Oscar platonicas, caprichos de mulher formosa, fortes impressões dos seus nervos combatidos, caprichos passageiros, sem consequencias.

(Continúa)

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Do Mocoretá ao Passo da Patria — Aspectos — As enfermidades abriam mais claros que a metralha paraguaya.*

Desde a Concordia ao Mocoretá parecia que o pampeiro da destruição tinha varrido para bem longe todos os vestigios da civilisação ainda rudimentar daquellas paragens. Tudo era deserto e a payzagem desolada. Nem uma casa habitada, nem tapéra vasia que ao menos nos dissesse que outra gente alli vivia. De longe em longe, raramente, como balisa solitaria apparecia no horisonte, o perfil, desmaiado pela

distancia, de um pé de ombú, a arvore amiga do gaúcho, a cuja sombra elle sésteia nos dias quentes do verão e o abriga da chuva, que corta nas noitadas frias do inverno. De vez em quando, passavamos perto de moitas de «inhanduvás,» espinhosos e rijos, que dão ao filho do deserto a lenha que o aquece e os esteios do pobre rancho, onde canta os seus *tristes* ao som da guitarra que geme e chora com a sua alma romanesca. Dão-lhe tambem os *palanques*, moirões eternos, em que ata o nobre parrelheiro de *grande alçada*, amigo querido e inseparavel companheiro de triumphos nas *canchas*, nas *arrancadas* da *novilhada* nos *rodeios* e quando os guerreiros baralham nas cargas e chocam-se impetuosos. Uma fxa de matto rarefeito orlava as margens do Mocoretá, que não tinha muita largura alli; mas o nosso trem de pontes, a carga do batalhão de engenheiros, era insufficiente para a construcção de uma que fôsse de riba a riba. Lançou-se um cabo de vae-vem e quem não podia cruzar a nado, passou em balsas construidas sobre pontões de borracha. Melhor provido andava, ha mais de dois mil annos, o exercito de Alexandre Magno, quando passou o Amoo-Darja em ponte sobre barcas de couro das tendas dos seus soldados e o Indus em uma de bateis, que foi depois desarmada e transportada, sem falta de uma peça, em carros tirados pelos elephants do rei Taxilo até á margem direita do Chenab, onde Porus o esperava da outra banda, no Penjab.

No Rio Grande do Sul os rios são obstaculos de pouca monta para os valentes filhos daquella terra. Nem o proprio Uruguay é barreira que levem em conta. Atravessam-no a nado pelos numerosos passos seus conhecidos; e quando ha viveres ou objectos que não devam ser molhados, servem-se de *pelotas*, pequenas canoas de couro, as quaes os soldados de Cyro o Menor tambem utilisaram para a passagem do largo Euphrates, conforme refere, em sua Anabase, Xenofonte.

Acima do ponto onde o cabo de vae-vem funcionava, havia um passo bastante correntoso. Por elle passou o meu regimento. Foi um dia de impressões festivas para mim. Quando um *bahiano* se mette a querer ser gaúcho, não ha ninguem que lhe tome a deanteira. O imitador porfia sempre por ir além do original, copiando, ás vezes, mais os defeitos do que as grandes qualidades. De calças arregaçadas até aos joelhos e os cothurnos presos aos tentos da garupa, entrei no arroio de margens resvaladiças e muito revoltado pela gente que o atravessava, de envolta cam a cavallhada. Tinha as pernas encolhidas á altura das abas do lombilho. De repente, senti o reiúno afundar-se e saír adeante bufando, de

canilhos inchados, offegante, com as narinas dilatadas e a cabeça levantada. Affrouxei as redeas, que tinha na mão esquerda, que segurava as clinas: prolonguei-me do lado de laçare bracejando com a direita nadava tambem, para alliviar a carga. O nado foi curto e quando o cavallo pôz os pés em terra, eu já o cavalgava, molhado e satisfeito. Do outro lado do passo, estava o velho Mallet, tambem sem botas, fumando o cigarro de palha, forte de tanto sarro, erecto no seu grande cavallo escuro, como um daquelles formidaveis guerreiros gaulezes, que levaram o terror á Roma antiga, quando os gansos fôram melhores sentinellas do que os legionarios que dormiam no Capitolio.

A agua era muito fria e dava-me uma sensação de bem estar indefinivel. Aquelles compatriotas, aquella matta rarefeita de páus retorcidos, aquella gente que passava contente das suas fadigas pela patria. Tudo parecia partilhar da minha alegria. O meu cavallo adelgado estava mais vivo e ligeiro e eu preso aos arreios molhados já me imaginava tão bom ginete como aquelles meus camaradas rio-grandenses, que não téem superiores nem nos Beduinos do Hedjaz nem nos Zaporogas da Ukraina.

Muitos delles haviam substituido as calças por chiripas; outros não as tinham, e alguns, por atavismo, estavam até sem camisa, com *cueios* transformados em folhas de videira. Nenhum dos *Bois de botas*, porém, deixava de ter em volte do pescoço—o *pescocinho de sóla*, que o nosso commandante nunca dispensava. Para o grande velho, como para outros bons chefes daquela epocha, a *gravata de couro* era essencial do uniforme militar; era a peça substancial que dava ao soldado, garbo e tom marcial, aprumando-o com mais altivez e fazendo-o olhar de cabeça levantada aos regulamentares vinte passos de distancia.

Armámos as nossas tendas do outro lado do rio, já em territorios de Corrientes. A jusante do ponto, por onde o cruzámos, o Mocoretá tinha uma ponte em máo estado que serviu para as forças argentinas. Actualmente, é atravessado pela estrada de ferro de Concordia a Monte-Caseros, onde a linha se bifurca para a cidade de Corrientes penetrando pelo interior da provincia e margeando o Uruguay, até Santo Thomé, que fica cerca de noventa kilometros além de Itaquy, estação terminal da linha brasileira. Em 1901, quando por alli passei com minha familia, que quiz trocar o bem estar e as commodidades da capital da Republica pela vida bastante dura e cheia de privações da fronteira, para estar mais perto de mim, mostrei á esposa e aos filhos aquelles logares de tantas recordações da minha mocidade

e dos quaes ainda hoje escrevo com saudades.

As nossas marchas eram curtas. Não percorriamos mais de quatro leguas por dia. Ao principio, via-se acompanhando o exercito uma longa cauda de retardatarios. Uns, quebrantados de cansaço; outros, combalidos e macerados pelas enfermidades, que abriram nas nossas fileiras mais claros do que a metralha paraguaya. Quantas vezes ouviamos os chascos de cavalleiros galhofeiros, que passavam a trote e offereciam *reboque*, mostrando a ponta da redea ou a cauda do cavallo aos infantes estropiados, que mal podiam caminhar. Grande parte era de soldados bisonhos, e os que não eram, nunca fizeram exercicios de marchas de resistencia.

Em compensação, quando os cavallos cansavam e os zombeteiros de vespera passavam tropeços com os arreios emmallados ás costas, os infantes vingavam-se, lamentando-lhes a desventura e dizendo-lhes em tom de burla:

— Trepa aqui na moxila, camarada.

Alguns dias depois estacionavamos nas immediações de Curuzú-Quatiá, *pueblo* então, e hoje cidade florescente. Não tive curiosidade de lá ir. O aspecto das casas não convidava.

Por esse tempo, já estava prestes a retirada para alto o Paraná, a fim de recolher ao seu territorio, a columna Paraguay, que tinha invadido Corrientes com perto de 30.000 homens sob o commando de Robles, submettido a conselho de guerra, e voltava commandada pelo general Resquim, muito diminuida no seu effectivo, pelas enfermidades e pelas deserções, mais do que pelos combates, que não passavam de ligeiras escaramuças, á excepção da retomada da cidade de Corrientes no dia 25 de maio, que custou ao inimigo apenas uns quatrocentos e tantos homens entre mortos, feridos, presioneiros e extraviados.

O seu regresso começou em Empedrado, *pueblo* distante de Curuzú-Quatiá umas 40 leguas brasileiras. Iamos avançando lentamente. As marchas cada dia se tornavam mais penosas pelo numero de doentes que augmentavam, pelos campos que se transformavam em immensos pantanaes e pelos arroios que se faziam rios caudalosos. As cataractas do céu abriam-se; a chuva caía impiedosa, fazendo mais peçadas as cargas e deteriorando os nossos viveres. Foi uma temporada difficil e aspera. Naquelles campos, levemente ondulados, não era facil achar muitas eminencias para acampar todo o exercito. Ao meu regimento, apesar de ser de artilharia, fôram mais de uma vez designadas pelo quartel-general, baixadas para armarmos as nossas tendas. Acontecia que, depois de aguaceiros formidaveis, as aguas

cresciam, formavam-se enxurradas que enchiam as valletas das nossas barracas, galgavam as pequenas trincheiras das terras excavadas e molhando as caronas e os pellegos das nossas camas estendidas no chão, despertavam-nos de um somno reparador e confortativo, povoado de sonhos alegres. Quando era muito pezado e as aguas não subiam muito, continuavamos a dormir. Do contrario, emmallavamos ás pressas os arreios e continuavamos coxilando e até dormindo e roncando sentados sobre elles, com os pés dentro d'agua, até tocar alvorada. Tantas vezes repetiram-se estas scenas, que não deixavam de ser pittorescas apesar de incommodas, que os soldados, já bastante adeantada a campanha, deduziram uma regra de castametação, que, si não tinha o caracter scientifico de generalidade, era ao menos muito original. Para os soldados do regimento, o acampamento para ser bom devia satisfazer a tres condições:

— *Uma casa para o sr. marquez;*

— *Um laranjal para o sr. general Osorio;*

— *Um banhado para a artilharia.*

O bom humor que, afortunadamente, nunca faltou ao nosso bom e rude *tarimbeiro*, ainda nos mais duros trauses, amenisava os rigores da vida naquellas terras distantes, longe de tudo que elle mais amava no mundo, desde a casinha onde nasceu, até á familia, que a enchia de suspiros, ralada de saudade.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa)

## XADREZ

### 3º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Desde que se annunciou este torneio, a sala de xadrez do Club começou a ser mais frequentada. Experimentavam-se forças e faziam-se pequenas escaramuças. A inscrição ficou encerrada a 23, apresentando-se ao torneio os seguintes concurrentes: Alvaro de Andrade, Annibal da Costa Pereira, R. S. Quayle, Augusto Silva, Armando Burlamaqui, Frota Pessoa, dr. Godofredo Cunha, Libanio Lamenha Lins, Raul Werneck de Castro, dr. Vicente de Ouro Preto, dr. Theophilo Torres, dr. Henrique Costa, dr. William B. Hentz, Heitor Bastos, Q. Bocuva Junior e Eduardo Tito de Sá. No dia 26, começou o torneio. Por exigencias da publicação desta revista, as nossas noticias só alcançarão até ao domingo inclusive, de sorte que só no proximo numero poderemos adiantar alguma coisa sobre o movimento da lucta.

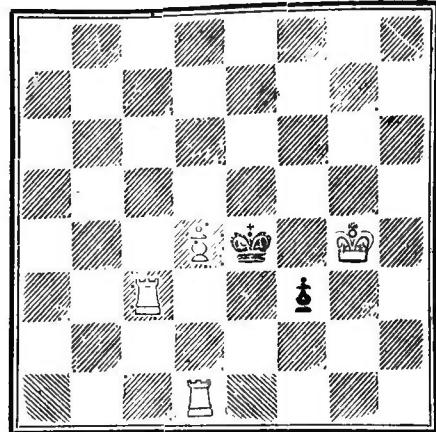
Fez-se uma pequena modificação no horario: as partidas realisar-se-ão das 8 ás 11 horas da noite, não havendo jogo durante o dia. Isto dá um aspecto mais solemne ao torneio.

A commissão fiscalisadora é composta dos srs. conde de Figueiredo, dr. Caldas Vianna e commendador Arthur Napoleão.

### PROBLEMA N. 20

A. W. Galitzky

PRETAS (2)



BRANCAS (4)

Mate em tres lances.

PARTIDA N.º 20

GAMBITO EVANS

Branças	Pretas
(Henrique Costa)	(Theophilo Torres)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
B 4 B	— 3 — B 4 B
P 4 C D	— 4 — B X P
P 3 B D	— 5 — B 4 B
P 4 D	— 6 — P X P
Roque	— 7 — P 3 D
P X P	— 8 — B 3 C
C 3 B (a)	— 9 — C 4 T D
B 5 C R	— 10 — D 2 D
D 3 D	— 11 — C X B
D X C	— 12 — P 3 B D
T D 1 D	— 13 — C 2 R
T R 1 R (b)	— 14 — Roque
P 5 D	— 15 — C 3 C R
P 5 R	— 16 — P X P R
C X P	— 17 — C X C
T X C	— 18 — B 2 B D
T 7 R	— 19 — D 3 D
P 3 C R (c)	— 20 — B 1 D
C 4 R	— 21 — D 3 C R
T 5 R	— 22 — P X P
D X P	— 23 — B 3 R
D X P C D	— 24 — B 3 C D
C 5 B D	— 25 — D 7 B D
T 1 B D	— 26 — D X P T
B 3 R	— 27 — T D 1 B D
R 1 T	— 28 — T 2 B D
D 4 R	— 29 — T R 1 B D
T 5 T R	— 30 — P 4 B R! (d)
D X B x	— 31 — D X D
C X D	— 32 — T X T x
B X T	— 33 — T X B x
R 2 C	— 34 — P 3 C R
T 4 T	— 35 — T 7 B D
T 4 B R	— 36 — T 7 R
C 4 D	— 37 — T 5 R
T X T	— 38 — P X T
C 6 R	— 39 — P 6 R
P X P	— 40 — B X P
R 3 B	— 41 — B 3 C D
abandonam	— 42 —

(a) Parece que seria muito melhor D 3 C, seguido de P 5 R.

(b) Este e o lance anterior feitos com o fito de apoiar os piões do centro, são morosos e pouco efficazes.

(c) Se 20 — P 4 B R, P 3 T R, etc.

(d) Este lance é decisivo e assegura promptamente a victoria das pretas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 19 (A. Fraissé):  
1 — D 8 T D, *ad libitum*; 2 — D, C, P, mate.

JOSÉ GETULIO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE.. .. 12\$000  
 ---  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 ---  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Anda alguma coisa no ar. Esta fórmula de desconfiança é velha, tem vetustas raizes na gyria politica, mas não deixa de ser verdadeira neste momento de preocupações pela intervenção do azar, do inesperado, do absurdo, no processo da successão presidencial, da reconstituição do Congresso, que será ainda obra do honrado sr. Rodrigues Alves.

Não rufila nos olhos dos proceres da colligação, victoriosa sem combate, o esplendor da certeza do futuro, nem se dilatam os seus labios na expansão de almas satisfeitas. Os seus olhares soffrem pungentes eclipses pelas passageiras sombras de desconfiança; os seus sorrisos se desmancham em synopes de tristeza. Os narizes aspiram emanções estranhas saturando a atmospheria agitada pelos germens de perturbações incubadas, provocando o attricto de moleculas a gerarem tempestades nas profundezas infinitas do espaço.

Como o gado presente o ozona, aspirando, a longos haustos, o ar electrisado, os politicos profissionaes adquiriram o sentido especial de farejarem as tramoias, as armadilhas fraudulentas, as arapucas astuciosas dos adversarios mais falaciosos, mais temiveis e mais perigosos — os amigos feitos rapidamente, amigos sem convicção, sem sinceridade, capazes das defecções repentinas, sem causa, sem justificação, sem remorso.

Corre, com todos os sinêtes da verdade, que a maioria dos signatarios do manifesto da colligação estava resolvida, — depois da leitura da famosa *varia*, mandada pelo sr. Seabra ao *Jornal do Commercio*, — a retirar as suas assignaturas, lançadas num momento de irreflexão, quando o sympathico sr. Carlos Peixoto, *leader* não se sabe de quem, annuncion á Camara absor-ta, sacudida por uma forte surpresa

consoladora, que o presidente da Republica renegava a intimação forjada no Cattete, num conciliabulo, em que se deliberára clarear a situação com uma demonstração decisiva, condensada na fórmula evangelica: quem não é por nós é contra nós ou, nos termos authenticos: quem assignar o manifesto é nosso adversario.

Si algumas linhas, com o carimbo official do seu portador, ratificadas pela auctoridade do *Jornal do Commercio*, puzeram em alarma, infligiram um arranco de panico ás fileiras dos adherentes, si essas linhas faticas produziram um estupendo effeito dissolvente das convicções ainda quentes de entusiasmo, é de suspeitar a consequencia funesta de uma subita mudança da attitude passiva do governo em aspecto aggressivo, decidindo-se a ferir a campanha da renovação da Camara e do terço do Senado.

Os domadores se assustam quando os leões domesticados, obedientes ao seu clicote, entram a agitar com paciencia, em movimentos quasi imperceptiveis, a ponta da cauda. Os vencedores colligados desconfiaram da facil submissão do leão e estão percebendo, agóra, que elle sacode o floco assanhado da cauda e arripia a juba, sem abandonar a postura quieta, mansuosa, do felino preparando o salto terrivel.

Elles farejam precavidos os menores indicios; procuram verificar porque o sr. Rodrigues Alves renegou a *varia* do ministro Seabra, porque lhe sonegou a demissão solicitada num legitimo assomo de lealdade traída, porque o decidiu com abraços e blandicias a continuar sob o jugo de uma pasta, transformada em cruz, porque infligiu a esse mesmo ministro a surpresa de encontrar lavrado, na secretaria da presidencia, o decreto de nomeação do dr. Guimarães Natal para ministro do Supremo Tribunal Federal; porque, emfim, remetteu o seu magnifico auxiliar, cujos defeitos capitaes eram uma

actividade sem par, uma dedicação incondicional e uma lealdade integra ao chefe do governo, ás aguas, como si o mandasse ás favas, para attennar a situação impossivel em que o collocára com essa alternativa de amplexos e pancadas, de beijos e dentadas.

Sem comparar os editoriaes do *Paiz* á cauda do leão, os proceres da colligação vêem que aquelle eminente orgão da imprensa, honrado com as confidencias do governo, orgão que não disfarça o seu character de officioso franco, está dirigindo as suas formidaveis granadas, em longas parabolae, para os campos das victorias, malsiando o seu candidato e cavando incompatibilidades entre os srs. Affonso Penna e Nilo Peçanha, deseguaes pelas origens, pelos precedentes, pelas idéas.

Essas demonstrações da formidavel artilharia do *Paiz*, de mira propositadamente elevada de mais, poderão passar de tiros perdidos, inoffensivos, a tiro de pontaria certa de um inicio de hostilidades que produzirão, em mais larga escala, o effeito da debandada que o simples traque japonéz da famosa *varia* esteve a pique de precipitar num medonho *salve-se quem puder*.

Além desses signaes justificativos de sombrias apprehensões, outros não menos expressivos confirmam que anda uma coisa no ar ou que o ambiente cheira a sangue real, como diziam os gigantes autropophagos nos contos da carochinha.

O deputado Thomaz Accioly, que é a modesta violeta do ramo da olygarchia cearense, deu para frequentar assiduamente o palacio do Cattete. As horas vagas do seu tempo, consagrado ás funcções de legislador operoso, embuçado num fecundo silencio de ouro, são dedicadas a confabulações com o arbitro supremo dos destinos da nação e das eleições. Ora, toda a gente sabe que o commendador dos crentes acciolynos, o Mafoma das brancas areias cearenses, participa da natureza

de certas plantas, tão sensíveis, que indicam, precisamente, o estado da atmospheria ou o centro de attracção.

Passou por phantasia de poeta a allusão, feita por Longfellow, no doce poema *Evangeline*, á flôr bussola, que é hoje uma verdade scientifica demonstrada pelos naturalistas, o americano Smith e o inglez Joseph Hooker. Essa flôr curiosa e scientificamente denominada *silphium lacinatedum*, cujas petalas verticaes, amarellas, como um feixe de raios do sol, se orientam, exactamente como agulhas de bussola, sobretudo quando a planta é jovem, para o fóco magnetico da Terra, servindo de guia seguro aos vapores extraviados, é um symbolo.

Como legitimo e viçoso rebento do seu augusto pae, dominado pela attracção irresistivel dos governos, quaesquer que elles sejam, o tímido deputado cearense é o *silphium lacinatedum*, attraído para o pólo da politica, indicando que, apezar da força apparente da colligação, das adhesões precipitadas, em massa, por ella provocadas, o Cattete continúa a ser o centro de attracção, o fóco do poder.

O grão duque Accioly e todos os seus principes, toda a sua dynastia immensa estariam apedrejando com o seu desprezo o sr. Rodrigues Alves, si não presentissem algo no ar, si não farejassem as estranhas emanações de uma actividade aggressiva, agitando-se sob a calma apparente do pantano.

Outro indicio não menos sensacional foi a sarabanda do ameno general Pires Ferreira nas olygarchias estadoaes, dando-lhes cutiladas crueis com a espada, havia muito adormecida na pacata bainha. Essa quebra de um prolongado repouso não foi promovida por um accesso de neurasthenia: o general é um homem que sabe onde as andorinhas dormem, conhece todas as manhas da politica, as feitiçarias do officio e não daria esse passo arriscado, si lhe não roncasse no atilado ouvido o rumor de perturbação imminente. E' bem possivel, entretanto, que a attitude do general dos burytisaes do Piauhy seja um indicio contrario, indicando estar como idéa capital do programma do sr. Affonso Penna dar para baixo, rijo e forte, nas olygarchias que estão anquilosando a Republica,

deformando-a num regimen de dictaduras, de uma indecencia repugnante.

\*  
\* \*

Seja como fôr, anda alguma coisa no ar. Os chefes da colligação conhecem a situação e se mantêm, numa discreta reserva, de armas engatilhadas. Elles bem sabem que commandam uma legião de ambiciosos sem fé, sem crenças, sem convicções, capazes de todas as iniquidades, de todas as torpezas, de todas as traições, para se manterem de fociulhos atolados na gamella das comedias saborosas.

POJUCAN.

## A AMERICA LATINA

Eu imagino que quantos vamos á Europa conhecemos o sentimento que deu origem ao ultimo livro do dr. Manoel Bomfim, *A America Latina*; escrevendo-o, elle realisou uma aspiração que terá sido por força a de muitos.

Por mais bem informados que estivessemos sobre o que se pensa de nós no estrangeiro, não podiamos nol-o figurar a nós mesmos tal qual como é, antes de sairmos daqui. Outra coisa ainda mais impossivel era calcularmos que impressão o facto nos produz fóra do paiz.

A ignorancia do estrangeiro a nosso respeito até pasmo nos causa. Parte porque ella é muito grande, na verdade, bem maior do que os mesmos interesses delles estão pedindo, parte por esta tendencia tão natural no espirito de estranharmos a ignorancia e sobretudo a despreoccupação alheia pelas coisas a que ligamos extraordinaria importancia.

A esse pasmo segue-se uma maior ou menor depressão moral.

Ignorancia nem sempre significa falta de noções. Todos temos noções sobre tudo; a differença é que uns as tem mais certas do que outros. Assim, a Europa não desconhece que a America do Sul existe. A opinião publica europeia sabe mais, como diz o dr. Bomfim logo no começo do seu livro: «Sabe que a America Latina é um pedaço de continente muito extenso, povoado por gentes hespanholas, continente riquissimo e cujas populações revoltam-se frequentemente».

Isto e outras coisas ainda. Quasi sempre noções acima mesmo ou pelo menos, fóra da realidade em tudo quanto se refere á natureza, mas muito tristes, muito aborrecidas e tantas vezes odiosamente injustas sobre tudo o que se refere ao homem que habita

este sólo e o que defende ou resulta de sua acção.

E' o pezo dessa injustiça, que então sentimos como nunca, o que nos causa a depressão de que eu falo.

Mesmo porque rapidamente nos apercebemos das consequencias desagradaveis, não raro mesmo fortemente prejudiciaes, que desses conceitos nos resultam enquanto alli viajamos. O desprestigio dos povos a que pertencemos reflecte-se inevitavelmente sobre nós, difficulta-nos os passos, desde que precisemos sair da esphera dos viajantes inteiramente anonymos, das relações consistentes em troca de dinheiro por mercadoria ou pelo direito de transporte e hospedagem. Ha coisas mesmo que, só pelo facto de sermos americanos do sul, naquelles meios não podemos realisar.

Impressionados assim com o nosso caso pessoal, tudo nos leva a generalisações correlativas. E' então que temos um sentimento vivo da nossa situação como povo no mundo. Si somos bastante fortes para continuarmos a ser justos, é encontrando-nos com a civilização do velho mundo, de que derivamos, que podemos comparar e ver o que nos falta, verificar até que ponto ha razão contra nós. Mas, por isso mesmo, os nossos sentimentos patrioticos e até contiuntaes avivam-se e vibram como nunca. Tanto mais que no correr desse estudo verificamos que parte de injustiça ha no conceito do europeu a nosso respeito, já por falta de noções exactas, de toda especie, já por uma natural confusão das coisas, pela incapacidade que arraigados preconceitos vão creando no espirito dos velhos povos, como no dos homens valetudinarios, para julgarem de valores novos.

Esses inconvenientes da fama deploravel que as nossas terras ganharam na opinião estrangeira, experimentados assim pessoalmente, levam-nos a pensar na desvantagem e no perigo que dahi nos provém, como collectividades.

Quem quer que se tenha demorado na Europa de modo que pudesse aproveitar as oportunidades, aliás não raras, para assistir em flagrante á expansão dos sentimentos daquelles povos em relação a nós, não tem mais o direito de duvidar sobre isto. Principalmente as grandes potencias, as que hoje estão na altura de ambicionar e de estabelecer correntes de opinião de accordo com os seus interesses ou o que tal se lhes affigura: essas, todas ellas, nos tem como radicalmente incapazes de chegar a um estado de organização propriamente dita.

Aos seus olhos, somos os detentores casuaes de uma parte do mundo riquissima, mas cuja posse definitiva de modo algum merecemos. Para elles, é questão de tempo: as raças que hoje

povoam este lado do continente serão substituidas pelos seus, de todo ponto superiores a nós. Nada lhes parece mais justo e mais certo. «E' lastimavel, dizem elles, como cita o auctor da *America Latina*, que emquanto a Europa, sabia, civilisada e rica, se contorce comprimida nestas terras estreitas, alguns milhões de prugniosos, mestiços degenerados, bulhentos e barbaros, se digam senhores de immensos e ricos territorios, dando-se ao rastaquerismo de se considerarem nações.»

Embora de ha muito o auctor pensasse em realisar qualquer obra no genero da *America Latina* e para isso tivesse accumulado materiaes longamente, a causa occasional deste seu livro foi uma viagem que elle fez ultimamente á Europa. «Chegando aqui, (é elle mesmo quem o declara no seu prólogo, que datou de Pariz,) não só a natural saudade daquelles céos americanos, como a apreciação directa dessa reputação perversamente malevola de que é victima a America do Sul, provocaram a reacção affectiva que se tradúz na publicação destas paginas. Fóra dali ellas não viriam talvez á luz.»

Este livro é antes de tudo uma resposta ao conceito do estrangeiro sobre nós. Realmente já é mais do que tempo de tratarmos, por todos os meios, de corrigir a injustiça que esse conceito representa.

Livrar os individuos como os povos que a primeira idéa formulada a seu respeito venha a ser, pelo conjuncto das circumstancias, uma idéa infeliz. Porque esse juizo inicial será o preconceito do futuro. Corrijam-no como quizerem: delle sempre restará alguma coisa.

Mas peor um pouco si se deixam correr as coisas á inteira revelia.

O livro do dr. Manoel Bomfim não é, de certo, uma apologia systematica do sul-americano e da sua obra, muito pelo contrario; rebatendo o que ha de ridiculamente falso no que pensa o estrangeiro sobre nós, elle reconhece, mesmo com severidade algo demasiada, a parte de verdade que existe nesse conceito.

«Os povos sul-americanos, escreve, por exemplo, o dr. Bomfim, se apresentam hoje num estado que mal lhes dá direito a serem considerados povos civilisados. Em quasi todos elles, em muitos do Brazil inclusive, a situação é verdadeiramente lastimavel. Sofremos todos os males, desvantagens e onus fataes ás sociedades cultas, sem fruirmos quasi nenhum dos beneficios com que o progresso tem suavizado a vida humana. Da civilisação só possuímos os encargos: nem paz, nem ordem, nem garantias publicas; nem justiça, nem sciencia, nem conforto, nem hygiene; nem cultura, nem in-

strucção, nem gozos estheticos, nem riqueza; nem trabalho organizado, nem habito de trabalho livre muita vez, nem mesmo possibilidade de trabalhar; nem actividade social, nem instituições de verdadeira solidariedade e cooperação, nem idéaes, nem glorias, nem belleza.»

Não se póde dizer com mais severidade, é difficil dizer mesmo com maior pessimismo, das coisas.

Mas então em que é que o estrangeiro pensa mal de nós injustamente?

Acha o nosso sympathico contemporaneo que o maior erro desses nossos julgadores está em nos attribuirem uma obra que não é propriamente nossa e em decidirem da nossa capacidade á vista do que até hoje aqui se tem feito.

Dois terços do livro são empregados em demonstrar a verdade disso.

A America do Sul foi victima, e tem sido até hoje em certa escala, do parasitismo das nações ibericas que a povoaram. E' o que pensa o dr. Bomfim. Ainda agóra, perduram as consequencias desse mal.

Fôram os descobrimentos que determinaram a mudança de habito nesses povos ou antes a possibilidade para elles de seguirem a inclinação que, desde quando se organisavam, já tinham revelado nas razzias contra a mourama. De raça forte, productora, que havia sido a gente da Iberia, pouco a pouco se foi transformando num *chondracanthus* colossal.

Um dos fins mais tangiveis que ha neste livro, fóra da idéa patriotica que o inspirou, é o de ficar formulada nas suas paginas uma theoria que sorri particularmente ao auctor, a da razão principal, d'«a causa organica» da decadencia dos povos, que ao ver do notavel escriptor vem sempre do facto delles se transformarem, povos productores que eram, em povos caracteristicamente parasitas. «E' assim, diz elle, que a Assyria, o Egypto, Persia, India, Grecia, Roma... fôram abattidas.»

Não é este o momento para quem deseja principalmente dar noticia sobre um livro o de pôr em discussão essa these, contestavel como todas as theses sempre hão de ser.

Essa e a outra de que falamos anteriormente: a de que os males com que lucha a America do Sul hoje em dia provém principalmente do parasitismo dos paizes de que fomos colonia.

Sempre direi, no emtanto: eu não sou dos que systematicamente condemnam os colonisadores que teve o Brazil. Elles mostram defeitos e qualidades, das quaes a que é não só a mais sympathica aos nossos olhos, como talvez a de mais alcance no futuro, a de se revelarem os mais brandos para com as raças inferiores do indio e do

negro, comparados com outros colonisadores.

Todo esse longo trabalho a que se dá o auctor da *America Latina* tende a um fim: o de demonstrar aos povos civilisados que o seu dever para connosco, ditado pela mais legitima equidade, é desarmarem-se de toda a malevolencia que nutrem a nosso respeito e confiarem na nossa capacidade para evoluir, que cedo ou tarde ficará demonstrada. Isso quando pudermos nos libertar das peias de um conservatismo ferrenho, herdado das raças que colonisaram este lado da America e, em parte, ainda exercitado pelos representantes dessas ditas raças, que logram, mesmo agóra, um largo predomínio aqui.

Felizmente entre as paginas deste mesmo livro encontramos algumas em que se procura demonstrar que, máu grado o nosso atrazo, mesmo que as raças conquistadoras de hoje tentassem sériamente um assalto militar á America do Sul para varrer-nos daqui como poeiras maleficas, arriscavam-se, no fim de contas, a uma amarga decepção.

Ao meu ver, o mais pratico, em vez de appellos puramente sentimentaes, é irmos tratando de fornecer á Europa os elementos necessarios para despertar na opinião dos seus povos um vivo e justo sentimento dos precalços que esperam o estrangeiro que venha fazer-nos a guerra.

Infelizmente o nosso gráu de civilisação não é de modo algum para inspirar-nos orgulho. Mas o facto é que já nos achamos bem mais adeantados do que lá fóra se julga e que esse adeantamento se tradúz por uma capacidade defensiva que será louco quem pretenda desprezar.

Além disso, aqui na America do Sul não é apenas com o musculo do soldado que se faz a guerra. Em todas as nossas luctas com o invasor, tivemos e teremos como alliada natural esta natureza feraz, fertil em emboscadas e precipicios, na vastidão dos nossos horizontes, os quaes, antes de serem dominados, matam de canção e de desespero o inimigo, o mais audacioso e pertinaz.

A tudo isto allude intelligentemente o auctor do livro honesto de que venho falando.

Não nos enganemos. Por maiores que sejam os nossos esforços, durante muito tempo ainda o nosso caminhar terá de ser leuto nesta parte da America, comparado com o das nações de primeira plana.

Para mim, a razão principal está no gráu de evolução em que se achavam as raças do africano e do aborigene que se encorporaram, em grande proporção, á massa que constitúe a nossa população actual. Eu não sou dos que negam a capacidade de progresso

nessas raças, tidas hoje, em geral, como absolutamente inferiores; mas não reconhecer a lentidão com que ellas caminhavam em comparação com as raças brancas, é negar a propria evidencia, parece.

A nossa situação, porém, de detentores do sólo, e além disso as complicações que todos os dias se vão produzindo na politica mundial, de modo a inibir os povos conquistadores actuaes de se voltarem exclusivamente para este lado do mundo sem outras preocupações, taes circumstancias são para inspirar-nos uma seria esperanza de podermos chegar a um estado de legitima organização ainda a tempo. Salvos da conquista e da dissolução, certo que um dia havemos de ser grandes e gloriosos como os maiores povos da Terra.

Imprudentes, no entanto, nos mostraríamos si fôssemos a confiar unicamente na força das circumstancias. Todos os males pódem advir ao fraco. Numa curva da historia dar-se-á, quem sabe, que os elementos se combinem por modo tão desfavoravel a nós, que fiquemos rigorosa e exclusivamente adstrictos aos nossos proprios recursos. Convém aperfeiçoal-os, alargal-os, multiplical-os o menos lentamente que esteja em nós.

Para isso, que é preciso fazer?

O dr. Manoel Bomfim, estudando o problema por differentes faces, acha que se deve principiar pela instrucção popular, pelo preparo das populações. E' uma conclusão natural em quem, por profissão, do que cuida principalmente é do ensino; elle póde ver melhor do que ninguém o que a esse respeito nos falta.

E' claro, penso eu, que é preciso valorisar as nossas forças tornando-as forças vivas, intelligentes, pela cultura, mas ao mesmo tempo voltar-nos para todos os lados, na proporção dos nossos recursos e da nossa energia: povoar, plantar, abrir caminhos, fomentar industrias, construir cidades decentes e sãs, instruir, armar, proteger nossas costas, disciplinar-nos, estabelecer entre nós a justiça, tornar um facto a liberdade como deve ser entendida, produzir, estimular-nos entre nós, mostrar, numa palavra, que somos povos que merecem viver e que estão aptos a defender-se, mesmo, si tanto fôr necessario, a aggreder.

As paginas da *America Latina* fôram daquellas que até agóra mais prazer me teem dado ao voltar ao meu paiz. Ellas fôrman um livro honesto, corajoso, inspirado pelo sentimento mais nobre. Lê-las é respirar numa atmospheria confortante, porque nellas nos encontramos com uma força das mais intelligentes entre as que modernamente aqui teem surgido, e tanto mais valiosa quanto ella se apoia num estudo aturado, e orienta-se principal-

mente para o lado do problema mais palpitante e mais serio que ora se offerece aos filhos desta parte do continente.

NESTOR VICTOR.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda de Mocoretá ao Passo da Patria — Cavallaria a pé — A causa da guerra não ter terminado a 24 de maio*

No exercito do legendario Osorio contava-se muito com a natureza e nunca se distribuiu forragem; os animaes, vivendo do que lhes davam os raspados campos alagados, enfraqueciam a olhos vistos e iam ficando pelo caminho. Quando invadimos o Paraguay, a maior parte dos nossos corpos de cavallaria estava a pé; e dos poucos montados, a cavallada deixava muito a desejar. Foi sómente depois que Caxias tomou o commando do exercito, que começou a remonta a fazer-se systematicamente a par do aprovisionamento de forragens, que consistia em alfafa e milho. Desde então, a nossa valente cavallaria ficou apta a praticar os altos feitos, que a immortalisaram. Circumstancias, na apparencia insignificantes, teem, não raro, poderosa influencia sobre acontecimentos de grande monta, que decidem, ás vezes, até dos destinos dos povos e da civilização. Assim, o voto de desempate de Callimacho, polemarcho de Athenas, antes da batalha de Marathona, assegurou a hegemonia da civilização occidental, e os mimosos pés da bella Arletta, lobrigados por um duque de Normandia, fizeram o Imperio britanico. A falta de forragem á nossa cavallaria talvez tivesse sido a causa efficiente de não ter terminado a guerra em 24 de maio de 1866.

O meu reiúno *azulego* um dia afrouxon; e fiquei na rectaguarda com a cauda dos retardarios. Cheguei ao acampamento a pé, puchando-o pela arreata, fatigado porque elle não cabresteava bem e molhiado até aos peitos pela agua dos banhados cheios que passei. Apezar de tudo, dava graças a Deus, porque me tinha livrado de marchar com os arreios ás costas, como succedia a tantos outros. Si eu não era então, no rigor da expressão, um cavalleiro de triste figura, tão pouco merecia ser tratado por figura risonha.

O velho Mallet, que passeiava pela frente da sua barraca e zangado ameaçava *costear* o cabo Jardim, ferreiro do regimento, com uma semana de *marche-marche*, viu-me e mandou chamar-me pela ordenança. Naquella epocha, não me tinha affeito ainda á arte de *calcare viam*, em que depois me tornei muito pratico como official

de infantaria. A mais de um, em outros dias, acontecera o mesmo desastre; mas tiveram a sorte de não ser bispados pelos grandes olhos do commandante. E' que aquelle dia tinha raiado aziágo para mim: os meus cothurnos amanlieceram encharcados e o assucar com que adoçava o matte virou agua na marmíta. Tinha os pés muito doloridos e approximei-me, meio tropego, do respeitavel velho, que eu muito estimava, não só pela idade, como pela sua grande bondade, que fez de todos os seus commandados dedicados amigos. Profilei-me o melhor que pude.

— Porque chegou agóra?

— Porque o cavallo cansou.

— A culpa foi sua, sr. cadête, porque andou vadiando, galopando fóra do seu logar.

O velho, que prescrutava tudo, vin-me a galope para alcançar o regimento, depois que me deixei ficar atrás para conversar com uns amigos.

Prendeu-me e deu ordem para recolher-me á guarda de frente. Era a minha primeira prisão. A segunda foi no Tuyuty, por ter mandado atacar uma força paraguaya, que appareceu deante da minha linha. A terceira, já era capitão, em 1872, na Escola Militar, por ter á frente da 1ª companhia, de alumnos errado de *proposito* uma manobra e desobedecido com *estandalo* ao superior de dia. Todas tres ficaram sem effeito immediatamente e a minha fé de officio ficou, felizmente, limpa.

Quando recebi a ordem de prisão, uma onda de sangue subiu-me ás faces. Senti-me humilhado deante daquelle homem veneravel, mas me parecia que o castigo era demasiado severo para uma falta tão leve que eu commettera por descuido. Quando dei meia volta para retirar-me, lagrimas saltaram-me dos olhos. Não sei si o bom velho as viu, porque procurei occultal-as. Antes de armar a minha barraquinha na guarda da frente do regimento, elle mandou ficar sem effeito a prisão. Fui apresentar-me e agradecer-lhe, e ouvi, nessa occasião, conselhos paternaes e um bom sermão.

Após umas duas semanas, si bem me recordo, consumidas em penosissimas marchas, chegámos á villa Mercedes, actualmente uma das mais prosperas cidades da provincia de Corrientes. Os dias que nos demorámos ficaram gravados na memoria dos que allí estiveram, como periodo triste de angustiosas recordações. As chuvas torrencias, longe de pararem, caíam cada vez mais copiosas, molhando tudo, apodrecendo as barracas, adoecendo a gente e transformando o campo num lamaçal immenso que cada vez atolava mais pelo transito incessante de infantes, cavalleiros, cargueiros e vehiculos de todo o genero,

— extenso barral onde enterravamos as pernas até aos joelhos e além.

A pouca lenha que tínhamos estava molhada até á medulla dos páus e não pegava fogo sinão depois de larga lucta, em que acabavam por triumphar a constancia e a habilidade do soldado, que saía extenuado de soprar e com os olhos ardendo, inflammados de tanto banho de fumaça caustica.

As carretas do commercio não chegavam; tinham ficado atoladas nos banhados ou nos passos dos arroios. Por isso, os que tinham alguns cobres para os extraordinarios, que custavam aliás preços *klondiklanos*, ficaram privados de tomar a sua *jacuba* ou matte doce, com *pan caliente que quebrava los dientes*, segundo mercavam, por pilheria, os *panaderos*.

Um dia, acordei febril com a bocca muito amarga. O meu amigo Alexandre Bayma, com quem me dava muito, desde que foi discipulo de meu pae na Faculdade de Medicina da Bahia, morava perto do nosso acampamento. Embuçado no meu ponche e descalço, fui consultal-o. Achei-o acomodado dentro de um couro molhado que não exalava bom cheiro e cujas beiras estavam levantadas mais de um palmo para que a agua não entrasse.

— Como vâes lá pelo teu acampamento com esta chuva?

— Bem, mas não tanto como você, que está embarcado nesta *pelota*. Sinto-me um pouco doente e vim pedir-lhe um remedio.

Viu-me a lingua—estava saburrosa. Tomou-me o pulso—tinha febre.

—Porque não me mandaste chamar? Isto é uma imprudencia.

— A vida é esta, amigo Bayma; devemos conformar-nos.

Chamou um cabo enfermeiro e mandou dar-me uma dôse de sal amargo. No dia seguinte, eu estava lepido, prompto para outra.

Chegavam as forças, que haviam estado em Uruguayana. Villa Mercedes foi um ponto de concentração. Repurcutia em nossas fleiras a fama do tenente Floriano Peixoto, que commandára um vapor no rio Uruguay e impedira a junção das forças do major Duarte e coronel Estigarribia, que operavam em margens oppostas, facilitando a derrota do primeiro e a rendição do segundo.

Naquelle tempo, eu já gostava do Floriano. Era um rapaz desempenado, dos melhores jogadores de esgrima de bayoneta, excellent designer, a ponto de ser citada a sua estampa da ilha de Porquerolles como um primor, insuperavel num *rôlo*, forte, agil e destemido. Entre os collegas passava por *caboclo muito mitrado*. Quando soube que elle havia chegado, fui visital-o e dar-lhe os meus sinceros parabens pelo brilhante papel, que acabava de representar. Agradeceu-me com a modestia

que o caracterisava e, como nenhum de nós era loquaz, conversámos pouco. Aprazia-me olhar para aquelle jovem official, que já tinha prestado á nossa patria serviços de tão alta relevancia. A sua bella carreira confirmou as esperanças dos seus amigos. Floriano, em Uruguayana, como tenente commandando um vapor; em Tuyuty, como capitão do batalhão de engenheiros; no Tayi e no Timbó como major no 25º de Voluntarios e no Aquidaban como commandante do 9º de linha, foi o mesmo soldado, calmo nas mais violentas refrégas, arrostando a morte com a indifferença de um tupy e a bravura de um portuguez. Inconscientemente, era um *meneur immediato* que fascinava, sem brilhantes dotes suggestivos os que o rodeavam, *amorphos* e *instaveis*, até aos ultimos tempos da sua vida, em que no fastigio do poder, se revelou o mesmo Floriano, calmo, bravo, prudente, frio, cauto, previdente e desconfiado, conquistando dedicações até ao fanatismo e despertando odios terriveis.

Despedi-me d'elle, certo que iria longe. Antes de sair, brindou-me com um trago de um licôr, cuja garrafa tinha um rotulo muito enfeitado, em que se lia:

«Para no llegar á viejo  
Que remedio me darás?  
Toma licôr de Cominillo  
Y siempre mozo serás.»

Tomei um gôle só, porque nunca fui afeiçãoado a essas libações e elle, passando o dedo index da mão direita pela ponta do nariz, disse, meio sorrindo:

—Eu tambem não gosto, nem creio nessas virtudes, mas tomo um pouco de vez em quando, *por sí acaso*.

Quando o máu tempo amainou, levantámos os nossos arraiaes e proseguimos na marcha, conduzindo muitos doentes. Eram numerosas as baixas do exercito alliado e variado o quadro nosologico.

Por esse tempo, recebeu o regimento um contingente de recrutas do Rio Grande. Eram quasi todos mestiços de indio e branco, bonitos, fortes e moços. Melhores cavalleiros, mais guapos e elegantes sobre os arreios não era possivel encontrar. Entre elles, havia um, o Antonio Chirú, a quem coube um pôtro *zaino*, grande, delgado, crinito, de uma cavallhada nova. Parecia um animal feróz. Para sellal-o foi preciso vender-lhe os olhos com um ponche e sujeital-o com força, passando-lhe um *pé de amigo*. Concluida a operação, o jovem soldado, que estava de calças arregaçadas, em mangas de camisa, com um lenço vermelho atado á cabeça com as pontas caídas para trás, tendo na mão direita um *rebenque* curto de *açouteira* larga, colheu com a esquerda

em voltas o maneador e, empunhando as fortes redeas, saltou sobre o lombillo. Uns quatro gaúchos sujeitavam o cavallo. Tiraram-lhe a venda e o rapaz gritou:

—Largue, deixe que vá!

Ouvimos um berro e a cabeça unirse entre as mãos daquelle animal furioso, que se lançou para a frente dando saltos medonhos. Agachava-se rapido, como si fôsse pranchear-se e dava *priscos* formidaveis para a direita e para a esquerda. Nunca vi *velhaquear* como aquelle *zaino*. O *gaúchito* brincava sobre elle, levantava as pernas, como si estivesse numa gangorra, olhava para os lados e virava-se para a garupa sem dar importancia áquelles *corcóvos* desencontrados. Parecia estar pregado no lombillo. De vez em quando, dava um forte *rebencaço* ou, inclinando-se sobre o pescoço, *tapeava* o pôtro nos canillos. De repente, partiu como uma flecha campo afóra e em pouco tempo voltava ao tróte, batendo o *isqueiro* para accender um cigarro, que tinha preparado na galopada.

Passados alguns dias, fui acompanhar ao hospital alguns doentes do regimento e vi o Antonio Chirú, com outros, dentro duma carreta coberta de couro, deitados sobre pellegos de carneiro, manchados de pús varioloso. Estava disforme, desfigurado, o rosto enormemente inchado e cheio de pustulas denegridas, que exalavam um cheiro insuportavel. Perguntei-lhe como estava; respondeu em voz muito rouca: melhor. Havia um delles que delirava. Dois dias depois, enterraram-no naquelle deserto, e todos os companheiros da carreta seguiram-no na viagem derradeira.

Era triste a sorte do nosso soldado, naquella travessia, quando baixava doente ao hospital. Nas marchas seguintes que faziamos através de campos alagados, passando banhados immensos, vadeando arroios cheios, e batidos por chuvas incessantes, que commodidades podiam ter os pobres enfermos? Mil vezes as refrégas mortiferas dos dias de batalha do que as agonias das enfermarias em marcha. As nossas circumstancias eram desfavoraveis e só com muita prudencia é que se poderia ter um serviço sanitario regular. Lembro-me que uma vez foi mandado inspecionar, já perto da cidade de Corrientes, o nosso hospital ambulante, o illustre dr. Luiz Alvares dos Santos, professor da Faculdade da Bahia. No relatorio que enviou ao chefe, lia-se o seguinte trecho, lembro-me bem, portador de accusações gravissimas: «E nesse zig-zag de desculpas, morre o soldado brasileiro, victima da incuria do medico e da relaxação do enfermeiro». O medico bahiano, sobre ser um poeta de altos vãos, era um grande e compassivo co-

ração. Condoeu-se dos pobres soldados e foi demasiado severo para com os seus collegas, dos quaes a maior parte bem mereceram da Patria.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## ROOSEVELT

Os presidentes americanos,

Os presidentes brasileiros.

E' o homem mais evidente do actual momento historico, proclamado pelos povos o grande pacificador, cujo prestigio promoveu o estupendo successo da paz entre o Japão e a Russia; é o homem cuja intelligencia culta está elevando o seu paiz ao apogeu da gloria e da força, como o mais brilhante producto do progresso humano.

Sobre esse homem, em que se reúnem, numa intensidade extraordinaria, todas as qualidades de primor do cidadão e do estadista, sobre a sua vida intima deu um escriptor francez curiosas informações, insertas no ultimo numero dos *Annales*, a magnifica revista pariziense do sr. Brisson.

Th. Roosevelt é um *self made man*, experimentado em todos os estadios de uma existencia que começou nas aventuras de *cow boy* nas planicies do *Far West* e chegou á suprema magistratura da grande republica norte americana. E' tão destro em laçar um touro bravo, em domar um poltro chucro, quanto em escrever um livro, em estudar as mais transcendentales questões do governo. Enrijou as suas energias vigorosas na experiencia pessoal dos perigos, illuminou o seu espirito com a observação de todas as minucias do desenvolvimento febril de uma civilização sem precedentes na historia, estudando tudo, os campos de cultura, a arena opulenta do commercio, as regiões das letras e das artes, os campos de batalha e os prados de *sport*, assim como os recessos escusos dos laboratorios da politica universal.

E' um homem que, formado na vida intensa, vive á cata de commoções fortes, de aspectos inéditos. Emquanto acompanhava, palpitante de anciedade, soffregos pelo successo, as conferencias da paz, em que empenhára todo o seu formidavel prestigio, não pôde resistir á tentação de embar-

car no submarino *Plunger*, ancorado em Oyster Bay, no qual passou tres horas, a maior parte dellas no fundo do mar. De uma vez, o navio ficou submergido cincoenta minutos, executando todas as manobras de combate, até ficar completamente no escuro. Roosevelt, depois de se familiarisar rapidamente com o mechanismo, executou elle proprio todos os movimentos do submarino, com o maior prazer sem demonstrar o menor signal de receio. A decisão de embarcar no *Plunger* ficou em segredo mesmo para a familia do presidente, que conseguiu burlar a vigilancia do serviço da policia que o guarda em Oyster Bay. Ninguem, excepto a tripulação do *Plunger*, teve conhecimento dessa aventura até que elle voltou para o palacio.

Mas... demos a palavra ao escriptor dos *Annales*:

«De todos os presidentes que dirigiram os destinos dos Estados Unidos da America, Theodoro Roosevelt é, certamente, a personalidade que melhor corresponde ao typo, imaginado na Europa, do americano laborioso, perseverante, ousado.

Roosevelt não tem fortuna; é myope, valente andarilho, não fuma e traja com tão excessiva simplicidade, que as suas calças curtas tem sido objecto de chacota; tem, finalmente, manias curiosas.

No dia em que eu lhe apresentára um cidadão francez notavel, ancioso por ter occasião de conhecê-lo pessoalmente, deu-se um caso eugraçado. O meu amigo, temendo ser indiscreto, pediu permissão para se retirar, depois de breve entrevista. E como lhe manifestasse com voz timida esse receio, o presidente disse-lhe:

— Não se incomode; venha comigo; vamos fazer lenha.

Durante duas horas, com uma destreza admiravel, elle cortou madeira, de que fez alguns feixes muito bem arranjados, deante do visitante embacado.

A senhora Roosevelt é sempre obrigada a fazer amplas provisões para as refeições, porque jamais pôde saber quantos convidados terá á meza.

Ao toque de quatro horas, o presidente, olhando em torno de si, no seu escriptorio, nunca deixa de convidar todas as pessoas presentes para *lançarem*, e se dirigir para a meza acompanhado por ellas, sejam algumas ou uma duzia.

O *menu* é simples. O presidente gosta dos pratos de resistencia ao jantar — sopa, rosbife e sobrezeza. Às vezes, ha uma *entrée*: frequentemente

pasteis de carne ou caça. Pretende elle que é mais facil conversar á meza do que no escriptorio: é por isso que convida as pessoas, com quem necessita tratar negocios publicos, a comerem com elle.

A senhora Roosevelt é uma encantadora dona de casa, de bom genio inalteravel, sempre risonha, mesmo si o marido invade a sala de jantar com uma duzia de convivas quando ella esperava apenas tres. As refeições passam na mais doce cordialidade, discutindo-se questões de caça, os cuidados com os filhos, o valor de uma obra recentemente publicada e muito pouco de politica.

Mesmo na Casa-Branca, a familia presidencial vive em pleno ar; as horas que não são consagradas aos negocios e aos estudos, são empregadas no culto dos *sports*.

Em Oyster Bay, todo o sequito do presidente se reúne, annualmente, para se deliciar com o encanto dos interminaveis passeios nos campos e nas florestas. Desde o presidente até o mais tenro bebé, todos inventam meios de ficar em casa o menor tempo possivel. Os meninos acompanham o pae nas caçadas, nas pescarias, participando as suas fadigas e perigos.

O anno passado, Roosevelt desappareceu, á tarde, com dois filhos e dois sobrinhos, sem avisar ninguem. A pequena tropa, munida de cobertores e de provisões, se embrenhára nos bosques de Long Island Sound e alli estabelecera acampamento. O presidente accendeu o fogo e preparou a comida; depois, os excursionistas, envolvidos nos seus cobertores, se estenderam no chão, com os pés para o fogo, á maneira dos indios, e ouvidas historias de caçadas, de pescarias e de guerra, adormeceram todos ao relento.

Os agentes da segurança, que velam em torno do presidente suspiraram de allivio quando o viram voltar, na manhã seguinte, com os quatro jovens companheiros, muito regosijados dessa escapada.

A senhora Roosevelt é a collaboradora infatigavel do marido a quem serviu, durante muito tempo, de secretario, quando elle não occupava ainda os altos cargos do Estado. Mãe sollicita, ella superintende a educação dos seis filhos, quatro rapazes — Theodoro, Kernit, Archibald e Quintino, duas meninas — Ethel e Alice. Verdadeiro ministro do Interior, é ella quem tudo organisa em casa e não se desdenha de executar todos os serviços domesticos.

Um dos primeiros actos dessa adoraavel matrona, chegando á presidencia, foi fundar, com algumas amigas, uma especie de liga contra as prodigalidades das senhoras da alta sociedade de New York, affirmando que uma senhora não tem necessidade de gastar,



em vestidos, mais de mil e quinhentos francos por anno, e emprega toda a sua influencia moral para a victoria dessa opinião.

Quanto a miss Alice Roosevelt, nascida do primeiro matrimonio do presidente, a gravura lhe popularisou as feições, onde se admiram a energia do pae, alliada á graça feminina. Todos os americanos a conhecem, muitos viram-na passear graciosamente, acompanhada por um cão, erguida a cabeça altiva, sem aspereza, correctamente desenhada como um camaphen antigo. Uza, geralmente, um dos grandes chapéus á Rembrandt e, sob esse poetico toucado, realiza o retrato perfeito da rapariga americana — *american girl*.

Quando o principe Henrique da Prussia, grande almirante da marinha allemã, irmão do imperador Guilherme II, fez a sua viagem aos Estados Unidos, commandando uma esquadra, deram-lhe festas esplendidas. Miss Roosevelt presidiu, com uma auctoridade incomparavel, a mais importante dessas solemnidades. Com o principe serviu de madrinha de um *yacht* e passou, ao lado de sua alteza, revista á esquadra.

Desde esse dia, a filha do presidente se tornou, de alguma fórma, um personagem official. Durante a Exposição de S. Luiz, ella inaugurou, pelo menos, tantos pavilhões e congressos quantos o pae e os ministros reunidos.

Não se pôde fazer em França uma idéa precisa da recepção que lhe foi feita pela população feminina da metropole do oeste, recepção faustosa, por ventura demasiado entusiastica. Cinco mil senhoritas de S. Luiz saltaram, ao penetrar o trem a *gare*, um formidavel grito: Hurrah! miss Roosevelt!

As manifestações não ficaram nisso. A filha do presidente foi assaltada pelas ardentes *relic-hunters* — caçadoras de reliquias—e num abrir e fechar d'olhos, apesar da intervenção da policia, ella viu a sua *bôa* de pennas pelada pelas suas admiradoras. Tiveram a mesma sorte as flôres do chapéo. Mãos desvairadas lhe atacavam já o corpete do vestido, quando um reforço de agentes de policia libertou a desafortunada triumphadora das garas daquella multidão de saias.

De resto, Alice Roosevelt foi talhada para resistir a esses assaltos: ella pratica todos os *sports*, a marcha, a equitação, o *yachting*, etc. . .

Um jornal americano calculou que, no decurso de um anno, a pequena presidenta tomou parte em quatrocentos e tres jantares, trescentos e cinquenta grandes bailes e trescentas *soirées dansantes*. Assistiu seiscentos e oitenta *five o'clock tea*, fez mil e setecentas visitas, figurou nos casamentos de uma duzia de suas amigas como *demoiselle d'honneur*. Deu, emfim, trinta

e dois mil apertos de mão aos cidadãos e cidadãs da grande republica.

Essa extraordinaria senhorita acaba de realizar uma viagem através do mundo, excitando a attenção dos diplomatas. No momento dos preliminares da paz entre o Japão e a Russia, ella desembarcava em Tokiô acompanhada pelo ministro da Guerra americano, tendo do mikado o mais encantador acolhimento. Diz-se que ella exerceu junto delle a mais favoravel influencia e que foi graças aos seus cablogrammas animadores que o pae, no momento extremo dos esforços, não perdeu a esperanza de fazer triumphar a paz.

Ella merece, por isso, ser associada á homenagem de reconhecimento que o mundo inteiro presta hoje ao grande pacificador».

\* \*

Dos presidentes dos Estados Unidos do Brazil não se contam anedotas íntimas, nem aventuras de *sport*, nem feitos de energia muscular ou intellectual. São uns melancolicos, enclausurados no palacio do Cattete, embiocados numas sobrecasacas que, nesta terra de absurdas infracções ás imposições do meio, constitúe o traje de rigor, habitual e unico, dos personagens altamente collocados, de todos os que desejam conquistar os fóros de homens serios.

A investidura da presidencia da Republica é um burel que defórma aquellas tristes creaturas com uma feição aspera de solemnidade inteiriça que deve ser o permanente aspecto do seu habito externo. Não fica bem ao presidente sorrir, vestir um terno de primavera, cobrir-se com um chapéo molle. Elle não tem liberdade para se divertir, para gosar as diminutas ou as essenciaes amenidades da vida, como os outros homens. Tudo lhe é vedado por um protocollo convencional meio bobo, meio estúpido, garatujando de imitações destoantes com a lhaneza, a doçura, a espontaneidade do character brasileiro.

E' bem verdade que dessas obrigações formalistas surgiram preconceitos inexoraveis. Si o presidente da Republica ouzasse tomar fresco, respirar as saudaveis brisas marinhas na ponte da Praia do Flamengo, si lhe dêsse na têlha pescar bagres, atirar ao alvo, ou passear como qualquer burguez nas florestas formidaveis do nosso suburbio de montanhas, não faltaria quem, num murmurio de indignação,

o accusasse de não se conduzir com o respeito devido ao cargo, ou quem o fulminasse de presidente *pandego*, que, em vez de estar entregue ao estudo das questões de Estado, perdia o seu precioso tempo, estragava o tempo que não é d'elle, mas pertence á nação que o elegeu, em divertimentos, em occupações de ociosos.

Imagine-se que o presidente da Republica onzasse publicar um livro, ou perpetrar o peccado litterario de publicar um romance: estaria completamente perdido no conceito publico, por se dedicar a essa banalidade da litteratura.

Os nossos presidentes são uns condemnados a quatro annos de reclusão num palacio, cuja atmospheria intoxicada de politicagem lhes estiola todas as energias. São umas creaturas sem liberdade de locomoção, agrilhoadas a deveres estereis, tendo quasi todo o seu tempo consagrado á audiencia dos representantes da politica, a receber a compressão das exigencias dos olygarchas, dos satrapas donatarios dos Estados, dos pretendentes mais ou menos apadrinhados e ao penoso, ao desfibrante trabalho de uma burocracia retardataria, que é um dos stygmias deste grande paiz.

Os nossos homens de governo vivem embaraçados nos tenues fios de formalidades ridiculas a lhes tolherem os movimentos, a lhes asphyxiarem a actividade physica e moral, a lhes embaraçarem o passo para as zonas de ampla luz, de ar puro.

E' indispensavel que se abandonem os moldes dessas praxes rigidas, que venha para a eminencia da representação nacional um iconoclasta que amenise a investidura, abra as janelas do Cattete aos raios de um sol alegre e fecundante, que humanise os nossos presidentes.

As diversões, os prazeres licitos são admiraveis propulsores do trabalho. Roosevelt caça, pesca, amansa poltros e governa, admiravelmente com a mesma robusta mão, o mais complicado paiz do mundo.

CUJAS.

—  
“OS ANNAES”

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e segundo semestre de 1905.

## FOLK-LORE DO BRAZIL CENTRAL

«Comquanto os elementos fundamentaes das litteraturas populares sejam os mesmos, cada povo lhes imprime o seu cumho particular».

ADOLPHO COELHO.

Tudo está indicando que o interior do paiz offerece o mais vasto e inexplorado campo aos estudos *folk-loreicos*. E estes avultariam no seu merecimento intrinseco si o investigador fôsse um João Ribeiro — musico, poeta e philologo — qualidades que, reunidas, as não possuiram os que apenas algumas provincias se occuparam do assumpto; e dahi, por certo, o terem-no já em conta de exgotado no Brazil, que, seja repetido de passagem, aliás sem novidade, não é nem pôde ser a nesga de praia littoranea que se estende do Pará ás costas do Albardão. Fazemos acquisições novas, que estas virão destruir muitos erros correntes.

Quem, nas condições alludidas acima, se dêse ao estudo complexo das nossas composições populares, poria naturalmente em fóco os phenomenos todos da linguagem do nosso povo e assim confirmaria as seguintes proposições do auctor da *Selecta Classica*: «Os colonos do Brazil trouxeram no seculo XVI as mesmas qualidades e a mesma linguagem idiomática dos precusores da epocha classica; muitos dos chamados *brazileirismos* de expressão, e até de prosodia, acham-se em perfeita concordancia com certas peculiaridades dos seculos XIV-e XV; e talvez não haja ousadia em dizer que o exclusivo genero lyrico que predomina ainda na litteratura brazileira é o desenvolvimento natural da antiga poesia dos cancioneiros, transplantado sob o novo céu americano.

.....  
Não será raro ver no corpo das notas que concorrem com os excerptos dos auctores classicos a observação de fórmulas e de syntaxe que, hoje obsoletas ou pouco usadas em Portugal, aqui são no Brazil populares e de uso commum.»

No Brazil central, mui principalmente, ha factos em que se podem fundar aquellas observações justissimas.

Antes de meados do seculo XVII lá penetraram, ao lado dos primeiros *mamelucos*, muitos chamados *reinães*, como aquelles também praças assentadas que fôram nas bandeiras, como soldados aventureiros.

A historia os tem olvidado, mas ninguem poderá apagar, por exemplo, o renome tradicional de um Urbano do Couto, ilhéu e o mais audacioso compauheiro de fadigas que teve o

grande e legendario bandeirante paulista que descobriu e conquistou os bravios sertões de Goyaz e Matto-Grosso — devassando páramos que, para nós, os de outras gerações, se fecharam de todo no interior do Brazil e delles nunca se escutaram mais noticias trazidas posteriormente.

Depois da descoberta e conhecimento do ouro, no interior, vieram da metropole directamente para as *minas* os celebres ourives — discipulos de Gil Vicente, talvez, e do mestre eximio, continuadores nessa arte duplice de medalhar o precioso metal nos mais finos labores da ourivesaria e compor com a velha liga da lingua patria cantares que lembram as *trovas* anteriores ao influxo litterario dos quinhentistas.

Tal feição poetica e linguagem perduram e podem ainda ser estudadas nas suas linhas geraes — lá melhor que em nenhuma parte — pois emquanto noutros, cedo invadidos pelos elementos estrangeiros heterogeneos, se fôram desde logo propagando o culto do latim classico e a disciplina pedantesca dos grammaticos imbuidos da rhetorica de Cicero *et reliqua*, naquelle provençalesco meio, até hoje isolado, devia se encontrar, como de facto, ainda na pureza primitiva, o resto do cabedal linguistico historicamente de formação portugueza, em tempos transplantado. Por outro lado, lá se fóra, dia a dia, o mais rico vocabulario: expressivo, cheio de harmonia e espontaneidade — como todos quantos se fóram exclusivamente por via popular. Para o creação desse vocabulario, que já habilita uma lingua *novi-portugueza*, concorreram, e era natural, também os elementos de procedencias indigenas e africanas, que nas composições populares apparecem em abundancia, juxtapostos á lingua predominante, ou fazem estribilhos, e se acomodam na mesma toada dolente, conservando rythmo, como se vê nestas cantigas, colligidas pelo general Couto de Magalhães, entre as nossas populações mestiças do interior:

Te mandei um passarinho  
*Patuá miré pupé*  
Pintadinho de amarello  
*Yporangá ne iané.*

Vamos dar a despedida  
*Mandú sarará,*  
Como deu o passarinho  
*Mandú sarará*  
Bateu aza foi-se embóra  
*Mandú sarará*  
Deixou pena no ninho,  
*Mandú sarará.*

Num conto indigena, transformação da lenda da onça com o *tapeti*, o nosso coelho, este se vangloria, exclamando:

Truco, *dunga munguná!*  
Matei os filhos da onça  
E a onça não me fez má...

As mesmas asperezas de fórmula, como solecismos e barbarismos que molesta ouvidos delicados, não invalidam a delicadeza e a subjectividade de muita quadrinha, como esta goyana, já hoje popular no Brazil inteiro:

Dizem que a muyé é farça  
E' farça como papé,  
Mas quem vendeu Jesus Christo  
Foi home, não foi muyé...

Era em resposta a este remoque do caipira:

Passei o Paranahyba  
Navegando numa balsa  
Os peccados vêm da saia  
Mas não podem vir da calça.

Das nossas muitas viagens por esses sertões de oeste de S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto-Grosso, onde a lyra popular celebra de preferencia o talhe flexivel e as graças todas das morenas de olhos de quebrantos, conservamos de memoria muitas quadrinhas, que infelizmente não podemos trasladar sem os despir do principal encanto delles, que reside no rythmo, nos accents dominantes, sómente traduziveis nos *ponteados* das violas mineiras, magicos instrumentos que irritam e exasperam ouvidos de *snoobs* e *dilettanti* da musica civilisada.

O amor da mulatinha  
E' como o da pomba ferida,  
Sóbe no ar, derrama o sangue,  
Cae no chão, acaba a vida.

Variante:

O amor da mulatinha  
E' como a pomba ferida,  
Que sóbe lá nessas alturas  
E cae no chão sem vida.

\*

Ao passar na ponte,  
A ponte toda tremeu,  
Agua tem veneno, bahiana!  
Quem bebeu morreu.

\*

Beija-flôr subiu á serra  
Para fazer seu testamento  
— Não largue dos amores velhos  
Sem saber do fundamento.

\*

Oh! minha pombinha branca,  
Gavião quer te comer;  
A poder de polvora e chumbo,  
Gavião ha de morrer!

\*

Menina do oratorio,  
Quero ser seu sacristão,  
Para dar a badalada  
A' beira do coração.

\*

Morena, beijo de rosa,  
Claros dentes de marfim,  
No meio do teu resomno  
Dá um suspiro por mim.

Dos cachos do teu cabello  
Fiz anneis para meu dedo;  
Para te deixar não posso,  
Para te levar lenho medo.

\*

Eu subi na laranjeira  
Para ver si te enxergava,  
Cada folha que caía  
Era um suspiro que eu dava.

\*

Morena, você me mata  
Com essa graça que tem;  
Você fica crimiñosa,  
Eu fico sem você, meu bem.

\*

Morena, minha morena,  
Sobrancelhas de velludo  
Ainda que teu pae é pobre  
Teu corpo merece tudo.

\*

Morena, minha morena,  
Corpo de linha torcida,  
Queira Deus você não seja  
Perdição da minha vida.

\*

Morena, quando me vires,  
Passa com os olhos no chão,  
Ainda que me queiras bem,  
O povo diz que não.

\*

Vinde cá meu botão de ouro,  
Minha semente de prata,  
Vosso riso me alegra  
Vosso semblante me mata.

\*

Morena, minha morena,  
Cravo da minha almofada,  
O dia que te não vejo  
Não como, não faço nada.

\*

Chora andorinha, chora,  
Chora de madrugada,  
O dia que te não vejo  
Não como, não faço nada.

\*

Entre pedras e pedrinhas  
Nasce o raminho da salsa,  
Pega-te á feia, que é firme,  
Deixes a bonita, que é falsa.

\*

Fui andando pela rua  
Cantando o meu dandão,  
As meninas estão dizendo:  
Elle é feio, é feio, mas é bão!

\*

Morena, minha morena,  
Ainda espero em Deus  
De ver estes teus bracinhos  
Encruzando com os meus.

\*

Da tua bocca farei tinteiro.  
Da tua lingua penna aparada,  
Dos teus dentes lettra miuda,  
Do teu peito carta fechada.

A bonina é flôr da noite  
Não abre sinão á tarde,  
Não ha mal que dure sempre  
Nem bem que se não acabe.

\*

Triste, triste me vejo,  
Triste, sem ter alegria;  
De tão triste em nem sei  
Si fui alegre algum dia...

Deus, nosso Senhor, me valha si  
tudo isto, que eu chamo flôr deliciosa  
da imaginação do povo — que tem  
tanto direito de ter imaginação como  
o resto — coçar, até á irritação, os  
nervos cidadãos, os nervos civilizados  
de vocês.

HENRIQUE SILVA.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### DUVIDAS

Quanto a illusão!... O céu mostra-se esquivo  
E surdo ao brado do universo inteiro...  
De duvidas crueis prisioneiro,  
Tombo por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,  
A quem chamam também Deus verdadeiro,  
Veio o mundo remir do captivo,  
E eu vejo o mundo ainda tão captivo!

Si os reissão sempre os reis, si o povo ignavo  
Não deixou de provar o duro freio  
Da tyrannia, e da miseria o travo,

Si é sempre o mesmo engodo e falso enleio,  
Si o homem chora e continúa escravo,  
De que foi que Jesus salvar-nos veio?

TOBIAS BARRETO.

\* \* \*

### MORTE DUM LOBO

Uma noite de novembro caía neve,  
e os aspectos do céu, profundamente  
frio, tinham umas estrellas tremulas,  
lucilantes, e um luar algido, que dava  
ás concavidades nevadas a claridade  
nitida duns lagos de prata fundida.  
O padre vestia polainas de sara-  
goça assertoadas, tamancos ferrados  
e suspensos nas fortes presilhas das  
polainas, jaqueta de pelles e uma ca-  
rapuça alemtejana escarlata, que lhe  
abafava as orelhas. Debaixo da lapella  
da véstia, resguardava a escorva da  
clavina, e caminhava curvado com as  
mãos nas algibeiras e os olhos vigi-  
lantes nas gargantas dos cerros. Uivos  
longinquos de lobo ouviam-se, e pu-  
nham-lhe vibrações na espinha e um  
terror grande naquella immensa corda  
de serras, onde elle, áquella hora, se  
considerava o único ente exposto a  
ser comido pelas feras esfomeadas.  
Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um  
outeiro, entaliscado de rochedos que  
pareciam resvalar de encontro a elle,  
ouviu o uivo allí perto, para lá da es-

pinha do cerro. Tirou a clavina do  
sovaco, e livido, com a sensação ex-  
trañha do figado despegado, metteu  
o dedo trememente, automatico, no gati-  
lho. Fez um acto de contricção; pro-  
vava quanto as religiões são impor-  
tantes, urgentes nas crises, nos con-  
flictos serios do homem com o lobo.  
Esperou. A féra assomára na lomba  
do outeiro, recortando-se esbatida no  
horizonte branco com uma negrura  
immovel, sinistra; parecia um bronze,  
um emblema de sepulchro. Ella que-  
dou-se por largo espaço num aspecto  
de admiração, de surpresa. Depois,  
descaiu sobre as patas trazeiras, com  
ares contemplativos, duma pacatez  
fleugmatica. Mediam trinta passos  
entre a féra e o frade. Estava ao al-  
cance da bala o lobo; mas o frade  
caçador, astuto, manhoso, receava  
perder um dos tiros. Poz-lhe a pon-  
taria com um gesto de espalhafato;  
dava gritos como quem aqula cães:  
«Bóca! péga! cérca! Ali vae lobo!»  
Echos respondiam; e a féra, menos  
versada na physica dos seus reflexos,  
olhava crespá, espavorida, para o lado  
em que repercutiam os brados. Er-  
gueu-se e desceu mui de passo com  
uns vagares ironicos, com a cauda de  
rojo e o dorso eriçado, a ladeira da  
collina.

O padre via-a negrejar na linha  
flexinosa do declive. Pensou retro-  
ceder; mas o logarejo de Felicia es-  
tava mais perto que a sua aldeia, e  
para aquelle lado latiam cães dum  
faro que advinha o lobo antes de lhe  
ouvir o uivo, e o fariscam pela inqui-  
etação das rezes nos curraes. Trepon  
afouço ao teso do outeiro: ganhára  
animo; bebera uns tragos d'aguar-  
dente duma cabaça atada com o pol-  
vorinho no correão. Sentiu-se capaz  
de affrontar o rebelde, se elle o não  
respeitasse como rei da criação, se-  
gundo affirmativas de theologos que  
nunca viram lobo. Do topo olhou para  
baixo; não o avistou. Carcavava-se um  
algar emmaranhado de bravio espesso,  
onde se embrenhára. Estugando o  
passo, ganhou uma chã ladeada de  
extensas leiras de feno, alvejantes,  
como um extental de lençóes; e,  
quando olhava para traz receioso, viu  
a alimaria, a grandes passos, com a  
cabeça alta, atravessar a leira da es-  
querda, parecendo querer cortar-lhe  
o passo na extrema do caminho que  
entestava com a aldeia. O padre aga-  
chou-se, coseu-se com o vallo de ur-  
zes e giestas que formavam o tapume  
das terras cultivadas, e muito der-  
reado, arquejando, com o dedo no  
gatilho e a fecharia rente da barba,  
caminhou paralelo com o lobo que o  
farejava de focinho anhelante e as  
orelhas fitas; e assim que a féra pas-  
sou do perfil em frente do tapigo, o  
rei da criação, que o era pelo direito  
do bacamarte, despediu-lhe a primeira

bala com a destra pontaria de quem havia já matado aguias com zagalotes. O lobo, varado pela espadua até ao coração, decaiu sobre um dos quadris, escabujou em roncões frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado numa grande agonia, e morreu.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

\*  
\*\*

#### MONOLOGO DE CATÃO

Consolaste-me, Sócrates—não morre  
Com este corpo o espirito que o anima.  
Já me não prendem duvidas; fuja  
Do vil carcere: a morte só é termo  
Da vida, — da existencia não. . . No intimo  
D'alma o pôz Deus, o sentimento vivo  
Da eternidade. Este viver contínuo  
D'esperanças, este anciar pelo futuro,  
Este horror da aniquillação, e o vago  
Desejo de outra vida mais ditosa,  
O que são?—Indistinctas, mas seguras,  
Reminiscencias de perdida patria,  
E saudades de voltar a ella.  
Ver-te-hei mansão dos justos?—O sepulchro  
Não é jazigo, é estrada.—Convenceste  
A minha alma. Platão, hei de encostar-me  
Tranquillo e repousado no ataúde,  
Como viajante reclinado á pôpa  
Da galé que em bonança váe singrando  
Como brandos ventos para o porto amigo.

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

\*  
\*\*

#### O BANQUETE DE HELIOGABALO

Não sei se ouvistes já o que fez antigamente aquelle imperador Helio-gabalo. Mandou fazer um banquete com tanta magnificencia real, quanta cabia em seu poder. As iguarias sem numero, as baixellas sem preço, a ordem, o serviço, o apparatus, uma só coisa no mundo. Entre os mais primores da festa, eram muito para vêr as mesas e as cadeiras á roda. Porque umas e outras estavam altas, e assentavam sobre tigres, elephantes e leões feitos de vento, ou cheios de vento. Tudo dependurado no ar. Chega a hora do banquete, entram os convidados, sentam-se á mesa, correm os pratos, vão e vem as iguarias. No maior fervor da festa manda o imperador dar furo áquelles animaes, cheios, e inchados do vento. Assim se faz. Vão os ministros calados e dissimulados, uns por uma parte, outros por outra; todos pelo mesmo compasso, todos á uma; dão furo, vazam o vento. Eis que subitamente cáem as mesas, e as ignarias, e as cadeiras, e os convidados; uns por aqui, outros por alli; uns de cima, outros de baixo; uns escalavrados, outros enxovalhados: todos envergonhados. Assim, diz o auctor que isto escreve, zomba o mundo de seus amadores. Iam alevantados no ar, e logo humilhados na

terra; já com banquetes da vida, e logo em principios da morte.

Aqui haveis de parar, deliciosos, nesta emboscada haveis de morrer: não duvideis. Vêde agóra se diz com estes deliciosos aquelle gemido do propheta Amos: «Ai de vós, deliciosos nas casas, nas camas, nas mesas, todos nadando em delicias! Ai de vós!» Porque? Porque todas essas delicias hão de parar em mortes. Agóra banqueteados, e logo degradados; agóra regalados, e logo atormentados. Nisto haveis de parar. «Ai de ti, delicioso, diz S. Bernardo, que no meio de tuas delicias estás esperando, e chamando os tormentos da morte.»

PADRE FRANCISCO DE MENDONÇA.

(1573-1626)

#### POLITICA MUNDIAL

PORQUE FOI RENOVADO O TRATADO  
ANGLO-JAPONEZ?

A divulgação do novo tratado anglo-japonez, com as suas oito clausulas, constituiu a mais cabal resposta ao encontro da *Estrella Polar* com o *Hohenzollern* nas aguas do Baltico; o que a ida da esquadra britannica ao *mare clausum* dos germanicos sublinhára, veio a declaração de 26 de setembro revelar com toda a evidencia.

Parece-nos que a attitude decisiva assumida pelo governo de Eduardo VII vale pela melhor explicação apresentada para a solução da enigmatica e mysteriosa entrevista de Björkøe. E' repudiada a *splendia isolation* pela Inglaterra que desta vez conclue com outra potencia verdadeira alliança offensiva e defensiva, e por um prazo de 10 annos. Si, por força do novo pacto, o Japão adquire effcaz protecção contra a aggressão eventual de outra potencia, não é menos certo que não pequeno se torna o auxilio que virá prestar ao seu alliado, consentindo em servir-lhe de *soldado* nos marcos britannicos do oriente. Mas, por seu lado, annuiu a Inglaterra em deixar cercear aquella liberdade de agir, de que era tão ciosa; renunciou até á politica que se tornára para ella tradicional. Si o fez, porém, certamente lh'o dictou motivo momentoso e imminente.

Do texto do tratado se depreheende claramente que ambas as potencias contractantes buscam consolidar a integridade de seus direitos nas suas possessões territoriaes, nomeadamente na India e na Coréa; além disso, proclamam a inviolabilidade do imperio chinês, resalvados os direitos que ali adquiriram as demais potencias, e, finalmente, como que para tornar bem patente o alcance do ajuste, declaram

que «si uma das potencias contractantes fôr impellida á guerra, para defeza de seus direitos territoriaes, em consequencia de ataque não provocado de uma ou mais potencias, a outra lhe prestará immediatamente mão forte. A paz deverá ser concluida de commun accordo». (art. 2º). Com a tenacidade peculiar á raça anglo-saxonica, prosegue a Grã-Bretanha, sem se deixar perturbar por motivo nenhum, na execução do plano que se impoz: senhora das Indias, preponderante por largos annos na Asia, a guerra do Transvaal veio vibrar golpe fundo no seu prestigio perante os orientaes; seu inimigo secular, o russo, soube aproveitar-se dessa fraqueza momentanea para tornar-se de vez *persona gratissima* em Pekin, crescendo a sua importancia de vulto até que a derribou o japonez, o expoliado de Simonosaki.

Mas ao lado do moscovita, incansavel nessa lucta secular contra os detentores dos mares da Asia do sul, surgiu novo competidor cheio de vida, de pujança e de tal ordem que bem mereceria o epitheto «phenomenal» o processo gigantesco a que obedeceu. A influencia ingleza na Asia, duplamente atacada, precisava reagir para não succumbir. Dahi, a nova alliança para prevenir o perigo do momento. Com a conclusão de tal pacto, julgamos que procura a Inglaterra realisar dois fins: immobilisar os russos e os allemães no Extremo-Oriente e achar-se desempehada de quaesquer peias para, numa dada emergencia, poder agir com a maxima liberdade em qualquer complicação européa.

O Japão, pelo menos já o divulgou certa parte de sua imprensa em termos agri-doces, não ignora os designios allemães a respeito do hinterland do Chang-tung e o modo por que se apoderaram elles dessa parte do territorio chinês, mostrando-se adversarios mais temiveis que o russo. A Grã-Bretanha com certeza já deve ter feito identico raciocinio apreciando os esforços de caracter official e officioso do kaiser para estabelecer solidamente a influencia germanica na Asia-Menor; e tão bem comprehendem o perigo a Inglaterra que, com o proposito de lhes vedar o accesso do Persico, provocou o incidente de Koweit para lhes embargar, de *qualquer modo*, a acção, caso o tentassem, declarando peremptoriamente que não toleraria ingerencia estrangeira no golfo. Mas não se limita a isto o perigo, váe além: si os allemães lograrem ficar de vez na Turquia d'Asia sempre permanecerá o Egypto sob a imminencia de uma invasão teutonica.

Apezar de vencida, ainda não renunciou a Russia aos sonhos de outr'óra, a conferencia de Portsmouth não lhe foi tão desfavoravel como aliás se pensou

em principio, porque si recuou e perdeu, não perden tudo readquirindo vantagens justamente depois de ter soffrido enorme desastre. Como já deixámos dito nestas columnas, houve para ella como que o ganho de uma victoria moral. Não abrirá, pois, mão de seus desiguos na Asia, saberá esperar continuando a trabalhar para a realisação de seu ideal: um porto livre no Pacifico ou no Indico. Dahi, as habeis intrigas que move na Persia para contrabalançar a influencia ingleza ao mesmo tempo que a sua penetração na Mongolia a váe levar a poucos kilometros de Pekiu.

O novo accordo procura acudir a taes projectos e, na verdade, constitúe terrivel barreira para a ambição tentoslava. E' este o seu fim immediato.

Mas a Grã-Bretanha comprehendeu que o perigo não está só no oriente; outro ha, e de maior vulto, no occidente, onde nação militar poderosa quer disputar-lhe o sceptro do mando e a hegemonia commercial do Globo. Outro imperador sonha restaurar o bloqueio da potencia insular por meio de uma colligação continental de que a Allemanha seria a alma. Infelizmente para Guilherme II nem sempre os seus esforços fôram coroados de éxito. O golpe de Tanger falhou junto á França porque, si a Republica não repelliu immediatamente a provocação, felo mais tarde reagindo com delicadeza, firme e energica. Com o czar indeciso e mystico foi mais feliz o kaiser; fallase de um accordo entre os dois imperios, de uma nova Santa Alliança para equilibrar a união das duas potencias insulares e «manter a paz do mundo», na phrase já consagrada.

O anno de 1905, já tão fertil em acontecimentos, talvez ainda nos reserve outros de subida importancia; o problema austro-hungaro ali está, ameaça para a conservação do equilibrio europeu, ao mesmo tempo que a nova conjunção dos Hohenzollern e dos Romanov, concorre provavelmente para dissolver a já enfraquecida aliança franco-russa. Será este facto o elemento que vença a hesitação da França em aceitar a aproximação ingleza?

Em todo o caso, o pacto anglo-japonez veio provocar novas combinações politicas: grupos existentes desaparecerão para dar lugar a outros mais resistentes. O que o *Standard* vaticinava talvez ainda se realice: uma quadrupla aliança, a reunião de duas repúblicas e de dois imperios, o maior poder que jámais tenha existido no Globo.

GASTÃO RUCH.

Vendem-se colleções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e do primeiro semestre de 1905.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O coração isolado pôde ser mantido em funcção cerca de tres horas depois de retirado do corpo — As experiencias.*

O dr. Deneke, de Hamburgo, relaton uma interessante experiencia feita numa mulher de 48 annos, em plena saúde, guillotizada naquella cidade. A cabeça cortada caiu num sacco com o sangue da carotida; foi immediatamente collida pelos drs. Deneke e Adam, os quaes desfibrinaram cerca de um e meio litro de sangue.

As 8 e 1/2 horas da manhã, o cadaver foi transportado para uma cellula da prisão, onde o despiram e lhe abriram o thorax. O coração palpitava ainda com fracas pulsações; os movimentos das aurículas eram muito regulares, mas percebia-se, apenas, a contracção do ventriculo esquerdo. O coração foi retirado do corpo ás 8 e 15, e a arteria coronaria lavada completamente com uma solução d'agua salgada a 35 grãos centigrados, até o fluido proveniente do delicado musculo ficar inteiramente incolor. Nesse momento, a viscera não dava o menor signal de movimento. Lavada com uma solução especial, uma contracção bem visivel se produziu em todo o orgão. Ás 8 e 32, introduziu-se no coração em lugar dessa solução o sangue desfibrinado, filtrado e aquecido. Dese logo uma contracção regular, extraordinariamente forte, de todas as partes do orgão. As palpitações continuaram durante muito tempo; introduzindo-se então uma ampola de ar puro na auricula esquerda, e depois no ventriculo do mesmo lado.

Duas horas após a execução, o coração começou a palpitar, em virtude da elevação da temperatura e da pressão empregada para lhe injectar á força o sangue. O affluxo do liquido foi interrompido por meia hora, voltando, então, á viscera, o movimento regular. As contracções diminuíram gradualmente até cessarem ás 11 horas e 3 minutos.

Essa experiencia demonstrou que o coração isolado pôde ser mantido em funcção cerca de tres horas depois de retirado do corpo.

\* \*

*A psiquiatria e a medicina legal — Suas applicações em França e no Brazil — Erros judicarios — impunidade.*

Graças á iniciativa do sr. Drioux, advogado geral na côrte de Orleans, a psiquiatria e a medicina legal terão uma cadeira na Faculdade de Direito de Pariz.

Importa isso um grande passo de progresso. Os magistrados consideravam até agora uma especie de obriga-

ção professional evitarem os estudos de psiquiatria e medicina mental. São lembrados com sensação certos processos, em que aquella sciencia, invocada pela defeza, foi, singularmente, acolhida pelos juizes, recusando com obstinação levar em conta na responsabilidade humana a miseria psychologica, não admittindo as causas morbidas da criminalidade, as quaes fôram objecto do extraordinario trabalho de Lombroso e de seus discipulos.

Alguns magistrados, entretanto, se interessavam por esses estudos e, mais clarividentes que a maioria de seus collegas, não repelliam o exame das questões scientificas como poderoso concurso, como inestimavel subsidio de esclarecimento da justiça. Mas os tribunaes se retraiam, geralmente, á mesma indifferença systematica e, muita vez, hostil á psychologia, á hypnologia e ás investigações dos psiquiatras.

E' provavel que, quando estas sciencias tiverem franco accesso nas escolas, entrarem no programma dos exames, Themis arrancará dos olhos a venda fatidica, transformando-se, de deusa cega, numa divindade illuminada pela verdade, cujo culto simbolizará na mais sublime expressão.

Nas escolas de direito do Brazil, nessas escolas que surgem em todos os Estados, como cogumelos dos residuos fermentados da politicagem e do patronato, infestando o paiz com uma verdadeira praga de bachareis em direito, ha, desde a idade de ouro academica, cadeiras de medicina legal *pro formula*, ensinada em algumas lições banaes, caso que se reproduz nas escolas de medicina, dotadas, aliás, de excellentes professores dessa disciplina.

Nos corpos de delicto esse defeito do ensino, creando uma lacuna lamentavel nos meios de esclarecimento da justiça, se destaca de maneira lamentavel. Ha especialistas de medicina legal que não são capazes de executar uma autopsia *secundum artem*; nellas se notam, não raro, frequentes erros de anatomia e, em geral, mesmo quando são feitas por habeis profissionaes, se resentem dos effectos de accumulo de trabalho, como acontece aqui, no Rio de Janeiro.

Vem a proposito notar graves defeitos do serviço medico legal da capital da Republica, não tanto imputaveis aos seus dignos e capazes funcionarios, quanto á propria organisação destituida de recursos essenciaes para satisfazer os seus fins de inestimavel subsidio da justiça.

A repartição medico-legal está installada no segundo andar do edificio da policia central, um casarão proprio, deformado pelas frequentes adaptações, que tem custado mais dinheiro ao governo do que se gastaria

num magnifico edificio construido especialmente para esse fim.

Para destacar esse defeito de installação basta considerar que as auctoridades policiaes teem de requisitar os corpos de delictos á policia central, sendo por isso, na mór parte dos casos, os feridos remettidos áquella repartição, forçados a subirem dois andares, ou são transportados, em pessimas condições, de grandes distancias para o hospital da Santa Casa. Um ferido gravemente em sitio afastado quasi sempre morre antes de lhe serem ministrados os cuidados profissionaes, ou chega profundamente abalado pelo transporte, circumstancias que influem na determinação da natureza e gravidade das offensas physicas.

Os medicos legaes da policia são pessimamente remunerados e absolutamente insufficientes para o serviço, que não póde ser perfeito, executado por homens extenuados por um constante trabalho difficil, melindroso, de extrema responsabilidade.

Disso resultam os defeitos dos corpos de delicto, a imperfeita classificação das lesões traumaticas e das causas da morte, determinando erros judicarios ou a impunidade que já assumiu, na capital da Republica, ás proporções de um perigo social.

Para os casos em que os subsidios da psychiatria teem de ser invocados, temos o Hospicio Nacional de Alienados, um instituto que honra o nosso desenvolvimento scientifico, uma instituição completa pelos meios modernos, e pelos eminentes profissionaes de que dispõe.

Temos tambem uma installação para o serviço de identidade de criminosos, demandando desenvolvimento consoante com os progressos da sciencia, com as exigencias da criminologia que, desde 1873, aos primeiros ensaios de Lombroso, começou a penetrar as nossas duas famosas escolas de direito, hoje apagadas na confusão dos estabelecimentos congeneres, as fabricas de doutores electricos, disseminadas profusamente por todo o Brazil.

Nós sempre fomos precoces nessas conquistas que são hoje notadas como consideraveis progressos dos povos cultos. O nosso codigo criminal e o do processo honrariam, ainda hoje, a cultura do direito nas nações mais consideradas como conductoras da civilização. O nosso moderno codigo penal já se resente, si bem que de modo imperfeito, sem a coherencia e o systema, adoptados aqui e alli, da influencia do direito contemporaneo, em progressiva marcha conquistadora. Esses honrosos passos de progressos denunciam, todavia, a vacillação de uma tímida marcha, sem evolução bem orientada, sem intuitos decisivos, sem firmes idéaes.

Seria satisfação de um precioso

serviço social uma refórma technica dos nossos meios de policia, como a descentralisação exigida pela dilataçáo da nossa immensa cidade, idéa que parece ter impressionado os nossos homens do actual governo e será talvez uma realidade em proximos dias.

Em todo o caso, cumpre registrar que a introducção da psychiatria e da medicina legal nas escolas de direito e a sua intervençáo como subsidios da policia judiciaria, são, ha muito tempo, embóra de maneira imperfeita, conquistas da cultura mental e da administração brasileira.



## O ALMIRANTE (51)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

E nesse empenho de se libertar das idéas tristes que lhe assaltavam o espirito, a marquezia chegou com Marianinha ao largo de S. Francisco, onde o magnifico trem estacou provocando um sussurro de admiração e curiosidade.

Feitas algumas compras nos armazens da «Notre Dame», as duas senhoras se dirigiram rua do Ouvidor abaixo, atravessando, lentamente, por entre a multidão variegada de desoccupados, elegantes opulentos e miseraveis, de militares reunidos em grandes grupos nas esquinas, falando com ardor sobre politica, que era o assunto dominante naquella crise dictatorial, sob o dominio absoluto de um governo surgido, de repente, da revolução, muito exaltados, commentando com volubilidade irreverente a marcha dos negocios publicos, quasi todos revoltados pelas desillusões de idéaes que não tinham e fulminando de ameaças cutilantes a ordem de coisas, de que elles se consideravam creadores e arbitros supremos.

Esses commentarios chegavam aos ouvidos attonitos da marquezia, como indicios de uma perturbação evidente, auspiciosa para a victoria do seu plano.

No fundo da confeitaria Paschoal, em toruo de uma pequena meza, conversava, á surdina, um grupo de individuos, entre os quaes estavam os dois conspiradores, que haviam, na vespera, visitado a marquezia de Uberaba. Elles ouviam com extraordinario interesse o homem dos olhos apertados, de pupillas scintillantes aos reflexos dos grandes ocnlos, contando-lhes coisas extraordinarias, sublinhando as palavras, pronunciadas em catadnpas, com gestos ameaçadores, com explosões da vóz rouca como um sussurro de trovão longinquo.

Os creados que passavam de semblante alegre por entre as mezas repletas, conduzindo em bandejas, admiravelmente equilibradas, taças de *chileno*, bebida detestavel muito em vóga depois da visita da esquadra do Chile ao Rio de Janeiro, nos dias da proclamação da Republica; os frequentadores habituaes daquelle sitio, onde passavam, diariamente, toda a gente elegante, os vagabundos de ambos os sexos, os que iam espaiar a miseria resignada ou impudente, mendigar alguns mil réis, ou um sorriso, um olhar; as senhoras formosas que, a pretexto de compras, perambulavam pela arteria central da cidade, exhibindo vestidos novos, derradeiros primores da phantasia da moda e descansavam alli tomando um sorvete ou uma ligeira refeição de empadinhas de camarões recheiados, de *pudings* e fios d'ovos, toda aquella gente alegre, aparentemente feliz, despreoccupada, não poderia suspeitar daquelle grupo, onde se discutiam os destinos das instituições.

— Não ha duvida amigo — dizia o homem dos oculos, que os outros indicavam pelo nome de doutor Leonel Amador — Não ha duvida. Essa egreja de sargentões está se desmanchando no nascedouro. Não tinha alicerces no coração do povo.

E o doutor batia rijo no largo peito.

— Sim — continuou elle — porque o que não vem daqui, o que não tem raizes n'alma nacional não médra.

— Olhe — attentou outro — eu sempre fui republicano mas não vou á missa com essa gente que está governando com o pessoal de arribação, pessoal de exploradores, de afilhados chamados para a policia para os altos cargos da noite para o dia. Uma sucia...

— Eu por exemplo — interrompeu outro — fui ver si arranjava um emprego digno de quem nunca os aceitára da monarchia para não se incompatibilisar com as suas convicções politicas. Sabem o que me respondeu, o que me respondeu o Aristides Lobo, meu velho companheiro de luctas? Disse-me que os republicanos sinceros não deviam fazer questão de emprego, deviam manifestar o maior desinteresse, que os empregos publicos não eram feitos para recompensarem serviços politicos.

— São feitos para conquistar adhesões, para tapar a bocca dos monarchistas — continuou sempre, no mesmo tom duro e rouco, o dr. Leonel — dos especuladores que teem a consciencia na barriga, homens sem escrupulos que exploram todas as situações. Vejam como estão abusando covardemente da bôa-fé do velho soldado, do bravo marechal doente, fascinado pela inesperada posição, onde o collocaram! Mas, Deus véla pelo Brazil. Não tar-

dará o dia da regeneração, o grande dia da reivindicação nacional, o dia...

O dr. Leonel estacou num espasmo de surpresa: déra com olhos na marquezia de Uberaba, que acabava de occupar um logar junto de uma pequena meza de marmore e parecia enleada por ser o foco da curiosidade de todos os circumstantes. Junto della, numa attitude reverente, um dos chefes da confeitaria lhe dirigia amabilidades macias de humildade, de admiração pelo prestigio da tão eminente senhora, havia muito afastada daquelles logares de reunião promiscua de todos os elementos da sociedade carioca.

— V ex. — dizia o chefe, com o semblante expandido numa expressão de ternura e os olhos muito grandes e muito redondos lubrificadas de prazer pela honra de ter a marquezia entre os freguezes da casa — V ex. tem passado bem? Temos sempre noticias de v. ex. pelo Castrinho, de quem sempre indagamos da saúde de v. ex. Que deseja lhe sirvamos?

E o homem curvava-se, baixando, quasi á altura dos labios da marquezia, a cabeça riscada por um grande sulco, separando os cabellos em duas almofadas espessas, muito negras, muito lustrosas.

Havia em todos os olhares, lançados de esguelha para a marquezia, uma expressão de curiosidade maliciosa; nelles se reflectiam os pensamentos perversos emittidos em palavras cochichadas, relembrando miseraveis phantasias, os velhos botes da calumnia, cujo veneno augmenta, como o das serpentes, de virulencia, com a idade. Não lhe valera o prolongado retiro num limitado circulo de amigos: á primeira exhibição da sua pessoa deformada pela decadencia, todavia, encantadora com a aureola de soffrimento que substituiu o fascinante nimbo da belleza satanica, com o desmaiado fulgor dos olhos empolgantes, olhos que marcavam como stygmata de ferro candente; á primeira exhibição naquelle sitio, que era como um pelourinho forrado de velludo, se assanhára a inveja transmittida de mães ás filhas, o despeito de contemporaneos jámais resignados aos offuscamentos, aos eclipses provocados pela marquezia quando, da obscuridade do convento, surgira, de repente, num resplendor de apothose, no fastigio da sociedade.

Algumas senhoras já idosas, das que tentam, em vão, disfarçar o vestigio das garras do tempo com os cosmeticos, com os artificios subtis da ardilosa dissimulação feminina, fitavam na marquezia olhos de piedade desdenhosa, intimamente satisfeitas dos estragos visiveis naquella formosissima ruina humana, ruina de idolo, sempre cheia de prestigio, inspirando sempre veneração.

— Olha aquella que alli está—murmurava uma matrona ás companheiras de merenda.—E' a marquezia de Uberaba, que em tempos idos deu cartas, foi uma potencia de primeira ordem na politica do Imperio. Teve brados de arma como uma princeza. Contavam della historias horriveis. Quem te viu, que te vê! Coitada! Agóra é aquillo que vocês estão vendo, nem sombra do antigo esplendor. Tudo passa neste mundo.

— Aquella foi castigada pela soberba — murmurava outra — De nada lhe serviu o dinheiro. Está envelhecendo como nós outras, doente, escangalhada.

— Deixe lá — observou uma outra, quarentona faceira — que ainda mostra o que foi. Quem foi rei, sempre é magestade. A marquezia é ainda uma bella mulher, provando que a formosura solida resiste aos annos e adquire com elle certos encantos.

— Como você. Não é?

A quarentona corou num amúo de despeito e retorquiu assanhada de amor de proprio:

— Não é por me gabar: não me troco por certas mocinhas gamenhas, muito enfeitadas, muito cheias de artificios sem coisa alguma de real, desolido: são umas casquinhas frageis que se esbandalham ao menor contacto, ficando velhas aos vinte e cinco annos. Eu, graças a Deus, tudo o que mostro é muito meu.

E requebrando-se, numa attitude sensual, a pretexto de concertar as dobras do vestido, exhibia as curvas opulentas dos seios e das nadeegas macissas.

— Quanto ás más linguas — continuou ella — ninguem escapa, quanto mais bonita fôr nma senhora, tanto maior será o empenho da calumnia em denegrit-a. Si a marquezia fôsse um monstrengo, uma desenxabida vulgar, ninguem se preocuparia com ella: atravessaria a existencia incolume. Eu, por mim, declaro que sómente sei dessa senhora coisas honrosas, muita bondade, excellente coração piedoso e muito espirito, muita intelligencia.

— Basta ser rica — aparteou uma rapariga, muito magra e pallida, com o nariz beliscado por um *pince-nez* de ouro, com vidros azulados para lhe desfarçar um olho estrabico — para te agradar. Tu soffres a fascinação do dinheiro alheio.

— Vejam quem fala! Si eu fôsse assim, teria, certamente, acolhido os magnificos partidos que se me tem offerecido. Recusei-os todos porque o meu coração será conquistado pelo amor espontaneo. Ao passo que tu estiveste bem caidinha por um portuguez da rua do Commercio, um negociante de carne secca, sómente por ser possuidor de alguns contos de réis.

(Continúa)

CHAMAMOS a attenção dos nossos leitores para o artigo em que o sr. Camillo Beauclair, na *Revue*, de Pariz, fez um magnifico estudo de psychologia da mulher, o eterno problema dos moralistas e philosophos.

*A mentira feminina* é o assumpto desse curioso trabalho de observador, descortinando as remotas origens daquelle vicio por assim dizer sexual, transmittido por hereditariedade a todos os filhos de Eva, a immortal creadora do peccado original, acto de astucia de que resultaram grandes beneficios para a humanidade, provocando a acção da actividade de Deus e dando além de muitos outros, esse admiravel producto, as religiões, baseadas na primeira falta, na primitiva mentira da nossa mãe commum.

A dissimulação feminina condensada na mentira é a arma, é o encanto da nossa delicosa companheira.

No estudo de Beauclair encontram-se factos, commoções, dissabores, alegrias, o segredo de todo esse complicado mechanismo, que temos suspeitado, sentido, experimentado, sem podermos explicar logicamente.

#### A MENTIRA FEMININA

E' um dos themas essenciaes do romance sentimental. Tres quartos dessa litteratura, de que nos encharcaram até o aborrecimento e o nojo, não existiriam si ás suas heroínas se não attribuisse um gosto innato pela mentira. E' um axioma, um mysterio; não se discute: a mulher nasceu mentirosa e disso resulta admiravel pretexto para milhares de peripecias.

Resta saber si somos, nisso, victima de uma enorme illusão. Em nossa epocha, ha uma pronunciada tendencia para se destruirem illusões; essa merece a pena de ser analysada cuidadosamente; é mesmo tentadora essa analyse.

A mulher, considerada como creatura mentirosa, os caprichos que ella concebe, os artificios de que lança mão, as coleras, as dôres, as desavenças, as vinganças que determina, é o thema do romance sentimental de que seria superfluo evocar, aqui, os exemplos e os auctores: cada um de nós os tem gravados na memoria. Poder-se-ia mesmo affirmar que não occorreria ao espirito de um desses auctores duvida sobre a origem innata da mentira feminina. O — *perfeito como a onda* — de Shakespeare, e o — *mais amargo que a morte* — do Ecclesiastes, são, para não citar outras famosas, as epigraphes mais auctorizadas do seu catecismo e, todavia, a fé nessa origem innata só é forte, como acontece acerca de muitas crenças, pela negligencia geral em lhes examinar seriamente o valor.

#### I

Desejaria prescrutar essa materia delicada e verificar si a mentira é a propria carne da mulher ou um traje em que ella se disfarça. Esse exame seria inspirado por um puro desejo de exa-

ctidão e não para tentar, servindo a causa feminista, uma reabilitação porque não vemos como a verificação desse defeito innato nos conduziria a menosprezar a mulher. O facto, em si mesmo, exclúe toda apreciação moral.

A mentira innata não é mais, para o psychologo, um vicio; é uma simples disposição, uma faculdade, um estado ante o qual o homem tem necessidade de modificar a sua estratégia nas relações intra-sexuales. E si elle admite o phenomeno innato, só a si mesmo deverá attribuir os dissabores resultantes da confiança traída por ter a loucura de exigir segurança e reciprocidade a um ser incompativel com ellas.

A demonstração da ausencia da idéa de sinceridade na mulher, não prejudicaria o seu encanto, nem o desejo que ella suscita, nem a sua missão natural, mas sómente o sentido das relações sociaes e physiologicas entre ella e o homem. Demonstrado que a mentira é innata, ella se deve considerar um caracteristico sem sancção moral e seria tão ingenuo imputal-a á mulher, quanto deplorar a ferocidade do tigre, a passividade do carneiro, a indifferença do gato, o servilismo do cão; ou, em outros termos, o amor, a estima moral equivaleriam não a reconhecer os caracteres proprios de uma creatura e apreciar-os nella, mas em exigir que ella os perca ou os attenué para adquirir outros conformes ao nosso desejo ou, em summa, obrigar-a a mentir para agradar, para se despersonalisar. Compreendendo que esse genero de amor é, geralmente, o que o homem anhela, com uma tranquillidade impudente, egoista; mas, na realidade, o fundo das suas queixas contra a mulher não é tanto a sua mentira innata, quanto a sua recusa em mentir no sentido proferido.

Si, portanto, nos libertarmos, immediatamente, dessa insupportavel questão do bem e do mal, da censura e do louvor, da estima e da vergonha, que a moral imagina misturar com o exame psychologico de todos os actos humanos, si nos subtraírmos á furiosa mania de julgar para, unicamente, examinar a noção da mentira feminina, perceberemos logo que a innatidade dessa mentira é perfeitamente demonstravel e que a verdadeira, a unica mentira é aquella que o romance sentimental perpetrou para se enriquecer, para subsistir, para disfarçar a sua impotencia, confundindo, voluntariamente, um effeito de hereditariedade das condições sociaes da mulher com uma fatalidade eterna e mysteriosa que não existe, uma disposição adquirida e modificavel, com uma perversidade original, feita para crear entre os dois sexos uma inapagavel suspeita.

## II

Seria caso, si estas simples reflexões pretendessem a emphase de uma defeza, de remontar antes do diluvio para descobrir as origens sociaes da mentira feminina e a fonte de sua transformação progressiva em elemento psychologico, na identificação da mulher a um bem movel. Objecto de prazer e de saciamento, procreadora de soldados, de artistas, ou de futuros objectos de prazer e de procreação, escrava dedicada aos mistéres domesticos, essa presa, jámais consultada sobre as suas preferencias, não tem direito a personalidade moral, de especie alguma: despojo, objecto de troca nas mãos do homem, que não a reputaria capaz de uma existencia intellectual, ella apparece votada, por sua fraqueza, pelo encanto que encerra, a uma perpetua servidão de captiva. Em consequencia, as tentativas que ella pndesse ouzar para ser menos desgraçada, para amenisar a sua sorte, para satisfazer, mesmo em segredo, raramente e com risco de vida, as inclinações vagas, as escolhas do coração e dos sentidos, essas tentativas tomam forçosamente, a fórma do artificio, fórma imposta pela denegação absoluta, brutal, de toda a reivindicção confessada. A hereditariedade da mentira se formou assim lentamente, a par das condições sociaes.

Muito mais tarde, a constituição das religiões, provocando a observação desse stygma passageiro da vontade masculina, distingue subtilmente essa união do amor e da mentira, essas concessões arrancadas á hora do contacto, esses odios surdos da sacrificada, vingando-se no unico minuto em que a aspereza do passado afrouxa, suggerindo-lhe o temor ciumento de lhe ser roubado o seu prazer. Attingindo, simultaneamente, no seu instincto de propriedade e na segurança de sua vibração carnal, chegado, tambem, a um gráu de cultura mais perfeita, o homem exige que o objecto passivo dos seus saciamentos, por sua vez os experimente e por meio delle. Compreende, então, que o secreto consentimento da mulher, ratificado pela emoção sexual partilhada, é inalienavel e sómente pôde depender do sentimento, do desejo, da vontade da sua escrava; desde então, elle concede para obtel-os, soffre por duvidar de os ter adquirido, e o ciúme, no segundo gráu, apparece. A primeira se assegurava pela posse de uma reclusa; a segunda quer uma posse consentida, sómente comprovada pelos juramentos da mulher, que passa a dispôr de uma arma: o duello começa. As religiões observaram essa phase e, em consequencia, atacam, na mulher, o motivo de amesquinhamento da vontade, o principio nocivo do desejo, preconizando a castidade dos fortes.

O drama realisa, com os seculos, grandes progressos nos dominios da moral; não muda, porém, nos dominios sociaes: os Estados se fundam, as concepções se differenciam; o principio de inexistencia social da mulher permanece, universalmente admittido como necessidade axiomática. O ciúme, o desejo, o culto da belleza allucinam o macho, enthusiasmam o amante, o artista, mas sómente a astucia assegura á mulher vantagens que o homem não consente se tornem direitos adquiridos. A astucia é o unico meio de obtenção, meio poderoso, mas clandestino. É pelo seu emprego constante, obrigatorio, no haren, ou no gynecen, a psychologia da mulher se modela e a sua hereditariedade se constróe, tomando o habito de nada pedir ou obter sinão pelos meios indirectos e desviados. Essa creatura encerrada accumula immensas paciencias, queixas, subtilezas, todas as faculdades relativas do captivo intelligente, sem que o homem se preocupe em lhes vigiar o desabrochamento, nem se digue interessar com o que pensa a creatura de prazer, a reproductora de cidadãos, dessa escrava, cuja vigilancia exterior bastá á segurança do possuidor, á sua vaidade de esposo. A psychologia da mulher se constitúe á revelia, á ignorancia do homem e apenas agóra começamos a nos informarmos della logicamente, depois de termos dirigido os nossos estudos para a do homem.

## III

A mulher que é um sêr receptivo por excellencia e, apesar das mais solemnes affirmativas da incompetencia masculina, pouco muda, adoptou um estado de espirito e uma regra moral de que usa ainda hoje e que deveria nos desconcertar, não pela variedade, como supponmos, mas pela extrema simplicidade de mechanismo e pela uniformidade de seus limitados meios de acção, psychologia de que toda a obscuridade aos nossos olhos consiste em depender muito menos do cerebro do que, conforme o adagio, do utero, quando o homem se obstina a elucidar o segredo da mulher com methodos de raciocinio cerebral leguaes aos por elle empregado no estudo do seu proprio sexo e se admira de errar, tanto mais quanto fôr analysta, deante da primeira mocinha, cujo puro instincto atrapalha as mais logicas previsões; psychologia que traz o sello da escravidão e na qual, todos os sentimentos, forçados a tomar uma fórma directa, são differentes dos nossos; psychologia de vontades jámais livres, oriunda de longas contensões e na qual, consequentemente, a somma das satisfações obtidas, sendo infinitamente menor que a dos anhelos mallogados, a imaginação, no silencio das



reclusões impotentes, predomina violentamente.

O homem commettede assim dois erros: conservar uma escrava, não prever que ella poderia pensar. Não imaginando que ella se pudesse jámais tornar livre e por seu consentimento (idéa que o faria rir), não julgou util saber o que ella pensaria, não se informou de um valor do qual, na hypothese da libertação, elle permaneceu, perigosamente, ignorante.

Essa hypothese parecia uma loucura: si ella se tornou, agóra, uma realidade pela evolução dos costumes e do idéal social, veremos que a dôr do homem, ante o enigma feminino, é simplesmente resultado de sua desdenhosa ignorancia primitiva.

A astucia e a imaginação formam, ou deformam, a psychologia da creatura encerrada das antigas epochas, como a de todos os prisioneiros. Como as aquisições da mulher escrava, graças ao jogo habil do desejo e do ciúme, se estendem na vida privada, sem que a amplitude dos seus poderes reconhecidos sigam a uma progressão, ella se resigna astuciosamente, sem ambicionar vantagens sociaes, a se munir de um poder occulto. Foi esse, exactamente, o methodo empregado mais tarde pelos judeus da Edade Média, excluidos da vida publica, e creando o poder do diuheiro, poder occulto, vingador, tão terrivel quanto o da carne. Estabeleceram-se, desde então, a dualidade do papel social da mulher: não podendo ser companheira, ella é escrava ou idolo, ou os dois, ao mesmo tempo: um vingando o outro. As religiões permanecem seu inimigo natural: verificando a força occulta, a força desagregadora da omnipotencia masculina, ellas, como pagãs, sómente respeitam a procreadora util, o indispensavel instrumento de continuação. A propria sociedade grega, a que esteve quasi a tornar inutil a mentira feminina pelo liberalismo, pelo culto franco do desejo, pela divinisação do espasmo carnal, recusou á mulher o direito de se dar livremente, a menos que se não declarasse cortezã, e considera a noção da sinceridade inseparavel da noção de fidelidade, idéas differentes, consideradas, entretanto, pelo interesse masculino como synonymos.

A mulher continúa a ser um bem movel; a doçura dos costumes e as condendencias, esse principio subentendido e o adulterio, a fôrma de mentira obrigatoria creada pela impossibilidade das escolhas do coração e dos sentidos e sua dissimulada satisfação na mulher possuida, o adulterio, punido, perseguido, se torna a maneira principal da astucia.

#### IV

A intervenção do catholicismo complicou mais a questão e desassociou

elementos cuja reuuião poderia, talvez, tornando a mentira feminina superflua, encetar a modificação da hereditariedade da mulher e extinguir a perfidia adquirida no correr dos seculos. O catholicismo, misturando a doutrina evangelica com o judaismo, creou uma situação irreductivel. Conforme Jesus, o adulterio é perdoado, é aconselhada a livre escolha, a escrava ou o idolo darão logar á companheira, á igual: isto importaria no fim da mentira; mas, segundo o elemento judaico, o Antigo Testamento arruina o Novo: inventa a desconfiança para com a mulher, proclama a innatidade da sua mentira desde o peccado original. A tentadora que se alliou á serpente não se reabilitará sinão como mãe. O casamento é licito, mas a castidade é preferivel; a carne é vil, a mulher é perigosa, é demoniaca. Ella é a fôrma de Satanaz, a mentirosa eterna.

Dest'arte, a deprecição social da mulher, aspirada pelo paganismo em nome da propriedade, é tambem desejada pelo catholicismo em nome da moral, do desprezo terreno, da esperanza no céu. A hereditariedade da mentira feminina, inteiramente imputavel ao egoismo primitivo do homem, é definitivamente considerada como innatidade ratificada pelo Genese. Sómente depois de muitos seculos, nos será dado verificar que o Genese não é a historia divina das origens mundiaes, sinão uma das innumeraveis explicações religiosas arranjadas pelo homem depois de muitas outras, em uma epocha em que a hereditariedade forçada da mentira feminina remontava muito longe na noite dos tempos, para ser considerada innata e engendrar o dogma da tentação de Adão pela primeira das mulheres, mentirosa desde a sua criação.

Desde que o erro primitivo foi confirmado, de maneira formidavel, pela fé, ficou decidida a sorte da mulher até á epocha imprevisivel em que as religiões desapareceram, condemnada para sempre a mentir.

A evolução dos costumes não altera a sua posição. Depois da edade-média, na epocha em que o culto cavalheiresco da mulher inspirou os cursos de amor e as mais lyricas effusões ás *damas dos pensamentos*, quando desapareceram os vestigios do grosseiro ciúme dos primeiros feudaes e a galanteria, a idéalisação romanesca, primeira fôrma do nosso sentimentalismo, succederam á brutal reclusão das castellãs, a mulher desenvolvera o seu poder secreto, nada tendo conquistado officialmente.

Continuou a escrava ou o idolo, com attenuações, conforme os diversos paizes e sob as homenagens prestadas á dama ou á mãe, persistiu a idéa da mentira innata, do perigo satanico da

tentadora, a idéa da aversão ao amor, que é um peccado tornando preferivel a vida terrestre á redempção, á salvação na outra vida, a idéa da impureza da carne e da infamia da creatura que se offerece, apenas desculpada e purificada pelo matrimonio, pela necessidade de perpetuar a raça. E apparece, então, a idéa da propriedade util, sem direito a uma consciencia.

O concilio em que se discutiu, após muitos seculos, si as mulheres tem alma, fez apenas um mesquinho progresso sobre as hordas primitivas que não haviam, nem de leve, suspeitado essa questão nos seus termos absurdos.

CAMILLO BEAUCLAIR.

### ARMADA NACIONAL

Do nosso erudito collaborador que, nas columnas dos *Annaes*, tem feito a critica brilhante, bem estudada e honesta, da nossa armada, desde a sua fundação, recebemos a seguinte carta:

MEU CARO SR. WALFRIDO — Contrariamente ao que desejava, sou forçado a suspender, por duas ou tres semanas, a remessa dos commentarios sobre o passado da armada nacional, com que venho occupando as columnas graciosamente cedidas na sua notavel revista.

São fortes as razões que nesse sentido actuam, e, embóra não duradouras, me incommodam altamente, obrigando-me a interromper o trabalho no ponto em que termino a analyse da marinha dita «de outr'ora».

Parece assim, de facto, que sou do numero daquelles que, ou para consolo do presente desmantelo naval, ou, para mais accentuar esse desmantelo, se comprazem em crear a lenda da grandeza da nossa armada, no tempo do Imperio, quando justamente para mim não ha distincções que fazer entre a marinha imperial e a republicana. Si os nossos males hoje são maiores, é porque abandonaram o doente ás suas mazellas e a molestia aggravou-se naturalmente, dominando o organismo e levando-o ao miseravel estado de quasi putrefacção a que attingiu no presente, e não porque novos elementos se lhe introduziram ou porque a um novo e radical regimen o sujeitassem.

Mas, contrariando-me ou não, sou forçado a fazer essa pequena parada, que, muito principalmente, é devida ao meu insupportavel estado de saúde. Na consideração, porém, de que a interrupção não irá além de quinze dias, peço que m'a desculpe e que me creia sempre seu amigo. — TONELERO.

“OS ANNAES”

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

XADREZ

3.º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Continúa em perfeita ordem e animadissimo o torneio. Inscrevem-se por ultimo o dr. José Piza, o que perfaz o numero de 17 concurrentes. A directoria resolveu que houvesse sómente um turno.

Damos em seguida o resumo das partidas jogadas :

Dia 26:	5	partidas
27:	4	
28:	6	»
29:	9	»
30:	7	
1:	8	»
<hr/>		
Total	39	

O numero de partidas que se devem jogar, si nenhum dos concurrentes se retirar, será de 136. E si prevalecer a média dos partidas jogadas nestes primeiros seis dias, de 15 a 20 de outubro estará o torneio terminado.

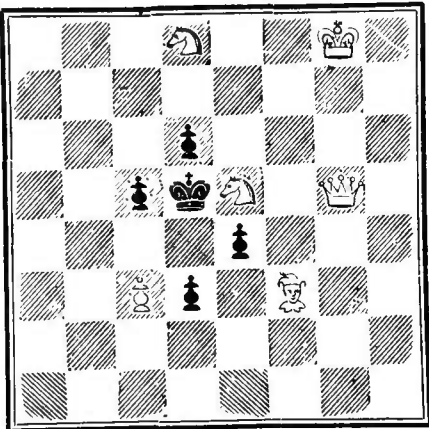
Pelo quadro publicado abaixo não se pôdem fazer previsões sobre a victoria deste ou daquele concurrente. Quem está muito bem até agora é Heitor Bastos, com 5 pontos limpos, dois dos quaes arrancados a fortes jogadores. Henrique Costa perdeu de José Piza; este empatou com Raul de Castro, que perdeu com Heitor Bastos e empatou com Theophilo Torres. W. B. Hentz perdeu de Quayle, que tem 5 pontos e um zero.

Esperam-se com interesse as partidas entre Costa, Theophilo, Hentz e Piza. A proposito, vem a pello registrar que o dr. Caldas Vianna é de opinião que Th. Torres não pôde perder do Hentz, porque é medico...

PROBLEMA N. 21

Winter Wood

PRETAS (5)



BRANCAS (6)— *Mate em dois lances.*

PARTIDA Nº 21 (a)

(Jogada a 29 de setembro de 1905 no torneio do Club dos Diarios)

ROY LOPEZ

<i>Branças</i>		<i>Pretas</i>	
(William B. Hentz)		(Frota Pessoa)	
P 4 R	— 1 —	P 4 R	
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D	
B 5 C D	— 3 —	P 3 T	
B 4 T	— 4 —	C 3 B	
Roque	— 5 —	P 4 C D (b)	
B 3 C	— 6 —	P 4 D ? (c)	
P x P	— 7 —	C x P	
D 1 R ! (d)	— 8 —	P 3 B (e)	
P 4 D	— 9 —	D 3 D (f)	
P x P	— 10 —	P x P	
B x C	— 11 —	D x B	
C 3 B	— 12 —	D 3 R (g)	
D 4 R ! (h)	— 13 —	B 2 R (i)	
C 5 D !	— 14 —	D 3 D (j)	
C x B	— 15 —	R x C	
B 5 C x	— 16 —	R 2 B	
T D 1 D	— 17 —	D 3 R	

D x C ! — 18 — D x D  
C x P x — 19 — abandonam  
2 horas

(a) Publicamos esta partida como um curioso exemplo de quanto importa para uma derrota no xadrez um lance fraco, commettido por um amator, numa dessas aberturas exploradas como o Ruy Lopez, quando o adversario sabe, como neste caso o soube o dr. Hentz, aproveitar-se do erro. Depois do 6.º lance das Pr., não ha mais salvação possível. O ataque então iniciado pelas Br. é formidavel e irresistivel e apesar da correcta defeza dali por deante sustentada tiveram as Pr. que abandonar no 19.º lance.

(b) Esta variante é usada no 3.º lance, mas de uma ou outra maneira parece inferior, porque enfraquece os piões da D. e leva o B. branco para o ataque.

(c) Depois deste lance a partida das Pr. é indefensavel; o lance correcto seria B 2 R. Comtudo teriam resistido muito mais si se tivessem resignado a perder o pião do R, depois da troca do 7.º lance. O encarniçamento em defendel-o trouxe-lhes a ruina immediata.

(d) Um magnifico lance, que nos parece realmente a melhor continuação. Para T 1 R on D 2 R, as pretas tinham B 5 C R.

(e) Unico que defende o pião com certa efficacia. Si 8... D 3 D; 9—C x P, C x C; 10—P 4 D, P 3 B R;—11 P 4 B R, etc.

(f) Também unico.

(g) O melhor. Si 12... D 3 R; 13—B 4 B R.

(h) Um lance dominador e decisivo.

(i) Qualquer outro lance dá logar á entrada simultanea dos dois cavallos ou a B 4 B.

(j) B 1 D e T 2 T não parecem melhores. Este ultimo dá quasi a mesma variante do texto.

(k) A qualquer outro lance as B jogariam T 1 R.

JOSÉ GETULIO.

RESULTADO ATÉ 1.º DE OUTUBRO DE 1905

Concurrentes	A. de Andrade	A. Pereira	A. Burlamaqui	A. Silva	E. Tito de Sá	Frota Pessoa	G. Cunha	H. Bastos	H. Costa	José Piza	Libanio Lins	Q. Bocayuva	Raul de Castro	R. S. Quayle	Th. Torres	Ouro Preto	W. B. Hentz	N. de pontos
Alvaro de Andrade			1	0	0		0			0				0				1
Anibal Pereira				1/2		0				0				0		0	0	1 1/2
Armando Burlamaqui	0							0					0			0		0
Augusto Silva	1	1/2				0						0			0			1 1/2
E. Tito de Sá	1							0	0		1		0	0		1/2		2 1/2
Frota Pessoa		1		1											0		0	2
Godofredo Cunha	1							0	0						0			1
Heitor Bastos			1		1		1						1	1				5
Henrique Costa					1		1			0								2
José Piza	1	1							1				1/2					3 1/2
Libanio Lins					0											0		0
Q. Bocayuva Junior				1	1									0				2
Raul de Castro			1		1			0		1/2					1/2	1		4
R. S. Quayle	1	1						0				1				1	1	5
Theophilo Torres				1		1	1						1/2					3 1/2
Vicente Ouro Preto		1	1		1/2						1		0	0				3 1/2
W. B. Hentz		1				1								0				2

ASSIGNATURAS  
 ANNO.... . . . . 20\$000  
 SEMESTRE.. . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Depois das brilhantes provas do valor do nosso exercito na guerra do Paraguay, uma vez apenas, ha vinte e cinco annos, fizeram-se exercicios de algum valor instructivo, sob o commando do condé d'Eu, nos campos historicos de Santa Cruz.

A arte da guerra fez de então para hoje progressos extraordinarios. As lições deduzidas dos sangrentos duelos de povos da Europa, da Asia, da America, em batalhas que deixaram sulços sinistros no mar, disseminaram pelos campos sepulturas, onde dormem heróes ignorados, perdidos na promiscuidade das hecatombes monstruosas, combates que modificaram fronteiras e transformaram a politica mundial. As lições dessas catastrophes horriveis incitaram as energias intellectuaes ao aperfeiçoamento dos meios de destruição e defeza. Todas as sciencias exactas concorreram, á porfia, para garantirem a supremacia e a segurança dos povos desenvolvendo-lhes a força, avigorando-lhes o poder á sombra suave dos frondosos loureiros da paz.

Durante aquelle quarto de seculo, nós não nos preocupámos com a instrucção do nosso exercito, nem da nossa marinha, sinão organisando o ensino superior, seminarios de officiaes dontores, mais competentes em sociologia do que em arte militar. Comprámos couraçados, que apodreceram roídos pelas intemperies do oceano, navios ornamentaes, cujas machinas estavam sempre desarranjadas; adquirimos canhões que fôram successivamente caído em desuso, armamento ligeiro que teve a mesma sorte, porque nisso de apetrechos bellicos tambem inflúe poderosamente a *moda*, constantemente transformada de accordo com os resultados da experiencia, das phantasias do genio dos inventores, das conquistas precipitadas do empenho de reforma, instavel,

ancioso de formas novas, de maneiras inéditas, em todas as manifestações da actividade insaciavel na conquista da maior somma de utilidades para o bem e para o mal.

Em compensação, nenhum exercito do mundo tinha mais complicado e meticuloso regimen administrativo; nenhum realisava estudos mais atrahidos e mais pomposos, euchendo os archivos de pareceres eruditos, de trabalhos scientificos, capazes de formar uma succulenta e copiosa litteratura militar.

Mas toda essa actividade, todo esse inutil dispendio de intelligencia, de penoso trabalho se escoava inefficaz, perdido no tremedal de papelorio asphyxiante. Consumiamos mais papel do que polvora, mais palavreado do que balas. E todo o regimen militar se estiolava imprestavel nos tramites das secretarias, servindo sómente para fornecer meio de vida a burocratas invalidos, encarregados da perpetuação dos carunchosos vicios anachronicos, que infestam todo o nosso serviço publico.

Conta-se que, necessitando de moringues, a guarnição do forte de São Marcello, na Bahia, a terra classica desse genero de ceramica indigena, teve o commandante, conforme o regulamento, de pedil-as ao commandante das armas, o qual, por sua vez, enviou o pedido ao ajudante-general para que este, com ordem do ministro da Guerra, o transmittisse á Intendencia. Depois das informações de rigor, para verificar si uma duzia de moringues seria ou não excessiva, si a guarnição do forte necessitava, na verdade, desses vasos para refrescar a sua agua, o pedido foi satisfeito: a duzia de moringues foi remetida para a Bahia, donde se fretou um bote para transportal-as, em um caixão muito bem pregado e copiosamente marcado de letreiros gigantesocos, para a fortaleza onde eram, havia mezes, anciosamente esperadas. Mas para abrir esse caixão era indispensavel, nos termos do

regulamento, uma commissão nomeada depois de uma vertiginosa troca de officios. Essa commissão transportou-se ao inexpugnavel reducto, defensor venerando da barra da Bahia, e abrindo com as solemnidades legaes o famoso caixão, certificou num termo, cheio de authenticidades, que todos os moringues estavam quebrados. O facto foi notificado por meio de um officio, cheio de lamentações sinceras, ao commandante do districto, o qual, por sua vez, enviou a triste noticia ao ministro da Guerra, atilado cavalheiro que, informado pelas repartições competentes, deliberou que os moringues fôsem comprados na Bahia.

Incidentes dessa ordem são demasiado frequentes e se reproduziam de maneira assustadora, demonstrando os vicios da centralisação administrativa do exercito, cautelosamente mantida pelos seus directores para evitar a fraude, porque a regra era e é administrar na supposição desconfiada de que todos os auxiliares e, principalmente, todos os fornecedores são uns refinados ladrões que devem ser vigiados com os cem olhos do cerbéro mythologico.

Em virtude dessa centralisação chegou-se á perfeição de serem feitos os fornecimentos para as guarnições de todos os Estados pela Intendencia geral. Os sapatos, as ceroulas, as fardas e os capotes dos soldados da guarnição de Maranhão, como da de Goyaz ou Matto-Grosso, deveriam forçosamente ser pedidos ao centro e padecerem, além dos inconvenientes da demora, as extraordinarias despezas de encaixotamento e transporte.

Deu-se, muita vez, o caso, atrózmente ridiculo, de não serem feitos fornecimentos indispeusaveis, urgentes, por ser impossivel organizar as commissões, conforme o especioso regulamento, incumbidas de recebê-los com todos os sacramentos preservadores do espectro da fraude.

Pouco se lhes dava que os soldados, desterrados naquellas longinquas paragens, andassem descalços, rotos, esfarrapados como mendigos; a observação dos regulamentos era inestimável vantagem de efeitos negativos na pratica, mas essencial para attestar o escripto rigor da administração dos negocios da Guerra.

A Republica, creando merecidas vantagens para o exercito e para a armada, que a proclamaram como procuradores do povo, não alterou o regimen de centralisação; antes, o desenvolveu em mais larga escala, para que se não allegasse a desidia de manter intactos os regulamentos da monarchia. Diversas refórmas scientificas fôrão successivamente feitas nos institutos de educação militar, augmentaram-se os quadros de officiaes superiores, de generaes, dotando-se o exercito com quatro marechaes; mudaram-se nomes de postos, na marinha, com a mesma solicitude com que se alteram os nomes das ruas, attingindo-se a sublimidade de, em vez de commandantes das armas, serem instituidos commandantes de districtos.

Essas refórmas de papel não penetravam o amago da força armada, não lhe modificavam a organização e ella se desorganisava, desviada da sua função technica, ou se anquilosava na inercia fatal da preguiça de uma prolongada paz.

A revolta de 1893 nos surpreendeu assim desorganizados, atufados até ás orelhas nas fossas do papelorio. As nossas fortalezas, esses espantalhos postados de sentinellas, fingindo defenderem a bahia de Guanabara, não tinham munições; cada uma dellas possuia um feccundo e riquissimo archivo. De um e outro lado, os contendores não manifestaram conhecimentos de arte militar, nem mesmo essa habilidade vulgar de manobrar com canhões e acertarem no alvo, porque os exercicios de tiro ao alvo, eram dispendiosos, cada projectil de um canhão moderno consumindo, em pura perda, centenas de mil réis nos tiros de precisão, era méro artigo de ornamentação de função incompativel com as debeis forças dos orçamentos. O governo achou-se na dura contingencia de improvisar os meios de defeza da ordem publica, donde resultou se prolongar a revolta durante seis mezes e custar

ao nosso magro erario a fabulosa somma de *novecientos mil contos, um terço mais* que a guerra do Paraguay.

A dolorosa experiencia desse memoravel accidente que ensanguentou a Republica, proclamada entre flôres, não teve a eloquencia de convencer os nossos homens competentes da urgencia de uma refórma effcaz, tanto quanto possivel radical, proscrevendo os evidentes vicios da organização militar. Caímos na primitiva pasmeira classica. Os soldados desoccupados promoviam disturbios, rôlos ou revoluções. Os officiaes se consagravam á politica, conforme os preceitos de Augusto Comte, aparelhavam ramalhetes para Clotilde de Vaux ou organizavam um club militar que se consagra a tudo, menos ao estudo da patria, da divina arte de guerra.

A jornada de Canudos deu num memoravel, num triste fracasso, em que fôrão immoladas á ineptia dos chefes, vidas preciosas de soldados desamparados de governo, de brilhantes officiaes pela bravura indomita, sacrificados brutalmente pela imprudencia, pela ignorancia dos mais elementares preceitos de tactica. Cinco mil homens estacaram deante de um grupo de jagunços fanatisados, porque os soldados, valentes, resignados, superiores ás mais extenuantes fadigas das marchas mal organisadas, não tiveram quem os conduzisse em manobras elementares.

A chaga da velha organização, desnudada no desastre de Canudos, não nos serviu de lição proveitosa, não nos incutiu um sentimento de revolta contra os vicios evidenciados em horrivel demonstração. Cicatrizados os traumas da terrivel e vergonhosa tragedia, voltámos ao jugo das praxes caducas.

\*  
\* \*

As manobras emprenhidas pelo general Hermes da Fonseca, forte rebento de uma gloriosa estirpe de soldados heróes, destacaram, num deslumbrante relevo, os defeitos e qualidades do exercito, assim como os vicios da organização militar.

Ficaram fóra de duvida as qualidades de resistencia do soldado, uma admiravel intuição para apprehender, rapidamente, os termos e o espirito das ordens, uma desopilante dose de

bom humor para amenisar as fadigas extenuantes das marchas, das manobras executadas com toda as asperezas de um verdadeiro estado de guerra. Verificou-se que esse soldado, na apparencia bisonho, mal amaneirado, mal embiocado nas fardas absurdas que a macaqueação nacional lhes impingiu, era da mesma estofa dos valentes brasileiros que deixaram luminosos riscos de heroismo na historia patria, eram successores legitimos dos bravos de Monte-Caseros, Riachuelo, Tuyuty, supprindo com prodigios de valentia as falhas da ineptia dos generaes, os funestos erros da ignorancia, da desidia dos organisadores da defeza nacional.

Em magnifico destaque sobresaíu a capacidade dos officiaes, aliás educados com demasiada sobrecarga de theorias, empolgando de salto as lições da pratica, verdadeiros repentistas, apprendendo e executando com incomparavel criterio e prompta intelligencia.

O mais notavel resultado das manobras foi que possuimos primorosa massa militar, elementos de primeira ordem, capazes das mais elevadas perfeições nas mãos de modeladores competentes. A nossa força armada necessita de chefes que emprenham o derrocamento da rotina até aos alicerces vetustos, de chefes que lhe ensinem a arte militar.

A iniciativa do general Hermes da Fonseca teve admiravel exito: é um incentivo patriotico que não poderá ser demasiado encarecido e honra as tradições do seu nome glorioso, um nome que repercute nos corações brasileiros como um toque de clarim victorioso.

POJUCAN.

## O ESTUDANTE OXALÁ

Ha meio seculo, desapareceu *Oxalá*, e agora se começa a fallar delle com muito interesse.

O *Fornal do Commercio* encheu, ha pouco tempo, as suas paginas com apreciações desse homem exotico, escandalo do seu tempo e *specimen* de louco, que os physiologistas mal poderão classificar.

O sr. Araripe Junior, auctor desse trabalho, que deve ter feito búlha no Rio-de-janeiro, tão avido de leituras

que o desfadem, foi, todavia, succinto e rapido de mais, cinzelando o busto de *Oxalá*. Este doido de casaca nasceu no Crato, e era parte da familia Baptista, muito antiga e numerosa daquella terra e grandemente assignalada pelas fraquezas do miôlo de alguns dos seus maiores, escasso intellecto ou falta de insenso, como dizem os aldeões.

Os Baptistas produziram Romão José Baptista, antigo major de milicias, que deixou muito de que ainda hoje se riam os que lhe possúem a tradição. Era conhecido por Ti Romão.

Uma vez, dizia elle, tratando de um filho, que queria fazer—padre :

—Já lhe comprei uma *Aniceta* e uma *Leprosa*, para entrar no estudo; quero mandal-o para o *Cemiterio*.

Querida dizer — Já comprei uma *Selecta* e uma *Prosodia*; quero mandal-o para o Seminario.

Outra vez, á noite e ás escuras, vinha pelo corredor da sua casa, quando uma preta lhe gritou ;

—Olhe ! meu Senhor, uma gamella d'agua quente está por ali ! Ti Romão deu um grito, dizendo :

—Ai Jesus ! quem sabe si já não me *queimé !*

Dando uma queda, levantou-se a gemer, com as mãos apertando uma perna.

—Quebron ? perguntou alguém.

—Não,—respondeu elle—*envergué !*

Fallando dos disparos de metralha, que os legalistas tinham feito no Icó, sobre os pintistas, em 4 de abril de 1832, elle chamavá áquillo—*mitriaga*.

Deixou muitas anedotas esse typão.

Baptista, de bôa gemina, deve ter sido *Oxalá*, que, estudando, passou a assignar—*Joaquim Francisco Baptista, e Mello Oxalá*. A virgula não dispensava, pelo muito respeito que tinha á conjunção.

O cognome de *Oxalá* lhe veio da retumbancia da palavra, que lhe sonbe muito ao ouvido, e repetia.

Temos, como verdade firmada, que os paes de *Baptista, e Mello* emigraram, como muitos outros moradores do Crato, na secco de 1825, para o municipio de Jaicós ou outro do Piahy, fronteiros do Crato.

*Oxalá* era branco, com casta, alvo, mas de cabello grosso e preto; com o angulo facial pouco caucasiano.

Ollado bem, podia dizer-se um mulato disfarçado, sangue d'Africa em dynamisação centesima.

Quando homem feito, adquiriu estatura ordinaria, dispunha de musculatura herculea, tinha largas as espaldas e eram-lhe as mãos duas formidaveis manóplas, o que lhe infundia coragem, mesimo ousadias.

Era pobre de origem; seu pae, quando muito, seria *remediado*, como dizem nos sertões. *Oxalá* começou a vida no lugar Bôa-Esperança, onde

tinha fazenda de crear e collegio de humanidades o philantropo padre Marcos de Araujo Costa, a maior personalidade util do Piahy nos seus começos. Padre Marcos era seu padrinho, e o teve na sua casa, onde *liberalisava* o ensino a quantos procuravam o pão do espirito, assistindo-os com todos os gastos.

Diversos moços do Crato se acolhiam a esse aprisco, e um delles foi Marcos Antonio de Macedo, que veio a presidir áquella provincia; foi juiz de direito de Vassouras, e morreu em Sttutgard em utilissimo serviço das letras e sciencias.

O sen livro de viagem á Palestina, a sua monographia sobre a carnaluba, o seu opusculo sobre canalisação e açudagem e, primitivamente, a sua memoria e trabalhos graphicos sobre a canalisação do S. Francisco, valem bem esta menção.

*Oxalá* deve ter sido mandado para o curso juridico de Olinda por subscrição, como era facil naquelles tempos e, principalmente, por protecção do sen benemerito padrinho, quando, bem ou mal, terminados os seus preparatorios. Parece ter vindo dalli visitar sua familia e o protector, antes de derramar-se por este mundo, a fazer tanta esturdice.

Em abril ou maio de 1831, já se achava em Pernambuco o estudante de Bôa-Esperança, que pretendia cursar a escola de direito de Olinda. Garrulo, andejo e *cacête*, por amor do enfado que causava em casa dos passageiros Ignacio Brigido, Xavier de Souza e Aleixo, vindos do Rio, só a esforços da senhora do primeiro escapou de ser lançado, varanda abaixo, na calçada de pedra da rua da Cruz, por dois possantes sequazes de Pinto Madeira, que se hospedava na mesma casa. Este chefe dos *columnas* do Ceará, que acabou no patibulo em consecuencia da revolta sangrenta de 1832, achou aquillo muito comesinho, muito natural, e explicou, dizendo: — D. Vicenciinha, fui eu quem mandou atirar á rua esse *massante*, para não aborrecer mais a vósnicê !

O seu fraco era ter-se como notabilidade e impôr-se á consideração publica; o methodo era, porém, extravagante.

Em viagem, affrontava os camponeses com os seus modos de affectada distincção, fazendo de gentil-homem, mettido em grandes botas de montar, encasacado, com pagem á rectangularguarda.

Estava, certa vez, de viagem para os lados do Ceará, deixando Jaicós a dois dias, quando se lembrou de fazer a barba. Começando, sentiu que a navalha cortava mal, parou, e, chamando o sen pagem, disse-lhe :

—Monta a cavallo, váe a Jaicós e compra-me um outro estojo.

E ficou de barba a meio até o terceiro dia, quando chegaram os novos cutellos !

Outra vez, tendo saído da casa do sen padrinho, de grande distancia fez voltar para alli o homem, afim de entregar-lhe este bilhete: *Meu padrinho. — Mande os meus, que ficaram em cima da mesa, oculos.*

Em Olinda, *Oxalá* era objecto de constante debique dos seus camaradas do curso juridico, os quaes lhe armavam incessantes *esparrellas*.

As suas presumpções o fizeram pedante em excesso. Elle se acreditou poeta, e compoz um máu soneto, que era motivo de seus desvanecimentos. Si lhe pediam para recital-o, perguntava :

—Quer que recite com emphase ?

Muito ás quedas e no sarilho constante em que os rapazes e traziam, *Oxalá* atravessou o 1º anno do curso juridico, mas tropeçou no 2º, e caíu.

Intrigado com o director do curso juridico, padre Coelho, e o professor Chagas, por motivo das suas reprovações, armou-se de duas bengalas, cada qual com o nome de um desses individuos, e procurou encontral-os de geito. O mais infeliz foi o padre Coelho, que elle encontrou primeiro, quebrando-lhe um dedo com uma bordoadá tremenda.

Processado e condemnado, mandaram-no para o presidio de Fernando de Noronha, onde cumpriu parte da pena, obtendo perdão do resto. Veio dahi dizer-se, de então em diante, quando se dirigia ao publico — que era um filho infeliz de Minerva, educado em direito até o 2º anno. Apprazia-se de lhe chamarem — *doutor*, envergava casaca e portava grosso bordão com o falso nome de bengala.

Nesse porte e nesse habito, surgiu na Fortaleza, no quinquennio de 45, a 50, e quiz advogar; depois, de subito, desapareceu.

E' que tinha accettato o serviço de capitão de bandeira de um navio que importava africanos, substituindo o effectivo, que fugia de ser enforcado na gavela do *Rifleman*, o qual dava caça, nas costas do Brazil, aos navios empregados no trafico.

Foi feliz, e voltou rico ao Ceará, onde tinha deixado a mulher e filhos menores, especie de familia Benoiton, de que Victorien Sardou nos deixou duradoura memoria. Vinha carregado de despojos; trazia arreios aciganados, de muita prata e um palanquin para transitar nas areias da pequena e descalça capital. Poz venda de molhados, e quiz enveredar-se na politica, apresentando-se candidato á deputação geral, e fez sua apparição na imprensa.

Verdeixa, diabo vivo, embóra padre, se apoderou delle no seu *Juiz do Povo*, jornal de ironias mil e perpetuos sar-

carmos, e declarou-se o paladino da sua candidatura. Apresentando-o ao eleitorado, disse que não conhecia alguém mais digno da *cadeia velha*. Cadeia velha chamava a imprensa do tempo á Camara dos deputados; cadeia velha chamavam no Ceará a uma mais antiga de duas que existiam na Fortaleza.

Muito lisonjeado dos conceitos de Verdeixa, *Oxalá* foi exhibir-se ao padre Antonio Pinto de Mendonça, personagem politico e candidato da quadra eleitoral, falando-lhe da apresentação de Verdeixa.

Pinto de Mendonça, maligno que era, explicou de que *cadeia velha* falava aquelle, e *Oxalá*, em fúria, partiu a procurar o patife redactor.

Verdeixa, surpreendido, teve que falar, muito mauso, da insidia do seu irmão em Christo, cuja interpretação, provou a *Oxalá*, outra coisa não era sinão ciúme de Pinto, vendo ligado á bôa causa dois homens do valor delles — Verdeixa e *Oxalá*!

O quixotico candidato voltou a tomar uma satisfação a padre Pinto e este com sua *nonchalance*, mais accentuadamente fez a autopsia do escripto de Verdeixa.

*Oxalá*, *ab irato*, voltou ao seu Meccenas, mas este já se tinha trancado! Fôsse dar no boi!...

A venda liquidou, mui cedo, devorada pelo calote, á mercê das fatuidades do vendeiro; a bolça murchou e veio de após, com a penúria, a dissenção, muito commum em familia mal acostumada, que empobrece.

*Oxalá* bumbou a sua ametade, e esta levou á policia as suas queixas contra o desastrado, que andou cheio de impafia e palavras de mácriação; abriu lucta com a auctoridade. Foi agóra a contenda com o chefe de policia, José Rodrigues Vieira de Carvalho (Vieirão), e cada audiência se tornou um espectáculo. Processado, embôra a valentia que dispendeu, deixou a terra, antes de deixar a prôa, e foi para o Maranhão. O que se soube depois foi delle ter morto allí a um soldado, respondido a um processo por esse facto, e morrido pouco depois.

Eis o que foi mais ou menos esse typo de Lombroso. Que estas informações completam a noticia do nosso illustre critico.

J. BRIGIDO.

Vendem-se collecções dos « *Annaes* », ricamente enadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro semestre de 1905.

As officinas dos « *Annaes* », dispondo de um material completamente novo e moderno, encarreram-se de todo e qualquer trabalho typographico.

## ESCANDALOS AMERICANOS

Trasladamos do *Estado de S. Paulo* para as nossas columnas um excellento artigo do sr. Oliveira Lima, nosso ministro em Caracas, a respeito de recentes *escandalos americanos*—artigo que bem illustra a chronica, de Pojucan, num. 44 dos *Annaes*.

Elle accusa, com a cutilante iudicação dos factos, a influencia depressora exercida pela plutocracia nos costumes tradicionaes do povo norte-americano, a exaltação da febre dos millões provocando perturbações do senso moral abalando o systema social nas suas bases essenciaes.

Essas perturbações se exhibem em escandalos, citados pelo eminente diplomata brasileiro, escandalos que já se não pôdem disfarçar, symptomaticos de um mal que, felizmente, irrompe para ser sanado, e demasiado grave para permittir a continuação do perigoso regimen de condescendencias, de conveniencias, gerando uma tolerancia criminosa, uma cumplicidade que, em paizes como o nosso, se explica e se justifica como um resultado banal, innocente do divorcio da politica com a moral: tudo é permittido na ordem de crimes contra o Estado, victima que não grita, que não se queixa; as conveniencias politicas ou partidarias são mantidas com mais escrupulo do que as tradições da probidade administrativa quando os offensores pertencerem ás classes dirigentes. Para estes, tolerancia criminosa; para os humildes, rigores iniquos.

Essas monstruosidades são quasi consagradas como achaques inevitaveis da vertigem do progresso; quem marcha depressa não se pôde demorar no exame de ridiculos casos de consciencia; o fim justifica os meios; os resultados brilhantes offuscam os olhares da critica e da razão.

Mas é consolador verificar que, na grande republica norte-americana, a imprensa, em vez de explorar os crimes, os arrasta escandalosamente á publicidade, sem consideração ao poder e á hierarchia dos culpados, esvurmindo chagas ascorosas, para que não se mantenham como fôcos de contagio; a justiça não é a sombra humilde dos governantes, cobrindo com a sua toga os affeioados dos que possuem as fatidicas chaves do cofre das graças; ha, finalmente, uma parte sã da sociedade que se não resigna num silencio desesperado, e clama e brame as suas indignações ansteras contra os discolos.

Como lição e como exemplo, o sr. Oliveira Lima accentuou escandalos e uma situação ou estado morbido social, merecedor de meditação. Escandalos, ha-os em toda parte, sobretudo nos Estados Unidos porque as auctoridades os descobrem para que, irrevogavelmente, sejam punidos os seus auctores. Isso é o que não ha em outros paizes... no nosso, por exemplo, como disse Pojucan...

« Escrevia-me ha poucos dias, de Boston, um amigo americano, cujo sentimento patriotico é dos mais vivos, mas cujo espirito de isenção é ainda mais vivo, sobreposição espi-

ritual que é rara em toda a parte, mesmo nos Estados Unidos :

« Estamos, pelo que parece, atravessando um periodo de revelações de imprensa, e o nariz do publico adquiriu grande faro para atinar com toda a especie de methodos encobertos em negocios e em politica. Cada jornal mostra-se ancioso por iniciar outra campanha de sensação e a febre da exhibição chega aos menos importantes assumptos locais. De resto, razão sobeja existe para que se euvidem todos os esforços no limpar as repartições publicas, instituições de credito semi-publicas e tudo o mais. »

Nunca, com effeito, foi tamanha a quantidade de escandalos como nesta administração de um presidente conhecido pela sua franqueza em apontal-os e pela sua energia em verberal-os, e a causa reside simplesmente em que está chegando ao seu auge o regimen plutocratico que fez a grandeza material dos Estados Unidos e ha de determinar a sua decadencia moral. Os jornaes andam cheios de denunciações, accusações, inqueritos e verrinas que percorrem toda a gamma, desde a prevaricação official até á baixa *chantage*. Começemos por cima.

Não se apagára ainda a impressão causada pelas fraudes na repartição dos correios e na das terras, quando se descobriram novos abusos, e dos mais sérios, no departamento da agricultura. A repartição de estatistica deste ministerio tem por missão colligir, por meio de agentes locais, dados os mais positivos sobre o estado das sementeiras e perspectiva das colheitas em todos os Estados Unidos, sendo taes informações publicadas em occasião opportuna. Acontecia, porém, que bolsistas de Nova York, relacionados com os encarregados da estatistica official, obtinham clandestinamente os quadros em questão e com elles jogavam em proveito dos seus reciprocos interesses.

E' facil comprehendere que na Bolsa do algodão influem decisivamente semelhantes algarismos: uma safra pequena assim annunciada faz subir os preços, da mesma forma que uma safra avultada os faz baixar. Aquelles bolsistas jogavam, pois, pela certa, quando os seus concurrentes se guiavam por palpites que nem eram probabilidades. Os proprios algarismos eram alterados ao sabor das conveniencias do corrilho de financeiros conluiados com os funcionarios infieis. O secretario da Agricultura, um excellento velho que conheço pessoalmente e cujo defeito é uma obstinação por demais escosseza como o seu nascimento, recusou acreditar nas crimonas manipulações, ao serem-lhe denunciadas, até ter que se submeter á evidencia dos factos, que o presidente acaba de mandar cuidadosamente in-

vestigar, com vista de perseguir judicialmente os delinquentes.

Os escandalos da *Equitable*, conhecida e poderosissima companhia de seguros de vida, tiveram tanto maior repercussão quanto os destinos dessa sociedade interessam profundamente um avultadissimo numero de subscriptores, que alli acudiram com suas economias no interesse do futuro bem estar de suas familias ou herdeiros. Pelo que se acha mais do que provado, os fundos da *Equitable* fôrão empregados em collocações cuja venda fornecia lucros a gente de dentro da administração ou em emprezas patrocinadas pelos directores, arriscados em especulações proveitosas para estes, não para os portadores de apolices e malbaratados em exaggeradas retribuições de serviços perfeitamente duvidosos. O senador Chauncey Depew, um politikeiro millionario, era um dos que recebiam gordo salario: além dos vencimentos de director, 25.000 *dollars*, não se sabe bem porque, a titulo vago de advogado, e de facto por haver proposto e feito approvar um enorme augmento nos honorarios do presidente da companhia.

No Brazil estas coisas teem sido o pão nosso de cada dia e sómente pôdem surprehender os que não conhecem os bastidores de alguns bancos, dos mais importantes. Tampouco escasseiam, e isto desde o tempo do Imperio, não só na Republica, os serviços de advocacia administrativa pelos quaes — para não ficar isenta de escandalo corporação alguma dos Estados Unidos — acaba de ser pronunciado e condemnado, com circumstancias atenuantes, o senador Mitchell, do Oregon. Tratava-se de uns arranjinhos relacionados com vendas de terras publicas, umas quasi innocentes ligações de politica e negocios que noutras terras passariam despercebidas. O facto, porém, de serem apontados, perseguidos e punidos os culpados, depõe a favor da atmospherica moral americana, mostrando que a sua corrupção é de natureza diferente da turca. Si essa alta prestidigitación encontra cultores eximios, não encontra applausos, nem sequer a tacita approvação da maioria, denunciando um triste estado morbido da alma nacional.

No caso da *Equitable* — negocio de grande monta, pois que os 400 milhões de *dollars* de activo fornecidos pelo meio milhão de portadores de apolices de seguro da companhia davam margem para todos os esbanjamentos — o sentimento do dever publico fez saír do seu retiro de Princeton o sr. Grover Cleveland, um dos homens que, sem espalhactos escusados, tem occupado com mais seriedade, coragem, decisão e lucidez, a presidencia americana. Elle se não julgou com direito a recusar ser um dos *trustees* da soci-

edade, que váe ser remodelada, e o publico logo se encheu de confiança ante o proceder do antigo primeiro magistrado da nação.

Desses pantanos brotára como um nenuphar uma agencia de publicações escandalosas, com um orgão hebdomadario, o *Town Topics*, cuja gestão anda neste momento sujeita a um inquerito judicial por se terem tornado em demasia exigentes as suas imposições a pessoas interessadas em arredar revelações escabrosas. O inquerito teu provado que choveram as assignaturas para o livro annuciado sob o titulo *Fads and Fancies* (Manias e Séstros), e bem formosa publicação devia esta ser, pois que o seu preço variava entre 1.500 e 10.000 *dollars*, segundo a generosidade e a bolsa do comprador.

Convidado a subscrever, o presidente Roosevelt disse que nunca tinha pago tanto dinheiro por coisa alguma na sua vida. A gente graúda de Nova-York—millionarios e politicos especialmente—não se fizeram, contudo, rogar, o que leva a crer que suas consciencias não possuem a pureza do *crystal* e que lhes não eram indifferentes as dulcifluas ameaças do perigoso semanario, de cuja revisão andava encarregado o juiz Denel, accionista da empreza e pessôa muita propria para aquelle serviço, que lhe rendia 100 *dollars* mensaes, pois melhor do que ninguem podia dizer até onde podiam ir as revelações sem caírem os editores na alçada da lei. O completo silencio dos contribuintes perante a extorsão manifesta, entre gente de natureza energica e prompta sempre a de-feuder-se e aos seus thesouros e aos seus direitos, é uma condescendencia que não tradúz um estado de saúde.

Revelações do genero das referidas são intentadas com mira no lucro mais sordido, mas quando desintaressadamente executadas, representam um freio e um castigo para a corrupção que medra inevitavelmente onde medra a riqueza.

Assim o declarou uma auctoridade moral do quilate do cardeal Gibbons. Vale a pena repetir algumas das suas palavras a respeito. «Em todo o charco da presente degradação moral existe um ponto claro, que é a circumstancia da degradação tornar-se conhecida. A corrupção não pôde hoje existir sem ser logo descoberta. Quanto maior o mal, tanto maior a possibilidade do remedio. E esta possibilidade de remedio passa a ser um facto certo, que quasi contrabalança o mal gerado da actual condição do frenesi do diuheiro...Pôde não ser bôa theologia, nem bôa ethica, mas é certamente excelente senso commum e um optimo elemento moral crer que o receio, o temor das revelações pela imprensa obriga muitos homens a não se afastarem do caminho da rectidão, gente que de

outro modo se desviaria e perderia pelos atalhos da deshonestidade.»

O prestigio do clero americano christão reside em não se arredar daquellas regras do bon senso e dessa estrada da moralidade, privada e publica, não immolando as paixões do dia ás verdades eternas, tampouco caíndo em exaggero de ascetismo e de renuncia incompatíveis com o espirito da epocha.

Do pulpito protestante teem partido, talvez, as mais violentas denuncias contra a plutocracia reinante, reforçando com o seu character ideal esse positivo movimento anti-capitalista, que váe, fatalmente, assumiudo a feição de socialismo de Estado. Si os monopolios hão de estar nas mãos de uns poucos nababos, que despojam o povo, que estejam nas mãos do povo, representado pelos poderes publicos, á testa de um sabio collectivismo. O sr. Bryan, o adversario infeliz de Mac Kinley em duas eleições presidenciaes, acha-se á frente desta «nova democracia», que já encontra não poucos adeptos de importancia entre os proprios republicanos, apesar dos entraves com que a realisação do seu programma de posse municipal tem deparado o sr. Dunne, prefeito de Chicago.

A administração federal mesmo tem tido que dar passo nessa direcção, não se podendo interpretar de outra maneira certos actos do governo, entre outros a resolução de dar legislativamente a maior somma de auctoridade á commissão de commercio inter-estadal, afim de regular as tarifas ferroviarias, pois que as companhias exhibem preferencias mais que suspeitas por certos *trusts*, concedendo-lhes rebaixas em detrimento da concorrência publica. Um ex-membro da familia official do presidente, o sr. Paul Morton, que foi até ha dias secretario da Marinha e resignou voluntariamente para se ir pôr á frente da reorganisação da *Equitable*, foi, com razão, apontado culpado da ontorga, quando director de uma grande linha ferrea do oeste, de favores commerciaes daquela natureza pelos dois jurisperitos democratas a quem o sr. Roosevelt confiára o respectivo inquerito.

O amigo particular e collaborador do chefe do Estado encontrou, contudo, guarida na determinação presidencial, muito bysantina, de fazer incidir a lei sobre a corporação mercantil e não sobre os seus membros individualmente. A subtileza executiva, fazendo vezes de decisão judicial, levantou muitos reparos, mas isentou de responsabilidades o sr. Morton, assim como livrou de culpabilidade o sr. Loomis, sub-secretario de Estado, a quem o seu collega Bowen, ministro em Caracas, accusou reservada e depois publicamente de actos indecorosos, quando, como seu predecessor, regia a legação de Venezuela.

E' conhecida a gradual e crescente tendencia do Executivo americano para se tornar o poder politico por excellencia do systema. Até aqui, porém, as suas invasões, aliás combatidas, posto que efficazmente, se tinham dado do lado do Legislativo. Agóra se estão dando tambem do lado do Judiciario, que parecia collocado numa esphera superior. O caso Loomis-Bowen era absolutamente de indole a ser objecto de deliberação por parte de uma Côrte administrativa, e não para ser resolvido pela simples auctoridade do presidente, que nelle, de algum modo, era parte—visto tratar-se de um agente de sua confiança —e se arrogou fóros da juiz.

O sr. Loomis explicou, não a contento mas de certo geito — melhor se deve dizer a seu geito—a sua acceitação de um cheque de 10.000 dollars da Companhia de Asphalto, a famosa Companhia Bermudez, que tem sido o pomo de discordia entre os governos de Washington e Caracas e cuja concessão acaba de ser declarada nulla pelos tribunales venezuelanos; a sua pressão sobre o presidente Castro para obter o pagamento de uma reclamação adquirida pelo ministro a preço commodo, e as suas manobras para alcançar uma composição geral das dividas publicas venezuelanas pela agencia de um syndicato de Nova-York, no qual elle se achava interessado.

O juiz Taft, secretario da Guerra e interino de Estado e *juiz* especial do caso, conduziu o inquerito e, sem desculpar o sr. Loomis de ter praticado leviana e indiscretamente, attento o seu character representativo no estrangeiro, isentou-o das peiores increpações do sr. Bowen, que foi, afinal, o bode espiatorio do escandalo. O sr. Loomis foi *whitewashed* (caiado), como dizem os americanos, em recompensa de não ter feito peor, mandando-o o presidente á França receber os restos mortaes do grande marinheiro Paul Jones, mercadoria—a observação é da *Nation*—felizmente de difficil especulação commercial. O sr. Bowen perdeu o logar por haver procedido com falta absoluta de reserva e impetuosidade impropria de um diplomata, o qual deve ser — a observação é minha — um sujeito invariavelmente calmo, tão propenso a occultar vergonhas como atreito a digerir affrontas, sem assomos inuteis de dignidade nem quebras espectaculosas de imperturbabilidade — um Steinbrocken *nunc et semper*. A administração fez, entretanto, o que costumam fazer os chinezes: salvou as apparencias, *saved the cheek*, na expressão ingleza.

Não quero referir-me, para me não tornar fastidioso, a outros escandalos menores: juizes arrastados perante assembléas estadnaes e quejandas

occurencias, cuja base é constantemente o dinheiro. O interessante para o observador de dentro ou de fóra é que essas coisas vão determinando na sociedade contemporanea dos Estados Unidos um desaccôrdo entre a camada de cima e as de baixo, entre a plutocracia e as varias categorias de trabalho, mais flagrante e mais ruidoso do que se pudéra até aqui denunciar. Os clamores contra os manejos exclusivistas dos syndicatos, as explorações do capital e as fraudes da administração publica, são muito mais instantes do que dantes; as proprias paredes tomam feições violentas e prolongam-se sem solução por temporadas que outr'óra se não previam, porque se não calculava o vigor que haviam de adquirir as organizações operarias.

Ha muito quem reconheça que os syndicatos capitalistas *ont du bon*, que «melhoram e fazem crescer tudo em que tocam», como dizia no Kansas um magistrado nova-yorkino, seu parcial defensor numa campanha oratoria para alli transportado por gente de léste. Nem ao presidente seria dado hostilizar os *trusts* até á ultima, justamente porque elles reflectem uma fracção muito consideravel da opinião, além de serem os esteios principaes do grande e poderoso partido que o levou ao fastigio do poder.

A acção do presidente Roosevelt tem sido intelligente, conciliadora e imparcial entre os elementos em conflicto, dos quaes não desdenhou, uma vez, constituir-se arbitro. Alguma responsabilidade lhe assiste, porém, na agitação corrente, porque denunciou os *trusts* em mensagens e discursos, quando sabia que os não podia submeter e obrigar a pedir misericórdia, porque apenas se tem adeantado um quarto ou menos no caminho reformador que apontou, como aberto, á sua individualidade superior pela audacia e pelo prestigio ás agremiações partidarias; porque tem mesmo recuado ante os dictames do partido, como nas occasiões em que tem dado mostras de querer proceder mais liberalmente no tocante ao proteccionismo, sendo forçado a abandonar os seus anhelos de mais franca concurrencia industrial.

Onde elle topeçar e parar, outro, porém, continuará a obra, impellido pelo numero, pela impulsão de baixo, que é esforçada hoje e será irresistivel amanhã. Os escandalos do dia são as manchas por que se denuncia na epiderme o virus que atacou o organismo americano desde que as riquezas excessivas minaram a sua robustez proverbial, e o sybaritismo dos novos Cresus amollecem os seus tecidos animaes de rija contextura que, ao effeminarem-se, trocaram por pelles raras e rendas finas a sua singela vestimenta de tosco briche caseiro. Esse orga-

nismo é, todavia, dotado de vitalidade tal que o trabalho da corrupção levará muito tempo, e terá a vencer a forte resistencia da juventude e de uma saúde invejavel; além de que ha medicos habéis e dedicados de atalaia, cuja sciencia é reale e cujo devotamento é sincero..

OLIVEIRA LIMA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A degenerescencia das familias soberanas. Hereditariedade de seus stygmias. — Effeitos sobre os animaes domesticos*

A degenerescencia é um inquietante assumpto de estudos dos quaes, nos ultimos annos, se tem abusado. Elle demanda, como todos os problemas scientificos, não por meio-sabios que procuram utilizar trabalhos alheios, ou colher delles themes de polemica, de escandalo, mas por verdadeiros sabios capazes de desenvolver com exactidão, sómente com a preocupação da verdade, as limitadas conclusões de seus trabalhos.

Tal é o traço caracteristico da obra que o dr. Galippe apresentou fragmentada, em communicções recentes, á Academia de Medicina de Pariz, e agóra publicada completa, sob o titulo: *A hereditariedade dos stygmias e degenerescencias das familias soberanas*.

O sabio medico começa precisando o effeito da hereditariedade sobre os animaes domesticos. Apoiando-se nas anteriores observações dos dts. Maguin, Lortat, Barrien, Baron, verifica que certas raças de cães, como os *bassets*, *bull-dogs*, devem a sua origem a uma degenerescencia fixada e agravada pela selecção. Os *bassets* não constituem uma raça, propriamente dita, mas uma degenerescencia teratologica, correspondente a cada raça normal. Cada raça de cães tem os seus *bassets*, resultantes da parada de desenvolvimento das patas em comprimento, phenomeno que, depois, se torna hereditario.

O mesmo acontece com a deformidade chamada prognatismo consistente no encurtamento e desigualdade de tamanho das duas maxilas, a superior mais curta do que a inferior, em virtude do encurtamento congenito do nariz e do maxilar superior, particularidade muito frequente nos cães de Bordeaux. E pelo gosto natural de dar mais valor ás extravagancias, ás rariidades, mesmo quando procedem de defeitos da natureza, os amadores se esforçaram por fixar e desenvolver aquella tara: os *bull-dogs* de Bordeaux são hoje muito procurados.

Demorando-se na observação desse character da degenerescencia, o dr. Galippe a estudou, durante muitos



annos, nas figuras de uma familia de soberanos.

A monographia do prognatismo, conforme uma familia real, apresenta capital interesse, permittindo acompanhar os effeitos, puramente physicos, de uma tara e sua progressão, graças ao facto de serem as familias reaes as unicas, cujos archivos são completos e cujos traços nos fôram transmittidos pela arte. E' incontestavel que aos progressos da degenerescencia, accusada por um typo de anomalia, corresponde sempre uma diminuição do equilibrio intellectual.

Essa degenerescencia que, numa familia obscura, produziria desordens, dignas apenas de attraír a attenção de um alienista ou de um pratico, transportada a individuos cujos actos interessam á historia do mundo, é registada em seus resultados com amplificação magistral.

O seu graphico é marcado pelos nomes de Felippe—o Audaz, Maria de Bolonha, filha do Temerario, Rodolpho II, imperador da Allemanha; Joanna, a Louca, Carlos V, Maria Theresza, mulher de Luiz XIV, Maria Antonietta, etc., em uma palavra — os maiores nomes das familias dos Habsburgo e de todas as suas alliadas, Bourbons de França, Bourbons de Hespanha, Portugal, Saboia, Brazil...

Os Habsburgos são prognatas, angariando a introducção precoce desse character de uma filha da casa de França, Maria de Borgonha, e o generalisaram pelo constante systema de casamentos consanguineos, impostos a todas as familias reinantes.

Nada mais suggestivo do que a illustração em apoio da these do dr. Galippe. E' possivel que o stygma de degenerescencia tenha sido attennado pelos artistas incumbidos de fixarem as effigies dos principes e princezas dessa galeria imponente. Por um phenomeno curioso, o anlicismo chega a considerar traço de alta linhagem de formações lamentaveis, facto que deve impressionar a critica da documentação iconographica. Tal figura recebeu do desenho do artista a vantagem do prognatismo a que o moledo havia, felizmente, escapado.

Osr. Bouhot, eminente conservador da secção de estampas da bibliotheca nacional de Pariz, commentou com um prefacio, em que a sua erudição se disfarça sob um estylo encantador, as imagens authenticas que fazem do livro do dr. Galippe uma leitura preciosa.

\* \*

*O novo uranographo—A carta celeste—As exposiçõ dos ensaios praticados pelo sr. Lippmann no Observatorio de Pariz.*

O sr. Lippmann, presidente da sociedade astronomica de França expoz os primeiros ensaios, praticados no

Observatorio de Pariz, com um novo aparelho que permittirá medir as coordenadas das estrellas, em uranographo com um telescopio photographico, acompanhando as estrellas e obtendo placas de certas regiões do céu. Um aparelho optico, funcionando ao mesmo tempo, graças a um movimento de relojoaria, projecta sobre a placa uma série de zonas brilhantes, que se fixam e marcam as posições successivas do meridiano. O uranographo, uma vez regulado, opera automaticamente.

A placa desenvolvida dá, com as estrellas, o systema das coordenadas, das longitudes e latitudes sobre uma carta terrestre.

Esse aparelho, por ser de precisão automatica, está isento dos erros inherentes ás observações feitas com o telescopio ordinario.

Diz-se que a carta photographica do céu está quasi terminada no que concerne ás estrellas do catalogo: os observatorios de Pariz, do Vaticano, de Helsnigfors, de Postdam, já communicaram as coordenadas provisórias de suas placas photographicas; entretanto, sómente se tem executado, até agóra, uma terça parte de placas detalhadas da carta do céu.

\* \*

*A kremnite—Marmore liquido—*

A kremnite é uma invenção recente destinada a prestar importantes serviços á architectura e ás artes decorativas. Consiste num composto de argila, de areia, de fluorina submettido a elevada temperatura e produzindo uma massa liquida que pôde ser modelada sob todas as fôrmas, colorida com todos os tons claros e escuros, polída, esmaltada de maneira a imitar o marmore mais precioso.

Dessa massa se pôdem fazer tijolos ôcos, ladrilhos, placas e revestimentos, podendo substituir, com vantagem, as obras de pedra, assim as telhas para a cobertura das habitações.

\* \*

*A anemia do cavallo—Os estudos de Carré e Vallée—Infecção latente, durante mezes depois da cura apparente.*

A anemia do cavallo, quando é infecciosa, pôde ser considerada mortal, tomando, em certas epochas e em certas regiões, uma feição assustadora, muito temida pelos proprietarios ruraes que lhe não conhecem remedio.

Mas Carré e Vallée, dedicando-se ao estudo das causas e da prophylaxia dessa molestia, verificaram que em muitos cavallos, attingidos por ella, a infecção fica latente, durante muitos mezes depois da cura apparente, de maneira que os cavallos que, na realidade, não ficaram bons, são verdadeiros conductores do virus; sua urina

é rica de albumina e sempre virulenta, acontecendo o mesmo com os excrementos solidos, vehiculos ordinarios do contagio a que as vias digestivas abrem accesso.

Nessas condições, é urgente não recuar diante dos meios de preservaçõ dos cavallos indemnes, tomando resolutamente a providencia de os isolar ou, melhor, de os sacrificar, ou, em todo o caso, de desinfecar cuidadosamente as suas dejecções solidas e liquidas.

E' excellente medida não dar aos animaes indemnes, existentes no meio infectado, sinão agua pura ou fervida, excluindo das cavallariças os procedentes de regiões em que predomine a molestia e garantindo a sanidade dos animaes, antes da acquisição, com o exame das urinas. A presença de albumina deve ser, em todos os casos, um motivo de suspeição.

## QUESTÕES DA LINGUA PORTUGUESA

O que se váe ler, em seguida, é uma carta do sr. Gonçalves Viana, endereçada ao sr. José Verissimo, agradecendo um artigo que o nosso illustre collaborador escreveu sobre a *Ortografia Nacional*, livro daquelle notavel philologo portuguez, e a remessa de um exemplar da 3ª série dos *Estudos de litteratura brasileira*, onde se encontra um escripto do seu auctor a respeito da orthographia da lingua portugueza.

O sr. Viana aproveitou o ensejo para entrar, communicando-se com o nosso eminente critico, em considerações philologicas que, por sua importancia e por virem de tão respeitavel auctoridade, nos pareceu interessante publicar, com venia do seu destinatario, que a obteve tambem do seu illustre correspondente.

« Como v. entendeu ser um serviço valioso ás letras portuguesas a doutrina reformadora que tenho a peito propugnar com relação á escrita do idioma pátrio, vale talvez a pena defender e explicar alguns pontos a que v. especialmente se referiu.

Antes, porém, permitta-me v. algumas considerações prévias, e que não são em absoluto filológicas. Menciona v. a importancia relativa que há de vir a ter no futuro a lingua portugueza do Brasil, em comparação com a de Portugal. Só direi que nos duzentos anos que hão de dar ao Brasil cinquenta milhões de habitantes, e ao portuguez da Europa dez milhões, muitas vicissitudes imprevisitas se poderão dar, que influam consideravelmente no cálculo, mesmo muito vago e arbitrário, que se pode por emquanto fazer, tomando como termo de comparação a propagação de outras linguas; sem contar a evolução a que o mesmo

idioma estará sujeito, e que pode approssimar em vez de desassociar, o português dos dois lados do Atlântico. O que é facto averiguado é que o inglês literário dos Estados Unidos da América do Norte continua a tomar como padrão o da *alma-mater*, e semelhantemente que o idioma convencional de Roma e Florença predomina, até na pronúncia, em toda a Itália, apesar da revivescencia activa dos dialectos provinciais. Por outra parte o castelhano das Castelas, impõe a sua escrita a todas as regiões em que se fala, não obstante as diferenças consideráveis de pronúnciação, mantendo-se por exemplo a distinção entre *s* e *c* (*e, i*) ou *z*, que é nula para a pronúncia de grande parte da Espanha e em toda a América. Apenas no Chile se manifestam vagas tentativas de cisão ortográfica, repudiada todavia pelos seus melhores filólogos. Exajeros ortográficos caprichosos ficam sem eco, como em Portugal ficaram as insensatas reformas de Castilho e Barbosa Leão, porque se baseavam em raciocínios errados, e ignorância manifesta dos factos.

Faz v. um vaticínio—a união ibérica provável, e a consequente decadência do português da Europa. Longe vá o agouro, mas o futuro a Deus pertence. O que eu vejo é que nas Vascongadas, como na Catalunha, o centro de atração está em França e não em Castela; é mais de prever a desagregação das provincias espanholas successivamente, que a sonhada reintegração de Portugal em uma Espanha unitária. As conquistas são cada vez mais difíceis, e o partido ibérico em Portugal consta de uma dúzia de matutos, e de não tanto como outra, de interesseiros políticos desacreditados. Em Portugal toda a gente sensata, e mesmo a grandíssima maioria de todos os mais, riem-se cordialmente da tal união.

Como v., eu entendo conveniente que a ortografia seja comum ao Brasil e a Portugal, mormente nas suas principais feições, á parte um ou outro vocábulo em que a pronúncia divirja tanto, que se não compadeça com a escrita comum, e os quaes cada nação escreveria a seu modo, e conforme os seus hábitos de pronúnciação. Assim, mesmo em Portugal, eu deixei facultativas as escriptas *oi* ou *ou*, segundo as preferências dialectais ou individuais, em palavras como *ouro* (*oiro*) *fouce* (*foice*) etc. (V p. 30 e 290) Se mais meúdamente me não referi aos falares brasileiros, a razão é a minha ignorância de muitas particularidades, não só dos diferentes dialectos determinadamente, mas ainda de qual seja propriamente a lingua comum no Brasil, desconhecendo também até que ponto os provincialismos são tolerados no falar que se

considera culto. Não tendo eu nunca visitado o Brasil, e tendo por costume ser escrupulosíssimo em citar factos e deduzir dêles theorias, entendi melhor aludir sómente aos factos averiguados, para os ter em consideração ao normalisar a ortografia da lingua comum aos dois países.

Explicada assim a quasi omissão dos falares brasileiros, que, no meu modo de ver de glossólogo, não são nem melhores, nem peores que os portugueses da Europa, mas apenas diferentes, peço venia para me referir a alguns reparos enunciados no excellente artigo de v.

Digo, ou antes escrevo, *quere* na 3.<sup>a</sup> pessoa do presente do indicativo do verbo *querer*, porque em Portugal, ao pospor-se-lhe o pronome pessoal objectivo *o, a*, todos cá pronunciam *quere-o, quere-a* (*quério, quéria*) como fazem com *fere*, de ferir, escrito *fere-o, fere-a*, e pronunciado *fério, féria*. Se ao escreverem-se essas formas assim ligadas, daquela terceira pessoa do verbo, segnida do accusativo do mencionado pronome pessoal da 3.<sup>a</sup> pessoa, necessariamente haverá que acrescentar-se o *e* (pois ninguém escreve *quer-o, quer-a*) e que regra de ortografia se poderia aconselhar em tais construções, senão dar já áquella linguagem a forma *quere* e não *quer*? visto que em Portugal a pronúncia, em qualquer dos casos será sempre *quer*, com *e* nulo. Sobre *lenho, tenho*, advoguei esta ortografia, repudiando as formas desusadas *lanho, tanho* (V p. 148): estamos pois de acordo os dois, neste ponto.

*Preguntar, perguntar* A pronúncia geral é *prguntar* em Portugal, com *r* o vogal, ou então popularmente *préguntar*, jamais *pérguntar*. A ortografia que restabeleci nada influi; cá na pronúncia do vocábulo; assim, ou se escreva, como as orijens da lingua exigem, *preguntar*, ou por um padrão latino hypothético *perguntar*, a pronúncia será sempre *pre-oguntar-pr-oguntar*. Quanto ao étimo immediato *percontare*, dado por Cortesão ou por outro filólogo tão sabedor, como este indubitavelmente o é, torna-se inadmissível, por o *c* latino medial só se abrandar em *g* na passagem para português, quando se acha entre vogais (e esta palavra é disso exemplo) e isto sem nenhuma excepção, nem real, nem aparente. Ha, portanto, que supor um étimo *precontare*, com o prefixo *pre*, que a veleidade erudita ao depois mudou em *per*, destruindo a analogia.

Se, todavia, a pronúncia dominante no Brasil é *pérguntar*, com *e* perfeitamente claro antes, e não depois do *r*, então haverá que ter em consideração o facto, antes que se estabeleça a escrita do vocabulo em ortografia comum aos dois países. e Mas está feita a averiguação rigorosa de qual é aí a forma dominante?

*Açúcar, çapato*. Diz v. que as palavras assim escritas lhe não parecem portuguesas. e Mas neste caso *açafate, açongue, açude*, não parecerão também portuguesas? Bluteau ainda escreve *açucar*, e até 1850 era esta a escrita normal. e Porque se mudou ela, inconsistentemente, para *ss*, ficando em completo desacôrdo com tantos outros vocábulos e com a ortografia legitimamente portuguesa, clássica, e tradicional? Por influencia francesa (*sucré*). e E *çapato*? E' sabido que o *ç* inafusculo inicial faltava nas imprensas, onde era substituido por *c*, e sendo poucos os vocábulos em que tal letra era inicial, foi ella substituida por *s*, quando se obliterou na consciencia dos mais dos escritores a diferença do valor entre *s* e *ç*. Eu pus a questão de *ç* e *s* (*s*), como a de *z* e *s*—(entre vogais) bem a claro (á pag. 112 da *Ort.*): ou se há de banir de todo o *ç* e *c* (*e, i*), por *s* (*s*), e *s* por *z*, e *z* por *s* final, ou há de ser a orijem das palavras e a sua pronúnciação no norte de Portugal, quando aquella se ignore, o que deve decidir sôbre o emprêgo de qualquer dêstes simbolos; assim, ou se escreverá *assafrão, assoute, assussena, assão*, (acção) *cabessa, fássa, (faça) loussa*, etc., *seder, fássil, resseber*, etc., ou a manter-se a distinção histórica, tem ela de ser rigorosa, restabelecendo-se a antiga escrita nos poucos vocábulos em que ella modernamente foi alterada desarrazoadamente.

Foi isto o que eu fiz, e é extraordinario capitular-se de novidades a restituição da verdadeira escrita por parte de quem adoptou como preceito inquebrantável o não escrever á toa. Emenadar por meias doses, deixando ficar subsistindo erros evidentes, que a ignorância e o desprezo, ou desdém do português clássico foi introduzindo, seria contribuir para a continuação da anarquia actual, contra a qual nos insurjimos, e sem desculpa, pois aqui o êrro fôra voluntario, direi mesmo propositado, para agradar ao vulgo.

Diz v. que não encontra a minima distinção perceptivel ao ouvido entre *ç* e *ss*, em *açucar, çapato*, por exemplo. Creio que também o não encontrará entre *poço* nome e *posso* verbo, e não obstante mantem-se a diferenciação. Na realidade, como v. e eu pronunciamos aquelas letras nos nossos dialectos, a distinção é nula, mas não o é para um individuo de Trás-os-Montes, de parte da Beira-Alta, ou do Minho, como o não era para os nossos maiores: se v. ouvir pronunciar aquelas letras a um homem do norte de Portugal, reconhecerá que para êle o *ç* equivale ao nosso *ç* e *ss*, ao passo que o *s* (*s*) é análogo ao *s* castelhano. Esta distinção histórica entre *ç* e *ss* ou *z* e *s* entre vogais são factos averiguados, sôbre os quaes toda a discussão seria aciosa. E' minha opinião, e ella giou.

todo o trabalho, que a ortografia há de obedecer a principios fixos, cortando de uma vez por todas as asas ao arbítrio, sendo applicável a todo o reino, e em todo o tempo, e respeitando e conservando coherentemente todas as distincções dialectais ou tradicionais, quando tenham fundamento histórico, para que não haja muitas linguas portuguezas escritas, no tempo e no espaço, mas uma só sem interrupção. As differenciações orthográficas que restabeleci (não inventei) são rigorosamente applicadas no método que defendo, e portanto a distincção entre os symbolos graficos citados, como em a fiz, tem o mesmo fundamento que a differenciação entre e e i, o e u de soar, suar (suár) *desfear* e *desfiar* (desfiár) conquanto se não differencem em Portugal. (V. o Índice, *passim* e paj. 26, 27, 35, 80, 88, 112, 115, 118, 126, 147, 191, 290, etc); Porquê se escreve *necessidade* com ce e ssi? Assim os mais vocábulos.

Eu não aconselhei em parte alguma do meu livro as escritas *meuistro*, *devedir*, *repremir*, como se assevera; ao contrário, porque são vocábulos artificiaes, copiados do latim literal em várias épocas, mas sobretudo recentemente, prescrevi a manutenção do i, *miuistro*, *dividir*, *reprimir*. O que disse é que em vocábulos, herdados de origem evolutiva evidente, como *vezinho*, a escrita legitima e antiga era com e (p. 99 e 100, 101; 290, regra 14.) Houve, pois, equívoco na apreciação, e estamos concordes.

*Dezaseis*, *dezasete*, *dezanove* são e sempre foram as UNICAS pronunciações em Portugal, com excepção (que não conta perante a universalidade) de alguns poucos eruditos pretenciosos, que aqui entendem serem os pés que se lião de ajeitar ás botas de munição e não estas que tem de ser feitas por medida para os pés. Querer reformar a pronúncia dos vocábulos pela sua escrita, convencional e tantas vezes arbitraria ou errónea, equivaleria a tentar a emenda das feições de qualquer pessoa para ela se ficar parecendo mais com um retrato mal feito (V. p. 77 e 78, ás quais nada há que acrescentar; v. igualmente p. 288, regra 5.) Quem tem de ceder no desacôrdo é a escrita e não a pronúncia, é evidente.

Não me referi até agora á acentuação gráfica, que v. acha excessiva em Candido de Figueiredo (no qual eu apenas reproveo o uso dos ápices) e quasi declara falsa, e diz que palavras acentuadas nem parecem portuguezas. Mas v. acentua gráficamente, por exemplo (*Estudos de literatura brasileira*) Paranagná (p. 11, e *passim*) José (p. 2), só (ib e não sei porque razão) até (ib) época (ib. 3) ôco (ib) saráos (ib) e não sei para quê) Régia (p. 4) coévo (não sei para quê, p. 9), fórma (p. 16)

lêm (p. 22, não sei para quê) expôr (p. 29) *Capitú* (p. 39) *será* (p. 38) *éstro* (algures, não sei para quê) etc. Isto significa que o que se pretende é cada um acentuar como entender, sem regra nem preceito, censurando porém sarcásticamente a acentuação metódica, útil, se não necessaria para quem lê. Ora os franceses acentuam com o acento grave muitos e e e com o agudo (até desnecessariamente) outros tantos, ou mais, e ninguém estranha nem censura. Os espanhóis acentuam gráficamente a sílaba tónica, em vários casos fixados, e todos acham isso excelente para não errarem a pronúncia das palavras. A meu ver são êles que tem razão.

Diz v. que a prosodia brasileira differere muito da portugueza. Não creio, no que respeita á sílaba predominante dos vocábulos. Inquestionavelmente há confusão entre o valor das vogais e o que seja sílaba tónica ou predominante, no que se afirma a p. 206 — 212 e 316 dos *Estudos de literatura*; Pois a sílaba predominante de *diccionário*, *sciência*, *história*, *período*, *inútil*, *colônia*, não é no Brasil a que está marcada com o acento? Diz-se lá acaso *diccionario*, *sciencia*, *período*, *colonia*, etc. ou *diccionarió*, *periodó*, *coloniá*? O 2.º o deste ultimo vocábulo é mudo, diz v. Seria isso um fenómeno por tal forma estupendo que desnortearia todas as previsões. Se aquele o é mudo, qual é então a sílaba tónica? Mas se as predominantes não coincidem com as portuguezas, os versos portuguezes deixam de o ser no Brazil, e *vice versa*; mais: um portuguez e um brasileiro não lograrão entender-se, pois nada contribui tanto para a mútua intelligibilidade de dois idiomas aparentados como a coincidência da sílaba predominante nas palavras que lhes são comuns, como nada a dificulta tanto como a desconformidade nesse ponto. E' por isto que o castelhano e o italiano são tão facilmente perceptíveis para os portuguezes, e continuo a crer que para os brasileiros, mesmo que desconheçam aquelas linguas; o contrário succede em relação ao francês, exactamente por aquella desconformidade.

Creio haver respondido aos principais óbices apontados por v e só me resta agradecer de novo a distincção com que me honrou.

Sou, com a maior consideração, etc.

GONÇÁLVES VIANA.

*Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadenadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro semestre de 1905.*

## PAGINAS ESQUECIDAS

SARAH BERNHARDT

Nesta mesma secção, num. 19, 21 e 23 dos *Annaes*, inserimos os *Bilhetes de Pariz* em que Eça de Queiroz, numa má lingua admiravel, commenta a *tournee* de Sarah Bernhardt pela America e uma das formas mais pittorescas do nosso enthusiasmo, das nossas festas á celebre *cabotine*. Hoje, aproveitando a oportunidade que ella nos dá com a sua presença, vem a tempo o seguinte artigo de Fialho d'Almeida:

... ..  
Ella é, de facto, a encarnação da arte contemporanea, frenetica, inquieta e com a *forte fièvre hallucinatoire* da gestação artistica, de que fallava Jules de Goncourt, que a arrebatava, num turbilhão de exasperos, para esse paiz do novo, do impossivel, do desconhecido, donde, ou se volta transfigurado, ou, em caso contrario, lonco. Dentro desta grande bohemia, que um fatalismo de tribu precipita, através do mundo, a todo o galope das locomotivas e dos paquetes, se debatem e conflagram, em bruscas luctas, umas poucas de creaturas diversissimas: e dahi nasce talvez a seducção mysteriosa que a comediante exerce no seu tempo—este tempo de que ella está sendo, afinal, a allegoria triumphante e imprescindível!

São já conhecidas do publico as aptidões da sua estranha organisação de artista e de homem de genio, tão exuberantes e tantas, que o mais pequeno dos seus manejos, um gesto, uma palavra, um sorriso, um traço de penna, um desenho de vestido, quasi, para assim dizer, criam uma arte, ou a impulsionam e fazem explodir, do rotineiro nucleo em que ella, antes de Sarah, esmorecia. Assim nós a temos pintora, esculptora, comediante, aeronauta e escriptora dramatica: com a sua voz corrigindo a musica, e fazendo uma escola de dicção (iamos escrever de gorgeio) nos theatros de Pariz: com a sua figura apeando a belleza antiga, das consagrações contemporaneas da estatuaria, para lhe substituir o seu nervoso typo elançado de *femme-garçon*, a Venus hysterica deste seculo, que põe no amor estonteamentos de vicio, pela turbadora indecisão sexual em que parece esthesiar-se.

E a elegancia das *toilettes* que ella iuventa, um pouco macabra, para melhor fazer valer as suas bellezas incorrectas, e a predilecção dos tons attenuados, que ella allia e váe casando, nos *deshabillées* e nos vestidos, como uma symphonia de côres mortas, que lhe realcem o typo enigmatico de garça e de princeza de lenda—especie de Hamlet feminino, inquieto de todas as duvidas religiosas da arte — ainda mais acabam d'exalçar este extraordinario character de judia, este fata-

lismo artistico, superior e absorvente, que avassala e se impõe, como jámais mulher alguma o conseguira, tanto tempo, á admiração incondicional do mundo inteiro.

\*  
\* \*

Fecho os olhos e vejo, na camara escura da idéa, surgir como uma evolução do sobrenatural, evocada pela prodigiosa força psychica dum *medium*, esta apparição *en qui vont les péchés d'un peuple*, diria Mallarmée, fascinadora e inquietante, que se balanceia como o lirio que Theodora tráz nas mãos, e que me embala e adormece com a sua vóz paradisiaca, pondo na minha miseria os seus olhos de saphira, que a morte allucina, e a dilatação das pupillas torna tenebrosas. Naquelle sêr de esphinge e de panthera, formoso e estonteador, que pelas aventuras e incoherencias da sua vida, pelas selecções transcendentaes da cultura artistica, miragens da belleza, e energias fulvas da paixão, se poderia comparar talvez ao crime inexpiable de toda esta nossa civilisação de mentira: naquelle sêr transmuta-se a physionomia a cada instante, e numa hora de convivio, a face della sugere-nos, pela expressão pictural das contracções, toda a galeria de typos a que o seu nome anda ligado, de Phedra a Tosca, de Margarida Gauthier a Lady Macbeth.

Eu as vejo! Eu as vejo! circular de roda da minha alma, como outras tantas estatuas das minhas resplandecentes chimeras de contemplador e de misanthropo! Primeiro, é Phedra, enlanguescida na sua tragica melancolia, a recordar-se, num desespero, os cabellos eriçados de assombro, que ha de ser o inflexivel Minos, seu pae, que ha de julgar-a. Depois, é a Maria de Neubourg do *Ruy-Blas*, branca de espuma, flexivel como uma penna, e tão loira e celestemente adúltera — essa exilada rainha, de cujo coração a nostalgia deborda, em versos de oiro, quando pendida ao pescoço do amante, lhe diz volatas de amor, labio por labio, hausto por hausto, desejo por desejo, naquella vóz ciciosa e penetrante, que descendo á alma enfeitiça, como nenhum effeito de harpa ou violino. E adeus Gilberta do *Frou-Frou*, fogo fatuo do lar, ondeante como o capricho que te impelle, folha de rosa, ao amor dum homem casado!...

Altiva Dona Sol, cuja paixão torna o bandido em duque, e o beijo de nupcias em peçonha mortifera. Maria Tudor e Zanetto do *Passant*, Cordelia do *Rei Lear*, e Blanche de Chelles da *Esphinge*... todas vós, ó vaporosissimas figuras, que vindes da inspiração dos poetas, em bandos, como pombas, acrescentar a nocturna ronda de phantasmas belouçados ao redor do idéal artistico, sob esse raio de lua de

que tu, radiosa e grande bohemia, judia immortal, estrella d'alva do genio, lhes soubeste trespassar o coração!

\*  
\* \*

E a cavalgada de figuras cresce d'impeto, de complexidade tragica, e de pujança escultural. Bem depressa, a tunica alvacentas de Lady Macbeth atravessa a noite, numa agua forte de Goya, sinistra e medieva, e dentro dessa tunica ha gestos cavos, sepulchraes diaphaneidades, cabellos soltos, soluços, mãos que se crispam, enclaviuhando os dedos cupidos no manto real do rei Duncan, assassinado. E a somnambula, a feiticeira do Thiane de Glamis, tão sobrehumanamente bella no seu crime, vem sobre a scena transfigurar o remorso, numa litania de soluços e imprecações apenas suffocadas. —já o mar cresce, o mar de sangue real que ella espargiu — cresce e vem subindo por ella, subindo, té lhe asphyxiar a garganta contraída.

A sua vóz de oiro, essa perdeu-se, e nenhum rythmo humano pôde dar comparação do som basso, roufenho, monotono, quasi hediondo, com que a somnambula monologa, no silencio da noite, a meio do quarto:

« . Nem todos os perfumes da Arabia, reunidos, poderiam perfumar, já agóra, esta pequena mão que cheira a sangue. Parece incrível que o corpo daquelle velho tivesse tanto sangue!... Oh, não estejas assim pallida! Veste a tua tunica de noite! Ao leito! Ao leito! Mas nem toda a agua dos rios e das fontes, dos oceanos e das nuvens, poderia lavar a nodoa maldita desta mão. esta nodoa que me abraza na pelle, como se fôra uma queimadura... »

\*  
\* \*

Depois, é Theodora, a imperatriz byzantina, dum esplendor hieratico e sacerdotal, arrancando o véo que lhe mantinha o incognito, e rigida, livida, com a sua mitra d'idolo, o manto constellado de rubis, a tunica em chammas, os cabellos em serpentes, descendo do throno, a affrontar a cólera do povo que invadiu o circo, ululando ameaças. Ou então na scena do oratorio, com a sua dalmatica violeta, uma cintura de pedraria a estrangular-lhe as ancas tísicas, bella dessa belleza canalha da *cabotine* antiga, que pinta os olhos, os cabellos, os beiços — mentirosos beiços a destillar luxuria, entre sentenças de morte — e despotica, alternativamente insolente e familiar, cheia de frouxos de palavras infantis, eil-a se crucifica na porta, para impedir a passagem aos conjurados, quando já a sua vóz chora outra vez dulcissimas doloras, mimos perlados de supplicas, enfusiadas de

ironias, que fazem recuar aquelles homens mysticos e semi-barbaros. E a *Tosca*, por ultimo, é Sarah Bernhardt mesma, a comediante, numa das suas mais complexas e extraordinarias incarnações.

\*  
\* \*

Ha por ali um livro infame, que uma mulher escreveu para insultal-a, num instante de ciúme vingativo. Tem por titulo *Sarah Barnhum*, e possui detalhes duma ignominia a escorrer sangue. A sua crueza de tom porém, em vez de pôr o leitor ao lado da chronista, dá precisamente o effeito opposto, porque a calumnia transparece, e quebra a arma nas mãos da pessoa que esgrime em falso.

Apezar do seu odio, Maria Colom-bier presta inteiro culto ao genio radioso da tragica; e em livro nenhum, como neste, a mulher artista até ás pontas dos cabellos, devorada de arte e febricitante de gloria, está pintada com maior grandeza de linhas, e mais absoluta fidelidade d'impressões.

O biographo mais entusiasmado por Sarah, que pretendesse hypnotisar a massa, por um estudo incisivo da artista, em verdade que não conseguiria o effeito com mais segura pujança de escopro!

Ahi se apresenta a grande franceza, como uma creatura excepcionalmente despresadora das pequenitas conveniencias, que açaimam, na esphera modesta da familia, a simples mulher besta de carga, procreadora de filhos, cozinheira de sopa economica, costureira de fundilhos e passagens nos casacos usados; mulher-homem pela energia da idéa que a domina, e instiga, e faz correr através da gloria, sem reparar nos ridiculos que provoca, nos melindres que esgarça, e no quotidiano choque de escandalo que a sua attitudo e a sua vida fazem zoar em plena França, e em pleno mundo.

Para ella, o dinheiro, a amizade, o amor, a dedicação, e os mais enternecidos affectos de familia, são instrumento apenas da arte que cultiva, campo de observação e de analyse, aonde a acuidade da sua vista de hebraica váe sugar detalhes novos, para a perfeita transfiguração dos seus papeis. Um sinistro fogo, que a esbrazeia e dilacera no peito, a impelle, num turbilhão diabolico de locomotiva, através das mais funambulescas aventuras, das situações mais originaes, das alternativas mais contrastantes: hoje pobre, rica a manhã, depois casada, fugindo no dia seguinte com um *cabotin* da ultima fabrica, voltando a crear sobre a scena um grande typo, pondo em leilão as suas joias para pagar as contas da modista — e após as viagens, as ovações, os amores despertados de passagem, como quem morde um fructo e o cospe logo — e

costumes lançados num momento de humor decorativo, monomanias nevroticas que as grandes damas aproveitavam, chapéus que fazem a fortuna da casa Lafarrière, aguarellas e estatuetas que o príncipe de Galles manda cobrir de ouro por um dos seus ajudantes, expressamente mandado de Malbrough-Castl—e ao fim de tudo isto, o mundo que palpita da sua nevrose, que chora e ri das suas creações, que elle aproveita as phantasias para fundar pequenas indústrias, que talvez macaqueia os seus ditos, os seus trajes, os seus gestos, galanterias, extravagancias: e em paga, voltando a cara desdentosa, inda por cima ás vezes renega essa mulher extraordinaria, porque ella não tem no amor a consistencia duma porteira, nem do modo de vida intimo, o bom comportamento duma viuva de chefe de repartição...

\* \* \*

Esváe-se o tempo, vinte annos correram depois que Pariz sagrou Sarah Bernhardt como a imperatriz da scena moderna: e ainda agóra nenhuma outra mulher surgin a supplantal-a ou a fazer-lhe sombra, tão alto o genio excepcional que ella dimana, musa divina, neste final de seculo que a sensação transviou até ás fermentações macabras da nevrose. Quantas vieram, escorregaram por ella humildemente, sem lhe assimilar um só dos predicados, nem lhe apanhar do caminho, o fio conductor de indagação psychica e de analyse, que inicial-as podesse, no mysterio estructural das suas creações. Porque a arte della é excessivamente completa e individual para fazer escola, e como Balzac no romance, e Beethoven na musica, esta excepcionalissima mulher não deixa continuadores. A sua vinda a Lisbôa, é para a cidade uma honra, e para os artistas uma festa.

—Avé, Sarah Bernhardt, cheia de graça!

FIALHO D'ALMEIDA.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda do Mocoretá ao Passo da Patria.*  
— *Um supplicio: mil e oitocentas pranchadas — Castigar nas armas.*

Marchavamos pelo *coxilhão*, divisor das aguas que correm para os arroios Cuencas e Payubté, afluentes do rio Corrientes.

Aos campos planos, sem fim, com immensos banhados cheios de *macegaes*, succederam prados mais accidentados, matisados de capões, sentinellas avançadas das mattas proximas, onde nos informaram viverem onças pintadas e tigres negros em bandos.

O bosque sombrio era cortado por um caminho difficil e estreito. As copas das arvores, que em alguns trechos se tocavam formando uma abobada de folhagem, impediam que os raios do sol pouzassem longas horas na estrada para enxugar o sólo, profundamente encharcado. Eram barreiras á nossa marcha os arroios de passos barrancosos, os atoleiros sem desvios, os caldeirões em longas filas e os tremedaes insidiosos, cobertos de relva côr de esmeralda. O nosso general fez destacar uma faxina colossal de mais de dois mil homens para melhorar o caminho, sob a immediata direcção dos nossos prestimosos e dedicados engenheiros.

Apezar dos pontilhões lançados sobre os aguagaes, das rampas cortadas nos passos, dos grandes cocurútos achados, das estivas nos atoleiros, das covas aterradas e da dedicação e habilidade do nosso velho capitão Machado, as viaturas da artilharia topavam, a cada passo, obstaculos; e o pezado carretame do nosso transporte de guerra, tirado por bois, não raro se atascava até aos eixos. A cavallaria desvencilhava-se o melhor que podia, mas não tão bem como a infantaria, que mostrava a sua superioridade, como a arua de guerra por excellencia, salvando agil e lésta grandes barraes e passando por trilhas que, á mão, quebrando galhos, abria no matto.

Os nossos valentes soldados se habituavam ás durezas daquella vida aspera, mas pittoresca e, na verdade, cheia de attracções, supportando as contrariedades, de bom humor e cara alegre.

Não guardo lembrança viva do grande numero dos nossos acampamentos, a ponto de distinguil-os. Todos se confundem, na minha memoria, com as suas tendas brancas, alinhadas, formando grupos regulares, os batalhões manobrando a toque de corneta ou á voz sonora e vibrante dos commandantes, que porfiavam por uma superioridade difficil de ser-lhes outorgada. Lembro-me, entretanto, de alguns, que me deixaram impressões iudeleveis.

Entre todos destaca-se o de Cuencas, pelas côres sombrias do quadro tragico de que foi theatro.

Alli, recordo-me bem, o meu regimento acampou perto da orla da matta, num almargem ameno, onde o sol dourado da primavera, caíndo sobre a relva verde e viçosa, dava á terra uns tons leves das nossas côres nacionaes.

Bem cedo ainda, ouvimos o signal de commando em chefe e o toque de reunir.

Que seria? Entrámos apressados em fórma. Em pouco tempo, estavam reunidos, no limitado campo, os cor-

pos, os regimentos e os batalhões das tres armas. Sentia-se alguma coisa de grave, de extraordinario, no ar.

Manobraram todos e formaram um vasto quadrado. Clarins e corneteiros, em bandas completas, avançaram para o centro, empunhando alguns as elasticas espadas de prancha regulamentares, sem ponta e sem guime. Avançaram tambem, seguidos de escolta, dois soldados moços, brancos, esbeltos e fortes. Um capellão e um medico, muito jovens ainda, completavam aquelle grupo dramatico.

As noticias entre a tropa circulam, sem se saber como, rapidamente: aquelles dois homens iam ser castigados, por terem atacado um official estrangeiro. Dizia-se que o crime estava previsto no 18º artigo de guerra, e que a pena era capital. O mesmo crime, em Roma antiga, era punido com a clibata até á morte, *fuste verberari fustuarium*.

Iam ser arcabuzados, sem a sancção do Imperador? A applicação do castigo nos exercitos deve ser prompta. A demora enfraquece a auctoridade e, quando o processo se arrasta em longas discussões e chicanas forenses, quando são esquecidos e postos á margem os são e nobres preceitos disciplinares, torua-se até ridiculo, com offensa do que a vida militar tem de mais bello e nobre e constitúe a sua grandeza, a disciplina, a subordinação e o respeito mutuo entre superiores e inferiores.

Estavamos attentos e unidos, esperando o desenrolar do pungente quadro.

Um dos presos deu alguns passos para a frente, e parou, destacando-se do grupo.

Acompauharam-no dois corueteiros cada um com a sua espada de prancha na mão direita. Postaram-se aos lados do paciente, cujos braços caíam fronxos, cuja cabeça pendia para o chão, de desalento ou envergonhada de fitar os camaradas. As duas espadas reluziram ao mesmo tempo e caíram sobre os hombros largos daquelle homem athletico. Em poucos instantes, aos golpes, que se succediam num rythmo fatal, a camisa voou em tiras avermelhadas e as costas brancas tingiram-se do sangue rubro, que esguichava. Cruzou as mãos e estrinchou os dedos de dôr.

Os corneteiros fôram se substituindo aos pares e as espadas continuavam a cair surdas e peizadas sobre a massa sanguinolenta das carnes maceradas. Contámos cincoenta pranchadas.

O castigo não parou! O querido general exorbitava! Cada um daquelles milheiros de homens que presenciavam o lutuoso spectaculo, sabia que ninguem podia castigar com mais de cincoenta pancadas de espada de

prancha e que a lei estava sendo violada, mas não ousava dizel-o ao camarada, que lhe sentia o toque do cotovelo.

O infeliz persistia sem um ai, sem um gemido. Cruzava os braços apertando o largo peito e constringindo o coração, cujas ancias só elle sabia si eram pela dôr ou pela deshonra. O medico se conservava triste, cabisbaixo e mudo. Era estudante ainda e se offercera para a guerra, sem imaginar que a disciplina lhe reservasse aquelle amargurado transe.

Mais de cem já eram os golpes, quando irroupeu dos labios resequidos do condemnado um gemido de afflicção. A esse, outros e mais outros se succederam compassados, rythmados ao bater das espadas no corpo flagellado. Depois... não pôde mais... caíu de bruços. Avançaram tres homens. Dois collocaram sobre os hombros direitos uma carabina em posição horizontal e mantiveram-na segurando-a com a mão direita, um voltado para o outro. Dois corneteiros ergueram o corpo torturado, passaram-lhe os braços por cima da arma e o terceiro homem, na frente, seguiu-os pelos pulsos. Chamava-se isto — *castigar nas armas!*

Continuou o supplicio. Os gemidos fôram pouco a pouco esmorecendo, até que se extinguiram de todo. Ouvia-se sómente, de vez em quando, um estertor do agonisante, cujas pernas bambaleavam. E as espadas continuavam a bater, vibradas por braços sem vontade, mas com muita força. O pobre desfallecia; a cabeça caía como desarticulada e o corpo era apenas sustentado pelos braços presos á carabina.

Approximou-se o medico, tomou o pulso e fez um signal. Ainda vivia. As pranchadas já tinham excedido de um milheiro... O pulso batia ainda e o coração do desgraçado ainda latejava. O castigo devia proseguir! As espadas batiam sempre implacaveis e peizadas.

O misero desmaiou e rolou na relva, rubra de tanto sangue. Não pôde aguental-o o camarada que lhe segurava os pulsos. Era, entretanto, um hercules. A compaixão relaxou-lhe os musculos de aço e deixou cair o companheiro quasi exanime. Devia ser grande a magua desse homem, a avalial-a pela minha, que era indescriptivel. Levantaram-no novamente, puzeram-no semi-morto nas armas e as pancadas continuaram surdas e sempre peizadas.

Depois de passadas mil e quinhentas, o medico tomou-lhe o pulso outra vez e não o sentiu; auscultou o coração e nada ouviu. O homem estava morto. Levaram-no numa padiola.

O outro que assistia, só Deus e elle sabem como, aquella scena, avançou

por seu turno para ser castigado até morrer. Aquillo já durava muito e nós que assistimos angustiados o supplicio de um, iam ver o do outro com a alma cheia de lamentos e protestos, firmes e mudos. O segundo resistiu mais do que o primeiro, levou mil e oitocentas e tantas pranchadas!

Mais de uma vez, tomou-lhe o pulso e auscultou-lhe o coração o bom Isidorinho, que guardou para sempre na alma caridosa e amiga a recordação acerba daquelle dia doloroso. Teve como o outro uma syncope, que lhe paralysoou os movimentos do coração e, como elle, tambem foi transportado para fóra do quadrado em uma padiola, para ser reconhecido o obito e sepultado.

Estava consummado o horrivel *verdictum*.

As forças formaram em columna de marcha com as musicas á frente e voltavam para os seus acampamentos. Rompemos a fórmula sem a alegria dos outros dias. Envolvia as nossas almas juvenis densa caligem de desalento e tristeza.

Á tardinha, depois da *trindade*, reunidos ao redor do fogão, Amarilio, Costa Mattos, Eugenio de Mello e eu, commentavamos baixinho o espantoso caso.

— Melhor fóra que tivessem sido arcabusados.

— Sem duvida; é a pena do código.

— Mas seria preciso a sanção do Imperador e elle não a daria.

— Que importa? Seria menos barbaro.

— Mas não era legal.

— Menos legal foi essa crueldade, a que assistimos.

— Dizem até que nem houve processo.

O quadro assombroso de Cuencas jámais se apagou da memoria dos que o viram. Eu o sinto, horrorisado ainda hoje, em todos os seus affectivos detalhes. Os annaes do nosso exercito, na campanha do Paraguay, registram mais dois castigos como aquelle. Em São Fernando, no Taquary e em Caraguatay, nas Cordilheiras. O primeiro, no tempo do Marquez, foi applicado a uma praça de artilharia, que ousou puxar da espada contra o general Ozorio, que já era então o idolo do exercito. O delinquente foi morto a vergastadas e enterrado numa cova aberta no lugar. O outro foi já no tempo do principe. O soldado apanhou até morer por ter matado um velho paraguay, para se apoderar de um carneirinho que elle creava.

Os generaes em chefe privados de mandarem arcabuzar, porque para isso seria mistér o consentimento imperial, mandaram fazer essas execuções para exemplo. Não fôram exemplos bons esses, porque fôram imitados por commandantes, que excederam muitas

vezes o limite regulamentar do castigo corporal.

Ha trinta annos, o illustre conselheiro Junqueira aboliu a pena de pranchadas; dizem, entretanto, que ainda é applicada, na sombra, por alguns officiaes e commandantes, facto em que não creio.

Longe está o tempo, em que Clearco descrevia o official romano, nestas palavras:

*In manu sinistra hastam tenet, in dextra scipionem.*

Este *scipionem* é o accusativo de um simile da vara de marmello ou da correia de malote dos nossos velhos sargentos.

Dois mezes mais tarde, estava na casa da ordem, quando fôram apresentados, para ficarem addidos do regimento, dois soldados, magros e macilentos. Eram os resuscitados de Cuencas. Lembro-me bem delles, estavam alquebrados, mas nos olhos havia ainda muita vida. Mais do que o tremendo castigo, que soffreram, devia pungir-lhes na alma a vergonha do crime que commetteram. Por muito menos, o consul Cotta mandou chibatear o parente Aurelio Cotta, seu substituto no sitio de Lipari.

DYONISIO CERQUEIRA.

## O ALMIRANTE (52)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

— São os melhores maridos, trabalhadores, humildes, pacientes, muito amigo das mulheres. Vocês falam, desdenham por despeito. Quem lhes dêra um desses carne-seccas...

— Na verdade — atalhou a matrona — esses se pôdem chamar os maridos de dispensa farta, coisa essencial para a felicidade de uma familia. O meu, que Deus haja, era um delles. Eu sempre fui senhora da minha casa, nada me faltou e ainda hoje tenho saudades delle.

Continuaram os commentarios provocados pela presença da marquez, feitos com franqueza tão irreverente que Marianinha os notou com vexame.

— Parece — disse ella — que somos uma novidade de sensação neste lugar. A comadre já viu como toda essa gente fita em nós olhos curiosos? Em nós é um modo de falar. E' a senhora quem provoca esse escandalo.

A marquez não ouviu quasi a observação da amiga, tanto lhe abalára os nervos deparar-se-lhe o dr Leonel em quem reconhecera um dos mysteriosos visitantes da vespera, lançando olhares sciutillantes no crystal.

dos oculos, olhares que se lhe figuravam alludir ao compromisso revolucionario. O doutor aguçara o tom da voz rouca, como si falasse para a marquezia, fazendo referencias sarcasticas á politica, ao governo provisório com phrases cortantes, enigmaticas, alludindo á intervenção da Providencia, ao futuro proximo, phrases que estoiravam ameaçadoras nos ouvidos sobresaltados da marquezia, que estremecia receiosa de uma inconveniencia, de ser abordada por elle deante de toda aquella gente, a acompanhar com avidez todos os seus movimentos. Mas o doutor continuava, numa exaltação cada vez mais accentuada, a se dirigir aos amigos attentos, bebendo as suas palavras ferózes, incisivas, como ameaças propheticas do imminente castigo de Deus.

— Esta noite, amigos — declarou elle, intencionalmente — talvez se resolva o problema, a menos que me não faltem elementos promettidos.

Os amigos não apprehenderam o sentido dessas palavras, que contundiram o coração da marquezia.

— A senhora conhece aquelle homem de oculos? — perguntou-lhe Marianinha.

— Não, nunca o vi.

Nesse momento, se approximou das duas o Castrinho, pressuroso, aos saltinhos, num andar de passarinho, o rosto dilatado no mais amavel sorriso e descoberta a cabeça expondo o par de pastinhas de cabellos raros, muito escovados e lustrosos.

— Bons olhos o vejam — exclamou Marianinha.

— O Castrinho não é mais dos nossos — observou a marquezia, para quem a presença do Castrinho vinha a proposito.

— Ah, minhas senhoras — gemeu elle, desculpando-se — Não imaginam como ando atrapalhado da minha vida. Vossas excellencias não querem tomar alguma coisa. Sem cerimonia. Estou encantado com este feliz encontro. Como passa a querida marquezia?

— Como velha. O senhor quasi não me reconheceu.

— Oh, minha senhora. En a vi de longe e corri a apresentar-lhe os meus respeitos. Quanto a dona Marianinha, quasi todos os dias tenho informações pelo Martins, meu particular amigo.

— Oh, senhor Castrinho — perguntou-lhe Marianinha — conhece aquelle homem.

— Quem? O Amador? E' um homem terrivel, um Ferrabraz, capaz de aniquilar, de um murro, uma duzia de homens. A dar credito ás suas façanhas, ao que elle conta, ao que se diz delle, é um homem que conta as victorias pelos botões da roupa, elles dariam para encher um cemiterio, construido para o uso particular da-

quelle valentão. Pondo de parte as bravatas, é um bom sujeito, vivo, intelligente, incapaz de fazer mal. Mas... porque me perguntou?

— En? Porque fiquei impressionada com os seus modos ameaçadores.

— Tranquillize-se, dona Marianinha — Elle fala como um trovão sem tempestade.

Os conceitos do Castrinho calmaram os nervos da marquezia, cuja mão delicada cessou de tremer tomando um sorvete.

— Como vão os negocios? — perguntou-lhe a marquezia.

— Admiravelmente — affirmou Castrinho, alizando as pastinhas negras — admiravelmente. O commercio está animadissimo. Surgem empresas. Ha dinheiro a rôdo. Este governo foi mandado por Deus para empurrar o nosso Brazil para a frente. Vossa excellencia não lê nos jornaes as noticias das empresas que se organizam todos os dias? Empresas vantajosas, cujas acções andam por empenhos? Trabalha-se agóra a valer. O dinheiro apparece. Os negocios se multiplicam. Os papeis mais desmoralizados subiram a cotações magnificas. Estamos em plena prosperidade.

E o Castrinho, fatigado de gestos academicos, enclugava o rosto com um lenço perfumado, exhibindo os dedos ornados de preciosos anneis.

— Váe tudo ás mil maravilhas — apartou, ironica, a marquezia — O povo não se queixa, não ha surdo descontentamento.

— Nada, nada disso. O povo abençôa o governo, que continuou, vigorosamente, o desenvolvimento industrial iniciado nos ultimos dias do Imperio.

— Não ha então receio de que o governo enfraqueça?

— Qual, historias. O governo está firme como a pedreira de S. Diogo. O Martins, que é cá do officio, que o diga. Nós, no commercio, temos o barometro da politica.

Nesse momento, o Castrinho foi surpreendido pelo chefe da confeitaria com dois embrulhos de papel côr de rosa, assetinado, amarrados com doirados cordeis. Castrinho os offereceu galantemente ás senhoras e ergueu-se.

— Vamos tambem — ponderou a marquezia.

E como ao seu pedido da conta, o chefe lhe respondesse com um sorriso significativo de que estava paga, as duas senhoras dirigiram amaveis censuras ao Castrinho, todo enleiado a desculpar-se da sua onsadia.

Tanto que se ergueram, passon-lhes perto o doutor Leonel, que, baixando os olhos, respeitadamente tocou no grande chapéo negro desabado, com um gesto lento.

— Como váes, Amador? — disse-lhe

Castrinho, sandando-o com familiaridade.

Elle não se dignou responder: sorriu com certo ar de superioridade compassiva e tocou de novo na aba do enorme chapéo.

A' passagem daquelle personagem, a marquezia se arripou num calefrio de terror, e respirou alliviada quando elle se sumiu na torrente humana, canalizada na estreita rua do Onvidor.

Castrinho, sempre amavel, acompanhou-as até á carruagem postada no largo de S. Francisco de Paula, deixando-as com protestos de volver ás habituaes recepções de que o haviam afastado as extraordinarias occupações de bolsa, a febre de negocios que naquelle momento agitava todo o organismo nacional em lauces megalomanos.

A marquezia desistira de fazer outras compras, para não encontrar de novo aquelle homem sinistro, cuja visita ella aguardava mais tarde, com ansiedade torturante, produzida pela fascinadora attracção do perigo.

(Continúa).

## A MENTIRA FEMININA

### V

(Começou no passado e conclue no numero seguinte.)

Da epocha do Concilio de Trento aos annos recentes, as modificações mais variadas se succederam, sem alterarem aparentemente a situação da mulher que pôde expandir constantemente o seu poder intimo, adquirir enorme influencia, sem que a mentira deixasse de ser a sua arma indispensavel. O homem conheceu os efeitos desta, resignou-se, considerando que a mulher nascera mentirosa e que era inevitavel defrontar os riscos desse vicio organico. Elle persistiu, zombando e soffrendo, em lhe ignorar a psychologia, em declarar-a enigmatica, em lhe attribuir eterna perversidade. Nunca lhe occorreu que essa mentira fôsse resultado da maneira secular de tratar a mulher socialmente e que poderia ser eliminada progressivamente, si uma transformação social a tornasse inutil.

Sendo as concepções successivas do homem reflexos das manifestações do instincto permanente, ellas não se superpõem sem se substituirem no seu espirito. O antigo egoismo da propriedade, a utilidade de conservar um bem precioso, de fazer ao objecto de goso, de procrear soldados, as concessões devidas ao modelamento dos costumes e ao empenho de assegurar a vibração reciproca da mulher possuida, o consentimento em fazer da escrava um

idolo, a idéa da fatalidade da mentira original, certificada pela Escriptura, tudo isso se alliviou e encontramos, confusamente, nos impulsos do homem contemporaneo. O homem, apaixonado ou simples possuidor de uma mulher, sente tudo aquillo conforme as circumstancias. Em tudo aquillo, a innatidade só se revela aos olhos dos convencidos da divina verdade do Genese, aos dispostos a considerarem Eva a primeira mulher, a fabula da serpente como veridica e o peccado original como explicação licita. Seja um symbolo, elle representa a longa reputação de astucia, imputada á mulher pelas gerações anteriores ás edades biblicas, reputação justificada, proveniente da oppressão feminina e de suas reações contra a escravidão. Em outros termos: a innatidade da mentira feminina é um dogma inventado, contemporaneo da hypothese biblica, um dogma que synthetiza, como todos os dogmas, uma série de observações geraes.

A mentira feminina não é uma propriedade nativa, organica, sinão um resultado de dispositivos sociaes. A mulher não nasceu assim: o homem, escravizando-a, fez-a mentirosa. A mentira não é um instincto, mas um resultado das compressões dos instinctos, compressões de cincoenta seculos terminando por simular um instincto primitivo ao ponto de se identificar a uma segunda natureza. A mulher se tornou mentirosa da mesma maneira que, nas aguas subterraneas, certos peixes ficam cegos, pela lei da accommodação ao meio e nós não poderemos mais imaginar o que seria uma mulher, libertada dessa obrigação archi-secular de mentir.

#### VI

Seria, entretanto, opportuno imaginar a mulher libertada dessa tara numa epocha em que a crise do liberalismo abrange todas as coisas, numa epocha em que as questões sexuaes teem sido abordadas por todos os homens anciosos por excluir, systematicamente, a injustiça individual com risco de desorganisarem os Estados. Seria indispensavel, primeiro que tudo, definir a mentira feminina. A expressão concerne, principalmente, á pretensão instinctiva da mulher, quer seja livre, quer tenha accettato o contracto matrimonial, de dispor, á sua vontade e na hora desejada, do dom de si mesma e as dissimulações que provoca a contestação opposta pelo homem áquella pretensão. E' isso tudo o que, na mentira feminina interessa ao homem, considerando-se lezado em uma propriedade exclusiva e dando a essa lezão os nomes de adulterio, de traição.

E' impossível tratar aqui das innumeraveis gradações dessa supposta ou

verdadeira falta a compromissos que a logica natural torna muito discutiveis. Mas a mentira feminina não é mais do que a alienação clandestina do corpo e do espirito, estendendo-se a todas as manifestações psychologicas com as quaes a mulher se esforça por evitar a antiga escravidão, a todos os habitos indirectos de sua expressão pessoal, embaraçada outr'ora pela força e hoje por um código de preconceitos e conveniencias, meos brutal, mas egualmente vexatorio. Isso condúz a estudar todas as maneiras de que a mulher se mune para pensar e agir contra a vontade do homem; condúz a verificar até que ponto sua situação social, muito particular, modificou o processo psychologico dos seus actos de modo que, partilhando a vida masculina, ella o faz por força de razões jámais comprehendidas pelo homem.

#### VII

O exame das mentiras femininas, mais vulgarizadas, mostra serem ellas obra do homem, das suas exigencias. Ellas pódem ser reduzidas a algumas categorias geraes. A immoralidade do adulterio é proporcional á da propria união legal e ás condições do problema da fidelidade, exigivel de uma rapariga deixada, pela educação e pelo bem estar, na ignorancia, intitulada honrosa, de toda a physiologia, levando-a a se comprometter ao dom exclusivo de si mesma, sem lhe conhecer o sentido e o valor, arrastando-a a um absurdo moral, a um verdadeiro abuso de confiança. Uma mentira impõe outra, porque a sociedade não permite que se repare a primeira com uma sinceridade franca, mas mentindo outra vez.

Esse caso é muito elementar: resulta do velho organismo social, da theoria da ignorancia necessaria á mulher e do direito abusivo de dispor della sem consultar o seu gosto, as suas tendencias. Outro caso mais subtil, si bem que muito vulgar é o da mulher que mente sem ser obrigada a isso, sómente porque ella resulta de uma longa hereditariedade de timidos habituados á dissimulação, a apresentarem, indirectamente, os seus pedidos, e obter por lisonja, galanteria ou capricho, aquillo que suppunham não obterem formulando simplesmente a sua vontade. E' o signal de uma longínqua submissão de seres que murmuravam aos travessêiros o que não ousariam dizer alto, em pleno dia, e obtiveram da obsecção do prazer o que o sentimento de justiça jámais lhes concederia.

Um outro caso é o da mulher que suppõe ganhar mais mentindo, fingindo submeter-se, obtendo indirectamente, do que se proclamando egual ao homem em direitos e deveres. Ella

evita mais encargos do que perde vantagens. Essa fez um serio estudo da verdade masculina e não trocaria a sua sorte pela de uma mulher como as sonhadas pelos feministas, ás quaes o homem não se julgaria no dever de compensar com a galauteria os direitos denegados pelo seu egoismo. Essa tem tudo a ganhar no seu papel de victima e mente por gosto; nessa se agita o obscuro, o secular odio da serva, conhecendo pela extrema experiencia da escravidão, como conquistar lucros secretos, esquivando-se a todas as responsabilidades.

Um caso mais raro, cuja significação é, entretanto, profunda, é o da mulher que despreza a mentira, convencida da necessidade de mantel-a, sabendo que o homem organison toda a machina social para evitar que ella dissésse verdades. Ella conhece numerosos exemplos de mulheres depreciadas, perdidas pela frauqueza, ás quaes não se perdoou não haverem mentido: sabe que o homem não é digno, em geral, de uma mulher franca embóra a exija com empenho, e que desarranjaria todo o edificio por elle construido; sabe que é perigoso manejar a verdade, que, mesmo anhelada sinceramente, deve ser conforme aos desejos do homem, sob pena de provocar malquerença feróz á mulher que a proferiu; sabe, finalmente, que o homem lhe será mais reconhecido por uma mentira lisonjeira do que por dez verdades imparciaes. E mente, quando é preciso, com prudencia resolta e alguma repugnancia, por indulgencia ao illogismo do seu senhor.

#### VIII

Esses quatro casos, ás vezes reuñidos em um só, contêm quasi todas as mentiras femininas, todos dependentes do homem e não de uma tendencia innata da mulher. E delles somos levados a indagar até que ponto o homem é sincero, lamentando-se da mentira feminina, lamentação que constitúe o maior trecho de bravura do romance sentimental.

Desde que a innatidade não é demonstravel e que o habito da mentira é um resultado da ordem social querida pelo homem, podemos indagar por que estranha obstinação ou perversidade, por que luxo de dôr voluntaria, elle finge acreditar numa fatalidade eterna e della se prevalece para nada modificar numa situação por elle creada. Parece que sómente delle depende destruir a legenda da perfida Eva, tornando superfluos os desvios de sua vontade contrariada. A tarefa não seria, por certo, facil e de rapidos resultados immediatos, e quando a mentira feminina se tornasse inutil pela suppressão dos seus moveis sociaes ou privados, seria, ainda, necessario esperar que uma longa hereditari-



idade de liberdade, lentamente adquirida, apagasse da psychologia feminina o habito secular das retorsões da vontade, do capricho, da astucia, inseparaveis da mulher conduzindo algumas a mentirem por prazer, sem necessidade, pela função de um costume geral do espirito, tomando o caracter de um mysterio pavoroso. Seria essa uma ardua tarefa, demandando muita paciencia.

Si se considerar, entantanto, a immensa somma de lamentações do homem, si se pensar que essas queixas são o assumpto de innumeraveis livros, de dramas quotidianos, chega-se a concluir que tal esforço não deveria desanimar-o, que elle o emprega para fins menos anhelados, que deveria tental-o si fôsse sincero.

O estudo da questão indúz a pensar que o homem é pouco sincero, apesar de todos os seus protestos, por diversas razões, por egoismo ao principio, depois pela sua ignorancia real da psychologia feminina e, finalmente, pelo culto inconsciente de uma dôr imaginativa que o agrada e o exalta.

Vemos, ha algum tempo, uma emancipação social da mulher por um movimento precipitado algo incoherente. Ha bem pouco tempo, a fórmula —dona de casa ou cortezá—era ainda proferida; o dilemma correspondente —escrava ou idolo—substituído por —companheira ou igual. A experiencia social ensina a desconfiar das refôrmas votadas em lances de entusiasmo, sem as bases de uma lenta conquista prévia dos espiritos. O homem concedeu, pressuroso, com certa galanteria, uma série de refôrmas femininas em todos os dominios; mas a rapidez desse movimento liberal mascarava uma profunda repugnancia em modificar os pontos essenciaes e primitivos, confinantes com a velha questão da propriedade corporal, e vemos como as questões do divorcio, da união livre, progridem tão lentamente para a solução, quão rapidamente fôram concedidas certas accessões, como a franquia aos empregos masculinos. E' que nesse ponto se toca no velho segredo do egoismo do homem: si a hereditariedade de astucia é secular na mulher, a hereditariedade de auctoritarismo é secular no homem e dessas noções parallelas, si alguma é innata ou, em todo o caso, preexistente, é evidentemente a segunda.

Reconhecer que a mulher possa dispôr absolutamente, fóra de todo o contracto social, do seu corpo, não confundir fidelidade com sinceridade, não exigir da mulher juramentos de alienação da sua pessoa a um só, de maneira a não forçar a trail-o para obedecer ao seu desejo, seria para o homem um sacrificio do egoismo, uma refôrma de instinctos de que a sua razão seria capaz, mas detestada

pelo sentimento do *eu*, si bem que consentida por espirito de abnegação, por fervor theorico, sendo incalculavel o tempo necessario para se renunciar naturalmente, sem magna a um instincto santificado pelas religiões.

Além de constituir isso a refôrma total da familia, do Estado, do problema das relações do individuo e da collectividade, seria a destruição de uma innatidade, coincidente com o sentimento de propriedade.

Não temos de encarar, aqui, a questão do ponto de vista mystico, mas não se resiste a tentação de dizer que, si houve um peccado original, é preciso collocar-o numa epocha desconhecida em que o homem se arrogou o direito de considerar bem movel a sua companheira, numa epocha em que o attractivo magnetico para a mulher, com intuitos de fecundação, se traduziu no cerebro do homem por um desejo de subjugar. E' nessa phase, para sempre mysteriosa, que se deve collocar um peccado original muito differente do do Genese, e do qual todas as religiões, constituindo e ratificando a ordem social, fizeram uma arma contra a mulher: peccado perpetrado pelo homem contra a liberdade da sua igual e, por conseguinte, contra a sua alma forçada a dissimular, a mentir, pela pressão daquella violencia, da ruptura arbitraria do equilibrio entre as duas metades dessa entidade complexa, chamada par.

A redempção desse peccado original consistiria na renuncia absoluta do homem á sua usurpação de direitos; a punição desse peccado, admittida a fórma mystica da hypothese, estaria nas duvidas, coleras, agonias do homem quando vê o seu egoismo frustrado pela astucia feminina, por elle desejada, provocada a um combate eterno. A expiação mystica dessa falta original estaria ainda no anhelado do homem de ser amado por sua escrava, sem se contentar com lhe possuir a carne passiva, na ambição de lhe ganhar a alma e a voluptuosidade consentida, no ciúme do segundo gráu, despertado com os primeiros symptomas do refinamento sentimental, não sufficientemente assegurado pela posse material.

## IX

Sem suppôr, no homem, a vontade de reparar a injustiça primitiva, em nome de idéas abstractas por accessiveis á massa, pôde-se dizer que a sua ignorancia secular da psychologia feminina complica ainda mais a obra que poderia tentar seu rapido resarcimento de generosidade altruista. O homem desdenhou a preocupação de penetrar a verdadeira alma feminina; estudou, para as necessidades occurrentes, a alma da mulher tal qual elle a fez para frustral-a; estudou, na acção combativa e defensora, como

inimiga e não como alliada. Elle a avalia pelos falsos aspectos, ignora a sua constituição intima e não sabe, absolutamente, o que seria uma mulher libertada da obrigação de impôr ás suas vontades uma fórma indirecta, uma vez que elle sempre se esforçou por manter essa obrigação.

CAMILLO MAUCLAIR.

Sob o titulo *As Religiões*, Leão Tolstoi concebeu um livro que nunca escreveu, no qual se propunha a estudar as diversas religiões e seitas em que se divide a humanidade, e demonstrar que a variedade de fórma e doutrina, na apparencia dissidentes, se harmonisavam no anhelado de todas — procurar o caminho para Deus.

Na opinião do propheta russo, expressa na introdução desse livro não escripto, a variedade de religiões, de seitas, por mais absurdas que sejam, por mais divergentes nos ritos, todas coherentes no fanatismo de seus ministros, se pôde comparar á das linguas, exprimindo por sons diversos o mesmo pensamento, a mesma coisa, a mesma acção. Para elle, afirmar a existencia de varias religiões é um erro; ha uma sómente que está nos corações, sejam as orientaes, baseadas na doutrina dos brahmames e dos velhos chinezes seis seculos antes de Christo, engendrando Budlia, Láu-Tsé e Confucio, sejam as occidentaes, baseadas sobre a doutrina egypcia e persa, as quaes todas depois de uma depuração de erros, de preceitos, de superstições, durante quinhentos annos, se condensaram no christianismo.

Moysés disse aos hebreus: «Não procure Israel a religião nem na montanha, nem no mar, nem no céo, nem na terra, sinão no coração.»

Os milheiros de religiões e seitas se reúnem em torno de poucas doutrinas — a de Budlia, a renuncia á vida; a de Láu-Tsé, a suppressão dos desejos; a de Confucio, o serviço do Estado; a dos prophetas, a preparação do reino de Deus; a de Socrates, o desprezo do corpo e a cultura do espirito, doutrinas fundadas em verdades, cuja revelação adquiriu intensidade e se foi aperfeiçoando, na proporção dos progressos do espirito humano e attingirá o plano feminino das consciencias.

Essas doutrinas já chegaram a um certo gráu de harmonia no christianismo que se poderia chamar a religião social por excellencia, si não fóra a obra dos sacerdotes tendendo, em todos os tempos, a deformar a crença em fetichismo. Assim como elles fôram os auctores do falso brahmanismo, são os instrumentos de perturbação produzindo o falso christianismo e alé o falso mahometismo, que Tolstoi não considera doutrina do Alkorão fundamental, por ser uma confusão do Velho e do Novo Testamento.

Como consequencia dessa perversão de doutrinas, no oriente, o brahmanismo, o láutsismo se transformaram em fanatismo dos pontifices e continuam a viver afastando-se do christianismo; o confucianismo, sem o sacerdocio, permanece puro: é um christianismo mal acabado. No occidente, se realisa o mesmo phenomeno: o hebraismo evolúe para o fanatismo do sacerdocio e o estoicismo—Zenon, Socrates, Epicteto, Marco-Aurelio, sem o sacerdocio, tambem ficaram puros, proximo do christianismo, de que são o embryão, o qual une, explica e define todas as religiões antigas.

Nesse futuro livro, Tolstoi pretende descarnar as mentiras do sacerdocio, as falsidades com que deturparam a doutrina, a superstição com que amesquinham o espirito, e o terror, que é o seu principal elemento de propaganda.

**XADREZ**

**3º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS**

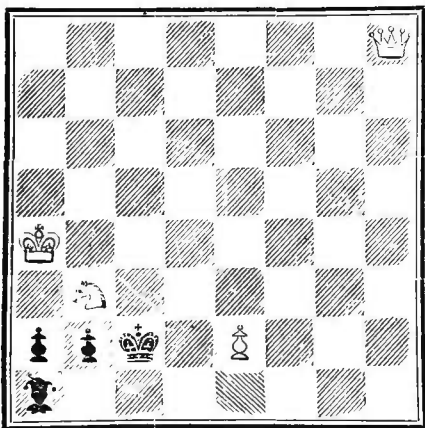
Fôram jogadas até ao dia 7 as seguintes partidas:

Até o dia	1-39	partidas
	2-7	
»	3-3	
»	4-7	
»	5-6	»
»	6-5	
»	7-0	
Total	67	

— A sorte mudou. Heitor Bastos apanhou dois zeros e José Piza um. Theophilo Torres está em primeiro plano com 6 victorias e um empate. Espera-se com curiosidade o encontro entre Piza e Thephilo.

**PROBLEMA N. 22**

F. Reimann  
PRETAS (4)



BRANCAS (4)

— Publicamos hoje duas brilhantes partidas, ambas jogadas magistralmente por Heitor Bastos e Augusto Silva contra R. S. Quayle, que é um forte amador.

**PARTIDA Nº 22**

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 1º de outubro de 1905)

**GAMBITO EVANS RECUSADO**

Brancas	Pretas
(R. S. Quayle)	(Heitor Bastos)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
B 4 B	— 3 — B 4 B
P 4 C D	— 4 — B 3 C
Roque	— 5 — P 3 D
P 3 B	— 6 — B 5 C
B 2 C	— 7 — D 3 B
B 2 R	— 8 — C (1 C) 2 R
P 4 T D	— 9 — P 3 T D
P 3 D	— 10 — C 3 C
P 3 T R	— 11 — P 4 T R! (a)
P x B	— 12 — P x P
P 3 C (b)	— 13 — P x C
B x P	— 14 — C 5 T! (c)
C 2 D	— 15 — D 4 C (d)
P 4 D	— 16 — P x P
P 5 C	— 17 — P x P B
B 4 C	— 18 — P x B
T 1 C	— 19 — C 4 R
P 5 T	— 20 — B 4 B
CR 3 C	— 21 — CR 6 B x
B x C	— 22 — D x P C x
B 2 C	— 23 — D 7 T mate

- (a) Bello sacrificio, que ao primeiro exame devia ser recusado pelas Br.
- (b) Este lance é unico. Si a D vem a 5 T, depois de retirado o C branco, o desastre é immediato.
- (c) Ainda um magnifico sacrificio, que, sendo acceito, traz a perda immediata das Pr.

(d) Ameaçando tomar o P. C. com xaque, e mate no lance seguinte.

**PARTIDA Nº 23**

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 2 de outubro de 1905)

**MAX LANGR**

Brancas	Pretas
(Augusto Silva)	(R. S. Quayle)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
B 4 B	— 3 — B 4 B
Roque	— 4 — C 3 B R
P 4 D	— 5 — B 3 C? (a)
P x P	— 6 — CR x P? (b)
D 5 D	— 7 — D 2 R
D x C	— 8 — Roque
C 5 C	— 9 — P 3 C
D 4 T	— 10 — P 4 T
C 3 B D!	— 11 — C x P
C 5 D	— 12 — D 4 B
C 6 B x	— 13 — R 2 C
C x P x!	— 14 — P x C
C 4 R!	— 15 — D x B?
D 5 C x	— 16 — C 3 C
D 6 T x	— 17 — R 1 C
C 6 B mate (c)	— 18 —

- (a) Lance desastradissimo. As Pr. deveriam ter jogado P ou B x P.
- (b) Erro ainda maior. Seria preferivel CD 4 T.
- (c) Depois do 11º lance o ataque das Br. é irresistivel:

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 20 (A. W. Galitzky): 1 — P 5 D, ad libitum; 2 — T 6 B, ad libitum; 3 — T mate.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 21 (Winter Wood): 1 — D 3 R, ad libitum; 2 — D, P mate.

JOSÉ GUTULIO.

RESULTADO ATÉ 7 DE OUTUBRO DE 1905

Concurrentes	A. de Andrade	A. Pereira	A. Burlamaqui	A. Silva	E. Tito de Sá	Frota Pessoa	G. Cunha	H. Bastos	H. Costa	José Piza	Libanio Lins	Q. Bocayuva	Raul de Castro	R. S. Quayle	Th. Torres	Ouro Preto	W. B. Hentz	N. de pontos
Alvaro de Andrade			1	0	0		0			0	0	1	0	0		0		2
Annibal Pereira				1/2		0	1	1	0	0				0		0	0	2 1/2
Armando Burlamaqui	0							0					0	1/2		0		1/2
Augusto Silva	1	1/2				0				1	1	0	0	1	0	1		5 1/2
E. Tito de Sá	1						1	0	0		1	0	0	0		1/2		3 1/2
Frota Pessoa		1		1				1			1				0	0	0	4
Godofredo Cunha	1	0			0			0	0	0	1		0		0	1		3
Heitor Bastos		0	1		1	0	1						1	1			1	6
Henrique Costa		1			1		1			0		1						4
José Piza	1	1		0			1		1				1/2				1	5 1/2
Libanio Lins	1			0	0	0	0								0	0		1
Q. Bocayuva Junior	0			1	1				0					0				2
Raul de Castro	1		1	1	1		1	0		1/2					1/2	1		7
R. S. Quayle	1	1	1/2	0	1			0				1			0	1	1	6 1/2
Theophilo Torres				1		1	1				1		1/2	1		1		6 1/2
Vicente Ouro Preto	1	1	1	0	1/2	1	0				1		0	0	0			5 1/2
W. B. Hentz		1				1		0		0				0				2

ASSIGNATURAS	
ANNO. ....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
—  
APARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Como personagem sympathico, meio independente, meio arisco ás manobras da politicagem, o conselheiro Affonso Penna passou da monarchia para a Republica suavemente, sem interrupção, sem abalo da sua carreira de estadista, procurando supprir as desvantagens da minguada estatura physica com elevações moraes e éstos combativos, assignalados na Camara dos deputados, em discursos que, si lhe não conquistaram louros ciceronianos, deixaram, pelo menos, consideravel relevo do seu character e da sua capacidade.

O torvelinho revolucionario confundiu, desordenadamente, homens, instituições, partidos, idéas, tradições, costumes, improvisando uma situação politica que, depois de quinze annos de experiencia, não conseguiu ainda definir nem precisar os idéas da nossa patria, condensados numa Constituição mal amassada, dura de roer e causadora da dyspepsia flatulenta que amargna os tristes dias da politica.

Mas... aguas passadas não impulsivam o moinho em que se tritura a farinha para o succulento pão das ambições incontentaveis. Poucos evocam das brumas da memoria a figura do candidato á successão do honrado sr. Rodrigues Alves, comprimida na farda de ministro, tripolante da canôa do conselheiro Lafayette, esse timoneiro desengauado dos roteiros da democracia, brandindo a canna do leme com a ironia de um septico mais afeiçoado ao humor de Molière, aos profundos preceitos de Sancho Pança, ás parabolias de Lafontaine, do que ás fórmulas rigidas dos tratadistas, modeladores do systema parlamentar; poucos se lembram da rapida carreira e da passagem do homem, hoje em deslumbrante fóco, pela Camara: todos os olhares, concupiscentes do gozo

sensual das altas posições, se voltam lubrificadas de ternuras para o homem que adquiriu, actualmente, a mais sublime das qualidades, um attributo quasi divino, de fascinações captivantes, irresistiveis, o homem que váe ser presidente da Republica.

Perderam de todo a memoria aquelles que lhe verberaram a capacidade de administrar que lhe imputaram impulsos megalomanos, a construcção de Bello Horizonte exgotando os recursos financeiros do riquissimo Estado de Minas Geraes, quando o sr. Affonso Penna, por ventura a contragosto, cumpria um imperativo preceito legal; metteram a viola no sacco de nu silencio prudente, os descontentes que o accusavam, com despeitada vehemencia, de não saber crear amigos e de ser por isso o homem menos adequado a formar, a engordar um partido homogeneo, unido e forte para todos os azares da politicagem, um homem que não podia merecer a confiança dos correligionarios por ser muito acanhado, muito embaraçado numas filigranas de melindres, numas teias de escrupulos puerís e viver na perenne preocupação de umas tantas linhas rectas muita vez desviadas das conveniencias, dessas famosas conveniencias justificativas de tantos erros monstruosos, de tantos crimes nefandos, creadores dessa moral que deprime, que envergonha a infancia da Republica.

Ha, todavia, alguns cidadãos, não deslumbrados pelas opulencias do poder, afastados das scintillações das apothoses officiaes, mania epidemica da actualidade, habituados á obscuridade modesta e nobre, donde se distinguem com mais nitidez as feições verdadeiras dos personagens e dos factos, homens excluidos de candidaturas legitimas ou incontinentes, aos quaes occorre, entre os rumores das ovações hypocritas dos alvicareiros de todos os adventos, o serviço inestimavel que o sr. Affonso Penna

preston á Republica, no transe doloroso em que ella esteve ameaçada pela dictadura militar

Contestado, embóra, pelos fanaticos ou pelos interessados, não é menos verdadeiro que a victoria de Floriano Peixoto sobre a revolta de setembro esteve para desandar no prolongamento da dictadura, até que ficasse completamente pacificado o paiz á maneira musulmana. Perlidos conselheiros, ou demagogos de bôa-fé insinuavam monstruosa violação da Constituição como consequencia daquella outra que prescindiu da eleição do successor do immortal Deodoro da Fonseca. Naquelle caso, uma interpretação cerebrina, forjada nas indicações e temores da revolução triumphante contra o golpe do Estado do sr. barão de Luceua, na impressão de estupor da surpresa pela renuncia do presidente, elevou á suprema magistratura um vice-presidente que se não havia evidenciado na direcção dos negocios publicos, esquivando-se, systematicamente, de exercer a sua apagada função de presidir o Senado; no segundo caso, o benemerito trabalho da pacificação e os legitimis intuitos de saborear os fructos da victoria, indicavam, como medida urgente imprescindivel, poupar á nação o abalo de uma eleição presidencial em tão precarias condições, quando se não amainára, de todo, o tufão revolucionario, quando não se coagulára o sangue dos combates, nem arrefecera o vulcão de odios.

O projecto de dictadura esteve a pique de execução e seria uma funesta realidade sem a intervenção de um forte impulso de bom senso patriotico, sobrevivente áquelle periodo de loucura, de fanatismo, de exacerbações irrepressiveis.

A tentativa de prescindir da eleição presidencial fracassou ante a attitude energica de Minas Geraes num protesto que penetrou o amago da alma nacional, protesto concretizado numa

carta do sr. Affonso Penna, carta que é uma bella pagina esquecida da historia contemporanea.

O Marechal de Ferro attendeu-a e, contra a opinião de todos os proceres, que formavam em torno d'elle uma barreira de isolamento, mandou proceder á eleição do inolvidavel Prudente de Moraes.

Mas não desanimaram os amigos fanaticos. Feita a eleição, tentaram ainda não entregar o poder ao presidente eleito, violencia que foi frustrada pela negativa formal das potencias amigas a uma consulta feita pelas vias diplomaticas. O governo norte americano respondeu que o seu representante estaria junto do presidente eleito, onde quer que elle se achasse, não reconhecendo jámais o governo dictatorial quaesquer que fôsem as razões occasionaes justificativas desse projectado hiato constitucional.

Desses factos memoraveis, hoje olvidados completamente, se dedúz que o sr. Affonso Penna foi o eleitor de Prudente de Moraes, evitando com aquella famosa carta, mareasse o Marechal de Ferro a sua gloria com uma violencia, muito ao sabor das idéas rnbrias do momento, mas de consequencias cuja extensão funesta ninguém poderia prever.

Esse serviço, que lhe foi imputado como peccado de sebastianismo impenitente, deve ser agóra lembrado para justificar o voto dos obscuros, dos isentos de ambições, voto symbolico, inspirado por um movimento de gratidão civica, sobre a qual passou mais de uma decada.

Seria de incontestavel oportunidade reeditar essa carta para demonstrar como pensava o sr. Affonso Penna, na crise politica, em que a opinião, exaltada pelas entontecedoras emanações da polvora, era dirigida pelos famosos *Tres Sargentos*, do Paiz.

Não é mais indiscreção dizer que esse pseudonymo mal disfarça tres individualidades de marca: um ministro do Marechal de Ferro, o sr. Cassiano do Nascimento, que feriu a sua derradeira batalha como general da Concentração, agóra atacado de neurasthenia repulsora da politica; Alcindo Guanabara, que continúa no mesmo posto de combate; Nilo Peçanha, que conquistou com estupendos actos de bravura os bordados de ma-

rechal. E como os homens se modificam com a idade, como o attricto do tempo corrôe o maravilhoso esmalte das phantasias da juventude, esses aguerridos *Tres Sargentos* de outr'óra são hoje tres pacificos cidadãos, cujos cabellos salpicados de branco se arrepiam de horror á idéa de dotar a patria com as delicias de uma dictadura militar.

Nós não sabemos si os annos, a experiencia das funcções democraticas, si a actividade mental do sr. Affonso Penna, na politica e na cadeira de economia politica, alteravam as suas linhas caracteristicas; é de prever que s. ex. esteja preparado com copioso material para executar o seu plano de governo de maneira que a sua plataforma não seja como outros documentos desse genero de litteratura politica, um ramalliate de promessas de existencia ephemera, flôres de esperanza desabrochando perfumosas, videntes, de colorido seductor, crestadas na manilhã segninte pelo calor do sol da realidade, desfolhadas cruelmente pelo gelido tufão do olvido.

\* \*

E' cedo para fazermos indicações de amigos, ou commentarmos a plataforma do futuro presidente, cheia de generalidades, de logares communs obrigatorios, indicadas pelas conveniencias, pelas restricções de quem está ainda dependente dos votos dos *leaders* da nação, aos quaes se aggregam, numa concomitancia interesseira, os olygarchas, parasitas do poder, representantes da especie de marsupiaes que, como o governador Accioly, do Ceará, trazem no ventre o sacco das ambições inconfessaveis onde se nutre a ninhada de uma prole infinita.

A verdade, a sinceridade teem, como todos os actos humanos, de se subordinar ás circumstancias da oportunidade, indispensaveis para o successo.

Não podemos, entretanto, recusar ao sr. Affonso Penna o merecimento de haver tocado, com mão de professor, nas questões de ordem economica, capitulo essencial do seu programma, nem lhe desconhecemos a rectidão de espirito, já provado em outras funcções não menos importantes.

Mas s. ex. já está sendo sitiado pela muralha chinesa da politicagem que

adheriu pressurosa á feliz iniciativa da colligação. Ella é o perigo, ella é o obstaculo, ella é o inimigo, ella é a deturpação conspurcadora do regimen democratico. Evite-a o sr. Affonso Penna; afaste-a do seu caminho e abrirá larga avenida luminosa ás suas idéas, aos puros elementos de concurso, para a execução do seu plano patriótico.

Tenha coragem para isso, e terá tido uma radiosa qualidade de homem de governo em paiz civilisado. Sem essa virtude, que é hoje essencial entre nós, o sr. Penna não levará ao cabo os seus projectos.

POJUCAN.

Confessamos que temos um especial prazer com a publicação do seguinte escripto, intitulado *Esphynge*. Não é uma sublimidade, nem um phenomeno. Ahi, de facto, não se revelam, sob o assombro do publico, *as coisas ainda inéditas*. Mas, si lhes dissermos, sem indiscreção, que o auctor tem apenas dezeseite annos, hão de couvir que o trabalho do sr. Abner Mourão é, pelo menos, para não ir mais longe, obra muito mais estimavel que a litteratura que, todos os domingos, jorra da penna de um dos nossos mais populares escriptores. E', certamente, notavel que um espirito, tão tenro, tão pouco experimentado em escrever — tarefa que ainda é o desespero de muitos espiritos anciosos — possa dar o pensamento, a sobriedade brilhante de *fôrma* e a perfeita correção de linguagem que se vão notar.

A' maneira do que fez a *Revue*, de Pariz, publicando, ha cerca de um anno, versos de um poeta de dez annos, os *Annaes*, a titulo de estimulo, mas sem favor, inserem o conto do jovem escriptor.

### ESPHYNGE

Alva, mais alva que os lyrios e os acetabulos que desabrocham á noite, sob a mudez do céu, era Judith, a filha do summo sacerdote.

Quando ella surgia, pendurando-se do braço do pae, as suas faces eram ainda mais brancas que a barba e os cabellos de neve do patriarcha, ou do que as peunas dos ibis que passejavam vagarosamente nas margens ferteis do Nilo. E os lotns e todos os nenuphars do Egypto invejavam, de certo, a alvura resplandecente daquella virgem que parecia ser formada par essa materia cosmica astral e luminosa dos sóes.

Adoravam-na os filhos de Israel, que nella viam um anjo protector mandado por Jeovah para dulcificar-lhes os duros trabalhos impostos pela crueldade de Pharaó, que lá do seu palacio, do throno de ouro e marfim, fazia

correr por toda a parte o sangue rubro como os rubis da sua corôa ou como as papoulas que se desfaziam em chagas ardentes ao quente beijo da luz. Respeitavam-na e amavam-na também os Egypcios por acharem-na semelhante a Isis, sua deusa, e por ser immacula e pura como os mysterios sagrados daquella divindade. «Feliz, diziam, aquelle que possuir o coração de Judith; o seu amor deve ser ardente como o sol, fecundo como o Nilo, immenso como o oceano, perfumoso como o nardo. . . »

E todos suspiravam por ella, que os olhava indifferente e calma, com o ligeiro sorriso impassivel das esphynge do deserto. E quem sabe?! Talvez Judith fôsse esphynge. Não esphynge taciturna de pedra, mas de alabastro, onde havia um poema azul de luz e de sonho misturado á gelidez marmorea dessas estatuas em cujo rosto, enigmatico como o de um deus, ha estampado um horror profundo, como si ellas se tivessem immobilizado para concretizar todo o mal, todo o peccado e todo o tedio, fructos terriveis da arvore que symbolizava a medonha sabedoria de Jeovah. . .

Judith era esphynge. Mas certamente havia qualquer coisa de humano naquelle cerebrozinho coroadado de cabellos flavos, tão longos quão doce era o perfume que exalavam, e naquelle seio onde as pomas rijas ás vezes tremiam, palpitavam, offegantes, como as azas desses passaros que faziam ninhos junto aos obeliscos, ou dos cysnes que nadavam indolentes nos lagos dos jardins de Pharaó. Sim, Judith devia ter uma alma. E, entretanto, não se commoveu ao encontrar, estendido no immenso areial onde acabava a cidade dos israelistas, um joven hebreu que a amava, e que, desesperado pela sua indifferença, havia mergulhado no peito uma lamina aguda como um raio do sol, que então inundava a terra com uma intensidade fixa e caustica, calcinando aquelle corpo, que, já a se decompor, attraía bandos de aves agoireiras de rapina que pairavam sobre elle, vindas lá dos lados da pyramide de Cheops.

Um dia, porém, aquella virgem, branca como as flôres de Hajath-Arba, esguia e bella como a Turris Eburnea que os sacerdotes invocavam em litanias sem fim, apaixonou-se por Jotham.

\*  
\*  
\*

Si os gregos, os divinos gregos da arte e da phantasia, collocaram algum dia nas officinas de Vulcano — o deus flammipotente — um cyclope gigante que satisfizesse a um idéal esthetico, poderia elle ser facilmente encarnado em Jotham.

Era Jotham hebreu, e, como os hebreus, trabalhava nas obras que os

muito poderosos e sabios reis do Egipto apprehendiam para o ornamento de seus paços e de todo o paiz, a fim de que os seus nomes, perpetuados em monumentos de magestosa e colossal architectura, pudessem resistir á viagem dos seculos, e, envoltos em lucidos nimbos de gloria, chegar aos tempos remotissimos de gerações futuras.

Quando o sol desmaiava e o apice do grande obelisco do pateo central do palacio pharaonico se coloria de um leve tom de violeta e rosa, Jotham, que ahi trabalhava, saía á procura da densa dos seus amores.

Era a hora em que, depois do formidavel repasto, Pharaó gostava de contemplar as dansas de bailarinas turcas e syriacas ao som da frautas e dos tambores tangidos por escravos ethiopes. Ou então, para desentorpecer os membros e alliviar o estomago, divertia-se em dansar, elle mesmo, em honra a Osiris e a Isis, ou, si lhe aprazia um pouco de sangue, em atirar aos cysnes, flamingos e abestruzes que vagueavam pelos gramados, e ainda aos proprios judeus que no palacio moirejavam.

A essa hora, Judith, palpitante, deixava a tenda do velho patriarcha, que, absorto na meditação dos segredos da divindade, nem siquer contemplava as magnificencias que a natureza punha na rubra agonia do sol, que lentamente morria. E dirigindo-se, á pressa, para os lados do deserto, só se detinha junto a uma figueira brava, onde esperava o bem amado.

O crepusculo perdia pouco a pouco a côr de purpura tão forte como a dos preciosos liquidos chegados de ilhas, de vinhedos longinquos, consagrados pelos egypcios a Horus, cumprindo os dictames da mãe deste, Isis — a casta e fecunda.

Inda não eram de todo apagadas as tintas do horizonte, e Jotham chegava, ancioso, anhelante. Judith apertava-o de encontro ao peito, collava a bocca divina nos labios d'elle, sugando a ventura, e falava-lhe baixinho, muito baixinho, toda numa caricia, toda num fogo sagrado.

E quando a lua, delindo a Via-Lactea, apparecia no céu apagando estrellas, e illuminava os areiaes dormentes, via os dois amantes abraçados, convulsos, estertorantes de gozo, parados de sonho, ebrios de amor e felicidade. E enquanto as esphynges do deserto olhavam, sem ver, a noite enluarada, a bocca semi-aberta em um riso idiota, immoveis como blocos de granito, Judith, a esphynge de alabastro, palpitava em éstos de vida e de volupia intensas, nos braços fortes de Jotham.

Assim passavam os dias e passavam as noites, para que o sol agonizando,

para que os astros nascendo, fôsem testemunhas daquelles amores, e, talvez, ouvissem aquelle fremir de labios que estnavam despedaçando-se em beijos.

Aquella ventura parecia eterna. Mas uma duvida entrou no coração de Jotham.

Os beijos de sua amada não tinham apenas a vibração de uma caricia; estalavam, antes, como um crepitar de fogo. O seu seio de neve abrazia, o seu halito aromal fazia mais que embriagar, suffocava. Tinha ella gemidos de leôa, ancias de féra, torcicolos de serpente, era insaciavel. E Elias, o levita frauzino e mystico que tinha nos olhos e na bocca as fulgurações da prece e no peito todos os cataclysmos da fé, devia também possuir, por vezes, o corpo escultural, argivo, de Judith.

Diz a sabedoria oriental que o amor deve ser saboreado aos poucos, em gradações infinitamente lentas, para que seja duradoiro e fecundo... Não succedeu assim a Jotham: exgotou, de uma só vez, a aurea taça e a duvida torturou-lhe o intimo, e o ciúme armou-lhe o braço potente.

E o doce levita, o pallido Elias, foi estrangulado entre as dez tenazes dos seus dedos, por uma tarde limpida e radiosa.

«Ah! quanta vez aquelle infeliz ascéta commettera, elle, padre, o divino peccado e inteiriçara-se collado á carne de Judith, no desfallecimento supremo do gozo... Pois bem! si assim fôra, que se debatesse agóra, estertorasse e desfallecesse ás mãos do amante forte, no connubio atrôz da morte fria e cruél!»

Preso destes pensamentos, encaminhou-se ao encontro da sua amada. Mas, ao vel-a, confrangeu-se-lhe o coração. Achou-a mais branca, mais alta, espectral, as rosas dos seus labios tinham a livida côr azulada das faces do estraugulado. Abraçou-a, e, ao contrario de sempre, sentiu-a hirta, muda, gelada. Quedou estarecido, horripilado, olhando-a immovel á luz do luar. Depois, uma contorsão pavorosa agitou-o dos pés á cabeça, um nivo infernal de agonia e desespero escapou-se-lhe do peito, e, subitamente tocado de uma faisca de remorso, deitou a correr, desesperadamente, pela planicie fóra.

No dia seguinte, um grupo de israelitas, que se dirigia para o trabalho, foi encontral-o debruçado sobre o corpo inerte de Elias assassinado. Prenderam-no e levaram-no á presença do summo sacerdote, cuja justiça o condemnou, segundo as leis de Jeovah, a ser apedrejado até morrer, nessa mesma tarde. Elle parecia nada comprehender de tudo aquillo. Uma abstracção, feita de inconsciencia e de loucura, o extinguiu...

A tarde, quando baixou sobre a terra o primeiro véo de crepusculo, Judith, sob a angustia daquelle caso inexplicavel da vespera, dirigiu-se, através da casaria branca da cidade, para a figueira brava, onde, sob a palpação das estrellas, eram os seus encontros. Em caminho, algumas palavras collidas do vozear da turba, que nesse dia estava singularmente animada e composta quasi só de egypcios, puzeram-na alvoraçada, ainda mais inquieta, na expectativa de uma catastrophe que presentia bailando no ar, em torno della, prestes a rebentar.

O burborinho augmentava á medida que o sol desaparecia trepando as torres dos palacios e dos templos. Procurou saber o que havia de anormal. E soube-o dentro em pouco. — Ah! era terrivel! Jotham matára um levita sem nenhum motivo, por um requinte de perversidade, e ia ser executado, ao cair do sol, no acampamento dos hebreus, ao terceiro signal dos crotalos.

Que desgraça! Desgraça eterna de Judith, do lyrio de Harjath-Arba!

Um sentimento terrivel lhe penetrou todo o sêr, e ella só teve um pensamento, uma idéa: correr aos pés do summo sacerdote, de seu pae, e implorar o perdão do criminoso que commettera o crime, talvez por sua causa. Ella advinhára vagamente o ciúme de Jotham.

E arfando, suffocada por um soluço que lhe cerrava a garganta sem poder dalli saír, dirigia-se, em uma desfilada louca, para os lados do deserto, qua confluava com o acampamento israelita no logar em que se davam habitualmente as execuções.

De repente, ella percebeu que longe, muito longe, os crotalos soavam fortemente... Era o primeiro signal.

Redobrou a corrida já meio tonta, balbuciando palavras desconexas. Nisto, o sol apagou-se de todo. Soava, ao longe, o segundo signal.

E Judith corria, corria sempre, impellida pela mesma idéa, tendo no cerebro a sensação visual do supplicio. Via um homem prostrado, as carnes arrôxeadas, os membros partidos, todo o corpo desfeito, esphacelado em um charco de sangue, sob uma saraivada de pedras arremeçadas pela multidão enfurecida...

Subito, as forças faltaram-lhe e ella caíu de joelhos, extenuada, exactamente a poucos passos da figueira brava, protectora dos seus amores.

— Ah! Jotham! Deus! Salval-o ou com elle morrer.

Os crotalos soaram pela terceira vez.

Um relampago fulvo, uma claridade maravilhosa,—devia ser allucinação— envolveu-a, deslumbrando-a, num halo de luz. Mas isso durou apenas um instante, um segundo talvez...

Dissipou-se, evolou-se a luz maravilhosa, e a treva immensa inundou a sua alma estampando nas suas faces todo o mysterio de uma concentração, todo um horror profundo, uma noite eterna... E ficou alli, hirta, ajoelhada, fitando idiotamente o céu, que se recamava de estrellas, ella, a esphyngue de alabastro, cujo rosto reflectia o sonho, tornada agóra mais esphyngue que essas de pedra, taciturnas, do deserto...

E quando veio a aurora, ella pendia da figueira brava, morta, enforcada, quieta como agóra a natureza. Uma briza forte, que passava, deixou sobre o corpo de Judith umas flôres pequeninas, arrancadas de algum oasis longinquo.

E foi só; nada mais veio perturbar a immobilidade da payzagem. Depois, já ia alto o sol, alguns corvos começaram de apparecer, sinistros, lá nos lados da pyramide de Cheops.

ABNER MOURÃO.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A obesidade. — A funcção das gorduras. — As duas categorias em que se podem dividir as causas da obesidade.*

Desde Hyppocrates, os physiologistas e os medicos não se harmonisaram sobre as causas e o tratamento da obesidade, que uns attribuem aos excessos dos ventripotentes, um castigo aos gastronomos; outros, aos desvios de um regimen de infracções a todos os preceitos da hygiene.

Alguns infelizes engordam por comerem muito, desordenadamente; outros engordam por se nutrirem mal. Ha gordos máus comedores; ha magros de appetite devorador e, em cem obesos, Bouchard observou que a ração alimenticia era excessiva para quarenta, era normal para cincoenta, era insufficiente para dez casos. Chegou-se, todavia, a verificar que a tendencia para o engordamento vem, não de comer muito, sinão de comer mal, de digerir mal, de não assimilar o muito ou pouco que se come; verifica-se que sendo as receitas, embóra modicas, superiores ás despezas, si o organismo não queima tudo o que lhe dão, conforme a quantidade e a qualidade do combustivel e, sobretudo, o estado da chaminé, os residuos se fixam no organismo sob fórmulas diversas, sob a fórma, na maior parte, de banha, de tecido adiposo.

A banha, as gorduras são uma reserva nutritiva, não são prejudiciaes, constituem uma especie de provisão de carvão, reservada para os máus dias, servindo não sómente para manter o calor animal, como para encher

e lubrificar os musculos e as visceras, facilitando-lhe a funcção normal. Ellas existem na proporção de 4% no sangue, de 2, 4% no figado e de 8% no cerebro. Donde se conclue que ellas são essenciaes com a condição de não serem excessivas.

Mas tudo conspira para nos fornecer superabundancia de graxa, que não é elaborada sómente pelos alimentos gordos, o toucinho, a manteiga, o azeite, o cacáo; as substancias albuminoides tambem se transformam parcialmente em tecido adiposo e o *bifestêque* é uma dellas. O mesmo se dá, em escala muito mais consideravel, com os hydratos de carbono — fculas, assucar, alcool — que não se metamorphoseando directamente em gordura, favorecem, singularmente, a retenção das reservas gordurosas da economia.

Não admira, portanto, haver neste bello mundo corpulencias desbordantes de todos os artificios elegantes e surprehendedentes magrezas falsas, escondidas como thezouros de Eros.

O defeito está nas demasias. Um ligeiro enchimento é um phenomeno ansioso, symptomatico de vigor, ao passo que nua polysarcia exagerada é uma disformidade lamentavel accusando um estado pathologico, fonte de sensações desagradaveis, de complicações perigosas.

O primeiro effeito do excesso de gordura é deformar as linhas graciosas, entumecer as curvas promissoras, estragando a pelle com as perturbações da circulação cutanea, resultantes do amontoado de graxa entre o couro e a carne. E não ha nisso sómente prejuizo para a esthetica: a invasão da gordura obstrue e comprime o estomago, o coração, os pulmões, o figado, os rins e o baço, impedindo-lhes a funcção regular, occasionando constipações, dyspepsias, congestões, falta de ar com as respectivas consequencias — stenoses, atrophias, engorgitamentos, autointoxicações.

Além disso, a gordura acaba por se infiltrar tão intimamente no tecido cellular que se incorpora, se annexa a elle: dahi, a degenerescencia gordurosa que nem ao coração poupa, transformando-o em bóla de sebo inerte, sem estimulo.

As causas da feia obesidade se podem dividir em duas categorias: as que augmentam a producção da gordura; as que impedem a sua destruição. Entre os primeiros figuram os excessos da meza, a incorrecção de um regimen demasiado rico, o abuso dos liquidos, particularmente da cerveja e das bebidas alcoolicas. Entre as segundas, se resumem todas do esmorecimento da nutrição, o defeito dos combustiveis vtaes.

Nesta rubrica se alinham as predi-

posições hereditarias, como o lymphatismo, o arthritismo, certas nevropathias, estados pathologicos produzindo perturbações da nutrição, como a anemía, a chlorose, a insufficiencia gastrica, o diabetes gordo, a albuminuria; assim como a vida sedentaria, a claustração, a ociosidade. Em todos esses casos, as receitas excedem ás despesas em consequencia da lentidão, da pouca actividade das oxidações e da pregniça nervosa.

E' curioso que os progressos do adiposo se precipitem pela passagem brusca das privações ao bem estar, de uma vida activa á indoleucia. Homens laboriosos adquirem ventre rotundo com o repouso; foi notavel o numero de gordos depois das privações do cerco de Pariz em 1871; phenomeno reproduzido em assombrosa escala depois das seccas em varias zonas do Brazil.

A conclusão logica das observações precedentes é que cada fórma de obesidade deve ser tratada por procesos especiaes. Todos os tratamentos se pôdem rednzir, com reserva dos processos de applicação a tres preceitos: — diminuir as receitas, augmentar as despesas, provocar a vitalidade regulando a nutrição.

O obeso deve, primeiro que tudo, se subordinar ao regimen. Não comer muito para permittir a autophagia libertadora, que é o unico meio de lhe queiuarem os excessos de gordura. Essa autophagia não deve, todavia, ser exaggerada para não chegar á inanición, á miseria physiologica que termina por diminuir a nutrição, encerrando o paciente num circulo vicioso. O obeso pôde comer até se saciar sem passar além da sua fome, restando mesmo, si possivel fôr, um pouco de appetite, evitando o abuso, siuão o uso de certos alimentos especialmente contra indicados, como a gordura, o miôlo de pão, as massas, os fariñaceos, o assucar e o alcool. Devem-se reduzir ao minimo as quantidades de bebidas; sobretudo comendo, a diluição do succo gastrico, que retardaria o trabalho digestivo. Não quer isso dizer que elle se abstenha totalmente de beber, que se subordine ao odioso regimen do secco, porque a inibição do organismo corresponde a uma necessidade physiologica, indispensavel á vida.

A actividade physica é de rigor. E' preciso que, a todo o preço, o obeso augmente as suas despesas, que aqueça o seu sangue fazendo muito exercicio, de preferencia exercicio ao ar livre, com precauções para evitar a fadiga. A massagem que é um esporte passivo, pôde, combinada com a hydrotherapia, banhos a vapor, substituir a marcha, o cyclismo, a equitação, a esgrima ou a gymnastica. A electrotherapia, sob a fórma de efluvios esta-

ticos, ou de correntes de alta frequencia, pôdem ser de muita utilidade.

Quem é gordo deve ter muito cuidado em conservar o ventre livre.

As drogas, os especificos miraculosos devem ser evitados; não serão capazes, sem perturbações perigosas, de restituir a graça, a delicadeza, a elegancia das fórmas, afogadas nos colchões do tecido adiposo.

## A MENTIRA FEMININA

(*Conclue hoje este artigo, cuja publicação iniciámos no numero 51 dos «Annaes».*)

O homem sómente conhece da mulher aquillo que ella julgou prudente desvendar-lhe, aquillo que o carcereiro sabe do prisioneiro aparentemente docil; o plano de evasão fica em segredo, ficam mudos os odios. Duas partes formadoras de tal alliança não fariam contracto valido, depois do esquecimento leal das faltas respectivas, siuão se achando em condições de descobrirem egualmente sua constituição psychologica, e a ignorancia em que o homem vive do espirito feminino é o corollario de sua arrogancia.

Parece que os seculos XVI e XVIII tiveram a presciencia de todos esses pensamentos acceitando, benevolmente, nos costumes, siuão na religião e na legalidade, não confundindo com esta a sinceridade e a fidelidade, soffrendo pouco com o dom arbitrario feito pela mulher de si mesma, solvendo quasi á noção primitiva do prazer, satisfeito com a posse material contanto que esta fôsse facil e agradavel, como si sentissem ser o homem responsavel do estado de coisas; e a celebre phrase de Buffon acerca dessa «paixão que só presta no physico, quando o moral nada vale» surge como conclusão logica dessa especie de arrependimento do abuzo do poder.

Foi necessario chegar á nossa epocha, inflada de liberalismo, desentimentalismo, de escrupulos e de sonhos metaphysicos, para fazer da dôr da infidelidade, do absolutismo passional, do ciúme d'alma, os grandes themes do lyrismo, do romance.

Pela decadencia do orgulho masculino, a introdução da duvida methodica e da idéa de reparação altruísta, nos costumes, apparecem um novo vexame na historia da consciencia. Soffremos a pena do captiveiro millenar durante o qual o egoismo masculino deixou se elaborar na serva uma psychologia para elle incomprehensivel, com a qual a mulher, em via de libertamento, o embala com uma doce mestria ironica. E, chegando á mais intima verificação dessa situação, se conclue que o homem prefere soffrer

a renunciar os seus privilegios: habituon-se a encontrar, na mulher, uma inimiga de prompta astucia: aprender a frustrar alguma dessas, a contraminal-as, porque vale mais para elle arriscar-se a soffrer as consequencias de um habito do que se dedicar ao estudo de uma situação nova. A dôr do ciúme e da perfidia é muito violenta, mas é conhecida; por isso mesmo, o homem a ama, ella o torna interessante, tem um sabor acido, desenvolve o instincto de lucta para defender ou conquistar a presa, é, finalmente — e isso constitue o fundo inconfessavel da alma masculina — um motivo de demonstração de inuatividade da mentira feminina, de apertar ainda mais os grilhões da mulher na sociedade.

### X

Das traíções de mulher o homem, que as causou, dedúz justificação para recusar as suas pretensões de liberdade, uma perfidia politica, uma perversidade exasperadora do egoismo latente da paixão, porque o homem, antes de tudo, ama por si. A essa dôr conhecida, que elle sabe, ás vezes, remediar, que é para elle um bello motivo de agitação, o homem não preferiria o ignoto da mulher livre: achar-se-ia sem defeza, sem noções, sem armas, sem a propria paixão que se nutre do temor de ser contrariada, deante da mulher investida do direito absoluto e publico de dispôr de si, libertada dos preconceitos, das censuras, das sancções penaes creadas pela opinião e pela lei para impedil-a de se dar e de se reaver á vontade.

Tal mulher adstricta á sinceridade dos contractos da vida, mas de nenhum modo á fidelidade da sua pessoa, gozando a situação creada, como coisa natural, pelo homem, com ligeiras reservas de conveniencias exteriores, tal mulher figuraria, aos olhos do homem inquieto e desnorteado, uma creatura infinitamente mais enigmatica que a prisca Eva, porque a mentira não é enigmatica, mas o uso de uma vontade livre, não tendo contas a dar a ninguem: o verdadeiro mysterio de nu sêr jaz nos dados imprevisitos que o seu livre arbitrio poderá, de um instante para outro, introduzir nas relações inter-sexuaes. A mulher que não tivesse de mentir seria um ente novo.

Eis porque o homem prefere as decepções, o ciúme e todas as consequencias da mentira feminina, toda a tactica indispensavel para estudal-a e todas as vantagens sociaes que elle conserva por auctoridade propria, a uma modificação produzindo a queda do idéal passional.

O homem vestiu a mulher com a mentira; lançou-lhe sobre os hombros essa tunica da escravidão, comprazendo-se, depois, em doirar, em realçar de joias o primitivo traje da serva.

Ama, na mentira feminina, a eterna necessidade de illusão, de phantasia, de lucta e chegou, assim, a querer mais a mentira do que a propria mulher.

A mulher o rejeita com aspereza; elle a considera, na falta de termos mais expressivos, brutal, masculina. O soffrimento do amor desilludido é, dos resultantes de uma lezão ao direito de propriedade, aquelle com que o homem melhor se adorna aos olhos de seus semelhantes e aos seus, é o que desperta ainda mais a sua ensceação inconsciente, que parece eleva-lo acima de si mesmo, conferindo-lhe interesse, dando-lhe uma aureola de poesia. Quem fôsse chato, inferior em uma união duravel, dando a bitola de seu egoismo, faria pensar que seria admiravel quando victima de uma decepção passional.

Não deixa, pois, de ser uma verdade, que a mentira feminina é uma criação do homem, o resultado de uma enorme injustiça immemorial a que os religiões, por uma obra prima de má fé, de subtil impostura, deram a sancção de innatidade, ajudando, dest'arte, a tornar irreparavel o mal entendido passional para o supremo bem da sociedade, dos Estados fundados sobre a subordinação e não sobre a expansão do individuo.

## XI

A mulher tem, até hoje, o direito de se manifestar como esposa, como irmã, como mãe, como amante, sempre, porém, sob a condição de pertencer e, embóra a cercassem de desprezo, de brutalidade, de galanteria ou de respeito, conforme os tempos, a prohibição de dispôr, livremente, de si lhe foi imposta como um grilhão ou proposta como uma virtude.

Não é audacioso affirmar que a *muller ainda não falou*. Ninguém poderá prever como ella comprehenderá suas obrigações, seus deveres, seus contractos, suas relações com a sociedade, no dia em que a noção de fidelidade, de propriedade zelosa, não passar de uma manifestação facultativa do seu *eu*, não depender de sancção do homem, no dia em que ella escolher, em que ella limitar, á sua vontade, o uso dessa noção.

Para conhecer isso será preciso que tenhamos perdido a propria recordação do mundo em que vivemos, organizado, inteiramente, pela vontade social do homem, contra o verdadeiro amor.

CAMILLO MAUCLAIR.

*Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro semestre de 1905.*

## PAGINAS ESQUECIDAS

## AVE MARIA!

Maria, doce mãe dos desvalidos,  
A ti clamo, a ti brado!  
A ti sobem, senhora, os meus gemidos;  
A ti o hymno sagrado  
Do coração de um pae vòa, ó Maria,  
Pela filha innocente.  
Com sua debil vóz que balbucia,  
Piedosa mãe clemente,  
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,  
Pedir ao Pae dos ceus  
O pão de cada dia. As preces minhas  
Como irão ao meu Deus,  
Ao meu Deus, que é teu filho e tens nos bra-  
ços,  
Se tu, mãe de piedade,  
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços  
Da velha humanidade;  
Despe de mim todo outro pensamento  
E vã tenção da terra;  
Outra gloria, outro amor, outro contento  
De minha alma desterra.  
Mãe, oh! mãe, salva o teu filho que te implora  
Pela filha querida;  
Demais tenho vivido, e só agóra  
Sei o preço da vida,  
Desta vida, tão mal gasta e prezada  
Porque minha só era...  
Salva-a, que a um santo amor está votada,  
Nelle se regenera.

ALMEIDA GARRETT.

\*\*\*

## A PHILOSOPHIA E A RELIGIÃO

Como a philosophia é triste e arida! A's vezes na primavera, o vento norte atira-se pelas encostas, tombando dos visos da serra, como se uma intelligencia vivesse nelle—intelligencia de maldade e destruição. De noite e de dia os troncos das arvores torcem-se e gemem, as ramas açoutam-se e despedaçam-se envoltas nos braços longos e flexiveis da ventania; o demonio do septentrião sibila no meio dellas um zumbido entre de lamento e de escarneo. Debalde o bosque extende saudoso por um momento os seus mais altos raminhos para o sol, que se vae alevantando no oriente: a rajada despega de novo da cumeada da montanha, o bosque curva-se para o meio-dia; e, galgando por cima daquellas mil frentes inclinadas das plantas gigantes, das rainhas magestosas da vegetação, aquelles turbilhões de atmosphaera agitada rolam pela planicie coberta já de relva entresachada das primeiras flôrinhas. Então, relva e flôrinhas murcham esmagadas pelas mãos da procella, que tudo alcançam, fustigam e desbaratam. Os carvalhos frondosos, e as boninas rasteiras com a fronte pendida para a terra, como outros tantos symbolos de desalento, não ousam erguel-a para o céu. E' que o rugir da rajada cae da montanha em perenne catadupa. A's vezes, como

por brinco infernal, o vento finge adormecer um instante, e depois remoinha e apruma os topos das arvores e as corollas das flôres, mas é para logo as vergar com mais força, e apupar com silvo insolente aquella rapida esperança, que se desvaneceu tão breve.

E quando o vento acalma é para saltar ao poente ou ao sul. A rajada já não silva da montanha: uma bafagem tépida vem da banda do mar; mas o céu está toldado e o ar humido; o dia passá melancolico e pesado sobre a bonina que a nortada açoutou; ella não pôde saudar o sol no oriente; está pendida e murcha, como a ventania a deixára. A noite vem encontrá-a numa especie de torpor, que é existir, mas que não é vegetar, e ainda menos viver.

Como a flôrinha do campo, a alma por onde passou a procella da philosophia, esse turbilhão transitorio de doutrinas, de systemas, de opiniões, de argumentos, pende desanimada e triste; e na claridade baça do scepticismo, que torna pesada e fria a atmosphaera da intelligencia, não pôde aquecer-se aos raios esplendidos do sol dum creença viva.

Com Kant o universo é uma duvida; com Locke é duvida o nosso espirito, e num destes abysmos vêem precipitar-se todas as philosophias.

A arvore da sciencia, transplantada do Eden, trouxe consigo a dôr, a condemnação e a morte; mas a sua peor peçonha guardou-se para o presente: foi o scepticismo.

Feliz a intelligencia vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e na esperança postas pela religião além da morte, sem que um momento vacille, sem que um momento a luz se apague ou a esperança se desvaneça! Para ella não ha abraçar-se a cruz em impeto de agonia, e clamar a Jesus: — « Creio, creio, oh! Nazareno! Creio em ti, porque a tua moral é sublime; porque eras humilde e virtuoso; porque, filho da raça soffredora e austera chamada o povo, eras meu irmão, e não podias, tão bom, tão singelo, tão puro, enganar teu pobre irmão. Creio, creio, oh! Nazareno! porque até a hora do expirar na ignominia, até a hora da grande prova, nunca desmentiste a tua doutrina. Creio, creio, oh! Nazareno! porque tu só nos explicaste o mysterio desta associação monstruosa da saúde, do ouro, do poderio e dos crimes, a um lado, e a da enfermidade, da pobreza, da servidão e da innocencia, a outro; porque nos explicaste como os destinos humanos se compen-savam além do sepulchro. Creio, creio, oh! Nazareno! porque só tu soubeste revelar a consolação á extrema miseria sem horizonte, e os terrores á completa felicidade sem termo na vida, collocando no lugar do destino a Pro-



videncia, e no do nada a immortalidade! Creio, creio, oh! Nazareno! porque a intensidade do teu viver é um impossível humano; a victoria da tua doutrina severa contra a philosophia e o paganismo, um milagre; a gloria do teu nome de suppliciado, maior que todas as glorias das mais altas e virtuosas intelligencias do mundo.»

ALEXANDRE HERCULANO.

\* \*

#### SONETO

Quando os olhos emprego no passado,  
De quanto passei me acho arrependido;  
Vejo que tudo foi tempo perdido,  
Que todo o emprego foi mal empregado.

Sempre no mais danoso mais cuidado;  
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;  
De desenganos menos advertido  
Fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castellos que erguia o pensamento,  
No ponto que mais alto os erguia,  
Por esse chão os via em um momento.

Que erradas contas faz a phantasia!  
Pois tudo pára em morte, tudo em vento.  
Triste o que espera! Triste o que confia!

LUIZ DE CAMÕES.

\* \*

#### OS MALDIZENTES

Para escaparmos dos perigos e incitamentos da má lingua é um importante fugirmos das nós e juntas dos ociosos e praguentos que, como taramelas, nunca cessam de se desentoeir e prégoar faltas alheias.

E' mui necessario não lhe darmos orelhas, porque estas são as accendalhas das más linguas. Não é pequena culpa deixar de resistir e não virar o rosto aos maldizentes, pois que, dando-lhes as costas, podemos tapar suas desbocadas bocas, e fazer que cessem suas infames linguas. Grandemente impugna a caridade, que é Deus, todo o que desfaz em seu proximo, pois pretende que venha em odio e vilipendio de todos os que lhe dão audiencia. A lingua dos maldizentes fére a caridade, e quanto nella ha a mata, e extingue naquelles que a ouvem; e chega não só aos presentes, mas tambem aos ausentes, o seu veneno por via da fama, mal que vòla ligeiramente, e a cada passo cobra novas forças. Destes disse David que a sua bocca estava cheia de maldição e amargos, e que seus pés eram ligeiros para derramar sangue. Um é o que falla, e uma só é a vóz; e todavia, sendo só uma, em o momento que toca e empeçonhenta as orelhas dos ouvintes e circumstantes, nesse mata muitas almas e honras de innocentes.

O fél da inveja, que nos deslingua-

dos domina, não póde, pelo instrumento da lingua, espargir senão coisas que anarujam e amargam, porque fala a bocca da abundancia do coração. Ha uns que, sem reverencia alguma, como lhe vem á bocca, assim vomitam o veneno de sua detração, e ha outros que trabalham por encobrir, com o afeito de fingida vergonha e piedade cortezã, a malicia que têm em si concebido, e de nenhum modo a podem reter. Vêl-os-heis mandar deante grandes suspiros, e com gravidade, cara triste, sobranceiras derribadas e vóz de fingido pranto, fulminar a maldição tanto mais persuasoria e cruel, quanto mais crêem os que a ouvem sair do coração forçado, e dizer-se mais com affecto de condolencia que com veneno de malicia: «Dóe-me muito o seu mal, porque o amo assás, e nunca o pude emendar; bem sabia em isso delle, e por minha via nunca se soubera; mas já que o descobriu, não posso eu negar a verdade; com dôr de meu coração o digo: mas revera assim passa, e foi grande a perda, porque aliás tem fñão outras partes; mas disso que se diz delle, se eu hei de falar verdade, não se póde escusar». Guarde-nos Deus deste vicio malignissimo, peçonha encoberta, e peste dissimulada.

AMADOR ARRAES.  
(1530—1606)

#### A' UMA DA NOITE

— Olha, Chico; sempre te estou a dizer isto. Não ha vida como a de casado. Não ha. Ha cinco annos que sou tão feliz, que ás vezes tenho medo de um castigo do céu; vivo num paraizo. Tenho saúde, alegria, boas digestões, couros oleosos. Uma plenitude! Casa-te, meu amigo; procura uma mulher, como a minha, e casa-te. Fui feliz. Encontrei um anjo, Chico; mas um anjo, como não ha outro. Si a vires, morrerás de inveja. Tem todas as virtudes, todas as prendas. Seu idéal é ser escrava amante e submissa do marido. Nunca lhe senti uma aspereza na vóz, um arripio no gesto. E' uma pomba, meu caro Chico. De uma paciencia, de uma submissão, de uma fidelidade de Andromacha. E' escuzado dizer que adoro-a de joelhos. Quando volto do *lí*, como agóra, á uma da madrugada, encontro-a sentada á beira do leito á minha espera; e sobre a pequena mesa da alcova, envolvidas em baiêta, desafiam-me o appetite umas deliciosas torradas, que por um milagre de amor conjugal, ainda se conservam quentinhas. Ah, Chico! é o casamento uma instituição divina!

E o palerma do seu Chico, encostado ao combustor do canto, no silencio somnolento da cidade burgueza, suspirava ralado por uma fina pontinha de inveja.

O feliz marido, acceso por aquella attenção suspirosa, fusilava o infeliz com hyperboles inauditas:

— A familia é um pequeno cosmos! Todas as felicidades allí estão em torno de um centro creador e eterno, a mulher!...

E discorria. Aquella hora adeantada da noite, a um canto da rua, a vóz desse marido phenomenal tinha sonoridades de cornetim.

O Chico, bem vestido, á ingleza, um grosso diamante luzindo-lhe ao dedo, botas despontadas em lança, charuto apagado ao canto da bocca, alongava uma vista pensativa pela rua mal illuminada. Parecia, com aquelle vago olhar sentimental, procurar ignota vereda que o levasse a um paiz encantado, cheio de mulheres formosas e brandas, pleno de doçuras ineffaveis. Aos seus pensamentos fazia côro a vóz aflautada do amigo, que continuava o panegyrico.

— E' tarde, concluiu por fim, vou para casa; minha mulher espera-me. Amanhã váe jantar connosco; quero-te apresentar a ella.

O Chico oppoz modestamente um:  
— Obrigado! não precisa incomodo...

Insistiu o outro:

— Minha mulher já te conhece de nome. Por occasião daquelles cem mil réis que me emprestaste, falámos muito de ti; fiz-te os maiores elogios, como és merecedor.

Chico fez um gesto.

— Ora deixa-te de modestia. As grandes virtudes são luzeiros, que todos devem fitar.

O rapaz do diamante baixou a cabeça confuso. Tinha consciencia de não merecer aquellas bondades.

— Não sejas tólo, homem! A modestia tambem prejudica. Ha por ahi figurões, que não valem o que vales, e estão nos annaes da fama!

Chico não póde ainda achar o que dizer a tamanha generosidade; estava esmagado!

— Bem! resumim o marido bemaventurado. Amanhã ás 4 horas... Não ha cerimonia; é como si estivesse em tua casa. Minha mulher é muito simples e inimiga de etiquetas.

— Isto é proprio das almas nobres! bestejou, enfim, o Chico.

— Pois adeusinho, até amanhã.

Ia para retirar-se e voltou:

— E' verdade. Levas charutos ali? Esqueci-me...

— Pois não! atalhou o mancebo das pontudas botas, e sacou do bolso uma cheirosa charuteira de couro da Russia, peijada de *regalias*.

— Da-me dois... apressou-se em dizer o felizardo.

— Leva-os todos, não tenhas ceremonias commigo.

— Tenho soffrido insomnias... foi-se desculpando o outro e afastou-se.

Naquelle momento Chico dava-lhe até a baga do anel, si lhe a pedisse o amigo. Estava deveras preso áquelle generoso coração. Quando se viu só, mettu a mão no bolso das calças, e poz-se a raspar o chão com a ponteira da bengala, cheio de inveja daquelle marido que voava feliz para o lar, ao passo que elle iria solitario, aborrecido espichar-se no frio leito de rapaz solteiro!

\* \* \*

Entrou em casa o venturoso marido assobiando o Zé-Pereira. A mulher, pallida moça de 25 annos, com falta de dentes, mettida ao fundo da cama, embalava, puxando um cordel, o filho que se havia esguélado por uma bôa hora.

— Não assobie, homem: o menino ha duas horas que chora. Agóra mesmo é que socegou.

— Ainda bem não chiego, já começas com os teus aborrecimentos.

— Homem de Deus! Pois é aborrecimento pedir para não acordar a creança que ha duas horas me atormenta! Você não pára em casa; si aqui estivesse havia de aguentar.

— E' melhor calares a tua bocca!

Elle deixou de assobiar e, de máu humor, foi tratando de despir-se e deitar-se. A mulher afastou-se um pouco para dar-lhe logar.

— Amanhã, disse elle, espichando-se, o meu amigo Chico vem jantar commosco.

— Que demonio de Chico é esse?

— Tens o costume de maltratar as pessoas de minha amizade. E's insupportavel.

— E' que você só me traz trabalho para casa. Bem sabe que não tenho creados; eu é que sirvo para tudo. Já não me atrevo. Você passa o dia na repartição, as tardes na rua, as noites ao jogo. Só vem para casa para chimp-me destas.

— Estás hoje pegando a toda isca.

— Não é isca; é você que não comprehende que uma casa de familia não é um hotel para de momento a momento metter-se um typo para jantar.

— Typo és tu. Olha que continúas a maltratar os meus amigos!

— Qual amigos! Você o que tem é parceiros de jogo e de pagodes. Si fôsem seus amigos, seriam os primeiros a mandal-o para casa a ver seus filhos e me ajudar.

O homem exasperava-se:

— Cala a bocca, que é melhor; deixa-me descansar.

— Eu é que devia descansar. Passo os dias lidando, as noites acordada

com os meninos, e em cima de tudo ir fazer jantar para vadios... Era o que faltava!

— Para que te casaste? ..

— De tola! Hoje não me apanhariam mais. Fiei-me em prosas e desgracei-me.

— Então te desgraçaste casando commigo! Heim?

— Pois não é desgraça ter-se um marido que não pára em casa, que joga o vintem que adquire, que deixa sua mulher na cozinha, como uma negra, feita um bicho?!

— Querias então estar enfeitadinha á janella para te acharem bonita? Não és tão bella figura...

— Bella ou não, assim mesmo..

E interrompeu-se.

— Que ias tu a dizer? Acaba! disse o marido, erguendo-se sobre o cotovello.

— Nada.

— Acaba! gritou elle, fulo.

— Também você põe-se a atormentar-me, a ponto de pôr-me doida.

— Acaba! repelia o venturoso marido. Acaba que eu quero arrancar-te estes beiços!

Era brutal! A creança acordou gritando, e a pobre mãe desceu da cama e, de pé, em camisa, soluçando, poz-se a embalar o filho, enquanto o feliz marido, o amigo do Chico, vomitava as ultimas palavras da sua indignação:

— Atrevida! Desavergonhada!

Felizardo.

VIRGILIO BRIGIDO.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda do Mocoretá ao Passo da Patria*

*— Os séres mysteriosos dessas regiões inexploradas — As superstições.*

Chegámos á margem esquerda do rio Corrientes. Era assombrosa a agua-gem. As chuvas copiosas que haviam caído nos ultimos dias etcheram, a transbordar, a immensa lagôa Iberá, *agna resplandecente*, onde elle e o Miruay tem as suas origens, perdidas nos balseiros emmaranhados, que tantos obstaculos oppõem ao explorador ouzado que se aventura por seus inextricaveis labyrinthos.

Essa enorme massa d'agua quasi attinge, do lado do norte, as altas margens barrancosas do Paraná, da região das grandes ilhas e do salto no Apipê. Parece que é alimentada pelo grande rio, que se infiltra pelas terras correntinas a dentro. Della emergem numerosas ilhas cobertas de matto maninho, que vão ao fundo nas grandes cheias. Pelos campos apaúlados das suas extensas margens, pastam rebanhos de milhares de vaccas e cavallo. Logares ha em que é bastante profunda; mas esteiras naturaes de plantas aquaticas, trançadas quasi á

tona d'agua, permitem andar e arrastar pequenas embarcações sobre ellas. No meio dos juncaes a perder de vista onde a correnteza mal se sente, apparecem grandes lagôas limpas, de superficie azulada, onde se lauçam rios e riachos, que se perdem adeante nos balseiros, para surgirem de novo mais correntosos e claros. A sua área é de mais de quatro mil kilometros quadrad. Na epocha das grandes enchentes, pôde-se passar por ella do Uruguay para o Paraná, subindo o Mirinay e descendo o Corrientes.

A imaginação popular, nas suas phantasias, povoou de mysteriosos séres aquellas inexploradas solidões, mudando para lá os gigantes de quarenta palmos do Carcaranal; os pygmeus dos Xarayés, que vivem nas tócas e saem sómente á noite por medo das bicadas das grandes aves; os Cullús do Pilcomayo, de chifres curtos e pernas sem panturrilhas com pés de avestruz, meliores na carreira do que os parceiros mais velozes. Nos seus cerrados impenetraveis, vivem serpentes enormes com afiadas navalhas nas cólas e com ellas alancam e dilaceram as prezas. Outras ha, com canda de peixe e cabeça de homem, que se chamam — peixes-homens — e trocaram os vortices vorazes do alto Paraná, onde moravam, pelas agnas mansas da lagôa, e entregam-se aos mesmos habitos intemperantes dos *tucuxys* amazonenses, que se disfarçam em bellos *curumyassús* para festejarem as *cunhamocús* nas margens dos *igarapés*. Um intendente de Santo Tomé, muito versado em historia natural indigena, contou-me não ha muito tempo que viu na Iberá cobras monstruosas, que bramam como touros amorosos, tem garras de tigre e plumas de papagaio na cabeça. Ha quem affirme ter ouvido nesses tetricos ermos, alta noite, repiques de sinos e dobres a finados e visto luzes movendo-se enfileiradas, subindo e apagando-se para reaccederem-se mais longe. São as tochas das procissões, que saem de um convento de jesuitas, que escaparam ás perseguições de Bucarelli y Ursua, o impio vice-rei. Alguns, dos muito poucos que se tem arriscado a desvendar o mysterio da lagôa encantada, perderam-se para sempre no dedalo, devorados pelo minotauro da fome.

O desconhecido deu origem a essas chimetas que embalam o espirito daquelle povo singello e propenso ao maravilhoso, nas rudezas da sua vida pastoril, nos encantos da sua contemplação da natureza e nas superstições da sua ignorancia.

O Corrientes, a cujas margens chegámos, havia galgado os altos barrancos e se derramado pela matta. Estavamos no passo «Lucero», que dava nado de margem a margem. Não

tinhamos material sufficiente para lançarmos uma ponte. Os nossos habéis engenheiros preparavam balsas sobre pontões de borracha e barris vasios. Creio que aproveitaram também alguma embarcação.

Quasi todo o pessoal, os nossos canhões e o pezadissimo material de transporte, com toda a bagagem do exercito, passaram nas balsas. Eu assistia curioso áquelle espectáculo, quando vi uma, carregada de soldados de infantaria, completamente equipados, adornar rapidamente, mergulhar uma das bordas e caírem naquellas aguas impetuosas alguns dos passageiros. Todos sabiam nadar, surgiram á tona bracejando desesperadamente e afundaram-se de novo para sempre, porque o pezo dos cem cartuchos, do sabre, da roupa molhada na mochila era muito grande. A cavallhada e muita gente passaram tranando. Eu fui um delles, por gosto. Aquella corrente veloz e revôlta não me intimidava, porque eu era um bom nadador. Havia aprendido em Itaparica, e, quando tomava banho com os collegas do Dois de Julho no Unhão, era um dos que iam á ultima boia. Lancei-me ao rio com o meu reiúno e atravessei-o a seu lado, agarrado com uma das mãos ás crinas e nadando com o braço livre. Os dez mezes de campanha, que tinha feito como soldado, fizeram-me mais forte, mais robusto e mais ousado. Cada difficuldade que surgia, cada perigo ou risco que presentiamos, estimulava a nossa coragem. Aquelles rapazes, meus camaradas, que conheci na Escola Central debruçados, longas horas, sobre o «Navier» e o «Sturm» e resolvendo attentos e absortos os problemas do «Gregory», carregavam com garbo a mochila como o mais *destorcido* veterano do «Treme-terra» e marchavam descalços, com as calças arregaçadas mostrando as pernas musculosas, sem lhes incommodarem os seixos cortantes e as urses do caminho. Dominava-nos a todos um nobre estímulo. Cada qual queria elevar mais alto o nome do soldado brasileiro. Naquella epocha gloriosa, pouco me importava saber quem era o presidente do conselho de ministros, nem o partido que o Imperador havia guindado ao poder, para alternar com o outro, que já tinha muito governado.

Bemdito tempo aquelle em que só nos preocupava a gloria da patria, pela qual iam os derramar o nosso sangue. Dava gosto ver esses moços, que o velho Mallet chamava de *innocentes passarinhos* e que, no seu conceito, não podiam ser officiaes porque *ainda não sabiam pellar bem uma costella*, quando o regimento chegava ao acampamento em columna de secções, saíram das ultimas peças á disparada, de espora fita, firmes nos estribos e pregados á sella, para tomarem o

alinhamento e esbarrarem precisamente no ponto onde deviam ficar. Via-se passar nma scintillação de prazer pelos grandes olhos do commandante. Elle sentia que aquella *cade-tada* saberia honrar o nome do regimento nos dias solemnes das batalhas, que se approximavam.

Do Corrientes fomos ao arroio Batel, seu affluente. Si o terreno era difficil antes de chegarmos áquelle rio, nada animador se mostrava entre elle e o sen tributario. As aguas haviam invadido grandes extensões transformando-as em *estêros*.

Depois de marchas penosissimas, que já faziamos com mais desembaraço e galhardia, não deixando no caminho sinão um ou outro retardatario, chegámos á margem esquerda do Batel. Tinha este rio uma feição muito singular. Cortava o campo limpo como um largo fosso de escarpas quasi a prumo. Nas margens, nem uma arvore crescia, nem mesmo um pobre arbusto. Só as hervas rasteiras que matizavam de verde os campos encharcados. Não me lembro bem si foi alli ou mais adéante, que vimos, em numero crescido, cobras de varios tamanhos, que se eurosavam em bollos sobre a relva molhada e que ficaram da recente cheia. Felizmente, eram de agua e nada tinhamos a receiar, porque não eram venenosas.

Depois que passámos o Corrientes, o exercito alliado dividiu-se em duas columnas. Seguiu o general Flôres para o norte costeando a lagôa Iberá, tendo á esquerda os longos *estêros* do Santa Luzia. O seu primeiro objectivo era attingir a costa do Paraná, donde devia seguir margeando-o para encontrar-se no Passo da Patria com a nossa columna, que era o grosso do exercito sob o commando do general em chefe d. Bartholomeu Mítre.

Os brasileiros de Osorio e os argentinos constituíam essas forças, que eram já bastante respeitaveis, pelo numero e, sobretudo, pela qualidade.

Apezar do cuidado e esforços que empregavamos para viver assejados e limpos, não havia soldado ou official que não fôsse perseguido por bandos de *muquiranas*, que nos causavam grande repugnancia, e a final fôram supportadas com resignação. Diziam que vinham dos macegaes, onde viviam em grande abundancia. Não sei que visos de verdade póde ter esta opinião. E' um insecto repulsivo e nojento, que ataca os soldados nas campanhas prolongadas em todos os continentes. Os austriacos, para libertarem-se delles, mergulham a roupa branca em caldeirões de sebo derretido e alguns preconizam como preferivel o toucinho rançoso. Nós os catavamos com paciencia, fazendo-lhes guerra de exterminio e, ás vezes, quando era possível, lavavamos a

roupa em agua fervendo. Tudo era baldado. Voltavam á carga cada vez mais numerosas, zombando da nossa tactica e dos variados processos de destruição, quaes as formigas do forte de São Joaquim, na fôz do Tacutú, que expelliram a guarnição e resistiram, sempre victoriosas, durante os longos mezes em que lá estive com a commissão de limites com Venezuela, aos nossos combates sem treguas.

O general Osorio dizia, naquelle tom tão conhecido do seu bom humor, que a *muquirana* era peça obrigatoria do uniforme; e que não se estimava quem não tivesse pelo menos uma duzia dellas. Lembro-me com saudades das marchas fatigantes, das avançadas perigosas, dos dias de fome e penuria, das noites tormentosas, passadas ao relento a velar, das refrégas mortíferas nas batalhas. A memoria povôa-se de imagens esmaecidas das dôres que se fôram ha muito tempo e transformaram-se em recordações de indizível suavidade. As *muquiranas*, porém, apparecem-me sempre ameaçadoras e repulsivas, taes quaes eram naquelles tempos, em que nos dominaram com as suas cargas inexoraveis e crueis.

Os soldados submettiam-se desanimados á sua influencia terrivel e não sei porque a baptisaram com um nome de mulher — *miquelina*. Talvez fôsse idéa de algum mau genro.

Quando abandonavamos os nossos arraiaes, o campo ficava coberto de destroços. Numa extensão immensa de alguns kilometros quadrados, viam-se sapatos velhos, armas quebradas, pedaços de couro, panellas furadas, freios partidos, contos de lanças, latas abertas, caveiras de boi, baralhos espalhados, garrafas vasias, bonets sem pala, espartilhos em pedaços, saias rasgadas, páus de barraca fincados... As marchas eram diarias, a bagagem não diminuia e os acampamentos ficavam juncados de vestigios da nossa passagem. Os soldados explicavam o phenomeno dizendo que tudo que lhes pertence rende muito, a começar pelo soldo, que é elastico.

As enfermidades e os desastres nos iam levando os camaradas e abrindo claros nas fileiras. Em compensação, surgia, ás vezes, um novo habitante para augmentar a população das *aldeias*. Não era muito raro ouvir á noite, depois do toque de silencio, um vagido de creança, que nascia. Na manhã, seguinte fazia a sua primeira marcha amarrada ás costas de alguma china caridosa ou da propria mãe, que, com a cabeça envolvida num lenço vermelho, cavalgava um magro *matuugo*, cuja sella era uma barraca dobrada e presa ao lombo por uma guasca.

Esses «filhos do regimento» creavam-se fortes e livremente cresciam

nos acampamentos, espertinhos e vestidos de soldadinhos, com um gorro velho na cabeça e comendo a magra boia que, com elles e as mães, repartiam os rudes paes, brutaes ás vezes, mas quasi sempre amorosos e bons.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## UM JURISCONSULTO COLOMBIANO

Entre os juristas sul-americanos de maior nomeada em nossos dias, váe tomando lugar distincto a figura sympathica e attrahente do DR. ANTONIO JOSÉ URIBE, professor de direito civil e internacional na universidade de Bogotá, escriptor consciencioso, erudito e profuso, advogado notavel e politico eminente. Ao lado de Edmond CHAMPEAU, jurista franco-colombiano, Fernando VÉLEZ, Adolpho LEON GOMES, Arturo QUIJANO e outros, tem dado forte impulso e brilho notavel aos estudos do direito no ameno paiz que em seu nome perpetua a recordação do descobridor da America.

Ainda muito moço (1), já o seu acervo litterario é bastante consideravel e resistente para o expor ás vistas curiosas além das fronteiras do seu paiz (2).

O estudo sobre as *Servidões*, publicado em 1904, já revela as qualidades superiores do escriptor juridico, a clareza, a concisão, a penetração e a communicabilidade, que hão de accentuar-se em trabalhos posteriores, como sejam o opusculo sobre o *Recurso de Cassação* e, principalmente, o *Tratado de direito civil*, escripto em collaboração com Edmond CHAMPEAU.

O direito romano, a historia do direito em suas fontes ibericas, a legislação comparada e a critica das opiniões convergem para tornar essa monographia sobre as servidões uma obra digna de ser consultada pelos que se dedicam aos labores do fóro e apropriada a contentar os que procuram, nas obras juridicas, o pensamento organisador que revela a unidade systematica dos institutos na variedade funcional de suas fórmulas.

Esse pensamento organisador devia, penso eu, ter revelado ao illustre escriptor que o codigo civil colombiano, como todos os que, nesta materia, se deixavam influir pelo francez, não foi bem inspirado quando classificou, entre as servidões, phenomenos juridicos de outra categoria, que restringem a expansão do direito de propriedade por uma imperiosa necessidade da existencia do homem em agrupamentos juridicamente organizados.

E' certo que DEMOLOMBE, CHACON, BORSARI e grande numero de outros

commentadores, justificam a classificação das servidões em voluntarias, legaes e naturaes; porém uma observação mais acurada dos factos põe fóra de duvida a superioridade da doutrina allemã, aliás defendida por civilistas francezes, segundo a qual as servidões legaes ou determinadas pela natureza nada mais são do que necessarias limitações ao direito de propriedade, que a solidariedade humana e a propria essencia das coisas não permitem que seja absoluto (3).

O distincto professor colombiano o reconhece, mas não vê nisso razão sufficiente para afastar-se da doutrina adoptada pelo codigo civil de seu paiz, cuja defeza emprehe, não porque a lei exerça perturbadora influencia sobre as opiniões do jurista, mas porque lhe fala prestigiosamente ao espirito a theoria tradicional entre os mestres de sua predilecção, pois de isempção de animo e de sobrançeria na critica o dr. URIBE nos dá provas reiteiradas no seu *Tratado de derecho civil colombiano*.

\* \* \*

O codigo civil da Colombia é, com algumas variantes, o que ANDRÈS BELLO preparou para o Chile. TEIXEIRA DE FREITAS e BELLO fóram os dois grandes legisladores da America do Sul. O primeiro, si viu refugada em sua patria a obra grandiosa que seu genio esculpiu com paciencia e amor, logrou a ventura de vel-a refulgir no Uruguay e na Argentina, e ter-lhe-ia tambem acompanhado a projecção luminosa sobre o Paraguay, si mais dilatados lhe corresse os annos da fecunda existencia. O segundo teve, na adopção de seu trabalho de codificação civil, por diversas republicas ibero-americanas, a consagração victoriosa de seu merito excepcional.

O alto prestigio destes dois grandes autistites do direito civil na America do Sul, foi uma circumstancia feliz na evolução das fórmulas juridicas nesta parte do mundo. Firmado na base commum de uma tradição, que vinha directamente de Roma e da Iberia, o direito civil sul-americano se foi fixando em systematisações de alto valor doutrinario que lhe permitem assimilar, sem perturbar-se, as innovações trazidas pelas multiplas expansões da vida moderna, e lhe mantém, nos diversos paizes, um ar de familia que aproxima os codigos sem os identificar.

A semelhança entre as legislações sul-americanas poderia explicar-se pelas affinidades ethnicas; mas não sómente a relativa superioridade das fórmulas juridicas é devida á influencia dos dois notaveis juristas, como ainda dessa influencia resultou que a precipitação inconsiderada dos legisladores não nos tivesse levado, pelos

camalhos das adaptações mal escolhidas, a divergencias profundas no que concerne ao direito privado commum.

E' natural que os legisladores, tendo de aceitar um codigo preparado para outro paiz, lhe façam os retoques aconselhados pela experiencia ou pela dissemelhança do meio social. O codigo civil francez nacionalisou-se na Italia, na Roumania, em Genebra, na Hespanha, soffrendo, principalmente, no primeiro e no ultimo dos paizes lembrados, adaptações e melhoramentos. Em outros paizes ainda dominou o codigo Napoleão, quer na Europa quer na America, e em todos pagou o tributo da nacionalisação ou desde logo ou no decorrer dos annos.

Agóra é a vez do codigo civil allemão, destinado a dar orientação aos legisladores modernos. Já no longinquo paiz dos nipões, o codigo civil se enroupou á moda germanica, salmo no que diz respeito ao direito da familia e ao hereditario.

Assim tambem aconteceu com o *Esboço* de TEIXEIRA DE FREITAS e com o codigo civil chileno. Os diversos legisladores os fóram afeiçoando segundo as suas idéas ou segundo as necessidades do momento.

Das modificações feitas, na Colombia, ao codigo de ANDRÈS BELLO, si algumas em nada o melhoraram, denunciam outras, ainda que em menor numero, a boa intenção de atender aos reparos da critica.

A theoria das pessoas juridicas é notoriamente defeituosa no codigo civil chileno e apresenta melhor feição no colombiano. A suppressão da morte civil, a fixação da maioridade aos vinte e um annos, a regulamentação do instituto da adopção constituem, ao meu ver, outros tantos melhoramentos. E ainda de outros pontos fóra licito afirmar a mesma coisa.

Foi este codigo que os doutores URIBE e CHAMPEAU tomaram para objecto de estudo, analysando-o systematicamente em seu *Tratado de derecho civil colombiano*.

A fórmula da exposiçáo das idéas é de uma grande lucidez e concentraçáo, o que por si só constituem um bello elogio ao trabalho que, além disso, se mantém, com admiravel aprumo, entre as correntes oppostas que sulcam o mundo juridico. As controversias, aliás, são apenas indicadas, e o espaço fica livre para o desdobrar da opinião aceita, que sempre encontra a fórmula de uma synthese bem arranjada.

E' um exemplo frisante do modo feliz pelo qual o *Tratado* sabe resumir sem prejudicar as theorias basilares do direito, o que, em poucas paginas concisas e substanciosas, diz sobre a inexgotavel questáo da retroactividade das leis. Para desenvolvê-la em suas minucias, fóra mistér escrever esse prodigio de analyse pene-

trante que é a *Retroattività delle leggi*, de GABBA. Mas é sempre possível condensar a um certo numero de idéas essenciaes que ministrem aos que desejam aprender as informações mais necessarias para que se possam tirar das difficuldades communs. Foi este ultimo o escopo do *Tractado* e, ao men- ver, o alcançou galhardamente.

Quando o código civil se desvia dos bons principios, a critica é egualmente sobria, mas sufficiente e firme. Não extravasa em demasias, mas não tenta disfarçar o erro.

Não poucas vezes tal acontece; porém vale a pena destacar as observações feitas relativamente á dualidade das fórmulas de casamento—a civil e a religiosa.

O systema em si é indeciso e vacillante, revelando as duvidas em que labora o espirito do legislador. Mas na Colombia deram-lhe attitude mais desageitada e perigosa, porque é ao juiz que incumbe solicitar a auctorisação dos paes dos nubentes, para que estes se possam casar, porque a prova da capacidade dos contrahentes depende do que ao juiz disserem as testemunhas, e, principalmente, porque o casamento catholico tem preeminencia tal sobre o civil que o póde nullificar. E' tão estranhavel esta ultima disposição, que a devo transcrever no original: — *El matrimonio contractado conforme a los ritos de la religion catolica anula, ipso jure, el matrimonio puramente civil celebrado antes por los contrahentes con otra persona.* (4)

Os perigos sociaes que se acoitam nesse funestissimo dispositivo são denunciados em termos dignos pelos commentadores; e, si lhes parece demasiado crua a qualificação de *bigamia legal*, com que foi designada essa inconsiderada genuflexão deante da Santa Sé, declararam que o Estado e a Igreja, interessadas em manter a ordem social e os bons costumes, deviam entender-se para evitar o escandalo e os males que resultam dessa ordem de coisas.

Por esse modo, prosegue o commentario, sempre seguro e calmo, apontando os desvios do código civil, preenchendo-lhe as deficiencias, e offerecendo uma licção proveitosa dos principios da sciencia aos que se querem nella iniciar.

Por isso, parece que, como livro didactico, desprezando as preoccupações de uma erudição que se atropella pelo esforço de se fazer vista, ambicionando antes ser simples, facil, insinuante e correcto, é merecedor dos mais francos elogios, porque preenche excellentemente os fins a que se propõe.

CLOVIS BEVILAQUA.

(1) Nasceu em Medellin, capital do Estado de Antiochia, a 6 de março de 1869, e pertence a uma illustre familia que conta

em seu seio litteratos, oradores e cientistas.

(2) Eis a indicação de suas obras: — *Reseña historica de la literatura castellana*, — *Introduccion al estudio del derecho penal*, — *Código de minas colombiano*, — *Estudio sobre las servidumbres*, — *Tratado de derecho civil colombiano*, — *Anales diplomaticos y consulares de Colombia*, — *La reforma administrativa*, — *El recurso de casacion*, — *Opusculos juridicos*, — *Código de instruccion publica*.

(3) Veja-se o código civil de Zurich, arts. 139—149 e 278—275; o dos Griseões, arts. 223, 229—242 e 249—263; o allemão, 917 e segs., e 1018—1029; ENDEMANN, *Einführung* II §§ 71—75 e 100—102; ROTH, *System*, §§ 234, 235, 238 e 239; MOURLON, *Repetitions écrites* I n. 1.665; ILUC, *Commentaire* IV n. 261; WINDSHEID, *Pandectas* § 169. E' tambem esta a orientação do *Projecto* de código civil Brasileiro em discussão no Senado.

(4) Lei n. 30 de 1888, art. 34, apud. URIBE, *Tratado* I p. 179.

## O ALMIRANTE (53)

### ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO CAPITULO XIX

No empenho de consumir tempo, de espaiar a sua impaciencia, a marquezia foi deixar Marianinha em Laraujeiras e, sómente ás cinco horas da tarde, regressou ao palacio. A mucama, afflicta pela prolongada demora da querida senhora, entregou-lhe um cartão de Dolores e disse-lhe que um empregado de Martins a esperava pacientemente desde as tres horas. Oscar voltára cedo, estava no *chateau*, trabalhando, percorrendo os multiplos papeis guardados numa pasta envolta num sacco verde de frisas e borlas amarellas.

— Muito bem — disse a marquezia ao empregado — diga ao compadre que lhe sou muito agradecida. Ao senhor peço me desculpe o incommodo de me esperar.

O empregado de Martins retirou-se com zumbaias reverentes e a marquezia subiu para os seus aposentos conduzindo um embrulho que guardou no precioso cofre disfarçado num elegante movel do seu quarto de dormir. Mal se libertou das roupas retiradas carinhosamente pela creada, ella se estirou no leito, apenas vestida com um penteador da Bretanha alvissimo, soltou os cabellos desgrehados sob os fôfos travesseiros, ficou immovel, fitando um riquissimo docel de brocado, donde pendiam tenues cortinas, os olhos fatigados, que pouco depois se fechavam lentamente num somno reparador.

Naquella attitude de abandono, attitude de modelo, tentando a inspiração de um artista do traço e da côr, a marquezia remoçava, perdia a rigidez das maneiras fidalgas, os aspectos convencionaes, para lembrar a formosa Guilhermina, na quadra de plena expansão das suas admiraveis, das

suas fórmulas vigorosas, evocada entre as neblinas de um sonho como figura esboçada na penumbra suave do lusco-fusco do aposento fechado.

A hora do jantar, ella despertou, vestiu-se com aprimorados requintes de casquillice e foi chamar Oscar. Vieram juntos, caminhando lentamente pela sombria avenida, sob as ogivas tristes do baubual parado: ella, apoiada ao braço delle, a trocarem palavras de affectos, impressões agradaveis como duas creaturas felizes no delicioso abandono de uma confiança ingenua.

Oscar estava de excellente humor.

Expoz, durante a refeição, a sua satisfação por ver plenamente adoptado pelo governo o seu plano de remodelamento do serviço naval, a organização de uma divisão permanente de manobras, de exercicios que aguerrissem marinheiros e fornecessem aos officiaes meios de applicação das noções theoricas e ao mesmo tempo colhesse elementos para confecção rapida e perfeita da carta maritima; a reforma dos arsenaes e, por ultimo, a reorganização radical da administração reduzindo o systema colonial do papelorio a proporções mininas, a processos rapidos, concisos, claros, fechados aos sophismas, ás alicantinas da chicana administrativa. A' sobremeza, a marquezia que o ouvia deliciada, perguntou-lhe:

— Váes sair ainda?

— Não. Porque me pergunta — respondeu-lhe Oscar.

— Sinto-me tão venturosa quando estás commigo.

— O trabalho mais importante está terminado, dando-me o direito de me abster das fadigas da administração. Agóra me acho quasi livre, a menos que o ministro não me surpreenda com algum serviço extraordinario. Eu estava, inteiramente, dedicado ao meu projecto, trabalhava incessantemente para não perder a continuidade de idéas, não me desviar do traço predominante no meu plano. Cheguei, finalmente, aos resultados anhelados com verdadeira anciedade e posso dizer, sem basofia, que estou satisfeito com o successo completo dos meus esforços. Ah! tem a minha querida mãezinha a explicação das minhas maneiras reservadas, das minhas prolongadas ausencias. Demais, eu era agrilhoado por um amor proprio, demasiado talvez, por uma necessidade de demonstrar que eu não era sómente um official afortunado pela preilecção do Imperador, que as minhas promoções não eram devidas a um impulso do favoritismo; queria, finalmente, assignalar a minha passagem para a República com uma exhibição convincente do meu valor, da minha dedicação, ao meu officio, do meu amor á minha classe. Consegui attingir aos

meus fins. Posso agóra desembarcar do navio das minhas aspirações e repousar nas delicias da vida de terra como um veterano, afastado do elemento de suas façanhas. Occorreu-me a idéa de me reformar, mas eu não conquistei ainda o direito de privar o Brazil dos meus serviços, quando me sinto forte, vigoroso, apesar destes cabellos brancos.

— Uma vez que estás restituído á liberdade, não seria occasião de procurares uma mulher digna de ti?

— Bem sabes, minha querida, que sou infenso aos projectos matrimoniaes não por principio, mas por ter adoptado a tactica de esperar, de aguardar a mulher que a sorte collocar no meu caminho. O meu casamento será consequencia do accidental, do inesperado.

— E Amelia?

— Amelia — repetiu Oscar, sacudido por uma commoção rápida — Amelia está no meu coração como companheira de infancia, uma creatura meiga que me habituei a estimar com um affecto fraternal. E quando me passa pela cabeça e pensamento de despozal-a, se me figura que ha entre nós uma secreta incompatibilidade, que o casamento seria um incesto.

— Não concordo com esses escrupulos pueris; o affecto fraternal se transformará em amor.

— Demais, Amelia é demasiado concentrada. E' uma creatura que se esquivava, numa superioridade aggressiva, quando a procuramos, como si nenhum homem fôsse digno de partilhar o seu coração, sempre fechado num retraimento frio, inexoravel, e que não é um movimento instinctivo do sexo ao presentimento do momento em que deve pagar o tributo á natureza, á collaboração fecunda para o prolongamento da especie, da raça. Amelia se tornou rigida, adquiriu asperezas masculas, no esforço de viver mais pela cabeça, do que pelo coração. Ella se despojou dos attributos encantadores da fraqueza feminina pela desviada comprehensão das suas funções de mulher superior, evitando as futilidades, os caprichos, as preoccupações elegantes que a nivelariam ás condições vulgares das mulheres feitas para o lar, para a maternidade, para essa submissão imposta pela sociedade, pela religião, pelos costumes, submissão primitiva, incompativel com o seu excessivo orgulho.

— Que idéas, que theorias!...

— São as verdadeiras, aquellas que renegamos, hypocritamente, á pressão dos preconceitos, mas podemos emitir, com sinceridade, quando desvendamos a nossa consciencia a um coração amigo. Não tenhas receio que eu me exponha a essa desgraça; si ella, entretanto, me surprehender, luctarei com todas as energias de homem para

não succumbir covardemente, sem resistencia. Não me preocupa o conceito social, porque o homem envolvido nessas aventuras de amor illicito, se torna interessante heróe de aventura galante, iuculpado desse peccadilho vulgar da conspurcação de um lar, pequena falta passional despertado mais sympathias do que rancores.

A marquezia ouvia, impaciente, essas considerações paradoxaes tão precisas, tão justas que lhe abriam larga brecha no reducto de preconceitos em que o seu espirito se refugiára desde a puberdade, obumbrado pelo mysticismo da educação claustral, infensa ao amor, proclamando a castidade como a virtude por excellencia, exaltado a creatura a proporções divinas, porque quem se subtráe ao tributo de amor é egual a Deus, venceria esse demonio, cuja tentação ella, tanta vez, sentira, sacudindo todos os seus nervos, as suas entranhas insaciadas, a sua carne sedenta.

— Não te illudas, minha querida — continuou Oscar — A sociedade é uma trama de convenções hypocritas que as leis, com a divina sanção das religiões, engendraram para manter a mulher escravizada ao dominio absoluto do homem, ao seu egoismo de senhor da companhia degradada desde o Paraíso. O casamento é uma instituição apparentemente protectora, um corollario da rehabilitação da mulher em parte operada pelo christianismo, mas de facto uma confirmação da oppressão primitiva, porque mantém, quasi intactos, os absurdos direitos do homem, do mais forte, nessa alliaça desigual em que se não correspondem direitos e deveres reciprocos.

— Pelo que dizes, és partidario do divorcio.

— O divorcio como nós o temos é uma concessão que não altera a essencia o problema. Elle não dissolve os vinculos, mantém os divorciados, incompatibilizados pelas decepções, pelos odios mais terriveis, aquelles que nasceram de um amor em decomposição, presos á mesma grilheta, associados á mesma desgraça como cúmplices do nefando crime de se não comprehenderem, de não poderem harmonisar as suas almas.

— Mas o divorcio seria, completo como tu o entendes, a prostituição legal.

— Seja como fôr, elle está de accordo com a alma humana, sempre infensa ás situações irreparaveis, ao irremediavel. Devo dizer-te que apesar disso, eu, casado, me submetterei totalmente ás consequencias do meu coupromisso; jámais recorrerá ao escandalo legal para authenticar o meu infortunio conjugal, para consagral-o com uma sentença, estampilhando a minha deshonra, si eu fôsse o coujuge innocente. Mas não perca a esperança

de que eu me caze, ao menos para dar-te esse prazer. Serei um marido exemplar, muito terno, muito amoroso. Saberei conquistar a minha companheira; não lhe darei tempo para pensar no mal; entontecel-a-ei fascinada pelas minhas caricias; defendo-a contra o accesso da seducção. Nos naufragios conjugaes, a culpa é sempre do timoneiro arriscando o seu barco aos passos perigosos, expondo a sua companheira, o seu thezouro, ás intemperies do falacioso mar da sociedade elegante, num pelago mysterioso, povoado de monstros phantasticos, de sereias feiçoas, de todos os deliciosos instrumentos de corrosão do seu moral.

— Não imaginas quanto me alegra ouvir-te, meu Oscar querido.

— Eu sou um tanto observador, nas horas vagas, com uns toques de poesia misturados á clarividencia de philosopho.

— Porque não observas Amelia, como poeta?

— Eu não posso transformar o aspecto do objecto estudado.

— Com uma pouca de boa vontade, tu penetrarias o seu coração de ouro.

— Penso que te enganarás. Amelia, quando tiver as revelações do amor, se humanisará; será uma esposa meiga, uma companheira carinhosa. Sabes porque insisto neste assumpto? Eu estremeço pelo teu futuro de celibatario. Eu receio que sejas victima de uma união illicita, que sejas victima da tentação.

Oscar sorriu daquelle excesso de solicitude maternal e affirmou em tom de ironia:

— Passou a quadra das aventuras. Eu estou perfectamente curado contra as setas do amor de aventura... Si isso, entretanto, succedesse, si eu fôsse colhido pelo delirio de uma paixão insensata, si essa hypothese quasi absurda se realizasse, conformar-me-ia com a minha sorte: amaria a mulher que me empolgasse o coração, submetter-me-ia á irresistivel injuncção do destino.

— Que horror, Oscar!

— O homem não ama á sua vontade; não se póde subtrair á intervenção da fatalidade...

— E si a escolhida pela fatalidade fôr uma mulher compromettida, si fôr uma mulher como Dolores?

— Será uma desgraça irremediavel esbarrar o coração de encontro ao impossivel; mas será sempre amor.

A historia da humanidade gira em torno desse caso banal dos instinctos sublevados contra as convenções sociaes, contra os preceitos da moral, com os quaes, na maioria das hypotheses, não estamos de accordo sinão quando nos lisonjeam, ou nos favorecem o egoismo.

(Continúa).

Do numero 39, quando começou a nos dar a honra da sua collaboraçã, até o numero 50 dos *Annaes*, escreveu *Toneleiro* longamente da armada imperial desde a sua fundaçã. Hoje, depois de uma pequena interrupçã, devida a molestia, o nosso erudito collaborador reenceta a sua honrada critica, e já agóra sobre a marinha republicana.

### ARMADA NACIONAL

*Analyse da marinha de hoje — A sua decadencia — As adhesões á Republica — A intervençã da classe na politica.*

Consequencia natural de 70 annos de mentiras officiaes, de 70 annos de administrações ineptas e estereis em geral, teudo agóra a agravar-lhe o estado causas varias e oriundas da brusca transformaçã que ao paiz trouxe o 15 de novembro de 89 e sobretudo o mortal e profundo revéz que foi o fracasso da revoluçã de setembro, a marinha de guerra na Republica desceu a um tal grã de fraqueza material, e de nullidade e esmorecimento a mór parte do pessoal que a serve, se torna difficillimo examinar-lhe calma, detalhadamente, todos os erros administrativos, todos os defeitos organicos, todas as faltas que encerra.

Não são palavras para armar ao effeito, não; nem tambem as dictam interesses não attendidos. E' escrever delicadamente até escrever como o fizemos e como o faremos; e para sermos bem exactos na analyse da decadencia e da actual agonia da armada, seria preciso ir buscar aos corsarios a linguagem, muitas vezes doce para verberar a ineptia e o pouco escrupulo do geral dos seus administradores, do servilismo e da ignorancia de grande parte dos administrados.

Que nos perdõe o pequeno nucleo não graugrenado da armada, que quasi todo se encerra na mocidade, nos quadros de officiaes subalternos, não lhe pouparamos a vergonha de expor o estado de abatimento a que chegou, em nossos dias, a sua classe. Aquelle nucleo é o que resume toda a esperança no resurgimento da instituição, ou, melhor, na organisação de uma nova armada; e as auctoridades ou terão, numa cirurgia de desespero, de amputar o organismo apodrecido para salvar o orgão puro, ou terão de o ver abandonar-se dominado pela gangrena que continuamente o ameaça. Nem é estranha aquella cirurgia que salva o orgão matando o organismo, porque esse orgão viverá por si, desenvolver-se-á e virá a constituir outro organismo, constituir, emfim, uma nova armada, vasada sob novos moldes. E afinal isso é que é logico, pois essa que ali está, em que peze aos reorganisadores e messias, não é mais

susceptivel de reorganisação, tão radicados são já seus males.

\* \*

A marinha, a despeito de ter sido considerada sempre como uma classe aristocratica e fundamente apegada ás instituições monarchicas, tomou, dizem que iuesperada e involuntariamente, parte no movimento de 15 de novembro de 89.

Ninguem na classe reagiu contra o golpe que derrubou o throno de Pedro II e com elle a monarchia, a não ser o bruto leal e submisso que fôra até então o «Imperial Marinheiro».

Intelligencia bruta, treva para a qual nunca se fez luz; alma quanta vez cheia de bondosas, apreciaveis virtudes que se corrompem com a degradante educaçã que te dão; gente rude sim, má de apparencia porque querem que o sejas, só tu, em todo este vastissimo paiz, que povoavam quatorze milhões de habitantes, tão brutos como tu e como tu sacrificados aos caprichos e fatuidade duma camarilha de *soi-disant*, lá salvadores do paiz, aqui salvadores da marinha de guerra; só tu mostraste gratidão a essa bandeira que cobriu de gloria teus mortos irmãos ignorados nas aguas do Paraguay, gratidão a esse velho que julgavas teu senhor, costumado como fôste na ignominia da escravidão, da ignorancia, e no qual vias o que elle realmente era, «o bom velho», e não o que queriam que fôsse, «o Marco Aurelio» do seculo XIX, «o rei sabio». Disso não entendias tu, negro que fizeram besta e de quem puderam ter feito homem.

Sem reacção alguma, a Republica foi acceita na armada, como aliás em todo o paiz: esse foi, por certo, o primeiro mal que atacou a instituição nascente. Proclamada não porque se reconhecesse a necessidade de novos processos administrativos, não por uma revolta do povo convencido do depauperamento da monarchia, da nullidade dos homens que a serviam, mas sim pelo despeito do exercito susceptibilizado por suppostas affrontas e pelo prestigio de um general explorado pelo cerebro sonhador de Benjamin Constant, e proclamada com a mesma facilidade, e tão pacificamente como dantes a um gabinete liberal succedia um gabinete conservador; a Republica, queremos dizer, não se pôde furtar ás adhesões e logo á influencia dos medallhões com que o Imperio dotava o paiz, nem teve necessidade de procurar amparo em braços que se tivessem mostrado fortes e dignos em longa lucta de idéas ou de armas, ferida na ancia da conquista duma nova fórmula politica.

A Republica, pois, quasi sem novos homens, iria ser, por seus processos

administrativos, a continuacão da monarchia: houvera, apenas, mudança de nome e de duracão no reinado do soberano. A grande massa de politiqueros ignorantes e servis que imperava pelas provincias, na obediencia passiva a quatro ou cinco chefes que aberta ou occultamente, pelos seus prepostos nos gabinetes, dirigiam a nação, ia ser a mesma que havia de organizar os Estados, sob o novo regimen. Fazendeiros brancos, cujo apoio se comprava com o baronato barato, concedido em massa no fim do Imperio; bachareis filhos desses fazendeiros ou afilhados dos chefes que da Côte puclavam os cordeis aos fantoches dos Estados; rabulas ousados que venciam as eleições á força da rasteira e da navalha; jornalistas que se impunham pelo manejo da diffamação e da injuria; e, por fim, a grande massa boçal do povo brasileiro: todos adheriram á nova instituição, bestialisados não, mas indifferentes, pois, para essa gente, toda a fórmula de governo é bõa quando aos primeiros se lhes conserva o mando no município ou no districto, o cargo na administração, o livre exercicio do *direito eleitoral* ou a esperança de, pelos seus processos, obter um dia collocação na politica e para o povo, tão abandonado desde o imperio á sua inconsciencia e á treva de sua ignorancia, desde que lhe não tirem a céva em que engorda o porco, o canteiro que lhe dá o feijão e a casa de sapé em que se abriga. Depois, acenaram-lhe com a federaçã!

Eram aquelles elementos que haviam de legislar ou de fazer os legisladores e que haviam de administrar ou de fazer os administradores da Republica e dos Estados.

Não se realisára o sonho de Benjamin Constant. O seu cerebro de theorico, imbuido das utopias positivas, acreditára que todos os males que nos assoberbavam provinham das instituições. Não reflectiu que peiores do que a corrupçã da politica monarchica seriam os males que nos traria uma republica nascida fóra de tempo, proclamada pelo elemento militar descontente, sem uma lucta que destacasse bem os elementos, lucta que partisse do povo e que revelasse aptidões e caracteres novos.

Feita e acceita pelos militares, estes se julgaram desde logo com direito a intervirem na administração do paiz; grande numero delles foi nomeado, que não eleito, para os novos cargos de que foi accrescida a representaçã nacional na Constituinte e depois no Congresso. Discipulos dilectos do sonhador da Republica fõram empossados em governos de Estados diversos, ainda não sob o regimen da federaçã e onde os politicos fõram menos animosos ante a força que adquirira, sobretudo, o exercito.

Mas voltemos á armada.

A mesma chamma de ambição que intensa lavrou por todo o paiz, fazendo pullularem os candidatos de toda a especie a toda a especie de cargos politicos, lavrou tambem na mariuha; o prestigio da farda era mais uma probabilidade de exito. Os chefes, cuja influencia politica poderia dispensar bôa sombra aos que se lhes chegassem, fôram logo cercados, e foi essa nova causa para que mais se accentuasse esse fatal systema de dividir a armada em grupos, cujos centros eram chefes, rivaes em geral e que entre si não guardavam a harmonia de vistas, a cohesão tão necessaria ao progresso, ao engrandecimento da classe. Como, dentre elles, os mais prestigiosos eram os almirantes Custodio José de Mello e Eduardo Wandenkolk e capitão de mar e guerra Saldanha da Gama e os primeiros immiscuiram-se desde logo na politica geral do paiz, a quasi unanimidade da classe foi arrastada e tornou-se francamente politica.

Onde era tudo até então apathia, descaso; via-se agóra só movimento, só actividade, mas movimento e actividade inuteis, improductivos, pois eram simplesmente politicos, e, longe de beneficiarem a classe, só lhe traziam prejuizos, pois afastaram de seus deveres, de sua profissão a maior parte dos officiaes da armada.

E, como nem todos, sinão até bem poucos, podiam sobresaír, destacar-se no centro, na Capital Federal, grande numero procurou os Estados, meios mais acanhados e promptos a fazerem um primeiro de quem não se quizesse sujeitar a ser segundo no Rio. Alí então o valor da farda, o respeito que a cercava, eram enormes. A esses havia de vir logo a auxiliar a federação como a temos e que transforma o Brazil numa confederação de 21 estados soberanos, Bavieras e Wurttemberg governados por antigos senhores de escravos ou por fazedores de theorias economico-financeiras, pelas esporas dum official do exercito ou pela distincção de baile de cassino dum official da armada.

Ah! A onda que arrastou os membros de todas as classes do paiz á conquista do exercicio de todos os direitos civis, o que logo depois a Constituição votada assegurou, impelliu tambem os militares. Simplesmente para estes, esta conquista era feita por meios menos serios. Para os civis, ella se fazia pelo prestigio do dinheiro e do nome, pelas eleições feitas á força ou com actas falsificadas, meios já consagrados como bons. Para os militares, porém, era necessario emprestar o valor da farda para depor governadores, entrar em conluios com a politicagem local, servir baixos interesses.

Mas, aos officiaes de marinha não mais servia a vida quieta e alheia a luctas politicas que até então haviam levado. Si, com uma jornada incruenta como a de 15 de novembro, avançaram todos um posto, pensavam por seu lado os que se não tinham collocado na politica: porque não tentar outros tantos 15 de novembro, que os levassem até onde cada qual se julgava com direito? Começaram então a surgir os conspiradores; como, porém, não é chefe de uma revolução quem o quer, sinão quem o pôde ser, começaram cavilosamente a ver em cada chefe um salvador da Republica, havia tão pouco tempo feita e já a todos bem descontentava. Assim, o navio de guerra deixou de ser a escola onde se preparassem para lutar pela Patria, quando horas amargas soassem, para ser o iustrumento que servisse a derrubar governos, o centro de propagandas revolucionarias.

Não se queira perceber no que acima fica dito uma condemnação quer ao 23 de novembro, quer ao 6 de setembro. Nunca ha, porém, os factos e ha as intenções que movem os seus agentes a analysar. Veremos mais tarde que só o interesse, só a ambição levou a ambas as revoluções a grande massa dos officiaes que nellas se empenharam.

TONELERO.

(Continúa)

### SANEAMENTO MODERNO

O Sena tem a reputação de ser um dos rios mais sujos do mundo, pelos dejectos de Pariz e da zona de densissima população por elle percorrida. Foi preciso, paraprehender o seu saneamento, tornar obrigatoria a purificação das aguas servidas; mas isso seria muito difficil, sinão impossivel, si fôsse feito por meio da *épannage*, (irrigação) o mais velho processo da regeneração das aguas impuras, processo imperfeito, dispendioso, exigindo grandes superficies, empregado na Inglaterra, o paiz classico da hygiene, no qual, desde 1865, era prohibido construir exgotos desembocando directamente nos rios.

Falou-se muito contra o systema *tout à l'égout* attribuinto-lhe as qualidades de vehiculo de infecção, o que seria logico si as aguas dos exgotos não fôsem infeccionadas pelas sargetas e calçadas cheias de dejectos animaes, pelos residuos domesticos, caldo propicio a todas as bacterias, pelas

aguas industriaes. Parecia preferivel, para não infeccionar mais uma agua já impura, supprimir nas casas as causas de insalubridades permanentes resultantes dos antigos systemas de despejo.

A despeito das criticas, fundadas em parte ou injustas, o systema da *épannage* não foi totalmente rejeitado, si bem que não offereça todos os resultados apregoados pelos seus partidarios.

Conforme a theoria, as aguas a purificar contêm quantidades consideraveis de materias azotadas, albuminoides ou amoniacaes, que lhes dão grande valor fertilisante: trata-se, portanto, de destruir os microbios que ellas contêm e de purificar-as, utilizando-as para a agricultura com azoto das materias precipitadas.

Conforme a linguagem de Esopo, as bacterias pôdem, segundo sua natureza ou os fins a que tendem, fazer muito bem ou muito mal. Ha numerosas especies de microbios, bacterias, vibrões, levedos e bolores que tem todas as condições especiaes de vida e acções differentes. Esses infinitamente pequenos são activos transformadores das materias organicas, especialmente das materias azotadas, por meio de processos mais simples e, todavia, analogos aos que nós empregamos para viver. Dizia-se que o levedo de cerveja era um animalsinho que comia assucar, estrume e dejectava alcool. Acontece o mesmo com todas as bacterias, as pathogenicas como as inoffensivas, as prejudiciaes como as uteis: comem qualquer coisa e eliminam productos de destruição. Cada uma tem condições especiaes de vida, entrando todas em duas classes: — as que necessitam do ar para viver, os aérobios, que tiram da atmosphera o oxigeneo e deste se servem para destruir as materias organicas, trabalho egual ao da nossa nutrição; os anaérobios que se desenvolvem ao abrigo do ar e decompõem as substancias tirando-lhes o oxigeneo que encerram: estes são mais nocivos que os outros.

Compreende-se o partido que se pôde tirar dessas bacterias. O problema consiste em fazel-as comer as materias organicas existentes n'agua e depois, porque no curso dessa operação ellas se desenvolvem extraordinariamente, collocal-as em taes condi-



ções que morram, pelo menos, as prejudiciaes.

O primeiro systema para attingir esse resultado foi a *épannage*. A agua, passando, no trajecto pelos exgotos, por todas as maneiras de fermentação, arérobias e sobretudo anaérobias, que já transformaram as materias organicas, chega ao sólo de cultura e ali encontra uma bacteria especial que causa a nitrificação dos terrenos, comendo os albuminoides e o amoniaco e eliminando acido nitrico. Produzem-se nitratos muito fertilisantes e, ao mesmo tempo, tanto pela acção oxydante dessas bacterias, como pela passagem através do sólo bastante movei, em que o ar penetra facilmente, são mortos os microbios anaérobios. Quanto a culturas, a agua purificada corre para o rio pelos drenos. Os resultados são effectivos, muita vez admiraveis.

A agua de exgoto contém de vinte a vinte e cinco mil milliares de microbios por centimetro cubico. Em 1902, um dreno, o Julio Cezar da região de Mary-Pierelaye, forneceu diversas vezes agua contendo uma bacteria por centimetro cubico, quasi esteril, portanto, e superior á agua de alimentação. Outras experiencias conduziram á verificação de que a *épannage*, bem conduzida, pôde attingir a perfeita esterilisação.

O grave inconveniente desse systema consiste em demandar superficies immensas. Si se adoptassem em Pariz as bases consagradas na Inglaterra, porventura excessivas, Pariz demandaria 7.800 hectares, outro tanto da sua propria área. O outro inconveniente provém de que, no periodo das chuvas, os terrenos de despejo ficam pouco aptos para receberem a agua que devem purificar no momento preciso, ou esta se torna demasiado abundante. Si o afogam, se transformam em pantano, em cloacas, incapazes de preencherem as suas funções, porque o ar não pôde mais penetrar sufficientemente o sólo.

Essas condições determinaram a necessidade de escolher outro systema. Ao principio, tratou-se de dar repasto sómente ás bacterias anaérobias em immensos tanques cuidadosamente cobertos: ellas cumpriram bem o seu dever, mas deixavam emanações insupportaveis, sendo necessario para

extinguil-as despejal-as num sólo de cultura, demandando superficies muito menos consideraveis do que o velho processo.

Calculou-se, então, que seria mais simples recorrer aos aérobios, sem desprezar os outros que trabalham como pôdem, durante o tempo em que as aguas sujas entram a circular na cidade, e domiciliando-as em um tanque onde se desembaraçassem da areia das materias solidas em suspensão. Para esse fim, os engenheiros inglezes combinaram leitos de depuração permeaveis quanto possivel ao ar, compostos de coke, de tijolos quebrados e, em certos systemas, de um carbonato de ferro, calcinado em condições especiaes, o *carbo-ferrite* que, na opinião de Grandean, tem propriedades oxydantes particularmente energicas.

A agua é lançada em chuva sobre esses leitos, cõe nelles por intermitencias, de maneira a provocar, correndo, uma camada de ar que penetra toda a massa. Obteem-se assim resultados rapidos com superficies relativamente pequenas, como succede na cidade de Chester, que tem 30.000 almas e purifica as suas aguas com uma superficie de 33 aros, ao passo que, nos termos da lei ingleza, lhe seriam necessarios 160 hectares ou 480 vezes mais terreno para purificar-as pela *épannage*.

Os resultados daquelle processo são muito satisfactorios, talvez menos absolutos do que os da *épannage*; fôram obtidos com mais facilidade e menos probabilidades de accidentes.

Pelas analyses do dr. Griffith, citadas por Grandean, um residuo contendo 8.933.333 bacterias por centimetro cubico — bacillos Coli e Eberth — ficou reduzido a 44.333 bacterias inoffensivas da agua, sendo a purificação na proporção de 94.45 %, e podendo essas aguas ser despejadas directamente nos rios.

A esse systema ou a outro analogo, váe o departamento do Sena recorrer para purificar as suas aguas de exgoto, sendo empregado pela cidade de Pariz em concurrencia com a *épannage*, que funciona muito bem, quando a superabundancia dos liquidos não excede á capacidade dos campos. Não haverá communa, por insignificante que seja, que não possa purificar os seus detricos. Os proces-

sos aérobios se prestam a tudo: ha, actualmente, na Inglaterra, usinas que tratam as suas aguas residuarias.

\* \* \*

Discorrendo, com a sua reconhecida competencia, sobre esta materia, o dr. Carlos Sampaio deu uma estatística sobre a acceitação dos processos bacteriologicos:

«E' a Inglaterra o paiz mais avançado em questões de exgoto, só havendo 24 cidades applicando ainda o systema de fossas fixas e 40 e de barris moveis. Todas as outras tem adoptado a *water-carriage*, terminando pela depuração que, em grande parte, ou é pelo systema de irrigação, ou por infiltração intermitente, ou pelos leitos de contacto e, só, pelo systema Camerougo 80.

Das 1.096 cidades dos Estados Unidos, de mais de 3.000 habitantes que tem exgotos sanitarios, só 95 purificam as suas aguas residuarias, sendo 21 por irrigação, 27 por filtração intermitente, 22 por tanques septicos e leitos de contacto, 10 por precipitação chimica, 7 por filtração em areia e 4 por simples sedimentação.

Na Allemanha, ha 268 cidades de mais de 15.000 habitantes, das quaes 64 clarificam o *sewage* e 21 tratam pela irrigação.

Na França sobre 616 cidades de mais de 5.000 habitantes, 294 não tem nenhum exgoto, 257 tem exgotos pluviaes (não recebendo ao menos officialmente materias fecaes), 65 applicam o *tout-à-légout*, todas, mesmo Pariz, tem um certo numero de fossas fixas, barris moveis, etc. Dessas 65, só numa pequena parte dá-se a purificação, e só agora estão em projecto ou em via de execução para as cidades principaes seguintes: Toulon, tanques septicos e leitos de contacto; Lille, Avignon, Rouen systema Howatson, Havre lança no mar, Reims, Montluçon, Clermont-Ferrand, Lyon, campos de irrigação.

No Brazil pouco se tem feito e só merecem especial menção as installações biologicas estabelecidas em S. Carlos do Pinhal e em São João do Rio Claro.»

O Club de Engenharia, em um bellissimo parecer onde encontrámos a estatística citada, aconselhon ao pre-

feito de Nictheroy a adopção dos systema moderno de saneamento pelos processos biologicos.

O opusculo do Club de Engenharia, contendo o parecer do dr. Carlos Sampaio, é um lucido e erudito trabalho sobre esse importantissimo problema.

CUJAS.

### THEATRO

Sarah Bernhardt, que hontem nos deixou—talvez com mais saudades da Sarah d'outr'óra que da de hoje—despediu-se do Rio com o *Hamlet*.

Os que conhecem a tragedia de Shakespeare, segundo a adaptação lucida e a allucinante execução dos italianos, não puderam ter do trabalho da velha actriz a mesma impressão de esthesiada delicia. Essa é que é a verdade, e si os applausos não foram copiosissimos, como ella os deve ter querido, nunca a nossa platêa mostrou, com tanta calma, calma de uma expectativa que se desfazia, tão sufficiente juizo e tão justa medida do seu prazer.

A *voix d'or* foi-se, e por mais que se quizesse refazer de muitas ligas, para ser a de um principe nessa altura de Hamlet, ella apenas saía num som que já não é mais o antigo gorgoeio. Vinha numa regra monotona, sem as perturbantes tonalidades que toda a gente quer que haja no sentimento daquelle papel de exasperos e flexuosas calunias. Quando não era isso, era uma vóz quasi ronca, falhada, com estridencias que nos raspavam sensações de calefrio pelo corpo.

Além disso, não nos póde a sua universal reputação convencer, apesar da fala constante dos seus triumphos com o Hamlet, de que Sarah não está deslocada nesse papel. Todo o seu genio é insufficiente para levar ao palco esse typo que tem sido a allucinação de tantos genios outros, mortificados na anciania de o esculpirem. Insufficiente, porque todo o seu genio é feminino, feito num ponto de delicadeza e doçura que se não entalha nesses mysterios, nesses variantes estados d'alma do principe—mesmo quando o principe apparece doído, como na scena de autenhontem, das mutilações que a adaptação lhe fez.

Depois, a velhice, os sessenta annos de Sarah, bem gastos, a metade dos quaes passada na sóva dos nervos; essa velhice a que ella deveu, na noite do *Hamlet*, tantas evidentes fadigas e extincções dolorosas dos seus restos de força!

Sarah é um assombro! Bravos! E' tudo isso—que, por desgraça, não evita a nossa decepção, decepção que os senhores estão no direito de apertar entre os nomes meios feios.

A platêa, no fim do espectáculo, fez-lhe uma ovação de despedida, de perturbada saudade. Era um carinho, era um respeito á memoria do que passou. Era uma litania de *crepusculo dos deuses!*

Em compensação, quando saíu do theatro, Sarah foi a eterna *cabotine*: recebeu com ultra paternal affecto, (que é preferivel a *maternal*) a homenagem nacional dos seus admiradores—uma meia duzia de pirralhos que levavam na humanidade dos olhos e na parada de um enternecido sorriso, as fósquinhas mais amigas.

VARIO & C.

### XADREZ

#### 3.º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Tem corrido o torneio com interessantes peripecias—victorias e derrotas as mais inesperadas. Ainda não se póde prever o resultado final, mas já se póde assegurar que uns 10 concurrentes estão fóra de combate. José Piza bateu Theophilo Torres.

—Deixamos de publicar o quadro das partidas jogadas, por não haver alteração sensivel até ao dia 13; provavelmente no proximo numero, teremos o resultado final. Quem nessa data estava mais bem collocado era Raul de Castro—9 pontos em 11 partidas; seguem-se: Heitor Bastos—9 em 12; José Piza e Theophilo Torres—7 1/2 em 10; R. S. Quayle—8 em 12; Augusto Silva—8 1/2 em 14.

—Jogaram-se até ao dia 13 do corrente 91 partidas.

#### OUTRAS NOTICIAS

—Conta-se que em um torneio internacional, de que fazia parte o grande Lasker, se inscreveu um amator de força menos que media, que soffreu tantas derrotas quantas partidas jogou. Chegando a vez de jogar com Lasker, este, para infligir-lhe um justo castigo pela sua inconsciencia em se aventurar a medir-se com semelhantes parceiros, jogou-lhe a seguinte partida:

Branças	Pretas
(X.)	(Lasker)
P 4 R — 1 —	P 3 B R
P 4 D — 2 —	P 4 C R
D 5 T R mate — 3 —	

Comprehende-se a flagelladora intenção debochativa do campeão.

—O problema que hoje publicamos, interessante como se verá, é de uma distincta amadora de São Paulo, que no *Diario Popular* dessa cidade tem publicado diversos trabalhos desse genero. Sirva este exemplo de estímulo ás nossas patricias, que fogem do xadrez com tanta aversão.

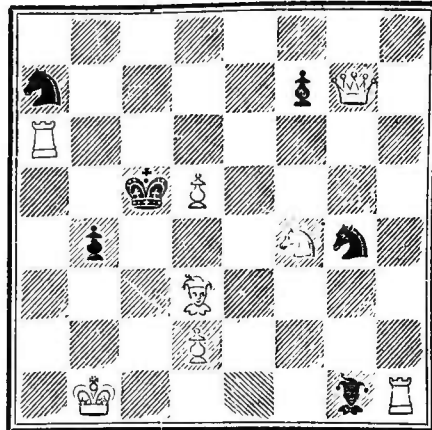
—No proximo dia 16 de outubro começou no Club de Xadrez de S. Paulo (rua da Boa Vista n. 20), o torneio para o campeonato do Club no anno de 1906. A divisão será feita por classes, e não por grupos, como em annos anteriores se praticava. A inscripção se encerrou no dia 9 de outubro. A entrada é de 5\$000. Acompanharemos as peripecias da lucta, e desde já pedimos ao amavel correspondente que nos forneça taes informações a fineza de nos trazer ao par dos successos do torneio e de nos enviar algumas das melhores partidas que ahi se jogarem.

PARTIDA Nº 24  
(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 4 de outubro de 1905)

PROBLEMA N. 23

Carmen

PRETAS (6)



BRANÇAS (8)

Mate em 2 lances

RUY LOPEZ

Branças	Pretas
(Heitor Bastos)	(Frota Pessoa)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 5 C — 3 —	P 3 T
B 4 T — 4 —	C 3 B
Roque — 5 —	B 2 R
P 3 D — 6 —	P 4 C D
B 3 C — 7 —	P 3 D
P 4 T D — 8 —	B 5 C R
B 3 R — 9 —	C 4 T D
C 2 D — 10 —	C X B
C X C — 11 —	Roque
P 3 T R — 12 —	B 4 T
C 2 D — 13 —	C 2 D
P 4 C R — 14 —	B 3 C
P 4 D — 15 —	P 4 T R
D 2 R — 16 —	T 1 C
P X P C D — 17 —	P X P C D
C 3 C D ? — 18 —	P X P C R
P X P — 19 —	B X P R
B 1 B D — 20 —	B X C
D X B — 21 —	B 4 C D
R 2 C — 22 —	B X B
T D X B — 23 —	D 4 C R
T 1 T R — 24 —	C 3 B R
R 3 C — 25 —	P 5 R
D 2 R — 26 —	P 3 C R
T 3 T — 27 —	C 4 T x
R 2 T — 28 —	C 5 B
D X P R — 29 —	C X T
R X C — 30 —	R 2 C
P 4 B R ? — 31 —	T 1 T x
R 3 C — 32 —	D 5 T x
R 3 B — 33 —	D 6 T x
R 2 B — 34 —	D 7 T x
D 2 C — 35 —	D X P x
R 1 C — 36 —	D 6 R x
R 1 B — 37 —	T 6 T
C 2 D — 38 —	T 1 R
D 2 B — 39 —	T 8 T x
abandonam — 40 —	

PROBLEMA N. 22 (F. Reimann): Por descuido, não se disse no numero passado que este problema é em dois lances.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000  
 ---  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 ---  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O nosso presago coração de chronista nos bacorejava alguma coisa no ar, quando, ha quinze dias, sentiamos emanações estranhas na atmospheria politica.

Não previramos que a colligação desandasse em complicação, ao nascedouro, acompanhada pelos dons das fadas prestigiosas, sob cujos auspicios venturosos ella safu das entranhas da opinião rebellada contra o Cattete, num puxo de energias que pareciam extenuadas á degeneradora acção do *engrossococcus*; não previramos que se transformasse o offercimento do banquete ao sr. Affonso Penna, em ensejo para se propinar ao sr. Ruy Barbosa, o extraordinario padrinho da colligação, uma dóse macissa de veneno para o forçar ao abandono da obra tão brilhantemente iniciada; não previramos, enfim, o attentado contra a vida do sr. José Marcelino, essa tentativa de eliminação de um homem honesto e bom, em cujo activo politico se não encontram justificativas para o recurso extremo, violento e barbaro, ao processo de cobardia, executado pela garrucha de um sicario inconsciente.

Não previramos essas surpresas, mas a verdade é que as nossas fôssas se impressionaram com um repugnante cheiro de *sanguie real*, cheiro de desastre, emanações mephyticas de algum corpo em decomposição, um cheiro de cemiterio, de aniquilamento imminente.

E' que estamos deante de um organismo doente, perturbado até aos mais intimos recessos, deante de homens de Estado, de porta-bandeiras de grupos de todas as côres, de todas as crenças, composto de creaturas desorientadas, voltadas para o irresistivel pólo do poder, reeditando a gente da visão do divino poeta — *Genti dolorose che hanno perduto il ben dell'intelleto...* possuindo todos, na phrase de um psy-

chiatrista sul americano, como caracter commum, a mesma exaltação furiosa, a superexcitação continua, a actividade febril, o automatismo do pensamento, o tetano da vontade sob o estímulo e a direcção da idéa fixa, a idéa de se agarrarem com unhas e dentes ao cofre das graças, ás posições apanhadas de aventura, num ensejo feliz da fortuna céga.

Ninguem quer ficar por baixo; os que estão em baixo anceiam por treparem; os que estão em cima não se podem consolar á idéa de descerem, de serem privados das delicias do clima paradisiaco das alturas, na visinhança de quem dá e se parece com Deus.

E como não ha remedio para essa situação, como não ha forças humanas bastante vigorosas para resistirem a onda da unanimidade esmagadora, asphyxiante, para a qual não ha diques de idéas, todas as correntes de opinião tendem para o mesmo sulco profundo, cavado no terreno arido da politicagem, perdendo a sua pureza primitiva, os seus caracteristicos especiaes, para se confundirem na caudal de lôdo e lama desbordante de um pantano.

Na colligação ha personagem de traço definido, luctadores indomaveis, homens de rija tempera, sinceros, convencidos, patriotas; esses, porém, se atolam paralyzados no amalgama monstruoso de elementos ruins, de exploradores, de *genti dolorose*, privada do senso moral civico, dos conspiradores da pureza da Republica, de homens cuja sinceridade, cujas convicções, comidas pela manhã, não quebram o jejum.

A selecção dos elementos de victoria é precaução demasiado sentimental: todos os bacamartes serviram para derrocar a olygarchia do Cattete, para arrancar de S. Paulo o privilegio de fornecer presidentes de Republica ou para excluir a influencia presidencial da escolha do successor; mas essa utilidade, angariada

a dente de cachorro, em circunstancias de aperto, produziu, como era infalivel, uma situação de solução difficil depois do triumpho.

O mastro de cocagne, fincado no meio do tremedal, teve adherencias perigosas, incrustações que, de elementos occasionaes, se tornaram definitivos, crustaceos que, na sua voracidade parasitaria, proliferarão formando uma casca ameaçadora de difficuldades insuperaveis que darão suores frios ao topete de madeixas anneladas do general em chefe da colligação, porque essas ostras só deixarão o páu a golpes do sr. Pinheiro Machado. As legiões hecterogeneas aliadas para uma campanha facilmente ferida e vencida, não regressarão aos seus arraiaes, ás suas bandeiras depois da victoria que tem delicias incomparaveis e deve ser uma recompensa permanente para a mór parte dos colligados.

O saneamento moral da Republica não passará de uma esperança feneçida, uma promessa timida que o vento arrebatou e, conforme os capitulos da offerta do banquete, tudo ficará nessa deliciosa perfeição do *status quo*: os revisionistas, desilludidos do seu sonho; a fraude eleitoral produzindo os seus effeitos de deturpação do regimen democratico; as olygarchias donatarias de alguns Estados comprimindo a livre expansão dos direitos; a justiça entregue, como um rêlo ignobil, ás unhas aduncas dos satrapas; os principios democraticos, consagrados na Constituição, mutilados ao sabor da ganancia dos dominadores; o producto do imposto engordando as guardas pretorianas e as proles incontentaveis.

Não póde ser outro o feitio de uma Republica arranjada do pé para a mão. Todos os paizes novos passam pela crise dessa lepra, uma especie de empingem da sua infancia. E' perigoso arrancar-lhe as esquirolas, sanear a ferro e fogo a pustula hedionda. De

accordo com as velhas idéas, a sanie que dellas escorre é uma secrecção benéfica, purificadora, e o pús fabricado pelos *engrossococcus* é a mais solida garantia dos tecidos que elles destróem para os reconstruirmos mais vigorosos, mais perfectos.

A politica aconselhada pelo afortunado feiticeiro, depositario de secretos philtros maravilhosos, é a de deixar o páu correr: a regeneração virá com o tempo; os tratamentos energicos operam curas apparentes, falaciosas que concentram o perigo dos humores recolhidos no amago do organismo para explodirem, mais tarde, em manifestações incuraveis. As opposições impacientes que esperem resignadas ao seu fado cruel, esmagadas sob a canga ignominiosa dos dominadores ineptos. Ellas não fazem mal: são cães amordaçados cujo unico desafogo é ladra-rem á rua, cheirando, por demasiada tolerancia, o osso de esperanças mirradas.

Em outro meio, esse roزاری de idéas denunciaria uma deformação de cerebro morphologicamente mal dotado, visivelmente inferior: entre nós, são lampejos deslumbrantes, faiscas do genio de um estadista que vê claro nos horisontes, um estadista que conhece profundamente o que nós somos, o que nós valemos.

E' de se levantarem mãos desesperadas aos céos e pedir ao Senhor Deus dos desgraçados que nos acuda com a sua intervenção misericordiosa, a menos que se forcem os desenganados ao emprego do processo da circumscisão.

Mas... Deus é pae dos afflictos; inspirará ao seu dilecto filho Affonso Penna repugnancia á offerta; não permitirá que elle propine esses globulos envenenados que, no ventre da colligação, provocariam o aborto do filho esperançoso, apesar dos elementos heterogeneos, da promiscuidade de paes que o engendraram.

\* \* \*

E resta alguma coisa no ar.

Os scepticos, os pessimistas refractarios, os que confiam desconfiando sempre, não estão seguros do bom successo da candidatura do nosso candidato. Causam-lhes certa especie as relações intimas de alguns colligados de duas velas; não atinam porque se rendendo ás forças colligadas, o governo

anda a se desmanchar em amabilidades com alguns chefes, dando-lhes de mão beijada quanto exigem — guarda nacional, juizes e outros instrumentos de supplicio. Deu ao grão duque Accioly um cutello que está, muito constitucionalmente, se amolando na Camara, enquanto não váe occupar o seu honroso logar na guilhotina, e burlou a manifestação do Supremo Tribunal contra o candidato do sr. Rosa e Silva á judicatura federal de Pernambuco.

Este ultimo acto encontrou defensores eximios na difficil tarefa de defender o indefensavel, até o illustre constitucionalista João Barbalho, erguendo-se do seu leito de dôr para apagar com a sua palavra acatada a pessima impressão da remoção do juiz do Espirito Santo, depois do concurso.

O acto foi praticado no exercicio de uma attribuição legal; o governo tinha o direito de remover o alludido juiz para as apraziveis margens do Capibaribe.

— Mas — dirão os adversarios dessa manobra — taes actos valem pela sua psychologia e não pela sua apparencia no caxilho da lei.

Ha poucos dias, nos encantava Medeiros e Albuquerque com a sua historia e psychologia do beijo, que, materialmente, nada vale, mas pôde ser, conforme a sua psychologia, um signal de affecto ou de odio: o beijo de aspecto fraternal pôde ser beijo de judas. Da mesma fórma, uma pancadinha no rosto pôde ser uma cariciosa manifestação de amor, ou uma injuria, conforme a sua psychologia, os intuitos que a determinaram. A remoção do juiz sobre as buchas do concurso, além de ser uma desconsideração ao Supremo Tribunal, foi um meio empregado pelo governo em represalia á exclusão do exotico Figueiredo, aspirante á toga de juiz federal.

Não se deve escurecer que, nesse caso inconcebivel, tem culpa o Supremo Tribunal pela sua complacencia aos desejos da politicagem. Não foi logico, não foi coherente, dando ao commendador Accioly o juiz Studart e recusando ao conselheiro Rosa e Silva o juiz Figueiredo.

Além disso, o governo, habituado ás complacencias, teve razão de se queimar com essa irreverencia, quasi surprehendente, com ares de rebeldia.

Esses e outros factos são, no sentir spenceriano do offertante do banquete, muito naturaes; são accidentes sem importancia na vida dos paizes novos; para nós e para os nossos amigos da colligação, (é o segundo engrossamento feito nesta chronica e os notamos para não passarem despercebidos) elles são signaes dos tempos, signaes ameaçadores de alguma coisa que se trama, ameaça divina ou insidioso segredo, tanto parece extraordinario esse empenho em manter affectuosos laços com inimigos declarados da patriótica colligação (terceiro engrossamento) ou não cortar as ligações com os elementos parasitarios, tão promptos para a adhesão como para a aposthasia, servidores, sem sinceridade, sem remorso, do amo bafejado pela victoria ou melhor pagador.

Deus Nosso Senhor assista com a sua divina graça o nosso preclaro chefe, (mais um) para não o deixar cair na tentação de alguma esparrella e o preserve de circumscisão (quarto e ultimo engrossamento). E basta.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Em março do anno passado, dizia eu no prefacio posto ás *Questões Economicas Nacionaes*, do sr. Arthur Guimarães, alludindo ao estudo que ando a escrever do Brazil social e politico, apreciado á luz da escola de Le Play e H. de Tourville: « Duas especiaes circumstancias puzeram-me no encalço das idéas que vão ser expostas: a observação attenta dos factos passados no periodo republicano, que váe decorrendo, e o conhecimento mais intimo das doutrinas e ensinamentos da chamada Escola da *Sciencia Social* de Le Play, H. de Tourville, Ed. Demolins, P. de Rousiers, P. de Préville, P. Bureau e tantos outros, aos quaes se devem os melhores trabalhos existentes sobre a indole das nações.

A Republica teve a vantagem de revelar este querido povo brasileiro tal qual é, entregue a si proprio ou aos seus naturaes directores, o que vem a ser a mesma coisa. Os vicios e defeitos de sua estrutura social tornaram-se patentes aos observadores imparciaes e cultos.

Até á Independencia, este amado Brazil tinha apparecido sempre sob a tutela da realza portugueza, que o havia dirigido, guiado, afeiçoado, por

assim dizer, ao sabor de seus planos e designios, até onde governos podem influir na estrutura das massas populares, sobre as quaes lhes cumpre velar.

No regimen passado, egual tutela tinha sido exercida pela monarchia nacional, que se poderia considerar, em mais de um sentido, uma continuação, um prolongamento da realza mãe.

Poder-se-ia dizer que havia uma força estranha a estorvar o povo no seu andar normal e proprio.

Hoje, este obstaculo jaz desfeito: não existe mais tal embaraço ou tal desculpa. O observador não divisa um astro estranho a desviar-lhe os instrumentos de analyse; não encontra tropeços no caminho.

As doutrinas do evolucionismo spenceriano tinham-me posto na pista do desdobramento natural dos varios ramos da actividade humana; tinham-me despertado a attenção para as formações dispareas dos povos mestiçados, nomeadamente os da America do Sul, e, por esse caminho, havia sido conduzido ás conclusões a que cheguei em todos os escriptos ácerca da minha patria. As doutrinas da escola de Le Play, posteriormente, fizeram-me penetrar mais fundo na trama interna das formações sociaes e completar as observações exteriores do ensino spenceriano.

E' uma confirmação, em ultima instancia, de theses obtidas por outras estradas e por outros processos.

A historia destes quinze annos de Republica tem servido aos espiritos sem preocupações mesquinhas, para aclarar toda a historia colonial, regencial e imperial do Brazil. O periodo da Regencia, sobretudo, esclarece-se com uma intensa luz nova. A cohesão, a unidade, a estabilidade constitucional do paiz, a intima organização do povo, eram em grande parte puramente illusorias!

O manto da realza, puxado e repuxado em todos os sentidos pelos politicos de officio, encobria muita coisa que se não deixava ver.

A Republica manifestou o Brazil tal qual elle é; e, por isso exactamente, é o governo que lhe convém, porque o não illude. E' o que se vêe ver á luz do systema de Le Play e Henri de Tourville. A posição do Brazil, seu verdadeiro estado social, esclarecido com o criterio intimo dos elementos primarios e essenciaes da vida, é o que me proponho a elucidar.

Infelizmente só a traços largos e em linhas geraes; porque um estudo regular e completo do paiz, sob tal methodo, exigiria tres ou quatro volumes, firmados em duzentas ou trezentas monographias, que não existem, que estão por fazer.

Seria preciso apreciar acuradamen-

te, sob multiplos aspectos, cada um dos povos que entraram na formação da nação actual; dividir o paiz em zonas de produção, em zonas sociaes; em cada zona analizar, uma a uma, todas as classes da população e, um a um, todos os ramos da industria, todos os elementos da educação, as tendencias especiaes, os costumes, o modo de viver das familias de diversas categorias, os methodos e meios de trabalho, as condições de visinhança, de patronagem, de grupos, de partidos; estudar especialmente a vida das povoações, arraiaes, villas e cidades, a posição do operariado em cada uma dellas e nas roças, nos engenhos, nas fazendas, nas estancias de crear, os recursos dos patrões, e com outros problemas, dos quaes, nesta parte da America, a rhetorica dos bandos partidarios que vivem da *politica alimentaria* que os nutre, devorando a patria, jámais occorren cogitar.» (1)

Como se vê, é o mesmo problema abordado, por outras vias, por outros processos, por outras doutrinas, pelo sr. dr. Manoel Bomfim em seu livro, apparecido em junho deste anno, sob o titulo de — *A America Latina*. O seu quadro é apenas mais vasto, porque elle cogita de todo o continente e eu me refiro sómente ao Brazil.

Trata-se num e noutro livro de descobrir a causa originaria, constitucional, organica, dos males que nos opprimem, dos defeitos que nos afeiam como nação, causa sempre occulta aos politiqueros de todos os tempos, que se arrogaram o direito de dirigir os nossos destinos.

Tomaram esses pretensos estadistas *meros symptomat* por causa efficiente, etiologica, e andaram sempre, como era fatal, de erro em erro, de quèda em quèda, perdidos nos meandros dum empirismo desoladoramente improprio.

O auctor da *America Latina* suppõe haver atinado com a raiz primaria dos alludidos males sociaes e politicos e haver descoberto o remedio adequado á sua extirpação.

Etiologia e therapeutica infalliveis, a seu ver e de muitos que, por falta da precisa cultura, andam ali boquiabertos deante dessa inesperada prova da sabedoria indigena.

Passado o primeiro momento de effusão no *clan* litterario e profissional de que faz parte o auctor do livro encomiado, já é tempo de sobra para dizer a verdade e mostrar que o novo producto do jovem professor não passa de um acervo de erros, sophismas e contradicções palmares.

Falsa é a sua base scientifica, falsa a ethnographica, falsa a historica, falsa a economica.

Não admira, portanto, que falsa seja tambem a *causa* a que attribúe os

desvios e atropellos da evolução latino-americana, e soffrivelmente inefficaz a *medicação* que propõe para corrigil-os.

E' o que se vêe mostrar á evidencia, *sine ira ac studio*, para reivindicacão dos direitos dos factos, das doutrinas, da verdade, cruelmente desvirtuados no livro do psychologo do *Pedagogium*.

Seguirei na analyse, ora enprehendida, além do stricto methodo objectivista de mostrar a verdade rigorosamente documentada, a doce sympathy fraternal que se deve a um talento promissor de patricio distincto, como se revela o jovem escriptor.

Não é o seu talento incontestavel que vêe entrar em jogo; é, sim, a pouca segurança de muitas de suas vistas, a erronía das suas doutrinas capitaes, a falsidade da mór parte de seus conceitos, a precipitação de suas conclusões, o nenhum valor das fontes de que bebeu.

Só o ardente culto da verdade me imporia o sacrificio de revelar meu desaccordo com um espirito merecedor de selectas attensões.

A gente illustrada, os homens de verdadeira instrucção, de seria cultura, decidirão quem está com a razão, quem seguiu a severa trilha da sciencia.

\*  
\*  
\*

Quem aborda a leitura da *America Latina* é para logo surprehendido por uma contradicção intrinseca, visceral, organica de todo o livro, contradicção que o vicia e corrompe de principio a fim.

Refiro-me a apresentar o auctor a America Latina como a *victima da calumnia européa* e, ao mesmo tempo, como *cheia das mais deprimentes mazellas*.

As duas coisas se repellem: si a America é uma *calumniada*, é que os males que lhe assacam os europeus não são *verdadeiros*; e, si estes são *verdadeiros*, ella deixa de ser uma *victima* da má vontade do Velho-Mundo.

Leia-se toda a primeira parte do volume, intitulada *A Europa e a America latina*, e repare-se que ali esta porção do planeta é a misera *victima* da petulante má vontade e do véso de *calumniar* que a seu respeito nutre a Europa.

Escusado é citar: é só ler quem quizer os dois capitulos da referida parte, denominados: — *A opinião corrente* e — *Consequencias da malevolencia européa*. Não resta a menor duvida: somos uns *calumniados*, o que não impede que, nos tres quartos seguintes do livro, sejamos pintados como uns pobres diabos cheios de terriveis vicios e defeitos.

O auctor, mais cruel nessa pintura do que qualquer dos escriptores de além-mar, pensa, talvez, que se fórra

á contradicção, affirmando que todas essas mazellas são heranças dos nossos calumniadores: os europeus....

No seu enthusiasmo de accusador, o psychologista brasileiro tem passagens como esta: «O resultado desse passado recalcitrante é esta sociedade que ali está: *pobre, esgotada, ignara, embrutecida, apathica*, sem noção do proprio valor, esperando dos céos remedio á sua miseria, pedindo fortuna ao azar, loterias, jogo de bichos, romarias, *ex-votos*; analphabetismo, *incompetencia*, falta de preparo para a vida, superstições e credices, teias de aranha sobre intelligencias abandonadas...

Ou a *putrefacção* passiva ou o agitar de interesses *baixos*, conflictos de grupos, dominados por um utilitarismo estreito e *sordido*, onde os mais astutos não sabem pensar nem querer, incapazes de um esforço continuo, correndo de empreza a empreza, gemendo quando tem fome, *grunhindo como bacôro (sic)*, quando estão fartos. Isto, porém, não chega a impressionar aos que dirigem, que procedem como si não contassem com outros moveis siuão o egoismo, o medo, o interesse material; sem pensar, siquer, no quanto é fragil a obra social que se não inspira de outros motivos. É cada um comprehende a vida ao sabor de seus interesses, ou a não comprehende; *tal é o caso da maioria, desleixada, entorpecida*, sem direcção moral, sem amparo, succumbida á ignorancia, que *oppõe um obstaculo invencivel* ao desenvolvimento de todas as virtudes cívicas.

No mais, é o cansaço, a descrença, a desillusão antecipada. Si as campanhas sociaes dão medida da vitalidade e do progresso de um povo, as sociedades, no geral da America latina, e notavelmente no Brazil, dão *tristissimo attestado do que valem actualmente*.

De tudo isto resulta, mesmo para os mais esclarecidos, um pessimismo doloroso, um scepticismo negativista e triste, contra o qual não prevalecem enthusiasmos, nem souhos de sacrificios generosos.» (Pag. 398).

Eis ahi: é a synthese a que chegou o sr. Manoel Bomfim acerca do estado dos povos latino-americanos. O quadro é negro; a condemnação é completa e sem agravo.

Nunca escriptor d'além-mar disse metade do que ahi fica e de muito mais que está para ler-se no seu livro. Nunca Le Bon, com quem o auctor brasileiro parece ter especial *teiró*, com quem *intica* devéras, escreveu um terço daquillo. E si essa é a opinião, o modo de ver do sr. Manoel Bomfim sobre a situação politica, economica, social e moral desta parte do mundo, com que direito e com que seriedade vem apresentar em varios pontos da

sua obra os povos latino-americanos como *victimas da malevolencia, da maledicencia* da Europa?

Com que direito e com que seriedade passa verdadeiros *xingamentos* no illustre Le Bon, figura respeitavel como physiologista e sociologo, a quem a sciencia deve alguns serviços reaes?

Phenomeno é esse psychologico só explicavel pelo estado cháotico das idéas do escriptor sergipano em assumptos de politica e sociologia e pela lucta travada entre o seu sentir e o seu pensar ácerca das coisas americanas.

Quando, despreoccupado dos phantasmas da arrogancia européa, lança as vistas no continente sul-americano e nomeadamente no Brazil, chega a enxergar alguns actos reaes e a dizer a verdade.

Mas esse estado d'espírito se evaéce prestes, sempre que o escriptor se lembra que é filho d'America e desta teem dito mal alguns europeus. Eutão já as maculas, que via no corpo social de nossas gentes, deixam de ser verdadeiras e se transformam em eructações da calunnia d'estranhos, máus ou invejosos..

Em sua serenidade de sondador de esconderijos psychicos, o sr. Manoel Bomfim tem momentos de colera e não trepida em injuriar um homem como Gustavo Le Bon, cujo crime é ter dito, antes d'elle, metade das coisas feias com que brinda os povos emphaticamente appellidados os *latinos* da America.

As *coisas feias* são grandes verdades, quando ditas pelo mestre do *Pedagogium* e grosseiras mentiras, quando saídas da penna do auctor da *Psychologia das Multidões*, da *Psychologia da Educação*, da *Psychologia do Socialismo* e de dez outros livros excellentes.

É um claro symptoma da contradicção ingenita, organica, constitucional da obra do auctor brasileiro, contradicção que é reflexo directo do estado de vacillação de suas idéas sociaes e de seus conlecimentos das materias de que se occupa em seu livro.

Mas preciso é onvil-o acerca de Le Bon, porque, além de comprovar tudo que aqui se affirma, o trecho, no seu final, encerra um tremendo erro de facto, que pôde servir, desde já, de amostra dos muitos que enxameiam no livro.

«No que se refere, escreve o sr. Manoel Bomfim, ás nacionalidades sul-americanas, é positivamente uma *estulticia* dizer como Gustavo Le Bon: — *Todas ellas, sem excepção, chegaram a esse estado em que a decadencia se manifesta pela mais completa anarchia e em que os povos só teem a ganhar em ser conquistados por uma nação bastante forte para os dirigir.*

O termo—*estulticia*—parecerá exaggerado, mas é o que melhor corresponde ao *disparate*. Paizes *decaídos*! Decaídos de que?... Dar-se-á o caso de que alguu delles, ao menos, já houvesse possuido uma civilisação superior á actual, ou que tivesse sido mais prospero, rico ou adeantado?... Esta pergunta não acudiu nunca ao espirito deste *terribilissimo* philosopho; nem esta, nem outras que indiquem a curiosidade natural de quem deseja conhecer os objectos e os factos, sobre os quaes discorre. A America do Sul é um pedaço de mundo, de que o sr. Le Bon se serve discricionariamente, ao sabor do momento, sempre que tem necessidade de nações ou povos absolutamente abjectos: — *Sujeitem-nos a um regimen de ferro unico de que são dignos estes povos, desprovidos de virilidade, de moralidade, e incapazes de se governar.*»

E nestes termos elle nos empresta os mais contradictorios defeitos e crimes. *Repugna* o dar attenção a conceitos como estes sens, que teem *tanto de grosseiros como de vãos*; mas, visto que é preciso citar o *disparate* e *deixar patentes as extravagancias e malevolencia* dos que nos assignalam como *decaídos*, nomeiamos o sr. G. Le Bon; é elle o mais categorico e completo (*Menos do que o sr. Bomfim*) na especie; as suas affirmações dão bem idéa do valor e importancia que se devem attribuir á opinião que ellas exprimem. São juizos feitos de injurias. A ouvil-o, os americanos do sul não prestariam nem para adubar (*Isto é pilheria do dr. Manoel Bomfim...*) as terras que occupam. Não nos impressionemos por isto, e acceitemos a sociologia do homem pelo que ella vale; lembremo-nos de que, para elle, o nosso crime capital é que: — Situados nas regiões mais ricas do Globo, somos incapazes de tirar um partido qualquer destes immensos recursos, e ao passo que a grande republica anglo-saxonia se acha no mais alto gráu de prosperidade, as republicas hispano-americanas, apezar do seu sólo admiravel e das riquezas inesgotaveis, se acham no mais baixo da escala da decadencia.

*Não enriquecem! Porque não enriquecem?...* Eis a preocupação unica desse philosopho; não vê outra razão de proceder, nem outro liame entre os homens.

A' lembrança das riquezas, o *entendimento se lhe obscurece por uma vez.*

Na furia de exaltar os anglo-saxões dos Estados Unidos, porque enriqueceram, elle nem reflecte que allí mesmo, ao lado, existem outros anglo-saxões — no Canadá — que *nem enriqueceram, nem prosperaram* (!!!); *vivem uma vida mais mesquinha, tem menos valor que o Mexico, o Chile ou a Argentina.* É porque razão, apezar de

anglo-saxonio, o Canadá vale tantas vezes menos que os Estados Unidos? *O pobre homem não saberia responder.* Elle pertence a essa especie de philosophos, cuja inspiração é a inveja, cujo ideal é a riqueza... São individuos nos quaes o espirito não vê o que a mão alcança...» (Pag. 378)

Tanta pedrada á tóa, só porque Le Bon, em linguagem rude, e certa, disse-nos algumas duras verdades, das quaes o primeiro crente é o colerico professor do *Pedagogium*...

Mas nada como a importancia que o sr. Manoel Bomfim liga ás perguntas que dirige ao auctor de *O homem e as sociedades*.

No seu enthusiasmo, não chega a perceber que ellas são verdadeiras impertinencias.

Com effeito, perguntar, com ar ufano, a um homem como Gustavo Le Bon, de que foi *que decaíram os povos sul-americanos*, e fazel-o na encantada illusão de que a pergunta nunca havia acudido ao espirito do philosopho... é o requinte da mais ingenua singeleza!!

Não percebe, ainda agóra, o sr. Bomfim haver Le Bon empregado o termo *decadencia* no sentido geral de *atrazo*?

Não se faz isto ali a toda a hora?

A outra leviana pergunta envolve, nos commentarios que a cercam, enormissimo erro de apreciação: o atrazo do Canadá e sua inferioridade ao Mexico, Chile e Argentina.

\* \* \*

«E porque razão, apesar de anglo-saxonio, o Canadá vale tantas vezes menos que os Estados-Unidos?... O pobre homem não saberia responder.»

São, como se viu, palavras do sr. Bomfim, dirigidas a Le Bon.

Mas a pergunta é apenas uma interessante fórmula da banalidade.

Ao escriptor francez naturalmente não poderiam occorrer essas *caloi-radas*, que, nem signer, chegam a ser problemas de decima ordem.

Nada, entretanto, mais facil a qualquer escolar do que responder á pergunta do professor brasileiro.

Entre nma duzia de motivos que mantêm a *actual* inferioridade do Canadá em face dos Estados-Unidos, bastaria escolher os seguintes: o clima do Canadá é muito mais rigoroso do que o dos Estados-Unidos; o territorio aproveitavel é muito menor alli do que na grande republica; é mais pobre em geral; a colonisação é mais recente e tem sido *embaraçada* exactamente por esse famoso *elemento latino*, tão *endeusado* pelos retardatarios de toda a casta.

Quem o diz não sou eu; é toda a gente que sabe ver e pensar na propria França.

Dos numerosos estudos acerca do Canadá, publicados na revista *La Science Sociale*, Ed. Demolins extraiu as seguintes theses que os resumem:

«O rei de França mallogrou-se em suas tentativas de colonias no Canadá, em razão da instabilidade do Estado e da má organização de suas finanças. Os nobres, por causa do character guerreiro e burocratico que os tornava inaptos para crearem colonisações agricolas. Na epocha da descoberta e do primeiro povoamento da America, era em França a classe superior incapaz de colonizar sem o soccorro do Estado, e este era incapaz de o fazer, quer por subsidios, quer por concessão de privilegios permanentes. A exploração do Canadá por companhias mercantes teve como resultado entregar o paiz ao estrangeiro. Os primeiros *senhores* do reino, em vez de sustentarem os colonisadores canadenses, se estabeleceram sobre elles, *como parasitas*, e procuraram viver á sua custa.

A exploração feita pelas companhias mercantes deixava em penuria todos os elementos estaveis da colonia. Taes companhias limitaram-se á exploração do paiz no mero intuito do commercio de *peles*; não estabeleceram colonos e entregaram a terra ao inimigo.

Em consequencia da decadencia local em França e da incapacidade dos poderes publicos, a colonisação do Canadá limitou-se á alguns esforços espasmodicos e incompletos. Os primeiros esforços da colonisação mallograram-se pela ausencia do elemento agricola. Os primeiros *senhores canadenses* contavam com os *empregos publicos para viver* e empregavam todas as traças para obtel-os.

Os gentis homens francezes idos para o Canadá, sendo meros funcionarios, não fizeram nada ou quasi nada pela colonisação. O mecanismo para esse fim, devido a Richelieu, repousava na detenção senhorial das terras; mas como esta tinha por base o monopolio do trafego, que era fraco e vacillante, o edificio ameaçava ruina. Luiz XIV foi impotente para supprir a iniciativa privada na colonisação. A intervenção do Estado, que não pôde transformar gentis homens em agricultores, deixou-os apoderarem-se do commercio de pelles e contentarem-se com elle. Tal commercio fez dos *senhores canadenses aventureiros ou funcionarios*.

A caça ás pelles levava aquelles que a ella se entregavam á *preguiça e á vida selvagem*. Pelo crescimento limitado da massa popular e pela ausencia de individualidades superiores, de patrões agricolas, a população rural franco-canadense achou-se impedida de fazer grandes coisas.

Na cidade e no campo, os franco-canadenses mostraram-se inhabeis a ele-

varem-se nas artes usuaes. Os pontos fracos da raça franco-canadense são a inaptidão da classe operaria para elevar-se e a da classe dirigente para proteger.»

Muitas outras proposições syntheticas existem na citada revista; não são aqui citadas por não estender demasiado este artigo.

O sr. Bomfim não tem estudado o assumpto; do contrario, não seria tão prodigo em erros e affirmações destituídas de senso.

Onde viu elle que o anglo-saxão do Canadá *não enriquece, nem prospera, e sua terra tem menos valor que o Mexico, o Chile, a Argentina?*

A posse definitiva do Canadá pela Inglaterra, é um facto moderno que não chega a ter seculo e meio de existencia.

A famosa colonia franceza passou ao dominio inglez pelo tratado de Pariz, de 1763.

Os progressos realizados de então para cá são verdadeiramente phantasticos.

O *Dominio do Canadá* constitúe hoje uma federação, na qual se juntaram todas as colonias inglezas da America do Norte dos Estados-Unidos, menos *Terra Nova* e parte do *Lavrador*.

Um caminho de ferro transcontinental atravessa-o de mar a mar na extensão de 4.952 kilometros. E' uma das obras mais colossaes que existem, no genero, sobre a terra.

Bastaria ella para provar que o anglo-saxão não degenerou naquellas asperas regiões septentrionaes.

Falando dessa gigantesca, sorprendente, colossal empreza, escreve Elisée Réclus na sua admiravel *Nouvelle Geographie Universelle*: «De nenhum outro paiz se pôde com tanta verdade dizer que um caminho de ferro é a sua arteria vital.

Sem a ferro-via que a atravessa de léste a oeste, a Columbia Britannica não faria parte do mundo commercial sinão por alguns pontos isolados do littoral e não teria nenhuma relação directa com as outras provincias do Dominio do Canadá. Os primeiros imigrantes brancos que se estabeleceram alli provinham quasi todos da California e, quando os mineiros se precipitaram em multidão para esse *novo Eldorado*, São Francisco se tornou o mercado privilegiado por onde se exportava o ouro columbiano. De anno para anno, as communicações se tornavam mais directas e mais seguidas; a despeito do laço politico, a Ilha de Vancouver e as colonias oppositas da terra firme prendiam-se cada vez mais á republica dos Estados-Unidos, e o governo britannico podia receiar que a sua colonia fôsse arrasada pela força das coisas a tornar-se uma dependencia politica de São Francisco. Como remedio a esse peri-

goso estado de coisas, era mistér ligar a bacia do São Lourenço á do Fraser por uma via de communicação rapida.

Recuava-se deante da execução de uma obra tão dispendiosa. E, todavia, a decisão era urgente. Em 1871, ao entrar para a Federação Canadense, — a Columbia Britannica impoz, como condição de seu concurso, que um caminho de ferro transcontinental fôsse construido através das Montanhas Rochosas, e tal era a urgencia de semelhante obra, tão grande foi a munificencia do governo canadense em relação aos capitalistas concessionarios, que o limite do prazo para a conclusão da obra foi de muito antecipado.

A carta de concessão impunha a abertura da linha completa em 1891, porém cinco annos antes (1886) as locomotivas fizeram a travessia de um a outro Oceano. »

Só isto basta de sobra para dar um seguro attestado do mesquinho gráu de *atraso* em que vegetam sem recursos, sem riquezas, em vergonhosa *apathia*, no pensar do dr. Bomfim, os anglo-saxões do Canadá...

Outras provas tão ou mais eloquentes poderia o terrível adversario de Le Bon encontrar nas grandes empresas de mineração, de criação de gados, de agricultura, de manufactura, de navegação, de pescaria, de commercio, alli existentes; nas bellas cidades formadas como por encanto de um dia para outro; no gráu de adeantamento da instrucção; na ordem, na riqueza, no florecimento geral do paiz.

O conhecimento exacto da nova *Commonwealth* e de suas estatísticas deita irremissivelmente por terra o grosseirissimo erro do auctor da *America Latina*.

O estndo do Canadá na obra de Réclus é verdadeiramente phantastico.

O grande geographo iúicia a sua exposição pela provincia mais occidental — a Colombia, passando em ordem por Manitoba, territorios do noroeste, Ontario, Quebec, Novo-Brunswick, Ilha do Principe Eduardo e Nova Escossia.

Surprehede ver como em climas tão asperos a energia britannica pratica verdadeiros prodigios. Tudo em menos dum seculo a esta parte na maior porção do paiz.

Impossível é dar aqui o resumo de duzentas ou trezentas paginas. Basta repetir, demasiado reduzidas, algumas notas estatísticas.

Por ellas, verá o sr. Manoel Bomfim quão longe de seus anathemas estão os anglo-saxões do Canadá, a ponto de uma auctoridade, como Ed. Demolins, avançar theses assim: «O colono anglo-saxão creou no Canadá uma ordem social nova e complicada; fez avançar a agricultura e a industria. A inferioridade da vida privada dos franco-canadenses prodúz o in-

successo da vida publica local, a má administração dos negocios urbanos e provinciaes e o revéz na arena federal. A inferioridade dos franco-canadenses provém da familia e da educação dos filhos. A organização social dos franco-canadenses atraza e limita seu desenvolvimento material, intellectual e moral; não os arma para, com vantagem, lutar contra os *seus concurrentes inglezes*. Si a raça franco-canadense não evoluir no sentido da formação particularista, desaparecerá deante do elemento anglo-saxão».

Mire-se o sr. Manoel Bomfim neste espelho e veja quanta coisa sem razão ouzou dizer em face de Le Bon.

Mas, continuemos.

SYLVIO ROMÉRO.

(1) *Questões Economicas Nacionaes*, de Arthur Guimarães, prefacio, pag. 14 e 26.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O gulf-stream e as diferenças de clima. — Causas das anomalias. — O nosso planeta e a evolução fatal da vida.*

Jornaes americanos e inglezes impu- tam ao *gulf-stream*, rio oceanico, as actuaes vicissitudes, as anomalias de temperatura do clima da Europa, affirmando que elle se desloca alterando as condições da navegação nas latitudes médias do Atlantico.

O *gulf-stream* e suas origens não são mysterio para uinguem: elle passou do dominio da phantasia mythologica para o campo da sciencia. Impellidas pelos ventosalizios, as aguas do Atlantico ao norte e sul do equador, se dirigem de léste para oeste, da Africa para a America ao longo da linha equatorial, de maneira que chegam muito aquecidas pelo Sol quando chegam ás costas da America do Sul, cujo contorno são forçadas a acompanhar até entrarem no golfo do Mexico; uma especie de ratoeira donde é difficil saír. As aguas sempre impellidas pelo affluxo liquido das massas que véem chegando após, são obrigadas a demorar no golfo antes de saírem tumultuosamente pela unica porta possível, o canal da Florida. Dahi, lhe veio o nome de corrente do golfo.

Durante essa permanencia forçada no golfo, as aguas do Atlantico se acham numa verdadeira marmitta, sendo essa região uma das mais quentes da Terra; ellas entram mornas, saem quentes, lançando-se como um rio no oceano com uma rapidez de cinco nós. A sua despeza é de trinta e tres milhões de metros cubicos por segundo, duas mil vezes a despeza média do Mississipi.

Essas aguas mudam a sua direcção

saíndo do canal da Florida; em virtude da rotação da Terra, o seu curso se desvia para a direita, soffrendo a corrente uma deflexão para léste, atravessando o Atlantico em diagonal para costear o littoral da Europa, dividindo-se em varios ramos secundarios: um, que lambe a Groelandia; outro, que segue as costas da Noruega indo até á Islandia, a Spitzberg; a terceira, descendo ao longo das costas da Europa e formando uma vasta madeixa que váe attingir a origem da corrente.

A medida que se interna no Atlantico, a corrente se torna mais profunda, e mais larga. Rio de agua quente, ella corre entre margens, de aguas frias, ou inferiores á sua temperatura, na média de 10 ou 12 gráus.

Nessas condições, é natural que o Gulf-Stream seja vehiculo de uma fornidavel quantidade de calor, que tende a elevar a temperatura do ar formando um gulf-stream aéreo superposto ao liquido: a essa corrente de ar morno e humido se deve o clima tão temperado da Europa occidental; a ella se devem os ventos predominantes nessas costas de oeste e o regimen pluvionotico. Massas de ar, carregadas de vapores d'agua aspirados sobre o Atlantico o condensam sobre as primeiras terras que encontram: disso resulta o clima brumoso da Inglaterra, os nevoeiros da Terra Nova e da Islandia.

Comprehende-se perfeitamente que essas massas de ar quente chegando, durante o inverno, no meio do ar quente do continente europeu, lhe perturbem o equilibrio, occasionem tempestades, borrascas, e por isso se denominou o *gulf-stream* pae das tempestades.

Verificando as estações da Europa um tanto perturbadas, os especialistas suggeriram a hypothese de ser causa dessas anomalias climatericas uma deslocação da corrente submarina, hypothese justificada pelo facto de se acharem bloqueado, num fóco de calmaria, durante semanas nas costas dos Estados-Unidos, alguns navios a véla, impossibilitados, por falta de vento, de subirem o *gulf-stream*.

Nenhuma observação directa demonstrou essa deslocação, cujo estudo demandaria longos annos, numerosas pesquisas, muitas expedições oceanographicas, a menos que se dêsse uma deslocação brusca resultante de um cataclysmo. Nenhum facto assignalou aquelle phenomeno que deveria ser muito consideravel para determinar as indicadas perturbações do clima.

Não são bem conhecidas, nem definitivamente fixadas todas as causas e todas as leis que regem o clima, sendo as theorias e calculos sobre essa materia estabelecidos sobre a hypothese de que o Sol, origem dos movimentos



atmosphericos, nos fornece sempre a mesma quantidade de calor durante o anno, facto que não está demonstrado. Si se verificar de maneira irrefutavel, por methodos novos e experiencias exactas, que a quantidade de calor emittido pelo Sol, não é a mesma durante dois annos segnidos, ficará, em parte, explicada a variação do clima.

Essas perturbações poderão ser imputadas a accidentes num constante regimen atmosferico com permanente provisão de calor solar, abalado por um cataclysmo como o da Martinica, projectando no ar, em violenta erupção, milhares de metros cubicos de gazes incandescentes, provocando correntes de ar imprevisas, em direcção e volume, a atravessarem a atmospheria.

O futuro da meteorologia depende, em grande parte, do estudo do centro do nosso systema planetario, das modificações que elle soffre pela acção e reacção de seus elementos essenciaes, em permanente actividade formidavel, demonstrada pela evolução das manchas, pelo estudo dos eclipses desvelando os aspectos curiosos da corôa, da photosphera solar, de todos esses phenomenos, emfim, de transmissão da sua vida aos corpos celestes submetidos á sua suzerania.

Não ha duvida que notaveis alterações de clima se observam em muitas regiões da Terra, em zonas que não soffrem a influencia directa das correntes submarinas; não se pôde tambem contestar que o nosso domicilio astral tem soffrido deslocções do seu eixo, phenomeno indicado pelas differenças de latitudes accentuadas na comparação das cartas antigas com as modernas, descontadas ás devidas á imperfeição de aparelhos astronomicos e de noções scientificas, facto verificado no deslocamento das costas da Europa no Mediterraneo para o norte, alterando sensivelmente as posições geographicas.

Seja como fôr, a verdade é que, como todas as coisas creadas, o nosso planeta obedece aos successivos estadios da evolução fatal do nascimento até á morte.

\* \*

*A fôrma racional dos sapatos de marcha — Condições para não se maguarem os pés — Os estudos do doutor Duguet.*

Ha muito tempo, se affirma, e nós temos a dolorosa experiencia, que os calos são obra dos sapateiros, e são devidos á conformação viciosa dos sapatos.

E' sabido que os sapatos novos geralmente magoam muito os pés e que andamos commodamente com os calçados velhos, usados, quando o proprio pé os modelou pela sua estrutura, que, nesse esforço, fica arruinada, deformada.

Para evitar esse duplo inconveniente, é necessario dar ao calçado, sobretudo ao de marcha, uma fôrma absolutamente racional.

Essa questão, que a todos interessa, tem importancia de primeira ordem quando concerne ao calçado do soldado. E, ha muitos annos, se fazem estudos, investigações, para dotar o exercito francez de sapatos que, racionalmente fabricados, evitem os inconvenientes assignalados, causadores das feridas, das molestias do pé, consecutivas ás marchas, ou no curso de manobras.

Um medico militar, o dr. Duguet, acaba de publicar um interessante estudo dessa materia. E' por intermedio do pé — diz elle — que se transmite ao sólo todo o pezo do corpo. Ora, sendo o pé um orgão complexo que se apoia no chão por meio de abobada plantaria, constituída por dois arcos osseos com um pilar commum, bifurcado em dois pilares anteriores, interno e externo, o ponto de apoio desses tres pilares delimitam um triangulo, o triangulo de sustentção. Os physiologistas consignaram a cada um desses arcos funcções differentes: o interno seria o do movimento; o externo seria o de apoio, o que explica o facto de apresentar a pelle o seu maximo de espessura nos bordos exteriores do pé. O calçado deverá, portanto, corresponder a essa dupla funcção — de mobilidade — jogo das articulações — de pressão — transmissão do pezo do corpo.

Essas duas funcções estão em correlação intima, mas é evidente que a pressão predomina, sobretudo no calçado militar, que deve satisfazer a exigencias dynamicas que pôdem ser desdenhadas no sapato de phantasia.

Isto posto, sabe-se que toda pressão, exercendo-se sobre um arco, se transmite por intermedio de seus pilares aos planos subjacentes que, si fôrem compressiveis, conservarão o sua marca. No solado dos sapatos usados se observam tres excavações que correspondem, exactamente, ás protuberancias do triangulo de sustentção e a experiencia prova que esse triangulo se reproduz sempre, de maneira exacta, sobre o soldado. E' preciso, pois, que intervenha, na confecção do sapato, um factor correspondente a esses dados anatomicos: esse factor é a pressão.

O dr. Duguet estabelecem, por comparação, que não se tem em consideração esse elemento na fabricação da fôrma regulamentar do calçado de tropas, omissão assignalada, em 1892, pelo dr. Nogier.

Inspirando-se nessa informação e impressionado pelas deformações dos solados, devidas a falta de adaptação á estrutura funcional do pé, um mestre de botas militares construiu uma fôrma nova, tendo por objecto

reproduzir os logares exactos dos pilares da abobada plantaria e figurar o arco externo no seu aspecto real, sem a chanfradura que erradamente lhe attribuem.

Os contactos com o sólo, marcados nos solados de fôrmas vulgares, por uma mancha de pressão no calcanhar e duas proximas ás implantações dos dedos, apparecem na fôrma racional representados por um angulo obtuso que, partindo do joanete interno, váe em linha recta até ao bordo exterior donde se prolonga directamente até ao calcanhar.

Parece que essa fôrma daria calçado desgracioso e achatado, mas a verdade é que tem a vantagem de supprimir o periodo de tortura physica necessario para amoldar o calçado ao pé, de assimillal-o, forçadamente, á sua estrutura. Com essa nova fôrma, pôde-se executar uma marcha de 20 kilometros, sem incommodo, com sapatos novos.

Desconfiamos que o nosso exercito é calçado um tanto *à la diable*: os fornecedores fabricam o calçado sem fôrmas regulamentares, tendo a submettel-o á moda mais em vóga, como a desses sapatos de bico fino, de salto alto, que ainda são muito apreciados como requinte da elegancia militar. Dahi, o doloroso espectaculo de soldados tropegos, de pés em braza, de sapatos cheios de golpes, nas formaturas, nas pequenas marchas de exercicio ou de passeio na cidade.

Parece que das manobras de Santa Cruz, resultou a necessidade de estudar uma fôrma racional de calçado militar para ser adoptado como regulamentar, circumstancia que explica a oportunidade desta noticia.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### DESPEDIDA DA AMA

Adeus, filho do meu peito,  
Que do meu peito nutri...  
Parto. Vou deixar-te, filho;  
Ai, que farei eu sem ti?!

Adeus? Já quando acordares  
Chorando, me não verás;  
A's noites a acalantar-te  
Outra vóz escutarás.

Que amor te ganhei, meu filho!  
Que triste amor este meu!  
Se assim tinha de deixar-te,  
P'ra que tanto te quiz eu?

Os teus primeiros gemidos  
Tua mãe não quiz ouvir!  
E a mim, que os calei com beijos,  
Manda-me agóra partir!

Puz á volta do teu berço  
Todo o amor que um seio tem,  
E arrancam-te de meus braços,  
Porque eu não sou tua mãe!

Os teus vagidos de infante  
Fui eu quem os soceguei ;  
Carinhos que semeava,  
Para outra os semeei !

Parto. Dentro em pouco, filho,  
Nem tu me has de conhecer ;  
E' assim que de pequenino  
Te ensinam já a esquecer.

Adeus ! Nesta despedida  
A alma toda se me váe ;  
E, sem querer, o meu pranto  
Sobre a tua fronte cáe.

Que desse somno innocente  
Te não vá elle acordar ;  
Que as forças me faltariam  
Então, para te deixar.

Vamos, pobre mulher, vamos,  
Está finda a criação :  
Déste a vida a este menino,  
Não lhe dêes o coração.

O coração ? Quem t'o pede ?  
Pedem-te o leite, não mais.  
Vamos, pobre mulher, vamos,  
Que o acordas com teus ais !

Adeus, filho da minha alma,  
Teus carinhos não são meus.  
O choro corta-me a fala,  
Mal posso dizer-te... adeus !

JULIO DINIZ.

\* \* \*

#### TUDO PASSA

O mundo, desde seus principios, vê-lo-heis sempre, como nova figura no theatro, apparecendo e desaparecendo, e sempre passando. A primeira scená d'este theatro foi o Paraiso Terreal, no qual appareceu o mundo vestido de immortalidade, cercado de delicias; mas quanto durou esta apparencia? Extendeu Eva o braço á fructa vedada, e, no brevissimo espaço em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou tambem com elle o mundo do estado da innocencia ao da culpa, da immortalidade á morte, da patria ao desterro, das flôres aos espinhos, do descanso aos trabalhos, da felicidade summa ao summo da infelicidade e miseria.

Oh miseravel mundo, que se paráras assim, e te contentáras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, fôras menos miseravel ! Mas não serias mundo, se de uma miseria grande não passasses sempre, e por tua natural inclinação, a outra maior. Os homens naquella primeira infancia do mundo todos se vestiam de pelles, todos eram de uma côr, todos fallavam a mesma lingua, todos guardavam a mesma lei; mas não foi muito o tempo em que se conservaram na harmonia d'esta natural irmandade.

Logo variaram e mudaram as pelles com tanta differença de trajos, que cada dia dos pés á cabeça apparecem

com nova figura. Logo variaram e mudaram as linguas com tanta dissonancia e confusão como a torre de Babel.

... Que direi dos exercitos innumeraveis, das batalhas campaes e maritimas, das victorias e triumphos de umas nações, e da ruina, abatimento e servidão de outras, tão varia e alternada sempre? Só digo que assim a gloria e alegria dos vencedores, como a dôr e affronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa. O exercito de Xerxes, que foi o maior que viu o mundo, constava de cinco milhões de combatentes. E porque de uma parte e da outra fez continente o Helesponto, e cavou, e fez navegavel o monte Atho, disse d'elle Marco Tullio que *caminhava os mares a pé, e navegava os montes*. Mas todo aquelle immenso e formidavel apparatus, que, visto, fez tremer o mar e terra, tão brevemente passou e desapareceu, sendo desbaratado e vencido, que só ficou d'elle este dito. O mesmo Temistocles, que com mnito desigual poder o desfez e poz em fugida, tambem passou como na Grecia e fóra d'ella passaram todos os famosos capitães e suas victorias. Passou Pirrho, passou Mitridates, passou Philippe de Macedonia, passaram Pompêo e Julio Cesar, passou o grande Alexandre, nome singular e sem parelha, e até Hercules, ou fosse um ou muitos, todos passaram, porque tudo passa.

Costumam as letras seguir as armas, porque tudo leva após de si o maior poder, e assim floresceram variamente e em diversas partes, no tempo destes imperios, todas as sciencias e artes. Floresceu a philosophia, floresceu a mathematica, floresceu a theologia, floresceu a medicina, floresceu a musica, floresceu a oratoria, floresceu a poetica, floresceu a historia, floresceu a architectura, floresceu a pintura, floresceu a estatuaría; mas, assim como as flores se murcham e seccam, assim passaram os auctores mais celebrados das mesmas sciencias e artes. Na estatuaría passou Phideas e Lysippo; na pintura passou Simantes e Apelles; na architectura passou Meliagenes e Democrates; na musica passou Orphêo e Amphion; na historia Tucídides e Livio; na eloquencia Demosthenes e Tullio; na poetica Homero e Vergilio; na astrologia Anaxagoras e Ptolomeu; na medicina Esculapio e Hippocrates; na mathematica Euclides e Archimedes; na philosophia Platão e Aristoteles; na theologia Mercurio Tremigisto e Apollonio Tyaneo; e, por junto, em todas as sciencias passaram ao mesmo tempo os sete sabios da Grecia; porque, ou junto, ou dividido tudo passa. Só a ética e a moral como tão necessarias á vida e á virtude, parece que não haviam de passar; mas

os platonicos, os peripateticos, os epicureos, os cynicos, os pythagoricos, os estoicos, os academicos, elles e suas escolas e seitas, todos passaram.

Nenhuma coisa é mais propria d'esta consideração, em que imos, que os jogos e espectaculos publicos que os homens inventaram a titulo de passatempo, como se o mesmo tempo não passára mais velozmente que tudo quanto passa. Uns jogos foram os Circenses, outros os Dionysios, outros os Juvenaes, outros os Nemêos, outros os Marathoneos, todos cheios de diferentes divertimentos, em que ou se perdia a honestidade, como nos de Venus, ou o juizo, como nos de Baccho; mas nenhuns mais indignos dos olhos humanos e piedade natural que os Gladiatorios.

Saía toda Roma no Amphitheatro, a que? A vêr e festejar como se matavam homens a homens: caíam uns, sobrevinham outros e outros sem estar o posto vago um só momento, acclamando a cabeça do mundo com applausos mais carnicieiros, que crueis, assim no dar, como no receber das feridas, tanto a intrepidez dos mortos, como a furia dos matadores. Os jogos seculares se chamavam assim, porque se celebravam uma só vez de seculo a seculo: e dizia o pregão publico, que convidava para elles: «Vinde vêr os jogos, que ninguem viu, nem ha-de tornar a vêr». E, com este desengano da vida passada, e desesperação da futura, os iam todos a vêr e se chamavam jogos. Os Olympicos foram os mais celebres e famosos de todos, em que de cinco ou cinco annos corria todo o mundo a uma cidade do mesmo nome ou a levar, ou a vêr quem levava uma corôa de loiro. Por esses jogos, mais que pelo curso do sol, se contavam e distinguíam os annos. Mas, como toda a competencia era a correr, e o que mais corria, o que triumphava, não podiam deixar de passar as Olympiadas como passaram todos os outros jogos d'aquelles tempos, ou todos os passatempos d'aquelles jogos.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Do rescripto do imperador do Japão, publicado no dia 16 deste mez, destacamos o seguinte trecho:

«O resultado da campanha resultou da benefica acção dos espiritos dos nossos antepassados, da dedicação dos funcionarios e do patriotismo da nação.»

Nos numeros 37 e 38 dos *Annaes*, publicamos um curioso artigo que o coronel Emerson escreveu para a *Revue*, de Paris, intitulado *A alma cavalheiresca do Japão*. Esse artigo fala, precisamente, do *bushido*—superstição que todo japonês, desde o imperador ao mais humilde subdito, tem, para crer, com inexcedivel firmeza, que o espirito dos seus antepassados preside ás acções gloriosas dos seus contemporaneos. O escripto do coronel Emerson fez a respeito as mais impressivas revelações.

PARA ACOMPANHAR a segunda edição da *Pastoral*, o *evangelho* de Coelho Netto que tanto successo está fazendo em Portugal, o sr. Fialho d'Almeida escreveu um vibrante prefacio, do qual os editores portuguezes remetteram ao auctor do *Sertão* a parte que já se achava impressa. Parte, aliás, em que Fialho não trata ainda do assumpto cujo titulo, que conservamos, é o nome glorioso de Coelho Netto. Offerecemos-a, entretanto, como primicias valiosas aos nossos leitores porque dos formidaveis periodos desse escripto do grande estylista portuguez as allusões feitas a Portugal vêem, em ricochete, até nós, e acham que ferir, não se perdendo uma só estilha da metralha.

### COELHO NETTO

O nome de Coelho Netto, que tem no Brazil uma repercussão de gloria tranquillã, segura, feita em artigos de jornal, peças e livros, só ha pouco tempo entre nós entrou, com o *Sertão*, a alvorejar na pleiade dos escriptores primicias e triumfantes.

Não conheço de Coelho Netto a obra em bloco para a poder apreciar com segurança; as minhas leituras alcançam apenas tres ou quatro volumes seus, d'epoca vária, e que por fórma alguma demarcam, dessa obra, na curva d'evolução, pontos *d'étape* a que referir algumas das categoricas crises do seu espirito. Portanto, o meu juizo em pouco ou nada pôde elucidar sobre o escriptor, e repintará, quando muito, uma impressão de leitura recente, significando a *entente* cordeal, intellectual, de dois homens de letras da mesma familia, separados por um acaso de mar entre rincões fronteiros de continente.

Coelho Netto é a *avis rara* que, segundo me dizem, tem conseguido viver de produção litteraria, stenografada em língua portugueza. Facto tão estranho, que em Portugal mal pôde ser comprehendido, visto a litteratura entre nós não ter valor negociavel, e ser para meia duzia numa fórma d'ostacismo, e um pretexto de *fainéantise* para o resto. Ignoro como o Brazil remunerava os seus homens de letras: é certo que alguns ali vivem do que escrevem, e cuído que essa remuneração lhes garanta de sobejo o passadio, e mesmo umas quantas larguezas indispensaveis aos que necessitam alimentar a imaginação d'imagens fulgidas, e não estar á mercê de subserviencias financeiras, ou sejam, para o escriptor, das escravidões peores da vida ambiente. Em todos os paizes onde a difusão da cultura e a área da produção litteraria, escaça venda, tem os governos cuidado d'agazallar a vida dos escriptores (falo dos escriptores cuja obra represente benemerencia e se indigite como serviço civico de qualquer monta), reservando-lhes,

*sem elles pedirem*, logares em harmonia com as suas predileções, talentos e especialidade de trabalhos, ao mais absoluto abrigo das flutuações do caciquismo ultra-tunante.

Cadeiras em escolas d'arte e d'industria, direcções e inspetoria de bibliothecas, archivos e museus, missões ás colonias e paizes estrangeiros para livros d'informação e divulgação de pontos d'estudo interessantes... tudo isto seriam cargos a dar a homens de letras, se a sofreguidão dos partidos os não revertesse á vadiagem dos seus socios, e a razão dos empregos não fôsse o visco obrigado para interessar na politica os bachareis sem domicilio.

As condições em que entre nós estão, perante o publico e as exigencias crescentes da vida social, os escriptores e pensadores portuguezes, são de longa data nefandas e humilhantes, e cumpre transformal-as e alargal-as, creando para os que escrevem publico e successo, a atmosfera de carinho, a independencia moral e a liberdade d'ação que a intellectualidade precisa para nas gerações exercer papel pontifical.

Creando para os homens de letras publico e successo. E ajuntarei: crea-se publico, *começando pelo principio*, isto é, fazendo:

1º — Da campanha do ensino primario obrigatorio, uma cruzada santa, prégada entre as medidas de salvação publica, como entre nós já deveriam tel-o sido as da sífilis, do alcoolismo, da lepra, a da assistencia á primeira infancia, a dos engeitados (que os municipios desleixam, collaborando cynicamente na morte de oito a dez mil creanças annuaes), e como d'inicio quiz ser a da tuberculose, hoje reduzida pouco menos que a uma sinecura de doutores.

Claro que enquanto só um sexto da população total do paiz souber ler, as pessoas amigas de livros quedarão reduzidas á cifra miserima de duas ou tres mil, e não poderá haver em Portugal litteratura ou arte, independentes. Culpados deste marasmo tragico, são todos. São os partidos avançados, o republicano á frente (se por avançado ainda o tem certas pessoas), que sem a comprehensão elevada do seu destino, em vez de se crearem como partidos d'educação e reforma social, buscando refazer pela base o portuguez, creando o cidadão, do que tratam é de borrar nelle os ultimos restos de respeito, e d'explorar, no bandalho que fica, o galopim.

E mais que todos, os partidos rotativos, associações pela mór parte digestivas, que não curam senão de multiplicar os cargos e lhes chuchurubiar os reditos, permitindo em silencio, intra-muros dos seus coios, todas as especies de burlas e vergonhas.

A estes ultimos grupos, pela posse perpetua do mando, cabem primordialmente as culpas da miseria mental e moral da nossa terra; e poderemos, acima delles, attribuil-a tambem ao chefe do Estado, que com a força tradicional que tem, ou teve, e dia a dia estupidamente está perdendo, bem podia entre esta sociedade corroída ter um papel de cenho nobre e d'iniciativa generosa (fosse elle um cerebro!) e afinal passa a vida em pescas e caçadas, chacinando seres que se escrevessem artigos teriam de lhe lançar em rosto os instinctos carnicieiros.

Num paiz, onde toda a gente tivesse, como na Suecia e Noruega e quasi todas as provincias da Alemanha, bastaria só a cultura litteraria radiada do ensino elementar, já seria facil:

2º — Propagar e desenvolver entre as classes pobres o gosto pelas leituras, e o amor dos livros, o que permitiria exigir:

3º — O livro barato, o livro que ainda entre nós tem preços de luxo, como os logares de theatro, a aclimar e propagar entre a multidão o gosto das publicações periodicas, das illustrações e magazines educativos, dos desenhos muraes, etc., e por ventura um dia sair dali para as democratizações ruskinianas da arte, até aos mais pequenos detalhes da indumentaria caseira e municipal. Para se ver o nenhum caso que as instancias officiaes fazem da instrução popular, considere-se o papel da nossa Academia, que tem por presidente o rei, que faz troça « das sabios », e o sr. Hintze Ribeiro, que é quasi analfabeto. Ha duas duzias ou tres de esplendidos livros antigos, sobre historia, conquistas e viagens, que noutra terra fariam a base das bibliothecas classicas populares, e andariam espalhadas em edições illustradas, comentadas e quasi gratuitas, por todas as mãos portuguezas curiosas da vida ancestral do seu paiz.

Qualquer portuguez que queira haver á mão alguns desses bons livros, haverá que os caçar pelos leilões, a preços de judeu, ou tem d'ir procural-os a bibliothecas publicas que só existem em duas ou tres grandes cidades. *Lendas da India*, *Peregrinações de Fernão Mendes*, *Chronicas de Fernão Lopes*, *Pina*, *Rezende*, *Barros*, *Couto*, *Góes*, a *Historia tragico-maritima*, alguns poetas do cyclo quinhentista e seiscentista, e quejandos, não ha meios de os poder espalhar ás mãos cheias pelo povo, que em compensação conhece o *Rocamboles* e a reportage infamissima que sobre crimes e vida privada quotidianamente lhe subministram nos jornaes uns figurões que lá dão a nota de grosseria d'instintos de povinho, e do estado intellectual e moral das classes dirigentes. Se alguem pergunta porque é que a Academia não divulga em edi-

ções baratas esses bellos livros de educação publica, tabernáculos da gloria portugueza, ninguem atina com resposta a dar, satisfatoria. Que faz, para que serve a Academia? Não ha vestigios da sua ação na vida colectiva. E' uma agencia de sonnabulos parasitando na gloria de traduzir em vasconço os reclames das farmacias estrangeiras.

4º—Aos remedios que cito conviria juntar esse outro de se desenvolver e alargar o mercado literario pelas colonias migratorias da Africa, da India e da America (Brazil e Estados Unidos do Norte), onde achariamos valiosos nucleos de nacionalidade portugueza, dispostos e atentos sempre para a vida da mãe patria, como os possuem e exploram os hespanhoes em todos os cantos do mundo onde a sua magnifica lingua se fala.

Subindo de dois ou tres mil, a vinte mil o numero d'exemplares vendidos duma obra d'escriptor portuguez de certo cunho, o que não seria espanto, alargando-se a cultura publica e o amor do livro, já a independencia moral e a liberdade d'ação dos homens de penna seria coisa de contar. Uma e outra se escóram, em sociedades comodistas como a nossa, primeiramente sobre a força defensiva do dinheiro, que não é tal um metal vil como os pelintras dizem, senão um maravilhoso sangue rutilo e forçoso, bom ou máu, segundo a mão que o junta e o espirito frutifero que o espérge; e em segundo logar na convicção formal do papel alto que exerce quem paira acima duma grande *élite* social, subministrando-lhes idéas ou planos de conducta, interferindo-lhe nos destinos, gniando-a d'alto, no meio dos respeitos duma turba convicta, unica que marcha, pois sem convicção não ha obra perduravel. O dinheiro é, nestas sociedades que assediavam pela fome, o perservativo mais forte contra as tentações malsãs do espirito e do corpo. Por detraz da muralha que elle apruma, constróe o homem o seu ninho defezo ás algarradas da inveja traiçoeira. E' necessario dal-o a ganhar a quem trabalha, e em dóze do trabalho ser um prazer vital, nunca um ergastulo, e da obra da civilisação ser uma obra d'alegria, prenhada nos evolés da iutelligencia e na hilariancia da robustez intacta e triunfante.

Ora, uma coisa pergunto a uim mesmo: porque é que recebendo entre nós, por exemplo, o pintor, o esculptor, o architecto, dois, quatro, seis contos de réis por uma obra que, como dispendio mental e duração de trabalho, equivale, no melhor caso, o livro dum novelista ou a peça dum dramaturgo, não hão-de estes ultimos ser pagos pelo estalão daquelles, continuando na ignominia de produzir vo-

lumes e peças que os editores e os theatros pagam, termo medio (e sempre a escriptores de nome feito) pela miseria de dois ou tres centos de mil réis, regateados?

Acaso não é o trabalho literario uma elocubração d'essencia superior como o artistico? Não vale o livro a estatua, o quadro, o edificio? Porque hão-de então os escriptores ser as victimas do publico que preocupam, instruem e divertem? e porque ha-de a sua vida professional resvalar, para os que insistem em viver da penna, numa miseria humilhante e numa dependencia despreziva?

O resultado deste ostracismo injusto é o seguinte: os escriptores de talento, se pôdem, mudam d'oficio, vão-se, porque a escrever ninguem lhes garante a gerarchia; e se não pôdem nem teem coragem para abordar as labutas da vida d'ação, acabam por amordaçar uos restos d'altivez, por curvar a cabeça á canga, por aceitar os pequeninos mistéres da literatice comezinha; revistecas de damas charadisticas, juizos do anno e contos de meia libra para suplementos literarios, campanhas de *moralidade* ou difamação pessoal por conta de terceiros, ou sobre o Joelho comedias e novelas que os colegas reclamam, os editores pagam aos poucos, e toda a gente manda passar.

Trata-se de creaturas com representação social no meio, que é exigente, e que para haverem o necessario, salvo uma ou outra, farão tudo, principalmente se tudo lhes fôr pedido sem melindre das fórmulas e apparencias, que é do que em Portugal quasi toda a gente se preocupa. Vae nisto uma cobardia de caracter, uma falta de coordenação moral que logo dão a rez comunitaria preferindo os internatos da familia, da secretaria, do regimento e do partido politico, que a dispense do esforço de ganhar a vida, aos nobres impetos e aventurosas occurencias da vida d'iniciativa, onde o homem responde pelo que faz, e todas as ancias do espirito encontram livre expansão para exercer-se.

Em geral, todo o trabalho mal pago leva a desestimal-o o proprio obreiro, que acaba por falcatruar o producto, augmentando, para ganhar o preciso, á custa da qualidade, a producção. E' o que frequentemente succede neste areal de litteratura portugueza. Escriptores dos ultimos tempos, vivos ou mortos, não direi todos: os que insistem em viver da escrita suam livros á hora, de fancaria chilra, para publicos sem critica, nos quaes se é deploravelmente ferido por um industrialismo pífo e por uma falta de sinceridade e independencia. Outros que derivam no jornalismo e na politica, para ganhar a vida, emquanto o premio gordo não chega, fazem indistiu-

ctamente tudo, reportage, artigos de fundo, obstrucionismo, discursos, relatorios, e inutilizam-se numa banalidade que lhes não deixa migalha de faculdade resistente.

O proprio grande Camillo, que é a maior gloria litteraria do seculo, incluindo Garret, teve de produzir quasi sempre em condições mercenarias, obras d'improvisação instantanea, mesquinhas para o seu nome, pagas a vinte e trinta libras por mariolões d'editores que fingindo protegel-o, o exploravam.

Pois a menos que o pobre auctor não tenha comsigo um principio iudomito que o faça ao mesmo tempo auctor e publico, juiz e réo do que prodúz, (facto em Portugal tão raro, que bem se pôde dizer que não existe) a verdade é que tudo contribúe entre nós a abandallar o talento e tornar a profissão d'escrever unma especie d'atafona para desclassificados sociaes.

Não ha critica que refreie os desmandos e dê a média da tendencia filosofica pairante.

Criticos são os amigos, os inimigos, os compadres ou os cúmplices. A diatribe ou o reclame suprem, por via de regra, sobre a obra, o artigo analytico. Qualquer pequeno exito suscita invejas que se traduzem em difamações de café e crapulosas verrinas de jornal. Como a bohemia das letras não pede folha corrida aos que a frequentam, acontece insinuarem-se na turba dos escrevinhantes, alcatéas d'aventureiros que a titulo de proletarios da intelligencia e paladinos da justiça, são apenas matoídes insofridos e mestres cantores de profissão.

Apar de não haver critica, não ha publico. Como já disse, em Portugal ninguem lê, e raros são lucidos, os poucos que soletram, porque quasi todos sofrem duma falha cerebral do instincto esthetico, quasi todos carecem de vida ideal, e dir-se-hiam sonnabulos, fóra dos seus negocios ou dos seus flatos.

Ora, sem publico e sem critica, isto é, sem dinheiro que izóle o escritor das dependencias do pão quotidiano, e sem espirito filosofico que prenda o livro efemero á consciencia social e á obra da civilisação, nenhuma litteratura poderá viver vida liberta, e acontece o que entre nós ha muito se vem dando, venho a dizer que salvo o caso duns tantos, escriptores portuguezes são directa ou indirectamente os serventuarios frivolos de dez ou doze despotas grotescos que fazem tudo em Lisbôa, este porque acena com logares, aquelle porque acena com candidaturas; um, por ter a orelha do rei; o outro, por ser dono ou *comis-voyageur* d'empresas poderosas.

O homem melhor armado d'energias, talentos e diplomas, se acaso aspira a um posto qualquer, humilde ou

alto, fica sem elle por força, se exclusivamente o confia da justiça, em vez de rojar-se á protecção d'algum dos dez ou doze grotescos mandarins. Ora, como sem a chancela deles nada se apanha, acontece que pra lhes ganhar as graças ha que lhes sofrer primeiro o cerimonial de vice-reis; e cuidado que as palavras que digas, as opiniões que tenhas, a prosa que escrevas, os camaradas com quem andes, não vão desagradar á presidenta hermafrodita, ao maricafédes da côrte, ao chefe de partido ou ao chefe de serrallo, pois molesta o magnate, passarias o resto da vida por secretarias e concursos, afogado em papel selado e vendo passar-te por cima todos os acomodaticios sarrafaças da mesma pretensão.

Quem de perto examina a estrutura dos nossos grupos politicos e maneira como em todos os quadros officiaes se vêem fazendo ha muito as provisões, présto repara na quasi completa ausencia do elemento intellectual nos cargos dirigentes. E' uma guerra d'esterminio feita pelo elemento official, discursador, bacharellesco, ao elemento intellectual, que em todos os paizes costuma ser preponderante. Provirá de não existirem verdadeiros intellectuaes em Portugal, ou deles se terem deixado apagar e vencer pela esperteza mercante do cacique e filho de cacique que lhes foi tomando o passo a pouco e pouco?

Olha-se para a bancada dum ministerio, não se vê ninguem que os livros elevassem, um escriptor, um grande professor, um jornalista d'idéas, um cerebro d'excepção creado pelo poder ascencional do proprio cerebro — é tudo bacharelotes de provincia, dentistas de carro com a velhacaria pathetica da escola discursal da Porta Ferrea, sujeitinhos astutos, cynicos, poupados, que fazem da carreira politica um internato, como o dos militares e o dos amanuenses, com a agravante, porém, do pulso livre, que é por onde a candonga do officio rende, e por onde a promoção ao generalato mais depressa arvora o titere em gigante. Nas circumjancias do rei, a mesma aridez de cácos ressecos, a ponto d'effectivamente parecer que s. m. deteste os intellectuaes que não cantem o fado ou saibam ficar indifferentes ás suas petas athleticas e ás suas pescas milagrosas.

O rei d. Luiz, que, fôsse o que fôsse, tinha ainda a bôa sombra dum príncipe, sabia, por suas predileções de literato e astutas ronhas, ir buscar o cerebral onde o topasse, e fazer dele ao menos um camarada de cavaco, quando não podia tornal-o em seu adépto. Era ainda o tempo em que a historia dos reinados se escrevia em frases menos sumarias do que a que costuma dizer o papagaio, e em que

na enxurrada dos politicos, d'envolta aos nomes dos ultimos marinheiros e militares das revoluções e guerras liberaes, brilhavam os dess'outra gente feita nas batalhas da cathedra, do livro e do jornal, que melhor ou peor fôram Magalhães Coutinho, Mendes Leal, Latino, Chagas, Fradesso, Aguiar, Antonio de Serpa, Corvo, João Chrisostomo, Marianno, Thomaz Ribeiro e tantos outros amigos pessoases do rei, que ao recebê-los não folheava a lista negra, nem lhes cozia ao peito veneras com que secretamente se gabava de galardoar poucas vergoulias. Em nossos dias, posto o monarcha inda seja, no dizer das mensagens, um sabio, e homens de todas as categorias exornem de brilhos pulchros o throno de Salomão rei dos Algarves, o certo é que só os d'acentuado typo cerebral faltam na ronda. Bastantes livros nacionaes tomam, estou certo, com dedicatorias ofuscantes, o caminho dos paços: ha pouco, certa novela de capa branca, remetida de vespera, teve a fortuna de servir d'alvo ás pontarias reaes, num dos palacios...

Um periodista inglez vindo pelo centenario da India a Lisbôa, dizia-me á volta de Cascaes, onde fôra visitar a cidadela:

— A residencia real é modesta e sympathica; gostos d'artista sem a menor ostentação; certo, habita o logar um espirito inteligente... porém...

E como eu levantasse os olhos ao adverbio duvidoso, o homem, calmo:

--... para que deixar ver a estrangeiros, no gabinete do rei, rumas de pornografia franceza, romances de porcarias, leitura de *cocotte*, que nem sequer teem espirito e dão, na mais favoravel hypothese, uma idéa tão futil do character?

Olhando bem para dentro do espirito das coisas, vê-se que por um lado a intellectualidade portugueza, sem papel, numa quadra de mercantes e fura-vidas, foi-se abandonando e cahindo té ao nível rasteiro em que se vê, e por outro lado, numa sociedade fuudada de roda e a imitação do parasitismo duma familia, o elemento psychico, propositada e laboriosamente expurgado da direção superior do paiz, não convém torne ao comando, o que importaria a remoção do monturo a que já alguem no parlamento chamou «Sublime Porta».

Ao rei não convém que esse elemento intellectual tome o governo, pois o pouquissimo que existe, e o que viesse, não fariam senão diminuir-lhe a intervenção pessoal e enfraquecer-lhe o poder, que está sendo uma das chagas da nação. Tam pouco estes oitenta e tres por cento d'analfabetos são, pois, a garantia mais solida do systema; bulir-lhes é atentar contra as instituições, porque o mons-

tro podia acordar com veleidades de partilha, e o burguez regalão não quer restituir o patrimonio que furtou.

Como salvar então o paiz deste marasmo lugubre que o morde?

Começae pelos intellectuaes.

Libertae-os da servidão do memorial, da servidão do chefe politico, do banqueiro, do prégnista, da casa de hospedes, do proprietario de jornal e do editor — de todas as peias de conveniencia, acquiescencia e subservencia que em Portugal prendem os braços e inutilisam em massa gerações de pobres diabos. Libertae-os da literatura franceza que elles pasticham e que os corrompe, pedindo aos nossos amigos inglezes, uma vez que o lusitano não crea e tem de ser, perante os frutos da civilisação, uma especie de macaco imitador, a unica coisa que a aliança saberia dar-nos d'util, isto é, em aprendermos dela um certo numero de praticas de vida, a vigorosa hygiene, o culto heroico da força, a tenacidade no esforço, a poesia do amor casto e fecundo, o cultivo d'idéas, poucas mas d'escolha, e finalmente esse forte sentimento de solidariedade civica que leva o inglez a fundar a Inglaterra onde quer viva — que tudo isto vislumbra na literatura dos seus romancistas, ensaistas e filosofos, e são virtudes de raça a que esse grande paiz deve o melhor da sua hegemonia mundial, e nós bem poderíamos dever á hombridade que nos falta, e a cessação deste feitiço de moiros sordidos e de mulatos libertos que o estrangeiro adivinha até no portuguez civilisado. Fazei o trabalhador da pena, independente, desamarrado dos interesses e dos affectos, apto a ver d'alto a vida e os seus assumptos: que só assim cabeças fortes pôdem gerar idéas sãs, e a intellectualidade logra retomar nas sociedades o seu logar de força dirigente. E a reintegração do pensador e do escriptor no papel de *meneur* de turbas amorfas, só nesta terra o dinheiro a podéria iniciar.

Subir na pága em guiza do trabalho das letras ser em Portugal vida vivivel, é dar principio a uma éra de regeneração social muito de ver. Não pela literatura e sciencia presentes, que, aparte uns nomes, é a mais triste pagina d'incuria, mas pelos que partiram e poderiam voltar, e ainda principalmente por esse numero maior dos presentes e futuros, que cerebralmente aptos a dizer algo, preferirão calar-se e imergir noutra genero de buscas laboriosas, ou quedar-se em fundos silenciosos de sonho, indifferentes á bestificação crescente da volta, como esses deuses de pedra que com um gesto pôdem sustar a ruina de cidades, e todavia gozam, na imobilidade olympica, o seu formidavel dom destruidor. Subir na pága, equiparar, por exemplo, a féria dos escriptores á dos escultores

e architectos, á dos embaixadores e consules geraes, que já assim o trabalho d'ideias será uma occupação alegre e digna dos degenerados superiores que os avanços da vida teem collocado, como chefes e augures, na testeira dos povos progressivos.

... ..  
FIALHO D'ALMEIDA.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda do Mocoretá ao Passo da Patria  
— A retirada commoda de vinte mil  
paraguayos—Paralysis da esquadra.*

A primavera já se acercava do seu termo, e o sol dardejava raios mais a prumo sobre as nossas blusas de baêta vermelha, que ao pino do dia nos queimavam por aquelles campos desolados, onde as forças de Robles e de Resquin tudo destruíram.

Havíamos deixado muito atrás o rio Santa Luzia e nos approximado da margem do Paraná. A situação do exercito melhorára consideravelmente pela facilidade das communicações. Costeando o grande rio, a pequena distancia, fazia-se facilmente o abastecimento de viveres e de tudo que precisavamos. Passámos para a vanguarda dos alliados. Estavamos em fins de novembro e, havia quasi um mez, o territorio da provincia de Corrientes ficára limpo de inimigos. Cerca de vinte mil paraguayos, conduzindo mais de cem mil cabeças de gado vaccum e cavallar e algumas centenas de carretas carregadas de despejos das estancias e povoados correntinos haviam se recolhido ao seu territorio tranquillamente, cruzando, sem ser incommodados, o rio nas proximidades do Passo da Patria. Retiraram, antes, em vapores, a artilharia que haviam assestado nas barrancas do Paraná e, em vapores tambem, embarcaram tropas na cidade de Corrientes, que evacuavam.

A nossa esquadra, entretanto, mantinha-se inactiva, dormindo, a somno solto, sobre os louros que colhera em Mercedes, Cuêvas e Riachuelo, onde ficou anniquilada a paraguaya e assegurado completamente o dominio das aguas aos alliados.

A falta de praticos do Alto-Paraná e a vasante do rio fôram os obstaculos, ou as desculpas para justificar-se a inacção dos nossos navios. Quando discutiamos no acampamento esses acontecimentos, que se nos afiguravam inexplicaveis, appareciam objecções, como estas :

—Si o rio estava baixo, porque a esquadra chegou a Corrientes logo depois do embarque de Resquin ?

Outros diziam que as sondasezas substituiriam muito bem os praticos.

Em principios de novembro, os nossos navios de guerra fôram até á confluencia do rio Paraguay, e, poucos dias antes, haviam as forças inimigas passado o Paraná, alguns kilometros acima.

Tinhamos atravessado rios fundos, como o Santa Luzia, e muitos arroios grandes, que vadeámos com aguas pelas caronas e, ás vezes, com pequeno nado.

Na passagem do Riachuelo, tivemos o desgosto de perder um companheiro muito estimado pela cultura do espirito e qualidades moraes—o 2º tenente Dionysio Elisario Pereira, bahiano e membro de uma familia distincta pelo talento. Victimou-o uma febre maligna e lá ficou para sempre o esperançoso moço, cuja morada ficou indicada por uma tosca cruz de madeira.

Quando passámos o arroio Empeadrado, lembro-me bem, o céu ficou negro e o dia escureceu de repente. Desciam até ao horizonte, que se avizinhára muito, grandes nuvens semelhantes a cortinas, que se moviam agitada por vento, que ainda não sentiamos. O calor era abrazador e o ar, que respiravamos, pezado e asphyxiante. Armámos rapidamente as barracas, sem *couraça*, já apodrecidas junto ás alças e cobertas de mofa da humidade constante de tantos mezes. Ziguezags luminosos correram rapidos pelo espaço e logo o trovão ribombava sobre nós atoador; a ventania furiosa sacudia os nossos pobres abrigos vacillantes e a chuva caía em gotas immensas, capazes de molhar um homem cada uma e em saraiva, açoitando violenta as garupas dos nossos magros reítuos, que voltados contra o furacão, tremiam encolhidos com as cólas entre as pernas. Em pouco tempo, clareou o dia; fôram-se as nuvens, appareceu o sol e a natureza parecia sorrir de novo áquelles milheiros de homens, que supportavam, ardentes de entusiasmo todas as privações para irem destruir outros homens, que elles não conheciam, e cuja culpa era a obediencia cega que votavam a um chefe de Estado atacado de megalomania.

Em dezembro, si bem me recordo, chegámos á Lagôa Brava, um dos acampamentos de recordações mais vivas para todos, que pertenceram ao corpo de exercito de Osorio. Estavamos perto da cidade de Corrientes e fomos reforçados por grande numero de corpos de voluntarios, que tinham subido, embarcados, o rio Paraná. Muitos eram da bendita terra onde tive a felicidade de nascer e que nunca deixon de alimentar o patriotismo dos seus filhos, festejando sempre de modo entusiastico as datas gloriosas da sua historia. Fui visitar os acampamentos dos recémchegados e encontrei muitos amigos, mens collegas de collegio, que vinham partilhar da nossa

vida honrosa, como officiaes de voluntarios e cirurgiões do exercito. Entre elles, estavam o Arthur Rios, o Arsenio de Souza Marques, o Satyro Dias e muitos outros, que prestaram depois serviços relevantissimos á patria. Havia entre os voluntarios, um corpo de uniforme estranho: — «largas bombachas presas por polainas que chegavam á curva da perna, jaqueta azul, aberta, com bordados de trança amarella, guarda-peito do mesmo pauno, o pescoço limpo sem camisa nem gravata e um *fez* na cabeça. Eram todos negros e se chamavam — *Zuavos bahianos*. Tinha os seus officiaes *negros* como elle. Passados poucos dias, fôram dissolvidos e mandados addir a outros corpos. Muitos passaram a serventes dos hospitaes. O general em chefe teria podido tirar um grande partido daquella gente forte, destemida e brava; mas não o fez por não se lembrar talvez, naquelle momento, do heroismo e dos altos feitos com que os immortaes terços de Henrique Dias, o grande capitão negro, illustraram a historia patria. Confesso, ainda hoje, depois de quarenta annos, este acto do general produziu desgosto indizível ao meu coração de bahiano.

O Passo da Patria distava de nós uns vinte kilometros apenas. Batiamos ás portas do inimigo e precisavamos estar promptos para accommettel-o. O exercito se organisava. Cada uma das armas de infantaria e cavallaria tinha as suas divisões compostas de duas brigadas pelo menos e estas constituídas, no minimo, por dois corpos. A artilharia estava á parte. Não havia brigadas mixtas.

Nos quatro mezes que passámos até á invasão do Paraguay, poderia o nosso querido general, que fôra um dos grandes chefes da nossa famosa cavallaria, ter feito a remonta dos corpos desta arma e engordado a cavallhada com forragem, que se obteria facilmente. Nada se fez, entretanto, e passámos o Paraná com grande parte da cavallaria a pé.

O calor na Lagôa Brava era de matar; as moscas, de entontecer. A' noite, os mosquitos nos perseguiram em bandos e o suor corria-nos em bagas a todas as horas. Mandámos fazer uma ramada. Nos esteios armavamos, como rêdes, as nossas *cinchas*, e deitados nas barrigueiras, com a cabeça apoiada na argolla do travessão e os pés cruzados sobre o latego, palestravamos meio suffocados—o Amarilio, sempre muito córado; o Costa Mattos, contando casos do Icó; o Eugenio de Mello, puchando e affagando a pêra precoce e farta, e eu, o mais moço de todos, no meio daquelle borbório dos campos, com saudades do meu pae, da minha mãe e dos irmãos, que não via, havia tanto tempo, saudades avivadas pelos amigos que tinham chegado da Bahia.

O Saturnino, meu correspondente, dava-me, regularmente todos os mezes, as duas libras de mezada e o nosso rancho, com a visinhança de Corrientes, melhorou um pouco, mas por um ou dois dias sómente. Já estávamos aborrecidos de tanto churrasco duas vezes por dia, com a farinha apanhada na ponta da faca e o chíuarrão por cima. O Quintiliano, que era veterano da campanha do Rosas e nosso cozinheiro, variava de vez em quando com um fervido de costellas ou de *picanha* e um pirão de farinha mofada que o Costa Mattos denominou — *engasgagato*. A's vezes, muito raras, tínhamos um pouco de arroz. Os nossos extraordinarios eram bolachas duras como taboas, e que poderiam, em caso de necessidade, servir de metralha, e alguma lata de sardinha de Nantes, que custava preços fabulosos. As moscas eram tantas, que difficilmente o bocado nos chegava á bocca sem uma dúzia dellas. Lembro-me bem de um companheiro, que cansado de dar-lhes combate e desanimado com a multidão infrene, resolveu machucar no pirão ou no arroz as mais impertinentes e tragal-as. Vi-o nma vez tomar duma chicara de ferro estanhado, cheia de vinho Carllose, muito zurrapa, comprado numa carreta proxima, e bebel-o coando nos dentes a massa de moscas que o engrossavam, cuspiendo-as depois. Acompanhava todas aquellas extravagancias com ditos chistosos, bôas gargalhadas e uma philosophia *sui generis*. Dizia que o mosquito da fabula pôde com o leão, mas que as moscas da Lagôa Brava não poderiam com elle. O Chico Neiva, nosso companheiro e amigo, da infantaria, bom observador e espirito *altamente philosophico*, descobriu que as moscas fazem uma excepção á lei universal de Newton. Dizia que todos os corpos não obedeciam á attracção da Terra, não caíam para o seu centro, como se acreditava, porque as moscas haviam sujado o tecto da sua barraca pelo lado de dentro. Outro dizia, para contestar-lhe a affirmacção, que ellas forneciam ao contrario uma demonstração concludente da grande lei, porque nós as attraíamos de um modo assustador, apezar dos protestos das nossas mãos e da nossa vontade, e, apontando para o commandante que abanava com frenesi, exclamava—soffre mais do que nós, porque é o maior de todos e a attracção é na razão directa das massas. Bebiámos a agua de uma lagôa proxima, que além de saber a macega, era intoleravelmente quente. Quente por quente, dizia o Costa Mattos, bebamos matte, que é saudavel e gostoso. Havia um official do regimento, que então nos fazia muita inveja — o Severiano da Fonseca, que foi depois marechal e barão de Alagôas, um dos sete gloriosos filhos da veneranda d. Rosa.

cuja casa era um quartel general e um lar amigo a todos os militares, — da grande vellinha, que soube inflamar a alma dos seus filhos illustres com a chamma do amor á patria, que lhe abrazava o coração de brasileira. O Severiano era um official correcto, bom e estimado de todos pelo seu valor, erudição, amor á disciplina e grande bondade. Tinha immenso prestigio entre os seus camaradas. Os superiores lhe queriam, porque contavam com elle para os grandes lances, e os subordinados sabiam que jámais lhes faltaria com a justiça. Elle, o illustre official de artilharia, fazia-nos inveja.

Nós bebiámos agua quente, que iam buscar aos banhiados nos cantis. Elle, o feliz, o previdente, o experimentado, mandára fazer um grande sacco de lona, que pingava suspenso na ramada, cheio d'agua fresca. Era o unico, e, por isso, nós, os cadêtes, tínhamos inveja delle. Bebia nma só vez, uma só, aquella agua fria, e, de vez em quando, lauçava para o sacco longo, branco, molhado e cylindrico, um olhar de indefinivel cubiça, quando a saliva engrossava e a sêde accendia-se pelo suor, que caía em bategas copiosas.

Um dia, á tardinha, estávamos nas baterias, olhando para o carretame do transporte para as bandas da rectaguarda, quando vimos grande clarão e, logo após, um estrondo medonho. Uma columna immensa de fumo alvadio subiu a grande altura e, com ella, rodas de carretas, caugas, couros e milhares de destroços — até humanos. Corremos todos. Tinha sido uma explosão nas nossas carretas de munição. Alguns homens morreram; outros, ficaram horivelmente queimados, mas o immenso transporte salvou-se quasi todo, graças á coragem e á dedicacção dos nossos soldados, que se arrojaram impavidos no meio daquelle turbilhão de chammas. Bôa gente a nossa, abnegada, intrepida, soffredora, renitente, sóbria e sempre alegre.

Alguns dias depois, mudámos os nossos arraiaes para o Tala-Corá. Estávamos já em pleno estio.

DIONYSIO CERQUEIRA.

### A CASA N. 67 DO LARGO DO ROCIO

Si fôramos Wolney, contemplando as ruinas desta cidade, que váe rediviver amanhã, como a Phenix, que renasce das proprias cinzas, evocaríamos o *grande* Arbitro para resolver que o futuro presidente da Republica fôsse o dr. Passos.

Em algumas semanas, elle a teria demolido até os fundamentos, levantando sobre os seus escombros uma

nação de 21 andares, airosa, granitica, aprumada, para affrontar os vendavaes da politica e as formigas do estrangeiro, que solápan o nosso futuro; especie de Pantheon com ascensores côr de roza, presidentes de cem kilos com ministros bem lixados sem nenhum verniz, o parlamento sem cachos.

Passos, de picarêta erguida, ha de ser, na posteridade, a imagem de Saturno, destruindo para renovar, consumido para produzir. Ha de ter uma estatua, e, nos seculos, nenhum peregrino perguntará de quem ella seja; que elle tauto se eternisarâ em effigie como em reputação.

Mas tudo que enthusiasma segue o seu curso, tambem semeando pezares.

Foi Passos quem fez desaparecer, por inteiro, a pequena casa, de um só andar, n. 67 do antigo largo do Rocio, contigua á secretaria do Interior. Vâe ficar desfigurado o espaço, que ninguém advinhará, quem viven alli, e que coisas alli se fizeram, e como aquelle local foi largo tempo laboratorio das conspirações, intrigas e manejos da politica inicial do Brazil.

A pequena casa era habitação do senador padre José Martiniano de Alencar, que collaborou na resistencia do golpe de Estado de novembro de 1823; foi no 7 de abril, com José Custodio e outros patriotas, quem mais empurrou o throno até desviar-se; quem em 1842 deu alma e vida aos... *Invisiveis*; quem levou a vida inteira machinando coisas que atordoaram as gerações.

Esteve nas cadeias da Bahia em 1817 foi á Coustituinte de Lisboa, influiu nas torturas da do Rio-de-janeiro; presidiu os Carvallistas em Olinda e poz o sello das suas manchas no movimento armado do Ceará, em 1824, o qual produziu tantos combates e, no fim, o patibulo, em meio de uma caçada de homens para os açougues da Cisplatina, e em meio de uma peste que matava por milheiros na terra desolada do Ceará, que a fome enchia de esqueletos perambulantes de mão estendida, olhos vertendo lagrimas.

Alencar, escapo em Quixaba, do punhal de sicarios, que já o tinham por morto, completou uma das mais penosas viagens, surgindo no Rio, depois de atravessar os asperos sertões do Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas, até Marianna; dalli, até Praia-Grande!

Repouzou? Não.

Voltou ao Ceará, respondeu pelos seus crimes politicos, perante o tribunal de sangue de Conrado; e, absolvido, regressou, para ser aqui parte grande na quêda do primeiro Imperador e estar ao lado de Feijó, outro padre, que tinha de ferro as duas mãos, em quanto elle tinha sómente a esquerda, que a dextra era de sêda. Consorciado com Feijó na idéa da sup-

pressão do celibato clerical, fazia de Aman da côrte regencial, e sentava-se na cadeira do marquez de Aracaty, que elle empurrára, fazendo perpetuar-se em Lisboa, para onde tinha seguido a Pedro I.

E ateava o fogo no Ceará, impellido Pinto Madeira, seu poderoso inimigo, a lançar mão das armas até subir ao cadafalso depois de muitos e sangrentos embates.

Recebendo do seu irmão espiritual a investidura de presidente daquella provincia, Alencar partiu para alli, ouvindo do regente tonsurado esta despedida funesta: «Sr. Alencar, si apañhar Pinto Madeiaa, mande fuzilar».

Foi fuzilado.

Ninguém fez mais, ou fez tanto nas convulsões por que passou o paiz desde 1817, durante os primeiros quarenta annos da nossa existencia politica.

Alencar foi o conspirador mais notavel do Brazil, mas ao ministro Sapucaly, que ouzou dizel-o no Senado, em 1842, puniu immediatamente com uma bofetada no proprio salão.

Lynce, vendo através as montanhas, aguia enclergando da maior altura, Alencar era tambem materialmente um bravo homem e provou no combate de 14 de dezembro de 1840 em Sobral; mas ninguém carecia tanto de coragem civica, como exprime a sua carta, dirigida de Marianna, ao Imperador, em 1825.

Foi na casa que o dr. Passos reduziu agóra a *ubi Troya*, que se concertaram o *23 de Julho* e a fuga audaciosa de Pedro Ivo em 1849, — disse Macedo, o da *Moreninha*, ao auctor destas linhas.

Sim: passaram-se grandes mysterios entre aquellas quatro paredes, que cederam á picareta da civilisação e do bom gosto, mettida nas mãos do dr. Passos, cuja bôa fortuna o fez agente glorioso do velho Saturno; mas convirá deixar dellas um padrão para memoria dos vindouros; seja um *Pater graphado* em rocha, um *Requien* burlado em bronze.

Muitos homens se deleitam de olhar para trás. Por trás nos fita a historia e esta carece dos monumentos.

Si tiveramos a immensa gloria de ser o dr. Passos, não passaríamos por sobre o passado.

Na casa de José Bonifacio, de Rocha, de Evaristo, de Léo, de Feijó e de tantos outros vultos da Independencia, iríamos deixando um signal, e os archivos publicos havíamos de pejar de plantas, planos e desenhos das ruas e casas que se esborôam, afim de que, si, um dia, tivermos Victor Hugo, possa elle reproduzir a *Notre-Dame*, dizendo quantas janellas tinha cada casa, quando nos deixou Pedro II, de perpetua e casta memoria.

J. BRIGIDO.

## O ALMIRANTE (54)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

Oscar ergueu-se, percorreu toda a sala, a largos passos, até á porta que dava para o terraço, aberto sobre o parque. A marquezia acompanhou com o olhar fixo, absorta pela idéa fixa de penetrar-lhe o coração, desconfiada de que elle sómente lh'o revelasse em parte, reservando nos intimos recessos sentimentos reconditos, disfarçados em manifestações paradoxaes. Num desses refolhos, estaria Dolores com a sua omnipotencia de mulher amada, imposta por um capricho do destino, a que elle se submettia com a passividade de fatalista. E não se podia consolar á idéa de que outra mulher predominasse naquella creatura que lhe deveria obedecer com docilidade filial, servil-a, adoral-a com illimitada dedicação.

Quando Oscar volveu, ella lhe disse:

— Sabes que Dolores passa por tua amante?

— Tu bem sabes que isso não é verdade — responden Oscar, com certa vacillação, não disfarçando a impertinencia dessa imputação calumniosa — Já te disse que Dolores me prestou um serviço que gerou em mim um sentimento de gratidão e... nada mais.

— Entretanto, conforme as tuas idéas, serias muito capaz de anal-a, de te deixares empolgar pelo delirio dessa paixão insensata, de te perderes, emfim, porque seria o maior obstaculo ao teu futuro.

— O meu futuro está previsto, está subordinado ao tempo; dependerá de subir lentamente em promoções até ao supremo posto de almirante. Seja en o mais puro dos homens ou um peccador endurecido, isso não influirá na minha carreira.

— E as tuas aspirações, os serviços que a patria tem o direito de reclamar de ti, da tua capacidade?

— Eu os prestarei com lealdade. Quanto ás minhas aspirações... Nem sei que te diga. Ellas são vagas, tão mal definidas.

— Mas eu tenho o direito de creal-as, de oriental-as, como te criei e te dirigi, com acerto, nos primeiros passos da existencia.

E adquirindo inopinado ardor, a marquezia ergueu-se, apoiou sobre os hombros de Oscar as mãos nervosas, e, fitando-o com olhos resolutos, inflamados de energia, continuou num tom de injuncção, de meiguice, em que se confundiam o imperio da mãe e a paixão da mulher contrariada:

— Tu não és meu, Oscar, sómente meu, como eu desejaria. Sinto que me foges, que me evitas, que não me abres, sinceramente, o teu coração.

Apezar dos teus protestos, percebo que as tuas palavras de ternura teem uma frieza de lamina a cortar o teu affecto filial de outr'óra. Tu não és o mesmo, o meu dever querido; não me dizes a verdade. Eu te perdoaria todos os desvios do Oscar, todas as loucuras contanto que m'os confessasses.

— Que loucura, mãesinha! — murmurou Oscar, surprehendido.

— Será uma loucura, mas é o fructo amargo de uma suspeita cruel a envenenar-me o coração. Dolores te ama; collocou-se deante de Amelia para eclipsal-a, para que não a vejas como ella é altiva e bôa, discreta e carinhosa, intransigente e sincera. Pois bem: sabes o que é essa mulher, até onde desceu? E' um espião miseravel desse governo de aventureiros, dessa gente que estás servindo com abnegação digna de melhor objecto. Tu conheces as minhas idéas; sabes que sacrificarei tudo, a minha fortuna, a minha vida, ao meu unico ideal neste mundo, a restauração. Eu e Dolores estamos em campos oppostos. Eu sou a tradição honrosa; ella é a demagogia revolucionaria velipendiando a nossa patria.

Oscar vacillava interdito, por essa explosão inesperada.

— Disseste-me que não pouparias sacrificios para me obedeceres: chegou o momento de me provares que eras sincero... Ha uma conspiração.

— O governo sabe disso — acndiu Oscar.

— O governo sabe por informações de Dolores que nesta casa se trama contra elle; mas está illudido. O golpe partirá de outra parte e eu conto contigo...

— Commigo? Não vês que será uma iusania, uma aventura desastrada?...

— Tu me prometteste, tenho a tua palavra.

— Mas eu nunca poderia pensar que te passasse pela cabeça esse projecto absurdo, inviavel, que nos arriscará sem vantagens.

— Seja como fôr, tu não me negarás o teu concurso. Venceremos; todas as medidas estão tomadas para nos assegurar a victoria, e tu, meu Oscar adorado, tu serás o homem predestinado, o homem indicado para transmitir o poder, a corôa aos nossos legitimos soberanos. Está ali o teu futuro. Surgirás como um herôe, como um benemerito.

Cortado de estupor, Oscar se manteve num silencio affectivo, enleado nos braços da marquezia, que o beijava numa vehemente expansão de ternura supplice, irresistivel, dominadora, repetindo num tom commovedor:

— Não; não abandones, meu adorado filho, a tua mãesinha. Tu sabes que esse governo que ali está não pôde durar, não tem raizes no coração do povo, cairá mais cedo ou mais



tarde : aproveitemos o ensejo que se nos depara para derribal-o. Será uma honra para nós, será um acto de patriotismo apressar-lhe a destruição.

Deante dessa crescente exaltação, Oscar não ousava objectar : ouvia, sacudido de afflicção, de espanto, aquellas palavras em que a ternura, o odio, se combinavam numa eloquencia seductora, pleiteando a idéa fixa, dominante, no cerebro da marquezia.

-- Demais, — continuou ella, sorrindo com desenvoltura pueril, animando-se em gestos rapidos, em movimentos de casquillice, que lhe perturbavam as linhas graciosas, as attitudes dignas e erectas do seu bello corpo aristocratico — não ha para nós perigo immediato, nós não appareceremos sinão no momento opportuno ; seremos a alma, o pensamento desse movimento executado por gente resoluto, incapaz de nos traír. Elles tomaram todas as medidas para o exito completo dessa revolução pacifica, que não custará uma gotta de sangue, tanto tem o governo alienado dedicações, o concurso dos mais fanaticos, descontentes ou desilludidos.

A marquezia foi interrompida pela apparição de Sebastião á porta que dava para o vestibulo.

— Quem é ? — perguntou ella.

— Um senhor que deseja falar com vossa excellencia.

— Commigo ?

E tomando um cartão que o chacareiro lhe estendia, estremeceu apavorada.

— Espera-me um instante — disse, voltando-se para Oscar, que permanencia anniquilado, com as mãos immeras nos bolsos das calças.

(Continúa.)

## ARMADA NACIONAL

*A intervenção da armada na politica. — A administração Wandenkolk. — O almirante Mello. — Seus relatorios.*

Deu-se francamente a intervenção da armada na politica geral do paiz. A reacção viria mais tarde e trazendo mais funestas consequencias ; a intervenção do meio politico na armada é dos maiores males que presentemente asoberbam essa classe.

O almirante Wandenkolk, primeiro ministro da Marinha no regimen republicano, a seu turno, era, talvez, no momento, mais chefe politico do que director da sua pasta ; suas ambições, violentamente despertadas, já não se continham na esphera de sua profissão ; assim, não empregou esforços no sentido de desviar seus administrados do novo rumo que tomavam suas preoccupações. Aquellas ambições eram cada vez mais alimentadas pela

popularidade de que gozava ; cada subalterno era um novo adepto a catechizar, com intuito de mais facilmente as satisfazer.

A' politica juntou-se o jogo da bolsa ; fortunas surgiam collossaes, adquiridas em dias ; a febre da jogatina attraía todas as classes : a armada soffreu essa attracção ; despertadas ambições até então adormecidas.

Velho lobo do mar, um pouco atrazado a respeito dos progressos de seu mysterio, o almirante Wandenkolk, acreditava ainda que a melhor escola para o marinheiro moderno, era o cruzeiro em navio a véla ; assim, a unica viagem importante realizada durante a sua gestão, foi a da corveta *Nictheroy*, pelo Atlantico do sul, retirada a helice do navio, para que o seu commandante não se servisse da machina, como o havia feito, já, para arribar. Deu-se tambem a da *Guanabara* e do *Aquidaban*, em divisão, aos Estados-Unidos, numa visita de cortezia.

Em geral, porém, a esquadra esteve entregue a uma immobilidade pernicioso num centro onde florescia tantas causas que mais contribuiam para afastar o marinheiro da sua profissão.

Desorientadamente, encommendaram-se para a Europa tres navios, todos de inferior valor militar, dessemelhantes e que pouco contribuíram para augmentar o poder da nossa esquadra : *Republica*, *Tiradentes* e *Benjamin Constant*.

Decretou-se a refórma compulsoria, tão mal elaborada e que só produziu resultado no momento, correspondendo a sua adopção a um augmento de quadro, meio de mais firmar a sinceridade das adhesões.

Augmentaram-se os vencimentos e o auxilio ás familias dos que morressem.

Em summa : tendo melhorado as condições de cada individuo apenas, o almirante Wandenkolk, após 14 mezes de administração, deixou a pasta da marinha, sem que nada tivesse feito em pról do engrandecimento da armada ; antes, concorrendo para a sua decadencia.

Ao almirante Wandenkolk succeden no ministerio um chefe afastado da politica, sem grupos, gratidões ou rancores : o contra-almirante Foster Vidal. Já a onda das rebelliões, porém, tudo levava de vencida e, após 10 mezes duma apagada, inutil administração, deixava a pasta em virtude da queda do governo em 23 de novembro.

Assumi, então, o cargo de ministro da Marinha o contra-almirante Custodio José de Mello.

Espirito superiormente educado, quer para a sua profissão, da qual, *pari-passu*, seguia os progressos em seus menores detalhes, quer para a politica geral do paiz, comprehendeu, desde logo, todo o mal resultante para

a armada, dessa ingerencia immediata, directa da classe na politica e da politica na classe ; dessa permanencia prolongada, a que já se iam habituando os officiaes, num meio de effervescencia, de corrupção e, simultaneamente, campo propicio á procura de outros mysterios que mais radicalmente desviassem os seus subalternos dos deveres profissionaes. Dotado de largas vistas, de rica cultura, observador, elle apprehendeu logo, com maestria, todos os males que atacavam a marinha de guerra, comprehendendo a necessidade duma refórma profunda, comprehendendo que estavamos a ponto de nos tornar uma potencia naval de nulla importancia. Assim é que, no seu relatorio apresentado em 1892, sobre o quadro dos officiaes da armada, encontram-se os seguintes trechos : «Entretanto, é justamente a pratica que fallece aos nossos officiaes, que aliás dispõem de muita theoria ; e, fallece-lhes pratica não propriamente por culpa delles, mas porque lhes falta escola. Com effeito, nem possuímos navios em numero sufficiente, nem fazemos evoluções de esquadra em numero sufficiente, como é de mysterio, mórmente de torpedeiros, cujas manobras em esquadra não são nada facteis.» «Hoje, mais do que nunca, é preciso que o official de marinha, tenha verdadeira dedicação, amor decidido pela vida do mar...» «Entretanto, sinto profundamente dizer-vos que essa dedicação e elevação de animo, precisas para que o pessoal maritimo possa adquirir as qualidades moraes que exornam o verdadeiro militar, não são observadas tanto quanto é de desejar, em o pessoal superior da nossa marinha de guerra. Ao contrario, nelle tenho notado o maior desanimo e abatimento de espirito, assim como pronunciada tendencia a abandonar a vida activa.» Depois, aponta as causas que a seu ver concorrem para esse effeito : 1.ª «A inacção em que vivem os nossos navios de guerra, constantemente fundeados nos portos ; 2.ª «A injustiça no modo como era costume apreciar-se-lhe o merecimento...» ; 3.ª «As novas tabellas de vencimentos...» e 4.ª «Essa febre de jogo alimentada pela larguissima e pernicioso emissão de papel bancario...» «de fórma que, seduzidos ainda pela anrea miragem, muitos officiaes da armada buscam abandonar a carreira...»

«...creando em nossos officiaes uma nova natureza habituando-os a viverem mais no mar do que em terra, fazendo-os, enfim, comprehender a necessidade de uma vida activa consagrada ao serviço da nação, o qual deve sempre antepor-se a qualquer outro.

Não digo que não tenhamos excepções, mas o conjuncto é, na verdade, entristecedor».

Quanto ao pessoal de machinas, que, como já vimos, fôra sempre abandonado pelo Imperio, e cujas aptidões, em conjuncto, tudo deixaram a desejar, encontram-se, nesse relatorio, os seguintes trechos: «...pois é sabido que presentemente o corpo de machinistas da armada consta de um pessoal baldo, em geral, da precisa instrução. Uma das grandes necessidades da armada é a refôrma deste corpo no sentido de se lhe melhorarem as condições profissionaes. O actual Corpo de Machinistas da armada não está na altura da difficil tarefa que hoje incumbe a estes profissionaes na marinha de guerra, pois lhes fallece sufficiente instrução; e tal a razão porque as machinas dos navios depressa se estragam, vivendo em constantes reparações. Verdade é que os nossos machinistas navaes pôde-se dizer que não teem escola, visto não merecer tal nome a existente, onde quasi nada se ensina; sendo que alguns ha que nem mesmo sabem esse quasi nada, e são os que nos vieram da marinha mercante...»

Como se vê, sem o prurido de angariar o nome de reorganizador da marinha e muito menos de angariar sympathias, antes até alienando grande numero das que o cercavam, elle atacava a ignorancia e a descrença dos nossos officiaes da armada, e tomando « como parte principal do meu programma administrativo a instrução e educação militar do pessoal da nossa marinha de guerra. » E, a par disto, em seu relatorio do anno seguinte, depois de enumerar as medidas de ordem material que concorressem para que se tornassem os nossos officiaes possuidores das qualidades necessarias, dizia, sempre com a largura de vistas que o caracterisava: «E' ainda mistér uma outra; mas esta de ordem moral e dependente de nós mesmos, chefes. E' ella: não abafarmos a liberdade, que considero necessaria ao progresso, na iniciativa dos officiaes, em seu amor proprio, e em sua consciencia, para que elles compreendam melhor seus deveres e saibam cumpril-os sem abaixar-se, para terem a paz, a culpaveis condescendencias; é preciso que elles trabalhem, sem descanso, para adquirir o direito de ter uma opinião e de defendel-a.»

Para nos furtarmos a outras transcripções, diremos apenas que, ainda em seu relatorio de 1892, elle, sem rebuços nem mentiras, examinou minuciosamente o nosso material fluctuante e concluiu pela sua absoluta inefficacia e pela necessidade de reorganisal-o; concluiu pela urgente necessidade da refôrma do ensino na Escola Naval, que julgava mal organizada; atacou com proficiencia o problema das nossas guarnições; pediu o augmento e remodelação das escolas

de aprendizes marinheiros e, emfim, com a maior franqueza, patenteou aos olhos do paiz o lastimavel estado em que se encontrava a marinha de guerra.

Veremos como mais tarde outro ministro, por ter-lhe copiado o processo, mas tendo o cuidado de occultar a ignorancia, a ineptia do pessoal do estado maior, antes louvando-o, para comprar-lhe as sympathias, havia de ter manifestação, glorificação e receber o nome de «messias da armada nacional». E, no entanto, aquella ignorancia, aquella ineptia eram taes que a officialidade da armada, em 1892, envergonhar-se-ia si lhe dissessem que iria chegar ao grán a que chegou em 1903.

No relatorio de 1893, o almirante Mello compreendeu o erro de centralizar todos os serviços navaes em mãos do ministro, pedia a criação dum conselho do almirantado e a das prefeituras maritimas, baseando a necessidade da sua criação em argumentos luminosos e convincentes; bate-se ainca pela refôrma da Escola Naval. Quanto aos officiaes de marinha, elle já diz ter colhido alguns resultados, pequenos embóra, o que o faz esperançoso de alcançar seu fim, julgando, porém, necessario diminuir-se o limite da idade compulsoria, afim de que se faça mais rapida a carreira dos officiaes até ao posto de capitão-tenente. Lamenta ainda a ignorancia dos machinistas.

Vejamos, porém, o que, fóra dos relatorios, fez o almirante Custodio José de Mello como ministro, na curta gestão que lhe coube, menos de 18 mezes.

Começaremos pelas viagens, que elle achava tão natural que se realizassem, que nem as cita quasi no seu relatorio, como títulos de gloria que se teem emprestado os ultimos administradores da marinha.

#### TONELERO.

### XADREZ

#### 3º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Tem havido um certo arrefecimento na lucta. O momento decisivo aproxima-se e muitos hesitam em jogar as ultimas partidas. Até ao dia 20, havia 108 partidas jogadas e o resultado era este:

Theophilo Torres	— 10 1/2	em 13
Raul de Castro	— 10	12
Heitor Bastos	— 10	14
R. S. Quayle	— 9	13
Augusto Silva	— 8 1/2	15
José Piza	— 8	11
Frota Pessoa	— 8	15
Henrique Costa	— 7	9
Tito de Sá	— 7	16
Quintino Bocayuva	— 5 1/2	11
Annibal Pereira	— 5 1/2	13
Ouro Preto	— 5 1/1	14
W. B. Hentz	— 4 1/2	9
Godofredo Cunha	— 4	13

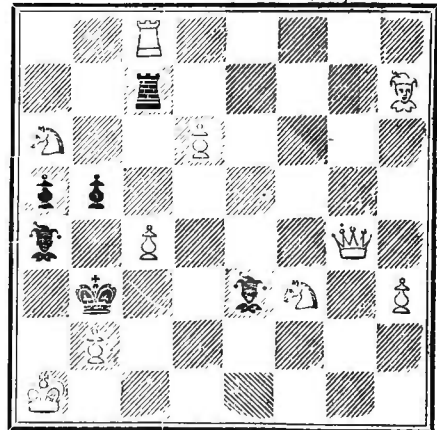
Alvaro de Andrade	— 2	12
Armando Burlamaqui	— 1 1/2	11
Libanio Luis	— 1 1/2	15

Como se vê, os premios devem caber a dois dos seguintes concorrentes: Theophilo Torres, Raul de Castro, Heitor Bastos, R. S. Quayle, José Piza, Henrique Costa, Q. Bocayuva e W. B. Hentz, e mais provavelmente a Theophilo Torres, Raul de Castro, José Piza e Henrique Costa. Os demais concorrentes estão positivamente fóra de combate. Mas entre estes quatro é impossivel prever quaes os vencedores, pois são todos muito fortes.

#### PROBLEMA N. 24

Ferber

PRETAS (6)



BRANCAS (10)

Male em dois lances

#### PARTIDA N. 25

(Jogada no torneio do Club dos Diarios)

ABERTURA DO BISPO—DEFEZA CLASSICA

Brancas (Th. Torres)	Pretas (W. B. Hentz)
P 4 R	— 1 — P 4 R
B 4 B D	— 2 — B 4 B
P 3 B D	— 3 — P 3 D
P 4 D	— 4 — P X P D
P X P	— 5 — B 3 C D
C 3 B R	— 6 — C 3 B R
B 5 C R	— 7 — B 5 C R
D 3 C D	— 8 — Roque
C 2 D	— 9 — C 3 B D
P T R	— 10 — P X P
P X P	— 11 — D 1 R
Roque T R	— 12 — C 2 D
T D 1 R	— 13 — C 4 T D
D 3 B D	— 14 — C X B
C X C	— 15 — D 3 R
C X B	— 16 — C X C
C 4 D	— 17 — D 3 C R
P 4 B R	— 18 — C 4 D
D 3 C R	— 19 — D 3 C D
D 2 B R	— 20 — C 5 C D
D 3 R	— 21 — P 4 B D
D 3 C R	— 22 — P X C
D X B	— 23 — C 7 B D
B 6 B	— 24 — P 3 C
D 5 C	— 25 — P 6 D x d
R 1 T	— 26 — C 5 D
P 5 B R	— 27 — D 5 C D
T 1 D	— 28 — C X P
T X C	— 29 — abandonau

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 22 (F. Reimann): D 4 D.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 23 (Carmen): B 2 R.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

ASSIGNATURAS  
 ANNO... .. 20\$000  
 SEMESTRE... .. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O caso Circumcisão, já notavel nos fastos da miseria dessa politica nefasta, que entregou os destinos da Republica aos governadores dos Estados, provocon grande barulho na Camara, foi pé de cantiga para um bate-bocca pictoresco, sentimental e desaforado, que arrastou, quasi, para o Augusto recinto, toda a roupa suja, os trapos intimos da gloriosa *mulata velha*. Houve rispidas explosões de odios velhos suscitando manifestações de ternura filial, affectuosas demonstrações, todas pêjadas de esperanças e despeitos com referencias directas á proxima campanha eleitoral.

Si se tratasse de uma transcendente questão social, si estivesse em causa assumpto de mór importancia, servido pela eloquencia de oradores peritos no officio, o recinto estaria ás moscas, povoado, apenas, pelo pessoal parasitario de pretendentes desconsolados, de *habitués* infalliveis, e alguns deputados assiduos, cumpridores do dever civico ou convencidos de que não fôram designados para passarem alguns mezes de villegiatura no Rio de Janeiro ou para curarem achaques chronicos da bexiga e adjacencias. Mas fervia na arena da discussão um assumpto escandaloso, dissecava-se materia em decomposição, muito appetitosa para a curiosidade morbida daquella gente amollecida na passividade do voto, no ramerrão das deliberações inconscientes: tanto bastou para que a casa se enchesse dois dias seguidos.

Na calamitosa emergencia creada pela mallograda tentativa, parece que a Camara não era theatro proprio para retaliações, escorregando para um terreno ingrato, para o tremedal de convicios, que não deve ser trilhado por legisladores. O conselho da prudencia seria aguardar, serenamente, o resultado dos trabalhos da justiça, das pesquisas para a descoberta dos responsáveis, dos auctores Moraes e mate-

riaes, proximos ou remotos, daquella barbaridade, que, além dessas tristes, detestaveis consequencias immediatas, pôde produzir lamentaveis effectos de um contagio funestissimo.

Para honra nossa, para honra da Republica, esse caso deveria ser tratado com absoluta imparcialidade, com um criterio isento de paixões, de odios, como um caso que interessa as tradições e a honra da primogenita de Cabral. Mas a fome de factos commoventes andava á cata de mantimentos. Os casos mais cabelludos, as monstruosidades mais repugnantes passaram á ordem das coisas vulgares: ninguem se commove mais com as infracções da Constituição, contra a crescente depreciação do senso moral politico, nem causam móssa as desapoderadas bandalheiras dos pagés, dos grãos-duques, chefes de dynastias gauanciosas, donatariosolicitos em assegurar a sua successão na pessoa dos filhos incapazes. Era, portanto, natural que fôsse acolhido com especial agrado esse escandalo de marca maior que todos os escandalos ordinarios.

Deveriam os homens de longa experiencia parlamentar, como o sr. Marcolino Moura, que passou cheio de gloria da guerra do Paraguay para o parlamento, onde creou cabellos brancos; homens como o sr. Garcia Pires, que tem nas veias o sangue ardente da Paraguassú; o sr. Augusto de Freitas, um estegomia delgadissimo e talentoso, armado de um ferrão hervado de ironia venenosa: deveriam esses homens feitos, caldeados nas luctas da politica, ter deante dos olhos o nobilissimo exemplo do correcto, do generoso procedimento do sr. José Marcelino, mantendo a compostura de homem de governo e a hombridade de cidadão, quando lhe sangravam as feridas rasgadas pelas balas da garrucha assassina. Esse homem, cuja attitudo na dolorosa emergencia o elevou no conceito do paiz inteiro, não teve nas suas bellas, nas suas magnanimas pa-

lavras de misericordia para com o culpado, um resabio de odio, uma scenteilha de paixão, um leve assomo de represalia: considerou o sicario um louco, pediu que o não maltratassem, que lhe poupassem a vida. José Marcelino surgiu da sua modesta situação de homem arrastado pela politicagem a um posto superior, para a evidencia dos homens bons e justos, como si ao clarão daquelle tiro se lhe desenhasssem, numa nitidez admiravel, as bellas linhas do caracter e do coração.

Em vez de se inspirar no eloquentissimo exemplo da victima, aquelles dignos membros da bancada bahiana emprehenderam tecer com os filetes, ainda não bem torcidos, uma prova circumstantial, fabricar a corda com que deveriam ser enforcados, summariamente, o sr. Luiz Vianna e o sr. Seabra, sobre os quaes, por uma complicada concatenação de indicios passados, concomitantes e actuaes, deveria recaír a auctoria intellectual do delicto.

A politicagem sempre foi um pessimo juiz, um juiz cego, plethorico, de odios, servido por esbirros sedentos de reputações dos adversarios. Pódem ser justificadas as suas suspeitas no caso da Bahia, mas a sua intervenção é, por via de regra, precipitada e perturbadora dos processos honestos, dos meios imparciaes de descobrimento da verdade.

Nós não julgamos o sr. Luiz Vianna homem capaz de empregar os processos de eliminação que estiveram em vóga na idade média da Republica, processo jacobino que não encontrou no Congresso profligadores, mesmo ante os clamores do sangue das victimas quando a politicagem assanhada andava pelas ruas farejando a carniça de homens illustres e marcava como o anjo exterminador a porta dos condemnados. A Camara, sopitada talvez pelo terror, não ouzou um protesto caridoso. Sempre caroavel ás paixões desapoderadas, ella repetia, vi-

brante de indignação, os échos das ruas onde a demagogia engendrara absurda prova circumstancial para inventar co-auctores e cúmplices do tredo crime de Antonio Conselheiro. Canudos era o desfecho de um drama satânico engendrado por esse mesmo sr. Luiz Viauna, então amimado, respeitado, engrossado governador da Bahia. O sr. Arthur Rios, pela simples razão de affirmar a verdade sobre as barbaras legiões do grottesco propheta cearense, legiões que se limitavam a alguns fanaticos valorosos, foi forçado a esconder-se porque a sua cabeça fôra posta a premio. O desafortunado coronel Gentil foi eliminado por ser um dos auctores intellectuaes da resistencia que destrôu Moreira Cezar. Era indispensavel corrigir, com largos traços de sangue, o errado plano de campanha daquelle homem de bravura temeraria, punido pela sua arrojada imprudencia. E a eliminacão do sr. Ruy Barbosa foi deliberada e tentada como chave de ouro do programma de holocaustos ao desastre de Moreira Cezar. A intervenção providencial frustrou a obra dos patriotas e poupou ao Brazil essa eterna vergonha da immolação de um de seus mais illustres filhos ao delirio dos empreiteiros de arruaças.

Sente-se uma detestavel e nauseante impressão de ridiculo, relendo os discursos, então pronunciados na Camara, explosões de indignação patrioticas que, depois das revelações da verdade, reduzidos serenamente os factos ás suas justas proporções, se figuraram traques e buscapés de uma palhaçada macabra.

Esses fructos da experiencia contemporanea tem o delicioso sabor da prudencia, aconselhando calma, serenidade no julgamento de um caso tão grave, como essa tentativa que commoveu as fecundas entranhas da *mulata velha*.

O *cui prodest* não auctorisca dilatadas deducções. O mandato do crime pôde ter ramificações longinquas, mas é indispensavel apurar a responsabilidade dos mandantes mais proximos para seguir gradualmente a de outros. Nessa materia, o processo de presumpções, de probabilidades, é perigoso, conduzindo, ás vezes, ao absurdo monstruoso de injustiças iniquas, mórmente quando ellas germinam nos abjectos fermentos de prevenções odientas.

Deixemos que a verdade venha á tona serenamente, que o chaufalho da justiça cáia inexoravel sobre os infelizes desvaírados, responsaveis pelo crime, e ponderemos que, nesta crise de tolerancias impudicas, cadeia não se fez para a gente de alto cothurno, amparada pelo prestigio de influencias archi-poderosas, que ninguém se inutilisa com os stygmas penaes da opinião publica, stygmas que se tornaram, por uma fatal subversão dos preceitos de moral, marcas de recomendação, santo e seulia deante dos quaes se escaucaram as portas de acesso ás mais rendosas posições. De resto, está consagrada uma categoria de crimes politicos dentro da qual cabem, como numa confortavel masmorra, todas as figuras juridicas do codigo penal, desde o innocente peculato, com que se pagam serviços de amigos fieis, até o homicidio perpetrado com todas as circumstancias de premeditação, de frieza para supprimir embaraços á marcha assoladora da politicagem. Os homens sem tara, sem vestigios da teratologia epidemica, da uevrose social em plena expansão, devem ser afastados, isolados como especimens perigosos, provocando contrastes incommodos, escandalosos termos de comparação, denunciadores do desvaíramento geral, dessa loucura que é um symptoma de civilisação.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Um reduzidissimo resumo de notas estatisticas, ácerca do Canadá, vem mostrar quanto se illude o sr. Bomfim sobre aquella região e sua progressiva e opulenta população.

A riqueza florestal, diz E. Réclus, é sufficiente, ainda hoje, para supprir as necessidades do paiz, e, em parte alguma do mundo, se gasta mais madeira na construcção de casas, galpões, telheiros, caminhos, pontes e no fabrico de moveis e istrumentos. A despeito disso, as florestas fornecem uma exportação que representa, todos os annos, a quarta parte do commercio total.

Em 1891, os productos florestaes do Canadá fôram :

Lenha.....	3.161.186 metros cubicos
Tóros de pinho..	22.324.407
Doutras madeiras	26.025.584
Mastros e vergas.	192.241

Valor—115.000.000 de francos.

Os campos occupam uma grande porção das terras agricolas e, de algum tempo para cá, exporta-se o gado em pé para a Europa e vendem-se mais de vinte mil cavallos por anno, e, guardadas as proporções, o Canadá é um dos paizes que os possuem em maior quantidade. As fabricas de queijos e manteigas multiplicaram-se rapidamente, e hoje o Canadá, tornado um grande paiz productor, contribúe largamente para a alimentação da Inglaterra.

O valor da exportação de gados, em 1888, attingiu á cifra de 45.584.400 francos.

Existiam no paiz, naquelle anno, 2.624.000 cavallos, ou 1 por 2 habitantes. A exportação, em 1874, foi :

Queijos.....	10.625 toneladas
Manteiga.....	5.461

Em 1885 :

Queijos.....	35.560 toneladas
Manteiga.....	3.272 »

Valor em 1885—50.440.000 francos.

A exportação de pelles, em 1888, foi no valor de 9.070.770 francos.

A pesca é uma fonte de lucros quasi inexgotavel. O seu valor annual é de mais de 161.000.000 francos.

A exportação de peixes foi, no anno de 1885, do valor de 41.392.000 de francos, sendo, 18.515.000 francos para os Estados-Unidos e 10.624.790 para as Antilhas, e o restante para outros paizes.

As pescarias canadenses, accrescenta Réclus, dão, sem contar as da Terra Nova, um rendimento annual duplo das da França.

Na agricultura, o trigo representa no Dominio o papel mais importante e, de ordinario, ultrapassa as necessidades do consumo local. A balança do commercio se mostra, quasi sempre, favoravel ao Canadá.

A producção tem vacillado entre sete e treze milhões de hectolitros ; e tudo leva a crer que em proximo futuro a exploração das fertes terras de Mauitoba dará ao Dominio um lugar muito eminente entre as nações productoras de cereaes.

A prophcia do grande geographo está hoje de todo realizada.

O Canadá é, na actualidade, um dos celleiros de trigo no mundo.

A região é, por outro lado, muito rica em productos mineiros e já os explora sufficientemente para estar, como productora de metaes, no numero dos Estados de segunda ordem. As minas de ouro da Nova Escossia fornecem, todos os annos, de 1 a 2 milhões de metal puro; os *campos de ouro* da Colombia fornecem uma producção de quadruplo valor.

Entre os outros metaes, o cobre do Outario e do Lago Superior parece dever adquirir a maior importancia economica. O ferro existe em enorme profusão e os minerios de melhor qua-

lidade se acham na visinhança das minas de carvão. Estas, na Nova Escossia, no Cabo Bretão, no Novo Brunswick e na Colombia Britannica, augmentam todos os annos sua producção e luctam com a propria Inglaterra nos mercados do Novo Mundo.

A actividade manufactureira tomou notavel desenvolvimento a datar de 1879, anno em o qual o Dominio pôde livremente fixar tarifa sobre os artigos de importação e taxar até os que lhe são fornecidos pela propria Inglaterra. O numero dos operarios duplicou, e o capital empregado nas manufacturas elevou-se ao triplo. Industrias novas, como a da refinação do assucar e da fiação do algodão, se organizaram e não existe hoje um só genero de fabricação que não esteja representado nas cidades do São Lourenço.

A producção elevou-se, sobretudo, nas provincias maritimas e no Ontario meridional, regiões onde a vida social evolue para o typo industrial.

Em 1881, havia alli estabelecimentos industriaes com um capital de fundação que chegava a 859.570.000 francos, com 254.935 operarios e cujos productos ascendiam ao valor de... .. 1.610.315.500 francos.

O commercio de importação, no anno fiscal de 1888-89, foi de 566.817.920 francos; o de exportação 449.095.830; um total de 1.015.013.750 francos.

Graças a seu caminho de ferro transcontinental de Quebec a Vanconver, pondera E. Réclus, que venho seguindo, o Canadá offerece a estrada mais directa entre a Europa e o Extremo Oriente. E, além disso, faz parte do grupo de Estados que possúem a mais consideravel marinha mercante. Posto que seja officialmente uma dependencia da Grã-Bretanha, o Canadá *ultrapassa a maior parte (note o sr. Bomfim) das outras nações pela importancia de sua tonelagem.*

Excedem-no, apenas, a esse respeito, a Inglaterra, a Allemanha e a Noruega.

E todos os annos essa formidavel frota augmenta-se de alguns vapores.

A marinha mercante era, em 1888, de 7.178 navios de véla e 1.240 vapores, com um total de 1.130.240 toneladas.

Os mares, os rios navegaveis, os lagos prolongam-se pelo interior por meio de canaes artificiaes. Essa rede artificial completa tão acertadamente a rede natural dos rios e lagos, que o movimento da navegação com os Estados Unidos cresceu em proporções espantosas.

O Canadá é o paiz (veja, sr. Bomfim) no qual relativamente á população, o vác e vem dos navios é mais consideravel.

O movimento da navegação no Canadá, no anno fiscal de 1887-88, foi de 30.807 navios de longo curso, ar-

cando 9.197.803 toneladas, equipados por 364.781 homems; e mais 100.116 navios de cabotagem, com 18.789,279 toneladas, equipados por 875.954 homems.

A navegação com os Estados Unidos, nas agnas interiores, chegou a 33.496 navios, com 6.019.505 toneladas, equipados por 276.130 homems.

Ao total: 164.419 navios, arcando 34.006.587 toneladas, equipados por 1.516.865 homems.

Compare o sr. Bomfim esses algarismos, hoje enormemente augmentados, com os congneres dos paizes predilectos que, na sua lamentavel leviandade, julga mais adeantados que o Canadá. Veja onde fica o seu Mexico. Mas ouça mais um pouco.

Em 1835, segundo informa Réclus, o Canadá construiu seu primeiro caminho de ferro de Lafirairi a São João; em 1844, a sua rede de estradas ferreas era ainda insignificante; mas, desde o meiado do seculo, se preparava o estabelecimento de duas linhas de primeira ordem: a *Intercolonial*, que liga as provincias maritimas — Nova Escossia e Novo Brunswick — ás cidades ribeirinhas do São Lourenço, e a *Grande Arteria*, que as liga aos portos atlanticos dos Estados Unidos.

A estrada de ferro do Pacifico, a grande via média da região, aquella, entre todas as linhas transcontinentaes do Novo Mundo, que apresenta ao commercio universal o caminho mais directo, foi iniciada, como já ficou dito, em 1880; mas, cinco annos mais tarde, como tambem já se disse, era levada a bom termo e agora se completa por vias lateraes e ramificações que chegarão até ao extremo norte, até Alaska e até o mar de Hudson.

Os caminhos de ferro do Dominio, em junho de 1888, se elevavam a 20.440 kilometros, que custaram 3.780.000.000 de francos, ou 185.000 francos por kilometro. Transportaram, naquello anno, 11.416.791 passageiros, o que dá duas viagens por habitante.

Transportaram 17.172.759 toneladas de mercadorias.

Tiveram de:

Receita..... — 219.230.000 francos.  
Despeza..... — 159.390.000 francos.  
Lucro liquido — 59.840.000 francos.

E estes são os pobres saxões do Canadá!

Posto que ponco habitado, em razão do clima, em varias zonas, a florescente dependencia britannica já em 1888, em viação ferrea, occupava o oitavo logar entre os Estados do mundo. O seu crescimento annual é de um millar de kilometros.

A companhia do Pacifico, accumulada de favores, é tão rica quanto o proprio Estado.

A grande linha de Quebec a Van-

conver tem 4.932 kilometros e hoje está mais que duplicada por varias linhas traçadas nas condições da primeira. Sua rede é agora de 10.458 kilometros. Seu capital de construcção — 5.960.000.000 de francos. E' um colosso.

Como são pobres esses saxões do Canadá!...

E são estatisticas de perto de vinte annos atrás.

A pobreza alli deve ser, no anno da graça de 1905, verdadeiramente assombrosa!

Si chega até para mandar funcionar no Brazil um pobre syndicato, sob o nome de *Light and Power*, cujo capital é maior do que toda a circulação fiduciaria do Brazil, é que realmente é de completa indignancia, sr. Bomfim!

A pobresinha companhia do Pacifico, a transcontinental, é dona de navios a vapor que, pôde-se dizer, continuam suas linhas de um lado para a Inglaterra e, de outro, para a China e Australia. E' muita indignancia junta.

Pelo que toca a telegraphos, os pobres saxões do Canadá fazem o mesmo que ás estrada de ferro: pertencem as linhas, quasi todas, a companhias particlares.

Em 1885, ha vinte annos, já montavam ellas a 32.738 kilometros.

O movimento postal, em 1887, foi de 103.866.000 cartas e cartões postaes, 20 por habitante; 28.660.000 jornaes e impressos, ou 6 por habitante.

Total — 132.526.000, ou 26 por habitante.

Compare com o Brazil, sr. Manoel Bomfim!

No que se refere á instrucção publica, assegura o illustre Réclus, é ella proportionalmente *mnito notavel*, porque um quinto da população canadense é de escolares, dos quaes dois terços frequentam regularmente as classes. A tal respeito, accrescenta, o Canadá *avantaja-se á Republica dos Estados Unidos.*

Que gente pobre!

O numero das escolas publicas era, em 1886, de 14.491, com 841.030 alumnos.

O orçamento geral do Dominio, no anno financeiro de 1888-89, foi:

Receita... .. — 198.514.830 francos.  
Despeza... .. — 190.906.580 francos.  
Saldo... .. — 7.608.250 francos.

Só a renda das alfandegas foi, no anno de 1887-88, de 114.970.660 francos. E' realmente muita pobreza!

Nos derradeiros quinze ou vinte annos, tudo alli duplicou, tudo cresceu, tudo se avolumou, e o sr. Bomfim, que faz sociologia e historia para gaudio dos basbaques nacionaes, não vê nada disso; está completamente cego e allieiado de tudo, pensando

que com *parasitas e parasitismos* resolve todas as difficuldades...

E haver quem acreditasse em tão grosseira panacéa!...

\* \* \*

Não foi sem razão que, logo no primeiro artigo, publicado no numero anterior dos *Annaes*, puz em evidencia o desacerto do sr. Bomfim, no que diz respeito ao Canadá. E' que esse disparatado erro tem origem numia das profundas contradicções que deitam a perder a sua *America Latina*.

Todos os nossos males provém do facto de termos sido colonizados por dois povos *depredadores*, que nos devoraram a seiva como verdadeiros *parasitas*, phenomeno este que se não deu na colonisação dos Estados Unidos pelos anglo-saxões, portadores doutros processos mais fecundos e progressivos. Esta excepção, feita em favor da grande republica, é repetida em varias paragens do livro, nomeadamente nas paginas 133, 194, 200 e 391.

Na primeira destas, escreve: «na America do Norte, os Estados Unidos do Sul estão, hoje, em situação bem prospera. E' que as colonias inglezas puderam *organisar-se desde logo segundo convinha a seus proprios interesses e não fôram victimas de um parasitismo integral*, como esse que as metropoles ibericas estabeleceram para as suas colonias.»

Contradicção manifesta com o que entra depois a afirmar dos anglo-saxões no Canadá, e já se notou.

Na pag. 391, tratando dos colonizadores ibericos, comparados sempre aos anglo-saxões, proclama com rudeza: «Vinham da peninsula, não para fazer aqui uma nova patria, — *americana e livre — como essa da America Ingleza*, mas unicamente para enthezourar.»

Contradicção flagrante com estas monstruosas palavras que occorrem á pag. 353:

«Todos os povos occidentaes participam dessas *atrocidades*; mas a palma, actualmente, *cade aos implacaveis anglo-saxões. Como desfaçatez e crueldade, nenhum os sobreleva*. A fome, organizada e preparada periodicamente (*que violenta falsidade!*...) na India, como recurso para melhor dominar as populações, as atrocidades de Kartum (?) e das Philippinas (?), a guerra feita á China para manter o direito de envenenar-lhe as gerações com o opio tirado do trabalho do hindú, tudo isto nos diz muito bem que *esses anglo-saxões, já tenazes por temperamento, são de uma tenacidade especial quando se applicam a opprimir e espoliar os outros povos.*»

Não pôde haver maior comedia: nuns pontos do livro, o grande mal da America latina foi o *parasitismo de*

*sens colonizadores*, no que diversa foi a sorte da America anglo-saxonica, formada sob melhores auspicios, devidos ao iuglez; noutras passagens, este vem a ser o rei dos *depredadores, oppressores e parasitas*... Um cumulo!

O *primum mobile* desta contradicção é identico ao que foi indicado para explicar a outra, já analysada: o estado de vacillação, a lucla travada no espirito do auctor entre suas idéas e seus sentimentos. Quando, despreocupado de *latinismos e francesias*, lança olhares imparciaes aos Estados Unidos e outras colonias inglezas, seu pensamento, desanuviado de preconceitos, chega a conceber a verdade. Gaba, então, esses malditos anglo-saxões.

Para logo, porém, lembra-se que é iberico de origem e, como bom rebento de tal fonte, sente-se na obrigação de dizer mal de inglezes, anglo-americanos, saxões e teutonicos de toda a casta.

Convém notar que impossivel quasi é a brazileiros e seus affins escaparem a preoccupações desse genero.

São suspeições ethnicas difficeis de apagar.

E isto me leva a apreciar de perto as theorias fundamentaes do livro.

O que nelle se pôde chamar o esteio principal é a doutrina biologico-social do *parasitismo*, applicada á colonisação dos ibericos n'America.

Em torno dessa desvirtuada prémissa, rolaem todos os capitulos da obra.

A theoria alli não passa duma desazada geriugonça, sem base nos factos, falsa sob quasi todos os aspectos, nomeadamente no exaggero com que a emprega o sr. Bomfim.

As doutrinas scientificas não andam, infelizmente, ao salvo das imposições da moda.

Depois que P. G. Van Beneden escreveu seu bello livro ácerca dos *Commensales e parasitas no reino animal*, não se puderam conter os srs. J. Massarte e Vaudervelde sem que atirassem ao mundo o seu *Parasitismo organico e Parasitismo social*.

A viagem ascendente do *parasitismo* era innegavel: estudado, com razão, primeiramente no reino *vegetal*, passou a ser estudado, ainda com justos motivos, no reino *animal*, e chegou, por meio de erros e exaggerações, a ser encaixado no reino *social*.

O livro de Massarte Vaudervelde contribuiu assás para esse resultado. Pegar delle e applical-o á colonisação de hespanhóes e portuguezes n'America, foi toda a façanha do sr. Bomfim.

Mas, afinal, que vale esse processo de explicação?

O character *parasitario* dos ibericos é uma realidade?

Quando se manifestou elle?

Em que consiste? Veio da Europa ou se gerou na America?

Dado que exista, que seja positivo, pertence a todas as classes das populações peninsulares?

Provado que seja real, não é antes um méro *symptoma*? Parasitas, parasitas!

Mas porque?

Que causa os fez assim?

O auctor embrulha todas estas coisas e fornece dos males da America latina uma explicação que nada explica.

O escriptor não põe fóra de duvida o character *parasitario* das gentes ibericas e esse esticado *parasitismo*, no caso de existir, não passaria nunca de um *symptoma*, um *effeito*, uma *manifestação* de alguma causa profunda que elle não descobriu, nem suspeitou siquer.

Não basta dizer que isto aqui foi obra de parasitarios e suppor que tudo está aclarado, todas as duvidas resolvidas.

O *parasitismo* na ordem social, de que falam, além de Massarte e Vaudervelde, Ives Guyot (*La Science Economique*), A. Bordier (*La Vie des Sociétés*), E. Demolins (*La Science Sociale*), e outros e outros, não deve ser tomado no sentido malefico, pejorativo, pessimistico do dr. Manoel Bomfim. A expressão *classes-parasitarias-sociaes, individuos-parasitas-sociaes*, a despeito de sua repetição constante, tem ainda hoje um pronunciado sabor metaphorico.

Muitas vezes, dá-se o character *parasitario* a quem não merece; crê-se artificial o que é natural; acredita-se inutil quem presta reaes serviços.

O abuso das metaphoras, fundadas em illusorias relações de semelhança, é o flagello da sociologia.

Existem preconizadas theorias que não tem outra origem e são incapazes de indicar outro fundamento.

O parasitismo social, no que tem de real, é sempre a excepção num povo dado; absurdo é suppol-o estendido por uma nação inteira. Não poderia ella subsistir e menos ainda represeutar uma funcção historica distincta.

Nas sociedades animaes e nas sociedades humanas, os varios modos de aggremação que receberam os nomes de *castas, classes, escravidão, servidão, commensalismo, parasitismo* e outros, não passam de fórmãs diversas, ensinam os competentes, do *mutualismo, da solidariedade*, indispensavel á existencia dessas mesmas sociedades.

São producções necessarias, fataes, do principio mesmo da evolução das especies vivas.

« O modo de associação, a combinação social que chamamos *parasitismo*, escreve A. Bordier, não passa muitas vezes dum expediente tomado por certos sêres para *accommodarem-se ás mudan-*

*cas operadas no meio exterior.* Os vermes que hoje vivem como parasitas no intestino dos mammiferos, onde encontram o sustento, o abrigo e numa agradável temperatura, não fôram sempre parasitas, porque os seus antepassados existiam já em uma epocha na qual a evolução das fôrmas vivas não tinha chegado ainda até os mammiferos. Eram, nesse tempo, livres, e a temperatura da atmosphera ou das aguas era, nessas remotas epochas, assás elevada para os satisfazer.

Só mais tarde, quando as condições do meio mudaram, quando, em particular, o meio exterior deixou de ser bastante quente para elles, e um intestino de mammifero proporcionou-lhes novas condições de adaptação capazes de substituir as que haviam perdido, só então é que estes vermes mudaram sua combinação social, e de animaes livres passaram a ser parasitas.

*O mesmo se pôde dizer de raças ou populações humanas que só escaparam á morte e á completa extinctão, consentindo, no momento azado, em perder a independencia ou a antonomia,* para, com outras raças ou outras populações, entrarem em combinações sociais inferiores.

Nem sempre, porém, é num momento dado da vida da especie, isto é, num ponto certo da cadeia formada no tempo pela série dos individuos originados uns dos outros, *que se opéra a metamorphose da independencia em parasitismo*: é varias vezes em um determinado momento da vida do individuo, em uma certa idade que se realiza essa transformação do meio social.

O *ichneumon* nasce como parasita no corpo de uma lagarta; sua mãe depoz o ovo donde elle saiu no fundo da chiaga por ella mesma feita para esse fim no corpo da lagarta; sua infancia passou-a elle a comer o corpo dessa especie de ama, a quem sua mãe tinha imposto tão terrivel adopção.

Mas, ao ficar adulto, abala voando, *esquecendo sem emprego de parasita*, do qual só se lembrará quando, um dia, querendo, por seu turno, assegurar o futuro de seus filhos, fôr depositar seus ovos no corpo de outra lagarta, no qual elles exercerão o papel de parasitas, como seu pae na primeira idade.

E os proprios mammiferos não vivem como parasitas de suas mães *durante todo o periodo embryonario?*

Certos jovens não vivem até mais tarde como parasitas de seus paes?

Si o *ichneumon* é um *parvum*, que conquista opportunamente a independencia, outros seres são verdadeiros *desclassifiedos*: a principio, livres, são obrigados a tornar-se parasitas nos dias da velhice.

*Lorneas* e *cirripedes* são crustaceos, animaes bastante elevados; bem ar-

mados, livres, independentes, percorrem a região por elles habitada como tyrannos temiveis e temidos. Mas, em meio da vida, cansados, sem duvida, de penar, combater e trabalhar para viver, aposentam-se nas guelras dum peixe, ou no corpo dum caranguejo. Sob o influxo da inação, seus orgãos se atrophiam, e o brilhante crustaceo de antanho desaparece e transforma-se num animal gelatinoso, que o naturalista tomaria por um mollusco si não tivêra assistido ao seu descaír.

*A humanidade não tem, por certo, o privilegio dos desclassifiedos e dos preguçosos!* Como si o mundo animal devesse nos mostrar a caricatura da humanidade, alguns animaes mostram o parasitismo dos *machos* exclusivamente, os quaes vivem, sem nada fazer, do trabalho das *femeas*; estas, condescendentes, apresentam no dorso um córte, um canal em que se instala o principe consorte, donde elles vem o nome de *théocosomas*.

O parasitismo, sob todos os aspectos, é *uma fôrma natural do meio social*, porque a natureza nol-o mostra, em todos os gráus da escala biologica: *não existe parasita que não tenha por sua vez seus parasitas*, os quaes provocam invejosos que desejam viver á custa delles.

*Não se devem, nas relações humanas, tomar como parasitismo* factos que não passam, na realidade, de adaptação para outras funções diversas das nossas, phenomenos que não são mais do que uma isenção de certos trabalhos forçados em vista de outras vantagens.

Mistér é que o parasita tenha sua razão de existir, pois que elle existe.

Sem esses microbios, sem esses parasitas microscopicos, que seria da flóra e da fauna? . .

E não é por equivoco que o homem, que leva a volver, durante vinte annos, a mesma roda ou o mesmo martello com seus vigorosos musculos, se põe, nas horas de cansaço, a encarar *como parasitas o pintor, o artista, o cientista?* Porque não vê o cerebro destes trabalhar, como vê seus proprios musculos desenharem-se sob a pelle, molhada de suor e negra pelo carvão, esquece que, si executa uma tarefa para aquelles, estes effectuam, par sua parte, um trabalho do qual elle terá seu quinhão de proveito, quer se instrúa e acalme com a vista dum quadro e com a leitura dum livro, quer lucre, em sua vida de todos os dias, com as descobertas do sabio». (*La Vie des Sociétés*, pag. 19).

Eis ali: nestas poucas palavras, já um verdadeiro homem de sciencia nos havia ensinado, ácerca de parasitismo biologico e social, mais e melhor do que o auctor da *America Latina* por si e pelas citações que prodigalisou ás manchieias.

Um facto geral, universal, trivialissimo, indispensavel á natureza em sua estructura viva; um facto que, na ordem social, é egualmente espontaneo e rudimentar, que não é peculiar a este ou áquelle povo, que é de todos os tempos e de todos os logares, que não é um privilegio dos ibericos, nem tem importancia e valor para constituir a base larga duma explicação historica e sociologica, é alçado pelo sr. Manoel Bomfim em alguma coisa de inédito, inesperado e fecundo, a ponto de ser capaz, só por si, de explicar a vida intima de vinte nações: Portugal, Hespanha e todos os povos que fundaram na America.

Erro e falsidade quasi em toda a linha.

E haver quem tenha batido palmas a taes dislates!

SYLVIO ROMÉRO.

---

## SCIENCIA E INDUSTRIA

---

*A cura do cancro — Ainda a descoberta do dr. Doyen — O micrococcus neoformans — Os resultados therapêuticos.*

Os leitores tem sido informados, pelos *Annaes*, em varios numeros, de todos os pormenores da questão suscitada no mundo scientifico pela descoberta do microbio do cancro, feita pelo dr. Doyen, famoso cirurgião de Pariz.

No penultimo congresso de cirurgia, affirmára elle, não sómente a descoberta do *micrococcus neoformans*, como que o cultivára, o inoculára com resultado em animaes e obtivera, por meio de uma vaccinação anti-cancerosa, a cura de innumeros doentes. Apesar do apoio de auctoridades do valor de Metchnikoff, das experiencias feitas no Instituto Pasteur, a existencia desse microbio foi contestada e, em consequencia, celebres professores contestaram que o dr. Doyen pudesse curar o cancro.

Em conferencia feita no dia 3 do corrente no palacio das Sociedades Sabias, em Pariz, o mesmo inventor fez a exposição dos resultados colhidos nas investigações, estudos, experiencias, applicações e tratamento realizados durante os doze ultimos mezes. Perante um auditorio de eleição, composto de grande numero de medicos e cirurgiões estrangeiros, o dr. Doyen declarou que não se punha mais em duvida a sua descoberta, que varios sabios, em seus laboratorios, tinham encontrado nos tumores cancerosos o *micrococcus neoformans*.

Mas o objecto especial dessa conferencia foi demonstrar que esse microbio, inoculado em animaes, pôde nelles produzir tumores cancerosos, e fez essas demonstrações pelos meios

práticos, empregando projecções luminosas de cortes histológicos, de lezões produzidas em grande numero de animaes inoculados, os quaes, com uma repetição de identidade absoluta, nenhuma duvida deixam sobre o papel pathogenico do microbio, a sua acção especifica, estabelecida com melhores provas e fundamentos do que a de outros microbios como o *pneumococcus* e o bacillo typhico.

— O *micrococcus neoformans* — affirmou elle — que en entrevi em 1885 foi isolado e cultivado em 1900. Esses cinco annos de experiencias ininterruptas não fôram estereis; resolveram definitivamente a questão tão controvertida da ethiologia dos néophasmas. Demonstrei em uma proxima communição que os resultados therapêuticos, obtidos pela vacinação anti-néophasmica, se confirmam dia a dia e são hoje sufficientes para justificar a esperança da cura de muitos doentes considerados até agóra incuráveis.

\* \*

*Lucta contra a tuberculose — Meios medicos, meios sociaes de prevenção — Sanatorios — Hospícios — Outras obras*

*Meios medicos* — Os dispensarios são escriptorios ou repartições sanitarias disseminadas por toda a parte onde quer que se antolhe o inimigo, esse flagello social, que é o terror das nações cultas, onde quer que exista a coalisão das causas predisponentes ou occasionaes.

Elles são postos de vigilancia, destinados a interromper a pista da tuberculose, a propagar a hygiene e a educação anti-tuberculosas, no lar, nas officinas, no armazem, na fabrica.

A missão do *dispensario* é velar pela explosão do mal na legião de predeterminados, cujos attributos de constituição — estygmas de variola, coloração russa do systema piloso, talhe precoce e demasiadamente alongado, cicatrizes de tracheotomia — e reacções de temperamentos denunciam aos medicos experimentados um terreno innato ou adquirido, especie de terras promettidas ao contagio bacillar.

A missão do *dispensario* é desviar, reconhecer, advertir os néo-tuberculosos, de auxiliá-los por todas as maneiras com subsidios de alimentação, fornecimentos de leitos, de roupas, de cobertas, com os conselhos de hygiene dados em linguagem intuitiva, distribuição de escarradeiras, desinfecções da roupa recebida contaminada e restituida limpa, desinfectão dos quartos, a pretexto de laval-os e caial-os e, em certos casos, dirigir os tuberculosos declarados ao sanatorio ou aos hospitaes especiaes.

A função dos *dispensarios* é limitada; é preciso que, agrupados ou federados, elles se possam desdobrar

em orgãos de cura, em sanatorios, cuja acção, facultativa para os néo-tuberculosos dispostos a utilizal-os, seja o tratamento immediato e apropriado a certa categoria de tysicos, determinados pelos medicos.

*Sanatorios* — O sanatorio, instrumento de cura, é um orgão de prompto socorro que se deveria offerecer aos novos atacados pela molestia, aos fracos, aos predispostos, aos suspeitos, aos quaes aproveitará serem, immediatamente, postos fóra do alcance de condições que, depois de produzirem a erupção das lezões, as ampliassem e continuassem.

Entre os merecedores do sanatorio, devem ser preferidos aquelles que por todos os titulos justificam a admissão — a miseria que os tuberculizou, a idade e a fórma da tuberculose, a qualidade das reacções defensivas do temperamento mais promettedor da cura. Para estes, as probabilidades de restauração da saúde serão tanto maiores quanto a sua tysica ameaçadora fôr consequencia das deploraveis condições do meio em que vivemos: é razoavel que, supprimidos a essas condições, escapem aos primeiros ataques da molestia.

Pelo sanatorio, verdadeira lição de coisas medicas e sociaes ainda mal comprehendidas, nos devemos convencer de que, si innumerados tuberculosos entysicam, apezar das sommas gastas pela *Assistencia* publica e privada, a despeito da boa vontade caridosa, é porque, desastradamente ou muito tarde, se lhes applica o indispensavel, o que se deveria fazer sem regatear, quando eram mais suspeitos do que declarados os tuberculosos pulmonares.

Aquillo que se fornece aos hospedes dos sanatorios é o que fallece nos dispensarios urbanos — ar puro, livre de poeiras, de fumaças, particularmente nocivas. A' acção do ar, nos sanatorios, se ajunta o reponso, a disciplina respiratoria, a alimentação racional e appetitosa, a educação hygienica que, com o contagio do exemplo, fornecem aos doentes o conforto physico e moral que não poderiam obter em outros meios.

*Hospícios*. — O terceiro meio medico é o hospicio para os tysicos; hospicio e não hospital, porque se trata de refugios destinados aos doentes cuja cura é tão problematica quanto certo o contagio, refugio que a sociedade piedosa deve aos sens invalidos, sendo os da tysica mais numerosos do que os enfermos pela tuberculose dos membros, ou da columna vertebral, os coxalgicos e os corcundas; hospícios suburbanos ou ruraes onde seriam admittidos todos os doentes que o solicitassem, por humanidade, para serem tratados, por preservação social, para não contaminarem, para

não concorrerem para a propagação indefinida da tuberculose.

*Obras diversas*. — O quarto meio de defeza a que os medicos recorrem, pôde ser chamado medico social porque, servindo ao mesmo tempo os interesses da cura e da prevenção, possúe as melhores armas preventivas contra a tuberculose.

Pertencem a ellas os institutos que, tomando o menino, candidato á tuberculose ou já suspeito, o collocam, momentaneamente ou em longos prazos, em condições taes que a mudança de meio lhes assegure vida hygienica e melhor. São numerosos, em França, os institutos que collocam meninos e adolescentes no campo e emprehendem a missão de afastal-os dos contactos bacillares, de robustecer a sua constituição e lhes mudar o temperamento. Essa função de puericultura, de hygiene therapeutica, de medicina preventiva, fornece o pessoal das colonias ruraes, das colonias de ferias, agricolas e marítimas.

*Meios sociaes de prevenção da tuberculose*. — Os meios sociaes de prevenção não se referem á cura, mas á prevenção, e atacam as causas occasionaes, cuja influencia é preponderante, em vista da demasiada abundancia de terreno preparado para a semente tuberculosa.

O primeiro dos meios sociaes é a educação, que tomando o menino ás impressões nascentes dos seus sentidos e do seu espirito, creatá nelle o instiucto e os habitos hygienicos, educação hygienica na escola primaria e secundaria, nos collegios de rapazes e raparigas, nas escolas superiores, na escola do soldado, em todos os estabelecimentos de instrucção.

O professor deverá ensinara o que deve ser a salubridade do logar em que vivemos, o que devem ser o asseio e a sobriedade, indispensaveis para a segurança pessoal. Em todas as escolas francezas, em vez da divisa republicana — Liberdade, Egnaldade, Fraternidade — devem figurar, em letras enormes a legenda — Salubridade, Asseio, Sobriedade, divisa explicada todas as semanas ao povo escolar.

Os poderes publicos devem associar a sua acção, na lucta anti-tuberculosa, ás obras de construcções salubres, economicas que tanto teem servido á hygiene popular.

Fugindo das habitações tristes, frias, privadas de conforto, os trabalhadores sobre quem peza o mais largo tributo á tuberculose, vão á taverna onde, insensivelmente, fatalmente, se tornam alcoolicos.

O alcoolismo é o grande precursor da tuberculose. Ao passo que a sobriedade salvaguarda o vigor e a saúde, elle constitúe o agente mais formidavel da fraqueza e da degenerencia, deixando o individuo e sua



descendencia, incapazes de resistencia ás molestias, especialmente ao contagio da tuberculose.

Em certas cidades, em certos centros industriaes, fôcos do alcoolismo, a mortalidade por tuberculose attinge a algarismos assustadores. E por maiores que sejam as hecatombes tuberculosas do alcoolismo, ellas são apenas uma parte dos effeitos do mal, porque o alcool não destróe somente o individuo; perverte a sua descendencia. Dos filhos alcoholicos não são somente epilepticos, idiotas, retardatarios, sinão candidatos á tuberculose. Mais de um terço dos filhos de alcoholicos morrem de tuberculose.

Na lucta contra esse flagello, não são a bôa vontade nem as obras que faltam, mas agrupar, coordenar os esforços, federar em uma verdadeira cooperativa sanitaria as instituições existentes.

Esses enormes esforços, empregados em commum, com o fim de extinguir a tuberculose, o mal social da nossa epocha, não serão estereis e marcarão a mais alta expressão das idéas de solidariedade que devem governar a sociedade moderna.

L. LANDOUZY,  
Professor na Academia de  
Medicina de Pariz.

### Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

Acabando de reler, pela quinta vez, os volumes da *Histoire du Gouvernement Parlementaire*, escripta por Duvierger de Hauranne, perguntei a mim mesmo—porque não temos uma historia, propriamente politica, do governo do Brazil desde 1823 até 1889, periodos que pertencem ao passado e que pôdem ser examinados sem os preconceitos, paixões e coleras dos partidos, e estudados, com imparcialidade, sem as preocupações e interesses de homens, que disputam, ou usufruem o poder publico?

Lembrei-me da primeira assembléa que funcionou no Brazil — a Constituinte de 1823, na qual se congregaram os homens mais notaveis e mais capazes de representar o paiz e que realmente exprimiam o estado moral e intellectual da sociedade brasileira, que, de feito, não podia dar sinão aquillo que tinha.

Poderão dizer-me que o assumpto não é sufficiente para ser materia duma historia politica, desenvolvida com as considerações que a philosophia exige; que, na maioria, aquella assembléa se compunha de homens inexperientes, nos quaes eram frouxos e muito desmaiados os raios de ta-

lento, ou minguada a cultura intellectual; que o paiz, até então colonia de Portugal, vivendo, durante alguns seculos, estranho á communhão das outras nações, devéras não conhecia os movimentos da civilização moderna. Ora, o regimen parlamentar é o producto e a encarnação do progresso da intelligencia, da moral e da liberdade, — coisas que a colonia ignorava.

Que tal assembléa podia fazer em pró das instituições constitucionaes, que consagram, mantêm e elevam os direitos da verdade, da razão e da consciencia humana? Não havia, portanto necessidade de entregar-se alguém ao penoso labor de compulsar papeis velhos, de recolher tradições varias, incertas, quiçá falsas, para conhecer palavras, intenções e actos dos constituintes, que tinham por missão consolidar a obra começada pelo grito do Ipyranga e concluida pelo celebre — *Fico* — e pela aclamação do *Defensor Perpetuo*. Para estes, que pensam de tal guiza, a Constituinte está julgada *a priori*: é uma reunião, de que a historia não se deve occupar.

Houve, porém, uma grande maioria de brasileiros, especialmente da geração contemporanea da fundação do Imperio, a qual maioria, durante a sua existencia, sempre dedicou religioso culto de admiração e louvor aos representantes do povo naquelle congresso legislativo. Nós, que vivemos ainda hoje, ouvimos os contemporaneos da Independencia falar, com transportes de arroubo, dos deputados, que o decreto de 12 de novembro expelliu do recinto parlamentar. Os velhos daquelle tempo, comparando as assembléas do segundo reinado á Constituinte de 1823, na exaltação do patriotismo, no fervor de reminiscencias queridas, respeitavam os parlamentos das gerações novas inferiores ao do tempo de José Bonifacio e do marquez de Maricá!.

Esse ponto de divergencia tem graves consequencias. Si seguirmos qualquer das duas opiniões corremos o risco de desvirtuar a realidade historica, ou acreditaremos que a Constituinte foi um ajuntamento de mediocridades; ou nimiamente notavel e coucentrou em si a magestade, a sabedoria, o patriotismo do augusto senado romano. Em qualquer dos casos, a verdade historica é sacrificada pelo pessimismo duns, ou pelo irreflectido entusiasmo de outros. As gerações, que succederam á da Independencia, alimentaram o espirito com um erro, que não quizeram, até aos nossos dias, dissipar, ou esclarecer. (1)

Convirá que este erro perdure? Não interessa ás gerações novas regeitar os preconceitos dos maledicos, e não crer, de fé implicita, no culto fervoroso dos devotos? A nação actual quererá romper os liames que a pren-

dem ás do passado e menosprezar-lhes a reputação a ponto de ter em pouca ou insignificante conta o restabeler, com justiça, a verdade dos actos que fôram praticados e cujos fructos nos fôram proveitosos? . . Não seria só a obliteração dum nobre sentimento de piedade, mas ainda grave violação do dever de solidariedade social. A nação é um organismo, do qual fazem parte, como membros do mesmo corpo, as gerações que se vão superpondo. A mesma consciencia collectiva passa dumas ás outras, embóra não se manifeste tal qual o *eu*, revelando-se nas profundezas da natureza do individuo, que sente e pensa. Nem o tempo nem o espaço, nem as circumstancias nem as evoluções conseguem desfazer taes liames, que formam a identidade e a hereditariedade; que asseguraram a um povo a permanencia do temperamento, das tendencias, do espirito, dos costumes, da vontade nacional. As gerações transmitem umas ás outras o patrimonio pobre, ou opulento de instinctos, sentimentos, ou de idéas. A historia das gerações precedentes considera-se uma herança util das posteras e esta historia avulta qual força moral, como o clima, representa a força cosmologica do *meio*, onde as gerações nascem, vivem e realizam os destinos: dali, surge a imagem da nacionalidade, a grandeza da patria.

O dever obriga as gerações a se conhecerem, aprendendo umas das outras, conservando o patrimonio herdado, opulentando-o com riquezas, idéas, sentimentos e feitos, que mantenham o caracter e desenvolvam as aptidões, as energias e faculdades da raça de que procedem. Não é, portanto, coisa de nonada recordarmo-nos dos actos e das palavras dos representantes no congresso da geração que fez a grandiosa obra da independencia nacional. Aquelles homens fôram tambem companheiros dos esforçados obreiros, que dedicadamente trabalharam por crear uma patria livre, da qual se ostenta ufano e orgulhoso o Brazil actual.

Não pretendo escrever esta historia, como poderia ser escripta pelos espiritos eminentes que illustram a litteratura brasileira. Espero, porém, em largos traços exhibir a physionomia da nação, que procurava firmar a Independencia nas conquistas da liberdade civil e politica, fructos de bemdição, produzidos pela civilização moderna sob o influxo vivificante do christianismo, que trouxe aos povos a *bôa nova*, evangelisando os principios eternos e supremos de fraternidade e egualdade, de amor e caridade, de justiça e verdade, da inviolabilidade da pessoa e da consciencia humana.

Recolhi das varias tradições as reminiscencias do passado, contadas pelos ultimos contemporaneos da In-

dependencia, da fundação do Imperio e do Congresso Constituinte. Manuziei os volumes do *Diario*, que publicou os discursos e os trabalhos legislativos; procurei interpretar, nas palavras e nos actos dos legisladores constituintes, os sentimentos da alma nacional; esmerillei todas as actas para apreciar não só o valor das idéas, que se transformariam em leis, como para aquilatar da cultura e da elevação do talento dos oradores que nos fôram inculcados como dignos de applausos e admiração. Compulsei as collecções do *Diario* do governo, da *Sentinella*, do *Tamoyo* e de outros jornaes da epocha, para medir a baixeza, ou criterio do espirito publico e poder calcular tambem a acção, que o poder publico exercia na opinião nacional. Outras fontes não existem para dar-nos a nós, que somos já a posteridade dos homens de 1823, informações dos importantes successos, que são elementos indispensaveis duma narrativa historica. Bem escasso e minguaado é o repositório dos documentos comprobatorios dos factos; de sorte que aquelle que quizer narral-os, indubitavelmente se vê obrigado não só a penetrar nas reconditas dobras da consciencia dos homens, mas tambem a recorrer a multiplas e fatigantes conjecturas, uzadas como um dos processos racionaes da historia, do qual se serviram Sallustio e Tacito, Polybio e Thucidides, até os grandes historiadores do seculo XIX, como Guizot, Michelet, A. Thierry, Taine, em França; os Rancke, Niebhur, o imagiuoso Mommensen e outros na erudita Alemanha, assim como na ambiciosa e grave Inglaterra o illustre lord Macaulay, que, em seu livro, gravou as seguintes phrases: « *acceitarei de boa vontade a coima de haver abaixado a dignidade da Historia — si conseguir pôr ante os olhos do inglezes do seculo XIX uma pintura fiel do seus avoengos.* Em verdade, essa imagem do passado não podia ser feita sem a interpretação dos phenomenos sociaes, interpretação que não se consegue sem os esforços da intelligencia, sem a intuição de actos em suas causas productoras. Entre nós, esse trabalho pouco tem interessado aos pensadores que tentam penetrar nas origens da vida nacional; que entendem não ser a historia méro gaudío de colleccionador, ou a reseña de datas e de nomes dos potentados.

E' assim, por exemplo, que, no inicio da revolução, vemos José Bonifacio como mentor do duque de Bragança, ser um dos principaes auctores do movimento e exercer pujante influencia no coração do príncipe; ensinal-o, dirigil-o, educal-o na tarefa ardua do goveruo do Estado; incutin-do-lhe no cerebro idéas, dando-lhe o exemplo do methodo de administrar,

amestrando-o no jogo dos negocios; preparando-o a vencer e supplantar as exigencias dos patriotas, preconizando e convertendo o arbitrio do absolutismo patriarchal em sciencia de governar, uzando de horridas devassas como expressão, ou affirmação das liberdades dos cidadãos — de repente, no mez de julho, ser expulso do ministerio, e logo brandir o *Tamoyo*, como si fôra arma de combate, contra o Defensor Perpetuo e seu governo, que, pelo decreto de de 12 de novembro, dissolve a Camara, mette num carcere o patriarcha da Independencia, o seu sabio mestre e desvelado mentor!!! Porque essa peripecia no drama, que ambos representavam desde 16 de janeiro de 1822 até julho de 1823? Eis ali o que é difficil, ou antes impossivel de explicar. Não se comprehende tão subita transição. Não é crível, pelo patriotismo e pela nobreza de character de José Bonifacio, suppor que delinquisse e que elle, que guiava a tutelava o Imperador, perdesse, irremediavel e totalmente, a antiga e provada confiança, a amisade filial do jovem soberano. Quaes os motivos dessa mudança?

Os historiadores não dizem. O proprio sr. barão Homem de Mello não os attribue aos Andradas, cujas fronte ciuge com um laurél de glorias.

Os leitores, que pairam por sobre a superficie; que não agitam as entranhas dos acontecimentos — só vêem a demissão do ministerio Andrada no meio da sessão parlamentar, onde nem o ex-ministro declarou as causas da demissão nem a Assembléa indagou; ainda mais: não proferiu palavra allusiva a tal facto. Apontei-o como um daquelles que ainda deslizam envoltos nos véos do mysterio, porque carece de documentos comprobatorios, e estes não existem; consequentemente a narrativa delle não póde deixar de ser firmada sobre uma série de conjecturas, que fazemos em hora opportuna.

O sr. barão Homem de Mello, em livro concernente á rehabilitação da Constituinte, esmera-se em provar que não ha acto, ou palavra da Assembléa desrespeitosa ao Imperador, e quanto ás victimas do desagrado imperial, proclama (os irmãos Andradas) gloriosos benemeritos. Mas, á vista dum facto de tanta gravidade, o illustrado barão julgou, talvez, contrario ao seu plano demorar-se na investigação das causas... Provavelmente as conjecturas não convinham ao escopo do historiador, evitando dizer aquillo que não poderia evidenciar. Apresentando a Constituinte aos olhos curiosos da posteridade, deixou-lhe a tarefa, quasi incomprehensivel, de atinar com as causas; presumiu que os proprios factos explicam-nas, ou as contem.

Duvergier de Hauranne, nesse pon-

to, não uzou de prudente reserva, quando narra a demissão do ministro de estrangeiros do gabinete do conde Villéle sob o reinado de Luiz XVIII. A situação moral, politica da França tinha alguma coisa, que se assemelhava á do Brazil, desde a *Restauração* até á revolução de julho. A nação franceza estava em plena agitação, havia atravessado as terriveis calamidades da *Convenção*, as abjecções do *Directorio*, as prepotencias do *Consulado* e o delirio do glorioso despotismo do *Imperio*.

A *Restauração* emprehendia repor a nação na antiga base social, mas com illusorias promessas de liberdade. Assim, o governo nem era absoluto, nem constitucional; era coisa hybrida, um *modus vivendi*, em que, de sua parte, o rei ora outhorgava direitos na carta constitucional, como fez Luiz XVIII; ora os supprimia conforme a vontade de Carlos X.

D. Pedro (ou o seu primeiro ministro) conhecia o estado dos governos e dos paizes da Europa; de certo, não ignorava a preponderancia da *Santa Alliança* e, por conseguinte, sem reboço governava o Brazil do mesmo modo pelo qual os soberanos europeus administravam os seus Estados. Doutrinado pelo exemplo do que via e iuspirado nas lições do absolutismo, que foi o crêdo politico de José Bonifacio, não hesitou em expulsar do ministerio o heroico patriarcha e, quando este quiz, na imprensa e no parlamento, reagir, ou se oppor aos arbitrios do poder imperial, d. Pedro, que havia convocado a Assembléa Constituinte, nullificou-a, dissolvendo-a pelo decreto de 12 de novembro e, arbitrariamente, como poder absoluto, prendeu e deportou deputados; entre elles, o desvelado mentor, sabio mestre e ex-ministro.

A historia da nossa primeira assembléa tem certas obscuridades, que só podem ser dissipadas, applicando-se-lhe a critica philosophica, comparando-a com as das outras nações da mesma temporada. O narrador, expondo os factos, deve caracterizal-os, moralizal-os, á luz da sciencia e dos costumes do momento; emfim, proceder a analyses psycho-physiologicas, moraes e sociaes. E' obra de criterio, de raciocínio, de conjecturas e de intuição. E, evidentemente, não se limita á prova material de documentos. Assim, a intuição do passado torna-se, talvez, mais difficultosa do que a dos successos ainda escondidos no seio do futuro.

Não ha negar: para ver e comprehender o passado, é mistér apurar os factos, conhecer-lhes as causas e os homens que os praticaram: tudo isso, dependendo muito dos documentos, precisa, principalmente, do criterio philosophico, porque a historia é, por assim dizer, a psychologia em acção,

dando os productos da vontade, da intelligencia, dos caprichos, das paixões, dos erros, dos vícios e das virtudes dos homens que viveram em cada epocha; logo, é o estudo do homem em sua realidade, complexa e multipla.

Depois da dissolução da Constituinte, circularam varias e desconhecidas versões, que todos ouvimos da bocca dos contemporaneos. Os proprios documentos parecem em contradicção com os factos. Os documentos officiaes, sobretudo, são susceptiveis de severa e victoriosa contestação; não devem ser acceitos de boa fé. Suscitam alluvião de duvidas os Decretos de 12 e de 13 de novembro, a Proclamação da mesma data, o Manifesto de 16 de novembro, o Decreto de 24 que mandou abrir *devassa* (sabemos que as devassas fôram sempre a arma da predilecção do liberalismo de José Bonifácio); finalmente, até algumas publicações dos deputados dissolvidos. Versões e documentos de qualquer origem não podem passar sinão pelo cadinho de rigorosissima critica. Todos se contradizem. A Proclamação e o Manifesto pintam as coisas a seu modo e conforme os interesses duma das partes; as hypocrisias do poder usurpador mal se escondem; impudentemente se revelam.

Ao contrario, a intuição dos successos do futuro só depende da observação do presente, do criterio e perspicacia do observador em saber atar as relações dos factos de sorte que possam dar a somma, ou os resultados; não tem que lutar com os obices que os interesses, os calculos e as paixões oppõem. A intuição do futuro, desembaraçada de taes obstaculos levantados á do passado, apparece nitida e contém a verdade, que prima como força vital das narrativas dos acontecimentos. Expol-os com imparcialidade e justiça é o primeiro dever de quem narra; apural-os com paciente coragem e meditação é uma condição indispensavel para acertar. Mas, no cardume de factos, de que maneira descrevê-los e dizer aos leitores das novas gerações: — eis aqui os pensamentos e os actos dos vossos avoengos, como ambicionava lord Macaulay falar aos inglezes do seculo XIX, ainda com o risco de se lhe increpar de haver aviltado a dignidade da historia?

Conheço as difficuldades e os riscos de tratar de taes assumptos; sei que muita gente considera de nenhum valor e até coisa inutil revolver cinzas na necropole da historia. Embóra! Recolhamos as remiiscencias do passado e mostremos, como fôr possível, á mocidade—que estas recordações contém grande e interessante parte da vida da antiga sociedade brasileira. Dellas extrairemos uma narrativa de todas ou das principaes circumstancias que ex-

plicam os actos da Constituinte, as causas de dissolução; que possam, ao menos, indicar os motivos reaes e occultos do procedimento arbitrario e oppressivo do governo imperial naquella conjunctura, em que a nação, despedaçando os grilhões do dominio colonial, aspirava consolidar a obra mal segura da independência do territorio e aquinhoar dos beneficios da liberdade civil e politica, entrando ualça, onde se debatem interesses, idéas, energias e grandezas da civilização moderna.

Essa historia da Assembléa poderia ser de pouca ou de secundaria importancia num paiz, que tenha praticado feitos portentosos. Releva, todavia, notar que, em todas as nações, os factos não tem valor superior nem grandeza, que supplantem e annullem os do tempo da Constituinte.

O povo brasileiro mostrou elevado sentimento de honra e dignidade, de moralidade e de cordura, dignos de apreço. Queria a liberdade constitucional, que lhe fôra promettida, confiando á Constituinte a realização dos patrióticos anhelos. Contar as peripecias do drama, ensaiado nos campos do Ypiranga e terminado pelo desenlace do Decreto de 12 de novembro, implicaria compendiar os factos politicos dessa quadra, importaria traçar um vasto quadro; si, porém, nos não fôr possível fazel-o, tentaremos esboçar a parte mais saliente das luctas e dos infortunios da liberdade contra as prepotencias do absolutismo tradicional, que foi a norma perenne do governo do primeiro reinado desde o ministerio Andrada, de 16 de janeiro de 1822, até o gabinete dos marquezes, submergido nas ondas populares—vozaes—no dia 7 de abril.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Alguem tentamen, no intuito de estabelecer a verdade, tem-se feito: por exemplo, o livro do sr. barão Homem de Mello; mas este illustre escriptor collocou-se num ponto de vista especial; é como que um irreductivel.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### SAUDADES DO CÉO

Vejo em teus olhos, creança,  
A's vezes uma saudade,  
Entre os clarões da esperança!  
Saudades na tua idade?...!

Da terra não podem ser,  
Alguma estrella haverá,  
Que do céo esteja a ver,  
E a quem tu sorris de cá!

Quando sentires no mundo  
Bramir a voz da procella,  
Não percas, no céo profundo,  
Jámais de vista essa estrella!

Soccorre-te ao seu clarão,  
Na infancia e na juventude,  
Que terás no coração  
A eterna luz da virtude!

Oh! en bem a conheci,  
Quando te andava a beijar,  
Tão cega de amor por ti,  
Tão triste, por te deixar!...

Sei quem é! Olha, creança,  
Daquelle aujo de bondade  
Fôste na terra a esperança,  
Hoje és no céo a saudade!

BULHÃO PATO.

\* \* \*

### OS MORTOS

Os mortos são felizes. Enquanto nas dolentes celebrações da Igreja, ao pé dos altares luzentes, deante de Jesus rôxo e descarnado, os tristes e os simples rezam pelos seus queridos mortos, elles andam dispersos pela grande natureza, pelas florestas esgue-delhadas, pelas espessuras sonoras, pelas nberdades da seiva, pelos sulcos fecundos, por todas as verduras d'acre cheiro.

A sua carne soffren, empallidecen com os medos, emmagreceu com as febres, engellhou-se com os frios; mas agóra anda, repousada e sã, pelas frescas vegetações, pelos fructos coloridos, na luz selvagem e vital do sol, nos átomos da noite constellada e suave.

Os que morreram nos apodrecimentos das febres desfizeram-se no seio da terra planturosa, fôram sugados pelas raizes e, confundidos com a seiva, vêem outra vez para o sol, em fórmula do fructos, de corollas, de ramagens ondulosas.

Os que morreram sobre as aguas do mar desfazem-se entre as verdes profundidades, entre as areias, os coraes, as conchas, os rochedos, e vêem depois, sob a fórmula d'ondas, embalarem-se serenos ao sol, ou de noite estirarem-se ao peso da mollesa que escorre dos astros, ou de madrugada, cantando com barbaridades de raíulias e doçuras de santas, acalentarem o povo dos pescadores, silencioso e trigueiro.

Os que morrem sobre os montes, como os pastores contemplativos, são consumidos pelo sol; e andam dissipados pela luz hieratica das estrellas, pelos vapores molles das nuvens, pelas auroras; são os átomos de luz, serenos, fecundos, consoladores e purificadores.

Assim os mortos são felizes.

Nós outros andamos ruidosos e nocturnos, gordos ou empalledecidos, esfomeados de materialidades, calcando as Margaridas, perdidos nos

deslumbramentos da carne; celebramos as religiões, esboçamos deuses, riscamos sociedades no ar; e, nervosos, desconsolados, derrubadores, no meio desta forte vitalidade—como um lavrador que suspende a enxada e se fica, todo amarello, a pensar na velhice sem pão e sem lume—estamos sempre a sustar as nossas alegrias alumiadas e sonoras, para pensarmos, aterrados, nos esfriamentos lugubres do tumulo.

E, entretanto, os mortos, que são os paes, as irmãs, as bem-amadas, as mães, estão pela natureza, pelos montes, pelas aguas, pelos astros—serenos e immaculados. E porque tememos a morte? Que instincto tenebroso ou sagrado nos faz amar tanto esta fórma humana, estes cabellos, estes olhos, estes braços enrodilhados de musculos? As arvores, as florescencias, aservas, as folhas, são tambem fórmas da vida, santas e cheias de Deus. Por toda a parte, pelas familias das constellações, pelos planetas, pelas arvores, pelos lividos interiores da terra, pelas aguas, pelos vapores, pelos prados fecundos, escorre a seiva, o átomo santo, a alma universal! Por toda a parte ha attracções, amores, antagonismos, repulsões, polarisações, alegrias, estiolações, pollens, alma, movimento—vida. Porque ha de então ser esta fórma, que tem braços e cabellos, e não aquella, que tem ramos e folhagens?

A vitalidade é a mesma, cheia dos mesmos instinctos negros, sagrados, luminosos, bestiaes, divinos.

Por isso, os mortos são felizes, porque andam longe da fórma humana, onde ha o mal, pela grande natureza santa, onde só ha o bem, na pureza, na serenidade, na fecundidade, na força.

Bemaventurados os que vão para debaixo do chão, porque vão para uma transfiguração sagrada. Mal cáem sobre elles as ultimas pazadas de terra e o canto dos padres, barbaro e dolente, se perde com o fumo dos cirjos, o corpo fica só na plenitude da noite e do silencio, perante a grande vegetação esfomeada; elle váe dar-se alli como pasto ás boccas sinistras das raizes: elle amollece entre as humidades da terra e desfaz-se em podridões: então, as raizes começam a sugar e a comer: a podridão transforma-se

em seiva: a seiva sóbe pelos troncos, estende-se pelos ramos, palpita dentro da arvore, engrossa, fecunda, arredonda-se nas exuberancias dos gomos, e abre-se depois em folhagens, em florescencias e em fructos: e o corpo transformado vê outra vez o sol, as grandes poeiras, e sente os orvalhos, e ouve as cantigas dos pastores, e vive sereno, repousado, na floresta immensa.

E, no entanto, junto daquelle corpo, que soffreu a metempsychose do bem, foi enterrado outro, num caixão de chumbo, entre pedra e cal, hirto e embalsamado. Entre a enorme palpição diffusa, enquanto em redor se váe operando a lenta transformação da semente, onde já estão em germen as folhas, os troncos, os fructos, as flôres, os ramos que mais tarde o vento atormentará, entre as raizes fortes e retorcidas dos arbustos, entre as ondas da seiva, entre as verdades e as voluptuosidades creadoras da terra fecunda, o cadaver embalsamado alli está, inteiro, hirto, rijo, feio, livido. Elle inveja os átomos livres e soltos, que sóbem e descem no encruzamento das vitalidades, que se deslocam e escorrem, como grãos dum sacco, desde as constellações e os cometas, até ás espumas castas das fontes: alli, sequestrado á natureza, não se póde dissolver na eterna materia forte: não tornará a ver o sol, as noites amollecidas de orvalhos, os soluços lascivos do mar... Que estranha fatalidade pesava sobre elle, que nem a morte o libertou?

Oh! possamos nós todos ter sempre em vida a religião do sol, da belleza e da harmonia; movermo-nos na atmosfera serena do bem e da liberdade; ter a alma limpa e transparente, sem sombras de deuses e de tyranos; sentir o enlaçamento divino dos braços da bem-amada — e depois, ó santa Natureza! toma os nossos corpos para fazer delles arvores cheias de sombra e ramos resplandecentes!

E ao menos, durante a vida, convivamos com a natureza. Quando entramos numa floresta, parece que a luz do sol, que escorre abundante e fecunda, nos enche todo o interior, despertando alli, como faz nas madrugadas de maio, os córos de passaros: e depois ha um responso sagrado, como se todas as iras, e as amarguras,

e os desalentos, e os terrores, se curvassem na mesma humildade, ao elevar-se na alma uma hostia mysteriosa.

Durante o dia, ha, nas florestas, uma santa celebração: as arvores estão graves como sacerdotes; as flôres incensam; a luz do sol é a alva flamejante e serena que a floresta veste: e ella murmura um canto dolente e sacro, acompanhado pelos passaros religiosos, e dentre as ramagens eleva-se uma paz viva, fecunda e consoladora, como uma vaga hostia: e, ao fim da missa, as arvores, balançando entre os ramos, parecem lançar ao povo curvado das plantas, daservas e das relvas, a sua benção soberba.

Ora, quando passamos entre estas celebrações, tristes, humildes, purificados, de entre a folhagem que se aninha, inquieta, no seio do vento, sae, para nós, toda a sorte de vózes, de saudações e de confidencias.

São os nossos queridos mortos que nos fallam; e então toda a materia tende a elevar-se, a desfazer-se em vapores e orvalhos, a ir pouzar, com suavidade e doçura, nos seios da folhagem, que já fôram seios amados...

E depois a natureza tem immensos perdões e reconciliações formidaveis; todos os odios tragicos, todos os corações ferózes se fundem divinamente na promiscuidade sagrada da terra. Ella não escolhe; tudo lhe é bom; as raizes das rosas pastam a podridão dos tyranos; e dos homens que na terra ensanguentaram, dilaceraram, profanaram, faz carvalhos austeros e cedros religiosos.

Ella é mais doce que as religiões: nas Escripturas Judas atraíçôa Jesus, e, no entanto, ha muito tempo que os dois corpos—o do homem luminoso e o do homem escuro—andam enlaçados e dissolvidos nas mesmas auroras e nas mesmas corollas.

Ella acolhe, indifferente, todos os ritos, todas as religiões: as mesmas oliveiras, que na Grecia encobriam, serenas, as choreias nugas dos ritos de Baccho, cheios de ondulações lascivas, encobriram depois, agitadas por um vento feróz, sob a luz irada das constellações, o pobre Jesus, gemendo, arrastando-se na rocha e nas silvas, suando sangue, bradando afflicto na noite das Agonias.

A's horas em que acabo estas linhas, váe o dia a declinar: agora, lá

ao longe, nos campos, lembra-me que anda o sementeiro erguido sobre os sulcos, roto e sereno, espalhando o grão com gesto angusto: e parece-me vel-o aqui, entre as transparencias morbidas do anoitecer, distribuindo a vida: são os corpos dos seus avós, que elle assim espalha pelos sulcos fecundantes; são elles que se tornaram searas e que lhe dão de encher o celeiro; são elles que lhe dão a comer a sua carne e a beber o seu sangue. Sagradas transfigurações!

Assim, é na natureza que devemos ir procurar as consolações, estremecer com os amores mortos, chorar no seio das maternidades passadas. E' na natureza que se deve procurar a religião: não é nas hostias mysticas que anda o corpo de Jesus — é nas flôres das laranjeiras.

(Novembro, 1866).

EÇA DE QUEIROZ.

## POLITICA MUNDIAL

### A ABSORÇÃO NORTE-AMERICANA

Não ha negar que, no decorrer de poucos annos, desde o ultimo conflicto armado em que sua bandeira sómente conheceu os fulgores do triumpho, muito se avantajaram os Estados-Unidos no caminho do mais decidido imperialismo. Presos a um plano, com antecedencia delineado, a principio obraram com certa prudencia, já porque estivessem consciuos de sua inexperiencia de nação nova, já pelo facto de não possuírem ainda os elementos precisos de força para dar solido e efficiente realce ao seu prestigio.

Antes, porém, que as batalhas de Cavite e Santiago libertassem a aguia americana das ultimas peias, elementos preciosos de um futuro *dominium* já tinham sido deixados em varios pontos da America Central, notoriamente no Honduras e no Nicaragua. Vencida a Hespanha, a americanisação *yankee* agiu mais desassombradamente, ora annexando ao territorio nacional terras estranhas, oppostas aos conquistadores pela raça e educação dos seus filhos (caso de Porto-Rico), ora repudiando apparentemente o systema de conquista e ontorgando ao novo elemento emancipado a independencia, a liberdade (caso de Cuba). No entanto, a historia da União, caso fôsse consultada, acudiria immediatamente com um facto analogo, e cuja solução certamente obrigaría qualquer espirito á patria de Maximo Gomez. Pelo que

sucedem á republica do Texas, facil será vaticinar o futuro de Cuba.

O heróe mundial da actualidade, o presidente Theodoro Roosevelt, encarregou-se de tornar bem claro qual o dever que incumbe aos Estados-Unidos no tocante os demais paizes das duas Americas; em poucas palavras, despidas de euphemismos e expurgadas de quaesquer artificios perturbadores, é licito estabelecer o fim almejado pela grande republica do norte: o assenhoreamento economico do continente e a hegemonia politica de todos os povos americanos.

Basta commentar certas expressões e notar a repetição de outras tantas palavras para que a evidencia do que acima ficou dito se torne patente.

Algumas vezes, em nome da estafada doutrina de Monróe, affirmam os governantes de Washington o seu proposito de não consentirem em possiveis intervenções europeas, a *não ser de caracter temporario*, legislando, dest'arte, em assumpto em que justamente o principal interessado jámais é ouvido; outras vão mais longe, chamando a si o papel de mantenedores da ordem em todas as terras americanas, com flagrante desprezo da força e do valor de certas nações ainda não decaídas a ponto de precisarem de um desvelado tutor que as proteja de aggressões gratuitas.

Mas não bastam as allusões; é mister que factos se produzam tendentes a demonstrar que existe na America uma nação á qual devem prestar obediencia todas as mais, obediencia cega e respeitosa porque faz parte a submissão do Continente Novo de um plano gigantesco, que viza concentrar os destinos do mundo nas mãos da gente anglo-saxonica da America.

O canal dos Dois-Mares, como lhe chamam, deve representar papel importantissimo na historia futura do mundo; para nós, americanos, a abertura dessa communicação pelo isthmo de Panamá tradúz um elemento a mais para fortalecer as tendencias absorventes da União.

Antes de examinar as consequencias decorrentes deste facto, seja-nos dado apresental-o como um elemento concreto das doutrinas avassaladoras do presidente Roosevelt e de numero não pequeno de seus compatriotas.

Quando foi aberto o canal de Suez, nenhuma nação europeá se lembrou de reivindicar-o como propriedade sua, mandando guarnecer-lhe as entradas por forças militares e ainda menos cuidando de levantar ali fortificações; a que assim tentasse agir veria immediatamente este seu procedimento imprudente rebatido com a maxima energia por todas as outras.

Em opposição a este proceder, como pretendem se haver os Estados-Uni-

dos? De modo mui diverso, como se vêe ver.

Si, em verdade, é o capital americano quem deva custear as obras do canal, cumpre não esquecer que este tem de atravessar terras que não pertencem aos Estados-Unidos *directamente*; como então pretendem estes neutralizar uma zona sufficiente para que ali possam ser levantadas fortificações com guarnições permanentes?

Possuidores de já respeitavel esquadra e desejosos de augmental-a ainda mais, facil seria para os americanos a occupação das duas extremidades do canal sem recorrer á violação de territorio estranho, com a aggravante de encobrirem esta acquisição mais ou menos forçada com a farça hypocrita de um arrendamento, tal qual procedem as nações europeas no Extremo-Oriente.

A occupação do isthmo obedece, pois, a considerações de ordem economica, estrategica e politica; mais tarde, si um ponto qualquer do continente ou uma ilha fôr reclamado pela sua conveniencia, aguardem os seus legitimos possuidores a inevitavel intervenção seguida do arrendamento obrigatorio, de nada servindo protestos ou ameaças, a não ser para aguçarem as exigencias da nação preponderante.

Como já o fez observar o dr. Manoel Bomfim, começa a Europa a considerar a republica norte-americana como o verdadeiro intermediario a quem se deve dirigir, no caso de quaesquer complicações com uma nação do Novo Continente; no actual conflicto entre a Republica Franceza e a Venezuela, por causa da Companhia dos Cabos, não hesitou o representante da França em solicitar a intervenção amistosa do governo de Washington, não recorrendo desde logo a um *ultimatum*, tão compenetrado estava da importancia dos Estados-Unidos, da sua missão junto aos demais povos do continente.

Nação de 80.000.000 de almas, em breve formidavelmente apparelhada para disputar o *sea power*, conhecem-lhe o valor e a importancia nos designios do mundo os governos europeus; por isso, transigem com ella aqui para auferir alhures proventos, que a theoria das compensações lhes deve reservar

Os resultados obtidos mais e mais levarão os americanos para este imperialismo, que não se satisfaz com um continente querendo transformar o mais vasto dos oceanos em um mar *yankee*; para as nações do Novo Mundo, uma tal politica constitúe serio perigo, contra o qual nunca serão inuteis todos os esforços que concorram para lhes assegurar a paz, a ordem, a honestidade e a firmeza das instituições, elementos imprescindiveis para a repulsa de qualquer ele-

mento estranho attentatorio á sua soberania, á sua independencia.

GASTÃO RUCH.

O ALMIRANTE (55)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XIX

Na saleta de espera, quasi escura, a marquezia devisou uma figura de homem, que não pôde logo reconhecer. Era o dr. Leonel, postado num angulo sombrio.

— O senhor! — exclamou ella, assustada.

— Desculpe-me, vossa excellencia — acudiu o conspirador, approximando-se lentamente — Verificando que não recebia, que não tinha visitas, apressei-me em aproveitar o ensejo para não perder um minuto do tempo que me toma este negocio a que me consagrei de corpo e alma.

A marquezia hesitou. Acudiam-lhe á memoria as suspeitas do seu amigo Martins, de algum modo justificadas pela antecipação da hora marcada para a entrevista.

— De hontem para hoje — observou a marquezia, com voz tímida que lhe saía dos labios como um sopro extenuado — tenho pensado e... não sei si deva...

— Si vossa excellencia hesita — acudiu o doutor — si desconfia, não perderei tempo em justificações inúteis: nada mais temos a fazer; figuramos que não tratamos coisa alguma. A senhora ficará com os seus milhões, eu, com as minhas idéas, com as minhas esperanças patrioticas, mais uma vez desilludidas. O momento é de agir com energia, com lealdade e coragem; não comporta vacillações, nem fraquezas. tão pouco se presta a regatearmos sacrificios.

— Si deixassemos para amanhã.

— Amanhã talvez esteja perdido todo o trabalho feito com tanta paciencia e felicidade. Os meus amigos me esperam anciosos: eu lhes prometti, fiado na palavra de vossa excellencia e qualquer evasiva ao meu compromisso provocará uma justificada desconfiança desanimadora.

E como a marquezia não retrucasse, o dr. Leonel concluiu com a sua voz rouca, repassada de ironia:

— São todos os mesmos, os amigos fieis da monarchia; encolhem-se todos no momento decisivo, no momento do menor sacrificio. Perdê-me vossa excellencia o incommodo.

O dr. Leonel fez sua reverente cortezia e se dirigiu para a porta.

— Espere — disse vivamente a mar-

queza, detendo-o. — Eu tenho receio de me arriscar levemente.

— Eu seria incapaz de arriscar uma senhora, como vossa excellencia, nessa empreza, sem estar absolutamente seguro do que vamos fazer, sem ter angariado todos os elementos de victoria. Não viu nos jornaes, no *Diario Official*, que o governo está amedrontado da situação creada pelo desastrado convenio sobre as Missões? O governo cavou a sua impopularidade e sabe, com razão, que ninguém se apresentará a amparal-o no momento em que se revoltar a alma deste povo traído, vilipendiado. Elle sabe que o exercito e a marinha não supportaram a offensa á integridade do nosso territorio, aos nossos direitos. Elle sabe que dentro do palacio Itamaraty, entre os seus auxiliares e conselheiros, existem adversarios intransigentes desse acto que destróe todos os entusiasmios gerados pela surpresa de 15 de novembro. O governo sente-se fraco, embaraçado num máu passo; por isso, exorta a nação a esperar com calma, a não se deixar guiar pelos conselhos subversivos da imprensa, de um falso patriotismo que arriscaria a um desastre a obra da revolução.

A marquezia ouvia commovida.

— Si perdermos esta occasião — continuou Leonel — está occasião incomparavel, devemos abandonar todas as idéas de resistencia, de restauração. Devemo-nos submeter vergonhosamente... Nunca mais teremos oportunidade tão preciosa, nem poderemos reunir, como agóra, tanta gente de selecção para nos ajudar.

O dr. Leonel fez outro movimento para partir, mas a marquezia o deteve de novo.

— Espere — disse ella, num tom resolutivo, vencendo a vacillação que se lhe figurava uma fraqueza. — Espere um pouco.

E depois de espreitar a sala de jantar, onde Oscar passeava absorto, subiu com immensas cautelas ao primeiro andar, donde regressou sobraçando um embrulho.

— Aqui tem o dinheiro — disse baixinho. — Parta immediatamente. Não desejo que o vejam aqui.

— Eu bem sabia que vossa excellencia não recuaria. O amor á monarchia venceu afinal a hesitação natural de uma senhora tão digna, tão nobre.

— Parta, parta!...

— Nós, soldados da restauração gravaremos o nome de vossa excellencia no coração e nas paginas de oiro da historia...

— Fale mais baixo, parta pelo amor de Deus. Eu não estou só; Oscar pôde ouvir-nos.

— Em poucos dias, vossa excellencia ouvirá os hymnos da victoria.

— Peço-lhe que me não comprometta.

— Fique tranquilla. Vossa excellencia não apparecerá. Os nossos amigos ignorarão donde lhes veio o auxilio decisivo. A mão que nos forneceu o instrumento de victoria ficará occulta na treva do mais absoluto segredo, até o momento em que viermos beijal-a, victoriosos. Confie em Deus, que proteje o Brazil. Si cairmos no campo da lucta, rogue a Deus pelas nossas almas de patriotas. Até o grande dia, senhora marquezia, até o dia, a aurora da restauração, da liberdade da nossa patria querida.

Os olhos do dr. Leonel faiscavam de alegria através dos grandes occulos. Elle curvou-se numa reverencia agradecida baixando ao assoalho o seu enorme chapéo de feltro de abas largas.

Assegurando-se de que elle partira pelo ranger do portão, a marquezia ficou um instante a se recompor da commoção daquelle encontro, antes de regressar á sala de jantar, onde ouvia a voz forte de Gião, conversando com Oscar.

O antigo feitor viéra providencialmente para desfazgar o embaraço da marquezia, poupar-lhe o constrangimento de explicar a Oscar aquella estranha visita ou revelar-lhe toda a verdade.

— Estava eu a dizer aqui ao capitão — disse Gião, com maneiras humildes, que a sua nova posição social não conseguira ainda modificar — que depois de ter andado pelas sete partidas do mundo, deveria dar um pulo até ao nosso estabelecimento.

— Já pensei nisso — observou a marquezia.

— Qual! Vossa excellencia, como todas as senhoras da Córte; quero dizer da capital da Republica...

— Da Córte deve dizer — atallhou a marquezia, com insistencia.

— Eu peço perdão — replicou o Gião, muito vexado — mas eu agóra sou todo governo. Nós lá, eu, o doutor Sumner e o padre Paulo, somos as influencias que dirigem a politica. Todos aquelles barões, ricos, cheios de farofas de aristocracia, estão todos republicanos. Em politica, é o que eu digo: é alli... voto de caixa...

— Você, então — inquiriu Oscar, accentuando as palavras — é influencia politica?

— Muito contra a minha vontade, porque seria melhor e mais lucrativo ficar todo entregue ao meu negocio, cuidando do futuro da familia. Mas... deram-me a patente, metteram-me em funduras e fui tomando gosto pela politica, que é como o comer e o coçar... Além disso, ninguém desdenha certas considerações, a importancia... Só esse gostinho de mandar trancafiar no calabouço um malcriado, um desavergo-

nhado... Outro dia, um confiado me falou em direitos de cidadão com ares de me faltar ao respeito. Então disse-lhe por aqui assim: olá, sen aquelle; veja lá como se porta. A lei aqui, abaixo do Deodoro, sou eu...

E o Gião sorria, satisfeito.

— Mas como ia dizendo—continuou

— Eu teria muito gosto que fôsem passar alguns dias naquelles ares da roça. Isto aqui não anda bem. Póde, dum momento para outro, sair uma agua suja e é melhor que a gente saiba disso pelos jornaes.

— Ouviu alguma coisa? Que quer dizer—perguntou anciosa a marquezia.

— Vossa excellencia sabe que uma creatura como eu váe ouvindo um dito daqui, outro dacolá e, no fim de contas, fica com a cabeça cheia. Anda por ali um *zum-zum* de revolução, de levante contra o governo... Que sei eu? Essas coisas me entram por um ouvido e saem pelo outro; eu, porém, por via das duvidas, vou andando para a roça.

— Quando parte? — perguntou a marquezia.

— Amanhã, pela madrugada, si vossa excellencia não mandar ao contrario. Eu vinha desta feita pedir as suas ordens.

— Lembranças ao doutor Sumner e ao padre Paulo. Quando menos esperarem, eu e o Oscar iremos lá passar alguns dias.

— Qual! Isso fica em promessa — disse Gião, despedindo-se com mil cortezias amáveis — Seria tamanha felicidade para nós recebermos a visita da nossa protectora... Enfim, senhora marquezia, levo a promessa. Já não é pouco a esperança... Que esperança...

Gião desapareceu repetindo a palavra esperança em tom de ironia.

A marquezia e Oscar ficaram, um defronte do outro, embaraçados, enleados como dois cúmplices de vergonhoso crime.

— Ouviste de Gião o que se diz?... murmurou ella, commovida.

E como Oscar não respondesse, ella se acercou d'elle mausamente, num suave e voluptuoso movimento de felino, e tomando-lhe as mãos, murmurou num tom q'ua traía o pranto represado:

— Está zangado commigo?

— Eu? — tornou Oscar, brandamente — Não tenho de que. Empeñei a minha palavra. Demais, tu sabes que tens sobre mim o direito de vida e de morte.

— Não me fales assim. Eu não te arriscarei. Necessitava, sómente, fazer de ti o meu confidente. Seria uma deslealdade, sem nome; lançar-me nessa empreza sem que tu, meu filho adorador, soubesses. O teu compromisso para commigo é simplesmente o do silencio. Imagina que nada sabes, que eu nada te disse dessa arrojada

tentativa para a realização do meu sonho?...

— E a honra?...

— A honra? — repetiu ella, recuando tímida. — A honra é o destino da tua patria, salva-a do opprobrio. Pensaram por ventura na honra, na honra militar, no juramento de fidelidade os traidores que proclamaram a Republica? A victoria justificou o crime, mas não matou o direito de represalia, o direito de reivindicação. Os teus escrupulos são pueris. Não vês Deodoro, Benjamin Constant, Floriano Peixoto? Quem lhes lança em rosto o olvido da honra militar? Todos se curvam reverentes deante delles, todos lhes louvam o acto meritorio. Si vencermos, tu serás o homem do dia, a nação inteira applaudirá o teu patriotismo: ninguem se lembrará da tua posição de confiança junto do governo. O esplendor da victoria offuscará tudo...

— Tens razão, tens razão — murmurou Oscar.

— Demais, tu não apparecerás; tu surgirás no momento; ninguem saberá que te communiquei a conspiração. Conhecem todos as minhas idéas, mas ninguem sabe que eu auxilio esse punhado de homens decididos, que não hesitam deante de melindres banaes, quando se trata de uma causa santa, a mais santa das causas. É por ti, principalmente por ti, meu querido Oscar, que eu me consagrei a essa idéa, que será uma loucura, uma temeridade, um absurdo, mas é um anhelo que vem daqui, do coração. Si, entretanto, não me justificas, si a tua consciencia, o teu dever militar te accusam de cumplicidade, eu... restituo a tua palavra, váe...

— Guilinha! — bradou Oscar, num assomo indignado...

— Meu filho, meu adorador, filho, perdôa-me, perdôa-me...

(Continúa.)

## ARMADA NACIONAL

*Ainda a administração do almirante Mello. — Sua intervenção politica no governo do marechal Floriano.*

O material da nossa armada era, então, tanto ou mais reduzido do que o é actualmente; mas, a despeito disso, só para o estrangeiro saíram: o *Almirante Barroso* para uma viagem de circumnavegação, sendo seus officiaes rendidos em meio da viagem, para que tivesse direito a uma longa commissão o maior numero possível de officiaes; uma divisão composta pelo *Aquidaban, Republica e Tiradentes*, foi aos Estados Unidos por occasião da abertura do certamen commemorativo

da descoberta da America, e a *Primeiro de Março* saíu para uma longa viagem ao Atlantico do norte. O *Riachuelo* preparava-se para seguir para a Europa afim de soffrer concertos que o modernizassem, quando o almirante Custodio de Mello deixou o ministerio.

Não havendo navio prompto, em fins de 92, para sair com guardas-marinha alumnos em instrucção, elle os fez embarcar em um paquete do Lloyd Brasileiro, linha do norte, para realizarem a viagem redonda entre o Rio e Manáus.

Comprehendendo que a verdadeira instrucção, na marinha de guerra, só podia ser dada em esquadra e não em navios isolados, o almirante Mello organizou uma esquadra de evoluções, a melhor que podiamos construir e que esteve em campanha entre Ilha Grande e Rio de Janeiro.

Afim de augmentar o nosso material, e sabiamente sujeitando esse augmento a um objectivo fixo, mandou abrir concorrência na Europa para a aquisição de dois couraçados guardacostas, dois cruzadores e alguns torpedeiros, tendo abandonado a pasta antes de escolhida alguma proposta.

Esse plano de augmento foi o depois aproveitado para a aquisição de novos navios, numa epocha em que era facil fazer as encomendas, mas em que era impossivel satisfazer os encargos dellas resultantes.

Deu regulamentos novos a todas as classes annexas, e, para que esses regulamentos fôsem justificados, pretendeu elevar o nivel de educação da classe de machinistas, associando a sua escola á Naval, afim de que pudessem se tornar dignos do novo regulamento e das posições que este lhes assegurava. Infelizmente, porém, sua gerencia na pasta foi menor de dezoito mezes.

Desejava reformar radicalmente o ensino na Escola Naval, que já vinha, naquella epocha, esboçando o espectáculo de desmoralisação a que haviam de levar-a os que nella ministrassem o ensino; mas o *benemerito* Congresso Nacional negou-lhe auctorisação para augmentar despezas. Ainda os nossos *notaveis* legisladores lhe negaram creditos ou não se occuparam com as medidas propostas para a creação de escolas de artilharia e torpedos e desenvolvimento das escolas de aprendizes marinheiros.

Pretendia, com razão, extinguir o corpo de infantaria de marinha, convencido de que, no estado da nossa marinha de guerra, mais valia aproveitar os serviços do pessoal, que o compunha, no corpo de marinheiros nacionaes.

Obedecendo á sua orientação, tinha já preparado o regulamento das prefeituras maritimas; sua retirada do

gabinete não consentiu que se levasse por deante esta idéa.

\* \*

Infelizmente, o momento politico não era propicio ao almirante Mello.

Chefe de um movimento levado a effeito para restaurar o regimen constitucional, teve de chamar ao poder, em obediencia á Constituição, o vice-presidente da Republica.

Seu espirito, como já dissemos, superiormente educado, quer profissional, quer politicamente, via sobretudo, no momento, dois graves problemas que resolver: o desenvolvimento da marinha de guerra e a salvação do prestigio do governo do abysmo para que marchava.

Nos Estados, até ha pouco sujeitos ao regimen de centralisação do Imperio, que os asphyxiava, nascia agóra um espirito de revolta, natural reacção, contra o governo central. A eleição do primeiro presidente não obedecera nem consultára interesse ou orientação de nenhuma sociedade politica; o segundo presidente subira trazido por uma revolta de militares; o prestigio dos chefes que dirigiam os Estados não chegava até ao centro; muitos logares nas representação federal e na estadual mesmo, fôram preenchidos por creaturas e por influencia do governo federal; agóra, organisadas as antigas provincias sob o regimen da federação, livres de peias, os chefes politicos, despeitados pela quebra daquelle prestigio, reagiriam por certo. Abria-se a lucta entre as duas politicas: a dos Estados e a do centro. Nem foi outra a causa sinão o choque dos interesses das duas, pôde-se asseverar, que deu origem á violentissima opposição ao marechal Deodoro, no seio do parlamento, opposição que o levou ao extremo de dissolver o Congresso. E tanto é isso certo que, só mais tarde, quando a politica do presidente se viesse a apoiar na dos governadores, é que iriamos assistir ao spectaculo da transformação do Congresso em rebanho docil, num apoio incondicional ao governo federal; as poucas ovelhas que se transviam da trilha desse apoio, não deixam, no entanto, de acompanhar servilmente os pastores dos seus Estados.

\* \*

Voltemos, porém, á situação politica em 23 de novembro.

No exercito, que tivera maior inge-rencia na politica, pullulavam os Benjamin Constant em miniatura, todos sonhadores de republicas idéaes, das quaes todos eram tambem salvadores.

O marechal Floriano não passava dum soldado ignorante, em que peze

aos que, através das lentes de um fanatismo ridiculo, de uma gratidão respeitavel ou de uma hypocrisia repugnante, nelle vêem o «Washington sul-americano», o «consolidador da Republica». Era um apathico e tinha nma capacidade maxima de resistencia passiva; indolente, commodista, accetaria a responsabilidade das maiores perfidias praticadas em seu nome, só para não fugir aos seus habitos, para não provocar uma situação anormal, — incapaz, como era, de qualquer iniciativa violenta, ou só vigorosa. Embóra contrariado, intimamente rebelado receberia a tutella do primeiro que lh'a impuzesse, desejoso de a ver extincta, mas impotente para, por si, extinguil-a. Aceitára o labéo de traidor a 15 de novembro de 89 e o merecera; fôra uma figura apagada no governo provisório e figura apagada foi como vice-presidente; entre 3 e 23 de novembro, fechára-se no seu egoismo, na sua indolencia, tendo sciencia do que se tramava e, ao mesmo tempo, promettendo ao marechal Deodoro acompanhá-lo como «carneiro de musica de batalhão», phrase sua que bem o define mas á qual lhe esqueceu ajuntar:—vencedor.

Que seria seu governo si aquella tutella não coubesse a um braço forte, a um cerebro vigoroso? Fatalmente elle abandonar-se-ia ou á politica dos Estados ou ao exercito.

O almirante Mello logo o comprehendeu. Sem paixões na vida politica, que apenas encetára, acompanhára, analysando, todos os acontecimentos. Comprehendera que a eleição do marechal Deodoro fôra um triumpho do elemento militar; comprehendera que a opposição violentissima no seio do Congresso, não era sinão o assalto dado ao poder pelo elemento politico, delle temporariamente afastado, e, enfim, comprehendera que o governo que se iniciava a 23 de novembro teria por objectivo predominante salvar o prestigio do governo federal, livrando-o de ambos aquelles elementos. Que pulso o conseguiria?

Entre o elemento civil, por certo muitos havia com desinteressé para levar a cabo tal tarefa; nenhum, porém, tinha o prestigio necessario. Entre os chefes militares, qual, sinão elle, teria desinteresse e prestigio para tanto? No exercito, não havia, de facto, nenhum general que dispuzesse dessa força; na armada, só o almirante Wandenkolk, mas esse era, politicamente, um desorientado. Assim, o almirante Mello accitou o papel de director politico daquelle governo.

Director politico desse governo, foi principalmente por sua influencia que se decretou a refôrma violenta dos 13 generaes signatarios do manifesto de 7 de abril.

Rasgon-se a Constituição, é facto; mas foi o golpe mais profundo vibrado no militarismo e ningnem contestará que muito contribuiu para firmar o prestigio do governo, muito embóra levantasse grande opposição essa audacia, que dantesninguem tivera e que ningnem, é bem de crel-o, naquelle momento, teria.

Foi ainda por influencia sua que se fizeram deposições de governadores. Rasgon-se novamente a Constituição. Os beneficios dessas deposições não appareceram por circumstancias ultteriores; mas o que vale essa Constituição na parte que se refere ás relações entre o governo federal e os dos Estados, ali estão a demonstrá-lo essas oligarchias escandalosas, já tão tristemente celebres, e essa necessidade que tem o governo federal de curvar, em cada Estado, sua vontade, ás do regulo que ali governa, para poder contar com o apoio da bancada que representa esse Estado no Congresso federal.

De facto, com a nossa carta fundamental de 24 de fevereiro e os nossos costumes eleitoraes e politicos em geral, nunca poderá existir um equilibrio entre o governo da União e os dos Estados. Ou aquelle, para poder fazer util, fecunda administração, viverá na dependencia destes, sem o que perderá o apoio, a coadjuvação do Congresso, ou impor-se-á pela força.

Mas, o almirante Mello errou; errou, não pelo facto, em si, de ter contribuido para que o marechal Floriano rasgasse a Constituição, porém por que, ministro apenas, sem responsabilidade effectiva dos seus actos, deveria ter comprehendido que nem sempre poderia impôr, absoluta, soberana, a sua vontade, e elle não o comprehendeu. Nasceriam, por certo, attrictos no seio do governo, e esses attrictos o forçariam ou a renunciar só ao papel de director politico, ou ao cargo de ministro e, com este, aquelle tambem. O marechal Floriano, coherente sempre com o seu procedimento anterior, começava já a compartilhar, com o exercito e com o elemento politiquero, a tutella que o almirante Mello lhe impuzera; e este, que positivamente não era de molde a servir de méro secretario a um soldado ignorante, abandonou o governo. Sua acção fôra, pois, sem resultado.

Afastado do governo, este caíu immediatamente nos braços da politica-gem e do militarismo.

Ao almirante Mello succedeu na pasta da marinha o almirante Firmino Chaves; nada fez.

A 6 de setembro, explodia a revo-



lução da Armada. O almirante, que procurára afastar sempre sua classe da influencia perniciosa da politica, servia-se desta agóra, como chefe politico: nem outra arma havia que se pudesse, então, manejar.

O fracasso da revolução foi a derrocada da marinha de guerra. Passando por sobre essa, cuja historia ainda não está feita, proseguiremos no estudo da armada nacional de 94 até ao presente.

TONELERO.

## UM MARIDO

— É' uma esplendida creatura! — dizia da sacada um rapaz que a vira entrar pelo braço do marido.

— Como é feliz o ladrão! — lastimava outro. Depois de tantos annos de casados, ainda se namoram como noivos. É' venturoso, o bandido! Quem me déra estar na pelle do miseravel, vinte minutos apenas!

Isto pensavam e diziam os rapazes.

As senhoras pensavam exactamente como elles; mas diziam coisa diversa. Aquellas que por ventura tinham ouvido a opinião desses paudegos, faziam um momosinho de desdém e murmuravam entre si:

— Como vem mal vestida! É' bonita, mas o *plissé* da gólla está a comer-lhe as orellias.

— É' muito exaggerada. Olha a anquinha. P'ra que aquillo tudo?

— Repara como estão brancas de pó as pestanas. Quem não dirá que antes de vir, teve de ir ao padeiro!

Riam e continuavam.

— Elle.

Ao marido é que se referiam.

— Elle é mais bonito do que ella; pelo menos, não préga aos labios aquelle sorriso assucarado, que não parece natural.

— É' uma affectação, Jesus! Sempre ao pé delle, namorando-o para se mostrar, como quem quer fazer inveja. Que coisa feia!...

— Uma porcaria! esganiçou-se uma quarentona, que chegára áquella idade patriarchal, sem ter visto as uvas da Chanaan chamada casamento.

— Uma porcaria! repetia ella. Si são felizes, guardem para casa a sua felicidade, e não venham fazer papel ridiculo numa sala de baile. Outr'ora, os casados eram mais serios. Hoje... é aquillo que se vê.

E todos, moças e vellias, rapazes e velhotes roíam-se desesperadamente de inveja.

E o par triumphante entrava na sala, illuminado pelo seu mais bello sorriso de ventura.

Ella não era tão bonita, como pensavam os moços, nem tão mal amanhada, como diziam as senhoras. Era um termo médio, que podia inspirar enthusiasmo, e inspirava com effeito; porque a brancura de hostia da garganta, a elegancia toda meridional, a carnação americana, cheia de seiva e de sol, tinham uma certa vibração venusta, que communicava aos corações um suave magnetismo e fazia pensar em repouso, em sombras frescas, em montanhas, em nesgas de floresta.

Era chic, era mesmo muito *pschut*, o demonio.

Elle, o marido, na plenitude de sua felicidade, tinha certo ar arrogante, que o tornava um tanto imbecil, mas que a gente facilmente perdoava; porque naquella ebriedade nem podia saber o que fazia. Não era bonito, mas parecia um homeu feliz. Com o sobrecasaco inglez abotoado até á gólla, uma lagrima de diamante entre as dobras da gravata, uma *rainha victoria* na *boutonnière*, a pastinha chata luzindo sobre a testa, onde se viam os primeiros estragos da calvice, — dava elle aos labios grossos e sensuaes um tom de suprema ventura ao sentir-se envolvido por um olhar da mulher.

E felizes, risonhos, occupados de si a fazer inveja aos demais, dansavam a noite inteira e retiravam-se ás duas da madrugada, depois de rodopiarem ao ultimo compasso da walsa.

Na rua, quando já ninguem os podia ouvir, continuavam o seu venturoso idyllio.

— Tu te portaste mal, hoje...

— Como me portei mal? Não sei o que queres...

— Não me obrigues a dizer claramente as coisas, que sabes perfeitamente.

— Bom! Já sei: temos scena. Deixa isso para amanhã, filho. Vamos dormir que estou muito fatigada.

— Si valsaste tanto... e elle valsava tão bem... Não te podias fatigar.

— Porque!? Não sei ainda aonde vâes dar, mas com certeza é a uma das tuas. Mas dou-te a minha palavra que me não incommodam mais as tuas

injuriosas suspeitas. Não te respondo nada.

E calou-se.

Elle continuou a moer.

Que era uma vida desesperada, sem socego, porque sua mulher não tinha o espirito bem claro para ver a inconveniencia de certas acções. Que estava determinado a não leval-a mais aos bailes. Bem sabia ella que elle a amava; por isso, é que soffria com suas asperezas. Si não a amasse, que lhe importaria o seu procedimento? Era ciumento; não podia mais negal-o. Muito ciúme mesmo! Mas porque não o poupava a essas amarguras? Porque valsava? não lhe tinha pedido tantas vezes?

E pedia e humilhava-se. Dizia que a adorava; rogava-lhe que não lhe negasse o seu coração.

A mulher caminhava ao lado, silenciosa, mais visivelmente irritada. Viuham-lhe á mente coisas... de fazer o parvo do marido partir a cabeça nas pedras da calçada.

Mas o importuno continuava a amolar-lhe a paciencia com lamurias, que lhe davam, a ella, vontade de tel-o de baixo dos tacões.

Entraram em casa. Duas e meia da madrugada. Uma luz de lamparina allumiava fracamente o corredor.

Ella estava tão irritada, que lançou ao chão a *saída de baile*, e atirou-se para a alcova. Raspoi o phosphoro, accendeu o bico de gaz e poz-se a desvestir-se, com os dedos tremulos e uma ruga entre os olhos, que era nella signal de proxima explosão.

O marido entrou logo após, e sentou-se já tambem irritado pelo silencio obstinado que ella guardava.

— Mas debes confessar que não é bonito uma senhora casada valsar duas, tres vezes, com um rapaz. Sei que és leal, mas o mundo aproveita tudo para falar e denegrir as reputações. Amo muito o meu nome, e, como minha mulher, tens obrigação de afastar delle qualquer suspeita. Queres então que eu seja ridiculisado por uns imbecis, que nada são e nada valem! Pois é preciso dizer que não recuo nem deante de uma morte para defender o meu nome. Bem sabes que sou capaz...

Ia começar as ameaças, quando a mulher se voltou, rapida, sobre os calcanhares e gritou em face:

— O que sei é que tu és um idiota!

Elle perturbou-se e gaguejou uma phrase acerba.

— Eis aqui... continuou a mulher, com o espartilho na mão, os hombros humidos de suor resplandecendo á luz do gaz, o penteado meio desfeito, mostrando as pernas carnudas mettidas em meias côr de granada.

— Eis aqui para que uma mulher se caza: para ouvir de seu marido a injuria que não ouviria de ninguem no mundo. E porque? Sómente porque esse marido é um idiota, que se não respeita, que não se conhece, que quer impor-se ao amor de sua mulher, como um prego a um cepo, brutalmente, a golpes de martello. E porque não consegue, insulta. Fique sabendo, porém, de uma vez por todas, que sei respeitar-me, não por sua causa, mas porque me tenho em muita conta! E faça-me o favor de afastar-se enquanto reformo a *toilette*.

Era a primeira vez que o despedia. Também nunca elle a tinha tão acerbamente injuriado.

A voz da mulher era tão imperativa, sua mão vibrava tão nervosamente o espartilho, que o marido ergueu-se e saiu.

— Que inferno, meu Deus! exclamou ella, de dentes cerrados, fechando o trinco.

Tomou depois um penteador, poz os pésinhos nús num pantufo de seda e foi para a cama a pensar naquelle marido *cacete* e injusto que a injuriava com seus estupidos ciúmes.

Elle, posto fóra da alcova, foi-se para a sala, cauteloso para não escandalizar os da casa. Ia desolado o infeliz. O *paletot*, ainda abotoado, deixava ver os punhos e o collarinho conspurcados de suor. O cabelo, em desordem; a rosa da *boutonnière*, desfolhada. Todo elle tinha um ar de fadiga e de desgosto, cheio de suspiros tão comicos, como as unhas que deixava crescer enormemente nos dedos mendinhos. A vista da figura, até a mulher rir-se-ia, si não estivesse tão offendida.

Pensou em voltar para o quarto, mas acanhou-se. Preferiu despir o casaco e espichar-se no sofá; em enquanto a mulher mettia-se entre os frescos lençóis da cama, o pobre diabo ralava-se, atucanado pelas muriçocas.

VIRGILIO BRIGIDO.

## XADREZ

### 3.º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Está a decidir-se a lucta. Os premios disputam-se agóra apenas entre quatro concurrentes: José Piza, Theophilo Torres, Raul de Castro e Henrique Costa. Tal a situação no dia 30. No proximo numero, publicaremos o quadro geral com as observações que ocorrerem. Nessa data, era este o resultado:

José Piza	—	13
Raul de Castro	—	12 1/2
Theophilo Torres	—	12 1/2
Henrique Costa	—	11
Heitor Bastos	—	10 1/2
Augusto Silva	—	9 1/2
R. S. Quayle	—	9
Annibal Pereira	—	8
Frota Pessoa	—	8
Ed. Tito de Sá	—	7
Godofredo Cunha	—	7
W. B. Hentz	—	6
Q. Bocayuva Junior	—	6
Vicente Ouro Preto	—	5 1/2
Armando Burlamaqui	—	3 1/2
Alvaro de Andrade	—	3
Libanio Lins	—	1 1/2

W. B. Hentz e Q. Bocayuva Junior, depois de terem jogado, o 1.º 11 partidas e o 2.º 13, abandonaram o torneio. As cinco partidas que o 1.º deixou de jogar com Alvaro de Andrade, Armando Burlamaqui, G. Cunha e Raul de Castro foram contadas a estes como outros tantos pontos; da mesma sorte, as que o 2.º deixou de jogar com Annibal Pereira e Armando Burlamaqui. Finalmente, a que Hentz e Quintino deviam jogar entre si foi contada como 1/2 ponto para cada um. Faltam apenas duas partidas de Henrique Costa contra Theophilo Torres e Raul de Castro. Bem se vê que nada se pôde palpar quanto ao resultado final, pois da sorte destas duas partidas depende a victoria de dois quaesquer dos 4 concurrentes. E' muito provavel que haja empate em um ou em ambos os logares; neste caso, jogar-se-á um *match* de desempate.

— Os premios do torneio estão ha muitos dias expostos no Salão do Club dos Diarios e consistem: o 1.º em um artistico tinteiro de bronze, representando uma pastora; o 2.º, em uma estatueta tambem de bronze (estudo).

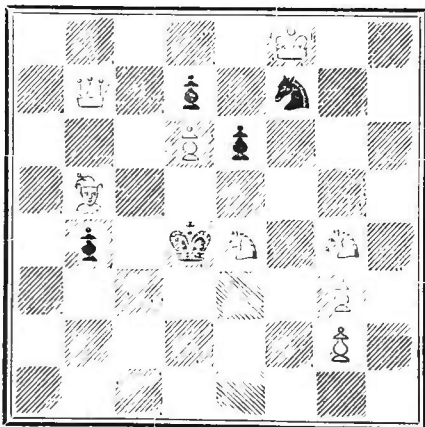
— Occorre lembrar que no 2.º torneio foram premiados Henrique Costa em 1.º logar e Theophilo Torres em 2.º.

— Publicamos hoje mais um interessante problema dos nossos assíduos colaboradores de S. Paulo.

### PROBLEMA N. 25

Tacito & Lipmann

PRETAS (5)



BRANCAS (8)

Mate em tres lances

### PARTIDA N. 26

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 25 de outubro de 1905)

#### PARTIDA DO P B R.

Branças (José Piza)	Pretas (Vicente Ouro Preto)
P 4 B R	— 1 — P 3 R
P 4 R	— 2 — C 3 B R
P 5 R	— 3 — C 5 R
C 3 B R	— 4 — B 4 B
P 4 D	— 5 — B 3 C D
B 3 D	— 6 — P 4 D
C D 2 D	— 7 — B × P
C × B	— 8 — D 5 T x
P 3 C	— 9 — C × P
C D 3 B R	— 10 — D 6 T
P × C	— 11 — D × T x
B 1 B	— 12 — P 3 C D
B 3 R	— 13 — B 3 T
R 2 B	— 14 — B × B
D × B	— 15 — D × D x
T × D	— 16 — P 4 B D
C 5 C D	— 17 — C 3 T
C 6 D x	— 18 — R 2 R
C 5 C	— 19 — T D 1 B R
P 5 B	— 20 — P 3 B ?
C × P R	— 21 — P × P
C × T	— 22 — T × C
C 5 C	— 23 — T × P x
R 2 R	— 24 — T × T
R × T	— 25 — P 5 D
B 5 C x	— 26 — R 3 R
P 3 T	— 27 — R 4 B
B 8 D	— 28 — C 1 C
C × P T	— 29 — C 2 D
C 8 B	— 30 — P 4 C R
C × P	— 31 — C × C
B × C	— 32 — P 5 B
P 4 T	— 33 — R 3 R
P 5 T	— 34 — R 2 D
P 6 T	— 35 — R 1 B
P 7 T	— 36 — R 2 C
P 4 C R	— 37 — P 3 T
R 2 B	— 38 — P 6 B
P × P	— 39 — P × P
R 3 B	— 40 — abandonam

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 24 (Ferber) D 3 C.

JORÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro semestre de 1905.

Diz um relatório do chefe da policia de Londres, que as forças de que dispõe essa antoridade compõem-se de 30 superintendentes, 539 inspectores, 2.140 *sergents*, e 14.129 *constables*; total, 16.816 funcionarios.

Cerca de sessenta por cento desse pessoal faz o serviço nocturno.

A grande metropole tem mais 27 kilometros de extensão e a área de 1.000 kilometros quadrados. O numero, portanto, de policiaes é relativamente insignificante.

O anno passado, responderam no fóro policial 34.000 réos por delictos policiaes por infracção de posturas 79.566.

Ficaram feridas em accidentes de rua 10.384 pessoas, morreram em accidentes 155.

Pela estatistica, o numero de crimes váe diminuindo. Deram-se em 1904 126.630, sendo condemnados 104.595 réos.

ASSIGNATURAS  
 ANNO. . . . . 20\$000  
 SEMESTRE. . . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Excitou-nos a tentação de perpetrar um hymno commemorativo da indulgente preferencia, do paternal amor da Santa Sé, concedendo ao Brazil um cardeal, um logar no sacro collegio, acontecimento que marcará com uma nota fulgentissima, pictoresca, indelevel, a pobre, a breve historia das nossas conquistas democraticas; mas ponderámos que o paladar do nosso povo está tão pervertido em materia de musica politica que não ouzamos realizar a commovente empresa.

A febra do nosso povo não se impressiona com os canticos patrioticos: hymnos lhe não entram no agrado, nem á mão de Deus Padre, nem á força de decretos solemnes, imperiosos. Por isso, ninguem cantou jámais o hymno da Independencia; o hymno nacional cuja poesia era um engrossamento réles ao Imperador, nunca passou de marcha triumphal, suggestiva, sem lettra que respondesse á impressão da melodia. A musa popular não abandonará os processos espontaneos, nem se subtraírá ás influencias das raças gerando a tendencia para os tangos, os dobrados e os maxixes sensuaes, bem peneirados.

O feito merecia, entretanto, um poeta que lhe exaltasse a importancia, o grande alcance social, politico e o effeito, lindamente ornamental, de um chapéo cardinalicio sobre o barrete phrygio da Republica.

E' tão grande a honraria que parece um sonho essa victoria sobre as legítimas pretensões da Republica Argentina, do Chile, republicas catholicas muito empenhadas em merecerem essa suprema graça, essa distincção sempre recusada teimosamente aos selvagens da America do Sul.

O Brazil Imperio, apesar das suas ligações officiaes com a Egreja, bateu em vão ás venerandas portas do Sacro Collegio, não lhe chegou aos augustos labios sequiosos a honraria que a

Republica leiga, sem religião de Estado, obteve, graças ao prestigio do seu sympathico representante no Vaticano, o sr. Bruno Chaves.

Cumpra, agóra, responder dignamente a essa altissima demonstração de affecto pelos unicos meios que se nos antolham — a elevação da nossa legação a embaixada e a decretação de uma dotação para subvencionar o esplendor da purpura que se não sustenta com palavras, nem com orações fortes, da ordem dessa dos *nove* que acaba de ser cruelmente condemnada, como piedoso charlatanismo, incapaz de arrancar uma almiúba aos tormentos do Purgatorio.

Não ha duvida que é caso de immenso jubilo para a Republica esse acto que nos põe a par dos Estados-Unidos da America: a grande republica do norte e a immensa republica do sul com os seus cardeaes: lá o notavel Gibbons, aqui o meigo Arco Verde, formando um delicioso *pendant* de principes da Egreja, não contando o sabor especial de vermos a Republica Argentina a se roêr de inveja, de despeito por esse amestrado golpe nas suas fumaças de preponderancia na America do Sul.

Isso vale, infinitamente, mais do que imitarmos os processos empregados pelos nossos amaveis visinhos para impulsionarem as suas forças productivas, para chegarem á perfeição de competirem com os productos similares dos povos cultos e produzirem todos os seus artigos de primeira necessidade para a manutenção dos seus cinco milhões de habitantes, promoverem a expansão dos seus meios de comunicação, os seus caminhos de ferro, os seus correios, os seus telegraphos, ao passo que os nossos dezoito milhões de habitantes perlustram, em marcha de kagado, a luminosa estrada do progresso, asphyxiados dentro do immenso territorio, cochilando á margem dos extraordinarios rios, enervados sobre um leito de thezoiros

inexgottaveis é mendigando aquillo que a prodigiosa *natureza* lhe não pôde dar de mão beijada.

Não nos importa que, todos os dias, supprimamos uma agencia de correio, um posto telegraphico em consequencia das desmarcadas, das excessivas, das absurdas taxas infligidas, como castigo, a um povo de analphabetos, que não tem pensamento a comunicar; nada importa, para o brilho dos nossos brazões de povo civilizado, que o desenvolvimento dos nossos meios de comunicação prosigam lentamente, num passo preguiçoso de quem não tem pressa de chegar, constrnindo estradas de ferro com tarifas prohibitivas e fazendo de todos os serviços que os governos civilizados tem de proporcionar ao povo, um genero de negocio, uma exploração industrial rendosa a cardar o imbele cordeiro á maneira barbara do imposto atrophiador de todas as nossas energias; nada vale, finalmente, para a consecução das nossas idéas, sermos um povo obscuro, ignorado, degenerado pela politicagem estúpida: temos um cardeal, conquista que representa a melhor, a mais activa, a mais proficua propaganda do nosso valor economico, social, da nossa mentalidade de filhos prodigos, de ovelhas desgarradas pelo tufão revolucionario de 15 de novembro, voltando penitentes, constrictas, humilhadas, ao seguro aprisco da Santa Madre Egreja, reparando o sacrilego erro de termos sonhado uma republica sem Deus.

Temos um cardeal e teremos, ainda mais, escancaradas as nossas portas, as portas dos nossos lares, das nossas escolas, aos frades de arribação, expulsos do velho continente, como elementos perturbadores, refugiados no Brazil para catechisarem desinteressadamente, piedosamente, o seu povo ainda immerso nas nevoas do peccado, nas trêdas sombras do fetichismo barbara.

Teremos as nossas moribundas ordens religiosas, restauradas á plena actividade, os conventos abertos á pregnica, ás desillusões, ao fanatismo, á hypocrisia dos naufragos do mundo, aos desenganados das ephemeras delicias deste valle de lagrimas, aos preoccupados mais com a salvação d'alma do que com a preservação do corpo, immundo ninho de peccados iniquos. E augmentará, ao esforço dessa immigração sagrada, a roça do dinheiro de S. Pedro, o divino tributo para o esplendor, para o fausto, para a opulencia do Vaticano, a doirada prisão do Papa, desse suavissimo pae que acaba de dar ao filho dilectissimo, ao Brazil de Anchieta, do padre Antonio Vieira, a mais robusta, a mais sincera, a mais eloquente demonstração de affecto, roendo as cordas da rêde armada pela Republica Argentina para pescar essa insigne honraria.

Não ha duvida que si, desta vez, não engrossarmos a nossa importancia de povo sul-americano, si não attingirmos á anhelada hegemonia, ao culminante papel de povo director, de porta-bandeira da civilização nesta parte do novo mundo, é porque estamos profundamente, incuravelmente emmacacados, feridos de recalcitrante incapacidade.

Em todo o caso, não desesperemos: confiemos no prestigio dessa distincção inestimavel e ergamos mãos supplices a Sua Eminencia, para que nos abençõe e tire o quebranto desta encaiporada Republica. . .

\* \* \*

Ha dias, ouvi á hora de terminarem as aulas de uma escola, um exame de meninas calumniando, num berreiro monstruoso, o hymno de Medeiros e Albuquerque e a bella musica de Leopoldo Miguez. Ellas gritavam inconscientes, esganiçadas: *Liberdade! Liberdade! abre as azas sobre nós*. E si não vissemos, formadas em exotico alinhamento militar, aquellas innocentes creaturas bamboleando ao rythmo do hymno, si não vissemos aquellas cabeças loiras de cujos labios purissimos, rosados, entreabertos, á maneira de romãs rachadas, num escancaramento de flôr exuberante, saíam torturadas as melodias do hymno da Republica e aquellas palavras que resoavam no tom afflicto de uma suppli-

ca anciosa, diriamos que rebentava alli o clamor das victimas dos autocratas que asphyxiam o direito do povo nos Estados.

Aquelles desgraçados, o infeliz e paciente povo brasileiro distanciado dos olhos complacentes do sr. Rodrigues Alves, entôam, a valer uma agonia desesperada, o hymno de Medeiros e Albuquerque e de Leopoldo Miguez, aquella apostrophe suprema perdida como um echo importuno na amplidão da indifferença.

— *Liberdade! Liberdade! abre as azas sobre nós*. — clamam e berram os párias; mas a liberdade não os ouve, não os attende, porque tem um grão na aza; está como um ornamento zoologico nos formosos jardins do Catete.

Reze, reze Sua Eminencia o novo cardeal brasileiro por esses degradados da Republica.

POJUCAN.

#### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A *Segunda Parte* do livro expõe a theoria *parasitaria*.

O parasitismo, no reino vegetal e no reino animal, é phenomeno tão vulgar e universalmente repetido que não escapou aos mais remotos observadores dos antigos tempos.

Aristoteles é a prova.

Nas sociedades humanas, certas relações de dependencia e subordinação voluntaria receberam aquelle qualificativo, egualmente, desde os antigos escriptores. Falando dos *bardos* celtas, já Poseidonios lhes chamava os *companheiros de mesa e parasitas dos reis*. Não é tudo. Em certo sentido, toda a enorme categoria da existencia não passa duma immensa cadeia de parasitismos.

Parasitas são todos de tudo e tudo de todos; parasitas são os vegetaes uns dos outros, são os animaes entre si e em relação aos vegetaes de que se nutrem; parasitas são as classes sociaes umas das demais; é o Estado em face da sociedade; é o commercio em relação á lavoura e ás industrias fabris e manufactureiras; é o capitalista deante do operario que o enriquece, e o operario para com o capital que o nutre. Parasitas são os astros, pôde-se dizer, em relação ao espaço, a Lua em relação á Terra, a Terra em relação ao Sol, o Sol em relação a algum grande centro cosmico desconhecido; parasitas são todos esses do tempo que os faz mover e os destróe.

Com todo seu orgulho, não passa a humanidade, na phrase de A. d'Assier, dum monstruoso polypo, *simples parasitas da epiderme da terra*. «A sorte de nossa especie está tão intimamente ligada, escreve o arguto philosopho, á do Globo sobre o qual gravita, que qualquer movimento do eixo da trajectoria terrestre implica um movimento analogo no eixo da trajectoria humana. Parasitas da epiderme planetaria, cada uma de nossas pulsações repercute as pancadas que agitam o monstro tellurico.» (*Essai de Philosophie Naturelle*, III, pag. 291).

Mas, assim concebida, é claro, a qualidade de *parasita* é um *predicado* que, por demasiado extenso, não define o *sujeito*. É pallido, incolor, indeterminado, incaracteristico, indefinido, e, como tal, não pôde exercer a função logica de distinguir e classificar.

Nessa acepção generica, é apenas uma *metaphora*, que amplia e, implicitamente, falsêa, o significado rigoroso que tem o qualificativo em historia natural.

É nessa acepção metaphorica que, em rigor, se pôde falar de *parasitas e parasitismo* na vida social da humanidade.

Mas com tamanha latitude, é evidente, esse pretenso qualificativo não pôde servir de base para a explicação da vida politica, economica, scientifica, historica, em summa, de povos quaesquer.

Si foi com essa tenção que empregou o termo, desvirtuando-o, o nosso auctor, seu livro pécca pela base e não merece o minimo credito.

É tenho o dever de acrescentar que, mesmo no sentido tecnico, peculiar, restricto, que tem a palavra em botanica e zoologia, o sr. Manoel Bomfim não podia, sem dislate, applical-a, como fez á evolução politica da Hespauha e Portugal e de sua actividade colonisadora nos tempos modernos.

*Parasita*, ou, melhor, *parasito*, é expressão peculiar á vida vegetal, e quer dizer, etimologicamente, *que vegeta sobre (outra planta)*.

Da botanica passou, por extensão, ao reino animal, no sentido de *que vive sobre ou dentro (de outro animal)*.

Como sêr biologico, o homem é, como qualquer outro, a séde de varios *parasitos*, mas não é parasito de nenhum.

Na sociedade, nas relações que ella crêa e determina; e, pois, como sêr sociologico, o homem não se pôde transformar e vir a ser aquillo que na simples esphera animal elle não é nem pôde ser: *individuo que vive ou vegeta em cima ou dentro de outro*.

O termo assume, nas relações sociaes, character metaphorico, e *parasito* passa a ser synonymo de *papa-jantares*.

Ora, em tal acepção, pequenina e

pullia, é uma verdadeira aberração assentar em base tão fragil e mesquinha a philosophia da civilização peninsular e do valor das nações que ella veio a produzir na America.

Nesta ultima acepção translata de *papa-jantares*, dado que o sr. Bomfim o empregue no sentido, ainda mais translato, de *systema de viver á custa da riqueza, da fortuna ou do trabalho alheio*, o parasitismo não é coisa que, sem grave erro, se possa invocar como principio explicador das luctas, das conquistas, das glorias, das grandezas e das lacunas do genio das populações hispanicas.

Dest'arte, e fazendo ao perplexo escriptor todas as concessões possiveis, sou forçado, e digo-o com magua, a declarar que só no tocante á base biologico-social do seu confuso e immethodico livro, errou:

1º Em exaggerar o phenomeno trivial do parasitismo, no que é admissivel em assumptos sociaes, nas Hespanhas;

2º Em estendel-o a todas as classes, de alto a baixo em ambas as nações peninsulares;

3º em fazer delle o principio basico e dirigente de toda a historia politica e social daquelles povos;

4º Em tomar um méro e réles *symptoma* por causa efficiente da acção nacional;

5º Na explicação fallia que dá desse mesmo *symptoma*, cuja existencia não sabe demonstrar fóra de declarações inuteis;

6º Em dal-o como explicação unica das vicissitudes da historia e da vida da America latina;

7º Em não comprehender a historia da grandeza e do declinio de Hespanha e Portugal;

8º Em falsear a historia das colonias, preponderantemente a do Brazil, sobre o qual cáe em ineptas contradicções.

9º Em dar o tal parasitismo como um phenomeno, por assim dizer, peculiar aos ibericos, ao seu modo singular de crear e dirigir as colonias;

10º Em, finalmente, não distinguir os casos em que o parasitismo, quando real, foi mais das *colonias* do que das *metropoles*.

São proposições que a leitores de alguma cultura resaltam, provadas, dentre os disparates do livro.

E' preciso não saber nada de assumptos sociaes, politicos, economicos e de historia da colonisação antiga e moderna, para se deixar prender naquelle cipoal de desacertos e heresias.

Abra-se o livro nos tres capitulos da *Terceira Parte*: — *As nações colonisadoras da America do Sul*, — onde se acha exposta a patusca doutrina do parasitismo dos dois povos ibericos.

Antes de tudo, releva pezar e ver como são frageis e leves as fontes onde Manoel Bomfim foi beber sua

sciencia historica das gentes peninsulares.

Fala de portuguezes e hespanhóes e de seus mais longinquos antepassados, não com os subsidios de um Jubainville, um Dozy, um Mommensen, um Bukle, um Pompeyo Gerner, um Hubner, um Pérez Pujol, um Martins Sarmiento. sinão com as declamações, erros e despropositos de Oliveira Martins nos seus dois pamphetos historicos-politicos intitulados *Historia da Civilisação Iberica e Historia de Portugal*; livros perniciosissimos, causadores de males incalculaveis entre dilettantes.

Os estudos historicos de O. Martins, pondéra, com razão, José Caldas, não têm novidade de documentos nem originalidade da investigação, a despeito de certa originalidade, quasi sempre disparatada, cumpre accrescentar, de critica.

« A intuição historica de Oliveira Martins, adeanta o mesmo erndito José Caldas na sua admiravel—*Historia de um Fôgo-Morto*, é tal que, a lance opportuno, depois de comparar Palmella a Alvaro Paes, e o Condestavel a Saldanha (!), chama a d. Pedro IV, d. João I!. Não é possivel em tão breves palavras um acervo dos mais irreverentes e dos mais irracionaes desconcertos. » (*Historia de um Fôgo-Morto—Vianna do Castello*; pag. 443).

Já nem é preciso, por demasiado fortes, repetir as palavras em que o mesmo pesquisador moderno portuguez se refere ás *interinidades* do sentimento democratico de O. Martins, que, escrevendo como historiador do povo, *acabou como o mais vil e o mais pernicioso adulator dos reis*. Expressões são estas ultimas que, por grosseiras, vão além do alvo. Mas tudo isto, na bocca do escriptor do saber e da fibra de José Caldas, está indicando que já agóra não existem sinão ignorantes e desvalidos pobretões espirituaes para tomar a serio as paçadas de Oliveira Martins.

Estava reservado ao sr. Manoel Bomfim vir, em começos do seculo XX, regalar os seus leitores com paginas e paginas dos citados pamphletos martinescos sobre Hespanha e Portugal, não se dignando tambem de mostrar que sua sciencia de nossa terra é, outrosim, haurida no miserolivrinho *O Brasil e as Colonias Portuguezas* do mesmo desageitado escriptor.

E para que se note a sêde com que o sr. Bomfim se atirou a *parasitar* sobre o pobre Oliveira Martins, basta que se repare nesta terrivel proporção:—Em 2.276 linhas que se contam nos tres capitulos da referida parte terceira—1.144, salvo erro ou omissão, são tiradas de Oliveira Martins. Mais de metade!

Convém não esquecer que tambem alli se acham transcriptos trechos e trechos de Rocha Pombo, fonte unica de Manoel Bomfim no que se refere ás republicas hespanholas da America.

Quasi nada fica pertencendo, de lava propria, ao moço professor.

J. Massart e E. Vandervelde forneceram-lhe as miragens do *parasitismo social*, com applicações especiaes ás colonias do novo continente.

Oliveira Martins enchen-lhe os bolços de notas falsas ácerca da Hespanha, Portugal e Brazil, mui aptas para serem grudadas pelo parasitismo de Massart e Vandervelde.

Rocha Pombo esvoaçou-lhe sobre a America nuns reaccionarismos anti-europeus de quinta ou sexta ordem pelo atraso das investidas e a pulhice dos conceitos. Com tão fallhos e suspeitos elementos é que foi architectada a *America Latina*. Avaliem.

Tal a razão pela qual, tiradas as declamações, o livro se redúz a cinza e nada.

Entre as interminaveis citações, cumpre notar, antes que me esqueça, figura uma, que, só por si, dá a medida dos estudos de Manoel Bomfim e da seriedade com que coseu os fragmentos do seu livro.

Refiro-me ao trecho que transcreve da pagina 104 á 108, com estas emphaticas palavras: « A Inquisição e a Companhia de Jesus incumbiram-se de matar todas as velleidades de progresso; a historia dessas duas instituições é a historia da degeneração iberica, que se vê perfeitamente retratada neste quadro, devido a *um dos mais vigorosos e conscienciosos escriptores peninsulares actuaes*—o sr. Theophilo Braga. . »

Segue-se o famoso quadro que abre com estas palavras:—*A uma geração de philosophos, de sabios e de artistas creadores, succede a tribu vulgar dos eruditos sem critica, dos academicos, dos imitadores*.

E' um trecho forte, bem feito, vibrante na côr e no estylo.

Logo após as primeiras palavras, conheci que não era, não podia ser de Theophilo Braga, e escrevi á margem:—« Não é do trapalhão mosarabe; só si é filado! »—

Com pouco esforço, lembrei-me do verdadeiro auctor: Anthero de Quental, no opusculo—*Causas da decadencia dos povos peninsulares*.

E, o que mais admira na cegueira do sr. dr. Manoel Bomfim, o trecho vem citado, com indicação certa de quem o escreveu, por Oliveira Martins, tão cruelmente parasitado pelo moço brasileiro, na *Historia da Civilisação Iberica*, pag. 262 a 264, da 2ª edição; 280 a 282, da 4ª.

Si até em coisas tão simples, si até nos nomes dos auctores que cita, o nosso joven Manoel faz trocas tão bur-

lecas e mete, tão sem cerimonia, os pés pelas mãos, avalie-se em casos mais graves.

Mas vejamos o conteúdo dos tres capitulos da *Terceira Parte*.

São os mais consideraveis de todo o livro e se intitulam: *Aeducação guerreira e depredadora; Parasitismo heroico — o pensamento iberico; Transformação sedentaria — decadencia degenerativa*. Ha allí curiosidades de espantar. . .

\* \* \*

A *Segunda Parte* da *America Latina*, sob a deuominação de *Parasitismo e Degeneração*, não reclama analyse prolongada. Não passa de um acervo de logares communs de biologia sobre o phenomeno natural do parasitismo. São trivialidades.

O que nestes artigos já ficou dito dispensa peculiar pesquisa por esse lado.

Urge abordar, como já disse, a *Terceira Parte* do livro, onde as noções biologicas ácerca do phenomeno citado são applicadas ás *nações colonisadoras da America do Sul*.

Preparem-se para ouvir ousadas extrayagancias.

«A Hespanha apparece na historia, escreve Bomfim, com as invasões *carthaginezas* da peninsula, pelo IV seculo antes da era actual.

Por ventura (Este *por ventura* merece uma *opera-bufa*...) houvera já outras invasões de *phenicios* ou de *berberes* em tempos prehistoricos...

*Parece* certo, tambem, que varias migrações de *celtas* correram para fórmr estes povos que lá se encontravam — os chamados *celtiberos*, na epocha em que principia a historia da peninsula».

E' uma pena, um cacho de dispanterios esse trecho transcripto, ditia eu, si não quizesse ser moderado.

Eis em que vem a dar a leitura de O. Martins como guia e mestre em coisas de historia...

O sr. Bomfim achia problematica a estada dos *phenicios* na peninsula, coisa materialmente provada pelos monumentos e por documentos do valor do *periplo de Mannon*, glossado na *Ora Maritima* de Avienus. O mesmo lhe acontece no que tóca aos *celtas*, cuja permanencia e definitivo estabelecimento na Hespanha são attestados por toda a litteratura classica de gregos e romanos.

Não fala nos *iberos*, não diz palavra dos *ligures*; refere-se desintelligentemente aos *berberes*...

Vê-se por tudo que o professor brasileiro não quiz estudar nada da ethnographia da peninsula; nem procurou saber-lhe os rudimentos.

Não procurou informar-se dos trabalhos, hoje correntes nas mãos dos que estudam, já não digo de Müden-

koff e Hübner: mas de Jubainville, de Lefèvre, de Berthand, de Martins Sarmiento, de Leite de Vasconcellos.

Si tivesse lido attentamente, ao menos, *Les premiers habitants de l'Europe*, de Jubainville, teria visto, sem a menor sombra de duvida, a seriação dos invasores e habitadores na peninsula, após o homem quaternario e o das cavernas.

Não viria ainda agóra escrever aquelle comico *por ventura* e embulliar *phenicios* com *berberes*. A ordem é esta, sr. Bomfim, após os homens das cavernas: *iberos, phenicios, ligures e gregos, celtas, carthaginezes, romanos, suevos e godos, arabes*. De *silingos, alanos e vandalos* pouco haveria a dizer, dos primeiros, porque fôram destruidos antes de crearem raizes serias em a nova patria; dos ultimos, porque quasi se limitaram, após curta demora, a atravessar a peninsula de passagem para a Africa.

Póde-se, talvez, fazer nesta lista apenas uma modificação, a conselho de Francisco Martins Sarmiento, o grande ethnologo e historiador portuguez, isto é, collocar os *ligures* antes dos *phenicios*; porque a argumentação do sabio auctor d'*Os Argonautas* me parece victoriosa, neste ponto, contra Jubainville.

Mas é só; tudo mais é inatacavel: aquelles povos, e naquella ordem, seन्हorearam as Hespanhas, em maior ou menor extensão, sem a menor sombra de duvida.

O *por ventura*, o *parece* de Manoel Bomfim, sobre trez povos que apresenta em vez de cinco antes dos carthaginezes, não tem o mais leve fundamento critico ou historico.

Após a tropega *ouvertura* ethnographica, segue-se um apanhado lucuosissimo e pessimamente feito das luctas peninsulares entre carthaginezes, romanos, godos e arabes, no qual o auctor procura, no intuito de destacar o *genio turbulento* dos povos hispanicos, fazer sobresaír a *guerra, a lucta, a desordem* constante, a *rebellião* endemica.

E' uma colossal e eterna fogueira, onde ardem perpetuamente as gentes peninsulares, sendo verdadeiramente miraculoso como do meio de tal incendio saíram tantas riquezas, tantas obras d'arte, tantos poetas, pintores, dramatisas, oradores, jurisconsultos, eruditos de toda a ordem e, o que mais espanta, mulheres tão bellas e tão encantadoras.

Quer me parecer que a esse eterno e perpetuo batalhar nas Hespanhas ha alguns embargos a oppôr.

E' ao periodo godo e aos tempos arabes, *por doze dilatados seculos*, que o sr. Bomfim attribúe princijalmente a guerra incessante, sempre estribado

em Oliveira Martins, que o faz errar ainda mais do que de costume.

Estude o nosso imitador das levandades de O. Martins, por exemplo, o bello livro de d. Eduardo Pérez Pujol — *Historia de las Instituciones Sociales de la España Goda*, e veja como foi pacifico e brilhante allí o periodo *phenicio*, desdobrado mais tarde no *carthaginez*, prolongamento natural da mãe patria, cujos dominios herdaram e desenvolveram.

Foi allí, onde o commercio, a cultura do sólo, a mineração dos metaes, tinham accumulado riquezas extraordinarias, que os Barcas acharam gente e dinheiro para, por trez vezes, fazerem a guerra a Roma, invadindo, numa dellas, a Italia, cuja ruina politica esteve a dois dedos de completa realisação.

Pelo que se refere á conquista romana, de que é costume dizer haver custado *dois seculos de tremendas luctas*... não passa isto de uma phrase de effeito na bocca de oradores. O facto certo é que as regiões do nordeste, de leste e do sul da peninsula submeteram-se quasi sem resistencia. No centro e oeste, a lucta se prolongou por bastante tempo, mas não chegou a dois seculos, facto acontecido apenas com as barbaras gentes do noroeste, os montanhezes das regiões cantabricas. Mas, mesmo allí, as luctas, de certo tempo em diante, eram correrias, que — *han de considerarse como depredaciones privadas, semejantes á las que aún en el siglo pasado hacian los higlands en las tierras bajas de Escocia*.

Perto de cinco seculos de quasi inalterada paz, fizeram da Hespanha, máu grado a fereza do despotismo romano, a mais rica e prospera das provincias do Imperio.

Mais valorosa e cheia de recursos que a da Gallia, ou a d' Africa, ou a d' Asia, ou a da Grecia, foi essa Hispania, patria de litteratos, oradores, poetas, politicos e geraes, os mais famosos dos melhores tempos romanos.

O quadro da Hespanha romana é grandioso e não é o logar aqui de o esboçar. Basta-me repetir, com o insigne historiador das *Instituições Godas*:

«La larga paz que disfrutó España bajo la dominacion de Roma, facilitó singularmente la difusion del idioma, costumbres, leges e cultura de los vencedores». (*Historia de las Instituciones de la España Goda*, I, pag. 133).

Só por ahí vão apreciando o pavoroso incendio em que andou a arder a peninsula no periodo carthaginez e nos bellos dias de Roma.

Mas o sr. Bomfim se reportou peculiarmente aos tempos godos e arabes. Vamos ver si tem razão.

«Quando os barbaros do norte, es-

creveu elle, se *derramaram* sobre o imperio romano, a Hespanha é (*ou foi?*) invadida pelos visigodos, vândalos, alanos... Verdadeiramente, não é a Hespanha a vencida por estas hordas: é Roma.

A península era, naquelle momento, essencialmente latina (*E' falso*)...

Substituíem-se os visigodos aos romanos; a guerra não se alonga muito; os barbaros passam assolando, saqueando, devastando (*E' falso*)... Mais fortes, os visigodos estabelecem-se definitivamente, fundam um imperio. Um seculo, (*Está errado*) durou o imperio visigodo, pujante e forte; isto não significa, porém, que houvesse sido um seculo de paz (*Está errado*)... A península não mais a conheceu, depois que os bandos barbaros desceram os Pyreneus; começou neste momento uma successão de luctas, de saques e rapinas (*E' falso*)... Os romanos não resistiram; mas os proprios barbaros disputavam cruelmente a preza entre elles (*Queria dizer entre si*)... Em 415, luctam os visigodos contra os vândalos (*Errado*) que são finalmente expulsos para a Africa.

Segue-se a lucta contra os alanos e suevos (*Errado*), que só termina em 584, pelo *anniquilamento* (*Falso*) definitivo destes ultimos, fixados na Galliza, e que, nessa data, perderam de todo a independencia.

Numa ultima campanha, (?) os visigodos, segundo um historiador, passaram a ferro e fogo, a Hespanha... Era dos costumes da epocha. Então começou o declínio do imperio visigodo.

...Quando começam a desaparecer os vestigios das depredações da conquista e da invasão, *menos de um seculo* (*Falso*) depois do estabelecimento definitivo das instituições visigothicas, surge em face da Hespanha o arabe, que vinha victorioso e avassalára todo o norte da Africa. Em 711, cæe sobre a península, vence facilmente o imperio visigodo, já enfraquecido, e substitúe-se ao barbaro christianizado. E a lucta se reaccende. Note-se: não é a guerra, é a lucta. Guerra, não ha quando o barbaro invade a península, que é tomada facilmente; guerra, não ha quando o arabe se apresenta: elle domina de prompto; mas a lucta se reaccende. Em verdade, o godo nunca dominou em absoluto toda a península...

Disputa dos invasores uns com os outros, resistencia, reluctancia de certas populações em acceitar o dominio dos novos conquistadores, mantêm a península agitada até ao começo do seculo VIII. E' o periodo da *agitação* e tambem o de *assimilação* e *unificação* (*Que milagre!... no meio de tanta desordem, de tanta lucta?!...*) dos povos peninsulares... Estabelecido o arabe na Hespanha, recommçam as luctas e

revoltas, — agóra com um novo dominador.

Aniquilado o imperio visigodo, vão esconder-se nas montanhas das Asturias uns restos de insubmissos, irreductíveis; são os bandos de Pelayo, que vieram crescendo e engrossando, depois, avançando e reconquistando a patria, até expulsar completamente o arabe-mouro, oito seculos mais tarde... O arabe, o musulmano — typo perfeito de civilização expansiva, guerreira, depredadora, vinha flammante da sua nova fé...

Tendo vencido o mouro, convertendo-o ao mahometismo, arrasta-o consigo á Iberia... Durou pouco o poder, incontrastavel, de brilho e prosperidade do novo dominador.

As suas dissensões, — entre arabes e mouros, — os enfraquecem e permitem aos insubmissos asturianos avançar para a reconquista. São, estes, bandos de guerrilheiros, tão desorganizados a principio, tão instaveis, que mais parecem *salteadores*. No entanto, a resistencia avoluma-se, os revéis organisam-se, já não são bandos, são exercitos; estabeleceram *côrte* em Oviedo, e, em 739, vinte e sete annos, apenas, depois da conquista arabe, já apparece ao norte da península um Estado christão-hespanhol, saído desse nucleo de guerrilheiros asturianos...

Ficam assim, lado a lado, invadindo-se mutuamente, luctando sempre, christãos e sarracenos, até que, em 1492, cæe em poder daquelles o ultimo reducto mouro-arabe-granada. A Hespanha, que já vinha agitada, perturbada, convulsa (*Está exaggerado...*) ainda da invasão barbara, vivem, depois, estes *oito seculos* de lucta continua, tenaz, implacavel (*Está exaggerado...*), lucta de populações dominadas, e que vão, a pouco e pouco, reconquistando o sólo e levando deante de si o invasor... São infinitas as peripecias dessa campanha de oito seculos... Formam-se logo varias nações hespanholas, VIGOROSAS DESDE A PRIMEIRA HORA (*Milagre! no meio de tanta desordem?!*), e que se expandem crescendo sobre o *infel*, o inimigo commum...

Muitas vezes, os Estados christãos luctam entre si... O sarracenos tambem se hostilizam — mouros e arabes... Nos fins do seculo XV a Hespanha está constituida nação moderna, livre, organizada, victoriosa, (*Que milagre! no meio da fogueira?!*) e á custa dos seus proprios esforços. Esse trabalho intimo de organização fôra prodigioso, unico talvez, (?) do que se conhece na historia dos povos. Daquellas alluviões successivas de gentes — phenicios (*Faltam os iberos e os ligures*), celtas, carthaginezes, romanos, godos, suevos, alanos (*Faltam os silingos e vândalos*), mouros, arabes... ella fizera uma nacionalidade unica, *perfeitamente*

*caracterisada, homogenea e forte* (*Que milagre!*). Foi um cadiuho de povos e raças, tradições e costumes; depurou, eliminou os elementos irreductíveis, irritantes; fundiu, congregou numa massa unica, o resto.

O cadiuho *ferveu 12 seculos, 1.200 annos de lucta, guerra continua!* (*Que horror! e que cegueira!*). Não dessas guerras, em que só os exercitos tomam parte; das quaes a população soffre mas não soffre directamente.

Aqui, é a revolta *constante*, o *conflicto perpetuo* (*Que extravagancia!*) de populações inimigas, vivendo sobre o mesmo territorio, transbordando umas sobre as outras.» (*America Latina*, pag. 43 a 49).

Após esta e outras passagens assustadoras, chega o auctor á seguinte conclusão: «Qual o effeito destes *onze seculos* (*Agóra já não são doze!*) de guerra constante e generalisada sobre o caracter das nacionalidades ibericas?

De que fórma esse passado vem influir sobre o futuro? Duas fôram as consequencias deste passado de luctas permanentes sobre os povos ibericos, consequencias que se combinaram maravilhosamente para os impellir ás aventuras que constituem a sua vida posterior: a *educação guerreira*, exclusivamente guerreira, a cultura intensiva dos instinctos bellicosos de centenas de gerações successivas e o *regimen* a que elles se afizeram durante esses longos seculos de viver de saques e razzias; o desenvolvimento sempre crescente das *tendencias depredadoras* e a *impossibilidade* quasi de se habitua-rem ao *trabalho pacifico*.» (pag. 51).

Apreciemos as premissas e as consequencias.

Sylvio Roméro.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda do Mocoetá ao Passo da Patria—  
Impertinencias do exercito de Lopez—  
Ainda a inacção da nossa esquadra.*

Foi curta a nossa marcha da Lagôa Brava, — o acampamento dos rigores estivaes, o Tala-corá, onde respirámos menos afogados, talvez pela situação topographica mais despejada. Só quem experimentou o calor infernal daquella região nos mezes de verão, pôde bem avaliar o que soffremos nos dias caniculares de dezembro e janeiro. O vento norte soprava abraçado como si saísse de fornalhas, empolgava os nervos, relaxava os musculos e entontecia, como si possuísse virtudes de alcool, despertando em uns, como em Francia, os instinctos ferozes do tigre, e atormentando outros num torpor indescritivel de lassidão physica e moral. Não é raro subir o thermometro de Celsius, á sombra, a

mais de 41 gráus, nessas paragens. Em Santo Tomé, no estio de 1902, chegou a 42, estando o aparelho cuidadosamente resguardado do sol. Exposto aos seus raios um thermometro de maxima, cuja graduação chegava sómente a 53, o indice de ferro subiu rapidamente e penetrou no reservatorio. E dizem, por lá, que o Brazil é quente como o Senegal! No Amazonas, debaixo do equador, nunca o sol de janeiro foi obstaculo ás nossas explorações pela fronteira septentrional, quer nos campos incendiados, quer na mattas espessas em que a custo penetram, dispersos, os seus raios ou nos rios largos onde cáem em cheio, aquecendo a agua, que se levanta em tenues vapores.

O Tala-corá foi o nosso penultimo acampamento em terras correntinas. Alli permanecemos desde o meiado de fevereiro aos fins de março. O exercito alliado estendia-se até ás immediações de Itati, então miseravel *pueblo*, saqueado e incendiado pelos paraguayos naquella epocha e, ainda hoje, insignificante e pobre. Occupavamos a esquerda da linha, os argentinos o centro e os orientaes a direita. Da extrema esquerda aos ultimos acampamentos da alliança, a distancia era de perto de dez legoas geographicas. Connosco estava o Osorio. Com os argentinos, Mitre. Flôres commandava os seus compatriotas e uma brigada de brasileiros na direita.

As margens do Alto Paraná, nas proximidades da confluencia do Paraguay e muito além, são geralmente de altos barrancos, onde os campos e mattos rarefeitos se alternam. A pouca distancia para o interior, tanto do lado paraguay como do argentino, bréjos extensos, povoados de macegaes, lagôas juncosas, paúes maláricos e arroios atoladiços cobrem a vasta superficie, como grandes obstaculos que a natureza oppõe á marcha das invasões. Os campos são matisados tambem de capões, verdadeiras ilhas de matto como indica a sua origem *nheengatú*. A matta, ás vezes espessa, estende-se ao longo das margens dos rios e das lagôas.

O general em chefe tinha a sua tenda armada perto de São Cosme, em Ensenada ao sul da *Cañada Ipuçú*, que, conforme a ultima carta cadastral da provincia de Corrientes, se dilata para as bandas do oeste até alguns kilometros do Tala-corá e para léste além de Itati. Esse pobre povoado orgulha-se com a sua *Virgem*, mais milagrosa do que a de Itaquá no Paraguay e quasi tanto como a de Lujan, perto de Buenos-Aires. Todo o povo que o visinha e até os que vivem longe, nos confins de Corrientes e Missões, vão levar em romaria ao pequeno templo as suas offerendas á piedosa Imagem, que lhes cura os *empachos*,

manda a chuva benefica, reverdece os campos crestados pelas seccas prolongadas, allivia as dôres da alma, dá guapos maridos ás moças bonitas cheias de fé e conforta os crentes nos dias da desventura. O thezouro da adorada *Virgem* era rico de alfaias de ouro, prata e pedras preciosas, além das arrobas de cêra modelada em pernas, braços, cabeças e peitos cobertos de chagas pintadas de vermelhão. A cêra ficou, mas as joias e a moéda sumiram-se, não ha muito tempo, com o cura que, no dizer da gente, fez peior que aquelle sacristão que jogava todos os dias com Santo Antonio as esmolos que achava no mealheiro.

A cavallaria do bravo general Hornos vigiava, na margem do rio, os movimentos do inimigo, que tinha asentado os seus arraiaes no Passo da Patria com um exercito de trinta mil homens, resistentes ás fadigas e bravos por atavismo e capazes de todas as loucuras que *el Supremo* lhes ordenasse, tal era o seu fanatismo por esse homem, que assumiu no espirito dos compatriotas habituados ao jugo feróz e despotico dos seus antecessores, collossaes proporções, quasi sobrenaturaes. Pouco maior era o exercito alliado, que não ia além de quarenta mil combatentes, cuja grande maioria era de brasileiros.

Parecia que Lopez queria experimentar os seus guerreiros e acostumar-os ao aspecto dos soldados da alliança antes que fôsse invadido o territorio paraguay. Parece difficil explicar de outro modo as incursões que mandou fazer com curtos intervallos no territorio de Corrientes, incommodando as forças argentinas, tiroteando com as suas avançadas, matando alguns, deixando outros fóra de combate, voltando com falta de meia duzia de mortos e conduzindo os seus feridos nas pequenas flotilhas de canôas, que regressavam vogando tranquillamente atopetadas e com as bordas n'agua. As noticias dessas escaramuças chegavam muito exaggeradas ao nosso acampamento. Nós as recebiamos e commentavamos com o espirito revoltado, perguntando o que faziam os navios da esquadra, que permittiam ás flotilhas de quinze e vinte canôas tripoladas por duzentos e trezentos homens atravessassem a remo o largo Paraná, um dos maiores rios do mundo, para atacarem as guardas avançadas do grande exercito alliado? Perguntavamos tambem porque o nosso general em chefe não ordenára que a divisão do general Hornos, que vigiava a margem do rio, castigasse essas audacias? Si ella não era sufficiente, que mandasse mais gente. Era um escandalo, diziam os mais exaltados. Os moderados pretendiam justificar o nosso amigo general Mitre, na presumpção de ser pro-

positada a falta de providencias com o fim de attraír ao interior as atrevidas guerrilhas e aprisional-as, afim de colher o illustre cabo de guerra informações circunstanciadas do theatro de operações, cujo pauuo de bocca ainda em baixo nos occultava bastidores cheios de mysterios.

— Propositado ou não, é um escandalo, que fará exaltar as qualidades guerreiras dos nossos adversarios, dando-lhes uma idéa desvantajosa do nosso valor e capacidade — observava um. E' preciso castigar esses temerarios.

— Nada mais facil — dizia um dos estrategistas — basta querer aproveitar o terreno, que se presta admiravelmente a operações desta natureza, constituido, como é, de campos *sujos*, semeiados de capões e bordados de matto, que indicam a qualquer recruta a manobra a effectuar.

— Queira o Mitre, e nenhum desses soldados paraguayos que nos vêem provocar, voltará para contar a emboscada em que caíu com todos os seus camaradas e o circulo em que ficaram encurralados.

Uma vez, desembarcou uma dessas pequenas e arrojadas expedições abaixo do acampamento das forças do general Flôres e voltou sem tentar a offensiva. As outras tinham por objectivo sempre a vanguarda argentina; cujo commandante era um valente soldado da velha escola, a cuja bravura não correspondia, nem a sciencia, nem a fortuna. O bravo official, afamado lanceiro, era daquelles que ficam melhor no posto de coronel, commandante de regimento. Todos os exercitos teem desses bravos, proprios para occuparem os salientes nas cargas onde o terror e a morte os acompanhavam faiscando as laminas das suas lanças. Contam as chronicas militares do seu paiz, que numa expedição que commandou contra os indios pampeanos, o cacique Calfucurá esperou-o a pé firme com a sua cavallaria em linha de batalha e assim recebeu a sua carga furiosa. Quando já se aproximavam, os bravos esquadrões argentinos estacaram. Os cavallos haviam se enterrado num tremedal. O general foi batido pelo chefe selvagem e escapou a patas do parrelheiro.

No fim do mez de janeiro, no dia 31, deu-se o memoravel combate de Corrales. Trezentos paraguayos commandados por um subalterno e conduzindo uma ou duas estativas de foguetes á Congrève, desembarcaram, na vespera, na margem correntina. Passaram o dia em guerrilhas com as forças da vanguarda argentina, que durante a noite vigiaram o seu bivac, proximo ao barranco do rio. O general Mitre, informado de mais este atrevimento, ordenou que uma divisão de infantaria argentina, sob as ordens do



bravo coronel Conesa, forte de mil quinientos e tantos homens, com dois canhões e mais oitocentos cavalleiros, marchasse incontinenti para dar uma lição mestra aos temerarios expedicionarios e, de uma vez para sempre, acabar com essas intoleraveis incursões. Os batalhões de Conesa, emboscados atraz dos capões, esperavam anciosos o inimigo e ardiam por gravarem com as pontas das suas bayonetas e espadas afiadas, mais uma data gloriosa nas paginas brilhantes da sua historia.

Pietro, o tenente inimigo, estenden, em atiradores, parte da sua gente e atacou bravamente. Conforme lemos no pequeno jornal illustrado paraguayo *Cabichuy*, os denodados guerreiros que avançaram eram menos numerosos do que os trezentos spartanos de Leonidas, que ficaram todos nas Thermopylas e fôram mais felizes do que elles, porque voltaram na maior parte.

O sol já em pino, travou-se a peleja encarniçada entre aquelles valentes, cujas condições eram, na verdade, muito desegnaes, não só pelo numero dos combatentes, como, principalmente, pela distancia em que se achavam dos seus respectivos exercitos. Mais tarde, chegou a Prieto um pequeno reforço de cerca de duzentos homens. O inimigo aproveitava-se habilmente dos accidentes do terreno e combatia sem treguas.

A sua resistencia foi digna de louvor porque os seus bravos adversarios mostravam-se cada vez mais ardentes nas refrégas, mantendo brilhantemente as suas gloriosas tradições. Ao cair da tarde, o subalterno paraguayo hostilizava ainda, com fuzilada mortifera, os nossos alliados, que estavam já fatigados das brilhantes cargas que deram e com as munições exgotadas por um fogo demasiado violento.

Onviu-se o toque de retirada mandado dar pelo coronel Conesa, as musicas tocaram um hymno marcial, e os batalhões argentinos garbosos e consciuos do papel que haviam desempenhado com tanta gallardia, deixaram o campo de batalha respeitadas pelo inimigo, que cessou então o fogo e não ouzou mais sair da matta, onde ainda combatia nos ultimos momentos.

O combate de Corrales foi festejado pelo exercito de Lopez como um grandioso feito e os argentinos celebram-no como uma victoria onde o seu exercito mais uma vez se cobriu de immorredoiira gloria.

No dia seguinte, os paraguayos vogavam nas suas canoas, onde faltaram alguns tripolantes, para a margem opposta, e lá contaram a historia desse feito, que ainda mais exaltou a imaginação ardente do Dictador,—que mandou fa-

zer pelo celebre Cabichuy a sua descripção humoristica em guarany para que todos a lessem. O numero onde a lemos encontrou-se na bolsa de um official morto em Tuyuty.

Éo inimigo voltou sem ser incommodado, nem pelos navios da esquadra, que estavam fundeados vinte milhas abaixo, nem pela cavallaria argentina da divisão Hornos, que facilmente teria cortado a retirada da pequena força do tenente, que regressou com pequenas perdas, tendo aliás aberto nas fileiras valorosas da divisão Couesa mais de quatrocentos claros.

Antes de deixarmos o acampamento de Tala-cora, onde permanecemos mais de um mez, fomos distinguidos com a visita do nosso enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na Argentina o conselheiro Octaviano, em cuja honra o exercito brasileiro formou para uma revista á qual este assistiu num elegante *cabriolet* em traje de verão. Faria gosto ver aquella massa imponente de homens dominados pelo mesmo grande amor da patria marchar com garbo e gallardia, em cadencia, ao som dos dobrados suggestivos, desfilando, orgulhosos de sua nobilissima missão, deante do sympathico diplomata, que devia ter ficado desvanecido com aquelles patricios que anciavam por praticar feitos gloriosos á sombra sagrada da bandeira auri-verde, que tremulava ufana no centro dos batalhões. Era impossivel distinguir os corpos de linha dos Voluntarios da Patria. Confundil-os-ia o mais abalitado observador estranho, pois que todos tinham a mesma correcção nas manobras, marchavam todos sem perder o alinhamento, com o mesmo ar marcial e batendo o chão com a mesma força. Conheciam-se os Voluntarios pela gloriosa divisa de bronze dourado que traziam na manga das blusas.

Era boa aquella gente, que tanto honrou ao Brazil na phase das suas maiores provações.

Em fins de março, avançamos para a margem do Alto Parauá, que estava proxima e armamos as nossas tendas ao longo dos altos barrancos do rio, largo, immenso, correntoso, que era a unica barreira a nos separar do inimigo.

Avistavamos da outra banda o pequeno perfil escuro do forte do Itapirú, numa saliencia basaltica, e viamos a bandeira tricolor agitar-se como si tivesse nervos ao arfar da brisa quente.

Em poucos dias, não mais estaria alli florendo.

O almirante já havia subido com a esquadra.

Os navios de madeira e os encouraçados estavam proximos, fundeados ou navegando e trocando canhoneços com as chatas paraguayas, que mal appareciam acima da tona d'agua, e o pequeno forte, que o bombardeio atu-

rado de algumas horas já devia ter desmantelado e redusido a ruinas. Já alguns illustres camaradas da flôr da armada nacional tinham pago o seu tributo de sangue á patria amada, morrendo por ella. Mariz e Barros, o estoico commandante do *Tamandaré*, que soffren a amputação da perna sem querer chloroformizar-se, estava morto. Vassimon, seu valente official, precedeu-o na viagem derradeira com um forte contingente de bravos marinheiros. Muitos estavam feridos. Dionysio Manhães Barreto, Victor Delamare, Silveira e o meu companheiro das expedições do Chaco—o Mascarenhas—que deixou a marinha depois da guerra para ser commerciante, privando a sua classe de um dos seus mais brilhantes ornamentos.

Todos esses e mais outros, cujos nomes me escapam á memoria, fôram victimas da catastrophe tremenda do *Tamandaré*. Uma bala paraguaya penetrou na casamata por uma das portinholas e, aos récochetes, matou e pôz fóra de combate trinta e cinco homens, entre os quaes sobresae o joven commandante, que acabou pedindo aos amigos desolados que o acompanharam nos ultimos momentos, que dissessem ao velho pae, o glorioso visconde de Inhaúma, que elle morria honrando o seu nome.

Approximava-se o dia em que caberia aos brasileiros a honra de executar uma das mais difíceis operações, que um exercito póde emprehender. Dentro em pouco, passaríamos o grande rio, defendido pelo mesmo inimigo audaz e valente, cujos piquetes o atravessaram algumas semanas antes para provocar e incommodar os avançados dos alliados.

Estavamos já no Passo da Patria.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A tuberculose—Impregnação das cellulas vivas do organismo com uma substancia extraída do virus da tuberculose.*

O Congresso contra a tuberculose, reunido em Pariz, terminou os seus interessantes trabalhos com a commovente communição do doutor Behring, sabio professor de Berlim, precedido pela reputação de descobridor do serum anti-diphtherico e do meio de immunizar os bovideos contra a tuberculose pela injeccão do serum bovovaccinico. Era natural que a auidade de milhares de interessados na debellação do flagello social desse proporções exaggeradas á communição anciosamente esperada, considerando definitivamente resolvido o tenebroso problema.

Mas o eminente bacteriologista não se arriscou ás afirmações precoces, ás consecutivas desillusões que marcaram com uma nota de tristeza a descoberta da tuberculina pelo doutor Koch, do serum Maragliano, na Italia, do serum Marumorek, em França, e muitos outros especificos que atravessaram o firmamento da sciencia como umas centelhas de esperança, rapidamente eclipsadas, não obtendo as confirmações da experiencia.

O novo principio curativo, annunciado pelo eminente bacteriologista, é o mesmo que deu excellentes resultados nos bovidos e consiste na impregnação das cellulas vivas do organismo com uma substancia extraída do virus da tuberculose. Quando essa substancia, denominada pelo doutor Behring — T. C., se torna parte integrante das cellulas, elle a designa pelas iniciaes T. X. e ellas estão immunisadas contra a molestia.

Essa substancia não é simples, está associada com outros elementos bacillares dos tres, particularmente, tirados do virus tuberculoso—uma substancia sómente solúvel n'agua pura, da qual Koch tira a tuberculina; uma substancia globulinosa, solúvel numa solução salina como a do sal marinho, toxica como a de Koch; varias substancias não toxicas solúveis no alcohol, no ether, no chloroformio. A T. X., de Behring, é a mais venenosa: uma gramma no estado secco é mais poderosa que um litro da tuberculina. E' notavel que a T. C. transforma as cellulas conferindo-lhes ao mesmo tempo a immunidade, tornando-as adversas á cultura do virus tuberculoso.

E' isto, em resumo, o que se deduz da communicação.

O professor Metchnikoff se manifestou a respeito numa entrevista concedida a um dos redactores do *Journal*, de Pariz.

— Quando Behring — disse elle — chegou a Pariz para acompanhar os trabalhos do Congresso, me offereceu uma brochura na qual disse ter a esperança de, antes do fim de 1906, dar a certos collegas um novo remedio contra a tuberculose humana, remedio designado sob a denominação de F. X., que não é um sêr vivo, não contendo microbio.

Elle não lhe indicou a composição, mas affirma que já deu excellentes resultados na cura da tuberculose dos animaes, não tendo, conforme supponho até agóra, sido experimentado em pessoas. Apesar de ignorar a natureza desse medicamento e sua maneira de applicação, devem merecer confiança as afirmações e promessas de um profissional de legitima auctoridade no mundo scientifico.

Essa impressão optimista é, de resto, partilhada por muitas celebridades medicas, como Brouardel e outros

não menos competentes; mas dos factos resulta nada haver ainda de definitivo, porque o medicamento não foi ainda applicado á tuberculose humana.

Como ficou dito, o professor Behring se illustrou com a grande descoberta do serum anti-diphtherico, cuja applicação começou em animaes, sendo depois applicado pelo dr. Roux á cura da diphtheria humana. Em relação á tuberculose elle observa a mesma marcha parallelamente. Trabalhador de rara energia, pesquisador consciencioso, jámais desanimado pelo insuccesso, elle chegará á realisação de suas promessas que, na phrase do professor Brouardel, são demasiado sérias para justificarem a espera de alguns mezes.

#### Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

O vasto continente do Brazil, cujo descobridor os brasileiros glorificaram perpetuando-lhe a memoria no monumento erecto na praça da Gloria, foi, durante tres seculos, colonisado lentamente.

A vinda do immortal navegador lusitano ás plagas americanas parece um desses problemas da Historia, dos quaes se apodera a imaginação dos povos, ou dos factos, creando lendas, ou *Eneidas*.

Pretendem uns que os galeões da frota portugueza fôram trazidos pela tempestade; outros pelo acaso; porém, Pero Caminha — o escrivão — affirma na curiosa carta a El-rei — que não sabe como se desgarrou uma das náus sem tempestade, nem indícios—*pera a haver*. O escrivão assegura que os navios encontraram mar calmo e bonanzoso.

A carta de Pero Caminha, unico documento, que narra as minucias dos successos da viagem, exclúe o facto da tempestade. Releva observar que Vasco da Gama declarou que, em sua passagem, notou signaes de terra, e Alvares Cabral conhecia essa declaração. Desde a escola de Silves, eram os portuguezes amestrados em estudos geographicos, afeitos á navegação e tal a mania ou paixão nacional que um dos reis enviava os navegadores, despedindo-os com estas palavras: *ide pelos mares a descobrir terras*. (1) Ora, si era este o pensamento, ou mania dominante, si tinha havido a declaração de Vasco da Gama, si eram incontestaveis a mania e competencia dos portuguezes em assumptos de navegação, como explicar pelo *acaso* (palavra vã) aquillo que é resultante dos estudos, dos conhecimentos, da mania e experiencia do povo e dos navegantes? Alvares Cabral teria tido

por missão verificar as observações, que Vasco da Gama recolheu em sua passagem por aquellas alturas? E' crível que um rei, que enviava nautas a percorrer mares para descobrir continentes, não mandasse verificar as indicações de Vasco da Gama?! Que é mais razoavel: admittir essa probabilidade, ou explicar a vinda por tempestade, que o testemunho de Pero Caminha, consciente e positivamente, nega; ou, ainda, pelo *acaso*, que não passa de *inania verba preteraque nihil*?

O Brazil começou a ser povoado, cultivadas as terras, aldeados os indigenas. A colonia foi medrando, conquanto não merecesse os cuidados da metropole, que, todavia, explorava avidamente as riquezas das minas, que forneceram abundantes meios á prodigalidade ostentosa dalguns monarchas, por exemplo, d. João V. A colonisação, o desenvolvimento da agricultura, do commercio, só tomaram incremento no principio do seculo XIX por diversas causas, mórmente pelas revoluções que conturbavam a Europa, repercutindo, tambem, na terra do cantor das *Lusiadas*.

Expulso do reino pela invasão do exercito ao mando do general Junot, o rei de Portugal, d. João VI, então principe regente, partiu de Lisbôa, fugindo das garras do dominador da Europa, e, temendo compartilhar do destino do rei de Hespanha, que Napoleão inclauzou preso numa fortaleza, veio, com a familia real, refugiar-se na colonia brasileira, que, desta epocha em diante, principiou a receber os beneficios da civilisação.

De passagem pela Bahia, d. João VI publicou o decreto de 28 de janeiro de 1808, abrindo os portos do Brazil ao commercio do mundo inteiro. Era esse acto o primeiro arreból do luzir da liberdade e vinha aviventar povos, que jaziam nas trevas e miserias da ignorancia, no insulamento fóra do convívio das nações civilisadas.

Esse decreto não foi inspiração do principe regente, que não tinha as grandiosas concepções dum estadista; incutiram-lh'o no espirito as conveniencias de manter o favor do governo da Inglaterra, que ambicionava dar expansão ao seu commercio, ante-vedendo que o Brazil seria um excellentes mercado, quer no presente, quer no futuro, onde os productos da industria iugleza teria immenso consumo.

Alguns asseveram, por haver sido o decreto assignado na Bahia e redigido por illustrado jurisconsulto bahiano, que a idéa fôra ali suggerida; é, portanto, um bello e patriotico feito, que nobilita o nome do visconde de Cayrú. Essa asseveração apenas se firma no facto da assignatura e da publicação na Bahia. E', porém, insustentavel por fortissimas razões deduzidas da politica tradicional, domi-

nante no governo dos monarchias portuguezes particularmente da dynastia de Bragança.

Nenhum subdito, em Portugal, e muito menos um brasileiro, na colonia, ouzaria propor a idéa de franquear os portos aos estrangeiros. Suppor que algum temerario o fizesse, é desconhecer o pensamento, os uzos e costumes praticados naquella epocha.

Desde tempos remotos, a monarchia difficilmente permittia a entrada dos estrangeiros. (2)

E' ainda não attentar nas circumstancias criticas, em que Portugal, invadido e ameaçado de ser desmembrado, se achava na dependencia do governo britannico, que, effectiva, ou simuladamente, ostentava protegel-o. (3)

Nenhum brasileiro, que comprehendesse a grandeza e as vantagens daquella idéa, ouzaria manifestal-a, porque sabia que seria reputada um symptoma de revolução e crime de leza-magestade, que, nesses tempos de regimen absoluto, era punido de morte. O governo da monarchia portugueza creava obices de especies ao contacto de seus subditos com os de paizes estrangeiros; levava esse proposito até severa prohibição; levantava como que um cordão sanitario, querendo preservar-se do contagio de idéas subversivas, impias, philosophicas e revolucionarias. Assim, a colonia americana viveu, durante tres seculos, sob tal regimen. Entendia-se e commerciava directamente com Lisboa; não conhecia outras idéas, sinão as importadas do reino; ignorava a marcha da civilização moderna. Não se havia, certo, obliterado na memoria dos homens do começo do seculo XIX, o rigor com que foi punida a inconfidencia de Villarica, onde revolucionarios platonicos, apenas se limitavam a ter aspirações da liberdade civil e politica e a preconizar no segredo das conversações intimas, com as portas fechadas, as instituições do governo d'America do Norte. Todo brasileiro conhecia este estado de coisas e sabia ao que se arriscaria, si atrevesse suscitar a idéa da abertura e franquias dos portos. O principe regente, auzentando-se de Portugal, acompanhado, ao sair do Tejo, pela esquadra ingleza, que protegia a portugueza, já trazia no animo a deliberação de abrir os portos ás *nações amigas*, isto é, especialmente á Inglaterra, que logo celebrou vantajosos tratados de commercio, que deram logar a contínuas discussões diplomaticas. As outras nações da Europa, no meio das preocupações e dos perigos das guerras, não tinham que ver com o commercio da colonia brasileira mal conhecida, quasi ignorada. Só á Inglaterra interessava o commercio, por

quanto só ella possuia uma industria florescente e abundante; ao contrario, as outras nações ou estavam empenhadas nas luctas armadas, ou não tinham necessidade de expansão commercial. Não se julge o estado da Europa, em 1808, pelo esplendido espectáculo que apresenta hoje a concurrencia do capital, do trabalho e dos fecundos processos da industria e das sciencias novas. Consequentemente, a abertura dos portos foi idéa ingleza imposta a d. João VI, que precisava do auxilio do governo de Jorge IV, que era então regente por causa da impossibilidade mental em que se achava seu pae, o rei Jorge III.

Não fazemos uma simples, ou infundada conjectura; a imposição da idéa por parte do governo britannico é, talvez, um facto, que poderá ser provado por documentos historicos e diplomaticos.

O governo inglez sustentou renhidas discussões com o de d. João VI; não lhe forneceu os meios de protecção sómente *pelos bellos olhos* do monarcha luzitano.

D. João VI supportou a altivez do duque de Wellington, as grosserias brutaes do general Junot, quando embaixador de Bonaparte em Lisboa, antes da invasão; repeliu algumas das exigencias, acceitou a da abertura dos portos, porque lhe daria popularidade no Brazil, onde se vinha refugiar.

Não sabemos a razão pela qual se attribue a Silva Lisboa (depois visconde de Cayrú) essa fecundissima idéa, que operou uma verdadeira revolução e apressou e influu nimamente no destino e independencia do Brazil. Quem estudar, com criterio, os discursos que Silva Lisboa, *pezada e fastidiosamente*, proferiu na Assembléa Constituinte, de certo, não poderá, siquer, suppor que concepção tão liberal, progressiva e revolucionaria partisse delle.

Erudito jurisconsulto, religioso cultor das leis, espirito prezo á rotina, ao rigor das fórmulas; *laudator temporis acti*, tomado de surpersticioso respeito pela tradição, conhecedor iucomparavel da legislação romana e patria, avesso a novidades, adverso á introdução de estrangeiros recusando-lhes o direito de naturalisação, querendo manter e applicar ainda as disposições do Livro V das Ordens do Reino sob o regimen contitucional, (3) era um espirito sem grandiosas instituições do porvir e do progresso da liberdade e da opulencia dum povo nascente, que aspira ser livre e feliz. Tal intuição não podia passar pelo cerebro dum jurista, sabio, porém que não tinha as sublimes audacias e nem as deslumbrantes visões, que cabem, como dons preciosos, aos verdadeiros Homens de Estados, gloriosos politicos, que nobilitam e illustram o paiz onde nasce-

ram; felicitam o povo que governaram e engrandecem a epocha em que viveram. Pobre espirito de Silva Lisboa, bem contente de andar *terra a terra* sob o pezo das Pandectas, das Ordenações e dos Alvarás, sem a fadiga e temeridade de remontar-se ás radiosas regiões da phantasias d'alma, ou de pujantes pensamentos!

Estabelecendo a séde da monarchia na cidade do Rio de Janeiro, cuja população sobresaía por muito insignificante, d. João VI desenvolveu grande actividade em promover uma série de melhoramentos materiaes e moraes. Levava o seu desvelo pelo Brazil a ponto de dizer que havia de formar, na colonia da America portugueza, um grande e rico imperio. A sua intenção era sincera, porque exprimiua sentimento que estava de accordo com a sua indole. Aprazia-lhe a vida calma e pacifica, livre das preocupações das questões renascentes na Europa, longe do tumulto de populações irrequietas. Chamava a nova capital o seio de Abrahão... Aqui tudo era paz e felicidade para elle, que amava viver descansado; que era, por natureza, indolente, *poltrão*, como o qualificára a rainha mãe. Habitando-se a viver satisfeito, não descurou de favorecer os progressos da sociedade, que realmente passou por uma evolução profunda.

Em 16 de setembro de 1815, elevou o Brazil á categoria de reino para ter jús a figurar no Congresso de Vienna como potencia de primeira ordem.

Tendo fallecido d. Maria I, que, desde o fim do seculo XVIII, enlouquecera, o principe regente, como herdeiro, foi coroado entre calorosas aclamações populares: a esperança de prospero e feliz reinado irradiava na alma brasileira, animada com os actos, que promoviam o bem e os interesses da colonia, por diuturno tempo abandonada, mas que sempre foi explorada por donatarios e governadores.

Aqui da America el-rei d. João continuava a governar os seus antigos Estados; entretanto, o reino portuguez, na Europa, passava por succesivas e medonhas crises. Avolumava-se-lhe a decadencia, que provavelmente começára no reinado de d. João V, produzida por causas anteriores e do funestissimo dominio hespanhol. A pujante, despotica e ouzada mão do marquez de Pombal, em vão tentou interropel-a e inteirar a nação pela senda da prosperidade e do progresso.

Ora, os portuguezes viaem na permanencia da côrte no Rio de Janeiro uma das causas dos males que soffriam. Empregaram todos os meios, que podessem induzir d. João VI a voltar á antiga séde da monarchia; baldados fôram os esforços. O rei, calmo e tran-

quillo, não cogitava em deixar a capital americana.

Já havia decorrido um periodo de 13 annos, em que d. João permanecia resoluta a não regressar a Lisbôa, demonstrando que passava á colonia o direito de governar a metropole. Os portuguezes, irritados, não queriam supportar esse capricho da realza. Elles, contemplanço o desmoralizador e tremendo espectáculo das revoluções desde a ultima phase do seculo XVIII, não acreditavam mais no direito de *per me reges regnant*. Não ficaram os filhos da Lusitania isentos do contagio das idéas e paixões, que abrazaram e transformavam o continente europeu. Compartiram das aspirações geraes, assim que resolveram romper com a monarchia tradicional e fundar outro regimen compativel com a liberdade civil e politica, fecunda e gloriosa aureola da civilização moderna.

Dessa ambição do patriotismo brotou, qual lava, o movimento liberal do Porto. (4) D. João VI, no Rio de Janeiro, estremeceu surpreendido e aterrado, comprehendendo o perigo. Ainda hesitou em deixar a côrte americana; tentou enviar o príncipe real d. Pedro, mas um dos seus conselheiros (o conde dos Arcos) o dissuadiu de tal proposito; mostrou-lhe a inutilidade de sacrificar o príncipe, creança e inexperiente, em terras nas quaes flammejava a revolução. O rei curvou a fronte afflictiva no Golgotha das agonias e, resignado ao tremendo sacrificio, deixou o Brazil, partindo para Portugal em 1821.

D. Pedro ficou investido dos poderes de regente do reino americano, governando-o segundo o regimen da monarchia tradicional. Os acontecimentos em Portugal coagiram d. João a passar por amarguradas provações e, no Brazil, arrastavam d. Pedro ás ultimas raias da rebeldia. Entre as causas, que o induziram a converter-se em campeão da independencia nacional, avultam principalmente duas: 1ª o decreto das côrtes, privando-o dos poderes de regente e ordenando-lhe que partisse incontinentemente a viajar pela Europa para completar a sua educação; — 2ª a propria insoffrida paixão do poder e de exercel-o *sem limites e contrapezos*.

Ora, o decreto das côrtes legislativas offendia, pessoal e positivamente, o duque de Bragança, privando-o de governar, ferindo a sua ardorosa paixão. Elle sentiu profundamente o golpe que lhe fôra vibrado pelas *infames côrtes portuguezas*, segundo sua propria phrase. (5) Ficou, durante algum tempo, hesitante, irresoluto. Por um lado, a ambição de governar o impellia a pôr-se á frente dos patriotas brazileiros e proclamar a independencia nacional, cuja aspiração era

geral e inflammava todas as almas. D. Pedro, no manejo dos negocios da regencia do Estado, observou-a. Mas, umas vezes, dissimulava; fingia não ver os symptomas revolucionarios, que na qualidade de logar-tenente d'el-rei cumpria-lhe reprimir e castigar. Outras vezes, até animava e acolhia os patriotas e com elles convivia. Por outro lado, hesitava, porque, herdeiro da casa de Bragança, temia que a separação operasse, inevitavelmente, a Independencia, o Brazil se constituísse Estado soberano, ou sob a fórma monarchica, ou republicana. Em qualquer das hypotheses, ficaria mutilado e desfalcado o patrimonio, cujo herdeiro elle era.

Convenceu-se, finalmente, de que era impossivel manter-se no papel de herdeiro dos dois paizes que formavam a monarchia lusitana. Era forçoso optar por um, ou por outro. O calculo de governar o Brazil, temporariamente separado de Portugal, não passava duma pueril illusão. D. Pedro antevia que, desde o momento da separação, o Brazil de subito se faria independente e soberano. Ora, tendo elle promovido e auxiliado a separação, havia se despojado de sua herança. Quando estas preoccupações affligiam o espirito do regente, as côrtes portuguezas constituintes privam-no do poder de governar e, talvez prevendo que elle seria o paladino da revolução do patriotismo e da Independencia, mandam, por um decreto, que saísse do Brazil e fôsse viajar pela Europa, disfarçando a offensa e desconfiança sob o pretexto de completar a educação.

Acreditaram as côrtes haver inutilizado o potente instrumento com que os patriotas brazileiros contavam para realizar a grandiosa obra da emancipação da patria.

Por sua vez, d. Pedro compenetrrou-se da urgencia de tomar uma inabalavel resolução; ao seu espirito parecia evidente que a sua posição, em presença das côrtes, era insustentavel, quer no Brazil, quer em Portugal.

A historia, que se eleva acima de povos, de reis e de parlamentos e que apura e julga os actos, condemna-os, ou absolve-os, glorifica os herões e louva os benemeritos, certamente não será severa com as côrtes portuguezas, dirá que estas procederam no interesse da nação que representavam.

O decreto das côrtes (onde Fernandes Thomaz verberou d. Pedro) (6) foi acto de previdencia. Conhecido o caracter do duque de Bragança, manifestas as suas tendencias absolutistas e demagogicas, a insoffrida ambição do poder, seria uma inepcia consentir que elle permanecesse no governo da colonia, que se agitava para conquistar a liberdade e a inde-

pendencia. Sob o ponto de vista do dominio da metropole, o procedimento das côrtes foi habil, pretendendo tirar á revolução brazileira o campeão destimido e o mais conveniente. Sós, sem o príncipe, os brazileiros hesitariam, temendo as consequencias duma revolução mal succedida; porém, com o filho do rei á frente, os revolucionarios teriam não só uma garantia no desastre, mas audacias no perigoso emprehendimento.

Quando aquelle decreto chegou ao Brazil, foi recebido com uma explosão vociferante de coleras. Os patriotas comprehenderam os perigos e males que os assoberbariam, si o príncipe, obedecendo-o, abandonasse o governo e partisse a viajar pelas côrtes europeas, atraído pelas seducções dos prazeres nos grandes centros de civilização.

Os promotores do movimento revolucionario, — os Lédos, Rocha, conego Januario e outros, — cercaram o duque de Bragança, supplicando-lhe que não partisse.

Era o inicio do drama, do qual a Constituinte de 1823 é um importantissimo acto, como veremos no correr destas paginas.

#### EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Historia de Portugal*, por Laclede — *Historia de Portugal*, por Pinheiro Chagas, etc.

(2) *Estudo historico das relações diplomaticas e politicas entre a França e Portugal*, por Alvares Leite Velho, 1 vol.

(3) Oliveira Martins — *Historia de Portugal*, vol. 2º.

(4) Leia-se o discurso tratando da naturalização, da liberdade religiosa, etc. *Diario da Constituinte*.

(5) *Historia da Revolução do Porto*.

(6) Palavras de d. Pedro no discurso que proferiu na Assembléa Constituinte.

(7) *Diario das Cortes*, discurso de F. Thomaz Pereira da Silva; *Historia da Fundação do Imperio*.

#### D'AQUI E D'ALLI

Pensa-se, talvez, que o Shylock posto em scena por Shakespeare, não é mais que imaginação do dramaturgo. Pois o original de Shylock existiu, era um medico, um judeu portuguez, Ruy ou Rodrigo Lopes, que, devido á sua habilidade medica e tambem ao seu grande espirito de intriga, ganhou a confiança da rainha Elisabeth.

Fixada a sua residencia em Londres, elle foi, durante muitos annos, o medico principal da rainha, até que se deixou seduzir pela politica. Graças á protecção de Elisabeth, era o medico do hospital de São Bartholomeu e obteve o privilegio e o monopolio da importação do aniz na Inglaterra. Lopes era pouco estimado dos seus companhei-

ros, que o accusavam de diversas indelicadezas.

Conspiradores, sabendo da confiança que a rainha depositava no juden, offereceram-lhe 50.000 corôas para assassinar Elisabeth e fazer parte de uma conspiração hespanhóla. Elle ouviu e discutiu a proposta, comprometteu-se bastante quando preso e a trama foi descoberta. Instaurado o processo, foi condemnado á morte e executado em 1594 com viva alegria de muitos dos seus contemporaneos.

Depois da sua morte, elle tem figurado em mais de uma peça; Shakspeare fel-o Shylock; Marlowe utilisou-o no *Fausto* e no *Judeu de Malta*; Dekker e Middleton fizeram-no entrar em outras duas peças.

Lopes, para ajudar os seus negocios, tinha abraçado o christianismo e não cessava de proclamar a sinceridade da sua crença.

\* \*

Massenet acabou a partitura para a *Ariane*, a nova peça de Catulle Mendès. O compositor não occulta o seu enthusiasmo para com a obra, que considera como capital, e que, pensa o maestro, supplantará o valor das suas numerosas creações. Coisa curiosa: Massenet acha sublime o libretto de Catulle Mendès, enquanto o poeta julga incomparavel a musica do compositor. Isso admira, sobretudo quando se sabe que, em regra geral, librettistas e compositores passam por estar sempre descontentes uns dos outros.

\* \*

Nenhum monumento commemorava a heroica expedição Andrée. A sociedade de anthropologia e de geographia de Stockholmo quiz prestar essa homenagem ao grande suéco e encomendou uma *plaque* do gravador Eric Lindburg, um dos melhores discipulos de Chaplain.

O artista representou o balão do infeliz explorador elevando-se acima dos gelos. A Snecia vê com anciedade o aérostatto afastar-se para o pólo, enquanto um grupo de jovens acclama Andrée, e um velho, inquieto, prescru-ta com os olhos o horizonte mysterioso. Uma data, 11 de julho de 1897, está gravada ao alto da composição. Em baixo, no reverso do medalhão, que tem, em relevo, o perfil de Andrée, lêem-se o nome do heróe e os de seus companheiros Steinberg e Fraenkel.

\* \*

Reuniu-se em Liège um congresso de bibliothecarios de todos os países, para estudar diversas questões relativas aos archivos e bibliothecas.

A assembléa tratou, principalmente,

da reproducção tão desejada dos manuscritos. O recente incendio da bibliotheca real de Turim, onde se perderam as bellas *Horas de Turim*, com illustrações dos Van Eyck, provou que perdas irremediaveis a arte poderia soffrer, quando desses preciosos documentos não se conserva sinão um unico exemplar em original, como geralmente acontece.

O dr. Gayley, da Universidade da California, apresentou um projecto de se constituir, na America, um escriptorio para centralizar os *clichés* dos manuscritos, os cunhos dos sellos e das moedas e publicar *fac-similes* numerosos dos mais raros manuscritos.

\* \*

Ernest Charles resume, na *Revue Bleue*, o novo romance de Arthur Chasseriau, o *Mercado das almas*. Chasseriau não gosta sinão da simplicidade, da poesia da simplicidade e da belleza. A heroína da sua novella é educada em terras bascas. Mais bella do que convém, a desgraçada encontra um pintor pariziense que a despoza. E' transportada, então, para um mundo onde as virtudes parecem vicios e os vicios semelham virtudes. Ella será victima de Pariz e dos que habitam a cidade perdida. Afinal, um amigo a condúz para a terra natal, donde ella nunca deveria ter saído. E si encontrou esse amigo bom é porque guardou, tambem, ligadas á sua provincia, a lealdade, a nobreza e a rectidão, que não podem viver e prosperar sinão afastadas das cidades.

Ha no *Mercado das almas* satyras felizes dos typos que tem o seu papel na civilisação pariziense, e uma delicadeza extrema na pintura dos sentimentos desses typos que se espantam do mal e não querem soffrer até conquistarem Pariz.

E' um romance moral, muito social mesmo. Chasseriau acalma a febre da vida das grandes cidades, e louva, como poeta, a volta á feliz simplicidade dos campos, a vida benefica na admiração das bellezas da natureza.

\* \*

Uma exposição geral, organizada pela commissão industrial franceza e protegida officialmente pela municipalidade, realiza-se, agóra, em Norbonne, de outubro a novembro de 1905.

Todos os productos ali estão admitidos. Industriaes, fabricantes, inventores, commerciantes, horticultores, viticultores, artistas, todos tomam parte neste certamen.

Grandes festas organizam-se, durante a exposição, para realçar o brilho desse bello torneio economico e pacifico.

Na Allemanha, prepara-se uma importante manifestação artistica. Uma commissão composta de conservadores de musens, criticos de arte e colleccionadores de toda a Germania, tendo á frente os mais afamados artistas, organiza uma exposição centenaria da arte allemã, que se inaugura em principios de 1906 na *National galerie*, de Berlim, e comprehende uma grande copia de pinturas, aguarellas, pasteis e desenhos, e as obras mais notaveis da pequena escultura de todo o seculo passado.

\* \*

Muito se tem contado sobre a psychologia dos gêmeos, que algumas vezes se parecem e noutras tem um para o outro correlações admiraveis.

Um caso, recentemente levado á Sociedade de Biologia, de Pariz, apresenta bastante singularidade. Trata-se de dois gêmeos, que, contrariamente á opinião geral, tem o caracter muito diverso. Os irmãos, que são duas meninas, mudaram de genio, depois de uma certa idade. A particularidade não está no facto da mudança. Essas mutações de caracter são coisa frequente e conhecida; é que estas mutações são permutas, são trocas.

Das duas meninas, uma é expansiva, a outra indifferente. Fôram reunidas, quando pequenas, a um irmão mais velho; a primeira acolheu-o muito mal e testemunhava-lhe sempre antipathia, a segunda recebeu-o alegremente. Uma é loira, alta, a pelle branca; a outra, morena e baixa. Com os typos muito differentes, até os treze annos, as duas irmãs conservaram o caracter que possuíam. Logo depois, houve, porém, uma modificação total. A morena, outrora affectuosa para com o irmão, não o pôde mais supportar. A antipathia que ella vota ao rapaz, deu-lhe mesmo animação e loquacidade; tomou, enfim, todo o caracter da irmã, que, por sua vez, se tornou apathica, procurando o isolamento e aturando o irmão não sem repulsas.

\* \*

Formou-se, ultimamente, em Pariz, uma grande commissão para celebrar, a 6 de julho de 1906, o terceiro centenario do nascimento de Corneille.

Será uma festa de caracter puramente nacional; o programma comportará uma solemnidade na Sorbonne com a presença do presidente da Republica; depois, a inauguração do monumento do grande classico francez, erigido por iniciativa dos estudantes, e, finalmente, diversos espectaculos classicos.

Da commissão fazem parte diversas individualidades das mais salientes nas roda universitaria e na academica, na litteraria e jornalística.

## PAGINAS ESQUECIDAS

## O FERETRO LUCTUOSO

(Heine)

Eu entérro as canções de amor e o fél amargo  
Do meu triste sonhar ;  
Quero um caixão profundo, immenso, vasto  
[e largo ;  
Depressa ide-o buscar !

Um caixão formidando, um feretro portento,  
Que sobr'exceda e vença  
O pêso sobrehumano, e o enorme comprimento  
Da ponte de Mayença.

T'razei-m'o sem demora ; eu hei de enche-lo  
[em breve ;  
Vereis a promptidão.

De Heidelberg o tonel será pequeno e leve  
Ao pé desse caixão.

Doze gigantes quero, o aspecto feio e rudo,  
E dum vigor sem conta,  
Que me façam lembrar Christovam, o menbrudo,  
Que em Colonia se aponta.

Gigantes balouçáe o feretro luctuoso.  
Vamos ! agóra, ao mar !  
Cova maior existe ? Abyssmo assim grandioso  
Difficil é de achar.

Sabeis porque eu desejo um feretro assim  
[largo,  
De vastas dimensões ?  
E' que entérro, infeliz, o amor, o fél amargo  
Das minhas illusões.

GONÇALVES CRESPO.

\* \* \*

## CURIOSO FUNERAL

D'EL-REI DE SIÃO

Grandissima foi a dôr e o sentimento que todos os grandes do reino mostraram pelo seu bom rei, que deante de si viam morto, e infinitas as lagrimas que por isso derramaram; porém, depois que uma coisa e outra fez termo, se ajuntaram todos os sacerdotes daquella cidade que, segundo se disse, eram vinte mil; e tratando os principaes do reino do enterramento daquelle corpo, e das ceremonias com que se haviam de fazer as suas exequias, se ordenou que fôsse logo queimado, antes que a peçonha de que morrera lhe causasse algum máu cheiro, porque, se o viesse a ter, não podia a sua alma por nenhum modo ser salva, conforme ao que sobre isso era escripto. Pelo que se fez logo ajuntar com muita pressa uma grande fogueira de sandalo, aguila, alambre, e beijoim, e se lhe poz o fogo com outra nova cerimonia, aonde o corpo do defunto foi queimado com um lamentavel pranto de todo o povo, e a cinza delle foi mettida em uma caixa de prata, e a embarcação em uma rica laulé, que se dizia a *Cabisonda*, a qual levavam á tôa quarenta serôs equipados de talagrepos, que são as su-

premas dignidades do seu gentilico sacerdocio; e, atóra isto, ia acompanhado duma grande multidão de embarcações, em que ía inñuita gente, e detraz de todas ellas íam cem barcaças grandes, carregadas de diversas figuras de idolos em vultos de cobras, lagartos, leões, tígres, sapos, serpentes, morcegos, patos, minhotos, corvos e de outros muitos animaes. As figuras eram feitas tanto ao natural, que todas pareciam vivas. E todos os vultos destes idolos íam por dó cobertos de peças de seda, conforme as côres de cada um; os quaes eram tantos e em tanta quantidade que, segundo o computo dos que o viram, se affirmou que se gastaram mais de cinco mil peças de seda no dó, com que esta multidão de diabos ía coberta. Noutra embarcação muito grande ía o rei de todos estes idolos, a que elles chamam «serpe tragadora do concavo fundo da casa do fumo», em figura d'uma monstruosissima cobra da grossura de mais d'uma pipa, enroscada em nove voltas, que extendidas parece que viriam a ser de comprimento de mais de cem palmos, e com o collo levantado em alto. Dos ollios, da bocca e dos peitos desta cobra saíam grandes espadanas de fogo artificial, que a faziam tão medonha e tão mal assombrada, que as carnes tremiam de olharem para ella. Num theatro de altura, ao parecer, de quasi trez braças, muito dourado e rico, ía um menino muito formoso, de quatro até cinco annos de idade, todo coberto de fio de perolas, e de cadeias e braceletes de rica pedraria, com umas azas e cabelleira de fio d'ouro, assim como cá entre nós se pintam os anjos, e com um rico treçado na mão, dando a entender com esta invenção que era anjo do céu mandado a prender toda aquella multidão de diabos, por não saltarem á alma d'el-rei, antes que chegasse ao aposento, que na gloria lhe estava aparelhado por premio das bôas obras que neste mundo fizera. Com esta ordem chegaram as embarcações todas á terra, a um pagode que se chamava Quiay Pontar, aonde, depois que foi enterrada a arca de prata em que íam as cinzas do corpo d'el-rei, tirando o menino fóra, se poz fogo a toda aquella multidão de idolos assim como íam nas barcaças, com um tamanho estrondo de gritos, brados, apupos, tiros de artilheria e espingarderia, tanger de sinos, bacias, cornos, buzios, e com outras muitas maneiras de diferentes dissonancias que faziam tremer as carnes : a qual cerimonia não duraria mais que uma hora sómente; porque como todas essas figuras eram feitas de palha e nas embarcações ía muita somma de breu e resina para sete effeito, fez isto em muito breve espaço levantar um tamanho e tão es-

pantoso fogo, que quasi parecia um retrato do inferno, e as embarcações com tudo o que estava nellas ficaram de todo consumidas. Acabado isto com muitas invenções de coisas muito naturaes e custosas, que não escrevo por me parecerem superflinas e desnecessarias, toda esta multidão de gente veio para a cidade, e se recolleu cada um em sua casa, aonde todos estiveram com todas as portas e janellas fechadas, com o que as praças e as ruas ficaram de todo desertas por tempo de dez dias, sem em todos elles apparecer coisa viva, senão sómente a gente pobre, que de noite com muitas lamentações pedia sua esmola. Passados os dez dias deste encerramento, as varellas, os pagodes e brallas, que são os seus templos, amanheceram todos ornados de insignias de alegria, com muitos toldos, estandartes e bandeiras de seda, e com mesas ricas em que havia muitos cheiros. E appareceram por todas as ruas homens a cavallo, vestidos de damasco branco, que ao som de instrumentos suaves diziam, chorando, em vozes muito altas : — *Ouvi, ouvi, desconsolados moradores deste reino siamez, o que se vos notifica da parte de Deus ; e, com corações humildes e limpos, louvâe todo o seu santo nome, por quão justas são as coisas do seu divino juizo, e saí alegres de vossos encerramentos, cantando louvores da sua bondade, pois lhe aprouve dar-vos rei novo, temente a elle e amigo dos pobres.* — Após este prégão se tocaram muitos instrumentos, que homens a cavallo, vestidos de setim branco, íam tangendo com muito concerto e suavidade, ao qual todos os ouvintes, prostrados com os rostos por terra e as mãos levantadas, como que davam graças a Deus, e em vózes muito altas respondiam, chorando : — *Procuradores fazemos os anjos do céu, para por nós louvarem o Senhor continuamente* — E, saíndo das casas com muitos bailes e festas, se íam offerecer ao *Quiay Fanatel*, deus dos alegres, com offertas de cheiros suaves, e os mais pobres com gallinhas, fructas e arroz para os socerdotes comereim.

FERNÃO MENDES PINTO.  
(1509-1580)

## ARMADA NACIONAL

*O material depois da revolução de setembro de 93—O systema dos remendos; os arsenaes ; as construções novas.*

A revolução de setembro de 93 vencida, mais desfalcada achou-se a nossa já pouco numerosa e nada effizaz esquadra.

Dos navios a que se dava o nome de couraçados, um, o *Riachuelo*, soffria

reparos na Europa; outro, o *Aquidaban*, fôra gravemente avariado no casco no ataque de torpedeiras em Santa Catharina, ataque chrismado com o pomposo nome de «combate naval de 16 de abril». Os demais couraçados eram ainda os mesmos monitores que haviam feito a campanha do Paraguay, microscopicos, vellhissimos e imprestaveis já.

Dos pseudo-cruzadores, o *Tamandaré*, não obstante ter tomado parte activa na revolução, ainda estava em fabrico; mesmo prompto, nada valeria; teria sido um bom navio, na sua classe, em 1886, epocha em que devera ter ficado concluido. O *Primeiro de Março* e o *Parnalyba*, o *Guanabara* e o *Trajano*, já analysados por nós e quando estudamos epocha anterior, tinham agóra sua nullidade aggravada pelo maior tempo de serviço e os dois ultimos pela actividade em que se mantiveram durante a revolução. O *Republica*, cansado tambem de 8 mezes de lucta, seria em perfeito estado um cruzador de 3ª classe, e o *Tiradentes*, nada mais era, e é, do que nma fragil e morosa canhoneira.

Entre os navios adquiridos pelo marechal Floriano, nenhum cruzador ou couraçado havia: o *Nitheroy* e o *Andrada* eram dois paquetes de bôa marcha dotados de soffrivel artilharia. De aproveitavel na esquadra dita legal, só existia o nucleo de torpedeiras, sendo de notar, no emtanto, que mesmo estas não eram navios perfectos no seu typo: a *Gustavo Sampaio* tinha marcha deficiente, os cascos de algumas eram fraquissimos e, a respeito de machinas, a *Pedro Ivo* patenteou-se defeitnosa naquelle «combate naval de 16 de abril», não podendo acompanhar as demais torpedeiras na investida ao *Aquidaban*, justamente no momento decisivo.

Na Europa, concluia-se o *Benjamin Constant*, encommendado ainda pelo almirante Wankenolk, e que nada viria accrescer ao valor da nossa esquadra.

Era necessario, pois, augmentar o nosso material naval com acquisições novas, e reparar, modernizando, os poucos navios de valor que possuíamos.

O ministro da Marinha que geriu a pasta até 15 de novembro de 94, tomou, para obter esse fim, as seguintes medidas:

Substituiu os nomes de *Aquidaban*, *Guanabara*, *Trajano* e *Trindade*, pelos de *Vinte e quatro de maio*, *Paysandú*, *Tonelero* e *Liberdade*. Era, incontestavelmente, uma medida de alto valor e inspirada por certo no exemplo do almirante Gonçalves, que anteriormente, em seguida ao «combate naval de 16 de abril», baptisára o *Aquidaban* com o nome de *Dezesseis de abril*, por certo, mais logico, no momento,

do que o de *Vinte e quatro de maio*. Além dessa medida, confessou a situação precaria da armada, assignou o expediente com pontualidade, e ao deixar a pasta, fez para a Europa encomenda de 8 navios novos: dois couraçados guardas-costas, tres cruzadores e tres cruzadores-torpedeiros.

Seguiu-se-lhe, na administração da marinha, o almirante Elizario Barbosa, que se conservou na pasta dois annos:

O paiz começava a atravessar o periodo mais agudo da sua crise financeira; era impossivel fazerem-se novas acquisições para a armada. Em todo o caso, não desconhecendo as nossas difficuldades, o almirante Elizario achava necessario encomendar novos navios, insistindo a esse respeito em seus relatorios de 1895 e 1896 e argumentando com energia e clareza. Infelizmente, não foi attendido.

Não cabe aqui discutir a excellencia dos typos cuja construcção propunha; cabe apenas assignalar que elle pedia essa construcção, descrevendo a nossa esquadra como um conjuncto de navios velhos e de nenhum valor militar, quasi todos.

O ministro que succedeu ao almirante Elizario, tambem pedia novos navios, e não só não os obteve, como durante sua gerencia viu serem vendidos aos Estados-Unidos, por difficuldades da nação, dois cruzadores que se construíam na Europa, um delles já no periodo de acabamento.

Entratanto, vinham chegando ao paiz os navios mandados reformar ou fabricar no estrangeiro.

Primeiro, o *Riachuelo* em 95. Voltava o mesmo navio que fôra em 84, quando novo. Si a sua artilharia média, que é pouco numerosa, era de modelo recente, não se dava o mesmo quanto á grossa artilheria, que continuava a ser de modelo antiquado. Os mastros militares, com que o dotaram, em nada augmentaram seu valor, e assim dado que elle alcançasse as 16 milhas de velocidade que alcançára em 84, como a sua couraça era ainda a mesma, podemos dizer que, completamente reformado, o *Riachuelo* era, contudo, um navio velho, atrazado de 12 annos. E, no entanto, gastou-se com essa reforma avultadissima quantia!

Depois, chegou o *Timbyra*, o *Barroso* e o *Tupy*.

O primeiro e o terceiro denominados cruzadores-torpedeiros, navios perfectamente inuteis na nossa marinha; com velocidade inferior á dos cruzadores em geral, com reduzido raio de acção, não podendo tambem ser empregados efficazmente como torpedeiros pela deficiencia de marcha e pela impropriedade do porte, pertenciam a nma classe de navios que já estava sendo despresada pelas potencias que a ha-

viam adoptado, a titulo de experiencia.

O *Barroso* era um regular cruzador, typo Armstrong, embôra inferior aos trez que a Argentina possuia no mesmo genero. Para nma esquadra como a nossa, porém, sem um nucleo de verdadeiros navios de combate, nada adelantou a sua acquisição.

Chegou depois o *Aquidaban*, e que levára tres annos (!) a ser reparado. Menos de um anno depois de sua chegada, tendo de deixar o Rio de Janeiro, afim de aguardar a divisão argentina em que vinha o general Rocca, descobriu-se que o *Aquidaban* não dava atraz!

Nas commissões que desempenhou depois deste facto, julgava-se optima a sua marcha quando attingia 9 milhas!

Os almirantes Carlos Balthazar da Silveira e José Pinto da Luz, que geriram a pasta da marinha entre 98 e 1902, tambem reclamaram novas construcções; não apresentaram programma com esse fim, nem expenderam idéas a respeito; tambem esses não fôram attendidos.

Durante a administração do ultimo, chegaram da Europa o *Deodoro* e o *Floriano*, navios dotados duma cinta couraçada bastante espessa, é facto, mas de tão pequena altura que com um balanço de 10º, ella fica emersa ou mergulhada inteiramente; e tanto mais susceptivel de dar-se é este caso, quanto se sacrificou a estabilidade dos alludidos navios afim de reduzir-lhes o callado. O convéz couraçado que lhes protege as partes vitaes é relativamente fraco, e os reductos que encerram a artilharia média são mal protegidos. Conseguiram, nas experiencias, realizar a marcha de cerca de 15' São, pois, navios de pequeno valor militar, capazes de luctar com successo, apenas em rios ou com mar espelhado. Esses são, entretanto, os inais verdadeiramente navios de guerra que possúe a nossa esquadra! Depois, delles, até novembro de 1902, nenhuma nova acquisição se fez para a armada brasileira.

O malfadado systema dos remendos continnára depois de 93. Gastaram-se sommas avultadas em reparar navios vellhissimos, imprestaveis. E como os nossos arsenaes estavam tambem desmantellados, esses reparos consumiam 4, 5 e mais annos. O *Trajano*, com mais de vinte annos de existencia, foi reconstruido em 4 annos e com um dispendio superior a mil contos de réis. A construcção de um navio identico requer um anno, no maximo, e seu custo não excederá a 700:000\$. O brigue *Recife*, puramente a véla, navio

imprestavel desde novo, foi tambem mandado reconstruir; ha 4 annos achase em reconstrucção, que já consumiu cerca de 400:000\$; ainda não está prompto. A *Lamego* levou em reparos mais de 6 annos; para ella, encomendou-se uma caldeira nova; fizeram-se outros gastos, e depois de tudo, deu-se-lhe baixa, sem que tivesse desempenhado uma só commissão. O *Primeiro de março*, reconhecidamente máu veleiro e com machinas fracas, sem o menor valor militar, reconstróe-se ha 4 annos.

Todas as administrações obstinaram-se em concluir a construcção do *Tamandaré*; só o conseguiram após 20 annos de trabalho, dispendendo enormissimas sommas que, si não chegam aos falados quarenta mil, attingem, pelo menos, a doze mil contos; e o *Tamandaré* é uma irrisão de navio de guerra. Limitamos-nos a esses exemplos.

Os arsenaes da Bahia e Pernambuco fôram sabiamente extinctos pelo almirante Balthazar.

Conservou-se o do Pará, onde reparos minimos em antigos patachos, em launchas e em barcas-pharões, saem por quantias tão fabulosas que devem despertar a attenção das auctoridades.

Conservou-se o do Rio de Janeiro, onde é mantido um exercito de máus operarios, ociosos e sem ter quem os dirija, operarios desnecessarios e ahí firmemente apegados pelo empenho de meia duzia de deputados, em vesperras de eleição.

Conservou-se o arsenal de Matto Grosso, onde, em 4 annos, se repara uma minuscula canhoneira e por excessivo preço.

TONELERO.

## ACADEMIA BRAZILEIRA

No numero passado não nos foi possível noticiar que, na penultima terça-feira, 31 de outubro, se realizou a eleição do successor de José do Patrocínio na Academia Brasileira.

Como se sabe, eram candidatos os srs. padre Severiano de Rezende, drs. Mario de Alencar e Domingos Olympio, nosso director. Apurou-se este resultado:

O dr. Mario de Alencar obteve os votos dos seguintes academicos: Machado de Assis, Salvador de Mendonça, Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Souza Bandeira, Magalhães Azeredo, Graça Aranha, Domicio da Gama, Rio Branco, Eu-

clydes Cunha, Joaquim Nabuco e Garcia Redondo.

O dr. Domingos Olympio obteve os votos dos srs.: José Verissimo, Coelho Netto, Olavo Bilac, Guimaraens Passos, Alciudo Guanabara, Inglez de Souza, Arthur Azevedo, Filinto de Almeida e Clovis Bevilacqua.

O padre Rezende teve o voto do dr. Affonso Celso.

Toda a imprensa noticiou que o voto do sr. Oliveira Lima, a favor do sr. Domingos Olympio, não foi contado porque o venerando sr. Machado de Assis, honrado presidente da Academia, só se lembrou d'elle depois de apurada a votação.

\* \*

O resultado da eleição, derrotando o sr. Domingos Olympio, provocou um protesto geral de que são expressão as linhas que transcrevemos, em seguida, simplesmente como uma alta homenagem ao director dos *Annaes*, homenagem a que elle não pôde deixar de estar profundamente sensível.

Disse Alciudo Guanabara, na sua secção *O Dia*, do *Paiz*, de 1º de novembro:

«A Academia de Letras derrotou hontem Domingos Olympio, para eleger o sr. Mario de Alencar.

Este simples enunciado basta para demonstrar a injustiça do voto. O sr. Mario de Alencar é um moço de talento, sem duvida, mas que está muito longe de se poder comparar em merecimento, em instrucção, em capacidade, em serviços e em trabalho ao velho jornalista, ao chronista fulgurante, ao romancista nacional por excellencia que Domingos Olympio é. O sr. Mario de Alencar mereceria, sem duvida, um premio de animação; mas derrotar o seu brillante competidor é apenas a prova de que mesmo no centro dos immortaes o que prevalece não é a justiça, mas o favoritismo. Posso dizelo tranquillamente, porque eu mesmo começo por julgar que não tenho direito algum a occupar uma cadeira na Academia. Vi-me proprietario de uma dellas sem saber porque, e si não renunciei a ella foi simplesmente porque essa renuncia não aproveitaria a ninguém, visto que a Academia só a tomaria em consideração deante da minha certidão de obito, que eu espero que ella receberá o mais tarde possível. Não me julgando com direito a occupar um assento nessa assembléa, não é extranhavel que eu estenda esse rigor aos que a elle são candidatos e

que não me julgue obrigado a acatar as deliberações da sua maioria como perfeitas. A de hontem foi clamorosamente injusta e o assignalo exactamente porque é a primeira vez que, contra as eleições da Academia, se pôde levantar um protesto, cujo fundamento toda a população culta do Brazil pôde apreciar. Ainda hontem, momentos antes da eleição, João Ribeiro dizia-me: — Presume-se que a Academia é uma cousagração pelos trabalhos feitos. Aqui não é o logar dos que principiam.

Si assim é, entre os dois candidatos de hontem o logar competia indisputavelmente a Domingos Olympio. Este acaba uma longa vida de publicista e de romancista, cujo nome, máu grado o voto da Academia, é e continuará a ser respeitado, admirado e acatado.»

\* \*

Da *Tribuna*, de 1º de novembro:

«A Academia Brasileira de Letras elegeu hontem para a cadeira vaga pelo fallecimento de José do Patrocínio o dr. Mario de Alencar, funcionario da secretaria da Camara.

Não é desfazer dos meritos do eleito assinaglar como fez hoje *Pangloss*, no *O Dia* d'*O Paiz*, a injustiça da derrota do dr. Domingos Olympio, o velho jornalista e litterato que ha trinta e tantos annos não faz sinão espalhar prodigamente as manifestações do seu grande talento e de sua provada cultura intellectual.

*Pangloss* não é suspeito; membro da Academia, o seu desassombrado protesto de hoje vale como um gilvaz, ferreteando a aferição do merito na archi-douta corporação.»

\* \*

Do *Correio da Manhã*, de 2 de novembro:

«Na edição de hontem do *Correio da Manhã*, demos o resultado da eleição do successor de José do Patrocínio na Academia Brasileira.

Esse resultado, que elegen o jovem Mario de Alencar, funcionario da secretaria da Camara, contra o velho e eminente escriptor Domingos Olympio, causou, como era natural, a mais dolorosa impressão.

Apezar do favoritismo, da subser-  
viencia, da molleza de caracter que



têm minado todas as instituições do espirito nacional, ninguém, positivamente, suppunha que o mal já tivesse chegado, e num tal gesto de escandalo, até á Academia Brasileira, uma casa, hoje de pedra e cal, onde, numa paraphrase do velho distico, só deveria entrar quem tivesse merecimento.

Antes de surgir a candidatura do jovem funcionario da secretaria da Camara, a victoria do sr. Domingos Olympio era indiscutida, era, até, ambiente. Todos sentiam que sobre ella não podia haver a minima duvida, sobretudo porque, numa cadeira que occupou José do Patrocínio e de que é patrono Joaquim Serra, só devia ficar bem um jornalista como o director dos *Annaes*.

Mas vejam lá! isso não era do agrado do sr. Rio Branco; isso não era daquellas suas cócegas saudaveis de que só os srs. Pecegueiro e Domicio sabem o botão. O nosso carissimo chanceller não se convence, nem á mão de Deus padre, de que o sr. Domingos Olympio não é o auctor de uns artigos editoriaes da *Noticia* contra a sua politica na chamada questão do Acre — auctoria que elle, o chanceller de banha, insinuou em mofinasinhas réles pelos *a pedidos* do *Fornal do Commercio*, recurso de que se não valeu para jurar que é do seu auctor a *Ode* que o innocente moço, aliás sem interesses, arriscou em louvor do barão. Mandou, dest'arte, levantar a candidatura do lindo mocinho, conhecido *cria* do sr. Machado de Assis — o que, dado o prestigio paternal do mestre, não deixava de ser, até certo ponto, alguma agua fria na fervura dos enthusiasmos em favor do sr. Domingos Olympio. Por outro lado, soltou os seus rafeiros de estimação, e, pois, ganharam os srs. José Pereira da Graça Aranha, Domicio da Gama, *et reliqua*, por esses mundos dentro da *immortalidade* a filar votos dessas mansas creaturas, de que, aliás, o chanceller só se lembra quando precisa de *gatos mortos*. Sobre isso, o sr. Seabra deu á Academia casa, cadeiras, agua, gaz, — um *laxante*, enfim, que a desobstruía. Era mais um elemento decisivo de que o chanceller mandou fazer obra perante os emperezarios do antigo *mambembe*. E mandou porque o sr. Seabra é o mais torneado e o mais gorro dos *gatos mortos*.

De resto, toda essa gente estava na sua celestial simplicidade; estava no seu papel. Por isso mesmo é que os srs. Souza Bandeira, Rodrigo Octavio, Raymundo Corrêa, Euclydes da Cunha, João Ribeiro e outros votaram no rapazola. Si os primeiros sempre affirmavam votar no auctor do *Luzia-Homem*, o ultimo, o sr. João Ribeiro, dizia abertamente, declamando, apesar da sua preguiça, ser Domingos Olympio o seu candidato. E tanto é verdade que, depois de se proceder á eleição do successor de Martins Junior, elle disse que não votára (e o sr. Bandeira era um dos pretendentes) porque o homem das suas sympathias não se inscrevera.

Diga, pois, o publico: que differença, ao cabo de tudo isso, ha entre as eleições da Academia e as do 2º districto eleitoral desta Capital! Tem a Academia direito ao prestigio, á importancia, que ella chora não ter? Em nome do pudor, teem esses senhores o direito de gritar ou roncar contra as nossas eleições politicas? Elles, que não elegem o merito, que não elegem um mestre, como Domingos Olympio, e elegem um filhote, um principiante, como o jovem poeta da secretaria da Camara?

*Ao vencedor, as batatas, como lá diz o mestre no Quincas Borba.»*

\* \* \*

Do *Progressista*, de Minas, num. 258, de 5 de novembro, correspondencia dirigida desta capital:

«Na eleição, procedida na Academia de Letras, de um membro para a cadeira de Joaquim Serra, vaga por morte de José do Patrocínio, foi derrotado Domingos Olympio.

O candidato vencedor foi Mario de Alencar.

Como é caprichosa a coincidência de certos factos naturaes!

As linguas estão sujeitas a influencias climatericas; os seres vivos, á influencia mesologica; a tollice humana á influencia da lua; e a Academia brasileira, ás suggestões da pannela litteraria da rua do Ouvidor, ou, mais precisamente, da casa Garnier.

Ora, Domingos Olympio não aduba esse guizado.

Aquellas encantadoras palestras illustrativas não o attráem. Elle prefere ficar ignorante, plantando hortaliças,

macnlando a litteratura com romances sem valor, polluindo o jornalismo com chroniquetas insupportaveis.

Immortaes, porém, não querem isso: Immortaes querem companhia, Immortaes querem prosa no Garnier, e Immortaes, querendo isso, que *diabo!* querem bem pouco.

Mesmo, entrar para uma Academia de Immortaes é muito grave. Lá se trabalha muito, muito se estuda lá. E' tal o cuidado que Immortaes teem no resolver questões transcendentaes que se lhes antolham, que até hoje ainda discutem o modo preferivel de se escrever a palavra *Brazil*. Uns querem que venha do allemão; outros do hespanhol; outros ainda, mais minuciosos, do provençal etc., e propõem s e propõem z.

Eu, si fósse Immortal, havia de provar que a palavra vem da lingua mesopotamica, e que se escreve com *j*. E si quizesse minha idéa approvada, frequentava o Garnier, e prompto. E ali está como um escriptor implume derrota um velho e acatadissimo litterato.

Domingos Olympio não teve maioria de votos na Academia dos Immortaes; mas conta com a unanimidade delles no paiz, que o admira e o consagra e o immortaliza.—HEITOR LIMA.»

## O ALMIRANTE (56)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XX

Decorreram alguns dias de anciedade. Vinham á flôr da imprensa rumores subterraneos, ameaçadores de uma iminente convulsão do organismo social; falava-se sem rebuço de uma conspiração militar contra o tratado de divisão do territorio contestado na fronteira entre o Uruguay e o Iguassú, e dizia-se que o ajudante-general incitava secretamente a animosidade do exercito contra esse acto internacional, extorquido pelo ministro Moreno á longanimidade de Deodoro e Benjamin Constant, a pretexto de afastar difficuldades aos primeiros passos da Republica, realizando, ao mesmo tempo, os votos de confraternisação dos povos sul-americanos.

A marquezia lia, todas as manhãs, os jornaes e marcava, para chamar a attenção de Oscar, os artigos de suação sobre o assumpto, vendo nelles symptomias do movimento patriotico

que deveria restaurar a monarchia. Oscar se abandonára passivamente, sem protestos, sem observações, á vontade despotica daquella creatura adoravel que occupava no seu coração de orphão o logar vago do affecto maternal. Elle cumpria sem restricções a sua promessa, entregando á fatalidade o desenlace dessa aventura em que se arriscára á idéa fixa da marquezia o ultimo representante da fidelidade ao Imperador deposto, como si todo o pudor nacional, todas as tradições, todos os sentimentos, todas as idéas da nação se houvessem concentrado no refugio sagrado do coração de uma mulher.

A explosão do movimento fôra adida. O doutor Leonel communicára á marquezia que o ministro do Brazil não voltára no *Riachuelo*, contratempo que exacerbára a impaciencia dos patriotas e afastára momentaneamente alguns elementos de exito. Nessas emprezas perigosas, o mais insignificante incidente arrefece o ardor dos mais decididos companheiros.

— Além disso — ponderava tristemente o doutor — por maior escrupulo que haja na organisação destas emprezas patrioticas, não é possível evitar o concurso dos fracos e a intervenção dos traídores.

— Traídores! — exclamou a marquezia, assombrada.

— Não se assuste vossa excellencia — as providencias estão tomadas para evitarmos o effeito desses contratempos insignificantes. Não vê o bello serviço que me está prestando a imprensa, agitando a opinião, preparando-a para cooperar na obra redemptora da salvação da Patria? Tudo isso é obra nossa; aquelles artigos incendiarios, aquelles veementes objurgatorias contra o governo, a pretexto de defeza da integridade do territorio nacional, tem alienado sympathias, tem creado descontentes e collocarão o governo isolado dentro de uma suspeita que o maculará para sempre. Tenha fé, minha senhora. Vossa excellencia, que é o anjo inspirador dos verdadeiros patriotas, verá compensados os seus sacrificias pela realisação do seu ideal supremo.

A eloquencia do doutor Leonel não conseguiu tranquillizar a marquezia, nem apagar do seu espirito a suspeita de que algo frustrasse os planos revolucionarios; mas o chefe dos conspiradores se despedira com um ironico sorriso de segurança, como si vislumbresse já o clarão da victoria imminente. Questão de alguns dias mais, dissera elle. Ella correrá a communicar essa entrevista a Oscar, que sorriu tranquillamente, approvando com o seu condescendente silencio todas as esperanças da marquezia, estivesse, embóra, inteiramente convencido de ser a terrivel conspiração uma tenta-

tiva gorada como muitas outras inspiradas pela incontente ambição de alguns individuos ignorados, elevados á tona pelas surpresas da politica e desenganados dos seus vastos sonhos de prosperidade, de opulencia, de poder.

— Qual é a tua opinião? — perguntava-lhe, com insistencia, a marquezia.

— Sabes que ha muitos dias não vou á secretaria — respondia Oscar, evitando a pressão dessas questões — Não sei o que se tem passado na minha ausencia, sinão pelos jornaes. Escrevi ao Wandenkolk communicando-lhe que me auzentaria por uns quinze dias para repouzar. Elle me respondeu que eu era livre, estava absolutamente libertado dos rigores da disciplina, das maçadas do serviço, si bem que não fôsse impossível vir perturbar o meu repouzo si occorresse algum caso particular, muito importante. Ora, o meu repouzo não foi perturbado, porque não houve motivo para isso: tudo váe em perfeita paz na marinha.

A marquezia não agradavam essas reflexões sensatas de um espirito calmo. Ella preferia que Oscar partilhasse as suas duvidas, os seus temores, as suas incertezas e os discutisse, pezasse os *pro* e os *contra*, embóra dessa analyse resultassem conclusões desfavoraveis á idéa fixa no seu espirito como um grande fóco deslumbrante, para o qual convergiam, numa tensão frenetica, todas as energias da sua existencia.

Nessa tarde, a marquezia reabria. A primeira visita foi a do barão de Freicho, muito triste e muito penhorado pela consolação que a marquezia e Marianinha haviam levado á pobre Yáyá.

— Venho — disse o barão — trazer-lhe a minha gratidão pelo bem que fez áquella pobre e, ao mesmo tempo, as minhas despedidas.

— Parte? Para onde?

— Depois de uma conferencia em que tomaram parte as sumidades medicas da terra, o doutor Valente aconsellou-me uma viagem á Europa, não porque os especialistas de lá possam dar volta ao utero da baroneza, mas porque as diversões de um passeio concorrerão poderosamente para a cura completa. Não tenha duvida, disse-me elle, a baroneza atravessa uma crise natural, aquelles symptomas, na apparencia assustadores, nada valem: são resultados das ultimas resistencias de um apparelho essencial ameaçado de ser definitivamente privado de suas funcções. Essas seguranças, porém, entraram-me por um ouvido e saíram pelo outro. Essa viagem parece o derradeiro recurso. A mim me parece que ella é aconselhada para que o doente vá estoirar longe. Depois do desastre, fôram os medicos europeus, uns burros, uns explora-

dores, que entornaram o caldo, perturbando uma cura em via de pleno successo.

— Não desespere, barão — observou a marquezia, sem disfarçar profunda commoção.

— Qual, minha querida marquezia, aquella pobre está perdida. A culpa é della. Occultou-me tudo e sómente ha pouco tempo é que me confessori ser tratada pelo tal doutor. Essa confissão rebentou com uma conta de tirar couro e cabello.

— O barão não deve regatear serviços medicos á sua senhora.

— Eu não regateio; eston por tudo; daria o dobro, si m'a puzessem bôa; mas váe de mal a peor. E ali está para que abandonei a minha abençoada vida de solteiro. Para andar com uma doente ás costas.

— Quando pretende partir?

— Já tomei passagem para o primeiro paquete da Mala Real. Si tiverem algumas ordens a dar a este creado e amigo verdadeiro. A Yáyá não póde vir...

— Nós iremos vel-os antes de partirem.

Quando o barão se erguia para partir, entrou na sala Dolores, trajando um primoroso vestido de sêda cinzenta, sabiamente enfeitado com applicações de velludo negro. A marquezia ergueuse num movimento rapido e fulminou-a com um olhar de colera; mas a seductora mulher calinou-a com um eucantador sorriso, meio brejeiro, meio mysterioso, correu com as suas maneiras volúveis a abraçal-a, a beijal-a, explicando com varios incidentes banaes a sua prolongada ausencia. Voltando-se, depois, para Oscar, que sorria da derrota das ameaças da marquezia, disse-lhe, em gracioso tom de remoque:

— Como váe o nosso doutor? Então é bonito, um homem como o senhor, indispensavel á patria, braço direito do direito, abandonar o seu posto e se metter em casa, como um extenuado?

— Estou de licença — observou Oscar — fazendo companhia á minha querida mãesinha.

Essas palavras de ternura desfizeram todas as nuvens tormentosas accumuladas sobre a fronte da marquezia.

— Sua mãesinha — tornou Dolores, amimando a face da marquezia — é muito ciumenta e tem razão. Como váe Yáyá, barão?

— Yáyá váe para a Europa — respondeu o desconsolado marido — Vamos para a Europa.

— Que inveja tenho de vocês.

— Pois não tem de que. Viajar por prazer é um regalo; viajar por molestia é uma estopada.

(Continúa).

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O deputado Francisco de Sá, além dos vastos talentos que o exornam, além da posição especialissima de ser um dos grãos-duques da dynastia Accioly, é o relator da receita, occupando assim um posto de honroso destaque, de preeminencia, na Camara e nas camarilhas do palacio do Catete, de que a cadeia velha é uma dependencia.

O sympathico Chico de Sá é das alterosas montanhas, perden o cordão umbelical na terra de Tiradentes e o readquiriu para adherir á placenta acciolyana; Minas lhe foi berço, mas o Ceará lhe deu uma cadeira na Camara, uma das cadeiras da familia, cadeira occupada por s. ex. — valha a verdade — com muita competencia. Para bem definir esse homem politico, agora em fogo, pôde-se utilizar a imagem pictoresca de que elle é um queijo de Minas fabricado com o leite de vaccas do Ceará, mistura que infla em dobro o seu merecimento, como representante, o seu prestigio de genro de quem é, do alcandorado estadista do Icó, um especimen raro, unico, sem similar na fanna da politicagem.

O nosso *cearámineiro* emergia, de vez em quando, dos deliciosos espreguiçamentos da ociosidade e proferia um discurso que o absolvía dos longos intervalos de silencio, provocava grande azafama de communicações telegraphicas, assanhava a cunhadagem infinita em gyrandolas de adjectivos merecidos. Cada um desses discursos era uma hora para a família, pouco apta para esses *sports* da eloquencia, porque a intelligencia que Deus lhes deu mal chega para os gastos das necessidades caseiras.

Esperava-se que, na qualidade de lingua do mais perfeito dos satrapas estadoaes, o eloquente deputado, de accordo com os processos de engrossamento por todos os systemas, ado-

ptados pelo seu fecundissimo sogro, se limitasse a relatar discretamente a receita, tanto mais quanto chegámos ao esfolamento de um rabo de legislatura, trabalho sempre melindroso, sempre feito sob a pressão perturbadora das preoccupações da renovação da Camara, sob as contingencias da reeleição. Os factos vieram desilludir essa expectativa: o illustre deputado saíu do reducto sombrio das conveniencias e, sem papas na lingua, annunciou aos povos attonitos que estavamos ameaçados de um *deficit* de quarenta mil contos!

E, penetrando, desabusado, destemido, o terreno das censuras contundentes, como chicotadas de um azorrague crudelissimo, o relator da receita não recuou ante insinuações maliciosas ás obras da avenida, ás obras do porto, ás formidaveis despesas feitas com exclusão dos meios ordinarios de fiscalisação, entregues a uma repartição especial, independente da bisbilhote rotineira e obstruente do Thezouro Nacional, de seus cerbéros, um sr. Jansen Muller e concomitante caterva; não hesitou em alvejar, com os seus dardos hervados de ironia, o activissimo ministro da Industria e o seu principal auxiliar no empenho patriotico de fazer engenharia, concluindo que a avenida ameaçava engolir as obras do porto, deixando o empreiteiro Walker *a nenhum*.

Nós não partilhamos da opinião pessimista do illustre relator; em primeiro logar, porque imputações dessa ordem não se fazem sem provas cabaes, recorrendo a informações que, apesar de serem attribuidas ao ministro da Fazenda, não são tão completas como seria para desejar em materia tão melindrosa; em segundo logar, por não comprehendermos como, sómente agora, nesta ponta de cauda da legislatura, occorreu ao illustre parlamentar evocar um assumpto velho, que tem sido demasiadamente sóvado pela imprensa iconoclasta, a

imprensa sacrilega, bastante irreverente para abordar esse assumpto, vedado ás censuras dos profanos, inspiradas pelo deleterio intuito de atirar pó aos fulgores dos feitos gloriosos do governo, ás suas ingentes façanhas industriaes, meninas dos seus olhos, parte essencial do seu programma benemerito.

A origem das informações foi contestada pelo sr. Francisco de Sá, que se apressou em cobrir o ministro da Fazenda, affirmando que nenhuma só vez conferenciára com este sobre as obras do porto do Rio de Janeiro, sobre as suas finanças, sobre qualquer coisa relacionada com essas obras. S. ex. se excusou ao papel de arco de uma flecha disparada pelo sr. Bullhões no seu collega Lauro Muller, de maneira que não se sabe onde fôram hauridas aquellas tremendas informações geradoras das funestas apprehensões do relator da receita, subitamente transformado em callandra, vaticinando imminentes catastrophes financeiras.

Ouvindo as commovedoras conclusões de s. ex., um freguez assiduo do augusto recinto da Camara murmurou, sobresaltado:

— Ahi ha dente de coelho. Que teria feito o Lauro Muller ao Chico de Sá? Qual a causa desse teiró que explode em geitos assanhados, denunciando entranhada má vontade ao ministro?

O sr. Virgilio Brigido, nosso amigo e amigo do nosso amigo Sá, confirmou essa suspeita com um sorriso sarcastico.

Deve, na verdade, existir, no sombrio recesso das causas daquelle effeito formidavel, um motivo, remoto ou proximo, dessa inesperada explosão e desse vaticinio, formulado por um homem que não é estranho ás carinhosas intimidades do governo, nem ás suas graças inestimaveis, graças reservadas aos que teem olhos e não vêem, aos que teem orelhas e não ouvem, aos

que se habituaram á cegueira voluntaria das dedicações incondicionaes, aos que reputam uma profanação pensar, analizar e procurar a razão das deliberações infalliveis dos governos omnipotentes.

Para nós, essa surpreendente manifestação documenta preciosamente a crise de character que subverte todos os princípios, todas as normas observadas num regimen de politica normalmente organizada. Ficámos cortados de assombro ante a mais terrivel imputação que se possa fazer a estadistas, a imputação de responsaveis por um *deficit* que attinge ao *record* na especie, num paiz cujas finanças, desde os tempos coloniaes, andaram arrombadas pela iucapacidade, pela iucompetencia, pela irrepresentavel ignorancia de directores rotineiros, impassiveis ás luminosas indicações da sciencia, á lição intuitiva dos factos. O *deficit* foi sempre um infallivel berbigacho dos nossos orçamentos, mas não attingira, apesar dos erros mais grosseiros, á vertiginosa somma de quarenta mil contos.

Esse facto tem causas, tem responsaveis, que não podem ser outros sinão os gerentes das nossas finanças, dos altos negocios dos Estados, responsaveis por desidia, por negligencia, por desvios, por infracções das leis orçamentarias, pela má applicação da renda publica ou pessima confeição dos orçamentos. Consequentemente, os culpados do formidavel *deficit* devem ser o Governo ou o Congresso, aquelles que fabricaram os orçamentos ou aquelles que os executaram.

No primeiro caso, a Camara (não incluímos na responsabilidade o Senado porque este está excluído da fabricação das leis de meios, limitando-se, na angustia dos ultimos dias de sessão, o digeril-os sem mastigar) nunca se insurgiu contra a incontinecia das auctorisações excessivas, das auctorisações de favores pessoaes, dos aumentos de ordenados e outras prebendas de todo o feitio, destinadas aos eleitores que devem forjar as reeleições, a perpetuação da posse de cadeiras no areopago dos representantes da nação. A maioria da Camara, honrada com o concurso do sr. Francisco Sá, se resignou a votar sem convicção, obediante ao aceno do *leader*, que symboliza a confiança, o maravilhoso dedo do

Governo, oppondo-se, dobrada uma subservencia fanatica, a todas as patrioticas tentativas de esclarecimentos, de explicações, de projecção dos luminosos raios da critica nos antros sagrados, como o Banco da Republica, como os escaninhos secretos por onde se escôam, clandestinamente, subvenções incompativeis com a claridade, os jorros do maravilhoso filtro eliminador das resistencias, consolidador das adhesões, agglomeradas num bloco invencivel em torno dos governos. Uma Camara, assim submissa, não pôde escapar á responsabilidade do desastre.

No segundo caso, o Governo, executor dos orçamentos, jámais defrontou o menor obstaculo opposto pelos seus fiscaes constitucionaes, sendo do ritual qualificar a menor censura, as mais reverentes ponderações actos de hostilidade sinão movimentos de rebeldia, animados pelo intuito de crear difficuldades (é o termo consagrado) á benemerita gestão dos negocios publicos. Antes pelo contrario, foi sempre o principal empenho da solicitude desses fiscaes aplaiarem o terreno, ornamental-o, tapetal-o de flôres, para que a marcha triumphal do governo não tropeçasse na mais insignificante excrescencia.

Chegamos, portanto, á conclusão de que a Camara é solidaria na responsabilidade do *deficit*, sinão auctora principal, ao menos que se não despeñe no absurdo de se confessar inimputavel como instrumento inconsciente.

Mas... tudo se explica, desde que vemos o sr. Francisco de Sá, apesar das suas conclusões sinistras, apoiar com todos os recursos do seu talento, da sua acatada competencia, o governo arguido dos crimes condensados no formidavel *deficit*, nos desvios das £ 8.500.000 do emprestimo destinado ás obras do porto.

O movimento de rebeldia do illustre grão-duque acciolyno teria o defeito de ser tardio, si fôsse sincero. Sua alteza acordou dia claro e abriu os estremunhados olhos sobre o abysmo que ajudou a cavar, quando o palacio do Cattete já adquiriu o repulsivo aspecto de camara funeraria. E os des-affectos de s. ex. são capazes de desconfiar que, praça de selecção nos tripolantes do navio, se lançou ao mar, quando lhe presentiu agua no porão,

desconjunctado pelo embate dos vagalhões da opinião publica, quando surge no horisonte a fimbria da terra promettida ao sr. Affonso Penna.

\* \* \*

Contraste singular! No momento em que o sr. Francisco de Sá espanta os financeiros, amedronta o cambio, calca no bojo do credito do paiz com a ameaça do fabuloso *deficit*, o seu illustre sogro annuncia pelo telegrapho um saldo de novecentos e onze contos, accumulado nos prodigiosos cofres do thezouro do seu feudo, producto da extorção perpetrada pelo barbaro imposto de 3% sobre as transacções mercantis dentro e fóra do Estado, imposto justificado e encomiado pelo illustre deputado ceareuse como primorosa lettra do seu fecundissimo e engraçadissimo sogro.

Esse saldo, seja embóra uma phantasia como aquelle que foi legado ao juvenil sr. Pedro Borges e que este teve a franqueza, a alacridade immortal de reduzir aos fraugalhos de um artificio franduleuto, seja embóra da consistencia daquelles oitenta mil contos, muito problematicos, legados pela feitiçaria financeira do sr. Campos Salles ao sr. Rodrigues Alves, saldo que, talvez, não seja estranho ás origens do annunciado *deficit*, está indicando o commendador Accioly para a gestão da pasta da Fazenda.

Si, com effeito, o perigo é o *deficit*, o salvador, o regenerador da finança nacional deve ser um fabricante de saldos.

Ah! não se espantem: tudo *satria* a primor!

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

O trecho transcripto, no artigo anterior, ácerca das iuvasões da Hespanha, pelos barbaros do norte, e depois pelos arabes, ácerca das luctas então travadas e das que se debateram na phase da reconquista, encerra uma duzia de erros, cada qual mais grave.

Dest'arte, é falsissimo, é um desacercto hoje apenas repetido por bisonhos collegiaes, o character que o auctor da *America Latina* attribúe á chamada invasão dos barbaros no começo do V seculo da era vulgar.

O sr. Bomfim ainda é daquelles que

ouzam repetir haver sido a allndida invasão um tremendo cataclisma, uma inesperada torrente devastadora, um furacão impetuoso partido dos quatro pontos cardeaes, a derrocar tudo, um terramoto, um incendio universal, conduzindo o terrivel concurso dos roubos, das mortes, das violações, das ruínas.

Ainda vem regalar os seus leitores com essas aparições phantasticas e aterradoras, encontrando no Rio de Janeiro, onde a decadencia dos estudos chegou a um gráu incrível de abaixamento, quem lhe bata palmas...

Pois não sabe o sr. Bomfim que os quatro longos seculos, anteriores á famosa e mal apreciada invasão, fôram empregados pelos imperadores romanos em attraírem, por todas as fórmas, os barbaros, concedendo-lhes terras por toda a parte, em alguns pontos, provincias inteiras?

Ignora que o grosso das tropas do imperio passou a ser composto de barbaros? que estes forneceram aos romanos decadentes seus melhores generaes?

Quem eram Ricimer, Stilicon, Odoacro, Theodorico, Arbogasto, Cariovisco, Hildemundo — ao serviço de Roma, chegando alguns a cazar com princezas imperiaes e ontros a tomar assento no Senado?

Alguns chegaram a ser imperadores.

Sob tres categorias diversas, eram as gentes germanicas incorporadas ás populações romanas: como—*dediticü*, que eram os prisioneiros de guerra, rednzidos ao *colonato*; como *foederati*, que eram as tribus alliciadas por contracto para, a troco de terras, occuparem-se das lavouras; como *laeti*, que eram as tribus fixadas, com grandes vantagens, nas fronteiras para defendel-as.

O phenomeno da infiltração lenta do imperio romano pelos barbaros é tão consideravel, é de valor tão indispensavel para a comprehensão da historia da idade-média, respectiva da historia moderna, que sobre elle se edificou até a theoria de *Dubos*, repetida, mais tarde, por Guérard, Littré, Coulanges, Lefèvre, de nem siquer ter havido invasão, these què, na mente de seus auctores, serve para demonstrar a *preponderancia* do elemento romano e a quasi nenhuma influencia do factor germanico em a cultura moderna. Isto na desasada opinião desses *exaggerados romanistas*.

A verdade é outra e bem diversa; nem está com *Dubos* e seus repetidores, absorvidos no *romanismo* a ponto de nada divisarem além, nem com *Boulainvilliers*, que, caíndo no extremo opposto, só via o germano, a invasão, a conquista em toda a historia moderna. A verdade está com os espiritos calmos, ponderados, imparciaes, equilibrados, dum Montesquieu,

dum Guizot, dum Aug. Thierry, cuja doutrina foi repetida e estribada, em documentos fornecidos pela mais segura erudição, por A. Geffroy Bryce, Laurent, Tourville e a maioria dos mais profundos historiadores modernos.

Deixe o sr. dr. Bomfim os delirios de Oliveira Martins e aprenda no *Santo Imperio Romano Germanico*, livro precioso do sabio auctor da *Republica Americana*, qual o verdadeiro caracter das relações dos romanos e germanos.

Leia, estude, com attenção e criterio, a excellente obra de A. Geffroy, *Roma e os Barbaros — Estudo sobre a Germania de Tacito*, e veja quão incoherente e obscuro é o cahos das idéas falhas, falsas, incompletas, contradictorias, que andou a arrebanhar e a pespontar nesse manto de retalho a que deu o nome de *America Latina*.

Preferivel a tudo seria que, após larga preparação na escola social de Le Play, fizesse seu livro predilecto de leitura e meditação nocturna, seu livro de travesseiro, dessa estupenda *Historia da formação particularista—A origem dos grandes povos actuaes* — de Henrique de Tourville.

Nessa obra prima do grande francez, aprenderia, com segurança, a ver o papel historico desses godos, desses francos, desses scandinavos, desses saxões, desses germanos, em summa, ácerca dos quaes o sr. Bomfim repete blasphemias e dispauterios, indignos dum homem de cultura, por pequena que seja.

Mas, para o fim indicado, bastaria que o dissertador do *parasitismo* e do *ciúme* tivesse, ao menos, conhecimento do 5º volume dos *Estudos da historia da humanidade—Os barbaros e o catholicismo*, de F. Laurent.

Abra-o á pagina 38 e faça commigo uma consolidação, um rapido resumo.

O mundo romano, com sua bella civilização, estava reduzido ao ultimo extremo, e, para sustentar um resto de vida, foi forçado a chamar em seu auxilio os barbaros. Não fôram estes que invadiram o imperio; fôram os romanos que lh'o entregaram.

De ordinario se costuma figurar a invasão dos barbaros como uma irrupção imprevista e subita das populações do norte; mas, bem antes do grande movimento de povos que precipitou a quèda do imperio no V seculo, o elemento barbaro tinha penetrado, de todo, o mundo romano. Mal tinha Roma acabado a conquista do mundo e tinha já começado sua ruina; sente que váe morrendo aos poucos e váe procurar entre os barbaros um novo elemento de vida. A população diminúe, Roma é forçada a recrutar suas legiões entre os barbaros. As terras sentem falta de braços para o trabalho, são chamados os barbaros para cultivar os desertos do imperio.

Populações inteiras são admittidas no territorio romano; os destruidores do imperio são estabelecidos no imperio. Os barbaros entram no serviço dos principes, cujo logar vão tomar; são elles que fazem e desfazem os imperadores; e até os homens que defendem o throno dos Cesares véem do norte. Enchem as legiões, occupam o sólo, dispõem do imperio; para precipitar a ruina, bastará um choque.

A invasão do V seculo apréssa apenas o curso dos acontecimentos e encurta a agonia...

Os romanos mesmos fôram procurar os germanos em suas florestas desde o tempo de Cesar.

O conquistador das Gallias admirava a coragem delles e formou cohortes selectas com esses terriveis guerreiros que espautavam romanos e gaulezes. Cesar os empregou nas guerras civis... Cobriram-se de gloria em Pharsalia; seu choque impetuoso fez em destroços a cavallaria de Pompeu.

Dest'arte, até a sorte da republica foi decidida pelos barbaros! Desde então, ficaram ao soldo do imperio e, á medida que os romanos desertavam das legiões, o numero dos auxiliares barbaros augmentava. No III seculo, seu serviço tomou fórma regular...

Tropas inteiras de germanos se estabeleceram no territorio do imperio; receberam terras com a condição de servir nos exercitos romanos...

A julgar pelo numero consideravel de seus estabelecimentos numa só provincia, Roma tinha mais necessidade dos barbaros do que os barbaros de Roma; só na Gallia a *Notitia Dignitatum Imperii* menciona doze acampamentos de *Laeti*, e taes colonias militares tiveram tão notavel desenvolvimento que algumas vieram a formar povos: os *Borquinhões* fôram *Lètes*... E si as legiões precisavam de soldados e as terras de agricultores, não se deve procurar a causa desse facto unicamente na corrupção e na fraqueza dos romanos: a população livre e a escrava se extinguíam, a cultura das terras estava abandonada; para completar as legiões, era mistér repovoar os campos. Para isso, os imperadores, além das tribus germanicas attraídas pelas vantagens do serviço militar ou pelas concessões de terras, distribuíam pelas regiões desertas os captivos provindos de suas raras victorias... Na ultima metade do II seculo, Marco Aurelio transportou os marcomanos para diversas regiões do imperio e, principalmente, para certas terras despovoadas da Italia. O imperador Claudio, cognominado o *Gothico*, povoou as provincias com agricultores de origem barbara; os romanos se envaideceram ao ver suas propriedades cultivadas por trabalhadores cuja servidão lembrava a victoria das legiões e não percebíam que andavam instal-

lando ua imperio seus futuros destruidores. Aureliano transplantou para a Mesia os antigos habitantes da Dacia... Probo, conhecendo a paixão de independencia dos barbaros, collocou-os a immensas distancias de sua patria: vandalos na Britania, gepidas nas margens do Rheno, francos no Danubio e na Asia Menor, bastarnos na Thracia... E, todavia, os desertos augmentavam com a decadencia do imperio. As necessidades do fisco tinham avultado com a desordem e os perigos do Estado; as provincias, na miseria, deviam pagar no dobro contribuições que não podiam supportar na opulencia: os agricultores fugiam dos campos.

Tal a situação do imperio no reinado de Diocleciano.

O imperador augmentou o mal com o crear uma côrte ao gosto oriental; mas procurou remediar o mal, povoando os campos com trabalhadores barbaros. Pôz nesse designio toda a sua energia.

Os seus collegas de administração, ajudaram nos seus planos. Maximiano estabeleceram os francos nas terras baldias dos Nervios e da região de Treves; as victorias de Constancio Chloro obrigaram os chavanes, os frisões e outros povos barbaros a trabalhar as terras para os romanos... E' esta a crueldade da situação; os melhores imperadores, os Marcos Aurelios, os Dioclecianos, os Constantinos vêem-se obrigados a entregar as provincias aos futuros senhores de Roma.

O imperio tem apenas de romano o nome e as fórmulas, os barbaros fazem toda a sua força. Os godos forneceram 40.000 homens a Constantino, e foi com os barbaros que o primeiro imperador christão venceu Licínio nos campos de Andrinopla e da Chalcedonia, onde succumbiram os ultimos defensores do paganismo. E dest'arte, os barbaros decidiram até a victoria do christianismo. Os dois elementos principaes da civilização moderna estão senhores do imperio; falta só afastar os ultimos escombros da antiguidade. A sociedade greco-romana abate-se e morre; os imperadores sentem que ella não lhes offerece mais apoio e lançam-se nos braços dos germanos. Graciano tem tanto amor para com os barbaros quanto devotamento ao christianismo e não occulta o desprezo que lhe inspiram os romanos; abandona a toga e a veste pontificia: dir-se-ia um repudio da antiguidade nos seus elementos essenciaes, a cidade e a religião.

Véem, pois, homens do norte; o mundo está apto a recebê-los.

Em 376, a fama annunciou ao imperador Valente que um movimento immenso agitava o norte, que populações barbaras, impellidas por outros povos mais barbaros, tinham sido des-

locados de seus altos recessos até ás margens do Danubio. Uma embaixada dos godos confirmou esses boatos: expulsos de seus vastos dominios pelos hunos, imploravam a clemencia do imperador, supplicando que os deixasse cultivar os desertos da Thracia. Promettiam abraçar o christianismo e defender as fronteiras do imperio como auxiliares. Com esta noticia, os cortezaes de Valente exaltaram a felicidade do principe a quem a fortuna trazia guerreiros invenciveis dos confins da terra... A transplantação dos godos dá inicio á invasão dos povos do norte... Theodosio restabelece, em simulacro, a dignidade, do imperio; mas, em realidade, este pertence aos barbaros.

Elles é que formam, quasi por si sós, os exercitos, tanto dos imperadores como dos pretendentes á purpura. O mundo romano é como vasta arena, em que acampam e se abatem os barbaros. Seus chefes governam o imperio... Havia muito, tinham investido as mais altas dignidades; tinha-se já visto um godo no throno e não havia razão para recuzar o consulado e o commando das legiões áquelles que davam Cesares aos descendentes degenerados dos vencedores do mundo.

Ao ler os nomes dos generaes romanos, Hartmund, Haldgast, Hildemund Cariovisc, suppôr-se-ia que se estava nas florestas da germania. Galliano contracta os serviços do chefe dos herulos—Naulobat, e faz delle consul. Constancio Chloro tem por companheiro d'armas o rei dos alamanos—Eroch.

No IV seculo, não se pôdem mais contar os francos, os alamanos, os godos, os burgundios que desfructam cargos da côrte ou do exercito. Alguns revestem-se da purpura, e é o caso de Sylvano e Maguencio; outros, mais prudentes como Reciner e Argobasto, lançam-na aos hombros dalgum romano e reinam em seu nome. O vandalo Stilichon, sogro de Honorio, governa o Occidente por quatorze dilatados annos.

Barbaro de genio, capaz de defender o imperio contra os barbaros, succumbe sob os golpes da inveja duma côrte decrepita.

Rompe-se o ultimo dique, Alarico toma Roma.

As provincias e a Italia estavam arruinadas, despovoadas pelas usurpações dos grandes proprietarios e pelo despotismo dos imperadores. A classe média, os agricultores livres, tinham desaparecido; o resto estava por tal fórma aviltado que comparou esses miseros decadentes a mulheres, e só os barbaros eram homens. Sem elles, o mundo romano teria succumbido ao exgotamento.

Fala-se muito, declama-se dema-

siado sobre a morte da civilização pelo ferro dos barbaros.

Essa morte não passa de uma figura; a sociedade romana não foi exterminada. Longe disso. A invasão não foi tão destruidora, quanto praz repetir á rethorica dos declamadores; as conquistas dos barbaros fôrão mais uma occupação que uma guerra. Só encontraram resistencia nos primeiros seculos quando Roma era ainda forte; no V seculo, o imperio foi-se retirando successivamente das varias provincias, as legiões fôrão desaparecendo, a nação não deu mais signal de vida. Era como si não existisse. Os alanos, os vaudalos, os suévos e muitos povos a elles reunidos, diz o chronista Orosio, atravessaram o Rheno, invadiram a Gallia e chegaram, sem o mais leve obstaculo, até ás faldas dos Pyrenens. Ninguem, exclamava Salviano, quer morrer e ninguem busca os meios de não morrer; tudo está em uma inacção, uma covardia, uma preguiça, uma negligencia inconcebiveis; só se pensa em comer, beber e dormir..

Tem-se procurado, conclúe Laurent, que tenho vindo a seguir, tem-se procurado a razão desse singular phenomeno duma nação que se deixa pilhar e expropriar sem nenhuma resistencia; nós accusamos o despotismo dos governantes tanto quanto a corrupção dos povos. O materialismo antigo, adicionado aos excessos da tyrannia imperial, lançou os homens num abatimento que os tornou indifferentes ao proprio destino. Como se haviam de apegar a uma patria que não mais existia? a uma ordem social que não lhes garantia nem a vida, nem a liberdade? O governo dos barbaros parecia-lhes preferivel ao regimen romano. (Laurent—*Etudes sur l'Histoire de l'Humanité*, V; pag. 38 e seguintes.)

A' vista deste quadro tão diverso das aberrações que andam a transviar o sr. Bomfim, deve elle perceber que não pôde com os barbaros arredouar a cifra dos 12 seculos de luctas e guerras perennes de que precisa para desnaturar o genio iberico em o espirito de méros *depredadores e parasitas*....

Desfiemos outros erros do trecho transcripto.

\* \* \*

Todo o esforço do sr. Bomfim é para demonstrar o estado de guerra permanente da Hespanha durante 12 seculos seguidos. O fim a que destina essa falsificação da historia é conhecido: é para arranjar um periodo de luctas e depredações que lhe parece o prologo indispensavel a todo parasitismo social.

Não sei como elle conta os seus 12 seculos de eterno pelejar. Não se conhece invasão nenhuma na Hespanha

que diste 12 seculos da conquista de granada pelos christãos, termo que o sr. Bomfim dá ao seu periodo de perpetua matança.

A dos ligures, conforme a lição de Martius Sarmiento preferivel á de Jubainville, dista 32 seculos; a dos phenícios, segundo a chronologia de Velleio Paterculo, 26; a dos carthaginezes, 19 a 20, si se toma em consideração seu predomínio sobre a mãe-patria nas regiões occidentaes do Mediterraneo, e 18, si attendemos á sua conquista directa de certas partes da Hespanha: a dos romanos, — 17; a dos godos, — pouco mais de 10 seculos e meio.

Contar 12 é que não vejo como. Nem os 32 seculos que decorrem das primeiras incursões dos ligures; nem os 26 da entrada dos phenícios; nem os 20 ou 21 da chegada dos celtas, dos quaes me ia esquecendo; nem os 19 ou 20 da vinda dos carthaginezes; nem os 17 do apparecimento dos romanos; nem os 10 e meio do advento dos godos fôram preenchidos pela constante carnificina souhada por Bomfim.

Já tive occasião de lembrar os quatro ou cinco seculos da paz romana; cumpre, agora, acrescentar que, estabelecidos os ligures, os phenícios, os celtas em determinadas regiões peninsulares, decorreram dilatados seculos de florescimento e socego entre as gentes ibericas que chegaram entre os tudetanos, no dizer de Strabão, a um alto gráu de cultura.

Coisa é essa que se não adquire no meio do incendio de todos os dias.

«Comparados aos outros ibericos, escreve Strabão, são os tudetanos reputados os mais sabios; possuem uma litteratura, historias ou annaes dos antigos tempos, poemas e leis em verso que datam, ao que pretendem, de seis mil annos; nas outras nações ibericas teem tambem a sua litteratura, ou, melhor, as suas litteraturas, pois que não falam todas a mesma lingua». (*Livro III da geographia*, de Strabão, trad. de Gabriel Pereira, pag. 6).

Para chegar ás suas conclusões, o sr. Bomfim não desnatura só, como se viu, o character das invasões germanicas, em geral, na Europa; desfigura nomeadamente as que se deram em Hespanha.

Vê-se de sobra que, em taes assumptos, elle nunca leu os grandes historiadores, os que escreveram com os documentos authenticos e coevos á vista.

Sua sciencia historica é bebida, além do extravagante, apressado e pouco versado O. Martins, em ignobéis compendios de historia universal que andam ahi estupificando a mocidade.

Do longo trecho citado — destaco estas palavras: «Em 415, luctam os visigodos contra os vándalos, que são finalmente expulsos para a Africa.

Segue-se a lucta contra os alanos e suévos, que só termina em 584, pelo aniquilamento definitivo destes ultimos, fixados na Galliza, e que, nessa data, perderam de todo a independencia».

Eis ahi: tantas palavras quantos erros.

Dest'arte, não é verdade que os visigodos tivessem luctado em 415 com os vándalos. Não é verdade que se tivesse seguido lucta com os alanos e suévos. Tudo isto está desvirtuado, invertido, erradissimo para o uso do parasitismo bomfinico.

Aprenda, meu caro; deixe o Martins e abra livros de gente de saber, e não de productores de fancaria.

Abra a *Historia das Instituições Sociaes da Hespanha Goda* e note como os factos se passaram, conforme o testemunho de Idacio, Orosio, Santo Isidoro e outras testemunhas do tempo.

Em 409 os suévos e os vándalos estabeleceram-se na Galliza, uns na parte occidental e outros na oriental; no mesmo anno os alanos apoderaram-se da Lusitania e parte da Cartaginense, ao passo que os silingos occuparam a Betica.

Tudo quasi sem resistencia. Em 415, entraram os visigodos, e, logo no anno seguinte, sob as ordens de Wallia, e ainda por conta do imperio romano, exterminaram os silingos da Betica, (Repare, sr. Bomfim) e, em seguida, os alanos, causando-lhe tal mortandade e estrago que os poucos sobreviventes, morto seu rei, Atacio, deixaram de formar corpo de nação e fôram confundir-se na Galliza com os vándalos de Gunderico, chefe destes desde o tempo da invasão.

Desta narrativa, se depreheende que das cinco gentes barbaras em presença na peninsula no anno de 415 — silingos, alanos, vándalos, suévos e visigodos — só as duas primeiras é que fôram destruidas, em 416, — silingos e alanos — e não vándalos, como asseverou o propagandista do parasitismo.

Não é tudo; dos trez povos restantes em 416, — visigodos, suévos e vándalos, — estes se retiraram em 429, treze annos após o aniquilamento dos alanos e silingos, não por lucta com os visigodos, sinão por outras causas.

Os factos são estes:

Mal avindos com os suévos, aos quaes combatiam e sitiavam nos montes Erbasos, abandonaram o cerco sem motivo conhecido, apoderaram-se das Baleares, destruíram Carthagená, saquearam Sevilha e estenderam-se pela Betica, já livre dos silingos. Chamados depois pelo conde Boni-

facio, emigraram para a Africa em 429. (Perez Pujol, op. cit. II, pag. 10).

Ficaram na peninsula os dois povos germanicos que nella consideravelmente influíram: os suévos — que desfructaram quasi dois seculos de prosperidade; os visigodos — que tiveram tres de grandes esforços em pról da civilisação.

O influxo dos suévos, na formação do genio gallego e portuguez, foi do maior valor.

Não é aqui o logar de o explanar. Nem o devo fazer pelo que toca aos godos quanto á Hespanha.

Para o caso em debate, — character selvagem da invasão, — é de sobra oppôr ao sr. Bomfim o testemunho dos chronistas do V seculo já citados.

E' o que váe já ser feito; mas antes não será sem vantagem mostrar-lhe que o caso dos suévos não é assim tão simples, como lhe parece, e não se decide numa pennada. Nem elles andaram sempre em guerra; dos quasi duzentos annos que tiveram de independencia na peninsula, mais de cem fôram em seguida de inalteravel paz; nem fôram destruidos, com levianamente affirma o escriptor sergipano.

Depois de batidos os selingos e alanos e afastados os vándalos, ensina Pérez Pujol, só faltava saber a qual dos dois povos, godos ou suévos, havia de pertencer o dominio da Hespanha. De quasi toda ella se apoderaram os ultimos, e seu rei Rechilan pôde estender seu imperio pela Lusitania, a Betica e a Cartaginense; vencidos, porém, por Theodorico II e depois por Eurico, em 469, ficaram reduzidos á antiga posse da Galliza e da parte da Lusitania até ao Tejo. Segue-se um seculo inteiro de paz (Repare, sr. Bomfim) desfructada pela monarchia suéva.

Neste periodo, o Estado se constituiu e chegou a florescer durante o seculo VI com a vitalidade revelada nos concilios de Braga e nos escriptos de São Martinho Dumienne.

Em 584, quasi dois seculos depois da invasão e após cem annos de paz, perderam a independencia politica e fôram incorporados ao imperio visigotico. «Pero su influencia, accrescenta o grande escriptor, se hace sentir de um modo perceptible, no sólo en la epoca goda, sino en el periodo seguinte al reconstituir-se la España de la Edad Media.»

Vá notando o sr. Bomfim o quanto ignora essa historia dos suévos, por elle representada qual uma especie de bandidos aniquilados, da noite para o dia, pelos visigodos.

Como quer que seja, dizia eu, não foi só a invasão geral dos barbaros na Europa — a desfigurada pelo sr. Manoel Bomfim. Peculiarmente o foi a da Hespanha, devastada a ferro e fogo,

depredada, como era dos costumes da epocha, repete o parasitador de Oliveira Martins.

Não é esta a lição dos factos aprendida nos escriptores do tempo, os quaes, por entre exaggeros inspirados no seu patriotismo contra os barbaros, chegam a confessar a verdade quando asseveram que, passado o primeiro impeto, os invasores transformaram as espadas em arados e usaram de tal brandura que as proprias populações hispano-romanas preferiam o governo dos barbaros ao dos imperadores. «Irrupta sunt Hispaniae, cades vastationesque passæ sunt... quanquam et post hoc quoque continuo barbarie execrati, gladios suos ad aratra conversi sunt, residuos que romanos ut socios modo et amicos fovent, ut inveniantur iam inter eos quidam romani qui malint inter barbaros pauperem libertatem, quam inter romanos tributariam sollicitudinem sustinere.»

São palavras de Paulo Orosio, que tinha mais razões de conhecer a verdade dos acontecimentos do que os novos serzidores de remendos para essas colchas de retalhos chamadas *Americas Latinas*...

Firmados nos chronistas, nos Orosios, Idacios, Isidoros, Rodrigues de Toledo, Salvianos e oitenta outros, os grandes mestres chegam a ensinar que, posto tivesse sido a primeira irrupção a mais violenta praticada pelos barbaros, não é, comtudo, comparavel á guerra de exterminio praticada em varias partes de Hespanha pela Republica Romana, não havendo no seculo V nenhuma hecatombe como a de Numancia, não sendo destruida pelos caudilhos dos novos conquistadores, depois da victoria, cidade alguma como friamente as destruiam, ás centenas, os ferozes proconsules. Bem longe disso; logo que viram languescer a terra por falta de cultivo, repararam por sorte as provincias, convocando os habitantes; com estes dividiram o sólo para que o cultivassem, mediante tributo, e as terras que para si reservaram fôram por elles mesmos agricultadas. Como socios e amigos começaram a tratar aos provincianos, muitos dos quaes, na phrase do chronista, chegaram a preferir a livre pobreza desfructada entre os barbaros á expolição e tyrannia com que os agonizavam os magistrados romanos. (Op. cit. II, pag. 9).

Tres seculos durou o governo visigodo na Hespanha, sendo os dois primeiros na mór parte della e o ultimo na sua totalidade. Viram interrompido o bello surto de seu desenvolvimento pela conquista arabe, é certo; erra, porém, em claro quem no tempo de seu dominio só vê guerras, luctas, depredações e massacres.

Si assim fôra, seria inexplicavel toda a historia medieval e moderna da pe-

ninsula. Bem cedo prepararam a reconquista; e, em pouco tempo, toda a metade septentrional das Hespanhas estava independente. E não foi arabe que appareceu falando ás novas populações, sinão romanço (E' como escreve o sabedor Leite de Vasconcellos), isto é, dialectos novo-latinos, nos quaes o influxo suévico e gothico é patente.

E a influencia nas instituições administrativas? e nas juridicas? e nas politicas? nas industriaes?

Muitas dellas já tinham sido apontadas por Masden, Marina, Montesquien, Guizot, Herculano, Ginoulliac e outros. Constituem o objecto da obra monumental de Pérez Pujol.

Não é aqui o logar e a occasião de compendial-as.

Estude um pouco mais o sr. Bomfim, que acabará por conhecel-as.

Urge mostrar como errou em claro ácerca da invasão arabe.

SYLVIO ROMÉRO.

### D'AQUI E D'ALLI

A imprensa amarella dos Estados-Unidos fez, ha pouco tempo, grande barulho a proposito da conferencia do cirurgião inglez, o sr. Osler. Diziam os jornaes *yankees* que o medico britânico tinha declarado, muito simplesmente, que, depois dos sessenta annos, o cerebro humano fica sem valor e que todo sexagenario deveria ser docemente eliminado por meio do chloroformio. O sr. Osler não disse absolutamente isso, mas, sim, que o melhor da obra intellectual dos homens que trabalhavam com o cerebro se fazia antes dos quarenta annos e que, depois dos sessenta, a sua producção se tornava muito inferior. Goethe disse mesmo que se não adquirem mais idéas novas depois dos quarenta. Macaulay, porém, faz observar que, si grandes obras teem sido produzidas antes dos quarenta annos, as maiores e mais bellas são devidas aos cerebros de mais daquela idade. A affirmação do sr. Osler tem sido muito discutida. E' exacta, talvez, para certos generos de trabalhos intellectuaes e muito falsa para outros. E' certo, porém, que o cerebro não está de todo prohibido de dar, depois dos quarenta annos, peças superiores ás que produziu antes dessa idade.

\* \*

No Congresso de Esperanto, recentemente realizado em Boulogne-sur-mer, reuniram-se 1.200 membros, que, durante tres dias, falaram o esperanto uns com os outros. Esperantistas catholicos assistiram a uma missa onde se entoaram canticos em esperanto. Em uma das sessões, artistas ita-

lianos, francezes, inglezes, russos, allemães e noruegueses representaram, na futura lingua universal, uma comedia de Molière. O seu inventor, dr. Kamenulof, que presidia o Congresso, affirma que, graças á sua simplicidade, o esperanto póde ser lido á primeira vista com a ajuda do dictionario e que em uma hora de estudo, se aprende toda a grammatica e um vocabulario consideravel.

\* \*

Publicaram em Lyon, em edição posthuma, o ultimo livro de Gabriel Tarde, *Fragmentos de historia futura*. E' uma engenhosa utopia no genero de Morris e de H. G. Wells. Um cataclisma tendo trazido o periodo glacial, os homens encerram-se com os thezouros das civilisações passadas, em cavernas sub-terrestres e ali gozam o apogeu do poder e da felicidade. Esta idéa é precisamente o contrario da de Rousseau e de Tolstoi, que pregam a volta á natureza. Não compreliende a dilatação da vida moral social sinão no divorcio definitivo com todas as fórmulas naturaes. E' um paradoxo e, como todo paradoxo, traz uma parte verdadeira. Lê-se com prazer essa fantasia fina e profunda, onde o estylo abstracto do philosopho se enfeita com os encantos artisticos que muitas vezes attingem á belleza.

\* \*

Acaba de ser descoberto um sello romaico ou valaco, que tem um seculo quasi; traz a data de 1 de junho de 1818, assemelha-se a uma hostia, é redondo, azulado, e com as margens denteadas. Apparecem, como effigie, as armas da Valaquia: uma aguia de azas estendidas, levando ao bico uma cruz, repouza sobre um globo onde estão inscriptas as iniciaes do *doum* da epocha. Nesse tempo, o serviço de correio era feito pelo postilhão e as taxas a pagar sendo conforme as distancias percorridas, nenhum valor estava marcado no sello.

\* \*

O novo ministro da marinha dos Estados-Unidos, o sr. Charles J. Bonaparte, devia ser chamado cedo ou tarde ás mais altas funcções publicas do seu paiz. Antigo alumno da escola Haward, é amigo, desde pequeno, do presidente Roosevelt que o tem agóra como seu auxiliar. Charles Bonaparte, que é, como se sabe, o neto do rei Jeronymo, e, por consequinte, sobrinho de Napoleão I, é um dos grandes advogados dos Estados-Unidos. Assignala-se pela energia de uma campanha emprehendida contra os funcionarios prevaricadores de Baltimore,



a sua cidade natal. O ministro norteamericano é de estatura acima da média e parece-se extraordinariamente com o seu avô, o rei de Westphalia.

\* \*

Em janeiro de 1906, a guarda suíça celebrará o quarto centenário da sua chegada a Roma. A convenção para a formação de uma guarda suíça de duzentos soldados foi concluída em outubro de 1505, com o papa Julio II. O primeiro capitão dos suíços do Vaticano foi Gaspard de Sileuen, que levou a Roma os duzentos guardas, e a primeira companhia foi massacrada por ordem do condestavel de Bourbon, quando este pillhou a cidade eterna. Após esse acontecimento, vinte e um annos se passaram e só depois é que os suíços retomaram o seu posto em Roma, donde nunca mais saíram. No entanto, os seus serviços fôram interrompidos em 1798 e em 1809, por ocasião da occupação franceza. Os suíços voltaram a Roma com Pio VII, e, desde então, não abandonaram mais o Vaticano.

\* \*

A senhorita Roosevelt, a filha do presidente dos Estados-Unidos, foi pedida em casamento 3.552 vezes; o ultimo pretendente repellido é o sultão Zula, que sentiu pela joven uma paixão subita e violenta, por ocasião da sua passagem por Mindanáu, nas ilhas Philippinas. O sultão ficou muito incommodado quando soube que a senhorita Roosevelt recuzara ser sultana favorita.

\* \*

Nos Estados-Unidos, principalmente em São Francisco, os japonezes immigram em grande numero. Vêem, sobretudo, para aproveitar as vantagens educativas. Quasi todos, estando sem recursos, empregam-se como creados e pedem aos patrões algumas horas cada dia para seguir a lição das escolas publicas. Trabalham pela manhã, vão para a escola á tarde e de noite estão livres. Depois de dez mezes passados nessas condições nos Estados-Unidos, voltam para o seu paiz. Actualmente, estão em São Francisco 180.000 japonezes.

\* \*

A senhora americana Evangeline Rand, que falleceu ha pouco tempo em Florença, deixou seiscentos contos destinados á fundação de uma escola socialista em Nova-York, que se torne o centro intellectual dos Estados-Unidos.

### Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

#### III

A situação era apertada. D. Pedro parmaneceu, por alguns dias, indeciso. O seu espirito, reagindo sobre a violencia do temperamento, meditava, adejando de resolução em resolução.

Os acontecimentos em Portugal, a vehemencia dos discursos de Fernandes Thomaz e dos liberaes nas côrtes de Lisbôa dum lado; e de outro lado, as agitações populares no Rio de Janeiro, os appellos que lhe faziam o capitão-mór Rocha, o dr. Léo, o conego Januario e outros patriotas, promotores do movimento revolucionario forçam-no a escolher uma das causas, ou a da colonia, ou a da metropole.

D. Pedro, tendo vindo creança e já habituado a viver no Rio de Janeiro, que elle amava, sentia-se apegado ao sólo e compartia das paixões do patriotismo brasileiro. As seducções de gloria de fundar um imperio e de ser o guia dum povo na conquista da liberdade, attraíndo-lhe o espirito, acordavam-se com os seus sentimentos. Havia nelle o idéal da grandeza, do heroismo, e o tino de não deixar escapar occasião de praticar feitos que perpetuam um nome na admiração dos seculos. Já pelos affectos, que consagrava á terra americana, já pelos proprios interesses do representante da realza, decidiu-se pela causa brasileira, como si fôra um natural do paiz.

Estes embates tem grande importancia para o historiador, que procura interpetrar nos actos, nos pensamentos das grandes individualidades, a razão dos acontecimentos. E' indubitavel que tiveram nimia acção sobre a alma do principe.

O tempourgia e o duque de Bragança já custava a debater-se, afflictivo, de encontro ao problema, que torturou o personagem de Shakespeare. Si não tomasse um dos partidos, correria o risco—*de ser, ou não ser*.

Em verdade, como ficaria no Brazil, si a revolução irrompesse e triumphasse sem o seu concurso? Como regressaria á metropole e enfrentaria as côrtes? De que modo conservaria o dominio hereditario, quando, no reino europeu e no americano, a revolução tentava despojal-o?

Ora, si os interesses da herança monarchica o preocupavam, tambem lhe ferviam no cerebro as ambições e a paixão de governar, que o requeimavam como ferro cadente. Avivaram-se-lhe os impetos demagogicos, de que havia dado amostras nos ajuntamentos populares do largo do Rocio. A despeito de tudo, que o impellia á

acção, ao contrario de seu temperamento impetuoso, immobilisava-se no projecto de *simples separação*.

Pensava d. Pedro que, enquanto el-rei vivesse, bastava que o Brazil tivesse governo separado de Portugal e esse governo exercido por elle, herdeiro dos dois reinos, que considerava patrimonio da casa de Bragança.

A separação *seria temporaria*; o Brazil conservaria com a metropole, unicamente, o liame da solidariedade nacional e, logo que lhe tocasse a corôa, o reino americano unir-se-ia sob o seu sceptro.

Nesse pensamento, absorvia-se o principe e acreditando remover as difficuldades, satisfazer os patriotas brasileiros e impôr silencio aos discolos de Lisbôa, e, desta sorte, conservaria inteiro o patrimonio e saciaria a paixão insofrida de mando e poder absoluto, reinando desde já; parecia-lhe que o reinado de d. João se prolongava demasiado.

Os acontecimentos e a disposição dos animos, porém, mostraram-lhe evidentemente que o problema não se resolveria com a separação temporaria, ou provisoria; metteram-lhe pelos olhos a terrivel realidade. Os portuguezes exigiam completa submissão do Brazil e este queria a independencia absoluta. Dos dois lados manifestaram-se actos de hostilidade. As côrtes supprimiam os tribunaes e as instituições de progresso que melhoravam a sorte do paiz.

Tomavam a peito destruil-as para, mais facil e promptamente, escravizal-o. Faziam ruir por terra a obra dos 13 annos do governo de d. João, que, em 1815, o elevára á categoria de reino, redusido a agóra descer á triste e misera condição de capitania, outr'óra explorada por avidos donatarios.

Não era preciso tanto para provocar um levantamento e travar-se a lucta. A tarefa violenta da recolonisação não parou; não poupon coisa alguma. A' medida que as côrtes esforçavam-se em aprestar os meios azados a subjugar a colonia, os brasileiros, levados de desespero, recorreram ás armas.

Um povo, que experimentára alguns dos beneficios da civilisação e da liberdade, difficilmente submette-se; elle comprehende que as santas e nobres causas não vingam sem grandes sacrificios, sem as sublimes energias da abnegação...

Do seio augustioso das multidões prorompia como que um canto de morte, ou de salvação.

« *Deixar a patria livre,  
Ou morrer pelo Brazil.* »

Pela tenaz furia das côrtes e pelo desespero que a população mostrava, quando os recolonisadores vibravam

crebros golpes, pretendendo destruir os elementos de progresso que d. João VI accumulou nas plagas descobertas por Alvares Cabral, podemos hoje avaliar hoje os importantes serviços e benefícios, que el-rei fizera aos brasileiros, preparando-os para melhores destinos, prejudicando os interesses da mãe-pátria, sofrendo ambições gananciosas.

No correr do movimento, o povo fluminense, com o presidente do Senado da Camara á frente, veio, em densa e numerosa procissão, supplicar ao príncipe que desobedecesse o decreto das côrtes e não saísse do Brazil.

D. Pedro proferiu, então, o celebrado *Fico*, lançando, como Cezar, á margem do Rubicon, a conhecida phrase — *alea jacta est*. (1).

A revolução estava quasi acabada, desde este momento, e, com ella, a independencia nacional realisada.

A situação clareava-se para todos que occupavam a scena, tomando parte no perigoso drama da rebellião. Os brasileiros precisavam do efficaz concurso do príncipe. Este era uma força, um poder, para o resultado triumphal, assiu como esperauça de feliz desenlace e segura garantia no desastre.

Em verdade, sem a cumplicidade do duque de Bragança no crime de rebellião contra as leis da monarchia tradicional, os brasileiros não emulariam de audacia e de patriotismo nus com os outros. Muito receio teriam de aventurar-se a empreza de funestissimos perigos. Por mais que anhelassem conquistar as liberdades cívicas, sem duvida, não deixariam de apavorar-se á vista dos tremendos exemplos e dos crueis supplicios, ainda recentes, de 1817. As sombras ensanguentadas do padre Roma e de Martins volteavam aos olhos de todos os patriotas. D. Pedro dissipou nos animos o pernicioso influxo daquella sinistra visão. Aos patriotas brasileiros não era dado prescindir da valiosa cooperação do filho d'el-rei, sob diversos pontos de vista, no interesse da causa nacional que sustentavam. Conheciam ser de maxima vantagem o estar d. Pedro exercendo o governo, o poder dispor de recursos pecunios, de força armada e de prestigio moral; de ter um centro de acção já organizado; emfim, de dirigir, de moralizar, fortalecer os poderes da revolução victoriosa.

Dali vem o fanatismo com que cercaram o duque de Bragança, acclamando-o defensor perpetuo.

A historia (dizem) é a biographia das nações. Alguns escriptores, reproduzindo a imagem dos personagens que figuraram como Pedro I e José Bonifacio, traduzindo-lhes os gestos, repetindo-lhes as palavras,—cuidam nos haver explicado a vida dos avo-

engos. Si assim fôsse, seria tarefa inutil, ou, como se exprime um eminente escriptor inglez,—muito superficial, porque, occupando-se de actos exteriores dum pequeno numero de governantes e governados e contentando-se com relatar simplesmente certos acontecimentos publicos desligados das respectivas causas, nada nos fazem comprehender concernente ao character, ás condições, ao desenvolvimento social do povo (2). Por nossa parte, pensamos que cabem á historia deveres da moral e da politica e o ensino dos povos; tratando de factos multiplos, intrincados e obscuros, que, muitas vezes, não se comprehendem nem se explicam, cumpre estudal-os e esmerilhá-os, observal-os com a paciente attenção dum naturalista zeloso, notando nos phenomenos sociaes e politicos as relações, que prendem uns aos outros, os antecedentes aos posteriores, descobrindo as causas que os produziram, os moveis das acções e os resultados patentes.

José Bonifacio e Pedro I (na realidade crúa e innegavel) não são os personagens glorificados pela *lenda* e pelo *enthusiasmo*. A lenda desvirtúa e falsêa a verdade historica, convertendo o ministro em patriarcha, attribuindo-lhe a iniciativa da independencia, apregoando-o o creador della. O enthusiasmo popular elevou o príncipe como Defensor Perpetuo, auctor da emancipação e fundador do Imperio. O príncipe e o ministro — ambos — fizeram relevantissimos serviços á causa nacional; deram-lhe fórma; bem ou mal, organisaram-na. O que não foi de pouca monta; pôde-se dizer um sôpro de vida, que a avigorou nmiamente.

A Independencia, porém, não é obra da iniciativa exclusiva de nenhum delles. A nação inteira instinctivamente a queria e, antes delles, reclamando-a, a iniciava. Eis ahi porque não ha um só homem que se erga e possa dizer — eu a iniciiei, eu a fiz. Nem Garibaldi, na Italia, o devia dizer; elle a achou na herança, qual o mais doloroso legado, das gerações extinctas.

As côrtes de Lisbôa concorreram, tambem, para o facto glorioso, provocando bríos, açulando odios, pretendendo recolonizar as terras de Santa Cruz. Nenhum brasileiro, á vista do tentamen hostil das côrtes, hesitou em tomar parte na lucta em prôl duma idéa que borbulhava em todas as consciencias. Entretanto, alguns escriptores, entre nós, inspirando-se na *lenda*, affirmam que José Bonifacio é o patriarcha, porque só d'elle partiu a iniciativa da Independencia. Escrevem os feitos historicos, segundo a escola que sómente reconhece as grandes individualidades, como se vê na theoria do

philosopho mais eloquente do seculo XIX (3).

Até o momento, em que pronouciou o *Fico*, d. Pedro não queria fazer a Independencia; nem o seu primeiro ministro José Bonifacio. Os patriotas e o povo — esses, sim, anhelavam, pediam e estavam promptos a todos os sacrificios para obtel-a. D. Pedro hesitava por uma razão psychologica e do seu particular interesse de herdeiro da corôa da casa bragantina. Era esse o movel que o impellia e o levava a não ultrapassar a *separação provisoria*; mas, quando os acontecimentos impossibilitaram e lhes nullificaram os calculos, o príncipe deixou-se arrastar pela paixão de exercer o poder absoluto e andazmente converteu-se em campeão da causa brasileira.

Duas categorias de provas estabelecem tal facto; uma, induzida dos moveis psychologicos, que ficaram indicados; outra firmada em documentos authenticos e inconcussos, isto é, a carta que d. Pedro escreveu ao pae, *jurando que a Independencia só se faria depois de passarem sobre o seu cadaver*. De certo, essa era uma promessa de resistencia até á lucta extrema; por conseguinte, houve nua phase, no drama revolucionario, em que o defensor perpetuo não o quiz ser.

Dessa carta, documento verdadeiro e irrecusavel, conclúe-se que a idéa da Independencia, já iniciada, agitava a alma do povo brasileiro, antes do duque de Bragança, logar-tenente de d. João VI, acceital-a e trabalhar em prôl da mesma. A idéa brotou das entranhas e dos sentimentos da nação, espontanea, anouyma, natural e sem a intervenção *imaginaria* dos personagens lendarios. Vinha esta idéa incubada, por assim dizer, na alma nacional, desde tempos reinotos.

Uma nação não pensa, não sente ao aceno das grandes individualidades que, na doutrina da philosophia germanica, tem o direito de conduzir o mundo; o philosopho Schleiermacher *voijait dans les hautes personnalités l'incarnation d'une idée, que ils ont pour mission reveler aux foules. Le Tout Puissant, qui les envoie de siècle en siècle, les anime d'un feu sacré. On les nomme, suivant les temps, dieux et héros, voijants et prophètes, patriarches et mediateurs.*

.....

Quanto a José Bonifacio, sem aprofundar, por ora, minncias e investigações psychicas, lembrarei e apontarei apenas duas provas documentadas: 1.<sup>a</sup> — as instrucções dadas por elle, como ministro, aos deputados brasileiros que partiam para as côrtes. Nessas instrucções, o venerando patriarcha preceituava a intima união e solidariedade das duas fracções da nacionalidade portugueza, excluindo a idéa da

emancipação política e da Independência.

E' evidente, por esse documento, que o venerando patriarcha, em vez de iniciar, já encontrára a idéa; e em vez de avigoral-a, tentou abafal-a; 2.<sup>a</sup> — quando os promotores do movimento falavam de independência, de liberdades e constituição, José Bonifácio proferiu estas palavras: sou bem capaz de mandar enforcar estes patriotas, constitucionaes e independentes, no largo do Rocío.

Assim, o patriarcha não só não iniciou, como seguramente não accetava a idéa até áquelle momento, quiçá por poderosos ou razoaveis motivos.

O estudo dos actos, das palavras, do modo de pensar, das circumstancias da vida e educação nos nzos do regimen da monarchia tradicional, o gosto pelas praticas do absolutismo, tudo, enfim, demonstra que havia no primeiro ministro de d. Pedro a mesma paixão pelo governo absoluto e arbitrário, paixão que elle accendeu e desenvolveu no coração do imperial discipulo e foi uma das victimas.

Nós, que não podemos, *de visu*, contemplar a sociedade daquella temporada e vivemos, hoje, respirando outra atmospherá, sob o influxo das idéas modernas e que conhecemos as praticas do regimen de governo arbitrário e absoluto pelas narrativas dos contemporaneos, não hesitamos em condemnar homens, que, como José Bonifácio, procederam de conformidade com as necessidades, circumstancias, uzos e costumes, geralmente accetitos no meio social onde nasceram e viveram.

José Bonifácio e Pedro I poderão allegar circumstancias attenuantes perante a posteridade e, si não se justificarem, serão, todavia, perdoados. Elles quizeram servir bem o paiz; não souberam proceder de modo diferente; vinham educados na escola da monarchia tradicional e saturados das doutrinas do despotismo. Mas dali não se segue que a historia os desculpe e não recorde os seus gravissimos erros. Que José Bonifácio não era o *santo homem* que os seus idolatras pintam; pelo contrario, era um refinado absolutista e arbitrário — prova-o certo documento authenticico e, por assim dizer, official. Releva considerar que essa prova é ministrada por seu irmão Antonio Carlos, que proferiu, em occasião e logar solemne, o seguinte: « *Eu sou irmão de um homem que grandes serviços, e bem mal pagos, fez á nossa terra, affeioado, porém, muito ao arbitrio, porque julgava elle que, exercendo-o, tudo iria bem: eu amo muito o meu paiz, dizia elle; concedo, respondia eu. O que quero é o seu bem. Parece, dizia eu; logo tudo que eu quero é justo. Duvido, respondia eu. Eis*

*aqui: o typo do governo era meu irmão; typo do deputado era eu.* » (4)

E' essa a pretensão de todos os despotas e dos governos arbitrarios.

Procuram inculcar que tudo fazem, ou querem unicamente por bem do povo e gloria dos subditos. Crêem, mesmo, que governam paternalmente e, portanto, repetem o verso do poeta:

« *A vontade paterna é bôa sempre* »

Mas esse vate não sabia discriminar a differença, que váe do coração dum pae ás garras ferôzes e inclementes do poder arbitrario *sem péas nem contrapezos*.

O discurso citado de Antonio Carlos não é simples revelação; é uma auctorizada e competente confirmação; contém valor historico precioso, força probatoria irrecusavel. A qualidade de testemunho insuspeito me a circumstancia da condição de ter podido observar com segurança e criterio os sentimentos, palavras, intenções e actos.

Sob o ponto de vista historico, o referido discurso esparge fulgurante luz sobre os factos (que parecem increveis) do periodo do ministerio de José Bonifácio, (16 de janeiro de 1822 a junho de 1823), ministerio que se notabilizou já por muito labor util, já pelo excesso de arbitrio, de devassas, de prisões illegaes, de contínuas prepotencias e das praticas de que tanto uzou e abuzou o marquez de Pombal, imitado carinhosamente por José Bonifácio. (5)

O irmão de Antonio Carlos ostentava sempre o sentimento de ser bom e justo tudo o que elle fazia, ou queria. Na ingenuidade do amor paternal pelo muito bem que dedicava ao seu paiz, estava convicto de proceder com extrema justiça. A credulidade da tolice humana accetou a convicção do patriarcha, consagrando-a na *lenda*. Por uma deploravel ironia, a *lenda* diz, tambem, que esse homem, *muito affeioado ao arbitrio*, (6) é o fundador da liberdade civil e politica do paiz...

A historia não se confunde com a *lenda*, que é anonyma, creação do genio das multidões populares, e canta inconscientemente por subitas inspirações. O historiador deve observar e applicar, religiosa e conscientemente, o criterio da verdade e da justiça, do direito e da razão: só deve julgar a José Bonifácio pelos actos que praticou.

E' um dos mais rigorosos deveres da historia pezar os factos, estudal-os com paciente e escrupulosa meditação e nelles surprehender as emoções, apurar os sentimentos, verificar as intenções, penetrar na consciencia das grandes individualidades que figuraram nos dramas das revoluções, ou promoveram os beneficios da paz aos povos que governaram.

Em verdade, de que maneira julgar um homem que, no instante em que o povo se levanta, pedindo para si a dignidade de ser livre e o escolhe para seu guia e instituidor, arbitro de seus destinos—esse mesmo homem pretende guial-o, governando-o com as leis, com os uzos, com as praticas do regimen contra o qual se rebellára?

Quando o povo esperava a liberdade, elle o condemna a curvar a cerviz ao jugo da escravidão, submettendo-o a devassas e a outros processos da tyrannia!

Esse homem, si não fôr considerado um incapaz, ou perverso, pelo menos parecerá um embusteiro, que atração aquelles que depositaram nelle plena confiança.

José Bonifácio assim procedeu, por muitas razões resultantes das circumstancias do estado mental, moral e social do Brazil naquelle tempo. Os homens que pediam a liberdade, não a sabiam comprehender nem servir; contrariavam-na por ignorancia e rudeza. E' por isso que o procedimento do patriarcha parece contradictorio, sinão absurdo e desleal.

A' historia cumpre apreciar esses motivos. Deve considerar que José Bonifácio foi educado sob o regimen da monarchia soberana, absoluta e despotica; viveu saturado das doutrinas que eliminavam na natureza humana o principio da inviolabilidade da pessoa intelligente, moral e livre.

Naturalmente esse homem dos antigos tempos, e educação, sempre se conservou sectario do passado e não deixaria de ser inapto representante das novas idéas, aspirações e necessidades.

O destino — e não a propria vontade — lançou-o no revolvimento do turbilhão das revoluções dum povo que se sacrificava pela Independência.

José Bonifácio — já velho e fatigado — preso ao sólo da patria, não podendo fugir delle, por força maior achou-se envolvido e arrastado pelo movimento, que de certo não promoveu e muito menos iniciou. Pela competencia de seus talentos, patriotismo e sciencia, organizou e serviu o paiz, como ministro e deputado. Era um erudito, um sabio, naturalista e poeta extraviado, e arrebatado pelo bulcão da procella politica e foi varrido do scenario, como folha secca despreendida da arvore. Nós o suppomos um estadista e, por isso, somos severos para com elle, que não passava dum scismador solitario por sobre os monticulos da Villa de Santos; que era um espirito de sensações artisticas, harmoniosas, enfim de poeta e de naturalista avido de devassar os segredos da natureza. Não podemos, todavia, deixar de admiral-o e veneral-o, vendo-o, em taes condições, servir a seu

paiz e dar-lhe os esforços da vontade, o fulgor do talento, os thesouros da sabedoria, o prestigio das virtudes e a fé vivificante do seu patriotismo na realização do esperançoso e grande porvir da nação brasileira.

Resumiremos os factos que precederam a convocação e reunião da Constituinte, onde o veremos figurar entre os representantes da nação, como orador e ministro do novo regime.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Histoire de Cezar* por Napoleão III.

(2) Robert Flint, prof. na Universidade de Edinbourg, *Philosophia da Historia*.

(3) Ouvrez les annales des peuples, dizia V. Cousin, vous ny trouverez que des noms propres; il est impossible qu'il en soit autrement: si les masses ne font rien pour elles mêmes, elles ne font par elles mêmes. Elles agissent par leurs chefs, qui occupent l'avant-scène, et tombent seuls sous le regard du spectateur et de l'historien. (Introdução á *Histoire*).

(4) *Annaes do Parlamento Brasileiro*, primeiro anno da quinta legislatura, sessão dissolvida de 1842, tomo unico, pag. 77, sessão de 30 de abril de 1842, discurso do deputado Andrada Machado.

(5) José Bonifácio copia os gestos, toma as attitudes, usa das phrases, adopta as praticas do marquez de Pombal. O facto seguinte (relatado na *Historia de Portugal de Pinheiro Chagas*) o demonstra. Certo conego escreveu e publicou uns versiculos, mettendo á bulha o poderoso marquez; este, por portaria, qualifica e declara crime o não respeitar os ministros do rei e mandou prender e desterrar o reverendo conego. Imitando o ministro de el-rei d. José, o illustre patriarcha brasileiro expediu uma portaria ao intendente da policia, ordenando a prisão e processo de todos os cidadãos que tivessem o desaforo de criticar ou de falar dos ministros de sua magestade, o Imperador. Quem ouzaria fazer isto hoje?

Fôram prezas e processadas mais de 300 pessoas e mettidas na fortaleza da Lage; entre ellas o coronel Costa Barros, deputado e depois senador pelo Ceará e ministro da guerra no reinado de d. Pedro I. Este facto de tyrannia foi largamente discutido na Assembléa Constituinte por Alencar, Rodrigues de Carvalho e outros. Leia-se o *Diario da Camara*, sessão de maio e junho, etc.

(6) Phrases do discurso de Antonio Carlos, já citado.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Observações sobre as visões coloridas do pensamento, que apparece aos iniciados no occultismo sob fórmulas diversas.*

A Sociedade de Edição theosophica poz em circulação o volume contendo as observações de Annie Besant e de C. W. Leadbeater sobre as visões coloridas do pensamento que apparece aos iniciados do occultismo sob a fórmula de imagens chromaticas, estrellas, ganchos, manchas, listas, triangulos.

Charles Richet é de opinião que tudo quanto respeita aos phenomenos

psychicos, mesmo nos casos em que as verificações parecem inverosímeis, é digno de interesse. Annie Besant lembra, naquella livro, a significação das differentes côres na linguagem: o vermelho, indicando o arrebatamento, a colera; o carmesin, a paixão animal e o desejo sensual; o castanho claro, a avareza; o escuro, exagerado amor proprio; ciumento pallido, temor; verde escuro, ciúme; verde delicado e luminoso, sympathia; côr de laranja, orgulho; de rosa suave, amor; o amarello, satisfação intellectual; o azul, religiosidade.

Partindo dessa theoria, ella expõe aos seus adeptos figuras que afixa serem tiradas do natural: uma rosacea estrellada toda rosea, correspondente ao pensamento de uma carinhosa mãe beijando affectuosamente o filho; uma lista amarella em zig-zag traduzindo o trabalho mental de um auctor na sua primeira representação; uma outra lista, serpenteando, revela o desejo de saber; um circulo vermelho cercado de um halo sombrio reproduzindo as preoccupações e as perplexidades de um jogador; uma chamma azul irradiando em feiches, mostrando o recolhimento da devoção; ganchos, côr de tijollo, signalam paixão pelo alcool, colhidos no momento em que o bebado entra na taverna.

Essas imagens, occultas, invisiveis para os profanos, são realidades objectivas garantidas pela auctora do livro, e são documentos precusores do que será uma sciencia futura.

## O ALMIRANTE (57)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XX

— Viajar por molestia é uma estopada que Deus só concede aos que podem — suspirou Dolores, respondendo ao barão de Freicho.

— Aqui está quem pôde e não se lembra desse passeio — concluiu o barão, indicando a marquezia. A mim não me dava de viajar nem das despesas que isso custa; mas, com um doente á allêta.

— E' a sua obrigação de marido e marido de uma mulher formosa.

— Ah, não me fale nisso que perco a cabeça lembrando-me do que ella foi e do que é. Era realmente uma mulher de primeira ordem a minha querida Yáyá.

E deslocando todas as suas entrannhas, o barão desafogou-se um tremendo suspiro, despediu-se e partiu immerso na sua grande tristeza.

— Antes que cheguem outros ami-

gos — disse Dolores, em tom de mysterio, sentando-se junto da marquezia e chamando, com um gesto de intimidade, Oscar, que fôra conduzir o barão — quero dar-lhes conta do que váe por ali.

A curiosidade subjugou inteiramente os resquícios de odiosas prevenções da marquezia, cujo semblante se destoldou inteiramente, volvendo ao habitual aspecto de condescendencia bondosa.

— Andei num tormento. O Dádá teve um furioso acesso de ciúmes e agarrou-se-me ás saias, como um cachorrinho importuno. Tomou uns ares inquisitoriaes, depois que eu e a marquezia lhe arranjámos dois empregos e representa ao serio o seu austero papel de esposo vigilante. Imagine que aquelle Dádá, meigo, suave, incapaz de matar uma mosca, teve a ouzadia, o desafôo de me chamar á ordem!... de lançar-me em rosto as minhas relações com o Deodoro, com os politicos notaveis, relações que fizeram o milagre de tiral-o da pasmaceira.

— Houve, eutão, grande scena.

— Ouvi-o com resignação, encolhendo-me commovida, a murchar, a murchar, até que elle percebeu que me estava maguando e interrompeu subitamente o sermão. Tu—disse-lhe com vóz tremula de colera—tu não mereces uma mulher honesta; tu és um ingrato.. Deus bem soube o que fez, quando te marcou esse olho.. Tu não mereces os sacrificios que tenho feito por ti.. Os olhinhos do Dádá se agitaram numa dansa frenetica fuzilando chispas por traz dos oculos escuros e pararam num asombro pavoroso quando o ameacei de deixal-o, de refugiar-me junto de meus filhos na fazenda de mamãe. Foi agua na fervura: o terrivel homensinho abrandou como um cordeiro e entrou a se excusar com o grande amor que o exacerba, que lhe tira o juizo. Graças a essa scena, pude reconquistar a minha liberdade. Ah, minha querida, nós, mulheres, nada valemos sem o artificio, sem a astucia que nos amenisem o captiveiro. Uma mulher sincera é uma creatura banal, desprezível para os homens.

Dolores continuou a relatar as suas aventuras daquelles dias e, baixando a vóz, quasi a roçar os ouvidos da marquezia, falou de um terrivel segredo de Estado, uma conspiração dentro do proprio palacio do Governo, providencialmente descoberta.

A marquezia estremeceu e relanceou para a Oscar os olhos afflictos.

— Imagine que o governo andava desconfiado com a agitação provocada pelo negocio das Missões, quando o capitão Moreira Cesar e outro official interceptaram uma carta contendo revelações...

—Revelações—exclamou a marquezeta.

—Não tão completas como seria para desejar, mas bastantes para denunciar tres cúmplices da conspiração.

—Tres cúmplices—repetiu a marquezeta, anciosa.

—Um intimo do marechal, um paizano e um official que representou saliente papel na revolução de 15 de novembro. Não insista pelos nomes que lhe não poderei revelar. O paizano está prezo na fortaleza de Santa Cruz. Deodoro interpellou o seu amigo infiel e este escuzou-se dizendo que se metterá na conspiração de caso pensado para frustral-a, para traír os cúmplices. Benjamin e elle ficaram furiosos, mas ponderaram que seria uma vergonha para a Republica esse escandalo de uma conspiração.

—Seria, com effeito, uma vergonha—ponderou Oscar, intimamente satisfeito com essa noticia.

—Resolveu-se, então, abafar o caso, pôr-lhe uma pedra em cima e redobrar a vigilancia em torno dos suspeitos de intuitos subversivos. Soube-se mais que os conspiradores dispuzeram de muito dinheiro, que foi distribuido pelos sargentos, desconfiando-se que esse dinheiro deveria ser fornecido por um mysterioso representante dos monarchistas, ou vindo da Europa.

A marquezeta suspirou alliviada e apertou as mãos de Dolores como si lhe agradecesse o grande allivio proporcionado ao temor que a agitava.

—Que é isto, marquezeta?—tornou Dolores, notando-lhe a lividez do rosto—Tranquillize-se; a tentativa gorou: não ha mais perigo de revolução.

—E' que sómente a idéa de uma revolução me enche de pavor—murmurou a marquezeta, procurando em vão manter a compostura ante a decepção das suas illusões.

A confidencia foi interrompida pela chegada do conselheiro com a familia, Sergio de Lima e Souza e Mello, que vinham discutindo um interessante assumpto de politica.

Oscar ergueu-se e foi receber as senhoras que chegavam. D. Eugenia abraçou-o, Laura beijou-o com meiguice e Amelia, cuja fronte se toldára com o olhar aggressivo de Dolores, retribuiu-lhe friamente os cumprimentos. Hortencia vinha embebida na discussão, toda preza á voz sonora de Sergio, um encanto para seus ouvidos musicaes. O conselheiro saudou ceremoniosamente a marquezeta e tomou a sua cadeira habitual, a que elle occupava systematicamente nesses saráus intimos.

—Ah, minha amiga,—disse d. Eugenia, approximando-se da marquezeta—já sabe que a baroneza?...

—O barão saíu ha pouco daqui—tornou a marquezeta—veio despedir-se.

Está muito acabrunhado o pobre homem.

—Uma victima—interrompeu Souza e Mello—é o que é aquelle infeliz.

—Coitado!—observou d. Eugenia—Não fale assim, doutor: são ambos dignos de lastima.

—E' lastimavel, é—ponderou o conselheiro—A formosa baroneza de Freicho é uma victima do meio.

—Ou do espartilho—aparteou Amelia—O barão attribue a sua desgraça a esse instrumento de supplicio.

Hortencia, quasi indifferente aos conceitos que o desventurado barão provocava, ás palavras que se trocavam confusamente, quando a conversação se generalizou, contemplava absorta o jardim escuro, destacando-se, na moldura de uma janella, o seu gracioso perfil de adolescente, as linhas onduladas do seu corpo vigoroso e flexivel.

Mais tarde, compareceram Martins e a mulher, esta muito surprehendida de encontrar alli Dolores, em amavel conversa com a marquezeta e o conselheiro.

A' interrogação do olhar de Marianninha, a marquezeta respondeu beijando-a:

—Que queres? Desarmou-me. Aquella creatura é uma feiticeira.

—Não ha duvida—affirmou o conselheiro, como si falasse sózinho. Eston mais inclinado para o largo de S. Domingos.

E como todos se surprehendessem daquella declaração subita, estranha ao assumpto da conversação, d. Eugenia ponderou:

—Não façam caso. O Antonino vae perder o juizo nas taes pesquisas. Tem na cabeça, constantemente, o Tiradentes e a força.

—Foi uma idéa que me veio de subito—observou o conselheiro, excusando-se da impertinencia.—Eu pensava falar ao erudito doutor Souza e Mello, que propende mais para Mattacavallos.

—Com effeito—avançou elle.

—Por piedade—murmurou a marquezeta—deixem em paz o pobre barbeiro e mais a sua força.

—Si começam—continuou d. Eugenia,—temos turra para toda a noite sobre materia que nos não interessa absolutamente.

—Pois, então, senhora—tornou o conselheiro, num severo tom de gravidade—não interessa a todos os brasileiros a indicação do sitio exacto, onde pagou com a vida o seu sonho democratico, o proto-martyr da Republica?!... Não os importunarei: leiam a minha memoria historica.

—Estamos anciosos—declarou Sergio de Lima—por esse trabalho, que será mais um documento da sua erudição.

—Não será—atallou o conselheiro, desvanecido—uma obra de talento, mas será um trabalho curioso, como reconstrucção exacta daquella epocha, dos costumes, das idéas, pondo em relevo a phase colonial mais interessante, na qual germinaram com mais intensidade os factores do idéal do Brazil, nas primeiras erupções contra o absolutismo da metropole.

Disponha-se o conselheiro a expor os traços essenciaes da sua memoria, quando o interrompeu o doutor Souza e Mello com uma noticia sensacional.

—Souberam que o Henrique de Carvalho foi prezo como conspirador?

E, como todos se admirassem, não comprehendendo a importancia do caso, Dolores observou á marquezeta:

—Está ouvindo? Nós, as mulheres, é que somos indiscretas.

—O governo—continuou Souza e Mello—parece desconfiado da propria sombra. O excesso de poder o desvaira, suscitando-lhe inimigos por toda a parte. Dolores poderá explicar-nos esse importante caso.

—Sei, apenas—acudiu Dolores—que o governo não agiu por simples suspeitas: teve as provas...

—Provas contra um homem para prendel-o numa fortaleza... E os cúmplices?...

Dolores hesitou e ameaçando o doutor com o fino indicador da delicada mão, alva como um lyrio, disse-lhe num tom comico:

—A razão de Estado não admitta explicações.

Martins e Oscar observavam no semblante da marquezeta os rapidos movimentos convulsos que aquellas palavras provocavam; sómente elles conheciam o segredo daquella commoção heroicamente soffrida.

(Continúa.)

## PAGINAS ESQUECIDAS

Nem por ter um dia de atrazo, deixa de ser bem opportuna, como o foi com o 7 de setembro, a commemoração que, nesta secção dos *Annaes*, se faz ao anniversario da proclamação da Republica. Aliás, alguns dos mais importantes documentos com que ella é feita, aqui, fôram datadas precisamente em 16 de novembro.

Nessa designação de importancia, está, sem duvida, a *Trilogia da Liberdade*, versos anonymos distribuidos, em avulso, nesse mesmo dia:

### TRILOGIA DA LIBERDADE

7 de setembro

O povo, nesse dia, ousado e forte,  
A humilhada cerviz altivo erguendo.  
O jugo sacudiu, jugo tremendo,  
Ao grito ingente — *Liberdade ou Morte!*

13 de maio

Não era a patria brasileira outr'óra,  
Patria de cidadãos. E o mundo inteiro,

Vendo baquear o horror do captivo,  
Via raiar no Brazil ridente aurora!

15 de novembro

E a aurora fez-se dia. E o sol brilhante  
No céo da patria fulge neste instante!

\* \*

MENSAGEM DO GOVERNO PROVISÓRIO AO IMPERADOR

SENHOR—Os sentimentos democraticos da nação, lia muito tempo preparados, mas despertados agóra pela mais nobre reacção do character nacional contra o systema de violação, de corrupção, de subversão de todas as leis, exercido, em um gráu incomparavel, pelo ministerio 7 de junho; a politica systematica de attentados do governo imperial, nestes ultimos tempos, contra o exercito e a armada, politica odiosa á nação e profundamente repellida por ella; o esbunho dos direitos dessas duas classes, que, em todas as epochas, teem sido, entre nós, a defeza da ordem, da Constituição, da liberdade e da honra da patria; a intenção, manifestada nos actos dos vossos ministros e confessada na sua imprensa, de dissolver-as e anniquilal-as, substituindo-as por elementos de compressão official, que fôram sempre, entre nós, objecto de horror para a democracia liberal, determinaram os acontecimentos de hontem, cujas circumstancias conheceis e cujo character decisivo certamente podereis avaliar.

Em face desta situação, peza-nos dizer-vol-o, e não o fazemos sinão em cumprimento do mais custoso dos deveres, a presença da familia imperial no paiz, ante a nova situação que lhe creou a resolução irrevogavel do dia 15, seria absurda, impossivel e provocadora de desgostos que a salvação publica nos impõe a necessidade de evitar.

Obedecendo, pois, ás exigencias do voto nacional, com todo o respeito devido á dignidade das funcções publicas que acabaes de exercer, somos forçados a notificar-vos que o Governo Provisorio espera do vosso patriotismo o sacrificio de deixardes o territorio brasileiro, com a vossa familia, no mais breve termo possivel. Para esse fim se vos estabelece o prazo maximo de 24 horas, que contamos não tentareis exceder.

O transporte vosso e dos vossos para um porto da Europa correrá por conta do Estado, proporcionando-vos para isso o Governo Provisorio um navio com a guarnição militar precisa, effectuando-se o embarque com a mais absoluta segurança de vossa pessoa e de toda a vossa familia, cuja commodidade e saúde serão zeladas com o maior desvelo na travessia, continuando-se a contar-vos a dotação que a lei vos assegura, até que sobre esse

ponto se pronuncie a proxima Assembléa Constituinte. Estão dadas todas as ordens afim de que se cumpra esta deliberação.

O paiz conta que sabereis imitar, na submissão aos seus desejos, o exemplo do primeiro Imperador em 7 de abril de 1831.

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889.

MANOEL DEODORO DA FONSECA.

\* \*

A RESPOSTA DO IMPERADOR

A' vista da representação escripta que me foi entregue hoje ás 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao imperio das circumstancias, partir, com toda a minha familia, para a Europa, amanhã, deixando esta patria, de nós estremecida, á qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação, durante quasi meio seculo, em que desempenhei o cargo de chefe do Estado. Auzentando-me, pois, eu com todas as pessoas da minha familia, conservarei do Brazil a mais saudasa lembrança, fazendo ardentos votos por sua grandeza e prosperidade.

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889.

D. PEDRO DE ALCANTARA.

\* \*

EXONERAÇÃO DO CONDE D'EU

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889. ILLMO. E EXMO. SR.—Rogo a v. ex. me conceda exoneração do cargo de commandante geral da artilharia, que exerço desde 19 de novembro de 1865, e licença para retirar-me para fóra do paiz.

Diz-me a consciencia que sempre servi á nação brasileira lealmente na medida de minhas forças e intelligencia, e procurei guardar justiça para com os meus commandados.

Della me despeço saudosamente, assim como de todos os meus camarados do exercito brasileiro. Si não fôssem as circumstancias que, bem contra a minha vontade, me obrigaram a saír do paiz, e que são conhecidas de v. ex., estaria prompto a continuar a servir, debaixo de qualquer fórma de governo, á nação que por tantos annos me acolheu no seu seio, cumulando-me de honras e enchendo-me de immorreitoras saudades e cuja prosperidade e gloria serão sempre um dos meus mais ardentos anhelos.

Deus guarde a v. ex. Illmo. e exmo. sr. tenente-coronel dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministro da Guerra. — Gaston de Orleans, (conde d'Eu) marechal do exercito brasileiro.

\* \*

O EMBARQUE DO IMPERADOR

Eram 2 3/4 da madrugada de hontem, quando o tenente-coronel Mallet, (\*) commissionedo pelo Governo Provisorio, se apresentou no paço da

(\*) E' o actual marechal Medeiros Mallet.

cidade para acompanhar o embarque da familia imperial.

A agglomeração de povo, que durante o dia e parte da noite se conservára no largo do Paço, a essa hora já o havia abandonado, havendo apenas pequenos grupos nos pontos que as sentinellas e patrullias permittiam. De distancia em distancia, toda a praça estava occupada por sentinellas do corpo de policia e era percorrida por patrullhas de cavallaria. Eram quasi tres horas quando chegou uma lancha a vapor ao cáes proximo á ponte das barcas de Marulye Paquetá. Pouco depois de atracada a lancha, saíram do paço duas senhoras e uma creança, que nos disseram pertencer á familia do sr. conde de Motta Maia. Essas senhoras, depois de indagarem si era alli o local do embarque, tomaram logar na lancha.

Veio, depois, do paço, vagarosamente e seguido de uma pequena força de cavallaria, um carro fechado, no qual ia a familia imperial. O carro voltou ao paço e nelle entraram as outras pessoas que acompanham o Imperador.

A lancha silvou e partiu em direcção da *Parnahyba*, fundeada em frente ao arsenal de guerra.

Quando o tenente-coronel Mallet se apresentou no paço, o Imperador, visivelmente alterado e como si ainda lhe custasse acreditar na realidade dos factos, perguntava successivas vezes:

— Mas que é isto, sr. Mallet? Que foi que fizemos? O sr. está doido! Os outros estão doidos! Diga: qual é a minha culpa, de que me accnsam?

A princeza chorava desesperadamente, e, apoiando-se no braço do tenente-coronel Mallet para entrar no carro, disse:

— Ah! sr. Mallet os senhores hão de arrepende-se!

E cada vez mais presa dos soluços e vertendo copiosas lagrimas:

— Que fiz, que fizemos? Von-me embóra... e levo tantas saudades do Brazil, deste Brazil que eu tanto amo!

O conde d'Eu, mais calmo, apenas apressava a partida, tratando com a maior urgencia de embarcar os da comitiva. De resto, não parecia abatido.

O principe d. Pedro embarcou tambem, e, segundo disse, levava apenas a roupa do corpo, não tendo tido tempo de apromptar malas.

\*

O sr. barão de Jaceguay, intimado na noite de sabbado para ir ao quartel-general, ouviu do sr. ministro da Guerra que havia contra elle denuncias dadas por pessoas dignas de toda a consideração.

Respondeu s. ex. que era tudo exacto; que, si estivesse na marinha activa, teria adherido á manifestação de seus companheiros contra o sr. visconde de Ouro Preto e barão do Ladario, não contra a fórma de governo; que, mesmo si tivesse certeza de congregar em torno de si toda a armada não daria tal passo, pois a lucta não podia dar resultado e a causa estava julgada.

Obtendo, depois, auctorisação para falar com o sr. d. Pedro II, dirigiu-se para o paço da cidade. Achava-se já alli o sr. tenente-coronel Mallet, que procurava convencer o velho Imperador a embarcar.

— Não vou — dizia este — Não sou nenhum fugido; retirar-me-ei do Brazil, porém, de dia.

— Desculpe-me vossa magestade — disse o barão — o embarque de dia daria azo a manifestações.

— E são muito naturaes porque o povo gosta de mim.

— De certo; mas ao Governo incumbiria o dever de reprimil-as. Vossa magestade embarcaria do mesmo modo; correria sangue; poderia morrer alguém da familia imperial.

— O senhor convenceu-me — foi a resposta do sr. d. Pedro II.

E continuou:

— Reinei cincoenta annos e consumi-os em carregar máus governos. Já estou cansado. Tudo isto foi uma surpresa para mim. Não sabia de nada. Vou embarcar de noite, como si fugisse. Tudo isso porque esta gente perdeu a cabeça. Só eu conservo bôa a minha cabeça branca. E quero que se saiba disto que estou lhe dizendo.

(Da Gazeta de Noticias, de 18 de novembro de 1889.)

\* \*

#### O EMBARQUE DO VISCONDE DE OURO PRETO

Hontem, ás 7 1/2 de manhã, o sr. Quintino Bocayuva, ministro da estrangeiros, dirigiu-se ao quartel do 1º regimento de cavallaria, e ahí poz o seu carro á disposição do sr. visconde de Ouro Preto.

O sr. visconde tomou o carro com s. ex., e dirigiram-se ambos ao arsenal de guerra, acompanhados de um piquete de 50 praças de cavallaria. Pouco depois, chegaram ao arsenal a exma. familia do sr. visconde e alguns amigos sens.

Quando se approximava a lancha que devia conduzir-o ao vapor *Montevideo*, o sr. visconde de Ouro Preto disse ao sr. Quintino Bocayuva:

— Agradeço a v. ex., bem como ao Governo Provisorio, as atenções que me dispensaram. Desejo a v. ex. que seja feliz na administração dos negocios publicos, prestando á nossa patria os serviços que ella tem o direito de esperar de v. ex.

O sr. ministro respondeu:

— Agradeço os bons desejos de v. ex. E devo dizer, no momento desta separação transitoria, que o constrangimento passageiro a que v. ex. esteve sujeito, terá compensação nas forças com que pôde alentar-se nesta viagem, para vir prestar á nossa patria o concurso robusto da sua illustração, da sua intelligencia e da sua actividade.

Todas as pessoas presentes estavam profundamente commovidas.

Ao sr. senador Dantas disse o sr. visconde:

— Estranhei que v. ex. tivesse perguntado a alguém como eu me tinha portado na prisão; v. ex. conhece, ha muito tempo, o meu character para saber que eu me porto sempre e sempre bem. Essa pergunta é, pois, um motivo para o rompimento de nossas relações.

O sr. senador Dantas explicou que era uma inverdade o que motivava a arguição do ex-presidente do conselho, que, ao embarcar, correspondeu ao abraço de s. ex. O sr. visconde de Ouro Preto chamou ainda um dos officiaes, que estivera presente na occasião em que o sr. marechal Deodoro fez-lhe a intimação de deposição do governo imperial, e delle obteve a confirmação de que o seu procedimento nessa emergencia não saíu fóra da linha de altivez que sempre manteve em todos os seus actos.

... ..

Quatro officiaes ficaram a bordo do *Montevideo*, até á partida do vapor.

A indemnisação paga pelo sr. visconde de Ouro Preto para que o *Montevideo* não tocasse na Bahía, foi da quantia de 1.000 libras, ou 8:890\$, moéda brasileira.

Diversos cavalheiros, capitalistas importantes, offereceram ao sr. visconde saques de avultadas quantias contra estabelecimentos bancarios europeus. S. ex. recuzou, dizendo que para a sua modesta subsistencia alli, bastavam os pequenos recursos de que dispunham os membros da sua familia.

(Da Gazeta de Noticias, de 20 de novembro de 1889.)

#### AS DUAS CORÓAS

Não ha ainda seis mezes, era eu considerado um visionario, um despeitado, um insensato, um louco, quando na Camara dos deputados, vaticinava a proxima quéda da monarchia, que já agonizava moribunda, e o auspicioso advento da Republica brasileira, que começava a despontar no horizonte da patria, como todos sonhavam, revestida de todas as galas nacionaes, adornada com todas as decorações da democracia, illuminada pelos vividos clarões do patriotismo, festejada, applaudida, endeusada pelas sympathias populares com entusiastica effusão de jubilo e de felicidade. Mnita gente então me evitava, como si eu fôsse um reprobado, me condemnava como réo de crime de leza magestade, me repellia como um verdadeiro excommungado!

Os aulicos, na impotencia de seu furor e no empenho satanico de matar a impressão que meu discurso pudesse cauzar no espirito publico, tudo inventaram para amesquinhar-me, abater-me e desmoralizar-me. Cobriram-me de injurias e improperios, deprimindo meu character, atassalhando a minha honra, enxovalhando a minha repntação, chegando a perversidade ao ponto de espalharem que só me declarei republicano para mais facilmente abjurar e cazar-me. Reagi energicamente contra essa infamia dando publico testemunho da integridade da minha fé catholica e da intransigencia do meu character sacerdotal. Obedecendo aos impulsos do meu melindre pessoal, torpemente offendido, e de minha dignidade profissional, vilmente ferida e justamente revoltada, prophetisei ainda com inquebrantavel firmeza e com uma fé viva inabalavel, que em breve a corôa imperial voaria pelos ares batida pelo sôpro patriótico da democracia, mas que minha humilde corôa ficaria segura sobre a cabeça.

Tudo se realizou perfeitamente no dia 15 do corrente.

O throno imperial desabou apodrecido ao primeiro brado de *viva a Republica*, o sceptro despedaçou-se e a corôa rolou na praça publica por entre risos e flôres e no meio de jubilosas expansões populares.

Tudo se desfez em pó, tudo desmoronou ao sopro da liberdade, tudo caíu aos pedaços, envilecido pela corrupção, elevando-se brillantemente sobre as ruínas das instituições monarchicas a imagem pura, esplendida da democracia triumphante.

E, entretanto, no meio desse cataclisma, em que se submergiu e desapareceu o regimen execravel de privilegios, a minha pobre corôa, vilipendiada pelos idolatras da realza, permanece firme e segura sobre a ca-

beça, attestando a plenitude da minha fé catholica e a integridade do meu character sacerdotal. E hoje, que tudo está radicalmente transformado, que uma nova phase se abre auspiciosa aos destinos da patria, tenho a consolação de ver multiplicaram-se as adhesões, submettendo-se quasi todos ao novo regimen, até aquelles mesmos que me apedrejaram, que me repelliram, que me diffamaram, que me consideraram um visionario, um insensato, um louco, um excommungado!

... ..

Como agóra louvavelmente se apresam a reconhecer e render homenagem ao novo poder, como quem busca fonte limpida em que se possa purificar de antigas maculas, como quem procura as aguas lustraes da liberdade para receber o baptismo da redempção social, ficando desaffrontados do jugo aviltante que os opprimia! Como me devo felicitar vendo os que pareciam mais aferrados ás velhas instituições acompanhando, de *tocha em punho*, a marcha triumphal da idéa vencedora! Como me apraz ver se accordarem todas as jerarchias sociaes, representadas pelo cléro, nobreza e povo, para dirigir protestos de adhesão á nova ordem de coisas, que tão brilhantemente inaugurou no paiz! Como cresce e se avoluma a onda das conversões, que vão engrossando as fileiras do partido nacional! Não tardará muito que se veja formado o *grande partido dos adherentes*, ficando os que já eram absorvidos e nullificados pelos que são agóra.

Seja, porém, como fôr, essas adhesões em massa, em grande parte hypocritas e fementidas, teem sempre o merito de denunciar que a monarchia, desaparecendo deste sólo abençoado, não deixou saudades, nem mesmo áquelles que mais tempo viveram á sua sombra e que mais largamente gozaram as suas graças. E' muito commodo passar do regaço da realza, a cuja influencia se viveu sempre saboreando as delicias da monarchia, para os arraiaes do novo regimen, começando logo a chupar o *tutano* da Republica, occupando os primeiros postos, os postos de confiança, que é de esperar sejam conferidos áquelles que combateram, que se expuzeram ás iras e furor da tyrannia. Não faltam agóra entusiastas da causa republicana. E o sr. d. Pedro de Alcantara tinha a simplicidade de crer que podia contar adhesões sinceras, quando os factos estão demonstrando que havia muito o paiz já estava *republicanizado*, passando o ex-Imperador pelo dissabor de ver virados *pelo avesso* os seus amigos e os seus servos. Só nos consola e nos tranquilliza uma consideração, e é que a dynastia extinguiu-se para sempre, apedrejada pelos que mais a sugaram

e aviltada por quem mais pretendia explorar as suas minas.

Felizmente os ultimos actos do *principe consorte* mataram de uma vez toda a idéa, toda a presumpção, toda a esperança de restauração. No meio da tremenda catastrophe que envolven e esmagou a familia imperial, o sr. conde d'Eu não perdeu o instincto mercantil que sempre o inspira e por onde pauta todos os actos da sua vida. Certo de que lhe escapava o throno, que era principal objecto de suas torpes especulações, resolveu mercadejar a corôa imperial, avaliando-a em dois mil contos de réis, apresentando ao Governo Provisorio um rôl de credores e uma lista de necessidades a prover, com o que procurava justificar a exigencia daquella somma. O Governo achou que era barato e deu-lhe mais tres mil contos.

Aquella alma, sordidamente metalizada, entorpecida pelos calculos inconcessaveis, obcecada pelas ambições criminosas, degradou-se ainda mais, tornou-se ainda mais vil e abjecta, apreçando a corôa no nome irresponsavel do ex-Imperador, desse pobre velho inconsciente pela enfermidade, aggravada pelos annos, que sempre se mostrou limpo de mãos, superior ao diuheiro, primando pelo mais nobre desinteresse, não se deixando já mais envenenar pelos sentimentos azinhavrados que movem as almas sordidamente mercenarias. Devendo estar atordoado com o fracasso da monarchia, o *principe consorte* não perdeu o equilibrio mercantil, mandando perguntar ao Governo Provisorio si considerava bons e validos os contractos matrimoniaes. E o que é mais triste e vergonhoso é que, quando recebeu o decreto concedendo cinco mil contos, em vez de dois mil, em que a sordida ganancia arbitrara a corôa imperial, mostrou-se commovido e profundamente grato, dizendo que nunca esperara outra coisa de um governo de que faziam parte os seus amigos Ruy Barbosa e Quintino Bocayuva!

O sr. conde d'Eu, porém, tocou ao auge da miseria, chegou á ultima expressão do aviltamento, quando, no officio que dirigiu ao Governo Provisorio, pedindo demissão do logar de commandante geral da artilharia, declarou imbecil e impudentemente que, si não fôsem as circunstancias que, bem contra a sua vontade, o obrigavam a saír do paiz, *estaria prompto a continuar a servir debaixo de qualquer fórma de governo* á nação que por tantos annos o acolheu em seu seio.

E' o requinte da degradação!

O sr. conde d'Eu, nesse ultimo traço da sua vida no Brazil, descarnou todos os seus sentimentos sordidos, toda sua alma apodrecida nos charcos immundos dos interesses inconfessaveis.

Os festejos feitos para solemniizar as *bodas de prata* fôram os verdadeiros funeraes da monarchia! O baile da ilha Fiscal foi um perfeito festim de Balthazar. D. Pedro de Alcantara perdeu a corôa e o conde d'Eu fez o seu negocio.

Dispersou-se a camarilla que me apupava, ficando eu com o direito e liberdade de exclamar, afagando a minha *corôa* e repetindo o brado que soltei na Camara dos deputados:

*Viva a Republica!*

PADRE JOÃO MANOEL.

\*  
\*\*

#### A REPUBLICA, ESCRAVOCRATA...

Em Portugal, logo á chegada das primeiras noticias da proclamação da republica no Brazil, um sr. Lourenço de Mattos escreveu, entre outras, as seguintes curiosidades, ás quaes, naturalmente, é que se referiu Emilio Castellar no escripto que reproduzimos mais abaixo:

«A introdução, no Governo Provisorio, de um homem que descia ás masmorras e ás choças dos escravos só pelo simples prazer de os ver chicotear, rindo cynicamente da miseria dos seus irmãos; a prisão de José do Patrocínio, o mais incansavel propugnador do abolicionismo,—tudo isto leva a crer que foi o restabelecimento da escravatura o unico alvo dos revolucionarios brasileiros. E sendo assim—como muita gente affirma—que bellissimos titulos de consideração apresenta ao mundo a nascente Republica!!

LOURENÇO DE MATTOS.»

\*  
\*\*

#### OPINIÃO DE EMILIO CASTELLAR

Tal acontecimento não me surpreendeu de fórma alguma. Admira-me até de que os brasileiros não tivessem proclamado a Republica a mais tempo. Para quem houvesse estudado a fundo, como eu, a situação da America do Sul, não poderiam existir duvidas ácerca do desenvolvimento das idéas republicananas naquelle paiz.

D. Pedro tratou sempre de occultar este facto á Europa, e com tal ou qual exito. São aquellas idéas republicananas que afinal surgem á luz; é ridiculo ver na abolição da escravatura a causa do movimento revolucionario. Os que mais contribuíram para a queda do Imperio fôram precisamente os que uzaram da sua influencia e dos seus esforços para a abolição da escravatura.

EMILIO CASTELLAR.

\*  
\*\*

#### O BANIMENTO

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo exercito e armada, em nome da nação, considerando:

que o sr. d. Pedro de Alcantara, depois de acceitar e agradecer aqui o subsidio de 5 mil contos para ajuda



de custo de seu estabelecimento na Europa, ao receber das mãos do general que lh'o apresenton, o decreto onde se consigna essa medida, muda agóra de deliberação, declarando recuzar semelhante liberalidade;

que, repellindo esse acto do governo republicano, o sr. d. Pedro de Alcantara pretende, ao mesmo tempo, continuar a perceber a dotação annual sua e de sua familia em virtude do direito que presume subsistir-lhe por força de lei;

que essa distincção envolve a negação evidente da legitimidade do movimento nacional e encerra reivindicações incompatíveis hoje com a vontade do paiz, expressa em todas as suas antigas provincias, hoje Estados, e com os interesses do povo brasileiro, agóra indissolvelmente ligados á estabilidade do regimen republicano;

que a cessação do direito da antiga familia imperial á lista civil é consequência immediata da resolução nacional, que a depoz, abolindo a monarchia;

que o procedimento do Governo Provisorio, mantendo, a despeito disso, essas vantagens ao príncipe decaído, era simplesmente uma providencia de benignidade republicana, destinada a attestar os intuitos pacíficos e conciliadores do novo regimen, ao mesmo tempo que uma homenagem retrospectiva á dignidade que o ex-Imperador occupára como chefe do Estado;

que a attitude presentemente assumida pelo sr. d. Pedro de Alcantara neste assumpto, presuppondo a sobrevivência de direitos extinctos pela revolução, contém o pensamento de desauctoral-a e aníma velleidades inconciliáveis com a situação republicana;

que, consequentemente, cessaram as razões de ordem politica, em que se inspirára o Governo Provisorio, proporcionando ao sr. d. Pedro de Alcantara o subsidio de 5 mil contos e respeitando temporariamente a sua dotação:

Decreta:

Art. 1.º E' banido do territorio brasileiro o sr. d. Pedro de Alcantara e com elle sua familia.

Art. 2.º Fica-lhes vedado possuir immoveis no Brazil, devendo liquidar no prazo de dois annos os bens dessa especie, que aqui possúem.

Art. 3.º E' revogado o decreto de 16 de novembro de 1889, que concedeu ao sr. d. Pedro de Alcantara 5 mil contos de ajuda de custo para o seu estabelecimento no estrangeiro.

Art. 4.º Consideram-se extinctas, a contar de 15 deste, as dotações do sr. d. Pedro de Alcantara e sua familia.

Art. 5.º Revogam-se as disposições em contrario.

MANOEL DEODORO DA FONSECA. — Quintino Bocaynva. — Manoel Ferraz de Campos Salles. — Ruy Barbosa. — Aristides da Silveira Lobo. — Demetrio Nunes Ribeiro. — Eduardo Wandenkolk. — Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

## ACADEMIA BRAZILEIRA

Com os nossos agradecimentos, inserimos, nestas columnas, as homenagens de sympathia que se continuam a fazer ao sr. Domingos Olympio, nosso director, a proposito do resultado da ultima eleição na Academia.

Sob o titulo *Fizeram mal*, escreveu, na *Tribuna de Petropolis*, o sr. João de Deus Filho:

« Para os que acreditam na sensatez dos senhores da Academia Brasileira de Letras, a victoria do sr. Domingos Olympio não seria surpresa, que ella era esperada por ser um acto de justiça muito elementar. Nós, não sabemos si por optimismo ou coisa que se assemelhe, somos do numero dos que consideram essa Academia uma instituição capaz de ser util ao progresso da intellectualidade nacional; levamol-a a serio e cremos na sua bôa vontade de ser criteriosa e justa. Esperavamos, por taes fundamentos, que os illustres *immortales* suffragassem, siuão por unanimidade, ao menos por grande maioria de votos, o nome, querido e acatado em todo o Brazil que lê, do sr. Domingos Olympio. Elle tinha por si, para só citarmos o melhor da sua producção, *Luzia-Homem* e o *O Almirante*, paginas fortes, que bastam para dar a quem as produziu o direito de se refestelar numa cadeira do gremio dos quarenta.

E, sobre ser um dos melhores e mais apreciados romancistas brasileiros, o sr. Domingos Olympio é homem de vasta e solida illustração, um chronista fino, um jornalista de merecimento. Entretanto, a maioria dos srs. academicos calcam sob os pés tudo isto, e, com evidente detrimento da justiça, acaba de eleger, para occupar a cadeira Joaquim Serra, vaga pela morte de José do Patrocinio, o sr. Mario de Alencar.

Não restam duvidas que esse Benjamin da Academia é um moço de certo valor litterario; elle não pôde, porém, preterir a Domingos Olympio, com quem não resiste á mais leve comparança. Este é um escriptor de obra, feito, consagrado; emquanto aquelle é apenas, vá lá o chavão, uma risinha esperança. Aquelle promette ser; este é.

Essas preterições injustas não são facto virgem nos cenáculos intellectuaes; que os intellectuaes, tendo todos os transbordamentos, teem tambem todas as lacunas da natureza humana. Nem Flaubert, nem Daudet, nem Zola conseguiram adornar a sua obra com a palma verde; tambem agóra, ao sr. Domingos Olympio, lhe foi vedado pôr no frontespicio dos seus livros: *Da Academia Brasileira*. Esse luminoso dizer, esperamos, a Academia ainda ha de lhe conceder, unanimemente. Ella lhe deve tal reparação. — JOÃO DE DEUS FILHO. »

## XADREZ

### 3.º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Estão jogadas todas as partidas do torneio; mas a victoria ainda não se decidiu. Tres concorrentes chegaram com 13 pontos, como se verá do quadro que damos no ultimo logar desta secção: José Piza, Theophilo Torres e Henrique Costa. Assim, a lucta se tornou de um interesse palpitante. Jogou-se agóra um pequeno torneio em 2 turnos, entre os tres, para a classificação definitiva. Em vista desse resultado, a directoria do Club consignou mais um premio, um rico tinteiro de bronze, ao 3.º classificado.

Os tres vencedores não deveram a sua victoria siuão á propria força. Pôde-se afirmar que são de equal resistencia. José Piza, muito intrepido, com mais intuição do que theoria; Theophilo Torres, theorista consummado, nervoso, com um longo tirocinio; Henrique Costa, de apparencia impassivel, prudentissimo, de passo medido e lento, e vista perspicaz.

Raul de Castro é uma surpresa. Muito moço, com uns tres annos de pratica, veio competindo superiormente com os mestres; e por um pouco não lhes arrancou o primeiro premio. Mas a sua victoria moral é soberba. E' um jogador destinado a uma carreira gloriosa. Heitor Bastos e Augusto Silva são amadores fortes, mas muito impressionáveis; ficaram, em todo o caso, bem collocados. R. S. Quayle é fleugmatico, mas a sua theoria está um pouco atrazada. Hentz e Bocaynva não occupam os logares que lhes competiam, porque abandonaram o torneio, antes de haverem jogado todas as partidas. Os mais estão onde devem.

Em summa, o resultado do torneio é plenamente satisfactorio. Houve desastres inesperados e quasi comicos, como seja: o empate de José Piza com Libanio Lins, que por pouco não ganhou a partida; a derrota de Henrique Costa com Hentz, por ter feito um lance errado, entregando ao adversario um cavallo, por pura distracção; um empate entre Godofredo Cunha e Frota Pessoa, quando aquelle tinha a partida formidavelmente ganha, por ter parecido que havia um xaque perpetuo, que realmente não existia; a derrota de Frota Pessoa com R. S. Quayle, quando este estava irremissivelmente perdido em tres ou quatro lances, por uma precipitação no jogar uma peça. Mas tudo isso concorreu para tornar o torneio mais animado.

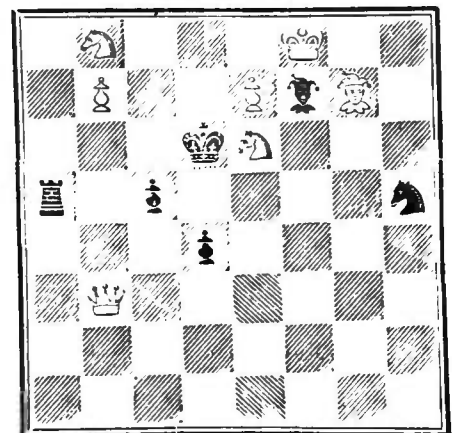
Publicamos hoje a penultima partida do torneio. E' muito interessante e foi acompanhada, durante os tres dias em que foi disputada, com intensa curiosidade.

— Do torneio de desempate já foi jogado o 1.º torneio. Theophilo Torres bateu Henrique Costa, Henrique Costa a José Piza e este a Theophilo Torres. Estamos na mesma.

PROBLEMA N. 26

Burmeister

PRETAS (6)



BRANCAS (7)

Maté em dois lances

PARTIDA N. 27

(Jogada no torneio do Club dos Diarios, 1905)

RUY LOPEZ

Branças

Pretas

(Henrique Costa)

(Theophilo Torres)

P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 5 C	— 3 —	P 3 T D
B 4 T D	— 4 —	C 3 B R
C 3 B D	— 5 —	P 4 D ? (a)
C X P R	— 6 —	B 2 D
C X P B	— 7 —	D X C
C X P D	— 8 —	C X C
P X C	— 9 —	D X P
D 2 R x	— 10 —	B 2 R
Roque	— 11 —	P 4 C D
B 3 C	— 12 —	D 3 B
D 4 R	— 13 —	T D 1 D
P 3 B D	— 14 —	Roque
P 4 D	— 15 —	D 2 D
P 4 B R (b)	— 16 —	T D 1 R
P 5 B R	— 17 —	R 1 T
D 3 B R	— 18 —	B 3 B R
B 4 B	— 19 —	C 2 R
B 5 R (c)	— 20 —	C 1 C R
T D 1 R	— 21 —	P 3 B D
D 5 T R	— 22 —	P 4 B D !
B 2 B D (d)	— 23 —	P X P
P X P	— 24 —	B X B
P X B	— 25 —	D 5 D x
R 1 T	— 26 —	T X P
P 3 C D	— 27 —	C 3 B R
D 3 B	— 28 —	T R 1 R
T X T	— 29 —	D X T
P 3 T R	— 30 —	P 3 T R
P 4 T D (e)	— 31 —	P 5 C D
B 3 D	— 32 —	P 4 T D
T 2 B R (f)	— 33 —	D 8 T D x
T 1 B R	— 34 —	D 5 D
B 2 B (g)	— 35 —	D 7 D
D 1 D	— 36 —	D X D (h)
T X D	— 37 —	R 1 C

R 1 C	— 38 —	R 1 B
R 2 B	— 39 —	T 1 B D
T 2 D	— 40 —	T 4 B D (i)
R 3 B	— 41 —	T 6 B x (j)
R 4 B	— 42 —	R 2 R
B 1 D	— 43 —	P 4 C R x (k)
P X P e. p.	— 44 —	P X P
P 4 T R	— 45 —	P 4 C x !
P X P	— 46 —	P X P x
R 5 B (l)	— 47 —	R 2 B (m)
T 2 R ! (n)	— 48 —	T 6 D (o)
B 2 B	— 49 —	T 4 D x
T 5 D	— 50 —	T X T x
R X T	— 51 —	C 5 C x
R 6 D (p)	— 52 —	R 3 B
B 4 R	— 53 —	C 6 D
R 5 B	— 54 —	R 4 R
B 7 C	— 55 —	P 5 C
R 5 C	— 56 —	R 5 D
R X P	— 57 —	R 6 B
R 5 C	— 58 —	R X P
P 5 T	— 59 —	R 6 B
P 6 T	— 60 —	P 6 C D
P 7 T	— 61 —	P 7 C
B 4 R	— 62 —	C 7 B D
P 8 T (f. D.)	— 63 —	P 8 C (f. D.) x
R 6 B	— 64 —	C 5 D x
R 7 B	— 65 —	C 4 C D x
R 6 C	— 66 —	D 5 C
D 6 B x	— 67 —	R 5 D
D 5 D x	— 68 —	R 6 R
D 5 C x	— 69 —	R 5 D (g)
empate	— 70 —	

carem os piões do lado da Dama em casa preta, fóra do ataque do B. adverso.

(f) O lance esperado era B 4 B ou B 5 C.

(g) Ainda aqui seria preferível B 4 B ou B 5 C.

(h) A troca das Damas foi talvez prematura, pois a posição das Pr. era bastante favoravel para esperar uma liquidação em melhores condições.

(i) Melhor seria immediatamente T 6 B, impedindo a gassagem do R e mantendo pressão sobre o ponto fraco do adversario.

(j) Lance que confirma a nota anterior. Agóra houve perda de tempo, ficando o R em plena liberdade de avançar.

(k) Este lance tende a conjurar o perigo que se accumula do lado dos piões do Rei.

(l) E' claro que o R. não pôde tomar o pião por causa de C 5 R x.

(m) Ameaçando mate com T 4 B ou ganhar a Torre com C 5 R x.

(n) Magnifico lance e unico para evitar a perda da partida.

(o) Unica continuação para não perder um pião e certamente a partida. Desse ponto em diante as Pr. jogam manifestamente para o empate.

(p) R 4 R parece mais forte.

(q) Neste ponto, o empate é proposto pelas pretas e acceto pelas brancas.

(Notas do dr. Theophilo Torres).

(a) Erro injustificavel que faz perder logo um pião.

(b) Parece um lance prematuro o avanço deste pião.

(c) D 7 C D talvez fôsse melhor, dando ás Brancas a vantagem de mais um pião.

(d) O lance correcto seria R 1 T. O lance do texto proporciona ás Pretas recuperarem e pião e adquirirem uma boa posição.

(e) Este avanço faculta ás Pretas collo-

Tacito & Lipman—Mandem-nos noticias do campeonato.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 25 — (Tacito & Lipman): 1—D 8 T, P 4 R; 2—C 6 B, ad libitum; 3—D 7 T mate. 1... P 6 C; 2—D 4 T x, R 4 D; 3—D 4 B mate. 1... C move; 2—D 1 T x, R 4 D; 3—C 6 B mate; 2... R X C; 3—D 5 R mate.

JOSÉ GETULIO.

RESULTADO FINAL

Concurrentes	José Piza	Th. Torres	H. Costa	Raul de Castro	H. Bastos	A. Silva	R. S. Quayle	A. Pereira	Frota Pessoa	E. Tito de Sá	G. Cunha	W. B. Hentz	Q. Bocayuva	Ouro Preto	A. Burlamaqui	A. de Andrade	Libanio Lins	N. de pontos
José Piza	x	1	1	1/2	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1/2	13
Theophilo Torres	0	x	1/2	1/2	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	13
Henrique Costa	0	1/2	x	1	1/2	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	13
Raul de Castro	1/2	1/2	0	x	0	1	1	1/2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	12 1/2
Heitor Bastos	0	0	1/2	1	x	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	10 1/2
Augusto Silva	1	0	0	0	1	x	1	1/2	0	0	1	1	0	1	1	1	1	9 1/2
R. S. Quayle	0	0	0	0	0	0	x	1	1	1	1/2	1	1	1	1/2	1	1	9
Annibal Pereira	0	0	0	1/2	1	1/2	0	x	0	1	1	0	1	0	1	1	1	8
Frota Pessoa	0	0	0	0	1	1	0	1	x	1	1/2	0	1/2	0	1	1	1	8
E. Tito de Sá	0	1	0	0	0	1	0	0	0	x	1	1/2	0	1/2	1	1	1	7
Godofredo Cunha	0	0	0	0	0	0	1/2	0	1/2	0	x	1	1	1	1	1	1	7
W. B. Hentz	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1/2	0	x	1/2	1	0	0	1	6
Q. Bocayuva Junior	1	0	0	0	0	1	0	0	1/2	1	0	1/2	x	1	0	0	1	6
Vicente Ouro Preto	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1/2	0	0	0	x	1	1	1	5 1/2
Armando Burlamaqui	0	0	0	0	0	0	1/2	0	0	0	0	1	1	0	x	0	1	3 1/2
Alvaro de Andrade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	x	0	3
Libanio Lins	1/2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	x	1 1/2

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Não regatearemos os nossos parabens ao sr. Rodrigues Alves pela realisação da parte industrial do seu programma de governo. S. ex. assignalou a terminação do terceiro anno do seu governo com a inauguração da Avenida Central, que, enfeitada de galhardetes, de grinaldas virentes, de flôres, parecia um trecho da cidade restaurada com todos os preceitos da arte, uma cidade moderna surgindo do amalgama de ruas estreitas, escuras, tortuosas, de casaria bisonha, quadrada, de uma monotonia entristecedora, sob o pranto da chuva incessante e lamentosa, a empaunar o brilho de uma festa singularmente nacional.

S. ex. passou por entre alas do povo, agglomerado para testemunhar o faustoso acontecimento, saudado pela continencia das forças federaes, encharcadas d'agua; s. ex. não hesitou em sacrificar os multiplos reflexos da sua cartola, da sua sobrecasaca das grandes solemnidades ao borrifo das gottas de chuva, que lhe lubrificavam o rosto prasenteiro, expandido, dilatado num sorriso de intima alegria, como um pranto suavissimo, o pranto dos deliciosos momentos das commoções fortes, das venturas incomparaveis.

Bem se via que o presidente da Republica estava satisfeito no seio do povo, despreocupado do pungente acicate das idéas subversivas, das instigações deleterias das paixões, do murmúrio das queixas, como si uma ampla tregua generosa lhe inspirasse aquella attitude de veneração agradecida ao governo cuja iniciativa patriótica o dotára com um melhoramento condigno da nossa cultura e da nossa civilisação. O povo sentiu que estavam alli, naquella enorme arteria, ladeada de construcções monumentaes, recompensados os sacrificios exigidos da sua actividade, do seu patrimonio

para a rapida e brilhante execução da restauração da capital da Republica.

Poder-se-á dizer que foi caro, mas não se póde contestar que é bôa, é de primeira ordem essa obra tão malsinada e de cuja realisação muita gente duvidava. De resto, não se poderia regatear um conto mais, um conto menos, quando se tratava de executar a lei de desapropriação, de rigor quasi draconiano, para vencer os obstaculos da rotina, organizados em formidaveis baluartes de opposição systematica, para derrocar os predios velhos, os pardieiros insalubres, depositos de mazellas seculares, todas essas *cabeças de porco*, consagradas de pedra e cal pelo direito de propriedade, sem duvida muito respeitavel, mesmo quando serve de egide á porcaria, aos depositos de germens assassinos e ao ferrenho espirito de opposição a todos as legitimas tentativas dos empreendimentos de progresso. Era indispensavel arrolhar com as condescendencias macias, com as tolerancias amenisadoras os milhares de boccas que se escancarariam num berreiro atroador, capaz de produzir effeitos demolidores das muralhas de Jerichó, de destruir todos os planos de melhoramentos materiaes, clamando pelo direito, pelo sacrosanto direito de propriedade lezado pela utilidade publica. Era preciso não sómente abafar aquelles gritos subversivos, mas, ao mesmo tempo, encabrestar a justiça, subordinando-a a rigorosas fórmulas de processo incompativeis com as chicanas, ás leis insophismaveis na sua synthese cutilante. Nunca os fins justificaram tão plenamente os meios.

Opiniões respeitaveis divergirão desses conceitos. O deputado Francisco de Sá, bellicoso da undecima hora, não partilhará do nosso entusiasmo; estará a esta hora mareando o brilho dos seus olhos scintillantes com as laentações patrióticas pelo rôr de contos gastos numa obra ornamental, os enormes cabedaes que o

seu ex-amigo Lauro Muller atirou, desastradamente, pela janella, para construir o porto e a grande Avenida, prodiga dotação ao Rio de Janeiro, como si o Brazil começasse no convento da Ajuda e terminasse no cães da Prainha, um Brazil sem Accioly, sem essa portentosa, essa archli-divertida criação teratologica da politica dos governadores, essa fecundissima dynastia atirada para além da esquiua formada pelo cabo de S. Roque.

O sr. Sá, na obsecação do seu teiró irreductivel contra o ministro da Industria, não partilha dos louvores resoantes no dia 15 de novembro, numa formidavel harmonia com as notas graves dos canhões, relembando a incruenta victoria da democracia: está no seu direito, porque o gemido é um direito da magua.

Vem a proposito recordar que o sr. Campos Salles apanhou paucada de desancar, quando a sua politica financeira reduziu a pasta da Agricultura, Industria e Viação á inercia, a uma chancellaria exclusivamente occupada no carunchoso expediente, quando se encravou inexoravelmente, loucamente, a roda dos melhoramentos materiaes, pagando a felizes contractantes, para não fazerem estradas de ferro, o dobro do que se gastaria para fazel-as, consumindo-se em indemnisações, em rescisões de absurdos contractos caducos, cabedaes que seriam vantajosamente utilizados como propulsores fecundos das nossas inestimaveis fontes de producção, da iniciativa industrial. Era preciso que os nossos credores vissem que nos reduzimos a pão e laranja, que haviamos asphyxiado todas as emprezas, abandonado todos os melhoramentos, para nos dedicarmos, exclusivamente, ao trabalho de extorquir dinheiro para satisfazer os compromissos do *funding-loan*, cardando o carneiro-povo até á pelle, inventando impostos, ampliando contribuições com a mesma phantasia inventiva de piedosos inquisidores in-

ventando instrumentos de supplicio para satisfação de requintes de crueldade. O sr. Campos Salles justificou todos esses sacrificios com o empenho de salvar a honra nacional, pagando um emprestimo, como si, durante a nossa vida de nação sem capitaes, sem economias, nós nos achassemos pela primeira vez em semelhantes assados, na contingencia de exigir sacrificios do povo para salvar compromissos exteriores. Nunca fizemos outra coisa: contraír emprestimos e pagal-os, pontualmente, tem sido a obra dos nossos financeiros.

Apertámos a barriga deante dos nossos credores, ao passo que o governo aferrado a uma supposta politica de economias, abria, como um prodigo, largas valvulas por onde se escoaram capitaes, cuja somma exacta ficará sempre no dominio das coisas vedadas aos profanos.

E, pensando bem nos factos de hontem, analyzando, agóra, friamente, essa politica, cujo alvo era o irrisorio *republicanizar a Republica*, concluimos que todo aquelle dinheiro consumido em indemnisações, em acquisições de terrenos, de pardieiros carissimos, todo o fructo das ladroeiras de um allemão Petersen, não comptando o que se dispendeu para encravar o desenvolvimento da nossa rede de estradas de ferro, teriam applicação mais fecunda a obras de utilidade evidente ou a obras de ornamentação, beneficios permanentes, lagradoiros para a geração actual e para as futuras, sobre as quaes sacamos.

Durante esse esteril hiato da actividade industrial, toda a gente lamentava as dolorosas contingencias de poupança que reduziram a miséria, a ociosidade deprimente, os nossos engenheiros. Os rapazes laureados na Escola Polytechnica, quando o ensino não se havia desmoralizado em multipas escolas—aquelles que sabiam o seu officio tinham deante de si um futuro tapado, a sua profissão dominada por mestres de obras, inimigos de doutores.

Não se póde contestar ao sr. Lauro Muller, apezar do sr. Francisco de Sá, o merecimento de ter, com a sua divisa — fazer engenharia nacional — estimulado a actividade de homens competentes, de especialistas de primeira agua, cujo talento está affirmado nos

bellos, nos sumptuosos attestados dos monumentos da Avenida e nas obras do porto, thezouros perduraveis, de incontestavel utilidade publica, que não se escoaram clandestinamente para o bolso dos felizardos de ambos os sexos, engordados nas liberalidades exoticas da republicanisação da Republica.

E' bem verdade que entre a pleiade de engenheiros distinctos, figuram ainda, como restos de um carrancismo ineluctavel, medalhões de valor puramente numismatico; mas esses senões não excluem o merecimento da fecunda actividade do ministro da Industria: nós não nos libertámos ainda do preconceito de attribuir competencia á velhice, que não tem no seu activo documentos de capacidade. Uns cabellos brancos, tenham embóra as raizes num cerebro cansado, caduco, tem certo valor ornamental de immenso effeito suggestivo no fetichismo popular, a preciosa experiencia da velhice que nunca experimentou coisa alguma.

Em todo o caso, está construida a Avenida, a magnifica arteria onde a população carióca, desde o dia 15, circula plena de ar, plena de luz.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Si os duzentos annos de independencia dos suévos não fôram de perpetua lucta, tambem não o fôram os trezentos dos visigodos antes da invasão arabe.

Os visigodos tinham entrado em Hespanha como aliados de Roma. Passados os embates em que fôram destroçados os alanos e silingos, e não os vandalos, como erroneamente escreveu Bomfim, em 416, o dominio godo se dilaton mansamente por toda a Hespanha, com excepção da Galliza, onde, por cerca de dois seculos, se mantiveram prosperamente os suévos, como já foi dito á saciedade.

Os acontecimentos entraram em curso normal depois do exterminio dos citados alanos e silingos (416) e da emigração dos vandalos (429) e o estabelecimento definitivo dos godos se verificou em tempo de Enrico (476) *de um só golpe, de um modo, por assim dizer*, ensinando grande historiador, organico, sem outras luctas além da sustentada, algum tempo, com a nobreza tar-

raconense. Os godos eram os mais moderados de todas as gentes germanicas — as mais *romanisadas* por sua permanencia de duzentos annos na Dacia antes do periodo das invasões no V seculo. Eram chamados os *athenienses dos barbaros*; não eram, pois, essa cabilda feróz que anda a tripudiar na cabeça do sr. Bomfim.

Cansadas da debilidade e da oppressão do imperio, as gentes hispanicas, já a elles devedoras da libertação das liordas barbaras anteriores, acharam-se bem dispostas a receber o dominio de um povo que consideravam o mais culto e o mais estimavel dos germanos.

Na península, possuíam os godos, desde o tempo de Theodorico II, a Lusitania e, desde Athaulfo, parte da Tarraconense. Conquistaram, *quasi sem lucta*, o resto desta provincia, occuparam, *sem combater*, a Betica e a Carthaginense, e, *sem grande violencia*, se acharam donos de Hespanha, exceptuada, por algum tempo, a Galliza. As *thiulfadas* godas substituíram-se ás *legiões*, os duques aos presidentes ou reitores das provincias, o rei ao Cesar ou imperador; deram-se terras aos godos, sem que *esse despojo occasionasse grande transtorno* comparado ao atropello das invasões anteriores. E, dest'arte, ficou constituida a nova sociedade sobre a base dum Estado novo após o periodo de perturbação do primeiro estabelecimento.

Seguiu-se largo periodo de paz, perturbado, mais tarde, após a extincção da dynastia dos Balthas, que forneceu os primeiros e mais esforçados monarchas visigothicos, pela nobreza, que, contra as tradições germanicas, tinha sido quasi totalmente arredada do poder na organização *romanisada* que os legisladores, nesse periodo organico da sociedade e do Estado, haviam dado ás instituições nacionaes.

Foi esse o grande erro e a causa principal da ruina do Estado godo e não o espirito de lucta e de depredação que lhe empresta o sr. Bomfim.

Eis ali o resumo da historia dos compatriotas de Enrico em Hespanha, e quão longe está tudo isso das orgias cannibalescas sonhadas pelo auctor brasileiro!

Ha, sobre todos, um facto que, indicando a profundissima assimilação dada entre os godos e os hispano-romanos, põe em inteira evidencia o deploravel estado das idéas do nosso compatriota nesses assumptos. E' o estado do direito no imperio visigothico.

Si Bomfim conhecesse quatro linhas de historia do direito, não escreveria tanta barbaridade ácerca da Hespanha no periodo alludido.

Bastava que tivesse passado a vista no *Espirito das Leis*, de Montesquieu, ou na *Historia das Origens do Governo*

*Representativo*, de Guizot, para vir a saber que, redigidas as leis visigodas para os subditos de origem germanica desde o tempo de Eurico, ao que se suppõe, e logo após o *Breviarium Aniani* para os subditos de origem hispano-romana, em dias de Alarico, pouco depois foi indispensavel promulgar um codigo que servisse indistinctamente a toda a população, sem distincções de origens, tanto se haviam ellas apagado sob a tolerancia dos novos dominadores!

Este resultado assombroso é caso unico em toda a Europa. O *Codex Visigothorum*, ou *Forum Judicum* é; sob este aspecto e a essa luz, o mais notavel documento legislativo da epocha medieval. Parece evidente que essa obra de paz não poderia ser a floração de tres seculos de luctas perpetuas. Sr. Bomfim, é tempo de fallar dos arabes.

Para o nosso escriptor, o arabe era o *typo mais completo da civilização depredadora*...

Veio trazer lenha á fogueira e fez lastrar um incendio que durou oito seculos ininterruptos. Não havia tempo nem de comer e dormir; eram armas em punho e mortes para deante... Um inferno!

Mas toda a decantada sciencia psychologica do sr. Bomfim não chega para lhe mostrar ser isso um tremendo absurdo, um impossivel a olhos vistos?

Póde-se lá admittir que o arabe, intelligente, negociador, maneiroso, tolerante, levasse oito seculos a degolar gente?

Póde-se lá admittir que a população peninsular, a população que se chamava romano-goda, mas que era pela mór parte constituida dos indestructiveis rebentos iberos, parentes dos berberes, parentes dos arabes, recebessem a estes como bestas feras? Póde-se lá admittir, sr. Bomfim! Ora, deixe-se disso; largue o Oliveira Martins, que não passa de um Th. Braga elegante, mas cheio dos mesmos erros e disparates; largue o Martins e abra o Herculano, o equal de Guizot e de Thierry, ou, melhor, o superior a ambos, porque tinha mais estylo do que um e mais philosophia do que outro.

Si já o tivéra lido, veria com outra côr essa phase memoravel da conquista e do dominio arabe. Veria serem quatro as idéas mais originaes do grande historiador, pelas quaes se bateu mais resolutamente contra varios contradictores: a *brandura* da conquista arabe; o valor politico e social da enorme classe dos *mosarabes* que veio a facilitar a reconquista christã; a transformação desde o seculo VIII dos servos godos em *adscriptos*; a inexistencia do feudalismo em Portugal.

Destas quatro idéas, as duas primeiras, expostas com a maxima erudição, brillantismo e vigor de argumentar possiveis em assumptos historicos, no 3º vol. de seu incomparavel livro, quando estuda a formação da *sociedade* na península, são as mais consideraveis e a mais formal condemnação dos absurdos da *America Latina*.

Envio os meus leitores para toda a *Historia de Portugal*, nomeadamente o volume indicado.

Penoso é resumir e condensar aqui aquella formidavel móle de factos.

Para bater Bomfim ácerca d'arabes, não é mistér ir além do ensaio de Herculano — *Do estado das classes servas na península desde o VIII até o XII seculo*, que ocorre no 3º vol. dos *Opusculos*.

Ahi se encontra o essencial para desfazer a noite profunda em que se debate o espirito do sr. Manoel Bomfim.

Defendendo a sua grande obra das censuras, aliás miniaamente cortezes, de Th. Muñoz y Romero, escreveu o egregio pensador: «O estudo reflectido dos historiadores arabes e dos monumentos christãos da epocha da conquista e do dominio sarraceno tem feito sentir que essa conquista e esse dominio estranho fôram, na historia das invasões e da sujeição de raça a raça, de povo a povo, entre os factos de semelhante ordem, *um dos que custaram á humanidade menos tyrannias, menos lagrimas e menos sangue*. Tem-se dado o devido desconto ás exaggerações das chronicas e á linguagem de certos escriptores christãos contemporaneos, aonde auctores mais modernos fôram buscar os lineamentos dos seus quadros de terror, quando ahi mesmo se encontram as provas de que os factos não correspondem ás expressões genericas com que é descrito, como um dos mais crueis flagellos, o dominio dos sarracenos na Península. Si junto do Guadalete se desmoronou o imperio dos godos, a sociedade visigothica ficou.

As provincias ou as cidades que acceitaram, *sem resistencia*, o jugo dos novos senhores não tiveram que padecer sinão as consequencias dos grandes movimentos militares sobre qualquer territorio, as violencias accidentaes durante a lucta. Em geral, (*vá reparando, sr. Bomfim*) a ordem das relações civis, e uma parte das publicas continuam a subsistir do mesmo modo que dantes. O tributo e o exercicio das altas funcções da administração do Estado é que mudam. Nas provincias meridionaes da Hespanha fica, até, por algum tempo um simulacro de imperio gothico, o reino de Theodomiro, tributario mas livre, que se incorpora obscuramente depois nos dominios do kalifa. No meu livro,

busquei desenhar com fidelidade essa nova situação; dar aos successos o seu verdadeiro valor, estribando-me nos monumentos coevos, e fazer sobresaír a *população mosarabe* godo-romana, tão esquecida em geral pelos historiadores.» (Op. cit., III, pag. 245).

Essa população *mosarabe*, (quasi arabe) que o insigne escriptor trouxe plenamente á luz da historia, e da qual falavam vagamente os seus antecessores sem lhe comprehender o alcance e a função na sociedade hispanica durante o dominio sarraceno, é a prova mais completa e mais eloquente da moderação da conquista e do governo mahometano na península. Constitua ella quasi a totalidade dos habitantes da Hespanha, excepção apenas dos que estanciavam no seu alto norte, que não soffreram o jugo sarraceno ou o sacudiram logo. O estudo dessas gentes no 3º e 4º volumes da *Historia de Portugal* constitúe uma dessas reconstrucções historico-sociaes que só se encontram nos trabalhos de Niebuhr, Mommsen, Treemann, Rancke e outros espiritos de primeira ordem.

Essa parte da obra de Herculano é uma das mais valorosas, sinão a mais valorosa manifestação da sciencia ibérica no seculo XIX.

Guizot e Thierry não teem nada que se lhe compare na amplidão do quadro e na profundeza das vistas.

Foi alli que o sr. Th. Braga, corrompendo, deturpando, denegrindo linhas e perfis, foi buscar todo o material das suas *Epopéas da raça mosarabe*, vendo uma *raça* onde apenas estava uma classe da população, e *epopéas* onde apenas estavam factos politicos, sociaes, economicos positivos.

O sr. Bomfim evidentemente nunca leu a *Historia de Portugal*.

Digo-o com magua: este delicto não é só d'elle... Dos oitocentos ou mil litteratos que empavezam das mais garridas côres a sua incommensuravel vaidade e passeiam-na por essas ruas fóra, por desdém e acinte aos *burguezes*, de que tanto fabulam, talvez nem quatro ou cinco tenham lido esse grandioso monumento da nossa lingua!

A intuição dominante é a de ter sido Herculano apenas o romancista, hoje *demodé*, de *Enrico*, que raros terão lido, e do *Monge de Cistér*, conhecido só de titulo e este mesmo quasi sempre pronunciado erradamente. É um horror, uma verdadeira desgraça.

Que pôdem saber de serio do povo brasileiro — doutores, bachareis, litteratos, jornalistas, politicos, escriptores, que nada sabem da formação do povo portuguez, de seu estado social, intimo, organico, nos quatro primeiros seculos de seu viver?

Nada, ou essas barbaridades que infestam a *America Latina*.

Os erros brotam, pullulam, crescem,

engrossam, lastram, alli, com a pujança duma floresta tropical.

Lá dentro o espirito suffoca-se como o viajante na matta hirsuta e densa do Congo.

Só a geral ignorancia do mundo legente no Brazil pôde explicar a attenção despertada por um livro tão mal feito, tão falso, tão cheio dos mais grosseiros erros.

Mas, tornemos a Herculano.

Caracterizando rapidamente a população romano-goda, que se congraçou completamente com os arabes, escreve: «Civilmente, socialmente, os *mosarabes* eram sarracenos. Do modo como essa grande maioria da população romano-gothica buscava, em geral, assimilar-se aos conquistadores, temos sobejas provas nos escriptos contemporaneos de Alvaro de Cordova, d'Eulogio, do biographo de João Gorze, nas actas dos martyres Voto e Felix e em outros monumentos.

Os mosarabes serviam nos exercitos musulmanos. Entre os altos officiaes da corôa na côrte de Cordova, figuram condes godos, e apparecem-nos a cada passo magistrados, funcionarios, prelados (Tome nota, sr. Bomfim! Que tal a fogueira!...), sacerdotes *godo-romanos* nas provincias do vasto imperio dos *benu-umeyyas*. Quantos destes, pospondo as questões religiosas, e adoptando a tolerancia dos dominadores arabes, seriam verdadeiramente addictos á situação politica em que se achavam, elles, que abraçavam não raro os nomes proprios, os costumes, as usanças, a civilisação e a lingua dos mussulmanos, a ponto de esquecerem completamente o idioma néo-latino, segundo o testemunho de Alvaro de Cordova; elles, que admittiam, até, a circumcisão, se acreditarmos o *Indiculum* e a biographia de João de Gorze? Não achamos nós ainda no seculo XI os bispos mosarabes, esquecidos das funcções episcopaes, e dedicados inteiramente á vida politica, empregarem-se no serviço profano dos respectivos soberanos sarracenos? Se nos proprios Estados dos reis de Leão, a mistura dos usos mussulmanos com os christãos dava, ás vezes, nas exterioridades do culto, occasião a factos que seriam comicos, se não fôsem irreverentes, o que seria essa mistura entre mosarabes e ismaelitas nos Estados mussulmanos?» (*Op. cit.* III, pag. 272).

A esse viver em commum, a essa assimilação quasi completa da generalidade das gentes hispanicas e dos mussulmanos, é que o sr. Bomfim chama torrar-se nas fogueiras da guerra por oito dilatados seculos.

Esquece que a reconquista néo-gothica, iniciada nas Asturias, Oviedo, Leão, Navarra e no que veio a ser o condado de Barcelona, alcançadas certas vantagens durante os seculos VIII

e IX, havendo, desde então, retomado todo o norte da peninsula de mar a mar, passou a ter varios periodos de paz.

No que se pôde chamar a sua segunda phase, perdeu o character primitivo de barbaria. Deu lugar a largas phrases de socego e ordem.

Só por figura de rhetorica é que se continúa a falar na interminavel *batalha de oito seculos* entre sarracenos e christãos.

E' apenas uma *hespanholada* que o sr. Bomfim inconscientemente repete.

SYLVIO ROMÉRO.

### D'AQUI E D'ALLI

As cidades, como todas as coisas, teem vida continua e não intermitente. Existe, porém, um logarejo na California, que é precisamente o contrario da regra geral. Avalon—a cidade que morre e renasce—situada na ilha de santa Catalina, perto de Los Angeles, vive durante quatro ou cinco mezes por anno. Em abril, sae da terra, dum sólo que não era sinão um deserto arido; engenheiros estabelecem toda a parte subterranea duma cidade: exgotos, canalisação d'agua, etc. Ha uns pequenos *chalets* sem importancia que são as repartições administrativas. A cidade não comporta uma casa sequer; está cheia de tendas, que, postas ao abrigo no inverno, saem dos seus recantos em abril. São de todas as dimensões estas barracas; ha pequenas que dão espaço para um movel, apenas; outras teem salão, refeitório e alguns quartos. Os alugueis são moderados, e a companhia que explora a cidade ganha pouca coisa nisto; o seu lucro está todo na venda das provisões. Organizam tambem tendas de leitura, de musica. No verão, Avalon contém 80.000 pessoas, todas alojadas em innumeradas barracas espalhadas pelas praias duma linda bahia. Restaurantes, barcos, jornaes até, tudo possui essa cidade ephemera. Chega, porém, um inverno terrivel e ella desaparece para, em abril, de novo surgir, alegre e movimentada sempre.

\*\*

Um escriptor inglez, na *Monthly Review*, affirma, muito seriamente, que, si os japonezes venceram os seus poderosos inimigos, é que estão, desde seculos, profundamente penetrados de harmonia. Elles cultivam a poesia, a musica, a musica grega, em summa, que é o fundamento de toda a educação. Kakasu Okakura, em sua obra *Idéal do Oriente*, diz que a suprema regra de vida, no Japão, foi o sacrificio de si mesmo pela comunidade

e que a arte era estimada pelos serviços que prestava á vida moral da sociedade. A musica foi collocada em primeiro logar, porque o seu papel era o de conservar entre os homens a bôa harmonia. A educação poetica está tão espalhada, que, frequentemente, durante as paradas no curso de uma marcha, se vê o soldado tirar o seu caderno e escrever um poema sobre a passagem que o encanta. As gentes mais miseradas da terra do mikado escrevem sonetos nos recantos onde passaram a noite. Pessoas em passeio, em dias de festa, andam com as sandalias de madeira, marcando o passo e seguindo um ritmo muito doce e encantador.

\*\*

Durante as excavações feitas nos arredores de Breslau, descobriu-se uma cidade prehistorica; fôram encontradas algumas centenas de cavernas contendo armas de sílex, quinientos tumulos e mais de seis mil vasos e utensilios diversos. Missões scientificas organizaram-se para verificar a importancia desse achado archeologico.

\*\*

A maior flôr conhecida até hoje é a do *bo-o*, planta que cresce nas illhas Filipinas, nos flancos dos vulcões, a muitos milhares de metros acima do nivel do mar. Os botões da flôr do *bo-o* teem a dimensão de grossas conves; quando está aberta, tem cerca de um metro de comprimento e peza mais de 10 kilos. Sendo impossivel transporta-la para a Europa, ainda fresca, photographaram-na e as petalas secas fôram enviadas ao Jardim Botânico de Breslau. Descobriu essa flôr colossal a expedição botânica allemã dirigida pelo dr. Schadenberg.

\*\*

O palacio de Fontainebleau, onde se encontram tantas recordações da historia da França, está em ruina. A média das despesas de conservação, que excedeu a 293 mil francos por anno durante o segundo imperio, não attingem, desde 1871, a 107 mil francos. Actualmente seria preciso um milhão para collocar-o em estado seguro. O architecto desse palacio que se desmorona avalia em 905 mil francos os trabalhos, que elle divide em urgentissimos, urgentes e necessarios.

As camaras francezas votaram ultimamente um credito de 50 mil francos; mas ha a temer que as ruinas andem mais depressa que as restaurações.

\*\*

Um periodico original appareceu no Japão. Com o nome de *Tegami Zasshi*, (magazine de cartas) os japonezes obrigam-se a publicar uma revista que

facilite a correspondencia, dando modelós de missivas e presidindo a evolução desse genero tão descuidado no paiz de Nippon. Entre os artigos do primeiro numero, salientam-se algumas epistolas amorosas ao lado de varias cartas de negocios. Insiste-se ahi no vello habito japonéz de misturar os sentimentos com os assumptos puramente commerciaes, e os redactores do *Tegami Zasshi* pedem aos seus patricios para não cair nestes erros, que os tornam ridiculos aos olhos dos outros povos civilisados.

\* \*

Ha em Pariz uma sociedade franceza de paleologia cujo fim é reunir e pôr em relação uns com os outros, archivistas, numismatas, archeologos, e de procurar, principalmente, com os que vivem, nas provincias todas, as notas que lhe possam interessar e salvar ou tirar do esquecimento trabalhos dignos de estar conhecidos. Essa sociedade acaba de nomear uma comissão encarregada de catalogar as riquezas artisticas, scientificas e literarias antigas que se acham em casas particulares e são desconhecidas do publico.

\* \*

A *Encyclopedia Judaica*, que apparece em Nova-York, é uma publicação das mais importantes para a sciencia hebraica. O dr. Kochler, que, no ultimo volume, escreveu o artigo Novo Testamento, é um especialista em tudo que diz respeito á epocha de Jesus.

A religião christã, segundo elle, teve as suas origens na prophécia de Jeremias, onde Jehovah declara que iria fazer uma nova alliança com Israel e a casa de Judá. Prova o sabio articulista que Jesus, não tendo rompido com a religião em que tinha nascido, não tivera a idéa de fundar seita nova. Christo se acion em conflicto não com os phariseus e sim com os saduceos. O Sanhedrim condemnára-o pelo seu desrespeito ao Templo.

O estudo sobre a raça judia rejeita que ella seja semita. Os israelitas não são habitualmente dolicocephalos como os arabes. Descenderão, talvez, dos armenios, ou dos hittitas da Mesopotamia, que teem o mesmo angulo facial.

\* \*

O deputado italiano Romussi apresentou em uma das ultimas sessões da sua camara, uma interpellação ao ministro da Instrucção Publica sobre a urgencia de restaurar, o mais breve possivel, o celebre quadro *A ceia*, de Leonardo de Vinci.

A téla tem soffrido muitas intemperies e está a ponto de ficar completamente arruinada.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Da margem esquerda do Paraná a Tuyuty — A imprensa de Lopez — «Argentinos, ni general ni ejercito!»*

Graves censuras disfarçadas, ainda hoje, são feitas em tom *amigavel* ao benemerito almirante Tamandaré, porque a esquadra brazileira não tentou impedir atravessassem o rio em flotilhas de canôas as pequenas partidas inimigas, que tantas vezes incommodaram as avançadas aliadas no territorio de Corrientes. O Paraná estava, nessa epocha, em vasante, e os nossos navios de guerra de grande calado arriscar-se-iam a ter a mesma sorte do *Water Witch*, pequeno vapor de guerra americano, calando nove pés e de quatrocentas toneladas, que encalhou de forte do forte de Itapirú, onde foi attingido dez vezes por projectis, que lhe mataram o quartel-mestre e feriram alguns homens da tripolação. Isto foi ao primeiro dia de fevereiro de 1855 e o navio levava bom pratico.

Actualmente, os vapores da companhia Mianowich, que fazem a navegação do Paraná, chegam até Posadas, capital de Misiones, sómente quando o rio está crescido. Si baixo, os passageiros são baldeados, em Corrientes, para outros de menor calado, podendo navegar sobre os numerosos baixios, que difficiltam a navegação.

O velho e glorioso marinheiro sabia bem o que fazia e não acion conveniente mandar subirem seus navios sinão depois de começar a enchente e sinão depois que o exercito chegasse. Pouco soffreram, entretanto, as armas da Alliança com essa demora. Quando chegámos á sua margem em fins de março, o rio crescia aos palmos e as aguas revoltas tinham perdido a suave limpidez azulada da estiagem.

Era chegada a hora de precizarmos da nossa valente esquadra para as operações da invasão, e ella estava allí, prompta. Era a primeira vez que viamos encouraçados. Sabiamos pelos jornaes que quatro annos antes os «Confederados», rebeldes na guerra de secessão americana, haviam transformado no terrivel *Merrimac*, a fragata do mesmo nome, que fôra abandonada e quasi submergida pelos «Federados», no arsenal de Norfolk. Sabiamos tambem, que depois das grandes façanhas do dia 8 de março de 1862, surgira na arena no dia seguinte um combatente pigmeu, de estranha fórma—a *cheese-box* ou a *raft*—o *Monitor*, que fez retirar-se, seriamente avariado, aquelle ephemero heróe. Tinhamos então apenas quatro desses navios *retovados* de feno, como diziam os nossos camaradas da cavallaria rio-grandense. O *Brazil*, o *Barroso* e

o *Tamandaré* faziam lembrar o *Merrimac*. O *Bahia* tinha o typo do *Monitor*.

Os homens d'armas da idade média cobertos com os seus corseis, de armaduras de aço, fôram pouco a pouco desaparecendo depois da descoberta da polvora e do melhoramento das espingardas. O aperfeiçoamento da polvora e dos canhões cobriu de chapas de ferro o costado dos nossos navios. Efeitos contrarios produzidos pela mesma causa. Serão permanentes? Os torpedos e submarinos farão desaparecer as armaduras e voltarmos aos barcos livres, baratos e velozes? Os cadetes daquelle tempo se occupavam com essas questões, que, ainda hoje, estão sem sulução e assim conversavamos sobre os novos couraçados que tinhamos á vista e que passavam, com as canhoneiras de madeira, navegando acima e abaixo, fazendo reconhecimentos, sondando os canaes, explorando a costa e trocando um ou outro canhão com a artilharia inimiga, que, de vez em quando, abria a bocca e vomitava uma bala de 68, que os soldados appellidavam de «queijo»—. Convézes e casa-mattas já tinham sido tintos pelo sangue precioso dos nossos bravos companheiros da marinha, que nos prestaram, naquelles tempos de tanto heroísmo e abnegação, serviços que os que lá estiveram jámais esqueceram. Chegavamos ao meiado de abril. Já o livro-mestre do exercito nacional registrava um dos feitos mais gloriosos da cruentissima campanha: o combate de 10 abril, na ilha Cabrita, onde novecentos brazileiros, atacados alta noite de surpresa, por mais de mil e duzentos paraguayos escolhidos dentre os guerreiros mais bravos, exterminaram quasi todos esses temerarios, tendo perdido somente cerca de cento e cincoenta dos seus camaradas, entre mortos e feridos. Era curioso ler o *Boletim do Exercito*, de Lopez, noticiando a *victoria dos seus soldados, que tomaram as nossas posições e anniquilaram completamente os covardes e escravos brazileiros, que, ajoelhados e de mãos postas, lhes pediam misericordia, dizendo que tambem eram paraguayos.*

Com todas essas nossas *tremendas derrotas*, o grande marechal levou-nos de *vencida* até ás margens do Aquidaban, onde terminou a guerra pela falta de combatentes e delle proprio, que entrava em fogo pela primeira vez.

Os canhões de grosso calibre da nossa esquadra já haviam desmantelado o pequeno forte de Itapirú e as nossas granadas explodiam frequentemente no meio dos quartéis das forças do Dictador, no Passo da Patria, onde elle se sentia pouco seguro e já não tinha desejo de nos esperar.

Para exaltar o espirito de seus soldados, cuja valentia, obediencia e

abnegação dispensavam taes estímulos, Lopez, nos mandava injuriar pela sua imprensa. O *Boletim do Exercito*, o *Semanario* e o *Cabichuy* ficaram nossos conhecidos. Às vezes, sem sabermos como, appareciam exemplares, cobertos de injurias aos alliados, nos nossos acampamentos. Alguns eram encontrados nos bolsos dos mortos e feridos; outros, nas avançadas e muitos deixados provavelmente pelos espiões, que não eram raros e passavam facilmente por orientaes no acampamento argentino, por argentinos no oriental, e por orientaes ou argentinos no brasileiro. Nas suas insultuosas publicações, todos nós das tres potencias alliadas eramos tratados de covardes e tudo o que lia de peor. Muitos annos depois, durante a revolta de 93, vi com desgosto que, alguns dos nossos chefes militares, pareciam ter aprendido as más lições de Lopez e lançavam as mesmas injurias aos adversarios, em suas partes officiaes de combate.

Não sei que gloria havia em triumphar de um inimigo covarde. Os japonezes exaltaram-se, exaltando a coragem dos russos na ultima guerra.

O pequeno periodico illustrado *Cabichuy* tinha, ás vezes, pillerias muito insulsas; outras, bastante picantes, como as suas ferretoadas, porque tinham certo fundo de verdade. Os nossos generaes eram representados por lentas tartarugas, arrastando a custo, pezadas espadas; um macaco, de barbas grandes com uma corôa na cabeça, figurava o Imperador. Davanos o nome de *cambays*, que significa negros. Até o nosso balão captivo, destinado a reconhecimentos, não escapou á veia humoristica do Gavarni guarany, que o pintava agarrado as costas de um kagado.

Definiu, uma vez, os alliados na seguinte sentença, cuja injustiça dispensa commentarios:

*Orientales... general sin ejercito  
Brazileiros... ejercito sin general  
Argentinos... ni general ni ejercito!!*

Demonstrámos que laborava o terrível *maribondo* em pleno engano.

Os poucos orientaes valiam por muitos; o nosso general Osorio deu ás tropas do dictador uma lição de mestre em 24 de maio; Caxias desbaratou-o em dezembro de 1868 e o principe acabou de aniquilal-o em 1º de março de 1870. Mitre, com os seus bravos batalhões, deu mais brilho ao sol de maio que doira a bandeira da sua patria.

Todo o exercito alliado estava reunido nos barrancos do Paraná sob o commando do nosso eminente general em chefe. Em Missões, perto de Candelaria, Porto Alegre commandava cerca de quinze mil homens, promptos para invadirem o Paraguay por Ita-

púa, hoje Encarnacion, seguindo, talvez, o mesmo caminho do dr. Belgrano, em dezembro de 1810.

O exercito de Osorio, o 1º corpo, tinha uns trinta mil homens, afóra um numero consideravel de doentes, cuja maior parte estava sendo tratada em Corrientes, onde foi alugado para hospital um *Saladero*, em que os microbios damnhinhos deviam ter grandes ninhos. Estavamos promptos para effectuar a passagem. Havia mais de duas semanas que estavamos acampados allí, junto ao barranco, que cada dia ficava menos elevado, olhando horas esquecidas para a margem opposta, onde tudo era mysterio e segredo para nós.

Um dia, apesar da reserva em que se manteve o quartel-general, circulou rapido o boato — que a hora solemne da invasão se approximava.

A nossa anciedade era indescritivel e pedia-lhe meças a curiosidade que nos impellia.

Por onde passaríamos? Qual seria o ponto escolhido para penetrarmos naquelle territorio, que os seus dictadores conservaram insulado do mundo, sem uma carta que indicasse bem os seus accidentes, o curso dos seus rios, as lagôas, as serras, os *estêros*, as mattas e os campos, as estradas e os povoados?

Nem roteiros, nem memorias existiam. As unicas informações nos vinham de prisioneiros de guerra, suspeitos ou ignorantes e da legião paraguaya, que pouco podia esclarecer.

Discussiamos, ás vezes, sobre o melhor plano de invasão, mas não com tanto calor como certos *mariscaes* da rua do Ouvidor, que bem podiam dar lições de estrategia e de tactica ao mais abalisado dos Oyamas.

Alguns acreditavam que passaríamos nas proximidades do Itapirú, porque para isso occupámos a pequena ilha fronteira e os nossos navios já haviam desmantelado o pequeno forte. Outros, mais avisados, contestavam esta opinião, apontando para o acampamento do Passo da Patria, muito proximo, e donde rapidamente chegariam reforços poderosos para se oppor ao desembarque. Diziam que a occupação da ilha Cabrita tivera apenas por fim chamar para allí a attenção do inimigo. Muitos pensavam que seria rio acima, lá pelas immedições de Itaty, pelos reconhecimentos que fôram mais de uma vez feitos por allí. Nada transpirava do plano adoptado. A mesma incerteza que nos excitava o espirito devia torturar o cerebro do Dictador, que não primava, aliás, em rasgos estrategicos e dos seus bravos capitães que consideravam, na sua maior parte, a guerra, uma carga violenta, de espada alta, contra o inimigo, sem arte nem sciencia.

No dia 15, o nosso general Osorio fez publicar uma ordem do dia, em que apontava as terras da outra banda, dizendo-nos: «é por allí que váe o caminho do dever; a elle soldados. Avante!». Não me lembro mais exactamente dos seus termos; ficou-me gravado, porém, na memoria o sentido nobre e patriótico. Ficamos todos alvoroçados e cheios de entusiasmo. Iamos nós, brazileiros, ser os primeiros a pizar o territorio inimigo! Cabia-nos a hora da vanguarda da invasão! Assim devia ser, porque o sólo sagrado do Brazil fôra o primeiro a ser profanado pelos soldados de Lopez.

Na mesma noite desse dia, encostaram ao barranco do nosso acampamento onze vapores com chatas e chalanas a reboque. Embarcaram as divisões Sampaio e Argollo, o piquete do general Osorio, commandado pelo meu amigo Pantaleão, uma pequena força de cavallaria e oito canhões com o pessoal respectivo do meu regimento, commandados pelo João Mallet. O velho ia tambem com o filho querido. Os artilheiros e conductores, os muares e cavallos embarcaram nas chatas.

Pouco mais de nove mil eram esses filhos do Brazil, que iam, no dia seguinte, operar o desembarque naquella região coberta de bosques e cortada em todas as direcções por grandes banhados e lagôas profundas, que já se communicavam com os dois immensos rios proximos, cujas aguas de enchente invadiam as baixadas, as *sangas e canhadas* e difficultavam a marcha dos invasores. Lopez, o dictador omnipotente, allí nos esperava com trinta mil dos seus guerreiros fanaticos, promptos a morrerem ao seu mais leve aceno e crendo que resuscitariam em Assumpção, aureolados de gloria immortal, aquelles que caíssem aos nossos golpes. Contra os grandes obstaculos da natureza e a dedicação heroica daquella gente, a tudo disposta, a operação era certamente bastante delicada. Felizmente tinhamos por nós a fortuna de Osorio e a consciencia da alta missão que iamos cumprir na presença dos nossos alliados, que, além de bons amigos, não deixaram de ser excellentes criticos. Iamos para a lucta com a alma avigorada pela justiça da nossa causa e illuminada pela luz pura e resplandecente do amor á nossa patria, que queriamos ver gloriosa e respeitada. A nossa vida estava dada em *consumo*, como diziam os camaradas, e mais, do que ella, valia, em nosso intimo, a honra do Brazil.

O dia 16 de abril amanheceu encoberto. Nuvens de cinzento escuro tolhavam o céu e escondiam o sol do Paraguay. Quem sabe si para aquelles guerreiros supersticiosos não foi um



máu presagio? Dizem que a natureza transmite ao homem as suas alegrias e pezares. Eu creio ser o contrario. O homem vê a natureza triste ou risonha com os olhos da alma enluctada ou em festa. Aquelle dia nublado se nos mostrava risonho e viamos tudo mais claro na margem opposta, que parecia approximar-se de nós. Embarcámos a meia marcha, com bornal e cantil e capote a tiracollo. Os navios de guerra navegaram para a costa paraguaya e estenderam-se em linha, rompendo, sobre as posições de Itapirú e Passo da Patria, forte bombardeio, mascarando com a fumaça o movimento dos nossos transportes carregados de tropa, que approaram para o pequeno forte como si alli fôsse o ponto escolhido para o desembarque e, subitamente, viraram de bordo descendo a toda a velocidade e entrando no rio Paraguay pelo canal entre a margem esquerda e a ilha do Atajo. A meia legua de confluencia, parámos. Haviamos chegado ao ponto escolhido. Que emoção a nossa! Deitavamos cerca de nove kilometros do quartelamento do exercito de Lopez. A distancia podia ser vencida pelo inimigo em pouco mais de uma hora; mas a marcha seria feita pela margem do rio em presença da esquadra, que estava a tiro de metralha. Lopez pensou, talvez, que o nosso movimento fôsse uma diversão para illudil-o. Do nosso lado estava a certeza e ao inimigo atormentava a duvida. Fizemos a travessia em menos de uma hora. Os transportes encostaram á barranca e começou o desembarque. Em quanto os batalhões formavam, o intrepido general que nos commandava montou a cavallo, poz-se á frente do seu piquete empunhando a predilecta lança com que carregava temerariamente nos seus bons tempos de subalterno e internou-se pelas clareiras, que abundavam naquellas paragens para reconhecer, em pessoa, o terreno povoado de mysterios. Desabou sobre nós uma chuva de pedras grandes como ovos de pomba e a ventania açoitava a ramalhada da floresta, quando crepitou adeante a fuzilada. Ouviram-se toques de corneta e, entre todos, reboou alegre o de 2.º de Voluntarios, avançar. Era o batalhão de Deodoro, que corria em auxilio do temerario general, descoberto, ao passar num banhado com agua até á carona, pelos paraguayos, que tinham alli uma força das tres armas, para vigiar a confluencia. Outros batalhões nossos avançaram tambem e pouco depois chegára aos nossos ouvidos, já muito distante, o toque alviçareiro e convincente de carga. A nossa infantaria investia, á bayoneta os corpos paraguayos e levava-os de vencida. O seu commandante foi morto por um golpe da sabia

arma, que tantos loiros ceifou para nós naquella guerra de cinco annos.

Estava transposto o Paraná e verificada, mais uma vez, a opinião dos grandes generaes, baseada no estudo das campanhas militares, que é operação muito difficil á passagem dos rios defronte de forças inimigas consideraveis, mas quasi sempre bem succedida.

O illustre Clausewitz, na sua *Theoria da Grande Guerra*, cujos livros tanto concorreram para as assombrosas victorias da campanha de 1870, ensinando aos seus compatriotas a sciencia com que os bateu Napoleão, o maior de todos os grandes capitães, diz que a passagem dum rio, quando forçada num ponto, tira á defensiva as probabilidades da resistencia, que se assemelia, então, á desses instrumentos de aço finalmente temperados, que se rompem aos choques do martello e ficam imprestaveis.

Depois de realizados os grandes feitos, vem sempre a critica mordaz, muitas vezes de envolta com a inveja e a ignorancia da historia, procurando diminuir-lhe o brilho. Foi o que aconteceu a Osorio, o immortal, o idolo do exercito, que o amava porque via sempre a gloria scintillando na ponta da sua lança legendaria. Accuzam-no por se ter arriscado temerariamente num reconhecimento, á viva força, á frente de poucos homens, quando dependia da sua vida o bom exito da operação.

Ninguem póde fixar limites á intrepidez, que é uma das mais nobres virtudes militares, aquella que, no pensamento de Clausewitz, dá á alma do guerreiro, desde o soldado até ao general em chefe, as mesmas qualidades que a tempera do aço dá ás armas — melhor gume e maior brilho.

Osorio avançou na frente e foi o primeiro a pizar a terra paraguaya! Fez mal — dizem os criticos frios. Fez muito bem — exclamam os soldados entusiasmados do 1.º corpo de exercito, que elle conduzia á victoria.

Carlos XII lançou-se ao mar de espada na mão, adeante dos seus valentes suécos, no porto de Wumblebek, ardendo de impaciencia por atacar Copenhagen, e foi feliz e venceu.

Si Guilherme, o Bastardo, conquistou a Inglaterra sendo o ultimo normando a desembarcar em Pevensey; Alexandre Magno foi tambem victorioso e cobriu-se de gloria, saltando, o primeiro, do triacotero da vanguarda, quando atravessou o Wydacepe deante do exercito de Pones.

Foi tambem esse conquistador predestinado o primeiro do seu exercito que galgou as altas muralhas da cidade dos Oxydracas, no paiz dos Mallios, á margem do Acesinez. De-

odoro foi o Pencetas de Osorio na jornada de 16 de abril.

Lopez mandou reforços aos seus batalhões da confluencia, mas a esquadra fel-os retrocederem á metralha.

Muito antes do sol esconder-se, estavamos bivacados num campestre, proximo á margem do Paraná, a 4 kilometros de distancia do ponto de desembarque. A marcha foi penosissima através de banhados e sangas cheias. O forte de Itapirú ficava-nos a montante e a pequena distancia. Tivemos apenas um official e doze soldados feridos. Tres camaradas de infantaria lá ficaram para sempre indicando, com as cruces das suas covas, o logar onde a patria querida por quem deram a vida, se cobriu de gloria immorredora. Os nossos oito canhões estavam estendidos, em linha, numa ligeira eminencia, olhando para vasto macegal que ía terminar para a frente na ourella de um matto afastado. Os corpos das duas divisões de infantaria — Sampaio e Argollo — bivacavam nos nossos flancos e rectaguarda, um pouco amontoados. Linhas de atiradores, com os competentes apoios, cobriam o campo, velando pela segurança de todos nós. De vez em quando, levantava-se em cada batalhão uma companhia ou grande divisão para render a outra que estava de promptidão; officiaes de ronda passavam; o general Osorio rondava tambem os acampamento e as avançadas. Argollo e Sampaio não dormiam. A vigilancia era muita. Era a primeira noite que o exercito passava no territorio paraguayo, na visinhança de um inimigo audacioso que não perderia occasião de vir sobre nós. Uns velavam, enquanto outros repouzavam das fadigas e das impressões fortes daquelle dia memoravel. O somno destes era placido e descuidado dos perigos que os rodeavam, porque, si os paraguayos viessem, as avançadas estavam alerta e dariam signal. Haverá tempo de entrar em fórma. Muito valia aquella mocidade forte e sadia, conscia dos seus nobillissimos deveres e que cumpria a sua missão com amor e entusiasmo. Os rapazes daquella epocha de glorias são os velhos de hoje. Olham para o passado com saudades dos camaradas, dos commandantes, dos generaes que já se fôram e deram exemplos dignos de imitação. Vêem com esperanças a geração nova, que se levanta cheia de seiva e de vida e confiam que ella seguirá sempre o caminho do dever, que Osorio apontava aos seus soldados na vespera da invasão.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O pára-raio. — A theoria de Faraday e Melsens. — O relatorio do Congresso de 1882 e o da commissão do Instituto Real dos Architectos de Londres.*

Depois da invenção de Franklin, a theoria do pára-raio foi modificada por varios especialistas, entre os quaes se destacam Faraday e Melsens, o qual propoz substituir a haste unica, baseada no poder das pontas, das agulhas metalicas, distribuidas sobre o edificio, nas arestas e nos angulos, formando uma rêde de malhas, dando os mesmos resultados que a experiencia conhecida pela camara Faraday.

O relatorio do Congresso de 1882, cujas conclusões fazem lei actualmente, adoptou o conductor vertical, pondo em perfeita communicacão electrica o ponto culminante do edificio com o sólo, graça ao *dispersa-fluido*.

Reconhecendo que este methodo foi efficazmente protector em grande numero de casos, verificou-se, todavia, que elle não previne todos os perigos, e o Instituto Real dos Architectos Inglezes encarregou, em 1901, uma commissão especial de fazer um novo estudo do problema.

Os trabalhos dessa commissão fôram concluidos em 1904; acabam de ser publicados e teem consideravel importancia. Estabelecem, em primeiro lugar, que as descargas do raio não seguem, exclusivamente, o conductor vertical do pára-raio de Franklin, mas exercem, tambem, uma acção ambiente e que um edificio sómente fica completamente immunizado, quando rodeado de uma cintura garantidora do ambiente electrico.

A physica modernissima dá, portanto, razão a Faraday e a Melsens. A theoria da gaiola substitue a das pontas. O relatorio de 1905 se pronuncia contra estas, demonstra a urgencia de combinar o conductor horizontal com a haste vertical, no cume e na base do edificio, recommenda, além disso, que se não doire, nem prateie a ponta da haste, voltando ao conductor de ferro em vez do de cobre e, sobretudo, a necessidade de manter a permanencia da conductibilidade electrica, mergulhando o tubo do *dispersa-fluido* em uma camada de carvão vegetal, constantemente humedecida pela agua da chuva ou irrigada.

O novo relatorio duvida da acção protectora de uma haste em um raio do dobro da sua altura; aconselha erigir, como medida de precaução, duas hastes sobre cada ponto culminante de uma construcção elevada, uma de cada lado; insistir, particularmente, nos frequentes exames dos pára-raios, afastando sempre delles, a grande distancia, as conductos de

gaz. Esse relatorio signala um progresso real nas idéas adoptadas, até então, nessa especialidade de protecção contra os accidentes meteorologicos.

## ARMADA NACIONAL

*O material durante a actual administração. — O côro de louvores. — As resistencias passivas. — As flotilhas.*

A 15 de novembro de 1902, terminou a infecunda administração do almirante Pinto da Luz. O nosso material fluctuante não fôra augmentado, nem melhorados fôram os arsenaes, sujeito como estava o paiz ao asphyxiante regimen de economias decorrente do *funding-loan*. Contudo, durante a sua gestão, força é confessar, quasi todos os navios da esquadra fôram reparados e mativeram-se em actividade.

Naquelle data, assumiu a gerencia da pasta da marinha o almirante Julio de Noronha, que, para uma parte da armada, condensava as derradeiras esperanças no resurgimento do nosso poder naval.

No seu primeiro relatorio apresentado ao presidente da Republica em 1903, o novo ministro fazia resaltar, como quantos o haviam antecedido na pasta, a fraqueza da nossa esquadra, pediudo, tambem como quantos o haviam antecedido, que fôsem concedidos creditos para novas construcções, sem, comtudo, expender idéas definidas a respeito. E, no emtanto, porque dissêsse o que muitos outros já anteriormente haviam dito, provocou aquelle relatorio, em certa parte da imprensa, um côro de louvores que até então nenhum outro ministro merecera, e só explicavel pelo facto de contar este, de agóra, sympathias pessoas em alguns diarios onde mesmo collaborava. E um grupo de officiaes, sempre prompto a manifestações, constituiu-se, em nome da classe, para levar-lhe o testemunho da admiracão que esta lhe tributava, pela bocca de oradores, sempre inflammados.

Não estamos, porém, discutindo o relatorio do actual ministro e, muito menos, as suas consequencias. Pelo rumo, que demos ao nosso estudo, analyzamos agóra o desenvolvimento do material fluctuante através das ultimas administrações.

A esse respeito, naquelle relatorio, dizia-se: « Nesse periodo (refere-se ao decennio de 1891 a 1900), o Chile, mediante um dispendio cujo valor, em termo médio, attingiu a 24.576:000\$ annuaes, adquiriu unidades de combate representando 43.430 toneladas. Fez mais ainda: impulsionou as obras

do porto de Talcahuano, cujo dique importou em £ 489.300; creou um porto de refugio com pequenas officinas em Puerto Zenteno, na circumvisinhança de Punta Arenas; estabeleceu em Coquimbo, Talcahuano, Ancud, Puerto Ramires e Puerto Zenteno depositos de carvão capazes de, em circunstancias normaes, abastecer a esquadra por espaço de tres annos; e, finalmente, creou, em agosto de 1898, um regimento de artilharia para a defeza de costas, que é confiada á marinha. »

E, para comparar, continúa: « Por seu turno, o Brazil, durante o mesmo decurso de tempo dispendendo em termo médio, 28.657:181\$651 annuaes, limitou-se a augmentar o seu poder naval com a acquisição de navios, cujo deslocamento não excedeu de 27.179 toneladas, algarismo inferior ao do Chile de 16.251 toneladas.

Ora, nada nos impede de comparar, pelo mesmo processo, a despeza realisada e a tonelagem das unidades adquiridas pelo Chile, em um periodo de quatro annos, dentro daquelle decennio, e os mesmos elementos, no Brazil, num decurso tambem de 4 annos, e em epocha muito proxima da daquelle decennio; e, como as novas construcções do programma naval, dito por uns — programma Noronha e por outros chamado — programma Pita — serão levadas a termo com verbas especiaes, fôra do orçamento ordinario, poderemos dizer, em 15 de novembro de 1906, ao terminar a actual administração: no Brazil, em 4 annos, decorridos de 15 de novembro de 1902 a igual data de 1906, consumiram-se mais de cento e vinte mil contos com o custeio de uma esquadra perfectamente inutil, apenas augmentada com as *Melik*, enquanto no Chile, num periodo igual, dentro do decennio de 1891 a 1900, com uma despeza inferior a cem mil contos, não só se custeou a marinha, como fôram adquiridas unidades de combate com 17.300 toneladas de deslocamento e impulsionadas obras militares em diversos portos.

O confronto é, em todo ponto, desfavoravel á nossa actual administração; poder-se-ia ainda fazer a mesma comparação entre o periodo de gerencia do almirante Noronha e qualquer outro, anterior, e de igual duração, no nosso paiz, e o resultado seria sempre identico.

Depois daquelles trechos que transcrevemos, o actual ministro pergunta si é possivel continuar a dissimular o estado de fraqueza do nosso material, e si não é preferivel patentear essa fraqueza, a occultal-a por um mal comprehendido patriotismo. Dir-se-ia que os seus antecessores haviam encoberto aos olhos do paiz, o lastima-

vel estado da nossa esquadra, e que s. ex. era quem o vinha desvendar.

Mas, já vimos que todos os ministros que a marinha tivera até então, na Republica, chamavam sempre a atenção do Presidente para a necessidade de adquirirem-se novas unidades ante a decadencia da nossa esquadra. O relatorio de 1903 não encerrava novidade a esse respeito: era a reprodução do que se vinha dizendo, havia doze annos, e era o que estava na consciencia de todos: a nossa esquadra não tinha o menor valor.

A unica novidade exhibida era aquelle processo de comparação, que, si ao actual ministro serviu para condemnar as administrações anteriores, a outros servirá para reprovar a de s. ex., conforme já vimos.

Com verdade s. ex. logo depois desses trechos, dizia: «Desvelada assim a verdade, verificado que o mecanismo da nossa organização naval não produz o almejado rendimento, passo a examinar quaes os meios de reduzir, sinão eliminar, as resistencias passivas que o entorpecem». Isso quer dizer em linguagem clara e franca: gasta-se dinheiro inutilmente, ha verbas que se devem reduzir. Effectivamente, assim é.

Do nosso material fluctuante, a maior parte é constituida por navios perfeitamente inuteis, quer na paz, quer em guerra. Dos 45, que s. ex. citava em seu relatorio, ou pelo estado em que se achavam, tornando improductivos quaesquer concertos, ou pelo emprego que se lhes dava ou por sua propria estrutura, a maior parte era de navios que só mereciam ter baixa do serviço da armada; seu custeio consumia grandes quantias; era uma das « resistencias passivas a eliminar ». S. ex. mesmo dizia: Effectivamente, excepção feita dos guarda-costas *Deodoro* e *Floriano*, do cruzador protegido *Barroso* e dos cruzadores-torpedeiros *Tymbira*, *Tupy* e *Tamoyo*, que no seu genero, são efficientes, e bem assim do *Riachuelo* e do *Aquidaban*, do *Benjamin Constant* e *Republica*, que podem ser utilizados como força de reserva, nenhum outro navio tem o menor valor militar».

No entretanto, após tres annos da sua administração apenas tiveram baixa do serviço da armada: *Purús*, *Lamego*, *Centauro*, *Guarany* e *Paquequer*, tendo, porém, consumido ainda alguns contos de réis. Aguardam ainda concertos, após tres annos de sua administração: *Carlos Gomes*, *Andrada* e *Commandante Freitas*. Figuram no quadro do nosso material fluctuante: *Trajano*, *Guararapes*, *Vidal de Negreiros*, *Rio Grande* e *Caravellas*, dos quaes só o ultimo presta alguns serviços á instrucção dos aspirantes, e, finalmente, se tem

gasto centenas de contos com os concertos do *Primeiro de Março* e *Recife*, que custariam, novos, menor quantia do que a empregada em sua reconstrucção.

Com o *Tamandaré* gastou-se ainda somma consideravel, e verificado que, após 10 annos de tentativas ridiculas, se conseguira resolver o problema da ventilação, o navio pôde viajar, com grandes applausos á administração. E' realmente difficillimo conseguir que um navio, que tem machinas, caldeira e carvão, machinistas e estabilidade, ande por cima d'agna. O *Pernambuco*, que já se construa, havia quatorze annos, e que teria de ficar concluido um dia, depois de mais 34 mezes de obras activadas, foi lançado ao mar, e, para 1907, tel-o-emos concluido. Mas *Tamandaré* e *Pernambuco* em nada melhoram o poder da nossa esquadra.

Assim, depois de tres annos de fecunda administração, existe ainda essa «resistencia passiva» que não reduz «o almejado rendimento do nosso orçamento». E, comtudo, uma pennada, dando baixa do serviço da armada a esses calhambeques inuteis, positivamente inuteis, na paz ou na guerra, e que consomem, com seu custeio, sommas elevadas, uma só pennada, diziamos, eliminaria tal resistencia passiva.

Outra resistencia passiva a eliminar é a existencia de certas flotilhas, reconhecidamente inuteis. O actual ministro da marinha está convencido, aliás como muitos, de que a defeza das nossas fronteiras fluviaes, deve caber principalmente á esquadra. A nós profanos, se nos afigura que não. Que exista uma flotilha no Paraguay, constituida por navios propriamente de guerra, é logico; rio que atravessa a republica do mesmo nome e affluente do Paraná, que atravessa a Argentina, será naturalmente o caminho, em caso de guerra com qualquer desses paizes, duma expedição fluvial que traga um exercito de ataque a Matto-Grosso; sendo impossivel fortificar todo o curso do Paraguay. é natural que lá se mantenha uma flotilha, prompta a mallograr aquella expedição. Mas em rios cujas margens, em territorio nosso, possam vir sendo occupadas gradualmente pelo inimigo, como os affluentes do Amazonas, para que servirão navios que, pela necessidades da navegação alli, serão de porte rednzissimo, pouco protegidos, si o fôrem, portanto, e com pouco numerosa artilharia, de calibre reduzido. Que poderá fazer numa *Melik*, ante uma bateria de canhões, dos menores de campanha, assestada á margem do Acre, por exemplo?

Num caso de guerra com qualquer dos nossos visinhos que cercam o Amazonas, é evidente que as defezas

das nossas fronteiras hão de caber principalmente ao exercito; á marinha ha de, tão sómente, caber o papel de transporte e aviso. Quanto ao proprio rio Amazonas, esse é francamente navegavel até territorio peruano pelo *Deodoro* e *Floriano*; para elle, não ha necessidade de navios de guerra apropriados.

Quanto á defeza do Alto-Uruguay, quem impedirá os argentinos, senhores de uma das suas margens, de, em caso de guerra, assestar baterias no barranco, que annullen os movimentos dos minusculos navios que lá posamos manter, e que, ás vezes, se immobilizam por si mesmos com a vasante do rio?

A flotilha de Lagôa dos Patos é tambem inutil, nas condições actuaes da nossa esquadra e da entrada daquella lagôa.

TONELERO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### OFFERTA DUM PERÚ

Senhora, tambem um dia,  
Entrarei co'a fronte erguida;  
Não serei na vossa mesa  
Dependente toda a vida.

Nem sempre abatido pejo  
Dirá nesta cara feia  
Quanto dóe a um peito altivo  
Matar fome em casa alheia.

Airoso, gordo, perum,  
E' meu soberbo presente;  
Traz inda as pennas molhadas  
C'o pranto da minha gente.

No santo dia esperavam,  
Quebrando antigo jejum,  
Gravar inexpertos dentes  
Neste primeiro perum.

A russa, magra Josepha,  
Ergueu queixume sentido;  
Custou-lhe mais esta ausencia,  
Que a do defuncto marido.

O louro, alvar galleguinho  
Chegou aos olhos seu trapo;  
Tinha vistas sobre a carne,  
E muitas mais sobre o papo.

Seu almoço requerendo  
Em luzindo a madrugada,  
Na esquerda, grossa fatia  
D'ambas as partes barrada;

Na dextra, com branda canna  
O seu pupillo guiava;  
Em tenras, publicas malvas,  
Para si o apascentava.

Quando lhe mandei trazer-vos  
O bom companheiro seu,  
Pedindo-me coxos mezes,  
Me disse que o trouxesse eu.

Eu o trago ; a offerta é pura.  
Mas a tenção a envenena ;  
Traz escondida uma usura,  
Maior que a da meia sena.

Com um sorriso acceitae  
O atraçoado convite ;  
Vem a morrer uma vez,  
Porque muitas resuscite.

NICOLAU TOLENTINO.

\*  
\* \*

MOSTEIRO DOS JERONYMOS  
E DA BATALHA

O templo que logo á entrada de Lisboa se alevantou para attestar a todos as glorias de d. Manuel, e para memorar os commettimentos e façanhas dos seus cavalleiros e argonautas nas terras orientaes, não é simplesmente um monumento nacional, senão um padrão venerando para a christandade inteira, e um dos marcos miliarios da civilisação de toda a Europa.

Belém alevanta-se em tradições e em memorias acima de todos os monumentos erguidos ás glorias de Portugal. A Batalha é mais aérea nas suas projecções gigantes; mais mimosa nas suas laçarias e rendados; mais grandiosa na sua concepção original e mystica; mais de saudades intimas e de recordações domesticas; mas a igreja dos Jeronymos é mais gloriosa do que o mosteiro da Victoria, porque este symbolisa, a par da piedade e da crença viva dos nossos avoengos, uma tradição de rivalidades e uma historia de odios nacionaes, e Belem, ao contrario, é como o primeiro monumento erguido á comunidade das nações, mais estreitadas pelos laços dos descobrimentos e conquistas, que reverteram em prol de todas as gentes europeas. A Batalha é grandiosa nas suas recordações, porque é, por assim dizer, o trophéo de pedra erguido sobre um campo de victorias. E' solemne aquelle templo, porque ha alli, a par da adoração suprema de Deus vivo, o culto das nossas mais patrioticas tradições e o preito ás nossas fidalguias de nação.

Em Belém, o monumento, lisonjando a paixão ardente do patriotismo, é tambem como que uma inscripção cosmopolita inculpida em honra da humanidade. Não se mescla alli ao pensamento christão a idéa sinistra das rivalidades nacionaes.

A Batalha edificou-se para solemnisar o triumpho passageiro dum povo sobre outro povo. Alevantou-se, porém, o templo manuelino para eternisar a conquista da civilisação progressiva do Christianismo sobre as civilisações pallidas e estacionarias das nações orientaes.

E' preciso ser portuguez para admi-

rar, com o entusiasmo das memorias portuguezas, o mosteiro que celebrou a victoria de Aljubarrota. Basta ser christão e civilisado, para que o viajante se enleve, não na fórmula finita e material do monumento de Belém, mas na idéa fecunda e generosa, que tomou corpo naquelle admiravel symbolo architectonico. Poderia a hoste do Mestre d'Aviz ter deixado de investir contra os cavalleiros de Castella, poderia o campo de Aljubarrota não ter sido o theatro daquellas gentilezas cavalleirosas, e a humanidade progredido, apesar dessa lacuna nos aventureiros fastos militares da meia-idade. Mas, se os mareantes do Gama não tivessem jámais levado ferro do ancoradouro do Restello, se a tormenta os tivesse salteado e vencido para sempre na solidão dos mares, quem sabe se a civilisação moderna não houvera seguido outros rumos; e se ainda agora a navegação e os descobrimentos não iriam em meio do seu curso!

LATINO COELHO.

\*  
\* \*

AVARENTO

Exclamou certo avarento,  
A um que se ia enforçar :  
« — Feliz homem, que tres dias  
Pôde comer sem gastar ! »

VISDONDE DE CASTILHO.

\*  
\* \*

PADECER E SOFFRER

Os gallicismos que de necessidade havemos de receber no peculio da nossa lingua, para exprimirmos idéas e coisas novas, devem perder essa designação, que é odiosa pelo mal que têm causado ao nosso idioma, e tomar a denominação generica de neologismos.

Mas aquelles que em vez de nos opulentar e aclarar a linguagem, a esterilizam, remendam e obscurecem, devem conservar essa nota, para osevitar-mos, para os reprehendermos nos escriptos alheios, e expungirmol-os dos nossos.

Um destes é tomar o verbo *soffrer* como synonymo de *padecer*, falando-se de pessoas.

*Padecer* é sentir alguma enfermidade, dôr, fome, trabalhos, necessidade, incommodo, desgosto, damno, desar, emfim qualquer mal physico ou moral. *Soffrer* é supportar todos estes males com paciência, resignação, animo, cara alegre, sem queixumes ou gemidos.

De sorte que ha *padecer* sem *soffrer*, mas não pôde haver *soffrimento* sem *padecimento*.

Quando dizemos — fulano soffre do peito, asseveramos uma coisa que talvez ignoramos, ou que não seja verdade, porque elle pôde *padecer* do

peito, mas não ter soffrimento, não soffrer resignadamente essa doença. Por isso devemos dizer, para não errar — *padece do peito*.

« A caridade é paciente e soffrida nas tribulações » — disse João Franco Barreto.

O padre Vieira, que é texto desenganado, diz, falando das affrontas que os phariseus fizeram a Christo : « Falta-lhe este complemento de inteira paciência, que era *soffrer padecendo* immenso. »

E' mais familiarmente, a doutrina christã manda-nos soffrer com paciência as fraquezas do nosso proximo, isto é, os damnos, incommodos ou privações que por elle padecer-mos, e não soffrer-mos.

Quando o verbo *soffrer* se emprega em accepção translata ou figurada, então se usa muitas vezes sem perigo de gallicismo.

SILVA TULLIO.

O AUCTOR DE UMA PEÇA

Quem é o auctor do auto *Mysterio de Jesus*, representado na aldeia de S. Lourenço, em Nictheroy?

Em que anno se verificou essa representação? Em 1555 ou 1565, diz o sr. Mello Moraes Filho, que tambem affirma, em repetidos escriptos, ser esse auto escripto pelo veneravel Joseph Anchieta.

«Por esse mesmo tempo (1) já se achava assentada em Nictheroy a aldeia de S. Lourenço, pelo divino catechista das Canarias. O theatro dos indios foi alli inaugurado com o mais vivo esplendor, sendo numerosos e variadissimos os autos que o missionario poeta escrevera para celebrar dias festivos da religião.»

Não nos parece estar com a verdade o sr. Mello Moraes Filho.

Acreditamos haver escripto o auto o irmão Manoel do Couto, não em 1555 ou 1565, mas em 1583.

«O exemplo de Anchieta (2) foi seguido pelos seus discipulos, e os adros das egrejas convertiam-se nos dias da sua vida em improvisados theatros, e novas comedias de novos auctores vieram por sua vez concorrer para o util fim com que haviam sido introduzidas.

Sabe-se tambem de mais uma comedia, que o jesuita Manoel do Couto compoz para ser representada *no adro da igreja da aldeia de S. Lourenço de Maraguhy*, hoje Nictheroy, em louvôr de seu orago por occasião da sua festa, e que chamou a attenção dos moradores de um e outro lado da bahia do Rio de Janeiro» (3).

Não será o mesmo auto?

Tudo nos indúz a crer que sim.

Ambos fôram representados na igreja da aldeia de S. Lourenço, ambos escriptos em louvor desse santo; ambos interpretados por occasião da festa ainda do mesmo santo, que era o protagonista de ambos.

Não será coincidência de mais ?

A peça de Manoel do Couto foi representada, porém, em 1583: «Em 1583 acompanhava Fernam Cardim ao padre visitador Gouvêa, como seu socio. Neste anno, segundo parece, partiram elles do Rio para S. Vicente; mas antes fizeram-se festas na aldeia de S. Lourenço (Rio de Janeiro). O irmão Manoel do Couto tinha preparado uma comedia em louvor do santo, porém muita chuva a impedia, senão quando Anchieta conseguiu pelas suas orações que faça bom tempo.» (4)

Com effeito, existem as coincidencias notadas; mas, poderão objectar-me que, sendo differentes as datas das representações, talvez se trate de dois autos.

Não colhe o argumento. E' o proprio sr. Mello Moraes Filho quem nos fornece dados para combatel-o.

Affirma que a essa representação assistiram os padres Luiz Gram, Braz Lourenço, João Gonçalves, Antonio Blasques e Joseph Anchieta. Si a representação se deu no anno de 1555, a ella não assistiu o padre Luiz Gram.

Este jesuita partiu de Lisbôa a 8 de maio de 1553, chegou á Bahia a 13 de julho desse mesmo anno, de onde partiu em fins de 1554 para S. Vicente e ali chegou a 15 de maio de 1555 e se demorou até 1556. (5)

Tambem não podia assistir a essa representação o jesuita Braz Lourenço que, de 1554 a 1556, esteve sempre em S. Vicente. (6)

Tambem não podia honral-a com a sua presença e muito menos ensaiar-a o veneravel Joseph de Anchieta, porque passára elle em S. Vicente, Piratinga e Iperoyg de 1553 a 1564 ou 1565, anno em que veio ao Rio de Janeiro com os indios capitaneados pelo destimido Ararigboia, os quaes vieram combater os francezes. (7)

Nem mesmo de 1569 a 1578, a ella poderia assistir o grande catechista, que estava novamente na capitania de S. Vicente, a não ser que o illustre escriptor acredite, com Charles Sainte-Foy, que Anchieta tinha o dom de estar ao mesmo tempo em mais de um logar.

«O bispo d. Constantino Barradas, depois de juridicamente syndicar do facto, teve de solemnemente attestar —que o santo homem estivera, por virtude divina, ao mesmo tempo, em dois logares diversos: em S. Paulo e S. Vicente.» (8)

Contra as datas do dr. Mello Moraes Filho, ha um argumento ainda mais valioso, visto como é irrecusavel.

Apezar de affirmar que «por esse tempo já se achava assentada em Nictheroy a aldeia de S. Lourenço», não é exacto, porque sómente em 1564 ou 1565 chegou ao Rio de Janeiro o Ararigboia—o fundador da aldeia—e em 1567 é que se passou para Nictheroy, obtendo a sismaria em 1568 (9) e da qual tomou posse a 22 de novembro de 1573. (10)

Pelo que fica dito, verifica-se que o auto não podia ter sido representado nem em 1555, nem 1556 na aldeia de S. Lourenço, porque ella não existia.

Ora, sendo certo que só em 1573 fôra installada a aldeia, sómente desse anno em diante poderia, nessa aldeia, se realizar qualquer representação de peças.

E estando em 1583 no Rio de Janeiro Joseph Anchieta e tendo assistido á representação do auto do irmão Manoel Couto e não encontrando nós em documentos dignos de fé referencia a outra qualquer representação realizada em S. Lourenço antes desta, pensamos ser aquelle irmão o auctor do auto que o publicista bahiano attribúe á penna daquelle, representado em 1583.

Os jesuitas que assistiram ao espectáculo fôram Joseph Anchieta, Fernam Cardim, Gouvêa e, provavelmente, Nobrega, Gonçalo de Oliveira e Balthazar Alves, que auxiliaram Ararigboia, depois capitão Martim Affonso de Souza, na fundação da aldeia de S. Lourenço.

#### HENRIQUE MARINHO.

(1) Refere-se á data da representação do auto *Prégação Universal*, em S. Vicente.

(2) Refere-se á data da composição da *Prégação Universal*.

(3) Joaquim Norberto de Souza e Silva — *Catechese e Instrução dos Selvagens Brasileiros, pelos jesuitas* — *Revista Popular*, tomo III.

(4) Dr. Antonio Henrique Leal — *Apontamentos para a Historia dos jesuitas no Brazil, extraídos dos Chronistas da Companhia*.

(5) Dr. Antonio Henrique Leal — Ob. cit.

(6) Dr. Antonio Henrique Leal — Ob. cit.

(7) *Revista do Gremio Litterario da Bahia — Antologia Bahiana*. Carta do padre Leandro escripta de S. Vicente a 23 de junho de 1565 e *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo XXXVI—2ª parte.

(8) Charles Sainte-Foy — *Vida do Veneravel d. José Anchieta*.

(9) *Escriptura de renuncia de terras que Antonio Marins e sua mulher Izabel Velha em favor do capitão Martim Affonso de Souza. Carta de sismaria de Martim Affonso de Souza. Petição do mesmo*.

(10) *Auto de posse de Martim Affonso de Souza*.

## Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

### IV

A historia da Assembléa Constituinte é, apenas, um episodio da historia da independencia nacional e da fundação do Imperio; tem por auctores quasi os mesmos que figuram nos acontecimentos que se desenrolaram desde a partida d'el-rei d. João VI em 1821, para a metropole, impellido pela revolução liberal do Porto. (1) Esses acontecimentos não são phenomenos sociaes sem causas conhecidas, que se prendem, determinando umas as outras; pelo contrario, remontam-se ao passado da vida nacional.

A criação duma Assembléa, que tratasse dos interesses peculiares do reino do Brazil, foi uma das preoccupações do espirito de d. João VI, como prova o decreto de 18 de fevereiro de 1821. El-rei mostrou-se infatigavel e solícito em fazer prosperar a esperancosa parte dos seus dominios, na qual havia promettido formar um grande e rico imperio. (2) A' medida, porém, que o monarcha procurava dotar o novo reino com os fecundos elementos de progresso, os subditos europeus, transidos de desespero e de ciúme, tramavam movimentos sediciosos, que aterrassem o animo timorato do soberano, o obrigassem a fugir do Brazil anarchisado, regressando á mãe-patria.

Esses movimentos sediciosos appareceram no Rio a 25 de fevereiro e, na Bahia, sob a administração do conde de Palma, a 10 de fevereiro de 1821. (3) Eram urdidos pelos portuguezes, que formavam as juntas partidarias dos revolucionarios, que empenhavam contínuos esforços em arrancar a côrte do Brazil para Lisbôa. Podemos affirmar que não fôram estes os unicos tentamentos, de que se serviram os adversarios do Brazil contra a permanencia da côrte no Rio de Janeiro.

A revolução de 1817, em parte, foi obra do patriotismo brasileiro; em parte, resultante dum trama tecido em Portugal. (4)

Domingos Martins, natural da Bahia, (5) educado na Inglaterra, exercendo a profissão commercial, espirito audaz, culto, scismando idéaes sociaes e politicos, admirador das evoluções operadas nos Estados Unidos da America do Norte e na Europa, em consequencia da revolução franceza do fim do seculo XVIII, veio estabelecer casa commercial no Recife, associado á casa ingleza de Londres na qual fôra empregado. Numa das viagens, conversou em Lisbôa com varios portuguezes e reconheceu que ahi se preparava um movimento revolucionario que forçasse d. João VI a regres-

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

sar á metropole. Mas os portuguezes, notando a exaltação das idéas de Domingos Martins, incutiram-lhe no animo a conveniencia de começar a rebellião pela colonia, o que se accordava com o sentimento do negociante brasileiro.

Ora, para Martins o principal interesse cifrava-se numa revolução que libertasse o Brazil e o transformasse em Republica e si esta revolução coincidissem com outra em Portugal, haveria toda probabilidade de seguro triumpho, porque o governo, de certo, não poderia acudir as duas partes por carencia de meios.

Comquanto os portuguezes não quizessem perder a colonia e vel-a separada, livre e independente, acorçoavam o patriota brasileiro, convencidos de que—1º, o movimento de Pernambuco seria impotente para operar uma separação; —2º, mas seria effizaz para apavorar el-rei e coagil-o a repôr a monarchia na antiga séde. Desta guiza, conseguir-se-ia aquillo que os portuguezes tanto anhellavam irritados de ver a colonia primando sobre a metropole.

Não é méra conjectura, pelo contrario é um facto, que as versões correntes do tempo e mesmo alguns documentos comprovam a intervenção da maçonaria de Lisbõa com a do Recife para auxiliar os planos de Domingos Martins e seus companheiros. Não se ignora a influencia que as lojas maçônicas exerciam; até os profanos, admirando-as, supersticiosamente, curvavam-se ante o seu prestigio e poder.

Nas regiões officiaes, conheciam-se os tramados feitos em Portugal; o conde dos Arcos, que, nessa temporada, governava a Bahia, acompanhava attento as phases da conspiração pernambucana, preparando os meios de combatel-a. A presteza, com que elle mandou fuzilar no campo da Polvora (29 de março de 1817) o padre Roma, sem ter provas, revela que estava inteirado de todas as minudencias e planos da rebellião do Recife, que enviava o sacerdote a evangelizar os principios democraticos e agitar a Bahia, fazendo-a tomar parte no movimento, que Martins e outros patriotas acabavam de iniciar em Pernambuco.

Esses factos concatenam-se aos que produziram a Independencia, e formam, por assim dizer, as peripecias do drama, do qual a Constituinte é um dos actos interessantes e, nessa Assembléa, ainda surgiram alguns luctadores da grande batalha travada em 1817 na Mauricea. Os acontecimentos ligam-se de tal sorte que não é facil rompê-los absolutamente, os anteriores dos posteriores. As reminiscencias da inconfidencia de Minas, atravessando o espirito de duas gerações proximas, palpitavam na alma dalguns

representantes da nação na Constituinte.

Havia, pois, desde 1817, muitas causas para os successos, que se fôram dando tanto em Portugal, quanto no Brazil. Aqui as legitimas aspirações da Independencia e liberdades civicas e politicas, transmittidas, através dos seculos, á consciencia collectiva da sociedade, avigorando-lhe o patriotismo, retemperando-lhe o character e formando-lhe aquillo que chamamos —vontade nacional, desde Beckman no Maranhão, desde a inconfidencia mineira até á lucta esforçada dos descendentes dos herões de Guararapes.

Alli, no velho e glorioso Portugal, referviam os rancores contra as insupportaveis perversidades do general Beresford; cresciam, cada vez mais, os males da intensa decadencia do reino, (6) attribuida á persistencia da côrte no Rio de Janeiro, quando tal decadencia data do dominio hespanhol; quando tal decadencia avolumou-se de tal sorte no desvario voluptuoso e fradesco de d. João V. que levou depois o marquez de Pombal a emprehender a obra gigantesca, talvez impossivel, de levantar do abysmo de miserias o reino, que caía arruinado. (7)

A idéa das revoluções, para constituir a Independencia, era como que uma hereditariedade formada, ha mais de um seculo, na colonia brasileira. Vemol-a vir desde Beckman, passar pela mente de successivas gerações e dos inconfidentes aos republicanos de 1817 e destes aos imperialistas de 1822, acclamadores do Defensor Perpetuo, titulo que não era novo na dynastia portugueza; com elle ostentou-se d. João I. (8) Essa hereditariedade é um phenomemo commum em todos os povos. As nações não são obra só dum seculo, nem se organizam e adquirem uzos e costumes, idéias e aspirações, sinão no correr de série de annos.

A vida moral e intellectual constrúe-se lentamente, como as creações geologicas, molecula por molecula, até inteira identificação, que gera e desenvolve o instincto, apura e completa o character, as aptidões e os sentimentos, ainda em povos de raças heterogeneas.

E' assim, por exemplo, que, desde a formação elementar da nação brasileira, todas as raças amalgamadas fortalecem a unidade nacional com o mesmo temperamento, indole, character, idéa e vontade. Nas contendidas com os hollandezes, nas luctas da Independencia e fundação do Imperio, na diuturna e deploravel guerra do Paraguay. em todas as classes sociaes dominavam o mesmo sentimento patriótico, o mesmo fervor no sacrificio pela causa commum; os soldados dos

marechaes Osorio ou conde d'Eu, de Caxias ou dos almirantes Inhaúma e Tamandaré pelejavam sob os impulsos do mesmo dever, sob as inspirações do mesmo amor nacional, ufanos da gloria de morrer pela mesma causa, em Riachuelo, Itororó, ou Pirebebuy.

Os portuguezes do tempo de d. João VI não reflectiam que o povo americano, oriundo delles, mantinha a antiga tradição; queriam subjugal-o a todo o transe, combatendo nesse povo o sentimento da nacionalidade, em que eram *maxima pars*. Em verdade, entre portuguezes e brasileiros não havia uma differença profunda, mas os separavam os interesses do momento, as coleras irreconciliaveis do orgulho indomavel e tenaz do conquistador para o conquistado.

Por seu lado, os brasileiros viam no povo luzitano um rancoroso inimigo, contra o qual os incitavam as aspirações ardorosas da independencia e da liberdade; as reminiscencias vehementes dos soffrimentos impostos pelo regimen da monarchia absoluta; as cruezas praticadas com os martyres da religião do patriotismo. A colonia havia passado pelas ignominias do captiveiro, arrastando-se pelas abjecções, a que o despotismo condemna os miseros, que se estorcem empolgados por truculentas garras.

Os brasileiros não queriam mais curvar a cerviz ao jugo, que os opprimia, havia cerca de trez seculos. Não podiam supportar, no sólo sagrado da patria de Camarão e de Henrique Dias, do presbitero Roma e de Domingos Martins, os antigos donatarios, avidos exploradores das riquezas nacionaes. Era esse o modo de sentir e pensar do norte ao sul. A vontade geral tornou-se irresistivel; a lucta permanente, terrivel e cruenta.

Nessa ordem de factos humanos, sem duvida, não é sempre facil discriminar o *joio do trigo*, segundo a expressão biblica. As paixões e os interesses obumbram as consciencias ainda as mais lucidas e seguras. Os espiritos cultos e rectos, principalmente os historiadores, sómente devem julgar os factos e os homens conforme as circumstancias do tempo, as crenças, as idéas moraes, os uzos e costumes, que formam o evangelho social de cada epocha.

Qual era a situação de Portugal relativamente ao Brazil, segundo as idéas moraes e politicas dominantes? A do proprietario despojado de seu dominio; a do senhor em lucta com o escravo, que lhe recuzava a obediencia, que os costumes estabeleceram e as leis ordenaram e confirmaram.

Cabia ao proprietario o direito de reivindicar a sua propriedade e ao senhor o poder da lei para ser obedecido: eis ahi o que a metropole fez.

A historia, de certo, não representa a imagem mythologica da justiça; em vez de ter fechados e vendados os olhos, deve havel-os bem abertos e videntes. A justiça da historia cifra-se completamente no criterio, com que apura a realidade das coisas, firma a verdade dos factos, evidencia as intenções dos actos, penetra e reprodúz a consciencia do individuo, ou da sociedade em que elle vive; emfim, a psychologia em acção; estudo do homem individual e da sociedade feita homem. Ella não occulta o mal nem encobre o bem: apregôa a verdade nua e crúa.

Ora, Portugal no momento em que o Brazil quiz emancipar-se do seu patrio poder, achava-se numa dessas crises tremendas, a que as nações custam resistir, ou superar. (9) Remontava-se a longo periodo o esboramento de sua fortuna, que foi esplendida durante um seculo, no qual a gloria, o heroismo, a opulencia, as victorias, as epopéas, as conquistas fôram como que privilegios seus. O dominio de Castella cavou-lhe funda a cóva mortuaria.

A dynastia da revolução de 1640, que contou alguns soberanos solícitos do bem publico, apresenta outros incapazes qual o encarcerado de Cintra, ou o perdulario, devasso, beato d. João V. A sombra homérica, mas truculenta e sinistra, do marquez de Pombal, atravessando, rapida, pelos escombros das ruínas, debalde tentou reparal-as. (10) Quando d. João VI subiu ao throno, então o reino estava em plena decadencia, que elle não creou nem poderia evitar. Os vulções da revolução, as inclemencias e devastações das guerras, as atrocidades do despotismo, os males, desgraças e infortunios, tudo havia pezado sobre a Europa, tremula e humilhada deante do refulgente gladio de Bonaparte.

Entre as nações, uma das mais flagelladas foi Portugal, já decadente, e tendo se debatido em contínua crise; já invadido pelo exercito de Junot, já vendo transportada a séde da monarchia para a colonia, que começou a crescer e prosperar, presagiando a futura e proxima separação.

No estado, em que estava o velho reino, laureado com as glorias de Aljubarrota, a perda da terra de Cabral seria a sua suprema e mortifera agonia. As revoluções e guerras, que, dumá á outra extremidade do continente europen, empeceram a expansão commercial, arruinaram a industria, destruíram a lavoura, impossibilitaram a accumulacão dos capitaes e absorveram e concentraram o trabalho, os esforços dos homens nos campos de batalha, tiveram a mais desastrosa acção na lavoura e no acanhado commercio e na miugnada industria

do povo luzitano. Assim que os portuguezes não podiam ver sem horror as tentativas da separação; desesperavam-se da tenacidade de d. João VI em continuar a residir na Quinta de São Christovão, ou na fazenda de Santa Cruz. Acreditavam que o regresso de sua magestade ao palacio de Queluz ou da Bemposta, bastaria para minorar males que acabrunhavam o reino.

E' sob esse ponto de vista que devemos avaliar os sentimentos e actos das côrtes lisbonenses; os rancores suscitados entre as duas fracções dos povos, que então constituíam os regios domínios da casa bragantina.

Ora, si tal era o sentimento geral desde o Tejo até o Douro, não ha que estranhar que a politica das côrtes tivesse o intuito que suppunham necessario a evitar e impedir a independencia brasileira. Essa politica, evidentemente, não podia ser a continuação, ou conservação da obra das angustas e regias mãos d'el-rei d. João VI; destruil-a era de urgencia. Vem dahi o açodamento, com que as côrtes começaram por supprimir tribunaes e os meios de progresso material e moral, de que o Brazil estava de posse e, na previsão de que o duque de Bragança seria o campeão impavido da causa da Independencia, tiraram-lhe os poderes do regente e logar-tenente do rei, ordenando ao principe que saísse immediatamente do Brazil e fôsse viajar pelos paizes europeus para completar a sua educação. Si o resultado das deliberações das côrtes legislativas não corresponderam ás suas inteuções; si não é grande sabedoria em politica prever sómente o mal, antes é o saber evitar que elle se realize, todavia cumpre confessar que as côrtes procuraram desempenhar-se do dever, sob o ponto de vista dos interesses da nação que representavam e cujos direitos lhes cabia salvaguardar e manter intactos.

Os factos consummados não ministram mais azo e utilidade á discussão; porém a curiosidade historica, por certo, não se contenta com esta theoria superficial e materialista, contraria á moral e á justiça, que são eternas, como a verdade e que sempre os investiga e os apura, julga, absolve, ou condemna. O acto de Bruto, ordenando a execução do filho, é um facto consummado; contudo, a posteridade o aprecia e qualifica. O suicidio de Catão é tambem outro; entretanto, os historiadores modernos não o deixam passar despercebido, e o illustre Mommsen, que appellida de *idiota* o egregio cidadão romauo, diz — que a sua morte cauzou grande mal aos vencedores e Cezar pagou bem caro o triumpho. Mommsen termina admirando o velho IDIOTA. As côrtes de

Lisbôa, si tivessem empregado, para com a longinqua e esperançosa colonia, uma politica de meios brandos e conciliatorios, evitariam a separação e a consequente proclamação da Independencia? Desde a partida de el-rei, os brazileiros, sob o influxo das reminiscencias da tradição do passado, como indicamos acima, não abandonariam as idéas da liberdade civil e politica, por amor das quaes tudo sacrificariam; logo, qualquer que fôsse a politica das côrtes portuguezas, a Independencia se havia de realizar. Poderia haver questão de tempo; questão, que, de subito, resolveu o decreto que privou o regente de exercer o governo do reino americano e que deu á causa brazileira um defensor e audaz campeão. Sem d. Pedro á frente, os mais destimidos patriotas hesitaram, receiosos dum desastre e avisados pela dura lição das revoluções anteriores. Com o filho do rei como guia e chefe, os desanimos cederam á fascinante esperança, sinão certeza de triumpho. D. Pedro não foi só um defensor, ainda mais a garantia dos propugnadores e a salvação da causa. Por esse magno serviço, que fez ao paiz, o seu nome perdurará e o futuro o eugrandecerá na memoria e gratidão das gerações posterias.

E' razoavel pensar que, sem o concurso de d. Pedro, a Independencia não teria sido coroada de prompto e feliz resultado; não teria sido exequivel. Havia, então, no Brazil, um limitadissimo numero de homens de certa cultura intellectual e moral, anhelantes de possuir a liberdade e, compreendendo-a, saberiam nzar della. Mas a quasi totalidade da nação jazia na ignorancia, que o regimen colonial mantivera desde remoto tempo. Rarissimos aprendiam a ler e escrever. Essa numerossima classe de ignorantes e incapazes estava afeita á subserviencia e aferrada á supersticiosa veneração da monarchia tradicional, em que a vontade, capricho, ou bel-prazer de el-rei nosso senhor, eram um dogma de fé. Todas as classes sociaes, quer nas villas e cidades, quer nos sertões obedeciam cegamente ás ordens dos capitães-môres, dos donatarios, dos governadores e vice-reis. E a prova de que essa gente, si tinha o instincto da liberdade, não mostrava a comprehensão, está na submissão ás *portarias* que o ministro José Bonifacio expedia ao intendente de policia e aos juizes, á maneira do marquez de Pombal. (11)

Si, em 1822, a Independencia era inexequivel, quando teria sido provavel? Problema historico; só o incremento da cultura intellectual, moral e economica do povo poderia resolvel-o. Attentando na lentidão, com que o progresso tem marchado, no Brazil,

desde 1822 até os nossos dias; notando que ainda os povos (e até as classes abastadas e educadas) deixam o governo, qualquer que seja, confiscar-lhes os votos nas urnas eleitoraes, ou renuncia e abstém-se de uzar do direito, não é possível conjecturar o momento em que se faria a Independência, (sem o concurso de d. Pedro), somente pela força das causas.

Os feitos do duque de Bragança e dos patriotas brasileiros levantaram, em Portugal, intenso rumor de vociferações, de coleras. D. Pedro foi acoimado de máu portuguez, de filho desleal e traidor.. Quanto a este ultimo assumpto, releva observar—que d. Pedro, investido da categoria e poderes de regente, recebeu do pae instrucções escriptas e definidas em decreto. E' tambem incontestavel que d. João VI lh'as deu de viva voz: a tradição constante, *una voce*, afirma e um documento do tempo confirma e estabelece o facto. Quando estrugiram as accusações de perfidia e deslealdade contra d. Pedro, este appellou para o testemunho do rei, lembrando-lhe, numa carta, as seguintes phrases: *conserva o Brazil para casa de Bragança e, no caso de perigar o dominio e a monarchia, cinge tu a corda para que algum aventureiro não n'a tome.*

Não pôde ser filho ingrato, desleal e perfido aquelle que respeitou e executou o conselho que lhe deu o soberano e progenitor.

E quando d. Pedro se deliberou a pratical-o? Depois de muitas hesitações; depois que reconheceu que a simples separação era impraticavel; depois que viu a facção demagogica em Lisbôa reduzir o rei a zero e tirar-lhe a auctoridade; emfim, depois que os decretos das côrtes desfecharam mortiferos golpes no coração do Brazil, supprimindo as instituições destinadas a promover o progresso e a prosperidade nacional e ordenaram que o regente deixasse o governo e partisse a viajar pelas cidades europeas. Os brasileiros appellaram para d. Pedro e este ficou para o *bem de todos.*

Proclamada a Independencia como facto consummado,urgia organizar o paiz constitucionalmente: dessa ardua tarefa incumbiram-se o sabio e venerando patriarcha e a Assembléa Constituinte, como veremos no seguinte estudo.

#### EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Hist. da Revol. do Porto — Vida de d. João VI*, por Souza Monteiro — *Raton, Recordações — Quadro elementar das Relações Polit. e Diplom. de Portugal*, pelo visconde de Santarém — *Hist. de Portugal*, por Pinheiro Chagas — *Idem*, por Oliveira Martins — *Galeria da Hist. Portuguesa — Factos Memoráveis da Historia Portuguesa.*

(2) No manifesto de guerra á França, d. João VI diz: A côrte levantará sua voz do

seio do novo imperio que vou fundar; fez a mesma declaração na carta de lei de 29 de novembro de 1808, creando a ordem da Torre e Espada. O povo fluminense o saudava com vivas ao Imperador, cantando:

— *America feliz, tens em teu seio*  
— *Do novo imperio o fundador sublime.*

Nos sermões de Mont'Alverne e outros oradores da tribuna sagrada, alludia-se a essa mesma idéa.

(3) *Memorias Historicas da Bahia*, pelo coronel J. Accioly.

(4) Monsenhor Moniz Tavares—*Hist. da Revolução.*

(5) Já li, não sei onde, que Domingos Martins nascera no Espirito Santo e viéra creança a para Bahia com os paes, que eram bahianos. Conheci, por longos annos, desde minha meninice até que saí da Academia de Direito, o medico dr. José Antonio Ferreira da Rocha, homem de idade madura, que, ou foi contemporaneo, ou conviveu com os contemporaneos de 1817. O dr. Rocha era primo de Domingos Martins. Ovi contar certas particularidades e afirmar, muitas vezes, que o seu primo nasceu na Bahia e de familia bahiana, á qual elle, dr. Rocha, pertencia.

(6) Pinheiro Chagas, *Hist. de Port.—Hist. de Port.* por Souza Monteiro—*Aff. Rabbe Hist. de Port.* O historiador allemão Schaeffer—*Hist. de Port.*

(7) *Hist. de Port.* por Pinheiro Chagas—*Estudo Historico das Relações Diplomaticas e Politicas* por Moraes Leite Vello—1 vol. *Hist. de Port.*, por Oliveira Martins—2 vol.

—(8) Alex. Herculano, *Hist. de Port.—Relações Pol e Dip.*, do Visconde de Santarém; *Hist. de Port.* de Oliveira Martins.

(9) Pinheiro Chagas, *Hist. de Port.*; visconde de Santarém, *Quadro Elementar — Estudo Hist.* por Moraes Leite Vello.

(10) Diz Oliveira Martins: (pag. 155 *Hist. de Port.*)—ignorava Pombal que uma nação não é um mechanismo, é um ser vivo e organico e não um artefacto.

(11) Leiam no *Diario* da Assembléa Constituinte a discussão sobre as portarias e sobre o projecto de annistia; discursos de Rodrigues de Carvalho, Alencar, Carneiro da Cunha e outros deputados; sessões de maio e junho de 1823.

## O ALMIRANTE (58)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XX

A noticia do fracasso da tentativa revolucionaria lhes causava immenso jubilo: a Oscar, que estivera a pique de arriscar a sua carreira para condescender com a vontade da marquezia; a Martins, que reputava bem empregados os cem contos de réis si a lição influísse para desilludil-a, para libertal-a, para sempre, dessa phantasia politica, em torno da qual se crystallizavam todas as suas energias, todos os seus anhelos e esse nobre empenho patriótico de symbolizar a resistencia da tradição, desse passado que, como as arvores colossaes das florestas amazonicas, sem raizes entranhadas no sólo frouxo, desabam, ruidosamente, ao primeiro abalo de um tufão. Um impulso audacioso derribára a dynastia.

Quasi todos aquelles que tinham medrado á sua sombra, ou que viveram dos seus fructos, se afastavam cautelosos para não serem esmagados por ella na quêda desastrosa, irreparavel, porque não ha forças humanas que possam erguer esses gigantes tombados, despedaçados, mortos ao proprio pezo.

Oscar e Martins notavam que o sorriso da marquezia soffria subitos, intermittentes eclipses; suas faces, seus labios se immobilizavam numa fria expressão de dôr e desalento, como si a vida a abandonasse para volver em rapidos intervallos com penoso esforço; notavam que os finos dedos crispados se cravavam, em contracções, no velludo dos braços da poltrona e lamentavam aquella immensa lucta ignorada, travada entre a esperanza e o desalento num fragil coração de mulher.

Mas as paixões pelas idéas, uma vez dominadoras, são inexpugnaveis. Nem os factos mais evidentes, nem os desastres mais acabrunhadores, nem as decepções mais dolorosas conseguem eradicar-as do cerebro por ellas contaminado; antes, as excitam, as robustecem, as tornam mais intensas e perniciosas, estendendo a sua influencia sobre toda a funcção sensorial: são plantas damninhas, resistentes ás intemperies, á secca, ao fogo, e, mergulhando sempre, com uma tenacidade infatigavel as raizes no seio da terra desolada, para reflorescerem num milagre de vigor, de exuberancia ao primeiro rocio benefico.

— Não será o primeiro nem o ultimo desgosto infligido ao proclamador da Republica — ponderou Souza e Mello a Dolores — Muito breve estará elle arrependido dessa façanha.

— No coração do grande marechal — replicou Dolores, com emphase — cazam-se a firmeza e a magnanimidade. Elle poderia esmagar esses impacientes, esses traidores, mas prefere despezal-os: são adversarios que, uma vez desmascarados, se tornam inoffensivos; são homens perdidos esses loucos que tentaram destruir a fibra da democracia.

— Perdidos? — exclamou Souza e Mello — Diga antes — homens respeitaveis como, em politica, são todos os capazes de fazer mal.

A marquezia ouvia attentamente os conceitos do advogado e os approvava com ligeiro movimento da cabeça.

— De resto — tornou Dolores — Foi um facto sem importancia.

— Sem importancia? — retrucou elle — A liberdade desenfreada deu o primeiro golpe na auctoridade dictatorial do Governo Provisorio, ainda vacillante. Máu signal. Esperemos as consequencias, os effectos das ambições de toda essa gente que se julga



com direito á farta recompensa do seu patriotismo. Será impossivel contental-os porque elles não attendem ás proporções do proprio merecimento, ás condições de capacidade para os altos cargos, para as pingues propinas.

— Temos ainda patriotas desinteressados — observou o conselheiro.

— Não ha duvida. Esses, porém, são a minoria imponderavel. O maior numero considera a Republica uma porta aberta, francamente, ás pretensões insaciaveis. Imagine-se sómente nas reparações devidas aos que estiveram no ostracismo durante a monarchia, as reivindicações legitimas...

— Nisso tem razão — confirmou Dolores — O governo vive numa roda viva, a ouvir queixas, reclamações de grande enchame de pretendentes que surgiram aos milheiros appellando para a justiça da Republica. Eu tive uma pretensão tão justa que fui logo attendida com a collocação do Dadá. Seria, na verdade, um cumulo não attender aquella creatura que foi victima das suas idéas.

— Não ha duvida — confirmou o conselheiro — O doutor Adeodato foi um exemplo de convicções alliadas ás competencias como juiz.

— Deus lhe pague, conselheiro; Deus lhe recompense essa justiça ao adorado marido, essa bondade...

— Justiça, minha senhora, simplesmente justiça áquelle ornamento da magistratura.

Dolores, enternecida quasi até ás lagrimas, acercou-se do conselheiro e apertou-lhe a mão num silencio expressivo, como si as palavras delle fôsem uma consagração.

— Muito bem—disse Souza e Mello, muito enfiado por lhe terem interrompido as considerações sobre a situação do governo — Eu estava com a palavra e fui interrompido.

— Póde continuar — avançou Dolores, num grottesco gesto de auctoridade.

— Onde estava en? Ah... Referia-me ao assalto dos pretendentes que terminarão por estabelecer em torno delle o sitio dos descontentes. Os dictadores, isolados; exautorados, hão de, forçosamente, procurar elementos de apoio que nestas crises dos grandes abalos sociaes são caracteristicos, infalliveis, apoio que, sómente, poderá angariar e solidificar por meio da corrupção.

— E' muito pessimismo — tornou Dolores.

— E' infelizmente a verdade. A maior parte desses demagogos victoriosos estavam persuadidos de que a Republica seria a tolerancia para todos os desmandos, uma reprodução da tragedia de 89, o assassinato, a pilhagem, o assalto ás posições, á

fortuna publica e particular. O governo manteve a ordem, garantiu a propriedade, empregou energicas medidas de repressão preventiva contra os gatunos de todas as categorias: fez bem, valha a verdade, libertou-nos da vergonha, preservou o levante dos quartéis dessas tristes consequencias, mas alienou muitas dedicações interessseiras.

— Ora, ainda bem — interrompen Dolores — que a justiça lhe irrompe, espontaneamente, dos labios.

A marquezia approvava em silencio, com secreto prazer, as palavras de Souza e Mello, que entrou a vaticinar os efeitos da corrupção, a fazer considerações sociologicas, apoiadas na historia, concluindo pela precoce decadencia e morte da Republica.

Sergio de Lima não oppuzera a inevitavel contestação aos conceitos do velho advogado, por estar muito entretido com Hortencia e Laura, formando um grupo a parte, distanciado dos outros que falavam de politica em torno da marquezia. D. Eugenia acompanhava com desvanecimento a insistente inclinação do joven bacharel pela formosa Hortencia, muito retraída, mas dominada pela palavra quente, florida, insinuante, do seu companheiro das tristes, das monotonas noites da roça, quando o seu purissimo coração não despertára ainda ás revelações do amor. Mari-aninha, sempre dominada pelo seu accentuado instincto maternal, acompanhava com d. Eugenia o desabrochar daquelle affecto promettedor. Oscar e Martins formavam, com Amelia, outro grupo divagando sobre coisas serias, o desenvolvimento economico do paiz, a situação do commercio, o impulso industrial e os grandes negocios que a revolução não interrompera. Martins exaltava a iniciativa das extraordinarias emprezas, a mobilisação dos capitaes em melhoramentos de toda a ordem, denotando o despertar de uma actividade auspiciosa.

Dolores fizera varias tentativas para se approximar desse grupo, mas recuava ante a attitude aggressiva de Amelia, cujas maneiras rispidas já não se podia disfarçar sob as convencionaes apparencias de cortezia. Por vezes, os olhares das duas mulheres se cruzavam em chispas fulvas, como coriscos de um rancor concentrado, em negros sedimentos de odio, no coração das duas mulheres incompatibilizadas pela profunda divergencia de character e de costumes. Amelia se commovia em éstos de indignação, quando encontrava em casa da marquezia a sua adversaria; não achava explicação para aquella tolerancia, que ella chegava a reputar indecorosa, de receber entre gente ho-

nesta uma creatura de má fama, de maneiras tão differentes, em destaque repulsivo naquelle meio, naquelle ambiente de serena castidade, que Dolores profanava com as suas desconformes galanterias com Souza e Mello e Oscar. O menor gesto desta, os seus olhares, naturalmente amollecidos de sensualidade, os sorrisos francos que lhe irrompiam dos labios de vermelha polpa, as attitudes de fatigada languidez assumiam aos olhos de Amelia estranhos aspectos de indecencia insupportavel, nos quaes se denunciavam peccados, talvez crimes, habitos de mulher desprovida de senso moral, dos mais vulgares melindres.

Essa animosidade não passára despercebida a Oscar, que era, por vezes, surpreendido pelas recriminações de Amelia, censuras feitas com uma austeridade aspera de egoismo, ameaçada na posse exclusiva do bem supremo, de que ella não descia a apoderar-se, esperando que se lhe submettesse numa passividade humilde.

(Continúa).

## BEATA BEATRICE

Fragil, pallida e doce, essa Donzella,  
Na pureza do olhar profundo, exprime  
A incontentada aspiração sublime  
Dos grandes sonhos, que a Arte só revela.

Com a benção dum sorriso bom, redime  
A alma que vier poisar ao lado della,  
— *Beata Beatrice*, vaga e bella,  
Doce, pallida e fragil, como o viume...

... Si és, acaso, a visão excelsa e grave,  
Que entrevejo, num lucido e supremo  
Sonho, — bemviuda sejas neste estante :

Sê bemvinda — com o teu consolo suave,  
— Tua caricia subtil — teu beijo terno,  
Minha Irmã, minha Esposa e minha Amante!

LEOPOLDO BRIGIDO.

## PARA ACOMPANHAR MEU PAE

Váes a enterrar, meu Pae. E no meu pelto  
Dá-se de chofre um desmoronamento...  
A dôr, a infausta dôr deste momento  
Fécha-me os olhos, géla o meu aspecto !

Consolações não ha, nem as acceito,  
Para este rude e fundo desalento.  
E' todo trévas o meu pensamento,  
Partido em maguas, em pedaços feito.

Nunca meus olhos te tivessem visto,  
E eu não sentira a angustia cruciante  
Da cerimonia a que, constricto, assisto.

Váes a enterrar, meu Pae. No teu jazigo  
Grato me fôra adormecer constante...  
Mas minha mãe... Que hei de fazer, amigo ?

1905.

VITAL FONTENELLE.

## XADREZ

## 3.º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Vencedores: 1.º lugar — Henrique Costa  
2.º — José Piza  
3.º — Th. Torres

Terminou este disputadissimo certamen. O resultado do pequeno torneio suplementar, para desempate, foi o seguinte:

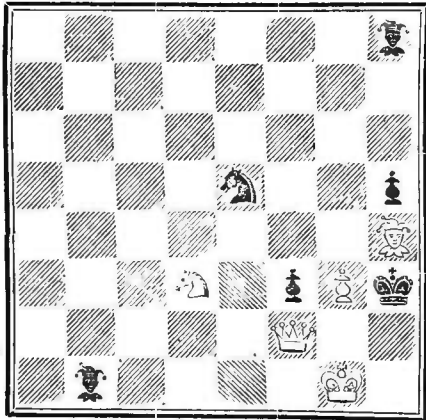
Concurrentes	H. Costa	J. Piza	Th. Torres	N. de pontos
H. Costa.....	1 1	0 1		3
J. Piza.....	0 0	1 1		2
Th. Torres....	1 0	0 0	....	1

A victoria de Henrique Costa é brilhantissima, porque foi alcançada contra dois concurrentes muito fortes. Com os vencedores e com o Club dos Diarios, nós nos congratulamos sinceramente.

## PROBLEMA N. 27

O. Nemo

PRETAS (6)



BRANCAS (5)

Mate em dois lances

MATCH BRAZIL-ARGENTINA. — Brevemente será jogado entre o Club dos Diarios desta Capital e o Club do Progresso, de Buenos Ayres, um novo match em duas partidas. Como sabem os leitores, no primeiro, realisado ha 2 annos, venceu Buenos Ayres.

DR. CALDAS VIANNA

Como se sabe, a commissão que fiscalizou o torneio do Club dos Diarios era composta dos srs. conde de Figueiredo, commendador Arthur Napoleão e dr. Caldas Vianna. Mas quem realmente exerceu esta fiscalisação effectiva foi este ultimo e o fez com o habitual criterio e cavalheirismo. O dr. Caldas Vianna, que é advogado habilissimo, é o campeão sul-americano no xadrez, e, certamente, si vivesse na Europa, com as compensações que alli existem para os grandes enxadristas, que chegam a ser profissionais, competiria com os grandes mestres e teria reputação universal. O seu jogo é surpre-

hendente de previsão, profundidade, elegancia e esthetica. Como exemplo, publicamos em seguida uma sua partida contra um adversario de força, que é innegavelmente uma das mais estupendas que se teem jogado no mundo inteiro, e, sob alguns aspectos, superior ás obras primas no genero, inclusive a *immortal*, do inolvidavel Anderssen.

A admiravel partida foi jogada em fevereiro de 1900, no Club do Xadrez do Rio de Janeiro e publicada no *Deutsche Schachzeitung*, de Berlim, com as curiosas annotações, que reproduzimos, dos grandes mestres J. Berger e Schlechter. Folgamos em prestar esta homenagem ao nosso campeão.

## PARTIDA N. 28

GAMBITO EVANS

Brancas (Caldas Vianna)	Pretas (Sylvestre de Barros)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
B 4 B D	— 3 — B 4 B D
P 4 C D	— 4 — B X P
P 3 B D	— 5 — B 4 T
P 4 D	— 6 — P X P
Roque	— 7 — P 3 D
D 3 C	— 8 — D 3 B
P 5 R	— 9 — P X P
T 1 R	— 10 — B 2 D
B 5 C R	— 11 — D 4 B
C X P R	— 12 — C X C
P 4 B R	— 13 — P 3 B R
D X P C	— 14 — T 1 D
P X C	— 15 — P X B (a)
T 1 B R	— 16 — D X P
C 2 D	— 17 — C 2 R (b)
T D 1 R	— 18 — D 4 B D
B 7 B x	— 19 — R 1 B
B 6 C x. d.	— 20 — B 4 B R (c)
B X B	— 21 — C X B
C 4 R	— 22 — D 3 C D
T X C x	— 23 — R 1 C
C 6 D !! (d)	— 24 — P X P x
R 1 T	— 25 — P 3 T (e)
D 5 D x	— 26 — R 2 T
D 4 R	— 27 — R 1 C (f)
D 6 R x	— 28 — R 2 T
T 6 B R ! (g)	— 29 — T R 1 B (h)
D 5 B x	— 30 — R 1 C
T X T x	— 31 — T X T
D X T x	— 32 — R X D (i)
T 8 R mate	— 33 —

(a) Si 15... C 2 R; P X P B, P X P B R; 17 — D 3 C D (para evitar B 3 C D), D X B; 18 — D 3 T D, etc.

(b) Si 17... D 6 R x; 18 — R 1 T, D X C; 19 — T D 1 R x, C 2 R; 20 — T X C x, R X T; 21 — D 4 R x, R 3 D; 22 — D 5 D x, R 2 R; 23 — T 7 B x, R 1 R; 24 — D 5 R x, B 3 R; 25 — D X B mate.

(c) Si 20... C 4 B R; 21 — C 4 R, D 3 C; 22 — B X C, P X P x. d.; 23 — R 1 T, D X D; (si 22... B X B 23 — T X B x, R 1 C; 25 — C 6 D ! ) 24 — B X B x, R 2 R; 25 — C 5 B D x, R 3 B; 26 — C X D x, R X B 27 — C X B, etc.

Si 20... R 1 C; 21 — D 3 C x, seguido de B 7 B x.

(d) Este lance é estupendo e é a principal maravilha desta partida. Como bem dizem os commentadores allemães, abundam nesta partida os lances de problema. Este é um delles. Si as Pr. tomam o cavallo como a D, a T, ou o P., teem mate immediato.

(e) Si 25... D X D; 26 — C X D, P 7 B; 27 — C X B, T 8 D; 28 — T R 1 B R, T X T (se P 8 B f. D., T. D. mate); 29 — T X T e ganham. Si 25... P 3 C R; 26 — D 5 D x, R 2 C; 27 — D 7 B x, R 3 T; 28 — T 3 B, P 5 C; 29 — D 4 B R x, R 2 C; 30 — T 7 R x, R 1 C; 31 — D mate; e si 29... R 4 T; 30 — T 3 T x, P X T; 31 — T 5 R mate.

(f) Si 27... D X C; 28 — T 6 B R x, R 1 C; 29 — T X D, T X T; e si 29... P X T; 30 — D 5 D x, R 2 T; 31 — D 5 B x, e ganham. Si 27... T X C; 28 — T 6 B R x, R 1 C; 29 — D 8 R x, R 2 T; 30 — D 6 C x, R 1 C; 31 — T 8 R mate.

(g) Ameaçando mate em 2 lances.

(h) Si 29... T R 1 R; 30 — T X P T x, P X T; 31 — D 5 B x, R 1 T; 32 — C X T, D 5 D; 33 — D 8 B x, R 2 T; 34 — T 7 R x, R 3 C; 35 — D 7 B mate. Si 29... T R 1 C R; 30 — D 5 B x, P 3 C R; 31 — T 7 B x, T 2 C; 32 — T X T x, R X T; 33 — T 7 R x, R 1 C; 34 — D 7 B x, R 1 T; 35 — D mate. Si 29... D 5 D; 30 — T X P T x, P X T; 31 — D 5 B x, R 2 C; 32 — D mate.

(i) Si 32... R 2 T; 33 — D 5 B x, P 3 T; 34 — D 7 B x, R 1 T; 35 — T mate.

## O XADREZ NO ESTRANGEIRO

O torneio dos mestres de Barmen, realizado em agosto, deu o seguinte resultado: Janowski e Maroczy, 10 1/2; Marshall, 10; Bernstein e Schlechter, 9; Berger, 8; John, Leonhardt, Tschigorine, Wolf, 7; Bardeleben, e Sochting, 6 1/2; Alapin e Burn, 6; Gottschall e Mieses, 5. Fôram premiados os 10 primeiros, sendo os premios de 1.500 a 100 marcos.

—Na Inglaterra conquistaram o campeonato H. E. Atkins e a senhorita Finn.

—Falleceu Jules Arnous de Rivière, o magnifico enxadrista francez, na idade de 76 annos.

—Em setembro realizou-se entre o dr. Tarrasch e Marshall um match com o seguinte resultado:

Tarrasch ganhou 8

Marshall 1

Partidas nullas 8

Onde está aquelle invencivel Marshall que, desafiou, ajuda ha pouco, o campeão do mundo?

—Falleceu em Praga, com 57 annos, o notavel problemista Karl Kondelik.

Tacito & Lipmann — Recebemos e publicaremos no proximo numero.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 26 — (Burneister): C 7 B D.

JOSÉ GETULIO.

## FLORES

Num cartão postal de d. Amelia de Freitas Bevilacqua.

Flôres. Esta que acaso a gente deixa Abandonada á beira de um camião, Quem sabe o que ella foi—suspiro ou queixa, Florira um seio ou perfumára um ninho?

Uma nos lembra a pagina que fecha Para os sonhos de amor e de carinho. Quem dirá do perfume que a outra enfeixa Nas delicadas petalas de arminho?...

Flores nos falam pela vida inteira, Uma enflôra o sepulchro, outra o noivado; — O goivo triste e a flôr da laranja.

E si inda a gente o calice nevado De uma flôr na velhice aspira e cheira, Sente que ella é a saudade do passado!...

Recife, 1905.

JOSÉ DE BARROS LIMA.

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O aspecto superficial das regiões politicas é o da tristeza de uma interinidade insipida, destinada a durar um anno.

Para os politicos profissionaes, para os engrossadores, para os candidatos á reconstituição das duas casas do Parlamento, o governo do sr. Rodrigues Alves terminou com chave de ouro na inauguração da Avenida Central; dali em diante está enchendo tempo, á sombra de loureiros, até passar a vara ao seu successor, o outro, o sr. conselheiro Affonso Penna, ou quem surgir, inopinadamente, das combinações, dos conchavos, das manobras que se estão armando, sob uma apparencia de calma resignada, para remendar a obra apressada da Colligação, cujos dias se figuram, inexoravelmente, contados.

O palacio do Cattete perdeu a seducção que attraía, diariamente, desde a aurora ao crepusculo, as bisonhas legiões de parasitas do poder, disciplinadas, numa regularidade mathematica, numa subserviencia patriótica, a receber o santo e a senlia ou, sómente, a merecer um sorriso, aquelle eterno sorriso amavel, fixado no Augusto rosto de s. ex., como um ricto de mascara, alegre e doloroso, muito semelhante ás contracções musculares precursoras da secreção do pranto ou á expressão da sopitada tortura de machadas incessantes. Quem finge sorrir parece que váe chorar.

O imperio do Cattete tomba como um sol no leito rutilante de espumas de ouro incandescente e de purpura inflammada do occaso. A sombra do poder colossal escorre pelo valle melancolico, como um rio de crépe, as figuras queridas, as figuras adoradas se esbatem indecisas, no paroxismo da luz apavorada ante a invasão da treva, e se amesquinham, diminúem como phantasmas que se dilúem ao termi-

nar um sonho venturoso, um sonho de gozo das graças, das predilecções, dos favores, do delicioso calor que fecunda os roçados das ambições, os canteiros das esperanças, das aspirações insaciaveis.

E' por isso que o sympathico *leader* não teve mais prestigio para aggremiar as ovelhas estramalhadas para fazerem numero, para ouvirem os cutilantes discursos do sr. Barbosa Lima, para votarem os orçamentos que, na fórmula do amavel costume da preguiça parlamentar, chegarão ao Senado na angustia dos derradeiros dias de sessão para serem engolidos pelo venerandos paes da patria, sem uma emenda, sem a alteração de uma virgula, como exige o bem de uma nação organizada, incapaz de viver sem orçamento no papel, com o ornamental alinhamento de verbas, as columnas de algarismos, o gradeamento de tabellas, bastante largo para franquear a passagem dos camarões, ou para não serem observadas e cumpridas com austera fidelidade.

Os representantes da nação parece estarem convencidos de que os orçamentos devem resultar dos desesperados esforços da ultima hora, os meliores e os mais fecundos, sob a instigação dos apertos, sob a inspiração proficua da urgencia. Elles trabalham de vagar, num progresso de kagado, vão andando lentamente para desfructarem as bellezas da payzagem e chegam, afinal, ao momento do açodamento que se assanha nestes dois mezes da sessão, varias vezes prorogada.

Em vão, o sr. Paula Guimarães secundou os empenhos do *leader* para se realizarem votações adiadas; em vão, exhortou os deputados dormentes ao cumprimento de dever civico: sómente conseguiu verificar que essa instituição dos corpos legislativos numerosos está fóra da moda, deve passar ao olvido como archaismos ornamentaes de pessimo gosto, da mesma fórmula que a sobre-casaca pezado-

na, a solemne cartola e outros aleijões da nossa macaqueação incuravel. Os poucos homens de trabalho, occupados seriamente no desempenho do mandato da soberania, dariam conta do recado, porque são, de facto, quem fabrica as leis, os instrumentos da nossa vida nacional. O resto é um enchimento espalhafactoso, esteril, inutil, um pessoal incapaz, pessoal que entope, que obstrúe, que atrapalha, formando um embolo perigoso na circulação do organismo legislativo.

Deu-lhe na telha não fazer numero para as votações enquanto não se fechasse a discussão da refórma do Banco da Republica, questão aberta mas atravessada, como asphyxiante espinha, na garganta de muita gente de selecção.

Não importa se lhes antolhasse uma ordem do dia tendo, no monstroso bojo, cincoenta e tantas materias com discussão encerrada: a materia de primazia, aquella que devia abrir os diques ao *quorum* reprezado é a reorganização daquelle desconjunctado Banco, caveira de burro de todos os governos, atravéz de setenta annos de loucuras, de gatunagens, de ineptia e consecutivos desastres, cuja extensão escapa aos olhos dos profanos. Passe o Banco, feche-se esse tenebroso parenthesis de pudor, aberto nas linhas claras da Historia, e haverá numero a fartar, devorando sem mastigar as mais duras, as mais intragaveis ordens do dia.

O presidente da Camara foi desobedecido; a sua força moral, o seu prestigio, tão dignos de acatamento, vacillaram porque elle não teve manhas para embuxar essa discussão inconveniente, attentatoria dos brios da politica, essa discussão que se figura uma caverna de indiscrições a vomitar escandalos, qual mais hediondo, qual mais deprimente. Não é, com effeito, agradavel estar a gente a ouvir falar em força, ter as orelhas contundidas por insinuações irritantes

inuteis, engendradas pela intolerancia de Catões inexoraveis, para reparar erros, crimes prescriptos, irreparaveis, sobre os quaes a tolerancia honesta já estendeu o seu doce manto de misericordia. Supprimam essa maçada cruel e ps deputados occuparão os seus logares como uns S. Jorges, cravados naquellas duras cadeiras, que são outros tantos postos de civismo leal, desinteressado...

Um anno antes, elles não teriam esses caprichos femininos e triviaes; acorreriam, ás manadas, a um ligeiro aceuo do Cattete; mas ha um anno o sr. Rodrigues Alves ainda reinava, governava e administrava. Hoje é isso que se vê: não temos governo; o barco navega sem timoneiro, aos solavancos da calmaria podre da anarchia, até que sobre o vento do outro conselheiro, um vento manso, uma viração agradável, primaveril, que, desde os ominosos tempos do Imperio refresca, com intermitencias, as regiões governamentaes.

Vote-se quanto antes essa malsinada reforma do Banco da Republica ou Banco do Brazil; sepultem-se, definitivamente, numa prescripção caridosa, esses livros prenhes de segredos preciosos, fechados com os terriveis sete sellos do Apocalypse; haja um jubileu, sem bóde expiatorio, para a decantada carteira politica, essa mirifica, essa administravel carteira que era o fundo do bolsinho do governo, ou uma teta com secretas canalisações para a vacca do thezoiro, sem ramificações pelo Tribunal de Contas; fiquem socegados aquelles que tiveram a dita de ver as suas firmas espichadas com uma guarda de honra de algarismos apetitosos nas sinistras columnas daquelle activo medonho: é essencial, é imprescindivel dotar o governo com os orçamentos, que serão o canto do cysue da legislatura expirante.

\*  
\*\*

O Brazil foi couvidado para dar um ar da sua graça de nação latina na Conferencia Internacional da Paz, que se deve reunir, a convite do czar, na Haya.

Quando tivemos equal convite para a primeira conferencia, o ministro do Exterior, sr. Olyntho de Magalhães, ponderou ao sr. Campos Salles a vantagem do nosso comparecimento como

a mais importante Republica da America do Sul e, sobretudo, pelo facto de sermos a unica nação a adoptar na sua Constituição o arbitramento. O actual solitario do Banharão consultou o seu grão-capitão e rejeitou, *in limine*, a proposta que nos custaria obra de uma meia centenna de contos.

Que diriam os nossos credores do *funding*, si nos apresentassem naquelle comicio de nações, puramente ornamental, cujos resultados seriam nullos para nós, e para as outras nações como demonstraram com assentadora evidencia factos posteriores. Seria mais louvavel, mais honesto, mais sincero, proclamarmos aos ventos internacionaes a nossa miseria, declararmos francamente que não podiamos acceitar o convite por estarmos apertados, — como um burguez, sem *galizias*, allegaria ingenuamente não ir á festa por lhe faltar uma camisa limpa.

Assim aconteceu, não sómente quanto á conferencia da Haya, como em relação a todos os outros congressos, onde brilhámos pela ausencia, pelo mesmo poderoso motivo de pobreza franciscana, estando submettidos a um regimen de cabresto curto, austeramente observado para inglez ver.

O sr. Campos Salles, justiça se lhe faça, não transigia nesse melindroso particular: as despezas com a nossa representação no exterior, excepção feita das gorgêtas á imprensa estrangeira para o ajudar na reconstituição das finanças, eram inexoravelmente podadas.

O ministro do Exterior obedeceu, como lhe cumpria, ao chefe da nação, adversario intransigente desses luxos de congressos, infinitamente menos dispendiosos do que as quantias escoadas pela carteira politica do Banco da Republica.

Onzamos esperar que o sr. Rodrigues Alves não perpetrará essa politica de miseria; não mandará dizer pelos nossos representantes diplomaticos estarmos com a sella na barriga, abarbados com o *deficit* de quarenta mil contos do illustre Sá.

Uma Republica, como a nossa, põe no prego as joias não empenhadas e acceita o convite.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A *Terceira Parte* do livro do dr. Manoel Bouffin intitula-se, como já adverti, *As Nações Colôuisadoras da America do Sul* e contém tres capitulos. O primeiro delles, sob a denominação de *A Educação guerreira e depredadora*, ficou analyzado nos dois artigos anteriores.

Agóra devo passar em revista o segundo, que tem por noue — *Parasitismo heroico: o pensamento iberico*, — e o terceiro, que pomposamente se inscreve — *Transformação sedentaria; decadencia degenerativa*.

A elles é que o singular antropologista e psychologo improvisado tira as consequencias das premissas estabelecidas no primeiro.

Convém ouvil-o claramente para refutal-o sem segurança.

Os trechos que vão ser transcriptos acham-se todos entremeados, a duzias e duzias, de citações de Oliveira Martins, que deve ser considerado o verdadeiro auctor dessa theoria parasitaria dos dois povos da península. Martins, sem o querer talvez, com suas grosseirissimas objurgatorias, suas pesadissimas descomposturas a seus compatriotas, veio dar mão forte ao reaccionarismo *uegrista* e *caboclisante* contra as raças superiores, mui da moda actualmente entre os agitadores da America latina.

Mas onçam o parasitista da historia: «Foi assim que a Hespanha se formou; não ha que separar o pequeno reino portuguez — a historia é a mesma (*Falso*). *Oito séculos* de lucta contra o Sarraceno, e, depois, ella apparece organizada, vigorosa, intrepida, unificada, possuida de um pensamento unico: *conquistar o muudo*, diz um de seus panegyristas. Sim, e si ella o *queria conquistar* é porque o movimento adquirido a precipitava a isto; porque *se habituára a viver exclusivamente do fructo das conquistas* (*Antes de conquistar, já vivia do fructo das conquistas!... E' de mais!...*) porque não sabia fazer outra cousa senão guerrear; porque cultivára, intensamente, por *onze séculos* (*Agóra já não são oito!*) os iustinctos guerreiros e aggressivos, e guerrear se tornára para os homens uma necessidade organica; porque, em contacto por *oito séculos* com o arabe depredador e mercantil, tomára gosto ao luxo e á riqueza facilmente adquiridos...» (*Segue um trecho de Martins...*)

«Fındou o primeiro periodo da vida da Hespanha moderna: o periodo da guerra necessaria, da conquista da patria. Mas tão laboriosa e longa e intensa foi essa lucta que os povos só teem um pensamento — *conquistas*.

(Falso) Fazia-se a rapina, porque a guerra necessaria a isto obrigava; agóra, quer-se a guerra pelo amor do saque e da rapina. E' o segundo periodo — o da expansão depredadora: sede de riqueza, voracidade desencadeada, appetites insaciaveis...

(Segue um longo trecho de Martins, verdadeiro auctor de metade do livro, debicado aqui por deante com varios remognes; estylo de alta sociologia... rhetorica de panegyrista...)

«E' na historia da expansão portugueza, nas suas tenazes tentativas de mais de um seculo, que se pôde estudar bem a evolução e realisação desse pensamento iberico — ideal depredador, absorvente, exclusivo, dentro do qual se vieram fundir todos os outros: glorias guerreiras, ardores mysticos... Para o lado do mar é que apparece a visão de riquezas e thezouros: visão real, sem duvida. A Hespanha esteve mesmo em contacto com essas riquezas, por intermedio do arabe. Admira até esse esforço a que certos historiadores se entregam para achar os motivos metaphysicos que impelliram os povos ibericos para o mar. Elles se lançam para alli, porque vinham atraz do arabe, (Falso) vivendo em grande parte das rapinas sobre elle, e viram as riquezas que elles (Que estylo!) os sarracenos — desfructavam lá para além dos mares... (Falso; antes dos arabes, já o commercio do oriente era praticado pelos occidentaes). Vencem-os, e desejam naturalmente essas riquezas, esse dominio que os ontrós exploravam além... (Seguem-se paginas e paginas, terriveis verrinas de Oliveira Martins contra os conquistadores e governadores da India Portugueza)... Foi mistér, prosegue Bonfim, transcrever longamente, transcrever e repetir. Repetições propositas para deixar bem evidente o character da conquista portugueza: saquear, sem nenhum outro objectivo — a rapina, a pirataria, o parasitismo depredador...

E a Hespanha propriamente dita?... Colombo partira para o occidente, Gama para o oriente... Como realiza a Hespanha esse pensamento maduro, mas ainda encoberto — commm á península, e que arrojou um e outro ás conquistas longinquas? (Responde com um trecho de Martins, de quem parecia se haver despedido)... Causas communs, prosegue, produzem effeitos communs.

Na America, os hespanhões procedem como os portuguezes na India. Toda a differença está em que as riquezas accumuladas no Novo Mundo eram em muito menor quantidade que as do oriente, e que a Hespanha tem um estomago mais vasto que o de Portugal. Este não chegou a devorar, a consumir a preza inteiramente; com

o excesso e a fartura veio-lhe a decadencia degenerativa, e a victima caí-lhe dos dentes frouxos e gastos, arrebatada por outros, antes que elle se esteudesse sobre ella para viver na molleza das tenias ou dos *Condramanthus*.

A Hespanha deparou com uma preza que ella devorou na primeira investida. Não fôram só as riquezas, foi tudo: povos, civilisação, momentos historicos. A violencia da sua voracidade tudo consumiu: Os portuguezes cortavam os pés e as mãos ás mulheres para arrancar-lhes os brincos e braceletes; os hespanhões arrazavam um mundo para colher alguns saccos de ouro. Trinta annos depois de pisarem os hespanhões o continente americano, ninguem, que visitasse as paragens do Mexico ou do Perú, seria capaz de desconfiar, siquer, que alli existiram dois imperios adeantados, fortes, populosos, encerrando um mundo de tradições. (Faço idéa! Este parasita ainda acredita que a meia civilisação communaria e rudimentar do Mexico e Perú era verdadeiramente superior. Coitados!) Tudo desaparecera... Não se creia, porém, que os hespanhões sejam mais vorazes que os outros — o genio, o pensamento é o mesmo. O nosso panegyrista, que é preciso conservar (Pudera não!), tanto nos facilita elle as demonstrações (Ingenua confissão!) exprime muito bem no seu estylo de philosophia sabia (Que tal o parasita! copia dois terços do livro e agóra debica com a victima!) esta identidade de pensamento e de processos. Buscavam o mesmo ideal. (Segue um trecho do depennado Martins.)

O hespanhol, que apenas iniciára o seu parasitismo sobre a America, por essa fórmula depredadora, adoptou logo as suas tendencias e appetites naturaes ás condições novas que se lhe offereciam. Emquanto houve riqueza accumulada, elle foi depredador, guerreiro, conquistador. Exgotaram-se as riquezas, elle fez-se immediatamente sedentario (Santo Deus! e eram nomades os hespanhões?!). Colheu os restos de populações indias, sobreviventes ás matanças, escravizou-as e fel-as produzir riquezas para elle — cavando a mina ou lavrando a terra. — Acabou o parasitismo heroico; começa o sedentarismo, regimen sob o qual a decadencia se accentúa e a degeneração se manifesta. Quanto a Portugal, a passagem ao sedentarismo foi mais complexa (Forte pulhice!). Elle era pequeno de mais para a preza que se lhe deparou; esta lhe caí dos dentes antes que se houvesse normalizado o parasitismo sedentario.

A transformação ia se fazendo, mas foi perturbada, justamente, pela desproporção entre o parasita e a victima. Occorre tambem que a decadencia já

era muito pronunciada, de tal fórmula que a Lusitania (?) não se pôde defender contra os que lhe disputavam a preza (Segue um infallivel trecho de Martins). Foi-se a India e Portugal perdeu até a independencia. Todavia, mesmo nessa hora de crise, elle não deixou de viver parasitariamente.

Quando o hollandez e o inglez lo despojaram, já o Brazil era uma colonia, estava preparado para sustentalo — o Brazil e a Africa.

O Brazil dá-lhe os tributos, dizimos e monopolios, a Africa dá-lhe o trafico dos negros. Devorando a India, Portugal ia enviando para aqui os seus degredados e os fidalgos mal aquinhoados na partilha do oriente; e uns e outros fôram fazendo no Brazil o mesmo que a Hespanha fazia no resto da America: obrigaram logo o indio a trabalhar para elles. Estava encaminhado para o parasitismo sedentario, regimen que é favorecido pela circumstancia de ser portugueza a Africa... (Linhas abaixo, seguem-se trechos e trechos de Martins)...

«Agóra, o intento, prosegue o parasitario historiador, é mostrar, apenas, na successão chronologica da vida das nações ibericas, como ellas viveram sempre, desde o primeiro momento, de uma vida parasitaria; como se educaram nessas depredações; como se viciaram e se perverteram; como, de guerreiras por necessidades, passaram a aventureiras por educação, e como, de aventureiras e depredadoras, se fizeram parasitas sedentarias. (Surtem agóra, — que será? — trechos e trechos de Martins!)... Estas transcrições, accrescenta, já nos instruem bastante sobre os effeitos de um tal regimen parasitario sobre a vida interna dessas nações. Transcrevamos ainda algumas linhas (Até o fim do capitulo, mais de 300!!) que completarão o quadro das sociedades peninsulares, adaptadas ao sedentarismo parasitario. Serão os ultimos toques da prova, aliás superflua, do parasitismo das metropoles sobre as colonias. « Todo o mundo correu á obra, todas as classes se incorporaram ao parasitismo. O Estado era parasita das colonias; a Igreja parasita directa das colonias e parasita do Estado. Com a nobreza, succedia a mesma cousa: ou parasitava sobre o trabalho escravo nas colonias, ou parasitava nas sinecuras e pensões. A burguezia parasitava nos monopolios, no trafico dos negros, no commercio privilegiado. A plebe parasitava no adro das igrejas ou nos pateos dos fidalgos. »

Basta! Basta! Tanto parasitismo juncto dá para desconfiar.

E' preciso tentar o monopolio da ingenuidade para não ver a extravagancia dessa pretensa explicação historica, e é preciso ter bem curta a in-

tuição das coisas sociaes para não perceber que esse parasitismo, na parte minima em que é verdadeiro, não passa de méro symptoma de causas mais remotas e profundas.

Todas as passagens, ali citadas, de Manoel Bomfim deixam ver as Hespanhas a uma luz falsissima; estão prenhes de erros de toda a casta, historicos e sociologicos.

Toda a moxinifada bomfinica não passa da aposta do auctor comsigo mesmo para applicar á peninsula a theoria lacunosa de Massart e Vandervelde sobre as plases do parasitismo social, e da innocente preocupação de revelar erudição á custa de Oliveira Martins.

Vamos a desfiar o formidavel tecido.

SILVIO ROMÉRO.

## D'AQUI E D'ALLI

*Uma escola chinesa nos Estados-Unidos* A Associação Reformista do imperio chinês fundou ultimamente, em Nova-York, uma escola para os pequenos celestes, sustentada pelos seus ricos patricios da cidade; é a primeira que existe na America, si bem que em São Francisco haja uma secção das escolas publicas que lhes é reservada. O collegio de Nova-York, que é dirigido pelo sr. Fong Chew, director do grande jornal chinez da cidade, fez vir de Cantão para os seus alumnos o professor Leong Mon Hain. Os vinte e cinco meninos que frequentam as aulas, das nove horas ao meio dia, ouvem a lição de chinez e depois, de tarde, aprendem o inglez sob a direcção da senhorita Grace Johnston. Nota-se, entrando na sala, que todos esses meninos repetem a lição num tom bastante alto, sem perturbarem uns aos outros e sem aborrecerem o professor; aprendem com vontade e com uma cega docilidade as linhas que cada dia lhes são dadas. O exercicio da memoria é talvez o segredo da potencia intellectual do oriente. Outro ponto interessante é a seriedade e a consciencia desses escolares, que vão ás suas aulas como a uma coisa muito grave e muito importante. A sua attenção conservada deve-se, sem duvida, o facto de, em São Francisco, os jovens chinezes que vão ás escolas publicas atingirem uma média de notas bem superior á dos meninos americanos.

\* \*

*Sociedade importante* Fundou-se em Roma uma associação bibliographica para fornecer aos sabios, por preços bastante pequenos, as notas de que elles neces-

sitassem. O gremio dará tambem aos seus membros, mediante pedido, o resumo, a photographia, a verificação e a transcripção de documentos e de manuscritos. O novo instituto tem como director o professor Henrique Celani.

\* \*

*Um livro emocionante* Ha bem pouco tempo, appareceu, em Berlim, *Tagebuch einer Verlorenen von eimer Todten*, diario de uma rapariga perdida por uma morta, e o livro já está na sua nona edição.

Diz-se que havia um documento verdadeiramente authenticico que parou ás mãos do escriptor Margarete Böhme. A auctora, Thymian Gottebal, tinha desde pequena o habito de escrever o seu diario; filha de um pharmaceutico, ficára sem mãe ainda muito creança e vivia abandonada pelo pae, cuja vida estava longe de ser irreprehensivel. Ligou-se então a um homem indigno, que a deixou quando ella se tornava mãe; para salvar a honra da sua familia, separou-se do filho e entregou-o a um pastor, zeloso prégador, porém desprovido da verdadeira bondade; fugiu para a casa delle, pensando que poderia ganhar a vida como professora de linguas e de musica; mas por causa da sua falta foi por todos repellida; caíu então na ultima degradação. Com vinte e oito annos, attingida mortalmente pela doença que matára sua mãe, quasi a findar-se, ella encontrou Margarete Böhme, que assistiu aos seus ultimos momentos e a quem ella confiou o diario de toda a sua vida. Ha nessa historia, além das minucias vividas, passagens do pathetico mas emocionante.

\* \*

*Uma educadora ingleza* Noticia-se em Londres o fallecimento da senhora Manning, que, durante vinte e oito annos, dirigiu a *National Indian Association*, fundada em 1870 por Mary Carpenter, para desenvolver a instrucção nas Indias.

A senhora Manning, que escreveu numerosas obras sobre a educação, acabava de realizar duas viagens ás Indias para visitar as escolas e saber em que sentido a *Indian Association* dirigia os seus esforços.

\* \*

*Vestimenta insubmergivel* Annuncia-se na França uma vestimenta insubmergivel mais aperfeçoada que a de um capitão americano Boyton, que, ha annos, appareceu em Pariz como inventor de uma roupa de borracha que permitia, á pessoa que a uzasse, manter-se na superficie d'agua sem o menor esforço. Depois

de ter obtido um grande successo de curiosidade na Exposição de 1878, o apparelho de Boyton foi considerado como não offerecendo nenhum interesse pratico. O sr. Devot, professor de natação nos arredores de Pariz, inventor do novo traje, applicava-se, desde alguns annos, a aperfeçoar a descoberta americana. Chegou a preparar uma roupa de amphibio, muito simples e leve, na qual se achou á vontade tanto para atravessar um rio como para percorrer uma floresta. Estendido de costas, armado de um fuzil e de um revólver, elle entra na agua remando com os braços ou dormindo ás vezes. Sáe com armas e bagagens perfeitamente seccas e continúa o caminho sem ter necessidade de mudar de roupa. O inventor pensa que essa vestimenta poderá prestar bons serviços em tempos de guerra e váe submettel-a ás auctoridades militares francezas.

\* \*

*Livreiros e jornalistas allemães* Uma polemica bastante curiosa acaba de se dar na Allemanha. O editor Lutz, de Stuttgart, enviou um livro, publicado por elle, á revista *Literarische Echo*, que não lhe consagrou nenhum artigo; o editor reclamou então á revista o seu exemplar; respondeu-lhe a redacção que não reenviava o exemplar da imprensa. O sr. Lutz replicou que não queria discutir por uma coisa de tão pouca importancia, mas que appellava para a opinião publica; o director de uma revista deve, pensa elle, dar noticias do livro ou então mandal-o ao editor. O sr. Joseph Ettliger, director do *Literarische Echo*, mostrou qual era a situação de um periodico que recebe cerca de 20.000 volumes por anno; não podendo consagrar a todos uma noticia, é preciso fazer uma escolha que comprehenda, pelo menos, o terço desse numero; os volumes não revistados são cortados, inutilizados; uma parte cabe, por sorte, aos redactores. O resto é vendido por uma quantia insignificante. A despeza que trazem esses presentes deve ser posta na conta da publicidade dos editores, muito felizes si se consagram algumas linhas ás producções que elles espallham, muitas vezes sem cuidado.

\* \*

Em Kief, Russia, descobrin-se, ha pouco tempo, que um periodico intitulado *O Açougueiro*, fuudado para defender os interesses da classe, era terrivelmente revolucionario. Os nomes de touros, bois, bezeros, carneiros, porcos, etc., tinham uma significação particular e designavam os generaes, grãos-duques e outros personagens de que era preciso falar mal.

## ESTHETICA E VERNACULIDADE

DOIS LIVROS DO SR. JOÃO RIBEIRO

O sr. João Ribeiro não é um escriptor que se publique com abundancia; antes é, no duplo sentido do termo, um escriptor raro, si bem muito mais laborioso do que erradamente, e por apparencias, de commum o julgam. Desde os seus livros *Versos e Estudos philologicos*, ambos de 1902, e ambos compostos com antigas producções, não publicára mais livro algum o sr. João Ribeiro. Entre esses dois o seu espirito, original, mas paradoxal e de alguma sorte bizarro, no sentido franchez da palavra, passou por modificações de que os seus dois livros deste anno *Crepusculo dos Deuses e Paginas de Esthetica* (ambos de Lisboa, Teixeira, 1905) são o documento. Essa evolução do seu espirito de um lado para o puro estheticismo, segundo a metaphysica allemã, que ultimamente influin nelle, de outro para o classicismo da linguagem, quasi levado até o purismo, ao menos no que respeita ao primeiro ponto não se fez de momento e já vinha indicada na sua obra poetica ou puramente litteraria, de ficção ou de critica, como uma tendencia do seu espirito. E si a sua função de grammatico, aqui o mais bem acceito de entre os seus confrades nessa especialidade, e de philologo, parecia dever inclinar-o ao culto da lingua vernacula, o que justamente o distinguia dos grammaticos indigenas era a largueza do seu espirito de homem de lettras, e artista de temperamento, a especie de desembaraço fidalgo com que dando regras de grammatica não parecia prestar-lhes uma consideração extraordinaria, nem ter pela disciplina em que num momento se especializára nenhum fetichismo. Si me permitissem, eu diria que elle era um grammatico *modern-style*, sem férula, sem rapé, sem latins intemperantes, que intimamente, de si para si, desadorava a grammatica e os grammaticantes. Mas os grammaticos como as mulheres, com quem aliás não terão nenhum outro ponto de contacto, sinão o genio brigador, mudam tambem frequentemente, e o sr. João Ribeiro mudou, e é hoje o principal e porventura o mais auctorizado evangelista da reacção a favor da vernaculidade portugueza no Brazil. Foi para servir esta causa, que não poderia aqui achar propugnador mais capaz, que elle compoz a sua *Selecta Classica*, da qual me occupei alhures e que é, no seu genero, actualmente, a melhor que conheço da lingua portugueza.

Mas não bastava ao sr. João Ribeiro, que não queria fazer de frei Thomaz, prégar a doutrina sem o exemplo. Elle sabe, com o seu clas-

sico, que «fazer uma coisa e mandar ou aconselhar outra, é querer indireitar a sombra da vara torcida», e portanto voltando á pura litteratura poz-se a escrever como os classicos, segundo se verifica das suas duas obras deste anno, acima nomeadas. Não sou dos que applaudem esta evolução, ou, antes, reacção, do sr. João Ribeiro. Eu preferia o seu estylo antigo, tão correcto quanto se poderia exigir, mesmo vernaculo, porém muito mais seu, muito mais pessoal, muito mais original e encantador que o de hoje, e de uma clareza que tive mais de uma vez occasião de louvar.

A primeira das suas obras do seu novo estylo é o *Crepusculo dos Deuses*, contos allemães por elle postos em vernaculo, com egual mestria de ambas as linguas. Não obstante traduzidas, estas paginas são de um escriptor, cujo estylo pouco perdeu das suas qualidades fundamentaes, mas se me afigura agóra nellas mais trabalhado, mais rebuscado, deixando perceber o esforço de fazer classicismo. E', em summa, menos espontaneo do que já foi. E' assim que o sr. João Ribeiro agóra escreve «começaram de notar», «sujeito dramatico» em vez de assumpto, «assim sobre... como» «entre sós» de duas pessoas que falam entre si, «lenesissimas», termo raro, por brandissimas, «alongar-se» por afastar-se, «mal a meu grado» em vez do vulgar mau grado meu, e ainda outras expressões e palavras, cujo resaibo classico ou pelo menos antiquado, dá ao seu estylo alguma coisa do menos natural. Não ouzo dizer que o torna artificial, porque o escriptor de raça, o poeta, o artista que ha no sr. João Ribeiro tiveram o poder de reduzir ao minimo os inconvenientes desta propositada modificação do seu estylo, e é de notar, em favor das bons quilates do seu gosto que apezar de intencional e trabalhada nesta clave, a sua linguagem á muito menos rebuscada, e inçada de termos antiquados ou raros que a do sr. Coelho Netto, por exemplo. Mas é principalmente nas deliciosas *Paginas de Esthetica* que essa mudança é mais sensivel, e onde por assim dizer se sente a lucta travada no escriptor entre a lingua dura dos classicos, rebelde á representação das coisas modernas e finas da esthetica, inepta para exprimir as delicadezas, matizes e cambiantes que a exposição de doutrinas tão vagas e opinativas, e fóra inteiramente da preocupação dos classicos da lingua, exigem.

E não sou eu só, e sem auctoridade, que verifico esta inaptidão da nossa lingua classica. Tambem a certifica (V *Manoel Maria du Bocage*, Garnier, 1867. III, 247) aquelle Castilho a quem o sr. João Ribeiro, (a meu parecer com

exagerada estimacão, ou não querendo ver no escriptor sinão a linguagem) chama «o grande e o maior dos escriptores portuguezes dos ultimos tempos». (*Selecta Classica*, LVII, nota 31) Não me csta, entretanto, reconhecer que dessa lucta saiu o sr. João Ribeiro, tanto quanto possivel, vencedor, e que não é o menor encanto das suas *Paginas de Esthetica* o picante do resaibo classico num estylo moderno, marchetado de paradoxos, de ironias, de novidades de pensamento e de fórmula, e que uma intuição, antes talvez um sentimento de arte, ás vezes claro, ás vezes mysterioso, envolve nalguma coisa de indefinido, que é de si mesmo uma maneira de ser, talvez a melhor, da arte. E' um curto livro com mais materia que estirados volumes, porque não é um livro de palavras, mas de idéas, principalmente de sensações, um livro que requer discussão e desperta contradicções. Si as suas idéas capitaes não são do auctor, elle as fez suas pelo modo por que as comprehendem e a maneira propria por que as expoz. Não é meu proposito discutil-o, nesta simples noticia. Mas sempre notarei que o conceito geral de arte do sr. João Ribeiro, me parece como quer que seja estreito e eu diria atrazado, si esta palavra não pudesse ser mal interpretada. Para elle, si me não explico mal a sua theoria, exposta entre citações de conceitos alheios e ironias proprias, ainda é a realização da belleza: «A arte, diz elle, não tem pois, que ser moral ou immoral, politica ou social, ou scientifica; talvez o é, e alguma vez o não é, não estando obrigada a consa alguma, senão a ser a propria belleza do Cosmos.» A beneficio de alguma explicação, eu eston com o sr. João Ribeiro na metade deste sen parecer, mas quanto á sua conclusão, fico indeciso. Que é a belleza? Que é o bello? E, demais, é só o bello, segundo é vulgarmente entendido, o objecto exclusivo da Arte? Na pretendida profundeza, apenas facil subtileza, de certos theoricos allemães da esthetica, caros ao sr. João Ribeiro, eu não logro descobrir sinão o vasio de concepções que por inorganicas tem de se manifestar em fórmulas imprecisas e nebulosas. Pendo para os francez: *Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement*. Que em sua essencia a Arte seja o *minimum* musical do Universo, ainda, com alguma boa vontade, chego a comprehender, porque entendo a Arte como uma synthese geral, mas que a Arte é a Natureza—X, como diz um certo Arno Holz, estheta allemão, não tenho vergonha de não entender, porque me não deixo impor pelas extravagancias da originalidade. Que na Arte, por exemplo, «nem tudo se ha de dizer», como aconsella o sr. João Ribeiro, estou de pleno accordo, pois

creio que o indefinido faz parte da Arte, cujo fim principal, si se lhe pôde achar um fim, é provocar emoções, e não dar noções. Todo um seu delicioso capitulosinho é sobre a Belleza na Arte, em que insiste o sr. João Ribeiro. Sei que era a concepção grega, theorizada por Platão, mas, sei também que não ha mais meio de nos contentarmos com ella. E parecendo o sr. João Ribeiro adoptar o conceito de Goethe de «que é certo que nem sempre é bella a natureza; mas as suas intenções são sempre boas», cáe no finalismo em arte, contra a sua theoria, ou do sr. Arno Holz, atraz citada, e contra a mais corrente e accete philosophia. Divergindo assim do que é o proprio fundamento da esthetica do sr. João Ribeiro, muito haveria que contradictar-lhe; mas o seu opusculo não é um tratado nem um compendio, sinão um livro de idéas e sensações, a que a ironia, o tom familiar, a bonhomia espirituosa, dando-lhe um singular sainete epico, tiram todo o dogmatismo cattura, e cuja leitura será deliciosa para todo o espirito livre.

Por outros aspectos, pôde este livro ser considerado o manifesto de reacção classica intentada pelo sr. João Ribeiro, que faz, e muito bem, da lingua, do estylo, da arte de escrever, da linguagem litteraria objectos da esthetica. Muito haveria que dizer desta parte do seu livro, onde as suas opiniões são mais pessoas, menos abordadas ás alheias, que na porção delle relativa ás bellas-artes. E por isso é talvez a mais systematica e mais comprehensiva deste livro.

Não alcanço entender porque o sr. João Ribeiro, no ardor do seu proselytismo vernaculo, havia de lançar anathema sobre o que chama um dos caracteres da nossa fórma litteraria, o *brazileirismo*. Si o sr. João Ribeiro fôsse simplesmente um estheta, exclusivamente preocupado de uma belleza indefinida e indefinivel, eu perceberia que, por uma indiosincrasia litteraria, lhe repugnasse o *brazileirismo* de linguagem; mas sendo um philologo também, e porventura principalmente, não acabo de entendel-o. Pois não nos ensina elle proprio, como philologo, que as linguas, em tempo algum, e em gente alguma, nunca estiveram paradas, nunca definitivamente se fixaram, e que estão, de sua propria natureza, sujeitas a mudanças constantes; determinadas por circumstancias inevitaveis de tempo, de clima, de influencias diversas como o contacto com outras linguas, as imposições de novas necessidades, invenções, descobertas e mil outras, cuja ennumerção fôra cansativa? (1) Não nos ensina mais que é um facto natural, inilludivel nas linguas os modos especiaes, pe-

culiares ao povo que as fala, ou até a uma parte desse povo, de compor certas phrases ou entender certos vocabulos, differentemente do processo seguido por outros idiomas, ainda affiis, pelo que se chamam taes phrases *idiotismos*, e também, da gente que os inventon, latinismos, francezismos, luzitanismos? Si é assim, si tal nos ensina a philologia e o sr. João Ribeiro, mestre della, porque desconhecer que também o povo brasileiro, producto ethnographico já muito differenciado do portuguez, e sobre cuja lingua ha quatro seculos actua uma natureza, linguas, povos, idéas, pensamentos, instituições, costumes, sentimentos diversos dos que a formaram originariamente e a desenvolveram até o seculo do nosso descobrimento, porque a nós brazileiros, em summa, não nos é licito inventar também esses modos de dizer? (2) Vedar-nol-o não é só ir contra os mais bem assentados conceitos da philologia, mas querer o impossivel. Ora não ha purismo que resista a essa mudança que se chama com o nome que absolutamente não é classico, de evolução. E o proprio sr. João Ribeiro escreve *desapontamento*, e *blóco*, e num exemplo seu de sua *Grammatica* cit. *massacrados*, (p. 213) que são neologismos modernos, por fórma alguma castiços. Ha duas especies de *brazileirismo*, o syntactico ou de phrase, e o de palavras, e contra nenhum delles se pôde lavrar uma condemnação absoluta, antes de os ter estudado a ambos e verificado, á luz de bons principios philologicos, a sua legitimidade. Era um trabalho para o sr. João Ribeiro, e que em desejava vel-o fazer. Como condemnar que um brasileiro falando ou escrevendo diga *moleque* em vez de *garoto*, *tigela*, em vez de *malga*, *leitão* em vez de *bacoro*, ou hesite em chamar a uma mulher joven e garrida de *moça faceira*, porque faceira em Portugal é da carne do boi, e *moça* uma criada ou uma concubina? O contrario, acho eu, é que é de condemnar, e, si vingasse a doutrina do sr. João Ribeiro, já praticada aliás pelo sr. Coelho Netto, cáiriam nesta extravagancia, de uma litteratura nacional cuja lingua não é a da nação da qual pretende ser a expressão.

JOSÉ VERISSIMO.

(1) «O mesmo contacto de povos e de idéas novas, por um lado enriquece o lexico e por outro delle desterra locuções e palavras antigas que cáem em desuso ou são literalmente esquecidas. Em balde para revocal-as á vida esforçam-se os eruditos, os letrados e os grammaticos; quasi sempre sem exito. E' da propria indole da lingua essas perdas e renovações constantes, que são como o signal da sua nutrição e vida.» João Ribeiro, *Grammatica portugueza*, curso superior, (12ª edição, Rio, Francisco Alves, 1905, XVII). E contra as restaurações archaicas: «Não se pôde dar

vida a palavras que não correm na linguagem presente.» (Ib. p. XVIII). E no seu *Diccionario grammatical* (Rio, Alves, 1889, p. 75): «A possibilidade e fatalidade da dialectação creoula ou mestiça resultou da vida nova dos europeus nas colonias», mostrando logo como «diversos factores (que são os mesmos que enumerei) collaboraram para isso.»

(2) V. João Ribeiro, *Diccionario grammatical* citado, v. *brazileirismos* p. 74, particularmente p. 85, *in fine*, onde chama de «indocil má vontade» a antipathia, aliás natural, com que os portuguezes, «acoimam de barbaras e viciosas as produções artisticas da litteratura americana». «Semellante critica, acrescenta o sr. João Ribeiro, fundamentada na ignorancia do caracter proprias linguas da *instabilidade do homogeneo* — não pôde nem poderia produzir nem merecer efficacia ou respeito.» Não vou tão longe no meu combate á reacção purista ou classica, de que o sr. João Ribeiro é actualmente o mais eminente fautor. Leia-se mais todo o cap. *gallicismos* do mesmo auctor, na sua *Gramm.* cit. p. 247 e seguintes, especialmente *in fine*, p. 250—25.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A salubridade das aguas—A communicação feita pelo sr. L. A. Farre á Academia das Sciencias, de Pariz.*

Não ha problema mais vital do que esse da salubridade das aguas destinadas ao consumo publico. E' um problema que não está resolvido em parte alguma, especialmente em França, onde attráe a vista dos especialistas de melhor nomeada. E os hygienistas francezes estão de accordo em considerar impossivel, nos paizes populosos, a fiscalisação das fontes utilizadas para a alimentação.

L. A. Farre, em communicação feita á Academia das Sciencias, confirma esse facto; explica-os pela verificação de não se poderem considerar salubres sinão as aguas derivadas dos sólos incultos, pouco habitados, coberto pela vegetação espontanea das terras estereis, florestase alto matagal, ao passo que, nas regiões agricolas é onde a população é densa, o caso é mui differente.

O auctor desse interessante trabalho lembra que existem, na Inglaterra, na Allemanha, ligas para a protecção das aguas, tendo o intuito principal de manterem, rigorosamente, as regiões desertas, lacustres, florestaes, rarefazendo nellas as habitações e os rebanhos. Demonstra o papel consideravel da vegetação espontanea na regeneração qualitativa e quantitativa das aguas continentaes e quanto é importante impedir a todo o transe a devastação das florestas. Os estudos de Farre são um vibrante protesto contra os derrubadores de arvores, os que as abatem e não as replantam, os destruidores da verdura.

A purificação das aguas pelos terrenos florestaes não se deve attribuir



à filtração, porque a camada não attinge, geralmente, a espessura necessaria para impedir os microbios anaérobios, eliminados em proveito dos aérobios, graças á concurrencia intermicrobiana, devendo-se deixar que a natureza realize a sua obra salutar, não a contrariando com a devastação das florestas.

\* \* \*

*As moscas, vehiculo de germens contagiosos—A sua destruição—Os recentes estudos dos srs. Chantemesse e Borel.*

A prophylaxia demonstrou, desde Ambroise Paré, mesmo antes de florescer este cirurgião da epocha dos Valois—Angoulême, que certos insectos, particularmente as moscas, disseminam, nos casos de epidemia, os germens pathogenicos de que são agentes de transporte. Sabe-se, hoje, que no impaludismo, na molestia do somno, ellas exercem formidável função nociva. As moscas levam, como provam recentes estudos de Chantemesse e Borel, os vibriões cholericos e os bacillos da febre typhoide.

Para verificar quanto tempo ellas conservam o virus que as impregna, collocaram-se varias em bocaes esteréis e deixaram-nas durante duas horas pastarem sobre culturas cholericas. Fôram depois transportadas para outros bocaes tambem esterilizados. Dezete horas após, as trombas e as patas semeadas, assim como o conteúdo intestinal da maior parte dellas davam culturas de bacillo virgula, ficando esteréis as sementeas feitas no fim de quarenta e oito horas.

Os sabios bacteriologistas citados concluem dessas experiencias que a propagação dos germens do cholera e de outras epidemias pelas moscas é limitada: ellas não são, ordinariamente, agentes de transporte a longas distancias, salvo quando viajam em caminhos de ferro, navios, devendo-se sempre evitar esses insectos prejudiciaes que introduzem as suas patas naquillo que comemos e bebemos.

Chantemesse e Borel, tratando da marcha do cholera, observam que ella se opera por tres aspectos differentes:

1°, pelo transporte a longa distancia, por meio de viajantes, de mercadorias;

2°, pela propagação de cidade em cidade;

3°, pela disseminação de casa a casa, de individuo a individuo.

A cada um desses modos devem corresponder medidas prophylaticas differentes, tendo sempre em consideração que o cholera, proveniente de logares contaminados, não se declara, muita vez, senão no 15º, 20º, 29º e 30º dias; que os microbios pathogenicos podem permanecer incubados no organismo humano, manifestando-se de-

pois de semanas e que, por conseguinte, a policia sanitaria maritima se acha, em muitos casos, desarmada contra a propagação da epidemia.

Entre as precauções que devem ser multiplicadas com especial empenho, deve figurar, em primeiro logar, a implacável destruição das moscas.

*Indicação util* \* \* \*

Conforme as observações do dr Ulmann, a vibração irrepresivel e amudada das palpebras é indicação de uma affecção renal. Deve-se, portanto, consultar o medico quando se manifesta esse signal pathogenico, em tempo de debellar a molestia.

\* \* \*

*A resistencia do coração ás feridas. — Estas, nas tentativas de suicídio, dão uma mortalidade de 60 %.*

O coração é considerado como um orgão extremamente sensível e que não pôde ser tocado por um corpo estranho sem que disto resulte immediatamente a morte. A cirurgia moderna reconheceu nesse orgão uma grande tolerancia; não sómente se podem praticar operações sobre o coração como tambem elle resiste a traumatismos muito graves. As feridas do coração, nas tentativas de suicidio, dão uma mortalidade de 60 %, o que representa mais de um terço das curas.

Um cirurgião cita um caso no qual elle teve que procurar no coração de uma rapariga, uma bala que ella atirára, tentando suicidar-se. Não chegou a encontral-a, apezar das pesquisas numerosas e de ter apalpado energicamente o coração. A doente sobreviveu, não só á bala, que a radioscopia revelou como estando na espessura do orgão, mas ainda ao longo exame do cirurgião, no interior do pericardio.

As feridas do coração são graves devido á hemorragia abundante que provocam muitas vezes; o sangue accumula-se no pericardio e a compressão acaba por provocar a suspensão cardiaca e quando os vasos alimentadores do musculo são attingidos, a morte sobrevem rapidamente pela falta da irrigação nutritiva do orgão. Mas, apezar dessas condições, pôde-se esperar a cura. Quando a syncope apparece sob a influencia do choque traumático, basta manter as funções respiratorias e circulares pelas massagens do coração para que se restabeleçam as funções desse orgão e o effeito nervoso inibidor não tarde em cessar.

Isto significa que é possível voltar de uma morte subita, occasionada pela parada do coração.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Da margem esquerda do Paraná a Tuyuty—O medo e a responsabilidade dos generaes—Versos de soldados.*

A madrugada era humida e fria. As barras do dia ainda estavam longe de apontar, quando rompeu um tiro-teio graneado nas avançadas, para as bandas de Itapiné. Ninguem se surpreendeu e ninguem tambem deixou de erguer-se subitamente, como impellido por móla invisível e poderosa.

Talvez não houvesse um só homem daquella columna de vanguarda, que não contasse como certo um ataque do inimigo audaz e temerario. Correram todos aos seus postos, resolutos a honrar o nome do Brazil. O commandante da bateria, o joven capitão João Mallet, revistava as guarnições, calmo e digno. O nosso velho commandante, guerreiro desde as primeiras campanhas do Imperio, passeava tranquillo, lançando baforadas do seu grande cigarro de palha. Diziam os rapazes que na vespera o general Osorio, não achando bastante vantajosa a posição que occupavamos, por ser o campo estreito e bordado de mattas e capões, quiz estabelecer o nosso bivac em um logar mais aberto e mais á rectaguarda. O commandante oppoz-se dizendo que as posições occupadas a tanto custo, como aquella, não podiam ser abandonadas. Deviamos sustental-a sem recuar um passo. O nosso general, naquella tom de bom humor que o caracterizava e que tanto nos soube captivar, respondeu sorrindo:

— Pois então, men *marechal Bugeaud*, tome conte desta posição e defenda-se como quizer.

Os dois grandes soldados conheciam-se e amavam-se. O commandante sabia compenetrar-se bem da sua responsabilidade e do importante papel que lhe cabia. Mascava o cigarro cheio de sarro e, com aquelles grandes olhos, onde a bondade e a bravura da sua alma se reflectiam, perscrutava as trevas, que mal deixavam distinguir a matta devastada do macegal mais proximo.

Quando começou a clarear e os capões se destacaram recortando o espaço com o seu perfil escuro, o campo, coberto de altas hervas, donde elles pareciam levantar-se, matizou-se de pontos avermelhados, que se moviam e despediam clarões ruidosos e flócos de fumo, que se fôram unido e formando, a principio, tenue cerração, para logo se transformarem em denso nevoeiro. Era uma linha de atiradores inimigos, que tiroteiava na nossa frente. As linhas que nos cobriam abriram para os lados e os nossos canhões começaram a tarrapear á me-

trallia. Dentro em pouco, o combate travava-se renhido em toda a linha. As columnas de Lopez avançavam ardentes de coragem e os nossos bravos batalhões os recebiam cheios de fogo. Os navios da esquadra estenderam-se em linha, ao longo do rio, e faziam grandes estragos nos paraguayos, que marchavam margeando-o. Viamos passarem os nossos camaradas da infantaria a *marche-marche*, dando vivas entusiasmáticos, e as cornetas tocando *carga*.

Contaram-m'o, depois que o Dezeséis se cobriu de gloria numa carga de bayoneta, tomando a artilharia inimiga e uma bandeira. O meu amigo Aristides de Faria, que morreu depois na Linha Negra, foi condecorado com o habito do Cruzeiro pelas proezas que fez nesse dia. Era um rapaz valente como um leão e de uma bondade angelica.

Depois de duas a tres horas de lucta, o inimigo retirou-se completamente desbaratado, deixando no campo centenas de mortos, muitos feridos e prisioneiros.

O marechal Lopez não sei o que pretendia desses ataques com pequenas forças. A sua *generalice* estava em completa contradicção com o grande preceito do maior dos capitães — e que constitúe o primeiro principio da estratégia — levar ao combate no ponto decisivo o maior numero possível de tropas. O nosso exercito atacado por tres mil paraguayos, compunha-se, na manhã daquella dia, de quasi dez mil homens. As nossas perdas fôram pequenas relativamente. Tivemos, conforme a ordem do dia do exercito, apenas setenta e um mortos. O inimigo teve quatrocentos. Dizem que esses tres mil homens, que nos atacaram fôram mais tarde reforçados por alguns batalhões... Que importa? Nós tambem tiuhamos á nossa rectaguarda alguns milheiros de soldados dos exercitos alliados, que haviam desembarcado, e não estavam longe.

O Dictador pensaria talvez que os seus soldados eram os gregos de Milcíades e nós os persas de Datis e Meda?

Clausewitz afirma que em vão se procuraria na historia moderna um exemplo parecido ao de Marathona. A nossa força era tripla da paraguaya, e foi uma loucura rematada o ataque desse dia, principalmente quando já deviamos ser bem conhecidos, depois de Riachuelo e da ilha Cabrita, onde eramos em numero muito inferior e mostrámos que nem sempre Deus é pelos grandes batalhões.

Os nossos soldados, tanto que echoou o toque de *cessar fogo* e as notas alegres da alvorada se misturaram ás vibrações festivas e entusiasmáticas do hymno nacional annunci-

ando-nos a victoria, já não pareciam mais os ferozes guerreiros, que derramavam com paixão o sangue dos inimigos e rasgavam inexoraveis as suas carnes palpitantes com os sabres afiados. A ferocidade daquelles rostos adustos tinha sido substituida pela compaixão com que olhavam para os paraguayos feridos e moribundos que achavam estendidos no campo e levavam cuidadosos e cheios de caridade para o hospital de sangue. Alguns chegavam a repartir com elles a ração de fumo de corda e a *mortalha* de papel branco.

No coração dos nossos rudes tarimbeiros, a inimidade cessava ao ultimo tiro para renascer ao primeiro da batalha seguinte. Nos intervallos, pareciam velhos e bons amigos.

O resto do regimento desembarcou á tarde.

O general Flôres assumiu o commando da vanguardia, passando para a frente com os seus orientaes e os brasileiros, que fôram postos á sua disposição. Entre os batalhões de Flôres havia um muito curioso — o de *Garibaldinos*, organizado em Motevidéo. Não sei porque lhe deram tal nome, pois a mór parte da gente que nelle assentou praça, não conhecia, de certo, o heróe italiano, nem de nome. Conheci nas suas fileiras homens de todas as raças: polacos e hindús, turcos e hespanhóes, portuguezes e marroquinos, bascos e peruanos, piemontezes unitaristas e napolitanos do partido dos Bourbons. Entre estes ultimos, tive um bom amigo, o alferes Luiz Rapallo, intelligente como todo o filho da bella Italia. Quando o seu corpo foi dissolvido no Chaco em 1867 ficou addido ao Dezeséis, onde se portou sempre muito bem. Depois da guerra, nunca mais soube do Rapallo, que supponho ter morrido em Matto Grosso.

Dos meus companheiros, alferes do Dezeséis, quasi todos tiveram a sorte do bom official uapolitano, que adoptou a nossa patria e bateu-se por ella como os mais valentes dos seus filhos.

Na noite de 17 de abril, dormimos no campo de batallia. Na manhã seguinte, marchámos sobre Itapirú. Estava abandonado, e as muralhas derrocadas pelo canhoneio da esquadra. Assim mesmo, pôde resistir muito tempo.

Com a artilharia que possuíam os nossos enconraçados, parece que deveria ficar arrasado em algumas horas. Ainda achámos umas peças velhas de grosso calibre.

O regimento bivacou nas suas immediações para o lado do Passo da Patria. Não estendemos a artilharia em linha, como costumavamos. Ficando com a mesma formatura da

marcha, em columna de divisão, dando o flanco direito para o rio, que não ficava distante. A' nossa frente e rectaguarda, o exercito bivacava tambem, mais ou menos agglomerado e em certa confusão, porque o terreno, demasiado estreito, não permittia que se desenvolvesse. Pela nossa esquerda, passava uma estrada que marginava o rio e além estendia-se um macegal alagadiço, limitado por matto rarefeito, que circundava os pantanos, donde parecia emergir, e orlava lagoas, que a enchente tornára mais profundas. Nesse macegal, uma linha de atiradores vigiava o nosso flanco esquerdo, do outro lado do caminho e bastante perto de nós. De vez em quando, passava um dos nossos poucos generaes, a cavallo, com o seu estado-maior, visitando os corpos da sua divisão. As brigadas eram, então, commandadas por coroneis, não porque não chegassem os generaes do quadro, mas por outras razões. Officiaes de cavallaria passavam tambem em serviço de ronda, montados em cavalloes geralmente emmagrecidos ou quasi sempre ricamente ajaezados. Alguns iam armados de lança, a arma terrível da cavallaria rio-grandense.

O velho general Netto, que tão decisiva influencia exerceu na invasão do Uruguay em 1864, alli estava tambem com a celebre «Brigada ligeira», onde cada homem era um adversario perigoso para os mais rijos campeões. Pertencia á mesma raça daquella cavallaria, que Garibaldi, nas suas memorias, num brado de entusiasmo, porque a viu combater nas refréguas da republica do Piratinim, exclama: *senza esagerazione della migliore del mondo...* O bravo caudillo daquelles tempos gloriosos e os seus soldados: Netto e loro non erano mai stati battuti. Aquella gauchada robusta, alegre e valente, me inspirava tanta admiração e sympathia, que receio exagerar quando me refiro ás suas façanhas.

O resto do dia passou sem novidade. No regimento, muitos officiaes e algum 1º sargento mais esperto e commodista estenderam os arreios debaixo dos armões e carros manchegos, para abrigarem-se do sereno, que caía abundante. Nós, da arraia miuda, ficamos ao relento: uns, de cócoras, á beira do fogo; outros, deitados nas caronas humidas. Palestravamos — o Amarilio, o Costa Mattos, o Eugenio de Mello e eu — tomando o classico chimarrão, quando rompeu á nossa esquerda, bem em cima de nós, vivo tiroteio. Voámos aos nossos canhões. A linha de atiradores, a poucos passos de nós, fazia um fogo cerrado. Não é facil descrever a confusão que reinou naquellas forças surprehendas á noite num espaço tão restricto e onde

os batallhões se amontoavam. A fuzilada parecia alastrar-se por toda a linha. Ouviamos o seu crepitar frequente para a frente e rio abaixo. Pensei logo que o inimigo, audaz como era, se havia aproveitado da desordem no nosso campo e de nossa ignorancia do terreno, para trazer-nos um ataque nocturno. Era-lhe isto muito facil, porque nenhuma trilha daquellas redondezas lhe podia ser desconhecida. A'quella hora, talvez já estivessemos envolvidos. A esquadra nada poderia fazer, salvo si nos metralhasse tambem, porque, naquella escuridão, era difficil distinguir-nos. Incontestavelmente naquella situação, a vantagem estava do lado da offensiva. Pela confusão que houve por algum tempo no regimento, podia-se bem calcular o que seria nos outros corpos. O fogo continuava cada vez mais intenso. Um official, já de cavallo sellado, bastante entonado e meio gabaróla, disse bem alto, para nós todos ouvirmos:

—Si fugir, não é por medo, é porque não temos generaes.

Pobres generaes carregam até com a responsabilidade do medo dos outros.

Os individuos de imaginação viva e temperamento nervoso são muito sujeitos ao panico, nos ataques á noite, conforme diz Cardinal de Widdenn, referindo-se aos combates de Codogno em 1796, de Villaharta em 1809 e de Laon em 1814, em que dispararam em fuga os gloriosos batallhões do «Grande Exercito» de Napoleão, fazendo o mesmo que a brigada Moreira Cezar em Canudos, depois que succumbiu o bravo coronel. Outro official que estava debaixo de um armão quando ouvimos os primeiros tiros e precipiton-se para correr á sua bateria, bateu com a cabeça no eixo da viatura. A pancada foi muito forte e o sangue correu logo pela testa abaixo. Suppoz ser ferimento de bala e foi ao medico do regimento, que era o João Severiano da Fonseca. Sem ter á mão nem vela, nem tição, cheirou a ferida e affirmou não ser de bala porque não cheirava a chamusco; o cheiro que sentira era de sebo. O eixo estava engraixado. Este official portou-se sempre com bravura e teve a honra de ver o seu nome muitas vezes mencionado, com louvor, nas ordens do dia do exercito.

Ouviamos perto as vózes de commando e, mais longe, toque de corneta. A linha de nossa esquerda tiroteiava, a pé firme, com admiravel tenacidade.

O velho Mallet mandou metter em linha frente á esquerda e avisou em voz alta aos que estavam na frente que ia metralhar. Cessou o fogo por encanto. Nenhum tiro mais se ouviu. Que magia possuíam aquellas peças á revólver! Porque seria? Que caso tão

estranho! Em pouco tempo, soubemos que os paraguayos não nos tinham atacado. Um official fóra ao macegal e transpuzera a linha de vedetas, sem ser percebido. Quando, porém, se levantou e surgiu á sua frente, uma bradou-lhe:

—Quem vem lá?

—Paraguayo.

Um tiro e, logo após, uma descarga responderam ao gracejo e não sei como escapou illezo o imprudente. Alguns homens fóra de combate e muitos sustos fóram o resultado da cara pilleria do tenente. A esse falso combate da noite de 18 de abril denominaram «ataque de macega». Alguns, mais realistas, deram-lhe outro nome, que não ouzo escrever aqui, apesar da celebridade que lhe deu Victor Hugo nos *Miseraveis*, descrevendo a ultima resistencia dos regimentos francezes em Waterloo.

Commentando esse episodio tragico-comico e a confusão que dominou durante algum tempo o nosso bivac, demos boas risadas e fizemos criticas ainda melhores. Ainda hoje, quando o Amarilio, o Costa Mattos e eu nos reunimos e recordamos aquella epocha da nossa mocidade tão cheia de affectos, rimo-nos ainda com gosto do susto que *raspámos* e ainda mais dos que tiveram os outros.

Teria razão o bravo e immortal Fernando Machado, quando dizia: «medo, todos, mais ou menos, tem—mas quem tem brio, não o mostra a ninguem?»

No dia seguinte, Lopez abandonou com o seu exercito os seus arraiaes, batidos pela artilharia dos nossos navios.

Entre esse ponto e o nosso acampamento, havia um largo arroio, ou, melhor, sangradouro de lagóas, que as aguas do Paraná, cheio, tinham reprezado. Os nossos distinctos engenheiros lançaram sobre elle uma ponte bastante extensa.

Alguns dias depois, já nos fins de abril, não me lembro bem da data, entrámos no Passo da Patria, que encontramos ainda fumegando. Incendiaram tudo, casas, quarteis e rancharia. Começava a famosa retirada, que durou quatro annos, e foi terminar, nas margens do Aquidaban, com a morte do Dictador, a completa ruina daquelle bello paiz e o anniquilamento daquelle heroico povo.

Nada podemos tirar daquelle territorio, onde só achavamos desolação e ruínas. A guerra alli não alimentava a guerra. Vivemos sempre dos nossos proprios recurros. Aquelle paiz ensanguentado só nos dava ar para respirarmos, e muitas vezes empestado, agua para bebermos e, não raro, polluida pelos cadaveres e pelo sangue derramado nas batalhas, e a

terra em abundancia para as sepulturas dos nossos cem mil valentes patricios que lá ficaram para sempre.

Apezar do incendio, que devorou quasi tudo, achámos o santo e a senha do exercito paraguayo no dia da retirada: S. Francisco Solano era o santo, si me não falla a memoria. A senha era: «El equilibrador se retira equilibrando.»

Os soldados diziam que o equilibrio devia ser em «corda bamba».

A nossa vida de campanha não era tão má como se pensa vulgarmente. O Costa Mattos achou, perto do nosso acampamento, muito fedegoso, e foi uma excellente colheita, vagens maduras. Debulhou-as, torron-as, moeu-as e preparou um magnifico café, que adoçámos com um pouco de assucar mascavado e já melando. Havia muitos mezes que não tomavamos sinão matte. Foi uma delicia e lembrámo-nos com saudades do Braguinha do largo do Rocío, que era nessa epocha um dos cafés mais em vóga. No tempo do commando de Osorio, a nossa etapa limitava-se a carne em abundancia, pouca faringa e herba matte, que, ás vezes, era *caúna*. Polydoro mandou augmentar a farinha, porque os soldados do norte gostavam muito e estavam habituados a esse alimento. O marquez ordenou feijão e carne secca. O principe, para instigar-nos a fome, em Capivary, nos dias de penuria das cordilheiras, forneceu uma lata de sardinha de Nautes por praça. Os soldados historiarão essas differentes phases da nossa alimentação na seguinte quadra:

*Osorio dava churrasco*

*E Polydoro farinha.*

*O marquez deu-nos jaba*

*E sua alteza, sardinha.*

A alegria e o bom humor nunca deixaram de morar com aquella mocidade, cujos soffrimentos se reduziam a muito pouco: marchas com os pés descalços pelos areiaes calcinados pelo sol do verão e por campos cobertos de *malicia*; noites passadas ao relento, dentro da lama e debaixo de chuva que cortava; vigílias na matta escura, de arma engatilhada, espreitando o inimigo a poucos passos de distancia; enfermidades despresadas e que nunca mais fóram curadas; dias e semanas de penuria e de cansaço e saudades, sem esperanza, de rever a familia e a terra amada da patria. Havia tambem os combates. Além de raros, pois não fóram além de algumas duzias, passavam rapidos, e frequentemente os sacrificios eram recompensados por elogios em ordens do dia, condecorações honorificas e promoções. Isto, entretanto, não tocava a todos. Muitos valentes contentavam-se com o bom conceito dos cama-



diz: «Homem desaperebido, meio combatido.» Isto é, descuidado, desarmado, não provido, ou prevenido para qualquer accoetimento, insulto, ou engano.

Basta o pouco que fica dito para que os escriptores principiantes evitem erro tão crasso, a que infelizmente os induzem até alguns dictionarios da nossa lingua, ou, antes, da lingua de seus auctores.

SILVA TULIO.

### Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

#### V

Após a retirada de d. João VI, os acontecimentos desceram rapido declive.

Ao rei não faltaram, em Lisbôa, humilhações dum prisioneiro. Ao duque de Bragança, tão longe, no Rio de Janeiro, os liberaes portuenses lançavam affrontas, que vinham ferir e provocar-o.

O povo luzitano, por tantos seculos, habituado á supersticiosa veneração da monarchia, agóra se lhe mostrava hostil, ou indifferente. Era esse um dos fructos do regimen absoluto: — o despotismo opera infundas transformações de torpezas; corrompe a todos e a tudo; avilta os homens e só cria escravos submissos, ou rebeldes, malevolos e ingratos. Pelo contrario, a liberdade — *alma mater* — é procreadora de bellas coisas idéaes, que são virtudes civicas; educa ennobrecendo as naturezas, robustecendo-as com as prodigiosas energias da dedicação até nos lances de perigo, até nas horas amarguradas do infortunio. Os povos opprimidos são como vis escravos, ou, antes, cães, rudemente vergastados, que lambem carinhosamente a mão cruel do oppressor, si o virem armado do instrumento; mordem-na, encontrando-o desarmado por terra. Que importa que o incomparavel historiador queira justificar o oppressor e o opprimido, asseverando que *abolir a escravidão importa condemnar o Espirito Santo, que ordena aos escravos pelo verbo de S. Paulo, permanecer nesse estado?* Querem deixar de ser escravo, ou tental-o é crime. (1) Os povos opprimidos e subjugados não conhecem nem comprehendem os deveres e os direitos da consciencia humana. Os portuguezes, nessa epocha, eram um povo que vivia ainda sujeito á monarchia despótica, a qual escravizou as gerações passadas e subjugava as actuaes. Elles, de si para si, perguntavam uns aos outros — que temos nós com a causa dos tyrannos dos

nossos avoengos e nossos oppressores no presente? Porque havemos de lutar por amor daquelles que continuarão a tratar-nos como subditos, regendo-nos com *virga ferrea*, si recobrem o mesmo poder absoluto, que outr ora exerceram?

Era esse o vozear da bocca das multidões, e d. João o escutava afflictivo e temeroso. Viu-se abandonado no momento de angustias e provações; viu-se ludibriado pelas côrtes; soffren que o despojassem da regia auctoridade e ficou á mercê das facções, que preponderavam em Portugal.

Nesse estado de coisas, as côrtes reputavam-se victoriosas, redobravam de audacias, requintavam de insensatez, primavam de ineptias e, qual um iconoclasta, quebravam e destruíam tribunaes e todos os instrumentos de progresso; nada consideravam respeitavel, nada ponpavam.

As deliberações das côrtes, concernentes ao Brazil, produziram principalmente dois resultados, entre outros, que são notaveis: — 1º, a acclamação do Defensor Perpetuo e Imperador; — 2º, a convocação da Assembléa Constituinte. Desde então, a Independencia da colonia, que se rebellára, passou a ser facto consummado. Regida, até agóra, pelo systema da monarchia absoluta, ía converter-se em Estado sob a fórmula do governo da liberdade constitucional, fórmula limitada por uma lei organica e fundamental, consagrando os direitos do cidadão, a soberania nacional, a delegação dos poderes. A instituição monarchica precedia a todas, dimanava, por assim dizer, da fonte viva da vontade nacional, da qual era expressão incontestavel, sem intermediarios, quasi dictatorial, armada do poder de crear os outros aparelhos do mechanismo governamental; essa condição excepcional, privilegiada e independente collocava o Imperante em altura superior. Elle reunia em si todas as facultades para organizar o Estado, regular e conceder direitos, emfim sua palavra era — *fiat lux*. E o Imperador entendeu e manifestou, em todos os actos e momentos, que esta superioridade lhe competia e uzou della sempre que lhe pareceu conveniente. (2) Poder anterior a todos os outros e procreador delles e da lei fundamental, como o dizia um doutrinario e eloquente parlamentar, (3) a realza era a viva encarnação da soberania absoluta da nação. O principe já exercia o governo antes da Constituição do Estado e considerava-se a si mesmo soberano; dispunha de todos os meios de acção. No decreto de 12 de novembro, invoca a sua superioridade dizendo — *havendo eu convocado, como tinha o direito de convocar*, etc. — (4) Donde lhe vinha esse direito? Não o

tirava, como os monarchas antigos, da instituição divina — *do per me reges regnant; do omnis potestas a Deo*: tirava da sua qualidade, do seu titulo de Defensor Perpetuo, como o afirma na Proclamação de 13 de novembro, na qual escreve — *a salvação da patria, que me está confiada como defensor perpetuo do Brazil*. (4) Nos decretos de 12, de 13 e de 24 de novembro, no manifesto de 16 de novembro, predomina a mesma idéa, a mesma convicção de governar por direito proprio, inherente á sua augusta individualidade e, no discurso que pronunciou na sessão de 3 de maio, manifestou a supremacia de sua vontade, declarando que — *só acceitaria a Constituição, si fôsse digna delle Imperador*. Não falava como um pactante; impunha a sua vontade tutellar; exercia a missão de Defensor Perpetuo, de poder creador anterior a todos os poderes constitucionaes, que tinham de ser organizados.

De facto, estavam estabelecidos logo desde a fundação do Imperio e antes da organisação e da lei constitucional, suprema e fundamental, dois poderes antagonicos, — o do Defensor Perpetuo, creado e consagrado pela revolução, e o dos representantes no parlamento, dependente da vontade do poder anterior, que já exercia absolutamente a soberania. Tal era o syncretismo de idéas; tal o caracter do homem de quem tudo dependia.

Ora, como a historia é a psychologia em acção, o estudo analytico do ente humano em suas emoções, pensamentos e actos, nos mostrará que o reinado de d. Pedro foi completamente conforme ao seu caracter, temperamento e idéas.

D. Pedro effectivamente se achou numa situação especial, como as monarchias dos tempos modernos não apresentam outra. Si recorrermos o exemplo da Inglaterra, veremos que Carlos II, depois da morte de Cromwell, chamado pelo general Monk, é investido pelo parlamento do direito de reinar. (5) Evidentemente, o seu direito não era anterior aos poderes organizados. Guilherme III, *stathouder* da Hollanda, casado com o principeza Maria, filha de Jacques II, depois da revolução de 1688, que desthronou o sogro, não é aclamado rei, não quiz acceitar o governo sem ser coroado rei conjunctamente com sua mulher, que, de facto e de direito, era rainha. O parlamento conferiu-lhe a realza. (6) George I, eleitor do Hannover em 1714, pela morte da rainha Anna, subiu ao throno da Gran-Bretanha por escolha do parlamento. (7)

Em França, os exemplos não mostram um soberano investido da auctoridade nas condições de d. Pedro I, que não recebeu a investidura de

poder algum anterior; que, ao contrario, foi o instituidor e creador dos outros poderes, exercendo de per si a força viva, immediata da soberania nacional por aclamação dos povos, antes da Constituição e organização do Estado. Luiz XVIII, que pertencia, segundo o direito da antiga monarchia franceza, á linha hereditaria, para exercer as funcções da realza, após os successos daquella quadra de revolvimento, de guerras, de invasões, e quèda do imperio, foi preciso — 1º, que Talleyrand, por meios diplomaticos, obtivesse o favor de George IV da Inglaterra, e de Alexandre, da Russia: — 2º, que *le séuat* (escreve um historiador,) *sans s'occuper de légitimité ni de droit divin, l'appella au throue, mais eu pretendant lui imposer la coustitution et il a donnée, avaut, la déclaration de Saint-Ouém, gages des libertés constitutionnelles.* (8)

Vejamos Luiz Felipe, que surgiu da revolução de julho de 1830: — *il fut uomné le 31 juillet*, (escreve um dos historiadores do reinado) *lieutenant general du royaume par la commission municipale de Paris, reconnu comme tel par Charles X et presenté par La Fayette au peuple — comme la meilleur des républiques. La chambre des députés lui offrit le trone avec le titre de «roi des français» 6-7 d'aout.* (9) Todos os historiadores dessa epocha repetem quasi a mesma narrativa, comquanto divirjam na critica, segundo as opiniões politicas de cada um: Montalivet, que foi intimo do rei; Guizot, que governou, longo tempo, como seu ministro presidente do conselho; Dupin, amigo e advogado, por certo, não apreciaram os factos do reinado da mesma fórma que Luiz Blanc, socialista e republicano de fevereiro de 1848.

Conclúe-se que a Historia não apresenta uma encarnação dos poderes num soberano ou chefe de Estado, qual a de d. Pedro, que, por um lado, como Carlos II, da Inglaterra, e Luiz XVIII, da França, era da linha hereditaria; por outro lado, como Guilherme III, da Hollanda, ou Luiz Felipe de Orleans, saíram — este das barricadas de julho; aquelle, da revolução constitucional que firmou na Inglaterra o regimen parlamentar, em que a opinião nacional predomina por meio de seus representantes no parlamento, cuja maioria delega uma comissão que no conselho do rei governa, manda e administra, enquanto o soberano sómente reina, inteiramente irresponsavel, mas com a missão e dever de interpretar, respeitar e executar a vontade manifesta da opinião, que é a do paiz.

Investido de todos os poderes, d. Pedro continuou a governar como dantes, e por isso mandou, por decre-

to de 3 de junho, convocar uma Assembléa Constituinte, a qual foi eleita na fórma das instrucções de 19 de junho, assignadas por José Bonifacio, ministro do Imperio do gabinete de 16 de janeiro de 1822. Eis ali a origem do primeiro parlamento que funcionou no Brazil. Veremos os actos e idéas, projectos de leis, discussões, eloquencia, illustração, criterio, dignidade e independencia de consciencia, que fornecem materia para sua historia.

Os leitores, que amam investigar as causas dos factos para descobrir a marcha e o desenvolvimento dos phenomenos sociologicos da vida duma nação, munidos dessas informações, facilmente explicarão as evoluções da politica do primeiro reinado, o desenlace do drama, do qual a Constituinte foi um dos actos cheio de scenas, ora commoventes e graves, ora burlescas e futeis. Verão como os ministros que auxiliavam, ou serviam o principe, eram duma *simpleza singular*, sem nenhuma intuição dos successos, que se iam preparando nas dobras reconditas do futuro; successos, que, previstos, poderiam ter sido evitados, e os males e damnos — ou, pelo menos, neutralizados. Os destinos da nacionalidade brazileira, dirigidos pelos ministros imprevidentes de d. Pedro I, correram graves perigos e teriam sido annullados, — si a Providencia, que véla pelos povos, não empunhasse as redeas do carro do Estado, (10) ou o abandonasse ao acaso.

Nesses estudos, iremos esboçando, a largos traços, a physionomia do primeiro parlamento, que iniciou o povo brazileiro na pratica do regimen do governo dirigido pela intelligencia, pela eloquencia da palavra livre e irresponsavel. Si não nos fôr dado escrever uma historia completa, procuraremos recolher certa somma de recordações dum passado de 82 annos, que parece obliterado na memoria dos brazileiros: esforçar-nos-emos em reproduzir algumas das scenas, em que, sómente, o patriotismo suppriu a sabedoria e o criterio do legislador e as concepções do genio do estadista.

As gerações que contemplam as transformações do presente, comparando-as com as do passado, poderão julgar — si as anteriores nobilitaram-se pela independencia da consciencia, alvez de character, pelo desinteresse e pela moralidade politica, quando lhes faltavam as brilhantes concepções do talento, os fecundos resultados da meditação, ou da experiencia; emfim, aquillo que faz a grandeza e o enlevo da politica — essa profunda e laboriosa occupação dos homens que teem a coragem de lutar e soffrer pelos verdadeiros interesses do seu paiz. Decretada a convocação da Assem-

bléa, reuniram-se os collegios eleitoraes em todo o Imperio, excepto nas provincias ainda em contenda com os inimigos da causa emancipadora, por exemplo, — a Bahia, que combatia heroicamente as tropas portuguezas, commandadas pelo general, valente e habil, Luiz Ignacio Madeira de Mello (11); tropas que recuaram vencidas em Itacaranha, Pirajá, Funil, Cabrito, Itapoan, etc. As eleições celebraram-se, com religioso respeito, pela fórma estabelecida. Nessas éras, a população não conhecia o systema das fraudes, das cabalas, da corrupção, e de duas coisas abjectas — a confiscação do voto nas urnas pelos governos e a abstenção do eleitorado, ou por pusilanimidade, ou por egoismo e indifferença, não querendo comprehender as seguintes palavras do immortal romano: — *sit denique scriptum in fronte unius cujusque civis quid de republica sentiat.* (12)

As instrucções do ministro José Bonifacio estabeleceram e adoptaram o processo eleitoral de dois grãos, processo que se adaptava á inexperiencia, á rudeza e ignorancia da generalidade das classes sociaes no Brazil de 1823. E' natural inquirir si, neste assumpto, o Brazil de hoje póde pretender superioridade? Não será facil a resposta, attentando no contínuo espectaculo que se contempla na quadra politica, em que funcionam os comicios eleitoraes. Não precisamos ir longe; aqui mesmo, na Capital Federal, vê-se que um eleitorado de cerca de 40 mil electores não apresenta mais de 4, 5, ou 6 mil votantes; o resto.

Em suas coleras de moralista e de patriota, o inexoravel historiador, indubitavelmente, repetiria a dolorosa e flagelladora exclamação — *homines ad servitutem parati.* (13)

As instrucções expedidas pelo ministro José Bonifacio, regulavam tanto o processo eleitoral em suas minucias, quanto fixavam o numero dos representantes de cada provincia, naturalmente sem base conhecida da população, mas por uma dessas estatísticas — a olho — muito em uzo sempre no Brazil, onde a estatística parece não ser a expressão certa dos phenomenos sociaes, dos factos politicos, reproduzidos por algarismos; exemplo, a mortalidade e os nascimentos, o movimento da população, da producção, da importação, ou da exportação, e outros factos da vida duma sociedade activa, que progride, ou duma nação que rúe em rapida ou lenta decadencia.

A despeito da base imaginaria, ou real, tomada pelas instrucções de 19 de junho para execução do decreto de 3 do dito mez, convocando a Assembléa Constituinte, as eleições se reali-



á epocha em que aquella porcentagem não era ainda de 190 %, ha um processo aberto para apurar responsabilidades, processo que foi ou ha de ser abafado.

Prosigamos, no entanto, no estudo sobre os arsenaes durante a administração do actual ministro da Marinha.

Quanto ao arsenal do Ladarío, em todos os seus relatorios s. ex. faz identico estudo a respeito do «consumo e producção». No de 1903, diz s. ex. que, no decennio de 1891 a 1900, aquella porcentagem attingiu, em média, a 300 % e que em 1902 (ainda s. ex. não sendo ministro não começára a eliminar as resistencias passivas), ella baixára a 239 %. Em 1903 (s. ex. já ministro), a porcentagem elevou-se a 280 % para cair a 200 % em 1904. A differença, para menos, em 1904, mal chega a compensar a differença para mais em 1903.

A respeito do arsenal do Rio de Janeiro, procurámos em todos os relatorios o estabelecimento de tal porcentagem. Nada encontrámos. Justamente sobre o mais importante delles, s. ex. não quiz fazer o mesmo estudo. Fal-o-emos nós, notando antes que essa porcentagem deve ser consideravelmente mais baixa para o do Rio do que para os outros: 1.º, pelo menor preço da materia prima em nossa praça; 2.º, pela maior actvidade em que se mantém e pela extensão das obras que realiza; 3.º, pelo emprego, em mais larga escala, de machinismos aperfeiçoados. Notaremos tambem que o arsenal do Rio de Janeiro é administrado pelo irmão de s. ex.

Dos annexos ao relatorio de 1905, vê-se que a verba «Arsenaes» se elevou em 1904 a 4.120 contos. Destes deduzidos 1.085, consumidos pelos do Pará e Ladarío, restam 3.035, consumidos pelo do Rio. As obras executadas por este montaram a 1.190 contos, e assim, estabelecida a proporção, teremos que para produzir aqui 100\$000 de obra util é necessario dispendir a quantia de 279\$000, o que quer dizer que o valor das despezas geraes attingiu a 179 %. E a s. ex. que, de assombroso, não encontra explicação para o valor de 190 %, attingido por essas despezas no arsenal do Pará, onde, s. ex. mesmo o diz, ella já foi de 120 %, a despeito do elevado preço da materia prima, da imperfeição dos machinismos, e do mais dispendiosas que são as reparações, do que as obras novas, a s. ex. não ocorreu fazer egual estudo a respeito do arsenal do Rio de Janeiro, em condições muito mais favoraveis que os do Ladarío e Pará, aos quaes excede em importancia, e administrado pelo irmão de s. ex.

Aquelles 179 % deveriam, no entanto, cauzar maior espanto, já não dizemos do que os 120 % conseguidos

em 1903 no Pará, mas sim dos que os 190 % a que ali attingem actualmente as despezas geraes e do que os 200 % que a s. ex., meticuloso como é, não esqueceu observar no do Ladarío.

Agóra apontaremos as causas desse pequeno rendimento dos arsenaes:

1.<sup>a</sup> — O preço elevado da materia prima. E' sabido que todo o fornecimento feito a governo, são sempre por preço mais elevado que o normal e que no nosso paiz essa elevação é fabulosa. Nenhum administrador tem tido força para pôr cobro a esse abuso entre nós, e aqui, força é confessar, tem elle, em parte, uma justificativa: a demora dos pagamentos. E isso dá-se não só para os arsenaes como para todas as repartições de marinha e de todos os outros ministerios em geral. O fornecedor procura, naturalmente pela elevação do lucro a tirar, compensar os prejuizos que lhe ha de causar o empate, por mais longo tempo, do seu capital. No proprio relatorio de 1905, em annexo, encontra-se uma consulta sobre o caso de um fornecedor de carvão em Manáus, que se negou a satisfazer requisições, por não lhe terem sido pagos ainda fornecimentos anteriores e a longo tempo feitos, e, na administração do almirante Pinto da Luz, houve necessidade de fretar um paquete á casa Lage para conduzir, a um dos portos do norte, carvão, afim de que pudesse regressar ao Rio um navio de guerra, que ali se achava. O fornecedor nesse porto negava-se a fornecel-o, pois o governo lhe devia contas de 3 annos passados.

Voltemos, porém, aos arsenaes.

Apontamos a carestia da materia prima como primeira causa do pequeno rendimento delles. Foi attendendo a isto que o contra-almirante Guillobel, quando inspector do arsenal, comprou directamente em praças da Europa, consideravel quantidade de lona, conseguindo uma grande economia. Veremos a que deu logar esse fornecimento feito com intelligencia, mas infelizmente feito por quem é considerado inimigo dos actuaes dominadores da marinha.

A segunda causa daquelle pequeno rendimento é a desidia com que são administrados os arsenaes, o que determina que os operarios passem uma invejavel vida de ocio, dispendendo longuissimos prazos na confeição de obras de minima importancia e que resultam em geral mal feitas. A esta causa allia-se um maldito systema de luctas mesquinhas, repugnantes, entre

inspectores e directores de officinas dos arsenaes, de um lado, e commandantes e immediatos que áquelles são pouco affeçados, do outro.

Tal navio tem necessidade dum curto concerto; seu commandante não é *persona grata* do inspector do arsenal? O navio esperará longo tempo por esse concerto, e quando fôr feito, um outro ter-se-á tornado preciso; nova espera, novo reparo que se patenteia necessario, e assim successivamente. E si o commandante, zeloso, procura chamar a attention das auctoridades sobre o prejuizo que resulta ao seu navio, mais se accentúa a má-vontade e um officio reservado, encerrando uma reprehensão, vem muitas vezes premiar o seu zelo.

Quando não se manifesta essa má-vontade, distribuem-se logo os operarios para o serviço requerido, e elles então, eleitores necessarios dos illmos. deputados, conscientemente fortes, incumbem-se de retardar a conclusão da obra, elevando-lhe fabulosamente o preço.

E' assim que ali estão necessitados de concertos, ha tres annos: *Tamoyo, Andrada, Carlos Gomes, Commandante Freitas*; é assim que, ha cinco, estão em reconstrucção o *Recife* e o *Primeiro de Março*; é assim que o *Riachuelo*, aqui no porto do Rio de Janeiro, só um anno depois de feito o pedido recebe um toldo, para substituir, o que, pela demora, propositadamente havida, já não mais existia.

E' assim que no relatorio de 1903, do actual ministro da Marinha, diz s. ex. que o *Republica* necessita de caldeiras novas, que o *Riachuelo* precisa de pequenos reparos nas machinas, que o *Trajano* aguarda ligeiros concertos, que a *Silvado* pede reparações; que no de 1904, destes navios apenas o *Riachuelo* está prompto, e que em 1905, continuam as coisas no mesmo pé.

O *Aquidaban*, em fevereiro de 1904, abalroou com o *Trajano*; avariou-se ligeiramente, na prôa; pois até novembro de 1905, 21 mezes decorridos, nada se fez para reparar essas avarias, o que obrigou uma auctoridade, quando uma divisão estrangeira ha pouco visitou o nosso porto, a encobrir a prôa do navio com um encerado, afim de que a olhos estranhos se não patenteasse a ferida.

E', bem sabemos, fastidioso esse estudo que vimos fazendo. Mas, não nos furtamos a elle, para demonstrar



como se está reorganizando e salvando a armada nacional.

TONELEIRO.

O ALMIRANTE (59)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XX

Teria Amelia fundamento para suspeitas; teria ella percebido a chispa electricante dos olhares trocados a furto; teria sido chocada no trajecto da onda de effluvios emanados do attricto dos dois corações aquecidos de volupia, candentes na lava de um amor cautelosamente occulto em mysterio impenetravel; ou seria impressionada pela sensação espontanea, instinctiva de mulher preterida? Darse-ia que esse amor saturasse o ambiente e dominasse Amelia, como dominava Laura, embevecida na contemplação de Hortencia e Sergio, encantada pela melodia da voz delles, phrases sonoras, cujo sentido não interpretára completamente e todavia lhe despertava estranha visão de um ignoto mundo de sonhos, de uma região distante, perdida nas nevoas das suas innocentes concepções de mulher adormecida na placidez angelica de uma indifferença de menina?

Amelia não tinha a justificativa de um facto, de um gesto, de uma palavra de Dolores, cujos modos, talvez excedentes da compostura vulgar de uma senhora casada, a irritavam quando se dirigia, com familiaridade forrada de ternura, a Oscar, sempre abroquelado em cortezia imperturbavel, attentiosa, explicada pelo serviço por ella prestada no dia da revolução, pela gratidão que todo o homem culto deve á solicitude feminina. A colera subterranea de Amelia excluía dos seus éstos mal contidos o homem querido, para se exacerbar contra Dolores, a mulher que se offerencia impudentemente.

— Os homens que empolgaram o poder—dizia Souza e Mello, continuando as suas considerações— não estão tranquilos, não se reputam seguros. E essa tentativa de revolta gerou a suspeita que os offusca. Não tardarão as delações da policia secreta, as perseguições, as devassas...

— Como no alvorecer do primeiro imperio—ponderou o conselheiro—A formidavel devassa, ordenada por José Bonifacio contra os homens mais notaveis da epocha, ficou na historia como uma pagina escura da victoria da Independencia.

— O governo teria razão para desconfiar, mas a magnanimidade do

marechal Deodoro fechou o accesso ás delações calumniosas. Imagine que choveram as denuncias mais absurdas, que eu tive immenso trabalho em rebater.

— Ouvem? E' evidente que tenho razão para o meu pessimismo. Dolores que é intima das altas regiões, confirma com a sua auctoridade as minhas apprehensões. Sem a sua influencia, quem sabe onde estaríamos nós, que dizemos sem rebuço aquillo que pensamos.

— Não diga isso ironicamente— atalhou Dolores, vivamente— Tenho impedido muitas violencias, muitas injustiças... Imagine que fôram dizer ao Sampaio Ferraz que esta casa era um ninho de conspiradores.

— A minha casa?— exclamou a marquezia, estremecendo e lançando um olhar afflicto a Oscar e Martins, que estavam attendendo ás revelações de Dolores.

— Sim.— continuou esta— Que a marquezia era a alma da reacção, que animava a contra-revolução com o seu espirito, com o seu dinheiro. Todos nós eramos cúmplices— o conselheiro...

— Que infamia!— exclamou d. Eugenia.

— Oscar com o seu prestigio na Marinha, o sr Martins e o barão de Freicho representando o commercio... Até o Gião, o pacato Gião viera enviado pelos descontentes de Minas Geraes.. A suspeita envolvia todos, principalmente o nosso respeitavel Souza e Mello.

— Eu?— protestou este— Eu sou um theoretico, um sentimental convicto, si quizerem, um adversario, leal desencapotado; mas conspirador? Nunca.

— Dizia-se— continuou Dolores— que aqui vinham, fóra de horas, pessoas suspeitas... por diversas vezes... Chegavam mesmo a citar-lhes os nomes conhecidos pela policia que os acompanhára..

A marquezia tornou-se livida e observou:

— E' verdade que o Sebastião notou a presença de alguém, de gatunos talvez, que fugiram ao serem por elle presentidos. O pobre homem vive desde então perseguido pelo terror de um assalto ao palacio e percorre a chacara armado até os dentes. Eu, que o julguei um poltrão, um visionario, vejo agóra que teve motivos para tomar precauções.

A marquezia, com estranha vivacidade, demonstrou o absurdo dessa denuncia, dirigindo-se particularmente ao conselheiro que não podia disfarçar a sua inquietação. Martins, tambem muito assustado, falava baixo com Oscar, que sorria com affectada calma:

— Nada ha mais que receiar— con-

tinuuon Dolores, com um gesto de segurança— Eu desfiz tudo; todas essas balelas fôram por mim pulverisadas e o Deodoro ficou convencido de que a marquezia e os seus amigos seriam incapazes de se arriscar a uma tentativa dessas.

A marquezia apertou-lhe a mão num movimento de ternura, de agradecimento, cortada pelo remorso de haver suspeitado dessa creatura tão dedicada e bôa. Sabia que Dolores dizia a verdade, fazendo referencias as visitas do dr. Leonel, alludindo ao dinheiro, fornecido por intermedio de Martins, factos que ella não podia conhecer pelas revelações da policia secreta.

— Querem a prova de que está tudo desfeito, que não ha razão para receio?— exclamou Dolores, triumphante, no circulo que se formára em torno da sua elegante pessoa, todos amigos presentes á excepção de Oscar e Amelia que sorria com sarcasmo daquillo que considerava uma farça— Tenho aqui a prova.

E, desabotoando o corpete, introduziu a delicada mão alva no intersticio dos rijos seios opulentos e tirou um papel, uma carta, aquecida ao calor daquelle ninho perfumado.

— Aqui está a prova— disse ella, estendendo á marquezia a carta e fitando em Amelia um olhar aggressivo— Eu lhe reservava esta feliz noticia para amanhã, para festejar o seu anniversario, querida marquezia, mas não perderá o valor com algumas horas de antecendencia.

A marquezia leu, commovida:

«Minha querida senhora.— Como o Oscar esteja afastado por alguns dias do serviço, rogo-lhe a fineza de communicar-lhe que o brilhante trabalho sobre a marinha foi muito apreciado pelo governo, especialmente pelos nossos collegas Ruy e Benjauin, que o acolheram com entrusiasmo. Na conferencia de hoje, ficou deliberado fôsse premiada a dedicacão, a fidelidade e a competencia desse excellente, desse incomparavel amigo e auxiliar do governo com a promoçao ao posto de contra-almirante... por serviços relevantes...

A marquezia estacou, sacudida de commoção e dirigiu ao querido Oscar os grandes olhos rorejados de lagrimas...

— Está claro— acrescentou Dolores— que o governo não promoveria um conspirador...

— Evidentissimo— confirmou o conselheiro, muito alliviado.

— Enfim— disse a marquezia, avançando para Oscar, sobre quem choviam cumprimentos— Enfim, meu filho, está realisada a prophecia do Imperador.

E apertando-o, num longo abraço,

beijou-lhe as faces repetidas vezes numa insaciavel expansão de ternura maternal. Hortencia, Laura, d. Eugenia tambem o abraçaram cheias de contentamento, vindo por ultimo as saudações dos homens, começando pela do conselheiro, que improvisou algumas palavras sobre o acerto do acto do governo que promovera o homem destinado a ser o almirante da marinha do futuro.

— E a mim — disse, por ultimo, Dolores — não se dão as alviças?

Oscar aproximou-se e ia tomar-lhe as mãos, quando ella foi ao seu encontro e o abraçou tambem num gesto de faceirice.

— Obrigado, obrigado, Dolores — murmurou Oscar, transido de commoção, aspirando, num longo hausto, o capitoso perfume daquelle corpo que elle sentia vibrar nos seus braços.

Amelia estava livida. Sem se mover do seu lugar, os seus olhos, toldados de rancores, fulminaram os dois, e passou-lhe pelo cerebro a visão de um crime, a certeza de que aquelle abraço não era um movimento de saudação affectuosa, vulgar, innocente. Ella percebera a alma de Dolores aflorar-lhe nos olhos illuminados por uma chamma satanica; notára o accento da voz de Oscar, de uma sonoridade que lhe desencadeou, no coração, a tempestade do ciúme, e juraria ter saído dos labios de Dolores uma palavra suspeita. Quando Oscar voltou ao lado della, encontrou-lhe as mãos frias, rigidas, o rosto parado num ricto amargo.

— Si é verdade, — disse ella, friamente — foi um acto de justiça.

E recuou numa attitude de repugnancia, como si sentisse adherente a Oscar o contagioso perfume de Dolores.

Para se subtrahir á scena irritante das homenagens prestadas a Dolores, dos excessivos agradecimentos da marquezia e do conselheiro, acobardados pelo passado perigo e impressionados com a delação, Amelia pretextou subito mal-estar, retirando-se antes do chá com a mãe, Laura e o pae, sempre obediente aos caprichos e vontade imperiosa da filha mais velha. A instancia da marquezia, Hortencia ficou para lhe fazer companhia naquella noite.

Ao entrarem na carruagem, o conselheiro observou a d. Eugenia:

— Viste ao que nos arriscámos com essa mania da politica? Nós somos vencidos, vencidos impotentes para a desforra: devemos acceitar, resignados, todas as consequencias da derrota. Deus queira que a lição aproveite á marquezia e a liberte desse sonho absurdo de representar o espirito de um passado morto.

— Que mal ha em conversarmos em

dizer, no seio de amigos, o que pensamos?

— Paredes tem ouvidos; ha traidores por toda a parte.

Até a hora habitual da despedida dos amigos, a marquezia parecia de excellente humor, rindo, conversando, numa activa distribuição de carinhos, como si se atordoasse da impressão cavada no seu espirito pelas revelações de Dolores, que foi a ultima a partir, escusando-se, com um franco sorriso de alegria, dos repetidos dos reiterados protestos de agradecimentos sublinhados pelos abraços e beijos da marquezia e de Hortencia.

— Que extraordinaria creatura! — exclamou a marquezia, quando Oscar voltou a sala — E eu que desconfiára della... em que chegára a me enciumar... Estou de novo captivada por aquelle bello demonio. Vamos Hortencia; até amanhã, meu almirante.

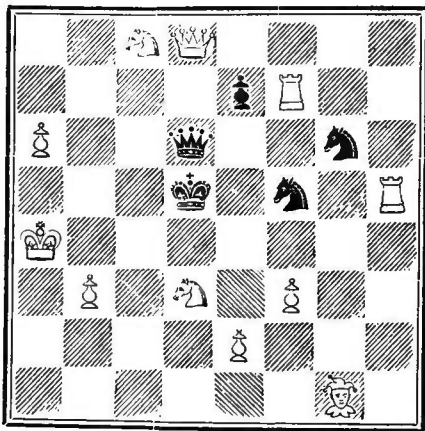
(Continúa).

## XADREZ

PROBLEMA N. 28

Tacito & Lipman

PIECAS (5)



BRANCAS (11)

Male em dois lances

PARTIDA N. 29 (a)

GAMBITO EVANS

Branças		Prelas
(Raul de Castro)		(Theophilo Torres)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B D	— 3 —	B 4 B D
P 4 B D	— 4 —	B × P
P 3 B D	— 5 —	B 4 B D
P 4 D	— 6 —	P × P
Roque	— 7 —	P 3 D
P × P	— 8 —	B 3 C
C 3 B D	— 9 —	C 3 B R (b)
P 5 R!	— 10 —	P × P
B 3 T D (c)	— 11 —	C 4 T D
T 1 R	— 12 —	C × B
D 4 T D x	— 13 —	P 3 B D
D × C	— 14 —	B 3 R
T × P	— 15 —	D 2 D (d)
T × B x!	— 16 —	P × T (e)
C 5 R!	— 17 —	D 2 B D (f)

D × P x — 18 — R 1 D  
C 7 B R x — 19 — D × C  
D × D — 20 — Abandonam

(a) Viram os leitores que no ultimo torneio do Club dos Diarios chegou em 4º lugar, com uma differença apenas de 1/2 ponto para os vencedores, um amator desconhecido, a quem fizemos as justas referencias que merecia — o sr. Raul de Castro. Publicamos hoje uma partida que ha tempos elle jogou com o dr. Theophilo Torres e que é de grande brilhantismo. Chamamos a attenção dos amadores para o ataque final, que é de mestre. As notas que vão a seguir são do proprio sr. Raul de Castro.

(b) Defeza muito pouco recommendavel, quando o B está collocado o 4 B D.

(c) Impedindo o roque das Pretas.

(d) Querendo rocar para o lado das Damas sem ter percebido a combinação, que dá o ganho immediato ás Br.

(e) Si D × T, então T 1 R, ganhando a D pelas duas torres.

(f) D 1 B era preferivel; mas ainda assim as Br. jogariam 18 — T 1 R com bastante vantagem de posição.

\*\*

Tacito & Lipman — Publicamos o seu problema. Agradecidos pela gentileza das suas ultimas cartas. Publicaremos no numero seguinte as suas interessantes informaçoes e, em numeros successivos, a *Moral do xadrez*.

\*\*

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 27 (O. Nemo):  
D 2 B D.

JOSÉ GETULIO.

## A FAZENDA

AO PADRE J. SEVERIANO DE REZENDE

Fica-lhe a um flanco a matta umbrosa e sobranceira  
Onde trilla, em triumphal orchestra, a passarada.  
A outro lado, a expirar no sopé da pedreira,  
O cafezal occupa a extensão da chapada.  
A' frente, banha o prado a agua de uma ribeira  
Que move, abaixo, num moinho, e onde bebe a boiada.  
Confina com o quintal, aos fundos, a capoeira,  
Que enverdece da serra a rotunda lombada.  
Morre em silencio o sol, num raio derradeiro...  
Mas, subito, um rumor se espalha no terreiro:  
A paz crepuscular a gallinola ataca...  
Rompe um cantar ruidoso, os tons troca e destroca  
Num trauteado fragor de atabaque, e, á matroca,  
Matráca, crebra e com fracasso, que está fraca...

Rio—1905.

HEITOR LIMA.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000  
 ---  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 ---  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Perante uma das commissões da Camara, compareceu o engenheiro Buarque de Macedo, emergindo, depois de muitos annos de eclipse, da modesta obscuridade aonde o arrojaram os desastres, as explosões occorridas nos laboratorios da chimica do ensilhamento. Como nota honrosa, deve-se recordar que esse industrial, de uma actividade incomparavel, de um formidavel poder de assimilação, revolveu milhões, improvisou fortunas e ficou pobre, demonstrando assim a convicção com que arrojou a fabulosas empresas o dinheiro dos outros e o delle, de olhos fitos numa estrella rutilante, que empallidecen e se sumiu para sempre no horisonte com dois golpes de decretos.

O sr. Buarque de Macedo discorren brillantemente sobre as communicações maritimas, demonstrou que as nossas mil e duzentas leguas de costa, descriptas em cartas de estrangeiros ou nos roteiros, feitos a olho, por alguns pilotos amestrados, necessitavam de meios de communicações, instrumentos economicos que a Constituição reservou, por um inepto *chauvinismo*, á cabotagem nacional. O sr. Buarque discorren eloquentemente, alinhou algarismos, construiu os seus argumentos sobre o solido concreto de dados estatisticos e concluiu pela reorganisação do Lloyd, cujo material, muitas vezes remontado, concertado, pintado de verde, está no lugubre acervo do Banco da Republica entre os muitos ferros velhos a que ficou reduzido o seu patrimonio.

O nosso maior inimigo é a distancia; o nosso irremediavel defeito consiste em sermos um paiz enorme com a circumstancia aggravante de possuirmos todas as fontes de producção em profusa opulencia, na superficie como nas entranhas da terra ubertosa, sob a cupola de um céu placido, já-

mais perturbado pelas convulsões, pelos accidentes meteorologicos.

Si o nosso principal inimigo é a distancia, os meios de transporte, abundante e barato, representam uma necessidade inadiavel de que ha um seculo cogitára d. João VI e atravessou muitas gerações de legisladores, de estadistas, como um dos mais patrioticos empenhos dos governos, como testemunham eloquentemente as Falas do Throno e os relatorios dos ministros, sempre muito preocupados com esses transcendentales problemas da economia nacional.

De todo esse esforço resultaram: por terra, estradas de ferro construidas á maneira habitual da preguiça indigena; por mar, linhas de navegação maritima e fluvial, o velho casco do Lloyd, a Companhia Brazileira, algumas empresas ephemeras e a Companhia do Amazonas, destinada a revelar os portentosos segredos do rio mar.

Deante do quadro traçado pelo illustre sr. Buarque, com pincel de mestre, emerge a razão da abstenção do capital estrangeiro em se empregar nessa industria de transpote maritimo, cuja exploração, em todo o mundo civilizado, constitúe um dos mais appetecidos e lucrativos negocios. Nós lhe fechámos o accesso ao vastissimo campo de acção, armando as duas companhias com privilegios, favores que as transformaram em instrumentos de exclusão de outros concorrentes, como fôssem fartas subvenções pecuniarias que, justificadas ao principio, se tornaram favores de mão beijada, sinão subsidio prejudicial, resultando um monopolio odioso, desde que a iniciativa industrial foi por sua conta e risco abrindo brecha no negocio e vencendo lentamente, tenazmente, um competidor que se figurava inexpugnavel.

E chegámos ao seguinte resultado: ao passo que o Lloyd, apoiado em subvenções, se arruinava, as pequenas

empresas do mesmo genero prosperavam, nutriundo-se com os sobejos do Lloyd, com as sobras dos seus porões abarrotados, dos seus immundos beliches desbordantes de passageiros. Fôsse isso devido a defeito organico da empresa, ou a fraude, devorando, insaciavel, rendimentos colossaes, a dolorosa verdade é que o Lloyd não correspondia aos sacrificios nacionaes concretisados nas subvenções, nem ás necessidades economicas justificativas dos seus privilegios.

Entre os nossos leitores haverá, sem duvida, quem não tenha provado a delicia de uma viagem da linha do norte, haverá quem não tenha experimentado a nausea de permanecer, durante muitos dias, dentro de uma gamella de lixo, de detritos humanos, forçado ao contacto da porcaria repugnante, um supplicio que passaria para o elenco dos padres da Inquisição si naquelle tempo se houvesse inventado esse luxo de navegação a vapor. Aquelles que se submeteram ás angustiosas linhas do norte, sabem por dolorosa experiencia até onde chegou o excesso do abuso da bôa-fé, da paciencia, da longanimidade dos condemnados, por falta absoluta de outro vehiculo, a essas viagens dantescas de passageiros accumulados sem conforto, nutridos de pessimos generos, escolhidos a capricho dentre a escoria, o rebutalho dos artigos de alimentação — carne magra, farinha mofada, biscoitos bichados, assucar negro, café detestavel, crimosamente misturados com milho e feijão podres, tudo isso feito impudentemente, ás barbas de uma austera fiscalisação do Governo, muito competente, muito honrada, mas completamente privada dos sentidos da vista e do olfato.

Deante da perspectiva de um tratamento pessimo e caro, accrescido pela despeza a que os passageiros são forçados para comerem alguma coisa tragavel nos portos da escala, quem

podia dispor de outro meio de transporte evitava os vapores do Lloyd: os passageiros de Pernambuco e da Bahia procuram de preferencia os paquetes inglezes da Royal Mail, ou os francezes da Messageries, onde a limpeza, pelo menos, é preceito hygienico observado e respeitado.

O remedio para aquelle estado de coisas, o correctivo para todo o genero de industria, pessimamente explorado, seria a competencia; esta, porém, estava excluida pelos favores, pelas subvenções outorgadas desde a criação daquella empresa até os nossos dias, creando para a companhia uma situação de superioridade indisputavel, accrescida pela nacionalisação da cabotagem. Dahi resulta a pobreza de meios de transporte maritimo.

A reorganisação do Lloyd, como foi delineada pelo estimavel eugenheiro, é, sem contestação, um bello plano, delineado com segurança, com intenso conhecimento da materia, com a condição de ser realizado sem augmento de subvenção, que seria contra a indicação dos factos, contra o intuito essencial de abrir os nossos portos e nossos mares territoriaes á plena, á livre expansão da iniciativa industrial, sob um regimen de absoluta egualdade, tanto para as empresas maritimas como para as fluviaes.

A Companhia do Amazonas foi, cerca de trinta annos, um magnifico propulsor do commercio da Amazonia; ella foi o pioneiro da conquista da mais vasta rede fluvial do mundo, mas essa funcção esmoreceu, pouco a pouco, com a concurrencia de empresas não subvencionadas e está hoje completamente abolida, transformando-se num obstaculo á multiplicação dos meios de transporte fluvial que actualmente é feito por centenas de vapores particulares. Além de orgão de obstrucção, a Companhia do Amazonas foi e continúa a ser um instrumento de politicagem, e tempo houve em que não podia pleitear uma eleição o partido que não dispuzesse do concurso dos vapores da Companhia. Esse serviço eleitoral era pago com subvenções normaes, extraordinarias, de todo o feitio, sem que por isso os respectivos accionistas recebessem dividendos correspondentes ás enormes receitas que realizavam, ao passo que

as empresas fluviaes particulares prosperavam e fizeram a riqueza de seus proprietarios.

Na costa como no Amazonas, as mesmas causas produziram identicos effeitos negativos para o capital e, o que é mais nocivo, desacreditando a industria de transporte maritimo no Brazil.

Já é tempo de cortar as relações dessas empresas com os cofres da Republica: ellas pôdem ser comparadas a bezeros mañosos que se tornaram bois velhos e ainda fazem de mamótes a sugarem as tétas da vacca do thezouro. A mama que é um direito do monjolo, é um crime do barbatão.

Nós somos admiradores do talento, da capacidade e da iniciativa empreendedora do illustre sr. Buarque de Macedo; não lhe regatearemos louvores merecidos pelo vasto plano que desenvolveu, com raro brilho, perante a commissão de lycurgos da Camara; mas pensamos que s. ex., para prestar um inestimavel serviço ao paiz, poderia limitar-se ao tratamento energico, radical, dos achaques chronicos, dos inveterados abusos que perturbam a funcção economica do Lloyd, saneando-o. Restabelecido o credito dessa empresa com os seus actuaes recursos financeiros, o capital affluirá sem temor para o desenvolvimento do serviço, que é ainda uma opulenta mina, um negocio de incomparaveis vantagens para quem o explorar honestamente, mesmo sem o maravilhoso bafejo official.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Os trechos, citados no anterior artigo, e outros, que constam do livro, revelam que o sr. Manoel Bomfim faz da Hespanha e Portugal, da sociedade iberica, em summa, uma especie de monstrengo historico, taes e tantas são as singularidades com que brinda aquellas gentes.

Dest'arte, anomala originalidade se lhe antolha a conquista arabe e a respectiva reconquista néo-gothica.

E' por não advertir que outros phenomenos do genero se repetiram durante o periodo da formação das nações modernas. Bem depois das grandes invasões dos barbaros, quando os modernos povos se iam constituindo,

varios delles tiveram interrompida sua evolução normal pela invasão e conquista de populações estranhas.

E' o caso da **Russia** com os tartaros e mongóes, que, nos seculos XIII, XIV e XV, allí estacionaram e deram tremendos trabalhos para serem extirpados, e isto só em parte, pois cruzaram intensamente com as populações slavas.

E' o caso das terras que fórman a Hungria de hoje.

Ahi, o velho elemento aryano de romanos, slavos e germanos foi de todo submettido, recebendo o jugo e a lingua do vencedor do Madgyar.

Caso este ainda mais aspero do que o da Hespanha, que se approxima mais ao da **Russia** e ainda mais do da Grecia e Imperio Bysantino.

Conquistada toda a região balkanica pelos turcos, mahometamos como os arabes, só aos poucos e aos pedaços é que se váe fazendo a reconquista, embaraçada, é certo, pela politica européa dos ultimos tempos com o seu famoso *equilibrio*.

Grecia, Valaquia, Moldavia, Bulgaria, Servia, Montenegro, que, pouco a pouco, e, a intervallos mais ou menos longos, se teem constituido independentes, estão para naquellas zonas deante dos turcos nas mesmas condições em que Asturias, Oviedo, Leão, Navarra, Castella, Aragão, Galliza e Portugal estiveram na peninsula em face dos arabes.

Não é tudo; a Inglaterra depois de, mais ou menos, constituida pelos saxões, teve de soffrer a invasão dos *anglos*, e depois a dos *dinamarquezes*, e mais tarde a dos *normandos*.

Já não falando nos *celtas* e nos *gutas*, que os *saxões* tiveram de reduzir em terriveis luctas, uns após outros, os embates com os *anglos* e os *dinamarquezes* fôram tremendos; a pugna com os *normandos*, em pleno seculo XI, custou a queda da realeza nacional e a perda da independencia da patria. Parecia que tudo tinha acabado de uma vez, que se ia repetir o caso da Hungria, e os conquistadores iam assimilar os vencidos.

Foi o contrario o que se deu: a tenacidade saxonica acabou por absorver completamente os seus inimigos!

A Inglaterra e a Hungria constituem, pois, os dois casos extremos: allí, foi o vencido o assimilador; aqui, este papel coube ao vencedor.

Na Hespanha, como na **Russia**, como nos Balkans, as raças antagonicas não se fusionaram sinão parcamente e os vencedores fôram recuando aos poucos até total expulsão para além do sólo conquistado.

Na Hespanha, durou pouco mais de sete seculos o duello; na **Russia**, mais de tres; nas terras bysantinas, na Turquia de hoje, váe por quatro se-

culos e meio, e promete continuar talvez por um, ou dois, ou tres..

Por ali vá vendo o sr. Bomfim que um pouco de historia comparada seria sufficiente para reduzir consideravelmente as espantosas originalidades com que o parasitismo o anda a inquietar nas Hespanhas.

Outra grande originalidade das gentes ibericas para o interessante discutidor do *ciúme*, é a attracção, o impulso irresistivel que as atiron ao mar, ás descobertas e conquistas.

Para o nosso auctor, tudo aquillo não passou da *tendencia parasitaria* que impellia os povos hispanicos atraz dos arabes vencidos no empenho de pilharem, como elles pilhavam, as riquezas do oriente.

Si o jovem escriptor tivesse um pouco mais de conhecimentos de historia universal e, nomeadamente, de historia da ultima phase da edade-média, não seria tão superficial e leviano na falsa caracteristica por elle traçada dos compatriotas de Cervantes e Camões.

Veria que o commercio do Oriente e das regiões tropicaes foi, desde a mais remota antiguidade, a aspiração universal; que o periodo arabe, nesse commercio, representa apenas um reduzido episodio; que os sarracenos, substituidos pelos venezianos, genoveses, pisanos e amalfenses, principalmente os primeiros, já tinham, havia muito, deixado a concorrência quando chegou a vez dos portuguezes; que o espirito de cavalleria, ultima phase do fendalismo desde as cruzadas, foi, talvez, o principal propulsor das descobertas e conquistas; que castelhanos e aragonezes entraram nesse caminho tarde e a contragosto.

Não houve em tudo isso impulso nenhum de parasitismo.

As relações dos europeus com o Oriente fôram entretidas pelos phenicios. Mais tarde, o fôram pelos gregos, cartaginezes e romanos.

No começo da edade-média, todo o commercio do Mediterraneo, caminho natural do Oriente, estava a cargo da marinha dos bysantinos.

Com as conquistas arabes na Asia anterior, no norte d'Africa e no sul da Europa, tiveram os homens de Byzancio de contar com esses novos concurrentes. Com o auxilio da cavalleria e das gentes teutonicas, que procuravam participar das vantagens da mercaucia oriental, Veneza, ponto intermedio magnificamente bem collocado, cresceu e entrou com gallardia na liça.

Dest'arte, no segundo periodo da edade-média, bysantinos ao léste, venezianos ao norte e arabes ao sul partilhavam entre si a navegação mediterranea, interposto do famoso commercio.

Foi desde esse periodo que se desenvolveram as famosas republicas italianas de Veneza, Genova, Pisa, Analfi, Florença e outras; foi nessa epocha que prosperou extraordinariamente a celebre *Liga Hanseatica* do norte, em que entraram mais de oitenta cidades. Mas essa phase da concorrência de bysantinos, arabes e italianos foi curta. A cavalleria do norte arredou da arena os dois primeiros grupos de contendores e deixou os italianos sós na lucta, da qual se retiraram após as invasões e conquistas dos turcos, que tomaram todos os caminhos do oriente.

O grande surto do commercio mediterraneo nos seculos XIII, XIV e metade do XV, a cargo das cidades do sul, era, em grande parte, sustentado pelo desenvolvimento do commercio da Hansa do norte.

Lisbôa era o ponto de convergência dos dois movimentos, como já uma vez alvitrei por simples inducção (1) e vejo agóra confirmado pelo grande mestre Henrique de Tourville, no seu recentissimo livro de *Historia da Formação Particularista*.

Na impossibilidade de transcrever as bellas paginas por elle consagradas á *cavalleria*, ás *cidades livres italianas* e ás *cidades livres do norte*, não me furto ao prazer de resumir aqui a bella lição sobre a convergência daquelles tres movimentos no facto historico do descobrimento das *Indias Orientaes e Occidentaes*.

O insigne continuador de Le Play lança uma luz nova neste velho assumpto e bem claro se vê como anda asphyxiado em trevas o sr. Bomfim, com o seu *parasitismo*, que seguia o arabe para depredar com elle na inexgottavel matriz oriental.

«A apreciação do descobrimento das Indias Orientaes e Occidentaes, escreve de Tourville, liga-se naturalmente ao estudo comparativo da evolução de Veneza, da Liga Hanseatica. Dissemos que os productos dos tropicos e regiões vizinhas fôram em todas as phases da historia, o grande e incomparavel objecto do commercio. Comprehendemos por esse facto as vantagens de Veneza e por elle apreciámos devidamente a singular energia vital que a Liga Hanseatica teve de tirar de sua propria formação particularista para chegar a uma tão alta prosperidade commercial sem ter tido o accesso das regiões tropicaes.

Mais viva, porém, mostraremos a importancia do commercio dos tropicos, quando o vimos fechar-se para Veneza, abatida por esse golpe, e abrir-se aos povos do norte, que nelle acharão a origem de seu extraordinario desenvolvimento actual.

Para se bem comprehender as rela-

ções da Europa com os tropicos, mister é examinar a carta do mundo.

A região tropical está comprehendida entre os vinte e tres primeiros grãos e meio ao norte e ao sul da linha equatorial. Póde-se considerar como estendendo-se até o trigesimo grão ao norte e ao sul desta linha a região similar, caracterizada por uma temperatura de 20 grãos acima de zero na média annual. Uma simples ollhada lançada na carta faz immediatamente ver a que distancia desta zona está a Europa impellida na direcção do norte.

Não é tudo: si se reparar que especies de terras directamente abaixo da Europa se acham na zona tropical, ver-se-á que mostram condições mui defeituosas.

Apresenta-se primeiro o deserto do Sahara; mais abaixo, o Soldão, centro continental de difficilissima penetração. Surgem após as florestas equatoriaes; para além, no outro hemispherio, reproduzem-se inversamente as mesmas condições.

Si da Europa nos transportamos á Asia, veremos, ao contrario, os paizes de natureza tropical, a India, a Indo-China, a Persia meridional e a Arabia, decotarem-se sobre o mar e tornarem-se accessiveis por longas e numerosas praias.

Todas essas regiões, exceptuado o deserto arabico que o commercio não ha mister atravessar são adrede regadas para a producção dos generos dos tropicos.

A conclusão resultante deste exame é simples: os paizes tropicaes praticaveis e productivos estão, relativamente á Europa, não ao sul, sinão ao oriente.

Donde provém serem as producções dos tropicos designadas na Europa não com a denominação de generos do sul e sim do Oriente e este é o motivo da fama do commercio do Levante.

Os povos europeus tem para chegar ao Oriente um caminho dos mais commodos, o Mediterraneo, cujo elogio não é preciso repetir.

Essa mar não penetra, porém, nos paizes asiaticos de producções tropicaes; e por este motivo os europeus não poderam, por tal via, fazer o commercio dos tropicos, sem entrar em relações com as gentes que occupam o intervallo entre o Mediterraneo e os paizes longinquos.

Convém conhecer, pois, quaes eram, na edade-média, na região intermedia, os habitantes e os caminhos.

Toda essa região estava sob o dominio dos arabes, ou de povos por elles assimilados — seldjucidas, tartaros e outros estabelecidos nos sertões da Asia anterior.

Ao passo que a invasão germanica tomava posse da porção occidental da

Europa e a invasão slava se estendia na porção oriental, o enorme transbordamento arabe, iniciado por Mahomet, se dilatava pelo meio-dia desde o Caspio aos Pyrenens.

Toda a Europa e o reconcavo asiatico e africano do Mediterraneo achavam-se partilhados entre tres grandes grupos de populações: os germanos, os slavos e os arabes. Neste circulo de *barbaros* estava encravado o ultimo resto do imperio romano, com o appellido de imperio grego ou bysantino, reduzido ás costas da Asia Menor e ás velhas regiões da Thracia, da Macedonia, da Grecia e da Grande Grecia.

Facil é comprehender quão aptos eram os arabes, educados na sua peninsula no duplo officio de nomades transportadores e de sedentarios commerciantes nas costas maritimas, para o papel, no commercio europeu, de intermediarios entre o Mediterraneo e as regiões tropicaes no oriente.

As tres grandes vias de penetração da bacia mediterranea para as terras tropicaes asiaticas são, os valles do Euphrate, do Nilo e do Oxus, o Amú-Daria de hoje.

Durante a mór parte da idade-média, os arabes fôram os senhores desses tres famosos caminhos; nada mais lhes poderia convir do que apoderarem-se do proprio Mediterraneo.

Tentaram-no com fortuna varia.

Os que primeiro se apresentaram para embargar-lhes o passo fôram os bysantinos, habéis marinheiros desde os aureos tempos gregos e que no começo da era mediéval tiveram o monopolio do commercio mediterraneo.

Na lucta, os arabes levaram a melhor e chegaram a despojar os seus rivaes das possessões do sul e do oriente do Mediterraneo: Chypre, Creta, Sicilia, Sardenha, Hespanha, littoral africano, Egypto e Syria.

Os bysantinos ficaram reduzidos ao mar Egeu e ao golpho de Tarento.

Não lograram, porém, fazer acceitar seu commercio maritimo nas costas septentrionaes do Mediterraneo, occupadas pelas gentes germanicas.

Em tal conjunctura, Veneza protegida por suas lagunas, no fundo do Adriatico, fez sua a clientela do mundo germanico.

Pôde, com pouco esforço, fechar aos arabes o mar que dominava. Bysantinos, arabes e venezianos partilhavam, pois, entre si, o Mediterraneo: bysantinos — o norte oriental; arabes — o sul; venezianos — o norte occidental. Veneza, simples republica originada de pantanos e alagadiços, foi durante muito tempo a mais modesta dentre essas tres potencias maritimas.

Mas tudo tinha de mudar quando seus protectores entrassem, sob a fórma da cavalleria, no Mediterraneo. Os normandos de Roberto Guiscard

começaram por tomar a Grande Grecia aos bysantinos e a Sicilia dos arabes. Depois, os cruzados conquistaram a Palestina, a Syria e a mór porção do imperio de Constantinopla.

Com São Luiz, ameaçaram as costas egypcias e africanas. Foi a ruina do commercio dos bysantinos e dos arabes: o campo ficou livre dos venezianos e alguns de seus emulos, irmãos de raça — e occidentaes como elles — genovezes, pisanos e amalfenses. Foi, portanto, á cavalleria que se deveu a victoria do commercio dos occidentaes sobre o dos arabes e dos gregos no Mediterraneo.

Mas este restabelecimento do commercio do Occidente para os tropicos repousava em base fragil: a cavalleria. Os arabes tinham ficado, além disso, senhores dos sertões intermedios entre o Mediterraneo e os paizes tropicaes. Essa má situação aggravou-se profundamente com a entrada em scena dos turcos, isto é, com as populações do Turkestan, que tendiam, de longo tempo, a supplantar os arabes. Originarios da grande steppe central da Asia, não estavam preparados para o trafego mercantil, como seus predecessores; primitivas e grosseiras, tornavam-se unicamente militares e dominadoras, desde que saíam do isolamento de suas pastagens. Em 1254, os mamelucos, milicia composta de turcos, apoderou-se do governo do Egypto. Em 1299, os turcos ottomanos estabeleciam no centro da Asia Menor seu imperio em Koniéh, a antiga Iconium. Sabe-se como, sob o grosseiro esforço dos mamelucos no meio-dia e dos ottomanos do norte, todo o oriente do Mediterraneo foi subtraído aos latinos e aos gregos, aos cavalleiros, leigos ou religiosos, aos mercadores de Veneza e de Genova. Esta celebre historia marca o inicio da idade moderna.

A invasão dos turcos tem um alcance maior que as causas interiores e intrinsecas da decadencia de Veneza, porque, si o Oriente tivesse ficado de livre accesso aos occidentaes, Veneza, caída por sua má organização social, teria podido ser substituída, no commercio do Mediterraneo, por alguma outra cidade maritima, socialmente melhor constituída. O que, porém, morreu com o acontecimento lembrado não foi só Veneza, foi de um modo geral o commercio pelo Mediterraneo com os povos intermediarios entre elle e os tropicos. Muito mais conquistadores e piratas que os arabes, os turcos não conservaram esse commercio. Mistér é explicar a razão pela qual os europeus, que não podiam para todo sempre abrir mão do commercio dos tropicos, não fizeram um supremo esforço para manterem o accesso do Oriente pelo Mediterraneo.

Aqui é preciso voltar ao exame da casta. Existe na extremidade occidental da Europa um paiz que mostra singulares similitudes com a Syria — é Portugal. E como a Syria estende sua linha de praias e portos ao fundo do Mediterraneo, Portugal alonga, quasi parallelamente, sua linha de praias e portos antes da entrada daquelle: parece uma Syria projectada ao Occidente á frente do famoso mar.

Ainda mais significativa é esta aproximação pelo facto singular de que, assim como o commercio interior do Mediterraneo achava o fim de sua derrota nas costas da Syria, de igual fórma o commercio do Mar do Norte, do Baltico e do Atlantico deparava o fim de sua rota nas praias de Portugal. Era allí que vinha, de facto, acabar a acção da *Liga Hanseatica* que se dilatava de Novogorod a LISBÔA. Era em LISBÔA que a marinha do Norte encontrava o Oriente: a partir dalli, Veneza lhe servia de intermediario através do Mediterraneo». (*Histoire de la Formation Particulariste*, pag. 415 e segts.)

Esta é que foi a ordem natural dos factos. Surprehende-se a marcha successiva da historia do commercio entre a Europa e o oriente por meio do Mediterraneo durante os dez seculos da idade-média. O periodo bysantino, o arabe e o veneziano destacam-se com nitidez e bem se comprehende a entrada natural da gente portugueza na liça a demandar os tropicos pelo Atlantico, quando imprestavel se havia tornado o caminho do Mediterraneo.

O sonhado *parasitismo* dos povos ibericos nada tem a ver na successão e encadeiamento dos factos. Basta fazer o synchronismo destes para arrancar os ultimos trapos que encobrem a nudez da doutrina do dr. Manoel Bomfim.

Quando os portuguezes se atiraram ao mar, se davam as seguintes circumstancias, cada uma das quaes é bastante para derrocar a explicação plantastista do escriptor sergipano;

a) Havia mais de dois seculos que estavam completamente livres dos arabes;

b) Havia mais de dois seculos que estes tinham perdido o dominio no Mediterraneo;

c) Egnal lapso de tempo já tinha decorrido desde que os turcos os tinham, quasi completamente, supplantado na Asia Menor. Junte-se a isto o memoravel facto de que o ultimo e decadente Estado sarraceno da peninsula — o reino de Granada — desde muitos seculos, não dependia dos kalifados do Oriente, nem exercia a minima influencia na sociedade, na politica, nas idéas, na vida das populações christãs.

Explicar, portanto, a evolução, na-

turalissima levada a cabo pelos portuguezes como um producto de *parasitismo*, fazer desses occidentaes umas especies de *carrapatos*, de *rodeleiros* pegados aos corpos dos arabes para com elles irem ao Oriente, é dar provas extremas de completa ausencia de senso historico.

Cumpra não esquecer que a evolução atlantica do commercio para o Oriente é feito exclusivamente portuguez; porque, pondéra Prévile, das tres regiões naturaes da península, constituidoras dos tres Estados independentes nas ultimas phases do seculo XV — Portugal, Aragão e Castella, o primeiro é que se lançou ao Oceano com larga antecedencia. Aragão fez, durante seculos, o commercio maritimo no mar interior, no Mediterraneo; Castella era terra de creadores, que só no extremo norte e extremo sul tinha raros portos pouco utilizados no periodo historico em debate.

Tarde, e a contra-gosto quasi, após muitas reluctancias, depois da união dos dois Estados, é que os hespanhóes se resolveram a lançar-se ao Atlantico sob o mando de Colombo.

Póde ali haver de tudo, menos o azogado *parasitismo* do dr. Bomfim.

SYLVIO ROMÉRO.

(1) Vide Conferencia sobre Pinheiro Chagas.

## D'AQUI E D'ALLI

Congressos  
internacionaes

Multiplicam-se de uma maneira espantosa os congressos internacionaes. Durante a Exposição de Liège realizaram-se os de educação e protecção á infancia, de reproducção de manuscriptos e de medalhas, a reunião dos advogados e a conferencia internacional da escola das exposições, presidida por Léon Bourgeois. Outros congressos se reuniram tambem: dos estudantes, dos professores, o decimo dos criminalistas em Hamburgo. Em Milão, trinta e duas nações se fizeram representar no congresso da navegação. Buda-Pesth foi a séde de mais alguns: dos ministros plenipotenciarios, dos veterinarios e da conferencia penitenciaria internacional, onde fôram adoptadas as idéas de fundação de estabelecimentos especiaes de detenção para irresponsaveis e de observação para meninos viciosos. Ainda mais outros congressos appareceram: o de accidentes de trabalho e segurança social, de Vieuna, o do christianismo liberal e progressista, de Genebra; em Christiania, a associação de direito internacional; depois em Bruxellas as camaras de commercio, uma outra de cirurgia. Os inventores, ainda

na Belgica, renniram-selpara proteger os seus direitos. Finalmente, em Pariz, o congresso de livre-pensamento e, sob a presidencia do sr. Loubet, o grande congresso internacional contra a tuberculose.

\* \*

Os livros estrangeiros  
no Japão

Os japonezes fizeram conhecer numa estatistica o numero de livros que entram no imperio cada anno desde 1902. A Allemanha occupou o primeiro logar em 1902; depois, ceden a ponta á Inglaterra, que mandou para o Japão, nos dois ultimos annos, mais de 480.000 livros. Os Estados-Unidos teem na lista o terceiro logar e, em muito breve, estarão acima da Germania. Pouco augmentou a França; os japonezes não apreciam as novellas parisienses, preferem o *humour* inglez ás *pochades* gaulezas. Logo abaixo, vem a China com 11.200 livros, em 1904. A Belgica e a Russia succedem-se nas ultimas linhas da estatistica; a terra do czar levou ao Japão, o anno passado, cerca de 1.200 obras.

\* \*

Vaidade  
feminina

Segundo uma paciente estatistica, parece que uma mulher, começando dos seis annos até aos dez, passa, cerca de sete minutos por dia, deante do espelho. Dos dez aos quinze, emprega, nesse trabalho, um quarto de hora e, dessa idade aos vinte annos, gasta uns bons trinta minutos. Ao partir dos vinte, quasi todas as senhoras param uma hora por dia ante o seu confidente favorito. Depois de ter feito os sessenta annos, ellas não ficam defronte do espelho mais que dez rapidos minutos. Em resumo, a mulher, depois de uma certa idade, não perdeu, a se mirar durante toda a sua vida, sinão sete mil horas, ou quasi dez mezes.

\* \*

Destruição dos  
insectos  
pela electricidade

Um sabio russo, membro da sociedade tecnica de Odessa, o dr. Lokurejenski, inventou um apparelho que permite, em todos os climas, destruir as larvas dos insectos durante a sua formação. Consiste esse apparelho em um dynamo que póde produzir uma corrente electrica bastante forte. Colocado num pequeno carro, de modo que toque na terra, elle presta muito bons serviços, matando os insectos que tanto estragam as plantações. Escovas metalicas fixadas no apparelho penetram na terra enquanto o vehiculo está andando e produzem a corrente, estando as escovas em comunicação com o dynamo. A corrente electrica, espalhando-se so-

bre a superficie do sólo, penetra até uma certa profundidade e attinge as larvas que ella destróe completamente.

\* \*

Um grande  
romance guerreiro

Paul Adam escreveu mais um romance, *Com-bats*, que encerra, ligadas por ligeiros dialogos, oito narrativas de guerras modernas. Passa-se em diversos logares a acção: durante a campanha da Italia, no segundo imperio, defronte de Sebastopol, em 1870, em Tonkim, num districto macedonio, na Mandchuria e a bordo duma torpedeira japoneza que atacou a esquadra de Porto Arthur na famosa noite de 8 para 9 de fevereiro do anno passado. Camillo Mauclair critica muito lisongeiramente o livro. Assim termina elle a sua apreciação na *Revue Universelle*: Conhecia-se na *Batalha de Uhde*, no fim do *Mysterio das multidões* e na *Força* as poderosas faculdades descriptivas que Paul Adam traz para a evocação da guerra. O seu impressionismo minucioso e a sua estranha maneira de synthetizar tudo unem-se curiosamente para nos mostrar, um por um, os grandes planos tragicos e os accidentes individuaes. Pela simultaneidade quasi cinematographica das notas, dos detalhes em estylo nervoso, conciso, febril, elle reconstitue com uma vivacidade e uma verdade admiraveis, o estado d'alma do soldado no cataclysmo. Póde-se considerar o presente livro como uma série de estudos para os seus grandes romances futuros e esses são «pedaços de pintura», dum entusiasmo soberbo e duma interessante variedade. E' preciso admirar os jogos dum talento superior que sabe evocar, em algumas palavras, toda uma payzagem e mostrar sempre uma idéa geral em suas visões de vida intima. Ha, entre outras, uma scena que se passa na cupola encouraçada dum forte de Porto Arthur e que é uma perfeita obra prima psychologica e descriptiva, uma perseguição de Pavilhões negros, pelos arzoaes, duma impressionante selvageria e um combate duma *setnia* na neve, de sinistra e sombria belleza. A arte prestigiosa do escriptor sabe tomar partido até da concisão dum relatório de estado maior; é a guerra verdadeira, dita por um lyrico, que, não se sabe como, conta todos os episodios com uma exactidão scientifica de admirar.

\* \*

Carros  
irrigadores

Desde alguns annos que as cidades dos Estados Unidos, onde a energia electrica está tão abundante e espalhada e onde todas as ruas são

cortadas por bondes electricos, pos-suem *tramways* para a irrigação rapida e intensa das vias publicas.

Effectúa-se esse trabalho geralmente á noite ou, então, pela madrugada quando os transeuntes não se arriscam a ficar molhados pelo enorme jacto d'agua, que, debaixo de forte pressão, limpa as calçadas e os passeios.

Na Europa, esse systema de irrigação acaba de ser adoptado em Milão, que já tem uma grande rêde de carros electricos dum desenvolvimento de 150 kilometros. Depois da adopção dos carros irrigadores, todas as manhãs, ás cinco horas, a lavagem da cidade inteira é feita, em menos de uma hora, pelos vehiculos cisternas que rodam rapidamente pelas ruas desertas.

### O Positivismo e os phenomenos psychicos occultos (1)

O estudo do homem individual, apontado pela sabedoria theocratica como o fim supremo de todas as cogitações do espirito humano e systematicamente elevado por Augusto Comte á categoria de uma sciencia positiva, epifogo objectivo e preambulo subjectivo de todas as outras, é o vasto campo onde se apreciam os mais nobres attributos, os mais complicados e especiaes que revelam os seres conhecidos.

E' na Moral, nessa sciencia das sciencias, que se agrupam os phenomenos vulgarmente chamados psychicos.

Entre elles, a sciencia positiva, assimilando os resultados adquiridos pelos pensadores theocraticos, pelo sacerdocio medieo e pelos philosophos modernos, como Cabanis, classifica os admiraveis e surprehendedentes effectos da acção do moral sobre o physico, do espirito sobre a materia, do cerebro sobre o corpo.

Enquanto os cientistas officiaes, entrincheirados nas corporações academicas, taxavam de charlatanismo os factos psychicos, apreciados por Cabanis e seus precursores, o genio do Aristoteles moderno incorporava-os definitivamente ao saber positivo, resumindo todos os idéaes, sobre o momentoso assumpto, na audaciosa utopia da Virgem-Mãe. O doutor universal manifestou até opinião decisiva sobre taes phenomenos, referindo-se aos celebres estigmas de S. Francisco de Assis.

«Vossas recentes questões, escrevia elle a um dos seus discipulos, indicam uma confusão especial, onde influencias exteriores essencialmente chimericas tornam-se a fonte de pheno-

menos incontestaveis, embóra muitas vezes exagerados e mal apreciados, devido á reacção contínua do cerebro sobre o corpo. Sou, por exemplo, tão disposto, como os italianos, a crêr nos estigmas excepçoes que precederam á morte do incomparavel reformador do seculo XIII, mas vendo nisso um simples resultado dessa reacção, num organismo eminentemente impressionavel, sem nenhum mysterioso impulso do exterior. Sob estes aspectos, como sob os precedentes, aconselho-vos que espereis os esclarecimentos e desenvolvimentos naturalmente proprios ao segundo volume da *Synthese Subjectiva*, que será concluido no anno proximo para apparecer em outubro de 1858.» (2)

Desgraçadamente não se cumpriram os votos do egregio philosopho. Uma prematura morte, a 5 de setembro de 1857. deixou inacabada a ultima obra da sua immortal trilogia: a *Philosophia*, a *Politica* e a *Synthese*.

O *Tratado de Moral*, onde se deviam desenvolver suas grandes concepções sobre o homem individual, suas apreciações sobre os attributos psychicos, não foi escripto. Entretanto, o que deixou contido, em *synthese*, nos seus tratados, opusculos e cartas, é o bastante para se reconhecer nelle o creador da verdadeira psychologia scientifica que é a Moral Positiva.

Um dos seus mais eminentes discipulos, o sabio medico dr. Georges Audiffrent, em dois notaveis tratados, desenvolveu admiravelmente as idéas principaes do Mestre sobre a sciencia do homem. No ultimo delles, publicado em 1874 e denominado—*Das molestias do cerebro e da innervação*, segundo *Aug. Comte*—apreciou especial e directamente muitos factos psychicos, que receberam então uma explicação positiva. (3)

Foi depois que o Fundador do Positivismo libertou do dominio theologico-metaphysico o estudo das relações entre o physico e o moral do homem, que Charcot, Bernheim e outros cientistas, revelaram officialmente, sob os nomes de hypnotismo e suggestão, a verdade dos factos, que, até então, as camarilhas academicas haviam rejeitado.

Mas as manifestações psychicas não se limitam, na opinião de cientistas como Crookes, Wallace e Richet, a simples effectos do moral sobre o physico em um mesmo individuo, mas ainda a acções exteriores, ligadas á presença immediata ou mediata de um determinado *sujeito*, de um *medium*, segundo a linguagem consagrada.

São os phenomenos que Aksakoff chama — *mediumnicos*, que ordinariamente se denominam — *espiritas* e mais modernamente — *psychicos-occultos* ou *hyper-psychicos*.

Dessa categoria de factos ha varias classificações, como as de Crookes, Aksakoff, Gibier e Richet. Seguimos a deste ultimo, transcripta num livro recente de Albert Coste.

São cinco os grupos distinctos dos factos mediumnicos:

1º Os factos de *telepathia*, isto é, aquelles em que um phenomeno foi sentido por A, enquanto B experimenta o mesmo phenomeno (ou um phenomeno analogo), sem que A tivesse sido advertido disso. As allucinações veridicas entram no grupo dos phenomenos telepathicos;

2º Os factos de *lucidez*, isto é, o conhecimento por um individuo A de um phenomeno qualquer, não perceptivel nem cognoscivel pelos sentidos normaes, fóra de qualquer transmissão mental, consciente ou inconsciente. Por exemplo: o somnambulo A vê um incendio que se passa a 25 kilometros de distancia, quando entre os assistentes ninguem percebe o incendio;

3º Os factos de *presentimento*, isto é, a predicção de acontecimento mais ou menos improvavel, que se realiza dali a algum tempo e que nenhum dos factos permite prevêr;

4º Movimentos de objectos materiaes não explicaveis pela mecanica normal, taes como: deslocação de objectos, sem contacto, levantamento de mesas, etc.

5º Fantasmas e aparições manifestadas objectivamente, isto é, de modo tal que não seja possivel explicarem-se pela simples allucinação do percipiente. Neste grupo entram as photographias de fantasmas, as allucinações collectivas, etc.» (4)

Todos esses factos, que cientistas modernos affirmam ter verificado experimentalmente, são descriptos e relatados em livros e tradições das mais velhas theocracias do Oriente. Os magos da Chaldéa como os brahmanes da Índia, no dizer de varios auctores, conheceram e praticaram as maravilhas que a sciencia occidental, uma vez que as constate, não deve repellir mas explicar, rejeitando só o modo theologico-metaphysico de interpretal-as.

Deante de acontecimentos tão extraordinarios como os que se classificam nos cinco grupos de Richet, o espirito, sem querer, espanta-se, e, si não for bem forte, não duvidará entregar-se ás mais vulgares superstições. Theophile Gautier já o disse numa das suas brillantes paginas: «O espirito humano, por mais emancipado que seja, tem sempre um canto onde se escondem as chimeras da credulidade e se agacham os morcegos da superstição.» (5)

Mas, si reflectirmos, si meditarmos com attenção, illuminados pelos prin-



cipios da philosophia positiva, sempre relativa e humana, nunca absoluta e divina, tudo se dissipará.

Os phenomenos psychicos occultos só se manifestam em certas condições determinadas bem características; resumem-se fundamentalmente na presença do *medium*, isto é, um ente humano, sem o qual os factos occultos se não realisariam. E' por isso que Aksakoff, espirita convencido, reuniu todos os acontecimentos deste genero sob a denominação commum de *mediumnismo*. (6)

Sem aquelle individuo, collocado em condições cerebraes especialissimas, determinadas pela acção do moral sobre o physico, revelada no estado de *trance*, os phenomenos hyper-psychicos, não se manifestariam, principalmente os que o escriptor russo considerou essencialmente espiritas, como as materialisações e a escriptura directa. Sem a força neuro-psychica de Home, Slade, Eusapia Paladino, Miss Cook e outros, as celebres experiencias de Crookes, Zöllner, Gibier, Aksakoff, Richet, nunca existiriam.

Perante attributos tão surprehendedentes, revelados nos tempos mais remotos pelos *mediums* da epocha, como ainda hoje são os *fakires* da India, o espectador primevo, aquelle que não dispunha de theorias para explicar os factos nem de factos para formular theorias, resolveu a difficuldade recorrendo ás explicações ficticias. São os deuses que regulam tudo; são os anjos, os genios, os espiritos, os seres invisiveis que governam o cosmos e o homem. Por elles, o fakir faz a germinação accelerada da semente, o asclepiade cura molestias insanaveis, corpos vibram com pancadas mysteriosas e se erguem do sólo rompendo as leis da gravidade. (7)

Mas nessa epocha primitiva não eram só as qualidades espiritas as unicas explicadas pelas revelações theologicas. A astronomia de hoje se reduzia então a simples astrologia. Não se conheciam as leis geometricas e mecanicas dos astros; a geometria e a mecanica não tinham nascido, mas julgavam-se os corpos celestes sujeitos á vontade arbitraria dos deuses e outras ficções, influindo todos na existencia physica e moral dos homens que eram mais ou menos felizes seguindo a vontade absoluta de um fetiche ou de uma divindade.

O raio era um deus ou um effeito da colera divina. Todos os phenomenos desde os mais simples attributos celestes até os mais complicados e maravilhosos effeitos psychicos ou moraes, eram attribuidos a seres inexplicaveis. A ignorancia das leis impunha a investigação das causas. A tudo se perguntava porque e a tudo respondia-se pretendendo explicar o

facto inexplicavel por meio de outro inexplicavel tambem, mas acceto como causa absoluta, inanalysavel, indiscutivel.

Porque a lua se occulta numa noite de plenilunio, num céu sem nuvens? E' porque um deus, o dragão celeste, a envolve e esforça-se por trucidar-a nas garras; o astro lucha com o monstro; dahi o escurecer-se aos terricolos. E' uma explicação theologica do eclipse da lua. Não se sabe ainda estudar as condições do phenomeno, apreciar, no meio de todos os factos concomitantes, a relação constante que o define; ignora-se a lei e inventa-se a causa, julgando explicar o facto astronomico.

Entretanto, os tempos passam, as observações se multiplicam, e dos materiaes accumulados pelas gerações successivas começam a bruxolear os primeiros arrebóes da interpretação scientifica.

E' claro que todos os phenomenos sendo tanto mais difficeis de explicação quanto mais complicados se apresentam, as theorias correspondentes deviam guardar uma certa jerarchia no seu desenvolvimento.

Assim, as primeiras theorias scientificas fôram concernentes aos attributos mais simples e mais geraes da existencia material: o numero, a extensão e o movimento.

Emquanto os phenomenos de composição e decomposição das substancias, as propriedades vitaes, os factos de ordem social e moral eram considerados como regidos por vontades arbitrarias: deuses, genios, devas, espiritos, etc., as mais simples manifestações da materia revelavam a sua immutavel regularidade. Si um intellectual da Grecia acreditava que as revoluções e as epidemias eram flagellos impostos aos homens pela colera dos deuses, nenhum acreditava que a vontade divina interviesse na legislação numerica, geometrica e mecanica. O theorema de d. Juan, as leis angular e linear de Thales, o theorema dos tres quadrados, o principio da alavanca, eram fórmulas definitivas de uma explicação racional dos phenomenos correspondentes. Por ellas se podia prevêl-os e modificá-los, fóra de qualquer intervenção divina, de qualquer arbitrio chimerico.

Depois que os attributos mathematico-astronomicos se libertaram da tutela ficticia dos deuses e entidades, successivamente o fôram as manifestações menos geraes e mais complicadas da materia: as propriedades physicas, chiunicas, vitaes, sociaes e moraes.

Foi Augusto Comte que, completando e rematando as descobertas dos seus predecessores desde Thales até Bichat e Gall, estendeu a noção posi-

tiva de lei a todas as categorias de phenomenos, inclusive os factos politicos e moraes ou psychicos.

E' hoje um lemma fundamental da philosophia que toda investigação scientifica deve concernir á determinação accessivel das leis e nunca á pesquisa inaccessible das causas.

A evolução da Humanidade prova que a ordem universal é uma construção subjectiva, constituida pela totalidade das relações de successão e semelhança que regem as varias propriedades da materia morta ou viva. Ignoramos até hoje e ignoraremos sempre as causas priuarias e finaes, o porque de todas as existencias, de todos os phenomenos. Sabemos apenas que existem e conhecemos-lhes algumas das suas relações. Augmentar o numero destas, tornando melhor conhecida a ordem que nos domina, afim de modificá-la em nosso proveito, é o verdadeiro campo da investigação scientifica.

Comtudo, não é este o criterio geralmente admittido pelos scientists communs. Ainda hoje se mantém, embóra num menor grau, a opposição entre os dois modos de philosophar, peculiare á sciencia e á theologia ou metaphysica. Si muitos não acreditam mais que os eclipses e os trovões são productos de vontades arbitrarias, outros crêem, que por taes influencias se devem explicar a formação e movimento das sociedades, as molestias, os peccados, os vicios e os crimes. Quando repellem os agentes puramente diviuos, theologicos, os substituem por entidades equivalentes, por abstracções materializadas: a força vital, o fluido astral, etc. e outras creações tão inexplicaveis como os proprios factos que pretendem metaphysicamente interpretar.

São estes intellectuaes os que se chamam pomposamente livres-pensadores, aquelles a quem, na hora presente, está confiada a cultura isolada da sciencia.

Domina nelles o mesmo espirito metaphysico de éras remotas. Ignorando leis, procuram causas. Fazem hoje com phenomenos mais especiaes e complicados o que nossos velhos antepassados fizeram com os mais simples e geraes. E' a grande lei dos tres estados que preside a todas essas explicações.

Primeiramente os phenomenos são interpretados por agentes theologicos, em seguida por entidades metaphysicas e, por ultimo, segundo leis positivas. A velocidade desta evolução é proporcional ao grau de complicação das propriedades estudadas. Dahi, coexistirem explicações positivas dos attributos mais simples ao lado de interpretações theologicas e metaphysicas dos factos mais complexos.

E' o que resulta do estado mental da maior parte dos theoristas modernos.

Meio emancipados, apenas admittem leis positivas para os phenomenos mais geraes e mais simples, emquanto investigam as causas inacessiveis dos mais especiaes e complicados.

Os phenomenos mediumnicos ou psychicos occultos pertencem á categoria dos factos mais especiaes e complexos da phenomenalidade universal. Por isso estão expostos ainda ás divagações theologico-metaphysicas.

Admittindo a veracidade delles e considerando-os como puramente subjectivos ou tendo uma realisação objectiva (o que tudo não se acha real e geralmente provado), taes phenomenos fôram, são e serão sempre desconhecidos quanto á sua origem, finalidade e essencia intima. Qual a causa que os gera? Porque se manifestam a nossos sentidos? Qual o fim delles?

Todas essas questões são insolúveis, da mesma natureza que as correspondentes sobre outros attributos da materialidade ou da vida.

Assim como constatamos que ha corpos peizados, luminosos, electricos, vivos, sociaveis, intelligentes, virtuosos, sem sabermos porque pezam, são electricos, teem vida, sociabilidade, intelligencia e virtude, tambem constatamos (si realmente se constata, como affirmam varios cientistas) que ha corpos que levitam, ha materialisações e desmaterialisações, escripturas directas, etc, sem sabermos porque se dão essas manifestações.

Em todos os casos, o espirito verdadeiramente scientifico não indaga a causa dos factos, constata-os pela observação e pela experiencia, e, no meio da variedade delles, descobre a immutabilidade das relações que os ligam, isto é, as suas leis.

Por exemplo, verifica-se que todos os corpos tendem para o centro da Terra. Porque? Ninguém sabe. Diz-se muitas vezes — é porque a Terra os attráe; mas essa explicação redundante em interpretar o facto pelo proprio facto, por outras palavras enunciado. Porque os corpos cáem, ignoramos sempre.

Entretanto, no meio da infinita variedade de quedas, Galileu achou uma relação constante, apreciando simplesmente as condições do phenomeno: *o espaço percorrido varia com o quadrado do tempo*. Eis ahí a lei scientifica, positiva, verificavel experimentalmente. Por ella prevemos e modificamos o phenomeno correspondente, em proveito do mundo e da sociedade. E' o que podemos fazer e nos basta.

No emtanto, a causa do acontecimento physico, a sua natureza intima, nos escapam. Porque o corpo, em vez de cair, não sóbe? Porque não é outra

a relação entre o espaço e o tempo? Ignora-se. O que se constata, o que a experiencia prova, é que os corpos cáem e o espaço e o tempo guardam a relação achada.

Procedam assim os cientistas, preoccupados com os phenomenos psychicos occultos. Supponhamos que se prove a existencia real da levitação, que tal facto se harmonise com o da gravidade. Observados todos os casos de levitação, usada uma judiciosa experiencia, acha-se, por exemplo, este principio: *Em certas condições os corpos levitam na razão inversa do seu pezo e do cubo da distancia*. Porque levitam? Não se sabe. Constata-se o phenomeno e determina-se-lhe a lei correspondente.

Admittamos agóra a prova de todos os outros phenomenos occultos: as aparições, a escriptura directa, etc.

Desde que se conheçam, pelos processos logicos usados pela sciencia, as condições em que elles se realizam subjectiva ou objectivamente, não se tem mais do que descobrir as relações constantes que os regulam sem procurar-lhes as causas primordiaes, tão inacessiveis como as das propriedades mais elementares.

Por este meio podemos achar, por hypothese, que *um phantasma se forma tanto mais rapidamente quanto mais profundo fôr o somno do medium*. Eis ahí uma lei segundo a qual se geram phantasmas, si realmente taes factos são comprovados pelos processos scientificos.

Mas, dizem, como explicar essas aparições de individuos mortos sinão admittindo que, durante a vida, nelles coexistia ao lado do corpo uma outra materia immortal: a alma, o espirito, o fluido vital, a força psychica, etc.?

Respondemos que, admittindo mesmo taes factos se verifiquem, (o que não está realmente provado) factos que devem resultar, si fôrem verificados, de attributos ainda desconhecidos da nossa natureza moral ou psychica, a explicação dos espiritistas nada explica; só faz remontar a dificuldade, substituindo um mysterio por outro. De facto, como conceber a coexistencia em vida dessa dupla materia? Si os phenomenos chamados de materialisação e desmaterialisação espantam o observador, a interpretação espiritualista delles não é menos espantosa nem nos afasta do mysterio, que permanece o mesmo.

O facto em si, na sua essencia, é inexplicavel como qualquer outro já bem estudado e conhecido. Delle só podemos saber a lei reguladora depois que suas manifestações fôrem bem comprovadas, harmonizando-as com os dados da sciencia universalmente acceita e não pretendendo explical-as por hypotheses tão inexplicaveis como

os acontecimentos que procuram interpretar.

Tambem é um mysterio a formação das imagens nos espelhos. Porque deante de um espelho plano um objecto collocado váe apparecer integralmente no fundo do mesmo espelho, sem lá estar, e ser apenas percebido pelos órgãos visuaes? Não se sabe. Entretanto, o facto se reproduzindo sempre e apreciadas as condições em que se reprodúz, acha-se a lei immutavel que o regula: *a imagem é igual ao objecto, virtual, directa e symetrica*. Porque assim é? Ignora-se.

Com este criterio, que é o da philosophia positiva, todos os phenomenos, por mais surprehendedentes que nos pareçam, são ou serão explicados scientificamente.

O dever do cientista é determinar leis e não procurar causas; applicar aos phenomenos mais particulares do mundo psychico o mesmo criterio positivo que se applica aos mais geraes do mundo physico; maravilhar-se deante da rara aparição de um phantasma como na presença diurna do sol, mas descobrir no estudo de ambos as leis immutaveis que os regulam, ignorando sempre o mysterio inacessivel da existencia de um e de outro.

Não sabemos porque os sêres existem mas sómente como existem. Devemos estudar os factos que se nos manifestam sem nos preoccuparmos com a sua origem primaria, sempre mysteriosa.

Apura-se que os corpos vivos realizam phenomenos analogos aos do iman; procuram-se logo as leis que os regem sem nos perdermos no labyrintho impenetravel de causas chimericas.

A força magnetica e a neuro-psychica devem apenas ser consideradas como o enunciado abstracto de propriedades da materia; abstracções scientificas e nunca entidades ontologicas. E, assim como se conhecem as leis que regulam a primeira, podemos achar as que governam a segunda. Sempre o mesmo criterio scientifico, que Augusto Comte estabeleceu definitivamente para o estudo e apreciação de todos os phenomenos: a determinação accessivel das leis em vez da investigação infructifera dos causas.

Orientado por estas convicções philosophicas, o cientista haverá descoberto os verdadeiros principios scientificos que regem os chamados phenomenos psychicos occultos, sejam elles puramente subjectivos ou objectivos.

Primeiro se devem accumular factos e depois formular theorias.

Na epocha preparatoria da Humanidade, quando se ignorava a marcha da evolução, era natural o exame desordenado dos factos e a formação prematura de theorias ficticias para

explicarem acontecimentos cujas leis se ignoravam.

Hoje, porém, quando a noção positiva de lei foi universalmente demonstrada por Augusto Comte para com toda a phenomenallidade, a attitude do scientista é reunir as observações e experiencias e, fundado nellas, só formular hypotheses scientificas para explical-as e nunca theorias chimericas theologicas ou metaphysicas.

Objectivos ou subjectivos, de ordem inteiramente exterior ou resultados da nossa organisação nervosa, os phenomenos psychicos occultos, uma vez effectivamente comprovados, merecem uma interpretação positiva e não uma rejeição negativa.

E' essa interpretação que escapa á maioria dos cultores da sciencia, evadidos, apesar de uma pretendida emancipação philosophica, de manifestas concepções ontologicas.

Assim é que, negando primeiro, absolutamente, os factos, chamando-lhes charlatanismo, como fez, em tempos, o famoso William Crookes, acabam por acceital-os, pretendendo explical-os mais ou menos metaphysicamente.

No dia, porém, que taes phenomenos fôrem investigados pelos espiritos encyclopedicos, dotados de saber e character, libertos de todos os preconceitos, quer materialistas quer espiritualistas, emancipados completamente de toda idéa theologico-metaphysica, esses attributos superiores da existencia, os ultimos a se incorporarem definitivamente na encyclopédia da sciencia universal, terão sua verdadeira e unica explicação, que é a determinação positiva de suas leis reaes.

E' o mesmo pensamento que, em 1875, exprimia Eugenio Sémérie, o illustre medico da Escola Positivista, discipulo immediato de Augusto Comte. «O magnetismo animal, diz elle, o *espiritismo*, o hypnotismo, que succedem á possessão, á feitiçaria, ainda não receberam, a meu ver, uma explicação sufficientemente positiva. *Entrarão cedo ou tarde no dominio da sciencia que explicará tudo sem fluido nem vontade, sem metaphysica nem theologia*». (8)

E' o que succederá emfim quando todas as intelligencias cultas, consagradas ao estudo dos phenomenos mediumnicos, se libertarem do regimen ontologico que inconscientemente ainda as domina.

Perante elles, a sciencia positiva procede como perante todos os attributos que a materia revela. Examina-os, verifica si se trata de factos reaes ou métras ficções. Neste caso rejeita-os, e naquella trata de conhecer as relações constantes que os ligam sem indagar os enigmas indecifráveis e inuteis de sua origem ou natureza intima. Si o seu estudo revela factos de tal ordem

que parecem contradizer leis estabelecidas, o scientista deve multiplicar as observações e experiencias antes de formular theorias contradictorias; certo então se tem de encontrar emfim os principios harmonisadores dos factos aparentemente incoherentes. Ainda quando taes principios não fôrem achados, novas leis se substituirão ás antigas, desde que novos dados a isso nos levem. Assim se procedendo, não se fará mais do que applicar a lei-mãe de todas as leis, a regra fundamental da philosophia positiva, descoberta por Aug. Comte: *Formar a hypothese mais simples e mais sympathica que comporta o conjuncto dos documentos a representar*. (9)

A relatividade do dogma positivo, que é a sciencia, liberta de toda entidade e só constituida pelo conjuncto das leis naturaes, permite apreciar todos os phenomenos, sem se sentir abalada em seus fundamentos. Desde que se comprove por meios logicos e scientificos, analogos aos que se empregam no estudo de outros phenomenos, a manifestação de um attributo, considerado a principio como maravilha ou milagre, passa elle a pertencer á categoria de facto natural e, por consequencia, susceptivel de explicação perfectamente scientifica. Esta pôde não ser dada immediatamente, quer por insufficiencia de observações e experiencias, quer por defeito inherente á natureza moral dos observadores; mas então deve-se aguardar a sufficiencia daquellas e aperfeiçoamento destes para formular-se a respeito uma hypothese real, uma verdadeira lei, em vez de fórmulas ficticias que nada explicam.

Os phenomenos psychicos occultos ou hyper-psychicos ou mediumnicos, si realmente estão verificados, não vêem, pois, abalar a sciencia positiva e, por conseguinte, a construcção religiosa de Augusto Comte, de que aquella sciencia é o dogma real.

Apenas o seu estudo, como o de quaesquer outras novas pesquisas scientificas, deve ser adiado até que se realize a regeneração humana com os conhecimentos que a Humanidade adquiriu pelas ultimas concepções do maior dos Philosophos. E' esta prescripção do pensador universal, que é acolhida com verdadeiro fervor por seus fieis discipulos.

Desde que se acredita que Aug. Comte decifrou o enigma dos seculos, fundando o Positivismo, e que, por isso, a evolução humana, em vez de espontanea, se pôde tornar systematica, nada mais natural do que convergir todos os esforços para pôr em pratica o idéal futuro, deduzido do passado, com os elementos que já possuímos na sciencia, na poesia e na industria.

Uma vez realisada essa aspiração, os intellectuaes do porvir irão desenvolvendo os progressos theoricos necessarios ao aperfeiçoamento humano, não mais anarchicamente mas com meticolosa ordem.

Então, o que nos resta ainda conhecer, todo esse mysterioso mundo psychico, será o objecto de estudos conscienciosos, não de theoristas especiaes, aridos e frios, sem ardor social, muitas vezes sem moralidade, mas de pensadores encyclopedicos, devotados ao bem publico e reunindo a virtude ao saber.

Essa norma da conducta positivista, logicamente explicavel por justos motivos sociaes e moraes, não implica a negação peremptoria de certos phenomenos nem o receio de, sendo elles estudados, verem-se abaladas as leis scientificas em que o Positivismo funda o seu dogma.

Quaesquer que sejam os attributos da materia morta ou viva, desde que se comprovem pelos meios normaes da prova scientifica, o Positivismo os acceita sem incoherencia, pois o seu regimen é o das leis e não o das causas. O que pôde fazer é apenas adiar por inopportuna ou inutil a sua cultura actual.

Neste caso estão os estudos de mediumnidade e mil outros a que se entregam os scientistas contemporaneos, quasi todos alheios á tremenda crise por que passa a sociedade moderna, principalmente a occidental.

Reorganizar as opiniões e os costumes por uma fé unanime, inspirada na fraternidade universal, é o objectivo primeiro dos que, sabios ou ignorantes, mas dotados de devotamento social, desejam estender a todos um regimen de felicidade onde a arte, a sciencia e a industria não sejam apenas o monopolio odioso de um pequeno grupo de gozadores, explorando a massa, que vive sem sciencia, sem arte, sem industria, e, o que é mais, sem casa e sem familia.

E' esta exclusiva preocupação social que afasta os verdadeiros positivistas actuaes de novas investigações scientificas, inclusive dos celebres estudos de mediumnismo ou hyper-psychologia, segundo os nomes que lhe dão modernamente os seus cultores.

No emtanto, ha de ser justamente aos pensadores positivistas do futuro que de taes phenomenos, deparados de tudo que nelles possa haver de chimerico, ha de caber a explicação verdadeiramente scientifica e positiva.

O Positivismo é eterno como a Humanidade, mas, como ella, relativo e modificavel.

Assim, quando mesmo todas as leis scientificas sejam um dia transformadas, quando, por novos dados, fôrem conhecidas, novas formulas se insti-

tuam, a obra philosophica, que resume todas, a synthese das syntheses, perdura, pois então nada se fará que não seja a applicação do principio fundamental della, a que citei, regra inicial de Philosophia Primeira. Surgirá uma nova construcção que não será sinão uma hypothese mais simples e mais sympathica de accordo com os novos documentos. Variará a fórma apparente, mas a estructura essencial ficará a mesma.

Neultima descoberta, portanto, passada, presente ou futura, poderá destruir os fundamentos inabalaveis do Positivismo.

Os phenomenos psychicos occultos nada provam contra a immortalidade synthese.

#### REIS CARVALHO.

(1) Deste assumpto já tratámos ligeiramente numa divagação litteraria sobre a mão de uma artista celebre, publicada na *Noticia*, de julho de 1902.

(2) AUGUSTE COMTE. — *Correspondance inédite*, t. 3, pag. 303, Lettre á M. Alfred Sabatier, le 6 Charlemagne 69 (23 Juin 1857).

(3) DR. GEORGES AUDIFFRENT. — *Des maladies du cerveau et de l'innervation*, d'après Aug. Comte, ch. VII, art. III, pag. 629-646.

(4) DR. ALBERT COSTE. — *Phenomenos psychicos occultos*, ed. Garnier, Rio de Janeiro, 1903, pag. 24-25.

(5) TH. GAUTHIER. — *Jettatura*, romance.

(6) ALEX. AKSAKOFF. — *Animisme et Spiritisme*.

(7) LOUIS JACOLLIOT. — *Le Spiritisme dans l'Inde*. — DR. PAUL GIBIER. — *Le Spiritisme ou Fakirisme occidental*.

(8) DR. EUG. SÉMÉRIE. — *Des Symptomes Intellectuels de la Folie*, pag. 96.

(9) AUGUSTE COMTE. — *Système de Politique Positive*, t. IV, pag. 173-174.

#### SCIENCIA E INDUSTRIA

*O helium — Os factos provam que o radium se transforma em gaz — Gaz irreductivel, 271° o frio absoluto.*

Ha muitos annos, se conseguiram liquefazer todos os gazes, considerados outr'ora permanentes. Pôde-se liquefazer e mesmo solidificar em neve o ar atmosferico formado de uma mistura de oxigenio e azoto; mas o hydrogeneo, gaz que, combinado com o oxigeno, fórma, como sabem, a agua e resistira durante muito tempo aos nossos meios de coerção, foi afinal liquefeito numa temperatura de 223° abaixo de zero.

Podia-se, portanto, affirmar que todos os gazes se liquefaziam; mas uma excepção resta: a de um novo gaz que tem sido, até agóra, recalcitrante, o helium, cuja originalidade essencial consiste em ter sido descoberto no Sol antes de ser encontrado na Terra. A analyse espectral permite descobrir os corpos existentes em vapor no Sol, onde se notaram fachas que não cor-

respondiam aos corpos conhecidos na Terra, e esse corpo estranho foi denominado helium, excitando muito a curiosidade dos astrónomos.

Um bello dia, foi isolado de certos mineraes um gaz que, observado ao espectroscopio, forneceu exactamente as mesmas fachas caracteristicas do corpo descoberto no Sol: era o helium.

Assim visto no Sol, baptisado no Sol, foi mais tarde collido na Terra.

Esse extraordinario corpo exhibia uma outra originalidade. O anno passado se havia contestado que as emanções do radium, o famoso metal enigmatico, se transformasse, em ultima instancia, em gaz. Os factos affirmam agóra o phenomeno: o gaz do radium é o helium.

Haveria grande interesse philosophico e, talvez, pratico, em liquefazer o helium para approximal-o dos gazes communs todos liquefeitos. James Dewar, eminente physico inglez, collendo o helium emanado da fonte de Balli, atacou o problema, até agóra sem successo. Olszowski de Cracovia extraiu o gaz de um mineral — a thorianite; comprimiu-o sob 180 atmosferas e o resfriou no oxigeno ao ponto de se solidificar e depois dilatado bruscamente. Assim se obteve a mais baixa temperatura conhecida, 271°. O helium continuou na fórma de gaz.

Essa resistencia é curiosa, porque a temperatura de 271° attinge o zero absoluto, ao ponto em que o frio não pôde ser maior, fundamentando a hypothese de ser o helium um gaz irreductivel e, por consequente, excepcional.

\* \*

*O oleo de ricino. — Novas applicações. — Succedaneo do petroleo. — Consumo de quatro milhões e meio de litros.*

O oleo de ricino, cujas propriedades therapenticas são demasiadamente conhecidas, váe tendo, cada vez mais, diversas applicações, dando grande incremento á planta que o produz e grandes compensações, principalmente na America e India Inglesa, onde é muito abundante.

A industria já o utilizava vantajosamente na fabricação de sabão e como lubrificante de machinas. Esse producto encontra, agóra, nas colonias inglezas, asiaticas e africanas, nova e rendosa clientela na illuminação, onde substitue com vantagem o petroleo. Os chinezes o empregam na cosinha como succedaneo da banha e, ha muito tempo, os americanos o adoptavam no mesmo mysterio. Nos Estados-Unidos, particularmente, no campo, é com o oleo de ricino que se sovam os sapatos, os arreios e se preparam as pelles e couros.

Mas o seu maior consumo se faz na lubrificação, que se eleva, sómente na America, annualmente, a um milhão de galões, ou quatro milhões e meio de litros. Os acontecimentos de Baku, influindo durante um certo periodo na producção e nos mercados, forçarão a adopção de um modo mais contínuo e intenso do oleo de ricino na illuminação das grandes usinas e, generalisado, em taes condições, aperfeiçoado e simplificado como está sendo pelos inventores, offerecerá aos agricultores dos tropicos um lucrativo genero de cultura, facil, barata e quasi espontanea nas zonas estereis.

O oleo de ricino poderá ser, como lubrificante, um lucrativo artigo de commercio, no Brazil.

\* \*

*O jacaré. — O grande commercio da sua pelle. — Sua destruição inútil no Brazil, particularmente na ilha do Marajó.*

O jacaré desaparece, na America do Norte absorvido pelo commercio de sua pelle, muito procurada para toda a sorte de artefactos de luxo.

O massacre desses saurios continúa em proporções taes que elles representam apenas 2% do que eram ha 25 annos. No ultimo quarto de seculo, sómente na Florida, fôram exterminados dois e meio milhões.

No Brazil, particularmente na ilha Marajó, os jacarés são destruidos aos milheiros, quando as aguas baixam e elles ficam immobilisados nos pequenos poços lamacentos que ficam no interior da ilha; são incinerados em montões, destruindo-se sem piedade, barbaramente, os grandes valores mercantis representados pelas suas pelles preciosas.

#### A PROPOSITO DO CLUB MEDICO E DA REFORMA DO VESTUARIO

Quem sabe ao certo desde quando vinha germinando, em cabeças esculpicas, a idéa generosa da fundação necessaria de um club que fôsse o centro de reunião dos medicos desta adoravel cidade? Ninguém o sabe ao certo.

Um sei eu que, desde o dia, entre outros felizes da sua existencia, em que visitou a alegre Inglaterra sentiu aninhar-se-lhe no bestunto essa idéa de solidariedade, e a vinha, desde então, prégando aos seus intimos e immediatos companheiros de trabalho, numa propaganda tranquillã, mas pertinaz.

O que se sabe, afinal de contas, é que um grupo de homens de boa vontade, capitaneados pelo sympathico e insinuante Graça Couto, fel-a des-

abrochar, e, quasi a esta hora, fructificar, desd'a sua sessão solemne de fundação na qual foi acclamado presidente o illustre hematologista brasileiro o sabio dr. Fajardo, que lhe emprestará o brilho e a animação das suas luzes intellectuaes. Não fôsse a fallia primitiva da acclamação do directorio inicial, tudo só poderia ter os applausos da opinião. Porque, senhores meus, isso de acclamações cheira a partidarismos políticos, um tanto deslocado entre homens que se prezam de ter alvedrio para eleger a quem bem lhes pareça. Ainda bem que desta vez a coisa correu de modo satisfactorio. Poderia, porém, ser peor.

Emfim, como lá disse o calvo dictador romano o traspasar o Rubicon, muito mais facil de vadear do que muitas outras barreiras e torrentes idéaes de opinião: *alea jacta est!*

Ora, uma das mais justas e a pessima das preocupações do gremio, parece haver sido a reforma do traje masculino e, como natural consequencia, a modificação do vestuario da graciosa e terna companheira do homem. O momento não podia ser mais propicio, agóra que a lanstos largos inspíramos o ar que nos vem dos lados do mar pela extensão da nossa *Avenida Central*, essa via sagrada dos uossos interesses e melhoramentos, cujo custo pagaremos satisfeitos, porque não serão bastante peizados os sacrificios que se nos impunham para isso.

Talvez, ainda haja, aqui, logar para louvores ao benemerito e esforçado sr. ministro da Industria que, si é irresponsavel, como secretario d'Estado, perante o nosso pacto fundamental, é, talvez, o unico a cujo labor deva a Capital do paiz esse beneficio incomparavel, não esquecendo os seus grandes auxiliares, entre os quaes sobresaé o dr. Frontin e os notaveis levantadores e moralisadores do nosso credito, o que nos permittiu ter esse admiravel *extra* em materia de civilisação.

Que o traje seja claro e, acima de tudo, leve; claros os chapéos, botas e piúgas, disseram os entendidos... Tudo isso é muito bem aconselhado. Não basta, porém, que se usem os tons claros, mas que as fazendas tenham a textura aconselhada pelos higienistas modernos. Não é indifferente trajar-se lã, sêda ou linho, nem indifferente a espessura dos estofos das confecções. Tenha-se em conta, numa cidade como a nossa, exposta ás mais rapidas e subitas variações de temperatura, o regimen dos ventos e a quota da humidade atmospherica, aqui onde o gráu hygroscoptico do ar é tão elevado. O principal beneficio das vestes é proteger o uosso corpo contra as variações da temperatura

exterior e, nos climas frios, oppor-se á perda do calorico feita incessantemente pela superficie da pelle, por contacto, por evaporação e irradiação. Nos climas como o da zona que habitamos o seu principal papel é pôr um obstaculo ao aquecimento do corpo pela acção directa dos raios solares.

Uma das mais importantes questões em pontos desses é saber-se da condutibilidade thermica das diversas materias primas das quaes se fabricam os estofos, e a textura desses, conforme dizia ha pouco.

O que faz com que um tecido seja bom conductor de calorico não é o facto de ser elle de sêda, de lã, ou algodão, é a quantidade de ar que podem reter as suas malhas; não é a composição do estofos, porém a sua estrutura, que constitúe um obstaculo á perda do calorico. Sabe-se que o poder de condutibilidade do ar é fraquissimo: é de cerca de 100 vezes inferior ao das materias primas com as quaes aquelles são fabricados. E' o ar que se mantém immovel na superficie do nosso corpo e nas malhas dos tecidos que se constitúe o verdadeiro agente de protecção contra a perda do calorico; dahi, o conhecer-se que os estofos cujas malhas são um pouco frouxas são mais quentes do que aquelles cujo tecido é apertado, e que um vestuario moderadamente amplo, que mantém nma camada de ar interposta entre a pelle e a sua superficie interna, caso seja sufficientemente fechado para impedir a circulação e o accesso do ar exterior, protegerá melhor contra o frio do que nma veste collante. As roupas, mesmo finas, mas supperpostas, protegem melhor, ás vezes, do que um vestuario mais espesso e menos abundante em camadas, e pelo motivo acima exarado.

E' egualmente util conhecer-se o poder absorvente dos estofos. Das engenhosas experiencias de Conrlíer, feitas ao ar livre, resalta a noção de que só os tecidos de algodão mantiveram temperatura thermometrica abaixo da do ambiente.

Não deixa tambem de ter interesse qual a côr do vestuario que tornará menos sensível o seu poder absorvente. A pratica já indicou que é a preto, cujo poder absorvente é mais intenso e, por ordem seriaria, depois, vem o azul, o verde, o vermelho, o amarello e finalmente o branco, razão por que toda a gente, mórmente as senhoras e senhoriinhas devem preferir o branco e tons approximados para os seus graciosos trajes de verão. Tem-se tambem de considerar nas vestes o seu poder hygroscoptico, embóra se conheça que todos os tecidos são mais ou menos absorvedores de humidade ambiente. São as de lã aquellas cuja capa-

cidade é maior; depois as de sêda, algodão e linho. Caso se tenha em mente a rapidez e facilidade da dissecação—dellas se verifica que vem em primeira linha a sêda, depois o algodão e o linho e, por ultimo, a lã, na qual a evaporação se faz dum modo lento e uniforme.

E' essa propriedade da lã que a torna preciosa para a confecção das vestes que devam ser trazidas directamente sobre a pelle, a fim de absorverem o melhor possivel a agua eliminada pela perspiração insensível ou pelos suores profusos da superficie cutanea. A flanela absorve tres vezes seu pezo de suor ao passo que o algodão retém apenas uma vez e 1/3.

São as vestes de lã aquellas que devem trajar os trabalhadores braçaes e os soldados em campanha, motivo pelo qual Hiller as julga unicas uteis para o vestuario militar.

Um collete de flanela não deixa de convir a certos individuos cuja impressionabilidade seja exaggerada ás mudanças subitas de temperatura e devam viver fóra das mutações continuas della, como os arthriticos, que são legião entre nós. Não é isso motivo, porém, conforme dil-o muito bem Guiraud, para que se devam habituar as creanças ao seu uso. Muito ao contrario, sempre que mostrem ellas tendencia a resfriamentos por languor das funcções cutaneas, que se recorra a loções frias, as quaes habituarão a sua pelle tenra ás reacções necessarias. O typo do vestuario higienico seria aquelle que, sendo permeavel ao ar, fôsse de todo impermeavel á agua, como certas télas hoje em uso para *water proofs* masculinos, um tanto em vóga aqui.

A proposito de *water proofs*: pena é que as senhoras, entre nós, *ad instar* das inglezas, não se habituem trazellos de fazendas ou télas como aquella a que acima alludi. Quanto aos cavalheiros deixe aconselhá-los a não comprarem as celeberrimas capas de borracha, que são um verdadeiro opprobrio á hygiene, porquanto nem protegem contra o frio, pois nenhum ar retém em suas malhas, nem contra o calor, pois que se oppõem á perda do calorico pela evaporação util. E' mistér condemnal-as, sem piedade, como contrarios ao bom gosto e ás mais comensuadas regras de sciencia.

Si não tenesse cair no detalhe, desde já formularia um voto energico contra ontro habito ou moda que váe ganhando raizes nesta quasi ex-aldeia grande. Refiro-me ao do uzo dos chapéos de oleado, que impuzeram agóra a creanças. São vistosos, elegantes e o mais que entendam. Talvez mesmo nteis em Petropolis, ou nos dias chuvosos e de baixa temperatura aqui; mas são absolutamente contra indi-

cados para os passeios habituaes na mór parte dos dias em que a temperatura faz coegas á columna do thermometro propelliudo-a para cima.

Não ha mistér, porém, que um objecto de uso seja util para que seja adoptado em *simiopolis*.

Basta que — *Femina, Madame*, ou qualquer outro dos *magazines* ou jornaes de modas o consigne nas suas photographias de scenas da vida do boulevard St. Honoré, onde domina o *millon*, ou em qualquer outro centro de elegancias menos aprimoradas, para que desde logo seja appropriado.

Lembram-se os senhores do *uso immoderado* que se fez, váe para algum tempo, das *bôas* de pennas, das *estoles*, etc., etc.? Pois a muito bôa gente vimos todos nós empnuhadas nas ditas, por uma temperatura senegalesca! Mas que querem? era moda! O que peorava, era a designação barbara que deram ás *bôas* chrismando-as de *boás*, genero masculino, como si o nosso riquissimo vocabulario não tivesse a palavra propria para o fim de designar o gracioso objecto e simile da cobra donde lhe veio o nome. *Um bôá*, pasmem amigos!! Ah! manes de Castro Lopes! E assim é que enriquece uma lingua! E' verdade que, por processos peorissimos muita gente chega á riqueza e ás honras, concordemos! Chapéos de palha e de cipós diversos são os que pôdem couvir á petizada e á gente grande. Observem os senhores como já vão sendo desdenhadas as plumas e quejandos enfeites que outr'ora pompeavam, indefectivamente, nos chapéos das senhoras. O bom senso váe fazendo, e fará com segurança, tenhamos fé, obra ingente de depuração. Sapatos claros no verão, sejam de couro ou télas quaesquer. Alpercatilhas para as creanças, afim de que se lhes não achinezem ridiculamente os pés e mais tarde, quando mulheres, não adjudiquem á sua natural vaidade, mais essa de calçar um centimetro a menos do que a visinha. Emfim, em muitos pontos, outros referentes ao traje de ambos os sexos, poderá exercer-se a actividade conselheira do *club* cujos arestos serão, sem duvida, acatados e devidamente respeitados.

Digamos agóra duas palavras sobre uma questão de ethica que corre parellhas com a do vestuario.

O traje fará ou não o monge, conforme as circumstancias. Como distinguir-se-á, comtudo, esse nentro moral sem as suas talaes apparencias?

Não vou ao ponto de exigir traje o medico da actualidade como o seu antepassado doutras éras: roupas longas, chapéu em funil, *fratise*, ou amplo cabeção de rendas e seringa em punho para dominar a legião dos males, com os quaes se tinha elle de atre-

ver. Força é, porém, confessar que elle empresta, a quem o enverga, algumas qualidades extrinsecas de classe, e a imaginação popular chega a expendel-a, syntheticamente, nesta fórmula e expressiva phrase: fulano não tem cara de medico! Deixa-o elle de ser, e, ás vezes, dos mais abalisados, si não tem o frontespicio proprio aos homens da arte, caso seja um medico de valor real?

Restos e influencia da lithurgia catholica, murmuram outros; que nenhuma razão tem de ser, actualmente, neste seculo do radium, para chrismar o successor daquelle que foi o das luzes. Concordo com isso. Que se pense, porém, na imaginação escaldante de latinos acclimados, que nós somos, e logo ver-se-á que o ponto em si não é de tão facil solução como parece.

Vá lá um medico novel e que, sob os auspicios de um grande talento, como era o do fiuado Pacheco, encetar a clinica numa grande capital, de roupa de brim, chapéu de palha, sapatos brancos, de loua, e o mais! Começará e acabará por não ter um doente sobre o qual descarregue os seus Stokvis, A. Robin *et reliquia*. Que chegado ao fastigio da carreira elle assim proceda, ainda de accordo. Porque do alto é que devem vir os bons exemplos. Já o velho orgão do nosso jornalismo, em *varias* de alcance real, expenden a sua doutrinaria e ponderada opinião; e, para fartalecel-a, trouxe exemplos de relevo, fortalecedores dos seus conceitos. Numa caíu, porém, que força é escovar-lhe a memoria. Disse-se alli, que em Londres, no verão, *toda a gente* traja vestous claros, chapéos leves, etc.

Ha nisso um engano sem valor, mas que convém correcto.

Saibam todos quantos este virem, na fórmula dos editaes, que o negociante loudrino, o homem que peza nas balanças do *Royal Exchange*, veste, *em geral*, sobre-casaca, cartola e as respectivas luvas, mesmo no verão, em plena *season*.

Haverá multiplas excepções, mas uma maioria regular assim procede. E' porque? Porque o negociante é, dos filhos da velha Albion, o homem em situação, o mais valioso della; é o negociante que, dominando no commercio, lhe invadiu a nobreza porque com ella hombraou pelo trabalho.

Veremos, no artigo seguinte, as modificações que outros meios teem imposto ao traje...

DIAS DE BARROS,

Profesor na Faculdade de  
Medicina

Vendem-se colleções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### A PORORÓCA

E' noite: canta o grillo na parede  
Da casinha de taipa do roceiro;  
No céu americano a lua espia  
Meio mundo, com rosto prazenteiro.

Como uma fita de galão prateado,  
Além se estende o esteirão do rio,  
Na ribanceira as garças somnolentas  
Adormeceram trémulas de frio.

As cannas bravas languidas se encurvam  
Do vento ao doce afágo, a correnteza  
Da flecha arrasta as plumas que, boiando,  
Somem-se além, na volta, com presteza.

O pescador amarra, cuidadoso,  
Sua canôa, no mourão do porto,  
E recolhe o espinhé de dentro d'agua,  
Que dá aos seus filhinhos o conforto.

De subito, um rumor surdo se escuta,  
Ao longe urrundo, como na malhada,  
A's deshoras em busca do novilho,  
Urta a onça feróz e mosqueada.

Cresce mais o ruído... Da ingarana  
As jassanans levantam-se com medo,  
E vão buscar um pouso mais seguro  
No raminho mais alto do arvoredo.

Cresce mais o ruído... De repente,  
Do rio, lá na volta, se levanta  
Uma muralha d'aguas e de espumas,  
Que de tão alto e grande a vista espanta.

Róla aquella avalanche! Como um pôtro,  
O rio corcoveia e eriça o dorso!  
A custo as grandes arvores supportam  
Aquelle embate com supremo esforço.

E' ella! é ella! — a pororóca infrene!  
Na frente galopeiam «cavalleiros»  
E' ella! é ella, que se empina e salta,  
Como um bando de lóbos carniceiros!

E' ella! é ella! envolta entre as espumas  
A surucr'ujú as guélas escancára,  
E, luctando, se encontra c'o cadaver  
Da avermelhada e feia capivára.

Legião infernal — entre seus braços  
Traz madeiros enormes esgalhados;  
Sóbe ás ribas mais altas e roncando  
Cospe a baba nos cedros respeitados.

Lá váe... E' ella! — a pororóca infrene!  
Passou veloz, e as aguas se elevaram...  
Apenas ouve-se um rumor ao longe,  
E avistam-se os destróços que ficaram.

CELSE DE MAGALHÃES.

\* \* \*

### TOMADA DE CEUTA

Logo que a manhã começou a romper, principiaram a cortar a alvorada os silvos estridentes dos apitos. As guarnições, a postos, preparavam-se para o combate. Com os ferramentaes nos braços, de martello em punho para pregarem os arnezes, andavam

uns. Outros atacavam os gibões, outros afiavam as adagas, outros espreguiçavam-se, afugentando o sono, enquanto provavam as armas, tomando as factas nas mãos, ou desembainhando e brandindo as espadas. O rumor surdo que vinha de terra com a manhã, dizia andarem por lá na mesma faina. Todos, mais ou menos, previam a possibilidade de ser esse o seu ultimo dia; e, examinando as rudes consciencias, confessavam os peccados aos frades, que de cruz alçada iam pelas toldas dos navios, distribuindo absolvições e benções.

D. João I, ferido numa perna e coxeando um tanto, andava numa galeota pelo meio da armada, dando as ordens do combate: d. Henrique seria o primeiro a desembarcar: logo que o vissem em terra, acudissem a esse ponto. A manhã aclarára de todo já, o sol despontava no horizonte. E João Fogaça, védor do conde de Barcellos, não podendo conter-se, lançou-se com um punhado de homens num batel e vogou para a praia. Foi o primeiro a desembarcar, com grande raiva de d. Henrique, que logo se precipitou. As trombetas atroavam o ar, os gritos ensurdeciam, o desembarque era geral, a lucta estava travada.

O combate foi um momento. Ennovellaram-se na praia com a chusma dos mouros, que em vão pretendiam embargar-lhe o passo; e dessa primeira parte da acção apenas ficou memoria dum nubio ou sudanez, agigantado, nú e negro como um corvo, cujo aspecto de selvagem, beiços espessos, dentes caninos, olhos em sangue, assustavam os portuguezes. Combatia á pedrada, e Vasco Martins, de Albergaria, varou-o com a lança, depois delle lhe ter feito ir pelos ares a viseira. Mas, num impeto, os atacantes arrojaram-se contra a porta da Almina, entrando por ella de roldão. Era o infante d. Henrique e a sua gente. A este tempo desembarcavam d. Duarte e o conde de Barcellos, d. Pedro e o proprio rei que vinha coxeando. Ceuta podia dizer-se tomada: só o castello resistia ainda, mais foi logo abandonado. Quando os vencedores lá entraram, acharam-no vazio. O maior trabalho do dia consistiu em chaciuar mouros e saquear a cidade, vindo dahi o desprezo, em que os nossos homens ficaram tendo esses inimigos, e a cruel desillusão mais tarde, quando foi da tragedia de Tanger. Morreram ao todo oito christãos.

Durante a refréga, enquanto d. Henrique e os seus andavam pelo interior da cidade matando os mouros, correu a vóz e vieram dizer ao pae que estava morto. O rei, impassivel, voltou: «E' a sorte commum dos guerreiros.» E seguiu o seu caminho, sem mostrar alteração de gesto, nem a tris-

teza que instantaneamente lhe apertou o coração. Mas, quando se encontrou com o filho, vivo, apertou-o a si num impeto, e, fazendo-o ajoelhar, logo allí o armou cavalleiro.

O saque da cidade foi estupendo. Ceuta precedeu Veneza, que precedeu Lisbôa, no emporio do commercio das Indias. As ruas pareciam uma feira. Os bésteiros, aldeões brancos, trazidos das montanhas de Traz-os-Montes e da Beira, ignoravam até o valor das coisas que destruíam, com violencia dura de serranos semi-barbaros. Saíam das suas choças de colmo, ou das grutas de trogloditas, abertas no granito entre duas lages, e achavam-se vencedores e amos nos palacios dum luxo requintado, pisando os pavimentos de tijolos vidrados a côres, sob os tectos de páu de cedro apainelados, debruçando-se nos balcões de marmore arrendado, mirando-se no espelho polido do alabastro das bacias e tanques dos pateos ajardinados, rebolando-se como onagros nos colchões fôfos de pennas entre lençóis de linho, branco de neve e fino como seda. E quanto maior era o contraste e maior o espanto, maior era tambem a embriaguez furiosa. No seu prosaismo de gente barbara, só queriam avidamente ouro e prata. Cavavam nas casas, mettiam-se nos poços, furavam, perseguíam, matavam, destruíam, com a sêde de apanhar ouro. Despejavam as adegas e os armazens, estragando tudo. As ruas ficavam atulhadas de moveis e tapeçarias, cobertas de canella e pimenta dos saccos empilhados, que a soldadesca ia despedaçando ás cutiladas, a ver se encontrava ouro ou prata, ou joias, aneis, brincos, braceletes, e mais alfaias, como tantas que se tinham encontrado já, arrancando-se muitas vezes com as proprias orelhas e com os dedos das desgraçadas. A cobiça podia mais do que a luxuria. Um vago respeito de barbaros ainda ingenuos reprimia-os. E com a pimenta, com a canella e com o arroz, formavam uma lama infecta o arrobo, o mel, o azeite, e as gorduras que escorriam, pelas calçadas, das tulhas e dos cantaros gotteando, partidos.

A mourama fugira chorando, sumindo-se na espessura dos arvoredos dos arrabaldes da sua cidade perdida. E durante essa noite, em volta de Ceuta, ouvia-se um côro de povo escondido, em ais e doridas perguntas pelas mães e pelos filhos. Dir-se-ia que as moitas dos jardins e o arvoredo das hortas fallavam, que gemiam na tristeza da noite, e que eram lagrimas as folhas pendentes, baloiçadas pelo vento mansamente.

No dia seguinte, quarta-feira, a mourama appareceu em volta da cidade. Nas encostas da serra apinha-

vam-se aos grupos, namorando a sua doirada Ceuta com olhos que faziam dó, e cantando uns cantares de palavras desoladas. Talvez o canto lhe accendesse os animos, porque ainda houve algumas escaramuças sem consequencia. Mas nesse dia Portugal triumphante sagrava a mesquita de Ceuta, entoando lá dentro um *Te-Deum* mui solemne, mui contrapontado, atroando no fim os ares o côro unisono de duzentas trombetas. D. João I armára cavalleiros os seus tres filhos legitimos.

OLIVEIRA MARTINS.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Da margem esquerda do Paraná a Tuyuty—Um ataque inesperado. Uma carga para retomar a bandeira.*

O regimento destacou, para a vanguarda composta de brazileiros e orientaes, sob o commando do bravo general Flôres, uma bateria de quatro canhões La Hitte, calibre quatro. Commandava-a o jovem capitão João Dias Cardoso de Mello, um dos nossos officiaes mais esperançosos. Notavel não só pelo grande vigor physico e belleza varonil, como pela brilhante figura que fez nas escolas Central e Militar, pela vasta erudição, pelo character bom e generoso, tiuha muito amor á profissão e soube inspirar a superiores e subordinados respeito e amizade. Eram seus officiaes — os tenentes Marcos de Azevedo, que pouco sobreviveu á guerra, Abreu, (o cabeçudo) que morreu prisioneiro de Lopez, e Manoel Bezerra, que chegou a ser senador da Republica e está enterrado no Ceará. O illustre capitão — foi o primeiro a desaparecer — foi traiçoeiramente assassinado por um alliado, á noite, no seu rancho em Tuyuty. O amigo Bormann contou-me o horroroso crime com detalhes de arripiar.

Diversos reconhecimentos fôram levados até ás proximidades do Estêro Bellaco. As pequenas forças inimigas não se empenhavam em combate e retiravam-se apressadas, disparando as armas, aos bosques proximos da esquerda. Diariamente pela manhã e á tarde, partidas de cavallaria alliada saíam em descoberta e regressavam sem nada de novo. O inimigo não as incommodava e parecia resolvido, contra os seus precedentes, a manter-se em defensiva passiva esperando-nos do outro lado dos seus interminaveis pantanaes e espessos bosques estrategicos.

Não era grande a distancia que nos separava das forças da vanguarda. Não me lembro bem, mas não devia exceder muito de um kilometro.

O regimento estava acampado numa pequena elevação com os seus vinte canhões bem alinhados. O campo, onde tinham permanecido tanto tempo milhares de soldados e animaes do exercito inimigo, estava completamente raspado. A nossa mulada e cavallos iam bem longe em busca de pasto. Não tinhamos nem milho, nem alfafa para dar-lhes e, em caso de ataque, as nossas peças ou ficariam immoveis ou teriam de ser tiradas a pulso pelos proprios conductores e artilheiros. E o inimigo estava muito proximo de nós. O mallogrado Cardoso de Mello teve ordem de mandar os animaes da sua bateria para o pastoreio distante, e ponderou ao general Flôres que isso o collocava em situação difficillima si o inimigo nos atacasse, pois não poderia manobrar com os seus canhões. O grande caudillo, que confiava mais que tudo nas cargas impetuosas dos seus valentes esquadrões, respondeu :

— « Yo soy el comandante de la vanguardia y sê lo que devo hacer. »

E a mulada foi para o pasto e a bateria ficou sem meios de locomoção, desabrigada no meio do campo sem ao menos um espaldão pela frente.

No dia 2 de maio, ao meio-dia mais ou menos, corremos ás nossas peças ao toque de alarma e aos tiros repetidos que ouviamos para as bandas da vanguarda. Pegámos na palamenta e nos preparámos num instante para entrar em acção. Cada peça tinha n'alma uma lanterneta de folha, o cartuxo estava sangrado e em cada ouvido havia uma espoleta. Esperavamos o inimigo. Os animaes estavam no pastoreio por falta de forragem. Nada viamos. Deante de nós, havia uma pequena lagôa e além o terreno levantava-se insensivelmente, impedindo-nos de ver o que se passava adeante. Os paraguayos caíram de surpresa sobre as forças de Flôres, que mal resistiram áquelle primeiro choque violento e foram levadas de vencida e meio desordenadas. Carregaram rapidos sobre a nossa bateria que, impossibilitada de mover-se, veio a cair nas suas mãos, depois de heroica lucta, em que Cardoso de Mello, carregando o Bezerra mal ferido, recrava passo a passo, defendendo-o com os outros officiaes a tiros de pistola. Em pouco tempo, a vanguarda refez-se. As forças do grosso do exercito avançavam rapidas ao encontro do inimigo. Nós viamos, reprimindo os impetos da alma, os nossos batalhões, que passavam a *marche-marche* de arua suspensa e bayoneta armada, lançando-nos olhares de superioridade, que diziam :

— Vocês do « Boi de botas » não podem hoje partilhar da nossa gloria.

Ouviamos gritos de entusiasmo e os officiaes montados galopavam para

acompanharem os batalhões, que avançavam ardentes.

O sangue parecia fever-me nas veias, protestando contra aquella immobilitade, a que me via condemnado na conreira de um canhão. Comêcei a ruminar, então, a idéa de passar para a infantaria. Houve uma occasião em que na pequena eminencia da nossa frente, além da pequena lagôa, appareceram alguns soldados nossos recuando em desordem. Surgiu pela esquerda uma columna da cavallaria brasileira a galope, levantando espadas que brilhavam ao sol e brandindo lanças, cujas bandeirolas vermelhas tremulavam ao vento. Sumiu-se como um relampago. Os infantes que recuavam sumiram-se tambem no torvelinho da refréga, carregando sobre o inimigo, que retirava. E eu sempre alli, no mesmo logar, firme no meu posto de chefe de peça. Ouvindo o ruido das cargas proximas, os brados delirantes da soldadesca, os toques vibrantes das cornetas e dos clarins, o estridor da peleja, onde se praticavam feitos brillantissimos, a minha alma protestava em silencio, submettendo-se fingida á disciplina. Eu era artilheiro e o meu logar era alli. A minha sorte estava lançada naquelle dia ; eu havia de ser infante. Compreendi então quão nobre e difficil é a missão do official de artilharia e a calma e abnegação que lhe são necessarias para a resistencia aos impetos do coração nos dias das batalhas.

O capitão Cardoso de Mello e o seu bravo pessoal voltaram ao regimento sem as quatro peças confiadas á sua guarda. Os paraguayos levaram, á mão, aquelles primeiros trophéos do exercito de Osorio. Bem caro custou-lhes a aventura. Lia no rosto do moço capitão as angustias da sua alma nobilissima. Todos nós respeitámos aquella dôr. A sua desventura fel-o mais querido dos seus camaradas, que conheciam o seu valor. Alguns batalhões nossos correram sobre o inimigo, que conduzia ligeiro aquelles despojos preciosos, mas não conseguiram alcançal-o.

Contam que o general Flôres, lançou-se, a galope, no meio do batalhão Florida, o seu predilecto, que recuava aos golpes paraguayos, e bradou, meio desvairado, aos seus soldados :

— « Aonde está la bandera ? »

Os bravos orientaes estacaram e, num gesto de desalento, estenderam a mão na direcção de um ponto azul e branco, que mal se via tremulando ao longe, muito ao longe. O bravo gaúcho já tinha visto o pavilhão glorioso, arrebatado aos seus guerreiros e, num assomo violenta de dôr pungente, apontou para elle dizendo :

— « Vuelvan con el ó no vuelvan ! »

O galhardo corpo, já com ás fileiras

rarefeitas, cerrou columna e, numa carreira desapoderada, precipitou-se coxilha abaixo, levando tudo por deante, em busca daquelle pontinho azul que se projectava tremulo no verde-negro da matta, onde desappareceu. Voltaram poucos soldados de Florida. A bandeira ficou em poder dos paraguayos com os quatro canhões do nosso regimento.

A' tarde, depois de repellidas as forças atacantes para além do Estêro Bellaco, fomos visitar o campo da batalha. Estava bem assignalado o caminho percorrido pela « Brigada ligeira ». Era um extensissimo tendal de cadaveres, horriavelmente mutilados e amontoados em confusão. Havia cabeças decepadas, com olhos bem abertos ; outras, presas ainda ao troncos por musculos ensanguentados, outras rachadas de meio a meio, mostrando os miolos transbordando, narizes cortados, braços mutilados, queixo partidos, peitos esburacados. Que golpes aquelles ! Que talhos e que estocadas ! Aquelle era o caminho da morte para o inimigo e de gloria para nós... Que morte gloriosa e que gloria tão cheia de lagrimas. Era a verdadeira, a unica que fascina e deslumbra os povos, era a gloria de Osorio, de Napoleão e de Oyama — a gloria da morte.

Os viajantes que cruzam o grande deserto de Atacama, nas pampas aridas e calcinadas de Ilay, são guiados por uma larga esteira de esqueletos dos animaes que a peste, a fome e a sêde matam na desolada travessia. Naquella larga esteira que eu contemplava commovido por tanto sangue derramado — os cadaveres dos esforços guerreiros do Dictador, misturavam-se em tragica desordem com os dos seus cavallos pequenos e mal ajazados, caídos, uns e outros, aos golpes medonhos dos cavalleiros do Rio Grande, mais pavorosos naquelle dia do que a peste, mais terriveis do que a fome, mais mortiferos do que a sêde, porque eram a propria Morte que dava lançadas e talhos de espada cavalgando o corsel phantastico das balladas.

Pelas quatro peças que os paraguayos nos levaram, deixaram outras quatro e duas bandeiras. Quando Osorio viu que a vanguarda luctava com difficuldade, correu em pessoa para acudir-a e desbaratou as columnas inimigas, que já se julgavam com a victoria. Nós perdemos mais de mil homens entre mortos e feridos ; os orientaes mais ou menos trezentos e cincoenta e os argentinos, que tambem tomaram parte nesse dia, quarenta e nove. Mais de mil mortos do juncavam o ensanguentado campo de batalha. Centenares de prisioneiros foram recolhidos, na maior parte, aos nossos hospitaes, para tratarem-se dos ferimentos recebidos. Ficaram fóra



de combate cerca de dois mil e quinhentos paraguayos. Os que sobreviveram fôram repellidos até perto de Tuyuty.

O Costa Mattos, que sempre teve muita habilidade, recolheu algumas balas de fuzil que achou no campo e que se conhecia serem inimigas, por serem esphericas, e fez um interessante jogo de xadrez, com os piões, os bispos, os castellos, os cavallos, a rainha e o rei, que fôram delicadamente esculpidos. Não contente com isto, arranhou umas tibias, não sei si de gente ou de cavallo, e fabricou outro tambem muito bonito. Tndo isso, creio que se perdeu, depois de nos ter servido por muito tempo.

Desde o dia 2 de maio que os alarmas no nosso acampamento se repetiam com frequencia. A todas as horas da noite, quando o somno bom da mocidade pesava sobre as nossas palpebras fatigadas, uns tiros nas avançadas e o toque de *sentido* punham-nos de pé e corriamos léstos para a fórmã. Uma noite, lembro-me bem, era já bem tarde e a fuzilada crepitou viva na vanguarda. Em poucos momentos, o fogo recrudescên intensamente e ouviamos approximar-se rapido o ruido característico do tropel de cavallos a galope. Teria alguma columna da cavallaria inimiga rompido as nossas linhas avançadas? Iamos ser atacados no centro dos nossos arraiaes? A audacia dos soldados de Lopez admittia as mais absurdas hypotheses. Subitamente, cessaram os tiros e o silencio substituiu ao tropel da cavallada. Uma bala certaíra acabou com tudo aquillo. Um cavallo, com um couro de arrasto, lançado pelo inimigo sobre as avançadas, fôra a causa do alarme fóra de horas e jazia estrebuchando no meio do campo.

A idéa de passar para a infantaria não me abandonava. Essa arma exercia sobre mim indizível fascinação. Quando passava um daquelles bellos batalhões da divisão Sampaio, a *ensouraçada*, como lhe chamavam os soldados, de bandeira desfraldada, os pelotões alinhados, guardando bem as distancias, marchando airosos e elegantes ao som alegre dum dobrado vibrante, não me podia conter e punha-me a marcar passo, olhando com inveja para aquellas fileiras garbosas. No dia 4 de maio, pedi a minha transferencia para o 12º, o «Treme-terra». Custava-me muito deixar o meu regimento, onde o commandante, o velho Mallet, typo do verdadeiro soldado, a par da disciplina rigorosa, com que exigia o cumprimento dos nossos deveres, tratava-nos com bondade paternal e, em lugar de procurar humilhar-nos e abater o nosso espirito militar, como outros, nos confortava com o seu masculino exemplo e nos

guiava com os seus nobres conselhos. Tive de obedecer ao meu destino—devia ser infante. A bayoneta e a carabina me tiñham enfeitçada. Tinha saudades dos meus caros camaradas, entre os quaes se destacavam o Eugenio de Mello, o Costa Mattos e o Amarello de Vasconcellos, meu companheiro de barraca.

Dois ou tres dias depois, deu-se em ordem a minha transferencia. Fui, desarmado, apresentar-me ao Doze. Que differença! Deram-me uma carabina meio enferrujada com um sabre-bayoneta muito amolado, que pertencêra a um soldado morto, uma mochila vasia, sem a roupa da ordem e já bastante usada mas com os malotes completos, a marmita areiada, o cantil de madeira sem rôlha, um bernal muito sujo, que mandei lavar immediatamente para a formatura do outro dia, um cinturão completo com espoliteira e patrona, um bogó de couro resequido e com cartuxos embalados em pacotes de dez e com cento e cincoenta capsulas fulminantes. O commandante da companhia arranhou-me com o quartel-mestre um capote já servido, porque o meu ponche reiño não era do uniforme, é manta cinzenta com meia duzia de rombos.

No dia seguinte, entrámos de linha. Naquella epocha, eu parecia ainda um menino e mais moço do que era. A minha figura imberbe era insignificante ao lado daquelles robustos veteranos, calejados no serviço, alguns de bigode grisalho e ostentando ao peito a medalha da campanha de Rosas em 1852. Qualquer daquelles bravos era mais forte do que eu, marchava com mais desembaraço, carregava a mochila com mais garbo e era capaz de dar um golpe de bayoneta com mais vigor do que eu. Physicamente, qualquer delles era meu superior e eu não era dos mais fracos. Sentia-me, entretanto, capaz de ser alguma coisa, porque tinha verdadeiro amor á vida militar e estava resolvido a empenhar tudo para que fôsse sempre honrado o nome dos Cerqueira, e a gloria de minha patria não empallidcesse por minha culpa um só instante. O meu bello idéal era o triumpho da nossa causa.

DIONYSIO CERQUEIRA.

O ALMIRANTE (60)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XX

A marquezã e Hortencia permaneceram no terraço até se sumir a sombra de Oscar sob as massas negras do arvoredó immovel, silencioso, oppri-

mido por uma atmosphera espessa e placida, como na imminencia das grandes crises meteorologicas. Grossas nuvens cinzentas rolavam umas sobre outras, aos borbotões colossaes, velando o céu brusco, onde não pestanejava uma estrella. Os cães de Sebastião rosnavam soturnos numa toada lamentosa, supplicando a liberdade, sómente concedida quando o pesado portão da chacara se fechava gemendo nos vellos gonzos oxydados, acompanhando as phrases de máo humor, murmuradas pelo guarda, aborrecido daquellas visitas prolongadas até alta noite. Elle que esperasse, sacrificando o seu rico somno de homem de trabalho, para quem a noite se fez para dormir.

O fiel homem vivia tresnoitado pelas rondas a que o obrigava a desconfiança de malfeitores. Ao menor ruido, levantava-se, dava uma volta pelo terreno extremado pela falda da montanha a morrer no Paraizo, um valha-couto feito de proposito para ladrões e conservado pela marquezã por um capricho injustificavel de manter aquelle pedaço de brenha num sitio tratado com tanto esméro. Quasi todos os dias, elle pedia a Deus uma faisca providencial que devorasse aquelle matagal hirsuto, um logar maldito, onde vagava a alma do defuncto marquezã a gemer com aquella fonte que tanto imitava um lamento humano de fazer, fóra de horas, arripiarem-se os cabellos ao mais valente. Gião tinha particular ogeriza ao Paraizo e os pretos que ficaram na chacara, quando a marquezã fôra procurar na roça lenitivo á subita vinvez, contavam historias tremendas de phantasmas a subirem, a descerem pelas arestas da rocha escarpada, onde vinham morrer os ingremes contrafortes do Corcovado.

O fetichismo hereditario de raça lhes incutira um invencível terror, cuja tradição Sebastião recebera, augmentada, accrescida de lugubres commentarios, ao receber do primo Gião a honrosa successão de velar pelo palacio.

Caminho do Paraizo branquejavam sob a longa alameda de jaqueiras, os tumulos dos meninos, esses anjos que estariam melhor no cemiterio para não lembrarem, a cada instante, o outro mundo, como si não bastasse a inexoravel certeza da morte, cujos symbolos infundiam intenso terror a esse homem, tivesse, embóra, sido destemido soldado nas brenhas africanas.

CAPITULO XXI

O anniversario da marquezã reuniu no palacio extraordinaria concurrencia de amigos que lhe vieram trazer as homenagens habituaes, partilhadas em parabens a Oscar pela promoção.

O monumental salão das recepções solennes, fechado depois da morte do marquez, se abria resplendente de luzes dos immensos lustres de crystal pendentes do tecto, um céu de nuvens rozeas; theatro de um episodio mythologico — Phaetonte dirigindo o carro de Apollo, tirado por animaes fogosos arrebatados em desapoderada carreira numa poeira luminosa. Pelas paredes, havia paineis de doce colorido, enquadados em molduras de ouro e escorriam tapeçarias de verde pallido a se sumirem por traz dos moveis veneraveis, os grandes consólos marchetados de madeiras preciosas embutidas de placas de gracioso mosaico e encantoados de bronze doirado, as amplas poltronas á maneira da Renascença, as alcatifas macias e espessas como uma relva de varia coloração, candelabros de prata, semelhando altos tocheiros de egreja, um pendulo que ornára uma chaminé das Tullerias, vasos de Sèvres, tudo distribuido numa ordem sobria, elegante e rica, onde primava, no sitio de honra, sobre uma columna de marmore mineiro, como um idolo dominando o tabernaculo, o busto do Imperador, um magnifico bronze em que o artista Rodolpho Bernardelli fixára, numa inspiração prophetica, a expressão doentia do rosto meigo, como si surprehendesse, no transe da agonia do Imperio, a indelevel impressão da hora suprema, quando precipitado subitamente no fastigio do poder e da gloria, libertado do onus da corôa, a sua alma magnanima se expandira numa dolorosa saudade resignada, que ficou sendo o traço final do angusto semblante, perpetuando numa eloquente mudez o derradeiro capitulo da historia da dynastia.

Nos outros salões, esse estylo severo se amenisava em preciosidades de uma arte delicada: quadros, estatuetas, moveis de phantasia, denunciando apurada selecção. Nos grandes vasos chinezes, Hortencia collocára as offerendas de flôres dos pobres, dos protegidos da marquez, naquella dia santo para elles, o dia das prodigalidades generosas para o lenitivo das necessidades, dos soffrimentos e da miseria dos infelizes do bairro.

Trajando um elegante vestido de velludo negro, bordado a matiz, desnudado o collo de deusa e a bella cabeça realçada pelas ondas de cabellos prateados, onde rutilava um enorme diamante a disputar em fulgores com as irradiações de grandes olhos melancolicos, a marquez, restaurada do eclipse da sua fascinadora formosura, se rigosijava enternecida, recebendo, com um incomparavel sorriso carinhoso, os amigos que enchiam os salões, lembrando a epocha de plena florescencia da casa dos Uberabas. E

ella teve a miragem do esplendor de antanho para sempre nublado pelo crepe da viuvez. Estavam alli os raros amigos de outr'óra que não sacrificavam affeições, relações carinhosamente mantidas, ás preocupações da politica, aos melindres interesseiros, ao temor de suscitar suspeitas perigosas como nos primeiros dias da revolução. Ella verificou com surpresa commovente que não se havia formado de todo, em derredor della, o vacuo da intolerancia, das ambições precavidas, das fraquezas disfarçadas. E a sua surpresa attingiu ao assombro, quando se curvaram deante della um ajudante de ordens do marechal Deodoro, o ministro da Marinha que, com um luzido estado-maior, viera abraçar o novo almirante. A presença daquelles representantes do governo, da força victoriosa accordaram no coração da marquez a sensação do prestigio do poder, o esplendor da Côrte de que era memoravel vestigio aquelle bronze immovel, symbolizando a magestade decaída.

Não passou despercebida á marquez a ligeira curvatura reverente do almirante Wandenkolk, ao passar deante do busto do Imperador.

— Meus agradecimentos, almirante — disse-lhe ella, quando o bello marinheiro lhe beijou galantemente a mão — A sua presença nesta casa de velhos amigos me penhora e tranquilliza.

— Eu sou de paz — respondeu elle, sorrindo — Não podia recusar a minha homenagem ao querido camarada e a vossa excellencia, neste dia que me relembra saudosos tempos. Aqui estivemos quando ganhou brilhantemente os galões de official; volto, agóra, desvanecido pela honra de ser o instrumento da consagração do merito de Oscar, referendando o decreto que o promoveu ao generalato da armada nacional.

— Parece um sonho. Como o tempo passa? Pensei que estava reduzida á triste condição de uma velha esquecida...

— Quem foi rei, sempre será magestade — retorquiu o almirante Wandenkolk, sorrindo naquella tom de inalteravel gallardia e bom humor — A phrase não é muito orthodoxa na quadra actual, mas é sincera.

— Sempre o mesmo — concluiu a marquez, sorrindo.

— Eu sou um casco de velha não que não se póde mais alterar, encailhado agóra neste difficil estreito do governo.

A marquez erguen-se, deu-lhe o braço e fizeram juntos uma volta pelos salões. Acompanhou-a, conduzida pelo ajudante de ordens do marechal, Dolores, cujas fórmas seductoras se modelavam num vestido de séda creme, sem outro ornato além de um exúbe-

rante ramalliate de rosas vermelhas, prezo ao corpete, fechando a curva do decóte amplo, onde se abria o ninho dos seios opulentos, a estremecerem numa ancia sensual. Oscar conduzia Hortencia, cujo corpo flexivel se destacava nas nevoas de um traje branco, todo espumante de rendas.

O conselleiro e d. Eugenia chegaram tarde, muito aborrecidos por ter Amelia, á ultima hora, pretextado uma indisposição para ficar em casa.

— Que quer, minha querida marquez? — dizia-lhe o vellio — Amelia tem caprichos irreductiveis; as suas deliberações são inabalaveis. Por mais que supplicassemos a cumprir este dever de amizade, teimon em recusar e deixámol-a afinal, desenganados de convencel-a.

— Deixe estar — respondeu a marquez — que lhe tomarei contas por essa falta.

Oscar notára a ausencia de Amelia e lhe interpretára com precisão a causa verdadeira. Ella detestava as grandes reuniões, onde o seu prestigio despotico se annullava confundido e evitava o vexatorio confronto com a rival diabolica, a cynica Dolores, como ella lhe chamava, nas incontidas erupções de colera. Elle conhecia o coração de Amelia, as suas idéas e se rejubilava de que ella o deixasse, naquella noite, livre da inspecção contínua, da vigilancia tenaz de uns olhos imperiosos, onde as chispas do amor esmoreciam apagadas na caligem de um orgulho indomavel, de uma aspereza que, por vezes, o exasperava. E, pensando na rigidez de Amelia, os olhos delle percorriam, numa ancia de revelações, as linhas fortes do corpo de Dolores, colleando num movimento de reptil, sob as dobras do vestido estreito, fixavam-se num espasmo de volupia nas espaduas, na penugem da nuca, no seio offegante, nos polpudos labios purpurinos até encontrarem numa collisão de corisco os olhos della, os tentadores olhos supplicantes. Nunca se lhe figurou tão formosa aquella mulher, que o odio de Amelia marcára como um stygma.

(Continúa).

Um agiota londrino, Meyer Freedman, chamou, ha pouco, perante o juiz Rentoul, do Tribunal da City, a G. D. Walker, para que este lhe pagasse a quantia de £ 10-8 s-10 d., que lhe devia.

Walter, em sua defesa, disse que, em agosto do anno passado, tomára emprestado de Meyer Freedman a somma de £ 35, mas que comquanto já lhe houvesse pago £ 47-17 s-6 d., ainda lhe devia £ 10-8 s-10 d.

O juiz Rentoul disse que, embóra se tratasse de um caso de agiotagem á vista dos documentos, tinha as mãos atadas; condemnou, pois, a G. D. Walker a pagar ao credor um penny por mez, até saldar a divida, isto é, a solver esta no espaço de 208 annos!

ASSIGNATURAS  
 ANNO. . . . . 20\$000  
 SEMESTRE. . . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-PEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Passou com enorme maioria, visivelmente constrangida, o projecto de reorganização do Banco da Republica; passou a nuque com suprema violencia ás conspurcadas entranhas da Camara e ás consciencias subordinadas ao jugo da inexoravel disciplina partidaria, que se tornou o nervo essencial do governo da Republica. Quem não se submeter a elle; quem não abdicar do direito de pensar, de deliberar pelo proprio criterio, deve procurar outro officio, outro meio de vida, abandonar o gostoso *far niente* e cavar os meios de subsistencia fóra dos dominios da politica. Quem fôr refractario a essa dissolvente obediencia passiva, está incompatibilizado para dirigir os altos destinos da nação, está desclassificado, especialmente, para a sublime função de legislador.

Com honrosas excepções, um deputado deve ser um automato, uma figura de João Minhóca, dirigido por uns cordeis que já se não disfarçam dos olhares da galeria, cordeis maravilhosos dirigidos pelos governadores. Póde-se dizer que, de facto, não ha mais deputados, ha bancadas, manadas attentas ao menor gesto do pastor delegado para amanha-la, pastor que é o governo na pessoa do seu *leader*.

A politica dos governadores manifestou a sua incomparavel pujança na discussão desse projecto; provou que de amante do sr. Campos Salles, passou a ser a favorita do sr. Rodrigues Alves e receberá o lenço do sr. Affonso Penna, si s. ex. não encontrar quem lhe rôa a corda. Ella continuará como concubina detestavel, parallela á esposa legitima que é a Republica, esterilizada como Sahara; continuará a parir monstrenhos, filhos tarados, até que a Providencia se compadeça do Brazil e restaure a nossa organização democratica conforme o plano da Constituição e os idéaes victoriosos na revolução de 15 de novembro.

Na discussão desse projecto monstruoso, embóra lhe reconheçamos vestigios das boas intenções do governo, muito empenhado em se glorificar com o milagre de restaurar um organismo condemnado pela experiencia, pelos factos, um organismo refractario aos mais ingentes esforços da therapeutica financeira, exgotando toda a sorte de especificos heroicos, adoptou-se o systema de asphyxiar a opposição pelo silencio, apparecendo, sómente para salvar as apparencias, alguns paladinos obrigatorios, que deram o sen recado sem éstro, sem entusiasmo, sem convicção, denunciando o enorme esforço, o cruel sacrificio que lhes custava essa derradeira prova de dedicação a um governo moribundo. Até o sr. David Campista, tão senhor da tribuna, em outras occasiões memoraveis, tão á vontade quando encantava a Camara, com os seus folhetius, proferidos com inexcusable graça, com uma elegancia que tanto destaque deu á sua sympathica figura, estava mal feito de corpo, pobre de argumentos; as suas palavras não tinham o tom insinuante das melodias sentidas; dir-se-iam notas da musica de um realejo com cylindro fabricado nas altas regiões da omnipotencia; sob modulações de alegria, ellas traíam os gemidos provocados pelas contusões dos cutilantes discursos do sr. Barbosa Lima. O nobre representante de Minas patrocinava uma causa pessima, os seus esforços de homem disciplinado se esboroavam espatifados contra a evidencia, contra os factos ineluctaveis.

Mas a nota original dessa discussão foi o discurso do sr. Felisbello Freire, que dissecou, com a sua pericia de homem habituado ao trato de alfarrabios, as entranhas apodrecidas do Banco da Republica durante quasi um seculo de desastres, de concertos improficuos, feitos com milhares de contos despendidos em pura perda. S. ex. provou que aquelle Banco não tinha

cura, demonstrou com a segurança de um erudito, de um homem de talento versado no manejo das finanças nacionaes, que os sacrificios do Thezouro não tinham feito mais do que acoroçoar a fraude e que alli dentro, na contextura essencial daquelle organismo, havia um eterno cupim inextinguivel, um fóco do virus da fraude, contaminando-o, numa proliferação fatal. S. ex. affirmou que todas as imputações feitas ás administrações do Banco eram pallidos reflexos da verdade, ainda quasi absolutamente ignorada na sua formidavel extensão; mas, apesar disso, apesar da convicção de males chronicos incuraveis daquelle instituto de credito, s. ex. votava a favor do projecto de reorganização para evitar consequencias ainda mais desastrosas.

A nossa aponcada intelligencia não pôde apprehender a justificação dessa conclusão, em conflicto flagrante com as primicias brillantemente estabelecidas, a menos que a logica se não tenha transformado num instrumento do absurdo.

Desconfiamos que o sr. Felisbello Freire fez esse sacrificio em holocausto ao credito do paiz; mas o credito nacional estaria pessimamente patrocinado si elle dependesse daquelle Banco, cuja historia s. ex. delineou com mão de mestre, com as côres mais sinistras da sua palheta de professional emerito. As revelações de s. ex., aliás bem claras em paginas esquecidas da nossa historia, fôram um golpe mortal, por isso mesmo que fôram veladas com o receio de defrontar a mudez crúa da verdade, e toda a gente, dentro e fóra do paiz, ficou sabendo que aquellas imputações medonhas não eram producto de opposição intolerante, não eram creações da phantasia de obstructores impenitentes, mas um reclamo energico com apoio na dura consistencia de factos demasiado evidentes. S. ex. esphacellou o cadaver para que fôsse mais notavel o milagre da reparação comprehendida pelo Go-

verno em competencia com a resurreição de Lazaro.

Em tudo isso transparece o imperio despotico dessa conveniencia injustificavel, sem fundamento na razão, na natureza das coisas, predominando como mola real de todos os actos do Governo, como fonte de todo o impulso da administração. No caso occorrente, era de suprema conveniencia não perturbar o plano do governo, não o privar dos recursos extra-legaes ou extra-orçamentarios, de que o Banco foi sempre um instrumento docil e efficaz, e, sobretudo, não o desarmar dessa função de regulador de cambio, como si os phenomenos economicos obedecessem aos caprichos das organizações de fancia, como si elles não fôsem regulados por leis superiores ás combinações da chimica da especulação, leis cuja applicação não se submete á bitola dos interesses occasionaes da politica, nem se torcem á vontade como moldes de cêra.

Essa illusão de encabrestar regimen cambial passou á ordem das coisas ridiculas, das coisas que se não podem mais discutir seriamente. Não lhe contestamos, todavia, o prestigio de se ter encravado na cachola de homens competentes, amarrados ao prestigio de um certo numero de idéas preconcebidas, que, á força de serem repetidas, adoptadas sem exame como producto de uma sabedoria tradicional, se crystallizaram em dogma, acatado pelos estadistas de bôa fé, ou que perderam o habito de preparar a sua cosinha intellectual, digerindo deliciosamente pratinhos feitos, acepipes deliciosos encontrados temperados, promptos para serem tragados.

Os factos, em futuro talvez muito proximo, demonstrarão, com a eloquencia de desastres, que seria melhor deixar aos factos o curso natural, conforme o pendor das circumstancias, do que intervir com a pretensão de operar um milagre impossivel.

O Senado diga *amen* ao mirifico projecto, e Deus lhe ponha virtude, esconjurando definitivamente a velha caveira de burro.

\* \*

O Governo manifesta o maior empenho em promover o povoamento do nosso immenso territorio, que o ministro da Viação está conquistando

com o vigoroso impulso dado ao desenvolvimento da nossa rêde de estradas de ferro. Na semana passada, fomos prendados com a inauguração de duas estações no interior.

O illustre ministro está demonstrando, com uma iniciativa proficua, que é mais facil andar para deante do que ficar reduzido á posição de marco milliarario; que tanto trabalho, tanta fadiga occasiona avançar como recuar e, na contingencia da escolha, a marcha segura é um movimento de conquista. Cada uma daquellas inaugurações é um passo para a frente.

Mas as estradas de ferro, resolvendo parte essencial do problema; não satisfazem completamente a maior, a mais urgente, a mais inadiavel necessidade nacional concretizada nessa questão do povoamento. Os mais convictos esforços encontram um obstaculo formidavel, nos governos dos Estados, que, exclusivamente occupados com a politicagem, não teem tempo a perder com essas ninharias da economia nacional.

Nós temos feito tudo quanto é humanamente possivel para desviar do territorio brasileiro a immigração espontanea; será necessario, agóra, immenso trabalho para recuperarmos a nossa reputação de paiz hospitaleiro, de paiz rico, offerecendo ao trabalho remuneração copiosa, de paiz em que o estrangeiro conte com os elementos de ordem, de segurança, de garantias individuaes, sobre que — direi uma novidade? — assenta a prosperidade dos povos.

Como indicação edificante do estado a que chegámos em materia de immigração, basta fixar o olhar no espectáculo repugnante daquella cambada de syrios nojentos, aboletados nos quartos baixos da repartição central da policia. Aquelle lixo humano é um carregamento immundo da industria da mendicidade, cujos productos nós estamos importando sem correctivo.

Si, no interior, nada fizemos para promover a immigração, no estrangeiro abandonámos inteiramente esse importante serviço, entregue á ignorancia do que nós somos, do que nós valemos.

Estamos reduzidos, na opinião exterior, a um paiz semi-barbaro, sem justiça, sem policia, dividido entre meia duzia de grãos-duques despoticos.

E', talvez, por isso, por essa falsa idéa do nosso valor como nação culta, que um commandante de navio de guerra estrangeiro desrespeita, sem escrúpulos, o territorial nacional, caso que se não faria impunemente em qualquer recanto da costa d'Africa.

Para isso vamos andando, em caravana infeliz, guiada por homens da estatura intellectual do alcandorado estadista Accioly e outros incumbidos do abastardamento e da barbarisação completa da Republica.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Si não é verdade terem os povos ibericos passado doze ou quinze ou vinte seculos em guerras continuadas, como approuve ao auctor da *America Latina* phantaziar, para sobre elles edificar a theoria do *parasitismo*; si não é exacto que tivessem sido os unicos povos christãos da Europa que, depois de constituidos, soffreram a conquista de estranhos; si não é certo que tenham corrido atraz dos arabes para irem com elles parazitar no Oriente, ainda mais errada é a opinião de que houvessem sido méros *depredadores* em o Novo-Mundo.

A colonisação dos povos ibericos na America foi singularmente branda, si a houvermos de comparar com todas as conquistas e colonisações conhecidas na Historia, desde que o mundo é mundo.

Si o auctor da *America Latina* quizesse estudar o que fôram as conquististas de egypcios, assyrios, babilonios, persas, phenicios, carthaginezes, gregos e romanos, em que se destruíam cidades ás centenas; se transportavam de umas para outras regiões populações inteiras postas a ferros; se passavam a fio de espadas homens, velhos, mulheres e creanças; se punha a sacco até os templos e se reduziam a cruel escravidão os que escapavam a tantas miserias e oppressões, chegaria a moderar o seu juizo no que ouza dizer das malvadezas e depredações de que o Novo-Mundo foi victima.

Ninguem contesta as vantagens que á Gallia, á Iberia, á Grecia, á Asia, ao Egypto, á Africa, minados pela anarchia, a desordem, a corrupção, advieram com a conquista romana.

O progresso geral do mundo teve a lucrar com a reducção desses paizes ás condições de provincias da Republica e do Imperio.

Os historiadores de melhor nota são unânimes em proclamal-o.

A disciplina, a organização, o senso juridico que esses terríveis conquistadores acabavam por imprimir ás terras e ás gentes submettidas ao seu durissimo jugo, valiam sempre mais do que a anniquillante anarchia que andava a consumir a civilisação antiga.

E, todavia, as crueldades e depredações dos romanos em suas conquistas, comparadas aos dos povos da península iberica na America, são como acções de demonios deante de folguedos de rapazes alegres.

E convém não esquecer que os romanos não colonizaram jámais terras selvagens e incultas, como as do Novo Continente; estabeleceram-se entre nações cultas, policiadas, opulentas, caídas apenas numa tal ou qual desordem, como o Egypto, a Grecia, a Asia Anterior, a Macedonia, Carthago, a Sicilia, a Grande Grecia, o Epiro.

A propria Hespanha e a Gallia, que representavam por incultas, não mereciam semelliante qualificativo, pois eram sédes de civilisações promissora-mente iniciadas.

Nada disto obstou a ferocidade romana, ainda assim credora do reconhecimento dos pósteros.

E' que se devem aceitar os homens como elles são, com seus defeitos e vicios.

Não era possivel que portuguezes e hespanhões entre selvagens da America e d'África, fôsem mais humanos do que os contemporaneos de Cicero na culta Asia e na veneranda Grecia.

Ali, sim, é que a *depredação* assumiu proporções verdadeiramente assustadoras. E' um furioso *sabbat* de bandidos esfaimados. E' phantasticamente assombroso de ganancia e malvadez.

O proceder dos romanos, nas colonias, nas conquistas, nas provincias, excede a quanto se poderia imaginar no genero protervia e rapacidade. São tantos os factos que impossivel se torna enumeral-os aqui. Todas as guerras da Republica e do Imperio, a historia de todas as nações que lhe fôram sujeitas, estão cheias dos mais atrozés feitos de crneldades, concussões e latrocinios. Bastante é recordar aqui o testemunho dos maiores amigos de Roma.

« Onde estão, bradava Cicero, as riquezas das nações reduzidas hoje á indigencia? Podeis perguntal-o, quando vêdes Athenas, Pergamo, Cyzico, Mileto, Chios, Samos, Asia inteira, a Achaia, a Grecia, a Sicilia, encerradas em um pequeno numero de casas de recreio. »

São palavras de *Pro Lege Manilia*. Na segunda *Verrina*, exclama :

« Todas as provincias gemem, todos

os povos livres se queixam, todos os reinos bradam contro nossas vexações. »

Tal era o estado geral dos povos sujeitos ou relacionados, por qualquer titulo, com os romanos. Nas provincias propriamente ditas, as depredações eram quasi egnaes ás de Verres na Sicilia, que, sendo visitada pelo grande orador após a pretura do famoso scelerado, lhe parecia *um desses paizes desolados pelas rapinagens duma guerra longa e implacavel*.

As corrupções dos juizes vinham em auxilio das rapinas e dos crimes dos proconsules e presidentes. Sem industrias, sem commercio, sem lavoura, que tinha morrido desde o terceiro ou quarto seculo da fundação da cidade, os romanos dos ultimos tempos da Republica e do Imperio viveram exclusivamente do saque das populações conquistadas. As rapinas eram colossaes, e, de antemão, as roubalheiras dos funcionarios haviam de chegar para denegrir a consciencia e cerrar os labios dos juizes que, por inveja, tentassem murmurar. Disso dá testemunho o mesmo Cicero nestas terríveis palavras :

« Eu penso que as nações estrangeiras enviarão deputados do povo romano para pedir a revogação da lei e dos tribunaes contra os concussionarios. Essas nações teem notado que, si esses julgamentos não existissem, cada magistrado não tiraria das provincias sinão o que lhe parecesse sufficiente para si proprio, ao passo que hoje cada um delles subtráe tudo o que precisa para si e para seus protectores e advogados, para o pretor e para os juizes, e por isso malversações não teem mais limites. »

Existem, no assumpto, paginas verdadeiramente assombrosas em Plutarcho. Si Cicero chamava os proconsules de *abutres*, o escriptor grego comparava-os, a elles e aos publicanos, ás *harpias*. Falando da Asia sob o governo de Lucullo, dizia o distincto philosopho : « Devastada, reduzida á servidão pelos publicanos e pelos usurarios, seus melhores habitantes estavam reduzidos a vender seus mais bellos jovens e suas filhas, virgens e as cidades — seus objectos de culto, seus quadros, as estatuas dos deuses; e, no fim de tantas vexações, os cidadãos eram adjudicados, como escravos, a seus credores. O que soffriam, antes de cair em escravidão, era mais cruel ainda : torturas, prisões, cavaletes, exposições aos rigores do tempo, queimados no verão pelos ardores do sol e mettidos na lama ou no gelo durante o inverno. Dest'arte, a escravidão era para elles um allivio e um repouso. »

Eis um traço da tomada e do saque de Athenas por Sylla, no grande escriptor : « Sylla entrou em Athenas a

meia noite, aos gritos furiosos do exercito, a quem elle tinha dado licença para pillar e degolar. A carnificina foi horrivel : sem contar os que fôram mortos nos ontros quarteirões, o sangue derramado na praça regorgitou pelas portas e correu pelos arrabaldes. »

O sangue foi homerico ; a soldadesca não deixou nada aos vencidos.

Coisas assim atrozés, contam-se ás duzias e centenas na *Vida dos Homens Illustres*. A mór parte dellas deixam em apagada postura as proezas dos hespanhões e portuguezes.

Mas deixem-se os Ciceros e Plutarchos e ouçam-se os escriptores christãos, mais doces e complacentes.

Falando dos romanos, pondera Bossuet, grande admirador do povo rei : « A ambição não deixava a justiça pezar em seus conselhos. Suas injustiças eram tanto mais perigosas quão melhor sabiam disfarçal-as com o especioso pretexto da equidade e pôr no jugo, insensivelmente, reis e povos, sob a capa de os proteger. Eram, além disso, crueis para com os que lhes resistiam. Para espalhar o terror, affectavam deixar nas cidades tomadas, terríveis espectaculos de crneldade, e parecer implacaveis a quem esperava a força, sem poupar os reis, que, deshumanamente, faziam morrer, depois de tel-os levado em triumpho, carregados de ferros e levados em carros como escravos. »

E porque a pillagem, a pirataria, a depredação, desde o começo, foi sempre o movel principal de suas guerras e conquistas, o proprio Montesquieu não se dedignou de ponderar : « Como se julgava da gloria dum general pela quantidade de ouro e prata que levava em seu triumpho, nada deixava elle do inimigo vencido. »

As guerras civis que ensanguentaram a agoniada Republica, na phrase dum historiador, mostraram os romanos em toda a sua ferocidade : nas relações com os demais povos, despiram-se de toda fé e de toda lei.

Davam-se até ao luxo de apoderarem-se dos reinos por decreto.

Sobre isto reflectonava o admiravel auctor do *Espirito das Leis* : « Senhores do Universo, os romanos arrogaram-se o direito a todos os thezouros : roubadores, menos injustos como conquistadores do que como legisladores. Teendo sabido que Ptolomeu, rei de Chipre, tinha immensas riquezas, fizeram uma lei pela qual se constituiram herdeiros de um homem vivo e confiscaram um principe alliado. »

Topicos são estes isolados, aptos, porém, a revelarem a rapacidade e a crueza do famoso povo rei :

Mais explicito é o grande Herder, que recapitula, em poucas palavras, toda a historia das depredações roma-

nas, e pergunta: «Que produziram as guerras mortíferas com os povos italianos? A pilhagem e a devastação. Não conto os homens mortos dos dois lados; a ruína de nações inteiras, como as dos etruscos e dos samnitas, a destruição das cidades, a perda de sua independência, fôram a maior das desgraças que se tem feito sentir até os derradeiros tempos. No meio de seus círculos mathematicos, foi morto o grande e sabio Archimedes e como admirar que os seus compatriotas ignorassem onde reponzavam suas cinzas, si sua pátria desceu com elle ao tumulto? — Incrível é o damno causado pelo dominio de Roma, neste canto do mundo, ás sciencias e artes, á cultura do sólo e ao desenvolvimento do pensamento humano... Submettida a Italia, a longa lucta com os carthaginezes começou por um modo que deve fazer corar o mais fervoroso partidario dos romanos. Os soccorros dados aos mamertinos, a tomada da Sicilia e da Corsega, exactamente na epocha em que a tremenda revolta dos *mercenarios* punha Carthago no ultimo apuro, a deliberação de graves senadores, — *si uma Carthago devia ainda ser conservada na terra*, — como si se tratasse duma arvore por elles plantada, tudo isto e mil traços mais deste genero fazem, a despeito da perseverança e da coragem dos romanos, de sua historia uma historia de demonios... Para qualquer parte que mova os olhos, deixando Carthago, só vejo destruições e ruínas, porque por toda parte esses conquistadores do mundo deixam os mesmos signaes.

Si os romanos tivessem pensado seriamente em ser os libertadores da Grecia, como blazonaram nos jogos isthnicos, sua conducta teria sido inteiramente diversa.

Que sorte te reservaram, oh! Grecia, os teus protectores! O que de ti nos resta são as ruínas que os teus barbares vencedores levaram em triumpho, para que nas cinzas de sua propria cidade perecesse tudo que de bello a humanidade tinha produzido...

Si da Grecia olharmos para a Asia e Africa, basta dizer que conhecidas de todo o mundo são as proezas de Scipião — o Asiatico, de Melius, de Sylla, de Lucullo, de Pompeu... Que salteadores! Que deram, em compensação, os romanos ao Oriente? Nem leis, nem paz, nem instituições, nem artes; devastaram o paiz, queimaram as bibliothecas, os altares, os templos, destruíram as cidades...

A Hespanha foi para Roma o que a America, prosegue Herder, é hoje para os hespanhóes: mina a explorar, terra para a pilhagem».

O historiador philosopho tem razão nas linhas geraes de seu juizo ácerca dos romanos, maximé no que se refere

á acção desses latinos no Oriente, acção nulla ou prejudicial.

Deveria, porém, ser mais explicito em reconhecer as vantagens da administração romana no Occidente: Italia, Hespanha e Gallia, a despeito de toda a brutalidade de seu genio e do espirito depredador de seu character.

Mistér seria não equiparar tão completamente a administração hespanhola da America á romana do velho mundo.

Os mestres dos hespanhóes e portuguezes ficaram muito acima dos discipulos.

E si áquelles não occorreu ainda a ninguem, em bom juizo, chrismar de *parasitas*, menos é possível applicar aos outros o epitheto.

Nem se pense ser mistér, para proval-o, remexer Cicero, Plutarcho, Bosuet, Montesquieu e Herder.

Não foi preciso ir tão longe: estão citados, ao lado de outros, no volume 3.<sup>o</sup> dos *Estudos sobre a Historia da Humanidade*, por F. Laurent, volume consagrado a Roma. E' livro de facilissimo accesso. Quem se quizer convenecer do que fôram as conquistas, a colonisação e a administração romanas, — leia os capitulos intitutados — *Os municipios, As colonias, Os aliados italianos, Relações com os povos estrangeiros, A dedicação, As provincias, A pilhagem do mundo, O regimen da força bruta*.

Quem quizer, leia e compare com as noticias pelo sr. Bomfim tomadas a Oliveira Martins e Rocha Pombo — ácerca de ibericos na America.

Pelo que toca, peculiarmente, á acção do governo da metropole portugueza no Brazil, já o nosso grande historiador, o incomparavel J. F. Lisboa, tinha dito coisas muito mais serias e fundadas, sem que, todavia, cheguem para, sobre ellas, se levantar a pagodeira do *parasitismo*.

SYLVIO ROMÉRO.

### D'AQUI E D'ALLI

*A fortuna das Congregações* Mais uma vez, os factos affirmam que toda a crise religiosa tem como consequencia uma crise economica. A cruz moderna — diz um jornal francez — está plantada sobre um cofre e os que levam a cruz não abandonam a caixa.

E' talvez, cedo para avaliar as consequencias financeiras da separação, mas não ha duvida que a lei sobre as congregações, no ponto de vista orçamentario, foi pessima operação. Procura-se, com estupefacção, o *milhar de francos*, annunciado pelo legislador de 1901, somma colossal que apparece reduzidissima, apesar da exactidão da

avaliação dos bens das ordens religiosas, feita por financeiros meticulosos do ministerio das finanças. A venda desses bens não correspondeu ás perspectivas dos calculos officiaes, não só porque os grandes immoveis, construidos por frades e freiras, não podem ser adaptados, sem grandes gastos, a utilidades industriaes, differentes daquellas a que fôram destinados, claustros, conventos, e porque as penas de excommunição fulminadas pelos bispos, afastaram a concurrencia de compradores catholicos. Os bens vendidos de doze comunidades femininas, numa cidade, avaliados em 2.200.000 francos, produziram apenas 146.000 francos. Os bens vendidos mais caro fôram os adquiridos pela municipalidade e pelo Estado. E assim o milhar previsto dará apenas oito milhões.

Os religiosos, na previsão da expulsão, fôram transportando cautelosamente o seu dinheiro para o estrangeiro e se localizaram em Roma, conforme a vontade de Leão XIII, que pretendia jugular o dinheiro catholico, ligando-o ao throno de S. Pedro. A essa ordem, algumas ordens, principalmente de freiras, resistiram: o padre Pailleur, superior e fundador das *Petites Sœurs des Pauvres* foi, por sua rebeldia, conduzido a Roma e sequestrado até á morte, por ter recusado entregar os tres milhões de francos, a fortuna humana da sua associação. As *Sœurs de la Sagesse* fôram submettidas, á força, ao protectorado do cardinal Vanutelli, que lhes levou um milhão na primeira visita e meio milhão na segunda excursão. Prevendo essas piedosas violencias, a maior parte das ordens femininas, mais desconfiadas e prevenidas, collocaram a sua fortuna em titulos belgas e inglezes.

Os religiosos expulsos de França, exceptuada a virtuosa, a admiravel associação dos *Oratoriens*, dispersos, pobres, perseguidos, lettrados, são quasi todos ricos.

Os beneditinos de França levaram 26 milhões de francos, com que continuam uma existencia de fidalgos bibliophilos na ilha Wight.

Os cistercianos, reformados ou trapistas, possuíam grandes haveres empregados nobremente no roteamento das terras incultas, no saneamento dos pantanos e restauração das florestas.

Os cartuxos levaram 40 milhões e economizam o milhão annual que davam ás instituições catholicas. A sua usina de distillação está em Hespanha; mas a sua finança está em Roma, via Palestro, 39, sob a direcção de um habil frade banqueiro, o padre Herbault.

A reserva em dinheiro dos dominicanos francezes era exigua no momento do exodo: elles acabavam de

comprar e reformar, com enormes despesas, o admiravel palacio Uzés, no bairro S. Germain.

Os franciscanos ou irmãos-menores, deixaram a França com uma dezena de milhões — a receita de um anno.

Os capuchinhos possuem immensos recursos, cuja renda é avaliada em 2.500.000 francos. O seu procurador ou agente financeiro está em Roma; via Boncompagni, 71.

A fortuna dos jesuitas francezes é controvertida. O padre Mortens, cujo escriptorio está via del Seminario, 120, na cidade dos Papas, fornece a cada jesuita francez uma renda annual de 2.000 fr., porque os jesuitas de França ficaram em suas provincias, onde vivem, aos pares, em aposentos particulares.

Os assumpcionistas, dissolvidos pelo decreto de 6 de março de 1900, se installaram por toda a parte e em França. O seu procurador reside em Roma no palacio Filippini; chama-se Baudouy, tem vinte gerentes ás suas ordens para administrarem um capital de cem milhões e uma receita annual que augmenta successiva, incessantemente. O padre Bailly, superior geral, de facto quando deixa de o ser em nome, passa a maior parte do anno em França.

A fortuna dos Eudistas não é conhecida; é gerida em Roma pelo padre Mallet, excedendo a sua renda annual a um milhão.

Os irmãos de S. Vicente de Paulo, depois de realizarem 15 milhões, installaram a sua procuradoria via Palestro, 34, sob a direcção financeira do padre Maignen.

Os lazarisitas fórman a mais rica das congregações auctorizadas; teem, no Oriente e no Extremo Oriente, agencias e bancos prosperos.

Os maristas de Lyon installaram a sua procuradoria e sua fortuna á sombra da igreja do Rosario, que elles construíram em Roma. O padre Forestier, procurador, administra 8 milhões; mas a fortuna dos maristas estava nos collegios que soffreram prejuizos sem desaparecer.

Os padres Brancos teem na Africa admiraveis propriedades. O commercio de vinhos, de laranjas e a fabricação de alcool lhes rendem 2 milhões, administrados em Roma, por dom Burtin.

Os missionarios da Immaculada Conceição fecharam todas as suas casas em França, excepto a de Lourdes, onde ficaram sob varios pseudonymos. O padre Delpy dirige os negocios em Roma nos escriptorios da via del Vantaggio. Essa ordem presta á Santa Sé uma renda ou tributo de um milhão annual. Perdeu, ultimamente,

uma causa do valor de 4 milhões na America do Sul.

Os missionarios de Issoudun deixaram a França com uma reserva de 7.700.000 fr. O seu procurador é italiano e mora na praça Navone, nos baixos de uma igreja.

Os oblatos de Maria, que dirigiam o Sacré-Cœur de Montmartre, partiram com uma fortuna que lhes permittin fundar, em Roma, uma sumptuosa escola e um seminario.

Os padres do Espirito Santo, enriquecidos nas missões e colonias francezas, teem, em Roma, um seminario francez, onde os jovens elegantes se vão preparar para o sacerdocio. O padre Eschbach dirige os negocios da comunidade, cujo chefe é monsenhor de Roy, um atilado normando.

Os salesianos italianos se tinham installado em França: deixaram essa terra ingrata depois de lhe haverem drenado 14 milhões. Continuam, todavia a mendigar nella, por intermedio de uma revista mensal. Uma senhora acaba de lhes legar, em Turim, 3 milhões de lyras.

Os sulpicianos tinham, ha pouco tempo, a metade dos seminarios diocesanos, em França, sob a sua direcção; a metade dos bispos concordatarios são das suas casas. A immensa fortuna dessa ordem passou para Roma, onde é gerida sob severa administração por monsenhor Hertzog, que está á frente de uma especie de pensão episcopal, onde os bispos do mundo inteiro são acolhidos e vigiados durante a sua estadia em Roma.

Todo esse dinheiro passou, sem obstaculo, a fronteira, e mais tarde a sua falta produzirá graves perturbações economicas em França.

Essas ordens religiosas, que são verdadeiros drenos da fortuna dos crentes e dos piedosos, encontram, no Brazil, um terreno propicio á sua função de sucção lenta, poderosa, inplacavel, porque o governo interpretou com piedosa ingenuidade o regimen de separação da Igreja e do Estado, restanrando as riquissimas ordens religiosas moribundas, franqueando-lhes o territorio nacional, animando e protegendo a sorradeira incursão de frades e freiras, que se estão estabelecendo por toda a parte, em melhores condições do que nos tempos do Imperio. O governo do sr. Rodrigues Alves, com uma generosidade que poz em sublime destaque a sua fervorosa fé e fez jús ás indulgencias e á consideração da Santa Se, abdicou dos direitos do Estado ao

opulento espolio das ordens quasi extinctas e proporcionou inteira liberdade aos conventos, resuscitados sob a fórmula de pessoas juridicas.

Essa politica de doce tolerancia já foi compensada com uma cadeira no Sacro Collegio, e não será estranhavel que resulte della ficarmos placidamente reduzidos a um povo governado por estadistas que obdecem mais aos mandamentos da Santa Madre Igreja do que aos preceitos da Constituição.

### A PROPOSITO DO CLUB MEDICO E DA REFORMA DO VESTUARIO

Vê-se, pois, como se realiza agóra uma das verdades em que se bi-parte a fórmula, expressa no artigo anterior: aqui, o traje faz o monge.

A personagem mais em relevo na sociedade ingleza actual, naquella democracia monarchica e plutocratica, veste com o rigor que a distincção do individuo exige. E' mistér que elle se distinga dos demais, em publico. E, como chegar-se a esse *desideratum*? Pelo traje, que é uma das mais salientes modalidades do culto externo. Vejamos o que se dá em Pariz, espelho da civilização occidental, extracto anthropocentrico da velha França, onde uma média timbra por manter as tendencias cavalheirescas da raça e por apresentar ao estrangeiro a variedade zoologica do *homo sapiens*, o *homme distingué*, que nós, desd'o imperio viemos a macaquear.

Ahi, quem quer que se preze de pertencer a essa variedade, traja negro, indefectivamente. O homem de letras, o homem da lei, o medico, o professor, etc. Porque assim? Porque o *esprit*, em França, é a lei. Porque o *esprit* deve ser o apanagio do *distingué*; e essa variedade só é alli, desde algum tempo, comprehendida como devendo apresentar-se de preto, traje de rigor, e... eminentemente economico, no entender do francez, o povo mais economico de quantos ha sobre a terra. Mais até do que isso...

Estou quasi a afirmar, embóra neste ponto me falhe a certeza, que em Inglaterra todas aquellas variantes do *homo sapiens*, que ha pouco assignalei, trajarão *veston* claro; e, antes que o balandrão que nos apavora, o palitot sacco, commodo e decente. Recordo, e para illustrar essa asserção, o seguinte: sempre que visitei o hospital S. Bartholomeu, em Londres, encontrei modesta porém elegantemente vestido assim, o *honorable* sir Simth, uma sumidade da classe medica, que mais tarde representou tão importante pa-

pel por occasião da molestia do seu digno rei.

Relanceemos agóra um olhar sobre a Allemanha, a ver o que nos diz a ethica do traje naquellas paragens militares. Aqui, o professor de universidade, o medico de nomeada e outras personagens, que não sejam os *philistens*, vestem mui singelamente.

Sabe-se qual o culto que o burguez, adorador de tudo o que é brilhante, do que impõe pela força ou por qualquer outra das modalidades do valor social, presta ao militar.

O militarismo, si é uma nevrose da patria de Goethe, é tambem uma das manifestações do atrazo anthropologico dos povos da Germania, que atravessam, aind'agóra, essa phase, quando povos mais adeantados, como o inglez, para tomar o typo, já se desvencilharam, já se purgaram desse mal, remanescencia d'outras éras.

Essa nevrose do militarismo veio augmentando de intensidade do inicio do reinado desse polymorpho e quasi genial Guilherme II, o *Alarmvogel* das casernas e circulos militares. O que se viu alli foi o requinte do luxo, da elegancia de emprestimo, de snobismo, entre militares moços, que feriam, por seus modos e extravagancias do culto externo, os velhos soldados d'antanho, do *bon vieux temps*, educados na simplicidade austera e sabia que vinha do grande Frederico, aproveitador incorrigivel de botões das rabonas nsadas, através Roon, Moltke e Bismarck, os organisadores da recente epocha imperial.

Den-se isso no dia em que, para alargar os quadros do exercito, o grande kaiser foi bater ás portas de outras classes que não aquellas habitnadas a fornecerem, tradicionalmente, o official allemão. Os *parvenus* julgaram-se obrigados, como é de bôa regra, a excederem o que havia no modo de trajar, no requinte das maneiras e pensaram ser os mestres daquelles que já nasciam ensinados pelo sangue da raça e depurados, espontaneamente, por uma educação domestica superior. Era mistér que o homem novo, o recém-chegado, já que não tinha o celebre *von* nobiliarchico, de gloriosa memoria, valesse por alguma coisa que fôsse. Tambem cá pelos Brazis e paizes adjacentes, munito ribaldo appropriava-se tambem, ás vezes, um *de* pela ingenna supposição de que isso o váe enobrecer, como si os sentimentos elevados e a nobreza de caracter não estivessem na massa do sangue e nos musculos de cada um e seja, quasi, um *produit comme le vitriol et le sucre*, conforme, talvez, exaggeradamente, dizia o grande Taine da virtude e do vicio...

Conta-se de Bismarck que tendo assento em Francfort, em qualidade

diplomática, nesse celebre parlamento que entendia contrariar as tendencias do veneravel *Bund*, instituido em 1815, alli se apresentou sempre com o traje singularissimo de tenente da *Landwehr*, motivo pelo qual era troçado chamando-o de *son excellence le lieutenant*.

Mas, nesses tempos remotos, o *brusche*, o *tolle* Bismarck, começava apenas a representar algumas das scenas d'ensaio geral no grande tablado da politica mundial; ficava, pois, bem ser um tantinho *schoking*, áquelle que pretendia transformar, e o fez, a posição da Prussia em face da Europa. E, depois, nem todos se parecem com o celebre conde de ferro, *der eisener Graf*...

De tudo quanto venho dizendo, não se depreheende que placito o uso da sobre-casaca, no pino do verão, pelo negociante inglez; nem o *abuso* do traje negro pelos *distingués* de Pariz e de cá; nem o fausto do traje do philisteu, filho de Teut, berlinense ou não. Longe de mim tal pensamento. Nem siquer pretendo justificar, de leve que seja, a continuação do uso da sobre-casaca e da cartóla pelo medico ou por quem quer que seja, aqui, nos dias em que *o calor está de derreter os untos*, e *d'escachar*, como dizia, ao marmoreo e olympico Fradique o ingenno Vidigal. Não! Jámais!

O que desejo, entenda-se, é que o traje faz parte da representação social do homem e que elle, por seu intermedio ainda, infelizmente, exerce prestigio sobre a imaginação do vulgo. E' mistér, pois, modifical-o, mas duma vez, em grandes e macissas doses. Que o chefe do Estado vá além do collete branco, sob a negra e classica sobre-casaca; que o senlior deputado, o professor das escolas superiores, os membros superiores da administração guardem-n'a para as quatro grandes festas do anno e, resolutamente, entrem no regimen do palitot sacco leve, claro ou não, e do chapéo democratico.

Factor de democratização, o traje deve concorrer, pela sua equalização, para republicanizar a Republica, na phrase feliz daquelle nosso prócer, ou para mixturar, mais homogeneamente, o chocolate nacional, do qual todos nós fazemos parte, ora mais á espuma da superficie, ora mais ao fundo da chicara, ao capricho daquelle sabida colhér que tão sorrrateiramente fabrica todas as raças.

Os grandes já entram a dar a nota alta na instrumentação da charanga patria.

Já o nosso prezado e estimado chancelier foi visto, ao que me dizem, numma missa de septimo dia de calça escura, mas não preta, de palitot azul e *plastron* de côr.

Um dos palinuros da nossa politica,

um dos mais notaveis chefes da nossa democracia conheço en, o qual, tendo tido tempo para levantar o nosso credito e fazel-o respeitar no exterior, e para entregar-se a trabalhos outros, bem suarentos, não teve o indispensavel para experimentar uma sobre-casaca, razão porque nenhuma ainda tem no sen provido guarda-roupa. Tem feito todos os seus trabalhos a golpes de frack d'alpaca e ontras fazendas leves e de chapéosinhos de pello de lebre.

Donde se prova que já nos vamos aventurando, um tanto, ao regimen...

Homens tambem de valor, por causas alheias á sua vontade, uzaram toda a sua vida e, póde-se dizer, com ella morreram, já não digo a sobre mas a verdadeira, a casaca authentica.

Assim, o notavel cirurgião francez Péan, o qual entrava e saía o dia e o anno envergando-a, sem discrepância possivel.

Lá tinha elle para isso razões, que a sua influencia social e extra-scientifica justificava, conforme o affirmou mnitas vezes.

Enfim, o traje deve achar-se sempre d'accordo com o clima e não com a situação social do individuo, embóra a tendencia contraria, justificada ou não, seja a regra no mundo culto.

Metta-se nisso o homem entendido; prove, *por exemplos*, o contrario, ao *vulgum pecus*: terá assim beneficiado o meio em que vive e conte como certa, absolutamente certa, a gratidão dos povos que uzam calças pardas.

Essa revolução no traje bem poderá acarretar outra, ainda maior, nos costumes como, certamente, nelles, munito mais intensamente do que na viação da cidade, váe pezar a *Avenida*. Um dos dois grandes problemas com os quaes dever-se-ia atrever um dictador digno desse nome, que, acaso, empolgasse o poder, deveria ser o alargamento da rua do Ouvidor; o outro, o fechamento por seis mezes, de todos os cafés, afim de sanear-se o moral da cidade. O primeiro acha-se de todo resolvido, indirectamente, com a abertura da Avenida; quanto ao ultimo, é, talvez provavel, decorra do primeiro, por evolução natural... Não chego ao excesso de pretender seja a rua do Ouvidor transitada por carros, como disso vemol-a ameaçada! E si a vóz de um carioca naturalizado póde chegar, no côro de centenas doutras, ás alturas municipaes, aqui formulamos o voto que pede a suspensão dessa resolução dictatorial.

Esperemos os resultados inevitaveis que trar-nos-á a refórma do traje e a abertura da Avenida, e o resto, de si, virá, ao menos *ad calendas*! Mas chegará a tempo. Receio que isso não passe, porém, de moda, como tantas ontras aquisições nossas não teem passado.



Ainda ha poucos dias, deparou-se-me uma das minhas melhores amigas, cujos atrophiados sentimentos religiosos conheço, de longa data, a comprar um quadro onde, em metal fnsco, se desenhia a *Ceia* que Da Vinci perpetuou. Admirei esse preito a uma religião que nunca a vira cultivar. Ella respondeu-me, entre dois adoraveis sorrisos, que era agóra moda, em casas de distincção, ter-se numa recordação daquelle melancolico e biblico episodio.

Por moda, si não foi garridice, uzou Cesar a corôa de loiros, a desfarçar-lhe a calvice extensa, com a qual, em imagem, passou á preteridade.

Loiros colherá quiçá, mais meritorios, o *club* medico, pela propaganda que inicia agóra, conta perdida no rosario das por que ali virão a fazel-o merecedor da gratidão das brazilias gentes.

DIAS DE BARROS,  
Professor na Faculdade de  
Medicina

## POESIAS

DE ALBERTO DE OLIVEIRA

Quando em 1900 o poeta Alberto de Oliveira publicou a edição definitiva das suas POESIAS, pensava muita gente que, fatigado de cantar a natureza e o amor, elle se despedia assim da arte, para entrar no gozo pratico dos motivos emocionaes que tão ardentemente e por tantos annos o haviam inspirado. Porque isto é que é a poesia no Brazil. Os poetas viçam e abundam na quadra primaveril; murcham e rarêam ao alvorecer do outomno. Os quinze annos abrem as valvulas sentimentaes á alma dos amorosos; os trinta encerram definitivamente as preocupações estheticas do homem pratico que se cazou ou se arranjou para viver sem privações. Assim foi para muitos uma surpresa saber que Alberto de Oliveira produziu um novo livro de versos de farto volume e inspirado nas mesmas fontes que o anterior. Como o conseguiu com tanto garbo, num meio tão miseravel, tão pouco propicio, tão adverso mesmo á producção de pura arte? E' o seu segredo.

Nota-se, porém, que elle fugiu aos themas deste cruel momento. Continuou a ser um lyrico e um pantheista, sem nada reflectir da vida social.

E' certo que a Natureza é um motivo inexaurivel de emoções. Voltado para a Natureza, é que o homem se purifica e se exalta e é no seio della que elle encontra o repouzo e o consolo, a renovação do seu vigor, o fortalecimento das suas virtudes, e a razão de ser dos seus actos. Pois que

tudo vem della, é preciso remontar a ella com a alma livre e o coração puro, para interpretar os problemas da vida e para corrigir as deformações da civilização.

E' tambem certo que o Amor produz os estados affectivos mais proprios á inspiração poetica. E sentimento humano não ha mais digno de um inviolavel respeito e de perpetuas especulações estheticas. Mesmo hoje, que elle se acha tão deturpado pelos preconceitos de uma sociedade em franca decadencia e tão amesquinhado na consciencia vulgarissima dos vive-dores, mesmo hoje, si ha heroismos sublimes, si ha idéaes verdadeiramente altos, si ha nma força indomavel que resiste a todos os sacrificios e a todas as violações, tudo vem do Amor. Elle é o nucleo incorruptivel em torno do qual se elaboram todas as grandes refórmias e só elle opéra as transformações beneficicas que levam a humanidade ao progresso.

Ser capaz de enfrentar a Natureza e de interpretal-a, sentir a sua magestade e respeitar as suas mysteriosas forças propulsoras, é, portanto, revelar um alto descortino mental; e ter do Amor essas impressões inconfundiveis, saber traduzir-lhe as vibrações, cantar com éstro a sua perpetua e peregrina emoção, é dar o melhor documento da sua capacidade creadora.

Mas ha alguma coisa de mais immediatamente interessante, de mais opportuno e mais suggestivo: é a preocupação vigilante pela felicidade humana, é a analyse do soffrimento humano com o escopo de minoral-o e eliminal-o, é o estudo curioso dos aspectos sociaes, tão oscillantes e instaveis, com o fito de modifical-os e aperfeioal-os. A vida social é um desdobraimento da Natureza, complicado pelas mil intervenções da phantasia do homem, falsificado pelas paixões deformadoras, e, finalmente, rectificado pelo Amor. Quando a moral aberra excessivamente da sua fonte immortal, que é sempre a Natureza, vem o Amor corrigir-lhe os desvios e prendel-a novamente ao seio materno.

Assim, a Natureza e o Amor são as grandes causas da vida, e eu quizera que um poeta, tão admiravel, tão fecundo, tão vibrante, como é Alberto de Oliveira, completasse a sua arte, que é tão prodigiosa, intervindo com ella no coração humano, sondando a miseria humana, flagellando a infamia do homem e cantando o heroismo do homem, perdoando e condemnando, vivendo a vida intensa do amor humano, da justiça humana, da tolerancia humana e da dôr humana. Quem parte da Natureza e chega a essa forma immaterial, subjectiva e complexa do Amor, tem passado necessariamente

por toda a dolorosa evolução humana e não pôde ficar indifferente ao sacrificio monstruoso que á humanidade tem custado o pouco de bondade e de amor que ella tem adquirido até aqui.

A arte do grande poeta se resente dessa falha; é soberba, é triumphal, mas é egoista. E' verdade que uma ou outra vez lhe escapa uma nota que se poderia interpretar como uma preocupação desse genero; mas, bem se observando, era um effeito esthetico que elle buscava, quando a empregou.

E' preciso convir que, assim applicada, a arte mente á sua funcção.

Arte pela arte não é mais para este momento, em que todas as forças vivas do homem se acham empenhadas numa grande conquista, de que ainda não se conhece bem o objectivo, mas de que já se suspeita o roteiro. O artista já não pôde ficar impassivelmente encerrado na sua torre de marfim: tem que abrir sua alma para receber o furioso vendaval que sopra do seio obscuro da miseria humana.

E' este seria um formidavel poeta social. Porque o seu éstro é realmente magnifico e eloquente e o seu objectivismo — unico na historia da poesia brasileira.

E' nessa segunda série das suas POESIAS, o antigo poeta dos *Sonetos e Poemas* e do *Livro de Emma* renasce, mais poderoso e mais perfeito. Este livro continúa a edição definitiva; todas as suas producções estão nitidamente filiadas á inspiração que produziu aquelle precioso volume.

Nem por isso, o artista se repete ou se torna monotono, pois a sua emoção adquire agóra nma pureza maior de timbre e uma expressão mais limpida. O seu lyrisimo, por exemplo, tão campanudo nos *Sonetos e Poemas*, um pouco desvairado, mas já muito simples, no poemeto *Por amor de uma lagrima*, da edição definitiva, recatado e profundo no *Livro de Emma*, attinge nesta segunda série a uma intensidade maxima de sentimento e de perfeição fórmal: levissimo e crystallino. Vejam-se: *Versos do coração*, *O que en lhe dizia*, *Preito*, *Versos alheios*, *Alcova deserta* e *Alma em flôr*, a deliciosa historia de um primeiro amor.

A minha vida é um cantico a teu nome,  
Uma oração como ninguem a reza,  
Nem a ouviu nunca altar na terra erguido,  
Um extase e um penar que me consome,  
Delicia e magoa, jubilo e tristeza,  
Um sorriso e um gemido!

Esta estrophe é de *Visio*. A evocação dos prazeres perdidos, a resurreição das suas reminiscencias tem, na sua discreta surdina, arroubos insuperaveis. Aquillo váe crescendo, como o rumor de uma orchestra, e como nunca se desmanda em paroxismos agudos, dá a impressão de

uma musica de camera, oude predomine o som augusto do orgão.

Amo-te ! Estás em quanto os olhos ponho,  
Em quanto o ouvido meu escuta, em quanto  
Côa em meu sangue, o coração me vibra ;  
Dentro em minha consciencia e no meu Sonho,  
Dentro no meu sorriso e no meu pranto,  
No intimo, em cada fibra. . .

E esta estrophe dos *Versos alheios*,  
em versos brancos :

Nem mais um dia agóra,  
Sem que te haja na idéa !  
A tua imagem linda em toda a parte !  
Em toda parte o fremito convulso,  
O calafrio de lembrar-te as fórmas,  
A séde incomportavel de beijar-te  
E, ao mesmo tempo, ai ! doudo ! ecoante e lugubre  
Um grito a me dizer no intimo d'alma  
Que não podes ser minha !

*Alma em flôr* é o connubio das duas  
maneiras predominantes do auctor.  
Melhor : todas as suas qualidades de  
artista e de poeta ahí estão synthetizadas.  
A sua obra inteira talvez não registe  
producto egual. E' a psychologia da  
puberdade amorosa, o vago aneio erotico  
de uns quinze annos abrazados :

E á noite, ai ! como em mal sofreado aneio,  
Por ella a fórma ainda mysteriosa  
E que não sei quem seja, afflicto chamo !  
E sorrindo-me, ardente e vaporosa,  
Sinto-a vir (vem em sonho), une-me ao seio,  
Junta o rosto ao meu rosto e diz-me : Eu te amo !

E' o suggestivo quadro campesino,  
com a sua vida propria, e a sua moldura  
primitiva, tudo vivaz, expressivo e  
cálido :

Fulva flammeja férvida fornalha  
Que as caldeiras de cobre aquece e afuma ;  
Acceleradamente trabalhando,  
A machina farfalha.

E' a reproducção onomatopaica e  
colorida das vózes da Natureza, dos  
seus gritos, dos seus aneios, dos seus  
triumphos :

Olha—Este grito ? este tinir que escutas  
De martello em bigorna ? estes gemidos ?  
Estes soluços e risadas longas,  
Ais, assobios e de quando em quando  
Silvos, cochichos, guinchos e estalidos ?  
São aves, são gaviões, são arapongas,  
São guaches e tucanos, são nas grutas  
Insectos e reptis. . . Canto assombroso !  
Symphonia phantastica ! Ella ouvia.  
—Que é isso ? E eu lhe explicava  
O hymno da selva.

E ainda ahí estão o seu lyrismo  
suave, a graça e a harmonia do seu  
vago e discreto humor, dando tudo a  
impressão de um arroio fluente.

E a sua musa pantheista ? Esta  
desfralda com pompa os seus antigos  
atavios e a sua eloquencia soberba.

Defronte da Natureza, o poeta se transfigura,  
amando-a com impeto e cantando-a  
com paixão. Fala á tempestade :

Amo-te ao rebramar do cavernoso e grosso  
Côro dos teus trovões, ao carro teu jungidos;  
Qualquer coisa de mim que eu exprimir não  
posso  
Geme no teu gemer, ruge nos teus rugidos !  
Amo-te, ebria e possessa, a deflagrar purpurea,  
Aquanto se te oppõe, no embate formidando,  
Com Aquilão e granizo, em desatada furia,  
Varrendo, espedaçando.

E invejo-te ! Não ter para expandir-me o  
espaço  
Onde de pólo a pólo o teu soffrer derramas !  
Não ter para raivar a tua bocca d'aço,  
Nem para blasphemar tua bocca de chammas.

E' quasi o desvario erotico. A  
expressão é allucinada e febril. Já na  
edição definitiva, elle sentia e expressava  
esses transportes; agóra, porém, se  
identifica melhor com a Natureza; o  
seu éstro tem accents mais profundos,  
mais intimos.

O poema *O Parahyba* é, nesse genero,  
o que é *Alma em flôr* no genero lyrico:  
synthese das suas faculdades creadoras  
e expressivas. Talvez o episodio final  
pareça um pouco postico e convencional;  
é mesmo desproporcional aos largos  
quadros que formam a trama do poemeto.  
E, além de tudo, mostra mais uma vez  
a despreocupação do poeta pelos assumptos  
verdadeiramente humanos, que substituiriam  
com vantagem essa interessante phantasia;  
mas, mesmo assim, é uma soberba pagina  
de arte.

E' preciso salientar que o subjectivismo  
de Alberto se apura singularmente  
nesta série, como já verificámos em  
*Alma em flôr*. A lingua é tratada com  
aquella segura maestria dos que sabem  
estudal-a e prezal-a. Dan-tes, era por  
vezes um tanto hisurta, empolada no  
vocabulario e na construcção; agóra, si  
bem que ainda se notem vestigios — raros —  
das preoccupações de preciosismo que a  
sua obra anterior regista, o tom geral é  
de uma simplicidade sem affectação.

Com tão altas qualidades, Alberto de  
Oliveira bem poderia trazer o contingente  
da sua arte poderosa para as grandes  
campanhas sociaes deste momento. Falta-  
nos um poeta dessa envergadura e com  
essa visão. No dia em que elle quizer  
lançar o seu olhar para esse mundo  
novo, os motivos estheticos se lhe  
multiplicarão, e a sua arte o tornará  
verdadeiramente immortal, porque mais  
elle se terá aproximado da vida, e terá  
semeado as particulas do seu coração no  
seio da humanidade.

FROTA PESSÔA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A thorianite, um novo mineral. — Os  
trabalhos de exploração meneral da  
ilha de Ceylão, por Dustan e Blake.*

Era muito conhecida a thorite, silicato  
hydratado, muito vulgarizado na industria,  
do qual se extráe o metal terroso, o  
thorium, empregado na fabricação de  
camisas que servem na illuminação por  
incandescencia.

A thorianite é uma descoberta muito  
recente, devida a Dustan e Blake, que,  
em trabalhos de exploração mineral da  
ilha de Ceylão, encontraram uma pequena  
quantidade de minerio negro, confundido,  
ao principio, com a uranite ou o pechbleude;  
analysado, porém, com mais cuidado, se  
verificou que elle continha 70 % de  
oxydo de thorium e uma fraca proporção  
de uranite.

A thorianite é encontrada nas allu-  
viões de pouca extensão e se deve attribuir  
a sua origem a uma rocha granitica. O  
minereo se apresenta em pequenos  
crystaes de aspecto cubico, aproximando-se  
do systema rhombodrico, com as faces de  
negro de jade com brilho resinoso ou  
cinzento escuro, ou castanho negro. E' opaco,  
variando o seu peso especifico de 8 a 9,7.  
Decrepitado e convenientemente aquecido,  
se torna ligeiramente incandescente. E'  
muito facil reduzi-lo a pó e, então, se  
dissolve depressa no acido nitrico  
concentrado, ou no acido sulphurico  
dilluido, com desenvolvimento de gaz.  
O acido chlorhydrico o ataca pouco.

A principal propriedade da thorianite  
é ser de uma extrema radio-actividade,  
podendo, conforme a opinião dos seus  
descobridores, substituir, com vantagem,  
a thorite.

\* \*

*Os cosmeticos. — Pó com base de chumbo.  
— A composição do pó de arroz. — Um  
interessante capitulo do dr. Cabanès.*

Em um livro muito curioso — *Indiscreções da Historia*, o dr. Cabanès  
consagra um capitulo interessante aos  
venenos e artificios da *toilette*, no qual  
se encontram instructivos detalhes sobre  
o uso e a composição, dos cremes,  
cosmeticos, côres e pó com base de  
chumbo.

Os antigos conheciam o branco de  
chumbo ou o alvaiade.

— E' ao alvaiade — diz Ovidio —  
que deveis a pallidez da vossa tez.

Martial fala tambem das mulheres  
que abuzavam daquelle pó :

«Lycoris, mais negra do que uma  
amóra caída da arvore, se acha bella  
quando pintada com alvaiade.»

Mais tarde, S. Jeronymo fulmina as  
christãs frivolas que apparecem, pu-

blicamente, com os olhos debruados a pincel, com a tez embranquecida com aquelle pó.

A *coquette* do XV seculo preparava o rosto com varias côres — gemma de ovo, agua de vinha, unguentos e alvaiade, compunham a sua pintura.

Na epocha da Renascença, sob Luiz XIV e Luiz XV, o uso da pintura tomou proporções enormes e os saes de chumbo continuaram a entrar na fabricação dos cremes, tão nocivos, quanto o vermelho vegetal tão famoso, tão usado, sendo composto de vermelho ou minium, oxydo de chumbo.

Abandonados um momento, durante a Revolução, os cremes, volveram á moda sob o Imperio e a Restauração. O segundo Imperio tambem adoptou o costume da pintura da cara, ainda hoje mantida, si bem em menores proporções do que no tempo de Luiz XIV onde esse detestavel vicio attingira ao apogeu.

Os cremes brancos, para dar esmalte á tez do rosto, devem as suas propriedades preciosas a substancias do reino mineral, digam, embóra, os rotulos o contrario. Elles se dividem em duas categorias :

1º, *os innocuos*, cujo inconveniente consiste em obstar a respiração da pelle : são branco de talco ou de gesso, mas não se adaptam bem á pelle, não a cobrem nem produzem a illusão desejada. Véem depois os brancos de zinco, preparados com o oxydo, o carbonato ou oxalato de zinco. Não produzem accidentes, não ennegrecem ao contacto das emanações sulphydricas ; cobrem peor do que os brancos de chumbo, mas associados a certas substancias que lhe dão liga e unção, pôdem ser empregados com successo. A venda destes deveria ser a unica auctorizada ;

2º *Os cremes perigosos*, entre os quaes se deve collocar o branco de bismutho — branco de perolas — que, não sendo venenoso, tem o inconveniente de enrugam a pelle, produzindo-lhe rachas. Os brancos de chumbo, branco de alabastro, branco de theatro, etc., são, sem duvida, da mais detestavel composição: a elles se devem accidentes muita vez deploraveis.

Ha tres classes de sociedade — diz o dr. Cabanès — que uzam esses detestaveis cosmeticos — os artistas, as mundanas e as cortezãs. Para os primeiros, a pintura do rosto é uma exigencia da profissão; por isso, perdem, em geral, muito cedo, a frescura da tez e a saúde. Muitos comicos e, sobretudo, comicas envelhecem precocemente e alguns morrem, ainda jovens, em uma especie de decrepitude antecipada; succumbem de lezões organicas.

As senhoras, cuja existencia não tem outro objecto sinão agradar, pa-

gam um cruel tributo ao abuso dos ingredientes de pintura, cujos effeitos se traduzem por nevroses varias, revelando profunda perturbação dos orgãos essenciaes á vida. Quanto ás mundanas, que sómente recorrem ao arteficio em circumstancias muito mais raras, não soffrem habitualmente sinão passageiros incommodos.

Mas em todos esses accidentes se reconhecem, como nos pintores, os terriveis effeitos da intoxicação saturnina.

Os coloridos vermelhos são quasi todos vegetaes e, por isso, pouco perigosos, menos o usado pelos *clowns*, composto de minium ou oxydo de chumbo. Deve-se desconfiar dos cremes *electricos*, compostos de cinabre ou sulphureto de mercúrio. Em muitos casos, são substituidos com vantagem por uma composição de eosina, substancia aromatica inoffensiva.

No pó de uso indispensavel, o arroz figura em proporções mínimas e é geralmente substituido por feculas extraídas do trigo, de batatas, de amendoas diversas misturadas com talco, magnesia, gesso de Briancon, oxydo de bismutho, oxydo de zinco. O arroz é tambem substituido pelo amido de brilho mais pronunciado e mais vivo, tendo, a distancia, reflexos azulados, de aspecto muito agradável, e adhire melhor a pelle. Ao amido se alliam o subnitrate de bismutho e o oxydo de zinco, substancias metallicas, que teem a vantagem de ser muito alvas, opacas e adstringentes ; nenhuma dellas, porém, eguala o alvaiade no brilho e adherencia incomparaveis. Neste, está o perigo; elle é o veneno que as nossas bellas leitoras devem evitar cuidadosamente, como um veneno de funestos effeitos.

\* \* \*

*Nova theoria do rheumatismo, pathogenia e tratamento. — Um trabalho original do doutor Pénieres.*

O professor Albert Robin apresentou á Academia de Medicina de Pariz um trabalho original do dr. Pénieres, professor da Faculdade de Medicina de Toulouse, sobre a pathogenia e tratamento do rheumatismo.

Para esse notavel professor, o rheumatismo é devido a uma autointoxicação, provocada pela introdução no sangue de uma toxina, de um fermento analogo ao fibrino-fermento da coagulação do sangue, estudado e isolado por Schmidt. Esse fermento seria eliminado pela urina á medida da sua formação, como outras toxinas da urina normal, evitando assim os effeitos de sua virulencia no organismo ; mas qualquer lesão da mucosa do aparelho genito-urinario facilitará a absorpção desse veneno, a sua entrada

no sangue e produzirá o envenenamento rheumatismal.

A queda do epiteliu das vias urinarias, epiteliu defensor do organismo contra a invasão de certos venenos, abre boccas á reabsorpção, prepara a autoinxicção e, por isso, as nephrites epiteliaes, uretrites, as cysptites servem muita vez de prefacio ao rheumatismo.

Essa nova concepção condúz naturalmente a uma therapeutica correspondente para restaurar os epiteliolos e favorecer a eliminação das toxinas, effeitos que o dr. Pénieres obtem com o emprego dos antisepticos suaves e muito digestivos.

Termina, hoje, a interessante narrativa com que o nosso eminente collaborador, o general Dionysio Cerqueira, deleitou os leitores dos *Annaes*, durante quasi um anno.

A' chegada do exercito alliado no acampamento de Tuyuty, seguem a batalha de 24 de março, contada no decimo quarto numero dos *Annaes*, e outros episodios pictorescos terminados no trigesimo setimo numero.

Essa posposição foi devida ao facto de, quando encetou a publicação das suas *Reminiscencias*, não pretender o nosso illustre collaborador tratar de toda a campanha, proposito abandonado pelo brilhante successo das suas primeiras paginas, tão empolgantes foram pelo excellento estylo, pela impressão viva dos quadros traçados com absoluta verdade e pela precisão dos factos, das datas, dos personagens, sobretudo dos herões ignorados, aos quaes a penna eloquente deu um patriotico destaque.

Essas admiraveis reminiscencias, evocadas de memoria, sem o contingente de notas, de documentos para não lhes marear a impressão pessoal, sempre viva após quarenta annos, revelaram um escriptor militar de primor no soldado, no estadista, que se fez, sem duvida, superior ao saudoso auctor da *Retirada da Laguna*.

Com os nossos agradecimentos, apresentamos ao sr. Dionysio Cerqueira as nossas felicitações pelo seu pleno successo litterario, talvez unico nesse difficil genero de litteratura.

O nosso estimavel collaborador promette-nos o seu magnifico concurso, dando aos *Annaes* outros trabalhos de subido valor.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Da margem esquerda do Paraná a Tuyuty — Poesia pictoresca — O máu passadio de officiaes e praças.*

Marchámos para avante em columna aberta de pelotões, com a musica na frente. Eu ia no centro do meu, orgulhoso e cheio de mim. O dia passou sem novidade. Os paraguayos não appareceram nas avancadas, que estavam num alto dominando a baixada do Estero Bellaco. A' noite, fomos rendidos e ficámos de protecção. Como estavamos em campo aberto e a matta distava bastante de nós, o commandante formou quadrado e assim passá-

mos a noite, reudendo-se as fileiras successivamente na promptidão de duas horas. Foi muito fatigante aquella noite de vigílias. A cada tiro que soava na linha de vedêtas, formava todo o batalhão e conservava-se assim até que o silencio indicasse que não havia novidade. No outro dia, pela manhã, fomos rendidos e voltámos para o acampamento, onde tivemos revista de armamento do commandante da companhia ao meio dia. A tarde, formámos para exercicio e á noite dormimos de promptidão. Assim passava a vida no meu novo corpo, no meio daquella soldadesca, que eu admirava, mas com quem jámais me poderia identificar, tal era a distancia que nos separava. Eram bons e bravos, mas ignorantes e sem educação. Quando falavam, diziam blasphemias de arripiar os cabellos e uzavam uma gyrria muito pictoresca e vedada aos profanos.

Reparti as minhas duas libras de mezada com o faxineiro, que o sargento me concedeu. Elle cosinhava a nossa boia e dava-me a metade, lavava-me a roupa, que não ia além de uma só muda, limpava-me o armamento e cuidava do meu equipamento. Era um crioulo alvo e musculoso, *gingando* muito quando andava, com uma *trunfa* ponteaguda no alto da larga testa. Era muito limpo — fazia gosto ver a chapa do seu cinturão e os botões como reluziam. Era afamado fabricante de cigarros, que vendia aos officiaes e gostava muito de cantar. Era bahiano, e foi recrutado no tempo do conselheiro Sinimbú, quando o povo da capital se levantou pedindo «carne sem osso, fariuza sem caroço e toucinho do grosso».

Anselmo da Pureza era o nome do meu patrício. Os camaradas lhe chamavam Pureza. A sua canção predilecta, que entoava quando passava a cêra nas correias ou a tala nos metaes ou enfiava o churrasco no espeto, era:

«Arrengo da vida solteira.  
Sempre deve cazar o soldado,  
Deixar de fazel-o é ser tólo,  
E' por gosto perder bom bocado.

Deve sempre cuidar o soldado  
Em o cano da arma limpar,  
O gatilho trazer sempre limpo  
Para não se enferrujar.

A mulher trata tudo com mimo;  
Traz a chapa limpa como oiro  
E a boneca de cêra trabalha  
P'ra burnir essa coisa de coiro».

E numa toada alegre, com vóz ueteio fanhosa, o bom e valente capadocio bahiano cantava até á ultima dessas estrophes singellas, tão conhecidas dos tarimbeiros de então.

Breve marcharíamos, e eu estava satisfeitissimo com a minha nova situ-

ação, esperando o dia em que me tocasse tambem fazer como aquelles camaradas que eu via passarem entusiasmados no dia 2 de maio, quando eu, immovel, junto á culatra do meu canhão, me ralava de inveja.

Era, então, como sou ainda hoje, meio fatalista. Todo o soldado o é. Conformei-me, portanto, com a minha mochilla e a carabina, que recebi para defender a patria, sem grande esperança de ir muito além na carreira que abracei.

O posto de alferes era a minha suprema aspiração e parecia-me impossivel alcançal-o. Uma tarde, chegou-se a mim, com ar prazenteiro, o sargento da minha companhia e quasi sorrindo disse-me:

— Senhor alferes, v. s. foi promovido para o 4º de infantaria. O sr. capitão manda chamal-o.

— E' verdade, sargento, ou v. está gracejando?

Eu não podia explicar tamanha ventura. Era certo. Corri ao capitão, que me deu os parabens. Ninguém pôde calcular a transformação que se operou em todo o meu sêr, nem a minha alegria e os sonhos que provaram, naquelle dia feliz, a minha imaginação. De todas as noticias que recebi durante a minha vida, a da promoção a alferes em commissão foi a que mais prazer me deu.

O nosso commercio alli não possuia um só sirgueiro que pudesse fornecer-me os galões, a banda, a espada e o talim; nem havia alfaiates no exercito. E si existissem uns e outros, seria o mesmo, porque eu não tinha dinheiro para comprar taes objectos. Fui ao regimento radiante de contentamento e já não pisava como dantes; tinha mais garbo e dava-me certos ares de importancia. Já era official e de infantaria, a minha arma predilecta. O Marcos de Azevedo deu-me um galão velho de capitão, que eu dividi ao meio e fiz as minhas divisas de alferes. O Severiano da Fonseca uma banda muito usada com uma só borla. O João Luiz Gomes, o quartel-mestre, uma espada reiúna com o competente talim. Quando voltei ao Doze, levava; pregados na blusa reiúna de baêta azul, os galões meio desfiados, da côr do cobre, e a banda, atada á cintura, deixava ver a faixa vermelha abaixo do talim de couro preto encerado. Não cabia em mim de contente.

Entrei no acampamento arrastando o espadagão e passei pela sentinella da guarda da frente, que me perfilou a arma.

Quando eu passava, os soldados levantavam-se e o «Pureza» felicitou-me muito satisfeito.

Nesta mesma tarde, já ao pôr do sol, fui apresentar-me ao general Sampaio, commandante da 3ª divisão, a

*encouraçada*. Fôram commigo o Horacio de Almeida, hoje coronel, e o Nelson Celso Borges de Assis, que morreu gloriosamente, alguns dias depois, em 24 de maio. Tinham sido tambem promovidos.

O illustre general, gloria do exercito pelo valor e amor á disciplina, estava completamente uniformisado debaixo da sua ramada, lendo uma historia de Napoleão, o seu capitão modelo. Quando nos viu, fechou o livro, marcando-o com o indice da mão esquerda. Adeantei-me, profilei-me levando a mão á pala do bonet e disse:

— Prompto, senhor general, venho apresentar-me a v. ex. por ter sido promovido para o 4º de infantaria.

O velho soldado mirou-me de alto a baixo e eu firme como uma estaca. Parecia ter sympathisado commigo, porque disse em tom affectuoso:

— Estimo muito, sr. alferes. Apresente-se á Brigada. Desejo que seja feliz.

Depois, quasi sorrindo, me perguntou:

— Você é filho do Ceará?

Achou-me talvez com a cabeça chiata.

— Não senhor, sr. general, sou bahiano.

E quasi accrescentei — «por graça de Deus».

Despediu-me com um nobre gesto de bondade.

Foi a primeira e a ultima vez que tive a hora de falar com aquelle extraordinario homem de guerra.

\* \* \*

Muitos amigos se congratularam commigo pela minha promoção. Entre elles, estava o Martinho Albano de Souza, meu comprovinciano e companheiro de *republica*, quando estudou o segundo anno da Escola Central em 1863. Já tinha o curso de infantaria e cavallaria e ainda era 2º sargento. Onde elle estava, reinava a alegria. Além de bom, era forte. Ninguém o excedia numa boa pilleria, nem ficava mais tempo firme, sem se mexer, num *golpe de tiro e apontar*.

Num dos combates de maio, não me recordo bem si a 2 ou 24, salientou-se muito. Estava numa linha de atiradores, quando assomou pela frente uma columna de cavallaria inimiga a galope e fazendo grande alarido. Tocou *assembléa* e os nossos homens correram sobre o apoio para formarem *circulo*. Atropellava ao Martinho um sargento paraguay, espadado e gigantesco, brandindo immensa lança de lamina coruscante. O bahiano corria muito, mas a distancia diminuia rapidamente. De repente, viram-no dar meia volta e cair em guarda, com a chapa do coice apoiada na parte in-

terna da coixa direita, como o Meyer ensinava, e esperar resolutamente o cavalleiro, que abaixou a lança e debruçou-se sobre o pescoço do cavallo que vinha á toda, de barriga no chão, como dizem os vaqueiros da minha terra.

Já as pontas da lança e do sabre-bayoneta iam tocar-se, quando, sem desviar o olhar fito no cavalleiro, o Martinho, lésto como em dia de exercicio na Praia Vermelha, deu um salto á direita e partiu a fundo com um golpe de tanta força, que o paraguayense desaprumou e caíu mais adiante, levando consigo a carabina com o sabre enterrado até á guarda. Toda essa scena emocionante passou rapida como um relampago e, um momento depois, o nosso bravo companheiro chalhava na primeira fileira do *circulo* sobre o susto que raspolu, esperando com firmeza os cavalleiros, que escaramuçaram ainda alguns minutos e deram meia volta perseguidos por um troço dos terriveis gaúchos de Manduca Rodrigues. Por este feito, foi promovido a alferes em commissão para o batalhão commandado pelo Deodoro. Nesse tempo, não sei quem passava melhor — si os officiaes ou as praças de pret. Nem uns, nem outros recebiam soldo. Estas, porém, tinham a sua etapa. A nós apenas tocava a ração de carne. O commercio, para fiar, exigia vales assignados pelos officiaes e garantidos pelos commandantes. A fiança era muito arriscada porque se morria muito então. Alguns commandantes recuzaram ser fiadores. O commandante do Martinho Albano não lhe quiz rubricar os vales. Elle não insistiu, tão pouco desanimou. Começou a parafuzar; e, como bom discipulo de Archimedes, bateu na testa, exclamando — *Eureka*. No dia seguinte, depois da hora da parada, apresentou-se ao general Osorio.

— Alferes, que deseja ?

— Como estamos sem receber o nosso soldo, venho pedir a v. ex. para mandar rubricar o meu vale.

— Isto é com o seu commandante, disse o general.

— O meu, sr. general, não quer; e não tenho o que comer, além da ração de carne que v. ex. mandou dar-nos.

— Você já almoçou ?

— Não senhor; desde hontem que não como.

O general achou engraçado aquelle typo intelligente e quiz ir ao fim.

Chamou uma das ordenanças e mandou que o cosinheiro preparasse, sem demora, um bom assado e o trouxesse com farinha.

— Você gosta de farinha secca ?

— Gosto de tudo, mas prefiro um pirãozinho.

Veio um excellente churrasco com pirão escaldado. O Martinho era bom garfo: devorou a pitaça com appetite

dos vinte annos. O general regosijava-se com aquella scena bastante rara. Quando o espeto ficou limpo, disse-lhe:

— Tome agóra uns porongos de matte. Não gosta ?

— Tomo quando não tenho outra coisa. Nós da Bahia gostamos mais de café; e si ha pão com manteiga, melhor.

Veio café e pão com manteiga.

— Abi tem e tome á sua vontade.

— Muito obrigado, sr. general.

Tomou algumas clicaras e comeu todas as fatias.

— Fuma ?

— Sim senhor, mas não na presença de v. ex. Os nossos cigarros de fumo reiúno são muito ordinarios.

— Tome um charuto da sua terra e vá embóra. Diga ao seu commandante que rubrique não só os seus vales como os dos seus camaradas, para que não tomem o seu máu exemplo e vão parar na guarda do exercito.

— Muito agradecido a v. ex.. Ás ordens.

Entrou no acampamento satisfeitissimo e contou aos companheiros o magnifico resultado do seu plano; mas viu-se em *talas* para dar ao Deodoro o recado do Osorio.

Foi ferido no rosto em um dos combates de Tuyuty e, tempos depois, morreu do cholera, em Tuyucú, esse companheiro bom, bravo e jovial.

Emquanto estivemos no Passo da Patria, de vez em quando tinhamos pequenas escaramuças com o inimigo e perdiamos sempre alguns homens.

O soldado habitúa-se depressa com a vida aspera e rude de campanha. Aquelles tiroteios e pequenos encontros eram já boas distracções.

No dia 20 de maio, todo o exercito alliado levantou acampamento e marchou para a frente. Eu ia entusiasmado, de calças mettidas dentro dos colturnos e capote a tiracollo, na retaguarda da setima companhia do meu batalhão. Passámos o Estêro Belaco quasi sem resistencia. O inimigo não nos quiz disputar a passagem. Pouco depois, subimos ás eminencias de Tuyuty e todo o exercito estendeu-se por aquelles areiaes afóra.

O general Flôres acampou na vanguarda debaixo dum laranjal abandonado, tendo á direita o 1.º Regimento de artilharia. A sua esquerda, do lado da matta, armou as suas tendas a brilhante divisão Sampaio, da qual fazia parte o meu 4.º de infantaria. Mitre, o nosso illustre general em chefe, occupou com o seu bravo e lusido exercito as posições da direita. Osorio acampou num alto, dominando todos aquelles bellissimos arraiaes.

Antes de acamparmos, o meu batalhão guardeceu a bocaina, que ia ter ao Potreiro Pires e, estendido em ati-

radores na orla da matta, observava e vigiava o inimigo, que não appareceu depois.

A tarde, seguimos para o nosso posto, na extrema esquerda da vanguarda, onde a valente divisão *encouraçada*, deveria, quatro dias depois, cobrir-se de immorredoura gloria. O nosso commandante de brigada era o illustre coronel André Bello, que ás brilhantes qualidades de soldado reunia as de perfeito *gentleman*, e um caracter folgazão. Gostava muito de ouvir modinhas e fados ao violão e dava gargalhadas gostosas, quando o Macaco, fazendo carêtas, entoava o *Redondo*, e o Aguiar, chapado capadocio já maduro, meu patricio, com a sua voz de barytono, cantava as livres estrophes do *Mestre-pintor*. Muitas vezes, nas noites de luar, antes do toque de silencio, (está bem visto) reuniam-se na porta da sua barraca, os rapazes e passavam alguns momentos alegres.

Havia, entre os nossos companheiros, um que fez toda a campanha na artilharia e deixou muitos amigos, pelos seus bons serviços e excellentes dotes d'alma: era um pouco surdo e por isso mesmo, talvez, não era excedido por ninguem numa palestra *apimentada*, nem ouvia com mais attenção as modinhas e os violões chorando — era o Costa.

Naquelle torvelinho da morte, aberto pela sangrenta guerra, onde os nossos valentes camaradas desappareciam aos milheiros, sumiu-se tambem o coronel André Bello, tragado no Tuyú, pelo cholera-morbus.

Desde o dia 20 de maio, acampavamos em Tuyuty, bem perto das linhas paraguayas, e todos sentiam a imminencia de um encontro entre os dois exercitos, com todas as forças reunidas. Si havia alguém nos batalhões da alliança que não o desejava ardentemente, guardava no fundo da sua alma os segredos, que tinha vergonha de revelar.

DIONYSIO CERQUEIRA.

Gabriel Trarieux, tratando do movimento dramatico, *recordou* o caso dos estudantes do Rio de Janeiro, num delirio de entusiasmo substituindo os cavallos da carruagem de Sarah Bernhardt. Caso, aliás, que Eça de Queiroz commentou nos seus *Bilhetes de Pariz*, publicados nas *paginas esquecidas* dos num. 19, 21 e 23 dos *Annaes*.

Damos a nota daquelle escriptor no original, tirado do ultimo numero da *Revue*:

« On a vu non sans plaisir, bien que sans vive émotion, *Pour la couronne*, de François Coppée, drame éloquent et suranné, au théâtre Sarah Bernhardt. Cela en attendant que l'enchanteresse ait fini de *charmer les BARBARES et de faire déteiler ses voitures par des étudiants en délire et des foules en pâmoison...* »

## O ALMIRANTE (61)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPÍTULO XXI

Envolta nos effluvios daquelle olhar, Dolores passou rente de Oscar, afastou-se alguns passos e voltou hesitante, como si tentasse dizer-lhe alguma coisa olvidada; depois de rapida hesitação, approximou-se mais e, tomando-lhe as mãos, apertou-as num movimento nervoso, rapido, que ninguem percebeu. O formoso rosto sensual se contraíu sombrio, os olhos se apagaram, despedindo tenue clarão fulvo, em relampagos intermitentes, quasi velado sob as palpebras longas e pezadas; as nariñas dilatadas figuravam aspirar estranho perfume e os labios offegantes, entreabertos numa ancia de dizer coisas que não cabem na palavra humana, na imminencia de um grito, de um rugido suffocado no peito arquejante. A'quelle contacto, Oscar sentiu esboroar-se a coutraça de egoismo onde encerrára o seu coração, experimentou a indefinivel commoção de um homem chocado por um attricto electrico, privado de todas as energias, de todos os meios de inibição contra o amor, a se innocular violento, inexoravel como um toxico fulminante, excitando-lhe o sangue a galopar nas veias como um liquido inflammado.

Antes de se restaurar elle dessa commoção, ella se afastou deixando uma onda de emanações magicas que o inebriaram, e sumiu-se entre algumas pessôas amigas, sem lhes retribuir as saudações, as palavras galantes de sincera admiração. Com as temperas latejantes, a cabeça ôca, desamparada da razão, erma de senso moral, elle a seguiu, instinctivamente, guiado pelo capitoso perfume de féra ciosa. Pouco depois, se encontraram num recanto do terraço, immerso na sombra densa de frondosas magnolias em flôr.

— Dolores — murmurou elle, tremulo, submisso, como si obedecesse a um convite imperioso.

— Oscar — murmurou Dolores, num accêto de surpresa, recuando esparvada.

— E' uma fatalidade — gemeu Oscar, roçando-lhe quasi a cabeça — E' uma fatalidade.

— Não, não! — exclamou ella, estendendo os braços numa attitude de defeza — Não posso, não posso mais...

Sacudida por um calafrio violento, eucollida numa timidez de preza perseguida, indefeza, Dolores deixou-se envolver nos braços de Oscar, e os seus labios sequiosos se collaram num longo beijo, supremo hausto de volupia em que as duas almas se encon-

traram confundidas, num fugitivo momento de delirio.

Dolores se desvencillou desse amplexo fulminante e correu apavorada para o salão. No campo da porta illuminada, os olhos avidos de Oscar encontraram as manchas escuras dos oculos do doutor Adeodato, que procurava a mulher e aquelles discos negros como orbitas vazias de uma caveira, produziram no almirante uma intensa impressão de terror. No semblante emagrecido do calmo magistrado, se debucharam as curvas de um sorriso de compungida ironia, encobrando, talvez, a erupção de lavas do ciúme, suffocado pela contingencia habitual de se submeter á soberania despotica, á vontade absoluta, á iniciativa da esposa adorada, que corrigia as vantagens do natural acanhamento do marido, a sua timidez innata, obtendo em troca excessiva liberdade. Elle abdicára de seus direitos, da sua preponderancia no lar, como chefe de familia; não ouzava contrariar os multiplos caprichos de Dolores e deglutia as maguas do coração, cruciado de suspeitas, num silencio submisso.

Adeodato percebera, nesse encontro que elle considerava fortuito, a chama fulva que brilhava nos olhos de Oscar, semelhando carvões de desejos comburentes; mas attribuiu essa alteração da inquebrantavel placidez daquelle homem frio, invulneravel á commoção do accesso ao posto de almirante. Para elle, o eterno pretendente, afinal satisfeito, graças ao prestigio da mulher, nada havia que pudesse commover como uma promoção, occasionando essa deliciosa sensação de subir na consideração, na estima social e ver augmentados os proventos do cargo. Longos annos, elle consumira toda a sua paciencia nesse calvario da magistratura, em cujo cimo estava o termo do martyrio da mendicidade desilludida, onde elle contraíra esse habito da resignação incondicional.

— Renovo-lhe meus sinceros parabens, almirante — disse elle, estendendo a mão a Oscar — O senhor chegou cedo ao fastigio, graças ao seu reconhecido merito.

E sentindo a mão gelada que o outro lhe estendera hesitante, continuou, em tom de carinho:

— Está commovido, meu caro, tal qual como eu quando Dolores me communicou a feliz noticia da victoria de uma pretensão que vinha do Imperio; tinha cabellos brancos a minha idéa de me collocar na capital.

— Era victima de uma injustiça — murmurou Oscar, esmagado pela gentileza daquelle creatura acabrunhada á prolongada acção de um longo periodo de humilhações.

— Eu sei que o amigo e outros ho-

mens de valor reconheciam os meus apoucados merecimentos; mas eu não tinha padrinhos; não tinha um protector de prestigio que se empenhasse por mim. Deus permitta que a Republica remova para sempre as mesquinhas praxes do governo imperial e abra amplas portas ao verdadeiro merito.

— O Governo Provisorio reconheceu o seu, doutor.

— Não fôssem a dedicação, a intervenção energica da minha querida esposa, não teria eu conseguido ver realizadas as minhas velhas aspirações. Ah, meu caro almirante, não imagina de que é capaz a força de vontade de uma mulher, como a minha inestimavel Dolores!

— Dolores é um... anjo — confirmou Oscar, para dizer alguma coisa, tanto o vexava aquelle entretenimento torturante, demasiado prolongado.

O doutor Adeodato avistou Dolores e, murmurando algumas palavras de escusa, foi ter com ella e convidou-a, em voz baixa, a deixarem o palacio. Tinha tanto trabalho, tantos autos a despachar; não podia perder a menor particula de tempo.

— Ah! vens tu — replicou ella, amuada e triste, falando a custo, fatigada — com as tuas incorrigiveis maneiras de desmanchar prazeres.

— Bem sabes que sou escravo dos meus deveres.

— E pretendes que me escravize tambem a elles?

— Eu não pretendo coisa alguma. Venho sómente lembrar-te que a hora váe avançada.

— Não ha horas quando estão em casa de uma amiga idolatrada, como a marquezia.

— Não reparaste na trovoada imminente?

— Que tem isso? Aqui estou como em nossa casa.

— Attende, minha querida..

— Si estás, como sempre, aborrecido, váe embóra. Eu não me opponho a isso.

— Deus me livre de semelhante inconveniencia. Que se diria si eu te abandonasse aqui? Não digo isso por desconfiar de ti, mas pelo que pôdem inventar as más linguas. Para mim, isso nada teria de estranhavel: tu fazes o que te parece; tens completa independencia. De resto, vivemos tão separados...

O doutor Adeodato não disfarçou um suspiro.

— Olha! — exclamou Dolores. — Ah! vem a marquezia; vou denunciar-te.

— Por piedade, Dolores! — supplicou elle.

— Que é? — inquiriu a marquezia.

— O Dadá não perden o horrivel costume de se enciúmar quando esta-

mos em sociedade. E' incorrigivel. Agóra mesmo está me perseguindo para irmos embóra.

— Isso é impossivel — observou a marquezia.

— E' que, minha senhora, necessario de...

Adeodato não terminou a justificação.

— Váe se metter com os livros — interrompeu Dolores — com uns autos muito nojentos e eu que fique horas infinitas abandonada na solidão do meu quarto. Por causa desses aborrecimentos é que eu prefiro andar sózinha, como uma viuva, uma divorciada.

— O doutor é complacente — disse com ternura a marquezia — Dar-nos-á o prazer da sua companhia mais uma hora, até o chá.

Adeodato curvou-se num gesto submisso e Dolores lhe baten na face, meigamente, em signal de agradecimento. Essa pancadinha era o gesto favorito para desarmar as caturrices do marido.

— Nós — concluiu a marquezia — não podemos prescindir de Dolores, que é o genio alegre desta casa triste.

Adeodato procurou, resignado, o grupo em que Souza e Mello, o conselheiro e outros, discutiam casos interessantes, a controversia sobre o logar do supplicio de Tiradentes, assumpto que se tornára a idéa fixa do conselheiro e um pretexto para eruditas prelecções de historia que era o seu fraco.

Martins conversava placidamente com o Castrinho, o zangão que afortunados golpes de bolsa tinham posto em evidencia.

Oscar atravessou o salão como um deslumbrado, evitando a demasiada claridade das luzes e esgueirando-se em busca de um refugio, onde não sentisse os olhares de toda aquella gente, os quaes se figuraram fixados sobre elle, como si fôsem testemunhas do recente encontro com Dolores; elles deviam perceber no seu rosto algo de extraordinario, os vestigios do remorso, a sua alma criminosa estampada em turvo traço que lhe desvelavam os mais reconditos refolhos. Nos labios, tostados pelo beijo funesto, permanecia a incandescente impressão de outros labios polpudos, purpúrios e um delicioso sabor de fructo vedado, reventando num nectar suavissimo que libava lentamente. O rosto della, deformado na syncope de amor, os olhos, semi-cerrados numa languidez mortal, occupavam todo o campo da visão dos seus; a fragrancia encantadora daquella carne opulenta o entontecia: era uma allucinação empolgando-lhe o cerebro combalido; era a alliança íntima, indestructivel de duas creaturas confundidas num sêr unico em

completa solidariedade da materia e do espirito. Em vão, uns lampejos ephemeros lhe revelavam a monstruosidade daquelle movimento imperioso dos instinctos; em vão, se lhe antolhava a mulher captiva do compromisso legal, a mulher leviana, cuja desenvoltura, tanta vez, o chocára: o encanto triumphava, a obsessão o asediava em progressivo aperto, e via, num halo mystico, idealizada como a mulher presentida nos sonhos fugaces, Dolores desmaiada, tiritante de voluptua á constricção do seu amplexo apaixonado.

As palavras de d. Eugenia e de Marianinha que chamavam a attenção de Oscar para outras senhoras, se lhe figuravam, insinuações a Dolores que enchia o ambiente com a fascinação de uma belleza diabolica e lhe empolgára todos os sentidos.

— Que tem você Oscar? — inquiriu Marianinha — Parece que não gostou da promoção.

— Eu? — respondeu elle, como si despertasse — Foi uma surpresa.

— Muito bem encenada — Aparteou d. Eugenia — por Dolores com a cumplicidade do Wandenkolk. Dizem que são muito amigos, muito intimos.

Oscar estremeceu, arripiado de colera.

— Eu não me impressiono — tornou d. Eugenia — com o que se diz, neste meio de calumnia, de maledicencia, de bisbilhotice de que ninguem está preservado.

— A culpa de Dolores — accrescentou Marianinha — é ser alegre, franca, dizer o que pensa com o coração sempre nos labios e não fazer caso de certos costumes bisonhos. O maior peccado daquelle adoravel creatura é ser bonita, espirituosa e, por conseguinte, invejada. Não é esta a sua opinião, Oscar?

— Oh, sim, muito invejada — respondeu elle, automaticamente.

— Você — continuou a esposa de Martins — responde friamente, sem entusiasmo, como si fôsse insensivel ao prestigio de uma mulher formosa.

— Oscar é impenetravel — confirmou d. Eugenia — Ainda não nasceu aquella que lhe ha de acordar o coração. E' um candidato a solteirão... Mas, voltando á maledicencia, á bisbilhotice... Todos sabem que vivemos muito retirados da sociedade para evitarmos a notoriedade, para vivermos ignorados no nosso excellente cantinho, contando por uma duzia, si tanto, as familias de nossas relações. Pois bem, isso não impede que se contem phantasticas historias sobre a nossa vida interna. Ainda ha pouco, a senhora do Moreira perguntou-me quando cazava Amelia com o novo almirante. Respondi, está claro, que não

se cuidava disso, porque, justiça se faça, Oscar nada me deu a entender nesse sentido...

Houve uma pausa e d. Eugenia continuou:

— Si ha algum projecto de casamento entre elles, disse eu á Christina Moraes, não me foi ainda communicado. E' verdade que os paes são sempre os ultimos a saberem — respondeu-me ella, maliciosamente.

Oscar ouvia attonito a estranha insinuação de d. Eugenia, a evocar a lembrança da rigida Amelia ausente, que naquella momento lhe vinha em fóco ao espirito para soffrer uma desfavoravel comparação com Dolores.

(Continúa)

## PAGINAS ESQUECIDAS

### ANTES, CEGO

Porque, divino Mestre,  
com teu poder celeste  
ao homem que cegára  
de novo vêr fizeste?  
Que lhe mostrava a terra  
que a vista merecesse?  
Maldades e perfidias  
de sordido interesse!  
Tua doutrina, cego,  
ouvias e meditava;  
sem cogitar no mundo  
ao céu se remontava,  
Um cão, umas creanças  
lhe davam assistencia:  
o cão, fidelidade;  
creanças, innocencia!

De humana piedade  
teu acto foi, Senhor;  
mantel-o na cegueira  
fôra de um Deus favor!

FRANCISCO OCTAVIANO.

### O SALIA

Apertado entre ribas fragosas e escarpadas, sente-se mugir ao longe com incessante ruido. A espaços destorcendo-se em milhões de fios, despenha-se das catadupas em fundos pégos, onde referve, espuma e, golfando em olheirões, atira-se, atropelando-se a si mesmo, pelo seu leito de rochas, até de novo tombar e despedaçar-se no proximo despenhadeiro. E' o Salia, que, de quéda em quéda, rompe dentre as montanhas e se encaminha para o mar cantabrico.

Perto ainda das suas fontes, o estio vê-o passar pobre e limpido, murmurando á sombra dos choupos e dos carvalhos, ora por meio das balsas e silvados, que se debruçam aqui e acolá sobre a sua corrente, ora por entre penedias calvas ou corregos estéreis, onde em vão tenta, estrepidando, re-

cordar-se de seu bramido de inverno. Mas, quando as aguas do céu começam, nos fins do outomno, a fustigar as faces pallidas do cabeça, a ossada nua das serras, e a unir-se em torren-tes pelas gargantas e valles, ou quando o sol vivo e o ar tépido de um dia formoso derretem as orlas da neve que pousa eterna nos picos inacessíveis das montanhas mais elevadas, o Salia precipita-se como uma bêsta fêra rai-voza e paciente na sua soberba, arran-ça os penedos, allúe as raizes das ar-vores seculares, carrega as terras e rebrame com som medonho, até chegar ás planicies, onde o sólo o não comprime e o deixa espraçar-se pelos paúes e juncaes, correndo ao mar, onde emfim repousa, como um homem completamente ébrio que adormece, depois do bracejar e lidar da embri-aguez.

ALEXANDRE HERCULANO.

\* \* \*

#### O CONVERTIDO

Entre os filhos d'um seculo maldito  
Tomei tambem logar na impia meza,  
Onde, sob o folgar, geme a tristeza  
D'uma ancia impotente de infinito.

Como os outros, cuspi no altar avito  
Um rir feito de fel e de impureza...  
Mas, um dia, abalou-se-me a firmeza,  
Deu-me rebate o coração contrito!

Erma, cheia de tedio e de quebranto,  
Rompendo os diques ao represado pranto,  
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na fé o pensamento,  
E achei a paz na inercia e esquecimento...  
Só me falta saber se Deus existe!

ANTHERO DE QUENTAL.

\* \* \*

#### PARABOLA DA VIUVA

Estava um dia o Senhor sentado no templo, defronte do gazophylacio, que era uma caixa, onde se lançavam as esmolas para a fabrica do mesmo templo: vinham muitas pessoas ricas, e botavam quantidade grossas. Veio depois uma pobresinha viuva, e lançou dois ceitís de cobre. Julgou o Senhor que esta era opportuna occasião, para dar doutrina a seus discipulos. Convocou-os, e lhes disse:

— De verdade vos affirmo que esta pobre viuva lançou mais que todos os outros.

Não reparo agora em que o Senhor affirme, que mais eram aquelles dois ceitís, do que aquell'outras ofertas maiores; porque logo elle mesmo deu a razão disso, comparando o que ficava aos ricos, que era muito, com o que ficava áquella pobre, que era nada; e bem disse Santo Ambrosio, que mais valia um dinheiro tirado do pouco, do

que um thesouro tirado do maximo; porque se ha de fazer o computo, não pelo que se dá, sinão pelo que remanesce. No que reparo, é que o Senhor convocasse a seus discipulos, para que nisso mesmo reparassem e levassem doutrina! Esteve bem feito; porque certamente tinha muito que ver uma pobresinha dar tudo o que tinha, só por dar alguma coisa; ficar sem sustento, só por não ficar sem caridade. E é bem que se saiba, e se divulgue esta doutrina, tão mal acceita do mundo: *Que os pobres tambem hão de dar conforme podem.*

Ouçam, pois, e vejam isto os discipulos do Senhor, porque hão de ser mestres do mundo, extirpadores de dictames falsos, e semeadores dos bons costumes!

PADRE MANOEL BERNARDES

\* \* \*

#### A HERA E O ROSMANINHO

A hera e o rosmanninho  
Cresciam num jardim;  
E ao rosmanninho a hera  
Fallou um dia assim:

— « Comtigo a natureza  
Madrasta se mostrou,  
Pois para andar co'a terra  
Cosido te creou.

Commigo mais propicia,  
Den-me subir ao ar,  
Para á voutade os ramos  
Por elle derramar.

Não vês como estou alta?  
Que vasta sombra espalho!  
Como do vento ao sopro  
Resisto sem trabalho! » —

— « Vejo (responde o outro)  
Tudo, que dizes, vejo;  
Porém, do meu contente,  
Teu fado não invejo.

Tu sóbes muito, é certo,  
Mas com auxilio alheio,  
Porque esse ulmeiro achaste,  
Que te servio de esteio.

Sem elle, coitadinha,  
Serpeando pelo chão,  
Pisada, em pó envolta,  
Mettêras compaixão...

Eu pouco subo e cresço,  
Mas é com o meu vigor,  
Nem para sustentar-me  
Preciso protector. » —

Do rosmanninho approvo  
O nobre parecer:  
Antes ser pobre e livre,  
Que rico e escravo ser.

J. M. DA COSTA E SILVA.  
(1788-1854)

#### UM PARECER SOBRE UMA OBRA DE HISTORIA DE FREI LUIZ DE SOUZA

E' admiravel o juizo, discreção, eloquencia do auctor, porque, fallando em materias domesticas e familiares, todas refere com termos tão iguaes e decentes que nem nas mais avultadas se remonta nem nas miudas se abate; dizendo o commum com singularidade e o semelhante sem repetição, o sabido e vulgar com novidade, e mostrando as coisas (como faz a luz) cada uma como é, todas com lustre. A linguagem, tanto nas palavras, como na phrase, é puramente da lingua em que professou escrever, sem mistura ou corrupção de vocabulos estrangeiros, os quaes só mendigam d'outras linguas os que são pobres de cabedades da nossa, tão rica e bem dotada, como filha primogenita da latina.

Sendo tanto mais de louvar esta pureza do auctor quanto a sua lição, nos diversos idiomas e as suas largas peregrinações, em ambos os mundos, o não puderam apartar das fontes naturaes da lingua materna, como acontece aos rios, que vêm de longe, que sempre tomam a côr e o sabor das terras por onde passam. A propriedade, com que falla em todas as materias, é como de quem as aprendeu na escola dos olhos. Nas do mar e na navegação, falla como quem as passou muitas vezes; nas da guerra, como quem exercitou as armas; nas da côrte e paço, como cortezão e desenganado; e nas da perfeição e virtudes religiosas, como religioso perfeito. Por isso foi escolhido, entre tantos sujeitos eminentes nas outras letras, com alto conselho, um tal chronista, entendendo-se que a arte de fallar com propriedade, em tudo o que abraça uma historia, não se estuda nas academias das sciencias, senão na universidade do mundo. O grande conhecimento, que fr. Luiz de Souza teve no mesmo mundo, se mostra bem em o haver finalmente deixado, e este é o documento geral que se lê em toda sua historia, tão digno de ser imitado dos que nasceram e se crearam com semelhantes obrigações, quanto é certo que assim nos primeiros estudos, como nas ultimas resoluções, terá poucos imitadores.

Servirá, porém, este exemplar para confusão dos que o lêrem. E como elle escreveu na primeira, na segunda e terceira parte desta historia as acções de tão heroicos sujeitos, assim será um dos mais excellentes que andarão escriptos na quarta. Este é o meu parecer.

PADRE ANTONIO VIEIRA.



## SUDORIFERO INFALLIVEL

No meu tempo, em Coimbra, para medico,  
Estudava um rapaz,  
Moço bem comportado, nada cábula,  
E bastante sagaz.

Num acto perguntou-lhe um cathedratico,  
Que espreme-lo mais quiz :

« Se em tal doença... (e deu-lhe um nome  
[hellenico

Dos que a gente maldiz)

Quizesse ao seu doente, em abundancia

« Promover-lhe snor,

« Que remedio empregava então, solícito ?

« Diga, faça favor ».

Corre o estudante a escala aos sudoriferos,  
Apontando um a um,

E a todos diz-lhe o lente, com tom rispido,  
Sem lhe agradar nenhum :

« Mas se inda não snasse ? » — Volve ironico  
O rapaz singular :

« Mando-o aqui fazer acto, pois de marmore  
Que seja, ha-de snar. »

JOÃO DE LEMOS.

\* \*

É O CORAÇÃO DO HOMEM COMO A  
MENINA DO OLHO, QUE TUDO LHE  
CABE E NADA O SATISFAZ

Esta é pois a semelhança que tem o coração do homem com a menina do olho; porque assim como a menina do olho, sendo na quantidade tão pequena, é na capacidade tão grande, que a não farta todo o mundo, assim o coração do homem, sendo na quantidade tão pequeno, é na capacidade tão grande, que o não satisfazem todas as coisas delle.

Herda um homem de seus paes um morgado, e uma casa muito grande, e muito antiga; cabem-lhe no coração mas não o satisfazem. Accresce-lhe por outra linha outro morgado, e outra casa maior; caem-lhe no coração, mas não o satisfazem. Com o augmento das rendas fundam-se novos e soberbos edificios para habitação, com frescos jardins para o regalo; crescem os faustos nos coches, nas liteiras, nas tapeçarias e nos criados; multiplicam-se as delicias nas galas mais vistosas, nas iguarias mais diversas e mais saborosas, nos cheiros mais puros, nas musicas mais suaves, e nos instrumentos mais bem accordados: tudo isto cabe no coração do homem, mas não o satisfaz. Dão-lhe um titulo muito honrado, e muito entendido em terras e em jurisdição, e ainda cabe no coração do homem, mas não o satisfaz; dão-lhe outro titulo maior e o melhor que se póde dar; ainda lhe cabe no coração, mas ainda o não satisfaz.

Valha-me Deus! nada satisfaz este coração? Não; que nada o póde satisfazer.

E' o coração do homem como a menina do olho, que tudo lhe cabe e nada o satisfaz.

PADRE BARTHOLOMEU DO QUENTAL.

## ACADEMIA BRAZILEIRA

Era nosso sincero proposito não alludirmos mais, de modo algum, ao resultado da ultima eleição na Academia Brasileira. Assim, não continuámos a transcrever da imprensa dos Estados as copiosas referencias que se fizeram ao voto da illustre companhia — sobretudo porque, não nos tendo ficado a menor animosidade contra ella, nos pareceu desagradavel insistir a esse respeito, sem embargo dos nossos agradecimentos ás homenagens feitas ao sr. Domingos Olympio.

Não podemos, porém, por simples, agradecer a delicadeza, deixar de publicar as duas cartas que se seguem, a primeira das quaes do velho e illustre professor que veio do retiro em que hoje se acha para ser amavel com o chefe desta casa.

WALFRIDO—Causou pasmo á quasi totalidade dos intellectuaes, e aos que acompanham, com interesse e desvelo, a faina dos luctadores da imprensa, a solução inesperada, e jámais prevista, do ultimo julgamento da Academia de Lettras para preenchimento da vaga de José do Patrocinio. Elle irá repercutindo nos centros cultos de todo o paiz, como aberração flagrante da justiça e da reflexão, que devem ser o lemma das collectividades, e póde se affirmar que não escolheram o mais digno. E' como si preferissem um satellite a um astro de primeira grandeza, ou um aprendiz de esgrima a um athleta consummado, que conhece perfeitamente todas as evoluções e manobras em seus menores detalhes.

E quem é que neste meio sobrepuja, no primor do estylo, colorido da phrase, naturalidade e energia dos traços, o festejado escriptor da *Luzia-Homem*, esse typo de notavel perfeição, que se sente palpitar, agitar-se nas paginas do livro, e cujos movimentos, contracção dos musculos, expressão do olhar cream a illusão de nos suppormos em frente de um sér animado e palpavel, de uma mulher de carne e osso ?

E essas figuras, que véem emergindo da téla sob a evocação do adestrado pincel do creador do *Almirante*, não collocam em plena evidencia o fino e primoroso estheta que é o regeitado da Academia de Lettras ?

O doutor Domingos Olympio paira na culminancia dos mestres, e sabe tecer em filigranas os periodos leves, as phrases concisas e expressivas, de uma tonalidade encantadora, que lhe traduzem o pensamento. As suas admiraveis chronicas politicas, cuja critica, ás vezes mordaz e oppressiva, é manejada com a sagacidade de um espirito superiormente educado, dão ao consagrado *Pojucan* um logar de honra na galeria dos nossos mais illustres homens de lettras.

E por tudo isso, o publico considerou uma grande injustiça, uma conspiração de effeitos desastrosos para os *immortaes*, o acto da Academia de Lettras collocando em plano inferior o doutor Domingos Olympio, que seria uma gloria para qualquer aggremação de intellectuaes. — EMILIANO PESSÔA.

\* \*

« AO ILLUSTRADO MESTRE DR. DOMINGOS OLYMPIO. — Eu sou um humillimo admirador da superioridade do vosso talento; eis porque me não é possível conter a minha indignação deante da clamorosa injustiça com que a Academia Brasileira acaba de vos ferir miseravelmente, e vos dirijo esta carta, que é um sincero protesto ao favoritismo que, para maior deshonra nossa, conseguiu transpor os humbraes daquela sociedade.

Da leitura de *Luzia-Homem* guardo ainda a mais suave impressão e, para mim, quer no romance, quer na chronica, tendes o magico poder de empolgar os iniciados na arte litteraria.

Assim, a vossa derrota afigurou-se ao meu espirito um documento flagrante da crise de character que infelizmente domina este querido Brazil.

Apresento-vos os sentimentos de minha inteira solidariedade e subscrevo as palavras de Heitor Lima, publicadas em o numero 56 dos primorosos *Annaes*: «Domingos Olympio não teve maioria de votos na Academia dos Immortaes; mas conta com a unanimidade delles no paiz, que o admira e o consagra e o immortaliza.»

Sou com estima vosso patricio e assiduo leitor — GETULIO AMARAL — Director da "Revista Pernambucana"

Atemorisados com a recrudescencia dos accidentes ocasionados pela circulação de carros automoveis, o ministro do interior e o dos trabalhos publicos da França instituiram uma commissão encarregada de modificar os regulamentos actualmente em vigor, tanto no ponto de vista das responsabilidades, como das condições de rapidez dos vehiculos nas estradas e nos caminhos mais frequentados. A commissão terá egualmente que impor aos carros uma numeração que não póde ser modificada, ainda mesmo nas corridas, o que o emprego de placas moveis permite fazer actualmente. Pensam tambem os membros da commissão em tornar obrigatorio o uso do indicador da presteza, que, por meio de placas de diversas côres, torna apparente a todos a marcha dos carros durante as viagens, facilitando, assim, a verificação do excesso da rapidez.

XADREZ

TORNEIO DE S. PAULO

Jogou-se a 1ª parte da 2ª classe deste torneio com o seguinte resultado:

Dr. Isaac Mesquita.....	3 pontos
Dr. Theodomiro Cintra.....	3 »
Dr. J. E. Macedo Soares.....	2 »
Luiz Fonseca.....	1 »
Victor Dreyer.....	1 »

São as unicas informações que até agora podemos obter.

O torneio do campeonato será jogado este mez e tomarão parte nelle os seguintes eixadristas: prof. Paulo Tagliaferro, dr. Mauricio Levy, dr. Souza Campos Junior e dr. Francisco de Godoy, que são os mais fortes jogadores de S. Paulo. Souza Campos já obteve um 2º premio em um torneio no Club dos Diarios desta Capital.

Para se julgar do movimento eixadrista em S. Paulo, basta assignalar que, além destes amadores e dos da 2ª classe, cujos nomes damos acima, ainda ha tres outras classes respectivamente com 12, 8 e 5 jogadores.

\*\*

MORAL DO XADREZ

De Benjamin Franklin

Encetamos hoje a publicação da *Moral do xadrez*, de Benjamin Franklin, traduzido do inglez pelo dr. Mauricio Levy e divulgada pelo Club de Xadrez de S. Paulo:

De todos os jogos é o xadrez o mais antigo e conhecido. Sua origem é anterior ás noções historicas, e por muitos seculos tem sido o divertimento de todos os povos civilizados da Asia: — persas, indios e chinezes.

A Europa conhece-o ha mais de mil annos; os hespanhóes levaram-no para suas possessões da America, e os Estados-Unidos começam a cultivar-o de algum tempo.

Este jogo é tão interessante em si mesmo que não é necessario intuito lucrativo para estudar-o; e, por isso, raramente se joga a dinheiro.

Os que tem, para distracções, o tempo necessario, nenhuma poderão escolher mais innocente.

O seguinte capitulo, escripto com o fim de corrigir, entre alguns rapazes amigos, defeitos que se verificam na pratica do jogo, prova, ao mesmo tempo, que, pelos effeitos sobre o espirito, póde ser o xadrez não só innocente, siuão tambem vantajoso, tanto ao vencedor como ao vencido.

O jogo do xadrez não é um frivolo passatempo. Praticando-o, podem-se adquirir e fortificar diversas qualidades da alma, nteis no curso da vida, assim como contraír certos habits, altamente proveitosos em determinadas occasiões.

A vida é uma como partida de xadrez, na qual temos muitas vezes pontos que ganhar, competidores ou adversarios com quem combater; em que se nos deparam successos bons e máus, oriundos, em parte, da prudencia ou da precipitação.

Jogando ao xadrez aprendemos:

1º *A Previsão*, que olha para o futuro e considera as consequencias de um acto; pois occorre continuamente ao jogador:

Si novo esta peça, que vantagem obterei com a nova posição? Poderá o adversa-

rio aproveitar-se dessa manobra, voltando-a contra mim? De que peça poderei valer-me, para defender a primeira, e preservar o meu jogo dos ataques intentados pelo contrario?»

2º *A circumspecção*, que abrange todo o taboleiro, ou theatro da acção; que examina a relação das diversas peças entre si; sua posição; o perigo a que se acham expostas; a possibilidade de prestar-se mutuo auxilio; a probabilidade de tal ou qual movimento do adversario, e de atacar esta ou aquella peça; e os diversos meios que temos, afim de evitar os golpes contrarios, ou voltar-os contra o atacante.

3º *A cautela*, ou prudencia contra todo lance precipitado. Adquire-se melhor esta qualidade observando estrictamente as leis do jogo. Si, por exemplo, tocardes uma peça, deveis jogal-a, e si a puzerdes em algum lugar, ahi deverá ficar. E' melhor, portanto, que estas regras sejam observadas, por isso que o jogo se torna ainda mais a imagem da vida humana, e, particularmente, da guerra, na qual si, imprudentemente, vos collocardes em posição perigosa e arriscada, não podereis esperar que o inimigo vos deixe retirar vossas tropas, para que a colloqueis em sitio mais seguro, sujeitando-vos, por isso, a todas as consequencias de vossa temeridade.

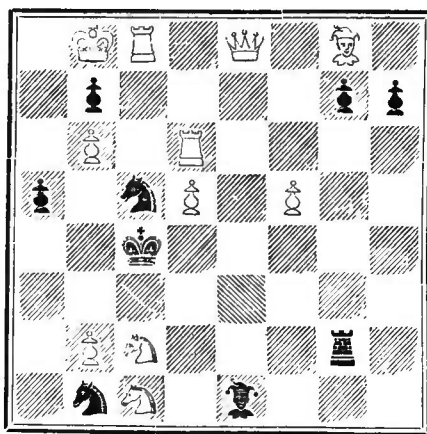
Finalmente, pelo jogo do xadrez, aprendemos a não desanimar do máu aspecto que algumas vezes apresentam os nossos negocios; habituamo-nos a esperar sempre alguma favoravel mudança, e a perseverar na procura de meios efficazes que a produzam.

(Continua)

PROBLEMA N. 29

Max Feigl

PRETAS (9)



BRANCAS (11)

Mate em dois lances

\*\*

PARTIDA N. 30 (a)

GIUOCO PIANISSIMO

Branças (Stanisláo Sittenfeld) Pretas (Caldas Vianna)

P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 3 B	— 4 —	C 3 B R
P 3 D	— 5 —	P 3 D
B 3 R	— 6 —	B 3 C
C D 2 D	— 7 —	P 4 D
P X P	— 8 —	C X P

B 5 C R	— 9 —	P 3 B R
B 4 T R	— 10 —	C 5 B R! (b)
Roque	— 11 —	C X P D
D 3 C	— 12 —	C 4 B D!
D 2 B (c)	— 13 —	B 3 R
P 4 C D	— 14 —	B X B
C X B	— 15 —	D 6 D (d)
D X D	— 16 —	C X D
B 3 C	— 17 —	Roque R
P 4 T D	— 18 —	P 4 T D
T R 1 D	— 19 —	P 5 R
P 5 C	— 20 —	C 2 R
C R 2 D	— 21 —	P 4 B R
C X B	— 22 —	P X C
B 6 D	— 23 —	T R 1 R
C 4 B D	— 24 —	C 4 D
B 3 T	— 25 —	C X P B D
C X P C	— 26 —	C X T
C X T	— 27 —	C (8 D) X P
C 7 B	— 28 —	T 1 B D
C 5 D	— 29 —	T 5 B
C 7 R x	— 30 —	R 2 B
C X P	— 31 —	T X P
C 3 R	— 32 —	P 4 T R (c)
P 3 T R	— 33 —	P 4 C R
C 2 B D	— 34 —	P 5 C R
T 1 B R	— 35 —	P 6 R
C X P (f)	— 36 —	T X B
P X P	— 37 —	P X P
C X P	— 38 —	T 7 T
P 6 C (g)	— 39 —	R 3 R
C X C	— 40 —	C X C
T 1 B D	— 41 —	C 5 C
P 3 C	— 42 —	T 7 C D
T 5 B	— 43 —	T X P
T X P	— 44 —	T 7 C
T 4 T	— 45 —	R 4 B
T 4 B R x	— 46 —	R 4 C
T 8 B R	— 47 —	C 4 R
R 1 B	— 48 —	R 5 C
T 8 C x	— 49 —	R 6 B
R 1 R	— 50 —	C 5 C
R 1 D	— 51 —	R X P
R 1 B	— 52 —	T 3 C
R 2 B	— 53 —	R 5 B
R 3 B	— 54 —	C 4 R
T 8 D	— 55 —	T 3 B x
R 4 D	— 56 —	T 5 B x
R 5 D	— 57 —	T 5 D x
R X T	— 58 —	C 3 B x
R 5 B	— 59 —	C X T
R 6 C	— 60 —	R 4 R (h)
Abandonam	— 61 —	

(a) Esta bellissima partida foi jogada, em agosto de 1897 nesta Capital, entre o grande mestre Sittenfeld e o nosso campeão.

(b) Este lance faz logo ganhar um pião.

(c) Si 13 — B 7 B x, R 1 B; 14 — D 5 D, D 2 R; 15 — B 5 T, B 3 R, ganhando a Dama; si 14 — D 4 B D, C 4 T; 15 — D 5 D, D 2 R com o mesmo resultado.

(d) Tendo um pião a mais, as Brancas forçam a troca das Damas.

(e) Iniciando um vigoroso ataque do lado do Rei.

(f) Forçado, e por imaguiarem, talvez, que recobriam a peça.

(g) Parece que era o momento de recuperarem as Pretas e peça; mas, de facto, não o podem. Si 39 — C X C, C X C; 40 — T X C, T X T; 41 — R X T, mas o pião da Torre váe a Dama.

(h) Este final é jogado magistralmente.

\*\*

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 28. — (Tacito & Lipman): T 6 B R.

JOSÉ GETULIO.

As officinas dos "Annaes", dispondo de um material completamente novo, encarregam-se da impressão de todo e qualquer trabalho typographico.

## ASSIGNATURAS

ANNO..... 20\$000  
SRMST'NK... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas

25, RUA DE S. JOSÉ, 25

APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Diz-se á puridade que os próceres da colligação, forçados por circumstancias imperiosas, resolveram mandar á fava a novissima refórma eleitoral, que se apregoára um golpe moralizador, um golpe mortal na fraude, nessa miseria de descarada deturpação do voto, erigida, nestes tristes quinze annos de governo democratico, em principio regulador da politica.

Após maduro estudo da situação, não tendo coragem de excluir da chapa velhos amigos incapazes, verdadeiros homens de palha do incondicionalismo, não podendo chegar a um accordo entre esses sacrificios e a indicação de novos filhotes da fecunda politica dos governadores, foi assentado o alvitre de deixar as coisas como estavam e como estão, conservando essa admiravel unanimidade, esmagadora dos idéaes republicanos e dos brios nacionaes.

As chapas serão completas em quasi todos os Estados, menos em alguns que tomaram ao serio a refórma, fizeram qualificações tão correctas, quanto permittiu a entranhada dissolução de costumes politicos, ou crearam, de accordo com a transformação do eleitorado, compromissos que não pôdem mais ser rôtos sem grande perigo para os resultados da eleição.

Para poupar canseiras, maçadas, desgostos, para não crear dissidencias que abrissem fendas na solidariedade formidavel dos detentores do poder, foi melhor abandonar luxos, melindres pueris, vacillações sentimentaes e tomar francamente o partido de empregar os velhos processos deturpadores da liberdade do voto, da representação das minorias.

E' incomparavelmente melhor conservar esse pessoal certo, malleavel, páu para toda obra, passivo, obediente, de dedicação provada, do que accei-

tar recntas, sem habito do cabresto, gente chucra que tenha ainda coegas da espora, ou comichões da cangalha. E muito mais perigoso será, por simulacro de obediencia á promessa constitucional da representação das minorias, introduzir no Parlamento uma patulha de opposicionistas, de insubordinados, que a pretexto de independencia e de civismo, venha crear dificuldades aos chefes politicos, ao Governo, refugando obediencia cega ás suas ordens e deliberações.

E pensando bem nesse momentoso caso, se verifica que, introduzindo na Camara duas duzias de homens trefegos, irrequietos, recalcitrantes á rédea como o notavel sr. Barbosa Lima, Bricio Filho e pouquissimos outros de queixo duro, surgiria a necessidade de dar, a cada momento, explicações de coisas que se não explicam, de apparellhar gente para responder aos ataques da opposição em confrontos vexatorios e, finalmente, haveria a inconveniencia de pôr á mostra a calva da incapacidade chata, nulla, desprezível da grande maioria dos *eleitos* da politica dos governadores.

A representação das minorias teria o deleterio effeito de quebrar a harmonia monotona, essa adoravel placidez de pantano, graças ás quaes tem fermentado e proliferado essa fauna exotica dos nulos inconscientes, emulctos de todos os sublimes attributos da personalidade, instrumentos de tracção animada do carro do despotismo, acampando triumphantemente nesse ininterrupto carnaval de democracia sul-americana.

Além dessa inconveniencia (termo que tradúz genuinamente o preceito da tolerancia de todas as monstruosidades), a representação da minoria seria um pernicioso contagio de insubordinação. E não seria mais possivel organizar leis orçamentarias nos paroxismos dos trabalhos do Congresso, não haveria meio de encaixar nelle o rosario de pretenções inconfessaveis,

incompativeis com a luz, com o esmeril de nma discussão energica, depuradora.

E' preciso ainda considerar que o futuro não se antolha como fagueira aurora rosiclé, numa apothese pomposa da victoria das esperanças soffregas. Ha espaços escuros, porventura mysteriosos, pelo menos nublados de duvidas, nos vaticinios mais autorizados. Dahi, a necessidade de aguerir phalanges de gente do peito e guarda-costas seguros para oppor uma resistencia proficua aos caprichos do outro que se conserva nnuma nudez mysteriosa de esphinge, de cocoras nas cumiadas das alterosas montanhas, a ruminar, nnuma immobilidade ameaçadora, os transcendentales problemas do futuro.

Urge, como medida de salvacão dessa funesta e africana politica dos governadores, encerrar o sr. Affonso Penna num apertado bloqueio, onde se lhe tolha a liberdade de acção, onde elle se não possa dar ao luxo de escrupulos sentimentaes, onde seja forçado a obedecer como os outros, passivamente, incondicionalmente, para não dar com os burros n'agua.

Não se comprehende, não é mais admissivel a Republica sem os seus vicios precoces, sem essas deformidades repulsorias, transformadas pelo habito de tolerancia em modelos de perfeição da arte de governar povos que não sabem ler, povos desfibrados em plena degenerescencia. Submeter as anchyloses dessa Republica aos aparelhos da Constituição para restaural-a ao geito legal, seria perigosissima intervenção cirurgica, superior aos affoitamentos de mestre do senador Barata Ribeiro. É, portanto, indispensavel consolarmo-nos com o moustrengo, com a corcunda que se lhe formou pela permanente postura de humilhação, com as pernas zambras, com os olhos vesgos e todas as anormalidades physicas e moraes que fazem desse typo teratologico o

encanto dos politiqueros profissionaes.

Viva a gallinha com a sua pevide. Peior é mecher-lhe, Magdalena, nessa maravilhosa politica dos governadores, que continuará a aviltar-nos, pacificamente, com a sua omnipotencia irresponsavel.

Curvemo-nos constrictos, humilhados e ... applaudamos.

\* \* \*

Pelo feitio dos acontecimentos, não se pôde mais duvidar que os reformadores do regimen eleitoral tenham perdido o seu latim ou emenda-do para peior o exdruxulo soneto, demonstrando, uma vez mais, que nada valem leis sem a correcção da bocca torta dos costumes. E' um absurdo sobrecarregar a litteratura legislativa com essas tentativas demasiado reproduzidas e, afinal, ridiculas.

As refórmas eleitoraes são moldes de cêra para fundirem pretenções candentes: o molde se adapta á fraude ou se defórma, obedece aos contornos dos diplomas renovados *pro formula*, porque são titulos inalienaveis, incorporados ao patrimonio de alguns favoritos afortunados.

A lei, que era o fôco das esperanças, dos ingenuos desherdados do patrimonio da soberania nacional ou a grande maioria da nação, começou a ser deturpada na primeira experiencia de execução nos Estados, onde se estabelecem, em condições muito mais despoticas, o regimen colonial das capitancias com donatarios vitalicios, governados por uma burocracia que se pôde comparar, em ganancia e nos effeitos desastrosos para a reputação do paiz, a essa de cossacos brutissimos que estão offerecendo ao mundo o lobrego espectáculo de uma perversidade inédita, estranha, de uma selvageria primitiva, feróz, derramando caudaes de sangue no immenso territorio da Santa Russia, para agrilhoar o pensamento de mais de cem milhões de creaturas, para obstar que ascendam da condição de alimaria, pagadora de impostos, á dignidade humana com todas as prerogativas da liberdade.

No grão-ducado do Ceará, os cossacos da dynastia do seu repugnante sóba, depois de crearem todos os obstaculos á qualificação dos adversarios,

negando-lhes pão e agua, recorreram della fóra do prazo legal ao despertarem, assombrados ante uma legião de quatorze mil eleitores, dispostos a salvarem a dignidade da terra onde a liberdade era uma gloriosa tradição, a terra da luz.

O juiz Studart, nomeado com um desplante que assombrou a nação inteira, iniciou a sua funesta magistratura de servo accyolino, trucidando, de pancada, com uma inconsciencia de foice, cincoenta eleitores da opposição.

Em outros Estados, a qualificação foi feita com a regularidade relativa aos costumes politicos; mas os seus resultados ficarão, como dantes, subordinados ao terceiro escrutinio em que os suppositos representantes da nação porão em contribuição, para as depurações iniquas, monstruosas, todos os recursos da chicana, todas as rasteiras da capoeiragem partidaria, todas as alicantinas da fraude, as mais disfarçadas extorsões para obterem uma maioria compacta, uniforme, certa, incontrastavel, que seja o docil instrumento da realização de planos que não vizam os interesses do paiz, interesses afastados dos programmas ou figurando nelles em minima doze, como traço de ornamentação.

Si é verdadeira a perspectiva que se nos depara, si as suas linhas não são deformadas pela desconfiança, pelas suspeitas excessivamente justificadas pelos factos, não se pôde prever com acerto aonde iremos parar.

Para quem appellar si o functionalismo administrativo, inclusive a justiça, está nas mãos delles, dos dominadores, que reputam licitos todos os meios para se manterem no rochedo do poder com uma adherencia de ostra, e só consideram, em politica, coisa vergonhosa perder eleições.

Quando chegam ás suas orelhas formidaveis e indifferentes protestos legitimos, evidentes reclamações do direito postergado, quando lhes fallcem todos os elementos de justificação, respondem com um sorriso de superior ironia: politica é isso que está regulando, o divorcio da moral, a consagração da fraude.

Mas é prudente considerar que assim respondiam os *leaders* da burocracia moscovita, assentados na tranquillidade desdenhosa, garantidos

pela omnipotencia absoluta, cimentada por mnitos seculos de servilismo, pelos direitos sagrados de uma antocracia florescendo numa floresta de bayonetas, cujo prestigio era ractificado pelas convincentes linguas do *knut*. Elles, esses refractarios da civilização, estavam persuadidos de que um governo de povo anesthesiado na ignorancia, tendo o apoio da força — espadas, fuzis, canhões e chicote, — podia prescindir de raizes no coração do povo.

O despertar foi terrivel, essa sanguieira que está choviscando sobre a corôa, e já ensopou os degraus do throno, e ameaça de derrocamento o colosso.

Que Deus nos preserve de catastrophe semelhante é o nosso sincero voto; mas para ella nos estão encaminhando aquelles que vão dirigindo os destinos da nação com a commovente indifferença da irresponsabilidade.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A velha e debatida questão dos moeis explicativos da decadencia das nações peninsulares não adeanton um passo com a doutrina do professor do *Pedagogium*.

Si o decantado parasitismo firma-se mal no erro historico da invenção de doze seculos de guerra desabrida e na subsequente falsa depredação das colonias por dilatados tresentos annos, a decadencia não se pôde explicar por um facto tão mal escorado.

Para mostral-o, basta uma simples consideração: a decantada decadencia das nações ibericas data, quanto a Portugal, segundo todos os historiadores, dos fins do reinado de d. Sebastião, (1557-1578) chegando até o reino a perder a independencia dois annos após o desaparecimento do *Encoberto* (1580); e quanto á Hespanha, desde os fins do reinado do famoso *Demonio do meio dia*, Philippe II, reinado que se distendeu de 1556 a 1598.

Ora, até então, a colonização da America tinha apenas sido iniciada. No Brazil, até 1530, nada se fez. Desta epocha até ao meiado do seculo, foi a phase dos donatarios, que quasi nada puderam conseguir.

A ultima metade foi a das primeiras tentativas mais serias por parte da realeza; mas o seculo, conforme provou Varnhagen, fixou com um

*deficit* notavel para o governo portuguez.

Analogia foi a evolução, nesse periodo, das colonias hespanholas.

Os conquistadores gastaram esse tempo em descobrir as terras, lutar com os indigenas, fundar as primeiras cidades, estabelecer o governo e as normas da administração, tudo com o animo claro de quem pretendia fazer casa e ficar, é certo, mas com minúsculas vantagens.

Si tudo isto é a verdade, resulta dos factos que a decadencia das metropoles se manifestou bem antes de começarem a tirar proveito serio de suas colonias americanas, e não passa de um crasso dislate fazel-a depender dum *parasitismo* que não tinha ainda podido começar...

A explicação do sr. dr. Bomfim offereria certo gráu de verosimilhança, si a decadencia, resultado da depredação parasitaria, se tivesse revelado após um ou dois ou tres seculos de vida regalada á custa alheia.

Foi o que se não deu. Em 1580 e 90, já a decadencia lavrava forte nos dois paizes ibericos, prolongando-se por todo o decorrer do seculo XVII.

Pelo que toca ao seculo XVIII, ha ainda uma observação a fazer, que destróe pela base a theoria do auctor sergipauo.

Esse seculo foi quasi todo, em Hespanha, preenchido por tres reinados de principes de primeira ordem: Philippe V (1700-45), Fernando VI (1745-59), Carlos III (1759-88). Foi uma epocha de renascimento, de largo progresso, de animação e de vida.

Si verdadeira fôra a doutrina de Manoel Bomfim, essa renovação não se poderia ter dado; porque, nesse tempo, já a gente hespanhola devia estar desgraçada por mais de um seculo de parasitismo na America; porquanto, si parasitação houve, esta se deveria ter dado desde fins do seculo XVI e por toda a extensão do XVII, e os viciados hespanhões deveriam estar cada vez mais orgulhados na pasmaceira, na dormitante miseria de seu descaír.

Abatidos desde os fins do reinado de Philippe II e sob os governos dos miseros principes que se chamaram Philippe III, Philippe IV e Carlos II, (1598-1700), os hespanhões, sempre *parasitando* no pensar do nosso Manoel, levantam a cabeça, chegam a parecer regenerados sob Philippe V, Fernando VI e Carlos III, e, sempre *parasitando* na phantasia de Bomfim, cáem de novo com Carlos IV José Bonaparte e Fernando VII...

O parasitismo, que chega a consentir periodos tão diversos entre si na vida de seus adeptos, tantos altos e baixos na existencia de seus sequa-

zes, é uma doutrina, pelo menos, muito elastica...

Em Portugal, no seculo XVIII, deu-se egual phenomeno no reinado de d. José, com a alta capacidade do marquez de Pombal: a safadeza parasitistica não pôde impedir uma evolução para adeante, depois de uma devastação de perto de duzentos annos, a admitir-se que tenha esta começado, quando muito, alli, por 1580 ou 90.

Claro é, por todos estes motivos e muitos outros que poderiam ser adduzidos, que o sr. Manoel Bomfim, com seus delirios parasitarios, não faz idéa clara do que fôram a grandeza e a decadencia da Hespanha.

Embrulha e confunde tudo. Arranca das cinzas duma fogueira de doze seculos, sem mais *tirte nem guarde*, uma nação forte, grande, prospera, adeantada, progressiva, culta e illustre sob todos os titulos.

Verdade é que o nosso mestrinho do *Pedagogium* não é o primeiro a se servir dessa linguagem, que sempre me pareceu soffrivelmente illusoria e falsa.

Sempre tive para mim que os horrores da fogueira não fôram tamanhos ou a grandeza da Hespanha tão notavel como se assoalha.

O atropelo dos factos é tal nas paginas da *America Latina*, que nem se sabe quando começa nem quando acaba a grandeza da Hespanha, nem quando começa e acaba o seu parasitismo.

«...Essas nações, escreve Bomfim, fôram, em tempos relativamente bem proximos, excepcionalmente *poderosas, ricas e adeantadas*.

Houve um momento, *ha pouco mais de tres seculos*, em que a Hespanha dominou a Europa e avassalou o mundo quasi inteiro. Nessa epocha, os povos ibericos estiveram effectivamente *na vanguarda do progresso*; a civilização da península foi das *mais brilhantes e fecundas*, nesse momento ephemero. Arrancando-se a um domidio estrangeiro, aquelles povos se constituiram em nacionalidades, *perfeitas* para sua epocha, *vigorosas, activas, brilhantes*; o seu poder era incontrastavel em terra e absoluto nos mares; as suas energias offuscaram, então, a historia dos outros povos». (Pag. 24).

Esse momento de gloria hespanhola foi *ha pouco mais de tres seculos*, o que nos transporta ao seculo XVI.

O livro do dr. Bomfim foi escripto, ao que consta, em 1903; tirados os tres seculos, cáimos em 1603; mas a grandeza foi *algum tanto anterior*, o que nos leva a 1580 ou 90, si quizerem. A contar dahi para atraz até 1500 ou 1492, pois que o auctor allude á queda de Granada, é que se distende o *momento ephemero* do apogeu hespanhol.

É o periodo de Fernando e Izabel, Carlos V e Philippe II; não resta duvida, e o proprio auctor o confirma linhas abaixo nestas palavras: «A Hespanha não é hoje a sombra, siquer, do que foi no seculo XVI. Então, ella era a *primeira entre as nações da Europa*...» (Pag. 25).

Entretanto, o guapo escriptor, com um enthusiasmo que merecia melhor emprego, se encarrega de deitar fóra esse mesmo seculo de grandezas, de apagá-lo, pois que, paginas adeante, escreve: «Um seculo de *estagnação politica*, de *conservantismo systematico*, é um seculo de *regresso social*. As nações da península viveram assim, *não um seculo, mas tres*.

No momento em que *normalisaram a vida como parasitas* — entenderam todos que estavam no melhor dos mundos, e que o essencial *era não modificar em nada a situação*. A Inquisição e a Companhia de Jesus incumbiram-se de matar todas as *velleidades de progresso*...» (Pag. 104).

Alli, o seculo XVI foi um periodo em que a Hespanha foi *invencivel, absoluta em poder incontrastavel em mar e em terra, avassalou o mundo quasi inteiro, dominou a Europa, offuscou a historia dos outros povos*, série esta de exaggerados despropositos que encerram outras tantas falsidades.

Aqui, o mesmo seculo XVI não passou de uma epocha de *estagnação, de regresso social, que serviu apenas para normalizar a vida dos hespanhões como parasitas e na qual se mataram todas as velleidades de progresso*...

É de desorientar a cabeça mais solidida; fica-se sem saber o que pensa, na realidade, o Manoel, por conta do seculo de Colombo e Camões. Nem se ouze dizer sophisticamente que o famoso seculo XVI não está em o numero dos *tres* em que as gentes da península viveram, na phrase de Bomfim, *na estagnação*.

Contra tal interpretação, protesta todo o livro no qual se dá de principio a fim o seculo XIX como sendo aquelle em que os povos ibericos, perdidas as colonias, começaram a regenerar-se, sendo os tres anteriores (XVI, XVII e XVIII) os da *estagnação parasitaria*.

E para que não reste a mais leve duvida ácerca do direito que tem a epocha de *quinhentos* ao seu quinhão na safada pasmaceira parasitaria, o impavido psychologo do *ciúme* brada com requintes de quem tem desejos de empolgar a fé alheia:

«Quando começou a colonização da America, já as nações peninsulares estavam *viciadas no parasitismo*, e o regimen estabelecido é, desde o começo, um regimen *preposto exclusivamente á exploração parasitaria*». (Pag. 110).

É a uma gente assim, viceralmente

viciada, barbaresca gente affeita a depredações, suída de uma lucta selvagem de doze seculos, que, de repente, sem transição, sem apprendizado, se outorga o poder de avassalar e deslumbrar o mundo!

Ha nisto uma contradicção intrinseca, um pronunciado ataque ao bom senso, que a sciencia psychologica de todos os Bomfins não consegue apagar, ou attenuar siquer. E' myster encurtar o raio dos elogios ou o das censuras, o das grandezas ou dos feitos.

Eu, por mim, encurtaria ambos: nem as gentes peninsulares são portadoras de tantas mazéllas, como pensa o auctor da *A America Latina*, nem ellas fizeram tão assombrosas coisas, como elle inconscientemente repete, reproduziudo phrases de declamadores incorregiveis. A investigação das causas da decantada decadencia das nações ibericas tem dado logar a uma vasta litteratura.

Para com firmeza apreciar o livro do escriptor sergipano, tive ensejo de reler quatro dos mais correntes estudos consagrados ao assumpto: os de Anthero de Quental, de Oliveira Martins, de Th. Buckle e de Pompeyo Gener.

As *Causas da decadencia dos povos peninsulares*, de Anthero, são um discurso emphatico, sonoro e cantante, onde a phrase predomina sobre a idéa, phenomeno mui do gosto de phantastas e meridionaes, que trocam fatalmente doutrina por palavreado. E' uma peça de estylo, na qual ponco ha a apurar. A idéa mais aproveitavel que dalli se pôde extraír, verdadeira mas não original, é a de que as gentes ibericas não collaboraram na formação e desenvolvimento da sciencia moderna. «Durante duzentos annos de fecunda elaboração, refórma a Europa culta as sciencias antigas, cria seis ou sete sciencias novas, a anatomia, a physiologia, a chimica, a mechanica celeste, o calculo differencial, a critica historica, a geologia: apparecem os Newtons, os Descartes, os Bacons, os Leibnitzs, os Harveys, os Buffons, os Duncangés, os Lavoisiers, os Vicos; onde está, entre os nomes destes e dos outros verdadeiros heróes da epopéa do pensamento, um nome hespanhol ou portuguez?» São palavras de Anthero, que occorrem no discurso por Manoel Bomfim attribuido a Theophilo Braga, insultador posthumo do poeta das *Odes Modernas*.

Já bem antes do escriptor portuguez, Buckle, na *Historia da Civilisação na Inglaterra*, tinha insistido, como principal causa da decadencia de Hespanha, na ausencia alli do cultivo das sciencias no pavoroso periodo.

Oliveira Martins, numa synthese immethodica e tumultuaria, allude ao

desequilibrio geral de toda a vida das nações peninsulares, causado pelo ouro da America, ouro que as corroupeu e as fez descer os degráus do tumulo; e mais á necessidade de sustentar interminaveis guerras, que levou Carlos V a adoptar expedientes financeiros que roubaram a maior parte dos capitaes ás industrias productivas da nação; aos empréstimos forçados; aos aboletamentos obrigados das tropas; ás falsificações da moéda; aos monopolios e direitos das alfandegas que estancaram as fontes da riqueza commercial; ao abandono do trabalho agricola o das industrias, atrás das miragens da America e da India; á expulsão dos judeus e dos mouros; á ignorancia, geradora do fanatismo e da intolerancia, e mais vinte outras causas secundarias, quasi todas já dantes tambem apontadas pelo alludido pensador inglez.

O mais interessante, porém, é que, depois de desfiar o seu rosario de causas, Martins, como que se arrepende de as ter enumerado, faz uma parada subita e declara que todas ellas são impotentes para explicar o facto: o que matou a Hespanha foi a *grandeza da extraordinaria idéa, por ella concebida, cuja realisação heroica a extenuou!*

E' quem saber qual é essa grande obra e essa grande idéa, que o auctor portuguez compara ao *Renascimento* na Italia, e á *Refórma* na Allemanha? E' a *Inquisição!*!

«Quem estudou a historia de Roma na *Renascença*, sabe quanto o estado a que o christianismo chegára, o tornava insufficiente para as almas piedosas. Ali reside a causa intima dos movimentos reformadores, que rebentam parallelamente na Hespanha e na Allemanha, dando, de si, a *Inquisição* na primeira, o *Protestantismo* na segunda». E' incrível; mas está escripto. A *Inquisição* dada como um *movimento reformador que achava insufficiente o christianismo para as almas piedosas!*!

E' impossivel mais barbaridades em tão poucas linhas. E tal é o enthusiasmo de Martins, que, logo em seguida, assevera que foi a *Inquisição* que descobriu o *Novo-Mundo* e venceu o antigo. Parece um delirio com 42 gráus de febre: «...Entre o *mysticismo* dos allemães, o *naturalismo* dos italianos e o *idealismo* peninsular; entre o sentimento que leva aos delirios dos anabaptistas, o que leva ás monstruosidades dos Borgias, e o que leva a formar a pleiade dos heróes que dominaram o velho mundo e descobriram o novo, a palma cabe ao ultimo, apezar das suas funestas consequencias». (*Historia da Civilisação Iberica*, pag. 257 e 58; 2ª edição.)

Na *Refórma* só vê de predominante

o fervor dos anabaptistas; no *Renascimento*, os crimes dos Borgias. Digna visão historica de quem faz nascerem da *Inquisição* os heróes da península!

Nem ao menos se lembra que a melhor parte delles vingou *antes* e a outra a *despeito* della. Nem ao menos se lembra de notar o abysmo que váe da Refórma, fonte de vida para o norte da Europa, e da Renascença, principio de renovação para a Italia, á *Inquisição*, germen de morte para a Hespanha

E' é a um gerador de extravagancias deste e de peor quilate que o sr. Manoel Bomfim vive a pedir lições, copiando-lhe paginas e paginas. E' que o auctor da pretensa *Historia da Civilisação Iberica* era ardente cultor do palavreado campanudo, retumbante, imponderado e vasio, muito do gosto e da admiração de todos os mendigos de idéas e saber, que enchem a actual phase litteraria brasileira. E' o troço onde se recrutam os sacerdotes e officiantes desse néo-byzantinismo soavado que anda agóra a dissertar sobre o *ciúme*, a *tristeza*, a *dôr*, o *pé*, a *mão*, o *beijo*, a *agua*, a *preguiça*, a *asnidade* e outros problemas assim.. Deixe-mol-os; porque urge passar a outro analysta das causas da decadencia de Hespanha: Henrique Thomaz Buckle, que foi a fonte principal em que beberam Anthero, Martins e o proprio Pompeyo Gener.

O caso da Hespanha, na obra do valoroso escriptor britaunico, ocorre para corroborar a theoria historica do auctor. Sabe-se que Buckle doutrina ser a civilisação essencialmente movida pelo concurso de duas ordens de forças: as *physicas* e as *mentaes*, predominando as primeiras nos antigos tempos e outras nos modernos. Estabelece mais a divisão das energias mentaes em *moraes* e *intellectuaes*, sendo estas ultimas as que impellem para deante os povos.

Na Hespanha deu-se, por dilatados seculos, pressão rigorosa do *meio* exterior, quasi sem resistencia da parte de populações mal aparelhadas para resistir-lhe, e subseqüente dominio das forças *moraes*, religião, governo, tradições, costumes, com prejuizo dos largos impulsos intellectuaes movidos pela sciencia.

O andar normal da civilisação executa-se, na opinião do philosopho, conforme os quatro principios seguintes: 1º, o progresso humano depende da segura investigação das leis dos phenomenos da natureza e da proporção em que se espalha o conhecimento destas leis; 2º, para que tal investigação possa ter início, myster é que surja fecundo espirito de *duvida* que, auxiliar a principio das pesquisas, é depois por ellas ajudado; 3º, os descobrimentos por esse caminho alcançados

fazem crescer o prestigio das verdades intellectuaes e diminuem, relativamente, a influencia exclusiva das leis moraes; porque estas, não podendo tornar-se tão numerosas, são mais estacionarias que as intellectuaes; 4º, o grande inimigo deste movimento ascencional, e pois o grande inimigo da cultura, é o espirito *protector*, isto é, a idéa que a sociedade não pôde prosperar sem a guia e o auxilio do Estado e da Igreja nos menores passos da vida, encarregando-se o Estado de ensinar aos homens o que devem fazer, e a Igreja o que devem crer.

Na península iberica, os tres primeiros principios tiveram negativa realisação e o ultimo reinou d'alto a baixo com um despotismo cruel. Na demonstração desta these, o pensador inglez traça um quadro de mão de mestre do meio physico da península e da evolução das suas populações do V ao XIX seculo da éra vulgar. Tendo nas theses geraes de seu livro estabelecido que, entre os factores physicos, tem singular predominio o que elle chama *o aspecto geral da natureza*, factor este que, nas primitivas civilizações tropicaes, tinha sido o agente principal da *superstição*, com o inflamar a imaginação do homem, impedindo-o de analysar phenomenos physicos que lhe pareciam ameaçadores, não se esquece de notar que, de todos os paizes da Europa, é a Hespanha o que, sob tal ponto de vista, tem mais semelhanças com as regiões tropicaes.

Aponta o *calor* e a *secura* do clima, augmentados pelas difficuldades da irrigação, o que tem sempre levado o sólo ao estado de extrema aridez. A esta causa e á *raridade das chuvas*, attribue o ser a península, mais do que qualquer outra região européa, devastada pelas *séccas* e as *fomes*. Estas vicissitudes do clima, maximé nas regiões centraes e meridionaes faziam da Hespanha uma terra *insalubre*, o que, com a frequencia da *fome* durante a idade-média, tornou demasiado graves as devastações da *peste*.

Lembra, em seguida, os *terremotos* que, por vezes, tem causado alli grandes desastres e ajudado a superexcitar os sentimentos *supersticiosos*. Allude ao predominio da vida *pastoril* em vastas zonas da península, com seu caracter meio *nomada* e subsequente desprazer pelos habitos regulares da vida agricola. Não deixa de mostrar como esta tendencia se viu reforçada pelos azares da guerra de reconquista. A vida tornou-se incerta, o *amor das aventuras* e o *espirito romanesco* espalharam-se por toda a parte. Tudo se tornou precario, inquieto, alleatorio; *pensar* e *investigar* era impossivel, a *duvida* não podia surgir e o caminho das crenças enraizadas e *fanaticas* e o caminho da *superstição* estavam aber-

tos. Pelo que toca á acção da historia, o escriptor inglez firma com força o facto de, na formação da Hespanha moderna, logo no V seculo, quando se lançaram os novos elementos do povo actual, ter-se visto a geração que surgia para os novos destinos, forçada a *uma guerra pela independencia*, que foi, ao mesmo tempo, *uma guerra pela religião*.

Foi o caso que os francos, convertidos ao christianismo, por serem *orthodoxos*, moveram guerra aos visigodos, sectarios da doutrina de Ario. A heresia *ariana*, seguida pelos suévos e godos, por cento e cincoenta annos teve na Hespanha seu principal baluarte. A igreja estimulou Clovis e seus successores a fazerem a guerra aos visigodos *incredulos*. Nessas luctas, que duraram perto de cem annos, o imperio visigothico esteve a dois dedos de total ruina. As provincias que possuía na Gallia, fôram perdidas, e as da Hespanha seriamente ameaçadas. Dest'arte, uma guerra pela independencia nacional era, ao mesmo tempo, uma guerra pela religião nacional, e uma alliança intima se realizou, naturalmente, entre os reis arianos e o clero ariano.

« Hence, in Spain, a war for national independence became also a war for national religion, and an intimate alliance was formed between the arian kings and the arian clergy. »

Aqui está a origem primeira da enorme influencia que sempre exerceu o clero em Hespanha. Quando no VI seculo, os reis visigodos se converteram á fé orthodoxa da Igreja, o clero latino veio a gozar de ajuda maior prestigio reconhecido pelos proprios soberanos agradecidos áquelles que os tinham tirado das veredas do erro.

Mais tarde, é a invasão dos arabes e o começo das luctas da reconquista, e uma *nova guerra pela independencia é ainda uma guerra pela religião nacional*. E esta foi demasiado extensa. « A desperate struggle ensued, which lasted eight centuries, and in which, a second time in the history of Spain, a war for independence was also a war for religion. »

Os terriveis azares da guerra trouxeram a *pobreza* dos combatentes christãos por muitos seculos, a grosseiria dos costumes, a *ignorancia* e, com tudo isto, um arraigado espirito de *veneração*, gerador principal da *credulidade* e do *beatismo régio*, da *superstição* e da *subserviencia aos reis*, da *submissão* e do *fanatismo*.

Toda esta parte do livro de Buckle é de uma fina analyse de ethno-psychologia, que merece acurada leitura.

— The Mohammedan invasion made the Christians poor; poverty caused ignorance; ignorance caused credulity; and credulity, depriving men

both of the power and of the desire to investigate for themselves, encouraged a reverential spirit, and confirmed those submissive habits, and that blind to the Church, which form the leading and most infortunate peculiarity of spanish history... And that there is a real and practical connexion between loyalty and superstition, appears from the historical fact that the two feelings have nearly always flourished together and decayed together... These were the great elements of which the spanish character is compound. — Guerra e religião, militares e padres tomam, facilmente, a deanteira a todas as classes.

As relações economicas são descuidadas, a agricultura e as industrias productoras despresadas e entregues exclusivamente ás classes inferiores e servas da *mourisma*. Com a expulsão destas, que é terminantemente imposta pela intolerancia, todos os officios, todos os generos de trabalho, desceram a completa ruina.

Os estudos scientificos não chegaram a organizar-se até tempos proximos a nós; a educação fradesca reinou desassomburada, teve o delirio, compartilhado pelos principes, de depurar a fé e o conseguin accendendo as fogueiras da Inquisição. Morta a vida intellectual, a verdadeira vida espiritual da investigação desassomburada e livre, da sciencia, seccas as fontes productoras do trabalho e da riqueza nacional, caía a gente hespanhola no lastimavel estado de miseria que encheu todo o seculo XVII, chegando a sentir-se fome em Madrid...

Baldados fôram os esforços de grandes reis, como os já citados — Philippe V Fernando VI e Carlos III, para erguer o povo de seu abatimento, levantando-o pelo concurso das idéas livres, arrancando-o do captivo clerical. Debalde.

No tempo de seus successores, todas as grandes medidas fôram desfeitas e tudo voltou ao antigo lethargo.

E' que os povos educados como o hespanhol vivem da tutela e pela tutela do poder, a direcção do alto; e só caminham certo quando são guiados por chefes de valor. Foi assim, na península, com Fernando e Izabel, Carlos V e mesmo Philippe II. Eram principes de intelligencia e energia. Diverso foi o caso com os seus successores — Philippe III, Philippe IV e Carlos II. Fôram principes de um cretinismo, uma boçalidade a mais não poder. A Hespanha rolon com elles ao abyssmo.

Mais tarde, como já ficou notado, com Philippe V, Fernando VI e Carlos III, altos espiritos, houve um renascimento, posto de novo a perder pelos successores destes reis. E' que viciado é o systema de governo que, tendo por base a fidelidade e o respeito do

povo, funda seu successo não na intelligencia de toda a nação e sim na habilidade daquelles a quem se acham confiados os destinos de todos.

O caso da Hespanha serve para mostrar quão impotente é um governo para esclarecer uma nação e quão essencial é que o desejo de progredir venha, antes de tudo, do seio do proprio povo. O progresso só é effectivo quando é espontaneo; o movimento só é fecundo quando sae do interior das massas e não de fóra; quando provém de causas geraes que actuam sobre todo o paiz e todo o povo, e não sobre a vontade de alguns individuos poderosos.

Mergullada na ignorancia, adorando o passado, sem impulsos para reformar suas idéas e sem character, a nação hespanhola, submissa a seus reis e a seus padres, foi-se deixando rolar na decadencia, satisfeita de si propria, descuidosa de tudo que ia fazendo a renovação do mundo.

Dest'arte, fazem-se notar, adiante Buckle, os hespanhóes por uma inercia, uma falta de elasticidade, uma ausencia de esperanza, que os insulam, em nossos tempos, ousados e emprehedores, do mundo civilizado: convencidos de ser pouco o que resta a fazer, não se apressam em o executar.

— Hence the spaniards are remarkable for an inertness, a want of buoyancy, and an absence of hope, which, in our busy and enterprising age, isolate them from the rest of civilized world. Believing that little can be done, they are in no hurry to do it. — (*History of Civilisation in England*, II, pag. 595 e *passim*).

Claro é que não tenho aqui a obrigação de fazer a critica das opiniões de Buckle ácerca das causas da decadencia hespanhola, cuja rapida *silhouette* procurei apenas offerecer.

O fim é mostrar que o historiador britânico andou por largas estradas e não encontrou o parasitismo de Bommim.

Pompeyo Gener, em seu livro *Heregias*, traz um ensaio intitulado — *La Decadencia Nacional*. E' um escripto vibrante em que o celebre auctor de *A Morte e o Diabo* repete quasi todas as observações de Buckle, sem o citar, — máo grado referir mais de cincoenta auctores, alguns dos quaes inglezes. Gener, porém, tem o cuidado de juntar algumas notas que se não deparam na *Historia da Civilização na Inglaterra*. Deste numero é o que refere do concurso das *raças inferiores* na formação do povo hespanhol e da larga parte que tiveram e continuam a ter em sua decadencia.

O estado de inferioridade da civilização em Hespanha é, no pensar de Pompeyo Gener, *essencial* e refractario a toda refórma politica e a quaes-

quer medidas economicas, e só póde ceder a um systema completo de educação que chegue a *modificar o intimo do character nacional*.

Em synthese, as causas dessa inferioridade são :

1.º—As correntes dispareas de raças que concorreram para formar os diversos povos que hoje habitam o paiz;

2.º—O predominio do castelhano, o povo em que mais influiram os máos elementos ethnicos semíticos e pré-semíticos, sobre todas as outras gentes hispanicas;

3.º—O modo como o castelhano, com seus costumes nomado-guerreiros e religiosos, fez a unificação, com o predominio theocratico e monarchico;

4.º—O despovoamento e consequente falta de trabalho e de cultura.

Na demonstração dessas theses, o illustre auctor das *Litteraturas Mal-sauas* traz algumas considerações proprias e repete muitissimas das que já tinham sido feitas por Buckle.

As referentes ao auctor ethnico, posto que eucerrem alguns erros, são as mais interessantes.

Falo de *erros*, porque Pompeyo Gener ainda se deixa resvalar no equivoco de menoscabar dos semitas; de desconhecer a filiação dos *berberes*, que, sob o nome de *iberos*, constituiram e constituem o fundo principal da mór parte das populações hispanicas, e são do ramo *Kamitico*, em que se prendem os *lybios*, *ethiopes* e *cauauéos*.

Convém-me citar uma das muitas passagens attinentes ao ponto, porque parece retrato tirado da fátua gente brasileira.

«No sabemos ya si el intelecto español, en general, es capaz de progresar y civilisarse a la moderna, á causa de la larga serie de causas que han favorecido la aparicion de *atavismos inferiores*. Hay demasiada sangre semítica y berber esparramada por la peninsula para que pueda generalisarse en la mayoria de sus pueblos la sciencia moderna, para que adquieran una conducta conforme á la universales relaciones de la Naturaleza, para que abandonen el pensar con idéas absolutas, *ó sólo con palabras*.

Lo único que se generalisa aqui muy facilmente es la milagreria religiosa ó de otra especie; lo imprevisto, lo imposible, esto es la ley.

Siempre las turbas, marchan detrás de los dres. Garrido. . Aunque se digan liberales los jefes de los partidos españoles, siguen aún mandando á lo Califa. *Su psicologia es oriental*: al que el Sultan toca, aquel es el elegido por Alá para desempeñar cualquier cargo con acierto; no importa que sea un cocinero ó un sastre el elegido; el podrá ser um buen ministro de Ultramar ó de Fomento... Asi obran en el poder los jefes de los partidos y entre estos,

aún los republicanos, los tienen indistintos, *y tienen á honor el apellidarse del nombre del jefe*. Un solo hombre disponiendo en absoluto de la conducta pública de un gran grupo de sus semejantes, y hasta de su porvenir colectivo! *Eu España se es de fulana ó de zutano*. Para un castelarista, por ejemplo, una objeción puesta á Castelar es un crimen más grave que para un católico el de atacar el Sacramento. Toda la politica española afecta hoy un bizantinismo deplorable, *una division microscopica inverosimil*; por todas partes predomina un espiritu de *personalismo asqueroso, mantenido por quienes no tienen personalidad de ningún género*: Hemos dicho *bizantinismo* y nos hemos equivocado. En Bizancio se defendian por *verdes y azules* diferencias de dogma, diferencias de idéas fundamentales en la conciencia, pero en el Madrid politico no hay idéas ni hay conciencia ni hay nada.

*La cuestión es ser amigo de este ó de quel hombre público* que sólo tiene de notable el parecerse á las mujeres que se las designa con el mismo adjetivo.

Si observamos las altas esferas de la capital de la nacion, hallamos sólo el imperio absoluto de la gente del Verbo la aristocracia de la palabreria, el que mejor habla es el que llega más alto; un Washington, un Cromwell, un Cavour, que no fueran oradores, en España, no llegarían á obtener un empeco de seis mil reales. Todos aguzan la facultad del lenguaje y olvidan las otras superiores facultads, pues esta, más facil de cultivar que las otras, és la unica que les abre la via hasta los altos puestos. Y es que en España se crée que el que sabe el nombre de las cosas sabe ya lo que son las cosas, y por lo tanto *producirlas, modificarlas ó gobernalas*.

Asi como los individuos de las civilizaciones orientales se figuraban modificar el curso de los acontecimientos con ciertas palabras adecuadas, aqui también hay fórmulas para producir el progreso, el orden, la riqueza, el bienestar, y no hay ni progreso, ni orden, ni bienestar, ni riqueza, ni nada. . . En cuanto á la manifestación de la intelligencia, Madrid tiene hoy una literatura que se precia de lista y que *muere de animia, falta de ideas, de observación y de estudio*, una literatura cuya gama fluctúa entre *las minuciosidades ortografico-arcaicas de ciertos academicos, y los folletines retórico-pornográficos de los escribidores de oficio*.

*A lo más pegan en la corte las degeneraciones de lo moderno, los excrementos de la civilización.*» (*Heregias*, pag. 232).

O illustre escriptor tem razão. Por mais minuciosas que sejam ou tenham pretendido ser as considerações devidas aos varios auctores citados



ácerca das causas da decadencia das nações peninsulares, Authero, Martins, Buckle e Pompeyo Gener, não é menos verdade que a estes escriptores não se deparou a conveniencia ou a oportunidade de reduzir aquelles povos a meros *parasitas*. Qualidade é esta que não póde convir a uma nação inteira. Estava reservado do nosso Manoel Bomfim essa maravilha historica e sociologica.

Todos elles notaram a desorganisação do trabalho entre castelhanos; mas não chegaram a conclusão tão absurda.

Todas essas doutrinas, que, aliás, se pódem reduzir a uma só e cujo valor intrinseco não tenho que discutir, repouzam na falta de certas distincções, que, si fôsem feitas, lhes mostrariam quanto forçam alguns factos.

Assim, fazem todos datar a formação dos defeitos dos hespanhões das especiaes circumstancias da guerra de reconquista, circumstancias que encontraram reforço no modo por que se operou a unificação do paiz e nas proezas da descoberta e colonisação das terras d'America, reforço esse que mais ainda veio consolidar os alludidos defeitos.

Ora, não se faz mistér mui grande perspicacia e mui atilado senso historico—para se ver que essas censuradas qualidades do caracter iberico são bem anteriores á reconquista, á moderna unidade da Hespanha e á colonisação da America.

A leitura de Strabão não permite duvidas a este respeito.

Não é tudo; os seguidores das theorias que rapidamente apontei, por amor de suas idéas, são levados a exaggerar os horrores das luctas da reconquista, as calamidades da colonisação da America, no intuito de justificarem o genio aspero, duro, guerreiro e depredador que, por suas doutrinas, são forçados a dar aos hespanhões.

Ainda mais: fazem brotar de repente do meio de luctas sem fim uma Hespanha de exaggeradas grandezas, cuja formação não pódem explicar e cuja rapida quéda, tambem exaggerada, pouco melhor esclarecem.

Eu me parece, e Deus me perdôe si digo alguma tolice, me parece que a decantada grandeza, a maravilhosa força, o extraordinario adeantamento da Hespanha, no seculo XVI, foi mais apparente que real.

O concurso de tres inesperadas circumstancias é que chegou a produzir essa illusão, esse *quí pro quo* da historia.

Primeiramente, o facto de, tendo ficado o throno de Aragão, por morte de d. Martin, sem representante directo, ser escolhido pelo parlamento

de Caspe Fernando, — *El de Antequera*, que, ligado a Isabel de Castella, juntou esta a Aragão, constituindo a quasi completa unidade da Hespanha, unidade que, com a conquista de Granada, pouco depois realizada, veio a considerar-se definitivamente concluida. Esse facto da quéda do ultimo reducto sarraceno no occidente da Europa echoou por toda a christandade em tom festivo e despertou a attenção geral para a Hespanha, além de tudo, unida, reduzida a um grande todo.

Pelo mesmo tempo, outro facto, inesperado para Castella, que não cogitava de colonisações e conquistas, foi o descobrimento da America, para ella feito por Colombo.

Acontecimento foi esse que levantou a geral cobiça dos povos occidentaes europeus, que se atiraram todos no encalço da America: inglezes, francezes, dinamarquezes, hollandezes, todos se jogaram através do Atlantico, admirados da fortuna e do poder da Hespanha.

Este poder era meramente illusorio, porque meramente occasional e fortuito. Provinha de uma terceira circumstancia: o filho de Joanna — a Louca, e de Philippe — o Bello, d'Austria, o neto de Fernando e Isabel, Carlos V, rei de Hespanha, era o herdeiro da casa d'Austria e do imperio da Allemauha.

Carlos era habil, reinou por mais de quarenta annos e fez valer a sua posição de imperador.

Isto quer dizer que, além de suas terras de Hespanha, da Italia e de suas colonias da America, se achou senhor da Austria, que naquelle tempo dominava a Austria propriamente dita, a Bohemia, a Silesia, a Lusacia, o Franco Condado, o Milanez, o Tyrol, os Paizes Baixos, e investido da auctoridade imperial, o poder do santo imperio romano germanico, a mais alta posição politica europeá desde a idade-média.

Era de fazer perder a cabeça a qualquer, e os hespanhões, invejados de todos, chegaram a julgar-se verdadeiramente grandes e poderosos.

E' verdade que Franco I, de França, deu-lhes muito que fazer; mas caíu vencido numa lucta verdadeiramente desigual. A illusão de poder e grandeza era geral.

Provinha principalmente da Austria, habilissima na politica diplomatica, e do imperio, cujo prestigio era incalculavel.

Com a abdicación e subsequente morte de Carlos V. começou o reverso da medalha.

Seu successor, Philippe II, ficou ainda grandemente aquinhoado, pois que lhe couberam — a Hespanha, os Paizes Baixos e a Italia, além das colonias do Novo-Mundo; mas perdeu a

Austria e a corôa imperial, que passaram a Fernando, irmão de Carlos V.

Desappareceu como por encanto o prestigio. Em balde, o *Demonio do Meio Dia* e seu irmão siamez — o *Duque d'Alba* — se agitaram no seu delirio de grandeza, allumiado pelas fogueiras da Inquisição.

Os Paizes Baixos revoltaram-se, saíram vencedores da lucta. A Italia passou tambem a outros donos.

Costuma-se marcar dos ultimos annos de Philippe II a famosa decadencia da Hespanha.

A coisa vinha de antes. Tinha-se velado durante o imperio de Carlos V; mas revelou-se tal qual era, quando a corôa imperial passou a outra cabeça.

Basta examinar os actos de Fernando e Isabel, de Carlos V na sua qualidade de rei hespanhol, e de Philippe II, para se reconhecer que Philippe III Philippe IV e Carlos II fôram dignos continuadores de suas obras nefandas.

Não é com gente desta que se fazem os grandes povos.

Fernando e Isabel decretaram a expulsão dos judeus e crearam o tribunal da Inquisição.

Carlos V foi um fanatico de máus instinctos.

Segundo a auctoridade de Grocio, Bor e Meteren, auctores competentes, fez perecer, por motivos religiosos, perto de cem mil pessoas na Hollanda.

De 1520 a 1550, publicou, ensinam os historiadores, uma série de leis que tinham por fim *enforçar, queimar ou enterrar vivos os que fôsem suspeitos de heresia*.

Escusado é lembrar os crimes de Philippe II. Bastante é repetir, para finalizar estas palavras a seu respeito, escriptas por um historiador: «Sua maxima favorita, chave de toda a sua politica, era que—*mais vale não reinar do que reinar sobre hereticos*. No poder —empregou todas as suas faculdades para fazer dessa maxima um principio director. Logo que soube que o protestantismo fazia proselitismo na Hespanha, não descansou enquanto não os suffocou, e foi tão admiravelmente ajudado pelo sentimento geral de seu povo, que póde, sem correr o minimo risco, supprimir creanças que abalaram todos os outros paizes da Europa.

Os hollandezes adoptaram a re-fôrma; Philippe fez-lhes por isso, uma guerra cruel, que durou trinta annos, e que proseguiu até á sua morte, porque elle havia jurado extirpar a nova creança.

Deu ordem *para queimar vivo quem recuzasse abjurar*. Si o heretico abjurasse, lhe seria concedida alguma indulgencia; mas, porque tinha sido conspurcado, devia sempre morrer. *Em vez de ser queimado vivo, seria enforçado*.

O duque d'Alba se vangloriava de haver feito condemnar á morte mais de dezoito mil pessoas, sem contar o numero immenso dos que morreram nos campos da batalla.»

Nem isto é um grande rei, nem este é um grande povo.

Deixemo-nos de lendas.

Grandeza territorial teve, com as colonias e outras possessões, a Hespanha. Mas verdadeira superioridade, social, politica, intellectual, economica, scientifica, não lhe coube.

Em resumo: os defeitos dos hespanhóes são, *mutatis mutandis*, os mesmos dos berberes, e são anteriores á reconquista néo-goda, á unidade moderna do povo, ao descobrimento e colonisação da America; a sua grandeza, menos a territorial, foi apparente e illudiu a toda a gente pelo concurso de tres circumstancias que se deram quasi simultaneamente: unificação do paiz, descoberta da America e supremacia imperial na pessoa dum rei de Castella.

Passado o imperio, a Hespanha voltou a ser o que sempre foi: um conjunto de boas qualidades que se deixam inhibir por pessimas tendencias; e a uma grandeza, que muito se tem exaggerado, succedeu um abatimento, que não o tem sido menos.

Uma das sinas da Hespanha é ser victima de exaggerações: as que ella mesma cria para seu uzo e as com que a mimoseam admiradores seus e adversarios.

No meio de tudo isto, o *parasitismo* de Manoel Bomfim é apenas uma exaggeração a mais.

SYLVIO ROMÉRO.

## D'AQUI E D'ALLI

*Hygiene dos soldados japonezes.* Segundo o cirurgião general Suzuki, são os seguintes os methodos de hygiene empregados na marinha japoneza. Antes de entrar em combate, cada homem da equipagem dum navio de guerra toma um banho e veste roupas completamente limpas, afim de evitar o envenenamento do sangue, muitas vezes occasionado pelos fragmentos de linhas sujas penetrando nas feridas. Para que os tiros sejam certos, é preciso que a vista dos atiradores de canhões esteja muito perfeita; para isso, os medicos examinam, antes de cada combate, os olhos dos marinheiros incumbidos daquelle serviço, e os que denotam qualquer perturbação na vista são immediatamente substituidos. Durante as pelejas, os soldados recebem agua boricada para lavar os olhos quando são atacados por grandes nuvens de pó e de fu-

maça. Quasi todos os marinheiros, principalmente os que atiram os canhões trazem pedaços de algodão nos ouvidos para evitar a ruptura do tympano.

\* \*

Um livro de Oscar Wilde Editado pelo *Mercure de France* e traduzido por Henry Davray, acaba de apparecer mais um livro de Oscar Wilde — *De Profundis*. É um livro doloroso e máu. Wilde escreveu-o na prisão, depois da grande desgraça que lhe anniquilou a vida. Ha alli gritos de angustia, de furor impotente de titan ferido, a indefectivel realza dum alto espirito, para o qual a sua propria desgraça é uma especie de spectaculo deslumbrador, a estranha e rara ferida duma alma que se torna christã ao contacto da dôr verdadeira. Quem lê Bandelaire e Verlaine, Poë e Dante, apreciará, sem duvida, esse livro extraordinario que, algumas vezes, lembra a *Resurreição*, de Tolstoj, e mostra que as prisões inglezas e as galés da Siberia são perfeitamente eguaes. Esta pungente confissão é seguida do celebre poema — *A ballada do carcere de Reading*, que Wilde escreveu ao recuperar a liberdade e que foi a sua ultima producção.

\* \*

*Codigo telegraphico dos hoteleiros.* Em setembro os membros da associação internacional dos hoteleiros reuniram-se em Ostende. Entre as questões discutidas, interessam particularmente ao publico as do codigo telegraphico adoptado pela associação internacional. Compõe-se o codigo de um certo numero de palavras significando cada uma, convencionadamente, que alojamentos deseja o viajante. Assim, por exemplo: Alba quer dizer occupo um quarto; Ciroc, tres quartos com leitos; Kind, uma cama para creança; Bat, um quarto de banho, privado; Pass, para uma noite; Cancel, annullado, etc; mas, exceptuado o governo belga, nenhuma administração consente em pregar esse codigo nas paredes dos escriptorios telegraphicos, e os guías de caminho de ferro e de agencias não o querem absolutamente.

\* \*

*Romance hollandez.* Deve apparecer brevemente em Amsterdam um novo romance de Luiz Cupérus — *A montanha de luz*. Cupérus, que é bastante conhecido pelos seus antigos livros *Magestade*, *Paz universal* e *Pequenas almas*, é considerado como o primeiro escriptor contemporaneo da Hollanda. Os seus principaes romances tem sido traduzidos para o inglez, o francez e o allemão. *A montanha de*

*luz*, sob um aspecto novo e muito pictural, explora o mesmo assumpto da *Agonia*, de Lombard.

\* \*

*A musica norte-americana.* A musica americana sãe, a pouco e pouco, da sua primeira phase, a phase da imitação. Os compositores *yankees*, actualmente, fazem musicas com concepções pessoas. Outros procuram no *folklore* fontes de inspiração. Os indios, os negros, os hispanos-americanos, os *cow-boys*, os montanhezes do Tennessee, os lenhadores do Maine, os marinheiros forneceram-lhes materia bastante. Os maestros, porém, encontram sempre inspiração nas canções das ruas. Desde Dvorak, que se dizia não haver terra mais rica do que os Estados-Unidos em melodias originaes.

\* \*

*O problema das raças nos Estados-Unidos.* Sabe-se que o maravelhoso desenvolvimento da potencia economica e politica dos Estados-Unidos está ameaçado por um perigo interior, que váe augmentando, e que, si não fôr conjurado sem demora, poderia degenerar, um dia, numa guerra civil mais desastrosa e prejudicial que a guerra da Seccessão; mas encara-se, de ordinario, a questão pelo angulo exclusivo do perigo amarello ou do perigo negro. Na realidade, o problema é infinitamente mais complexo. Só não são temidos os indios, que se vão absorvendo mais a mais na massa anglo-saxonia da população. De resto, elles não são das raças humanas fortemente representadas no sólo da União, não se recuzam hoje a assimilar o genio americano e não aspiram a fundar, na grande republica, outros tantos Estados absolutamente refractarios á unidade nacional. Portanto, são outros os perigos. Certamente, os nove milhões de negros que constituem um grande peso no Estado, são o elemento mais estorvador e, depois dos chinezes, o menos assimilavel de todos. É por isso que o odio a respeito do negro, depois de se ter aquartelado nos Estados do sul, acabou por ganhar tambem os do norte. Entretanto, nesses ultimos Estados, os habitantes de côr uão fórmam sinão uma minoria quasi imperceptivel. Mas a repugnancia que elles cauzam váe tão longe que se estende aos typos de sangue misturado, que, aos olhos dos europeus, parecem brancos puros. E, no entretanto, o numero de mesclados váe diminuindo de mais a mais, apesar da suppressão da escravidão que impunha a pena de morte aos brancos que se cazassem com pretas. De sorte que os negros se tornam cada vez mais negros, e o abysmo que separa

as duas raças alarga-se espantosamente. Além dos chinezes, os imigrantes europeus, desde um certo numero de annos, recuzam a se deixar absorver, a se tornar *yankees*. Ha um meio seculo, a immigração era, na sua maioria, composta de elementos anglo-germanicos; hoje, são os slavos, os latinos, os judens, que fornecem o maior contingente. Para isso, ha uma explicação: os allemães, em lugar de se misturar na massa, como dantes, constituem-se em comunidades que guardam zelosamente a lingua, o espirito e o culto da patria.

A revista allemã, *Aus Fernu Landen*, estudá demoradamente essa interessante questão e discute o cuidado que tem os europeus de se não misturarem com os norte-americanos.

### PAGINAS ESQUECIDAS

#### BOCAGE

Está quasi esquecido este nome panico. Não tem nada do nosso tempo, e representa um periodo litterario esteril e triste como as charnechas. O romance, o drama e os editores exploraram-no. Deu pouco. Estava no occaso a geração que na mocidade recebera a herança de assombro do repentista Bocage. Houve ali um escriptor illustre que lhe republicou as obras, sem exclusão das obscenas, que não se vendiam a meninas de 15 annos, sem ellas as mandarem comprar pelas creadas. Foi isso abrir uma sepultura para impestar a atmospherá, e pôr um ferrete de ignominia em vez de lhe esculpir na lousa a cruz da misericordia divina. Bocage e os seus collegas declivaram a rampa por onde escorregaram á voragem das inutilidades esquecidas. Os archivistas dos seus epigrammas e sonetos martelados vão tambem desaparecendo. Nem o sentimento, nem a linguagem, nem a historia tem nada que ver com a vertigem contrafeita, com aquelle trovejar theatral dos farcistas do botequim das Parras. E' uma farragem de pomposas bagatellas que não formam élo na cadeia da evolução do espirito.

José Agostinho de Macedo poreja a mesma podridão nessa rima de vadios que desbragaram o talento a termos de não ter bastado meio seculo para resgatar o poeta da abjecção a que o aviltaram o jantar do fidalgo, o mote da freira e os applausos da ralé.

Quanto a Bocage, ao maioral da turba sonora, os sonetos, fórma gentilissima e magistral da sua indole *mais propensa ao furor do que á ternura*, são uma orchestra estrepitosa em que raro se ouvem astoadas gementes da harpa. Sem originalidade no pensamento, dá ares de creador pelo resalto das côres. Encadearam-no, cortando-lhe os vôos do genio, as peias da mythologia; por isso é tão pallida a idealisação dos seus poemas, raras vezes levantados a idéas abstractas. A tempera rija de sua alma, endurecida ajuda pela hilaridade com que lhe festejavam o latigo nemesico, quebron-lhe as cordas mais maviosas do alaúde. Quando quer ser plangitivo, transporta-se contrafeito, em raptos e exaltações por conta de coisas que não dão para isso. Nos poemas que Bocage escreveu no Oriente, debalde se procuram indicios de espirito scismador e abstraído da intuspecção de si proprio em mundo tão novo na sua decrepidez e tão inspirativo em suas cans deslhonradas pela desgraça e pelo desamparo da metropole. Os poetas daquelle cyclo viviam tanto de si mesmos, eram tão egoistamente individualistas que por acerto nos revelam as contingencias da sua alma com os panoramas da vida exterior. Se cantavam de arvores, de montanhas, serviam-se de phrases recaldeadas pelas pastoraes classicas. Assim Gonzaga, poetando entre as exuberancias nativas da sua America, assim Fernão d'Alvares do Oriente, o poeta indiano, com vida e patria tão de molde para extraordinarios cantares, assim Bocage sonetando Auardas, Glauras e Gertrurias entre as ruinarias das odysseias de Albuquerque e Castros! Nem a tristeza do céo, nem as quadrellas tostadas dos baluartes derruidos, nem a fóz do Mandoví, nem a gruta de Camões o destoaavam daquelles hendecasyllabos do café Nicola, turgidos, sonoros, bocagianos em snmma, porém compassados e quasi incommodos como o arfar ininterrupto de um pendulo. Bocage trouxe-nos da India apenas a hyperbolica descripção dos costumes goezes. Como o seu horisonte nada ia além dos contractos sociaes — a saudade dos poetas do *Agulheiro dos sabios* onde tinha o seu palco e diadema — suppurou-as no fél da mordacidade contra os canariis:

Lusos heróes, cadaveres sedifios,  
Erguei-vos dentre o pó! Sombras honradas,  
Surgi! Vinde exercer as mãos mirradas  
Nestes vis, nestes cães, nestes mestiços.

Vinde salvar destes pardaes castifios  
As searas de arroz por vós ganhadas.  
Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas,  
Que ellas culpas não tem, tem mil feitifios.

Isto é sublime de mordentissima gallhofa; mas a alma do poeta, quando ahi desce, vem caída do alto como aguia ferida a esvoaçar-se em charcos paludosos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

\* \*

#### VERSOS DE BOCAGE

Men ser evaporei na lida insana  
Do tropel das paixões que me arrastava,  
Ah! cego en cria, ah! misero eu sonhava  
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros sóes a mente ufana  
Existencia fallaz me não dourava!  
Mas eis succumbe a natureza escrava  
Ao mal que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!  
Esta alma, que sedenta em si não conbe,  
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh! Deus!... Quando a morte a luz  
me roube,  
Ganhe um momento o que perderam annos  
Saiba morrer o que viver não sonbe.

\* \*

Toldam-se os ares,  
Murcham-se as flôres;  
Morrei, amores,  
Que Iguez morren.

Misero esposo,  
Desata o pranto,  
Que o teu encanto  
Já não é teu.

Sua alma pura  
Nos céos se encerra;  
Triste da terra,  
Porque a perden.

Contra a cruenta  
Raiva ferina,  
Face divina  
Não lhe valeu.

Tem rôto o seio,  
Thezouro occulto,  
Barbaro insulto  
Se lhe atreveu.

De dôr e espanto,  
No carro d'ouro  
O numen louro  
Desfalleceu.

Aves sinistras  
Aqui piaram,  
Lobos uivaram,  
O chão tremeu.

Toldam-se os ares,  
Murcham-se as flôres,  
Morrei, amores,  
Que Iguez morreu.

Famosa geração de faladores  
 Sôa que foi, Risêo, a origem tua ;  
 Que nem todos os cães ladrando á lua,  
 Tiveram que fazer com teus maiores :  
 Um a lingua ensinou dos palradores.  
 Outro o motu continuo achou na sua,  
 Outro, além de encovar toda uma rua,  
 Açaimou numa junta a cem doutores :  
 'Teu avô, sanctuario venerando,  
 Soube mais orações que mil beatas  
 Com reza impertinente os céos zangando ;  
 Ten pae foi um trovão de pataratas ;  
 Teu tio, o bacharel, morreu falando ;  
 Tu falando, Risêo, não morres, matas.

Nos sêrros do Brazil diz certo auctor que  
 [havia  
 Uma namoradeira, uma sagaz bugia ;  
 Milhões de chichisbéos pela taful guincha-  
 [vam  
 E, por não terem aza, o rabo lhe arrastavam,  
 Qual caíndo-lho aos pés, de amores cego e  
 [lonco,  
 Nas cabelludas mãos lhe apresentava um  
 [côco,  
 Qual do assucar brilhante a sumarenta cana,  
 E qual um ananaz, e qual uma banana.  
 Ella com riso astuto, ella com mil caretas  
 Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as  
 [petas ;  
 Os olhos requebrava ao som de um suspiri-  
 [nho,  
 A todos promettia o mais fiel carinho ;  
 E se algum lhe rogava especial favor,  
 A' terna petição dizia : « Sim, senhor » ;  
 Mas com muita esperança o fructo era ne-  
 [ulhum,  
 E os pobres animaes ficavam em jejum.  
 Leitores, ha mulher tão destra e tão velhaca,  
 Que nisto lhe não ganha inda a melhor ma-  
 [caca.

\*

Levando um velho avarento  
 Uma pedrada num olho,  
 Poz-se-lhe no mesmo instante  
 Tamanho como um repolho.  
 Certo doutor, não das duzias,  
 Mas sim medico perfeito,  
 Dez moédas lhe pedia  
 Para o livrar do defeito.  
 « Dez moédas ! (diz o aváro)  
 Meu sangue não desperdiço :  
 Dez moédas por um olho !  
 O outro dou eu por isso.»

\*

Um medico, resentido  
 De certo seu offensor,  
 Ante um amigo exclamava,  
 Todo abrazado em furor :  
 « Para punir este indigno,  
 Este vil, tomára um raio.»  
 Acode o outro : — « Ha um meio  
 Muito mais facil : curai-o !

\*

Homem de genio impaciente,  
 Tendo uma dôr infernal,  
 Pedia para matar-se  
 Um veneno, ou um punhal.  
 « Não ha (lhe diz um visinho  
 Velho, que pensava bem)

Não ha punhal, nem veneno ;  
 Mas o medico ali vem.»

\*

Um escrivão fez um roubo ;  
 Diz-lhe o juiz — « Que razão  
 Teve para fazer isto ? »  
 Responde : — « ser escrivão.»

\*

Um procurador de causas  
 Tinha na dextra de harpia  
 Nojenta, incuravel chaga,  
 Que até os ossos lhe roia.  
 Exclama um tafúl ao vel-o :  
 « Que pena de talião !  
 Quem com a mão roeu tanto  
 Ficou roido na mão.»

O artigo do sr. Deiró anterior ao que se segue saú publicado no numero 59 dos *Annaes*, de 30 de novembro.

### Fragmentos de estudos da Historia da Assembléa Constituinte do Brazil

#### VI

No dia 3 de maio de 1823, designado para abertura solemne da Assembléa Constituinte, por ser data memoravel da nossa historia, reuniram-se os deputados das provincias no edificio da cadeia velha, preparado para servir de casa do Parlamento. A decoração era simples, mas decente ; o recinto, galerias e tribunas bastante sufficientes.

A verificação de poderes, anteriormente feita durante as sessões preparatorias, não foi laboriosa nem absorveu grande espaço de tempo, porque as eleições fôram regulares e não occasionaram largos debates. A população votante concorreu ás urnas de boa vontade, procedendo de modo que mostrou ter consciencia de desempenhar dever civico, que a ennobrecia, de exercer direito que reputava gloriosa conquista e attestava a posse incontestavel da liberdade politica da nação, que energicamente acabava de despedaçar os grilhões do captivo colonial, proclamando, á face do mundo civilisado, existencia de povo livre e que, pela primeira vez, fôra chamado a demonstrar a sua soberania.

E' facil de imaginar de que modo cada cidadão se achava compenetrado da importancia da nobre missão, cren-do que seu voto teria influencia decisiva nos destinos da patria. A eleição suscitára nas almas as impressões e attractivos das novidades que as deliciau. Aparecia ainda qual prova dum facto que se suppunha impossivel de realizar-se. Era como que o documento vivo, luminoso, irrecusavel de ser a Independencia uma realidade, da qual não havia que receiar qualquer contestação, a des-

peito das ameaças que vinham de Portugal, onde os nossos diplomatas, Barbacena e Gameiro, (depois visconde de Itabayanna) encarregados pelo Imperador, de obter da côrte de Lisboa o reconhecimento do Imperio, luctavam contra as tergiversações dos ministros portuguezes, embóra aquelles encarregados estivessem escudados no facto e no direito e efficazmente auxiliados pelo prestigio do governo inglez, a cuja frente fulgurava o grande orador e estadista George Canning. Este abalisado parlamentar tomou a si, nas conferencias celebradas em Londres, entre Barbacena e Gameiro, por parte do Brazil, e o conde de Villa Real, representante da côrte portugueza, redigir as bases do tratado, que reconhecesse a existencia do Brazil na categoria de Estado livre no convívio dos povos independentes.

Ora, comprehendendo-se que os brasileiros, nessa temporada tudo faziam para provar á Europa que tinham a capacidade e as aptidões de exercer os direitos e deveres que impõem e exigem as instituições do governo moderno, e assim celebraram as suas primeiras eleições com escrupulosa regularidade e conforme as instruções expedidas e assignadas por José Bonifacio, ministro do Imperio. Nas sessões preparatorias, a Assembléa Constituinte apurou as actas e só lhes notou, em dois collegios, ligeiras e frivolas contestações, e de tão somenos valor que approvov as eleições dos collegios d'Olinda e de Cuyabá e reconheceu os eleitos representantes das duas provincias. No dia 3 de maio, a Camara Coustituinte contava numero legal para realizar a abertura solemne, que era esperada com patriotico e louvavel anhelos, concentrando e absorvendo a attenção geral do norte ao sul e uni vivamente do logar onde a Camara Coustituinte ia funcionar. A cidade de S. Sebastião estava em um movimento vivaz e ardoroso e preparava-se para dar aos paes de patria testemunho de sua estima. Tinha razão e direito de querer tomar o primeiro plano nessas manifestações nacionaes, porque foi do Rio de Janeiro que partiram os primeiros signaes, exemplos e esforços para suscitar e convocar os diversos obreiros da Independencia. Nas provincias, não se pensava na lucta ; aqui no Rio, já os Léo, conego Januario da Cunha, capitão-mór Rocha e outros punham, audaciosos e temerarios, mãos á obra. Vem ao piutar da faueca observar que, de todos os movimentos revolucionarios do Brazil, sómente teem sido coroados de feliz exito aquelles iniciados e partidos do Rio de Janeiro; por exemplo, o da Independencia, o de 7 de abril, o parlamentar da maioridade em 1840, finalmente, o de 15 de no-

vembro. Nas provincias, desde Beckman no Maranhão; a inconfidencia de Villa-Rica; da Bahia em 1793; o de 1817 em Pernambuco; o da republica de Piratinim, no Rio Grande do Sul; a Sabinada da Bahia, em 7 de novembro de 1837; as rebeliões de Minas e S. Paulo por occasião da lei de dezembro de 1842; a de Pernambuco em 1848; finalmente, a do tempo da Republica, que assolou as provincias do Rio Grande, Paraná, etc.—todos esses movimentos, ou abortaram desastrosamente, ou fôram comprimidos de modo implacavel. Nenhum triumphou. E' uma observação, que talvez se reputa superficial, mas que tem razão de ser em causas de grande importancia.

Qualquer que seja, porém, a explicação procedente, ou improcedente desse phenomeno social, a verdade é que só do Rio de Janeiro partiu o signal e o exemplo para a revolução da Independencia e propalou-se de norte a sul do paiz. Essa gloria cabe á cidade da Guanabara e não lh'a disputará nenhuma das outras das provincias, nem a Bahia, que, pela mesma causa, pugnava com as plangentes heroicas do valente general Madeira. A Bahia, porém, não iniciou o movimento libertador; ao contrario, recebeu o impulso vindo do Rio de Janeiro.

Ha um antigo e inventerado preconceito entre nós, preconceito que nos enche dum orgulho vão e satisfaz a certos patriotas.

Os brasileiros apregoaram que só elles fizeram a Independencia. Quem ouzasse contrariar os contemporaneos, que assim asseveravam, correria o risco de ser repellido e condemnado, como máu brasileiro. Os contemporaneos da Independencia, com sobeja razão, orgulhosos de seus feitos e esforçado patriotismo, lutando contra os luzitanos, só viam em tudo que era portuguez um inimigo, que devia ser combatido e exterminado.

E' dado, hoje, investigar nos factos a verdade com calma e meditação. Passou o momento dos arroubos do enthusiasmo. O tempo, que intibia os ardores, dissipa o orgulho, modera as paixões, esclarece o espirito, aviva e robustece o criterio, o tempo deixou-nos ver que o preconceito não deve prevalecer. Porque mantel-o hoje? Temerá alguém que nos seja contestada a obra da independencia nacional?

Podemos, pois, apurar a verdade historica, que não nos deslustra.

Aquelles que sabem como a Independencia se fez, rieu-se desses patriotas intolerantes, contaminados de antigos preconceitos de véra superstição.

Sem duvida, fôram os brasileiros os

grandes luctadores pela independencia da patria, cuja causa sustentavam e defendiam; a elles é que esta causa interessava; a elles cumpria fazer-lhe todos os sacrificios. Elles souberam fazel-os nobremente.

Elles, porém, não viviam sós nesta terra, onde habitavam muitos portuguezes, que se consideravam cidadãos da mesma patria então unida e cujos destinos a todos interessavam. Quando os portuguezes, aqui domiciliados, com familia nascida e creada aqui, com interesses, com habitos contraídos, viram as côrtes querer tirar ao Brazil todos os elementos de progresso e reduzil-o ao miseravel estado colonial, destruindo a obra do governo de d. João VI, tomaram resolutos o partido daquelles que nasceram no sólo americano, reconheceram e proclamaram a injustiça da metropole; repelliram os decretos das côrtes, acoimando-os de tyrannos, insensatos e insupportaveis. Perguntavam: como iremos requerer justiça aos tribunaes de Lisboa? Não vêem as côrtes os daunos que nos cauzam a todos nós habitantes do Brazil? Porque supprimir os tribunaes é decretar medidas odiosas, brutaes e barbaras.

Feridos em seus interesses, affectos e sentimentos, fôram dos primeiros que protestaram e se rebellaram contra actos violentos e detestaveis, que não offendiam sómente aos naturaes do paiz, mas que prejudicavam profundamente a todos que eram forçados a permanecer nesta terra de S. Cruz. Não se limitaram a inertes protestos; lançaram-se nos azares perigosos da lucta; fizeram causa commum com os brasileiros; todos por um e um por todos. A patria era a mãe duns e doutros; cabia-lhes propugnar pela mesma causa. Eis ahi porque se viu José Clemente, magistrado e presidente do Senado da Camara, á frente do povo, (mescla de portuguezes e brasileiros natos) ir solicitar do principe regente que não obedecesse aos decretos das côrtes e não se ausentasse do Brazil. Eis ahi José Clemente um dos primeiros promotores da Independencia, quando outros se conservavam calados. José Clemente, porém, era portuguez, e o orgulho brasileiro teria pêjo de apontal-o como *um patriarcha* da Independencia. Que significava este acto de José Clemente? Seria um esforço de sua vontade, de *seu brasileiro*, de seu apêgo e amor á terra onde vivia e era feliz? Illudem-se os que assim pensam. José Clemente, nesta conjunctura, era o representante dos brasileiros natos e principalmente de numerosos portuguezes, revoltados contra as prepotencias das côrtes e que compartiam dos mesmos sentimentos dos filhos do paiz. E' provavel que, si os portuguezes, aqui re-

sidentes e estabelecidos com serios e vitaes interesses, não tomassem parte no movimento, de certo José Clemente, como presidente do Senado da Camara e como magistrado, não seria tão *beocio* de arriscar a sua posição official. José Clemente foi induzido a este acto de rebellia, (que lhe teria custado bem caro si o movimento tivesse sido mal succedido) forçado pelos portuguezes, que fizeram causa commum com os patriotas brasileiros; nem os brasileiros procurariam o concurso de José Clemente, já por desconfiança de sua qualidade de portuguez, já pela da auctoridade, que exercia, dependente da metropole e, por consequente, dedicada e submissa aos interesses della. Parece fóra de duvida que a Independencia não foi só obra exclusiva dos brasileiros, como nol-o dizem a ignorancia da verdadeira situação e condição da sociedade brasileira, ou o orgulho nacional estolido e irreflectido.

Seria longo enumerar factos como o de José Clemente. Na Bahia, as juntas patrioticas que trabalhavam pela causa da Independencia, reuniam em Maragogipe, com Rebouças, varios portuguezes; em Nazareth, com Maia Bittencourt portuguezes; na cidade da Cachoeira, Montezuma (depois senador visconde de Jequetinhonha) o brigadeiro Rodrigo Brandão e Salvador Moniz Barreto (barão de Paraguassú) e outros ricos proprietarios trabalhavam com muitos portuguezes, negociantes ou capitalistas em pról da causa brasileira. No opulento municipio de S. Amaro, Miguel Camon (marquez d'Abrantes) tinha ao seu lado numerosos portuguezes, que concorriam com todos os meios em favor da Independencia. Na villa de S. Francisco do Conde, com os Bulhões, Argolos, Pinheiro de Vasconcellos, (visconde de Monserrat) Dórias do Loreto, Barreto da Saubára, Sudré e outros, tambem os portuguezes tomaram activa parte pelo bom exito da causa brasileira, uns organizando companhias de voluntarios; outros, como os Teixeira Barbosa (do engenho Passagem) emprestando cerca de 400 contos de réis, que mantiveram as primeiras tropas do general Labatut.

Poderíamos proseguir, apontando; com o dedo, nos campos de batalha de Pirajá, Lapinha, Itacaranha, Funil e outros logares, os Leite Pacheco, F. Pereira, Cid, Luiz da França, Andréas, Coelho (barão da Victoria) e outros coroneis portuguezes, servindo com bravura e dedicação, com sacrificio de vida, á causa dos brasileiros. Na marinha de guerra, a lista seria avultada; (sem falar em lord Cochrane) bastava mencionar dois destemidos marinheiros, que fôram nossos gloriosos herões em Riachuelo e Humaytá: — Joaquim José Ignacio e Barroso.

Nas altas regiões da politica, perdura a memoria dos Vergueiro, Maia, Abaeté, José Clemente, conde de Lages, conde de Souzel, general Valente e outros. Contrasta a dedicação desses portuguezes com os sentimentos dum Villela Barbosa e dum Pinto Garcez, que, sendo brasileiros natos, fôram adversos á causa que os outros serviam e defendiam esforçadamente.

A cafila de imbecis que sóem falar do que não entendem, ha de dizer, com a impudencia de alvar chacota, que me converto em corteção dos portuguezes.

Não, senhores parvos; não me dominam a mim os vossos ridiculos preconceitos; não quero ser corteção dos nossos conterraneos, quanto mais dos estranhos...

Estudo, sim, a historia, que só tem auctoridade e sómente é honrosa, é *magistra, lux vitae* (1), investigando e apresentando a verdade.

Os preconceitos dos antigos patriotas, auctores da Independencia, talvez podiam ter a conveniencia de estimular o patriotismo, de avigoral-o, ou de saciar a vaidade dos benemeritos que trabalharam pela angusta causa da redempção da patria. Mas passou esse tempo; toda a geração da Independencia está extincta e só nos resta a lembrança de seus feitos, que nos merecem subida estima e até o nosso applauso e veneração. Seria, porém, uma pequice fazer da historia serva das gerações orgulhosas de feitos, que não são exclusivamente seus. A historia eleva-se acima dos heróes, dos genios, das nações e das assembleas, dos reis, e os obriga a todos a assentarem-se na tripeça dos réos; só de seus labios irrompem os hymnos de glorificação, as sentenças absolutórias ou de suprema e definitiva condemnação. Tácito não deixou aos Cezares de Roma nem sequer a possibilidade de appellar para o juizo das gerações corruptas, immoraes, indignas, que a posteridade pudesse ter. Não pensemos que só no presente, em que vivemos, ha torpezas e que as nossas gerações são inferiores ás posteras. Os mesmos erros, males, torpezas, vicios e crimes, que nos aviltam, necessariamente tocarão em partillia aos vindouros. A raça humana é a mesma em todos os tempos e em toda parte.

Os Cezares romanos estão definitivamente julgados e condemnados—sem appellação nem agravo—depois que a historia os expoz no pretorio dos seculos, onde cada geração que passa escuta o — *ecce homo*. Assim irremesivelmente condemnados, não onzariam correr á compaixão nem á justiça da consciencia do genero humano.

Está me parecendo que alguns leitores notarão que, propoundo-me a narrar os trabalhos da Assembléa Con-

stituente, trato de outros que lhe são connexos. Mas si estes leitores quizerem ler a — *Histoire du Gouvernement Parlementaire*—de Duvergier de Hauranne, veriam como este insigne historiador, propondo-se a narrar a historia parlamentar, occupa-se, em cada volume, por exemplo, das conspirações, da intervenção do exercito francez, commandando pelo duque de Angoulême, em Hespanha, dos realistas hespanóes, do Congresso de Veronat. O historiador francez, notavel publicista, assim procedeu porque todos estes assumptos se prendem á historia parlamentar; da mesma sorte, os factos de que temos falado ligam-se á Assembléa Constituinte. Não ha mistér de profunda theoria, basta a vulgar experiencia, para saber que, nos povos livres, todas as questões ou agitam-se em torno do Parlamento, ou este profere a ultima palavra sobre ellas.

A população do Rio de Janeiro, que não era tão minguada, como quando aqui aportou d. João VI em 1808, enchia as ruas e as visinhanças da casa do Parlamento. Cada um saudava com viva satisfação os deputados conhecidos que iam penetrar no recinto da Camara com sincera intenção de desempenhar o augusto mandato de legislador e de servir á causa publica, e promover o bem da patria desinteressada e dedicadamente.

Havia por toda parte um vivo contentamento; a população julgava assistir a uma esplendida festa do patriotismo.

No homem das classes populares até no das mais elevadas da sociedade, dominava um só sentimento: todos confiavam nos representantes da nação e esperavam que elles realisassem as esperanças, fundando o governo dum povo livre e fazendo uma Constituição, que a todos concedesse e garantisse os direitos da liberdade civil e politica.

O espectáculo, devéras, era novo para um povo recentemente sahido do regimen colonial, educado na escola corruptora do absolutismo, que impõe o servilismo e recuzza admittir que as creaturas humanas tem identicos direitos e deveres e que a patria é um patrimonio commum, que professa o princípio do celebre dictador da velha Roma — *paucis genis humanum est*. (2)

No meio do entusiasmo geral e indizível alegria, installou-se Assembléa Constituinte ás 9 horas da manhã, aguardando a vinda de s. magestade.

Occupou a presidencia o bispo capellão-mór Continho. Logo que o Imperador chegou, foi introduzido no salão acompanhado pela commissão com todas as honras devidas á sua alta dignidade.

D. Pedro, ainda muito moço, esbelto e de movimentos rapidos, transpuz o estrado e assentou-se no throno e recitou um longo discurso, pelo qual daremos apenas alguns trechos.

«Dignos representantes da nação brasileira. — E' hoje o dia maior que o Brazil tem tido, dia em que elle pela primeira vez começa a mostrar ao mundo que é imperio, e imperio livre. Quão grande é meu prazer, vendo juntos representantes de quasi todas as provincias, fazerem conhecer umas ás outras seus interesses e sobre elles bazearem uma justa e liberal Constituição que as reja! Deveriamos ja ter gozado duma representação nacional; mas a nação não conhecendo ha mais tempo seus verdadeiros interesses, ou conhecendo-os e não podendo pateutar, visto a força e predomínio do partido portuguez, que sabendo muito bem a que ponto de fraqueza, pequenez e pobreza, Portugal já estava reduzido e ao maior gráu a que podia chegar de decadencia, nunca quiz consentir (sem embargo de proclamar liberdade, temendo a separação) que os povos do Brazil gozassem duma representação egual áquella que elles não tinham. Enganaram-se nos seus planos conquistadores e desse engano nos provém toda nossa fortuna.

.....

Falou do tempo em que o Brazil vegetou como colonia, dos seus soffrimentos, atrazos e males; da vinda de d. João VI, do bem que fez ao Brazil; do decreto de 16 de dezembro de 1815, que o elevou á categoria de reino: então exclamou — Portugal bramiu de raiva, tremeu de medo e o Brazil exultou de prazer. Ponderou que a medida, que elevou a reino, deveria ter sido acompanhada da convocação duma assemblea que organisasse o reino.

Disse que logo que em Portugal se proclamou liberdade, o Brazil gritou Constituição.

Affirmou que as vistas dos portuguezes lá no reino eram converter os homens livres em vis escravos: que os obstaculos antes de 26 de abril de 1821 se oppunham á liberdade brasileira e que depois continuaram a existir sustentados pela tropa européa, fizeram com que estes povos, temendo que não pudessem gozar duma Assembléa sua, fôsem pelo amor da liberdade, arrastados a seguir — *as infames côrtes de Portugal* — para ver, si fazendo taes sacrificios, poderiam deixar de ser insultados pelo seu partido demagogico, que predominava neste hemispherio. Fomos maltratados pela tropa européa; fil-a embarcar e ir embóra; veio de Lisbôa outra expedição.

Eu tomei sobre mim, disse o Imperador, (ou repetin o que escreven a

seu ministro José Bonifacio?) proteger este Imperio e não recebia expedição. Pernambuco fez o mesmo e a Bahia, que foi a primeira a adherir a Portugal, em premio de sua boa fé e de ter conhecido tarde qual era o trilhio, que deveria seguir, soffre hoje crúa guerra dos vandalas, e sua cidade por elles occupada, está a ponto de ser arrasada. Eis, em summa, a liberdade que Portugal appetecia ao Brazil.. . . . .

As juntas, declaram o Imperador, imploraram a minha ficada. Parece que o Brazil seria desgraçado si eu não attendesse, como attendi: bem sei que este era o meu dever. .

Mal tinha acabado de proferir estas palavras como é para bem de todos e felicidade geral da nação diga ao povo que fico, tomei todas as providencias a respeito dos nossos inimigos, uns entre nós existentes, outros nas côrtes portuguezas.

Depois, o Imperador fala das circumstancias financeiras: entra em minucias de meios e de recursos financeiros: allude ás administrações, secretarias e outras repartições, assegurando que todas precisam de reformas.

Discorreu acerca do estado deploravel do exercito. Referiu-se á marinha, annunciando que esperava 6 fragatas encomendadas, etc. Notou o que havia concernente ás obras publicas. Fez diversas ponderações no tocante aos estudos publicos, a respeito da casa da Misericordia. Observou que depois de muitas providencias, que deu, entendeu que devia convocar por decreto de 16 de fevereiro um conselho de Estado e convocou tambem a Assembléa Constituinte por decreto de 3 de junho.

Disse que se vin obrigado a tomar algumas medidas legislativas — porque residiam então de facto e de direito os tres poderes no chefe supremo da nação — muito mais sendo elle seu Defensor Perpetuo (esta idéa perverten o espirito de d. Pedro). Mencionou como se deu o grito do Ypyranga e que sentia não poder ir á Bahia, que pelejava com o exercito do general Madeira. Prometteu a todo custo, ainda arriscando a vida, desempenhar o titulo que os povos deste vasto e rico continente em 13 de maio de 1822 lhe conferiram de Defensor Perpetuo. Como Imperador constitucional e mui principalmente como Defensor Perpetuo deste Imperio disse ao povo, no dia 1 de setembro de 1822, em que foi coroado e sagrado, que, com a sua espada, defenderia a patria, a nação e a Constituição si fôsse digna do Brazil e de mim. Ratifico solemnemente tudo isso.

O Imperador, com as seguintes pa-

lavras, que terão significação no futuro — não longinquo — arrematou o discurso: — uma Assembléa tão illustrada e patriotica olhará só a fazer prosperar o Imperio e cobri-lo de felicidades; quererá que o seu Imperador seja respeitado, não só pela sua, mas pelas mais nações: e que seu Defensor Perpetuo cumpra exactamente a promessa feita no 1 de setembro do anno passado e ratificada hoje solemnissimamente perante a nação legalmente representada.

Foi esta a primeira *Fala do throno*, pronunciada no Parlamento e lida com respeitosa curiosidade pelo paiz, na iniciação do regimen representativo. E' um discurso que tem os moldes de relatorio dum secretario de Estado, expondo a marcha dos negocios de sua administração.

Lobriga-se, ou sente-se, na contextura de todas estas phrases, o espirito de José Bonifacio, adejando de periodo em periodo.

D. Pedro recitou a oração que o ministro escrevera; accaso, as palavras correspondiam aos sentimentos e pensamentos, ou estes ficarão reservados para o porvir?

Na alluvião das phrases oucas que José Bonifacio pôz na imperial bocca, transparecem, a todo instante, as arrogancias do regimen da realza absoluta.

Noutro capitulo analyzaremos o discurso, que acabamos de resumir, dando apenas a substancia que elle contém.

Agóra estamos em plena Assembléa, devemos acompanhá-la, narrando e analyzando as suas idéas e actos, palavras e pensamentos, que são a materia propriamente da sua historia, que poderá ser util a uns e fastidiosa para outros.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Cicero.

(2) A Pharsalia de Lucano — discurso do Cezar ao exercito amotinado.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A ethnographia e fauna dos Andes. — A expedição de Nordenskjöld. — Civilisação anterior ao Novo-Mundo.*

A expedição de Erland Nordenskjöld aos Andes tinha, primitivamente, o objectivo penetrar as florestas ao norte da Bolivia e estudar as tribus indigenas que occupam nessa parte da America do Sul, zonas inexploradas.

Aquelle audacioso investigador de uma familia de ousados exploradores suecos deixára a Europa em janeiro de 1904 com destino ao porto de Molendono Perú, donde seguiria para

Puno no lago Titicaca. Depois de galgado o planalto do mesmo nome a 4.000 metros de altura, Erland, com seus companheiros de trabalho, deveria chegar á capital La Paz. Suppunham elles encontrar uma região rica de vestigios da epocha dos Incas e, subindo os Andes entraram em contacto com os Guarayos e os Araunos, estes muito pouco conhecidos.

Esse itinerario foi modificado, mas os exploradores puderam visitar, apenas, algumas tribus que desconheciam completamente o homem branco, indigenas pacificos que não atacam os estrangeiros sinão como represalia para repellirem os bandidos, ladrões de mulheres e de creanças.

Estes indigenas dão curioso testemunho de uma civilisação anterior á descoberta do Novo Mundo, mas não ignoram completamente a civilisação moderna; possuem instrumentos de fabricação actual, obtidos de alguns indios que voltaram á tribu depois de emigrados.

Os indigenas primitivos se abrigaram nas florestas, onde se colheram machados de pedra e outras armas muito differentes das que uzavam no valle.

Junto do lago Titicaca, Nordenskjöld desenterrou grande numero de ossadas fosseis pertencentes a uma raça de cavallos de juntas curtas, agóra desaparecida, e a tardigrados gigantescos. Esses fosseis permittiriam reconstruir em parte a fauna dos Andes, existente no fim do periodo terciario, sendo a primeira desse genero feita até agóra nessa região sul-americana.

\* \*

*Fluctuamento de navios submergidos. Salvação dos navios da esquadra russa, mettidos á pique na batalha Tsushima.*

Um industrial russo, Zacovenko, indica o meio de reaver, em plena fluctuação, os navios da esquadra russa submergidos na memoravel batalha de Tsushima. Elle parte do principio de que é preciso levantá-los, suspendel-os entre duas aguas, não com o auxilio de correntes, mas passando-lhes por baixo correias metallicas que lhes abarquem completamente o casco.

Para isso se deverá recorrer ao que, na marinha, se chama «camellos», pontões empregados, geralmente, para os trabalhos de emersão; são uma especie de caixões que immergem no mar conforme a carga d'agua que contém como lastro; transportam escavadores destinados a operar a 30 e mesmo a 40 metros de profundidade de maneira a cavar, sob o navio submergido, um canal ou uma galeria.

O escavador está munido de um apparelho que permite passar, projectando-o, sob o caso submergido

ou encalhado no fundo, um fluctuador conduzindo uma corda e vindo á flôr d'agua do outro lado. A essa corda está ligada uma amarra levada pelo movimento e rebocando um cabo, acompanhado por uma correia metálica muito solida e muito larga, tudo isso passando por baixo do navio graças ao primeiro impulso. As extremidades dessa correia se ligam pelos dois lados aos «camellos».

Essa operação, varias vezes renovada, desencava os navios e os levanta pouco a pouco, mantidos em equilibrio pelas correias. Si se extrair, por meio de uma bomba, a agua dos caixões até exgotal-os, os «camellos» sobem lentamente á superficie e assim o navio emerge até que possa ser rebocado para a agua raza.

O plano é engenhoso, mas a execução parece muito difficil, attendendo ao pezo de 10 a 12 mil toneladas dos formidaveis vasos mettidos a pique pela victoriosa esquadra do almirante Togo.

## O ALMIRANTE (62)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XXI

—Eu acho—replicou Marianinha—que os paes devem ser os primeiros confidentes dos filhos, principalmente das filhas. Parece muito ridiculo esse habito de perceberem, claramente, as primeiras manifestações de um amor na familia e fazerem vista grossa, fingirem uma ignorancia mal disfarçada. Por mim, procederei de modo inteiramente diverso: quando presentir que uma das minhas filhas está inclinada para alguem, si fôr do meu agrado, favorecerei, por todos os meios decentes, essa aspiração muito natural, muito legitima; si não fôr, tratarei, geitosamente, de cortar o mal pela raiz, com o auxilio do meu prestigio de mãe e de amiga.

—Tu bem sabes —olveu d. Eugenia — que Amelia é uma creatura especial: não admittiria a menor intervenção naquillo que toca ás suas deliberações imperiosas. Em tudo, é a mesma coisa. Si ella gostasse de um homem, seria capaz de morrer minada pela paixão, sem dar o menor signal desse martyrio do coração. Muito cheia de preconceitos da dignidade do sexo, ella entende que o homem amado deve entendel-a, deve procural-a, pedir-lhe de joelhos uma palavra de amor e penar muito para obtel-a. Quem ama sinceramente, disse-lhe ella uma vez, se revela sem o auxilio banal da linguagem. Além disso, ella tem a superstição de que o seu temperamento, as suas idéas se não adaptariam á submissão natural do casa-

mento. Ah! tem você, em poucas palavras, a razão por que Amelia é uma bella mulher trancada numa esquivancia, num orgulho que muita vez me afflige, me impacienta.

—O seu principal defeito é ser educada de mais para o nosso meio. Não lhe parece, Oscar?

A' interrogação de Marianinha, Oscar como que despertou de um profundo scismar e respondeu friamente:

—Eu nunca tentei interpretar uma mulher, nem empreguei o minimo esforço para lhe penetrar o coração ou lhe devassar o estado d'alma; aos meus olhos as mulheres são aquillo que parecem ser, innocentes ou astuciosas; eu sómente lhes vejo o exterior — a belleza da fórma, os actos e palavras denotando a perfeição do espirito.

—E' o que dizia — affirmou d. Eugenia — A mulher interessa muito pouco, quasi nada a este senhor, demasiado entregue aos estudos, educado na vida do mar, que deve ser uma escola de celibatarios.

—Eu penso o contrario — objectou Marianinha — Os marinheiros são muito inclinados ao casamento, porque vivem mais separados das mulheres e por isso mesmo mais as appetecem.

D. Eugenia renovou as insinuações aos falados projectos de casamento de Amelia, ao enlace com o almirante, facto que conforme a opinião geral, se realizaria mais cedo ou mais tarde. Marianinha contemplava Oscar com olhares de ironia, como si saboreasse o vexame que d. Eugenia lhe infligia, como si experimentasse essa cruel satisfação da mulher ante o acanhamento, o enleio de um homem.

— Parece — disse esta, depois de algumas palavras proferidas em voz baixa — que estamos deante de dois teimosos; nenhum d'elles cede e ficarão assim, amarrados pelas teias de aranha do seu orgulho, roídos pelo proprio despeito, infelizes ambos, quando a felicidade lhes está ao alcance da mão.

No desvão de uma janella distante, na sala immediata, Oscar surpreendeu os supplicantes olhos de Dolores. Ergueu-se fascinado e obedeceu. Dados alguns passos, foi ao seu encontro o doutor Adeodato, que o acompanhou muito amavel e sorridente até junto da esposa, que não podia disfarçar um accesso de máo humor, ante aquella vigilancia, provocada pela instinctiva percepção do perigo, que lhe revelára algo de novo, de inédito, no rosto della, numa alteração de traços, uma languidez de olhos, um arfar do seio e uns suspiros entrecortados, um tom de tristeza, enfim, que não condiziam com os seus modos de espontanea desenvoltura. Além disso,

essa creatura, sempre agitada, se aquietára num reponso fatigado, se encolhera como uma sensitiva numa attitude de timidez magnada.

—Que tens Dolores?—inquiriu elle, com meignice — Parece que estás incommodada.

—Eu? Ora essa—acudiu ella, vivamente, como si o marido surpreendesse o seu segredo—Eu nada tenho, graças a Deus. São os teus olhos que sempre me vêem com má vontade...

—Está ouvindo, almirante? A minha querida esposa não admittie nem a minima natural solicitude. E', entretanto, visivel que ella não está bôa. Veja: está resistindo caprichosamente á fadiga; está fazendo das fraquezas forças...

Antes de Oscar emittir a sua opinião, ella replicou:

—E' sempre assim. Si eston a *négligé*, com um vestido vulgar de passeio, acha que não eston decente, não eston trajada de accordo com a posição da seultora de um magistrado; si me visto melhor, fico mal, parecida com uma *cocotte*; si me decôte, como hoje, é um Deus nos acuda de censuras. O decôte é um escandalo, é uma imprudencia que me faz feia. E começa a fiscalisação, a policia desses oculos, que me não deixam um momento, segniudo-me por toda parte, de uma sala a outra como tem succedido esta noite.

—Mas Dolores...

—E' verdade, é a verdade pura. Depois, não quer que entristeça, que me cause dessa suspeita insistente, indecorosa. Si eu fôra outra mulher, te castigaria severamente; mas é forçoso submeter-me ao ridiculo desse ciúme.

—Bem, bem—disse humildemente o marido — Não te importunarei mais... Entretanto, aqui o almirante e todas as pessoas sensatas me dariam razão.

—Oscar é um homem educado, é um homem de fino trato; não approvará jámais esse zelo fóra da moda, muito ridiculo, repito.

—Dolores — disse Oscar — é uma encantadora creatura, tão meiga, tão bôa, que a mais leve suspeita macularia como uma injustiça. O doutor não tem razão.

—Seria muito bonito—acrescentou Dolores—que em uma recepção destas eu estivesse mettida num vestido afogado, como um sacco amarrado ao meu pescoço...

—Eu sómente censuro o exaggero — ponderou Adeodato, timidamente.

—Exaggero? O men decôte é egual ao das outras; sómente dá mais nos oculos do meu marido porque sou mais cheia de corpo. Veja, Oscar, si ha exaggero...

E Dolores, com os dedos nas axillas,



comprimindo os seios, demonstrava a sua asserção, ao passo que Adeodato, afflicto, se arrependia de ter provocado aquella tentadora demonstração, que produzia em Oscar um deslunbramento.

— Bem bem — repetiu o doutor — Não falemos mais nisso. Estás muito decente, muito bonita, mesmo muito bonita.

— E' isto — continuou Dolores — Falta sómente tapar-me o seio com o leque quando algum cavalheiro se aproxima de mim. E eu que esteja muito satisfeita, toda risonha...

Annunciaram o chá, e Dolores terminou o incidente dando o braço a Oscar para conduzi-la á meza.

Adeodato não abandonou Dolores durante o resto da noite, seguindo-a vigilante, com a mesma insistencia sobresaltada, uma afflicção de estudar todos os seus olhares, as suas maneiras, os seus movimentos. Elle notára serenado o ânimo da mulher quando tomou lugar á meza junto de Oscar, muito distante delle, que, todavia, não hesitava em se debruçar sobre os convivas visinhos para vel-a, para inspecionar o colloquio dos dois, muito animado, muito sublinhado de sorrisos.

A' hora da partida, Oscar foi levado á carruagem e despediram com um longo aperto de mão, interrompido por um abraço de Adeodato no almirante.

— Bôa noite, meu caro almirante — disse elle, desafogado. — Renovo-lhe os meus sinceros cumprimentos. Bôa noite.

Quando partiram todos os amigos, Oscar despediu-se da marquezia e de Hortencia, tão preocupado que olvidou beijar a fronte, que a moça lhe estendera, como de costume, e sumiu-se na escuridão da chacara em busca dos seus aposentos no bello *chatô* immerso na folhagem.

As luzes do palacio se apagaram nas janellas como palpebras que se fecham somnolentas; ouviam-se apenas o ruido dos tamancos do Sebastião e o gemido do portão nos velhos gonzos oxidados, o soturno ganido dos grandes cães em liberdade. As brisas marinhas, tão frequentes naquella sitio aberto ás virações da Gavea, repouzavam no arvoredado immovel. No céu, grossas nuvens ameaçadoras toldavam, como na vespera, o brilho das estrellas. Havia no ambiente calmo e morno uma saturação do forte halito das magnolias e das gardenias misturadas ao suavissimo perfume dos jasmims e das rosas, excitadas pelo orvalho a penetrar subtilmente do céu. Dentro em pouco, o Sebastião se agachou mastigando a derradeira praga, os cães se aquietaram, e na solidão da

chacara adormecida velava perenne, na sua eterna lamuria, a borbulhar docemente, a fonte esquecida no Paraiso, avivando uma saudade dolorosa.

Oscar se quedou, deante da secretaria cheia de livros, de brochuras, de grossos cadernos de papel official, derreado na cadeira americana de rodizio e balanço, onde trabalhava isolado e feliz como um ninho de conforto para o seu pensamento preocupado pelas altas questões profissionaes. Nessa noite, seu olhar percorria, em vago exame, os objectos que o rodeavam, as estantes repletas, os moveis raros, os marmores, os bronzes, todos os especimens de uma arte de escol por elle reunidos em torno de si e que lhe pareciam, então, testemunhas impassiveis da sua solidão; haviam perdido o toque de intelligencia, não os animava mais o lampejo do genio creador perpetuando idéas, sentimentos, factos, movimento na fria immobilidade da materia; mas a tudo aquillo faltavam o coração e a alma que o comprehendessem, que se irmanassem ao seu coração e á sua alma, despertando-lhe impulsos novos, infundindo-lhe dupla vida, a alegria de viver. Entre aquella multidão de coisas preciosas, debuchadas em traço indeciso pelo clarão tenue de uma lampada velada de verde, elle se figurava isolado, abandonado num vacuo de carinho. E vinha-lhe á memoria o passado como uma torrente placida a deslizar suavemente, sem accidentes, a tristeza da sua orphandade, amenizada pela ternura maternal da marquezia e prolongada sobre toda a sua existencia, communicando-lhe essa frieza, esse fatalismo que a victoria brilhante de suas aspirações de moço não tinham conseguido abalar. Elle se nutria, até então, da satisfação do dever cumprido, desse gozo da consciencia que lhe não saciára jámais o coração e produzira um permanente desequilibrio entre intenso desenvolvimento mental e a vida affectiva concentrada na ternura da sua mãe adoptiva, para quem elle concretizava a saudade dos filhos mortos.

Feliz, invejado, aclamado, triumphante em todos os estadios da sua carreira, faltava-lhe, todavia, aquelle impulso poderoso que a bocca de Dolores lhe havia communicado, aquelle beijo, cujos resabios lhe queimavam ainda os labios sequiosos e lhe despertára, violentamente, instinctos adormecidos, anestesiados pelas caricias ephemerias de amores de aventura, accidentes physiologicos que não deixaram vestigios. E dessa longa lethargia fôra arrancado pelo choque de um crime que o aterrava, que adquiria as proporções de uma atroz iniquidade, de uma cobardia, que o torturavam. Em vão, elle procurava excuzar-

se na tolerancia dos costumes, demasiado condescendentes para com esses peccadilhos que não deslustram os homens; em vão, recorria ás justificativas do impulso irresistivel, dominador: a sua consciencia, expoliada da preponderancia absoluta sobre a vontade vigorosa, lhe exprobase o momento de desfallecimento, em que derruira todo o seu passado e attribuia a Dolores o funesto prestigio da tentação, empolgando-o, aniquilando-lhe todos os elementos de defeza, reduzindo-o á condição de um miseravel vencido sem combate. Seria ainda tempo de evitar a consummação da catastrophe, readquirir a posse de si mesmo e olvidar aquelle momento de delirio. Passada a embriaguez, volveria a calma e o senso moral perturbado readquiriria o seu poder para a deliberação honesta e digna.

Nas attribuições dessa lucta, Oscar procurou o leito, mas o somno lhe fugia e, no seu cerebro fatigado, predominava, destacada num intenso fulgor, a formosa figura de Dolores, amorticada num extase de volupia, fitando nos delle os melancolicos, os desmaiados olhos supplicantes de uma caricia que os purpurinos labios anciosos não onzavam. Era a obsessão de um sonho de accordado, perpetuando o delicioso instante em que o coração se lhe despertára abrazado de desejos incoerciveis que ainda o mordiam como fêras famintas.

Ao dealbar do dia, quando Sebastião começou a limpeza da chacara, arrastando com a immensa vassoura de gravetos as folhas caídas nas alamedas, encontrou Oscar repozando sobre uma cadeira de vime á entrada do *chatô* sob os festões de epoméas rubras e madresilvas conservadas pelo carinho de Hortencia.

Notando-lhe os traços do semblante fatigado, Sebastião inquiriu com uma saudação reverente:

— Vossa excellencia está doente?

— Não. Vim aspirar o ar fresco da manhã, Sebastião.

— Não ha nada como está fresco para avivar a gente da preguiça do somno. Eu que o diga.

— Você então, não dorme bem?

— Eu? Um somno de passarinho. Ai, meu senhor, quando a gente tem o juizo occupado.

(Continúa).

Aos nossos assignantes, cujas assignaturas terminem no fim do mez, pedimos o favor de mandarem reformal-as, afim de se não dar interrupção na remessa dos «Annaes».

## XADREZ

## O XADREZ EM S. PAULO

## Torneios do Club de Xadrez

Começou o torneio da 1ª classe que deve decidir do campeonato. O torneio da 4ª classe terminou com o seguinte resultado: Veiga—13 pontos (medalha de ouro); Dieterle—11 1/2 (medalha de prata); Jerosch—11 (medalha de prata); Bade—8; Bindel—3; O. Motta—2; Schimidt—1 1/2; Peahe—1.

— Começou o torneio da 1ª classe, que deve decidir do campeonato. No numero passado, demos os nomes dos jogadores que tomam parte nelle; ha uma alteração a fazer: em lugar do prof. Paulo Tagliaferro, entra o prof. Dimitri.

## O XADREZ NO ESTRANGEIRO

A assembléa annual da British Chess Federation, que este anno se reuniu em Londres, no mez de outubro reunir-se-á para o anno em Shrewsbury, de 13 a 25 de agosto, sob a presidencia de Thursby.

— Em outubro realizou-se em Florença, o torneio nacional italiano com o seguinte resultado: 1º premio (400 liras) — Reggio, 7 1/2 pontos; 2º premio (400 liras) — Vignoli, 7 pontos; 3º premio (250 liras) — Roselli del Turco, 6 1/2 pontos; 4º premio (150 liras) — Passera, 6 pontos.

— Em Praga, obteve o campeonato na Associação do Xadrez Tcheco, o jogador Duras.

— O *Lasker's Chess Magazine*, abriu um concurso de soluções para os problemas em 3 e 4 lances que publicar nos seus 12 numeros de novembro de 1905 a outubro de 1906. O vencedor terá o premio de 100 dollars e será proclamado o campeão solucionista do mundo.

MORAL DO XADREZ  
De Benjamin Franklin

(Continuação)

Uma partida de xadrez offerece tantos accidentes, tal variedade de occurrencias, tantas vicissitudes e, depois de havermos reflectido por muito tempo, acontece descobrirmos, tantas vezes, o meio de fugir de um perigo, inevitavel á primeira vista, que nós animamos a luctar até ao fim, alentando a esperança de vencer, á força de habilidade; ou, ao menos, de aproveitar a negligencia de nosso adversario, para empatar a partida.

Quem meditar sobre os exemplos fornecidos pelo xadrez, na vaidade que produz quasi sempre o bom exito, e seus consequentes descuidos, e que pôdem mudar a phase da partida, aprenderá, sem duvida, a não desanimar ante a momentanea vantagem obtida pelo adversario, nem desesperar da victoria final, mesmo quando, no empenho de alcançal-a, soffra pequenos contratempos.

Para sermos induzidos a procurar essa util diversão, de preferencia a outros jogos que não possuem eguaes vantagens, não

devemos desprezar certas particularidades que augmentam a satisfação entre os jogadores.

Toda e qualquer acção, palavra indiscreta, inconveniente, ou que possa canzar desgosto, deve ser banida, como contraria á principal intenção dos jogadores, que é passar agradavelmente o tempo.

Conseqüentemente: — 1º, Si nos obrigamos a seguir, com todo o rigor, as leis do jogo, é necessario que ellas sejam estritamente observadas por ambos os jogadores, e não por um, com exclusão do outro, porquanto não é isso justo.

2º — Tendo-se concordado em não observar com exactidão as regras do jogo, si um jogador pedir indulgencia, deverá este fazer ao adversario a mesma concessão.

3º — Nunca deveis fazer um lance falso com o intuito de fugir de alguma difficuldade, ou de obter vantagem.

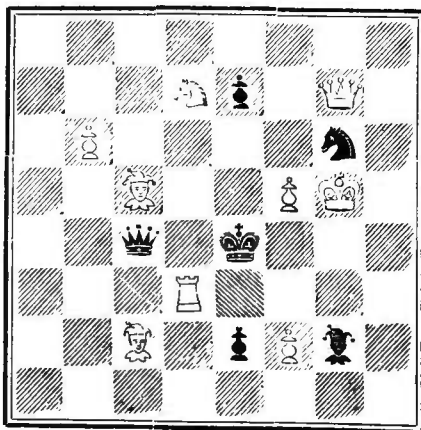
Nenhum prazer teremos mais de jogar com quem foi descoberto praticando tal manobra fraudulenta.

4º — Si o vosso adversario jogar lentamente, não deveis *apressal-o*, nem mostrarvos aborrecido de sua demora.

Não se deve cantar, assobiar, olhar para o relógio, tomar de um livro para ler, nem bater com os pés no chão, ou com os dedos na mesa, ou qualquer outra coisa que possa distraí-lo, porque taes feitos desagradam e nada provam que se jogue bem, e só indicam velhacaria e incivildade.

5º — Não deveis procurar entreter ou enganar o adversario, dizendo-lhe que vos enganastes no lance e perdestes a partida, com o intuito de inspirar-lhe seguridade ou levar-o a negligencia, para impedir que veja vossos projectos, por isso que tal coisa não mostra habilidade, sinão trapaça e fraude.

(Continúa)

PROBLEMA N. 30  
Hubert Prochazka  
PRETAS (6)

BRANCAS (9)

Mate em dois lances

## PARTIDA N. 31 (a)

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 30 de setembro de 1904)

RUY LOPEZ

Branças	Pretas
(Augusto Silva)	(Frota Pessôa)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 5 C D — 3 —	P 3 T D

B 4 T D — 4 —	C 3 B R
Roque — 5 —	B 2 R
P 4 D — 6 —	Roque
P X P — 7 —	C R X P
P 4 B D (b) — 8 —	C 4 B D
B 2 B D — 9 —	C 5 C D
C 3 B — 10 —	C X B
D X B — 11 —	P 3 B D (c)
P 4 C D — 12 —	C 3 R
P 5 B D (d) — 13 —	P 4 T D! (e)
B 2 D (f) — 14 —	P X P
C 4 R — 15 —	P 3 B R
B X P — 16 —	P X P
T D 1 D — 17 —	P 3 C D
C 6 D — 18 —	P X P (g)
B X P — 19 —	C X B
D X C — 20 —	B X C (h)
T X B — 21 —	B 3 T
T 1 R — 22 —	B 4 C
D 3 R — 23 —	P 5 R? (i)
D 3 C x (j) — 24 —	R 1 T
T X P R — 25 —	D 4 T
C 5 C? (k) — 26 —	D X P T!
D X D — 27 —	T X D
C 7 B x?? — 28 —	R 1 C
P 4 T (m) — 29 —	T X C
T 8 R x — 30 —	T 1 B
T 7 R — 31 —	T (1 B) X P B
R 2 T (n) — 32 —	T X P x
R 3 T — 33 —	B 8 B
Abandonam (o) — 34 —	

(a) Publicamos esta partida como um curioso exemplo de uma falta aberrativa da parte de um forte jogador, no momento preciso da victoria e após um ataque vigoroso e bem seguido, contra o qual não prevaleceu a defeza desesperada do adversario, que estava positivamente perdido.

(b) Para abrir uma retirada ao Bispo.

(c) As Pretas querem evitar a entrada do Cavallo a 5 D.

(d) Bem jogado. O fim das Brancas é collocar mais tarde o seu Cavallo a 6 D.

(e) Para romper a ameaçadora linha de piões.

(f) Parece, realmente, o melhor lance.

(g) Os piões estão liquidados, mas o ataque das Brancas é fortissimo.

(h) As Brancas ameaçavam 21—D 4 B x, R 1 T; 22—C 7 B x.

(i) Si 23... T X P; 24—D 3 C x, ganhando a torre. Em todo o caso o lance do texto é máu. A situação das Pretas é difficil.

(j) Si 24—D X P, T X P!, sem o perigo assinalado anteriormente.

(k) As Brancas deixam escapar uma victoria certa. O lance justo era 26—C 5 R!, D X P; 27—C 6 C x!, P X C; 28—T 4 T mate. E a qualquer outra resposta das Pretas, como a analyse demonstrou, a sua ruina é prompta e inevitavel.

(l) Este lance é inaudito. As Brancas julgavam que as Pretas tomassem o cavallo!

(m) A partida podia ser abandonada aqui. E' forçoso entregar o cavallo por causa de T 8 T mate.

(n) Para escapar ao mate em 3 lances,

(o) Si 34—P 5 T, T 3 C x. d.; 35—R 4 T, T 7 T D mate. E a qualquer outro lance as Brancas perdem uma torre.

Tacilo & Lipman — Recebemos e agradecidos.

— Recebemos de um dos nossos leitores — respeitavel engenheiro residente em Petropolis — um pedido para que déssemos as variantes dos problemas em 2 lances. Não o fazemos, perdôe-nos s. ex., porque é preciso não conhecer o movimento das peças para não achar essas variantes, dada a inicial.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 29 (Max Feigl): 1—T 6 C R.

JOSÉ GETULIO.

ASSIGNATURAS  
 ANNO. .... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Tão pobres andavamos de commoções percucientes da indiferença passiva deste nosso admiravel povo soffredor e resignado que os accidentes meteorologicos assumem proporções de novidade e suscitam os mais exdruxulos commentarios.

Asphyxiados nesse ambiente de fogo, como si a cidade fôsse uma abraçada caldeira, de estomagos dilatados pelas cajúadas, pelos refrescos gelados, bebidas frescas de todo o genero, não esquecendo o copito do paraty popular, simples ou amenisado com o colorido opalescente de algumas gottas de *bitter*, de *amer-picon* e outros licores preconizados como aperitivos maravilhosos. Estavamos a pedir, como o rico do Evangelho, um pingo d'agua que nos aplacasse as entranhas sedentas. A nossa supplica foi ouvida, e do céu brusco, diluido em cinza opulenta, caíu o precioso liquido, não em pingos, mas em torrentes, como si nelle se reproduzisse, lascado em cataractas o formidavel phenomeno instrumento da vingança divina provocada pelas iniquidades humanas.

Uma enorme massa d'agua corren dos montes ingremes, inundou a planicie, lavou as nossas ruas e calçou deliciosamente a columna de mercurio dos nossos thermometros e esse povo, espavorido pelas insolações fulminantes, achou nisso um assumpto adventicio, muito opportuno para reeditar os *clichés* das velhas censuras caducas ao clima do Rio de Janeiro, um clima feróz, onde morrem homens como moscas, a nossa engenharia que não pôde ainda modificar a topographia de Sebastianopolis, nem libertal-a desses riscos deshumanos, transformando-a numa cidade onde a população estivesse perpetuamente immune das coleras do céu, dos terriveis effectos da fatalidade de leis que não são de cêra e molles como essas que o nosso Con-

gresso está fabricando, na azafama dos ultimos arrancos de uma prolongada sessão, consumida em abençoada preguiça.

Seria de um grottesco impagavel censurarem os *lazaroni* de Napoles ao governo e á engenharia daquelle recanto privilegiado das artes e das glorias de uma geração sempre viva nos movimentos do seu esforço colossal e da sua mentalidade prodigiosa, pelo facto de não terem entupido o Vesuvio, pelo crime nefando de consentirem que a cratera assassina perdue ameaçadora com o seu pennacho de fumo a enfeiar a doce payzagem do golpho. Não seria menos caricato para a cultura hodierna dos descendentes de uma raça patricia, clamarem contra outros perigos permanentes da terra onde vibram, como um echo immorreitoiro, as estrophes dos poetas, as vózes dos jurisconsultos, dos scientistas celebrando victorias mundiaes. E esses filhos de heróes, constructores de uma civilisação incomparavel, teriam razão de se chocarem com os perniciosos effectos dos pantanos da Campanha perturbando com calefrios a estupenda impressão das ruinas onde vive a vóz de Cicero, das catacumbas onde murmuram os gemidos e as preces dos martyres.

Os cariócas se comprazem com as suas montanhas, com todos os accidentes dessa *natureza* que é o mimio do seu orgulho, mas se enfurecem quando nas pontas penhascosas dos pincaros emergentes de coxins de florestas densas, se rasgam os enormes odres das nuvens e as torrentes se precipitam em cascatas furiosas a corroerem as encostas verdejantes, a saturarem, a embrejarem o formoso valle da immensa *urbs*.

Essa revolta contra a natureza das coisas, contra os effectos dos processos fataes do laboratorio da atmosphaera onde se transformam, se alliam e se manifestam em deducções terriveis forças indomaveis, destaca o tou-

pueril da versatilidade humana, inconsequente, incontentavel. Nós queremos, para o nosso consumo particular, brisas frescas, sem as violencias dos tufões, agua abundante para prover opulentamente os depositos do nosso abastecimento, irrigar os nossos jardins, tostados pela canicula, as nossas ruas alargadas, aquecidas pela exposiçáo de mais vastas superficies á acção do sol comburente; nós queremos que a cidade, renascida da porcaria colonial, se transforme ao trabalho de uma vastissima colmeia de operarios, suscitando palacios, sumptuosidades que nos encham de orgulho, deslumbrem o estrangeiro e sejam prova intuitiva da nossa cultura, mas sem augmento relativo da estastica dos accidentes do trabalho, sem modificação sensivel das condições nosologicas do nosso meio, do nosso ambiente.

Não tarda ahi se generem saudades das primitivas ruas estreitas, apertadas umas com as outras num amontoadado sujo, escuro, desforme, pela sabia previdencia dos fundadores para evitarem as insolações por meio da sombra amiga projectada pelos edificios em renques, tortuosas de accordo com as variações do percurso do sol pelo nosso flammejante meridiano.

Começam os murmurios contra as innovações do sr. Lauro Muller, rasgando uma sorberba avenida mortifera sobre os cadaveres immundos da casa-ria podre, contra as caturrices desse Prefeito de ferro, um Prefeito pícareta, que está profanando a veneranda feição da gloriosa cidade erguida pelo risco dos descobridores, deformando-lhe o traço pictoresco de um conjuncto indecifavel de viellas, de beccos, de tripas de pedra e cal, repletas de immundicie humana e rescendendo essa veneranda emanação de seculos mortos, o chulé de um passado que se não banhava, atemorizado pelos resfriamentos, os rheumatismos e as almorreimas.

E vem a prova irrefragavel, erisada de deducções contundentes. Quando desfilavamos pelas ruas sombreadas, ruas que promoviam a intimidade indigena comprimindo, nos estreitos corredoiros escuros e mal ventilados, homens contra homens e tambem contra formosas damas, não tinhamos essas molestias das grandes metropoles, as insolações; os effeitos do calor se limitavam ao excessivo desenvolvimento da transpiração, produzindo esse suor honrado que sempre foi um apanagio dos heróes do trabalho, honesto resignado e soffredor como o dos burros; a nossa legendaria rua do Ouvidor era uma querida maravilha nossa, muito nossa, muito brasileira, um primor de conforto, de hygiene, christmada pela imaginação indigeua de sala de visitas do Brazil e até o nosso canal do Mangue disputava poesia e belleza aos poeticos congenes de Veneza, com a sua placida lama putrida, deslizando lentamente, como dolorosa recordação do Estyge.

No outro tempo, nunca se viu morrer gente de accidentes de cadeirinha ou de palanquin, ou sob as rodas das esquecidas gondolas e omnibus. Morria meus gente esmagada pelos carros de bois, do que sob os bondes, nas estradas de ferro ou sob esses modernos automoveis, demonios cégos, descabrestados para desasocego da humanidade.

Os nossos amados e sandosos avós se allumiavam com as candeias de azeite do oleo aristocratico de côco ou do popular toucinho de balêa: não necessitava de excavar as ruas, de esburracar paredes e não havia explosões de gaz, nem choques electricos fulminantes a nos enviarem, sem confissão, desta para a vida donde ninguem regressa.

Tinhamos, por desconto dos nossos peccados, algumas molestias ruins — bexica, maleitas, ar do vento (Ave Maria!) estupor, espinhelas caídas, molestia do mundo e tysica, sufficientes para os nossos fóros de cidadãos civilisados, mas não se estava exposto a esse vexame da hygiene, ao desaforo da vaccina obrigatoria, ao attentado dos isolamentos, nem ás fumigações mortíferas de venenos que empestam o lar sagrado, onde todos teem o direito de apodrecer e morrer christãmente. A gente se curava com as me-

ziulhas que Deus nos deu, com as orações fortes, com as promessas aos santos do Paraiso; quando muito, em casos especiaes, se recorria á homœopathia, á feitiçaria ou aos prodigiosos precusores do *caboclo* da Praia Grande.

Não tinham ajuda apparecido os messias da saúde publica com as suas theorias subtis e as novas escolas estapafurdias: não suscitára o demonio o anti-christo Oswaldo Cruz, promovendo a barbara cruzada contra os stegomias, contra os culex e contra as pulgas, companheiros naturaes do homem, seus tradicionaes amigos domesticos, de cama e meza. A imaginação doentia dos sabios não havia ainda penetrado o mundo invisivel; não surgira ainda o fetichismo de Pasteur fauatisando os caçadores de microbios, de micrococus, de hematozarios, clandestiuos agentes de infecções, fabricantes de toxinas contra os quaes se inventou o antidoto dos seruns inoculado no coiro dos iugenuos, como si não fôra uma imprudencia criminosa injectar no corpo humano a molestia, preconizando assim um processo tão absurdo quanto esse de chamar o corisco para dentro de casa a pretexto de preservá-la com o para-raio. Não é preciso, por cumulo da crueldade, transformar as seringas em instrumentos de contagio e de morte; bastaria deixar-nos com os exgottos da City Improvements, com os quaes a ganancia dos capitalistas britannicos emprestaram a cidade, tão salubre nos sandosos tempos do *tigre*.

—Por esse preço — zurra a rotina abalada nos seus carunchosos fundamentos — não valia a pena perturbar os nossos habitos de povo pé de boi. Essa facciosa civilisação derrubando tradições arraigadas, rachando a cidade em amplas avenidas, deu-nos apenas o que tinhamos em proporções discretas, inocuas — luz deslumbrante, demasiado sol, actividade excessiva — factores desses luctuosos desastres que estão, dia a dia, commovendo o terno coração do carióca velho, a estremecer de solicitude pelo sinistro futuro que nos aguarda, si uma medida de salvação publica não puzer cobro aos desmandos dos Passos teríveis, dos Lanro Muller irrequietos, obsecados por esse delirio das grandezas, arrazando e reconstruindo, sob o futilíssimo pretexto de transformar

o Rio de Janeiro numa cidade moderna, clara, ventilada e limpa.

Seria o caso de submeter ao imposto dos 50% ouro essa sumptuaria industria de melhoramentos materiaes, si o Senado tivesse tempo de emendar os orçamentos.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Resta examinar as duas ultimas partes do livro do ex-director do *Pedagogium* e actual director da Instrucção Publica do Districto Federal. São a 4ª e 5ª, intitulada aquella — *Effeitos do parasitismo sobre as novas sociedades*, e a outra — *As novas sociedades*.

São as porções praticas da obra; e o auctor liga-lhes tal importancia que, constando todo o volume de 430 paginas, 316 fôram consagradas a essas duas partes praticas, e 114, apenas, ás tres primeiras, que exercem a fuuncção theorica no livro.

Por agóra, vejamos — *Os effeitos do parasitismo sobre as novas sociedades*. E' a 4ª parte.

E' onde bem claro se pôde ver o methodo, o systema que foi seguido na confecção do trabalho. Percebe-se, sem a menor sombra de duvida, ser elle o resultado, não de serios estudos sobre o assumpto, sinão de notas tomadas do acaso de leituras varias, com um pensamento preestabelecido: a these do parasitismo.

Onde Manoel Bomfim encontrava, especialmente nos jornaes, algumas dessas interminaveis divagações liberalisantes, apimentadas e futeis, ia recolhendo no sacco, e assim chegou a formar os tres quartos ultimos de seu libello.

Não lhe escapou quasi nada desse roزاریo de *famosas questiuncululas*, que constituem os themas predilectos dos declamadores de officio. Estado, ensino, orçamento, impostos directos e indirectos, immigração, colonisação, agricultura, trabalho, legislação, codigos, olygarchias estadoaes, espirito conservador, fallia de capacidade de observação, sciencia *livresca*, refórmas, educação... e oitenta coisas analogas.

Claro é que não posso acompanhar o nosso escriptor nessas correrias depredadoras através de tão desparatados assumptos. Seria preciso fazer um livro do tamanho de sua *America Latina*.

Mistér é ser sobrio e tocar apenas em quatro ou cinco pontos principaes. Abre esta parte do livro por algumas paginas sobre o *trabalho escravo* na America do Sul. E' tal a má vontade

do auctor, que chega ao ponto de estranhar o facto, vulgarissimo, da *industria caseira ou domestica*, existente em todos os tempos, entre todos os povos, sempre que o *pastoreio*, ou até a *lavoira* — é a occupação absolutamente predominante, e a *industria* propriamente dita, apenas indispensavel aos uzos da familia, não se tem constituido, como organismo a parte, não se tem diferenciado, como força economica autonoma.

«Havia, diz elle, escravos *carpinteiros, ferreiros, pedreiros, alfaiates, sapateiros*. . . escravos tecendo, fiando, plantando. . . Em cada cosinha, havia uma duzia de escravas *doceiras*, outras tantas *assadeiras, queijeiras, biscoiteiras*. . . em cada varanda viviam *bandos de muncanas* (*Tudo isto está horriavelmente exaggerado*); e em redor da casa, ou mesmo sob o tecto conjugal, um *harém de mulatinhas*, todas as *crias puberes*, cujas primicias, pelos costumes da epocha, pertenciam ao *seuho*. . .» (Pag. 130).

Já tardava esta nota pornographica em o correr dessas paginas, que são um libello, uma verdadeira verrina.

Fallando das familias coloniaes, notam-se phrases deste jaez: «Em materia de abjecção e crupezas, nada lhes é desconhecido. Não raro, a *Sinhá moça*, creada a *roçar os molecotes*, entrega-se a elles, quando os nervos degenerados acordam em *desejos irrepriuvíveis*; então, intervem a moral paterna: *castra-se, com uma faca mal afiada*, o negro ou o mulato, salga-se a ferida, *enterram-no vivo depois*. A rapariga, com um dote reforçado, *casa com um primo pobre*. . .» (Pag. 153).

Não é um estudo; é uma diatribe! . . .

Eu não quero esconder os crimes que se devem ter dado na phase colonial d'America do Sul, e, nomeadamente, os que devem ter manchado as terras brazillicas.

Maiores fôram perpetrados nas colonisações antigas e eguaes são os que ainda hoje occorrem entre todos os povos.

São phenomenos morbidos, desgraçadamente presos á peccaminosa e imperfeita organização humana e social.

Não vejo, porém, onde se possa deparar a vantagem de generalizar, de dar como um facto explicativo e exponencial de uma epocha, a triste occurrencia allegada pelo sr. Bomfim no trecho ultimo citado, misera aventura, que se deve ter dado rarissimas vezes.

A historia não tem por função apanhar essas degradações, essas eruções de esgoto que não esclarecem nem instruem.

O alvo do sr. Bomfim é pintar os povos ibericos como uns perversos e loucos depredadores, sem estímulos moraes de trabalho, incapazes de

mourear por si nos labores da produção, aptos á *parasitação escrava*, e só ella.

Não é a lição que sae do estudo severo dos factos, desde a remotissima epocha dos iberos.

Estudo é este que se tem chegado a reconstruir com as noticias esparsas que se encontram em Strabão, Plinio, Seneca, Columéla e outros, pelo que toca aos antigos tempos; as de Santo Isidoro, Rodrigo de Toledo, Paulo Diacono e varios mais, — no que se refere á idade-média, sendo innumeradas as fontes para os tempos modernos.

Si o sr. Manoel tivesse passado a vista na *Historia de la Economia Política en España*, de Colmeiro, não se mostraria tão despachado nas suas phantasmagorias parasitistas.

Seria mais comedido e não caíria no delirio de reduzir duas nações, d'alto a baixo, ao papel que lhe approve conceder-lhes.

Na mente do moço escriptor, o viver nas Hespanhas não passou jámais da pandega, de um lado, e da extorção, da razzia, de outro.

Na falta de razões moraes e sociologicas, só por si sufficientes para mostrar a impossibilidade, a olhos vistos, de um tal modo de existir, bastaria o conhecimento do *Forum Judicum*, para evidenciar quão afastada da verdade anda vagabundando a intelligencia de Bomfim.

Allí se encontram, compendiadas, leis relativas á propriedade, ao trabalho, ás terras publicas e particulares, á industria pastoril, ao commercio, aos contractos, que estão todos na mais plangente opposição ás caloticas idéas que depravam as paginas d'*America Latina*.

Não é aqui o logar de fazer, mesmo em larguissimos traços, um quadro do trabalho na peninsula. Basta lembrar o grande desenvolvimento havido na industria pastoril, na pesca, agricultura, e até em a navegação na epocha iberica e celtibera; o avanço extraordinario de todas estas coisas e mais da mineração e da industria textil no periodo phenicio e carthaginez; a normalisação completa de todas estas forças economicas na phrase romana, coisas todas concertadas no tempo dos suévos, godos e arabes. Destes é tão famoso o cuidado prestado á cultura agricola, que é phrase corrente o dizer-se *que reduziram a Hespanha a um jardim*. Facto é este que, sendo interpretado por alguns no sentido de haverem os arabes restaurado a agricultura morta nos tempos dos godos, despertou exame especial dos eruditos, os quaes chegaram a demonstrar o florescimento do cultivo das terras no dominio barbaro, devido, então, a melhor posição das populações ruraes.

Os arabes na Hespanha tiveram o bom senso de conservar, melhorando nalguns pontos, talvez, o que lhes deixaram os godos. A Historia acabou por fazer-lhes justiça.

«Ha sido, escreve Perez Pujol, común la creencia de que los arabes, restauraron entre nosotros el cultivo de la tierra, decaído ó abandonado bajo la dominación suévo-gótica, creencia que tenemos por inexacta en uno y otro extremo. Tierra que cultivar buscaban los invasores al establecerse en las provincias del Imperio; y los más bárbaros entre ellos, los suévos, vándalos y slanos, passadas las primeras prtubarções de la conquista, convirtieron sus espadas en arados, segun la sabida frase de Orosio. Labradores habiam sido los del lado de allá y del lado de acá del Danubio; lo eran en Aquitania desde los tiempos de Walia; y quando deseosos recibian bajo Teodorico II á Avito, como embajador de paz, exclamaba uno de sus guerreros: *Perit bellum, date sursum aratra*. No fué, por tanto, la invasión, no pudo ser causa de decadencia para la agricultura; debió serlo de relativo adelanto, pues que, como acabamos de ver, trajo al cultivo nuevas clases libres que se aprovecharon de los mecanismos y de los procedimientos romanos.» Op. cit., IV pag. 367.

De tudo se evidencia que uem os romanos, cujo systema economico passou aos godos, nem estes, que desenvolveram a herança recebida, nem os arabes, que se mostraram dignos successores, neste ponto, de seus adversarios, reduziram a Hespanha a essa *officina latronum* que tripudiava, em allucinada visão, deante de Manoel Bomfim.

A gente germanica, especialmente, devia merecer uma pouca mais de attenção da parte do moço pedagogo; porque o systema, nunca desmentido em tempo algum e em paiz algum do mundo, dessa raça insigne foi o de conservar as boas instituições que se lhes depararam. Em tudo se nota essa tendencia, na Hespanha ou na Africa, na Gallia ou na Britannia.

Fallando de Vianna do Castello, escreve o erudito José Caldas: «Pela sua parte, os conquistadores, que se seguiram ao dominio romano, *suévos e visigodos, não destruindo os costumes, nem alterando as linhas de demarcação de sua propriedade rural*, não imprimiram nenhuma outra designação especial ao obscuro villar gallego». (*Historia de um fogo morto*, pag. 31.)

Casos houve em que a dominação arabe é que foi desastrada e Vianna foi um desses, e, por isso, accrescenta o severo escriptor: «A queda, decadencia e total ruina da *villa de Atrio* não póde, portanto, ser attribuida

sinão á epocha da dominação sarracena, accentuando-se-lhe o *fogo-morto* desde Musa (khalifado de Al-walid) até ás incursões de Mohamed (Al-manssor).

Este e outros factos analogos são, porém, pouco abundantes na península: a regra foi, quando não o progresso, a conservação do *statu-quo* durante o dominio arabe. O mesmo não foi o caso na antiga provincia romana da Africa. Alli, devido, talvez, á immensa pressão *berbere*, provinda das populações fronteiriças do deserto, que se misturavam aos arabes, o dominio destes foi verdadeiramente desastrado e opposto ao dos *vandalos*, geralmente apontados como selvagens canibalescos pela ignorancia togada dos auctores de *Americas Latinas*.

O primoroso Gaston Boissier, tratando das magnificas obras hydraulicas dos romanos, que transformaram sua *Provincia Africana* num paraíso, escreve, com referencia aos regulamentos determinadores da distribuição das agnas: « Ils existaient sans doute encore *du temps des vandales*, qui, *comme tons les germains*, conserverent l'administration des anciens maîtres du pays. Ce sont les arabes qui ont tout laissé férir ». (*L'Afrique Romaine*, pag. 140.)

Muito haveria a dizer ácerca do trabalho desde os mais remotos tempos nas Hespanhas, — já adverti — no intuito de provar a inexistencia alli do parasitismo bomfinico em todas as epochas e até na phrase da reconquista, que, depois de oitenta a noventa annos, libertou todo o norte da península de mar a mar e estabeleceu o regimen normal da vida.

Muito haveria a dizer; mas o pouco, que já ficou lembrado, parece sufficiente para desvendar as exaggerações de Bomfim, sobre as depredações ibéricas na America. Urge examinar outro ponto, que, aliás, se prende ao precedente. E' o que se refere ao estado em que os povos ibericos deixaram suas colonias da America, especialmente o Brazil. Tal estado, no entender do moço escriptor, era do mais completo atrazo, da mais accentuada miseria, miseria economica, miseria politica, miseria intellectual, miseria moral.

Escreve, falando da America do Sul em geral: « Eis a razão por que, exanime, embrutecida, a America do Sul, na hora da Independencia, como um mundo onde tudo estava por fazer: eram uns vinte milhões de homens, desunidos, *assanhados* (?), pobres, espalhados por estas vastidões, teudo noticia de que existe civilização, padecendo todos os desejos de possuil-a, mas carecendo refazer toda a vida social, politica e intellectual, a começar pela educação do trabalho

e pela instrucção do *abc* ». (Pag. 143). Estas linhas encerram um desmedido exaggero. O auctor, é claro, força a nota para ter o prazer de mostrar provada sua these do parasitismo depre-dador.

Sem sair da litteratura brasileira, existem noticias do contrario.

O general Abreu e Lima, o famoso *general das massas*, que teve a honra de combater sob as ordens de Bolivar, e foi um esforçado auxiliar da independencia de Venezuela, Colombia, Equador, Bolivia e Perú, no seu *Ensaio politico, economico, social e litterario do Brazil*, traz bellas referencias ao florescimento daquellas gentes, mui em desaccordo dos dizeres do sr. Bomfim.

Havia alli, nas primeiras décadas do seculo XIX, grande desenvolvimento espirital e material, homens de grande valor e riquezas dignas de menção. E tudo aquillo não foi obra de um dia. Desde os começos do seculo XVI, os hespanhóes iniciaram, em suas colonias, um movimento cultural de incontestavel valor.

Varuhagen vem em apoio de Abreu e Lima. « A Hespanha não tinha Africa, nem Asia: — as suas Indias eram só as occidentaes. Do territorio hispano não havia já mouros que expulsar, e ás Indias tinham de passar os que queriam ganhar gloria. Assim, enquanto Camões combatia em Africa, e se inspirava em uma ilha dos mares da China, Ercilla, soldado hespanhol no Occidente, deixava gravada uma oitava sua no archipelago de Chilóe; e, quando os *Lusiadas* viam a luz, (1572), havia já tres annos que corria impressa a 1ª parte da *Aran-cania*. Os passos de Ercilla eram no Chile seguidos por Diego de Santistevan Osorio e Pedro d'Oña, já filio da America, que, em 1605, publicou em dezenove cantos o seu *Aranco Domado*.

Já então se tinha organizado em Lima uma *Academia Antartica*, e havia na mesma cidade uma typographia, na qual em 1602 Diogo d'Avalos y Figueroa imprimiu a sua *Miscelanea Austral y Defensa de Damas*, obra que faz lembrar a *Miscelanea Antartica y origen de Indios*, que o presbytero Miguel Cabello Balboa deixou manuscrita.

Da mencionada *Academia Antartica* nos transmite em 1608 os nomes de muitos socios a introducção, feita por uma senhora, ás Epistolas de Ovidio por Pero Mexia. Ahi se mencionam, como mais distinctos arcades, Mexia e os mencionados Oña, Cabello e Duarte Fernandes. Por esse tempo, compunha tambem fr. Diego de Hojeda a sua epica *Christiada*, publicada em 1611, e Fernando Alvares de Toledo o seu *Puren Indomito*, que nunca se imprimiu. A regularmo-nos pelos tons dos

cantos do berço, estes montuosos paizes da America Occidental deveriam ter que representar um importante papel no desenvolvimento futuro da litteratura americana.

O Mexico não deivava tambem de participar do estro iberico; mas aqui com ar de conquistador, e não com fórmas nacionaes, como no Chile, onde o proprio poeta soldado é o primeiro não só a confessar mas até a exaltar generosamente as proezas do mesmo Arauco, que combatia com armas.

Com o titulo de elegias, canta Juan de Castelhanos, em milhares de fluentes oitavas, a historia dos hespanhóes, que desde Colombo mais se illustraram na America.

Gabriel Lasso (1588) e Antonio Saavedra imaginaram epopéas a Cortez.

O pequeno poema *Grandeza Mexicana*, publicado no Mexico em 1604 pelo ao depois bispo Balbuena, auctor da epopéa — *El Bernardo* — é, apesar de suas hyperboles e exaggerações sempre poeticas, o primeiro trecho de boa poesia que produziu a vista desse bello paiz.

Força é confessar que a obra de Balbuena é, de todas as que temos mencionado, a que mais abunda em scenas descriptivas, por se liaver elle inspirado, mais que todos os outros, de um dos grandes elementos, que deve entrar em toda a elevada poesia americana, a magestade de suas scenas nnturaes. Todos os demais poetas queriam ser demasiado historiadores, no que caíu algum tanto o proprio Ercilla, e muito mais outros que chegam a ter a sinceridade de assim o declarar. Deste numero, foi Saavedra e o capitão Gaspar de Villagra, que em 1610 publicou em Alcalá a sua — *Historia de la Nueva (sic) Mexico* — e nesta descreve os feitos do Aviantado Oña-te e seus companheiros.

Mais poeta nos parece que seria o padre Rodrigo de Valdez, de quem possuímos a *Fundação de Lima*; mas infelizmente escripto em quadras, que deviam ser a um tempo hespanholas e latinhas, é, ás vezes, obscuro; e, com mira de fazer heroico o pauegyrico, o deixa apparecer antes, a trechos, demasiado empolado.

Buenos Ayres occupou as atencões de Martin del Barco Contenera. Mas a *Argentina* é tambem mais uma dessas historias em verso que um poema. (*Florilegio*, I, pag. XII).

O grande historiador se refere apenas aos primeiros tempos da colonização: fins do seculo XVI e começo do XVII e só se reporta ao movimento litterario. Mas por ahi se está a ver que não foi só de rapiuas que cogitaram os hespanhóes na America. Escolas, academias, universidades crearam

elles nas colonias, e desde os primeiros tempos.

Pelo que toca aos interesses materiaes, basta ver as cidades que fundaram, as explorações agricolas que estabeleceram, os arduos trabalhos de mineração que multiplicaram, as magnificas estradas de rodagem que abriram, para ver quão longe da verdade correu as idéas do sr. Bomfim.

Não é mistér esconder as durezas da administração colonial hespanhola, para se fazer justiça áquella nação. Passados os primeiros periodos de luctas e desvarios, abriram-se epochas de innegavel fulgor. O reinado de Carlos III foi uma dessas.

Em 1764, estabeleceram-se communicações directas e mensaes da America para a Europa, com o intuito de attender ás reclamações das colonias e introduzir nellas as refórmas mais urgentes e mais uteis.

Em 1765, o commercio livre foi concedido ás Antilhas.

Numerosos melhoramentos fôrão introduzidos em todas as colouias e os encargos impostos aos povos diminuidos.

E como a experiencia do livre cambio tivesse surtido excellentes resultados nas Antilhas, em 1778 fôrão as mesmas medidas applicadas ás colonias do continente. Os portos do Perú e da Nova-Hespanha fôrão abertos e não se fez demorar o immenso impulso de prosperidade geral.

Resultou dali, accrescenta Buckle, de quem tomei a nota destes factos, uma reacção tão rapida sobre a metropole, que o seu commercio, como por encanto, progrediu por tal arte que a importação e a exportação attingiram a uma cifra que ultrapassou a espectativa dos proprios auctores da refórma. A exportação de generos estrangeiros triplicou, a dos productos da metropole quintuplicou e a cifra das importações da America se multiplicou por nove. (*History of Civilization in England*, II, pag. 557.)

Por tudo isto, está a entrar pelos olhos que o atrazo da America hespanhola não era, não podia ser tão profundo quanto o supõe o illustre Manoel.

Mais grosseiro ainda é o erro pelo que toca ao Brazil.

«Como fructo de 300 annos de trabalho, restavam: engenhocas, casebres, egrejas, santos, monjolos e almanjarras, bois minusculos, de mais chifres do que carnes, cavallos anões e ossudos, carneiros sem preço, estradas intransitaveis». (Pag. 141).

Era um verdadeiro estado de degradação; o paiz se encontrava subvertido e abjecto, como qualquer sertão africano de Angola ha duzentos annos atraz.

Será mistér provar o contrario com factos e documentos?

O Brazil da ultima década do seculo XVIII e das duas primeiras do seculo XIX não podia ser isso que espalha o sr. Bomfim.

Pelo que toca ao lado espirital, bastante é ponderar que seria um impossivel a olhos vistos ser tauta a treva numa terra e numa gente que possuia, então, os mais elevados espiritos de nossa raça: Rodrigues Ferreira, José Bonifacio, Vieira Couto, Velloso de Miranda, Conceição Velloso, Arruda Camara, Bittencourt e Sá, Cayrú, Azeredo Coitinho e outros cincoenta.

Deante desta pleiade, Oliveira Martins, nos seus momentos de bom senso e culto á verdade, exclamava: brasileiros eram os primeiros sabios portuguezes de fins do seculo XVIII.

Confissões destas, é que o auctor da *America Latina* devia repetir no seu livro.

Mas dispensavel é ir adeante, porque o proprio auctor se encarrega de refutar-se, paginas adeante, caíndo na mais palmar das contradicções.

Esse Brazil desgraçado, mergulhado na ignorancia e na miseria, cheio de engenhocas e bois chifrudos, monjolos e almanjarras na epocha, de sua Independencia, apparece, ueste tempo e até antes, fortemente feito, constituido, organizado, como um grande povo.

Leiam: «O Brazil apresentava desde muito tempo os elementos constitucionaes de uma nacionalidade (*Pois admira!*...) as idéas de liberdade andavam por toda a parte; a colonia era forte de mais, e Portugal, decrepito, era a sombra, apenas, de uma grandeza passada e ephemera... Em verdade, será bem difficil dizer em que momento justo (!) o Brazil começou a sua independencia. Era colonia, sem nenhum valor em face da metropole; com o tempo, foi crescendo, crescendo, crescendo. (*E poderia crescer tanto assim no meio de tamanhas depredações parasitarias?*) e, um bello dia, verificaram todos que allí estava uma nacionalidade, formada, vigorosa, e prompta a fazer-se inteiramente *senhora de seus destinos...*» (Pag. 258).

Admiravel, por ser até quasi miraculoso, é que o terrivel parasitismo da metropole, com suas ladroeiras, suas depredações, seus crimes, seus despotismos, dêsse em resultado esse *povo vigoroso, senhor de seus destinos, prospero, independente de facto* de ha muito. Admira.

Mas, quando falla a verdade o engenhoso Manoel? quando pinta esse guapo Brazil, feito, adeantado? ou quando descreve o Brazil mendigo das engenhocas, dos bois chifrudos e dos carneiros sem preço? Quando?

SYLVIO ROMÉRO.

## BOCAGE E SUA OBRA

*Ave da morte, que piando agouros  
Tingis meus ares de funereo luto!  
Ave da morte que em leus ais escuto  
Meus dias murchardas, mas não meus louros.*

BOCAGE. — *Poesias*, ed. de 1853, t. I, soneto n. 88.

Num humilde casebre de obscura travessa de Lisbôa, ás dez horas e um quarto da noite de 21 de dezembro de 1805, fallecia, assistido pela sua dedicada irmã, Maria Francisca, e nos braços do celebre José Agostinho de Macedo, um dos maiores poetas de Portugal no seculo XVIII, Manoel Maria Barbosa de Bocage, o *Elmano Sadino* da *Nova Arcadia*, o *Bocage* dos botequins e cafés, o popular *Elmano*.

Contava apenas quarenta annos, e, durante a sua tão curta quanto accidentada vida, legára á patria uma fortuna poetica, cujo valor justifica a glorificação do centenário da sua morte.

Nascera em Setubal a 15 de setembro de 1765, numa familia em que brilhavam as faculdades poeticas. Seu pae, o magistrado José Luiz Soares Barbosa, «muito conhecido pela inclinação e tendencia que teve para a poesia,» (1) compunha satyras estimaveis, e sua mãe, d. Marianna Joaquina Xavier de Bocage, era filha de um sobrinho de d. Thereza l'Hedois du Bocage, poetisa franceza, auctora de um poema sobre a descoberta da America, a *Columbiada*, cujo canto I foi depois traduzido por Bocage, o qual, em nota, diz *ter gloria em pertencer á familia da illustre dama.* (2)

Estes talentos poeticos dos antepassados se transmitiram aos filhos de Soares Barbosa: d. Maria Francisca, diz Conto, versejava bem; Gil Francisco, accrescenta Theophilo Braga, era um agradável poeta; uma familia de poetas emfim. Entretanto, o que reuniu as qualidades de um verdadeiro artista da palavra, de um notavel poeta nacional, foi Manoel Maria Barbosa de Bocage, o mais moço dos filhos varões. Só elle eternizou a fama da distincta familia; só elle conserva o glorioso nome de Bocage.

Desde a infancia manifestou-se-lhe o estro. Com oito annos apenas, escreveu esta interessante quadra, que já annunciava o seu genio satyrico, a proposito do passeio que déra de Setubal a Lisbôa para vêr a procissão da Cinza, que saía do convento de S. Francisco da Cidade:

Fui vêr a Procissão a S. Francisco,  
A quem o vulgo chama da Cidade,  
E, supposto o apertão, foi raridade  
Que indo em carne, não viesse em cisco.

Educado pelos proprios paes sob o ascendente materno, com elles appren-

dendo, até os dez annos, primeiras lettras e fraucez, continuou, fóra da familia, seus estudos de humanidades, quando, naquella idade, «a morte devonante lhe roubou da terna mãe o doce agrado».

Aos quatorze annos, abandonando rapidamente os estudos, entre os quaes figurava como principal, o latim, a disciplina favorita da epocha, assentou praça de cadete em Setubal e, dois annos depois, em 1781, vindo para Lisbôa, matriculou-se na Academia Real de Marinha, creada recentemente, em 1779.

De 1781 a 1786, dos dezeseis aos vinte e um annos, toda a adolescencia, Bocage passou em Lisbôa uma vida desordenada, mal repartindo o tempo entre as suas funcções militares, os estudos scientificos e a peraltice da côrte. Dahi resultou que a sua educação technica e scientifica falharam. Mais tarde, defendendo-se das accusações de Curvo Semedo acerca do seu valor poetico, confessava indirectamente a sua ignorancia na sciencia. «Se um genio philosophico e desprezador dos bens moraes, escrevia elle, o desviou do caminho em que podia prosperar; se o *estudo mathematico lhe pareceu agro*; se avesado ás flores da philologia não se resolveu a contemplar *os espinhos da Algebra* e o engolfar nas *Sciencias seccas e abstractas* um intellecto propenso a idéas agradaveis e ferteis; se enfim lhe faltou para alli, a inclinação e o dom, que a Natureza, geralmente falando, confere a cada um para alguma sciencia ou arte; collige-se disto que Bocage é inhabil para a Poesia, dom muito mais natural do que todos os outros, e que tem trilhado espiritos destituidos de cultura?» (3)

São dessa epocha os seus aventureiros amores, celebrados, em estrophes brillhantes, com os mais variados e exquisitos nomes femininos: Marfidas, Anardas, Tirsalias, Elmiras, Urselinas, Jonias e mil outras. No alluvião das multiplas inspiradoras, talvez uma fôsse alvo de verdadeiro affecto: Anna Gertrudes Marrecos, uma joven de Santarem, que, muitos annos depois, repetia de cór as poesias que ouvira Bocage recitar. A essa moça fôram consagrados os melhores dos primeiros versos do poeta, que lhe chamava *Gertruria*.

Foi para gauhar honra e fama, e ser digno de Gertruria, imitando tambem Camões, a cuja memoria dedicava um justo e merecido culto, que Bocage conseguiu ser despachado para a India, deixando Lisbôa em 14 de abril de 1786. Partindo, escreveu a celebre e famosa canção de despedida onde justifica a sua viagem pelo desejo de vêr os logares dos grandes feitos portuguezes, ganhar louros, visitar as

terras em que vivem Camões e merecer a affeição da decantada Gertruria.

Os mares vou talhar, cujos furores  
Descreve o gram Camões, por quem de amo- [res]

Inda as Musas suspiram;  
Aquelles mares onde os Gamas viram  
Do rebelde, horrendissimo Gigante,  
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a sorte, propicia ao meu dezejo,  
Manda-me a hora, cujas aras beijo,  
Que com fervido brio  
Contemple os muros da invencivel Dio,  
Donde ó Silveiras, Mascarenhas, Castros,  
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que na historia  
Vive dos Albuquerque a Memoria,  
Nos climas, onde a guerra  
Heróes eternizou da lysis terra,  
Vou vêr, se acaso o meu destino agrada  
Dar-me vida feliz ou morte hourada.

Suffocai vossa dôr, porque os gemidos  
Só ás desgraças é que são devidos,  
E, apesar da ternura,  
Considerai, que he solida ventura  
Seguir de altos varões o illustre exemplo:  
Por espinhos se vai da gloria ao templo.

Adeus, socios fieis; e tu, querida,  
Cujos olhos nesta alma, á tua unida,  
O primeiro empregarão  
Amoroso farpão, que dispararão,  
Abafa os tristes, candidos suspiros,  
Com que me vibras perigosos tiros.

Por entre a chuva de mortaes peloiros  
A núa fronte enriquecer de loiros  
Eu procuro, eu dezejo  
Para tens mimos desfructar sem pejo,  
Pois quem deste esplendor se não guarnece,  
Não é digno de ti, não te merece. (3)

Durante quatro annos, de 1786 a 1790, permaneceu no Oriente, passando as mais crueis vicissitudes. Si em Lisbôa a existencia já lhe era uma constante desordem, para que muito concorria a popularidade dos seus improvisos, na India os mesmos motivos, agravados ainda pelo duplo vicio que adquirira em viagem, o abuso do tabaco e do alcool, faziam-na mais indisciplinada e anarchica; o poeta se tornára mais infeliz physica e moralmente. Desengauado de Gôa, onde primeiro aportára e em cuja sociedade o seu temperamento irrequieto não se podia adaptar, seguiu para Damão, donde saíu como desertor da guarnição militar a que pertencia, e foi mendigando até Macáo, passando por Surrate. Nesta perigrinação assistiu primeiro, em Gôa, a *Conspiração dos Pintos*, de que ia sendo victima, satyrisou os costumes dos naturaes, inspirando-lhes justa antipathia, metten-se em amores varios, esquecendo breve a celebrada Gertruria, e depois, em Surrate, apaixonou-se por uma famosa adultera, a Manteigui, a quem, no começo, consagrou affectuosos versos e, mais tarde, diffamou numa satyra obscena. Indo para Macáo, naufragou, como Camões, e, chegando afinal áquella cidade, onde o grande

epico escreveu parte do seu immortal poema, escreveu tambem, entre outros, este admiravel soneto, diguo do genio que o inspirou e do talento de quem o compoz:

Camões, grande Camões, quão semelhante  
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!  
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
Arrostar com o sacrilego gigante.

Como tu, junto ao Ganges susurrante,  
Da penuria cruel no horror me vejo,  
Como tu, gostos vãos, que em vão dezejo  
Tambem carpindo estou, saudoso amante.

Ludibrio, como tu, da sorte dura,  
Meu fim demandando ao céu pela certeza  
De que só terei paz na sepultua.

Modelo meu tu és, mas... ó tristeza!  
Se te imito nos transes da ventura,  
Não te imito nos dons da natureza. (4)

Doente, desanimado, mais viciado que nunca, Bocage voltou a Lisbôa em 1790. Não conseguiu honra e fama e esqueceu Gertruria. O alcool já manifestára-lhe no organismo os seus perniciosos effectos.

Sem meios que lhe mantivessem a existencia, vivendo a custa da generosidade de amigos, que lhe davam casa e alimento, Bocage, no emtanto, entregou-se ás lides litterarias, tornando-se famoso pelo brilho extraordinario dos seus improvisos. A popularidade que adquiriu adolescente cresceu na mocidade. O seu estro agóra mais vivo, mais scintillante, inspirava paixões momentaneas que cantava em versos, e amigos que o admiravam e estimavam, franqueando-lhe a bolsa. A estes «pagava em metro o que lhe davam em ouro».

E' nesse periodo que se travam as luctas calorosas entre elle e a *Nova Arcadia*, donde afinal foi expulso em 1794.

Engenho superior aos do seu tempo, organização intrinsecamente poetica, mas asphyxiado num meio que, viciando-lhe o coração, lhe perturbava o espirito, tornando-o incapaz de conseguir o fim a que porventura estava destinado, qual o de continuar o periodo aureo da litteratura portugueza, pelo rompimento com o academicismo dos Arcades, Bocage reconhecia a sua superioridade real e não deixava de publical-a vaidosamente, certo de que seria immortal. Esta hypertrophia da personalidade, devida, em grande parte, á superexcitação alcoolica, açulava o animo dos rivaes, que acremente lhe ridicularisavam a desmedida vaidade. A conducta, enormemente desregrada, o desrespeito com que tratava a arte, pondo-a em serviço de frivolos galanteios e satyras obscenas, e ainda a inveja dos que não podiam hobrear com Elmano pelo valor do seu real talento, fôram os principaes motivos da lucta que degenerou num torneio de pungentes insultos, em que cada qual procurou amesquinhar melhor seu con-



tendor. Com excepção de uns sete amigos, os Arcades todos fôram victimas de satyras tremendas, especialmente o padre Souza Caldas, Curvo Semedo e José Agostinho de Macedo. Posteriormente, quando se havia arrefecido a lucta, vibrou os versos flamejantes da *Penha de Talião*, improvisados no *Botequim das Parras*, contra criticas ferinas que lhe fez o celebre ex-frade, como Bocage lhe chamava. Desta satyra celebre ficaram populares os versos finais, particularmente o ultimo :

As oitavas ao Gama esconde embóra  
Nisso não perdes tu nem perde o mundo.  
Mas venha o mais ; epistolas, sonetos,  
Odes, canções, metamorphoses, tudo ;  
Na frente pôe teu nome, estou viugado. (5)

O genio satyrico do poeta, desenvolvido extraordinariamente nesta contenda, não perdoou a sua propria pessoa. São talvez desse tempo os espirituosos versos com que fez o seu retrato e epitaphio :

Magro, de olhos azues, carão moreno,  
Bem servido de pés, meão na altura,  
Triste de facha, o mesmo de figura,  
Nariz alto no meio, e não pequeno ;

Incapaz de assistir num só terreno,  
Mais propenso ao furor do que á ternura,  
Bebendo em niveas mãos por taça escura  
De zelos infernaes lethral veneno ;

Devoto incensador de mil deidades  
(Digo de moças mil) num só momento,  
Inimigo de hypocritas e frades ;

Eis Bocage, em quem luz algum talento :  
Safram delle mesmo estas verdades  
Num dia em que se achou mais pachor-  
[rento. (6)

\*

Quando em mim lá perder a humanidade  
Mais um daquelles, que não fazem falta,  
*Verbi gratia* — o theologo, o peralta,  
Algum duque, ou marquez, ou conde, ou  
[frade ;

Não quero funeral comunidade,  
Que engrole *sub-venites* em voz alta ;  
Pingados gatarrões, gente da malta,  
Eu tambem vos dispenso a caridade.

Mas quando ferrugenta enchada idosa  
Sepulcro me cavar em ermo outeiro,  
Lavre-me este epitaphio mão piedosa :

«Aqui dorme Bocage, o gandaeiro,  
Passou vida folgada e milagrosa,  
Comeu, bebeu, gozou sem ter dinheiro.» (7)

A revolta contra a *Nova Arcadia* não deixa de exprimir uma qualidade superior do espirito de Bocage, repellido a influencia nociva do academicismo, o jugo de uma corporação retrograda que só lhe poderia abater o entusiasmo, reter-lhe o impetuoso estro. Si os seus versos ainda se resentem de defeitos, de certa preciosidade, é porque não se pôde libertar completamente daquella influencia.

Foi no ardor da lucta contra os Arcades, em 1793, que uma grave enfermidade, retendo-o em casa de um

amigo e consocio, Antonio Bersane Leite, o *Anelio*, concorreu fortuitamente para inspirar-lhe um outro amor, que, no dizer de Th. Braga, foi a grande affeição de sua vida. Chamava-se a nova eleita, Maria Vicencia Bersane Leite ; é a *Marcia* das suas melhores lyras. Foi um amor sem esperança, que a mãe da joven requestada se oppoz ao consorcio pelas qualidades moraes e a situação material do infeliz enamorado. Entretanto, parece que sempre entre elles existiu forte amizade e o amor da senhorita jámais arrefeceu. Quando Bocage morria, ella foi vel-o e deu-lhe as despedidas que elle tanto ambicionára, desde que o seu amor, transformado em adoração, lhe pedira um «derradeiro osculo dulcissimo e piedoso.» O poeta, nas vascas da agonia, retribuiu-lh'o com este melancolico e bello soneto :

Comtigo alma suave, alma formosa,  
Celeste imagem, de que o céu me priva,  
Que eu vivesse não quiz ; não quer que eu  
[viva  
Lei (sendo etherea !) ao coração peenosa.

Vendo sumir-me por Morada umbrosa,  
Ah ! não desmaies, a constancia aviva ;  
E por artes de Amor, de Amor, oh Diva,  
Do não gozado amante os manes goza.

Mais doce orvalho de teus olhos desça,  
A (linda como tu) melhor das flôres,  
Que em torno a campã se abotõe e cresça.

Passêa entre os meninos voadores,  
Une a Mãe aos Filhinhos, e pareça  
Da Morte a solidão jardim de Amores. (8)

Quando ainda acalentava a esperança de ser o esposo de Marcia, mais uma desgraça veiu surprehendel-o, levando-o ao carcere.

Embóra sem o ardor social que caracteriza os verdadeiros genios, os grandes philosophos, como os grandes poetas, os eleitos da sciencia ou da industria, desprovido da cultura do seculo dos Encyclopedistas, quasi ou totalmente desconhecida em Portugal, onde dominava uma dupla tyrania politica e religiosa, Bocage tinha aspirações liberaes e condemnava absolutamente a influencia clerical, como verberava os habitos academicos e satysaria mais tarde o pedantismo medico. Era um espirito não vulgar que se tornaria, talvez, um verdadeiro filho do grande seculo si tivesse nascido em França.

O poeta surgiu numa epoca de verdadeiro terror, de um *terror branco*, como o chamaram depois. A preocupação da realza, aliada ao clero degenerado, era evitar que o *philosophismo* e as *idéas francezas* penetrassem no Reino e realisassem as reformas liberaes que, no meio da maior das tormentas revolucionarias, a França conseguia e espalhava pelo Occidente inteiro.

Dirigia a reacção anti-liberal, o famoso Intendente de Policia, Diogo de Pina Manique, que exercen o odioso cargo durante toda a vida de Bocage, vindo a fallecer no mesmo anno que o poeta.

Os livros enviados da França eram examinados minuciosamente na Alfandega e queimados pelo carrasco na praça publica, si tratassem de doutrina contraria aos reis e ao clero. A espionagem dos *Moscas* invadia tudo, e o terrivel Intendente enchia os segredos do Limoeiro e os carceres da Inquisição com os pretendidos criminosos de lesa-magestade ou de heresia.

Os vultos mais eminentes de Portugal naquella epoca, eram obrigados a emigrar. O abbade Corrêa da Serra, o padre Theodoro de Alueida seguiram Francisco Manoel do Nascimento no exodo fatal, preferido ás perseguições da policia. No meio, porém, dessa vexatoria situação, o povo expandia-se, ás vezes, cantando cantigas revolucionarias, originaes ou traduzidas, como o *Ca ira*, e grupos diversos discretamente se formavam nos botequins, conversando e discutindo, apreciando e applaudindo os successos da Revolução Franceza.

O *Botequim do Nicola* e mais tarde o *Botequim das Parras* fôram centros das expansões revolucionarias contra o absolutismo reinante. Essas e outras reuniões constituíram os primordios da revolução de 1820. Nasceram nesses conciliabulos as primeiras idéas que em França já tinham amadurecido, havia quasi um seculo. Como centros suspeitos á espionagem da famigerada policia de Manique, eram consideradas taes reuniões de intellectuaes, que diziam versos, conversavam sobre politica, contavam anedoctas, glosavam motes e colcheias, superexcitados quasi sempre pelo traiçoeiro veneno alcoolico. Em o numero delles figurava Bocage, e a todos sobresaía em vivacidade de espirito, rapidez e brilho da improvisação, na mordacidade das pilherias e até na absorpção do alcool. Dominava o cenaculo da loja do Nicola, e depois o chamado *Agulheiro dos Sabios* do *Botequim das Parras*. Era, portanto, um suspeito á policia de Manique. Mas a suspeição só se tornou effectiva, quando se inimizou com os socios da *Nova Arcadia*, della foi expulso, e naturalmente denunciado pelos seus ex-confrades como sedicioso pregador das *idéas francezas*. Realmente Bocage applaudia a quêda do despotismo e celebrava o puro deismo revolucionario. No soneto *Aspirações ao liberalismo* e na epistola *Verdades duras*, que começa pelo famoso verso : «Pavorosa illusão da eternidade», o poeta mostra momentaneamente a sua incompleta emancipação politica e religiosa.

Liberdade, onde estás? Quem te demora?  
Quem faz que o teu influxo em nós não cáia?  
Porque (triste de mim!) porque não raia  
Só na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora  
A esta parte do mundo que desmaia;  
Oh! venha... oh! venha, e tremulo descaia  
Despotismo feróz que nos devora!

Eia! accode ao mortal, que frio e mudo  
Occulta o patrio amor, torce a vontade  
E em fingir, por temor, empenha o estudo.

Movam nossos grillhões tua piedade;  
Nosso numen és tu, e gloria, e tudo,  
Mãe do genio e prazer, oh Liberdade! (9)

Por este soneto, escripto em 1797,  
Bocage tradúz os seus sentimentos de  
bom republicano, approvando o golpe  
de Estado de 18 de Fructidor, com  
que a Republica franceza se teria de  
facto consolidado si um Hoche e não  
Bonaparte se tivesse apossado do Di-  
rectorio.

Na celebre epistola, revolta-se con-  
tra o deus vingativo pregado pelos  
padres e frades, e quasi presente uma  
divindade puramente humana, quando diz

Ha Deus, mas Deus de paz, Deus de piedade,  
Deus de amor, pae dos homens não flagello  
e emancipa-se, de todo, nos ultimos  
versos:

Amar é um dever além de um gosto,  
Uma necessidade, não um crime,  
Quaes a impostura horrisona apregôa.  
Céos não existem, não existe inferno,  
O premio da virtude é a virtude,  
E' castigo do vicio o proprio vicio. (10)

Presentindo que á dictadura militar,  
que devia substituir o Directorio,  
cumpriria evitar qualquer retrogra-  
dação, celebra aquelle a quem desgra-  
çadamente coube a honrosa funcção,  
chamando-lhe o novo redemptor da  
natureza.

Quando o intruso corso invadiu os  
Estados do Papa, no pontificado de  
Pio VI, mais uma vez manifestou as  
suas iras anticlericaes no sarcastico  
soneto:

Tendo o terrivel Bonaparte á vista,  
Novo Annibal, que esfalfa a vóz da Fama,  
— Oh! ennuchos-herões! (aos seus exclama  
Purpureo fanfarrão, papal-sacrista):

O progresso estorvae da atróz conquista  
Que da Philosophia o mal derrama!...  
Disse; e em fervido som saúda e chama  
Santos, surdos varões, por sacra lista.

Delles em vão rogando um pio arrojo,  
Convulso o rosto, as faces amarellas,  
Cede triste victoria, que faz nojo!

O rapido francez váe-lhe ás canellas;  
Dá, fere, mata; ficam-lhe em despojo  
Reliquias, bullas, mitras, bagatellas. (11)

Estas publicações, alliadas ás suas  
francas conversas na loja do Nicola e  
á denuncia dos Zoilos, como chamava  
os adversarios nas letras, os Arcades,  
levaram-no ás garras de Manique.  
Prevenido em tempo, quiz fugir, mas

foi preso a bordo do navio que o devia  
conduzir a Bahia, e levado para o  
segredo do Limoeiro, em 10 de agosto  
de 1797.

Nos *Trabalhos da vida humana*, série  
de interessantes quadras, escriptas na  
prisão, o prisioneiro descreve o dolo-  
roso episodio:

A dez de agosto, esse dia,  
Dia fatal para mim,  
Teve principio o meu pranto,  
O meu socego deu fim.

Do funesto Limoeiro  
Já toco os trinta degrãos,  
Por onde sobem e descem  
Igualmente os bons e os máos.

Correm-se das rijas portas  
Os ferrolhos estridentes,  
Feróz conductor me enterra  
No sepulchro dos viventes.

Para a casa dos assentos  
Camiuho com pés forçados,  
Alli meu nome se ajunta  
A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso  
Lançando os ollos a medo,  
Vejo pôr—Manoel Maria—  
E logo á margem—segredo.

Eis que sou examinado  
Da cabeça até os pés,  
E vinte dedos me apalpão,  
Quando demais erão dez.

Tirão-me chapéo, gravata,  
Fivellas, e desta sorte  
Por um guarda sou levado  
Ao domicilio da morte.

Estufa de treze palmos  
E' uma fresta que dizia  
Para o logar asqueroso,  
Denominado enxovia.

Fechão-me, fiço assombrado  
Na medonha solidão,  
E, sem cama a que me encoste,  
Descanço os membros no chão. (12)

Durante sessenta dias escreveu epis-  
tolas em verso, solicitando a prote-  
cção de amigos para arrancar-o do  
carcere. Conseguiu-o enfim por inter-  
medio do ministro liberal, seu amigo,  
José Seabra da Silva, e ainda pelo  
proprio juiz da devassa, que o julgou  
réo de heresia, só punivel com pena  
ecclesiastica; pelo que, passou do de-  
gredo do Limoeiro ao carcere da In-  
quisição, em 7 de novembro de 1797.

Para emendar-se das faltas que lhe  
attribuiam, foi condemnado á reclusão  
monachal, primeiro no mosteiro de S.  
Bento e depois no claustro das Neces-  
sidades, indo para aquelle em 7 de  
fevereiro e para este em 22 de março  
de 1798.

Foi nos Congregados das Necessi-  
dades que, mais calmo e mais livre,  
liberto dos vicios que o estragavam na  
vida mundana, se entregou á tran-  
ducção de varios poemas. Traduziu  
episodios da *Pharsalia*, de Lucano, das  
*Metamorphoses*, de Ovidio, da *Feru-  
salém libertada*, de Tasso, da *Henri-*

*queida*, de Voltaire, o canto 1º da  
*Columbiada*, de mme. du Bocage, e ini-  
ciou a versão do *Gil Braz*, de Lesage.  
Nesse meio conventual, familiarisou-se  
com espiritos illustres do tempo, vi-  
ctimas como elle do absolutismo rei-  
nante: d. João de Noronha, padre  
Antonio Pereira de Figueiredo, o ce-  
lebre traductor da *Biblia*, e o padre  
Theodoro de Almeida.

Em fins de 1798, restituído á plena  
liberdade, Bocage teve um momento  
de felicidade. Assistiu, depois das per-  
seguições movidas pelo despotismo  
litterario, politico e religioso, a sua  
glorificação por um celebre poeta do  
tempo refugiado em Pariz. Francisco  
Manoel do Nascimento, *Felinto Elytio*,  
ao conhecer o primeiro volume das  
*Rimas*, publicado desde 1791, escreveu  
uma ode, consagrando o novo poeta:

Lendo os teus versos numerozo ELMANO,  
E o não vulgar conceito e a feliz phrase,  
Disse entre mim:—Depõe, Filiuto, a lyra  
Já velha, já cançada,

Que este mancebo vem tomar-te os louros,  
Ganhando com teu canto na aurea quadra  
Em que ao bom *Corydon*, a *Elytio*, a *Alfeno*  
Applaudia Ulysséa...

A estas estrophes laudatorias de um  
mestre da arte, respondeu Bocage  
com versos de fogo, onde a certeza da  
glorificação posthuma febrilmente pal-  
pita:

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos.  
Filinto, o grão cantor, prezou meus versos:  
.....  
O immortal Corifêo dos Cysnes Lusos  
Na vóz da lyra eterna alçou meu nome.  
.....  
Fadou-me o grão Filinto, um Vate, um  
[Nume:  
Zoilos! Tremei. Posteridade! E's minha. (13)

Bocage contava então trinta e tres  
annos. A sua corôa de gloria era en-  
trecida pelos espinhos do soffri-  
mento physico e moral. O amor de  
Marcia se havia mudado num suave  
culto, num affecto idéal, livre da ancia  
perturbadora da posse. Mas uma pai-  
xão ardente lhe agitava agóra o cora-  
ção incontentado; era a que alimen-  
tava por Anna Perpetua Bersane  
Leite a *Analia* de *Elmano*, irmã mais  
nova da sua antiga inspiradora e que,  
bem diversa da primeira, não lhe cor-  
respondia ás amorosas inclinações.  
Estas, comtudo, lhe inspiraram versos  
magnificos, como este incomparavel  
soneto, talvez o primeiro, no genero,  
que se tenha escripto em lingua portu-  
guez, antes e depois de Bocage:

Se é doce no recente, ameno estio  
Ver tocar-se a manhã de ethereas flores,  
E lambendo as arêas e os verdores,  
Molle e queixoso deslisar-se o rio;

Se é doce no innocente desafio  
Ouvirem-se os volateis amadores,  
Seus versos modulando e seus ardores  
Dentre os aromas do pomar sombrio;

Se é doce, mares, céos vêr anilados  
Pela quadra gentil, de Amor querida,  
Que esperta os corações, florêa os prados ;

Mais doce, é vêr-te, de meus ais vencida,  
Dar-me em teus bráudos olhos desmaiados  
Morte, morte de amor melhor que a vida. (14)

Exaltado pelo ciúme, seu amor duplicava de intensidade e mantinha o pobre poeta numa situação desesperadora. E' então que se entrega com mais abandono e ardor ao abuso das bebidas alcoolicas e apressa o seu desastrado fim. Abandona os favores do Amor e lhes prefere

O nectar que roxêa  
Em honra de Lyêo os vitreos copos;  
Elle lhe extrêe, lhe apaga  
A memória tenaz de acerbos males.

Mas os desenganos de amor não lhe entibiam o desejo de apparecer, brillar. De 1801 até quasi a sua morte, recita versos na *Nova Arcadia*, por convite do celebre Manique, e os compõe e recita para príncipes e actores. E' o periodo de sua fama, da sua maior popularidade. Viajantes, que antes estiveram em Portugal, como lord Beckford, escriptores estrangeiros, como o allemão Link, lhe elogiam os talentos e o aclamam primeiro poeta, reconhecendo-o, ao mesmo tempo, pobre e desgraçado.

Abatido pela enfermidade que o vinha mirfando desde alguns annos, e que, de certo, se aggravou com o receio de uma nova prisão por ter sido, em 1802, denunciado como *pedreiro-livre*, Bocage recolheu-se ao leito e, sofrendo cada vez mais, espirou arrependido de tudo que havia pré-gado. Os seus enthusiasmos liberaes, a sua descrença no mytho divino, segundo a concepção catholica, as suas satyras, seus versos eroticos e burlescos, tudo renegou na hora suprema, sem a selecção fazer do que de bom e de immortal escreveu. E' o que exprime nestes versos sinceros, cheios de remorso e arrependimento :

Já Bocage não sou !... A' cova escura  
Meu estro váe parar desfeito em vento...  
Eu aos céos ultrajei ! O meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agóra já quão vã figura  
Em prosa e verso fez meu louco intento;  
Musa !... Tivera algum merecimento  
Se um raio da razão seguisse pura !...

Eu me arrependo ; a lingua quasi fria  
Brade em alto pré-gão á mocidade,  
Que atraz dô som phantastico corria :

Outro Aretino fui... A santidade  
Manchei !... Oh ! Se me creste, gente impia,  
Rasga meus versos, cré na eternidade ! (15)

Como ultimo lampejo da sua intelligencia, cujo brilho contrastava, fatalmente, com o estado de miseria corporal em que a molestia o havia lançado, o poeta resumiu num soneto extraordinario a sua desgraçada vida :

Men ser evaporei na lida insana  
Do tropel das paixões que me arrastava;  
Ah ! cego, eu cria, ah ! misero, eu souhava  
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros sóes a mente ufana  
Existencia fallaz me não dourava !  
Mas eis succumbe a natureza escrava  
Ao mal que a vida em sua origem dauva.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos !  
Esta alma, que sedenta em si não coube,  
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh ! Deus !... Quando a morte a luz  
[me roube,  
Ganhe um momento o que perderam annos,  
Saiba morrer o que viver não soube. (16)

\*  
\* \*

A obra de Bocage é copiosa e variada. Afóra as traducções, escreveu em original: odes, canções, cantatas, cantos, elogios, epistolas, epicedios, idyllios, satyras, apologos, epigrammas, motes glosados, allegorias, cançõetas, endeixas, ensaios dramaticos e principalmente sonetos. Cultivou todos os generos mas só o lyrico e o burlesco o fizeram celebre. A epopéa e o drama lhe escaparam apesar de varias tentativas. Seu genio e o meio eram incompativeis com as duas grandes fórmulas da poesia. Portugal perdera a sua antiga hegemonia, estava num periodo de franca decadencia, que só podia entibiar a inspiração e nunca exaltá-la. O poeta, por sua vez, não tinha o genio bastante para produzir, no genero epico ou dramatico, uma obra que se equiparasse aos seus immortaes sonetos lyricos. Dispersando o talento em outeiros poeticos, costumado aos applausos faceis da turba, que lhe admirava os improvisos brillantes, e perseguido por uma cruel adversidade a que a sua fraca natureza moral não podia resistir, lhe era impossivel consagrar-se a uma composição que o collocasse entre os grandes poetas do Occidente.

De todas as suas producções figuram os sonetos como uma das principaes da poesia portugueza. Depois de Camões, ninguem os fez melhores, nem talvez eguaes. E' o mestre do soneto portuguez.

Si não fôra a influencia perniciosa do academicismo litterario, que amesquinhou as lettras luzas durante todo o seculo XVIII e contra o qual Bocage não soube reagir como devera, si não fôra o vicio arcadico do abuso das allegorias inspiradas na mythologia greco-romana, aliás um dos resultados do pretendido Renascimento do seculo XVI, certa preciosidade de linguagem, e algumas vezes o sacrificio das verdadeiras emoções ao brilho da expressão, Bocage teria attingido, como attingiu em muitas composições, todo o esplendor lyrico de Camões. No emtanto, a sua fórmula é quasi impeccavel. Foi um precursor do Parnaso.

Si é doce, Camões, Meu sér evaporei  
e tantos outros correctissimos sonetos, merecem bem a sentença de Boileau :

*Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème*

A estes incomparaveis pequenos poemas juntê-se a admiravel ode, *A Gratidão*; as sentidas e melodiosas canções, *O Adens*, *O Ciúme* e *O Desengano*; as tragicas e extraordinarias cantatas, *Medêa* e *Leandro e Hero*; os magnificos idyllios, como *Tritão*; as fabulas moraes como o *Passarinho preso*; e outras verdadeiras obras-primas de sentimento e fórmula.

No genero burlesco avultam seus incomparaveis epigrammas, onde a graça mais fina se une á satyra mais pungente, e ainda os innumeros sonetos que vibrou contra tudo que lhe era irrisorio, principalmente o academicismo dos Arcades, a intolerancia e os costumes dos frades, os habitos pretenciosos dos filhos de Gôa. Infelizmente a sua satyra attinge, muitas vezes, á mais crúa obscenidade. O poeta era do numero daquelles que não trepidam em sacrificar os mais respeitaveis sentimentos ao prazer de um verso picaresco, de um soneto chulo. Parece que se comprazia até com fazer poesias inteiramente indignas do seu talento. Desgraçadamente para o seu nome, fôram essas que mais contribuíram para sua celebridade. O povo, a grande massa social, só o conhece como o trovador de versos eroticos, de poesias obscenas. E assim a sua influencia tornou-se nociva para a cultura esthetica e moral da multidão.

Essa face do talento do poeta deve ser esquecida na sua justa e merecida glorificação. Não é o menestrel do botequim do Nicola, o verzejador de poemas eroticos que se celebra, mas o grande lyrico, o cantor da belleza e da ternura feminina, o espirito superior que aspirou dias melhores para sua infausta patria, que elle, a seu modo, apesar de uma attitudo politica incoherente e contradictoria, com toda a desregrada conducta, queria ver livre do jugo do academicismo dos lettrados e do absolutismo da realeza degradada.

A restauração das bôas lettras, do bom gosto litterario, e a abolição do despotismo politico, era o duplo problema cuja solução se impunha e para a qual, embóra incompletamente, correu Bocage. Figura assim como precursor de Garrett e dos revolucionarios de 1820; presentiu os romanticos e os vintistas. Mas tudo isso o fez, por assim dizer, inconscientemente, pois, ainda poucos annos antes da morte, sancionára o academicismo arcadico e a dictadura retrograda, recitando elogios no The-

atro da rua dos Condes e na *Nova Arcadia* protegida mansiosamente pelo tyrannico Manique, dirigidos á realza, a d. João VI, á louca d. Maria I, á d. Carlota Joaquina, á princeza Maria Thereza. Bocage não escapou á tendencia corrente do meio em que vivia, tendencia muito commum nas epochas de crise philosophica e religiosa — a bajulação dos puros lettrados aos potentados do dia. Lisougeou os grandes, principalmente quando, nas amarguras do carcere, devera mostrar, soffrendo, o valor das almas verdadeiramente superiores. Mas Bocage era uma natureza fraca, um simples espirito litterario que cultivava as méras faculdades de expressão, ás quaes sacrificava muitas vezes as proprias aspirações do sentimento. Falta-lhe a inteireza de character que só é incompativel com os poetas de segunda ou terceira ordem, mas se allia quasi sempre com o verdadeiro genio. Elle proprio definiu-se nesta pergunta característica, que foi e é ainda o aphorismo da maioria dos méros lettrados: «Que tem o talento do homem com sua moral?» (17)

Bocage conseguiu formar escola. No fim do seculo XVIII, diz Theophilo Braga, todos os poetas eram elmanistas como no fim do XVI, todos eram camoneanos. A *Arcadia* do botiquim das Parras influira mais do que a *Nova Arcadia*. Mas os elmanistas ficaram alheios ao movimento romantico que o genio polymorpho do grande Goethe havia revelado com a publicação do *Werther*, antes mesmo do apparecimento litterario de Bocage. A reacção anti-classica, nascida na Alemanha, desenvolvida na França com Chateaubriand e mme. de Staël só no segundo quartel do seculo XIX se introduz em Portugal. Assimilando as tradições populares, tornando-as o campo fecundo da criação litteraria, de modo a vincular estreitamente a sociedade e os escriptores, Garrett iniciou a obra que podia ter sido realizada por Bocage cincoenta annos antes, si outras fôsem as condições do seu meio. No emtanto, como na evolução litteraria e em todas as evoluções, não ha solução de continuidade, a poesia de Garrett provém da de Bocage, não do Bocage precioso e arcadico, do Elmano dos outeiros e cafés, mas do grandioso lyrico do *Si é doce* e de *Medea*. E' o proprio Garrett que reconhe implicitamente essa filiação, quando nelle distingue duas personalidades poeticas. «O vate *Elmano*, diz Garrett, é muito differente coisa do poeta Bocage. O excêntrico, inintelligivel, estapafurdico *Elmano* dos cafés e dos outeiros não pôde ser o mesmo que o traductor de Ovidio, o auctor de *Leandro e Hero*, de *Trinão*, e de tanta coisa bella.»

Do espolio poetico de Bocage, ficarão incorporadas ao thesouro estlietico as suas producções lyricas, especialmente os sonetos de amor e os que encerram bellas sentenças moraes. Mas, documento litterario de uma epocha, todo elle viverá como a expressão da sociedade portugueza no ultimo quartel do seculo XVIII. A tyrania da Realza, o despotismo da Inquisição, o dominio pernicioso de Frades e Jesuitas, a dissolução dos costumes publicos e privados, o rebaixamento das letras sob o dominio arcadico, todo esse periodo de abatimento espirital e moral, assignalado pelo reinado da rainha louca e do medroso principe D. João, e caracterizado pelo poder discricionario de Manique, fica registrado directa ou indirectamente nas composições imperciveis desse poeta tão infeliz como Camões.

E já que tocamos no paralelo, que sempre se repete, entre Camões e Bocage, convem não esquecer a natureza e o valor de tal comparação e apreciar a importancia dos factos coincidentes na vida de ambos.

Camões é o representante genuino da alma portugueza em todos os tempos e em todos os logares. Sendo um grande poeta nacional, é tambem um grande poeta universal. Celebrando Portugal na apothese do Gama, immortalisa uma das phases mais decisivas e admiraveis do movimento progressivo de toda a Humanidade. E' por isso bem verdadeira a sentença do celebre critico allemão: «Camões representa só porsí uma litteratura inteira». (18) Assim está muito longe e muito acima de Bocage, considerando embora as condições desfavoraveis do meio em que surgiu este ultimo poeta. No proprio genero lyrico, que faz a gloria de Bocage, Camões ainda lhe leva a palma. Inferior, até certo ponto, no brilho da fôrma, vence-o pela belleza e sinceridade da emoção. Bocage só delle se torna rival quando lhe attinge o inimitavel lyrismo, filho das incomparaveis inspirações de Petrarca. «Os seus sonetos, escreve um judicioso critico, tão admirados, são materialmente bem feitos, mas sem ideal, sem esse espirito de melancolia e profundidade que só se encontra em Camões» (19) Bocage não foi modesto mas simplesmente sincero quando escreveu, referindo-se a Camões:

Se te imito nos transes da ventura,  
Não te imito nos dons da natureza.

Realmente só as desgraças foram o seus verdadeiros élos. Foram ambos martyres do Amor e da Patria. Mas ainda assim, quão differentes! Camões tem um ideal de ternura, a través das fraquezas resultantes da propria natureza masculina e da educação commum que a esta se dá.

Catharina de Athayde, a formosa Nathercia, é para elle o que fôram Maria Brandão e Joanna de Vilhena para os bucolistas Christovão Falcão e Bernardim Ribeiro. Toda a sua musa é para aquella em que o poeta resume o Amor. Bocage tem dous amores idéaes, Maria Vicencia e Auna Perpetua, Marcia e Aualia, sem contar o affecto primitivo por Anna Gertrudes, a Gertruria, e as mesmas fraquezas de Camões, que, nelle tomam uma inteusidade excepcional e quasi constituem a regra principal da sua conducta. Essa instabilidade de affectos é tão característica que o povo não lhe incorporou ao nome o de nenhuma personagem feminina, como fez com Camões a respeito de Nathercia. Chega-se até a duvidar da pureza d'aquellas affeições, quando o mesmo cryptouymo, Marcia, inspirava a Bocage as mais depravadas poesias burlescas. (20)

Pela patria soffreu Camões com resignação e coragem. Não adou os poderosos. Com dignidade resistio aos assaltos do infortunio. Bocage, timido e fraco, gasto pela orgia, humilhou-se servilmente deante dos tyranos e poderosos. Não duvidou glorificar aquelles mesmos que directa ou indirectamente tinham causado tanto damno a elle e á patria. Além disso, o paralelo entre os dous poetas quasi que foi previamente preparado. Bocage queria imitar em todos os actos o cantor dos *Luziadas*. Ha um proposito anterior mais do que uma coincidência fortuita em conseguir artificialmente a identidade das vidas.

Disto resulta que a comparação deve apenas identificar os dous poetas no sentimento das desgraças de ambos, mas separal-os bastante quanto ao seu valor, de modo a distingui-los tanto que se verifique qual o altar em que se adora o genio de Camões e o em que se venera o talento de Bocage. Na apothese humana como na canonisação theologica, a recompensa deve ser proporcional ao merito. Na côrte dos eleitos da Humanidade, como na dos predestinados do seu antecessor divino, quem melhor faz, merece mais. Esta é a justiça. Glorifique-se Bocage como um dos herões da poesia portugueza, mas dê-se-lhe o justo logar, não o equiparando a um dos maiores genios da poesia universal. Basta que na litteratura nacional elle fique como o mais celebre poeta do seculo XVIII. E' este o seu titulo, é esta a sua gloria.

REIS CARVALHO.

(1) ANTONIO MARIA DO COUVO. — *Memorias sobre a vida de Manoel Maria Barbosa du Bocage*, Lisboa, 1840, pag. 9.

(2) BOCAGE. — *Rimas*, t. III, 3ª ed., Lisboa, 1806, pag. 278.

(3) THEOPHILO BRAGA. — *Bocage, sua vida e epocha litteraria*, Porto, 1902, pag. 206-207.

(3) BOCAGE. — *Rimas*, t. I, 4ª ed., Lisboa, 1834, *Canção I*, pag. 159-160.

(4) BOCAGE. — *Rimas*, t. I, 4ª ed., Lisboa, 1834, *Soneto*, nº LXXIX, pag. 79.

(5) BOCAGE. — *Poesias satyricas*, Lisboa, 1840, pag. 61.

(6) ANTONIO MARIA DO COURO. — *Op. cit.* pag. 30-31.

(7) THEOPHILO BRAGA. — *Op. cit.* pag. 464-465.

(8) THEOPHILO BRAGA. — *Op. cit.*, pag. 372.

(9) THEOPHILO BRAGA. — *Op. cit.*, pag. 290-291.

(10) BOCAGE. — *Poesias eroticas, burlescas e satyricas*, Pariz, 1903, pags. 38 e 40.

(11) BOCAGE. — *Poesias eroticas, burlescas e satyricas*, Pariz, 1903, *Soneto I*, pag. 92.

(12) BOCAGE. — *Rimas*, t. IV, 3ª ed., Lisboa, 1835, pag. 87-88.

(13) BOCAGE. — *Rimas*, t. III, 3ª ed., Lisboa, 1806, pag. 22-23.

(14) BOCAGE. — *Rimas*, t. III, 3ª ed., Lisboa, 1806, pag. 16.

(15) BOCAGE. — *Poesias*, ed. de 1853, t. I, soneto II.

(16) BOCAGE. — *Poesias*, ed. de 1853, t. I, soneto II.

□ (17) THEOPHILO BRAGA. — *Op. cit.*, pagina 206.

(18) FR. SCHLEGEL. — *Histoire de la Littérature*, trad. Duckett, Paris, 1829, t. 2, pag. 115.

(19) THEOPHILO BRAGA. — *Manual da Historia da Litteratura Portugueza*, Porto, 1875, pag. 439.

(20) BOCAGE. — *Poesias eroticas, burlescas e satyricas*, Porto, 1903, sonetos 41, 47.

## D'AQUI E D'ALLI

Desde algum tempo que os habitantes das cidades do sul da França andam intrigados com um estranho peregrino. De baixa estatura, os longos cabellos ligados por uma fita amarella, revestido de grande manto de linho duma brancura admiravel, o estrangeiro trazia á mão um velho cajado e suspendia ás costas um alforge cheio de brochuras. Este individuo que se fez chamar Merva, o apóstolo da vida natural, é de origem belga. Sendo consul nas Indias hollandezas, deixou as suas funcções ha cinco annos «para voltar á natureza» e fundou uma colonia perto do lago Maior. Os «colonos» não comêem sinão fructos e alguns legumes e reduziram o vestuario ao strictamente necessario. Elles dormem ao relento, sobre a areia. Merva fez, nesses ultimos mezes, uma viagem de propaganda pelo sul da França, afim de recrutar novos adherentes.

\* \* \*

As extravações de Delos A vinte horas do Pireo, no meio das Cyclades, eleva-se, velha e deshabitada, a immorttal ilha de Delos, onde a lenda fez

nascer Apollo e que foi durante muito tempo um dos principaes santuarios da Grecia. Debaixo do dominio romano, Delos tornou-se numa florecente cidade de commercio. Hoje é uma ilha escarpada que o vento bate perpetuamente e onde vicejam umas magras plantas sylvestres. As escolas de sabios europens e americanos teem emprehendido fazer surgir de todo o sólo grego, o seu prestigio passado. Os americanos desobstruêem Coryntho, os gregos Epidanro, os allemães reconstituíram os santuarios de Olympia e separaram os restos de Pergamo, os francezes, que hontem ressuscitaram Delphos, fazem, agóra, renascer Delos. Na bôa estação, toda a escola franceza de Athenas põe-se em trabalho, ajudada pelos gregos de Delphos, que, outr'óra, recuzavam excavar a terra e que hoje deixam as suas aldeias para ajudar os francezes a tirar do sólo os templos e os palacios. O santuario de Delos está completamente desembaraçado, com os seus thezouros. A pequena ilha reaparece e já muitas ruas mostram casas de ricos mercadores que vão para alli negociar.

\* \* \*

Um jornalista americano, o sr. Kirby, acaba de fazer um balanço curioso dos principaes movimentos religiosos que se manifestaram recentemente nos Estados-Unidos e de avaliar as suas riquezas em dollars. A America teve sempre um fraco pelas religiões phantasticas. O primeiro iniciador de seita nova, foi uma mulher, a sra. Eddy, que abriu, ha trinta annos, uma pensão para a cura pela fé. Teve a sua casa um lindo e exquisito nome: *Collegio metaphysico de Massachussets*. Ha dezeseis annos, fundou, com 26 membros, a primeira igreja da sciencia christã, que tem como centro a cidade de Boston, onde a igreja matriz possúe, hoje, 15.000 adeptos. A seita é rica, levanta igrejas nas principaes cidades; ultimamente, edificou em Nova York, na 96ª avenida, um esplendido santuario; preconiza a eliminacção da medicina e dos medicos e leva os adeptos a não contar sinão com os irmãos em seita e a querer, com o auxilio de Deus, que elles saibam ser bom.

Dowie, o famoso Dowie, fundador da cidade de Sion, em Chicago, é um antigo pastor congreganista na Australia, de origem escosseza. Apresenta-se com o espirito do propheta Elias, annuncia a proxima vinda de Christo

ao mundo e levanta Sions, em diversos lugares, para o acolher na terra. Um segundo Sion prepara-se no Mexico; o primeiro está a 70 kilometros do centro de Chicago, eleva-se defronte do lago Michigan, num antigo terreno agrícola, que vale, hoje, mais de 150 milhões de francos. Dowie offerecen-o aos seus companheiros de religião. De resto, elle não procura mais que a gloria de Deus e não o interesse proprio. Este amalgama de terreno e de religião inquieta justamente; teme-se um formidavel desmoronamento.

O espiritismo tornou-se, nos Estados-Unidos, uma especie de religião que tem como adherentes cerca de 1.500.000 pessoas. Os *mediuns* são em numero de dez mil; quasi todos, porém, segundo o jornalista *yankee*, são charlatães que exploram a credulidade publica. O mais afamado de todos os espiritas é, actualmente, a sra. Pepper, que dirige os serviços religiosos num grande edificio que ella chama a primeira igreja espirita de Brooklyn e que pretende fazer prodigios admiraveis. As contribuições dos que vão ver o templo dão um lucro extraordinario á sra. Papper, que conserva a sua igreja num grande luxo. Certos adeptos do espiritismo são homens de intelligencia bastante apurada. Muitos são millionarios ou já o fôram antes de cair nas garras dos *mediuns* rapaces; as demonstrações de fraudes repetidas não abalam as suas crenças, deixam-lhes, pelo contrario, uma fé absolutamente arraigada.

Em Economy, na Pensylvania, ha uma sociedade de pessoas que jejúam, e que, no emtanto, prosperam espontaneamente, sobretudo o chefe, o velho Druss, um ricoço de 25 milhões de francos. São celibatarios os socios dessa exquisita aggremação, que tem tambem o seu modo de entender religiões. Os «economistas» teem como divisa: *Honestidade e consciencia*.

Na California, em Loms, encontra-se uma colonia de theosophos, fundada pela sra. Catherine Tingley, que, ao principio, foi espirita, sendo então considerada igual á sra. Blavatski. Chama-se a colonia: *Escola para a explicação dos mysterios perdidos da antiguidade*.

A fundadora da seita coniprou para o seu estabelecimento, um terreno magnifico, cuja conservacção custa,

hoje, cerca de um milhão e meio de francos por anno. Tres ou quatro pessoas dão o dinheiro necessario para essas despesas. De todos, porém, quem mais gasta com a instituição da sra. Tingley é o grande millionario de Nova York, o sr. Spaulding, dono de diversas fabricas de artigos de *sports*.

Que podem fazer esses adeptos do occultismo? — pergunta Kirby Algons se aquecem, preguiçosamente, ao sol de ouro da California e outros, mais ricos do que estes, regulam as suas despesas, pensando na verba do ensino da sra. Tingley.

O reporter norte-americano cita mais algumas ontras religiões, sem entrar, porém, no exame indiscreto dos recursos pecuniarios de cada uma. Em Bar Harbor, Michigan, a *Sociedade das tribus perdidas de Israel*, cujo chefe, Benjamin Purnell, prophetizou a expulsão do Satanaz do mundo, em 1916; *Os adoradores do sol*, em Nova York, discipulos do dr. Hanish; em Woodcliff, a *Sociedade dos dansadores-anjos da casa do Senhor*; esses, porém, são uns fanaticos pobres e de máu aspecto.

Todas essas instituições bizarras vivem; alguns chegam a prosperar. E' espantoso, porém, que elles vivam e prosperem nos Estados Unidos, cujos habitantes passam, no emtanto, por possuir o grande espirito pratico.

\* \* \*

Museu  
tecnologico

Vienna possui um grande museu, o *Technologischer gewerbe museum*, que celebrou, ha poucos mezes, o seu 25º anniversario. Ultimamente, foi annexada ao museu uma série de officinas, laboratorios, gabinetes de ensaios para os materiaes de construção, as machinas, o papel e a electricidade; em cada uma dessas quatro divisões, crearam-se cursos, conferencias, exercicios praticos, etc. Experiencias muito interessantes e uteis tem-se realizado nesse grande museu.

## FINALIDADE DO MUNDO

NOVO LIVRO DE FARIAS BRITO

Só agora me posso desobrigar comigo mesmo de um alto dever de consciencia para com aquelle nobre espirito com quem anda tão somitica a justiça da geração actual.

Farias Brito acaba de publicar o terceiro volume da sua *Finalidade do Mundo*; e é preciso dizer, desde

logo, que a obra não pôde ainda ficar completa com este novo livro — que é apenas a primeira parte da ultima das tres secções em que a obra foi dividida. E' na 2ª parte, que o philosopho tem, conforme diz, em preparação — que será examinado e resolvido o problema da existencia pela concepção do mundo como actividade intellectual. Só, portanto, com o 4º volume da *Finalidade* teremos desvendada a theoria fundamental do systema.

Muita gente ha de julgar talvez que o eminente pensador exaggerou algum tanto as proporções de uma obra de natureza tal que se deve impôr primeiro pela synthese para depois vencer pela analyse. Por minha parte, francamente, desejava tambem que fôsse assim; mas não me convenço de que o plano e o processo preferidos constituam propriamente um defeito. Um espirito como o de Farias Brito, tão vasto e tão profundo, não podia mesmo ceder mais á ancia de revelar logo a nova concepção do mundo e da vida que á necessidade de explanar primeiro os caminhos por onde seguiu. Tanto mais que estou certo de que, ao termo desta longa jornada, o viajor ha de parar lá no alto e estender para traz o seu olhar sobre a trajetoria vencida.

Neste livro, que tem por sub-titulo — *Evolução e relatividade* — continúa Farias Brito a passar em revista a obra dos pensadores, occupando-se agora dos contemporaneos. O 1º capitulo trata das theorias modernas como «doutrinas de dissolução». Depois de nos dar uma idéa do estado actual do mundo e da anciedade que lavra nos espiritos anarchisados, — procura as causas de tudo isso. Admira a grandeza dessa immensa obra de renovação em que, com valor assombroso, se empenha o espirito humano, em geral, dès da Renascença, e observa, desolado e em grande alarma, que ás maravilhas do progresso, na esphera das sciencias e das industrias, não corresponde o desenvolvimento da ordem moral. Assignala o esforço de alguns por abrir um rumo seguro á consciencia perdida dos nossos tempos e estaca, ainda mais alarmado, ante os desvarios, crescentes como ondas de mar tempestuoso, dos maiores pensadores modernos. Comte e Spencer, Gniau e Marx são chamados á conta, e vistos através de uma larga concepção da vida, que o nosso philosopho proclama com uma coragem propria de grande espirito. O esforço de Farias Brito dirige-se mais especialmente contra o positivismo, talvez porque é a *seita* mais em credito hoje em certas classes do nosso paiz. Depois de dar as diagonaes do systema de Comte — inquire o pensador cearense:

«— O positivismo tem proporções para resolver a crise moderna? — Não: é a resposta que se impõe á razão esclarecida e imparcial.»

E se apréssa em demonstral-o.

«— Para deduzir as leis da moral, — diz elle — é preciso: 1º, que o homem conheça a natureza; 2º, que se conheça a si mesmo. E isto é evidente, porquanto ninguem se poderá elevar á comprehensão da verdadeira noção do dever, sem comprehender claramente: 1º, qual a significação racional da natureza; 2º, qual o papel que representa no mundo. Em uma palavra: a moral só pôde ser deduzida por uma concepção do todo universal, isto é, por uma philosophia.»

E explana tudo isso com um vigor de logica admiravel.

Passando a H. Spencer, põe primeiro em confronto o que ha de fundamental na obra dos dois grandes philosophos contemporaneos; e comquanto reconheça e note nas idéas do pensador inglez uma influencia assignalada do positivismo — afirma que ha uma «distincção radical» entre Spencer e Comte. E' de uma evidencia absolutamente victoriosa: si o primeiro «faz da evolução a lei suprema dos cosmos», é que deixou, ainda, ao espirito humano, ao idéal philosophico, um tanto abertos os horizontes que o segundo fechou. Mas, depois de haver condemnado o positivismo — lavra egualmente anathema contra o systema de Spencer: «a theoria da evolução tambem é falsa».

E isto agora, como é facil de comprehender de prompto, é mais grave. Incontestavelmente, a concepção fundamental do evolucionismo assenta na experiencia e na propria razão do Universo. Farias Brito mesmo parece reconhecer isto quando não condemna *em absoluto* a idéa de evolução. O que elle detesta é o *conceito* classico da escola: não o *principio*. «O que não pôde ser admittido — diz elle — é a theoria da evolução como concepção do Mundo; o que não pôde ser admittido é a interpretação da natureza pelo principio da evolução». E entra numa longa analyse de Spencer, batendo-lhe vigorosamente: os argumentos, deixando ver bem quanto é complicada e singular a *metaphysica* do philosopho inglez, quando, a seu modo, quer estabelecer um nervo logico entre a phase puramente cosmica ou mecnica do mundo e a phase da vida psychologica: isto é, quando tenta demonstrar (segundo o seu systema) que a ordem moral é resultante da acção das mesmas leis que regularam a genese e desenvolvimento do Universo concreto. «Como é que se faz a metamorphose? — inquire o nosso philosopho. Como é que uma força que existe sob a fórmula de movimento,

de calor, de luz, pôde tornar-se um modo de consciencia? Como é que as forças postas em liberdade pelas mudanças chímicas operadas no cerebro pôdem produzir uma emoção? (transformar-se numa emoção?)»

E responde Spencer:

— «São mysterios que não é possível sondar. Mas não são maiores que as transformações das forças physicas umas nas outras».

Em seguida, depois de transcrever a fórmula synthetica de Spencer, escreve Farias Brito: «Fica, assim, sem mais exame, patente que a theoria da evolução é uma concepção materialista do Mundo. Não se trata, pois, rigorosamente falando, de um systema novo, mas apenas de uma nova fórmula de um systema já velho, isto é, de uma nova fórmula do materialismo».

Ora: o materialismo satisfará, porventura, ao espirito moderno?

Farias Brito não hesita.

Mas continuemos a examinal-o.

ROCHA POMBO.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Navios de turbina. — O mais rapido vapor do mundo. — Os mais rapidos transatlanticos. — Os resultados.*

Os navios em que, em vez de machinas a vapor para imprimir movimento ás helices, se empregam turbinas tambem movidas a vapor, vão adquirindo notoriedade depois dos aperfeiçoamentos applicados para remover os inconvenientes dos primeiros ensaios do novo systema.

As vantagens desse melhoramento são de indiscutivel alcance como economia de espaço, permittindo augmentar a tonelagem utilisavel, maior rapidez, superior rendimento dos órgãos motores e outras vantagens secundarias, como a ausencia de trepidação resultante da suppressão dos mecanismos de transformação do movimento, porque com as turbinas o movimento de rotação do motor é transmittido, directamente, ás arvores que teem na extremidade os propulsores helicoidaes funcçãoando como helices.

No paquete *Princèsse Elisabeth*, construido nos estaleiros de Hoboken para o serviço postal de Ostende a Douvres, deslocando 2.000 tonelladas, armado com tres turbinas e tres arvores horizontaes, a primeira turbina de alta pressão, atacando a arvore do centro é sómente empregada para o movimento avante; as duas de baixa pressão accionam as arvores ou eixos de bombordo e estibordo, munida cada uma de uma helice de 6 pés de diametro. O vapor é fornecido por 8 caldeiras

de tres lares, de tìragem forçada. As turbinas lateraes de baixa pressão são completadas do lado da pôpa por duas turbinas auxiliares para a marcha retrograda, resultando desse dispositivo uma energia extraordinaria, porque, para effectuar, rapidamente, qualquer manobra, basta dirigir o vapor para a turbina correspondente.

Nas primeiras experiencias desse navio, as turbinas funcçãoavam a toda a força durante meia hora, quando foi ordenada a marcha immediata para traz. Essa manobra foi effectuada num instante com surprehendente precisão.

Na casa das machinas é curioso o aspecto novo da simplicidade dos apparatus, pela ausencia dos mecanismos complicados; nella se vêem, apenas, tres longos cylindros de metal, muito baixos, no meio e perto do bordo, dois condensadores e, avante, alguns mecanismos auxiliares.

A rapidez é realmente prodigiosa. O *Princèsse Elisabeth* é hoje o mais rapido navio do mundo: realizon uma marcha de 25 nós, no Escault, de 24 e 25, no Greenock, com uma rapidez de 24 e 16 na marcha atraz.

Munidos de turbinas, estão actualmente em actividade diversos paquetes destinados ao serviço de travessias, relativamente curtas, de Calais a Douvres, de Dippe a Newhaven, de Ostende a Douvres, da Irlanda á ilha de Man. Na rapidez, elles excederam as torpedeiras de turbina construidas pelo almirantado inglez depois de 1901, á *Turbina* que deu 24 1/2 nós, ao *Viper* e ao *Cobra*, que attingiram 36 nós. Estes dois naufragaram em consequencia de accidentes que não pôdem ser imputados ao seu systema de propulsão e não impediram as experiencias de applicação das turbinas aos navios de guerra emprehendidos nas marinhas de diversos paizes.

Quanto aos resultados excellentes obtidos por esse novo systema empregado nos navios viajantes, não ha mais duvida; elle está sendo empregado nos *steamers* de forte tonelagem para as longas travessias. Estão em construcção dois paquetes de 12.000 tons, para uma grande companhia ingleza, com turbinas de 17.000 cavallos; outro, de 17.000 tons., com turbinas de 16.000 cavallos; dois dos famosos transatlanticos monstros de 32.000 tons., construidos pela Companhia Cunard para o serviço de Liverpool a New-York, os quaes serão providos de turbinas de 70.000, cavallos devendo realizar uma rapidez média de 25.000 nós—46 kilometros—400 metros por hora.

*As officinas dos "Annaes", dispõdo de um material completamente novo, encarregam-se da impressão de todo e qualquer trabalho typographico.*

## O ALMIRANTE (63)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XXI

Os ingenuos olhos azues de Sebastião se toldaram, como si por elles passassem rapidas nuvens de tristes recordações.

— Anda sempre mal — disse elle, concluindo o interrompido pensamento — Eu, meu senhor, sou um homem aluado, tenho dentro da cabeça um demonio que não a larga, nem á mão de Deus padre, fazendo uma bulha que não acaba mais. E quando consigo adormecer é para sonhar malquices.

— Pensei que você era um homem robusto—tornou Oscar, comprazendo-se com aquella diversão ao seu espirito atribulado.

—A caixa está perfeita—affirmou o guarda portão, batendo no peito rijo — A cabeça é que anda transtornada desde que voltei da Africa por causa de uma traição que me fizeram. Mas para que falar em coisas tristes. .

— Devia ser muito grave essa traição.

— Dahi para cá não tive mais socego.

—Conte-me isso.

—Eu partira satisfeito, como um homem que váe servir a sua patria. E as saudades que eu levava eram compensadas pela esperança de voltar com a minha vida encaminhada para cazar com a prima Maria das Dores, que era a menina dos meus olhos. Ella se despediu de mim chorando e dizendo: Deus ha de permittir que voltes são e salvo; eu te juro, por esta luz que nos allumia, que te esperarei até á morte. E lá fui eu com essa esperança dentro da alma. Passei um anno de trabalhos naquella terra infernal, contando os dias, as horas até que, num encontro com os negros, fui ferido aqui na perna. Foi para mim uma feliz noticia a da minha baixa por incapaz para o serviço; abençoei o ferimento que abreviava aquella ausencia e tanto que as forças m'o permittiram regresssei a Portugal. Eu não deixava a prôa do navio a cortar as ondas e olhava para deaute, ancioso, como si esperasse ver surgir ao longe a figura de Maria das Dores a estender-me os braços. E era uma ancia tão grande de chegar, de abraçal-a, que para mim o navio não andava; era um carro de bois afocinhando lentamente nas aguas verdes. Afinal, avistei a terra desejada; desembarquei em Lisbôa e tomei, no mesmo dia, o comboio para o norte. Quando cheguei á estação uma hora distante da minha aldeia, senti um grande allivio e quasi chorei de

alegria. Parecia-me respirar já o ar que ella respirava, sentil-a junto de mim e abraçal-a para nunca mais nos separarmos. Toda a gente olhava para mim, para o meu uniforme; muitos conhecidos me saudaram, pediram-me noticias de outros que lá haviam ficado, parentes, conhecidos, meus companheiros de jornada. Não sei bem o que lhes respondi. Ajustei aos hombros á minha trouxa e fui andando, arrastando a perna que ainda estava maguada. Quando avistei ao subir uma encosta a torre da igreja alvejando no fundo do valle, a casinha do senhor cura no meio de um pomar e os casaes esparsos, fumegando placidamente á margem do rio, parei como si me abandonassem as forças. Sentei-me alguns momentos e dei graças a Deus por me ter conduzido até allí são e salvo.

Sebastião interrompeu a narrativa, como si sentisse realmente a fadiga da caminhada ao volver á terra querida, como si lhe voltasse á visão o quadro da paisagem encantadora, na sua serenidade rustica, o ninho da sua felicidade. E num accento comovido, que elle não tentava disfarçar, contou como, passados alguns momentos de extase, fôra descendo lentamente para o valle até chegar á ponte de madeira com as extremidades apoiadas em penhascos. Lá em baixo, ajoelhados á margem da corrente a deslizar por entre pedrouças, algumas raparigas cantavam lavando roupa; outras tagarellavam, numa alegria innocente, enchendo os cantaros de louça. Maria das Dôres não estava entre ellas. Occorren-lhe dirigir-lhes a palavra, pedir-lhes noticias, mas a casa estava perto, uma centenna de braças depois de passar a fonte, numa volta do caminho, encoberta no arvoredado, cónjas cópas elle devizava balançando-se ao impulso de uma brisa fresca. Alguns momentos mais de marcha, elle chegou á porta do seu lar. Era á hora do trabalho. Baten. A mãe veio recebê-lo e cafu-lhe nos braços surprehendida, sorrindo e chorando de alegria. Vieram depois as parentas, as amigas da visinha alvoroçadas pela volta do Sebastião, desfigurado na farda velha, o rosto tostado pelo sol, a barba crescida e descurada como um homem que vem da Africa. Assaltaram-no de perguntas sobre a sua vida em terra inhospita durante aquelle anno que parecia um seculo. A mãe tomou-lhe a trouxa, fel-o sentar num banco e trouxe um pucaro de vinho fresco para saciar a sede e restaural-o da fadiga da longa caminhada. Sebastião mal respondia ás caricias que o cercavam; procurava em vão entre as moças a figura esbelta de Maria das Dôres, que elle esperára fôsse a primeira a confortar

os seus olhos anciosos. E como si o seu silencio fôsse comprehendido, a mãe se lhe acercou e disse-lhe tristemente: Ai que allivio, meu filho. Deus seja louvado. Imagina como ficámos com o boato de que a tropa em que te achavas, tinha andado em guerra com o gentio. Foi uma afflicção da hora da morte. Não havia noticias tuas e chegámos a suspeitar que tinhas morrido. Chorei muito, mas o coração me dizia que estavas vivo e esperei com fé em Deus. Os outros tinham dó da minha confiança e te consideravam para sempre perdido. Ninguem acreditava que voltasses. Foi por isso que a Maria... cazou com um rapaz brasileiro que tornou á terra para buscar a familia e partiu logo para o Rio de Janeiro. A rapariga ficou seduzida pelo dinheiro...

Sebastião interrompeu a narrativa e entrou de riscar na areia uns arabescos incompreensíveis, como si aquelles traços traduzissem em estranha escripta o tumulto do seu coração desilludido.

Oscar o contemplava em silencio, commovido pelo vulgar episodio de amor, narrado com dolorosa sinceridade.

— Depois — continuou Sebastião — me veio o convite do primo João. Aceitei-o sem hesitar. Era o meio unico de me approximar della, dessa ingrata Maria das Dôres, que eu não podia esquecer, muito embóra sentisse fundo no coração toda a amargura do seu abandono. Em chegando, tive proposito de procural-a para laçar-lhe em rosto o seu feio proceder, mas... não tive coragem. Bastava-me saber que ella estava na mesma terra que eu... que não estávamos separados pelos mares; que algum dia me seria dada a ventura de encontral-a outra vez...

— Ama sempre essa mulher? perguntou-lhe Oscar.

Elle não me sáe da cabeça, meu senhor. E' o demonio que eu detesto, mas me persegue, tira-me o somno, transtorna toda a minha vida.

— Você deve esquecer-a, Sebastião.

— Ai, a gente não tira da lembrança uma mulher, como quem varre estas folhas.

— Isso passará com o tempo.

Oscar ergueu-se avistando a marquezia e Hortencia, que vinham conversando sob as ogivas do bambual doirado dos reflexos do sol nascente, marcando grandes discos luminosos na areia branca. Sebastião assuou-se com rumor no grande lenço vermelho e continuou a varrer a alcatifa de folhas seccas.

— Bom dia — disse a marquezia, sorrindo — meu querido almirante. Fôste hoje matinal.

— Aposto que trabalhou toda a

noite — accrescentou Hortencia — Eu vi luz no seu quarto pela madrugada.

— Não, não trabalhei — respondeu Oscar. — Adormeci e deixei o gaz acceso, tão morto de somno estava. Despertei cedo e vim para o jardim.

— Pois eu não consegui dormir — tornou a marquezia. — Estava tão deshabituada ás recepções que se me figurava uma menina abalada pelas impressões dos primeiros bailes.

— E' que a tua juventude não percebe...

— E perseguiram-me recordações, alegres e tristes: todo o meu passado volvendo com uma nitidez admiravel, vivo, perfeito, nos menores incidentes.

— Isso prova — interrompeu Hortencia — que a vida de retraimento não te convém. Que lhe parece Oscar?

— Acho que tem razão.

— Eu sempre disse — continuou Hortencia — que essa vida de convento era uma estufa, onde se atrophiava esta flôr feita para o ar livre, para a luz radiante...

E beijou ternamente as faces da marquezia, animou-lhe os cabellos atados em longas madeixas onduladas.

— Eu — continuou a moça — organizei um programma de movimento, de vida intensa para curar definitivamente a nossa doente imaginaria. Acabamos de projectar a compra de uma chacara na Gavea, entre a floresta e o mar e vamos fazer hoje uma excursão áquelle sitio encantador.

— Muito bem pensado — concordou Oscar. — Approvo plenamente essa excellente idéa.

— Que váe ser realisada immediatamente para não ser frustrada pelas hesitações. Si nos convier, dentro de alguns dias estaremos mudadas. Dividiremos o nosso tempo: alguns dias lá e outros aqui... uma variedade continna, encantadora, que não deixe tempo para a monotonia, para pensar em tristezas.

— Quando partem? — inquiriu Oscar, sorrindo.

— Immediatamente — respondeu a marquezia. — Mandámos preparar a carruagem e vinhamos pedir-te a tua companhia.

— Estou ás tuas ordens.

— Nas minhas prescripções — observou Hortencia — figura um mandamento sagrado: não se falará mais em politica, que era a causa principal da excitação dos nervos desta querida senhora...

— De pleno accordo. A politica é um toxico que embriaga como o alcool — affirmou Oscar, sorrindo — e occasiona desgostos, decepções muito penosas.

(Continúa.)



## PAGINAS ESQUECIDAS

## BENÇÃOS

Bem hajas, oh luz do sol,  
Dos orphãos gasalho e manto,  
Immenso, eterno pharol  
D'este mar largo de pranto !

Bem hajas, agua da fonte,  
Que não desprezas ninguém !  
Bem haja a urze do monte,  
Que é lenha de quem não tem !

Bem hajam rios e relvas,  
Paraíso dos pastores !  
Bem hajam aves das selvas,  
Musica dos lavradores !

Bem haja o reino dos ceus,  
Que aos pobres dá graça e luz !  
Bem haja o templo de Deus,  
Que tem sacramento e cruz.

Bem haja o cheiro da flôr,  
Que alegre o lidar campestre ;  
E o regalo do pastor,  
A negra amora silvestre !

Bem haja o repouso á sesta  
Do lavrador e da enxada ;  
E a madre-silva modesta,  
Que espreita á beira da estrada !

Triste de quem der um ai  
Sem achar echo em ninguém !  
Felizes os que têm pae,  
Mimosos os que têm mãe !

THOMAZ RIBEIRO.

\* \* \*

A ELOQUENCIA PARLAMENTAR  
EM PORTUGAL

A eloquencia politica nasceu em Portugal em 1820. A sua fórma era antes a dissertação do que o discurso. Não havia então combate de antogonistas irreconciliaveis no seu credo, senão parada de talentos e expansões de patriotico favor. Falton que se affrontassem na primeira assembléa popular os evangelisadores da idéa nova e os convictos defensores da velha monarchia. A eloquencia verdadeira só pôde brotar do meio da agitação e da borrasca.

A oratoria parlamentar principia em 1834 o seu periodo florente, sobe na espontaneidade e na vehemencia durante as turbações civis na revolução de setembro : eleva-se á maior altura da sua gloria desde 1840 até ás luctas da espada ou da palavra com o governo da carta restaurada. Em 1851, a tribuna ainda faz vibrar as vózes eloquentes dos antigos paladinos, mas a excitação do parlamento não responde á temperatura da opinião. O

paiz está como que profundamente anesthesiado pelos primeiros vapores da locomotiva. O fomento é a preoccupação universal. Os oradores descáem e resfriam. A ultima centellia da oratoria verdadeiramente apaixonada é a oração de José Estevão na questão *Charles et Georges*. Desde então, apressa-se a largos passos a decadencia da tribuna. O *rostrum* já não é privilegio dos oradores, mas baldio commun de quantos têm a audacia de a levar á escala vista. Hoje ha ainda no parlamento bons engenhos, verbo facil e fluente, elocução correctá e vernacula algumas vezes, estylo florido e engalanado mais do que cumpre porventura ao genero deliberativo. Ainda algum ou outro orador, menos refractario ao saudavel preceito de Marco Tullio, ouza em assembléas portuguezas fallar o nativo dizer da sua gente. Mas rareiam hoje em nossa terra os filhos mimosos da eloquencia. Como nas demais nações meridionaes, são geralmente os nossos compatriotas tambem verbosos, loquazes, disertos, expeditos no discursar. Mas é mais do que isto a fecundia no orador. E demos que alguns haja felizes na invenção, na estrutura artistica do discurso, dialecticos no provar e retorquir, graves no pathetico, persuasivos no temperado, vehementes nas apostrophes, urbanos na ironia, decorosos no gracejo, rhythmicos no periodo, no estylo exemplares, e tersos na dicção. Ainda ali não está completo o orador. Cumpre que a acção esforce e vivifique a idéa e a palavra. A palavra e a idéa são como a invenção e o desenho num painel : a acção é, porém, o colorido, o tom, a luz, o claro-escuro. O discurso de per si é como as pinturas monochromaticas dos antigos — um contorno e uma só côr. Da acção depende que na téla da oração avultem e resaltem as figuras, e do simples recitador de phrases melodiosas e cadentes se difference o legitimo orador. Como de Marco Antonio referia Cicero, seja no artista da tribuna igual a preexcellencia na vóz e no meneio : que o gesto não só exprima o sentido dos vocabulos, mas seja congruente com a sentença do discurso : que igualmente se harmonisem com a sentença a postura e movimentos do orador.

LATINO CORLHO.

## SONHO

Sonhei — nem sempre o sonho é cousa vã —  
Que um vento me levava arrebatado,  
Atravéz desse espaço constellado  
Onde uma aurora eterna ri louçã...

As estrellas, que guardam a manhã,  
Ao verem-me passar triste e calado,  
Olhavam-me e diziam com cuidado :  
Onde está, pobre amigo, a nossa irmã ?

Mas eu baixava os olhos, receioso  
Que traíssem as grandes magnas minhas,  
E passava furtivo e silencioso,

Nem ousava contar-lhes, ás estrellas,  
Contar ás tuas puras irmansinhas  
Quanto és falsa, meu bem, e indigna deas !

ANTHERO DE QUENTAL

\* \* \*

EXTRAVAGANTE COSTUME DA  
GENTE DE CHYPRE

A gente popular de todo este reino pela maior parte é captiva dos senhores das cidades, villas e aldeias, salvo aquelles que por alguma via têm privilegio para o não serem. E este captiveiro é coisa de muitos annos.

Um costume mui novo vi nesta cidade (*Nicosia*), que me poz em admiração ; o qual é, que indo eu um dia por uma rua, vi levar a enterrar á egreja um fidalgo mui principal, e iam com elle todos seus parentes e amigos, e deante os escravos e escravas, os quaes levavam pelas rédeas quatro ou cinco cavallos e dois machos, e todos cobertos de dó. Chegando junto ao alpendre da egreja, subitamente saíram della os clerigos com grandes troços de páu nas mãos, e começaram de dar nos escravos e escravas, trabalhando pelos prender. E, como prenderam um ou dois, os outros com os cavallos fugiram.

Fiquei eu admirado de ver um tão subito desatino, a meu parecer, e, depois da coisa quieta, perguntei a significação della. Disseram-me ser costume naquella terra, quando fallecia alguma pessoa nobre e rica, irem deante todos seus escravos e escravas, cavallos, mulas e toda outra cavalgada até á porta da egreja, como eu vira aquelles, e que saíndo os clerigos com seus páus nas mãos, os escravos ou escravas ou cavalgadas, que podiam tomar, eram seus, e os outros ficavam livres e fôrros.

FR. PANTALEÃO DE AVEIRO.

Veem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

## XADREZ

MORAL DO XADREZ

De Benjamin Franklin

(Conclusão).

6º—Quando ganhades uma partida, não deveis cantar victoria ou caçoar com o vencido, nem mostrar grande alegria.

Antes, procurae consolal-o e tornal-o menos descontente de si proprio, por todo o tempo de expressões polidas que possam empregar-se, sem faltar á verdade.

Dizei-lhe, por exemplo: — «Conheceis o jogo melhor do que eu; mas falta-vos um pouco de attenção.» Ou: — «Jogáes muito de pressa.» Ou então: — «Vós tinheis vantagem; mas, alguma coisa vos distrafu, o que me bastou para ganhar o jogo.»

7º—Quando assistimos a uma partida, vemos observar o maior silencio. Dar conselhos é egualmente offender a ambos os jogadores. Primeiro áquelle contra quem se deu o conselho, porque isso lhe póde causar a perda da partida; em segundo lugar, ao que o recebeu, pois, comquanto aprove o lance e o adopte, perde, comtudo, a satisfação que teria de achal-o por si mesmo.

Ainda depois de feito o lance, não deveis voltar, e mostrar que terieis jogado melhor, adoptando outro movimento; porque isto desagrada e póde occasionar incertezas e disputas sobre a verdadeira posição das peças em que tocastes. Qualquer conversa com os jogadores diminúe-lhes a attenção, e é, portanto, desagradavel. Não deveis fazer o minimo signal ou movimento a qualquer das partes, e si o fizerdes mostrareis que sois um espectador indigno.

Si quizerdes mostrar vosso talento e sciencia, fazei-o jogando, vós mesmo, quando se offerecer occasião, e não criticando, entremettendo-vos, ou dando conselhos em jogo alheio.

Finalmente, si a partida não fôr jogada com o rigor das leis, moderae o desejo de ganhar ao adversario e contentae-vos com obter victoria sobre vós mesmo. Não vos aproveiteis avidamente de todas as vantagens offerecidas pela inexperiencia ou falta de attenção do vosso contrario; antes, mostrae-lhe, cortezmente, o perigo a que se expõe, jogando uma peça, ou deixando-a sem defesa; dizei-lhe que, com tal movimento, ficará seu Rei em posição perigosa.

Por esta generosa civilidade, tão opposta ás fraudes que acima criticámos, talvez percaes a partida; mas, ganhareis por outro lado, o que vale muito mais — a estima do vosso adversario, o respeito, o affecto, assim como a approvação tacita e a benevolencia de todos os espectadores imparciaes.

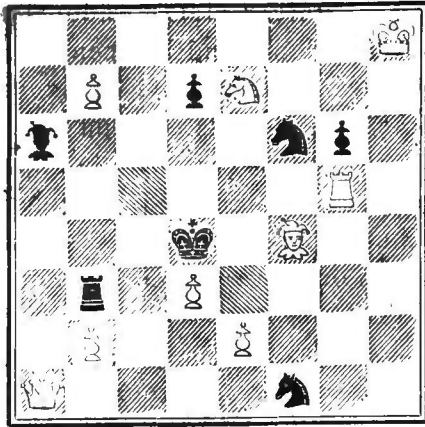
(1779)

(Trad. de MAURICIO LEVY, presidente do CLUB DE XADREZ de S. Paulo.)

## PROBLEMA N. 30

H. L. Schuld

PRETAS (7)



BRANÇAS (9)

Maté em dois lances

\*\*

PARTIDA N. 31 (a)

GAMBITO EVANS

Branças (José Piza)	Pretas (Raul de Castro)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 4 B D — 3 —	B 4 B D
P 4 C D — 4 —	B X P
P 3 B D — 5 —	B 3 D
Roque — 6 —	C 3 B R
P 3 D? (b) — 7 —	B 2 R (c)
C 5 C R — 8 —	Roque
P 4 B R — 9 —	P 4 D
P R X P D — 10 —	C R X P
P X P — 11 —	B X C
B X B — 12 —	D X B
B X C (d) — 13 —	C X P
B 4 R — 14 —	P 4 B R
D 3 C x — 15 —	R 1 T
D 5 C (e) — 16 —	D 6 R x
R 1 T — 17 —	C 5 C R
D 4 C? (f) — 18 —	mate em 4 lances.

(a) Publicamos em um dos numeros anteriores uma bella partida em que Raul de Castro bateu um forte adversario com o Gambito Evans. Agóra elle se defende do mesmo gambito e com uma variante pouco usada e pouco recommendada, qual a do 5º lance B 3 D. De facto, os inconvenientes desta defesa saltam aos olhos e uma ou outra victoria a que ella dê logar não nos convence da sua efficacia. Nesta partida o 7º lance das Brancas é fraco e foi que deu a supremacia ás Pretas. As notas que vão a seguir são de Raul de Castro.

(b) P 3 D? O unico lance é P 4 D.

(c) Com este simples lance as Pretas teem uma posição bem segura e como teem um pião a mais, a victoria é segura.

(d) Todas estas trocas só favorecem ás Pretas que teem a vantagem de um pião.

(e) O jogo das Brancas é todo irregular e sem fim determinado.

(f) O lance correcto era D 2 C, mas a posição ficaria peor do que antes. As Brancas não viram o mate em 4 lances que as Pretas annunciaram: 18... C 7 B R (x); 19—R 1 C. C 6 T x. d.; 20—R 1 T, D 8 C x; 21—T X D, C 7 B R mate.

\*\*

Tacito & Lipman — O seu problema será publicado no proximo numero, assim como duas ou tres partidas do torneio dali. Mandem-nos noticias.

\*\*

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 29 (Hubert Frochazka): D 1 T D.

JOSÉ GETULIO.

## RELIQUIAS

(A Domingos Olympio)

Beijando-as hoje, como quem se aparta  
De um fillo — unico amor, de teura idade,  
Vi seus olhos mais cheios de bondade  
E achei mais carinhosa a sua carta.

Carta e retrato, remirando-os, disse:  
— Reliquias santas, nada mais me resta  
Desse amor palpitante de meiguice  
Que o triste coração me punha em festa.

— Adeus, sagrado espolio! Não sei quando  
Hei de ver-te de novo. Espolio lindo.  
Que tantas vezes eu beijei sorrindo  
E que beijo neste instante soluçando.

Voltarás? !... Interrogo e ficas mudo,  
E estrenece-me o peito alanceado,  
Porque nestè *enveloppe* me vae tudo:  
Meu Futuro, meu Presente e meu Passado.

— Voltarás? E o meu grito sem conforto,  
Si accorda a Natureza num gemido,  
Não accorda o seu peito adormecido  
Onde repouza um coração já morto.

— Voltarás? — Que me importa a tua volta,  
Si contigo não volta o seu carinho:  
O amor é ave, quando as azas solta,  
Não torna mais ao primitivo ninho.

— Parti, papeis amados! Desconfio  
Que ainda hei de vos ter de mim bem perto:  
Num cofre niveo por cinzel aberto,  
Na tampa do meu tumulto sobrio.

— Parti, reliquias santas! Mas, chorando,  
Suplico-vos: — Parti, com brevidade,  
Pois, do contrario, ficareis boiando  
Nas lagrymas que choro de saudade.

1905.

BELMIRO BRAGA.

## A' BORDA DO MAR

Abra-se-me o coração em sanguinosas valvas,  
Em núcar vivo; eu sinto a impressão da quietude,  
Da serena altivez muda das rochas calvas  
Batidas pelo mar e pelo vento rude.

Haja ao redor de mim lençoes de espumas alvas,  
Força, violencia no ar, e nada se transmude.  
No ambiente um aere odór selvicola de malvas  
E os mil fogos de sol, vermelho de saúde.

Mas nessa solidão, nessa terrivel calma,  
A' flor d'agua azulada, — iugreme rocha abrupta,  
Quero ver, quero ouvir, quero sentir ter alma,

Para claro entender o que o sonho me salva  
Nessa lucta com o Mar, nessa estupenda lucta,  
Porque és perola; amor, no coração, que é valva!

FRANCISCO LISBOA FILHO.

1905







